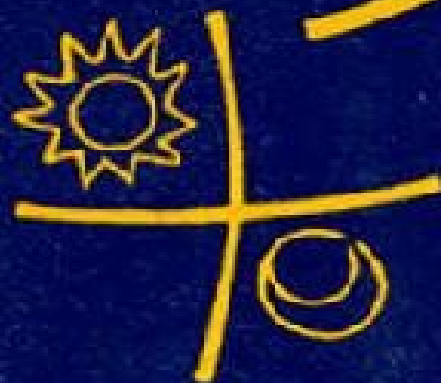


BÍBLIA SAGRADA



EDIÇÃO PASTORAL

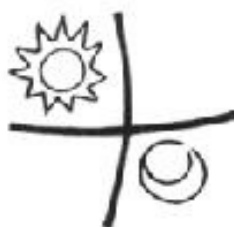


VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BÍBLIA SAGRADA

Edição Pastoral



SUMÁRIO

Capa

Rosto

Como ler a Bíblia Edição Pastoral em e-Book

Apresentação

Abreviaturas

A leitura da Bíblia

ANTIGO TESTAMENTO - INTRODUÇÃO

Pentateuco

Gn - Gênesis

Ex - Êxodo

Lv - Levítico

Nm - Números

Dt - Deuteronômio

Livros históricos

Js - Josué

Jz - Juízes

Rt - Rute

1Sm - Primeiro livro de Samuel

2Sm - Segundo livro de Samuel

1Rs - Primeiro livro dos Reis

2Rs - Segundo livro dos Reis

A história desde Adão até a fundação do judaísmo

1Cr - Primeiro livro das Crônicas

2Cr - Segundo livro das Crônicas

Esd - Esdras

Ne - Neemias

Outros livros históricos

Tb - Tobias

Jt - Judite

Est - Ester

1Mc - Primeiro livro dos Macabeus

2Mc - Segundo livro dos Macabeus

Livros Sapiensais

Jó - Jó

Sl - Salmos

Pr - Provérbios

Ecl - Eclesiastes

Ct - Cântico dos Cânticos

Sb - Sabedoria

Eclo - Eclesiástico

Livros Proféticos

Is - Isaías

Jr - Jeremias

Lm - Lamentações

Br - Baruc

Ez - Ezequiel

Dn - Daniel

Os - Oseias

Jl - Joel

Am - Amós

Ab - Abdias

Jn - Jonas

Mq - Miqueias

Na - Naum

Hab - Habacuc

Sf - Sofonias

Ag - Ageu

Zc - Zacarias

Ml - Malaquias

NOVO TESTAMENTO - INTRODUÇÃO

A Palestina no tempo de Jesus

Mt - Evangelho segundo São Mateus

Mc - Evangelho segundo São Marcos

Lc - Evangelho segundo São Lucas

Jo - Evangelho segundo São João

At - Atos dos Apóstolos

Cartas de São Paulo - Introdução geral

Rm - Carta aos Romanos

1Cor - Primeira carta aos Coríntios

2Cor - Segunda carta aos Coríntios

Gl - Carta aos Gálatas

Ef - Carta aos Efésios

Fl - Carta aos Filipenses

Cl - Carta aos Colossenses

1Ts - Primeira carta aos Tessalonicenses

2Ts - Segunda carta aos Tessalonicenses

1Tm - Primeira carta a Timóteo

2Tm - Segunda carta a Timóteo

Tt - Carta a Tito

Fm - Carta a Filemon

Hb - Carta aos Hebreus

Tg - Carta de São Tiago

1Pd - Primeira carta de São Pedro

2Pd - Segunda carta de São Pedro

1Jo - Primeira carta de São João

2Jo - Segunda carta de São João

3Jo - Terceira carta de São João

Jd - Carta de São Judas

Ap - Apocalipse de São João

Mapas

Datas importantes

Textos bíblicos para o Ano Litúrgico

Ficha Catalográfica

COMO LER A BÍBLIA EDIÇÃO PASTORAL EM E-BOOK

SUMÁRIO DOS CAPÍTULOS

O *sumário dos capítulos* está localizado na página *após a introdução de cada livro*. Para ir e voltar para o capítulo desejado: Clique no número do capítulo, ou no sumário de capítulos ou corpo do texto.

NOTAS DE RODAPÉ

As notas estão identificadas com os números dos capítulos e/ou versículos dos trechos correspondentes.

APRESENTAÇÃO

A partir do Concílio Vaticano II, a Bíblia retomou seu lugar na Igreja, como fonte e alma da vida cristã. A cada dia o povo descobre o tesouro dos Livros Sagrados e, progressivamente, vai tomando consciência da relação que existe entre Bíblia e Vida. Podemos dizer que o povo cristão percebe cada vez mais a Bíblia dentro de sua vida e passa a encontrar sua vida dentro da Bíblia. A Palavra de Deus se torna, assim, verdadeira “lâmpada para os pés, e luz para o caminho” (Sl 119,105).

*A Bíblia é fonte inesgotável, e sem fim é também nossa sede. Nós fomos a essa fonte e procuramos ler os Livros Sagrados à luz da realidade desafiadora do nosso país e do nosso continente. Nossa intenção foi a de tornar o texto mais acessível, abrindo canais para que a água dessa fonte fecunde o chão dos nossos problemas e das nossas buscas. O fruto desse trabalho é esta **BÍBLIA SAGRADA — Edição Pastoral**, que oferecemos a todos como contribuição para a nossa caminhada em comum.*

Em vista de melhor aproveitamento do texto bíblico, levamos em conta os seguintes critérios:

1. Tradução: *Conservando a fidelidade aos textos originais, procuramos traduzi-los em linguagem corrente, evitando construções rebuscadas e palavras de uso menos comum.*

2. Introduções: *Há introduções gerais para cada parte da Bíblia, e uma introdução para cada livro. As introduções gerais situam-nos dentro do conjunto de livros, apontando seu tema central. A introdução a cada livro oferece a perspectiva central, abrindo pistas para sua leitura.*

3. Títulos: *O texto de cada livro é estruturado com títulos maiores e menores. Não são descritivos, mas indicam o tema central da parte ou do trecho a que se referem, apontando uma perspectiva para a leitura e compreensão do texto bíblico.*

4. Notas: *Não pretendem esgotar o assunto, nem se apresentam como normas rígidas para a leitura do trecho; pelo contrário, são apenas início de reflexão. Nasceram de exame minucioso do texto, à luz da recente literatura disponível sobre o assunto tratado. No seu resultado final, as notas procuram mostrar o núcleo central do trecho correspondente, apontando linhas fundamentais para tecer uma relação entre o texto bíblico e a vida.*

*Nosso desejo é que esta **BÍBLIA SAGRADA — Edição Pastoral** venha se inserir nas buscas e caminhos para uma renovação da vida cristã no contexto*

da nossa realidade. Gostaríamos que seu uso fosse comunitário: o texto realmente foi preparado para ser início de diálogo entre a Palavra de Deus e a palavra dos homens, a fim de criar um mundo novo.

Não é nossa pretensão ter realizado um trabalho completo e intocável. Solicitamos, por isso, que os leitores nos enviem observações e sugestões, que serão muito úteis para aprimorar o trabalho até aqui realizado.

“Sim, ó Senhor! De todos os modos engrandeceste e tornaste glorioso o teu povo. Nunca, em nenhum lugar, deixaste de olhar por ele e de o socorrer”

(Sb 19,22).

OS EDITORES

São Paulo, 15 de abril de 1990

ABREVIATURAS

Os títulos dos livros bíblicos são abreviados da seguinte maneira:

Gênesis	Gn
Êxodo	Ex
Levítico	Lv
Números	Nm
Deuteronômio	
Josué	Js
Juizes	Jz
Rute	Rt
Samuel	1Sm, 2Sm
Reis	1Rs, 2Rs
Crônicas	1Cr, 2Cr
Esdras	Esd
Neemias	Ne
Tobias	Tb
Judite	Jt
Ester	Est
Macabeus	1Mc, 2Mc
Jó	Jó
Salmos	Sl
Provérbios	Pr
Eclesiastes (Coélet)	Ecl
Cântico dos Cânticos	Ct
Sabedoria	Sb
Eclesiástico (Sirácida)	Eclo
Isaías	Is
Jeremias	Jr
Lamentações	Lm
Baruc	Br
Ezequiel	Ez
Daniel	Dn
Oseias	Os
Joel	Jl
Amós	Am
Abdias	Ab
Jonas	Jn
Miqueias	Mq
Naum	Na
Habacuc	Hab
Sofonias	Sf
Ageu	Ag
Zacarias	Zc
Malaquias	Ml
Matheus	Mt

Marcos	Mc
Lucas	Lc
João	Jo
Atos dos Apóstolos	At
Romanos	Rm
Coríntios	1Cor, 2Cor
Gálatas	Gl
Efésios	Ef
Filipenses	Fl
Colossenses	Cl
Tessalonicenses	1Ts, 2Ts
Timóteo	1Tm, 2Tm
Tito	Tt
Filemon	Fm
Hebreus	Hb
Tiago	Tg
Pedro	1Pd, 2Pd
João	1Jo, 2Jo, 3Jo
Judas	Jd
Apocalipse	Ap

Em ordem alfabética

Ab	Abdias
Ag	Ageu
Am	Amós
Ap	Apocalipse
At	Atos
Br	Baruc
Cl	Colossenses
1Cor	1ª Coríntios
2Cor	2ª Coríntios
1Cr	1º Crônicas
2Cr	2º Crônicas
Ct	Cântico dos Cânticos
Ct	Cântico dos Cânticos
Dn	Daniel
Dt	Deuteronômio
Ecl	Eclesiastes
Eclo	Eclesiástico
Ef	Efésios
Esd	Esdras
Est	Ester
Ex	Êxodo
Ez	Ezequiel
Fl	Filipenses

Fm	Filemon
Gl	Gálatas
Gn	Gênesis
Hab	Habacuc
Hb	Hebreus
Is	Isaías
Jd	Judas
Jl	Joel
Jn	Jonas
Jó	Jó
Jo	Evangelho segundo João
1Jo	1ª João
2Jo	2ª João
3Jo	3ª João
Jr	Jeremias
Js	Josué
Jt	Judite
Jz	Juízes
Lc	Evangelho segundo Lucas
Lm	Lamentações
Lv	Levítico
Mc	Evangelho segundo Marcos
1Mc	1º Macabeus
2Mc	2º Macabeus
Ml	Malaquias
Mq	Miqueias
Mt	Evangelho segundo Mateus
Na	Naum
Ne	Neemias
Nm	Números
Os	Oseias
1Pd	1ª Pedro
2Pd	2ª Pedro
Pr	Provérbios
Rm	Romanos
1Rs	1º Reis
2Rs	2º Reis
Rt	Rute
Sb	Sabedoria
Sf	Sofonias
Sl	Salmos
1Sm	1º Samuel

2Sm	2º Samuel
Tb	Tobias
Tg	Tiago
1Tm	1ª Timóteo
2Tm	2ª Timóteo
1Ts	1ª Tessalonicenses
2Ts	2ª Tessalonicenses
Tt	Tito
Zc	Zacarias

As citações são feitas do seguinte modo: a vírgula separa capítulo de versículo. Ex.: Gn 3,1 (Livro do Gênesis, cap. 3, v. 1); o ponto e vírgula separa capítulos e livros. Ex.: Gn 5,1-7; 6,8; Ex 2,3 (Livro do Gênesis, cap. 5, vv. de 1 a 7; cap. 6, v. 8; Livro do Êxodo, cap. 2, v. 3); o ponto separa versículo de versículo, quando não seguidos. Ex.: 2Mc 3,2.5.7-9 (2º Livro dos Macabeus, cap. 3, vv. 2, 5 e de 7 a 9); o hífen indica sequência de capítulos ou de versículos. Ex.: Jo 3-5; 2Tm 2,1-6; Mt 1,5-12,9 (Evangelho segundo s. João, capítulos de 3 a 5; 2ª Epístola a Timóteo, cap. 2, vv. de 1 a 6; Evangelho segundo s. Mateus, do cap. 1, v. 5 ao cap. 12, v. 9).

A LEITURA DA BÍBLIA

A Bíblia é um conjunto de livros que revelam a vida de Deus presente na história dos homens. Na Bíblia encontramos a Palavra de Deus expressa pela palavra dos homens, revelando o projeto de Deus, que transforma a história e a leva em direção à liberdade e à vida plena para todos. É o que nos diz a Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina do Concílio Vaticano II: “Deus na Sagrada Escritura falou através de homens e de modo humano... As palavras de Deus, expressas por línguas humanas, se fizeram semelhantes à linguagem humana, tal como outrora o Verbo do Pai Eterno, havendo assumido a carne da fraqueza humana, se fez semelhante aos homens” (DV 12.13).

Qualquer acontecimento humano pode ser visto de vários ângulos, dando origem a várias interpretações. Do mesmo modo, os acontecimentos da história do Povo de Deus, narrados na Bíblia, podem ser lidos de várias perspectivas. Pode-se fixar a atenção sobre o próprio texto: é a leitura textual; sobre o gênero usado pelos autores sagrados: é a análise dos gêneros literários; sobre a elaboração do texto no seu contexto ambiental e social: é a leitura histórico-crítica. Trata-se, enfim, de descobrir a verdadeira mensagem de Deus, comunicada em linguagem humana, procurando discernir a Boa Notícia da Salvação na trama da história dos homens.

Os acontecimentos fundantes narrados na Bíblia, tanto no Antigo, quanto no Novo Testamento, foram relidos pelo Povo de Deus e reescritos pelos autores sagrados por inspiração divina, em função das novas situações da história dos homens. Assim, foi-se explicitando, no correr do tempo, a mensagem de Deus, tal como se encontra na Bíblia, que chegou às nossas mãos.

Ao nos aproximarmos, hoje, do texto sagrado, encontramos modelos de interpelação entre a Palavra de Deus e as variadas situações dos homens nas diferentes épocas históricas. De acordo com a situação que nos envolve e atormenta, podemos fazer leituras pessoais ou comunitárias, em busca de respostas para nossos próprios problemas ou para os problemas do mundo em que vivemos. Cada uma dessas leituras tem uma espiritualidade e mística próprias que repercutem em todos os campos da vida. Especialmente urgente é uma leitura que responda aos grandes problemas do povo dentro de um determinado tempo e sistema de sociedade em que vive. Tal leitura deve, necessariamente, partir da situação concreta do povo, avaliando suas necessidades e buscas, que se refletem nos mais diversos campos da sua experiência como, por exemplo, os campos econômico, político, social e

religioso. Trata-se de fazer uma leitura que vai tanto do texto para a vida, quanto da vida para o texto. Se quisermos, trata-se de equacionar a nossa situação hoje com as situações vividas pelo Povo de Deus muito tempo atrás. E a busca é uma só: ver como Deus respondia às situações do seu povo, para descobrir também como Deus responde às buscas do povo de hoje.

A Bíblia Sagrada que ora apresentamos procura oferecer, em seus comentários (introduções, notas, títulos e subtítulos), a leitura da Palavra de Deus na perspectiva do povo. É a forma que pode responder ao desejo de muitas comunidades e grupos que buscam seu caminho em meio às dificuldades que encontram.

Por isso, procuramos ler os Livros Sagrados à luz da realidade desafiadora de nosso país e continente, de acordo com a interpretação dessa mesma realidade: a que é prevalente entre os que têm mais forte compromisso com a transformação social em vista do projeto de uma nova sociedade. Essa forma de ler a Bíblia permite pôr em destaque a dimensão comunitária e social da mensagem divina, conforme ensina o Concílio: “Aprova Deus santificar e salvar os homens não um a um, sem nenhuma conexão uns com os outros, mas constituir-los num povo” (LG 9). Permite igualmente pôr em destaque o mistério da encarnação ou da inserção de Deus na vida e na história dos homens: Deus assume a vida e os sofrimentos dos homens, aliando-se aos empobrecidos, marginalizados e oprimidos, em sua luta pela vida e pela justiça.

Em nosso trabalho, os comentários, muitas vezes, não são descrições, nem explicações técnicas do texto, mas confrontações com a realidade de nosso tempo e de nossa situação social, para mostrar como a mensagem bíblica pode ser aplicada às novas circunstâncias, iluminadas com a Palavra de Deus. Partimos de uma análise profunda do texto, que muitas vezes fica escondida como o trabalho na cozinha, e procuramos mostrar qual seria a mensagem para o povo de hoje, tentando responder às suas necessidades e buscas. “O Povo de Deus tem necessidade de exegeses que, por um lado, executem com muita seriedade o próprio trabalho científico e que, por outro lado, não parem no meio do caminho, mas, ao contrário, continuem seus esforços até conferir pleno valor aos tesouros de luz e de vida contidos nas Sagradas Escrituras, a fim de que Pastores e fiéis possam aproximar-se mais facilmente delas e tirar proveito de modo mais pleno” (João Paulo II, 12.04.1991).

A Bíblia é a história de Deus na história dos homens. Por isso, privilegiamos, na presente edição bíblica, a história dos homens em seu compromisso pela transformação social em função do projeto de uma nova sociedade. “Movido

pela fé, conduzido pelo Espírito do Senhor que enche o orbe da terra, o Povo de Deus esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e nas aspirações de nosso tempo, em que participa com os outros homens, quais sejam os sinais verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus. A fé, com efeito, esclarece todas as coisas com luz nova. Manifesta o plano divino sobre a vocação integral do homem. E por isso orienta a mente para soluções plenamente humanas” (GS 11).

“Desde a infância você conhece as Sagradas Escrituras; elas têm o poder de lhe comunicar a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Jesus Cristo. Toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, preparado para toda boa obra” (2Tm 3,15-17).

Aqui é o estrado para os teus pés, que repousam aqui, onde vivem os mais pobres, mais humildes e perdidos.

Quando tento inclinar-me diante de ti, a minha reverência não consegue alcançar a profundidade onde os teus pés repousam, entre os mais pobres, mais humildes e perdidos.

O orgulho nunca pode se aproximar desse lugar onde caminhas com as roupas do miserável, entre os mais pobres, mais humildes e perdidos.

O meu coração jamais pode encontrar o caminho onde fazes companhia ao que não tem companheiro, entre os mais pobres, mais humildes e perdidos.

TAGORE

ANTIGO TESTAMENTO

Introdução

*A Bíblia cristã tem duas grandes partes: o Antigo e o Novo Testamento. Em grego, há uma única palavra para dizer **aliança e testamento**. Poderíamos, então, dizer: Antiga e Nova Aliança.*

O Antigo Testamento é uma coleção de 46 livros onde encontramos a história de Israel, o povo que Deus escolheu para com ele fazer uma aliança. Portanto, o Antigo Testamento é a história de um povo: mostra como surgiu, como viveu escravo no Egito, como possuiu uma terra, como foi governado, quais as relações que teve com outras nações, como estabeleceu suas leis e viveu a sua religião. Apresenta seus costumes, sua cultura, seus conflitos, derrotas e esperanças.

*O importante, porém, é que o Antigo Testamento é a história desse **povo em aliança com Deus**. Nada do que se conta a respeito de Israel está desligado do seu relacionamento com Javé, o nome com que Deus se revelou. O Antigo Testamento mostra como esse povo se comportou em relação a Javé, e qual é o projeto que Deus quis realizar no meio da humanidade através desse povo. Israel foi um povo escolhido, diferente, justamente porque estava encarregado de realizar esse projeto de Deus. Esse projeto aparece bem claro nesses livros: considerar só Deus como o Absoluto, para que as relações entre as pessoas possam ser fraternas e ter como centro a liberdade e a vida. Vendo como Israel foi fiel ou não a esse projeto e como Deus agiu no meio dele, poderemos nos aproximar com mais compreensão da outra parte da Bíblia, chamada Novo Testamento.*

Jesus, o Filho de Deus, se encarnou na terra e na história concreta do povo de Israel, assumindo sua história, tradições, cultura e religião. Fez do Antigo Testamento a inspiração e a norma de sua palavra e atividade: realizar o projeto do Pai. Bem cedo a comunidade cristã percebeu que Jesus havia realizado todas as promessas, trazendo o Reino de Deus para a história. E foi com a luz do Antigo Testamento que os primeiros cristãos compreenderam o significado da pessoa e da atividade de Jesus e produziram, pouco a pouco, os escritos do Novo Testamento (ao todo, 27 livros). A mesma tarefa cabe a nós: ler e meditar o Antigo Testamento, a fim de compreender a pessoa de Jesus e continuar a sua palavra e ação na história.

PENTATEUCO

Introdução

***Pentateuco** é uma palavra derivada do grego e significa “cinco livros”. Essa palavra é usada para indicar os cinco primeiros livros da Bíblia, isto é: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Os judeus chamam essa parte da Bíblia com o nome de **Torá**, que significa **Lei**.*

Nesses cinco livros encontramos histórias e leis que foram postas por escrito durante seis séculos, reformulando, adaptando e atualizando tradições antigas e criando novas. Tanto as histórias como as leis giram em torno de um centro: o ato libertador de Deus no êxodo, que é o ato fundante do povo de Israel.

*As **histórias** aí contidas, na sua maioria, nasceram no meio do povo e, primeiramente, eram histórias de famílias, de clãs e de tribos que procuravam transmitir oralmente, de geração em geração, ensinamentos e fatos. Mais tarde essas histórias foram reunidas, modificadas e interpretadas para que todo o povo de Israel pudesse se espelhar nelas e para que elas expressassem a fé em Javé, o Deus que liberta.*

*As **leis** pertencem a várias épocas e são diretivas para o povo nas diversas etapas da sua história. Todas elas, porém, procuram, em circunstâncias diferentes, conduzir a uma prática que reflita o ideal proposto pelas normas básicas do projeto de Deus: a libertação do povo e a formação de uma sociedade onde haja liberdade e vida para todos. Essas leis, portanto, não são perenes e intocáveis, mas expressam um momento determinado da vida, com os conflitos que existiam dentro do povo de Deus; mais do que serem aplicadas diretamente à nossa realidade, elas servem de exemplo e modelo para que aprendamos a discernir as situações e criar uma legislação que responda às necessidades do povo, conforme o projeto de Deus. Não podemos esquecer, porém, que a lei deve servir ao povo e não ser instrumento de opressão contra o povo: “O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado” (Mc 2,27). Jesus, que veio trazer a libertação e a vida em plenitude, não aboliu, mas mostrou o verdadeiro espírito dessas leis (cf. Mt 5,17). Ele próprio apresentou um resumo de toda a Lei: “Tudo o que vocês desejam que os outros façam a vocês, façam vocês também a eles. Pois nisso consistem a Lei e os Profetas” (Mt 7,12).*

GÊNESIS

ORIGEM DA VIDA E DA HISTÓRIA

Introdução

Gênesis significa **nascimento, origem**. No livro podemos distinguir duas partes: **1. Origem do mundo e da humanidade** (Gn 1-11). Os dois primeiros capítulos narram a criação do mundo e do homem por Deus. São duas composições que procuram mostrar o lugar e a importância do homem e da mulher dentro do projeto de Deus: eles são o ponto mais alto (Gn 1,1 a 2,4a) e o centro de toda a criação (Gn 2,4b-25). Feitos à imagem e semelhança de Deus, possuem o dom da criatividade, da palavra e da liberdade. Os capítulos 3-11 mostram a história dos homens dominada pelo mal e, ao mesmo tempo, amparada pela graça. Não se submetendo a Deus, o homem rompe a relação consigo mesmo, com o irmão, com a natureza e com a comunidade, reduzindo a história ao caos (dilúvio) e a sociedade a uma confusão (Babel).

2. Origem do povo de Deus (Gn 12-50). Nesta parte encontramos a **história dos patriarcas**, as raízes do povo que, dentro do mundo, será o portador da aliança entre Deus e a humanidade. O início da história do povo de Deus é marcado por um ato de fé no Deus que promete uma **terra** e uma **descendência**. A promessa de Deus cria uma aspiração que vai pouco a pouco se realizando em meio a dificuldades e conflitos. A missão de Israel é anunciar e testemunhar o caminho que leva a humanidade a descobrir e viver o projeto de Deus: ter Deus como único Senhor, conviver com as pessoas na fraternidade, e repartir as coisas criadas, que Deus deu a todos.

Os capítulos 37-50 apresentam a história de José, preparando já o relato do livro do Êxodo, onde se apresenta a mais grandiosa ação de Deus entre os homens: a libertação de um povo da escravidão.

Dois temas ajudarão o leitor a compreender melhor o livro do Gênesis: **1. O bem e o mal**: Tudo o que Deus cria é bom (Gn 1 e 2); o mal entra no mundo através da auto-suficiência do homem (Gn 3), e se desenvolve e cresce até afogar o mundo, salvando-se apenas uma família (Gn 4-11). Com Abraão inicia-se uma etapa em que o bem vai superando o mal até que, por fim e através do próprio mal, Deus realiza o bem, que é a vida (Gn 12-50).

2. A fraternidade: Através de um fratricídio, a fraternidade é rompida (Gn 4,1-16), desvirtuando o projeto de Deus para os homens. Com isso abrem-se as

portas para a vingança sem fim (4,17-24), a dominação (6,1-4), a desconfiança (12,10-20; cf. 20,1-18), a falta de hospitalidade (19,1-29), a concorrência desleal (25,29-34), que gera o medo do irmão (32,4-22), a exploração e a escravidão (31, 1-42; 37,12-36). Para essa humanidade ferida Deus repropõe a restauração da fraternidade através de uma comunidade que será bênção para todos os povos (12,1-3). Desse modo, o homem deixará de ser egoísta (13,1-18), aprenderá a perdoar (18,16-33; 33,1-11) e a deixar suas próprias seguranças (22,1-19) para viver de novo a fraternidade (45,1-15). Só assim os oprimidos poderão lutar contra a exploração e opressão, formando uma sociedade justa, na qual haja liberdade e vida para todos (livro do Êxodo).

GÊNESIS

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27 - 28
- 29 - 30 - 31 - 32 - 33 - 34 - 35 - 36 - 37 - 38 - 39 - 40 -
41 - 42 - 43 - 44 - 45 - 46 - 47 - 48 - 49 - 50**

GÊNESIS

I. ORIGEM DO MUNDO E DA HUMANIDADE

1. A criação

1 *A humanidade, ponto alto da criação* — ¹No princípio, Deus criou o céu e a terra. ²A terra estava sem forma e vazia; as trevas cobriam o abismo e um vento impetuoso soprava sobre as águas.

³Deus disse: “Que exista a luz!” E a luz começou a existir. ⁴Deus viu que a luz era boa. E Deus separou a luz das trevas: ⁵à luz Deus chamou “dia”, e às trevas chamou “noite”. Houve uma tarde e uma manhã: foi o primeiro dia.

⁶Deus disse: “Que exista um firmamento no meio das águas para separar águas de águas!” ⁷Deus fez o firmamento para separar as águas que estão acima do firmamento das águas que estão abaixo do firmamento. E assim se fez. ⁸E Deus chamou ao firmamento “céu”. Houve uma tarde e uma manhã: foi o segundo dia.

⁹Deus disse: “Que as águas que estão debaixo do céu se ajuntem num só lugar, e apareça o chão seco”. E assim se fez. ¹⁰E Deus chamou ao chão seco “terra”, e ao conjunto das águas “mar”. E Deus viu que era bom. ¹¹Deus disse: “Que a terra produza relva, ervas que produzam semente, e árvores que deem frutos sobre a terra, frutos que contenham semente, cada uma segundo a sua espécie”. E assim se fez. ¹²E a terra produziu relva, ervas que produzem semente, cada uma segundo a sua espécie, e árvores que dão fruto com a semente, cada uma segundo a sua espécie. E Deus viu que era bom. ¹³Houve uma tarde e uma manhã: foi o terceiro dia.

¹⁴Deus disse: “Que existam luzeiros no firmamento do céu, para separar o dia da noite e para marcar festas, dias e anos; ¹⁵e sirvam de luzeiros no firmamento do céu para iluminar a terra”. E assim se fez. ¹⁶E Deus fez os dois grandes luzeiros: o luzeiro maior para regular o dia, o luzeiro menor para regular a noite, e as estrelas. ¹⁷Deus os colocou no firmamento do céu para iluminar a terra, ¹⁸para regular o dia e a noite e para separar a luz das trevas. E Deus viu que era bom. ¹⁹Houve uma tarde e uma manhã: foi o quarto dia.

²⁰Deus disse: “Que as águas fiquem cheias de seres vivos e os pássaros voem

sobre a terra, sob o firmamento do céu”. ²¹E Deus criou as baleias e os seres vivos que deslizam e vivem na água, conforme a espécie de cada um, e as aves de asas conforme a espécie de cada uma. E Deus viu que era bom. ²²E Deus os abençoou e disse: “Sejam fecundos, multipliquem-se e encham as águas do mar; e que as aves se multipliquem sobre a terra”. ²³Houve uma tarde e uma manhã: foi o quinto dia.

²⁴Deus disse: “Que a terra produza seres vivos conforme a espécie de cada um: animais domésticos, répteis e feras, cada um conforme a sua espécie”. E assim se fez. ²⁵E Deus fez as feras da terra, cada uma conforme a sua espécie; os animais domésticos, cada um conforme a sua espécie; e os répteis do solo, cada um conforme a sua espécie. E Deus viu que era bom.

²⁶Então Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele domine os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra”. ²⁷E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; e os criou homem e mulher. ²⁸E Deus os abençoou e lhes disse: “Sejam fecundos, multipliquem-se, encham e submetam a terra; dominem os peixes do mar, as aves do céu e todos os seres vivos que rastejam sobre a terra”. ²⁹E Deus disse: “Vejam! Eu entrego a vocês todas as ervas que produzem semente e estão sobre toda a terra, e todas as árvores em que há frutos que dão semente: tudo isso será alimento para vocês. ³⁰E para todas as feras, para todas as aves do céu e para todos os seres que rastejam sobre a terra e nos quais há respiração de vida, eu dou a relva como alimento”. E assim se fez. ³¹E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo era muito bom. Houve uma tarde e uma manhã: sexto dia.

2¹ Assim foram concluídos o céu e a terra com todo o seu exército. ²No sétimo dia, Deus terminou todo o seu trabalho; e no sétimo dia, ele descansou de todo o seu trabalho. ³Deus então abençoou e santificou o sétimo dia, porque foi nesse dia que Deus descansou de todo o seu trabalho como criador.

^{4a}Essa é a história da criação do céu e da terra. [1,1-2,4a]

A humanidade é o centro da criação — ^{4b}Quando Javé Deus fez a terra e o céu, ⁵ainda não havia na terra nenhuma planta do campo, pois no campo ainda não havia brotado nenhuma erva: Javé Deus não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem que cultivasse o solo ⁶e fizesse subir da terra a água para regar a superfície do solo. ⁷Então Javé Deus modelou o homem com a argila do solo,

soprou-lhe nas narinas um sopro de vida, e o homem tornou-se um ser vivente.

⁸Javé Deus plantou um jardim em Éden, no Oriente, e aí colocou o homem que havia modelado. ⁹Javé Deus fez brotar do solo todas as espécies de árvores formosas de ver e boas de comer. Além disso, colocou a árvore da vida no meio do jardim, e também a árvore do conhecimento do bem e do mal. ¹⁰Um rio saía de Éden para regar o jardim, e de lá se dividia em quatro braços. ¹¹O primeiro chama-se Fison: é aquele que rodeia toda a terra de Hévila, onde existe ouro; ¹²e o ouro dessa terra é puro, e nela se encontram também o bdélio e a pedra de ônix. ¹³O segundo rio chama-se Geon: ele rodeia toda a terra de Cuch. ¹⁴O terceiro rio chama-se Tigre e corre pelo oriente da Assíria. O quarto rio é o Eufrates.

¹⁵Javé Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Éden, para que o cultivasse e guardasse. ¹⁶E Javé Deus ordenou ao homem: “Você pode comer de todas as árvores do jardim. ¹⁷Mas não pode comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, com certeza você morrerá”.

¹⁸Javé Deus disse: “Não é bom que o homem esteja sozinho. Vou fazer para ele uma auxiliar que lhe seja semelhante”. ¹⁹Então Javé Deus formou do solo todas as feras e todas as aves do céu. E as apresentou ao homem para ver com que nome ele as chamaria: cada ser vivo levaria o nome que o homem lhe desse. ²⁰O homem deu então nome a todos os animais, às aves do céu e a todas as feras. Mas o homem não encontrou uma auxiliar que lhe fosse semelhante.

²¹Então Javé Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou então uma costela do homem e no lugar fez crescer carne.

²²Depois, da costela que tinha tirado do homem, Javé Deus modelou uma mulher, e apresentou-a para o homem. ²³Então o homem exclamou: “Esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem!”

²⁴Por isso, um homem deixa seu pai e sua mãe, e se une à sua mulher, e eles dois se tornam uma só carne.

²⁵Ora, o homem e sua mulher estavam nus, porém, não sentiam vergonha. [2,4b-25]

2. Ambiguidade humana e graça de Deus

3 *A origem do mal* — ¹A serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que Javé Deus havia feito. Ela disse para a mulher: “É verdade que Deus disse que vocês não devem comer de nenhuma árvore do jardim?” ²A mulher respondeu para a serpente: “Nós podemos comer dos frutos das árvores do jardim. ³Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: ‘Vocês não comerão dele, nem o tocarão, do contrário vocês vão morrer’ ”. ⁴Então a serpente disse para a mulher: “De modo nenhum vocês morrerão. ⁵Mas Deus sabe que, no dia em que vocês comerem o fruto, os olhos de vocês vão se abrir, e vocês se tornarão como deuses, conhecedores do bem e do mal”.

⁶Então a mulher viu que a árvore tentava o apetite, era uma delícia para os olhos e desejável para adquirir discernimento. Pegou o fruto e o comeu; depois o deu também ao marido que estava com ela, e também ele comeu. ⁷Então abriram-se os olhos dos dois, e eles perceberam que estavam nus. Entrelaçaram folhas de figueira e fizeram tangas.

⁸Em seguida, eles ouviram Javé Deus passeando no jardim à brisa do dia. Então o homem e a mulher se esconderam da presença de Javé Deus, entre as árvores do jardim. ⁹Javé Deus chamou o homem: “Onde está você?” ¹⁰O homem respondeu: “Ouvi teus passos no jardim: tive medo, porque estou nu, e me escondi”. ¹¹Javé Deus continuou: “E quem lhe disse que você estava nu? Por acaso você comeu da árvore da qual eu lhe tinha proibido comer?” ¹²O homem respondeu: “A mulher que me deste por companheira deu-me o fruto, e eu comi”. ¹³Javé Deus disse para a mulher: “O que foi que você fez?” A mulher respondeu: “A serpente me enganou, e eu comi”.

¹⁴Então Javé Deus disse para a serpente: “Por ter feito isso, você é maldita entre todos os animais domésticos e entre todas as feras. Você se arrastará sobre o ventre e comerá pó todos os dias de sua vida. ¹⁵Eu porei inimizade entre você e a mulher, entre a descendência de você e os descendentes dela. Estes vão lhe esmagar a cabeça, e você ferirá o calcanhar deles”.

¹⁶Javé Deus disse então para a mulher: “Vou fazê-la sofrer muito em sua gravidez: entre dores, você dará à luz seus filhos; a paixão vai arrastar você para o marido, e ele a dominará”.

¹⁷Javé Deus disse para o homem: “Já que você deu ouvidos à sua mulher e comeu da árvore cujo fruto eu lhe tinha proibido comer, maldita seja a terra por

sua causa. Enquanto você viver, você dela se alimentará com fadiga. ¹⁸A terra produzirá para você espinhos e ervas daninhas, e você comerá a erva dos campos. ¹⁹Você comerá seu pão com o suor do seu rosto, até que volte para a terra, pois dela foi tirado. Você é pó, e ao pó voltará”.

²⁰O homem deu à sua mulher o nome de Eva, por ser ela a mãe de todos os que vivem. ²¹Javé Deus fez túnicas de pele para o homem e sua mulher, e os vestiu. ²²Depois Javé Deus disse: “O homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal. Que ele, agora, não estenda a mão e colha também da árvore da vida, e coma, e viva para sempre”. ²³Então Javé Deus expulsou o homem do jardim de Éden para cultivar o solo de onde fora tirado. ²⁴Ele expulsou o homem e colocou diante do jardim de Éden os querubins e a espada chamejante, para guardar o caminho da árvore da vida. [3,1-24]

4 *O rompimento da fraternidade* — ¹O homem se uniu a Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz Caim. E disse: “Adquiri um homem com a ajuda de Javé”. ²Depois ela também deu à luz Abel, irmão de Caim. Abel tornou-se pastor de ovelhas e Caim cultivava o solo. ³Depois de algum tempo, Caim apresentou produtos do solo como oferta a Javé. ⁴Abel, por sua vez, ofereceu os primogênitos e a gordura do seu rebanho. Javé gostou de Abel e de sua oferta, ⁵e não gostou de Caim e da oferta dele. Caim ficou então muito enfurecido e andava de cabeça baixa. ⁶E Javé disse a Caim: “Por que você está enfurecido e anda de cabeça baixa? ⁷Se você agisse bem, andaria com a cabeça erguida; mas, se você não age bem, o pecado está junto à porta, como fera acuada, espreitando você. Por acaso, será que você pode dominá-la?” ⁸Entretanto, Caim disse a seu irmão Abel: “Vamos sair”. E quando estavam no campo, Caim se lançou contra o seu irmão Abel e o matou.

⁹Então Javé perguntou a Caim: “Onde está o seu irmão Abel?” Caim respondeu: “Não sei. Por acaso eu sou o guarda do meu irmão?” ¹⁰Javé disse: “O que foi que você fez? Ouço o sangue do seu irmão, clamando da terra para mim. ¹¹Por isso você é amaldiçoado por essa terra que abriu a boca para receber de suas mãos o sangue do seu irmão. ¹²Ainda que você cultive o solo, ele não lhe dará mais o seu produto. Você andarás errante e perdido pelo mundo”. ¹³Caim disse a Javé: “Minha culpa é grave e me atormenta. ¹⁴Se hoje me expulsas do solo fértil, terei de esconder-me de ti, andando errante e perdido pelo mundo; o primeiro que me encontrar, me matará”. ¹⁵Javé lhe respondeu:

“Quem matar Caim será vingado sete vezes”. E Javé colocou um sinal sobre Caim, a fim de que ele não fosse morto por quem o encontrasse. ¹⁶Caim saiu da presença de Javé, e habitou na terra de Nod, a leste de Éden. [4,1-16]

Progresso e violência — ¹⁷Caim se uniu à sua mulher, que concebeu e deu à luz Henoc. Caim construiu uma cidade, e deu à cidade o nome de seu filho Henoc. ¹⁸Henoc gerou Irad, e Irad gerou Maviael; Maviael gerou Matusael, e Matusael gerou Lamec. ¹⁹Lamec tomou para si duas mulheres: a primeira se chamava Ada e a segunda se chamava Sela. ²⁰Ada deu à luz Jabel, que foi o antepassado dos pastores nômades. ²¹Seu irmão se chamava Jubal, que foi o antepassado de todos os tocadores de lira e flauta. ²²Sela, por sua vez, deu à luz Tubalcaim, que foi o antepassado de todos os que forjam ferramentas de bronze e ferro. A irmã de Tubalcaim era Noema.

²³Lamec disse para as suas mulheres: “Ada e Sela, ouçam minha voz; mulheres de Lamec, escutem minha palavra: Por uma ferida, eu matarei um homem, e por uma cicatriz matarei um jovem. ²⁴Se a vingança de Caim valia por sete, a de Lamec valerá por setenta e sete”.

²⁵Adão se uniu à sua mulher; ela deu então à luz um filho, e lhe deu o nome de Set, dizendo: “Deus me concedeu outro descendente no lugar de Abel, que Caim matou”. ²⁶Set também teve um filho, a quem deu o nome de Enós. Este foi o primeiro a invocar o nome de Javé. [17-26]

5 A salvação presente na história — ¹Lista dos descendentes de Adão: Quando Deus criou Adão, ele o fez à semelhança de Deus. ²Homem e mulher ele os criou, os abençoou e lhes deu o nome de “Homem”, no mesmo dia em que foram criados.

³Quando Adão completou cento e trinta anos, gerou um filho à sua semelhança e imagem, e lhe deu o nome de Set. ⁴O tempo que Adão viveu, depois do nascimento de Set, foi de oitocentos anos, e gerou filhos e filhas. ⁵Ao todo, Adão viveu novecentos e trinta anos. E morreu.

⁶Quando Set completou cento e cinco anos, gerou Enós. ⁷Depois do nascimento de Enós, Set viveu oitocentos e sete anos, e gerou filhos e filhas. ⁸Ao todo, Set viveu novecentos e doze anos. E morreu.

⁹Quando Enós completou noventa anos, gerou Cainã. ¹⁰Depois do nascimento de Cainã, Enós viveu oitocentos e quinze anos, e gerou filhos e filhas. ¹¹Ao

todo, Enós viveu novecentos e cinco anos. E morreu.

¹²Quando Cainã completou setenta anos, gerou Malaleel. ¹³Depois do nascimento de Malaleel, Cainã viveu oitocentos e quarenta anos, e gerou filhos e filhas. ¹⁴Ao todo, Cainã viveu novecentos e dez anos. E morreu.

¹⁵Quando Malaleel completou sessenta e cinco anos, gerou Jared. ¹⁶Depois do nascimento de Jared, Malaleel viveu oitocentos e trinta anos, e gerou filhos e filhas. ¹⁷Ao todo, Malaleel viveu oitocentos e noventa e cinco anos. E morreu.

¹⁸Quando Jared completou cento e sessenta e dois anos, gerou Henoc. ¹⁹Depois do nascimento de Henoc, Jared viveu oitocentos anos, e gerou filhos e filhas. ²⁰Ao todo, Jared viveu novecentos e sessenta e dois anos. E morreu.

²¹Quando Henoc completou sessenta e cinco anos, gerou Matusalém. ²²Henoc andou com Deus. Depois do nascimento de Matusalém, Henoc viveu trezentos anos, e gerou filhos e filhas. ²³Ao todo, Henoc viveu trezentos e sessenta e cinco anos. ²⁴Henoc andou com Deus e desapareceu, porque Deus o arrebatou.

²⁵Quando Matusalém completou cento e oitenta e sete anos, gerou Lamec. ²⁶Depois do nascimento de Lamec, Matusalém viveu setecentos e oitenta e dois anos, e gerou filhos e filhas. ²⁷Ao todo, Matusalém viveu novecentos e sessenta e nove anos. E morreu.

²⁸Quando Lamec completou cento e oitenta e dois anos, gerou um filho. ²⁹Deu-lhe o nome de Noé, dizendo: “Este nos consolará do trabalho e do cansaço de nossas mãos, causados pela terra que Javé amaldiçoou”. ³⁰Depois do nascimento de Noé, Lamec viveu quinhentos e noventa e cinco anos, e gerou filhos e filhas. ³¹Ao todo, Lamec viveu setecentos e setenta e sete anos. E morreu.

³²Quando Noé completou quinhentos anos, gerou Sem, Cam e Jafé. [\[5,1-32\]](#)

6 O auge da corrupção — ¹Quando os homens se multiplicaram sobre a terra e geraram filhas, ²os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram belas, e escolheram como esposas todas aquelas que lhes agradaram. ³Javé disse: “Meu sopro de vida não permanecerá para sempre no homem, pois ele é carne, e não viverá mais do que cento e vinte anos”.

⁴Nesse tempo — isto é, quando os filhos de Deus se uniram com as filhas dos homens e geraram filhos — os gigantes habitavam a terra. Esses foram os heróis famosos dos tempos antigos.

⁵Javé viu que a maldade do homem crescia na terra e que todo projeto do coração humano era sempre mau. ⁶Então Javé se arrependeu de ter feito o

homem sobre a terra, e seu coração ficou magoado. ⁷E Javé disse: “Vou exterminar da face da terra os homens que criei, e junto também os animais, os répteis e as aves do céu, porque me arrependo de os ter feito”. ⁸Noé, porém, encontrou graça aos olhos de Javé. [6,1-8]

O justo preserva a vida — ⁹Eis a história de Noé. Noé era um homem justo, íntegro entre seus contemporâneos, e andava com Deus. ¹⁰Noé gerou três filhos: Sem, Cam e Jafé. ¹¹A terra se corrompera diante de Deus e estava cheia de violência. ¹²Deus viu a terra corrompida, porque todo homem da terra tinha se corrompido em seu comportamento.

¹³Então Deus disse a Noé: “Para mim, chegou o fim de todos os homens, porque a terra está cheia de violência por causa deles. Vou destruí-los junto com a terra. ¹⁴Faça para você uma arca de madeira resinosa; divida em compartimentos e calafete com piche, por dentro e por fora. ¹⁵A arca deverá ter as seguintes dimensões: cento e cinquenta metros de comprimento, vinte e cinco de largura e quinze de altura. ¹⁶No alto da arca, faça uma clarabóia de meio metro, como arremate. Faça a entrada da arca pelo lado; e faça a arca em três andares superpostos.

¹⁷Eu vou mandar o dilúvio sobre a terra, para exterminar todo ser vivo que respira debaixo do céu: tudo o que há na terra vai perecer. ¹⁸Mas com você eu vou estabelecer a minha aliança, e você entrará na arca com sua mulher, seus filhos e as mulheres de seus filhos. ¹⁹Tome um casal de cada ser vivo, isto é, macho e fêmea, e coloque-os na arca, para que conservem a vida juntamente com você. ²⁰De cada espécie de aves, de cada espécie de animais, de cada espécie de todos os répteis da terra, tome com você um casal, para os conservar vivos. ²¹Quanto a você, ajunte e armazene todo tipo de alimento; isso vai servir de alimento para você e para eles”. ²²E Noé fez tudo como Deus havia mandado.

7¹Javé disse a Noé: “Entre na arca com toda a sua família, porque você é o único justo que encontrei nesta geração. ²Tome sete pares, o macho e a fêmea, de todos os animais puros; tome um casal, o macho e a fêmea, dos animais que não são puros; ³e tome também sete pares, macho e fêmea, das aves do céu, para perpetuarem a espécie sobre toda a terra. ⁴Porque eu, daqui a sete dias, farei chover sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites, e eliminarei da face da terra todos os seres que eu fiz”. ⁵E Noé fez tudo como Javé

havia mandado. [6,9-7,5]

O retorno ao caos — ⁶Noé tinha seiscentos anos quando o dilúvio veio sobre a terra. ⁷Noé, com seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos, entrou na arca para escapar das águas do dilúvio. ⁸Dos animais puros e impuros, das aves e dos répteis, ⁹entrou um casal, macho e fêmea, na arca de Noé, conforme Deus havia ordenado a Noé.

¹⁰Depois de sete dias, veio o dilúvio sobre a terra. ¹¹Noé tinha seiscentos anos quando se arrebutaram as fontes do oceano e se abriram as comportas do céu. Era exatamente o décimo sétimo dia do segundo mês. ¹²E a chuva caiu sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites.

¹³Nesse mesmo dia, entraram na arca Noé e seus filhos Sem, Cam e Jafé, com a mulher de Noé e as três mulheres de seus filhos; ¹⁴e, com eles, as feras de toda espécie, animais domésticos de toda espécie, répteis de toda espécie, pássaros de toda espécie, todas as aves, tudo o que tem asas. ¹⁵Com Noé entrou na arca um casal de tudo o que é criatura que tem sopro de vida; ¹⁶e os que entraram, eram um macho e uma fêmea de cada ser vivo, conforme Deus havia ordenado. E Javé fechou a porta por fora.

¹⁷Durante quarenta dias caiu o dilúvio sobre a terra. As águas subiram e ergueram a arca, que ficou acima da terra. ¹⁸As águas subiram e cresceram muito sobre a terra. E a arca flutuava sobre as águas. ¹⁹As águas subiam cada vez mais sobre a terra, até cobrirem as montanhas mais altas que há debaixo do céu. ²⁰A água alcançou a altura de sete metros e meio acima das montanhas. ²¹Pereceram todos os seres vivos que se movem sobre a terra: aves, animais domésticos, feras, tudo o que vive sobre a terra e todos os homens. ²²Morreu então tudo o que tinha sopro de vida nas narinas, isto é, tudo o que estava em terra firme. ²³Desapareceram todos os seres que estavam no solo, desde o homem até os animais, os répteis e as aves do céu. Foram todos extintos da terra. Ficou somente Noé e os que com ele estavam na arca. ²⁴E a enchente encobriu a terra durante cento e cinquenta dias. [7,6-24]

8 ***A nova criação*** — ¹Então Deus se lembrou de Noé e de todas as feras e animais domésticos que estavam com ele na arca. Deus fez soprar um vento sobre a terra, e as águas baixaram. ²As fontes do oceano e as comportas do céu se fecharam, a chuva parou de cair, ³e as águas, pouco a pouco, se retiraram da

terra. As águas se retiraram depois de cento e cinquenta dias. ⁴No décimo sétimo dia do sétimo mês, a arca encalhou sobre os montes de Ararat. ⁵E as águas continuaram escoando até o décimo mês, e no primeiro dia do décimo mês apareceram os picos das montanhas.

⁶No fim de quarenta dias, Noé abriu a claraboia que tinha feito na arca, ⁷e soltou o corvo, que ia e vinha, esperando que as águas secassem sobre a terra. ⁸Então Noé soltou a pomba que estava com ele, para ver se as águas tinham secado sobre a terra. ⁹Ora, a pomba, não encontrando lugar para pousar, voltou para Noé na arca, porque havia água sobre toda a superfície da terra. Noé estendeu a mão, pegou-a e a fez entrar junto dele na arca. ¹⁰Esperou mais sete dias, e soltou de novo a pomba fora da arca. ¹¹Ao entardecer, a pomba voltou para Noé, trazendo no bico um ramo novo de oliveira. Desse modo, Noé ficou sabendo que as águas tinham escoado da superfície da terra. ¹²Noé esperou mais sete dias; e soltou novamente a pomba, que não voltou mais.

¹³Foi no ano seiscentos e um da vida de Noé, no primeiro dia do primeiro mês, que as águas secaram sobre a terra. Noé abriu então a clarabóia da arca, olhou e viu que a superfície do solo estava seca. ¹⁴No vigésimo sétimo dia do segundo mês, a terra estava seca.

¹⁵Então Deus disse a Noé: ¹⁶“Saia da arca com seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos. ¹⁷Todos os seres vivos que estão com você, todos os animais, aves e répteis, faça-os sair com você: que encham a terra, sejam fecundos e se multipliquem na terra”. ¹⁸Então Noé saiu com seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos; ¹⁹e todas as feras, animais domésticos, aves e répteis saíram da arca, uma espécie depois da outra.

²⁰Noé construiu um altar para Javé, tomou animais e aves de toda espécie pura e ofereceu holocaustos sobre o altar. ²¹Javé aspirou o perfume, e disse consigo: “Nunca mais amaldiçoarei a terra por causa do homem, porque os projetos do coração do homem são maus desde a sua juventude. Nunca mais destruirei todos os seres vivos, como fiz. ²²Enquanto durar a terra, jamais faltarão sementeira e colheita, frio e calor, verão e inverno, dia e noite”.

9¹Deus abençoou Noé e seus filhos, dizendo: “Sejam fecundos, multipliquem-se e encham a terra. ²Todos os animais da terra temerão e respeitarão vocês: as aves do céu, os répteis do solo e os peixes do mar estão no poder de vocês. ³Tudo o que vive e se move servirá de alimento para vocês. E a vocês eu entrego

tudo, como já lhes havia entregue os vegetais. ⁴Mas não comam carne com o sangue, que é a vida dela. ⁵Vou pedir contas do sangue, que é a vida de vocês; vou pedir contas a qualquer animal; e ao homem vou pedir contas da vida do seu irmão. ⁶Quem derrama o sangue do homem, terá o seu próprio sangue derramado por outro homem. Porque o homem foi feito à imagem de Deus. ⁷Quanto a vocês, sejam fecundos e se multipliquem, povoem e dominem a terra”. [8,1-9,7]

Deus garante a vida — ⁸Deus disse a Noé e a seus filhos: ⁹“Eu estabeleço a minha aliança com vocês e com seus descendentes, ¹⁰e com todos os animais que os acompanham: aves, animais domésticos e feras, com todos os que saíram da arca e agora vivem sobre a terra. ¹¹Estabeleço minha aliança com vocês: de tudo o que existe, nada mais será destruído pelas águas do dilúvio, e nunca mais haverá dilúvio para devastar a terra”.

¹²Deus disse: “Este é o sinal da aliança que coloco entre mim e vocês e todos os seres vivos que estão com vocês, para todas as gerações futuras: ¹³Colocarei o meu arco nas nuvens, e ele se tornará um sinal da minha aliança com a terra. ¹⁴Quando eu reunir as nuvens sobre a terra e o arco-íris aparecer nas nuvens, ¹⁵eu me lembrarei da minha aliança com vocês e com todos os seres vivos. E o dilúvio não voltará a destruir os seres vivos. ¹⁶Quando o arco-íris estiver nas nuvens, eu o verei e me lembrarei da aliança eterna: aliança de Deus com todos os seres vivos, com tudo o que vive sobre a terra”. ¹⁷E Deus disse a Noé: “Este é o sinal da aliança que estabeleço com tudo o que vive sobre a terra”. [9,8-17]

Bênção e maldição — ¹⁸Os filhos de Noé, que saíram da arca, foram estes: Sem, Cam e Jafé; e Cam é o antepassado de Canaã. ¹⁹Esses três foram os filhos de Noé, e a partir deles foi povoada a terra inteira.

²⁰Noé, que era lavrador, plantou a primeira vinha. ²¹Bebeu o vinho, embriagou-se e ficou nu dentro da tenda. ²²Cam, o antepassado de Canaã, viu seu pai nu e saiu para contar a seus dois irmãos. ²³Sem e Jafé, porém, tomaram o manto, puseram-no sobre seus próprios ombros e, andando de costas, cobriram a nudez do pai; como estavam de costas, não viram a nudez do pai. ²⁴Quando Noé acordou da embriaguez, ficou sabendo o que seu filho mais jovem tinha feito. ²⁵E disse: “Maldito seja Canaã. Que ele seja o último dos escravos para seus

irmãos”. ²⁶E continuou: “Seja bendito Javé, o Deus de Sem, e que Canaã seja escravo de Sem. ²⁷Que Deus faça Jafé prosperar, que ele more nas tendas de Sem, e Canaã seja seu escravo”.

²⁸Depois do dilúvio, Noé viveu trezentos e cinquenta anos. ²⁹Ao todo, Noé viveu novecentos e cinquenta anos. E morreu. [18-29]

10 *A família humana* — ¹Esta é a descendência dos filhos de Noé: Sem, Cam e Jafé, que tiveram filhos depois do dilúvio.

²Filhos de Jafé: Gomer, Magog, Madai, Javã, Tubal, Mosoc e Tiras. ³Filhos de Gomer: Asquenez, Rifat e Togorma. ⁴Filhos de Javã: Elisa, Társis, Cetim e Dodanim. ⁵Foi destes que se separaram as populações das ilhas, cada qual segundo o seu país, língua, família e nação.

⁶Filhos de Cam: Cuch, Mesraim, Fut e Canaã. ⁷Filhos de Cuch: Saba, Hévila, Sabata, Regma e Sabataca. Filhos de Regma: Sabá e Dadã.

⁸Cuch gerou Nemrod, que foi o primeiro valente na terra. ⁹Foi um valente caçador diante de Javé, e é por isso que se diz: “Como Nemrod, valente caçador diante de Javé”. ¹⁰As capitais do seu reino foram Babel, Arac e Acad, cidades que estão todas na terra de Senaar. ¹¹Dessa terra saiu Assur, que construiu Nínive, Reobot-Ir, Cale ¹²e Resen, entre Nínive e Cale. Esta última é a maior.

¹³Mesraim gerou os de Lud, de Anam, de Laab, de Naftu, ¹⁴de Patros, de Caslu e de Cáftor; deste último surgiram os filisteus.

¹⁵Canaã gerou Sídón, seu primogênito, depois Het, ¹⁶e também o jebuseu, o amorreu, o gergeseu, ¹⁷o heveu, o araceu, o sineu, ¹⁸o arádio, o samareu e o emateu. Em seguida, as famílias dos cananeus se dispersaram. ¹⁹A fronteira dos cananeus ia de Sidônia, em direção a Gerara, até Gaza; depois, em direção a Sodoma, Gomorra, Adama e Seboim, até Lesa.

²⁰Esses foram os filhos de Cam, segundo suas famílias e línguas, terras e nações.

²¹Sem, antepassado de todos os filhos de Héber e irmão mais velho de Jafé, também teve descendência.

²²Filhos de Sem: Elam, Assur, Arfaxad, Lud e Aram. ²³Filhos de Aram: Hus, Hul, Geter e Mes.

²⁴Arfaxad gerou Salé, e Salé gerou Héber. ²⁵Héber teve dois filhos: o primeiro chamava-se Faleg, porque em seus dias a terra foi dividida; o seu irmão chamava-se Jectã. ²⁶Jectã gerou Elmodad, Salef, Asarmot, Jaré, ²⁷Aduram,

Uzal, Decla, ²⁸Ebal, Abimael, Sabá, ²⁹Ofir, Hévila e Jobab; todos esses são filhos de Jectã. ³⁰Eles habitavam desde Mesa até Sefar, a montanha do oriente. ³¹Foram esses os filhos de Sem, conforme suas famílias e línguas, suas terras e nações.

³²Foram essas as famílias dos descendentes de Noé, conforme suas linhagens e nações. Foi a partir deles que as nações se dispersaram pela terra depois do dilúvio. [10,1-32]

11 *A pretensão da cidade* — ¹O mundo inteiro falava a mesma língua, com as mesmas palavras. ²Ao emigrar do oriente, os homens encontraram uma planície no país de Senaar, e aí se estabeleceram. ³E disseram uns aos outros: “Vamos fazer tijolos e cozê-los no fogo!” Utilizaram tijolos em vez de pedras, e piche no lugar de argamassa. ⁴Disseram: “Vamos construir uma cidade e uma torre que chegue até o céu, para ficarmos famosos e não nos dispersarmos pela superfície da terra”.

⁵Então Javé desceu para ver a cidade e a torre que os homens estavam construindo. ⁶E Javé disse: “Eles são um povo só e falam uma só língua. Isso é apenas o começo de seus empreendimentos. Agora, nenhum projeto será irrealizável para eles. ⁷Vamos descer e confundir a língua deles, para que um não entenda a língua do outro”.

⁸Javé os espalhou daí por toda a superfície da terra, e eles pararam de construir a cidade. ⁹Por isso, a cidade recebeu o nome de Babel, pois foi aí que Javé confundiu a língua de todos os habitantes da terra, e foi daí que ele os espalhou por toda a superfície da terra. [11,1-9]

Alvorada de uma nova história — ¹⁰Esta é a descendência de Sem: Quando Sem completou cem anos, gerou Arfaxad, dois anos depois do dilúvio. ¹¹Depois do nascimento de Arfaxad, Sem viveu quinhentos anos, e gerou filhos e filhas.

¹²Quando Arfaxad completou trinta e cinco anos, gerou Salé. ¹³Depois do nascimento de Salé, Arfaxad viveu quatrocentos e três anos, e gerou filhos e filhas.

¹⁴Quando Salé completou trinta anos, gerou Héber. ¹⁵Depois do nascimento de Héber, Salé viveu quatrocentos e três anos, e gerou filhos e filhas.

¹⁶Quando Héber completou trinta e quatro anos, gerou Faleg. ¹⁷Depois do nascimento de Faleg, Héber viveu quatrocentos e trinta anos, e gerou filhos e

filhas.

¹⁸Quando Faleg completou trinta anos, gerou Reu. ¹⁹Depois do nascimento de Reu, Faleg viveu duzentos e nove anos, e gerou filhos e filhas.

²⁰Quando Reu completou trinta e dois anos, gerou Sarug. ²¹Depois do nascimento de Sarug, Reu viveu duzentos e sete anos, e gerou filhos e filhas.

²²Quando Sarug completou trinta anos, gerou Nacor. ²³Depois do nascimento de Nacor, Sarug viveu duzentos anos, e gerou filhos e filhas.

²⁴Quando Nacor completou vinte e nove anos, gerou Taré. ²⁵Depois do nascimento de Taré, Nacor viveu cento e dezenove anos, e gerou filhos e filhas.

²⁶Quando Taré completou setenta anos, gerou Abrão, Nacor e Arã.

²⁷Esta é a descendência de Taré: Taré gerou Abrão, Nacor e Arã. Arã gerou Ló.

²⁸Arã morreu em Ur dos caldeus, sua terra natal, quando seu pai Taré ainda estava vivo. ²⁹Abrão e Nacor se casaram: a mulher de Abrão chamava-se Sarai; a mulher de Nacor era Melca, filha de Arã, que era o pai de Melca e Jesca.

³⁰Sarai era estéril e não tinha filhos.

³¹Taré tomou seu filho Abrão, seu neto Ló, filho de Arã, e sua nora Sarai, mulher de Abrão. Ele os fez sair de Ur dos caldeus para que fossem à terra de Canaã; mas, quando chegaram a Harã, aí se estabeleceram. ³²Ao todo, Taré viveu duzentos e cinco anos, e depois morreu em Harã. [\[10-32\]](#)

II. ORIGEM DO POVO DE DEUS

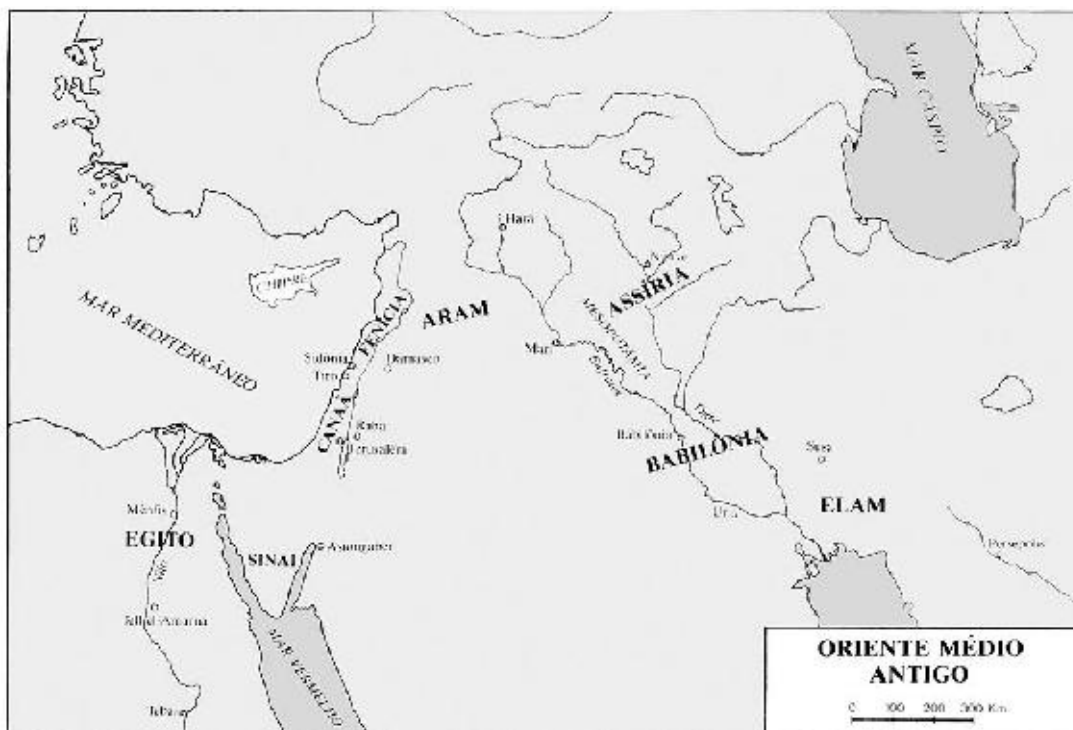
1. Abraão, o homem da fé

12 *Vocação de Abrão* — ¹Javé disse a Abrão: “Saia de sua terra, do meio de seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei.

²Eu farei de você um grande povo, e o abençoarei; tornarei famoso o seu nome, de modo que se torne uma bênção. ³Abençoarei os que abençoarem você e amaldiçoarei aqueles que o amaldiçoarem. Em você, todas as famílias da terra serão abençoadas”.

⁴Abrão partiu conforme lhe dissera Javé. E Ló partiu com ele. Abrão tinha setenta e cinco anos quando saiu de Harã. ⁵Abrão levou consigo sua mulher Sarai, seu sobrinho Ló, todos os bens que possuíam e os escravos que haviam adquirido em Harã. Partiram para a terra de Canaã e aí chegaram. ⁶Abrão atravessou a terra até o lugar santo de Siquém, no Carvalho de Moré. Nesse tempo, os cananeus habitavam essa terra.

⁷Javé apareceu a Abrão e lhe disse: “Eu darei esta terra à sua descendência”. Abrão construiu aí um altar a Javé, que lhe havia aparecido. ⁸Daí, passou para a montanha, a oriente de Betel, e armou sua tenda, com Betel a oeste e Hai a leste. E aí construiu um altar a Javé e invocou o nome de Javé. ⁹Depois, de acampamento em acampamento, Abrão foi para o Negueb. [12,1-9]



Deus liberta o oprimido — ¹⁰Houve uma carestia no país e, como a fome apertava, Abrão desceu ao Egito para aí morar. ¹¹Quando estava chegando ao Egito, Abrão disse à sua mulher Sarai: “Olhe! Eu sei que você é uma mulher muito bonita. ¹²Quando os egípcios virem você, vão dizer: ‘É a mulher dele’. E me matarão, deixando você viva. ¹³Diga, por favor, que você é minha irmã, para que eles me tratem bem por sua causa e, assim, graças a você, eles me deixarão vivo”. ¹⁴De fato, quando Abrão chegou ao Egito, os egípcios viram que sua mulher era muito bonita. ¹⁵Os oficiais do Faraó viram Sarai e a elogiaram muito diante dele; e Sarai foi levada para o palácio do Faraó. ¹⁶Este, por causa de Sarai, tratou bem a Abrão: ele recebeu ovelhas, bois, jumentos, escravos, servas, jumentas e camelos.

¹⁷Javé, porém, feriu o Faraó e sua corte com graves doenças, por causa de Sarai, mulher de Abrão. ¹⁸Então o Faraó chamou Abrão, e lhe disse: “O que foi que você me fez? Por que não me declarou que ela era sua mulher? ¹⁹Por que me disse que era sua irmã? Eu a tomei como esposa. Olhe bem! Se ela é sua mulher, tome-a e vá embora”. ²⁰O Faraó confiou Abrão, junto com sua mulher e tudo o que possuía, a vários homens, que os levaram até a fronteira. [10-20]

13 ***Aberto para um novo projeto*** — ¹Abrão subiu do Egito para o Negueb,

com sua mulher, seus bens e com Ló. ²Abrão era muito rico em rebanhos, prata e ouro. ³Do Negueb, ele se transferiu, em etapas, para Betel, no lugar onde outrora havia acampado, entre Betel e Hai, ⁴no lugar onde tinha construído um altar. E invocou aí o nome de Javé.

⁵Ló, que acompanhava Abrão, também possuía ovelhas, bois e tendas, ⁶de modo que não podiam viver juntos na terra, porque suas posses eram tão grandes que não podiam morar juntos. ⁷Por isso, houve discussões entre os pastores de Abrão e os de Ló. Nesse tempo, os cananeus e ferezeus habitavam nessa terra. ⁸Abrão disse a Ló: “Não haja discussões entre nós, nem no meio de nossos pastores, porque somos irmãos. ⁹A terra inteira está diante de você. Por isso lhe peço que se separe de mim. Se você for para a esquerda, eu irei para a direita; se você for para a direita, eu irei para a esquerda”.

¹⁰Ló ergueu os olhos e viu que o vale do Jordão, até a entrada de Segor, era todo irrigado; isso antes que Javé destruísse Sodoma e Gomorra: parecia o jardim de Javé ou o Egito. ¹¹Ló escolheu para si todo o vale do Jordão e emigrou para o oriente. E assim os dois irmãos se separaram. ¹²Abrão morou em Canaã, e Ló nas cidades do vale, armando suas tendas até Sodoma. ¹³Os habitantes de Sodoma eram grandes criminosos e pecavam contra Javé.

¹⁴Javé disse a Abrão, depois que Ló se separou dele: “Erga os olhos, e aí, do lugar onde você está, olhe para o norte e para o sul, para o oriente e para o ocidente. ¹⁵Eu darei toda a terra que você está vendo, a você e à sua descendência, para sempre. ¹⁶Tornarei a sua descendência como a poeira da terra: quem puder contar os grãos de poeira da terra, poderá contar seus descendentes. ¹⁷Levante-se, e percorra esta terra no seu comprimento e na sua largura, pois eu a darei a você”. ¹⁸Abrão levantou a tenda e foi estabelecer-se junto ao Carvalho de Mambré, que está em Hebron, e aí construiu um altar em honra de Javé. [13,1-18]

14 *A terra que Deus dará* — ¹No tempo de Amrafel, rei de Senaar, e de Arioc, rei de Elasar, e de Codorlaomor, rei de Elam, e de Tadal, rei das nações, ²todos estes fizeram guerra contra Bara, rei de Sodoma, contra Bersa, rei de Gomorra, contra Senaab, rei de Adama, contra Semeber, rei de Seboim, e contra o rei de Bela, que é Segor. ³Estes últimos se reuniram no vale de Sidim, que é o mar Morto. ⁴Durante doze anos eles tinham ficado submetidos a Codorlaomor, mas no décimo terceiro ano se revoltaram. ⁵No décimo quarto

ano, veio Codorlaomor com os reis aliados a ele, e derrotou os rafaítas em Astarot Carnaim, os zuzim em Ham, os emim na planície de Cariataim, ⁶e os horitas nas montanhas de Seir, até El-Farã, na margem do deserto. ⁷Depois, voltaram e foram à Fonte do Julgamento, que é Cades; conquistaram todo o território dos amalecitas e amorreus, que habitavam Asasontamar.

⁸Então os reis de Sodoma, de Gomorra, de Adama, de Seboim e de Bela, que é Segor, fizeram uma expedição e se apresentaram no vale de Sidim para batalhar ⁹contra Codorlaomor, rei de Elam, contra Tadal, rei das nações, contra Amrafel, rei de Senaar, e contra Arioc, rei de Elasar. Eram cinco reis contra quatro. ¹⁰Ora, o vale de Sidim estava cheio de poços de betume. Ao fugir, o rei de Sodoma e o rei de Gomorra caíram neles; os outros se refugiaram na montanha. ¹¹Os vencedores saquearam todos os bens de Sodoma e Gomorra, assim como todos os seus mantimentos, e foram embora. ¹²Levaram também Ló, sobrinho de Abrão, e seus bens, e se foram. Ló morava em Sodoma. ¹³Um fugitivo foi informar Abrão, o hebreu, que habitava no Carvalho do amorreu Mambré, irmão de Escol e de Aner, aliados de Abrão.

¹⁴Quando Abrão soube que seu parente fora levado prisioneiro, reuniu seus aliados e familiares, em número de trezentos e dezoito, e perseguiu os inimigos até Dã. ¹⁵Dividiu a tropa e os atacou de noite, derrotando-os e perseguindo-os até Hoba, ao norte de Damasco. ¹⁶Recuperou todos os bens e trouxe também seu irmão Ló, junto com os bens, as mulheres e a tropa deste. [14,1-16]

A justiça que Deus quer — ¹⁷Quando Abrão voltou, depois de ter derrotado Codorlaomor e os reis aliados, o rei de Sodoma foi ao seu encontro no vale de Save, que é o vale do rei.

¹⁸Melquisedec, rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo, levou pão e vinho, ¹⁹e abençoou Abrão, dizendo: “Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, que criou o céu e a terra; ²⁰e bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os inimigos a você”. E Abrão lhe deu a décima parte de tudo.

²¹O rei de Sodoma disse a Abrão: “Dê-me as pessoas e fique com os bens”. ²²Mas Abrão respondeu ao rei de Sodoma: “Juro por Javé, o Deus Altíssimo, que criou o céu e a terra: ²³não aceitarei nem mesmo um fio, ou correia de sandália, daquilo que pertence a você, para que depois você não diga que enriqueceu Abrão. ²⁴Não quero nada para mim. Aceito apenas o que meus servos comeram e a parte de Aner, Escol e Mambré, que me acompanharam; que

eles peguem a parte deles”. [17-24]

15 *Acreditar é confiar* — ¹Depois desses acontecimentos, Javé dirigiu a palavra a Abrão, através de uma visão: “Não tenha medo, Abrão! Eu sou o seu escudo, e sua recompensa será muito grande”. ²Abrão respondeu: “Senhor Javé, o que me darás? Continuo sem filho, e Eliezer de Damasco será o herdeiro da minha casa!” ³E acrescentou: “Como não me deste descendência, um dos servos de minha casa é que será o meu herdeiro!” ⁴Então Javé dirigiu esta palavra a Abrão: “O seu herdeiro não será esse, mas alguém que sair do sangue de você”. ⁵Depois Javé conduziu Abrão para fora, e disse: “Erga os olhos ao céu e conte as estrelas, se puder”. E acrescentou: “Assim será a sua descendência”. ⁶Abrão acreditou em Javé, e isso lhe foi creditado como justiça.

⁷Javé disse a Abrão: “Eu sou Javé, que fez você sair de Ur dos caldeus, para lhe dar esta terra como herança”. ⁸Abrão respondeu: “Senhor Javé, como vou saber que irei possuí-la?” ⁹Javé lhe disse: “Traga-me uma novilha de três anos, uma cabra de três anos, um cordeiro de três anos, uma rola e uma pombinha”. ¹⁰Abrão levou a Javé todos esses animais, partiu-os pelo meio e colocou cada metade na frente da outra; mas não partiu as aves. ¹¹As aves de rapina desciam sobre os cadáveres e Abrão as enxotava.

¹²Quando o sol ia se pondo, um torpor caiu sobre Abrão, e ele sentiu muito medo. ¹³Javé disse a Abrão: “Saiba com certeza que seus descendentes viverão como estrangeiros numa terra que não será a deles. Aí nessa terra eles ficarão como escravos e serão oprimidos durante quatrocentos anos. ¹⁴Mas eu vou julgar a nação à qual eles vão servir, e depois eles sairão com muitos bens. ¹⁵Quanto a você, irá reunir-se em paz com seus antepassados e será sepultado após uma velhice feliz. ¹⁶É na quarta geração que seus descendentes voltarão para cá, porque até lá o crime dos amorreus terá chegado ao máximo”.

¹⁷Quando o sol se pôs e veio a noite, uma labareda fumegante e uma tocha de fogo passaram entre os animais divididos. ¹⁸Nesse dia, Javé estabeleceu uma aliança com Abrão nestes termos: “À sua descendência eu darei esta terra, desde o rio do Egito até o grande rio, o Eufrates: ¹⁹os quenitas, cenezeus, cadmoneus, ²⁰heteus, ferezeus, rafaítas, ²¹amorreus, cananeus, gergeseus e jebuseus”. [15,1-21]

16 *A promessa é um desafio* — ¹Sarai, mulher de Abrão, não lhe dava filhos; mas tinha uma escrava egípcia chamada Agar. ²Então Sarai disse a Abrão:

“Javé não me deixa ter filhos: una-se à minha escrava para ver se ela me dá filhos”. Abrão aceitou a proposta de Sarai.

³Dez anos depois que Abrão se estabeleceu na terra de Canaã, sua mulher Sarai tomou sua escrava, a egípcia Agar, e a entregou como mulher a seu marido Abrão. ⁴Este se uniu a Agar, que ficou grávida. Vendo que estava grávida, Agar perdeu o respeito para com Sarai. ⁵Então Sarai disse a Abrão: “Você é responsável por essa injustiça. Coloquei em seus braços minha escrava, e ela, vendo-se grávida, não me respeita mais. Que Javé seja nosso juiz”. ⁶Abrão disse a Sarai: “Muito bem. Sua escrava está em suas mãos. Trate-a como você achar melhor”. Sarai maltratou de tal modo Agar, que ela fugiu de sua presença.

⁷O anjo de Javé encontrou Agar junto a uma fonte no deserto, a fonte que está no caminho de Sur. ⁸E lhe disse: “Agar, escrava de Sarai, de onde você vem e para onde vai?” Agar respondeu: “Estou fugindo de minha patroa Sarai”. ⁹O anjo de Javé lhe disse: “Volte para sua patroa e seja submissa a ela”. ¹⁰E o anjo de Javé acrescentou: “Eu farei a descendência de você tão numerosa que ninguém poderá contar”. ¹¹E o anjo de Javé concluiu: “Você está grávida e vai dar à luz um filho e lhe dará o nome de Ismael, porque Javé ouviu sua aflição. ¹²Ele será potro selvagem: estará contra todos, e todos estarão contra ele; e viverá separado de seus irmãos”.

¹³Agar invocou o nome de Javé, que lhe havia falado, e disse: “Tu és o Deus-que-me-vê, pois eu vi Aquele-que-me-vê”. ¹⁴Por isso, esse poço chama-se “Poço daquele que vive e me vê”, e se encontra entre Cades e Barad.

¹⁵Agar deu à luz um filho para Abrão, e Abrão deu o nome de Ismael ao filho que Agar lhe dera. ¹⁶Abrão tinha oitenta e seis anos quando Agar deu à luz Ismael. [16,1-16]

17 *A pertença ao povo de Deus* — ¹Quando Abrão completou noventa e nove anos, Javé lhe apareceu e disse: “Eu sou o Deus todo-poderoso. Comporte-se de acordo comigo e seja íntegro. ²Vou fazer uma aliança entre mim e você, e o multiplicarei sem medida”. ³Abrão caiu com o rosto por terra. Então Deus lhe falou: ⁴“Veja! A aliança que eu faço com você é esta: você será pai de muitas nações. ⁵E não se chamará mais Abrão, mas o seu nome será Abraão, pois eu o tornarei pai de muitas nações. ⁶Eu o tornarei extremamente fecundo. De você farei surgir nações, e de você nascerão reis. ⁷Vou estabelecer para sempre a minha aliança entre mim e você, como aliança eterna. Serei o Deus de você e o

Deus de seus futuros descendentes. ⁸Vou dar a você, e a seus futuros descendentes, a terra em que agora vive como imigrante, toda a terra de Canaã, como posse perpétua. E eu serei o Deus de vocês”.

⁹E Deus continuou falando a Abraão: “Quanto a você, observe a aliança que faço com você e com seus futuros descendentes. ¹⁰E a aliança que eu faço com você e seus futuros descendentes, e que vocês devem observar, é a seguinte: circuncidem todos os homens. ¹¹Circuncidem a carne do prepúcio. Este será o sinal da aliança entre mim e vocês. ¹²Quando completarem oito dias, todos os meninos de cada geração serão circuncidados; também os escravos nascidos em casa ou comprados de estrangeiros, que não sejam da raça de vocês. ¹³Circuncidem os escravos nascidos em casa ou comprados. Minha aliança estará marcada na carne de vocês como aliança perpétua. ¹⁴Todo homem não circuncidado, cujo prepúcio não for circuncidado, será afastado do povo de você, por ter violado a minha aliança”.

¹⁵Deus disse a Abraão: “Sua mulher Sarai não se chamará mais Sarai, mas Sara. ¹⁶Eu a abençoarei, e dela darei um filho a você, e eu o abençoarei. Dela nascerão nações e reis de povos”.

¹⁷Abraão caiu com o rosto por terra e começou a rir, pensando: “Será que um homem com cem anos vai ter um filho, e Sara, que tem noventa anos, vai dar à luz?” ¹⁸Abraão disse a Deus: “Ficarei contente se conservares Ismael vivo”. ¹⁹Deus porém respondeu: “Não! É Sara quem vai dar-lhe um filho: você lhe dará o nome de Isaac. Vou fazer a minha aliança com ele e com os descendentes dele, uma aliança perpétua. ²⁰Quanto a Ismael, vou atender ao pedido que você me faz: vou abençoá-lo, torná-lo fecundo e fazê-lo multiplicar-se sem medida. Ele vai gerar doze príncipes, e dele farei uma grande nação. ²¹Mas a minha aliança, vou fazê-la com Isaac, o filho que Sara vai dar à luz no próximo ano, nesta mesma época do ano”. ²²Quando terminou de falar com Abraão, Deus se retirou.

²³Então Abraão tomou seu filho Ismael, os escravos nascidos em casa ou comprados, todos os homens de sua casa, e circuncidou-os nesse mesmo dia, conforme Deus lhe havia ordenado. ²⁴Abraão tinha noventa e nove anos quando foi circuncidado. ²⁵E seu filho Ismael tinha treze anos quando foi circuncidado. ²⁶Nesse mesmo dia, foram circuncidados Abraão e seu filho Ismael. ²⁷E com Abraão foram circuncidados todos os homens da casa, nascidos em casa ou comprados de estrangeiros. [17,1-27]

18 *Para Deus nada é impossível* — ¹Javé apareceu a Abraão junto ao Carvalho de Mambré, enquanto ele estava sentado à entrada da tenda, pois fazia muito calor. ²Levantando os olhos, Abraão viu na sua frente três homens de pé. Ao vê-los, correu da entrada da tenda ao encontro deles e se prostrou por terra, ³dizendo: “Senhor, se alcancei o seu favor, não passe junto ao seu servo sem fazer uma parada. ⁴Vou mandar que tragam água para que vocês lavem os pés e descansem debaixo da árvore. ⁵Vou trazer um pedaço de pão e vocês poderão recuperar as forças antes de partir; foi para isso que passaram junto ao servo de vocês”. Eles responderam: “Está bem. Faça o que está dizendo”.

⁶Abraão entrou correndo na tenda onde estava Sara, e disse a ela: “Depressa! Tome vinte e um litros de flor de farinha, amasse-os e faça um pão grande”. ⁷Depois Abraão correu até o rebanho, escolheu um vitelo novo e bom, e o entregou ao empregado, que se apressou em prepará-lo. ⁸Pegou também coalhada, leite e o vitelo que havia preparado, e colocou tudo diante deles. E os atendia debaixo da árvore enquanto eles comiam.

⁹Depois eles perguntaram: “Onde está sua mulher Sara?” Abraão respondeu: “Está na tenda”. ¹⁰O hóspede disse: “No próximo ano eu voltarei a você. Então sua mulher já terá um filho”. Sara estava na entrada da tenda, atrás de Abraão, e ouviu isso. ¹¹Ora, Abraão e Sara eram velhos, de idade avançada, e Sara já não tinha regras. ¹²Sara riu por dentro, pensando: “Agora que sou velha vou provar o prazer, e com um marido tão velho?” ¹³Javé, porém, disse a Abraão: “Por que Sara riu, dizendo: ‘Será que vou dar à luz agora que sou velha?’ ¹⁴Por acaso, existe alguma coisa impossível para Javé? Neste mesmo tempo, no próximo ano, eu voltarei a você, e Sara já terá um filho”. ¹⁵Sara, que estava assustada, negou: “Eu não ri”. Mas ele tornou a dizer: “Não negue, você riu”. [18,1-15]

Como salvar a cidade injusta? — ¹⁶Os homens se levantaram e olharam em direção a Sodoma; e Abraão foi acompanhá-los para a despedida. ¹⁷Javé dizia: “Será que devo esconder de Abraão o que vou fazer, ¹⁸uma vez que Abraão se tornará uma nação grande e poderosa, e que através dele serão abençoadas todas as nações da terra? ¹⁹Eu o escolhi para que ele instrua seus filhos, sua casa e seus sucessores, a fim de que se mantenham no caminho de Javé, praticando a justiça e o direito; desse modo, Javé realizará tudo o que prometeu a Abraão”. ²⁰Então Javé disse: “O clamor contra Sodoma e Gomorra é muito grande e o pecado deles é muito grave. ²¹Vou descer para ver se, de fato, as ações deles

correspondem ou não ao clamor que subiu até mim contra eles. Então, ficarei sabendo”.

²²Os homens partiram daí e foram para Sodoma, enquanto Javé permanecia com Abraão. ²³Abraão aproximou-se e perguntou: “Destruirás o justo com o injusto? ²⁴Talvez haja cinquenta justos na cidade! Destruirás e não perdoarás a cidade pelos cinquenta justos que estão no meio dela? ²⁵Longe de ti fazeres tal coisa: matar o justo com o injusto, de modo que o justo seja confundido com o injusto! Longe de ti! Será que o juiz de toda a terra não fará justiça?” ²⁶Javé respondeu: “Se eu encontrar cinquenta justos na cidade de Sodoma, perdoarei a cidade toda por causa deles”.

²⁷Abraão continuou: “Eu me atrevo a falar ao meu Senhor, embora eu seja pó e cinza. ²⁸Mas talvez faltem cinco para os cinquenta justos: por causa de cinco, destruirás a cidade inteira?” Javé respondeu: “Não a destruirei, se eu nela encontrar quarenta e cinco justos”. ²⁹Abraão insistiu: “Suponhamos que só existam quarenta!” Javé respondeu: “Por causa dos quarenta, eu não o farei”. ³⁰Abraão continuou: “Que meu Senhor não fique irritado se eu continuo falando. E se houver trinta?” Javé respondeu: “Se houver trinta, eu não o farei”. ³¹Abraão insistiu: “Estou me atrevendo a falar ao meu Senhor. Talvez haja vinte!” Javé respondeu: “Por causa dos vinte, eu não a destruirei”. ³²Abraão continuou: “Que o meu Senhor não se irrite se eu pergunto pela última vez: E se houver dez?” Javé respondeu: “Por causa dos dez, eu não a destruirei”.

³³Quando terminou de falar com Abraão, Javé foi embora. E Abraão voltou para o seu lugar. [16-33]

19 *A justiça de Deus* — ¹Ao anoitecer, os dois anjos chegaram a Sodoma. Ló estava sentado à porta da cidade e, ao vê-los, levantou-se para os receber e prostrou-se com o rosto por terra. ²E disse: “Senhores, fiquem hospedados em casa do seu servo, lavem os pés e, pela manhã, continuarão seu caminho”. Mas eles responderam: “Não! Nós vamos passar a noite na praça”. ³Ló insistiu tanto que eles foram para a casa dele e entraram. Ló preparou-lhes uma refeição, mandou assar pães sem fermento, e eles comeram.

⁴Eles ainda não haviam deitado, quando os homens da cidade rodearam a casa. Eram os homens de Sodoma, desde os jovens até os velhos, o povo todo, sem exceção. ⁵Chamaram Ló e lhe disseram: “Onde estão os homens que vieram para a sua casa esta noite? Traga-os para que tenhamos relações com eles”.

⁶Ló saiu à porta e, fechando-a atrás de si, ⁷disselhes: “Meus irmãos, eu lhes peço: não façam o mal. ⁸Vejam! Eu tenho duas filhas que ainda são virgens; eu as trarei para vocês: façam com elas o que acharem melhor. Mas não façam nada a esses homens, porque eles estão hospedados em minha casa”. ⁹Mas eles responderam: “Saia daí! Esse indivíduo veio como imigrante e agora quer ser juiz! Pois bem! Nós faremos mais mal a você do que a eles”. E empurraram Ló, tentando arrombar a porta. ¹⁰Os visitantes, porém, estenderam os braços e puxaram Ló para dentro, fechando a porta. ¹¹Quanto aos homens que estavam à porta, eles os feriram com cegueira, do menor ao maior, de modo que não conseguiam achar a entrada.

¹²Os visitantes disseram a Ló: “Você ainda tem alguém aqui? Faça sair deste lugar seus filhos e filhas, e todos os seus parentes que estão na cidade, ¹³porque nós vamos destruir este lugar, pois é grande o clamor que se ergueu contra eles diante de Javé. E Javé nos enviou para exterminá-los”. ¹⁴Ló foi falar com seus futuros genros, que estavam para casar com suas filhas: “Vamos, saiam deste lugar, porque Javé vai destruir a cidade”. Mas seus futuros genros achavam que Ló estava brincando.

¹⁵Ao raiar da aurora, os anjos insistiram com Ló, dizendo: “Levante-se, tome sua mulher e suas duas filhas que aqui se encontram, para que não pereçam no castigo da cidade”. ¹⁶Como Ló não se decidisse, os visitantes o tomaram pela mão, junto com a mulher e as duas filhas, pois Javé tinha compaixão dele. Eles o fizeram sair e o deixaram fora da cidade.

¹⁷Quando estavam fora, um deles disse: “Procure salvar-se, e não olhe para trás. Não pare em lugar nenhum da planície; fuja para a montanha, para não morrer”. ¹⁸Ló respondeu: “Não, meu Senhor. ¹⁹Teu servo encontrou graça a teus olhos, e mostraste grande misericórdia por mim, salvando-me a vida. Mas eu receio que não poderei salvar-me na montanha antes que a calamidade me atinja e eu morra. ²⁰Vê! Aqui perto há uma pequena cidade, onde posso refugiar-me e escapar do perigo.

Permite que eu vá para lá. Como a cidade é pequena, aí eu estarei a salvo”. ²¹Ele respondeu: “Concedo o que você está pedindo: não destruirei a cidade da qual você está falando. ²²Depressa, fuja para lá, porque nada posso fazer enquanto você não chegar lá”. É por isso que se deu a essa cidade o nome de Segor.

²³O sol estava nascendo quando Ló chegou a Segor. ²⁴Então Javé fez chover

do céu enxofre e fogo sobre Sodoma e Gomorra; ²⁵destruiu essas cidades e toda a planície, com os habitantes das cidades e a vegetação do solo. ²⁶A mulher de Ló olhou para trás e se transformou numa estátua de sal.

²⁷Abraão levantou-se de madrugada e foi ao lugar onde estivera com Javé. ²⁸Olhou para Sodoma, para Gomorra e para toda a planície, e viu a fumaça subir da terra, como a fumaça de uma fornalha. ²⁹Assim, ao destruir as cidades da planície, Deus se lembrou de Abraão, e retirou Ló do meio da catástrofe, quando arrasou as cidades onde Ló habitava. [19,1-29]

Frutos da cidade corrompida — ³⁰Ló subiu de Segor e se estabeleceu na montanha com as duas filhas, porque estava com medo de viver em Segor. Por isso, instalou-se numa caverna com as duas filhas. ³¹A mais velha disse à mais nova: “Nosso pai já está velho e na terra não há nenhum homem para ter relação conosco, como se faz em todo lugar. ³²Vamos embriagar nosso pai para ter relação com ele; assim daremos uma descendência ao nosso pai”. ³³Nessa noite, elas embriagaram o pai e a mais velha deitou-se com ele, que não percebeu nem quando ela se deitou, nem quando se levantou. ³⁴No dia seguinte, a mais velha disse para a mais nova: “Na noite passada eu dormi com meu pai; esta noite, nós o embriagaremos de novo, e você se deitará com ele; assim daremos uma descendência ao nosso pai”. ³⁵Também nessa noite, elas embriagaram o pai, e a mais nova deitou-se com ele, que não percebeu nem quando ela se deitou, nem quando se levantou. ³⁶E as duas filhas de Ló ficaram grávidas do próprio pai. ³⁷A mais velha deu à luz um filho, e o chamou Moab, que é o antepassado dos atuais moabitas. ³⁸Também a mais nova deu à luz um filho, e o chamou Ben-Ami, que é o antepassado dos atuais amonitas. [30-38]

20 ***Deus liberta o oprimido*** — ¹Abraão partiu daí e foi para o Negueb, estabelecendo-se entre Cades e Sur, e vivendo como imigrante em Gerara. ²Abraão dizia que Sara era sua irmã. Então Abimelec, rei de Gerara, mandou buscar Sara. ³Mas Deus visitou Abimelec em sonho durante a noite, e lhe disse: “Você vai morrer, porque essa mulher que você tomou é casada”. ⁴Abimelec, que ainda não tinha tido relações com ela, disse: “Meu Senhor, vais matar alguém inocente? ⁵Ele próprio me disse que era sua irmã; e ela disse que ele era seu irmão. Fiz isso de boa fé e mãos limpas”. ⁶Deus lhe respondeu no sonho: “Sei que você fez isso de boa fé. Fui eu quem impediu você de pecar contra

mim, não permitindo que a tocasse. ⁷ Agora, devolva a mulher a esse homem: ele é profeta e rezeirá para que você continue vivo. Se não a devolver, fique sabendo que você morrerá com todos os seus”.

⁸ Abimelec levantou-se bem cedo e chamou todos os servos. Contou-lhes tudo, e os homens ficaram muito assustados. ⁹ Em seguida, Abimelec chamou Abraão e lhe disse: “O que é que você fez conosco? Que mal eu lhe fiz para você atrair tão grande pecado sobre mim e meu reino? Você fez comigo uma coisa que não se deve fazer”. ¹⁰ E Abimelec acrescentou: “O que você pretendia ao fazer isso?” ¹¹ Abraão respondeu: “Pensei que neste país não respeitavam a Deus e que me matariam por causa de minha mulher. ¹² Além do mais, ela é de fato minha irmã por parte de pai, mas não por parte de mãe, e se tornou minha mulher. ¹³ Quando Deus me fez andar errante, longe de minha família, eu pedi a ela: ‘Faça-me este favor: em qualquer lugar em que chegarmos, diga que eu sou seu irmão’ ”.

¹⁴ Abimelec pegou ovelhas e bois, servos e servas, e os deu a Abraão, devolvendo também sua mulher Sara. ¹⁵ Disse ainda: “Minha terra está aberta para você; fique onde quiser”. ¹⁶ Depois disse a Sara: “Aqui estão mil moedas de prata para o seu irmão. Isso servirá de reparação diante de todos os seus, e ninguém pensará mal de você”. ¹⁷ Abraão intercedeu junto a Deus, e Deus curou Abimelec, sua mulher e seus servos, a fim de que pudessem ter filhos. ¹⁸ Isso porque Javé tornara estéreis todas as mulheres na casa de Abimelec, por causa de Sara, mulher de Abraão. [20,1-18]

21 Deus realiza o que promete — ¹ Javé visitou Sara, como havia anunciado, e cumpriu sua promessa. ² No tempo que Deus tinha marcado, Sara concebeu e deu à luz um filho para Abraão, que já era velho. ³ Abraão deu o nome de Isaac ao filho que lhe nasceu, gerado por Sara. ⁴ Conforme Deus lhe havia ordenado, Abraão circuncidou seu filho Isaac, quando este completou oito dias. ⁵ Abraão tinha cem anos quando seu filho Isaac nasceu. ⁶ E Sara disse: “Deus me deu motivo de riso, e todos os que souberem disso vão rir de mim”. ⁷ E acrescentou: “Quem diria a Abraão que Sara iria amamentar filhos? Apesar de tudo, na sua velhice eu lhe dei um filho”. [21,1-7]

Deus ouve o grito do necessitado — ⁸ O menino cresceu e foi desmamado. E no dia em que Isaac foi desmamado, Abraão deu uma grande festa. ⁹ Ora, Sara viu que o filho que Abraão tinha tido com a egípcia Agar estava zombando de seu

filho Isaac. ¹⁰Então ela disse a Abraão: “Expulse essa escrava e o filho dela, para que o filho dessa escrava não seja herdeiro com meu filho Isaac”. ¹¹Abraão ficou muito desgostoso com isso, porque Ismael era seu filho. ¹²Mas Deus lhe disse: “Não fique aflito por causa do menino e da escrava. Atenda ao pedido de Sara, pois será através de Isaac que sua descendência levará o nome que você tem. ¹³Entretanto, também do filho da escrava eu farei uma grande nação, pois ele é descendência sua”. ¹⁴Abraão levantou-se de manhã, pegou pão e um cantil de água e os deu a Agar; colocou a criança sobre os ombros dela e depois a mandou embora.

Ela saiu e andava errante pelo deserto de Bersabeia. ¹⁵Quando acabou a água do cantil, ela pôs a criança debaixo de um arbusto ¹⁶e foi sentar-se na frente, a distância de um tiro de arco. Ela pensava: “Não quero ver a criança morrer!” E sentou-se a distância. O menino começou a chorar. ¹⁷Deus ouviu os gritos da criança, e o anjo de Deus, lá do céu, chamou Agar, dizendo: “O que é que você tem, Agar? Não tenha medo, pois Deus ouviu os gritos do menino que aí está. ¹⁸Levante-se, pegue o menino e segure-o firme, porque eu farei dele uma grande nação”. ¹⁹Deus abriu os olhos de Agar e ela viu um poço. Foi encher o cantil e deu de beber ao menino.

²⁰Deus estava com o menino. Ele cresceu, morou no deserto e tornou-se um arqueiro. ²¹Morou no deserto de Farã, e sua mãe escolheu para ele uma mulher egípcia. [8-21]

Abraão e Abimelec — ²²Nesse tempo, Abimelec veio com Ficol, chefe do seu exército, e disse a Abraão: “Deus está com você em tudo o que você faz. ²³Portanto, jure por Deus, aqui mesmo, que não enganará nem a mim, nem a meus filhos e descendentes. E que você tratará a mim e a esta terra, onde você mora, com a mesma amizade com que eu tratei você”. ²⁴Abraão respondeu: “Eu juro”.

²⁵Abraão reclamou com Abimelec por causa do poço do qual os servos de Abimelec se haviam apoderado. ²⁶Abimelec respondeu: “Não sei quem foi que fez isso. Você não me informou nada, e só agora estou sabendo disso”. ²⁷Abraão pegou ovelhas e bois e os deu a Abimelec; e os dois fizeram uma aliança. ²⁸Abraão separou sete ovelhas do rebanho, ²⁹e Abimelec lhe perguntou: “Para que servem essas sete ovelhas que você separou?” ³⁰Abraão respondeu: “Estas

sete ovelhas, que você recebeu de minha mão, são a prova de que eu cavei este poço”. ³¹Por isso, o lugar recebeu o nome de Bersabeia, porque aí os dois fizeram um juramento.

³²Depois que fizeram aliança em Bersabeia, Abimelec e Ficol, chefe do seu exército, voltaram para a terra dos filisteus. ³³Abraão plantou uma árvore em Bersabeia e invocou aí o nome de Javé, o Deus eterno. ³⁴Abraão morou muito tempo na terra dos filisteus. [22-34]

22 *A grande prova* — ¹Depois desses acontecimentos, Deus pôs Abraão à prova, e lhe disse: “Abraão, Abraão!” Ele respondeu: “Estou aqui”. ²Deus disse: “Tome seu filho, o seu único filho Isaac, a quem você ama, vá à terra de Moriá e ofereça-o aí em holocausto, sobre uma montanha que eu vou lhe mostrar”.

³Abraão se levantou cedo, preparou o jumento, e levou consigo dois servos e seu filho Isaac. Rachou a lenha do holocausto, e foi para o lugar que Deus lhe havia indicado. ⁴No terceiro dia, Abraão levantou os olhos e viu de longe o lugar. ⁵Então disse aos servos: “Fiquem aqui com o jumento; eu e o menino vamos até lá, adoraremos a Deus e depois voltaremos até vocês”.

⁶Abraão pegou a lenha do holocausto e a colocou nas costas do seu filho Isaac, tendo ele próprio tomado nas mãos o fogo e a faca. E foram os dois juntos. ⁷Isaac falou a seu pai: “Pai”. Abraão respondeu: “Sim, meu filho!” Isaac continuou: “Aqui estão o fogo e a lenha. Mas onde está o cordeiro para o holocausto?” ⁸Abraão respondeu: “Deus providenciará o cordeiro para o holocausto, meu filho!” E continuaram caminhando juntos. ⁹Quando chegaram ao lugar que Deus lhe indicara, Abraão construiu o altar, colocou a lenha, depois amarrou seu filho e o colocou sobre o altar, em cima da lenha. ¹⁰Abraão estendeu a mão e pegou a faca para imolar seu filho.

¹¹Nesse momento, o anjo de Javé o chamou lá do céu e disse: “Abraão, Abraão!” Ele respondeu: “Aqui estou!” ¹²O anjo continuou: “Não estenda a mão contra o menino! Não lhe faça nenhum mal! Agora sei que você teme a Deus, pois não me recusou seu filho único”. ¹³Abraão ergueu os olhos e viu um cordeiro, preso pelos chifres num arbusto; pegou o cordeiro e o ofereceu em holocausto no lugar do seu filho. ¹⁴E Abraão deu a esse lugar o nome de “Javé providenciará”. Assim, até hoje se costuma dizer: “Sobre a montanha, Javé providenciará”.

¹⁵O anjo de Javé chamou lá do céu uma segunda vez a Abraão, ¹⁶dizendo: “Juro por mim mesmo, palavra de Javé: porque você me fez isso, porque não me recusou seu filho único, ¹⁷eu o abençoarei, eu multiplicarei seus descendentes como as estrelas do céu e a areia da praia. Seus descendentes conquistarão as cidades de seus inimigos. ¹⁸Por meio da descendência de você, todas as nações da terra serão abençoadas, porque você me obedeceu”.

¹⁹Abraão voltou até seus servos, e juntos foram para Bersabeia. E Abraão ficou morando em Bersabeia. [22,1-19]

Parentes de Abraão — ²⁰Depois desses acontecimentos, comunicaram a Abraão que também Melca dera filhos a seu irmão Nacor: ²¹seu primogênito Hus; Buz, irmão deste; Camuel, pai de Aram; ²²Cased, Azau, Feldas, Jedlad, Batuel. ²³E Batuel gerou Rebeca. São os oito filhos que Melca deu a Nacor, irmão de Abraão. ²⁴Nacor tinha uma concubina, chamada Roma, que também teve filhos: Tabé, Gaam, Taás e Maaca. [20-24]

23 ***Primeira porção da terra prometida*** — ¹Sara viveu cento e vinte e sete anos, ²e morreu em Cariat Arbe, hoje Hebron, na terra de Canaã. Abraão foi fazer luto e chorar por sua mulher. ³Depois deixou sua defunta e falou aos filhos de Het: ⁴“Sou imigrante que reside entre vocês. Deem para mim um túmulo como propriedade, para eu enterrar minha defunta”. ⁵Os filhos de Het responderam a Abraão: ⁶“Meu senhor, ouça-nos! Você é um príncipe de Deus entre nós; enterre sua defunta no melhor dos nossos sepulcros. Ninguém de nós vai lhe negar a própria sepultura para sua defunta!”

⁷Abraão se levantou, fez uma inclinação diante dos proprietários, os filhos de Het, ⁸e lhes falou: “Se estão de acordo que eu enterre minha defunta, ouçam-me: intercedam por mim junto a Efron, filho de Seor, ⁹a fim de que ele me ceda a gruta de Macpela, que pertence a ele e está no extremo do seu campo. Que ele a entregue para mim pelo preço que vale, diante de vocês, para que seja minha propriedade sepulcral”. ¹⁰Ora, Efron estava sentado entre os filhos de Het. Então Efron, o heteu, respondeu a Abraão, diante dos heteus e dos que assistiam ao conselho: ¹¹“Não, meu senhor, ouça-me! Eu lhe dou o campo e também a gruta que está nele. Dou-lhe isso na presença dos filhos do meu povo. Enterre sua defunta”.

¹²Abraão se inclinou diante dos proprietários ¹³e falou a Efron, na presença dos proprietários: “Se você concorda, ouça-me: eu pagarei o preço do campo. Aceite

o pagamento, e eu enterrarei minha defunta”. ¹⁴Efron respondeu a Abraão: ¹⁵“Meu senhor, ouça-me: o terreno vale quatro quilos de prata. O que significa isso para mim e você? Enterre sua defunta”. ¹⁶Abraão concordou com Efron. Pesou para Efron o dinheiro de que falara diante dos heteus: quatro quilos de prata, em uso no mercado. ¹⁷Então, o campo de Efron, que está em Macpela, diante de Mambré, o campo e a gruta que aí existe, e todas as árvores que estão dentro e ao redor do campo, ¹⁸tornaram-se propriedade de Abraão, sendo testemunhas os heteus e os que assistiam ao conselho. ¹⁹Depois Abraão enterrou Sara, sua mulher, na gruta do campo de Macpela, diante de Mambré, hoje Hebron, na terra de Canaã. ²⁰Foi assim que o campo e a gruta passaram dos filhos de Het para Abraão, como propriedade sepulcral. [23,1-20]

24 *Casamento de Isaac* — ¹Abraão era velho, de idade avançada, e Javé o havia abençoado em tudo. ²Abraão disse ao servo mais velho de sua casa, que administrava todas as suas propriedades: “Ponha a sua mão debaixo da minha coxa, ³e jure por Javé, Deus do céu e da terra, que quando você buscar esposa para o meu filho, não a escolherá entre as filhas dos cananeus, no meio dos quais estou morando. ⁴Mas irá à minha terra natal e aí escolherá uma esposa para o meu filho Isaac”. ⁵O servo perguntou: “E se a mulher não quiser vir comigo para esta terra, deverei levar seu filho para o lugar de onde o senhor saiu?” ⁶Abraão lhe respondeu: “De jeito nenhum, não leve meu filho para lá. ⁷Javé, o Deus do céu e da terra, que me tirou da casa paterna e da minha terra natal, e que jurou dar esta terra à minha descendência, ele enviará o seu anjo diante de você, e você poderá trazer uma esposa para meu filho. ⁸Se a mulher não quiser vir com você, então você ficará livre do juramento. Em todo caso, não leve meu filho para lá”. ⁹O servo colocou a mão sob a coxa de Abraão, seu patrão, e jurou que assim faria.

¹⁰O servo tomou dez camelos do seu senhor e, levando consigo de tudo o que seu patrão tinha de bom, pôs-se a caminho de Aram Naaraim, para a cidade de Nacor. ¹¹Fez os camelos ajoelharem fora da cidade, perto do poço, à tarde, na hora em que as mulheres saem para tirar água. ¹²Então o servo pediu: “Javé, Deus do meu senhor Abraão, concede que o dia de hoje me seja favorável, e trata com amor o meu senhor Abraão. ¹³Vou ficar junto à fonte, quando as moças da cidade saírem para buscar água. ¹⁴Direi a uma das moças: ‘Por favor, incline o balde para que eu possa beber’. Aquela que disser: ‘Beba você, que

também vou dar de beber a seus camelos’, será essa aquela que destinaste para teu servo Isaac. Assim saberei que trataas meu patrão com amor”.

¹⁵Ele ainda não havia acabado de falar, quando chegou Rebeca, filha de Batuel, filho de Melca, a mulher de Nacor, irmão de Abraão. Ela carregava um balde no ombro. ¹⁶Era uma jovem muito bela e virgem; não tinha tido relação com nenhum homem. Ela desceu à fonte, encheu o balde e subiu. ¹⁷O servo correu para ela, e disse: “Por favor, deixe-me beber um pouco da água de seu balde”. ¹⁸Ela respondeu: “Beba, meu senhor”. E abaixou depressa o balde sobre o braço, e lhe deu de beber. ¹⁹Quando terminou, ela disse: “Vou dar de beber também para seus camelos, até que fiquem saciados”. ²⁰Em seguida, esvaziou o balde no bebedouro, e correu até o poço a fim de tirar água para todos os camelos. ²¹O servo observava em silêncio, esperando para ver se Javé ia levar ou não a bom termo a sua missão.

²²Quando os camelos acabaram de beber, o servo pegou um anel de ouro que pesava cinco gramas e o colocou nas narinas dela. Depois, colocou nos braços dela dois braceletes de ouro, que pesavam dez gramas. ²³E disse: “Você é filha de quem? Diga para mim: será que na casa de seu pai há lugar para eu passar a noite?” ²⁴Ela respondeu: “Eu sou filha de Batuel, o filho que Melca gerou para Nacor”. ²⁵E continuou: “Em nossa casa há muita palha e forragem, e também lugar para passar a noite”. ²⁶Então o servo se prostrou e adorou a Javé, ²⁷dizendo: “Bendito seja Javé, o Deus do meu senhor Abraão! Ele não esqueceu o seu amor e fidelidade para com o meu senhor. Javé guiou meus passos à casa do irmão do meu senhor”.

²⁸A jovem foi correndo para casa, a fim de contar à sua mãe o que lhe havia acontecido. ²⁹Ora, Rebeca tinha um irmão chamado Labão, que correu para a fonte ao encontro do homem. ³⁰De fato, quando Labão viu o anel e os braceletes que estavam com sua irmã, e quando ouviu o que ela contava, foi ao encontro do homem e o achou ainda de pé junto aos camelos, perto da fonte. ³¹Então disse para ele: “Venha, bendito de Javé. Por que você está aí fora, quando já preparei alojamento e lugar para os camelos?” ³²O homem entrou na casa, e Labão descarregou os camelos, deu palha e forragem para os camelos, e levou água para que o servo e seus acompanhantes lavassem os pés. ³³Quando ofereceram comida, o servo disse: “Não vou comer enquanto não tratar do meu assunto”. Labão respondeu: “Pois fale”. ³⁴O servo disse: “Eu sou servo de Abraão. ³⁵Javé abençoou imensamente meu senhor e o tornou rico: deu-lhe ovelhas e vacas,

prata e ouro, escravos e escravas, camelos e jumentos. ³⁶Sara, a mulher do meu senhor, já velha, deu a ele um filho, que é o herdeiro de tudo. ³⁷Meu senhor me fez prestar este juramento: ‘Você não tomará para meu filho uma esposa entre as filhas dos cananeus, em cuja terra estou morando. ³⁸Você irá à casa de meu pai e de meus parentes, e aí escolherá uma esposa para meu filho’. ³⁹Então eu disse ao meu senhor: ‘E se a mulher não quiser vir comigo?’ ⁴⁰Ele me respondeu: ‘Javé, a quem meu comportamento agrada, vai enviar seu anjo com você; ele dará êxito à sua missão, e você encontrará uma esposa para o meu filho na casa de meus pais e parentes. ⁴¹Você ficará livre do juramento quando for à casa de meus parentes; sim, você ficará livre do juramento, se eles negarem a mulher’. ⁴²Hoje eu cheguei à fonte e disse: ‘Javé, Deus de meu senhor Abraão, mostra, eu te peço, se estás disposto a levar a bom termo a viagem que empreendi. ⁴³Aqui estou junto à fonte, e vou dizer para a jovem que vier buscar água: Dê-me de beber um pouco da água de seu balde. ⁴⁴Se ela me disser: Beba, que também vou tirar água para os seus camelos, então será essa a esposa que Javé destinou ao filho do meu senhor’. ⁴⁵Eu não tinha acabado de falar comigo mesmo, quando chegou Rebeca com o balde no ombro. Ela desceu à fonte e tirou água. Eu pedi a ela: ‘Por favor, dê-me de beber’. ⁴⁶Ela abaixou logo o balde e disse: ‘Beba, que também vou dar de beber a seus camelos’. Eu bebi, e ela deu de beber também aos meus camelos. ⁴⁷Então eu perguntei a ela: ‘Você é filha de quem?’ Ela respondeu: ‘Sou filha de Batuel, o filho que Melca deu a Nacor’. Então eu lhe pus este anel nas narinas e estes braceletes nos braços. ⁴⁸Prostrei-me, adorei Javé, bendisse a Javé, Deus do meu senhor Abraão, que me guiou pelo caminho certo, para levar ao filho do meu senhor a filha do irmão dele. ⁴⁹Portanto, digam-me se querem ou não mostrar amor e fidelidade ao meu senhor, para que eu possa agir de acordo”.

⁵⁰Labão e Batuel disseram: “Isso vem de Javé, e nós não podemos dizer nem sim, nem não. ⁵¹Aí está Rebeca, tome-a e vá, e que ela seja a esposa do filho do seu senhor, conforme disse Javé”. ⁵²Quando o servo de Abraão ouviu isso, prostrou-se por terra diante de Javé. ⁵³Depois pegou joias de prata e ouro, e vestidos, e os deu a Rebeca. Também deu ricos presentes ao irmão e à mãe dela. ⁵⁴Então comeram e beberam, ele e seus companheiros, e passaram a noite. De manhã, quando se levantaram, o servo disse: “Deixe-me voltar para o meu senhor”. ⁵⁵Então o irmão e a mãe de Rebeca disseram: “Deixe que a jovem fique

ainda dez dias conosco. Depois, ela irá”. ⁵⁶Mas o servo replicou: “Não me detenham, pois Javé deu êxito à minha viagem. Deixem-me voltar ao meu senhor”. ⁵⁷Então eles disseram: “Vamos chamar a jovem e perguntar-lhe sua opinião”. ⁵⁸Chamaram Rebeca e lhe perguntaram: “Você quer partir com esse homem?” Ela respondeu: “Quero”. ⁵⁹Então eles deixaram partir sua irmã Rebeca com sua ama, o servo de Abraão e seus homens. ⁶⁰Eles abençoaram Rebeca, dizendo: “Você é nossa irmã: torne-se milhares de milhares, e que sua descendência conquiste as cidades inimigas”.

⁶¹Rebeca e suas servas se levantaram, montaram nos camelos e acompanharam o homem. E foi assim que o servo de Abraão levou Rebeca.

⁶²Isaac tinha voltado do poço de Laai-Roí e morava na terra do Negueb. ⁶³Ao pôr do sol, Isaac saiu para passear no campo e, erguendo os olhos, viu que chegavam camelos. ⁶⁴Rebeca, erguendo os olhos, viu Isaac. Ela apeou do camelo, ⁶⁵e disse ao servo: “Quem é aquele homem lá no campo, que vem ao nosso encontro?” O servo respondeu: “É o meu senhor”. Então ela pegou o véu e se cobriu.

⁶⁶O servo contou a Isaac tudo o que havia feito. ⁶⁷Então Isaac introduziu Rebeca em sua tenda e a recebeu por esposa. Isaac amou-a, consolando-se assim da morte de sua mãe. [24,1-67]

25 Outros filhos de Abraão — ¹Abraão tomou outra mulher chamada Cetura. ²Esta gerou para ele Zamrã, Jecsã, Madã, Madiã, Jesboc e Sué. ³Jecsã gerou Sabá e Dadã, e os filhos de Dadã foram os assurim, os latusim e os loomim. ⁴Os filhos de Madiã foram: Efa, Ofer, Henoc, Abida e Eldaá. Todos esses são descendentes de Cetura. ⁵Abraão deu todos os seus bens a Isaac. ⁶Quanto aos filhos de suas concubinas, Abraão lhes deu presentes e, ainda em vida, os mandou para longe do seu filho Isaac, para o leste, a região oriental. [25,1-6]

Morte de Abraão — ⁷Abraão viveu cento e setenta e cinco anos. ⁸Depois Abraão expirou e morreu numa velhice feliz, idoso, e se reuniu com seus parentes. ⁹Isaac e Ismael, seus filhos, o enterraram na gruta de Macpela, no campo de Efron, filho de Seor, o heteu, campo que está diante de Mambré. ¹⁰É o campo que Abraão tinha comprado dos filhos de Het; nele foram enterrados Abraão e sua mulher Sara. ¹¹Depois da morte de Abraão, Deus abençoou seu filho Isaac. E Isaac morou junto ao poço de Laai-Roí. [7-11]

Filhos de Ismael — ¹²São estes os descendentes de Ismael, filho de Abraão e Agar, a escrava egípcia de Sara. ¹³Nomes dos filhos de Ismael por ordem de nascimento: o primogênito Nabaiot, depois Cedar, Adbeel, Mabsam, ¹⁴Masma, Duma, Massa, ¹⁵Hadad, Tema, Jetur, Nafis e Cedma. ¹⁶São esses os filhos de Ismael e seus nomes por cercados e acampamentos: doze chefes de tribos.

¹⁷Ismael viveu cento e trinta e sete anos. Depois expirou, morreu e se reuniu com seus parentes. ¹⁸Habitou desde Hévila até Sur, que está a leste do Egito, na direção da Assíria. Ele se estabeleceu na frente de todos os seus irmãos. [\[12-18\]](#)

2. História de Isaac e Jacó

Irmãos em luta — ¹⁹História de Isaac, filho de Abraão. Abraão gerou Isaac.

²⁰Isaac tinha quarenta anos quando se casou com Rebeca, filha de Batuel, o arameu de Padã-Aram, e irmã de Labão, o arameu. ²¹Isaac implorou a Javé por sua mulher, porque ela era estéril: Javé o escutou e sua mulher Rebeca ficou grávida. ²²As crianças, porém, lutavam dentro dela. Então ela disse: “Se é assim, para que viver?” Então foi consultar Javé. ²³E Javé lhe disse: “Em seu ventre há duas nações, dois povos se separam em suas entranhas. Um povo vencerá o outro, e o mais velho servirá ao mais novo”.

²⁴Quando chegou o dia do parto, Rebeca teve gêmeos. ²⁵O primeiro saiu: era ruivo e peludo como um manto de pelos, e lhe deram o nome de Esaú. ²⁶Em seguida, saiu seu irmão, com a mão segurando o calcanhar de Esaú, e lhe deram o nome de Jacó. Isaac tinha sessenta anos quando eles nasceram.

²⁷Os meninos cresceram. Esaú se tornou hábil caçador, homem rude, enquanto Jacó era homem tranquilo, morando sob tendas. ²⁸Isaac apreciava a caça e preferia Esaú, enquanto Rebeca preferia Jacó. [\[19-28\]](#)

Esaú perde seus direitos — ²⁹Certa vez, Jacó estava preparando um cozido, quando Esaú voltou do campo, esgotado. ³⁰Esaú pediu a Jacó: “Deixe-me comer dessa coisa vermelha, porque estou esgotado”. É por isso que ele recebeu o nome de Edom. ³¹Jacó respondeu: “Venda-me primeiro o direito de primogenitura”. ³²Esaú disse: “Estou quase morrendo... Que me importa o direito de primogenitura?” ³³Jacó retomou: “Primeiro, o juramento”. Esaú jurou e vendeu seu direito de primogenitura a Jacó. ³⁴Então Jacó lhe deu pão e o cozido de lentilhas. Esaú comeu e bebeu, levantou-se e partiu. E assim Esaú desprezou o direito de primogenitura. [\[29-34\]](#)

26 ***Isaac em Gerara*** — ¹Houve fome no país — além daquela que tinha havido no tempo de Abraão — e Isaac foi para Gerara, onde Abimelec era rei dos filisteus. ²Javé apareceu a Isaac e disse: “Não desça para o Egito; fique na terra que eu lhe disser. ³Fique morando aqui neste país, e eu estarei com você e o abençoarei, pois eu darei todas estas terras a você e a seus descendentes, cumprindo o juramento que fiz a seu pai Abraão. ⁴Tornarei a descendência de você numerosa como as estrelas do céu, e darei a seus descendentes todas estas

terras. Por meio da sua descendência, serão abençoadas todas as nações da terra, ⁵porque Abraão me obedeceu, observou meus preceitos e mandamentos, meus estatutos e leis”. ⁶Então Isaac ficou em Gerara.

⁷Os homens do lugar perguntaram a Isaac sobre Rebeca. Isaac respondeu: “É minha irmã”. Ele ficou com medo de dizer que era sua mulher, pois pensava: “Os homens deste lugar me matarão por causa de Rebeca, pois ela é muito bonita”. ⁸Isaac se encontrava aí já fazia muito tempo, quando Abimelec, rei dos filisteus, olhou certo dia pela janela e viu Isaac acariciando a esposa Rebeca. ⁹Abimelec chamou Isaac e disse: “É claro que ela é sua mulher! Por que você disse que é sua irmã?” Isaac respondeu: “Porque pensei que iam me matar por causa dela”. ¹⁰Abimelec continuou: “Por que você fez isso? Por pouco alguém do povo dormiria com sua mulher, e você nos tornaria todos culpados!” ¹¹Então Abimelec deu esta ordem a todo o povo: “Quem tocar neste homem ou em sua mulher, morrerá”. [26,1-11]

A luta pela água — ¹²Isaac semeou aquela terra e, nesse ano, colheu o cêntuplo. Javé o abençoou ¹³e ele foi ganhando muito, até ficar bem rico. ¹⁴Tinha rebanhos de bois e ovelhas e numerosos servos. Por causa disso, os filisteus ficaram com inveja.

¹⁵Os filisteus haviam entulhado e coberto de terra todos os poços que os servos de Abraão, pai de Isaac, haviam cavado no tempo de Abraão. ¹⁶Abimelec disse a Isaac: “Vá embora daqui, porque você ficou mais poderoso do que nós”. ¹⁷Isaac foi embora dali, acampou no vale de Gerara, e aí se estabeleceu. ¹⁸Cavou de novo os poços que os servos de seu pai Abraão haviam cavado e que os filisteus tinham entulhado depois da morte de Abraão, e lhes deu os mesmos nomes que seu pai lhes havia dado.

¹⁹Os servos de Isaac cavaram no vale e encontraram aí uma fonte. ²⁰Mas os pastores de Gerara brigaram com os pastores de Isaac, dizendo: “Essa água é nossa!” Isaac então chamou esse poço de Desafio, pois brigavam por causa dele. ²¹Cavaram outro poço, e também acabaram brigando por causa dele. A este Isaac deu o nome de Rivalidade. ²²Então partiu daí e cavou outro poço; e, como não houve briga por causa deste, deu-lhe o nome de Campo Livre, dizendo: “Agora Javé nos deu o campo livre para que prosperemos na terra”.

²³Daí, Isaac subiu para Bersabeia. ²⁴Nessa noite, Javé apareceu a ele e disse: “Eu sou o Deus do seu pai Abraão. Não tenha medo, pois estou com você. Eu o

abençoarei e multiplicarei seus descendentes, em atenção ao meu servo Abraão”.
²⁵Isaac levantou aí um altar, invocou o nome de Javé, e armou sua tenda. E seus servos começaram a cavar um poço.

²⁶Abimelec, juntamente com Ocozat, seu conselheiro, e Ficol, chefe do seu exército, foi de Gerara para visitar Isaac. ²⁷E Isaac lhes disse: “O que vocês vieram fazer aqui? Vocês me odeiam e me expulsaram”. ²⁸Eles responderam: “Vimos que Javé está com você, e combinamos fazer um juramento e uma aliança entre nós e você. ²⁹Jure que não nos fará nenhum mal, assim como nós não o tratamos mal e o deixamos partir em paz. Agora você é um abençoado de Javé”. ³⁰Isaac preparou um banquete; comeram e beberam. ³¹Levantaram-se de madrugada e fizeram um juramento mútuo. Depois Isaac os despediu, e eles o deixaram em paz.

³²Nesse dia, os servos de Isaac lhe levaram notícias do poço que haviam cavado, e disseram: “Encontramos água”. ³³Isaac deu ao poço o nome de Seba, de onde vem o nome Bersabeia, até o dia de hoje.

³⁴Quando Esaú completou quarenta anos, tomou como esposas Judite, filha de Beerí, o heteu, e Basemat, filha de Elon, o heteu. ³⁵Elas se tornaram amargura para Isaac e Rebeca. [12-35]

27 *Jacó rouba a bênção de Esaú* — ¹Isaac ficou velho, e seus olhos se enfraqueceram, a ponto de não enxergar mais nada. Então chamou Esaú, seu filho mais velho: “Meu filho!” Esaú respondeu: “Estou aqui”. ²Isaac continuou: “Veja! Estou velho e não sei quando vou morrer. ³Agora, pegue suas armas, suas flechas e o arco, vá ao campo e traga-me alguma caça. ⁴Prepare-me um bom prato, do jeito que eu gosto, e traga-me para que eu coma, e antes de morrer eu abençoe você”. ⁵Rebeca ouviu tudo o que Isaac falava com seu filho Esaú. E Esaú saiu para o campo a fim de caçar alguma coisa para seu pai.

⁶Rebeca disse a seu filho Jacó: “Ouvi seu pai dizer a seu irmão Esaú: ⁷‘Traga-me alguma caça e faça-me um bom prato, para eu comer e abençoar você diante de Javé, antes de morrer’. ⁸Agora, escute-me e faça o que eu mandar. ⁹Vá ao rebanho e me traga dois cabritos gordos. Vou preparar para seu pai um prato do jeito que ele gosta. ¹⁰Depois você levará o prato a seu pai, para ele comer e abençoar você antes de morrer”. ¹¹Jacó disse à sua mãe Rebeca: “Mas meu irmão Esaú é peludo e minha pele é lisa! ¹²Se meu pai me tocar, ele vai perceber que eu quis enganá-lo e, em vez de bênção, atrairei maldição sobre mim”. ¹³Mas

sua mãe lhe respondeu: “Meu filho, que a maldição dele caia sobre mim. Obedeça-me, vá e traga os cabritos”. ¹⁴Jacó foi buscar os cabritos e os levou para sua mãe. Ela preparou um bom prato, do jeito que o pai gostava. ¹⁵Rebeca pegou as melhores roupas que Esaú, o filho mais velho, tinha em casa, e com elas vestiu Jacó, seu filho mais novo. ¹⁶Então cobriu-lhe os braços e a parte lisa do pescoço com a pele dos cabritos. ¹⁷Depois colocou nas mãos do seu filho Jacó o pão e o prato que ela havia preparado.

¹⁸Então Jacó foi até seu pai e disse: “Pai!” Isaac respondeu: “Aqui estou. Quem é você, meu filho?” ¹⁹Jacó respondeu ao pai: “Sou Esaú, seu primogênito. Fiz o que o senhor me mandou. Levante-se, sente-se e coma da minha caça. Depois, o senhor me abençoará”. ²⁰Isaac disse a Jacó: “Como você encontrou a caça depressa, meu filho!” Jacó respondeu: “É que Javé, o seu Deus, a colocou ao meu alcance”. ²¹Isaac disse a Jacó: “Aproxime-se, meu filho, para que eu o apalpe e veja se você é ou não o meu filho Esaú”.

²²Jacó aproximou-se de seu pai Isaac, que o apalpou e disse: “A voz é de Jacó, mas os braços são de Esaú”. ²³Isaac não reconheceu Jacó, porque os braços dele estavam peludos como os de seu irmão Esaú. Então ele o abençoou. ²⁴E voltou a lhe perguntar: “Você é o meu filho Esaú?” Jacó respondeu: “Sou”. ²⁵Isaac continuou: “Sirva a caça, meu filho, para que eu coma e depois o abençoe”. Jacó o serviu e Isaac comeu; apresentou-lhe vinho, e ele bebeu. ²⁶Então seu pai Isaac lhe disse: “Meu filho, aproxime-se e me beije”. ²⁷Jacó se aproximou e beijou o pai, que lhe aspirou o perfume das roupas. E o abençoou, dizendo: “Sim, o perfume do meu filho é como o perfume de um campo fértil que Javé abençoou. ²⁸Que Deus dê a você o orvalho do céu e a fertilidade da terra, trigo e vinho em abundância. ²⁹Que os povos o sirvam e as nações se prostrem diante de você. Seja um senhor para seus irmãos, e os filhos de sua mãe se prostrem diante de você. Maldito seja quem amaldiçoar você; e bendito seja quem o abençoar”.

³⁰Logo que Isaac acabou de abençoar Jacó e este saiu de junto de seu pai, o irmão Esaú voltava da caça. ³¹Ele também preparou um prato saboroso e o levou a seu pai. E lhe disse: “Que meu pai se levante e coma da caça de seu filho, e depois me abençoe”. ³²Seu pai Isaac lhe perguntou: “Quem é você?” Ele respondeu: “Sou Esaú, seu filho primogênito!” ³³Então Isaac estremeceu emocionado, e disse: “Então, quem foi que veio e me trouxe a caça? Eu a comi antes que você chegasse e o abençoei, e abençoado ele ficará”. ³⁴Quando Esaú

ouviu as palavras de seu pai, deu um forte grito e, cheio de amargura, disse ao pai: “Abençoe-me também, meu pai!” ³⁵Mas Isaac respondeu: “Seu irmão veio com astúcia e tomou a bênção que cabia a você”. ³⁶Esaú disse: “Com razão ele se chama Jacó: é a segunda vez que ele me engana! Tirou o meu direito de primogenitura e agora roubou a minha bênção”. E acrescentou: “O senhor não reservou nenhuma bênção para mim?” ³⁷Isaac respondeu a Esaú: “Eu tornei Jacó senhor de você, dei-lhe todos os seus irmãos como servos e lhe garanti trigo e vinho. Que posso fazer por você agora, meu filho?” ³⁸Esaú disse ao pai: “O senhor tem só uma bênção, meu pai? Abençoe também a mim, meu pai!” Isaac ficou em silêncio e Esaú chorou em voz alta. ³⁹Isaac então lhe disse: “A sua morada será longe da terra fértil e sem o orvalho que desce do céu. ⁴⁰Você viverá da sua espada e servirá a seu irmão. Mas quando você se revoltar, sacudirá o jugo do seu pescoço”. [27,1-40]

O preço de uma trapaça — ⁴¹Esaú começou a odiar Jacó, por causa da bênção que seu pai havia dado a ele. E dizia a si mesmo: “Quando chegar o luto por meu pai, vou matar meu irmão Jacó”. ⁴²Contaram a Rebeca o que seu filho mais velho Esaú andava dizendo. Então ela mandou chamar Jacó, o filho mais novo, e lhe disse: “Seu irmão Esaú quer matar você para vingar-se. ⁴³Portanto, meu filho, ouça bem: fuja para Harã, junto de meu irmão Labão. ⁴⁴Fique com ele algum tempo, até que passe a raiva do seu irmão, ⁴⁵até que a cólera do seu irmão se desvie de você e ele esqueça o que você lhe fez. Depois eu mandarei buscar você. Não quero perder os meus dois filhos num só dia”.

⁴⁶Rebeca disse a Isaac: “Essas mulheres heteias me tornam a vida insuportável. Se também Jacó casar com mulheres heteias deste país, de que me adianta viver?”

28¹Isaac chamou Jacó, o abençoou e lhe deu esta ordem: “Não se case com mulher cananeia. ²Vá até Padã-Aram, à casa de Batuel, seu avô materno, e escolha uma mulher de lá, entre as filhas de Labão, seu tio materno. ³Que o Deus Todo-poderoso o abençoe e torne você fecundo e o multiplique, a fim de que você se torne uma assembleia de povos. ⁴Que ele conceda a você e à sua descendência a bênção de Abraão, a fim de que você possua a terra onde está vivendo e que Deus deu a Abraão”. ⁵Isaac despediu Jacó, e este partiu para Padã-Aram, para a casa de Labão, filho do arameu Batuel, e irmão de Rebeca, mãe de Jacó e Esaú.

⁶Esaú viu que Isaac tinha abençoado Jacó e o tinha mandado a Padã-Aram, para lá buscar uma esposa, e que o tinha abençoado, dando esta ordem: “Não se case com uma cananeia”. ⁷E Jacó obedeceu a seu pai e sua mãe, e partiu para Padã-Aram. ⁸Esaú soube que as cananeias eram malvistas por seu pai Isaac. ⁹Foi, então, à casa de Ismael e tomou como esposa, além das que possuía, Maelet, filha de Ismael, filho de Abraão, e irmã de Nabaiot. [27,41-28,9]

A essência da religião — ¹⁰Jacó deixou Bersabeia e partiu para Harã. ¹¹Chegou a certo lugar e resolveu passar a noite aí, porque o sol já se havia posto. Jacó pegou uma pedra do lugar, colocou-a sob a cabeça, e dormiu. ¹²Teve então um sonho: Uma escada se erguia da terra e chegava até o céu, e anjos de Deus subiam e desciam por ela. ¹³Javé estava de pé, no alto da escada, e disse a Jacó: “Eu sou Javé, o Deus de seu pai Abraão e o Deus de Isaac. A terra sobre a qual você dormiu, eu a entrego a você e à sua descendência. ¹⁴Sua descendência se tornará numerosa como a poeira do chão, e você ocupará o oriente e o ocidente, o norte e o sul. E todas as nações da terra serão abençoadas por meio de você e da sua descendência. ¹⁵Eu estou com você e o protegerei em qualquer lugar aonde você for. Depois eu o farei voltar a esta terra, pois nunca o abandonarei, até cumprir o que prometi”.

¹⁶Ao despertar, Jacó disse: “De fato, Javé está neste lugar e eu não sabia disso”. ¹⁷Ficou com medo, e disse: “Este lugar é terrível. Não é nada menos que a Casa de Deus e a Porta do Céu”. ¹⁸Levantou-se de madrugada, pegou a pedra que lhe havia servido de travesseiro, ergueu-a como estela e derramou óleo por cima. ¹⁹E chamou esse lugar de Betel. Mas antes a cidade se chamava Luza.

²⁰Jacó fez, então, este voto: “Se Deus estiver comigo e me proteger no caminho por onde eu for, se me der pão para comer e roupas para vestir, ²¹se eu voltar são e salvo para a casa do meu pai, então Javé será o meu Deus. ²²E esta pedra que ergui como estela será uma casa de Deus, e eu te darei a décima parte de tudo o que me deres”. [28,10-22]

29 Raquel e Lia — ¹Jacó continuou viagem e foi para a terra dos orientais. ²Em certo campo, viu um poço e, deitados perto dele, três rebanhos de ovelhas, pois os rebanhos costumavam beber nesse poço. A pedra que tapava o poço era grande, ³de modo que só quando se reuniam aí todos os rebanhos é que os pastores tiravam a pedra da boca do poço, davam de beber aos rebanhos e

tornavam a tapar o poço, colocando a pedra no lugar. ⁴Jacó perguntou aos pastores: “Irmãos, de onde são vocês?” Eles responderam: “Nós somos de Harã”. ⁵Jacó perguntou: “Vocês conhecem Labão, filho de Nacor?” Eles responderam: “Conhecemos”. ⁶Jacó perguntou: “Como é que ele vai?” Eles responderam: “Ele está bem. Veja! Raquel, filha dele, está chegando com o rebanho”. ⁷Jacó disse: “Ainda é pleno dia e não é hora de recolher o rebanho. Por que vocês não dão de beber para as ovelhas e as deixam pastar?” ⁸Eles responderam: “Não podemos fazer isso antes que se reúnam todos os rebanhos. Só então é que tiramos a pedra, destampamos o poço e damos de beber para as ovelhas”.

⁹Jacó ainda estava conversando com eles, quando Raquel chegou com o rebanho do seu pai, pois ela era pastora. ¹⁰Logo que Jacó viu Raquel, a filha do seu tio Labão, e as ovelhas de Labão, aproximou-se, tirou a pedra da boca do poço e deu de beber ao rebanho do seu tio. ¹¹Jacó deu um beijo em Raquel e depois começou a chorar. ¹²Então contou a Raquel que ele era parente do pai dela e filho de Rebeca. ¹³Ao saber que se tratava de seu sobrinho Jacó, Labão correu ao encontro dele, o abraçou, o cobriu de beijos e o levou para sua casa. Então Jacó contou a Labão tudo o que havia acontecido. ¹⁴E Labão lhe disse: “É claro que você é da minha carne e do meu sangue”. E Jacó ficou um mês com ele.

¹⁵Labão disse a Jacó: “O fato de ser parente meu não é motivo para que você me sirva de graça. Diga-me qual deve ser o seu salário”. ¹⁶Ora, Labão tinha duas filhas: a mais velha se chamava Lia e a mais nova Raquel. ¹⁷Os olhos de Lia eram meigos, porém, Raquel tinha um belo porte e um lindo rosto. ¹⁸E Jacó amou Raquel. Então Jacó disse a Labão: “Eu o servirei durante sete anos em troca de sua filha mais nova, Raquel”. ¹⁹Labão respondeu: “É melhor dá-la a você do que a outro qualquer. Fique comigo”.

²⁰Jacó serviu sete anos por Raquel, e estava tão apaixonado que os anos lhe pareceram dias. ²¹Depois Jacó disse a Labão: “Terminou o prazo: me dê minha mulher, para que eu viva com ela”. ²²Labão reuniu todos os homens do lugar, e lhes ofereceu um banquete. ²³À noite, pegou sua filha Lia, e a levou para Jacó. E Jacó dormiu com ela. ²⁴Labão deu sua serva Zelfa como serva para sua filha Lia. ²⁵Na manhã seguinte, Jacó descobriu que era Lia, e disse a Labão: “O que você fez comigo? Não foi por Raquel que eu o servi? Por que você me enganou?”

²⁶Labão respondeu: “Em nossa região não é costume que a mais nova se case antes da mais velha. ²⁷Termine esta semana de núpcias, e eu lhe darei também a outra em troca do serviço que você me fará durante outros sete anos”.

²⁸Jacó aceitou. Terminou a semana de núpcias, e Labão lhe deu sua filha Raquel como mulher. ²⁹Labão deu sua serva Bala como serva para a sua filha Raquel. ³⁰Jacó uniu-se a Raquel, e amou a Raquel mais do que a Lia. E serviu na casa do seu tio outros sete anos. [29,1-30]

Raízes do povo de Israel — ³¹Vendo que Lia era desprezada, Javé a tornou fecunda, enquanto Raquel permanecia estéril. ³²Lia concebeu e deu à luz um filho e deu a ele o nome de Rúben, pois dizia: “Javé olhou para a minha aflição e agora meu marido me amará”. ³³Tornou a conceber e deu à luz um filho, e disse: “Javé ouviu que eu não era amada e me deu este outro”. E ela o chamou Simeão. ³⁴Concebeu outra vez e deu à luz um filho, e disse: “Desta vez meu marido se sentirá ligado a mim, porque lhe dei três filhos”. E ela o chamou Levi. ³⁵Concebeu outra vez e deu à luz um filho, e disse: “Desta vez dou graças a Javé”. E, por isso, ela o chamou Judá. Depois parou de ter filhos.

30¹Vendo que não dava filho a Jacó, Raquel ficou com inveja de sua irmã e disse a Jacó: “Ou você me dá filhos ou eu morro”. ²Jacó ficou irritado com Raquel, e disse: “Por acaso eu sou Deus para lhe negar a maternidade?” ³Raquel respondeu: “Aqui está minha serva Bala. Una-se a ela, para que ela dê à luz sobre os meus joelhos. Assim terei filhos por meio dela”. ⁴Então Raquel lhe deu sua serva Bala como mulher, e Jacó uniu-se a Bala. ⁵Bala concebeu e deu à luz um filho para Jacó. ⁶Raquel disse: “Deus me fez justiça; ouviu minha voz e me deu um filho”. Por isso, o chamou Dã. ⁷Bala, a serva de Raquel, concebeu outra vez e gerou um segundo filho para Jacó. ⁸Raquel disse: “Deus me fez competir com minha irmã, e eu venci”. E ela o chamou Neftali.

⁹Lia, vendo que não tinha mais filhos, tomou sua serva Zelfa, e a deu por esposa a Jacó. ¹⁰Zelfa, a serva de Lia, gerou um filho para Jacó. ¹¹Lia disse: “Que sorte!” E ela o chamou Gad. ¹²Zelfa, a serva de Lia, gerou um segundo filho para Jacó. ¹³Lia disse: “Que felicidade! As mulheres me felicitarão”. E o chamou Aser.

¹⁴Um dia, durante a ceifa do trigo, Rúben saiu para o campo, encontrou mandrágoras, e as levou para a sua mãe Lia. Raquel disse a Lia: “Dê-me

algumas mandrágoras do seu filho”. ¹⁵Lia lhe respondeu: “Você acha pouco ter tirado o meu marido? Agora quer também as mandrágoras do meu filho?” Raquel respondeu: “Pois bem! Que ele durma esta noite com você, em troca das mandrágoras do seu filho”. ¹⁶Quando, de tarde, Jacó voltou do campo, Lia foi ao seu encontro e lhe disse: “Você vai dormir comigo, pois com as mandrágoras do meu filho comprei o direito de dormir com você”. E Jacó dormiu com Lia nessa noite. ¹⁷Deus ouviu Lia: ela concebeu e gerou um quinto filho para Jacó. ¹⁸E Lia disse: “Deus pagou meu salário, por ter dado minha serva ao meu marido”. E o chamou Issacar. ¹⁹Lia concebeu mais uma vez e gerou um sexto filho para Jacó. ²⁰E Lia disse: “Deus me fez um grande presente! Agora dominarei meu marido, pois lhe dei seis filhos”. E o chamou Zabulon. ²¹Em seguida, Lia deu à luz uma filha, e a chamou Dina.

²²Então Deus se lembrou de Raquel. Deus a ouviu e a tornou fecunda. ²³Raquel concebeu e deu à luz um filho. E disse: “Deus retirou minha vergonha”. ²⁴Ela o chamou José, dizendo: “Que Javé me dê mais um”. [29,31-30,24]

O direito dos explorados — ²⁵Quando Raquel deu à luz José, Jacó disse a Labão: “Deixe-me partir para nosso lugar e nosso país. ²⁶Dê minhas mulheres, pelas quais eu servi a você, e meus filhos, que eu irei embora, pois você sabe o quanto eu o servi”. ²⁷Labão lhe disse: “Que pena! Fiquei sabendo por um oráculo que Javé me abençoou por causa de você”. ²⁸E acrescentou: “Diga agora o salário que você quer, e eu pagarei”. ²⁹Jacó respondeu: “Você sabe quanto eu o servi e como seus bens se multiplicaram comigo. ³⁰O pouco que você possuía antes de mim, cresceu imensamente, porque Javé abençoou você por minha causa. Agora, já é tempo de eu fazer alguma coisa por minha família”. ³¹Labão perguntou: “Quanto lhe devo pagar?” Jacó respondeu: “Não precisa me pagar nada. Faça apenas o seguinte: voltarei a pastorear e guardar o seu rebanho. ³²Hoje vou passar pelo meio do seu rebanho; separe todo animal preto entre os cordeiros e o que é malhado ou pintado entre as cabras. Esse vai ser o meu salário, ³³e minha honestidade testemunhará por mim no futuro: quando chegar o momento de você me pagar, tudo o que não for pintado ou malhado entre as cabras ou preto entre os cordeiros, é porque eu os roubei”. ³⁴Labão disse: “Está bem, seja como você propõe”.

³⁵Nesse dia, Labão separou os bodes listrados e malhados, todas as cabras malhadas ou com manchas brancas, e todos os cordeiros pretos. Labão os

entregou a seus filhos, ³⁶e os mandou levar a três dias de caminhada de onde Jacó estava. Enquanto isso, Jacó ficou apascentando o resto do rebanho de Labão. ³⁷Jacó pegou varas verdes de álamo, de amendoeira e de plátano, descascou-as em tiras brancas, deixando aparecer a parte branca das varas. ³⁸Em seguida, colocou as varas assim descascadas nos bebedouros diante do rebanho, onde as ovelhas costumavam beber água, para que os machos cobrissem as fêmeas quando fossem beber água. ³⁹Os animais se acasalavam diante das varas e pariam crias listradas, pintadas e malhadas. ⁴⁰Quanto aos cordeiros, Jacó os separou e virou o rebanho para o lado dos listrados e de tudo o que era preto no rebanho de Labão. Deste modo, ele separou seus rebanhos e não os colocou junto com o rebanho de Labão. ⁴¹Além disso, cada vez que os animais robustos se acasalavam, Jacó colocava as varas nos bebedouros diante dos animais, para que eles se acasalassem diante das varas. ⁴²Quando os animais eram fracos, Jacó não colocava as varas, de modo que ficava com Labão o que era fraco e o que era robusto ficava para Jacó. ⁴³Desse modo, Jacó se enriqueceu muitíssimo, tinha muitos rebanhos, servos e servas, camelos e jumentos.

31 ¹Jacó soube que os filhos de Labão diziam: “Jacó pegou tudo o que pertencia ao nosso pai, e foi às custas de nosso pai que se enriqueceu”.

²Jacó observou o rosto de Labão e percebeu que ele já não o tratava como antes.

³Javé disse a Jacó: “Volte para a terra de seus pais, para a sua pátria, e eu estarei com você”.

⁴Jacó chamou então Raquel e Lia para que fossem ao campo onde ele estava com o rebanho. ⁵E lhes disse: “Observei o rosto do pai de vocês, que já não me trata como antes. Mas o Deus de meu pai está comigo. ⁶Vocês sabem que servi o pai de vocês com todas as minhas forças. ⁷Mas o pai de vocês me enganou, mudando dez vezes o meu salário. Deus, porém, não permitiu que ele me fizesse mal. ⁸Cada vez que ele dizia: ‘O que for pintado será o seu salário’, aí todos os animais davam crias pintadas; e cada vez que me dizia: ‘O que for listrado será o seu salário’, então todos os animais davam crias listradas. ⁹E assim Deus tirou dele o rebanho e o deu a mim. ¹⁰Aconteceu que, ao chegar o tempo em que os animais entram no cio, ergui os olhos e vi em sonho que todos os machos que cobriam as fêmeas eram listrados, malhados ou pintados. ¹¹O anjo de Deus me disse em sonho: ‘Jacó’. E eu respondi: ‘Aqui estou’. ¹²O anjo disse: ‘Levante os olhos e veja! Todos os machos que cobrem as fêmeas são listrados, malhados ou

pintados. Eu vi o que Labão está fazendo com você. ¹³Eu sou o Deus que apareceu a você em Betel, onde você ungiu uma estela e me fez um voto. Agora levante-se, saia desta terra e volte para a sua pátria’ ”.

¹⁴Raquel e Lia disseram a Jacó: “Nós teríamos direito a um dote e a uma herança na casa de nosso pai. ¹⁵No entanto, ele nos trata como estrangeiras, porque nos vendeu e, ainda por cima, acabou com o nosso dinheiro. ¹⁶Sim, toda a riqueza que Deus retirou de nosso pai pertence a nós e a nossos filhos. Portanto, faça agora tudo o que Deus disse a você”.

¹⁷Então Jacó se levantou, fez seus filhos e mulheres montarem sobre os camelos ¹⁸e, guiando todo o rebanho e todos os bens que tinha adquirido em Padã-Aram, partiu para a casa do seu pai Isaac, na terra de Canaã. ¹⁹Enquanto Labão foi tosquiando o rebanho, Raquel roubou os ídolos domésticos que pertenciam a seu pai. ²⁰Jacó, disfarçando na frente de Labão, o arameu, fugiu sem que ele suspeitasse. ²¹Fugiu levando tudo o que possuía. Atravessou o rio e foi para a região montanhosa de Galaad. [30,25-31,21]

Defender os direitos adquiridos — ²²Três dias depois, informaram a Labão que Jacó havia fugido. ²³Labão tomou consigo seus irmãos e, perseguindo Jacó durante sete dias, alcançou-o na região montanhosa de Galaad. ²⁴Deus visitou Labão, o arameu, numa visão noturna, e lhe disse: “Cuidado com o que você vai dizer a Jacó”. ²⁵Labão alcançou Jacó, que tinha armado a tenda na região montanhosa, e armou sua tenda na região montanhosa de Galaad.

²⁶Labão disse a Jacó: “O que você fez? Por que me enganou, levando embora minhas filhas como se fossem prisioneiras de guerra? ²⁷Por que fugiu às escondidas, sem me dizer nada? Eu teria despedido você com festas, cantos, tamborins e liras. ²⁸Você sequer me deixou beijar minhas filhas e netos. Você foi muito insensato. ²⁹Eu poderia causar-lhe dano, mas o Deus de seu pai, na noite passada, me falou: ‘Cuidado com o que você vai dizer a Jacó’. ³⁰E se você partiu porque sentiu saudades da casa paterna, por que roubou meus deuses?”

³¹Jacó respondeu a Labão: “Fiquei com medo, pensando que você iria tirar suas filhas de mim. ³²Mas aquele com quem você encontrar seus deuses não ficará vivo. Diante de minha gente, se você descobrir algo que lhe pertence, pegue-o”. De fato, Jacó não sabia que era Raquel quem os havia roubado. ³³Labão foi procurar na tenda de Jacó, depois na tenda de Lia, e por fim na tenda das duas

servas, e nada encontrou. Enquanto saía da tenda de Lia para entrar na de Raquel, ³⁴Raquel pegou os ídolos domésticos, colocou-os na sela do camelo e sentou-se em cima. Labão revirou toda a tenda e nada encontrou. ³⁵Raquel disse a seu pai: “Que meu senhor não fique bravo porque eu não me levanto em sua presença: é que me veio o incômodo das mulheres”. Labão procurou e não encontrou os ídolos.

³⁶Jacó ficou furioso e começou a discutir com Labão: “Que crime cometi e qual é a minha falta para você me perseguir? ³⁷Você revirou todas as minhas coisas: encontrou, por acaso, alguma coisa sua? Coloque-a aqui, diante de minha gente e sua gente, e que eles julguem entre nós dois. ³⁸Veja bem! Estou há vinte anos com você, suas ovelhas e cabras não abortaram e eu não comi os cordeiros do seu rebanho. ³⁹Não lhe apresentei os animais despedaçados, mas eu os compensava com os meus. Você me pedia contas do que era roubado de dia e de noite. ⁴⁰De dia, eu era devorado pelo calor, e de noite pelo frio, e não conseguia pegar no sono. ⁴¹Já estou há vinte anos em sua casa: servi a você catorze anos por suas duas filhas, seis anos por seu rebanho, e dez vezes você mudou o meu salário. ⁴²Se o Deus do meu pai, o Deus de Abraão, o Terrível Deus de Isaac, não estivesse comigo, você me teria mandado embora de mãos vazias. Mas Deus viu minha aflição e minha fadiga, e na noite passada me fez justiça”.

⁴³Labão respondeu a Jacó: “As filhas são minhas, essas crianças são minhas, o rebanho é meu e tudo o que você vê pertence a mim. Que posso fazer hoje por essas minhas filhas e pelos netos que elas deram à luz? ⁴⁴Vamos fazer uma aliança entre mim e você, que sirva de garantia para nós dois”.

⁴⁵Então Jacó pegou uma pedra e a ergueu como estela. ⁴⁶E Jacó disse à sua gente: “Ajuntem pedras”. Eles pegaram pedras e com elas fizeram um monte, e junto a ele tomaram refeição. ⁴⁷Labão chamou o monte de Jegar-Saaduta, e Jacó o chamou de Galed. ⁴⁸Labão disse: “Que este monte de pedras seja um testemunho entre nós”. Por isso, o chamou Galed ⁴⁹e Masfa, pois disse: “Javé nos vigiará a nós dois quando nos separarmos. ⁵⁰Se você maltratar minhas filhas ou tomar outras mulheres além delas, ainda que ninguém veja isso, Deus será nossa testemunha”. ⁵¹Labão disse a Jacó: “Olhe este monte e estela que levantei entre nós dois. ⁵²Este monte e estela vão testemunhar que não devo passar deste monte e estela para o seu lado, e que você não deve passar deste monte e desta estela para o meu lado, em atitude hostil. ⁵³Que o Deus de Abraão e o Deus de Nacor sejam nossos juízes”. E Jacó jurou pelo Deus Terrível de seu pai Isaac.

⁵⁴Em seguida, Jacó ofereceu um sacrifício sobre a montanha e convidou sua gente para a refeição. Comeram e passaram a noite sobre a montanha.

32¹Labão levantou-se de madrugada, beijou seus netos e suas filhas e os abençoou. Depois partiu e voltou para casa. ²Jacó continuou o seu caminho e se encontrou com anjos de Deus. ³Ao vê-los, Jacó exclamou: “Este é o acampamento de Deus”. Por isso, deu a esse lugar o nome de Maanaim. [31,22-32,3]

Peso de uma culpa antiga — ⁴Jacó enviou na frente mensageiros a seu irmão Esaú, no país de Seir, no campo de Edom. ⁵Deu esta ordem a eles: “Vocês falarão deste modo ao meu senhor Esaú: Assim fala seu servo Jacó: Vivi com Labão e estive com ele até agora. ⁶Adquiri bois e jumentos, ovelhas, servos e servas. Envio esta mensagem ao meu senhor para alcançar o seu favor”.

⁷Os mensageiros voltaram a Jacó, dizendo: “Fomos até seu irmão Esaú e ele próprio vem vindo ao encontro de você com quatrocentos homens”. ⁸Jacó ficou cheio de medo e angústia. Então dividiu em dois grupos os homens que estavam com ele, e também as ovelhas e bois, ⁹calculando: “Se Esaú atacar um dos acampamentos, o outro poderá se salvar”. ¹⁰Jacó rezou: “Javé, Deus de meu pai Abraão e Deus de meu pai Isaac, tu me ordenaste: ‘Volte à sua terra e à sua pátria, e eu serei bom com você’. ¹¹Eu não mereço os favores nem a bondade com que trataste teu servo. Quando atravessei o Jordão, eu tinha apenas um bastão, agora possuo duas caravanas. ¹²Livra-me da mão do meu irmão Esaú, pois tenho medo que ele venha e mate as mães com os filhos. ¹³Tu me disseste: ‘Eu lhe darei bens e tornarei sua descendência tão numerosa como a areia do mar, que não se pode contar’ ”.

¹⁴E Jacó passou a noite nesse lugar. De tudo o que possuía, Jacó separou um presente para o seu irmão Esaú: ¹⁵duzentas cabras e vinte bodes, duzentas ovelhas e vinte cordeiros, ¹⁶trinta camelas de leite, com suas crias, quarenta vacas e dez touros, vinte jumentas e dez jumentinhos. ¹⁷Ele os entregou a seus servos em rebanhos separados, e disse a eles: “Vão na minha frente e deixem espaço entre os rebanhos”. ¹⁸E deu esta ordem ao primeiro: “Quando meu irmão Esaú o encontrar e lhe perguntar: ‘De quem você é, e para onde vai? De quem é tudo isso que você está levando?’, ¹⁹então você responderá: ‘É do seu servo Jacó. É um presente que ele envia para o meu senhor Esaú, e ele próprio chegará

depois de nós' ”. ²⁰Jacó deu a mesma ordem ao segundo e ao terceiro e a todos os que acompanhavam os rebanhos: “Quando vocês encontrarem Esaú, digam tudo isso. ²¹E acrescentem: ‘Veja! Seu servo Jacó está vindo atrás de nós’ ”. Pois Jacó pensava: “Vou acalmar meu irmão com os presentes que vão antes de mim. Depois eu me apresentarei a ele. Talvez assim ele me receba bem”. ²²Os presentes foram na frente, e Jacó ficou essa noite no acampamento. [32,4-22]

Luta com Deus — ²³Nessa noite, Jacó se levantou, pegou suas duas mulheres, suas duas servas, seus onze filhos e atravessou o vau do Jaboc. ²⁴Jacó os pegou e os fez atravessar a torrente, com tudo o que possuía. ²⁵E Jacó ficou sozinho. Um homem lutou com Jacó até o despertar da aurora. ²⁶Vendo que não conseguia dominá-lo, o homem tocou a coxa dele, de modo que o tendão da coxa de Jacó se deslocou enquanto lutava com ele. ²⁷Então o homem disse: “Solte-me, pois a aurora está chegando”. Jacó respondeu: “Não o soltarei, enquanto você não me abençoar”. ²⁸O homem lhe perguntou: “Qual é o seu nome?” Ele respondeu: “Jacó”. ²⁹O homem continuou: “Você já não se chamará Jacó, mas Israel, porque você lutou com Deus e com homens, e você venceu”. ³⁰Jacó lhe perguntou: “Diga-me o seu nome”. Mas ele respondeu: “Por que você quer saber o meu nome?” E aí mesmo o abençoou.

³¹Jacó deu a esse lugar o nome de Fanuel, dizendo: “Eu vi Deus face a face e continuei vivo”. ³²Ao nascer do sol, Jacó atravessou Fanuel e mancava por causa da coxa. ³³Por isso, até hoje os israelitas não comem o nervo ciático, que está na articulação da coxa: é porque aquele homem feriu Jacó na articulação da coxa, no nervo ciático. [23-33]

33 Lição de fraternidade — ¹Erguendo os olhos, Jacó viu que Esaú estava chegando com os quatrocentos homens. Dividiu, então, as crianças entre Lia, Raquel e as duas servas: ²na frente, colocou as servas com seus filhos, mais atrás Lia com seus filhos e, por último, Raquel com José. ³Então ele foi na frente de todos e prostrou-se por terra sete vezes antes de chegar até seu irmão. ⁴Esaú, porém, correu ao seu encontro, o abraçou e beijou e o apertou junto ao peito. E ambos começaram a chorar. ⁵Esaú, erguendo os olhos, viu as mulheres e as crianças. E perguntou: “Quem são esses que estão com você?” Jacó respondeu: “São os filhos com que Deus presenteou o seu servo”. ⁶As servas se aproximaram com os filhos, e se prostraram. ⁷Lia também se aproximou com os

filhos e se prostraram. Finalmente, aproximou-se Raquel com José, e se prostraram.

⁸Esaú perguntou: “Que significam todos esses rebanhos que eu vinha encontrando pelo caminho?” Jacó respondeu: “É para alcançar as graças do meu senhor”. ⁹Esaú replicou: “Caro irmão, eu tenho o suficiente. Fique com o que é seu”. ¹⁰Jacó insistiu: “De modo algum! Se alcancei o seu favor, aceite estes presentes de minha mão, pois vim à sua presença como se eu fosse à presença de Deus, e você me acolheu bem. ¹¹Aceite, portanto, o presente que lhe ofereço, pois Deus me favoreceu, e eu tenho tudo o que preciso”. Como Jacó insistisse, Esaú aceitou.

¹²Depois, Esaú disse: “Vamos continuar a viagem. Eu irei com você”. ¹³Mas Jacó lhe respondeu: “Meu senhor sabe que as crianças são delicadas e que devo pensar nas ovelhas e vacas de leite. Bastaria um dia de marcha forçada e todo o rebanho morreria. ¹⁴Que meu senhor vá na frente de seu servo; eu irei devagar, ao passo das crianças e do rebanho que vai na minha frente. Alcançarei o meu senhor em Seir”. ¹⁵Então Esaú disse: “Deixarei com você alguns de meus homens como escolta”. Mas Jacó recusou: “Para que isso, se alcancei o favor de meu senhor?” ¹⁶Nesse dia, Esaú voltou para Seir. ¹⁷Jacó, porém, partiu para Sucot, onde construiu uma casa e currais para o rebanho. É por isso que se deu ao lugar o nome de Sucot.

¹⁸Jacó chegou são e salvo à cidade de Siquém, na terra de Canaã, quando voltou de Padã-Aram, e acampou diante da cidade. ¹⁹O terreno, onde ergueu sua tenda, ele o comprou dos filhos de Hemor, pai de Siquém, por cem moedas de prata. ²⁰Aí levantou um altar, que denominou “El, o Deus de Israel”. [33,1-20]

34 *Dina e Siquém* — ¹Dina, filha de Lia e Jacó, saiu para ver as mulheres do país. ²Siquém, o filho do heveu Hemor, príncipe do país, tendo-a visto, tomou-a, dormiu com ela e a violentou. ³Contudo, sentiu-se atraído por Dina, filha de Jacó, apaixonou-se por ela e procurou cativá-la. ⁴Então Siquém falou a seu pai Hemor: “Consiga-me essa jovem para ser minha mulher”. ⁵Jacó soube que Siquém tinha desonrado sua filha Dina; mas, como seus filhos estavam no campo com o rebanho, esperou em silêncio até que eles voltassem.

⁶Hemor, pai de Siquém, foi falar com Jacó. ⁷Quando os filhos de Jacó voltaram do campo e souberam da notícia, ficaram indignados e furiosos, pois era uma infâmia em Israel que Siquém tivesse dormido com a filha de Jacó, coisa que

não se faz. ⁸Hemor falou com eles: “Meu filho Siquém se apaixonou pela filha de vocês. Peço que vocês a deem para ele como esposa. ⁹Assim nos tornaremos parentes: vocês nos darão suas filhas e tomarão as nossas para vocês, ¹⁰e viverão conosco. A terra está à disposição de vocês: podem morar nela, fazer comércio e adquirir propriedades”. ¹¹Siquém disse ao pai e aos irmãos de Dina: “Façam-me esse favor, e eu lhes darei o que vocês me pedirem. ¹²Vocês podem colocar um preço alto pela noiva: eu pagarei o que vocês me pedirem, contanto que a deem para ser minha mulher”. ¹³Os filhos de Jacó responderam a Siquém e a seu pai Hemor com falsidade, porque sua irmã Dina tinha sido desonrada: ¹⁴“Não podemos fazer o que pedem, dando nossa irmã para um homem que não é circuncidado, pois isso é uma desonra para nós. ¹⁵Só vamos concedê-la com uma condição: vocês devem se tornar como nós e circuncidar todos os homens. ¹⁶Então daremos a vocês nossas filhas e tomaremos as filhas de vocês para nós; viveremos com vocês e seremos um só povo. ¹⁷Mas se vocês não aceitarem a circuncisão, vamos tomar nossa filha e partir”. ¹⁸As palavras deles agradaram a Hemor e a Siquém, filho de Hemor. ¹⁹O jovem não tardou em fazer isso, pois queria a filha de Jacó, e era o mais considerado de toda a família.

²⁰Então Hemor e seu filho Siquém foram ao Conselho da cidade e falaram a toda a população: ²¹“Essa gente é de paz: que eles habitem a nossa terra entre nós, e nela façam comércio, pois a terra é espaçosa. Tomaremos as filhas deles como mulheres e daremos as nossas filhas a eles. ²²Mas eles colocaram uma condição para viver entre nós e formar um só povo: que todos os homens sejam circuncidados como eles. ²³Seus rebanhos, seus bens e animais serão nossos. Aceitemos, e eles viverão entre nós”. ²⁴Os membros do Conselho aceitaram a proposta de Hemor e de seu filho Siquém, e circuncidaram todos os homens que tinham idade para frequentar o Conselho.

²⁵No terceiro dia, quando os homens estavam convalescendo, Simeão e Levi, filhos de Jacó e irmãos de Dina, tomaram cada um a sua espada, entraram sem oposição na cidade e mataram todos os homens. ²⁶Passaram a fio de espada Hemor e seu filho Siquém, tomaram Dina da casa de Siquém, e partiram. ²⁷Os filhos de Jacó atacaram os feridos e pilharam a cidade, porque haviam desonrado sua irmã. ²⁸E deles pegaram as ovelhas, bois e jumentos, tudo o que havia na cidade e no campo. ²⁹Roubaram-lhes todos os bens, todas as crianças, e pilharam o que havia nas casas.

³⁰Jacó disse a Simeão e Levi: “Vocês me arruinaram, tornando-me odioso para os cananeus e ferezeus que habitam o país. Somos poucos: se eles se reunirem e nos atacarem, me matarão e acabarão comigo e com minha família”. ³¹Mas eles responderam: “Por acaso nossa irmã pode ser tratada como uma prostituta?” [34,1-31]

35 *Jacó em Betel* — ¹Deus disse a Jacó: “Levante-se, suba a Betel e vá morar aí. E aí construa um altar ao Deus que lhe apareceu, quando você estava fugindo do seu irmão Esaú”. ²Então Jacó disse à sua família e a todos os que estavam com ele: “Joguem fora os deuses estrangeiros que estão no meio de vocês, purifiquem-se e troquem de roupa. ³Vamos subir a Betel, onde farei um altar ao Deus que me ouviu no perigo e me acompanhou em minha viagem”. ⁴Eles entregaram a Jacó todos os deuses estrangeiros que possuíam, e os anéis que traziam nas orelhas. E Jacó enterrou tudo debaixo do carvalho que está junto a Siquém. ⁵Levantaram acampamento, e o terror de Deus caía sobre as cidades vizinhas, e os filhos de Jacó não foram perseguidos.

⁶Jacó chegou com toda a sua gente a Luza, que é Betel, na terra de Canaã. ⁷Aí ele construiu um altar e deu ao lugar o nome de El-Betel, porque aí Deus apareceu a ele quando fugia do seu irmão. ⁸Nessa ocasião, morreu Débora, ama de Rebeca, e foi enterrada perto de Betel, debaixo do carvalho que se chama Carvalho-dos-Prantos.

⁹Ao voltar de Padã-Aram, Deus apareceu de novo a Jacó e o abençoou, ¹⁰dizendo: “Seu nome é Jacó, mas você não se chamará mais Jacó: seu nome será Israel”. E lhe deu o nome de Israel. ¹¹Deus acrescentou: “Eu sou o Deus Todo-poderoso: seja fecundo e multiplique-se. De você nascerá uma nação, uma assembleia de nações, e de suas entranhas sairão reis. ¹²Entrego a você a terra que dei a Abraão e Isaac; darei essa terra a vocês e a seus descendentes”. ¹³Depois que Deus se retirou de junto dele, ¹⁴Jacó ergueu uma estela de pedra no lugar em que havia falado com Deus. Depois fez sobre ela uma libação e a ungiu com óleo. ¹⁵E Jacó deu o nome de Betel ao lugar onde Deus lhe havia falado. [35,1-15]

Morte de Raquel e Isaac — ¹⁶Partiram de Betel. Quando faltava um bom trecho para chegarem a Éfrata, Raquel deu à luz. O parto foi difícil ¹⁷e, como desse à luz com dificuldade, a parteira lhe disse: “Não tenha medo, pois também este é um menino!” ¹⁸Estando prestes a morrer, Raquel lhe deu o nome de Benoni, mas

o pai o chamou Benjamim. ¹⁹Raquel morreu e foi enterrada no caminho de Éfrata, que hoje é Belém. ²⁰Jacó ergueu uma estela sobre o seu túmulo; é a estela do túmulo de Raquel, que existe até hoje.

²¹Israel partiu e acampou no outro lado da Torre do Rebanho. ²²Enquanto Israel habitava nessa região, Rúben dormiu com Bala, concubina de seu pai, e Israel ficou sabendo.

Os filhos de Jacó foram doze. ²³Filhos de Lia: Rúben, o primogênito de Jacó; depois, Simeão, Levi, Judá, Issacar e Zabulon. ²⁴Filhos de Raquel: José e Benjamim. ²⁵Filhos de Bala, serva de Raquel: Dã e Neftali. ²⁶Filhos de Zelfa, serva de Lia: Gad e Aser. Estes são os filhos de Jacó que nasceram em Padã-Aram.

²⁷Jacó voltou para a casa de Isaac, seu pai, em Mambré, em Cariat-Arbe, hoje Hebron, onde habitaram Abraão e Isaac. ²⁸Isaac viveu cento e oitenta anos, ²⁹e morreu. Morreu e se reuniu com seus parentes, velho e com muitos anos. Seus filhos Esaú e Jacó o enterraram. [16-29]

36 *Um povo irmão* — ¹Descendentes de Esaú, que é Edom. ²Esaú casou-se com mulheres cananeias: Ada, filha de Elon, o heteu; Oolibama, filha de Ana, filho de Sebeon, o heveu; ³Basemat, filha de Ismael e irmã de Nabaiot. ⁴Ada gerou Elifaz para Esaú; Basemat gerou Rael. ⁵Oolibama gerou Jeús, Jalam e Coré. São esses os filhos de Esaú, nascidos na terra de Canaã.

⁶Esaú tomou suas mulheres, filhos e filhas, todas as pessoas de sua casa, seu rebanho e todo o seu gado, e tudo o que havia adquirido na terra de Canaã, e foi para a terra de Seir, longe do seu irmão Jacó. ⁷Eles tinham muitos bens e não podiam viver juntos, e a terra em que moravam não podia manter a eles e seus rebanhos. ⁸Então Esaú se estabeleceu na região montanhosa de Seir. Esaú é Edom.

⁹Descendentes de Esaú, antepassado dos edomitas, na região montanhosa de Seir. ¹⁰Lista dos filhos de Esaú: Elifaz, filho de Ada, mulher de Esaú; e Rael, filho de Basemat, mulher de Esaú. ¹¹Filhos de Elifaz: Temã, Omar, Sefo, Gatam e Cenez. ¹²Elifaz, filho de Esaú, tinha uma concubina chamada Tamna, e ela gerou para ele Amalec. São esses os netos de Ada, mulher de Esaú. ¹³Filhos de Rael: Naat, Zara, Sama, Meza. São esses os netos de Basemat, mulher de Esaú. ¹⁴Filhos de Oolibama, filha de Ana, filho de Sebeon, mulher de Esaú: Jeús, Jalam e Coré.

¹⁵ Chefes dos filhos de Esaú. Filhos de Elifaz, primogênito de Esaú: os chefes de Temã, Omar, Sefo, Cenez, ¹⁶ Coré, Gatam e Amalec. São esses os chefes de Elifaz na terra de Edom; são descendentes de Ada. ¹⁷ Os seguintes são todos filhos de Rael, filho de Esaú: os chefes de Naat, Zara, Sama e Meza. São esses os chefes de Rael, na terra de Edom; são descendentes de Basemat, mulher de Esaú. ¹⁸ Os seguintes são filhos de Oolibama, mulher de Esaú: os chefes de Jeús, Jalam e Coré. São esses os filhos de Oolibama, mulher de Esaú e filha de Ana. ¹⁹ São esses os filhos e os chefes de Esaú, que é Edom.

²⁰ Filhos de Seir, o horreu, habitantes da terra: Lotã, Sobal, Sebeon, Ana, ²¹ Dison, Eser e Disã. São esses os chefes horreus, descendentes de Seir, na terra de Edom. ²² Os filhos de Lotã foram Hori e Emam, e a irmã de Lotã era Tamna. ²³ Filhos de Sobal: Alvã, Manaat, Ebal, Sefo e Onam. ²⁴ Filhos de Sebeon: Aía e Ana. Foi este Ana que encontrou as águas quentes no deserto, enquanto apascentava os jumentos de seu pai Sebeon. ²⁵ Filhos de Ana: Dison e Oolibama, filha de Ana. ²⁶ Filhos de Dison: Hamdã, Esebã, Jetrã e Carã. ²⁷ Filhos de Eser: Balaã, Zavã e Acã. ²⁸ Filhos de Disã: Hus e Arã.

²⁹ Chefes dos horreus: os chefes de Lotã, Sobal, Sebeon, Ana, ³⁰ Dison, Eser e Disã. São esses os chefes dos horreus, segundo seus clãs na terra de Seir.

³¹ Reis que reinaram na terra de Edom, antes que os israelitas tivessem um rei. ³² Em Edom reinou Bela, filho de Beor, e sua cidade se chamava Danaba. ³³ Bela morreu e em seu lugar reinou Jobab, filho de Zara, de Bosra. ³⁴ Jobab morreu e em seu lugar reinou Husam, da terra dos temanitas. ³⁵ Husam morreu e em seu lugar reinou Adad, filho de Badad, que derrotou os madianitas nos campos de Moab; sua cidade se chamava Avit. ³⁶ Adad morreu e em seu lugar reinou Semla de Masreca. ³⁷ Semla morreu e em seu lugar reinou Saul, de Reobot Naar. ³⁸ Saul morreu e em seu lugar reinou Baalanã, filho de Acobor. ³⁹ Baalanã, filho de Acobor, morreu e em seu lugar reinou Adad; sua cidade chamava-se Fau; sua mulher se chamava Meetabel, filha de Matred, de Mezaab.

⁴⁰ Nomes dos chefes de Esaú por grupos, localidades e nomes: Tamna, Alva, Jetet, ⁴¹ Oolibama, Ela, Finon, ⁴² Cenez, Temã, Mabsar, ⁴³ Magdiel e Iram. São esses os chefes de Edom, segundo as regiões onde habitavam. Esaú é o antepassado de Edom. [36,1-43]

3. *História de José e seus irmãos*

37 *Preferências provocam inveja* — ¹Jacó permaneceu em Canaã, a terra em que seu pai tinha morado. ²Esta é a história de Jacó.

José tinha dezessete anos e pastoreava o rebanho com seus irmãos. Ajudava os filhos de Bala e Zelfa, mulheres de seu pai. Certo dia, falou a seu pai da má fama que eles tinham. ³José era o preferido de Israel, porque era o filho de sua velhice e, por isso, mandou fazer para ele uma túnica de mangas longas. ⁴Seus irmãos perceberam que o pai o preferia aos outros filhos. Por isso, ficaram com raiva, e não falavam amigavelmente com ele.

⁵Um dia, José teve um sonho e o contou a seus irmãos, que ficaram com mais raiva dele. ⁶José disse aos irmãos: “Escutem o sonho que eu tive. ⁷Estávamos atando feixes no campo; meu feixe se levantou e ficou de pé e os feixes de vocês o rodearam e se prostraram diante dele”. ⁸Os irmãos lhe perguntaram: “Será que você está querendo ser nosso rei ou dominar-nos como senhor?” E eles ficaram com mais raiva ainda, por causa dos sonhos que José lhes contava. ⁹E José teve mais um sonho que contou a seus irmãos: “Tive outro sonho: o sol, a lua e onze estrelas se prostravam diante de mim”. ¹⁰Ele contou o sonho a seu pai e aos irmãos. Então o pai o repreendeu, dizendo: “Que sonho é esse que você teve? Quer dizer que eu, sua mãe e seus irmãos vamos prostrar-nos por terra diante de você?” ¹¹Os irmãos ficaram com ciúmes de José, enquanto o pai meditava sobre o assunto. [37,1-11]

Inveja produz ódio fraticida — ¹²Os irmãos de José foram apascentar o rebanho de seu pai em Siquém. ¹³Israel disse a José: “Seus irmãos devem estar com os rebanhos em Siquém. Venha cá! Vou mandar você até onde eles estão”. José respondeu: “Aqui estou”. ¹⁴O pai lhe disse: “Então vá ver como estão seus irmãos e o rebanho, e traga-me notícias”. O pai o mandou do vale de Hebron, e José chegou a Siquém.

¹⁵Um homem encontrou José que andava errante pelos campos. E lhe perguntou: “O que é que você está procurando?” ¹⁶José respondeu: “Procuro meus irmãos. Por favor, diga-me: onde eles estão apascentando os rebanhos?” ¹⁷O homem disse: “Eles partiram daqui, e eu os ouvi dizer que iam para Dotain”. Então José foi à procura de seus irmãos e os encontrou em Dotain. ¹⁸Os irmãos o

viram de longe e, antes que se aproximasse, começaram a planejar a morte dele. ¹⁹Disseram entre si: “Aí vem o sonhador! ²⁰Vamos matá-lo e jogá-lo num poço. Diremos que um animal feroz o devorou. Veremos, então, para que servem seus sonhos”.

²¹Rúben ouviu isso e procurou salvar José das mãos deles. Rúben disse: “Não vamos matá-lo”. ²²E continuou: “Não derramem sangue. Joguem o rapaz nesse poço do deserto, mas não levantem a mão contra ele”. Rúben pretendia salvar José das mãos deles e devolvê-lo ao pai. ²³Quando José chegou ao lugar onde estavam seus irmãos, eles lhe arrancaram a túnica de mangas longas, ²⁴o agarraram e o jogaram dentro de um poço vazio, onde não havia água. ²⁵Depois, sentaram-se para comer.

Levantando os olhos, viram uma caravana de ismaelitas que vinha de Galaad. Seus camelos estavam carregados de especiarias, bálsamo e resina, que levavam para o Egito. ²⁶Então Judá falou a seus irmãos: “Que vamos ganhar matando nosso irmão e escondendo o crime? ²⁷Vamos vendê-lo aos ismaelitas, mas não levantemos a mão contra ele, pois afinal ele é nosso irmão, da mesma carne que nós”. Os irmãos concordaram. ²⁸Quando passaram alguns mercadores madianitas, estes retiraram José do poço, e depois venderam José aos ismaelitas por vinte moedas de prata, e estes o levaram para o Egito. ²⁹Quando Rúben voltou ao poço, viu que José não estava mais aí. Então rasgou as vestes ³⁰e, voltando até os irmãos, falou: “O rapaz não está mais lá. E eu, para onde irei?”

³¹Então pegaram a túnica de José e, degolando um bode, molharam a túnica no sangue. ³²Mandaram levar a túnica para o pai, dizendo: “Encontramos isso; veja se é ou não é a túnica do seu filho”. ³³O pai olhou e disse: “É a túnica do meu filho! Uma fera o devorou: José foi despedaçado!” ³⁴Jacó rasgou as vestes, vestiu-se de luto e chorou a morte do filho por muito tempo. ³⁵Todos os seus filhos e filhas procuraram consolá-lo, mas ele recusava consolo e dizia: “De luto por meu filho descerei ao túmulo”. E seu pai chorou por ele.

³⁶Entretanto, os madianitas no Egito venderam José para Putifar, ministro e chefe da guarda do Faraó. [12-36]

38 *Judá e Tamar* — ¹Nesse tempo, Judá se separou de seus irmãos e foi viver na casa de um homem de Odolam, que se chamava Hira. ²Judá viu aí a filha de um cananeu chamado Sué, a tomou e viveu com ela. ³A mulher concebeu e deu à luz um filho, a quem chamou Her. ⁴Ela concebeu de novo e

deu à luz outro filho, a quem chamou Onã. ⁵Concebeu ainda outra vez e gerou mais um filho, a quem chamou Sela; quando o deu à luz, ela estava em Casib.

⁶Judá tomou uma esposa para seu primogênito Her; a mulher se chamava Tamar. ⁷No entanto, Her, primogênito de Judá, desagradou a Javé, que o fez morrer. ⁸Então Judá disse a Onã: “Case com a viúva de seu irmão; cumpra sua obrigação de cunhado, e dê uma descendência para seu irmão”. ⁹Onã, porém, sabia que a descendência não seria sua e, cada vez que se unia à mulher do seu irmão, derramava o sêmen por terra, para não dar descendência ao irmão. ¹⁰O que ele fazia desagradava a Javé, que o fez morrer também. ¹¹Então Judá disse à sua nora Tamar: “Viva como viúva na casa de seu pai e espere que cresça meu filho Sela”. Dizia isso, pensando: “Não convém que ele morra como seus irmãos”. Tamar, então, voltou para a casa do seu pai.

¹²Passou muito tempo e morreu a filha de Sué, mulher de Judá. Tendo passado o luto, Judá subiu para Tamna, junto com Hira, seu amigo de Odolam, para tosquiar o rebanho. ¹³Comunicaram a Tamar: “Seu sogro está subindo a Tamna para tosquiar o rebanho”. ¹⁴Então Tamar tirou o traje de viúva, cobriu-se com véu e sentou-se na entrada de Enaim, que fica no caminho para Tamna. Ela viu que Sela já era adulto e não lhe fora dado como esposo.

¹⁵Vendo-a, Judá pensou que fosse uma prostituta, pois ela tinha coberto o rosto. ¹⁶Aproximou-se dela no caminho, e disse: “Deixe-me ir com você”. Judá não sabia que era a sua nora. Ela perguntou: “O que você me dará para ir comigo?” ¹⁷Judá respondeu: “Eu mandarei para você um cabrito do rebanho”. Ela replicou: “Está bem; mas você vai deixar uma garantia comigo até mandar o cabrito”. ¹⁸Judá perguntou: “Que garantia você quer?” Ela respondeu: “O anel de selo com o cordão e o cajado que você está levando”. Judá os entregou e foi com ela, deixando-a grávida. ¹⁹Tamar se levantou, tirou o véu e vestiu novamente o traje de viúva.

²⁰Judá mandou o cabrito por meio de seu amigo de Odolam, a fim de recuperar os objetos que havia deixado com a mulher. Mas ele não a encontrou. ²¹Então perguntou aos homens do lugar: “Onde está aquela prostituta que fica no caminho de Enaim?” Eles responderam: “Aqui nunca houve prostituta nenhuma!” ²²Então o homem voltou a Judá, e lhe disse: “Não a encontrei, e os homens do lugar disseram que ali nunca houve prostituta nenhuma”. ²³Judá replicou: “Que ela fique com tudo e não zombe de nós, pois eu mandei o cabrito, e você não a encontrou”.

²⁴Três meses depois, disseram a Judá: “Sua nora Tamar se prostituiu e está grávida por causa de sua má conduta”. Então Judá ordenou: “Tragam-na para fora e seja queimada viva”. ²⁵Quando a agarraram, ela mandou dizer a seu sogro: “Estou grávida do homem a quem pertencem este anel de selo, este cordão e este cajado”. ²⁶Judá os reconheceu, e disse: “Ela é mais honesta do que eu, pois não lhe dei meu filho Sela”. E não teve mais relações com ela.

²⁷Quando chegou o tempo do parto, Tamar teve gêmeos. ²⁸Durante o parto, um deles estendeu a mão, e a parteira pegou-a e amarrou nela uma fita vermelha, dizendo: “Foi este que saiu primeiro”. ²⁹Mas ele retirou a mão e foi seu irmão quem saiu. Então a parteira disse: “Que brecha você abriu!” E o chamaram Farés. ³⁰Em seguida, saiu seu irmão, que tinha a fita vermelha na mão, e o chamaram Zara. [38,1-30]

39*Javé está com José* — ¹Quando levaram José para o Egito, o egípcio Putifar, ministro e chefe da guarda do Faraó, o comprou dos ismaelitas, que o tinham levado para lá. ²Javé estava com José e lhe deu sorte, de modo que o deixaram na casa de seu amo egípcio. ³Vendo que Javé estava com José e que fazia prosperar tudo o que ele empreendia, ⁴seu amo teve grande afeição por ele e o colocou a seu serviço pessoal: fez dele seu administrador, confiando-lhe tudo o que possuía. ⁵Desde que José foi colocado como administrador da casa e de tudo o que pertencia a Putifar, Javé abençoou a casa do egípcio em consideração a José: a bênção de Javé atingiu tudo o que o egípcio possuía, em casa e no campo. ⁶Putifar entregou tudo nas mãos de José, sem preocupar-se com outra coisa, a não ser com o pão que comia. José era belo de porte e tinha um rosto bonito.

⁷Passado algum tempo, a mulher do amo ficou de olhos caídos em José e lhe propôs: “Durma comigo”. ⁸José recusou, e respondeu à mulher de seu amo: “Veja! Meu amo não se ocupa com nada da casa e entregou em minhas mãos tudo o que possuí. ⁹Nesta casa, ele não é mais poderoso do que eu: ele não reservou nada para si, a não ser você, que é mulher dele. Como posso cometer semelhante crime, pecando contra Deus?” ¹⁰Ela insistia todos os dias, mas José não consentiu em dormir ao seu lado, nem se entregou a ela. ¹¹Certo dia, José foi para casa fazer seu serviço, e nenhum dos domésticos estava em casa. ¹²A mulher o agarrou pela roupa, convidando: “Durma comigo”. José, porém, deixou as roupas na mão dela, saiu e fugiu. ¹³Vendo que José deixara as roupas em suas

mãos e fugira, ¹⁴a mulher chamou os domésticos e lhes disse: “Vejam! Meu marido trouxe um hebreu para abusar de nós. Ele se aproximou para dormir comigo, mas eu dei um grande grito. ¹⁵Vendo que eu erguia a voz e gritava, ele deixou a roupa comigo e fugiu”.

¹⁶A mulher ficou com a roupa até que o marido voltasse. ¹⁷Então ela lhe contou a mesma história: “O escravo hebreu que você trouxe aproximou-se para abusar de mim. ¹⁸Eu levantei a voz e gritei; então ele deixou sua roupa comigo e fugiu”. ¹⁹O marido ficou furioso quando ouviu o que sua mulher contava: “Veja como seu escravo agiu comigo”. ²⁰Mandou, então, buscar José e o atirou na prisão, onde estavam os prisioneiros do rei. Foi desse modo que José foi parar na prisão.

²¹No entanto, Javé estava com José e lhe concedeu favores, atraindo para ele a simpatia do carcereiro-chefe. ²²O carcereiro-chefe confiou a José todos os detidos que estavam na prisão. Era José quem organizava tudo o que aí se fazia. ²³O carcereiro-chefe não se preocupava com nada do que lhe fora confiado, porque Javé estava com José e fazia prosperar tudo o que este empreendia. [39,1-23]

40 *José sabe discernir* — ¹Passado algum tempo, o copeiro e o padeiro do rei do Egito ofenderam seu senhor, o rei do Egito. ²O Faraó ficou irado contra esses dois ministros, o chefe dos copeiros e o chefe dos padeiros, ³e mandou prendê-los na casa do chefe da guarda, na mesma prisão onde estava José. ⁴O chefe da guarda indicou José para servi-los. Assim, eles ficaram na prisão por algum tempo.

⁵Certa noite, o copeiro e o padeiro do rei do Egito, que estavam na prisão, tiveram um sonho, cada qual com o seu significado. ⁶Pela manhã, José foi aonde eles se encontravam e percebeu que estavam deprimidos. ⁷José perguntou, então, aos ministros do Faraó que estavam presos com ele na casa do seu amo: “Por que vocês estão de cara triste?” ⁸Eles responderam: “É que tivemos um sonho e não há ninguém para interpretá-lo”. José replicou: “É Deus quem pode interpretar. Contem os sonhos”.

⁹O chefe dos copeiros contou seu sonho para José: “Sonhei que havia uma videira diante de mim. ¹⁰Na videira havia três ramos: eles deram brotos, floresceram e as uvas amadureceram em cachos. ¹¹Eu tinha na mão a taça do Faraó: peguei os cachos de uvas, espremi-os na taça do Faraó, e coloquei a taça

na mão do Faraó”. ¹²José disse ao chefe dos copeiros: “Esta é a interpretação: os três ramos representam três dias. ¹³Daqui a três dias, o Faraó se lembrará de você e lhe devolverá o seu cargo: você colocará a taça do Faraó na mão dele, como antes você costumava fazer, quando era seu copeiro. ¹⁴Lembre-se de mim quando você estiver bem, e faça-me este favor: mencione o meu nome ao Faraó para que ele me tire desta prisão. ¹⁵Eu fui sequestrado da terra dos hebreus e não fiz nada aqui para me atirarem nesta prisão”.

¹⁶O chefe dos padeiros viu que José havia interpretado bem, e contou a ele: “Eu também tive um sonho. Havia três cestas de bolos sobre a minha cabeça. ¹⁷Na cesta mais alta havia todos os tipos de doces que o Faraó come, porém as aves os comiam na cesta que eu levava na cabeça”. ¹⁸José respondeu: “Esta é a interpretação: as três cestas representam três dias. ¹⁹Daqui a três dias, o Faraó se lembrará de você, o enforcará, e as aves comerão a carne do seu corpo”.

²⁰Três dias depois, era o aniversário do Faraó. Então ele deu um banquete a todos os ministros, e libertou o chefe dos copeiros e o chefe dos padeiros. ²¹Ele devolveu o cargo ao chefe dos copeiros, e este colocou a taça na mão do Faraó. ²²Quanto ao chefe dos padeiros, o Faraó mandou enforcá-lo, como José havia interpretado. ²³O chefe dos copeiros, porém, não se lembrou de José, e se esqueceu dele. [40,1-23]

41 *Providência de Deus e providência do homem* — ¹Dois anos depois, o Faraó teve um sonho: estava de pé, junto ao rio Nilo, ²e viu subir do Nilo sete vacas bonitas e gordas, que pastavam na invernada. ³Atrás delas, subiram do rio outras sete vacas, feias e magras, que se puseram ao lado das primeiras na margem do rio. ⁴Então as vacas feias e magras devoraram as sete vacas gordas e bonitas. Nisso, o Faraó acordou.

⁵O Faraó tornou a dormir, e teve outro sonho: sete espigas brotavam do mesmo talo, granadas e bonitas. ⁶E atrás delas nasceram sete espigas mirradas e ressequidas. ⁷Aí, as espigas mirradas devoraram as sete espigas granadas e graúdas. Então o Faraó acordou: tivera um sonho.

⁸Pela manhã, o Faraó estava perturbado e chamou todos os magos e sábios do Egito. Contou-lhes o sonho que tivera, mas ninguém foi capaz de interpretá-lo. ⁹Então o chefe dos copeiros disse ao Faraó: “Devo confessar hoje o meu pecado. ¹⁰O Faraó tinha se irritado contra seus servos e os colocou na prisão na casa do chefe da guarda, tanto a mim como ao chefe dos padeiros. ¹¹Na mesma noite, ele

e eu tivemos um sonho, cada qual com significado diferente. ¹²Havia ali conosco um jovem hebreu, escravo do chefe da guarda. Nós lhe contamos os sonhos e ele os interpretou, dando o significado de cada um. ¹³E depois aconteceu exatamente como ele havia interpretado. Eu recebi de novo o meu cargo, e o outro foi enforcado”.

¹⁴Então o Faraó mandou chamar José. E o tiraram depressa da prisão; ele se barbeou, mudou de roupa e se apresentou ao Faraó. ¹⁵O Faraó disse a José: “Tive um sonho e ninguém sabe interpretá-lo. Ouvi dizer que você ouve um sonho e sabe interpretá-lo”. ¹⁶José respondeu ao Faraó: “Quem sou eu? É Deus quem dará uma resposta favorável ao Faraó”.

¹⁷Então o Faraó contou a José: “Sonhei que estava de pé na margem do rio Nilo. ¹⁸Do rio subiam sete vacas gordas e bonitas que pastavam na invernada. ¹⁹Atrás delas subiram outras sete, cansadas, feias e magras, tão feias como nunca vi no Egito. ²⁰Aí, as vacas magras e feias devoraram as sete primeiras, as vacas gordas. ²¹Depois que as devoraram, não parecia que as tinham devorado, porque a aparência delas continuava tão feia como antes. Então acordei. ²²Depois, tive outro sonho: sete espigas subiam do mesmo talo, e eram cheias e bonitas. ²³Atrás delas nasceram sete espigas secas, mirradas e queimadas. ²⁴Aí, as espigas mirradas devoraram as sete espigas bonitas. Eu contei isso aos magos, e ninguém foi capaz de interpretar”.

²⁵José disse ao Faraó: “Trata-se de um sonho único. Deus está anunciando ao Faraó o que ele vai realizar. ²⁶As sete vacas bonitas representam sete anos e as sete espigas bonitas representam sete anos. É o mesmo sonho. ²⁷As sete vacas magras e feias, que sobem logo em seguida, representam sete anos; e também as sete espigas mirradas e queimadas: é que haverá sete anos de fome. ²⁸É como eu disse ao Faraó: Deus está mostrando ao Faraó o que ele vai realizar. ²⁹Virão sete anos em que haverá grande abundância em toda a terra do Egito; ³⁰depois, virão sete anos de fome, que farão esquecer a abundância na terra do Egito. A fome esgotará a terra, ³¹e ninguém mais saberá o que era a abundância na terra, por causa da fome que virá depois, pois ela será duríssima. ³²E se o sonho do Faraó se repetiu duas vezes é porque o fato está bem decidido por parte de Deus, e Deus logo o realizará. ³³Agora, portanto, que o Faraó escolha um homem inteligente e sábio, e o coloque à frente do Egito. ³⁴Que o Faraó, agindo, institua funcionários no país, tome a quinta parte dos produtos da terra do Egito, durante

os sete anos de abundância. ³⁵Que eles reúnam todos os víveres desses anos bons que virão, armazenem o trigo sob a autoridade do Faraó e guardem os víveres nas cidades. ³⁶Esses víveres servirão de reserva para o país, quando chegarem os sete anos de fome. Desse modo, a terra do Egito não será exterminada pela fome. [41,1-36]

O povo é salvo da fome — ³⁷O conselho de José agradou ao Faraó e a todos os seus ministros. ³⁸Então, o Faraó disse aos ministros: “Poderão, por acaso, encontrar um homem como este, em quem esteja o espírito de Deus?” ³⁹Então o Faraó disse a José: “Visto que Deus revelou tudo isso a você, não há ninguém tão inteligente e sábio como você. ⁴⁰Você será o administrador do meu palácio, e todo o povo obedecerá às suas ordens. Só pelo trono serei maior do que você”. ⁴¹E o Faraó continuou: “Veja! Eu coloco você à frente de todo o país”. ⁴²Então o Faraó tirou da mão o anel de selo e o colocou na mão de José: vestiu-o com roupas de linho fino e lhe colocou no pescoço um colar de ouro. ⁴³Depois, fez José subir sobre o melhor carro que havia depois do seu, e proclamar à sua frente: “De joelhos!” E assim José foi colocado à frente de todo o Egito.

⁴⁴O Faraó disse a José: “Eu sou o Faraó, mas, sem a sua permissão, ninguém erguerá mão ou pé em todo o Egito”. ⁴⁵E o Faraó deu a José o nome de Safanet-Fanec, e lhe deu como mulher Asenet, filha de Putifar, sacerdote de On. E José saiu para percorrer o Egito. ⁴⁶José tinha trinta anos quando se apresentou diante do Faraó, rei do Egito. José deixou a presença do Faraó e percorreu toda a terra do Egito.

⁴⁷Durante os sete anos de abundância, o país teve superprodução. ⁴⁸E José reuniu todos os víveres dos sete anos de abundância na terra do Egito e armazenou os víveres nas cidades, colocando em cada cidade os víveres dos campos da redondeza. ⁴⁹José armazenou trigo como areia do mar: a quantidade era tal que se renunciou a medi-lo, porque ultrapassava qualquer medida.

⁵⁰Antes de chegar o primeiro ano da fome, José teve dois filhos de Asenet, filha de Putifar, sacerdote de On. ⁵¹José deu ao mais velho o nome de Manassés, dizendo: “Deus me fez esquecer minhas fadigas e a casa paterna”. ⁵²Ao segundo, ele deu o nome de Efraim, dizendo: “Deus me tornou fecundo na terra de minha aflição”.

⁵³Acabaram os sete anos de abundância na terra do Egito, ⁵⁴e chegaram os sete anos de fome, como José havia anunciado. Houve então fome por toda parte, e

só no Egito havia pão. ⁵⁵Depois chegou a fome em todo o Egito; e o povo, com grandes gritos, pediu pão ao Faraó. Então o Faraó disse a todos os egípcios: “Vão a José, e façam o que ele disser a vocês”. ⁵⁶Quando a fome cobriu toda a terra, José abriu os armazéns de trigo e vendeu mantimento aos egípcios, enquanto no Egito a fome se alastrava. ⁵⁷De todos os países ia muita gente ao Egito para comprar mantimentos de José, porque a fome se agravou por toda a terra. [37-57]

42 *Um teste de fraternidade* — ¹Jacó soube que havia mantimentos no Egito, e disse a seus filhos: “Vocês, o que estão esperando? ²Eu soube que no Egito há mantimentos para vender. Vão até lá e comprem mantimentos para nós, a fim de continuarmos vivos e não morrermos”. ³Dez dos irmãos de José desceram, então, ao Egito para comprar trigo. ⁴Jacó não deixou que Benjamim, irmão de José, fosse com seus irmãos, pois temia que lhe acontecesse alguma desgraça. ⁵Os filhos de Israel foram com outros forasteiros comprar mantimentos, pois havia fome em Canaã.

⁶José tinha autoridade no país e era ele quem vendia os mantimentos para todo mundo. Os irmãos de José chegaram e se prostraram diante dele com o rosto por terra. ⁷Ao ver seus irmãos, José logo os reconheceu, mas não se deu a conhecer, e lhes falou duramente: “De onde vocês vêm?” Eles responderam: “Da terra de Canaã, para comprar provisões”.

⁸José reconheceu os irmãos, mas eles não o reconheceram. ⁹José se lembrou, então, dos sonhos que tivera a respeito deles, e lhes disse: “Vocês são espiões. Vocês vieram para observar os pontos fracos do país”. ¹⁰Eles protestaram: “Não, meu senhor! Seus servos vieram para comprar provisões. ¹¹Somos todos filhos do mesmo pai, e somos sinceros; seus servos não são espiões”. ¹²José, porém, insistiu: “Não, vocês vieram para observar os pontos fracos do país”. ¹³Eles responderam: “Éramos doze irmãos, filhos de um mesmo pai, na terra de Canaã: o mais novo está agora com nosso pai e o outro desapareceu”. ¹⁴José reafirmou: “É como eu disse: vocês são espiões! ¹⁵Vou colocá-los à prova: pela vida do Faraó, vocês não sairão daqui se primeiro não me trouxerem o seu irmão mais novo. ¹⁶Mandem um de vocês buscar seu irmão, enquanto os outros ficarão presos. Assim vocês provarão que suas palavras são verdadeiras. Caso contrário, pela vida do Faraó, vocês comprovarão que são espiões”. ¹⁷E durante três dias José os manteve presos.

¹⁸Três dias depois, José disse a eles: “Eu temo a Deus; por isso, vocês farão o seguinte para salvar a vida: ¹⁹se vocês são sinceros, que um de vocês fique aqui preso e os outros irão levar os mantimentos para suas famílias que passam fome. ²⁰Depois, vocês vão me trazer seu irmão mais novo: assim provarão que estão dizendo a verdade, e não morrerão”. Eles aceitaram ²¹e começaram a dizer entre si: “Estamos pagando o que fizemos com o nosso irmão; nós vimos a sua aflição quando ele nos suplicava por piedade, e não fizemos caso. Por isso é que está acontecendo para nós essa desgraça”. ²²Rúben interveio: “Eu não disse para vocês não cometerem uma falta contra aquele menino? Mas vocês não me ouviram, e agora estão nos pedindo contas do sangue dele”. ²³Eles não sabiam que José entendia o que eles estavam falando, pois entre José e eles havia um intérprete. ²⁴Então José se afastou deles e chorou. Depois voltou e conversou com eles. Em seguida, escolheu Simeão e o mandou acorrentar na presença deles.

²⁵José deu ordem para encher suas sacas de trigo e que pusessem nas sacas o dinheiro que eles haviam pago, e lhes fornecessem provisões para o caminho. E assim foi feito. ²⁶Eles carregaram as provisões sobre os jumentos e partiram. ²⁷De noite, no acampamento, um deles abriu a saca de trigo para dar forragem ao seu jumento, e viu que o seu dinheiro estava na boca da saca de trigo. ²⁸Então ele disse aos irmãos: “Devolveram o meu dinheiro! Está aqui na saca de trigo”. Cheios de medo, eles se entreolharam tremendo, e disseram: “Que é isso que Deus fez conosco?”

²⁹Chegando em casa de Jacó, na terra de Canaã, contaram ao pai tudo o que havia acontecido com eles: ³⁰“O senhor do país nos falou com dureza e achou que éramos espíões em seu país. ³¹Nós lhe dissemos: ‘Somos sinceros, não somos espíões. ³²Nós éramos doze irmãos, filhos do mesmo pai; um de nós desapareceu e o mais novo está agora com o nosso pai na terra de Canaã’. ³³Mas o senhor do país nos disse: ‘Vou saber que vocês são sinceros do seguinte modo: deixem comigo um de seus irmãos, enquanto os outros levam os mantimentos para suas famílias que passam fome. ³⁴Depois, vocês vão me trazer seu irmão mais novo e eu ficarei sabendo se vocês são espíões ou não. Então eu devolverei o irmão de vocês, e vocês poderão circular pelo país’ ”.

³⁵Quando eles foram esvaziar as sacas, cada qual encontrou em sua saca a bolsa de dinheiro. Vendo as bolsas de dinheiro, eles e o seu pai ficaram assustados.

³⁶Então seu pai Jacó lhes disse: “Vocês estão me deixando sozinho: José

desapareceu, Simeão também, e agora querem levar Benjamim! Tudo se volta contra mim!” ³⁷Mas Rúben disse ao pai: “O senhor pode matar meus dois filhos se eu não lhe devolver Benjamim. Entregue-o a mim, e eu o trarei de volta”. ³⁸O pai respondeu: “Meu filho não descera com vocês. Seu irmão morreu e só me resta ele. Se lhe acontecer alguma desgraça na viagem que vocês vão fazer, de tanta dor farão este velho de cabelos brancos descer ao túmulo”. [42,1-38]

43 *Ser irmão é responsabilizar-se pelo outro* — ¹A fome apertava no país. ²Quando se acabaram as provisões que haviam trazido do Egito, Jacó disse aos filhos: “Voltem lá para comprar mantimentos”. ³Judá replicou: “Aquele homem nos declarou severamente: ‘Não se apresentem diante de mim sem me trazer o seu irmão’. ⁴Se o senhor deixar nosso irmão ir conosco, então desceremos e compraremos mantimentos para o senhor. ⁵Mas, se o senhor não o deixar, não desceremos, pois aquele homem nos disse: ‘Não se apresentem diante de mim sem me trazer o seu irmão’ ”. ⁶Israel lhes disse: “Por que vocês me deram esse desgosto, contando para aquele homem que vocês têm outro irmão?” ⁷Eles responderam: “Aquele homem perguntou sobre nós e nossa família: ‘O pai de vocês ainda vive? Vocês têm outro irmão?’ E nós respondemos às perguntas dele. Como poderíamos imaginar que ele fosse exigir que levássemos nosso irmão?” ⁸Então Judá disse a seu pai Israel: “Deixe o menino ir comigo, porque indo poderemos salvar nossa vida; do contrário, morreremos todos: nós, o senhor e nossos filhos. ⁹Eu fico responsável por ele, e o senhor pedirá contas dele para mim: se eu não o trouxer de volta e não o puser diante do senhor, serei culpado diante do senhor durante toda a minha vida. ¹⁰Se não tivéssemos demorado tanto, já estaríamos de volta pela segunda vez”.

¹¹Então seu pai Jacó lhes disse: “Se é necessário, então façam assim. Coloquem em suas bagagens os melhores produtos do país e levem como presente para aquele homem: um pouco de bálsamo, um pouco de mel, especiarias, resina, terebinto e amêndoas. ¹²Levem com vocês o dobro do dinheiro para devolver o que foi posto nas sacas, pois talvez tenha sido um descuido. ¹³Tomem o irmão de vocês e voltem a visitar aquele homem. ¹⁴Que o Todo-poderoso faça aquele homem ter compaixão de vocês, solte o irmão de vocês e não prenda Benjamim. Quanto a mim, se eu tiver que ficar sem meus filhos, paciência!” ¹⁵Então eles tomaram consigo os presentes, dinheiro em dobro e Benjamim, desceram ao Egito e se apresentaram a José.

¹⁶Quando José viu seus irmãos com Benjamim, disse ao mordomo: “Leve esses homens para minha casa, faça abater um animal e prepare-o, porque esses homens vão almoçar comigo”. ¹⁷O mordomo fez o que José mandou, e os levou para a casa de José. ¹⁸Os homens ficaram com medo, porque estavam sendo conduzidos à casa de José, e disseram: “Estão nos levando por causa do dinheiro que voltou em nossas sacas de trigo na primeira vez: vão nos agarrar, cair sobre nós e nos tomar como escravos com nossos jumentos”. ¹⁹Eles se aproximaram do mordomo de José e lhe falaram na porta da casa: ²⁰“Veja, senhor! Nós descemos uma vez aqui para comprar mantimentos. ²¹Quando chegamos de noite ao acampamento, abrimos nossas sacas de trigo e encontramos na boca das sacas o dinheiro que havíamos pago, e o trouxemos de volta ²²com outra quantia igual para comprar mantimentos. Não sabemos quem colocou o nosso dinheiro nas sacas de trigo”. ²³O mordomo respondeu: “Fiquem tranquilos e não tenham medo. Foi o Deus de vocês e o Deus do pai de vocês quem lhes colocou um tesouro nas sacas de trigo. Eu recebi o dinheiro de vocês”. E levou Simeão até eles.

²⁴O mordomo os fez entrar na casa de José, levou água para que lavassem os pés e deu forragem aos seus jumentos. ²⁵Eles prepararam o presente, esperando que José viesse ao meio-dia, porque souberam que iam almoçar aí.

²⁶Quando José entrou em casa, eles lhe ofereceram o presente que tinham consigo, e se prostraram por terra. ²⁷José, porém, saudou-os amigavelmente e perguntou: “Como está o velho pai de vocês, de quem me falaram? Ele ainda vive?” ²⁸Eles responderam: “Seu servo, nosso pai, está bem. Ele ainda vive”. E se inclinaram e se prostraram. ²⁹Erguendo os olhos, José viu seu irmão Benjamim, filho de sua mãe, e perguntou: “É este o irmão mais novo, de quem vocês me falaram?” E disse a Benjamim: “Que Deus lhe conceda graça, meu filho”. ³⁰Em seguida, José saiu depressa, porque ficou comovido por seu irmão, e as lágrimas lhe vinham aos olhos. Entrou em seu quarto, e chorou. ³¹Depois lavou o rosto, voltou e, contendo-se, ordenou: “Sirvam o almoço”. ³²Serviram José à parte, os irmãos à parte, e de outro lado os egípcios que comiam com ele, pois os egípcios não podem comer com os hebreus: isso seria um sacrilégio. ³³Os irmãos estavam colocados diante de José, cada qual em seu lugar, do mais velho ao mais novo: eles se olhavam espantados. ³⁴José lhes mandava porções de sua mesa, e a porção de Benjamim era cinco vezes maior. Eles beberam e se alegraram em companhia de José. [43,1-34]

44 *Defender a fraternidade* — ¹José deu esta ordem ao mordomo: “Coloque tudo o que puder de mantimentos dentro das sacas desses homens e ponha o dinheiro de cada um na boca das sacas. ²Na boca da saca do mais novo, junto com o dinheiro do trigo, coloque também a minha taça, a taça de prata”. E o mordomo assim fez.

³Ao amanhecer, os homens se despediram e partiram com seus jumentos. ⁴Logo que eles saíram da cidade e ainda não estavam longe, José disse ao mordomo: “Persiga esses homens e, quando os alcançar, diga a eles: ‘Por que vocês pagaram o bem com o mal? ⁵Por que roubaram a taça de prata que meu senhor usa para beber e fazer adivinhações? Vocês se comportaram mal’ ”.

⁶O mordomo os alcançou e lhes repetiu isso. ⁷Mas eles responderam: “Por que o meu senhor está falando assim? Seus servos nunca fariam isso! ⁸Veja! O dinheiro que tínhamos encontrado na boca das sacas de trigo, nós tornamos a trazê-lo da terra de Canaã. Por que iríamos roubar ouro ou prata da casa de seu amo? ⁹Se o senhor encontrar a taça com um de seus servos, que ele morra e nós nos tornaremos escravos de seu amo”. ¹⁰O mordomo respondeu: “De acordo. Aquele com quem for encontrada a taça será meu escravo, e os outros ficarão livres”. ¹¹Cada um colocou depressa sua saca de trigo no chão e a abriu. ¹²O mordomo se pôs a examiná-los, começando pelo mais velho e terminando pelo mais novo, e encontrou a taça na saca de Benjamim. ¹³Então eles rasgaram as roupas, carregaram de novo os jumentos e voltaram à cidade.

¹⁴Judá e seus irmãos entraram na casa de José, que ainda estava ali, e se prostraram por terra diante dele. ¹⁵José lhes perguntou: “O que é que vocês fizeram? Vocês não sabiam que uma pessoa como eu é capaz de adivinhar?”

¹⁶Judá respondeu: “Que podemos responder ao nosso senhor? Como podemos provar nossa inocência? Deus descobriu a falta de seus servos. Aqui estamos: somos escravos de meu senhor, tanto nós como aquele nas mãos de quem foi encontrada a taça”. ¹⁷José, porém, disse: “Eu nunca faria isso! Aquele que estava com a taça será meu escravo. Quanto a vocês, podem voltar em paz para a casa do seu pai”.

¹⁸Então Judá se aproximou e disse: “Meu senhor, permita que seu servo fale em sua presença com toda a franqueza, sem que sua cólera se acenda contra seu servo, pois o senhor é como o próprio Faraó. ¹⁹O senhor tinha perguntado a seus servos: ‘Vocês têm ainda pai ou algum irmão?’ ²⁰Nós respondemos ao senhor: ‘Temos um pai já velho e um irmão mais novo, nascido em sua velhice; o irmão

deste morreu e ele ficou sendo o único filho de sua mãe. Nosso pai o ama demais!’ ²¹Então o senhor disse a seus servos: ‘Tragam-no para que eu o conheça’. ²²Nós respondemos ao meu senhor: ‘O menino não pode deixar seu pai; se ele se separar do pai, este morrerá’. ²³Mas o senhor insistiu com seus servos: ‘Se o irmão mais novo de vocês não vier junto, vocês não serão recebidos por mim’. ²⁴Quando voltamos para junto de nosso pai, seu servo, nós lhe contamos tudo o que o senhor falou. ²⁵E nosso pai nos disse: ‘Voltem para comprar um pouco de mantimento para nós’. ²⁶E nós respondemos: ‘Mas não podemos descer, se nosso irmão mais novo não for conosco; pois não seremos recebidos por aquele senhor, se nosso irmão mais novo não for conosco’. ²⁷Então meu pai, seu servo, nos disse: ‘Vocês sabem que minha mulher só me deu dois filhos. ²⁸Um me deixou e eu disse: Ele foi despedaçado! E nunca mais o vi até hoje. ²⁹Se vocês tirarem também este de junto de mim e lhe acontecer alguma desgraça, de tanta dor, vocês farão este velho de cabelos brancos descer ao túmulo’. ³⁰Agora, pois, se eu chegar à casa de meu pai, seu servo, sem levar comigo o menino, a quem ele ama com toda a sua alma, ³¹logo que notar que o rapaz não está conosco, ele morrerá. E faremos nosso pai, seu servo, de cabelos brancos, descer ao túmulo, de tanta dor. ³²E este seu servo se tornou responsável pelo rapaz junto de meu pai, nestes termos: ‘Se eu não trouxer o menino de volta, serei culpado diante do senhor durante toda a minha vida’. ³³Portanto, deixe que este seu servo fique escravo de meu senhor no lugar do rapaz, e que ele possa voltar com seus irmãos. ³⁴Como poderia eu voltar à casa de meu pai sem ter comigo o rapaz? Não quero ver a desgraça que cairia sobre meu pai’.

[44,1-34]

45 *Deus age através das situações* — ¹Nesse momento, José não pôde mais se conter na presença de sua corte, e ordenou: “Saíam todos!” E não havia mais ninguém, quando José se deu a conhecer a seus irmãos: ²começou a chorar tão alto que todos os egípcios ouviram, e a notícia chegou à casa do Faraó.

³José disse aos irmãos: “Eu sou José! Meu pai ainda está vivo?” Seus irmãos, espantados, ficaram sem resposta. ⁴Então José disse aos irmãos: “Cheguem mais perto de mim!” Eles se aproximaram. José continuou: “Eu sou José, o irmão de vocês, aquele que vocês venderam para o Egito. ⁵Mas agora, não fiquem tristes nem se aflijam porque me venderam para este país, pois foi para lhes preservar a vida que Deus me enviou na frente de vocês. ⁶De fato, há dois anos que a fome

se instalou no país e ainda haverá cinco anos sem sementeira e sem colheita. ⁷Deus me enviou na frente de vocês, para que possam sobreviver neste país, salvando a vida para uma libertação maravilhosa. ⁸Portanto, não foram vocês que me mandaram para cá. Foi Deus. Ele me tornou ministro do Faraó, administrador de todo o palácio e governador de todo o Egito. ⁹Subam depressa à casa do meu pai e digam a ele: ‘Assim fala seu filho José: Deus me tornou senhor de todo o Egito. Desça sem demora para junto de mim; ¹⁰o senhor habitará na terra de Gessen e ficará comigo: o senhor, seus filhos, netos, ovelhas, bois e tudo o que lhe pertence. ¹¹Aí eu o sustentarei, a fim de que não falte mais nada ao senhor, à sua família e a tudo o que possuí, pois a fome ainda vai durar cinco anos. ¹²Vocês estão vendo com os próprios olhos, e Benjamim também está vendo, que sou eu quem lhes fala pessoalmente. ¹³Contem a meu pai todo o poder que tenho no Egito e tudo o que vocês viram, e tragam logo o meu pai para cá”.

¹⁴Então José abraçou seu irmão Benjamim e chorou. Benjamim também chorou abraçado a ele. ¹⁵Em seguida, José cobriu de beijos todos os irmãos e, abraçando-os, chorava. Só então seus irmãos começaram a conversar com ele.

¹⁶A notícia de que os irmãos de José estavam no país chegou até o palácio do Faraó, e o Faraó e seus ministros se alegraram. ¹⁷O Faraó disse a José: “Diga a seus irmãos que carreguem os burros e voltem para a terra de Canaã. ¹⁸Tomem o pai e as famílias de vocês e voltem para cá. Eu lhes darei a melhor terra do Egito, e eles poderão comer os melhores produtos do país. ¹⁹Mande-os que levem do Egito carros para transportar as crianças, as mulheres e seu pai, e venham para cá. ²⁰Não se preocupem com o que deixarem, pois tudo o que houver de melhor na terra do Egito pertencerá a eles”.

²¹Assim fizeram os filhos de Israel. José lhes deu carros, conforme as ordens do Faraó, e também provisões para a viagem. ²²Além disso, deu mudas de roupa a cada um deles, mas a Benjamim deu trezentas moedas de prata e cinco mudas de roupa. ²³Para seu pai, enviou dez jumentos carregados com os melhores produtos do Egito e dez jumentas carregadas de trigo, pão e provisões para a viagem do pai. ²⁴Quando os irmãos se despediram para partir, José lhes disse: “Não briguem no caminho”.

²⁵Então eles subiram do Egito e chegaram à terra de Canaã, na casa de seu pai Jacó. ²⁶E deram a notícia ao pai: “José está vivo e é o governador de toda a terra do Egito”. Mas o pai ficou perplexo, pois não era capaz de acreditar.

²⁷Entretanto, quando eles repetiram tudo o que José lhes dissera e quando ele viu os carros que José tinha mandado para buscá-lo, o coração de Jacó, seu pai, se reanimou. ²⁸E Israel disse: “Agora chega! Meu filho José ainda está vivo. Vou vê-lo antes de morrer”. [45,1-28]

46 *Israel imigrante no Egito* — ¹Israel partiu levando tudo o que possuía. Chegando a Bersabeia, ofereceu sacrifícios ao Deus de seu pai Isaac. ²Aí, numa visão noturna, Deus disse a Israel: “Jacó! Jacó!” Ele respondeu: “Aqui estou”. ³Deus continuou: “Eu sou El, o Deus de seu pai. Não tenha medo de descer ao Egito, porque lá farei de você uma grande nação. ⁴Eu descerei com você ao Egito e o farei voltar de lá. E José lhe fechará os olhos”.

⁵Jacó partiu de Bersabeia, e os filhos de Israel fizeram seu pai Jacó, seus netos e suas mulheres subirem nos carros que o Faraó mandara para buscá-los. ⁶Tomaram seus rebanhos e tudo o que haviam adquirido na terra de Canaã, e foram para o Egito, ⁷Jacó e todos os seus descendentes com ele: filhos e netos, filhas e netas e todos os seus descendentes, ele os levou consigo para o Egito.

⁸Nomes dos filhos de Jacó que foram para o Egito: Rúben, o primogênito de Jacó. ⁹Filhos de Rúben: Henoc, Falu, Hesron e Carmi. ¹⁰Filhos de Simeão: Jamuel, Jamin, Aod, Jaquin, Soar e Saul, o filho da cananeia. ¹¹Filhos de Levi: Gérson, Caat e Merari. ¹²Filhos de Judá: Her, Onã, Sela, Farés e Zara; mas Her e Onã morreram na terra de Canaã. Filhos de Farés: Hesron e Hamul. ¹³Filhos de Issacar: Tola, Fua, Jasub e Semron. ¹⁴Filhos de Zabulon: Sared, Elon e Jaelel. ¹⁵Até aqui são os descendentes que Lia e Jacó tiveram em Padã-Aram; além desses, sua filha Dina: ao todo, trinta e três pessoas, entre filhos e filhas.

¹⁶Filhos de Gad: Safon, Hagi, Suni, Esebon, Eri, Arodi e Areli. ¹⁷Filhos de Aser: Jamne, Jesua, Jessui, Beria, e a irmã Sara. Filhos de Beria: Héber e Melquiel. ¹⁸Esses são os filhos de Zelfa, a escrava que Labão deu à sua filha Lia. Ela gerou dezesseis pessoas para Jacó.

¹⁹Filhos de Raquel, mulher de Jacó: José e Benjamim. ²⁰Asenet, filha de Putifar, sacerdote de On, deu a José dois filhos no Egito: Manassés e Efraim. ²¹Filhos de Benjamim: Bela, Bocor, Asbel, Gera, Naamã, Equi, Ros, Mofim, Ofim e Ared. ²²Esses são os filhos de Raquel, gerados para Jacó: são ao todo catorze pessoas.

²³Filho de Dã: Husim. ²⁴Filhos de Neftali: Jasiel, Guni, Jeser e Selém. ²⁵Esses são os filhos de Bala, a escrava que Labão deu à sua filha Raquel. Ela gerou para

Jacó sete pessoas.

²⁶Os descendentes que foram com Jacó para o Egito, sem contar as noras, eram ao todo sessenta e seis. ²⁷Acrescentando os dois filhos de José no Egito, a família de Jacó que foi para o Egito era no total setenta pessoas.

²⁸Jacó enviou Judá na frente, para que ele se encontrasse com José e preparasse um lugar em Gessen. Quando eles estavam chegando a Gessen, ²⁹José preparou o seu carro e foi ao encontro do seu pai Israel em Gessen. Ao vê-lo, o abraçou e, ao beijá-lo, chorou. ³⁰Israel disse a José: “Agora posso morrer, depois que vi você vivo em pessoa”.

³¹Então José disse a seus irmãos e à família de seu pai: “Vou subir para dar ao Faraó esta notícia: ‘Meus irmãos e a família de meu pai, que viviam em Canaã, vieram para junto de mim. ³²São pastores de ovelhas que cuidam de rebanhos; trouxeram as ovelhas, as vacas e tudo o que possuíam’. ³³Assim, quando o Faraó chamar vocês e perguntar: ‘Qual é a profissão de vocês?’ ³⁴então respondam: ‘Seus servos são pastores desde a juventude até hoje, tanto nós como nossos pais’. Desse modo, vocês poderão ficar na terra de Gessen, pois os egípcios detestam todos os pastores”.

47¹José foi levar ao Faraó a notícia: “Meu pai e meus irmãos chegaram da terra de Canaã com suas ovelhas, vacas e tudo o que possuem, e estão na terra de Gessen”. ²José escolheu cinco de seus irmãos e os apresentou ao Faraó. ³Este lhes perguntou: “Qual é a profissão de vocês?” Eles responderam: “Seus servos são pastores de ovelhas, tanto nós quanto nossos pais”. ⁴E acrescentaram: “Viemos morar neste país, porque não há mais pastagem para os rebanhos de seus servos: a fome está assolando a terra de Canaã. Permita que seus servos fiquem na terra de Gessen”. ^{5a} Então o Faraó disse a José: ^{6b}“Que eles morem na terra de Gessen. Se você conhece alguns deles que são capazes, coloque-os como administradores de meus próprios rebanhos”.

^{5b}Quando Jacó e seus filhos chegaram ao Egito, o Faraó, rei do Egito, ficou sabendo, e disse a José: “Seu pai e seus irmãos vieram encontrá-lo. ^{6a}A terra do Egito está à disposição de você: instale seu pai e seus irmãos na melhor região”. ⁷Então José fez vir seu pai Jacó, o apresentou ao Faraó, e Jacó saudou o Faraó. ⁸O Faraó perguntou a Jacó: “Quantos anos você tem?” ⁹Jacó respondeu ao Faraó: “Cento e trinta são os anos de minhas andanças pela terra. Os anos de minha vida foram poucos e infelizes, e não chegam aos anos que meus pais

viveram em suas andanças”. ¹⁰Então Jacó saudou o Faraó e despediu-se dele. ¹¹A seguir, José instalou seu pai e seus irmãos e lhes deu propriedades no Egito, na melhor região do país, que é a de Ramsés, conforme o Faraó lhe havia mandado. ¹²E José providenciou pão para seu pai, para seus irmãos e para toda a família de seu pai, segundo o número de seus filhos. [46,1-47,12]

Política agrária de José — ¹³Em todo o país faltava pão, pois a fome assolava e esgotava a terra do Egito e de Canaã. ¹⁴José acumulou todo o dinheiro que havia na terra do Egito e na terra de Canaã, em troca dos mantimentos que eles compravam, e entregou todo o dinheiro ao palácio do Faraó.

¹⁵Quando se acabou o dinheiro da terra do Egito e da terra de Canaã, todos os egípcios foram a José, pedindo: “Dê-nos pão ou morreremos aqui mesmo, porque se acabou o nosso dinheiro”. ¹⁶Então José falou: “Se o dinheiro de vocês acabou, tragam rebanhos, e eu lhes darei pão em troca de seus rebanhos”. ¹⁷Eles então levaram seus rebanhos a José, e este lhes deu pão em troca de cavalos, ovelhas, bois e jumentos. E nesse ano José sustentou-os com pão em troca de seus rebanhos.

¹⁸Passado esse ano, eles voltaram a José no ano seguinte, dizendo: “Não podemos esconder isso ao senhor: nosso dinheiro, o rebanho e os animais já pertencem ao senhor. Só nos resta oferecer ao senhor nossos corpos e nossos campos. ¹⁹Por que iríamos perecer em sua presença, nós e nosso terreno? Compre, portanto, a nós e nosso terreno em troca de pão, e nós e nossos terrenos seremos servos do Faraó. Dê-nos sementes a fim de continuarmos vivos e não morrermos, e que o nosso terreno não fique deserto”.

²⁰Então José comprou para o Faraó todos os terrenos do Egito, pois os egípcios, forçados pela fome, venderam seus terrenos. Desse modo, todo o país tornou-se propriedade do Faraó. ²¹Quanto aos homens, o Faraó os tornou escravos de uma extremidade à outra do território do Egito. ²²Somente as terras dos sacerdotes não foram compradas, pois os sacerdotes recebiam uma renda do Faraó e viviam dessa renda que o Faraó lhes dava. Por isso, não precisaram vender suas terras.

²³José disse ao povo: “Hoje eu comprei vocês e seus terrenos para o Faraó. Aqui estão as sementes para semear nos terrenos. ²⁴Quando chegar a colheita, vocês deverão dar a quinta parte para o Faraó; as outras quatro partes servirão para semear e para alimentar vocês, suas famílias e seus filhos. ²⁵Eles

responderam: “O senhor salvou nossa vida! Alcançamos o seu favor e nos tornaremos escravos do Faraó”. ²⁶José fez disso uma lei, que ainda hoje vale para todos os terrenos do Egito: a quinta parte da produção pertence ao Faraó. Somente as terras dos sacerdotes não se tornaram propriedade do Faraó. [13-26]

Últimas disposições de Jacó — ²⁷Israel estabeleceu-se na terra do Egito, na região de Gessen. Aí adquiriu propriedades, multiplicou-se e tornou-se muito numeroso. ²⁸Jacó viveu dezessete anos no Egito, e a duração da sua vida foi de cento e quarenta e sete anos. ²⁹Quando chegou para Israel a hora da morte, ele chamou seu filho José e lhe disse: “Se tenho o seu afeto, coloque sua mão debaixo de minha coxa e prometa tratar-me com amor e fidelidade: peço-lhe que não me enterre no Egito. ³⁰Quando eu descansar com meus pais, leve-me do Egito e me enterre no túmulo deles”. José respondeu: “Farei o que o senhor está pedindo”. ³¹Seu pai insistiu: “Jure-me!” E José jurou. Então Israel inclinou-se na cabeceira da cama.

48¹Depois disso, disseram a José: “Seu pai está doente”. Então José tomou consigo seus dois filhos, Manassés e Efraim. ²Disseram a Jacó: “Aqui está seu filho José que veio visitá-lo”. Israel fez um esforço e sentou-se na cama. ³Então Jacó disse a José: “O Deus Todo-poderoso me apareceu em Luza, na terra de Canaã. Ele me abençoou, ⁴e disse: ‘Eu o tornarei fecundo e o multiplicarei, até que chegue a ser uma assembleia de povos. E a seus descendentes eu darei esta terra como posse perpétua’. ⁵Agora, os dois filhos que nasceram de você no Egito antes que eu viesse para morar com você, serão meus filhos. Efraim e Manassés serão para mim como Rúben e Simeão. ⁶Os que nascerem depois deles pertencerão a você, e receberão a herança em nome de seus irmãos. ⁷Quando eu voltava de Padã-Aram, para minha infelicidade sua mãe Raquel morreu em viagem na terra de Canaã, a um bom trecho de Éfrata, e eu a enterrei no caminho de Éfrata, que é Belém”.

⁸Israel viu os dois filhos de José, e perguntou: “Quem são estes?” ⁹José respondeu: “São os filhos que Deus me deu aqui”. Jacó disse: “Traga-os aqui perto para que eu os abençoe”. ¹⁰Israel estava com a vista fraca pela velhice e quase não enxergava. José fez os filhos se aproximarem, e Israel os beijou e abraçou. ¹¹E Israel disse a José: “Eu não esperava mais vê-lo, mas Deus me permitiu ver você e seus descendentes”. ¹²Então José tirou os filhos do colo do pai e se prostrou com o rosto por terra. ¹³José pegou os filhos, Efraim à direita e

Manassés à esquerda, aproximou-se de Israel, para que Manassés ficasse à direita e Efraim à esquerda de Israel. ¹⁴Israel, porém, cruzou os braços, estendeu a mão direita e a colocou sobre a cabeça de Efraim, que era o mais novo, e a mão esquerda sobre a cabeça de Manassés, embora Manassés fosse o mais velho. ¹⁵E os abençoou, dizendo: “Que o Deus, diante do qual caminharam meus pais Abraão e Isaac, que o Deus que foi meu pastor desde o meu nascimento até hoje, ¹⁶que o Anjo que me salvou de todo o mal abençoe estas crianças. Que nelas sobrevivam o meu nome e o nome de meus pais Abraão e Isaac. Que elas cresçam e se multipliquem sobre a terra”. ¹⁷José viu que seu pai tinha posto a mão direita sobre a cabeça de Efraim, e não gostou. Pegou a mão do pai, retirou-a da cabeça de Efraim e a colocou sobre a cabeça de Manassés, ¹⁸explicando: “Não é assim, pai! O primogênito é este; coloque a mão direita sobre a cabeça dele”. ¹⁹Mas o pai recusou, dizendo: “Eu sei, meu filho, eu sei. Ele também se tornará um povo e crescerá, mas seu filho mais novo será maior do que ele, e sua descendência se tornará uma multidão de nações”. ²⁰Nesse dia, Jacó os abençoou desta maneira: “Israel se servirá de vocês paraabençoar, dizendo: ‘Deus torne você como Efraim e Manassés’ ”. E Jacó pôs Efraim antes de Manassés.

²¹Em seguida, Israel disse a José: “Estou para morrer, mas Deus estará com vocês e os levará de novo para a terra de seus pais. ²²A você, e não a seus irmãos, eu darei Siquém, que eu tomei dos amorreus com minha espada e arco”.
[47,27-48,22]

49 *O futuro do povo de Israel* — ¹Jacó chamou seus filhos e disse: “Reúnam-se, para que eu lhes anuncie o que vai acontecer a vocês no futuro. ²Reúnam-se e escutem, filhos de Jacó, ouçam o seu pai Israel: ³Rúben, você é o meu primogênito, minha força e primeiro fruto de minha virilidade, primeiro na fila e primeiro em poder, ⁴impetuoso como as águas: você não manterá a primazia, porque subiu à cama de seu pai e violou o meu leito contra mim.

⁵Simeão e Levi são irmãos. Suas espadas são instrumentos de violência. ⁶Não quero assistir a seus conselhos, não participarei de sua assembleia, pois na sua cólera mataram homens, e em seu capricho mutilaram touros. ⁷Maldita seja a cólera deles por seu rigor, maldito seu furor por sua dureza. Eu os dividirei em Jacó e os dispersarei em Israel.

⁸Judá, seus irmãos o louvarão. Você colocará a mão sobre a nuca de seus inimigos, e diante de você se prostrarão os filhos de seu pai. ⁹Judá é um

leãozinho. Você voltou da caçada, meu filho; agacha-se e deita-se como leão e como leoa: quem se atreve a desafiá-lo? ¹⁰O cetro não se afastará de Judá, nem o bastão de comando do meio de seus pés, até que o tributo lhe seja trazido e os povos lhe obedeçam. ¹¹Ele amarra a seu jumentinho junto à vinha, e o filhote de jumenta perto da videira; lava sua roupa no vinho e seu manto no sangue das uvas. ¹²Seus olhos são mais escuros do que o vinho, e seus dentes mais brancos que o leite.

¹³Zabulon reside à beira-mar: é um porto para os barcos, e sua fronteira chegará até Sidônia.

¹⁴Issacar é um jumento robusto, deitado entre dois muros. ¹⁵Ele viu que o estábulo era bom e que a terra era agradável: baixou o ombro sob a carga e sujeitou-se ao trabalho escravo.

¹⁶Dã julga seu povo, e também as outras tribos de Israel. ¹⁷Dã é uma serpente no caminho, uma víbora no atalho: morde o cavalo nos calcanhares, e o cavaleiro cai para trás.

¹⁸Em tua salvação eu espero, Javé!

¹⁹Gad, os guerrilheiros o atacam, e ele os atacará pelas costas.

²⁰Aser, seu pão é abundante e fornece delícias de reis.

²¹Neftali é gazela solta que tem crias formosas.

²²José é potro selvagem, potro junto à fonte, burros selvagens junto ao muro.

²³Os arqueiros os irritam, desafiam e atacam. ²⁴Mas o seu arco fica intacto e seus braços se movem velozes, pelas mãos do Poderoso de Jacó, do Pastor e Pedra de Israel, ²⁵pelo Deus de seu pai que o socorre, pelo Todo-poderoso que o abençoa: as bênçãos que descem do céu e as bênçãos do oceano em baixo, bênçãos das mamas e dos seios. ²⁶As bênçãos de seu pai são superiores às bênçãos dos montes antigos e às atrações das colinas eternas. Que elas venham sobre a cabeça de José, sobre a fronte do consagrado entre os irmãos.

²⁷Benjamim é um lobo voraz: de manhã devora a presa, e à tarde reparte os despojos.

²⁸Todos esses formam as doze tribos de Israel. E tudo isso foi o que disse o pai deles ao abençoá-los; abençoou cada um com a bênção que convinha. ²⁹Depois Jacó ordenou a eles: “Quando eu me reunir com os meus, enterrem-me com os meus pais na gruta do campo de Efron, o heteu, ³⁰na gruta do campo de Macpela, diante de Mambré, na terra de Canaã, que Abraão comprou de Efron, o heteu, como propriedade sepulcral. ³¹Aí foram enterrados Abraão e sua mulher

Sara; aí também foram enterrados Isaac e sua mulher Rebeca, e aí eu enterrei Lia. ³²O campo e a gruta que nele está foram comprados dos filhos de Het”. ³³Quando Jacó acabou de dar instruções aos filhos, recolheu os pés na cama, expirou e se reuniu com seus antepassados. [49,1-33]

50 *O Egito não é a terra prometida* — ¹José lançou-se sobre o rosto do pai, chorando e beijando. ²Em seguida, ordenou aos médicos que estavam a seu serviço para embalsamar seu pai; e os médicos embalsamaram Israel. ³Isso durou quarenta dias, que é o tempo que costuma demorar o embalsamamento. Os egípcios guardaram luto por setenta dias. ⁴Quando terminou o tempo do luto, José disse aos cortesãos do Faraó: “Se vocês são meus amigos, digam pessoalmente ao Faraó: ⁵‘Meu pai me fez prestar este juramento: Quando eu morrer, enterre-me no túmulo que eu mandei cavar na terra de Canaã’. Portanto, deixe-me subir para enterrar meu pai; depois, eu voltarei”. ⁶O Faraó respondeu: “Suba e enterre seu pai conforme o juramento que você fez”.

⁷José subiu para enterrar seu pai e com ele foram todos os oficiais do Faraó, os anciãos da corte e todos os dignitários da terra do Egito, ⁸bem como toda a família de José, seus irmãos e a família de seu pai. Deixaram na terra de Gessen somente as crianças, as ovelhas e os bois. ⁹Com José subiram também carros e cavaleiros; era um cortejo muito importante. ¹⁰Chegando a Goren-Atad, no outro lado do Jordão, fizeram um funeral grandioso e solene, e José guardou por seu pai um luto de sete dias. ¹¹Os cananeus, que habitavam na região, viram o luto em Goren-Atad, e comentaram: “O funeral dos egípcios é solene!” Por isso, deram ao lugar o nome de Luto do Egito, lugar esse que está no outro lado do Jordão. ¹²Os filhos de Jacó fizeram o que ele havia ordenado: ¹³levaram-no para a terra de Canaã e o enterraram na gruta do campo de Macpela, diante de Mambré, campo que Abraão havia comprado de Efron, o heteu, como propriedade sepulcral. ¹⁴Então José voltou ao Egito junto com seus irmãos e todos os que o acompanharam para enterrar seu pai.

¹⁵Vendo que o pai havia morrido, os irmãos de José disseram: “E se José guardou rancor contra nós e quer nos devolver todo o mal que lhe fizemos?” ¹⁶Então mandaram dizer a José: “Antes de morrer, seu pai expressou esta vontade: ¹⁷‘Digam a José: perdoe a seus irmãos o crime e o pecado que cometeram, todo o mal que fizeram a você’. Portanto, perdoe o crime dos servos do Deus de seu pai”. Ao ouvir o que eles mandaram dizer, José chorou. ¹⁸Então

chegaram os irmãos, prostraram-se diante de José e disseram: “Aqui estamos. Somos seus escravos”. ¹⁹José respondeu: “Não tenham medo. Por acaso eu estou no lugar de Deus? ²⁰Vocês pretendiam o mal contra mim, mas o projeto de Deus o transformou em bem, a fim de cumprir o que se realiza hoje: salvar a vida de um povo numeroso. ²¹Portanto, não tenham medo. Eu sustentarei vocês e seus filhos”. José os tranquilizou e lhes falou afetuosamente.

²²José viveu no Egito com a família de seu pai, e chegou aos cento e dez anos. ²³Conheceu os filhos de Efraim até a terceira geração, e também os filhos de Maquir, filho de Manassés, e os carregou no colo. ²⁴Por fim, José disse aos irmãos: “Estou para morrer, mas Deus cuidará de vocês e os fará subir daqui para a terra que ele prometeu, com juramento, dar a Abraão, Isaac e Jacó”. ²⁵E José fez os filhos de Israel jurarem: “Quando Deus intervier em favor de vocês, levem meus ossos daqui”. ²⁶José morreu com cento e dez anos. E eles o embalsamaram e colocaram num sarcófago no Egito. [50,1-26]

NOTAS

[1,1-2,4a] A narrativa da criação não é um tratado científico, mas um poema que contempla o universo como criatura de Deus. Foi escrito pelos sacerdotes no tempo do exílio na Babilônia (586-538 a.C.) e procura salientar vários pontos. Primeiro, que existe um único Deus vivo e criador. Segundo, que a natureza não é divina, nem está povoada por outras divindades. Terceiro, que o ponto mais alto da criação é a humanidade: homem e mulher, ambos criados à imagem e semelhança de Deus. E a humanidade é chamada a dominar e a transformar o universo, participando da obra da criação. Quarto, que o ritmo da vida é trabalho e descanso: assim como Deus descansou do trabalho criador, também o homem tem direito ao dia semanal de descanso. Importante notar que a criação toda é marcada pelo selo de Deus: “era bom... muito bom”.

[2,4b-25:] A primeira narrativa da criação (1,1-2,4a) apresenta as águas disformes como caos, desordem e ausência de vida. A segunda narrativa, elaborada no tempo do rei Salomão (séc. X a.C.), se originou entre nômades que viviam no deserto; para eles, terra seca é ausência de vida. Por isso imaginam, como início da criação, a chuva e a possibilidade de o homem encontrar água. A grande bênção inicial é, portanto, a água (vv. 4b-7). Os vv. 8-17 narram a história do Éden, um paraíso na terra, para onde confluem os maiores rios do mundo então conhecido, e onde as árvores e frutos são abundantes. Deus criou a terra para que o homem usufrua dela e possua vida plena (árvore da vida). A condição única é o homem se subordinar a Deus: obedecer ao seu projeto de vida e fraternidade, e não querer decidir por si mesmo o que é bem e o que é mal (comer o fruto da árvore do bem e do mal), a fim de não ser causa a espécie alguma de opressão e morte. Os vv. 18-25 salientam duas coisas: primeiro, que o homem tem domínio sobre a criação “dando nome aos animais” e, por isso, participa do poder criativo de Deus; segundo, que “a mulher não foi tirada da cabeça do homem para mandar nele, nem foi tirada dos pés dele para ser sua escrava; mas foi tirada do lado, para ser sua companheira”.

[3,1-24] O texto procura explicar a origem do mal. O centro dessa questão é a pretensão de ser como Deus (v. 5), usurpando o lugar do Deus verdadeiro para tornar-se auto-suficiente, isto é, um falso deus. A auto-suficiência é a mãe de todos os males, que são apenas consequência dela. Deus é o Senhor absoluto, e seu projeto é vida e liberdade para todos, no clima de fraternidade e partilha.

Quando o homem se torna auto-suficiente, se rebela contra o projeto de Deus e faz o seu próprio projeto: liberdade e vida só para si mesmo. O homem sonha possuir liberdade e vida plenas; porém, na sua auto-suficiência, ele produz o contrário: escravidão e morte. As relações de fraternidade transformam-se em relações de poder e opressão; a relação de partilha transforma-se em exploração, e esta produz a riqueza de poucos e a pobreza de muitos. Desse modo, as relações ficam distorcidas e quebradas, tanto dos homens entre si como dos homens com a natureza. Nesse clima gerado pelo mal, que tende a se multiplicar, o caminho já não leva para a vida, mas para a morte (vv. 22-24). Tudo perdido? Não. Diante do mal gerado pelo homem, Deus promete uma descendência que estará comprometida com o projeto de Deus, projeto este que triunfará sobre todo o mal. O Novo Testamento vê nessa descendência o povo comprometido com Jesus Cristo, que é o supremo revelador e realizador do projeto de Deus.

[4,1-16] O relacionamento entre os *irmãos* Caim e Abel é o oposto daquilo que Javé espera do relacionamento entre os homens: a fraternidade, em que cada um é protetor do seu próximo. A auto-suficiência introduz a rivalidade e a competição nesse relacionamento: a fraternidade é destruída e, em vez de proteger, o homem fere e mata o seu próximo. A primeira vez que a palavra *pecado* aparece na Bíblia é num contexto social (v. 7).

[17-26] O texto apresenta o desenvolvimento da civilização, com suas bases culturais e tecnológicas. Surge o homem *político* (da *pólis* = cidade; v. 17), o homem *artista* (v. 21) e o homem *artesão* (v. 22). A civilização, porém, nasce de Caim: auto-suficiência e violência se multiplicam cada vez mais, gerando uma sociedade fundada na hostilidade e na competição. Tudo perdido? Não. Surge também o homem religioso (v. 26), que busca reunir novamente aquilo que o homem autossuficiente divide e separa. Em Mt 18,21-22, o Novo Testamento apresenta a antítese da violência.

[5,1-32] Na perspectiva dos antigos, a história é uma sucessão de gerações, de modo que contar a história, é contar a história das famílias. Notemos que a geração humana transmite para cada novo ser humano a originalidade com que Deus criou Adão: à imagem e semelhança de Deus (vv. 1-3). Assim, a salvação se mostra já presente na história. Para o Antigo Testamento, ser feliz é viver bastante. Salientando a idade, o texto quer mostrar o seguinte: à medida que o mal cresce, o homem é menos feliz, ou seja, vive menos (cf. 6,3): antes do dilúvio, vive-se de 700 a 1.000 anos; depois do dilúvio, de 200 a 600 anos (cf. Gn 11,10-26); a partir de Abraão, de 100 a 200 (cf. Gn 23,1 etc.); mais tarde, de

70 a 80 anos (cf. Sl 90,10).

[6,1-8] A auto-suficiência chega ao máximo da pretensão: o homem começa a considerar-se um deus ou semi-deus, projetando uma super-humanidade independente do projeto original de Deus. Vendo sua criação desfigurada, Javé decide exterminá-la. Tudo perdido? Não. A história vai continuar através de Noé, o homem justo.

[6,9-7,5] Inspirada nas inundações periódicas dos grandes rios, a narrativa do dilúvio é típica das antigas culturas médio-orientais. Os autores bíblicos a utilizaram por causa do seu *significado simbólico*: o dilúvio é uma volta ao caos primitivo (compare Gn 1,6-30 com 6,17 e 7,18-24). Contudo, qual é o dilúvio que acontece na história? São os acontecimentos catastróficos gerados pela auto-suficiência, que chega a formas tão extremadas que produz o caos na natureza e no mundo humano. O texto é também uma apologia do justo: este sabe *discernir* a catástrofe e tomar uma atitude para sobreviver e preservar a vida. É através do justo que a história continua.

[7,6-24] O texto é repetitivo porque mistura duas tradições, de épocas diferentes, sobre o dilúvio. A comparação com Gn 1,1-10 mostra que o dilúvio significa uma volta ao caos primitivo; quando a humanidade destrói em si a imagem de Deus, a consequência é a destruição de todo o mundo criado.

[8,1-9,7] Através do justo, Deus começa uma nova criação (comparar 9,1-7 com Gn 1,28-30). A nova criação começa com uma oferta a Javé, que não deixa o homem ser dominado pelo caos. Ele promete nunca mais destruir a sua criação: doravante, ele aceita a ambiguidade humana (v. 21), que também é responsável pela ambiguidade do mundo e da história. Experimenta-se a graça na estabilidade da ordem natural, não obstante o contínuo pecar do homem.

[9,8-17] O arco-íris, que aparece depois da chuva, torna-se o sinal da aliança de Deus com toda a criação. Através dessa aliança, Deus garante a vida para todos. Doravante, qualquer destruição que aparecer na história humana será devida aos homens, e não a Deus.

[18-29] A narrativa mostra que o pecado continua no mundo. Sem é abençoado, porque dele se formará o povo de Israel. Cam é o antepassado dos cananeus, adversários ferrenhos de Israel. A maldição de Cam foi *abusivamente* interpretada na história como maldição da raça negra.

[10,1-32] A lista dos povos é uma espécie de geografia política da época. É colocada aqui para explicar como foi que o mundo se repovoou depois do dilúvio. Mostra ainda que o povo de Israel, que nascerá de Abraão, é um povo eminentemente histórico, inserido no meio das nações; não é um povo mítico, isto é, provindo do mundo dos deuses.

[11,1-9] O texto apresenta outra explicação para a diversidade de povos e línguas: é um castigo contra a pretensão coletiva que, como a dos antepassados (Gn 3), é uma falta provocada pelo orgulho (v. 4). Babel lembra certamente Babilônia (Senaar), a civilização que se tornou o modelo das grandes potências. Babel se apresenta como símbolo da cidade deformada pela auto-suficiência, que produz uma estrutura injusta, exploradora e opressora. A reunião dos povos e línguas acontecerá no Pentecostes (At 2) e na consumação da história (Ap 21-22).

Na mesma linha de Gn 3-11, a ambiguidade humana produz uma relação social competitiva (Gn 4,1-16), uma cultura ambígua (Gn 4,17-26), um processo histórico caótico (Gn 6-8) e uma cidade idolátrica (Gn 11,1-9). Daqui para a frente, começa uma nova história, voltada para uma relação social justa, para uma cultura verdadeiramente humana, para um processo histórico dirigido para a vida, e uma cidade fundada na justiça e na fraternidade.

[10-32] Esta genealogia acompanha a de Gn 5, procurando apresentar Abraão como herdeiro legítimo das bênçãos e promessas de Deus, feitas na criação e após o dilúvio.

[12,1-9] A história de Abraão está diretamente ligada à história de toda a humanidade: com ele começa a surgir o embrião de um povo que terá a missão de trazer a bênção de Deus para todas as nações da terra. Esse povo será portador do projeto de Deus: toda nação que se orientar por esse projeto estará refazendo no homem a imagem e semelhança de Deus, desfigurada pelo pecado. O caminho começa pela fé: Abrão atende o chamado divino e aceita o risco sem restrições. Ele percorre rapidamente a futura terra prometida: isso mostra que o projeto do qual ele é portador é um projeto histórico, encarnado dentro da ambiguidade e conflitividade humana. O que Deus promete a Abrão? Simplesmente aquilo que qualquer nômade desejava: *terra* para os rebanhos e *filhos* para cuidar deles. Em outras palavras, o que Deus promete é exatamente aquilo a que o homem aspira para responder às suas necessidades vitais. E hoje, quais são as supremas necessidades do homem? Por trás das necessidades estão

as aspirações e, dentro destas, a promessa de Deus.

[10-20] O texto é uma antevisão da escravidão no Egito e do êxodo. Sarai, com a mudez feminina dentro do mundo patriarcal, é símbolo do povo oprimido que clama por libertação.

[13,1-18] Ló escolhe a região onde estão localizadas cidades-estado como Sodoma e Gomorra; assim ele entra no âmbito de uma estrutura que se sustenta graças à exploração e opressão do povo. Abrão, ao invés, fica aberto para uma história nova, fundada unicamente na promessa e no projeto de Javé. Não tomando a dianteira para escolher a sua parte, mais uma vez Abrão entrega-se a Deus na fé, para que este lhe aponte o caminho.

[14,1-16] Javé prometera uma terra a Abrão. Na campanha contra os quatro reis, Abrão é forçado a percorrer a Palestina de norte a sul e de leste a oeste, conforme lhe ordenara Javé (13,7). Essa é a terra que Javé reserva para o seu povo, e que será conquistada no tempo de Davi. O texto, fazendo de Abrão um guerreiro, quer salientar que a terra prometida é dom de Deus, o qual não dispensa a participação do homem: o povo terá que lutar para conquistá-la. Deus concede o seu dom, mas o homem só o recebe quando se esforça para conquistá-lo.

[17-24] Compreendemos melhor o texto se vemos em Abrão a figura do rei Davi: após conquistar todo o território, Davi fez aliança com a dinastia sacerdotal que governava Jerusalém (Salém). Ele tornou Jerusalém centro político e religioso do povo; mas quem continuou a fazer o serviço religioso foi a descendência dos sacerdotes sadocitas, a qual lembra o nome de Melquisedec (Sadoc = justo; Melquisedec = meu rei é justo). O acordo entre Abrão e o rei de Sodoma faz pensar num poder político que não está interessado em oprimir o povo ou juntar riquezas. Aceitando apenas a parte que cabe a seus companheiros, Abrão dá um exemplo de justiça: a cada um o que cada um precisa.

[15,1-21] Deus promete e o homem aspira; mas nada ainda acontece. Deus desafia novamente Abrão com a promessa, e este acredita e confia. A justiça do homem consiste numa entrega confiante ao Deus que garante cumprir o que promete, quando ainda nada pode ser verificado (cf. Hb 11,1). Abrão pede um sinal; e como sinal, além da criação e da aliança com Noé, temos aqui a terceira grande aliança. Ora, a *aliança* era um acordo em que ambos os contraentes se empenhavam entre si; era concluída com um rito, no qual os contraentes passavam entre animais divididos: quem violasse a aliança teria a mesma sorte

que esses animais. Notemos que somente Javé (fogueira, tocha) passa entre os animais: a aliança com Abrão é um empenho exclusivo de Deus: só Deus pode realizar aquilo que prometeu.

O esquema do Êxodo é fortemente representado no texto: Deus faz Abrão *sair* de Ur para dar-lhe a terra (v. 7); da mesma forma, os descendentes de Abrão serão escravos no Egito e Deus os fará *sair* daí para lhes dar a *terra* (vv. 13-20). *Sair para*: é o movimento de *libertação* que torna possível, tanto para o indivíduo, como para o povo ao qual ele pertence, caminhar para a *vida*.

[16,1-16] No Antigo Oriente, uma legislação permitia que a esposa estéril cedesse ao marido uma escrava para a procriação; o filho nascido da escrava era reconhecido como legítimo. Recorrendo a esse artifício legal, Abrão está querendo facilitar a realização da promessa; mas não é isso que Deus quer. Ismael, filho da escrava, é abençoado, mas não é através dele que Javé realizará a promessa. Deus faz um grande projeto para o homem; contudo, muitas vezes, o homem acha impossível realizá-lo, e recorre a subterfúgios, traindo o desafio contido na promessa e que está dentro da aspiração humana.

[17,1-27] A mudança do nome indica um compromisso com Deus para realizar uma missão. A circuncisão é um rito que indica a pertença ao povo com o qual Deus faz aliança. Esse rito, como o batismo, supõe o compromisso de viver conforme Deus quer (v. 1). Notemos que tanto os livres como os escravos são circuncidados: o povo de Deus nasce aberto para todos, e diante de Deus são todos iguais. É um convite para que os homens também realizem essa igualdade entre si.

[18,1-15] As pessoas devem estar abertas a situações corriqueiras, pois é através delas que Deus se manifesta para fazer o seu dom. O dom que Deus promete muitas vezes parece impossível e até mesmo sem cabimento para os homens; contudo, é através da impossibilidade dos homens que Deus torna possível a realização do seu projeto.

[16-33] Do povo da aliança Deus espera a prática da justiça e do direito, que realizam o projeto de Deus. Esse projeto provoca a destruição da cidade injusta. A intercessão de Abraão mostra que o justo se compadece do povo da cidade. Mas o texto levanta perguntas: Quantos justos são necessários para que uma cidade não seja destruída pela injustiça? Até onde Deus está disposto a agir com misericórdia? O texto não responde. O Novo Testamento mostra que Deus, na sua misericórdia, está disposto a salvar não só uma cidade, mas a humanidade

toda, e por causa de *um só justo*: Jesus Cristo.

[19,1-29] Esta história procura explicar a destruição de duas cidades vizinhas ao mar Morto. Sobressai aqui a justiça de Deus, que ouve o clamor dos oprimidos (v. 13). Sodoma e Gomorra se tornarão o símbolo da corrupção e da injustiça (Is 1,9-10; Jr 49,18; Mt 11,23 etc.). Ló é salvo porque observou a lei da hospitalidade, uma das mais importantes no mundo oriental.

[30-38] O episódio explica a origem dos moabitas (Moab = saído do pai) e dos amonitas (Ben-Ami = filho do meu povo), povos vizinhos e inimigos de Israel, lembrados aqui como fruto das cidades condenadas. O gesto das filhas de Ló é motivado pelo desejo profundo de perpetuar a vida.

[20,1-18] O episódio é uma repetição de 12,10-20 (cf. nota). O texto procura também justificar a atitude de Abraão.

[21,1-7] O nascimento do filho da promessa é um desafio à natureza e à compreensão humana. Para Deus nada é impossível (cf. Gn 18,14).

[8-21] Enquanto a mãe Agar se coloca à distância *para não ouvir* os gritos do filho prestes a morrer, Deus *ouve* esse grito e se apresenta para salvar. Trata-se do filho de uma escrava: Deus está aberto para ouvir os clamores de todos os povos e encaminhá-los para a vida.

[22-34] O texto quer explicar o significado do nome Bersabeia (“poço do juramento” ou “poço das sete ovelhas”). E, provavelmente, é uma justificativa posterior da posse desse território pelos israelitas.

[22,1-19] Deus tira todas as seguranças de Abraão, para lhe fazer sua promessa e entregar-lhe seu dom (cf. Gn 12,1-9 e nota). Muitos obstáculos parecem tornar impossível a realização desse dom e promessa (velhice, esterilidade). Quando a promessa começa a cumprir-se com o nascimento de Isaac, Abraão poderia acomodar-se e perder de vista o grande projeto, para o qual Deus o chamara. Por isso, Deus lhe pede um novo ato de fé que confirme sua obediência. Deus não promete nova segurança para o homem se acomodar; pelo contrário, desafia o homem a estar sempre alerta, a fim de relacionar-se com Deus e criar uma nova história. Só assim o projeto de Deus não será confundido com as limitações dos projetos humanos.

[20-24] Esta lista genealógica começa a preparar a história de Isaac e Jacó, e introduz as histórias do casamento dos dois (cf. Gn 24; 28-29). Era costume dos antigos que os matrimônios fossem realizados entre jovens de clãs aparentados

(cf. 24,3-4).

[23,1-20] O texto ressalta que a promessa da *terra* começa a tornar-se realidade: ao comprar o terreno de Macpela, Abraão tem pelo menos um lugar para enterrar seus mortos. É o primeiro pedaço de chão dos antepassados de Israel na terra de Canaã.

[24,1-67] Deus continua a providenciar a realização da promessa. Passo importante é o casamento de Isaac, do qual nascerão os *futuros descendentes*. Note-se que a esposa adequada é reconhecida pela generosidade.

[25,1-6] Estes versículos formam um apêndice à história de Abraão. O autor bíblico quer mostrar que o patriarca, além de beneficiário da promessa, é também ponto de partida para a formação de outros povos.

[7-11] A notícia da morte de Abraão encerra a história desse patriarca com novo toque de vida: morrer idoso é sinal de uma vida plena e de cumprimento da bênção de Deus. Jamais querida por Deus, a morte precoce é fruto da ação perversa dos homens.

[12-18] Antes de iniciar a história dos filhos da promessa (Isaac e Jacó), o autor bíblico fala de Ismael, filho de Agar, que também formou um grande povo: os ismaelitas, dos quais descendem os árabes.

[19-28] A luta dos filhos no ventre materno mostra a futura inimizade entre dois povos irmãos: os edomitas, descendentes de Esaú, e os israelitas, descendentes de Jacó.

[29-34] O direito de primogenitura assegurava ao filho mais velho a autoridade patriarcal sobre os outros irmãos, e também a parte maior na herança. O relato destaca a estupidez de Esaú, que troca seus direitos por um prato de lentilhas. Essa atitude faz pensar em muitas pessoas que vendem seus direitos e até mesmo a própria liberdade “a troco de banana”.

[26,1-11] O episódio é uma repetição de Gn 12,10-20 e 20,1-18.

[12-35] A briga por causa dos poços é, na verdade, uma luta para a ocupação da terra. A promessa feita a Abraão passa para Isaac e, em meio aos conflitos, pouco a pouco vai se tornando realidade.

[27,1-40] Jacó antes se aproveitou da fome do irmão para lhe tirar o direito de primogenitura; agora, para roubar a bênção patriarcal, ele se une à esperteza da mãe e aproveita a cegueira do pai. O texto está preocupado em mostrar a

supremacia de Israel, povo descendente de Jacó, sobre Edom, povo descendente de Esaú.

[27,41-28,9] Jacó e Rebeca fizeram uma trapaça, enganando Esaú e Isaac. Agora, pagam por isso: Jacó tem que fugir para uma terra distante e Rebeca nunca mais verá seu filho querido.

[28,10-22] O episódio mostra a *essência da religião*. Religião é a relação misteriosa entre Deus e o homem: embora transcendente e infinitamente santo, Deus está sempre em relação viva com as suas criaturas (escada, anjos). Nessa relação, o homem é incapaz de tomar a iniciativa; o máximo a que pode chegar é entregar-se (sono) para que Deus se manifeste gratuitamente (sonho) e revele o projeto que ele vai realizar na vida do homem (promessa: vv. 13-15). Toda e qualquer vida humana que esteja aberta e disponível, torna-se um santuário (Betel = casa de Deus), onde Deus se manifesta, criando vida e história. Cf. Jo 4,21-24.

[29,1-30] Jacó agora paga as fraudes passadas, sofrendo as espertezas do tio.

[29,31-30,24] Jacó teve doze filhos (Dina será substituída por Benjamim — cf. 35,18). Todos serão assumidos como antepassados das doze tribos que formarão o povo de Israel. O nome de cada filho está ligado à rivalidade entre as mães, vista aqui como drama no qual o próprio Deus toma parte.

[30,25-31,21] Labão explorou durante muito tempo o trabalho de Jacó. Agora lhe propõe trabalho em troca de salário. Jacó recusa e, com muito tino, faz uma proposta aparentemente mais modesta, que o tornará proprietário dos animais que têm cor anormal. Para entendermos melhor a proposta de Jacó, lembremos de que no Oriente os carneiros são geralmente brancos e as cabras são pretas. Mais uma vez Labão engana Jacó (30,35-36). Jacó, porém, usa um expediente para multiplicar os animais de cor anormal (30,37-42), compensando a contínua exploração exercida pelo tio (31,7). Após seis anos nessa luta (31,41), Jacó volta para a sua terra. O texto mostra que o povo explorado tem todo o direito de se defender e de se organizar contra o explorador, a fim de ter meios para viver com dignidade.

[31,22-32,3] Labão não se conforma com o fato de Jacó ganhar independência econômica e poder assim escapar de suas mãos. Entretanto, diante da firmeza de Jacó, ele procura desculpas para o manter sob seu domínio (o roubo dos ídolos domésticos). Não conseguindo provar nada, por causa da esperteza de Raquel,

agora só lhe resta uma solução para manter Jacó dependente: uma aliança. Jacó, porém, age de igual para igual e não como submisso: estabelece um marco que indica uma conquista e limite de fronteiras (v. 45: estela). Através da visão de Labão (vv. 24.29), o autor bíblico mostra que Deus protege o povo explorado, para que possa permanecer firme em suas reivindicações: entra assim numa igualdade de condições diante do explorador e exige os próprios direitos, ganhando *independência econômica e política*. A promessa de ter descendência e terra vai se realizando através da proteção divina e da luta contínua do homem dentro dos conflitos.

[32,4-22] Jacó sente-se culpado: depois de ser explorado por vinte anos, percebe melhor a trapaça que fizera contra o irmão. Tem medo e toma providências para que Esaú o receba bem.

[23-33] Na tensão frente ao encontro com o irmão, Jacó fica sozinho, à noite. Desencadeia-se uma luta misteriosa com um desconhecido, que é o próprio Deus. Jacó luta a noite toda, porque deseja a bênção que preserve sua pessoa e seus bens. Antes de abençoá-lo, o desconhecido lhe dá o nome de Israel, que será o nome do povo da promessa: a bênção não terá em vista pretensões pessoais, mas a formação de um povo. O desconhecido, porém, não revela o próprio nome: Jacó não poderá manipular a Deus, como fez com o pai e o irmão. De Jacó nascerá um povo: este vai ter como missão realizar o projeto de Deus, e jamais poderá trapacear esse projeto sem sofrer sérias consequências.

No decorrer da vida, o homem acaba tendo um encontro decisivo com Deus. No centro desse encontro há uma luta tenaz, em que o homem acaba reduzido (ferido) nas suas pretensões egocêntricas; mas, ao mesmo tempo, descobre o destino (novo nome) que Deus lhe prepara na história.

[33,1-20] O encontro com o irmão é constrangedor para Jacó: consciente de sua própria culpa, ele procura se desvencilhar o quanto antes do irmão, mas recebe uma lição de generosidade, hospitalidade e fraternidade. Na casa de Labão, Jacó precisou usar as mesmas armas do explorador para se libertar; na luta misteriosa com Deus, ele aprendeu o próprio limite e que não se pode manipular a Deus; e no encontro com Esaú, recebe uma lição de fraternidade.

[34,1-31] Nesta narrativa se ajuntam várias redações difíceis de separar. Provavelmente, o texto reflete o difícil assentamento de grupos patriarcais na terra de Canaã antes do êxodo e o agitado relacionamento entre clãs de pastores e os habitantes das cidades, tanto do ponto de vista das uniões matrimoniais

como das relações políticas. Aqui já transparece aquilo que vai ser uma constante na época da instalação após o êxodo: um conflito sociocultural entre israelitas e cananeus.

[35,1-15] O tom da narrativa é profundamente religioso: o próprio deslocamento de Jacó é descrito como se fosse uma procissão ou romaria e termina com uma teofania, isto é, manifestação de Deus. Quer salientar um dos lugares de culto para Israel: o futuro santuário de Betel, que se tornou o centro religioso das tribos do Norte, quando estas se separaram do reino do Sul, após a morte de Salomão (cf. 1Rs 12,26-33). O texto salienta que o Deus adorado em Betel é o mesmo Deus dos pais, o Deus da promessa.

[16-29] Este resumo encerra a história de Isaac, narrando a sua morte e sepultamento. Ao mesmo tempo, introduz a história dos filhos de Jacó, contando o nascimento de Benjamim, que vem completar a lista dos doze filhos, antepassados das doze tribos de Israel.

[36,1-43] O texto bíblico conserva a genealogia de Esaú, pormenorizando pessoas e locais. A intenção é salientar que o povo edomita é irmão de Israel, devendo por isso haver entre ambos uma relação de fraternidade.

[37,1-11] A história de José se abre num clima dramático: preferido pelo pai e odiado pelos irmãos, descortina-se diante dele um futuro importante, apresentado em sonhos. O final da história apresentará José como instrumento de Deus para salvar a própria família.

[12-36] Como no caso de Caim, inveja e ódio fazem que os irmãos projetem a morte de José. Sendo primogênito, Rúben se sente responsável e procura salvar José. Os fatos, porém, se precipitam e todos pensam que José morreu. Agora é a vez de Jacó pagar as tramas que havia feito contra seu irmão Esaú e seu pai Isaac.

[38,1-30] Embora estrangeira como Rute, Tamar foi incorporada ao povo de Israel e, através de seu filho Farés, tornou-se antepassada do rei Davi (cf. Rt 4,12.18-22). Ela também fará parte da genealogia de Jesus (cf. Mt 1,3).

O texto mostra como funcionava a lei do levirato: quando o marido morria sem deixar filhos, seu irmão era obrigado por lei a se unir com a viúva, e o filho que nascesse seria considerado como filho do irmão morto. Essa lei visava a conservar a herança no âmbito da família (cf. Dt 25,5-10). Onã é condenado por violar essa lei.

[39,1-23] José vai descendo aos limites do sub-humano: de pessoa livre, torna-se escravo, e de escravo torna-se prisioneiro. Contudo, de forma misteriosa e incompreensível para o homem, salienta-se quatro vezes que “Javé estava com José”. Sem saber, qualquer pessoa pode estar sendo instrumento de Deus e, através dela, Deus espalha suas bênçãos para todos os que a cercam.

[40,1-23] Para os antigos, o sonho era um modo com que Deus se manifestava ao homem e lhe revelava o futuro. O significado do sonho, porém, só podia ser interpretado por Deus. Mostrando que José é capaz de interpretar os sonhos, o texto salienta que ele sabe discernir a ação de Deus na história, isto é, sabe ler o que Deus está para realizar.

[41,1-36] Começa a ascensão de José. Além do seu discernimento para interpretar a ação de Deus, ele demonstra também o tino administrativo que salvará da fome o país. José é sábio: tem capacidade de discernir a ação de Deus e agir de acordo, pois a providência de Deus não dispensa o homem de analisar as situações e tomar atitudes adequadas.

[37-57] Por sua previdência e tino administrativo, José se torna vice-rei do Egito e, graças a ele, é contida a situação de fome do povo. Seus filhos Manassés e Efraim formarão duas tribos em Israel, que juntas formam a “Casa de José”.

[42,1-38] Os sonhos de José se concretizam: seus irmãos se prostram diante dele (cf. 37,5-11). José os trata com severidade para verificar o arrependimento deles, e os submete a uma série de provas. O que ele quer saber é se os irmãos se modificaram, e se são capazes de agir com verdadeira fraternidade. Simeão foi escolhido por ser o segundo filho, pois José fica sabendo que Rúben, o mais velho, não era culpado. Como José, Benjamim era filho de Raquel, a esposa amada de Jacó: será que os irmãos odeiam Benjamim como odiavam a José?

[43,1-34] O teste de fraternidade a que José submete os irmãos começa a surtir efeito: Judá se responsabiliza por Benjamim. A boa acolhida de José causa espanto nos irmãos e prepara o ponto máximo do encontro.

[44,1-34] Cf. nota em 42,1-38. Judá, que tinha sugerido vender José como escravo (Gn 37,26-27) e fizera o pai sofrer, agora está disposto a se tornar escravo para que seu irmão Benjamim, preferido do pai, possa voltar para casa. Dessa forma, Judá redime a falta que cometera no passado contra a fraternidade.

[45,1-28] Até agora o tratamento entre José e os irmãos era de um senhor para

com os servos. Ao ver que os irmãos se transformaram, José se declara: “Eu sou José, irmão de vocês”. E o clima se torna fraterno. As palavras de José (vv. 3-8) mostram o ponto de vista da fé sobre os acontecimentos: Deus age através dos homens e das situações para realizar seu projeto de vida. Muitas vezes não compreendemos os acontecimentos e situações porque não somos capazes de descobrir o que Deus quer com eles. Caminhamos no escuro e precisamos acreditar que Deus vai realizando o seu projeto através da nossa própria incompreensão. Só no fim compreenderemos que Deus estava junto conosco durante todo o tempo, encaminhando nossa história para a liberdade e a vida.

[46,1-47,12] Em seu final, o livro do Gênesis começa a preparar o acontecimento do êxodo. De fato, em Bersabeia, Deus anuncia a Jacó: “Eu descerei com você ao Egito e o farei voltar de lá” (v. 4). A região de Gessen fica no nordeste do Egito, e daí sairá futuramente o grupo que formará o núcleo central do povo da Aliança. Em 47,1-12 temos duas versões diferentes sobre a chegada da família de Jacó no Egito (vv. 1-6b e vv. 5b-12).

[13-26] A narrativa da política agrária de José foi escrita na corte de Salomão, e tinha dupla finalidade: educar os funcionários da corte e justificar a política do rei. Salomão adotou o sistema político-econômico do Egito, instituindo os trabalhos forçados e o imposto em dinheiro e gêneros. O autor procura justificar o sistema adotado por Salomão, mostrando que o sistema foi criado por um hebreu.

[47,27-48,22] O texto é uma combinação de tradições para explicar várias coisas, projetando-as no passado para apresentá-las como disposições de Jacó: por que Manassés e Efraim, filhos de José, se tornaram antepassados de duas tribos? Por que essas tribos prosperaram? Por que a tribo de Efraim superou a tribo de Manassés?

[49,1-33] Estas previsões atribuídas a Jacó refletem evidentemente um período posterior, quando o povo de Israel já estava organizado em tribos dentro da terra de Canaã. Portanto, espelham uma situação depois do êxodo. De um lado, mostram as dificuldades que as tribos tiveram de enfrentar, quando instaladas em Canaã. Por exemplo: Issacar teve de lutar dentro do sistema de trabalhos forçados das cidades-estado cananeias. Dã precisou enfrentar exércitos montados. Gad deparou com uma estratégia guerrilheira. Efraim e Manassés (José) lutaram contra exércitos de elite que usavam arcos. De outro lado, o texto mostra a sorte de cada tribo, buscando explicações passadas, nem sempre muito

claras: Rúben e Simeão desapareceram como tribo; Levi não possui nenhum território para si; Judá, aos poucos, foi ganhando importância, até que se tornou, com Davi, a tribo principal na época do reino unido; Zabulon foi trabalhar na marinha. Outras informações do texto são obscuras.

[50,1-26] O último capítulo retoma o ambiente familiar que predominou na história de José, mas sem o mesmo tom dramático. Depois de narrar o funeral de Jacó, retoma o tema teológico que conduziu toda a história de José (cf. nota em 45,1-28): Deus age dentro dos acontecimentos, e só aqueles que enxergam isso poderão transformar a relação escravo-patrão em relações de fraternidade. Dentro desse discernimento e clima, Deus formará um povo numeroso (v. 20) que, escravizado, será por fim libertado para organizar uma sociedade onde haja liberdade e vida.

ÊXODO

DEUS LIBERTA E FORMA SEU POVO

Introdução

*A palavra **êxodo** significa **saída**. O livro tem esse nome porque começa narrando como os hebreus saíram da terra do Egito, onde eram escravos. O acontecimento se deu por volta do ano 1250 a.C.*

*Quem desconhece a mensagem do Êxodo jamais entenderá o sentido de toda a Bíblia, pois está fundamentada nesse livro a ideia que se tem de Deus, tanto no Antigo como no Novo Testamento. De fato, a mensagem central do Êxodo é a revelação do **nome** do Deus verdadeiro: JAVÉ. Embora de origem discutida, esse nome no Êxodo está intimamente ligado à libertação do povo hebreu. Javé é o único Deus que ouve o clamor do povo oprimido e o liberta, para estabelecer com ele uma **aliança** e lhe dar leis que transformem as relações entre as pessoas. Daí surge uma comunidade em que são asseguradas vida, liberdade e dignidade. Essa aliança é afirmada em duas formas: princípios de vida (Decálogo) que orientam o povo para um ideal de sociedade, e leis (Código da Aliança) que têm por finalidade conduzir o povo a uma prática desse ideal nos vários contextos históricos. Desse modo, o homem só é capaz de nomear o verdadeiro Deus quando o considera de fato como o **libertador** de qualquer forma de escravidão, e quando o mesmo homem se põe a serviço da libertação em todos os níveis da própria vida. Somente Javé é digno de adoração. Qualquer outro deus é ídolo, e deve ser rejeitado. Percebemos aí um convite a escolher entre o Deus verdadeiro e os ídolos. Tal escolha é decisiva: ou viver na liberdade, ou cultuar e servir à opressão e exploração.*

Os capítulos 25-31 e 35-40 foram acrescentados por sacerdotes após o exílio na Babilônia. Eles procuravam com isso dar uma identidade religiosa ao povo que não tinha identidade política nenhuma durante a dominação persa.

A pergunta fundamental do Êxodo é: “Qual é o verdadeiro Deus?” A resposta que aí encontramos é a mesma que reaparece em toda a Bíblia, e principalmente na pregação, atividade e pessoa de Jesus. Por isso, o livro do Êxodo é de suma importância para entendermos o que significa Jesus como Filho de Deus e para sabermos o que é o Reino de Deus. Sem o êxodo a Bíblia perderia o seu ponto de partida, que nos leva a Jesus Cristo, a fim de construirmos com ele o Reino e sua justiça.

ÊXODO

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27 - 28
- 29 - 30 - 31 - 32 - 33 - 34 - 35 - 36 - 37 - 38 - 39 - 40**

ÊXODO

I. A OPRESSÃO: PROJETO DE MORTE

1 *Surgimento de um povo* — ¹Nomes dos filhos de Israel que foram para o Egito com Jacó, cada qual com sua família: ²Rúben, Simeão, Levi e Judá; ³Issacar, Zabulon e Benjamim; ⁴Dã e Neftali; Gad e Aser. ⁵Os descendentes de Jacó eram ao todo setenta pessoas. José, porém, já estava no Egito. ⁶Depois, morreu José, assim como seus irmãos e toda essa geração. ⁷Os filhos de Israel se tornavam fecundos e se multiplicavam; tornaram-se cada vez mais numerosos e poderosos, a tal ponto que o país ficou repleto deles. [1,1-7]

Luta entre a morte e a vida

A opressão paralisa o povo — ⁸Subiu ao trono do Egito um novo rei que não tinha conhecido José. ⁹Ele disse ao seu povo: “Vejam! O povo dos filhos de Israel está se tornando mais numeroso e poderoso do que nós. ¹⁰Vamos vencê-los com astúcia, para impedir que eles se multipliquem; do contrário, em caso de guerra, eles se aliarão com o inimigo, nos atacarão e depois sairão do país”. ¹¹Então impuseram sobre Israel capatazes, que os exploravam em trabalhos forçados. E assim construíram para o Faraó as cidades-armazéns de Pitom e Ramsés. ¹²Contudo, quanto mais oprimiam o povo, mais ele crescia e se multiplicava. Os filhos de Israel começaram a se tornar um pesadelo para os egípcios. ¹³Por isso, os egípcios impuseram sobre eles trabalhos duros, ¹⁴e lhes amargaram a vida com dura escravidão: preparação de argila, fabricação de tijolos, vários trabalhos nos campos; enfim, com dureza os obrigaram a todos esses trabalhos. [8-14]

O opressor não consegue eliminar a vida — ¹⁵O rei do Egito ordenou às parteiras dos hebreus, que se chamavam Sefra e Fua: ¹⁶“Quando vocês ajudarem as hebreias a dar à luz, observem se é menino ou menina: se for menino, matem; se for menina, deixem viver”. ¹⁷As parteiras, porém, temeram a Deus e não fizeram o que o rei do Egito lhes havia ordenado; e deixaram os meninos viver. ¹⁸Então o rei do Egito chamou as parteiras e lhes disse: “Por que vocês fizeram isso, deixando os meninos viver?” ¹⁹Elas responderam ao Faraó: “As mulheres hebreias não são como as egípcias: são cheias de vida, e dão à luz antes que as parteiras cheguem”. ²⁰Por isso, Deus favoreceu as parteiras. E o povo se multiplicou e tornou-se muito poderoso. ²¹E como as parteiras temeram a Deus, ele deu a elas uma família numerosa. ²²Então o Faraó ordenou a todo o seu povo: “Joguem no rio Nilo todo menino que nascer; e se for menina, deixem viver”. [15-22]

2 A vida dentro da casa do opressor — ¹Um homem da tribo de Levi casou-se com uma mulher da mesma tribo: ²ela concebeu e deu à luz um filho. Vendo que era belo, o escondeu por três meses. ³Quando não pôde mais escondê-lo, pegou um cesto de papiro, vedou com betume e piche, colocou dentro a criança, e a depositou entre os juncos na margem do rio.

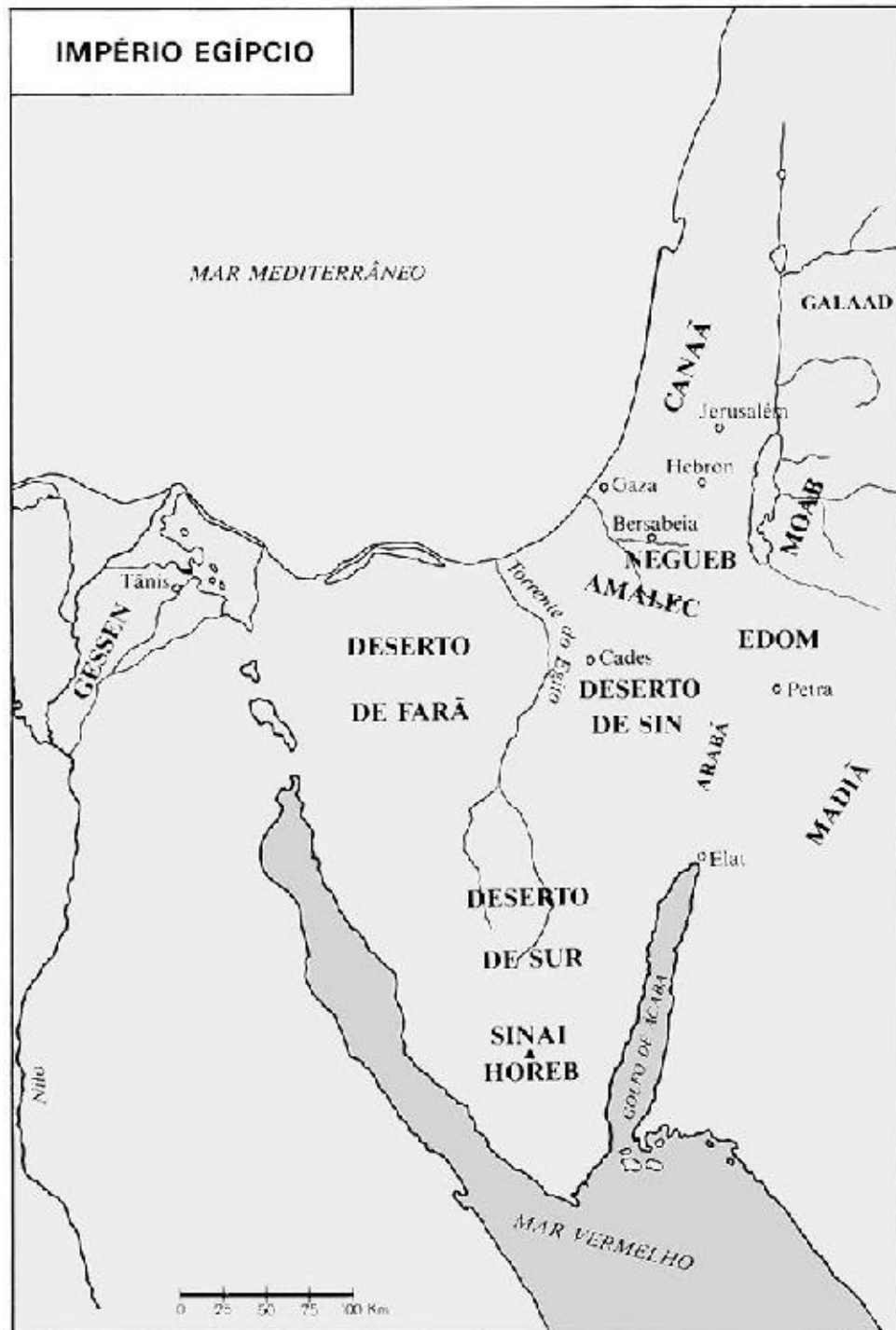
⁴A irmã da criança observava de longe para ver o que aconteceria. ⁵Nesse momento, a filha do Faraó desceu para tomar banho no rio, enquanto suas servas andavam pela margem. Ela viu o cesto entre os juncos e mandou a criada apanhá-lo. ⁶Ao abrir o cesto, viu a criança: era um menino que chorava. Ela se compadeceu e disse: “É uma criança dos hebreus!” ⁷Então a irmã do menino disse à filha do Faraó: “A senhora quer que eu vá chamar uma hebreia para criar este menino?” ⁸A filha do Faraó respondeu: “Pode ir”. A menina foi e chamou a mãe da criança. ⁹Então a filha do Faraó disse para a mulher: “Leve este menino, e o amamente para mim, que eu lhe pagarei”. A mulher recebeu o menino e o criou. ¹⁰Quando o menino cresceu, a mulher o entregou à filha do Faraó, que o adotou e lhe deu o nome de Moisés, dizendo: “Eu o tirei das águas”. [2,1-10]

Solidariedade com o oprimido — ¹¹Passaram os anos. Moisés cresceu e saiu para ver seus irmãos. E notou que eram submetidos a trabalhos forçados. Viu também que um dos seus irmãos hebreus estava sendo maltratado por um egípcio. ¹²Olhou para um lado e para outro, e vendo que não havia ninguém, matou o egípcio e o enterrou na areia.

¹³No dia seguinte, Moisés saiu e encontrou dois hebreus brigando. E disse para o agressor: “Por que você está ferindo seu próximo?” ¹⁴Ele respondeu: “E quem foi que nomeou você para ser chefe e juiz sobre nós? Está querendo me matar como matou o egípcio ontem?” Moisés sentiu medo e pensou: “Certamente a coisa já é conhecida”. ¹⁵O Faraó ouviu falar do fato e procurou matar Moisés. Moisés, porém, fugiu do Faraó e se refugiou no país de Madiã. E aí se sentou junto a um poço.

¹⁶O sacerdote de Madiã tinha sete filhas. Elas foram buscar água para encher os bebedouros e dar de beber ao rebanho de seu pai. ¹⁷Nisso, chegaram uns pastores e tentavam expulsá-las. Então Moisés se levantou para defendê-las e deu de beber ao rebanho delas. ¹⁸E elas voltaram para seu pai Ragüel, e este lhes perguntou: “Por que vocês voltaram hoje mais cedo?” ¹⁹Elas responderam: “Um egípcio nos livrou dos pastores, tirou água e deu de beber ao rebanho”. ²⁰O pai perguntou: “Onde está ele? Por que o deixaram ir embora? Vão chamá-lo para que venha comer”. ²¹Moisés concordou em morar com ele. E ele deu a Moisés sua filha Séfora. ²²Ela deu à luz um menino, a quem Moisés deu o nome de Gérson, dizendo: “Sou imigrante em terra estrangeira”. [11-22]

IMPÉRIO EGÍPCIO



II. A LIBERTAÇÃO: PROJETO DE VIDA

1. Deus ouve o clamor do oprimido

O oprimido toma consciência — ²³Muito tempo depois, o rei do Egito morreu. Os filhos de Israel gemiam sob o peso da escravidão, e clamaram; e do fundo da escravidão, o seu clamor chegou até Deus. ²⁴Deus ouviu as queixas deles e lembrou-se da aliança que fizera com Abraão, Isaac e Jacó. ²⁵Deus viu a condição dos filhos de Israel e a levou em consideração. [\[23-25\]](#)

2. Deus responde ao clamor

3 *Experiência que provoca decisão* — ¹Moisés estava pastoreando o rebanho do seu sogro Jetro, sacerdote de Madiã. Levou as ovelhas além do deserto e chegou ao Horeb, a montanha de Deus. ²O anjo de Javé apareceu a Moisés numa chama de fogo do meio de uma sarça. Moisés prestou atenção: a sarça ardia no fogo, mas não se consumia. ³Então Moisés pensou: “Vou chegar mais perto e ver essa coisa estranha: por que será que a sarça não se consome?” ⁴Javé viu Moisés que se aproximava para olhar. E do meio da sarça Deus o chamou: “Moisés, Moisés!” Ele respondeu: “Aqui estou”. ⁵Deus disse: “Não se aproxime. Tire as sandálias dos pés, porque o lugar onde você está pisando é um lugar sagrado”. ⁶E continuou: “Eu sou o Deus de seus antepassados, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó”. Então Moisés cobriu o rosto, pois tinha medo de olhar para Deus. [3,1-6]

Objetivo da libertação — ⁷Javé disse: “Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. ⁸Por isso, desci para libertá-lo do poder dos egípcios e para fazê-lo subir dessa terra para uma terra fértil e espaçosa, terra onde corre leite e mel, o território dos cananeus, heteus, amorreus, ferezeus, heveus e jebuseus. ⁹O clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e eu estou vendo a opressão com que os egípcios os atormentam. ¹⁰Por isso, vá. Eu envio você ao Faraó, para tirar do Egito o meu povo, os filhos de Israel”. [7-10]

O nome de Deus — ¹¹Então Moisés disse a Deus: “Quem sou eu para ir até o Faraó e tirar os filhos de Israel lá do Egito?” ¹²Deus respondeu: “Eu estou com você, e este é o sinal de que eu o envio: quando você tirar o povo do Egito, vocês vão servir a Deus nesta montanha”.

¹³Moisés replicou a Deus: “Quando eu me dirigir aos filhos de Israel, eu direi: ‘O Deus dos antepassados de vocês me enviou até vocês’; e se eles me perguntarem: ‘Qual é o nome dele?’ O que é que eu vou responder?” ¹⁴Deus disse a Moisés: “Eu sou aquele que sou”. E continuou: “Você falará assim aos filhos de Israel: ‘Eu Sou me enviou até vocês’ ”. ¹⁵Deus disse ainda a Moisés: “Você falará assim aos filhos de Israel: ‘Javé, o Deus dos antepassados de vocês, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó, foi quem me enviou até

vocês’. Esse é o meu nome para sempre, e assim eu serei lembrado de geração em geração”. [11-15]

O projeto da libertação — ¹⁶“Vá, reúna os anciãos de Israel e diga a eles: ‘Javé, o Deus dos antepassados de vocês, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó, ele me apareceu e disse: Eu vim ver vocês e como estão tratando vocês aqui no Egito. ¹⁷Então eu disse: Eu decidi tirar vocês da opressão egípcia e levá-los para a terra dos cananeus, heteus, amorreus, ferezeus, heveus e jebuseus, para uma terra onde corre leite e mel’. ¹⁸Os anciãos de Israel darão ouvidos a você. Então você irá com eles até o rei do Egito e lhe dirá: ‘Javé, o Deus dos hebreus, veio ao nosso encontro. Por isso, deixe-nos agora fazer uma viagem de três dias no deserto, para oferecermos sacrifícios a Javé nosso Deus’. ¹⁹Entretanto, eu sei que o rei do Egito não os deixará ir, se não for obrigado por mão forte. ²⁰Portanto, vou estender a mão e ferir o Egito com todas as maravilhas que farei no país. Então ele deixará vocês partir. ²¹Farei com que o povo conquiste a simpatia dos egípcios, de modo que, ao partir, não saiam de mãos vazias. ²²As mulheres pedirão a suas vizinhas e às donas de casa, com quem estiverem alojadas, objetos de prata e ouro e roupas para vestir seus filhos e filhas; assim, vocês vão despojar os egípcios”. [16-22]

4 *Moisés poderá demitificar a ideologia do opressor* — ¹Moisés replicou: “E se eles não acreditarem em mim, nem fizerem caso, dizendo: ‘Javé não apareceu a você?’” ²Javé perguntou-lhe: “O que você tem aí na mão?” Moisés respondeu: “Uma vara”. ³Então Javé lhe disse: “Jogue-a no chão”. Moisés jogou a vara no chão e ela se transformou em cobra. Moisés, assustado, saiu correndo. ⁴Javé disse a Moisés: “Estenda a mão e pegue-a pela cauda”. Ele estendeu a mão, pegou-a pela cauda e ela se transformou em vara. ⁵Então Javé disse: “Isso é para acreditarem que Javé, o Deus dos antepassados deles, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó, apareceu a você”.

⁶Javé disse-lhe ainda: “Coloque a mão no peito”. Moisés colocou a mão no peito; ao retirá-la, a mão estava leprosa, branca como a neve. ⁷Javé lhe disse: “Coloque de novo a mão no peito”. Moisés colocou de novo a mão no peito e, ao retirá-la, estava normal como o resto do corpo. ⁸E Javé disse: “Se eles não acreditarem e não fizerem caso de você no primeiro sinal, acreditarão em você no segundo. ⁹Se não acreditarem nem fizerem caso de você em nenhum dos dois sinais, pegue água do rio Nilo e derrame-a na terra seca: a água que você pegar

do rio se transformará em sangue sobre a terra seca”. [4,1-9]

O porta-voz de Moisés — ¹⁰Moisés insistiu com Javé: “Meu Senhor, eu não tenho facilidade para falar, nem ontem, nem anteontem, nem depois que falaste ao teu servo; minha boca e minha língua são pesadas”. ¹¹Javé replicou: “Quem dá a boca para o homem? Quem o torna mudo ou surdo, capaz de ver ou cego? Não sou eu, Javé? ¹²Agora vá, e eu estarei em sua boca e lhe ensinarei o que você há de falar”.

¹³Moisés, porém, insistiu: “Não, meu Senhor, envia o intermediário que quiseres”. ¹⁴Javé ficou irritado com Moisés e lhe disse: “Você não tem o seu irmão Aarão, o levita? Sei que ele sabe falar bem. Ele está vindo ao seu encontro e ficará alegre em ver você. ¹⁵Você vai falar com ele e transmitirá a ele as mensagens. Eu estarei na sua boca e na dele, e ensinarei a vocês o que deverão fazer. ¹⁶Ele falará ao povo no lugar de você: ele será a sua boca, e você será um deus para ele. ¹⁷Pegue esta vara na mão: é com ela que você fará os sinais”. [10-17]

Moisés parte para o Egito — ¹⁸Moisés voltou para a casa de seu sogro Jetro, e lhe disse: “Vou voltar para o Egito, para ver se meus irmãos ainda vivem”. Jetro respondeu: “Vá em paz”.

¹⁹Em Madiã, Javé disse a Moisés: “Volte para o Egito, porque morreram todos os que projetavam matar você”. ²⁰Então Moisés tomou sua mulher e seu filho, os fez montar num jumento, e voltou para a terra do Egito. Moisés levava na mão a vara de Deus. ²¹E Javé disse a Moisés: “Quando você voltar ao Egito, procure fazer na presença do Faraó os prodígios que coloquei à sua disposição. Mas eu vou endurecer o coração do Faraó, para que ele não deixe o povo partir. ²²Então você dirá ao Faraó: Assim diz Javé: Israel é o meu filho primogênito ²³e eu ordeno a você que deixe meu filho sair para que me sirva. Se você se recusar a deixá-lo partir, eu matarei o filho primogênito de você”. [18-23]

A circuncisão do filho de Moisés — ²⁴Durante a viagem, numa hospedaria, Javé foi ao encontro de Moisés e procurava matá-lo. ²⁵Séfora pegou uma pedra aguda, cortou o prepúcio de seu filho, com ele tocou os órgãos sexuais de Moisés, e disse: “Você é para mim um esposo de sangue”. ²⁶E Javé o deixou quando ela disse: “esposo de sangue”, por causa da circuncisão. [24-26]

O povo adere ao projeto de Javé — ²⁷Javé disse a Aarão: “Vá até o deserto para encontrar-se com Moisés”. Ele foi, o encontrou na montanha de Deus e o beijou. ²⁸Moisés contou para Aarão tudo o que Javé lhe havia dito quando lhe dera a missão. E falou de todos os sinais que Javé lhe havia mandado realizar. ²⁹Então Moisés e Aarão foram reunir todos os anciãos dos filhos de Israel. ³⁰Aarão repetiu tudo o que Javé tinha dito a Moisés, e este realizou os sinais diante do povo. ³¹O povo acreditou. E, ouvindo que Javé se ocupava dos filhos de Israel e vira a opressão sobre eles, todos se ajoelharam e se prostraram. [\[27-31\]](#)

3. Fracasso da via legal

50 Deus dos marginalizados — ¹Depois disso, Moisés e Aarão se apresentaram diante do Faraó e disseram: “Assim diz Javé, o Deus de Israel: Deixe meu povo partir para que celebre uma festa para mim no deserto”. ²O Faraó respondeu: “Quem é Javé, para que eu tenha de obedecer a ele e deixar Israel partir? Não reconheço Javé, nem deixarei Israel partir”. ³Eles disseram: “O Deus dos hebreus veio ao nosso encontro. Deixe-nos fazer uma viagem de três dias pelo deserto para oferecermos sacrifícios a Javé nosso Deus; caso contrário, ele nos ferirá com peste ou espada”. ⁴Então o rei do Egito lhes disse: “Moisés e Aarão, por que vocês subvertem o povo que trabalha? Voltem já para o trabalho!” ⁵E o Faraó acrescentou: “Eles já são mais numerosos que os nativos do país, e vocês ainda querem que eles deixem de trabalhar?” [5,1-5]

O revide do opressor — ⁶Nesse mesmo dia, o Faraó deu ordem aos capatazes e inspetores, dizendo: ⁷“Não deem ao povo palha para fazer tijolos, como vocês faziam antes. Que eles próprios providenciem a palha. ⁸E mais: exijam deles a mesma quantia de tijolos que faziam antes. Não diminuam nada, porque eles são preguiçosos e por isso andam clamando: ‘Vamos sacrificar ao nosso Deus’. ⁹Carreguem esses homens com mais trabalho, para que fiquem ocupados e não deem atenção a palavras mentirosas”.

¹⁰Os capatazes e inspetores saíram e falaram ao povo: “Assim disse o Faraó: ‘Não darei mais palha para vocês; ¹¹vão vocês mesmos buscá-la onde a puderem encontrar. E o trabalho não será diminuído em nada’ ”. ¹²Então o povo se espalhou por todo o território egípcio para recolher palha. ¹³Os capatazes os pressionavam, dizendo: “Acabem o trabalho de vocês, a tarefa de cada dia, do mesmo jeito de antes, quando havia palha”. ¹⁴E os capatazes açoitavam os inspetores israelitas, que os mesmos capatazes do Faraó haviam colocado sobre eles. E lhes diziam: “Por que vocês não acabaram, nem ontem nem hoje, a quantidade de tijolos que faziam antes?” [6-14]

Será que o projeto fracassou? — ¹⁵Os inspetores israelitas foram, então, reclamar diante do Faraó, dizendo: “Por que o senhor trata assim os seus servos? ¹⁶Estão exigindo que façamos tijolos, mas não nos dão palha. Seus servos são açoitados, mas o culpado é o seu povo!” ¹⁷O Faraó, porém, respondeu: “Vocês

são muito preguiçosos! É por isso que andam dizendo: ‘Vamos oferecer sacrifícios a Javé’. ¹⁸Pois agora, vão e trabalhem. Vocês não receberão palha, mas terão que produzir a mesma quantidade de tijolos”.

¹⁹Então os inspetores israelitas se viram em aperto, pois fora dito para eles que não deviam diminuir a produção diária de tijolos. ²⁰Quando saíram da presença do Faraó, encontraram Moisés e Aarão que estavam à espera deles. ²¹Então lhes disseram: “Que Javé examine e julgue a vocês, porque vocês é que nos tornaram odiosos ao Faraó e à sua corte, e puseram na mão deles uma espada para nos matar”. [15-21]

O projeto continuará pela força — ²²Então Moisés voltou-se para Javé e perguntou: “Senhor, por que maltratas este povo? Por que me enviaste? ²³Desde que me apresentei ao Faraó para falar em teu nome, o povo é maltratado, e tu não libertaste o teu povo”.

6 ¹Javé respondeu a Moisés: “Agora você verá o que vou fazer ao Faraó. É pela força que ele os deixará partir, e até os expulsará do seu país!”

²Deus falou a Moisés: “Eu sou Javé. ³Apareci a Abraão, a Isaac e a Jacó como o Deus Todo-poderoso, mas a eles não dei a conhecer o meu nome: Javé.

⁴Também estabeleci minha aliança com eles, para lhes dar a terra de Canaã, a terra em que residiam como imigrantes. ⁵Eu ouvi os gemidos dos filhos de Israel que os egípcios escravizaram, e me lembrei da minha aliança. ⁶Portanto, diga aos filhos de Israel: Eu sou Javé. Eu tirarei de cima de vocês as cargas do Egito, eu os libertarei da escravidão e os resgatarei com mão estendida, fazendo justiça solene. ⁷Eu os adotarei como meu povo e serei o Deus de vocês, aquele que tira de cima de vocês as cargas do Egito. ⁸Depois eu farei vocês entrarem na terra que prometi, com juramento, a Abraão, a Isaac e a Jacó: eu a darei como propriedade para vocês. Eu sou Javé”. ⁹Moisés comunicou isso aos filhos de Israel, mas eles não fizeram caso, porque estavam no limite da resistência, por causa da dura escravidão.

¹⁰Javé disse a Moisés: ¹¹“Vá dizer ao Faraó, rei do Egito, que deixe os filhos de Israel sair do território dele”. ¹²Moisés, porém, falou a Javé: “Se nem os filhos de Israel me dão ouvidos, como é que o Faraó vai me ouvir, a mim que não tenho facilidade de falar?” ¹³Javé falou a Moisés e Aarão e os enviou ao Faraó, rei do Egito, para tirarem os filhos de Israel do país do Egito. [5,22-6,13]

Moisés e Aarão são irmãos e levitas — ¹⁴Estes são os chefes de suas famílias. Filhos de Rúben, primogênito de Israel: Henoc, Falu, Hesron e Carmi. São os clãs de Rúben. ¹⁵Filhos de Simeão: Jamuel, Jamin, Aod, Jaquin, Soar e Saul, filho da cananeia. São os clãs de Simeão. ¹⁶Nomes dos filhos de Levi, com seus descendentes: Gérson, Caat e Merari. Levi viveu cento e trinta e sete anos. ¹⁷Filhos de Gérson: Lobni e Semei, com seus clãs. ¹⁸Filhos de Caat: Amram, Isaar, Hebron e Oziel. Caat viveu cento e trinta e três anos. ¹⁹Filhos de Merari: Mooli e Musi. São os clãs de Levi, com suas descendências.

²⁰Amram casou-se com sua tia Jocabed, e ela lhe deu Aarão e Moisés. Amram viveu cento e trinta e sete anos. ²¹Filhos de Isaar: Coré, Nefeg e Zecri. ²²Filhos de Oziel: Misael, Elisafã e Setri. ²³Aarão casou-se com Isabel, filha de Aminadab, irmã de Naasson, e ela lhe deu Nadab, Abiú, Eleazar e Itamar. ²⁴Filhos de Coré: Asir, Elcana e Abiasaf. São os clãs dos coreítas. ²⁵Eleazar, filho de Aarão, casou-se com uma das filhas de Futiel, que lhe gerou Fineias. São estes os chefes das famílias dos levitas, segundo seus clãs. ²⁶E estes são Aarão e Moisés; foi a eles que Javé disse: “Tirem do Egito os filhos de Israel, segundo seus exércitos”. ²⁷Foram eles, Moisés e Aarão, que falaram ao Faraó, rei do Egito, para que deixasse os filhos de Israel sair do Egito. [6,14-27]

Deus toma a iniciativa — ²⁸Quando Javé falou a Moisés no Egito, ²⁹Javé lhe disse: “Eu sou Javé. Diga ao Faraó, rei do Egito, tudo o que estou dizendo a você”. ³⁰Moisés respondeu a Javé: “Não sei falar com facilidade. Como é que o Faraó vai me ouvir?”

7¹Javé disse a Moisés: “Veja! Eu faço você como um deus para o Faraó, e seu irmão Aarão será seu profeta. ²Você falará tudo o que eu mandar, e seu irmão Aarão falará ao Faraó, para que este deixe os filhos de Israel partir de sua terra. ³Eu, porém, vou endurecer o coração do Faraó, e multiplicarei sinais e prodígios no país do Egito. ⁴O Faraó não vai ouvir vocês; e então, eu colocarei a minha mão em cima do Egito e tirarei do Egito os meus exércitos, o meu povo, os filhos de Israel, fazendo solene justiça. ⁵Desse modo, os egípcios saberão que eu sou Javé, quando eu estender a minha mão em cima do Egito e fizer os filhos de Israel sair do meio deles”. ⁶Moisés e Aarão fizeram exatamente o que Javé tinha ordenado. ⁷Quando falaram ao Faraó, Moisés tinha oitenta anos, e Aarão oitenta e três. [6,28-7,7]

4. A luta pela libertação

Começa o confronto — ⁸Javé disse a Moisés e Aarão: ⁹“Se o Faraó pedir que vocês façam algum prodígio, você dirá a Aarão que pegue a vara de você e a jogue diante do Faraó; e ela se transformará em cobra”. ¹⁰Moisés e Aarão se apresentaram diante do Faraó e fizeram o que Javé lhes havia mandado. Aarão jogou a vara diante do Faraó e seus ministros, e ela se transformou em cobra. ¹¹O Faraó, porém, mandou chamar os sábios e os encantadores de cobras, e também eles, os magos do Egito, fizeram o mesmo com suas ciências ocultas: ¹²cada um jogou a sua vara e elas se transformaram em cobras. No entanto, a vara de Aarão devorou as varas deles. ¹³Apesar disso, o coração do Faraó se endureceu e ele não fez caso de Moisés e Aarão, exatamente como Javé havia predito. [7,8-13]

Da água da vida ao sangue da morte — ¹⁴Javé disse a Moisés: “O coração do Faraó está endurecido, e ele se recusa a deixar o povo partir. ¹⁵Vá encontrar o Faraó de manhã. Ele vai sair até o rio, e você o esperará na margem do Nilo. Leve consigo a vara que se transformou em cobra. ¹⁶Diga ao Faraó: Javé, o Deus dos hebreus, me enviou a você para dizer: ‘Deixe meu povo partir para que me sirva no deserto. Até agora você não fez caso. ¹⁷Portanto, assim diz Javé: Com isto, você ficará sabendo que eu sou Javé: com esta vara que tenho na mão, vou tocar as águas do rio e elas se transformarão em sangue: ¹⁸os peixes do rio morrerão, o rio vai ficar cheirando mal, e os egípcios não poderão mais beber a água do rio’ ”.

¹⁹Javé disse a Moisés: “Diga a Aarão: ‘Tome a vara e estenda a mão sobre as águas do Egito, sobre os rios, canais, lagoas e sobre todos os reservatórios, para que se convertam em sangue. Haverá sangue em toda a terra do Egito, até nas vasilhas de madeira e de pedra’ ”. ²⁰Moisés e Aarão fizeram como Javé tinha mandado. Aarão ergueu a vara, tocou a água do rio diante do Faraó e de sua corte; e toda a água do Nilo se transformou em sangue. ²¹Os peixes do rio morreram, o rio ficou poluído, e os egípcios não podiam beber a água do rio. E houve sangue por todo o país do Egito. ²²Os magos do Egito, porém, fizeram o mesmo com suas ciências ocultas. O coração do Faraó se endureceu e ele não fez caso, exatamente como Javé havia predito. ²³O Faraó voltou para o palácio, sem

se preocupar com o caso. ²⁴Os egípcios cavaram nos arredores do rio para encontrar água potável, pois não podiam beber a água do rio. [14-24]

Uma negociação fraudulenta — ²⁵Sete dias depois de ter tocado o Nilo, ²⁶Javé disse a Moisés: “Apresente-se ao Faraó e diga a ele: ‘Assim diz Javé: Deixe meu povo partir para que me sirva. ²⁷Se você não o deixar partir, eu infestarei todo o território de você com rãs: ²⁸o Nilo ferverá de rãs, que subirão, entrarão em seu palácio, nas casas e quartos e até em sua cama; o mesmo acontecerá na casa de seus ministros e de seu povo, nos fornos e amassadeiras. ²⁹As rãs virão por cima de você, de seus ministros e de todo o seu povo’ ”.

8¹Javé disse a Moisés: “Diga a Aarão: ‘Estenda a mão com a vara sobre os rios, canais e lagoas, e faça subir rãs sobre todo o território egípcio’ ”. ²Aarão estendeu a mão sobre as águas do Egito, e fez subir rãs que infestaram todo o território egípcio. ³Os magos do Egito, porém, usaram suas ciências ocultas e fizeram o mesmo: fizeram subir rãs por todo o território egípcio.

⁴O Faraó mandou chamar Moisés e Aarão, e lhes disse: “Rezem a Javé, para que afaste as rãs de mim e do meu povo. Então eu deixarei o povo partir para que ofereça sacrifícios a Javé”. ⁵Moisés disse ao Faraó: “Diga-me, por favor, quando é que eu devo rezar por você, por seus ministros e por seu povo, a fim de livrar das rãs você e suas casas, de modo que as rãs fiquem somente no Nilo”.

⁶O Faraó respondeu: “Amanhã.” Moisés disse: “Será conforme está pedindo, para que você saiba que não há ninguém como Javé nosso Deus. ⁷As rãs se afastarão de você, de sua casa, dos seus ministros e do seu povo. Ficarão somente no rio”. ⁸Moisés e Aarão saíram do palácio do Faraó. E Moisés suplicou a Javé por causa das rãs que ele havia mandado contra o Faraó. ⁹Javé cumpriu o que Moisés lhe pedia: morreram as rãs que estavam nas casas, pátios e campos: ¹⁰foram ajuntadas em montes imensos, e a terra ficou poluída. ¹¹Mas o Faraó viu que havia trégua, e seu coração ficou endurecido e não lhes deu ouvidos, exatamente como Javé tinha predito. [7,25-8,11]

A ideologia do opressor é desmascarada — ¹²Javé disse a Moisés: “Diga a Aarão: ‘Estenda a vara e toque o pó do chão, e ele se transformará em mosquitos por todo o território egípcio’ ”. ¹³Aarão estendeu a mão com a vara e tocou o pó do chão, que se transformou em mosquitos, que atacavam homens e animais. E todo o pó do chão se transformou em mosquitos por todo o país do Egito. ¹⁴Os

magos do Egito tentaram fazer o mesmo, usando suas ciências ocultas para produzir mosquitos, mas não conseguiram. Os mosquitos atacavam homens e animais. ¹⁵Então os magos disseram ao Faraó: “Isso é o dedo de Deus”. Mas o coração do Faraó se endureceu e ele não os ouviu, exatamente como Javé tinha predito. [8,12-15]

O opressor reconhece a força de Javé — ¹⁶Javé disse a Moisés: “Levante-se de madrugada, apresente-se ao Faraó quando ele sair para o rio, e diga-lhe: ‘Assim diz Javé: Deixe meu povo partir para que me sirva. ¹⁷Se você não deixar o meu povo partir, eu mandarei moscas contra você, contra seus ministros, seu povo e as casas que você tem. As casas dos egípcios e até mesmo o solo em que pisam ficarão cheios de moscas. ¹⁸Nesse dia, eu tratarei de maneira diferente o território de Gessen, onde reside o meu povo, para que aí não haja moscas. Assim, você saberá que eu sou Javé e estou no país. ¹⁹Farei uma distinção entre o meu povo e o seu povo. Este sinal acontecerá amanhã’.” ²⁰Assim fez Javé: nuvens de moscas invadiram o palácio do Faraó e de seus ministros e todo o território egípcio, de modo que toda a terra do Egito ficou infestada de moscas.

²¹O Faraó mandou chamar Moisés e Aarão, e disse a eles: “Vão oferecer sacrifícios ao Deus de vocês dentro do meu território”. ²²Moisés respondeu: “Não é oportuno fazer isso, porque nossos sacrifícios a Javé nosso Deus são abomináveis para os egípcios. Se imolarmos diante deles o que eles abominam, certamente irão nos apedrejar. ²³Temos que viajar três dias pelo deserto, para oferecer sacrifícios a Javé nosso Deus, conforme ele nos mandou”. ²⁴O Faraó propôs: “Eu deixarei vocês fazer sacrifícios ao Deus de vocês no deserto, com a condição de que vocês não se afastem muito. Rezem por mim”. ²⁵Moisés respondeu: “Logo que eu sair da sua presença, rezarei a Javé, para que amanhã mesmo ele afaste as moscas do Faraó, dos seus ministros e do seu povo. Mas que o Faraó não torne a me enganar, não permitindo que o povo vá fazer sacrifícios a Javé”. ²⁶Moisés saiu da presença do Faraó e orou a Javé. ²⁷E Javé fez o que Moisés pedia: afastou as moscas do Faraó, dos seus ministros e do seu povo, até que não ficou uma só. ²⁸Mas o Faraó endureceu o coração também dessa vez, e não deixou o povo partir. [16-28]

9 Javé está com o seu povo — ¹Javé disse a Moisés: “Apresente-se ao Faraó e diga a ele: Assim diz Javé, o Deus dos hebreus: ‘Deixe meu povo partir para que me sirva. ²Se você não o deixar partir, e o continuar segurando à força, ³a

mão de Javé vai ferir, com uma peste maligna, o rebanho do campo, os cavalos, jumentos, camelos, bois e ovelhas'. ⁴Javé, no entanto, fará distinção entre os rebanhos de Israel e os rebanhos dos egípcios, de modo que nada perecerá do que pertence aos filhos de Israel. ⁵Javé estabeleceu um prazo: amanhã Javé fará isso no país". ⁶Javé cumpriu sua palavra no dia seguinte. E morreram todos os animais dos egípcios, mas não morreu nenhum dos animais dos filhos de Israel. ⁷O Faraó mandou averiguar e viu que do rebanho de Israel nenhum animal havia morrido. No entanto, o Faraó endureceu o coração e não deixou o povo partir. [9,1-7]

A ideologia do opressor é derrotada — ⁸Javé disse a Moisés e Aarão: "Peguem do forno um punhado de cinza, e Moisés o atire no ar diante dos olhos do Faraó. ⁹A cinza se transformará em pó sobre todo o território egípcio e cairá sobre homens e animais, produzindo úlceras e chagas em toda a terra do Egito". ¹⁰Eles pegaram cinza do forno, apresentaram-se ao Faraó, e Moisés a jogou para o ar, e os homens e animais ficaram cobertos de tumores e chagas. ¹¹Os magos, por causa dos tumores, não puderam ficar de pé diante de Moisés, porque havia tumores nos magos e em todos os egípcios. ¹²Javé, porém, endureceu o coração do Faraó e este não os ouviu, exatamente como Javé tinha predito a Moisés. [8-12]

Os interesses dividem a classe dominante — ¹³Javé disse a Moisés: "Levante-se de madrugada, apresente-se ao Faraó, e diga a ele: 'Assim diz Javé, o Deus dos hebreus: Deixe meu povo partir para que me sirva, ¹⁴pois desta vez mandarei todas as minhas pragas contra você, contra seus ministros e contra o seu povo, para que você saiba que não há ninguém como eu em toda a terra. ¹⁵De fato, se eu já tivesse estendido a mão para ferir você e o seu povo com peste, você teria desaparecido da terra. ¹⁶Entretanto, foi exatamente para isto que eu o conservei de pé, para lhe mostrar a minha força e para que minha fama se espalhe por toda a terra. ¹⁷No entanto, você continua a reter o meu povo e não o deixa partir! ¹⁸Veja bem! Amanhã, a esta mesma hora, farei cair uma pesada chuva de pedras, como nunca se viu no Egito, desde o dia em que foi fundado até hoje. ¹⁹Agora, portanto, mande recolher seus animais e tudo o que você tem no campo, porque os homens e animais que estiverem no campo e não se refugiarem sob um teto vão morrer por causa da chuva de pedras' ". ²⁰Os ministros do Faraó que respeitaram a palavra de Javé apressaram-se em dar refúgio a seus escravos e

colocar o rebanho em estábulos. ²¹E aqueles que não deram importância à palavra de Javé deixaram os escravos e o rebanho no campo.

²²Javé disse a Moisés: “Estenda a mão para o céu, e cairá chuva de pedras em todo o território egípcio: sobre homens e animais e sobre toda a vegetação”.

²³Então Moisés estendeu a vara para o céu, e Javé mandou trovões e chuva de pedras, e caíram raios sobre a terra. E Javé fez cair chuva de pedras no território egípcio. ²⁴Caiu chuva de pedras acompanhada de raios; era uma chuva tão forte como nunca houve em toda a terra do Egito, desde que começou a ser nação.

²⁵A chuva de pedras destruiu tudo o que havia no território egípcio: feriu tudo o que se encontrava no campo, homens e animais, destruiu a vegetação campestre e quebrou todas as árvores do campo. ²⁶Só não houve chuva de pedras na terra de Gessen, onde viviam os filhos de Israel.

²⁷Então o Faraó mandou chamar Moisés e Aarão, e lhes disse: “Desta vez eu pequei. Javé é justo, e eu com meu povo somos ímpios. ²⁸Rezem a Javé, porque já bastam esses trovões e a chuva de pedras! Eu os deixarei partir, e vocês não ficarão mais aqui”. ²⁹Moisés respondeu: “Quando eu sair da cidade, estenderei as mãos para Javé: os trovões cessarão e não haverá mais chuva de pedras, para que você saiba que a terra pertence a Javé. ³⁰Quanto a você e seus ministros, porém, eu sei que vocês ainda não temem o Deus Javé”.

³¹O linho e a cevada se perderam, pois a cevada já estava na espiga e o linho estava florescendo; ³²o trigo e o centeio, porém, não se perderam, porque são tardios.

³³Moisés saiu do palácio do Faraó e da cidade. E estendeu as mãos para Javé. Os trovões e a chuva de pedras cessaram, e parou de chover sobre a terra. ³⁴Ao ver que a chuva, as pedras e os trovões tinham parado, o Faraó continuou a pecar, endurecendo o coração, tanto ele como seus ministros. ³⁵O coração do Faraó se endureceu. E ele não deixou partir os filhos de Israel, exatamente como Javé tinha predito a Moisés. [\[13-35\]](#)

10 *Não ceder em nada!* — ¹Javé disse a Moisés: “Apresente-se ao Faraó, pois eu endureci o coração dele e de seus ministros, para realizar entre eles os meus sinais, ²a fim de que você conte ao seu filho e ao seu neto de que modo eu caçoei dos egípcios, e quantos sinais realizei no meio deles. Assim, vocês saberão que eu sou Javé”.

³Então Moisés e Aarão se apresentaram diante do Faraó e lhe disseram: “Assim

diz Javé, o Deus dos hebreus: ‘Até quando você vai se negar a humilhar-se diante de mim? Deixe meu povo partir para que me sirva. ⁴Se você não deixar meu povo partir, amanhã mandarei gafanhotos sobre o seu território. ⁵Eles cobrirão a superfície da terra, e não se poderá mais ver o chão. Comerão todo o resto que não foi atingido pela chuva de pedras e todas as árvores que crescem no campo. ⁶Encherão as casas que você tem, assim como de seus ministros e de todos os egípcios, como seus pais e avós nunca viram, desde o dia em que vieram à terra até hoje’ ”. Moisés virou-se e saiu da presença do Faraó. ⁷Então os ministros disseram ao Faraó: “Até quando esse homem será para nós uma armadilha? Deixe essa gente partir para que sirva o seu Deus Javé. Você não vê que o Egito está arruinado?” ⁸Fizeram Moisés e Aarão voltar à presença do Faraó, e este lhes falou: “Vão servir a Javé, o Deus de vocês. Mas me digam quem é que vai”. ⁹Moisés respondeu: “Temos que ir com jovens e velhos, com filhos e filhas, com os rebanhos e o gado, porque para nós é uma festa de Javé”. ¹⁰O Faraó replicou: “Que Javé os acompanhe, se eu os deixar partir com suas crianças. Vocês têm más intenções! ¹¹De modo nenhum: vão somente os homens e sirvam a Javé, se é isso que vocês estão querendo”. E os expulsaram da presença do Faraó.

¹²Javé disse a Moisés: “Estenda a mão sobre o Egito, para que venham gafanhotos sobre o país, e devorem toda a vegetação da terra e tudo o que se salvou da chuva de pedras”. ¹³Moisés estendeu a vara sobre a terra do Egito. E Javé fez soprar sobre o país um vento oriental, durante todo o dia e toda a noite. Quando amanheceu, o vento oriental já havia trazido os gafanhotos. ¹⁴E os gafanhotos invadiram todo o território egípcio, e eram tão numerosos como nunca houve antes e nunca mais haverá. ¹⁵Cobriram toda a superfície do solo e devastaram a terra. Devoraram toda a vegetação do solo e todo o fruto que a chuva de pedras tinha deixado nas árvores. E em todo o território egípcio não ficou nada verde nas árvores, nem na vegetação do campo.

¹⁶O Faraó mandou chamar às pressas Moisés e Aarão, e disse a eles: “Pequei contra seu Deus Javé e contra vocês. ¹⁷Perdoem o meu pecado ainda esta vez, e rezem para que seu Deus Javé afaste de mim esse castigo mortal”. ¹⁸Moisés saiu do palácio do Faraó e rezou a Javé. ¹⁹Então Javé fez soprar do ocidente um forte vento, que arrastou os gafanhotos e os lançou no mar Vermelho: não ficou um só gafanhoto em todo o território egípcio. ²⁰Javé, porém, endureceu o coração do Faraó, e este não deixou que os filhos de Israel partissem. [10,1-20]

O opressor apela para a violência — ²¹Javé disse a Moisés: “Estenda a mão para o céu. E sobre todo o território egípcio haverá uma escuridão que se poderá apalpar”. ²²Moisés estendeu a mão para o céu. E uma densa treva cobriu o território egípcio durante três dias. ²³Uma pessoa não via a outra, e por três dias ninguém se levantou do lugar em que estava. Contudo, havia luz em toda parte onde habitavam os filhos de Israel.

²⁴O Faraó mandou chamar Moisés e Aarão, e disse a eles: “Vão servir a Javé; fiquem somente os rebanhos e o gado de vocês; as crianças poderão ir com vocês”. ²⁵Moisés respondeu: “Mesmo que você desse as vítimas para os sacrifícios e holocaustos, a fim de oferecermos a Javé nosso Deus, ²⁶ainda assim o nosso gado deveria ir conosco. Não ficará nenhum animal, pois precisamos deles para oferecer a Javé nosso Deus. Nem nós mesmos sabemos como vamos servir a Javé, enquanto não chegarmos lá”. ²⁷Javé, porém, endureceu o coração do Faraó. E este não quis deixá-los partir. ²⁸E o Faraó disse a Moisés: “Saia da minha presença e tome cuidado para não se apresentar de novo. Porque se eu tornar a vê-lo, você morrerá imediatamente”. ²⁹Moisés respondeu: “Seja como você está dizendo: nunca mais me apresentarei”. [21-29]

11 *A um passo da vitória* — ¹Javé disse a Moisés: “Farei vir mais uma praga contra o Faraó e contra o Egito. Só então ele os deixará partir daqui; melhor ainda, ele os expulsará daqui. ²Portanto, diga ao povo que cada homem peça objetos de prata e ouro ao seu vizinho, e toda mulher à sua vizinha”. ³E Javé fez com que o povo ganhasse a simpatia dos egípcios. Moisés também era muito estimado no Egito pelos ministros do Faraó e pelo povo.

⁴Moisés disse: “Assim diz Javé: à meia-noite, eu passarei pelo meio do Egito, ⁵e todos os primogênitos do Egito morrerão, desde o primogênito do Faraó, herdeiro do seu trono, até o primogênito da escrava que trabalha no moinho, e todos os primogênitos do gado. ⁶Então na terra do Egito haverá grande clamor, como nunca houve antes e nunca mais haverá. ⁷Mas, entre os filhos de Israel, desde os homens até os animais, não se ouvirá nem o latido de um cão, para que vocês saibam que Javé distingue entre o Egito e Israel. ⁸Então todos os ministros do Faraó virão a mim e, prostrados diante de mim, eles dirão: ‘Saíam, você e o povo que o acompanha’. Então eu sairei”. E, ardendo em ira, Moisés saiu do palácio do Faraó.

⁹Javé disse a Moisés: “O Faraó não fará caso de vocês. Assim os meus

prodígios se multiplicarão no Egito”. ¹⁰Moisés e Aarão fizeram todos esses prodígios diante do Faraó. Javé, porém, endureceu o coração do Faraó. E este não deixou que os filhos de Israel partissem do seu país. [11,1-10]

12 Páscoa: o memorial da libertação — ¹Javé disse a Moisés e Aarão na terra do Egito: ²“Este mês será para vocês o principal, o primeiro mês do ano. ³Falem assim a toda a assembleia de Israel: No dia dez deste mês, cada família tome um animal, um animal para cada casa. ⁴Se a família for pequena para um animal, então ela se juntará com o vizinho mais próximo de sua casa. O animal será escolhido conforme o número de pessoas e conforme cada uma puder comer. ⁵O animal deve ser macho, sem defeito, e de um ano. Vocês o escolherão entre os cordeiros ou entre os cabritos, ⁶e o guardarão até o dia catorze deste mês, quando toda a assembleia de Israel o imolará ao entardecer. ⁷Pegarão o sangue e o passarão sobre os dois batentes e sobre a travessa da porta, nas casas onde comerem o animal. ⁸Nessa noite, comerão a carne assada no fogo e acompanhada de pão sem fermento com ervas amargas. ⁹Vocês não comerão a carne crua nem cozida na água, mas assada no fogo: inteiro, com cabeça, pernas e vísceras. ¹⁰Não deixarão restos para o dia seguinte; se sobrar alguma coisa, devem queimá-la no fogo.

¹¹Vocês devem comê-lo assim: com cintos na cintura, sandálias nos pés e cajado na mão; vocês o comerão às pressas, porque é a páscoa de Javé. ¹²Nessa noite, eu passarei pela terra do Egito, matarei todos os primogênitos egípcios, desde os homens até os animais. E farei justiça contra todos os deuses do Egito. Eu sou Javé. ¹³O sangue nas casas será um sinal de que vocês estão dentro delas: ao ver o sangue, eu passarei adiante. E o flagelo destruidor não atingirá vocês, quando eu ferir o Egito. ¹⁴Esse dia será para vocês um memorial, pois nele celebrarão uma festa de Javé. Vocês o celebrarão como um rito permanente, de geração em geração. [12,1-14]

Construir uma nova sociedade — ¹⁵Durante sete dias, vocês comerão pães sem fermento. No primeiro dia, vocês tirarão o fermento de dentro de casa, e será excluída de Israel qualquer pessoa que comer algo fermentado, desde o primeiro dia até o sétimo. ¹⁶No primeiro dia vocês farão uma assembleia sagrada. E, no sétimo dia, outra assembleia sagrada. Nesses dias ninguém trabalhará, e vocês prepararão apenas o que cada um deve comer. ¹⁷Vocês observarão a festa dos Pães sem fermento, porque nesse mesmo dia eu fiz os exércitos de vocês sair do

Egito. Vocês observarão esse dia como rito permanente, de geração em geração. ¹⁸No dia catorze do primeiro mês, à tarde, vocês comerão pães sem fermento, até a tarde do dia vinte e um desse mês. ¹⁹Durante sete dias não se achará fermento na casa de vocês, pois todo aquele que comer pão fermentado será eliminado da comunidade de Israel, tanto o imigrante como o natural do país. ²⁰Vocês não comerão pão fermentado; comerão pães sem fermento em todo lugar em que morarem”. [15-20]

Conservar a memória da libertação — ²¹Moisés convocou todos os anciãos de Israel e lhes disse: “Escolham por família um animal e imolem a Páscoa. ²²Peguem alguns ramos de hissopo, molhem no sangue que estiver na bacia, e com o sangue que estiver na bacia marquem a travessa da porta e seus batentes. Ninguém de vocês saia de casa antes de amanhecer o dia seguinte, ²³porque Javé passará para ferir os egípcios. E quando notar o sangue sobre a travessa da porta e sobre os dois batentes, ele passará adiante dessa porta e não deixará que o exterminador entre em suas casas para ferir vocês. ²⁴Observem esse preceito, como decreto perpétuo, para vocês e para seus filhos. ²⁵Quando vocês tiverem entrado na terra que Javé lhes dará, conforme ele disse, vocês observarão esse rito. ²⁶Quando seus filhos perguntarem: ‘Que rito é este?’ ²⁷vocês responderão: ‘É o sacrifício da Páscoa de Javé. Ele passou no Egito junto às casas dos filhos de Israel, ferindo os egípcios e protegendo nossas casas’ ”. Então o povo se ajoelhou e se prostrou. ²⁸Os filhos de Israel foram e fizeram tudo isso, e o fizeram como Javé tinha ordenado a Moisés e Aarão. [21-28]

Vitória final — ²⁹À meia-noite, Javé feriu todos os primogênitos do Egito: desde o primogênito do Faraó, que iria suceder-lhe no trono, até o primogênito do prisioneiro que estava na cadeia e até os primogênitos dos animais. ³⁰No meio da noite, o Faraó levantou-se com todos os seus ministros e todos os egípcios. E houve um clamor imenso em todo o Egito, pois não havia casa onde não houvesse um morto. ³¹De noite ainda, o Faraó chamou Moisés e Aarão, e lhes disse: “Levantem-se e saiam do meio do meu povo, vocês e os filhos de Israel. Vão servir a Javé, como pediram. ³²Levem também seus rebanhos e seu gado, como diziam. Vão embora e me abençoem”.

³³Os egípcios pressionavam o povo para que saísse depressa do país, pois tinham medo que morressem todos. ³⁴E o povo levou sobre os ombros a farinha

amassada antes que levedasse, e as amassadeiras, atadas em trouxas com seus mantos.

³⁵Os filhos de Israel fizeram também o que Moisés havia mandado: pediram aos egípcios objetos de prata e ouro e também roupas. ³⁶Javé fez com que eles ganhassem a simpatia dos egípcios, que lhes deram tudo o que estavam pedindo. E assim eles despojaram os egípcios. [29-36]

A vigília da libertação — ³⁷Os filhos de Israel partiram de Ramsés, em direção de Sucot: eram seiscentos mil homens a pé, sem contar as crianças. ³⁸Subiu também com eles imensa multidão com ovelhas, gado e muitos animais. ³⁹Assaram pães sem fermento com a farinha que haviam levado do Egito, pois a massa não estava levedada: é que, expulsos do Egito, não puderam parar, nem preparar provisões para o caminho.

⁴⁰A estada dos filhos de Israel no Egito durou quatrocentos e trinta anos. ⁴¹No mesmo dia em que terminaram os quatrocentos e trinta anos, os exércitos de Javé saíram do Egito. ⁴²Essa noite foi uma vigília para Javé, quando ele os tirou do Egito. E assim deve ser para todos os filhos de Israel: uma vigília para Javé, em todas as gerações. [37-42]

Ritual e compromisso — ⁴³Javé disse a Moisés e Aarão: “Assim será o ritual da Páscoa: nenhum estrangeiro comerá dela. ⁴⁴Os escravos que você tiver comprado por dinheiro, poderão comer dela se forem circuncidados. ⁴⁵Quem estiver de passagem e os mercenários não comerão dela. ⁴⁶Cada cordeiro deverá ser comido dentro de uma casa; e nenhum pedaço de carne deverá ser levado para fora; e dele não se deverá quebrar nenhum osso. ⁴⁷Toda a comunidade de Israel celebrará a Páscoa. ⁴⁸Se algum imigrante que mora com você quiser celebrar a Páscoa de Javé, todos os homens de sua casa deverão ser circuncidados; então ele poderá celebrá-la e será como um nativo do país. Por isso, nenhum incircunciso poderá comer dela. ⁴⁹A mesma lei vale tanto para o nativo como para o imigrante que mora no meio de vocês”. ⁵⁰Todos os filhos de Israel fizeram o que Javé tinha ordenado a Moisés e Aarão. ⁵¹Nesse dia, Javé tirou do Egito os filhos de Israel, segundo seus exércitos. [43-51]

13 Javé é o Senhor do seu povo — ¹Javé falou a Moisés: ²“Consagre a mim todos os primogênitos, todo aquele que por primeiro sai do útero materno entre os filhos de Israel, tanto dos homens como dos animais: ele pertencerá a

mim”. [13,1-2]

Uma terra sem opressão — ³Moisés disse ao povo: “Lembrem-se para sempre deste dia em que vocês saíram do Egito, da casa da escravidão, quando Javé os tirou daí com mão forte. Por isso, vocês não comerão pão fermentado. ⁴Hoje é o mês de Abib, e vocês estão saindo. ⁵Quando Javé tiver introduzido você na terra dos cananeus, heteus, amorreus, heveus e jebuseus, terra que ele jurou aos antepassados que iria dar a você, uma terra onde corre leite e mel, então neste mês você celebrará o seguinte rito: ⁶comerá pães sem fermento durante sete dias, e no sétimo dia haverá uma festa para Javé. ⁷Durante os sete dias se comerá pão sem fermento. Em todo o território, não haverá fermento nem qualquer coisa fermentada. ⁸Nesse dia, você explicará ao seu filho: ‘Tudo isso é pelo que Javé fez por mim, quando eu saía do Egito’. ⁹Isso servirá como sinal no braço e faixa na frente, para que esteja em sua boca a lei de Javé, que o tirou do Egito com mão forte. ¹⁰Você observará essa lei todos os anos, na data marcada. [3-10]

Javé, o Deus da vida — ¹¹Quando Javé tiver introduzido você na terra dos cananeus e a tiver dado, como jurou a você e a seus antepassados, ¹²você reservará para Javé todos os primogênitos do útero materno; e a Javé pertencerá todo primogênito de sexo masculino, também dos animais que você possuir. ¹³O primogênito da jumenta, porém, você o resgatará, trocando por um cordeiro. Se você não o resgatar, deverá quebrar-lhe a nuca. Os primogênitos humanos, porém, você os resgatará sempre. ¹⁴Amanhã, quando seu filho lhe perguntar: ‘Que significa isso?’ você lhe responderá: ‘Com mão forte Javé nos tirou do Egito, da casa da servidão. ¹⁵O Faraó se obstinou e não queria deixar-nos partir; por isso, Javé matou todos os primogênitos do Egito, desde o primogênito do homem até o primogênito dos animais. É por isso que eu sacrifico a Javé todo primogênito macho dos animais e resgato todo primogênito de meus filhos’. ¹⁶Isso servirá como sinal no braço e faixa na frente, porque Javé nos tirou do Egito com mão forte”. [11-16]

III. A MARCHA PARA A LIBERDADE: DIFICULDADES E PERIGOS

Aprender a ser livre — ¹⁷Quando o Faraó deixou o povo partir, Deus não o guiou pelo caminho da Palestina, que é o mais curto, porque Deus achou que, diante dos ataques, o povo se arrependeria e voltaria para o Egito. ¹⁸Então Deus fez o povo dar uma volta pelo deserto até o mar Vermelho. Os filhos de Israel saíram do Egito bem armados. ¹⁹Moisés levou consigo os ossos de José, pois este havia feito os filhos de Israel jurar solenemente: “Quando Deus intervier em favor de vocês, levem meus ossos daqui”.

²⁰Partiram de Sucot e acamparam em Etam, à beira do deserto. ²¹Javé ia na frente deles: de dia, numa coluna de nuvem, para guiá-los; de noite, numa coluna de fogo, para iluminá-los. Desse modo, podiam caminhar durante o dia e a noite. ²²De dia, a coluna de nuvem não se afastava do povo, nem de noite a coluna de fogo. [17-22]

14 ***Não olhar para trás*** — ¹Javé falou a Moisés: ²“Diga aos filhos de Israel que voltem e acampem em Piairot, entre Magdol e o mar, diante de Baal Sefon; aí vocês acamparão, junto ao mar. ³O Faraó irá pensar que os filhos de Israel andam errantes pelo país e que o deserto os bloqueou. ⁴Eu endurecerei o coração do Faraó, que os perseguirá. Então eu mostrarei a minha honra, derrotando o Faraó e todo o seu exército; e os egípcios saberão que eu sou Javé”. E os filhos de Israel assim fizeram.

⁵Quando comunicaram ao rei do Egito que o povo tinha fugido, o Faraó e seus ministros mudaram de opinião sobre o povo e disseram: “O que é que nós fizemos? Deixamos partir nossos escravos israelitas!” ⁶O Faraó mandou aprontar seu carro e levou consigo suas tropas: ⁷seiscentos carros escolhidos e todos os carros do Egito, com oficiais sobre todos eles. ⁸Javé endureceu o coração do Faraó, rei do Egito, e este perseguiu os filhos de Israel, que saíram ostensivamente.

⁹Perseguindo com todos os cavalos e carros do Faraó, os cavaleiros e o exército os alcançaram quando estavam acampados junto ao mar, em Piairot, diante de Baal Sefon. ¹⁰Quando o Faraó se aproximou, os filhos de Israel levantaram os olhos e viram que os egípcios avançavam atrás deles. Cheios de medo, clamaram

a Javé, ¹¹e disseram a Moisés: “Será que não havia sepulturas lá no Egito? Você nos trouxe ao deserto para morrermos! Por que nos tratou assim, tirando-nos do Egito? ¹²Não é isso que nós dizíamos a você lá no Egito: ‘Deixe-nos em paz, para que sirvamos aos egípcios’? O que é melhor para nós? Servir aos egípcios ou morrer no deserto?” ¹³Moisés respondeu ao povo: “Não tenham medo. Fiquem firmes, e verão o que Javé fará hoje para salvar vocês. Nunca mais vocês verão os egípcios, como estão vendo hoje. ¹⁴Javé combaterá por vocês. Podem ficar tranquilos”. [14,1-14]

Atravessar para a liberdade — ¹⁵Javé disse a Moisés: “Por que você está clamando por mim? Diga aos filhos de Israel que avancem. ¹⁶Quanto a você, erga a vara, estenda a mão sobre o mar e divida-o pelo meio para que os filhos de Israel possam atravessá-lo a pé enxuto. ¹⁷Eu endureci o coração dos egípcios, para que eles persigam vocês. Assim eu mostrarei a minha honra, derrotando o Faraó e seu exército, com seus carros e cavaleiros. ¹⁸Quando eu derrotar o Faraó com seus carros e cavaleiros, os egípcios ficarão sabendo que eu sou Javé”.

¹⁹O anjo de Deus, que ia na frente do exército de Israel, se retirou para ficar na retaguarda. A coluna de nuvem também se retirou da frente deles e se colocou atrás, ²⁰ficando entre o acampamento dos egípcios e o acampamento de Israel. A nuvem se escureceu, e durante toda a noite a escuridão impediu que um se aproximasse do outro.

²¹Moisés estendeu a mão sobre o mar, e Javé fez o mar se retirar com um forte vento oriental, que soprou a noite inteira: o mar ficou seco e as águas se dividiram em duas. ²²Os filhos de Israel entraram pelo mar a pé enxuto, e as águas formavam duas muralhas, à direita e à esquerda. ²³Na perseguição, os egípcios entraram atrás deles com todos os cavalos do Faraó, seus carros e cavaleiros, e foram até o meio do mar. ²⁴De madrugada, Javé olhou da coluna de fogo e da nuvem, viu o acampamento dos egípcios e provocou uma confusão no acampamento: ²⁵emperrou as rodas dos carros, fazendo-os andar com dificuldade. Então os egípcios disseram: “Vamos fugir de Israel, porque Javé combate a favor deles”. ²⁶Javé disse a Moisés: “Estenda a mão sobre o mar, e as águas se voltarão contra os egípcios, seus carros e cavaleiros”. ²⁷Moisés estendeu a mão sobre o mar. E, de manhã, este voltou para o seu leito. Os egípcios, ao fugir, foram ao encontro do mar, e Javé atirou-os no meio do mar. ²⁸As águas voltaram, cobrindo os carros e os cavaleiros de todo o exército do

Faraó, que os haviam seguido no mar: nem um só deles escapou. ²⁹Os filhos de Israel, porém, passaram pelo meio do mar a pé enxuto, enquanto as águas se erguiam em forma de muralhas, à direita e à esquerda. ³⁰Nesse dia Javé salvou Israel das mãos dos egípcios, e Israel viu os cadáveres dos egípcios à beira-mar. ³¹Israel viu a mão forte com que Javé atuou contra o Egito. Então o povo temeu a Javé e acreditou nele e no seu servo Moisés. [15-31]

15 *Hino ao Deus libertador* — ¹Nessa ocasião, Moisés e os filhos de Israel entoaram este canto a Javé: “Vou cantar a Javé, pois sua vitória é sublime: ele atirou no mar carros e cavalos.

²Javé é minha força e meu canto, ele foi a minha salvação.

Ele é o meu Deus: eu o louvarei; é o Deus de meu pai: eu o exaltarei.

³Javé é guerreiro, seu nome é Javé.

⁴Ele atirou no mar os carros e a tropa do Faraó, afogou no mar Vermelho a elite das tropas: ⁵as ondas os cobriram, e eles afundaram como pedras.

⁶Tua direita, Javé, é terrível em poder, tua direita, Javé, aniquila o inimigo;

⁷com sublime grandeza abates teus adversários, desencadeias tua ira, e ela os devora como palha.

⁸Ao sopro de tuas narinas as águas se amontoam, e as ondas se levantam como represa; as vagas se congelam no meio do mar.

⁹O inimigo dizia: ‘Vou persegui-los e alcançá-los, vou repartir os despojos e me saciar com eles; vou tirar minha espada, e minha mão os agarrará’.

¹⁰Teu vento soprou, e o mar os cobriu: caíram como chumbo nas águas profundas.

¹¹Qual Deus é como tu, Javé?

Quem é santo como tu, ó Magnífico, terrível em proezas, autor de maravilhas?

¹²Estendeste a direita, e a terra os engoliu.

¹³Guiaste com amor o povo que redimiste, e o levaste com poder para tua morada santa.

¹⁴Os povos ouviram e tremeram, e o terror se espalhou entre os governantes filisteus, ¹⁵e os chefes de Edom ficaram com medo.

O temor dominou os nobres de Moab; os governantes de Canaã cambaleiam todos.

¹⁶Sobre todos eles cai o tremor e o temor.

A grandeza de teu braço os deixou petrificados, até que teu povo atravessasse, ó

Javé, até que passe este povo que compraste.

¹⁷Tu o conduzes e o plantas sobre o monte da tua herança, no lugar em que fizeste teu trono, ó Javé, no santuário que tuas mãos prepararam.

¹⁸Javé reina sempre e eternamente”.

¹⁹Quando a cavalaria do Faraó entrou no mar com seus carros e cavaleiros, Javé fez voltar sobre eles as águas do mar, enquanto os filhos de Israel caminharam a pé enxuto pelo meio do mar. ²⁰A profetisa Maria, irmã de Aarão, pegou um tamborim, e todas as mulheres a seguiram com tamborins, formando coros de dança. ²¹E Maria entoava: “Cantem a Javé, pois sua vitória é sublime: ele atirou no mar carros e cavalos”. [15,1-21]

Água no deserto — ²²Moisés fez Israel partir do mar Vermelho, e eles se dirigiram para o deserto de Sur. Caminharam três dias no deserto e não encontraram água. ²³Quando chegaram a Mara, não puderam beber a água, porque era amarga; foi por isso que deram a esse lugar o nome de Mara. ²⁴O povo murmurou contra Moisés, dizendo: “O que vamos beber?” ²⁵Moisés clamou a Javé, e Javé lhe mostrou um tipo de planta. Então Moisés atirou-a na água, e a água se tornou doce.

Foi aí que Moisés estabeleceu um estatuto e um direito para o povo, colocando-o à prova ²⁶e dizendo: “Se você obedecer a Javé seu Deus, praticando o que ele aprova, ouvindo seus mandamentos e observando todas as suas leis, eu não mandarei sobre você nenhuma das enfermidades que mandei sobre os egípcios. Pois eu sou Javé, aquele que cura você”.

²⁷Então chegaram a Elim, onde havia doze fontes de água e setenta palmeiras. E acamparam junto às águas. [22-27]

16 Alimento e descanso para todos — ¹Toda a comunidade de Israel partiu de Elim e chegou ao deserto de Sin, entre Elim e o Sinai, no dia quinze do segundo mês após a saída do Egito. ²Toda a comunidade de Israel murmurou contra Moisés e Aarão no deserto, ³dizendo: “Era melhor termos sido mortos pela mão de Javé na terra do Egito, onde estávamos sentados junto à panela de carne, comendo pão com fatura. Vocês nos trouxeram a este deserto para fazer toda esta multidão morrer de fome!”

⁴Javé disse a Moisés: “Farei chover pão do céu para vocês: o povo sairá para recolher a porção de cada dia, para que eu o experimente e veja se ele observa a minha lei, ou não. ⁵No sexto dia, porém, eles deverão preparar o que recolheram,

e será o dobro do que recolhem nos outros dias”.

⁶Então Moisés e Aarão disseram a toda a comunidade de Israel: “À tarde vocês saberão que foi Javé quem os tirou do Egito. ⁷E, pela manhã, vocês verão a glória de Javé, porque Javé ouviu as murmurações que vocês fizeram contra ele. Quem somos nós, para vocês murmurarem contra nós?” ⁸Moisés disse mais: “Esta tarde, Javé dará carne para vocês comerem e, pela manhã, pão com fartura, pois ele ouviu a murmuração que vocês fizeram contra ele. Quem somos nós? As murmurações de vocês não são contra nós, e sim contra Javé”.

⁹Moisés disse a Aarão: “Diga a toda a comunidade de Israel: ‘Aproximem-se de Javé, pois ele ouviu as murmurações que vocês fizeram’ ”. ¹⁰Enquanto Aarão falava para toda a comunidade de Israel, olharam para o deserto e viram que a glória de Javé aparecia numa nuvem. ¹¹Javé falou a Moisés: ¹²“Eu escutei as murmurações dos filhos de Israel. Diga-lhes que comerão carne à tarde e, pela manhã, se fartarão de pão. Assim ficarão sabendo que eu sou Javé seu Deus”.

¹³À tarde, um bando de codornizes cobriu todo o acampamento e, pela manhã, havia uma camada de orvalho ao redor do acampamento. ¹⁴Quando a camada de orvalho se evaporou, na superfície do deserto apareceram pequenos flocos, como cristais de gelo. ¹⁵Ao verem, os filhos de Israel perguntaram: “Que é isso?” Porque não sabiam o que era. ¹⁶Moisés disselhes: “Isso é o pão que Javé lhes dá para comer. E são estas as ordens de Javé: Cada um recolha o quanto lhe basta para comer: quatro litros e meio por pessoa, conforme o número de pessoas que se achem na sua tenda.

¹⁷Os filhos de Israel assim fizeram: uns recolheram mais, outros menos. ¹⁸Quando mediram as quantias, não sobrava para quem havia recolhido mais, nem faltava para quem havia recolhido menos. Cada um tinha recolhido o que podia comer.

¹⁹Moisés então lhes disse: “Ninguém guarde para a manhã seguinte”. ²⁰Mas eles não deram ouvidos a Moisés, e alguns o guardaram para o dia seguinte. Porém, criou vermes e apodreceu. Por isso, Moisés ficou indignado contra eles. ²¹A cada manhã eles colhiam o quanto cada um podia comer, porque o calor do sol o derretia. ²²No sexto dia, recolhiam o dobro: nove litros para cada um. E todos os chefes da comunidade informaram a Moisés. ²³E Moisés falou: “É exatamente isso que Javé ordenou: amanhã é sábado, um descanso completo reservado a Javé. Cozinhem o que quiserem cozinhar e fervam o que quiserem ferver; separem o que sobrar e reservem para o dia seguinte”. ²⁴Eles fizeram a

reserva até o dia seguinte, conforme Moisés tinha ordenado. E dessa vez não apodreceu nem criou vermes. ²⁵Então Moisés disse: “Comam hoje, porque hoje é um sábado de Javé. Hoje vocês não encontrarão alimento no campo. ²⁶Recolham durante seis dias, pois no sétimo, que é sábado, não o encontrarão”. ²⁷No sétimo dia, alguns do povo saíram para o recolher, mas não encontraram nada. ²⁸Javé disse a Moisés: “Até quando vocês se negarão a observar meus mandamentos e leis? ²⁹É Javé quem lhes dá o sábado, e é por isso que ele, no sexto dia, lhes dará pão para dois dias. Cada um fique onde está. Ninguém saia do seu lugar no sétimo dia”. ³⁰E no sétimo dia o povo descansou.

³¹A casa de Israel deu-lhe o nome de maná: era branco como a semente de coentro, e seu sabor era como bolo de mel. ³²Moisés disse: “Esta é a ordem de Javé: conservem quatro litros e meio para que as gerações futuras possam ver o pão com que eu os alimentei no deserto, quando os tirei do Egito”. ³³Moisés disse a Aarão: “Pegue uma vasilha, coloque nela quatro litros e meio de maná, e coloque-a diante de Javé, a fim de o conservar para as gerações futuras”. ³⁴Conforme Javé tinha ordenado a Moisés, Aarão o colocou diante do Testemunho, para que fosse conservado.

³⁵Os filhos de Israel comeram maná durante quarenta anos, até chegarem à terra habitada. Comeram maná até chegarem à fronteira de Canaã. [16,1-35]

17 *Javé está no meio de nós, ou não?* — ¹Toda a comunidade de Israel partiu do deserto de Sin para as etapas seguintes, conforme a ordem de Javé, e acamparam em Rafidim, onde o povo não encontrou água para beber. ²Então o povo discutiu com Moisés, dizendo: “Dê-nos água para beber”. Moisés respondeu: “Por que vocês discutem comigo e colocam Javé à prova?” ³Mas o povo tinha sede e murmurou contra Moisés, dizendo: “Por que você nos tirou do Egito? Foi para matar de sede a nós, nossos filhos e nossos animais?” ⁴Então Moisés clamou a Javé, dizendo: “O que vou fazer com esse povo? Estão quase me apedrejando!” ⁵Javé respondeu a Moisés: “Passe à frente do povo e tome com você alguns anciãos de Israel; leve com você a vara com que feriu o rio Nilo; e caminhe. ⁶Eu vou esperar você junto à rocha de Horeb. Você baterá na rocha, e dela sairá água para o povo beber”. Moisés assim fez na presença dos anciãos de Israel, ⁷e deu a esse lugar o nome de Massa e Meriba, por causa da discussão dos filhos de Israel e porque puseram Javé à prova, dizendo: “Javé está no meio de nós, ou não?” [17,1-7]

Vitória contra o inimigo — ⁸Os amalecitas foram e atacaram Israel em Rafidim.

⁹Então Moisés disse a Josué: “Escolha certo número de homens e saia amanhã para combater os amalecitas. Eu ficarei no alto da colina com a vara de Deus na mão”. ¹⁰Josué fez o que Moisés havia dito, e saiu para combater os amalecitas. Entretanto, Moisés, Aarão e Hur subiram ao topo da colina. ¹¹Enquanto Moisés ficava com as mãos levantadas, Israel vencia; quando ele abaixava as mãos, Amalec vencia. ¹²Ora, as mãos de Moisés já estavam pesadas; então eles pegaram uma pedra e a colocaram aí, para que Moisés se assentasse. Enquanto isso, Aarão e Hur sustentavam os braços de Moisés, um de cada lado. Desse modo, as mãos de Moisés ficaram firmes até o pôr do sol.

¹³Josué derrotou Amalec e sua tropa ao fio da espada. ¹⁴Então Javé disse a Moisés: “Escreva isso num livro como memória e diga a Josué que eu vou apagar a memória de Amalec debaixo do céu”. ¹⁵Depois, Moisés construiu um altar e lhe deu o nome de “Javé minha bandeira”, ¹⁶dizendo: “Uma certa mão se levantou contra o trono de Javé: haverá guerra de Javé contra Amalec de geração em geração”. [8-16]

18 ***O Deus libertador é o Deus verdadeiro*** — ¹Jetro, sacerdote de Madiã e sogro de Moisés, ficou sabendo de tudo o que Javé havia feito com Moisés e com seu próprio povo Israel: como Javé havia retirado Israel do Egito. ²Quando Moisés mandou sua mulher Séfora de volta, Jetro, sogro de Moisés, recebeu-a ³junto com os dois filhos. Um deles se chamava Gérson, porque Moisés dissera: “Sou imigrante em terra estrangeira”. ⁴O outro se chamava Eliezer, porque: “o Deus de meu pai é minha ajuda e me libertou da espada do Faraó”. ⁵Acompanhado da mulher e filhos de Moisés, Jetro foi encontrar-se com ele no deserto onde estava acampado, junto à montanha de Deus. ⁶Informaram a Moisés: “Sua mulher e seus dois filhos estão aí juntamente com seu sogro Jetro”. ⁷Moisés saiu para receber o sogro, inclinou-se diante dele e o abraçou. Os dois se cumprimentaram e entraram na tenda. ⁸Moisés contou ao sogro tudo o que Javé tinha feito ao Faraó e aos egípcios, por causa dos israelitas. Contou também as dificuldades que tinham enfrentado pelo caminho e das quais Javé os havia libertado. ⁹Jetro ficou alegre por todos os benefícios que Javé tinha feito a Israel, libertando-o do poder egípcio. ¹⁰E disse: “Seja bendito Javé, que libertou vocês do poder dos egípcios e do Faraó. Ele arrancou este povo do poder do Egito. ¹¹Agora eu sei que Javé é o maior de todos os deuses, pois quando eles tratavam

vocês com arrogância, Javé libertou o povo do domínio egípcio”. ¹²Depois, Jetro, sogro de Moisés, ofereceu a Deus um holocausto e sacrifícios. Aarão e todos os anciãos de Israel foram e fizeram a refeição com ele na presença de Deus. [18,1-12]

Tentativa de organização — ¹³No dia seguinte, Moisés sentou-se para resolver os assuntos do povo. Ora, o povo procurava por ele desde o amanhecer até a noite. ¹⁴O sogro de Moisés viu tudo o que este fazia pelo povo, e lhe disse: “O que é que você está fazendo com o povo? Por que está sentado sozinho, enquanto todo o povo o procura de manhã até a noite?” ¹⁵Moisés respondeu ao sogro: “O povo me procura para que eu consulte a Deus. ¹⁶Quando eles têm alguma questão para resolver, me procuram para que eu a resolva e para que eu explique os estatutos e as leis de Deus”. ¹⁷O sogro de Moisés replicou: “Mas o que você está fazendo não está certo. ¹⁸Você está matando, tanto a si mesmo como ao povo que o acompanha. É uma tarefa muito pesada, e você não pode fazê-la sozinho. ¹⁹Aceite meu conselho, para que Deus esteja com você: represente o povo diante de Deus e apresente junto de Deus as causas dele. ²⁰Ensine a eles os estatutos e as leis; faça que eles conheçam o caminho a seguir e as ações que devem praticar. ²¹Escolha entre o povo homens capazes e tementes a Deus, que sejam seguros e inimigos do suborno: estabeleça-os como chefes de mil, de cem, de cinquenta e de dez. ²²Eles administrarão regularmente a justiça para o povo: os assuntos graves, eles trarão a você; os assuntos simples, eles próprios resolverão. Desse modo, vocês repartirão a tarefa, e você poderá realizar a sua parte. ²³Se você fizer assim e Deus lhe der as instruções, você poderá suportar a tarefa, e o povo voltará para casa em paz”.

²⁴Moisés aceitou o conselho do sogro e fez o que ele havia dito. ²⁵Escolheu em Israel homens capazes e os colocou como chefes do povo: chefes de mil, de cem, de cinquenta e de dez. ²⁶Eles administravam regularmente a justiça para o povo: os assuntos complicados, eles passavam para Moisés; e os simples, eles próprios resolviam. ²⁷Depois, Moisés despediu-se do sogro, e este voltou para sua terra. [13-27]

IV. AS BASES DE UMA NOVA SOCIEDADE

1. Um povo em aliança com Deus

19*O compromisso da aliança* — ¹Três meses depois de sair do Egito, os filhos de Israel chegaram ao deserto do Sinai: ²partindo de Rafidim, chegaram ao deserto do Sinai e acamparam no deserto, diante da montanha. ³Então Moisés subiu a montanha de Deus, e Javé o chamou, dizendo: “Diga à casa de Jacó e anuncie aos filhos de Israel o seguinte: ⁴‘Vocês viram o que eu fiz aos egípcios e como carreguei vocês sobre asas de águia e os trouxe para mim. ⁵Portanto, se me obedecerem e observarem a minha aliança, vocês serão minha propriedade especial entre todos os povos, porque a terra toda pertence a mim. ⁶Vocês serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa’. É o que você deverá dizer aos filhos de Israel”. ⁷Moisés voltou, convocou os anciãos do povo e expôs a eles tudo o que Javé lhe havia mandado. ⁸Então todo o povo respondeu: “Faremos tudo o que Javé mandou”. E Moisés transmitiu a Javé a resposta do povo. [19,1-8]

Preparação para a aliança — ⁹Javé disse a Moisés: “Vou me aproximar de você numa nuvem espessa, para que o povo possa ouvir o que eu falo com você e acredite sempre em você”. E Moisés transmitiu a Javé tudo o que o povo tinha dito.

¹⁰Javé disse a Moisés: “Volte para o povo e purifique-o hoje e amanhã: que lavem suas roupas ¹¹e estejam preparados para depois de amanhã, porque Javé descenderá depois de amanhã sobre a montanha do Sinai à vista de todo o povo. ¹²Você deverá traçar um limite ao redor da montanha e dizer ao povo que não suba à montanha, nem se aproxime da encosta; quem tocar na montanha deverá ser morto. ¹³E nesse tal ninguém deverá tocar: ele será apedrejado ou flechado; tanto homem como animal, não ficará vivo. Só quando a trombeta soar, eles poderão subir à montanha”.

¹⁴Moisés desceu da montanha até o lugar onde estava o povo; e fez com que se purificassem e lavassem suas roupas. ¹⁵Depois disse ao povo: “Fiquem preparados para depois de amanhã, e não tenham relações com suas mulheres”. [9-15]

O encontro com Deus — ¹⁶Três dias depois, pela manhã, houve trovões e relâmpagos, e uma nuvem espessa desceu sobre a montanha, enquanto o toque da trombeta soava fortemente. O povo que estava no acampamento começou a tremer. ¹⁷Então Moisés tirou o povo do acampamento para receber Deus. E eles se colocaram ao pé da montanha. ¹⁸Toda a montanha do Sinai fumegava, porque Javé tinha descido sobre ela no fogo; a fumaça subia, como fumaça de fornalha. E a montanha toda estremecia. ¹⁹O som da trombeta aumentava cada vez mais, enquanto Moisés falava e Deus lhe respondia com o trovão. ²⁰Javé desceu no topo da montanha do Sinai e chamou Moisés lá para o alto. Quando Moisés subiu, ²¹Javé lhe disse: “Desça e avise o povo para que não ultrapasse os limites para ver a Javé. Caso contrário, muitos deles morreriam. ²²Mesmo os sacerdotes que se aproximarem de Javé, devem purificar-se, para que Javé não se volte contra eles”. ²³Moisés disse a Javé: “O povo não poderá subir a montanha do Sinai, porque tu mesmo nos mandaste traçar um limite para marcar a montanha sagrada”. ²⁴Javé insistiu: “Vá, desça, e depois suba com Aarão. Os sacerdotes e o povo, porém, não devem ultrapassar os limites, para subir onde está Javé, o qual se voltaria contra eles”. ²⁵Então Moisés desceu até o povo e o avisou. [\[16-25\]](#)

2. A constituição do povo de Deus

20¹Então Deus pronunciou todas estas palavras: ²“Eu sou Javé seu Deus, que fiz você sair da terra do Egito, da casa da escravidão.

³Não tenha outros deuses diante de mim. ⁴Não faça para você ídolos, nenhuma representação daquilo que existe no céu e na terra, ou nas águas que estão debaixo da terra. ⁵Não se prostre diante desses deuses, nem sirva a eles, porque eu, Javé seu Deus, sou um Deus ciumento: quando me odeiam, castigo a culpa dos pais nos filhos, netos e bisnetos; ⁶mas quando me amam e guardam os meus mandamentos, eu os trato com amor por mil gerações.

⁷Não pronuncie em vão o nome de Javé seu Deus, porque Javé não deixará sem castigo aquele que pronunciar o nome dele em vão.

⁸Lembre-se do dia de sábado, para santificá-lo. ⁹Trabalhe durante seis dias e faça todas as suas tarefas. ¹⁰O sétimo dia, porém, é o sábado de Javé seu Deus. Não faça nenhum trabalho, nem você, nem seu filho, nem sua filha, nem seu escravo, nem sua escrava, nem seu animal, nem o imigrante que vive em suas cidades. ¹¹Porque em seis dias Javé fez o céu, a terra, o mar e tudo o que existe neles; e no sétimo dia ele descansou. Por isso, Javé abençoou o dia de sábado e o santificou.

¹²Honre seu pai e sua mãe: desse modo, você prolongará sua vida, na terra que Javé seu Deus dá a você.

¹³Não mate.

¹⁴Não cometa adultério.

¹⁵Não roube.

¹⁶Não apresente testemunho falso contra o seu próximo.

¹⁷Não cobice a casa do seu próximo, nem a mulher do próximo, nem o escravo, nem a escrava, nem o boi, nem o jumento, nem coisa alguma que pertença ao seu próximo”.

¹⁸Vendo os trovões e os relâmpagos, o som da trombeta e a montanha fumegante, todo o povo teve medo e ficou longe. ¹⁹Então disseram a Moisés: “Fale você conosco, que nós ouviremos; não nos fale Javé, senão morreremos”.

²⁰Moisés disse ao povo: “Não tenham medo! Deus veio para prová-los, a fim de que vocês tenham presente o temor a ele e não pequem”. ²¹O povo ficou à distância, e Moisés se aproximou da nuvem escura, onde Deus estava. [20,1-21]

3. Código da Aliança: a legislação do povo de Deus

Lei do altar — ²²Javé disse a Moisés: “Diga aos filhos de Israel: Vocês viram que eu lhes falei lá do céu. ²³Não me coloquem no meio de deuses de prata, nem façam para vocês deuses de ouro.

²⁴Faça para mim um altar de terra, para oferecer sobre ele seus holocaustos, sacrifícios de comunhão, ovelhas e bois. Nos lugares onde eu quiser lembrar o meu nome, virei a você e o abençoarei. ²⁵Se você construir um altar de pedra para mim, não o faça com pedras lavradas, porque você estaria profanando a pedra com o cinzel. ²⁶Não suba por escadas até o meu altar, para que a sua nudez não apareça. [22-26]

21 ***Lei sobre os escravos*** — ¹São estas as normas que você promulgará para o povo: ²Quando você comprar um escravo hebreu, ele o servirá por seis anos; mas, no sétimo ano, ele sairá livre, sem pagar nada. ³Se veio sozinho, sozinho sairá; se era casado, a esposa sairá com ele. ⁴Se o patrão der a ele uma esposa, e esta tiver filhos e filhas, a esposa e os filhos pertencerão ao patrão, e o escravo partirá sozinho. ⁵Se o escravo disser: Gosto do meu patrão, da minha mulher e dos meus filhos; não quero ficar livre, ⁶então o patrão o levará diante de Deus, fará com que ele se encoste na porta ou nos batentes, e lhe furará a orelha com uma soveia: aí, ele se tornará seu escravo para sempre. ⁷Se alguém vender a filha como escrava, esta não sairá como saem os escravos. ⁸Se ela desagradar ao patrão, a quem estava destinada, este deixará que a resgatem; não poderá vendê-la a estrangeiros, usando de fraude para com ela. ⁹Se o patrão destinar a escrava para seu filho, este a tratará conforme o direito das filhas. ¹⁰Se o patrão tomar uma nova mulher, ele não privará a primeira de comida, roupa e direitos conjugais. ¹¹Se ele não lhe der essas três coisas, ela pode ir embora sem pagar nada. [21,1-11]

Casos de homicídio — ¹²Quem ferir uma pessoa e lhe causar a morte, torna-se réu de morte. ¹³Se não foi intencional, mas permissão de Deus que lhe caísse em suas mãos, eu marcarei para ele um lugar, onde possa refugiar-se. ¹⁴Mas se alguém, de caso pensado, atentar contra o seu próximo para o matar, então você o arrancará até mesmo do meu altar, para que seja morto.

¹⁵Quem ferir seu pai ou sua mãe, torna-se réu de morte. ¹⁶Quem sequestrar um homem para vendê-lo ou ficar com ele, torna-se réu de morte. ¹⁷Quem amaldiçoar o seu pai ou sua mãe, torna-se réu de morte. [12-17]

Ferimentos não mortais — ¹⁸Se houver uma discussão entre dois homens, e um ferir o outro com uma pedra ou murro e ele não morrer, mas ficar de cama; ¹⁹e se ele se levantar e andar, ainda que apoiado na bengala, então aquele que feriu será absolvido; pagará somente o tempo que o ferido tiver perdido e os gastos da convalescença.

²⁰Se alguém ferir seu escravo ou escrava a pauladas, e o ferido lhe morrer nas mãos, aquele será punido. ²¹Porém, se sobreviver um dia ou dois, não será punido, pois aquele foi comprado a dinheiro.

²²Numa briga entre homens, se um deles ferir uma mulher grávida e for causa de aborto sem maior dano, o culpado será obrigado a indenizar aquilo que o marido dela exigir, e pagará o que os juízes decidirem. ²³Contudo, se houver dano grave, então pagará vida por vida, ²⁴olho por olho, dente por dente, pé por pé, ²⁵queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe.

²⁶Se alguém ferir o olho de seu escravo ou escrava, e o cegar, dará liberdade ao escravo em troca do olho. ²⁷Se quebrar um dente do escravo ou da escrava, lhe dará a liberdade em troca do dente. [18-27]

Danos causados por animais — ²⁸Se um boi chifrar um homem ou mulher e lhe causar a morte, o boi será apedrejado, e ninguém comerá da sua carne; o dono do boi será absolvido. ²⁹Se o boi já chifrava antes e o dono foi avisado e não o prendeu, o boi será apedrejado, e o dono será morto. ³⁰Se lhe for exigido resgate, então pagará o que exigirem dele em troca de sua vida. ³¹A mesma norma será aplicada quando o boi chifrar um menino ou menina. ³²Se o boi ferir um escravo ou escrava, o dono do escravo ou da escrava cobrará trezentos gramas de prata, e o boi será apedrejado.

³³Se alguém deixar um poço aberto ou cavar um poço e não o tapar e nele cair um boi ou jumento, ³⁴o dono do poço pagará assim: restituirá em dinheiro ao dono do animal, e o animal morto será seu. ³⁵Se o boi de alguém ferir o boi de outra pessoa, e o boi ferido morrer, venderão o boi vivo e repartirão o dinheiro; e dividirão entre si o boi morto. ³⁶Contudo, se o dono sabia que o boi já chifrava

desde algum tempo e não o prendeu, pagará boi por boi; mas o boi morto será seu. [28-36]

Roubo de animais — ³⁷Se alguém roubar um boi ou uma ovelha e os abater ou vender, devolverá cinco bois por um boi, e quatro ovelhas por uma ovelha.

22¹Se um ladrão for surpreendido arrombando uma casa e sendo ferido morrer, não será caso de homicídio culposo. ²Contudo, se o ferir à luz do dia, será caso de homicídio. O ladrão restituirá, e quando não tiver com que pagar, será vendido para compensar o que roubou. ³Se o boi, jumento ou ovelha roubados forem encontrados vivos na mão do ladrão, ele deverá restituir o dobro. [21,37-22,3]

Reparação de danos — ⁴Se alguém estraga uma roça ou vinha porque levou seu rebanho a pastar na roça alheia, deverá restituir com o melhor da sua própria roça ou vinha.

⁵Se um fogo se alastrar pelos espinheiros e queimar os feixes de trigo, a plantação ou a roça, o responsável pelo incêndio pagará todos os danos.

⁶Se alguém confiar ao seu próximo dinheiro ou objetos para guardar, e isso for roubado da casa deste, então, se o ladrão for descoberto, este pagará em dobro.

⁷Se o ladrão não for encontrado, o dono da casa será levado diante de Deus para jurar que não se apossou do bem alheio.

⁸Em crimes contra a propriedade, quando estiver em jogo um boi, jumento, ovelha, roupa ou qualquer outro objeto perdido, do qual se diz: ‘Isso é meu’, a causa será levada diante de Deus: aquele que Deus declarar culpado, pagará ao outro em dobro.

⁹Se alguém confiar ao seu próximo um jumento, boi, ovelha ou qualquer outro animal, e este morrer, ficar aleijado ou fugir sem que ninguém veja, ¹⁰então a questão se resolverá por meio de juramento a Javé, a fim de provar que um não se apossou das coisas do outro; o dono aceitará o juramento, e não haverá restituição. ¹¹Contudo, se o animal tiver sido roubado diante de seus olhos, deverá indenizar o dono. ¹²Se o animal tiver sido dilacerado por uma fera, o animal dilacerado será levado como prova, e não haverá restituição.

¹³Se alguém pedir emprestado ao seu próximo um animal, e este ficar aleijado ou morrer, não estando presente o dono, então deverá pagar. ¹⁴Mas, se o dono estiver presente, não haverá restituição; se o animal tiver sido alugado, então se

pagará ao dono o preço do aluguel. [22,4-14]

Proteção à mulher — ¹⁵Se alguém seduzir uma virgem solteira e se deitar com ela, pagará o dote e se casará com ela. ¹⁶Se o pai dela não quiser dá-la, o sedutor pagará em dinheiro, conforme o dote das virgens. [15-16]

O direito é para defender os pobres — ¹⁷Não deixarás viver aquela que pratica a magia.

¹⁸Quem tiver relação sexual com algum animal, será réu de morte.

¹⁹Quem sacrificar a outros deuses, além de Javé, será entregue ao anátema.

²⁰Não explore o imigrante nem o oprima, porque vocês foram imigrantes no Egito.

²¹Não maltrate a viúva nem o órfão, ²²porque, se você os maltratar e eles clamarem a mim, eu escutarei o clamor deles. ²³Minha ira então se inflamará, e eu farei vocês perecerem pela espada: as mulheres de vocês ficarão viúvas e seus filhos ficarão órfãos.

²⁴Se você emprestar dinheiro a alguém do meu povo, a um pobre que vive ao seu lado, você não se comportará como agiota: vocês não devem cobrar juros.

²⁵Se você tomar como penhor o manto do seu próximo, deverá devolvê-lo antes do pôr do sol, ²⁶porque ele se cobre com o manto, que é a veste do seu corpo; como iria cobrir-se ao dormir? Caso contrário, se ele clamar a mim, eu o ouvirei, porque sou compassivo. ²⁷Não blasfeme contra Deus, nem amaldiçoe um chefe do seu povo. [17-27]

Tudo é dom de Javé — ²⁸Não atrase em oferecer de sua abundância e de sua fartura. Entregue a mim o seu filho primogênito; ²⁹faça o mesmo com seus bois e ovelhas: a cria ficará com sua mãe durante sete dias e, no oitavo, você a entregará para mim.

³⁰Vocês estão consagrados a mim: não comam carne de animal que tenha sido dilacerado no campo; joguem para os cães. [28-30]

23 Normas para administrar a justiça — ¹Não faça declarações falsas e não entre em acordo com o culpado para testemunhar em favor de uma injustiça.

²Não tome o partido dos poderosos para fazer o mal. E, num processo, não preste depoimento inclinando-se em favor dos poderosos, a fim de torcer o

direito; ³nem favoreça o poderoso em seu processo.

⁴Se você encontrar, extraviados, o boi ou jumento do seu adversário, leve-os ao dono. ⁵Se você encontrar o jumento do seu adversário caído debaixo da carga, não se desvie, mas ajude a erguê-lo.

⁶Não torça o direito do necessitado em seu processo.

⁷Afasto-se da acusação falsa: não faça morrer o inocente e o justo, nem absolva o culpado.

⁸Não aceite suborno, porque o suborno cega quem tem os olhos abertos e perverte até as palavras dos justos.

⁹Não oprima o imigrante: vocês conhecem a vida do imigrante, porque vocês foram imigrantes no Egito. [23,1-9]

Leis para o descanso — ¹⁰Você, durante seis anos, semeará a terra e fará a colheita. ¹¹No sétimo ano, porém, deixe a terra em descanso e não a cultive, para que os necessitados do povo encontrem o que comer. E os animais do campo comerão o que sobrar. Faça o mesmo com sua vinha e com seu olival.

¹²Durante seis dias, faça seus trabalhos e descanse no sétimo dia, para que seu boi e seu jumento descansem, e o filho de sua escrava e o imigrante se refaçam.

¹³Prestem atenção em tudo o que lhes tenho dito: não invoquem o nome de outros deuses. Que não se ouça sequer o nome deles na boca de vocês. [10-13]

As festas principais — ¹⁴Três vezes no ano você fará uma romaria. ¹⁵A primeira será a festa dos Pães sem fermento, que será celebrada assim: durante sete dias, conforme lhe ordenei, você comerá pães sem fermento, no tempo marcado do mês de Abib, porque foi nesse mês que você saiu do Egito. Ninguém deve aparecer de mãos vazias diante de mim. ¹⁶A segunda romaria será na festa da Messe, a festa dos primeiros frutos de seus trabalhos de semeadura nos campos. E a terceira romaria na festa da Colheita, no fim do ano, quando você recolher o produto de seus trabalhos no campo. ¹⁷Três vezes por ano, toda a população masculina se apresentará diante do Senhor Javé.

¹⁸Não ofereça o sangue da minha vítima com pão fermentado, nem deixe até o dia seguinte a gordura da minha festa.

¹⁹Leve os primeiros frutos de sua terra para a casa de Javé seu Deus. Não cozinhe o cabrito no leite da mãe dele. [14-19]

Sejam fiéis — ²⁰Vou enviar um anjo na frente de você, para que ele cuide de você no caminho e o leve até o lugar que eu preparei para você. ²¹Respeite-o e obedeça a ele. Não se revolte, porque ele leva consigo o meu nome, e não perdoará suas revoltas. ²²Contudo, se você lhe obedecer fielmente e fizer tudo o que eu disser, então eu serei para você inimigo de seus inimigos e adversário de seus adversários. ²³Meu anjo irá à frente de você e o levará aos amorreus, heteus, ferezeus, cananeus, heveus e jebuseus, e eu acabarei com eles. ²⁴Não adore os deuses deles, nem os sirva. Não faça o que eles fazem, mas destrua os deuses deles e quebre seus postes sagrados. ²⁵Sirvam a Javé, Deus de vocês, e então ele abençoará o pão e a água, e afastarei a doença do meio de vocês. ²⁶Na sua terra não haverá mulher que aborte ou seja estéril, e eu farei você chegar ao número completo de seus dias.

²⁷Enviarei diante de você o meu terror, confundindo qualquer povo no meio do qual você entrar, e farei com que todos os seus inimigos fujam de você. ²⁸Enviarei também vespas diante de você, para que expulsem de sua frente os heveus, cananeus e heteus. ²⁹Não os expulsarei da sua frente num ano só, para que a terra não fique deserta nem as feras se multipliquem. ³⁰Eu os expulsarei pouco a pouco, até que você se multiplique e tome posse da terra. ³¹Eu marcarei as fronteiras do seu país, desde o mar Vermelho até o mar dos filisteus, e desde o deserto até o rio Eufrates. Entregarei em suas mãos os habitantes da terra, para que você os expulse de sua frente. ³²Não faça alianças com eles, nem com seus deuses. ³³Não os deixe habitar em sua terra, para que eles não façam você pecar contra mim, adorando os deuses deles, que serão uma cilada para você”. [20-33]

4. Conclusão da Aliança

24¹Javé disse a Moisés: “Suba até mim com Aarão, Nadab, Abiú e setenta anciãos de Israel, e adorem de longe. ²Só Moisés se aproximará de Javé; os outros não se aproximarão, nem o povo subirá com ele”.

³Moisés desceu e contou ao povo tudo o que Javé lhe havia dito e todas as leis. O povo respondeu unânime: “Faremos tudo o que Javé disse”. ⁴Moisés colocou por escrito todas as palavras de Javé. Depois levantou-se de manhã, construiu um altar ao pé da montanha e doze estelas para as doze tribos de Israel. ⁵Em seguida, mandou alguns jovens de Israel oferecer holocaustos e imolar novilhos a Javé como sacrifício de comunhão. ⁶Moisés pegou a metade do sangue e colocou em bacias; a outra metade do sangue, ele a derramou sobre o altar. ⁷Pegou o livro da aliança e o leu para o povo. Eles disseram: “Faremos tudo o que Javé mandou e obedeceremos”. ⁸Moisés pegou o sangue e o espalhou sobre o povo, dizendo: “Este é o sangue da aliança que Javé faz com vocês através de todas essas cláusulas”.

⁹Moisés, Aarão, Nadab, Abiú e os setenta anciãos subiram. ¹⁰Eles viram o Deus de Israel: sob os pés dele, havia uma espécie de pavimento de safira, tão pura como o próprio céu. ¹¹E Deus não estendeu a mão contra os notáveis de Israel; eles contemplaram a Deus e depois comeram e beberam. [\[24,1-11\]](#)

5. Leis para o santuário

As tábuas da Aliança — ¹²Javé disse a Moisés: “Suba até junto de mim na montanha, pois eu estarei aí para lhe dar as tábuas de pedra com a lei e os mandamentos que escrevi, para você os instruir”. ¹³Moisés se levantou com seu ajudante Josué. E subiram à montanha de Deus. ¹⁴Ele disse aos anciãos: “Esperem aqui até que voltemos. Aarão e Hur estão com vocês: quem tiver alguma questão, dirija-se a eles”. ¹⁵Quando Moisés subiu à montanha, a nuvem cobriu a montanha.

¹⁶A glória de Javé pousou sobre o monte Sinai e a nuvem o cobriu durante seis dias. No sétimo dia, Javé chamou Moisés do meio da nuvem. ¹⁷A glória de Javé aparecia aos olhos de Israel como fogo consumidor no topo da montanha. ¹⁸Moisés entrou pelo meio da nuvem e subiu à montanha. E Moisés ficou na montanha quarenta dias e quarenta noites.

25 *Contribuições para o santuário* — ¹Javé falou a Moisés: ²“Diga aos filhos de Israel que ofereçam para mim um tributo; e vocês aceitarão a contribuição de todos os que generosamente a oferecerem para mim. ³Contribuições que vocês aceitarão: ouro, prata e bronze; ⁴púrpura violeta, vermelha e escarlata; linho e pelo de cabra; ⁵peles de carneiro curtidas, couro fino e madeira de acácia; ⁶azeite para a lâmpada, aromas para o óleo da unção e para o incenso aromático; ⁷pedras de ônix e pedras de engaste para o efod e o peitoral. ⁸Faça um santuário para mim, e eu habitarei entre eles. ⁹Faça tudo conforme o modelo do santuário e dos utensílios que vou mostrar a você.

A arca da aliança — ¹⁰Faça uma arca de madeira de acácia, com cento e vinte e cinco centímetros de comprimento, por setenta e cinco de largura e setenta e cinco de altura. ¹¹Revista a arca com ouro puro, por dentro e por fora; e, ao seu redor, aplique uma moldura de ouro. ¹²Funda para ela quatro argolas de ouro, para colocar nos quatro cantos inferiores da arca. ¹³Faça também varais de madeira de acácia e revista-os de ouro, ¹⁴e enfie os varais nas argolas de cada lado da arca, para poderem transportá-la. ¹⁵Os varais ficarão colocados nas argolas da arca e nunca serão tirados. ¹⁶Dentro da arca, coloque o documento da aliança que darei a você.

¹⁷Faça também uma placa de ouro puro, com cento e vinte e cinco centímetros de comprimento, por setenta e cinco de largura. ¹⁸Nas duas extremidades da placa, faça dois querubins de ouro batido: ¹⁹cada um sairá de um extremo da placa e ²⁰a cobrirão com as asas estendidas para cima. Estarão um diante do outro, olhando para o centro da placa. ²¹Cubra a arca com a placa, e dentro guarde o documento da aliança que darei a você. ²²Aí me encontrarei com você; e, de cima da placa, do meio dos querubins que estão sobre a arca da aliança, direi a você tudo o que deve ordenar aos filhos de Israel.

A mesa dos pães oferecidos a Deus — ²³Faça uma mesa de madeira de acácia com cem centímetros de comprimento, por cinquenta de largura e setenta e cinco de altura. ²⁴Cubra a mesa de ouro puro e aplique ao redor uma moldura de ouro. ²⁵Faça ao redor dela um enquadramento com um palmo de largura e, ao redor do enquadramento, uma moldura de ouro. ²⁶Faça também quatro argolas de ouro e coloque-as nos quatro cantos formados pelos quatro pés. ²⁷Junto às molduras, ficarão as argolas por onde passarão os varais para se carregar a mesa. ²⁸Faça os varais de madeira de acácia e cubra-os de ouro; com eles a mesa poderá ser transportada. ²⁹Faça pratos, bandejas, jarras e copos para as libações: tudo de ouro puro. ³⁰E coloque para sempre sobre a mesa, diante de mim, os pães oferecidos a Deus.

O candelabro — ³¹Faça um candelabro de ouro puro; ele será todo cinzelado: pedestal, haste, cálices, botões e flores formarão com ele uma só peça. ³²Dos seus lados sairão seis braços, três de cada lado. ³³Cada braço terá três cálices, com formato de flor de amêndoa, com botão e flor; e três cálices com flor de amêndoa no outro lado, com botão e flor. Assim serão os seis braços saindo do candelabro. ³⁴O candelabro terá quatro cálices com formato de flor de amêndoa, com botão e flor: ³⁵um botão sob os dois primeiros braços que saem do candelabro, um botão sob os dois braços seguintes, e um botão sob os dois últimos braços; assim se fará com os seis braços que saem do candelabro. ³⁶Os botões e os braços formarão uma só peça com o candelabro. E tudo será feito com um bloco de ouro batido. ³⁷Faça também sete lâmpadas, de modo que fiquem elevadas e iluminem a parte dianteira. ³⁸Seus acendedores e apagadores serão de ouro puro. ³⁹Para fazer o candelabro e seus acessórios você usará trinta quilos de ouro. ⁴⁰Faça tudo de acordo com o modelo que foi mostrado a você no

alto da montanha.

26 *As cortinas do santuário* — ¹Faça o santuário com dez cortinas de linho fino retorcido, de púrpura violeta, vermelha e escarlata. E as faça com querubins bordados. ²Cada cortina terá catorze metros de comprimento, por dois de largura: todas terão a mesma medida. ³Cinco cortinas estarão unidas uma com a outra; e as outras cinco também estarão unidas uma com a outra. ⁴Faça laços de púrpura violeta na franja da primeira cortina que está na extremidade do conjunto; e faça o mesmo na franja da cortina que está na extremidade do outro conjunto. ⁵Faça cinquenta laçadas na primeira cortina e cinquenta laçadas na extremidade da cortina que está no outro conjunto, de modo que as laçadas se correspondam mutuamente. ⁶Faça também cinquenta colchetes de ouro e junte as cortinas uma com a outra por meio de colchetes, de modo que o santuário forme uma só unidade.

⁷Teça também onze peças de pelo de cabra, para que sirvam de cobertura para o santuário. ⁸Cada peça medirá quinze metros de comprimento, por dois de largura; as onze peças terão a mesma medida. ⁹Junte cinco cortinas numa peça e seis cortinas em outra, e dobre a sexta cortina sobre a parte da frente da tenda. ¹⁰Faça cinquenta laçadas na franja da primeira cortina, na extremidade do primeiro conjunto, e outras cinquenta laçadas na franja da cortina do outro conjunto. ¹¹Faça também cinquenta colchetes de bronze e introduza os colchetes em cada laçada, para unir a tenda, que assim formará um todo.

¹²A parte que restar das cortinas da tenda, a metade da cortina que sobrar, penderá da parte posterior do santuário. ¹³E os cinquenta centímetros, que sobram de cada lado da tenda, penderão dos dois lados do santuário, cobrindo-os.

¹⁴Faça para a tenda uma cobertura de peles de carneiro curtidas, e uma cobertura de couro fino por cima.

A armação do santuário — ¹⁵Faça para o santuário tábuas de madeira de acácia que serão colocadas verticalmente. ¹⁶Cada tábua terá cinco metros de comprimento, por setenta e cinco centímetros de largura. ¹⁷Cada tábua terá dois encaixes travados um com o outro; faça o mesmo com todas as tábuas do santuário. ¹⁸Coloque-as do seguinte modo: vinte tábuas para o lado do Negueb, para o sul. ¹⁹E debaixo dessas vinte tábuas faça quarenta bases de prata: duas bases debaixo de cada tábua, para seus dois encaixes. ²⁰No outro lado do

santuário, no lado norte, haverá vinte tábuas ²¹com suas quarenta bases de prata, duas bases para cada tábua. ²²Faça seis tábuas para o fundo do santuário, do lado do mar, ²³e mais duas tábuas para os cantos do fundo do santuário. ²⁴Ficarão unidas pela parte de baixo até a parte de cima, na altura da primeira argola: formarão assim os dois ângulos do santuário. ²⁵Serão, portanto, oito tábuas com dezesseis bases de prata, duas para cada tábua.

²⁶Faça também cinco travessas de madeira de acácia para as tábuas de cada lado, ²⁷e cinco para o lado do fundo, no lado do mar. ²⁸A travessa central ficará na metade das tábuas, atravessando-as de um extremo a outro. ²⁹Revista as tábuas com ouro, e faça de ouro também as argolas, por onde vão passar as travessas; cubra de ouro também as travessas. ³⁰Levante o santuário conforme o modelo que foi mostrado a você na montanha.

O véu do santuário — ³¹Faça também um véu de púrpura violeta, vermelha e escarlate, e de linho fino retorcido. Faça nele um bordado com figuras de querubins. ³²Coloque-o sobre quatro colunas de madeira de acácia cobertas de ouro e providas de ganchos de ouro, assentadas sobre quatro bases de prata. ³³Pendure o véu debaixo dos colchetes e coloque atrás dele a arca da aliança. O véu servirá de separação entre o Santo e o Santo dos santos.

³⁴Coloque a placa de ouro sobre a arca da aliança, no Santo dos santos. ³⁵Fora do véu, no lado norte, coloque a mesa; e, no lado sul, diante da mesa, coloque o candelabro. ³⁶Para a entrada da tenda faça também uma cortina de púrpura violeta, vermelha e escarlate e de linho fino retorcido, artisticamente bordada. ³⁷Para essa cortina, faça cinco colunas de madeira de acácia, recobertas de ouro, com seus ganchos também de ouro, e fundindo para elas cinco bases de bronze.

27 ***O altar dos holocaustos*** — ¹Faça de madeira de acácia o altar: será quadrado e medirá dois metros e meio de lado, e um metro e meio de altura.

²Nos quatro cantos, faça saliências curvas, que formarão uma só peça com o altar. Revista de bronze o altar. ³Faça também recipientes para recolher as cinzas, e também pás, bacias para aspersão, garfos e braseiros, tudo de bronze.

⁴Faça também uma grelha de bronze, em forma de rede, com quatro argolas de bronze nos quatro cantos da grelha; ⁵coloque-a embaixo da borda externa do altar, de modo que ela chegue até o meio do altar. ⁶Faça também varais para o altar, com madeira de acácia revestida de bronze. ⁷Os varais serão enfiados nas

argolas, de modo que fiquem dos dois lados do altar, quando este for transportado. ⁸Faça o altar com tábuas e oco, conforme o modelo que foi mostrado a você na montanha.

O átrio do santuário — ⁹Faça o átrio do santuário deste modo: no lado do Nogueb, lado sul, coloque cortinas de linho fino retorcido. O comprimento delas será de cinquenta metros. ¹⁰Suas vinte colunas, com as vinte bases, serão de bronze; os ganchos das colunas e suas vergas serão de prata. ¹¹Faça o mesmo no lado norte: coloque cortinas com cinquenta metros de comprimento; suas vinte colunas, com as vinte bases, serão de bronze; os ganchos das colunas e suas vergas serão de prata. ¹²Na largura do átrio, no lado do mar, coloque cortinas com vinte e cinco metros de comprimento, com dez colunas e dez bases. ¹³A largura do átrio, no lado leste, a oriente, será de vinte e cinco metros; ¹⁴sete metros e meio de cortinas de um lado da entrada, com três colunas e três bases, ¹⁵e sete metros e meio de cortinas no outro lado da entrada, com três colunas e três bases. ¹⁶Na entrada do átrio haverá um véu artisticamente bordado, com dez metros de comprimento, feito de púrpura violeta, vermelha e escarlata, e de linho fino retorcido; terá quatro colunas e quatro bases. ¹⁷Todas as colunas em torno do átrio estarão unidas com vergas de prata; seus ganchos serão de prata, e suas bases de bronze. ¹⁸O átrio terá cinquenta metros de comprimento, por vinte e cinco de largura e dois e meio de altura. Todas as cortinas serão de linho fino retorcido, e as bases de bronze. ¹⁹Serão de bronze todos os utensílios para o serviço do santuário, todas as suas estacas e todas as estacas do átrio.

O azeite para o candelabro — ²⁰Mande que os filhos de Israel tragam azeite de oliva puro e refinado, para alimentar continuamente a lâmpada. ²¹Aarão e seus filhos colocarão essa lâmpada na tenda da reunião, fora do véu que está na frente do documento da aliança, para que ela fique ardendo diante de Javé, desde a tarde até o amanhecer. É uma lei perpétua para todas as gerações dos filhos de Israel.

28 ***As vestes de Aarão*** — ¹Dentre os filhos de Israel, escolha seu irmão Aarão e os filhos dele: Nadab, Abiú, Eleazar e Itamar, para que sejam meus sacerdotes. ²Mande fazer para seu irmão Aarão vestes sagradas, bem ricas e enfeitadas. ³Diga a todas as pessoas hábeis, a quem eu concedi espírito de sabedoria, que façam vestes para Aarão, a fim de consagrá-lo como meu

sacerdote. ⁴São estas as vestes que farão: um peitoral, um efod, um manto, uma túnica bordada, um turbante e um cinto. Farão vestes sagradas para seu irmão Aarão e para os filhos dele, a fim de que sejam meus sacerdotes. ⁵Empregarão ouro e púrpura violeta, vermelha, escarlata, e linho fino.

O efod — ⁶Farão o efod bordado a ouro, de púrpura violeta, vermelha e escarlata, e de linho fino retorcido. ⁷Terá duas ombreiras unidas pelas extremidades. ⁸O cinto que está por cima para amarrá-lo, formando uma só peça com ele, será da mesma confecção: ouro, púrpura violeta, vermelha e escarlata, e linho fino retorcido. ⁹Pegue duas pedras do ônix e grave nelas o nome dos filhos de Israel: ¹⁰seis nomes numa e seis nomes na outra, por ordem de nascimento. ¹¹Gravarão o nome das tribos de Israel da mesma forma que um ourives grava a pedra de um selo, e engastarão as duas pedras em filigrana de ouro. ¹²Coloque as duas pedras nas ombreiras do efod, como lembrança para os filhos de Israel. E Aarão levará seus nomes sobre os ombros, como lembrança para Javé. ¹³Faça também engastes de ouro, ¹⁴e duas correntes de ouro puro, trançadas como cordão, e fixe as correntes nos engastes.

O peitoral — ¹⁵Faça o peitoral do julgamento, bordado como o efod: será de ouro, púrpura violeta, vermelha e escarlata, e linho fino retorcido. ¹⁶Será quadrado e duplo, com um palmo de comprimento e um de largura. ¹⁷Coloque nele engastes de pedras, dispostas em quatro filas: na primeira fila, uma sardônica, um topázio e uma esmeralda; ¹⁸na segunda fila, um carbúnculo, uma safira e um diamante; ¹⁹na terceira, um jacinto, uma ágata e uma ametista; ²⁰na quarta, um berilo, um ônix e um jaspe. Elas serão guarnecidas de ouro nos seus engastes. ²¹As pedras corresponderão aos doze nomes dos filhos de Israel. Cada pedra será gravada como um selo, com o nome de uma das doze tribos. ²²Faça também, para o peitoral, correntes de ouro puro, trançadas como cordões, ²³e também duas argolas de ouro, para colocar nas extremidades do peitoral. ²⁴Passe as duas correntes de ouro pelas duas argolas, nas extremidades do peitoral. ²⁵Fixe as duas pontas das correntes nos dois engastes e coloque-as nas ombreiras do efod, na parte da frente. ²⁶Faça duas argolas de ouro e coloque-as nas duas pontas inferiores do peitoral, junto ao efod. ²⁷Faça também duas argolas de ouro e coloque-as nas duas ombreiras do efod, na parte inferior dianteira, perto de sua juntura, sobre o cinto do efod. ²⁸Através de suas argolas o peitoral ficará preso

às argolas do efod com um cordão de púrpura violeta, para que fique por cima do cinto do efod e não se desprenda do efod. ²⁹Desse modo, quando entrar no santuário, Aarão levará no peitoral do julgamento, sobre o coração, os nomes dos filhos de Israel, como lembrança perpétua diante de Javé. ³⁰Coloque também no peitoral do julgamento o urim e o tumim, para que estejam sobre o coração de Aarão, quando ele entrar na presença de Javé. Aarão levará constantemente sobre o coração, na presença de Javé, o julgamento sobre os filhos de Israel.

O manto — ³¹Faça de púrpura violeta o manto do efod. ³²No meio do manto haverá uma abertura para a cabeça; essa abertura terá uma barra reforçada, como a abertura de um colete, para que não se rompa. ³³Ao redor da barra inferior, coloque romãs de púrpura violeta, vermelha e escarlata, e de linho fino retorcido; entre elas, em todo o redor, coloque campainhas de ouro. ³⁴Em toda a orla do manto haverá campainhas de ouro e romãs. ³⁵Aarão vestirá o manto ao officiar, para que se ouça o tilintar quando ele entrar no santuário de Javé ou quando sair, e assim não morra.

O sinal da consagração — ³⁶Faça uma flor de ouro puro, e grave nela, como num selo: ‘Consagrado a Javé’. ³⁷Amarre-a com um cordão de púrpura violeta, de modo que fique sobre o turbante, na parte da frente. ³⁸Ela ficará na frente de Aarão, e ao fazer suas ofertas sagradas ele carregará a culpa que os filhos de Israel tiverem cometido. Estará continuamente sobre a frente de Aarão, para reconciliá-los com Javé. ³⁹A túnica e o turbante serão de linho fino, e o cinto será bordado.

As vestes dos sacerdotes — ⁴⁰Para os filhos de Aarão, faça túnicas, cintos e gorros ricos e enfeitados. ⁴¹Com isso, você vestirá seu irmão Aarão e os filhos dele. Depois você os ungirá e os investirá, consagrando-os como meus sacerdotes. ⁴²Para eles faça também calções de linho que vão da cintura às coxas, para cobrir a nudez. ⁴³Aarão e seus filhos os vestirão quando entrarem na tenda da reunião ou quando se aproximarem do altar para ministrar no santuário, a fim de não cometerem pecado e não morrerem. Isso é lei perpétua para Aarão e seus descendentes.

29 A consagração dos sacerdotes — ¹Para consagrá-los no meu sacerdócio, observe o seguinte rito: Tome um bezerro e dois carneiros sem defeito,

²pães sem fermento, bolos sem fermento amassados com azeite, broas sem fermento untadas com azeite. Faça-os com flor de farinha de trigo, ³coloque-os numa cesta e traga-os; traga também o bezerro e os dois carneiros.

⁴Mande Aarão e os filhos dele ficarem junto à entrada da tenda da reunião e lave-os com água. ⁵Pegue as vestes e coloque em Aarão a túnica, o manto, o efod e o peitoral, e amarre o efod com o cinto. ⁶Coloque o turbante sobre a cabeça dele e, sobre o turbante, o sinal da santa consagração. ⁷Pegue o óleo da unção e unja Aarão, derramando o óleo sobre a cabeça dele.

⁸Depois, faça os filhos dele se aproximarem e vista-os com túnicas, ⁹e coloque neles o cinto e o gorro. Então o sacerdócio pertencerá a eles, como direito perpétuo. Assim você consagrará Aarão e os filhos dele.

¹⁰Leve o bezerro até a frente da tenda da reunião. Aí Aarão e os filhos dele colocarão a mão sobre a cabeça do bezerro. ¹¹Imole o bezerro diante de Javé, na entrada da tenda da reunião. ¹²Pegue uma parte do sangue do bezerro e, com o dedo, coloque-o sobre as pontas do altar, derramando o resto do sangue ao pé do altar. ¹³Tome toda a gordura que cobre as entranhas, a membrana gordurosa do fígado, os dois rins com a gordura que os envolve, e leve para queimar no altar. ¹⁴Queime fora do acampamento a carne do bezerro junto com o pelo e os intestinos. É um sacrifício pelo pecado.

¹⁵Pegue depois um dos carneiros, e Aarão com os filhos dele colocarão a mão sobre a cabeça do carneiro. ¹⁶Imole o carneiro, pegue o sangue dele e o derrame sobre o altar por todos os lados. ¹⁷Divida o carneiro em pedaços, lave as entranhas e as pernas e coloque as duas coisas sobre os pedaços e sobre a cabeça. ¹⁸Queime assim todo o carneiro, fazendo subir a fumaça dele sobre o altar. É um holocausto para Javé, é um perfume de suave odor, uma oferta queimada para Javé.

¹⁹Pegue depois o segundo carneiro. Aarão com os filhos dele colocarão a mão sobre a cabeça do carneiro. ²⁰Imole o carneiro, pegue um pouco do seu sangue e coloque-o sobre a ponta da orelha direita de Aarão e dos filhos dele, como também sobre o polegar da mão direita e do pé direito deles. Quanto ao resto do sangue, derrame-o sobre todos os lados do altar. ²¹Em seguida, pegue do sangue que está sobre o altar e do óleo da unção, e espalhe-os sobre Aarão e suas vestes e sobre os filhos de Aarão e suas vestes. Desse modo, ficarão consagrados Aarão com suas vestes e os filhos dele com suas vestes.

²²Depois, pegue do carneiro a gordura, a cauda, a gordura que cobre as

entranhas, a membrana gordurosa do fígado, os dois rins com a gordura que os envolve, e a coxa direita, porque é o carneiro da consagração.

²³Pegue também um pão, um bolo untado em azeite e uma broa da cesta dos pães sem fermento que está diante de Javé. ²⁴Coloque tudo isso nas mãos de Aarão e dos filhos dele, para que eles façam diante de Javé o gesto de apresentação. ²⁵Em seguida, pegue tudo das mãos deles e deixe queimar no altar, sobre o holocausto, como suave odor a Javé. É uma oferta queimada para Javé.

²⁶Pegue o peito do carneiro da consagração de Aarão, e faça diante de Javé o gesto de apresentação desse peito. Essa parte será a porção que cabe a você.

²⁷Consagre o peito que foi apresentado e também a coxa da porção que foi tirada do carneiro da consagração e que pertence a Aarão e aos filhos dele. ²⁸Isso tudo será uma porção perpétua que Aarão e os filhos dele receberão dos filhos de Israel; porque é o tributo tomado dos sacrifícios de comunhão, que os filhos de Israel oferecem a Javé.

²⁹As vestes sagradas de Aarão serão herdadas pelos seus filhos, que as vestirão quando forem ungidos e consagrados. ³⁰Durante sete dias, o filho que tiver sucedido a ele no sacerdócio as vestirá quando entrar na tenda da reunião, para servir no santuário.

³¹Depois pegue o carneiro da consagração e cozinhe sua carne num lugar sagrado. ³²Aarão e seus filhos comerão da carne do carneiro e do pão que está na cesta, à entrada da tenda da reunião. ³³Comerão a parte com que se fez a expiação por eles, quando foram investidos e consagrados. Nenhum estranho ao sacerdócio poderá comer disso, porque são coisas sagradas. ³⁴Se uma parte da carne do sacrifício de consagração ou dos pães ficar para o dia seguinte, será queimada; não se comerá, porque é coisa sagrada. ³⁵É isso que você fará com Aarão e os filhos dele, conforme tudo o que ordenei a você. O rito da consagração deles durará sete dias.

³⁶Cada dia, ofereça também um bezerro como expiação pelo pecado. Faça o rito de expiação sobre o altar, oferecendo sobre ele um sacrifício pelo pecado. Depois, unja o altar para consagrá-lo. ³⁷Faça a expiação pelo altar durante sete dias, e depois o consagre; desse modo, o altar será santíssimo, e tudo o que nele tocar, será santificado.

Os sacrifícios diários — ³⁸Eis o que você deverá oferecer sobre o altar: dois

cordeiros machos de um ano, cada dia e perpetuamente. ³⁹Ofereça um dos cordeiros pela manhã e outro pela tarde. ⁴⁰Com o primeiro, ofereça quatro litros e meio de flor de farinha amassada, com um litro e meio de azeite de oliva refinado, e uma libação de um litro e meio de vinho. ⁴¹Pela tarde, ofereça o segundo cordeiro, junto com uma oferta e uma libação, como aquelas da manhã, uma oferta de suave odor queimada para Javé. ⁴²Esse é o holocausto perpétuo por todas as gerações, na presença de Javé, junto à entrada da tenda da reunião, onde me encontrarei com vocês para falar. ⁴³Aí eu irei me encontrar com os filhos de Israel. E o lugar ficará consagrado com a minha glória. ⁴⁴Consagrarei a tenda da reunião e o altar. Consagrarei também Aarão e os filhos dele, para que exerçam o meu sacerdócio. ⁴⁵Habitarei no meio dos filhos de Israel e serei o Deus deles. ⁴⁶E eles reconhecerão que eu sou Javé, o Deus deles, que os tirou do Egito para habitar no meio deles. Eu sou Javé, o Deus deles.

30 *O altar do incenso* — ¹Faça também um altar de madeira de acácia para queimar incenso. ²Será quadrado e terá cinquenta centímetros de comprimento por cinquenta de largura, com um metro de altura; as pontas formarão uma só peça com ele. ³Revista sua parte superior, as paredes ao redor e as pontas, tudo de ouro puro, e faça uma moldura de ouro ao redor. ⁴Faça também duas argolas de ouro dos dois lados: nelas serão enfiados os varais, para transportar o altar. ⁵Os varais serão feitos de madeira de acácia e revestidos de ouro. ⁶Coloque o altar diante do véu que está na frente da arca da aliança e diante da placa que cobre a arca da aliança; aí eu me encontrarei com você.

⁷Aarão queimará sobre o altar o incenso aromático, pela manhã, quando preparar as lâmpadas; ⁸e quando, à tarde, acender as lâmpadas, fará o mesmo. Será um incenso perpétuo que as gerações de vocês oferecerão diante de Javé. ⁹Não ofereçam sobre o altar incenso profano, nem holocausto, nem oblação, nem derramem sobre ele nenhuma libação. ¹⁰Uma vez por ano, Aarão realizará o rito da expiação, untando as pontas do altar com o sangue da vítima expiatória; isso será feito uma vez por ano, por todas as gerações de vocês. O altar será consagrado a Javé”.

O tributo para o culto — ¹¹Javé falou a Moisés: ¹²“Quando você fizer o recenseamento dos filhos de Israel, cada um pagará a Javé um resgate por sua própria pessoa, para que não haja entre eles nenhuma praga, quando você fizer o recenseamento. ¹³Cada um dará cinco gramas de prata, conforme o peso padrão

do santuário: o tributo para Javé será de cinco gramas de prata. ¹⁴Cada um dos registrados, de vinte anos para cima, pagará o tributo a Javé. ¹⁵Nem o rico pagará mais, nem o pobre pagará menos, quando derem o tributo para Javé como resgate por si mesmos. ¹⁶Pegue o dinheiro do resgate dos filhos de Israel e entregue-o para o serviço da tenda da reunião: ele será a lembrança dos filhos de Israel diante de Javé, como resgate de suas pessoas”.

A bacia — ¹⁷Javé falou a Moisés: ¹⁸“Faça uma bacia de bronze, com a base de bronze, para as abluções. Coloque-a entre a tenda da reunião e o altar; depois a encha de água. ¹⁹Nela, Aarão e os filhos dele lavarão as mãos e os pés. ²⁰Eles se lavarão com água, quando entrarem na tenda da reunião, para que não morram; farão o mesmo quando se aproximarem do altar para officiar, para queimar uma oferta a Javé. ²¹Lavarão as mãos e os pés, e assim não morrerão. Essa é uma lei perpétua para Aarão e seus descendentes, em todas as gerações”.

O óleo de unção — ²²Javé falou a Moisés: ²³“Providencie bálsamo de primeira qualidade: cinco quilos de mirra em grão, dois quilos e meio de cinamomo, dois quilos e meio de cana aromática, ²⁴cinco quilos de cássia, conforme o peso do santuário, e sete litros e meio de azeite de oliva. ²⁵Com esses ingredientes, faça o óleo para a unção sagrada, um perfume aromático, segundo a receita de perfumista. E ele servirá para a unção sagrada. ²⁶Unja com esse óleo a tenda da reunião e a arca da aliança, ²⁷a mesa com seus utensílios, o candelabro com seus acessórios, o altar do incenso, ²⁸o altar dos holocaustos com seus acessórios, e a bacia com a sua base. ²⁹Consagre essas coisas e elas ficarão santíssimas: quem as tocar ficará santificado. ³⁰Unja também Aarão e os filhos dele e consagre-os, para que exerçam o sacerdócio em minha honra. ³¹Fale aos filhos de Israel: ‘Isso será para vocês e para suas gerações um óleo para a unção sagrada. ³²Não será derramado sobre o corpo de nenhum homem, e vocês não copiarão sua fórmula. Ele é coisa sagrada e assim vocês devem tratá-lo. ³³Quem fizer um óleo parecido e o colocar sobre um profano, será excluído do povo’ ”.

O incenso — ³⁴Javé disse a Moisés: “Providencie essências aromáticas: resina, âmbar, bálsamo, aromas e incenso puro, em quantidades iguais. ³⁵Com elas faça um incenso perfumado, composto segundo a arte da perfumaria, misturando com sal; será puro e santo. ³⁶Pulverize uma parte dele, coloque-o diante da arca da aliança, na tenda da reunião, onde me encontrarei com você. Será para vocês

uma coisa santíssima. ³⁷Não façam para uso de vocês um incenso de fórmula semelhante; vocês o considerarão como coisa santa e consagrada a Javé. ³⁸Quem copiar a fórmula, para seu próprio uso, será excluído do seu povo”.

31 *Os operários do santuário* — ¹Javé falou a Moisés: ²“Escolhi pessoalmente Beseleel, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá, ³e o enchi de dotes sobre-humanos e de sabedoria, de destreza e habilidade em seu ofício, ⁴capaz de fazer projetos e de lavrar ouro, prata e bronze, ⁵de lapidar e engastar pedras, entalhar madeira e realizar todo tipo de trabalho. ⁶Eu dou a ele, como ajudante, Ooliab, filho de Aquisamec, da tribo de Dã. A todos os artesãos dei habilidade, para que realizem tudo o que ordenei a você: ⁷a tenda da reunião, a arca da aliança, a placa que está sobre ela e toda a mobília da tenda, ⁸a mesa com seus utensílios, o candelabro de ouro com seus acessórios, o altar do incenso, ⁹o altar do holocausto com seus acessórios, a bacia com sua base, ¹⁰as vestes ornamentais e sagradas dos sacerdotes Aarão e seus filhos, para o exercício do sacerdócio, ¹¹o óleo da unção e o incenso para o santuário. Eles farão tudo conforme ordenei a você”.

O descanso semanal — ¹²Javé falou a Moisés: ¹³“Diga aos filhos de Israel: Observem meus sábados, porque são um sinal entre mim e vocês, ao longo de suas gerações, para que todos saibam que eu sou Javé, aquele que santifica vocês. ¹⁴Observem, portanto, o sábado, porque é uma coisa santa para vocês. Quem o profanar será réu de morte. Quem realizar nele algum trabalho será excluído do povo. ¹⁵Vocês podem trabalhar durante seis dias; o sétimo dia, porém, é para vocês o dia de descanso solene em honra de Javé. Quem trabalhar no dia de sábado será réu de morte. ¹⁶Os filhos de Israel observarão o sábado em todas as suas gerações, como aliança perpétua. ¹⁷Será um sinal perpétuo entre mim e os filhos de Israel, porque em seis dias Javé fez o céu e a terra, mas no sétimo dia ele parou para respirar”.

¹⁸Quando Javé terminou de falar com Moisés no monte Sinai, entregou-lhe as duas tábuas da aliança; eram tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus. [24,12-31,18]

6. Tentativa de manipular Javé

32 *Um deus visível* — ¹Quando o povo notou que Moisés estava demorando para descer da montanha, reuniu-se em torno de Aarão, e lhe disse: “Vamos! Faça para nós um deus que caminhe à nossa frente, porque não sabemos o que aconteceu com esse Moisés que nos tirou do Egito”. ²Aarão respondeu-lhes: “Tirem os brincos de ouro de suas mulheres, filhos e filhas, e tragam aqui”. ³Então todo o povo tirou os brincos e os levou para Aarão. ⁴Este recebeu o ouro, fundiu-o num molde e fez a estátua de um bezerro. Então eles disseram: “Israel, este é o seu deus, que tirou você do Egito”. ⁵Quando Aarão viu isso, construiu um altar diante da estátua, e proclamou: “Amanhã será festa em honra de Javé”. ⁶No dia seguinte, levantaram-se bem cedo, ofereceram holocaustos e levaram sacrifícios de comunhão. O povo sentou-se para comer e beber, e depois se levantou para se divertir. [32,1-6]

A libertação não é projeto elitista — ⁷Javé disse a Moisés: “Vá! Desça, porque seu povo, que você tirou do Egito, se perverteu. ⁸Desviaram-se logo do caminho que eu lhes havia ordenado. Fizeram para si um bezerro de metal fundido, e o adoraram, oferecendo a ele sacrifícios e dizendo: ‘Israel, este é o seu deus que tirou você do Egito’ ”. ⁹E Javé continuou: “Vejo que esse povo é um povo de cabeça dura. ¹⁰Agora, portanto, deixe-me, porque minha ira vai se acender contra eles, até consumi-los. E de você, eu farei uma grande nação”.

¹¹Então Moisés suplicou a Javé, seu Deus, dizendo: “Javé, por que a tua ira se acende contra o teu povo, que tiraste do Egito com grande poder e mão forte? ¹²Por que os egípcios haveriam de dizer: ‘Ele os tirou com má intenção, para matá-los entre as montanhas e exterminá-los da face da terra’? Desiste do incêndio de tua ira e volta atrás do castigo que pretendias impor ao teu povo. ¹³Lembra-te dos teus servos Abraão, Isaac e Israel, aos quais juraste por ti mesmo, dizendo: ‘Eu multiplicarei a descendência de vocês como as estrelas do céu, e toda a terra que lhes prometi, eu a darei aos filhos de vocês, para que a possuam para sempre’ ”. ¹⁴Então Javé se arrependeu do castigo com o qual havia ameaçado o seu povo. [7-14]

É importante rever os erros — ¹⁵Moisés voltou e desceu da montanha, com as duas tábuas da aliança na mão, tábuas escritas nos dois lados, na frente e no

verso. ¹⁶As tábuas eram obra de Deus, e a escritura era feita por Deus, gravada nas tábuas.

¹⁷Josué ouviu o barulho do povo, que dava gritos, e disse a Moisés: “Há um grito de guerra no acampamento!” ¹⁸Moisés respondeu: “Não é grito de vitória, nem grito de derrota: estou ouvindo cantos alternados”.

¹⁹Quando se aproximou do acampamento e viu o bezerro e as danças, Moisés ficou enfurecido, jogou as tábuas e as quebrou no pé da montanha. ²⁰Pegou o bezerro que haviam feito, o queimou e o moeu até reduzi-lo a pó. Depois espalhou o pó na água e fez os filhos de Israel beberem.

²¹Moisés perguntou a Aarão: “O que foi que este povo fez a você, para que você o arrastasse a um pecado tão grande?” ²²Aarão respondeu: “Não fique irritado, senhor. Você sabe o quanto este povo é inclinado para o mal. ²³Eles me pediram: ‘Faça para nós um deus que caminhe à nossa frente, porque não sabemos o que aconteceu com esse Moisés, que nos tirou do Egito’. ²⁴Eu disse então: ‘Quem tiver ouro, que o traga’. Eles me trouxeram, eu joguei no fogo, e saiu esse bezerro”. [15-24]

Cortar o mal pela raiz — ²⁵Moisés viu que o povo estava desenfreado, porque Aarão os havia abandonado à zombaria dos inimigos. ²⁶Então Moisés ficou de pé no meio do acampamento, e gritou: “Quem estiver do lado de Javé, venha até mim”. E todos os filhos de Levi se reuniram em torno dele. ²⁷Moisés então lhes disse: “Assim diz Javé, o Deus de Israel: ‘Cada um coloque a espada na cintura. Passem e repassem o acampamento, de porta em porta, matando até mesmo o seu irmão, companheiro e parente’.” ²⁸Os filhos de Levi fizeram o que Moisés havia mandado. E nesse dia morreram uns três mil homens do povo. ²⁹Então Moisés disse: “Hoje vocês se consagraram a Javé, à custa do filho ou do irmão, a fim de que ele hoje conceda a bênção a vocês”. [25-29]

As consequências do pecado — ³⁰No dia seguinte, Moisés disse ao povo: “Vocês cometeram um pecado gravíssimo, mas agora eu vou subir até Javé, para ver se posso expiar o pecado de vocês”. ³¹Então Moisés voltou para Javé, e disse: “Esse povo cometeu um pecado gravíssimo, fabricando um deus de ouro. ³²Agora, porém, ou perdoas o pecado deles ou me riscas do teu livro”. ³³Javé respondeu a Moisés: “Riscarei do meu livro todo aquele que pecou contra mim. ³⁴Agora vá e conduza o povo para onde eu lhe disse: meu anjo irá na frente. Mas

quando chegar o dia das contas, eu punirei o pecado deles”. ³⁵E Javé castigou o povo por adorar o bezerro que Aarão tinha feito. [30-35]

33 O projeto continua — ¹Javé disse a Moisés: “Vamos! Parta daqui com o povo que você tirou do Egito, e vá para a terra que eu prometi para Abraão, Isaac e Jacó, quando falei que a daria para a descendência deles. ²Vou enviar na frente de você o meu anjo, para expulsar os cananeus, amorreus, heteus, ferezeus, heveus e jebuseus. ³Suba para uma terra onde corre leite e mel. Mas eu não subirei no meio de vocês, que são um povo de cabeça dura, porque eu os exterminaria no meio do caminho”. ⁴Ouvindo essas palavras tão duras, o povo começou a chorar, e ninguém se enfeitou com joias. ⁵É que Javé tinha dito a Moisés: “Diga aos filhos de Israel: ‘Vocês são um povo de cabeça dura. Se eu os acompanhasse por um momento, eu os exterminaria. Por isso, tirem agora as joias que vocês usam, e eu verei o que vou fazer com vocês’ ”. ⁶Então os filhos de Israel deixaram seus enfeites, a partir do monte Horeb. [33,1-6]

Javé não se deixa manobrar — ⁷Moisés pegou a tenda e armou-a fora e longe do acampamento, e a chamou tenda da reunião. Quem queria consultar a Javé, devia ir até a tenda da reunião, que estava fora do acampamento. ⁸Quando Moisés se dirigia para a tenda, todo o povo se levantava e ficava na entrada da própria tenda, seguindo Moisés com o olhar, até que ele entrasse na tenda. ⁹Quando Moisés entrava na tenda, a coluna de nuvem descia e ficava na entrada da tenda, enquanto Javé falava com Moisés. ¹⁰Quando o povo via a coluna de nuvem parada na entrada da tenda, cada um se levantava e se prostrava à entrada da própria tenda. ¹¹Javé falava com Moisés face a face, como um homem fala com o amigo. Depois Moisés voltava para o acampamento, enquanto seu ajudante, o jovem Josué, filho de Nun, não se afastava do interior da tenda. [7-11]

A nova sociedade precisa de Deus — ¹²Moisés disse a Javé: “Tu me disseste: ‘Faça este povo subir’. Mas não me indicaste ninguém para me ajudar na missão. No entanto, dizes que me tratas com intimidade e que gozo do teu favor. ¹³Agora, portanto, se gozo do teu favor, ensina-me o teu caminho, e assim ficarei sabendo que gozo do teu favor. Além disso, leva em conta que esta nação é o teu povo”. ¹⁴Javé disse: “Eu irei e pessoalmente darei descanso a você”. ¹⁵Moisés replicou: “Se não vieres pessoalmente, não nos faças sair daqui. ¹⁶Como se poderá saber que eu e teu povo gozamos do teu favor, se de fato não

caminhares conosco? Desse modo, eu e o teu povo seremos diferentes de todos os povos da terra”. ¹⁷Javé replicou a Moisés: “Eu vou conceder o que você está pedindo, porque você goza do meu favor, e eu trato você com intimidade”. [12-17]

Deus é mistério — ¹⁸Moisés pediu a Javé: “Mostra-me a tua glória”. ¹⁹Javé respondeu: “Farei passar diante de você todo o meu esplendor, e pronunciarei diante de você o meu nome: Javé. Terei piedade de quem eu quiser ter piedade, e terei compaixão de quem eu quiser ter compaixão”. ²⁰E acrescentou: “Você não poderá ver o meu rosto, porque ninguém pode vê-lo e continuar com vida”. ²¹E Javé disse ainda: “Eis aqui um lugar junto a mim: fique em cima da rocha. ²²Quando a minha glória passar, eu colocarei você na fenda da rocha e o cobrirei com a palma da mão, até que eu tenha passado. ²³Depois tirarei a palma da mão e me verás pelas costas. Minha face, porém, você não poderá ver”. [18-23]

34 O Deus da aliança — ¹Javé disse a Moisés: “Corte duas tábuas de pedra, como as primeiras, suba ao meu encontro na montanha, e eu escreverei as mesmas palavras que estavam nas primeiras tábuas que você quebrou. ²Fique preparado pela manhã; de madrugada, você subirá até a montanha do Sinai, e vai esperar por mim lá no alto da montanha. ³Ninguém subirá com você, ninguém ficará na montanha; nem ovelhas ou bois pastarão diante da montanha”. ⁴Moisés cortou duas tábuas de pedra, como as primeiras, levantou-se de madrugada e subiu até a montanha do Sinai, como Javé tinha ordenado, e levou nas mãos as duas tábuas de pedra. ⁵Javé desceu na nuvem e ficou junto com Moisés, que invocou o nome de Javé.

⁶Javé passou diante de Moisés, proclamando: “Javé, Javé! Deus de compaixão e piedade, lento para a cólera e cheio de amor e fidelidade. ⁷Ele conserva seu amor por milhares de gerações, tolerando a falta, a transgressão e o pecado, mas não deixa ninguém impune: castiga a falta dos pais nos filhos, netos e bisnetos”.

⁸Moisés caiu de joelhos por terra e adorou. ⁹Depois disse: “Javé, se eu gozo do teu favor, continua em nosso meio, mesmo que este povo seja cabeça dura. Perdoa nossas faltas e pecados, e recebe-nos como tua herança”. [34,1-9]

Não cair na armadilha — ¹⁰Javé disse a Moisés: “Veja! Vou fazer uma aliança. Vou realizar diante do seu povo maravilhas como nunca foram feitas em nenhum país ou nação: todo o povo que rodeia você verá a obra impressionante que Javé vai realizar com você. ¹¹Fique atento para observar o que eu ordeno hoje: vou

expulsar diante de você os amorreus, cananeus, heteus, ferezeus, heveus e jebuseus. ¹²Não faça aliança com os governantes do país, aonde você vai entrar, porque seria uma armadilha para você. ¹³Pelo contrário, derrubem os altares deles, quebrem as estelas e postes sagrados. [10-13]

Javé é o Deus ciumento — ¹⁴Não se prostre diante de outro deus, porque Javé se chama Ciumento: ele é um Deus ciumento. ¹⁵Não faça aliança com os governantes do país, porque eles se prostituem com seus deuses e convidarão você para comer de suas vítimas, quando oferecerem sacrifícios. ¹⁶Não tome para seus filhos mulheres dentre as filhas deles, porque as filhas deles, prostituindo-se com seus deuses, fariam que os filhos de vocês se prostituíssem com os deuses deles.

¹⁷Não faça para você estátuas de deuses.

¹⁸Guarde a festa dos Pães sem fermento: durante sete dias, você comerá pães sem fermento, no tempo fixado do mês de Abib, como ordenei a você, porque foi no mês de Abib que você saiu do Egito.

¹⁹Todos aqueles que por primeiro saem do seio materno pertencem a mim: todo macho, todo primogênito de suas ovelhas e de seu gado. ²⁰Contudo, o jumento que sair por primeiro do seio materno, você o resgatará com um cordeiro; se não o resgatar, quebre a nuca dele. Resgate todos os primogênitos de seus filhos. Não compareça de mãos vazias diante de mim.

²¹Trabalhe seis dias, mas descanse no sétimo, tanto na época do plantio como durante a colheita.

²²Celebre a festa das Semanas no começo da messe do trigo, e a festa da Colheita, no fim do ano.

²³Três vezes por ano, todos os homens se apresentarão diante do Senhor Javé, o Deus de Israel. ²⁴Quando eu expulsar as nações diante de você e alargar suas fronteiras, se você subir três vezes por ano, para visitar Javé seu Deus, ninguém cobiçará a terra de você.

²⁵Junto com o sangue de minhas vítimas, não ofereça nada fermentado. E da vítima da Páscoa, não ficará nada para o dia seguinte.

²⁶Leve para a casa de Javé seu Deus o melhor dos primeiros frutos. Não cozinhe o cabrito no leite da própria mãe dele”.

²⁷Javé disse ainda a Moisés: “Escreva esses mandamentos; porque é de acordo com eles que eu faço aliança com você e com Israel”.

²⁸Moisés ficou aí com Javé durante quarenta dias e quarenta noites, sem comer pão nem beber água. E nas tábuas ele escreveu as cláusulas da aliança, os dez mandamentos. [\[14-28\]](#)

O resplendor de Deus — ²⁹Quando Moisés desceu da montanha do Sinai, levou nas mãos as duas tábuas da aliança. Ele não sabia que o seu rosto estava resplandecente, por ter falado com Javé. ³⁰Aarão e todos os filhos de Israel viram que Moisés estava com o rosto resplandecente, e ficaram com medo de se aproximar dele. ³¹Moisés, porém, os chamou. Aarão e os chefes da comunidade se aproximaram, e Moisés falou com eles. ³²Depois, todos os filhos de Israel se aproximaram, e Moisés comunicou a eles tudo o que Javé lhe havia dito no alto da montanha do Sinai. ³³Quando Moisés terminou de falar, cobriu o rosto com o véu. ³⁴Quando Moisés ia até Javé, para falar com ele, retirava o véu até a hora de sair; e ao sair, comunicava aos filhos de Israel o que Deus havia mandado. ³⁵Os filhos de Israel viam que o rosto de Moisés estava resplandecente. Depois, Moisés cobria o rosto com o véu, até voltar para falar de novo com Javé. [\[29-35\]](#)

7. Execução das leis do santuário

35 *O descanso semanal* — ¹Moisés convocou toda a comunidade dos filhos de Israel, e lhes disse: “Eis o que Javé manda vocês fazerem: ²‘Vocês podem trabalhar durante seis dias; o sétimo dia, porém, é para vocês o dia de descanso solene em honra de Javé. Quem trabalhar no dia de sábado será réu de morte’. ³No dia de sábado, vocês não acenderão fogo em nenhuma das casas de vocês”.

Coleta dos materiais — ⁴Moisés disse para toda a comunidade dos filhos de Israel: “Eis o que Javé ordenou: ⁵‘Façam para Javé uma coleta. Quem tiver coração generoso, ofereça, como tributo a Javé, ouro, prata e bronze; ⁶púrpura violeta, vermelha e escarlata; linho fino e pelo de cabra; ⁷peles de carneiro curtidas, couro fino e madeira de acácia; ⁸azeite para a lâmpada, aromas para o óleo da unção e para o incenso aromático; ⁹pedras de ônix e pedras de engaste para o efod e o peitoral’. ¹⁰Todos os que forem habilidosos venham executar o que Javé ordenou: ¹¹o santuário, sua tenda e cobertura, seus ganchos, tábuas, vergas, colunas e bases; ¹²a arca e seus varais, a placa de ouro e o véu; ¹³a mesa com seus varais, todos os seus acessórios, e os pães oferecidos a Deus; ¹⁴o candelabro da iluminação com seus acessórios; as lâmpadas e o azeite para a iluminação; ¹⁵o altar do incenso com seus varais, o óleo da unção, as essências aromáticas e a cortina da entrada para o santuário; ¹⁶o altar dos holocaustos com sua grelha de bronze, seus varais com todos os acessórios, e a bacia com sua base; ¹⁷as cortinas do átrio com suas colunas e bases, a cortina da porta do átrio; ¹⁸as estacas do santuário e as estacas do átrio, com suas cordas; ¹⁹as vestes sagradas para officiar no santuário, isto é, as vestes sagradas para o sacerdote Aarão e as vestes dos filhos dele, para o exercício do sacerdócio”.

²⁰Então toda a comunidade dos filhos de Israel retirou-se da presença de Moisés. ²¹Depois, todos os homens generosos, que se sentiam animados, levaram tributos a Javé, para as obras da tenda da reunião, para seu culto e para as vestes sagradas. ²²Chegaram homens e mulheres, e entregaram generosamente fívelas, pingentes, anéis, pulseiras e todo tipo de objetos de ouro, e cada um os oferecia ritualmente diante de Javé. ²³Aqueles que possuíam, levaram púrpura violeta, vermelha ou escarlata, linho fino, pelo de cabra, peles

de carneiro curtidas e couro fino. ²⁴Os que desejavam oferecer tributo de prata e bronze, o levaram a Javé; e quem possuía madeira de acácia levou-a para os diversos usos. ²⁵As mulheres habilidosas levaram o que haviam fiado com suas próprias mãos: púrpura violeta, vermelha e escarlata, e linho fino. ²⁶Todas as mulheres, hábeis e dispostas a ajudar, teceram o pelo de cabra. ²⁷Os chefes levaram pedras de ônix e pedras de engaste para o efod e o peitoral, ²⁸os aromas e o azeite para a iluminação, para o óleo da unção e para o incenso aromático. ²⁹Todos os homens e mulheres dos filhos de Israel, que sentiam generosidade para contribuir com as diversas tarefas que Javé havia mandado Moisés fazer, levaram para Javé sua oferta espontânea.

Os operários do santuário — ³⁰Moisés disse aos filhos de Israel: “Javé escolheu Beseleel, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá, ³¹e o encheu de dotes sobre-humanos, de sabedoria, de destreza e habilidade em seu ofício, ³²capaz de fazer projetos e de lavrar ouro, prata e bronze, ³³de lapidar e engastar pedras, entalhar madeira e realizar todo tipo de trabalho. ³⁴Também lhe deu talento para ensinar outros, assim como a Ooliab, filho de Aquisamec, da tribo de Dã. ³⁵Dotou-os de habilidade para projetar e realizar qualquer tipo de obra: bordar púrpura violeta, vermelha ou escarlata, em linho fino, e projetar e realizar todo tipo de trabalhos”.

36¹Beseleel, Ooliab e todos os artesãos, a quem Javé tinha dado habilidade e destreza para executar os diversos trabalhos do santuário, realizaram o que Javé havia ordenado.

²Moisés convocou Beseleel, Ooliab e todos os artesãos, aos quais Javé havia dado habilidade e que estavam dispostos a colaborar na execução do projeto. ³Entregou-lhes pessoalmente todos os tributos levados pelos filhos de Israel para que executassem os diversos trabalhos do santuário. Os filhos de Israel, todas as manhãs, continuaram levando ofertas espontâneas. ⁴Um dia, os artesãos que trabalhavam no santuário deixaram seus trabalhos, e foram ⁵dizer a Moisés: “O povo está trazendo mais do que é necessário para realizar os diversos trabalhos que Javé ordenou.” ⁶Então Moisés mandou dizer no acampamento: “Nem homem, nem mulher, que ninguém mais prepare nem leve tributos para o santuário.” Então o povo parou de levar as coisas. ⁷O que haviam trazido era mais do que suficiente para realizar as obras.

As cortinas do santuário — ⁸Todos os artesãos que colaboravam fizeram o santuário com dez cortinas de linho fino retorcido, de púrpura violeta, vermelha e escarlata, com querubins bordados. ⁹Cada cortina tinha catorze metros de comprimento por dois de largura: todas tinham a mesma medida. ¹⁰Cinco cortinas estavam unidas uma à outra; e as outras cinco também estavam unidas entre si. ¹¹Fizeram laços de púrpura violeta na franja da primeira cortina que estava na extremidade do conjunto; e fizeram o mesmo na franja da cortina que estava na extremidade do outro conjunto. ¹²Fizeram cinquenta laçadas na primeira cortina e cinquenta laçadas na extremidade da cortina que estava no outro conjunto, de modo que as laçadas se correspondiam entre si. ¹³Fizeram também cinquenta colchetes de ouro e uniram com eles as duas cortinas, de modo que o santuário formava uma unidade.

¹⁴Fizeram também onze peças de pelo de cabra, para que servissem de cobertura para o santuário. ¹⁵Cada peça media quinze metros de comprimento por dois de largura; as onze peças tinham a mesma medida. ¹⁶Uniram cinco cortinas numa peça e seis cortinas em outra. ¹⁷Fizeram cinquenta laçadas na franja da primeira cortina, bem na extremidade do primeiro conjunto, e outras cinquenta laçadas na franja da cortina do outro conjunto. ¹⁸Fizeram também cinquenta colchetes de bronze para unir a tenda, formando assim um todo. ¹⁹Fizeram para a tenda uma cobertura de peles de carneiro curtidas, e uma cobertura de couro fino por cima.

A armação do santuário — ²⁰Fizeram para o santuário tábuas de madeira de acácia, para colocá-las em posição vertical. ²¹Cada tábua tinha cinco metros de comprimento por setenta e cinco centímetros de largura. ²²Cada tábua tinha dois encaixes travados um no outro; fizeram assim com todas as tábuas do santuário. ²³Colocaram-nas do seguinte modo: vinte tábuas para o lado do Negueb, para o sul; ²⁴e debaixo delas fizeram quarenta bases de prata: duas bases debaixo de cada tábua para seus dois encaixes. ²⁵No outro lado do santuário, no lado norte, ergueram vinte tábuas sobre quarenta bases de prata: ²⁶duas bases para cada tábua. ²⁷Para o fundo do santuário, do lado oeste, ergueram seis tábuas; ²⁸puseram também duas tábuas para os cantos do fundo do santuário. ²⁹Ficaram unidas pela parte de baixo até a parte de cima, na altura da primeira argola: as duas tábuas formavam assim os ângulos de fundo do santuário. ³⁰Havia,

portanto, oito tábuas com suas dezesseis bases de prata, duas para cada tábua. ³¹Fizeram também cinco travessas de madeira de acácia ³²para as tábuas de cada lado, e cinco para o lado do fundo, no lado do mar. ³³A travessa central ficou na metade das tábuas, atravessando-as de um extremo a outro. ³⁴Revestiram as tábuas com ouro, e fizeram de ouro também as argolas, por onde passavam as travessas; e cobriram de ouro também as travessas.

O véu do santuário — ³⁵Fizeram ainda um véu de púrpura violeta, vermelha e escarlate, e de linho fino retorcido. Fizeram nele um bordado com figuras de querubins, ³⁶e o colocaram sobre quatro colunas de madeira de acácia cobertas de ouro e providas de ganchos de ouro, assentadas sobre quatro bases de prata. ³⁷Fizeram também, para a entrada da tenda, uma cortina de púrpura violeta, vermelha e escarlate, e de linho fino retorcido, ³⁸com suas cinco colunas e respectivos ganchos; e revestiram de ouro os capitéis e as molduras. Suas cinco bases eram de bronze.

37 ***A arca da aliança*** — ¹Beseleel fez a arca de madeira de acácia, com cento e vinte e cinco centímetros de comprimento, por setenta e cinco de largura e setenta e cinco de altura. ²Revestiu a arca de ouro puro, por dentro e por fora; ao redor dela, aplicou uma moldura de ouro. ³Fundiu para ela quatro argolas de ouro e as colocou nos quatro cantos inferiores da arca, duas de cada lado. ⁴Fez também varais de madeira de acácia e revestiu-os de ouro, ⁵e enfiou os varais nas argolas em cada lado da arca, para poder transportá-la. ⁶Fez também uma placa de ouro puro, com cento e vinte e cinco centímetros de comprimento por setenta e cinco de largura. ⁷Nas duas extremidades da placa fez dois querubins de ouro batido: ⁸um em cada extremidade da placa, ⁹cobrindo-a com as asas estendidas para cima. Eles estavam um diante do outro, olhando para o centro da placa.

A mesa dos pães oferecidos a Deus — ¹⁰Fez a mesa de madeira de acácia com cem centímetros de comprimento, por cinquenta de largura e setenta e cinco de altura. ¹¹Revestiu-a de ouro puro e aplicou ao redor uma moldura de ouro. ¹²Fez ao redor dela um enquadramento, com um palmo de largura; e, ao redor do enquadramento, uma moldura de ouro. ¹³Fez também quatro argolas de ouro e colocou-as nos quatro cantos formados pelos quatro pés. ¹⁴As argolas, por onde passavam os varais para se carregar a arca, ficavam junto às molduras. ¹⁵Fez os

varais de madeira de acácia e os revestiu de ouro, para se transportar a mesa. ¹⁶Fez também os utensílios para a mesa: os pratos e bandejas, as jarras e copos para as libações: tudo de ouro puro.

O candelabro — ¹⁷Fez o candelabro de ouro puro; era todo de ouro batido: pedestal, haste, cálices, botões e flores formavam com ele uma só peça. ¹⁸De seus lados saíam seis braços, três de cada lado. ¹⁹Cada braço tinha três cálices com o formato de flor de amêndoa, com botão e flor; e três cálices com flor de amêndoa no outro lado, com botão e flor. Assim eram os seis braços saindo do candelabro. ²⁰O candelabro tinha quatro cálices com formato de flor de amêndoa, com botão e flor: ²¹um botão sob os dois primeiros braços que saíam do candelabro, um botão sob os dois braços seguintes, e um botão sob os dois últimos braços; assim eram feitos os seis braços que saíam do candelabro. ²²Os botões e os braços formavam uma só peça com o candelabro, e tudo era feito num só bloco de ouro batido. ²³Fez também sete lâmpadas: e seus acendedores e apagadores eram de ouro puro. ²⁴Usou trinta quilos de ouro para fazer o candelabro com seus acessórios.

O altar do incenso — ²⁵Fez também de madeira de acácia um altar para queimar incenso. Era quadrado e tinha cinquenta centímetros de comprimento por cinquenta de largura, com um metro de altura; as pontas formavam uma só peça com ele. ²⁶Revestiu de ouro puro sua parte superior, as paredes ao redor e as pontas, e fez ao redor uma moldura de ouro. ²⁷Fez também duas argolas de ouro nos dois lados, e nelas se enfiavam os varais para transportar o altar. ²⁸Os varais eram feitos de madeira e revestidos de ouro. ²⁹Preparou também o óleo para a unção sagrada e o incenso perfumado, de acordo com a receita de perfumista.

38 O altar dos holocaustos — ¹Fez de madeira de acácia também o altar dos holocaustos: era quadrado e media dois metros e meio de lado e um metro e meio de altura. ²Nos quatro cantos, fez saliências curvas, que formavam uma só peça com o altar, e as revestiu de bronze. ³Fez também todos os acessórios do altar: os recipientes para recolher cinzas, as pás, bacias, garfos e braseiros, tudo de bronze. ⁴Fez para o altar uma grelha de bronze em forma de rede, e a colocou debaixo da borda externa do altar, de modo que a grelha chegava até o meio do altar. ⁵Fundiu quatro argolas nos quatro cantos da grelha de bronze, a fim de que servissem de aberturas para os varais. ⁶Fez os varais de madeira de acácia e os

revestiu de bronze. ⁷Enfiou os varais nas argolas, que estavam dos lados do altar, para poder transportá-lo. Fez de tábuas o altar oco.

A bacia — ⁸Com os espelhos das mulheres que serviam à entrada da tenda da reunião, fez uma bacia de bronze, com a base de bronze.

O átrio do santuário — ⁹Fez assim o átrio do santuário: no lado do Negueb, lado sul, fixou cortinas de linho fino retorcido, com cinquenta metros de comprimento. ¹⁰Suas vinte colunas, com as vinte bases, eram de bronze; os ganchos das colunas e suas vergas eram de prata. ¹¹No lado norte, fixou cortinas com cinquenta metros de comprimento; suas vinte colunas, com as vinte bases, eram de bronze; os ganchos das colunas e suas vergas eram de prata. ¹²No lado do mar, com dez colunas e dez bases fixou cortinas com vinte e cinco metros de comprimento; os ganchos das colunas e suas vergas eram de prata. ¹³No lado leste, o átrio tinha uma largura de vinte e cinco metros: ¹⁴de um lado da entrada do átrio, fixou cortinas com sete metros e meio, em três colunas e três bases. ¹⁵Do outro lado da entrada, fixou cortinas com sete metros e meio, em três colunas e três bases. ¹⁶Todas as cortinas, ao redor do átrio, eram de linho fino retorcido. ¹⁷As bases das colunas eram de bronze, e os ganchos das colunas e seus varais eram de prata. O revestimento dos capitéis era de prata, e todas as colunas do átrio tinham vergas de prata. ¹⁸A cortina da entrada do átrio era bordada e feita de púrpura violeta, vermelha e escarlata, e de linho fino retorcido: tinha dez metros de comprimento por dois metros e meio de altura, como as cortinas do átrio. ¹⁹Suas quatro colunas e bases eram de bronze, e seus ganchos eram de prata; o revestimento dos capitéis e vergas era de prata. ²⁰Todas as estacas que rodeavam o átrio do santuário eram de bronze.

As despesas do santuário — ²¹São estes os gastos da construção do santuário da aliança, registrados pelos levitas, por ordem de Moisés e sob a direção de Itamar, filho do sacerdote Aarão. ²²Beseleel, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá, fez tudo o que Javé tinha ordenado a Moisés. ²³Foi ajudado por Ooliab, filho de Aquisamec, da tribo de Dã, que era artesão, desenhista, bordador em púrpura violeta, vermelha e escarlata, e em linho fino.

²⁴O total do ouro empregado na construção do santuário, ouro que veio das ofertas, foi de oitocentos e setenta e oito quilos, conforme o peso que está no

santuário. ²⁵A prata recolhida dos recenseados foi de três mil e dezoito quilos, conforme o peso que está no santuário: ²⁶cinco gramas de prata, conforme o peso que está no santuário, por pessoa registrada no recenseamento, de vinte anos para cima, isto é, seiscentos e três mil, quinhentos e cinquenta homens. ²⁷Foram empregados três mil quilos de prata na fundição das bases do santuário e da cortina, à razão de trinta quilos por base. ²⁸Com os dezoito quilos restantes foram feitos os ganchos e capitéis das colunas, e também as vergas. ²⁹O bronze das ofertas pesou dois mil cento e vinte e quatro quilos. ³⁰Foi tudo empregado para fazer as bases da entrada da tenda da reunião, o altar de bronze com a grelha de bronze e todos os acessórios do altar, ³¹as bases do átrio ao redor, as bases da entrada do átrio, e todas as estacas do recinto do átrio.

39 *As vestes sacerdotais* — ¹Fizeram os ornamentos sagrados para o serviço do santuário com púrpura violeta, vermelha e escarlata, e com linho fino retorcido. Do mesmo material fizeram as vestes sagradas para Aarão, conforme Javé tinha ordenado a Moisés.

O efod — ²Fizeram o efod de ouro, de púrpura violeta, vermelha e escarlata, e de linho fino retorcido. ³Bateram o ouro em lâminas finas e as cortaram em tiras para trançá-las com a púrpura violeta, vermelha e escarlata, e com o linho fino retorcido, num trabalho artístico. ⁴Tinha duas ombreiras unidas pelas extremidades. ⁵O cinto que estava por cima para amarrá-lo, formando uma única peça com ele, era da mesma confecção: ouro, púrpura violeta, vermelha e escarlata, e linho fino retorcido, conforme Javé tinha ordenado a Moisés. ⁶Prepararam as pedras de ônix engastadas em ouro e gravaram nelas, como num selo, o nome dos filhos de Israel. ⁷E as colocaram sobre as ombreiras do efod, como símbolo dos filhos de Israel, conforme Javé tinha ordenado a Moisés.

O peitoral — ⁸Fizeram artisticamente o peitoral, bordado como o efod: de ouro, de púrpura violeta, vermelha e escarlata, e de linho fino retorcido. ⁹Era quadrado e duplo, com um palmo de comprimento e um de largura. ¹⁰Colocaram nele engastes de pedras, dispostos em quatro filas: na primeira fila, uma sardônica, um topázio e uma esmeralda; ¹¹na segunda fila, um carbúnculo, uma safira e um diamante; ¹²na terceira fila, um jacinto, uma ágata e uma ametista; ¹³na quarta, um berilo, um ônix e um jaspe. As pedras eram guarnecidas de ouro nos seus engastes. ¹⁴Elas correspondiam aos doze nomes dos filhos de Israel. Cada pedra

era gravada como um selo, com o nome de cada uma das doze tribos. ¹⁵Fizeram também, para o peitoral, correntes de ouro puro, trançadas como cordões, ¹⁶e também dois engastes e duas argolas de ouro; e as fixaram nas extremidades do peitoral. ¹⁷Passaram as duas correntes de ouro pelas duas argolas, nas extremidades do peitoral. ¹⁸Nos dois engastes, fixaram as duas pontas das correntes, e as colocaram nas ombreiras do efod, na parte da frente. ¹⁹Fizeram duas argolas de ouro e as colocaram nas duas pontas inferiores do peitoral, junto ao efod. ²⁰Fizeram também duas argolas de ouro e as colocaram nas duas ombreiras do efod, na parte inferior dianteira, perto de sua juntura, sobre o cinto do efod. ²¹Juntaram o peitoral, através de suas argolas, com as argolas do efod com um cordão de púrpura violeta, para que ficasse por cima do cinto do efod e não se desprendesse do efod, conforme Javé tinha ordenado a Moisés.

O manto — ²²Depois fizeram o manto do efod; era todo tecido de púrpura violeta. ²³Havia uma abertura no meio do manto, como a abertura de um colete. A abertura tinha à sua volta uma barra que não se rasgava. ²⁴Na parte inferior do manto colocaram romãs de púrpura violeta, vermelha e escarlate, e de linho fino retorcido. ²⁵Fizeram também campainhas de ouro e colocaram as campainhas entre as romãs. ²⁶Havia uma campainha entremeada com uma romã em toda a volta, na parte inferior do manto que se usava para o serviço religioso, conforme Javé tinha ordenado a Moisés.

As vestes dos sacerdotes — ²⁷Para Aarão e seus filhos fizeram também túnicas tecidas de linho fino, ²⁸turbante e gorros com enfeites, e calções de linho fino retorcido. ²⁹O cinto era de linho fino retorcido, púrpura violeta, vermelha e escarlate, conforme Javé tinha ordenado a Moisés.

O sinal da consagração — ³⁰Em seguida, fizeram de ouro puro a flor, sinal da santa consagração, e nela gravaram como num selo: “Consagrado a Javé”. ³¹Amarraram a flor com um cordão de púrpura violeta, de modo que ficasse sobre o turbante, na parte da frente, conforme Javé tinha ordenado a Moisés.

³²Desse modo, terminaram os trabalhos do santuário e da tenda da reunião. E os filhos de Israel fizeram tudo o que Javé tinha ordenado a Moisés.

Apresentação da obra a Moisés — ³³Apresentaram a Moisés o santuário, a tenda e todos os seus acessórios: argolas, tábuas, travessas, colunas e bases; ³⁴a

cobertura de pele de carneiro curtida, a cobertura de couro fino e o véu protetor; ³⁵a arca da aliança com os varais e a placa; ³⁶a mesa com seus utensílios e com os pães oferecidos a Deus; ³⁷o candelabro de ouro puro com as lâmpadas em ordem, com seus acessórios e com o azeite para as lâmpadas; ³⁸o altar de ouro, o óleo da unção, o incenso aromático e o véu para a entrada da tenda; ³⁹o altar de bronze com a grelha de bronze, os varais com todos os seus acessórios; a bacia com sua base; ⁴⁰as cortinas do átrio com suas colunas e bases; o véu para a entrada do átrio com suas cordas e estacas, e com todos os utensílios para o serviço no santuário da tenda da reunião; ⁴¹as vestes sagradas para officiar no santuário e as vestes sagradas para o sacerdote Aarão e seus filhos exercerem o sacerdócio. ⁴²Os filhos de Israel fizeram todos os trabalhos conforme Javé tinha ordenado a Moisés. ⁴³Moisés examinou todo o trabalho e viu que tinham feito conforme Javé tinha ordenado. E Moisés os abençoou.

40 *Consagração do santuário* — ¹Javé falou a Moisés: ²“No dia primeiro do primeiro mês, construa o santuário da tenda da reunião. ³Coloque nele a arca da aliança e a feche com o véu. ⁴Coloque a mesa e nela os pães. Coloque o candelabro e acenda as lâmpadas. ⁵Coloque o altar de ouro diante da arca da aliança, e instale o véu na entrada do santuário. ⁶Coloque o altar dos holocaustos diante da entrada do santuário da tenda da reunião. ⁷Coloque a bacia entre a tenda da reunião e o altar; depois a encha com água. ⁸Coloque o átrio ao redor e a cortina na entrada do átrio. ⁹Pegue o óleo da unção e unja o santuário e tudo o que está dentro dele; consagre o santuário e todos os seus utensílios, e ele ficará consagrado. ¹⁰Unja o altar dos holocaustos e seus utensílios, e o altar ficará santíssimo. ¹¹Unja a bacia e a sua base, consagrando-as.

¹²Depois, faça com que Aarão e seus filhos se aproximem da entrada da tenda da reunião. Lave-os com água ¹³e vista Aarão com as vestes sagradas. Unja-o e consagre-o, para que exerça o meu sacerdócio. ¹⁴Faça os filhos dele se aproximarem e vista-os com as túnicas. ¹⁵Unja-os, como você ungiu o pai deles, para que exerçam o meu sacerdócio. A unção lhes conferirá o sacerdócio perpétuo em todas as suas gerações”.

Execução das ordens — ¹⁶Moisés fez tudo conforme Javé lhe tinha ordenado. ¹⁷No dia primeiro do primeiro mês do segundo ano, construíram o santuário. ¹⁸Moisés construiu o santuário, colocou as bases, fixou as tábuas com as

travessas, e ergueu as colunas. ¹⁹Estendeu a tenda sobre o santuário e colocou por cima a cobertura da tenda, conforme Javé lhe tinha ordenado. ²⁰Colocou o documento da aliança na arca; colocou os varais na arca e a placa de ouro em cima da arca. ²¹Introduziu a arca no santuário e colocou o véu para ocultar a arca da aliança, conforme Javé lhe tinha ordenado. ²²Colocou a mesa na tenda da reunião, na parte norte do santuário e do lado de fora do véu, ²³e colocou sobre ela os pães oferecidos a Deus, conforme Javé lhe tinha ordenado. ²⁴Colocou o candelabro na tenda da reunião, na parte sul do santuário, diante da mesa; ²⁵acendeu as lâmpadas na presença de Javé, conforme Javé lhe tinha ordenado. ²⁶Colocou o altar de ouro na tenda da reunião, diante do véu, ²⁷e em cima dele queimou o incenso aromático, conforme Javé lhe tinha ordenado. ²⁸Depois colocou o véu na entrada do santuário. ²⁹Colocou o altar dos holocaustos na entrada do santuário da tenda da reunião, e sobre ele ofereceu o holocausto e a oferta, conforme Javé lhe tinha ordenado. ³⁰Colocou a bacia entre a tenda da reunião e o altar, enchendo-a com água para as abluções. ³¹Moisés, com Aarão e os filhos deste, lavavam as mãos e os pés, ³²quando entravam na tenda da reunião ou quando se aproximavam do altar, conforme Javé tinha ordenado a Moisés. ³³Ao redor do santuário e do altar, Moisés levantou o átrio; e colocou a cortina na entrada. Desse modo, Moisés terminou os trabalhos.

A glória de Deus — ³⁴Então a nuvem cobriu a tenda da reunião, e a glória de Javé encheu o santuário. ³⁵Moisés não pôde entrar na tenda da reunião, porque a nuvem tinha pousado sobre ela e a glória de Javé enchia o santuário.

³⁶Em todas as etapas da viagem, os filhos de Israel punham-se em movimento sempre que a nuvem se elevava acima do santuário. ³⁷Mas se a nuvem não se elevava, também eles não partiam, enquanto ela não se elevasse. ³⁸De dia, a nuvem de Javé pousava sobre o santuário; e, de noite, dentro dele havia um fogo, que era visto por toda a casa de Israel, durante todo o tempo da sua viagem. [35-40]

NOTAS

[1,1-7] Com a morte de José e seus irmãos, termina a história de uma família e começa a história de um povo, conforme a promessa de Gn 46,3.

[8-14] Com medo de que o povo explorado tome consciência da própria situação e se revolte, o poder político lança mão de trabalhos forçados e de pressão psicológica; assim o povo não tem condições e meios de se organizar e se libertar.

[15-22] Temendo a revolta, a autoridade política recorre ao controle da natalidade, a fim de evitar o crescimento de um problema incontrolável para a classe dominante. No entanto, a vida é mais forte que todas as armas do opressor: as parteiras, tementes a Deus, fonte da vida, respeitam a vida que nasce.

[2,1-10] A vida está presente até dentro da casa do opressor: a compaixão da filha do Faraó, aliada à coragem da mãe hebreia, preservam a vida daquele que será o líder da libertação.

[11-22] Embora educado em meio à classe dominante, Moisés *sai* e *vê* a situação de seus irmãos. Esse *ver* o leva à solidariedade, ao gesto de defender um irmão. Imediatamente, a classe dominante se torna hostil, e Moisés tem de fugir. A solidariedade se manifesta novamente para com as filhas de Ragüel. Madiã, uma região de deserto, mais tarde vai se tornar o lugar da liberdade e da vida na intimidade com Deus, enquanto o fértil Egito já se tornou lugar de escravidão e morte.

[23-25] O povo começa a tomar consciência de que é escravo e exprime a sua insatisfação. Esse clamor já é o desejo de uma nova situação. Deus *vê* a condição do povo e *ouve* o seu desejo; *lembra-se* de sua própria aliança de vida e se solidariza com os oprimidos, levando em conta a situação deles. Deus sempre está presente e disponível, mas respeita a liberdade do homem e só age quando invocado. Note-se que essa invocação não precisa ser uma oração articulada; para invocar a Deus basta o simples desejo de liberdade e vida, que se manifesta como insatisfação dentro de uma situação de escravidão e morte.

[3,1-6] A experiência de Deus é um mistério que está além da compreensão humana. Esse mistério é apresentado aqui como fogo que arde sem consumir. Esse Deus misterioso é o aliado do povo oprimido, o povo de Abraão, Isaac e Jacó. Moisés deverá tomar partido: ou continua identificado com os poderosos que oprimem o povo, ou se coloca à disposição do Deus que toma partido dos oprimidos.

[7-10] Respondendo ao clamor do povo, Deus se alia à causa dele e mostra o objetivo da libertação: o objetivo último e utópico é uma condição de posse total da vida (terra onde corre leite e mel); ao mesmo tempo, é um objetivo próximo e concreto: a posse da terra de Canaã (terra dos cananeus...). A libertação, portanto, é um movimento para se atingir o ideal, e este se concretiza num momento histórico bem determinado. E a ação de Deus se realiza sempre através da mediação humana (no caso, Moisés).

[11-15] Moisés se sente incapaz e sem autoridade para ser mediador da libertação para um povo com quem jamais conviveu. Deus lhe assegura que estará com ele e que a libertação vai se realizar: o povo chegará até o Sinai (= Horeb, v. 1). Em seguida, Deus se apresenta como aquele que está presente (v. 14): ele é o mesmo Deus dos antepassados: aquele Deus que prometeu formar um povo, agora vai cumprir a promessa. Ele quer ser invocado sempre com este nome. Deus manifesta a sua identidade dentro de um processo de libertação.

[16-22] O texto esboça um verdadeiro programa de ação libertadora. Primeiro, lembra o *objetivo* da libertação: criar um sistema alternativo ao da escravidão (vv. 16-17; cf. 3,7-8). Depois, apresenta a *estratégia* para o processo de libertação: 1) reunir os líderes naturais do povo (anciãos) e reivindicar pela *via legal* que o Faraó permita ao povo ir ao deserto para cultuar a Javé (v. 18); 2) fracassando a via legal, aplicar *medidas de força* — mão forte — (vv. 19-20); 3) deixar claro que *o conflito será contra o poder opressor*, e não contra o povo egípcio (v. 21); 4) exigir uma *indenização* por todo o tempo em que o povo trabalhou como escravo (v. 22).

[4,1-9] Moisés acha que o povo não vai acreditar nem fazer caso. Ele sabe que os sacerdotes e magos conseguem impressionar o povo, para o manter ideologicamente sob controle. Tendo adquirido poderes semelhantes aos dos sacerdotes e magos egípcios (cf. 7,8-13), Moisés poderá conscientizar o povo, desmascarando a ideologia do sistema egípcio e fazendo o povo acreditar que a libertação é possível e vai se realizar.

[10-17] É a última objeção de Moisés: ele não sabe falar de maneira que o povo entenda. Aarão tem essa facilidade, pois vive no meio do povo; além disso, é irmão de Moisés e poderá ser o seu porta-voz.

[18-23] Com o retorno de Moisés ao Egito, o projeto de libertação começa a ser executado. E aqui já se faz alusão ao término violento desse projeto (v. 23; cf. 12,29-34).

[24-26] O texto é obscuro. O ataque de Javé contra Moisés se deve certamente ao fato de que ele se descuidou, não circuncidando o filho. É interessante notar que o texto vem logo depois de se mencionar a morte do primogênito do Faraó (v. 23). É que os primogênitos hebreus serão salvos graças ao sinal do sangue (cf. 12,13).

[27-31] Começa a realização do projeto de libertação. Para que ele não seja imposto de cima para baixo, são necessários a adesão e o compromisso consciente do povo, aqui representado por seus líderes (= anciãos; cf. 3,18). Nesse momento os três — Javé, o povo e os líderes — estão sintonizados para agir em conjunto.

[5,1-5] O processo de libertação começa através da via legal, por uma reivindicação feita em nome do *Deus dos hebreus*. O nome “hebreus” é aplicado a grupos que não possuíam lugar na sociedade e eram considerados como vagabundos e bagunceiros. Por isso, a expressão “Deus dos hebreus” designa o Deus que é solidário com os marginalizados. A reação do Faraó é de auto-suficiência total: primeiro, ele desconsidera o Deus dos marginalizados; depois, acusa os líderes de subverter o povo, afastando-o do trabalho, prejudicando assim os interesses da classe dominante.

[6-14] Diante da reivindicação dos oprimidos, o opressor aumenta ainda mais suas exigências, a fim de que o povo se aliene completamente no trabalho e, sem descanso, não possa tomar consciência nem se organizar. Com isso, o opressor procura desprestigiar e difamar os líderes, mostrando que as ideias destes não combinam com a realidade (v. 9). Ao lado disso, encontram-se aqueles que, apesar de oprimidos, buscam seus próprios interesses e se vendem ao sistema, tornando-se inspetores na opressão contra os próprios irmãos (v. 14).

[15-21] O opressor conseguiu o que queria: desarticular a organização do povo e desacreditar os líderes. Os inspetores se encontram numa situação difícil, pois aquilo que o opressor pede é humanamente impossível. Parece que o projeto de libertação já fracassou.

[5,22-6,13] De fato, o projeto de libertação por via legal fracassou mesmo. Tudo perdido? Não. Agora vai começar o uso da força (6,1). O texto de 6,2-13 é uma repetição de 3,7-22: no lugar em que está, reafirma a presença de Javé no meio dos oprimidos e mostra que o projeto de libertação continua em pleno vigor.

[6,14-27] O propósito desta genealogia é mostrar que Moisés e Aarão são

irmãos e que a tribo de Levi é que teve a iniciativa da libertação. O texto foi elaborado por sacerdotes que dirigiam a comunidade judaica depois do exílio na Babilônia.

[6,28-7,7] O texto retoma o que já foi dito em 3,16-22 e 4,10-17. A libertação não é obra puramente humana, porque a iniciativa é de Deus. Em vista disso, o homem presta culto ao Deus que liberta.

[7,8-13] Começa o confronto: de um lado Javé, o Deus libertador. Do outro, o Faraó, rei opressor. Moisés e Aarão são os mediadores de Deus para liderar o processo de libertação. Os magos são aqueles que sustentam e defendem o poder do Faraó. Já nesse primeiro confronto, Deus sai vitorioso: “a vara de Aarão devorou a vara dos magos”.

[14-24] A *primeira praga* atinge as águas do rio Nilo, que é o centro da vida egípcia. O propósito das pragas, porém, não é atingir o povo, mas o Faraó. Este, no entanto, não se sente ameaçado em seu poder político, pois os magos que o sustentam e defendem (poder ideológico) são capazes de agir da mesma forma, neutralizando assim a reivindicação dos oprimidos.

[7,25-8,11] A *segunda praga* já atinge a casa do Faraó. Os magos realizam o mesmo prodígio, mas são incapazes de conter os efeitos da praga, porque os hebreus estão aliados a Javé, o Senhor da libertação e da vida. Começam as *negociações* entre o Faraó e Moisés. O pedido do Faraó, porém, é apenas uma tática para normalizar a situação, e não disposição para atender às reivindicações.

[8,12-15] A *terceira praga*, que mostra a impotência dos magos, obriga-os a reconhecer que, no momento, são incapazes de conter o processo de libertação.

[16-28] Com a *quarta praga*, o Faraó tem que reconhecer: Javé está no país como aliado dos hebreus, dando eficácia ao projeto deles. As negociações continuam. Moisés obriga o Faraó a ser mais concreto, e consegue contra-argumentar e cobrar o prometido.

[9,1-7] A *quinta praga* ameaça atingir os animais usados como transporte, produção e alimentação. Javé continua ao lado do seu povo, e o Faraó se vê obrigado a reconhecer o fato.

[8-12] A *sexta praga* continua a terceira e atinge diretamente os magos, que sustentam e defendem o poder político do Faraó. Todo o aparelho ideológico do

Faraó está em frangalhos: ele não consegue neutralizar a ação de Moisés e não tem como se sustentar.

[13-35] A *sétima praga* atinge em parte a produção de alimentos e vestuário (linho). Além disso, provoca divisão na classe dirigente (vv. 20-21): alguns ministros procuram obedecer à palavra de Javé, o Deus dos hebreus, não para se unirem ao projeto dele, mas porque veem seus próprios interesses ameaçados e não encontram outra saída.

[10,1-20] A *oitava praga* acelera as negociações: agora, até os ministros pressionam o Faraó. E Moisés não cede um passo sequer. A proposta do Faraó (vv. 10-11) é de manter reféns, para garantir o retorno dos homens.

[21-29] A *nona praga* leva o Faraó a ceder mais um pouco (cf. 10,11); Moisés, porém, continua sem fazer concessões. As negociações são interrompidas, e Moisés é ameaçado de morte.

[11,1-10] O anúncio da *décima praga* marca o ponto mais alto do confronto entre Javé e o Faraó: atingido o herdeiro, a dinastia fica ameaçada, e com ela todo o sistema político egípcio. Além disso, os hebreus ganham a simpatia do povo (cf. 3,21-22), inclusive de uma parte dos ministros. Assim, o Faraó está a ponto de perder completamente o domínio da situação.

[12,1-14] A festa da *Páscoa* era primitivamente um ritual realizado por pastores: para proteger dos espíritos maus a família e o rebanho, eles matavam um animal e com o sangue dele tingiam a entrada da tenda. Com o êxodo, o ritual adquire sentido novo: a Páscoa será a lembrança perpétua do Deus vivo que, para libertar o povo, derrota o opressor e seus ídolos. Nesse contexto, os espíritos maus são tomados como passagem do próprio Javé (flagelo destruidor, v. 13; cf. v. 23: o exterminador): ele vem para fazer justiça, punindo o opressor e protegendo o oprimido. Assumida pelos cristãos como festa principal, a Páscoa será a lembrança permanente de que Deus liberta seu povo através de Jesus Cristo, novo cordeiro pascal (cf. Jo 19,14).

[15-20] A festa dos *Pães sem fermento* era primitivamente celebrada por *agricultores* na ocasião da colheita: a finalidade era não misturar o produto da colheita anterior com o produto da nova. Essa mistura podia acontecer se fosse usado o fermento, que era conservado com parte da massa feita da colheita anterior. A sociedade que nasceu da liberdade não deve conter elemento nenhum da sociedade estruturada sobre a opressão.

[21-28] O ritual da Páscoa mantém viva a memória da libertação, ao longo de todas as gerações. A celebração da Páscoa educa, isto é, transmite uma consciência, para que a nova geração não fique alienada, reproduzindo uma sociedade estruturada na desigualdade e opressão.

[29-36] A *décima praga* marca o ponto mais alto no processo de libertação: a morte dos primogênitos desestrutura o poder do Faraó (ruptura da dinastia) e abala a estrutura da família egípcia. Agora o Faraó é quem toma a iniciativa de chamar Moisés e Aarão, para conceder tudo o que fora reivindicado. Sobre os vv. 35-36, cf. nota em 3,16-22.

[37-42] Uma vez realizado o processo de libertação, muitos aproveitam as vantagens superficiais e aderem ao grupo que liderou o movimento; essa “imensa multidão” (v. 38), mais tarde, criará problemas (cf. Nm 11,4). A noite da libertação transforma-se em vigília a ser celebrada para sempre. É preciso manter-se desperto, para jamais esquecer que Javé é o Deus que liberta; esquecer isso é tornar-se escravo novamente, cultuando os ídolos que produzem escravidão e morte. O ritual do Sábado Santo mantém viva essa memória.

[43-51] Só pode participar da Páscoa quem está comprometido com o processo da libertação. Com o correr do tempo, a circuncisão se tornou o sinal desse compromisso.

[13,1-2] O primeiro filho era o responsável pela descendência: consagrá-lo era reconhecer que Javé é o Senhor da vida e o responsável pela continuidade do seu povo.

[3-10] Cf. nota em 12,15-20.

[11-16] Cf. nota em 13,1-2. Em Israel, não era permitido sacrificar seres humanos, porque Javé é o Deus da vida, e não da morte. Por isso, era costume consagrar o primogênito e depois resgatá-lo, sacrificando em lugar dele um animal.

[17-22] Toda mudança exige nova e profunda educação: o deserto será o lugar para aprender e amadurecer a vida em liberdade. Nessa caminhada, Deus está acompanhando continuamente (dia e noite) o seu povo, guiando-o de tal maneira que este não desanime nem volte para trás (v. 17).

[14,1-14] Começa a luta para manter a liberdade recém-conquistada. Diante do primeiro obstáculo, o povo quer voltar atrás, preferindo conformar-se com a escravidão. As palavras de Moisés (v. 13) mostram que Deus é o aliado que dá eficácia à luta do povo.

[15-31] A passagem do mar Vermelho traça uma linha divisória entre o mundo da opressão e o mundo da liberdade. Todo movimento de libertação, que já tenha alcançado suas primeiras metas, corre o perigo de ser cooptado ou sufocado pelos antigos opressores. Javé age não somente para que a libertação seja realizada, mas também impede que o opressor reconduza os libertados para a escravidão.

[15,1-21] Trata-se de um hino a Javé guerreiro, celebrando sua vitória sobre as forças que ameaçam o seu povo. Provavelmente o hino se formou a partir do canto de Maria (vv. 20-21), um dos textos mais antigos do Antigo Testamento. Os vv. 1-12 celebram as vitórias sobre as tropas do Faraó. A partir daí, o Deus libertador se torna a base da fé. No v. 13 aparece a etapa do deserto. Os vv. 14-18 cantam a vitória sobre os reis de Canaã, mostrando que o povo soube atualizar continuamente o fato da libertação. Frente à realza que oprime, o hino proclama a realza de Javé (v. 18), que compra e redime seu povo para a liberdade (vv. 13-16).

[22-27] No sistema opressor do Egito, a água da vida se transforma em fonte de morte (sangue). No deserto, na condição difícil de um povo que luta pela libertação, a água amarga da morte transforma-se em fonte de vida. A *murmuração* (v. 24) mostra que o povo ainda não assumiu a condição de povo livre. Ao mesmo tempo, apresenta um problema real: os líderes precisam responder às necessidades básicas, para que o povo não desanime nem acabe desacreditando o projeto da libertação.

[16,1-35] Desta vez, a *murmuração* (cf. 15,24) é contra o próprio Javé, pois o povo prefere o lugar da escravidão e da morte ao projeto de Javé, que é a libertação voltada para a vida. Diante das dificuldades, a grande tentação é trair o projeto de libertação, vendendo “a preço de banana” a liberdade já conquistada.

Note-se que a colheita do maná deve obedecer a uma distribuição igualitária: todos têm o mesmo direito aos bens, de tal modo que não falem e não sobrem para ninguém. Em vista disso, é proibido acumular qualquer excedente, que produziria o senso de posse e desigualdade. O *sábado* marca a passagem de uma vida escrava para uma vida livre: todos têm direito ao descanso, e o dia de Javé é o dia em que o homem se refaz dentro do projeto da liberdade e da vida. Na véspera do sábado, todos podem recolher quantidade dupla de maná, pois o povo tem *direito de comer também no dia do descanso*.

[17,1-7] A nova dificuldade faz o povo ficar em dúvida: Será que o Deus libertador o está acompanhando no caminho para a vida? O mesmo bastão que provou ser Moisés o enviado de Javé para lutar contra o opressor, torna-se agora instrumento de vida. *Massa* significa tentação, provação; *Meriba* significa discussão.

[8-16] Os amalecitas, inimigos proverbiais de Israel, simbolizam os obstáculos que dificultam a construção de uma sociedade justa. O povo, na sua caminhada para a liberdade e a vida, encontrará sempre esses obstáculos, que poderão ser vencidos com a ajuda de Javé (intercessão de Moisés) e a luta corajosa (Josué).

[18,1-12] A volta da mulher e dos filhos de Moisés mostra que a fase mais difícil já passou. As palavras de Jetro são uma grande confissão de fé: doravante, o único Deus verdadeiro é aquele que liberta o povo. Por outro lado, essa confissão de fé indica o rumo da história: o projeto histórico legítimo é aquele que processa a libertação para mais vida; todos os outros projetos são alienantes e geram a morte.

[13-27] Jetro sugere a Moisés uma descentralização do poder. A seguir (Ex 19-23), encontramos um corpo de leis, que forma uma verdadeira *constituição*. O que se projeta é uma relação social fundada na liberdade, na vida e na dignidade, e não um Estado político, pois o único Estado que o livro do Êxodo menciona é o Egito, terra de exploração e opressão. A constituição de Israel prevê uma sociedade igualitária, onde a única autoridade é o Deus que liberta para a vida.

[19,1-8] O processo de libertação chega ao seu ponto culminante: Deus propõe ao povo livre uma *aliança*, e o povo aceita livremente. Desse modo, Israel torna-se propriedade especial de Deus. A única autoridade sobre o povo é o próprio Deus; a única função das autoridades humanas será servir à realeza de Deus, fazendo o povo viver de acordo com a justiça e o direito. Por outro lado, Israel inteiro torna-se um povo de sacerdotes, porque não há mediadores entre ele e Deus; todo o povo, por sua vez, torna-se o mediador, que manifesta a presença e a vontade de Deus entre todos os povos.

[9-15] O momento da aliança será solene, e o povo deve preparar-se durante três dias, a fim de receber de Deus a orientação para a vida.

[16-25] No momento da aliança, o povo tem uma experiência de Deus. De per si, essa experiência é indescritível; para exprimi-la, recorre-se a uma série de sinais externos que expressam a manifestação de Deus: fumaça, fogo, relâmpago, trovão, tremor de terra.

[20,1-21] No momento solene da aliança com o povo, Deus apresenta os Dez Mandamentos. Estes possibilitarão ao povo formar uma relação social onde todos possam viver com liberdade e dignidade, porque eles não o deixam construir uma sociedade baseada na escravidão, que leva para a morte. Não se trata de simples leis; são princípios que orientam para uma nova compreensão e prática de vida.

Introdução (v. 2): O único Deus verdadeiro é aquele que liberta da escravidão, para dar liberdade e vida. Só ele pode dar orientações para que o homem conserve a liberdade e a vida, e não volte a ser escravo. Os mandamentos exprimem a resposta que o homem dá ao Deus que liberta.

1.º mandamento (vv. 3-6): Proibição de servir a outros deuses. O povo deve escolher: ou servir a Javé, que no seu amor dá liberdade e vida, ou servir a outros deuses, que acarretam como castigo a escravidão e a morte. Além disso, proíbe fabricar ídolos, para que o povo não seja tentado a servir a deuses falsos: é impossível representar o verdadeiro Deus com imagens ou ideias, que correm sempre o perigo de ser manipuladoras.

2.º mandamento (v. 7): Proibição de usar o nome do Deus libertador para acobertar injustiça e opressão. Em outras palavras, o nome de Deus não pode ser manipulado para justificar um sistema que fabrica injustiças na defesa de interesses pessoais ou de grupos.

3.º mandamento (vv. 8-11): Proibição de explorar o trabalho do irmão, tornando-o escravo. Todo homem tem direito ao dia de descanso para se refazer e tomar consciência de sua vida: o direito de ser livre e gozar o resultado do seu trabalho, antecipando a plena realização que Deus reserva a todos os homens. Além disso, este mandamento faz reconhecer que as pessoas dependem do Criador, e que o trabalho humano é relativo.

4.º mandamento (v. 12): Mostra que a honra é devida em primeiro lugar aos pais e não aos poderes do Estado ou de qualquer outra autoridade. Por outro lado, a vida e a liberdade dependem do respeito aos pais, que são a fonte da vida.

5.º mandamento (v. 13): É o mandamento central. Não proíbe apenas atentar contra a vida do outro; condena também qualquer sistema social que, pela opressão e exploração, reduz o povo a uma condição sub-humana, levando-o à morte prematura.

6.º mandamento (v. 14): O mandamento não se refere propriamente à castidade e à vida sexual, mas ao respeito pela relação matrimonial: não só é preciso

respeitar a própria família, mas respeitar *também* a família do outro; o adultério destrói a relação familiar.

7.º mandamento (v. 15): Não se trata apenas de atos isolados de roubos entre pessoas; o mandamento condena qualquer sistema social que se estrutura a partir do *roubo* (= lucro), seja o roubo da força de trabalho (salário mal pago), seja do produto do trabalho (impossibilidade de usufruir do fruto do próprio trabalho), seja ainda do direito ao descanso (lazer).

8.º mandamento (v. 16): Não se trata apenas de falar mal dos outros. O mandamento condena a corrupção na administração da justiça, pois esta é o único recurso para os pobres e fracos reivindicarem e defenderem seus direitos contra os ricos e poderosos.

9.º e 10.º mandamentos (v. 17): Proíbem a cobiça em todos os níveis e formas. Condenam qualquer sistema social que tenha como única meta o *ter mais*, incentivando espertezas e tramas para se apoderar do que pertence a outros. A cobiça é a mãe da idolatria do poder e da riqueza, que destroem a liberdade e a vida alheias.

[22-26] A lei visa a manter o culto a Javé em nível popular, sem o luxo dos grandes templos. Os altares de pedra lavrada eram característicos na religião dos reis opressores, tanto no Egito como em Canaã.

[21,1-11] Em Israel, o trabalho escravo existia por causa de dívidas e pobreza. A lei procura amenizar a situação, abrindo oportunidades para o escravo se tornar livre. Por outro lado, impede que o patrão abuse e explore a situação do escravo.

[12-17] Numa sociedade que não tinha estruturas para conter a criminalidade, a pena de morte é aplicada aos casos mais graves. Mesmo assim, a legislação previa a possibilidade de defesa do réu, para que ele pudesse provar sua inocência. Para isso, existiam as cidades de refúgio (cf. Dt 19,1-13 e Js 20,1-9).

[18-27] Os ferimentos não mortais exigem indenização durante o período de inatividade. Os vv. 23-25 preveem uma pena proporcional ao dano causado. Essa lei, chamada “*lei do talião*”, visava a evitar vinganças exageradas. Os escravos são protegidos pela lei, para não serem abusados por seus patrões.

[28-36] O boi puxava o arado, agilizando o trabalho na lavoura. Sendo importante meio de produção, a posse ou não de bois estabelecia disparidade econômica e social. Daí a importância dos danos causados a este animal ou causados por ele. O boi bravo era visto como endemoninhado.

[21,37-22,3] O roubo de animais previa três penas: se o ladrão se desfez dos animais roubados, restituição de cinco ou quatro por um; se os animais estão em seu poder, restituição de dois por um; se não tem com que pagar, será vendido como escravo. O v. 2 mostra que a vida humana tem muito mais valor que o direito à propriedade.

[22,4-14] Os vv. 4-5 visam a proteger os campos cultivados contra a irresponsabilidade dos criadores de gado ou de pessoas que fazem queimadas. Os vv. 6-14 preveem a indenização no caso de danos à propriedade alheia, confiada, emprestada ou alugada.

[15-16] Para evitar que a mulher se torne marginalizada, a lei visa a protegê-la diante do arbítrio masculino, dentro de uma sociedade machista.

[17-27] Os vv. 20-26 condenam a exploração da miséria. O imigrante, o órfão, a viúva e o pobre são pessoas que não podem defender-se: devem ser protegidas pelo direito. As necessidades vitais do homem estão acima de qualquer direito de propriedade.

[28-30] A oferta, seja da abundância dos produtos da terra, seja dos primogênitos, é para recordar ao homem que tudo é dom de Javé. O animal dilacerado (v. 30) não pode ser comido, porque não foi abatido de acordo com o ritual.

[23,1-9] Estas leis são aplicações do oitavo mandamento e orientam na administração da justiça em tribunais, onde muitas vezes o poderoso prevalece, torcendo o direito contra o pobre e o inocente. O “adversário” dos vv. 4-5 é a pessoa com quem se trava uma causa judicial. O v. 9 estimula a solidariedade: o povo deve respeitar aqueles que vivem na mesma situação que ele viveu no passado.

[10-13] O ano de descanso para a natureza era certamente um costume dos antigos; aqui, porém, o costume adquire sentido social: é uma oportunidade para os pobres terem acesso aos produtos do campo. O v. 12 comenta o 3.º mandamento, dando-lhe motivação social: descanso para escravos e imigrantes. O v. 13 proíbe cultuar tudo aquilo que provoque opressão e escravidão (outros deuses).

[14-19] As três grandes festas marcam o ritmo da vida agrícola, lembrando que o Senhor da vida é Javé. A *feira dos Pães sem fermento* é celebrada na primavera; a *feira da Messe*, também chamada festa das Semanas (cf. Ex 34,22), é celebrada

sete semanas ou cinquenta dias depois do início da colheita do trigo; e a *festa da Colheita*, também chamada festa das Tendas, era a mais popular e se realizava no outono, no final da estação dos frutos; durante essa festa, faziam-se cabanas de folhagem, relembrando os acampamentos hebreus no deserto.

[20-33] O código se encerra com uma exortação sobre a *fidelidade* a Javé. Servir a ele é respeitar o “anjo de Deus” e lhe obedecer, pois ele guiará o povo até a terra prometida. Esse anjo ou mensageiro é provavelmente a pessoa dos líderes que ajudam o povo a compreender e realizar o projeto de Deus. Por outro lado, não servir outros deuses é não entrar em aliança com outros povos, nem com os deuses deles: isso levaria o povo a construir um “novo Egito”.

[24,1-11] O rito da aliança mostra o acordo entre os contraentes: Deus, representado pelo altar, e o povo se comunicam através do mesmo sangue, que é o símbolo da vida. O Novo Testamento apresentará a Nova Aliança selada com o sangue de Jesus (Mt 26,28).

[24,12-31,18] Esta parte do livro foi elaborada por sacerdotes após o exílio na Babilônia. Na época, o culto se tornou muito importante para os judeus conservarem suas tradições e para sobreviverem dentro do império persa. As leis referentes ao santuário e aos sacerdotes foram colocadas aqui, junto com as leis do Sinai, como providas da época do êxodo, dando assim maior força para elas. O conjunto soa como convite ao respeito e à adoração do único Deus libertador.

[32,1-6] Pensando que Moisés tivesse desaparecido ou morrido, o povo sentiu a necessidade de um novo líder que o conduzisse para a terra de Canaã. Ao invés de escolher um líder humano que dirigisse o projeto, o povo pediu que Aarão desse a ele um deus visível. O bezerro de ouro é uma representação visível de Javé: o principal problema é transformar Javé em ídolo manipulável, violando o segundo mandamento do decálogo.

[7-14] Diante da infidelidade do povo, Javé quer abandonar o seu projeto e escolher outro povo. Moisés, porém, chama a atenção de Javé, mostrando que ele está comprometido com o povo por causa de sua promessa aos antepassados. O projeto de libertação não pode ser elitista: há de contar com as fraquezas e ambiguidades do povo.

[15-24] Quebrando as tábuas, Moisés mostra que o comportamento do povo foi uma violação da aliança. O bezerro transformado em pó é uma prova de que se trata apenas de um ídolo material, sem poder algum. Aarão, por seu lado, em vez de se preocupar com o projeto da libertação, está mais interessado em se

desculpar. O importante não é arrumar desculpas ou explicações, mas examinar profundamente o erro, a fim de retomar a caminhada.

[25-29] Diante de um erro que compromete todo um projeto, a atitude de Moisés mostra que é necessário cortar o mal pela raiz.

[30-35] Javé pune os culpados: o povo sofre as consequências por ter retardado o processo da libertação. Os erros podem ser perdoados, mas não é possível deixar o culpado livre da responsabilidade por seus atos.

[33,1-6] O projeto da libertação continua, mas Javé, agora, se mantém distante, por causa das ambiguidades do povo. As joias são deixadas no Horeb (= Sinai), pois tudo o que é supérfluo arrisca sempre a provocar idolatria: foi com as joias que o povo fez o bezerro de ouro.

[7-11] A *tenda da reunião* é uma espécie de Sinai portátil, para indicar que Javé continua presente no processo de libertação. A tenda colocada fora do acampamento é uma forma de indicar que a presença de Javé dentro da nova sociedade não deve ser institucionalizada. A sociedade necessita de Deus, mas não o pode controlar.

[12-17] O projeto do êxodo é construir uma sociedade nova, que se funda na partilha e na fraternidade, e não na riqueza e no poder. O pedido de Moisés mostra que é necessária a presença de Javé: ele faz o povo conquistar pouco a pouco a liberdade e a vida para todos. Um projeto revolucionário, que esteja só na mão do homem, acaba se tornando ambíguo e corre o perigo de voltar para trás.

[18-23] O texto não parece ajustar-se bem ao contexto. Deus é o mistério longe do alcance humano; mas ao mesmo tempo se torna presente entre os homens. Estes podem experimentá-lo, mas nunca esgotá-lo. O “resplendor de Deus” é Deus agindo com piedade e compaixão onde o homem menos espera.

[34,1-9] Moisés procura a todo custo que Javé continue no projeto de libertação: antes, ele defendeu o povo (cf. 32,11-14); agora, procura atrair a misericórdia de Javé. Os vv. 6-7 fazem uma apresentação do Deus da aliança: a aliança é uma *relação de amor fiel*, na qual Deus se manifesta através da compaixão e piedade. Isso, porém, supõe a *relação de justiça*, que faz o homem experimentar a consequência de suas opções e atos.

[10-13] A aliança é renovada em vista da vida em Canaã: Israel não poderá entrar em aliança com o sistema cananeu, para não repetir a escravidão no Egito.

[14-28] O presente texto, também chamado Decálogo, tem semelhanças com o Decálogo propriamente dito (cf. nota em Ex 20,1-21). Mas o tom é bem mais polêmico: estas normas visam à convivência de Israel com os cananeus. Procura-se, a todo custo, manter uma diferenciação frente aos costumes e ritos cananeus, a fim de que Israel não se contamine com um estilo de sociedade que poderia fazê-lo voltar ao regime da escravidão. Nesse contexto, podemos compreender a expressão “ciúme de Javé”: é impossível conciliar o Deus libertador com os deuses que sustentam a exploração e opressão.

[29-35] Deus é esplendor (Ex 33,19), e o contato com Deus torna o homem resplandecente, isto é, refletindo a imagem de Deus. Paulo relembra esta passagem, para falar que o cristão é transformado em imagem de Deus (2Cor 3,7-8.18).

[35-40] Estes capítulos relatam a execução das ordens dadas em Ex 25-31, repetindo-as quase literalmente. A finalidade é mostrar que as ordens foram cumpridas ao pé da letra.

LEVÍTICO

FORMAÇÃO DE UM POVO SANTO

Introdução

Levítico provém do nome Levi, a tribo de Israel que foi escolhida para exercer a função sacerdotal no meio do seu povo.

Embora situado logo após o êxodo e atribuído a Moisés, o livro do Levítico, na verdade, foi escrito depois do exílio na Babilônia. Concorreram para a sua formação textos elaborados pelos sacerdotes através dos tempos: um ritual para os sacrifícios, um ritual para a consagração dos sacerdotes e critérios para distinguir o que é puro e o que é impuro. A tudo isso foi acrescentado Lv 17-26, chamado Lei de Santidade.

Por trás da repetição monótona das leis, podemos descobrir o ideal proposto ao povo que, no passado, Javé havia libertado da escravidão do Egito e que, no presente, Javé libertou do exílio na Babilônia: cultuar o Deus libertador que vive no meio do povo, reconhecer seus dons através dos sacrifícios, servi-lo através dos sacerdotes e voltar sempre à comunhão com ele através do perdão. Acima de tudo, porém, está a exigência de ser coerente na aliança: ser santo como o próprio Javé é santo (Lv 19,2). Essa santidade não consiste apenas em oferecer um culto minucioso, mas em viver a justiça e o amor de Javé nas relações concretas. É dessa concepção de santidade encarnada que temos o mandamento fundamental de toda a ética: “Ame o seu próximo como a si mesmo” (Lv 19,18).

LEVÍTICO

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27**

LEVÍTICO

I. RITUAL DOS SACRIFÍCIOS

1 *Os holocaustos* — ¹Javé chamou Moisés, e da tenda da reunião lhe falou: ²“Diga aos filhos de Israel: Quando alguém de vocês apresentar uma oferta a Javé, ofereça um animal grande ou pequeno.

³Se for holocausto de animal grande, ofereça um macho sem defeito, e o leve à entrada da tenda da reunião, para que seja aceito por Javé. ⁴Coloque a mão sobre a cabeça da vítima, e ela será aceita como expiação. ⁵Em seguida, imole o bezerro diante de Javé. Os sacerdotes, filhos de Aarão, oferecerão o sangue e o derramarão por todos os lados do altar que está na entrada da tenda da reunião. ⁶Depois, esfole a vítima e a esquarteje. ⁷Os sacerdotes, filhos de Aarão, acenderão o fogo sobre o altar e sobre o fogo empilharão a lenha. ⁸Depois colocarão os pedaços de carne, com a cabeça e a gordura, em cima da lenha que está sobre o altar. ⁹Lavarão as entranhas e as patas. E o sacerdote queimará tudo sobre o altar. É um holocausto: oferta queimada, de suave odor para Javé.

¹⁰Se for holocausto de animal pequeno, cordeiro ou cabrito, ofereça um macho sem defeito; ¹¹imole-o no lado norte do altar, diante de Javé. Os sacerdotes, filhos de Aarão, derramarão o sangue por todos os lados do altar. ¹²O sacerdote o esquartejará, e colocará as partes, junto com a cabeça e a gordura, em cima da lenha que está sobre o altar. ¹³Lavarão as entranhas e as patas. E o sacerdote queimará tudo sobre o altar. É um holocausto: oferta queimada, de suave odor para Javé.

¹⁴Se for holocausto de aves, a oferta será de uma rola ou de um pombinho. ¹⁵O sacerdote a levará até o altar e, destroncando-lhe o pescoço, a queimará sobre o altar, depois de deixar seu sangue escorrer sobre a parede do altar. ¹⁶Tirá o papo e as penas, atirando-os para o leste do altar, em cima das cinzas. ¹⁷Dividirá pelo meio a ave, uma asa de cada lado, mas sem separar as partes. Então o sacerdote queimará a ave no altar, em cima da lenha que está sobre o fogo. É um holocausto: oferta queimada, de suave odor para Javé. [1,1-17]

2 *As oblações* — ¹Quando alguém fizer uma oblação a Javé, sua oferta será de flor de farinha; sobre ela derramará azeite e colocará incenso. ²A pessoa

levará a oferta aos sacerdotes, filhos de Aarão, e um deles pegará um punhado de flor de farinha, com o azeite e todo o incenso, e queimará sobre o altar como memorial. É uma oferta queimada, de suave odor para Javé. ³O resto ficará para Aarão e seus filhos. É a porção sagrada da oblação para Javé.

⁴Quando você oferecer uma oblação cozida no forno, ela será de roscas sem fermento, feitas de flor de farinha amassada com azeite; ou de bolinhos sem fermento, untados com azeite.

⁵Se a oblação for cozida na assadeira, ela será de flor de farinha sem fermento, amassada com azeite. ⁶Você a partirá em pedaços e por cima derramará azeite. É uma oblação.

⁷Se a oblação for cozida na panela, a flor de farinha será preparada com azeite.

⁸Leve a oblação para Javé, entregando ao sacerdote, que a colocará junto do altar. ⁹O sacerdote tirará uma parte como memorial, e a queimará no altar. É uma oblação de suave odor para Javé. ¹⁰O resto da oblação será de Aarão e seus filhos. É a porção sagrada da oblação para Javé.

¹¹Nenhuma oblação que vocês fizerem a Javé será preparada com fermento, porque nada que contenha fermento ou mel será queimado em oblação para Javé.

¹²Vocês poderão oferecer essas coisas a Javé como primícias, mas não as colocarão sobre o altar como perfume de suave odor. ¹³Coloquem sal em toda oblação que oferecerem. Não deixem de colocar na oblação o sal da aliança do seu Deus. Todas as oblações serão oferecidas com sal.

¹⁴Se você fizer uma oblação de primícias para Javé, ela deverá ser de grãos de espigas tostadas ao fogo ou de pão cozido com grãos moídos. ¹⁵Sobre ela você derramará azeite e colocará incenso, pois é uma oblação. ¹⁶O sacerdote queimará, como memorial, uma parte do pão com o azeite e todo o incenso. É uma oblação para Javé. [2,1-16]

3 Os sacrifícios de comunhão — ¹Se for sacrifício de comunhão, e se você oferecer para Javé animal grande, macho ou fêmea, ele deverá ser sem defeito. ²Coloque a mão sobre a cabeça da vítima e imole-a na entrada da tenda da reunião. Em seguida os sacerdotes, filhos de Aarão, derramarão o sangue por todos os lados do altar. ³Do sacrifício de comunhão, ofereça para Javé a gordura que cobre as entranhas e toda a gordura das entranhas, ⁴os dois rins com a gordura, a gordura que envolve os lombos e a massa gordurosa tirada do fígado e dos rins. ⁵Os filhos de Aarão queimarão essa parte no altar, em cima do

holocausto, em cima da lenha colocada sobre o fogo. É uma oferta queimada, de suave odor para Javé.

⁶Se alguém oferecer um animal pequeno como sacrifício de comunhão para Javé, deverá oferecer um macho ou uma fêmea sem defeito.

⁷Se oferecer um cordeiro, leve-o à presença de Javé. ⁸Coloque a mão sobre a cabeça da vítima e imole-a diante da tenda da reunião. Os sacerdotes, filhos de Aarão, derramarão o sangue por todos os lados do altar. ⁹Do sacrifício de comunhão, ofereçam para Javé a gordura: a cauda inteira, que será cortada rente à espinha dorsal, a gordura que cobre as entranhas e toda a gordura das entranhas, ¹⁰os dois rins com a gordura, a gordura que envolve os lombos e a massa gordurosa tirada do fígado e dos rins. ¹¹O sacerdote queimará essa parte sobre o altar como alimento, como oferta queimada para Javé.

¹²Se a oferta for uma cabra, leve-a diante de Javé. ¹³Coloque a mão sobre a cabeça da vítima e imole-a diante da tenda da reunião. Os filhos de Aarão derramarão o sangue por todos os lados do altar. ¹⁴Da vítima, ofereçam para Javé a gordura que cobre as entranhas, toda a gordura das entranhas, ¹⁵os dois rins com a gordura, a gordura que envolve os lombos e a massa gordurosa tirada do fígado e dos rins. ¹⁶O sacerdote queimará sobre o altar esses pedaços como alimento, como oferta queimada, de suave odor.

Toda a gordura pertence a Javé. ¹⁷É uma lei perpétua para todos os descendentes de vocês, em qualquer lugar onde estiverem morando: não comam gordura nem sangue”. [3,1-17]

4 O sacrifício pelo pecado — ¹Javé falou a Moisés: ²“Diga aos filhos de Israel: Este é o caso de alguém que transgredir sem querer algum dos mandamentos de Javé, fazendo uma coisa proibida: **Pecado do sumo sacerdote** — ³Se foi o sacerdote consagrado quem cometeu a violação, comprometendo assim todo o povo, ele deverá oferecer para Javé, pela violação cometida, um bezerro, animal grande, sem defeito. ⁴Levará o bezerro diante de Javé, à entrada da tenda da reunião, colocará a mão sobre a cabeça do animal e o imolará diante de Javé. ⁵Depois o sacerdote consagrado pegará sangue do bezerro e o levará à tenda da reunião. ⁶Molhará o dedo no sangue e fará sete aspersões na frente do véu do santuário, diante de Javé. ⁷O sacerdote colocará então um pouco desse sangue sobre os cantos do altar do incenso que se queima diante de Javé na tenda da reunião, e derramará todo o sangue do bezerro na base do altar dos holocaustos, que se encontra na entrada da tenda da reunião.

⁸O sacerdote tirará toda a gordura do bezerro da expiação: a gordura que cobre as entranhas, toda a gordura das entranhas, ⁹os dois rins e os lombos com sua gordura, a massa gordurosa tirada do fígado e dos rins, ¹⁰tudo conforme a parte reservada no sacrifício de comunhão. E o sacerdote queimará essas partes sobre o altar dos holocaustos. ¹¹O couro do bezerro e toda a sua carne, com a cabeça, patas, entranhas e excremento, ¹²isto é, o bezerro todo será levado para fora do acampamento, para um lugar puro, onde se jogam as cinzas, e será queimado sobre a lenha. Deverá ser queimado no lugar em que se jogam as cinzas.

Pecado da comunidade — ¹³Se foi a comunidade toda de Israel que, sem querer, violou alguma coisa proibida pelos mandamentos de Javé, tornando-se por isso culpada, mas sem tomar consciência do fato, ¹⁴ao se dar conta da violação cometida, a comunidade oferecerá, em sacrifício pelo pecado, um bezerro, animal grande e sem defeito. Ele será levado diante da tenda da reunião, ¹⁵e, diante de Javé, os anciãos da comunidade colocarão as mãos sobre a cabeça do bezerro e o imolarão diante de Javé. ¹⁶Em seguida, o sacerdote consagrado levará um pouco do sangue do bezerro para a tenda da reunião. ¹⁷Molhará o dedo no sangue e fará sete aspersões na frente do véu, diante de Javé. ¹⁸Ungirá com sangue os cantos do altar, que se encontra diante de Javé na tenda da reunião, e depois derramará todo o sangue na base do altar dos holocaustos, que está na entrada da tenda da reunião. ¹⁹Depois tirará do animal toda a gordura e a queimará no altar. ²⁰Fará com esse bezerro como se faz com o do sacrifício pelo pecado. Assim o sacerdote fará o rito pelos membros da comunidade, e eles serão perdoados. ²¹Depois mandará levar o bezerro para fora do acampamento e o queimará, como o bezerro anterior. Esse é o sacrifício pelo pecado da comunidade.

Pecado de um chefe — ²²Se foi um chefe quem, sem querer, violou alguma coisa proibida pelos mandamentos de Javé, seu Deus, tornando-se por isso culpado, ²³ao se dar conta da violação cometida, levará como oferta um bode sem defeito. ²⁴Colocará a mão sobre a cabeça do bode e o imolará diante de Javé, no lugar onde se imolam os holocaustos. É um sacrifício pelo pecado: ²⁵o sacerdote molhará o dedo no sangue da vítima e ungirá os cantos do altar dos holocaustos. Depois derramará o sangue na base do altar dos holocaustos ²⁶e queimará toda a gordura sobre o altar, como se faz com a gordura do sacrifício

de comunhão. O sacerdote assim fará pela violação do chefe, e este ficará perdoado.

Pecado de um homem do povo — ²⁷Se foi um homem do povo da terra quem pecou sem querer, praticando alguma coisa proibida pelos mandamentos de Javé, tornando-se por isso culpado, ²⁸ao se dar conta da violação cometida, levará uma cabra sem defeito, como oferta pelo pecado. ²⁹Colocará a mão sobre a cabeça da vítima e a imolará no lugar onde se imolam os holocaustos. ³⁰O sacerdote molhará o dedo no sangue da vítima e ungirá os cantos do altar dos holocaustos. Depois derramará todo o sangue na base do altar. ³¹Em seguida tirará toda a gordura, como se faz pelo sacrifício de comunhão, e a queimará sobre o altar, como suave odor para Javé. O sacerdote fará, assim, o rito pelo pecado desse homem, e este ficará perdoado.

³²Se alguém oferecer uma ovelha como sacrifício pelo pecado, ela será sem defeito. ³³Colocará a mão sobre a cabeça da vítima e a imolará, em sacrifício pelo pecado, no lugar onde se imolam os holocaustos. ³⁴O sacerdote molhará o dedo no sangue da vítima e ungirá os cantos do altar dos holocaustos. Depois derramará o sangue todo na base do altar. ³⁵Em seguida, tirará toda a gordura, como se faz com o cordeiro de um sacrifício de comunhão, e queimará essas partes no altar, em cima das ofertas queimadas para Javé. O sacerdote fará, assim, o rito pelo pecado desse homem, e este ficará perdoado.

5 Casos especiais — ¹Se alguém for intimado a depor em juízo, e não denunciar, mesmo sendo testemunha ocular ou informada, peca e incorre em culpa. ²Ou se alguém, sem se dar conta, tocar em alguma coisa impura, tanto o cadáver de uma fera impura, como o cadáver de um animal doméstico impuro, ou de um réptil impuro, incorre em culpa quando toma consciência do fato. ³Ou se alguém, sem se dar conta, tocar em pessoa impura, manchada com qualquer tipo de impureza, incorre em culpa quando toma consciência do fato. ⁴Ou se alguém, sem se dar conta, jura irresponsavelmente para o mal ou para o bem, como se costuma fazer, incorre em culpa quando toma consciência do fato. ⁵Se alguém se tornar culpado por alguma dessas coisas, deverá confessar o pecado cometido; ⁶e, como penitência pelo pecado, oferecerá a Javé, pela violação, uma fêmea de gado pequeno, ovelha ou cabra. O sacerdote fará por essa pessoa o rito pelo pecado.

⁷Se a pessoa não tiver recursos para oferecer um animal pequeno, como

sacrifício pelo pecado que cometeu, levará para Javé duas rolas ou dois pombinhos, um deles para o sacrifício pelo pecado e o outro para o holocausto.

⁸A pessoa os levará ao sacerdote, que oferecerá em primeiro lugar o que for destinado em sacrifício pelo pecado. O sacerdote destroncará o pescoço da ave, sem arrancar a cabeça. ⁹Com o sangue da vítima borrifará a parede do altar e, em seguida, espremerá o resto do sangue na base do altar. É um sacrifício pelo pecado. ¹⁰Quanto à outra ave, fará um holocausto conforme o ritual. O sacerdote fará, assim, o rito pelo pecado desse homem, e este ficará perdoado.

¹¹Se a pessoa não tiver recursos para oferecer duas rolas ou dois pombinhos, levará quatro litros e meio de flor de farinha como oferta pelo pecado cometido. Não colocará nela nem azeite nem incenso, pois é um sacrifício pelo pecado.

¹²Depois levará a farinha ao sacerdote, que tomará um punhado como memorial, para ser queimado no altar, em cima das ofertas para Javé. É um sacrifício pelo pecado. ¹³O sacerdote fará, assim, o rito pelo pecado que um homem cometeu num desses casos, e o pecado ficará perdoado. O resto, como nas ofertas de flor de farinha, pertence ao sacerdote”. [4,1-5,13]

O sacrifício de reparação — ¹⁴Javé falou a Moisés: ¹⁵“Se alguém cometer uma falta, pegando sem querer alguma coisa consagrada a Javé, oferecerá para Javé, como penitência, um cordeiro sem defeito, avaliado em vinte gramas de prata, conforme o peso-padrão que está no santuário. ¹⁶E quem tiver pego, restituirá o dano com o acréscimo de um quinto, e o entregará ao sacerdote. Este fará por ele o rito com o cordeiro do sacrifício de reparação, e ficará perdoado.

¹⁷Se alguém, sem se dar conta, praticar alguma coisa proibida pelos mandamentos de Javé, será responsável e carregará o peso de sua falta. ¹⁸Como sacrifício de reparação, levará ao sacerdote um cordeiro sem defeito, avaliado em proporção com a culpa. O sacerdote fará o rito pelo pecado cometido sem saber, e o pecador ficará perdoado. ¹⁹É um sacrifício de reparação, e esse homem é responsável diante de Javé”.

²⁰Javé falou a Moisés: ²¹“Se alguém cometer uma falta contra Javé, recusando devolver ao seu próximo um depósito recebido ou penhor a ele confiado ou alguma coisa roubada ou tirada à força com fraude; ²²ou, se encontrar uma coisa perdida e o negar, jurando falsamente sobre alguma das coisas pelas quais o homem pode pecar; ²³se houver pecado assim, tornando-se por isso culpado, devolverá a coisa roubada, ou tirada à força com fraude, ou o depósito a ele

confiado, ou o objeto perdido que tenha encontrado, ²⁴ou qualquer coisa pela qual tenha jurado em falso. Fará a restituição integral, acrescentando um quinto, e o devolverá ao proprietário no mesmo dia em que oferecer o sacrifício de reparação. ²⁵Como sacrifício de reparação em honra de Javé, levará ao sacerdote um cordeiro sem defeito, avaliado em proporção com a culpa. ²⁶O sacerdote fará por ele o rito diante de Javé e o perdoará de qualquer falta que tenha cometido”.
[5,14-26]

6 Normas para os sacerdotes — ¹Javé falou a Moisés: ²“Dê estas ordens a Aarão e seus filhos: **Ritual do holocausto** — O holocausto ficará queimando sobre o fogo do altar durante a noite até a manhã seguinte, e o fogo do altar será mantido aceso. ³O sacerdote vestirá sua túnica de linho e um calção de linho. Depois retirará do altar a cinza deixada pelo fogo ao queimar o holocausto, e a deixará junto do altar. ⁴Depois mudará as roupas, a fim de transportar essa cinza para um lugar puro, fora do acampamento. ⁵O fogo do altar nunca deverá ser apagado. A cada manhã o sacerdote lhe acrescentará mais lenha; colocará sobre ela o holocausto, e nela queimará as gorduras do sacrifício de comunhão. ⁶É um fogo perpétuo, que deverá arder sobre o altar, sem nunca se apagar.

Ritual da oblação — ⁷Os filhos de Aarão devem levar a oblação ao altar, diante de Javé. ⁸O sacerdote pegará um punhado de flor de farinha com azeite e com todo o incenso colocado sobre a oferta, e queimará tudo no altar, como memorial de suave odor para Javé. ⁹O resto da oblação será comido por Aarão e seus filhos; deverá ser comido sem fermento, em lugar santo, no átrio da tenda da reunião. ¹⁰Não cozinharão com fermento a porção que lhes dou das minhas ofertas queimadas. É uma porção sagrada, como no sacrifício pelo pecado e no sacrifício de reparação. ¹¹Todos os homens dos filhos de Aarão poderão comer dessa porção das ofertas queimadas a Javé. É uma lei perpétua para todas as gerações de vocês. Tudo o que entrar em contato com essas coisas ficará consagrado”.

¹²Javé falou a Moisés: ¹³“Esta é a oblação que Aarão e seus filhos farão a Javé no dia em que forem ungidos: quatro litros e meio de flor de farinha, como oblação perpétua, metade de manhã e metade à tarde. ¹⁴Será preparada na assadeira com azeite, e bem mexida. Será triturada em pedaços que serão oferecidos como perfume de suave odor para Javé. ¹⁵O sacerdote consagrado que suceder a você, fará o mesmo. É uma lei perpétua: a oblação será queimada

completamente para Javé. ¹⁶Toda oblação feita por um sacerdote deve ser totalmente queimada; ninguém comerá dela”.

Ritual do sacrifício pelo pecado — ¹⁷Javé falou a Moisés: ¹⁸“Diga a Aarão e seus filhos: A vítima pelo pecado será imolada diante de Javé, no mesmo lugar onde se imola o holocausto. É porção sagrada. ¹⁹O sacerdote que oferecer a vítima poderá comer dela. Deverá comê-la em lugar sagrado, no átrio da tenda da reunião. ²⁰Tudo o que tocar a carne ficará consagrado. Se o sangue respingar na roupa, a mancha será lavada em lugar sagrado. ²¹A vasilha de argila em que a carne foi cozida será quebrada. E se foi cozida numa vasilha de bronze, esta será esfregada e bem lavada com água. ²²Todos os homens sacerdotes poderão comer dela. É porção sagrada. ²³Mas não se comerá nenhuma das vítimas oferecidas pelo pecado, cujo sangue tenha sido levado à tenda da reunião, para ser oferecida no santuário pelo pecado; elas deverão ser queimadas.

7 Ritual do sacrifício de reparação [1-7] — ¹O ritual do sacrifício de reparação é o seguinte. É uma porção sagrada. ²No lugar onde se imola o holocausto, deverá ser imolada a vítima do sacrifício de reparação, e o sacerdote espalhará o sangue dela por todos os lados do altar. ³Oferecerá toda a gordura: a cauda, a gordura que cobre as entranhas, ⁴os dois rins com sua gordura, a gordura que envolve os lombos, e a massa gordurosa tirada do fígado e dos rins. ⁵O sacerdote queimará no altar essas partes, como oblação para Javé. É um sacrifício de reparação: ⁶qualquer sacerdote poderá comer dele. Será comido em lugar sagrado, pois é uma porção sagrada.

⁷O mesmo rito serve para o sacrifício pelo pecado e para o sacrifício de reparação. A oferta usada para o rito pelo pecado pertence ao sacerdote. ⁸O couro da vítima pertence ao sacerdote que oferece o holocausto. ⁹Toda oblação cozida no forno, ou preparada em panela ou assadeira, pertence ao sacerdote celebrante. ¹⁰E toda oblação, amassada com azeite, ou seca, pertence indistintamente aos filhos de Aarão.

Ritual para o sacrifício de comunhão — ¹¹Esta é a lei para o sacrifício de comunhão que se oferecerá a Javé: ¹²Se alguém oferece um sacrifício de ação de graças, oferecerá, junto com o sacrifício de comunhão, bolos sem fermento amassados com azeite, bolinhos sem fermento untados com azeite, e flor de farinha embebida em azeite. ¹³Além disso, ao sacrifício de comunhão e de ação

de graças se acrescentará pão fermentado. ¹⁴De cada uma dessas ofertas, uma parte será oferecida em honra a Javé e pertencerá ao sacerdote que tiver espalhado o sangue da vítima do sacrifício de comunhão. ¹⁵A carne do sacrifício de ação de graças deverá ser comida no mesmo dia em que o sacrifício for oferecido: não deverá sobrar nada para a manhã seguinte.

¹⁶Se a vítima for oferecida como sacrifício votivo ou voluntário, será comida no dia em que for oferecida, ou no dia seguinte. ¹⁷Mas o que sobrar da carne da vítima será queimado no terceiro dia.

¹⁸Se alguém comer no terceiro dia alguma coisa da carne oferecida em sacrifício de comunhão, aquele que a tiver oferecido não será aceito. Seu sacrifício não será levado em conta, pois é carne estragada, e a pessoa que dela comer sofrerá a pena por sua própria culpa. ¹⁹A carne que tiver tocado qualquer coisa impura não poderá ser comida; será jogada no fogo.

Quem estiver puro poderá comer a carne do sacrifício de comunhão. ²⁰Mas se alguém estiver impuro e comer a carne de um sacrifício de comunhão oferecido a Javé, será exterminado do meio do seu povo. ²¹Se alguém tocar em alguma coisa impura, seja de homem, animal, seja qualquer outra coisa impura, e em seguida comer a carne de um sacrifício de comunhão oferecido a Javé, será exterminado do meio do seu povo”.

²²Javé falou a Moisés: ²³“Fale aos filhos de Israel: Não comam gordura de boi, de carneiro ou de cabra. ²⁴A gordura de um animal morto ou dilacerado poderá servir para qualquer outro uso; mas de modo nenhum vocês a comerão. ²⁵Quem comer a gordura de animais oferecidos em sacrifício queimado em honra de Javé, será eliminado do meio do seu povo. ²⁶Onde quer que vocês habitem, não comerão sangue de aves, nem de animais domésticos. ²⁷Quem comer qualquer espécie de sangue será eliminado do meio do seu povo”.

²⁸Javé falou a Moisés: ²⁹“Diga aos filhos de Israel: Quem oferecer um sacrifício de comunhão para Javé, deverá levar uma parte do sacrifício como oferta para Javé. ³⁰Levará com as próprias mãos as ofertas queimadas a Javé: levará a gordura e o peito, com os quais fará o gesto de apresentação diante de Javé. ³¹O sacerdote queimará a gordura no altar, e o peito pertencerá a Aarão e seus filhos. ³²Como tributo dos sacrifícios de comunhão, vocês darão ao sacerdote a coxa direita. ³³A coxa direita é a parte que caberá ao filho de Aarão que tiver oferecido o sangue e a gordura do sacrifício de comunhão; ³⁴porque,

dos sacrifícios de comunhão dos filhos de Israel, eu reservei para mim o peito e a coxa do tributo, e os dou ao sacerdote Aarão e seus filhos: é uma lei perpétua para os filhos de Israel.

³⁵Essa é a parte de Aarão e de seus filhos entre as ofertas queimadas para Javé, desde o dia em que foram apresentados a Javé para serem seus sacerdotes. ³⁶Foi isso que Javé ordenou que os filhos de Israel lhes dessem desde o dia em que foram ungidos. É uma lei perpétua para todos os seus descendentes”.

³⁷Esse é o ritual do holocausto, da oblação, do sacrifício pelo pecado, do sacrifício de reparação, do sacrifício de consagração e do sacrifício de comunhão. ³⁸Foi isso que Javé ordenou a Moisés no monte Sinai, no dia em que ordenou aos filhos de Israel que apresentassem suas ofertas a Javé no deserto do Sinai. [6,1-7,38]

II. CONSAGRAÇÃO DOS SACERDOTES

8 *Cerimônias da consagração* — ¹Javé falou a Moisés: ²“Tome Aarão e seus filhos, as vestes, o óleo da unção, o bezerro do sacrifício pelo pecado, os dois cordeiros e o cesto dos pães sem fermento. ³Em seguida convoque toda a comunidade junto à entrada da tenda da reunião”.

⁴Moisés fez conforme Javé lhe havia ordenado. E toda a comunidade se reuniu na entrada da tenda da reunião. ⁵Moisés lhes falou: “Vejam o que Javé mandou fazer”. ⁶Depois Moisés fez com que Aarão e seus filhos se aproximassem, e os lavou com água. ⁷Revestiu Aarão com a túnica, colocou-lhe o cinto, vestiu-o com o manto e colocou nele o efod. Depois colocou a faixa do efod e a fixou em Aarão. ⁸Colocou-lhe o peitoral com os *urim* e os *tumim*. ⁹Colocou-lhe o turbante na cabeça e, na frente do turbante, a flor de ouro: é o sinal da santa consagração, conforme Javé ordenou a Moisés.

¹⁰Então Moisés pegou o óleo da unção e ungiu o santuário e tudo o que nele havia, para os consagrar. ¹¹Fez sete aspersões sobre o altar, e ungiu o altar e seus acessórios, a bacia com sua base, a fim de os consagrar. ¹²Depois derramou o óleo da unção sobre a cabeça de Aarão e o ungiu, para o consagrar. ¹³A seguir, mandou que os filhos de Aarão se aproximassem, revestiu-os com túnicas, colocou neles o cinto e atou-lhes o turbante, conforme Javé ordenou a Moisés.

¹⁴Então Moisés mandou trazer o bezerro do sacrifício pelo pecado. Aarão e seus filhos colocaram a mão sobre a cabeça da vítima, ¹⁵e Moisés a imolou. Depois pegou o sangue e, com o dedo, ungiu os cantos do altar em todos os lados, para purificar o altar. A seguir, derramou o sangue na base do altar e o consagrou, fazendo por ele o rito pelo pecado. ¹⁶Pegou ainda toda a gordura que envolve as entranhas, a massa gordurosa do fígado, os dois rins com sua gordura, e queimou tudo sobre o altar. ¹⁷O resto do bezerro: pele, carne e intestinos, queimou-os fora do acampamento, conforme Javé ordenou a Moisés.

¹⁸Mandou, então, trazer o cordeiro do holocausto. Aarão e seus filhos colocaram a mão sobre a cabeça do cordeiro, ¹⁹e Moisés o imolou, derramando o sangue por todos os lados do altar. ²⁰Depois esquartejou o cordeiro e queimou a cabeça e os pedaços com a gordura. ²¹Lavou com água as entranhas e as patas, e queimou todo o cordeiro no altar. Foi um holocausto de suave odor, uma oferta queimada para Javé, conforme Javé havia ordenado a Moisés.

²²Mandou, então, trazer o segundo cordeiro, o cordeiro da consagração. Aarão e seus filhos colocaram a mão sobre a cabeça do cordeiro, ²³e Moisés o imolou. Depois pegou o sangue e o colocou no lóbulo da orelha direita de Aarão, no polegar de sua mão direita e no polegar do seu pé direito. ²⁴Em seguida mandou os filhos de Aarão se aproximarem e lhes colocou do mesmo sangue no lóbulo da orelha direita, no polegar da mão direita e no polegar do pé direito. Em seguida Moisés derramou o sangue por todos os lados do altar; ²⁵pegou as partes gordas, a cauda, toda a gordura das entranhas, a massa gordurosa do fígado, os dois rins com sua gordura e a coxa direita. ²⁶Depois pegou um pão sem fermento do cesto que estava diante de Javé, um bolo amassado com azeite e um bolinho, e juntou tudo com as gorduras e a coxa direita. ²⁷Colocou tudo nas mãos de Aarão e de seus filhos, e fez o gesto de apresentação diante de Javé. ²⁸Depois Moisés pegou tudo das mãos deles e queimou no altar, em cima do holocausto. Foi o sacrifício de consagração: oblação de suave odor, uma oferta queimada para Javé. ²⁹Moisés pegou também o peito da vítima e fez o gesto de apresentação diante de Javé. Esta era a parte do cordeiro da consagração que pertencia a Moisés, conforme Javé ordenou a Moisés.

³⁰Em seguida Moisés pegou um pouco do óleo da unção e do sangue que estava sobre o altar, e com isso aspergiu Aarão e suas vestes, e também os filhos dele com suas vestes. Desse modo Moisés consagrou Aarão e suas vestes, e também os filhos de Aarão com suas vestes.

³¹Moisés disse a Aarão e seus filhos: “Cozinhem a carne na entrada da tenda da reunião e comam a carne com o pão que está no cesto do sacrifício da consagração, conforme ordenei: Aarão e seus filhos o comerão. ³²Queimem o que sobrar da carne e do pão. ³³Durante sete dias vocês não sairão pela porta da tenda da reunião, até que tenha terminado o tempo da consagração, porque são necessários sete dias para a consagração de vocês. ³⁴Javé mandou proceder como se fez hoje, a fim de realizar por vocês o rito pelo pecado. ³⁵Vocês permanecerão sete dias e sete noites na entrada da tenda da reunião, e respeitarão as proibições de Javé, a fim de não morrerem. Essa é a ordem que recebi”. ³⁶Aarão e seus filhos fizeram tudo o que Javé havia mandado por meio de Moisés.

9 A função sacerdotal — ¹No oitavo dia, Moisés chamou Aarão, seus filhos e os anciãos de Israel, ²e disse a Aarão: “Pegue um bezerro para o sacrifício pelo pecado e um cordeiro para o holocausto, ambos sem defeito, e ofereça-os

diante de Javé. ³Em seguida fale aos filhos de Israel: ‘Peguem um bode para o sacrifício pelo pecado, um bezerro e um carneiro, ambos de um ano, sem defeito, para o holocausto, ⁴um touro e um cordeiro para o sacrifício de comunhão, todos para serem imolados diante de Javé, e também uma oblação amassada com azeite, porque Javé aparecerá hoje para vocês’ ”.

⁵Levaram diante da tenda da reunião o que Moisés havia mandado, e toda a comunidade se aproximou e se apresentou diante de Javé. ⁶Moisés disse: “Cumpram tudo o que Javé lhes ordenou. Então ele mostrará a sua glória para vocês”. ⁷Depois disse a Aarão: “Aproxime-se do altar e ofereça o seu sacrifício pelo pecado e o seu holocausto. Faça desse modo a expiação por você e pela sua família. Apresente depois a oferta do povo e faça por ele o sacrifício pelo pecado, conforme Javé ordenou”.

⁸Aarão aproximou-se do altar e imolou o bezerro do sacrifício pelo seu próprio pecado. ⁹Em seguida os filhos de Aarão lhe apresentaram o sangue. Aarão molhou o dedo no sangue e ungiu os cantos do altar. Depois derramou o sangue na base do altar. ¹⁰Queimou sobre o altar a gordura do sacrifício pelo pecado, os rins e a massa gordurosa do fígado, conforme Javé havia ordenado a Moisés. ¹¹Depois queimou a carne e a pele fora do acampamento. ¹²Em seguida imolou a vítima do holocausto. Os filhos de Aarão levaram para ele o sangue, que ele derramou por todos os lados do altar. ¹³Também levaram a vítima dividida em quatro pedaços com a cabeça, e ele os queimou no altar. ¹⁴Lavou as entranhas e as patas, e as queimou no altar, em cima do holocausto.

¹⁵A seguir apresentou a oferta do povo: pegou o bode do sacrifício pelo pecado do povo, o imolou e ofereceu em sacrifício pelo pecado, da mesma forma que fez com a primeira vítima. ¹⁶Mandou buscar também a vítima do holocausto, e ofereceu o holocausto, conforme o ritual. ¹⁷Em seguida mandou buscar a oblação, pegou dela um punhado, e o queimou no altar, além do holocausto da manhã.

¹⁸Por fim, imolou o touro e o cordeiro em sacrifício de comunhão pelo povo. Os filhos de Aarão levaram para ele o sangue, que ele derramou por todos os lados do altar. ¹⁹As gorduras desse touro e desse cordeiro, a cauda, a gordura que envolve as entranhas, os rins e a massa gordurosa do fígado, ²⁰ele os colocou sobre o peito das vítimas e queimou tudo no altar. ²¹Aarão fez o gesto de apresentação diante de Javé com o peito e a coxa direita de cada vítima, conforme Javé havia ordenado a Moisés.

²²Aarão levantou as mãos na direção do povo e o abençoou. Depois de oferecer o sacrifício pelo pecado, o holocausto e o sacrifício de comunhão, ele desceu ²³e entrou com Moisés na tenda da reunião. Em seguida os dois saíram para abençoar o povo. A glória de Javé apareceu para todo o povo: ²⁴uma chama brilhou diante de Javé e devorou o holocausto e as gorduras que estavam sobre o altar. Ao ver isso, o povo aclamou e se prostrou com o rosto por terra. [8,1-9,24]

10 *A violação do sagrado* — ¹Nadab e Abiú, filhos de Aarão, tomaram cada um o seu incensório. Puseram neles fogo e incenso, e apresentaram diante de Javé um fogo irregular, que não lhes havia sido autorizado. ²Então, da presença de Javé saiu um fogo que os devorou, e eles morreram na presença de Javé. ³Foi quando Moisés disse a Aarão: “É isso que Javé queria dizer, quando falou: ‘Eu mostrarei minha santidade em meus ministros, e minha glória diante de todo o povo’”. Aarão ficou calado. ⁴Moisés chamou Misael e Elisafã, filhos de Oziel, tio de Aarão, e lhes disse: “Retirem seus irmãos do santuário e os levem para longe do acampamento”. ⁵Eles se aproximaram e os levaram em suas próprias túnicas para fora do acampamento, conforme Moisés havia mandado.

⁶Moisés disse a Aarão e seus filhos Eleazar e Itamar: “Não desmanchem o cabelo nem rasguem as roupas, para não morrerem e para que Javé não fique irritado contra toda a comunidade. Seus irmãos e toda a casa de Israel deverão chorar por causa do incêndio que Javé provocou. ⁷Não deixem a entrada da tenda da reunião para não morrerem, porque vocês estão ungidos com o óleo de Javé”. E eles fizeram como Moisés havia mandado.

⁸Javé falou a Aarão: ⁹“Quando você vier à tenda da reunião, junto com seus filhos, não bebam vinho, nem outra bebida fermentada, e assim vocês não morrerão. É uma lei perpétua para todos os seus descendentes. ¹⁰Isso para que vocês possam distinguir entre o sagrado e o profano, entre o impuro e o puro, ¹¹e possam ensinar aos filhos de Israel todas as leis que Javé deu a vocês por meio de Moisés”.

¹²Moisés disse a Aarão e a Eleazar e Itamar, seus filhos que sobreviveram: “Peguem a oblação que sobrou das ofertas queimadas para Javé, e a comam sem fermento, junto do altar, porque é porção sagrada. ¹³Vocês a comerão no lugar sagrado, pois é a parte das ofertas queimadas a Javé que fica reservada para vocês e seus filhos. Assim é que me foi ordenado. ¹⁴O peito apresentado e a coxa do tributo vocês comerão em lugar puro, junto com seus filhos e filhas: é a parte reservada para você e seus filhos, que é dada a você dos sacrifícios de

comunhão dos filhos de Israel. ¹⁵A coxa do tributo e o peito apresentado, que acompanham as gorduras queimadas, depois de oferecidos com gesto de apresentação diante de Javé, pertencem a você e a seus filhos, como porção perpétua. Assim Javé o ordenou”.

¹⁶Moisés perguntou sobre o bode oferecido em sacrifício pelo pecado. No entanto ele já tinha sido queimado. Por isso Moisés se irritou com Eleazar e Itamar, os filhos sobreviventes de Aarão, e lhes perguntou: ¹⁷“Por que vocês não comeram a vítima no lugar sagrado? É uma porção sagrada, e Javé a deu a vocês, para que vocês tirassem a culpa da comunidade, fazendo sobre essa porção o rito pelo pecado diante de Javé. ¹⁸Uma vez que o sangue da vítima não foi levado para dentro do santuário, é aí mesmo que vocês deveriam comer a carne, conforme eu ordenei”. ¹⁹Aarão respondeu a Moisés: “Eles ofereceram hoje o seu sacrifício pelo pecado e o seu holocausto diante de Javé. Depois do que aconteceu comigo, se eu tivesse comido hoje do sacrifício pelo pecado, seria isso agradável a Javé?” ²⁰E Moisés ficou satisfeito com a resposta. [10,1-20]

III. O PURO E O IMPURO

11 *Animais puros e impuros* [11,1-16,34] — ¹Javé falou para Moisés e Aarão:

²“Digam aos filhos de Israel: São estes os quadrúpedes que vocês poderão comer dentre todos os animais terrestres. ³Vocês poderão comer todo animal que tem o casco fendido, partido em duas unhas, e que ruma. ⁴Dentre os que ruminam ou têm o casco fendido, vocês não poderão comer as seguintes espécies: o camelo, pois, embora seja ruminante, não tem o casco fendido; ele deve ser considerado impuro. ⁵Considerem impuro o coelho, pois, embora seja ruminante, não tem o casco fendido. ⁶Considerem impura a lebre, pois, embora seja ruminante, não tem o casco fendido. ⁷Considerem impuro o porco, pois, apesar de ter o casco fendido, partido em duas unhas, não ruma. ⁸Não comam a carne desses animais, nem toquem o cadáver deles, porque são impuros.

⁹De todos os animais aquáticos, vocês poderão comer os que têm barbatanas e escamas, e vivem na água dos mares e rios. ¹⁰Mas todo aquele que não tem barbatanas e escamas e vive nos mares ou rios, todos os animais pequenos que povoam as águas, e todos os seres vivos que nelas se encontram, vocês considerarão imundos. ¹¹Eles são imundos; por isso, não comam sua carne e considerem imundo o cadáver deles. ¹²Todo ser aquático que não tem barbatanas e escamas será imundo para vocês.

¹³Das aves, considerem imundas e não comam as seguintes, porque são imundas: o abutre, o gipeto, o xofrango, ¹⁴o milhafre negro, as diferentes espécies de milhafre vermelho, ¹⁵todas as espécies de corvo, ¹⁶o avestruz, a coruja, a gaivota e as diferentes espécies de gavião, ¹⁷o mocho, o alcatraz, o íbis, ¹⁸o grão-duque, o pelicano, o abutre branco, ¹⁹a cegonha e as diferentes espécies de garça, a poupa e o morcego.

²⁰Todos os animais alados, que caminham sobre quatro pés, serão imundos para vocês. ²¹De todos os insetos alados, que caminham sobre quatro pés, vocês só poderão comer aqueles que, para saltar no chão, têm as patas traseiras mais compridas que as dianteiras. ²²Vocês podem comer os seguintes: as diferentes espécies de locustídeos, gafanhotos, acridídeos e grilos. ²³Os outros insetos de quatro pés são imundos.

²⁴Com esses animais, vocês se tornarão impuros; quem tocar o cadáver deles ficará impuro até à tarde, ²⁵e quem transportar o cadáver deles deverá lavar suas

roupas, e ficará impuro até à tarde. ²⁶Vocês considerarão impuros os animais que têm casco não dividido e que não ruminam: quem os tocar ficará impuro. ²⁷Todos os animais de quatro patas, que caminham sobre a planta dos pés, serão considerados impuros; quem tocar o cadáver deles ficará impuro até à tarde, ²⁸e quem transportar o cadáver deles deverá lavar suas roupas, e ficará impuro até à tarde. Considerem impuros esses animais.

²⁹Dos animais que rastejam pela terra, considerem impuros os seguintes: a toupeira, o rato e as diferentes espécies de lagarto, ³⁰a lagartixa, o crocodilo da terra, o lagarto, o lagarto da areia e o camaleão. ³¹De todos os répteis, são esses que vocês considerarão impuros; quem os tocar depois de mortos ficará impuro até à tarde. ³²E ficará impuro todo objeto de madeira, pano, couro ou estopa, e qualquer outro utensílio sobre o qual um bicho desses cair, depois de morto. Deverá ser lavado com água e ficará impuro até à tarde; depois ficará novamente puro. ³³Toda vasilha de barro, na qual um desses bichos cair, deverá ser quebrada, e o seu conteúdo ficará impuro; ³⁴a comida preparada com água dessa vasilha ficará impura, e também a bebida ficará impura, seja qual for o tipo de vasilha. ³⁵Todo objeto sobre o qual cair o cadáver desses bichos, ficará impuro: o forno e o fogão serão destruídos, porque ficaram impuros, e vocês os considerarão impuros. ³⁶As fontes, poços e depósitos d'água ficarão puros. Mas quem tocar o cadáver desses bichos ficará impuro. ³⁷Se um desses cadáveres cai sobre uma semente, esta permanece pura; ³⁸mas se a semente estiver umedecida, e um desses cadáveres cair sobre ela, vocês a considerarão impura.

³⁹Quando morrer um animal que serve de alimento, quem tocar o seu cadáver ficará impuro até à tarde; ⁴⁰quem comer a carne dele deverá lavar suas roupas e ficará impuro até à tarde; quem transportar o cadáver dele deverá lavar suas roupas e ficará impuro até à tarde.

⁴¹Todo animal que rasteja no chão é imundo, e não será comido. ⁴²Tudo o que se arrasta sobre o ventre ou que caminha sobre quatro ou mais patas, isto é, todos os répteis que rastejam pelo chão, nenhum deles é comestível, porque são imundos. ⁴³Não se tornem imundos com nenhum desses répteis que rastejam. Não se contaminem com eles e não sejam contaminados por eles. ⁴⁴Eu sou Javé, o Deus de vocês. E vocês foram santificados e se tornaram santos, porque eu sou santo. Portanto, não se tornem impuros com nenhum desses répteis que rastejam pelo chão. ⁴⁵Eu sou Javé, que os tirei do Egito, para ser o Deus de vocês: sejam santos, porque eu sou santo.

⁴⁶Essa é a lei sobre os animais terrestres, as aves e todo animal que se move na água ou rasteja sobre a terra. ⁴⁷Essa lei ensina a separar o impuro do puro, os animais que se podem comer, dos que não se podem comer”. [11,1-47]

12 *Purificação depois do parto* — ¹Javé falou a Moisés: ²“Diga aos filhos de Israel: Quando uma mulher conceber e der à luz um menino, ficará impura durante sete dias, como durante sua menstruação. ³No oitavo dia, o prepúcio do menino será circuncidado; ⁴e, durante trinta e três dias, ela ainda ficará se purificando do seu sangue. Não poderá tocar nenhuma coisa consagrada, nem ir ao santuário, enquanto não terminar o tempo da sua purificação. ⁵Se der à luz uma menina, ficará impura durante duas semanas, como durante sua menstruação; e ficará mais sessenta e seis dias purificando-se do seu sangue.

⁶Quando a mulher tiver terminado o período da sua purificação, seja por menino, seja por menina, levará ao sacerdote, na entrada da tenda da reunião, um cordeiro de um ano para o holocausto, e um pombinho ou rola para o sacrifício pelo pecado. ⁷O sacerdote os oferecerá diante de Javé, realizará por ela o rito pelo pecado, e ela ficará purificada do seu fluxo de sangue. Essa é a lei sobre a mulher que dá à luz um menino ou menina. ⁸Se ela não tem meios para comprar um cordeiro, pegue duas rolas ou dois pombinhos: um para o holocausto e outro para o sacrifício pelo pecado. O sacerdote fará por ela o rito pelo pecado, e ela ficará purificada”. [12,1-8]

13 *As doenças de pele* — ¹Javé falou para Moisés e Aarão: ²“Quando alguém tiver na pele uma inflamação, um furúnculo ou qualquer mancha que produza suspeita de lepra, será levado diante do sacerdote Aarão ou de um dos seus filhos sacerdotes. ³O sacerdote examinará a parte afetada. Se no lugar doente o pelo se tornou branco e a doença ficou mais profunda na pele, é caso de lepra. Depois de examiná-lo, o sacerdote o declarará impuro. ⁴Mas se há sobre a pele uma mancha branca, sem depressão visível da pele, e o pelo não se tornou branco, o sacerdote isolará o doente durante sete dias. ⁵No sétimo dia examinará de novo o doente: se observar que a doença permanece sem se espalhar pela pele, tornará a isolá-lo por mais sete dias; ⁶no sétimo dia, o examinará de novo. Se então verificar que a mancha não ficou mais branca e não se espalhou pela pele, o sacerdote declarará puro o homem, pois se trata de um furúnculo. A pessoa lavará sua roupa e ficará pura. ⁷Mas se o furúnculo se alastrar sobre a pele depois que o enfermo foi examinado pelo sacerdote e declarado puro, ele

deverá se apresentar de novo ao sacerdote. ⁸O sacerdote o examinará; se observar que o furúnculo se alastrou sobre a pele, o sacerdote o declarará impuro: trata-se de lepra.

⁹Quando alguém tiver uma infecção de pele, será levado ao sacerdote. ¹⁰O sacerdote o examinará. Se constatar sobre a pele um tumor esbranquiçado, pelos que se tornam brancos e o aparecimento de uma úlcera, ¹¹trata-se de lepra crônica de pele. O sacerdote o declarará impuro e não o isolará, pois é claro que está impuro. ¹²Mas se a lepra se alastrar sobre a pele, até cobrir o doente dos pés à cabeça, até onde o sacerdote possa observar, ¹³o sacerdote examinará o doente: verificando que a lepra cobre o corpo todo, declarará puro o doente, visto que tudo se tornou branco. ¹⁴Se aparecer nele a carne viva, ficará impuro. ¹⁵O sacerdote, vendo a carne viva, o declarará impuro, pois a carne viva é impura: trata-se de lepra. ¹⁶Mas se a carne viva se torna branca de novo, a pessoa procurará o sacerdote. ¹⁷Este a examinará e, vendo que a doença se tornou branca, declarará pura a pessoa doente: ela de fato está pura.

¹⁸Quando alguém tiver na pele um furúnculo, do qual já esteja curado, ¹⁹e se formar no lugar do furúnculo uma inflamação esbranquiçada ou mancha vermelha clara, essa pessoa deverá se apresentar ao sacerdote. ²⁰O sacerdote a examinará: se verificar que a pele afundou e o pelo ficou branco, o sacerdote a declarará impura: é caso de lepra que se manifesta no furúnculo. ²¹Mas se o sacerdote, ao examiná-la, notar que na mancha não há pelos brancos nem aprofundamento da pele, mas um embranquecimento, então isolará o enfermo durante sete dias. ²²Se a mancha se alastrar sobre a pele, o sacerdote declarará impura a pessoa: é caso de lepra. ²³Mas se a mancha permanecer estacionária, sem se alastrar, é a cicatriz do furúnculo, e o sacerdote declarará pura a pessoa.

²⁴Quando alguém tiver uma queimadura na pele, e sobre a parte queimada se formar uma mancha esbranquiçada ou vermelha clara, ²⁵o sacerdote a examinará. Se constatar que o pelo ficou branco ou que houve aprofundamento da mancha na pele, é caso de lepra que se desenvolveu na queimadura. O sacerdote declarará impuro o homem: é caso de lepra. ²⁶Mas se o sacerdote, ao examinar, não constatar pelos brancos na mancha nem aprofundamento da pele, e notar que a mancha se tornou esbranquiçada, o sacerdote o isolará por sete dias. ²⁷No sétimo dia o examinará de novo. Se a doença se tiver propagado na pele, declarará impuro o homem: é caso de lepra. ²⁸Se a mancha permaneceu localizada, sem se propagar na pele, mas tornou-se pálida, trata-se de inflamação

da queimadura. O sacerdote declarará puro o homem, pois é cicatriz da queimadura.

²⁹Se um homem ou mulher tiver uma chaga na cabeça, ou na barba, ³⁰o sacerdote examinará a chaga. Se observar que há uma depressão na pele e o pelo se tornou amarelado e fino, declarará impuro o enfermo: é caso de sarna, isto é, lepra da cabeça ou da barba. ³¹Mas, examinando a sarna, se o sacerdote constatar que não há depressão na pele nem pelo amarelado, então isolará o doente durante sete dias. ³²No sétimo dia examinará a doença; se constatar que a sarna não se desenvolveu e que o pelo não ficou amarelado nem houve depressão na pele, ³³o doente rapará os pelos, menos na parte que está com sarna. E o sacerdote o isolará por mais sete dias. ³⁴No sétimo dia examinará a doença; se constatar que não se alastrou sobre a pele e que não há depressão na pele, o sacerdote o declarará puro. O doente lavará sua roupa e ficará puro. ³⁵Contudo, se depois da purificação a sarna se desenvolveu sobre a pele, ³⁶o sacerdote o examinará de novo: se constatar o alastramento da sarna, é porque o doente está impuro, e não precisará verificar se o pelo está amarelado. ³⁷Mas se a sarna estiver localizada e nela tiver crescido pelo escuro, é porque a doença está curada: o doente está puro e o sacerdote o declarará puro.

³⁸Se aparecerem manchas sobre a pele de um homem ou mulher, e as manchas forem brancas, ³⁹o sacerdote as examinará. Se verificar que as manchas na pele são de um branco embaçado, trata-se de erupção da pele: o enfermo está puro.

⁴⁰Se um homem perde os cabelos da cabeça, trata-se de calvície da cabeça, e está puro. ⁴¹Se perde cabelos na parte da frente da cabeça, trata-se de calvície da frente, e está puro. ⁴²Mas, se na cabeça ou na parte da frente houver chagas de cor vermelha clara, trata-se de lepra que se desenvolveu na cabeça ou na frente desse homem. ⁴³O sacerdote o examinará. Se observar na calvície ou na frente um tumor vermelho claro, com o mesmo aspecto da lepra da pele, ⁴⁴então o homem está leproso: é impuro. O sacerdote o declarará impuro, pois está com lepra na cabeça. [13,1-44]

A lei sobre o leproso — ⁴⁵Quem for declarado leproso, deverá andar com as roupas rasgadas e despenteado, com a barba coberta e gritando: “Impuro! Impuro!” ⁴⁶Ficará impuro enquanto durar sua doença. Viverá separado e morará fora do acampamento. [45-46]

O mofo das roupas — ⁴⁷Quando houver lepra numa roupa, tanto de lã como de

linho, ⁴⁸num tecido ou coberta de lã, de linho, ou de couro, ou numa peça qualquer de couro, ⁴⁹e se a mancha da roupa, do couro, do tecido, da coberta, ou do objeto de couro, for esverdeada ou avermelhada, é caso de lepra e deve ser mostrada ao sacerdote. ⁵⁰O sacerdote examinará a mancha e isolará o objeto durante sete dias. ⁵¹No sétimo dia, se observar que a mancha se espalhou sobre a roupa, o tecido, a coberta, o couro ou sobre o objeto feito de couro, trata-se de lepra contagiosa: o objeto está impuro. ⁵²A roupa, o tecido, a coberta de lã ou de linho, ou o objeto de couro sobre o qual se apresentou a mancha, deverá ser queimado, pois é lepra contagiosa que deve ser destruída pelo fogo.

⁵³Contudo, se o sacerdote, examinando, verificar que a mancha não se espalhou sobre a roupa, o tecido, a coberta ou o objeto de couro, ⁵⁴então mandará lavar a parte atingida e o isolará outra vez por mais sete dias. ⁵⁵Depois da lavagem, examinará a mancha. E se verificar que não mudou de aspecto nem se desenvolveu, é que o objeto está impuro. O sacerdote o queimará, porque está corroído no direito e no avesso.

⁵⁶Contudo, se o sacerdote, examinando, verificar que depois da lavagem a mancha ficou embaçada, então arrancará a parte da roupa, do couro, do tecido ou da coberta. ⁵⁷Todavia, se a mancha se espalhar sobre a roupa, a coberta ou o objeto de couro, é que o mal continua vivo; então será queimado no fogo aquilo que estiver atacado pela mancha. ⁵⁸A roupa, o tecido, a coberta e qualquer objeto de couro, do qual desapareceu a mancha depois da lavagem, ficará puro depois de lavado pela segunda vez”.

⁵⁹Essa é a lei para o caso de lepra na roupa de lã ou de linho, no tecido, na coberta ou no objeto de couro, quando se trata de declará-los puros ou impuros. [47-59]

14 *A purificação do leproso* — ¹Javé falou a Moisés: ²“Esta é a lei a ser aplicada ao leproso, no dia da sua purificação: ele será conduzido ao sacerdote, ³e o sacerdote sairá fora do acampamento. Depois do exame, se verificar que o leproso está curado da lepra, ⁴mandará trazer, para o leproso a ser purificado, duas aves vivas e puras, madeira de cedro, púrpura escarlata e hissopo. ⁵Em seguida, mandará imolar uma das aves num vaso de argila sobre água corrente. ⁶Pegará a ave viva, a madeira de cedro, a púrpura escarlata, o hissopo, e mergulhará tudo, junto com a ave viva, no sangue da ave imolada sobre a água corrente. ⁷Fará, então, sete aspersões sobre o homem que está se

purificando da lepra e o declarará puro. Depois deixará que a ave viva voe para o campo. ⁸Aquele que se purifica lavará as roupas, rapará todos os pelos, se lavará com água e ficará puro. Depois disso, poderá entrar no acampamento, mas ficará sete dias fora da sua tenda. ⁹No sétimo dia, rapará a cabeça, a barba, as sobrancelhas, bem como todos os pelos. Depois lavará suas roupas, se banhará e ficará puro.

¹⁰No oitavo dia, pegará dois cordeiros sem defeito, uma ovelha sem defeito, doze litros de flor de farinha amassada com azeite para a oblação e um quarto de litro de azeite. ¹¹O sacerdote que realiza a purificação colocará o homem, que está se purificando, junto com suas ofertas, na entrada da tenda da reunião, diante de Javé. ¹²Depois pegará um dos cordeiros e o oferecerá como sacrifício de reparação, juntamente com o quarto de litro de azeite, fazendo com eles o gesto de apresentação diante de Javé. ¹³Imolará o cordeiro no lugar santo, onde se imolam as vítimas do sacrifício pelo pecado e do holocausto. Essa vítima de reparação, como o sacrifício pelo pecado, pertence ao sacerdote: é porção sagrada. ¹⁴O sacerdote pegará sangue da vítima e o porá no lóbulo da orelha direita daquele que está se purificando, sobre o polegar da mão direita e sobre o polegar do pé direito. ¹⁵Depois pegará um pouco de azeite e o derramará na palma de sua própria mão esquerda. ¹⁶Molhará o dedo indicador da mão direita no azeite que está na palma da esquerda, e fará com esse dedo sete aspersões diante de Javé. ¹⁷Em seguida colocará um pouco do azeite, que lhe resta na palma da mão, no lóbulo da orelha direita daquele que se purifica, sobre o polegar da mão direita e sobre o polegar do pé direito, em cima do sangue do sacrifício de reparação. ¹⁸Depois, derramará o resto do azeite, que tem na palma da mão, sobre a cabeça daquele que se purifica. Desse modo, terá feito pelo homem o rito pelo pecado diante de Javé. ¹⁹A seguir, o sacerdote fará o sacrifício pelo pecado e realizará o sacrifício por aquele que está se purificando de sua impureza. Depois disso, imolará a vítima do holocausto ²⁰e oferecerá no altar o holocausto e a oblação. Desse modo, fará o sacrifício pelo pecado desse homem, que ficará puro.

²¹Se é um pobre que não tem recursos, pegará somente um cordeiro para o sacrifício de reparação e o oferecerá com o gesto de apresentação, a fim de realizar pelo homem o rito pelo pecado. Pegará apenas quatro litros de flor de farinha amassada com azeite para a oblação, um quarto de litro de azeite, ²²duas rolas ou dois pombinhos, conforme as possibilidades, um dos quais será para o

sacrifício pelo pecado e o outro para o holocausto. ²³No oitavo dia, ele os apresentará ao sacerdote na entrada da tenda da reunião, diante de Javé, para a sua purificação. ²⁴O sacerdote pegará o cordeiro do sacrifício de reparação e o quarto de litro de azeite, e os oferecerá com o gesto de apresentação diante de Javé. ²⁵Depois, imolará o cordeiro do sacrifício de reparação, pegará sangue da vítima e o colocará no lóbulo da orelha direita daquele que se purifica, sobre o polegar da mão direita e sobre o polegar do pé direito. ²⁶A seguir, derramará um pouco de azeite na palma de sua própria mão esquerda, ²⁷e com o dedo indicador da mão direita fará, diante de Javé, sete aspersões com o azeite que tem na mão esquerda. ²⁸Com o azeite que tem na mão, o sacerdote ungirá o lóbulo da orelha direita daquele que está se purificando, o polegar da mão direita e o polegar do pé direito, em cima do sangue do sacrifício de reparação. ²⁹Depois colocará o resto do azeite, que tem na palma da mão, sobre a cabeça daquele que está se purificando, fazendo por ele, diante de Javé, o rito pelo pecado. ³⁰Com uma das rolas ou um dos pombinhos, segundo as possibilidades, fará ³¹um sacrifício pelo pecado; e, com o outro, um holocausto acompanhado de oblação. O sacerdote fará assim, diante de Javé, o rito pelo pecado, por aquele que está se purificando”. ³²Essa é a lei para a purificação do leproso que não tem recursos. [14,1-32]

O mofo das casas — ³³Javé falou para Moisés e Aarão: ³⁴“Quando vocês tiverem entrado na terra de Canaã, que eu vou dar a vocês como posse, e eu ferir de lepra uma casa da terra de vocês, ³⁵o dono da casa avisará o sacerdote: ‘Parece que na minha casa há uma mancha de lepra’. ³⁶O sacerdote mandará desocupar a casa antes de ir examinar a mancha; desse modo, ninguém ficará impuro com aquilo que nela existe. Depois disso, o sacerdote irá olhar a casa, ³⁷e, depois de a ter examinado, se observar na parede da casa cavidades esverdeadas ou avermelhadas, formando depressão na parede, ³⁸ele sairá da casa e mandará fechá-la por sete dias. ³⁹Voltará no sétimo dia e a examinará de novo. Se observar que a mancha se espalhou pela parede, ⁴⁰o sacerdote mandará tirar as pedras manchadas e jogá-las em lugar impuro, fora da cidade. ⁴¹Depois mandará raspar todas as paredes internas da casa e jogar o pó raspado em lugar impuro, fora da cidade. ⁴²Pegarão outras pedras para substituir as que foram tiradas e outro reboco para rebocar a casa.

⁴³Depois de tiradas as pedras e depois de raspada e rebocada a casa, se a

mancha reaparecer, ⁴⁴o sacerdote irá examiná-la. Se observar que a mancha se alastrou, trata-se de lepra contagiosa na casa, que está impura. ⁴⁵Mandarà demolir a casa, e suas pedras, madeira e reboco serão levados para um lugar impuro, fora da cidade. ⁴⁶Quem entrar na casa, enquanto estiver fechada, ficará impuro até à tarde. ⁴⁷Quem nela dormir ou comer, deverá lavar a própria roupa. ⁴⁸Mas se o sacerdote, quando for examinar a mancha, constatar que ela não se alastrou pela casa depois de rebocada, declarará pura a casa, pois a doença dela está curada. ⁴⁹Então pegará duas aves, madeira de cedro, púrpura escarlata e hissopo, para fazer o sacrifício pelo pecado da casa. ⁵⁰Imolará uma das aves num vaso de argila sobre água corrente. ⁵¹Depois pegará a madeira de cedro, o hissopo, a púrpura escarlata e a ave viva, e os mergulhará no sangue da ave imolada em água corrente. Em seguida, aspergirá a casa sete vezes. ⁵²Depois de fazer o sacrifício pelo pecado da casa, com o sangue da ave, a água corrente, a ave viva, a madeira de cedro, o hissopo e a púrpura escarlata, ⁵³soltará a ave viva no campo, fora da cidade. Fazendo assim o rito pelo pecado da casa, esta ficará pura”.

⁵⁴Essa é a lei sobre todos os casos de lepra e sarna, ⁵⁵lepra das roupas e das casas, ⁵⁶inflamações, furúnculos e manchas. ⁵⁷Ela estabelece o que é puro ou impuro. Essa é a lei sobre a lepra. [33-57]

15 *Impurezas sexuais* — ¹Javé falou para Moisés e Aarão: ²“Digam aos filhos de Israel: Quando um homem sofre de gonorreia, está impuro. ³Esta é a lei da impureza sobre a gonorreia: quer o corpo tenha deixado escorrer ou tenha retido o líquido, a impureza é a mesma. ⁴A cama em que o doente se deitar ficará impura, e todo móvel onde se sentar ficará impuro. ⁵Quem tocar a cama dele deverá lavar as roupas e tomar banho; ficará impuro até à tarde. ⁶Quem se sentar num móvel onde se sentou o doente, deverá lavar as roupas, tomar banho e ficará impuro até à tarde. ⁷Quem tocar o doente deverá lavar as roupas e tomar banho; ficará impuro até à tarde. ⁸Se o doente cuspir numa pessoa pura, esta deverá lavar as roupas e tomar banho; ficará impura até à tarde. ⁹A sela sobre a qual esse homem viajar ficará impura. ¹⁰Todos os que tocarem qualquer objeto que tenha estado debaixo do doente ficarão impuros até à tarde. Quem transportar tal objeto deverá lavar as roupas e tomar banho; ficará impuro até à tarde. ¹¹Todos aqueles que forem tocados pelo doente, sem que ele tenha lavado as mãos, deverão lavar as roupas e tomar banho; ficarão impuros até à tarde.

¹²Toda vasilha de barro tocada por esse homem será quebrada. Se for de madeira, deverá ser lavada. ¹³Quando o doente estiver curado da gonorreia, contará sete dias para a sua purificação. Deverá lavar as roupas e tomar banho em água corrente, e ficará puro. ¹⁴No oitavo dia pegará duas rolas ou dois pombinhos e se apresentará diante de Javé, na entrada da tenda da reunião, e os entregará ao sacerdote. ¹⁵Com um deles fará um sacrifício pelo pecado, e com o outro um holocausto. Desse modo, o sacerdote fará por ele, diante de Javé, o rito de purificação da gonorreia.

¹⁶Quando um homem tiver poluição, deverá tomar banho e ficará impuro até à tarde. ¹⁷Toda roupa e todo couro atingidos pelo sêmen deverão ser lavados, e ficarão impuros até à tarde. ¹⁸Quando uma mulher tiver relações com um homem, os dois deverão tomar banho, e ficarão impuros até à tarde.

¹⁹Quando uma mulher tiver sua menstruação, ficará impura durante sete dias. Quem a tocar ficará impuro até à tarde. ²⁰O lugar em que ela deitar ou sentar, enquanto está impura, ficará impuro. ²¹Quem tocar o leito dela deverá lavar as próprias roupas e tomar banho; ficará impuro até à tarde. ²²Quem tocar o assento que ela usou, lavará as próprias roupas, tomará banho e ficará impuro até à tarde. ²³Se o objeto tocado estiver sobre a cama ou sobre o assento que ela usou, ficará impuro até à tarde. ²⁴Se um homem tiver relações com a mulher menstruada, a impureza dela o atingirá, e ele ficará impuro durante sete dias. A cama em que ele se deitar ficará impura.

²⁵Quando uma mulher tiver hemorragias frequentes, fora ou depois da menstruação, ficará impura como na menstruação, enquanto durarem as hemorragias. ²⁶A cama em que ela se deitar, enquanto tiver as hemorragias, ficará impura, como na menstruação. O lugar em que ela se sentar ficará impuro, como na menstruação. ²⁷Quem tocar nesses móveis ficará impuro: deverá lavar as roupas e tomar banho; ficará impuro até à tarde. ²⁸Quando a mulher ficar curada de suas hemorragias contará sete dias, e então estará pura. ²⁹No oitavo dia, pegará duas rolas ou dois pombinhos e os apresentará ao sacerdote na entrada da tenda da reunião. ³⁰O sacerdote oferecerá um deles em sacrifício pelo pecado, e o outro como holocausto. Desse modo, o sacerdote fará por ela, diante de Javé, o rito por causa da hemorragia que a tornou impura.

³¹Previnam os filhos de Israel sobre a impureza, para que não morram por causa dela, por terem contaminado a minha morada no meio deles”.

³²Essa é a lei sobre a gonorreia e as poluições que tornam o homem impuro, ³³e sobre a menstruação e hemorragias da mulher. É válida para o homem, para a mulher e para o homem que se deita com uma mulher impura. [15,1-33]

16 *O dia do grande perdão* — ¹Javé falou a Moisés depois da morte dos dois filhos de Aarão, que morreram por se aproximarem de Javé. ²Javé disse a Moisés: “Diga a seu irmão Aarão que nunca entre no santuário além do véu, diante da placa de ouro que está sobre a arca. Ele poderá morrer, porque eu apareço numa nuvem sobre a placa da arca.

³Aarão entrará no santuário com um bezerro para o sacrifício pelo pecado e um cordeiro para o holocausto. ⁴Vestirá uma túnica de linho sagrada, se cobrirá com calções de linho, amarrará a cintura com um cinto de linho e usará um turbante de linho. São vestes sagradas, e ele as vestirá depois de tomar banho. ⁵Receberá da comunidade dos filhos de Israel dois bodes para o sacrifício pelo pecado e um cordeiro para o holocausto. ⁶Depois de oferecer o bezerro como sacrifício pelo seu próprio pecado, e de ter feito a expiação por si mesmo e pela sua família, ⁷Aarão pegará os dois bodes e os apresentará diante de Javé, na entrada da tenda da reunião. ⁸Tirá a sorte sobre os dois bodes: um será de Javé e o outro de Azazel. ⁹Pegará o que foi sorteado para Javé e o oferecerá como sacrifício pelo pecado. ¹⁰Quanto ao bode que foi sorteado para Azazel, será colocado vivo diante de Javé, para fazer a expiação, e depois será mandado para Azazel no deserto. ¹¹Aarão oferecerá o bezerro do sacrifício pelo seu próprio pecado. Em seguida fará o rito de expiação por si mesmo e por sua família, e imolará o bezerro. ¹²Então encherá um incensório com brasas tiradas do altar diante de Javé e pegará dois punhados de incenso aromático em pó. Levará tudo para trás do véu, ¹³e colocará o incenso sobre o fogo, diante de Javé; uma nuvem de incenso cobrirá a placa que está sobre o documento da aliança; assim ele não morrerá. ¹⁴Depois pegará sangue do bezerro e aspergirá, com o dedo, o lado oriental da placa; depois, diante da placa fará com o dedo sete aspersões de sangue. ¹⁵A seguir imolará o bode do sacrifício pelo pecado do povo e levará o sangue para trás do véu. Com esse sangue, fará o mesmo que fez com o sangue do bezerro, aspergindo sobre a placa e diante dela. ¹⁶Fará desse modo o rito de expiação pelo santuário, pelas impurezas dos filhos de Israel, pelas transgressões e por todos os pecados deles. Fará o mesmo com a tenda da reunião, estabelecida entre eles no meio de suas impurezas. ¹⁷Enquanto Aarão estiver fazendo a

expição por si próprio, por sua família e por toda a comunidade de Israel, ninguém deverá estar na tenda da reunião, desde que ele entrar até sair. ¹⁸Depois ele sairá, irá até o altar que está diante de Javé e fará a expiação. Pegará sangue do bezerro e do bode e ungirá com ele os cantos do altar. ¹⁹Com o mesmo sangue fará com o dedo sete aspersões sobre o altar. Desse modo purificará o altar, separando-o das impurezas dos filhos de Israel.

²⁰Depois de fazer a expiação do santuário, da tenda da reunião e do altar, Aarão mandará trazer o bode vivo. ²¹Colocará as duas mãos sobre a cabeça do bode e confessará sobre ele todas as culpas, transgressões e pecados dos filhos de Israel. Depois de colocar tudo sobre a cabeça do bode, mandará o animal para o deserto, conduzido por um homem para isso preparado. ²²Assim, o bode levará sobre si, para uma região deserta, todas as culpas deles. Quando tiver soltado o bode no deserto, ²³Aarão entrará na tenda da reunião, tirará as roupas de linho que havia posto para entrar no santuário, e as deixará aí. ²⁴Tomará banho no lugar santo e vestirá suas próprias roupas. Tornará a sair e oferecerá o holocausto, tanto o seu como o do povo. Fará a expiação por si próprio e pelo povo, ²⁵e deixará queimar sobre o altar a gordura do sacrifício pelo pecado.

²⁶O encarregado de levar o bode a Azazel deverá lavar as roupas e tomar banho; depois disso poderá entrar no acampamento. ²⁷O bezerro e o bode oferecidos em sacrifício pelo pecado, e cujo sangue foi levado ao santuário para fazer o rito de expiação, serão levados para fora do acampamento, onde se queimarão a pele, a carne e os intestinos. ²⁸Quem os queimar deverá lavar as próprias roupas e tomar banho; depois poderá entrar no acampamento. ²⁹Isso é uma lei perpétua para vocês.

No décimo dia do sétimo mês, vocês farão jejum. Nem o cidadão, nem o imigrante que mora entre vocês farão nenhum trabalho, ³⁰pois nesse dia será feita a expiação por vocês, a fim de purificá-los. Aí então, diante de Javé, vocês ficarão puros de todos os pecados. ³¹Será para vocês um sábado de repouso absoluto, e vocês farão penitência. É uma lei perpétua.

³²O sacerdote que recebeu a unção e sucedeu a seu pai no exercício do sacerdócio, realizará a expiação; ele se vestirá com as vestes sagradas de linho, ³³e fará a expiação pelo santuário, pela tenda da reunião e pelo altar; fará a expiação pelos sacerdotes e por todo o povo da comunidade. ³⁴Será uma lei perpétua para vocês: uma vez por ano será feita a expiação por todos os pecados dos filhos de Israel”. E tudo foi feito como Javé tinha ordenado a Moisés. [\[16,1-](#)

IV. A LEI DE SANTIDADE [17-26]

17 *O sangue é sagrado* — ¹Javé falou a Moisés: ²“Diga a Aarão, aos filhos dele e aos filhos de Israel: Assim ordena Javé: ³Todo filho de Israel que imolar um boi, um cordeiro ou uma cabra, no acampamento ou fora dele, ⁴e não os levar à entrada da tenda da reunião para oferecê-los a Javé, diante da sua morada, será réu de sangue. Derramou sangue, e será excluído do seu povo. ⁵Desse modo os filhos de Israel levarão ao sacerdote as vítimas que matarem no campo, e as oferecerão a Javé como sacrifício de comunhão na entrada da tenda da reunião. ⁶O sacerdote derramará o sangue sobre o altar de Javé, que se encontra na entrada da tenda da reunião, e queimará a gordura como perfume de suave odor para Javé. ⁷Não oferecerão mais sacrifícios a deuses falsos, com os quais se prostituem. Essa é uma lei perpétua para os filhos de Israel e seus descendentes.

⁸Diga-lhes também: Todo homem, seja filho de Israel, seja imigrante que reside no meio de vocês, que oferecer um holocausto ou sacrifício, ⁹e não os levar à entrada da tenda da reunião para oferecê-los a Javé, será excluído do seu povo. ¹⁰Todo homem, seja filho de Israel, seja imigrante que reside no meio de vocês, que comer qualquer espécie de sangue, eu me voltarei contra ele e o exterminarei do meio de seu povo. ¹¹Porque o sangue é a vida da carne, e esse sangue eu lhes dou para fazer o rito de expiação sobre o altar, pela vida de vocês; pois é o sangue que faz a expiação pela vida. ¹²É por esse motivo que eu disse aos filhos de Israel: Nem vocês, nem o imigrante que reside no meio de vocês, comerão sangue.

¹³Todo filho de Israel ou imigrante que reside no meio de vocês que caçar um animal ou ave que é permitido comer, deverá derramar o sangue do animal ou da ave e cobri-lo com terra. ¹⁴O sangue é a vida de todo ser vivo; foi por isso que eu disse aos filhos de Israel: ‘Não comam o sangue de nenhuma espécie de ser vivo, pois o sangue é a vida de todo ser vivo, e quem o comer será exterminado’. ¹⁵Toda pessoa, cidadão ou imigrante, que comer um animal morto ou dilacerado por uma fera, deverá lavar as próprias roupas e tomar banho; ficará impuro até à tarde; depois ficará puro. ¹⁶Se não lavar as roupas e não tomar banho, carregará o peso de sua culpa”. [17,1-16]

18 *Uniões proibidas* — ¹Javé falou a Moisés: ²“Diga aos filhos de Israel: Eu

sou Javé, o Deus de vocês. ³Não se comportem como na terra do Egito, onde vocês habitaram, nem como costumam se comportar na terra de Canaã, para onde estou levando vocês; não sigam os estatutos deles, ⁴mas pratiquem minhas normas e guardem minhas leis, deixando-se guiar por elas. Eu sou Javé, o Deus de vocês. ⁵Guardem meus estatutos e minhas normas, que dão vida a quem os cumpre. Eu sou Javé.

⁶Ninguém de vocês se aproximará de uma parenta próxima, para ter relações sexuais com ela. Eu sou Javé. ⁷Não tenha relações sexuais com sua mãe. Ela é de seu pai, e é sua mãe; não tenha relações sexuais com ela. ⁸Não tenha relações sexuais com a concubina de seu pai; pois ela pertence ao seu pai. ⁹Não tenha relações sexuais com sua irmã, seja por parte de pai, seja de mãe, nascida em casa ou fora dela. ¹⁰Não tenha relações sexuais com suas netas, pois elas são sua própria carne. ¹¹Não tenha relações sexuais com a filha da concubina de seu pai, pois ela é sua irmã. ¹²Não tenha relações sexuais com sua tia paterna, pois ela é do sangue de seu pai. ¹³Não tenha relações sexuais com sua tia materna, pois ela é do sangue de sua mãe. ¹⁴Não ofenda seu tio, irmão de seu pai, tendo relações sexuais com a mulher dele, pois ela é sua tia. ¹⁵Não tenha relações sexuais com sua nora, pois ela é a mulher de seu filho. ¹⁶Não tenha relações sexuais com sua cunhada, pois ela pertence ao seu irmão. ¹⁷Não tenha relações sexuais com uma mulher e com a filha dela, nem com a neta dela. São parentes, e isso seria uma infâmia. ¹⁸Não case com uma mulher e com a irmã dela, criando rivalidades, ao ter relações sexuais também com ela enquanto a outra vive. ¹⁹Não tenha relações sexuais com uma mulher durante a menstruação. ²⁰Não se deite com a mulher de alguém do seu povo: você ficaria impuro. ²¹Não sacrifique um filho seu a Moloc, profanando o nome do seu Deus. Eu sou Javé. ²²Não se deite com um homem, como se fosse com mulher: é uma abominação. ²³Não se deite com animal, pois você ficaria impuro. A mulher não se entregará a um animal, para ter relações sexuais com ele, pois seria uma depravação.

²⁴Não se tornem impuros com nenhuma dessas coisas, pois assim fazem as nações que eu vou expulsar da frente de vocês. ²⁵A terra está impura: vou pedir contas a ela, e ela vomitará seus próprios habitantes. ²⁶Quanto a vocês, guardem meus estatutos e normas, e não cometam nenhuma dessas abominações, nem o cidadão, nem o imigrante que reside entre vocês. ²⁷Porque todas essas abominações foram cometidas pelos habitantes que habitaram nesta terra antes

de vocês, e a terra ficou impura. ²⁸Se vocês tornarem impura esta terra, será que ela não os irá vomitar como vomitou as nações que habitaram nela antes de vocês? ²⁹Porque todo aquele que cometer uma dessas abominações será excluído do seu povo. ³⁰Portanto, respeitem minhas proibições, não seguindo nenhuma dessas práticas abomináveis, que eram feitas antes de vocês chegarem. Não se tornem impuros com elas. Eu sou Javé, o Deus de vocês”. [18,1-30]

19 *Um povo santo como o seu Deus* — ¹Javé falou a Moisés: ²“Diga a toda a comunidade dos filhos de Israel: Sejam santos, porque eu, Javé, o Deus de vocês, sou santo. ³Cada um de vocês respeite sua mãe e seu pai. Guardem os meus sábados. Eu sou Javé, o Deus de vocês. ⁴Não recorram aos ídolos, nem façam deuses de metal derretido. Eu sou Javé, o Deus de vocês. ⁵Quando oferecerem sacrifícios de comunhão a Javé, façam de tal modo que sejam aceitos. ⁶A vítima será comida no mesmo dia do sacrifício ou no dia seguinte; o que sobrar será queimado no terceiro dia. ⁷Aquilo que for comido no terceiro dia será considerado comida estragada, e não será aceito. ⁸Quem comer, carregará o peso de sua culpa, porque profanou a santidade de Javé: será então eliminado do seu povo.

⁹Quando vocês fizerem a colheita da lavoura nos seus terrenos, não colham até o limite do campo; não voltem para colher o trigo que ficou para trás, ¹⁰nem as uvas que ficaram no pé; também não recolham as uvas caídas no chão: deixem tudo isso para o pobre e o imigrante. Eu sou Javé, o Deus de vocês.

¹¹Ninguém de vocês roube, nem use de falsidade, e não engane ninguém do seu povo. ¹²Não jurem falsamente pelo meu nome, porque vocês estariam profanando o nome do seu Deus. Eu sou Javé. ¹³Não oprima o seu próximo, nem o explore, e que o salário do operário não fique com você até o dia seguinte. ¹⁴Não amaldiçoe o mudo, nem coloque obstáculos diante do cego: tema o seu Deus. Eu sou Javé.

¹⁵Não cometam injustiças no julgamento. Não seja parcial para favorecer o pobre ou para agradar ao rico: julgue com justiça os seus concidadãos. ¹⁶Não espalhe boatos, nem levante falso testemunho contra a vida do seu próximo. Eu sou Javé. ¹⁷Não guarde ódio contra o seu irmão. Repreenda abertamente o seu concidadão, e assim você não carregará o pecado dele. ¹⁸Não seja vingativo, nem guarde rancor contra seus concidadãos. Ame o seu próximo como a si mesmo. Eu sou Javé. ¹⁹Observem meus estatutos.

Não emparelhe no seu rebanho dois animais de espécie diferente. Não semeie no seu campo duas espécies diferentes de sementes. Não use roupa de duas espécies de tecido.

²⁰O homem que se unir a uma mulher que é escrava concubina de outro homem, sem que ela tenha sido resgatada nem alforriada, pagará uma multa. Eles não serão mortos, pois a mulher não era livre. ²¹Oferecerá a Javé, na entrada da tenda da reunião, um cordeiro como sacrifício de reparação. ²²Com o cordeiro do sacrifício de reparação, o sacerdote fará sobre o homem o rito de sacrifício pelo pecado, diante de Javé, e o pecado dele será perdoado.

²³Quando vocês tiverem entrado na terra e tiverem plantado árvores frutíferas, considerem os frutos como incircuncisos. Durante três anos vocês os considerem como coisa incircuncisa, e não os comam. ²⁴No quarto ano, todos os frutos serão consagrados a Javé como dom festivo. ²⁵E no quinto ano, vocês poderão comer os frutos dessas árvores. Desse modo, elas continuarão a dar frutos para vocês. Eu sou Javé, o Deus de vocês. ²⁶Não comam nada com sangue. Não pratiquem adivinhações nem magia. ²⁷Não cortem as pontas dos cabelos em redondo e não aparem a barba. ²⁸Não façam incisões no corpo por algum morto, nem façam tatuagens. Eu sou Javé.

²⁹Não profane a sua filha, fazendo com que ela se prostitua. Que o país não seja prostituído, nem se torne depravado. ³⁰Guardem os meus sábados e respeitem o meu santuário. Eu sou Javé.

³¹Não se dirijam aos necromantes, nem consultem adivinhos, porque eles tornariam vocês impuros. Eu sou Javé, o Deus de vocês.

³²Levante-se diante de uma pessoa de cabelos brancos e honre o ancião: tema o seu Deus. Eu sou Javé.

³³Quando um imigrante habitar com vocês no país, não o oprimam. ³⁴O imigrante será para vocês um concidadão: você o amará como a si mesmo, porque vocês foram imigrantes na terra do Egito. Eu sou Javé, o Deus de vocês.

³⁵Não cometam injustiças no julgamento, nem cometam injustiças no peso e nas medidas. ³⁶Tenham balanças, pesos e medidas exatas. Eu sou Javé, o Deus de vocês, que os tirei da terra do Egito.

³⁷Observem todos os meus estatutos e normas, praticando-os. Eu sou Javé”.
[19,1-37]

20 *Não adorem o deus da morte* — ¹Javé falou a Moisés: ²“Diga aos filhos de Israel: Todo filho de Israel ou imigrante residente em Israel, que

entregar um de seus filhos a Moloc, será réu de morte. O povo da terra o apedrejará, ³e eu me voltarei contra esse homem e o eliminarei do seu povo, pois, entregando um de seus filhos a Moloc, contaminou o meu santuário e profanou o meu santo nome. ⁴Se o povo da terra fechar os olhos a respeito do homem que entregou um de seus filhos a Moloc, e não o matar, ⁵eu mesmo me voltarei contra esse homem e contra o seu clã. Eu os eliminarei do seu povo, tanto a ele como aos que com ele se prostituíram com Moloc.

⁶Quem recorrer aos necromantes e adivinhos, para se prostituir com eles, eu me voltarei contra esse homem e o eliminarei do seu povo. ⁷Quanto a vocês, santifiquem-se e sejam santos, porque eu sou Javé, o Deus de vocês. [20,1-7]

Respeitem a família — ⁸Guardem e pratiquem meus estatutos, porque eu sou Javé, aquele que santifica vocês. ⁹Portanto: quem amaldiçoar o pai ou a mãe será réu de morte. Dado que amaldiçoou o pai ou a mãe, o sangue dele cairá sobre ele mesmo. ¹⁰O homem que cometer adultério com a mulher do seu próximo se tornará réu de morte, tanto ele como a sua cúmplice. ¹¹O homem que se deitar com a concubina de seu pai estará ofendendo seu próprio pai: ambos serão réus de morte, e o sangue deles cairá sobre eles mesmos. ¹²O homem que se deitar com a sua nora será morto juntamente com ela. Estão contaminados, e o sangue deles cairá sobre eles mesmos. ¹³O homem que se deita com outro homem, como se fosse mulher, está cometendo uma abominação. Os dois serão réus de morte, e o sangue deles cairá sobre eles mesmos. ¹⁴O homem que toma por esposa, ao mesmo tempo, uma mulher e a mãe dela, comete coisa abominável. Os três serão queimados, para que não haja coisa abominável entre vocês. ¹⁵O homem que tem relações sexuais com animal torna-se réu de morte, e o animal também deve ser morto. ¹⁶Se uma mulher se oferece para ter relação sexual com animal, tanto ela como o animal devem ser mortos: são réus de morte, e o sangue deles cairá sobre eles mesmos. ¹⁷Se um homem tem relações sexuais com uma irmã por parte de pai ou de mãe, isso é uma infâmia. Serão publicamente eliminados do seu povo, e, por ter tido relações com sua irmã, carregará o peso da própria falta. ¹⁸Se um homem dormir com uma mulher durante a menstruação, e tiver relações sexuais, descobrindo a fonte do sangue, os dois serão eliminados do seu povo. ¹⁹Não tenha relações sexuais com uma tia materna ou paterna. Por ter tido relações sexuais com alguém do próprio sangue, carregarão o peso da sua falta. ²⁰Se alguém se deitar com a cunhada do seu pai,

estará ofendendo o próprio tio. Carregarão o peso de sua falta, e morrerão sem filhos. ²¹Se alguém tomar como esposa a própria cunhada, estará cometendo uma torpeza. Terá ofendido o seu próprio irmão, e morrerão sem filhos. [8-21]

Mantenham a originalidade — ²²Guardem e coloquem em prática todos os meus estatutos e normas. Desse modo, a terra para onde eu conduzo vocês, para nela habitarem, não os vomitará. ²³Não sigam os estatutos das nações que eu vou expulsar da frente de vocês, pois elas fazem coisas que são abomináveis para mim. ²⁴Já lhes disse: ‘Vocês tomarão posse da terra delas, que eu lhes dou como propriedade, uma terra onde corre leite e mel’. Eu sou Javé, o Deus de vocês. Eu os separei desses povos.

²⁵Separem também os animais puros dos impuros, as aves puras das impuras, e não se contaminem com animais, aves ou répteis que eu separei como impuros.

²⁶Sejam santos para mim, porque eu, Javé, sou santo. Eu separei vocês de todos os povos, para que vocês pertençam a mim.

²⁷O homem ou mulher que pratica a necromancia ou adivinhação, é réu de morte. Será apedrejado, e o seu sangue cairá sobre ele”. [22-27]

21 Santidade dos sacerdotes — ¹Javé falou a Moisés: “Diga aos sacerdotes, filhos de Aarão: O sacerdote não se contaminará com o cadáver de um parente, ²a não ser que se trate de parente muito chegado: mãe, pai, filho, filha, irmão. ³Também por sua irmã solteira que vive com ele; por causa dela poderá expor-se à impureza. ⁴Não se inclui a parente casada, pois ele ficaria profanado.

⁵Os sacerdotes não raparão a cabeça, não apararão a barba, nem farão incisões no corpo. ⁶Serão consagrados ao seu Deus e não profanarão o nome do seu Deus, porque são eles que apresentam a Javé as ofertas queimadas, o alimento do seu Deus. Devem ser santos.

⁷Não se casarão com prostituta ou mulher desonrada, ou ainda mulher que tenha sido repudiada por seu marido, porque o sacerdote está consagrado ao seu Deus.

⁸Você tratará o sacerdote como santo, porque ele é o encarregado de oferecer o alimento do seu Deus. Ele será santo para você, porque eu, Javé que santifico vocês, sou santo.

⁹Se a filha de um sacerdote se profana através da prostituição, está profanando também o seu pai. Deve ser queimada.

¹⁰O sumo sacerdote, escolhido entre seus irmãos, sobre cuja cabeça foi

derramado o óleo da unção e foi consagrado com a investidura das vestes sagradas, não andarás despenteado nem esfarrapado. ¹¹Não se aproximará de nenhum cadáver, porque não deverá tornar-se impuro, nem mesmo por seu pai ou por sua mãe; ¹²não sairá do santuário e não profanará o santuário do seu Deus, porque está consagrado com o óleo da unção do seu Deus. Eu sou Javé. ¹³Ele tomará por esposa uma virgem; ¹⁴não se casará com viúva ou com mulher repudiada, desonrada ou prostituta, mas se casará com uma virgem do seu povo, ¹⁵para não profanar seus filhos no meio do povo, porque eu sou Javé, que os santifico”.

¹⁶Javé falou a Moisés: ¹⁷“Diga a Aarão: Nenhum de seus descendentes, nas futuras gerações, se tiver algum defeito corporal, poderá oferecer o alimento do seu Deus. ¹⁸Não poderá apresentar-se ninguém defeituoso, que seja cego, coxo, atrofiado, deformado, ¹⁹que tenha perna ou braço fraturado, ²⁰que seja corcunda, anão, que tenha defeito nos olhos ou catarata, que tenha pragas pustulentas, ou que seja eunuco. ²¹Nenhum dos descendentes do sacerdote Aarão se apresente, com algum defeito, para apresentar ofertas queimadas a Javé. É que tem defeito e, por isso, não se apresentará para oferecer o alimento do seu Deus. ²²Ele poderá comer das porções sagradas e santíssimas, ²³mas não ultrapassará o véu, nem se aproximará do altar: ele tem defeito corporal, e não deverá profanar as minhas coisas sagradas, porque eu sou Javé, que as santifico”. ²⁴Moisés falou tudo isso a Aarão e seus filhos, e a todos os filhos de Israel. [21,1-24]

22 *Os alimentos sagrados* — ¹Javé falou a Moisés: ²“Mande que Aarão e seus filhos tratem com respeito as porções sagradas que os filhos de Israel me consagrarem, e assim não profanem o meu santo nome. Eu sou Javé. ³Diga para eles: Nas gerações futuras, qualquer um da descendência de Aarão que, em estado de impureza, se aproximar das porções sagradas, que tenham sido consagradas a Javé pelos filhos de Israel, tal pessoa será eliminada da minha presença. Eu sou Javé.

⁴Nenhum homem da descendência de Aarão, que sofra de lepra ou gonorreia, poderá comer das porções sagradas, enquanto não for purificado. Toda pessoa que tocar alguma coisa que um cadáver tornou impura, ou aquele que teve uma poluição, ⁵ou que tiver tocado em algum tipo de réptil ou em homem que possa contaminá-lo com impureza de qualquer tipo, ⁶ficará impuro até à tarde e não poderá comer das porções sagradas, mas tomará banho, e ao pôr do sol ficará puro. ⁷Então poderá comer da porção sagrada, porque é o seu alimento.

⁸Não comerá animal morto ou dilacerado por uma fera, pois ficaria impuro. Eu sou Javé. ⁹Todos observarão as minhas proibições, para não cometer pecado que lhes traga a morte por se haverem profanado. Eu sou Javé, que os santifico.

¹⁰Nenhum estranho comerá das porções sagradas: nem o hóspede do sacerdote, nem aquele que está a serviço dele. ¹¹Mas se um sacerdote compra com seu próprio dinheiro um escravo, este poderá comer, assim como também aqueles que nasceram na casa do sacerdote.

¹²Se a filha de um sacerdote se casar com um estranho, não poderá comer dos tributos sagrados. ¹³Mas se ela enviudar ou for repudiada sem ter filhos, e voltar para a casa paterna, como no tempo da sua juventude, poderá então comer do alimento de seu pai. Mas nenhum estranho poderá comer desse alimento. ¹⁴Se um homem comer alguma porção sagrada sem saber, deverá restituí-la ao sacerdote com o acréscimo de vinte por cento.

¹⁵Os sacerdotes não profanarão a porção sagrada que os filhos de Israel tributam a Javé. ¹⁶Se a comessem, incorreriam em falta grave que exigiria reparação, pois sou eu, Javé, quem os santifica”.

¹⁷Javé falou a Moisés: ¹⁸“Diga a Aarão, aos filhos dele e a todos os filhos de Israel: Qualquer homem da casa de Israel ou qualquer imigrante residente em Israel que oferecer um holocausto a Javé, voluntário ou como cumprimento de um voto, ¹⁹deverá oferecer um macho sem defeito para que a vítima seja aceita: bezerro, cordeiro ou cabrito. ²⁰Não ofereçam animais com defeito, porque não seriam aceitos.

²¹Se alguém oferecer a Javé um sacrifício de comunhão, voluntário ou como cumprimento de um voto, apresentará animal de gado graúdo ou miúdo, sem defeito, para que seja aceito. ²²Não ofereçam a Javé animal cego, estropiado, mutilado, com úlceras, furúnculos ou feridas. Não coloquem animal nenhum com defeito sobre o altar, como oferta a Javé. ²³Você poderá oferecer, como dom voluntário, um animal anão ou disforme, de gado graúdo ou miúdo. Mas se for para cumprimento de um voto, ele não será aceito. ²⁴Não ofereçam a Javé um animal que tenha os testículos machucados, moídos, arrancados ou cortados. Nunca façam isso em sua terra, ²⁵nem os aceitem de um estrangeiro, para oferecer como alimento ao Deus de vocês. Essas vítimas são disformes e defeituosas, e não seriam aceitas”.

²⁶Javé falou a Moisés: ²⁷“Depois do nascimento, o bezerro, cordeiro ou cabrito ficarão sete dias com a mãe; do oitavo dia em diante poderão ser oferecidos

como oferta a Javé. ²⁸Não imolem no mesmo dia uma vaca ou ovelha com sua cria.

²⁹Se oferecerem a Javé um sacrifício de ação de graças, façam de forma que seja aceito. ³⁰Ele será comido no mesmo dia, sem deixar nada para o dia seguinte. Eu sou Javé.

³¹Cumpram e coloquem em prática os meus mandamentos. Eu sou Javé. ³²Não profanem o meu santo nome, para que eu seja glorificado entre os filhos de Israel. Eu sou Javé, que santifico vocês. ³³Eu os tirei da terra do Egito, a fim de ser o Deus de vocês. Eu sou Javé”. [22,1-33]

23 *As festas do ano* — ¹Javé falou a Moisés: ²“Diga aos filhos de Israel: São estas as solenidades de Javé, que vocês proclamarão como assembleias sagradas. São estas as minhas festas: ***O Sábado*** — ³Durante seis dias vocês trabalharão, mas o sétimo é dia de repouso completo, dia de assembleia sagrada, no qual vocês não farão nenhum trabalho: é dia de descanso dedicado a Javé, em todos os lugares em que vocês morarem.

⁴Estas são as festas de Javé, as assembleias sagradas às quais vocês convocarão os filhos de Israel, no tempo devido: ***Festa da Páscoa e dos Pães sem fermento*** — ⁵O dia catorze do primeiro mês, ao entardecer, é a Páscoa de Javé. ⁶O dia quinze do mesmo mês, é a festa dos Pães sem fermento, dedicada a Javé: durante sete dias vocês comerão pão sem fermento. ⁷No primeiro dia vocês reunirão a assembleia sagrada e não farão nenhum trabalho nem tarefa alguma. ⁸Durante sete dias vocês apresentarão ofertas queimadas a Javé; no sétimo dia voltarão a se reunir em assembleia sagrada e não farão nenhum trabalho nem tarefa alguma”.

Oferta do primeiro feixe — ⁹Javé falou a Moisés: ¹⁰“Diga aos filhos de Israel: Quando vocês tiverem entrado na terra que eu lhes dou e fizerem nela a colheita, tragam para o sacerdote o primeiro feixe da colheita. ¹¹O sacerdote oferecerá esse feixe diante de Javé com o gesto de apresentação, para que seja aceito. Essa apresentação será feita no dia seguinte ao sábado. ¹²No mesmo dia, ofereçam a Javé como holocausto um cordeiro de um ano e sem defeito. ¹³Como oblação, ofereçam também oito litros de flor de farinha amassada com azeite: é oferta queimada para Javé como perfume de suave odor. Ofereçam também a libação de um litro de vinho. ¹⁴Não comam pão nem grãos tostados até o dia em que levarem sua oferta a Deus. É uma lei perpétua para todos os descendentes de

vocês, em qualquer lugar onde estiverem morando.

Festa das Semanas — ¹⁵A partir do dia seguinte ao sábado, em que vocês tiverem trazido o feixe para a apresentação, vocês contarão sete semanas completas. ¹⁶Contem cinquenta dias até o dia seguinte ao sétimo sábado, e então ofereçam a Javé uma nova oblação. ¹⁷Dos lugares onde vocês estiverem morando tragam dois pães para oferecer com o gesto de apresentação; esses pães serão feitos com oito litros de flor de farinha assada com fermento: são os primeiros frutos em honra de Javé. ¹⁸Além desses pães, ofereçam, como holocausto a Javé, sete cordeiros de um ano, sem defeito, um bezerro e dois carneiros, os quais, junto com a oferta e a libação, formam uma oblação de suave odor para Javé. ¹⁹Façam também um sacrifício pelo pecado com um bode, e um sacrifício de comunhão com dois cordeiros de um ano. ²⁰O sacerdote deverá oferecê-los com o gesto de apresentação diante de Javé, junto com o pão dos primeiros frutos. Do mesmo modo, oferecerá os dois cordeiros, que são uma porção sagrada de Javé e pertencem ao sacerdote. ²¹Nesse mesmo dia, façam a convocação da festa, e vocês realizarão a assembleia sagrada; não façam nenhum trabalho. É uma lei perpétua para todos os descendentes de vocês, em qualquer lugar onde estiverem morando.

²²Quando estiverem fazendo a colheita da lavoura na terra de vocês, não colham até o limite do campo, nem voltem para colher o trigo que ficou para trás: deixem tudo isso para o pobre e o imigrante. Eu sou Javé, o Deus de vocês”.

Festa da Lua Nova — ²³Javé falou a Moisés: ²⁴“Diga aos filhos de Israel: O primeiro dia do sétimo mês é dia de descanso e será anunciado ao som da trombeta. Reúnam-se em assembleia sagrada, ²⁵não façam nenhum trabalho e apresentem para Javé uma oferta queimada”.

Dia da Expição — ²⁶Javé falou a Moisés: ²⁷“O dia dez do sétimo mês é o dia da Expição. Reúnam-se em assembleia sagrada, façam penitência e ofereçam uma oferta queimada para Javé. ²⁸Não façam trabalho nenhum, pois é o dia da Expição, dia em que se faz o rito de expiação por vocês diante de Javé, seu Deus. ²⁹Quem não fizer penitência nesse dia será excluído do povo. ³⁰E quem trabalhar nesse dia, eu o eliminarei do seu povo. ³¹Não façam nenhum trabalho. É uma lei perpétua para todos os descendentes de vocês, em qualquer lugar onde

estiverem morando. ³²Será um dia de descanso solene, em que farão penitência. Observem o descanso desde o dia nove pela tarde até o entardecer do dia dez”.

Festa das Tendras — ³³Javé falou a Moisés: ³⁴“Diga aos filhos de Israel: No dia quinze do sétimo mês começa a festa das Tendras, dedicada a Javé, e dura sete dias. ³⁵No primeiro dia, reúnam-se em assembleia sagrada e não façam nenhum trabalho. ³⁶Durante sete dias ofereçam para Javé ofertas queimadas. No oitavo dia, voltem a se reunir em assembleia sagrada e apresentem para Javé uma oferta queimada: é dia de reunião solene, e vocês não farão nenhum trabalho.

³⁷São estas as festas de Javé, em que vocês se reunirão em assembleia sagrada, e oferecerão a Javé oblações, holocaustos e ofertas, sacrifícios de comunhão e libações, conforme o ritual de cada dia. ³⁸Tudo isso será feito além dos sábados de Javé e além das dádivas, votos e ofertas voluntárias que vocês farão a Javé.

³⁹Desde o dia quinze do sétimo mês, quando vocês tiverem feito a colheita, celebrarão a festa de Javé durante sete dias. O primeiro e oitavo serão dias de repouso. ⁴⁰No primeiro dia, vocês pegarão frutos das melhores árvores, cortarão ramos de árvores para enfeite, ramos de palmeiras, ramos de árvores frondosas e de salgueiros, e farão festa durante sete dias na presença de Javé, o Deus de vocês. ⁴¹Vocês celebrarão essa festa dedicada a Javé durante sete dias por ano. É uma lei perpétua para os seus descendentes, e será celebrada no sétimo mês. ⁴²Vocês morarão em cabanas durante sete dias; todos os naturais de Israel morarão em cabanas, ⁴³para que seus descendentes saibam que eu fiz os filhos de Israel habitar em cabanas quando os tirei do Egito. Eu sou Javé, o Deus de vocês”.

⁴⁴E Moisés comunicou aos filhos de Israel as festas de Javé. [23,1-44]

24*Deus está no meio do povo* — ¹Javé falou a Moisés: ²“Mande que os filhos de Israel tragam para você azeite de oliva puro e refinado, para manter as lâmpadas sempre acesas. ³Na tenda da reunião, fora do véu que está na frente do Testemunho da Aliança, Aarão preparará todos os dias a lâmpada. Ela ficará nesse lugar diante de Javé, ardendo continuamente, desde a tarde até a manhã. É uma lei perpétua para os descendentes de vocês. ⁴Aarão preparará continuamente, na presença de Javé, as lâmpadas sobre o candelabro de ouro puro.

⁵Pegue flor de farinha e asse com ela doze pães de oito litros cada um. ⁶Coloque-os, depois, em duas fileiras de seis, sobre a mesa de ouro puro, que

está diante de Javé. ⁷Coloque incenso puro sobre cada fileira. Isso será o alimento oferecido como memorial, como oferta queimada para Javé. ⁸A cada sábado esses pães serão colocados permanentemente diante de Javé. Os filhos de Israel fornecerão os pães como aliança perpétua. ⁹Esses pães pertencerão a Aarão e a seus filhos, que os comerão no lugar sagrado, porque serão, para Aarão, porção sagrada e perpétua das ofertas queimadas a Javé”. [24,1-9]

O respeito a Deus e à vida — ¹⁰Entre os filhos de Israel havia um filho de mãe israelita e de pai egípcio. Ele saiu de casa e brigou com um filho de Israel no acampamento. ¹¹O filho da israelita blasfemou e amaldiçoou o nome de Javé. Por isso, o levaram à presença de Moisés. A mãe, que se chamava Salomit, era filha de Dabri, da tribo de Dã. ¹²Seu filho foi preso para que um oráculo de Javé decidisse a sorte dele.

¹³Javé disse a Moisés: ¹⁴“Tire fora do acampamento o homem que blasfemou. Todos que o ouvirem coloquem as mãos sobre a cabeça dele. Depois toda a comunidade o apedrejará. ¹⁵Em seguida, fale aos filhos de Israel: ‘Todo aquele que amaldiçoar o seu Deus carregará o peso do próprio pecado. ¹⁶Quem blasfemar contra o nome de Javé deverá morrer: será apedrejado por toda a comunidade. Seja imigrante, seja nativo, se blasfemar contra o nome de Javé, deverá morrer.

¹⁷Quem matar um homem, torna-se réu de morte.

¹⁸Quem matar um animal, deverá dar uma compensação: vida por vida.

¹⁹Se alguém ferir o seu próximo, deverá ser feito para ele aquilo que ele fez para o outro: ²⁰fratura por fratura, olho por olho, dente por dente. A pessoa sofrerá o mesmo dano que tiver causado a outro: ²¹quem matar um animal, deverá dar uma compensação por ele; e quem matar um homem, deverá morrer. ²²A sentença será sempre a mesma, quer se trate de nativo, quer de imigrante, pois eu sou Javé, o Deus de vocês’ ”.

²³Depois que Moisés falou aos filhos de Israel, tiraram do acampamento aquele que havia blasfemado e o apedrejaram. Fizeram o que Javé havia mandado a Moisés. [10-23]

25¹Javé falou a Moisés no monte Sinai: ²“Diga aos filhos de Israel: ***Descanso para a terra*** — Quando vocês entrarem na terra que eu lhes dou, a terra deverá consagrar a Javé o seu sábado. ³Durante seis anos você semeará os

campos e, durante seis anos, você podará as vinhas e recolherá as colheitas. ⁴Mas o sétimo ano será um solene descanso para a terra, o descanso de Javé: você não semeará o campo, nem podará a vinha, ⁵não ceifará as espigas, que não serão reunidas em feixes; nem colherá as uvas das vinhas, que não serão podadas. Será um ano de descanso para a terra. ⁶O descanso da terra servirá de alimento para você, para seu escravo, sua escrava, seu empregado, seu hóspede, e para todos aqueles que moram com você. ⁷Todo o produto da terra servirá de pastagem para seu gado e para os animais selvagens. [25,1-7]

O ano de júbilo — ⁸Conte sete semanas de anos, isto é, sete vezes sete anos; tais semanas de anos darão um período de quarenta e nove anos. ⁹No dia dez do sétimo mês você fará soar a trombeta. No dia da expiação vocês façam soar a trombeta no país inteiro. ¹⁰Declarem santo o quinquagésimo ano e proclamem a libertação para todos os moradores do país. Será para vocês um ano de júbilo: cada um de vocês recuperará a sua propriedade e voltará para a sua família. ¹¹O quinquagésimo ano será para vocês um ano de júbilo: vocês não semearão, nem ceifarão as espigas que tiverem nascido espontaneamente, nem colherão uvas das videiras não podadas. ¹²O jubileu será uma coisa sagrada, e vocês comerão o que o campo produzir.

¹³Nesse ano de júbilo cada um recuperará a sua propriedade. ¹⁴Quando vocês fizerem operações de compra e venda com alguém do seu povo, não explorem uns aos outros. ¹⁵O que você comprar de alguém do seu povo, será avaliado conforme o número de anos decorridos depois do jubileu. E aquele, por sua vez, cobrará de você conforme o número dos anos de colheita: ¹⁶quanto maior o número de anos, mais alto será o preço; quanto menor o número de anos, menor será o preço, porque ele cobra de você conforme o número de colheitas. ¹⁷Ninguém de vocês explore o irmão, mas tema o Deus de vocês, porque eu sou Javé, o Deus de vocês. [8-17]

Providência de Deus e providência do homem — ¹⁸Cumpram meus estatutos e normas, colocando-os em prática. Desse modo, vocês viverão tranquilos na terra. ¹⁹A terra dará o seu fruto, e vocês comerão até saciar-se, e viverão tranquilos.

²⁰Vocês poderão perguntar: ‘O que vamos comer no sétimo ano, se não semearmos nem fizermos colheita?’ ²¹Eu lhes mandarei a minha bênção no sexto ano, e a terra produzirá colheita para os três anos. ²²Quando vocês

semear no oitavo ano, poderão ainda comer dos produtos antigos até o nono ano. E enquanto não vierem os produtos do nono ano, vocês comerão os produtos antigos. [18-22]

Todos têm direito à terra e à casa própria — ²³A terra não poderá ser vendida para sempre, porque a terra me pertence, e vocês são para mim imigrantes e hóspedes. ²⁴Por isso, em qualquer terra que vocês possuírem, concedam o direito de resgatar a terra.

²⁵Se um irmão seu cai na miséria e precisa vender algo do patrimônio próprio, o parente mais próximo dele, que tem o direito de resgate, irá até ele e resgatará aquilo que o irmão tiver vendido. ²⁶Quem não tiver ninguém para exercer esse direito, e desde que haja encontrado recursos para fazer o resgate, ²⁷descontará os anos que passaram desde a venda e pagará ao comprador o que falta, recuperando assim a propriedade. ²⁸Se não tiver meios para realizar o resgate, a propriedade vendida permanecerá até o ano do jubileu em poder do comprador. No jubileu, o comprador liberará a propriedade, para que esta volte ao seu próprio dono.

²⁹Quem vender uma casa de moradia numa cidade com muralhas, terá o direito de resgate até o final do ano da venda. Seu direito de resgate durará um ano. ³⁰Se o resgate não for feito no final de um ano, a casa na cidade com muralhas será propriedade daquele que a comprou e dos seus descendentes, para sempre: não será liberada no jubileu. ³¹As casas de aldeias sem muralhas serão consideradas como os campos. Essas casas terão direito de resgate, e o comprador deverá liberá-las no jubileu.

³²Quanto às cidades de levitas, estes terão direito perpétuo de resgatar as casas das cidades que pertençam a eles. ³³Se não forem resgatadas, ficarão liberadas no ano do jubileu, porque as casas das cidades de levitas pertencem a eles entre os filhos de Israel. ³⁴Os campos pertencentes a essas cidades não poderão ser vendidos, pois são propriedades dos levitas para sempre. [23-34]

Não se aproveitar da miséria alheia — ³⁵Se um irmão seu cai na miséria e não tem meios de se manter, você o sustentará, para que viva com você como imigrante ou hóspede. ³⁶Não cobre dele juros nem ágio. Tema a Deus. E que seu irmão viva com você. ³⁷Não empreste dinheiro para ele a juros, nem lhe cobre ágio sobre o alimento. ³⁸Eu sou Javé, o Deus de vocês, que os tirei do Egito para

lhes dar a terra de Canaã e ser o Deus de vocês.

³⁹Se um irmão seu cai na miséria e se vende a você, não o faça trabalhar como escravo: ⁴⁰que ele viva com você como assalariado ou hóspede. Trabalhará com você até o ano do jubileu, ⁴¹e então ele e seus filhos ficarão livres para voltar à própria família e recuperar a propriedade paterna. ⁴²Eles são meus servos, que eu tirei do Egito, e não podem ser vendidos como escravos. ⁴³Não o trate com dureza. Tema o seu Deus. [35-43]

Ninguém deve escravizar o povo — ⁴⁴Os escravos e escravas de vocês deverão ser comprados dentre as nações que estão ao redor; delas vocês poderão adquirir escravos e escravas. ⁴⁵Também poderão comprá-los entre os filhos de imigrantes que residem no meio de vocês, entre as famílias deles que estão junto de vocês, entre os filhos que eles tiverem no país. Serão propriedade de vocês. ⁴⁶Vocês poderão deixá-los como herança aos filhos que vierem depois de vocês; e poderão sempre servir-se deles como escravos. Quanto aos irmãos de vocês, os filhos de Israel, ninguém poderá exercer domínio sobre eles.

⁴⁷Se o imigrante ou hóspede que vive com você ficar rico, e o seu irmão, que vive junto dele, cair na miséria e se vender ao imigrante, hóspede ou descendente da família do imigrante, ⁴⁸mesmo depois de vendido terá direito a resgate. Será resgatado por um de seus irmãos, ⁴⁹ou por seu tio paterno, por seu primo, por qualquer um dos membros da sua família, ou poderá resgatar a si mesmo, se conseguir recursos para isso. ⁵⁰Calculará, com o comprador, os anos desde a venda até o ano do jubileu, e o preço corresponderá ao número de anos, contando-se os dias como para um assalariado. ⁵¹Se faltarem ainda muitos anos, pagará o valor do seu resgate em razão desses anos e em proporção ao preço pelo qual foi comprado. ⁵²Se faltarem poucos anos para chegar o jubileu, fará o cálculo com o seu comprador, e pagará o preço do seu resgate em razão desses anos. ⁵³Permanecerá com seu comprador como um assalariado contratado por ano, e o patrão não deverá tratá-lo com dureza. ⁵⁴Se não for resgatado em nenhum desses modos, ele e seus filhos ficarão livres no ano do jubileu. ⁵⁵Isso porque os filhos de Israel são meus servos: são servos meus que tirei do Egito. Eu sou Javé, o Deus de vocês. [44-55]

26 ***Bênçãos e maldições: vida ou morte*** — ¹Não façam ídolos, nem levantem imagens esculpidas ou estelas, e não coloquem no país de vocês pedras

trabalhadas, para se inclinar diante delas. Porque eu sou Javé, o Deus de vocês.

²Guardem meus sábados e respeitem meu santuário. Eu sou Javé.

³Se vocês seguirem meus estatutos, guardarem meus mandamentos e os colocarem em prática, ⁴eu darei a vocês a chuva no tempo certo. Então a terra dará seus produtos e a árvore do campo seus frutos. ⁵A debulha se estenderá até a colheita da uva, e esta chegará até a semeadura. Vocês comerão até ficar saciados e habitarão tranquilos no país de vocês.

⁶Eu farei reinar a paz no país e vocês dormirão sem alarmes de guerra. Farei desaparecer do país as feras, e a espada não passará pelo país. ⁷Vocês perseguirão os inimigos, e eles cairão diante de vocês ao fio da espada. ⁸Cinco de vocês perseguirão cem, e cem de vocês perseguirão dez mil, e os inimigos cairão diante de vocês ao fio da espada.

⁹Eu me voltarei para vocês e os farei crescer e se multiplicar, mantendo com vocês a minha aliança. ¹⁰E vocês comerão colheitas armazenadas e terão que jogar fora a colheita antiga, para poder guardar a nova. ¹¹Colocarei a minha morada no meio de vocês e nunca mais os rejeitarei. ¹²Eu caminharei com vocês. Serei o Deus de vocês, e vocês serão o meu povo. ¹³Eu sou Javé, o Deus de vocês, que os tirei do Egito, para que vocês não fossem mais escravos deles. Quebrei as cangas da opressão, e fiz vocês andarem de cabeça erguida.

¹⁴Mas se vocês não me obedecerem e não colocarem em prática todos esses mandamentos; ¹⁵se vocês rejeitarem meus estatutos e desprezarem minhas normas, não pondo em prática meus mandamentos e rompendo minha aliança, ¹⁶então eu os tratarei do seguinte modo: mandarei contra vocês o terror, a fraqueza e a febre, que embaçam os olhos e consomem a vida. Vocês espalharão as sementes em vão, pois o inimigo de vocês é que as comerá. ¹⁷Eu me voltarei contra vocês, e vocês serão derrotados pelos inimigos. Seus adversários os dominarão. E vocês fugirão sem que ninguém os persiga.

¹⁸Apesar de tudo isso, se vocês ainda não me obedecerem, eu lhes darei uma lição sete vezes maior, por causa de seus pecados. ¹⁹Quebrarei a teimosia orgulhosa de vocês, fazendo com que o céu seja como ferro, e a terra de vocês como bronze. ²⁰Vocês consumirão inutilmente suas energias, pois a terra não dará colheita, e árvore do campo não produzirá frutos.

²¹Se vocês ainda se opuserem a mim e não me obedecerem, eu os castigarei sete vezes mais, por causa de seus pecados. ²²Mandarei as feras do campo contra

vocês. Elas deixarão vocês sem filhos, reduzirão seu gado e dizimarão vocês, a ponto de lhes deixar desertos os caminhos.

²³E, apesar desses castigos, se vocês ainda não se corrigirem e continuarem a se opor a mim, ²⁴eu também continuarei a ficar contra vocês, e os castigarei sete vezes mais, por causa de seus pecados. ²⁵Mandarei contra vocês a espada vingadora da minha aliança. E quando vocês se refugiarem em suas cidades, eu mandarei a peste, e vocês terão de se entregar aos inimigos. ²⁶Quando eu cortar de vocês o sustento de pão, dez mulheres irão assar o seu pão no mesmo forno, e darão a vocês o pão racionado, e vocês comerão, mas não ficarão saciados.

²⁷E, apesar disso tudo, se vocês ainda não me derem ouvidos e continuarem a se opor a mim, ²⁸eu ficarei furioso contra vocês, e os castigarei sete vezes mais, por causa de seus pecados. ²⁹Vocês comerão a carne de seus filhos e a carne de suas filhas. ³⁰Eu destruirei seus lugares altos, destroçarei seus altares de incenso, jogarei seus cadáveres sobre os cadáveres de seus ídolos, e rejeitarei vocês. ³¹Devastarei suas cidades, destruirei seus santuários e não aspirarei mais o perfume do incenso de vocês. ³²Devastarei o país de vocês, e os inimigos que o ocuparem ficarão horrorizados. ³³Quanto a vocês, eu os espalharei no meio das nações e os perseguirei com a espada desembainhada. Seus campos ficarão desertos e suas cidades em ruínas. ³⁴Então a terra desfrutará de seus próprios sábados, durante todos os dias em que estiver desolada, enquanto vocês estiverem na terra dos inimigos. Então a terra descansará e desfrutará de seus próprios sábados. ³⁵E durante todos os dias em que estiver desolada, ela descansará o descanso de sábado que vocês não lhe deram enquanto nela habitavam. ³⁶Quanto aos seus sobreviventes, farei com que se acovardem na terra dos inimigos; ficarão assustados com o barulho das folhas que voam, fugirão como se fosse da espada, e cairão sem que ninguém os persiga. ³⁷Tropearão uns nos outros, como se estivessem diante da espada, sem que ninguém os persiga. Vocês não poderão resistir aos inimigos, ³⁸perecerão entre as nações, e a terra dos inimigos devorará vocês.

³⁹Aqueles de vocês que sobreviverem apodrecerão no país inimigo, por causa da sua própria culpa e da culpa de seus pais. ⁴⁰Confessarão a própria culpa e a culpa de seus pais, a culpa de terem sido infiéis e de se oporem a mim. ⁴¹Eu também me oporei a eles e os conduzirei ao país de seus inimigos, para ver se eu dobro o coração incircunciso deles, e para ver se eles fazem penitência de sua culpa. ⁴²Então eu me lembrarei da minha aliança com Jacó, da aliança com

Isaac, da aliança com Abraão, e me lembrarei do país. ⁴³No entanto, eles terão que abandonar o país, e este poderá então desfrutar de seus sábados, enquanto permanecer desolado com a ausência deles. Farão penitência pela culpa de terem rejeitado meus mandamentos e desprezado minhas leis.

⁴⁴Apesar de tudo, quando eles estiverem no país inimigo, eu não os rejeitarei, nem os desprezarei até o ponto de exterminá-los e de romper minha aliança com eles. Eu sou Javé, o Deus deles. ⁴⁵Em favor deles, eu me recordarei da aliança com seus antepassados, que tirei do Egito diante das nações, para ser o Deus deles. Eu sou Javé”.

⁴⁶São esses os estatutos, normas e leis que Javé estabeleceu entre si e os filhos de Israel, no monte Sinai, por meio de Moisés. [\[26,1-46\]](#)

V. APÊNDICE

27 *Deus quer a vida, e não sacrifícios* — ¹Javé falou a Moisés: ²“Diga aos filhos de Israel: Quando alguém quiser cumprir um voto a Javé, em relação ao valor de uma pessoa, o valor será o seguinte: ³Se for um homem entre vinte e sessenta anos, a taxa será de quinhentos gramas de prata, conforme o peso padrão do santuário. ⁴Se for uma mulher, a taxa será de trezentos gramas. ⁵Se for um rapaz entre cinco e vinte anos, a taxa será de duzentos gramas. Se for uma jovem, a taxa será de cem gramas. ⁶Se for um menino entre um mês e cinco anos, a taxa será de cinquenta gramas. Se for uma menina, a taxa será de trinta gramas. ⁷Se for um homem de sessenta anos para cima, a taxa será de cento e cinquenta gramas. Se for uma mulher, será de cem gramas. ⁸Se aquele que fez o voto não tiver condições de pagar a taxa estabelecida, apresentará a pessoa ao sacerdote. Este fará a avaliação de acordo com as possibilidades de quem fez o voto.

⁹Tratando-se de animais que podem ser oferecidos a Javé, o animal inteiro oferecido a Javé se torna coisa sagrada. ¹⁰Não poderá ser trocado ou substituído, seja um bom por um mau, seja um mau por um bom. Se o animal for substituído por outro, os dois se tornam coisa sagrada. ¹¹Se for animal impuro, que não pode ser oferecido a Javé, seja ele qual for, será levado ao sacerdote. ¹²Este fará a avaliação do animal, dizendo se é bom ou mau; a avaliação que o sacerdote fizer será considerada válida. ¹³Contudo, se a pessoa quiser resgatar o animal, pagará vinte por cento a mais do valor calculado.

¹⁴Quando alguém consagrar a sua casa a Javé, o sacerdote fará a avaliação de acordo com o tipo da casa; e a avaliação que o sacerdote fizer será considerada válida. ¹⁵Contudo, se aquele que fez o voto da casa quiser resgatá-la, pagará vinte por cento a mais do que foi avaliada, e a casa será dele.

¹⁶Quando alguém consagrar a Javé parte das terras de sua propriedade hereditária, a avaliação será feita conforme a sementeira: quinhentos gramas de prata para cada duzentos e vinte litros de cevada. ¹⁷Se a consagração do campo tiver sido feita durante o ano do jubileu, a taxa será integral. ¹⁸Mas se a consagração tiver sido feita depois do jubileu, o sacerdote calculará a taxa conforme os anos que faltarem para o próximo ano do jubileu, fazendo o desconto correspondente. ¹⁹Se a pessoa quiser resgatar o campo, pagará vinte

por cento a mais do que foi avaliado, e o campo será seu. ²⁰Contudo, se a pessoa não resgatar o campo, mas o vender para alguém, tal campo não poderá mais ser resgatado: ²¹no ano do jubileu, quem tiver comprado o campo deverá deixá-lo, e tal campo se tornará coisa consagrada para Javé, como se fosse despojo de guerra. A propriedade hereditária do campo passa a ser do sacerdote. ²²Quando alguém consagrar a Javé um campo que tenha adquirido e que não faz parte de sua propriedade hereditária, ²³o sacerdote avaliará o campo conforme o tempo que ainda faltar para o ano do jubileu. A pessoa que tiver consagrado o campo pagará a importância no mesmo dia, como coisa consagrada para Javé. ²⁴No ano do jubileu, o campo voltará a ser daquele que o tiver vendido, isto é, daquele que tiver a posse hereditária. ²⁵As avaliações serão feitas de acordo com o peso padrão do santuário, cujo peso equivale a dez gramas.

²⁶Ninguém poderá consagrar a primeira cria de um animal, pois esta já pertence a Javé: seja boi, seja ovelha, pertence a Javé. ²⁷Mas se for animal impuro, poderá ser resgatado pelo preço avaliado, mais vinte por cento; se não for resgatado, será vendido pelo preço avaliado.

²⁸Aquilo que alguém consagrou a Javé como anátema não pode ser vendido nem resgatado, seja homens, seja animais ou campos de sua propriedade hereditária. O que foi consagrado como anátema é coisa santíssima que pertence a Javé.

²⁹Uma pessoa consagrada ao anátema não pode ser resgatada: deverá ser morta.

³⁰Todos os dízimos do campo, seja produto da terra, seja fruto das árvores, pertencem a Javé: é coisa consagrada a Javé. ³¹Se alguém quiser resgatar parte do dízimo, pagará vinte por cento além do valor. ³²Os dízimos de animais, boi ou ovelha, isto é, a décima parte de tudo o que passa sob o cajado do pastor, é coisa consagrada a Javé. ³³Não se fará distinção entre os que são bons ou maus, nem serão substituídos; se isso for feito, tanto o animal consagrado como aquele que serviu para substituir serão coisas consagradas, e não poderão ser resgatados”.

³⁴São esses os mandamentos que Javé deu a Moisés, no monte Sinai, para os filhos de Israel. [27,1-34]

NOTAS

[1,1-17] *Holocausto* é um sacrifício no qual a vítima é queimada completamente

e sobe ao céu em forma de fumaça. Trata-se de um gesto de homenagem, gratidão e súplica a Javé. A *imolação* é um talho que se faz no pescoço da vítima para retirar-lhe todo o sangue. A expressão “suave odor para Javé” mostra que Deus aceita o sacrifício. O *sangue* é a vida do animal e, no sacrifício, representa a vida da pessoa que o oferece.

[2,1-16] A *oblação* (ou oferta queimada) é própria de uma cultura agrária, e consiste em oferecer alimentos, e não animais. Uma parte era queimada (*memorial*) e o resto destinava-se aos sacerdotes. O *fermento* é proibido, porque corrompe o alimento, ao passo que o *sal* é obrigatório, porque o conserva e lhe dá sabor; além disso, é símbolo da amizade. As *primícias* são os primeiros frutos: porque são os melhores, se oferecem a Deus como sacrifício.

[3,1-17] O *sacrifício de comunhão*, também chamado sacrifício pacífico, se caracteriza pelo fato de a gordura e o sangue, relacionados ao mistério da vida, serem reservados a Javé, Senhor absoluto da vida. O resto é consumido pelos sacerdotes, pelos ofertantes e suas famílias. O sacrifício terminava com a refeição, sinal da amizade de Deus com o homem.

[4,1-5,13] O texto leva em conta os pecados feitos sem consciência, mas que, apesar de tudo, deixam impuro o homem. Para se obter o perdão, é necessário um sacrifício, que varia conforme o culpado. O *sumo sacerdote* e a *comunidade* são considerados sagrados; nesse caso, se faz um ritual especial. Já o *chefe* e a *pessoa do povo* pertencem ao domínio profano, e o ritual é mais comum. O centro do *sacrifício pelo pecado* é o sangue, que é a sede da vida e tem força para perdoar o pecado (cf. Lv 17,11). Tais sacrifícios foram abolidos na Nova Aliança: a partir dela, só o sacrifício e o sangue de Jesus é que podem perdoar pecados (cf. Hb 9).

[5,14-26] Quando o pecado causa dano às coisas de Deus ou do próximo, não basta confessar e fazer o sacrifício ritual: é preciso reparar o dano causado. Só a restituição confere eficácia ao rito.

[1-7] Estes capítulos apresentam uma classificação dos sacrifícios e dão normas para as cerimônias com que são realizados. *Sacrifício* é um ato pelo qual o homem oferece a Deus algo que ele estima muito, tornando-o sagrado. Tal generosidade atinge o máximo significado quando alguém sacrifica a si próprio, em vista de outra pessoa ou de uma causa que poderá beneficiar a outros (cf. Jo 15,13).

[6,1-7,38] Depois de ter descrito os vários tipos de sacrifício, são apresentadas aqui as normas a serem observadas pelos sacerdotes durante o ritual. Essas normas estabelecem também quais as partes da vítima que os sacerdotes tinham direito de conservar para si. Sobre a sacralidade do sangue, cf. nota em 4,1-5,13.

[8,1-9,24] O ritual aqui apresentado salienta o caráter sagrado do sacerdote. Este rito reflete a mentalidade de que existem dois tipos de pessoas e coisas: as *sagradas*, que pertencem a Deus; e as *profanas*, que não pertencem a ele. Umas puras, outras impuras; umas “santas”, outras que contêm pecado, isto é, não servem para o culto. Os profetas e o Novo Testamento proclamarão que o pecado não é mancha ou defeito externo, mas culpa que sai de dentro do homem (cf. Is 29,13; Mc 7,20ss).

Os sacerdotes e reis eram consagrados com a unção de óleo. Tornavam-se assim *ungidos* de Deus (em hebraico, *Messias*; em grego, *Cristo*), mediadores entre Deus e o povo. A carta aos Hebreus mostra que todo o sacerdócio antigo foi superado: doravante, Jesus é o único sacerdote-mediador entre Deus e os homens (cf. Hb 5-8).

[10,1-20] O texto é um conjunto de elementos reunidos artificialmente. O episódio de Nadab e Abiú salienta o perigo de profanar o sagrado, e serve de introdução para algumas instruções. Os vv. 16-20 são confusos e de difícil compreensão.

[11,1-47] Pureza e impureza, aqui, não significam algo de físico ou moral. Impuro é o que pode estar carregado de forças perigosas ou desencadeá-las. Muitos animais são proibidos para alimentação porque sua carne é considerada repelente ou anti-higiênica. Entretanto, no Levítico, a observância dessas leis tem objetivo religioso, que é participar do sagrado, ou seja, entrar na esfera da santidade de Deus. Cf., porém, At 10.

[12,1-8] O texto deixa entrever a ideia de que a mulher que dá à luz perde algo de sua vitalidade, que é recuperada através de ritos que a unem a Deus, fonte da vida. Maria, mãe de Jesus, se submete a esta lei, levando a oferta dos pobres (cf. Lc 2,22-38).

[13,1-44] Estas prescrições visam a proteger a comunidade do contágio de doenças, principalmente da lepra, que é a mais temida. Observe-se, no entanto, que a tendência é chamar de lepra muitas doenças de pele, que realmente nada têm a ver com a lepra.

[45-46] Ao homem declarado leproso impunha-se um comportamento especial para que fosse reconhecido e vivesse fora da comunidade. Jesus, no seu projeto de libertação, vai até o leproso, o cura e o reintegra na vida social (cf. Mc 1,40-45 e nota).

[47-59] As roupas e objetos poderiam tornar-se transmissores da doença. Note-se, porém, que aqui se chama de lepra qualquer mofo ou decomposição orgânica.

[14,1-32] Todo ritual para a purificação do leproso visava a reintroduzir o doente curado na comunidade, da qual fora excluído por causa da doença. O ritual ainda continuava, no tempo de Jesus (cf. Lc 17,11-19). A ação de Jesus é bem diferente da ação dos sacerdotes, pois Jesus liberta a pessoa da doença, enquanto os sacerdotes só declaram se a pessoa está doente ou está curada.

[33-57] Cf. nota em Lv 13,47-59.

[15,1-33] A legislação sobre a vida sexual e as doenças venéreas é aqui influenciada por uma concepção misteriosa da sexualidade, e procura impedir que a vida sexual seja perturbada por forças ocultas. Sobre a atitude de Jesus diante de um caso assim, cf. Lc 8,43-48 e nota.

[11,1-16,34] A lei sobre a pureza está unida à lei de santidade (Lv 17-26), como aspectos negativo e positivo da mesma exigência divina. Estas regras se baseiam em proibições religiosas muito antigas: é puro aquilo que pode aproximar-se de Deus, e é impuro aquilo que é impróprio para o culto divino ou dele é excluído. Essa concepção foi completamente abolida pelo Novo Testamento (cf. Mc 7,14-23; At 10).

[16,1-34] O grande ritual de expiação visa a livrar Israel de todas as falhas conscientes e inconscientes, e restabelecer as relações da Aliança de todo o povo com Javé. A carta aos Hebreus menciona essa liturgia, para mostrar que Jesus realizou definitivamente a expiação dos pecados: ele carregou o pecado do mundo e o expiou com seu próprio sangue (cf. Hb 9,6-14 e nota).

[17,1-16] O sangue não deve servir de alimento, porque ele é vida, e esta pertence unicamente a Deus. Esta lei sobre o sangue tem sentido educativo, porque mostra o caráter sagrado da vida. Jesus terminará sua missão derramando o próprio sangue, isto é, dando a própria vida.

[18,1-30] No Egito e Canaã, os reis se serviam de relações incestuosas para manter e consolidar o poder político. Israel é chamado a ter uma identidade

social nova, que preserva a unidade do grupo humano e, ao mesmo tempo, respeita a individualidade de cada pessoa. Nas proibições deste capítulo podemos notar a presença do sexto mandamento do Decálogo: “Não cometa adultério”. O v. 21 proíbe o sacrifício humano como forma de culto: Deus é fonte e Senhor da vida, e não aceita culto nenhum que produza a morte.

[19,1-37] Javé, o Deus que fez Aliança com o povo, exige, nessa união, que o povo seja santo, assim como ele próprio é santo. Tal santidade se caracteriza pela prática da justiça libertadora, para produzir um relacionamento comunitário que concretize o projeto de Deus. A norma fundamental é o *amor ao próximo* (vv. 17-19), incluindo o imigrante (vv. 33-34). As outras normas repetem e comentam os princípios básicos da nova sociedade, já expostos no Decálogo: não ter outros deuses, não manipular Deus, honrar pai e mãe, guardar o descanso semanal, não roubar, não levantar falso testemunho (cf. Ex 20,1-17 e notas). Note-se, ainda, a insistência em defender o pobre e o fraco (vv. 9-10.14). Podemos notar que este capítulo é um verdadeiro tratado de espiritualidade, que ensina o povo a trilhar o caminho da santidade.

[20,1-7] Moloc era uma divindade antiga, à qual se sacrificavam crianças. Javé, porém, é o Deus da vida, e pune com a morte aqueles que adoram o deus da morte. Certos sistemas sociais modernos são verdadeiros Moloques, que devoram a vida do povo (cf. Jr 32,35 e nota).

[8-21] Aqui vêm as penas que se referem às proibições sexuais já apresentadas em Lv 18.

[22-27] Israel é um povo em aliança com Javé. Por isso, não pode viver segundo os projetos de outros povos. Pelo contrário, deve manter essa originalidade e dedicar-se inteiramente ao projeto de sociedade desejado por Javé.

[21,1-24] As instruções sobre a vida e o comportamento dos sacerdotes se baseiam numa concepção da transcendência e distância de Deus em relação ao mundo. Por isso, o sacerdote é considerado alguém separado do mundo e purificado pela sua maior proximidade com Deus. No decorrer do tempo, essa maneira de pensar gerou privilégios para os sacerdotes, que acabaram se tornando uma casta opressora, fazendo que o povo dependesse deles para se aproximar de Deus. Jesus inverte essa concepção, mostrando que Deus é que vem ao encontro dos que dele precisam (cf. Mc 2,17; Lc 15).

[22,1-33] Os sacerdotes se alimentavam com parte das ofertas levadas pelo

povo ao santuário. Essa alimentação era proibida para os sacerdotes em estado de impureza e também para as pessoas estranhas ao serviço do culto. Os vv. 17-33 prescrevem a oferta de animais sem defeito; caso contrário, haveria o risco de o povo oferecer animais doentes e defeituosos (cf. Ml 1,13-14).

[23,1-44] Todas as festas de Israel tiveram origem no meio agrícola ou pastoril, mas acabaram sendo absorvidas pela tradição do Êxodo e incorporadas à celebração da Aliança. Sobre a festa da Páscoa e dos Pães sem fermento, cf. notas em Ex 12,1-28. Sobre a festa das Semanas, também chamada Pentecostes, e a festa das Tendas, cf. nota em Ex 23,14-19. A oferta do primeiro feixe (vv. 9-14) é um ato de reconhecimento pelo dom que Deus realiza através da natureza. E a festa da Lua Nova reflete costumes agrícolas: a vida no campo era regulada pelas fases da lua. Sobre a festa da Expição, cf. nota em Lv 16,1-34.

[24,1-9] O rito da lâmpada lembra a presença permanente de Javé no santuário. O rito dos pães lembra que o povo de Israel (doze tribos) está continuamente diante de Javé. Sobre os pães oferecidos a Deus, cf. Mc 2,25-26.

[10-23] Amaldiçoar Javé, a fonte e o Senhor da vida, é amaldiçoar a vida mesma e, por isso, é pedir para si a morte. Sobre a lei do talião, cf. nota em Ex 21,18-27.

[25,1-7:] A cada sete anos a terra deve descansar, sem nenhum cultivo. Esta lei abre duas grandes perspectivas: o respeito para o ciclo da natureza (aspecto ecológico) e respeito para Deus, reconhecendo-o como único proprietário da terra. Ele a dá igualmente para todos, para que todos possam usufruir dela (aspecto social). Portanto, esta lei supõe a devolução da terra a Deus, para que ela seja redistribuída entre todos.

[8-17] O ano de júbilo se abre com o toque da trombeta, chamada em hebraico *jobel*; daí o nome *jubileu*. Esta lei enfraquece bastante a legislação antiga do ano sabático, que previa a prática da libertação do escravo e a devolução das propriedades a cada sete anos (cf. notas em Dt 15,12-18). Esta nova legislação, provavelmente, prevê a recuperação das propriedades para os judeus que voltam do exílio na Babilônia.

[18-22] Como o povo se sustentava durante o ano de descanso da terra? (cf. 25,2-7). De um lado, confiando na *providência* de Deus, que atende às necessidades do homem; de outro, agindo com *previdência*, isto é, produzindo mais no sexto ano e reservando parte desta colheita para a sustentação até a próxima.

[23-34] A terra pertence unicamente a Javé, que a dá como herança para todo o povo: todos têm direito de usufruir desse dom. Se alguém, por circunstâncias diversas, for obrigado a vender sua propriedade, terá direito de resgatá-la. Essa lei impede a formação de latifúndios; consequentemente, evita o surgimento de desigualdades sociais. Os vv. 29-31 são verdadeiro manifesto contra a especulação imobiliária: todos têm direito à casa própria e são protegidos por uma legislação que impede a ação arbitrária de despejos e extorsões. O levita tem direito permanente ao resgate, porque a casa própria é sua única propriedade.

[35-43] Esta lei exige a solidariedade com quem está em apuros financeiros, e proíbe aproveitar-se da miséria do outro, que se dispõe a aceitar qualquer trato para aliviar momentaneamente a própria situação. O v. 38 traz o princípio: quem foi libertado por Deus não pode ser escravizado ou explorado por ninguém.

[44-55] Esta lei faz uma diferença entre Israel e as outras nações: só Israel é considerado como povo de Deus. Essa visão será modificada pelo Novo Testamento; através de Jesus, todos poderão fazer parte do povo de Deus, não se justificando mais nenhuma escravidão.

[17-26] Estes capítulos provêm de uma coletânea de leis feitas imediatamente antes do exílio, e refletem provavelmente os usos do Templo de Jerusalém. São capítulos chamados *Lei de Santidade*, porque no centro está a santidade de Javé, a qual exige a santidade do povo: “Sejam santos, porque eu, Javé, o Deus de vocês, sou santo” (19,2; 20,7.26; 21,8; 22,32-33). O texto considera a santidade de modo principalmente ritual; o Novo Testamento retomará essa exigência, transportando-a para o campo da vida prática (cf. Mt 5,48; Lc 6,36).

[26,1-46] A “Lei de Santidade” termina com previsão de bênçãos e maldições. O povo que for fiel a Deus e ao seu projeto terá a *bênção*, isto é, a prosperidade e a vida. Se for infiel, terá a *maldição*, ou seja, a ruína e a morte. Deus quer a vida, mas os homens é que escolhem o próprio destino.

[27,1-34] O projeto de Deus é vida para todos. Quando o homem reconhece esse projeto, pode oferecer seus próprios bens com promessa ou voto, e assim participar do mesmo projeto. Se uma promessa ou voto não tem esse sentido, é mau e deve ser substituído. Sobre o assunto, cf. Mc 7,1-13 e nota. O *anátema* era um sacrifício no qual eram oferecidos totalmente a Deus os bens conquistados do inimigo numa guerra; esses bens pertenciam exclusivamente a Deus, e não podiam ser resgatados. Tal prática visava evitar que o povo assimilasse religiões

e costumes estrangeiros. O presente texto entende o anátema como oferta exclusiva a Javé, e só podia ser usada pelos sacerdotes.

NÚMEROS

A CAMINHO DA TERRA PROMETIDA

Introdução

*Este livro se chama **Números** porque começa com um grande recenseamento do povo hebreu no deserto.*

Para os hebreus, a saída do Egito foi uma lenta e penosa caminhada em busca de uma terra. Neste livro a caminhada se transforma em majestosa marcha organizada de todo um povo, como uma procissão ou um exército. As tribos de Israel estão todas presentes, formando os esquadrões de Deus, cada uma com o seu estandarte e avançando em rigorosa formação. No centro de tudo vai a arca da Aliança. Isso mostra que o livro não pretende narrar fatos históricos, mas quer nos transmitir mensagens. Assim como os antepassados saíram da escravidão do Egito para chegar à terra de Canaã, do mesmo modo todo o povo de Deus é peregrino e caminha para o Reino prometido por Jesus. A organização mostra que dentro do povo de Deus as funções devem ser repartidas, mas com um único objetivo: realizar o projeto de Deus. E a arca da Aliança no centro indica que, nessa caminhada, Deus está sempre no meio do seu povo.

O livro mostra também, e com muito realismo, que dentro dessa organização existem fortes conflitos (Nm 16), e que seus chefes estão sujeitos a fraquezas e desânimos, por mais importantes que eles sejam na comunidade.

Em Nm 22 a 24 temos a história de Balaão e a sua jumenta. Essa história mostra como um adivinho estrangeiro se torna um verdadeiro profeta de Deus. Com essa narração o livro quer mostrar que dentro da caminhada do povo de Deus para a Terra Prometida deve haver sempre um lugar para o profeta.

O deserto foi o tempo da grande disciplina e pedagogia para o povo de Deus. Não basta estar livre: é preciso aprender a viver a liberdade e conquistá-la continuamente, para não voltar a ser escravo outra vez. No deserto Israel teve que superar muitas tentações: acomodação, desânimo, vontade de voltar para trás, desconfiança de Javé e dos líderes, imprudência etc. Foi no confronto com essas situações que ele descobriu o que significa ser livre para construir uma sociedade justa e fraterna, alicerçada na liberdade e voltada para a vida. Visto sob essa perspectiva, o livro dos Números nos ensina que qualquer transformação profunda exige um longo período de educação e

amadurecimento.

NÚMEROS CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27 - 28
- 29 - 30 - 31 - 32 - 33 - 34 - 35 - 36**

NÚMEROS

I. O POVO DE DEUS SE ORGANIZA

1 *Recenseamento: com que força contar?* — ¹No primeiro dia do segundo mês do segundo ano da saída do Egito, Javé falou a Moisés na tenda da reunião, no deserto do Sinai: ²“Façam um recenseamento completo da comunidade dos filhos de Israel: todos os homens, um a um, conforme os clãs e famílias, registrando seus nomes. ³Você e Aarão registrarão, por esquadrões, todos os homens maiores de vinte anos e capacitados para a guerra. ⁴Com vocês estará um homem de cada tribo, chefes de famílias.

⁵São estes os nomes daqueles que ajudarão vocês: De Rúben, Elisur, filho de Sedeur. ⁶De Simeão, Salamiel, filho de Surisadai. ⁷De Judá, Naasson, filho de Aminadab. ⁸De Issacar, Natanael, filho de Suar. ⁹De Zabulon, Eliab, filho de Helon. ¹⁰Dos filhos de José: de Efraim, Elisama, filho de Amiud; de Manassés, Gamaliel, filho de Fadassur. ¹¹De Benjamim, Abidã, filho de Gedeão. ¹²De Dã, Aiezer, filho de Amisadai. ¹³De Aser, Fegiel, filho de Ocrã. ¹⁴De Gad, Eliasaf, filho de Reuel. ¹⁵De Neftali, Aíra, filho de Enã”.

¹⁶Foram esses os homens escolhidos na comunidade; eram chefes da tribo do seu antepassado e chefes dos clãs de Israel.

¹⁷Moisés e Aarão tomaram esses homens que haviam sido escolhidos pelo nome, ¹⁸e convocaram toda a comunidade no primeiro dia do segundo mês. Todos os que tinham mais de vinte anos se inscreveram, um por um, conforme os clãs e famílias, registrando seus nomes. ¹⁹O recenseamento no deserto do Sinai foi feito conforme Javé havia mandado a Moisés.

²⁰Foram recenseados os filhos e descendentes de Rúben, primogênito de Israel, conforme os clãs e famílias, registrando os nomes, um por um, dos homens com mais de vinte anos e capacitados para a guerra. ²¹Total da tribo de Rúben: quarenta e seis mil e quinhentos.

²²Foram recenseados os filhos e descendentes de Simeão, conforme os clãs e famílias, registrando os nomes, um por um, dos homens com mais de vinte anos e capacitados para a guerra. ²³Total da tribo de Simeão: cinquenta e nove mil e trezentos.

²⁴Foram recenseados os filhos e descendentes de Gad, conforme os clãs e famílias, registrando os nomes, um por um, dos homens com mais de vinte anos e capacitados para a guerra. ²⁵Total da tribo de Gad: quarenta e cinco mil e seiscentos e cinquenta.

²⁶Foram recenseados os filhos e descendentes de Judá, conforme os clãs e famílias, registrando os nomes, um por um, dos homens com mais de vinte anos e capacitados para a guerra. ²⁷Total da tribo de Judá: setenta e quatro mil e seiscentos.

²⁸Foram recenseados os filhos e descendentes de Issacar, conforme os clãs e famílias, registrando os nomes, um por um, dos homens com mais de vinte anos e capacitados para a guerra. ²⁹Total da tribo de Issacar: cinquenta e quatro mil e quatrocentos.

³⁰Foram recenseados os filhos e descendentes de Zabulon, conforme os clãs e famílias, registrando os nomes, um por um, dos homens com mais de vinte anos e capacitados para a guerra. ³¹Total da tribo de Zabulon: cinquenta e sete mil e quatrocentos.

³²Foram recenseados os filhos e descendentes de Efraim, filho de José, conforme os clãs e famílias, registrando os nomes, um por um, dos homens com mais de vinte anos e capacitados para a guerra. ³³Total da tribo de Efraim: quarenta mil e quinhentos.

³⁴Foram recenseados os filhos e descendentes de Manassés, filho de José, conforme os clãs e famílias, registrando os nomes, um por um, dos homens com mais de vinte anos e capacitados para a guerra. ³⁵Total da tribo de Manassés: trinta e dois mil e duzentos.

³⁶Foram recenseados os filhos e descendentes de Benjamim, conforme os clãs e famílias, registrando os nomes, um por um, dos homens com mais de vinte anos e capacitados para a guerra. ³⁷Total da tribo de Benjamim: trinta e cinco mil e quatrocentos.

³⁸Foram recenseados os filhos e descendentes de Dã, conforme os clãs e famílias, registrando os nomes, um por um, dos homens com mais de vinte anos e capacitados para a guerra. ³⁹Total da tribo de Dã: sessenta e dois mil e setecentos.

⁴⁰Foram recenseados os filhos e descendentes de Aser, conforme os clãs e famílias, registrando os nomes, um por um, dos homens com mais de vinte anos e capacitados para a guerra. ⁴¹Total da tribo de Aser: quarenta e um mil e

quinhentos.

⁴²Foram recenseados os filhos e descendentes de Neftali, conforme os clãs e famílias, registrando os nomes, um por um, dos homens com mais de vinte anos e capacitados para a guerra. ⁴³Total da tribo de Neftali: cinquenta e três mil e quatrocentos.

⁴⁴Esse foi o recenseamento que Moisés fez com Aarão, ajudado pelos doze chefes de Israel: um de cada família. ⁴⁵O total dos filhos de Israel, com mais de vinte anos e capacitados para a guerra, ⁴⁶foi de seiscentos e três mil, quinhentos e cinquenta.

⁴⁷Os levitas não foram recenseados com os outros, conforme as famílias, ⁴⁸porque Javé tinha dito a Moisés: ⁴⁹“Não inclua os levitas no recenseamento e nos registros dos filhos de Israel. ⁵⁰Encarregue-os da tenda da aliança, de seus utensílios e de tudo o que pertence a ela. Eles transportarão a tenda com todos os utensílios, estarão a seu serviço e acamparão ao redor dela. ⁵¹Quando a tenda tiver que ser deslocada, os levitas a desmontarão; ao acampar, os levitas a montarão. Qualquer estranho que se aproximar dela será condenado à morte.

⁵²Os filhos de Israel acamparão por esquadrões, cada um em seu acampamento, junto à sua bandeira. ⁵³Os levitas, porém, acamparão ao redor da tenda da aliança, para que a Ira não se acenda contra a comunidade dos filhos de Israel. Os levitas cuidarão da tenda da aliança”.

⁵⁴Os filhos de Israel acataram tudo o que Javé havia ordenado a Moisés, e assim fizeram. [1,1-54]

2 Deus anima a luta do povo — ¹Javé falou a Moisés e Aarão: ²“Os filhos de Israel acamparão, cada um junto de sua bandeira, com o símbolo de sua família. Acamparão voltados para a tenda da reunião e ao redor dela.

³No lado leste, em direção ao nascer do sol, acamparão os da bandeira de Judá, com seus esquadrões; o chefe dos filhos de Judá é Naasson, filho de Aminadab; ⁴seu exército conta com setenta e quatro mil e seiscentos alistados.

⁵Ao lado de Judá acampará a tribo de Issacar. O chefe dos filhos de Issacar é Natanael, filho de Suar. ⁶Seu exército conta com cinquenta e quatro mil e quatrocentos alistados. ⁷Do outro lado ficará a tribo de Zabulon. O chefe dos filhos de Zabulon é Eliab, filho de Helon. ⁸Seu exército conta com cinquenta e sete mil e quatrocentos alistados. ⁹No acampamento de Judá, os alistados por esquadrões são cento e oitenta e seis mil e quatrocentos. Esses serão os primeiros

a se colocar em marcha.

¹⁰No lado sul, a bandeira de Rúben, com seus esquadrões. O chefe dos filhos de Rúben é Elisur, filho de Sedeur. ¹¹Seu exército conta com quarenta e seis mil e quinhentos alistados. ¹²Ao lado de Rúben acampará a tribo de Simeão. O chefe dos filhos de Simeão é Salamiel, filho de Surisadai. ¹³Seu exército conta com cinquenta e nove mil e trezentos alistados. ¹⁴Do outro lado ficará a tribo de Gad. O chefe dos filhos de Gad é Eliasaf, filho de Reuel. ¹⁵Seu exército conta com quarenta e cinco mil seiscientos e cinquenta alistados. ¹⁶No acampamento de Rúben, os alistados por esquadrões são cento e cinquenta e um mil, quatrocentos e cinquenta. Esses serão os que levantarão acampamento em segundo lugar. ¹⁷Depois, a tenda da reunião se colocará em marcha juntamente com o acampamento dos levitas, no meio dos outros acampamentos. A ordem da marcha será a mesma do acampamento, cada um seguindo a sua bandeira.

¹⁸No lado oeste estará a bandeira do acampamento de Efraim, com seus esquadrões. O chefe dos filhos de Efraim é Elisama, filho de Amiud. ¹⁹Seu exército conta com quarenta mil e quinhentos alistados. ²⁰Ao lado de Efraim acampará a tribo de Manassés. O chefe dos filhos de Manassés é Gamaliel, filho de Fadassur. ²¹Seu exército conta com trinta e dois mil e duzentos alistados. ²²Do outro lado acampará a tribo de Benjamim. O chefe dos filhos de Benjamim é Abidã, filho de Gedeão. ²³Seu exército conta com trinta e cinco mil e quatrocentos alistados. ²⁴Os alistados do acampamento de Efraim, com seus esquadrões, fazem o total de cento e oito mil e cem. Eles se colocarão em marcha em terceiro lugar.

²⁵No lado norte estará a bandeira do acampamento de Dã, com seus esquadrões. O chefe dos filhos de Dã é Aiezer, filho de Amisadai. ²⁶Seu exército conta com sessenta e dois mil e setecentos alistados. ²⁷Ao lado de Dã acampará a tribo de Aser. O chefe dos filhos de Aser é Fegiel, filho de Ocrã. ²⁸Seu exército conta com quarenta e um mil e quinhentos alistados. ²⁹Do outro lado ficará a tribo de Neftali. O chefe dos filhos de Neftali é Aíra, filho de Enã. ³⁰Seu exército conta com cinquenta e três mil e quatrocentos alistados. ³¹Os alistados do acampamento de Dã fazem o total de cento e cinquenta e sete mil e seiscientos. Eles se colocarão em marcha em último lugar, seguindo suas bandeiras”.

³²Esse é o recenseamento dos filhos de Israel por famílias. Os que foram

alistados nesses acampamentos, conforme seus esquadrões, dão o total de seiscentos e três mil, quinhentos e cinquenta. ³³De acordo com o que Javé havia ordenado a Moisés, os levitas não foram incluídos no recenseamento dos filhos de Israel.

³⁴Os filhos de Israel fizeram tudo o que Javé havia ordenado a Moisés: acampavam segundo suas bandeiras e se colocavam em marcha por clãs e famílias. [2,1-34]

3 Sinal de liberdade e vida — ¹Esta é a história de Aarão e Moisés, quando Javé falou a Moisés no monte Sinai. ²Estes são os nomes dos filhos de Aarão: Nadab, o primogênito, Abiú, Eleazar e Itamar. ³São esses os nomes dos filhos de Aarão, ungidos e consagrados como sacerdotes. ⁴Nadab e Abiú morreram diante de Javé, no deserto do Sinai, ao apresentarem um fogo irregular diante de Javé. Como não tinham filhos, Eleazar e Itamar exerceram o ofício de sacerdotes, quando o seu pai Aarão ainda vivia.

⁵Javé falou a Moisés: ⁶“Faça que a tribo de Levi se aproxime e a coloque à disposição do sacerdote Aarão, para que esteja a serviço dele. ⁷Eles cuidarão de todos os serviços de Aarão e de toda a comunidade, diante da tenda da reunião, e exercerão as tarefas do santuário. ⁸Cuidarão de todos os utensílios da tenda da reunião, montarão guarda em lugar dos filhos de Israel e prestarão serviço na tenda da reunião. ⁹Entregue os levitas como doados a Aarão e a seus filhos; entre os filhos de Israel, os levitas serão doados. ¹⁰Estabeleça Aarão e seus filhos para exercerem as funções sacerdotais: qualquer estranho que se intrometa será réu de morte”.

¹¹Javé falou a Moisés: ¹²“Eu mesmo escolhi os levitas entre os filhos de Israel, para substituir os primogênitos, aqueles filhos de Israel que abrem o seio materno. Portanto, os levitas são meus. ¹³De fato, todo primogênito me pertence, pois no dia em que matei os primogênitos na terra do Egito, consagrei para mim todos os primogênitos de Israel, tanto homens como animais. Eles me pertencem. Eu sou Javé”.

¹⁴Javé falou a Moisés no deserto do Sinai: ¹⁵“Faça o recenseamento dos filhos de Levi conforme suas famílias e clãs. Faça o recenseamento de todos os homens de um mês para cima”. ¹⁶Moisés fez o recenseamento conforme Javé havia ordenado. ¹⁷São estes os nomes dos filhos de Levi: Gérson, Caat e Merari.

¹⁸São estes os filhos de Gérson, conforme seus clãs: Lobni e Semei. ¹⁹Os filhos

de Caat, conforme seus clãs, são: Amram, Isaar, Hebron e Oziel. ²⁰Os filhos de Merari, conforme seus clãs, são: Mooli e Musi. São esses os clãs de Levi, reunidos por famílias.

²¹Os clãs de Lobni e de Semei originaram-se de Gérson: são os clãs gersonitas. ²²O total dos homens recenseados, de um mês para cima, foi de sete mil e quinhentos. ²³Os clãs gersonitas acampavam no lado ocidental, atrás do santuário. ²⁴O chefe da família de Gérson era Eliasaf, filho de Lael. ²⁵Na tenda da reunião, os gersonitas eram encarregados de cuidar do santuário, da tenda e sua cobertura, do véu da entrada da tenda da reunião, ²⁶das cortinas do átrio, do véu da entrada da tenda do átrio que dá para o santuário e que rodeia o altar, e também das cordas para a montagem. ²⁷Os clãs de Amram, Isaar, Hebron e Oziel originaram-se de Caat: são os clãs caatitas. ²⁸O total dos homens recenseados, de um mês para cima, foi de oito mil e seiscentos. Eles eram encarregados da conservação do santuário. ²⁹Os clãs caatitas acampavam no lado sul do santuário. ³⁰O chefe da família para os clãs caatitas era Elisafã, filho de Oziel. ³¹Eles eram encarregados da arca, da mesa, do candelabro, dos altares, dos objetos sagrados de culto e do véu, com todos os apetrechos.

³²O chefe supremo dos levitas era Eleazar, filho do sacerdote Aarão; ele era superintendente de todos os que cuidavam do santuário.

³³Os clãs de Mooli e Musi originaram-se de Merari: são os clãs meraritas. ³⁴O total dos homens recenseados, de um mês para cima, foi de seis mil e duzentos. ³⁵O chefe da família para os clãs meraritas era Suriel, filho de Abiail. Eles acampavam no lado norte do santuário. ³⁶Os filhos de Merari eram encarregados das tábuas do santuário, de suas vigas, colunas e bases, com todos os acessórios e utensílios, ³⁷e também das colunas que rodeiam o átrio, de suas bases, estacas e cordas.

³⁸No lado oriental, diante do santuário e da tenda da reunião, acampavam Moisés, Aarão e seus filhos, encarregados do santuário em nome dos filhos de Israel. Todo estranho que se intrometesse era réu de morte.

³⁹O total dos levitas com mais de um mês de idade recenseados e enumerados por Moisés e Aarão, conforme os clãs, de acordo com o que Javé havia ordenado, foi de vinte e dois mil.

⁴⁰Javé disse a Moisés: “Faça o recenseamento de todos os primogênitos homens dos filhos de Israel, de um mês para cima, registrando seus nomes. ⁴¹Em lugar dos primogênitos de Israel separe os levitas para mim, e também o gado

dos levitas, em lugar dos primogênitos do gado dos filhos de Israel”. ⁴²Moisés fez o recenseamento dos primogênitos dos filhos de Israel, conforme Javé lhe havia ordenado. ⁴³O total dos primogênitos homens, de um mês para cima, foi de vinte e dois mil, duzentos e setenta e três.

⁴⁴Javé falou a Moisés: ⁴⁵“Em lugar dos primogênitos dos filhos de Israel separe os levitas, e o gado dos levitas em lugar do gado de Israel. Os levitas pertencerão a mim. Eu sou Javé. ⁴⁶Para resgatar os duzentos e setenta e três primogênitos dos filhos de Israel, que ultrapassam o número dos levitas, ⁴⁷tome cinquenta gramas por pessoa, conforme o peso padrão do santuário, que equivale a dez gramas. ⁴⁸Entregue esse dinheiro a Aarão e seus filhos, como resgate daqueles que ultrapassam o número dos levitas”. ⁴⁹Moisés pegou o dinheiro para o resgate daqueles que ultrapassavam o número dos levitas. ⁵⁰Então, dos primogênitos dos filhos de Israel recebeu treze mil e seiscentos e cinquenta gramas, conforme o peso padrão do santuário, ⁵¹e entregou o dinheiro do resgate a Aarão e seus filhos, conforme as ordens que Javé tinha dado a Moisés.

4¹Javé falou a Moisés e Aarão: ²“Façam, à parte dos outros levitas, o recenseamento dos filhos de Caat, conforme seus clãs e famílias: ³todos os homens de trinta a cinquenta anos, aptos para o serviço militar e que realizarão suas funções na tenda da reunião. ⁴Os filhos de Caat servirão às coisas sagradas na tenda da reunião.

⁵Quando o acampamento se colocar em marcha, Aarão e seus filhos entrarão, tirarão a cortina, e com ela cobrirão a arca da aliança. ⁶Por cima dela, colocarão uma cobertura de couro fino, sobre a qual estenderão um pano de púrpura violeta. Em seguida, colocarão os varais da arca. ⁷Sobre a mesa dos pães oferecidos a Deus estenderão um pano de púrpura violeta, e colocarão em cima os pratos, copos, taças e jarros para a libação. Por cima, estará o pão da oferta perpétua. ⁸Por cima deles estenderão um pano de púrpura escarlate, que será coberto com uma cobertura de couro fino. Em seguida colocarão os varais da mesa. ⁹Pegarão, então, um pano de púrpura violeta para cobrir o candelabro com suas lâmpadas, os acendedores, apagadores e todas as vasilhas de azeite usadas no serviço do candelabro. ¹⁰Colocarão o candelabro com todos os seus utensílios sobre uma cobertura de couro fino e o colocarão por cima dos varais. ¹¹Estenderão um pano de púrpura violeta sobre o altar de ouro e o recobrirão com uma cobertura de couro fino. Em seguida ajustarão nele os varais. ¹²Depois

pegarão todos os utensílios usados no serviço do santuário, os colocarão num pano de púrpura violeta e os recobrirão com uma cobertura de couro fino, e colocarão tudo sobre os varais. ¹³Tirarão a cinza do altar, estenderão sobre ele um pano de púrpura escarlate, ¹⁴e sobre este colocarão todos os utensílios usados no culto: incensórios, garfos, pás, bacias e todos os utensílios do altar. Estenderão por cima uma cobertura de couro fino e colocarão os varais.

¹⁵Quando Aarão e seus filhos terminarem de cobrir o santuário com todos os seus utensílios, os filhos de Caat, no momento de levantar o acampamento, virão para transportá-lo, sem tocar naquilo que é consagrado; se o fizessem, morreriam. Esta é a carga da tenda da reunião, que os caatitas deverão transportar.

¹⁶Eleazar, filho do sacerdote Aarão, cuidará do azeite do candelabro, dos perfumes de ervas aromáticas, da oblação diária e do óleo da unção; cuidará também de todo o santuário e de tudo o que nele se encontra: os objetos sagrados e seus utensílios”.

¹⁷Javé falou a Moisés e Aarão: ¹⁸“Não permitam que a tribo dos clãs caatitas desapareça da tribo de Levi. ¹⁹E façam o seguinte, para que eles não morram: quando tiverem que se aproximar dos objetos sagrados, Aarão e seus filhos entrarão e indicarão a tarefa e o encargo de cada um. ²⁰Desse modo, eles não entrarão para ver os objetos sagrados nem por um instante, senão morreriam”.

²¹Javé falou a Moisés: ²²“Faça também o recenseamento dos filhos de Gérson, conforme os clãs e famílias. ²³Faça o recenseamento de todos os homens de trinta a cinquenta anos, aptos para o serviço militar, a fim de trabalharem na tenda da reunião. ²⁴Esta é a tarefa dos clãs gersonitas, com suas funções e encargos: ²⁵transportarão as cortinas do santuário, a tenda da reunião com sua cobertura e a cobertura de couro fino que a recobre, a cortina da entrada da tenda da reunião, ²⁶as cortinas do átrio, o véu da entrada na porta do átrio, as cortinas que estão em volta do santuário e do altar, as cordas e todos os utensílios necessários para a montagem dela. Farão todo o serviço que se refere a essas coisas. ²⁷Os gersonitas cumprirão suas funções sob as ordens de Aarão e seus filhos, que indicarão para aqueles os serviços de guarda e de transporte. ²⁸São essas as tarefas dos clãs gersonitas na tenda da reunião. A supervisão deles estará a cargo de Itamar, filho do sacerdote Aarão.

²⁹Faça também o recenseamento dos filhos de Merari, conforme os clãs e famílias. ³⁰Faça o recenseamento de todos os homens de trinta a cinquenta anos,

aptos para o serviço militar, a fim de trabalharem na tenda da reunião. ³¹ Este é o serviço que deverão assumir e a função que lhes competirá na tenda da reunião: transportarão as tábuas do santuário, as vigas, colunas, bases, ³² as colunas que rodeiam o átrio com suas bases, as estacas, cordas e todos os acessórios. Indique nominalmente os objetos que eles deverão guardar e transportar. ³³ Tal será o serviço dos clãs meraritas na tenda da reunião. A supervisão deles estará a cargo de Itamar, filho do sacerdote Aarão”.

³⁴ Moisés e Aarão, junto com os chefes da comunidade, fizeram o recenseamento dos caatitas, conforme seus clãs e famílias: ³⁵ todos os que tinham de trinta a cinquenta anos, aptos para o serviço militar, a fim de trabalharem na tenda da reunião. ³⁶ Foram contados, por clãs, dois mil, setecentos e cinquenta homens. ³⁷ Esse foi o total dos recenseados dos clãs caatitas, de todos os que deviam servir na tenda da reunião e que foram recenseados por Moisés e Aarão, conforme Javé havia ordenado.

³⁸ Foi feito também o recenseamento dos filhos de Gérson, conforme seus clãs e famílias: ³⁹ foram recenseados todos os homens de trinta a cinquenta anos, aptos para o serviço militar, a fim de trabalharem na tenda da reunião. ⁴⁰ Foram contados dois mil, seiscentos e trinta, conforme os clãs e famílias. ⁴¹ Esse foi o total dos recenseados dos clãs dos gersonitas, que deviam trabalhar na tenda da reunião e que foram recenseados por Moisés e Aarão, conforme Javé havia ordenado.

⁴² Foi feito também o recenseamento dos filhos de Merari, conforme seus clãs e famílias: ⁴³ foram recenseados todos os homens de trinta a cinquenta anos, aptos para o serviço militar, a fim de trabalharem na tenda da reunião. ⁴⁴ Foram contados, conforme os clãs, três mil e duzentos homens. ⁴⁵ Esse foi o total dos clãs meraritas recenseados por Moisés e Aarão, conforme Javé havia ordenado.

⁴⁶ O número total dos levitas contados no recenseamento, que Moisés, Aarão e os chefes de Israel fizeram, por clãs e famílias, ⁴⁷ dos homens de trinta a cinquenta anos, aptos para o serviço militar e para o serviço e o transporte da tenda da reunião, ⁴⁸ chegou a oito mil, quinhentos e oitenta homens. ⁴⁹ Moisés fez o recenseamento por ordem de Javé, indicando o serviço para cada um e a carga que deveria transportar. Assim foi feito o recenseamento, conforme Javé havia ordenado a Moisés. [3,1-4,49]

5 *Expulsão dos impuros* — ¹Javé falou a Moisés: ²“Ordene aos filhos de Israel que expulsem do acampamento os leprosos, os que têm gonorreia e os que se contaminaram com cadáveres. ³Homens ou mulheres, serão todos expulsos do acampamento, para que não fique contaminado o acampamento, no meio do qual eu moro”. ⁴Os filhos de Israel fizeram isso e os expulsaram do acampamento. Os israelitas fizeram conforme Javé havia ordenado a Moisés. [5,1-4]

Prejudicar o próximo é ofender a Deus — ⁵Javé falou a Moisés: ⁶“Diga aos filhos de Israel: Quando um homem ou mulher comete um pecado que prejudica o próximo, ofendendo assim a Javé, tal pessoa é culpada: ⁷confessará o seu pecado e restituirá, a quem for prejudicado, vinte por cento além do prejuízo causado. ⁸Contudo, se o homem prejudicado não tem parente nenhum para o qual se possa fazer a restituição, esta será feita a Javé através do sacerdote, além do cordeiro com que o sacerdote fará o rito de expiação pelo culpado. ⁹Tudo aquilo que os filhos de Israel consagrarem será levado ao sacerdote e a ele pertencerá. ¹⁰As coisas que uma pessoa consagrar serão dele; aquilo que alguém der ao sacerdote, ao sacerdote pertencerá”. [5-10]

O direito de se defender — ¹¹Javé falou a Moisés: ¹²“Diga aos filhos de Israel: Se alguém supõe que sua mulher se desviou e se tornou infiel, ¹³e que outro homem teve relações com ela, tornando-se impura em segredo, pois não havia testemunhas nem foi surpreendida em flagrante, ¹⁴se o marido suspeitar e tiver ciúmes, esteja a mulher contaminada ou não, ¹⁵ele deverá levar sua mulher ao sacerdote. Levará uma oferta de quatro quilos e meio de farinha de cevada, sem misturar azeite ou incenso, pois é uma oferta de ciúme, para denunciar uma culpa.

¹⁶O sacerdote se aproximará e colocará a mulher diante de Javé. ¹⁷Depois pegará água santa numa vasilha de barro e jogará pó do chão do santuário na água; ¹⁸colocará a mulher diante de Javé, soltará os cabelos dela e lhe colocará nas mãos a oferta pelo ciúme, enquanto o sacerdote ficará segurando a água amarga da maldição. ¹⁹Em seguida o sacerdote dirá, fazendo a mulher jurar: ‘Se você não dormiu com um estranho e não se contaminou enquanto estava sob o domínio do seu marido, que esta água amarga da maldição não faça mal a você. ²⁰Mas, se você enganou seu marido enquanto estava sob o domínio dele e se contaminou, deitando-se com outro homem...’ ²¹E o sacerdote dirá, fazendo que

a mulher preste juramento: ‘...que Javé entregue você à maldição entre os seus, fazendo com que seu sexo fique murcho e seu ventre inchado. ²²Que esta água da maldição entre nas suas entranhas para inchar seu ventre e murchar seu sexo’. E a mulher responderá: ‘Amém! Amém!’

²³Depois o sacerdote escreverá essa maldição num documento e o lavará na água amarga. ²⁴Em seguida fará a mulher beber a água amarga da maldição, de modo que a água da maldição entre nela. ²⁵Em seguida, o sacerdote pegará das mãos da mulher a oferta pelo ciúme, apresentará diante de Javé e a colocará sobre o altar. ²⁶Pegará um punhado da oferta pelo ciúme e o queimará sobre o altar, como memorial. Em seguida, fará a mulher beber a água da maldição. ²⁷Se ela se contaminou e foi infiel a seu marido, logo que a água amarga da maldição entrar nela, seu ventre ficará inchado, seu sexo murchará, e a mulher ficará maldita entre os seus. ²⁸Se a mulher não se contaminou, se estiver pura, não sofrerá dano e poderá conceber”.

²⁹Esse é o ritual para o caso de ciúme, quando uma mulher se desvia e se torna impura, enquanto está sob o poder do marido; ³⁰ou no caso em que um homem fica com ciúme de sua mulher. O marido levará a mulher diante de Javé, e o sacerdote fará esse ritual com ela. ³¹O marido estará livre de culpa, mas a mulher receberá a punição da própria culpa. [11-31]

6 Sinal da pertença a Deus — ¹Javé falou a Moisés: ²“Diga aos filhos de Israel: Quando um homem ou mulher quiser fazer um voto especial de consagração a Javé, o voto de nazireato, ³deverá abster-se de vinho e de bebidas fermentadas, e não poderá beber vinagre de vinho ou de bebidas fermentadas; também não tomará suco de uvas, nem comerá uvas frescas ou secas. ⁴Enquanto durar seu voto não provará nada que venha da videira, desde a semente até às cascas. ⁵Enquanto durar seu voto de nazireato não raspará a cabeça com navalha; deixará crescer livremente os cabelos, até que acabe o tempo pelo qual se consagrou a Javé. ⁶Durante todo o tempo que estiver consagrado a Javé não se aproximará de nenhum morto, ⁷nem que seja seu pai ou sua mãe, seu irmão ou sua irmã. Se estes morrerem, ele não deverá contaminar-se com eles, porque traz sobre a cabeça o sinal de sua consagração a Deus. ⁸Durante todo o tempo do seu nazireato ele está consagrado a Javé.

⁹Se uma pessoa morrer de repente ao lado de alguém consagrado, contaminando-lhe por isso a cabeça, ele deverá rapar a cabeça no dia da

purificação, isto é, no sétimo dia. ¹⁰No oitavo dia levará ao sacerdote duas rolas ou dois pombinhos à entrada da tenda da reunião. ¹¹E o sacerdote oferecerá um deles em sacrifício pelo pecado, e o outro em holocausto; em seguida fará o rito pelo pecado, por causa da contaminação com o morto. No mesmo dia, aquele que fez o voto consagrará sua cabeça, ¹²se consagrará a Javé durante o tempo do seu nazireato, e levará um cordeiro de um ano como sacrifício de reparação. O tempo anterior não será contado, pois seu nazireato foi contaminado.

¹³Esta é a lei para o nazireu no dia em que terminar o seu nazireato: ele será conduzido à entrada da tenda da reunião, ¹⁴onde oferecerá a sua oferta a Javé: um cordeiro de um ano e sem defeito, para o holocausto; uma ovelha de um ano e sem defeito, para o sacrifício pelo pecado; um carneiro sem defeito, para o sacrifício de comunhão; ¹⁵uma cesta de bolos de flor de farinha, sem fermento, amassados com azeite, e tortas sem fermento untadas com azeite, acompanhados de ofertas e libações. ¹⁶Então o sacerdote, levando tudo diante de Javé, apresentará o sacrifício pelo pecado e o holocausto. ¹⁷Depois oferecerá um sacrifício de comunhão com o carneiro e com os bolos sem fermento da cesta; o sacerdote oferecerá também as ofertas e libações. ¹⁸Em seguida, o nazireu, junto à entrada da tenda da reunião, rapará a cabeça consagrada, pegará os cabelos de sua cabeça consagrada e os colocará no fogo do sacrifício de comunhão. ¹⁹O sacerdote pegará a espádua assada do carneiro, um bolo sem fermento da cesta e uma torta sem fermento, colocando tudo na mão do nazireu, depois que ele tiver rapado a cabeça. ²⁰Então com isso tudo, o sacerdote fará o gesto de apresentação diante de Javé: é a porção sagrada que pertence ao sacerdote, além do peito apresentado e da coxa reservada. Em seguida, o nazireu poderá beber vinho.

²¹Essa é a lei do nazireu; essa é a oferta a Javé pelo seu nazireato, além daquilo que suas posses permitirem fazer. Cumprirá o que tiver prometido com voto, conforme a lei do nazireato”. [6,1-21]

Deus abençoa o povo — ²²Javé falou a Moisés: ²³“Diga a Aarão e a seus filhos: Vocês abençoarão os filhos de Israel assim: ²⁴‘Javé o abençoe e guarde! ²⁵Javé lhe mostre seu rosto brilhante e tenha piedade de você! ²⁶Javé lhe mostre seu rosto e lhe conceda a paz!’ ²⁷Assim eles invocarão o meu nome sobre os filhos de Israel, e eu os abençoarei”. [22-27]

7 Meios para realizar a função — ¹Quando terminou de construir o santuário, Moisés o ungiu e consagrou com todos os utensílios, junto com o altar e todos

os utensílios. Quando acabou de ungir e consagrar todas as coisas, ²os chefes de Israel fizeram uma oferta. Eram os chefes de famílias e tribos, que tinham colaborado no recenseamento. ³Levaram sua oferta diante de Javé: seis carros cobertos e doze bois, um carro para cada dois chefes e um boi para cada um deles. E apresentaram essas ofertas diante do santuário. ⁴Javé falou a Moisés: ⁵“Receba as ofertas deles para o serviço da tenda da reunião e as entregue aos levitas, a cada um conforme sua função”.

⁶Moisés recebeu os carros e bois e os entregou aos levitas. ⁷Deu dois carros e quatro bois aos filhos de Gérson para suas tarefas. ⁸Aos filhos de Merari deu quatro carros e oito bois para as tarefas que deviam realizar sob a direção de Itamar, filho do sacerdote Aarão. ⁹Aos filhos de Caat, porém, não deu nada, pois eles deviam carregar no ombro os objetos sagrados. [7,1-9]

O culto é expressão de partilha — ¹⁰Os chefes apresentaram a oferta para a dedicação do altar, quando foi ungido, levando-a diante do altar. ¹¹Então Javé disse a Moisés: “Cada dia, um chefe trará a sua oferta para a dedicação do altar”.

¹²No primeiro dia, Naasson, filho de Aminadab, da tribo de Judá, levou a sua oferta: ¹³uma bandeja de prata de mil e trezentos gramas, uma bacia de prata para aspersão de setecentos gramas, conforme o peso padrão do santuário, ambas cheias de flor de farinha amassada com azeite para a oferta. ¹⁴Levou também uma vasilha de ouro, de cem gramas, cheia de incenso; ¹⁵um bezerro, um carneiro, um cordeiro de um ano para o holocausto; ¹⁶um bode para o sacrifício pelo pecado; ¹⁷e, para o sacrifício de comunhão, dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cordeiros de um ano. Essa foi a oferta de Naasson, filho de Aminadab.

¹⁸No segundo dia, Natanael, filho de Suar, chefe de Issacar, levou a sua oferta: ¹⁹uma bandeja de prata de mil e trezentos gramas, uma bacia de prata para aspersão de setecentos gramas, conforme o peso padrão do santuário, ambas cheias de flor de farinha amassada com azeite para a oferta. ²⁰Levou também uma vasilha de ouro, de cem gramas, cheia de incenso; ²¹um bezerro, um carneiro e um cordeiro de um ano para o holocausto; ²²um bode para o sacrifício pelo pecado; ²³e, para o sacrifício de comunhão, dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cordeiros de um ano. Essa foi a oferta de Natanael, filho de Suar.

²⁴No terceiro dia, Eliab, filho de Helon, chefe dos filhos de Zabulon, levou a

sua oferta: ²⁵uma bandeja de prata de mil e trezentos gramas, uma bacia de prata para aspersão de setecentos gramas, conforme o peso padrão do santuário, ambas cheias de flor de farinha amassada com azeite para a oferta. ²⁶Levou também uma vasilha de ouro, de cem gramas, cheia de incenso; ²⁷um bezerro, um carneiro e um cordeiro de um ano para o holocausto; ²⁸um bode para o sacrifício pelo pecado; ²⁹e, para o sacrifício de comunhão, dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cordeiros de um ano. Essa foi a oferta de Eliab, filho de Helon.

³⁰No quarto dia, Elisur, filho de Sedeur, chefe dos filhos de Rúben, levou a sua oferta: ³¹uma bandeja de prata de mil e trezentos gramas, uma bacia de prata para aspersão de setecentos gramas, conforme o peso padrão do santuário, ambas cheias de flor de farinha amassada com azeite para a oferta. ³²Levou também uma vasilha de ouro, de cem gramas, cheia de incenso; ³³um bezerro, um carneiro e um cordeiro de um ano para o holocausto; ³⁴um bode para o sacrifício pelo pecado; ³⁵e, para o sacrifício de comunhão, dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cordeiros de um ano. Essa foi a oferta de Elisur, filho de Sedeur.

³⁶No quinto dia, Salamiel, filho de Surisadai, chefe dos filhos de Simeão, levou a sua oferta: ³⁷uma bandeja de prata de mil e trezentos gramas, uma bacia de prata para aspersão de setecentos gramas, conforme o peso padrão do santuário, ambas cheias de flor de farinha amassada com azeite para a oferta. ³⁸Levou também uma vasilha de ouro, de cem gramas, cheia de incenso; ³⁹um bezerro, um carneiro e um cordeiro de um ano para o holocausto; ⁴⁰um bode para o sacrifício pelo pecado; ⁴¹e, para o sacrifício de comunhão, dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cordeiros de um ano. Essa foi a oferta de Salamiel, filho de Surisadai.

⁴²No sexto dia, Eliasaf, filho de Reuel, chefe dos filhos de Gad, levou a sua oferta: ⁴³uma bandeja de prata de mil e trezentos gramas, uma bacia de prata para aspersão de setecentos gramas, conforme o peso padrão do santuário, ambas cheias de flor de farinha amassada com azeite para a oferta. ⁴⁴Levou também uma vasilha de ouro, de cem gramas, cheia de incenso; ⁴⁵um bezerro, um carneiro e um cordeiro de um ano para o holocausto; ⁴⁶um bode para o sacrifício pelo pecado; ⁴⁷e, para o sacrifício de comunhão, dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cordeiros de um ano. Essa foi a oferta de Eliasaf, filho de Reuel.

⁴⁸No sétimo dia, Elisama, filho de Amiud, chefe dos filhos de Efraim, levou a sua oferta: ⁴⁹uma bandeja de prata de mil e trezentos gramas; uma bacia de prata

para aspersão de setecentos gramas, conforme o peso padrão do santuário, ambas cheias de flor de farinha amassada com azeite para a oferta. ⁵⁰Levou também uma vasilha de ouro, de cem gramas, cheia de incenso; ⁵¹um bezerro, um carneiro e um cordeiro de um ano para o holocausto; ⁵²um bode para o sacrifício pelo pecado; ⁵³e, para o sacrifício de comunhão, dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cordeiros de um ano. Essa foi a oferta de Elisama, filho de Efraim.

⁵⁴No oitavo dia, Gamaliel, filho de Fadassur, chefe dos filhos de Manassés, levou a sua oferta: ⁵⁵uma bandeja de prata de mil e trezentos gramas, uma bacia de prata para aspersão de setecentos gramas, conforme o peso padrão do santuário, ambas cheias de flor de farinha amassada com azeite para a oferta. ⁵⁶Levou também uma vasilha de ouro, de cem gramas, cheia de incenso; ⁵⁷um bezerro, um carneiro e um cordeiro de um ano para o holocausto; ⁵⁸um bode para o sacrifício pelo pecado; ⁵⁹e, para o sacrifício de comunhão, dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cordeiros de um ano. Essa foi a oferta de Gamaliel, filho de Fadassur.

⁶⁰No nono dia, Abidã, filho de Gedeão, chefe dos filhos de Benjamim, levou a sua oferta: ⁶¹uma bandeja de prata de mil e trezentos gramas, uma bacia de prata para aspersão de setecentos gramas, conforme o peso padrão do santuário, ambas cheias de flor de farinha amassada com azeite para a oferta. ⁶²Levou também uma vasilha de ouro, de cem gramas, cheia de incenso; ⁶³um bezerro, um carneiro e um cordeiro de um ano para o holocausto; ⁶⁴um bode para o sacrifício pelo pecado; ⁶⁵e, para o sacrifício de comunhão, dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cordeiros de um ano. Essa foi a oferta de Abidã, filho de Gedeão.

⁶⁶No décimo dia, Aiezer, filho de Amisadai, chefe dos filhos de Dã, levou a sua oferta: ⁶⁷uma bandeja de prata de mil e trezentos gramas, uma bacia de prata para aspersão de setecentos gramas, conforme o peso padrão do santuário, ambas cheias de flor de farinha amassada com azeite para a oferta. ⁶⁸Levou também uma vasilha de ouro, de cem gramas, cheia de incenso; ⁶⁹um bezerro, um carneiro e um cordeiro de um ano para o holocausto; ⁷⁰um bode para o sacrifício pelo pecado; ⁷¹e, para o sacrifício de comunhão, dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cordeiros de um ano. Essa foi a oferta de Aiezer, filho de Amisadai.

⁷²No décimo primeiro dia, Fegiel, filho de Ocrã, chefe dos filhos de Aser, levou a sua oferta: ⁷³uma bandeja de prata de mil e trezentos gramas, uma bacia

de prata para aspersão de setecentos gramas, conforme o peso padrão do santuário, ambas cheias de flor de farinha amassada com azeite para a oferta. ⁷⁴Levou também uma vasilha de ouro, de cem gramas, cheia de incenso; ⁷⁵um bezerro, um carneiro e um cordeiro de um ano para o holocausto; ⁷⁶um bode para o sacrifício pelo pecado; ⁷⁷e, para o sacrifício de comunhão, dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cordeiros de um ano. Essa foi a oferta de Fegiel, filho de Ocrã.

⁷⁸No décimo segundo dia, Aíra, filho de Enã, chefe dos filhos de Neftali, levou a sua oferta: ⁷⁹uma bandeja de prata de mil e trezentos gramas, uma bacia de prata para aspersão de setecentos gramas, conforme o peso padrão do santuário, ambas cheias de flor de farinha amassada com azeite para a oferta. ⁸⁰Levou também uma vasilha de ouro, de cem gramas, cheia de incenso; ⁸¹um bezerro, um carneiro e um cordeiro de um ano para o holocausto; ⁸²um bode para o sacrifício pelo pecado; ⁸³e, para o sacrifício de comunhão, dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cordeiros de um ano. Essa foi a oferta de Aíra, filho de Enã.

⁸⁴Esta foi a oferta dos chefes de Israel para a dedicação do altar, no dia em que foi ungido: doze bandejas de prata, doze bacias de prata para aspersão, doze vasilhas de ouro. ⁸⁵Cada bandeja de prata pesava mil e trezentos gramas, e cada bacia de aspersão setecentos gramas, sendo que o total foi de vinte e quatro mil gramas de prata, conforme o peso padrão do santuário. ⁸⁶Doze vasilhas de ouro de cem gramas cada uma, conforme o peso padrão do santuário, cheias de incenso, dando um total de mil e duzentos gramas de ouro. ⁸⁷O total dos animais para o holocausto foi de doze bezerros, doze carneiros e doze cordeiros de um ano, com as ofertas que os acompanhavam, e doze bodes para o sacrifício pelo pecado. ⁸⁸Para o sacrifício de comunhão, o total dos animais foi de vinte e quatro bois, sessenta carneiros, sessenta bodes e sessenta cordeiros de um ano. Essa foi a oferta para a dedicação do altar, quando foi ungido.

⁸⁹Quando Moisés entrou na tenda da reunião para falar com Deus, ouviu a voz que lhe falava da placa de ouro que cobre a arca da aliança, entre os dois querubins. E Deus falava com Moisés. [10-89]

8 *A luz de Javé* — ¹Javé falou a Moisés: ²“Diga a Aarão: Quando você acender as lâmpadas, faça de modo que elas iluminem a parte da frente do candelabro”.

³Aarão assim fez: colocou as lâmpadas de tal modo que iluminassem a parte da

frente do candelabro, conforme Javé tinha ordenado a Moisés. ⁴O candelabro era de ouro cinzelado, desde o pedestal até as hastes. Ele foi feito de acordo com o modelo que Javé havia mostrado a Moisés. [8,1-4]

Consagrados de Javé — ⁵Javé falou a Moisés: ⁶“Escolha levitas entre os filhos de Israel e purifique-os ⁷do seguinte modo: Faça sobre eles uma aspersão com água da expiação. Depois, passarão a navalha por todo o corpo, lavarão suas roupas e se purificarão. ⁸A seguir, pegarão um bezerro, com a correspondente oferta de flor de farinha amassada com azeite. Então você pegará outro bezerro para o sacrifício pelo pecado. ⁹Faça que os levitas se aproximem da tenda da reunião e convoque toda a comunidade dos filhos de Israel.

¹⁰Quando os levitas estiverem diante de Javé, os filhos de Israel imporão as mãos sobre eles. ¹¹Em seguida, Aarão, em nome dos filhos de Israel, os apresentará a Javé com o gesto de apresentação, para que eles possam desempenhar as tarefas de Javé. ¹²Os levitas colocarão a mão sobre a cabeça dos bezerros, e você os oferecerá pelo pecado dos levitas: um como sacrifício pelo pecado e o outro em holocausto. ¹³Coloque, depois, os levitas diante de Aarão e seus filhos, e ofereça-os a Javé com o gesto de apresentação. ¹⁴Desse modo, separe do meio dos filhos de Israel os levitas, para que pertençam a mim. ¹⁵Então os levitas poderão começar a servir na tenda da reunião. Purifique-os e ofereça-os com o gesto de apresentação, ¹⁶porque os levitas me foram dados pelos filhos de Israel, em troca de seus primogênitos, e eu os reservo para mim. ¹⁷Todos os primogênitos de Israel, homem ou animal, me pertencem: eu os consagrei a mim mesmo, desde o dia em que matei todos os primogênitos do Egito. ¹⁸Por isso, eu reservo para mim os levitas, em troca dos primogênitos dos filhos de Israel, ¹⁹e os entrego a Aarão e seus filhos como doação dos filhos de Israel, para que façam o serviço dos filhos de Israel na tenda da reunião e para que realizem o rito pelo pecado em favor dos filhos de Israel. Desse modo, nenhuma desgraça atingirá os filhos de Israel quando se aproximarem do santuário”.

²⁰Moisés, Aarão e toda a comunidade dos filhos de Israel fizeram com os levitas tudo o que Javé havia ordenado a Moisés. ²¹Os levitas se purificaram de seus pecados e lavaram suas roupas. Aarão os ofereceu a Javé com o gesto de apresentação, e para purificá-los realizou com eles o rito pelo pecado. ²²Os levitas foram, então, admitidos para cumprir sua função na tenda da reunião, na

presença de Aarão e seus filhos. Desse modo se cumpriu tudo o que Javé havia ordenado a Moisés a respeito dos levitas.

²³Javé falou a Moisés: ²⁴“A partir dos vinte e cinco anos os levitas farão os trabalhos da tenda da reunião. ²⁵Aos cinquenta anos eles se aposentarão e não prestarão mais serviço. ²⁶Poderão ajudar seus irmãos montando guarda na tenda da reunião, mas não trabalharão. Tais são as disposições quanto às funções dos levitas”. [5-26]

9 *A celebração da Páscoa* — ¹Dois anos depois que os filhos de Israel saíram do Egito, no primeiro mês, Javé falou a Moisés no deserto do Sinai: ²“Os filhos de Israel celebrarão a Páscoa na data marcada. ³No dia catorze do primeiro mês, ao entardecer, celebrarão a festa conforme todos os seus estatutos e normas”. ⁴Moisés mandou os filhos de Israel celebrar a Páscoa. ⁵E eles a celebraram no dia catorze do primeiro mês, ao entardecer, no deserto do Sinai. Os filhos de Israel fizeram tudo de acordo com o que Javé tinha ordenado a Moisés.

⁶Alguns homens estavam impuros porque haviam tocado num cadáver, e nesse dia não puderam celebrar a Páscoa. Apresentaram-se no mesmo dia a Moisés e Aarão, ⁷e lhes disseram: “Estamos impuros porque tocamos num cadáver. Por que não nos deixa trazer nossa oferta a Javé no tempo determinado, junto com os outros filhos de Israel?” ⁸Moisés respondeu: “Esperem até que eu saiba o que Javé vai ordenar a respeito de vocês”. ⁹Javé falou a Moisés: ¹⁰“Diga aos filhos de Israel: Se alguém de vocês ou de seus descendentes estiver impuro por ter tocado num cadáver, ou estiver numa longa viagem, deverá celebrar a Páscoa de Javé ¹¹no dia catorze do segundo mês, ao entardecer. Comerão a Páscoa com pães sem fermento e com ervas amargas; ¹²não deverá sobrar nada para o dia seguinte, nem se quebrará osso nenhum do cordeiro. Deverão celebrar a Páscoa conforme o ritual. ¹³Quem estiver puro ou não estiver em viagem, e deixar de celebrar a Páscoa, será excluído do seu povo: porque não trouxe a oferta para Javé no tempo certo, deverá carregar a própria culpa. ¹⁴O imigrante que mora entre vocês deverá celebrar a Páscoa de Javé conforme o ritual e os costumes da festa. O mesmo ritual vale tanto para o imigrante como para o nativo do país”. [9,1-14]

Discernir a vontade de Deus — ¹⁵No dia em que foi montado o santuário, a nuvem cobria o santuário, isto é, a tenda da reunião, e desde o entardecer até o

amanhecer, ela ficava sobre o santuário com aspecto de fogo. ¹⁶Acontecia sempre o mesmo: de noite, a nuvem cobria o santuário, tomando aspecto de fogo até o amanhecer. ¹⁷Quando a nuvem se elevava sobre a tenda, os filhos de Israel se punham em marcha; quando ela parava, eles aí acampavam. ¹⁸Eles se punham em marcha ou acampavam conforme a ordem de Javé. Permaneciam acampados durante todo o tempo em que a nuvem repousava sobre o santuário. ¹⁹Se a nuvem permanecia muitos dias sobre o santuário, os filhos de Israel observavam a ordem de Javé e não partiam. ²⁰Às vezes, a nuvem ficava poucos dias sobre o santuário; então, permaneciam acampados ou partiam, de acordo com a ordem de Javé. ²¹Às vezes, a nuvem ficava desde o entardecer até o amanhecer e, quando ela se levantava, ao amanhecer, eles se punham em marcha. Outras vezes, ficava um dia e uma noite e, quando ela se levantava, eles partiam. ²²Outras vezes ainda, a nuvem permanecia dois dias, um mês ou até um ano. Os filhos de Israel ficavam acampados e não partiam; quando a nuvem se levantava, então partiam. ²³Eles acampavam ou partiam de acordo com a ordem de Javé. Respeitavam a ordem de Javé, que era comunicada por Moisés. [\[15-23\]](#)

10 *Deus convoca o povo* — ¹Javé falou a Moisés: ²“Faça duas trombetas de prata lavrada, para convocar a comunidade e dar o toque de partida para os acampamentos. ³Ao toque das duas trombetas, toda a comunidade se reunirá com você na entrada da tenda da reunião. ⁴Quando for tocada uma só trombeta, os chefes dos clãs se reunirão com você. ⁵Ao primeiro toque agudo, os que estiverem acampados a leste se colocarão em movimento. ⁶Ao segundo toque, partirão os que estiverem acampados no sul: será dado um toque para que se ponham em marcha. ⁷Para convocar a assembleia se dará um toque, mas não agudo. ⁸Os sacerdotes, filhos de Aarão, ficarão encarregados de tocar as trombetas. Essa é uma lei perpétua para vocês e seus descendentes.

⁹Quando vocês estiverem no seu país e tiverem que sair para lutar contra o inimigo, que os esteja oprimindo, vocês tocarão a trombeta para o combate. Então Javé, o seu Deus, se lembrará de vocês e os salvará de seus inimigos. ¹⁰Também nos dias de festa, solenidades ou começo de mês, vocês tocarão as trombetas para anunciar os holocaustos e sacrifícios de comunhão. Então o seu Deus se lembrará de vocês. Eu sou Javé, o Deus de vocês”. [\[10,1-10\]](#)

II. O POVO DE DEUS EM MARCHA

Partida para a terra prometida — ¹¹No dia vinte do segundo mês do segundo ano, a nuvem se levantou sobre o santuário da aliança. ¹²Então os filhos de Israel partiram do deserto do Sinai, conforme sua ordem de marcha. E a nuvem parou no deserto de Farã.

¹³São estes os que partiram em primeiro lugar, conforme a ordem de Javé, transmitida por Moisés. ¹⁴Em primeiro lugar partiu a bandeira do acampamento dos filhos de Judá, por esquadrões, sob as ordens de Naasson, filho de Aminadab. ¹⁵Judá estava acompanhado pelo esquadrão dos filhos de Issacar, chefiado por Natanael, filho de Suar, ¹⁶e pelo esquadrão dos filhos de Zabulon, chefiado por Eliab, filho de Helon.

¹⁷Em seguida, o santuário foi desmontado, e partiram os filhos de Gérson e os filhos de Merari, encarregados de transportar o santuário. ¹⁸A seguir partiu a bandeira do acampamento dos filhos de Rúben, por esquadrões, sob as ordens de Elisur, filho de Sedeur. ¹⁹Rúben estava acompanhado pelo esquadrão dos filhos de Simeão, chefiado por Salamiel, filho de Surisadai, ²⁰e pelo esquadrão dos filhos de Gad, chefiado por Eliasaf, filho de Reuel.

²¹Partiram, então, os filhos de Caat, encarregados de transportar o santuário, de modo que o santuário já estaria montado quando eles chegassem.

²²Partiu, depois, a bandeira do acampamento dos filhos de Efraim, por esquadrões, sob as ordens de Elisama, filho de Amiud. ²³Efraim estava acompanhado pelo esquadrão dos filhos de Manassés, chefiado por Gamaliel, filho de Fadassur, ²⁴e pelo esquadrão dos filhos de Benjamim, chefiados por Abidã, filho de Gedeão. ²⁵Por último, fechando a retaguarda, partiu a bandeira do acampamento dos filhos de Dã, por esquadrões, sob as ordens de Aiezer, filho de Amisadai. ²⁶Dã estava acompanhado pelo esquadrão dos filhos de Aser, chefiado por Fegiel, filho de Ocrã, ²⁷e pelo esquadrão dos filhos de Neftali, chefiado por Aíra, filho de Enã. ²⁸Foi essa a ordem de partida, por esquadrões, dos filhos de Israel, quando se puseram em marcha.

²⁹Moisés disse ao seu sogro Hobab, filho de Ragüel, o madianita: “Vamos partir para o lugar que Javé prometeu dar para nós. Venha conosco e o trataremos bem, porque Javé prometeu coisas boas para Israel”. ³⁰Hobab respondeu: “Não vou. Prefiro voltar para a minha terra natal”. ³¹Moisés insistiu:

“Não nos abandone, porque você conhece este deserto e os lugares onde podemos acampar. Você pode ser o nosso guia. ³²Se você for conosco, nós repartiremos com você as coisas boas que Javé nos der e o trataremos bem”.

³³Partiram, então, da montanha de Javé e andaram durante três dias. Durante todo o tempo, a arca da aliança de Javé ia na frente, providenciando um local onde eles pudessem descansar. ³⁴Durante o dia a nuvem de Javé ficava sobre eles, desde quando partiram. ³⁵Quando a arca partia, Moisés falava: “Levanta-te, Javé! Que teus inimigos se dispersem e os que te odeiam fujam da tua presença”. ³⁶Quando a arca estava em repouso, Moisés dizia: “Descansa, Javé, entre as multidões de Israel”. [11-36]

11 *Liberdade é conquista contínua* — ¹O povo começou a queixar-se a Javé de suas desgraças. Ao ouvir a queixa, a ira dele se inflamou, e o fogo de Javé começou a devorar uma extremidade do acampamento. ²O povo gritou a Moisés. Este intercedeu junto a Javé em favor deles, e o incêndio se apagou. ³Esse local se chamou Lugar do Incêndio, porque aí o fogo de Javé ardeu contra eles.

⁴A multidão que estava com eles ficou faminta. Então os filhos de Israel começaram a reclamar junto com eles, dizendo: “Quem nos dará carne para comer? ⁵Temos saudade dos peixes que comíamos de graça no Egito, os pepinos, melões, verduras, cebolas e alhos! ⁶Agora, perdemos até o apetite, porque não vemos outra coisa além desse maná!” ⁷O maná era parecido com a semente de coentro e tinha aparência de resina. ⁸O povo se espalhava para juntá-lo e o esmagava no moinho ou moía no pilão; depois o cozinhava numa panela e fazia bolos, com gosto de bolo amassado com azeite. ⁹À noite, quando caía orvalho sobre o acampamento, caía também o maná. [11,1-9]

O problema da liderança — ¹⁰Moisés ouviu o povo reclamar, cada família na entrada da própria tenda, provocando a ira de Javé. Moisés ficou desgostoso, ¹¹e disse a Javé: “Por que tratas tão mal o teu servo? Por que gozo tão pouco do teu favor, a ponto de me impores o peso de todo este povo? ¹²Por acaso fui eu que concebi ou dei à luz este povo, para que me digas: ‘Tome este povo nos braços, da maneira que a ama carrega a criança no colo, e leve-o para a terra que eu jurei dar aos pais deles’? ¹³De onde vou tirar carne para dar a todo este povo? Eles vêm a mim reclamando: ‘Dê-nos carne para comer’. ¹⁴Eu sozinho não consigo carregar este povo, pois supera as minhas forças! ¹⁵Se é assim que me pretendes

tratar, prefiro a morte! Concede-me esse favor, e eu não terei que passar por essa desgraça!” [10-15]

Liderança participada e representativa — ¹⁶Javé respondeu a Moisés: “Reúna setenta anciãos de Israel, que você sabe que são anciãos e magistrados do povo. Leve-os à tenda da reunião, para que se apresentem aí com você. ¹⁷Eu descerei aí e falarei com você. Separarei uma parte do espírito que você possui e passarei para eles, a fim de que repartam com você o peso do povo, e você não tenha mais que o carregar sozinho. ¹⁸Então você dirá ao povo: Santifiquem-se para amanhã, e vocês comerão carne, pois vocês reclamaram a Javé, dizendo: ‘Quem nos dará carne para comer? No Egito estávamos melhor!’ Pois bem! Javé dará carne para vocês comerem, ¹⁹e vocês não comerão apenas um dia ou dois, cinco, dez ou vinte. ²⁰Pelo contrário, vocês comerão o mês inteiro, até ficarem enjoados e vomitarem, porque rejeitaram Javé que está no meio de vocês, e reclamaram, dizendo: ‘Por que saímos do Egito?’ ”

²¹Moisés disse: “O povo que está comigo conta com seiscentas mil pessoas adultas, e tu dizes que darás carne para eles comerem o mês inteiro! ²²Ainda que matássemos as vacas e ovelhas, isso não seria suficiente e, ainda que reuníssemos todos os peixes do mar, nem assim lhes bastariam”. ²³Javé respondeu a Moisés: “Será que o meu poder diminuiu? Você verá se a minha palavra vai cumprir-se ou não”.

²⁴Moisés saiu e comunicou as palavras de Javé ao povo. Depois reuniu setenta anciãos do povo e os colocou ao redor da tenda da reunião. ²⁵Então Javé desceu na nuvem, falou com Moisés, separou uma parte do espírito que Moisés possuía, e a colocou nos setenta anciãos. Quando o espírito pousou sobre eles, puseram-se a profetizar; mas, depois, nunca mais o fizeram. [16-25]

Plena participação popular — ²⁶Dois homens do grupo tinham ficado no acampamento: um se chamava Eldad e o outro Medad. Embora estivessem na lista, não tinham ido à tenda. Mas o espírito pousou sobre eles e começaram a profetizar no acampamento. ²⁷Um jovem foi correndo contar a Moisés: “Eldad e Medad estão profetizando no acampamento!” ²⁸Josué, filho de Nun, que desde a juventude era ajudante de Moisés, interveio: “Moisés, meu senhor, proíba-os de fazer isso”. ²⁹Moisés, porém, respondeu: “Você está com ciúme por mim? Oxalá todo o povo de Javé fosse profeta e recebesse o espírito de Javé!” ³⁰E Moisés voltou ao acampamento, junto com os anciãos de Israel. [26-30]

Quem não participa é excluído — ³¹Javé levantou do mar um vento que arrastou bandos de codornizes, fazendo-as cair no acampamento. Então, no raio de um dia de viagem ao redor do acampamento, o chão ficou coberto delas, formando uma camada de quase um metro de altura. ³²O povo passou o dia todo, a noite e o dia seguinte recolhendo codornizes; quem recolheu menos, chegou a juntar dez cargas de burro. E as estenderam ao redor do acampamento. ³³Estavam ainda com a carne na boca, sem ter mastigado, quando a ira de Javé se inflamou contra o povo, ferindo-o com grande mortandade. ³⁴O lugar ficou sendo chamado de Cemitério da Avidez, porque aí o povo enterrou as vítimas da sua avidez. ³⁵Daí partiram para Currais, onde acamparam. [31-35]

12 *Não trair o projeto inicial* — ¹Maria e Aarão falaram contra Moisés, por causa da mulher cuchita que ele havia tomado como esposa. ²Eles disseram: “Será que Javé falou somente a Moisés? Não falou também a nós?” E Javé os ouviu. ³Moisés era o homem mais humilde entre todos os homens da terra.

⁴De repente, Javé disse a Moisés, a Aarão e Maria: “Vão os três para a tenda da reunião”. Os três foram ⁵e Javé desceu numa coluna de nuvem, colocou-se à entrada da tenda e chamou Aarão e Maria. Eles se aproximaram, ⁶e Javé disse: “Ouçam o que eu vou lhes dizer: Quando entre vocês há um profeta, eu me apresento a ele em visão e falo com ele em sonhos. ⁷Não acontece assim com o meu servo Moisés, que é homem de confiança em toda a minha casa: ⁸com ele eu falo face a face, às claras e sem enigmas; e ele vê a figura de Javé. Por que vocês se atreveram a falar contra o meu servo Moisés?” ⁹A ira de Javé se inflamou contra eles, e Javé se retirou. ¹⁰A nuvem se afastou da tenda, e a pele de Maria ficou toda esbranquiçada, como a neve. Ao voltar-se para ela, Aarão viu-a com a pele esbranquiçada.

¹¹Aarão disse a Moisés: “Por favor, meu senhor! Não peça contas da culpa pelos pecados que tivemos a loucura de cometer e da qual somos culpados. ¹²Não deixe que Maria permaneça como um aborto que já sai do ventre da mãe com a carne meio carcomida”. ¹³Moisés suplicou a Javé: “Por favor, conceda-lhe a cura!” ¹⁴Então Javé disse a Moisés: “Se o pai dela lhe tivesse cuspidado na cara, ela ficaria difamada por sete dias. Pois então, que ela fique isolada por sete dias, fora do acampamento, e só depois seja admitida novamente”. ¹⁵Isolaram Maria durante sete dias fora do acampamento, e o povo não partiu antes que ela

voltasse. ¹⁶Depois partiram de Currais e foram acampar no deserto de Farã. [12,1-16]

13 *Não se acovardar diante da realidade* — ¹Javé falou a Moisés: ²“Mande gente para explorar o país de Canaã, que vou dar aos filhos de Israel. Mande um de cada tribo, e que sejam todos chefes”. ³Seguindo a ordem de Javé, Moisés os enviou do deserto de Farã. Todos eram chefes dos filhos de Israel, ⁴e seus nomes são os seguintes: da tribo de Rúben, Samua, filho de Zacur; ⁵da tribo de Simeão, Safat, filho de Huri; ⁶da tribo de Judá, Caleb, filho de Jefoné; ⁷da tribo de Issacar, Igal, filho de José; ⁸da tribo de Efraim, Oseias, filho de Nun; ⁹da tribo de Benjamim, Falti, filho de Rafu; ¹⁰da tribo de Zabulon, Gediel, filho de Sodi; ¹¹da tribo de Manassés, filho de José, Gadi, filho de Susi; ¹²da tribo de Dã, Amiel, filho de Gemali; ¹³da tribo de Aser, Setur, filho de Miguel; ¹⁴da tribo de Neftali, Naabi, filho de Vapsi; ¹⁵da tribo de Gad, Güel, filho de Maqui. ¹⁶São esses os nomes dos homens que Moisés mandou explorar o país. Quanto a Oseias, filho de Nun, Moisés lhe deu o nome de Josué.

¹⁷Moisés mandou que eles explorassem o país de Canaã, e lhes falou: “Subam pelo deserto do Negueb até chegar à montanha. ¹⁸Observem como é o país e seus habitantes, se são fortes ou fracos, poucos ou numerosos. ¹⁹Vejam se a terra é boa ou ruim; como é que são as cidades onde moram, se são abertas ou fortificadas. ²⁰Vejam se a terra é fértil ou estéril, se tem árvores ou não. Sejam corajosos e tragam frutos da terra”.

Era o tempo em que a uva começava a amadurecer. ²¹Eles subiram e exploraram o país desde o deserto de Sin até Roob, junto à entrada de Emat. ²²Subiram pelo deserto e chegaram a Hebron, onde viviam Aimã, Sesai e Tolmai, filhos de Enac. Hebron tinha sido fundada sete anos antes que Tânis do Egito. ²³Chegando ao vale do Cacho, cortaram um ramo de videira com um cacho de uvas, e o penduraram numa vara transportada por dois homens; colheram também romãs e figos. ²⁴Esse lugar ficou sendo chamado vale do Cacho, por causa do cacho de uvas que os filhos de Israel aí cortaram.

²⁵Quarenta dias depois, voltaram os exploradores ²⁶e se apresentaram diante de Moisés, Aarão e toda a comunidade de Israel, no deserto de Farã, em Cades. Diante deles e da comunidade, fizeram seu relatório e mostraram os frutos da terra. ²⁷O relatório deles foi o seguinte: “Entramos na terra aonde você nos enviou. É uma terra onde corre leite e mel, e aqui vocês podem ver os frutos

dela. ²⁸Mas o povo que mora no país é poderoso, e as cidades são grandes e fortificadas. Também vimos aí os filhos de Enac. ²⁹Os amalecitas ocupam a região do Negueb; os heteus, amorreus e jebuseus vivem na montanha; os cananeus moram junto do mar e às margens do Jordão”.

³⁰Então Caleb fez o povo ficar em silêncio diante de Moisés, e falou: “Temos que subir e tomar posse dessa terra; nós podemos fazer isso”. ³¹Mas os homens que haviam acompanhado Caleb replicaram: “Não podemos atacar esse povo, porque ele é mais forte do que nós”. ³²E, diante dos filhos de Israel, começaram a pôr defeitos na terra que haviam explorado: “A terra que fomos explorar é uma terra que devora seus habitantes; o povo que vimos nela são homens de grande estatura. ³³Aí nós vimos gigantes, os filhos de Enac, que são gigantes mesmo. Tanto para nós próprios, como para eles, nós parecíamos gafanhotos”. [13,1-33]

14 *As tentações na caminhada* — ¹Então toda a comunidade de Israel começou a gritar e berrar, e o povo se queixou a noite inteira. ²Os filhos de Israel murmuravam contra Moisés e Aarão, e toda a comunidade dizia: “Seria melhor se tivéssemos morrido na terra do Egito! É melhor morrer neste deserto! ³Por que Javé nos trouxe a esta terra? Para morrermos pela espada e para que nossas mulheres e crianças se tornem escravas? Não seria melhor voltar para o Egito?” ⁴E diziam uns aos outros: “Vamos escolher um chefe e voltar para o Egito”.

⁵Moisés e Aarão se prostraram por terra diante de toda a comunidade reunida dos filhos de Israel. ⁶Dois daqueles que foram explorar a terra, Josué, filho de Nun, e Caleb, filho de Jefoné, rasgaram suas roupas. ⁷Eles disseram a toda a comunidade dos filhos de Israel: “A terra que fomos explorar é boa, é uma terra excelente! ⁸Se Javé estiver do nosso lado, ele nos fará entrar nessa terra e a dará para nós: é uma terra onde corre leite e mel. ⁹Entretanto, não se revoltam contra Javé, não tenham medo do povo dessa terra. Nós os devoraremos como um pedaço de pão. Eles não estão mais protegidos do que nós, porque Javé está conosco. Não tenham medo deles!” ¹⁰Toda a comunidade, porém, falava em apedrejá-los. Nesse momento, a glória de Javé apareceu na tenda da reunião, diante de todos os filhos de Israel.

¹¹Javé disse a Moisés: “Até quando esse povo vai me desprezar? Até quando se recusará a acreditar em mim, apesar de todos os sinais que tenho feito entre vocês? ¹²Vou feri-lo com peste e deserdá-lo. De você, tirarei um povo grande e

mais numeroso do que eles”. ¹³Moisés respondeu a Javé: “Os egípcios sabem que foste tu que tiraste este povo do meio deles com grande poder, ¹⁴e dirão isso aos habitantes desta terra. Eles souberam, Javé, que tu estás no meio deste povo, que te mostras a ele face a face, que tua nuvem está sobre ele, e caminhas à sua frente de dia numa coluna de nuvem, e de noite numa coluna de fogo. ¹⁵Se agora fazes este povo perecer, como se fosse um só homem, as nações ouvirão a notícia e dirão: ¹⁶‘Javé não conseguiu levar esse povo à terra que havia prometido para eles; por isso o matou no deserto’. ¹⁷Portanto, mostra tua grande força, conforme prometeste. ¹⁸Javé, paciente e misericordioso, que perdoas a culpa e a transgressão, mas não nos deixas sem castigo; que castigas a culpa dos pais em seus filhos, netos e bisnetos: ¹⁹perdoa a culpa deste povo, conforme a tua grande misericórdia, já que o trouxeste do Egito até aqui”.

²⁰Javé disse: “Eu perdoo o povo, conforme você está pedindo. ²¹Mas, por minha vida e pela glória de Javé que enche a terra, ²²todos os homens, que viram a minha glória e os sinais que eu fiz no Egito e no deserto, já me puseram à prova dez vezes, e não me obedeceram. ²³Eles não verão a terra que jurei dar a seus pais. Nenhum daqueles que me desprezaram verá essa terra. ²⁴Meu servo Caleb, porém, animado de outro espírito, ele me seguiu fielmente. Por isso eu o farei entrar na terra que ele explorou, e a descendência dele possuirá essa terra. ²⁵Visto que os amalecitas e cananeus habitam no vale, amanhã vocês deverão partir para o deserto, seguindo a rota do mar Vermelho”.

²⁶E Javé continuou a dizer a Moisés e Aarão: ²⁷“Até quando essa comunidade perversa continuará murmurando contra mim? Ouvi os filhos de Israel se queixarem contra mim. ²⁸Diga a eles: Por minha vida — oráculo de Javé — eu os tratarei conforme o que vocês me jogaram na cara. ²⁹Seus cadáveres cairão neste deserto. E todos os que foram recenseados, de vinte anos para cima, e que murmuraram contra mim, ³⁰não entrarão na terra onde jurei estabelecer vocês. A única exceção será Josué, filho de Nun, e Caleb, filho de Jefoné. ³¹Quanto aos filhos de vocês, de quem vocês diziam que seriam levados como escravos, eu os farei entrar para conhecer a terra que vocês desprezaram. ³²Mas os cadáveres de vocês cairão neste deserto, ³³e por este deserto os filhos de vocês caminharão errantes durante quarenta anos, carregando a infidelidade de vocês, até que os cadáveres de vocês se desfaçam no deserto. ³⁴Vocês exploraram a terra durante quarenta dias. A cada dia corresponderá um ano. Pois bem! Vocês carregarão o peso de suas faltas por quarenta anos, para que vocês saibam o que significa

abandonar a mim. ³⁵Eu sou Javé, e juro que vou tratar desse modo a essa comunidade que se revoltou contra mim: serão consumidos neste deserto e nele morrerão”.

³⁶Quanto aos homens que Moisés enviou para explorar a terra e que colocaram a comunidade contra ele, fazendo pouco da terra, ³⁷esses homens, que fizeram pouco da terra, morreram fulminados diante de Javé. ³⁸De todos os que haviam explorado a terra, somente Josué, filho de Nun, e Caleb, filho de Jefoné, permaneceram vivos.

³⁹Moisés comunicou essas palavras a todos os filhos de Israel. E o povo ficou muito perturbado. ⁴⁰No dia seguinte, eles se levantaram de madrugada e subiram até o alto da montanha, dizendo: “Vamos subir ao lugar a respeito do qual Javé nos falou. Nós pecamos”. ⁴¹Moisés, porém, disse: “Por que vocês passam por cima da ordem de Javé? Isso não vai dar certo. ⁴²Não subam, porque Javé não está com vocês, e o inimigo os derrotará. ⁴³De fato, os amalecitas e cananeus os enfrentarão, e vocês cairão a golpes de espada. Vocês se afastaram de Javé, e por isso Javé não está com vocês”. ⁴⁴Apesar disso, eles teimaram em subir ao topo do monte, enquanto Moisés e a arca da aliança de Javé permaneceram no acampamento. ⁴⁵Os amalecitas e cananeus, que habitavam na montanha, desceram e os derrotaram, destruindo-os até Horma. [14,1-45]

15 *Os dons de Javé* — ¹Javé falou a Moisés: ²“Diga aos filhos de Israel: Quando vocês entrarem na terra que eu vou lhes dar, para que vocês habitem aí, ³ao oferecerem a Javé uma oblação, de gado maior ou menor, uma oblação de perfume agradável para Javé, seja holocausto, seja sacrifício de comunhão voluntário, ou para cumprir um voto, ou por ocasião de uma festa, ⁴aquele que fizer sua oferta a Javé, apresentará o seguinte: uma oferta de quatro litros e meio de flor de farinha, amassada com dois litros de azeite. ⁵Juntamente com o holocausto ou com o sacrifício de comunhão, fará uma libação de dois litros de vinho para cada cordeiro. ⁶Tratando-se de um carneiro, você fará uma oblação de nove litros de flor de farinha, amassada com dois litros e meio de azeite, ⁷e uma libação de dois litros e meio de vinho, como perfume agradável para Javé. ⁸Se o holocausto ou o sacrifício de comunhão, para fazer um voto ou ação de graças a Javé, for de um bezerro, ⁹você deverá acrescentar uma oferta de treze litros e meio de flor de farinha, amassada com quatro litros de azeite, ¹⁰e uma libação de quatro litros de vinho, oblação de perfume agradável para Javé.

¹¹ Isso é o que se deve oferecer com um bezerro, um carneiro, uma ovelha ou um cabrito. ¹² Vocês aplicarão sempre essa proporção.

¹³ Assim deverá fazer o nativo do país, quando apresentar uma oferta queimada, de perfume agradável para Javé. ¹⁴ E no futuro, se algum imigrante, que residir com vocês ou com seus descendentes, quiser apresentar uma oblação de perfume agradável para Javé, fará o mesmo que vocês. ¹⁵ Haverá um só rito para toda a comunidade, tanto para vocês como para o imigrante que mora no meio de vocês. Será, diante de Javé, um rito perene a ser conservado de geração em geração, valendo tanto para vocês como para o imigrante. ¹⁶ Haverá a mesma lei e o mesmo rito para vocês e para o imigrante que morar entre vocês”.

¹⁷ Javé falou a Moisés: ¹⁸ “Diga aos filhos de Israel: Quando vocês tiverem entrado na terra, para onde eu os conduzo, ¹⁹ e comerem o pão nessa terra, vocês deverão separar uma oferta para apresentar a Javé: ²⁰ separarão um pão feito com a primeira farinha, como vocês fazem com o tributo da eira. ²¹ Vocês deverão dar a Javé um tributo da massa do pão: isso vale para todas as gerações de vocês. [15,1-21]

Tomar consciência dos erros cometidos — ²² Se vocês errarem sem querer, deixando de observar algum dos mandamentos que Javé deu a Moisés, ²³ de tudo o que Javé ordenou a vocês por meio de Moisés, desde o dia em que Javé ordenou essas coisas e daí por diante, ²⁴ vocês deverão fazer o seguinte: se o erro foi cometido pela comunidade sem querer, sem que a comunidade tenha percebido, a comunidade inteira oferecerá um bezerro como holocausto de perfume agradável para Javé, junto com a oblação e a libação, conforme o ritual. E oferecerá também um bode, como sacrifício pelo pecado. ²⁵ O sacerdote fará o sacrifício pelo pecado por toda a comunidade dos filhos de Israel, e o pecado será perdoado a eles, pois foi feito sem querer. Eles levarão a oferta para ser queimada diante de Javé, e apresentarão diante de Javé o sacrifício pelo pecado, a fim de reparar o erro cometido sem querer. ²⁶ Este será perdoado a toda a comunidade dos filhos de Israel, e também ao imigrante que mora entre eles, porque todo o povo pecou sem querer.

²⁷ Se apenas uma pessoa pecar sem querer, oferecerá um cabrito de um ano, como sacrifício pelo pecado. ²⁸ O sacerdote fará pela pessoa, diante de Javé, um sacrifício pelo pecado; e a pessoa ficará perdoada. ²⁹ A mesma norma vale tanto para um filho de Israel como para um imigrante que mora no meio do povo,

quando pecarem sem querer. ³⁰Todavia, quem procede com plena consciência, seja nativo, seja imigrante, comete ultraje contra Javé. Esse indivíduo deve ser excluído do meio do povo, ³¹porque desprezou a palavra de Javé e violou seu mandamento. Essa pessoa deve ser excluída, pois a culpa está nela mesma”. [22-31]

Violação do sábado — ³²Enquanto os filhos de Israel estavam no deserto, surpreenderam um homem que recolhia lenha em dia de sábado. ³³E o levaram até Moisés, Aarão e toda a comunidade, ³⁴mantendo-o preso enquanto se decidia o que deveria ser feito com ele. ³⁵Javé disse a Moisés: “Esse homem é réu de morte. Toda a comunidade deverá apedrejá-lo fora do acampamento”. ³⁶A comunidade o levou para fora do acampamento e o apedrejou. E o homem morreu, conforme Javé tinha ordenado a Moisés. [32-36]

Um lembrete da Aliança — ³⁷Javé falou a Moisés: ³⁸“Diga aos filhos de Israel: Por todas as gerações, façam borlas e as costurem com linha violeta na franja de suas roupas. ³⁹Vendo essas borlas, vocês se lembrarão dos mandamentos de Javé. E elas ajudarão vocês a cumprir os mandamentos, sem ceder aos caprichos do coração e dos olhos, caprichos que poderiam levar vocês à infidelidade. ⁴⁰Desse modo vocês se lembrarão de todos os meus mandamentos e os colocarão em prática, vivendo consagrados ao seu Deus. ⁴¹Eu sou Javé, o Deus de vocês, que os tirei da terra do Egito para ser o Deus de vocês. Eu sou Javé, o Deus de vocês”. [37-41]

16 Conflitos na liderança — ¹Coré, filho de Isaar, filho de Caat, filho de Levi, junto com Datã e Abiram, filhos de Eliab, e On, filho de Felet, sendo Eliab e Felet filhos de Rúben, ²se revoltaram contra Moisés juntamente com duzentos e cinquenta homens, chefes da comunidade, membros do conselho e pessoas de fama. ³Eles se reuniram contra Moisés e Aarão, dizendo: “Chega! Todos os membros da comunidade são consagrados, e Javé está no meio deles. Por que vocês dois se colocam acima da comunidade de Javé?” ⁴Quando ouviu isso, Moisés se prostrou com o rosto no chão. ⁵Depois falou a Coré e aos outros que estavam com ele: “Amanhã cedo Javé mostrará quem é dele e quem é o consagrado, e ele o fará aproximar-se. Fará aproximar de si aquele que ele tiver escolhido. ⁶Façam o seguinte: peguem os incensórios, vocês e todos que os seguem. ⁷Amanhã vocês acenderão neles o fogo e colocarão incenso diante de

Javé. Aquele que Javé escolher, esse será o consagrado. E, por ora, chega, filhos de Levi!”

⁸Depois Moisés disse a Coré: “Agora, escutem, filhos de Levi! ⁹O que é que vocês estão querendo? O Deus de Israel separou-os da comunidade de Israel, levando-os para perto dele, para vocês servirem no santuário de Javé e estarem à disposição para servir à comunidade. ¹⁰Javé fez você e seus irmãos levitas se aproximarem dele. Agora vocês querem também o sacerdócio? ¹¹Vocês e seus seguidores se revoltaram contra Javé! Quem é Aarão, para vocês protestarem contra ele?”

¹²Então Moisés mandou chamar Datã e Abiram, filhos de Eliab. Estes responderam: “Não iremos. ¹³Por acaso não basta você nos ter feito sair de uma terra onde corre leite e mel, para nos fazer morrer neste deserto? Você quer ainda ser o nosso chefe? ¹⁴Você não nos levou para uma terra onde corre leite e mel, nem nos deu como herança campos e vinhas! Você pensa que somos cegos? Não iremos”. ¹⁵Então Moisés ficou furioso e disse a Javé: “Não aceites a oferta deles. Eu não tirei deles sequer um burro, e não fiz mal a nenhum deles!” ¹⁶Depois disse a Coré: “Amanhã, você e seus seguidores, e também Aarão, deverão apresentar-se a Javé. ¹⁷Cada um pegue o seu incensório, coloque nele o incenso e o ofereça a Javé. Cada um dos duzentos e cinquenta pegue o próprio incensório, juntamente com você e Aarão”.

¹⁸Cada um pegou o seu incensório, o acendeu e colocou incenso nele. A seguir, ficaram na porta da tenda da reunião com Moisés e Aarão. ¹⁹Coré reuniu seus seguidores na entrada da tenda da reunião. E a glória de Javé manifestou-se a toda a comunidade. ²⁰Então Javé falou a Moisés e Aarão: ²¹“Afastem-se desse grupo, porque vou destruí-lo num instante”. ²²Moisés e Aarão caíram com o rosto por terra e suplicaram: “Deus, Deus dos espíritos de todos os seres vivos! Foi só um que pecou, e tu vais ficar irritado contra todos?” ²³Javé falou a Moisés: ²⁴“Diga às pessoas que se afastem das tendas de Coré, Datã e Abiram”. ²⁵Moisés se levantou e se dirigiu aonde estavam Datã e Abiram. Os anciãos de Israel o seguiram. ²⁶Moisés falou à comunidade: “Afastem-se das tendas desses homens ímpios e não toquem nada do que pertence a eles, para vocês não se comprometerem com os pecados deles”. ²⁷Eles se afastaram das tendas de Coré, Datã e Abiram, enquanto Datã e Abiram saíam com suas mulheres, filhos e crianças, para esperar na entrada da tenda. ²⁸Então Moisés disse: “Agora vocês ficarão sabendo que foi Javé quem me enviou para agir assim, e que eu não fiz

nada por mim mesmo: ²⁹se estes homens morrerem de morte natural, conforme o destino de todos os homens, é sinal que Javé não me enviou. ³⁰Mas se Javé fizer alguma coisa estranha, se a terra se abrir e os engolir com todos os seus, descendo vivos à mansão dos mortos, então vocês ficarão sabendo que esses homens desprezaram Javé”.

³¹Logo que Moisés acabou de falar, o chão rachou debaixo dos pés deles, ³²a terra abriu sua boca e os engoliu com suas famílias, junto com os homens de Coré e todos os seus bens. ³³Desceram vivos à mansão dos mortos, juntamente com todas as coisas que lhes pertenciam. A terra os cobriu e eles desapareceram da comunidade. ³⁴Quando eles gritaram, os filhos de Israel, que estavam ao redor, fugiram correndo, pois pensavam que a terra iria engolir a eles também. ³⁵Saiu um fogo da parte de Javé e devorou os duzentos e cinquenta homens que ofereciam o incenso. [16,1-35]

17 *A função do líder é zelar pela comunidade* — ¹Javé falou a Moisés: ²“Diga a Eleazar, filho do sacerdote Aarão, para tirar os incensórios do meio do fogo e espalhar as brasas, porque são santas. ³Quanto aos incensórios desses homens, que pagaram o seu pecado com a própria vida, sejam transformados em chapas para revestir o altar, pois foram apresentados a Javé. Por isso ficaram consagrados e vão servir de lição para os filhos de Israel”.

⁴O sacerdote Eleazar pegou os incensórios de bronze trazidos pelos homens que o fogo havia destruído. Foram transformados em chapas para revestir o altar, ⁵e assim lembrar aos filhos de Israel que nenhum estranho, que não seja da descendência de Aarão, deve apresentar-se para oferecer incenso a Javé, pois teria o mesmo destino de Coré e seu grupo. Eleazar fez tudo conforme Javé lhe havia ordenado por meio de Moisés.

⁶No dia seguinte, toda a comunidade dos filhos de Israel protestou contra Moisés e Aarão, dizendo: “Vocês estão matando o povo de Javé”. ⁷E dado que a comunidade estava se amotinando contra Moisés e Aarão, estes foram para a tenda da reunião. A nuvem cobriu a tenda, e a glória de Javé se manifestou. ⁸Moisés e Aarão entraram na tenda, ⁹e Javé lhes falou: ¹⁰“Afastem-se dessa comunidade, pois vou consumi-la num instante!” Os dois se prostraram com o rosto por terra; ¹¹em seguida, Moisés disse a Aarão: “Pegue o incensório, coloque nele brasas do altar, coloque incenso, e vá depressa fazer a expiação pela comunidade, porque a ira de Javé se inflamou contra ela, e a praga já começou”. ¹²Aarão fez o que Moisés estava mandando, e correu para o meio da

comunidade. Mas a praga já havia começado entre o povo. Então ele colocou o incenso, fez o rito de expiação pelo povo e, ¹³ficando entre os mortos e os vivos, deteve a mortandade. ¹⁴Os que morreram por causa da praga foram catorze mil e setecentos, além dos que morreram por causa de Coré. ¹⁵Quando Aarão voltou para junto de Moisés, na tenda da reunião, a mortandade já tinha acabado.

¹⁶Javé falou a Moisés: ¹⁷“Diga aos filhos de Israel que tragam varas, uma para cada chefe de família, no total de doze, e cada um escreva nela o próprio nome. ¹⁸Na vara de Levi, você deverá escrever o nome de Aarão, pois haverá uma vara para cada chefe de tribo. ¹⁹Coloque as varas na tenda da reunião, diante do documento da aliança que eu fiz com eles. ²⁰A vara daquele que eu escolher, florescerá. Desse modo eu acabarei com os protestos dos filhos de Israel contra vocês”.

²¹Moisés pediu que os filhos de Israel lhe trouxessem doze varas, uma para cada chefe de tribo, e entre elas a vara de Aarão. ²²Moisés colocou as varas diante de Javé, na tenda da aliança. ²³No dia seguinte, Moisés entrou na tenda da aliança, e viu que havia florescido a vara de Aarão, representante da tribo de Levi: estava cheia de brotos, tinha dado flores e produzido amêndoas. ²⁴Moisés tirou as varas da presença de Javé e as levou aos filhos de Israel. Eles verificaram o fato e cada um recolheu a sua vara.

²⁵Javé disse a Moisés: “Coloque de novo a vara de Aarão diante do documento da aliança, para que seja conservada como advertência contra os rebeldes. Desse modo eles não murmurarão contra mim, e não morrerão”. ²⁶E Moisés fez exatamente conforme Javé tinha ordenado. [17,1-26]

Funções de sacerdotes e levitas — ²⁷Os filhos de Israel reclamaram a Moisés: “Veja: nós vamos morrer, estamos todos perdidos. ²⁸Quem se aproxima do santuário de Javé acaba morrendo. Será que todos nós vamos morrer?”

18¹Javé disse a Aarão: “Você com seus filhos e sua família serão responsáveis pelas faltas cometidas contra o santuário. Você e seus filhos serão responsáveis pelas faltas cometidas no exercício do sacerdócio. ²Reúna também com você os seus irmãos da tribo de Levi, a tribo de seu pai. Faça-os ficar junto de você, para que o ajudem quando você e seus filhos estiverem na tenda da aliança. ³Eles ficarão a serviço de você e de toda a tenda, mas não deverão aproximar-se dos objetos sagrados, nem do altar, para que não venham a morrer nem eles nem vocês. ⁴Serão seus ajudantes e responderão pela guarda da

tenda da reunião e por todo o serviço da tenda, de modo que nenhum estranho se intrometa no meio de vocês. ⁵Vocês é que responderão pela guarda do santuário e dos objetos sagrados, e assim nunca mais a Ira se inflamará contra os filhos de Israel. ⁶Eu mesmo escolhi seus irmãos levitas, entre os filhos de Israel. Eles foram doados a Javé e entregues como dom a vocês, para prestarem serviço na tenda da reunião. ⁷Você e seus filhos exercerão o sacerdócio naquilo que se refere ao altar e a tudo o que fica atrás do véu. Eu lhes entrego o exercício do sacerdócio como dom. O estranho que se aproximar deverá ser morto”. [17,27-18,7]

Direitos dos sacerdotes e levitas — ⁸Javé disse a Aarão: “Entrego a você o direito de usufruir os tributos doados a mim; entrego a você e a seus filhos o que os filhos de Israel me oferecem, como privilégio da unção sacerdotal. É um direito perpétuo.

⁹De tudo o que foi consagrado e das oblações que não são queimadas, pertence a você o seguinte: todas as ofertas, oblações, sacrifícios pelo pecado e sacrifícios de reparação, porque são coisas sagradas, que pertencerão a você e a seus filhos. ¹⁰Vocês se alimentarão de coisas sagradas, e todos do sexo masculino poderão comer delas. Você as tratará como coisas sagradas. ¹¹Além disso, dentre as ofertas dos filhos de Israel, caberá a você a parte reservada de tudo aquilo que é erguido em gesto de apresentação. Eu a dou para você e para seus filhos e filhas, como direito perpétuo. Em sua casa, todos os que estiverem puros poderão comer dessas coisas. ¹²Entrego a você a melhor parte do azeite, do vinho novo e do trigo, oferecidos como primícias a Javé. ¹³Todos os primeiros produtos do seu país, que forem trazidos a Javé, pertencerão a você; e todos que estiverem puros em sua casa poderão comer deles. ¹⁴Tudo aquilo que Israel dedica a Deus, pertencerá a você. ¹⁵Todo primogênito, de homem ou animal, que eles oferecerem a Javé, pertencerá a você. Mas você deixará resgatar o primogênito do homem e também o primogênito do animal, quando este for impuro. ¹⁶Você os deixará resgatar quando tiverem um mês, cobrando cinquenta gramas de prata, conforme o peso padrão do santuário, que corresponde a dez gramas. ¹⁷Os primogênitos da vaca, da ovelha e da cabra não poderão ser resgatados: são coisa consagrada. Você derramará o sangue deles sobre o altar e queimará a gordura, como oferta de perfume agradável para Javé; ¹⁸a carne deles pertencerá a você, assim como o peito apresentado ritualmente, e também a coxa direita. ¹⁹Entrego a você, a seus filhos e filhas, todos os tributos sagrados dos filhos de Israel,

como direito perpétuo. É uma aliança perpétua para você e seus descendentes, uma aliança inviolável diante de Javé”.

²⁰Javé disse a Aarão: “Você não receberá nenhuma herança, nem parte na terra. Para você, eu sou a sua parte e a sua herança no meio dos filhos de Israel. ²¹Aos filhos de Levi dou como herança todos os dízimos recolhidos em Israel, para pagar os serviços que me prestam na tenda da reunião. ²²Os filhos de Israel nunca mais se aproximarão da tenda da reunião, pois pecariam e morreriam. ²³Os levitas desempenharão as tarefas da tenda da reunião e carregarão o peso da sua responsabilidade. É lei perpétua para seus descendentes, que não receberão herança no meio dos filhos de Israel. ²⁴Por essa razão, eu dou aos levitas como herança os dízimos que os filhos de Israel reservam para Javé. Por isso eu lhes disse que não receberão herança no meio dos filhos de Israel”.

²⁵Javé falou a Moisés: ²⁶“Diga aos levitas: Quando vocês receberem dos filhos de Israel os dízimos que eu lhes dou como herança, ofereçam como tributo a Javé a décima parte dos dízimos. ²⁷Isso será considerado como tributo de vocês, como se fosse trigo tirado da eira ou vinho do tanque de pisar uvas. ²⁸Vocês também pagarão tributo a Javé por todos os dízimos que receberem dos filhos de Israel. Essa parte que vocês separarem para Javé será entregue ao sacerdote Aarão. ²⁹De todas as ofertas que receberem, reservarão uma parte para Javé, e essa parte sagrada vocês tirarão do melhor de todas as coisas.

³⁰Diga-lhes também: Quando vocês tiverem separado o melhor, todos esses dons pertencerão aos levitas, como se fossem produto da eira e do tanque de pisar uvas. ³¹Vocês poderão comer essas coisas em qualquer lugar com suas famílias, porque é o salário de vocês pelo serviço na tenda da reunião. ³²Se vocês separarem a parte melhor, não estarão cometendo nenhum pecado, nem profanando as coisas consagradas pelos filhos de Israel, e por isso não morrerão”. [18,8-32]

19 *A água da purificação* — ¹Javé falou a Moisés e Aarão: ²“Este é o estatuto legal que Javé ordena: Diga aos filhos de Israel que tragam para você uma novilha vermelha, sem mancha e sem defeito, e que nunca tenha usado canga. ³E a entreguem ao sacerdote Eleazar, que a levará para fora do acampamento e a mandará imolar na presença dele. ⁴Eleazar molhará um dedo no sangue dela e salpicará sete vezes na direção da tenda da reunião. ⁵Depois mandará queimar a novilha na presença dele: serão queimados o couro, a carne, o sangue e os intestinos. ⁶O sacerdote pegará, então, galhos de cedro, hissopo e

púrpura escarlate, e jogará tudo isso no fogo onde a novilha está sendo queimada. ⁷A seguir, o sacerdote lavará suas roupas, tomará banho, e voltará para o acampamento. Ficará impuro até à tarde. ⁸Quem tiver queimado a novilha, também deverá lavar suas roupas e tomar banho. E ficará impuro até à tarde. ⁹Um homem puro ficará encarregado de recolher as cinzas da novilha e colocá-las em lugar puro, fora do acampamento. A comunidade dos filhos de Israel conservará as cinzas para preparar a água purificadora: é um sacrifício pelo pecado. ¹⁰Quem tiver recolhido as cinzas da novilha, deverá lavar suas roupas e ficará impuro até à tarde.

Esta é uma lei perpétua para os filhos de Israel e para os imigrantes que vivem no meio deles: ¹¹quem tocar um cadáver humano, ficará impuro por sete dias. ¹²Deverá ser purificado com a água da purificação no terceiro e no sétimo dia, e ficará puro. Se não fizer isso, não ficará puro. ¹³Quem tocar um cadáver, isto é, o corpo de uma pessoa morta, e não se purificar, profanará a morada de Javé, e será excluído de Israel. Uma vez que a água da purificação não foi derramada sobre ele, está impuro, e a impureza continua com ele.

¹⁴Lei para quando um homem morre dentro de uma tenda: Quem entrar na tenda e todo aquele que nela estiver, ficará impuro por sete dias. ¹⁵Todo recipiente que estiver aberto, sobre o qual não houver uma cobertura ou tampa, ficará impuro.

¹⁶Quem tocar, em campo aberto, o cadáver de um homem que tenha sido apunhalado, ou qualquer morto, ou ossos humanos, ou uma sepultura, ficará impuro por sete dias.

¹⁷Para aquele que se tornou impuro, deve-se pegar das cinzas da vítima queimada em sacrifício pelo pecado, e derramar água corrente sobre as cinzas, numa vasilha. ¹⁸Em seguida, um homem puro pegará um ramo de hissopo, o molhará na água e fará a aspersão sobre a tenda e sobre todos os utensílios e pessoas que aí estiverem, e também sobre o homem que tiver tocado um osso, um assassinado, um cadáver ou uma sepultura. ¹⁹O homem puro fará a aspersão sobre o impuro, no terceiro e no sétimo dia. No sétimo dia, ele ficará livre do seu pecado, lavará suas roupas, tomará banho, e à tarde ficará puro. ²⁰O homem impuro, que não se purificar, será excluído da comunidade, porque poderia contaminar o santuário de Javé. A água da purificação não foi derramada sobre ele; por isso, continua impuro.

²¹Isto é uma lei perpétua: quem tiver feito a aspersão com a água da

purificação, deverá lavar suas roupas; quem tocar a água da purificação ficará impuro até à tarde. ²²Tudo aquilo que o impuro tocar ficará impuro; a pessoa que tocar o impuro ficará impura até à tarde”. [19,1-22]

20 *Não desconfiar de Javé* — ¹A comunidade inteira dos filhos de Israel chegou no primeiro mês ao deserto de Sin. E o povo acampou em Cades. Aí morreu Maria, e foi sepultada.

²Faltava água para a comunidade, e as pessoas se amotinaram contra Moisés e Aarão. ³O povo brigava com Moisés, dizendo: “Quem dera tivéssemos morrido quando nossos irmãos morreram diante de Javé! ⁴Por que você trouxe a comunidade de Javé a este deserto, para morrermos aqui junto com nossos animais? ⁵Por que você nos fez sair do Egito, para nos trazer a este lugar deserto, onde não se pode semear, sem figueiras, vinhas e romãzeiras, e até sem água para beber?”

⁶Moisés e Aarão se afastaram da comunidade, foram para a entrada da tenda da reunião e se prostraram diante dela, com o rosto por terra. Então a glória de Javé apareceu a eles. ⁷E Javé disse a Moisés: ⁸“Pegue a vara, junto com seu irmão Aarão, e reúna a comunidade. Em seguida, na presença deles, ordene que a rocha dê água. Você tirará água da rocha para dar de beber à comunidade e aos animais”.

⁹Moisés pegou a vara que estava na presença de Javé, conforme este lhe havia ordenado. ¹⁰Moisés e Aarão reuniram a comunidade diante da rocha. Então Moisés lhes falou: “Ouçam, rebeldes! Vocês acreditam que poderemos tirar água desta rocha?” ¹¹Moisés levantou a mão e bateu na rocha duas vezes com a vara: a água jorrou em abundância, e a comunidade e os animais puderam beber.

¹²Então Javé disse a Moisés e Aarão: “Já que vocês não acreditaram em mim e não reconheceram a minha santidade na presença dos filhos de Israel, vocês não farão esta comunidade entrar na terra que eu vou dar a eles”.

¹³Essa é a fonte de Meriba, onde os filhos de Israel discutiram com Javé. E ele manifestou a sua santidade para eles. [20,1-13]

Pedindo passagem — ¹⁴De Cades, Moisés mandou mensageiros ao rei de Edom, com esta mensagem: “Assim diz o seu irmão Israel: Você sabe as dificuldades que temos passado. ¹⁵Nossos antepassados desceram para o Egito, onde moramos por muito tempo. Os egípcios, porém, nos maltrataram, a nós e aos nossos antepassados. ¹⁶Então gritamos para Javé e ele nos ouviu e mandou

um anjo para nos tirar do Egito. Agora estamos em Cades, cidade que fica nos limites do seu território. ¹⁷Deixe-nos atravessar o seu país; não passaremos pelos campos, nem pelas vinhas, e não beberemos da água dos poços. Seguiremos pela estrada real, sem nos desviar nem para a direita nem para a esquerda, até atravessar o seu território”. ¹⁸Mas o rei de Edom respondeu: “Não passe pelo meu país; caso contrário, marcharei contra você com a espada”. ¹⁹Os filhos de Israel insistiram: “Seguiremos pela estrada principal. Se nós ou nossos animais bebermos da sua água, pagaremos o preço a você. Deixe-nos atravessar a pé”. ²⁰O rei de Edom respondeu: “Não atravessem”. E saiu ao encontro deles com muita gente, fortemente armada. ²¹Como Edom não quis deixar os filhos de Israel atravessar o território dele, tiveram que tomar um desvio. [14-21]

Morte de Aarão — ²²A comunidade dos filhos de Israel levantou acampamento em Cades e chegou ao monte Hor. ²³Javé disse a Moisés e Aarão, perto do monte Hor, na fronteira da terra de Edom: ²⁴“Aarão vai se reunir com seus antepassados e não entrará na terra que eu vou dar aos filhos de Israel, porque vocês foram rebeldes às minhas ordens na fonte de Meriba. ²⁵Tome Aarão e seu filho Eleazar e faça-os subir o monte Hor. ²⁶Tire as vestes sacerdotais de Aarão e vista com elas o filho dele, Eleazar, pois Aarão se reunirá com seus antepassados e morrerá aí”.

²⁷Moisés fez conforme Javé havia ordenado, e subiram ao monte Hor, diante de toda a comunidade. ²⁸Moisés tirou as vestes sacerdotais de Aarão, e com elas vestiu o filho dele, Eleazar. Aarão morreu aí, no alto do monte. Moisés e Eleazar desceram do monte, ²⁹e toda a comunidade viu que Aarão tinha morrido. E toda a casa de Israel chorou por Aarão durante trinta dias. [22-29]

21 Consagração ao extermínio — ¹O rei de Arad, o cananeu, que habitava o Negueb, ficou sabendo que os filhos de Israel vinham pelo caminho de Atarim. Então os atacou e capturou alguns como prisioneiros. ²Então Israel fez um voto a Javé: “Se entregares este povo em meu poder, eu consagrarei suas cidades ao extermínio”. ³Javé atendeu a Israel e lhe entregou os cananeus em seu poder. Então os filhos de Israel os consagraram ao extermínio, junto com as cidades deles. E o lugar ficou sendo chamado Horma. [21,1-3]

O sinal de salvação — ⁴Do monte Hor, eles tomaram o caminho para o mar Vermelho, contornando o território de Edom. Mas o povo não suportou a viagem

⁵e começou a murmurar contra Deus e contra Moisés, dizendo: “Por que nos tiraram do Egito? Foi para morrermos neste deserto? Não temos nem pão nem água, e estamos enjoados desse pão de miséria”.

⁶Então Javé mandou contra o povo serpentes venenosas que os picavam, e muita gente de Israel morreu. ⁷O povo disse a Moisés: “Pecamos, falando contra Javé e contra você. Suplique a Javé que afaste de nós estas serpentes”. Moisés suplicou a Javé pelo povo. ⁸E Javé lhe respondeu: “Faça uma serpente venenosa e coloque-a sobre um poste: quem for mordido e olhar para ela, ficará curado”. ⁹Então Moisés fez uma serpente de bronze e a colocou no alto de um poste. Quando alguém era mordido por uma serpente, olhava para a serpente de bronze e ficava curado. [4-9]

Continuando a caminhada... — ¹⁰Os filhos de Israel partiram e acamparam em Obot. ¹¹Depois, partiram de Obot e acamparam em Jeabarim, no deserto que faz limite com Moab, do lado onde nasce o sol. ¹²Daí partiram e acamparam junto à torrente de Zared. ¹³Daí seguiram e acamparam no outro lado do rio Arnon, no deserto que sai do território dos amorreus, pois o Arnon é fronteira entre Moab e os amorreus. ¹⁴Assim se diz no Livro das Guerras de Javé: “Vaeb, junto de Sufa e os afluentes do Arnon; ¹⁵a ladeira das torrentes que correm na direção da sede de Ar, e junto à fronteira dos territórios de Moab”.

¹⁶Daí partiram para Beer. Esse é o poço onde Javé disse a Moisés: “Reúna o povo, e eu lhe darei água”. ¹⁷Então Israel cantava esta canção: “Brotá, poço! Cantem para ele. ¹⁸Poço que príncipes cavaram e chefes do povo abriram com cetros e bastões”.

Daí foram para Matana. ¹⁹De Matana para Naaliel. De Naaliel para Bamot. ²⁰E de Bamot para o vale do campo de Moab, em direção às alturas do Fasga, que domina o deserto. [10-20]

Primeiras vitórias — ²¹Israel enviou mensageiros para dizer a Seon, rei dos amorreus: ²²“Quero atravessar a sua terra. Não nos desviaremos pelos campos ou vinhas, nem beberemos água dos poços; iremos pela estrada real, até atravessar o seu território”. ²³Seon, porém, não permitiu que Israel lhe atravessasse o território. Reuniu todo o seu povo, saiu contra Israel no deserto e o atacou em Jasa. ²⁴Israel, porém, o derrotou pela espada e conquistou-lhe a terra, desde o Arnon até o Jaboc, até o país dos amonitas, pois Jazer se

encontrava na fronteira amonita.

²⁵Israel conquistou-lhe todas as cidades, e se estabeleceu em todas as cidades dos amorreus: Hesebon e os povoados do seu território. ²⁶Hesebon era a capital de Seon, rei dos amorreus. Ele havia lutado contra o rei anterior de Moab, de quem havia tomado todo o território, desde o Jaboc até o Arnon. ²⁷Por isso, cantam os poetas: “Entrem em Hesebon. Que seja edificada, restaurada a capital de Seon! ²⁸Saiu fogo de Hesebon, e chamas da capital de Seon. Fogo que devorou Ar Moab e consumiu as alturas do Arnon. ²⁹Ai de você, Moab! Você está perdido, povo de Camos! Seus filhos fugiram, e suas filhas ficaram escravas de Seon, rei dos amorreus. ³⁰Nós crivamos todos de flechas. Tudo ficou destruído, desde Hesebon até Dibon. Tudo devastamos até Nofe, tudo aquilo que se estende até Medaba”.

³¹Israel se estabeleceu, então, na terra dos amorreus. ³²Moisés enviou exploradores até Jazer, e Israel se apoderou dela e dos povoados do seu território, expulsando os amorreus que aí dominavam.

³³Depois mudaram de direção e subiram pelo caminho de Basã. Então Og, rei de Basã, com todo o seu povo, saiu contra eles e os atacou em Edrai. ³⁴Javé disse a Moisés: “Não tenha medo dele, porque eu vou entregá-lo em seu poder, com todo o povo e a terra dele. Trate-o como a Seon, rei dos amorreus, que habitava em Hesebon”. ³⁵Os filhos de Israel o derrotaram, e também os seus filhos e todo o povo dele, sem deixar ninguém com vida. E tomaram posse do território dele. [\[21-35\]](#)

III. O POVO DIANTE DA TERRA PROMETIDA

22 *O povo é ameaça* — ¹Os filhos de Israel partiram e acamparam nas estepes de Moab, no outro lado do Jordão, na frente de Jericó. ²Balac, filho de Sefor, viu como Israel tinha tratado os amorreus. ³Então Moab ficou com medo desse povo numeroso. Moab ficou apavorado diante dos filhos de Israel, ⁴e disse aos anciãos de Madiã: “Essa multidão vai devorar tudo ao nosso redor, como o boi devora a erva do campo”.

Nesse tempo, o rei de Moab era Balac, filho de Sefor. ⁵Ele enviou mensageiros a Balaão, filho de Beor, em Petor, seu país de origem, às margens do rio Eufrates. Mandou chamá-lo, dizendo: “Saiu do Egito um povo que está cobrindo a superfície da terra e que parou diante de mim. ⁶Por favor, venha e amaldiçoe por mim esse povo, pois é mais poderoso do que eu. Desse modo poderemos derrotá-lo e expulsá-lo desta região. Eu sei que fica abençoado quem você abençoa; e quem você amaldiçoa, fica amaldiçoado”.

⁷Os anciãos de Moab e Madiã foram, levando o pagamento para o adivinho. Chegaram onde estava Balaão e lhe transmitiram a mensagem de Balac. ⁸Balaão respondeu: “Fiquem aqui esta noite, e eu comunicarei a vocês o que Javé me disser”. E os chefes de Moab ficaram com Balaão.

⁹Deus se manifestou a Balaão e lhe perguntou: “Quem são esses homens que estão com você?” ¹⁰Balaão respondeu a Deus: “Balac, filho de Sefor, rei de Moab, mandou-me esta mensagem: ¹¹Um povo saiu do Egito e está cobrindo a superfície da terra. Venha logo amaldiçoá-lo por mim, para ver se consigo guerrear contra eles e expulsá-los”. ¹²Deus disse a Balaão: “Não vá com eles e não amaldiçoe esse povo, pois ele é bendito”. ¹³Na manhã seguinte Balaão se levantou e disse aos chefes enviados por Balac: “Voltem para a sua terra, porque Javé não quer que eu vá com vocês”. ¹⁴Os chefes de Moab se levantaram, voltaram até Balac e lhe disseram: “Balaão não quis vir conosco”.

¹⁵Então Balac enviou outros chefes, mais numerosos e mais importantes que os primeiros. ¹⁶Eles chegaram onde estava Balaão e lhe disseram: “Assim diz Balac, filho de Sefor: Não recuse vir ao meu encontro, ¹⁷pois eu o tornarei muito rico e farei tudo o que você me disser. Por favor, venha e amaldiçoe por mim esse povo”. ¹⁸Balaão respondeu aos chefes enviados por Balac: “Ainda que Balac me desse até o seu palácio cheio de ouro e prata, eu não poderia

desobedecer à ordem de Javé, meu Deus, em coisa nenhuma, grande ou pequena.

¹⁹Fiquem aqui esta noite até que eu saiba o que Javé me dirá desta vez”. ²⁰Deus se manifestou a Balaão durante a noite e lhe disse: “Já que esses homens vieram chamar você, levante-se e vá com eles, mas você vai fazer o que eu lhe disser”.

²¹Na manhã seguinte Balaão se levantou, selou a sua jumenta e partiu com os chefes de Moab.

²²Ao ver Balaão partir, a ira de Javé se inflamou, e o Anjo de Javé parou na estrada para impedi-lo de passar. Balaão estava montado na sua jumenta, e seus dois servos o acompanhavam. ²³A jumenta viu o Anjo de Javé parado na estrada e com a espada desembainhada na mão. Então desviou-se da estrada e se dirigiu para o campo. Balaão começou então a espancar a jumenta, para fazê-la voltar para a estrada.

²⁴O Anjo de Javé se colocou num caminho estreito, no meio das vinhas, com cerca dos dois lados. ²⁵Vendo o Anjo de Javé, a jumenta encostou-se na cerca, apertando nela o pé de Balaão. Ele tornou a espancá-la.

²⁶O Anjo de Javé foi para frente e parou numa passagem apertada, onde não era possível desviar-se nem para a direita nem para a esquerda. ²⁷Vendo o Anjo de Javé, a jumenta caiu debaixo de Balaão. Este ficou furioso e começou a espancar a jumenta com o bastão. ²⁸Então Javé abriu a boca da jumenta, e ela disse a Balaão: “O que foi que eu fiz, para você me espancar três vezes?” ²⁹A essa pergunta Balaão respondeu: “É porque você está caçoando de mim. Se eu tivesse uma espada na mão, eu a mataria agora mesmo”. ³⁰A jumenta disse a Balaão: “Não sou a sua jumenta em que você tem montado sempre até hoje? Costumo fazer assim com você?” Balaão respondeu: “Não”.

³¹Então Javé abriu os olhos de Balaão, e ele viu o Anjo de Javé parado na estrada, com a espada desembainhada na mão. Então Balaão se prostrou com o rosto por terra. ³²E o Anjo de Javé lhe disse: “Por que você está espancando a sua jumenta pela terceira vez? Eu vim para impedi-lo de passar, porque você está seguindo o mau caminho. ³³A jumenta me viu e se afastou de mim três vezes. Se ela não se tivesse desviado, eu já teria matado você, deixando-a viva”. ³⁴Balaão respondeu ao Anjo de Javé: “Pequei, porque não sabia que estavas no caminho, diante de mim! Mas, se isso te desagrade, voltarei para casa”. ³⁵O Anjo de Javé disse a Balaão: “Vá com esses homens, mas diga somente aquilo que eu disser a você”. E Balaão continuou a viagem com os chefes enviados por Balac.

³⁶Quando Balac soube que Balaão estava chegando, foi ao encontro dele em Ar

Moab, que fica junto do Arnon, na fronteira do território. ³⁷Balac disse a Balaão: “Não enviei mensageiros para chamar você? Por que você não veio? Será que não sou capaz de pagar o que você merece?” ³⁸Balaão respondeu a Balac: “Como você vê, estou aqui. Mas o que posso eu dizer? Só direi o que Javé me puser na boca”. ³⁹Balaão foi com Balac e chegaram a Cariat-Husot. ⁴⁰Balac imolou bois e ovelhas, e ofereceu carne a Balaão e aos chefes que o acompanhavam. ⁴¹Na manhã seguinte, Balac tomou consigo Balaão e subiu com ele a Bamot-Baal, de onde se podia ver até a extremidade do acampamento dos filhos de Israel. [22,1-41]

23 *Deus abençoa o seu povo* — ¹Balaão disse a Balac: “Faça construir aqui sete altares e preparar para mim sete bezerros e sete carneiros”. ²Balac fez conforme Balaão havia pedido, e os dois ofereceram em holocausto um bezerro e um carneiro sobre cada altar. ³Depois Balaão disse a Balac: “Fique de pé junto aos holocaustos que você está oferecendo, enquanto eu me afasto. Talvez Javé venha ao meu encontro. Comunicarei a você o que ele me manifestar”. E Balaão foi para uma colina sem vegetação.

⁴Deus foi ao encontro de Balaão, e este lhe disse: “Preparei sete altares e ofereci um bezerro e um carneiro sobre cada altar”. ⁵Então Javé colocou as palavras na boca de Balaão e lhe disse: “Volte para junto de Balac e fale isso”. ⁶Balaão voltou para junto de Balac e o encontrou ainda perto do seu holocausto, com todos os chefes de Moab. ⁷Então Balaão pronunciou o seu poema: “Balac me fez vir de Aram, o rei de Moab me trouxe das montanhas do oriente: ‘Venha e amaldiçoe Jacó, venha e fulmine Israel’.

⁸Como amaldiçoarei, se Deus não amaldiçoa?
Como fulminarei, se Javé não fulmina?

⁹Sim, eu o vejo do alto do rochedo, eu o contemplo do alto das colinas: este é um povo que vive à parte, e não é contado entre as nações.

¹⁰Quem poderia contar o pó de Jacó?

Quem poderia numerar o acampamento de Israel?

Possa eu morrer a morte dos justos, e o meu fim seja como o deles”.

¹¹Então Balac disse a Balaão: “O que você está fazendo comigo? Eu trouxe você para amaldiçoar os meus inimigos, e você está abençoando?” ¹²Balaão respondeu: “Devo dizer apenas aquilo que Javé me põe na boca”. [23,1-12]

O projeto de Deus não é um crime — ¹³Balac disse a Balaão: “Venha comigo a outro lugar, de onde você poderá ver o povo; daqui você só pode ver uma parte, e não o povo todo. De lá, você amaldiçoará para mim”. ¹⁴Então Balac o levou ao campo das Sentinelas, no cume do monte Fasga. Construiu sete altares e ofereceu em holocausto um bezerro e um carneiro sobre cada altar. ¹⁵Então Balaão disse a Balac: “Fique de pé junto dos holocaustos, enquanto eu vou ao encontro de Javé”.

¹⁶Javé foi ao encontro de Balaão, colocou-lhe na boca suas palavras e lhe disse: “Volte para junto de Balac e fale isso”. ¹⁷Balaão voltou para junto de Balac e o encontrou ainda perto do seu holocausto, com todos os chefes de Moab. Balac lhe perguntou: “O que foi que Javé disse a você?” ¹⁸Então Balaão pronunciou o seu poema: “Levante-se, Balac, e ouça; preste-me atenção, filho de Sefor.

¹⁹Deus não mente como o homem, nem se arrepende como os humanos. Poderá ele dizer e não cumprir?

Prometerá alguma coisa que depois não cumpra?

²⁰Recebi ordem de abençoar: pois eu abençoarei e não voltarei atrás.

²¹Não se descobre maldade em Jacó, nem se encontra crime em Israel.

Javé, o seu Deus, está com ele, e ele o aclama como rei.

²²Deus o tirou do Egito, e é para ele como chifres de búfalo.

²³Não há presságio contra Jacó, nem magia contra Israel: no tempo certo dirão a Jacó e a Israel o que Deus realiza.

²⁴Eis um povo que se levanta como leoa e se ergue como leão; não se deita antes de devorar a presa, e de beber o sangue dos que matou”.

²⁵Balac disse a Balaão: “Se você não o amaldiçoa, pelo menos não abençoe”.

²⁶Balaão lhe respondeu: “Já não lhe disse que só farei o que Javé me mandar?”

[13-26]

Quem poderá desafiar o povo de Deus? — ²⁷Balac insistiu com Balaão: “Venha comigo. Vou levá-lo a outro lugar. Aí talvez Deus permita que você amaldiçoe o povo”. ²⁸Então Balac levou Balaão ao cume do monte Fegor, que está diante do deserto. ²⁹Balaão pediu a Balac: “Construa-me aqui sete altares, e me prepare sete bezerras e sete carneiros”. ³⁰Balac fez o que Balaão lhe pediu e ofereceu em holocausto um bezerro e um carneiro sobre cada altar.

24¹Balaão viu que Javé tinha prazer em abençoar Israel. Por isso, não foi em

busca de presságios, como antes, mas virou-se para o deserto, ²levantou os olhos e viu Israel acampado por tribos. Então o espírito de Deus desceu sobre ele, ³e ele pronunciou o seu poema: “Oráculo de Balaão, filho de Beor, oráculo do homem de olhos penetrantes; ⁴oráculo de quem ouve as palavras de Deus e conhece a ciência do Altíssimo.

Ele vê o que o Todo-poderoso mostra, e entra em êxtase de olhos abertos: ⁵Como são belas as suas tendas, Jacó, e suas moradas, Israel!

⁶São como vales que se estendem, como jardins às margens de um rio, como árvores perfumadas que Javé plantou, como cedros ao longo das águas!

⁷A água transborda de seu cântaro, e com a água sua semente se multiplica. Seu rei é mais alto que Agag, e seu reino será celebrado.

⁸Deus tirou esse povo do Egito, e é para ele como chifres de búfalo.

Ele devora o cadáver das nações inimigas, quebra seus ossos e as atravessa com suas flechas.

⁹Ele se agacha e se deita como leão, ou como uma leoa. Quem o desafiará? Bendito seja quem abençoar você, e maldito seja quem o amaldiçoar”.

¹⁰Então Balac ficou irritado com Balaão, bateu palmas e lhe disse: “Chamei você para amaldiçoar meu inimigo, e você já o abençoou três vezes. ¹¹Pois agora fuja para a sua pátria. Eu lhe havia prometido riquezas, porém, Javé o deixou sem elas”. ¹²Balaão respondeu: “Eu já havia dito aos mensageiros que você me enviou: ¹³‘Mesmo que Balac me dê seu palácio cheio de ouro e prata, eu não poderia ir contra a ordem de Javé, fazendo o mal ou o bem por conta própria. Só direi o que Javé me mandar’ ”. [23,27-24,13]

O povo de Deus triunfará — ¹⁴Balaão continuou: “Agora volto para o meu povo, mas antes vou explicar a você o que este povo fará no futuro ao seu povo”.

¹⁵E Balaão pronunciou o seu poema: “Oráculo de Balaão, filho de Beor; oráculo do homem de olhos penetrantes; ¹⁶oráculo de quem ouve as palavras de Deus e conhece a ciência do Altíssimo.

Ele vê o que o Todo-poderoso mostra, e entra em êxtase de olhos abertos: ¹⁷Eu o vejo, mas não é agora; eu o contemplo, mas não de perto: uma estrela avança de Jacó, um cetro se levanta de Israel, e esmaga as têmperas de Moab e o crânio dos filhos de Set.

¹⁸Edom se tornará conquista dele, e o inimigo Seir será sua propriedade. Israel triunfará.

¹⁹Jacó dominará sobre seus inimigos e acabará com os que ficarem na capital”.

²⁰Depois Balaão viu Amalec, e pronunciou o seu poema: “Amalec é a primeira das nações, mas o seu futuro será ruína eterna”.

²¹Depois viu os quenitas, e pronunciou o seu poema: “Sua morada é segura, Caim: você colocou seu ninho na rocha, ²²mas você será destruído, quando Assur o levar para o exílio”.

²³E Balaão continuou o seu poema: “Ai de quem sobreviver depois que Deus assim agir!

²⁴Virão navios de Chipre e oprimirão Assur e Héber, mas no fim perecerão”.

²⁵Depois Balaão voltou para a sua pátria. E Balac continuou o seu caminho.

[24,14-25]

25 *Perigo da idolatria* — ¹Israel fixou-se em Setim, e o povo começou a se prostituir com as filhas de Moab. ²Estas convidaram o povo para comer dos sacrifícios a seus deuses e adorá-los. ³Israel, então, ligou-se com o Baal de Fegor, e a ira de Javé se inflamou contra Israel. ⁴Javé disse a Moisés: “Tome os chefes do povo e pendure-os num poste ao sol, diante de Javé, para que a ira ardente de Javé se afaste de Israel”. ⁵Moisés disse, então, aos juízes de Israel: “Que cada um mate os parentes que se ligaram com o Baal de Fegor”.

⁶Um filho de Israel levou para junto dos irmãos uma madianita, à vista de Moisés e de toda a comunidade dos filhos de Israel, enquanto eles choravam na entrada da tenda da reunião. ⁷Vendo isso, Fineias, filho de Eleazar, filho do sacerdote Aarão, levantou-se no meio da comunidade, pegou uma lança, ⁸seguuiu o filho de Israel até à alcova e aí o transpassou junto com a mulher. Então se acabou a praga que feria os filhos de Israel. ⁹Dentre eles, morreram vinte e quatro mil por causa da praga.

¹⁰Javé falou a Moisés: ¹¹“Foi Fineias, filho de Eleazar, filho do sacerdote Aarão, quem fez cessar a minha ira contra os filhos de Israel, porque ele foi zeloso pelos meus direitos diante do povo, e o meu zelo não os consumiu. ¹²Por isso eu prometo: ofereço para ele a minha aliança de paz. ¹³O sacerdócio pertencerá a ele e seus descendentes, como pacto perpétuo, em recompensa do seu zelo por Deus e por ter feito a expiação pelos filhos de Israel”.

¹⁴O filho de Israel morto com a madianita se chamava Zambri, filho de Salu, chefe de família na tribo de Simeão. ¹⁵A madianita morta se chamava Cozbi, filha de Sur, chefe de família em Madiã.

¹⁶Javé ordenou a Moisés: ¹⁷“Ataquem e derrotem os madianitas, ¹⁸pois eles atacaram vocês com suas seduções, com os ritos de Fegor e com Cozbi, a filha de um chefe madianita, morta no dia da praga que surgiu por causa do problema de Fegor”. [25,1-18]

26 *Como repartir a terra?* — ¹Depois dessa praga, Javé falou a Moisés e Eleazar, filho do sacerdote Aarão: ²“Façam o recenseamento de toda a comunidade, registrando por famílias todos os filhos de Israel maiores de vinte anos, aptos para o serviço militar”.

³Moisés e o sacerdote Eleazar fizeram o recenseamento dos filhos de Israel maiores de vinte anos, nas estepes de Moab, às margens do rio Jordão, na altura de Jericó, ⁴conforme Javé havia ordenado a Moisés.

Registro dos filhos de Israel que saíram do Egito: ⁵Rúben, primogênito de Israel. Filhos de Rúben: Henoc e o clã dos henoquitas; Falu e o clã dos faluítas; ⁶Hesron e o clã dos hesronitas; Carmi e o clã dos carmitas. ⁷Esses são os clãs rubenitas: o total dos registrados foi de quarenta e três mil, setecentos e trinta. ⁸Filho de Falu: Eliab. ⁹Filhos de Eliab: Namuel, Datã e Abiram. Datã e Abiram eram homens de destaque no conselho, que se rebelaram contra Moisés e Aarão; estavam na companhia de Coré, quando este se revoltou contra Javé. ¹⁰A terra abriu a boca e os engoliu, junto com Coré. Desse modo, todo o grupo morreu, e o fogo devorou duzentos e cinquenta homens, como sinal para o povo. ¹¹Os filhos de Coré, porém, não morreram.

¹²Filhos de Simeão por clãs: Namuel e o clã dos namuelitas; Jamin e o clã dos jaminitas; Jaquin e o clã dos jaquinitas; ¹³Zara e o clã dos zaraítas; Saul e o clã dos saulitas. ¹⁴Esses são os clãs simeonitas. Formavam o total de vinte e dois mil e duzentos.

¹⁵Filhos de Gad por clãs: Sefon e o clã dos sefonitas; Agi e o clã dos agitas; Suni e o clã dos sunitas; ¹⁶Ozni e o clã dos oznitas; Heri e o clã dos heritas; ¹⁷Arod e o clã dos aroditas; Areli e o clã dos arelitas. ¹⁸Esses são os clãs gaditas. Formavam o total de quarenta mil e quinhentos.

¹⁹Filhos de Judá: Her e Onã. Her e Onã morreram na terra de Canaã. ²⁰São estes os filhos de Judá e seus respectivos clãs: Sela e o clã dos selaítas; Farés e o clã dos faresitas; Zará e o clã dos zareítas. ²¹Filhos de Farés: Hesron e o clã dos hesronitas, Hamul e o clã dos hamulitas. ²²São esses os clãs judaítas. Formavam o total de setenta e seis mil e quinhentos.

²³Filhos de Issacar por clãs: Tola e o clã dos tolaítas; Fua e o clã dos fuaítas; ²⁴Jasub e o clã dos jasubitas; Semron e o clã dos semronitas. ²⁵São esses os clãs issacaritas. Formavam o total de sessenta e quatro mil e trezentos.

²⁶Filhos de Zabulon por clãs: Sared e o clã dos sareditas; Elon e o clã dos elonitas; Jalel e o clã dos jalelitas. ²⁷São esses os clãs zabulonitas. Formavam o total de sessenta mil e quinhentos.

²⁸Filhos de José por clãs: Manassés e Efraim.

²⁹Filhos de Manassés: Maquir e o clã dos maquiritas; Maquir gerou Galaad, do qual surgiu o clã galaadita. ³⁰Filhos de Galaad: Jezer e o clã dos jezeritas; Helec e o clã do helequitas; ³¹Asriel e o clã dos asrielitas; Siquém e o clã dos siquemitas; ³²Semida e o clã dos semidaítas; Héfer e o clã dos hefritas; ³³Salfaad, filho de Héfer, não teve filhos, mas somente filhas. As filhas de Salfaad são: Maala, Noa, Hegla, Melca e Tersa. ³⁴São esses os clãs manassitas. Formavam o total de cinquenta e dois mil e setecentos.

³⁵Filhos de Efraim por clãs: Sutala e o clã dos sutalaítas; Bequer e o clã dos bequeritas; Teen e o clã dos teenitas. ³⁶Filhos de Sutala: Herã e o clã dos heranitas. ³⁷São esses os clãs efraimitas. Formavam o total de trinta e dois mil e quinhentos.

São esses os filhos de José por clãs.

³⁸Filhos de Benjamim por clãs: Bela e o clã dos belaítas; Asbel e o clã dos asbelitas; Airam e o clã dos airamitas; ³⁹Sufam e o clã dos sufamitas; Hufam e o clã dos hufamitas. ⁴⁰Filhos de Bela: Ared e Naamã. De Ared, o clã dos areditas; de Naamã, o clã dos naamanitas. ⁴¹São esses os filhos de Benjamim por clãs. Formavam o total de quarenta e cinco mil e seiscentos.

⁴²Filhos de Dã por clãs: Suam e o clã dos suamitas. São esses os filhos de Dã por clãs. ⁴³O total do clã suamita era de sessenta e quatro mil e quatrocentos.

⁴⁴Filhos de Aser por clãs: Jemna e o clã dos jemnaítas; Jessui e o clã dos jessuítas; Beria e o clã dos beriaítas. ⁴⁵Filhos de Beria: Héber e o clã dos hebritas; Melquiel e o clã dos melquielitas. ⁴⁶Nome da filha de Aser: Sara. ⁴⁷São esses os clãs aseritas. Formavam o total de cinquenta e três mil e quatrocentos.

⁴⁸Filhos de Neftali por clãs: Jasiel e o clã dos jasielitas; Guni e o clã dos gunitas; ⁴⁹Jeser e o clã dos jeseritas; Selém e o clã dos selemitas. ⁵⁰São esses os clãs neftalitas, conforme seus clãs. Os neftalitas formavam o total de quarenta e cinco mil e quatrocentos.

⁵¹O total dos filhos de Israel era, portanto, seiscentos e um mil, setecentos e trinta.

⁵²Javé falou a Moisés: ⁵³“A terra será distribuída em herança para todos esses, de acordo com o número de inscritos. ⁵⁴Você dará uma propriedade maior àquele que é em maior número, e dará uma propriedade menor para aquele que tem menor número. A herança será distribuída em proporção ao número dos recenseados. ⁵⁵A divisão da terra, porém, será feita através de sorteio. A herança será recebida de acordo com o número dos nomes das famílias, ⁵⁶e a herança de cada tribo será repartida por sorteio, levando em conta o maior ou menor número”.

⁵⁷Levitas recenseados por clãs: Gérson e o clã dos gersonitas; Caat e o clã dos caatitas; Merari e o clã dos meraritas. ⁵⁸São estes os clãs levitas: o clã dos lobnitas, o clã dos hebronitas, o clã dos moolitas, o clã dos musitas e o clã dos coreítas.

Caat gerou Amram. ⁵⁹A esposa de Amram se chamava Jocabed, que era filha de Levi e nasceu no Egito. Filhos que ela teve com Amram: Aarão, Moisés e a irmã deles, Maria. ⁶⁰Filhos de Aarão: Nadab, Abiú, Eleazar e Itamar. ⁶¹Nadab e Abiú morreram quando ofereciam a Javé um fogo irregular.

⁶²O total dos recenseados foi de vinte e três mil homens de um mês para cima. Não haviam sido recenseados com os outros filhos de Israel, pois não tinham recebido herança com eles.

⁶³Esse foi o recenseamento dos filhos de Israel que Moisés e o sacerdote Eleazar fizeram nas estepes de Moab, às margens do rio Jordão, na altura de Jericó. ⁶⁴Entre os registrados não havia nenhum dos que tinham sido registrados no recenseamento que Moisés e o sacerdote Aarão haviam feito no deserto do Sinai. ⁶⁵Javé tinha dito a respeito deles: “Morrerão todos no deserto e não ficará nenhum, além de Caleb, filho de Jefoné, e Josué, filho de Nun”. [26,1-65]

27 *Reivindicação das mulheres* — ¹Chegaram, então, as filhas de Salfaad.

Este era filho de Héfer, filho de Galaad, filho de Maquir, filho de Manassés; pertencia ao clã de Manassés, filho de José. Suas filhas se chamavam Maala, Noa, Hegla, Melca e Tersa. ²Elas se apresentaram a Moisés, ao sacerdote Eleazar, aos chefes e a toda a comunidade, na entrada da tenda da reunião, e disseram: ³“Nosso pai morreu no deserto. Não pertencia ao grupo de Coré, que se revoltou contra Javé. Ele morreu pelo seu próprio pecado e não deixou filhos.

⁴Por que o nome de nosso pai deveria desaparecer do seu clã? Só porque não

teve filhos? Deem para nós uma propriedade entre os irmãos de nosso pai”.

⁵Moisés apresentou a causa delas a Javé. ⁶Então Javé falou a Moisés: ⁷“As filhas de Salfaad têm razão. Dê para elas uma propriedade como herança entre os irmãos do pai delas. Transmita a elas a herança do pai. ⁸Depois diga aos filhos de Israel: ‘Se um homem morrer sem deixar filhos, passem a herança para a filha dele. ⁹Se não tiver uma filha, entreguem a herança aos irmãos dele. ¹⁰Se não tiver irmãos, deem a herança aos irmãos do pai dele. ¹¹Se o pai dele não tiver irmãos, deem a herança ao parente mais próximo dentro do clã: este receberá a herança’ ”. Essa é a norma justa para os filhos de Israel, conforme Javé ordenou a Moisés. [27,1-11]

O novo líder — ¹²Javé falou a Moisés: “Suba ao monte Abarim e contemple a terra que eu vou dar aos filhos de Israel. ¹³Depois de a contemplar, você se reunirá aos seus antepassados, como seu irmão Aarão. ¹⁴Isso porque vocês foram rebeldes no deserto de Sin, quando a comunidade se revoltou contra mim, e vocês não demonstraram a minha santidade junto à fonte”. Trata-se da fonte de Meriba, em Cades, no deserto de Sin.

¹⁵Moisés falou a Javé: ¹⁶“Então Javé, o Deus dos espíritos de todos os seres vivos, indique um chefe para a comunidade, ¹⁷alguém que exerça a liderança, para que a comunidade de Javé não fique como rebanho sem pastor”. ¹⁸Javé respondeu a Moisés: “Tome Josué, filho de Nun, homem de grandes qualidades, e imponha a mão sobre ele. ¹⁹Depois apresente-o ao sacerdote Eleazar e a toda a comunidade. Passe para Josué o cargo na presença deles, ²⁰e comunique a ele uma parte de sua própria autoridade, para que a comunidade de Israel obedeça a ele. ²¹Então Josué se apresentará ao sacerdote Eleazar, que consultará Javé por ele, tirando a sorte por meio dos urim. Toda a comunidade, tanto Josué como os filhos de Israel, agirá conforme o oráculo”.

²²Moisés fez o que Javé havia mandado: tomou Josué e o apresentou ao sacerdote Eleazar e a toda a comunidade. ²³Eleazar impôs sobre ele as mãos e lhe transmitiu o cargo, conforme Javé dissera por meio de Moisés. [12-23]

28 Sacrifícios diários — ¹Javé falou a Moisés: ²“Ordene aos filhos de Israel: Apresentem-me no tempo certo as minhas ofertas, os meus alimentos e as ofertas queimadas de perfume agradável.

³Diga a eles: São estas as ofertas queimadas que vocês oferecerão a Javé: a cada dia dois cordeiros de um ano, perfeitos, como holocausto perpétuo.

⁴Ofereça o primeiro cordeiro em holocausto pela manhã e o segundo em holocausto à tarde, ⁵junto com a oblação de quatro litros e meio de flor de farinha amassada com dois litros de azeite de oliva refinado. ⁶É o holocausto perpétuo que se oferecia outrora no monte Sinai como perfume agradável, uma oferta queimada para Javé. ⁷A libação será de dois litros para cada cordeiro; no santuário será oferecida para Javé a libação de bebida fermentada. ⁸Com o segundo cordeiro você fará o holocausto da tarde; faça-o com a mesma oblação e a mesma libação da manhã, como oferta queimada de perfume agradável para Javé.

Sacrifícios no sábado — ⁹No dia do sábado, ofereçam dois cordeiros de um ano, perfeitos, junto com a oblação de nove litros de flor de farinha amassada com azeite, com sua libação. ¹⁰É o holocausto do sábado, a ser feito cada sábado, além do holocausto perpétuo e da respectiva libação.

Sacrifícios na festa da Lua Nova — ¹¹No primeiro dia de cada mês ofereçam, como holocausto para Javé, dois bezerros, um carneiro e sete cordeiros de um ano, todos perfeitos. ¹²Para cada bezerro, juntem a oblação de treze litros e meio de flor de farinha amassada com azeite; para o carneiro, juntem a oblação de nove litros de flor de farinha amassada com azeite; ¹³para cada cordeiro, juntem a oblação de quatro litros e meio de flor de farinha amassada com azeite. É o holocausto de perfume agradável, uma oferta queimada para Javé. ¹⁴As libações que o acompanham serão de quatro litros de vinho por bezerro, de dois litros e meio para o carneiro e de dois litros para cada cordeiro. Esse é o holocausto mensal, para todos os meses do ano. ¹⁵Além do holocausto perpétuo com sua respectiva libação, será oferecido a Javé um bode como sacrifício pelo pecado.

Sacrifícios na festa da Páscoa — ¹⁶No dia catorze do primeiro mês celebra-se a Páscoa de Javé, ¹⁷e o dia quinze é dia de festa. Durante sete dias se comerão pães sem fermento; ¹⁸no primeiro dia o povo se reunirá em assembleia santa e não realizará nenhum trabalho. ¹⁹Ofereçam a Javé ofertas queimadas em holocausto: dois bezerros, um carneiro e sete cordeiros de um ano, todos perfeitos. ²⁰A oblação de flor de farinha amassada com azeite será de treze litros e meio para cada bezerro, nove litros para o carneiro, ²¹e quatro litros e meio para cada um dos sete cordeiros. ²²Ofereçam também um bode para fazer o sacrifício pelo pecado de vocês. ²³Façam tudo isso além do holocausto da

manhã, que é oferecido como holocausto perpétuo. ²⁴Façam o mesmo durante cada um dos sete dias: é alimento, oferta queimada de perfume agradável para Javé. Façam tudo isso, além do holocausto perpétuo, com sua correspondente libação. ²⁵No sétimo dia façam uma assembleia santa e não realizem nenhum trabalho.

Sacrifícios na festa das Semanas — ²⁶No dia dos primeiros frutos, quando vocês oferecerem a Javé uma oblação de frutos novos na festa das Semanas, façam uma assembleia santa e não realizem nenhum trabalho. ²⁷Ofereçam um holocausto de perfume agradável para Javé: dois bezerros, um carneiro e sete cordeiros de um ano, todos perfeitos. ²⁸A oblação de flor de farinha amassada com azeite será de treze litros e meio para cada bezerro, nove litros para o carneiro, ²⁹e quatro litros e meio para cada um dos sete cordeiros. ³⁰Ofereçam também um bode como sacrifício pelo pecado de vocês. ³¹Façam tudo isso, além do holocausto perpétuo com sua oblação e respectivas libações.

29 ***Sacrifícios na festa das Aclamações*** — ¹No primeiro dia do sétimo mês vocês farão uma assembleia santa e não realizarão nenhum trabalho. Será para vocês o dia da aclamação com as trombetas. ²Ofereçam, em holocausto de perfume agradável para Javé, um bezerro, um carneiro e sete cordeiros de um ano, todos perfeitos. ³A oblação de flor de farinha amassada com azeite será de treze litros e meio para o bezerro, nove litros para o carneiro ⁴e quatro litros e meio para cada um dos sete cordeiros. ⁵Ofereçam também um bode como sacrifício pelo pecado de vocês. ⁶Façam tudo isso, além do holocausto mensal e da respectiva oblação, e além do holocausto perpétuo com sua oblação e respectivas libações, conforme o ritual. É uma oferta queimada de perfume agradável para Javé.

Sacrifícios na festa da Expição — ⁷No décimo dia do sétimo mês vocês farão uma assembleia santa, jejuarão e não realizarão nenhum trabalho. ⁸Ofereçam um holocausto de perfume agradável para Javé: um bezerro, um carneiro e sete cordeiros de um ano, que vocês escolherão entre aqueles que são perfeitos. ⁹A oblação de flor de farinha amassada com azeite será de treze litros e meio para o bezerro, nove litros para o carneiro, ¹⁰e quatro litros e meio para cada um dos sete cordeiros. ¹¹Ofereçam também um bode como sacrifício pelo pecado, além do sacrifício pelo pecado na festa da Expição, e além do holocausto perpétuo

com sua oblação e respectivas libações.

Sacrifícios na festa das Tendias — ¹²No dia quinze do sétimo mês vocês farão uma assembleia santa: não realizarão nenhum trabalho, e durante sete dias celebrarão a festa em honra de Javé. ¹³Ofereçam um holocausto, oferta queimada de perfume agradável para Javé: treze bezerros, dois carneiros e catorze cordeiros de um ano, todos perfeitos. ¹⁴A oblação de flor de farinha amassada com azeite será de treze litros e meio para cada um dos treze bezerros, nove litros para cada um dos dois carneiros, ¹⁵e quatro litros e meio para cada um dos catorze cordeiros. ¹⁶Ofereçam também um bode como sacrifício pelo pecado, além do holocausto perpétuo com sua oblação e respectivas libações.

¹⁷No segundo dia ofereçam doze bezerros, dois carneiros e catorze cordeiros de um ano, todos perfeitos, ¹⁸com a oblação e a libação correspondentes, a serem feitas conforme o ritual, segundo o número dos bezerros, carneiros e cordeiros; ¹⁹e também um bode para o sacrifício pelo pecado. Tudo isso, além do holocausto perpétuo com sua oblação e respectivas libações.

²⁰No terceiro dia ofereçam onze bezerros, dois carneiros e catorze cordeiros de um ano, todos perfeitos, ²¹com a oblação e as libações correspondentes, a serem feitas conforme o ritual, segundo o número dos bezerros, carneiros e cordeiros; ²²e também um bode para o sacrifício pelo pecado. Tudo isso, além do holocausto perpétuo com sua oblação e libações. ²³No quarto dia ofereçam dez bezerros, dois carneiros e catorze cordeiros de um ano, todos perfeitos, ²⁴com a oblação e as libações correspondentes, a serem feitas conforme o ritual, segundo o número dos bezerros, carneiros e cordeiros; ²⁵e também um bode para o sacrifício pelo pecado. Tudo isso, além do holocausto perpétuo com sua oblação e libações.

²⁶No quinto dia ofereçam nove bezerros, dois carneiros e catorze cordeiros de um ano, todos perfeitos, ²⁷com a oblação e as libações correspondentes, a serem feitas conforme o ritual, segundo o número dos bezerros, carneiros e cordeiros; ²⁸e também um bode para o sacrifício pelo pecado. Tudo isso, além do holocausto perpétuo com sua oblação e libações.

²⁹No sexto dia ofereçam oito bezerros, dois carneiros e catorze cordeiros de um ano, todos perfeitos, ³⁰com a oblação e as libações correspondentes, a serem feitas conforme o ritual, segundo o número dos bezerros, carneiros e cordeiros; ³¹e também um bode para o sacrifício pelo pecado. Tudo isso, além do

holocausto perpétuo com sua oblação e libações.

³²No sétimo dia ofereçam sete bezerros, dois carneiros e catorze cordeiros de um ano, todos perfeitos, ³³com a oblação e libações correspondentes, a serem feitas conforme o ritual, segundo o número dos bezerros, carneiros e cordeiros, ³⁴e também um bode para o sacrifício pelo pecado. Tudo isso, além do holocausto perpétuo com sua oblação e libações.

³⁵No oitavo dia vocês farão assembleia e não realizarão nenhum trabalho. ³⁶Ofereçam um holocausto de oferta queimada de perfume agradável para Javé: um bezerro, um carneiro e sete cordeiros de um ano, todos perfeitos, ³⁷com a oblação e as libações correspondentes, a serem feitas conforme o ritual, segundo o número dos bezerros, carneiros e cordeiros, ³⁸e também um bode para o sacrifício pelo pecado. Tudo isso, além do holocausto perpétuo com sua oblação e libações.

³⁹Esses são os sacrifícios que vocês oferecerão a Javé nas solenidades que celebrarem, além das ofertas por seus votos e sacrifícios voluntários, e além dos holocaustos, oblações, libações e sacrifícios de comunhão”.

30¹Moisés comunicou aos filhos de Israel tudo o que Javé lhe havia ordenado. [28,1-30,1]

Votos e promessas — ²Moisés falou aos chefes das tribos de Israel: “Assim ordena Javé: ³Quando um homem fizer um voto a Javé ou se comprometer com alguma coisa sob juramento, não deverá faltar à palavra. Cumpra o que prometeu.

⁴Quando uma mulher, ainda solteira e morando com o pai, fizer um voto ou se obrigar a uma promessa, ⁵se o pai, conhecendo o voto ou a promessa que ela fez, nada lhe disser, então os votos dela são válidos e a promessa ficará de pé. ⁶Contudo, se o pai, no dia em que tomou conhecimento, fez oposição à promessa, nenhum dos votos e promessas que ela fez serão válidos. Javé a dispensa, porque o pai dela desaprovou.

⁷Se ela se casar comprometida pelo voto ou pela promessa que fez sem pensar, ⁸e se o marido, ao tomar conhecimento, nada lhe disser no dia em que for informado, os votos e promessas que ela fez serão válidos. ⁹Contudo, no dia em que o marido tomar conhecimento, se ele fizer oposição, o voto que ela fez ficará nulo, e a promessa que fez sem pensar não terá efeito. Javé os dispensará.

¹⁰O voto de uma viúva ou repudiada e todas as promessas que fizer serão válidos.

¹¹Quando uma mulher faz um voto na casa do seu marido, ou se compromete com alguma coisa sob juramento, ¹²se o marido, ao saber do fato, nada lhe diz e não lhe faz oposição, então os votos dela são válidos e a promessa que fez ficará de pé. ¹³Contudo, se o marido, ao ser informado, os anula, então os votos e promessas dela ficam inválidos. Seu marido os desaprovou e Javé a dispensa.

¹⁴O marido pode confirmar ou anular qualquer voto ou juramento de penitência feito pela sua mulher. ¹⁵Contudo, se o marido nada lhe diz até o dia seguinte, então confirma todos os votos e promessas que a obrigam: ele os confirma com o silêncio que guardou ao ser informado. ¹⁶Todavia, se foi informado e os anula mais tarde, ele próprio levará o peso da culpa de sua mulher”.

¹⁷São essas as ordens que Javé deu a Moisés para o marido e a mulher, e para o pai e a filha, quando esta ainda vive com seu pai. [\[30,2-17\]](#)

31 *Guerra santa* — ¹Javé disse a Moisés: ²“Execute a vingança dos filhos de Israel contra os madianitas. Depois você se reunirá com seus antepassados”. ³Moisés disse ao povo: “Escolham homens entre vocês, e os armem para a guerra. Eles atacarão os madianitas para realizar contra estes a vingança de Javé. ⁴Mandem para a guerra mil homens de cada uma das tribos de Israel”.

⁵Desse modo, forneceram para a guerra doze mil homens, mil de cada uma das tribos de Israel. ⁶Moisés enviou-os para a guerra, mil de cada tribo, sob as ordens de Fineias, filho do sacerdote Eleazar, com as armas sagradas e as trombetas para o toque de combate. ⁷Guerrearam contra Madiã, conforme Javé ordenara a Moisés, e mataram todos os homens. ⁸Mataram também os reis de Madiã: Evi, Recém, Sur, Hur e Rebe, os cinco reis de Madiã; também passaram a fio de espada Balaão, filho de Beor. ⁹Os filhos de Israel levaram como prisioneiras as mulheres madianitas com suas crianças, e saquearam todo o gado, rebanhos e bens. ¹⁰Incendiaram as cidades e todos os povoados. ¹¹Em seguida, carregaram todos os despojos, homens e animais. ¹²Levaram os prisioneiros, o saque e os despojos para Moisés, o sacerdote Eleazar e toda a comunidade de Israel, que estava acampada na estepe de Moab, às margens do rio Jordão, na altura de Jericó.

¹³Moisés, o sacerdote Eleazar e todos os chefes da comunidade saíram para

recebê-los fora do acampamento. ¹⁴Moisés ficou furioso com os chefes da tropa, generais e capitães que voltavam da guerra, ¹⁵e lhes disse: “Por que vocês deixaram as mulheres com vida? ¹⁶Foram elas que, instigadas por Balaão, fizeram os filhos de Israel trair Javé no caso de Fegor: por causa delas houve uma praga sobre toda a comunidade de Javé. ¹⁷Agora, portanto, matem todas as crianças do sexo masculino e todas as mulheres que tiveram relações sexuais com homens. ¹⁸Deixem vivas apenas as meninas que não tiveram relações sexuais com homens, e elas pertencerão a vocês. ¹⁹Quanto a vocês, fiquem sete dias fora do acampamento. Aqueles que tiverem matado alguém ou tocado em cadáver, deverão purificar-se, junto com os prisioneiros, no terceiro e no sétimo dia. ²⁰Purifiquem também toda roupa, objetos de couro ou de pelo de cabra e todos os objetos de madeira”.

²¹O sacerdote Eleazar disse aos guerreiros que tinham voltado da guerra: “São estas as ordens que Javé deu a Moisés: ²²ouro, prata, bronze, ferro, estanho e chumbo, ²³tudo o que resiste ao fogo, vocês deverão purificar com o fogo e lavar com a água da purificação, e vocês deverão lavar com água tudo o que não resiste ao fogo. ²⁴No sétimo dia vocês lavarão as roupas e ficarão puros. Depois poderão entrar no acampamento”. [31,1-24]

Partilha e reconhecimento — ²⁵Javé disse a Moisés: ²⁶“Reúna-se com o sacerdote Eleazar e os chefes de famílias da comunidade e faça a contagem dos despojos e prisioneiros, tanto pessoas como animais. ²⁷Depois divida os despojos pela metade: uma parte para os guerreiros que foram à batalha, e outra para o resto da comunidade. ²⁸Cobre dos soldados que foram para o combate um tributo para Javé: um sobre quinhentos, tanto de pessoas como de bois, jumentos e ovelhas. ²⁹Tudo isso, você tomará da metade que pertence aos soldados e entregará ao sacerdote Eleazar, como tributo para Javé. ³⁰Da outra metade, que couber aos filhos de Israel, cobre um por cinquenta, tanto de pessoas como de bois, jumentos, ovelhas e todo tipo de animais, e os entregue aos levitas que exercem função no santuário de Javé”.

³¹Moisés e o sacerdote Eleazar fizeram o que Javé tinha ordenado a Moisés.

³²Contagem dos despojos que os combatentes haviam capturado: seiscentas e setenta e cinco mil ovelhas, ³³setenta e dois mil bois, ³⁴sessenta e um mil jumentos, ³⁵e trinta e duas mil mulheres que não tinham tido relações sexuais.

³⁶Porção que tocou aos que haviam lutado: trezentas e trinta e sete mil e quinhentas ovelhas, ³⁷das quais foi feito para Javé o tributo de seiscentas e setenta e cinco ovelhas; ³⁸trinta e seis mil bois, dos quais foi feito para Javé o tributo de setenta e dois bois; ³⁹trinta mil e quinhentos jumentos, dos quais foi feito para Javé o tributo de sessenta e um jumentos; ⁴⁰dezesseis mil pessoas, das quais foi feito para Javé o tributo de trinta e duas pessoas. ⁴¹Moisés entregou o tributo de Javé ao sacerdote Eleazar, conforme Javé lhe havia ordenado.

⁴²Quanto à outra metade que Moisés tinha requisitado dos soldados para os filhos de Israel, ⁴³a conta foi a seguinte: trezentas e trinta e sete mil e quinhentas ovelhas, ⁴⁴trinta e seis mil bois, ⁴⁵trinta mil e quinhentos jumentos ⁴⁶e dezesseis mil pessoas. ⁴⁷Dessa metade que pertencia aos filhos de Israel, Moisés tomou um tributo de dois por cento de pessoas e animais e o entregou aos levitas, que tinham funções no santuário de Javé, conforme Javé havia ordenado a Moisés.

⁴⁸Os comandantes de tropas, generais e capitães, se aproximaram de Moisés, ⁴⁹e disseram: “Seus servos fizeram o recenseamento dos soldados sob sua ordem, e não falta nenhum. ⁵⁰Por isso, como reconhecimento a Javé por nos ter salvo a vida, cada um de nós oferece a Javé daquilo que saqueou em objetos de ouro, braceletes, pulseiras, anéis, brincos e colares, para fazer uma expiação por nós diante de Javé”. ⁵¹Moisés e o sacerdote Eleazar receberam o ouro que eles ofereciam em artigos trabalhados. ⁵²A oferta de ouro que fizeram a Javé deu um total de mil, seiscentos e setenta e cinco gramas, oferecidos pelos generais e capitães. ⁵³Os soldados ficaram com todo o ouro que cada um saqueou. ⁵⁴Moisés e o sacerdote Eleazar, porém, receberam o ouro dos generais e capitães, e o levaram para a tenda da reunião, como memorial dos filhos de Israel diante de Javé. [25-54]

32 *Solidariedade na luta* — ¹Os filhos de Rúben e os filhos de Gad possuíam imensos rebanhos. Quando viram que as terras de Jazer e de Galaad eram boas para o rebanho, ²foram a Moisés, ao sacerdote Eleazar e aos chefes da comunidade, e propuseram: ³“Atarot, Dibon, Jazer, Nemra, Hesebon, Eleale, Sabama, Nebo e Meon, ⁴o território dos povos, conquistado por Javé diante da comunidade de Israel, é uma terra boa para o rebanho, e nós, servos de você, possuímos rebanhos. ⁵Por favor, faça que essa terra seja entregue a seus servos como propriedade, e não atravessaremos o Jordão”.

⁶Moisés respondeu aos filhos de Gad e Rúben: “Os irmãos de vocês irão para a

guerra. E vocês? Ficarão aqui? ⁷Vocês vão desencorajar os filhos de Israel, para que não se dirijam à terra que Javé lhes deu? ⁸Foi o que fizeram os pais de vocês quando eu os enviei de Cades Barne para explorar o território! ⁹Eles subiram até o vale do Cacho, exploraram o território e desencorajaram os filhos de Israel a não irem para a terra que Javé lhes havia dado. ¹⁰Nesse dia, a ira de Javé se inflamou, e ele jurou: ¹¹‘Os homens de vinte anos para cima, que saíram do Egito, não verão a terra que eu prometi dar a Abraão, Isaac e Jacó, porque não foram fiéis a mim, ¹²a não ser Caleb, filho do cenezeu Jefoné, e Josué, filho de Nun, porque foram fiéis a Javé’. ¹³A ira de Javé se inflamou contra Israel, e ele os fez andar errantes pelo deserto durante quarenta anos, até que desaparecesse aquela geração que fez o que Javé reprova. ¹⁴Agora vocês, corja de pecadores, estão ocupando o lugar dos pais de vocês para aumentar ainda mais o ardor da ira de Javé contra Israel! ¹⁵Se vocês se afastarem de Javé, ele aumentará ainda mais a permanência de vocês no deserto, e vocês causarão a ruína de todo este povo”.

¹⁶Então eles se aproximaram de Moisés e disseram: “Queremos construir aqui currais para os rebanhos e cidades para nossas crianças. ¹⁷Nós, porém, iremos armados à frente dos filhos de Israel, até que eles cheguem ao lugar que lhes foi destinado. Enquanto isso, nossos filhos ficarão nas cidades fortificadas, protegidos diante dos habitantes da terra. ¹⁸Não voltaremos para nossas casas enquanto cada filho de Israel não tiver ocupado sua herança. ¹⁹Não teremos herança com eles no outro lado do Jordão, pois nossa herança será do lado de cá, a oriente do Jordão”.

²⁰Moisés respondeu: “Se vocês fizerem isso e se armarem para combater diante de Javé; ²¹se todos aqueles de vocês, que estão armados, atravessarem o Jordão diante de Javé, até que ele expulse, da presença de vocês, todos os seus inimigos; ²²se vocês não voltarem antes que a terra esteja submetida a vocês diante de Javé, então vocês serão inocentes diante de Javé e diante de Israel, e esta terra pertencerá a vocês como propriedade, por vontade de Javé. ²³Todavia, se não agirem assim, vocês pecarão contra Javé. E saibam que o pecado de vocês será castigado. ²⁴Agora, portanto, podem construir cidades para seus filhos e currais para seus rebanhos, mas cumpram o que prometeram”.

²⁵Os filhos de Gad e Rúben disseram a Moisés: “Seus servos farão o que o senhor está ordenando. ²⁶Nossas crianças, nossas mulheres, nossos rebanhos e

nosso gado ficarão nas cidades de Galaad, ²⁷mas os seus servos, que estão armados para a guerra, irão combater diante de Javé, conforme o senhor ordenou”.

²⁸Então Moisés deu ordens para eles, através do sacerdote Eleazar, de Josué, filho de Nun, e dos chefes de famílias e tribos de Israel. ²⁹Moisés lhes falou: “Se os filhos de Gad e Rúben atravessarem com vocês o Jordão, todos armados para lutar diante de Javé, quando a terra estiver submetida, vocês darão a eles o território de Galaad como propriedade. ³⁰Contudo, se eles não atravessarem armados com vocês, receberão sua propriedade na terra de Canaã”.

³¹Os filhos de Gad e Rúben responderam: “Faremos o que Javé está mandando a seus servos. ³²Atravessaremos armados diante de Javé para a terra de Canaã, mas a propriedade que nos caberá como herança será do lado de cá do Jordão”.

³³Moisés deu aos filhos de Gad, aos filhos de Rúben e à meia tribo de Manassés, filho de José, o reino de Seon, rei dos amorreus, e o reino de Og, rei de Basã, com todas as cidades e povoados do território. ³⁴Os filhos de Gad reconstruíram as cidades fortificadas de Dibon, Atarot, Aroer, ³⁵Atrot-Sofã, Jazer, Jegbaá, ³⁶Bet-Nemra e Bet-Arã, e construíram currais para seus rebanhos. ³⁷Os filhos de Rúben reconstruíram Hesebon, Eleale, Cariataim, ³⁸Nebo e Baal-Meon. Mudaram o nome dessas cidades, e também reconstruíram Sabama. De fato, eles deram nomes novos às cidades que reconstruíram. ³⁹Os filhos de Maquir, filho de Manassés, invadiram e conquistaram o território de Galaad, expulsando os amorreus que aí moravam. ⁴⁰Moisés, então, deu o território de Galaad para a tribo de Maquir, filho de Manassés, que aí se estabeleceu. ⁴¹Jair, filho de Manassés, foi e conquistou aldeias, dando-lhes o nome de Aldeias de Jair. ⁴²Nobe foi e tomou Canat e as cidades da vizinhança, dando-lhes seu próprio nome: Nobe. [32,1-42]

33 *Relembrando a caminhada* — ¹Etapas da viagem dos filhos de Israel, quando saíram do Egito por esquadões, sob a chefia de Moisés e Aarão.

²Moisés registrou os pontos de partida, etapa por etapa, quando saíram sob as ordens de Javé. E as etapas, na ordem de seus pontos de partida, são as seguintes: ³No dia quinze do primeiro mês partiram de Ramsés. No dia seguinte ao da Páscoa, os filhos de Israel partiram de mão erguida, diante dos olhos de todos os egípcios, ⁴enquanto os egípcios ainda estavam enterrando os primogênitos que Javé tinha feito morrer, para fazer justiça contra os deuses

deles.

⁵Os filhos de Israel partiram de Ramsés e acamparam em Sucot. ⁶Depois partiram de Sucot e acamparam em Etam, que está no limite do deserto. ⁷Saíram de Etam e voltaram em direção de Piairot, diante de Baal-Sefon, e acamparam diante de Magdol. ⁸Saíram de Piairot e atravessaram o mar, alcançando o deserto. Depois de três dias de marcha pelo deserto de Etam, acamparam em Mara. ⁹Partiram de Mara e chegaram a Elim, onde havia doze fontes e setenta palmeiras; e aí acamparam. ¹⁰Partiram de Elim e acamparam junto ao mar Vermelho. ¹¹Partiram do mar Vermelho e acamparam no deserto de Sin. ¹²Partiram do deserto de Sin e acamparam em Dafca. ¹³Partiram de Dafca e acamparam em Alus. ¹⁴Partiram de Alus e acamparam em Rafidim; mas aí o povo não encontrou água para beber. ¹⁵Partiram de Rafidim e acamparam no deserto do Sinai. ¹⁶Partiram do deserto do Sinai e acamparam no Cemitério da Avidez. ¹⁷Partiram do Cemitério da Avidez e acamparam em Currais. ¹⁸Partiram de Currais e acamparam em Retma. ¹⁹Partiram de Retma e acamparam em Remon-Farés. ²⁰Partiram de Remon-Farés e acamparam em Lebna. ²¹Partiram de Lebna e acamparam em Orvalho. ²²Partiram de Orvalho e acamparam em Conselho. ²³Partiram de Conselho e acamparam em Monte Claro. ²⁴Partiram de Monte Claro e acamparam em Tremedal. ²⁵Partiram de Tremedal e acamparam em Reunião. ²⁶Partiram de Reunião e acamparam em Fundão. ²⁷Partiram de Fundão e acamparam em Taré. ²⁸Partiram de Taré e acamparam em Doçura. ²⁹Partiram de Doçura e acamparam em Hesmona. ³⁰Partiram de Hesmona e acamparam em Vínculos. ³¹Partiram de Vínculos e acamparam em Benê-Jacã. ³²Partiram de Benê-Jacã e acamparam em Cova Rachada. ³³Partiram de Cova Rachada e acamparam em Delícia. ³⁴Partiram de Delícia e acamparam em Passagem. ³⁵Partiram de Passagem e acamparam em Asiongaber. ³⁶Partiram de Asiongaber e acamparam no deserto de Sin, em Cades. ³⁷Partiram de Cades e acamparam no monte Hor, na fronteira do território de Edom.

³⁸O sacerdote Aarão subiu ao monte Hor, segundo a ordem de Javé, e aí morreu, no primeiro dia do quinto mês, quarenta anos depois que os filhos de Israel saíram do Egito. ³⁹Aarão morreu no monte Hor com cento e vinte e três anos.

⁴⁰O rei cananeu de Arad, que habitava no Negueb, na terra de Canaã, foi informado de que os filhos de Israel estavam chegando. ⁴¹Estes partiram do

monte Hor e acamparam em Sombrio. ⁴²Partiram de Sombrio e acamparam em Finon. ⁴³Partiram de Finon e acamparam em Obot. ⁴⁴Partiram de Obot e acamparam em Ruínas de Abarim, no território de Moab. ⁴⁵Partiram de Ruínas de Abarim e acamparam em Dibon-Gad. ⁴⁶Partiram de Dibon-Gad e acamparam em Elmon-Deblataim. ⁴⁷Partiram de Elmon-Deblataim e acamparam nos montes Abarim, diante do monte Nebo. ⁴⁸Partiram dos montes Abarim e acamparam na estepe de Moab, junto ao rio Jordão, na altura de Jericó. ⁴⁹Na estepe de Moab, acamparam às margens do rio Jordão, desde Bet-Jesimot até o Prado das Acácias. [33,1-49]

Repartir a terra com igualdade — ⁵⁰Na estepe de Moab, às margens do rio Jordão, na altura de Jericó, Javé falou a Moisés: ⁵¹“Diga aos filhos de Israel: Quando vocês atravessarem o rio Jordão e entrarem na terra de Canaã, ⁵²expulsem daí todos os governantes dela, destruam seus ídolos e imagens, e arrasem seus lugares altos. ⁵³Tomem posse da terra e habitem nela, pois eu lhes dei essa terra, para que vocês a possuam. ⁵⁴Dividam a terra, por sorteio, entre os clãs de vocês. Deem como herança uma parte maior para aquele que é mais numeroso, e uma parte menor para aquele que é menos numeroso. A herança de cada um será onde cair o sorteio. Façam a divisão entre as tribos de vocês. ⁵⁵Contudo, se vocês não expulsarem os governantes da terra, aqueles que ficarem serão para vocês espinhos nos olhos e ferrões nas costas; eles serão seus inimigos na terra que vocês habitarem. ⁵⁶E eu farei com vocês aquilo que pensei fazer com eles”. [50-56]

34 ***A herança de Javé para o seu povo*** — ¹Javé falou a Moisés: ²“Ordena aos filhos de Israel: Quando vocês entrarem na terra de Canaã, estarão na terra que lhes cabe como herança: a terra de Canaã com suas fronteiras.

³A fronteira ao sul será o deserto de Sin e Edom. O limite sul começará na extremidade do mar Morto, a oriente. ⁴Depois se voltará para o sul em direção à Subida dos Escorpiões, passará por Sin e chegará a Cades Barne, no sul. Em seguida, irá em direção a Hasar-Adar e passará por Asemona. ⁵De Asemona, a fronteira se voltará na direção do rio do Egito e terminará no mar.

⁶A fronteira marítima será o mar Mediterrâneo. Será o limite de vocês no lado oeste.

⁷A fronteira norte será marcada desde o mar Mediterrâneo até o monte Hor.

⁸Daí, traçarão uma linha até a entrada de Emat, e a fronteira terminará em Sedada. ⁹Continuará em direção a Zefrona, e terminará em Hasar-Enon. Será essa a fronteira de vocês do lado norte.

¹⁰A fronteira do lado leste irá de Hasar-Enon a Sefama. ¹¹De Sefama, a fronteira descenderá na direção de Harbel, a leste de Ain; descendo ainda, costeará a leste o mar de Quineret. ¹²Daí, a fronteira seguirá o rio Jordão e terminará no mar Morto.

Essa é a terra de vocês com os limites que a cercam”.

¹³Então Moisés ordenou aos filhos de Israel: “Essa é a terra que vocês repartirão por sorteio e que Javé ordenou dar às nove tribos e meia. ¹⁴Isso porque as tribos de Rúben, de Gad e a meia tribo de Manassés com suas famílias já receberam a sua herança. ¹⁵Essas duas tribos e meia já receberam a sua herança no outro lado do Jordão, na altura de Jericó, a oriente”. [34,1-15]

Os representantes na partilha da terra — ¹⁶Javé falou a Moisés: ¹⁷“Lista das pessoas que repartirão a terra: O sacerdote Eleazar e Josué, filho de Nun. ¹⁸Além deles, vocês escolherão um chefe de cada tribo, a fim de repartir a terra. ¹⁹Esta é a lista dos chefes: da tribo de Judá, Caleb, filho de Jefoné; ²⁰da tribo de Simeão, Samuel, filho de Amiud; ²¹da tribo de Benjamim, Elidad, filho de Caselon; ²²da tribo de Dã, o chefe Boci, filho de Jogli; ²³para os filhos de José: da tribo de Manassés, o chefe Haniel, filho de Efod; ²⁴e da tribo de Efraim, o chefe Camuel, filho de Seftã; ²⁵da tribo de Zabulon, o chefe Elisafã, filho de Farnac; ²⁶da tribo de Issacar, o chefe Faltiel, filho de Ozã; ²⁷da tribo de Aser, o chefe Aiud, filho de Salomi; ²⁸da tribo de Neftali, o chefe Fedael, filho de Amiud”. ²⁹São esses os encarregados por Javé para repartir entre os filhos de Israel a herança na terra de Canaã. [16-29]

35 ***Os levitas no meio do povo*** — ¹Na estepe de Moab, às margens do rio Jordão, na altura de Jericó, Javé falou a Moisés: ²“Ordene aos filhos de Israel que deem aos levitas, da herança que possuem, algumas cidades para eles morarem, e pastagens ao redor dessas cidades. Deem essas cidades aos levitas. ³Eles habitarão nessas cidades, e as pastagens dos arredores servirão para os rebanhos, o gado e todos os animais deles. ⁴Ao redor das cidades dadas aos levitas, as pastagens se estenderão no raio de um quilômetro fora das muralhas da cidade. ⁵A partir da muralha, meçam um quilômetro para o leste, um

quilômetro para o sul, um quilômetro para o oeste e um quilômetro para o norte, ficando a cidade no centro: serão essas as pastagens das cidades dos levitas.

⁶Deem aos levitas aquelas seis cidades de refúgio que vocês reservaram para o homicida se refugiar. Além delas, deem aos levitas mais quarenta e duas cidades.

⁷No total, vocês darão aos levitas quarenta e oito cidades com suas pastagens.

⁸Tais cidades que pertencerão aos filhos de Israel, serão tomadas em maior número daqueles que têm mais, e em menor número daqueles que têm menos. Cada tribo cederá essas cidades aos levitas na proporção da herança que tiver recebido”. [35,1-8]

A terra da vida — ⁹Javé falou a Moisés: ¹⁰“Diga aos filhos de Israel: Quando vocês atravessarem o Jordão, entrando na terra de Canaã, ¹¹escolham cidades para servirem de refúgio ao homicida que tenha matado alguém sem querer.

¹²Tais cidades servirão de refúgio para vocês contra o vingador do sangue, para que o homicida não seja morto sem ter comparecido diante da comunidade para ser julgado. ¹³Escolham seis cidades de refúgio: ¹⁴deem três cidades do lado de cá do Jordão, e outras três na terra de Canaã. Serão cidades de refúgio. ¹⁵Essas seis cidades servirão de refúgio, tanto para alguém dos filhos de Israel, como para o imigrante e para aquele que vive no meio de vocês, que tenha matado alguém sem querer.

¹⁶Contudo, se essa pessoa feriu alguém com objeto de ferro, e daí causou a morte, é homicida. E o homicida é réu de morte. ¹⁷Se alguém feriu com uma pedra capaz de causar a morte, e a pessoa morrer, é homicida. E o homicida é réu de morte. ¹⁸Se feriu com objeto de madeira capaz de causar a morte, e a pessoa morrer, é homicida. E o homicida é réu de morte. ¹⁹Cabe ao vingador do sangue matar o homicida. Quando o encontrar, ele o matará.

²⁰Se o homicida empurrou a vítima com ódio ou atirou contra ela alguma coisa e a matou; ²¹ou ainda, se por inimizade a golpeou de modo mortal, aquele que feriu a vítima deve morrer: é um homicida que o vingador do sangue matará quando encontrar. ²²Todavia, se empurrou a vítima sem querer, sem ódio, ou atirou contra ela alguma coisa sem intenção de atingi-la; ²³ou se não enxergou a vítima e deixou cair sobre ela uma pedra e a matou, sem ter contra ela nenhum ódio ou intenção de causar-lhe mal, ²⁴então a comunidade julgará entre aquele que feriu e o vingador do sangue, ²⁵salvando o homicida da mão do vingador do sangue. A comunidade o deixará voltar para a cidade de refúgio, onde se havia

asilado, e ele aí ficará até à morte do sumo sacerdote, que foi ungido com óleo santo. ²⁶Se o homicida sair dos limites da cidade de refúgio, onde se havia asilado, ²⁷e se o vingador do sangue o encontrar fora dos limites da cidade de refúgio, poderá matá-lo, sem medo de represálias. ²⁸Isso porque o homicida deve permanecer na cidade de refúgio até à morte do sumo sacerdote; só depois que o sumo sacerdote morrer, poderá voltar à terra de sua herança. ²⁹São normas de direito para vocês, válidas para todas as gerações, em qualquer lugar onde vocês habitarem.

³⁰Em casos de homicídio, o homicida será morto através do depoimento de testemunhas. Contudo, não basta uma testemunha para levar alguém à pena de morte. ³¹Não aceitem resgate pela vida de um homicida condenado à morte, pois ele deverá morrer. ³²Também não aceitem resgate por alguém que se refugiou numa cidade de refúgio e quer voltar para sua terra antes da morte do sumo sacerdote.

³³Não profanem a terra onde vocês vivem: a terra fica profanada com o sangue, e pelo sangue derramado na terra não há expiação, a não ser pelo sangue daquele que o derramou. ³⁴Portanto, não contaminem a terra onde vocês vivem e na qual eu habito, pois eu, Javé, habito no meio dos filhos de Israel”. [9-34]

36 *A herança da mulher casada* — ¹Os chefes de família do clã dos filhos de Galaad, descendentes de Maquir, filho de Manassés, um dos clãs dos filhos de José, se apresentaram a Moisés e aos principais chefes de família dos filhos de Israel, ²e disseram: “Javé ordenou ao meu senhor que repartisse a terra entre os filhos de Israel por sorteio. Meu senhor recebeu de Javé a ordem de dar a parte da herança de Salfaad, nosso irmão, às filhas dele. ³Ora, se elas se casarem com alguém de outra tribo dos filhos de Israel, a parte que pertence a elas será tirada da parte de nossos pais. Então a parte da tribo à qual elas vão pertencer ficará maior, e a parte que nos coube por sorteio ficará menor. ⁴Quando chegar o ano do jubileu para os filhos de Israel, a parte delas passará para a parte da tribo à qual vão pertencer, e será tirada da parte da nossa tribo”.

⁵Então Moisés comunicou aos filhos de Israel esta ordem de Javé: “A tribo dos filhos de José tem razão. ⁶Javé ordena às filhas de Salfaad: Casem-se com quem quiserem, mas sempre dentro de algum clã da tribo do seu pai. ⁷A herança dos filhos de Israel não passará de uma tribo para outra; os filhos de Israel permanecerão ligados cada um à herança de sua tribo. ⁸As filhas que tiverem alguma herança em qualquer uma das tribos dos filhos de Israel, deverão casar-

se com alguém de um clã da tribo de seu pai. Desse modo, os filhos de Israel conservarão cada um a herança de seu pai. ⁹Uma herança não poderá ser transferida de uma tribo para outra: cada uma das tribos dos filhos de Israel ficará ligada com a sua herança”.

¹⁰As filhas de Salfaad fizeram o que Javé tinha ordenado a Moisés. ¹¹Maala, Tersa, Hegla, Melca e Noa, filhas de Salfaad, casaram-se com seus primos por parte de pai. ¹²Casaram-se dentro dos clãs dos filhos de Manassés, filho de José; por isso, a herança delas permaneceu na tribo do clã de seu pai. [36,1-12]

Conclusão do livro — ¹³São essas as ordens e normas que Javé ordenou aos filhos de Israel por meio de Moisés, na estepe de Moab, às margens do rio Jordão, na altura de Jericó.

NOTAS

[1,1-54] Após ser libertado da escravidão no Egito, o povo de Deus se prepara no deserto para conquistar a terra que Deus vai lhe dar, onde irá formar uma sociedade conforme o projeto de Deus. Para isso, contudo, é preciso *organizar-se* e estar preparado para a luta, pois terá que enfrentar aqueles que não querem viver segundo esse projeto. E no meio do povo que se organiza, Deus está presente (tenda da aliança), como aliado que sustenta e dirige a luta do seu povo.

[2,1-34] O povo organizado que se põe em marcha é exército que sai para enfrentar o inimigo; ao mesmo tempo, é uma procissão. Toda organização do povo se torna uma luta guiada pela fé, quando a finalidade é sair da opressão e exploração para construir uma sociedade justa e fraterna. É luta, porque os opressores não querem perder seus privilégios; é fé, porque o povo acredita que os opressores serão vencidos, pois o próprio Deus está no meio daqueles que procuram realizar o projeto dele na história. Note-se que os levitas e sacerdotes, embora não participem diretamente da luta, caminham com o povo, interpretando e estimulando a luta.

[3,1-4,49] Nestes capítulos, o mais importante é a substituição dos primogênitos pelos levitas (cap. 3,12-13.40-51). Para entender isso, é necessário lembrar o que significa o resgate dos primogênitos no contexto do Êxodo (cf. Ex

13,11-16; 13,1-2 e notas). Os levitas passam a ser um sinal de liberdade e vida no meio do povo. Agora, eles são “um sinal na mão e um frontal entre os olhos”, para lembrar que Javé é o Deus da liberdade e da vida, que rejeita qualquer tipo de escravidão e morte. Sobre a função estratégica dos levitas dentro do povo de Deus, cf. o livro do Dt.

[5,1-4] A medida visava a proteger o acampamento. Mais tarde, tornou-se uma regra social que excluía os pobres e doentes do convívio social. Sobre isso, cf. Mc 1,40-45; 7,14-23 e notas.

[5-10] Qualquer prejuízo causado ao próximo é ofensa contra o próprio Deus: ambos devem ser reparados. O v. 8 supõe que o prejudicado tenha morrido.

[11-31] Embora respirando mentalidade machista, o texto prevê, a seu modo, um meio para a mulher se defender contra a suspeita do marido. Numa sociedade governada pela justiça, todos têm o direito de defender a própria honra e dignidade. Cf. Jo 8,1-11 e nota.

[6,1-21] No povo de Deus sempre houve e haverá pessoas que, através de uma promessa, se consagraram e se consagrarão a Deus de alguma maneira particular, tornando-se assim sinal de que o povo todo pertence a Deus.

[22-27] A bênção é um sinal da presença protetora e vivificante de Deus no meio do seu povo. O texto conserva uma bênção muito antiga, em que Javé é invocado três vezes. Tal bênção mostra que o povo pertence a Deus e que este o abençoa com a paz, quer dizer, com a vida plena, segundo o modo bíblico de entender a paz.

[7,1-9] Os membros da comunidade recebem os meios necessários para realizar cada um a própria função. Encarregados de transportar os objetos mais sagrados, os filhos de Caat podem aproximar-se do que é sagrado; por isso, não recebem carros nem animais.

[10-89] A consagração do altar é cercada de solenidade, pois o altar é o centro do culto israelita. A descrição minuciosa das ofertas e dos grupos que as apresentam mostra que todo o povo, devidamente representado, é responsável pelo culto e participa dele num espírito de partilha. A relação com Deus é ocasião para exprimir as relações de fraternidade e partilha que devem existir na vida do povo de Deus.

[8,1-4] O candelabro, com sete lâmpadas que ardiam continuamente, é símbolo da luz de Javé espalhada pelo mundo todo (o número 7 é símbolo de totalidade).

[5-26] Este texto reflete a situação do grupo dos levitas, depois do exílio, quando estava subordinado aos sacerdotes. Mas a sua função no santuário ainda se justifica pela tradicional ligação com os antigos levitas.

[9,1-14] O texto reflete os tempos em que a festa da Páscoa já se havia distanciado de sua significação original — comemorar a libertação do Egito (cf. nota em Ex 12,1-14) — para se tornar um simples sacrifício obrigatório oferecido a Javé. Os vv. 10-14 mostram que já estamos numa época em que muitos têm de viajar para celebrar a festa em Jerusalém.

[15-23] A nuvem luminosa é símbolo da iniciativa de Deus, que protege e guia seu povo pelos caminhos da história. O povo não age simplesmente por própria iniciativa, mas obedece a Deus e analisa os acontecimentos, procurando neles o momento oportuno que Deus lhe dá para agir.

[10,1-10] O toque da trombeta lembra as principais atividades do povo de Deus: reunir-se para tomar decisões em comum, colocar-se em marcha na história, partir para a luta e celebrar o seu Deus. No Novo Testamento, o toque da trombeta significa anúncio do julgamento e do Reino (cf. Ap 8-11).

[11-36] Cf. nota em 2,1-34. O sogro de Moisés recebe vários nomes: Hobab (v. 29), Ragüel (Ex 2,18) e Jetro (Ex 3,1). Trata-se de alguém que participou ativamente no processo de libertação e que, por isso, é convidado a participar do povo de Deus.

[11,1-9] Após o processo de libertação surgem as dificuldades e obstáculos que desafiam a coragem do povo para construir uma nova realidade. Nesse momento surge a tentação de se acomodar numa simples lembrança do passado, onde a falta de liberdade era compensada pela possibilidade de consumir bens variados. Ser livre é uma conquista contínua, e a maior tentação é a de vender a liberdade “a preço de banana”.

[10-15] O povo não pode jogar nas costas do líder a responsabilidade pelo próprio destino, nem o líder, em sã consciência, pode assumir tal responsabilidade.

[16-25] Javé responde tanto às críticas do povo (cf. nota vv. 31-35), quanto às de Moisés. Um ponto importante, no processo de libertação, é fazer que a liderança não fique ligada a uma só pessoa, mas que seja repartida entre representantes legítimos de todo o povo. Isso, contudo, ainda não é o ideal (cf. nota seguinte).

[26-30] O ideal de libertação e construção de uma nova sociedade é que o povo

todo seja capaz de discernir e participar conscientemente de todos os passos do processo. O episódio mostra que Deus não se limita aos canais oficiais de estruturas e instituições, por melhores que elas sejam. Cf. nota em Mc 9,38-41.

[31-35] No processo de libertação, não querer enfrentar as dificuldades e julgar que a libertação deixou de existir porque não existe ainda abundância de bens, é uma atitude egoísta, que acaba destruindo o próprio processo. Aqueles que assim procedem são excluídos da caminhada.

[12,1-16] Deus revela seu projeto aos profetas, que são homens capazes de ler nos acontecimentos a ação de Deus, e que dirigem o povo para a liberdade e a vida. Moisés foi o profeta por excelência que discerniu e manifestou, pela palavra e ação, esse projeto divino. Por isso, ele se tornou o modelo de toda atividade profética. Nenhum profeta poderá contradizer a proposta de Deus, manifestada através de Moisés, sob pena de retardar a caminhada do povo para a vida.

[13,1-33] Chega o momento de se alcançar a “terra onde corre leite e mel” (v. 27), isto é, o ideal de todo um projeto de libertação. Aí, a análise da realidade (exploração do país) vai demonstrar que as coisas não são tão simples como se pode imaginar. Será preciso enfrentar os cananeus que dominam essa terra. Eles são fortes e parecem invencíveis (gigantes, cidades grandes e fortificadas). Então, o próprio objetivo a ser alcançado é minimizado ou falsificado: desprezar e denegrir o ideal é a maneira mais fácil de fugir da luta ou evitar que ela seja desencadeada. Sob a capa desse desprezo e fuga se esconde a covardia.

[14,1-45] No processo de libertação, as incertezas provocam uma série de tentações: voltar às seguranças concedidas e prometidas pelo opressor (v. 2), desistir no meio da caminhada (vv. 2 e 3), renegar os verdadeiros líderes (cf. Ex 17,4), esquecer as conquistas já conseguidas (vv. 11.13-14), queimar etapas para chegar mais depressa ao objetivo (14,39-45), desprezar o ideal da libertação (cf. Nm 13,1-33), fazer separação entre a religião e os problemas concretos (cf. Ex 32). Tudo isso faz com que o projeto se torne muito mais difícil e seja retardado por gerações inteiras.

[15,1-21] A oferta de alimentos para Javé, tanto de origem animal como vegetal, tem como finalidade recordar que ele é a fonte da vida e que todos os dons provêm dele.

[22-31] A ideia de *pecado involuntário* é estranha para nós. Entretanto, se

sairmos do contexto do culto, e entrarmos no contexto mais amplo da caminhada para a libertação e a vida, a ideia ganha sentido: qualquer erro, mesmo involuntário, pode prejudicar o processo. Será preciso tomar consciência dos erros cometidos, para poder evitá-los.

[32-36] A lei do sábado, originalmente, visava a providenciar o descanso necessário para o povo usufruir a vida. Jesus criticará a transformação do sábado numa lei que oprime o homem e o impede de viver (cf. Mc 2,23-28; 3,1-6).

[37-41] Essas borlas deviam lembrar a aliança feita com o Deus libertador e as normas que orientam para a construção de uma nova sociedade. Mais tarde, esse memorial vai se transformar em simples motivo de ostentação vazia (cf. Mt 23,5).

[16,1-35] O capítulo reúne, desajeitadamente, duas tradições, ficando às vezes confuso. De um lado, temos um grupo que, diante das dificuldades, preferiria ter ficado na terra da escravidão, a enfrentar o caminho difícil, que é a construção de uma nova sociedade. Por outro lado, temos o conflito entre os levitas e os descendentes do sacerdote Aarão; estes lutam pelos direitos do sacerdócio, provavelmente na época do pós-exílio.

[17,1-26] Aqui se desenvolve o tema da supremacia do sacerdócio de Aarão e seus descendentes. Ressalta-se também o papel do verdadeiro líder: zelar e promover o bem da comunidade.

[17,27-18,7] Diante do problema levantado pelos levitas, o presente texto procura delimitar a função dos sacerdotes e a função dos levitas. A ideia refletida aqui irá criar mais tarde outra mentalidade: que os diversos graus de proximidade com Javé é que determinam o grau de santidade e pureza, ou seja, aqueles que estão mais perto do santuário é que são mais santos, e aqueles que estão distantes, são pecadores e impuros. O Novo Testamento irá contra essa mentalidade, mostrando que Deus está perto de todo o povo, principalmente dos mais pobres e necessitados.

[18,8-32] Todos têm direito de viver do próprio trabalho. E o trabalho dos sacerdotes e levitas é servir a Deus e à comunidade; e disso é que eles devem receber o necessário para o seu sustento. A cobiça, porém, é uma tentação constante e, na época de Jesus, o templo já se havia transformado em lugar de exploração e opressão do povo (cf. Jo 2,13-22).

[19,1-22] A água da purificação, que se preparava com as cinzas de uma

novilha vermelha, é uma antiga prática mágica assimilada pelos israelitas e aplicada ao sacrifício pelo pecado. Essa prática é lembrada em Hb 9,13-14: a purificação total só se consegue graças ao sangue de Cristo.

[20,1-13] O episódio relembra Ex 17,1-7 (cf. nota). É difícil perceber qual foi a falta de Moisés e Aarão. Provavelmente está no fato que Deus mandou Moisés falar à rocha e não ao povo; em vez disso, Moisés desafia o povo e toca a rocha com a vara. Talvez o texto queira somente justificar o fato de Moisés e Aarão não terem entrado na terra prometida.

[14-21] Na sua marcha para a vida, o povo liberto encontra muitos grupos que nem sequer lhe permitem a passagem.

[22-29] A morte de Aarão é apresentada como castigo pela sua falta de confiança (cf. nota em 20,1-13).

[21,1-3] As cidades cananeias do sul percebem a grande ameaça apresentada por esse povo liberto, disposto a conquistar uma terra. A *consagração ao extermínio* (ou lei do anátema) significava destruir completamente tudo o que pertencia ao inimigo; desse modo, evitava-se a contaminação com qualquer sistema de vida contrário ao projeto de Javé. Horma significa extermínio.

[4-9] Na antiguidade, havia um culto à serpente, adorada como divindade protetora e curadora. O texto mostra que Israel assimilou esse culto (cf. 2Rs 18,4). Aqui, porém, a serpente de bronze é símbolo da proteção de Javé, que conduz o povo para a vida, entre os perigos da caminhada. Ao mesmo tempo, lembra os erros cometidos e as consequências desses erros, para que a marcha se mantenha dentro do projeto libertador de Javé. O Evangelho de João aplica a imagem da serpente a Jesus crucificado, sinal de salvação (Jo 3,14).

[10-20] O “Livro das Guerras de Javé” e o “Cântico do Poço” são textos muito antigos que narravam tradições sobre a chegada do povo. Deles foram conservados aqui alguns fragmentos.

[21-35] Quando procura conquistar espaços alternativos para formar uma nova sociedade segundo o projeto do Deus libertador, o povo se coloca inevitavelmente diante de grupos que não o apoiam, e até procuram impedir a conquista desses espaços. O povo não deve temer, porque Javé está do seu lado. A presença de um canto amorreu na Bíblia (vv. 27-30) mostra que havia grupos descontentes com a política opressora do rei. Tais grupos se unem a Israel para lutar contra o sistema opressor.

[22,1-41] O povo que assume o projeto de Deus e procura realizá-lo historicamente vai se tornando pouco a pouco mais numeroso. No entanto, muitos resistem e se opõem, porque sentem o povo como ameaça a seus interesses e projetos. Tais adversários procuram paralisar e anular a realização histórica de uma forma alternativa de vida. Contudo, ninguém consegue amaldiçoar o projeto de Deus, porque esse projeto é uma resposta aos mais profundos anseios humanos. O texto nos faz pensar no episódio de Paulo na estrada de Damasco (At 9).

[23,1-12] É na obediência a Deus que surge o verdadeiro discernimento: o povo que luta para conquistar a liberdade e a vida é sempre abençoado por Deus. Quem iria amaldiçoar um povo no qual se realiza a promessa feita a Abraão? (cf. Gn 13,16; 28,14).

[13-26] Um povo que luta pela liberdade e pela vida não comete crime nenhum; pelo contrário, luta para que o projeto de Deus se realize na história. Ir contra esse povo é querer lutar contra o próprio Deus.

[23,27-24,13] Quem poderá desafiar um povo que luta para realizar o projeto de Deus? Ele é abençoado e conseguirá a vitória sobre os inimigos. O rei a que se alude no v. 7 é provavelmente Saul, vitorioso contra os amalecitas (cf. 1Sm 15,8).

[24,14-25] O texto primitivo mostrava na estrela a chegada de grupos marginalizados que iriam construir uma nova sociedade. Mais tarde, a estrela passou a indicar o rei Davi, visto como o ideal da autoridade política, pois ele libertou o povo dos inimigos e o reuniu para viver conforme a justiça e o direito. O Novo Testamento vê esse ideal realizado em Jesus Cristo, o descendente de Davi (cf. Mt 2,2-7).

[25,1-18] O perigo de um povo que luta para construir uma sociedade nova é cair na sedução da idolatria. Pode deixar-se levar por falsos absolutos, que desviam da meta proposta, traindo o ideal da luta pela vida e liberdade.

[26,1-65] A geração do êxodo pereceu inteira por causa de sua incoerência e infidelidade: afastou-se do projeto de libertação, que constrói uma nova sociedade (cf. nota em Nm 14,1-45). O presente recenseamento mostra que a nova geração se prepara para herdar a terra e reparti-la igualitariamente.

[27,1-11] No antigo Israel, a herança passava de pai para filho. Com isso se

procurava perpetuar o nome da família dentro do povo, mediante a posse da terra. A reivindicação das filhas de Salfaad introduz, nos costumes relativos à herança, uma novidade que passa a ser lei: as mulheres têm o direito de conservar a herança do pai, do mesmo modo como outros parentes próximos.

[12-23] Na transmissão do cargo de Moisés para Josué, notamos que o povo de Deus conta com líderes humanos, que devem estar submissos à vontade de Deus. Aqui, a vontade de Javé é expressa através de sorteio feito com os *urim*. Eram, provavelmente, dois objetos de cor ou tamanho diferentes, que os sacerdotes carregavam no bolso. A extração de um ou de outro ao acaso era uma forma de sorteio, que podia responder às perguntas de modo positivo ou negativo.

[28,1-30,1] O texto é um acréscimo feito pelos sacerdotes após o exílio, para regulamentar os sacrifícios no Templo (cf. Lv 1-7; 23; Ez 45).

[30,2-17] O voto e a promessa são modos espontâneos de fazer alguma coisa além do que é prescrito pela lei. Note-se a diferença entre a legislação que atinge o homem (v. 3) e a outra que atinge a mulher (vv. 4-16): numa sociedade patriarcal, a mulher está sempre subordinada ao pai ou marido.

[31,1-24] Sobre a lei do extermínio ou anátema, cf. Nm 21,1-3 e nota. Sobre o caso de Fegor, cf. Nm 25,1-18 e notas. O texto, redigido após o exílio, recorda as normas da guerra santa, para mostrar o perigo de Israel perder a própria identidade através de matrimônios mistos.

[25-54] O texto salienta a partilha dos bens conquistados. A parte reservada para Javé é uma lembrança contínua de que ele é o líder do povo e aquele que concede os bens da vida.

[32,1-42] A ocupação de terras pelos israelitas na Transjordânia é um fato historicamente complicado. O texto quer salientar a solidariedade entre os diversos grupos: ninguém pode ficar acomodado enquanto todos não tiverem encontrado o seu lugar para morar e viver dignamente.

[33,1-49] A lista procura conservar na memória do povo de Deus os lugares por onde os hebreus passaram no deserto, antes de alcançar a terra prometida. Relembrar esses lugares significa reavivar as vitórias e derrotas, a coragem e infidelidades, que ativaram ou retardaram a realização do projeto libertador de Javé. Essa recordação ajuda a corrigir os erros passados e incentiva a coragem nessa etapa final da caminhada.

[50-56] A terra dada por Deus deve ser purificada de qualquer culto idolátrico, que poderia manter uma sociedade baseada na injustiça e desigualdade. O texto salienta que a terra é dom de Deus e deverá ser repartida igualitariamente entre todos.

[34,1-15] A delimitação geográfica da terra prometida parece estar aqui ligada ao sistema político ideal das tribos. A demarcação das fronteiras não coincide com o auge do império de Salomão, e critica o expansionismo e a desigualdade, características dessa época. Também não aceita a redução do território israelita, por ocasião das invasões estrangeiras. Provavelmente, por trás dessa delimitação geográfica há uma crítica a dois fatores que destruíram o sistema igualitário e fraterno: a política interna de Salomão e a dominação estrangeira.

[16-29] Na coordenação da partilha, a escolha dos chefes de tribos indica que é necessária a participação de todos os grupos interessados, para que não haja decisões arbitrárias e impositivas. Com isso se procura evitar qualquer injustiça na distribuição da terra.

[35,1-8] Moisés e Aarão pertenciam à tribo de Levi. Foi esta tribo a responsável pela transmissão das tradições sobre Javé, o Deus libertador que dá a terra ao povo. Essa tribo não recebeu território próprio, mas ficou espalhada entre todas as outras tribos, entre as quais exercia papel de fermento.

[9-34] A terra prometida é lugar de vida: qualquer derramamento de sangue a profana. A legislação a respeito das cidades de refúgio procura proteger a vida do homicida involuntário. O *vingador do sangue* ou *redentor* é um parente próximo que procura vingar a vítima e realizar a justiça, matando o homicida.

[36,1-12] Esta lei completa a outra que regula a herança das filhas (cf. nota em 27,1-12).

DEUTERONÔMIO

PROJETO DE UMA NOVA SOCIEDADE

Introdução

A palavra grega deuteronômio significa segunda Lei. Trata-se de uma reapresentação e adaptação da Lei em vista da vida de Israel na Terra Prometida. Este livro nasceu muito tempo depois da situação histórica que nele encontramos (discurso de Moisés antes da entrada na Terra), e passou por um longo período de formação. Para o autor, porém, o povo de Deus está sempre na posição de quem deve se converter a Deus e viver em aliança com ele, para ter a vida (Terra = Vida).

A ideia central de todo o livro é que Israel viverá feliz e próspero na Terra se for fiel à aliança com Deus; se for infiel, terá a desgraça e acabará perdendo a Terra. O livro, porém, não se contenta com ideias gerais. Após relembrar o Decálogo (5,1-22), ele mostra que o comportamento fundamental do homem para com Deus é o amor com todo o ser (6,4-9). A seguir apresenta uma longa catequese, explicando o que significa viver esse amor em todas as circunstâncias da vida pessoal, social, política e religiosa. Essa catequese é apresentada sobretudo através das leis do Deuteronômio (capítulos 12-26), onde se procura ensinar ao homem como viver em sua relação com Deus, com as autoridades, com o outro homem, e até mesmo com os seres da natureza.

Mais do que nos determos nessa ou naquela parte do livro, encafiados talvez com uma ou outra lei, o importante é perceber o que o conjunto procura transmitir: um projeto de sociedade nova, baseado na fraternidade entre os homens e na partilha de tudo o que Deus concedeu a todos. Notar sobretudo que Deus é chamado Pai (1,31), e os membros do povo são chamados entre si irmãos. A vocação do povo de Deus é a fraternidade e a partilha.

O livro do Deuteronômio é, sobretudo, um modelo de ação pastoral e social. Sua parte central (Dt 12-26) nasceu em meados do séc. VIII a.C., numa época de grande desenvolvimento econômico, que acabou por acelerar a injustiça e a desigualdade social: uma minoria privilegiada detinha a riqueza e o poder, enquanto a maioria do povo ficava reduzida à miséria. Diante disso os levitas itinerantes (não ligados diretamente a um santuário) desenvolveram uma catequese que mostrava o caminho para a superação dos conflitos. Essa

catequese diante de situações concretas se cristalizou nas leis do Deuteronômio. Tais leis não devem ser entendidas no nosso sentido moderno de lei, mas muito mais como orientação, ensino, educação para produzir relações justas e fraternas dentro da sociedade. A intenção básica dos levitas era provocar coerência entre a Aliança que se celebra e a vida que se vive. O esforço deles é um modelo para que também nós saibamos tirar as consequências econômicas, políticas e sociais da fé que professamos, a fim de que o fermento evangélico gere de fato uma sociedade nova.

DEUTERONÔMIO

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27 - 28
- 29 - 30 - 31 - 32 - 33 - 34**

DEUTERONÔMIO

I. PRIMEIRO DISCURSO DE MOISÉS: REVER O PASSADO EM VISTA DO FUTURO

1 *Um livro para ser inculcado* — ¹Palavras que Moisés dirigiu a todo o Israel, no outro lado do Jordão, isto é, no deserto ou na Arabá que está na frente de Suf, entre Farã, Tofel, Labã, Haserot e Dizaab. ²São onze dias de marcha pelo caminho da serra de Seir, desde o Horeb até Cades Barne.

³No primeiro dia do décimo primeiro mês do ano quarenta, Moisés falou aos filhos de Israel, conforme tudo o que Javé lhe ordenara. ⁴Depois de ter vencido Seon, rei dos amorreus, que habitava em Hesebon, e Og, rei de Basã, que habitava em Astarot e Edrai, ⁵no outro lado do Jordão, na terra de Moab, Moisés começou a inculcar esta lei, dizendo: [\[1,1-5\]](#)

Terra prometida, lugar de justiça — ⁶Javé nosso Deus falou-nos no Horeb: “Chega de ficar nesta montanha. ⁷Comecem a caminhar e vão até a serra dos amorreus e até junto daqueles que habitam na Arabá, na região montanhosa, na Sefelá, no Negueb e no litoral. Vão para a terra dos cananeus e para o Líbano, até o grande rio, o Eufrates. ⁸Essa é a terra que eu dei a vocês. Entrem para tomar posse da terra que Javé prometeu dar aos antepassados de vocês, a Abraão, Isaac e Jacó, e depois para a descendência deles”.

⁹Naquele tempo, eu falei a vocês: “Eu sozinho não consigo carregar vocês. ¹⁰Javé seu Deus os multiplicou, e hoje vocês são numerosos como as estrelas do céu. ¹¹Que Javé, o Deus dos antepassados de vocês, os multiplique mil vezes mais, abençoando-os como lhes prometeu. ¹²Como poderia eu, sozinho, carregar o peso, a carga e os processos de vocês? ¹³Escolham homens sábios, inteligentes e competentes de cada uma das tribos, e eu os constituirei chefes de vocês”.

¹⁴Vocês me responderam: “O que você está propondo é bom”. ¹⁵Tomei, então, os chefes das tribos de vocês, homens sábios e competentes, e os constituí seus chefes: para cada tribo constituí chefes de mil, de cem, de cinquenta e de dez, e também oficiais de justiça para as tribos. ¹⁶Ao mesmo tempo, ordenei aos juízes de vocês: “Escutem seus irmãos para fazer justiça entre um homem e seu irmão

ou imigrante que mora com ele. ¹⁷Não façam acepção de pessoas no julgamento: escutem de maneira igual o pequeno e o grande. Não tenham medo de ninguém, porque a sentença vem de Deus. Se a causa for muito difícil para vocês, tragam para mim, e eu a resolverei”. ¹⁸Naquela ocasião eu ordenei tudo o que vocês deveriam fazer. [6-18]

Javé caminha na frente do seu povo — ¹⁹Partimos do Horeb e caminhamos através de todo aquele deserto grande e terrível, que vocês bem conhecem. Fomos em direção à serra dos amorreus, como Javé nosso Deus nos havia ordenado, e chegamos a Cades Barne. ²⁰Então eu lhes disse: “Vocês chegaram à serra dos amorreus, que Javé nosso Deus nos dará. ²¹Veja! Javé seu Deus entrega a você esta terra: suba para possuí-la, como lhe falou Javé, Deus de seus antepassados. Não tenha medo nem se acovarde”. ²²Mas vocês vieram todos a mim e disseram: “Vamos mandar homens à nossa frente, para que explorem a região por nós e nos informem qual é o caminho que deveremos subir e em que cidade poderemos entrar”. ²³Gostei da proposta, de modo que tomei doze homens de vocês, um de cada tribo. ²⁴Eles partiram, subiram a serra, foram até o vale do Cacho e o exploraram. ²⁵Pegaram amostras de frutas da região e as trouxeram para nós, relatando o seguinte: “A terra que Javé nosso Deus nos vai dar é boa”. ²⁶Vocês, porém, não quiseram subir, e se revoltaram contra a ordem de Javé seu Deus. ²⁷Vocês começaram a murmurar em suas tendas: “Javé nos odeia. Ele nos fez sair do Egito para nos entregar na mão dos amorreus e nos exterminar. ²⁸Para onde vamos subir? Nossos irmãos nos desencorajaram dizendo: ‘É um povo numeroso e de estatura mais alta do que a nossa! As cidades são grandes e fortificadas até o céu! E ali nós vimos também descendentes dos enacim’ ”.

²⁹Eu lhes dizia: “Não fiquem aterrorizados nem tenham medo deles. ³⁰Javé seu Deus irá na frente de vocês. Ele combaterá em favor de vocês, como já fez no Egito diante dos seus olhos”. ³¹No deserto, você viu também que Javé seu Deus o carregou, como o homem carrega seu filho, durante todo o caminho que vocês percorreram, até chegar a este lugar. ³²Apesar disso, ninguém de vocês confiava em Javé seu Deus. ³³Ele ia na frente de vocês, procurando um lugar para o acampamento: durante a noite, por meio do fogo, para que vocês pudessem enxergar o caminho, e na nuvem durante o dia. [19-33]

Não adianta lutar sem Javé — ³⁴Ouvindo o que vocês falavam, Javé ficou furioso e jurou: ³⁵“Nenhum dos homens desta geração perversa verá a terra boa que eu jurei dar aos antepassados de vocês, ³⁶exceto Caleb, filho de Jefoné. Ele a verá, pois eu vou dar-lhe a terra por onde ele passou, e também a seus filhos, pois ele seguiu a Javé sem reservas”. ³⁷Por causa de vocês Javé também ficou furioso contra mim, e disse: “Você também não entrará lá. ³⁸É Josué, filho de Nun, quem lá entrará. Encoraje-o, pois é ele quem fará Israel tomar posse da terra. ³⁹As crianças de vocês, porém, das quais vocês diziam que seriam tomadas como presa, os filhos de vocês que ainda não sabem distinguir entre o bem e o mal, são eles que vão entrar lá. Eu lhes entregarei a terra, e eles a possuirão. ⁴⁰Quanto a vocês, meia volta! Sigam para o deserto, em direção ao mar Vermelho”.

⁴¹Vocês, porém, me responderam: “Pecamos contra Javé nosso Deus. Vamos subir para lutar, como Javé nosso Deus nos ordenou”. Cada um de vocês pegou em armas de guerra, como se fosse coisa fácil subir a serra. ⁴²Então Javé me disse: “Diga-lhes que não subam nem lutem, porque eu não estou com eles, e o inimigo os derrotará”. ⁴³Eu os avisei, mas vocês não me ouviram, revoltando-se contra a ordem de Javé. E subiram temerariamente em direção à serra. ⁴⁴O povo amorceu, que habitava a serra, saiu ao encontro de vocês, perseguiu vocês como abelhas, e os derrotou desde Seir até Horma. ⁴⁵Vocês voltaram chorando até a presença de Javé. No entanto, Javé não ouviu o clamor de vocês, nem lhes deu atenção. ⁴⁶Por isso vocês tiveram que ficar muito tempo vivendo em Cades. [34-46]

2 *Respeitar as nações irmãs* — ¹Então nós demos a volta e partimos para o deserto a caminho do mar Vermelho, como Javé me havia ordenado. Durante muitos dias, contornamos a serra de Seir. ²Então Javé me disse: ³“Vocês já rodearam bastante essa região montanhosa. Dirijam-se para o norte. ⁴Ordene ao povo: ‘Vocês estão passando pela fronteira de seus irmãos, os filhos de Esaú, que habitam em Seir. Eles têm medo de vocês e, por isso, tenham muito cuidado: ⁵não os ataquem, porque nada eu darei da terra deles para vocês, nem sequer um palmo do seu território: foi a Esaú que eu dei a propriedade da serra de Seir’. ⁶Vocês comprarão deles alimento para comer e água para beber, ⁷porque Javé seu Deus abençoou você em todo o trabalho de sua mão. Ele acompanhou você na caminhada por esse grande deserto. Durante quarenta anos Javé seu Deus

esteve com você, e a você nada faltou”.

⁸Cruzamos o território de nossos irmãos, os filhos de Esaú, que habitam em Seir, e passamos pelo caminho da Arabá, de Elat e de Asiongaber. Depois voltamos, tomando o caminho do deserto de Moab. ⁹Javé, então, me disse: “Não ataque Moab e não o provoque para a luta, pois nada eu darei a você do território dele. Eu dei Ar como propriedade aos filhos de Ló. ¹⁰Antigamente os emim habitavam aí; eram um povo grande, numeroso e de alta estatura, como os enacim. ¹¹Eram considerados como os rafaim, e como os enacim; os moabitas, porém, os chamam de emim. ¹²Em Seir habitavam outrora os horreus; os filhos de Esaú, porém, os desalojaram e exterminaram, habitando no lugar deles, assim como Israel fez para tomar posse da terra que Javé lhe havia dado. ¹³Agora levantem acampamento e atravessem o rio Zared”.

Atravessamos, então, o rio Zared. ¹⁴De Cades Barne até atravessar o rio Zared, caminhamos durante trinta e oito anos, até que desapareceu do acampamento toda a geração de guerreiros, como Javé lhes tinha jurado. ¹⁵A mão de Javé estava contra eles, fazendo-os desaparecer do acampamento até sua completa extinção. ¹⁶Quando morreram todos os guerreiros do povo, ¹⁷Javé me falou: ¹⁸“Hoje você estará atravessando Ar, nas fronteiras de Moab, ¹⁹e vai se aproximar dos filhos de Amon: não os ataque e não os provoque, pois nada eu darei da terra dos filhos de Amon como posse a você. Foi aos filhos de Ló que eu a dei como propriedade. ²⁰Era considerada terra dos rafaim; antigamente os rafaim habitavam nela, sendo que os amonitas os chamavam de zomzomim. ²¹Este era um povo grande e numeroso, de estatura alta como os enacim. Javé, porém, os aniquilou, e os amonitas os desalojaram para habitar no lugar deles. ²²Javé tinha feito o mesmo para os filhos de Esaú, que habitavam em Seir, exterminando os horreus da frente deles, que os desalojaram e habitam em seu lugar até hoje. ²³Quanto aos aveus, que habitavam nos campos até Gaza, os caftorim saíram de Cáftor e os exterminaram, habitando depois em seu lugar. ²⁴Vamos! Levantem acampamento e atravessem o rio Arnon. Vou entregar em sua mão o amorreu Seon, rei de Hesebon, com a terra dele. Comece a conquista, provoque-o para a luta. ²⁵A partir de hoje eu começo a espalhar o terror e o medo de você entre os povos que existem debaixo do céu. Eles ouvirão a fama de vocês, tremerão de medo diante de vocês e desfalecerão”. [2,1-25]

Primeira vitória — ²⁶Do deserto de Cademot enviei mensageiros a Seon, rei de

Hesebon, com esta proposta de paz: ²⁷“Deixe-me passar por seu território. Seguirei pela estrada sem me desviar para a direita nem para a esquerda. ²⁸Pagaremos a você a comida que nos der e a água que bebermos. Deixe-nos atravessar a pé, ²⁹como nos fizeram os descendentes de Esaú que habitam em Seir, e os moabitas que habitam em Ar, até que atravessemos o rio Jordão para entrar na terra que Javé nosso Deus vai nos dar”.

³⁰Seon, rei de Hesebon, não permitiu que passássemos pelo seu território. Javé Deus tornou obstinado o espírito dele e endureceu-lhe o coração, para o entregar em poder de vocês, como hoje se vê. ³¹Javé me disse: “Veja! Estou começando a entregar Seon com seu território a você. Comece a conquistar o território dele”. ³²Seon veio ao nosso encontro em Jasa, com todas as suas tropas. ³³Javé nosso Deus o entregou a nós, e nós o vencemos, e também os seus filhos e todo o seu exército. ³⁴Tomamos posse de todas as suas cidades e sacrificamos cada uma delas, como anátema: homens, mulheres e crianças, sem deixar nenhum sobrevivente. ³⁵Pegamos apenas o gado como despojo, e também o saque das cidades que conquistamos. ³⁶Desde Aroer, que está à margem do vale do Arnon, com a cidade que está dentro do vale, até Galaad, e diante de nós não houve cidade que resistisse: Javé nosso Deus entregou todas elas para nós. ³⁷Você só não se aproximou da terra dos amonitas, isto é, de toda a região do vale do rio Jaboc, e das cidades da serra, como Javé nosso Deus havia ordenado. [26-37]

3 Segunda vitória — ¹Então nos voltamos e subimos em direção a Basã. Og, rei de Basã, saiu ao nosso encontro com seu exército para nos guerrear em Edrai. ²Javé me disse: “Não tenha medo dele, pois a você eu o entreguei com todo o seu exército e território. Trate-o como você tratou a Seon, o rei dos amorreus que habitava em Hesebon”. ³Javé nosso Deus nos entregou também Og, rei de Basã, com todo o seu exército. Nós os combatemos, até que não restou nenhum sobrevivente. ⁴Conquistamos, então, todas as suas cidades, sem deixar nenhuma: ao todo, sessenta cidades na região de Argob, que era o reino de Og, em Basã. ⁵Todas essas cidades eram fortificadas com altas muralhas e portas com trancas; sem contar grande número de cidades dos ferezeus. ⁶Nós as sacrificamos como anátema, assim como havíamos feito com Seon, rei de Hesebon: destruímos cada cidade, com homens, mulheres e crianças. ⁷Contudo, tomamos para nós todo o gado e os despojos das cidades.

⁸Desse modo, conquistamos o território dos dois reis amorreus, no outro lado

do Jordão, desde o rio Arnon até o monte Hermon. ⁹(Os sidônios chamam o Hermon de Sarion; os amorreus, porém, o chamam de Sanir.) ¹⁰Tomamos todas as cidades do planalto, todo o Galaad e todo o Basã até Selca e Edrai, domínios de Og, rei de Basã. ¹¹Og, rei de Basã, era o único sobrevivente dos rafaim. Sua cama é a cama de ferro que está em Rabá dos amonitas: tem quatro metros e meio de comprimento e dois metros de largura, segundo o padrão normal. [3,1-11]

Solidariedade na luta pela terra — ¹²Ocupamos, então, todo o território desde Aroer, que está à margem do rio Arnon. Aos rubenitas e aos gaditas dei a metade da região montanhosa de Galaad, com suas cidades. ¹³Para a meia tribo de Manassés dei o resto de Galaad e todo o Basã, que era o reino de Og. (Toda a região do Argob, todo o Basã se chamava terra dos rafaim. ¹⁴Jair, filho de Manassés, tomou a região de Argob, até a fronteira dos gessuritas e dos maacatitas. Em vez de Basã, foi dado a esses lugares o nome de Aldeias de Jair, nome que permanece até o dia de hoje.) ¹⁵A Maquir dei Galaad. ¹⁶Aos rubenitas e aos gaditas dei o território que vai de Galaad até o rio Arnon — o meio do rio serve de fronteira — e até o rio Jaboc, que é fronteira dos amonitas. ¹⁷A Arabá e o rio Jordão servem de fronteira, desde Quineret até ao mar da Arabá, o mar Morto, nas encostas orientais do Fasga.

¹⁸Então eu dei a vocês esta instrução: “Javé seu Deus entregou-lhes esta terra como propriedade. Todos os guerreiros de vocês marcharão à frente de seus irmãos, os filhos de Israel. ¹⁹Somente as mulheres, as crianças e o gado (sei que vocês têm muito gado) ficarão nas cidades que lhes dei, ²⁰até que Javé conceda repouso a seus irmãos, assim como deu a vocês, e também eles tomem posse da terra que Javé vai lhes dar no outro lado do Jordão. Depois cada um voltará para a propriedade que lhes dei”. ²¹Na mesma ocasião, dei a Josué a seguinte instrução: “Você viu com os próprios olhos tudo o que Javé nosso Deus fez a esses dois reis. Javé vai fazer o mesmo com todos os reinos onde você entrar. ²²Não tenha medo deles, pois quem combate em favor de vocês é Javé, o seu Deus”. [12-22]

O líder é solidário com o povo — ²³Então eu implorei a Javé: ²⁴“Javé, meu Senhor! Começaste a mostrar ao teu servo tua grandeza e a força de tua mão. Qual é o deus, no céu e na terra, que pode realizar obras e feitos tão poderosos como os teus? ²⁵Deixa-me passar. Deixa-me ver a boa terra que está do outro

lado do Jordão, essa boa serra e o Líbano”. ²⁶Javé, porém, estava irritado comigo por causa de vocês, e não me atendeu. Ele apenas me disse: “Chega! Não me fale mais nada sobre isso. ²⁷Suba até o alto do Fasga, levante seus olhos para o oeste, para o norte, para o sul e para o leste, e contemple com seus próprios olhos, porque você não atravessará o Jordão. ²⁸Dê instruções a Josué. Encoraje-o, fortifique-o, pois é ele quem vai atravessar à frente deste povo, fazendo-o tomar posse da terra que você está contemplando”.

²⁹Então permanecemos no vale, diante de Bet-Fegor. [23-29]

4 Fidelidade a Javé para uma vida nova — ¹Agora, Israel, ouça os estatutos e normas que eu hoje lhes ensino a praticar, a fim de que vocês vivam e entrem para possuir a terra que Javé, o Deus de seus antepassados, vai dar a vocês. ²Não acrescentem nada ao que eu lhes ordeno, nem retirem coisa nenhuma. Observem os mandamentos de Javé seu Deus do modo como eu lhes ordeno. ³Vocês viram com os próprios olhos o que Javé fez em Baal-Fegor: Javé seu Deus exterminou do seu meio todos os que seguiram o Baal de Fegor. ⁴Vocês, porém, permaneceram apegados a Javé seu Deus, e por isso hoje estão todos vivos. ⁵Vejam! Estou lhes ensinando estatutos e normas, como Javé meu Deus me ordenou, para que vocês os coloquem em prática na terra onde estão agora entrando, a fim de tomarem posse dela. ⁶Portanto, coloquem tudo em prática, pois isso tornará vocês sábios e inteligentes diante dos povos. Ao ouvirem todos esses estatutos, os povos comentarão: “Que povo é tão sábio e inteligente como essa grande nação?” ⁷De fato, que grande nação tem um Deus tão próximo, como Javé nosso Deus, todas as vezes que o invocamos? ⁸Que grande nação tem estatutos e normas tão justas como toda esta lei que eu lhes proponho hoje? [4,1-8]

Deus não pode ser representado — ⁹Apenas tenha cuidado! Preste muita atenção em sua vida para não se esquecer dos acontecimentos que seus olhos viram e que eles nunca se apartem de sua memória, nenhum dia da sua vida. Ensine-os a seus filhos e a seus netos. ¹⁰No dia em que você estava diante de Javé seu Deus no Horeb, Javé me disse: “Reúna o povo junto a mim, para que eu os faça ouvir minhas palavras e aprendam a me temer enquanto viverem sobre a terra, e as ensinem a seus filhos”. ¹¹Vocês se aproximaram e ficaram ao pé da montanha. A montanha ardia em fogo até o céu, em meio a trevas e nuvens escuras. ¹²Então Javé falou a vocês do meio do fogo. Vocês ouviram o som das palavras, mas não viram nenhuma forma: ouvia-se apenas uma voz. ¹³Ele lhes

comunicou então a sua Aliança, para que vocês a cumprissem: as Dez Palavras, que ele escreveu em duas tábuas de pedra. ¹⁴Nessa mesma ocasião, Javé me ordenou que ensinasse a vocês estatutos e normas, que vocês deveriam cumprir na terra, para onde estão atravessando, a fim de tomarem posse.

¹⁵Prestem atenção em si mesmos! Vocês não viram nenhuma forma no dia em que Javé lhes falou no Horeb, no meio do fogo. ¹⁶Portanto, não se pervertam, fazendo para vocês imagem esculpida em forma de ídolo: imagem de homem ou de mulher, ¹⁷imagem de animal terrestre, de pássaro que voa no céu, ¹⁸de réptil que rasteja sobre a terra, ou imagem de peixe que vive nas águas que estão sob a terra. ¹⁹Levantando os olhos para o céu e vendo o sol, a lua, as estrelas e todo o exército do céu, não se deixe seduzir para adorá-los e servi-los. São coisas que Javé seu Deus repartiu entre todos os povos que vivem debaixo do céu. ²⁰Quanto a vocês, porém, Javé os tomou e os tirou do Egito, daquela fornalha de ferro, para que sejam o povo da sua herança, como hoje se vê. [9-20]

O castigo é servir a deuses que não libertam — ²¹Por causa de vocês, Javé ficou furioso comigo e jurou que eu não atravessaria o Jordão e não entraria na boa terra que Javé seu Deus dará a você como herança. ²²Vejam! Eu vou morrer nesta terra sem atravessar o Jordão. Vocês, porém, vão atravessá-lo e tomar posse dessa terra boa. ²³Prestem atenção em si mesmos: não se esqueçam da Aliança que Javé seu Deus concluiu com vocês, e não façam imagem esculpida nenhuma, de coisa alguma que Javé seu Deus lhe proibiu, ²⁴porque Javé seu Deus é um fogo devorador. Ele é um Deus ciumento.

²⁵Quando tiverem gerado filhos e netos e envelhecerem na terra, se vocês se corromperem fazendo alguma imagem esculpida, praticando assim o que Javé seu Deus reprova e o irritando, ²⁶eu tomo o céu e a terra como testemunhas contra vocês. Vocês serão logo e completamente exterminados da face da terra, da qual vão tomar posse ao atravessar o Jordão. Vocês não prolongarão seus dias sobre ela, pois serão completamente aniquilados. ²⁷Javé os espalhará entre os povos, e apenas um pequeno número restará de vocês no meio das nações, para onde Javé os tiver conduzido. ²⁸Aí vocês servirão a deuses feitos por mãos humanas, deuses de madeira e de pedra, que não podem ver nem ouvir, nem comer nem cheirar.

²⁹De lá, então, você buscará Javé seu Deus e, se o procurar com todo o coração e com toda a alma, você o encontrará. ³⁰Com o passar dos anos, todas essas

coisas atingirão você. Mas você se voltará para Javé seu Deus e obedecerá à voz dele, ³¹porque Javé seu Deus é um Deus misericordioso: ele não vai abandonar e destruir você, pois nunca se esquecerá da aliança que concluiu com seus antepassados por meio de juramento. [21-31]

O único Deus vivo — ³²Pergunte aos tempos passados, que vieram antes de você, desde o dia em que Deus criou o homem sobre a terra. De uma ponta do céu até a outra já existiu por acaso coisa tão grande como essa? Ouviu-se algo semelhante? ³³Existe, por acaso, um povo que tenha ouvido a voz do Deus vivo, falando do meio do fogo, como você ouviu, e ainda permaneceu vivo? ³⁴Ou existe algum Deus que tenha vindo para escolher uma nação do meio de outra nação, com provas, sinais, prodígios e combates, com mão forte e braço estendido, por meio de grandes terrores, como tudo o que Javé seu Deus fez no Egito diante dos olhos de vocês?

³⁵Foi a você que ele mostrou tudo isso, para você ficar sabendo que Javé é o único Deus e que não existe outro além dele. ³⁶Do céu, ele fez você ouvir a sua voz para o instruir; ele fez você ver o seu grande fogo sobre a terra. E você ouviu suas palavras vindas do meio do fogo. ³⁷E porque ele amava os antepassados de você, e escolheu seus descendentes depois deles, ele próprio com sua presença e sua grande força tirou você do Egito. ³⁸Ele desalojou nações maiores e mais poderosas do que você, para o introduzir na terra delas e dá-la a você em herança, como hoje se vê.

³⁹Portanto, reconheça hoje e medite em seu coração: Javé é o único Deus, tanto no alto do céu, como aqui em baixo, na terra. Não existe outro. ⁴⁰Observe os estatutos e os mandamentos dele, que hoje ordeno a você. Assim tudo correrá bem para você e para os filhos que vierem depois de você, e para que seus dias se prolonguem na terra que Javé seu Deus lhe dará para todo o sempre. [32-40]

Cidades de refúgio — ⁴¹Moisés reservou três cidades no lado leste do Jordão, ⁴²para que aí pudesse refugiar-se o homicida que tivesse matado o próprio irmão sem premeditar, sem o ter odiado antes. Fugindo para uma dessas cidades, ele poderia salvar a própria vida. ⁴³Para os rubenitas era Bosor, no deserto sobre o planalto. Para os gaditas, Ramot em Galaad. E para os manassitas, Golã em Basã. [41-43]

II. SEGUNDO DISCURSO DE MOISÉS: O FUNDAMENTO DA ALIANÇA

Resumo histórico — ⁴⁴Esta é a Lei que Moisés promulgou para os filhos de Israel. ⁴⁵São estes os testemunhos, estatutos e normas que Moisés comunicou aos filhos de Israel, quando saíram do Egito. ⁴⁶Ele os comunicou no outro lado do Jordão, no vale próximo a Bet-Fegor, na terra de Seon, o rei dos amorreus que habitava em Hesebon. Moisés e os filhos de Israel o venceram ao saírem do Egito, ⁴⁷conquistando o seu território, assim como o território de Og, rei de Basã. Eram dois reis amorreus que viviam no lado oriental do Jordão. ⁴⁸O território conquistado ia desde Aroer, que está nas encostas do vale do rio Arnon, até o monte Sarion, isto é, o Hermon, ⁴⁹toda a região da Arabá no lado oriental do Jordão, até ao mar da Arabá, ao pé das encostas do Fasga. [44-49]

5 Princípios básicos da Aliança — ¹Moisés convocou todo o Israel e disse: “Ouça, Israel, os estatutos e normas que hoje eu proclamo aos seus ouvidos, para que os aprendam e cuidem de praticar: ²Javé nosso Deus fez uma aliança conosco no Horeb. ³Javé não fez essa aliança com nossos antepassados, mas conosco, que hoje aqui estamos, todos vivos. ⁴Javé falou com vocês, face a face, sobre a montanha, do meio do fogo. ⁵Eu estava entre Javé e vocês, para lhes anunciar a palavra de Javé, pois vocês ficaram com medo do fogo e não subiram à montanha. Javé então me falou: ⁶‘Eu sou Javé seu Deus, que o tirou da terra do Egito, da casa da escravidão.

⁷Não tenha outros deuses diante de mim. ⁸Não faça ídolos para você, nenhuma representação do que existe no céu, na terra ou nas águas que estão debaixo da terra. ⁹Não se prostre diante desses deuses, nem os sirva, porque eu, Javé seu Deus, sou um Deus ciumento: quando me odeiam, eu castigo a culpa dos pais em seus filhos, netos e bisnetos; ¹⁰e trato com amor, por mil gerações, quando me amam e guardam os meus mandamentos.

¹¹Não pronuncie em vão o nome de Javé seu Deus, porque Javé não deixará sem punição aquele que pronunciar o seu nome em vão.

¹²Observe o dia de sábado, para santificá-lo, como ordenou Javé seu Deus. ¹³Trabalhe durante seis dias e faça todas as suas tarefas. ¹⁴O sétimo dia, porém, é o sábado de Javé seu Deus. Não faça trabalho nenhum, nem você, nem seu filho, nem sua filha, nem seu escravo, nem sua escrava, nem seu boi, nem seu

jumento, nem qualquer um de seus animais, nem o imigrante que vive em suas cidades. Desse modo, seu escravo e sua escrava poderão repousar como você.

¹⁵Lembre-se: você foi escravo na terra do Egito, e Javé seu Deus o tirou de lá com mão forte e braço estendido. É por isso que Javé seu Deus ordenou que você guardasse o dia de sábado.

¹⁶Honre seu pai e sua mãe, como Javé seu Deus lhe ordenou, para que sua vida se prolongue e tudo corra bem para você na terra que Javé seu Deus agora lhe dá.

¹⁷Não mate.

¹⁸Não cometa adultério.

¹⁹Não roube.

²⁰Não dê falso testemunho contra seu próximo.

²¹Não cobice a mulher do seu próximo, nem deseje para você a casa do seu próximo, nem o campo, nem o escravo, nem a escrava, nem o boi, nem o jumento, nem coisa alguma que pertença ao seu próximo’.

²²Foram essas as palavras que Javé dirigiu em alta voz a toda a assembleia de vocês reunida no monte, do meio do fogo, em meio a trevas, nuvens e escuridão. Sem nada acrescentar, Javé as gravou sobre duas tábuas de pedra e as entregou a mim. [\[5,1-22\]](#)

Renovação da Aliança — ²³Quando vocês ouviram a voz que vinha do meio das trevas, enquanto a montanha ardia em fogo, vocês todos, chefes das tribos e anciãos, se aproximaram de mim ²⁴e disseram: ‘Javé nosso Deus mostrou-nos a sua glória e grandeza, e nós ouvimos a sua voz do meio do fogo. Hoje vimos que Deus pode falar ao homem, sem que este morra. ²⁵E agora, por que iríamos morrer? Esse fogo pode nos devorar! Se continuarmos a ouvir a voz de Javé nosso Deus nós vamos morrer. ²⁶De fato, qual é o mortal capaz de ouvir como nós a voz do Deus vivo falando do meio do fogo, e ainda continuar vivo? ²⁷Aproxime-se você, e ouça tudo o que Javé nosso Deus vai dizer. Depois você nos comunicará tudo o que Javé nosso Deus falar a você: nós ouviremos e colocaremos em prática’.

²⁸Javé ouviu o que vocês me falaram e me disse: ‘Escutei o que esse povo falou a você. Ele tem razão. ²⁹Tomara que conserve sempre essa atitude, para me temer e observar continuamente todos os meus mandamentos, de modo que tudo corra bem para ele e seus filhos para sempre. ³⁰Vá e diga-lhes: Voltem para suas

tendas. ³¹Quanto a você, fique aqui comigo, para que eu lhe comunique todos os mandamentos, estatutos e normas que você ensinará a eles a fim de que os pratiquem na terra cuja posse eu lhes darei'. [23-31]

A obediência que leva à vida — ³²Portanto, procurem agir de acordo com todas as coisas que Javé seu Deus lhes manda. Não se desviem nem para a direita nem para a esquerda. ³³Sigam o caminho que Javé seu Deus lhes ordenou, para que vivam, sejam felizes e prolonguem a vida na terra que irão ocupar.

6¹São estes os mandamentos, estatutos e normas que Javé seu Deus mandou ensinar a vocês, para que os coloquem em prática ali na terra onde vão entrar a fim de tomarem posse. ²Tema a Javé seu Deus, e observe todos os seus estatutos e mandamentos que hoje eu ordeno a você, a seu filho e a seu neto, durante todos os dias de sua vida, para que sua vida se prolongue. ³Portanto, Israel, ouça e procure colocar em prática o que será bom para você e que o multiplicará muito, como Javé, o Deus de seus antepassados, lhe disse ao entregar a você uma terra onde corre leite e mel. [5,32-6,3]

O amor é a tarefa da vida — ⁴Ouça, Israel! Javé nosso Deus é o único Javé. ⁵Portanto, ame a Javé seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma e com toda a sua força. ⁶Que estas palavras, que hoje eu lhe ordeno, estejam em seu coração. ⁷Você as inculcará em seus filhos, e delas falará sentado em sua casa e andando em seu caminho, estando deitado e de pé. ⁸Você também as amarrará em sua mão como sinal, e elas serão como faixa entre seus olhos. ⁹Você as escreverá nos batentes de sua casa e nas portas da cidade. [4-9]

Não se esqueça de Javé — ¹⁰Quando Javé seu Deus o introduzir na terra que jurou a seus antepassados Abraão, Isaac e Jacó, que daria a você, com cidades grandes e ricas que você não construiu, ¹¹casas cheias de riquezas que você não encheu, poços abertos que você não cavou, vinhas e oliveiras que você não plantou; quando você comer e ficar satisfeito, ¹²preste atenção a si mesmo: não se esqueça de Javé, que tirou você do Egito, da casa da escravidão. ¹³É a Javé seu Deus que você temerá; sirva a ele e jure pelo seu nome.

¹⁴Não sigam deuses estrangeiros, deuses de povos vizinhos, ¹⁵porque Javé seu Deus é um Deus ciumento que mora no meio de você. A cólera de Javé seu Deus se inflamaria contra você, e ele o exterminaria da face da terra. ¹⁶Não tentem a

Javé seu Deus, como vocês o tentaram em Massa. ¹⁷Observem cuidadosamente os mandamentos de Javé seu Deus, e também os testemunhos e estatutos que ele ordenou a você. ¹⁸Faça o que é correto e bom aos olhos de Javé, para que tudo corra bem, e você chegue a tomar posse da terra boa que Javé prometeu a seus antepassados, ¹⁹expulsando de sua frente todos os seus inimigos. Foi isso que Javé prometeu. [10-19]

Educar para a justiça — ²⁰Amanhã seu filho vai lhe perguntar: ‘O que significam esses testemunhos, estatutos e normas que Javé nosso Deus ordenou a vocês?’ ²¹Então você responderá a seu filho: ‘Nós éramos escravos do Faraó no Egito, mas Javé nos tirou do Egito com mão forte. ²²Diante dos nossos olhos Javé realizou sinais e prodígios grandes e terríveis contra o Egito, contra o Faraó e toda a sua corte. ²³Quanto a nós, porém, ele nos tirou de lá para nos introduzir aqui e nos dar a terra que havia prometido a nossos antepassados. ²⁴Javé, então, nos ordenou cumprir todos esses estatutos, temendo a Javé nosso Deus, para que sempre tudo nos corra bem e para nos dar a vida, como hoje se vê. ²⁵Esta será a nossa justiça: cuidarmos de colocar em prática todos esses mandamentos diante de Javé nosso Deus, conforme ele nos ordenou’. [20-25]

7 Um povo consagrado a Javé — ¹Quando Javé seu Deus o introduzir na terra onde você está entrando para tomar posse; quando ele tiver expulsado nações mais numerosas que você — os heteus, gergeseus, amorreus, cananeus, ferezeus, heveus e jebuseus — sete nações mais numerosas que você; ²quando Javé seu Deus as entregar a você, você as vencerá e as sacrificará como anátema. Não faça aliança nenhuma com elas e não as trate com piedade. ³Não crie laços de parentesco com elas: não dê sua filha a um dos filhos delas, nem tome uma das filhas delas para o seu filho, ⁴porque o seu filho se afastaria de mim para servir outros deuses; então a cólera de Javé se inflamaria contra você e o destruiria rapidamente. ⁵Vocês devem tratá-las da seguinte maneira: demolir seus altares, destruir suas estelas, arrancar seus postes sagrados e queimar seus ídolos. ⁶Pois você é um povo consagrado a Javé seu Deus: foi a você que Javé seu Deus escolheu para que pertença a ele como povo próprio, entre todos os povos da terra. [7,1-6]

A escolha de Javé — ⁷Se Javé se afeioou a vocês e os escolheu, não é porque vocês são os mais numerosos entre todos os outros povos; pelo contrário, vocês

são o menor de todos os povos! ⁸Foi por amor a vocês e para manter a promessa que ele jurou aos antepassados de vocês. É por isso que Javé os tirou com mão forte e os resgatou da casa da escravidão, da mão do Faraó, rei do Egito. ⁹Saiba, portanto, que Javé seu Deus é o único Deus, o Deus fiel, que mantém a aliança e o amor por mil gerações, em favor dos que o amam e observam seus mandamentos. ¹⁰Mas ele é também aquele que retribui diretamente aos que o odeiam: faz perecer sem demora aquele que o odeia, retribuindo-lhe diretamente. ¹¹Observe, pois, os mandamentos, estatutos e normas que eu hoje lhe ordeno cumprir.

¹²Se vocês ouvirem essas normas e as colocarem em prática, Javé seu Deus também manterá com você a aliança e o amor que ele jurou a seus antepassados. ¹³Ele o amará, abençoará e multiplicará; abençoará o fruto do seu ventre e o fruto do seu solo; abençoará seu trigo, seu vinho novo, seu óleo, a cria de suas vacas e a prole de suas ovelhas, na terra que vai dar a você, conforme prometeu a seus antepassados. ¹⁴Você vai ser abençoado mais do que todos os outros povos: no seu meio, nem o homem, nem a mulher, nem o seu gado serão estéreis. ¹⁵Javé afastará de você qualquer doença e todas as graves enfermidades do Egito, que você conhece muito bem. Ele as mandará não para você, mas para todos os que odeiam a você. [7-15]

O povo de Deus não deve temer — ¹⁶Devore, portanto, todos os povos que Javé seu Deus entregar a você. Não os trate com piedade, nem sirva a seus deuses. Seria uma armadilha para você.

¹⁷Talvez você pense: ‘Estas nações são mais numerosas do que eu. Como poderia expulsá-las?’ ¹⁸Não tenha medo delas. Lembre-se do que Javé seu Deus fez ao Faraó e a todo o Egito; ¹⁹as grandes provas que os olhos de vocês viram, os sinais e prodígios, a mão forte e o braço estendido com que Javé seu Deus fez você sair de lá. Javé seu Deus tratará do mesmo modo a todos os povos de que você tem medo. ²⁰Javé seu Deus, além disso, mandará vespas contra eles, de modo que perecerão até os que restarem e se esconderem de você.

²¹Não trema diante deles, porque Javé seu Deus, que habita no meio de você, é Deus grande e terrível. ²²Javé seu Deus irá expulsando pouco a pouco da frente de você essas nações. Você não poderá exterminá-las rapidamente, senão as feras do campo se multiplicariam contra você. ²³É Javé seu Deus quem vai entregar essas nações a você: elas ficarão perturbadas até serem completamente

exterminadas. ²⁴Javé entregará os reis delas, e você fará desaparecer o nome delas de debaixo do céu: ninguém lhe resistirá, até que você destrua a todos. ²⁵Queime as imagens dos deuses delas; não cobice a prata e o ouro que os recobrem, nem os tome para você, para não cair numa armadilha, pois são coisa abominável a Javé seu Deus. ²⁶Portanto, não coloque uma coisa abominável dentro de casa: você se tornaria anátema como ela. Considere essas coisas como imundas e abomináveis, pois elas são anátemas. [16-26]

8 *Pedagogia do deserto* — ¹Observem todos os mandamentos que hoje lhes ordeno cumprir, para que vivam e se multipliquem, entrem e tomem posse da terra que Javé prometeu com juramento a seus antepassados. ²Lembre-se, porém, de todo o caminho que Javé seu Deus fez você percorrer durante quarenta anos no deserto, a fim de o humilhar e o colocar à prova, para conhecer suas intenções: será que você iria observar os mandamentos dele ou não? ³Ele humilhou você, fez você sentir fome e o alimentou com o maná, que nem você nem seus antepassados conheciam, tudo para mostrar a você que o homem não vive só de pão, mas que o homem vive de tudo aquilo que sai da boca de Javé. ⁴As roupas que você usava não se gastaram, nem seu pé inchou durante esses quarenta anos. ⁵Portanto, reconheça em seu coração que Javé seu Deus educava você como o homem educa o próprio filho. [8,1-5]

O temor de Javé — ⁶Observe os mandamentos de Javé seu Deus para você andar nos caminhos dele e o temer. ⁷Olhe! Javé seu Deus vai introduzir você numa terra boa: terra cheia de ribeirões de água e de fontes profundas que jorram no vale e na montanha; ⁸terra de trigo e cevada, de vinhas, figueiras e romãzeiras, terra de oliveiras, de azeite e de mel; ⁹terra onde você comerá pão sem escassez, pois nela nada lhe faltará; terra cujas pedras são de ferro, e de cujas montanhas você extrairá o cobre. ¹⁰Quando você comer e ficar satisfeito, bendiga a Javé seu Deus pela boa terra que lhe deu.

¹¹Contudo, preste atenção a si mesmo, para não se esquecer de Javé seu Deus e não deixar de cumprir seus mandamentos, normas e estatutos, que hoje eu ordeno a você. ¹²Não aconteça que, tendo comido e estando satisfeito, havendo construído casas boas e habitando nelas, ¹³tendo-se multiplicado seus bois e aumentado suas ovelhas, e multiplicando-se também sua prata e seu ouro e tudo o que você possui, ¹⁴não aconteça que seu coração fique cheio de orgulho, e você se esqueça de Javé seu Deus, que o tirou do Egito, da casa da escravidão;

¹⁵que conduziu você através daquele grande e terrível deserto, cheio de serpentes venenosas, escorpiões e sede; que fez jorrar para você água da mais dura pedra, onde não havia água; ¹⁶que sustentava você no deserto com o maná, que seus antepassados não conheceram: tudo isso para humilhar e provar você, a fim de lhe fazer o bem no futuro.

¹⁷Portanto, não vá pensar: ‘Foi a minha força e o poder de minhas mãos que me conquistaram essas riquezas’. ¹⁸Lembre-se de Javé seu Deus, pois é ele quem lhe dá força para se enriquecer, mantendo a aliança que jurou a seus antepassados, como hoje se vê. ¹⁹Todavia, se você esquecer completamente Javé seu Deus, seguindo, servindo e adorando outros deuses, hoje eu lhes garanto que vocês morrerão. ²⁰Vocês perecerão exatamente como as nações que Javé destruirá diante de vocês, por não terem obedecido a Javé seu Deus. [6-20]

9 *Diante de Deus não existe mérito* — ¹Ouçã, Israel: Hoje você está atravessando o rio Jordão para conquistar nações maiores e mais poderosas que você, cidades grandes e fortificadas até o céu. ²Os enacim são um povo forte e de grande estatura. Você os conhece, porque ouviu dizer: ‘Quem poderia resistir aos filhos de Enac?’ ³Por isso hoje você ficará sabendo que Javé seu Deus vai atravessar na sua frente como fogo devorador. Ele é quem vai exterminá-los e submetê-los a você. Então você os desalojará e rapidamente os destruirá, como Javé prometeu. ⁴Quando Javé seu Deus os tiver expulsado da sua frente, não vá pensar: ‘Foi por causa da minha justiça que Javé me fez entrar e tomar posse desta terra’. Não. É por causa da injustiça dessas nações que Javé as expulsará da sua frente. ⁵Se você vai conquistar essas terras, não é por causa da sua justiça e honradez, e sim porque Javé seu Deus vai expulsá-las da sua frente por causa da injustiça delas, e também para cumprir a promessa que ele havia jurado a seus antepassados Abraão, Isaac e Jacó. ⁶Saiba, portanto: não é por causa da justiça de você que Javé seu Deus lhe concede possuir esta terra boa, pois você é um povo de cabeça dura. [9,1-6]

Reverendo os primeiros erros — ⁷Lembre-se, e não se esqueça, de que no deserto você irritou Javé seu Deus. Vocês estão sendo rebeldes a Javé, desde o dia em que saíram do Egito até que chegaram a este lugar. ⁸Até mesmo no Horeb vocês irritaram a Javé. E Javé ficou furioso com vocês e quis destruí-los. ⁹Quando eu subi à montanha para receber as tábuas de pedra, as tábuas da aliança que Javé fez com vocês, eu fiquei na montanha durante quarenta dias e quarenta noites,

sem comer pão nem beber água. ¹⁰Então Javé me entregou as duas tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus. Nelas estavam todas as palavras que Javé tinha falado com vocês na montanha, do meio do fogo, no dia da assembleia.

¹¹Depois de quarenta dias e quarenta noites, Javé me entregou as duas tábuas de pedra, as tábuas da aliança, ¹²e me disse: ‘Levante-se e desça depressa, porque o seu povo, o povo que você tirou do Egito, já se corrompeu. Já se desviaram do caminho que eu lhes ordenei: fundiram para si um ídolo de metal’. ¹³E Javé acrescentou: ‘Vejo que esse povo é um povo de cabeça dura. ¹⁴Deixe-me destruí-lo e apagar o nome dele de debaixo do céu. Eu farei de você uma nação mais poderosa e numerosa do que esta’.

¹⁵Virei-me e comecei a descer da montanha, enquanto ela ardia em fogo. Eu levava nas mãos as duas tábuas da aliança. ¹⁶Então olhei, e era um fato: vocês tinham pecado contra Javé seu Deus. Tinham feito um bezerro de metal derretido, afastando-se bem depressa do caminho que Javé lhes havia ordenado.

¹⁷Peguei então as duas tábuas, joguei-as com as duas mãos, quebrando-as diante dos olhos de vocês. ¹⁸Depois me prostrei diante de Javé, como da primeira vez, durante quarenta dias e quarenta noites. Não comi pão nem bebi água, por causa do pecado que vocês cometeram, fazendo o que era mau aos olhos de Javé, a ponto de provocar a sua cólera. ¹⁹Fiquei com medo da cólera e do furor que Javé estava dirigindo contra vocês, pois ele queria até destruí-los. Javé, porém, me ouviu ainda esta vez. ²⁰Javé também ficou furioso contra Aarão, e queria destruí-lo. E nesse dia eu supliquei também por Aarão. ²¹Depois peguei o pecado que vocês tinham cometido, o bezerro, e o queimei. Em seguida o esmaguei, moendo completamente, até transformá-lo em pó, e o joguei no riacho que desce da montanha.

²²Vocês também irritaram continuamente a Javé em Tabera, em Massa e em Cemitério da Avidez. ²³E quando Javé enviou vocês de Cades Barne, ele disse: ‘Subam e tomem posse da terra que eu lhes dei’. Mas vocês se revoltaram contra a ordem de Javé seu Deus, e não lhe deram crédito nem lhe obedeceram.

²⁴Vocês são rebeldes a Javé desde o dia em que eu os conheci.

²⁵Prostrei-me então diante de Javé. E fiquei prostrado durante quarenta dias e quarenta noites, porque Javé ameaçava destruir vocês. ²⁶Então supliquei a Javé: ‘Javé, meu Senhor, não destruas o teu povo, a tua herança. Tu o resgataste com tua grandeza. Tu o tiraste do Egito com mão forte. ²⁷Lembra-te dos teus servos

Abraão, Isaac e Jacó. Não olhes para a teimosia deste povo, para a sua maldade e seu pecado, ²⁸para que não venham a dizer na terra de onde nos tiraste: Javé não foi capaz de conduzi-los para a terra que lhes tinha prometido! Ele os fez sair por ódio, para matá-los no deserto! ²⁹Apesar de tudo, eles são o teu povo e a tua herança. Tu os fizeste sair com a tua grande força e com o teu braço estendido’. [7-29]

10 *Sinal de compromisso* — ¹Naquela ocasião, Javé me disse: ‘Corte duas tábuas de pedra, como as primeiras, e suba até mim na montanha. Faça também uma arca de madeira. ²Sobre as tábuas eu vou escrever as palavras que estavam sobre aquelas primeiras tábuas que você quebrou. E você as colocará na arca’. ³Então eu fiz uma arca de madeira de acácia, cortei duas tábuas de pedra, como as primeiras, e subi à montanha com as duas tábuas na mão. ⁴Então Javé escreveu sobre as tábuas o mesmo texto que havia escrito antes, as Dez Palavras que Javé tinha falado para vocês na montanha, do meio do fogo, no dia da assembleia. Em seguida, Javé me entregou as tábuas. ⁵Depois virei-me, desci da montanha e coloquei as duas tábuas na arca que eu havia preparado. Elas continuam ali, como Javé me ordenou.

⁶Os filhos de Israel partiram, então, dos poços de Benê-Jacã para Mosera. Foi aí que Aarão morreu e foi sepultado. Seu filho Eleazar lhe sucedeu no sacerdócio. ⁷Daí partiram para Gadgad, e de Gadgad para Jetebata, uma terra cheia de ribeirões de água. ⁸Foi nessa ocasião que Javé destacou a tribo de Levi para levar a arca da aliança de Javé e ficar à disposição de Javé, para servi-lo e abençoar em seu nome, até o dia de hoje. ⁹É por isso que Levi não recebeu parte na herança de seus irmãos: a herança dele é Javé, como Javé seu Deus lhe havia falado.

¹⁰Fiquei na montanha por quarenta dias e quarenta noites, como na primeira vez. Ainda desta vez Javé me ouviu e não quis destruir você. ¹¹Javé então me disse: ‘Levante-se e caminhe à frente deste povo, para que tomem posse da terra que eu lhes darei, conforme prometi a seus antepassados’. [10,1-11]

As exigências da Aliança — ¹²E agora, Israel, o que é que Javé seu Deus lhe pede? Somente isto: que você tema a Javé seu Deus. Que ande em seus caminhos e o ame. Que sirva Javé seu Deus com todo o seu coração e com toda a sua alma. ¹³E que observe os mandamentos de Javé e os estatutos que eu hoje lhe ordeno, para o seu bem.

¹⁴Veja! É a Javé seu Deus que pertencem o céu e o céu do céu, a terra e tudo o que nela existe. ¹⁵Apesar disso, foi somente com os antepassados de vocês que Javé se ligou para amá-los. E depois deles, escolheu dentre todos os povos a descendência deles, que são vocês, como hoje se vê. ¹⁶Circuncidem portanto o coração, e nunca mais tenham cabeça dura, ¹⁷porque Javé seu Deus é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o Deus grande, valente e terrível, que não faz diferença entre as pessoas e não aceita suborno. ¹⁸Ele faz justiça ao órfão e à viúva e ama o imigrante, dando-lhe pão e roupa. ¹⁹Portanto, amem o imigrante, porque vocês foram imigrantes no Egito. ²⁰Tema e sirva a Javé seu Deus, apegue-se a ele e jure pelo seu nome. ²¹É a ele que você deve louvar, porque ele é o seu Deus. Ele fez em favor de você essas coisas grandes e terríveis, que você viu com os próprios olhos. ²²Os seus antepassados, quando desceram para o Egito, eram apenas setenta pessoas. Agora, porém, Javé seu Deus tornou você numeroso como as estrelas do céu. [12-22]

11 *A verdadeira educação* — ¹Ame a Javé seu Deus e observe continuamente o que ele ordena: seus estatutos, normas e mandamentos. ²Foram vocês que fizeram a experiência, e não seus filhos. Eles não conheceram nem viram a educação dada por Javé seu Deus, nem a sua grandeza, a sua mão forte e o seu braço estendido, ³os sinais e as obras que ele realizou no Egito contra o Faraó, rei do Egito, e contra toda a terra dele; ⁴o que ele fez contra o exército do Egito, contra seus cavalos e carros: fez as águas do mar Vermelho caírem por cima deles, quando estavam perseguindo vocês. Javé os aniquilou até o dia de hoje. ⁵E o que fez por vocês no deserto, até que chegassem a este lugar. ⁶E ainda o que fez a Datã e Abiram, filhos de Eliab, o rubenita: a terra abriu a boca e os engoliu, junto com suas famílias, tendas e tudo o que possuíam no meio de todo o Israel. ⁷Vocês viram com os próprios olhos todas as grandes obras que Javé realizou. [11,1-7]

A vida depende da fidelidade — ⁸Observem, portanto, todos os mandamentos que eu hoje lhes ordeno, para que se tornem fortes, entrem lá e tomem posse da terra, para a qual estão atravessando, a fim de conquistá-la. ⁹Desse modo vocês prolongarão seus dias na terra que Javé prometeu dar a seus antepassados e aos descendentes deles, uma terra onde corre leite e mel.

¹⁰A terra, onde você está entrando para tomar posse, não é como a terra do

Egito, de onde vocês saíram. Aí você espalhava a semente e regava com os pés, como se fosse uma horta. ¹¹A terra, para onde vocês estão indo a fim de conquistá-la, é uma terra de montes e vales que bebem água da chuva do céu! ¹²É a terra da qual Javé seu Deus cuida. Ele está sempre olhando por ela, do começo ao fim do ano. ¹³Se vocês obedecerem aos mandamentos que hoje lhes ordeno, amando a Javé seu Deus e servindo-o com todo o seu coração e com toda a sua alma, ¹⁴eu darei chuva para vocês no tempo certo: chuvas de outono e de primavera. Desse modo, você poderá recolher seu trigo, seu vinho novo e seu óleo. ¹⁵Também darei erva no campo para o seu rebanho, de modo que você poderá comer e ficar satisfeito. ¹⁶Contudo, prestem atenção a si mesmos, para que o coração de vocês não se deixe seduzir nem se desviem para servir a outros deuses, prostrando-se diante deles. ¹⁷A cólera de Javé se inflamaria contra vocês, e ele fecharia o céu: assim não haveria mais chuva, e a terra não daria o seu produto. Desse modo vocês desapareceriam rapidamente da terra boa que Javé lhes vai dar. [8-17]

Bênção e maldição: a vida depende da escolha — ¹⁸Coloquem essas minhas palavras no seu coração e na sua alma! Amarrem essas palavras na mão como sinal. E que elas sejam para vocês como faixa entre os olhos. ¹⁹Vocês devem ensiná-las a seus filhos, falando delas sentado em casa e andando pelo caminho, deitado e de pé. ²⁰Você deverá escrevê-las nos batentes da sua casa e nas portas da sua cidade, ²¹para que os dias de vocês e os dias de seus filhos se multipliquem sobre a terra que Javé jurou dar aos antepassados de vocês, e sejam dias tão numerosos quanto os dias em que o céu permanecer sobre a terra.

²²Se vocês observarem fielmente todos os mandamentos que hoje lhes ordeno, amando a Javé seu Deus, seguindo os seus caminhos e apegando-se a ele, ²³Javé expulsará diante de vocês todas essas nações, a fim de que vocês tomem posse de nações maiores e mais poderosas que vocês. ²⁴Todo lugar onde vocês pisarem, pertencerá a vocês: suas fronteiras irão desde o deserto até o Líbano, desde o rio Eufrates até o mar ocidental. ²⁵Ninguém poderá resistir a vocês, porque Javé seu Deus vai espalhar o medo e o terror de vocês em qualquer terra que pisarem, conforme lhes falou.

²⁶Vejam! Hoje eu estou colocando diante de vocês a bênção e a maldição. ²⁷A bênção, se vocês obedecerem aos mandamentos de Javé seu Deus, que eu hoje lhes ordeno. ²⁸A maldição, se não obedecerem aos mandamentos de Javé seu

Deus, desviando-se do caminho que eu hoje lhes ordeno, para seguir outros deuses que vocês não conheceram. ²⁹Quando Javé seu Deus tiver introduzido você na terra para onde você se dirige, a fim de tomar posse dela, você deverá colocar a bênção sobre o monte Garizim e a maldição sobre o monte Ebal. ³⁰Esses montes estão do outro lado do Jordão, a caminho do poente, na terra dos cananeus que habitam na Arabá, diante de Guilgal, perto do carvalhal de Moré.

³¹Vocês estão para atravessar o Jordão e tomar posse da terra que Javé seu Deus vai lhes dar. Quando vocês tomarem posse dela e nela habitarem, ³²cuidem de colocar em prática todos os estatutos e normas que hoje estou promulgando para vocês. [18-32]

III. O CÓDIGO DEUTERONÔMICO: PROJETO DE UMA NOVA SOCIEDADE

12 *Introdução* — ¹São estes os estatutos e normas que vocês colocarão em prática na terra cuja posse Javé, o Deus dos seus antepassados, dará a vocês durante todos os dias em que vocês viverem sobre a terra. [\[12,1\]](#)

1. A relação com Deus

Invocar o nome de Javé — ²Vocês destruirão completamente todos os lugares onde as nações, que vocês irão conquistar, serviam aos deuses delas, tanto sobre os altos montes como sobre as colinas e debaixo de qualquer árvore frondosa. ³Destruam os altares delas, despedacem suas estelas, queimem seus postes sagrados e esmaguem os ídolos de seus deuses, fazendo assim que desapareça do lugar o nome deles.

⁴Não os imitem ao prestar culto a Javé, o Deus de vocês. ⁵Pelo contrário, vocês o buscarão somente no lugar que Javé seu Deus tiver escolhido entre todas as tribos, para aí colocar o seu nome e aí fazê-lo habitar. ⁶Levem para esse lugar seus holocaustos e sacrifícios, dízimos e ofertas, sacrifícios votivos e sacrifícios espontâneos, os primogênitos das vacas e das ovelhas. ⁷E nesse lugar vocês comerão, diante de Javé seu Deus, festejando com suas famílias por tudo o que vocês tiverem realizado e que foi abençoado por Javé seu Deus.

⁸Não procedam como estamos procedendo aqui hoje: cada um fazendo o que bem entende, ⁹pois até agora vocês ainda não entraram no lugar do repouso e na herança que Javé seu Deus vai dar a vocês. ¹⁰Vocês atravessarão o Jordão e habitarão na terra que Javé seu Deus vai lhes dar como herança. Ele protegerá vocês de todos os inimigos vizinhos, para que vocês vivam tranquilos. ¹¹No lugar que Javé seu Deus tiver escolhido para fazer habitar o seu nome, aí é que vocês levarão tudo o que eu lhes ordenei: holocaustos, sacrifícios, dízimos, donativos e todas as ofertas escolhidas que tiverem prometido como voto a Javé. ¹²Vocês farão uma festa diante de Javé seu Deus, com seus filhos e filhas, escravos e escravas, e com o levita que vive nas cidades de vocês, porque ele não tem parte nem herança com vocês.

¹³Preste atenção a si mesmo: Não ofereça seus holocaustos em qualquer lugar que você vê, ¹⁴pois é só no lugar que Javé tiver escolhido numa de suas tribos que você deverá oferecer seus holocaustos; é aí que deverá colocar em prática tudo o que eu lhe ordeno. ¹⁵Entretanto, quando você quiser, poderá imolar um animal e comer a carne dele em qualquer de suas cidades, conforme a bênção que Javé lhe tiver dado. Poderá comer tanto o puro como o impuro, assim como se come a gazela e o cervo. ¹⁶Mas você não poderá comer o sangue: derrame-o no chão como água.

¹⁷Você não poderá comer, em suas cidades, o dízimo do trigo, do vinho novo e

do óleo, nem os primogênitos de suas vacas e ovelhas, nem coisa alguma dos sacrifícios votivos que você tiver prometido, nem dos sacrifícios espontâneos, nem das ofertas voluntárias. ¹⁸Você os comerá diante de Javé seu Deus, somente no lugar que Javé seu Deus tiver escolhido, junto com seu filho e sua filha, seu servo e sua serva, e com o levita que vive em sua cidade. Por todo o sucesso de suas tarefas, você fará uma festa, diante de Javé seu Deus. ¹⁹Preste atenção a si mesmo: enquanto você viver na sua terra, nunca abandone o levita.

²⁰Quando Javé seu Deus lhe tiver alargado o seu território, conforme lhe prometeu, e você quiser comer carne, porque está com vontade, poderá comer o quanto quiser. ²¹Se estiver muito longe o lugar escolhido por Javé seu Deus para aí colocar o nome dele, você então poderá, como lhe ordenei, imolar vacas e ovelhas que Javé seu Deus lhe tiver dado. Poderá comer em suas cidades o quanto quiser. ²²Você as comerá da maneira que se come a gazela e o cervo: o puro junto com o impuro. ²³Porém, de nenhum modo coma o sangue, pois o sangue é a vida. Portanto, não coma a vida com a carne. ²⁴Não o coma nunca. Derrame-o no chão como água. ²⁵Não o coma, e assim tudo correrá bem para você e para os filhos que vierem depois de você. Desse modo, você estará fazendo o que agrada a Javé. ²⁶Todavia, daquelas coisas que pertencem a você, tome o que tiver consagrado, e também seus sacrifícios votivos, e vá ao lugar que Javé tiver escolhido. ²⁷Ofereça aí os seus holocaustos, a carne e o sangue, sobre o altar de Javé seu Deus; o sangue dos sacrifícios de comunhão será derramado sobre o altar de Javé seu Deus, e você poderá comer a carne. ²⁸Ouçã com atenção e coloque em prática todas as coisas que estou ordenando, para que tudo corra sempre bem para você e para seus filhos que vierem depois de você, pois assim estará fazendo o que é bom e agradável a Javé seu Deus.

²⁹Quando Javé seu Deus eliminar da sua frente as nações, na terra das quais você vai entrar para as desapossar; quando você as desapossar e aí estiver morando, ³⁰preste atenção a si mesmo! Não se deixe seduzir; não imite essas nações, depois que elas forem eliminadas de diante de você. Tome cuidado para não procurar os deuses delas, dizendo: ‘Como é que essas nações serviam seus deuses? Vou fazer a mesma coisa!’ ³¹Não aja dessa maneira para com Javé seu Deus, porque elas faziam aos deuses delas tudo o que é abominação para Javé, tudo o que ele detesta. Essas nações chegaram até a queimar seus próprios filhos e filhas para os deuses delas!

13¹Cuidem de colocar em prática tudo o que eu ordeno a vocês. Não acrescentem e não tirem nada. [12,2-13,1]

Cortar a idolatria pela raiz — ²Quando no meio de vocês aparecer algum profeta ou intérprete de sonhos e apresentar a você um sinal ou prodígio — ³se esse sinal ou prodígio que ele anunciou se realiza e ele convida você: ‘Vamos seguir outros deuses (que você não conheceu) e vamos adorá-los’ — ⁴não dê ouvidos a esse profeta ou intérprete de sonhos. Trata-se de uma prova com que Javé seu Deus experimenta vocês, para saber se vocês de fato amam a Javé seu Deus com todo o coração e com todo o ser. ⁵Sigam a Javé seu Deus e a ele temam; observem seus mandamentos e lhe obedçam; sirvam a ele, e a ele se apeguem. ⁶Quanto ao profeta ou intérprete de sonhos, deverá ser morto, porque propôs uma revolta contra Javé seu Deus, que tirou vocês do Egito e os resgatou da casa da escravidão, e porque procurou afastar você do caminho pelo qual Javé seu Deus havia mandado seguir. Desse modo, você estará eliminando o mal do seu meio.

⁷Se seu irmão, filho de seu pai ou de sua mãe, ou seu filho, sua filha, ou a esposa que repousa em seus braços, ou o amigo íntimo quiser seduzir você secretamente, convidando: ‘Vamos servir outros deuses’ (deuses que nem você nem seus antepassados conheceram, ⁸deuses de povos vizinhos, próximos ou distantes de você, de uma extremidade da terra à outra), ⁹não faça caso, nem dê ouvidos. Não tenha piedade dele, não use de compaixão, nem esconda o erro dele. ¹⁰Pelo contrário: você deverá matá-lo. E para matá-lo, sua mão será a primeira. Em seguida, a mão de todo o povo. ¹¹Apedreje-o até que morra, pois tentou afastar você de Javé seu Deus, que o tirou do Egito, da casa da escravidão. ¹²E todo o Israel ouvirá, ficará com medo, e nunca mais se fará em seu meio uma ação má como essa.

¹³Você poderá ouvir alguém dizer que, numa das cidades que Javé seu Deus dá a você para morar, ¹⁴apareceram vagabundos no meio do povo e seduziram os habitantes da sua cidade, dizendo: ‘Vamos servir a outros deuses’ (que vocês não conheceram). ¹⁵Então você deverá investigar, fazendo pesquisa e interrogando cuidadosamente. Caso seja verdade e o fato seja constatado, se essa abominação tiver sido realmente praticada em seu meio, ¹⁶você deverá passar a fio de espada os habitantes dessa cidade. Sacrifique-a como anátema, juntamente com tudo o que nela existe. ¹⁷Reúna todos os despojos no meio da praça e

queime a cidade e os despojos para Javé seu Deus. Ela ficará em ruínas para sempre, e nunca mais será reconstruída. ¹⁸Em sua mão nada ficará do que for sacrificado como anátema. Desse modo, Javé deixará sua cólera, perdoará você, terá piedade e o multiplicará, como jurou a seus antepassados. ¹⁹Assim acontecerá se você obedecer a Javé seu Deus, observando todos os seus mandamentos, que hoje lhe ordeno, e praticando o que Javé seu Deus aprova. [13,2-19]

14 *Um povo de irmãos* — ¹Vocês são filhos de Javé seu Deus. Por isso, nunca se marcarão com nenhum corte nem raparão a cabeça por um morto. ²Você é um povo consagrado a Javé seu Deus: foi a você que Javé escolheu, para que pertença a ele como povo próprio, entre todos os povos da terra. [14,1-2]

Animais puros e impuros — ³Não coma nada que seja abominável. ⁴São estes os animais que vocês poderão comer: boi, carneiro, cabra, ⁵cervo, gazela, gamo, cabrito montês, antílope, órix e cabra selvagem. ⁶Poderão comer também qualquer animal que tenha o casco fendido e que rumine. ⁷Porém, há ruminantes e animais com casco fendido que vocês não poderão comer: o camelo, a lebre e o texugo, que ruminam, mas não têm casco fendido. Esses serão impuros para vocês. ⁸Quanto ao porco, que tem casco fendido mas não rumina, vocês o considerarão impuro: não comam sua carne, nem toquem no seu cadáver.

⁹De tudo o que vive na água, vocês poderão comer todos os que têm barbatanas e escamas. ¹⁰Não comam, porém, os que não tiverem barbatanas e escamas: serão impuros para vocês.

¹¹Vocês podem comer todas as aves puras, ¹²mas não podem comer o abutre, o giapeto, o xofrango, ¹³o milhafre negro, as diversas espécies de milhafre vermelho, ¹⁴todas as espécies de corvo, ¹⁵o avestruz, a coruja, a gaivota e as diversas espécies de gavião, ¹⁶o mocho, o íbis, o grão-duque, ¹⁷o pelicano, o abutre branco, o alcatraz, ¹⁸a cegonha, as diversas espécies de garça, a poupa e o morcego. ¹⁹Considerem impuros todos os bichos que voam: não comam deles. ²⁰Podem comer todas as aves puras.

²¹Não comam nenhum animal que tenha morrido por si. Você o dará ao imigrante que vive em sua cidade, para que ele o coma, ou venderá a um estrangeiro. Porque você é um povo consagrado a Javé seu Deus. Não cozinhe o cabritinho no leite da mãe dele. [3-21]

Reconhecer e repartir o dom de Deus — ²²Todos os anos você separará o dízimo de qualquer produto de seus campos ²³e o comerá diante de Javé seu Deus, no lugar que ele tiver escolhido para aí fazer habitar o nome dele; nesse lugar você comerá o dízimo do trigo, do vinho novo e do óleo, e também os primogênitos das vacas e das ovelhas, para que você aprenda continuamente a temer Javé seu Deus.

²⁴Se o caminho for longo demais e você não puder levar o dízimo, porque fica muito longe o lugar escolhido por Javé seu Deus para aí colocar o nome dele, e Javé seu Deus tiver abençoado você, ²⁵então venda, pegue o dinheiro e vá ao lugar que Javé seu Deus tiver escolhido. ²⁶Aí você trocará o seu dinheiro por aquelas coisas que desejar: vacas, ovelhas, vinho, bebida embriagante, tudo o que você quiser. Você comerá aí, diante de Javé seu Deus, e festejará com a família. ²⁷Mas não abandone o levita que mora em suas cidades, pois ele não tem parte nem herança com você.

²⁸A cada três anos você pegará o dízimo da colheita do ano e o colocará nas portas da cidade. ²⁹Então virá o levita que não recebeu uma parte na herança de vocês, o imigrante, o órfão e a viúva que vivem nas suas cidades, e comerão até ficarem saciados. Desse modo, Javé seu Deus abençoará você em todo trabalho que você realizar. [22-29]

15 Ano da remissão: a sociedade se renova — ¹A cada sete anos, você celebrará o ano da remissão das dívidas. ²Isso quer dizer o seguinte: Todo credor que tenha emprestado alguma coisa a seu próximo, perdoará o que tiver emprestado. Não explorará seu próximo, nem seu irmão, porque terá sido proclamada a remissão em honra de Javé. ³Você poderá explorar o estrangeiro, mas deixará quites aquilo que tiver emprestado ao irmão. ⁴É verdade que no meio de você não haverá nenhum pobre, porque Javé vai abençoar você na terra que Javé seu Deus dará a você, para que a possua como herança. ⁵Isso, porém, com a condição de que você obedeça de fato a Javé seu Deus, cuidando de colocar em prática todos os mandamentos que eu hoje lhe ordeno. ⁶Quando Javé seu Deus tiver abençoado você, conforme prometeu, você emprestará a muitas nações e nunca pedirá emprestado; dominará muitas nações, mas nunca será dominado.

⁷Quando no seu meio houver um pobre, mesmo que seja um só de seus irmãos, numa só de suas cidades, na terra que Javé seu Deus dará a você, não endureça o

coração, nem feche a mão para esse irmão pobre. ⁸Pelo contrário, abra a mão e empreste o que está faltando para ele, na medida que o necessitar. ⁹Preste atenção a si mesmo, e não lhe venha à mente este pensamento mesquinho: ‘Já está chegando o sétimo ano, o ano da remissão’. E você se torne avarento com seu irmão pobre, não lhe dando nada. Ele clamaria a Javé contra você, e em você haveria um pecado. ¹⁰Quando você lhe der alguma coisa, não o faça de má vontade, porque, em resposta a esse gesto, Javé seu Deus abençoará você em todo o seu trabalho e em todas as suas iniciativas. ¹¹Veja bem! Não faltam indigentes na terra. É por isso que eu ordeno a você: abra a mão em favor do seu irmão, do seu pobre e do seu indigente na terra onde você está. [15,1-11]

É possível recomeçar uma vida livre — ¹²Quando um de seus irmãos, hebreu ou hebreia, for vendido a você como escravo, ele servirá a você durante seis anos. No sétimo ano, você o deixará ir em liberdade. ¹³Contudo, quando você o deixar que vá em liberdade, não o despeça de mãos vazias: ¹⁴carregue os ombros dele com o produto do rebanho de você, da sua colheita de cereais e de uva. Dê-lhe de acordo com a bênção que Javé seu Deus tiver concedido a você. ¹⁵Lembre-se de que você foi escravo no Egito, e que Javé seu Deus resgatou você. É por isso que eu hoje lhe dou essa ordem. ¹⁶Mas se ele diz: ‘Não quero ir embora porque me afeiçoei a você e à sua família’, dado que se sente bem com você, ¹⁷pegue então uma sovela e fure a orelha dele contra a porta, e então ele ficará sendo seu escravo para sempre. Faça o mesmo com a sua escrava. ¹⁸Que não pareça difícil a você deixá-lo ir em liberdade: ele serviu a você durante seis anos pela metade do salário de um diarista. E Javé seu Deus abençoará você em tudo o que você fizer. [12-18]

Reconhecer que a vida é um dom — ¹⁹Todo primogênito macho que nascer de suas vacas ou ovelhas deverá ser consagrado a Javé seu Deus. Não trabalhe com o primogênito de suas vacas, nem tosque o primogênito de suas ovelhas. ²⁰Você o comerá em cada ano diante de Javé seu Deus, junto com sua família, no lugar que Javé tiver escolhido. ²¹Se o primogênito tiver algum defeito — se for manco ou cego, ou tiver algum outro defeito grave —, não o sacrifique a Javé seu Deus; ²²você poderá comê-lo em sua própria cidade, o puro junto com o impuro, assim como se come a gazela ou o cervo. ²³Não coma, porém, o sangue: derrame-o no chão como água. [19-23]

16 *As festas principais* — ¹Respeite o mês de abib, celebrando uma Páscoa para Javé seu Deus, porque foi numa noite do mês de abib que Javé seu Deus tirou você do Egito. ²Sacrifique para Javé seu Deus uma páscoa, ovelhas e bois, no lugar que Javé seu Deus tiver escolhido para aí fazer habitar o nome dele. ³Não coma pão fermentado com a páscoa. Durante sete dias você comerá com ela pães sem fermento — um pão de miséria —, pois você saiu do Egito às pressas. Assim durante todos os dias da sua vida, você vai se lembrar do dia em que saiu do Egito. ⁴Durante sete dias não deverá haver fermento em todo o seu território, e não deverá sobrar para a manhã seguinte coisa nenhuma da carne que você tiver sacrificado na tarde do primeiro dia.

⁵Você não poderá sacrificar a páscoa em qualquer cidade que Javé seu Deus vai dar a você, ⁶mas somente no lugar que Javé seu Deus tiver escolhido para aí fazer habitar o nome dele. Sacrifique a páscoa à tarde, ao pôr do sol, hora em que você saiu do Egito. ⁷Você a cozinhará e comerá no lugar que Javé seu Deus tiver escolhido. Na manhã seguinte, você voltará para suas tendas. ⁸Durante seis dias você comerá pães sem fermento e, no sétimo dia, fará uma reunião solene em honra de Javé seu Deus. Não faça nenhum trabalho.

⁹Conte sete semanas. A partir do momento em que você começar a ceifar as espigas, conte sete semanas. ¹⁰Celebre então a festa das Semanas em honra de Javé seu Deus. A oferta espontânea que você fizer deverá ser proporcional ao modo como Javé seu Deus tiver abençoado você. ¹¹E você fará uma festa diante de Javé seu Deus — junto com seu filho e sua filha, seu escravo e sua escrava, com o levita que vive em sua cidade e o imigrante, o órfão e a viúva que vivem em seu meio — no lugar que Javé seu Deus tiver escolhido para aí fazer habitar o nome dele. ¹²Lembre-se que você foi escravo no Egito, e cuide de colocar em prática esses estatutos.

¹³Celebre a festa das Tendas durante sete dias, depois de ter recolhido o produto da sua colheita de cereais e de uva. ¹⁴Faça uma festa alegre com seu filho e sua filha, seu escravo e sua escrava, o levita e o imigrante, o órfão e a viúva que vivem em suas cidades. ¹⁵Durante sete dias você festejará em honra de Javé seu Deus, no lugar que Javé tiver escolhido, pois Javé seu Deus vai abençoá-lo em todas as suas colheitas e em todo trabalho de sua mão, para que você fique cheio de alegria.

¹⁶Por isso, três vezes por ano todo homem deverá comparecer diante de Javé seu Deus, no lugar que ele tiver escolhido: na festa dos Pães sem fermento, na

feita das Semanas e na festa das Tendões. Que ninguém se apresente de mãos vazias diante de Javé: ¹⁷ cada um traga seu dom, conforme a bênção que Javé seu Deus lhe tiver proporcionado. [16,1-17]

2. O exercício da autoridade

Juízes: julgar com justiça — ¹⁸Nomeie juízes e oficiais de justiça para cada uma das suas cidades que Javé seu Deus vai dar para cada uma de suas tribos, para que julguem o povo com sentenças justas. ¹⁹Não perverta o direito, não faça diferença entre as pessoas, nem aceite suborno, pois o suborno cega os olhos dos sábios e falseia a causa dos justos. ²⁰Busque somente a justiça, para que você viva e tome posse da terra que Javé seu Deus vai dar a você. [18-20]

Desvios do culto — ²¹Não plante um poste sagrado ou árvore junto a um altar que você tenha feito para Javé seu Deus, ²²nem levante uma estela, porque Javé seu Deus a odeia.

17¹Nunca sacrifique para Javé seu Deus um boi ou ovelha com defeito grave: seria abominação para Javé seu Deus.

²Se em alguma das cidades, que Javé seu Deus vai dar a você, for encontrado homem ou mulher que faça o que Javé seu Deus reprova, violando sua aliança, ³para servir a outros deuses e adorá-los — o sol, a lua ou todo o exército do céu — fazendo o que eu proibi; ⁴se isso lhe for denunciado, ou você ficar sabendo, faça primeiro cuidadosa investigação. Se for verdade e se for constatado que tal abominação foi cometida em Israel, ⁵você levará às portas da cidade o homem ou mulher que tenha cometido essa má ação, e o apedrejará até que morra. ⁶Você poderá condenar alguém à morte somente com a deposição de duas ou três testemunhas; ninguém será morto pela deposição de uma só testemunha. ⁷E as primeiras pessoas a apedrejá-lo serão as testemunhas e, depois delas, todo o povo. Desse modo você eliminará o mal do meio de você. [16,21-17,7]

O tribunal superior — ⁸Quando você tiver que julgar uma causa que pareça muito difícil — causas duvidosas de homicídio, contenda, lesões mortais, ou causas controvertidas em sua cidade — suba ao lugar que Javé seu Deus tiver escolhido. ⁹Vá até os sacerdotes levitas e o juiz que estiver em função nesses dias. Eles investigarão e anunciarão a sentença a você. ¹⁰Faça tudo de acordo com a sentença que eles anunciarem a você nesse lugar que Javé tiver escolhido. Cuide de agir conforme as instruções deles. ¹¹Cumpra a decisão que eles derem e coloque em prática a sentença, sem se desviar nem para a direita nem para a esquerda. ¹²Quem agir com presunção, sem obedecer ao sacerdote, que está aí

para servir a Javé seu Deus, e nem ao juiz, tal homem deverá ser morto. Desse modo você eliminará o mal do meio de Israel. ¹³Ao ouvir isso, todo o povo temerá e nunca mais agirá com presunção. [8-13]

Rei: os limites da autoridade política — ¹⁴Quando tiver entrado na terra que Javé seu Deus vai dar a você, e tiver tomado posse dela e nela viver, e você disser: ‘Quero nomear um rei para mim, assim como todas as nações que me rodeiam’, ¹⁵então você deverá nomear para si um rei que tenha sido escolhido por Javé seu Deus. Um de seus irmãos é que você nomeará como seu rei. Não poderá nomear um estrangeiro, que não seja seu irmão.

¹⁶O rei não deverá multiplicar cavalos para si, nem fazer que o povo volte ao Egito, para aumentar sua cavalaria, pois Javé disse a vocês: ‘Nunca mais voltem por esse caminho’. ¹⁷Ele também não deverá multiplicar o número de suas mulheres, para que sua mente não se desvie. E também não acumulará para si prata e ouro. ¹⁸Quando subir ao trono, ele mandará escrever num livro, para seu próprio uso, uma cópia desta lei, ditada pelos sacerdotes levitas. ¹⁹Ela ficará sempre com ele, que a lerá todos os dias de sua vida, para que aprenda a temer a Javé seu Deus, observando todas as palavras desta lei e colocando estes estatutos em prática. ²⁰Desse modo, ele não se levantará orgulhosamente sobre seus irmãos, nem se desviará desses mandamentos, nem para a direita nem para a esquerda. Assim, ele prolongará os dias do seu reinado, junto com seus filhos, no meio de Israel. [14-20]

18*Javé, a herança dos levitas* — ¹Os sacerdotes levitas, a tribo inteira de Levi, não terão parte nem herança em Israel. Eles viverão da herança de Javé, comendo das oblações oferecidas a ele. ²Essa tribo não terá parte na herança de seus irmãos. Javé é a herança dela, conforme ele próprio lhe falou.

³São estes os direitos que os sacerdotes têm sobre o povo, sobre aqueles que oferecem um sacrifício: do boi ou da ovelha, serão dados ao sacerdote o quarto dianteiro, as mandíbulas e o estômago. ⁴E você, dê a ele os primeiros frutos do seu trigo, do seu vinho novo e do seu óleo, como também o primeiro produto da tosquia do seu rebanho. ⁵Pois foi ele que Javé seu Deus escolheu dentre todas as suas tribos, junto com seus filhos, para estar diante de Javé seu Deus, realizando o serviço divino e dando todos os dias a bênção em nome de Javé.

⁶Quando vier um levita de alguma das suas cidades, onde quer que ele more em todo o Israel, e com todo o desejo do coração vier para o lugar que Javé tiver

escolhido, ⁷poderá officiar em nome de Javé seu Deus, da mesma forma que todos os seus irmãos que aí permanecem a serviço de Javé. ⁸Ele poderá comer uma parte igual à que lhes cabe, independente do produto da venda do patrimônio dele. [18,1-8]

Profeta: homem do discernimento — ⁹Quando você entrar na terra que Javé seu Deus vai lhe dar, não imite as práticas abomináveis das nações que aí vivem. ¹⁰Não haja em seu meio alguém que queime o próprio filho ou filha, nem que faça presságio, pratique astrologia, adivinhação ou magia, ¹¹nem que pratique encantamentos, consulte espíritos ou adivinhos, ou também que invoque os mortos. ¹²Pois quem pratica essas coisas é abominável para Javé, e é por causa dessas práticas abomináveis que Javé seu Deus vai desalojar essas nações.

¹³Você pertencerá inteiramente a Javé seu Deus. ¹⁴As nações que você vai conquistar ouvem astrólogos e adivinhos. Javé seu Deus, porém, não permite que você faça isso. ¹⁵Javé seu Deus fará surgir, dentre seus irmãos, um profeta como eu em seu meio, e vocês o ouvirão. ¹⁶Foi o que você pediu a Javé seu Deus, no Horeb, no dia da assembleia: ‘Não quero continuar ouvindo a voz de Javé meu Deus, nem quero ver mais este fogo terrível, para não morrer’. ¹⁷Javé me disse: ‘Eles têm razão. ¹⁸Do meio dos irmãos deles, eu farei surgir para eles um profeta como você. Vou colocar minhas palavras em sua boca, e ele dirá para eles tudo o que eu lhe mandar. ¹⁹Se alguém não ouvir as minhas palavras, que esse profeta pronunciar em meu nome, eu mesmo pedirei contas a essa pessoa. ²⁰Contudo, se o profeta tiver a ousadia de dizer em meu nome alguma coisa que eu não tenha mandado, ou se ele falar em nome de outros deuses, tal profeta deverá ser morto’.

²¹Talvez você se pergunte: ‘Como vamos distinguir se uma palavra não é palavra de Javé?’ ²²Se o profeta fala em nome de Javé, mas a palavra não se cumpre e não se realiza, trata-se então de uma palavra que Javé não disse. Tal profeta falou com presunção. Não tenha medo dele. [9-22]

3. Leis civis: o respeito pela vida

19 *Proteção para o inocente* — ¹Quando Javé seu Deus tiver eliminado as nações, cuja terra Javé seu Deus vai lhe dar, e quando você as conquistar e estiver morando nas cidades e casas delas, ²deverá separar três cidades na terra que Javé seu Deus lhe dará. ³Construa estradas, meça as distâncias e divida em três partes o território que Javé seu Deus lhe dará como herança. Isso para que qualquer homicida encontre refúgio na cidade.

⁴O homicida que aí poderá refugiar-se é aquele que tiver matado seu próximo involuntariamente, sem tê-lo odiado antes. ⁵Por exemplo: alguém vai ao bosque com seu próximo para cortar lenha; impelindo com força o machado para cortar a árvore, o ferro escapa do cabo, atinge o companheiro e o mata. Tal pessoa poderá, então, refugiar-se numa dessas cidades, ficando com a vida a salvo. ⁶Isso para que o vingador do sangue, enfurecido, não persiga o homicida e o alcance (porque o caminho é longo), matando-o sem motivo suficiente, pois antes ele não era inimigo do outro.

⁷É por isso que eu lhe ordeno: separe três cidades. ⁸E quando Javé seu Deus fizer com que suas fronteiras se alarguem, como jurou a seus antepassados, e lhe der toda a terra que prometeu dar a seus antepassados — ⁹com a condição de que você coloque em prática todos estes mandamentos que hoje eu lhe ordeno, amando a Javé seu Deus e andando continuamente em seus caminhos — você acrescentará mais três cidades àquelas três primeiras, ¹⁰para que não se derrame sangue inocente na terra que Javé seu Deus lhe dará como herança, e sobre você não recaia um homicídio.

¹¹Todavia, se alguém é inimigo do seu próximo e lhe arma uma cilada, atacando-o e ferindo-o mortalmente, e depois se refugia numa dessas cidades, ¹²os anciãos da sua cidade mandarão pessoas para tirá-lo de lá e entregá-lo ao vingador do sangue, para que seja morto. ¹³Não tenha piedade dele. Desse modo, você eliminará de Israel o derramamento de sangue inocente, e será feliz. [\[19,1-13\]](#)

A terra é para todos — ¹⁴Não desloque as cercas do vizinho, colocadas pelos antepassados no patrimônio que você irá receber como herança, na terra que Javé seu Deus lhe dará como propriedade. [\[14\]](#)

O direito à boa fama — ¹⁵Uma só testemunha não é suficiente contra alguém,

seja qual for o caso de crime ou pecado. Em todo pecado que alguém tiver cometido, o processo será aberto pelo depoimento pessoal de duas ou três testemunhas.

¹⁶Quando uma falsa testemunha se levantar contra alguém, acusando-o de rebelião, ¹⁷as duas partes em litígio se apresentarão diante de Javé, aos sacerdotes e juízes que estiverem nesses dias em função. ¹⁸Os juízes deverão fazer cuidadosa investigação. Se a testemunha for falsa e tiver caluniado o seu irmão, ¹⁹então vocês a tratarão do mesmo modo como ela própria maquinava tratar o seu próximo. Desse modo, você eliminará o mal do seu meio. ²⁰Os outros ouvirão, ficarão com medo, e nunca mais cometerão mal semelhante em seu meio.

²¹Não tenha piedade: vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé. [15-21]

20 *O direito de lutar pela liberdade e pela vida* — ¹Quando você sair para a guerra contra os inimigos, ao ver cavalos, carros e tropas mais numerosas do que as suas, não tenha medo, pois com você está Javé seu Deus, que o fez subir do Egito. ²Quando vocês estiverem para começar o combate, o sacerdote se aproximará para falar à tropa, ³e dirá: ‘Escute, Israel! Vocês hoje estão prontos para guerrear contra seus inimigos. Não se acovardem, nem fiquem com medo, não tremam nem se apavorem diante deles, ⁴porque Javé seu Deus marcha com vocês, lutando em seu favor contra os inimigos, para dar a vitória a vocês’.

⁵Os chefes também falarão ao povo, dizendo: ‘Quem construiu uma casa nova e ainda não a consagrou? Pode retirar-se e voltar para casa, a fim de que não morra na batalha e outro consagre a casa. ⁶Quem plantou uma vinha e ainda não colheu os seus primeiros frutos? Pode retirar-se e voltar para casa, a fim de que não morra na batalha e outro colha os primeiros frutos. ⁷Quem é noivo de uma mulher e ainda não se casou com ela? Pode retirar-se e voltar para casa, a fim de que não morra na batalha e outro se case com ela’. ⁸E os chefes continuarão a falar para a tropa: ‘Quem está com medo e se sente covarde? Pode retirar-se e voltar para casa, a fim de que a covardia não contagie seus irmãos’. ⁹Quando acabarem de falar à tropa, os chefes nomearão os comandantes para liderar as tropas. [20,1-9]

Eliminar a possibilidade de contágio — ¹⁰Quando você estiver para atacar uma

cidade, primeiro lhe proponha a paz. ¹¹Se ela aceitar a paz e abrir as portas para você, todos os habitantes lhe servirão em trabalhos forçados. ¹²Todavia, se ela não aceitar sua proposta de paz, mas declarar guerra, você a cercará. ¹³Javé seu Deus a entregará em seu poder, e você passará a fio de espada todos os homens. ¹⁴Quanto às mulheres, crianças, animais e tudo o que houver na cidade, você os tomará como despojo, e comerá o despojo dos inimigos que Javé seu Deus entregou a você. ¹⁵Faça assim com todas as cidades que estiverem distantes e não pertencem a estas nações. ¹⁶Todavia, quanto às cidades dessas nações que Javé seu Deus vai dar a você como herança, não deixe sobreviver nenhum ser vivo: ¹⁷sacrifique como anátema os heteus, os amorreus, os cananeus, os ferezeus, os heveus e os jebuseus, conforme Javé seu Deus lhe ordenou, ¹⁸para que não ensinem vocês a praticar nenhuma das práticas abomináveis que eles cometem com seus deuses: vocês estariam pecando contra Javé seu Deus. [10-18]

Respeitar a vida da natureza — ¹⁹Quando você tiver que cercar uma cidade durante muito tempo, antes de atacá-la e tomá-la, não corte as árvores a machado; alimente-se delas sem cortá-las: Por acaso a árvore do campo é um homem, para que você a trate como inimigo? ²⁰Contudo, se você sabe que tal árvore não é frutífera, então pode cortá-la e usá-la para fazer instrumentos de assalto contra a cidade que está em guerra contra você, até que a tenha conquistado. [19-20]

21 ***O sangue clama a Deus*** — ¹Quando for encontrado um homem morto no campo, na terra que Javé seu Deus vai dar a você como propriedade, e ninguém souber quem foi que o matou, ²os anciãos e juízes sairão e medirão as distâncias até às cidades que estiverem ao redor do morto, ³para determinar a cidade mais próxima. A seguir, os anciãos da cidade mais próxima tomarão uma novilha, com a qual não se tenha trabalhado e que ainda não tenha usado canga. ⁴Os anciãos dessa cidade levarão a novilha até um riacho permanente, no lugar onde ninguém trabalha nem semeia. E aí, sobre o riacho, desnucarão a novilha. ⁵Depois se aproximarão os sacerdotes levitas, pois foram eles que Javé seu Deus escolheu para o seu serviço e para abençoar em nome de Javé, cabendo também a eles resolver qualquer litígio ou crime. ⁶Os anciãos da cidade mais próxima do lugar do crime lavarão as mãos sobre a novilha desnucada, ⁷fazendo a seguinte declaração: ‘Nossas mãos não derramaram este sangue e nossos olhos não viram nada. ⁸Perdoa o teu povo Israel, que resgataste, ó Javé. Não permitas que o

sangue inocente recaia sobre Israel, teu povo’, e este sangue lhe será perdoado. ⁹Desse modo, você eliminará do seu meio o derramamento de sangue inocente e fará o que Javé aprova. [21,1-9]

Respeito para com a mulher — ¹⁰Quando você guerrear contra seus inimigos, e Javé seu Deus os entregar em seu poder, e você tiver feito prisioneiros, ¹¹se encontrar entre eles uma mulher bonita e se enamorar dela, você poderá tomá-la como esposa, ¹²e levá-la para casa. Ela então raspará a cabeça, cortará as unhas, ¹³tirá a roupa de prisioneira e ficará na casa onde você mora. Durante um mês ela chorará seu pai e sua mãe. Depois do luto, você se unirá a ela e se tornará seu marido e ela será sua esposa. ¹⁴Mais tarde, caso você não goste mais dela, deixá-la ir em liberdade, mas não a venda por dinheiro; não queira tirar lucro depois de a ter usado. [10-14]

Justiça no relacionamento familiar — ¹⁵Se alguém tiver duas mulheres e gostar de uma e não da outra, e as duas lhe tiverem dado filhos, se o primogênito é filho da mulher da qual ele não gosta, ¹⁶esse homem, quando repartir a herança entre os filhos, não poderá tratar o filho da mulher que ama como se fosse o mais velho, prejudicando o filho da mulher da qual não gosta, mas que é o verdadeiro primogênito. ¹⁷Deverá reconhecer como primogênito o filho da mulher da qual ele não gosta, dando a ele porção dupla de tudo quanto possui, pois esse filho é o primeiro fruto da sua virilidade. A ele pertence o direito de primogenitura. [15-17]

Respeito aos pais — ¹⁸Se alguém tiver um filho rebelde e incorrigível, que não obedece ao pai e à mãe e não os ouve, nem quando o corrigem, ¹⁹o pai e a mãe o pegarão e o levarão aos anciãos da cidade para ser julgado. ²⁰E dirão aos anciãos da cidade: ‘Este nosso filho é rebelde e incorrigível: não nos obedece, é devasso e beerrão’. ²¹E todos os homens da cidade o apedrejarão até que morra. Desse modo, você eliminará o mal do seu meio, e todo o Israel ouvirá e ficará com medo. [18-21]

Não contaminar a terra da vida — ²²Se um homem sentenciado à pena de morte, for executado e suspenso a uma árvore, ²³seu cadáver não poderá permanecer na árvore durante a noite. Você deverá sepultá-lo no mesmo dia, pois quem é suspenso torna-se um maldito de Deus. Desse modo, você não tornará impuro o solo que Javé seu Deus lhe dará como herança. [22-23]

22 *Cada um por todos* — ¹Se você vê extraviados o boi ou a ovelha de seu irmão, não fique indiferente a eles: devolva-os a seu irmão. ²Se seu irmão não é seu vizinho ou se você não o conhece, recolha na sua propriedade o boi ou a ovelha e guarde-os até que seu irmão os procure. Então você os devolverá. ³Faça o mesmo com o asno, com o manto e com qualquer objeto perdido por seu irmão e que você tenha encontrado. Não fique indiferente a eles. ⁴Se você vê o asno ou o boi do seu irmão caídos no caminho, não fique indiferente: ajude-o a levantar o animal. [22,1-4]

Respeitar a ordem da natureza — ⁵A mulher não deverá usar artigo masculino, nem o homem se vestirá com roupa de mulher, pois quem assim age é abominável para Javé seu Deus. [5]

Respeitar a maternidade — ⁶Se pelo caminho, numa árvore ou no chão, você encontrar um ninho de pássaros com filhotes ou ovos, e a mãe sobre os filhotes ou sobre os ovos, não pegue a mãe que está sobre os filhotes; ⁷deixe primeiro a mãe voar em liberdade, e depois pegue os filhotes, para que tudo lhe corra bem e você prolongue seus dias. [6-7]

Respeitar a vida do irmão — ⁸Quando você construir uma casa nova, faça um parapeito no terraço; desse modo, estará evitando que sua casa seja responsável pela vingança do sangue, caso alguém caia do terraço. [8]

Prescrições diversas — ⁹Não semeie na sua vinha duas espécies de sementes, para evitar que a vinha inteira fique consagrada, tanto a semente que você semear, como o fruto da vinha. ¹⁰Não are com boi e asno na mesma junta. ¹¹Não vista roupa mesclada de lã e linho. ¹²Faça borlas nas quatro pontas do manto com que você se cobrir. [9-12]

Respeitar a boa fama da mulher — ¹³Se um homem se casa com uma mulher e começa a detestá-la depois de ter tido relações com ela, ¹⁴acusando-a de atos vergonhosos e difamando-a publicamente, dizendo: ‘Casei-me com esta mulher mas, quando me aproximei dela, descobri que não era virgem’, ¹⁵o pai e a mãe da jovem pegarão a prova da virgindade dela e levarão a prova aos anciãos da cidade para que julguem o caso. ¹⁶Então o pai da jovem dirá aos anciãos: ‘Dei minha filha como esposa a este homem, mas ele a detesta, ¹⁷e a está acusando de atos vergonhosos, dizendo que minha filha não era virgem. Mas aqui está a

prova da virgindade da minha filha!’ E estenderá o lençol diante dos anciãos da cidade. ¹⁸Os anciãos da cidade pegarão o homem, mandarão castigá-lo ¹⁹e o multarão em cem moedas de prata, que serão entregues ao pai da jovem, por ter sido difamada publicamente uma virgem de Israel. Além disso, ela continuará sendo mulher dele, e o marido não poderá mandá-la embora durante toda a sua vida.

²⁰Se a denúncia for verdadeira, isto é, se não acharem a prova da virgindade da moça, ²¹levarão a jovem até à porta da casa de seu pai e os homens da cidade a apedrejarão até que morra, pois ela cometeu uma infâmia em Israel, desonrando a casa do seu pai. Desse modo, você eliminará o mal do seu meio. [13-21]

Casos de adultério — ²²Se um homem for pego em flagrante tendo relações sexuais com uma mulher casada, ambos serão mortos, tanto o homem como a mulher. Desse modo, você eliminará o mal de Israel. [22]

²³Se houver uma jovem prometida a um homem, e um outro tiver relações com ela na cidade, ²⁴você levarão os dois à porta da cidade e os apedrejarão até que morram: a jovem por não ter gritado por socorro na cidade, e o homem por ter violentado a mulher do seu próximo. Desse modo, você eliminará o mal do seu meio. ²⁵Contudo, se o homem encontrou a jovem no campo, a violentou e teve relações com ela, morrerá somente o homem que teve relações com ela; ²⁶não faça nada à jovem, porque ela não tem pecado que mereça a morte. É como o caso do homem que ataca seu próximo e o mata: ²⁷ele a encontrou no campo e a jovem pode ter gritado, mas não havia quem a socorresse. [23-27]

Caso de violação — ²⁸Se um homem encontra uma jovem que não está prometida em casamento e a agarra e tem relações com ela e é pego em flagrante, ²⁹o homem que teve relações com ela dará ao pai da jovem cinquenta moedas de prata, e ela ficará sendo sua mulher. Uma vez que a violentou, não poderá mandá-la embora durante toda a sua vida. [28-29]

23 Caso de incesto — ¹Um homem não tomará a mulher de seu pai, para não retirar dela o pano do manto de seu pai. [23,1]

Participação nas assembleias — ²O homem com testículos esmagados ou com o membro viril cortado não poderá entrar na assembleia de Javé. ³Nenhum bastardo poderá entrar na assembleia de Javé, e seus descendentes até a décima

geração não poderão entrar na assembleia de Javé. ⁴O amonita e o moabita não poderão entrar na assembleia de Javé, e também seus descendentes nem na décima geração serão admitidos nela. ⁵Isso porque não foram ao encontro de vocês com pão e água, quando vocês caminhavam depois da saída do Egito e porque pagaram Balaão, filho de Beor, de Petor em Aram Naaraim, para que amaldiçoasse você. ⁶No entanto, Javé seu Deus não fez caso de Balaão, e Javé seu Deus transformou a maldição em bênção, porque Javé seu Deus ama você. ⁷Portanto, enquanto você viver, nunca favoreça a prosperidade e a felicidade deles.

⁸Não considere o edomita como abominável, pois ele é seu irmão. Não considere o egípcio como abominável, porque você foi um estrangeiro na terra dele. ⁹Na terceira geração, os descendentes deles terão acesso à assembleia de Javé. [2-9]

Pureza no acampamento — ¹⁰Quando você estiver acampado contra o inimigo, guarde-se de todo tipo de mal. ¹¹Se, em seu meio, alguém de vocês ficar impuro por causa de uma poluição noturna, deverá sair para fora do acampamento, e não voltará. ¹²Ao entardecer, ele tomará banho, e ao pôr do sol poderá voltar ao acampamento.

¹³Providencie um lugar fora do acampamento para suas necessidades. ¹⁴Junto com o equipamento, tenha sempre uma pá. Quando você sair para fazer as necessidades, cave com ela e, ao terminar, cubra as fezes. ¹⁵Porque Javé seu Deus anda pelo acampamento para protegê-lo e entregar os inimigos a você. Por isso o acampamento deve ser santo, para que Javé não veja nada de inconveniente e não se afaste de você. [10-15]

Respeitar a liberdade — ¹⁶Quando um escravo fugir do seu patrão e se refugiar junto a você, não o devolva ao patrão. ¹⁷Ele permanecerá com você, entre os seus, no lugar que escolher, numa de suas cidades, onde lhe pareça melhor. Não o explore. [16-17]

Javé não aceita ofertas idolátricas — ¹⁸Entre as israelitas não haverá prostituta sagrada, nem prostituto sagrado entre os israelitas. ¹⁹Não leve à casa de Javé seu Deus, como cumprimento de um voto, o salário de uma prostituta sagrada, nem o pagamento de um prostituto sagrado, porque os dois são abomináveis para Javé seu Deus. [18-19]

Irmão não é fonte de lucro — ²⁰Não empreste ao seu irmão com juros, quer se trate de empréstimo em dinheiro, quer em alimento ou qualquer outra coisa sobre a qual é costume cobrar juros. ²¹Você poderá emprestar com juros ao estrangeiro. Mas ao seu irmão empreste sem cobrar juros, para que Javé seu Deus abençoe tudo o que você fizer na terra em que você está entrando para dela tomar posse. [20-21]

Cumprir o que se promete — ²²Quando você oferecer um voto a Javé seu Deus, não tarde em cumpri-lo, porque Javé seu Deus o reclamará de você, e em você haveria um pecado. ²³Se você não fizer nenhum voto, não estará pecando. ²⁴Mas terá de cumprir o voto que fez, uma vez que, com sua própria boca, você prometeu espontaneamente um voto a Javé seu Deus. [22-24]

Todos têm direito aos bens necessários para a sobrevivência — ²⁵Quando você entrar na vinha do seu próximo, pode comer à vontade até ficar saciado, mas não carregue nada em seu cesto. ²⁶E quando entrar na plantação do seu próximo, pode arrancar as espigas com a mão, mas não passe a foice na plantação do seu próximo. [25-26]

24 *Lei do divórcio* — ¹Quando um homem se casa com uma mulher e consuma o matrimônio, se depois ele não gostar mais dela, por ter visto nela alguma coisa inconveniente, escreva para ela um documento de divórcio e o entregue a ela, deixando-a sair de casa em liberdade. ²Tendo saído de sua casa, se ela se casar com outro, ³e também este se divorciar dela e lhe entregar nas mãos um documento de divórcio e a deixar ir embora em liberdade, ou se o segundo marido morrer, ⁴então o primeiro marido, que se havia divorciado dela, não poderá casar-se outra vez com ela, pois estará contaminada: seria um ato abominável diante de Javé. Você não deve tornar culpada de pecado a terra que Javé seu Deus vai lhe dar como herança. [24,1-4]

Direito de formar um lar — ⁵Quando um homem for recém-casado, não ficará obrigado ao serviço militar nem a outros trabalhos públicos: terá um ano de licença em casa, alegrando a mulher com quem se casou. [5]

Não penhorar a vida — ⁶Não tome como penhor as duas mós do moinho, nem mesmo a mó de cima, porque seria o mesmo que penhorar uma vida. [6]

Respeitar a liberdade — ⁷Se alguém for pego em flagrante, sequestrando um

irmão israelita, para explorá-lo ou vendê-lo, tal sequestrador deverá ser morto. Desse modo, você eliminará o mal de seu meio. [7]

Instrução em caso de lepra — ⁸Quando houver lepra, cumpra exatamente as instruções dadas pelos sacerdotes levitas. Ponham em prática tudo o que ordenei a eles. ⁹Lembre-se do que Javé seu Deus fez a Maria, no caminho, quando vocês saíram do Egito. [8-9]

O pobre é o juiz — ¹⁰Quando você fizer algum empréstimo a seu próximo, não entre na casa dele para pegar alguma coisa como penhor. ¹¹Fique do lado de fora, e o homem a quem você fez o empréstimo, ele é que sairá para lhe trazer o penhor. ¹²Se ele for pobre, você não irá dormir conservando o penhor tirado dele; ¹³ao pôr do sol você deverá devolver sem falta o penhor, para que ele durma com seu manto e abençoe você. Quanto a você, isso será um ato de justiça diante de Javé seu Deus. [10-13]

Justiça no trabalho — ¹⁴Não explore um assalariado pobre e necessitado, seja ele um de seus irmãos ou imigrante que vive em sua terra, em sua cidade. ¹⁵Pague-lhe o salário a cada dia, antes que o sol se ponha, porque ele é pobre e sua vida depende disso. Assim, ele não clamará a Javé contra você, e em você não haverá pecado. [14-15]

Responsabilidade pessoal — ¹⁶Os pais não serão mortos pela culpa dos filhos, nem os filhos pela culpa dos pais. Cada um será executado por causa de seu próprio crime. [16]

Justiça para com os oprimidos — ¹⁷Não distorça o direito do estrangeiro e do órfão, nem tome como penhor a roupa da viúva. ¹⁸Lembre-se: você foi escravo no Egito e daí Javé seu Deus o resgatou. É por isso que eu lhe ordeno agir desse modo. [17-18]

Os pobres recebem em nome de Javé — ¹⁹Quando você estiver ceifando a colheita em seu campo e esquecer atrás um feixe, não volte para pegá-lo: deixe-o para o imigrante, o órfão e a viúva. Desse modo, Javé seu Deus abençoará você em todo o seu trabalho. ²⁰Quando você sacudir as azeitonas da sua oliveira, não volte para catar o que tiver sobrado: o resto será para o imigrante, o órfão e a viúva. ²¹Quando você colher as uvas da sua vinha, não volte para catar o que

tiver sobrado: o resto será para o imigrante, o órfão e a viúva. ²²Lembre-se: você foi escravo no Egito. É por isso que eu lhe ordeno agir desse modo. [19-22]

25 *Punição tem limites* — ¹Quando houver demanda entre dois homens e forem à justiça, eles serão julgados, absolvendo-se o inocente e condenando-se o culpado. ²Se o culpado merecer açoites, o juiz o fará deitar-se no chão e mandará açoitá-lo em sua presença, com número de açoites proporcional à culpa. ³Podem açoitá-lo até quarenta vezes, não mais; isso para não acontecer que a ferida se torne grave, caso seja açoitado mais vezes, e seu irmão fique marcado diante de você. [25,1-3]

O direito de usufruir — ⁴Não coloque focinheira no boi que debulha o grão. [4]

Lei do levirato — ⁵Quando dois irmãos moram juntos e um deles morre sem deixar filhos, a viúva não sairá de casa para casar-se com nenhum estranho; seu cunhado se casará com ela, cumprindo o dever de cunhado. ⁶O primogênito que nascer receberá o nome do irmão morto, para que o nome deste não se apague em Israel. ⁷Contudo, se o cunhado se nega a casar-se com a viúva, esta irá aos anciãos no tribunal e dirá: ‘Meu cunhado se nega a transmitir o nome de seu irmão em Israel; não quer cumprir comigo seu dever de cunhado’. ⁸Os anciãos da cidade o convocarão e procurarão convencê-lo. Se ele persiste e diz que não quer se casar com ela, ⁹então a viúva se aproximará dele, diante dos anciãos, lhe tirará a sandália do pé, lhe cuspirá no rosto, e fará esta declaração: ‘Isto é o que se faz com um homem que não edifica a casa do seu irmão’. ¹⁰E em Israel ele ficará com o apelido de ‘a família do descalçado’. [5-10]

Respeito pela geração — ¹¹Quando homens estiverem brigando, um homem contra seu irmão, e a mulher de um deles se aproximar para livrar o marido dos socos do outro e estender a mão, agarrando o outro nas partes vergonhosas, ¹² corte a mão dela. Não tenha piedade. [11-12]

Justiça no comércio — ¹³Não tenha em sua bolsa dois tipos de peso: um mais pesado e outro mais leve. ¹⁴Não tenha em sua casa dois tipos de medida: uma que seja maior e outra menor. ¹⁵Tenha um peso exato e justo e uma medida exata e justa, para que seus dias se prolonguem sobre a terra que Javé seu Deus vai lhe dar. ¹⁶Porque Javé seu Deus abomina todos os que fazem tais coisas, todos os que cometem injustiça. [13-16]

Atacar indefesos é não temer a Deus — ¹⁷Lembre-se do que Amalec fez no caminho, quando você saiu do Egito: ¹⁸ele veio ao seu encontro, quando você estava cansado e sem forças e, sem temer a Deus, atacou pelas costas todos os desfalecidos que iam atrás. ¹⁹Quando Javé seu Deus puser fim às hostilidades com os inimigos que cercam você, na terra que Javé seu Deus lhe dará como herança, você deverá apagar de debaixo do céu a memória de Amalec. Não se esqueça disso. [17-19]

4. Conclusão: a verdadeira religião

26 *Creio no Deus que liberta* — ¹Quando você entrar na terra que Javé seu Deus vai lhe dar como herança, quando tomar posse dela e habitar aí, ²pegue os primeiros frutos que você recolher da terra que Javé seu Deus vai lhe dar, coloque-os num cesto e vá ao lugar que Javé seu Deus tiver escolhido para aí fazer habitar o nome dele. ³Vá ao sacerdote em função nesses dias e diga-lhe: ‘Hoje eu confesso a Javé meu Deus que entrei na terra que Javé tinha jurado a nossos antepassados que nos daria’.

⁴O sacerdote receberá o cesto de sua mão, e o colocará diante do altar de Javé seu Deus. ⁵Então você, tomando a palavra, dirá diante de Javé seu Deus: ‘Meu pai era um arameu errante: ele desceu ao Egito e aí residiu com poucas pessoas. Depois tornou-se uma nação grande, forte e numerosa. ⁶Os egípcios, porém, nos maltrataram e humilharam, impondo uma dura escravidão sobre nós. ⁷Clamamos então a Javé, Deus dos nossos antepassados, e Javé ouviu a nossa voz. Ele viu nossa miséria, nosso sofrimento e nossa opressão. ⁸E Javé nos tirou do Egito com mão forte e braço estendido, em meio a grande terror, com sinais e prodígios. ⁹E nos trouxe a este lugar, dando-nos esta terra: uma terra onde corre leite e mel. ¹⁰Por isso, aqui estou, Javé, com os primeiros frutos da terra que tu me deste’.

E você colocará os primeiros frutos diante de Javé seu Deus e diante de Javé seu Deus se prostrará. ¹¹Então você se alegrará com todas as coisas boas que Javé seu Deus lhe terá dado, a você e à sua família. E também festejarão com você o levita e o imigrante que vive em seu meio. [26,1-11]

Os pobres são o sacramento da presença de Deus — ¹²A cada três anos, no ano dos dízimos, quando você tiver acabado de separar todo dízimo de sua colheita e o tiver dado ao levita, ao imigrante, ao órfão e à viúva, para que comam e fiquem saciados nas suas cidades, ¹³você confessará diante de Javé seu Deus: ‘Eu tirei de minha casa o que estava consagrado e o dei ao levita, ao imigrante, ao órfão e à viúva, conforme a ordem que me deste. Não violei nem esqueci os teus mandamentos. ¹⁴Não comi nada disso durante o meu luto, não tirei nada quando estava impuro, e nada ofereci por um morto. Obedeci a Javé meu Deus e agi conforme tudo o que me ordenaste. ¹⁵Inclina-te da tua morada santa, aí do céu, e abençoa o teu povo Israel, como também a terra que nos deste, como

juraste aos nossos antepassados, uma terra onde corre leite e mel’. [12-15]

Religião é aliança e compromisso — ¹⁶Javé seu Deus ordena hoje que você cumpra esses estatutos e normas. Cuide de colocá-los em prática com todo o seu coração e com toda a sua alma.

¹⁷Hoje você fez Javé declarar que ele seria o seu Deus, com a condição de que você andaria nos caminhos dele, observando seus estatutos, mandamentos e normas, dando assim ouvidos à sua voz. ¹⁸E Javé hoje fez você declarar que seria o seu povo próprio, conforme ele mesmo lhe prometeu, observando todos os mandamentos. ¹⁹Desse modo, ele tornará você superior, em honra, fama e glória, a todas as nações que ele fez. E você será um povo consagrado a Javé seu Deus, conforme ele prometeu”. [16-19]

IV. BÊNÇÃOS E MALDIÇÕES: VIDA OU MORTE

27 *As pedras do compromisso* — ¹Moisés e os anciãos de Israel ordenaram ao povo: “Observem todos os mandamentos que hoje lhes ordeno. ²No dia em que vocês atravessarem o rio Jordão para entrar na terra que Javé seu Deus dará a você, levante grandes pedras e as cubra de cal. ³Sobre elas você deverá escrever todas as palavras desta Lei, quando você atravessar para entrar na terra que Javé seu Deus lhe dará, uma terra onde corre leite e mel, conforme lhe prometeu Javé, Deus de seus antepassados.

⁴Depois de atravessar o Jordão, conforme hoje lhes ordeno, vocês levantarão sobre o monte Ebal essas pedras e as cobrirão de cal. ⁵Aí você construirá um altar para Javé seu Deus, um altar com pedras não trabalhadas com ferro. ⁶Construa o altar de Javé seu Deus com pedras brutas, e ofereça sobre ele holocaustos a Javé seu Deus. ⁷Ofereça aí sacrifícios de comunhão e coma, festejando diante de Javé seu Deus. ⁸Escreva sobre essas pedras todas as palavras desta Lei, gravando-as bem”.

⁹Em seguida, Moisés e os sacerdotes levitas falaram a todo o Israel: “Fique em silêncio e escute, Israel: Hoje você se tornou o povo de Javé seu Deus. ¹⁰Obedeça, portanto, a Javé seu Deus e coloque em prática os mandamentos e estatutos que hoje lhe ordeno”. [27,1-10]

Obrigações de consciência — ¹¹Nesse dia, Moisés ordenou ao povo: ¹²“Quando vocês atravessarem o Jordão, as tribos de Simeão, Levi, Judá, Issacar, José e Benjamim se colocarão sobre o monte Garizim, para pronunciar a bênção sobre o povo. ¹³As tribos de Rúben, Gad, Aser, Zabulon, Dã e Neftali se colocarão sobre o monte Ebal, para pronunciar a maldição. ¹⁴Os levitas entoarão em alta voz, dizendo a todos os homens de Israel: ¹⁵‘Maldito seja quem faz um ídolo esculpido ou derretido, abominação para Javé, obra de artesão, e o guarda em lugar escondido’. E todo o povo responderá: ‘Amém’.

¹⁶‘Maldito seja quem despreza seu pai e sua mãe’. E todo o povo responderá: ‘Amém’.

¹⁷‘Maldito seja quem desloca a cerca do seu vizinho’. E todo o povo responderá: ‘Amém’.

¹⁸‘Maldito seja quem extravia um cego no caminho’. E todo o povo responderá: ‘Amém’.

¹⁹‘Maldito seja quem distorce o direito do imigrante, do órfão e da viúva’. E todo o povo responderá: ‘Amém’.

²⁰‘Maldito seja quem se deita com a mulher do seu pai, pois retira dela o pano do manto do seu pai’. E todo o povo responderá: ‘Amém’.

²¹‘Maldito seja quem se deita com um animal’. E todo o povo responderá: ‘Amém’.

²²‘Maldito seja quem se deita com sua irmã, filha de seu pai ou filha de sua mãe’. E todo o povo responderá: ‘Amém’.

²³‘Maldito seja quem se deita com sua sogra’. E todo o povo responderá: ‘Amém’.

²⁴‘Maldito seja quem mata seu próximo às escondidas’. E todo o povo responderá: ‘Amém’.

²⁵‘Maldito seja quem se deixa subornar para matar um inocente’. E todo o povo responderá: ‘Amém’.

²⁶‘Maldito seja quem não mantém as ordens desta Lei, não as colocando em prática’. E todo o povo responderá: ‘Amém’. [11-26]

28 *A fidelidade produz a bênção* — ¹Se você obedecer de fato a Javé seu Deus, cuidando de colocar em prática todos os mandamentos que eu hoje lhe ordeno, Javé seu Deus tornará você superior a todas as nações da terra. ²São estas as bênçãos que virão sobre você e o acompanharão, se você obedecer a Javé seu Deus: ³Você será abençoado na cidade e abençoado também no campo.

⁴Será abençoado o fruto do seu ventre, o fruto do seu solo, o fruto de seus animais, a cria de suas vacas e a prole de suas ovelhas.

⁵Será abençoado o seu cesto e a sua amassadeira.

⁶Será abençoado ao entrar e abençoado ao sair.

⁷Javé entregará, já vencidos, os inimigos que se levantarem contra você; eles sairão contra você por um caminho, e por sete caminhos fugirão.

⁸Javé mandará que a bênção fique com você em seus celeiros e em tudo o que você fizer. E o abençoará na terra que Javé seu Deus lhe dará.

⁹Javé fará de você um povo a ele consagrado, conforme prometeu, se você observar os mandamentos de Javé seu Deus e andar pelos caminhos dele.

¹⁰Todos os povos da terra verão que sobre você foi invocado o nome de Javé, e ficarão com medo de você.

¹¹Javé lhe concederá abundância de bens, com o fruto do seu ventre, dos seus

animais e da sua terra, essa terra que Javé prometeu a seus antepassados que daria a você.

¹²Javé abrirá para você o tesouro do céu, dando no tempo certo a chuva para a terra e abençoando todo trabalho que você realizar. Desse modo, você emprestará a muitas nações, e nunca tomará emprestado.

¹³Javé fará de você a cabeça e não a cauda; você estará sempre por cima, e não por baixo. Isso, porém, com a condição de que você obedeça aos mandamentos de Javé seu Deus, que hoje eu lhe ordeno observar e colocar em prática. ¹⁴Não se desvie para a direita nem para a esquerda, em tudo o que eu hoje lhes ordeno, indo atrás de outros deuses para servi-los. [28,1-14]

A infidelidade traz a maldição — ¹⁵Contudo, se você não obedecer a Javé seu Deus, não colocando em prática todos os seus mandamentos e estatutos que eu hoje lhe ordeno, virão sobre você todas estas maldições e o atingirão: ¹⁶Você será maldito na cidade e maldito também no campo.

¹⁷Maldito será o seu cesto e a sua amassadeira.

¹⁸Maldito será o fruto do seu ventre, o fruto da sua terra, a cria de suas vacas e a prole de suas ovelhas.

¹⁹Você será maldito ao entrar e maldito também ao sair.

²⁰Javé mandará contra você a maldição, o pânico e a ameaça em tudo o que você fizer, até que seja exterminado e pereça rapidamente por causa da maldade de suas ações, pelas quais você me abandonou.

²¹Javé fará que a peste se apegue a você, até eliminá-lo da terra em que está entrando para dela tomar posse.

²²Javé ferirá você com tísica e febre, inflamação e delírio, secura, ferrugem e mofo, que o perseguirão até que você pereça.

²³O céu sobre a sua cabeça ficará como bronze, e a terra sob seus pés ficará como ferro.

²⁴Javé transformará a chuva em cinza e pó, que cairão sobre você, até que fique em ruínas.

²⁵Javé entregará você, já vencido, aos seus inimigos: você sairá ao encontro deles por um caminho, e por sete caminhos fugirá. Você se transformará em objeto de espanto para todos os reinos da terra. ²⁶Seu cadáver será alimento de todas as aves do céu e animais da terra, e ninguém os espantará.

²⁷Javé ferirá você com úlceras do Egito, com tumores, crostas e sarnas, que

você não poderá curar.

²⁸Javé ferirá você com loucura, cegueira e demência. ²⁹Você ficará tateando ao meio-dia, como o cego que tateia na escuridão, e em seus caminhos nada será bem sucedido.

Você será oprimido e explorado todos os dias, e ninguém o socorrerá: ³⁰você se casará com uma mulher, e outro homem a possuirá; construirá uma casa, e não habitará nela; plantará uma vinha, e não colherá as uvas; ³¹seu boi será morto diante de seus olhos, e dele você não comerá; seu jumento será roubado na sua frente, e não o devolverão; suas ovelhas serão dadas aos inimigos, e não haverá quem o ajude; ³²seus filhos e suas filhas serão entregues a outro povo: seus olhos verão tudo isso e ficarão consumidos de saudade o dia inteiro, e você nada poderá fazer; ³³o produto da sua terra e de todo o seu trabalho será comido por um povo que você não conhece, e você será oprimido e maltratado todos os dias; ³⁴você ficará louco com o espetáculo que seus olhos verão.

³⁵Javé ferirá você com úlcera maligna nos joelhos e nas pernas, da qual você não poderá ficar bom, desde a sola dos pés até o alto da cabeça.

³⁶Javé levará você, junto com o rei que você tiver constituído, para uma nação que nem você nem seus antepassados conheceram. E aí você servirá a outros deuses, feitos de madeira e pedra. ³⁷Você se tornará motivo de assombro, piada e caçoada, em meio a todos os outros povos, para onde Javé o tiver conduzido.

³⁸Você lançará muitas sementes no campo, mas colherá pouco porque o gafanhoto as comerá.

³⁹Você plantará e cultivará vinhas, mas não beberá vinho nem colherá nada, pois a praga as devorará.

⁴⁰Você terá oliveiras em todo o seu território, porém, não se ungirá com o óleo, porque as azeitonas cairão.

⁴¹Você gerará filhos e filhas que não pertencerão a você, pois irão para o exílio.

⁴²Os insetos se apoderarão de todas as suas árvores frutíferas.

⁴³O imigrante que vive em seu meio se elevará cada vez mais alto às custas de você, enquanto você descera cada vez mais baixo. ⁴⁴Ele poderá emprestar a você, e você nada lhe poderá emprestar: ele ficará como cabeça, e você como cauda.

⁴⁵Todas essas maldições virão sobre você, o perseguirão e o atingirão, até que seja exterminado, porque você não obedeceu a Javé seu Deus, desobedecendo aos mandamentos e estatutos que ele ordenou. ⁴⁶Essas maldições serão para

sempre um sinal e um prodígio contra sua descendência.

⁴⁷Uma vez que você não serviu a Javé seu Deus com alegria e generosidade quando estava na abundância, ⁴⁸então você servirá, na fome e na sede, com nudez e privação total, ao inimigo que Javé enviará contra você. O inimigo lhe colocará no pescoço uma canga de ferro, até que você seja exterminado.

⁴⁹Javé erguerá contra você uma nação distante, dos confins da terra, como águia veloz, uma nação cuja língua você não entende, ⁵⁰nação de cara dura, que não respeita o ancião e não tem piedade do jovem. ⁵¹Ela comerá o fruto de seus animais e o fruto de sua terra, até que você seja exterminado; não deixará para você nem trigo, nem vinho novo, nem óleo, nem a cria de suas vacas, nem a prole de suas ovelhas, até que você fique destruído. ⁵²Ela cercará você em todas as suas cidades, até que venham abaixo, por toda a terra, os muros altos e fortificados, nos quais você colocava toda a sua segurança. Essa nação cercará você em todas as suas cidades, por toda a terra que Javé seu Deus tiver dado a você. ⁵³Então, na angústia do cerco com que o inimigo o apertar, você irá comer o fruto do seu ventre: a carne dos filhos e filhas que Javé seu Deus tiver dado a você. ⁵⁴O mais delicado e refinado homem do seu meio olhará com maldade para o seu irmão, para a mulher que ele estreitava em seu peito e para os filhos que lhe restar, ⁵⁵pois terá de repartir com algum deles a carne dos filhos que está para comer, pois nada mais lhe restará na angústia do cerco com que o inimigo vai apertar você em todas as suas cidades. ⁵⁶A mais delicada e refinada das mulheres do seu meio, tão delicada e refinada que nunca pôs a sola dos pés no chão, olhará com maldade para o homem que ela estreitava em seu seio e também para seu filho e sua filha, ⁵⁷e para a placenta que lhe sai por entre as pernas, e para o filho que acaba de dar à luz, porque, faltando tudo, ela os comerá às escondidas, por causa da angústia do cerco com que o inimigo vai apertar você em todas as suas cidades.

⁵⁸Se você não colocar em prática todas as palavras desta Lei escritas neste livro, temendo o nome glorioso e terrível de Javé seu Deus, ⁵⁹Javé ferirá você e sua descendência com pragas espantosas, pragas tremendas e persistentes, doenças graves e incuráveis. ⁶⁰Ele voltará contra você as pragas do Egito que o horrorizavam, e elas grudarão em você. ⁶¹E ainda mais: Javé lançará contra você todas as doenças e pragas que não estão escritas neste livro da Lei, até que você seja exterminado. ⁶²Restarão de vocês poucos homens, vocês que eram tão numerosos como as estrelas do céu.

Uma vez que você não obedeceu a Javé seu Deus, ⁶³então do mesmo modo que Javé tinha prazer em lhes fazer o bem e os multiplicar, assim também ele terá prazer em destruí-los e exterminá-los: vocês serão arrancados da terra em que estão entrando para dela tomar posse. ⁶⁴Javé espalhará você por entre todos os povos, de um a outro extremo da terra, e aí você servirá a outros deuses, que nem você nem seus pais conheceram, deuses feitos de madeira e pedra. ⁶⁵No meio dessas nações, você nunca terá tranquilidade, e a sola do seu pé não encontrará onde descansar. Aí Javé dará a você um coração inquieto, olhos mortiços e respiração fraca. ⁶⁶Sua vida penderá à sua frente por um fio. Você ficará apavorado noite e dia e não acreditará mais na vida. ⁶⁷Pela manhã, você dirá: ‘Quem me dera já fosse tarde!’ E pela tarde dirá: ‘Quem me dera já fosse manhã!’ Tudo isso por causa do pavor que se apoderará do seu coração e pelo espetáculo que seus olhos contemplarão. ⁶⁸Javé fará vocês voltarem de barco ao Egito, ou pelo caminho do qual eu lhes tinha dito: ‘Vocês nunca mais o verão!’ Aí vocês se colocarão à venda como escravos e escravas para seus inimigos, e não haverá comprador”. [15-68]

V. TERCEIRO DISCURSO DE MOISÉS: ESCOLHER ENTRE A VIDA E A MORTE

Encontrar Deus na história — ⁶⁹Palavras conclusivas da aliança que Javé mandou Moisés fazer com os israelitas, na terra de Moab, além da aliança que já havia feito com eles no Horeb.

29¹Moisés convocou todo o Israel, e disse: “Vocês mesmos viram tudo o que Javé fez na terra do Egito contra o Faraó, contra seus ministros e contra todo o país deles: ²as grandes provas que seus olhos viram, aqueles sinais e prodígios grandiosos. ³Contudo, Javé não tinha dado a vocês, até o dia de hoje, um coração para compreender, olhos para ver e ouvidos para ouvir. ⁴Eu fiz vocês caminhar quarenta anos pelo deserto, sem que as suas vestes envelhecessem e as sandálias de seus pés gastassem. ⁵Vocês não tiveram pão para comer, nem bebida embriagante para beber, para que vocês compreendessem que eu sou Javé, o Deus de vocês. ⁶Depois vocês chegaram a este lugar. Seon, rei de Hesebon, e Og, rei de Basã, saíram ao nosso encontro para a guerra, mas nós os derrotamos. ⁷Conquistamos deles os territórios e os demos como herança a Rúben, Gad e à meia tribo de Manassés. [28,69-29,7]

Aliar-se com Deus — ⁸Observem as palavras desta aliança e as ponham em prática, para serem bem-sucedidos em tudo quanto fizerem.

⁹Vocês se apresentaram hoje diante de Javé seu Deus, os chefes de suas tribos, os anciãos, os oficiais e todos os homens de Israel, ¹⁰com as crianças e mulheres, inclusive o imigrante que está no seu acampamento, desde aquele que corta a madeira até aquele que tira água para você, ¹¹a fim de entrar na aliança de Javé seu Deus e aceitar o pacto sob condição, que Javé seu Deus assume hoje com você. ¹²Desse modo, ele hoje vai constituir você como povo dele, e ele mesmo se tornará o Deus de você, conforme lhe falou e havia prometido a seus antepassados Abraão, Isaac e Jacó. ¹³Não é somente com vocês que estou concluindo esta aliança e este pacto sob condição. ¹⁴Eu estou concluindo esta aliança com aquele que está aqui conosco, hoje, diante de Javé nosso Deus, e também com aquele que não está aqui conosco hoje. [29,8-14]

Condição fundamental: servir a Javé — ¹⁵Vocês sabem que habitamos lá no

Egito e de que modo atravessamos aquelas nações. ¹⁶Vocês viram as abominações e os ídolos delas, feitos de madeira, de pedra, de prata e de ouro. ¹⁷Que não haja entre vocês homem ou mulher, clã ou tribo, cujo coração se desvie hoje de Javé nosso Deus, para servir os deuses daquelas nações. Que não haja entre vocês raízes que produzam plantas venenosas ou amargas. ¹⁸Portanto, ouvindo as palavras deste pacto sob condição, alguém poderá felicitar a si próprio, dizendo: ‘Vou ter paz, mesmo que ande conforme a dureza do meu coração, pois a abundância de água fará minha sede desaparecer’. ¹⁹Nesse caso, Javé jamais consentirá em perdoá-lo. Pelo contrário, sua ira e ciúme se inflamarão contra tal homem, caindo sobre ele toda a maldição escrita neste livro. E Javé apagará o nome dele de debaixo do céu. ²⁰Para a perdição dele, Javé o separará de todas as tribos de Israel, conforme as maldições da aliança, escritas neste livro da Lei. [15-20]

O castigo da infidelidade — ²¹A geração futura, os filhos que virão depois de vocês e o estrangeiro vindo de uma terra distante, verão as pragas desta terra e as doenças com que Javé a castigará: ²²enxofre e sal, terra queimada onde não se semeia e nada brota nem cresce, catástrofe como a de Sodoma e Gomorra, Adama e Seboim, que Javé destruiu em sua ira e furor. ²³Todas as nações perguntarão: ‘Por que Javé agiu assim com esta terra? O que significa o ardor de tão grande ira?’ ²⁴E responderão: ‘É porque eles abandonaram a aliança que Javé, Deus de seus antepassados, tinha feito com eles, quando os tirou do Egito. ²⁵Eles foram servir a outros deuses e os adoraram, deuses que eles não conheciam e que Javé não lhes tinha dado. ²⁶Então a ira de Javé se inflamou contra esta terra, fazendo cair sobre ela todas as maldições escritas neste livro. ²⁷Javé os arrancou da própria terra, com ira, furor e grande indignação, e os atirou em outra terra, como hoje se pode ver’. [21-27]

Praticar a justiça — ²⁸As coisas escondidas pertencem a Javé nosso Deus; as coisas reveladas, porém, pertencem para sempre a nós e a nossos filhos, para colocarmos em prática todas as palavras desta Lei. [28]

30 ***Nem tudo está perdido*** — ¹Quando se cumprirem todas essas palavras em você, isto é, a bênção e a maldição que eu lhe propus, e você meditar nelas, vivendo no meio de todas as nações para onde Javé seu Deus o tiver expulsado, ²então você se converterá, de todo o seu coração e de toda a sua alma para Javé seu Deus; você e seus filhos obedecerão a ele, conforme eu lhe ordeno hoje.

³Então Javé seu Deus se compadecerá de você e mudará a sua sorte. Javé seu Deus voltará atrás e reunirá você de todos os povos, entre os quais ele o havia espalhado. ⁴Ainda que você tivesse sido expulso para o fim do mundo, daí Javé seu Deus o reuniria e daí o tomaria ⁵para o introduzir novamente na terra que seus antepassados possuíram, a fim de que você a possua. Ele fará você feliz e o multiplicará ainda mais que os seus antepassados.

⁶Javé seu Deus circuncidará o seu coração e o coração dos seus descendentes, para que você ame a Javé seu Deus com todo o coração e com toda a alma, e viva. ⁷Javé seu Deus fará recair todas essas maldições sobre os inimigos, sobre os que odiaram e perseguiram você. ⁸Quanto a você, volte a obedecer a Javé seu Deus, colocando em prática todos os mandamentos dele, que eu hoje lhe ordeno. ⁹Javé seu Deus fará prosperar as iniciativas suas, o fruto do seu ventre, o fruto dos seus animais e o fruto do seu solo. Porque Javé voltará a ter prazer com a felicidade de você, assim como tinha prazer com a felicidade de seus antepassados. ¹⁰A condição, porém, é que você obedeça a Javé seu Deus, observando-lhe os mandamentos e estatutos escritos neste livro da Lei, e que você se converta com todo o coração e com toda a alma para Javé seu Deus. [30,1-10]

Não há como se desculpar — ¹¹Este mandamento que hoje lhe ordeno não é muito difícil, nem está fora do seu alcance. ¹²Ele não está no céu, para que você fique perguntando: ‘Quem subirá por nós até o céu para trazê-lo a nós, a fim de que possamos ouvi-lo e colocá-lo em prática?’ ¹³Também não está no além-mar, para que você fique perguntando: ‘Quem atravessará por nós o mar, para trazer esse mandamento a nós, a fim de que possamos ouvi-lo e colocá-lo em prática?’ ¹⁴Sim, essa palavra está ao seu alcance: está na sua boca e no seu coração, para que você a coloque em prática. [11-14]

Escolher entre a vida e a morte — ¹⁵Veja: hoje eu estou colocando diante de você a vida e a felicidade, a morte e a desgraça.

¹⁶Se você obedecer aos mandamentos de Javé seu Deus, que hoje lhe ordeno, amando a Javé seu Deus, andando em seus caminhos e observando os seus mandamentos, estatutos e normas, você viverá e se multiplicará. Javé seu Deus o abençoará na terra onde você está entrando para tomar posse dela. ¹⁷Todavia, se o seu coração se desviar e você não obedecer, se você se deixar seduzir e adorar e servir a outros deuses, ¹⁸eu hoje lhes declaro: é certo que vocês perecerão!

Vocês não prolongarão seus dias sobre a terra, onde estão entrando, ao atravessar o Jordão, para dela tomar posse.

¹⁹Hoje eu tomo o céu e a terra como testemunhas contra vocês: eu lhe propus a vida ou a morte, a bênção ou a maldição. Escolha, portanto, a vida, para que você e seus descendentes possam viver, ²⁰amando a Javé seu Deus, obedecendo-lhe e apegando-se a ele, porque ele é a sua vida e o prolongamento de seus dias. Desse modo você poderá habitar sobre a terra que Javé jurou dar a seus antepassados Abraão, Isaac e Jacó”. [15-20]

VI. APÊNDICE: A HISTÓRIA CONTINUA

31 *Um novo líder* — ¹Moisés falou essas palavras a todo o Israel. ²Depois acrescentou: “Hoje eu estou com cento e vinte anos. Não posso mais ser chefe, e Javé me disse: ‘Você não atravessará o rio Jordão’. ³Quem vai à frente de você é o próprio Javé seu Deus. Ele destruirá essas nações que estão na sua frente e as conquistará. Josué irá à frente de você, conforme disse Javé. ⁴E Javé tratará essas nações da maneira como tratou Seon e Og, os reis amorreus e a terra deles, que ele reduziu a ruínas. ⁵Javé entregará essas nações, e vocês as tratarão conforme os mandamentos que lhes ordenei. ⁶Sejam fortes e corajosos! Não tenham medo, nem fiquem apavorados diante delas, porque Javé seu Deus é quem vai com você. Ele não o deixará, e jamais o abandonará”.

⁷Então Moisés chamou Josué e, na presença de todo o Israel, disse a ele: “Seja forte e corajoso! Pois você entrará com todo este povo na terra que Javé prometeu dar a seus antepassados, e você repartirá a herança entre eles. ⁸O próprio Javé irá à sua frente. Ele estará com você; não o deixará, e jamais o abandonará. Não tenha medo, nem se acovarde”. [31,1-8]

Manter viva a consciência do projeto — ⁹Então Moisés escreveu esta Lei e a entregou aos sacerdotes levitas, que carregavam a arca da aliança de Javé, e também a todos os anciãos de Israel. ¹⁰E Moisés lhes ordenou: “No fim de cada sete anos, no ano da remissão, durante a festa das Tendias, ¹¹quando todo o Israel vier apresentar-se diante de Javé seu Deus, no lugar que ele tiver escolhido, você proclamará esta Lei a todo o Israel. ¹²Reúna o povo, homens e mulheres, as crianças e o imigrante que está em suas cidades, para que ouçam e aprendam a temer Javé, o Deus de vocês, e coloquem em prática todas as palavras desta Lei. ¹³E seus filhos que ainda não sabem, ouvirão e aprenderão a temer Javé, o Deus de vocês, todos os dias em que viverem na terra, da qual vocês tomarão posse ao atravessar o Jordão”. [9-13]

O cântico do julgamento — ¹⁴Então Javé disse a Moisés: “O dia da sua morte está chegando. Chame Josué e apresentem-se na tenda da reunião, para que eu dê a ele as minhas ordens”. Moisés e Josué foram à tenda da reunião. ¹⁵Javé apareceu na tenda numa coluna de nuvem, que se colocou à entrada da tenda. ¹⁶Javé disse a Moisés: “Veja! Você vai descansar com os seus antepassados, e este povo se prostituirá com os deuses da terra estrangeira onde está para entrar.

Ele vai me abandonar, rompendo a aliança que fiz com eles. ¹⁷Nesse dia, minha cólera se inflamará contra o povo, e eu os abandonarei, e esconderei deles a minha face. Então ele será devorado, e muitos males e desgraças o atingirão. E nesse dia o povo dirá: ‘Deus não está mais comigo. É por isso que essas desgraças me atingiram’. ¹⁸Sim, nesse dia eu esconderei a minha face, por causa de todo o mal que o povo terá feito ao se voltar para outros deuses. ¹⁹Agora escrevam este cântico e o ensinem aos israelitas. Coloque-o na boca deles, para que seja um testemunho a meu favor contra os israelitas. ²⁰Quando eu tiver introduzido o povo na terra onde corre leite e mel, que eu prometi dar a seus antepassados, ele comerá até ficar satisfeito, engordará e se voltará para outros deuses e os servirá, desprezando-me e rompendo a minha aliança. ²¹Por isso, quando muitos males e desgraças o tiverem atingido, este cântico deporá contra ele como testemunho, porque não será esquecido pelos seus descendentes. Conheço bem o projeto que ele está fazendo hoje, antes mesmo que eu o introduza na terra que prometi”.

²²Nesse mesmo dia, Moisés escreveu este cântico e o ensinou aos israelitas. ²³Então Javé ordenou a Josué, filho de Nun: “Seja forte e corajoso! Pois você introduzirá os israelitas na terra que eu lhes prometi. Eu estarei sempre com você”.

Este livro é um testemunho — ²⁴Quando acabou de escrever num livro toda esta Lei, ²⁵Moisés ordenou aos levitas que carregavam a arca da aliança de Javé: ²⁶“Peguem este livro da Lei e o coloquem ao lado da arca da aliança de Javé seu Deus. Ele ficará aí como testemunho contra você, ²⁷porque eu conheço bem o espírito rebelde e a cabeça dura que você tem. Se vocês se revoltam contra Javé enquanto ainda estou vivo, o que acontecerá depois da minha morte?” [\[24-27\]](#)

O povo diante do julgamento — ²⁸Moisés continuou: “Reúnam junto a mim todos os anciãos das tribos e os oficiais, para que eu recite estas palavras na presença deles, e tome o céu e a terra como testemunhas contra eles. ²⁹Porque eu sei que depois da minha morte vocês vão se corromper completamente, desviando-se do caminho que lhes ordenei. Então o mal lhes acontecerá no futuro, porque vocês terão praticado o que Javé reprova, irritando-o com as ações de vocês”. ³⁰Então Moisés recitou até o fim, na presença de toda a assembleia de Israel, o seguinte cântico: [\[14-23.28-30\]](#)

1. Cântico de Moisés: a lição da história

32 *Deus é Justiça* — ¹Escute, ó céu, que eu falarei.
Ouça, ó terra, as palavras da minha boca.

²Desça como chuva meu ensinamento e minha palavra se espalhe
como orvalho;
como chuvisco sobre relva macia
e aguaceiro em grama verdejante.

³Vou proclamar o nome de Javé, e vocês engrandecem o nosso Deus.

⁴Ele é a Rocha, e sua obra é perfeita, porque toda a sua conduta é o Direito.
É Deus fiel e sem injustiça:
Ele é a Justiça e a Retidão. [32,1-4]

Israel se corrompeu — ⁵Os filhos degenerados pecaram contra ele,
são uma geração
depravada e perversa.

⁶É isso que vocês devolvem a Javé, povo idiota e sem sabedoria?
Ele não é o pai e criador de vocês?
Ele próprio fez você e o sustentou. [5-6]

Deus beneficiou Israel — ⁷Recorde os dias que se foram,
repasse gerações e gerações.

Pergunte a seu pai e ele contará, interrogue os anciãos e eles lhe dirão.

⁸Quando o Altíssimo repartia as nações e quando espalhava os filhos de Adão,
ele marcou fronteiras para os povos, conforme o número dos filhos de Deus.

⁹Mas a parte de Javé foi o seu povo, o lote da sua herança foi Jacó.

¹⁰Ele o encontrou numa terra árida, num deserto solitário e cheio de uivos.
Cercou-o, cuidou dele
e o guardou com carinho,
como se fosse a menina de seus olhos.

¹¹Como águia que cuida do seu ninho e revoa por cima dos filhotes,
ele o tomou, estendendo suas asas, e o carregou em cima de suas penas.

¹²O único a conduzi-lo foi Javé.
Nenhum deus estrangeiro
o acompanhou.

¹³ Ele o colocou sobre os montes e o alimentou com produtos do campo.

Ele o criou com mel silvestre,
e com óleo de uma dura pedreira; ¹⁴ com coalhada de vaca e leite de ovelha,
gordura de carneiros e cordeiros; com manadas de Basã e cabritos,
com a flor da farinha de trigo
e o sangue da uva, que bebe fermentado. [7-14]

Israel abandonou a Deus — ¹⁵ Jacó comeu e ficou satisfeito,

Jesurun engordou e deu coices
— ficou gordo, robusto e corpulento —
rejeitou o Deus que o fizera,
desprezou sua Rocha salvadora.

¹⁶ Eles lhe provocaram o ciúme com deuses estranhos
e o irritaram com suas abominações.

¹⁷ Sacrificaram a demônios, falsos deuses, a deuses que não haviam conhecido,
deuses novos, recentemente chegados, que seus antepassados não temiam.

¹⁸ Você desprezou a Rocha que o gerou e esqueceu o Deus que lhe deu a vida.
[15-18]

Deus corrige Israel — ¹⁹ Javé viu tudo, ficou enfurecido,
e rejeitou seus filhos e suas filhas.

²⁰ Ele disse: “Vou esconder deles o meu rosto
e ver qual será o seu futuro”,
porque são uma geração perversa, são filhos que não têm fidelidade.

²¹ Eles provocaram meu ciúme com um deus falso,
e me irritaram com seus ídolos vazios.

Por isso vou provocar o ciúme deles com um povo falso,
vou irritá-los com uma nação idiota.

²² O fogo da minha ira está ardendo e vai queimar até a mansão dos mortos; vai
devorar a terra e seus produtos, e abrasar o alicerce das montanhas.

²³ Vou acumular males sobre eles e contra eles vou esgotar
as minhas flechas.

²⁴ Ficarão enfraquecidos pela fome, consumidos por febres e pestes violentas.
Mandarei contra eles os dentes das feras com o veneno de serpentes do deserto.

²⁵ Fora, a espada levará seus filhos e, dentro o terror se instalará.
Todos perecerão: o jovem e a donzela, a criança de peito
e o velho de cabelos brancos. [19-25]

Javé acusa as nações — ²⁶ Então pensei: “Vou reduzi-los a pó,
e apagar sua memória
do meio dos homens”.

²⁷ Mas eu temi a arrogância dos inimigos, a má interpretação dos adversários.
Eles diriam: “Nossa mão venceu,
não foi Javé quem fez isso”.

²⁸ Porque é uma nação sem juízo e que não tem inteligência.

²⁹ Se fossem sábios, entenderiam tudo isso e saberiam discernir o seu futuro.

³⁰ Como pode um homem sozinho perseguir mil,
e dois pôr em fuga dez mil?

Não é porque sua Rocha os vendeu e porque Javé os entregou?

³¹ Sim, a rocha deles não é como a nossa Rocha
e nossos inimigos podem atestar.

³² Pois a vinha deles é vinha de Sodoma e vem das plantações de Gomorra; suas
uvas são uvas venenosas
e seus cachos são amargos.

³³ O vinho deles é veneno de serpente, violenta peçonha de cobras. [26-33]

Javé corrige as nações — ³⁴ Isso não está guardado junto a mim
e lacrado em meus tesouros?

³⁵ A mim pertencem a vingança e a represália
no dia em que o pé deles escorregar, porque o dia da ruína deles
já vem chegando,
e o seu destino futuro se aproxima.

³⁶ Sim, Javé fará justiça a seu povo e terá piedade de seus servos.

Ao ver que a mão deles vai fraquejando, e não há mais nem livre nem escravo,

³⁷ Javé dirá: “Onde estarão os deuses deles,
a rocha onde buscavam seu refúgio?

³⁸ Vocês não comiam a gordura dos sacrifícios deles?
Não bebiam o vinho de suas libações?

Que esses deuses se ponham em pé e os socorram
e sejam eles a proteção de vocês!

³⁹E agora, vejam bem: Eu sou eu e fora de mim não existe outro Deus.

Eu faço morrer e faço viver,
sou eu que firo e torno a curar, e ninguém se livra da minha mão.

⁴⁰Sim, eu levanto a mão para o céu e juro: Tão verdade como eu vivo eternamente, ⁴¹quando eu afiar minha espada fulgurante e minha mão agarrar o Direito, eu tomarei vingança do meu adversário e retribuirei àqueles que me odeiam.

⁴²Embriagarei minhas flechas com sangue e minha espada devorará a carne, sangue dos mortos e cativos, da cabeça dos chefes inimigos”.

⁴³Nações, aclamem todas a Javé com seu povo, porque ele vingará o sangue de seus servos, tomando vingança de seus adversários.

Ele purifica a sua terra e o seu povo.

⁴⁴Moisés foi com Josué, filho de Nun, e recitou esse cântico inteiro na presença do povo. [\[34-44\]](#)

A fonte da vida — ⁴⁵Moisés terminou de falar essas palavras a todo o Israel, ⁴⁶e acrescentou: “Fiquem atentos a todas as palavras que hoje tomo como testemunho contra vocês. E vocês mandarão que seus filhos as observem, colocando em prática todas as palavras desta Lei. ⁴⁷Não é uma palavra inútil, porque ela é a vida de vocês, e é por meio dessa palavra que vocês prolongarão a vida na terra, da qual vão tomar posse, depois de atravessar o rio Jordão”. [\[45-47\]](#)

⁴⁸Nesse mesmo dia, Javé falou a Moisés: ⁴⁹“Suba à região montanhosa de Abarim, sobre o monte Nebo, na terra de Moab, na frente de Jericó, e contemple a terra de Canaã, que eu vou dar como propriedade aos filhos de Israel. ⁵⁰Você morrerá no monte em que tiver subido e se reunirá com seus antepassados, assim como seu irmão Aarão, que se reuniu ao seu povo no monte Hor. ⁵¹Porque vocês foram infiéis a mim no meio dos israelitas, junto às águas de Meriba em Cades, no deserto de Sin, e não reconheceram a minha santidade no meio dos israelitas. ⁵²Por isso, você contemplará de longe a terra, mas não poderá entrar na terra que eu vou dar aos israelitas”. [\[48-52\]](#)

2. Bênção de Moisés: um povo abençoado por Javé

33¹Esta é a bênção que Moisés, homem de Deus, antes de morrer pronunciou sobre os israelitas:

²Javé veio do Sinai,
amanheceu para eles de Seir,
resplandeceu do monte Farã.
Veio a eles da assembleia de Cades,
desde o sul até as encostas.

³Na frente, vai o favorito dos povos,
à sua direita seguem os guerreiros
e com a esquerda ele dirige seus santos.
Eles se prostram à sua passagem
e marcham sob suas ordens.

⁴Moisés deu-nos uma lei,
uma herança para a assembleia de Jacó.

⁵Houve um rei em Jesurun,
quando os chefes do povo se reuniram
e, ao mesmo tempo,
as tribos de Israel.

⁶Viva Rúben e não morra,
e sejam inumeráveis os seus homens.

⁷Eis o que ele diz sobre Judá:
Ouve, Javé, a voz de Judá
e introduze-o no teu povo.
Que tuas mãos o defendam:
tu o protegerás contra os inimigos.

⁸Sobre Levi ele diz:
Entrega a Levi teus *Urim*,
e teus *Tumim* ao homem que amas,
que puseste à prova em Massa
e desafiaste junto às águas de Meriba.

⁹Ele diz de seu pai e de sua mãe:
“Eu nunca vi vocês”.
Ele não reconhece mais seus irmãos

e ignora seus filhos.

Sim, eles observam a tua palavra
e guardam a tua aliança.

¹⁰ Eles ensinam as tuas normas a Jacó
e tua lei a Israel.

Eles oferecem incenso em tua presença
e holocaustos em teu altar.

¹¹ Abençoa a força dele, ó Javé,
e aceita a obra de suas mãos.
Fere os rins dos adversários dele,
e que os inimigos dele não se levantem.

¹² Sobre Benjamim ele diz:
O amado de Javé habita tranquilo
junto àquele que o protege todos os dias,
e que repousa entre suas colinas.

¹³ Sobre José ele diz:
A terra dele é abençoada por Javé:
dele é o melhor orvalho do céu
e do abismo subterrâneo;

¹⁴ o melhor dos produtos anuais
e o melhor dos frutos mensais;

¹⁵ os primeiros frutos dos montes antigos
e o melhor das colinas de outrora;

¹⁶ o melhor da terra e da sua riqueza.
Que o favor daquele que habita na sarça
desça sobre a cabeça de José,
sobre a fronte do escolhido
entre seus irmãos.

¹⁷ Ele é seu touro primogênito
e a glória lhe pertence.
Seus chifres são chifres de búfalo:
com eles investe contra os povos
até as extremidades da terra.
São estas as miríades de Efraim
e estes os milhares de Manassés.

¹⁸ Para Zabulon ele diz:

Seja feliz em suas expedições, Zabulon,
e você, Issacar, em suas tendas.

¹⁹ Sobre a montanha

onde os povos invocam,
eles oferecem sacrifícios de justiça,
pois exploram as riquezas do mar
e os tesouros escondidos na areia.

²⁰ Sobre Gad ele diz:

Abençoado aquele que amplia Gad.
Ele se agacha como leoa,
destroçando braços e crânio.

²¹ Ele escolheu para si os primeiros frutos,
a parte reservada ao chefe.

Tornou-se chefe do povo,
executando a justiça de Javé
e suas normas sobre Israel.

²² Sobre Dã ele diz:

Dã é um filhote de leão,
que salta de Basã.

²³ Sobre Neftali ele diz:

Neftali é saciado de favores
e repleto das bênçãos de Javé:
ele toma posse do mar e do sul.

²⁴ Sobre Aser ele diz:

Abençoado seja Aser entre os filhos,
seja ele o favorito entre os irmãos,
e banhe seu pé no óleo.

²⁵ De ferro e bronze sejam suas trancas,
e sua força dure como seus dias.

²⁶ Ninguém é como o Deus de Jesurun:
ele cavalga o céu em seu auxílio
e as nuvens, com sua majestade.

²⁷ O Deus de outrora é o seu refúgio;
aqui embaixo, ele é o braço eterno

que expulsa o inimigo de sua frente,
e vai dizendo: “Destrua!”

²⁸Israel repousa em segurança;
a fonte de Jacó fica separada,
numa terra de trigo e vinho,
sob um céu que destila orvalho.

²⁹Feliz de você, Israel!
Quem é como você, povo salvo
por Javé?
Ele é o escudo que o protege
e a espada que o conduz à vitória.
Seus inimigos vão querer adular você,
mas você lhes pisará nas costas. [33,1-29]

34 *Morte de Moisés* — ¹Então Moisés subiu das estepes de Moab ao monte Nebo, ao pico do Fasga, que fica na frente de Jericó. E Javé lhe mostrou toda a terra: desde Galaad até Dã, ²todo o Neftali, a terra de Efraim e Manassés, toda a terra de Judá até o mar Mediterrâneo, ³o Negueb, o distrito da planície de Jericó, cidade das palmeiras, até Segor. ⁴E Javé falou a Moisés: “Essa é a terra que prometi a Abraão, Isaac e Jacó, quando eu disse: ‘Eu a darei à sua descendência’. Eu estou lhe mostrando essa terra, mas você não atravessará até ela”.

⁵E Moisés, servo de Javé, morreu aí mesmo, na terra de Moab, conforme a palavra de Javé. ⁶Foi sepultado no vale, na terra de Moab, na frente de Bet-Fegor. Até hoje, ninguém sabe onde fica a sepultura dele. ⁷Moisés tinha cento e vinte anos quando morreu. Sua vista não tinha enfraquecido, nem se esgotara seu vigor. ⁸Os israelitas choraram por Moisés, nas estepes de Moab, durante trinta dias, até que terminou o luto por Moisés.

⁹Josué, filho de Nun, estava repleto do espírito de sabedoria, pois Moisés havia imposto as mãos sobre ele. E os israelitas obedeceram a Josué, agindo conforme Javé tinha ordenado a Moisés. [34,1-9]

Moisés, modelo de profeta — ¹⁰Em Israel nunca mais surgiu outro profeta como Moisés, a quem Javé conhecia face a face. ¹¹Ninguém o igualou em todos os sinais e prodígios que Javé o mandou realizar no Egito contra o Faraó, contra toda a sua corte e contra sua terra. ¹²Ninguém se igualou a Moisés na mão forte

e em todos os feitos grandiosos e terríveis que ele realizou aos olhos de todo o Israel. [10-12]

NOTAS

[1,1-5] Termina a etapa educativa do deserto e Israel se prepara para entrar na terra prometida. O livro todo é uma instrução *inculcada*, isto é, que deve ser continuamente repetida e lembrada, a fim de que Israel realize um novo projeto de vida, ao se fixar na terra.

[6-18] A meta da libertação é a terra prometida. Não basta, porém, chegar aí. É preciso construir uma sociedade nova, onde se realize a justiça, que é fonte de liberdade e dignidade. Para isso, deve ser criada uma estrutura que funcione de forma imparcial, para que as relações sejam justas.

[19-33] Cf. nota em Nm 13,1-33. Moisés deixa claro que o projeto, em que o povo está envolvido, é o projeto de Deus: não há o que temer. Pela primeira vez na Bíblia, Javé é apresentado como pai, e Israel como seu filho: o povo de Deus é formado de irmãos, chamados a viver em *fraternidade*.

[34-46] Quando o povo se acovarda, abandonando a luta que o projeto de Deus exige, esse projeto se esvazia e o processo histórico fica retardado. É inútil querer antecipar ou atrasar o projeto de Deus: desse modo, o povo não chega a lugar nenhum. Cf. também nota em Nm 14,1-45.

[2,1-25] A terra dos amorreus (ou cananeus) é dada a Israel para que este construa aí uma nova sociedade. Por outro lado, Israel deve respeitar os territórios de Edom, Moab e Amon, pois essas nações “parentes” já vivem uma forma alternativa de sociedade.

[26-37] Cf. nota em Nm 21,21-35. Sobre o *anátema*, cf. Nm 21,1-3.

[3,1-11] Og é uma personagem quase desconhecida. Provavelmente foi derrotado por amonitas, dos quais um grupo se uniu mais tarde aos israelitas. Pouco a pouco, os grupos vão se unindo na luta para formar um novo povo, com projeto alternativo de sociedade, cujo único Deus é Javé.

[12-22] Cf. nota em Nm 32,1-42.

[23-29] Moisés é solidário a uma geração que duvidou do projeto de Javé (cf.

Nm 20,1-13). Apesar de ver a meta de chegada, o líder está profundamente comprometido com o povo e participa da sua incerteza. Somente uma geração nova conquistará um espaço novo.

[4,1-8] O Deuteronômio é um conjunto de *estatutos e normas* que visam levar a uma prática de vida conforme a Aliança com Javé, dentro da terra prometida. Trata-se de uma nova *Constituição*. Com ela, Israel viverá segundo a sabedoria e a justiça, isto é, segundo o projeto de Javé. Não há nenhum legalismo, pois entre Javé e seu povo existe uma relação de parceiros: Javé responde todas as vezes que é *invocado*. Javé é um Deus que não fica preso a leis, mas está sempre aberto para responder às novas situações do seu povo.

[9-20] Israel deve lembrar-se permanentemente do *acontecimento libertador*, que fundou a sua existência como povo. No momento da Aliança, Israel não viu uma forma; apenas ouviu *a voz*, que lhe comunicava o Decálogo como *Constituição básica* de uma vida social justa e digna. Israel, portanto, é um *povo único*: não deve adorar deuses dos opressores cananeus (imagens de homem e mulher), dos egípcios (imagens de animais) ou dos mesopotâmicos (adoração dos astros). A originalidade de Israel é ter descoberto o único Deus vivo que age na história: ele leva o seu povo para a liberdade e a vida, dentro de uma relação social justa e fraterna. Esse Deus não pode ser aprisionado numa representação visual ou em sistemas de pensamento. Javé é maior do que qualquer teologia.

[21-31] O destino do povo na terra dependerá da sua fidelidade à Aliança e ao projeto de Javé. Se o povo praticar a idolatria, servindo a falsos absolutos, perderá a terra e irá para o exílio: seu maior castigo será servir a deuses que não poderão libertá-lo. Se o povo se converter, Javé intervirá, dando-lhe consciência e vida.

[32-40] A grande maravilha é Javé, o único Deus vivo que age na história. Sua ação nasce da fidelidade à Aliança, liberta o povo, lhe revela seu caminho e lhe dá a terra. Não existe outro Deus que faça isso: todos os outros são falsos absolutos.

[41-43] Cf. nota em Nm 35,9-34.

[44-49] Estes dados resumem o que já foi apresentado em Dt 1-3.

[5,1-22] Cf. nota em Ex 20,1-21. Note-se que o texto do Deuteronômio frisa uma atualização contínua da Aliança (v. 2). O 3º *mandamento* (vv. 12-15) tem motivação social: Israel já experimentou a escravidão; por isso, o repouso do sábado torna-se uma comemoração semanal da libertação. Além do mais, esse

mandamento impulsiona para uma relação social igualitária: “Desse modo, seu escravo e sua escrava poderão repousar como você”. O 9º e o 10º mandamentos aparecem bem distintos, pois o Deuteronômio usa dois verbos diferentes (*cobiçar* e *desejar*) para distinguir entre a mulher e as coisas pertencentes ao próximo. Acrescentando o *campo* como objeto de desejo, o texto condena um sistema econômico no qual o camponês pobre, e talvez endividado, acaba perdendo seu meio de subsistência.

[23-31] O livro do Deuteronômio (“estatutos e normas”), escrito basicamente no séc. VIII a.C., é idealizado como o texto de uma renovação da aliança, feita em Moab, antes de Israel entrar na terra de Canaã. O texto se apresenta com autoridade porque provém de Deus, através de Moisés. Desse modo, todas as leis do Deuteronômio são apresentadas com o mesmo valor do Decálogo.

[5,32-6,3] As leis a seguir (Dt 12-26) são apresentadas como vontade de Javé; é ele quem dirige o povo. Este, levando-as à prática, poderá organizar uma sociedade justa e prolongar sua vida na terra que Deus lhe dá.

[4-9] Estes versículos são o núcleo fundamental da teologia do Deuteronômio. Javé é o *único* Deus. Portanto, a vida do homem também deve ser *única*, expressando uma resposta de adoração ao único Deus. Tal resposta é um *amor total*, que penetra e informa a consciência (coração), o ser (alma) e a ação (força). Esse amor total deve ser interiorizado, tornando-se a base da consciência (coração). Deve constituir o objeto primeiro e contínuo de toda a educação (inculcar nos filhos), em todas as situações (sentado, andando, deitado, de pé). O amor é que dirige a ação (mãos) e as intenções (faixa entre os olhos). Deve ser vivido na família (batentes da casa) e na sociedade (portas da cidade). Mais do que leis, o Deuteronômio procura mostrar como deve ser a vida: uma resposta de amor a Deus, que se expressa em todas as relações humanas.

[10-19] O grande risco da prosperidade é o fato de que ela pode vir acompanhada de um espírito de auto-suficiência que leva a *esquecer Javé*, o único Deus que liberta da escravidão. Essa auto-suficiência produz a idolatria, mãe de novas escravidões. Javé é o Deus que suscita liberdade e vida. Por isso, só a ele o povo deve reconhecer como Deus (temor), adorando-o com sua própria vida (servir) e tomando-o como garantia de relações humanas autênticas (jurar pelo nome de Javé). *Tentar a Deus* é ter a ousadia de pedir a ele provas e sinais contrários ao seu projeto de liberdade e vida para todos.

[20-25] O texto nos mostra que a família é o lugar privilegiado da catequese, e que educação humana e educação na fé são inseparáveis. O centro dessa

educação é transmitir uma consciência histórica: a experiência do Deus que liberta e dá a vida. O povo concretiza tal experiência numa legislação (testemunhos, estatutos e normas — Dt 12-26). Essa legislação visa a sustentar a prática da *justiça*, a fim de manter uma vida social na liberdade e na dignidade.

[7,1-6] Israel é povo consagrado exclusivamente a Javé, porque escolheu viver dentro de uma aliança com ele. E isso significa construir uma sociedade que se funda na justiça e provoca ruptura com o modo de viver de outras nações. O povo de Deus é chamado a romper de modo definitivo com qualquer sistema de sociedade que não corresponda ao projeto de Deus. A grande originalidade desse povo consiste em consagrar a sua vida no esforço de concretizar historicamente esse projeto divino que quer liberdade e vida para todos. Sobre o *anátema*, cf. nota em Nm 21,1-3.

[7-15] Enquanto os homens costumam escolher os ricos e os poderosos para assegurarem ainda mais os próprios interesses e privilégios, Deus escolhe os pobres e fracos. No seu amor, Deus se alia aos oprimidos, liderando-os na conquista da liberdade e da vida, e ensinando-os a viver na fraternidade e partilha. Ele só quer que o povo realize o seu projeto: construir uma sociedade conforme a justiça e o direito, praticando uma legislação (normas, cf. Dt 12-26) que assegure a bênção de vida, saúde e prosperidade para todos. Cf. 1Cor 1,17-31 e nota.

[16-26] Para formar uma sociedade segundo o projeto de Deus, o povo deverá enfrentar uma luta árdua contra as nações que têm outros projetos. Mas não deverá temer nem desanimar: basta rever a história e lembrar-se da grande vitória sobre o Faraó. Além disso, deverá destruir os falsos absolutos que produzem relações sociais fundadas na opressão e desigualdade (ídolos, ideologias, riquezas etc.). O novo projeto de sociedade não pode ser contaminado com nada daquilo que sustentava o sistema anterior.

[8,1-5] Entre a libertação e a formação de uma nova sociedade (terra) há um longo período de educação (deserto). Esse período visa a testar, de todos os modos, se o povo será capaz ou não de permanecer fiel ao projeto que iniciou. O grande risco seria acomodar-se numa situação de prosperidade e abundância já conseguidos (pão), esquecendo-se de que é preciso continuar sempre conquistando a liberdade e a vida para todos (aquilo que sai da boca de Javé = Decálogo). Sobre o v. 3, cf. nota em Mt 4,1-11.

[6-20] O *temor de Javé* (v. 6) é o conceito básico de todo o livro. Insistindo em

não esquecer Javé (vv. 11.14.19) e lembrar-se de Javé (v. 18), o texto critica a *auto-suficiência* de quem esquece que Javé é o Senhor da liberdade e da vida e que é ele quem concede os dons da vida. Quem se esquece disso, acaba transformando a liberdade em poder que gera a opressão, e os bens da vida em posse que, pela exploração e acumulação, gera a riqueza. Temer a Javé é lembrar-se sempre de que o homem não é Deus e nem pode usurpar o lugar de Deus. É estar sempre consciente de que é Javé quem concede a liberdade e os dons da vida a todos, para uma relação livre na partilha e na fraternidade. Esquecê-lo é perverter a consciência (v. 14), tornando-se auto-suficiente e absoluto, isto é, fechado em si mesmo. Isso acaba gerando a soberba e o orgulho, que transformam a relação social em ganância pelo poder e cobiça pela posse.

[9,1-6] A conquista da terra é *dom* de Javé para seu povo, e não *mérito* de Israel. Javé, o Senhor da história, realiza a justiça, aliando-se aos injustiçados para derrotar aqueles que fabricam a injustiça. O texto condena qualquer auto-suficiência baseada no mérito: um povo vitorioso numa revolução não é necessariamente mais justo do que os derrotados; ele também deverá aprender o caminho da justiça, para construir uma sociedade nova.

[7-29] Para construir uma nova sociedade, é importante cada povo rever a própria história, para descobrir os erros e corrigir o próprio caminho. O bezerro de ouro é uma tentativa de representar visivelmente a presença de Javé. Isso traz o perigo de transformar Javé num ídolo, sempre manipulável, violando o segundo mandamento do Decálogo. Diante da infidelidade, Javé quer destruir o povo e escolher outro. A súplica de Moisés, porém, lembra que Javé está comprometido com o povo, em força da promessa feita aos antepassados. Quebrando as tábuas, Moisés mostra que o comportamento do povo foi uma violação da Aliança. O bezerro feito pó é uma prova de que se trata apenas de um ídolo material, sem poder algum. Cf. também Ex 32 e notas.

[10,1-11] O Decálogo dentro da arca da Aliança é o sinal do compromisso: Israel precisa viver a Aliança com Deus, formando uma sociedade justa e digna. Os levitas foram os principais responsáveis pelas instruções que vieram a formar o livro do Deuteronômio.

[12-22] Viver em Aliança com Javé implica reconhecer que Javé é Deus e o homem não é Deus (temor), e que relacionar-se exclusivamente com Javé exige uma nova relação com todas as criaturas (amor). Viver esse amor-temor significa reconhecer Javé como único Deus (servir) e obedecer à sua vontade

(mandamentos do Código Deuteronômico — cf. Dt 12-26). Não se trata de obediência formal: é necessária uma radical transformação da consciência, a fim de realizar a justiça de Javé, ou seja, comprometer-se com os pobres e marginalizados (imparcialidade, não aceitação de suborno, justiça para com o órfão, a viúva e o imigrante). A grandeza da Aliança consiste em ser aliado do Senhor do universo e da história, que quis unir-se aos pobres e oprimidos, para construir a história da liberdade e da vida.

[11,1-7] O Código Deuteronômico (estatutos, normas e mandamentos — cf. Dt 12-26) é um compêndio de educação para o povo. Retomando a experiência vivida, o texto salienta que o verdadeiro processo educativo consiste em transmitir a experiência concreta, que leva a um comportamento prático. A primeira coisa a ser transmitida é a experiência do Deus libertador que derrota os poderosos para tirar o povo da escravidão. Essa experiência fundamental leva as novas gerações a interiorizar uma lei que indica o caminho da liberdade e da vida. Sobre Datã e Abiram, cf. nota em Nm 16.

[8-17] A vida do povo na terra dependerá de sua atitude para com Deus: se for fiel à Aliança, terá vida e prosperidade; se for infiel, terá carestia e morte. Na terra da desigualdade (Egito), o sustento era custoso e exigia muito trabalho. Na terra onde reina a justiça de Javé (Terra Prometida), o dom da vida é repartido igualitariamente, proporcionando abundância e prosperidade para todo o povo.

[18-32] Sobre os vv. 18-21, cf. nota em 6,4-9. A conquista e a vida na terra dependerão da atitude que o povo tiver diante do projeto de Deus. Tal atitude acarretará bênçãos ou maldições: a bênção para a fidelidade ao projeto de Javé expresso nas leis do Deuteronômio, que ajudam o povo a viver na justiça e na prosperidade; a maldição, se o povo servir a outros deuses, realizando projetos contrários ao projeto de Javé.

[12,1] Os capítulos 12-26, inseridos no segundo discurso de Moisés, são um conjunto de leis formando o projeto para uma nova sociedade. Essas leis não têm caráter jurídico. Elas se apresentam como instruções ou indicações para uma relação social justa, pois visam a uma sociedade igualitária, onde todos possam ter acesso à liberdade e à vida. O fundamento dessas leis é o Decálogo (5,1-22), cujo espírito (amor e temor a Javé) é detalhado em leis que procuram responder aos conflitos concretos. Tomado no seu conjunto, o Código busca uma coerência entre a celebração da Aliança e a vida prática a ser vivida de acordo com a vontade de Javé.

[12,2-13,1] O povo de Deus adora unicamente a Javé, o Deus libertador, mantendo-se longe do culto aos deuses dos opressores, que geram desigualdade e escravidão. Note-se que o santuário, segundo o Deuteronômio, não é o lugar da presença de Javé, mas o lugar do seu *nome*: no Templo o povo se reúne para rever a sua vida e projetar a sua história, invocando o parceiro da Aliança. As festas e celebrações têm sempre caráter social, porque nelas o povo se encontra e reparte alegremente os dons recebidos de Javé. O Dt relembra sempre o *levita*, cuja pregação formou as tradições que se cristalizaram neste livro. Sobre o *sangue*, cf. nota em Lv 17,1-16.

[13,2-19] O texto reflete uma lei teórica, porque não apresenta uma prática comum, mas um ideal; neste caso, trata-se de eliminar completamente qualquer infiltração de idolatria. Para um povo liberto da escravidão e comprometido com o projeto de uma sociedade alternativa, o maior erro seria alienar-se novamente, aderindo a falsos absolutos, que só produzem escravidão.

[14,1-2] Javé é o Deus vivo, e um dos pontos mais altos da revelação é apresentá-lo como Pai. O povo deve repartir a vida, dom de Deus, em clima de fraternidade. O v. 1 não trata propriamente do culto aos mortos, mas do culto a Baal, deus da natureza, adorado pelos cananeus. A morte de Baal era celebrada no início do verão, quando a vegetação desaparecia. Sobre o v. 2 cf. nota em 7,1-6.

[3-21] Cf. nota em Lv 11,1-47.

[22-29] O Deuteronômio encara toda a produção da natureza como dom de Javé, que abençoa o seu povo. Para manter viva essa consciência da gratuidade e evitar o espírito de posse, o povo oferecerá o dízimo. Não se diz que esse dízimo seja reservado ao santuário ou aos sacerdotes: tudo é consumido num grande sacrifício de comunhão, onde todos se alegram repartindo entre si os dons que receberam. Além disso, a cada três anos recolhe-se um dízimo especial para beneficiar os deserdados (v. 29): era a maneira de provocar uma tomada de consciência sobre as desigualdades sociais e sobre a necessidade de criar relações econômicas justas, para que todos tenham vida digna.

[15,1-11] O ano da remissão visava a possibilitar um recomeço de vida ao povo empobrecido e endividado. No projeto de Deus, a sociedade justa é aquela onde poder e riqueza são repartidos de modo que não haja oprimidos e pobres, mas sim liberdade e vida para todos. No povo de Deus, todos são irmãos e, enquanto

houver um só pobre, a sociedade toda é responsável e deverá prover às necessidades dele. Enquanto o projeto de Deus não se concretiza historicamente, os pobres aí estão, clamando a Deus e exigindo justiça contra uma estrutura social pecaminosa (cf. Mc 14,7).

[12-18] Muitas pessoas ficavam tão empobrecidas e endividadas que se viam forçadas a vender a si mesmas com os filhos e filhas, para trabalhar como escravos. A lei concede a esses a possibilidade de recomeçar uma vida livre. Para isso, relembra aos patrões a experiência histórica da escravidão no Egito: o povo de Deus deve continuar realizando o gesto libertador de Deus no êxodo. Mas não basta dar a liberdade; é preciso dar possibilidades de a pessoa recomeçar a vida. Por isso, é preciso repartir, com o escravo liberto, tudo o que foi ganho, graças à exploração da força de trabalho. A lei tem profundo caráter humanitário, pois iguala a situação do homem e da mulher (hebreu-hebreia) e nivela a relação entre senhor e escravo (irmãos).

[19-23] O primogênito contém simbolicamente em si toda a prole do rebanho, lembrando que Javé é quem sustenta a vida. Por isso, o animal primogênito não deve ser explorado comercialmente, mas ser oferecido e consumido em espírito de gratidão pelo dom de Deus.

[16,1-17] Sobre as festas, cf. notas em Ex 12,1-14.15-20.21-28; 23,14-19. O Dt destaca que as festas são ocasiões de alegria e gratidão, reconhecendo em Javé o Deus que dá a liberdade e a vida. Note-se também que são momentos de confraternização social, onde desaparecem as desigualdades: as festas de Javé devem ser o sinal de uma sociedade que reparte entre todos a liberdade e a vida.

[18-20] O exercício da autoridade mais necessário ao povo é o da justiça. Sua função é defender a causa do fraco e do pobre. Para isso, não se pode viciar a interpretação da lei, criando diferença entre as classes das pessoas julgadas. O mais sério, porém, é perverter a função da magistratura por interesses econômicos.

[16,21-17,7] As leis de 16,21-22 estariam bem no cap. 12. Os postes sagrados (figuração de divindades femininas) e as estelas (figuração de divindades masculinas) são instrumentos do culto cananeu, que Israel deve evitar a qualquer custo. O texto de 17,2-7 talvez fizesse parte do conjunto do cap. 13. Cf. nota em 13,2-19.

[8-13] O santuário funcionava também como tribunal de última instância, dirigido pelo sacerdote e por um juiz delegado para a causa. A sentença obriga

em caráter irrevogável, pois é dada através de rituais de sorte, onde o próprio Javé age como juiz.

[14-20] É a única vez que o Deuterônômio menciona o rei, e o faz de maneira crítica, apontando os limites da autoridade política. A lei reflete o espírito democrático das tribos do Norte: Javé escolhe o rei através do povo, e ele deve ser um dos irmãos, isto é, alguém que represente os anseios populares. Ao mesmo tempo, colocam-se restrições, para evitar desvios no exercício do poder. Condena-se qualquer regime arbitrário: como todo o povo, também o rei está a serviço da lei, e até mesmo a duração do seu governo depende disso. Para evitar que o rei se torne absoluto ordena-se: 1) que ele não multiplique seu exército, servindo-se do poderio militar para oprimir e escravizar o povo; 2) que ele não multiplique as esposas, não pelo casamento em si, mas porque tais casamentos implicavam aliança com outras nações, acarretando acordos que poderiam trair a causa do povo; 3) que o rei não acumule riquezas, pois sua função é servir o povo, e não explorá-lo.

[18,1-8] Proveniente do êxodo, o grupo dos levitas trouxe para as tribos a fé em Javé, o Deus libertador, que fermentava uma nova sociedade. Esse grupo não recebeu território próprio, mas vivia espalhado entre as tribos (cf. nota em Js 21). Havia dois tipos de levitas: um era mais ligado ao santuário e servia ao culto; outro, itinerante, cuidava de adaptar o Decálogo às novas situações vividas pelo povo. Os levitas itinerantes se identificavam com o povo marginalizado (Dt 12,12.19; 14,27; 16,11 etc.), e foram os principais responsáveis pela catequese que deu origem ao livro do Deuterônômio. Mostrando que havia conflito entre os levitas do santuário e os itinerantes, a lei em questão prevê igualdade de direitos para ambos os grupos.

[9-22] Todas as nações têm ideólogos que procuram preservar e dirigir a história e a sociedade de acordo com os interesses da classe dominante. Na antiguidade, essa função era exercida pelos adivinhos, astrólogos e magos, que as autoridades consultavam para tomar decisões importantes. O povo de Deus, porém, deve pertencer exclusivamente a Javé; por isso terá pessoas como Moisés, que orientarão para construir uma história e sociedade de acordo com o projeto do Deus do êxodo. Esse é o critério básico para distinguir entre o profeta e os ideólogos de uma sociedade contrária ao projeto de Javé.

[19,1-13] Cf. nota em Nm 35,9-34. Conforme os vv. 11-13 do nosso texto, a sociedade toda (anciãos) torna-se responsável pelo derramamento criminoso de

sangue inocente.

[14] A terra, dom que Javé distribui igualitariamente entre todos, é sinal da participação na Aliança. Esta lei procura preservar a justa distribuição da terra, impedindo que a acumulação de terras crie latifúndios. Grandes propriedades na mão de poucos é um roubo do dom de Javé, que é para todos.

[15-21] Toda pessoa tem direito à boa fama e honradez. Por isso, todo acusado tem o direito de se defender contra as arbitrariedades e interesses do acusador. Sobre a *lei do talião* (v. 21), cf. nota em Ex 21,18-27.

[20,1-9] A liberdade e a vida são dons de Deus para todos, e cada um tem o direito inalienável de usufruir delas. Por isso, o povo oprimido e explorado tem todo o direito de se organizar e lutar para reaver esses dons que lhe foram roubados.

A lei mostra profundo respeito pela vida: as exceções contemplam o direito de cada pessoa gozar do trabalho que ainda não foi usufruído (vv. 5-6) e o direito à descendência (v. 7). Aqui, no contexto de uma luta apoiada por Deus (vv. 1-4), o medo (v. 8) indica falta de fé e confiança.

[10-18] As cidades-estado de Canaã deverão ser completamente exterminadas, para evitar contaminações ideológicas e políticas (sobre a lei do anátema, cf. nota em Nm 21,1-3). Quanto às cidades distantes, a tática é fazer alianças. Quando isso não for possível, a força de resistência deverá ser eliminada (exterminio dos homens).

[19-20] A lei mostra uma preocupação ecológica: é questão de bom senso usar da melhor forma a natureza, mantendo para com ela aquele respeito que trará benefícios para o próprio homem.

[21,1-9] A vida é o maior dom de Deus, e a sociedade é responsável pela vida de todos e de cada um. O sangue derramado clama a Deus: se ele não for reparado de algum modo, a culpa recairá sobre a sociedade inteira. Todo homicídio transforma-se numa acusação contra a sociedade, pois esta gerou as condições que produzem a morte.

[10-14] A *mulher* é um ser humano que deve ser respeitado exatamente como qualquer homem. Ela tem o direito de viver seus próprios sentimentos e não ser rebaixada na sua liberdade e dignidade. Homem nenhum tem o direito de tratar a mulher como simples objeto, ao sabor dos próprios interesses e caprichos.

[15-17] Em família, as preferências dos pais não devem ser causa de injustiças

em relação aos filhos.

[18-21] Essa lei é uma espécie de comentário ao mandamento: “Honre seu pai e sua mãe” (Dt 5,16). Ele salienta a importância da educação familiar. Numa situação patriarcal, onde a família é o alicerce da sociedade, o filho incorrigível se transforma em ameaça social. Provavelmente trata-se de uma lei teórica, nunca aplicada.

[22-23] A suspensão de um sentenciado numa árvore visava servir de exemplo. O Deuteronômio limita o tempo de exposição do sentenciado, porque o cadáver contamina a terra prometida, que é terra de vida. Paulo aplica o texto a Jesus crucificado (cf. nota em Gl 3,6-14).

[22,1-4] Numa sociedade verdadeiramente fraterna, cada um se interessa pelas coisas do irmão, como se fossem suas. O v. 4 parece aludir ao respeito para com a vida animal.

[5] A lei parece proibir qualquer perturbação da ordem da natureza. E parece aludir também a certas práticas do culto cananeu, onde havia prostituição sagrada.

[6-7] O respeito à maternidade não se restringe ao mundo humano: deve-se respeitar também a maternidade dos animais.

[8] O bem particular de uma pessoa não pode prejudicar o bem comum, e sim beneficiar a todos. Esta lei faz pensar nas condições de segurança na moradia, trabalho, transporte, ambientes de lazer *etc.*

[9-12] Segundo o pensamento dos israelitas, Deus criou separação e distinção entre os seres (Gn 1). Misturar coisas diferentes seria introduzi-las na esfera de Deus, tornando-as “consagradas”. O v. 12 alude provavelmente à veste típica do israelita, um dos sinais de sua nacionalidade.

[13-21] A lei visa a proteger a fama da mulher, dando-lhe o direito de defesa. O clima é patriarcal e, por isso, não exige a mesma coisa do homem. Note-se que o fato não é considerado como ofensa pessoal, mas como desordem social.

[22] A lei é um comentário de 5,18. O adultério é visto como desordem social.

[23-27] Juridicamente, estar prometida em casamento era o mesmo que estar casada, ainda que o casamento não estivesse consumado. O caso, portanto, é o mesmo do v. 22, com a atenuante dos vv. 25-27.

[28-29] Tanto aqui como nos casos anteriores, não está em questão a moralidade do ato sexual, mas um problema de justiça. Nos vv. 28-29, a jovem violentada

seria recusada para outro casamento.

[23,1] “Estender o pano do manto” sobre a mulher quer dizer casar-se com ela. “Retirar o pano do manto” é um atentado aos direitos do marido.

[2-9] Durante as grandes festas a lei prevê um regulamento para a participação na assembleia cultual, onde não podiam participar os *castrados*, certamente pessoas que serviam nos santuários cananeus, e os *bastardos*, isto é, os filhos de casamentos com estrangeiros. Os povos que podiam participar ou não dessas assembleias, provavelmente, eram aqueles que estavam em relações amigáveis ou hostis.

[10-15] Javé está sempre aliado ao povo na luta contra os inimigos. Por isso, exigem-se algumas normas de higiene que adquirem caráter religioso.

[16-17] O escravo estrangeiro podia refugiar-se em Israel. Um povo que foi libertado não submete outros à escravidão, mas permite que vivam livres no seu meio como irmãos.

[18-19] A prostituição sagrada, praticada principalmente pelos cananeus, era um meio mágico de se unir com a divindade.

[20-21] Num povo de irmãos, o empréstimo é partilha com o irmão necessitado, e não investimento para obter lucro. O estrangeiro aqui indica provavelmente uma pessoa ou grupo hostil, interessado em tirar proveito; nesse caso, as relações com ele serão diferentes.

[22-24] A pessoa deve estar consciente do compromisso que assume espontaneamente com Deus.

[25-26] Numa sociedade verdadeiramente fraterna e fundada na partilha, os bens necessários à vida não são propriedade de ninguém, quando está em jogo a sobrevivência. Isso, porém, não confere o direito de prejudicar o próximo.

[24,1-4] Esta lei visa a restringir o abuso de casos de divórcio; para isso a necessidade de documentos e a proibição de novo casamento com a divorciada. O texto é resultado de uma mentalidade patriarcal: o homem é que toma todas as decisões, e quem fica contaminada é a mulher. Jesus anula completamente essa lei, libertando o matrimônio de uma visão legalista (cf. nota em Mc 10,1-12).

[5] Cf. nota em 20,1-9. Aqui salienta-se o direito à formação do lar na intimidade e na alegria.

[6] A penhora é uma forma de pressionar o pagamento de uma dívida. Não existe esse direito de tirar de uma família o necessário para a sua sobrevivência.

O moinho caseiro era usado para fazer o pão de cada dia.

[7] A vida humana não pode ser transformada em mercadoria. E a pessoa não pode ser usada como fonte de lucro, explorando sua força de trabalho ou o seu próprio ser.

[8-9] Cf. notas em Lv 13-14. Sobre o episódio de Maria, cf. Nm 12,10-15.

[10-13] O direito de cada um termina onde começa a necessidade do outro. No caso de penhora, o credor não tem o direito de violar a intimidade do devedor, nem de humilhá-lo: o devedor é que escolherá o que poderá dar como penhor. Sobre o manto do pobre, cf. nota em 24,6. Note-se bem: a bênção é dada pelo pobre; em outras palavras, só há justiça quando o pobre abençoa.

[14-15] O salário é uma forma de remuneração injusta porque, através da exploração da força de trabalho, o patrão tem sempre maiores lucros e o assalariado fica sempre mais empobrecido. Dentro desse conflito, a lei do Deuteronômio procura conter a exploração do assalariado feita através da retenção do salário. Tal retenção significa o não pagamento do salário, ou também o pagamento de um salário que não possibilita ao trabalhador uma vida digna; e isto só se obtém quando ele participa de uma distribuição equitativa da renda (salário real). Mais uma vez o trabalhador pobre se torna juiz: é ele quem acusa o pecado.

[16] Cada um é responsável por seus próprios atos. Esse princípio é uma inovação na legislação bíblica e será desenvolvido por Jr 31,29-30 e Ez 14,12-23; 18; 33,10-20.

[17-18] O direito deve proteger e fazer justiça aos pobres e fracos, que não têm dinheiro nem poder para defender seus próprios direitos. A justiça para com os oprimidos é o sinal da aliança com o Deus libertador.

[19-22] No ambiente agrário, o povo costumava deixar para trás alguma coisa como oferta para a divindade. O Deuteronômio transforma esse costume em gesto religioso-social: a oferta a Javé fica para os pobres.

[25,1-3] Mesmo que se aplique uma punição justa, ninguém tem o direito de humilhar o culpado, lesando-o fisicamente. A presença do juiz e o limite da punição são medidas para evitar arbitrariedades.

[4] Costumava-se debulhar as espigas com a força de animais arrastando um peso sobre elas. Esta lei não se preocupa apenas com os animais, mas principalmente com os trabalhadores: eles têm o direito de aproveitar o produto do próprio trabalho.

[5-10] Cf. nota em Gn 38,1-30. O Deuteronômio restringe esta obrigação somente ao irmão que mora junto.

[11-12] Não se trata de defender o pudor, mas de respeitar a vida e a geração, que a mulher expõe ao perigo com esse gesto.

[13-16] A lei mostra que a fraude no comércio é uma abominação para Javé, porque ele quer justiça nas relações econômicas. O comércio injusto é uma das principais formas de explorar o pobre. Cf. notas em Am 8,4-8 e Mq 6,9-16.

[17-19] O texto se refere ao episódio de Ex 17,8-16. Segundo o Deuteronômio, os amalecitas violaram a moral do deserto, atacando pessoas cansadas e doentes. Aproveitar-se dos fracos e indefesos é não temer a Deus.

[26,1-11] A cada ano, as famílias realizam o seu ritual. Ao mesmo tempo, reconhecem a promessa cumprida e, cheias de gratidão, fazem a oferta dos primeiros frutos da terra, recitando a grande confissão de fé. Trata-se de um “Credo histórico”, isto é, uma fé que reconhece o Deus vivo presente e agindo na história do povo. O acontecimento fundante dessa história é o fato de que Javé se aliou a um grupo de escravos para o libertar e lhe dar uma terra, onde poderia organizar uma sociedade alternativa justa e fraterna. Portanto, a fé do povo de Deus é uma atitude eminentemente prática: é um compromisso com o Deus libertador, que organiza o povo, tirando-o da escravidão e dando-lhe a vida. O final da celebração (vv. 10-11) é um grande banquete de confraternização, onde a partilha dos frutos da terra se faz num clima de festa: a maior alegria do povo é celebrar a sua fé no Deus libertador.

[12-15] Sobre o dízimo trienal, cf. nota em 14,22-29. O verdadeiro culto que Javé quer é a justiça, que se torna concreta na partilha dos bens. Desse modo o culto se torna uma grande instrução, pois ensina o povo a formar uma sociedade onde todos tenham acesso aos bens da vida. O v. 14 supõe o culto a Baal, que morria depois da colheita e ressuscitava na primavera (luto, impureza e morte). Note-se que a oferta a Javé (o que estava consagrado) é recebida pelos deserdados; estes são o sacramento da presença do Deus libertador.

[16-19] A verdadeira religião consiste em viver em aliança com o Deus do êxodo. A aliança é uma relação de compromisso mútuo. Javé se compromete a ser o Deus do povo, libertando e dando a vida, se o povo puser em prática a sua vontade. Por outro lado, o povo se compromete a ser reconhecido como povo próprio de Deus, se puser em prática a sua vontade. O centro da aliança, portanto, consiste em realizar a vontade de Javé: empenhar-se na luta pela

libertação e vida de todos. Assim, o povo de Deus é reconhecido na história como povo sábio, em íntima comunhão com Deus (cf. 4,6-8).

[27,1-10] As pedras gravadas com a lei deuterônômica (mandamentos e estatutos) serão o testemunho a favor ou contra Israel. Elas comprovarão a fidelidade ou infidelidade do povo para com o Deus da aliança.

[11-26] Temos aqui um texto antigo, que interrompe a sequência do livro. Trata-se de uma lista de ações secretas, que dificilmente viriam a público para serem julgadas. Amaldiçoando a pessoa que as comete, o texto obriga em consciência, com a aprovação popular (Amém = Assim seja).

[28,1-14] As leis do Deuteronômio projetam e abrem perspectivas para a construção de uma sociedade alternativa, onde todos possam ter acesso à liberdade e à vida. Para que isso aconteça, é necessário o compromisso de pôr em prática toda essa legislação. Assim fazendo, o povo receberá as *bênçãos*, que significam vida, prosperidade, abundância, paz, e sobretudo o reconhecimento de que é um povo consagrado a Javé, o Deus vivo que gera liberdade e vida.

[15-68] A infidelidade ao projeto de Javé, conforme é apresentado nas leis do Deuteronômio, acarretará para o povo as *maldições*. Estas significam perder a vida, a prosperidade, o fruto do trabalho, a saúde e finalmente a independência política. Os vv. 47-68 descrevem com pormenores uma situação de exílio. Talvez tenham sido escritos durante o exílio na Babilônia, depois da queda de Jerusalém em 586 a.C.

[28,69-29,7] O povo é convidado a rever a própria história a fim de compreender que Javé, o Deus libertador, está presente, e convida para uma aliança.

[29,8-14] A aliança com o Deus libertador engloba o povo todo, todas as categorias de pessoas, e permanece aberta às gerações futuras (“aquele que não está aqui conosco hoje”). Javé se torna o Deus de Israel, e Israel se torna o povo de Deus. A condição é pôr em prática toda a legislação do Deuteronômio (“pacto sob condição”).

[15-20] No momento da aliança, é relembrada a condição fundamental: abandonar os ídolos das nações, para servir unicamente a Javé, o Deus que gera liberdade e vida para todos. O maior desvio da aliança seria afirmar teoricamente o culto a Javé, e na vida prática servir a outros deuses.

[21-27] A infidelidade à aliança trará infalivelmente a ruína de Israel. Cf. nota

em 28,15-68.

[28] As “coisas escondidas” são o mistério de Deus e a maneira como ele dirige a história. A Bíblia não nos mostra o que Deus é em si, mas *o que ele quer*, ou seja: que a humanidade aprenda o caminho da justiça e construa uma relação social fraterna e igualitária. O Deuteronômio procura indicar o caminho para essa justiça. Mas não basta saber; é preciso praticar.

[30,1-10] O texto é da época do exílio. A infidelidade causou as maldições anunciadas em 28,15-68. Tudo perdido? Não. Abre-se uma esperança: o povo deve meditar sobre a experiência histórica, converter-se novamente para Javé e obedecer-lhe radicalmente. Então o processo histórico mudará: o povo será novamente reunido, tomará posse da terra e terá um novo tempo de bênçãos (cf. nota em 29,8-14).

[11-14] O Deuteronômio projeta o caminho de uma sociedade fraterna e igualitária: a justiça. O povo não pode desculpar-se perguntando: “O que devo fazer?” O caminho já está ao seu alcance. Basta meditar nele, mudar a consciência e organizar a prática.

[15-20] A vida e a morte, a felicidade e a desgraça dependem da opção histórica que o povo faz entre *Javé*, o Deus da liberdade e da vida, e os *ídolos*, que produzem escravidão e morte. O Deuteronômio primitivo termina com este apelo forte: “Escolha a vida... amando a Javé seu Deus... porque ele é a sua vida e o prolongamento de seus dias”.

[31,1-8] A designação de Josué como líder do povo já prepara a narração do livro de Josué. Note-se que as instruções dadas ao povo (v. 6) e a Josué (vv. 7-8) são as mesmas: o chefe não está acima de ninguém; sua função é ser mediador entre Deus e o povo.

[9-13] A leitura periódica desse grande projeto de uma nova sociedade procura manter viva a consciência do projeto e sustentar a luta para realizá-lo. Note-se que o Deuteronômio todo é um aprendizado do “temor de Javé” (v. 12, cf. nota em 8,6-20).

[24-27] A arca da aliança é o símbolo da presença de Javé. Colocado junto à arca, o Deuteronômio se tornará um testemunho contra o povo, se este não praticar a justiça aí ensinada (cf. 6,20).

[14-23.28-30] Estão juntos o líder do êxodo e o líder da instalação na terra prometida. O cântico de Moisés (cap. 32) é, na realidade, uma leitura da história na terra, mostrando a fidelidade de Javé e a infidelidade de Israel.

[32,1-4] Diante de toda a criação, começa o julgamento. A primeira parte apresenta quem é Javé: o único Deus digno de confiança (“Rocha”). Ele é a *Justiça* e o *Direito*, porque intervém na história para construir uma sociedade nova, a partir da libertação do pobre e do oprimido.

[5-6] Israel é filho degenerado, porque abandonou Javé para seguir o caminho da injustiça. Através do êxodo e da aliança, Javé se tornou o pai e criador do povo, libertando-o da escravidão.

[7-14] A história de Israel é uma longa série de benefícios que Javé fez por esse povo. De um grupo marginalizado entre as nações, Javé formou o seu povo próprio, libertando-o da escravidão (“terra deserta”) e levando-o para a terra da vida (“terra fértil”). Israel deve sua história a Javé, e não aos ídolos (v. 12).

[15-18] Aos benefícios concedidos por Javé, Israel respondeu com infidelidade, abandonando a Javé para servir os falsos deuses. Quem abandona o Deus da justiça, doador de liberdade e vida, inevitavelmente começa a servir os deuses falsos da riqueza e do poder, que se alimentam de exploração e opressão.

[19-25] Abandonado por Israel, Javé também o abandonará, e se servirá de outro povo para puni-lo. Deixando o Deus da Justiça, Israel torna-se vítima das nações que servem os ídolos da injustiça (“povo falso”).

[26-33] Deus havia chamado uma nação estrangeira para julgar Israel. Mas a nação estrangeira não entendeu que devia ser apenas um instrumento da justiça de Javé, e acabou cometendo outra injustiça.

[34-44] Deus intervém novamente para salvar o seu povo da opressão e, ao mesmo tempo, punir as nações. Estas, ao invés de se limitarem a ser instrumentos de Deus, tornam-se opressoras. A injustiça paralisa o processo histórico num vaivém de contradições que impedem a realização da liberdade e vida. E Deus intervém nesse processo para libertar e dar vida ao pobre e oprimido, abrindo a história para o futuro da justiça.

[45-47] Cf. nota em 30,15-20.

[48-52] Cf. nota em Nm 20,1-13.

[33,1-29] O texto é um dos hinos mais antigos da Bíblia. Na origem, era talvez um salmo dedicado às vitórias de Deus em benefício de Israel (vv. 2-5 e 26-29). O salmo foi dividido em partes, enfeixando uma série de ditos populares sobre cada tribo. O v. 5, provavelmente, é um testemunho histórico do que foi na realidade a aliança em Moab: um pacto militar entre as tribos, unidas na

ideologia de Javé, Deus libertador, para invadir a área central de Canaã.

[34,1-9] O mistério que cerca a morte e sepultura de Moisés parece ter finalidade bem clara: o povo não deve mitizar ou adorar a figura de seus líderes, mas assumir o processo de sua própria história.

[10-12] 10-12: O elogio a Moisés, o primeiro profeta de Israel, oferece o modelo de verdadeiro profeta e indica a atividade profética do povo de Deus. Essa atividade consiste em ler, na história presente e na sociedade, os apelos do Deus do êxodo. Ele quer libertar o povo e conduzi-lo na construção de uma história e sociedade novas, voltadas para a liberdade e a vida.

LIVROS HISTÓRICOS

Introdução

Os assim chamados livros históricos ocupam a maior parte do Antigo Testamento. Neles encontramos a história de Israel e do judaísmo, desde a conquista da terra prometida até quase a época do Novo Testamento. É interessante notar que não se trata apenas de registro cronístico de fatos, mas de uma interpretação de acontecimentos a partir da fé, e a serviço dos problemas e interesses de situações bem determinadas. Poderemos dividir esse conjunto em quatro grupos:

*1. **Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis.** Formam um relato mais ou menos contínuo, apresentando a história do povo desde a conquista da terra até o exílio na Babilônia. Tais livros mostram que a história de Israel depende da atitude que o povo toma na aliança com Deus. Se o povo é fiel à aliança, Deus lhe concede a bênção, que se concretiza no dom da terra e na prosperidade. Se o povo é infiel, atrai para si mesmo a maldição, que se traduz em fracasso histórico e perda da terra.*

*2. **1 e 2 Crônicas, Esdras e Neemias.** Abarcam o tempo do pós-exílio babilônico até meados do séc. III a.C. A preocupação básica é fundamentar e organizar a comunidade depois do exílio na Babilônia (Esdras e Neemias). Para isso, seus autores repensam toda a história do povo, a fim de fundamentar a vida da comunidade judaica e sua forma de governo, polarizada pelo culto no Templo de Jerusalém (1 e 2 Crônicas).*

*3. **Rute, Tobias, Judite, Ester.** Mais do que história propriamente dita, esses livros são narrativas. Sua intenção é apresentar modelos particulares de vivência e aplicação da fé dentro de situações difíceis, principalmente as enfrentadas pelos judeus fora de sua terra.*

*4. **1 e 2 Macabeus.** Relatam a resistência heroica de um grupo de judeus diante da dominação estrangeira que ameaça destruir a identidade cultural e religiosa da comunidade judaica.*

A HISTÓRIA DESDE A CONQUISTA DA TERRA ATÉ O EXÍLIO NA BABILÔNIA

*Os livros de Josué, Juízes, Samuel e Reis formam um conjunto coerente, relatando a história do povo desde a conquista da Terra (séc. XIII) até o exílio na Babilônia (586-538 a.C.). A comparação com os temas e o estilo do livro do Deuteronômio mostram que esse relato histórico foi não só influenciado, mas determinado a partir da visão econômica, política, social e religiosa do Deuteronômio. Em outras palavras, o livro do Deuteronômio fornece a **chave de leitura** para a interpretação dos acontecimentos relatados nessa história.*

*Essa literatura teve duas redações. A primeira foi feita no tempo do rei Josias, entre 622 e 609 a.C. Nessa época, foi descoberto no Templo o núcleo antigo do livro do Deuteronômio (2Rs 22,8ss). A partir disso, Josias organiza uma grande reforma político-religiosa (2Rs 22-23). Para fundamentar e justificar essa reforma foi escrita uma versão da história, desde o tempo de Salomão até o reinado de Josias. A segunda redação foi feita durante o exílio na Babilônia, provavelmente pouco depois de 561 a.C. (cf. 2Rs 25,27-30 e nota). Foi no contexto do exílio que se redigiu a grande história que vai da **conquista** até a **perda** da terra. O que o autor pretendia era não só explicar por que o povo foi exilado, mas, e principalmente, **o que o povo deve fazer a partir dessa situação**.*

*O autor se serviu de tradições antigas, talvez já parcialmente escritas, que ele reuniu e interpretou a partir da ideologia do Deuteronômio. Nesse livro se diz que a história depende da fidelidade ou infidelidade do povo à aliança com Javé. Se o povo for fiel, Javé lhe dará a **bênção**, isto é, uma história marcada pela prosperidade e harmonia em todos os sentidos. Se o povo for infiel, Deus o castigará com a **maldição**, isto é, com o fracasso histórico, acarretado pela deterioração da vida social em todos os níveis, culminando com a perda da Terra. Tudo isso, de fato, acabou acontecendo.*

*E agora, tudo perdido? Não! O autor quer mostrar que Javé continua fiel, e que Israel tem pela frente uma grande tarefa: rever a história e descobrir onde estão os erros e por que eles foram cometidos. O sentido dessa história, portanto, não está no seu final, mas dentro do relato, na própria articulação da narrativa. É em Jz 2,6-3,6 que vamos encontrar a **articulação dialética** com que o autor interpretou a história: **pecado e castigo, conversão e graça** (cf. Introdução ao livro dos Juízes). Aplicando esse esquema à história, o autor mostra para os exilados que Deus foi fiel à aliança: deu a Terra para que Israel nela construísse uma sociedade e uma história novas. Israel, porém, não foi fiel:*

*esqueceu-se de Javé para servir aos ídolos (**pecado**). Esse pecado foi cometido durante o regime monárquico, em que os reis traíram o projeto de Javé, servindo a outros projetos. A consequência foi uma decadência progressiva da vida social, que acabou acarretando o desastre nacional (**castigo**). Faltam, agora, os dois momentos finais do esquema dialético: a **conversão** e a **graça**.*

Podemos dizer que toda essa história foi escrita para produzir esses dois momentos finais. E o autor deixa isso bem claro em passagens importantes de sua narrativa, tais como 1Sm 7,3; 2Rs 17,13; 2Rs 23,25 e, principalmente, 1Rs 8,46-53: se Israel tomar consciência de seus pecados, se se arrepender e sinceramente suplicar a Javé, este lhe concederá a libertação e uma nova situação de graça. Essa mesma exortação ecoa nos acréscimos exílicos ao Deuteronômio (cf. Dt 4,29-31 e 30,1-10).

O conjunto histórico formado por Josué, Juízes, Samuel e Reis, portanto, é um grande “evangelho”, um anúncio que procura suscitar conversão e esperança. Para nós ele se torna um convite a também lermos a nossa história através da bênção e da maldição, da fidelidade e da infidelidade ao projeto de Deus. Também nós podemos utilizar o esquema dialético de Jz 2,6-3,6 para rever a nossa história, descobrir os erros que a paralisam e projetar a ação que abre o futuro da esperança.

JOSUÉ

A TERRA É DOM E CONQUISTA

Introdução

O livro de Josué relata acontecimentos situados no séc. XIII a.C.: a conquista e a partilha de Canaã, a Terra Prometida, pelas tribos de Israel. À primeira vista, o livro apresenta a tomada global da Terra, feita por uma geração. Isso se deve à idealização do autor. A conquista foi, de fato, um processo longo e lento, ora pacífico, ora violento, que só terminou dois séculos mais tarde, com o rei Davi.

O conteúdo pode ser dividido em três partes. Na primeira (Js 1-12), temos a conquista. Os acontecimentos se dão numa área limitada e têm como pano de fundo o santuário de Guilgal, próximo de Jericó; como esta cidade está no território da tribo de Benjamim, é provável que as narrativas provenham de tradições cultivadas no âmbito dessa tribo e, talvez, da tribo de Efraim. A preocupação é fortemente etiológica (do grego aitia: causa), procurando explicar fatos, nomes de lugar, edificações e ruínas para uma geração que vive muito tempo depois (“...até o dia de hoje”). A segunda parte (Js 13-21) apresenta a partilha da Terra entre as tribos, servindo-se de documentos geográficos que descrevem as fronteiras das tribos e que remontam à era pré-monárquica, e de listas de lugares e cidades, provenientes do tempo da monarquia. O capítulo 21 é talvez um acréscimo feito no pós-exílio. A terceira parte (Js 22-24) apresenta o fim da vida de Josué e consta de três conclusões: retorno das tribos transjordânicas para seus territórios (Js 22); último discurso de Josué (Js 23); aliança em Siquém e morte de Josué (Js 24).

*O livro não é uma crônica, mas uma interpretação dos fatos para mostrar o significado da conquista de Canaã. A personagem principal é a Terra Prometida: Deus realizou a promessa feita aos patriarcas e renovada aos seus descendentes. O povo foi libertado da escravidão do Egito para ser livre e próspero na Terra que Deus ia dar (Ex 3,7-8). Portanto, por trás das longas e minuciosas listas de lugares devemos ver a alegria e a gratidão pelo dom de Deus. E um fato chama a atenção: o povo teve de **conquistar** a Terra que Deus lhe **dera**. Deus concede o dom porém não suprime a liberdade e a iniciativa do homem. Pelo contrário, supõe e exige que o homem busque e conquiste o dom de Deus. Assim, a Terra é fruto da promessa e dom divinos e, ao mesmo tempo, da aspiração e da conquista do homem. Em outras palavras, Deus promete por*

dentro das aspirações do homem, e realiza seu dom por dentro das conquistas do homem.

O livro de Josué constitui, portanto, um insuperável tratado sobre a graça de Deus, que é a base da vida e da história. A graça não é dom paternalista de Deus, deixando o homem passivo. Ela é o dom que Deus faz das possibilidades já contidas na estrutura de toda a criação, e principalmente da pessoa humana. Sem a atitude livre e responsável que procura descobrir, tomar posse e endereçar as possibilidades, o homem jamais encontrará a graça. A vida é o dom de Deus que o homem deve descobrir e conquistar. Tudo se concretiza na tensão histórica que existe entre o presente efetivo de Deus, que abre seu dom nas possibilidades, e o presente-futuro do homem que busca, descobre, toma posse e dá endereço ao dom de Deus. E, para que o dom se torne vida concreta, Deus propõe uma só condição: que o homem seja e continue sempre seu fiel aliado.

JOSUÉ

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24**

JOSUÉ

I. CONQUISTA DA TERRA

1 *Condição para ter a terra* — ¹Depois da morte de Moisés, servo de Javé, Javé falou a Josué, filho de Nun, auxiliar de Moisés: ²“Meu servo Moisés morreu. Agora levante-se e atravesse o rio Jordão, com todo este povo, para a terra que eu vou lhes dar. ³Todo lugar que a planta dos pés de vocês pisar, eu o dei a vocês, conforme prometi a Moisés. ⁴O território de vocês irá desde o deserto até o Líbano, e desde o grande rio Eufrates até o mar Mediterrâneo, no ocidente. ⁵Ninguém poderá resistir a você durante toda a sua vida. Assim como estive com Moisés, estarei também com você: nunca o abandonarei nem o deixarei desamparado.

⁶Seja firme e corajoso, porque você fará esse povo herdar esta terra que jurei dar a seus antepassados. ⁷Apenas seja firme e corajoso, para cumprir toda a Lei que meu servo Moisés lhe ordenou. Não se desvie dela, nem para a direita nem para a esquerda, e você terá sucesso em todos os seus empreendimentos. ⁸Que o livro dessa Lei esteja sempre em seus lábios: medite nele dia e noite, para agir de acordo com tudo o que nele está escrito. Desse modo, você será bem-sucedido em seus empreendimentos e sempre terá sucesso. ⁹Sou eu que estou mandando que você seja firme e corajoso. Portanto, não tenha medo e não se acovarde, porque Javé seu Deus está com você aonde quer que você vá”. [1,1-9]

Solidariedade na luta — ¹⁰Então Josué ordenou aos oficiais do povo: ¹¹“Passem pelo meio do acampamento e deem esta ordem ao povo: ‘Abastecem-se de víveres, porque dentro de três dias vocês atravessarão o rio Jordão para tomar posse da terra que Javé seu Deus lhes dá’ ”.

¹²Josué disse aos rubenitas, aos gaditas e à meia tribo de Manassés: ¹³“Lembrem-se do que lhes ordenou Moisés, servo de Javé: ‘Javé seu Deus concede repouso a vocês e lhes dá esta terra’. ¹⁴As mulheres, crianças e rebanhos de vocês ficarão na terra que Moisés lhes deu na Transjordânia. Vocês, porém, todos os homens de guerra, atravessarão o Jordão bem armados, na frente de seus irmãos, para ajudá-los, ¹⁵até que Javé conceda descanso aos seus irmãos, da mesma forma que deu a vocês, e até que eles também tomem posse da terra

que Javé seu Deus lhes dá. Então vocês poderão voltar para a terra que lhes pertence e tomar posse da terra que Moisés, servo de Javé, deu a vocês na Transjordânia, no lado oriental”.

¹⁶Eles responderam a Josué: “Faremos tudo o que você nos ordenou e iremos para onde você mandar. ¹⁷Obedeceremos a você, da mesma forma que obedecíamos a Moisés. Basta que Javé esteja com você, assim como estava com Moisés. ¹⁸Quem se revoltar e não obedecer às suas ordens, sejam quais forem, será morto. Basta que você seja firme e corajoso”. [10-18]

2 Espionagem e aliança — ¹De Setim, Josué, filho de Nun, mandou secretamente dois espiões para examinar a terra, especialmente Jericó. Eles foram e entraram na casa de uma prostituta chamada Raab, e aí se hospedaram.

²Então informaram ao rei de Jericó: “Cuidado! Esta noite chegaram aqui uns israelitas para espionar a terra”. ³Então o rei de Jericó mandou dizer a Raab: “Mande sair os homens que entraram em sua casa, porque eles vieram para espionar toda a terra”. ⁴A mulher, porém, escondeu logo os dois homens, e respondeu: “De fato, esses homens vieram aqui, mas eu não sabia de onde eram. ⁵Quando iam fechar a porta da cidade, à noite, eles foram embora, não sei para onde. Se vocês os seguirem logo, certamente os alcançarão”.

⁶Ela, porém, tinha feito os dois espiões subirem ao terraço e os escondera entre feixes de linho que estavam aí empilhados. ⁷Os guardas saíram em busca deles pelo caminho que leva aos vaus do Jordão. E a porta da cidade foi fechada depois que eles saíram.

⁸Antes que os espiões se deitassem, Raab subiu ao terraço, ⁹e lhes disse: “Eu sei que Javé entregou a vocês esta terra. Estamos apavorados, e todos os habitantes da terra tremem diante de vocês. ¹⁰Porque soubemos como Javé secou a água do mar Vermelho diante de vocês, quando saíram do Egito, e o que vocês fizeram aos dois reis amorreus da Transjordânia, Seon e Og, que vocês exterminaram. ¹¹Ao ouvirmos isso, ficamos desencorajados, e ninguém mais consegue respirar diante de vocês, porque Javé seu Deus é Deus tanto lá em cima no céu, como cá embaixo na terra. ¹²Agora, jurem-me por Javé que, assim como eu os tratei com misericórdia, vocês também tratarão com misericórdia a minha família. Deem-me um sinal seguro ¹³de que vocês deixarão com vida meu pai, minha mãe, meus irmãos e irmãs e todos os meus familiares, e de que vocês nos livrarão da matança”.

¹⁴Os homens juraram: “Nossa vida em troca da vida de vocês, com a condição

de que você não nos denuncie. Quando Javé nos entregar esta terra, nós a trataremos com lealdade e fidelidade”. ¹⁵Então ela os desceu por uma corda pela janela, porque a casa onde vivia era pegada à muralha. ¹⁶E lhes disse: “Fujam para a montanha, para que os perseguidores não encontrem vocês. Escondam-se durante três dias, até que eles voltem. Depois continuem o seu caminho. ¹⁷Os homens disseram: “Ficaremos livres do juramento que você nos exigiu ¹⁸se você, quando chegarmos à terra, não amarrar este cordão vermelho na janela pela qual estamos descendo, e não reunir com você, em sua casa, seu pai, sua mãe, seus irmãos e toda a família de seu pai. ¹⁹Quem sair para a rua será responsável pela própria morte, e não nós. E nós seremos responsáveis pela morte de quem estiver com você em sua casa, se alguém o tocar. ²⁰Contudo, se você nos denunciar, não responderemos pelo juramento que você nos fez prestar”. ²¹Ela respondeu: “De acordo”. E os despediu. Eles foram embora, e ela amarrou o cordão vermelho na janela.

²²Eles foram para a montanha e aí ficaram três dias, até que os perseguidores voltassem; por mais que estes procurassem, não conseguiram encontrar os espiões. ²³Então os dois homens desceram da montanha, atravessaram o rio Jordão e foram até Josué, filho de Nun, contando tudo o que havia acontecido com eles. ²⁴Disseram a Josué: “Realmente Javé está entregando esta terra em nossas mãos. Os habitantes estão tremendo diante de nós”. [2,1-24]

3 *Entrada na terra prometida* — ¹Josué levantou-se de madrugada e partiu de Setim, junto com todos os israelitas. Chegaram ao Jordão e aí pernoitaram antes de atravessar. ²Três dias depois, os oficiais passaram pelo acampamento, ³dando esta ordem ao povo: “Quando vocês virem a arca da aliança de Javé seu Deus e os sacerdotes levitas que a levam, deixem o lugar em que estão e comecem a segui-la. ⁴Mas conservem sempre a distância de mais ou menos mil metros entre vocês e a arca. Mantenham-se à distância, para ver o caminho que deverão seguir, porque vocês nunca passaram por ele”.

⁵Josué ordenou ao povo: “Purifiquem-se, porque amanhã Javé realizará maravilhas no meio de vocês”. ⁶Aos sacerdotes, Josué ordenou: “Levem a arca da aliança e atravessem na frente do povo”. Eles levaram a arca e foram na frente do povo.

⁷Javé disse a Josué: “Hoje eu vou começar a engrandecer você aos olhos de todo o Israel, para que saibam que eu estou com você, assim como estive com

Moisés. ⁸Quanto a você, ordene aos sacerdotes que levam a arca da aliança: ‘Ao chegarem à beira da água do Jordão, fiquem parados aí’ ”.

⁹Josué disse, então, aos israelitas: “Aproximem-se para ouvir as palavras de Javé seu Deus”. ¹⁰E continuou: “Com isto vocês saberão que o Deus vivo está no meio de vocês e que expulsará de diante de vocês os cananeus, heteus, heveus, ferezeus, gergeseus, amorreus e jebuseus. ¹¹A arca da aliança do Senhor de toda a terra vai atravessar o Jordão na frente de vocês. ¹²Agora, portanto, escolham doze homens das tribos de Israel, um de cada tribo. ¹³Quando a sola dos pés dos sacerdotes, que levam a arca de Javé, Senhor de toda a terra, tocar a água do Jordão, a água do Jordão ficará cortada: a água que vem de cima ficará parada num só monte”.

¹⁴Quando o povo deixou as tendas para atravessar o Jordão, os sacerdotes que levavam a arca da aliança caminhavam na frente do povo. ¹⁵Chegando ao Jordão, quando os sacerdotes que levavam a arca molharam os pés na beira da água — pois o Jordão transborda sobre as margens durante o tempo da ceifa — ¹⁶a água que vinha de cima parou, levantando-se num só monte, bem longe, em Adam, cidade que fica ao lado de Sartã; e a água que descia ao mar da Arábia, o mar Morto, escoou totalmente, de modo que o povo pôde atravessar diante de Jericó. ¹⁷Os sacerdotes, que levavam a arca da aliança de Javé, ficaram parados no leito seco, no meio do Jordão, enquanto todo o Israel atravessava a pé enxuto, até que todos acabaram de atravessar. [3,1-17]

4 *Travessia para um novo sistema de vida* — ¹Quando todo o povo acabou de atravessar o Jordão, Javé disse a Josué: ²“Escolham doze homens do povo, um de cada tribo, ³e mandem que eles tirem daqui, do meio do Jordão, do lugar onde os sacerdotes pisaram, doze pedras. Levem as pedras com vocês e as coloquem no acampamento onde irão pernoitar”. ⁴Josué chamou os doze homens que havia escolhido entre os israelitas, um de cada tribo, ⁵e ordenou: “Passem na frente da arca de Javé seu Deus para o meio do Jordão, e cada um carregue no ombro uma pedra, conforme o número das tribos de Israel, ⁶a fim de que isso venha a ser um sinal no meio de vocês. Amanhã, quando seus filhos perguntarem o que significam essas pedras, ⁷vocês responderão: ‘É que a água do Jordão foi cortada diante da arca da aliança de Javé. Quando a arca passou pelo Jordão, a água foi cortada, e estas pedras ficaram entre os israelitas como lembrança para sempre’ ”.

⁸Os israelitas fizeram o que Josué havia mandado: pegaram doze pedras do meio do Jordão, como Javé ordenara a Josué, segundo o número das tribos de Israel; e as levaram para o acampamento, e aí as colocaram. ⁹Josué levantou doze pedras no meio do Jordão, no lugar onde haviam pisado os pés dos sacerdotes que levavam a arca da aliança. E elas estão aí até o dia de hoje.

¹⁰Os sacerdotes que levavam a arca ficaram parados no meio do Jordão, até que se cumpriu tudo o que Javé mandara Josué dizer ao povo, conforme tudo o que Moisés tinha ordenado a Josué. E o povo se apressou em atravessar.

¹¹Quando todos acabaram de atravessar, atravessou também a arca de Javé, e os sacerdotes se colocaram diante do povo. ¹²À frente dos israelitas atravessaram os rubenitas, os gaditas e a meia tribo de Manassés, em ordem de batalha, conforme Moisés lhes havia ordenado. ¹³Cerca de quarenta mil homens de guerra, armados, atravessaram à frente de Javé para o combate, em direção à planície de Jericó. ¹⁴Nesse dia, Javé engrandeceu a Josué diante de todo o Israel, para que o respeitassem, da mesma forma que haviam respeitado a Moisés enquanto viveu.

¹⁵Javé disse, então, a Josué: ¹⁶“Mande que os sacerdotes que levam a arca do testemunho subam do Jordão”. ¹⁷Josué ordenou aos sacerdotes: “Subam do Jordão”. ¹⁸Quando os sacerdotes, que levavam a arca da aliança de Javé, subiram do meio do Jordão, assim que a sola dos pés dos sacerdotes tocou a terra seca, as águas do Jordão voltaram para o lugar e correram como antes, cobrindo inteiramente as duas margens.

¹⁹O povo atravessou o Jordão [3-4] no dia dez do primeiro mês e acampou em Guilgal, no extremo leste de Jericó. ²⁰Josué colocou em Guilgal as doze pedras que haviam tirado do Jordão, ²¹e disse aos israelitas: “Amanhã, quando os filhos de vocês perguntarem aos pais o que significam essas pedras, ²²vocês dirão a eles: ‘Israel atravessou o Jordão a pé enxuto. ²³Javé seu Deus secou a água do Jordão diante de vocês, até que tivessem atravessado, da mesma forma como Javé seu Deus fez com o mar Vermelho, que ele secou diante de nós, até que tivéssemos atravessado. ²⁴Isso aconteceu para que todos os povos da terra saibam como é forte a mão de Javé, a fim de que vocês temam sempre a Javé seu Deus’ ”. [4,1-24]

5 *Os poderosos têm medo de um povo livre* — ¹Todos os reis dos amorreus que se encontram no oeste, na Cisjordânia, e todos os reis dos cananeus que habitavam junto ao mar, souberam que Javé tinha secado as águas do Jordão

diante dos israelitas até que tivessem atravessado. Ficaram desencorajados, e ninguém mais conseguia respirar diante dos israelitas. [5,1]

Compromisso com o projeto de Javé — ²Nesse tempo Javé disse a Josué: “Fabrique facas de pedra e faça uma nova circuncisão dos israelitas”. ³Então Josué fez facas de pedra e circuncidou os israelitas na colina dos Prepúcios.

⁴O motivo dessa circuncisão foi que todos os homens saídos do Egito, todos os guerreiros, tinham morrido no caminho do deserto, depois que saíram do Egito. ⁵Todos os que tinham saído do Egito eram circuncidados, mas todos os que nasceram no caminho do deserto, depois da saída do Egito, não eram circuncidados. ⁶Os israelitas tinham caminhado pelo deserto durante quarenta anos, até que desapareceu toda a geração de guerreiros que tinham saído do Egito e que não obedeceram a Javé. Javé lhes havia jurado que eles não veriam a terra que Javé tinha jurado dar a seus antepassados, uma terra onde corre leite e mel. ⁷Javé, porém, deu descendentes para eles, e foi a estes que Josué circuncidou, pois estavam sem circuncisão, uma vez que não tinham sido circuncidados no caminho. ⁸Quando terminaram de circuncidar a todos, ficaram no lugar do acampamento até se restabelecerem. ⁹Então Javé disse a Josué: “Hoje eu tirei de vocês a vergonha do Egito”. Por isso, deram a esse lugar o nome de Guilgal, até o dia de hoje. [2-9]

Etapa final da libertação — ¹⁰Os israelitas ficaram acampados em Guilgal e celebraram a Páscoa no dia catorze do mesmo mês, à tarde, na planície de Jericó. ¹¹A partir do dia seguinte à Páscoa, comeram dos produtos da terra; no mesmo dia, comeram pão sem fermento e trigo tostado. ¹²No dia seguinte, quando começaram a comer os produtos da terra, o maná parou de cair. Não houve mais maná para os israelitas e, nesse ano, eles comeram dos frutos da terra de Canaã. [10-12]

Encontro com Javé — ¹³Estando perto de Jericó, Josué levantou os olhos e viu em pé diante de si um homem com a espada desembainhada na mão. Josué se aproximou dele e perguntou: “És a nosso favor ou a favor dos nossos inimigos?” ¹⁴Ele respondeu: “Eu sou chefe do exército de Javé, e acabo de chegar”. Então Josué prostrou-se com o rosto por terra e o adorou. A seguir perguntou: “O que diz o meu Senhor a seu servo?” ¹⁵O chefe do exército de Javé respondeu: “Tire as sandálias dos pés, porque o lugar onde você está pisando é lugar sagrado”. E

Josué assim o fez. [13-15]

6 Celebração da primeira vitória — ¹Jericó estava fechada e bem trancada por causa dos israelitas. Ninguém saía e ninguém entrava. ²Javé disse a Josué: “Veja! Eu estou entregando em sua mão a cidade de Jericó, junto com o rei e os soldados. ³Vocês, todos os guerreiros, rodeiem a cidade, dando uma volta ao redor. Façam isso durante seis dias. ⁴Sete sacerdotes levarão sete trombetas diante da arca; no sétimo dia deem sete voltas em torno da cidade, e os sacerdotes tocarão as trombetas. ⁵Quando for dado um toque longo e vocês ouvirem o toque da trombeta, todo o povo lançará o grito de guerra: as muralhas da cidade virão abaixo, e o povo a assaltará, cada um do seu lugar”.

⁶Josué, filho de Nun, convocou os sacerdotes e lhes deu esta ordem: “Levem a arca da aliança; sete sacerdotes levem também sete trombetas na frente da arca de Javé”. ⁷E em seguida disse ao povo: “Vão e rodeiem a cidade. Os guerreiros passem na frente da arca de Javé”.

⁸E foi feito como Josué havia ordenado ao povo. Sete sacerdotes com sete trombetas passaram à frente de Javé e começaram a tocar as trombetas. A arca da aliança de Javé ia atrás deles. ⁹Os guerreiros iam na frente dos sacerdotes que tocavam as trombetas. O restante ia atrás da arca; todos marchavam ao som das trombetas. ¹⁰Josué tinha ordenado ao povo: “Não lancem o grito de guerra. Fiquem em silêncio. Não digam uma só palavra até que eu mande vocês gritarem. Só então, vocês vão gritar”.

¹¹A arca de Javé rodeou a cidade, dando uma volta. Depois voltaram ao acampamento, onde pernoitaram. ¹²Josué levantou-se de madrugada, e os sacerdotes levaram a arca de Javé; ¹³os sete sacerdotes que levavam as sete trombetas iam na frente da arca de Javé, tocando as trombetas. Os guerreiros iam na frente dos sacerdotes que tocavam as trombetas. O restante ia atrás da arca de Javé; todos marchavam ao som das trombetas. ¹⁴No segundo dia, rodearam a cidade uma vez e depois voltaram para o acampamento. Fizeram isso durante seis dias.

¹⁵No sétimo dia, ao romper da aurora, levantaram-se e rodearam a cidade sete vezes, do mesmo modo. Somente no sétimo dia rodearam a cidade sete vezes. ¹⁶Na sétima volta, os sacerdotes tocaram as trombetas. Então Josué disse ao povo: “Gritem, porque Javé entregou a cidade para vocês. ¹⁷A cidade, com tudo o que nela existe, será consagrada ao extermínio em honra de Javé. Só ficarão com vida a prostituta Raab e todos os que estiverem com ela na casa, pois ela

escondeu os mensageiros que enviamos. ¹⁸Quanto a vocês, cuidado com as coisas consagradas ao extermínio; não peguem aquilo que vocês consagraram ao extermínio. Isso faria o acampamento de Israel se tornar consagrado ao extermínio, trazendo uma desgraça. ¹⁹Toda a prata, ouro, objetos de bronze e de ferro serão consagrados a Javé e destinados ao tesouro de Javé”.

²⁰O povo lançou o grito e tocaram-se as trombetas. Ao ouvir o toque de trombeta, o povo deu um grande grito e a muralha da cidade veio abaixo. O povo entrou para a cidade, cada um do seu lugar, e tomou a cidade. ²¹Consagraram ao extermínio tudo o que havia na cidade: homens e mulheres, jovens e velhos, vacas, ovelhas e burros; passaram tudo ao fio da espada.

²²Josué disse, então, aos dois homens que haviam espionado a terra: “Vão à casa da prostituta e a retirem daí, com tudo o que estiver com ela, conforme vocês lhe prometeram”. ²³Os espiões foram e retiraram Raab, junto com o pai, a mãe, os irmãos e tudo o que ela possuía. Tiraram também todo o seu clã e o deixaram fora do acampamento de Israel.

²⁴Incendiaram a cidade e tudo o que nela havia. Quanto à prata, o ouro, os objetos de bronze e de ferro, levaram para o tesouro de Javé. ²⁵Josué conservou a vida da prostituta Raab, bem como a família de seu pai e tudo o que possuíam. Ela permanece no meio de Israel até o dia de hoje, por ter escondido os mensageiros que Josué tinha enviado para espionar Jericó.

²⁶Nesse tempo, Josué fez um juramento: “Seja maldito por Javé quem reconstruir esta cidade: os alicerces lhe custarão o primogênito e as portas lhe custarão o caçula”.

²⁷Javé estava com Josué, e sua fama correu por toda a terra. [6,1-27]

7 *A cobiça corrompe* — ¹Os israelitas cometeram um ato de infidelidade quanto às coisas consagradas ao extermínio: Acã, filho de Carmi, neto de Zabdi, bisneto de Zará, da tribo de Judá, se apossou de coisas consagradas. E a ira de Javé se acendeu contra os israelitas.

²De Jericó, Josué mandou alguns homens até Hai, que está perto de Bet-Áven, ao leste de Betel, e lhes ordenou: “Subam para espionar a terra”. Os homens subiram e espionaram Hai. ³Voltando a Josué, lhe disseram: “Não é preciso que todo o povo suba; bastam dois ou três mil homens para conquistar Hai. Não é necessário cansar todo o povo, porque eles são poucos”.

⁴Então foram para Hai cerca de três mil homens do povo, mas tiveram que fugir diante dos habitantes de Hai. ⁵Os homens de Hai mataram trinta e seis

deles e perseguiram os outros, desde a porta da cidade até Sabarim, derrotando-os na descida. O coração do povo se derreteu e ficou como água.

⁶Então Josué rasgou as roupas e prostrou-se com o rosto por terra diante da arca de Javé até o entardecer. Junto com ele estavam os anciãos de Israel, jogando pó sobre suas cabeças. ⁷Josué suplicou: “Ah! Senhor Javé, por que fizeste este povo atravessar o Jordão? Foi para nos entregar na mão dos amorreus e nos fazer perecer? Oxalá nos tivéssemos contentado em ficar no outro lado do Jordão! ⁸Perdão, Senhor! O que vou dizer, depois que Israel virou as costas diante dos inimigos? ⁹Os cananeus e todos os habitantes da terra vão ouvir isso, farão um cerco contra nós e apagarão o nosso nome da terra! E o que farás tu com teu grande nome?”

¹⁰Javé respondeu a Josué: “Levante-se. O que é que você está fazendo aí com o rosto por terra? ¹¹Israel pecou; eles violaram a aliança que eu lhes ordenara: pegaram coisas consagradas ao extermínio, roubaram e esconderam, colocando-as entre as coisas deles. ¹²Por isso os israelitas não poderão resistir aos inimigos: fugirão dos inimigos, porque se tornaram consagrados ao extermínio. Não ficarei mais no meio de vocês, se não fizerem desaparecer do meio de vocês o que foi consagrado ao extermínio. ¹³Levante-se e purifique o povo, dizendo-lhes: “Santifiquem-se para amanhã, pois assim diz Javé, o Deus de Israel: Há uma coisa consagrada ao extermínio no meio de você, Israel! E vocês não poderão resistir aos inimigos, enquanto não eliminarem do meio de vocês as coisas consagradas ao extermínio. ¹⁴Pela manhã, vocês se aproximarão por tribos: a tribo que Javé indicar por sorte se aproximará por clãs; o clã que Javé indicar por sorte se aproximará por famílias; a família que Javé indicar por sorte se aproximará por pessoas. ¹⁵Quem for indicado por sorte como responsável pela coisa consagrada ao extermínio, será queimado com tudo o que possui, porque violou a aliança de Javé e cometeu uma infâmia em Israel”.

¹⁶Josué levantou-se de madrugada e fez Israel aproximar-se por tribos. E a sorte caiu sobre a tribo de Judá. ¹⁷Fazendo os clãs de Judá se aproximar, a sorte caiu sobre o clã de Zaré; fazendo o clã de Zaré se aproximar por famílias, a sorte caiu sobre a família de Zabdi; ¹⁸fazendo a família de Zabdi aproximar-se pessoa por pessoa, a sorte caiu sobre Acã, filho de Carmi, neto de Zabdi, bisneto de Zaré, da tribo de Judá.

¹⁹Então Josué disse a Acã: “Meu filho, dê glória a Javé, Deus de Israel, e apresente-lhe a sua confissão. Conte-me o que foi que você fez, e não me

esconda nada”. ²⁰Acã respondeu a Josué: “É verdade. Eu pequei contra Javé, Deus de Israel, pois fiz o seguinte: ²¹entre os despojos, vi uma capa babilônica muito bonita, duzentas moedas de prata e uma barra de ouro que pesava meio quilo; eu os cobicei e peguei. Estão escondidos no chão, no meio da minha tenda, com a prata por baixo”.

²²Josué mandou alguns, que foram correndo à tenda, e tudo estava aí escondido, com a prata por baixo. ²³Pegaram então os objetos do meio da tenda e os levaram a Josué e a todos os israelitas, colocando-os diante de Javé.

²⁴Josué então pegou Acã, bisneto de Zará, com a prata, a capa e a barra de ouro, bem como seus filhos e filhas, seus bois, jumentos e ovelhas, sua tenda e tudo o que possuía. Em companhia de todo o Israel, fez que subissem ao vale de Acor, ²⁵e Josué lhe disse: “Você nos desgraçou. Por isso, hoje mesmo Javé desgraçará você”. Então todo o Israel apedrejou Acã. E depois de apedrejá-lo, o queimaram. ²⁶Em seguida, levantaram sobre ele um montão de pedras, que permanece até o dia de hoje. Foi assim que Javé aplacou o furor de sua ira. Por isso, esse lugar se chamava vale de Acor, até o dia de hoje. [7,1-26]

8 *Estratégia da conquista* — ¹Javé disse a Josué: “Não tenha medo e não se acovarde. Leve com você todos os guerreiros. Levante-se e suba contra Hai. Veja! Eu estou entregando em suas mãos o rei de Hai, junto com o povo, a cidade e as terras dele. ²Faça com Hai e o seu rei como você fez com Jericó e o seu rei. Vocês poderão pegar para si os despojos e o gado. Preparem uma emboscada contra a cidade, por trás dela”.

³Josué e os guerreiros se prepararam para atacar Hai. Josué escolheu trinta mil guerreiros valentes e os enviou durante a noite, ⁴ordenando: “Atenção! Preparem uma emboscada atrás da cidade; não se distanciem muito da cidade e fiquem de prontidão. ⁵Eu e o meu pessoal nos aproximaremos da cidade, e quando eles saírem ao nosso encontro como da primeira vez, nós vamos fugir deles. ⁶E eles vão nos perseguir; assim os atrainemos para longe da cidade, pois pensarão: ‘Estão fugindo de nós como da primeira vez’. ⁷Então vocês sairão da emboscada e se apossarão da cidade. Javé seu Deus entregará a cidade nas mãos de vocês. ⁸Depois de tomar a cidade, vocês a incendiarão, agindo de acordo com a palavra de Javé. Vejam que isso é uma ordem!”

⁹Josué os enviou e eles foram se colocar no lugar da emboscada, entre Betel e Hai, ao oeste de Hai. Entretanto, Josué passou a noite no meio do povo. ¹⁰No dia seguinte, levantou-se de madrugada e passou revista ao povo. Depois, junto com

os anciãos de Israel, subiu contra Hai, à frente do povo. ¹¹Todos os guerreiros que ficaram com ele subiram também e foram se aproximando bem na frente da cidade e acamparam ao norte de Hai. Entre eles e Hai havia um vale. ¹²Josué havia tomado cerca de cinco mil homens e os colocara de emboscada entre Betel e Hai, ao oeste da cidade. ¹³O povo ficou no acampamento maior ao norte da cidade, e a emboscada ao oeste da cidade. Nessa noite, Josué foi até o meio do vale.

¹⁴Quando o rei de Hai viu isso, ele e todo o povo da cidade se levantaram depressa e saíram para ir ao encontro de Israel e dar combate na descida, diante do deserto; o rei, porém, não sabia que havia uma emboscada contra ele, atrás da cidade. ¹⁵Josué e todo o Israel, fingindo-se derrotados, fugiram pelo caminho do deserto. ¹⁶Todo o povo da cidade saiu gritando e perseguindo os israelitas. Ao perseguir Josué, eles se afastaram da cidade. ¹⁷Em Hai não ficou um homem sequer; todos saíram perseguindo Israel; e ao perseguir Israel, deixaram a cidade aberta.

¹⁸Então Javé disse a Josué: “Estenda contra Hai a lança que você tem na mão, pois eu vou entregar a você essa cidade”. E Josué estendeu contra a cidade a lança que tinha na mão. ¹⁹Quando ele estendeu a mão, os que estavam na emboscada saíram correndo do seu lugar, entraram na cidade, a tomaram e a incendiaram rapidamente.

²⁰Os homens de Hai viraram para trás e viram a fumaça da cidade subindo ao céu. Ninguém deles sabia para que lado escapar, pois o povo que fugia para o deserto voltou para atacar os perseguidores. ²¹Vendo que os homens da emboscada tinham tomado a cidade, pois da cidade a fumaça subia, Josué e todo o Israel voltaram e atacaram os homens de Hai. ²²Os outros que estavam na cidade saíram, fazendo os homens de Hai ficar encurralados entre os israelitas, que os derrotaram, a ponto de não sobrar nenhum sobrevivente ou fugitivo. ²³O rei de Hai foi capturado vivo e levado a Josué.

²⁴Quando Israel terminou de matar todos os habitantes de Hai no campo, no deserto onde eles os haviam perseguido, e depois que todos eles caíram ao fio da espada, os israelitas voltaram para Hai e passaram ao fio da espada toda a população. ²⁵O total dos que caíram nesse dia, entre homens e mulheres, foi de doze mil, isto é, toda a população de Hai. ²⁶Josué não retirou a mão com que havia estendido a lança, enquanto não foram eliminados todos os habitantes de Hai. ²⁷Entretanto, Israel tomou como saque o gado e os despojos dessa cidade,

como Javé havia ordenado a Josué.

²⁸Josué incendiou Hai e a reduziu para sempre a um monte de ruínas, que permanece até o dia de hoje. ²⁹Quanto ao rei de Hai, mandou pendurá-lo numa árvore até o entardecer. Ao pôr do sol, Josué mandou que descessem da árvore o cadáver. E jogaram o cadáver à porta da cidade e levantaram sobre ele um montão de pedras, que permanece até o dia de hoje. [8,1-29]

O culto e a constituição da nova sociedade — ³⁰Josué construiu, então, para Javé, Deus de Israel, um altar no monte Ebal, ³¹conforme Moisés, servo de Javé, havia ordenado aos israelitas, segundo o que está escrito no livro da Lei de Moisés: um altar de pedras brutas, sobre as quais nenhum instrumento de ferro tenha sido passado. E sobre ele ofereceram holocaustos a Javé e apresentaram sacrifícios de comunhão.

³²Josué escreveu sobre as pedras uma cópia da Lei que Moisés havia escrito diante dos israelitas. ³³Todo o Israel, com os anciãos, os oficiais e os juízes, estava de ambos os lados da arca, diante dos sacerdotes levitas, que carregavam a arca da aliança de Javé. E estavam juntos, tanto imigrantes como nativos: metade deles diante do monte Garizim, e a outra metade diante do monte Ebal, conforme tinha ordenado Moisés, servo de Javé, quando abençoou o povo de Israel pela primeira vez. ³⁴A seguir, Josué leu todas as palavras da Lei, as bênçãos e maldições, conforme tudo o que está escrito no livro da Lei. ³⁵Josué não omitiu nenhuma palavra que Moisés tinha ordenado; leu tudo para a assembleia de Israel, inclusive para as mulheres, crianças e imigrantes que viviam com eles. [30-35]

9 *Luta e oposição* — ¹Ouvindo essas notícias, todos os reis da Cisjordânia, da região montanhosa, da planície e de toda a costa do mar Mediterrâneo, até o Líbano, tanto heteus, como amorreus, cananeus, ferezeus, heveus e jebuseus, ²se aliaram de comum acordo para combater contra Josué e Israel. [9,1-2]

Aliados estratégicos — ³Os habitantes de Gabaon, ouvindo o que Josué tinha feito com Jericó e Hai, ⁴usaram um estratagema: juntaram provisões, carregaram os jumentos com sacos velhos e odres de vinho velhos, rasgados e consertados; ⁵calçaram os pés com sandálias velhas remendadas, vestiram-se com roupas velhas, e o pão que levavam para comer era seco e esmigalhado.

⁶Foram, então, encontrar Josué no acampamento em Guilgal, e disseram a

Josué e aos israelitas: “Estamos chegando de uma terra distante. Façam aliança conosco”. ⁷Os israelitas responderam a esses heveus: “Certamente vocês vivem aqui perto. Como podemos fazer aliança com vocês?!” ⁸Eles responderam a Josué: “Somos seus servos”. Josué insistiu: “Quem são vocês e de onde estão vindo?” ⁹Eles responderam: “Seus servos vêm de uma terra muito distante, por causa do nome de Javé seu Deus, pois ouvimos falar da fama dele e de tudo o que realizou no Egito. ¹⁰Sabemos de tudo o que ele fez aos dois reis amorreus da Transjordânia: a Seon, rei de Hesebon, e a Og, rei de Basã, em Astarot. ¹¹Nossos anciãos e o povo da nossa terra nos aconselharam: ‘Peguem provisões para o caminho e vão ao encontro deles, e façam a proposta de se tornarem servos deles’. Portanto, façam aliança conosco. ¹²Vejam o nosso pão: estava quente quando o pegamos em nossas casas, no dia em que partimos para vir até vocês; e agora aqui está ele, seco e esmigalhado. ¹³Estes odres de vinho eram novos quando os enchemos; e agora aqui estão, todos rasgados. Nossas roupas e sandálias estão gastas por causa do longo caminho que fizemos”.

¹⁴Os oficiais de Josué experimentaram as provisões, mas não consultaram Javé. ¹⁵Josué os tratou pacificamente e fez aliança com eles, comprometendo-se a respeitar-lhes a vida. Os responsáveis pela comunidade também prestaram um juramento a eles.

¹⁶Três dias depois de terem feito aliança com eles, ficaram sabendo que eram seus vizinhos e que viviam aí perto, ¹⁷pois os israelitas partiram e chegaram três dias depois às cidades deles: Gabaon, Cafira, Berot e Cariat-Iarim. ¹⁸Os israelitas não os atacaram, porque os responsáveis pela comunidade lhes haviam feito um juramento por Javé, Deus de Israel. Por isso, toda a comunidade murmurou contra os responsáveis.

¹⁹Então os responsáveis explicaram à comunidade: “Nós fizemos a eles um juramento por Javé, Deus de Israel, e por isso agora não podemos tratá-los mal. ²⁰Vamos fazer o seguinte: respeitaremos a vida deles, para que não nos aconteça um castigo, por causa do juramento que já fizemos a eles”. ²¹Os responsáveis então decidiram: “Eles ficarão vivos, mas se tornarão rachadores de lenha e carregadores de água para toda a comunidade”.

Todos concordaram com a proposta dos responsáveis. ²²Então Josué mandou chamar os gabaonitas e lhes disse: “Por que vocês nos enganaram, dizendo que vinham de longe, quando na verdade moram perto de nós? ²³Pois bem! Daqui para frente vocês serão malditos. Não deixarão de ser escravos, rachando lenha e

carregando água para a casa de meu Deus”. ²⁴Eles responderam a Josué: “Nós, seus servos, fomos informados de que Javé seu Deus tinha garantido a Moisés, seu servo, que entregaria a vocês toda a terra e exterminaria, diante de vocês, todos os habitantes. Nós tememos muito pela nossa vida, e por isso agimos assim. ²⁵Agora estamos em suas mãos: trate-nos conforme lhe parecer melhor e justo”. ²⁶E Josué tratou-os como havia combinado, livrando-os da mão dos israelitas, que não os mataram. ²⁷Nesse dia, Josué os colocou como rachadores de lenha e carregadores de água a serviço da comunidade e do altar de Javé, no lugar escolhido por Javé, até o dia de hoje. [3-27]

10 *Reação dos poderosos* — ¹Adonisedec, rei de Jerusalém, soube que Josué havia tomado Hai e a consagrara ao extermínio; que havia tratado Hai e seu rei como fizera com Jericó e seu rei; e que os habitantes de Gabaon tinham feito aliança com Israel e viviam no meio dos israelitas. ²Adonisedec ficou apavorado, pois Gabaon era uma cidade grande, como as cidades reais; era uma cidade maior do que Hai, e seus guerreiros eram todos valentes. ³Então Adonisedec, rei de Jerusalém, enviou mensageiros a Hoam, rei de Hebron; a Faram, rei de Jarmut; a Jáfia, rei de Laquis; e a Dabir, rei de Eglon: ⁴“Subam até aqui e me ajudem! Precisamos derrotar Gabaon, porque essa cidade fez aliança com Josué e os israelitas”.

⁵Os cinco reis amorreus — os reis de Jerusalém, de Hebron, de Jarmut, de Laquis e de Eglon — se reuniram, subiram com seus exércitos, cercaram e atacaram Gabaon.

⁶Os gabaonitas mandaram dizer a Josué, no acampamento de Guilgal: “Não abandone seus servos; venha depressa até aqui para nos salvar. Ajude-nos, pois todos os reis amorreus que habitam na serra se reuniram contra nós”. ⁷Então Josué subiu de Guilgal, levando todo o pessoal de guerra e todos os guerreiros valentes. ⁸Javé disse a Josué: “Não tenha medo deles, que eu os entregarei em suas mãos, e nenhum deles conseguirá opor resistência a você”. ⁹Josué partiu de Guilgal e, depois de ter marchado a noite toda, atacou de surpresa os reis.

¹⁰Javé dispersou os inimigos diante de Israel, causando-lhes uma grande derrota em Gabaon; e os perseguiu até o caminho da subida de Bet-Horon, derrotando-os até Azeca e Maceda. ¹¹Enquanto eles estavam fugindo diante de Israel, na descida de Bet-Horon, Javé mandou do céu uma forte chuva de pedras grandes, que matou os inimigos até Azeca. Morreu mais gente por causa da chuva de pedras do que pela espada dos israelitas.

¹²No dia em que Javé entregou os amorreus aos israelitas, Josué falou a Javé e disse na presença de Israel: “Sol, detenha-se em Gabaon! E você, lua, no vale de Aialon!” ¹³E o sol se deteve e a lua ficou parada, até que o povo se vingou dos inimigos. No Livro do Justo está escrito assim: “O sol ficou parado no meio do céu e um dia inteiro ficou sem ocaso.

¹⁴Nem antes, nem depois houve um dia como esse, quando Javé obedeceu à voz de um homem.

É porque Javé lutava a favor de Israel”.

¹⁵Depois Josué voltou, com todo o Israel, para o acampamento de Guilgal.

¹⁶Os cinco reis amorreus fugiram e se esconderam na caverna de Maceda.

¹⁷Informaram então a Josué que os cinco reis estavam escondidos na caverna de Maceda. ¹⁸Josué disse: “Rolem pedras grandes à entrada da caverna e coloquem guardas aí. ¹⁹Vocês, porém, não parem: persigam os inimigos, cortem a retaguarda e não os deixem entrar nas cidades deles, pois Javé, o Deus de vocês, os entregou em suas mãos”. ²⁰Quando Josué e os israelitas acabaram de derrotar os inimigos, exterminando-os, aqueles que conseguiram escapar vivos entraram nas cidades fortificadas. ²¹Todo o povo voltou são e salvo para o acampamento de Josué, em Maceda. E ninguém abriu a boca contra Israel.

²²Então Josué disse: “Abram a entrada da caverna, tirem de lá os cinco reis e os tragam aqui”. ²³Foram e levaram da caverna os cinco reis: os reis de Jerusalém, de Hebron, de Jarmut, de Laquis e de Eglon. ²⁴Quando levaram esses reis, Josué convocou todos os homens de Israel e disse aos comandantes que o haviam acompanhado: “Venham aqui e coloquem o pé sobre o pescoço de cada um desses reis”. Eles se aproximaram e puseram o pé sobre o pescoço dos reis. ²⁵Josué disse: “Não tenham medo, nem se acovardem. Sejam fortes e corajosos, porque Javé tratará da mesma forma a todos os inimigos, contra os quais vocês terão que lutar”. ²⁶Em seguida, Josué matou os reis e mandou suspendê-los em cinco árvores, onde eles ficaram suspensos até o entardecer. ²⁷Ao pôr do sol, Josué mandou que fossem tirados das árvores e jogados na caverna onde se haviam escondido. Colocaram pedras grandes à entrada da caverna, as quais permanecem aí até o dia de hoje. [10,1-27]

A conquista do sul — ²⁸Nesse mesmo dia, Josué tomou Maceda, passou os habitantes ao fio da espada, consagrando ao extermínio o rei e todas as pessoas que nela se encontravam. Não deixou nenhum sobrevivente e tratou o rei de

Maceda como havia tratado o rei de Jericó. ²⁹Então Josué passou, com todo o Israel, de Maceda para Lebna, e começou o combate contra Lebna. ³⁰Javé entregou também Lebna nas mãos de Israel, que passou ao fio da espada o rei e todos os que viviam na cidade. Não deixou nenhum sobrevivente, e tratou o rei como havia tratado ao rei de Jericó.

³¹Então Josué passou, com todo o Israel, de Lebna para Laquis. Acampou em frente e começou a combatê-la. ³²Javé entregou Laquis na mão de Israel que, no dia seguinte, tomou a cidade e passou ao fio da espada todas as pessoas que aí viviam, da mesma forma como já havia feito com Lebna. ³³Horam, rei de Gazer, subiu para socorrer Laquis, mas Josué o derrotou juntamente com seu exército, sem lhe deixar nenhum sobrevivente.

³⁴Então Josué passou, com todo o Israel, de Laquis para Eglon. Acampou em frente e começou a combatê-la. ³⁵Nesse mesmo dia, tomaram a cidade e passaram ao fio da espada os habitantes, consagrando ao extermínio todas as pessoas que nela viviam, conforme tudo o que já haviam feito a Laquis.

³⁶Depois Josué subiu, com todo o Israel, de Eglon para Hebron e começou a combatê-la. ³⁷Tomaram a cidade e passaram ao fio da espada seu rei, e também toda a sua população e as cidades dependentes. Não ficou nenhum sobrevivente, conforme o que já haviam feito com Eglon. Consagraram a cidade ao extermínio, juntamente com todas as pessoas que nela viviam.

³⁸Em seguida, Josué voltou, com todo o Israel, para Dabir, e começou a combatê-la. ³⁹Tomou a cidade, bem como seu rei e todas as cidades dependentes; passaram a população ao fio da espada, consagrando ao extermínio todas as pessoas que nela viviam. Não ficou nenhum sobrevivente. Josué tratou Dabir e seu rei da mesma forma como havia feito a Hebron, a Lebna e a seus reis.

⁴⁰Desse modo, Josué conquistou toda a região montanhosa, o Negueb, a planície e as descidas das águas, juntamente com seus reis. Não deixou nenhum sobrevivente, mas consagrou ao extermínio todo ser vivo, como Javé, o Deus de Israel, havia ordenado. ⁴¹Josué conquistou desde Cades Barne até Gaza e toda a terra de Gósen até Gabaon. ⁴²Josué tomou todos esses reis e seus territórios de uma só vez, porque Javé, Deus de Israel, combatia em favor de Israel. ⁴³E Josué voltou, com todo o Israel, para o acampamento em Guilgal. [28-43]

11 *A terra ficou em paz* — ¹Jabin, rei de Hasor, ficou sabendo dessas coisas e

mandou mensageiros a Jobab, rei de Merom; ao rei de Semeron; ao rei de Acsaf;
² aos reis que estavam na região montanhosa do norte e na planície ao sul de Quineret, nas planícies e nos planaltos de Dor, junto ao mar; ³ e aos cananeus do oriente e do ocidente; aos amorreus, heteus, ferezeus, jebuseus da serra e heveus aos pés do Hermon, na terra de Masfa. ⁴ Eles saíram com suas tropas, um exército tão numeroso como a areia da praia, com muitíssimos cavalos e carros.

⁵ Todos esses reis se aliaram e foram juntos acampar perto do riacho Merom, para lutar contra Israel. ⁶ Javé disse a Josué: “Não tenha medo deles, pois amanhã, a esta hora, eu os entregarei todos mortos na frente de Israel. Corte os tendões dos cavalos e queime os carros”. ⁷ Josué e seu pessoal de guerra foram contra eles no riacho Merom e caíram sobre eles de surpresa. ⁸ Javé os entregou nas mãos de Israel, que os derrotou e perseguiu até a grande Sidônia, até Maserefot, no oeste, e até o vale de Masfa, no leste. Os israelitas os derrotaram, a ponto de não deixar um único sobrevivente. ⁹ Josué os tratou como Javé lhe havia ordenado: cortou os tendões dos cavalos e queimou os carros.

¹⁰ Nesse mesmo tempo, Josué voltou, tomou Hasor e matou o rei ao fio de espada. Hasor era antes a capital de todos esses reinos. ¹¹ Passaram também ao fio da espada todas as pessoas que nela viviam, consagrando-as ao extermínio; não deixou ficar um único ser vivo, e incendiou Hasor.

¹² Josué tomou todas essas cidades e seus reis e os passou ao fio da espada, consagrando-os ao extermínio, conforme Moisés, servo de Javé, havia ordenado. ¹³ Israel, porém, não incendiou as cidades que estavam sobre as colinas; a única exceção foi Hasor, incendiada por Josué. ¹⁴ Os israelitas saquearam os despojos e o gado dessas cidades, mas passaram todas as pessoas ao fio da espada, não deixando nenhum sobrevivente.

¹⁵ O que Javé tinha ordenado a Moisés, seu servo, também Moisés ordenou a Josué, e Josué cumpriu: não deixou de realizar nada do que Javé tinha ordenado a Moisés. ¹⁶ Desse modo, Josué tomou essa terra toda: a região montanhosa, o Negueb, toda a terra de Gósen, a planície, a Arabá, a serra de Israel e sua planície, ¹⁷ desde o monte Pelado, que sobe na direção de Seir, até Baal-Gad, no vale do Líbano, ao pé do monte Hermon. Também prendeu todos os seus reis e os matou.

¹⁸ Josué esteve muito tempo guerreando contra todos esses reis. ¹⁹ Com exceção dos heveus que habitavam em Gabaon, nenhuma cidade fez as pazes com os israelitas, que conquistaram todas a custo de guerra. ²⁰ De fato, Javé tinha

endurecido o coração desses reis, para guerrearem contra Israel, a fim de que fossem exterminados sem piedade e completamente destruídos, como Javé tinha ordenado a Moisés.

²¹Nesse tempo, Josué eliminou os enacim da região montanhosa de Hebron, de Dabir, de Anab, de toda a serra de Judá e de toda a serra de Israel. Josué os consagrou ao extermínio junto com suas cidades. ²²Nenhum dos enacim restou na terra de Israel; só ficaram alguns em Gaza, Gat e Azoto. ²³Josué se apoderou de toda a terra, como Javé tinha prometido a Moisés. E Josué entregou a terra como herança aos israelitas, repartindo-a em lotes, segundo as tribos.

E a terra ficou em paz, sem guerra. [11,1-23]

12 Reis derrotados — ¹São estes os reis da terra que os israelitas derrotaram e de cuja terra tomaram posse na Transjordânia, do lado leste, desde o ribeiro Arnon até ao monte Hermon, bem como toda a Arabá no lado oriental: ²Seon, rei dos amorreus, que habitava em Hesebon e dominava desde Aroer, que está à beira do vale do Arnon, e desde o meio do vale e a metade de Galaad até o rio Jaboc, fronteira dos amonitas; ³desde a Arabá até o mar de Genesaré para o oriente, e até ao mar de Arabá, o mar Morto, para o oriente, no caminho de Bet-Jesimot, e ao sul, abaixo das encostas do Fasga. ⁴Em seguida o território de Og, rei de Basã, um dos últimos dos rafaim, que habitava em Astarot e Edrai, ⁵e dominava o monte Hermon, Saleca e todo o Basã até às fronteiras dos gessuritas e dos maacatitas, bem como a metade de Galaad, fronteira de Seon, rei de Hesebon. ⁶Moisés, servo de Javé, e os israelitas os derrotaram. E Moisés, servo de Javé, deu as terras deles como propriedade aos rubenitas, aos gaditas e à meia tribo de Manassés.

⁷São estes os reis da terra que Josué e os israelitas derrotaram na Cisjordânia, no oeste, desde Baal-Gad, no vale do Líbano, até ao monte Pelado, que sobe para Seir, cujas terras Josué entregou como propriedade às tribos de Israel, repartindo-as em lotes, ⁸na região montanhosa e na planície, na Arabá e nas encostas, no deserto e no Negueb, onde estavam os heteus, amorreus, cananeus, ferezeus, heveus e jebuseus: ⁹Rei de Jericó, um. Rei de Hai, que está junto de Betel, um. ¹⁰Rei de Jerusalém, um. Rei de Hebron, um. ¹¹Rei de Jarmut, um. Rei de Laquis, um. ¹²Rei de Eglon, um. Rei de Gazer, um. ¹³Rei de Dabir, um. Rei de Gader, um. ¹⁴Rei de Horma, um. Rei de Arad, um. ¹⁵Rei de Lebna, um. Rei de Odolam, um. ¹⁶Rei de Maceda, um. Rei de Betel, um. ¹⁷Rei de Tafua, um. Rei de Ofer, um. ¹⁸Rei de Afec, um. Rei de Saron, um. ¹⁹Rei de Merom, um.

Rei de Hasor, um. ²⁰Rei de Semeron Meron, um. Rei de Acsaf, um. ²¹Rei de Tanac, um. Rei de Meguido, um. ²²Rei de Cedes, um. Rei de Jecnaam do Carmelo, um. ²³Rei de Dor, na região de Dor, um. Rei de Goim, em Guilgal, um. ²⁴Rei de Tersa, um. Ao todo, trinta e um reis. [\[12,1-24\]](#)

II. PARTILHA DA TERRA [13-21]

13 *Ainda há muito que fazer* — ¹Jo-sué envelheceu e estava com idade avançada, quando Javé lhe disse: “Você está velho e com idade avançada, e ainda ficou muitíssima terra por conquistar. ²Eis a terra que ainda ficou: Todas as regiões dos filisteus e toda Gessur, ³desde Sior, que diante do Egito, até o território de Acaron, ao norte, que é considerado como pertencente aos cananeus. Cinco principados filisteus: de Gaza, de Azoto, de Ascalon, de Gat, e de Acaron. E ainda há os aveus ⁴do sul. Toda a terra dos cananeus e Maara, que pertence aos sidônios, até Afeca, até a fronteira dos amorreus. ⁵E ainda a terra dos habitantes de Biblos, e todo o Líbano oriental, desde Baal-Gad, aos pés do monte Hermon, até a entrada de Emat. ⁶E todos os que habitam na região montanhosa, desde o Líbano até Maserefot no oeste. E todos os sidônios. Eu os expulsarei da frente dos israelitas. Você deve repartir a terra como herança a Israel, conforme lhe ordenei. ⁷Agora, portanto, reparta esta terra, para que seja a herança das nove tribos e da meia tribo de Manassés”. [13,1-7]

Tribos da Transjordânia — ⁸Com a outra meia tribo de Manassés, os rubenitas e os gaditas já haviam recebido sua herança na Transjordânia, ao leste, como já lhes havia dado Moisés, servo de Javé: ⁹de Aroer, que está na borda do vale do Arnon, junto com a cidade que está no meio do vale; todo o planalto de Madaba até Dibon; ¹⁰e todas as cidades de Seon, rei dos amorreus que reinava em Hesebon, até à fronteira dos amonitas; ¹¹e ainda Galaad e o território dos gessuritas e dos maacatitas, como também todo o monte Hermon e todo o Basã até Saleca; ¹²e todo o reino de Og em Basã, que reinava em Astarot e Edrai, que ficara do resto dos rafaim, que Moisés havia derrotado e expulsado. ¹³Os israelitas, porém, não puderam expulsar os gessuritas e maacatitas. Por isso Gessur e Maaca continuaram a habitar no meio de Israel até ao dia de hoje. ¹⁴Apenas à tribo de Levi é que Moisés não deu nenhuma herança: a herança dela são as ofertas feitas a Javé, Deus de Israel, como já lhe havia dito.

Tribo de Rúben — ¹⁵Moisés deu uma parte à tribo dos rubenitas, conforme seus clãs. ¹⁶Seu território vai desde Aroer, que está na borda do vale do Arnon, junto com a cidade que está no meio do vale, e todo o planalto de Medaba; ¹⁷Hesebon e todas as cidades que estão no planalto: Dibon, Bamot-Baal, Bet-Baal-Meon,

¹⁸Jasa, Cedimot, Mefaat, ¹⁹Cariataim, Sábama, Sarat-Asaar na serra de Arabá, ²⁰Bet-Fegor; as encostas do Fasga; Bet-Jesimot; ²¹todas as cidades do planalto e todo o reino de Seon, rei dos amorreus, que reinava em Hesebon, a quem Moisés derrotou, derrotando também aos príncipes de Madiã, Evi, Recém, Sur, Hur e Rebe, vassalos de Seon, que habitavam na terra. ²²Quanto ao adivinho Balaão, filho de Beor, os israelitas o mataram à espada junto com os demais. ²³A fronteira dos rubenitas é o Jordão com imediações. Esta é a herança dos rubenitas, conforme seus clãs: as cidades com suas aldeias.

Tribo de Gad — ²⁴Moisés deu uma parte à tribo de Gad, aos gaditas, conforme seus clãs. ²⁵Seu território é Jazer, todas as cidades de Galaad, a metade da terra dos amonitas, até Aroer, que está defronte de Rabá; ²⁶desde Hesebon até Ramot-Masfa e Betonim, desde Maanaim até o território de Lo-Dabar; ²⁷e, no vale, Bet-Aram, Bet-Nemra, Sucot e Safon, o resto do reino de Seon, rei de Hesebon, com o Jordão e imediações, até à extremidade do mar de Genesaré, na Transjordânia, ao leste. ²⁸Essa é a herança dos gaditas, conforme seus clãs: as cidades com suas aldeias.

Meia tribo de Manassés — ²⁹Moisés deu uma parte à meia tribo de Manassés, conforme seus clãs. ³⁰Seu território vai desde Maanaim, todo o Basã, todo o reino de Og, rei de Basã, e todas as aldeias de Jair que estão em Basã: cerca de sessenta cidades; ³¹a metade de Galaad, Astarot e Edrai, cidades do reino de Og em Basã, ficou para os descendentes de Maquir, filho de Manassés, isto é, para a metade dos maquiritas, conforme seus clãs.

³²Foi essa a herança que Moisés repartiu nas estepes de Moab, na Transjordânia, ao leste de Jericó. ³³À tribo de Levi, porém, Moisés não deu nenhuma herança, porque Javé, Deus de Israel, é herança dela, como já lhes havia dito.

14 Tribos ao oeste do Jordão — ¹Eis o que os israelitas herdaram na terra de Canaã, o que o sacerdote Eleazar, Josué, filho de Nun, e os chefes de família das tribos dos israelitas lhes deram como herança. ²A herança foi dada por sorte, como Javé ordenara por meio de Moisés, para as nove tribos e a meia tribo, ³uma vez que Moisés já havia dado na Transjordânia uma herança às duas tribos e à meia tribo. Aos levitas, porém, não deu nenhuma herança no meio dos outros. ⁴Os descendentes de José, de fato, formavam duas tribos: Manassés e

Efraim. E aos levitas não foi dada uma parte na terra, mas apenas cidades para habitarem, com os arredores para seus rebanhos e bens. ⁵Os israelitas agiram como Javé ordenara a Moisés, e repartiram a terra.

A parte de Caleb — ⁶Os descendentes de Judá foram ao encontro de Josué em Guilgal. Então Caleb, filho de Jefoné, o cenezeu, lhe disse: “Você sabe o que Javé falou a Moisés, homem de Deus, em Cades Barne, a respeito de mim e de você. ⁷Eu tinha quarenta anos quando Moisés, servo de Javé, me enviou de Cades Barne para explorar a terra, e eu lhe fiz um relatório merecedor de fé. ⁸Meus irmãos que haviam subido comigo desanimaram o povo. Eu, porém, segui fielmente a Javé meu Deus. ⁹E nesse dia Moisés prometeu: ‘A terra onde pisou o seu pé pertencerá a você e a seus filhos, como herança para sempre, porque você seguiu fielmente a Javé meu Deus’. ¹⁰Pois bem, Javé me conservou vivo, conforme prometera. Quarenta e cinco anos se passaram desde que Javé falou isso a Moisés, quando Israel andava pelo deserto. Eis que agora eu tenho oitenta e cinco anos. ¹¹Hoje ainda estou forte, como no dia em que Moisés me enviou: sinto-me agora tão forte como naquela ocasião, para ir e voltar da guerra. ¹²Dê-me, portanto, esta montanha, da qual Javé falou naquele dia; pois naquele dia você ouviu que aí estavam os enacim e grandes cidades fortificadas. Tomara que Javé esteja comigo, e eu consiga expulsá-los, como Javé prometeu”.

¹³Josué abençoou Caleb, filho de Jefoné, e lhe deu Hebron como herança. ¹⁴É por isso que Hebron pertence a Caleb, filho de Jefoné, o cenezeu, até ao dia de hoje, visto que ele seguiu fielmente a Javé, Deus de Israel.

¹⁵Outrora o nome de Hebron era Cariat-Arbe. Arbe tinha sido o maior homem dentre os enacim.

E a terra ficou em paz, sem guerra. [14,6-15]

15 Tribo de Judá — ¹A porção que tocou à tribo dos descendentes de Judá, conforme seus clãs, estende-se até à fronteira de Edom, ao sul do deserto de Sin, no extremo sul. ²Sua fronteira sul vai desde o mar Morto, desde a língua de terra que olha para o sul, ³e se prolonga para o sul da subida dos Escorpiões, passa por Sin e sobe ao sul de Cades Barne; passa por Hesron, sobe a Adar e rodeia Carca; ⁴depois corre por Asemona, prolonga-se até o rio do Egito, terminando no mar. “Esta será a fronteira sul de vocês”.

⁵Sua fronteira no lado oriental é o mar Morto até à foz do Jordão. Do lado norte, a fronteira vai desde a língua de mar que há na foz do Jordão, ⁶sobe

depois a Bet-Hogla, passa ao norte de Bet-Arabá e sobe até à Pedra de Boen, filho de Rúben, ⁷essa fronteira sobe ainda até Dabir, desde o vale de Acor, olhando para o norte, rumo a Guilgal, que está em frente à encosta de Adomim, ao sul do riacho; daí, a fronteira passa junto das águas de En-Sames, para terminar na direção de En-Roguel; ⁸deste ponto, sobe pelo vale de Ben-Enom, pelo flanco sul dos jebuseus — isto é, Jerusalém — e sobe até ao topo do monte que está diante do vale de Enom, no oeste, na extremidade do vale dos rafaim, ao norte; ⁹a fronteira dobra depois, desde o topo do monte até à fonte das águas de Neftoa, prolonga-se até às cidades do monte Efron e vira na direção de Baala, isto é, Cariat-Iarim. ¹⁰De Baala, a fronteira volta-se para o oeste até o monte Seir; passa ao lado do monte de Jearim ao norte, isto é, Queslon; depois, descendo a Bet-Sames, passa por Tamna. ¹¹A fronteira segue ainda ao lado de Acaron para o norte e, indo a Secron, passa o monte de Baala, saindo de Jebneel, terminando no mar. ¹²O limite oeste era o Grande Mar e imediações. Esse é, de todos os lados, o território dos descendentes de Judá, conforme seus clãs.

Os calebitas ocupam Hebron — ¹³Para Caleb, filho de Jefoné, Josué deu uma parte no meio dos descendentes de Judá, como Javé lhe ordenara, isto é, Cariat-Arbe, que é Hebron. Arbe era o pai de Enac. ¹⁴Caleb expulsou daí os três filhos de Enac: Sesai, Aimã e Tolmai, descendentes de Enac. ¹⁵Daí subiu contra os habitantes de Dabir, outrora chamada Cariat-Séfer. ¹⁶Disse Caleb: “A quem derrotar Cariat-Séfer e a capturar, darei minha filha Acsa por mulher”. ¹⁷E quem a tomou foi Otoniel, filho de Cenez, parente de Caleb; este lhe deu a filha Acsa por mulher. ¹⁸Ora, desde que esta chegou, Otoniel insistiu com ela que pedisse ao pai um campo. Então ela apeou do jumento, e Caleb lhe perguntou: “O que você quer?” ¹⁹Ela respondeu: “Dê-me um presente. Você me deu terra seca. Dê-me também fontes de água”. Então ele deu para ela as fontes de cima e as fontes de baixo. ²⁰Essa é a herança da tribo dos descendentes de Judá, conforme seus clãs.

Lugares ocupados por Judá — ²¹As cidades dos descendentes de Judá no extremo sul, rumo à fronteira de Edom, no Negueb, são estas: Cabseel, Arad, Jagur, ²²Cina, Dimona, Aroer, ²³Cades, Hasor-Jetnã, ²⁴Zif, Telém, Balot, ²⁵Hasor-Adata, Cariot-Hesron — que é Hasor —, ²⁶Amam, Sama, Molada, ²⁷Haser-Gada, Hasemon, Bet-Félet, ²⁸Hasor-Sual, Bersabeia com suas

imediações, ²⁹Baala, Jim, Esem, ³⁰Eltolad, Cesil, Horma, ³¹Siceleg, Madmana, Sensena, ³²Lebaot, Selim, Ain e Remon: ao todo, vinte e nove cidades com suas aldeias.

³³E na Planície: Estaol, Saraá, Asena, ³⁴Zanoe, En-Ganim, Tafua, Enaim, ³⁵Jarmut, Odolam, Soco, Azeca, ³⁶Saraim, Aditaim, Geder e Gederotaim: catorze cidades com suas aldeias. ³⁷Sanã, Hadasa, Magdol-Gad, ³⁸Deleã, Masfa, Jecetel, ³⁹Laquis, Bascat, Eglon, ⁴⁰Quebon, Leemas, Cetlis, ⁴¹Gederot, Bet-Dagon, Naama e Maceda: dezesseis cidades com suas aldeias. ⁴²Lebna, Eter, Asã, ⁴³Jefta, Esna, Nesib, ⁴⁴Ceila, Aczib e Maresa: nove cidades com suas aldeias. ⁴⁵Acaron, com suas vilas e aldeias; ⁴⁶e desde Acaron até ao mar, todas as que estão no lado de Azoto, com suas aldeias. ⁴⁷Azoto com suas vilas e aldeias; Gaza com suas vilas e aldeias até ao rio do Egito e o Grande Mar com suas imediações. ⁴⁸E na serra: Saamir, Jeter, Soco, ⁴⁹Dana, Cariat-Séfer, que é Dabir, ⁵⁰Anab, Estemo, Anim, ⁵¹Gósen, Holon e Gilo: onze cidades com suas aldeias. ⁵²Arab, Duma, Esaã, ⁵³Janum, Bet-Tafua, Afeca, ⁵⁴Hamata, Cariat-Arbe, que é Hebron, e Sior: nove cidades com suas aldeias. ⁵⁵Maon, Carmel, Zif, Jota, ⁵⁶Jezrael, Jucadam, Zanoe, ⁵⁷Acaim, Gabaá e Tamna: dez cidades com suas aldeias. ⁵⁸Halul, Bet-Sur, Gedor, ⁵⁹Maret, Bet-Anot e Eltecon: seis cidades com suas aldeias. (Técua, Éfrata, hoje Belém, Fegor, Etam, Gulon, Tatam, Sores, Carem, Galim, Beter e Manaat: onze cidades com suas aldeias.) ⁶⁰Cariat-Baal, que é Cariat-Iarim, e Areba: duas cidades com suas aldeias. ⁶¹No deserto: Bet-Arabá, Medin, Sacaca, ⁶²Nebsã, Cidade do Sal e Engadi: seis cidades com suas aldeias. ⁶³Os descendentes de Judá, porém, não conseguiram expulsar os jebuseus que habitavam em Jerusalém. É por isso que os jebuseus habitam com os descendentes de Judá em Jerusalém até o dia de hoje.

16 *Tribo de Efraim* — ¹A sorte que tocou aos descendentes de José vai desde o Jordão, perto de Jericó, ao leste das águas de Jericó. É o deserto que sobe de Jericó pela montanha de Betel; ²saindo de Betel, vai até Luza, passando pela fronteira dos araquitais, em Atarot, ³e desce pelo oeste até à fronteira dos jeflatitas, até à fronteira de Bet-Horon Inferior, e até Gazer, terminando no mar. ⁴Foi assim que Manassés e Efraim, filhos de Josué, tiveram também a sua herança.

⁵Eis o território dos efraimitas, conforme seus clãs: A fronteira da sua herança

ao leste é Atarot-Arac, até Bet-Horon superior; ⁶ao oeste, a fronteira vai em direção ao mar com Macmetat ao norte, de onde torna para o leste até Tanat-Silo, passando depois ao leste de Janoe; ⁷desce desde Janoe até Atarot e Naarata, chega a Jericó, terminando no Jordão; ⁸de Tafua a fronteira vai para o oeste pelo riacho de Caná, terminando no mar. Essa é a herança da tribo dos efraimitas, conforme seus clãs, ⁹sem contar as cidades reservadas aos efraimitas no meio da herança dos manasseítas: todas essas cidades com suas aldeias. ¹⁰Eles, porém, não conseguiram expulsar os cananeus que habitavam em Gazer. É por isso que os cananeus habitam no meio de Efraim até ao dia de hoje, mas estão sujeitos a trabalhos forçados.

17 Tribo de Manassés — ¹Eis a porção que tocou à tribo de Manassés, por ser o primogênito de José. A Maquir, primogênito de Manassés, pai de Galaad, ficou Galaad e Basã, pois ele era homem de guerra. ²Aos outros filhos de Manassés, conforme seus clãs, coube o seguinte: aos filhos de Abiezer, aos filhos de Helec, aos filhos de Esriel, aos filhos de Sequem, aos filhos de Héfer, aos filhos de Semida, isto é, aos filhos de sexo masculino de Manassés, filho de José, conforme seus clãs. ³Salfaad, filho de Héfer, filho de Galaad, filho de Maquir, filho de Manassés, não teve filhos, mas somente filhas, que se chamavam Maala, Noa, Hegla, Melca e Tersa.

⁴Elas se apresentaram ao sacerdote Eleazar, a Josué, filho de Nun, e aos representantes. E disseram: “Javé ordenou a Moisés que nos desse uma herança no meio de nossos irmãos”. Então eles deram a elas, conforme a ordem de Javé, uma herança no meio dos irmãos de seu pai. [17,3-4]

⁵Desse modo, couberam também dez partes a Manassés, além da terra de Galaad e Basã, na Transjordânia, ⁶pois as filhas de Manassés receberam uma herança no meio de seus filhos, enquanto a terra de Galaad ficou para os outros filhos de Manassés.

⁷A fronteira de Manassés vai desde Aser até Macmetat, ao leste de Siquém; pelo sul essa fronteira vai até aos habitantes da fonte de Tafua. ⁸Manassés tinha a terra de Tafua. Tafua, porém, embora estivesse no território de Manassés, pertencia aos efraimitas. ⁹A fronteira desce então até o riacho de Caná. As cidades, entre as de Manassés, ao sul do riacho, pertenciam a Efraim. E a fronteira de Manassés estava ao norte do riacho, terminando no mar. ¹⁰E o limite de Efraim ao sul e de Manassés ao norte, era o mar. Estavam em contato com Aser ao norte e Issacar ao leste.

¹¹Em Issacar e Aser, Manassés tinha Betsã e suas vilas, Jeblaam e suas vilas, os habitantes de Dor e suas vilas, os habitantes de Endor e suas vilas, os habitantes de Tanac e suas vilas, e os habitantes de Meguido e suas vilas: são as três colinas. ¹²Os descendentes de Manassés, porém, não conseguiram expulsar os habitantes dessas cidades, e os cananeus continuaram habitando nessa terra. ¹³Quando se tornaram fortes, os israelitas submeteram os cananeus a trabalhos forçados, mas não chegaram a expulsá-los.

Reivindicação dos filhos de José — ¹⁴Os descendentes de José reclamaram com Josué: “Por que você nos deu como herança apenas uma porção, só uma parte, sendo nós um povo tão numeroso, visto que Javé nos abençoou até agora?” ¹⁵Josué respondeu-lhes: “Se você é um povo tão numeroso, suba ao bosque e abra aí um lugar para vocês na terra dos ferezeus e dos rafaim, já que a serra de Efraim é estreita demais para você”. ¹⁶Os descendentes de José replicaram: “A serra não é suficiente para nós, ainda mais que todos os cananeus que habitam na terra do vale têm carros de ferro, tanto aqueles que estão em Betsã e suas vilas, como aqueles que estão no vale de Jezrael”. ¹⁷Josué disse então a Efraim e Manassés, a família de José: “Vocês são um povo numeroso e forte. Por isso, não terão apenas uma parte, ¹⁸mas a serra toda será de vocês. Embora seja um bosque, vocês o cortarão, e pertencerá todo a vocês, até às extremidades. Além disso, vocês expulsarão os cananeus, ainda que eles tenham carros de ferro e sejam fortes”. [14-18]

18 *Partilha da terra* — ¹Toda a comunidade dos israelitas reuniu-se em Silo, e aí armaram a tenda da reunião. A terra tinha sido submetida a eles. ²Contudo, dentre os israelitas restavam sete tribos que ainda não haviam recebido sua herança. ³Josué disse então aos israelitas: “Até quando vocês vão esperar para tomar posse da terra que Javé, Deus de seus antepassados, lhes deu? ⁴Escolham três homens de cada tribo, e eu os enviarei. Eles se disporão, percorrerão a terra e farão dela um mapa dividido por heranças. Depois voltarão a mim. ⁵Dividirão a terra em sete partes: Judá permanecerá no seu território, ao sul, e a casa de José no seu, ao norte. ⁶Façam o mapa da terra em sete partes e tragam a mim, para que eu faça sorteio entre vocês aqui diante de Javé, nosso Deus. ⁷Os levitas não têm nenhuma parte entre vocês, porque a parte deles é serem sacerdotes de Javé. Quanto a Gad, a Rúben e à meia tribo de Manassés, já receberam na Transjordânia a herança que Moisés, servo de Javé, lhes deu”.

⁸Quando os homens se dispuseram para partir, Josué ordenou aos que iam fazer o mapa da terra: “Percorram a terra para fazer o mapa. Depois, voltem a mim, para que eu faça o sorteio entre vocês diante de Javé, em Silo”. ⁹Os homens partiram, atravessaram a terra e a mapearam num livro, cidade por cidade, em sete partes. Depois voltaram a Josué, no acampamento de Silo. ¹⁰Então Josué fez sorteio entre eles diante de Javé, em Silo. Foi aí que Josué distribuiu a terra em partes para os israelitas. [18,1-10]

Tribo de Benjamim — ¹¹O sorteio foi feito para a tribo dos benjaminitas, conforme seus clãs. O território que lhes coube no sorteio fica entre os descendentes de Judá e os descendentes de José. ¹²Do lado norte, sua fronteira parte do Jordão; sobe ao lado de Jericó para o norte; depois, sobe pela serra na direção oeste, terminando no deserto, em Bet-Áven; ¹³daí, a fronteira passa por Luza, ao lado de Luza — isto é, Betel — em direção ao sul, descendo depois até Atarot-Adar, pelo monte que está no sul de Bet-Horon Inferior. ¹⁴A fronteira dobra então e volta do lado oeste para o sul, desde o monte que está diante de Bet-Horon ao sul, indo terminar em Cariat-Baal, isto é, Cariat-Iarim, cidade dos descendentes de Judá. Esse é o lado ocidental. ¹⁵O lado sul começa em Cariat-Iarim. A fronteira segue para o oeste em direção à fonte das águas de Neftoa; ¹⁶depois, a fronteira desce até à extremidade do monte que está em frente ao vale de Ben-Enom, ao norte do vale dos rafaim; e vai descendo o vale de Enom, ao lado dos jebuseus para o sul, indo até En-Roguel; ¹⁷dobra então para o norte, chega a En-Sames, de onde sai para o círculo de pedras que está diante da subida de Adomim, e desce até à Pedra de Boen, descendente de Rúben; ¹⁸passa depois a Quetef, na encosta para o norte, diante de Arabá, e desce para a Arabá. ¹⁹A fronteira passa depois ao lado de Bet-Hegla ao norte, para terminar na laguna do mar Morto ao norte, na extremidade sul do Jordão. Essa é a fronteira sul. ²⁰No lado oriental a fronteira é o Jordão. Essa é a herança dos benjaminitas, conforme seus clãs, com as fronteiras de todos os lados.

Cidades de Benjamim — ²¹E são estas as cidades da tribo dos benjaminitas, conforme seus clãs: Jericó, Bet-Hegla, Amec-Casis, ²²Bet-Arabá, Samaraim, Betel, ²³Avim, Fara, Efra, ²⁴Cafar-Emona, Ofni e Gaba; são doze cidades com suas aldeias. ²⁵Gabaon, Ramá, Berot, ²⁶Masfa, Cafira, Mosa, ²⁷Recém, Jarafel, Tarala, ²⁸Sela-Elef, Jebus, que é Jerusalém, Gabaá e Cariat: catorze cidades com suas aldeias. Essa é a herança dos benjaminitas, conforme seus clãs.

19 *Tribo de Simeão* — ¹Na segunda vez, o sorteio saiu para Simeão, para a tribo dos simeonitas, conforme seus clãs. Sua herança ficou no meio da herança dos descendentes de Judá. ²Tocou para eles como herança: Bersabeia, Saba, Molada, ³Haser-Sual, Bela, Asem, ⁴Eltolad, Betul, Horma, ⁵Siceleg, Bet-Marcabot, Haser-Susa, ⁶Bet-Lebaot e Saroen: treze cidades com suas aldeias. ⁷Ain, Remon, Atar e Asã: quatro cidades com suas aldeias, ⁸e também todas as aldeias que estão ao redor dessas mesmas cidades, até Baalat-Beer, que é Ramá do Negueb. Essa foi a herança da tribo dos simeonitas, conforme seus clãs. ⁹A herança dos simeonitas foi tirada da parte dos descendentes de Judá, pois era demasiadamente grande para eles. É por isso que os simeonitas receberam sua herança no meio da herança dos descendentes de Judá.

Tribo de Zabulon — ¹⁰Na terceira vez, o sorteio saiu para Zabulon, conforme seus clãs. A fronteira da sua herança vai até Sadud, ¹¹sobe pelo oeste até Merala, toca Debaset e chega até ao riacho que está na frente de Jecnaam. ¹²De Sadud, ela se volta para o leste, para o sol nascente, até ao limite de Ceselet-Tabor; sai na direção de Daberet e sobe até Jáfia; ¹³daí, continua para o leste, passa por Gat-Héfer e Etacasim, continua até Remon e dobra na direção de Noa; ¹⁴depois, a fronteira contorna pelo norte de Hanaton, para terminar no vale de Jectael; ¹⁵aí estão Catet, Naalol, Semeron, Jerala e Belém: doze cidades com suas aldeias. ¹⁶Essa é a herança dos zabulonitas, conforme seus clãs: todas essas cidades com suas aldeias.

Tribo de Issacar — ¹⁷Na quarta vez, o sorteio saiu para Issacar, para os descendentes de Issacar, conforme seus clãs. ¹⁸Seu território compreende: Jezrael, Casalot, Suném, ¹⁹Hafaraim, Seon, Anaarat, ²⁰Daberat, Cesion, Abes, ²¹Ramet, En-Ganim, En-Hada, Bet-Fases. ²²A fronteira chega ao Tabor, Seesima e Bet-Sames, terminando no Jordão: dezesseis cidades com suas aldeias. ²³Essa é a herança dos descendentes de Issacar, conforme seus clãs: todas essas cidades com suas aldeias.

Tribo de Aser — ²⁴Na quinta vez, o sorteio saiu para a tribo dos aseritas, conforme seus clãs. ²⁵Seu território compreende Halcat, Cali, Beten, Acsaf, ²⁶Elmelec, Amaad e Messal; sua fronteira oeste toca o Carmelo e o rio Labanat, ²⁷volta-se para o leste até Bet-Dagon, toca Zabulon e o vale de Jeftael, ao norte

de Bet-Emec e de Neiel, e sai pela esquerda em direção a Cabul, ²⁸Abdon, Roob, Hamon e Caná, até a grande Sidônia; ²⁹a fronteira volta depois para Ramá, até à cidade fortificada de Tiro; torna então a Hosa, terminando no mar, na região de Aczib. ³⁰Aí estão Aco, Afec e Roob: vinte e duas cidades com suas aldeias. ³¹Essa é a herança da tribo dos descendentes de Aser, conforme seus clãs: todas essas cidades com suas aldeias.

Tribo de Neftali — ³²Na sexta vez, o sorteio saiu para os descendentes de Neftali, conforme seus clãs: ³³sua fronteira vai desde Helef e do carvalho de Saananim, Adami-Neceb, Jebnael, até Lecum, terminando no Jordão. ³⁴A fronteira volta para o oeste até Aznot-Tabor, de onde passa para Hucoca: toca Zabulon ao sul, Aser a oeste e o Jordão ao leste. ³⁵As cidades fortificadas são: Asedim, Ser, Emat, Recat, Quineret, ³⁶Edema, Rama, Hasor, ³⁷Cedes, Edrai, En-Hasor, ³⁸Jeron, Magdalel, Horém, Bet-Anat e Bet-Sames: dezenove cidades com suas aldeias. ³⁹Essa é a herança da tribo dos descendentes de Neftali, conforme seus clãs: todas essas cidades com suas aldeias.

Tribo de Dã — ⁴⁰Na sétima vez, o sorteio saiu para a tribo dos danitas, conforme seus clãs. ⁴¹O território da sua herança compreende Saraá, Estaol, Ir-Sames, ⁴²Salebi, Aialon, Silata, ⁴³Elon, Tamna, Acaron, ⁴⁴Eltece, Gebeton, Baalat, ⁴⁵Azor, Benê-Barac, Gat-Remon, ⁴⁶as águas do Jarcon e do Racon, com o território que está diante de Jope. ⁴⁷O território dos danitas, contudo, saíra pequeno. Então os danitas subiram para guerrear contra Lesem, e a tomaram, passando-a ao fio da espada. Apossaram-se dela e aí habitaram, dando-lhe o nome de Dã, por causa de Dã, o nome de seu antepassado. ⁴⁸Essa foi a herança da tribo dos danitas, conforme seus clãs: todas essas cidades com suas aldeias.

⁴⁹E assim terminaram de repartir a terra em herança, conforme seus territórios. Em seguida, os israelitas deram a Josué, filho de Nun, uma herança no meio deles. ⁵⁰Conforme a ordem de Javé, deram-lhe a cidade que ele pedira, Tamnat-Saraá, na serra de Efraim. Ele reconstruiu a cidade e aí se estabeleceu.

⁵¹São essas as heranças que o sacerdote Eleazar e Josué, filho de Nun, junto com os chefes de família das tribos dos israelitas, repartiram, tirando a sorte em Silo, diante de Javé, na porta da tenda da reunião. E assim terminaram de repartir a terra.

20 *Cidades de refúgio* — ¹Javé disse a Josué: ²“Fale aos israelitas: Separem as cidades de refúgio, sobre as quais eu lhes falei por meio de Moisés. ³E assim poderá fugir para elas o homicida que tiver matado alguém involuntariamente, sem querer. Assim elas servirão para vocês de refúgio diante do vingador do sangue. ⁴O homicida poderá fugir para uma dessas cidades e, colocando-se junto à entrada da porta da cidade, poderá expor o caso aos anciãos dessa cidade. Estes o acolherão na cidade e lhe darão um lugar para que habite com eles. ⁵Se o vingador do sangue o perseguir, eles não lhe poderão entregar o homicida, pois foi sem querer que matou o próximo, e não porque antes o tivesse odiado. ⁶Ele se estabelecerá nessa cidade até comparecer para o julgamento diante da comunidade, até à morte do chefe dos sacerdotes que estiver em função nesses dias. Depois disso, o homicida poderá retornar, voltando para sua cidade e sua casa, para a cidade de onde fugira”.

⁷Eles consagraram então Cedes, na Galileia, na serra de Neftali. Siqué, na serra de Efraim e Cariat-Arbe, que é Hebron, na serra de Judá. ⁸Na Transjordânia, ao leste de Jericó, separaram Bosor, no deserto, no planalto da tribo de Rúben. Ramot de Galaad, na tribo de Gad. E Golã em Basã, na tribo de Manassés. ⁹Foram essas as cidades designadas para todos os israelitas e para o imigrante que estivesse vivendo entre eles, a fim de que nelas pudesse refugiar-se quem tivesse matado involuntariamente. Desse modo, não morreria pela mão do vingador do sangue antes de ter comparecido diante da comunidade. [20,1-9]

21 *Cidades levíticas* — ¹Os chefes de família de Levi se apresentaram ao sacerdote Eleazar, a Josué, filho de Nun, e aos chefes de família das tribos dos israelitas, ²em Silo, na terra de Canaã. E lhes disseram: “Javé ordenou, por meio de Moisés, que nos fossem dadas cidades para habitar, junto com seus arredores para nossos rebanhos”. ³Então, conforme a ordem de Javé, os israelitas, de sua herança, deram para os levitas as seguintes cidades junto com seus arredores: ⁴O sorteio saiu para os clãs dos caatitas. Assim, os descendentes do sacerdote Aarão, dentre os levitas, receberam por sorteio treze cidades da tribo de Judá, da tribo de Simeão e da tribo de Benjamim. ⁵Os outros descendentes de Caat receberam por sorteio dez cidades dos clãs da tribo de Efraim, da tribo de Dã e da meia tribo de Manassés. ⁶Os descendentes de Gérson receberam por sorteio treze cidades em Basã, dos clãs da tribo de Issacar, da tribo de Neftali e da meia tribo de Manassés. ⁷Os descendentes de Merari, conforme seus clãs, receberam por sorteio doze cidades da tribo de Rúben, da

tribo de Gad e da tribo de Zabulon. ⁸Os israelitas deram aos levitas essas cidades junto com os arredores, fazendo sorteio, como Javé havia ordenado por meio de Moisés.

Parte dos caatitas — ⁹Da tribo dos descendentes de Judá e da tribo dos descendentes de Simeão, eles deram as seguintes cidades que vão ser designadas pelos nomes: ¹⁰Para os descendentes de Aarão, pertencentes aos clãs dos caatitas, dentre os levitas — porquanto na primeira vez o sorteio saiu para eles — ¹¹deram Cariat-Arbe, que é Hebron, na serra de Judá, com os arredores que a cercam. Arbe era o pai de Enac. ¹²O campo da cidade com suas aldeias, porém, foi dado como propriedade a Caleb, filho de Jefoné. ¹³Como cidades de refúgio para o homicida, deram aos descendentes do sacerdote Aarão: Hebron com os arredores, Lebna com os arredores, ¹⁴Jeter com os arredores, Estemo com os arredores, ¹⁵Holon com os arredores, Dabir com os arredores, ¹⁶Asã com os arredores, Jeta com os arredores, Bet-Sames com os arredores: nove cidades dessas duas tribos. ¹⁷Da tribo de Benjamim: Gabaon com os arredores, Gaba com os arredores, ¹⁸Anatot com os arredores, Almon com os arredores: quatro cidades. ¹⁹Total das cidades dos sacerdotes, descendentes de Aarão: treze cidades com os arredores.

²⁰Os clãs levíticos dos outros filhos de Caat receberam por sorteio cidades da tribo de Efraim. ²¹Como cidades de refúgio para o homicida lhes deram: Siquém com os arredores na serra de Efraim, Gazer com os arredores, ²²Cibsaím com os arredores, Bet-Horon com os arredores: quatro cidades. ²³Da tribo de Dã: Eltece com os arredores, Gebaton com os arredores, ²⁴Aialon com os arredores, Gat-Remon com os arredores: quatro cidades. ²⁵Da meia tribo de Manassés: Tanac com os arredores, Jebelaam com os arredores: duas cidades. ²⁶Total: dez cidades com os arredores, para os clãs dos outros filhos de Caat.

Parte dos descendentes de Gérson — ²⁷Aos descendentes de Gérson, dos clãs levíticos, deram como cidades de refúgio para o homicida, na meia tribo de Manassés: Golã em Basã com os arredores e Beesterá com os arredores: duas cidades. ²⁸Da tribo de Issacar: Cesion com os arredores, Daberat com os arredores, ²⁹Jarmut com os arredores, En-Ganim com os arredores: quatro cidades. ³⁰Da tribo de Aser: Masal com os arredores, Abdon com os arredores, ³¹Helcat com os arredores, Roob com os arredores: quatro cidades. ³²Da tribo de

Neftali, deram como cidades de refúgio para o homicida: Cedes na Galileia com os arredores, Hamot-Dor com os arredores, Cartã com os arredores: três cidades. ³³Total das cidades dos gersonitas, conforme seus clãs: treze cidades com os arredores.

Parte dos descendentes de Merari — ³⁴Aos outros levitas dos clãs dos descendentes de Merari, deram da parte da tribo de Zabulon: Jecnaam com os arredores, Carta com os arredores, ³⁵Demna com os arredores, Naalol com os arredores: quatro cidades. ³⁶Da tribo de Rúben: Bosor com os arredores, Jasa com os arredores, ³⁷Cedimot com os arredores, Mefaat com os arredores: quatro cidades. ³⁸Da tribo de Gad, deram como cidades de refúgio para o homicida: Ramot de Galaad com os arredores, Maanaim com os arredores, ³⁹Hesebon com os arredores, Jazer com os arredores; total dessas cidades: quatro. ⁴⁰Total das cidades que tocaram por sorteio aos outros descendentes de Merari conforme seus clãs, que pertenciam aos clãs dos levitas: doze cidades.

⁴¹Total das cidades levíticas no meio da propriedade dos israelitas: quarenta e oito cidades com os arredores. ⁴²Cada uma dessas cidades incluía os arredores. Assim acontecia com todas essas cidades.

Final da partilha — ⁴³Desse modo, Javé deu a Israel toda a terra que jurara dar a seus antepassados. Eles tomaram posse e nela se estabeleceram. ⁴⁴Javé lhes concedeu repouso de todos os lados, conforme tudo o que havia jurado a seus antepassados. Nenhum dos inimigos conseguiu resistir a eles: Javé lhes entregou todos os inimigos. ⁴⁵Nenhuma coisa falhou de todas as boas palavras que Javé havia dito à casa de Israel. Todas se cumpriram. [\[21,1-45\]](#)

III. O FUTURO DEPENDE DA FIDELIDADE A JAVÉ

22 *O elo de união* — ¹Então Josué convocou os rubenitas, os gaditas e a meia tribo de Manassés, ²e lhes disse: “Vocês obedeceram a todas as ordens de Moisés, servo de Javé, e fizeram também tudo o que eu lhes ordenei. ³Vocês não abandonaram seus irmãos durante todo esse tempo, até o dia de hoje. Vocês procuraram obedecer aos mandamentos de Javé seu Deus. ⁴Agora Javé seu Deus concedeu a seus irmãos o descanso prometido. Podem, portanto, voltar para as tendas de vocês, para a terra que lhes pertence, a qual Moisés, servo de Javé, lhes deu na Transjordânia. ⁵Entretanto, procurem colocar em prática o mandamento e a Lei que Moisés, servo de Javé, lhes ordenou: Amem a Javé seu Deus. Andem em todos os seus caminhos. Guardem seus mandamentos. Apeguem-se a Javé e o sirvam com todo o coração e com toda a alma”. ⁶E Josué, depois de abençoá-los, despediu-se deles. E eles foram para as suas tendas.

⁷Moisés tinha dado terras em Basã à meia tribo de Manassés. Para a outra metade, Josué deu terras entre seus irmãos, ao oeste, na Cisjordânia. Josué também os despediu para suas tendas, abençoando-os: ⁸“Voltem para suas tendas, cheios de riquezas, com muitos rebanhos, com prata e ouro, bronze e ferro, e muitas roupas. Repartam com seus irmãos os despojos de seus inimigos”. [22,1-8]

Testemunho de fidelidade — ⁹Então os rubenitas, os gaditas e a meia tribo de Manassés foram embora, deixando os israelitas em Silo, na terra de Canaã. Dirigiram-se para a terra de Galaad, que lhes pertencia e que haviam recebido como posse, conforme a ordem de Javé, dada por intermédio de Moisés. ¹⁰Quando chegaram a Galilot do Jordão, na terra de Canaã, os rubenitas, os gaditas e a meia tribo de Manassés construíram aí, junto ao Jordão, um altar grande e bem visível.

¹¹Os israelitas ficaram sabendo que os rubenitas, os gaditas e a meia tribo de Manassés haviam construído esse altar na frente da terra de Canaã, em Galilot do Jordão, em território israelita. ¹²Ao tomar conhecimento disso, reuniram a comunidade dos israelitas em Silo para fazer guerra contra eles.

¹³E para conversar com os rubenitas, os gaditas e a meia tribo de Manassés, os

israelitas resolveram enviar Fineias, filho do sacerdote Eleazar, ¹⁴e mais dez chefes, um de cada tribo de Israel, que eram chefes de família entre as famílias de Israel. ¹⁵Eles foram a Galaad para conversar com os rubenitas, gaditas e a meia tribo de Manassés. E disseram para eles: ¹⁶“Assim fala toda a comunidade de Israel: Que infidelidade é essa que vocês cometeram contra o Deus de Israel, deixando hoje de seguir Javé? Vocês construíram um altar, revoltando-se contra Javé! ¹⁷Por acaso, não nos basta o crime de Fegor, do qual ainda não estamos purificados até o dia de hoje, e que atraiu uma praga sobre a comunidade de Javé? ¹⁸Vocês hoje estão se revoltando contra Javé, amanhã ele vai ficar irado contra toda a comunidade de Israel. ¹⁹Se a terra que vocês receberam como propriedade está impura, passem para a terra da propriedade de Javé, onde se encontra a moradia de Javé, e se estabeleçam em nosso meio. Mas não se revoltem contra Javé, nem nos façam participar da rebelião de vocês, construindo para vocês um altar, além do altar oficial de Javé nosso Deus. ²⁰Quando Acã, bisneto de Zaré, cometeu uma infidelidade em relação às coisas que estavam consagradas ao extermínio, não foi sobre toda a comunidade de Israel que veio a ira? Aquele homem não foi o único a morrer por causa de seu crime”.

²¹Os rubenitas, os gaditas e a meia tribo de Manassés responderam aos chefes de família de Israel: ²²“Javé, Deus dos deuses, Javé bem o sabe! E Israel também deve saber: se houve uma revolta ou infidelidade contra Javé, que ele hoje mesmo nos castigue. ²³Se construímos um altar para voltar as costas para Javé, e para nele oferecer holocaustos, oblações e sacrifícios de comunhão, que Javé nos peça contas! ²⁴Pelo contrário, nós construímos um altar com esta preocupação: amanhã, os filhos de vocês perguntarão aos nossos: ‘O que é que vocês têm em comum com Javé, Deus de Israel?’ ²⁵Javé colocou o rio Jordão como fronteira entre nós e vocês, filhos de Rúben e de Gad. Vocês não têm relação nenhuma com Javé! Desse modo, os filhos de vocês afastariam os nossos filhos do culto a Javé. ²⁶Por isso decidimos: ‘Vamos construir este altar, não para fazer holocaustos ou sacrifícios, ²⁷mas como testemunho entre nós e vocês, e entre nossos futuros descendentes, demonstrando que queremos servir a Javé na presença dele, com nossos holocaustos e sacrifícios de comunhão’. Desse modo, os filhos de vocês não poderão dizer um dia aos nossos filhos: ‘Vocês não têm relação nenhuma com Javé!’ ²⁸Então pensamos: ‘Se amanhã disserem algo a nós ou aos nossos descendentes, nós explicaremos: Vejam a forma deste altar

de Javé que nossos pais fizeram. Não é para fazer holocaustos ou apresentar sacrifícios, mas apenas para ser um testemunho entre nós e vocês'. ²⁹Longe de nós nos revoltarmos contra Javé ou lhe voltarmos hoje as costas, construindo um altar para oferecer holocaustos, apresentar ofertas e sacrifícios de comunhão, fora do altar de Javé nosso Deus, que está na frente da moradia dele”.

³⁰Quando o sacerdote Fineias, os responsáveis da comunidade e os chefes de família de Israel, que o acompanhavam, ouviram as explicações dos rubenitas, dos gaditas e dos manasseítas, ficaram satisfeitos. ³¹Então Fineias, filho do sacerdote Eleazar, disse aos rubenitas, aos gaditas e aos manasseítas: “Hoje sabemos que Javé está no meio de nós, pois vocês não cometeram tal infidelidade contra Javé. Desse modo, vocês livraram os israelitas do castigo de Javé”.

³²Fineias, filho do sacerdote Eleazar, e os responsáveis deixaram os rubenitas e os gaditas na terra de Galaad e voltaram para a terra de Canaã, para junto dos israelitas, informando-os de tudo. ³³Os israelitas ficaram satisfeitos e deram graças a Deus. Ninguém mais falou em subir para guerrear contra eles, destruindo a terra em que os rubenitas e os gaditas habitavam. ³⁴Por isso, os rubenitas e os gaditas chamaram o altar de “Ele é testemunho entre nós de que Javé é Deus”. [9-34]

23 *Testamento de Josué* — ¹Passou-se muito tempo desde que Javé havia dado descanso a Israel, no meio dos seus inimigos vizinhos. Já em idade avançada, ²Josué convocou todo o Israel, os anciãos, os chefes de família, os juízes e os oficiais, e lhes disse: “Eu já estou velho, em idade avançada. ³Vocês viram tudo o que Javé seu Deus fez em favor de vocês contra essas nações. Foi Javé seu Deus quem lutou por vocês. ⁴Vejam: através de sorteio eu reparti para vocês, como propriedade para as suas tribos, todas essas nações que ainda restam, juntamente com aquelas que destruí, desde o rio Jordão até o grande Mar, no ocidente. ⁵O próprio Javé seu Deus expulsará essas nações diante de vocês. Ele mesmo as desalojará, para que vocês tomem posse de suas terras, como lhes prometeu Javé seu Deus.

⁶Procurem ser muito fortes na observância e no cumprimento de tudo o que está escrito no livro da Lei de Moisés, sem se desviarem, nem para a direita nem para a esquerda. ⁷Não se misturem com essas nações que ainda restam no meio de vocês. Não invoquem os deuses delas, nem jurem por eles. Não os sirvam nem os adorem. ⁸Apeguem-se unicamente a Javé seu Deus, como vocês têm

feito até o dia de hoje. ⁹Diante de vocês, Javé expulsou nações grandes e poderosas, e até agora ninguém foi capaz de opor resistência a vocês. ¹⁰Um só de vocês pôde perseguir mil, porque o próprio Javé seu Deus lutava por vocês, como ele havia prometido. ¹¹Portanto, prestem atenção a vocês mesmos: Amem a Javé seu Deus. ¹²Todavia, se vocês se desviarem e se unirem a essas nações que ainda restam em seu meio, se vocês se misturarem com elas, e elas com vocês, ¹³fiquem certos de uma coisa: Javé seu Deus não expulsará mais essas nações de diante de vocês, e elas serão laço e armadilha para vocês, chicote em suas costas, espinho em seus olhos, até que vocês desapareçam completamente desta boa terra que Javé seu Deus lhes deu.

¹⁴Vejam! Hoje eu sigo o caminho de todo homem. Reconheçam com todo o coração e com toda a alma: de todas as promessas que Javé seu Deus lhes fez, nenhuma delas ficou sem se cumprir. Tudo se realizou para vocês. Nenhuma delas falhou. ¹⁵Assim como se realizaram para vocês todas as promessas feitas por Javé seu Deus, do mesmo modo Javé realizará contra vocês todas as maldições dele, até eliminar totalmente vocês desta boa terra que Javé seu Deus lhes deu. ¹⁶Se vocês transgredirem a aliança que Javé seu Deus lhes ordenou, e servirem a outros deuses, adorando-os, então a ira de Javé se acenderá contra vocês e rapidamente vocês desaparecerão da boa terra que ele lhes deu”. [23,1-16]

24 *O compromisso decisivo* — ¹Josué reuniu as tribos de Israel em Siquém. Convocou todos os anciãos de Israel, os chefes, juízes e oficiais. E todos se apresentaram diante de Deus. ²Então Josué falou a todo o povo: “Assim diz Javé, o Deus de Israel: Outrora, os seus antepassados, Taré, pai de Abraão e de Nacor, habitavam do outro lado do rio Eufrates e serviam a outros deuses. ³Eu, porém, tomei Abraão, antepassado de vocês, e o fiz sair do outro lado do Eufrates para percorrer toda a terra de Canaã. Multipliquei a descendência dele e lhe dei Isaac. ⁴Para Isaac, dei Jacó e Esaú. Para Esaú, dei como herança a serra de Seir, enquanto Jacó e seus filhos desceram para o Egito. ⁵Então enviei Moisés e Aarão para castigar o Egito com os prodígios que realizei e fiz vocês saírem de lá. ⁶Tirei do Egito seus antepassados que chegaram até o mar. Os egípcios perseguiram os antepassados de vocês com carros e cavaleiros, até o mar Vermelho. ⁷Vocês clamaram a Javé, e ele colocou uma densa nuvem entre vocês e os egípcios; e fez o mar voltar-se contra eles, afogando-os. Vocês viram com seus próprios olhos o que eu fiz no Egito. Depois, vocês habitaram no deserto por muito tempo. ⁸Do deserto, eu fiz vocês entrarem na terra dos amorreus que

habitavam na Transjordânia. Eles fizeram guerra contra vocês, mas eu os entreguei em suas mãos, e vocês tomaram posse da terra deles, depois que eu os destruí diante de vocês. ⁹Depois veio Balac, filho de Sefor, rei de Moab, e guerreou contra Israel. Ele mandou chamar Balaão, filho de Beor, para amaldiçoar vocês. ¹⁰Mas eu não quis ouvir Balaão: ele teve de abençoar vocês, e eu livreí vocês das mãos dele. ¹¹A seguir, vocês atravessaram o rio Jordão para chegar a Jericó. Mas os chefes de Jericó guerrearam contra vocês. E todos eles, amorreus, ferezeus, cananeus, heteus, gergeseus, heveus e jebuseus, eu os entreguei em suas mãos. ¹²Mandei vespas na frente de vocês para expulsarem os dois reis amorreus. Isso não foi feito nem com a espada nem com o arco de vocês. ¹³Eu dei a vocês uma terra que não lhes custou nada, cidades que vocês não construíram e onde agora vivem, plantações de uvas e azeitonas que vocês não plantaram, e das quais vocês se alimentam.

¹⁴Agora, portanto, temam a Javé, servindo-o com integridade e fidelidade. Tirem do meio de vocês os deuses, a quem seus antepassados serviram no outro lado do rio Eufrates e no Egito. Sirvam a Javé. ¹⁵Contudo, se vocês acham que não é bom servir a Javé, escolham hoje a quem vocês querem servir: aos deuses que seus antepassados serviram no outro lado do rio Eufrates, ou aos deuses dos amorreus, na terra dos quais agora vocês habitam. Eu e minha família serviremos a Javé”.

¹⁶Então o povo respondeu: “Longe de nós abandonar Javé para servir a outros deuses! ¹⁷Foi Javé nosso Deus quem nos tirou, a nós e a nossos antepassados, da terra do Egito, da casa da escravidão. Foi ele quem fez esses grandes sinais diante de nossos olhos, e nos protegeu por todo o caminho que percorremos e entre todos os povos no meio dos quais atravessamos. ¹⁸Foi Javé quem expulsou de diante de nós todos os povos e os amorreus que habitavam a terra. Portanto, nós também serviremos a Javé, pois ele é o nosso Deus”.

¹⁹Josué replicou: “Vocês não poderão servir a Javé, porque ele é um Deus santo, um Deus ciumento. Ele não perdoará suas transgressões e pecados. ²⁰Se vocês abandonarem Javé para servir aos deuses estrangeiros, ele se voltará de novo contra vocês, e os maltratará e destruirá, apesar de lhes ter feito o bem”.

²¹O povo respondeu a Josué: “Não! Nós serviremos a Javé”. ²²Então Josué disse ao povo: “Vocês são testemunhas contra vocês mesmos de que escolheram servir a Javé”. O povo respondeu: “Nós somos testemunhas”. ²³Josué disse: “Pois bem! Joguem fora os deuses estrangeiros que vocês têm, e inclinem o

coração para Javé, o Deus de Israel”. ²⁴O povo disse a Josué: “Nós serviremos a Javé nosso Deus e a ele obedeceremos”.

²⁵Nesse dia, Josué fez uma aliança com o povo e, em Siquém, estabeleceu para eles um estatuto e um direito. ²⁶Josué escreveu essas palavras no livro da Lei de Deus. Depois, pegou uma grande pedra e a ergueu aí, debaixo do carvalho que está no santuário de Javé. ²⁷Em seguida, disse ao povo: “Esta pedra será um testemunho contra nós, porque ela ouviu todas as palavras que Javé nos disse. Será um testemunho contra vocês, para que não reneguem o seu Deus”. ²⁸Em seguida, Josué despediu o povo, e cada um voltou para a sua herança. [\[24,1-28\]](#)

IV. APÊNDICES

Deus cumpriu a promessa — ²⁹Alguns tempo depois morreu Josué, filho de Nun, servo de Javé, com cento e dez anos. ³⁰Foi enterrado no território que recebeu como herança em Tamnat-Sare, que está na região montanhosa de Efraim, ao norte do monte Gaás. ³¹Israel serviu a Javé enquanto viveu Josué e enquanto viveram depois de Josué todos os anciãos que tinham conhecido todas as obras que Javé tinha realizado em favor de Israel.

³²Os ossos de José, que os filhos de Israel tinham trazido do Egito, foram enterrados em Siquém, na parte do campo que Jacó havia comprado dos filhos de Hemor, pai de Siquém, por cem moedas de prata e que se tornara herança dos filhos de José. ³³Depois morreu Eleazar, filho de Aarão. Foi enterrado em Gabaá, cidade que pertencia a seu filho Fineias, e que lhe fora dada na região montanhosa de Efraim. [29-33]

NOTAS

[1,1-9] O livro de Josué relata o cumprimento da promessa: Deus vai dar a terra ao seu povo. Esse dom, porém, supõe firmeza e coragem, pois o povo terá que lutar para se apropriar da terra que Deus lhe deu. O dom implica também uma *condição*: que a terra seja o lugar onde se constrói uma sociedade fraterna e igualitária, conforme foi projetada no Deuteronômio (“Livro da Lei”).

[10-18] A conquista da terra é uma luta de todo o povo. O importante é agir solidariamente, pois o movimento não terminará enquanto não estiverem todos na posse do seu lote.

[2,1-24] A conquista começa com a estratégia da espionagem. Canaã é um conjunto de cidades-estado, onde a exploração econômica reduz muitas pessoas ao trabalho forçado ou à marginalização. Uma delas é Raab, forçada à prostituição; ela se torna o primeiro contato dos espiões. E a situação de conflito aparece na perseguição desencadeada pelo rei de Jericó. No centro do texto, está a aliança entre os que trazem a proposta de uma nova sociedade e os descontentes com o sistema social vigente. Essa aliança é feita em nome de Javé, integrando todo um grupo que era marginalizado pelo sistema.

[3,1-17] A arca é o sacramento da presença do Deus libertador que caminha à

frente do seu povo, conduzindo-o para a terra prometida. Toda a etapa do deserto se coloca entre dois milagres semelhantes: a travessia do mar Vermelho “a pé enxuto” (Ex 14,22; 15,19), passando da escravidão para a liberdade, e a travessia do rio Jordão, também “a pé enxuto”, entrando na terra dada por Deus para a construção de uma vida nova.

[3-4] Os pormenores dessa travessia do rio Jordão lembram uma celebração litúrgica (a presença da arca, os sacerdotes, a distância, a purificação, a travessia em forma de procissão). Talvez tenhamos aqui uma liturgia com que o povo celebrava a entrada na terra prometida.

[4,1-24] Antes da instalação de Israel, Canaã era um conjunto de cidades-estado que oprimiam e empobreciam a população camponesa, através do sistema tributário. A conquista realizada por Israel derrotou esse sistema e implantou *o sistema das doze tribos* (note-se a insistência nas “doze pedras”), visando construir uma sociedade justa e igualitária. Outra insistência do capítulo está na “*travessia*” rumo a esse novo sistema. Por isso, recorda a libertação do êxodo, da qual a travessia do mar Vermelho era símbolo. Note-se a importância da catequese dos vv. 6-7.21-24: a nova geração deve ser educada a não voltar para trás, reproduzindo o sistema social injusto.

[5,1] A chama da liberdade do povo causa medo naqueles que detêm o poder: estes sabem que a liberdade do povo é o fim de seus privilégios.

[2-9] A circuncisão é o sinal da pertença ao povo de Javé. São circuncidados a nova geração e novos grupos que vão aderindo ao projeto de Javé (cf. nota em 2,1-24).

[10-12] Sobre a Páscoa e os pães sem fermento, cf. nota em Ex 12. Com a entrada na terra, começa a etapa final do movimento da libertação, iniciado com a saída do Egito. A contraposição entre produtos da terra e maná marca o fim do período no deserto.

[13-15] A personagem com a espada desembainhada recorda o anjo exterminador (cf. Ex 12). Foi o próprio Javé quem acompanhou o povo no deserto (cf. Ex 14,19; 23,20.23.32.34) e que agora “acaba de chegar” para dirigir o exército de Israel na conquista da terra. Agora, a terra toda é sagrada (cf. Ex 3,7-8), porque é propriedade de Javé, e vai ser entregue ao povo para que este aí realize o projeto de Javé.

[6,1-27] O relato da tomada de Jericó é uma espécie de modelo da estratégia

usada na conquista das cidades-estado de Canaã. Na ocasião da conquista, Jericó não tinha muralhas, e talvez já nem fosse habitada, pois tinha sido destruída fazia dois séculos. Provavelmente, foi nesse lugar que começou a ser celebrada a representação ritual de uma guerra santa com pormenores *litúrgicos* (arca, procissão, sacerdotes, sete dias, toque de trombeta) e *guerreiros* (arca, guerreiros, grito de guerra, toque de trombeta). Sobre a consagração ao extermínio, cf. nota em Nm 21,1-3. Sobre Raab, cf. nota do capítulo 2.

[7,1-26] Israel está para formar uma sociedade justa e igualitária. Por isso, não pode contaminar-se com o luxo e a riqueza de uma estrutura social injusta. O pecado de Acã foi o de se ter apossado daquilo que pertencia a Javé e, conseqüentemente, a todo o povo. Note-se a estrutura crescente do pecado: *ver, cobiçar, pegar* (v. 21), que lembra Gn 3.

[8,1-29] Como Jericó, Hai já estava em ruínas no tempo da conquista. Provavelmente, a narração visa mostrar outra estratégia de guerra usada contra as cidades-estado de Canaã. O comando de Javé não dispensa a prudência e o emprego de estratégias no momento oportuno.

[30-35] Depois das primeiras conquistas, estabelece-se o culto a Javé e promulga-se a Lei, que será a constituição da nova sociedade a ser instaurada. Todos se comprometem, inclusive os imigrantes que aderem ao novo projeto.

[9,1-2] A luta do povo unido e organizado provoca a resistência e a reunião dos poderosos, que tentam reprimir o movimento popular.

[3-27] Gabaon, situada numa colina e bem fortificada, era um ponto estratégico próximo a Jerusalém. A aliança estratégica entre os gabaonitas e israelitas mostra a força que o movimento popular de Israel ganhou em dado momento da conquista. No clima de luta para conquistar a terra, as alianças também são importantes, desde que não desvirtuem o projeto (Gabaon era cidade sem rei e talvez dependesse de Jerusalém, cf. 10,2).

[10,1-27] A adesão dos gabaonitas a Israel provoca a reação dos poderosos das cidades-estado, que se sentem ameaçados por uma revolução popular que ameaça o sistema vigente. O “Livro do Justo” (v. 13) é uma antiga antologia poética, utilizada aqui para engrandecer o movimento de conquista: Javé está à frente na luta do povo.

[28-43] Esta visão da conquista das cidades-estado no sul de Canaã mostra, em esquema simples, todo o longo e difícil processo, testemunhado pelo restante

deste livro e pelo livro dos Juízes.

[11,1-23] A conquista do norte de Canaã é descrita também de forma esquemática. Provavelmente, essas conquistas se deram mais tarde, pois o texto faz supor tribos que já viviam na região. O relato da conquista termina (v. 23) com uma frase solene: “E a terra ficou em paz, sem guerra”. Só existe verdadeira paz quando se erradica completamente o sistema injusto que explora e oprime o povo.

[12,1-24] Temos aqui uma visão sistemática e ideal das terras conquistadas por Israel na Transjordânia (vv. 1-6) e na Cisjordânia (vv. 7-24).

[13-21] A conquista da terra é um movimento em que todo o povo se solidariza para conquistar seus próprios direitos, destruindo um sistema classista e injusto. A meta é concretizar o projeto de Javé, ou seja, construir uma sociedade onde todos tenham acesso à vida. Passo importante para a realização de tal sociedade é a partilha igualitária dos bens (terra). Graças ao dom de Deus e à conquista do povo, cumpre-se a promessa da “terra onde corre leite e mel” para todos.

[13,1-7] O texto mostra que muitas terras não foram conquistadas e que muitos grupos, influenciados pelo antigo sistema, permaneceram no meio de Israel, provocando dificuldades (cf. livro dos Juízes). Mais do que uma conquista completa, os israelitas conseguiram abrir espaços novos, cabendo a cada tribo assegurar o espaço conquistado e prosseguir na luta.

[14,6-15] Referência a acontecimentos relatados em Nm (cf. também Js 15,3-20 e notas em Nm 13-14).

[17,3-4] Cf. nota em Nm 27,1-11.

[14-18] Princípio básico na distribuição da terra é a igualdade: todos têm direito ao necessário para viver. Para que haja verdadeira justiça, grupos e famílias mais numerosos necessitam de maiores recursos para se manterem.

[18,1-10] Para que a partilha seja feita com justiça, é necessário o esforço humano (mapeamento) e a decisão de Deus (sorteio).

[20,1-9] Cf. nota em Nm 35,9-34.

[21,1-45] Cf. nota em Nm 35,1-8.

[22,1-8] Depois de participarem solidariamente na luta pela terra, as tribos transjordânicas voltam para o seu território. Doravante, o elo de união entre o povo será a fidelidade a Javé e ao seu projeto (v. 5).

[9-34] O texto mostra a preocupação de manter as tribos cisjordânicas e transjordânicas unidas no mesmo projeto de Javé. O povo que lutou unido para implantar uma nova sociedade corre o perigo de se dividir e isso o enfraqueceria, possibilitando a volta do antigo sistema.

[23,1-16] Já velho, prestes a morrer (v. 14), Josué, que havia liderado o povo na luta pela terra, deixa o seu testamento. Todo o esforço para conseguir a posse da terra se tornará inútil se não estiverem todos plenamente conscientes de que não podem acomodar-se e simplesmente reproduzir o sistema opressor de antes. Adorar os deuses das nações significa justamente deixar-se envolver pelo sistema contrário ao projeto de Javé. Aqueles que se apossaram da terra não são substitutos daqueles que a possuíam anteriormente. O objetivo é totalmente outro. Por isso, o cerne do testamento de Josué é este: “Amem a Javé seu Deus” (v. 11). Só ele é o Deus verdadeiro que liberta os cativos e exige a fraternidade e a vida para todos. Deixar de adorá-lo, abandonando seu projeto, é entregar de novo a terra em mãos dos inimigos que oprimem e matam. O destino do povo está na mão do próprio povo.

[24,1-28] O final da conquista é marcado por um grande compromisso, no qual entram grupos novos desejosos de aderir ao projeto de Javé (cf. nota em 2,1-24). O movimento do êxodo culminou com a aliança no Sinai; assim também o movimento de conquista da terra se encerra com a aliança em Siquém. Após breve histórico sobre a liderança de Javé no movimento pela liberdade e pela vida, o povo é posto diante de uma escolha e de um compromisso: ou ser fiel a esse Deus e ao projeto dele, deixando a idolatria dos sistemas sociais injustos, ou voltar atrás. Não há meio-termo: ou se cria uma sociedade justa e fraterna, onde todos possam gozar a vida e a liberdade, ou se volta a repetir um sistema social onde o povo é reduzido à escravidão e à morte.

É provável que este texto reproduza uma cerimônia feita periodicamente, para alimentar a consciência histórica e sustentar a luta do povo. É importante celebrar a luta e as vitórias, a fim de manter viva a aspiração popular, na qual se manifesta o projeto de Deus.

[29-33] Moisés e Aarão morreram antes de entrar na terra. Josué e Eleazar, seus sucessores, morrem na terra prometida. O sepultamento dos ossos de José,

trazidos do Egito para a terra prometida, marca o fim do movimento iniciado com o êxodo (cf. Ex 13,19). Desse modo, realiza-se a promessa feita aos patriarcas (cf. Gn 50,24-25). O v. 31 mostra que enquanto os líderes estavam vivos, o povo permaneceu fiel a Javé e ao seu projeto. Este versículo prepara o livro dos Juízes.

JUÍZES

A DINÂMICA DO PROCESSO HISTÓRICO

Introdução

O livro dos Juízes relata fatos situados entre 1200 e 1020 a.C., descrevendo a continuação da conquista da Terra e a vida das tribos até o início da monarquia. Trata-se de um tempo de “democracia tribal” (Jz 17,6; 21,25) e cheio de dificuldades. As tribos são governadas por chefes que têm um cargo vitalício (juízes menores); nos momentos de grande dificuldade surgem chefes carismáticos (juízes maiores), que unem e lideram as tribos na luta contra os inimigos.

*O mais importante em Juízes é a chave de leitura da história, que vale não só para o livro, mas para toda a história de Israel. Essa chave é apresentada em Jz 2,6-3,6 e reaparece diversas vezes no texto. Segundo o autor, para levar à frente um projeto social, é preciso manter a **memória ativa** ou **consciência histórica**, adquirida através da resistência e da luta. A geração que luta mantém viva essa consciência. A nova geração, porém, quebra essa memória e ameaça fazer o projeto voltar atrás. O resultado é um conflito na história, entre a fidelidade a Javé e seu projeto, e o culto aos ídolos, que corrompe a sociedade.*

Jz 2,11-16 apresenta a dinâmica que marca o destino histórico de um povo:

— **Pecado = alienação da consciência histórica:** o povo abandona Javé, o Deus que produz liberdade e vida, para servir aos ídolos que corrompem, produzindo um sistema social injusto.

— **Castigo = perda da liberdade e da vida:** servindo aos ídolos da escravidão e da morte, o povo alienado perde a liberdade e a vida, que tinham sido duramente conquistadas.

— **Conversão = volta à consciência histórica:** no extremo limite do sofrimento, o povo volta à consciência histórica, e clama a Javé.

— **Graça = libertação:** Javé responde ao clamor, fazendo surgir líderes (juízes) que organizam o povo e o ajudam a reconquistar a liberdade e a vida.

Mas a história continua, e as novas gerações parecem estar sempre voltando à alienação da consciência, à perda da memória. À primeira vista, teríamos a tentação de dizer que a história é um círculo vicioso, que volta e termina sempre no mesmo lugar. O autor, porém, mostra que tal círculo pode ser quebrado: para isso, é necessário que cada geração assine o projeto de Javé e continue a

luta dos antepassados. O desafio é extinguir completamente a idolatria, que impede a liberdade e a vida.

*O livro dos Juízes é um convite a ler a história aplicando essa chave de leitura. O importante, porém, é começar pelo **castigo**, procurando tomar consciência das limitações e dos sofrimentos que uma determinada geração está experimentando. A seguir, procurar identificar os **ídolos** aos quais a sociedade está servindo em vez de cultuar a Javé e se comprometer com o seu projeto.*

JUÍZES

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21**

JUÍZES

I. A CONQUISTA CONTINUA

1 *Conquista é esforço contínuo* — ¹Depois que Josué morreu, os israelitas consultaram a Javé: “Quem de nós irá na frente para combater os cananeus?”

²Javé respondeu: “Judá irá na frente, porque eu entreguei a terra nas mãos dele”.

³Então Judá disse a seu irmão Simeão: “Venha comigo para a região que me coube por sorteio. Lutaremos contra os cananeus, e depois eu irei com você até a região que lhe coube por sorteio”. E Simeão foi com ele. ⁴Então Judá subiu, e Javé lhe entregou os cananeus e ferezeus; derrotaram dez mil homens em Bezec.

⁵Quando derrotaram os cananeus e ferezeus, encontraram Adonibezec em Bezec, e lutaram contra ele. ⁶Adonibezec fugiu, mas eles o perseguiram, o agarraram e lhe cortaram os polegares das mãos e dos pés. ⁷Adonibezec disse então: “Setenta reis, com os polegares cortados das mãos e dos pés, catavam as migalhas debaixo da minha mesa. Deus agora está me cobrando aquilo que eu mesmo fiz”. E levaram Adonibezec para Jerusalém, onde ele morreu.

⁸Os descendentes de Judá atacaram Jerusalém e a conquistaram. Mataram os habitantes a fio de espada e puseram fogo na cidade.

⁹Em seguida, os descendentes de Judá desceram para atacar os cananeus que habitavam na região montanhosa, no Negueb e na planície. ¹⁰Judá também enfrentou os cananeus que moravam em Hebron, que antigamente se chamava Cariat-Arbe, e derrotou Sesai, Aimã e Tolmai. ¹¹Daí, atacou os habitantes de Dafir, que antigamente se chamava Cariat-Sefer. ¹²Caleb havia dito: “Darei como esposa minha filha Acsa para quem tomar Cariat-Sefer de assalto”.

¹³Otoniel, filho de Cenez, irmão mais novo de Caleb, conquistou Cariat-Sefer, e Caleb lhe deu sua filha Acsa como esposa. ¹⁴No dia do casamento, Otoniel induziu Acsa a pedir um terreno ao pai. Ela então apeou do jumento, e Caleb lhe perguntou: “O que você quer?” ¹⁵Ela respondeu: “Faça-me um favor. Você me deu terra árida; dê-me também alguma fonte de água”. E Caleb lhe deu as fontes do alto e as fontes de baixo.

¹⁶Os descendentes do sogro quenita de Moisés subiram da cidade das Palmeiras com os descendentes de Judá, foram para o deserto de Judá, ao sul de Arad, e se estabeleceram entre os amalecitas.

¹⁷Depois Judá acompanhou seu irmão Simeão, e juntos derrotaram os cananeus que moravam em Sefat, e entregaram a cidade ao extermínio. Por isso a cidade ficou sendo chamada Horma. ¹⁸E Judá tomou Gaza, Ascalon e Acaron, com seus respectivos territórios. ¹⁹Javé estava com Judá, que expulsou os habitantes da região montanhosa, mas não conseguiu expulsar os habitantes da planície, porque estes possuíam carros de ferro. ²⁰Conforme fora estabelecido por Moisés, Hebron foi dada a Caleb, que daí expulsou os três filhos de Enac. ²¹Os benjaminitas, porém, não expulsaram os jebuseus que habitavam em Jerusalém. Por isso os jebuseus habitam com os benjaminitas em Jerusalém até o dia de hoje.

²²Os da casa de José, por sua vez, subiram contra Betel, e Javé estava com eles. ²³A casa de José mandou fazer um reconhecimento nas vizinhanças de Betel, cidade que antes se chamava Luza. ²⁴Os espiões viram alguém saindo da cidade e lhe disseram: “Mostre-nos por onde se entra na cidade, e nós lhe pouparemos a vida”. ²⁵O homem lhes mostrou por onde entrar na cidade. E eles passaram a cidade a fio de espada, mas pouparam esse homem e toda a sua família. ²⁶Esse homem foi para a terra dos heteus e aí construiu uma cidade, à qual deu o nome de Luza. Esse é o nome dela até o dia de hoje.

²⁷Manassés não conseguiu expulsar os habitantes de Betsã, de Tanac, de Dor, de Jebelaam, de Meguido e dos seus respectivos arredores. E assim os cananeus continuaram morando nessas regiões. ²⁸Quando Israel se tornou mais forte, obrigou os cananeus a fazer trabalhos forçados, mas não conseguiu expulsá-los.

²⁹Efraim também não conseguiu expulsar os cananeus que moravam em Gazer. E os cananeus continuaram morando em Gazer, no meio de Efraim.

³⁰Zabulon não conseguiu expulsar os habitantes de Cetron, nem os de Naalol. Por isso os cananeus continuaram no meio deles, embora submetidos a trabalhos forçados.

³¹Aser não conseguiu expulsar os habitantes de Aco, nem os de Sidônia, de Maaleb, de Aczib, de Helba, de Afec e de Roob. ³²Os aseritas, portanto, ficaram morando no meio dos cananeus da região, porque não conseguiram expulsá-los.

³³Neftali não conseguiu expulsar os habitantes de Bet-Sames, nem os de Bet-Anat. Ficou morando no meio dos cananeus da região, mas os habitantes de Bet-Sames e Bet-Anat os serviam com trabalhos forçados.

³⁴Quanto aos danitas, os amorreus os encurralaram na região montanhosa, não lhes permitindo descer para o vale. ³⁵Desse modo, os amorreus continuaram

morando em Ar-Hares, Aialon e Salebim. Mas quando a casa de José se fortaleceu, os amorreus foram submetidos a trabalhos forçados.

³⁶O território dos edomitas se estendia desde a subida dos Escorpiões e de Pedra para a frente. [1,1-36]

2 *O desafio histórico* — ¹O anjo de Javé subiu de Guilgal para Betel, e disse: “Eu tirei vocês do Egito e os trouxe à terra que prometi a seus antepassados. Eu também tinha dito: ‘Jamais romperei minha aliança com vocês, ²contanto que não façam aliança com os habitantes desta terra, e destruam os altares deles’. Mas vocês não me obedeceram. Por que fizeram assim? ³Por isso, também eu lhes digo: ‘Não expulsarei os cananeus diante de vocês. Eles continuarão ao lado de vocês, e os deuses deles serão armadilha para vocês’ ”.

⁴Logo que o anjo de Javé disse tais palavras a todos os israelitas, o povo começou a chorar aos gritos. ⁵Por isso deram ao lugar o nome de Boquim. E aí ofereceram sacrifícios a Javé. [2,1-5]

II. A DINÂMICA DO PROCESSO HISTÓRICO

Alienação e escravidão, conscientização e libertação — ⁶Josué despediu o povo, e cada um dos israelitas foi tomar posse da propriedade que havia recebido como herança. ⁷O povo serviu a Javé durante todo o tempo que Josué viveu, e também durante toda a vida dos anciãos que continuaram vivos depois de Josué e que tinham visto todas as grandes obras que Javé tinha feito em favor de Israel. ⁸Josué, filho de Nun, servo de Javé, morreu com cento e dez anos. ⁹Foi enterrado no território que lhe tocava como propriedade em Tamnat-Hares, na região montanhosa de Efraim, ao norte do monte Gaás. ¹⁰E toda essa geração foi também reunir-se com seus antepassados.

Veio depois outra geração que não conheceu Javé, nem as grandes obras que ele tinha feito em favor de Israel. ¹¹Então os israelitas fizeram o que Javé reprovava: prestaram culto aos ídolos, ¹²abandonando Javé, Deus de seus antepassados, que os tinha tirado do Egito. Foram atrás de outros deuses, deuses de povos vizinhos, e os adoraram, provocando Javé. ¹³Abandonaram Javé e prestaram culto a Baal e a Astarte.

¹⁴A ira de Javé se inflamou então contra Israel, e ele os entregou ao poder de assaltantes, que os despojaram e venderam aos inimigos vizinhos, de modo que os israelitas já não conseguiam resistir. ¹⁵Em qualquer coisa que realizavam, a mão de Javé estava contra eles, exatamente como Javé lhes tinha dito e jurado. E chegaram a uma situação desesperadora.

¹⁶Então Javé fez surgir juízes que os libertavam dos assaltantes. ¹⁷No entanto, eles não davam ouvidos nem mesmo aos juízes. Pelo contrário, prostituíam-se com outros deuses e prostravam-se diante deles. Bem depressa se afastaram do caminho seguido pelos antepassados, que haviam obedecido aos mandamentos de Javé. Eles, porém, não agiram da mesma forma.

¹⁸Quando Javé lhes fazia surgir juízes, Javé estava com o juiz e os libertava dos inimigos durante toda a vida do juiz. Porque Javé se compadecia dos gemidos deles diante da tirania dos opressores. ¹⁹No entanto, logo que o juiz morria, eles tornavam a corromper-se mais ainda que seus antepassados, seguindo outros deuses, aos quais prestavam culto e diante deles se prostravam. Não desistiam de suas práticas, nem de sua conduta obstinada.

²⁰Por isso, a ira de Javé se inflamou contra Israel. E Javé declarou: “Já que essa gente violou a aliança que eu fiz com seus antepassados, e não me obedeceu,

²¹eu também, de minha parte, não expulsarei da presença deles nenhuma das nações que Josué deixou ficar, quando morreu. ²²Com essas nações eu vou provar Israel, para ver se segue ou não o caminho de Javé, para ver se caminha por ele como seus antepassados”. ²³Por isso, Javé deixou ficar essas nações. Não as expulsou e não as entregou a Josué.

3¹São estas as nações que Javé deixou ficar, para com elas provar os israelitas que não tinham conhecido as guerras de Canaã. ²(Foi para ensinar a estratégia militar para as novas gerações de israelitas, que não tinham experiência de guerra.) ³São estas as nações: os cinco principados filisteus, todos os cananeus, os sidônios, e também os heteus que habitam as montanhas do Líbano, desde o monte Baal-Hermon até a entrada de Emat. ⁴Essas nações serviram para provar Israel e ver se ele obedeceria aos mandamentos de Javé, promulgados a seus antepassados por meio de Moisés.

⁵Assim, os israelitas viveram no meio dos cananeus, heteus, amorreus, ferezeus, heveus e jebuseus. ⁶Tomaram as filhas deles como esposas, deram para eles suas filhas em casamento, e prestaram culto aos deuses deles. [2,6-3,6]

III. OS JUÍZES: AGENTES DA LIBERTAÇÃO [3,7-16,31]

Otoniel — ⁷Os israelitas fizeram o que Javé reprova: esqueceram-se de Javé seu Deus e serviram a Baal e Aserá. ⁸Então se acendeu contra os israelitas a ira de Javé, que os entregou nas mãos de Cusã-Rasataim, rei de Aram Entre-Rios. E os israelitas ficaram submetidos a Cusã-Rasataim durante oito anos.

⁹Os israelitas clamaram a Javé. E Javé fez surgir para eles um salvador, que os libertou. Foi Otoniel, filho de Cenez, irmão caçula de Caleb. ¹⁰O espírito de Javé esteve sobre Otoniel, que foi juiz em Israel. Ele saiu para a guerra, e Javé entregou em seu poder Cusã-Rasataim, rei de Aram. E ele triunfou sobre Cusã-Rasataim. ¹¹A região ficou em paz durante quarenta anos. Depois Otoniel, filho de Cenez, morreu. [3,7-11]

Aod — ¹²Os israelitas tornaram a fazer o que Javé reprova. Então Javé fortaleceu Eglon, rei de Moab, contra os israelitas, porque faziam o que Javé reprova. ¹³Eglon se aliou com os amonitas e amalecitas, e marchou contra Israel, o derrotou e lhe tomou a cidade das Palmeiras. ¹⁴Os israelitas tiveram que servir Eglon, rei de Moab, durante dezoito anos. ¹⁵Então eles clamaram a Javé, e este fez surgir para eles um salvador: Aod, filho de Gera, benjaminita, homem canhoto. Através dele, os israelitas mandaram um tributo para Eglon, rei de Moab. ¹⁶Aod mandou fazer um punhal de dois gumes, com um palmo de comprimento, e o escondeu do lado direito, debaixo das roupas. ¹⁷Depois foi apresentar o tributo a Eglon, rei de Moab, que era homem muito gordo. ¹⁸Depois de entregar o tributo, Aod partiu com os carregadores. ¹⁹Ao chegar ao lugar chamado Ídolos, que fica perto de Guilgal, voltou e disse a Eglon: “Majestade, tenho uma mensagem secreta para lhe comunicar”. O rei pediu que os deixassem a sós. E todos os que aí estavam se retiraram. ²⁰Então Aod se aproximou do rei, que estava sentado na sua sala particular de verão, no andar superior, e lhe disse: “Tenho uma mensagem de Deus para lhe comunicar”. Quando o rei se levantou do trono, ²¹Aod estendeu a mão esquerda, apanhou o punhal do lado direito e o enterrou na barriga de Eglon. ²²Até o cabo entrou com a lâmina, e a gordura se fechou por cima dela, porque Aod não retirou o punhal da barriga. ²³Aod fugiu pela porta dos fundos, depois de trancar as portas da sala de cima.

²⁴Logo que Aod saiu, chegaram os servos e, vendo que as portas da sala de

cima estavam trancadas, pensaram: “Certamente ele está fazendo suas necessidades na sala de verão”. ²⁵Esperaram bastante tempo, até que ficaram inquietos, pois o rei não abria as portas da sala de cima. Então pegaram a chave, abriram, e viram seu senhor caído no chão e morto. ²⁶Enquanto eles estavam esperando, Aod conseguiu escapar e, passando por Ídolos, refugiou-se em Seira. ²⁷Logo que chegou, tocou a trombeta na região montanhosa de Efraim. E os israelitas desceram da região montanhosa, com Aod à frente. ²⁸Aod disse então para eles: “Sigam-me, porque Javé entregou para vocês os inimigos moabitas”. Eles seguiram Aod, se apoderaram dos vaus do Jordão para impedir a travessia dos moabitas, e não deixaram passar ninguém. ²⁹Nessa ocasião, derrotaram cerca de dez mil moabitas, todos guerreiros, e ninguém escapou. ³⁰Nesse dia, Moab foi dominado por Israel, e a região ficou em paz durante oitenta anos.

Samgar — ³¹Depois de Aod, veio Samgar, filho de Anat. Ele, com uma vara de tocar bois, derrotou seiscentos filisteus. Também ele salvou Israel. [\[12-31\]](#)

4 Débora e Barac — ¹Depois que Aod morreu, os israelitas tornaram a fazer o que Javé reprova. ²E Javé os entregou a Jabin, rei de Canaã, que reinava em Hasor. O general do exército era Sísara, e residia em Haroset-Goim. ³Os israelitas clamaram a Javé, porque Jabin tinha novecentos carros de ferro e estava oprimindo duramente Israel, já fazia vinte anos.

⁴Nesse tempo, era juiz em Israel a profetisa Débora, mulher de Lapidot. ⁵Seu tribunal ficava debaixo da palmeira de Débora, entre Ramá e Betel, nas montanhas de Efraim. E os israelitas a procuravam para decidir suas questões. ⁶Débora mandou chamar Barac, filho de Abinoem, que morava em Cedes de Neftali, e lhe disse: “Javé, Deus de Israel, manda que você vá ao monte Tabor e reúna dez mil homens das tribos de Neftali e Zabulon. ⁷Javé atrairá para você, junto ao rio Quison, o chefe do exército de Jabin, Sísara, com seus carros e sua numerosa tropa, e o entregará a você”. ⁸Barac respondeu: “Se você for comigo, eu vou. Se você não for, eu não vou”. ⁹Débora respondeu: “Está bem. Eu vou com você. Mas a glória dessa expedição que você vai realizar não será sua, pois Javé entregará Sísara nas mãos de uma mulher”. E Débora se dispôs para ir com Barac até Cedes. ¹⁰Barac convocou Zabulon e Neftali em Cedes: dez mil homens se uniram a ele; e Débora também foi junto.

¹¹O quenita Héber tinha-se afastado da sua tribo, que era descendente de Hobab, sogro de Moisés, e tinha armado suas tendas junto do carvalhal de

Saananim, perto de Cedes.

¹²Informaram Sísara que Barac, filho de Abinoem, tinha subido ao monte Tabor. ¹³Então Sísara mobilizou seus novecentos carros de ferro e toda a tropa de Haroset-Goim para ir ao rio Quison. ¹⁴Débora disse a Barac: “Vamos. Hoje mesmo Javé vai entregar Sísara em seu poder. Javé está marchando à sua frente”. Barac desceu do monte Tabor junto com seus dez mil homens. ¹⁵Javé derrotou Sísara com todos os seus carros e todo o seu exército, diante de Barac. Sísara teve que descer do carro e fugir a pé. ¹⁶Barac perseguiu o exército e os carros até Haroset-Goim. Todo o exército de Sísara caiu ao fio da espada, e nenhum homem conseguiu escapar.

¹⁷Enquanto isso, Sísara fugiu a pé até a tenda de Jael, mulher do quenita Héber, pois havia paz entre Jabin, rei de Hasor, e a família de Héber, o quenita. ¹⁸Jael saiu ao encontro de Sísara, e lhe disse: “Entre, meu senhor. Entre sem medo, pois a casa é sua”. Sísara entrou na tenda e Jael o cobriu com um manto. ¹⁹Sísara pediu: “Dê-me um pouco de água para beber, pois estou com sede”. Jael abriu uma vasilha com leite, deu-lhe de beber e o cobriu. ²⁰Sísara lhe disse: “Fique na entrada da tenda. Se vier alguém e lhe perguntar se há alguém aqui dentro, você dirá que não”. ²¹Mas Jael, mulher de Héber, pegou uma das estacas da tenda, apanhou um martelo, aproximou-se na ponta dos pés e cravou a estaca nas têmporas de Sísara, até pregá-lo no chão. E Sísara morreu, enquanto dormia profundamente, por causa do cansaço.

²²Nesse momento, apareceu Barac, que estava perseguindo Sísara. Jael foi ao seu encontro, dizendo: “Venha comigo e eu lhe mostrarei o homem que você está procurando”. Barac entrou na tenda e viu Sísara caído e morto, com a estaca cravada nas têmporas.

²³Nesse dia, Deus derrotou Jabim, rei de Canaã, diante dos israelitas. ²⁴Estes se tornaram cada vez mais fortes contra Jabin, rei de Canaã, até que o conseguiram eliminar. [4,1-24]

5 *Cântico de Débora: celebração da vitória* — ¹Nesse dia, Débora e Barac, filho de Abinoem, entoaram este cântico: *Introdução* — ²Havia chefes em Israel para assumir o comando; apresentaram-se voluntários para alistar-se em massa.

Bendigam todos a Javé!

³Ouçam, reis! Escutem, governadores!

Eu vou cantar, cantar para Javé.

Vou celebrar Javé, o Deus de Israel.

⁴Javé, quando saíste de Seir, avançando dos campos de Edom, a terra tremia, o céu ribombava e as nuvens se desfaziam em água; ⁵os montes se agitavam diante de Javé, que vem do Sinai, diante de Javé, o Deus de Israel.

A vitória — ⁶No tempo de Samgar, filho de Anat, no tempo de Jael, as caravanas cessaram, os que viajavam seguiam por desvios, iam por trilhas tortuosas.

⁷Os camponeses se saciaram.

Em Israel se saciaram com os despojos, quando você, Débora, surgiu, quando você, mãe de Israel, se levantou.

⁸Os sacrifícios para os deuses cessaram, o pão faltou nos armazéns, sem que se visse escudo ou lança entre os quarenta mil de Israel.

A convocação — ⁹Meu coração está voltado para os comandantes de Israel, para os voluntários do povo: bendigam todos a Javé!

¹⁰Vocês que montam jumentas brancas e se assentam em tapetes; vocês que vão pelos caminhos, cantem!

¹¹Juntem-se ao grito dos homens enfileirados entre os bebedouros.

Aí eles celebram as vitórias de Javé, as vitórias dos camponeses em Israel, quando o povo de Javé correu às portas.

¹²Desperte, Débora, desperte!

Desperte logo e entoe um canto.

Vamos, Barac!

Vamos, filho de Abinoem!

Domine os que o haviam aprisionado.

¹³Então os sobreviventes desceram com os nobres e o povo de Javé me ajudou contra os poderosos.

¹⁴Os príncipes de Efraim estão no vale, e atrás de você, com as tropas, vem Benjamim.

De Maquir desceram os comandantes, e de Zabulon os que levam bastões de oficial.

¹⁵Os chefes de Issacar estão com Débora e, no vale, também Barac aperta o passo.

Nos clãs de Rúben, os planos são grandes!

¹⁶Por que você ficou sentado entre os currais, escutando a flauta dos pastores?
Nos clãs de Rúben, os planos são grandes!

¹⁷Galaad ficou do outro lado do Jordão, e Dã continua com seus barcos.
Aser permaneceu na orla do mar, e ficou junto às suas enseadas.

¹⁸Zabulon é um povo que arriscou a vida, como Neftali em seus campos elevados!

A batalha — ¹⁹Chegaram os reis para o combate, os reis de Canaã combateram em Tanac, junto às águas de Meguido, mas não ganharam uma peça de prata sequer.

²⁰Do alto céu as estrelas combateram, de seus caminhos lutaram contra Sísara.

²¹A torrente Quison os arrastou, foi impetuosa a torrente Quison: a torrente pisoteou os valentes.

²²Os cascos dos cavalos martelaram, ao galope desenfreado dos corcéis.

²³Amaldiçoem Meroz, amaldiçoem, diz o anjo de Javé; amaldiçoem os seus governantes, porque não auxiliaram Javé, não auxiliaram Javé contra os poderosos.

Jael — ²⁴Que Jael seja bendita entre as mulheres, a mulher de Héber, o quenita; bendita seja entre as que habitam em tendas.

²⁵Ele pediu água, ela trouxe leite; na taça dos nobres serviu-lhe coalhada.

²⁶Com a esquerda ela pegou a estaca e com a direita um martelo de operário; golpeou Sísara, rachando-lhe a cabeça, e de um golpe atravessou-lhe as têmporas.

²⁷Ele se encurvou entre os pés dela e caiu deitado; encurvou-se entre os pés dela e caiu; encurvado, ali mesmo caiu, e ficou aniquilado.

A mãe de Sísara — ²⁸A mãe de Sísara olha pela janela e se lamenta por trás da persiana: “Por que o carro dele tarda a chegar?

Por que a marcha de seus carros é tão lenta?”

²⁹A mais sábia das donzelas lhe responde, e ela fica repetindo: ³⁰“Certamente encontraram despojos e agora estão repartindo: uma ou duas mulheres para cada guerreiro, e para Sísara panos coloridos, um despojo colorido e bordado; uma veste colorida e duas bordadas, e um despojo para o meu pescoço”.

Conclusão — ³¹Desse modo pereçam teus inimigos, Javé, e teus amigos sejam

fortes como o sol em seu fulgor.

E a região ficou em paz durante quarenta anos. [5,1-31]

6 Novo desafio — ¹Os israelitas fizeram o que Javé reprova. E Javé os entregou aos madianitas por sete anos. ²O regime de Madiã foi tirânico sobre Israel. Para escapar de Madiã, os israelitas tiveram que usar as grutas nas montanhas, as cavernas e os esconderijos. ³Quando os israelitas semeavam, os madianitas, amalecitas e orientais os atacavam: ⁴acampavam na terra dos israelitas e destruíam todos os produtos semeados até perto de Gaza. Não deixavam para Israel nenhum meio de sobrevivência, nenhum cordeiro, nenhum boi e nenhum jumento. ⁵Chegavam com seus rebanhos e tendas, numerosos como gafanhotos, homens e camelos sem conta, invadindo e arrasando a terra. ⁶Desse modo, os madianitas reduziram Israel à miséria. Então os israelitas clamaram a Javé. [6,1-6]

O profeta analisa a situação — ⁷Quando os israelitas clamaram a Javé por causa dos madianitas, ⁸Javé enviou para eles um profeta, que lhes falou: “Assim diz Javé, o Deus de Israel: Eu fiz vocês saírem do Egito e os tirei da casa da escravidão. ⁹Eu livreí vocês do poder egípcio e do poder daqueles que os oprimiam. Eu os expulsei diante de vocês, e a vocês eu entreguei a terra deles. ¹⁰Eu disse a vocês: ‘Eu sou Javé seu Deus. Não tenham medo dos deuses dos amorreus, em cuja terra vão morar’. Mas vocês não me ouviram”. [7-10]

Vocação de Gedeão — ¹¹O anjo de Javé chegou e se assentou debaixo do carvalho que está em Efra, na propriedade de Joás, filho de Abiezer. Foi quando Gedeão, filho de Joás, estava debulhando o trigo no tanque de pisar uvas, para escondê-lo dos madianitas. ¹²O anjo de Javé apareceu a Gedeão e lhe disse: “Javé está com você, valente guerreiro!” ¹³Gedeão respondeu: “Meu Senhor, se Javé está conosco, por que nos aconteceu tudo isso? Onde estão as maravilhas de que nossos antepassados falavam: ‘Javé nos tirou do Egito...’? O fato é que agora Javé nos abandonou e nos entregou na mão dos madianitas”.

¹⁴Então Javé se voltou para Gedeão e disse: “Vá. Com suas próprias forças, salve Israel dos madianitas. Sou eu que envio você”. ¹⁵Gedeão replicou: “Meu Senhor, como posso salvar Israel? Meu clã é o mais fraco da tribo de Manassés, e eu sou o caçula da casa de meu pai!” ¹⁶Javé lhe disse: “Eu estarei com você, e você derrotará os madianitas como se fossem um só homem”. ¹⁷Gedeão insistiu:

“Se alcancei teu favor, dá-me um sinal de que és tu quem fala comigo. ¹⁸Não vás embora antes que eu volte e te faça uma oferta”. Javé respondeu: “Ficarei aqui até você voltar”.

¹⁹Gedeão foi preparar um cabrito e fez pães sem fermento com uma medida de farinha. Colocou a carne numa cesta e o caldo na panela. Trouxe tudo e ofereceu a Javé, debaixo do carvalho. ²⁰O anjo de Javé lhe disse: “Pegue a carne e os pães sem fermento, coloque-os sobre esta rocha, e derrame o caldo por cima”. Assim fez Gedeão. ²¹O anjo de Javé estendeu a ponta do bastão que tinha na mão, tocou na carne e nos pães sem fermento, e da rocha subiu um fogo, que consumiu a carne e os pães. Nesse momento, o anjo de Javé desapareceu. ²²Gedeão percebeu que era o anjo de Javé, e exclamou: “Ah! Meu Senhor Javé! Eu vi o anjo de Javé face a face!” ²³Javé lhe respondeu: “Fique em paz e não tenha medo, porque você não morrerá”. ²⁴Então Gedeão construiu aí um altar para Javé, e lhe deu o nome de “Javé é Paz”, um altar que existe em Efra de Abiezer, até o dia de hoje. [11-24.36-40]

A ruptura com a idolatria — ²⁵Nessa mesma noite, Javé disse a Gedeão: “Pegue o boi que seu pai possui e outro boi de sete anos. Destrua o altar de Baal, que pertence a seu pai, e corte o poste sagrado que está ao lado. ²⁶Em seguida, construa um altar para Javé seu Deus no alto desse lugar, com pedras bem colocadas. Pegue, então, o boi e ofereça em holocausto sobre a lenha do poste sagrado que você tiver cortado”. ²⁷Gedeão escolheu dez homens entre seus servos, e fez o que Javé lhe havia mandado. Gedeão fez isso de noite e não de dia, pois tinha medo da sua família e do povo da cidade.

²⁸No dia seguinte, bem cedo, o povo da cidade viu que o altar de Baal fora destruído, o poste sagrado que estava ao lado tinha sido cortado, e o boi fora sacrificado sobre o altar recém-construído. ²⁹E comentaram: “Quem será que fez isso?” Perguntaram, fizeram averiguações e chegaram à conclusão: “Foi Gedeão, filho de Joás”. ³⁰Os habitantes da cidade disseram então a Joás: “Entregue-nos seu filho para que seja morto, pois ele destruiu o altar de Baal e cortou o poste sagrado que estava ao lado”. ³¹Joás respondeu a todos os que o ameaçavam: “E vocês têm que defender Baal? São vocês que devem ajudar Baal? Quem o defender, morrerá antes do nascer do sol. Se Baal é Deus, que ele próprio se defenda, pois Gedeão destruiu o altar dele”. ³²Nesse dia, puseram em Gedeão o apelido de Jerobaal, comentando: “Que Baal defenda a si próprio, pois Gedeão

destruiu o altar dele”. [25-32]

A reorganização do povo — ³³Os madianitas, amalecitas e orientais se aliaram, atravessaram o rio Jordão e acamparam na planície de Jezrael. ³⁴O espírito de Javé se apoderou de Gedeão, que tocou a trombeta, e Abiezer se agrupou a ele. ³⁵Gedeão mandou mensageiros a toda a tribo de Manassés, que se uniu a ele. Também enviou mensageiros para Aser, Zabulon e Neftali; e todos se aliaram a ele. [33-35]

Sinais: Javé está com Gedeão — ³⁶Gedeão disse a Deus: “Se, de fato, tu vais salvar Israel por meio de mim, como disseste, ³⁷vou colocar no terreiro um pedaço de lã de carneiro. Se o orvalho cair somente sobre o pedaço de lã, e o terreiro estiver seco, então ficarei sabendo que tu libertarás Israel por meio de mim, conforme disseste”. ³⁸E assim fez Gedeão. Quando madrugada no dia seguinte, ele torceu o pedaço de lã, e com o orvalho que nela estava encheu um copo d’água. ³⁹Gedeão insistiu ainda com Deus: “Não te irrites comigo se eu pedir mais uma vez. Permite que eu faça de novo a prova do pedaço de lã: que ele fique seco e a terra em volta se cubra de orvalho”. ⁴⁰E Deus assim fez nessa noite: o pedaço de lã ficou seco, enquanto havia orvalho na terra em volta. [11-24.36-40]

7 O exército popular de Gedeão — ¹Jerobaal, que é Gedeão, madrugou e foi acampar junto a En-Harod com o povo que o acompanhava. O acampamento de Madiã ficava no vale ao norte, junto à colina de Moré. ²Então Javé disse a Gedeão: “O povo que está com você é numeroso demais para que eu entregue Madiã em seu poder. Israel poderia gloriar-se, dizendo: ‘Eu consegui a vitória graças ao meu poder!’ ³Anuncie, portanto, a todo o povo: ‘Quem estiver com medo e tremendo, pode voltar’ ”. E Gedeão os colocou à prova: vinte e dois mil homens voltaram para casa. E ainda ficaram dez mil.

⁴Javé disse a Gedeão: “Ainda é muita gente. Faça-os descer até a fonte, e aí eu farei uma seleção para você. A quem eu disser que pode ir com você, esse irá. Mas a quem eu disser que não pode ir com você, esse não irá”. ⁵Gedeão fez todo o povo descer à beira da água, e Javé lhe disse: “Todos os que beberem água com a língua, como faz o cão, você os colocará de um lado; e os que se ajoelharem para beber, você os colocará do outro lado”. ⁶Trezentos homens lamberam a água, levando as mãos à boca; os outros se ajoelharam para beber. ⁷Então Javé disse a Gedeão: “Com os trezentos que lamberam a água, eu vou

salvar vocês, entregando Madiã em seu poder. Os outros podem voltar para casa”. ⁸Eles pegaram as provisões e as trombetas, e Gedeão despediu os israelitas, cada um para a sua tenda, ficando apenas com os trezentos. O acampamento de Madiã estava embaixo, no vale. [7,1-8]

A guerrilha — ⁹Nessa noite, Javé disse a Gedeão: “Levante-se e desça até o acampamento inimigo, pois eu vou entregá-lo a você. ¹⁰Se você tem medo de descer, vá com o seu servo Fara. ¹¹Quando você escutar o que eles dizem, ficará animado e descerá para atacá-los”. E Gedeão foi com o seu servo Fara até a frente do acampamento.

¹²Os madianitas, amalecitas e orientais estavam deitados no vale. Eram numerosos como gafanhotos, e seus camelos eram incontáveis como areia da praia. ¹³Gedeão chegou perto e ouviu um homem contando um sonho ao companheiro: “Veja só o que sonhei: Meu pão de cevada estava rolando no acampamento de Madiã, atingiu a tenda, chocou-se contra ela e a fez cair de alto a baixo”. ¹⁴O companheiro respondeu: “Isso só pode ser a espada de Gedeão, filho de Joás, o israelita. Deus entregou Madiã e todo este acampamento nas mãos dele”. ¹⁵Quando Gedeão ouviu o sonho e a interpretação, prostrou-se por terra. Depois voltou ao acampamento israelita e disse: “Levantem-se, porque Javé entrega a vocês o acampamento de Madiã”.

¹⁶Gedeão dividiu os trezentos homens em três grupos. Depois, para cada um distribuiu uma trombeta, um pote vazio e uma tocha dentro do pote, ¹⁷dizendo: “Prestem atenção em mim, e façam o que eu fizer. Quando eu chegar à frente do acampamento, façam o que eu fizer. ¹⁸Eu e todos os que estão comigo vamos tocar a trombeta. Então, vocês também tocarão as trombetas ao redor do acampamento, e gritarão: ‘Por Javé e por Gedeão!’ ”

¹⁹Gedeão e os cem homens que o acompanhavam chegaram à frente do acampamento na hora em que começava a troca da guarda, à meia-noite. Quando se estava fazendo a troca da guarda, Gedeão tocou a trombeta e quebrou o pote que levava na mão. ²⁰Nesse momento, os três grupos tocaram as trombetas e quebraram os potes. A seguir, levantaram a tocha na mão esquerda e a trombeta na direita, gritando: “Espada por Javé e por Gedeão!” ²¹E ficaram parados, cada um no seu lugar, ao redor do acampamento. O acampamento inimigo ficou alvoroçado e começaram a gritar e fugir. ²²Enquanto os trezentos homens tocavam as trombetas, Javé fez com que uns e outros no acampamento se

matassem ao fio da espada. Depois fugiram até Bet-Seta, perto de Sartã, até junto de Abel-Meúla, perto de Tebat.

²³Os israelitas de Neftali, de Aser e de todo o Manassés se uniram e perseguiram Madiã. ²⁴Gedeão tinha enviado mensageiros por todas as montanhas de Efraim, avisando: “Ocupem antes deles as fontes de água até Bet-Bera e o Jordão”. Os efraimitas então se reuniram e ocuparam as fontes de água até Bet-Bera e o Jordão. ²⁵E prenderam Oreb e Zeb, os dois chefes dos madianitas. Mataram Oreb no rochedo de Oreb, e Zeb no tanque de pisar uvas de Zeb. Depois perseguiram os madianitas e levaram a Gedeão as cabeças de Oreb e Zeb, no outro lado do Jordão.

8¹Os efraimitas se queixaram a Gedeão: “Por que você fez isso conosco? Por que não nos convocou quando saiu para combater Madiã?” E discutiram violentamente com Gedeão. ²Ele, porém, respondeu: “Que fiz eu em comparação com o que vocês fizeram? Vale mais o restolho de Efraim do que a vindima de Abiezer! ³Foi na mão de vocês que Javé entregou Oreb e Zeb, os chefes de Madiã. Que pude fazer eu, em comparação com o que vocês fizeram?” Ao ouvir isso, a ira dos efraimitas se acalmou. [7,9-8,3]

Falta de solidariedade — ⁴Gedeão chegou até o rio Jordão e o atravessou com seus trezentos homens, já esgotados e famintos. ⁵Então Gedeão pediu ao povo de Sucot: “Por favor! Deem alguns pães para os homens que me acompanham, pois estão cansados, e estou perseguindo Zebá e Sálmana, reis de Madiã”. ⁶As autoridades de Sucot perguntaram: “Por acaso vocês já prenderam Zebá e Sálmana para darmos comida ao exército de vocês?” ⁷Gedeão respondeu: “Muito bem. Quando Javé tiver entregue Zebá e Sálmana em minhas mãos, vou rasgar a carne de vocês com espinhos e cardos do deserto”. ⁸Depois, Gedeão subiu daí para Fanuel, e fez o mesmo pedido aos homens de Fanuel, que responderam como os de Sucot. ⁹Gedeão disse ao povo de Fanuel: “Quando eu voltar vitorioso, vou derrubar esta torre”.

¹⁰Zebá e Sálmana estavam em Carcar, com seu exército, cerca de quinze mil homens. Era o que restava do exército dos orientais, pois as baixas tinham sido de cento e vinte mil homens. ¹¹Gedeão subiu pela rota dos beduínos, a leste de Nob e Jegbaá, e atacou o inimigo quando este menos esperava. ¹²Zebá e Sálmana escaparam, mas Gedeão perseguiu e capturou os dois reis de Madiã. O resto do exército debandou.

¹³Depois da batalha, Gedeão, filho de Joás, voltou pela encosta de Hares. ¹⁴Deteve um jovem de Sucot e lhe pediu o nome das autoridades e anciãos de Sucot. E o jovem deu por escrito o nome de setenta e sete homens. ¹⁵Gedeão, filho de Joás, se dirigiu aos homens de Sucot e lhes disse: “Aqui estão Zebá e Sálmana, a respeito dos quais vocês caçaram de mim, dizendo: ‘Por acaso vocês já prenderam Zebá e Sálmana para darmos comida a seus homens cansados?’ ” ¹⁶Gedeão pegou os anciãos da cidade e rasgou a carne deles com espinhos e cardos do deserto. ¹⁷Destruiu também a torre de Fanuel e massacrou os habitantes da cidade. ¹⁸Depois perguntou a Zebá e a Sálmana: “Como eram os homens que vocês mataram no Tabor?” Eles responderam: “Eram como você. Pareciam filhos de reis”. ¹⁹Gedeão exclamou: “Eram meus irmãos maternos! Pela vida de Javé, se vocês os tivessem deixado vivos, eu agora não mataria vocês”. ²⁰Então ordenou a Jeter, seu filho mais velho: “Vamos, mate-os”. Mas o moço não desembainhava a espada: era ainda muito jovem e tinha medo. ²¹Zebá e Sálmana pediram: “Vamos, mate-nos você. Pois você é homem valente”. Então Gedeão foi e matou Zebá e Sálmana, levando consigo os enfeites em forma de meia-lua que adornavam os camelos deles. [8,4-21]

Só Javé é rei — ²²Os israelitas disseram a Gedeão: “Seja nosso rei, você e depois seu filho e seu neto, pois você nos salvou dos madianitas”. ²³Gedeão respondeu: “Nem eu nem meu filho seremos reis de vocês. O rei de vocês será Javé”. ²⁴E acrescentou: “Vou pedir uma coisa para vocês: ‘Cada um me dê um anel de sua parte nos despojos’ ”. Os vencidos usavam anéis de ouro, porque eram ismaelitas. ²⁵Eles responderam: “Daremos com prazer”. Gedeão estendeu a capa, e cada um foi colocando um anel de sua parte nos despojos. ²⁶O peso dos anéis que Gedeão pediu foi de dezenove quilos de ouro, sem contar os enfeites em forma de meia-lua, os brincos e as vestes de púrpura que os reis madianitas usavam, além dos colares dos camelos. ²⁷Com tudo isso, Gedeão fez um efod e o colocou na cidade de Efra. Todo o Israel aí se prostituiu, seguindo a Gedeão, e isso foi uma armadilha para Gedeão e sua família.

²⁸Madiã foi derrotado diante dos israelitas e nunca mais levantou a cabeça. Desse modo, a região descansou quarenta anos, enquanto Gedeão viveu. ²⁹E Jerobaal, filho de Joás, foi viver em sua casa. ³⁰Gedeão teve setenta filhos, pois tinha muitas mulheres. ³¹Ele tinha uma concubina em Siquém, que lhe gerou um filho, a quem deu o nome de Abimelec. ³²Gedeão, filho de Joás, morreu em

velhice feliz, e o enterraram na sepultura de seu pai, em Efra de Abiezer.

³³Depois da morte de Gedeão, os israelitas voltaram a se prostituir com os ídolos e tomaram Baal-Berit como deus. ³⁴Os israelitas não se lembraram mais de Javé seu Deus, que os tinha livrado do poder de todos os inimigos vizinhos. ³⁵Não se mostraram agradecidos à família de Jerobaal-Gedeão, por todo o bem que ele havia feito a Israel. [22-35]

9 O processo do poder — ¹Abimelec, filho de Jerobaal, foi a Siquém, para a casa de seus tios maternos. E propôs o seguinte a eles e a todos os parentes de seu avô materno: ²“Digam aos senhores de Siquém: ‘O que é melhor para vocês? Que setenta homens, os filhos de Jerobaal, governem vocês, ou que um só os governe? E lembrem-se de que eu sou do mesmo sangue de vocês’ ”. ³Então os tios maternos de Abimelec comunicaram isso aos senhores de Siquém, e estes tomaram o partido de Abimelec, dizendo: “Ele é nosso parente”. ⁴Deram a Abimelec oitocentos gramas de prata do templo de Baal-Berit, e Abimelec usou esse dinheiro para contratar alguns homens desocupados e aventureiros, que se colocaram à sua disposição. ⁵Foi à casa de seu pai em Efra e matou sobre a mesma pedra seus irmãos, os setenta filhos de Jerobaal. No entanto, Joatão, o filho caçula de Jerobaal, escapou porque se havia escondido. ⁶Depois todos os senhores de Siquém e todos os de Bet-Melo se reuniram perto do carvalho da estela que está em Siquém, e proclamaram Abimelec como rei. [9,1-6]

O poder é uma armadilha — ⁷Quando Joatão soube disso, subiu ao topo do monte Garizim, e gritou: “Ouçam-me, senhores de Siquém, para que Deus também ouça vocês. ⁸Certo dia, as árvores se puseram a caminho para ungir um rei que reinasse sobre elas. Disseram à oliveira: ‘Reine sobre nós’. ⁹A oliveira respondeu: ‘Vocês acham que vou deixar o meu azeite, que honra deuses e homens, para ficar balançando sobre as árvores?’ ¹⁰Então as árvores disseram à figueira: ‘Venha você, e reine sobre nós’. ¹¹A figueira respondeu: ‘Vocês acham que vou deixar o meu doce fruto saboroso, para ficar balançando sobre as árvores?’ ¹²Então as árvores disseram à videira: ‘Venha você, e reine sobre nós’. ¹³A videira respondeu: ‘Vocês acham que vou deixar meu vinho novo, que alegra deuses e homens, para ficar balançando sobre as árvores?’ ¹⁴Então todas as árvores disseram ao espinheiro: ‘Venha você, e reine sobre nós’. ¹⁵Então o espinheiro respondeu às árvores: ‘Se vocês querem mesmo me ungir para reinar sobre vocês, venham e se abriguem debaixo da minha sombra. Senão, sairá fogo

do espinheiro e devorará os cedros do Líbano’.

¹⁶Pois bem! Será que vocês procederam com sinceridade e lealdade proclamando Abimelec como rei? Será que vocês agiram bem com Jerobaal e sua família? Será que vocês se comportaram com ele conforme os favores que ele fez a vocês? ¹⁷Meu pai lutou por vocês e até arriscou a vida para livrá-los do poder de Madiã. ¹⁸No entanto, hoje vocês se revoltaram contra a família do meu pai, assassinaram sobre a mesma pedra os setenta filhos dele, e proclamaram rei dos senhores de Siquém esse Abimelec, filho de uma escrava do meu pai, com o pretexto de que ele é parente de vocês. ¹⁹Muito bem! Se vocês agiram com sinceridade e lealdade com Jerobaal e sua família, então façam festa com Abimelec, e que ele festeje com vocês. ²⁰Caso contrário, que saia fogo de Abimelec e devore os senhores de Siquém e de Bet-Melo, e que saia fogo dos senhores de Siquém e de Bet-Melo, e devore Abimelec”.

²¹Depois Joatão tornou a fugir e foi para Bera. Aí ficou, longe do seu irmão Abimelec. [7-21]

O espírito da divisão — ²²Abimelec governou Israel durante três anos. ²³Depois disso, Deus enviou um espírito mau entre Abimelec e os senhores de Siquém, e estes traíram Abimelec. ²⁴Desse modo, o assassinato dos setenta filhos de Jerobaal e o sangue deles caiu sobre Abimelec, que os havia assassinado, e sobre os senhores de Siquém, que tinham sido cúmplices no massacre. ²⁵Os senhores de Siquém tinham armado emboscadas no alto dos montes e assaltavam todos os que passavam pelo caminho. E Abimelec foi informado disso. [22-25.42-49]

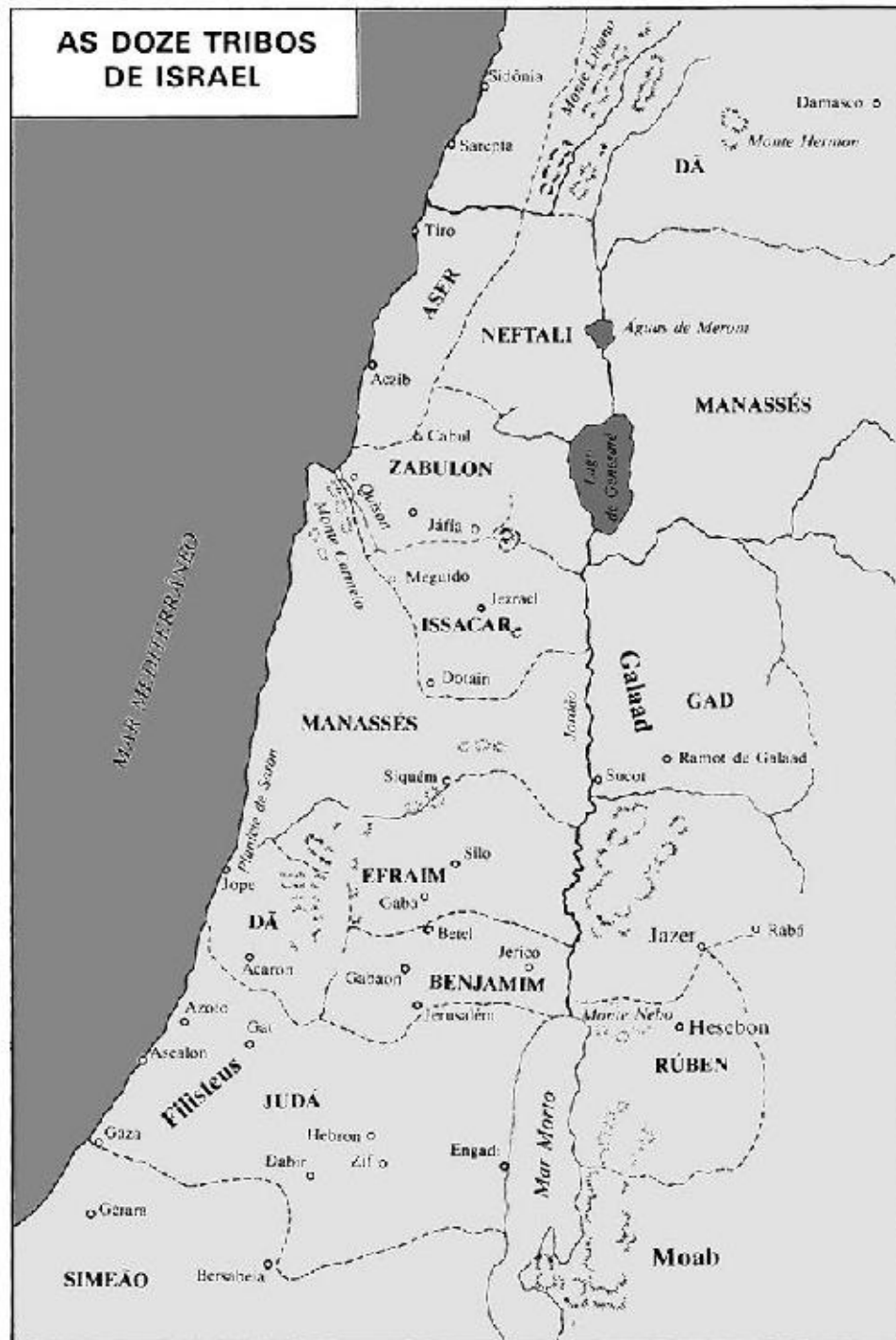
Tentativa frustrada — ²⁶Gaal, filho de Obed, foi a Siquém com seus irmãos e ganhou a confiança dos senhores de Siquém. ²⁷Saíram ao campo para colher as uvas, pisaram as uvas e celebraram a festa. Foram ao templo do seu deus; aí comeram e beberam, amaldiçoando Abimelec. ²⁸Gaal, filho de Obed, disse: “Quem é Abimelec e o que é Siquém, para ficarmos a serviço deles? Por acaso ele não é o filho de Jerobaal, e Zebul não é o governador deles? Que sirvam o povo de Hemor, pai de Siquém! Por que nós deveríamos servir Abimelec? ²⁹Eu gostaria de ter o poder sobre esse povo. Então eu pegaria Abimelec e lhe diria: ‘Reforce seu exército e venha para o combate!’ ”

³⁰Zebul, governador da cidade, ouviu o que havia dito Gaal, filho de Obed. Ficou cheio de raiva ³¹e mandou secretamente mensageiros a Abimelec,

avisando-o: “Gaal, filho de Obed, chegou com seus irmãos a Siquém e estão subvertendo a cidade contra você.”³² Venha de noite com seu pessoal e fique de emboscada no campo.³³ De manhãzinha, apareça e ataque a cidade. Quando Gaal e os que estão com ele saírem ao seu encontro, faça o que você achar melhor”.³⁴ Abimelec se pôs a caminho de noite com seu pessoal, e armaram emboscada diante de Siquém, divididos em quatro grupos.³⁵ Gaal, filho de Obed, saiu e parou na porta da cidade. Então Abimelec, com seu pessoal, saiu da emboscada.³⁶ Vendo toda essa gente, Gaal disse a Zebul: “Veja! Está descendo gente do alto dos montes”. Zebul respondeu: “O que você está vendo é a sombra dos montes, e pensa que é gente”.³⁷ Gaal insistiu: “Está descendo gente do Umbigo da Terra, e mais um grupo está vindo pela estrada do carvalho dos Adivinhos”.³⁸ Então Zebul lhe disse: “Onde está agora essa boca que falava: ‘Quem é Abimelec, para que sejamos seus escravos?’ São esses que você desprezava. Saia agora e lute contra eles”.³⁹ Então Gaal saiu à frente dos senhores de Siquém e começou a lutar contra Abimelec.⁴⁰ E Abimelec o perseguiu. Gaal fugiu e muitos caíram mortos antes de chegar à porta da cidade.⁴¹ Abimelec voltou para Aruma, e Zebul expulsou, de Siquém, Gaal e seus irmãos. [26-41]

A vingança — ⁴²No dia seguinte, o povo saiu para o campo, e Abimelec foi informado.⁴³ Tomou então seu pessoal, o dividiu em três grupos, e se pôs de emboscada no campo. Quando viu o povo sair da cidade, lançou-se ao ataque e o massacrrou.⁴⁴ Abimelec e seu pessoal avançaram e se colocaram na entrada da porta da cidade, enquanto os outros dois grupos atacavam e massacravam os que tinham saído pelo campo.⁴⁵ Abimelec atacou a cidade o dia inteiro. Depois de tomá-la, massacrrou os habitantes, destruiu a cidade e espalhou sal sobre ela.⁴⁶ Ao saber disso, todos os senhores da Torre de Siquém se refugiaram na cripta do templo de El-Berit.⁴⁷ Quando Abimelec soube que todos os senhores da Torre de Siquém estavam reunidos,⁴⁸ subiu ao monte Selmon com todo o seu pessoal, pegou do machado, cortou um galho de árvore, o colocou nos ombros, e disse aos outros: “Depressa. Façam a mesma coisa”.⁴⁹ Cada um cortou um galho de árvore e seguiu Abimelec. Amontoaram os galhos sobre a cripta e os queimaram sobre aqueles que aí estavam escondidos. Todos os habitantes da Torre de Siquém morreram, cerca de mil, entre homens e mulheres. [22-25.42-49]

Morte do opressor — ⁵⁰Depois disso, Abimelec avançou contra Tebes, a cercou e tomou. ⁵¹No centro da cidade havia uma torre fortificada, onde todos os homens, mulheres e senhores da cidade se refugiaram. Fecharam a porta e subiram ao terraço. ⁵²Abimelec se aproximou da torre, procurando assaltá-la. Quando chegou perto da porta para atear fogo, ⁵³uma mulher jogou uma mó de moinho sobre a cabeça dele e lhe fraturou o crânio. ⁵⁴Abimelec chamou logo o escudeiro e disse: “Pegue a espada e mate-me, para não dizerem que uma mulher me matou”. O escudeiro o atravessou com a espada, e ele morreu. ⁵⁵Quando os israelitas viram que Abimelec tinha morrido, voltou cada um para sua casa. ⁵⁶Desse modo, Deus fez cair sobre Abimelec o mal que ele tinha feito a seu pai, massacrando seus setenta irmãos. ⁵⁷Do mesmo modo, Deus fez cair sobre os habitantes de Siquém todo o mal que haviam feito. E assim se cumpriu a maldição de Joatão, filho de Jerobaal. [50-57]



10 *Tola e Jair* — ¹Depois de Abimelec, surgiu Tola, filho de Fua, filho de Dodo, para livrar Israel. Ele era da tribo de Issacar e vivia em Samir, na região montanhosa de Efraim. ²Foi juiz em Israel durante vinte e três anos. Depois morreu, e foi sepultado em Samir.

³Depois de Tola, surgiu Jair de Galaad, que julgou Israel durante vinte e dois

anos. ⁴Jair tinha trinta filhos, que montavam trinta jumentos, e possuíam trinta cidades, que ainda hoje se chamam Aldeias de Jair, em Galaad. ⁵Depois Jair morreu, e o sepultaram em Camon. [10,1-5]

Rever os erros para aprender — ⁶Os israelitas tornaram a fazer o que Javé reprovava: prestaram culto a Baal e Astarte, e também aos deuses de Aram e de Sidônia, aos deuses de Moab e dos amonitas e filisteus. Abandonaram a Javé, e já não lhe prestavam culto. ⁷Então a ira de Javé se inflamou contra Israel. E Javé o entregou aos filisteus e amonitas, ⁸que, a partir desse momento, humilharam e oprimiram durante dezoito anos todos os israelitas que habitavam em Galaad, na Transjordânia, terra dos amorreus. ⁹Os amonitas atravessaram o Jordão, com intenção de lutar também contra Judá, Benjamim e a tribo de Efraim. E a situação de Israel chegou ao extremo. ¹⁰Então os israelitas clamaram a Javé: “Pecamos contra ti. Abandonamos a Javé nosso Deus, para prestar culto aos ídolos”. ¹¹Javé disse aos israelitas: “Eu, por acaso, não libertei vocês dos egípcios, amorreus, amonitas e filisteus? ¹²Os sidônios, amalecitas e madianitas oprimiram vocês. Então vocês clamaram a mim, e eu os salvei. ¹³No entanto, vocês me abandonaram para servir a outros deuses. Por isso não vou mais salvar vocês. ¹⁴Vão clamar aos deuses que vocês escolheram. Eles é que devem salvar vocês no tempo do aperto!” ¹⁵Então os israelitas insistiram: “Nós pecamos. Faze de nós o que achares melhor, mas liberta-nos hoje”. ¹⁶Eles deixaram os deuses estrangeiros e prestaram culto a Javé. E Javé não pôde mais suportar o sofrimento de Israel.

¹⁷Os amonitas se reuniram e acamparam em Galaad. Os israelitas também se reuniram e acamparam em Masfa. ¹⁸Então o povo e os chefes de Galaad comentaram: “Quem terá coragem de atacar os amonitas? Esse vai ser o chefe de todos os habitantes de Galaad”. [6-18]

11 Deus liberta através dos marginalizados — ¹Jefté, o galaadita, era um guerreiro valente, filho de Galaad e de uma prostituta. ²Galaad teve outros filhos com sua esposa legítima. E quando estes cresceram, expulsaram Jefté, dizendo: “Você não pode participar da herança do nosso pai, porque você é filho de outra mulher”. ³Jefté fugiu para longe de seus irmãos e se estabeleceu na terra de Tob. Aí reuniu uma turma de desocupados, que andavam com ele.

⁴Algum tempo depois, os amonitas declararam guerra a Israel. ⁵Quando os

amonitas começaram a atacar Israel, os anciãos de Galaad foram procurar Jefté, na terra de Tob, ⁶e lhe disseram: “Venha ser o nosso comandante na guerra contra os amonitas”. ⁷Jefté, porém, respondeu: “Vocês me odiaram e me expulsaram da casa de meu pai. Por que vêm me procurar na hora do aperto?” ⁸Os anciãos de Galaad disseram a Jefté: “Pois é. Agora vimos procurar você, para que você venha lutar conosco contra os amonitas. Você será o nosso chefe e também o de todos os habitantes de Galaad”. ⁹Jefté respondeu aos anciãos: “Vocês querem que eu volte para lutar contra os amonitas? Pois bem! Se Javé os entregar na minha mão, então eu serei o chefe de vocês”. ¹⁰Os anciãos de Galaad disseram a Jefté: “Que Javé nos castigue, se não fizermos o que você está dizendo”. ¹¹Então Jefté foi com os anciãos de Galaad. O povo o nomeou chefe e comandante, e Jefté prestou juramento em Masfa, na presença de Javé. [11,1-11]

Tentativa de acordo — ¹²Jefté enviou emissários ao rei dos amonitas, com a seguinte mensagem: “O que foi que eu fiz, para que você venha atacar a minha terra?” ¹³O rei dos amonitas respondeu aos emissários de Jefté: “Quando Israel veio do Egito ele se apoderou da minha terra, desde o rio Arnon até o Jaboc e o Jordão. Devolva-me agora, em paz, o que você me tomou”. ¹⁴Jefté enviou novamente emissários ao rei dos amonitas ¹⁵com esta mensagem: “Assim diz Jefté: Os israelitas não se apoderaram do país de Moab, nem do país de Amon. ¹⁶Quando Israel veio do Egito, caminhou pelo deserto até o mar Vermelho, e chegou a Cades. ¹⁷Então Israel enviou emissários ao rei de Edom, pedindo para atravessar o país. Mas o rei de Edom não fez caso. Israel enviou também emissários ao rei de Moab, e também este não fez caso. Então Israel ficou em Cades, ¹⁸e depois seguiu pelo deserto, contornou o país de Edom e de Moab, chegou à parte oriental de Moab e acampou no outro lado do rio Arnon, sem violar a fronteira, porque o Arnon é a fronteira de Moab. ¹⁹Em seguida, Israel enviou emissários a Seon, rei dos amorreus, que reinava em Hesebon, pedindo que os deixasse atravessar o território dele, para chegar ao próprio destino. ²⁰Seon, porém, recusou, não acreditando no pedido de Israel para lhe atravessar a fronteira, e reuniu seu exército, acampou em Jasa, e atacou Israel. ²¹Javé, Deus de Israel, entregou Seon e seu exército nas mãos de Israel, que os derrotou e tomou posse da terra dos amorreus que habitavam nessa região. ²²Foi assim que Israel tomou posse da região dos amorreus, desde o Arnon até o Jaboc, e desde o deserto até o Jordão. ²³Pois bem! Se Javé, Deus de Israel, expulsou os amorreus

diante do seu povo Israel, será você agora quem nos vai expulsar? ²⁴Você possui tudo o que seu deus Camos lhe deu. E nós possuímos o que Javé nosso Deus tomou de seus possuidores. ²⁵Será que você é melhor do que Balac, filho de Sefor, rei de Moab? Ele se atreveu a lutar contra Israel? Ele declarou guerra a Israel? ²⁶Há trezentos anos, Israel se estabeleceu em Hesebon e arredores, em Aroer e arredores, e em todas as cidades que estão ao longo do rio Arnon. Por que você não a tomou durante todo esse tempo? ²⁷Veja bem. Eu não ofendi você. Foi você que agiu mal, declarando guerra contra mim. Que Javé, o Juiz, julgue entre israelitas e amonitas”. ²⁸Todavia, o rei dos amonitas não fez caso da mensagem de Jefté. [12-28]

Promessa imprudente — ²⁹Então o espírito de Javé desceu sobre Jefté, que atravessou o território de Galaad e Manassés, passou por Masfa e Galaad, e daí foi até os amonitas. ³⁰E Jefté fez uma promessa a Javé: “Se entregares os amonitas em meu poder, ³¹então, quando eu voltar vitorioso da guerra contra eles, a primeira pessoa que sair para me receber na porta de casa, pertencerá a Javé, e eu a oferecerei em holocausto”. ³²Jefté partiu para guerrear contra os amonitas, e Javé os entregou em seu poder. ³³Jefté os derrotou desde Aroer até Menit, tomando vinte cidades, e foi até Abel-Carmim. Foi uma grande derrota, e os amonitas foram dominados pelos israelitas.

³⁴Jefté voltou para a sua casa em Masfa. E foi justamente sua filha quem saiu para recebê-lo, dançando ao som de tamborins. Era sua filha única, pois Jefté não tinha outros filhos ou filhas. ³⁵Logo que viu a filha, Jefté rasgou as vestes, e gritou: “Ai, minha filha, como sou infeliz! Você é a minha desgraça, porque eu fiz uma promessa a Javé e não posso voltar atrás”. ³⁶Ela respondeu: “Pai, se você fez promessa a Javé, cumpra o que prometeu, porque Javé concedeu a você vingar-se dos inimigos”. ³⁷E pediu ao pai: “Conceda-me apenas isto: deixe-me andar dois meses pelos montes, chorando com minhas amigas, porque vou morrer virgem”. ³⁸Jefté lhe disse: “Vá”. E deixou-a andar por dois meses. Ela foi pelos montes com suas amigas, chorando porque ia morrer virgem. ³⁹Dois meses depois, ela voltou para casa, e seu pai cumpriu a promessa que tinha feito. A moça era virgem. Daí começou um costume em Israel: ⁴⁰todos os anos as moças israelitas saem por quatro dias para chorar a filha de Jefté, o galaadita. [29-40]

12A comichão do poder — ¹Os efraimitas se reuniram, atravessaram o Jordão

a caminho do norte, e perguntaram a Jefté: “Por que você fez guerra contra os amonitas, sem nos convidar para ir junto? Vamos queimar sua casa com você dentro”. ²Jefté respondeu: “Eu e meu povo tivemos um grande conflito com os amonitas. Pedi ajuda a vocês, e vocês a negaram. ³Quando vi que ninguém aparecia para ajudar, arrisquei a vida, marchei contra os amonitas e Javé os entregou em meu poder. Por que é que vocês vêm hoje contra mim?” ⁴Então Jefté reuniu os galaaditas e atacou os efraimitas. Os efraimitas foram derrotados, porque diziam: “Vocês, galaaditas, são fugitivos de Efraim, pois Galaad fica entre Efraim e Manassés”. ⁵E os galaaditas ocuparam os vaus do Jordão, cortando a passagem de Efraim. Quando os efraimitas fugitivos pediam para passar, os galaaditas perguntavam: “Você é efraimita?” ⁶Se ele dizia que não, eles pediam: “Então diga *Chibólet*”. Ele dizia *Cibólet*, porque não conseguia pronunciar doutro modo. Então eles o agarravam e o matavam nos vaus do Jordão. Nesse tempo, foram mortos quarenta e dois mil efraimitas.

⁷Jefté foi juiz em Israel durante seis anos. Depois morreu e foi sepultado em sua cidade, em Galaad. [12,1-7]

Abesã, Elon e Abdon — ⁸Depois de Jefté, o juiz em Israel foi Abesã, de Belém. ⁹Ele teve trinta filhos e trinta filhas. Casou as filhas fora, e trouxe de fora trinta mulheres para seus filhos. Foi juiz em Israel durante sete anos. ¹⁰Depois morreu e foi sepultado em Belém.

¹¹Depois de Abesã, o juiz em Israel foi Elon, de Zabulon. Foi juiz em Israel durante dez anos. ¹²Depois morreu e foi sepultado em Aialon, na terra de Zabulon.

¹³Depois de Elon, o juiz em Israel foi Abdon, filho de Ilel de Faraton. ¹⁴Ele teve quarenta filhos e trinta netos, que montavam setenta jumentos. Foi juiz em Israel durante oito anos. ¹⁵Depois morreu e foi sepultado em Faraton, na terra de Efraim, na região montanhosa dos amalecitas. [8-15]

13 Nascimento de um herói — ¹Os israelitas tornaram a fazer o que Javé reprovava. E Javé os entregou aos filisteus durante quarenta anos.

²Havia um homem de Saraá, do clã de Dã, que se chamava Manué. Sua mulher era estéril e não tinha filhos. ³O anjo de Javé apareceu à mulher e lhe disse: “Você é estéril e não tem filhos, mas ficará grávida e dará à luz um filho. ⁴Tome cuidado: não beba vinho, nem qualquer outra bebida alcoólica, e não coma nada

que seja impuro, ⁵porque você ficará grávida e dará à luz um filho. A navalha não será passada sobre a cabeça do menino, porque desde o seio da mãe ele será consagrado a Deus. É ele quem começará a salvar Israel do poder dos filisteus”.

⁶A mulher foi falar assim ao marido: “Um homem de Deus veio me visitar. Pela sua aparência majestosa, parecia um anjo de Deus. Eu não perguntei de onde ele veio, nem ele me disse o seu nome. ⁷Ele só me falou o seguinte: ‘Você ficará grávida e dará à luz um filho; tome cuidado para não beber vinho, nem qualquer outra bebida alcoólica, e não coma nada que seja impuro, porque o menino será consagrado a Deus, desde o seio de sua mãe até o dia de sua morte’ ”.

⁸Então Manué rezou a Javé: “Eu te peço, Senhor: que o homem de Deus que enviaste, volte e nos diga o que devemos fazer com o menino, quando ele nascer”. ⁹Deus ouviu a oração de Manué, e o anjo de Deus apareceu outra vez à mulher, quando ela estava no campo. Seu marido Manué não estava com ela.

¹⁰A mulher foi correndo avisar o marido: “O homem que me visitou outro dia, voltou”. ¹¹Manué seguiu a mulher e foi perguntar ao homem: “Foi você quem falou com esta mulher?” Ele respondeu: “Sim. Fui eu mesmo”.

¹²Manué disse: “Quando se realizar a sua palavra, como será o comportamento do menino? O que é que ele deve fazer?” ¹³O anjo de Javé respondeu a Manué: “A mulher não

poderá fazer nada daquilo que lhe foi proibido: ¹⁴não colocará na boca nada que seja feito de uva, não beberá vinho nem bebida alcoólica e não comerá nenhuma coisa impura. Ela deve observar tudo o que eu mandei”.

¹⁵Manué disse ao anjo de Javé: “Fique conosco, que vamos preparar um cabrito para você”.

¹⁶O anjo de Javé respondeu a Manué: “Mesmo que eu fique, não provarei a sua comida. Mas, se você quiser, prepare um holocausto e ofereça a Javé”.

Manué não tinha percebido que esse homem era o anjo de Javé. ¹⁷E Manué perguntou: “Qual é o seu nome, para que possamos agradecer a você, quando suas palavras se realizarem?”

¹⁸O anjo de Javé retrucou: “Por que você está querendo saber o meu nome? Ele é misterioso”.

¹⁹Então Manué pegou o cabrito com a oferta, e ofereceu-o sobre a rocha em holocausto a Javé, que realiza coisas misteriosas.

Manué e sua mulher ficaram observando. ²⁰Quando a chama do altar subiu para o céu, o anjo de Javé também subiu na chama. Vendo isso, Manué e sua mulher

caíram com o rosto no chão. ²¹O anjo de Javé não apareceu mais, nem para Manué nem para a sua mulher. Então Manué entendeu que era o anjo de Javé.

²²Ele disse à sua mulher: “Certamente morreremos, porque vimos a Deus”. ²³A mulher respondeu: “Se Javé nos quisesse matar, não teria aceito o holocausto e a

oferta, não nos teria mostrado tudo o que vimos, nem nos teria comunicado essas coisas”.

²⁴A mulher deu à luz um filho e lhe deu o nome de Sansão. O menino cresceu e Javé o abençoou. ²⁵E o espírito de Javé começou a agitar Sansão no Acampamento de Dã, entre Saraá e Estaol.

14 *Força e doçura* — ¹Sansão desceu a Tamna, e aí viu uma jovem filisteia.

²Quando voltou, disse a seus pais: “Eu vi uma jovem filisteia em Tamna. Peçam que ela seja minha esposa”. ³Os seus pais responderam: “Será que não existe mulher nenhuma entre seus parentes e no meio de todo o nosso povo, para você se casar com uma mulher desses filisteus incircuncisos?” Sansão insistiu com o pai: “Peça que ela seja minha esposa, pois é dela que eu gosto”. ⁴Seus pais não sabiam que era Javé quem fazia isso, buscando um pretexto contra os filisteus, porque nessa época os filisteus dominavam Israel.

⁵Sansão desceu a Tamna. Chegando perto dos vinhedos de Tamna, viu um leãozinho que vinha rugindo ao seu encontro. ⁶O espírito de Javé desceu sobre Sansão, e ele, sem ter nada nas mãos, despedaçou o leãozinho, como se despedaçasse um cabrito. Sansão, porém, não contou nada a seus pais.

⁷Ele desceu a Tamna, falou com a moça e ficou gostando dela. ⁸Algum tempo depois, quando estava indo para se casar com ela, desviou-se do caminho para ver o leão morto. Encontrou um enxame de abelhas com mel, na carcaça do leão. ⁹Recolheu o mel na mão e foi comendo pelo caminho. Quando alcançou seus pais, deu-lhes mel, e eles comeram. Sansão, porém, não disse para eles que tinha tirado o mel da carcaça do leão. ¹⁰Desceu até a casa da moça e aí ofereceu um banquete, como os jovens costumam fazer. ¹¹Desde que o viram, escolheram trinta companheiros para ficarem com ele.

¹²Sansão disse aos companheiros: “Vou propor a vocês uma adivinhação. Se vocês acertarem a resposta durante os sete dias do banquete, eu lhes darei trinta peças de linho e trinta roupas de festa. ¹³Mas se vocês não adivinharem a resposta, vocês é que me devem dar trinta peças de linho e trinta roupas de festa”. Eles disseram: “Vamos lá. Qual é a adivinhação?” ¹⁴Sansão propôs: “Do que come saiu comida, e do forte saiu doçura”. Três dias depois, eles ainda não tinham adivinhado a resposta. ¹⁵No quarto dia, disseram à mulher de Sansão: “Convença o seu marido a dizer a resposta da adivinhação. Senão, nós vamos pôr fogo em você e na casa de seu pai. Ou será que você nos convidou só para nos deixar sem nada?” ¹⁶A mulher de Sansão foi e dizia, chorando no ombro

dele: “Você não me ama. O que você sente por mim é ódio. Você propôs uma adivinhação para os homens do meu povo, e não diz para mim qual é a resposta!” Sansão respondeu: “Nem para meus pais eu disse; por que iria dizer a você?” ¹⁷No entanto, ela chorou no ombro dele durante os sete dias do banquete. Importunava tanto que, no sétimo dia, Sansão acabou contando para ela a resposta. E ela foi contar aos homens do seu povo. ¹⁸No sétimo dia, antes que Sansão fosse para o quarto de dormir, os homens da cidade chegaram e disseram: “O que é mais doce do que o mel, e o que é mais forte do que o leão?” Sansão replicou: “Se vocês não tivessem arado com minha novilha, vocês não teriam acertado a adivinhação”.

¹⁹Então o espírito de Javé desceu sobre Sansão e apossou-se dele. Ele foi até Ascalon, matou trinta homens, tirou as roupas deles e deu para os que tinham adivinhado a resposta. Depois, cheio de raiva, voltou para a casa do seu pai.

²⁰Sua mulher foi então dada a um dos companheiros que haviam cuidado dele.

15 *Um exército de raposas* — ¹Algun tempo depois, durante a colheita do trigo, Sansão foi visitar sua mulher, levando para ela um cabrito, e pensando: “Vou entrar no quarto da minha mulher”. Mas o sogro não o deixou entrar, e disse: ²“Achei que você não gostava mais dela, e por isso a dei para um dos seus companheiros. Mas veja: a irmã menor é mais bonita! Fique com ela em lugar da outra”. ³Sansão, porém, replicou: “Desta vez não sou culpado do mal que vou fazer aos filisteus”.

⁴Então Sansão foi, pegou trezentas raposas, preparou tochas, amarrou rabo com rabo de cada duas raposas, e neles amarrou as tochas. ⁵Depois ateou fogo nas tochas e soltou as raposas no meio das plantações dos filisteus. Desse modo, queimou não só os feixes de trigo já colhidos, mas também o que ainda estava plantado, e até as vinhas e oliveiras.

⁶Os filisteus perguntaram: “Quem foi que fez isso?” Responderam: “Foi Sansão, o genro do homem de Tamna. Ele fez isso porque o sogro lhe tirou a mulher e a deu ao seu companheiro”. Então os filisteus subiram e puseram fogo na mulher e na casa do pai dela. ⁷Sansão disse aos filisteus: “Já que vocês fizeram isso, não vou parar, enquanto não me vingar de vocês”. ⁸E caiu sobre eles, fazendo um massacre terrível. Depois foi para a gruta do rochedo de Etam e aí ficou morando.

Arma de Sansão — ⁹Os filisteus subiram e acamparam contra Judá, saindo para

atacar na região de Queixada. ¹⁰Os habitantes de Judá protestaram: “Por que vocês subiram contra nós?” Os filisteus responderam: “Aqui estamos para prender Sansão e lhe devolver o que ele fez conosco”. ¹¹Três mil homens de Judá foram à gruta do rochedo de Etam e disseram a Sansão: “Você não sabe que estamos sob o domínio dos filisteus? Por que você fez isso conosco?” Sansão respondeu: “Paguei a eles com a mesma moeda”. ¹²Eles insistiram: “Viemos aqui para prender você e o entregar aos filisteus”. Sansão disse: “Jurem que vocês não vão me matar”. ¹³Eles responderam: “Não. Só queremos prender você e o entregar a eles. Não pretendemos matá-lo”. Então o amarraram com duas cordas novas e o levaram para fora do rochedo.

¹⁴Quando Sansão estava chegando a Queixada, os filisteus foram recebê-lo com grande algazarra. O espírito de Javé invadiu Sansão, e as cordas que lhe amarravam os braços ficaram como fio de linho queimado, e os laços que prendiam suas mãos se soltaram. ¹⁵Vendo uma queixada de jumento ainda fresca, Sansão a pegou e com ela matou mil homens. ¹⁶Depois Sansão cantou: “Com uma queixada de jumento eu os amontoei. Com uma queixada de jumento, mil homens eu matei”.

¹⁷Quando acabou de cantar, jogou longe a queixada. É por isso que se deu a esse lugar o nome de Alto da Queixada. ¹⁸Depois, Sansão ficou com muita sede e gritou para Javé: “Tu me concedeste essa grande vitória. Será que agora vou morrer de sede e cair nas mãos desses incircuncisos?” ¹⁹Então Deus fendeu a rocha que está em Queixada, e dela correu água. Sansão bebeu, recuperou as forças e se reanimou. É por isso que deram o nome de Fonte do Grito para a fonte que ainda existe em Queixada.

²⁰Sansão foi juiz em Israel durante vinte anos, no tempo dos filisteus.

16 *A porta de Gaza* — ¹Sansão foi a Gaza, viu aí uma prostituta e dormiu com ela. ²E a notícia espalhou-se em Gaza: “Sansão está aqui”. Fizeram rondas e todos passaram a noite vigiando junto à porta da cidade. Passaram tranquilamente toda a noite, porque diziam: “De manhã nós o mataremos”. ³Sansão, porém, ficou deitado até a meia-noite. À meia-noite levantou-se, pegou as folhas da porta com os batentes, arrancou-as com tranca e tudo, colocou-as no ombro e as carregou até o alto da montanha que está diante de Hebron.

Sansão e Dalila — ⁴Depois disso tudo, Sansão se apaixonou por Dalila, mulher do vale de Sorec. ⁵Os chefes dos filisteus procuraram Dalila e lhe propuseram:

“Seduza Sansão e descubra onde está a grande força dele e de que modo o poderemos dominar, amarrar e prender. E cada um de nós dará mil e cem moedas de prata para você”.

⁶Dalila disse a Sansão: “Vamos, me conte o segredo de sua grande força e como é que você deveria ser amarrado para ficar dominado”. ⁷Sansão lhe disse: “Se me amarrarem com sete cordas de arco novas, que ainda não foram postas para secar, eu perderei a minha força e ficarei como qualquer outro homem”.

⁸Os chefes dos filisteus levaram a Dalila sete cordas de arco novas que ainda não tinham sido postas para secar, e Dalila usou as cordas para amarrar Sansão. ⁹Ela havia escondido no quarto alguns homens. Depois gritou: “Sansão, os filisteus vão pegar você!” Mas Sansão arrebitou as cordas como se fossem um cordão de estopa meio queimado. E ninguém ficou sabendo o segredo de sua força.

¹⁰Dalila se queixou com Sansão: “Você caçou de mim e mentiu. Vamos, me diga como seria possível dominar você”. ¹¹Sansão respondeu: “Se me amarrarem com cordas novas, que ainda não tenham sido usadas, eu perderei a minha força e ficarei como qualquer outro homem”. ¹²Então Dalila pegou cordas novas, amarrou Sansão e gritou: “Sansão, os filisteus vão pegar você!” Ela havia escondido no quarto alguns homens, mas Sansão arrebitou como se fosse uma linha as cordas que lhe amarravam os braços.

¹³Dalila se queixou de novo: “Até agora você só caçou de mim e me disse mentiras. Vamos, me diga como você pode ser dominado”. Sansão respondeu: “Se você tecer as sete tranças do meu cabelo com a urdidura de um tear, e as fixar com um pino, perderei a minha força e ficarei como qualquer outro homem”. ¹⁴Dalila fez Sansão dormir, teceu as sete tranças de seu cabelo com a urdidura, prendeu-as com um pino, e gritou: “Sansão, os filisteus vão pegar você!” Sansão acordou e arrancou o pino do tear junto com a urdidura.

¹⁵Então Dalila lhe disse: “Como você pode dizer que me ama se não confia em mim? Você já me enganou três vezes e não me contou o segredo de sua grande força”. ¹⁶Como Dalila o importunasse e insistisse todos os dias com suas queixas, Sansão caiu num desespero mortal, ¹⁷e lhe contou todo o segredo: “A navalha nunca passou sobre a minha cabeça, pois eu sou consagrado a Deus desde o seio de minha mãe. Se cortarem meu cabelo, eu perderei a minha força. Ficarei fraco e seria como qualquer outro homem”.

¹⁸Dalila sentiu que Sansão tinha contado todo o segredo, e mandou chamar os chefes dos filisteus, dizendo: “Venham, porque Sansão me contou todo o

segredo”. Os chefes dos filisteus foram logo, levando o dinheiro. ¹⁹Dalila fez Sansão dormir no seu colo, chamou um homem, e este cortou as sete tranças do cabelo de Sansão. Sansão começou a ficar fraco e sua força desapareceu. ²⁰Então Dalila gritou: “Sansão, os filisteus vão pegar você!” Ele acordou e pensou: “Vou me safar como das outras vezes”. Mas ele não percebeu que Javé o tinha abandonado. ²¹Os filisteus o agarraram, lhe furaram os olhos e o levaram para Gaza. Aí o prenderam com duas correntes de bronze, e Sansão ficou na prisão girando a pedra do moinho.

²²Entretanto, o cabelo que tinha sido cortado começou a crescer de novo.

²³Os chefes dos filisteus se reuniram para oferecer um grande sacrifício ao deus Dagon e para festejar. Diziam: “Nosso deus nos entregou o nosso inimigo Sansão!” ²⁴Ao ver Sansão, o povo começou a louvar seu deus e a dizer: “Nosso deus nos entregou o nosso inimigo Sansão, aquele que devastou nossas terras e multiplicou nossos mortos”. ²⁵Quando já estavam bem alegres, disseram: “Mandem vir Sansão para nos divertir”. Mandaram Sansão vir da prisão, para que dançasse diante deles. Quando o colocaram entre duas colunas, ²⁶Sansão disse ao moço que o levava pela mão: “Deixe-me num lugar onde eu possa tocar as colunas que sustentam o templo, para que eu possa me apoiar nelas”. ²⁷O templo estava cheio de homens e mulheres, e aí se encontravam também todos os chefes dos filisteus. Havia gente até no terraço, ao todo cerca de três mil homens e mulheres, que assistiam a Sansão a dançar. ²⁸Sansão invocou a Javé: “Por favor, Senhor Javé, lembra-te de mim. Dá-me forças mais uma vez, para que eu me vingue dos filisteus com um só golpe por causa dos meus olhos”. ²⁹Sansão tocou as duas colunas centrais que sustentavam o templo, apoiou-se numa com a direita e noutra com a esquerda, ³⁰e gritou: “Que eu morra junto com os filisteus”. Empurrou as colunas com toda a força, e o templo desabou sobre os chefes e todo o povo que aí se encontrava. Desse modo, ao morrer, Sansão matou muito mais gente do que tinha matado durante toda a sua vida. ³¹Seus parentes e toda a sua família foram e o levaram embora, enterrando-o entre Saraá e Estaol, no túmulo do seu pai Manué.

Sansão foi juiz em Israel durante vinte anos. [13,1-16,31]

IV. O CULTO AO DEUS DO ÊXODO [17-18]

17¹Na região montanhosa de Efraim havia um homem que se chamava Micas.

²Um dia, ele falou à sua mãe: “Lembra-se daquelas mil e cem moedas de prata que a senhora pensou que tinham sido roubadas, e inclusive amaldiçoou o ladrão, na minha frente? Aqui está o dinheiro. Fui eu que o peguei”. Sua mãe falou: “Que Javé o abençoe, meu filho!” ³Micas devolveu as mil e cem moedas à sua mãe, que disse: “Eu tinha reservado esse dinheiro para Javé, em favor de meu filho, para fazer uma estátua e um ídolo de metal fundido”. ⁴E Micas devolveu o dinheiro à sua mãe. Ela pegou duzentas moedas e as deu ao ourives para fazer uma estátua e um ídolo de metal fundido, que foram colocados na casa de Micas. ⁵Micas tinha um santuário. Fez um efod e uns ídolos domésticos, e consagrou como sacerdote um de seus filhos. ⁶Nesse tempo não havia rei em Israel, e cada um fazia o que lhe parecia correto.

⁷Havia, em Judá, um jovem de Belém, do clã de Judá, que era levita e morava aí como imigrante. ⁸Ele deixou a cidade de Belém em Judá, com intenção de se estabelecer onde pudesse. Enquanto viajava, passou pela região montanhosa de Efraim, e chegou à casa de Micas. ⁹E Micas lhe perguntou: “De onde você vem?” Ele respondeu: “Sou levita de Belém de Judá, e estou de viagem para me estabelecer onde puder”. ¹⁰Micas lhe propôs: “Fique comigo, e seja para mim como pai e sacerdote. Eu lhe darei dez moedas de prata por ano, além da roupa e da comida”. ¹¹O levita concordou em ficar com Micas, e este o tratou como a um filho. ¹²Micas consagrou o levita, e o jovem ficou na casa de Micas como sacerdote. ¹³E Micas pensou: “Agora estou certo de que Javé vai me favorecer, pois tenho este levita como sacerdote”.

18¹Nesse tempo não havia rei em Israel, e a tribo de Dã estava procurando um território para morar, porque ainda não tinha recebido sua herança entre as tribos de Israel. ²Os danitas mandaram cinco homens valentes de seu clã, de Saraá e Estaol, para explorar a terra. Foram até a região montanhosa de Efraim e chegaram à casa de Micas, onde passaram a noite. ³Quando estavam perto da casa de Micas, reconheceram a voz do levita e se aproximaram, perguntando: “Quem trouxe você para cá? O que é que você está fazendo aqui e com que trabalha?” ⁴O levita respondeu: “Micas me contratou como sacerdote”. ⁵Então lhe pediram: “Consulte a Deus para sabermos se a viagem que estamos fazendo

vai dar certo”. ⁶O sacerdote respondeu: “Podem ir em paz. A viagem de vocês está sob os cuidados de Javé”.

⁷Os cinco homens partiram e chegaram a Laís. Viram que os habitantes do lugar viviam em segurança como os sidônios; viviam tranquilos e seguros, e não passavam privações ou apertos de nenhuma natureza. Sidônia ficava longe, e eles não mantinham relações com os arameus. ⁸Os exploradores voltaram para junto de seus irmãos em Saraá e Estaol, e estes lhes perguntaram: “Que notícias vocês trazem?” ⁹Eles responderam: “Vamos lutar contra eles, pois vimos que a terra é excelente! Não fiquem aí parados, não hesitem para tomar posse do território. ¹⁰Chegando lá, vocês vão encontrar um povo tranquilo. O território é extenso, e Deus o entregou na mão de vocês. É um lugar onde os produtos da terra são abundantes”.

¹¹Então, cerca de seiscentos homens armados do clã de Dã emigraram de Saraá e Estaol. ¹²Subiram e acamparam em Cariat-Iarim, em Judá. É por isso que esse lugar até hoje se chama Acampamento de Dã. ¹³Daí passaram para a região montanhosa de Efraim e se aproximaram da casa de Micas.

¹⁴Os cinco exploradores que tinham estado aí disseram a seus irmãos: “Saibam que há nessas casas um efod e ídolos domésticos, uma estátua e um ídolo de metal fundido. Pensem bem no que vocês vão fazer”. ¹⁵Eles se desviaram para lá, chegaram à casa do levita e o saudaram. ¹⁶Os seiscentos danitas armados montaram guarda junto à porta, ¹⁷e os cinco exploradores entraram na casa, pegaram a estátua, o efod, os ídolos domésticos e o ídolo de metal fundido. Enquanto isso, o sacerdote estava à entrada da porta com os seiscentos homens armados. ¹⁸Eles entraram na casa de Micas, pegaram a estátua, o efod, os ídolos domésticos e o ídolo de metal fundido. O sacerdote, então, lhes perguntou: “O que vocês estão fazendo?” ¹⁹Eles responderam: “Cale-se e venha conosco para ser nosso pai e sacerdote. O que é melhor para você? Ser sacerdote na casa de um homem, ou sacerdote de uma tribo e de um clã israelita?” ²⁰O sacerdote gostou. Pegou o efod, os ídolos domésticos e a estátua, e foi com eles.

²¹Retomaram o caminho e partiram, colocando à frente as mulheres e as crianças, os animais e a bagagem. ²²Já estavam longe da casa de Micas, quando os vizinhos de Micas deram o alarme e começaram a perseguir os danitas. ²³Como vinham gritando, os danitas viraram para trás e perguntaram a Micas: “O que aconteceu? Por que você está gritando desse jeito?” ²⁴Micas respondeu: “Vocês roubaram o deus que eu havia feito e levaram também o sacerdote.

Agora estão partindo sem me deixar nada. E ainda me perguntam o que foi que aconteceu?” ²⁵Os danitas disseram: “Não diga mais nada. Do contrário, alguns homens violentos poderiam atacá-lo e você perderia a vida junto com sua família”. ²⁶Os danitas continuaram a viagem; Micas, percebendo que eles eram mais fortes, recuou e voltou para casa.

²⁷Depois de terem se apossado do deus que Micas fizera e do sacerdote que vivia com ele, os danitas atacaram Laís, onde morava um povo tranquilo e confiante. Passaram todos ao fio da espada e incendiaram a cidade, ²⁸sem que ninguém fosse socorrer os habitantes, porque a cidade ficava longe de Sidônia, e eles não se relacionavam com os arameus. A cidade estava situada no vale que se estende na direção do Bet-Roob. Os danitas reconstruíram a cidade e aí se estabeleceram. ²⁹Deram à cidade o nome de Dã, que era o pai dos danitas e filho de Israel. Antes, porém, a cidade se chamava Laís. ³⁰Os danitas instalaram a estátua, e Jônatas, filho de Gersam e neto de Moisés, assim como seus filhos, foram sacerdotes da tribo de Dã, até o dia em que as pessoas do território foram levadas para o exílio. ³¹Os danitas instalaram para seu uso a estátua que Micas havia feito, e essa estátua ficou aí durante todo o tempo em que existiu o santuário de Silo.

V. JUSTIÇA E SOLIDARIEDADE [19-21]

19¹Nesse tempo, quando ainda não havia rei em Israel, um levita morava no fundo da região montanhosa de Efraim e tinha uma concubina, originária de Belém de Judá. ²A concubina foi infiel para com ele e o deixou, voltando para a casa de seu pai em Belém de Judá, aí permanecendo durante quatro meses. ³O homem foi procurar a mulher para agradá-la e a trazer de volta. Levou consigo um servo e dois jumentos. Quando estava chegando, o pai da moça o viu e saiu todo contente para recebê-lo. ⁴Seu sogro, o pai da moça, o hospedou. E ele aí ficou três dias, comendo, bebendo e dormindo. ⁵No quarto dia, quando se levantaram de manhã, o levita preparou-se para partir. Então o pai da moça disse ao genro: “Primeiro se alimente, coma um pedaço de pão e depois vocês partirão”. ⁶Sentaram-se, comeram e beberam juntos. O pai da moça disse ao genro: “Por favor, eu lhe peço: fique mais esta noite e alegre o seu coração”. ⁷Como o levita se preparava para partir, o sogro insistiu; e então ele pernoitou. ⁸No quinto dia, o genro levantou-se de manhã para ir embora. Então o pai da moça disse: “Primeiro se alimente”. Ficaram assim até quase o fim do dia e comeram juntos. ⁹Quando o levita se levantou para partir com sua concubina e seu servo, o sogro, pai da moça, lhe disse: “Já está ficando tarde. Passe aqui a noite e alegre o seu coração. Amanhã você madrugará e partirá para casa”. ¹⁰Mas o levita não quis passar a noite. Partiu e chegou até perto de Jebus, isto é, Jerusalém. Levava consigo dois jumentos carregados, a mulher e o servo.

¹¹Quando chegaram perto de Jebus, já havia entardecido, e o servo disse ao patrão: “Podemos desviar para essa cidade dos jebuseus e dormir aí”. ¹²O patrão replicou: “Não vamos sair do nosso caminho para ficar numa cidade de estrangeiros, de gente que não é israelita. Vamos continuar até Gabaá”. ¹³E acrescentou: “Vamos chegar até um desses lugares, Gabaá ou Ramá, e aí passaremos a noite”. ¹⁴Foram então mais longe e, ao pôr do sol, estavam perto de Gabaá de Benjamim. ¹⁵E entraram aí para passar a noite. O levita entrou e sentou-se na praça da cidade, mas ninguém o convidou para passar a noite em casa.

¹⁶Pela tarde, chegou um velho que voltava do trabalho no campo. Ele era de Efraim; e, portanto, também ele vivia como imigrante em Gabaá, enquanto os do lugar eram benjaminitas. ¹⁷O velho ergueu os olhos, viu o viajante na praça da

cidade, e lhe perguntou: “De onde você vem e para onde vai?” ¹⁸O outro respondeu: “Estamos viajando de Belém de Judá para a região montanhosa de Efraim. Eu sou de lá. Fui a Belém de Judá e estou voltando para casa, mas ninguém me ofereceu hospedagem. ¹⁹Entretanto, temos palha e forragem para nossos animais, e eu também tenho pão e vinho para mim, para minha mulher e para o servo que nos acompanha. Não precisamos de nada”. ²⁰O velho disse: “Seja bem-vindo. Deixe-me ajudá-lo no que você precisar. Não passe a noite na praça”. ²¹Então o velho fez o levita entrar em sua casa e deu forragem aos jumentos. Os viajantes lavaram os pés e depois comeram e beberam.

²²Estavam se reconfortando, quando apareceram uns desocupados da cidade que rodearam a casa e, batendo na porta, diziam para o velho, dono da casa: “Mande sair o homem que entrou na sua casa. Queremos aproveitar dele”. ²³O dono da casa saiu e pediu: “Por favor, irmãos, não cometam esse crime. Ele é meu hóspede, não façam essa infâmia. ²⁴Vejam, tenho uma filha solteira: vou trazê-la a vocês para que façam o que quiserem. Não façam, porém, uma infâmia contra esse homem”. ²⁵Mas eles não deram ouvidos. Então o levita pegou sua concubina e a levou para fora. Eles a violentaram, abusaram dela a noite toda, até de madrugada, e a deixaram ao amanhecer.

²⁶De madrugada, a mulher voltou e caiu diante da porta da casa onde seu marido se havia hospedado. E aí ficou até o amanhecer. ²⁷De manhã, o marido se levantou, abriu a porta da casa e estava saindo para continuar a viagem, quando encontrou a mulher caída na porta com as mãos sobre a soleira. ²⁸E lhe disse: “Levante-se e vamos embora”. Mas ela não respondeu. Então o levita a colocou sobre o seu jumento e se pôs a caminho. ²⁹Quando chegou em casa, pegou uma faca, tomou o cadáver da sua mulher, cortou-o em doze pedaços e os mandou para todo o território de Israel. ³⁰Todos os que viram isso, comentavam: “Nunca aconteceu, nem se viu coisa igual, desde o dia em que os israelitas saíram do Egito até hoje. Reflitam sobre o assunto e tomem uma decisão”.

20¹Todos os israelitas, desde Dã até Bersabeia, incluindo o território de Galaad, foram como um só homem e se reuniram em assembleia diante de Javé, em Masfa. ²Os chefes do povo e todas as tribos de Israel participaram da assembleia do povo de Deus. Eram quatrocentos mil guerreiros armados de espada. ³Os benjaminitas ficaram sabendo que os israelitas tinham ido a Masfa. Então os israelitas disseram: “Expliquem como é que esse crime foi cometido”. ⁴O levita, marido da mulher que tinha sido morta, declarou: “Minha mulher e eu

chegamos a Gabaá de Benjamim para passar a noite. ⁵Os moradores de Gabaá se levantaram contra mim e, durante a noite, cercaram a casa onde eu estava. Eles queriam me matar e violentaram minha concubina, que acabou morrendo. ⁶Então peguei minha concubina, cortei-a em pedaços e os mandei por toda a herança de Israel, porque haviam cometido um crime infame em Israel. ⁷Vocês todos são israelitas. Conversem e tomem uma decisão”. ⁸Todo o povo se levantou como um só homem, dizendo: “Ninguém de nós voltará para a sua tenda ou para casa. ⁹Vamos fazer o seguinte contra Gabaá: vamos sortear os que deverão atacá-la. ¹⁰De todas as tribos de Israel, tomaremos dez homens de cada cem, cem de cada mil, e mil de cada dez mil. Eles se encarregarão dos mantimentos para o povo, para que o povo, chegando a Gabaá de Benjamim, trate a cidade de acordo com a infâmia que ela cometeu em Israel”.

¹¹Desse modo, todos os israelitas se reuniram como um só homem contra a cidade. ¹²Então as tribos israelitas mandaram mensageiros para toda a tribo de Benjamim, dizendo: “Que crime é esse que foi cometido entre vocês? ¹³Entreguem esses bandidos que estão em Gabaá, para que os executemos e eliminemos o mal do meio de Israel”.

Os benjaminitas, porém, não deram ouvidos a seus irmãos israelitas. ¹⁴Foram de suas cidades e se reuniram em Gabaá para guerrear contra os israelitas. ¹⁵Nesse dia, os benjaminitas, vindos das diversas cidades, se alistaram: eram cerca de vinte e seis mil homens armados de espada, sem contar os habitantes de Gabaá. ¹⁶Nesse exército, se alistaram setecentos homens escolhidos, canhotos, capazes de acertar com a funda um fio de cabelo, sem errar.

¹⁷Os homens de Israel também se alistaram, sem incluir Benjamim: eram quatrocentos mil homens armados de espada e preparados para a guerra. ¹⁸Foram a Betel e consultaram a Deus: “Quem de nós irá em primeiro lugar para guerrear contra os benjaminitas?” Javé respondeu: “Judá”. ¹⁹Os israelitas madrugaram, acamparam diante de Gabaá, ²⁰e saíram para combater Benjamim, colocando-se em ordem de batalha diante de Gabaá. ²¹Mas os benjaminitas saíram de Gabaá e nesse dia massacraram vinte e dois mil israelitas. ²³Os israelitas voltaram a Betel para chorar até a tarde diante de Javé. Depois consultaram Javé, perguntando: “Devemos lutar de novo contra nosso irmão Benjamim?” Javé respondeu: “Marchem contra ele”. ²²Então os israelitas se refizeram, e novamente formaram ordem de batalha no mesmo lugar do dia anterior. ²⁴No segundo dia, os israelitas se aproximaram dos benjaminitas,

²⁵mas nesse mesmo dia os benjaminitas saíram de Gabaá contra eles e massacraram mais dezoito mil israelitas, todos armados de espada.

²⁶Então todos os israelitas foram a Betel com o povo, choraram aí sentados diante de Javé. Jejuaram nesse dia até a tarde, ofereceram a Javé holocaustos e sacrifícios de comunhão, ²⁷e depois consultaram a Javé. Nesse tempo, a arca da aliança de Deus estava nessa região. ²⁸E Fineias, filho de Eleazar, filho de Aarão, oficiava junto a ela. Eles perguntaram: “Devemos sair para combater nosso irmão Benjamim, ou devemos desistir?” Javé respondeu: “Ataquem, porque amanhã eu o entregarei a vocês”.

²⁹Então os israelitas armaram emboscadas em torno de Gabaá, ³⁰e no terceiro dia marcharam contra os benjaminitas e, como das outras vezes, se organizaram para a batalha diante de Gabaá. ³¹Os benjaminitas saíram ao encontro dos israelitas e foram atraídos para longe da cidade. Como das outras vezes, começaram a ferir alguns do povo nos caminhos que vão para Betel e para Gabaon. Desse modo, mataram, em campo aberto, cerca de trinta israelitas. ³²Os benjaminitas comentaram: “Vencemos como na primeira vez!” Mas os israelitas tinham combinado: “Vamos fugir para atraí-los para os caminhos, longe da cidade”. ³³Então a maior parte dos israelitas abandonou suas posições e se organizou em Baal-Tamar. E a emboscada de Israel apareceu do lugar em que estava, a oeste de Gaba. ³⁴Dez mil homens escolhidos de Israel chegaram diante de Gabaá e começou um combate violento, sem que os benjaminitas percebessem a desgraça que os aguardava. ³⁵Javé derrotou Benjamim diante de Israel. Nesse dia, os israelitas mataram vinte e cinco mil e cem homens, todos armados de espada.

³⁶Os benjaminitas perceberam que tinham sido derrotados. Os israelitas cederam terreno a Benjamim, porque confiavam na emboscada que tinham preparado contra Gabaá. ³⁷Então os que estavam na emboscada se lançaram rapidamente contra Gabaá; apareceram de repente e passaram todo o povo da cidade ao fio da espada. ³⁸Os israelitas tinham combinado um sinal com os que estavam na emboscada: estes deviam fazer subir da cidade uma nuvem de fumaça como sinal; ³⁹nesse momento, os israelitas que estavam no combate recuavam, dando meia-volta. Os benjaminitas já tinham matado uns trinta israelitas, e comentavam: “Vencemos como no primeiro combate”. ⁴⁰Nesse momento, porém, a fumaça começou a subir da cidade. Os benjaminitas olharam para trás e viram que a cidade inteira ardia em chamas até o céu. ⁴¹Então os

israelitas deram meia-volta e os benjaminitas se apavoraram, vendo que estavam perdidos.

⁴²Então os benjaminitas fugiram dos israelitas, tomando a direção do deserto, mas os perseguidores os alcançaram, e os que vinham da cidade os massacraram, atacando-os pela retaguarda. ⁴³Os israelitas cercaram os benjaminitas, os perseguiram sem tréguas e os foram esmagando até perto de Gaba, do lado leste. ⁴⁴Dezoito mil guerreiros benjaminitas caíram mortos. ⁴⁵Na fuga, eles foram para o deserto, para os lados do Rochedo de Remon. Pelo caminho ainda caíram cerca de cinco mil. Depois os israelitas os seguiram de perto até Gadaam e mataram mais dois mil homens. ⁴⁶O número total de benjaminitas que caíram nesse dia foi de vinte e cinco mil homens armados de espada, todos guerreiros. ⁴⁷Na fuga, seiscentos homens foram para o deserto, na direção do Rochedo de Remon, e aí ficaram quatro meses. ⁴⁸Os israelitas se voltaram contra os benjaminitas e passaram ao fio da espada a população masculina da cidade e até mesmo o gado e tudo o que encontraram. Também puseram fogo em todas as cidades que encontravam.

21¹Os israelitas tinham feito este juramento em Masfa: “Ninguém de nós dará sua filha para casar com nenhum benjaminita”. ²Foram para Betel e ficaram aí, até a tarde sentados diante de Deus, gemendo e chorando inconsoláveis. ³E diziam: “Javé, Deus de Israel, por que aconteceu isso em Israel? Hoje uma tribo de Israel desapareceu”. ⁴No dia seguinte, madrugaram, construíram aí um altar e ofereceram holocaustos e sacrifícios de comunhão. ⁵Depois perguntaram: “Quem das tribos de Israel não compareceu à assembleia diante de Javé?” Isso porque eles tinham feito juramento solene contra quem não se apresentasse diante de Javé em Masfa; quem não comparecesse se tornaria réu de morte.

⁶Os israelitas ficaram com pena de seu irmão Benjamim, e diziam: “Hoje uma tribo foi cortada de Israel. ⁷Como podemos providenciar mulheres para os sobreviventes? Nós juramos que nunca lhes daríamos nossas filhas em casamento!”

⁸Então eles perguntaram: “Quem das tribos de Israel não compareceu à assembleia diante de Javé em Masfa?” Perceberam então que ninguém de Jabes de Galaad tinha vindo ao acampamento onde foi feita a assembleia. ⁹Foram contados todos os que tinham comparecido e, de fato, ninguém de Jabes de Galaad tinha vindo. ¹⁰Então a comunidade mandou para lá doze mil homens

armados, com esta ordem: “Vão e passem ao fio da espada todos os habitantes de Jabes de Galaad, inclusive mulheres e crianças. ¹¹Façam de modo que todos os homens e as mulheres casadas sejam mortos. Deixem com vida apenas as solteiras”. E eles assim fizeram. ¹²Entre os habitantes de Jabes de Galaad encontraram quatrocentas jovens não casadas, e as levaram ao acampamento em Silo, que está na terra de Canaã. ¹³Então toda a comunidade mandou mensageiros com propostas de paz aos benjaminitas que estavam no Rochedo de Remon. ¹⁴Os benjaminitas voltaram, e os israelitas lhes deram as mulheres de Jabes de Galaad, que tinham sido deixadas com vida. Mas essas não eram suficientes para todos eles.

¹⁵O povo teve piedade de Benjamim, porque Javé havia provocado um vazio entre as tribos de Israel. ¹⁶Os anciãos da comunidade perguntaram: “O que é que vamos fazer para que os restantes tenham mulheres, já que as mulheres benjaminitas estão mortas?” ¹⁷E acrescentaram: “Como preservar um resto para os benjaminitas que escaparam, a fim de que não desapareça uma tribo de Israel?” ¹⁸Nós não podemos dar mulheres para eles dentre as nossas filhas, porque os israelitas fizeram um juramento, amaldiçoando quem desse mulher para os benjaminitas!” ¹⁹E continuaram: “Há uma festa anual de Javé em Silo, que fica ao norte de Betel, ao leste do caminho que sobe de Betel para Siquém, e ao sul de Lebona”. ²⁰Sugeriram, então, aos benjaminitas: “Vão e escondam-se entre as vinhas. ²¹Fiquem observando e, quando as moças de Silo saírem para dançar, vocês saiam das vinhas e cada um de vocês rapte uma mulher para si dentre as moças de Silo e depois retornem com elas para o território de Benjamim. ²²Se os pais ou irmãos delas forem reclamar com vocês, nós lhes diremos: ‘Procurem compreender: não podemos tomar mulher para cada um deles na guerra, e vocês também não poderiam dar a eles, porque, nesse caso, vocês se tornariam culpados’ ”.

²³Assim fizeram os benjaminitas. De acordo com o número deles, tomaram para si esposas entre as dançarinas que raptaram. Depois partiram e retornaram para o território deles; reconstruíram as cidades e se estabeleceram nelas.

²⁴Depois disso, os israelitas se dispersaram, cada um para a sua tribo e o seu clã, saindo daí cada um para o seu território.

²⁵Nesse tempo não havia rei em Israel, e cada um fazia o que lhe parecia correto.

NOTAS

[1,1-36] Após a descrição fortemente idealizada do livro de Josué, temos aqui uma apresentação mais realista do processo: a luta contra as cidades-estado cananeias foi levada a cabo pouco a pouco, graças ao esforço solidário dos diversos grupos.

[2,1-5] O projeto de criar uma nova sociedade é um processo histórico, e não se realiza de uma hora para outra. O grande risco é a coexistência com grupos que sustentam um projeto social injusto (os cananeus), o que constitui contínua armadilha e tentação de voltar para trás.

[2,6-3,6] O texto fornece a chave para se compreender a história apresentada nos livros de Josué, Juízes, Samuel e Reis. O importante para levar à frente um projeto é manter a *memória ativa* ou *consciência histórica*, adquirida através da resistência e da luta. A geração que luta mantém viva essa consciência (vv. 6-10a). A nova geração, porém, quebra essa memória e ameaça fazer o projeto voltar atrás (v. 10b). O resultado é um vaivém na história, entre a *fidelidade a Javé* e seu projeto, e o *culto aos ídolos*, que corrompe a sociedade.

Os vv. 11-16 apresentam a dinâmica que marca o destino histórico de um povo:

a) Pecado = alienação da consciência histórica: o povo abandona Javé, o Deus que produz liberdade e vida, para servir aos ídolos que corrompem, produzindo um sistema social injusto (vv. 11-13).

b) Castigo = perda da liberdade e da vida: servindo aos ídolos da escravidão e da morte, o povo alienado perde a liberdade e a vida, que tinham sido duramente conquistadas (vv. 14-15a).

c) Conversão = volta à consciência histórica: no extremo limite do sofrimento, o povo volta à consciência histórica, e clama a Javé (v. 15b; 3,9.15).

d) Graça = libertação: Javé responde ao clamor, fazendo surgir líderes (juízes) que organizam o povo e o ajudam a reconquistar a liberdade e a vida (v. 16).

Mas a história continua, e as novas gerações parecem estar sempre voltando à alienação da consciência, à perda da memória (vv. 17-19). À primeira vista, teríamos a tentação de dizer que a história é um círculo vicioso, que volta e termina sempre no mesmo lugar. O autor, porém, mostra que tal círculo pode ser quebrado: para isso, é necessário que cada geração assine o projeto de Javé e continue a luta dos antepassados. O desafio é extinguir completamente a

idolatria, que impede a liberdade e a vida (2,20-3,6).

[3,7-16,31] Costuma-se distinguir os juízes entre maiores e menores, de acordo com o tamanho da notícia que se tem sobre eles. Seguindo esse critério, os juízes *maiores* são: Otoniel, Aod, Débora e Barac, Gedeão, Jefté e Sansão. Os *menores* são: Samgar, Tola, Jair, Abesã, Elon e Abdon. É difícil distinguir a função própria de cada um deles. O texto leva a pensar que os juízes maiores eram líderes que, em circunstâncias difíceis, organizavam uma ou várias tribos para fazer frente aos ataques de cidades-estado cananeias ou de inimigos vizinhos. A função desses juízes maiores era defender o sistema tribal em situações de emergência. Os juízes menores, ao que parece, eram chefes regulares de tribos, e sua função era principalmente administrar a justiça. O texto, porém, parece confundir essa distinção, apresentando juízes maiores também como administradores da justiça (Débora, Jefté) e juízes menores como guerreiros (Samgar, Tola).

Quando um povo procura realizar historicamente um ideal de justiça e fraternidade, as lideranças aparecem no momento certo para organizar o povo e liderá-lo em situações difíceis. O livro de Samuel, porém, mostrará que isso não basta: quando os inimigos são superorganizados, também o povo tem necessidade de uma organização permanente, que lhe assegure manter-se no meio das grandes potências.

[3,7-11] Baal e Aserá eram a divindade masculina e feminina da religião cananeia. Serviam de cimento ideológico do sistema das cidades-estado, justificando a política opressora e exploradora dos reis. O juiz é impulsionado pelo “espírito de Javé”; sua ação se inspira no projeto libertador de Javé, que atende ao clamor do povo.

[12-31] Para assegurar sua própria independência e espaço vital, o povo tem que enfrentar os poderosos. Nessa luta desigual, é preciso recorrer à inteligência, esperteza e coragem, para derrotar o opressor.

[4,1-24] Este episódio, também apresentado em poesia (cap. 5), foi decisivo para o sistema das doze tribos de Israel: a vitória sobre os reis cananeus, situados na faixa central, favoreceu a união entre as tribos do sul e do norte. O texto, porém, está mais interessado nas principais personagens, do que na batalha em si. Contrapõe duas mulheres a dois homens: Débora, profetisa e juíza decidida e corajosa, contra Barac, guerreiro indeciso e sem coragem. Sísara, general fugitivo, contra Jael, mulher corajosa, que consegue liquidar o principal inimigo

de Israel.

[5,1-31] Este é um dos hinos mais antigos da Bíblia, composto logo depois dos acontecimentos. Trata-se de uma versão poética sobre os mesmos fatos apresentados no capítulo 4. Como se trata de uma batalha decisiva para o projeto das tribos, ela é apresentada como guerra santa: o autor convida ironicamente os reis e governadores cananeus derrotados a ouvir o que Javé realizou (vv. 2-5). Descreve-se o resultado da vitória: as caravanas de mercadores, que levavam objetos de luxo e armas para as cidades-estado, tiveram o seu caminho cortado (v. 6). Sem poder mais explorar os camponeses e suas terras, tais cidades não conseguiram oferecer sacrifícios a seus deuses por falta de animais, e seus armazéns ficaram vazios por falta de trigo (v. 8a). Enquanto isso, os camponeses vitoriosos conseguiram livrar-se dos tributos e puderam gozar de fartura com os despojos da guerra e das caravanas (v. 7). A vitória foi conseguida sem que Israel possuísse armas de guerra como os cananeus (escudo, lança, carros): foi a vitória do projeto de Javé (v. 8b).

As tribos foram convocadas, sob a liderança de Débora. Dependendo da colaboração ou não, as tribos são elogiadas ou criticadas (vv. 9-18.23). A estratégia decisiva para a vitória foi o combate na planície, onde a cheia do rio Quison tornou impossível a movimentação dos carros cananeus (vv. 19-22). A ação de Jael mostra a importância da mulher nessa luta: é ela quem mata o grande general cananeu (vv. 24-27). O cântico se fecha de forma fúnebre, com a mãe do opressor esperando inutilmente pela volta do filho vitorioso (vv. 28-30). O v. 31 encerra o cântico com o desejo de que o projeto de Javé seja sempre triunfante.

[6,1-6] Na busca de implantar um novo sistema político, econômico e religioso, Israel teve que enfrentar novos inimigos (cf. nota em 2,1-5). Estes, vindos do leste e do sul, se apoderaram de toda a produção agrícola e pecuária, deixando o povo na miséria.

[7-10] O profeta analisa a causa da situação: o povo abandonou o projeto de Javé. A infidelidade no campo religioso provoca o enfraquecimento geral do sistema, que se enche de brechas, permitindo a entrada de grupos não comprometidos com o projeto, provocando assim uma volta da exploração e opressão.

[11-24.36-40] Gedeão é o líder que tentará reorganizar o povo. A primeira coisa a fazer será voltar ao projeto do Deus libertador (v. 13) e colocar-se a serviço

dele. O sinal confirma a missão (cf. nota em Ex 4,1-9).

[25-32] Para uma volta ao projeto de Javé, é necessário romper com a religião de Baal, que cimenta o sistema opressor das cidades-estado.

[33-35] Retomando o projeto de Javé, Gedeão consegue reunir várias tribos para enfrentar o inimigo externo.

[11-24.36-40] Gedeão é o líder que tentará reorganizar o povo. A primeira coisa a fazer será voltar ao projeto do Deus libertador (v. 13) e colocar-se a serviço dele. O sinal confirma a missão (cf. nota em Ex 4,1-9).

[7,1-8] Gedeão lidera um grupo popular para combater os madianitas. Não se trata de um exército profissional, e sim de um grupo minoritário, mas cheio de coragem (v. 3).

[7,9-8,3] O combate contra os madianitas apresenta um estratagema de guerrilha, que é o recurso popular contra exércitos organizados. A tenda simboliza a vida dos madianitas nômades, e o pão de cevada lembra a vida agrícola dos israelitas: o sonho anuncia a vitória dos israelitas sobre os madianitas (vv. 13-14). O texto de 7,23-8,3 parece refletir uma tradição diferente, que foi unida aqui. A narrativa de 7,22 continua em 8,4.

[8,4-21] Os habitantes de Sucot e Fanuel não se solidarizam com Gedeão, pois não acreditam no sucesso da campanha e temem a represália dos madianitas. A guerrilha depende da solidariedade e apoio popular: se o povo não acredita no sucesso de uma ação revolucionária, esta dificilmente conseguirá se manter.

[22-35] As tribos tinham feito longa luta para superar o sistema das cidades-estado, onde os reis se perpetuavam no poder através de sucessão dinástica (de pai para filho). A proposta feita a Gedeão (v. 22) significava uma volta ao sistema que se combatia. Na resposta de Gedeão (v. 23), temos o ideal defendido pelas tribos: a única autoridade sobre o povo é Javé, e isso não permite constituir poderes absolutos, que sempre acabam por explorar e oprimir o povo. Sobre os vv. 33-35, cf. nota em 2,6-3,6.

[9,1-6] O texto é irônico e descreve o processo de ascensão ao poder. O discurso ideológico procura convencer o povo de que o poder centralizado é melhor do que o poder participado (v. 2). O poder se constitui a partir da entrega simbólica da liberdade do povo através da oferta em dinheiro (v. 4a). O dinheiro é imediatamente usado para eliminar os concorrentes e estabelecer uma autoridade única (vv. 4b-6).

[7-21] Os vv. 8-15 reproduzem uma fábula popular, que apresenta a mais severa crítica ao poder político: somente aquele que nada produz é que se presta para exercer o poder, e a segurança que ele oferece não passa de armadilha contra a liberdade do povo. Os vv. 16-20 aplicam essa fábula à situação, mostrando que o povo deverá arcar com as consequências de suas próprias decisões.

[22-25.42-49] Os “juízes”, que lutam com desprendimento em favor do povo, são guiados pelo “espírito de Javé” ou pelo “anjo de Javé” (3,10.15; 4,6; 6,12; 11,9; 13,25). Eles trazem a paz (3,11; 3,30; 5,31; 8,28). E quem é movido pela ganância do poder e oprime o povo, torna-se presa do “espírito mau”, que provoca divisão e discórdia, desencadeando uma sequência crescente de morte.

[26-41] Este episódio, inserido aqui posteriormente, mostra uma tentativa de subversão contra a prepotência de Abimelec. O texto nota que essa tentativa se frustrou porque foi feita com antigos aliados de Abimelec e sem planejamento sério; tornou-se uma aventura pessoal, que acabou jogando o povo nas mãos do inimigo.

[22-25.42-49] Os “juízes”, que lutam com desprendimento em favor do povo, são guiados pelo “espírito de Javé” ou pelo “anjo de Javé” (3,10.15; 4,6; 6,12; 11,9; 13,25). Eles trazem a paz (3,11; 3,30; 5,31; 8,28). E quem é movido pela ganância do poder e oprime o povo, torna-se presa do “espírito mau”, que provoca divisão e discórdia, desencadeando uma sequência crescente de morte.

[50-57] Acontece o que Joatão tinha previsto (cf. nota em 9,7-21). De novo, uma mulher é quem põe fim à carreira do opressor (cf. nota em 4,1-24).

[10,1-5] Tola e Jair são “juízes menores” (cf. nota em 3,7-16,31).

[6-18] Repete-se aqui o esquema que encontramos anteriormente (cf. nota em 2,6-3,6). O texto tem caráter de liturgia penitencial: reconhecer os erros repetidos produz conscientização mais profunda.

[11,1-11] Muitas vezes, aqueles que são desprezados e marginalizados tornam-se, dentro do projeto de Deus, instrumentos de libertação. Uma estrutura de sociedade que marginaliza o povo em benefício de uma classe dominante, acaba em situações críticas, que só os marginalizados por essa mesma estrutura são capazes de resolver. O Novo Testamento mostrará que a nova construção se apoia justamente sobre a pedra rejeitada (cf. Mt 21,42).

[12-28] O texto é confuso. Pelo que parece, tenta resolver pacificamente — dentro de celebrações litúrgicas — alguns problemas sobre a posse de territórios situados na Transjordânia.

[29-40] O texto é advertência contra promessas que não estejam de acordo com o projeto de Javé, que é projeto de vida e não de morte.

[12,1-7] A tribo de Efraim era poderosa e arrogante, sempre alerta para evitar que nenhuma outra pudesse sobressair (cf. 8,1-3). *Chibôlet* significa espiga de trigo.

[8-15] Abesã, Elon e Abdon são “juizes menores” (cf. nota em 3,7-16,31).

[13,1-16,31] Os filisteus eram um grupo provindo do Mediterrâneo e que se fixou na costa sul de Canaã, por volta de 1.200 a.C. Rapidamente se tornaram perigosos para a sobrevivência do sistema das tribos.

A história de Sansão, a mais longa no livro dos Juízes, salienta de início que Sansão é um instrumento escolhido por Javé para libertar o povo ameaçado pelos filisteus. O resto da história deixa bem claro que Deus é livre para escolher os seus instrumentos, e não se restringe a escolher aqueles que os homens julgam moralmente perfeitos, nem realiza a sua ação através dos meios que nós consideramos os mais apropriados. Notemos bem que a vida de Sansão se encerra num ato heroico: ao mesmo tempo em que morre, ele tira a vida dos chefes filisteus (16,30), libertando assim o seu povo.

[17-18] Estes capítulos, conservando narrativas antigas, procuram dar um panorama de como o culto a Javé se desenvolveu na época de Israel antes da monarquia. Em épocas mais remotas, o culto era feito em família, e o pai era o sacerdote, ou alguém nomeado por ele. Na falta do pai, a mãe tomava a iniciativa de estabelecer o culto (17,1-6). Depois, essa atividade sacerdotal começou a ser realizada pelos levitas itinerantes, que moravam junto a uma família e exerciam o cargo a troco do próprio sustento (17,7-13). Mais tarde, esses levitas também serviram como foco de união cultural de toda uma tribo (18,19-20). Não havia ainda nenhum santuário central para todas as tribos. A única coisa que se procurava preservar, através dessa religiosidade popular, era a adoração a Javé, o Deus do êxodo. Durante a monarquia, esse culto foi centralizado em Jerusalém.

O cap. 18 preserva também um fato histórico: a migração da tribo de Dã para o norte. Isso aconteceu porque o território onde Dã se havia estabelecido não era favorável, por causa da forte pressão dos filisteus.

[19-21] Essas narrativas mostram alguns princípios básicos para se preservar um mínimo de relacionamento e unidade entre as tribos. Destaca-se como dever

sagrado a hospitalidade: o retardamento da narrativa (19,1-9) é justamente para salientar esse aspecto. Os habitantes de Gabaá e os benjaminitas violam esse dever (19,10-30). O cap. 20 mostra como as tribos reagiam com rigor contra aqueles que violavam essa hospitalidade, talvez o único gesto de solidariedade capaz de manter a sobrevivência num território ainda cheio de inimigos.

O cap. 21 mostra como era necessário preservar a existência de todas as tribos e evitar a todo custo o extermínio de uma delas: nessas circunstâncias, o rigorismo cede lugar à piedade e à compreensão.

RUTE

A LUTA DOS POBRES PELOS SEUS DIREITOS

Introdução

Sob forma de uma história familiar, o livro de Rute apresenta um roteiro para a luta do povo pobre em busca de seus direitos. Foi escrito em Judá, depois do exílio na Babilônia, pela metade do séc. V a.C.

O período após o exílio foi muito difícil. Era preciso recomeçar tudo. As antigas tradições tinham sido esquecidas, e se tornava necessário fazer sérias reformas, que atingissem os fundamentos econômicos, políticos e sociais, para que o povo de Deus não perdesse sua identidade.

O autor do livro coloca princípios de orientação para reorganizar a comunidade, que sofreu grandes abalos. E isso acontece a partir da situação do povo pobre, apontando-se o caminho para a luta em vista do pão, da terra e da família. Por outro lado, o livro salienta: Deus não quer leis que, em nome da ordem, acabam obrigando as pessoas a sacrificar seus direitos básicos. É também uma grave advertência para aqueles que fazem as leis e para quem obedece à letra e não ao espírito das leis. Elas devem, acima de tudo, ser meios eficazes para que os pobres tenham como defender seus direitos. Quando não servem para proteger o povo pobre, devem ser modificadas, atualizadas ou abolidas. A protagonista do livro é uma estrangeira, e isso mostra que a salvação não tem fronteiras: o amor de Deus não é nacionalista, nem exclusivista. Ele quer liberdade e vida para todos.

RUTE CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4

RUTE

1 *Em busca da sobrevivência* — ¹No tempo em que os juízes governavam, houve um período de fome no país. Por isso, um homem de Belém de Judá emigrou para os Campos de Moab, com a mulher e os dois filhos. ²O homem se chamava Elimelec, a mulher Noemi, e os dois filhos Maalon e Quelion. Eram do vale de Éfrata, de Belém de Judá. Chegaram aos Campos de Moab e aí ficaram morando.

³Elimelec, marido de Noemi, morreu. E ela ficou só com os dois filhos. ⁴Estes se casaram com moças moabitas; um se casou com Orfa e o outro com Rute. E aí ficaram por uns dez anos. ⁵Maalon e Quelion morreram. Noemi ficou sozinha, sem os dois filhos e sem o marido. [1,1-5]

Comprometer-se com os pobres — ⁶Noemi resolveu voltar dos Campos de Moab, junto com as duas noras, pois ficou sabendo que Javé tinha abençoado seu povo, dando-lhe pão. ⁷Ela com as noras saiu do lugar onde tinha morado e se pôs a caminho para voltar à terra de Judá. ⁸No caminho, Noemi perguntou às noras: “Por que vocês não voltam para a casa de sua mãe? Que Javé trate vocês com a mesma bondade que vocês tiveram com meus filhos e comigo. ⁹Javé faça cada uma de vocês encontrar marido e viver feliz”. Noemi beijou as noras e elas começaram a chorar alto, dizendo: ¹⁰“De jeito nenhum! Nós vamos com você para o seu povo”. ¹¹Noemi insistiu: “Voltem, minhas filhas. Por que vocês querem ir comigo? Vão ficar esperando que eu tenha mais filhos para se casar com eles? ¹²Voltem, minhas filhas, porque eu estou velha demais para me casar outra vez. Mesmo que eu tivesse esperança, me casasse esta noite, e tivesse filhos, ¹³será que vocês deixariam de casar, esperando os meninos crescer? Não, minhas filhas! Minha sorte é mais amarga que a sorte de vocês, porque a mão de Javé está contra mim”.

¹⁴Elas começaram de novo a chorar. Depois, Orfa se despediu da sogra e voltou para seu povo. Rute, porém, ficou com Noemi. ¹⁵Então Noemi lhe disse: “Veja: sua cunhada voltou para o seu povo e o seu deus. Volte você também com ela”. ¹⁶Rute respondeu: “Não insista comigo. Não vou voltar, nem vou deixar você. Aonde você for, eu também irei. Onde você viver, eu também viverei. Seu povo será o meu povo, e seu Deus será o meu Deus. ¹⁷Onde você morrer, eu também

morrerei e serei sepultada. Somente a morte nos poderá separar. Se eu fizer o contrário, que Javé me castigue!”

¹⁸Noemi viu que Rute estava decidida a ir com ela, e não insistiu mais. ¹⁹Puseram-se a caminho e chegaram a Belém. Logo que entraram na cidade, todo mundo se alvoroçou, e as mulheres comentavam: “Não é a Noemi?” ²⁰Mas Noemi corrigia: “Não me chamem de Noemi. Me chamem de Mara, porque o Todo-poderoso me encheu de amargura. ²¹Parti com as mãos cheias, e Javé me traz de volta de mãos vazias! Não me chamem de Noemi, porque Javé está contra mim e o Todo-poderoso me tornou infeliz”.

²²Foi assim que Noemi voltou dos Campos de Moab, junto com sua nora Rute, a moabita. Chegaram a Belém quando estava começando a colheita da cevada. [6-22]

2 Lutar pelos próprios direitos — ¹Noemi tinha um parente, por parte do marido. Era uma pessoa importante do clã de Elimelec, e se chamava Booz. ²Rute, a moabita, disse a Noemi: “Deixe-me ir ao campo onde estão colhendo cevada. Se alguém me deixar, irei atrás dele catando umas espigas”. Noemi concordou: “Pode ir, minha filha”. ³E Rute foi ao campo catar o restolho das espigas, atrás dos cortadores. E por acaso foi parar num dos campos de Booz, do clã de Elimelec. ⁴Nesse momento, Booz estava chegando de Belém e cumprimentava os cortadores: “Javé esteja com vocês”. Eles responderam: “Javé o abençoe”. ⁵Então Booz perguntou ao capataz: “Quem é aquela moça?” ⁶O capataz respondeu: “É uma moabita, que voltou com Noemi dos Campos de Moab, ⁷e me pediu para catar o restolho das espigas. Ela chegou de manhã e está de pé até agora, sem parar um só momento”. [2,1-7]

Provocar fraternidade e partilha — ⁸Então Booz disse a Rute: “Escute, minha filha. Não vá catar espigas em outro campo. Não se afaste daqui. Fique com minhas empregadas. ⁹Observe o terreno que os homens estão ceifando e vá atrás deles. Ordenei aos meus empregados que não incomodem você. Quando estiver com sede, pode ir até as bilhas e beber a água que os empregados tiverem trazido”. ¹⁰Então Rute se prostrou com o rosto no chão e perguntou a Booz: “Por que o senhor está sendo tão bom comigo? Por que está dando tanta atenção para mim? Eu sou uma estrangeira!” ¹¹Booz respondeu: “Fiquei sabendo de tudo o que você fez por sua sogra, depois que você perdeu o marido. Você deixou pai e mãe, abandonou sua terra natal e veio viver no meio de um povo que você não

conhecia. ¹²Javé lhe pague o que você fez. Que você receba uma grande recompensa de Javé, Deus de Israel, pois foi debaixo das asas dele que você veio buscar abrigo”. ¹³Rute disse: “Que eu mereça o favor que o senhor está fazendo por mim. O senhor me tranquilizou e me falou ao coração, embora eu não seja nem mesmo sua empregada”.

¹⁴Na hora de comer, Booz chamou Rute: “Venha cá. Coma do nosso pão e molhe o pão no caldo”. Rute se sentou ao lado dos cortadores, e Booz ofereceu para ela espigas assadas. Ainda sobrou depois que Rute comeu e ficou satisfeita. [8-14]

Antevendo a plena libertação — ¹⁵Quando Rute se levantou para continuar a cata de restolhos, Booz ordenou aos empregados: “Deixem essa moça catar espigas também entre os feixes, e não a incomodem. ¹⁶Deixem também cair algumas espigas dos feixes e não fiquem bravos quando ela as recolher”. ¹⁷E Rute catou espigas no campo até a tarde. Depois bateu as espigas que tinha recolhido. Deu quase quarenta e cinco quilos.

¹⁸Rute carregou e voltou para a cidade. E sua sogra viu o que ela havia recolhido. Rute deu também para a sogra algumas espigas assadas que tinham sobrado do almoço. ¹⁹A sogra perguntou: “Onde você catou essas espigas? Onde você trabalhou hoje? Bendito seja quem se interessou por você”. Rute contou à sogra com quem havia trabalhado, e disse: “O dono do campo onde trabalhei se chama Booz”. ²⁰Noemi disse à nora: “Que ele seja abençoado por Javé, que não deixa de ter misericórdia pelos vivos e pelos mortos”. E continuou: “Esse homem é nosso parente próximo, é um dos que têm o direito de resgate sobre nós”. ²¹Rute, a moabita, disse: “Ele também me falou para ficar com os empregados até que terminem toda a colheita”. ²²Noemi disse à sua nora Rute: “Minha filha, é bom que você esteja com as empregadas dele. Em outro campo você poderia ser maltratada”. ²³Então Rute continuou com as empregadas de Booz, recolhendo espigas até o fim da colheita da cevada e do trigo. Depois ficou morando com a sogra. [15-23]

3 *É preciso planejar* — ¹Noemi disse a Rute: “Minha filha, tenho que procurar para você uma situação melhor, para que se sinta feliz. ²Acontece que Booz é nosso parente e você esteve trabalhando com as empregadas dele. Esta noite ele vai bater a cevada no terreiro. ³Faça o seguinte: tome banho, perfume-se, vista seu manto e vá ao terreiro. Não deixe que ele veja você, antes que tenha acabado

de comer e beber. ⁴Quando ele for dormir, olhe bem onde ele se deita. Depois vá, tire a coberta dos pés dele e deite-se. Ele dirá o que você deve fazer”. ⁵Rute respondeu: “Vou fazer tudo o que você está me dizendo”.

⁶Rute foi para o terreiro e fez tudo o que a sogra havia mandado. ⁷Booz comeu, bebeu, ficou alegre e depois foi deitar-se ao lado de um monte de cevada. Então Rute chegou de mansinho, tirou a coberta dos pés dele e se deitou. ⁸No meio da noite, Booz acordou de repente, sentou-se, e viu a mulher deitada a seus pés. [3,1-8]

Como reivindicar os próprios direitos — ⁹Booz perguntou: “Quem é você?” Ela respondeu: “Sou Rute, sua serva. Estenda seu manto sobre mim, porque você tem o direito de resgate”. ¹⁰Booz disse: “Deus abençoe você, minha filha. Este seu novo ato de amor é maior do que o primeiro, porque você não procurou jovens, sejam pobres ou ricos. ¹¹Não tenha medo, minha filha. Vou fazer tudo o que você está dizendo. Todo mundo na cidade sabe que você é mulher de valor. ¹²Sei que tenho o direito de resgate, mas há outro parente mais próximo que eu. ¹³Passe a noite aqui. Amanhã cedo vamos procurar o outro. Se ele quiser resgatar você, deixe que ele resgate. Se ele não quiser resgatar você, então eu usarei o meu direito de resgate. Juro por Javé. Fique deitada aqui até o amanhecer”.

¹⁴Rute ficou dormindo aos pés de Booz até o amanhecer, e se levantou quando ainda não dava para uma pessoa reconhecer a outra, pois Booz não queria que ninguém soubesse que ela tinha ido ao terreiro. ¹⁵Booz então lhe disse: “Abra o manto e o segure”. Rute segurou o manto e Booz o encheu com uns vinte quilos de cevada. Depois lhe ajudou a colocar nos ombros, e Rute voltou para a cidade.

¹⁶Quando chegou em casa, a sogra lhe perguntou: “Como é que foi, minha filha?” Rute contou tudo o que Booz tinha feito por ela, ¹⁷e acrescentou: “Ele me deu estes vinte quilos de cevada, pois achou que eu não devia voltar para você de mãos vazias”. ¹⁸Noemi lhe disse: “Fique tranquila, minha filha. Você vai ver como isso tudo vai terminar bem: estou certa de que esse homem não vai descansar. Garanto que hoje mesmo ele vai resolver a questão”. [9-18]

4 ***É preciso mudar a lei*** — ¹Booz foi à porta da cidade e aí sentou-se. Quando passou o parente do qual tinha falado, Booz o chamou: “Ei, fulano, venha sentar-se aqui”. O homem se aproximou e sentou-se. ²Booz convidou dez anciãos da cidade, e lhes disse: “Sentem-se aqui”. Todos se assentaram. ³Então

Booz disse ao homem que tinha o direito de resgate: “Escute! Noemi, que voltou dos Campos de Moab, está querendo vender o terreno que pertencia ao nosso irmão Elimelec. ⁴Estou informando você, para ver se está interessado na compra. O povo que está aqui e os anciãos vão ser testemunhas. Se você quiser resgatar o terreno, pode resgatar. Se não quiser resgatar, declare isso para mim, pois além de nós não há mais ninguém com direito de resgatar o terreno. O direito cabe primeiro a você e depois a mim”. O homem respondeu: “Muito bem. Aceito resgatar”. ⁵Então Booz acrescentou: “Tem outra coisa: comprando o terreno de Noemi, você estará adquirindo também Rute, a moabita, mulher do falecido. Desse modo, a herança do falecido continuará com o nome dele”. ⁶Então o homem que tinha o direito ao resgate disse: “Não posso fazer isso, porque eu acabaria prejudicando meus herdeiros. Entrego o meu direito para você. Pode resgatar você o terreno, porque isso eu não posso fazer”.

⁷Antigamente, quando se faziam resgates ou trocas em Israel, havia este costume: para dizer que o negócio estava garantido, a pessoa tirava a sandália e a entregava ao parceiro. Era assim que se fechava um negócio em Israel. ⁸Foi o que fez aquele que tinha o direito de resgate. Ele disse a Booz: “Resgate você o terreno”. E lhe entregou a sandália. [4,1-8]

A justiça produz esperança — ⁹Então Booz disse aos anciãos e ao povo: “Vocês hoje são testemunhas de que eu estou comprando de Noemi tudo o que pertencia a Elimelec, a Quelion e a Maalon. ¹⁰Ao mesmo tempo, estou adquirindo como esposa a moabita Rute, viúva de Maalon, a fim de conservar o nome do falecido na herança dele, e para que o nome do falecido não desapareça do meio de seus irmãos nem da porta de sua cidade. Vocês são testemunhas?” ¹¹Todos os que estavam aí presentes, na porta da cidade, junto com os anciãos, responderam: “Nós somos testemunhas. Que Javé torne essa mulher, agora entrando em sua casa, como Raquel e Lia, que formaram a casa de Israel. Quanto a você, Booz, seja poderoso em Éfrata e tenha fama em Belém. ¹²E pelos filhos que Javé vai dar a você, por meio dessa moça, que a sua casa seja como a casa de Farés, que Tamar deu à luz para Judá”. [9-12]

A esperança traz vida — ¹³Booz se casou com Rute. E ela se tornou sua esposa. Booz teve relações com ela, e Javé deu a Rute a graça de engravidar, e ela deu à luz um filho. ¹⁴As mulheres diziam a Noemi. “Javé seja bendito! Ele não deixou que hoje faltasse para você um resgatador. O nome dele se tornará famoso em

Israel. ¹⁵Ele será para você um consolador e um apoio na velhice, pois quem o gerou é sua nora. Ela ama você, e é melhor para você do que sete filhos”.

¹⁶Noemi pegou o menino, o pôs no colo e foi para ele uma verdadeira mãe de criação. ¹⁷As vizinhas deram um nome ao menino, dizendo: “Nasceu um filho para Noemi”. E lhe deram o nome de Obed. Obed foi o pai de Jessé. E Jessé foi o pai de Davi. [13-17]

Começo de uma nova história — ¹⁸Esta é a descendência de Farés: Farés foi o pai de Hesron. ¹⁹Hesron foi o pai de Ram. Ram foi o pai de Aminadab. ²⁰Aminadab foi o pai de Naasson. Naasson foi o pai de Salmon. ²¹Salmon foi o pai de Booz. Booz foi o pai de Obed. ²²Obed foi o pai de Jessé. E Jessé foi o pai de Davi. [18-22]

NOTAS

[1,1-5] O livro de Rute se abre com o drama dos pobres: forçado pela carestia e fome, o povo tem que deixar a própria terra e emigrar para outros lugares, buscando maneiras de sobreviver. Mas o drama continua: a família é atingida pela desgraça, e só restam três mulheres indefesas.

[6-22] No auge da desgraça e desiludido da terra para onde migrou, o povo pobre decide voltar para a terra natal e aí lutar pela sobrevivência. Isso é um verdadeiro ato de fé, porque nada lhe dá certeza ou garantia de êxito. Quem está disposto a se solidarizar com tal povo? A atitude de Rute é o comportamento de todos aqueles que estão dispostos a deixar suas seguranças para se comprometer com o povo pobre, que nada mais tem, a não ser a esperança que nasce da fé. O Deus do êxodo vai se aliar com os pobres e oprimidos, para lhes dar liberdade e vida.

[2,1-7] O restolho da colheita, comumente oferecido às divindades, deve ser deixado para os pobres, porque no projeto de Javé os bens devem ser partilhados entre todos. As *sobras*, portanto, não devem ser acumuladas, mas distribuídas aos pobres (cf. notas em Dt 24,19-22; 26,12-15). O texto de Rute, porém, deixa entender que até esse direito havia se tornado em *favor* ou *esmola* (v. 2), sujeitos ao capricho dos privilegiados. Para reconquistar sua liberdade e vida, o povo tem que lutar para reconhecer e fazer valer seus direitos, endereçando a sociedade para a concretização do projeto de Javé.

[8-14] A solidariedade entre os pobres causa grandes consequências entre aqueles que estão abertos para a justiça: Booz se dispõe à fraternidade e partilha. Desse modo, os pobres provocam sempre um movimento em direção ao projeto de Deus.

Note-se que os vv. 11-12 salientam o modo como alguém começa a pertencer ao povo de Deus. Primeiro, Rute deixa suas seguranças, como fez Abraão (Gn 12,1). Depois, ela se compromete com os pobres e oprimidos, que Javé liberta (Ex 19,4).

[15-23] O v. 20 lembra que Booz tem o direito de resgate. Trata-se aqui do dever dele em socorrer o parente em situação difícil. O texto parece misturar dois costumes. Primeiro, o *resgate*, pelo qual o parente próximo deve impedir a alienação do patrimônio da família (4,4; cf. Lv 25,23-25). E, segundo, o *levirato*, que obriga o irmão do falecido a desposar a viúva, a fim de perpetuar a descendência e o nome do irmão morto (4,5; cf. Dt 25,5-10). Esse duplo costume mostra o seguinte: Deus quer que todos tenham e possam preservar seu pedaço de chão, e participem da história, preservando o nome de família. A libertação do povo pobre acontece quando ele pode realmente participar do espaço (terra) e do tempo (história).

[3,1-8] O plano de Noemi mostra que os pobres não devem simplesmente ficar esperando. Ao contrário, com bom senso, discernimento e coragem, devem planejar o caminho que os leve a fazer valer seus direitos.

[9-18] O que Rute pede a Booz não é um favor, mas um direito previsto em lei. As reivindicações dos pobres não são uma busca de favores, que podem ou não ser atendidas conforme o capricho dos poderosos. Tais reivindicações são algo que lhes pertence por justiça. Uma sociedade justa não surge através de mecanismos injustos e humilhantes (favoritismo, protecionismo, “pistolões”), mas através de luta digna e corajosa, que encontra formas capazes de produzir a prática da justiça.

[4,1-8] Noemi vive a situação dos pobres. Para terem o que comer, eles precisam vender seu pequeno patrimônio. Desse modo, ficam sempre mais desenraizados. Enquanto isso, os ricos aumentam suas riquezas e latifúndios. Muitas vezes esse roubo é acobertado por uma perversa interpretação da lei, cuja finalidade é justamente contrária (cf. nota em 2,15-23). Para defender a situação da família, o livro de Rute mistura duas leis, do resgate e do levirato, ampliando o dever implicado nesta última. Assim, não só o cunhado, mas também outros

parentes têm obrigação de perpetuar o nome do falecido. Resultado dessa nova formulação jurídica: o terreno de Noemi é vendido, mas continua a pertencer à sua família e será herdado pelo filho que Rute tiver com o seu resgatador. Além disso, o menino que nascer será considerado filho do falecido esposo de Rute. Desse modo, o terreno continuará sendo propriedade do falecido. Isso tudo mostra que é impossível existir um sistema econômico justo, quando não se leva em conta a situação concreta em que vivem os empobrecidos. O sistema econômico não enformado pela visão da dignidade humana acaba se transformando em fonte contínua de injustiça, violação do direito e corrupção generalizada.

O livro de Rute atinge aqui o seu ápice: a luta dos pobres chega a ponto de mudar a estrutura jurídica e legal, encaminhando a construção de uma sociedade justa e fraterna.

[9-12] Booz se solidarizou de fato, e levou até o fim a luta de Noemi e Rute. O que ele ganhou com isso? Apenas o gosto da fraternidade e da justiça, que se alegram com a libertação dos pobres e oprimidos. O nome Booz significa: “Pela Força”. Ele é a personificação de todos aqueles que gratuitamente colocam sua força e capacidade a serviço da luta do povo pobre por seus direitos. Ao ver o gesto de Booz, o povo faz a ele um grande elogio, porque desse gesto generoso nasce a esperança de uma sociedade que faz justiça aos pobres.

[13-17] Com o nascimento do menino, a situação dos pobres é resgatada e renascem as esperanças do povo. Obed significa *servo*. Colocando-o como antepassado do rei Davi, o livro de Rute espelha a esperança dos pobres: ter um rei a serviço da justiça, que leve o povo para a liberdade e a vida.

[18-22] Estes versículos finais foram acrescentados mais tarde, para destacar que uma estrangeira foi antepassada de Davi. O Evangelho conservará o nome de Rute como antepassada de Jesus (Mt 1,5). Desse modo, a história de Rute deixa bem claro que é através da solidariedade na resistência e na luta, que os pobres constroem a história e o mundo novo.

PRIMEIRO E SEGUNDO SAMUEL

A FUNÇÃO DA AUTORIDADE

Introdução

Os livros de Samuel relatam acontecimentos que se situam entre 1040 e 971 a.C. Temos aí uma análise crítica do aparecimento da realeza em Israel, análise que pode ajudar a avaliar nossos sistemas e homens políticos, bem como qualquer outra autoridade.

*Em 1Sm temos duas versões do surgimento da autoridade política central: **a primeira é contrária e hostil à monarquia** (1Sm 8; 10,17-27), representando a visão mais democrática das tribos do Norte, que viviam em terras mais produtivas. **A segunda versão é favorável à monarquia** (1Sm 9,1-10,16; 11) e representa a visão da tribo de Judá, que vivia em terras menos produtivas. Unindo as duas versões, vemos que a autoridade é um mal necessário (embora justificável, ela pode se absolutizar, explorar e oprimir o povo) e, ao mesmo tempo, um **dom de Deus** (uma instituição mediadora, que deve re-presentar, isto é, tornar presente o próprio Deus, único rei que liberta e governa o seu povo).*

1Sm oferece, portanto, uma visão crítica da autoridade política. Mostra que Deus é o único rei sobre o seu povo. Para ser legítimo, o rei humano (e seus equivalentes) deve ser representante de Deus, isto é, servir a Deus através do serviço ao povo. E isso compreende duas funções:

*— **função externa:** reunir e liderar o povo, auxiliando-o a proteger-se e a libertar-se dos seus inimigos (1Sm 9,16; Sl 110,2);*

*— **função interna:** organizar o povo e promover a vida social conforme a justiça e o direito (Sl 72; Dt 17,14-20; Pr 16,12; 29,14).*

As duas funções se resumem, portanto, numa dupla relação: obedecer a Deus e servir ao povo. Qualquer autoridade que não obedece a Deus e não serve ao povo é ilegítima e má, pois acaba ocupando o lugar de Deus para explorar e oprimir o povo.

2Sm está centrado na figura de Davi, cuja história começa propriamente em 1Sm 16, e nas lutas dos pretendentes ao trono de Jerusalém. Podemos dizer que 2Sm continua a avaliação do sentido e da função da autoridade política.

Davi é apresentado como o rei ideal, que obedece a Deus e serve ao povo. Graças à sua habilidade política, ele consegue aos poucos captar a simpatia das tribos, sendo primeiro aclamado rei de Judá, sua tribo, e depois rei também das

tribos do Norte. Após ter conseguido reunir todo o povo, Davi conquista Jerusalém e a torna, ao mesmo tempo, o centro do poder político e da religião de Israel. O ponto mais alto da sua história é a profecia de Natã (2Sm 7), em que o profeta anuncia que o trono de Jerusalém sempre será ocupado por um messias (= rei ungido) da família de Davi. É a criação da ideologia messiânica: o povo será sempre governado por um messias descendente de Davi. Logo depois começa a competição pelo poder e pela sucessão e, finalmente, o trono é ocupado por Salomão que, por si, não era o herdeiro direto (2Sm 9-1Rs 2).

Davi passou para a história como o modelo da autoridade política justa. Por isso, mesmo com o fim da realeza, os judeus permaneceram confiantes no ideal messiânico e ficaram à espera do messias que iria reunir o povo, defendê-lo dos inimigos e organizá-lo numa sociedade justa e fraterna. Dizendo que Jesus é descendente de Davi, os Evangelhos mostram que ele é o Messias esperado (daí o nome grego Cristo = Messias). Ele veio para reunir todos os homens e levá-los à vida plena, na justiça e fraternidade do Reino de Deus.

PRIMEIRO LIVRO DE SAMUEL

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27 - 28
- 29 - 30 - 31**

PRIMEIRO LIVRO DE SAMUEL

I. SAMUEL: SACERDOTE, PROFETA E JUIZ

1. Samuel e a Palavra de Javé

1 *Javé atende o pedido do povo* — ¹Havia um homem de Ramataim, um sufita da região montanhosa de Efraim, que se chamava Elcana, filho de Jeroam, filho de Eliú, filho de Toú, filho de Suf. Era um efraimita. ²Elcana tinha duas mulheres: uma se chamava Ana e a outra Fenena. Fenena tinha filhos; Ana, porém, não tinha nenhum. ³Todos os anos, Elcana subia de sua cidade para Silo, a fim de adorar e oferecer sacrifícios a Javé dos exércitos. Em Silo, estavam Hofni e Fineias, os dois filhos de Eli, que eram sacerdotes de Javé.

⁴No dia em que oferecia sacrifícios, Elcana repartia porções para sua mulher Fenena e para todos os filhos e filhas dela. ⁵Embora tivesse maior amor por Ana, Elcana lhe dava apenas uma porção, porque Javé a tornara estéril. ⁶Com humilhações, Fenena irritava Ana, a quem Javé tinha deixado estéril. ⁷Isso acontecia todos os anos; e sempre que eles subiam ao santuário de Javé, Fenena ofendia Ana. E Ana começava a chorar e ficava sem comer. ⁸Elcana, seu marido, lhe perguntava: “Ana, por que você fica chorando e não come nada? Por que você está triste? Por acaso, eu não sou melhor para você do que dez filhos?”

⁹Depois de terem comido e bebido em Silo, Ana se levantou e se apresentou diante de Javé. O sacerdote Eli estava sentado em sua cadeira junto à porta do santuário de Javé. ¹⁰Cheia de amargura, Ana rezou a Javé, chorou muito, ¹¹e fez uma promessa, dizendo: “Javé dos exércitos, se quiseres dar atenção à miséria da tua serva e te lembrares de mim, e não te esqueceres da tua serva, e lhe deres um filho homem, então eu o consagrarei a Javé por todos os dias de sua vida, e a navalha não passará sobre a cabeça dele”.

¹²Como Ana continuasse rezando a Javé, Eli observava os lábios dela. ¹³Ana apenas murmurava: seus lábios se moviam, mas não dava para ouvir o que ela dizia. Por isso, Eli pensou que ela estivesse embriagada. ¹⁴Então Eli perguntou: “Até quando você vai ficar embriagada? Acabe primeiro com essa bebedeira!”

¹⁵Ana, porém, respondeu: “Não, meu senhor. Eu sou uma mulher que sofre; não bebi vinho, nem bebida forte. Eu estava apenas me desafogando diante de Javé.

¹⁶Não pense que esta sua serva seja vadia. Falei até agora, porque estou muito triste e aflita”. ¹⁷Então lhe disse Eli: “Vá em paz. Que o Deus de Israel conceda o que você lhe pediu”. ¹⁸Ana respondeu: “Que esta sua serva possa encontrar sempre o seu favor”. Ana foi embora, comeu, e já não parecia a mesma de antes.

¹⁹Levantaram-se de madrugada, adoraram a Javé e voltaram para casa. Chegando a Ramá, Elcana se uniu à sua mulher Ana, e Javé se lembrou dela.

²⁰Ana ficou grávida e, no tempo certo, deu à luz um filho, e lhe deu o nome de Samuel, dizendo: “Eu o pedi a Javé”. ²¹Um ano depois, seu marido Elcana subiu com toda a família para oferecer a Javé o sacrifício anual e cumprir a promessa.

²²Ana, porém, não foi junto. Ela disse ao marido: “Quando o menino for desmamado, então eu o levarei para apresentá-lo a Javé, e ele vai ficar lá para sempre”. ²³Seu marido Elcana respondeu: “Faça o que achar melhor e espere até que ele seja desmamado. E Javé permita que você possa cumprir a promessa”. Desse modo, Ana ficou em casa, e criou o menino até o desmamar.

²⁴Logo que o desmamou, o levou até o santuário de Javé em Silo, com um bezerro de três anos, quarenta e cinco quilos de farinha e quarenta e cinco litros de vinho. O menino era ainda muito pequeno. ²⁵Eles imolaram o bezerro e levaram o menino a Eli. ²⁶Ana disse: “Desculpe, senhor. Eu sou aquela mulher que esteve aqui junto ao senhor, rezando a Javé. ²⁷O que eu pedia era este menino, e Javé atendeu o meu pedido. ²⁸Agora, eu o entrego a Javé por toda a vida, para que pertença a ele”. E se prostraram diante de Javé. [1,1-28]

2 *Esperança de um reino justo* — ¹Então Ana rezou esta oração: “Meu coração se alegra com Javé, em Deus me sinto cheia de força.

Agora, que eu possa responder aos meus inimigos, pois me sinto feliz com tua salvação.

²Ninguém é santo como Javé, não existe Rocha como o nosso Deus.

³Não multipliquem palavras soberbas, nem saia arrogância da boca de vocês, porque Javé é um Deus que sabe, é ele quem pesa as ações.

⁴O arco dos poderosos é quebrado, e os fracos são fortalecidos.

⁵Os saciados se empregam por comida, enquanto os famintos engordam com despojos.

A mulher estéril dá à luz sete filhos, e a mãe de muitos filhos se esgota.

⁶Javé faz morrer e faz viver, faz descer ao abismo e dele subir.

⁷Javé torna pobre e torna rico, ele humilha e também levanta.

⁸Ele ergue da poeira o fraco e tira do lixo o indigente, fazendo-os sentar-se com os príncipes e herdar um trono glorioso; pois a Javé pertencem as colunas da terra, e sobre elas ele assentou o mundo.

⁹Ele guarda o passo de seus fiéis, enquanto os injustos perecem nas trevas — pois não é pela força que o homem triunfa.

¹⁰Javé derrota seus adversários, o Altíssimo troveja lá do céu. Javé julga os confins da terra.

Ele dá força ao seu rei e aumenta o poder do seu ungido”. [2,1-10]

Corrupção e castigo — ¹¹Depois Elcana foi para sua casa em Ramá. O menino, porém, ficou a serviço de Javé, sob as ordens do sacerdote Eli. ¹²No entanto, os filhos de Eli eram desonestos e não se preocupavam, nem com Javé, ¹³nem com as obrigações de sacerdotes para com o povo. Toda vez que alguém oferecia um sacrifício, enquanto se cozinhava a carne, o ajudante do sacerdote ia com um garfo de três dentes, ¹⁴enfiava-o no caldeirão ou na panela, no tacho ou na travessa, e tudo o que o garfo prendia pertencia ao sacerdote. Assim faziam com todos os israelitas que iam a Silo. ¹⁵Antes de queimar a gordura, o ajudante do sacerdote também dizia à pessoa que ia oferecer o sacrifício: “Dê-me a carne, para que o sacerdote asse como quiser. Deve ser carne crua, porque ele não aceitará carne cozida”. ¹⁶Se a pessoa respondia: “Primeiro é preciso queimar a gordura, depois você poderá levar o que quiser”, o ajudante dizia: “Não. Ou você me dá a carne agora mesmo, ou a tomarei pela força”. ¹⁷O pecado desses ajudantes era grave diante de Javé, porque desonravam a oferta feita a Javé.

¹⁸Samuel, por sua vez, prestava serviço diante de Javé, conforme podia fazer uma criança, e vestia um efod de linho. ¹⁹Sua mãe costumava fazer uma pequena túnica, e a levava para ele todo ano, quando ia com o marido para fazer o sacrifício anual. ²⁰Eli abençoava Elcana e a esposa, e dizia: “Que Javé dê a você descendência por meio desta mulher, como pagamento pelo empréstimo que ela fez a Javé”. E eles voltaram para casa. ²¹Javé visitou Ana, e ela ficou grávida; deu à luz três filhos e duas filhas. Enquanto isso, Samuel crescia diante de Javé.

²²Apesar de Eli já ser muito velho, estava sempre informado de tudo o que seus filhos faziam com todos os israelitas, e que eles se deitavam com as mulheres que prestavam serviço na entrada da tenda da reunião. ²³Eli dizia a eles: “Por que vocês fazem isso? As pessoas me contam como vocês se comportam mal.

²⁴Não, meus filhos, o que me contam não é nada bom. Vocês estão escandalizando o povo de Javé. ²⁵Se um homem ofende outro homem, Deus poderá intervir em favor dele. Mas se alguém peca contra Javé, quem poderá interceder por ele?” Eles, porém, não deram ouvidos ao pai, porque Javé tinha decidido tirar-lhes a vida.

²⁶Enquanto isso, o jovem Samuel crescia e era estimado por Javé e pelo povo.

²⁷Um homem de Deus se apresentou a Eli, e lhe disse: “Assim diz Javé: Eu me revelei à família de seu pai, quando eles estavam no Egito e eram escravos do Faraó. ²⁸Eu a escolhi entre todas as tribos de Israel para exercer o meu sacerdócio, para subir ao meu altar a fim de queimar a oferta e trazer o efod diante de mim. Eu concedi à família de seu pai toda a carne que os israelitas oferecessem a Javé. ²⁹Por que vocês tratam com desprezo os sacrifícios e as ofertas que mandei fazer em meu santuário? Por que você respeita mais os seus filhos do que a mim, engordando-os com todas as ofertas de Israel, meu povo, diante de mim? ³⁰Por causa disso — oráculo de Javé, Deus de Israel —, embora eu tenha prometido que sua família e a família de seu pai estariam sempre na minha presença, agora — oráculo de Javé — não será mais assim. Porque eu honro os que me honram, mas aqueles que me desprezam serão humilhados. ³¹Veja! Vai chegar o dia em que eu cortarei o seu braço e o braço da família de seu pai, para que não haja nenhum velho na sua família. ³²Você olhará com inveja todo o bem que vou fazer a Israel; mas em sua família ninguém chegará a ser velho. ³³Vou conservar um da sua família junto do meu altar, e isso fará seus olhos se consumirem de tanto chorar e sua alma vai ficar desesperada. Seus outros descendentes morrerão na flor da idade. ³⁴O que vai acontecer a seus dois filhos, Hofni e Fineias, servirá de sinal para você: os dois vão morrer no mesmo dia. ³⁵Depois disso, farei aparecer um sacerdote fiel, que fará o que eu quero e desejo; vou dar-lhe uma família estável, e ele viverá sempre na presença do meu ungido. ³⁶Aqueles que sobreviverem da sua família irão prostrar-se diante dele para mendigar uma só moeda ou pedaço de pão, pedindo: ‘Por favor, me dê alguma função sacerdotal, para que eu possa comer um pedaço de pão’ ”. [11-36]

3 *A vocação profética* — ¹O menino Samuel servia a Javé, sob as ordens de Eli. A palavra de Javé se manifestava raramente nesse tempo e as visões não eram frequentes. ²Certo dia, Eli estava deitado em seu quarto. Seus olhos começavam a enfraquecer e ele já não podia enxergar. ³A lâmpada do santuário ainda não tinha sido apagada e Samuel estava deitado no santuário de Javé, onde

se encontrava a arca de Deus. ⁴Javé chamou: “Samuel, Samuel”. Ele respondeu: “Estou aqui”. ⁵Ele foi correndo para junto de Eli e disse: “Estou aqui. O senhor me chamou?” Eli respondeu: “Não, eu não chamei você. Vá se deitar”. Samuel foi se deitar, ⁶e Javé o chamou outra vez. Samuel se levantou, foi até onde Eli estava, e lhe disse: “Estou aqui. O senhor me chamou?” Eli respondeu: “Não chamei você, meu filho. Vá se deitar”. ⁷Samuel ainda não conhecia Javé, e a palavra de Javé ainda não lhe tinha sido revelada. ⁸Javé tornou a chamar Samuel pela terceira vez. Samuel se levantou, foi onde Eli estava, e lhe disse: “Estou aqui. O senhor me chamou?” Então Eli percebeu que era Javé quem estava chamando o menino. ⁹E disse a Samuel: “Vá e fique deitado. Se alguém chamar você de novo, diga: ‘Fala, Javé, que o teu servo escuta’ ”. E Samuel foi se deitar no seu lugar. ¹⁰Javé se apresentou e o chamou como antes: “Samuel, Samuel”. Então Samuel respondeu: “Fala, que o teu servo escuta”. ¹¹Javé disse a Samuel: “Olhe. Vou fazer uma coisa em Israel que vai ficar zunindo no ouvido de todos os que a ouvirem. ¹²Nesse dia, vou executar contra Eli e sua família tudo o que anunciei, do começo até o fim. ¹³Comunique a Eli que estou condenando a família dele para sempre, porque ele sabia que seus filhos desonravam a Deus e não os repreendeu. ¹⁴Por isso, juro à família de Eli que sua injustiça nunca será perdoada, nem com sacrifícios, nem com ofertas”.

¹⁵Samuel continuou deitado até de manhã. Depois abriu as portas do santuário. Estava com medo de contar a visão a Eli. ¹⁶Mas Eli o chamou: “Samuel, meu filho”. Samuel respondeu: “Estou aqui”. ¹⁷Eli perguntou: “O que foi que ele disse a você? Não me esconda nada. Que Deus o castigue, se você me esconder alguma coisa do que ele disse”. ¹⁸Então Samuel lhe contou tudo, e não escondeu nada. Eli comentou: “Ele é Javé. Que ele faça o que lhe pareça melhor”. ¹⁹Samuel crescia, e Javé estava com ele. Nenhuma das palavras que Javé lhe disse deixou de se cumprir. ²⁰E todo o Israel, desde Dã até Bersabeia, ficou sabendo que Samuel era um profeta confirmado por Javé. ²¹E Javé continuou a manifestar-se em Silo, onde havia se revelado a Samuel.

4¹E a palavra de Samuel foi dirigida para todo o Israel como palavra de Javé. Eli estava muito velho. E seus filhos continuavam se comportando mal diante de Javé. [3,1-4,1a]

2. Com Javé não se brinca

A glória de Israel foi exilada — Nesse tempo, os filisteus se uniram para fazer guerra contra Israel. Os israelitas saíram para combater contra eles e acamparam perto de Ebenezer, enquanto os filisteus acamparam em Afec. ²Os filisteus colocaram-se em ordem de batalha contra Israel. No terrível combate, Israel foi vencido pelos filisteus: de suas fileiras, morreram no campo cerca de quatro mil homens. ³O exército voltou para o acampamento, e os anciãos de Israel disseram: “Por que Javé deixou que fôssemos hoje derrotados pelos filisteus? Vamos a Silo buscar a arca da aliança de Javé nosso Deus. Ela ficará no meio de nós e nos salvará dos nossos inimigos”. ⁴Mandaram então trazer de Silo a arca da aliança de Javé dos exércitos, entronizado entre os querubins. Hofni e Fineias, os dois filhos de Eli, acompanhavam a arca da aliança de Deus. ⁵Quando a arca da aliança de Javé chegou ao acampamento, todo o Israel lançou um grande grito de guerra, e a terra tremeu. ⁶Os filisteus ouviram o barulho do grito e perguntaram entre si: “Que significa esse grito tão forte no acampamento dos hebreus?” Então ficaram sabendo que a arca de Javé tinha chegado ao acampamento. ⁷Apavorados, diziam: “Deus chegou ao acampamento! Ai de nós! É a primeira vez que nos acontece isso! ⁸Ai de nós! Quem nos livrará das mãos desse Deus poderoso? Ele feriu o Egito com toda espécie de calamidades e epidemias. ⁹Sejam fortes, filisteus! Sejam homens para não se tornarem escravos dos hebreus, como eles foram escravos de vocês. Sejam homens e lutem”. ¹⁰Os filisteus começaram o combate. Israel foi vencido, e cada um fugiu para a sua tenda. A derrota foi grande, pois do lado de Israel foram mortos trinta mil guerreiros. ¹¹A arca de Deus foi tomada e os dois filhos de Eli, Hofni e Fineias, morreram.

¹²Um benjaminita saiu correndo das fileiras e chegou a Silo no mesmo dia, com a roupa rasgada e a cabeça coberta de pó. ¹³Quando chegou, Eli estava sentado em sua cadeira, ao lado da porta, olhando para a estrada, porque estava preocupado com a arca de Deus. O homem entrou na cidade dando a notícia, e a população se pôs a gritar. ¹⁴Eli ouviu a gritaria e perguntou: “O que é todo esse alvoroço?” Enquanto isso, o benjaminita correu para dar a notícia a Eli. ¹⁵Ora, Eli estava com noventa e oito anos; tinha os olhos imóveis e não podia mais enxergar. ¹⁶O benjaminita disse a Eli: “Sou o homem que chegou do campo de batalha”. Eli perguntou: “O que aconteceu, meu filho?” ¹⁷O mensageiro

respondeu: “Israel fugiu dos filisteus e a derrota do exército foi grande. Seus dois filhos, Hofni e Fineias, morreram e a arca de Deus foi tomada”. ¹⁸Quando o homem falou da arca de Deus, Eli caiu da cadeira para trás, junto à porta, quebrou o pescoço e morreu. Ele já era velho e pesado. Tinha sido juiz em Israel durante quarenta anos.

¹⁹A nora de Eli, mulher de Fineias, estava grávida, e o momento do parto já se aproximava. Quando ouviu a notícia de que tinham tomado a arca de Deus e de que o sogro e o marido tinham morrido, chegaram as dores do parto, ela se encurvou e deu à luz. ²⁰Estando para morrer, as mulheres que lhe davam assistência disseram: “Ânimo! Você teve um filho”. Ela, porém, não respondeu, nem fez caso disso. ²¹Deu a seu filho o nome de Icabod, dizendo: “A glória de Israel foi exilada”. Falou assim, referindo-se à tomada da arca de Deus e também por causa do sogro e do marido. ²²E repetia: “A glória de Israel foi exilada, porque tomaram a arca de Deus”. [4,1b-22]

5 *Javé não se deixa assimilar por um sistema idólatra* — ¹Os filisteus tomaram a arca de Deus e a levaram de Ebenezer para Azoto. ²Pegaram a arca de Deus e a colocaram no templo de Dagon, junto à estátua de Dagon. ³Na manhã seguinte os habitantes de Azoto se levantaram e encontraram Dagon caído de bruços diante da arca de Javé. Pegaram Dagon e o puseram novamente no seu lugar. ⁴Na manhã seguinte se levantaram e de novo encontraram Dagon caído de bruços diante da arca de Javé. A cabeça e as duas mãos de Dagon tinham sido cortadas e estavam na entrada da porta. Só o tronco de Dagon estava no seu lugar. ⁵É por isso que os sacerdotes de Dagon e todos os que entram no seu templo, até o dia de hoje, não pisam a soleira da porta do templo de Dagon, em Azoto.

⁶Depois disso, a mão de Javé caiu pesadamente contra os habitantes de Azoto e os castigou com tumores em Azoto e nas redondezas. ⁷Quando viram o que estava acontecendo, os habitantes de Azoto disseram: “A arca do Deus de Israel não deve ficar conosco, porque a mão dele está pesando contra nós e contra o deus Dagon”. ⁸Então convocaram em Azoto todos os príncipes dos filisteus e perguntaram: “O que devemos fazer com a arca do Deus de Israel?” Os príncipes decidiram: “Levem a arca do Deus de Israel para Gat”. E assim fizeram. ⁹Mas, logo que a levaram, a mão de Javé caiu sobre a cidade, e houve um grande pânico, porque Javé feriu com tumores toda a população, tanto as crianças como os adultos. ¹⁰Levaram então a arca de Deus para Acaron. Logo que a arca de

Deus chegou, o povo da cidade protestou: “Vocês trouxeram a arca do Deus de Israel para nos matar, a nós e às nossas famílias!” ¹¹Então mandaram convocar os príncipes dos filisteus, e disseram: “Devolvam a arca do Deus de Israel. É melhor que volte ao seu lugar, antes que destrua a todos nós e às nossas famílias”. O povo estava tomado de pavor mortal, porque a mão de Deus era muito pesada; ¹²os que não morriam, ficavam cheios de tumores. E o clamor do povo subia até o céu. [5,1-12]

6 Deus exige respeito — ¹A arca de Javé ficou sete meses na terra dos filisteus. ²Por fim, eles chamaram os sacerdotes e os adivinhos e os consultaram: “O que devemos fazer com a arca de Javé? Digam para nós como podemos devolvê-la a seu lugar”. ³Eles responderam: “Se vocês querem devolver a arca do Deus de Israel, não a mandem sem nada, mas paguem uma indenização. Desse modo, vocês recuperarão a saúde e saberão por que Deus os castigou tanto”. ⁴O povo perguntou: “Que indenização devemos pagar?” Eles responderam: “Cinco tumores de ouro e cinco ratos de ouro, em nome de cada príncipe dos filisteus, porque eles sofreram a mesma praga que vocês. ⁵Façam imagens de seus tumores e dos ratos que devastam o território, e as ofereçam como homenagem ao Deus de Israel. Talvez o peso de sua mão se afaste de vocês, do seu país e do seu deus. ⁶Não fiquem de coração endurecido como os egípcios e o Faraó. Depois que Deus os tratou tão mal, eles acabaram deixando os israelitas partir. ⁷Agora peguem e preparem uma carroça nova e duas vacas com crias e que ainda não tenham usado canga; atrelem as vacas à carroça e levem de volta no curral os bezerros delas. ⁸Peguem a arca de Javé e a coloquem na carroça. Quanto aos objetos de ouro que servem para pagar a indenização, os coloquem num cofre, ao lado da arca, e deixem que ela vá embora. ⁹Fiquem observando: se ela tomar o caminho do seu próprio território, indo para Bet-Sames, foi Deus quem fez esse grande mal para nós; se não seguir esse caminho, saberemos que não foi a mão dele que nos atingiu, mas foi apenas um acaso”.

¹⁰Eles assim fizeram. Pegaram duas vacas com crias e as atrelaram à carroça, deixando os bezerros no curral. ¹¹Colocaram a arca de Javé na carroça e também o cofre com os ratos de ouro e as imagens dos tumores. ¹²As vacas foram logo pelo caminho de Bet-Sames. Iam mugindo, sem se desviar para a direita ou para a esquerda. Os príncipes dos filisteus as acompanharam até a fronteira de Bet-Sames.

¹³Os habitantes de Bet-Sames estavam cortando trigo no vale. Quando olharam,

viram a arca e foram alegres ao seu encontro. ¹⁴A carroça chegou ao campo de Josué em Bet-Sames e parou no lugar onde havia uma grande pedra. Então as pessoas racharam a madeira da carroça e ofereceram as vacas em holocausto a Javé. ¹⁵Os levitas tinham tirado da carroça a arca de Javé e o cofre com os objetos de ouro. Então colocaram tudo sobre a grande pedra. Nesse dia o povo de Bet-Sames ofereceu holocaustos e sacrifícios a Javé. ¹⁶Os cinco príncipes dos filisteus ficaram observando e, no mesmo dia, voltaram para Acaron. ¹⁷Os tumores de ouro que os filisteus tinham pago como indenização para Javé eram cinco: um por Azoto, um por Gaza, um por Ascalon, um por Gat e um por Acaron. ¹⁸Os ratos de ouro foram oferecidos em nome de todas as cidades dos filisteus, incluindo as cidades dos cinco príncipes, as cidades fortificadas e as aldeias do campo. A pedra grande onde colocaram a arca de Javé, ainda está como testemunha no campo de Josué, em Bet-Sames.

¹⁹Quando viram a arca de Javé, os filhos de Jeconias não fizeram festa como os outros. Por isso é que Javé castigou setenta homens deles. O povo ficou de luto, porque Javé os tinha ferido com grande castigo. ²⁰E os habitantes de Bet-Sames disseram: “Quem poderá ficar na presença de Javé, o Deus santo? Para onde podemos mandar a arca, para nos livrarmos dela?” ²¹Mandaram então esta mensagem aos habitantes de Cariat-Iarim: “Os filisteus devolveram a arca de Javé. Venham buscá-la”.

7¹Os habitantes de Cariat-Iarim foram e levaram a arca de Javé. Colocaram a arca na casa de Abinadab, no alto da colina, e consagraram Eleazar, filho de Abinadab, para guardar a arca de Javé. [6,1-7,1]

3. Samuel, mediador e libertador

Autoridade voltada para o povo — ²Desde que a arca foi colocada em Cariat-Iarim, passou-se longo tempo: cerca de vinte anos. Todo o povo de Israel começou a lamentar diante de Javé. ³Então Samuel falou a todos os israelitas: “Se vocês querem se converter de todo o coração para Javé, tirem do meio de vocês os deuses e deusas dos estrangeiros. Devotem-se inteiramente a Javé e sirvam somente a ele. Assim ele vai livrar vocês do poder filisteu”.

⁴Então os israelitas se livraram das imagens dos deuses e deusas dos estrangeiros, e começaram a servir somente a Javé. ⁵Samuel ordenou: “Reúnam todo o Israel em Masfa, e eu rezarei a Javé por vocês”. ⁶Eles se reuniram em Masfa, tiraram água, e a derramaram diante de Javé. Nesse dia, fizeram jejum e confessaram: “Pecamos contra Javé”. E Samuel julgou os israelitas em Masfa.

⁷Os filisteus ficaram sabendo que os israelitas haviam se reunido em Masfa. Então os príncipes dos filisteus subiram contra Israel. Ao ouvir isso, os israelitas ficaram com medo dos filisteus, ⁸e disseram a Samuel: “Não cale a nossa causa. Grite por nós a Javé, nosso Deus, para que ele nos liberte do poder filisteu”. ⁹Samuel pegou um cordeirinho que ainda mamava e o ofereceu em holocausto. Depois gritou a Javé em favor de Israel, e Javé o escutou. ¹⁰Enquanto Samuel estava oferecendo o holocausto, os filisteus atacaram Israel. Nesse dia, porém, Javé mandou contra os filisteus uma grande tempestade, que os espalhou, e Israel os derrotou. ¹¹Os israelitas saíram de Masfa, perseguiram os filisteus e os foram derrotando até Bet-Car. ¹²Então Samuel pegou uma pedra e a colocou entre Masfa e Sen; deu-lhe o nome de Ebenezer, explicando: “Javé nos socorreu até aqui”.

¹³Os filisteus foram dominados e nunca mais invadiram o território de Israel, porque a mão de Javé pesou sobre eles enquanto Samuel viveu. ¹⁴Israel reconquistou as cidades que os filisteus tinham tomado. Desse modo, tais cidades, junto com seus territórios, voltaram ao poder de Israel, desde Acaron até Gat. E houve paz entre Israel e os amorreus.

¹⁵Até a sua morte, Samuel foi juiz em Israel. ¹⁶Todos os anos ele visitava Betel, Guilgal e Masfa, e julgava Israel em todos esses lugares. ¹⁷Depois voltava a Ramá, onde ficava sua residência e onde exercia suas funções de juiz sobre Israel. Foi aí que construiu um altar para Javé. [7,2-17]

II. SAMUEL E SAUL: AVALIAÇÃO DA AUTORIDADE POLÍTICA [8-12]

1. Instituição de um poder central

8 ***Alienação pode custar caro*** — ¹Quando já estava velho, Samuel estabeleceu os dois filhos seus como juízes em Israel. ²Seu primeiro filho se chamava Joel, e o segundo Abias. Os dois exerceram o cargo de juiz em Bersabeia. ³Eles, porém, não seguiram o exemplo do pai, deixando-se levar pela ganância: aceitaram suborno e distorceram o direito. ⁴Então os anciãos de Israel se reuniram e foram até Samuel, em Ramá. ⁵Disseram a Samuel: “Veja. Você já está velho e seus filhos não seguem o seu exemplo. Por isso, escolha para nós um rei, para que ele nos governe, como acontece em todas as nações”. ⁶Não agradou a Samuel a frase que eles disseram: “Dê-nos um rei para que nos governe”. Então Samuel invocou a Javé. ⁷E Javé disse a Samuel: “Atenda à voz do povo em tudo o que eles pedirem, pois não é a você que eles estão rejeitando, mas a mim; não querem mais que eu reine sobre eles. ⁸Assim como eles têm feito desde o dia em que os tirei do Egito até hoje, abandonando-me e servindo outros deuses, a mesma coisa eles fizeram com você. ⁹Atenda o pedido deles. Contudo, mostre com clareza e explique para eles o direito do rei que reinará sobre eles”.

¹⁰Samuel transmitiu todas as palavras de Javé ao povo que lhe pedia um rei. ¹¹E lhes disse: “Este é o direito do rei que governará vocês: ele convocará os filhos de vocês para cuidar dos carros e cavalos dele, e correr à frente do seu carro. ¹²Ele os nomeará chefes de mil e chefes de cinquenta. Ele os obrigará a ararem a terra dele e fazerem a colheita para ele, a fabricarem para ele as armas de guerra e as peças dos seus carros. ¹³As filhas de vocês serão convocadas para trabalhar como perfumistas, cozinheiras e padeiras. ¹⁴Ele tomará os campos, as vinhas e os melhores olivais de vocês, para dá-los aos ministros. ¹⁵Pegará a décima parte das plantações e vinhas de vocês, e as dará aos oficiais e ministros. ¹⁶Os melhores servos e servas, os bois e jumentos de vocês, ele os tomará para que fiquem a serviço dele, ¹⁷e cobrará, como tributo, a décima parte dos rebanhos. E vocês mesmos serão transformados em escravos dele. ¹⁸Quando isso acontecer, vocês se queixarão do rei que escolheram. Nesse dia, porém, Javé não

dará nenhuma resposta a vocês”.

¹⁹No entanto, o povo não quis ouvir as explicações de Samuel, e disse: “Não tem importância. Teremos um rei, ²⁰e seremos também como as outras nações: nosso rei nos governará, irá à nossa frente para comandar nossas guerras”.

²¹Samuel ouviu tudo o que o povo disse e foi contar a Javé. ²²E Javé respondeu: “Se é isso que querem, estabeleça um rei para eles”.

Então Samuel disse aos israelitas: “Volte cada um para a sua cidade”. [8,1-22]

9 *A realeza é dom de Javé* — ¹Entre os benjaminitas, havia um homem chamado Cis, filho de Abiel, filho de Seror, filho de Becorat, filho de Afia. Era um benjaminita muito importante. ²Esse homem tinha um filho chamado Saul, jovem de boa aparência. Era um israelita imponente: os outros lhe chegavam apenas até os ombros.

³As jumentas de Cis, pai de Saul, tinham se extraviado. Cis disse ao filho Saul: “Chame um dos empregados e vá procurar as jumentas”. ⁴Eles cruzaram a região montanhosa de Efraim, atravessaram o território de Salisa, mas não as encontraram. Atravessaram a região de Salim, e nada. Atravessaram a região de Benjamim, e nem aí encontraram as jumentas. ⁵Quando chegaram ao território de Suf, Saul disse ao empregado que o acompanhava: “Vamos voltar, senão o meu pai vai ficar mais preocupado conosco do que com as jumentas”. ⁶O empregado, porém, sugeriu: “Olhe. Na cidade vizinha há um homem de Deus que é muito famoso. Tudo o que ele diz acontece de fato. Vamos até lá. Quem sabe ele nos possa orientar sobre o caminho que devemos seguir”. ⁷Saul disse ao empregado: “Podemos ir. Mas o que vamos oferecer a esse homem? Já não temos pão na sacola. Não temos nada para oferecer a esse homem de Deus. Será que sobrou alguma coisa?” ⁸O empregado respondeu: “Tenho aqui uma pequena moeda de prata. Vou oferecê-la ao homem de Deus, e ele nos dará uma orientação”. ⁹(Em Israel, antigamente, quando alguém ia consultar a Deus, costumava dizer: ‘Vamos ao vidente’. Porque, em lugar de ‘profeta’, como se diz hoje, dizia-se ‘vidente’.) ¹⁰Saul replicou: “Ótimo, vamos lá”. E foram à cidade onde morava o homem de Deus.

¹¹Quando subiam a ladeira para a cidade, encontraram duas moças que iam buscar água. Então perguntaram a elas: “É aqui que mora o vidente?” ¹²As moças responderam: “É sim. Ele acabou de chegar um pouco antes de vocês. Vão depressa. Ele veio hoje à cidade, porque hoje o povo vai oferecer um sacrifício no lugar alto. ¹³Entrando na cidade, vocês o encontrarão antes que ele

suba ao lugar alto para comer. O povo não vai comer antes que ele chegue, porque é ele quem abençoa o sacrifício. Só depois é que os convidados podem comer. Subam logo, e vocês o encontrarão”.

¹⁴Eles então subiram à cidade. Quando estavam passando pela porta da cidade, Samuel ia na direção deles para subir até o lugar alto. ¹⁵Ora, um dia antes da chegada de Saul, Javé tinha feito uma revelação a Samuel: ¹⁶“Amanhã, nesta mesma hora, vou mandar a você um homem da terra de Benjamim. Você o ungirá como chefe do meu povo Israel, e ele libertará o povo do poder filisteu, porque eu vi a miséria do meu povo, e o seu clamor chegou até junto de mim”. ¹⁷Quando Samuel viu Saul, Javé o avisou: “É esse o homem de quem falei a você. É ele quem vai dirigir o meu povo”. ¹⁸Saul chegou perto de Samuel, no meio da porta, e lhe perguntou: “O senhor pode me dizer onde é a casa do vidente?” ¹⁹Samuel respondeu: “Eu sou o vidente. Suba na minha frente até o lugar alto. Hoje você comerá comigo, e amanhã de manhã você irá embora. Vou resolver a questão que o preocupa. ²⁰Não se preocupe com as jumentas que você perdeu há três dias. Elas já foram encontradas. Aliás, de quem é toda a riqueza de Israel? Não é, por acaso, sua e da família do seu pai?” ²¹Saul respondeu: “Eu sou de Benjamim, a menor das tribos de Israel; meu clã é o menos importante de todos os da tribo de Benjamim. Por que o senhor está me dizendo isso?”

²²Samuel levou Saul e seu empregado até a sala e lhes deu um lugar de honra entre os convidados, que eram cerca de trinta pessoas. ²³Depois disse ao cozinheiro: “Traga aquela porção que mandei você preparar”. ²⁴Então o cozinheiro levou o pernil e o rabo e os serviu a Saul, enquanto Samuel dizia: “Aí está o que foi reservado para você. Coma, porque foi guardado para esta ocasião, a fim de que você o coma junto com os convidados”. E nesse dia, Saul comeu ao lado de Samuel. ²⁵Em seguida, desceram do lugar alto para a cidade, prepararam para Saul uma cama no terraço, ²⁶e ele se deitou.

Ao nascer do sol, Samuel chamou Saul no terraço, e disse: “Levante-se, que eu vim para me despedir”. Saul se levantou e saiu da casa com Samuel. ²⁷Quando chegaram aos limites da cidade, Samuel disse a Saul: “Mande o empregado ir na frente. Quanto a você, espere um momento, para que eu comunique a você a palavra de Deus”.

10¹Então Samuel pegou a vasilha de óleo e o derramou sobre a cabeça de Saul. Depois o beijou e disse: “Javé ungiu você para ser chefe sobre Israel, o povo dele. Você governará o povo e o libertará dos inimigos vizinhos. Eis o

sinal de que Javé ungiu você como chefe da herança dele. ²Hoje, quando sair daqui, você encontrará dois homens junto ao túmulo de Raquel, na fronteira de Benjamim. Eles lhe dirão: ‘Encontraram as jumentas que você estava procurando. Seu pai esqueceu a história das jumentas e está preocupado com você, e anda perguntando: O que será que aconteceu com o meu filho?’ ³Daí, indo mais adiante, você chegará ao Carvalho do Tabor, e então encontrará três homens subindo para o santuário de Deus em Betel: um estará levando três cabritos, outro três pães, e o terceiro uma vasilha com vinho. ⁴Eles vão cumprimentar você e oferecer dois pães. Você deve aceitar. ⁵Depois você chegará a Gabaá de Deus, onde estão os governadores filisteus. Entrando na cidade, você topará com um grupo de profetas descendo do lugar alto, acompanhados de harpas, tamborins, flautas e cítaras; eles estarão em transe. ⁶Então o espírito de Javé virá sobre você, e também você entrará em transe com eles e se transformará em outro homem. ⁷Quando esses sinais se realizarem, faça o que você achar melhor, porque Deus estará com você. ⁸Desça para Guilgal antes de mim. Em seguida, eu irei encontrar-me com você para oferecer holocaustos e sacrifícios de comunhão. Espere sete dias. Depois eu irei ao seu encontro e mostrarei a você o que deverá fazer”.

⁹Assim que Saul virou as costas e deixou Samuel, Deus lhe mudou o coração. E todos esses sinais aconteceram nesse mesmo dia. ¹⁰Daí, partiram para Gabaá, e um grupo de profetas foi ao encontro de Saul. O espírito de Javé desceu sobre ele, que entrou em transe no meio deles. ¹¹Todos os que conheciam Saul há muito tempo, o viram profetizando entre os profetas, e diziam uns para os outros: “O que é que aconteceu com o filho de Cis? Também Saul entre os profetas?” ¹²Um homem da vizinhança perguntou: “Quem é o pai dele?” É por isso que se tornou provérbio esta frase: “Também Saul entre os profetas?”

¹³Tendo saído do transe, Saul foi para casa. ¹⁴O tio de Saul perguntou a ele e ao empregado: “Aonde é que vocês foram?” Saul respondeu: “Buscar as jumentas. Como não as encontramos, fomos ter com Samuel”. ¹⁵O tio de Saul perguntou: “Conte-me o que foi que Samuel disse para vocês”. ¹⁶Saul disse ao tio: “Ele nos contou que as jumentas já tinham sido encontradas”. Não falou nada, porém, do que Samuel tinha dito sobre a realza. [9,1-10,16]

Saul é escolhido rei por sorteio — ¹⁷Em Masfa, Samuel convocou o povo em torno de Javé, ¹⁸e falou aos israelitas: “Assim diz Javé, o Deus de Israel: Eu tirei

Israel do Egito, e libertei vocês do poder do Egito e do poder de todos os reinos que os oprimiam. ¹⁹Contudo, hoje vocês rejeitaram o Deus de vocês, que os salvou de todos os males e angústias. Vocês disseram: ‘Não importa, estabeleça um rei para nós!’ Agora, portanto, compareçam diante de Javé por tribos e clãs”.

²⁰Samuel convocou todas as tribos de Israel, e foi sorteada a tribo de Benjamim. ²¹Convocou então a tribo de Benjamim por clãs, e o clã de Metri foi sorteado. E Saul, filho de Cis, foi apontado no sorteio. Procuraram Saul, mas não o encontraram. ²²Consultaram, então, a Javé: “Saul está aqui?” Javé respondeu: “Ele está escondido entre as bagagens”. ²³Correram para buscá-lo, e ele apareceu no meio do povo: os outros lhe chegavam apenas até os ombros. ²⁴Samuel disse a todo o povo: “Estão vendo quem Javé escolheu? Não há, entre todo o povo, ninguém igual a ele”. E todo o povo começou a aclamar, gritando: “Viva o rei!”

²⁵Samuel explicou ao povo o direito do rei, e o escreveu num livro, que colocou diante de Javé. Em seguida, despediu o povo, cada um para sua casa. ²⁶Saul também voltou para sua casa em Gabaá, e com ele foram também os valentes, cujo coração Deus havia tocado. ²⁷Os vadios, porém, comentaram: “Como é que esse sujeito nos poderá salvar?” E o desprezaram, e não lhe deram presentes. E Saul se calava. [10,17-27]

11 *Saul eleito por aclamação* — ¹Um mês depois, o amonita Naás fez uma incursão e acampou contra Jabes de Galaad. Todos os habitantes de Jabes propuseram a Naás: “Faça uma aliança conosco e seremos seus servos”. ²Naás, porém, respondeu: “Farei uma aliança com a condição de furar o olho direito de vocês. Desse modo, provocarei todo o povo de Israel”. ³Então os anciãos de Jabes lhe pediram: “Dê-nos uma trégua de sete dias. Mandaremos mensageiros a todo o território de Israel. Se ninguém nos ajudar, nós nos renderemos a você”.

⁴Os mensageiros chegaram a Gabaá de Saul, expuseram a situação a todo o povo, e todos começaram a chorar e a gritar. ⁵Ora, aconteceu que Saul estava chegando do campo, onde cuidava dos bois, e perguntou: “O que aconteceu? Por que o povo está chorando?” Contaram-lhe, então, o que os homens de Jabes lhes haviam dito. ⁶Quando Saul ouviu a notícia, o espírito de Javé tomou conta dele. Saul ficou enfurecido, ⁷pegou uma junta de bois, os despedaçou e os mandou por mensageiros a todo o território de Israel, com este recado: “Se alguém não acompanhar Saul e Samuel, a mesma coisa acontecerá com seus bois”. O terror

de Javé se abateu sobre o povo. E eles marcharam para a guerra, como se fossem um só homem. ⁸Saul, em Bezec, passou revista às tropas: de Israel havia trezentos mil, e de Judá trinta mil. ⁹Então Saul disse aos mensageiros: “Digam aos habitantes de Jabes de Galaad: ‘Amanhã, quando o sol esquentar, vocês serão socorridos’”. Os mensageiros voltaram e deram a notícia aos habitantes de Jabes. Estes ficaram cheios de alegria, ¹⁰e disseram a Naás: “Amanhã nos renderemos, e vocês nos tratarão como quiserem”.

¹¹No dia seguinte, Saul distribuiu a tropa em três grupos, que invadiram o acampamento de manhãzinha, e atacaram os amonitas até a hora que o sol esquentou. Os sobreviventes se espalharam, de modo a não ficar dois juntos.

¹²Então o povo disse a Samuel: “Quais eram os que diziam que Saul não reinaria sobre nós? Diga-nos os nomes deles, que nós os mataremos”. ¹³Saul, porém, disse: “Hoje ninguém deverá ser morto, porque neste dia Javé salvou Israel”. ¹⁴Depois Samuel disse ao povo: “Vamos a Guilgal para inaugurar aí a realeza”. ¹⁵Todo o povo se reuniu em Guilgal, e aí mesmo, diante de Javé, proclamaram Saul como rei. Ofereceram a Javé sacrifícios de comunhão, e Saul com os israelitas fizeram uma grande festa. [11,1-15]

12 *Avaliando o passado e prevendo o futuro* — ¹Samuel disse a todo o Israel: “Vejam. Atendi vocês em tudo o que me pediram; estabeleci um rei para vocês. ²De agora em diante, é o rei quem estará à frente de vocês. Eu já estou velho, de cabelos brancos, e meus filhos aí estão no meio de vocês. Fiquei à frente de vocês desde a minha juventude até hoje. ³Aqui estou eu. Deponham contra mim diante de Javé e do seu ungido. De quem tomei um boi e de quem tomei um jumento? A quem explorei e a quem oprimi? De quem recebi dinheiro para fechar os olhos sobre o caso? Eu restituirei a vocês”. ⁴Eles disseram: “Você não explorou, nem oprimiu, nem tirou nada de ninguém”. ⁵Samuel disse para eles: “Hoje, aqui Javé é testemunha contra vocês, e o ungido dele é testemunha também, de que vocês não encontraram nada em minhas mãos”. Responderam: “Ele é testemunha”. ⁶Então Samuel disse ao povo: “Foi Javé quem agiu com Moisés e Aarão, e tirou da terra do Egito os antepassados de vocês. ⁷Agora esperem! Vou citar contra vocês, diante de Javé, todos os atos de justiça que Javé realizou para vocês e para seus antepassados: ⁸Quando Jacó esteve no Egito, os egípcios o oprimiram, e os antepassados de vocês clamaram a Javé: Ele enviou Moisés e Aarão, que tiraram do Egito os antepassados de vocês, e aqui neste lugar os instalou. ⁹Mas eles se esqueceram de Javé seu Deus, que os

entregou ao poder de Sísara, chefe do exército de Hasor, ao poder dos filisteus e ao poder do rei de Moab, que fizeram guerra contra eles. ¹⁰Então eles clamaram a Javé: ‘Pecamos, porque abandonamos Javé, para servir aos deuses e deusas dos cananeus. Mas agora, liberta-nos do poder de nossos inimigos, e nós serviremos a ti’. ¹¹Então Javé mandou Jerobaal, Barac, Jefté e Samuel: libertou vocês do poder dos inimigos vizinhos, e vocês habitaram em segurança. ¹²Mas, quando vocês viram Naás, rei dos amonitas, marchando contra, vocês me disseram: ‘Não importa. Queremos ser governados por um rei’. No entanto, Javé seu Deus, é o rei de vocês! ¹³Agora, aí está o rei que vocês escolheram e pediram: Javé deu um rei para vocês! ¹⁴Se temerem a Javé e o servirem, se lhe obedecerem e não se opuserem a ele, tanto vocês, como o rei que reina sobre vocês, seguirão a Javé seu Deus. ¹⁵Mas se vocês não obedecerem a Javé e se opuserem a ele, então a mão de Javé pesará sobre vocês e sobre seu rei. ¹⁶Esperem mais um pouco, e vejam esta grande coisa que Javé realiza diante de vocês: ¹⁷Não é agora o tempo da colheita do trigo? Pois bem! Eu invocarei a Javé, e ele mandará trovões e chuva. Reconheçam e vejam o grande mal que vocês realizaram aos olhos de Javé, pedindo um rei para vocês!” ¹⁸Então Samuel invocou a Javé, e Javé mandou trovões e chuva nesse dia. O povo temeu muito a Javé e a Samuel. ¹⁹E todo o povo disse a Samuel: “Interceda por seus servos junto a Javé seu Deus, para que não morramos, porque aos nossos pecados acrescentamos o mal de pedir um rei para nós”. ²⁰Samuel disse ao povo: “Não tenham medo. De fato, vocês cometeram todo esse mal. Somente não se afastem de Javé e sirvam a ele de todo o coração. ²¹Não se afastem para correr atrás de ídolos que não servem para nada e não podem libertar, porque são vazios. ²²É por causa do seu grande nome que Javé não abandonará o seu povo, porque Javé decidiu fazer de vocês o povo dele. ²³Quanto a mim, longe de mim pecar contra Javé, deixando de interceder por vocês. Continuarei ensinando a vocês o caminho bom e certo. ²⁴Somente temam a Javé e sirvam a ele com fidelidade e de todo o coração. Vejam que coisas grandes ele realizou no meio de vocês! ²⁵Contudo, se praticarem o mal, tanto vocês como o seu rei vão perecer”. [12,1-25]

2. As tentações do poder político

13 *A tentação de se absolutizar* — ¹Saul tinha trinta anos quando se tornou rei, e reinou sobre Israel durante vinte anos. ²Saul escolheu para si três mil israelitas: dois mil estavam com ele em Macmas e na montanha de Betel, enquanto mil estavam com Jônatas em Gabaá de Benjamim. Saul despediu o resto do povo, mandando cada um para a sua tenda.

³Jônatas matou o governador dos filisteus que estava em Gaba, e os filisteus ouviram a notícia. Então Saul mandou tocar a trombeta, por todo o território, dizendo: “Que os hebreus ouçam!” ⁴Todo o Israel soube que Saul tinha matado o governador filisteu, e também que Israel se havia tornado odioso para os filisteus. Então o povo se reuniu atrás de Saul, em Guilgal. ⁵Os filisteus se reuniram para combater contra Israel: três mil carros, seis mil cavalos e uma tão numerosa multidão como os grãos de areia da praia. Subiram e acamparam em Macmas, ao oriente de Bet-Áven. ⁶Os israelitas se viram em apuros, porque estavam muito perto uns dos outros. Então o povo se escondeu em cavernas, buracos, rochas, grutas e poços. ⁷Alguns hebreus atravessaram o Jordão para o território de Gad e Galaad.

Saul estava ainda em Guilgal e todo o povo, tremendo de medo, foi à procura dele. ⁸Ele esperou sete dias pela reunião marcada com Samuel. Mas Samuel não chegou a Guilgal, e o povo começou a debandar, abandonando Saul. ⁹Então Saul disse: “Preparem o holocausto e os sacrifícios de comunhão”. E ofereceu o holocausto. ¹⁰Ele estava acabando de oferecer o holocausto, quando Samuel chegou. Saul foi ao encontro dele para saudá-lo. ¹¹Samuel perguntou: “O que é que você fez?” Saul respondeu: “Vi que o povo me abandonava e debandava, que você não chegava para a reunião no dia marcado, e que os filisteus estavam reunidos em Macmas. ¹²Então eu refleti: ‘Agora os filisteus vão cair sobre mim em Guilgal, sem que eu tenha oferecido sacrifícios a Javé’. Assim forçado, ofereci o holocausto”. ¹³Samuel disse a Saul: “Você agiu como louco! Você não obedeceu ao mandamento que Javé seu Deus lhe tinha ordenado. Certamente Javé teria confirmado para sempre o reinado que você exerceria sobre Israel. ¹⁴Agora, porém, o seu reinado não se firmará. Javé encontrou um homem conforme o coração dele e o nomeou chefe do seu povo, porque você não obedeceu ao que Javé lhe tinha ordenado”. ¹⁵Samuel levantou-se e partiu de Guilgal para Gabaá de Benjamim. Saul então passou revista à tropa que seguia

com ele. Havia cerca de seiscentos homens. [13,1-15]

Como se livrar da dependência? — ¹⁶Saul e seu filho Jônatas com suas tropas se fixaram em Gaba de Benjamim; os filisteus estavam acampados em Macmas. ¹⁷Do acampamento filisteu, um comando de ataque saiu dividido em três grupos: um tomou a direção de Efra, no território de Sual, ¹⁸outro se dirigiu para Bet-Horon, e o terceiro foi para a elevação que domina o vale das Hienas, no caminho do deserto.

¹⁹No território de Israel, nesse tempo, não havia ferreiro, porque os filisteus haviam decidido que os hebreus não fabricariam espadas ou lanças. ²⁰Por esse motivo, todos os israelitas tinham que ir até os filisteus para amolar o arado, o machado, a enxada e a foice. ²¹Para amolar um arado ou machado, os filisteus cobravam oito gramas de prata, e quatro gramas, para amolar as enxadas e endireitar os ferrões. ²²E assim, aconteceu que, na hora da batalha, em toda a tropa de Saul e Jônatas não havia nem espada nem lança, a não ser as de Saul e de seu filho Jônatas.

²³Uma guarnição de filisteus partiu para o passo de Macmas. [16-23]

14 *Liderança de Jônatas* — ¹Certo dia, Jônatas, filho de Saul, disse a seu escudeiro: “Vamos até a guarnição dos filisteus que está do outro lado”. Mas Jônatas nada comunicou a seu pai. ²Saul estava na fronteira de Gaba, sentado debaixo da romãzeira que fica perto da eira, e com ele estava uma tropa de aproximadamente seiscentos homens. ³Quem levava o efod era Aías, filho de Aquitob, irmão de Icabod, filho de Fineias, filho de Eli, sacerdote de Javé em Silo. Ninguém percebeu que Jônatas havia partido. ⁴No desfiladeiro, que Jônatas procurava atravessar para chegar até a guarnição filisteia, havia dois morros: um se chamava Boses e o outro Sene. ⁵O primeiro morro fica ao norte e o outro ao sul; o primeiro olha para Macmas, o segundo para Gaba. ⁶Jônatas disse ao seu escudeiro: “Vamos até o lugar onde estão esses incircuncisos. Quem sabe Javé faça alguma coisa por nós, pois nada impede que Javé nos dê a vitória, não importa se somos muitos ou poucos”. ⁷O escudeiro respondeu: “Faça o que você quiser; estou à sua disposição”. ⁸Jônatas disse: “Veja! Vamos na direção deles e deixaremos que nos vejam. ⁹Se nos disserem: ‘Não se movam até que cheguemos perto’, então ficaremos parados e não avançaremos até eles. ¹⁰Mas se nos disserem: ‘Subam até aqui’, então subiremos, porque Javé os está

entregando em nossas mãos. Esse será o sinal”.

¹¹Os dois deixaram que a guarnição filisteia os visse, e os filisteus comentaram: “Vejam! Alguns hebreus saíram das cavernas, onde estavam escondidos!” ¹²Os da guarnição disseram a Jônatas e seu escudeiro: “Subam até aqui. Temos uma coisa para lhes contar”. Então Jônatas disse ao escudeiro: “Fique atrás de mim, porque Javé os entregou nas mãos de Israel”. ¹³Jônatas subiu rastejando e seu escudeiro o seguiu. Jônatas os feria, e o escudeiro acabava de matá-los. ¹⁴Foi a primeira matança que Jônatas e seu escudeiro realizaram: cerca de vinte homens, em pequeno espaço de terreno.

¹⁵O terror se espalhou no acampamento, na região e em toda a tropa filisteia. A guarnição e os comandos de ataque ficaram com medo, a terra tremeu, e houve grande pânico. ¹⁶As sentinelas de Saul, que estavam em Gaba de Benjamim, perceberam que o exército fugia em debandada. ¹⁷Então Saul ordenou à sua tropa: “Passem revista à tropa e vejam quem está ausente”. Passaram revista na tropa e estavam faltando Jônatas e seu escudeiro. ¹⁸Saul ordenou a Aías: “Pegue o efod”. Porque nessa época era Aías quem levava o efod em Israel. ¹⁹Enquanto Saul falava com o sacerdote, crescia cada vez mais a confusão no acampamento dos filisteus. Então Saul disse ao sacerdote: “Retire sua mão”. ²⁰Saul e toda a tropa que estava com ele se reuniram e foram para o campo de batalha. Os filisteus desembainhavam a espada uns contra outros, e a confusão era muito grande. ²¹Então os hebreus que estavam a serviço dos filisteus e tinham subido com eles para o acampamento, desertaram e aderiram a Israel, ficando ao lado de Saul e Jônatas. ²²E todos os israelitas, que se haviam escondido na região montanhosa de Efraim, ouvindo a notícia de que os filisteus estavam fugindo, também começaram a persegui-los e combatê-los. ²³Nesse dia, Javé deu a vitória a Israel.

O combate se estendeu até além de Bet-Áven. ²⁴O povo de Israel já estava exausto nesse dia, e Saul pronunciou esta maldição: “Maldito seja quem comer alguma coisa antes da tarde, antes que eu me vingue dos meus inimigos”. E ninguém comeu nada. ²⁵Ora, no campo havia um favo de mel. ²⁶A tropa chegava perto do favo, via o mel escorrendo, mas ninguém o tocava, nem levava à boca, porque tinha medo do juramento que Saul havia feito. ²⁷Jônatas, porém, não sabia do juramento com que seu pai tinha comprometido a tropa. Levantou a vara que tinha consigo, espetou-a no favo e o levou à boca. Imediatamente sua vista melhorou. ²⁸Mas alguém do grupo viu o que ele tinha feito, e disse: “Seu

pai obrigou o povo com juramento, amaldiçoando quem comesse qualquer coisa hoje”. ²⁹Jônatas exclamou: “Meu pai quer arruinar o país! Vejam como meus olhos estão mais claros por ter provado um pouco desse mel”. ³⁰Se a tropa tivesse comido hoje dos despojos que tomou dos inimigos, a derrota dos filisteus teria sido muito maior”.

³¹Nesse dia, os filisteus foram perseguidos desde Macmas até Aialon. Mas a tropa estava exausta. ³²Então a tropa se atirou sobre os despojos, pegou ovelhas, vacas e bezerros e os degolou ali mesmo no chão. E os comeram com sangue. ³³Foram então avisar Saul: “A tropa está cometendo um pecado contra Javé, porque está comendo carne com sangue”. Saul respondeu: “Vocês foram infiéis! Rolem para cá uma grande pedra”. ³⁴E acrescentou: “Espalhem-se no meio da tropa e digam para cada um trazer aqui seu boi ou sua ovelha; imolem os animais aqui e depois os comam. Mas não pequem contra Javé, comendo carne com sangue”. Ao anoitecer, cada um levou o que tinha, e Saul imolou os animais nesse lugar. ³⁵E Saul construiu um altar para Javé, e foi esse o primeiro altar que ele construiu para Javé. ³⁶Depois disse: “Vamos descer, durante a noite, para perseguir os filisteus, e os saquearemos até o amanhecer; não vamos deixar nenhum sobrevivente”. Os da tropa responderam: “Faça o que achar melhor”. O sacerdote propôs: “Vamos aproximar-nos para consultar a Deus”. ³⁷E Saul consultou a Deus: “Devo descer para perseguir os filisteus? Tu os entregarás em poder de Israel?” Nesse dia, porém, não houve resposta. ³⁸Então Saul ordenou: “Chefes do povo, aproximem-se. Vamos ver quem foi que cometeu hoje algum pecado. ³⁹Pela vida de Javé que dá a vitória a Israel, mesmo que tenha sido meu filho Jônatas, ele morrerá”. Ninguém disse nada. ⁴⁰Saul falou a todo Israel: “Fiquem de um lado. Eu e meu filho Jônatas ficaremos do outro lado”. E a tropa respondeu a Saul: “Faça o que achar melhor”. ⁴¹Então Saul consultou a Javé, Deus de Israel: “Por que não respondes hoje a teu servo? Javé, Deus de Israel, se eu e meu filho Jônatas somos culpados, que saia Urim. Se a falta foi cometida pela tropa de Israel, que saia Tumim”. A sorte caiu em Jônatas e Saul, e a tropa ficou livre. ⁴²Saul disse então: “Lancem a sorte entre mim e o meu filho Jônatas”. E a sorte caiu em Jônatas. ⁴³Então Saul disse a Jônatas: “Conte-me o que foi que você fez”. Jônatas respondeu: “Somente provei um pouco de mel com a ponta da vara que levava na mão. Estou pronto para morrer”. ⁴⁴Saul lhe disse: “Que Deus me castigue, se você não morrer, Jônatas!” ⁴⁵Mas a tropa disse a Saul: “Como vai morrer Jônatas, ele que proporcionou essa grande vitória para

Israel? De jeito nenhum. Pela vida de Javé, não cairá um só fio da cabeça de Jônatas, porque foi por Deus que ele pôde fazer hoje o que fez”. Desse modo, a tropa salvou a vida de Jônatas. ⁴⁶Saul parou de perseguir os filisteus, e estes voltaram para o seu território.

⁴⁷Depois de ser proclamado rei de Israel, Saul lutou contra todos os inimigos vizinhos: Moab, os amonitas, Edom, o rei de Soba e os filisteus. E saiu vitorioso em todas as suas campanhas. ⁴⁸Realizou proezas de valentia, derrotou os amalecitas e livrou Israel de seus opressores.

⁴⁹Os filhos de Saul eram Jônatas, Jesui e Melquisua. Tinha também duas filhas: a mais velha se chamava Merob, e a caçula era Micol. ⁵⁰A mulher de Saul se chamava Aquinoam, filha de Aquimaás. O chefe do seu exército era Abner, filho de Ner, tio de Saul. ⁵¹Cis, pai de Saul, e Ner, pai de Abner, eram filhos de Abiel.

⁵²Durante todo o reinado de Saul, houve guerra aberta contra os filisteus. E Saul requisitava todos os bravos e valentes que conhecia. [14,1-52]

15 *A tentação de se justificar ideologicamente* — ¹Samuel disse a Saul: “Javé me enviou para ungir você como rei sobre seu povo Israel. Agora, pois, escute as palavras de Javé: ²‘Assim diz Javé dos exércitos: Vou pedir contas a Amalec pelo que ele fez contra Israel, cortando-lhe o caminho, quando Israel subia do Egito. ³Agora, vá, ataque, e condene ao extermínio tudo o que pertence a Amalec. Não tenha piedade: mate homens e mulheres, crianças e recém-nascidos, bois e ovelhas, camelos e jumentos’ ”.

⁴Saul convocou a tropa e a revistou em Telém: eram duzentos mil na infantaria e dez mil homens de Judá. ⁵Saul avançou até a cidade de Amalec e armou emboscada no vale. ⁶Mandou esta mensagem aos quenitas: “Fujam e se afastem dos amalecitas, para não serem destruídos com eles, porque vocês foram amáveis com os israelitas, quando subiam do Egito”. Então os quenitas se afastaram dos amalecitas. ⁷Saul derrotou os amalecitas desde Hévila até Sur, que fica na fronteira do Egito. ⁸Capturou vivo Agag, rei dos amalecitas, e passou a fio de espada todo o povo, para cumprir a lei do extermínio. ⁹Contudo, Saul e sua tropa pouparam Agag e o que havia de melhor em ovelhas e vacas, o gado mais gordo e os cordeiros. Não incluíram no extermínio o que havia de melhor; exterminaram apenas o que não valia nada.

¹⁰Javé dirigiu a palavra a Samuel, dizendo: ¹¹“Estou arrependido de ter feito Saul rei, porque ele se afastou de mim e não executou as minhas ordens”. Então

Samuel ficou triste e suplicou a Javé a noite inteira. ¹²De manhã, Samuel madrugou e foi ao encontro de Saul. Informaram a Samuel que Saul tinha ido a Carmel, para aí construir um monumento para si, e que depois tinha ido para Guilgal. ¹³Samuel se apresentou a Saul, que lhe disse: “Que Javé abençoe você. Eu cumpri a ordem de Javé”. ¹⁴Mas Samuel lhe perguntou: “E o que são esses balidos e mugidos que estou ouvindo?” ¹⁵Saul respondeu: “Nós os trouxemos de Amalec. A tropa deixou com vida as melhores ovelhas e vacas para oferecer em sacrifício a Javé seu Deus. Quanto ao resto, exterminamos tudo”.

¹⁶Samuel, porém, disse a Saul: “Cale-se! Deixe-me contar a você o que Javé me revelou esta noite”. Saul respondeu: “Pode falar”. ¹⁷Samuel disse: “Embora se considere pequeno, você é o chefe das tribos de Israel, porque Javé ungiu você como rei de Israel. ¹⁸Ele enviou você nessa expedição e ordenou: ‘Vá e extermine completamente esses amalecitas pecadores, combatendo-os até acabar com eles’. ¹⁹Por que você não obedeceu a Javé? Por que se apoderou dos despojos, fazendo o que Javé reprova?” ²⁰Saul respondeu a Samuel: “Mas eu obedeci a Javé! Fiz a expedição para a qual ele me enviou, trouxe Agag, rei de Amalec, e cumpri a lei do extermínio contra os amalecitas. ²¹E se a tropa reteve ovelhas e vacas dos despojos, o melhor daquilo que deveria ser exterminado, foi para sacrificar a Javé seu Deus em Guilgal”. ²²Samuel, porém, replicou: “O que é que Javé prefere? Que lhe ofereçam holocaustos e sacrifícios, ou que obedeçam à sua palavra? Obedecer vale mais do que oferecer sacrifícios. Ser dócil é mais importante do que a gordura de carneiros. ²³A rebelião é um pecado de feitiçaria, e a obstinação é um crime de idolatria. Você rejeita a palavra de Javé. Por isso, ele rejeita você como rei”.

²⁴Então Saul disse a Samuel: “Pequei. Desobedeci à ordem de Javé e ao que você mandou. Fiquei com medo da tropa e obedeci a ela. ²⁵Agora, porém, perdoe meu pecado, venha comigo e eu adorarei a Javé”. ²⁶Mas Samuel respondeu: “Não voltarei com você. Porque você rejeitou a palavra de Javé, Javé rejeita você como rei de Israel”. ²⁷Quando Samuel se virou para partir, Saul agarrou a barra do manto dele, rasgando o manto. ²⁸Samuel lhe disse: “Javé arranca hoje de você o reinado sobre Israel e o entrega a outro mais digno do que você. ²⁹O esplendor de Israel não mente, nem se arrepende, porque não é homem para se arrepender”. ³⁰Saul respondeu: “Está certo, eu pequei. Mas agora, salve minha honra diante dos anciãos do povo e de Israel. Volte comigo, para que eu adore Javé seu Deus”. ³¹Então Samuel voltou em companhia de

Saul, e este adorou a Javé.

³²Depois Samuel disse: “Tragam-me Agag, o rei dos amalecitas”. Agag se aproximou tremendo, e disse: “É a hora amarga da morte!” ³³Samuel lhe disse: “Assim como sua espada deixou muitas mães sem filhos, também sua mãe ficará entre elas sem o seu filho”. E Samuel degolou Agag diante de Javé, em Guilgal.

³⁴Depois Samuel voltou para Ramá. E Saul foi para sua casa, em Gabaá de Saul. ³⁵Enquanto viveu, Samuel nunca mais viu Saul. Contudo, Samuel chorava por Saul, porque Javé se havia arrependido de ter feito Saul rei de Israel. [\[15,1-35\]](#)

III. SAUL E DAVI: COMPETIÇÃO PELA SUPREMACIA

1. Davi entra na corte

16 *Javé olha o coração* — ¹Javé disse a Samuel: “Até quando você vai ficar lamentando Saul? Fui eu mesmo que o rejeitei como rei de Israel. Encha a vasilha de óleo. Ordeno que você vá ter com a família de Jessé, o belemita, porque eu escolhi um rei entre os filhos dele”. ²Samuel replicou: “Como posso ir? Saul me matará, se ficar sabendo!” Javé, porém, disse: “Leve um bezerro, e diga que foi fazer um sacrifício para Javé. ³Convide Jessé para o sacrifício, e eu mostrarei o que você deverá fazer; você ungirá para mim aquele que eu apontar”.

⁴Samuel fez o que Javé mandou. Quando chegou a Belém, os anciãos da cidade foram ansiosos ao seu encontro, e perguntaram: “Você está vindo em missão de paz?” ⁵Samuel respondeu: “Sim. Eu vim para oferecer um sacrifício a Javé. Purifiquem-se e venham comigo para o sacrifício”. Samuel purificou Jessé e seus filhos e os convidou para o sacrifício.

⁶Quando chegou, Samuel viu Eliab e pensou: “Certamente é esse que Javé quer ungir!” ⁷Javé, porém, disse a Samuel: “Não se impressione com a aparência ou estatura dele. Não é esse que eu quero, porque Deus não vê como o homem, porque o homem olha as aparências, e Javé olha o coração”. ⁸Jessé chamou Abinadab e o apresentou a Samuel. E Samuel disse: “Também não foi esse que Javé escolheu”. ⁹Jessé apresentou Sama, mas Samuel disse: “Também não foi esse que Javé escolheu”. ¹⁰Jessé apresentou a Samuel sete dos seus filhos. E Samuel respondeu: “Não foi nenhum desses que Javé escolheu”. ¹¹Então Samuel perguntou a Jessé: “Estão aqui todos os seus filhos?” Jessé respondeu: “Falta o menor. Ele está tomando conta do rebanho”. Então Samuel disse a Jessé: “Mande buscá-lo, porque não nos sentaremos à mesa enquanto ele não chegar”. ¹²Jessé mandou chamá-lo e o fez entrar: era ruivo, seus olhos eram belos, e tinha boa aparência. E Javé disse: “Levante-se e unja o rapaz, porque é esse”. ¹³Samuel pegou a vasilha de óleo e ungiu o rapaz na presença dos irmãos. Desse dia em diante, o espírito de Javé permaneceu sobre Davi. Depois Samuel voltou para Ramá. [16,1-13]

Davi serve e domina Saul — ¹⁴O espírito de Javé afastou-se de Saul, e ele

começou a ficar agitado por um espírito mau, enviado por Javé. ¹⁵Então os servos de Saul lhe disseram: “Você está sendo agitado por um espírito mau enviado por Deus. ¹⁶Dê uma ordem, e nós, seus servos, vamos procurar alguém que saiba tocar harpa; desse modo, quando o espírito mau enviado por Deus o atormentar, alguém tocará para você, e você se sentirá melhor”. ¹⁷Então Saul ordenou: “Procurem alguém que saiba tocar bem e o tragam para mim”. ¹⁸Um dos servos disse: “Conheço um filho do belemita Jessé. Ele sabe tocar e é valente guerreiro. Além disso, fala bem, é de boa aparência e Javé está com ele”. ¹⁹Então Saul enviou mensageiros a Jessé com esta ordem: “Mande-me o seu filho Davi, que está com o rebanho”. ²⁰Jessé pegou cinco pães, uma vasilha com vinho e um cabrito, e mandou seu filho Davi levar tudo a Saul. ²¹Davi chegou ao palácio e se apresentou a Saul; o rei ficou muito bem impressionado com ele, e o tornou seu escudeiro. ²²E Saul mandou dizer a Jessé: “Davi ficará a meu serviço, porque eu gosto dele”. ²³Todas as vezes que o espírito de Deus atacava Saul, Davi pegava a harpa e tocava. Então Saul se acalmava, sentia-se melhor, e o espírito mau o deixava. [14-23]

17 *Davi e Golias: o fraco vence o poderoso* — ¹Os filisteus reuniram suas tropas para a guerra e se concentraram em Soco de Judá, e acamparam em Efes-Domim, entre Soco e Azeca. ²Saul e os israelitas se reuniram e acamparam no vale do Terebinto, e se puseram em ordem de batalha contra os filisteus. ³Os filisteus se colocaram na encosta da montanha, enquanto os israelitas ficaram na encosta de outra montanha, de modo que havia entre eles um vale.

⁴Saiu então do exército filisteu um guerreiro enorme chamado Golias, de Gat, com quase três metros de altura. ⁵Tinha na cabeça um capacete de bronze, vestia um colete de malha de bronze que pesava mais de cinquenta quilos, ⁶usava perneiras de bronze e tinha nos ombros um escudo de bronze. ⁷A haste de sua lança era como travessa de tear, e a ponta da lança pesava seis quilos. Seu escudeiro ia na frente.

⁸Golias postou-se na frente das fileiras de Israel e gritou: “Por que vocês saíram para lutar? Eu sou filisteu, e vocês são escravos de Saul. Escolham alguém para lutar comigo. ⁹Se ele for mais forte e me derrotar, seremos escravos de vocês. Se eu for mais forte e o vencer, vocês serão nossos escravos e servirão a nós”. ¹⁰E continuou: “Estou desafiando hoje o exército de Israel! Apresentem alguém, e lutaremos corpo a corpo!” ¹¹Saul e os israelitas ouviram o desafio do filisteu e

ficaram cheios de medo.

¹²Davi era filho de um efrateu de Belém de Judá, chamado Jessé, que tinha oito filhos. No tempo de Saul, Jessé era velho, de idade avançada. ¹³Os três filhos mais velhos tinham-se alistado para a guerra, seguindo a Saul. O primeiro se chamava Eliab, o segundo Abinadab, e o terceiro Sama. ¹⁴Davi era o caçula. Os três mais velhos foram com Saul, ¹⁵e Davi ia e vinha do serviço de Saul para cuidar do rebanho de seu pai em Belém.

¹⁶O filisteu avançava de manhã e de tarde, e assim se apresentou durante quarenta dias. ¹⁷Jessé disse ao seu filho Davi: “Pegue estas três arrobas de grão torrado e estes dez pães, e leve-os para seus irmãos no acampamento. ¹⁸Leve também estes dez queijos para o comandante. Veja como está a saúde de seus irmãos e me traga uma prova de que estão vivos. ¹⁹Eles estão com Saul e os israelitas, combatendo os filisteus no vale do Terebinto”.

²⁰Davi se levantou de madrugada, deixou o rebanho aos cuidados de um guarda, pegou a carga e partiu, como Jessé lhe havia ordenado. Quando chegou perto das trincheiras, o exército estava saindo para tomar posição e lançava o grito de guerra. ²¹Israelitas e filisteus entraram em formação, frente a frente. ²²Davi deixou a carga com o bagageiro, correu para a linha de batalha e perguntou aos irmãos se estavam bem. ²³Enquanto conversava com eles, o guerreiro filisteu chamado Golias, de Gat, saiu das fileiras do exército filisteu e fez o desafio. Davi ouviu tudo. ²⁴E os israelitas, quando viram o homem, fugiram apavorados. ²⁵Um israelita disse: “Vocês viram aquele homem que subiu? Ele veio para desafiar Israel. A quem o vencer, o rei encherá de riquezas e lhe dará sua filha, além de deixar sua família livre de impostos em Israel”.

²⁶Então Davi perguntou aos que estavam com ele: “E o que vão dar ao homem que vencer esse filisteu e salvar a honra de Israel? Quem é esse filisteu incircunciso para desafiar o exército do Deus vivo?” ²⁷Os soldados repetiram para Davi o que já haviam dito: “Quem o vencer receberá tal prêmio”. ²⁸Eliab, o irmão mais velho, ouviu Davi falando com os soldados e ficou bravo: “O que é que você veio fazer aqui? Com quem você deixou aquelas poucas ovelhas no deserto? Sei que você é metido e tem malícia no coração: você veio só para assistir à batalha!” ²⁹Davi respondeu: “Mas o que foi que eu fiz? Será que não se pode fazer uma pergunta?” ³⁰Separou-se do irmão, dirigiu-se a outra pessoa, fez a mesma pergunta, e todos lhe deram a mesma resposta. ³¹Quando se soube o que Davi tinha falado, contaram a Saul, e o rei o chamou.

³²Davi disse a Saul: “Ninguém deve ficar desanimado. Este seu servo irá lutar com o tal filisteu!” ³³Saul respondeu a Davi: “Você não pode lutar com o filisteu! Você é apenas um rapaz! Ele é guerreiro desde a juventude!” ³⁴Davi replicou: “Seu servo é pastor das ovelhas de meu pai. Se chega um leão ou urso e agarra uma ovelha do rebanho, ³⁵eu vou atrás, o ataco e arranco a ovelha de sua goela; se ele me ataca, eu o agarro pela juba e o mato a pauladas. ³⁶Seu servo é capaz de matar leões e ursos. Pois bem: esse filisteu incircunciso, que desafiou o exército do Deus vivo, será como um deles”. ³⁷E Davi acrescentou: “Javé me livrou das garras do leão e do urso. Ele me livrará também das mãos desse filisteu”. Então Saul lhe disse: “Vá. E que Javé esteja com você!” ³⁸Saul vestiu Davi com sua própria armadura, colocou-lhe na cabeça um capacete de bronze, revestiu-o com a sua couraça, ³⁹e pôs a espada na cintura dele, sobre a armadura. Em vão Davi tentou andar, pois nunca tinha usado nada disso. Então falou a Saul: “Não consigo nem andar com essas coisas. Não estou acostumado”. Tirou tudo, ⁴⁰pegou o cajado, escolheu cinco pedras bem lisas no riacho e as colocou no seu bernal. Depois pegou a funda e foi ao encontro do filisteu.

⁴¹O filisteu, tendo na frente o escudeiro, foi se aproximando cada vez mais de Davi. ⁴²Olhou Davi de alto a baixo e o desprezou, porque era jovem. Além disso, ruivo e de bela aparência. ⁴³O filisteu disse a Davi: “Será que sou um cão, para você vir ao meu encontro com um pedaço de pau?” Depois invocou seus deuses para amaldiçoar Davi. ⁴⁴E disse: “Venha cá. Vou dar sua carne para as aves do céu e os animais do campo!” ⁴⁵Mas Davi replicou: “Você vem contra mim armado de espada, lança e escudo. E eu vou contra você em nome de Javé dos exércitos, o Deus do exército de Israel, que você desafiou. ⁴⁶Hoje mesmo Javé entregará você em minhas mãos: vou ferir você e arrancarei a sua cabeça; hoje mesmo vou entregar seu cadáver e os cadáveres do exército dos filisteus para as aves do céu e os animais do campo. Desse modo, toda a terra saberá que existe um Deus em Israel. ⁴⁷Toda essa multidão saberá que não é com espada e lança que Javé sai vitorioso, porque se trata de uma guerra de Javé, e ele entregará vocês em nossas mãos”.

⁴⁸Enquanto o filisteu se aprumava e se aproximava de Davi pouco a pouco, Davi correu depressa para se posicionar e enfrentar o filisteu. ⁴⁹Davi enfiou a mão no bernal, pegou uma pedra, atirou-a com a funda e acertou na testa do filisteu. A pedra afundou na testa do filisteu, que caiu de bruços no chão. ⁵⁰Assim Davi foi mais forte que o filisteu, apenas com uma funda e uma pedra:

sem espada na mão, feriu e matou o filisteu. ⁵¹Davi correu, parou diante do filisteu, pegou a espada dele, a desembainhou e com ela acabou de matá-lo, cortando-lhe a cabeça. Quando os filisteus viram morto o herói deles, bateram em retirada. ⁵²Os homens de Israel e Judá se levantaram, deram o grito de guerra e se puseram a perseguir os filisteus até a entrada de Gat e até às portas de Acaron. Cadáveres de filisteus foram caindo por terra no caminho de Saarim, até Gat e Acaron. ⁵³Depois da perseguição aos filisteus, os israelitas voltaram e saquearam o acampamento deles. ⁵⁴Davi pegou a cabeça do filisteu e a levou para Jerusalém. Quanto às armas dele, levou-as para a sua própria tenda.

⁵⁵Quando Saul viu Davi sair ao encontro do filisteu, disse a Abner, comandante do exército: “Abner, quem é o pai desse moço?” Abner respondeu: “Por sua vida, ó rei! Eu não sei”. ⁵⁶O rei disse: “Então procure saber quem é o pai desse rapaz”. ⁵⁷Quando Davi matou o filisteu e voltou, Abner o pegou e o levou até Saul. Davi estava com a cabeça do filisteu na mão. ⁵⁸Saul lhe perguntou: “Quem é seu pai, rapaz?” Davi respondeu: “Sou filho de seu servo Jessé, o belemita”.
[17,1-58]

18 *Amizade e inimizade* — ¹Quando Davi terminou de falar com Saul, Jônatas se afeioou a Davi, e Jônatas o amou como a si mesmo. ²Nesse dia, Saul reteve Davi e não deixou que ele voltasse para a casa de seu pai. ³Jônatas fez um pacto com Davi, porque o amava como a si mesmo. ⁴Jônatas tirou o manto que usava e o deu a Davi, juntamente com suas roupas, a espada, o arco e o cinturão. ⁵Nas expedições, em qualquer parte por onde Saul mandava Davi, este se saía bem. Então Saul o estabeleceu como chefe dos homens de guerra. Ele era estimado por toda a tropa e também pelos ministros de Saul.

⁶Quando chegaram, depois que Davi matou o filisteu, as mulheres de todas as cidades de Israel saíam cantando e dançando ao encontro do rei Saul, ao som de tamborins, marimbas e gritos de alegria. ⁷As mulheres dançavam e cantavam em coro: “Saul matou mil, mas Davi matou dez mil”. ⁸Saul ficou muito irritado, pois não gostou nada dessa afirmação. E disse: “Deram dez mil para Davi, e mil para mim. Que mais lhe falta, senão a realeza?” ⁹E desse dia em diante, Saul olhava Davi com inveja.

¹⁰No dia seguinte, um espírito mau provindo de Deus tomou conta de Saul, que começou a delirar dentro de casa. Como de costume, Davi estava tocando harpa e Saul tinha a lança na mão. ¹¹Saul atirou a lança, dizendo: “Vou cravar Davi na parede”. Davi, porém, conseguiu escapar duas vezes.

¹²Saul tinha medo de Davi, porque Javé tinha abandonado Saul e agora estava com Davi. ¹³Por isso, Saul afastou Davi, nomeando-o chefe de uma ala do exército. E Davi comandava expedições da tropa. ¹⁴Em todas as campanhas, Davi se saía muito bem, e Javé estava com ele. ¹⁵Saul via que Davi era sempre bem-sucedido, e entrou em pânico. ¹⁶Mas todos em Israel e Judá gostavam de Davi, porque era ele quem os guiava em suas expedições.

¹⁷Saul disse a Davi: “Olhe! Vou lhe dar como esposa Merob, minha filha mais velha, com a condição de que você me sirva como guerreiro e faça as guerras de Javé”. Na verdade, Saul pensava: “É melhor que ele seja morto pelos filisteus, e não por mim”. ¹⁸Davi respondeu a Saul: “Quem sou eu? E que importância tem a família de meu pai em Israel, para eu me tornar genro do rei?” ¹⁹Mas, quando chegou o tempo de Saul dar sua filha Merob a Davi, ela foi dada a Adriel de Meola. ²⁰Micol, a outra filha de Saul, se apaixonou por Davi. Contaram isso a Saul e ele gostou, ²¹pensando: “Vou dar minha filha como armadilha: assim Davi cairá em poder dos filisteus”. E Saul disse a Davi: “Hoje você vai ter uma segunda oportunidade para se tornar meu genro”. ²²Então Saul ordenou aos servos: “Falem confidencialmente a Davi assim: ‘Olhe! O rei aprecia muito você, e todos os ministros dele estimam você. Aceite ser genro do rei’ ”. ²³Os ministros de Saul insinuaram isso a Davi, mas ele respondeu: “Vocês acham que não é nada ser genro do rei? Eu sou um homem pobre e sem recursos”. ²⁴Os ministros comunicaram a Saul o que Davi tinha respondido. ²⁵Então Saul disse: “Falem assim a Davi: ‘O rei não está querendo dinheiro; ele se contenta com cem prepúcios de filisteus, como vingança contra seus inimigos’ ”. Saul estava planejando que Davi caísse em poder dos filisteus.

²⁶Os ministros de Saul comunicaram a proposta a Davi, e Davi achou que era uma condição justa para se tornar genro do rei. O prazo ainda não estava esgotado, ²⁷e Davi se pôs em campanha com seus homens. Matou duzentos filisteus, tirou-lhes os prepúcios e os levou ao rei, para se tornar seu genro. Então Saul deu a Davi sua filha Micol como esposa.

²⁸Saul percebeu que Javé estava com Davi e que sua filha Micol estava apaixonada por ele. ²⁹Então Saul ficou com mais medo ainda de Davi e se tornou inimigo ferrenho de Davi. ³⁰Os chefes dos filisteus saíram para a guerra, mas toda vez que saíam, Davi tinha mais sucesso do que os ministros de Saul. Desse modo, Davi conquistou grande fama.

19¹Saul contou a seu filho Jônatas e a todos os seus ministros que estava querendo matar Davi. Ora, Jônatas, filho de Saul, tinha grande afeição por Davi. ²Então Jônatas informou Davi: “Meu pai quer matar você. Fique de sobreaviso amanhã cedo, e esconda-se em lugar seguro. ³Eu sairei e ficarei do lado de meu pai no campo onde você estiver. Falarei com ele sobre você, ficarei sabendo o que há e contarei a você”.

⁴Jônatas falou bem de Davi a seu pai Saul, e disse: “Que o rei não ofenda seu servo Davi. Ele não fez nada contra você. Pelo contrário: tudo o que ele fez é de grande vantagem para você. ⁵Davi arriscou a vida, matou o filisteu, e Javé deu uma grande vitória para Israel. Você viu isso e ficou contente. Agora, não vá pecar derramando sangue inocente, matando Davi sem motivo”. ⁶Saul atendeu o pedido de Jônatas e jurou: “Pela vida de Javé! Davi não morrerá”. ⁷Então Jônatas chamou Davi e lhe contou essas coisas. Depois o levou a Saul. E Davi voltou ao palácio como antes. [\[18,1-19,7\]](#)

2. Davi foge de Saul

O profeta está acima do poder político — ⁸A guerra começou de novo e Davi saiu para lutar contra os filisteus. Estes foram derrotados e fugiram. ⁹Ora, um espírito mau, vindo da parte de Javé, se apoderou de Saul, quando estava sentado em casa, com a lança na mão, enquanto Davi tocava harpa. ¹⁰Saul tentou cravar Davi na parede, mas Davi se desviou e a lança fincou na parede. Então Davi se salvou fugindo. Nessa mesma noite, ¹¹Saul mandou emissários para vigiar a casa de Davi e matá-lo de manhã. Então Micol, mulher de Davi, o avisou: “Se você não fugir esta noite, amanhã será homem morto”. ¹²E Micol o fez descer pela janela, e Davi se salvou fugindo. ¹³Depois Micol pegou o ídolo, deitou-o na cama, colocou na cabeça dele uma pele de cabra e estendeu sobre ele um manto. ¹⁴Quando chegaram os emissários de Saul para levar Davi, Micol disse: “Ele está doente”. ¹⁵Mas Saul mandou outra vez os emissários para que vissem Davi; e ordenou: “Tragam Davi com cama e tudo, pois eu quero matá-lo”. ¹⁶Os emissários entraram na casa e encontraram o ídolo na cama, com a pele de cabra na cabeceira. ¹⁷Então Saul disse a Micol: “Por que você me enganou? Você deixou meu inimigo escapar”. Micol respondeu: “Ele me ameaçou, e disse que me mataria se não o deixasse partir”.

¹⁸Enquanto isso, Davi se salvou fugindo. Foi encontrar-se com Samuel em Ramá, e lhe contou tudo o que Saul havia feito. Então os dois foram alojar-se num convento de profetas. ¹⁹Quando comunicaram a Saul que Davi estava no convento, em Ramá, ²⁰Saul mandou emissários para prender Davi. Eles encontraram a comunidade de profetas em transe, e Samuel estava presidindo. Logo o espírito de Deus veio também sobre os emissários de Saul, e eles também entraram em transe. ²¹Informado do que estava acontecendo, Saul mandou outros emissários, e também esses entraram em transe. Saul enviou ainda um terceiro grupo de emissários, e também eles entraram em transe. ²²Então o próprio Saul foi para Ramá. Ao chegar junto ao grande poço que estava em Soco, perguntou onde estavam Samuel e Davi. Responderam: “Estão no convento, em Ramá”. ²³Saul foi até o convento, em Ramá, e também ele foi tomado pelo espírito de Deus, entrou em transe e foi caminhando até chegar ao convento em Ramá. ²⁴Saul tirou a roupa e ficou em transe diante de Samuel, e nu ficou deitado no chão; e assim ficou o dia inteiro e toda a noite. Daí o

provérbio: “Até Saul entre os profetas?” [19,8-24]

20 *Em nome da amizade* — ¹Davi fugiu do convento de Ramá, foi encontrar-se com Jônatas, e lhe perguntou: “O que foi que eu fiz? Que crime ou erro cometi contra seu pai, para que ele queira me matar?” ²Jônatas respondeu: “Não se preocupe com isso. Você não vai morrer. Meu pai não faz nada que seja importante ou menos importante, sem antes me informar. Por que meu pai esconderia de mim esse plano? Impossível”. ³Mas Davi insistiu: “Seu pai sabe muito bem que você me ajuda, e por isso pensa: ‘Que Jônatas não fique sabendo disso para não ter um desgosto’. Mas, pela vida de Javé e pela sua vida, eu estou a um passo da morte”. ⁴Jônatas disse a Davi: “O que você quer que eu faça?” ⁵Davi respondeu: “Amanhã é lua nova, e eu deverei comer com o rei. Deixe-me ir embora. Vou esconder-me no campo até à tarde. ⁶Se o seu pai sentir a minha falta, diga que eu pedi licença a você para ir correndo a Belém, minha cidade, porque todo o meu clã está celebrando aí o sacrifício anual. ⁷Se ele disser que está bem, estou a salvo; se ele ficar furioso, é sinal que decidiu me matar. ⁸Seja leal com este servo, porque estamos unidos por um pacto sagrado. Se cometi algum crime, mate-me você mesmo; não precisa me entregar a seu pai”. ⁹Jônatas replicou: “Nem pense nisso. Se eu souber que meu pai decidiu matar você, fique certo que eu o avisarei”. ¹⁰Davi perguntou: “Quem vai me avisar, se seu pai responder com aspereza?” ¹¹Jônatas respondeu: “Vamos para o campo”. E os dois foram para o campo. ¹²Então Jônatas disse a Davi: “Por Javé, Deus de Israel, eu prometo a você: Amanhã ou depois de amanhã, nesta mesma hora, eu vou sondar meu pai, para ver se tudo está bem para você. Caso contrário, eu lhe mandarei secretamente um recado. ¹³Se ele planeja algum mal contra você, que Javé me castigue se eu não avisar você para que se ponha a salvo. Que Javé esteja com você, assim como esteve com meu pai. ¹⁴Se eu ainda estiver vivo, cumpra comigo o pacto sagrado; se eu estiver morto, ¹⁵não deixe nunca de favorecer a minha família. E quando Javé aniquilar da face da terra os inimigos de Davi, ¹⁶que o nome de Jônatas não seja eliminado da família de Davi. Que Javé peça contas aos inimigos de Davi!”

¹⁷Jônatas repetiu o juramento feito a Davi, porque lhe queria bem e o amava como a si mesmo. ¹⁸E Jônatas lhe disse: “Amanhã é lua nova e sua falta será notada, porque sua cadeira estará vazia. ¹⁹Depois de amanhã, sua ausência chamará muito a atenção. Vá para onde você se escondeu da outra vez, e fique

junto às pedras. ²⁰Eu atirarei três flechas nessa direção, como se estivesse atirando num alvo. ²¹Então mandarei um servo pegar as flechas. Se eu disser ao servo: ‘As flechas estão mais atrás de você, ajunte-as’, então venha e pode ficar tranquilo, pois não está acontecendo nada. Pela vida de Javé! ²²Mas, se eu disser ao rapaz: ‘As flechas estão mais na frente’, é porque Javé manda você ir embora. ²³Quanto ao que eu e você combinamos, Javé é testemunha entre nós”. ²⁴Então Davi se escondeu no campo.

A lua nova chegou e o rei estava sentado à mesa para comer. ²⁵Como de costume, o rei estava sentado no lado da parede. Jônatas sentou-se na frente, e Abner sentou-se ao lado de Saul. O lugar de Davi ficou vazio. ²⁶Nesse dia, Saul não disse nada, porque pensava: “É coincidência; ele não está puro, e ainda não se purificou”. ²⁷No outro dia da lua nova, no segundo dia, o lugar de Davi continuou vazio. Então Saul disse a seu filho Jônatas: “Por que o filho de Jessé não veio nem ontem nem hoje para a refeição?” ²⁸Jônatas respondeu a Saul: “Davi me pediu com insistência para ir a Belém. ²⁹Ele me disse: ‘Deixe-me ir, por favor, pois haverá na cidade um sacrifício para o nosso clã, e meus irmãos querem que eu esteja presente; se lhe parece bem, deixe-me ir ao encontro de meus irmãos’. É por isso que ele não está presente na mesa do rei”.

³⁰Então Saul ficou com raiva de Jônatas e lhe disse: “Filho de uma transviada! Pensa que eu não sei que você está do lado do filho de Jessé, para sua vergonha e para vergonha da nudez de sua mãe? ³¹Enquanto o filho de Jessé estiver vivo na terra, nem você nem seu reino estarão seguros. Trate de encontrá-lo e traga-o aqui, porque ele merece a morte”. ³²Jônatas perguntou a seu pai Saul: “Por que ele merece a morte? O que foi que ele fez?” ³³Então Saul atirou a lança para matar Jônatas. Então Jônatas percebeu que seu pai tinha decidido matar Davi. ³⁴Jônatas se levantou da mesa enfurecido, e não comeu nada nesse segundo dia do mês, porque seu pai tinha insultado Davi.

³⁵Na manhã seguinte, Jônatas foi ao campo, acompanhado de um jovem servo, para se encontrar com Davi. ³⁶Disse então ao servo: “Corra e procure as flechas que vou atirar”. O jovem correu, e Jônatas atirou uma flecha que o ultrapassou. ³⁷Quando o servo chegou perto da flecha que tinha atirado, Jônatas gritou: “A flecha não está para lá de você?” ³⁸E Jônatas continuou: “Corra depressa; não fique aí parado”. O servo de Jônatas apanhou a flecha e a trouxe de volta a seu senhor. ³⁹O servo não desconfiou de nada, porque só Jônatas e Davi sabiam do que se tratava. ⁴⁰Então Jônatas entregou suas armas ao servo e ordenou: “Volte e

leve-as para a cidade”. ⁴¹Quando o servo foi embora, Davi saiu do esconderijo, caiu com o rosto por terra e se prostrou três vezes. Em seguida, os dois se abraçaram e choraram bastante. ⁴²Jônatas disse a Davi: “Nós juramos um ao outro em nome de Javé. Que Javé seja sempre juiz entre mim e você, e entre os meus e seus filhos”.

21 ¹Então Davi se levantou e partiu. Jônatas voltou para a cidade. [20,1-21,1]

Davi fugitivo — ²Davi chegou a Nob e foi encontrar-se com o sacerdote Aquimelec. Este foi ansiosamente ao encontro de Davi e lhe perguntou: “Por que você veio sozinho, sem ninguém?” ³Davi respondeu: “O rei me encarregou de um assunto e me disse que ninguém deveria saber nada de suas ordens e do assunto que me confiou. Marquei encontro com os meus homens em certo lugar. ⁴Agora, se você tem à disposição cinco pães, dê para mim, ou então qualquer outra coisa que você encontrar”. ⁵O sacerdote respondeu: “Não tenho pães comuns à minha disposição. Tenho só pães sagrados. Se seus homens não tiverem tido contato com mulheres, poderão comê-los”. ⁶Davi respondeu: “Claro. Sempre que saímos para uma expedição, ainda que seja de natureza profana, nós nos abstermos de mulher. Quanto mais hoje! Os rapazes se conservam limpos”. ⁷Então o sacerdote lhe deu pão sagrado, porque aí só havia pão oferecido a Javé, que era retirado da presença de Javé para ser substituído por pão do dia. ⁸Nesse dia, estava aí, preso no santuário, um dos empregados de Saul. Ele se chamava Doeg, o edomita, e era o chefe dos pastores de Saul. ⁹Davi disse a Aquimelec: “Você não tem à mão alguma lança ou espada? Eu não peguei nem a minha espada, nem as minhas armas, porque a ordem do rei era urgente”. ¹⁰O sacerdote respondeu: “Está ali embrulhada num manto, atrás do efod, a espada de Golias, o filisteu que você matou no vale do Terebinto. Se você quiser, leve-a. Por aqui não há outra”. Davi disse: “Não há nada melhor. Dê-me essa espada”.

¹¹Nesse dia, Davi fugiu para longe de Saul e foi encontrar-se com Aquis, rei de Gat. ¹²Mas os servos de Aquis disseram: “Este não é Davi, o rei do país? Não era para ele que dançavam cantando: ‘Saul matou mil, mas Davi matou dez mil’?” ¹³Davi ouviu o comentário e ficou com medo de Aquis, rei de Gat. ¹⁴Então Davi se fez de bobo diante deles e começou a fingir que estava louco: começou a tamborilar nos batentes da porta e deixava a baba escorrer pela barba. ¹⁵Aquis disse aos que o serviam: “Esse homem está louco! Por que vocês o

trouxeram aqui? ¹⁶Já não tenho loucos de sobra, para vocês me trazerem mais um, e me aborrecer com suas doidices? O que é que ele veio fazer no meu palácio?” [\[21,2-16\]](#)

3. *Davi, chefe dos descontentes*

22 *Os descontentes se reúnem* — ¹Davi saiu daí e se escondeu na caverna de Odolam. Quando seus parentes e toda a sua família ficaram sabendo, foram encontrar-se com ele. ²Todos os que estavam em dificuldades, todos os endividados e todos os descontentes se reuniram ao seu redor, e Davi se tornou chefe deles. Formou-se assim um grupo de quatrocentos homens. ³Davi partiu daí e foi para Masfa de Moab. Ele disse ao rei de Moab: “Permita que meu pai e minha mãe fiquem aqui com vocês até que eu saiba o que Deus quer de mim”. ⁴Davi os deixou com o rei de Moab, e eles ficaram com o rei durante todo o tempo em que Davi esteve escondido.

⁵O profeta Gad, porém, disse a Davi: “Não continue no esconderijo. Vá para o território de Judá”. Então Davi foi e se escondeu na floresta de Haret. [22,1-5]

O medo de perder o poder — ⁶Saul ficou sabendo que Davi fora visto com os homens que estavam com ele. Saul estava em Gabaá, debaixo do tamarindeiro no alto da colina, com a lança na mão e rodeado por todos os seus ministros. ⁷Então Saul disse aos que o acompanhavam: “Ouçam, benjaminitas: Será que o filho de Jessé vai dar a vocês terras e vinhas? Será que vai nomeá-los chefes e oficiais do seu exército, ⁸para que vocês estejam conspirando contra mim? Ninguém me avisou quando meu filho fez um pacto com o filho de Jessé; ninguém se interessou por mim, nem me contou que meu filho jogou contra mim o meu próprio servo, como está acontecendo hoje”.

⁹Doeg, o edomita, que estava entre os ministros de Saul, falou: “Eu vi o filho de Jessé chegar a Nob, na casa de Aquimelec, filho de Aquitob. ¹⁰E Aquimelec consultou Javé para Davi e também lhe deu provisões e a espada de Golias, o filisteu”. ¹¹Então Saul mandou chamar o sacerdote Aquimelec, filho de Aquitob, junto com toda a família dele, os sacerdotes de Nob. Todos se apresentaram ao rei, ¹²que lhes disse: “Escute, filho de Aquitob”. Ele respondeu: “Aqui estou, meu senhor”. ¹³Saul lhe perguntou: “Por que você e o filho de Jessé conspiraram contra mim? Você lhe deu comida e uma espada, e consultou a Deus em favor dele, para que se transformasse em inimigo meu, como está acontecendo hoje”. ¹⁴Aquimelec respondeu ao rei: “Quem é como Davi entre todos os ministros do rei? Ele é fiel, é genro do rei, chefe de sua guarda e honrado em seu palácio. ¹⁵Por acaso, foi a primeira vez que consultei a Deus para Davi? Longe de mim!

Que o rei não jogue tal acusação sobre o seu servo e toda a sua família. Seu servo não sabia nada sobre isso, nem muito, nem pouco”. ¹⁶O rei replicou: “Aquimelec, você vai morrer com toda a sua família”.

¹⁷Em seguida, o rei ordenou aos da sua guarda: “Aproximem-se e matem os sacerdotes de Javé, porque estão do lado de Davi; eles sabiam que Davi estava fugindo e não o denunciaram”. Mas os guardas do rei não quiseram levantar a mão para matar os sacerdotes de Javé. ¹⁸Então o rei ordenou a Doeg: “Vá você e mate os sacerdotes”. Doeg, o edomita, foi e matou os sacerdotes. Nesse dia, morreram oitenta e cinco homens que levavam o efod. ¹⁹Em Nob, a cidade dos sacerdotes, Saul passou a fio de espada homens e mulheres, crianças e recém-nascidos, bois, jumentos e ovelhas. ²⁰Escapou apenas um filho de Aquimelec, filho de Abiatar. Ele se chamava Abiatar, que saiu fugindo à procura de Davi. ²¹Abiatar contou a Davi que Saul tinha assassinado os sacerdotes de Javé. ²²E Davi lhe disse: “Naquele dia, eu percebi que Doeg, o edomita, estava presente e avisaria Saul. O responsável pela morte dos seus familiares sou eu. ²³Fique comigo e não tenha medo; quem quiser matar-me, também quererá matar você. Comigo você estará a salvo”. [6-23]

23 *Grupos em conflito* — ¹Mandaram avisar a Davi que os filisteus estavam atacando Ceila e saqueando as eiras. ²Davi consultou a Javé: “Posso ir atacar os filisteus?” Javé respondeu: “Pode ir. Você os derrotará e libertará Ceila”. ³Os homens de Davi, porém, lhe disseram: “Estamos em Judá, e já estamos com medo. Quanto mais se formos a Ceila para lutar contra as tropas dos filisteus!” ⁴Davi consultou outra vez a Javé. E Javé respondeu: “Pode descer até Ceila: eu vou entregar os filisteus em seu poder”. ⁵Então Davi foi com seus homens para Ceila, atacou os filisteus, tomou o gado deles e os derrotou completamente. Desse modo, conseguiu libertar os habitantes de Ceila. ⁶Quando Abiatar, filho de Aquimelec, fugiu para junto de Davi, também desceu a Ceila levando consigo o efod.

⁷Informaram a Saul que Davi tinha entrado em Ceila. E Saul comentou: “Deus o está entregando em meu poder. Ele caiu numa armadilha, pois entrou numa cidade com portas e trancas”. ⁸Então Saul convocou todo o seu exército para a guerra, para descer até Ceila e matar Davi e seus homens. ⁹Quando Davi soube que Saul estava tramando sua ruína, pediu ao sacerdote Abiatar: “Traga o efod”. ¹⁰E Davi consultou: “Javé, Deus de Israel, teu servo ouviu dizer que Saul está se

preparando para vir a Ceila e destruir a cidade por minha causa. ¹¹Saul vai mesmo descer, como teu servo ouviu falar? Javé, Deus de Israel, responde-me!” Javé respondeu: “Ele vai descer”. ¹²Davi perguntou: “Será que os notáveis de Ceila vão me entregar junto com meus homens ao poder de Saul?” Javé respondeu: “Sim. Eles vão entregar”. ¹³Então Davi e seus homens, cerca de seiscentos, saíram de Ceila e ficaram andando sem rumo. Saul ficou sabendo que Davi tinha escapado de Ceila. Então abandonou o plano.

¹⁴Davi foi morar no deserto, em lugares escondidos, na região montanhosa do deserto de Zif. E Saul andava continuamente à sua procura, mas Deus não deixava que Davi caísse nas mãos dele.

¹⁵Davi ficou com medo, quando estava no deserto de Zif, em Horesa, porque Saul tinha saído a sua procura para o matar. ¹⁶Jônatas, filho de Saul, foi encontrar-se com Davi em Horesa e o encorajou em nome de Deus. ¹⁷Jônatas lhe disse: “Não tenha medo, porque a mão de meu pai Saul não o alcançará. Você reinará sobre Israel, e eu serei o segundo. Até meu pai Saul sabe disso”. ¹⁸E os dois fizeram um pacto diante de Javé. Davi ficou em Horesa, e Jônatas voltou para casa.

¹⁹Algumas pessoas de Zif foram a Gabaá para contar a Saul: “Davi está escondido entre nós, entre os refúgios de Horesa, na colina de Áquila, ao sul da estepe. ²⁰Agora, majestade, quando o senhor quiser descer, desça. Cabe a nós entregá-lo nas mãos do rei”. ²¹Saul respondeu: “Javé lhes pague por se interessarem por mim. ²²Podem ir. Investiguem melhor. Procurem saber e ver o lugar por onde ele anda. Alguém chegou a vê-lo por aí? Porque me disseram que ele é muito esperto! ²³Procurem ver e saber sobre todos os refúgios onde ele se esconde. Depois voltem para mim, quando estiverem bem seguros. Então eu irei com vocês: se ele estiver no país, vou revirar todos os clãs de Judá até encontrá-lo”. ²⁴Eles então partiram para Zif, na frente de Saul. Davi e seus homens estavam no deserto de Maon, na Arabá, ao sul da estepe. ²⁵Saul e seus homens foram à procura de Davi. Ao ser informado, Davi desceu para Sela e ficou morando no deserto de Maon. Saul soube e foi atrás de Davi no deserto de Maon. ²⁶Saul ia por um lado da montanha, enquanto Davi e seus homens iam pelo outro lado. Davi apertava o passo para escapar de Saul. E Saul com seus homens já estavam rodeando Davi e seus homens para cercá-los, ²⁷quando chegou um mensageiro para Saul, levando esta notícia: “Venha depressa, porque os filisteus fizeram uma incursão contra o país”. ²⁸Então Saul parou de perseguir

Davi e voltou para enfrentar os filisteus. É por isso que deram a esse lugar o nome de Rocha da Divisão. [23,1-28]

24 *Davi não usurpa o poder* — ¹Davi saiu daí e foi abrigar-se nos esconderijos de Engadi. ²Quando Saul voltou da perseguição aos filisteus, foi avisado: “Davi está no deserto de Engadi”. ³Saul pegou três mil homens escolhidos de todo o Israel e foi à procura de Davi e seus homens, junto às Rochas das Cabras. ⁴Chegou junto a uns currais de ovelhas que estavam perto do caminho. Aí havia uma caverna, e Saul entrou nela para fazer suas necessidades. Davi e seus homens estavam no fundo da caverna. ⁵E os companheiros de Davi lhe disseram: “Hoje é o dia em que Javé diz a você: Eu lhe entrego seu inimigo; faça com ele o que você quiser”. Davi levantou-se e cortou um pedaço da barra do manto de Saul, sem que este percebesse. ⁶Depois de fazer isso, Davi sentiu o coração bater forte por ter cortado um pedaço da barra do manto de Saul. ⁷Depois disse a seus homens: “Javé me livrou de fazer isso ao meu senhor, de levantar a mão contra ele, porque é o ungido de Javé”. ⁸Com essas palavras, Davi conteve seus homens e impediu que atacassem Saul.

Então Saul deixou a gruta e continuou o seu caminho. ⁹Foi quando Davi se levantou, saiu da gruta e gritou: “Senhor, meu rei!” Saul virou-se, e Davi se inclinou até o chão e se prostrou. ¹⁰Depois disse a Saul: “Por que você dá ouvidos a esses que andam dizendo que Davi lhe quer fazer mal? ¹¹Veja com seus próprios olhos: hoje mesmo Javé me entregou você dentro da caverna. Disseram-me para matá-lo, mas eu o respeitei e falei que não estenderia a mão contra o meu senhor, porque você é o ungido de Javé. ¹²Meu pai, olhe aqui em minha mão um pedaço do seu manto; se eu lhe cortei a barra do manto e não o matei, reconheça que não sou maldoso nem traidor. Embora você me persiga para me matar, eu não pequei contra você. ¹³Que Javé seja nosso juiz. Ele poderá me vingar de você, mas contra você minha mão jamais se levantará. ¹⁴Como diz o antigo provérbio: ‘Dos maus vem a maldade’. E a minha mão não se levantará contra você. ¹⁵Contra quem saiu o rei de Israel? A quem está perseguindo? A um cão morto, a uma pulga! ¹⁶Que Javé seja juiz entre nós e dê a sentença. Que ele veja e defenda a minha causa, livrando-me das mãos de você”.

¹⁷Quando Davi terminou de falar, Saul exclamou: “É você mesmo que está falando, meu filho Davi?” E começou a gritar e chorar. ¹⁸Depois disse a Davi:

“Você é inocente, e eu não. Você me fez o bem, e eu lhe fiz o mal. ¹⁹Hoje você me fez o maior favor, pois Javé me entregou a você, e você não me matou. ²⁰Se alguém encontra um inimigo, será que vai deixá-lo ir em paz? Que Javé lhe pague o bem que você me fez hoje. ²¹Agora eu sei que você será rei, e que o reino de Israel se firmará em sua mão. ²²Pois bem! Jure-me, por Javé, que não exterminará minha descendência e não fará desaparecer o meu nome e o nome da minha família”. ²³Então Davi fez o juramento a Saul. Depois Saul voltou para casa, e Davi com seus homens subiram para o esconderijo. [24,1-23]

25 *O bom senso de uma mulher* — ¹Samuel morreu. Todo o Israel se reuniu e fez luto por ele e o sepultou junto aos seus em Ramá. Davi continuou suas andanças e desceu para o deserto de Farã.

²Em Maon havia um homem que tinha propriedades em Carmel; era homem muito importante e possuía três mil ovelhas e mil cabras. Nessa ocasião, ele estava em Carmel, tosquiando suas ovelhas. ³Ele se chamava Nabal, e sua mulher, Abigail. Ela era mulher sensata e muito bonita, mas o marido era intratável e prepotente; era um calebita. ⁴No deserto, Davi soube que Nabal estava tosquiando as ovelhas. ⁵Mandou então dez moços, dizendo-lhes: “Subam até Carmel, apresentem-se a Nabal e o saúdem em meu nome ⁶deste modo: ‘Saudações. A paz esteja com você, com a sua família e com tudo o que você possui. ⁷Eu soube que você está fazendo a tosquia do seu rebanho. Pois bem. Pastores seus estiveram entre nós; e nós não os incomodamos, nem lhes foi tirado nada enquanto estiveram em Carmel. ⁸Pergunte a seus rapazes, e eles confirmarão o que estou dizendo. Atenda bem estes moços, porque é um dia de festa para nós. Por favor, dê para estes seus servos e para Davi o que você tem à mão’ ”. ⁹Os moços foram e disseram a Nabal tudo o que Davi tinha mandado; e ficaram esperando. ¹⁰Nabal respondeu aos moços: “Quem é Davi e quem é o filho de Jessé? Hoje em dia existem muitos servos que fogem do seu patrão. ¹¹Será que eu vou pegar o pão, a água e as ovelhas, que abati para os meus tosquiadores, e dar a homens que nem sei de onde vêm?” ¹²Então os moços de Davi se afastaram e foram embora. Voltaram para junto de Davi e lhe contaram tudo o que lhes fora dito por Nabal. ¹³Davi disse a seus homens: “Cada um pegue a sua espada”. Cada um pegou a sua e Davi também. Cerca de quatrocentos homens subiram com Davi, enquanto duzentos ficaram com as bagagens.

¹⁴Um dos rapazes informou Abigail, mulher de Nabal: “Davi enviou mensageiros do deserto para cumprimentar o nosso patrão, e ele os expulsou.

¹⁵Ora, esses homens foram muito bons para nós, não nos incomodaram e não sentimos falta de nada no tempo em que caminhamos entre eles e estivemos no campo. ¹⁶Tanto de dia como de noite, eles nos protegeram todo o tempo em que estivemos com eles pastoreando o nosso rebanho. ¹⁷Agora, decida e veja o que fazer, porque a destruição do nosso patrão e de toda a sua família está decidida. O patrão é homem grosseiro. Com ele não dá para conversar”.

¹⁸Imediatamente, Abigail pegou duzentos pães, duas vasilhas com vinho, cinco ovelhas preparadas, cinco medidas de trigo tostado, cem cachos de uvas passas, duzentos doces de figo, e carregou tudo sobre os jumentos. ¹⁹Depois disse aos seus moços: “Vão na frente, que eu irei em seguida”. Ela, porém, não avisou o seu marido Nabal.

²⁰Enquanto ela, montada num jumento, descia para um abrigo na montanha, Davi e seus homens iam na sua direção, e acabaram se encontrando. ²¹Davi tinha dito: “Foi à toa que eu protegi tudo o que pertence a esse indivíduo, não deixando que nada lhe fosse roubado: ele me pagou o bem com o mal. ²²Que Deus castigue Davi, se até amanhã cedo eu deixar vivo qualquer um de Nabal que urina na parede”. ²³Quando Abigail viu Davi, apeou depressa do jumento e prostrou-se diante dele com o rosto por terra. ²⁴Lançando-se aos pés de Davi, ela disse: “Meu senhor, a culpa é minha. Deixe que sua serva lhe fale. Escute as palavras da sua serva. ²⁵Que meu senhor não dê atenção a esse homem grosseiro que é Nabal, pois o seu nome significa grosseiro, e a grosseria está mesmo com ele. Eu, sua serva, não cheguei a ver os moços que meu senhor havia mandado. ²⁶Agora, meu senhor, pela vida de Javé e pela sua, é Javé que o impede de derramar sangue e de fazer justiça por suas próprias mãos. Que sejam como Nabal os inimigos e aqueles que procuram fazer o mal ao meu senhor. ²⁷Esta homenagem que sua serva lhe trouxe seja dada aos moços que o acompanham. ²⁸Eu lhe peço: perdoe a falta de sua serva, e Javé não deixará de lhe dar uma família estável, porque o meu senhor combate as guerras de Javé, e nada de mal lhe acontecerá em toda a sua vida. ²⁹Se alguém se levantar para o perseguir e atentar contra a sua vida, a vida do meu senhor estará bem guardada no bernal da vida com Javé seu Deus, enquanto a vida de seus inimigos será jogada como pedras com a funda. ³⁰Quando Javé cumprir tudo o que prometeu ao meu senhor e o tiver feito chefe de Israel, ³¹então o meu senhor não terá que ficar

perturbado, nem sofrer remorso por ter derramado sangue inutilmente e ter feito justiça com as próprias mãos. Quando Javé o abençoar, lembre-se de sua serva”.

³²Então Davi respondeu a Abigail: “Seja bendito Javé Deus de Israel, que hoje enviou você ao meu encontro. ³³Bendita seja a sua sabedoria! Bendita seja você que hoje me impediu de derramar sangue e de fazer justiça com minhas próprias mãos! ³⁴Viva Javé, Deus de Israel, que me impediu de fazer mal a você. Porque, se você não tivesse vindo logo ao meu encontro, juro que ao amanhecer não restaria vivo para Nabal um só dos que urinam na parede”. ³⁵Então Davi aceitou o que Abigail lhe tinha levado, e disse: “Volte em paz para casa. Eu atendi o que você pediu e a tratei com toda a consideração”.

³⁶Abigail voltou para casa e encontrou Nabal dando uma grande festa: era uma festa de rei. Nabal estava alegre e completamente bêbado. Por isso, Abigail nada lhe contou até o amanhecer. ³⁷Pela manhã, quando Nabal melhorou da bebedeira, sua mulher lhe contou o que tinha acontecido. Nabal sentiu o coração parar no peito e ficou petrificado. ³⁸Dez dias depois, Javé feriu Nabal e ele morreu.

³⁹Ao saber que Nabal tinha morrido, Davi exclamou: “Seja bendito Javé, que defendeu minha causa contra a afronta que Nabal me fez. Javé me impediu de cometer um pecado: ele fez recair sobre Nabal o mal que ele tinha planejado”. Davi mandou pedir a mão de Abigail, para que se casasse com ele. ⁴⁰Os servos de Davi foram a Carmel, à casa de Abigail, e lhe disseram: “Davi nos mandou para pedir que você se case com ele”. ⁴¹Abigail imediatamente se inclinou com o rosto por terra, e disse: “Aqui está sua serva disposta a lavar os pés dos servos do meu senhor”. ⁴²Depois levantou depressa e montou num jumento; cinco servas a acompanhavam, e ela partiu junto com os mensageiros de Davi. E Davi se casou com ela.

⁴³Davi também se casou com Aquinoam de Jezrael. As duas se tornaram suas mulheres. ⁴⁴Saul tinha dado sua filha Micol, mulher de Davi, a Falti, filho de Lais de Galim. [25,1-44]

26 *Davi não usurpa o poder* — ¹Os habitantes de Zif foram a Gabaá e contaram a Saul: “Davi está escondido na colina de Áquila, no lado que dá para o deserto”. ²Então Saul empreendeu a marcha para o deserto de Zif, com três mil soldados israelitas, a fim de dar uma batida e encontrar Davi. ³Acampou na colina de Áquila, no lado que dá para o deserto, perto do caminho. Davi morava no deserto e, quando ficou sabendo que Saul vinha no seu encalço,

⁴mandou alguns espiões para averiguar onde Saul estava. ⁵Depois pôs-se a caminho e chegou ao lugar em que Saul estava acampado. Ficou perto do lugar em que estavam deitados Saul e Abner, filho de Ner, comandante do seu exército. Saul descansava entre os carros, e a tropa estava acampada ao redor.

⁶Davi perguntou a Aquimelec, o heteu, e a Abisaí, filho de Sárvia, irmão de Joab: “Quem quer vir comigo até o acampamento de Saul?” Abisaí respondeu: “Eu vou com você”. ⁷Então Davi e Abisaí foram de noite ao acampamento. Saul estava deitado e dormindo, com a lança fincada no chão, ao lado da cabeceira; Abner e a tropa dormiam ao redor. ⁸Então Abisaí disse a Davi: “Hoje Deus está entregando o inimigo em sua mão. Deixe que eu o encrave no chão com um só golpe de lança; não será preciso mais que um golpe”. ⁹Mas Davi respondeu: “Não o mate! Ninguém pode levantar a mão contra o ungido de Javé, e ficar sem castigo!” ¹⁰E continuou: “Pela vida de Javé, o próprio Javé o ferirá. Sua hora vai chegar e ele morrerá, ou acabará caindo no campo de batalha. ¹¹Javé me livre de atentar contra o seu ungido! Pegue a lança que está na cabeceira dele e o cantil de água, e vamos embora”. ¹²Davi pegou a lança e o cantil de água que estavam na cabeceira de Saul, e os dois foram embora. Ninguém viu nem percebeu nada, nem acordou: todos dormiam, porque caíra sobre eles um pesado sono enviado por Javé.

¹³Davi atravessou para o outro lado, subiu no alto de um monte, ao longe. Havia boa distância entre eles. ¹⁴Então Davi gritou para o exército e para Abner, filho de Ner: “Você não responde, Abner?” E Abner respondeu: “Quem é que está gritando para o rei?” ¹⁵Davi continuou: “Você não é homem? Quem é como você em Israel? Então, por que você não guardou o rei, seu senhor? Alguém do povo tentou matá-lo. ¹⁶Você não se comportou bem. Pela vida de Javé, vocês merecem a morte porque não guardaram o rei, senhor de vocês, o ungido de Javé. Veja onde estão a lança e o cantil de água que estavam na cabeceira dele!”

¹⁷Então Saul reconheceu a voz de Davi e perguntou: “É a sua voz, meu filho Davi?” E Davi respondeu: “É a minha voz, meu senhor e meu rei”. ¹⁸E continuou: “Por que o senhor está perseguindo este seu servo? Que fiz eu? Que culpa tenho? ¹⁹Senhor meu rei, peço-lhe que escute o que o seu servo tem a dizer: se é Javé que está lançando você contra mim, a oferta do altar o aplacará. Se forem os homens, que sejam malditos por Javé, pois estão me expulsando hoje e me impedem de participar da herança de Javé. É como se me dissessem: ‘Vá servir a outros deuses!’ ²⁰Que meu sangue não caia longe de Javé, nesta

terra, já que o rei de Israel saiu para me perseguir até a morte, como se estivesse caçando uma perdiz pelos montes”.

²¹Saul respondeu: “Pequei. Volte, meu filho Davi! De agora em diante, não vou mais fazer-lhe mal, pois hoje você respeitou a minha vida. Tenho agido como idiota e cometi muitos erros”. ²²Davi então disse: “Aqui está a lança do rei. Que um dos moços venha buscá-la. ²³Javé pagará conforme a sua justiça e de acordo com a fidelidade de cada um. Javé entregou você hoje em minhas mãos, e eu não quis atentar contra o ungido de Javé. ²⁴Assim como hoje eu respeitei a sua vida, que Javé também respeite a minha e me livre de todo perigo”.

²⁵Então Saul disse a Davi: “Bendito seja você, meu filho Davi! Certamente você terá sucesso em tudo o que fizer”. Davi continuou seu caminho, e Saul voltou para casa. [26,1-25]

4. *Davi entre os filisteus*

27 *Tática de Davi* — ¹Davi pensou: “Mais dia menos dia, Saul vai acabar me matando. Não tenho outra saída, a não ser refugiar-me na terra dos filisteus. Saul desistirá de me perseguir por todo Israel, e eu estarei seguro”. ²Davi se pôs a caminho, com seus seiscentos homens, e foi para junto de Aquis, filho de Maoc, rei de Gat. ³Davi e seus homens se estabeleceram junto a Aquis em Gat, com suas famílias. Davi levou suas duas mulheres: Aquinoam de Jezrael e Abigail, mulher de Nabal de Carmel. ⁴Ao ser informado que Davi se refugiara em Gat, Saul parou de persegui-lo.

⁵Davi disse a Aquis: “Se eu ganhei o seu favor, dê-me algum povoado na zona rural, onde eu possa morar. Por que um servo seu moraria ao seu lado na cidade real?” ⁶Então, nesse dia, Aquis deu Siceleg para Davi. Por isso, Siceleg pertence aos reis de Judá até hoje. ⁷Assim, Davi permaneceu na zona rural dos filisteus por um ano e quatro meses. ⁸Ele e seus homens iam e atacavam os gessuritas, gersitas e amalecitas, que desde há muito tempo habitavam o território que vai desde Sur até a terra do Egito. ⁹Davi aniquilava o território e não deixava ninguém vivo, nem homem nem mulher; tomava ovelhas e bois, jumentos, camelos e roupas. Depois voltava para junto de Aquis. ¹⁰E Aquis perguntava: “Onde é que você atacou hoje?” E Davi respondia que tinha sido contra o Negueb de Judá, ou o Negueb de Jerameel, ou o Negueb dos quenitas. ¹¹E Davi não deixava ninguém vivo, homem ou mulher que pudesse ir até Gat, pois ele pensava: “Alguém pode nos trair, contando o que eu fiz”. Assim ele agiu durante todo o tempo em que esteve na zona rural dos filisteus. ¹²Aquis acabou confiando em Davi, e dizia: “Ele é detestado por seu povo, em Israel, e por isso ficará para sempre a meu serviço”.

28 ¹Nesse tempo, os filisteus reuniram suas tropas para atacar Israel. Então Aquis disse a Davi: “Fique sabendo que você e seus homens irão com meu exército”. ²Davi respondeu: “Muito bem. Você verá do que o seu servo é capaz”. Então Aquis disse a Davi: “Eu o nomeio meu guarda pessoal permanente”. [27,1-28,2]

Aproxima-se a queda de Saul — ³Samuel tinha morrido. Todo o Israel participara dos funerais, e o enterraram em Ramá, sua cidade. De outro lado, Saul tinha expulsado do país os necromantes e adivinhos.

⁴Os filisteus se concentraram e acamparam em Sunam. Saul reuniu todo o Israel e acamparam em Gelboé. ⁵Quando viu o acampamento dos filisteus, Saul teve medo e começou a tremer. ⁶Consultou a Javé, porém Javé não lhe respondeu, nem por sonhos, nem pela sorte, nem pelos profetas. ⁷Então Saul disse a seus servos: “Procurem uma necromante, para que eu faça uma consulta”. Os servos responderam: “Há uma necromante em Endor”.

⁸Saul se disfarçou, vestiu roupa de outro e, à noite, acompanhado de dois homens, foi encontrar-se com a mulher. Saul disse a ela: “Quero que você me adivinhe o futuro, evocando os mortos. Faça aparecer a pessoa que eu lhe disser”. ⁹A mulher, porém, respondeu: “Você sabe o que fez Saul, expulsando do país os necromantes e adivinhos. Por que está armando uma cilada, para eu ser morta?” ¹⁰Então Saul jurou por Javé: “Pela vida de Javé, nenhum mal vai lhe acontecer por causa disso”. ¹¹A mulher perguntou: “Quem você quer que eu chame?” Saul respondeu: “Chame Samuel”. ¹²Quando a mulher viu Samuel aparecer, deu um grito e falou para Saul: “Por que você me enganou? Você é Saul!” ¹³O rei a tranquilizou: “Não tenha medo. O que você está vendo?” A mulher respondeu: “Vejo um espírito subindo da terra”. ¹⁴Saul perguntou: “Qual é a aparência dele?” A mulher respondeu: “É a de um ancião que sobe, vestido com um manto”. Então Saul compreendeu que era Samuel, e se prostrou com o rosto por terra. ¹⁵Samuel perguntou a Saul: “Por que você me chamou, perturbando o meu descanso?” Saul respondeu: “É que estou em situação desesperadora: os filisteus estão guerreando contra mim. Deus se afastou de mim e não me responde mais, nem pelos profetas, nem por sonhos. Por isso, eu vim chamar você, para que me diga o que devo fazer”. ¹⁶Samuel respondeu: “Por que você veio me consultar, se Javé se afastou de você e se tornou seu inimigo?” ¹⁷Javé fez com você o que já lhe foi anunciado por mim: tirou de você a realeza e a entregou para Davi. ¹⁸Porque você não obedeceu a Javé e não executou o ardor da ira dele contra Amalec. É por isso que Javé hoje trata você desse modo. ¹⁹E Javé vai entregar aos filisteus tanto você, como seu povo Israel. Amanhã mesmo, você e seus filhos estarão comigo, e o acampamento de Israel também: Javé o entregará nas mãos dos filisteus”.

²⁰Saul caiu imediatamente no chão, apavorado com as palavras de Samuel. Estava enfraquecido, porque ficara o dia todo e toda a noite sem comer. ²¹A mulher chegou perto de Saul e, vendo que ele estava apavorado, disse: “Sua serva obedeceu. Arrisquei minha vida para fazer o que o senhor estava pedindo.

²² Agora, também o senhor deve obedecer à sua serva. Vou lhe trazer um pedaço de pão. Coma e recupere as forças para ir embora”. ²³ Saul, porém, recusou: “Não vou comer nada”. Mas seus servos e a mulher insistiram tanto, que ele acabou cedendo: levantou-se do chão e sentou-se na cama. ²⁴ A mulher tinha um bezerro cevado. Abateu o bezerro, pegou farinha, amassou-a e cozinhou uns pães sem fermento. ²⁵ Depois serviu Saul e seus servos. Eles comeram e se puseram a caminho na mesma noite. [28,3-25]

29 *Um grupo perigoso* — ¹ Os filisteus concentraram suas tropas em Afec e Israel acampou junto à fonte que existe em Jezrael. ² Os príncipes dos filisteus desfilavam por batalhões e destacamentos. Davi e seus homens iam na retaguarda com Aquis. ³ Os chefes filisteus perguntaram: “O que estão fazendo aqui esses hebreus?” Aquis respondeu: “É Davi, o servo de Saul, rei de Israel. Ele já está comigo faz um ano ou dois, e desde o dia que passou para o meu lado até agora não tenho nada do que reclamar”. ⁴ Os chefes filisteus se opuseram, dizendo: “Mande embora esse homem. Que volte para o lugar que você lhe havia reservado. Que não venha para a guerra conosco, e não se volte contra nós em pleno combate. Veja bem: a melhor forma de ele se reconciliar com seu senhor seria a cabeça de nossos soldados. ⁵ Será que esse Davi não é o Davi de quem se cantava dançando: ‘Saul matou mil, mas Davi matou dez mil’?”

⁶ Então Aquis mandou chamar Davi e lhe disse: “Pela vida de Javé! Você é leal, e eu não tenho queixa do seu comportamento no exército; não tenho nada a reprovar em você, desde que entrou no meu território até hoje. Mas você não é bem visto pelos príncipes. ⁷ Por isso, volte em paz, para não desagradar os príncipes”. ⁸ Davi respondeu a Aquis: “O que foi que eu fiz? Em que ofendi o senhor, desde que me apresentei até hoje? O que me impede de combater contra os meus inimigos ao lado do meu senhor e rei?” ⁹ Aquis respondeu a Davi: “Eu sei. Eu estimo você, como se fosse um enviado de Deus. Mas os chefes filisteus disseram que não querem você indo à guerra conosco. ¹⁰ Portanto, é melhor que você e os seus servos madruguem, e ao raiar do dia sigam para o lugar que lhes indiquei”. ¹¹ Davi e seus homens madrugaram e partiram de manhãzinha, voltando para o país dos filisteus. E os filisteus subiram para Jezrael. [29,1-11]

30 *Todos partilham da conquista* — ¹ No terceiro dia em que Davi e seus homens estavam a caminho para Siceleg, os amalecitas atacaram o Negueb e Siceleg: arrasaram e incendiaram Siceleg, ² aprisionando as mulheres, crianças

e adultos que aí se encontravam; não mataram ninguém, mas foram embora levando-os consigo. ³Quando Davi e seus homens chegaram, viram a cidade incendiada e souberam que suas mulheres, filhos e filhas tinham sido levados embora. ⁴Davi e seu pessoal caíram em lágrimas e choraram até se esgotar suas forças. ⁵As duas mulheres de Davi, Aquinoam de Jezrael e Abigail, mulher de Nabal de Carmel, também tinham sido capturadas. ⁶Davi ficou muito angustiado, porque se dizia que todos queriam apedrejá-lo, pois o pessoal todo estava amargurado por causa de seus filhos e filhas. Davi, porém, recobrou ânimo em Javé seu Deus.

⁷Então Davi disse ao sacerdote Abiatar, filho de Aquimelec: “Traga-me o efod”. E Abiatar levou o efod para Davi. ⁸E Davi consultou a Javé: “Se eu perseguir esse bando, será que vou alcançá-lo?” Javé respondeu: “Vá atrás deles, porque você os alcançará e libertará os prisioneiros”. ⁹Davi e seus seiscentos homens foram e chegaram ao riacho de Besor. ¹⁰Davi e quatrocentos homens continuaram a perseguição, enquanto duzentos ficaram, pois estavam cansados para atravessar o riacho de Besor. ¹¹Encontraram um egípcio no campo e o levaram até Davi. Deram-lhe pão para comer e água para beber. ¹²Deram-lhe doce de figos e dois cachos de uvas passas. Depois de ter comido, ele se refez, porque estava três dias e três noites sem comer nem beber. ¹³Então Davi lhe perguntou: “A quem pertence você e de onde vem?” Ele respondeu: “Eu sou um moço egípcio, escravo de um amalecita. Faz três dias que meu patrão me abandonou, porque eu estava doente. ¹⁴Nós atacamos o Negueb dos cereteus, os homens de Judá e o Negueb de Caleb; e também incendiámos Siceleg”. ¹⁵Davi lhe disse: “Você é capaz de me conduzir até esse bando?” O egípcio respondeu: “Jure por Deus que você não me matará, nem me entregará nas mãos do meu senhor, e eu o conduzirei até esse bando”.

¹⁶Então o egípcio levou Davi até o bando. Os amalecitas estavam espalhados pelo território, comendo, bebendo e fazendo festa com os grandes despojos que haviam tomado no país dos filisteus e no país de Judá. ¹⁷Davi os aniquilou desde o amanhecer até a tarde do dia seguinte: ninguém escapou, exceto quatrocentos moços que montavam camelos e que conseguiram fugir. ¹⁸Davi recuperou tudo o que os amalecitas haviam tomado, e também suas duas mulheres. ¹⁹Não se perdeu nada do que lhes pertencia: coisas pequenas e grandes, os despojos que haviam tomado, filhos e filhas; Davi levou tudo de volta. ²⁰Davi pegou todas as ovelhas e bois dos amalecitas. Aqueles que iam na frente desse rebanho diziam:

“Aqui estão os despojos de Davi”.

²¹Davi chegou até onde estavam os duzentos homens que, cansados, não o tinham seguido e ficaram junto ao riacho de Besor. Eles foram ao encontro de Davi e da tropa. Davi aproximou-se deles e os saudou. ²²Todos os homens maus e grosseiros que tinham seguido Davi disseram: “Já que eles não foram conosco, não dê para eles parte nenhuma dos despojos que recuperamos, a não ser a própria mulher e filhos; que eles recebam e vão embora”. ²³Então Davi replicou: “Nada disso, meus irmãos. Não façam isso com o que Javé nos deu. Ele nos protegeu e colocou em nosso poder o bando que veio contra nós. ²⁴Quem é que pode concordar com o que vocês estão dizendo? De fato, a parte daquele que foi ao combate é a mesma daquele que ficou com as bagagens; repartam por igual”. ²⁵Desse dia em diante, isso ficou como estatuto e norma para Israel, e permanece até o dia de hoje.

²⁶Davi entrou em Siceleg e enviou parte dos despojos para os anciãos de Judá, seus compatriotas, dizendo: “Aqui vai como presente para vocês parte dos despojos tomados dos inimigos de Javé”. ²⁷E a mandou para os anciãos de Betul, de Ramá do Negueb, de Jatir, ²⁸de Aroer, de Sefamot, de Estemo, ²⁹de Carmel, das cidades de Jerameel, das cidades dos quenitas, ³⁰de Horma, de Bor-Asã, de Eter, ³¹de Hebron, e para os anciãos de todos os lugares por onde Davi tinha passado com seus homens. [30,1-31]

31 *A trágica derrota de Saul* — ¹Os filisteus fizeram guerra contra Israel, e os israelitas fugiram deles, e muitos caíram mortos no monte Gelboé. ²Os filisteus perseguiram Saul e seus filhos. Mataram Jônatas, Abinadab e Melquisua, filhos de Saul. ³Todo o peso do combate se concentrou sobre Saul. Os arqueiros o surpreenderam e o feriram gravemente. ⁴Então Saul disse ao escudeiro: “Desembainhe a espada e me atravesse, antes que esses incircuncisos cheguem e caçoem de mim”. O escudeiro ficou apavorado e não quis obedecer. Então Saul pegou a espada e atirou-se sobre ela. ⁵Vendo que Saul estava morto, o escudeiro também se jogou sobre sua espada e morreu com Saul. ⁶Desse modo, no mesmo dia morreram Saul, seus três filhos, seu escudeiro e todos os seus homens. ⁷Quando os israelitas que estavam no outro lado do vale, e os da Transjordânia, viram que os israelitas tinham sido derrotados e que Saul e seus filhos estavam mortos, abandonaram suas cidades e fugiram. Então os filisteus foram e as ocuparam.

⁸No dia seguinte, os filisteus foram despojar os cadáveres e encontraram Saul e seus três filhos mortos no monte Gelboé. ⁹Cortaram a cabeça de Saul e tiraram suas armas. E as enviaram por todo o território filisteu, anunciando a boa notícia a seus ídolos e a seu povo. ¹⁰Depositaram as armas de Saul no templo de Astarte e dependuraram o cadáver dele na muralha de Betsã.

¹¹Os habitantes de Jabes de Galaad souberam o que os filisteus tinham feito com Saul. ¹²Então todos os guerreiros caminharam a noite inteira, tiraram da muralha de Betsã o cadáver de Saul e de seus filhos, e os levaram a Jabes, e aí os queimaram. ¹³Depois recolheram os ossos, os enterraram debaixo da tamareira de Jabes, e jejuaram durante sete dias. [31,1-13]

NOTAS

[1,1-28] É um momento importante na história de Israel: o povo vai passar do sistema tribal para o sistema tributário. A mudança é de grandes proporções: a religião que sustentava a participação política e a divisão igualitária dos bens, agora servirá para cimentar uma ideologia de Estado, onde a economia e a política ficarão concentradas em mãos de um poder central. A história de Samuel é a abertura dessa nova fase, que será o grande desafio para o povo.

Como em outros casos (Isaac, Sansão e João Batista), o nascimento de Samuel é apresentado de forma milagrosa. Da mulher estéril e humilhada (figura do povo) nasce, por graça de Javé, aquele que será o símbolo da fidelidade a Javé dentro do novo sistema.

[2,1-10] Este cântico nasceu em data posterior e, provavelmente, celebra uma vitória do rei sobre os inimigos (v. 10). Certamente foi colocado aqui para expressar a esperança do povo de que o novo regime significasse de fato uma salvação: a função do rei é tornar visível a própria ação de Javé, que liberta dos inimigos (v. 1) e instaura o reino da justiça (vv. 3-9). Para isso, espera-se que desapareçam as desigualdades, e todos possam usufruir da liberdade e da vida. Lucas seguiu de perto este cântico, para compor o de Maria (cf. Lc 1,46-56 e nota).

[11-36] O texto procura explicar por que o sumo sacerdote, no tempo de Salomão, passou de Abiatar, descendente de Eli, para Sadoc (cf. 1Rs 2,27.35). Ao mesmo tempo, procura justificar a destituição dos levitas de seus diversos santuários locais, quando se centralizou o culto em Jerusalém, no fim do séc. VII

(cf. 2Rs 23,9). O autor se serve da profecia, como estilo literário, para justificar a política centralizadora do rei Salomão e do rei Josias. Isso nos mostra que os poderosos, em todos os tempos e lugares, usam frequentemente a religião para explicar e justificar as próprias atitudes. Por outro lado, o texto sugere que, nessa época, o sistema das tribos já começava a se corromper.

[3,1-4,1a] Narrando a vocação de Samuel, a Bíblia inicia a grande lista dos profetas, cuja função é serem porta-vozes de Javé: eles anunciam claramente o que Javé está realizando ou vai realizar dentro da história. Neste relato, a função profética aparece em Israel antes de surgir e se formar o Estado com autoridade política central. A Bíblia quer mostrar que o profeta é aquele que mantém viva a consciência crítica de um povo: ele deve impedir que as autoridades políticas se absolutizem e oprimam o povo.

O texto faz pensar na vocação de cada pessoa. Deus chama cada um de nós para exercer uma função dentro do projeto de Deus. Projeto esse que é voltado para a liberdade e a vida. Cada pessoa é um modo de Deus dizer a palavra que constrói a sociedade e a história. É preciso que cada um aprenda a distinguir a voz de Deus, sem confundi-la com a voz daqueles que produzem e mantêm uma estrutura de sociedade voltada para a escravidão e a morte.

[4,1b-22] O esforço das tribos, no sentido de construir um sistema igualitário contra o sistema das cidades-estado cananeias, já começava a se corromper (cf. 2,11-36 e nota) e ficou ainda mais comprometido com o avanço dos filisteus. Estes possuíam o domínio do ferro e lutavam com armas muito mais poderosas. A arca era uma espécie de sacramento da presença de Javé, que apoiava a luta das tribos por um sistema novo. Ela foi tomada pelos filisteus, e esse fato mostra, por um lado, que o projeto de Javé já estava sendo corrompido pelos israelitas; por outro lado, indica que o sistema das tribos não era suficiente para conter o avanço de um forte inimigo externo.

[5,1-12] Os filisteus tentam assimilar Javé junto com o deus deles. Mas o Deus vivo se torna, para os idólatras, um Deus de morte: ele não só destrói os ídolos, mas também castiga quem os adora.

[6,1-7,1] A volta da arca lembra a saída de Israel do Egito (cf. v. 6). O fato de as vacas não voltarem para seus bezerros mostra que foi Javé quem castigou os filisteus. Os vv. 19-20 sugerem que, embora próximo e íntimo do povo, Javé deve, ao mesmo tempo, ser temido e respeitado.

[7,2-17] Termina o tempo dos juízes e, praticamente, encerra-se também o período em que Israel procurou organizar-se no sistema de tribos. A figura de Samuel é apresentada como o ideal de uma autoridade voltada para a libertação do povo. O autor certamente pretendeu fazer uma crítica antecipada do sistema monárquico, que vai começar logo a seguir.

[8-12] Encontramos aqui duas versões diferentes sobre o aparecimento da monarquia em Israel. A primeira é formada por 1Sm 8; 10,17-27. Apresenta uma visão desfavorável à monarquia, mostrando-a como algo ambíguo e perigoso. A segunda versão está em 1Sm 9,1-10,16; 11. É favorável, mostrando a monarquia como dom de Deus para libertar o povo. Conservando as duas versões, a Bíblia sugere que toda autoridade é, no mínimo, *ambígua*: pode ser instrumento de Deus a serviço da libertação do povo; mas quando se absolutiza, tentando ocupar o lugar de Deus, ela passa a explorar e oprimir o povo, tornando-se assim má e ilegítima.

[8,1-22] Começa aqui a versão desfavorável à criação de um poder político central. O povo se sente inseguro, vê a corrupção, e pede um novo regime. O grande risco desse novo regime será o de abandonar o projeto de Javé, para repetir exatamente o regime dos cananeus, que as tribos até agora tinham combatido. Samuel deixa tudo bem claro, ao mostrar “o direito do rei”: em poucas palavras, o rei e sua corte formarão uma classe que viverá à custa da exploração e opressão sobre o povo. A resposta do povo (v. 20) mostra que, por trás do desejo de segurança, há um grande desconhecimento do que significa viver “como as outras nações”. Preferir um poder centralizado — para o qual o povo delega todas as decisões — em vez de um poder participado, é o caminho inevitável para a escravidão. O texto faz pensar nas sérias consequências de escolher um regime político e votar em governantes. Até que ponto essas autoridades vão representar os interesses do povo e servir ao bem comum? Esta versão continua em 10,17-27.

[9,1-10,16] É o começo da segunda narrativa, favorável à criação de um poder político central. Neste relato, a iniciativa é de Javé. Samuel unge secretamente Saul como rei, e os sinais que seguem apresentam Saul como alguém escolhido por Javé. Aqui a instituição do poder central é vista como dom de Javé. A continuação do relato está em 1Sm 11.

[10,17-27] Temos aqui a continuação da primeira versão, desfavorável ao poder

político central, iniciada em 1Sm 8,1-22. Fica bem claro o contraste entre o regime tribal, inspirado por Javé, e o regime monárquico, que rejeita Javé. A eleição do rei é feita através de sorteio público. O v. 27 já mostra um início de descontentamento.

[11,1-15] Continua aqui a segunda versão sobre o surgimento do poder central, iniciada em 1Sm 9,1-10,16. O sinal anunciado em 10,1.7 realiza-se agora: a liderança de Saul na libertação do povo é um sinal de que ele foi escolhido por Deus. Dessa forma, a realeza aparece como continuação da era dos juízes e não como ruptura. Talvez seja este o relato mais antigo sobre o surgimento da monarquia.

[12,1-25] É a passagem difícil para o sistema tributário, dirigido por um regime monárquico. O discurso de Samuel apresenta uma avaliação do que significou a autoridade dentro do regime tribal: o povo não foi explorado, nem oprimido. A previsão sobre o regime monárquico, ao contrário, é sombria: será que o novo regime vai significar realmente um passo à frente em direção a uma sociedade justa e igualitária? Samuel parece ter suas dúvidas (cf. 1Sm 8,10-22), que mais tarde serão confirmadas pela história. Mas, como os profetas que lhe sucederão, ele não abandona o povo, e insiste para que este seja fiel ao projeto libertador de Javé.

[13,1-15] Num momento difícil, o rei Saul é posto à prova. Com medo de perder o povo, ele ultrapassa suas funções, usurpando uma que era própria de Samuel; com isso, desobedece àquele que intercedia pelo povo diante de Javé (10,8; 12,23). O grande perigo de um poder político é ultrapassar suas funções e se absolutizar, pretendendo dar a última palavra sobre a vida e o destino do povo. A função da política é servir ao bem de todo o povo; ela se corrompe quando acumula poderes para oprimir o povo e servir apenas a uma classe privilegiada.

[16-23] Os filisteus dominavam a tecnologia do ferro, e isso lhes garantia a supremacia sobre Israel. A situação era crítica, pois Israel dependia dos filisteus para a fabricação e manutenção dos instrumentos agrícolas. No campo bélico, os filisteus boicotavam completamente os povos vizinhos na fabricação de armas. É nesse difícil contexto que Israel busca um novo regime político para preservar a sua autonomia.

[14,1-52] Mais uma vez, Saul toma decisões arbitrárias que provocam

desânimo, ao invés de estimular a confiança. Agindo com mais sabedoria e solidariedade, Jônatas consegue lançar pânico entre os inimigos. É ele quem se torna o instrumento da vitória concedida por Deus ao povo.

[15,1-35] Saul desobedece à ordem de executar o extermínio total, o ponto mais importante de uma guerra santa. Esse extermínio visava impedir a contaminação religiosa, cultural e política, e o desencadear de guerras que visassem unicamente acumular riquezas. A resposta de Samuel deixa bem claro: “obedecer a Javé vale mais do que oferecer sacrifícios”, isto é, a verdadeira fé se manifesta na execução integral do projeto de Deus e não em atos religiosos que o possam comprometer. Por trás da justificativa de Saul (vv. 20-21), o verdadeiro motivo da desobediência era talvez a ambição de acumular riquezas.

[16,1-13] As narrativas sobre Saul e Davi misturam diversas tradições, muitas vezes bem diferentes entre si e até contraditórias. A unção de Davi serve de contraste com a rejeição de Saul, e salienta que Deus não age segundo critérios humanos (v. 7).

[14-23] Cumpre-se o que Samuel havia anunciado em 1Sm 15,28: rejeitado por Deus e abandonado pelo profeta, Saul cai em crises maníaco-depressivas. O serviço de Davi como músico da corte é uma das versões sobre o início de sua relação com Saul. Davi exerce poder sobre Saul através da música, porque “Javé está com ele” (v. 18).

[17,1-58] Outra versão da entrada de Davi para o serviço de Saul. O texto deixa clara a superioridade bélica dos filisteus, bem simbolizada no tamanho e nas armaduras de Golias, que provocam medo e insegurança no povo israelita. Na boca de Davi, porém, manifesta-se a fonte de onde brotam a força e a coragem dos fracos: Javé está do lado deles e os ajuda a se organizar para vencer os poderosos. A confiança e esperteza de Davi mostram que o grande recurso do povo fraco e oprimido é a criatividade, que desmonta o poder opressor, atingindo-lhe o ponto nevrálgico.

[18,1-19,7] Por trás da crescente *inimizade* entre Saul e Davi, podemos vislumbrar a luta pelo poder entre Judá (Davi) e as tribos do Norte (Saul). O poder central (realeza) se torna motivo de inveja, cobiça e competição. A história da *amizade* entre Jônatas e Davi antecipa o apoio necessário para que Davi chegue a se tornar chefe de todo o povo.

[19,8-24] Na trama de perseguição de Saul contra Davi, este episódio ressalta

que o profetismo tem a força de desnudar o rei, isto é, fazer com que o poder seja ironizado e submetido à sua real condição. O profeta, como defensor da consciência de um povo, sempre colocará um limite para o exercício de qualquer autoridade.

[20,1-21,1] A amizade entre Jônatas e Davi é um exemplo de fraternidade (v. 17), porque mostra que as relações humanas estão acima da competição pelo poder.

[21,2-16] Davi começa aqui sua vida de fugitivo, e precisa recorrer à proteção de Deus (“pães sagrados”), à sua própria força (“espada”) e, sobretudo, à própria astúcia.

[22,1-5] Começa uma nova fase na vida de Davi. Perseguido e forçado a abandonar o contato com a elite, ele se torna polo de atração que reúne os marginalizados pelo sistema. A voz do profeta mostra que Davi não deve ficar escondido, mas preparar-se para uma nova ação.

[6-23] Com medo de perder o poder, Saul começa a agir arbitrariamente: vê todos como conspiradores e inimigos, incita à traição, não aceita a defesa do acusado, massacra toda uma população pela suposta culpa de uma só pessoa. Quando o poder passa a ser usado em proveito pessoal e não a serviço do povo, começa a gerar descontentamento e, para se manter, lança mão da arbitrariedade e tirania.

[23,1-28] Três grupos começam a aparecer com clareza: o de Saul, preocupado em conter o movimento de seu rival; o de Davi, comprometido com a defesa das povoações atacadas por filisteus; e o grupo dos filisteus, que exerce contínua pressão sobre os territórios israelitas. Pouco a pouco se delineiam a derrota de Saul e o triunfo de Davi.

[24,1-23] Davi poderia matar Saul e usurpar o poder. A história, porém, mostra que ele não chegou ao poder por essa via, e sim pelo reconhecimento progressivo das tribos (cf. 2Sm 2; 5).

[25,1-44] Embora nascida em ambiente patriarcal, a Bíblia conserva relatos que mostram o quanto eram importantes a presença e o discernimento das mulheres. Abigail é um exemplo: enquanto seu marido rejeita grosseiramente qualquer tipo de ligação com o movimento de Davi, considerando-o marginal, ela percebe a importância e grandeza desse grupo marginalizado e procura aliar-se com ele.

[26,1-25] Esta narrativa tem o mesmo sentido que a de 24,1-23; cf. nota.

[27,1-28,2] Entrando em aparente aliança com os filisteus, Davi consegue várias coisas: escapar de Saul, desestabilizar a zona rural dos filisteus e conquistar a simpatia dos camponeses de Judá. Pouco a pouco, vai se delineando a ascensão de Davi ao poder.

[28,3-25] O texto relata mais uma vez como Saul foi rejeitado e por fim substituído por Davi. Samuel repete o que já dissera quando em vida: o discernimento da história pertence ao mundo dos vivos.

[29,1-11] O apelativo “hebreus” provavelmente se refere a um grupo social chamado *hapiru*. Inicialmente, era um grupo formado de guerreiros mercenários que servia às cidades-estado e, ao mesmo tempo, estava interessado em desestabilizá-las. Mais tarde, esse apelativo se estendeu a todos os descontentes com o sistema em vigor (cf. 1Sm 22,2). A estratégia de Davi talvez consistisse em abalar o sistema, agindo por dentro dele.

[30,1-31] Novo e grande trunfo de Davi para ganhar a simpatia popular, é a sua capacidade de distribuir igualitariamente os despojos conseguidos. Assim, ele vai fazendo que o povo, pouco a pouco, tenha a sensação de estar conquistando a própria liberdade.

[31,1-13] O primeiro livro de Samuel termina de modo sombrio: o povo é derrotado, o rei se suicida e os filisteus se apoderam da região mais fértil, isolando as tribos.

SEGUNDO LIVRO DE SAMUEL

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24**

SEGUNDO LIVRO DE SAMUEL

1 *Davi lamenta Saul e Jônatas* — ¹Depois da morte de Saul, Davi voltou da vitória sobre os amalecitas e ficou dois dias em Siceleg. ²No terceiro dia, chegou alguém do acampamento de Saul, com as roupas rasgadas e a cabeça coberta de pó. Chegando perto de Davi, ele se jogou por terra e se prostrou. ³Davi perguntou: “De onde você vem?” O homem respondeu: “Escapei com vida do acampamento de Israel”. ⁴Davi perguntou: “O que foi que aconteceu? Diga logo”. O homem respondeu: “As tropas fugiram do campo de batalha, muitos caíram e estão mortos. Até Saul e seu filho Jônatas morreram”. ⁵Davi perguntou ao moço que o informava: “Como é que você sabe que Saul e seu filho Jônatas estão mortos?” ⁶O mensageiro respondeu: “Eu estava casualmente no monte Gelboé e vi Saul apoiado em sua própria lança, enquanto os carros e cavaleiros se aproximavam. ⁷Saul virou-se, me viu e me chamou. Eu disse: ‘Estou aqui’. ⁸Saul me perguntou: ‘Quem é você?’ Eu respondi: ‘Sou um amalecita’. ⁹Então Saul me disse: ‘Aproxime-se e mate-me, pois estou agonizando e não acabo de morrer’. ¹⁰Então eu me aproximei dele e o matei, porque eu sabia que ele não iria mesmo sobreviver depois de caído. Em seguida, peguei a coroa que ele trazia na cabeça e o bracelete que estava no seu braço e os trouxe aqui para o meu senhor”.

¹¹Então Davi rasgou suas próprias roupas. E todos os homens que o acompanhavam fizeram o mesmo. ¹²Lamentaram, choraram e jejuaram até a tarde por Saul e por seu filho Jônatas, e também por causa do povo de Javé e pela casa de Israel, porque haviam sido mortos pela espada. ¹³Depois Davi perguntou ao moço que havia trazido a notícia: “De onde você é?” Ele respondeu: “Sou filho de um imigrante amalecita”. ¹⁴Davi lhe perguntou: “E como você se atreveu a levantar a mão para matar o ungido de Javé?” ¹⁵Então Davi chamou um dos rapazes e ordenou: “Venha aqui e mate esse homem”. O rapaz feriu o homem e ele morreu. ¹⁶E Davi disse: “Você é responsável por sua própria morte, pois com a própria boca você testemunhou contra si mesmo, dizendo que matou o ungido de Javé”.

¹⁷Davi entoou esta lamentação para Saul e seu filho Jônatas, ¹⁸e ordenou que fosse ensinada aos filhos de Judá. Ela se encontra no Livro do Justo.

¹⁹ A honra de Israel pereceu nas alturas.

Como foi que os valentes caíram?

²⁰ Não contem isso em Gat, nem proclamem nas ruas de Ascalon.

Que as jovens filisteias não se alegrem e as filhas dos incircuncisos não exultem.

²¹ Montanhas de Gelboé, que o orvalho e a chuva
não caiam sobre vocês

e nunca mais haja campos férteis, pois o escudo dos valentes foi desonrado.

O escudo de Saul não foi ungido com óleo, ²² mas com o sangue dos feridos e a gordura dos valentes.

O arco de Jônatas não recuava
e a espada de Saul não voltava
sem sangue.

²³ Saul e Jônatas, amados e queridos, nem a vida nem a morte os separaram.

Eram mais velozes do que as águias e mais fortes do que os leões.

²⁴ Moças de Israel, chorem por Saul: ele vestiu vocês com púrpura e linho, e enfeitou de ouro os seus vestidos.

²⁵ Como os valentes caíram no combate!

Jônatas, sua morte rasgou-me o coração!

²⁶ Como sofro por você, Jônatas, meu irmão!

Como eu lhe queria bem!

Para mim, o seu amor era mais caro do que o amor das mulheres!

²⁷ Como caíram os valentes!

Como pereceram as armas de guerra! [\[1,1-27\]](#)

IV. DAVI: FUNDAÇÃO DE UM ESTADO E SURGIMENTO DE UMA NAÇÃO

1. Davi, rei de Judá

2 *Davi é ungido rei* — ¹Depois disso, Davi consultou a Javé: “Posso ir para alguma cidade de Judá?” Javé respondeu: “Pode”. Davi perguntou: “Para qual delas posso ir?” A resposta foi: “Hebron”. ²Davi subiu para lá, junto com suas duas mulheres: Aquinoam de Jezrael e Abigail, mulher de Nabal de Carmel. ³Levou também todos os seus homens, junto com suas famílias. E se estabeleceram nas aldeias de Hebron. ⁴Os homens de Judá foram para lá e ungiram Davi como rei sobre a casa de Judá.

Comunicaram a Davi que os habitantes de Jabes de Galaad tinham enterrado Saul. ⁵Então Davi enviou mensageiros aos habitantes de Jabes, dizendo: “Que Javé os abençoe por terem realizado esse ato de misericórdia para com seu senhor Saul e o terem enterrado. ⁶Que Javé os trate com misericórdia e fidelidade. Eu também os recompensaria por essa boa ação. ⁷Agora, tenham coragem e sejam valentes. O seu rei Saul está morto, mas a casa de Judá já me ungiu seu rei”. [2,1-7]

Medição de forças — ⁸Abner, filho de Ner, chefe do exército de Saul, tinha levado consigo Isbaal, filho de Saul, e o tinha feito ir a Maanaim. ⁹Abner o estabeleceu como rei sobre Galaad, sobre os de Aser, de Jezrael, Efraim, Benjamim e sobre todo o Israel.

¹⁰Isbaal, filho de Saul, tinha quarenta anos quando se tornou rei de Israel, e reinou por dois anos. Somente a casa de Judá seguia Davi. ¹¹E Davi reinou sobre a casa de Judá, em Hebron, durante sete anos e meio.

¹²Abner, filho de Ner, e os servos de Isbaal, filho de Saul, foram de Maanaim para Gabaon. ¹³Joab, filho de Sárvia, e os oficiais de Davi puseram-se a caminho e os encontraram perto do açude de Gabaon: os de Joab ficaram de um lado do açude, e do outro lado os de Abner. ¹⁴Então Abner propôs a Joab: “Deixe que alguns jovens venham lutar diante de nós”. Joab respondeu: “Está bem”. ¹⁵Doze benjaminitas se prepararam e atravessaram para lutar por Isbaal, filho de Saul; e doze dos oficiais de Davi também se apresentaram. ¹⁶Cada um deles agarrou a

cabeça do adversário e lhe enterrou a espada no flanco, de modo que todos caíram juntos. É por isso que esse lugar ficou sendo chamado Campo dos Flancos, e está localizado em Gabaon.

¹⁷Nesse dia, houve uma batalha violenta, e os oficiais de Davi derrotaram Abner e os israelitas. ¹⁸Estavam aí os três filhos de Sárvia: Joab, Abisaí e Asael. Ora, Asael corria como as gazelas selvagens, ¹⁹e perseguiu Abner sem parar e sem se desviar de um lado para outro. ²⁰Abner olhou para trás e perguntou: “É você, Asael?” E Asael respondeu: “Sou eu mesmo”. ²¹Então Abner disse: “Vá para a direita ou para a esquerda, agarre um dos meus rapazes e pegue suas armas”. Asael, porém, não quis parar de persegui-lo. ²²Abner insistiu: “Pare de me perseguir. Por que eu haveria de ferir você e deixá-lo no chão? Com que cara eu iria depois me apresentar diante do seu irmão Joab?” ²³Como Asael não quis afastar-se, Abner lhe furou a barriga com a parte de trás da lança, de modo que esta lhe saiu pelas costas. Asael caiu, e morreu aí mesmo. Todos os que chegavam ao lugar onde Asael estava caído e morto, paravam.

²⁴Joab e Abisaí começaram a perseguir Abner e, ao pôr do sol, chegaram à colina de Ama, que está a leste de Gaia, no caminho do deserto de Gabaon. ²⁵Os benjaminitas se concentraram atrás de Abner, em formação cerrada, e pararam no alto de uma colina. ²⁶Então Abner gritou para Joab e disse: “Será que a espada vai ficar devorando para sempre? Você não sabe que no fim vai sobrar somente amargura? Quando é que você vai ordenar a seu pessoal que pare de perseguir os seus irmãos?” ²⁷Joab respondeu: “Pela vida de Javé, se você não tivesse falado, só pela manhã este pessoal deixaria de perseguir seus irmãos”. ²⁸Então Joab mandou soar a trombeta, e toda a tropa suspendeu o combate e parou de perseguir Israel. Não batalharam mais.

²⁹Abner e seus homens caminharam toda a noite pelo deserto, atravessaram o Jordão e, depois de marcharem toda a manhã seguinte, chegaram a Maanaim. ³⁰Joab parou de perseguir Abner e reuniu toda a tropa: dos guerreiros de Davi morreram dezenove homens e também Asael. ³¹Mas tinham matado trezentos e sessenta homens de Benjamim e de Abner. ³²Levaram o cadáver de Asael e o enterraram em Belém, no túmulo da família. Joab e seus homens marcharam a noite inteira e chegaram a Hebron pelo amanhecer. [8-32]

3 Futuros concorrentes — ¹A guerra entre as famílias de Saul e Davi continuou, mas Davi se fortalecia cada vez mais, ao passo que a família de Saul se enfraquecia.

²Davi teve vários filhos em Hebron: o primeiro foi Amnon, nascido de Aquinoam de Jezrael; ³o segundo, Queleab, nascido de Abigail, que tinha sido mulher de Nabal de Carmel; o terceiro, Absalão, nascido de Maaca, filha de Tolmai, rei de Gessur; ⁴o quarto, Adonias, nascido de Hagit; o quinto, Safatias, nascido de Abital; ⁵o sexto, Jetraam, nascido da esposa Egla. Foram esses os filhos que Davi teve em Hebron. [3,1-5]

O caminho para a unificação do poder — ⁶Durante a luta entre as famílias de Saul e Davi, Abner foi adquirindo na família de Saul prestígio cada vez maior. ⁷Saul tinha tido uma concubina chamada Resfa, filha de Aías. Isbaal perguntou a Abner: “Por que você se uniu com a concubina de meu pai?” ⁸Abner ficou furioso com a pergunta de Isbaal e respondeu: “Por acaso, eu sou um cachorro? Sempre trabalhei lealmente pela família de seu pai Saul, pelos seus irmãos e amigos, e não deixei você cair nas mãos de Davi. E agora você vem me criticar por uma questão de mulher?” ⁹Que Deus me castigue, se eu não cumprir o juramento que Javé fez a Davi: ¹⁰Vou tirar a realeza da família de Saul e estabelecer o trono de Davi sobre Israel e sobre Judá, desde Dã até Bersabeia”. ¹¹Isbaal tinha medo de Abner, e não se atreveu a responder uma só palavra.

¹²Abner enviou mensageiros para dizerem a Davi: “De quem é o país?” Ele queria dizer: “Faça uma aliança comigo, e eu o ajudarei a reunir todo o Israel em torno de você”. ¹³Davi respondeu: “Muito bem. Vou fazer uma aliança com você. Só exijo uma coisa: quando você vier ao meu encontro só o receberei se me trouxer Micol, filha de Saul”. ¹⁴Davi mandou também mensageiros a Isbaal, filho de Saul, dizendo: “Entregue-me a minha mulher Micol, que adquiri por cem prepúcios de filisteus”. ¹⁵Isbaal mandou tomar Micol do seu marido Faltiel, filho de Lais. ¹⁶E Faltiel seguiu a esposa até Baurim. Então Abner lhe disse: “Volte!” E ele voltou.

¹⁷Abner tinha conversado com os anciãos de Israel e lhes tinha dito: “Faz tempo que vocês queriam ter Davi como rei. ¹⁸Pois bem, chegou o momento, porque Javé falou isto a respeito de Davi: ‘É por meio do meu servo Davi que eu livrarei o meu povo Israel do poder dos filisteus e de todos os seus inimigos’ ”. ¹⁹Abner falou também aos de Benjamim. Depois foi a Hebron contar a Davi tudo o que Israel e a família de Benjamim tinham aprovado. ²⁰Acompanhado de vinte homens, Abner chegou a Hebron para conversar com Davi, e Davi ofereceu uma recepção para Abner e os homens que tinham ido com ele. ²¹Então

Abner disse a Davi: “Vou reunir todo o Israel ao redor do senhor meu rei: eles farão uma aliança com você, e você reinará conforme deseja”. Davi se despediu de Abner, e este partiu em paz.

²²Os guerreiros de Davi e Joab tinham acabado de chegar da incursão, transportando muitos despojos. Abner não estava mais em Hebron, pois Davi o tinha despedido e ele tinha partido em paz. ²³Quando Joab e sua tropa chegaram, disseram a Joab que Abner, filho de Ner, tinha vindo e estado com o rei, e este o tinha deixado partir em paz. ²⁴Então Joab foi conversar com o rei e lhe disse: “O que foi que você fez? Abner esteve aqui, e você o deixou partir? ²⁵Você conhece bem Abner, filho de Ner! Ele veio para enganá-lo. Ele quer conhecer seus movimentos e saber o que você está fazendo”.

²⁶Joab saiu do palácio e, sem que Davi soubesse, enviou mensageiros atrás de Abner, que o fizeram voltar desde o poço de Sira. ²⁷Quando Abner voltou a Hebron, Joab o chamou à parte, a um lado da entrada, para falar com ele a sós; e aí o feriu mortalmente na barriga, por causa do seu irmão Asael. ²⁸Quando Davi ficou sabendo, disse: “Eu e o meu reino, diante de Javé, somos para sempre inocentes do sangue de Abner, filho de Ner. ²⁹Que o sangue de Abner caia sobre a cabeça de Joab e sobre toda a sua família. Que na família de Joab nunca falte quem sofra de gonorreia ou seja leproso, assalariado, ou pessoas mortas pela espada ou de fome”. ³⁰Joab e seu irmão Abisai tinham assassinado Abner porque ele matara seu irmão Asael no combate de Gabaon. ³¹Então Davi ordenou a Joab e seus acompanhantes: “Rasguem as roupas, vistam panos de saco e façam luto por Abner”. O rei Davi ia atrás, acompanhando o enterro. ³²Enterraram Abner em Hebron. O rei soluçava alto junto à sepultura, e todo o povo também chorava. ³³E o rei cantou esta lamentação por Abner: “Será que Abner precisava morrer como insensato? ³⁴Suas mãos não conheciam correntes e seus pés não estavam presos em grilhões. Mas você caiu, como quem cai em poder de malfeitores”. E todo o povo continuou chorando. ³⁵Depois o povo chamou Davi para forçá-lo a comer, enquanto era dia. Mas Davi jurou: “Que Deus me castigue, se antes do pôr do sol eu comer pão ou qualquer outro alimento”. ³⁶Todo o povo notou isso e achou justo, pois todos aprovavam o que o rei fazia. ³⁷Nesse dia, todo o povo e todo o Israel ficou sabendo que o rei não tinha nada a ver com o assassinato de Abner, filho de Ner. ³⁸E o rei disse aos seus ministros: “Vocês sabem que hoje caiu em Israel um grande chefe. ³⁹Eu ainda sou fraco, apesar de ter sido ungido rei. Esses homens, os filhos de Sárvia,

são mais duros do que eu. Que Javé castigue o mau, conforme a sua maldade”.
[6-39]

4 *Cai o último obstáculo* — ¹Quando soube que Abner tinha morrido em Hebron, Isbaal, filho de Saul, se acovardou, e todo o Israel ficou alarmado. ²Isbaal, filho de Saul, tinha dois chefes de guerrilhas: um se chamava Baana, e o outro Recab. Eram filhos de Remon de Berot e benjaminitas, porque Berot também se considerava da tribo de Benjamim. ³Os habitantes de Berot fugiram para Getaim, onde permanecem até hoje como imigrantes. ⁴Aí vivia um filho de Jônatas, filho de Saul, que era aleijado dos dois pés. Ele tinha cinco anos, quando chegou de Jezrael a notícia da morte de Saul e Jônatas. Então a ama o pegou e fugiu; mas, na fuga apressada, a criança caiu e se machucou. Chamava-se Meribaal.

⁵Recab e Baana, filhos de Remon de Berot, estavam a caminho e chegaram à casa de Isbaal na hora mais quente do dia, quando Isbaal dormia. ⁶A porteira, que estava limpando o trigo, tinha cochilado e dormia. Recab e seu irmão Baana entraram sem ser percebidos. ⁷Entraram na casa, enquanto Isbaal dormia na cama. Eles o mataram e lhe cortaram a cabeça. Depois carregaram a cabeça, andando a noite toda pela estrada do deserto. ⁸Levaram a cabeça de Isbaal a Davi em Hebron, e disseram ao rei: “Aqui está a cabeça de Isbaal, filho de Saul, o inimigo que queria matar você. Javé trouxe hoje ao senhor meu rei uma vingança contra Saul e sua descendência”.

⁹Davi, porém, dirigiu-se a Recab e seu irmão Baana, filhos de Remon de Berot, e lhes disse: “Pela vida de Javé, que me salvou a vida de todo perigo! ¹⁰Quem anunciou a morte de Saul, acreditava que estava trazendo uma boa notícia! Pois eu o agarrei e o matei em Siceleg, em troca da boa notícia! ¹¹Com maior razão ainda, será que não devo pedir contas a vocês do sangue de Isbaal e fazê-los desaparecer da face da terra, por terem matado um homem honesto dentro de sua casa, enquanto dormia na sua cama?” ¹²Então Davi ordenou a seus jovens que matassem Recab e Baana. Eles cortaram as mãos e os pés dos dois e penduraram seus corpos perto do açude de Hebron. Depois pegaram a cabeça de Isbaal e a enterraram no túmulo de Abner, em Hebron. [4,1-12]

2. Davi, rei de Judá e de Israel

5 *Nasce uma nação* — ¹Todas as tribos de Israel foram encontrar-se com Davi em Hebron, e lhe propuseram: “Veja! Somos do mesmo sangue. ²Já antes, quando Saul era nosso rei, o verdadeiro comandante de Israel era você. E Javé lhe disse: ‘Você será o pastor do meu povo Israel. Você será o chefe de Israel’ ”.

³Todos os anciãos de Israel foram visitar o rei em Hebron, e Davi fez um pacto com eles em Hebron, diante de Javé. E eles ungiram Davi como rei de Israel.

⁴Davi tinha trinta anos quando começou a reinar, e reinou durante quarenta anos. ⁵Em Hebron, ele reinou sete anos e meio sobre Judá. Depois, em Jerusalém, reinou trinta e três anos sobre todo o Israel e sobre Judá. [5,1-5]

Jerusalém, centro político do reino — ⁶Davi marchou com seus homens sobre Jerusalém, contra os jebuseus que habitavam o território. Os jebuseus disseram a Davi: “Não entre aqui, porque bastam os cegos e aleijados para o repelir”. Era a maneira de dizer que Davi não entraria na cidade. ⁷Mas Davi conquistou a fortaleza de Sião, que ficou sendo a cidade de Davi. ⁸Nesse dia, Davi disse: “Todo aquele que ferir os jebuseus e subir pelo canal... Quanto aos cegos e aleijados, Davi os detesta”. É por isso que se diz: “Os cegos e aleijados não poderão entrar no Templo”.

⁹Davi se instalou na fortaleza e deu-lhe o nome de Cidade de Davi. Em seguida, construiu uma grande muralha ao seu redor, desde o Melo até o interior.

¹⁰Davi ia crescendo em poder. E Javé, Deus dos exércitos, estava com ele.

¹¹Hiram, rei de Tiro, enviou uma embaixada a Davi, com madeira de cedro, carpinteiros e pedreiros, para construir um palácio para Davi. ¹²Então Davi percebeu que Javé o tinha confirmado como rei sobre Israel, e lhe estava exaltando a realeza por causa de Israel, povo de Javé.

¹³Chegando de Hebron, Davi ainda tomou concubinas e mulheres em Jerusalém, e teve filhos e filhas. ¹⁴Os nomes dos filhos que teve em Jerusalém são: Samua, Sobab, Natã, Salomão, ¹⁵Jebaar, Elisua, Nafeg, Jáfia, ¹⁶Elisama, Baaliada e Elifalet. [6-16]

Vitórias contra o inimigo — ¹⁷Os filisteus souberam que Davi fora ungido rei de Israel e subiram todos para o capturar. Ao saber disso, Davi desceu para o refúgio. ¹⁸Os filisteus chegaram e se espalharam pelo vale dos Rafaim. ¹⁹Então

Davi consultou a Javé: “Devo atacar os filisteus? Tu os entregarás em meu poder?” Javé respondeu a Davi: “Pode atacar. Vou lhe entregar os filisteus em seu poder”. ²⁰Davi foi para Senhor-das-Brechas e aí venceu os filisteus. Davi disse: “Javé abriu para mim uma brecha nos meus inimigos, como uma brecha feita pelas águas”. É por isso que esse lugar se chama Senhor-das-Brechas. ²¹Os filisteus abandonaram aí seus ídolos, e Davi com seus homens os levaram.

²²Os filisteus subiram outra vez e se espalharam pelo vale dos Rafaim. ²³Davi consultou a Javé, que respondeu: “Não os ataque pela frente. Dê a volta por trás deles e os ataque pelo lado das amoreiras. ²⁴Quando você ouvir um rumor de passos na copa das amoreiras, aja com rapidez, porque é Javé quem avança à frente de você para derrotar o exército filisteu”. ²⁵Davi fez exatamente o que Javé tinha mandado, e derrotou os filisteus desde Gabaon até a entrada de Gazer. [17-25]

6 *Jerusalém, centro religioso do povo* — ¹Davi reuniu de novo os melhores homens de Israel, cerca de trinta mil. ²Junto com seu exército, partiu para Baala de Judá, a fim de transportar a arca de Deus que aí estava e que levava o nome de Javé dos exércitos, assentado sobre os querubins. ³Carregaram a arca de Deus numa carroça nova, para tirá-la da casa de Abinadab, que ficava sobre uma colina. Oza e Aio, filhos de Abinadab, conduziam a carroça nova. ⁴Oza caminhava à esquerda da arca de Deus e Aio ia na frente dela. ⁵Davi e toda a casa de Israel, entusiasmados, iam fazendo festa diante de Javé, cantando ao som de cítaras, harpas, tamborins, pandeiros e marimbas. ⁶Quando chegaram à eira de Nacon, como os bois estavam fazendo a arca de Deus tombar, Oza estendeu a mão para segurá-la. ⁷Então a ira de Javé se inflamou contra Oza, e Deus o feriu por causa da sua falta; e Oza morreu aí mesmo, junto à arca de Deus. ⁸Davi ficou triste, porque Javé abrira uma brecha, atacando Oza; por isso, deram a esse lugar o nome de Brecha de Oza, nome que se conserva até hoje. ⁹Nesse dia, Davi teve medo de Javé, e disse: “Como é que a arca de Javé poderá ser introduzida em minha casa?” ¹⁰Então Davi desistiu de transferir a arca de Javé para a cidade de Davi. Por isso a levou para a casa de Obed-Edom de Gat. ¹¹A arca de Javé permaneceu três meses na casa de Obed-Edom de Gat. Por isso é que Javé abençoou Obed-Edom e toda a sua família.

¹²Então informaram ao rei Davi: “Javé abençoou a família de Obed-Edom e todos os seus por causa da arca de Deus”. Contento, Davi foi e transportou a arca

de Deus da casa de Obed-Edom para a cidade de Davi. ¹³Cada seis passos que os carregadores da arca de Javé davam, Davi sacrificava um boi e um bezerro gordo. ¹⁴Davi dançava com todo o entusiasmo diante de Javé e vestia um efod de linho. ¹⁵Desse modo, Davi e toda a casa de Israel conduziram a arca de Javé, com aclamações e toques de trombeta. ¹⁶Quando a arca de Javé entrou na cidade de Davi, Micol, filha de Saul, estava olhando pela janela e viu o rei Davi pulando e dançando diante de Javé; por isso, o desprezou no seu íntimo.

¹⁷Levaram a arca de Javé e a colocaram no lugar reservado para ele, dentro da tenda que Davi tinha mandado armar. Depois, Davi ofereceu holocaustos diante de Javé e também sacrifícios de comunhão. ¹⁸Tendo terminado de oferecer holocaustos e sacrifícios de comunhão, Davi abençoou o povo em nome de Javé dos exércitos. ¹⁹E distribuiu a todo o povo e a toda a multidão de Israel, homens e mulheres, um pedaço de pão, um bolo de tâmaras e um doce de uvas passas para cada pessoa. Em seguida, cada um foi embora para casa.

²⁰Davi voltou para abençoar a sua família. Então Micol, filha de Saul, saiu ao encontro dele, e disse: “Hoje o rei de Israel se honrou muito, desnudando-se diante das servas de seus servos, como se fosse um homem qualquer!” ²¹Davi respondeu a Micol: “Diante de Javé que escolheu a mim, e não ao seu pai e à família dele, para colocar-me como chefe sobre o povo de Javé, sobre Israel, eu farei festa diante de Javé, ²²e me humilharei ainda mais. Serei desprezível aos olhos de você, mas serei honrado aos olhos das servas, de quem você está falando”. ²³E Micol, filha de Saul, não teve filhos até o dia de sua morte. [6,1-23]

7 Fundação do poder dinástico — ¹O rei Davi foi morar no seu palácio e Javé o livrou de todos os inimigos ao redor. ²Então ele disse ao profeta Natã: “Veja! Eu moro em palácio de cedro, enquanto a arca de Deus mora numa tenda!” ³Natã respondeu ao rei: “Vá e faça tudo o que está pensando, porque Javé está com você”. ⁴Nessa mesma noite, porém, a palavra de Javé foi dirigida a Natã: ⁵“Vá dizer ao meu servo Davi: Assim diz Javé: Você quer construir uma casa para eu morar? ⁶Pois bem: eu não morei em casa nenhuma desde o dia em que tirei os filhos de Israel do Egito até hoje. Sempre andei errante sob uma tenda e um abrigo. ⁷Durante todo o tempo em que caminhei junto com os filhos de Israel, por acaso eu disse para algum dos juizes de Israel, que estabeleci como pastores do meu povo: ‘Por que você não constrói uma casa de cedro para mim?’ ⁸Portanto, diga ao meu servo Davi: Assim diz Javé dos exércitos: Eu tirei você

do pastoreio, onde você cuidava das ovelhas, para fazê-lo chefe do meu povo Israel. ⁹Estive com você em toda parte por onde você andava, e destruí na sua frente todos os seus inimigos. E eu darei a você um grande nome, como o nome dos grandes da terra. ¹⁰Fixarei um lugar para o meu povo Israel, eu o firmarei, para que habite no seu lugar próprio. E assim ele não precisará mais andar errante. Os perversos não continuarão a oprimi-lo como antes, ¹¹como acontece desde o dia em que estabeleci juízes sobre o meu povo Israel. Eu livrarei você de todos os seus inimigos. Javé informa que vai fundar uma dinastia para você. ¹²E quando esgotar seus dias e você repousar junto a seus antepassados, eu exaltarei a sua descendência depois de você, aquele que vai sair de você. E firmarei a realeza dele. ¹³Ele é que vai construir uma casa para o meu nome. E eu estabelecerei o trono real dele para sempre. ¹⁴Serei para ele um pai e ele será um filho para mim. Se ele falhar, eu o corrigirei com bastão e chicote, como se costuma fazer. ¹⁵Mas eu não desistirei de ser fiel para com ele, como desisti de Saul, que tirei da frente de você. ¹⁶A dinastia e a realeza dele permanecerão firmes para sempre diante de mim; e o seu trono será sólido para sempre”.

¹⁷Natã comunicou a Davi todas essas palavras e toda essa visão. [7,1-17]

O rei deve servir a Javé e ao povo — ¹⁸O rei Davi foi, ficou diante de Javé, e disse: “Quem sou eu, Senhor Javé, e o que é a minha família para que me conduzisses até aqui? ¹⁹E, no entanto, isso ainda é pouco para ti, Senhor Javé! Fizeste ainda promessas para a família de teu servo, para o futuro distante, enquanto existir a humanidade, Senhor Javé! ²⁰O que poderei eu, Davi, acrescentar às tuas palavras? Tu conheces o teu servo, Senhor Javé! ²¹É por causa da tua palavra e segundo o teu coração que fizeste o teu servo conhecer todas essas grandes coisas. ²²Por isso tu és grande, Senhor Javé! Ninguém é como tu, e não existe nenhum deus além de ti, como ouvimos com os nossos próprios ouvidos! ²³Quem é como o teu povo, como Israel, a única nação da terra que Deus veio resgatar para ser seu povo e para lhe dar um nome? Realizaste coisas grandes e terríveis em favor dele, do teu país, do teu povo, que resgataste do Egito, dentre as nações e os deuses. ²⁴Estabeleceste o teu povo Israel para ser o teu povo para sempre. Tu, Javé, te tornaste o seu Deus. ²⁵Agora, Javé Deus, confirma para sempre a promessa que fizeste ao teu servo e para a família dele, e faz como prometeste. ²⁶E o teu nome será engrandecido para sempre. Então se dirá: Javé dos exércitos é o Deus de Israel. Então a família de

teu servo Davi permanecerá firme diante de ti. ²⁷De fato, Javé dos exércitos e Deus de Israel, tu mostraste uma visão ao teu servo e disseste: ‘Construirei uma dinastia para você’. É por isso que o teu servo encontrou coragem para te fazer esta oração. ²⁸Senhor Javé, tu és Deus! E o que disseste é verdade. Tu prometeste essas coisas boas ao teu servo! ²⁹Agora, consente em abençoar a família do teu servo, para que esteja sempre na tua presença. Porque tu falaste, Senhor Javé, e através da tua bênção a família de teu servo será abençoada para sempre”. [18-29]

8 Libertação frente aos inimigos — ¹Depois disso, Davi derrotou os filisteus e subjugou-os, tomando deles o controle militar. ²Derrotou também os moabitas e, depois de os estender no chão, mediu-os com a corda: mediu duas cordas para condená-los à morte e uma corda inteira para deixá-los com vida. Depois disso, os moabitas tornaram-se súditos de Davi e começaram a pagar-lhe tributo. ³Davi derrotou também Adadezer, filho de Roob, rei de Soba, quando este pretendia estender seu domínio sobre o rio Eufrates. ⁴Davi tomou dele mil e setecentos condutores de carro, vinte mil homens da infantaria, e cortou os tendões de todas as parelhas de cavalos, conservando apenas cem. ⁵Os arameus de Damasco foram socorrer Adadezer, rei de Soba, mas Davi feriu vinte e dois mil homens dentre os arameus. ⁶Depois colocou governadores em Aram de Damasco, e os arameus se tornaram súditos dele, pagando-lhe tributos. E Javé fazia Davi sair vitorioso em qualquer lugar por onde ele ia. ⁷Davi ainda tomou os escudos de ouro que os guerreiros de Adadezer usavam e os levou para Jerusalém. ⁸Tomou também grande quantidade de cobre de Tebá e Berotai, cidades de Adadezer.

⁹Toú, rei de Emat, soube que Davi tinha derrotado todo o exército de Adadezer. ¹⁰Ora, como Adadezer era inimigo de Toú, este enviou seu filho Joram para saudar Davi e cumprimentá-lo por ter enfrentado Adadezer e o ter derrotado. Joram levou objetos de prata, ouro e bronze, ¹¹os quais o rei Davi consagrou a Javé, juntamente com o ouro e a prata que havia tomado de todas as nações conquistadas: ¹²de Aram e Moab, dos amonitas e filisteus, dos amalecitas e dos despojos de Adadezer, filho de Roob, rei de Soba.

¹³A fama de Davi aumentou quando ele retornou vitorioso contra dezoito mil homens de Edom, no Vale do Sal. ¹⁴Davi estabeleceu governadores em todo o território de Edom, de modo que todos os edomitas se tornaram servos dele. E Javé estava com Davi em qualquer lugar por onde ele ia. [8,1-14]

Um governo conforme a justiça e o direito — ¹⁵Davi reinou sobre todo o Israel, exercendo o direito e a justiça para com todo o seu povo.

¹⁶Joab, filho de Sárvia, era o chefe do exército. Josafá, filho de Ailud, era o porta-voz. ¹⁷Sadoc e Abiatar, filho de Aquitob e neto de Aquimelec, eram os sacerdotes. Saraías era o secretário. ¹⁸E Banaías, filho de Joiada, comandava os cereteus e feleteus. Os filhos de Davi eram sacerdotes. [\[15-18\]](#)

3. A luta pelo poder

9 Fidelidade ao compromisso — ¹Davi perguntou: “Existe ainda algum sobrevivente da família de Saul para que eu mostre benevolência para com ele, por causa de Jônatas?” ²Na família de Saul havia um servo chamado Siba. Ele foi conduzido até Davi, e o rei lhe perguntou: “Você é Siba?” Ele respondeu: “Para o servir”. ³O rei perguntou: “Existe algum sobrevivente da família de Saul, para que eu demonstre a benevolência de Deus para com ele?” Siba disse ao rei: “Existe ainda um filho de Jônatas, aleijado dos dois pés”. ⁴Davi perguntou: “Onde ele está?” Siba respondeu: “Na casa de Maquir, filho de Amiel, em Lo-Dabar”. ⁵Então Davi mandou buscar o filho de Jônatas na casa de Maquir, filho de Amiel, em Lo-Dabar.

⁶Ao chegar diante de Davi, Meribaal, filho de Jônatas e neto de Saul, caiu com o rosto por terra e se prostrou. Davi disse: “Meribaal!” Este respondeu: “Aqui está o seu servo”. ⁷Davi lhe disse: “Não tenha medo, pois vou usar de benevolência para com você, por causa de seu pai Jônatas. Restituirei a você todas as terras de seu avô Saul, e você sempre comerá à minha mesa”. ⁸Meribaal se prostrou e disse: “Quem é o seu servo, para que o senhor se dirija a um cão morto como eu?” ⁹Então o rei chamou Siba, servo de Saul, e lhe disse: “Tudo o que pertencia a Saul e à família dele, eu dou ao filho do seu senhor. ¹⁰Você deverá cuidar da terra para ele, você, seus filhos e servos. Você trará o necessário para o sustento de Meribaal, filho de seu senhor, pois ele comerá sempre à minha mesa”. Siba tinha quinze filhos e vinte servos. ¹¹Ele disse ao rei: “Tudo o que meu senhor rei mandar, assim o seu servo fará”. E Meribaal começou a comer à mesa de Davi, como se fosse um filho do rei. ¹²Meribaal tinha um filho pequeno, chamado Micas, e todos os servos da casa de Siba estavam a serviço de Meribaal. ¹³Por isso, Meribaal foi morar em Jerusalém, pois comia sempre à mesa do rei. Ele era aleijado de ambos os pés. [9,1-13]

10 Auge das conquistas de Davi — ¹Depois disso, o rei dos amonitas morreu, e seu filho Hanon reinou em seu lugar. ²Davi pensou: “Vou usar de benevolência para com Hanon, filho de Naás, do mesmo modo como o pai dele fez comigo”. Então Davi enviou embaixadores para dar os pêsames a Hanon, por causa da morte do pai dele. Quando os servos de Davi entraram no país dos amonitas, ³os príncipes amonitas disseram a Hanon, o senhor deles: “Você pensa

que Davi quer honrar seu pai, só porque mandou gente trazer os pêsames para você? Será que ele não enviou essa gente até aqui para observar a cidade, conhecer as defesas e depois destruí-la?” ⁴Então Hanon mandou pegar os embaixadores de Davi, raspar-lhes a metade da barba e rasgar a roupa deles pelo meio, até às nádegas. Depois mandou-os de volta. ⁵Ao ser informado, Davi enviou imediatamente alguém ao encontro deles, porque estavam muito envergonhados. E o rei mandou dizer-lhes: “Fiquem em Jericó até que a barba de vocês cresça; depois vocês voltarão”.

⁶Os amonitas perceberam que se haviam tornado odiosos para Davi. Por isso, mandaram contratar os arameus de Bet-Roob e os arameus de Soba, vinte mil homens de infantaria. Contrataram também o rei de Maaca com mil homens e gente de Tob, doze mil homens. ⁷Quando Davi soube disso, mandou Joab e todo o exército dos valentes. ⁸Os amonitas saíram da cidade e se puseram em ordem de batalha na entrada da porta, enquanto os arameus de Soba e Roob, mais o pessoal de Tob e de Maaca, ficaram à parte, em campo aberto. ⁹Joab percebeu que iria ser atacado pela frente e pela retaguarda. Então escolheu todos os melhores de Israel e os dispôs para enfrentar os arameus, ¹⁰confiando o resto da tropa a seu irmão Abisaí, dispondo-a para enfrentar os amonitas. ¹¹E Joab disse a Abisaí: “Se os arameus levarem vantagem sobre mim, você virá em meu auxílio; se os amonitas levarem vantagem sobre você, então eu irei em seu auxílio. ¹²Seja corajoso, vamos ser corajosos, em favor do nosso povo e das cidades do nosso Deus! E seja feito o que Javé achar melhor!” ¹³Então Joab avançou com a tropa que estava com ele para enfrentar os arameus, que fugiram diante dele. ¹⁴Ao verem os arameus fugindo, os amonitas também fugiram de Abisaí, e entraram na cidade. Então Joab voltou da campanha contra os amonitas e reentrou em Jerusalém.

¹⁵Ao ver que tinham sido derrotados por Israel, os arameus se reuniram. ¹⁶Adadezer mandou recado aos arameus, que estavam do outro lado do rio Eufrates, para que entrassem na luta. Eles foram para Helam, tendo à frente Sobac, chefe do exército de Adadezer. ¹⁷Sendo informado, Davi reuniu todo o Israel, atravessou o Jordão e foi para Helam. Os arameus se prepararam para enfrentar Davi e guerrear contra ele, ¹⁸mas acabaram fugindo diante de Israel. E Davi destruiu setecentos carros e quarenta mil arameus condutores de carro. Também Sobac, chefe do exército deles, foi ferido e aí mesmo veio a morrer. ¹⁹Todos os reis dependentes de Adadezer, percebendo que tinham sido

derrotados por Israel, fizeram a paz com Israel e se tornaram seus dependentes. E os arameus não se arriscaram mais a ajudar os amonitas. [10,1-19]

11 *Davi trai o seu povo* — ¹Na mudança do ano, quando os reis costumavam sair para a guerra, Davi mandou Joab, seus guerreiros e todo o Israel. Eles foram, massacraram os amonitas e sitiaram a cidade de Rabá. Mas Davi ficou em Jerusalém.

²Numa tarde, levantando-se da cama, Davi foi passear no terraço do palácio real. Do terraço, ele viu uma mulher tomando banho. Ela era muito bonita. ³Davi mandou colher informações sobre essa mulher. Disseram-lhe: “Ela é Betsabeia, filha de Eliam e esposa de Urias, o heteu!” ⁴Então Davi mandou emissários para que a trouxessem. Betsabeia foi e Davi teve relações com ela, que tinha acabado de se purificar de suas regras. Depois ela voltou para casa. ⁵Em consequência disso, Betsabeia concebeu, e mandou dizer a Davi: “Estou grávida!”

⁶Então Davi mandou dizer a Joab: “Mande que Urias, o heteu, venha falar comigo”. E Joab mandou Urias até Davi. ⁷Quando Urias chegou, Davi lhe perguntou como iam Joab, o exército e a guerra. ⁸Depois disse a Urias: “Vá para casa e lave seus pés”. Urias saiu do palácio e recebeu um presente da mesa do rei. ⁹Entretanto, Urias não foi para casa: dormiu na porta do palácio com os guardas do seu senhor. ¹⁰Informaram então a Davi: “Urias não foi para casa”. Davi perguntou a Urias: “Você não chegou de viagem? Por que não foi para casa?” ¹¹Urias respondeu: “A arca, Israel e Judá estão vivendo em tendas, e meu chefe Joab e os guerreiros do meu senhor estão acampados ao ar livre. Como posso ir para minha casa, para comer e beber e dormir com minha mulher? Por sua própria vida, eu nunca faria uma coisa dessas!” ¹²Então Davi disse a Urias: “Fique ainda hoje aqui. Amanhã o deixarei partir”. Urias ficou mais esse dia em Jerusalém. No dia seguinte, ¹³Davi convidou Urias para comer e beber em sua presença, e o embriagou. Pela tarde, Urias saiu e foi deitar-se no mesmo lugar em que dormiam os guardas de seu senhor, e não foi para casa.

¹⁴Na manhã seguinte, Davi escreveu uma carta para Joab e a mandou por meio de Urias. ¹⁵Na carta, ele mandava: “Coloque Urias no lugar mais perigoso da batalha e retirem-se, deixando-o sozinho, para que seja ferido e morra”. ¹⁶Joab estava cercado a cidade e colocou Urias no lugar onde sabia que estavam os guerreiros mais valentes. ¹⁷Os que estavam defendendo a cidade saíram para atacar Joab, e do exército morreram alguns da guarda de Davi. E morreu também Urias, o heteu.

¹⁸Joab mandou a Davi um relatório sobre a guerra ¹⁹e ordenou ao mensageiro: “Quando você acabar de fazer o relatório para o rei, ²⁰ele poderá ficar enfurecido e perguntar: ‘Por que se aproximaram da cidade para lutar? Vocês não sabiam que os arqueiros atiram do alto das muralhas? ²¹Quem matou Abimelec, o filho de Jerobaal? Foi uma mulher que jogou do alto da muralha uma pedra de moinho, e Abimelec morreu em Tebes. Por que se aproximaram da muralha?’ Então você dirá: ‘Morreu também o seu servo Urias, o heteu’ ”.

²²O mensageiro partiu, apresentou-se a Davi e lhe relatou a mensagem de Joab. Então Davi ficou enfurecido contra Joab. ²³Mas o mensageiro disse a Davi: “É que o inimigo nos atacou de surpresa, saindo em campo aberto. Nós o fizemos recuar até a entrada da cidade, ²⁴e então os arqueiros dispararam do alto das muralhas. Alguns guerreiros do rei caíram mortos e morreu também o seu servo Urias, o heteu”.

²⁵Então Davi falou ao mensageiro: “Diga para Joab não se preocupar com esse caso. A guerra é assim mesmo: um dia cai um, outro dia cai outro. Que ele redobre o ataque contra a cidade e a destrua. Procure animá-lo”. ²⁶A mulher de Urias soube que seu marido tinha morrido e ficou de luto. ²⁷Quando terminou o luto, Davi mandou buscá-la e a recolheu em seu palácio. Davi a tomou como esposa, e ela deu à luz um filho. Javé, porém, reprovou o que Davi tinha feito. [11,1-27]

12 *A sentença de Javé* — ¹Javé mandou o profeta Natã falar com Davi. Natã se apresentou e disse a Davi: “Havia dois homens numa cidade: um era rico e o outro era pobre. ²O rico tinha muitos rebanhos de ovelhas e bois. ³O pobre tinha só uma ovelha, uma ovelhinha que ele havia comprado. O pobre a criava e ela foi crescendo com ele, com seus filhos, comendo do seu pão, bebendo de sua vasilha e dormindo no seu colo. Era como filha para ele. ⁴Ora, chegou uma visita à casa do homem rico, e este não quis pegar nenhuma de suas ovelhas ou vacas para servir ao viajante que o visitava. Então ele pegou a ovelha do homem pobre e a preparou para a sua visita”.

⁵Davi ficou furioso contra esse homem, e disse a Natã: “Pela vida de Javé, quem fez isso merece a morte. ⁶Por não respeitar o que pertencia a outro, deverá pagar quatro vezes o valor da ovelha”. ⁷Então Natã disse a Davi: “Pois esse homem é você mesmo! Assim diz Javé, Deus de Israel: Eu ungi você como rei de Israel. E eu o salvei de Saul. ⁸Eu dei a você a casa do seu senhor. Eu coloquei em seus braços as mulheres do seu senhor. Eu dei a você a casa de Israel e de

Judá. E se isso ainda não é suficiente, eu darei a você qualquer outra coisa. ⁹Então por que você desprezou Javé e fez o que ele reprova? Você assassinou Urias, o heteu, para se casar com a mulher dele, e matou Urias com a espada dos amonitas. ¹⁰Pois bem! A espada nunca mais se afastará de sua família, porque você me desprezou e tomou a mulher de Urias, o heteu, para se casar com ela. ¹¹Assim diz Javé: Eu farei com que a desgraça surja contra você de dentro de sua própria casa. Pegarei suas mulheres e as darei a outro diante de seus olhos, e ele dormirá com suas mulheres debaixo da luz deste sol. ¹²Você agiu às escondidas, mas eu farei tudo isso diante de todo o Israel e em pleno dia”. ¹³Davi disse a Natã: “Pequei contra Javé”. Então Natã disse a Davi: “Javé perdoou o seu pecado. Você não morrerá. ¹⁴Mas, por ter ultrajado a Javé com seu comportamento o filho que você teve morrerá”. ¹⁵E Natã foi para casa. [12,1-15a]

Nascimento de Salomão — Javé atingiu o menino que a mulher de Urias dera a Davi, e o menino ficou gravemente enfermo. ¹⁶Davi suplicou a Javé pelo menino, jejuou, ficou perto dele, e passou a noite prostrado no chão. ¹⁷Os anciãos de sua casa tentaram erguê-lo, mas ele recusou e não quis comer nada com eles. ¹⁸Sete dias depois, o menino morreu. Os servos de Davi ficaram com medo de lhe dar a notícia de que o menino tinha morrido, pois comentavam: “Quando o menino estava vivo, nós falamos com ele, e ele não nos atendeu. Como podemos agora dizer-lhe que o menino morreu? Ele pode cometer alguma loucura!” ¹⁹Davi percebeu que os servos estavam cochichando entre si, e compreendeu que o menino tinha morrido. Então perguntou: “O menino morreu?” Eles responderam: “Morreu”.

²⁰Então Davi se levantou do chão, lavou-se, perfumou-se e trocou de roupa. Depois entrou no santuário de Javé e se prostrou. Em seguida voltou para casa, mandou que servissem a refeição e comeu. ²¹Os servos perguntaram: “O que você está fazendo? Enquanto o menino estava vivo, você jejuou e chorou; agora que ele morreu, você se levanta e se põe a comer?” ²²Davi respondeu: “Enquanto o menino vivia, eu jejuei e chorei, pensando que talvez Javé tivesse piedade de mim e o menino ficasse curado. ²³Mas agora ele morreu. Para que vou jejuar? Será que isso vai fazê-lo voltar? Eu é que vou para onde ele está, mas ele não voltará para mim”.

²⁴Davi consolou sua mulher Betsabeia; entrou no aposento e dormiu com ela.

Betsabeia deu à luz um filho, e Davi lhe deu o nome de Salomão. Javé amou Salomão, ²⁵e manifestou isso através do profeta Natã. Este, por ordem de Javé, deu a Salomão o nome de Querido de Javé. [15b-25]

O fim da conquista — ²⁶Joab atacou Rabá dos amonitas e se apoderou da cidade real. ²⁷Em seguida, enviou mensageiros até Davi para informá-lo: “Ataquei Rabá e também me apoderei da cidade das águas. ²⁸Agora reúna o resto do povo, cerque a cidade e se apodere dela. Do contrário, eu mesmo o farei, e ela receberá o meu nome”. ²⁹Então Davi reuniu todo o povo, foi para Rabá, atacou-a e se apoderou dela. ³⁰Tirou da cabeça do deus Melcom a coroa, que pesava cerca de trinta e cinco quilos. Nela havia uma pedra preciosa, que foi colocada na coroa de Davi. E Davi levou da cidade um despojo muito grande. ³¹Tirou também a população da cidade e a colocou para trabalhar com serra, picaretas e machados de ferro, e na fabricação de tijolos. E fez a mesma coisa com todas as outras cidades amonitas. Depois Davi e todo o povo voltaram para Jerusalém. [26-31]

13 ***A ambição gera a morte*** — ¹Depois disso, aconteceu o seguinte: Absalão, filho de Davi, tinha uma irmã bonita chamada Tamar. Amnon, filho de Davi, ficou apaixonado por ela. ²Amnon chegou a ponto de ficar doente por causa de sua irmã Tamar, pois ela era virgem e ele viu que era impossível fazer alguma coisa com ela. ³Amnon tinha um amigo muito esperto chamado Jonadab, filho de Sama, irmão de Davi. ⁴Ele disse a Amnon: “Filho do rei, por que você, a cada manhã, está assim deprimido? Por que você não me diz o que está acontecendo?” Amnon respondeu: “É porque estou apaixonado por Tamar, a irmã do meu irmão Absalão”. ⁵Jonadab sugeriu: “Fique na cama como se estivesse doente. Quando o seu pai vier para visitar você, diga a ele: ‘Deixe que minha irmã Tamar venha me servir a comida: ela fará a comida à minha vista, para que eu veja; e ela própria me servirá’ ”. ⁶Então Amnon foi deitar-se, fingindo que estava doente. O rei foi vê-lo, e Amnon lhe disse: “Deixe que minha irmã Tamar venha preparar, na minha frente, dois pastéis, e que ela mesma me sirva”. ⁷Então Davi mandou buscar Tamar na casa dela, dizendo: “Venha à casa de seu irmão Amnon para lhe preparar a comida”. ⁸Tamar foi e encontrou o irmão deitado. Ela pegou farinha, amassou, preparou os pastéis na frente dele, e os levou para cozinhar. ⁹Em seguida, pegou a panela, despejou no prato dele, mas ele não quis comer. Amnon disse: “Mande sair daqui toda essa

gente!” E todos saíram. ¹⁰Então Amnon disse a Tamar: “Traga você mesma a comida aqui no quarto, para eu comer”. Tamar pegou os pastéis que tinha feito e levou para seu irmão, no quarto. ¹¹Quando ela apresentou a comida, ele agarrou-a e disse: “Durma comigo, minha irmã”. ¹²Ela retrucou: “Não, meu irmão. Não me violente, pois isso não é coisa que se faz em Israel. Não cometa essa infâmia. ¹³Aonde eu iria esconder a minha vergonha? E você seria um infame em Israel! Fale com o rei, e ele não recusará que eu me case com você”. ¹⁴Amnon, porém, não deu atenção ao que ela falava: dominou-a com violência e teve relações com ela.

¹⁵Depois Amnon ficou furioso. A aversão que teve para com Tamar foi maior do que a paixão com que a tinha amado. Ele disse: “Levante-se e vá embora”. ¹⁶Ela respondeu: “Não. Você me mandar embora será um mal bem pior do que o outro que você já fez comigo”. Ele, porém, não quis ouvi-la. ¹⁷Chamou o criado que o servia e disse: “Leve essa moça embora daqui e tranque a porta”. ¹⁸Tamar vestia uma túnica de mangas longas, porque era assim que se vestiam as filhas solteiras do rei. O criado fez com que ela saísse, e trancou a porta.

¹⁹Tamar colocou terra na cabeça, rasgou a túnica de mangas longas, colocou as mãos na cabeça e saiu gritando. ²⁰Seu irmão Absalão disse para ela: “Seu irmão Amnon esteve com você? Agora, não diga nada: ele é seu irmão. Esqueça o que aconteceu”. E Tamar, desolada, foi morar na casa de seu irmão Absalão.

²¹O rei Davi soube do que tinha acontecido e ficou muito irritado, mas não quis castigar seu filho Amnon, porque era o primogênito e ele o amava muito. ²²Por causa da violência que Amnon cometeu com sua irmã Tamar, Absalão rompeu com ele e passou a odiá-lo.

²³Dois anos depois, Absalão estava fazendo a tosquia das ovelhas em Baal-Hasor, perto de Efraim. Então ele convidou todos os filhos do rei. ²⁴Ele foi até o rei e disse: “O seu servo está fazendo a tosquia. Que o rei e seus ministros se dignem aceitar o convite”. ²⁵O rei respondeu: “Não, meu filho. Se nós todos formos lá, será muito pesado para você”. Absalão insistiu, mas o rei não quis ir e o abençoou. ²⁶Absalão então disse: “Ao menos deixe que vá o meu irmão Amnon”. O rei perguntou: “Por que ele iria com você?” ²⁷Mas Absalão insistiu, e o rei deixou que fossem com ele Amnon e todos os filhos do rei.

²⁸Absalão ordenou a seus servos: “Fiquem de olho. Quando Amnon estiver alegre por causa do vinho, e eu lhes disser para feri-lo, vocês o matem. Não tenham medo, porque sou eu que estou mandando. Tenham coragem e sejam

valentes!” ²⁹Os servos de Absalão fizeram conforme ele havia mandado. Então todos os filhos do rei se levantaram, cada um montou no seu asno, e fugiram.

³⁰Eles ainda estavam a caminho, quando chegou até o rei este boato: “Absalão matou todos os filhos do rei e não sobrou nenhum deles!” ³¹O rei levantou-se, rasgou suas roupas e se prostrou por terra; e todos os ministros aí presentes também rasgaram suas roupas. ³²Jonadab, filho de Sama, irmão de Davi, interveio: “Não pense o meu senhor que morreram todos os moços, todos os filhos do rei, porque de fato só Amnon morreu. Absalão tinha prometido fazer isso desde o dia que Amnon violentou Tamar, a irmã dele. ³³Portanto, que o rei não fique preocupado, pensando que todos os filhos do rei morreram. Foi só Amnon que morreu, ³⁴e Absalão fugiu”.

O jovem que estava de guarda levantou os olhos e viu uma tropa numerosa, que avançava pelo caminho de Baurim. O jovem foi contar ao rei: “Vi gente no caminho de Baurim, na ladeira da montanha”. ³⁵Então Jonadab disse ao rei: “São os filhos do rei que estão chegando! Foi mesmo como o seu servo contou”. ³⁶Logo que terminou de falar, chegaram os filhos do rei e começaram a gritar e a chorar. Também o rei e todos os seus ministros começaram a chorar inconsolavelmente. ^{37a}Absalão se escondeu no território de Tolmai, filho de Amiud, rei de Gessur, ³⁸e aí ficou durante três anos. ^{37b}O rei ficou de luto por seu filho durante todo esse tempo. ³⁹Depois disso, o rei se consolou da morte de Amnon e parou de perseguir Absalão. [13,1-39]

14 *Reconciliação precária* — ¹Joab, filho de Sárvia, percebeu que o rei estava contra Absalão. ²Então Joab mandou buscar em Técuá uma mulher esperta, e lhe disse: “Faça o seguinte: finja que está de luto, coloque roupa de luto e não se perfume, como se fosse uma mulher que há muito tempo está de luto por um morto. ³Vá à casa do rei e diga o seguinte...”. E Joab falou tudo o que ela devia dizer.

⁴A mulher de Técuá apresentou-se ao rei, caiu com o rosto por terra, e disse: “Salve-me, rei!” ⁵O rei perguntou: “O que você tem?” A mulher respondeu: “Ai de mim! Sou viúva. Meu marido morreu, ⁶e me deixou com dois filhos. Eles brigaram no campo, e não havia ninguém para os apartar. Um feriu o outro e o matou. ⁷Então todo o clã se colocou contra mim e disse: ‘Entregue-nos o fraticida, para que o matemos, como preço da vida do irmão que ele matou. E assim acabaremos com o herdeiro’. Desse modo eles vão apagar a brasa que me

resta e não deixarão que meu marido tenha nem nome nem descendência sobre a terra”. ⁸O rei disse à mulher: “Vá para casa, que eu me encarrego do seu problema”. ⁹A mulher de Técua disse ao rei: “Senhor meu rei, que a responsabilidade caia sobre mim e minha família. O rei e seu trono estão inocentes”. ¹⁰O rei respondeu: “Se alguém ameaçar você, traga-o até mim, e ele nunca mais a molestará”. ¹¹A mulher disse: “Ó rei, lembre-se de Javé seu Deus, a fim de que o vingador do sangue não aumente a desgraça, acabando com meu filho”. Então o rei disse: “Pela vida de Javé! Nem mesmo um fio de cabelo da cabeça de seu filho cairá no chão”. ¹²A mulher acrescentou: “Posso dizer mais uma coisa ao senhor meu rei?” O rei respondeu: “Fale”. ¹³Então a mulher disse: “Por que o senhor pensa assim contra o povo de Deus? Pronunciando essa sentença, o rei se condenou a si próprio, porque o rei não deixa voltar aquele que havia exilado. ¹⁴Nós devemos morrer e, como a água derramada no chão não pode ser mais recolhida, Deus também não dará a vida a um cadáver. Que o rei faça voltar o exilado, para que ele não continue longe. ¹⁵Se eu vim contar isso ao rei meu senhor, foi porque alguns me amedrontaram, e sua serva pensou: ‘Vou falar com o rei, e quem sabe ele atenda o pedido de sua serva. ¹⁶Porque o rei atenderá sua serva e a livrará das mãos daqueles que me tentam tirar, a mim e a meu filho, a herança de Deus’. ¹⁷Sua serva pensou: ‘A palavra do senhor meu rei vai me trazer alívio, porque o rei é como enviado de Deus, que sabe distinguir o bem e o mal’. Que Javé seu Deus esteja com o senhor”.

¹⁸Então o rei disse à mulher: “Não me esconda nada do que vou perguntar a você”. A mulher respondeu: “Fale, senhor meu rei”. ¹⁹O rei perguntou: “A mão de Joab não está atrás de tudo isso que você veio me contar?” A mulher respondeu: “Pela sua vida, senhor meu rei, a sua pergunta acertou o alvo: foi o seu servo Joab quem me mandou e colocou na minha boca todas as palavras que eu lhe disse. ²⁰Ele imaginou isso, para não apresentar o assunto diretamente, mas o meu senhor tem a sabedoria de um enviado de Deus e sabe tudo o que se passa na terra”.

²¹Então o rei disse a Joab: “Pois bem. Eu já dei a minha palavra. Vá e traga de volta o jovem Absalão”. ²²Joab caiu com o rosto por terra, prostrou-se, abençoou o rei, e disse: “Hoje o seu servo sabe que o senhor está bem disposto comigo, pois atendeu o meu pedido”. ²³Depois Joab partiu, foi a Gessur e trouxe Absalão de volta para Jerusalém. ²⁴O rei, porém, ordenou: “Que ele vá para casa, porque eu não quero recebê-lo”. E Absalão se retirou para sua casa e não

foi recebido pelo rei.

²⁵Em todo o Israel não havia homem que fosse elogiado por sua beleza como Absalão: da planta dos pés ao alto da cabeça, ele era sem defeito. ²⁶Ele costumava cortar o cabelo no fim de cada ano, porque pesava muito; quando ele o cortava, o cabelo pesava mais de dois quilos, conforme o peso padrão do rei.

²⁷Absalão tinha três filhos, e uma filha chamada Tamar. Era uma linda mulher.

²⁸Absalão ficou dois anos em Jerusalém sem ser recebido pelo rei. ²⁹Então Absalão mandou chamar Joab, para que servisse de intermediário entre ele e o rei. Mas Joab não aceitou. Chamou-o, pela segunda vez, e Joab recusou de novo.

³⁰Absalão disse então a seus servos: “Vejam: o campo de Joab é vizinho do meu e tem uma plantação de cevada. Ponham fogo na plantação”. Os servos de Absalão foram e incendiaram a plantação. ³¹Joab procurou Absalão na sua casa, e lhe perguntou: “Por que seus servos puseram fogo no meu campo?” ³²Absalão respondeu: “Mandei chamar você para servir de intermediário e levar ao rei esta mensagem: ‘Para que voltei de Gessur? Lá eu estava melhor’. Agora quero ser recebido pelo rei. Se sou culpado, que ele me condene à morte”. ³³Joab se apresentou ao rei e lhe relatou a mensagem. Então o rei chamou Absalão. Este se apresentou e se prostrou com o rosto por terra. E o rei beijou Absalão. [14,1-33]

15 *Absalão prepara um golpe de estado* — ¹Depois disso, Absalão providenciou para si um carro e cavalos, e também uma guarda pessoal composta de cinquenta homens. ²Absalão se levantava bem cedo e ficava junto ao caminho na porta da cidade. Para toda pessoa que tinha um processo e ia para ser julgada pelo rei, Absalão perguntava: “De que cidade você é?” Ela respondia: “Seu servo pertence a uma das tribos de Israel”. ³Então Absalão lhe dizia: “Veja. A sua causa é boa e simples, mas não há ninguém, da parte do rei, que queira ouvi-la”. ⁴E continuava: “Se eu fosse constituído juiz em Israel, eu julgaria com justiça toda pessoa que tivesse algum processo!” ⁵E quando alguém se aproximava para prostrar-se diante dele, Absalão estendia a mão, o erguia e o beijava. ⁶Ele fazia a mesma coisa com todos os israelitas que iam para ser julgados pelo rei. Desse modo, Absalão cativava os israelitas.

⁷Passados quatro anos, Absalão disse ao rei: “Deixe-me ir a Hebron cumprir uma promessa que fiz a Javé, ⁸pois quando eu estava em Gessur de Aram fiz uma promessa: ‘Se Javé me fizer voltar para Jerusalém, oferecerei sacrifícios a Javé em Hebron’ ”. ⁹O rei respondeu: “Vá em paz”. E Absalão partiu para Hebron.

¹⁰Então Absalão mandou emissários para todas as tribos de Israel, com este recado: “Quando ouvirem o som da trombeta, vocês poderão dizer: Absalão se tornou rei em Hebron”. ¹¹E Absalão convidou para o acompanhar duzentos homens de Jerusalém, que foram inocentemente, sem saber de nada. ¹²Enquanto fazia os sacrifícios, Absalão mandou buscar, na cidade de Gilo, o gilonita Aquitofel, que era conselheiro de Davi. A conspiração se fortalecia e o partido de Absalão aumentava. [15,1-12]

Traição e fidelidade — ¹³Alguém informou a Davi: “Os israelitas aderiram a Absalão!” ¹⁴Então Davi disse a todos os ministros que estavam com ele em Jerusalém: “Vamos fugir. Caso contrário, não escaparemos de Absalão. Vamos partir depressa, para que ele não chegue antes e nos ataque, nos destrua e passe a cidade ao fio de espada. ¹⁵Os ministros do rei responderam: “Qualquer que seja a decisão do senhor nosso rei, ficaremos às suas ordens”. ¹⁶O rei deixou dez concubinas para guardar o palácio, e partiu a pé com toda a sua família. ¹⁷O rei saiu a pé com todo o povo, e pararam na última casa. ¹⁸Todos os seus ministros se colocaram a seu lado, e os cereteus, os feleteus, Etai, e os gateus que tinham vindo de Gat, cerca de seiscentos homens, foram passando diante do rei. ¹⁹E o rei disse a Etai, o gateu: “Por que você veio conosco? Volte e fique com o rei, porque você é um estrangeiro que vive longe do seu país. ²⁰Você chegou ontem! Como posso permitir que saia hoje conosco, como errante, quando eu próprio estou andando sem rumo? Volte e leve seus irmãos com você. Que Javé seja misericordioso e fiel para com você”. ²¹Etai, porém, respondeu: “Pela vida de Javé e pela vida do senhor meu rei, onde estiver o senhor meu rei, aí também estarei eu, tanto para a vida como para a morte”. ²²Então Davi disse a Etai: “Vamos em frente”. E Etai de Gat passou com todos os seus homens e toda a multidão que estava com ele. ²³Todos choravam e gritavam. O rei parou na margem do riacho do Cedron, e todo o povo desfilou diante dele, em direção ao deserto.

²⁴Aí estavam também Sadoc e todos os levitas, que transportavam a arca de Deus. Eles puseram a arca de Deus diante de Abiatar, até que o povo todo acabou de sair da cidade. ²⁵Então o rei disse a Sadoc: “Volte com a arca de Deus para a cidade. Se Javé for bondoso para comigo, ele me deixará voltar, para rever a arca e sua habitação. ²⁶Mas se ele me disser que não gosta de mim, aqui estou. Que ele faça de mim o que quiser”. ²⁷E continuou: “Volte em paz para a

cidade com seu filho Aquimaás, e Abiatar com seu filho Jônatas. ²⁸Vejam: eu vou ficar andando pelos caminhos do deserto, esperando que vocês me mandem notícias”. ²⁹Sadoc e Abiatar voltaram com a arca de Deus para Jerusalém e aí permaneceram.

³⁰Davi subiu a encosta das Oliveiras, chorando, com a cabeça coberta e os pés descalços. Todo o povo que o acompanhava ia de cabeça coberta e chorando.

³¹E disseram a Davi: “Aquitofel se uniu à conspiração de Absalão”. Davi, então, rezou: “Javé, faz com que o plano de Aquitofel fracasse”.

³²Quando Davi chegou ao ponto mais alto, onde se adora a Deus, foi ao seu encontro o seu amigo Cusai, o araquita; chegou com as roupas rasgadas e a cabeça coberta de pó. ³³Davi lhe disse: “Ficando comigo, você será um peso para mim. ³⁴Mas você pode fazer com que o plano de Aquitofel fracasse, se voltar para a cidade e disser a Absalão: ‘Senhor meu rei, eu sou seu servo: antes fui servo do seu pai, mas agora sou seu servo’”. ³⁵Lá você terá do seu lado os sacerdotes Sadoc e Abiatar. Tudo o que você ouvir, no palácio, conte a eles. ³⁶Aí estarão também os dois filhos deles: Aquimaás, filho de Sadoc, e Jônatas, filho de Abiatar. Por meio deles, vocês me comunicarão tudo o que observarem”.

³⁷Cusai, amigo de Davi, foi para a cidade, e Absalão entrou em Jerusalém.

16¹Davi tinha passado um pouco além do alto do monte, quando Siba, servo de Meribaal, foi ao seu encontro com dois jumentos selados, carregados com duzentos pães, cem cachos de uvas passas, cem frutos da estação e um barril de vinho. ²O rei perguntou a Siba: “O que você vai fazer com isso?” Siba respondeu: “Os jumentos servirão de montaria para a família real; os pães e as frutas para os rapazes comerem, e o vinho para os que desmaiarem no deserto”. ³O rei perguntou: “Onde está o filho do seu senhor?” Siba respondeu: “Ele ficou em Jerusalém, porque espera que a casa de Israel devolva agora o reino de seu pai”. ⁴Então o rei disse a Siba: “Tudo o que Meribaal possui pertence também a você”. Siba disse: “Eu me prostro diante do senhor. Seja bondoso para comigo, senhor meu rei”.

⁵Quando o rei Davi chegou a Baurim, saiu daí um homem do clã de Saul, chamado Semei, filho de Gera, gritando maldições. ⁶Começou a jogar pedras em Davi e nos ministros do rei, enquanto o povo e os soldados iam à direita e à esquerda do rei. ⁷E Semei amaldiçoava a Davi: “Caia fora, caia fora, assassino, canalha! ⁸Javé está fazendo você pagar o sangue da família de Saul, de quem

você usurpou o trono! Javé entregou o reino a seu filho Absalão, enquanto você está caindo na desgraça, porque você é um assassino”. ⁹Abisai, filho de Sárvia, disse ao rei: “Por que esse cão morto tem que ficar amaldiçoando o senhor meu rei? Vou lá e corto a cabeça dele”. ¹⁰Mas o rei disse: “Não se intrometam na minha vida, filhos de Sárvia! Deixem que ele me amaldiçoe. Se foi Javé quem o mandou para amaldiçoar a Davi, quem poderá pedir-lhe contas?” ¹¹E Davi disse a Abisai e a todos os seus ministros: “Vejam: o meu filho, que saiu das minhas entranhas, está querendo me matar! Com muito mais razão esse benjaminita. Deixem que ele me amaldiçoe, pois foi Javé quem o mandou. ¹²Talvez Javé considere a minha humilhação e me pague com bênçãos essas maldições de hoje”. ¹³Davi e seus homens continuaram a caminhada. Semei caminhava ao lado, na encosta da montanha, e ia gritando maldições, jogando pedras e levantando poeira. ¹⁴O rei e todo o povo que o acompanhava chegaram cansados ao Jordão e aí descansaram. [15,13-16,14]

Usurpação do poder — ¹⁵Absalão e os israelitas entraram em Jerusalém, e Aquitofel o acompanhava. ¹⁶Cusai, o araquita, amigo de Davi, se apresentou a Absalão e disse: “Viva o rei! Viva o rei!” ¹⁷Absalão replicou: “É essa a sua lealdade para com seu amigo? Por que você não foi com ele?” ¹⁸Cusai respondeu: “De jeito nenhum! Quero ficar com aquele que foi escolhido por Javé, por este povo e pelos israelitas. Com ele viverei. ¹⁹Além disso, a quem devo servir? Por acaso você não é filho de Davi? Vou servir a você, como servi a seu pai”.

²⁰Então Absalão perguntou a Aquitofel: “O que vocês me aconselham fazer?” ²¹Aquitofel respondeu a Absalão: “Tome as concubinas de seu pai, que ele deixou aqui para guardar o palácio. Desse modo, todo o Israel ficará sabendo que você rompeu com o seu pai. Então seus partidários ficarão mais confiantes”.

²²Armaram então uma tenda no terraço do palácio, e Absalão tomou as concubinas de seu pai aos olhos de todo o Israel. ²³Nesse tempo, o conselho que Aquitofel dava era recebido como oráculo de Deus. O conselho de Aquitofel era assim considerado, tanto por Davi como por Absalão. [16,15-23]

17 Estratégia de Davi — ¹Aquitofel disse a Absalão: “Deixe-me escolher doze mil homens, que eu irei esta noite mesmo perseguir Davi. ²Eu chegarei lá quando ele estiver cansado e vulnerável. Então eu o aterrorizarei, e todo o povo que está com ele fugirá. Vou matar o rei quando ele estiver sozinho.

³Assim farei retornar para você todo o povo, pois o homem que você procura significa o retorno de todos; e todo o povo ficará em paz”. ⁴Tanto Absalão como os anciãos de Israel acharam que a proposta era boa. ⁵Absalão, porém, disse: “Chamem Cusai, o araquita, para ouvirmos também o que ele pensa”. ⁶Cusai foi e Absalão lhe disse: “Nós devemos agir conforme Aquitofel nos propôs? Se não, qual é a sua proposta?” ⁷Cusai respondeu a Absalão: “Desta vez, Aquitofel não deu um conselho bom”. ⁸E continuou: “Você sabe que seu pai e os homens que estão com ele são valentes e estão enfurecidos como urso que perdeu o filhote no campo. Seu pai é um guerreiro, e não passará a noite junto com o povo. ⁹Agora mesmo ele deve estar escondido em alguma gruta ou em qualquer outro lugar. No começo, podem morrer alguns dos nossos. Então alguém vai saber e espalhar que houve baixas na tropa que segue Absalão. ¹⁰E aí, até mesmo alguém corajoso, que tenha coração de leão, perderá a coragem, pois todo o Israel sabe que seu pai é homem valente, e aqueles que o acompanham são corajosos. ¹¹Por isso, eu aconselho o seguinte: Que se reúna todo o Israel junto a você, desde Dã até Bersabeia, e será tão numeroso como a areia da praia, e você mesmo marchará no meio deles. ¹²Iremos para o lugar onde ele estiver, e cairemos sobre ele como orvalho sobre a terra, e não o deixaremos escapar, nem ele, nem mesmo um só dos homens que o acompanham. ¹³Se ele se esconder em alguma cidade, todo o Israel levará cordas para essa cidade, a fim de arrastá-la até o riacho, de tal modo que não se possa encontrar aí uma única pedra”. ¹⁴Absalão e todos os homens de Israel concordaram: “O conselho de Cusai, o araquita, é melhor do que o conselho de Aquitofel”. É que Javé tinha decretado malograr o conselho bom de Aquitofel, para fazer que a desgraça caísse sobre Absalão.

¹⁵Em seguida, Cusai foi avisar os sacerdotes Sadoc e Abiatar: “Aquitofel deu tal conselho a Absalão e aos anciãos de Israel. Eu, porém, dei este outro conselho. ¹⁶Agora, portanto, mandem depressa avisar Davi que não fique esta noite nas estepes do deserto, mas que atravesse para o outro lado; senão, o rei e todo o povo que o segue serão destruídos”. ¹⁷Jônatas e Aquimaás estavam de prontidão perto da fonte do Pisoeiro. Uma serva foi transmitir-lhes o recado, para que eles avisassem o rei Davi, pois eles não poderiam ser vistos entrando na cidade. ¹⁸Um rapaz, porém, os viu e foi informar Absalão. Então os dois partiram depressa e chegaram a Baurim, na casa de um homem. Aí havia um poço no pátio e eles se esconderam dentro. ¹⁹A mulher pegou a tampa e a colocou na boca do poço, espalhando grãos em cima, de modo que não se notava

nada. ²⁰Alguns servos de Absalão foram, entraram na casa e interrogaram a mulher: “Onde estão Aquimaás e Jônatas?” Ela respondeu: “Eles passaram por aqui na direção do rio”. Os servos procuraram e, não encontrando nada, voltaram para Jerusalém.

²¹Quando eles partiram, Aquimaás e Jônatas saíram do poço e foram avisar o rei Davi: “Levantem-se e atravessem depressa o rio, porque foi isso que Aquitofel disse a respeito de vocês”. ²²Davi e o pessoal que o acompanhava puseram-se então a caminho e atravessaram o Jordão. Ao nascer do sol, não havia ninguém que já não estivesse do outro lado do Jordão. ²³Quando Aquitofel notou que o seu conselho não fora seguido, selou o jumento, montou e foi para sua casa na cidade. Colocou a casa em ordem e depois se enforcou e morreu. Foi enterrado no túmulo de seu pai. [17,1-23]

Um rei humano — ²⁴Davi tinha chegado a Maanaim, quando Absalão atravessou o Jordão com todos os homens de Israel. ²⁵Absalão tinha colocado Amasa na chefia do exército, substituindo Joab. Amasa era filho de Jetra, um ismaelita que se tinha unido a Abigail, filha de Jessé e irmã de Sárvia, a mãe de Joab. ²⁶Israel e Absalão acamparam no território de Galaad.

²⁷Logo que Davi chegou a Maanaim, Sobi, filho de Naás de Rabá dos amonitas, Maquir, filho de Amiel de Lo-Dabar, e Berzelai, o galaadita de Rogelim, ²⁸levaram colchões, tapetes, copos e vasilhas de barro. Havia trigo, cevada, farinha, grão torrado, favas, lentilhas, ²⁹mel, coalhada, queijos de leite de vaca e de ovelha, e ofereceram a Davi e ao pessoal que o acompanhava, para que se alimentassem. Pois diziam: “O pessoal está cansado, com fome e sede no deserto”.

18¹Davi revistou suas tropas e nomeou comandantes e oficiais. ²Depois dividiu o exército em três alas. Deixou um terço sob o comando de Joab; um terço sob o comando de Abisai, filho de Sárvia e irmão de Joab; e um terço sob o comando de Etai de Gat. Depois, Davi disse às tropas: “Eu também irei com vocês para lutar”. ³Mas os soldados disseram: “Você não deve ir, porque, se nós tivermos de fugir, ninguém dará importância; se a metade de nós morrer, também ninguém dará importância; mas você vale por dez mil de nós. É melhor que você nos ajude daqui da cidade”. ⁴Davi respondeu: “Farei o que vocês acharem melhor”. E o rei ficou ao lado da porta da cidade, enquanto o exército saía em unidades de cem e de mil. ⁵O rei ordenou a Joab, Abisai e Etai: “Por

favor, tratem bem o jovem Absalão”. Todo o exército ouviu a ordem que o rei tinha dado aos chefes a respeito de Absalão.

⁶O exército de Davi saiu em campo aberto para guerrear contra Israel. A batalha teve lugar na floresta de Efraim. ⁷O exército de Israel foi derrotado pelo exército de Davi, e a derrota foi grande, pois morreram vinte mil. ⁸A luta se espalhou por toda a região e, nesse dia, a floresta devorou mais vítimas do que a espada.

⁹Ora, aconteceu que Absalão se encontrou por acaso com um destacamento de Davi. Absalão estava montado num jumento, que se meteu debaixo dos galhos de um grande carvalho. A cabeça de Absalão se prendeu nos galhos do carvalho, e ele ficou suspenso entre o céu e a terra, enquanto o animal foi embora.

¹⁰Alguém o viu e avisou Joab: “Acabo de ver Absalão suspenso num carvalho”.

¹¹Joab respondeu: “Você viu Absalão? Por que não o matou ali mesmo? Agora eu daria a você dez moedas de prata e um cinturão”. ¹²O homem, porém, respondeu: “Mesmo que você pusesse mil moedas de prata na minha mão, eu não levantaria a mão contra o filho do rei. Estávamos presentes quando o rei mandou que você, Abisai e Etai tratassem bem Absalão, o filho dele. ¹³Se eu cometesse tal infâmia, o rei ficaria sabendo, e você mesmo ficaria contra mim”.

¹⁴Então Joab disse: “Não vou ficar perdendo tempo com você”. Pegou três dardos e os atirou no coração de Absalão, que ainda estava entre os galhos do carvalho. ¹⁵Logo depois, chegaram dez jovens, escudeiros de Joab, que cercaram Absalão e o golpearam até matar.

¹⁶Joab mandou tocar a trombeta para deter a tropa, e o exército parou de atacar Israel. ¹⁷Pegaram o corpo de Absalão e o jogaram dentro de um grande buraco, no meio da floresta, e atiraram em cima um monte de pedras. E todo o Israel debandou, cada qual para a sua tenda.

¹⁸Enquanto estava vivo, Absalão tinha erguido uma estela, que está no Vale do Rei, porque pensava: “Não tenho filho que conserve a memória do meu nome”. Por isso, deu o seu nome ao monumento, que ainda hoje é conhecido por Monumento de Absalão.

¹⁹Aquimaás, filho de Sadoc, disse: “Vou correndo dar ao rei a boa notícia de que Javé lhe fez justiça e o livrou de seus inimigos”. ²⁰Joab porém replicou: “Hoje você não será portador de uma boa notícia. Deixe para outro dia, porque hoje morreu o filho do rei”. ²¹E Joab ordenou a um etíope: “Vá comunicar ao rei tudo o que você viu”. O etíope se prostrou diante de Joab, e partiu correndo.

²² Aquimaás, filho de Sadoc, insistiu com Joab: “Aconteça o que acontecer, também vou correndo atrás do etíope”. Joab respondeu: “Para que correr, meu filho? Você não vai ganhar nada com essa notícia!” ²³ Aquimaás replicou: “Seja como for, eu vou correndo”. Então Joab lhe disse: “Pode ir”. Aquimaás partiu correndo e, cortando o caminho pela planície, passou na frente do etíope.

²⁴ Davi estava sentado entre as duas portas da cidade. A sentinela subiu no terraço, em cima da porta, na muralha. Correu a vista e notou que um homem vinha correndo sozinho. ²⁵ A sentinela gritou e avisou o rei. E o rei comentou: “Se ele vem sozinho, é porque traz boas notícias”. Quando já estava se aproximando, ²⁶ a sentinela avistou outro homem que vinha correndo, e gritou de cima da porta: “Vem vindo outro homem correndo sozinho”. Davi comentou: “Esse também traz boas notícias”. ²⁷ A sentinela acrescentou: “Estou reconhecendo o modo de correr do primeiro: ele corre como Aquimaás, o filho de Sadoc”. O rei comentou: “É um homem bom. Certamente ele vem com boas notícias”.

²⁸ Aquimaás aproximou-se do rei e o saudou: “Paz”. Depois se prostrou com o rosto por terra diante do rei, e disse: “Bendito seja o seu Deus Javé, que lhe entregou os homens que se revoltaram contra o senhor meu rei”. ²⁹ O rei perguntou: “Está tudo bem com o jovem Absalão?” Aquimaás respondeu: “Vi uma confusão na hora em que Joab, servo do rei, me enviou, mas não sei o que aconteceu”. ³⁰ O rei disse: “Fique ali e espere”. Aquimaás obedeceu e ficou esperando. ³¹ Nesse momento, chegou o etíope e disse: “Senhor meu rei, receba a boa notícia: Javé hoje acaba de fazer justiça, livrando-o de todos os que se revoltaram contra o senhor”. ³² Então o rei perguntou: “Está tudo bem com o jovem Absalão?” O etíope respondeu: “Que se acabem como ele todos os inimigos do senhor meu rei e todos os que se revoltaram contra o senhor para lhe fazer mal”.

19¹ Então o rei estremeceu, subiu para a sala que fica em cima da porta, e começou a chorar, dizendo entre soluços: “Meu filho Absalão! Meu filho Absalão! Por que não morri eu em vez de você? Absalão, meu filho, meu filho!”

² E avisaram a Joab: “O rei está chorando e se lamentando por causa de Absalão”. ³ Assim, a vitória desse dia se transformou em luto para todo o exército, porque os soldados ficaram sabendo que o rei estava aflito por causa do seu filho. ⁴ Nesse dia, o exército entrou na cidade às escondidas, como se fosse um exército envergonhado por ter fugido do combate. ⁵ O rei estava com o rosto

coberto e gritava: “Meu filho Absalão! Absalão meu filho, meu filho!” ⁶Joab entrou na casa e disse ao rei: “Hoje você está cobrindo de vergonha o rosto de todos os seus guerreiros, que hoje salvaram a sua vida e a vida de seus filhos e filhas, mulheres e concubinas. ⁷Você ama aqueles que o odeiam, e odeia aqueles que o amam. Hoje você está mostrando que os chefes e soldados não valem nada para você. Estou percebendo que, se nós todos tivéssemos morrido e Absalão estivesse vivo, você acharia tudo muito bom. ⁸Vamos, saia e fale com os seus soldados. Porque eu juro por Javé: se você não sair esta noite, você ficará sem ninguém. Para você, isso vai ser uma desgraça muito maior do que todas as que lhe aconteceram, desde a sua mocidade até hoje”. ⁹O rei se levantou e foi sentar-se à porta. E avisaram todo o exército: “O rei está sentado à porta da cidade”. Então todo o exército se reuniu ao redor do rei. [17,24-19,9a]

Como assegurar a unidade? — Os israelitas debandaram, e cada um foi para a sua tenda. ¹⁰Nas tribos de Israel, todo o povo discutia e comentava: “Foi o rei Davi quem nos arrancou do poder de nossos inimigos e nos livrou do poder dos filisteus. No entanto, agora ele teve que fugir do país para escapar de Absalão. ¹¹E Absalão, que tínhamos ungido para nos governar, morreu na guerra. Por que não fazem nada para que o rei volte?”

¹²O rei Davi soube do que se dizia em todo Israel, e então mandou dizer aos sacerdotes Sadoc e Abiatar: “Digam aos anciãos de Judá: ‘Por que seriam vocês os últimos a providenciar o retorno do rei para seu palácio? ¹³Vocês são meus parentes, de minha carne e meu sangue. Por que seriam os últimos a providenciar o retorno do rei?’ ¹⁴Digam também a Amasa: ‘Você não é de minha carne e meu sangue? Que Deus me castigue se você não for o comandante permanente do meu exército, em lugar de Joab’ ”. ¹⁵Assim Davi conquistou o coração dos homens de Judá, como se fossem um só homem. Então eles mandaram dizer ao rei: “Volte, juntamente com seus ministros”.

¹⁶O rei voltou e chegou ao rio Jordão, enquanto os de Judá foram a Guilgal para se encontrar com o rei e ajudá-lo na travessia do Jordão. ¹⁷Semei, filho de Gera, o benjaminita de Baurim, se apressou em descer com os homens de Judá ao encontro do rei Davi. ¹⁸Iam com ele mil homens de Benjamim. Siba, o servo da família de Saul, seus quinze filhos e vinte servos entraram no Jordão antes do rei, ¹⁹prepararam tudo para que a família do rei passasse e para agradar o rei. Quando o rei estava atravessando o Jordão, Semei, filho de Gera, se atirou aos

pés dele ²⁰e disse: “Que o meu senhor não me considere culpado e não se lembre do mal que seu servo cometeu no dia em que o senhor meu rei deixou Jerusalém. Que o rei não guarde isso no coração, ²¹porque o seu servo reconhece que pecou, e hoje é o primeiro da casa de José a descer ao encontro do senhor meu rei”. ²²Abisaí, filho de Sárvia, contestou: “Há por acaso alguma desculpa para que Semei não seja morto? Ele amaldiçoou o ungido de Javé!” ²³Mas Davi interveio: “Não se intrometam na minha vida, filhos de Sárvia. Não me tentem. Hoje em Israel alguém poderia ser condenado à morte? Justamente hoje que vocês me reconheceram como rei de Israel?” ²⁴E o rei jurou a Semei: “Você não vai morrer”.

²⁵Meribaal, o filho de Saul, também foi ao encontro do rei. Ele não tinha lavado os pés e as mãos, nem aparado o bigode, nem lavado sua roupa, desde o dia em que o rei tinha partido até o dia em que retornou vitorioso. ²⁶Quando ele chegou a Jerusalém, o rei perguntou: “Meribaal, por que você não foi comigo?” ²⁷Meribaal respondeu: “Meu servo me enganou, senhor meu rei. Porque eu pensei: ‘Vou selar minha mula, montar e partir com o rei’, porque sou aleijado. ²⁸Mas o meu servo me caluniou diante do senhor meu rei. O senhor meu rei, porém, é como um anjo de Deus: faça o que achar melhor. ²⁹Toda a família de meu pai merecia do senhor meu rei apenas a morte, mas o senhor me recebeu entre os que comem à sua mesa. Que direito tenho de reclamar diante do rei?” ³⁰Então o rei disse: “Por que você está falando sem parar? Minha decisão é que você e Siba repartam as terras”. ³¹Meribaal respondeu: “Ele pode ficar com tudo, pois o senhor meu rei voltou em paz para casa”.

³²Berzelai, o galaadita, tinha descido de Rogelim e acompanhado o rei até o Jordão, a fim de despedir-se dele. ³³Berzelai era muito velho; tinha oitenta anos. Quando o rei passou por Maanaim, ele havia provido à manutenção do rei, porque era muito rico. ³⁴O rei disse a Berzelai: “Continue comigo, e eu lhe darei tudo o que você precisar em Jerusalém”. ³⁵Mas Berzelai respondeu: “Quantos anos ainda me restam? Para que subir com o rei a Jerusalém? ³⁶Estou com oitenta anos. Será que ainda sei distinguir entre o que é bom e o que é mau? Será que seu servo ainda sente gosto no que come e no que bebe? Poderia ainda ouvir os cantores e cantoras? Então para que seu servo iria ser agora de peso para o senhor meu rei? ³⁷Vou atravessar para acompanhar o rei um pouco mais além, mas não é preciso que o rei me recompense por isso. ³⁸Deixe-me voltar e morrer na minha cidade, para ser enterrado no túmulo de meus pais. Aqui está meu filho

Camaam; ele ficará com o senhor meu rei. Trate-o como achar melhor”. ³⁹Então o rei disse: “Que Camaam venha comigo, e eu farei por ele o que você quiser, e farei por você tudo o que me pedir”. ⁴⁰Todo o povo atravessou o Jordão, e o rei atravessou também. Beijou Berzelai e o abençoou. E Berzelai voltou para a sua casa.

⁴¹O rei continuou em direção a Guilgal, e Camaam foi com ele. Todo o povo de Judá e a metade de Israel acompanhavam o rei. ⁴²Os israelitas foram ao rei e lhe disseram: “Por que nossos irmãos de Judá tomaram posse de você e fizeram com que o rei, sua família e todos os homens de Davi atravessassem o Jordão?” ⁴³Então todos os homens de Judá responderam aos de Israel: “É porque o rei é mais parente nosso! Por que vocês estão chateados? Por acaso comemos às custas do rei ou tiramos algum proveito dele?” ⁴⁴Os homens de Israel responderam aos de Judá: “Temos dez vezes mais direito sobre o rei e, mesmo para Davi, somos mais importantes que vocês. Por que vocês fazem pouco caso de nós? Não fomos os primeiros a fazer o rei voltar?” Contudo, os homens de Judá foram mais duros.

20¹Havia aí um vagabundo chamado Seba, benjaminita, filho de Bocri. Ele tocou a trombeta e disse: “Nós não temos parte com Davi. Não temos herança com o filho de Jessé. Cada um para as suas tendas, Israel”. ²Todos os israelitas abandonaram Davi, e seguiram Seba, filho de Bocri. Mas os homens de Judá, desde o Jordão até Jerusalém, permaneceram fiéis ao rei.

³Davi foi para o seu palácio em Jerusalém. Aí chegando, pegou as dez concubinas que tinha deixado para tomar conta do palácio, e as confinou em seu harém. Ele as mantinha, mas nunca mais teve relações com elas: ficaram segregadas, como viúvas de uma pessoa viva, até o dia em que morreram.

⁴O rei disse a Amasa: “Convoque os homens de Judá e apresente-se aqui dentro de três dias”. ⁵Amasa partiu para convocar os homens de Judá, mas demorou mais tempo do que fora estabelecido. ⁶Então Davi disse a Abisai: “Seba, filho de Bocri, é agora mais perigoso para nós do que Absalão. Pegue os guerreiros do seu senhor e persiga-o, para que não alcance as cidades fortificadas e escape de nós”.

⁷Depois de Abisai, partiram também Joab, os cereteus, os feleteus e todos os homens valentes. Saíram de Jerusalém para perseguir Seba, filho de Bocri.

⁸Quando estavam perto da grande pedra, que se encontra em Gabaon, Amasa apareceu. Joab levava sobre o uniforme um cinto com a espada embainhada; a

espada saiu da bainha e caiu. ⁹Joab cumprimentou Amasa: “A paz esteja com você, meu irmão”. E com a mão direita, segurou a barba de Amasa para o beijar. ¹⁰Amasa não percebeu que Joab estava com a espada na mão. Ele cravou a espada na barriga de Amasa, de modo que suas entranhas se derramaram pelo chão. Amasa morreu. Nem foi preciso dar um segundo golpe. Joab e seu irmão Abisai partiram em seguida, perseguindo Seba, filho de Bocri. ¹¹Um dos rapazes de Joab parou perto de Amasa e disse: “Quem é amigo de Joab e está do lado de Davi, siga a Joab”. ¹²Amasa estava caído no meio do caminho, numa poça de sangue. Vendo que todos paravam aí, o rapaz tirou Amasa do caminho, o colocou no campo, e cobriu o corpo dele com um manto, porque observou que todos os que passavam perto dele paravam. ¹³Quando o cadáver de Amasa foi tirado do caminho, todos passavam sem parar, seguindo Joab, que perseguia Seba, filho de Bocri.

¹⁴Seba atravessou todas as tribos de Israel, até chegar a Abel-Bet-Maaca. E todo o clã de Bocri o acompanhou. ¹⁵Os outros foram e o cercaram em Abel-Bet-Maaca, e levantaram junto à cidade um aterro que chegava até a muralha. E todo o exército que estava com Joab procurava derrubar a muralha, escavando-a. ¹⁶Uma mulher esperta gritou da cidade: “Escutem, escutem! Digam a Joab que se aproxime, que eu quero falar com ele”. ¹⁷Quando Joab se aproximou, a mulher perguntou: “Você é Joab?” Ele respondeu: “Sou”. Então ela disse: “Ouça a palavra de sua serva”. Joab respondeu: “Estou ouvindo”. ¹⁸A mulher então disse: “Antigamente costumavam dizer: ‘Perguntem lá em Abel, e o assunto fica resolvido’. ¹⁹Eu sou aquilo que há de mais pacífico e seguro em Israel. Você quer destruir uma grande cidade de Israel. Por que você quer acabar com a herança de Javé?” ²⁰Joab respondeu: “De jeito nenhum. Longe de mim destruir ou arruinar. ²¹Não se trata disso. É que um homem da região montanhosa de Efraim, chamado Seba, filho de Bocri, se revoltou contra o rei Davi. Entreguem esse homem, e eu deixarei a cidade”. A mulher disse a Joab: “Pois bem. Vamos jogar a cabeça dele por cima da muralha”. ²²Com sua habilidade, a mulher falou com o povo, e degolaram Seba, filho de Bocri, e jogaram a cabeça dele para Joab. Então Joab soou a trombeta e, deixando o cerco, cada um foi para a sua tenda. Joab, porém, voltou para Jerusalém, para junto do rei. [19,9b-20,22]

O governo depois da crise — ²³Joab era o comandante de todo o exército de Israel. Banaías, filho de Joiada, comandava os cereteus e os feleteus.

²⁴ Adoniram era o encarregado dos trabalhos forçados. Josafá, filho de Ailud, era o porta-voz. ²⁵ Siva era o secretário. Sadoc e Abiatar eram os sacerdotes. ²⁶ Além desses, Ira, o jairita, também era sacerdote de Davi. [\[20,23-26\]](#)

V. APÊNDICES [21-24]

21 *Justiça ou vingança?* — ¹No tempo de Davi, houve fome durante três anos seguidos, e Davi consultou a Javé. E Javé respondeu: “Saul e sua família ainda estão manchados de sangue por terem matado os gabaonitas”. ²O rei convocou os gabaonitas e lhes contou isso. Esses gabaonitas não pertenciam propriamente a Israel: eram apenas um resto dos amorreus, com quem os israelitas haviam feito um pacto. Saul, em seu zelo por Israel e por Judá, tinha procurado exterminá-los. ³Davi disse aos gabaonitas: “Que posso fazer por vocês e como posso indenizá-los, para que vocês abençoem a herança de Javé?” ⁴Os gabaonitas responderam: “De Saul e de sua família não queremos nem prata nem ouro. Também não queremos que ninguém morra em Israel”. Davi disse a eles: “Farei o que vocês me pedirem”. ⁵Então eles disseram: “Aquele homem nos quis exterminar e pretendeu nos destruir e expulsar do território de Israel. ⁶Entreguem a nós sete de seus filhos, e nós quebraremos seus ossos diante de Javé, em Gabaon, na montanha de Javé”. Davi respondeu: “Eu os entregarei a vocês”. ⁷O rei poupou a vida de Meribaal, filho de Jônatas, filho de Saul, por causa do pacto sagrado que unia Davi e Jônatas, filho de Saul. ⁸O rei pegou Armoni e Meribaal, os dois filhos que Resfa, filha de Aías, tinha dado a Saul; pegou também os cinco filhos que Merob, filha de Saul, tinha dado a Adriel, filho de Berzelai de Meola, ⁹e os entregou aos gabaonitas. Estes quebraram os ossos deles na montanha, na presença de Javé. Os sete morreram juntos: foram executados durante a colheita, ao começar a colheita da cevada.

¹⁰Resfa, filha de Aías, pegou um pano de saco e o estendeu sobre a rocha; e, desde que começou a colheita da cevada até o dia em que a chuva caiu sobre eles, ela ficou aí, dia e noite, espantando as aves e as feras. ¹¹E contaram a Davi o que Resfa, filha de Aías, concubina de Saul, tinha feito. ¹²Então Davi foi pedir os ossos de Saul e de seu filho Jônatas aos cidadãos de Jabes de Galaad, que os tinham levado da praça de Betsã, onde os filisteus os haviam enforcado, quando venceram Saul em Gelboé. ¹³Davi tirou daí os ossos de Saul e de seu filho Jônatas, e os juntou aos ossos daqueles que tinham sido executados. ¹⁴Então pegaram os ossos de Saul, do seu filho Jônatas e dos que tinham sido executados, e os sepultaram na terra de Benjamim, em Sela, no túmulo de Cis, pai de Saul. Fizeram tudo o que o rei tinha ordenado, e por isso Deus se compadeceu do país. [21,1-14]

Lutas heroicas — ¹⁵Houve ainda uma guerra entre os filisteus e Israel. Davi desceu com seus soldados, travou combate contra os filisteus, e Davi ficou exausto. ¹⁶Havia um grande guerreiro, um dos descendentes de Rafa, que usava uma lança de bronze de três quilos e uma espada nova, dizendo que ia matar Davi. ¹⁷No entanto, Abisaí, filho de Sárvia, socorreu Davi, atingiu o filisteu e o matou. Então os homens de Davi lhe suplicaram: “Nunca mais saia conosco para a guerra, para que não se apague a lâmpada de Israel”.

¹⁸Depois, a guerra contra os filisteus recomeçou em Gob. Foi aí que Sobocai de Husa matou Saf, descendente de Rafa. ¹⁹Ainda em Gob, em outra guerra contra os filisteus, Elcanã, filho de Jair de Belém, matou Golias de Gat, que usava uma lança comprida como cilindro de tear.

²⁰Houve depois outra batalha em Gat. Aí havia um homem altíssimo, com seis dedos em cada mão e em cada pé; vinte e quatro dedos no total. Ele também era descendente de Rafa. ²¹Ele desafiou Israel, mas Jônatas, filho de Sama, irmão de Davi, o matou.

²²Os quatro eram descendentes de Rafa, em Gat, e morreram pelas mãos de Davi e seus soldados. [15-22]

22 *O rei justo liberta o povo dos inimigos* — ¹Davi dedicou a Javé este cântico, quando Javé o libertou de todos os seus inimigos e da mão de Saul.

²Ele disse: Javé é minha rocha e minha fortaleza,
o meu libertador.

³Ele é o meu Deus.

Nele, meu rochedo, eu me abrigo,
meu escudo e minha força salvadora,
minha torre forte, meu refúgio,
meu salvador que me salva da violência.

⁴Seja louvado! Eu invoquei a Javé, e fui salvo dos meus inimigos.

⁵As ondas da Morte me envolviam,
as torrentes de Belial me aterravam,

⁶os laços do Xeol me cercavam,
as ciladas da Morte me atingiam.

⁷Na minha angústia invoquei a Javé, ao meu Deus lancei o meu grito.
Do seu Templo ele ouviu minha voz,
e meu grito chegou aos seus ouvidos.

⁸ A terra balançou e tremeu,
as bases do céu se abalaram,
por causa do seu furor estremeceram.

⁹ De suas narinas subiu fumaça,
e de sua boca um fogo devorador.
Dela brotavam brasas ardentes.

¹⁰ Ele inclinou o céu e desceu,
tendo aos pés uma nuvem escura;

¹¹ cavalgou um querubim e voou,
planando sobre as asas do vento.

¹² Envolveu-se de trevas como tenda, de águas escuras e nuvens espessas.

¹³ À sua frente, um clarão inflamava granizo e brasas de fogo.

¹⁴ Javé trovejou no céu.
O Altíssimo fez ouvir a sua voz;

¹⁵ atirou suas flechas e dispersou-os, e os expulsou, lançando seus raios.

¹⁶ Então apareceu o leito do mar,
as bases do mundo se descobriram,
por causa da ameaça de Javé,
pelo vento soprando de suas narinas.

¹⁷ Lá do alto, ele manda tomar-me, tirando-me das águas torrenciais;

¹⁸ e me livra de um inimigo poderoso, de adversários mais fortes do que eu.

¹⁹ Atacaram-me no dia da minha derrota, mas Javé foi um apoio para mim;

²⁰ fez-me sair para um lugar espaçoso.
Libertou-me, porque ele me ama.

²¹ Javé me trata segundo a minha justiça, e me retribui conforme a pureza
de minhas mãos;

²² pois eu observei os caminhos de Javé, e não fui infiel ao meu Deus.

²³ Seus julgamentos
estão todos à minha frente,
jamais apartei de mim seus decretos.

²⁴ Sou íntegro para com ele,
e me afasto da injustiça.

²⁵ Javé me retribui segundo a minha justiça, e a pureza de minhas mãos,
que ele vê com seus olhos.

²⁶ Com o fiel, tu és fiel;
com o íntegro, tu és íntegro;
²⁷ puro com quem é puro;
mas com o perverso te mostras astuto.
²⁸ Pois tu salvas o povo pobre,
e rebaixas os olhos altivos.
²⁹ Javé, tu és a minha lâmpada!
Meu Deus, ilumina minha treva!
³⁰ Sim, contigo eu forço o muro,
com meu Deus eu salto a muralha.
³¹ Deus é perfeito em seu caminho.
A palavra de Javé é provada.
Ele é um escudo
para todos aqueles que nele se abrigam.
³² Pois, além de Javé, quem é Deus?
E quem é rochedo,
a não ser o nosso Deus?
³³ Ele é o Deus que me cinge de força, e torna perfeito o meu caminho.
³⁴ Ele iguala meus pés aos pés das corças, e me sustenta em pé nas alturas.
³⁵ Ele instrui minhas mãos para a guerra, e meu braço para esticar o arco de bronze.
³⁶ Tu me dás teu escudo salvador,
e me atendes sem cessar.
³⁷ Alargas os meus passos,
e meus tornozelos não se torcem.
³⁸ Persigo meus inimigos e os alcanço, e não volto atrás sem os ter destruído.
³⁹ Eu os massacro, e não podem levantar-se; eles caem debaixo de meus pés.
⁴⁰ Tu me cinges de força para a guerra, e curvas sob meus pés meus agressores.
⁴¹ Tu me entregas a nuca de meus inimigos, e eu extermino os que me odeiam.
⁴² Eles gritam, e não há quem os salve, gritam a Javé, mas ele não responde.
⁴³ Eu os piso como a poeira das praças; eu os amasso como o barro das ruas.
⁴⁴ Tu me livras dos processos dos povos, e me colocas como chefe das nações.
Um povo que eu não conheci me serve,
⁴⁵ os filhos dos estrangeiros

submetem-se a mim,
dão-me ouvidos e me obedecem.

⁴⁶ Os filhos dos estrangeiros
se enfraquecem,
e saem tremendo de suas fortalezas.

⁴⁷ Viva Javé! Bendito seja o meu Rochedo!
Seja exaltado o meu Deus salvador,

⁴⁸ o Deus que me concede as vinganças, e submete os povos a mim.

⁴⁹ Livrando-me de meus inimigos,
tu me exaltas sobre os meus agressores,
e me libertas do homem violento.

⁵⁰ Por isso eu te louvo entre as nações, ó Javé,
e canto em honra do teu nome:

⁵¹ “Ele dá grandes vitórias ao seu rei, e age pelo seu ungido com amor,
por Davi e sua descendência
para sempre”. [22,1-51]

23 *O rei justo faz o povo viver a justiça* — ¹ São estas as últimas palavras de
Davi: Oráculo de Davi, filho de Jessé,
oráculo do homem que foi exaltado,
do ungido do Deus de Jacó,
do cantor de salmos de Israel.

² O espírito de Javé fala por mim, sua palavra está na minha língua.

³ O Deus de Jacó me falou,
a Rocha de Israel me disse:

“Quem governa os homens com justiça
e governa conforme o temor de Deus,

⁴ é como a luz da manhã ao nascer do sol, manhã sem nuvens depois da chuva,
que faz brilhar a grama da terra”.

⁵ Minha casa está firme junto a Deus, pois sua aliança comigo é para sempre,
em tudo ordenada e bem segura.
Ele fará prosperar meus desejos
de salvação.

⁶ Os maus porém serão como espinheiros, que se jogam fora e ninguém recolhe.

⁷ Ninguém se aproxima deles,
a não ser com o ferro

e a madeira da lança,
e com fogo para os queimar. [23,1-7]

Os valentes de Davi — ⁸São estes os nomes dos valentes de Davi: Isbaal, o haquemonita, chefe dos Três, que manejou a lança, matando oitocentos de uma só vez. ⁹Depois dele, Eleazar, filho de Dodô, o aoíta, um dos três valentes. Ele estava com Davi em Afes-Domim, quando os filisteus aí se reuniram para o combate, e os israelitas recuaram. ¹⁰Eleazar, porém, ficou firme, e combateu os filisteus até sua mão adormecer e ficar grudada na espada. Nesse dia, Javé realizou uma grande vitória, e o exército voltou depois de Eleazar, mas só para recolher os despojos. ¹¹Depois de Eleazar, houve Sama, filho de Ela, o ararita. Os filisteus se haviam reunido em Queixada, onde havia um campo de lentilhas. O exército tinha fugido dos filisteus, ¹²mas Sama se colocou no meio do campo e o defendeu, vencendo os filisteus. Javé realizou então uma grande vitória.

¹³Três dos Trinta foram a Davi, no começo da colheita, na gruta de Odolam, quando um destacamento dos filisteus tinha acampado no vale dos Rafaim. ¹⁴Nessa ocasião, Davi estava no refúgio, e a guarnição dos filisteus acampava em Belém. ¹⁵Davi teve sede e exclamou: “Quem me dera beber água do poço lá da porta de Belém!” ¹⁶Os três valentes abriram passagem pelo acampamento filisteu, tiraram água do poço da porta de Belém e a levaram a Davi. Mas Davi não quis beber a água e a ofereceu em libação a Javé. ¹⁷Ele disse: “Javé me livre de fazer isso! É o sangue dos homens que foram lá, arriscando a vida”. Por isso, não quis beber. Foi isso que fizeram os três valentes.

¹⁸Abisaí, irmão de Joab e filho de Sárvia, era o chefe dos Trinta. Manejando sua lança, ele matou trezentos, e ficou famoso entre os Trinta. ¹⁹Ele ficou sendo o mais famoso dos Trinta, e se tornou chefe deles, mas não fez parte do grupo dos Três.

²⁰Banaías, filho de Joiada, natural de Cabseel, era homem aguerrido, pródigo em façanhas: matou os dois moabitas, filhos de Ariel; ele desceu e no dia da neve matou o leão no poço. ²¹Ele matou também um egípcio muito alto, que trazia na mão uma lança: Banaías o enfrentou com um pedaço de pau, arrancou a lança da mão do egípcio e o matou com a própria lança dele. ²²Com essa façanha, Banaías, filho de Joiada, ficou famoso entre os trinta valentes. ²³Ele foi mais famoso do que os Trinta, mas não fazia parte do grupo dos Três. Davi o colocou à frente de sua guarda pessoal.

²⁴Asael, irmão de Joab, estava entre os Trinta. Também faziam parte do grupo: Elcanã, filho do Dodô, de Belém; ²⁵Sama, de Harod; Elica, de Harod; ²⁶Heles, de Bet-Falet; Ira, filho de Aces, de Técuá; ²⁷Abiezer, de Anatot; Sobocai, de Husa; ²⁸Selmon, de Ao; Maarai, de Netofa; ²⁹Héled, filho de Baana, de Netofa; Etai, filho de Ribai, de Gabaá de Benjamim; ³⁰Banaías, de Faraton; Hedai, das Torrentes de Gaás; ³¹Abibaal, de Bet-Arabá; Azmot, de Baurim; ³²Eliaba, de Saalbon; Jasen, de Gimzo; ³³Jônatas, filho de Sama, de Arar; Aiam, filho de Sarar, de Arar; ³⁴Elifalet, filho de Aasbai, de Bet-Maaca; Eliam, filho de Aquitofel, de Gilo; ³⁵Hessai, de Carmel; Farai, de Arab. ³⁶Igaal, filho de Natã, de Soba; Bani, o gadita; ³⁷Selec, o amonita; Naarai, de Berot, escudeiro de Joab, filho de Sárvia; ³⁸Ira, de Jeter; Gareb, de Jeter; ³⁹Urias, o heteu. No total, trinta e sete. [8-39]

24 *A tentação do poder* — ¹A ira de Javé se inflamou contra os israelitas e instigou Davi contra eles: “Vá e faça o recenseamento de Israel e de Judá”.

²Então o rei disse a Joab e aos oficiais do seu exército: “Percorram todas as tribos de Israel, desde Dã até Bersabeia, e façam o recenseamento do povo, para que eu saiba quantos são”. ³Joab respondeu ao rei: “Que Javé seu Deus multiplique o povo cem vezes mais do que é agora, e que o senhor meu rei veja com os próprios olhos! Mas por que o senhor meu rei quer que isso seja feito?”

⁴A ordem do rei, porém, se impôs a Joab e aos oficiais do exército. Então eles saíram da presença do rei para ir recensear o povo de Israel.

⁵Atravessaram o Jordão, e começaram em Aroer e na cidade que fica dentro do vale, e entre os gaditas, perto de Jazer. ⁶Em seguida, foram para Galaad, para o território dos heteus em Cades. Depois foram para Dã e se dirigiram para Sidônia. ⁷Seguiram para a fortaleza de Tiro e para todas as cidades dos heveus e cananeus. Daí foram para o deserto de Judá, até Bersabeia. ⁸Percorreram assim todo o país e, depois de nove meses e vinte dias, voltaram para Jerusalém. ⁹Joab apresentou ao rei o resultado do recenseamento do povo. Em Israel havia oitocentos mil homens aptos para a guerra, que podiam usar a espada. Em Judá havia quinhentos mil homens.

¹⁰No entanto, Davi ficou preocupado por ter recenseado o povo, e disse a Javé: “Cometi um grande pecado! Javé, perdoa essa maldade do teu servo, pois cometi uma grande loucura!”

¹¹Quando Davi se levantou de manhã, Javé havia transmitido esta mensagem

ao profeta Gad, vidente de Davi: ¹²“Vá e fale a Davi: Assim diz Javé: Proponho a você três coisas; escolha uma, e eu a executarei”. ¹³Gad foi até o rei e o informou: “Você prefere três anos de fome no seu país; fugir três meses de seu inimigo que o perseguirá; ou três dias de peste para o seu país? Pense e decida o que devo responder àquele que me enviou”. ¹⁴Davi respondeu a Gad: “Estou numa grande angústia! Em todo caso, acho melhor cair nas mãos de Javé, pois a misericórdia dele é grande, do que cair na mão dos homens”. ¹⁵Então Javé enviou a peste sobre Israel, desde essa manhã até o dia marcado. De Dã até Bersabeia, morreram setenta mil homens do povo.

¹⁶O anjo estava já com a mão estendida sobre Jerusalém para destruí-la, quando Javé se arrependeu desse mal, e disse ao anjo que estava exterminando o povo: “Chega! Agora retire a mão”. O anjo de Javé estava junto à eira de Areúna, o jebuseu. ¹⁷Vendo o anjo que exterminava o povo, Davi disse a Javé: “Fui eu que pequei. Eu sou o culpado. Que fizeram estas ovelhas? Que a tua mão caia sobre mim e sobre minha família”.

¹⁸Nesse dia, Gad foi dizer a Davi: “Vá construir um altar para Javé na eira de Areúna, o jebuseu”. ¹⁹Então Davi foi, obedecendo à ordem que Javé lhe tinha comunicado através de Gad. ²⁰Areúna viu o rei e seus oficiais se aproximando, saiu e se prostrou diante do rei com o rosto por terra. ²¹E perguntou: “Por que o senhor meu rei veio até aqui?” Davi respondeu: “Para comprar a sua eira, a fim de construir um altar para Javé. Desse modo, o povo ficará livre da peste”. ²²Então Areúna disse ao rei: “Que o senhor meu rei fique com a eira e ofereça em sacrifício o que achar melhor. Aqui estão os bois para o holocausto, a grade e a canga dos bois para servir de lenha. ²³O servo do senhor meu rei entrega tudo para o rei”. E acrescentou: “Que Javé seu Deus aceite o sacrifício que o senhor vai oferecer”. ²⁴O rei respondeu a Areúna: “De jeito nenhum! Quero comprar a eira a troco de dinheiro. Não vou oferecer a Javé meu Deus holocaustos que não me custem nada”. Então Davi comprou a eira e os bois por meio quilo de prata. ²⁵Construiu aí um altar para Javé e ofereceu holocaustos e sacrifícios de comunhão. Então Javé se compadeceu do país. E a peste deixou Israel. [\[24,1-25\]](#)

NOTAS

[\[1,1-27\]](#) Temos aqui outra versão sobre a morte de Saul (cf. 1Sm 31). O respeito de Davi por Saul e sua amizade com Jônatas fazem que as tribos do Norte o

aceitem mais rapidamente como rei (cf. 2Sm 5). A lamentação é provavelmente obra do próprio Davi e é um dos mais antigos poemas da Bíblia.

[2,1-7] Com a morte de Saul, Davi consegue a realeza sobre a tribo de Judá. Os vv. 5-7 mostram que ele procura, desde o início, ampliar o poder além das fronteiras de sua própria tribo.

[8-32] Torna-se cada vez mais clara a oposição e competição entre as tribos do Norte e a tribo de Judá. Começa também a medição de forças entre Joab, partidário de Davi, e Abner, partidário da família de Saul. A intenção de Asael é, provavelmente, não perder de vista Abner, para que a tropa que vem atrás possa prendê-lo, desmobilizando o exército inimigo. O episódio mostra uma atitude de bom senso, pois os comandantes notam que se trata de uma luta entre irmãos (vv. 26-27).

[3,1-5] Aqui são nomeados somente os primogênitos de cada uma das esposas. Mais tarde, todos eles irão competir para suceder ao pai.

[6-39] O episódio salienta mais uma vez a tática de Davi para conseguir o poder sobre todo o Israel: ele não quer usar a violência e o derramamento de sangue, mas o acordo pacífico.

[4,1-12] Isbaal tinha sido feito rei das tribos do Norte (cf. 2,9). Com sua morte, fica aberto para Davi o caminho para unificar todas as tribos e formar uma nação única.

[5,1-5] Davi colhe finalmente o fruto maduro de todos os seus esforços: a unificação das tribos sob sua chefia. E isso realizou-se conforme ele desejava: não através da imposição, mas através do consentimento e pedido do povo. Termina aqui o Sistema das Tribos, e Israel começa a ser uma nação com regime monárquico. O *pacto* é uma espécie de *contrato* entre o rei e os representantes (anciãos) das tribos, regulando uma troca de deveres e direitos. Parte importante nessa transação é o compromisso mútuo: o povo se compromete a pagar o tributo; e o rei se compromete a defender o povo dos inimigos externos e a organizar a vida da sociedade de acordo com a justiça e o direito.

[6-16] A escolha de Jerusalém como capital é um ato estratégico de Davi: tomando uma cidade que ainda não pertencia a Israel, ele evita possíveis ciúmes entre as várias tribos. O texto não fala propriamente de uma conquista. É provável que Davi tenha feito um pacto com a dinastia sacerdotal que governava a cidade: Davi seria o chefe político, e Sadoc o chefe religioso (cf. 2Sm 8,17 e

Gn 14).

[17-25] Os filisteus se assustam com o crescente poder de Davi e tentam conservar os territórios conquistados. Davi, porém, os encurrala cada vez mais junto à costa marítima.

[6,1-23] A arca era, por excelência, o sacramento da religião das tribos. Colocando-a em Jerusalém, Davi se serve da religião para consolidar politicamente o seu reinado. O episódio dos vv. 6-10, porém, mostra que a religião está acima da política e não pode ser manipulada por ela. Ao mesmo tempo, o texto deixa claro que a sacralidade da arca não impede a expressão religiosa popular, em clima de alegria e festa. Deus não se deixa manipular por estruturas e instituições por melhores que sejam; mas está sempre perto da vida do povo. Participando da religiosidade popular, Davi está se comprometendo a conduzir o povo segundo o projeto de Deus.

[7,1-17] Davi quer construir uma *casa*, isto é, um templo para Javé. Javé recusa, pois está presente no meio do povo que luta pela vida e liberdade. Em troca, é Javé quem vai construir uma casa, isto é, uma *dinastia* para Davi: o poder político estará sempre nas mãos de seus descendentes.

O oráculo é sem dúvida um ato político que procura justificar e preservar o poder dinástico da família de Davi, principalmente o poder de Salomão. As tribos do Norte, porém, vão logo rebelar-se contra esse verdadeiro “ato institucional” (cf. 1Rs 12).

Esse texto fundou a concepção messiânica, elaborada tanto no Antigo como no Novo Testamento. Com o fracasso da realeza em Judá, o Messias (rei descendente de Davi) torna-se o rei ideal que libertará o povo e o fará viver conforme a justiça e o direito (cf. Is 11,1-9 e nota). O Novo Testamento vê a pessoa de Jesus como a realização da promessa do Messias (Cristo=Ungido=Messias).

[18-29] O texto é uma espécie de resposta ao oráculo de Natã (vv. 4-17). Talvez seja originariamente uma oração que os reis costumavam repetir em alguma celebração solene, relembrando o sentido da função política dentro de um povo que foi libertado por Javé.

[8,1-14] O resumo das conquistas de Davi mostra que ele cumpriu a primeira parte do contrato: livrar o povo de seus inimigos.

[15-18] O outro dever do rei era governar o povo, fazendo-o viver segundo a

justiça e o direito. O texto mostra que Davi cumpriu a segunda parte do contrato com o povo. Os vv. 16-18 comprovam a formação inicial de uma burocracia estatal, que se tornará bem mais complexa no tempo de Salomão.

[9,1-13] Davi não esquece a amizade que tinha por Jônatas e o compromisso que fizera com ele (1Sm 20,15-16.42); por isso, leva o único filho sobrevivente do amigo para viver no palácio real.

[10,1-19] Com a vitória sobre os amonitas e arameus, o reino de Davi atinge sua extensão máxima. Ao mesmo tempo, esse aumento de poder provoca a decadência de Davi, quando ele começa a romper o contrato com o povo.

[11,1-27] A função da autoridade é servir ao povo, defendendo-o dos inimigos e fazendo-o viver segundo a justiça e o direito. Ora, Davi trai completamente a sua função de autoridade: não acompanha mais o exército (deixa de defender o povo), torce a justiça e viola o direito, usando o poder para satisfazer seus caprichos pessoais.

O texto deixa claro que o poder é sempre ambíguo e pode tornar-se algo extremamente perigoso. O poder em si não é próprio da humanidade, mas de Deus, e em mãos humanas só se justifica quando entendido como função de serviço, para que o povo tenha liberdade e vida. O poder torna-se totalmente mau quando usado para satisfazer a interesses pessoais e de grupos privilegiados, à custa do povo.

[12,1-15a] A parábola contada por Natã força Davi a dar uma sentença contra si próprio. O erro de Davi foi usar o poder em proveito pessoal, e isso desencadeou ambições e competições dentro de sua própria família. Começa então a luta pela sucessão.

[15b-25] A morte do filho de Davi foi uma condenação do seu pecado. O nascimento de Salomão, desde já chamado “Querido de Javé”, é sinal de que Deus não abandonou Davi.

[26-31] Com a conquista de Rabá, termina a guerra contra os amonitas. Ao invés da consagração ao extermínio, os despojos são recolhidos e a população dominada é submetida a trabalhos forçados. Com isso começa justamente aquilo que o sistema das tribos queria evitar: o acúmulo de riquezas e a opressão.

[13,1-39] Começa a competição pelo poder e a luta pela sucessão. Amnon é o primogênito e, naturalmente, o sucessor direto de Davi. Absalão certamente não

pretendia apenas vingar a honra da irmã, mas servir-se do caso para eliminar o mais forte concorrente ao trono.

[14,1-33] Absalão é o terceiro filho de Davi e, como nada se diz de Queleab (2Sm 3,3), é o pretendente mais direto ao trono. Absalão, porém, está afastado de Davi. O estratagema de Joab visa a fazer com que Davi se reconcilie com Absalão, o que acontece em duas etapas: primeiro, Davi aceita o retorno do filho, mas não quer recebê-lo; mais tarde, Davi acolhe Absalão. A história da mulher de Técua é confusa, mas uma coisa é clara: Davi se compromete com juramento a não aplicar a seu filho a pena do “vingador do sangue” (v. 11; cf. nota em Nm 35,9-24).

[15,1-12] Absalão alicia demagogicamente o povo, aproveitando para atacar um ponto importante no contrato entre o rei e o povo. É que a administração da justiça provavelmente se arrastava nos meandros da burocracia. Com isso, Absalão consegue preparar um golpe de estado.

[15,13-16,14] Temendo os acontecimentos, Davi foge de Jerusalém e vai para o deserto. Enquanto enfrenta a conspiração dentro de sua própria família, encontra fidelidade e apoio fora, inclusive de estrangeiros filisteus. Ao mesmo tempo, prepara um serviço de espionagem, para manter-se informado sobre as manobras de Absalão. Em meio à fuga, Davi se defronta com partidários e descendentes de Saul: um ajuda, e outro amaldiçoa. Na situação de conjunto, podem-se perceber as divisões dentro do reino.

[16,15-23] Estabelecendo-se em Jerusalém e tomando as concubinas do pai, Absalão assume o comportamento de verdadeiro sucessor. A profecia de Natã vê nisso um castigo pelo pecado de Davi (cf. 2Sm 12,11-12).

[17,1-23] Davi e aqueles que o acompanham são salvos de um massacre graças a Cusai, que consegue retardar o ataque, e devido à rede de informações montada por Davi e ao apoio e acolhida de boa parte do povo.

[17,24-19,9a] Em toda a vida, mesmo depois de rei, Davi não deixou que o poder e a ambição se sobrepusessem a seus sentimentos. Tal proceder, onde a afetividade vence a fria razão política, embora pareça paradoxal, talvez seja um dos motivos que o levou a buscar sempre a reconciliação e a justiça, e que o fez estimado de todo o povo.

[19,9b-20,22] A volta de Davi não é fácil: durante sua ausência, os grupos

tomaram partido, ora a favor, ora contra ele. A intenção do rei é refazer pacificamente a unidade, mas a antiga rivalidade entre as tribos do Norte e a tribo de Judá se reacende e exige que Davi tome atitudes de força para evitar a divisão.

[20,23-26] Comparar com 2Sm 8,15-18. A presente lista mostra que a crise foi superada, e o governo de Davi novamente se estabilizou. Nota-se a preponderância de cargos militares, ao lado de uma nova classe social, talvez de grupos dominados, destinada aos trabalhos forçados, isto é, exclusivamente a serviço do Estado. Esse novo grupo aumentará durante o reinado de Salomão.

[21-24] Esta série de textos foi acrescentada posteriormente, interrompendo a história da sucessão de Davi, que continua em 1Rs 1.

[21,1-14] A fome é vista como castigo de Javé por causa do crime de Saul contra os gabaonitas, que violara o pacto feito em Js 9. É provável que a intenção principal de Davi seja livrar-se dos descendentes de Saul, possíveis rivais. Talvez o lugar mais próprio para este episódio seja antes do capítulo 9.

[15-22] Estes episódios, de sabor um tanto folclórico, ficariam melhor depois de 5,17-25, onde se narram as lutas contra os filisteus durante os primeiros anos do reinado de Davi.

[22,1-51] Com poucas diferenças, este cântico está reproduzido no Sl 18. Trata-se de uma celebração para agradecer a proteção de Javé e comemorar a vitória sobre os inimigos. Nesse contexto, aparece a primeira função da autoridade: libertar o povo de seus inimigos. Cf. também Sl 18 e nota.

[23,1-7] O texto salienta a segunda função da autoridade: fazer que o povo possa viver segundo a justiça e o direito. As autoridades justas são uma bênção para o povo e produzem vida; as autoridades injustas são como espinheiros, e serão rejeitadas e destruídas pelo próprio povo.

[8-39] Após a fuga diante de Saul, Davi se tornou o líder de um grupo de descontentes (cf. 1Sm 22,1-5). Mesmo depois de rei, ele manteve seu exército pessoal. Aqui são lembrados os nomes de seus soldados principais, com alguns pormenores de caráter épico e popular.

[24,1-25] O recenseamento demonstrava ambição: de um lado, permitia o cadastramento da população que contribuía com tributos (exploração econômica); por outro lado, o levantamento dos homens aptos para a guerra

(dominação política). As duas coisas não são criticáveis em si; só se tornam más quando a autoridade as absolutiza e nelas coloca sua total confiança. Comparar o v. 1 com 1Cr 21,1: depois do exílio, a tentação é atribuída a Satã, e não a Javé.

A eira comprada por Davi é o local onde Salomão mais tarde vai construir o Templo. A intenção do autor é mostrar Davi como fundador do culto em Jerusalém.

PRIMEIRO E SEGUNDO REIS

DA GLÓRIA À RUÍNA

Introdução

*Os livros dos Reis relatam acontecimentos que vão de 971 a 561 a.C., continuando a história da monarquia iniciada com Saul e Davi. Depois de Salomão, o império se divide (931 a.C.) em dois reinos: o reino de Israel, com sede em Samaria, que caiu em poder da Assíria em 722 a.C., e o reino de Judá, com sede em Jerusalém, que caiu em poder da Babilônia em 586 a.C. Mais do que uma relação pormenorizada de acontecimentos, estes livros fornecem uma **reflexão crítica** sobre a história do povo e dos reis que o governaram: a fidelidade a Deus leva à bênção e à prosperidade; a infidelidade leva à maldição, à ruína e ao exílio (cf. 2Rs 17,7-23).*

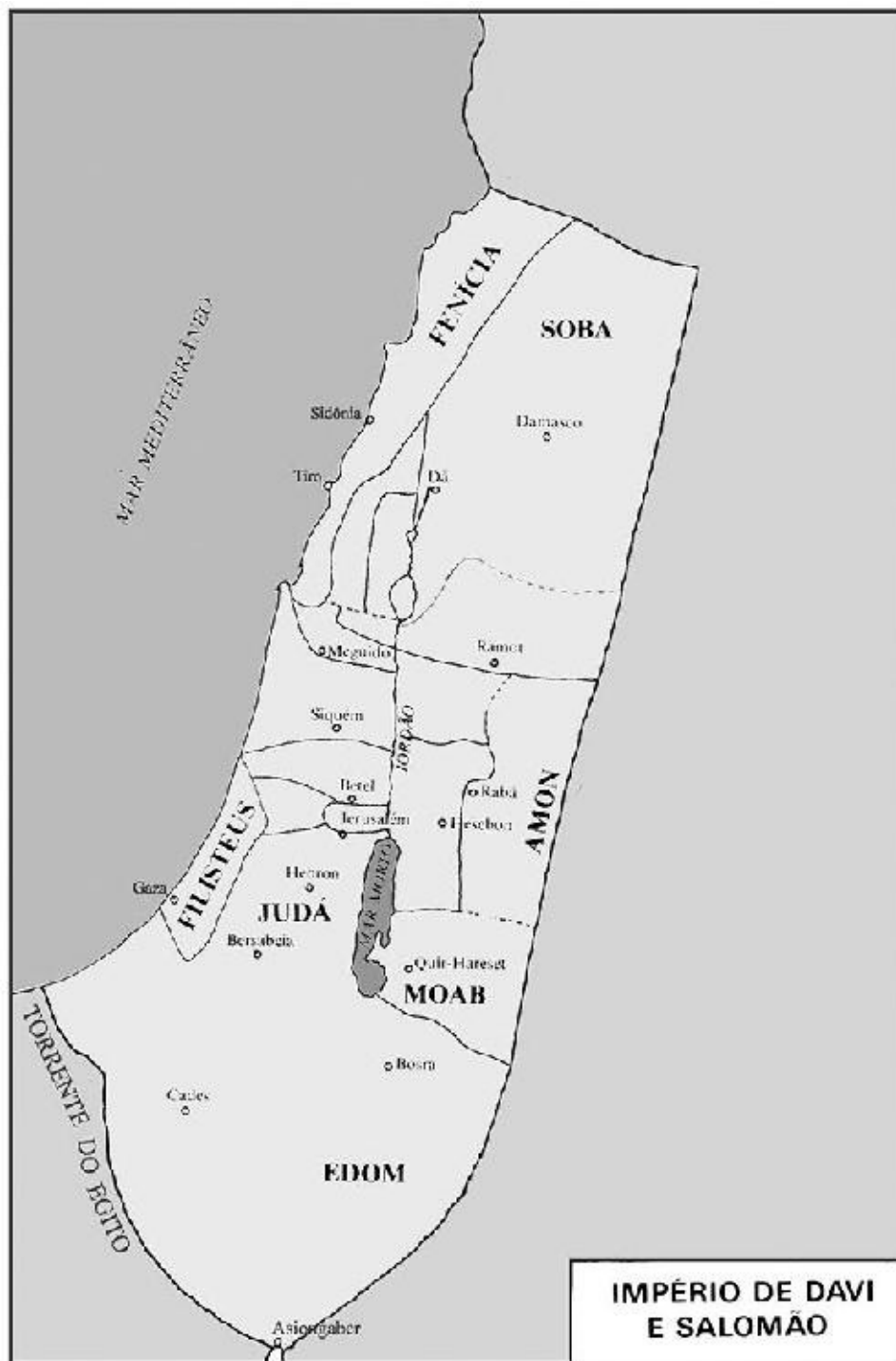
No início, encontramos de novo uma teologia da autoridade política: o rei deve ser fiel a Deus (1Rs 2,3) e governar com sabedoria e justiça, servindo o povo (1Rs 12,7), que pertence unicamente a Deus (1Rs 3,8-9). Mas os reis são sempre infiéis, pois fazem “o que Javé reprová”: praticam a idolatria; “vendem” a nação para os estrangeiros; perseguem os profetas; dividem, exploram e oprimem o povo. Como consequência, Israel e Judá são levados à ruína.

O Templo e o profetismo têm um papel importante nessa história. O Templo é o lugar da reunião de todo o povo para o encontro com Deus, em todas as circunstâncias da vida nacional (1Rs 8). A reforma de Josias procura reunir novamente todo o povo a partir do culto no Templo (2Rs 22-23). Os profetas são aqueles que mantêm viva a consciência do povo, os vigias das relações sociais e os grandes críticos da ação política dos reis. Sua intenção de fazer respeitar a justiça e o direito está sempre em primeiro plano, e eles se ocupam tanto de religião como de moral e política, pois tudo deve estar submetido a Deus, o único rei sobre o povo (cf. Is 6,5; 44,6; Zc 14,16).

As decepções com a monarquia se multiplicaram e, com a queda dos reinos de Israel e de Judá, volta o antigo ideal igualitário das tribos, formulado agora por Jeremias como Nova Aliança: uma sociedade sem mediações, na qual o próprio povo governa a si mesmo, graças ao conhecimento de Deus (Jr 31,31-34). De fato, o poder pertence à essência de Deus, e não à essência da humanidade. A humanidade é formada de pessoas relativas, isto é, de seres que se descobrem, se desenvolvem e se realizam dentro de relações que, para serem

verdadeiramente humanas, devem ser de partilha e fraternidade.

A Bíblia mostra que o Reino de Deus, sempre vindo no horizonte da história, é o advento da humanidade unida e democrática, onde não há mais pobres e ricos, nem fracos e poderosos, e sim a partilha e a fraternidade. O sentido último da existência de qualquer autoridade é servir ao advento do Reino de Deus, o que significa também ter a vocação de diminuir-se a si mesma, até tornar-se desnecessária e desaparecer. A marcha da história caminha para a comunhão e a partilha entre os homens, e todas as formas de absolutismo significam uma regressão no processo histórico. Regressão voltada para o fracasso, pois a história caminha para a meta que Deus fixou: o Reino.



PRIMEIRO LIVRO DOS REIS

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22**

PRIMEIRO LIVRO DOS REIS

I. COMPETIÇÃO PELO PODER

1 *Partidos em disputa pelo poder* — ¹O rei Davi ficou velho, com idade avançada; por mais que o cobrissem, ele não conseguia se esquentar. ²Seus servos então sugeriram: “Busquem uma jovem solteira que dê assistência e cuide do senhor nosso rei: ela dormirá em seus braços, e o senhor nosso rei se esquentará”. ³Então procuraram uma jovem bonita em todo o território de Israel. Encontraram Abisag, de Sunam, e a levaram para o rei. ⁴A jovem era muito bela. Passou a cuidar do rei e a servi-lo. Mas o rei não teve relações com ela.

⁵Enquanto isso, Adonias, filho de Hagit, gabava-se dizendo: “Sou eu que vou reinar”. Arranjou um carro e cavalos, além de uma escolta de cinquenta guardas, que iam na frente dele. ⁶Enquanto vivia, seu pai nunca o repreendeu, perguntando: “Por que você faz isso?” Adonias também era muito bonito, mais jovem do que Absalão. ⁷Ele entrou em acordo com Joab, filho de Sárvia, e com o sacerdote Abiatar, que aderiram ao partido de Adonias. ⁸Por outro lado, o sacerdote Sadoc, Banaías, filho de Joiada, o profeta Natã, Semei e Reí, bem como os valentes de Davi, não estavam do lado de Adonias.

⁹Certa vez, Adonias imolou ovelhas, bois e bezerros gordos junto à Pedra-que-eskorrega, perto da fonte do Pisoeiro. Convidou todos os seus irmãos, os filhos do rei, e todos os homens de Judá que estavam a serviço do rei. ¹⁰Mas não convidou o profeta Natã, nem Banaías, nem os valentes de Davi, nem o seu próprio irmão Salomão. [1,1-10]

Vitória do partido de Salomão — ¹¹Natã disse então a Betsabeia, mãe de Salomão: “Você não ficou sabendo que Adonias, filho de Hagit, se proclamou rei, sem nosso senhor Davi saber? ¹²Veja bem: agora eu vou lhe dar um conselho, para que você salve sua vida e a do seu filho Salomão. ¹³Vá ao rei Davi e diga: ‘O senhor meu rei jurou à sua serva, dizendo: Seu filho Salomão reinará depois de mim e sentará em meu trono. Então, por que é que Adonias se proclamou rei?’ ¹⁴Enquanto você estiver falando com o rei, eu entrarei depois de você, e confirmarei o que você estiver falando”.

¹⁵Betsabeia apresentou-se ao rei, no quarto. O rei estava muito velho, e Abisag,

de Sunam, o servia. ¹⁶Betsabeia se ajoelhou e se prostrou diante do rei. E o rei lhe perguntou: “O que você quer?” ¹⁷Betsabeia respondeu: “O senhor jurou à sua serva, por Javé seu Deus: Quem vai reinar depois de mim e sentar-se em meu trono é o seu filho Salomão. ¹⁸Ora, acontece que Adonias já se proclamou rei, e o senhor meu rei nem está sabendo. ¹⁹Ele imolou muitos bois, bezerros gordos e ovelhas, e convidou todos os filhos do rei, o sacerdote Abiatar e Joab, chefe do exército, mas não convidou o seu servo Salomão. ²⁰Senhor meu rei, é para o senhor que todo o Israel se dirige, a fim de lhe anunciar quem vai sentar-se no trono depois do senhor meu rei. ²¹Caso contrário, quando o senhor meu rei estiver repousando com seus antepassados, eu e meu filho Salomão seremos considerados como usurpadores”.

²²Betsabeia ainda estava falando com o rei, quando chegou o profeta Natã. ²³E anunciaram ao rei: “O profeta Natã está aqui”. Então Natã se apresentou ao rei, prostrou-se diante dele com o rosto por terra, ²⁴e disse: “Senhor meu rei, por acaso o senhor disse: ‘Adonias é quem vai reinar depois de mim e sentar-se no meu trono’? ²⁵Pois bem: hoje ele foi imolar muitos bois, bezerros gordos e ovelhas. Convidou todos os filhos do rei, os oficiais do exército e o sacerdote Abiatar. Todos estão comendo e bebendo com ele, e aclamando: Viva o rei Adonias! ²⁶Mas ele não convidou este seu servo, nem o sacerdote Sadoc, nem Banaías, filho de Joiada, nem seu servo Salomão. ²⁷Será que foi o senhor meu rei quem ordenou isso? Por que o senhor não informou a seus servos quem iria suceder no trono ao senhor meu rei?”

²⁸Então o rei Davi respondeu: “Chamem Betsabeia aqui”. E Betsabeia se apresentou ao rei e ficou de pé. ²⁹Então o rei jurou: “Pela vida de Javé, que me livrou de todos os perigos, ³⁰eu jurei a você por Javé, o Deus de Israel: Quem vai reinar depois de mim e sentar-se em meu trono, é o seu filho Salomão. Pois bem: hoje mesmo eu vou cumprir isso”. ³¹Betsabeia se ajoelhou com o rosto por terra, prostrou-se diante do rei e disse: “Viva o rei Davi, meu senhor, para sempre!” ³²Então o rei Davi ordenou: “Chamem o sacerdote Sadoc, o profeta Natã e Banaías, filho de Joiada”. Eles se apresentaram, ³³e o rei lhes disse: “Peguem com vocês os oficiais do rei. Façam o meu filho Salomão montar em minha própria mula, e desçam com ele até Gion. ³⁴Aí o sacerdote Sadoc e o profeta Natã o ungirão rei de Israel, e vocês tocarão a trombeta, aclamando: Viva o rei Salomão! ³⁵Depois subam atrás dele. Quando ele chegar, se assentará em meu trono e reinará em meu lugar, pois é a ele que eu nomeio chefe de Israel e

de Judá”. ³⁶Banaías, filho de Joiada, respondeu ao rei: “Amém! Javé, Deus do meu senhor, confirme a ordem do rei. ³⁷Javé esteja com Salomão, assim como esteve com o senhor meu rei, e torne o trono de Salomão mais glorioso do que o trono do rei Davi, meu senhor”.

³⁸Então o sacerdote Sadoc, o profeta Natã, Banaías, filho de Joiada, os cereteus e os feleteus, desceram até Gion, levando Salomão, que ia montado na mula do rei Davi. ³⁹O sacerdote Sadoc pegou na tenda o chifre de óleo e ungiu Salomão. Depois tocaram a trombeta. E todos aclamaram: “Viva o rei Salomão!” ⁴⁰Em seguida, todo o povo subiu atrás de Salomão, tocando flautas e fazendo tamanho barulho, que a terra se fendia com os gritos. [11-40]

Adonias fica só — ⁴¹Adonias e seus convidados estavam acabando de comer, quando ouviram o barulho. Joab escutou o toque da trombeta e perguntou: “Por que esse barulho e essa algazarra na cidade?” ⁴²Ele estava acabando de perguntar, quando chegou Jônatas, filho do sacerdote Abiatar. E Adonias disse: “Entre, pois você é uma pessoa honesta, e certamente traz boas notícias”. ⁴³Jônatas respondeu: “Infelizmente não! O senhor nosso rei Davi acaba de proclamar Salomão rei! ⁴⁴E com ele o rei mandou o sacerdote Sadoc, o profeta Natã, Banaías, filho de Joiada, e também os cereteus e feleteus, que o fizeram montar na mula do rei. ⁴⁵Depois o sacerdote Sadoc e o profeta Natã ungiram Salomão rei em Gion, e subiram alegres daí. A cidade está em festa. É esse o barulho que vocês estão ouvindo. ⁴⁶Salomão já está sentado no trono real, ⁴⁷e os oficiais do rei já foram cumprimentar Davi, nosso rei e senhor, dizendo: ‘Que o seu Deus torne o nome de Salomão mais famoso que o seu, e engrandeça o trono dele mais que o seu’ ”. Então o rei se prostrou na cama, ⁴⁸e falou: “Seja bendito Javé, o Deus de Israel! Porque hoje ele colocou alguém assentado no meu trono, e eu pude ver!”

⁴⁹Os convidados de Adonias ficaram apavorados, se levantaram e se dispersaram. ⁵⁰Adonias, com medo de Salomão, levantou-se e foi se agarrar às pontas do altar. ⁵¹E informaram Salomão: “Adonias ficou com medo de você e está agarrado às pontas do altar, suplicando: ‘Que o rei Salomão jure hoje para mim que não mandará matar seu servo a fio de espada’ ”. ⁵²Salomão disse: “Se ele se comportar honestamente, não cairá por terra nem mesmo um só fio de seus cabelos; mas se for pego maquinando traição, ele morrerá”. ⁵³E o rei Salomão enviou gente para fazer Adonias descer do altar. Adonias foi e prostrou-se diante

do rei Salomão, que lhe disse: “Vá para casa”. [41-53]

2 *Autoridade e lei a serviço do povo* — ¹Aproximando-se o dia de sua morte, Davi ordenou a seu filho Salomão: ²“Eu vou seguir o caminho de todos os mortais. Seja forte e comporte-se como homem. ³Cumpra as ordens de Javé seu Deus, andando pelos caminhos dele e observando seus estatutos, mandamentos, normas e testemunhos, como estão escritos na lei de Moisés, para que você tenha sucesso em tudo o que fizer e projetar. ⁴Então Javé cumprirá o que ele me prometeu: ‘Se os seus filhos mantiverem boa conduta e forem leais comigo, de todo o coração e de toda a alma, nunca faltará alguém de sua família no trono de Israel’. ⁵Por outro lado, você sabe o que me fez Joab, filho de Sárvia: ele matou Abner, filho de Ner, e Amasa, filho de Jeter, os dois chefes do exército de Israel. Em tempo de paz, ele vingou o sangue derramado na guerra, manchando assim de sangue inocente o cinturão de meus rins e a sandália de meus pés. ⁶Portanto, aja com sabedoria, mas não deixe que os cabelos brancos dele desçam em paz para a morada dos mortos. ⁷Quanto aos filhos de Berzelai, o galaadita, trate-os com lealdade. Que estejam sempre entre os que comem à sua mesa, porque eles também foram leais comigo e me ajudaram quando eu fugia do seu irmão Absalão. ⁸Também está aí Semei, filho de Gera, o benjaminita de Baurim. Ele me amaldiçoou com violência no dia da minha partida para Maanaim. No entanto, ele desceu ao meu encontro no Jordão. Por isso eu jurei por Javé que não o mataria a fio de espada. ⁹Agora, não o deixe impune: você é sábio e saberá o que fazer para que os cabelos brancos dele desçam com sangue à morada dos mortos”.

¹⁰Davi repousou com seus antepassados e foi enterrado na Cidade de Davi.

¹¹Davi foi rei em Israel durante quarenta anos; reinou sete anos em Hebron, e trinta e três anos em Jerusalém. [2,1-11]

Salomão livra-se do concorrente — ¹²Salomão sucedeu no trono a seu pai Davi, e seu reinado se consolidou. ¹³Adonias, filho de Hagit, foi conversar com Betsabeia, mãe de Salomão. Ela perguntou: “A sua visita é de paz?” Ele respondeu: “Sim, é de paz”. ¹⁴E continuou: “Eu desejo pedir-lhe uma coisa”. Ela disse: “O que é que você quer?” ¹⁵Então Adonias disse: “Você sabe muito bem que a realeza me pertencia e que todo o Israel esperava que eu fosse rei, mas a realeza me escapou e foi dada a meu irmão, porque Javé a tinha destinado a ele. ¹⁶Agora lhe peço um favor. Não me recuse”. Betsabeia respondeu: “Pode falar”.

¹⁷Adonias continuou: “Por favor, peça ao rei Salomão que me dê Abisag de Sunam como esposa. Ele não negará nada a você”. ¹⁸Betsabeia respondeu: “Está bem. Vou falar com o rei sobre o assunto”. ¹⁹Betsabeia foi ao rei Salomão para lhe falar sobre Adonias. O rei se levantou para recebê-la e se inclinou diante dela. Depois se assentou no trono, mandou trazer um trono para a sua mãe, e Betsabeia se sentou à sua direita. ²⁰Então Betsabeia disse: “Vou pedir-lhe um pequeno favor. Não o negue a mim”. Salomão respondeu: “Pode pedir, mãe. Não lhe negarei”. ²¹Ela continuou: “Dê Abisag de Sunam como esposa para seu irmão Adonias”. ²²Mas o rei Salomão respondeu: “E por que você pede Abisag de Sunam para Adonias? Você podia pedir para ele a coroa! Afinal, ele é meu irmão mais velho, e tem do seu lado o sacerdote Abiatar e Joab, filho de Sárvia!” ²³Em seguida, o rei Salomão jurou por Javé: “Que Deus me castigue, se Adonias não pagar com a própria vida pelo pedido que fez. ²⁴Pela vida de Javé, que me fez sentar firmemente no trono de meu pai Davi e que lhe deu uma dinastia como havia prometido, hoje mesmo Adonias será morto”. ²⁵Então o rei Salomão deu uma ordem, e Banaías, filho de Joiada, matou Adonias. [\[12-25\]](#)

Salomão consolida seu poder — ²⁶Salomão disse ao sacerdote Abiatar: “Vá para a sua propriedade em Anatot. Você merece a morte, mas não vou matá-lo hoje, porque você carregou a arca de Javé diante de meu pai Davi e partilhou dos sofrimentos dele”. ²⁷Desse modo, Salomão excluiu Abiatar do sacerdócio de Javé, cumprindo a profecia de Javé feita em Silo, contra a família de Eli.

²⁸Quando essa notícia chegou a Joab, que tinha apoiado Adonias, embora não tivesse apoiado Absalão, ele se refugiou na tenda de Javé e se agarrou às pontas do altar. ²⁹Quando avisaram o rei Salomão que Joab se havia refugiado na tenda de Javé e que estava junto do altar, Salomão mandou dizer a Joab: “O que é que aconteceu? Por que você se refugia junto do altar?” Joab respondeu: “Fiquei com medo de você e me refugiei junto de Javé”. Então Salomão ordenou a Banaías, filho de Joiada: “Vá matá-lo”. ³⁰Banaías foi à tenda de Javé e disse a Joab: “O rei manda que você saia”. Joab respondeu: “Não. Quero morrer aqui”. Banaías levou a resposta de Joab para o rei, ³¹e este ordenou: “Pois faça como ele quer. Mate e enterre. Desse modo, você tirará de cima de mim e de minha família o sangue inocente que Joab derramou. ³²Javé faça recair o sangue dele sobre sua cabeça, por ter matado dois homens mais justos e melhores do que ele, sem que meu pai Davi soubesse, Abner, filho de Ner, chefe do exército de Israel, e

Amasa, filho de Jeter, chefe do exército de Judá. ³³Que o sangue desses homens caia sobre a cabeça de Joab e de sua descendência para sempre. Que Davi e sua descendência, sua família e seu trono gozem sempre da paz de Javé”.

³⁴Banaías, filho de Joiada, foi, matou Joab, e depois o enterrou na própria casa de Joab, no deserto. ³⁵Em lugar de Joab, o rei colocou Banaías, filho de Joiada, como chefe do exército; e em lugar de Abiatar, colocou o sacerdote Sadoc.

³⁶O rei mandou chamar Semei e lhe disse: “Construa uma casa em Jerusalém e fique morando nela. Não saia para nenhum lugar. ³⁷No dia em que você sair e atravessar o riacho do Cedron, você com certeza morrerá. A responsabilidade é sua”. ³⁸Semei respondeu: “Está bem. Seu servo vai fazer o que o senhor meu rei ordenou”. E Semei ficou muito tempo vivendo em Jerusalém.

³⁹No entanto, três anos depois, dois escravos de Semei fugiram e foram até Aquis, filho de Maaca, rei de Gat. E avisaram a Semei: “Seus escravos estão em Gat”. ⁴⁰Então Semei selou o jumento e foi para a casa de Aquis, em Gat, procurar seus escravos. Foi a Gat e trouxe os escravos de volta. ⁴¹Mas informaram Salomão que Semei tinha ido de Jerusalém para Gat e já tinha voltado. ⁴²O rei mandou chamar Semei e lhe disse: “Não fiz você jurar por Javé, e não o avisei que no dia em que você saísse para qualquer lugar, você com certeza morreria? Você me disse que estava de acordo. ⁴³Por que você não cumpriu o que jurou por Javé e a ordem que dei a você?” ⁴⁴E o rei acrescentou: “Você sabe muito bem todo o mal que fez para o meu pai Davi. Javé faça recair essa maldade sobre sua própria cabeça. ⁴⁵E bendito seja o rei Salomão, e que o trono de Davi permaneça diante de Javé para sempre”. ⁴⁶Então o rei deu uma ordem a Banaías, filho de Joiada, que saiu e matou Semei.

E assim a realza se consolidou nas mãos de Salomão. [26-46]

II. SALOMÃO: DA SABEDORIA À LOUCURA

1. Um rei sábio

3 *Aliança ambígua* — ¹Salomão se tornou genro do Faraó, rei do Egito; casou-se com a filha do Faraó, e a levou para a Cidade de Davi, até que acabasse de construir o seu próprio palácio, o Templo de Javé e a muralha ao redor de Jerusalém. ²Entretanto, o povo oferecia sacrifícios nos lugares altos, porque ainda não tinha sido construído o Templo para o nome de Javé. ³Salomão amava Javé, de modo que seguia os preceitos de seu pai Davi. Entretanto, oferecia sacrifícios e incenso nos lugares altos. [3,1-3]

Para governar é preciso ouvir — ⁴O rei foi a Gabaon para oferecer sacrifícios, porque esse lugar alto era o mais importante de todos. E Salomão ofereceu mil holocaustos sobre esse altar. ⁵Em Gabaon, durante a noite, Javé apareceu em sonhos a Salomão. Deus lhe disse: “Peça. O que lhe posso dar?” ⁶Salomão respondeu: “Tu demonstraste grande amor para com o teu servo Davi, meu pai, porque, diante de ti, ele caminhou na fidelidade, na justiça e na retidão de coração para contigo. Tu guardaste para com ele esse grande amor e lhe deste um filho que hoje se assenta no trono dele. ⁷Agora, Javé meu Deus, és tu que fazes teu servo reinar no lugar de meu pai Davi. Eu sou bem jovem e não sei como governar. ⁸O teu servo se encontra no meio do teu povo que escolheste, povo numeroso que não se pode contar nem calcular, de tão grande que é. ⁹Ensina-me a ouvir, para que eu saiba governar o teu povo e discernir entre o bem e o mal. Pois quem poderia governar esse teu povo tão numeroso?” ¹⁰Agradou ao Senhor que Salomão tivesse pedido essas coisas. ¹¹Então Deus disse para ele: “Porque você pediu isso, e não vida longa para você, nem riquezas, nem a morte de seus inimigos, mas discernimento para ouvir e julgar, ¹²eu farei o que você pediu. Darei a você mente sábia e inteligente, como ninguém teve antes de você e ninguém terá depois. ¹³Eu lhe darei também o que você não pediu: riqueza e fama, de modo que não haverá nenhum rei que se iguale a você, durante toda a sua vida. ¹⁴E se você andar nos meus caminhos, observando meus estatutos e mandamentos, como fez o seu pai Davi, eu lhe darei vida longa”. ¹⁵Então Salomão acordou e percebeu que tudo isso tinha sido um sonho. Foi para Jerusalém e ficou diante da arca de Javé. Em seguida,

ofereceu holocaustos, sacrifícios de comunhão e deu para toda a sua corte um banquete. [4-15]

Ouvir para fazer justiça — ¹⁶Duas prostitutas foram até o rei e se apresentaram. ¹⁷Uma das mulheres disse: “Meu senhor, eu e esta mulher moramos na mesma casa. Eu tive um filho. ¹⁸Três dias depois que dei à luz, ela também teve uma criança. Não havia mais ninguém conosco. Nós estávamos sozinhas na casa. ¹⁹Aconteceu que certa noite essa mulher se deitou sobre o próprio filho, e ele morreu. ²⁰Ela se levantou durante a noite e, enquanto eu dormia, pegou o meu filho que estava junto comigo, e o colocou ao lado dela. Depois, colocou do meu lado o seu filho morto. ²¹Quando acordei de manhã, para dar de mamar ao meu filho, vi que estava morto. Olhei bem e notei que não era o filho que eu tinha dado à luz”. ²²A outra mulher retrucou: “Não é verdade! O meu filho está vivo. É o dela que morreu”. A primeira contestou: “É mentira! Seu filho está morto e o meu está vivo”. E começaram a discutir diante do rei. ²³Então o rei interveio: “Uma diz: ‘Meu filho está vivo e o seu está morto’. A outra diz: ‘Mentira! Seu filho está morto e o meu está vivo’ ”. ²⁴Então o rei ordenou: “Tragam uma espada”. E levaram uma espada. ²⁵O rei disse: “Cortem o menino vivo em duas partes e deem metade para cada uma”. ²⁶Então a mãe do menino vivo sentiu as entranhas se comoverem pelo filho, e suplicou: “Meu senhor, dê a ela o menino vivo. Não o mate”. A outra, porém, dizia: “Nem para mim, nem para você. Dividam o menino pelo meio”. ²⁷Então o rei deu a sentença: “Entreguem o menino vivo à primeira mulher. Não o matem. Ela é a sua mãe”. ²⁸Todo o Israel ficou sabendo da sentença que o rei tinha dado. E o respeitavam, pois viram que ele possuía sabedoria divina para fazer justiça. [16-28]

4 *Aumenta a burocracia* — ¹O rei Salomão reinava sobre todo o Israel. ²Estes eram os principais membros do seu governo: Azarias, filho de Sadoc, sacerdote. ³Eliaf e Aías, filhos de Sisa, secretários. Josafá, filho de Ailud, porta-voz. ⁴Banaías, filho de Joiada, chefe do exército. ⁵Azarias, filho de Natã, chefe dos prefeitos. Zabud, filho de Natã, conselheiro particular do rei. ⁶Aisar, prefeito do palácio. Eliab, filho de Joab, chefe do exército. Adoniram, filho de Abda, chefe dos trabalhos forçados. [4,1-6]

Consolidação do sistema tributário — ⁷Salomão tinha doze prefeitos em todo o Israel. Cada um devia prover o palácio real durante um mês do ano. ⁸Os nomes

deles eram: um filho de Hur, na região montanhosa de Efraim. ⁹Um filho de Decar, em Maces, Salebim, Bet-Sames, Aialon e Bet-Hanã. ¹⁰Um filho de Hesed, em Arubot; também estavam sob sua jurisdição Soco e todo o território de Héfer. ¹¹Um filho de Abinadab, casado com Tabaat, filha de Salomão, em todo o distrito de Dor. ¹²Baana, filho de Ailud, em Tanac e Meguido e todo o Betsã que está na direção de Sartã, abaixo de Jezrael, desde Betsã até Abel-Meúla, até além de Jecmaam. ¹³Um filho de Gaber, em Ramot de Galaad; também entraram em sua jurisdição as aldeias de Jair, filho de Manassés, que estão em Galaad, e a região de Argob em Basã: sessenta cidades com muralhas e trancas de bronze. ¹⁴Ainadab, filho de Ado, em Maanaim. ¹⁵Aquimaás, em Neftali; ele também se casou com uma filha de Salomão chamada Basemat. ¹⁶Baana, filho de Husi, em Aser e nos rochedos. ¹⁷Josafá, filho de Farué, em Issacar. ¹⁸Semei, filho de Ela, em Benjamim. ¹⁹Gaber, filho de Uri, na região de Gad, terra de Seon, rei dos amorreus, e de Og, rei de Basã. Além desses, havia um prefeito para o território de Judá.

²⁰A população de Judá e Israel era numerosa como a areia da praia. E todos comiam, bebiam e viviam felizes. [7-20]

5 *O povo a serviço do rei* — ¹Salomão tinha poder sobre todos os reinos, desde o rio Eufrates até a região filisteia e a fronteira do Egito. Enquanto viveu, todos lhe pagaram tributo e obedeceram.

²Salomão recebia diariamente para o seu gasto treze toneladas e meia de flor de farinha e vinte e sete toneladas de farinha comum, ³dez bois cevados, vinte bois de pasto, cem carneiros, além de veados, gazelas, antílopes e aves de ceva. ⁴Isso porque seu poder se estendia até o outro lado do Eufrates, desde Tafsa até Gaza, sobre todos os reis do outro lado do Rio. E havia paz em todas as suas fronteiras. ⁵Enquanto Salomão viveu, Judá e Israel viveram tranquilos, cada qual debaixo de sua vinha e de sua figueira, desde Dã até Bersabeia.

⁶Salomão possuía estábulos para quatro mil cavalos de tração e doze mil cavalos de montaria.

⁷Os prefeitos, mencionados acima, providenciavam o sustento de Salomão e de todos os que comiam às custas do rei, cada prefeito durante um mês, de modo que nada faltasse. ⁸Forneciam também cevada e palha para os cavalos de tração e de montaria, no lugar onde fosse preciso, cada qual por seu turno. [5,1-8]

Sabedoria de Salomão — ⁹Deus concedeu a Salomão sabedoria e inteligência extraordinárias, e mente aberta como as praias do mar. ¹⁰A sabedoria de Salomão foi maior que a de todos os filhos do Oriente e maior que toda a sabedoria do Egito. ¹¹Foi mais sábio que qualquer pessoa: mais que Etã, o ezraíta, e mais que Emã, Calcol e Darda, filhos de Maol. Sua fama se espalhou por todas as nações vizinhas. ¹²Ele compôs três mil provérbios e mil e cinco cânticos. ¹³Falou sobre plantas, desde o cedro do Líbano até o hissopo que cresce na parede. Falou também sobre animais, aves, répteis e peixes. ¹⁴De todas as nações vinha gente para ouvir a sabedoria de Salomão. Vinham também os reis dos países onde se havia espalhado a fama da sua sabedoria. [\[9-14\]](#)

2. Um rei construtor

Troca de bens primários por tecnologia — ¹⁵Hiram, rei de Tiro, tinha sido sempre aliado de Davi. Ao saber que Salomão tinha sucedido ao pai no trono, Hiram enviou uma embaixada a Salomão. ¹⁶E Salomão enviou a seguinte mensagem a Hiram: ¹⁷“Você sabe que meu pai Davi não pôde construir um Templo para o Nome de Javé seu Deus, por causa das guerras em que se envolveu, até que Javé lhe submeteu os inimigos debaixo de seus pés. ¹⁸Agora, porém, Javé, meu Deus, me concedeu a paz em todo o território: não tenho inimigos nem problemas graves. ¹⁹Por isso, resolvi construir um Templo para o Nome de Javé, meu Deus, de acordo com o que Javé disse a meu pai Davi: ‘O seu filho, que porei no trono depois de você, construirá um Templo para o meu Nome’. ²⁰Portanto, mande que cortem cedros do Líbano. Meus operários trabalharão junto com os seus, e eu pagarei o trabalho de seus operários, conforme você determinar. Você sabe que entre nós não há ninguém que entenda de corte de madeira como os sidônios”.

²¹Quando Hiram ouviu o pedido de Salomão, ficou cheio de alegria, e exclamou: “Que hoje seja bendito Javé, pois ele deu a Davi um filho sábio para governar esse grande povo”. ²²Em resposta, Hiram mandou esta mensagem a Salomão: “Recebi sua mensagem. Vou atender a seu desejo, mandando-lhe madeira de cedro e cipreste. ²³Meus operários descerão a madeira do Líbano até o mar, e ela seguirá para o lugar que você me indicar. Então eu a desembarcarei, e você a receberá. Em troca, você fornecerá víveres para o meu palácio, conforme eu quiser”. ²⁴Hiram forneceu a Salomão toda a madeira de cedro e cipreste que este necessitava, ²⁵e Salomão pagou a Hiram nove mil toneladas de trigo para o sustento de seu palácio, e nove mil litros de azeite virgem. Era o que Salomão mandava anualmente para Hiram. ²⁶Javé concedeu sabedoria a Salomão, conforme lhe havia prometido. Houve bom entendimento entre Hiram e Salomão, e os dois firmaram uma aliança.

²⁷O rei Salomão recrutou, em todo o Israel, mão de obra para o trabalho forçado; conseguiu reunir trinta mil operários. ²⁸Mandou-os para o Líbano em turnos, dez mil a cada mês: passavam um mês no Líbano e dois meses em casa. Adoniram era o chefe dos trabalhos forçados. ²⁹Salomão tinha também setenta mil carregadores e oitenta mil cortadores de pedras nas montanhas, ³⁰sem contar os capatazes, em número de três mil e trezentos, que dirigiam os trabalhos dos

operários. ³¹O rei mandou extrair grandes blocos de pedra escolhida, a fim de construir os alicerces do Templo. ³²Os operários de Salomão, junto com os de Hiram e os giblitas, cortaram e prepararam a madeira e a pedra para a construção do Templo. [15-32]

6 *O Templo, centro da vida religiosa* — ¹No ano quatrocentos e oitenta depois da saída dos israelitas do Egito, quarto do reinado de Salomão em Israel, no mês de Ziv, que é o segundo mês, Salomão começou a construir o Templo de Javé.

²O Templo de Javé construído por Salomão media trinta metros de comprimento, dez de largura e quinze de altura. ³O vestíbulo diante do santuário do Templo tinha dez metros no sentido da largura do Templo e cinco no sentido do seu comprimento. ⁴No Templo, ele fez janelas quadradas com grades. ⁵Encostado à parede do Templo, construiu um anexo rodeando o santuário e o Santíssimo, com pisos, e fez aposentos laterais ao redor. ⁶De largura, o andar térreo tinha dois metros e meio; o intermediário, três metros; e o terceiro, três metros e meio. É que ele tinha feito, do lado de fora, saliências em torno do Templo, de modo que as vigas não ficavam presas nas paredes do Templo. ⁷E o Templo foi construído com pedras já talhadas, de modo que durante sua construção não se ouviu barulho de martelo, de cinzel ou de qualquer outro instrumento de ferro. ⁸A entrada para o andar inferior ficava no canto direito do Templo e, por meio de escadas em caracol, subia-se para o andar do meio, e deste para o andar superior. ⁹Salomão terminou a construção do Templo, cobrindo-o com teto de pranchões de cedro. ¹⁰Fez uma galeria anexa a todo o Templo, com dois metros e meio de altura, unida ao Templo por vigas de cedro.

¹¹Então Javé disse a Salomão: ¹²“Quanto a essa casa que você está construindo, se você se comportar de acordo com os meus estatutos, e observar minhas normas e seguir meus mandamentos, eu cumprirei em seu favor a promessa que fiz a seu pai Davi: ¹³habitarei entre os israelitas e não abandonarei o meu povo Israel”.

¹⁴Quando Salomão terminou as obras do Templo, ¹⁵forrou o lado interno das paredes com placas de cedro, desde o chão até as vigas do teto; revestiu as paredes internas com madeira e cobriu o chão com tábuas de cipreste.

¹⁶Recobriu com tábuas de cedro os dez metros, a partir do fundo do Templo, desde o chão até as vigas, e separou-os do Templo para formar o Santíssimo.

¹⁷O Templo, isto é, o santuário diante do Santíssimo, media vinte metros. ¹⁸O

cedro do interior do Templo era esculpido com flores e festões; tudo era de cedro e não se via pedra nenhuma. ¹⁹Salomão construiu o Santíssimo no fundo do Templo, para aí colocar a arca da aliança de Javé. ²⁰O Santíssimo tinha dez metros de comprimento, dez metros de largura e dez de altura; e ele o revestiu de ouro puríssimo. Fez um altar de cedro ²¹diante do Santíssimo, e o revestiu de ouro. ²²Revestiu de ouro o Templo inteiro, que ficou totalmente coberto de ouro.

²³Para o Santíssimo, Salomão fez dois querubins de oliveira selvagem, cada um com cinco metros de altura. ²⁴Cada asa do querubim media dois metros e meio, de modo que a distância era de cinco metros de uma ponta à outra das asas. ²⁵O segundo querubim também media cinco metros. Os dois tinham o mesmo tamanho e o mesmo formato. ²⁶Os dois querubins mediam cinco metros de altura cada um. ²⁷Os querubins foram colocados no meio da sala interior. Eles tinham as asas estendidas, de modo que a asa de um tocava uma parede, e a asa do outro tocava a outra parede, e as asas de ambos tocavam uma na outra, no meio da sala. ²⁸Os querubins foram revestidos de ouro. ²⁹Salomão mandou esculpir figuras de querubins, palmeiras e flores ao redor de todas as paredes do Templo, tanto por fora como por dentro, ³⁰e mandou cobrir de ouro o piso interior e exterior do Templo.

³¹Salomão mandou fazer a porta do Santíssimo com vigas de oliveira selvagem. O enquadramento da porta tinha cinco ângulos, ³²e os dois batentes eram de oliveira selvagem. Nos batentes foram esculpidas figuras de querubins, palmeiras e flores, tudo recoberto de ouro. Salomão mandou recobrir de ouro os querubins e as palmeiras. ³³Também mandou fazer as portas do santuário com vigas de oliveira selvagem, com enquadramento de quatro ângulos. ³⁴Os dois batentes das portas eram de cipreste, com painéis giratórios em cada batente. ³⁵Nos batentes foram esculpidos querubins, palmeiras e flores, revestidos de ouro ajustado sobre a escultura. ³⁶Salomão mandou ainda construir o muro do pátio interior com três fileiras de pedra talhada e uma fileira de vigas de cedro.

³⁷No quarto ano, no mês de Ziv, foram lançados os alicerces do Templo. E no décimo primeiro ano, no mês de Bul, o oitavo mês, o Templo ficou concluído em todas as suas partes, conforme o projeto. Salomão levou sete anos para construir o Templo. [6,1-37]

7 O palácio de Salomão — ¹Salomão levou treze anos para construir seu palácio e deixá-lo completamente pronto. ²Construiu a Casa da Floresta do

Líbano, que tinha cinquenta metros de comprimento, vinte e cinco de largura e quinze de altura. Ela foi construída sobre quatro fileiras de colunas de cedro, com vigas de cedro sobre as colunas. ³Sobre as vigas sustentadas pelas colunas, foi feito um revestimento de cedro. ⁴Havia três fileiras de janelas, quarenta e cinco ao todo; ficavam quinze em cada fileira, cada uma na frente das outras, de três em três. ⁵Todas as portas e janelas tinham enquadramento retangular e ficavam umas na frente das outras, de três em três. ⁶Salomão construiu o pórtico das colunas com vinte e cinco metros de comprimento e quinze de largura. Além disso, fez um vestíbulo diante das colunas, com uma varanda na frente. ⁷Fez o salão do trono ou da audiência, onde administrava a justiça; era revestido de cedro desde o piso até o teto. ⁸Sua residência pessoal, em outro pátio atrás do pórtico, era do mesmo estilo. Salomão fez também outro palácio, parecido com esse pórtico, para a filha do Faraó, com quem se havia casado.

⁹Desde o alicerce até as vigas do teto, todas as construções foram feitas de pedras escolhidas, cortadas sob medida, serradas por dentro e por fora, também do lado de fora, até o grande pátio. ¹⁰Os alicerces eram de pedras escolhidas, em blocos de cinco por quatro metros, ¹¹e em cima delas pedras especiais, cortadas sob medida, e também madeira de cedro. ¹²O pátio maior tinha três fileiras de pedra talhada e uma fileira de tábuas de cedro; era semelhante ao pátio interno do Templo de Javé e ao vestíbulo do palácio. [7,1-12]

Ornamentos e utensílios do Templo — ¹³Salomão mandou chamar Hiram, de Tiro, ¹⁴filho de uma viúva da tribo de Neftali, cujo pai era natural de Tiro. Hiram trabalhava o bronze, e era dotado de grande habilidade, talento e inteligência para fazer qualquer trabalho de bronze. Ele se apresentou ao rei Salomão e executou toda a obra. ¹⁵Fundiu duas colunas de bronze, cada uma com nove metros de altura e seis de circunferência. ¹⁶Fez dois capitéis de bronze fundido, cada um com dois metros e meio de altura, e os colocou no alto das colunas. ¹⁷Para enfeitar os capitéis, fez dois trançados em forma de corrente, um para cada capitel. ¹⁸Depois fez as romãs; havia duas fileiras de romãs em torno de cada trançado, para cobrir os trançados que ficavam no alto das colunas. Fez o mesmo com o segundo capitel. ¹⁹Os capitéis, no alto das colunas que estavam no vestíbulo, tinham forma de flor-de-lis, medindo dois metros. ²⁰Além disso, esses capitéis, no alto das duas colunas, no centro que ficava por trás dos trançados, estavam enfeitados de romãs, colocadas em filas de duzentas ao redor

de cada capitel. ²¹Em seguida, Hiram ergueu as colunas diante do vestíbulo do santuário: ergueu a coluna do lado direito e lhe deu o nome de Firme; depois levantou a coluna do lado esquerdo e lhe deu o nome de Forte. ²²E assim terminou o trabalho das colunas.

²³Hiram fez ainda o Mar, todo de metal fundido, com cinco metros de diâmetro. Era redondo, tinha dois metros e meio de altura, e sua circunferência tinha quinze metros. ²⁴Por baixo da borda, em todo o redor, havia duas séries de motivos vegetais, com vinte frutas em cada metro, fundidas numa só peça com o Mar. ²⁵Este ficava apoiado sobre doze touros, que olhavam três para o norte, três para o oeste, três para o sul e três para o leste. O Mar se apoiava sobre esses touros, que estavam com os traseiros voltados para dentro. ²⁶A espessura do Mar era de oito centímetros, e sua borda tinha a forma de flor-de-lis. Sua capacidade era de noventa mil litros.

²⁷Hiram fez também dez bases de bronze para as bacias: cada uma delas media dois metros de comprimento, dois de largura e um metro e meio de altura. ²⁸Elas foram construídas com molduras no meio das travessas. ²⁹Sobre essas molduras havia leões, touros e querubins, e sobre as travessas havia um suporte; abaixo dos leões e dos touros, havia grinaldas em forma de festões. ³⁰Cada base tinha quatro rodas de bronze, e eixos também de bronze; seus quatro pés tinham suportes por baixo da bacia; eram de metal fundido e ficavam além de cada grinalda. ³¹Seu encaixe tinha meio metro, a partir do cruzamento dos suportes até o alto; o encaixe era redondo, em forma de suporte de vaso; tinha setenta e cinco centímetros; e sobre o encaixe também havia esculturas, mas os painéis eram quadrangulares, e não redondos. ³²As quatro rodas ficavam acima das travessas. Os eixos das rodas estavam no pedestal; a altura das rodas era de setenta e cinco centímetros. ³³A forma das rodas era como de roda de carro, com eixos, aros, raios e cubos, tudo em metal fundido. ³⁴Havia quatro suportes nos quatro cantos de cada base: a base e seus suportes formavam uma peça única. ³⁵Na parte superior da base havia um suporte com vinte e cinco centímetros de altura, feito de ferro circular; no topo da base havia esteios, e os painéis formavam uma só peça com a base. ³⁶Sobre os painéis de cada travessa e sobre as molduras, mandou gravar querubins, leões e palmeiras dentro dos espaços livres, com grinaldas ao redor. ³⁷As dez bases foram fundidas com o mesmo molde, idênticas na medida e na forma.

³⁸Hiram fez dez bacias de bronze, cada uma com capacidade de mil e oitocentos litros, e media dois metros. Cada bacia estava montada sobre uma das dez bases. ³⁹Colocou cinco dessas bases do lado direito do Templo, e as outras cinco do lado esquerdo. O Mar foi colocado do lado direito do Templo, a sudoeste.

⁴⁰Hiram fez também os recipientes para cinza, as pás e as bacias para a aspersão. E terminou tudo o que o rei Salomão tinha encomendado para o Templo de Javé: ⁴¹as duas colunas; os dois rolos dos capitéis que estavam no alto das colunas; os dois trançados para cobrir os dois rolos que estavam no alto das colunas; ⁴²as quatrocentas romãs para os dois trançados, ficando as romãs de cada trançado em duas fileiras; ⁴³as dez bases e as dez bacias; ⁴⁴o Mar, com os doze touros; ⁴⁵os recipientes para cinza, as pás e as bacias para a aspersão.

Hiram fez em bronze polido todos esses objetos para o rei Salomão, para o Templo de Javé. ⁴⁶Ele os fundiu na planície do Jordão, em terra argilosa, entre Sucot e Sartã. ⁴⁷Não se pôde calcular o peso do bronze, por causa da sua enorme quantidade.

⁴⁸Salomão colocou no Templo de Javé todos os objetos que tinha mandado fazer: o altar de ouro e a mesa de ouro, com os pães oferecidos a Deus; ⁴⁹os candelabros de ouro puro, cinco à direita e cinco à esquerda, diante do Santíssimo; as flores, as lâmpadas e as tenazes de ouro; ⁵⁰as bacias, as facas, as bacias para a aspersão; as taças e os incensórios de ouro puro; os gonzos de ouro para as portas do Santíssimo e do santuário.

⁵¹Quando foram terminadas todas as encomendas para o Templo de Javé, Salomão mandou trazer as ofertas de seu pai Davi — prata, ouro e vasos — e as colocou no tesouro do Templo de Javé. [13-51]

8 Deus está no meio do povo — ¹Salomão reuniu em Jerusalém os anciãos de Israel, todos os chefes das tribos e os chefes das famílias israelitas, para transportar, da Cidade de Davi, que é Sião, a Arca da aliança de Javé. ²Todos os homens de Israel se reuniram, durante a festa, com o rei Salomão, no mês de Etanim, que é o sétimo mês. ³Quando todos os anciãos de Israel chegaram, os sacerdotes carregaram a Arca ⁴e, com a ajuda dos levitas, transportaram também a Tenda da Reunião e os utensílios sagrados que estavam na Tenda. ⁵O rei Salomão, juntamente com toda a comunidade de Israel reunida com ele diante da Arca, sacrificou tantas ovelhas e bois que não foi possível contar nem calcular.

⁶Os sacerdotes introduziram a Arca da aliança de Javé no seu lugar, isto é, no recinto do Templo chamado Santíssimo, sob as asas dos querubins. ⁷De fato, os querubins estendiam as asas sobre o lugar da Arca, protegendo a Arca e seus varais. ⁸Como os varais eram compridos, quem estava no santuário podia ver as suas extremidades, mas não dava para ver de fora. Eles estão aí até hoje. ⁹Dentro da Arca não havia outra coisa, além das duas tábuas de pedra que, no Horeb, Moisés aí tinha colocado, quando Javé concluiu a aliança com os israelitas, quando eles saíram do Egito. ¹⁰Quando os sacerdotes saíram do santuário, a Nuvem encheu o Templo de Javé, ¹¹e os sacerdotes não puderam continuar o seu serviço, por causa da Nuvem: a glória de Javé encheu o Templo. ¹²Então Salomão disse: “Javé escolheu habitar a Nuvem escura. ¹³Eu construí para ti um Templo, uma casa onde habitarás para sempre”. [8,1-13]

Deus protege o poder político? — ¹⁴O rei voltou-se e abençoou toda a assembleia de Israel. E todos permaneceram em pé. ¹⁵Então o rei disse: “Seja bendito Javé, o Deus de Israel, que realizou com a mão o que a sua boca havia prometido a meu pai Davi: ¹⁶‘Desde o dia em que tirei do Egito o meu povo Israel, não escolhi nenhuma cidade dentre todas as tribos de Israel, a fim de construir aí um Templo para o meu Nome, mas escolhi Davi para governar o meu povo Israel’. ¹⁷Meu pai Davi queria construir aí um Templo para o Nome de Javé, o Deus de Israel. ¹⁸Javé, porém, disse a meu pai Davi: ‘Você está querendo construir um Templo para o meu Nome, e faz muito bem querendo isso. ¹⁹Contudo, não é você quem vai construir o Templo, mas o seu filho, saído de suas entranhas, ele é quem vai construir o Templo para o meu Nome’. ²⁰E Javé realizou a promessa que havia feito: sucedi a meu pai Davi e subi ao trono de Israel, como Javé havia prometido, e construí o Templo para o Nome de Javé, o Deus de Israel. ²¹E no Templo eu escolhi um lugar para a Arca, onde se acha a aliança que Javé fez com nossos antepassados, quando os tirou da terra do Egito”.

²²Salomão ficou em pé diante do altar de Javé, na presença de toda a assembleia de Israel. Estendeu as mãos para o céu, ²³e disse: “Javé, Deus de Israel, não existe nenhum deus como tu, seja lá no alto do céu, seja cá embaixo na terra. Tu és fiel à aliança e ao amor para com teus servos que caminham de todo o coração na tua presença. ²⁴Cumpriste a promessa que havias feito ao teu servo Davi, meu pai, e o que prometeste com a boca, hoje realizaste com a mão.

²⁵ Agora, Javé, Deus de Israel, mantém a promessa que fizeste a teu servo Davi, meu pai: ‘Nunca faltará para você, diante de mim, um descendente no trono de Israel, contanto que seus filhos saibam se comportar, vivendo de acordo comigo, assim como você viveu’. ²⁶ Agora, portanto, ó Deus de Israel, confirma a promessa que fizeste a teu servo Davi, meu pai. ²⁷ Será possível que Deus habite na terra? Se não cabes no céu e no mais alto dos céus, muito menos neste Templo que construí. ²⁸ Atende à oração e à súplica do teu servo, ó Javé meu Deus! Ouve o clamor e a prece que teu servo faz hoje diante de ti. ²⁹ Que teus olhos fiquem abertos dia e noite sobre este Templo, sobre este lugar onde quiseste que teu Nome habitasse. Ouve a prece que teu servo fará neste lugar”.
[14-29]

Converter-se para ter uma nova história — ³⁰ “Ouve as súplicas do teu servo e do teu povo Israel, quando rezarem neste lugar. Escuta de tua morada no céu. Escuta e perdoa.

³¹ Quando alguém pecar contra o seu próximo e, porque lhe tiverem exigido um juramento imprecatório, vier para jurar diante do teu altar neste Templo, ³² escuta do céu e age. Julga os teus servos: condena o culpado, dando-lhe o que merece, e absolve o inocente, tratando-o conforme a justiça dele.

³³ Quando teu povo Israel for derrotado pelo inimigo por ter pecado contra ti, se ele se converter, confessar-se ao teu Nome, rezar e suplicar a ti neste Templo, ³⁴ escuta do céu, perdoa o pecado do teu povo Israel, e faz com que ele volte para a terra que deste a seus antepassados.

³⁵ Quando o céu se fechar e não cair chuva, por terem pecado contra ti, se eles rezarem neste lugar, se confessarem ao teu Nome e se arrependerem de seu pecado, porque os afligiste, ³⁶ escuta do céu, perdoa o pecado do teu servo e do teu povo Israel, mostrando-lhe o bom caminho que devem seguir, e rega com a chuva a terra que deste como herança ao teu povo.

³⁷ Quando o país sofrer fome, peste, mela e ferrugem; quando vierem gafanhotos e pulgões; quando o inimigo deste povo cercar uma de suas cidades; quando acontecer alguma calamidade ou epidemia; ³⁸ seja qual for a oração ou súplica de qualquer um do teu povo Israel, que sinta remorso de consciência; se ele erguer as mãos para este Templo, ³⁹ escuta do céu onde moras, perdoa e age. Paga a cada um conforme o seu comportamento, pois conheces o coração; és o único que conhece o coração de todos. ⁴⁰ Desse modo, eles te respeitarão,

enquanto viverem na terra que deste aos nossos antepassados.

⁴¹Se o estrangeiro, que não pertence ao teu povo Israel, também vier de uma terra distante por causa do teu Nome, ⁴²pois ouvirão falar do teu grande Nome, de tua mão forte e de teu braço estendido, se ele vier para orar neste Templo, ⁴³escuta do céu onde moras, e atende a todos os pedidos do estrangeiro. Assim, todos os povos da terra reconhecerão o teu Nome e temerão a ti, como faz o teu povo Israel. Eles saberão que o teu Nome é invocado neste Templo que eu construí.

⁴⁴Se o teu povo sair para guerrear contra os inimigos, e se no caminho em que o mandares ele rezar para ti, voltado para a cidade que escolheste e para o Templo que construí para o teu Nome, ⁴⁵escuta do céu a sua oração e súplica, e faz justiça para ele.

⁴⁶Quando os israelitas pecarem contra ti, pois não há ninguém que não peque, e tu fiques irritado contra eles, entregando-os ao inimigo, e então eles forem levados como cativos pelos vencedores para uma terra inimiga, distante ou próxima; ⁴⁷se nessa terra onde estiverem cativos, eles caírem em si e, na terra dos vencedores, suplicarem: ‘Nós pecamos, agimos mal e nos pervertemos’; ⁴⁸se eles se voltarem para ti de todo o coração e de toda a alma, na terra em que os inimigos os tiverem exilado; se rezarem a ti voltados para a terra que deste aos seus antepassados, para a cidade que escolheste e para o Templo que construí para o teu Nome, ⁴⁹escuta do céu onde moras, escuta a oração e súplica deles, e faz justiça para com eles. ⁵⁰Perdoa ao teu povo que pecou contra ti, perdoa todas as suas revoltas contra ti, e faz que ele encontre a benevolência dos vencedores, e que estes usem de compaixão para com ele, ⁵¹porque é o teu povo e a tua herança, que tiraste do Egito, do meio da fornalha de ferro.

⁵²Que teus olhos estejam abertos para as súplicas do teu servo e do teu povo Israel, para ouvires todos os pedidos que eles fizerem a ti. ⁵³De fato, Senhor Javé, tu os separaste como tua herança entre todos os povos da terra, como disseste através de teu servo Moisés, quando tiraste do Egito os nossos antepassados!”

⁵⁴Quando Salomão acabou de dirigir a Javé toda essa oração e súplica, levantou-se diante do altar de Javé, no lugar em que estava ajoelhado e de mãos erguidas para o céu. ⁵⁵Ficou em pé e abençoou toda a assembleia de Israel em voz alta: ⁵⁶“Javé seja bendito! Ele concedeu descanso para o seu povo Israel, conforme havia prometido. Não falhou nenhuma das boas promessas que tinha

feito através do seu servo Moisés. ⁵⁷Javé nosso Deus esteja conosco, assim como esteve com nossos antepassados. Que ele não nos abandone, nem nos rejeite. ⁵⁸Que ele faça nossos corações se voltarem para ele, a fim de andarmos em seus caminhos e obedecermos aos seus mandamentos, estatutos e normas, que ele ordenou aos nossos antepassados. ⁵⁹Que essas súplicas por mim dirigidas a Javé estejam dia e noite presentes diante de Javé, o nosso Deus, para que ele faça justiça ao seu servo e ao seu povo Israel, conforme as necessidades de cada dia. ⁶⁰Assim, todos os povos da terra saberão que só Javé é Deus e que não há nenhum outro. ⁶¹Que o coração de vocês seja íntegro para com Javé nosso Deus, observando seus estatutos e obedecendo aos seus mandamentos, como vocês fazem hoje”.

⁶²O rei, junto com todo o Israel, ofereceu sacrifícios diante de Javé. ⁶³Salomão ofereceu sacrifícios, e foram sacrifícios de comunhão que ele ofereceu a Javé: vinte e dois mil bois e cento e vinte mil ovelhas. Desse modo, o rei e todos os israelitas inauguraram o Templo de Javé. ⁶⁴Nesse mesmo dia, o rei consagrou o interior do pátio que fica diante do Templo de Javé: aí ofereceu o holocausto, a oblação, as gorduras do sacrifício de comunhão, porque o altar de bronze que estava diante de Javé era muito pequeno para conter o holocausto, a oblação e as gorduras do sacrifício de comunhão. ⁶⁵Nessa ocasião, Salomão celebrou a festa, e todo o Israel com ele, durante sete dias: houve uma grande assembleia diante de Javé, o nosso Deus, com gente que veio desde a entrada de Emat até a torrente do Egito. ⁶⁶No oitavo dia, ele despediu o povo. E todos abençoaram o rei e voltaram para suas tendas, alegres e de coração contente por tudo de bom que Javé havia feito para o seu servo Davi e para o seu povo Israel. [30-66]

9 *A continuidade depende da fidelidade* — ¹Salomão acabou de construir o Templo de Javé, o palácio real, e tudo o que pretendia construir. ²Então Javé lhe apareceu pela segunda vez, como havia aparecido em Gabaon, ³e lhe disse: “Ouvi a oração e súplica que você me fez. Consagrei este Templo, que você construiu, para que seja a morada do meu nome para sempre: os meus olhos e o meu coração estarão aí todos os dias. ⁴Se você se comportar diante de mim como seu pai Davi, de coração íntegro e reto, fazendo tudo como eu ordenei e obedecendo aos meus estatutos e normas, ⁵eu mantereí firme para sempre o seu trono real em Israel, como prometi ao seu pai Davi, dizendo: ‘Haverá sempre alguém da sua família para se assentar no trono de Israel’. ⁶Ao contrário, se vocês e seus filhos me abandonarem, não obedecendo aos meus mandamentos e

estatutos que lhes dei, indo servir a outros deuses e prostrando-se diante deles, ⁷então eu arrancarei Israel da terra que lhes dei; afastarei para longe de mim este Templo que consagrei para o meu Nome, e Israel será motivo de riso e chacota entre os povos; ⁸então, este Templo, que é tão grandioso, se tornará motivo de espanto para os que por aí passarem. Eles vão assobiar e dizer: ‘Por que Javé fez isso com essa terra e esse Templo?’ ⁹E responderão: ‘Foi porque eles abandonaram Javé seu Deus, que tirou seus antepassados da terra do Egito. Eles aderiram a outros deuses, prostrando-se diante deles e servindo-os. Foi por isso que Javé seu Deus mandou sobre eles toda essa desgraça’ ”. [9,1-9]

Quem paga tudo isso? — ¹⁰Durante vinte anos, Salomão construiu os dois edifícios, o Templo de Javé e o palácio real. ¹¹E Hiram, rei de Tiro, forneceu a Salomão madeira de cedro, cipreste e todo o ouro que este quis. Quando terminou as construções, o rei Salomão deu a Hiram vinte cidades no território da Galileia. ¹²Hiram saiu de Tiro para ver as cidades que Salomão lhe havia dado e não gostou delas. ¹³E protestou: “Meu irmão, que cidades são essas que você me deu?” E apelidou essas cidades de Terra de Cabul. E até hoje elas têm esse nome. ¹⁴E Hiram enviou ao rei Salomão quatro mil quilos de ouro.

¹⁵É o seguinte o relatório sobre os trabalhos forçados que o rei Salomão usou para construir o Templo de Javé, seu palácio, o aterro, a muralha de Jerusalém, Hasor, Meguido, Gazer (¹⁶o Faraó, rei do Egito, tinha feito uma expedição e se apossara de Gazer, incendiando-a e massacrando os cananeus que aí habitavam; depois deu Gazer como dote para a sua filha, esposa de Salomão, ¹⁷o qual a reconstruiu), Bet-Horon Inferior, ¹⁸Baalat, Tamar, no deserto, ¹⁹as cidades entrepostos que lhe pertenciam, as cidades para guardar os carros e cavalos, e tudo quanto ele julgou necessário construir em Jerusalém, no Líbano e nos países que lhe estavam submissos.

²⁰Toda a população que restava dos amorreus, heteus, ferezeus, heveus e jebuseus, que não eram israelitas, ²¹os filhos deles que ficaram no país e que os israelitas não haviam consagrado ao extermínio, Salomão os recrutou para os trabalhos forçados até hoje. ²²Salomão, porém, não reduziu os israelitas à escravidão, mas estavam a seu serviço como soldados, funcionários, chefes, escudeiros, comandantes de carros e de cavalaria. ²³Havia quinhentos e cinquenta chefes de inspetores que dirigiam os trabalhos de Salomão; eles dirigiam o pessoal que realizava os trabalhos.

²⁴Salomão construiu o aterra logo depois que a filha do Faraó se mudou da Cidade de Davi para o palácio que ele construiu para ela.

²⁵Três vezes ao ano, Salomão oferecia holocaustos e sacrifícios de comunhão sobre o altar que tinha construído para Javé. Ele queimava incenso diante de Javé e conservava o Templo em bom estado. [\[10-25\]](#)

3. Um rei comerciante

Comércio de luxo — ²⁶O rei Salomão construiu uma frota em Asiongaber, perto de Elat, às margens do mar Vermelho, no país de Edom. ²⁷Hiram enviou seus servos marinheiros, que conheciam bem o mar, para os navios junto com os servos de Salomão. ²⁸Chegaram a Ofir e daí trouxeram catorze mil quilos de ouro, que entregaram ao rei Salomão. [26-28]

10 Relações diplomáticas dispendiosas — ¹A rainha de Sabá ouviu falar da fama de Salomão e foi submeter o rei à prova por meio de enigmas. ²Chegou a Jerusalém com uma imponente comitiva de camelos carregados de perfumes, muito ouro e pedras preciosas. Apresentou-se a Salomão e lhe propôs tudo o que pensava. ³Salomão, porém, soube responder a todas as suas perguntas; não houve uma só questão demasiado difícil que o rei não pudesse resolver. ⁴A rainha de Sabá ficou assombrada ao ver a sabedoria de Salomão, o palácio que havia construído, ⁵as iguarias de sua mesa, a corte sentada, os serviços e uniformes dos empregados, as bebidas, os holocaustos que Salomão oferecia no Templo de Javé. ⁶Então ela disse ao rei: “É verdade tudo o que ouvi na minha terra sobre você e sua sabedoria. ⁷Eu não queria acreditar no que diziam antes de vir para ver com meus próprios olhos. O que me contaram não é nem a metade: sua sabedoria e riqueza são muito maiores do que eu tinha ouvido. ⁸Sua gente e seus servos é que são felizes: podem desfrutar continuamente de sua presença e aprender de sua sabedoria! ⁹Seja bendito Javé, o seu Deus, que foi benevolente e o colocou sobre o trono de Israel. Javé ama Israel para sempre, e é por isso que ele o nomeou rei, a fim de que você exerça o direito e a justiça”.

¹⁰Então a rainha de Sabá deu ao rei quatro toneladas de ouro, grande quantidade de perfumes e de pedras preciosas. Nunca houve tantos perfumes como os que a rainha de Sabá trouxe para o rei Salomão.

¹¹Por sua vez, a frota de Hiram, que tinha trazido ouro de Ofir, trouxe também grande quantidade de madeira de sândalo e pedras preciosas. ¹²Com o sândalo, Salomão fez balaustradas para o Templo de Javé e para o palácio real, cítaras e harpas para os cantores. Nunca mais chegou madeira de sândalo como essa, e nunca mais se viu dela até hoje.

¹³Em troca, o rei Salomão ofereceu à rainha de Sabá tudo o que ela quis e

pediu, além do que o próprio rei a presenteou com grandiosidade. Depois a rainha de Sabá partiu e voltou com sua comitiva para a sua terra. [\[10,1-13\]](#)

O fascínio que hipnotiza — ¹⁴O ouro que Salomão recebia anualmente pesava vinte e três mil quilos, ¹⁵sem contar o que recebia de tributo dos mercadores e do lucro dos comerciantes, dos reis da Arábia e dos governadores do país. ¹⁶O rei Salomão fez duzentos escudos grandes de ouro batido, gastando seis quilos e meio em cada escudo; ¹⁷trezentos pequenos escudos de ouro batido, gastando meio quilo de ouro em cada um deles, e os colocou no salão chamado Floresta do Líbano. ¹⁸O rei fez também um grande trono de marfim, recoberto de ouro puro. ¹⁹O trono tinha seis degraus, com encosto arredondado na parte de cima, braços de cada lado do assento, dois leões em pé perto dos braços, ²⁰e doze leões colocados em cada lado dos seis degraus. Nunca se havia feito coisa igual em nenhum reino.

²¹Todas as taças que o rei Salomão usava para beber eram de ouro, e toda a baixela do salão da Floresta do Líbano era também de ouro puro. Não se fazia nada em prata, que não tinha valor no tempo de Salomão. ²²De fato, o rei tinha no mar uma frota de grandes navios, junto com a frota de Hiram, e a cada três anos chegavam os navios carregados de ouro, prata, marfim, macacos e pavões.

²³E o rei Salomão superou em riqueza e sabedoria todos os reis da terra. ²⁴Todo mundo queria visitar Salomão, para aprender a sabedoria que Deus lhe havia dado. ²⁵Cada um trazia seus presentes: vasilhas de prata e ouro, roupas, armas e aromas, cavalos e mulas. [\[14-25\]](#)

A quem serve o aparato militar? — ²⁶Salomão reuniu também carros e cavaleiros: tinha mil e quatrocentos carros e doze mil cavaleiros, que ficavam nas cidades dos carros e junto do rei em Jerusalém. ²⁷Salomão fez com que a prata fosse tão comum em Jerusalém como as pedras, e os cedros como os sicômoros da Planície. ²⁸Os cavalos de Salomão eram importados do Egito e da Cilícia, onde os mercadores do rei os compravam com pagamento à vista. ²⁹Cada carro era importado do Egito por seis quilos e meio de prata, e cada cavalo por um quilo e meio. Os cavalos eram exportados, nas mesmas condições, para os reis dos heteus e os reis de Aram. [\[26-29\]](#)

4. Um rei louco

11 *Idolatria, fonte de corrupção* — ¹Além da filha do Faraó, o rei Salomão amou muitas mulheres estrangeiras: moabitas, amonitas, edomitas, sidônias e heteias. ²Essas mulheres pertenciam àquelas nações das quais Javé tinha dito aos israelitas: “Vocês não entrarão em contato com elas, nem elas entrarão em contato com vocês. Do contrário, elas acabarão desviando o coração de vocês para os deuses delas”. Salomão, porém, se enamorou perdidamente por elas: ³teve setecentas esposas e trezentas concubinas. ⁴Quando ficou velho, as mulheres desviaram o coração dele para os deuses estrangeiros. E o coração de Salomão já não pertencia inteiramente a Javé seu Deus como o coração de seu pai Davi. ⁵Salomão seguiu Astarte, deusa dos sidônios, e Melcom, ídolo dos amonitas. ⁶Fez o que Javé reprova, e não foi plenamente fiel a Javé, como seu pai Davi. ⁷Salomão construiu um santuário para Camos, ídolo dos moabitas, no monte a leste de Jerusalém, e um santuário para Melcom, ídolo dos amonitas. ⁸Fez o mesmo para suas mulheres estrangeiras, que queimavam incenso e ofereciam sacrifícios aos deuses delas.

⁹Javé ficou irritado contra Salomão, porque este havia desviado o seu coração para longe de Javé, o Deus de Israel, que lhe tinha aparecido duas vezes ¹⁰e havia proibido expressamente que Salomão seguisse outros deuses. Salomão, porém, não obedeceu ao que Javé lhe tinha ordenado. ¹¹Então Javé disse a Salomão: “Você está se comportando assim e não observa minha aliança e as ordens que lhe dei. Pois bem! Vou tirar-lhe o reino e entregá-lo a um de seus servos. ¹²Não farei isso enquanto você estiver vivo, em consideração a seu pai Davi. Eu arrancarei o reino da mão de seu filho. ¹³Não tirarei o reino todo; deixarei a seu filho uma tribo, em consideração a meu servo Davi e a Jerusalém, a cidade que escolhi”. [11,1-13]

Vassalos que se tornam inimigos — ¹⁴Javé fez surgir um adversário contra Salomão; era Adad, o edomita, da família real de Edom. ¹⁵Depois que Davi derrotou Edom, aconteceu que Joab, chefe do exército, foi enterrar os mortos e matou todos os homens de Edom. ¹⁶Joab e o exército israelita ficaram aí durante seis meses, até acabar com todos os homens de Edom. ¹⁷Adad, porém, conseguiu fugir para o Egito com alguns edomitas, servos de seu pai. Adad era ainda criança. ¹⁸Partindo de Madiã, eles chegaram a Farã, aí juntaram alguns

homens, foram para o Egito e se apresentaram ao Faraó, rei do Egito. O Faraó deu a Adad uma casa, víveres e um terreno. ¹⁹Adad ganhou a simpatia do Faraó, que lhe deu como esposa a sua cunhada, irmã da primeira dama, a rainha Táfnis. ²⁰A mulher de Adad lhe deu um filho, Genubat, e Táfnis o educou no palácio do Faraó, de modo que Genubat morava no palácio junto com os filhos do Faraó.

²¹No Egito, Adad ouviu dizer que Davi tinha morrido e que Joab, chefe do exército, também estava morto. Então pediu ao Faraó: “Deixe-me voltar para a minha terra”. ²²O Faraó perguntou: “Você quer voltar para a sua terra? Está lhe faltando alguma coisa aqui em casa?” Adad respondeu: “Não está faltando nada, mas deixe-me partir”. ^{25b}Adad reinou em Edom, e não deixou Israel em paz.

²³Javé fez surgir contra Salomão outro inimigo: era Razon, filho de Eliada, que tinha fugido do seu senhor Adadezer, rei de Soba. ²⁴Razon reuniu-se com outros homens e tornou-se chefe de um bando. Quando Davi os dizimou, Razon foi para Damasco, onde se estabeleceu, e se tornou rei de Damasco. ^{25a}Razon foi adversário de Israel durante todo o reinado de Salomão. [14-25]

Descontentamento popular — ²⁶Jeroboão, filho de Nabat, era um efraimita de Sareda, e sua mãe era uma viúva chamada Sarva. Jeroboão estava a serviço de Salomão e se revoltou contra o rei, ²⁷pelo seguinte motivo: Salomão estava construindo o aterro para tapar a brecha da Cidade de Davi, seu pai. ²⁸Jeroboão era homem valente e forte. Salomão, vendo que o jovem trabalhava bem, o nomeou capataz dos trabalhos forçados da casa de José. ²⁹Certo dia, Jeroboão estava saindo de Jerusalém e encontrou-se no caminho com o profeta Aías de Silo, que vestia um manto novo. Os dois estavam sozinhos no campo. ³⁰Aías pegou seu manto novo, o rasgou em doze pedaços, ³¹e disse a Jeroboão: “Pegue dez pedaços para você, porque assim diz Javé, o Deus de Israel: ‘Vou arrancar o reino das mãos de Salomão e vou dar dez tribos para você. ³²Ele ficará com uma tribo, em consideração para com meu servo Davi e para com Jerusalém, a cidade que escolhi dentre todas as tribos de Israel. ³³Isso porque Salomão me abandonou para adorar Astarte, deusa dos sidônios, Camos, deus de Moab, e Melcom, deus dos amonitas. Ele não andou em meus caminhos para praticar o que eu aprovo; não observou meus estatutos e normas, como fez o seu pai Davi. ³⁴Contudo, não tirarei da mão dele nenhuma parte do reino, pois o tornei chefe por todo o tempo de sua vida, em consideração ao meu servo Davi, a quem escolhi, e que observou meus mandamentos e estatutos. ³⁵É do filho dele que eu

vou tirar o reino, e vou dar dez tribos para você. ³⁶Deixarei para o filho dele uma tribo, para que o meu servo Davi tenha sempre uma lâmpada diante de mim, em Jerusalém, a cidade que escolhi para aí colocar o meu Nome. ³⁷Quanto a você, eu o escolherei para reinar sobre o que você quiser. E você vai ser o rei de Israel. ³⁸Se você obedecer a tudo o que eu mandar, se seguir os meus caminhos e fizer o que eu aprovo; se observar meus estatutos e mandamentos, como fez meu servo Davi, então eu estarei com você, e construirei para você uma dinastia estável, assim como fiz para Davi. A você eu entregarei Israel ³⁹e, por causa disso, humilharei a descendência de Davi, mas não para sempre' ”.

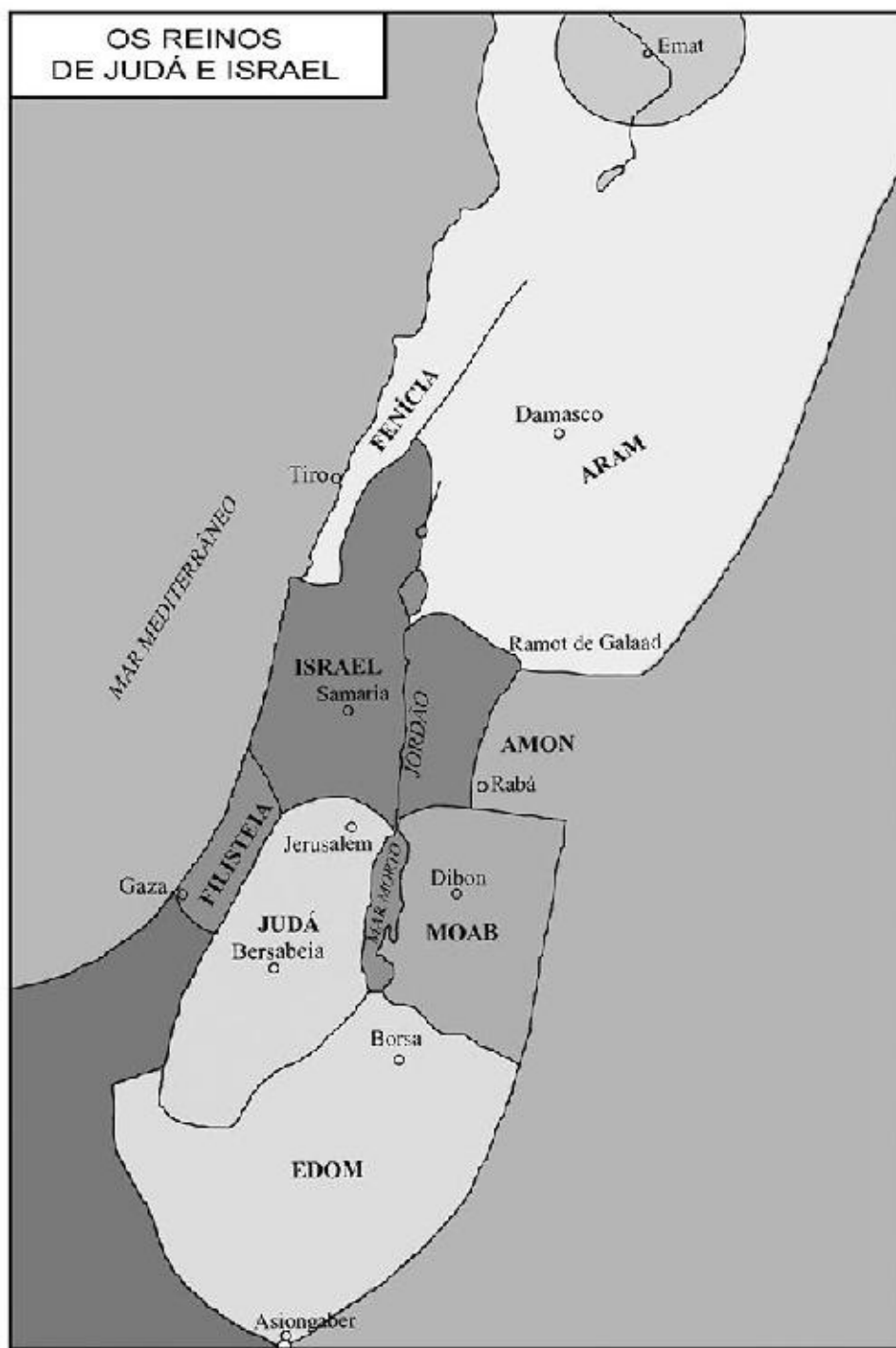
⁴⁰Salomão tentou matar Jeroboão. Mas Jeroboão fugiu para o Egito, onde reinava Sesac, rei do Egito. E ficou no Egito até a morte de Salomão. [26-40]

Morte de Salomão — ⁴¹O resto da história de Salomão, com todos os seus feitos e a sua sabedoria, tudo está escrito no Livro da História de Salomão. ⁴²E Salomão reinou em Jerusalém, sobre todo o Israel, durante quarenta anos. ⁴³Depois Salomão morreu e foi enterrado com seus antepassados na Cidade de Davi, seu pai. E seu filho Roboão lhe sucedeu no trono. [41-43]

III. O REINO DIVIDIDO

12 *Revolta aprovada por Javé* — ¹Roboão foi para Siquém, pois todo o Israel para aí se havia dirigido, a fim de proclamá-lo rei. ²Jeroboão, filho de Nabat, soube da notícia quando ainda estava no Egito, porque havia fugido do rei Salomão e morava no Egito. ³Mandaram chamar Jeroboão, e ele também foi com toda a assembleia de Israel. Então disseram a Roboão: ⁴“Seu pai nos impôs um fardo pesado. Se você nos aliviar da dura escravidão e do fardo pesado que ele nos impôs, nós serviremos a você”. ⁵Roboão respondeu: “Vão e voltem ao meu encontro daqui a três dias”. Então o povo se dispersou.

⁶O rei Roboão pediu conselho aos anciãos que serviam a seu pai Salomão, quando este ainda vivia. E lhes perguntou: “Como é que vocês me aconselham a responder para esse povo?” ⁷Eles disseram: “Se hoje você se colocar a serviço desse povo, se você o servir, e se você responder para eles com boas palavras, então eles se colocarão para sempre a seu serviço”. ⁸Roboão, porém, desprezou o conselho dos anciãos e foi aconselhar-se com os jovens que haviam crescido junto com ele e que o serviam. ⁹E lhes perguntou: “O que é que vocês me aconselham a responder para esse povo que me disse: ‘Alivie-nos do jugo que seu pai nos impôs’?” ¹⁰Os jovens, que haviam crescido com ele, disseram: “Para esse povo que falou: ‘Seu pai tornou pesado o nosso fardo; alivie esse fardo que pesa sobre nós’, você responderá: ‘Meu dedo mínimo é mais grosso do que a cintura de meu pai. ¹¹Meu pai colocou sobre vocês um fardo pesado, mas eu aumentarei ainda mais esse fardo. Meu pai castigou vocês com chicotes, e eu castigarei vocês com ferrões’ ”.



¹²Como o rei lhes havia dito que voltassem depois de três dias, Jeroboão e todo o povo foram ao encontro de Roboão no terceiro dia. ¹³O rei então respondeu duramente ao povo. Desprezando o conselho que os anciãos lhe haviam dado, ¹⁴falou conforme o conselho dos jovens: “Meu pai colocou sobre vocês um fardo pesado. Pois bem! Eu aumentarei sobre vocês esse fardo! Meu pai castigou

vocês com chicotes, e eu castigarei vocês com ferrões”. ¹⁵O rei não deu ouvidos ao povo. Foi a maneira usada por Javé para realizar o que dissera a Jeroboão, filho de Nabat, por meio de Aías de Silo. ¹⁶Todo o Israel viu que o rei não lhe dava atenção. Por isso o povo retrucou: “O que temos nós com Davi? Não temos herança com o filho de Jessé. Volte para as suas tendas, Israel. Agora, cuide de sua casa, Davi!” E daí Israel voltou para as suas tendas.

¹⁷Quanto aos israelitas que moravam nas cidades de Judá, continuaram submetidos a Roboão. ¹⁸Então o rei Roboão enviou Adoniram, chefe dos trabalhos forçados, mas todo o Israel o apedrejou, e ele morreu. O rei Roboão conseguiu subir no seu carro e fugiu para Jerusalém. ¹⁹E Israel se revoltou contra a casa de Davi, até o dia de hoje.

²⁰Ao saber que Jeroboão tinha voltado, mandaram chamá-lo para a assembleia, e o proclamaram rei sobre todo o Israel. Somente a tribo de Judá seguiu a casa de Davi. ²¹Roboão foi para Jerusalém e reuniu toda a casa de Judá e a tribo de Benjamim: cento e oitenta mil guerreiros. Era para lutar contra a casa de Israel e restituir o reino a Roboão, filho de Salomão.

²²Então a palavra de Deus foi dirigida a Semeías, homem de Deus: ²³“Diga a Roboão, filho de Salomão, rei de Judá, a toda a casa de Judá e de Benjamim, e ao resto do povo: ²⁴‘Assim diz Javé: Não subam para lutar contra seus irmãos israelitas. Volte cada um para a sua casa, porque tudo o que aconteceu foi por minha decisão’ ”. Eles obedeceram à palavra de Javé e regressaram, conforme a palavra de Javé. [12,1-24]

Nova identidade político-religiosa — ²⁵Jeroboão fortificou Siquém, na região montanhosa de Efraim, e aí residiu. Depois saiu daí e fortificou Fanuel. ²⁶Jeroboão pensou: “Agora o reino poderá voltar para a casa de Davi. ²⁷Se este povo for oferecer sacrifícios no Templo de Javé em Jerusalém, o seu coração se voltará para o seu senhor Roboão, rei de Judá. Eles acabarão me matando e voltando para Roboão, rei de Judá”. ²⁸Então Jeroboão teve a ideia de fazer dois bezerros de ouro. E disse ao povo: “Vocês já foram demais a Jerusalém. Israel, aqui está o seu Deus, aquele que tirou você da terra do Egito”. ²⁹Colocou um dos bezerros em Betel e instalou o outro em Dã. Isso foi causa de pecado. ³⁰O povo foi em procissão diante do bezerro até Dã.

³¹Jeroboão fez santuários nos lugares altos, e estabeleceu como sacerdotes pessoas tiradas do povo, que não eram levitas. ³²Jeroboão celebrou também uma

feita no dia quinze do oitavo mês, como se celebrava em Judá, e subiu ao altar. Fez isso em Betel, para oferecer sacrifícios aos bezerros que tinha fabricado, e estabeleceu em Betel sacerdotes dos lugares altos que ele mesmo havia instituído. ³³Subiu ao altar que tinha feito em Betel no dia quinze do oitavo mês, data que escolheu arbitrariamente. Ele instituiu uma festa para os israelitas e subiu ao altar para queimar incenso. [25-33]

13 *Justificação da reforma de Josias* — ¹Quando Jeroboão estava junto ao altar queimando incenso, chegou a Betel um homem de Deus, vindo de Judá, mandado por Javé. ²Ele gritou contra o altar esta ordem de Javé: “Altar, altar! Assim diz Javé: Um filho vai nascer na casa de Davi, e se chamará Josias. Ele vai oferecer em sacrifício, sobre você, os sacerdotes dos lugares altos que queimam incenso sobre você. Ossos humanos serão queimados sobre você!” ³Nesse dia, o homem deu um sinal, dizendo: “Este é o sinal que Javé apresenta: o altar vai rachar, e a cinza que está sobre ele se esparramará”.

⁴Ao ouvir as palavras que o homem de Deus gritava contra o altar de Betel, o rei Jeroboão estendeu o braço, que tinha posto sobre o altar, e disse: “Prendam esse homem!” Mas o braço estendido ficou paralisado, e ele não conseguia abaixá-lo. ⁵O altar rachou e a cinza do altar se espalhou, conforme o sinal que o homem de Deus tinha dado por ordem de Javé. ⁶Então o rei suplicou ao homem de Deus: “Por favor, acalme Javé, o seu Deus. Peça por mim, para que eu recupere o movimento do braço!” Então o homem de Deus acalmou Javé, e o rei recuperou o movimento do braço, que ficou como antes. ⁷O rei disse então ao homem de Deus: “Venha comigo até o meu palácio e se alimente. Eu lhe darei um presente”. ⁸O homem de Deus respondeu ao rei: “Mesmo que você me desse a metade do seu palácio, eu não iria com você. Não comerei nem beberei nada neste lugar, ⁹pois a palavra de Javé me ordenou que eu não coma nem beba nada, e que eu não retorne pelo mesmo caminho pelo qual vim”. ¹⁰E o homem de Deus foi embora por outro caminho, e não pegou o mesmo caminho que tinha usado para chegar a Betel.

¹¹Um velho profeta morava em Betel. Seus filhos foram e lhe contaram tudo o que o homem de Deus havia feito nesse dia em Betel; contaram também ao pai as palavras que o homem havia dito ao rei. ¹²O pai disse para eles: “Qual é o caminho que ele tomou?” Os filhos mostraram ao pai o caminho que o homem de Deus, vindo de Judá, tinha seguido. ¹³O profeta ordenou aos filhos: “Selem o jumento para mim”. Selaram então o jumento. Ele montou, ¹⁴foi à procura do

homem de Deus e o encontrou sentado debaixo de uma árvore. E lhe perguntou: “Você é o homem de Deus que veio de Judá?” O homem respondeu: “Sim”.¹⁵ Então ele disse ao homem: “Vamos comigo para a minha casa, e aí você se alimentará”.¹⁶ Ele respondeu: “Eu não posso voltar com você nem ir à sua casa. Eu não posso comer nem beber nada neste lugar, ¹⁷ porque a palavra de Javé me ordenou que eu não coma nem beba nada aqui, e que eu não retorne pelo mesmo caminho pelo qual vim”.¹⁸ O profeta disse ao homem de Deus: “Eu também sou profeta como você, e um anjo me trouxe uma palavra de Javé, dizendo: ‘Faça com que ele vá até a sua casa para comer e beber’ ”. No entanto, ele estava mentindo.¹⁹ O homem de Deus voltou, comeu e bebeu na casa dele.

²⁰ Quando eles estavam fazendo a refeição, a palavra de Javé foi dirigida ao profeta que tinha feito o homem voltar.²¹ Ele gritou ao homem de Deus que tinha vindo de Judá: “Assim diz Javé: Porque você transgrediu a ordem de Javé e não obedeceu ao mandamento que Javé seu Deus lhe ordenou, ²² voltando para comer e beber neste lugar que ele havia proibido a você de comer e beber, o seu cadáver não entrará no túmulo de seus pais”.²³ Depois de ter comido e bebido, o velho profeta selou o jumento do profeta que ele tinha feito voltar, e este foi embora.²⁴ No caminho, encontrou um leão que o matou. O cadáver dele ficou aí jogado no caminho, enquanto o jumento permaneceu parado de um lado do cadáver e o leão do outro lado.²⁵ Alguns homens, que passaram por aí, viram o cadáver jogado no caminho e o leão ao lado do cadáver. Eles foram e contaram, na cidade onde morava o velho profeta, tudo o que tinham visto.²⁶ Ao saber disso, o profeta que o havia feito voltar, disse: “Deve ser o homem de Deus que desobedeceu à ordem de Javé. E Javé o entregou ao leão, que o matou e dilacerou, como Javé havia predito”.²⁷ Então ordenou a seus filhos: “Selem o jumento para mim”. E os filhos selaram.²⁸ O profeta partiu e encontrou o cadáver estendido no caminho, com o jumento e o leão ao lado; o leão não tinha devorado o cadáver, nem dilacerado o jumento.²⁹ O profeta ergueu o cadáver do homem de Deus, o acomodou sobre o jumento e o conduziu para a cidade onde morava, para fazer o funeral e enterrá-lo.³⁰ Colocou no seu próprio túmulo o cadáver, e cantou a lamentação: “Ai, meu irmão!”³¹ Depois de o ter enterrado, o profeta disse a seus filhos: “Quando eu morrer, me enterrem na sepultura onde está enterrado esse profeta. Coloquem meus ossos ao lado dos ossos dele, ³² porque certamente vai se cumprir a maldição que ele gritou, por ordem de Javé, contra o altar de Betel e contra todos os santuários dos lugares altos, que

estão nas cidades da Samaria”.

³³Apesar disso, Jeroboão não se converteu do seu mau comportamento; continuou nomeando homens do povo como sacerdotes dos lugares altos. Qualquer um que quisesse, ele o consagrava sacerdote dos lugares altos. ³⁴Esse comportamento fez cair em pecado a dinastia de Jeroboão e provocou sua ruína e o extermínio do país. [\[13,1-34\]](#)

IV. HISTÓRIA DOS DOIS REINOS

14 *Sombras sobre o reinado de Jeroboão* — ¹Nessa época, Abias, filho de Jeroboão, ficou doente. ²E Jeroboão disse à sua mulher: “Vamos, coloque um disfarce para que não reconheçam que você é a esposa de Jeroboão. Vá até Silo, onde está o profeta Aías. Ele me profetizou que eu seria rei deste povo. ³Leve dez pães, roscas e um pote de mel, e apresente-se a ele. Então ele dirá o que vai acontecer ao menino”. ⁴A mulher de Jeroboão assim fez. Foi para Silo e se apresentou na casa de Aías. Ora, Aías estava quase cego e tinha os olhos meio apagados por causa da velhice. ⁵Javé, porém, lhe tinha dito: “A esposa de Jeroboão virá aqui para pedir a você um oráculo sobre o filho dele que está doente. Diga isso e isso. Ela virá disfarçada”.

⁶Logo que Aías ouviu o barulho de passos junto à porta, disse: “Entre, esposa de Jeroboão. Por que você veio disfarçada? Fui enviado para lhe dar uma triste notícia. ⁷Diga a Jeroboão: ‘Assim diz Javé, o Deus de Israel: Eu tirei você do meio do povo e o coloquei como chefe do meu povo Israel. ⁸Tirei o reino da casa de Davi para dá-lo a você. Mas você não foi como o meu servo Davi, que observou os meus mandamentos e me seguiu de todo o coração, fazendo apenas o que eu aprovo. ⁹Você se comportou de modo pior dos que reinaram antes de você. E até chegou a fazer para você outros deuses, imagens fundidas, para me irritar, e voltou as costas para mim. ¹⁰Por isso, vou trazer a desgraça para a sua casa: eliminarei da casa de Jeroboão todos os que urinam na parede, tanto os escravos como os livres em Israel. Eu varrerei a casa de Jeroboão, como se varre completamente o lixo. ¹¹Os membros da família de Jeroboão que morrerem na cidade serão devorados pelos cães; e os que morrerem no campo serão devorados pelas aves do céu. É isso que Javé tem a dizer’. ¹²Quanto a você, levante-se e volte para casa. Quando você puser o pé na cidade, o menino morrerá. ¹³Todo o Israel fará luto por ele e o enterrará, porque, da família de Jeroboão, somente esse menino entrará num túmulo. De fato, dentro da família de Jeroboão, foi somente nele que Javé, o Deus de Israel, encontrou alguma coisa de bom. ¹⁴Javé fará surgir em Israel um rei que vai eliminar a família de Jeroboão. ¹⁵Javé ferirá Israel como se faz com o caniço que balança na água: arrancará os israelitas desta boa terra que deu aos antepassados deles, e os dispersará do outro lado do rio Eufrates, porque ergueram seus postes sagrados, provocando a ira de Javé. ¹⁶Entregará os israelitas por causa dos pecados

cometidos por Jeroboão e por causa dos pecados que ele fez os israelitas cometerem”.

¹⁷A mulher de Jeroboão levantou-se e partiu. E ao chegar a Tersa, mal ela atravessou a soleira da porta da casa, o menino morreu. ¹⁸E o menino foi enterrado, e todo o Israel fez luto por ele, como Javé havia dito por meio do seu servo, o profeta Aías.

¹⁹O resto da história de Jeroboão, as guerras que ele fez, o seu governo, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Israel. ²⁰Jeroboão reinou durante vinte e dois anos. Depois foi enterrado com seus antepassados, e seu filho Nadab lhe sucedeu no trono. [14,1-20]

Roboão e a decadência — ²¹Roboão, filho de Salomão, reinou em Judá. Ele tinha quarenta e um anos quando subiu ao trono. E reinou dezessete anos em Jerusalém, a cidade que Javé tinha escolhido entre todas as tribos de Israel, para aí colocar o seu Nome. A mãe de Roboão se chamava Naama, a amonita.

²²Os habitantes de Judá fizeram o que Javé reprova e provocaram o ciúme dele por causa dos pecados que cometeram, e que foram maiores do que os pecados cometidos pelos seus antepassados. ²³Eles construíram lugares altos, ergueram estelas e postes sagrados nas colinas elevadas e debaixo de toda árvore frondosa. ²⁴Houve até mesmo prostituição sagrada no país. Imitaram todos os ritos abomináveis das nações que Javé havia expulsado da frente dos israelitas.

²⁵No quinto ano do reinado de Roboão, aconteceu que Sesac, rei do Egito, atacou Jerusalém. ²⁶Tomou posse dos tesouros do Templo de Javé e do palácio real, e levou tudo, juntamente com os escudos de ouro que Salomão tinha mandado fazer. ²⁷Para substituí-los, o rei Roboão mandou fazer escudos de bronze, e os confiou aos chefes da guarda que vigiavam a porta do palácio real. ²⁸Cada vez que o rei ia ao Templo de Javé, os guardas pegavam os escudos e depois os recolocavam na sala dos guardas.

²⁹O resto da história de Roboão e de tudo o que ele fez, está escrito nos Anais dos Reis de Judá. ³⁰Houve guerras contínuas entre Roboão e Jeroboão. ³¹Roboão morreu e foi enterrado com seus antepassados na Cidade de Davi, e seu filho Abiam lhe sucedeu no trono. [21-31]

15 ***Breve reinado de Abiam em Judá*** — ¹Abiam subiu ao trono de Judá no ano dezoito de Jeroboão, filho de Nabat. ²E reinou três anos em Jerusalém.

Sua mãe se chamava Maaca, e era filha de Absalão. ³Abiam imitou os pecados que seu pai havia cometido, e seu coração não foi fiel a Javé, o seu Deus, como tinha sido o coração de Davi, seu antepassado. ⁴Em consideração para com Davi, Javé seu Deus lhe deixou uma lâmpada em Jerusalém, dando-lhe um filho e conservando Jerusalém. ⁵Isso porque Davi tinha feito o que Javé aprova, sem se desviar do que Javé lhe havia ordenado, em toda a sua vida, com exceção do caso de Urias, o heteu. ⁶Houve guerras contínuas entre Abiam e Jeroboão.

⁷O resto da história de Abiam e de tudo o que ele fez, está escrito nos Anais dos Reis de Judá. ⁸Abiam morreu e foi enterrado com seus antepassados na Cidade de Davi. E seu filho Asa lhe sucedeu no trono. [15,1-8]

Asa em Judá: tentativa de reforma — ⁹Asa subiu ao trono de Judá no ano vinte do reinado de Jeroboão em Israel. ¹⁰Reinou durante quarenta e um anos em Jerusalém. Sua avó se chamava Maaca, filha de Absalão. ¹¹Asa fez o que Javé aprova, como fizera seu antepassado Davi. ¹²Expulsou do país a prostituição sagrada e retirou todos os ídolos que seus antepassados haviam feito. ¹³Chegou até mesmo a retirar de sua avó o título de rainha-mãe, porque ela havia feito uma imagem de Aserá. Asa quebrou a imagem e a queimou no vale do Cedron. ¹⁴Os lugares altos não desapareceram, mas o coração de Asa foi fiel a Javé durante toda a sua vida. ¹⁵Ele depositou no Templo de Javé as ofertas que seu pai havia consagrado e suas próprias ofertas: prata, ouro e utensílios.

¹⁶Entre Asa e Baasa, rei de Israel, houve guerras contínuas. ¹⁷Baasa, rei de Israel, atacou Judá e fortificou Ramá, para impedir as comunicações com Asa, rei de Judá. ¹⁸Então Asa pegou a prata e o ouro que restavam nos tesouros do Templo de Javé e do palácio real, os entregou a seus servos e os mandou a Ben-Adad, filho de Tabremon, filho de Hezion, rei de Aram, que residia em Damasco, com esta mensagem: ¹⁹“Vamos fazer um tratado de paz, como fizeram o seu pai e o meu. Estou lhe mandando um presente de prata e ouro. Rompa sua aliança com Baasa, rei de Israel, para que ele se retire do meu território”. ²⁰Ben-Adad concordou com o rei Asa e enviou os chefes do seu exército contra as cidades de Israel; conquistou Aion, Dã, Abel-Bet-Maaca, a região de Neftali. ²¹Ao saber disso, Baasa suspendeu as obras em Ramá e voltou para Tersa. ²²Então o rei Asa convocou todo o povo de Judá, sem exceção. Tiraram as pedras e madeiras com que Baasa estava fortificando Ramá, e as aproveitaram para fortificar Gaba de Benjamim e Masfa.

²³O resto da história de Asa, suas façanhas militares e as cidades que construiu, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Judá. Na sua velhice, Asa teve doença de gota nos pés. ²⁴Asa morreu e foi enterrado com seus antepassados na Cidade de Davi, seu pai. E seu filho Josafá lhe sucedeu no trono. [9-24]

Nadab de Israel: termina a dinastia de Jeroboão — ²⁵Nadab, filho de Jeroboão, subiu ao trono de Israel no segundo ano do reinado de Asa, rei de Judá. Reinou dois anos em Israel. ²⁶Fez o que Javé reprova: imitou o comportamento de seu pai e os pecados que ele fizera cometer em Israel. ²⁷Baasa, filho de Aías, da tribo de Issacar, conspirou contra ele e o assassinou em Gebeton, cidade filisteia, que Nadab e todo o Israel estavam cercando. ²⁸Baasa o matou no terceiro ano de Asa, rei de Judá, e ficou reinando no lugar dele. ²⁹Logo que se tornou rei, Baasa matou toda a família de Jeroboão e a massacrou, sem deixar nenhum sobrevivente, conforme a predição que Javé tinha feito por meio de seu servo Aías de Silo. ³⁰A causa foram os pecados que ele cometera e fizera Israel cometer, provocando a indignação de Javé, o Deus de Israel.

³¹O resto da história de Nadab, e tudo o que ele fez, está escrito nos Anais dos Reis de Israel.

³²Houve guerras contínuas entre Asa e Baasa, rei de Israel. [25-32]

Baasa em Israel: a situação continua — ³³Baasa, filho de Aías, subiu ao trono de Israel, em Tersa, no terceiro ano do reinado de Asa, rei de Judá. Reinou durante vinte e quatro anos. ³⁴Fez o que Javé reprova, imitando o comportamento de Jeroboão e o pecado que ele fizera Israel cometer.

16¹Então Javé dirigiu sua palavra a Jeú, filho de Hanani, contra Baasa, dizendo: ²“Eu tirei você do pó e o tornei chefe do meu povo Israel. Você, porém, imitou o comportamento de Jeroboão e fez o meu povo Israel cometer pecados que me irritam. ³Por isso, varrerei Baasa e sua família, e a deixarei como a família de Jeroboão, filho de Nabat. ⁴Todas as pessoas da família de Baasa que morrerem na cidade serão devoradas pelos cães, e quem morrer no campo será devorado pelas aves do céu”.

⁵O resto da história de Baasa, com suas façanhas militares, está escrito nos Anais dos Reis de Israel. ⁶Baasa morreu e foi enterrado com seus antepassados em Tersa. E seu filho Ela lhe sucedeu no trono.

⁷Por meio do profeta Jeú, filho de Hanani, Javé dirigiu sua palavra a Baasa e família, por ter imitado a família de Jeroboão, fazendo o que Javé reprova e irritando-o com suas ações, e também porque exterminara a família de Jeroboão. [\[15,33-16,7\]](#)

Ela em Israel: novo golpe de Estado — ⁸Ela, filho de Baasa, subiu ao trono de Israel, em Tera, no ano vinte e seis do reinado de Asa, rei de Judá. Reinou dois anos. ⁹Seu oficial Zambri, chefe da metade de seus carros, conspirou contra ele, enquanto Ela estava se embebedando em Tera, na casa de Arsa, mordomo do palácio. ¹⁰Zambri entrou e o assassinou no ano vinte e sete do reinado de Asa, rei de Judá. E reinou no lugar de Ela. ¹¹Logo que se tornou rei, Zambri massacró toda a família de Baasa, eliminando todos os que urinam na parede, tanto parentes como amigos de Baasa. ¹²Zambri acabou com a família de Baasa, como Javé havia predito contra Baasa, por meio do profeta Jeú. ¹³A causa disso foram os pecados que Baasa e seu filho Ela tinham cometido e fizeram Israel cometer. Com seus ídolos vazios, irritaram Javé, o Deus de Israel.

¹⁴O resto da história de Ela, e de tudo o que fez, está escrito nos Anais dos Reis de Israel. [\[16,8-14\]](#)

Zambri em Israel: o reinado mais curto — ¹⁵Zambri ocupou o trono em Tera durante sete dias, no ano vinte e sete do reinado de Asa, rei de Judá. Nessa ocasião, o exército estava acampado diante de Gebeton, que pertencia aos filisteus. ¹⁶Quando o acampamento recebeu a notícia de que Zambri tinha conspirado e matado o rei, na mesma hora os soldados proclamaram Amri, chefe do exército, como rei de Israel. ¹⁷Amri saiu de Gebeton com todo o exército de Israel, e cercou Tera. ¹⁸Quando Zambri percebeu que a cidade ia ser tomada, fechou-se na torre do palácio, colocou fogo no palácio e morreu aí dentro. ¹⁹Isso aconteceu por causa do pecado que havia cometido. Ele fez o que Javé reprova, imitando o comportamento de Jeroboão e o pecado que este havia feito Israel cometer.

²⁰O resto da história de Zambri, e a conspiração que ele tramou, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Israel.

²¹Os israelitas se dividiram: metade apoiou Tebni, filho de Ginet, querendo proclamá-lo rei; a outra metade apoiou Amri. ²²O partido de Amri acabou vencendo o de Tebni, filho de Ginet. Tebni morreu, e Amri tornou-se rei. [\[15-22\]](#)

Amri em Israel: estabilidade política — ²³ Amri subiu ao trono de Israel no ano trinta e um do reinado de Asa, rei de Judá. Reinou doze anos. Nos seis primeiros anos, reinou em Tersa. ²⁴ Depois comprou de Semer o monte da Samaria por setenta quilos de prata. Construiu aí uma cidade e lhe deu o nome de Samaria, por causa do nome de Semer, dono do monte. ²⁵ Amri fez o que Javé reprova e foi o pior de todos os que vieram antes dele. ²⁶ Imitou em tudo o comportamento de Jeroboão, filho de Nabat, e os pecados que este fizera Israel cometer. Com seus ídolos vazios, irritou Javé, o Deus de Israel.

²⁷ O resto da história de Amri, com suas façanhas militares, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Israel. ²⁸ Amri morreu e foi enterrado em Samaria. E seu filho Acab lhe sucedeu no trono. [23-28]

Acab em Israel: o grande desafio — ²⁹ Acab, filho de Amri, subiu ao trono de Israel no ano trinta e oito do reinado de Asa, rei de Judá. Reinou sobre Israel, em Samaria, vinte e dois anos. ³⁰ Acab, filho de Amri, fez o que Javé reprova, mais do que todos os que vieram antes dele. ³¹ Além de imitar os pecados de Jeroboão, filho de Nabat, casou-se com Jezabel, filha de Etbaal, rei dos sidônios. E começou a servir e adorar a Baal. ³² Chegou a construir em Samaria um templo e um altar para Baal. ³³ Acab levantou também um poste sagrado e cometeu outros pecados, irritando Javé, o Deus de Israel, mais do que todos os reis de Israel que vieram antes dele. ³⁴ No seu tempo, Hiel de Betel reconstruiu Jericó: os alicerces lhe custaram a vida de seu primogênito Abiram, e as portas custaram a vida de Segub, seu filho caçula, como Javé havia predito por meio de Josué, filho de Nun. [29-34]

V. ELIAS, PORTA-VOZ DE JAVÉ

17 *O profeta anuncia o julgamento* [1Rs 17-2Rs 2] — ¹Elias, o tesbita de Tesbi de Galaad, disse ao rei Acab: “Pela vida de Javé, o Deus de Israel, a quem sirvo: nestes anos não haverá orvalho nem chuva, a não ser quando eu mandar”.

²Javé dirigiu a palavra a Elias: ³“Saia daqui, dirija-se para o oriente e esconda-se junto ao córrego Carit, que fica a leste do Jordão. ⁴Você poderá beber água do córrego. Eu ordenei aos corvos que levem comida para você”. ⁵Então Elias partiu e fez como Javé tinha mandado: foi morar junto ao córrego Carit, a leste do Jordão. ⁶Os corvos lhe levavam pão de manhã e carne à tarde. E ele bebia água do córrego. [17,1-6]

O profeta ensina a partilhar — ⁷Algum tempo depois, o córrego secou, porque não tinha chovido na região. ⁸Então Javé dirigiu a palavra a Elias: ⁹“Levante-se, vá para Sarepta, que pertence à região de Sidônia, e fique morando aí. Porque eu ordenei a uma viúva que dê comida para você”. ¹⁰Elias se levantou e foi para Sarepta. Chegando à porta da cidade, encontrou uma viúva que estava recolhendo lenha. Elias a chamou e disse: “Por favor! Traga-me um pouco de água no seu balde para eu beber”. ¹¹Quando a mulher já estava indo buscar água, Elias gritou para ela: “Traga-me também um pedaço de pão”. ¹²Ela respondeu: “Pela vida de Javé, o seu Deus, não tenho nenhum pão feito; tenho apenas um pouco de farinha numa vasilha e um pouco de azeite na jarra. Estou ajuntando uns gravetos para preparar esse resto para mim e meu filho. Depois, vamos comer e ficar esperando a morte”. ¹³Mas Elias lhe disse: “Não tenha medo! Vá e faça o que está dizendo. Mas primeiro prepare um pãozinho com o que você tem e traga para mim. Só depois você prepara um pão para você e seu filho. ¹⁴Pois assim diz Javé, Deus de Israel: A vasilha de farinha não ficará vazia e a jarra de azeite não se esgotará, até o dia em que Javé mandar chuva sobre a terra”. ¹⁵A mulher foi fazer o que Elias tinha mandado. E comeram, tanto ele como também ela e o filho, durante muito tempo. ¹⁶A vasilha de farinha não se esvaziou e a jarra de azeite não se esgotou, como Javé tinha anunciado por meio de Elias. [17-16]

O profeta é instrumento de vida — ¹⁷Depois disso, ficou doente o filho dessa mulher, dona da casa, e a doença foi tão grave que ele acabou morrendo. ¹⁸Então ela disse a Elias: “Não quero nada com você, homem de Deus. Será que você

veio à minha casa para lembrar minhas culpas e provocar a morte do meu filho?”

¹⁹Elias respondeu: “Dê-me o seu filho”. Pegando o menino dos braços dela, Elias o levou até o quarto de cima, onde se achava hospedado e o deitou sobre a sua própria cama. ²⁰Depois chamou por Javé, dizendo: “Javé, meu Deus, queres castigar até essa viúva que me hospeda, fazendo o filho dela morrer?” ²¹Então Elias estendeu-se três vezes sobre o menino e invocou a Javé: “Ó Javé, meu Deus, faze que este menino ressuscite!” ²²Javé atendeu à súplica de Elias, e o menino ressuscitou, tornando a viver. ²³Elias pegou o menino, o desceu do quarto de cima e o entregou à mãe dele, dizendo: “Olhe, seu filho está vivo”. ²⁴A mulher respondeu a Elias: “Agora sei que você é um homem de Deus, e que de fato anuncia a palavra de Javé”. [17-24]

18 *O profeta desmascara os ídolos* — ¹Muito tempo depois, no terceiro ano, Javé dirigiu sua palavra a Elias: “Vá e se apresente a Acab, porque vou mandar chuva sobre a terra”. ²Elias partiu e foi apresentar-se a Acab. Ora, em Samaria, a fome apertava cada vez mais. ³Acab mandou chamar Abdias, que era o chefe do palácio. Abdias era homem temente a Javé: ⁴quando Jezabel massacrava os profetas de Javé, ele pegou cem profetas e escondeu-os numa gruta, em grupos de cinquenta, providenciando comida e bebida para eles. ⁵Acab disse a Abdias: “Venha, vamos andar pelo país, procurando todas as fontes e córregos. Talvez possamos encontrar pasto para sustentar os cavalos e burros, e não tenhamos que sacrificar esses animais”. ⁶Acab e Abdias dividiram entre si a região a percorrer: cada um foi para um lado.

⁷Enquanto Abdias caminhava, Elias foi ao encontro dele. Abdias o reconheceu, caiu com o rosto por terra, e perguntou: “O senhor não é Elias?” ⁸Elias respondeu: “Sou eu mesmo. Vá dizer ao seu patrão que Elias está aqui”. ⁹Abdias replicou: “Que pecado eu cometi para que o senhor me entregue nas mãos de Acab, para ele me matar?” ¹⁰Pela vida de Javé, o seu Deus: não há nação, nem reino, aonde meu patrão não tenha mandado procurar pelo senhor. E quando diziam: ‘Elias não está aqui’, meu patrão fazia o reino e a nação jurarem que não haviam achado o senhor. ¹¹E agora o senhor me manda dizer ao meu patrão que Elias está aqui?! ¹²Quando eu sair daqui, o espírito de Javé transportará o senhor não sei para onde. Eu irei informar Acab, e ele, não o encontrando, me matará. E seu servo teme a Javé desde a juventude. ¹³Por acaso, não contaram ao senhor o que fiz quando Jezabel estava matando os profetas de Javé? Escondi numa gruta

cem profetas de Javé, em grupos de cinquenta, e providencieei pão e água para eles. ¹⁴E agora o senhor me manda dizer ao meu patrão que Elias está aqui?! Ele vai me matar!” ¹⁵Elias respondeu: “Pela vida de Javé dos exércitos, a quem sirvo: hoje mesmo eu vou me apresentar diante de Acab”.

¹⁶Então Abdias foi encontrar-se com Acab e contou o que havia acontecido. E Acab saiu ao encontro de Elias. ¹⁷Logo que o viu, lhe disse: “Você é a ruína de Israel!” ¹⁸Elias respondeu: “Não sou eu que estou arruinando Israel. Pelo contrário, é você e sua família, porque vocês abandonaram Javé e seguiram os ídolos. ¹⁹Pois bem! Mande que todo o Israel se reúna comigo no monte Carmelo, junto com os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal, que comem à mesa de Jezabel”.

²⁰Acab convocou todos os israelitas e reuniu os profetas no monte Carmelo. ²¹Então Elias se aproximou do povo e disse: “Até quando vocês vão mancar com as duas pernas? Se Javé é o Deus verdadeiro, sigam a Javé. Se é Baal, sigam a Baal”. O povo nada respondeu. ²²Então Elias continuou: “Fiquei sozinho como profeta de Javé, enquanto os profetas de Baal são quatrocentos e cinquenta. ²³Tragam aqui dois bezerros: vocês vão escolher um. Depois de cortá-lo em pedaços, o coloquem sobre a lenha, mas não acendam o fogo. Eu vou preparar o outro bezerro, o colocarei sobre a lenha e também não acenderei o fogo. ²⁴Vocês invocarão o deus de vocês e eu invocarei a Javé. O Deus que responder, enviando fogo, é o Deus verdadeiro”. Todo o povo concordou: “A proposta é boa”.

²⁵Então Elias disse aos profetas de Baal: “Escolham um bezerro e preparem primeiro, pois vocês são maioria. Invoquem o nome do deus de vocês, mas não acendam o fogo”. ²⁶Então eles pegaram o bezerro, o prepararam e ficaram invocando a Baal, desde o amanhecer até o meio-dia, e suplicando: “Baal, responde-nos”. Mas não se ouvia nenhuma voz, nenhuma resposta, apesar de dançarem, dobrando os joelhos, ao redor do altar que tinham feito. ²⁷Pelo meio-dia, Elias começou a zombar deles: “Gritem mais alto; Baal é deus, mas pode ser que esteja ocupado. Quem sabe teve que se ausentar. Ou então, está viajando. Talvez esteja dormindo e seja preciso acordá-lo”. ²⁸Então eles gritavam mais alto e, conforme o costume deles, fizeram talhos no próprio corpo com espadas e lanças, até escorrer sangue. ²⁹Depois do meio-dia, entraram em transe até a hora da apresentação das ofertas. Mas não se ouvia nenhuma voz, nenhuma palavra, nenhuma resposta.

³⁰Então Elias disse a todo o povo: “Venham aqui”. Todos se aproximaram, e Elias reconstruiu o altar de Javé, que estava demolido. ³¹Pegou doze pedras, conforme o número das doze tribos dos filhos de Jacó, a quem Javé tinha dito: “Você se chamará Israel”. ³²E com as pedras construiu um altar em honra de Javé. Fez em volta do altar um canal capaz de conter duas arrobas de sementes. ³³Empilhou a lenha, cortou o bezerro em pedaços e o colocou sobre a lenha. ³⁴Depois disse: “Encham quatro baldes de água e derramem sobre a vítima e sobre a lenha”. Eles assim fizeram. Então Elias disse: “Façam tudo outra vez”. E eles tornaram a fazer. Elias voltou a dizer: “Façam isso pela terceira vez”. Eles assim fizeram. ³⁵A água escorreu ao redor do altar, e até o canal ficou cheio de água.

³⁶Chegando a hora da oferta, o profeta Elias se aproximou e rezou: “Javé, Deus de Abraão, de Isaac e de Israel, todos saibam hoje que tu és Deus em Israel, que eu sou teu servo e que foi por tua ordem que eu fiz todas essas coisas. ³⁷Responde-me, para que este povo reconheça que tu, Javé, és o Deus verdadeiro, e que és tu que convertes o coração deles”. ³⁸Então Javé mandou um raio que consumiu a vítima, a lenha, as pedras e as cinzas, e secou a água que estava no canal. ³⁹O povo viu tudo isso e prostrou-se no chão, exclamando: “Javé é o Deus verdadeiro! Javé é o Deus verdadeiro!” ⁴⁰Então Elias disse a eles: “Agarrem os profetas de Baal. Não deixem escapar nenhum”. E eles os agarraram. Elias fez os profetas de Baal descer até o riacho Quison, e aí os degolou.

⁴¹Elias disse a Acab: “Vá comer e beber, pois já se ouve o barulho da chuva”. ⁴²Enquanto Acab foi comer e beber, Elias subiu ao topo do monte Carmelo e se encurvou até o chão, colocando o rosto entre os joelhos. ⁴³Depois disse ao seu servo: “Suba e olhe para o lado do mar”. O servo subiu, olhou e disse: “Não se vê nada”. Elias disse: “Volte até sete vezes”. ⁴⁴Na sétima vez, o servo disse: “Uma nuvenzinha, do tamanho da mão de uma pessoa, vem subindo do mar”. Então Elias mandou: “Vá dizer a Acab que atrele os cavalos no carro e desça, para que a chuva não o detenha”. ⁴⁵Num instante o céu ficou escuro, com nuvens trazidas pelo vento, e caiu uma chuva pesada. Acab subiu no seu carro e foi para Jezrael. ⁴⁶Elias, com a força de Javé, amarrou o cinto e foi correndo na frente de Acab até a entrada de Jezrael. [18,1-46]

19 *O profeta reorganiza a sociedade* — ¹Acab contou a Jezabel o que Elias

tinha feito e como tinha matado a fio de espada todos os profetas. ²Então Jezabel mandou um mensageiro a Elias, com este recado: “Que os deuses me castiguem se amanhã, a esta hora, eu não tiver feito com você o mesmo que você fez com os profetas”. ³Elias ficou com medo, levantou-se e partiu para se salvar. Chegou a Bersabeia, em Judá, e aí deixou o seu servo. ⁴E continuou a caminhar mais um dia pelo deserto. Por fim, sentou-se debaixo de uma árvore e desejou a morte, dizendo: “Chega, Javé! Tira a minha vida, porque eu não sou melhor que meus pais”. ⁵Deitou-se debaixo da árvore e dormiu. Então um anjo o tocou e lhe disse: “Levante-se e coma”. ⁶Elias abriu os olhos e viu bem perto da cabeça um pão assado sobre pedras quentes, e uma jarra de água. Comeu, bebeu e deitou-se outra vez. ⁷Mas o anjo de Javé o tocou de novo, e lhe disse: “Levante-se e coma, pois o caminho é superior às suas forças”. ⁸Elias se levantou, comeu, bebeu e, sustentado pela comida, caminhou quarenta dias e quarenta noites até o Horeb, a montanha de Deus.

⁹Elias entrou na gruta da montanha, e aí passou a noite. Então Javé lhe dirigiu a palavra, perguntando: “Elias, o que é que você está fazendo aqui?” ¹⁰Elias respondeu: “O zelo por Javé dos exércitos me consome, porque os israelitas abandonaram tua aliança, derrubaram teus altares e mataram teus profetas. Sobrei somente eu, e eles querem me matar também”. ¹¹Javé lhe disse: “Saia e fique no alto da montanha, diante de Javé, pois Javé vai passar”. Então aconteceu um furacão que de tão violento rachava as montanhas e quebrava as rochas diante de Javé. No entanto, Javé não estava no furacão. Depois do furacão, houve um terremoto. Javé porém não estava no terremoto. ¹²Depois do terremoto, apareceu fogo, e Javé não estava no fogo. Depois do fogo, ouviu-se uma brisa suave. ¹³Ouvindo-a, Elias cobriu o rosto com o manto, saiu e ficou na entrada da gruta. Ouviu, então, uma voz que lhe dizia: “O que é que você está fazendo aqui, Elias?” ¹⁴E Elias respondeu: “O zelo de Javé dos exércitos me consome, porque os israelitas abandonaram tua aliança, derrubaram teus altares e mataram teus profetas a fio de espada. Sobrei somente eu, e eles querem me matar também”.

¹⁵Javé disse a Elias: “Pegue o caminho de volta, em direção ao deserto de Damasco. Unja Hazael como rei de Aram, ¹⁶e Jeú, filho de Namsi, como rei de Israel. Unja também Eliseu, filho de Safat, natural de Abel-Meúla, como profeta em seu lugar. ¹⁷Quem escapar da espada de Hazael, será morto por Jeú. E quem escapar da espada de Jeú, será morto por Eliseu. ¹⁸Mas eu vou poupar em Israel

sete mil homens: são todos os joelhos que não se dobraram diante de Baal e todos os lábios que não o beijaram”. [19,1-18]

A vocação profética — ¹⁹Elias partiu daí e encontrou Eliseu, filho de Safat, trabalhando com doze juntas de bois. Ele próprio dirigia a última junta. Elias passou perto de Eliseu e jogou o manto sobre ele. ²⁰Eliseu deixou os bois, correu atrás de Elias, e disse: “Deixe-me dizer adeus a meus pais. Depois eu seguirei você”. Elias respondeu: “Vá, mas volte logo. Quem o está impedindo de ir?” ²¹Eliseu afastou-se de Elias, pegou a junta de bois e a ofereceu em sacrifício. Aproveitou a madeira do arado para cozinhar a carne, e distribuiu a carne para o seu pessoal comer. Depois levantou-se, seguiu Elias, e se colocou a seu serviço. [19-21]

20 A autoridade não pode ser arbitrária — ¹Ben-Adad, rei de Aram, reuniu todo o seu exército e, acompanhado de trinta e dois reis vassalos, subiu com cavalos e carros, cercou e atacou Samaria. ²Mandou até a cidade emissários para Acab, rei de Israel, ³com a seguinte mensagem: “Assim diz Ben-Adad: Entregue-me a prata e o ouro; fique com suas mulheres e filhos”. ⁴O rei de Israel mandou esta resposta: “Seja como vossa majestade ordena. Eu lhe pertencço com tudo o que possuo”. ⁵No entanto os mensageiros voltaram com outra mensagem: “Assim diz Ben-Adad: Eu lhe ordeno que me entregue a prata e o ouro, junto com suas mulheres e filhos. ⁶Amanhã, a esta hora, enviarei até você meus oficiais, para revistar seu palácio e os palácios de seus ministros: eles pegarão o que quiserem e levarão embora”.

⁷Então o rei de Israel convocou todos os anciãos do país e lhes disse: “Reparem e vejam que esse homem quer nos arruinar. Está exigindo de mim as minhas mulheres e filhos, apesar de eu não lhe ter recusado entregar minha prata e ouro”. ⁸Todos os anciãos e o povo todo responderam: “Não faça caso dele nem lhe obedeça”. ⁹Então o rei de Israel deu esta resposta aos mensageiros de Ben-Adad: “Digam à sua majestade: Farei o que o senhor propôs na primeira vez, mas não posso aceitar essa última exigência”. E os mensageiros foram levar a resposta.

¹⁰Então Ben-Adad mandou esta mensagem: “Que os deuses me castiguem se na Samaria houver pó suficiente para que cada um dos meus soldados possa pegar um punhado”. ¹¹Mas o rei de Israel respondeu: “Digam a Ben-Adad que ninguém canta vitória com a espada na bainha, e sim quando a desembainha”.

¹²Ben-Adad estava bebendo na tenda com os reis. Quando ouviu a resposta, ordenou aos oficiais: “A postos!” E eles tomaram posição contra a cidade.

¹³Enquanto isso, um profeta se apresentou a Acab, rei de Israel, e disse: “Assim diz Javé: Você está vendo aquele exército imenso? Pois bem! Eu vou entregá-lo hoje mesmo em suas mãos, para que você reconheça que eu sou Javé”. ¹⁴Acab lhe perguntou: “Por meio de quem?” O profeta respondeu: “Assim diz Javé: Por meio dos soldados jovens de cada chefe das províncias”. Acab insistiu: “Quem vai atacar primeiro?” Ele respondeu: “Você mesmo”.

¹⁵Acab passou revista aos jovens soldados de cada chefe das províncias: eram ao todo duzentos e trinta e dois. Em seguida, passou revista a todo o exército israelita, que chegava a sete mil. ¹⁶Ao meio-dia, fizeram uma investida, enquanto Ben-Adad estava se embebedando junto com os trinta e dois reis aliados. ¹⁷Saíram primeiro os soldados jovens de cada chefe das províncias. Então mandaram avisar Ben-Adad: “Saíram alguns homens de Samaria”. ¹⁸Ben-Adad ordenou: “Se saírem com intenção pacífica, sejam capturados vivos. E se saírem para combater, sejam capturados vivos também”. ¹⁹Então saíram da cidade os soldados jovens de cada chefe das províncias, seguidos pelo exército, ²⁰e cada um deles abateu o seu adversário. Os arameus fugiram, perseguidos pelos israelitas. Ben-Adad, rei de Aram, escapou a cavalo com alguns cavaleiros. ²¹Então o rei de Israel saiu, apoderou-se dos cavalos e carros, e causou grande derrota aos arameus.

²²O profeta se aproximou do rei de Israel e lhe disse: “Coragem! Pense bem no que você deve fazer, porque, no ano que vem, o rei de Aram virá atacá-lo novamente”.

²³Os ministros do rei de Aram, por sua vez, propuseram: “O Deus dessa gente é um Deus de montanha. É por isso que nos venceram. Mas nós vamos lutar contra eles na planície e, com toda a certeza, venceremos. ²⁴Faça o seguinte: deponha todos esses reis, substituindo-os por governadores. ²⁵Recrute um exército como aquele que você perdeu, com o mesmo número de cavalos e carros. Depois, vamos combatê-los na planície e, com toda a certeza, venceremos”. Ben-Adad seguiu o conselho deles e assim fez.

²⁶No ano seguinte, Ben-Adad passou revista aos arameus e subiu a Afec, para lutar contra Israel. ²⁷Os israelitas, mobilizados e providos de víveres, saíram ao encontro de Ben-Adad. Acampados diante do inimigo, os israelitas eram como dois rebanhos de cabras, enquanto os arameus enchiam a região toda.

²⁸O homem de Deus se aproximou do rei de Israel e lhe disse: “Assim diz Javé: Os arameus disseram que Javé é um Deus de montanha e não de planície. Por isso, eu vou entregar a você esse exército imenso, para que você reconheça que eu sou Javé”. ²⁹Durante sete dias, os dois exércitos estiveram acampados um na frente do outro. No sétimo dia começou a batalha, e num só dia os israelitas mataram cem mil soldados da infantaria dos arameus. ³⁰Os sobreviventes fugiram para a cidade de Afec, porém as muralhas desabaram sobre os vinte e sete mil homens que tinham sobrado. Ben-Adad fugiu e, entrando na cidade, se escondia de casa em casa. ³¹Seus ministros lhe disseram: “Olhe, ouvimos dizer que os reis de Israel são misericordiosos. Vamos vestir-nos com pano de saco, amarrar cordas no pescoço e ir ao encontro do rei de Israel. Talvez ele conserve a sua vida”. ³²Vestiram-se, então, com pano de saco, amarraram cordas no pescoço e saíram ao encontro do rei de Israel, dizendo: “Assim diz o seu servo Ben-Adad: Deixe-me viver!” O rei respondeu: “Ben-Adad ainda está vivo? Ele é meu irmão!” ³³Os mensageiros acolheram essas palavras como bom augúrio, e se apressaram a tomá-las ao pé da letra, dizendo: “Ben-Adad é irmão dele!” Acab respondeu: “Vão buscá-lo”. Ben-Adad foi até Acab, e este o fez subir em seu carro. ³⁴Então Ben-Adad lhe propôs: “Vou devolver a você as cidades que meu pai tomou de seu pai, e você poderá ter mercados em Damasco como meu pai tinha na cidade de Samaria”. Acab respondeu: “Vou fazer um pacto e deixá-lo em liberdade”. E Acab fez um pacto com Ben-Adad e o deixou em liberdade.

³⁵Então um dos filhos de profetas disse a um companheiro seu, por ordem de Javé: “Fira-me!” Mas o companheiro não o quis ferir. ³⁶O profeta lhe disse: “Porque você não obedeceu à ordem de Javé, um leão o matará logo que você se separar de mim”. E enquanto ele se afastava, encontrou um leão, que o matou. ³⁷O profeta encontrou-se com outro homem, e disse: “Fira-me!” O homem deu-lhe um golpe e o deixou ferido. ³⁸O profeta foi esperar o rei no caminho, disfarçando-se com uma atadura sobre os olhos. ³⁹Quando o rei passou, o profeta gritou: “Seu servo estava no meio da batalha, quando um homem se aproximou e me entregou outro homem, dizendo-me: ‘Guarde este homem. Se ele desaparecer, você deverá pagar com a vida ou com dinheiro’. ⁴⁰Pois bem, enquanto eu estava ocupado aqui e ali, o homem desapareceu”. O rei de Israel lhe disse: “Esta é a sua sentença! Você mesmo a pronunciou”. ⁴¹Então o profeta tirou a atadura que tinha sobre os olhos e o rei de Israel percebeu que era um profeta. ⁴²Então ele disse ao rei: “Assim diz Javé: Porque você deixou escapar o

homem que eu tinha consagrado ao extermínio, você pagará com a própria vida a vida dele, e com o seu exército o exército dele”. ⁴³O rei de Israel foi para casa triste e aflito, e entrou em Samaria. [20,1-43]

21 *Ganância produz injustiça* — ¹Depois disso, aconteceu o seguinte: Nabot de Jezrael possuía uma vinha em Jezrael, perto do palácio de Acab, rei de Samaria. ²Acab lhe fez uma proposta: “Entregue-me a sua vinha, que eu vou transformá-la em pomar, porque está perto do meu palácio. Em troca, eu darei a você uma vinha melhor, ou, se preferir, pagarei o valor dela em dinheiro”. ³Nabot, porém, respondeu: “Javé me livre de entregar a você a herança de meus pais”. ⁴Acab voltou para casa, aborrecido e irritado por causa da resposta de Nabot de Jezrael: “Não vou entregar a você a herança de meus pais”. Deitou-se na cama, virou o rosto para a parede e não quis comer nada. ⁵Sua esposa Jezabel aproximou-se e lhe disse: “Por que você está de mau humor e não quer comer?” ⁶Ele respondeu: “É que eu falei com Nabot de Jezrael e lhe propus que me vendesse a vinha dele, ou, se preferisse, que trocasse por uma outra, mas ele me disse: ‘Não vou entregar a minha vinha a você’ ”. ⁷Então Jezabel disse ao marido: “Será que não é você quem governa Israel? Levante-se, coma, e seu coração se alegre, pois eu entregarei a você a vinha de Nabot de Jezrael”.

⁸Então Jezabel escreveu umas cartas em nome de Acab, selou-as com o selo do rei e as mandou aos anciãos e notáveis da cidade, concidadãos de Nabot. ⁹As cartas diziam: “Proclamem um jejum e façam Nabot sentar-se nos primeiros lugares. ¹⁰Façam comparecer diante dele dois homens sem escrúpulo, para fazer a seguinte acusação: ‘Você amaldiçoou a Deus e ao rei!’ Depois, levem Nabot para fora e o apedrejem até morrer”.

¹¹Os homens da cidade, anciãos e notáveis, concidadãos de Nabot, fizeram como Jezabel tinha mandado, conforme estava escrito nas cartas que haviam recebido: ¹²proclamaram um jejum e colocaram Nabot nos primeiros lugares.

¹³Então chegaram os dois homens sem escrúpulo, que se sentaram diante de Nabot e testemunharam contra ele, dizendo: “Nabot amaldiçoou a Deus e ao rei!” Então o levaram para fora da cidade, o apedrejaram, e ele morreu.

¹⁴Depois, mandaram a notícia a Jezabel: “Nabot foi apedrejado e está morto”.

¹⁵Quando Jezabel soube que Nabot tinha sido apedrejado e morrera, disse a Acab: “Levante-se e tome posse da vinha de Nabot de Jezrael, que não quis vender a vinha para você. Nabot não está mais vivo; ele morreu”. ¹⁶Quando Acab soube que Nabot estava morto, levantou-se para descer até a vinha de

Nabot de Jezrael, a fim de tomar posse dela.

¹⁷Então Javé dirigiu a palavra a Elias, o tesbita: ¹⁸“Levante-se e desça ao encontro de Acab, rei de Israel, que está em Samaria. Ele está na vinha de Nabot, aonde foi para tomar posse. ¹⁹Diga-lhe: Assim diz Javé: Você matou, e ainda por cima está roubando? Por isso, assim diz Javé: No mesmo lugar em que os cães lamberam o sangue de Nabot, lamberão também o seu”. ²⁰Acab disse a Elias: “Então, meu inimigo, você me surpreendeu?” Elias respondeu: “Sim, eu surpreendi você. Pois você se deixou subornar para fazer o que Javé reprova. ²¹Por isso, farei cair sobre você a desgraça. Vou deixá-lo sem descendência, vou exterminar todo israelita da sua família, escravo ou livre que urina na parede. ²²Farei com sua casa como fiz com a casa de Jeroboão, filho de Nabat, e com a casa de Baasa, filho de Aías, porque você provocou a minha ira e fez Israel pecar”. ²³Javé também pronunciou uma sentença contra Jezabel: “Os cães devorarão Jezabel no campo de Jezrael. ²⁴A pessoa da família de Acab que morrer na cidade será devorada pelos cães, e quem morrer no campo será comido pelas aves do céu”.

²⁵De fato, não houve ninguém que se tivesse vendido como Acab, incitado por sua mulher Jezabel, para fazer o que Javé reprova. ²⁶Ele agiu de modo abominável, cultuando ídolos, como faziam os amorreus que Javé tinha expulsado diante dos israelitas.

²⁷Quando Acab ouviu essas palavras, rasgou as roupas, vestiu-se com pano de saco e fez jejum. Dormia vestido de pano de saco e andava abatido. ²⁸Então Javé dirigiu a palavra a Elias, o tesbita: ²⁹“Você viu como Acab se humilhou diante de mim? Por se ter humilhado diante de mim, eu não o castigarei durante a sua vida; mas castigarei a sua família no tempo do seu filho”. [21,1-29]

22 *O profeta é realista* — ¹Passaram-se três anos sem que houvesse guerra entre Aram e Israel. ²No terceiro ano, Josafá, rei de Judá, foi visitar o rei de Israel. ³Este disse a seus próprios ministros: “Vocês sabem que Ramot de Galaad nos pertence, e nós não fazemos nada para recuperá-la das mãos do rei de Aram”. ⁴Então o rei de Israel disse a Josafá: “Você quer vir comigo para guerrear contra Ramot de Galaad?” Josafá respondeu ao rei de Israel: “Você e eu, seu exército e o meu, sua cavalaria e a minha, somos todos um só”. ⁵E acrescentou: “Consulte antes o oráculo de Javé”. ⁶O rei de Israel reuniu os profetas, cerca de quatrocentos homens, e lhes perguntou: “Devo atacar Ramot

de Galaad, ou não?” Eles responderam: “Pode ir, porque Javé a entregará nas mãos do rei”. ⁷Então Josafá perguntou: “Por acaso não existe aqui nenhum outro profeta de Javé, para que possamos consultá-lo?” ⁸O rei de Israel respondeu a Josafá: “Existe ainda um: é Miqueias, filho de Jemla, através do qual podemos consultar a Javé. Mas eu não gosto dele, porque nunca me profetiza coisas boas, mas só desgraças”. Josafá disse: “O rei não deve falar assim!” ⁹Então o rei de Israel chamou um funcionário e ordenou: “Chame depressa Miqueias, filho de Jemla”. ¹⁰O rei de Israel e Josafá, rei de Judá, estavam sentados em seus tronos com vestes reais, na praça junto à porta de Samaria, e todos os profetas profetizavam diante deles. ¹¹Sedecias, filho de Canaana, fez para si chifres de ferro e disse: “Assim diz Javé: Com isso, você ferirá os arameus até acabar com eles”. ¹²E todos os profetas faziam a mesma predição, dizendo: “Ataque Ramot de Galaad. Você triunfará, porque Javé vai entregá-la nas mãos do rei”.

¹³Enquanto isso, o mensageiro que tinha ido chamar Miqueias disse ao profeta: “Veja bem! Todos os profetas estão falando em favor do rei. Procure falar como eles e predizer o sucesso”. ¹⁴Miqueias respondeu: “Pela vida de Javé! Vou dizer o que Javé me mandar”. ¹⁵Quando Miqueias se apresentou ao rei, este lhe perguntou: “Miqueias, podemos atacar Ramot de Galaad, ou não?” Miqueias respondeu: “Pode ir. Você será bem-sucedido. Javé vai entregá-la nas mãos do rei”. ¹⁶Mas o rei lhe perguntou: “Quantas vezes terei de pedir para você jurar que está falando somente a verdade em nome de Javé?” ¹⁷Então Miqueias disse ao rei: “Estou vendo Israel espalhado pelas montanhas, como ovelhas sem pastor. E Javé me disse: Eles não têm mais senhor. Que cada um volte em paz para casa”. ¹⁸O rei de Israel comentou então com Josafá: “Eu não disse a você? Ele nunca me profetiza boa sorte, mas sempre desgraça”. ¹⁹Miqueias replicou: “Ouça a palavra de Javé. Eu vi Javé sentado em seu trono, e todo o exército do céu estava em pé, à direita e à esquerda de Javé. ²⁰E Javé perguntou: ‘Quem poderá enganar Acab, para que ele vá e morra em Ramot de Galaad?’ Uns diziam uma coisa, e outros diziam outra. ²¹Então um espírito se aproximou, ficou diante de Javé, e disse: ‘Eu posso enganá-lo’. Javé lhe perguntou: ‘De que modo?’ ²²Ele respondeu: ‘Irei e me transformarei em oráculo falso na boca de todos os profetas’. Javé lhe disse: ‘Você conseguirá enganá-lo. Vá e faça isso’.” ²³Como você pode ver, Javé colocou oráculos falsos na boca de todos esses profetas do rei, porque Javé decretou a ruína do rei”.

²⁴Então Sedecias, filho de Canaana, aproximou-se de Miqueias, deu-lhe um

tapa e disse: “Qual é o caminho por onde o espírito de Javé saiu de mim para falar a você?” ²⁵Miqueias respondeu: “Você o verá no dia em que tiver de andar de casa em casa para se esconder”. ²⁶Então o rei de Israel ordenou: “Prenha Miqueias e o leve ao governador Amon e ao príncipe Joás. ²⁷Você dirá a eles: ‘Por ordem do rei, ponham esse homem na prisão e o tratem a pão e água, até que o rei volte vitorioso’ ”. ²⁸Miqueias disse: “Se você voltar vitorioso, Javé não falou por minha boca”.

²⁹O rei de Israel e Josafá, rei de Judá, marcharam contra Ramot de Galaad. ³⁰O rei de Israel disse a Josafá: “Vou me disfarçar antes de entrar em combate. Você, porém, vá com sua roupa”. E o rei de Israel se disfarçou e foi para o combate. ³¹O rei de Aram tinha ordenado aos comandantes dos carros que não atacassem a ninguém nem pequeno nem grande, mas somente o rei de Israel. ³²Quando os comandantes dos carros viram Josafá, comentaram: “Esse é o rei de Israel”. E se lançaram contra ele. Mas Josafá deu o grito de guerra ³³e os comandantes dos carros viram que ele não era o rei de Israel, e pararam de persegui-lo. ³⁴Um soldado atirou com o arco, ao acaso, e atingiu o rei de Israel numa brecha da couraça. O rei disse ao condutor de seu carro: “Dê a volta e tire-me do campo de batalha, porque estou ferido”. ³⁵Mas, nesse dia, o combate se tornou mais violento, de modo que seguraram o rei de pé sobre seu carro, diante dos arameus. E ele morreu ao entardecer. O sangue de sua ferida escorria no fundo do carro. ³⁶Ao pôr do sol, um grito correu pelo acampamento: “Cada um volte para sua cidade e para sua terra! ³⁷O rei está morto!” E o levaram para Samaria, e aí o enterraram. ³⁸Lavaram o carro na piscina de Samaria, os cães lamberam o sangue dele e as prostitutas aí se lavaram, como Javé havia anunciado.

³⁹O resto da história de Acab e do que ele fez, o palácio de marfim e as cidades que construiu, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Israel. ⁴⁰Acab morreu, e seu filho Ocozias lhe sucedeu no trono. [22,1-40]

Josafá de Judá, tempo de paz — ⁴¹Josafá, filho de Asa, tornou-se rei de Judá no quarto ano do reinado de Acab, rei de Israel. ⁴²Quando subiu ao trono, Josafá tinha trinta e cinco anos, e reinou durante vinte e cinco anos em Jerusalém. Sua mãe se chamava Azuba, filha de Selaqui. ⁴³Ele seguiu em tudo o comportamento de seu pai Asa, sem desviar-se, fazendo o que Javé aprova. ⁴⁴Entretanto, os lugares altos não desapareceram, e aí nos lugares altos o povo continuou a oferecer sacrifícios e incenso. ⁴⁵Josafá viveu em paz com o rei de Israel.

⁴⁶O resto da história de Josafá, as vitórias que obteve e as guerras que fez, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Judá. ⁴⁷Ele expulsou do país o resto dos prostitutos sagrados que ainda sobravam do tempo de seu pai Asa. ⁴⁸Não havia rei em Edom. O rei ⁴⁹Josafá construiu navios de Társis para ir a Ofir em busca de ouro, mas não pôde fazer a viagem, porque a frota naufragou em Asiongaber. ⁵⁰Então Ocozias, filho de Acab, disse a Josafá: “Meus homens poderiam ir nos navios com os seus homens”. Josafá, porém, não concordou. ⁵¹Josafá morreu e o enterraram com seus antepassados na Cidade de Davi, seu antecessor. E seu filho Jorão lhe sucedeu no trono. [41-51]

Ocozias de Israel — ⁵²Ocozias, filho de Acab, subiu ao trono de Israel, em Samaria, no ano dezessete de Josafá, rei de Judá. E reinou dois anos sobre Israel. ⁵³Fez o que Javé reprova, imitando o comportamento de seu pai e de sua mãe e o exemplo de Jeroboão, filho de Nabat, que levou Israel a pecar. ⁵⁴Prestou culto a Baal e o adorou, provocando a ira de Javé, o Deus de Israel, exatamente como seu pai tinha feito. [52-54]

NOTAS

[1,1-10] Continua aqui a história da sucessão, interrompida em 2Sm 20,22. Com a velhice de Davi, formam-se dois partidos opostos: um apoia Adonias, o filho que teria direito natural à sucessão. Outro apoia Salomão, filho de Davi com Betsabeia. Adonias conta com seus outros irmãos, além de Joab, chefe do exército, e o sacerdote levita Abiatar. Salomão contava com o sacerdote Sadoc, o profeta Natã, o chefe da guarda Banaías, além dos valentes de Davi. Os dois grupos lutam pela supremacia, tanto no campo político, como religioso e militar. A festa dada por Adonias é praticamente o lançamento público e oficial de sua candidatura.

[11-40] O partido de Salomão toma providências imediatas. Trata-se de uma intriga de corte: em nenhum outro lugar se menciona esse juramento de Davi a Betsabeia. Por outro lado, Adonias nem sequer fora aclamado rei. Davi é manobrado pela intriga e nomeia imediatamente Salomão como sucessor.

[41-53] A trama do partido de Salomão foi mortal para os partidários de Adonias

que, temerosos, se dispersaram. Por enquanto as punições ficam suspensas, pois é dia de festa para Salomão e seus seguidores. As pontas do altar serviam de asilo: enquanto o perseguido estivesse agarrado a elas, o vingador do sangue não poderia tocá-lo, antes do julgamento e sentença.

[2,1-11] Davi encarrega Salomão de realizar vinganças que ele próprio não pôde realizar. O mais importante do seu “testamento” são os vv. 3-4: a autoridade política não deve estar acima da lei. Portanto, não pode agir arbitrariamente. Pelo contrário, deve ser instrumento da lei a serviço do povo.

[12-25] Adonias faz sua última tentativa para se manter próximo do poder: pedindo uma das esposas do próprio pai, mostra que ainda tem pretensões ao trono. Salomão se aproveita da oportunidade para eliminar o forte concorrente.

[26-46] Salomão dá os últimos passos para assegurar definitivamente o poder: destitui do sacerdócio o levita Abiatar, deixando em seu lugar Sadoc, provavelmente chefe de Jerusalém, antiga cidade dos jebuseus (cf. 2Sm 5,6-15 e nota). Desse modo, a ideologia levítica, que fermentava a criação de uma sociedade igualitária, é banida juntamente com Abiatar e continuará viva entre as tribos do Norte. Por outro lado, a fim de assegurar o controle militar, Salomão elimina Joab e passa a chefia do exército para Banaías.

[3,1-3] O casamento de Salomão com a filha do Faraó (provavelmente Psusenés II) representa na verdade uma aliança política com o Egito. Aliança, no mínimo, ambígua, porque significa uma importação da cultura egípcia e, ao mesmo tempo, uma cópia do modelo político e econômico que vai causar sérios problemas para o povo.

[4-15] O sonho de Salomão mostra que o grande anseio do povo é ter uma autoridade realmente *capaz de discernir e realizar a justiça*. Para isso, a principal tarefa da autoridade consiste em *saber ouvir*. É o requisito básico, não só para resolver questões no tribunal, mas também para o exercício contínuo de um governo justo. Autoridade justa age sempre a partir de assessoramento que lhe permita ouvir as legítimas aspirações e reivindicações do povo. Em outras palavras, a verdadeira função da autoridade é servir ao povo, que pertence a Deus.

[16-28] Este episódio ilustra o que foi dito no trecho anterior: para fazer justiça, é preciso ouvir o povo que clama pela vida.

[4,1-6] Comparando-se com as listas de funcionários de Davi (cf. 2Sm 8,15-18;

20,23-26), podemos notar que os cargos burocráticos se multiplicam para atender a uma administração sempre mais complexa.

[7-20] Salomão organiza e aperfeiçoa o sistema tributário, seguindo o modelo egípcio: divide o país em doze prefeituras ou distritos, a fim de assegurar a arrecadação dos tributos, que sustentam a corte e o exército. A consolidação desse sistema desarticulou completamente a economia vigente no sistema das tribos.

[5,1-8] O texto nos dá uma ideia do peso que a máquina do Estado representa para o povo. Os tributos, em geral, eram pagos em víveres, e se destinavam a sustentar não só a família real e frequentadores da corte, mas também os oficiais, funcionários e exército. Resta uma pergunta: é o rei que está a serviço do povo, ou é o povo que serve ao rei?

[9-14] A fama de Salomão como rei sábio provém do fato que ele aparelhou a corte com uma escola sapiencial, que tinha duas tarefas: assessorar a política, formando diplomatas e altos funcionários, e sistematizar o conhecimento, organizando a experiência do povo e o conhecimento científico. O conteúdo dos vv. 12-13 não se refere nem ao livro dos Provérbios nem ao Cântico dos Cânticos. Trata-se de *listas enciclopédicas*, muito comuns no Egito, onde se fazia a classificação das ciências tanto do mundo vegetal, como animal, e outros. É uma espécie de elenco precursor das nossas modernas enciclopédias.

[15-32] O período de paz reinante permite que Salomão faça aliança com nações vizinhas e projete a realização de obras faraônicas. Note-se que o acordo comercial com o rei de Tiro envolve a troca de tecnologia especializada por bens de primeira necessidade. Isso acabará acarretando grande peso para o povo.

[6,1-37] A construção do Templo, aqui minuciosamente descrita, é um passo importante para consolidar a política centralizadora de Salomão. Em todo poder centralizador, a religião torna-se instrumento poderoso de manipulação do povo. De fato, no contexto religioso, as pessoas se abrem e se expõem com facilidade às influências ideológicas. Revestidas de caráter religioso, essas ideologias em geral se tornam absolutas e indiscutíveis. O Templo terá importância também nas reformas posteriores, principalmente no tempo do rei Josias.

[7,1-12] O palácio real ficava à direita do Templo, isto é, no lugar de honra (cf. Sl 110,1). A descrição é mais extensa nas dependências públicas, tornando-se difícil ter ideia clara sobre o restante da construção.

[13-51] Os utensílios do Templo são descritos minuciosamente, mas nem sempre é fácil imaginar sua forma, função e simbolismo. O Mar de bronze era um grande reservatório de água, necessária para as purificações rituais e a limpeza do Templo.

[8,1-13] A inauguração do Templo é o momento solene para reunir todo o povo. Nota-se que o centro da festa é a introdução da Arca da aliança no Santíssimo. Contudo, o que é sagrado nessa arca são as duas tábuas de pedra, isto é, o Decálogo, onde estão as normas que testemunham a aliança de Deus com o seu povo. O Decálogo é a fonte de uma sociedade nova, fundada na liberdade e na vida, que gera novas relações entre as pessoas (cf. notas em Ex 20 e Dt 5). Observa-se ainda que a presença de Javé se manifesta e, ao mesmo tempo, se esconde na Nuvem escura (provavelmente formada pela fumaça do incenso). Deus está presente, mas de modo misterioso. Ele não se deixa reduzir a ideias ou formas definidas. Noutras palavras, Deus é o mistério insondável, que não pode ser reduzido ou manipulado dentro de um sistema teológico, instituição religiosa ou política, nem mesmo numa representação teológica definida (cf. v. 27).

[14-29] Esta primeira parte da oração tem importância política e ideológica muito grande: Javé, o Deus libertador dos pobres e oprimidos, é tomado agora como o Deus que protege o poder político, perpetuado na descendência de Davi. Os profetas, através de suas críticas, mostrarão que isso no mínimo é ambíguo, e no máximo é um grande mal. Tal ambiguidade e mal já aparecerão na própria vida de Salomão. Sobre o Templo como lugar do Nome, cf. nota em Dt 12,2-13,1.

[30-66] Nesta prece, o Templo é visto como lugar de oração, e não de sacrifícios. O núcleo da oração de Salomão (vv. 30-51) contempla sete casos que mostram a ligação entre o Templo e o céu, entre o orar e o escutar, salientando a relação do povo com Deus: o povo suplica, e Deus responde com a libertação.

O *sétimo pedido* (vv. 46-51) foi acrescentado no período do exílio na Babilônia e contém a chave para se compreender toda a história que vai de Josué até Segundo Reis. O que pretendia o autor dessa história? Mostrar o que o povo exilado deve fazer: rever a própria história, reconhecer seu pecado e converter-se a Javé, a fim de que este o reúna de novo para uma vida e história novas.

[9,1-9] A dinastia de Davi, para continuar, deverá ser fiel ao projeto de Javé, que deseja construir uma sociedade livre dos ídolos e alicerçada na justiça e liberdade. O texto soa como solene advertência para o regime monárquico,

consolidado através de Salomão.

[10-25] Era a febre faraônica de construir um Estado poderoso “como as outras nações”: grandes construções, burocracia complicada, aparelhamento militar e bélico, luxo da corte. Isso implicava em pesados impostos e até mesmo em trabalhos forçados por parte do povo. As informações de 1Rs 5,27 e 11,28 contradizem o v. 22: também os israelitas foram recrutados para o trabalho forçado. O peso de todas essas iniciativas foi aos poucos gerando descontentamento, que iria provocar sérias consequências no futuro.

[26-28] Embora seja breve, o texto mostra que Salomão praticava por via marítima o comércio com o exterior. Aqui só se menciona o comércio de luxo (ouro), mas não se diz o que se pagava em troca.

[10,1-13] A visita da rainha de Sabá é um exemplo das relações diplomáticas mantidas por Salomão com os reinos vizinhos. O que mais chama a atenção nessas relações é, de um lado, a superficialidade (brincadeiras e adivinhação) e, de outro, o gasto com o luxo despendido nessas visitas (grande comitiva, presentes caros, banquetes). Os vv. 11 e 12 ficariam melhor antes do v. 14.

[14-25] O fascínio provocado pelo esplendor e riqueza hipnotiza o povo e lhe tira o senso crítico. A quem serve toda essa riqueza? Quem goza de toda essa mordomia? Quem sustenta esse acúmulo de riquezas?

[26-29] A descrição do exército de Salomão é grandiosa: 1.400 carros e 12.000 cavaleiros! É a preocupação com a segurança nacional de um império rico. O que o texto não conta é de onde vinha toda a prata para esse comércio bélico. O texto de Dt 17,16 faz supor que o rei Salomão chegou a comprar cavalos do Egito em troca de mão de obra escrava. Em outras palavras, como se pode justificar a busca de segurança que faz o povo voltar à escravidão? Até que ponto os gastos para sustentar o aparato militar trazem benefícios e segurança para o povo? O exército defende o povo ou defende o sistema que explora e oprime o povo?

[11,1-13] O texto mostra que o pecado de Salomão foi a idolatria provocada por suas mulheres. Isso não quer dizer que a mulher seja fonte de infidelidade a Deus. Devemos lembrar que os casamentos de reis, em geral com filhas de outros monarcas, implicava em verdadeiras alianças econômicas, políticas, ideológicas e religiosas. Tais casamentos, portanto, significavam *desvio* dos ideais de um povo: deixava-se de lado a ideologia igualitária da religião javista, para se seguir a ideologia da desigualdade sustentada pela religião de outras

nações. Já se começa a perceber a decadência do grande império.

[14-25] O império começa a desmoronar: Edom no Sul e Aram no Norte proclamam a própria independência. Israel perde duas importantes vias de acesso aos países vizinhos.

[26-40] Os sinais da ruína se manifestam também internamente. O texto não deixa claro o motivo da revolta de Jeroboão, porque aí foi inserido um texto sobre o profeta Aías, texto que procura explicar a divisão do império entre Judá e as tribos do Norte. A revolta foi motivada provavelmente pelos trabalhos forçados que Salomão impunha às tribos (vv. 27-28). O regime que explora o povo vai fabricando a própria ruína: cedo ou tarde, o povo toma consciência e se rebela.

[41-43] O “Livro da História de Salomão” é um documento antigo; talvez Anais da corte de Salomão.

[12,1-24] É um momento crucial na história de Israel: as tribos se dividem, e a ruptura nunca mais vai ser curada. O *povo do Norte*, explorado e oprimido por Salomão, pede que o novo rei alivie o fardo. Os *anciãos*, depositários da experiência popular, relembram ao jovem rei que *é função da autoridade servir ao povo e ouvir o seu clamor*. Os *jovens da corte*, porém, aconselham o contrário: aumentar a exploração e opressão, para não perder a autoridade sobre o povo. Roboão segue o último conselho, e acaba perdendo o povo, ao violar *o requisito básico para ser autoridade justa: saber escutar o povo* (cf. nota em 1Rs 3,4-15). Diante de uma autoridade que não o escuta, cedo ou tarde o povo acaba se revoltando e declarando: “Não temos nada com você”.

E Javé, de que lado está? Ele vê a exploração e a opressão, e *ouve* o clamor do seu povo (cf. Ex 3,7). O v. 24 deixa bem claro que Javé aprova a revolta do povo contra uma autoridade injusta.

[25-33] Jeroboão procura dar nova identidade político-religiosa para as tribos do Norte. Para isso, muda o calendário, os lugares de culto, a data das festas, e institui o sacerdócio não levítico, tudo para impedir o povo de frequentar Jerusalém e voltar para Roboão. Os santuários de Betel e Dã, ao Sul e ao Norte, criam a delimitação religiosa para as tribos do Norte. Os bezerros de ouro não são deuses estrangeiros, mas representações ou símbolos da presença e poder de Javé. Equivalem à arca com os querubins que estavam no Templo de Jerusalém.

[13,1-34] O texto deve ser compreendido no clima da reforma político-religiosa, que será realizada, trezentos anos mais tarde, pelo rei Josias (cf. 2Rs

22-23 e notas). Para reunir as tribos, Josias centraliza o culto em Jerusalém e destrói todos os outros santuários. Para tornar isso aceitável, se faz uma nova redação da história, projetando no passado uma “profecia” que já anunciava os atos do rei (cf. 2Rs 23,15-18).

[14,1-20] O mesmo profeta que anunciou a divisão do reino de Salomão e estimulou a revolta de Jeroboão (cf. 11,29-39), agora profetiza a desgraça para toda a dinastia de Jeroboão. O profeta é um crítico da revolução: também esta está sob o julgamento de Javé, pois aqueles que a realizaram continuam a praticar a idolatria.

[21-31] A situação em Judá é semelhante à de Israel: Roboão pratica a idolatria. A campanha do Faraó Sesac é a principal responsável pelo empobrecimento da região. E isso mostra por que o grande império de Salomão se transforma de repente em dois reinos sem projeção. O fausto da corte diminui sensivelmente (bronze em lugar de ouro) e Roboão, provavelmente, se torna vassalo do Egito.

[15,1-8] O breve reinado de Abiam é visto como castigo de seus pecados. Seu governo fraco e cheio de erros faz lembrar o tempo de Davi e acreditar que Judá ainda mantém o seu rei só porque Davi realizou a vontade de Javé.

[9-24] O elogio ao rei Asa se deve ao fato de ele ter se esforçado para preservar o javismo no país, eliminando parcialmente o culto a outras divindades.

[25-32] Com o golpe de Baasa, termina a dinastia de Jeroboão e se inicia uma nova.

[15,33-16,7] A mudança de dinastia não muda a situação no Reino do Norte.

[16,8-14] O curto reinado de Ela é marcado pelo golpe dado por um de seus oficiais.

[15-22] Sem o apoio do exército e do povo, Zambri não teve como se manter no trono.

[23-28] Com Amri começa a dinastia mais estável do Reino do Norte. Mas seus sucessores, principalmente Acab, serão os principais responsáveis pela introdução de outras divindades. Amri fundou a cidade de Samaria, nova capital do Reino.

[29-34] Com Acab se inicia um período importante na história de Israel: nasce o profetismo, dentro de uma época em que a religião javista se verá profundamente ameaçada. Não se trata de sincretismo, mas de substituição

oficial: Javé no lugar de Baal.

[1Rs 17-2Rs 2] Estes capítulos apresentam a história de Elias, que praticamente encabeça em Israel a história do profetismo clássico. O texto fornece seis episódios, que transmitem narrativas populares sobre a pessoa e atividade do profeta. O tema central é o confronto de Elias com a política do rei Acab, que trazia sérias consequências para a vida do povo. Desse modo, Elias cunhou o profetismo clássico com a marca da ação política e social, que estará presente em todos os outros profetas.

[17,1-6] Elias quer dizer: “Meu Deus é Javé”. Esse nome é para o profeta todo um programa de vida. Ele entra em cena com o anúncio do julgamento: traindo a Javé, o Deus da vida, a terra ficará sem vida (seca). E quem está com Javé encontra o necessário para viver.

[7-16] Javé se manifesta no meio dos pobres e necessitados, dando a vida através do gesto capaz de repartir o pouco que se tem. Deus não deixa faltar nada para aqueles que estão dispostos a repartir. O episódio lembra de perto Mc 6,30-44.

[17-24] O verdadeiro profeta não é portador da morte para o povo. O sinal de que o profeta anuncia a palavra de Deus é o fato de ele ser portador de vida.

[18,1-46] Casando-se com a princesa fenícia Jezabel, o rei Acab adota os costumes e a religião dos fenícios, onde o deus Baal é considerado senhor da fertilidade e da vida. Em vez da vida, porém, vem a seca e, consequentemente, a morte para o povo. Elias mostra que a situação é castigo de Javé (cf. nota em 17,1-6). Por isso é perseguido pelo rei. O centro do texto é o confronto de Elias com a autoridade e os profetas de Baal (ideólogos a serviço da autoridade). Cabe ao profeta do Deus vivo desmascarar os deuses falsos e aqueles que o servem, dando ao povo possibilidade para descobrir a verdade e fazer a escolha entre o Deus que dá a vida e os ídolos que provocam a morte. Feito isso, termina o castigo e retorna a vida (chuva).

[19,1-18] O profeta é perseguido quando desmascara as aparências que encobrem uma política opressora. Ameaçado de morte, Elias foge. Sua fuga, porém, se transforma na busca da fonte original, que é a fé javista. O monte Horeb (Sinai), lugar da aliança com Deus, é o ponto de partida para se formar uma sociedade justa e fraterna. Nessa experiência do Deus libertador, o profeta descobre os próximos passos a dar: reunir as pessoas fiéis ao projeto de Javé, criar um novo quadro político, e providenciar um substituto para a sua missão.

[19-21] O manto simboliza a atividade profética: jogando-o sobre Eliseu, Elias o escolhe para acompanhá-lo. A missão profética é empenhativa e supõe que a pessoa a coloque, em primeiro lugar, acima dos próprios bens, família e trabalho.

[20,1-43] O capítulo interrompe as narrativas sobre Elias. Neste episódio, o rei Acab, num primeiro momento, consulta o povo e sabe ouvir os profetas. Desse modo, a sua política é benéfica. A seguir, porém, começa a tomar decisões por própria conta, tentando conciliar projetos contrários. O profeta denuncia o fato e anuncia as consequências.

[21,1-29] O terreno que cada israelita possuía era sinal de sua pertença ao povo. Vendê-lo sem necessidade seria o mesmo que renegar a própria identidade. Os ricos e poderosos não têm direito nenhum de extorquir os pobres. Note-se que Jezabel manipula a religião e a justiça, para satisfazer a ganância do marido. Cabe ao profeta defender a causa dos pobres, que facilmente se tornam vítimas do abuso dos poderosos.

[22,1-40] Os fatos aqui narrados continuam a descrever a guerra dos israelitas contra os arameus. O texto mostra a importância que os profetas adquiriram em Israel, tornando-se até mesmo conselheiros em questões de segurança nacional. Muitos desses profetas acabaram se tornando coniventes e bajuladores. Outros, porém, foram capazes de se posicionar de maneira realista e crítica, sendo por isso malvistas, perseguidos, presos e até mortos.

[41-51] Depois de Asa, Josafá é o segundo rei elogiado. O seu tempo foi de paz para os dois reinos e, provavelmente, de expansão comercial.

[52-54] A narrativa sobre o reinado de Ocozias, apenas iniciada, vai continuar em 2Rs 1.

SEGUNDO LIVRO DOS REIS

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25**

SEGUNDO LIVRO DOS REIS

1 *O profeta de Javé* — ¹Depois da morte de Acab, Moab se revoltou contra Israel. ²Ocozias caiu da sacada de seu quarto, em Samaria, e ficou ferido. Então mandou mensageiros com o seguinte encargo: “Consultem Baal-Zebub, deus de Acaron, para ver se vou sarar destas feridas”. ³Mas o anjo de Javé disse a Elias, o tesbita: “Levante-se e vá ao encontro dos mensageiros do rei de Samaria e diga-lhes: ‘Por acaso não existe Deus em Israel, para vocês estarem consultando Baal-Zebub, deus de Acaron?’ ⁴Por isso, assim diz Javé: Você não se levantará da cama em que se deitou. Com certeza você vai morrer’ ”. E Elias foi embora. ⁵Os mensageiros voltaram, e o rei Ocozias perguntou-lhes: “Por que vocês voltaram?” ⁶Eles responderam: “Um homem veio ao nosso encontro e nos mandou voltar ao rei que nos tinha enviado, para dizer a ele: ‘Assim diz Javé: Por acaso não existe Deus em Israel, para que você mande consultar Baal-Zebub, deus de Acaron? Por isso você não se levantará da cama em que está deitado. Com certeza você vai morrer’ ”. ⁷Ocozias perguntou: “Como era o homem que foi ao encontro de vocês e lhes disse essas coisas?” ⁸Eles responderam: “Ele estava vestido com roupa de pelos e usava um cinto de couro”. O rei disse: “É Elias, o tesbita!” ⁹Então mandou um oficial com cinquenta soldados buscar Elias. O oficial subiu à procura de Elias, o encontrou sentado no alto do monte e lhe disse: “Homem de Deus, o rei manda você descer”. ¹⁰Elias respondeu: “Se eu sou homem de Deus, que um raio caia e queime você e seus cinquenta soldados”. Então um raio caiu e queimou o oficial e os seus cinquenta soldados.

¹¹O rei mandou de novo outro oficial com cinquenta soldados. O oficial subiu e disse a Elias: “Homem de Deus, o rei mandou você descer imediatamente”.

¹²Elias respondeu: “Se eu sou homem de Deus, que um raio caia e queime você e seus cinquenta soldados”. Então um raio caiu e queimou o oficial e seus cinquenta soldados.

¹³O rei mandou, pela terceira vez, um oficial com cinquenta soldados. O oficial subiu, ajoelhou-se diante de Elias e suplicou: “Homem de Deus, que a minha vida e a vida desses cinquenta soldados, seus servos, tenha algum valor para você. ¹⁴Caiu um raio e queimou dois oficiais, cada um com seus cinquenta homens. Mas agora, que a minha vida tenha algum valor para você!” ¹⁵O anjo de Javé disse a Elias: “Desça com ele e não tenha medo”. Elias se levantou, desceu

com o oficial e foi falar com o rei. ¹⁶E lhe disse: “Assim diz Javé: Uma vez que você enviou mensageiros para consultar Baal-Zebub, deus de Acaron, você não se levantará da cama em que está deitado. Com certeza você vai morrer”. ¹⁷E o rei Ocozias morreu, conforme a palavra de Javé, anunciada por Elias. E Ocozias não tinha filhos. Por isso, seu irmão Jorão subiu ao trono em seu lugar; e já fazia dois anos que Jorão, filho de Josafá, era rei de Judá. ¹⁸O resto da história de Ocozias, e do que ele fez, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Israel. [\[1,1-18\]](#)

VI. ELISEU, DISCÍPULO DE ELIAS

2 *A atividade profética continua* — ¹Quando Javé arrebatou Elias ao céu num redemoinho, aconteceu o seguinte: Elias e Eliseu partiram de Guilgal. ²Elias disse a Eliseu: “Fique aqui, porque Javé me mandou ir sozinho a Betel”. Eliseu respondeu: “Pela vida de Javé e pela sua vida, não deixarei de acompanhar você”. E desceram juntos a Betel. ³Os irmãos profetas que moravam em Betel foram ao encontro de Eliseu, e lhe disseram: “Você está sabendo que Javé hoje mesmo vai levar embora seu mestre, nos ares, por cima da sua cabeça?” Eliseu respondeu: “Claro que sei. Mas fiquem quietos”. ⁴Elias disse: “Eliseu, fique por aqui mesmo, porque Javé me manda ir sozinho a Jericó”. Mas Eliseu respondeu: “Pela vida de Javé e pela sua vida, não deixarei de acompanhar você”. E foram para Jericó. ⁵Os irmãos profetas que moravam em Jericó se aproximaram de Eliseu, e lhe disseram: “Você está sabendo que Javé hoje mesmo vai levar embora seu mestre, nos ares, por cima da sua cabeça?” Eliseu respondeu: “Claro que sei. Mas fiquem quietos”. ⁶Elias disse a Eliseu: “Fique por aqui mesmo, porque Javé me manda ir sozinho até o Jordão”. Mas Eliseu respondeu: “Pela vida de Javé e pela sua vida, não deixarei de acompanhar você”. E eles foram juntos. ⁷Com eles foram cinquenta irmãos profetas. Estes ficaram a certa distância, enquanto os dois pararam à margem do rio Jordão.

⁸Então Elias pegou o manto, o enrolou e bateu com ele na água. A água se dividiu em duas partes, de tal modo que os dois passaram o rio sem molhar os pés. ⁹Depois que passaram o rio, Elias disse a Eliseu: “Peça o que você quiser, antes que eu seja arrebatado da sua presença”. Eliseu pediu: “Deixe-me como herança dupla porção do seu espírito”. ¹⁰Elias disse: “Você está pedindo uma coisa difícil. Em todo caso, se você me enxergar quando eu for arrebatado da sua presença, isso que pede lhe será concedido; caso contrário, não será concedido”.

¹¹E, enquanto estavam andando e conversando, apareceu um carro de fogo com cavalos de fogo, que os separou um do outro. E Elias subiu ao céu no redemoinho. ¹²Eliseu olhava e gritava: “Meu pai! Meu pai! Carro e cavalaria de Israel!” Depois não o viu mais. Então Eliseu pegou sua própria túnica e a rasgou em duas partes. ¹³Pegou o manto de Elias, que havia caído, e voltou para a margem do Jordão. ¹⁴Segurando o manto de Elias, bateu com ele na água, dizendo: “Onde está Javé, o Deus de Elias?” Bateu na água, que se dividiu em duas partes. E ele atravessou o rio. ¹⁵Ao vê-lo, os irmãos profetas, que estavam a

certa distância, comentaram: “O espírito de Elias repousa sobre Eliseu”. Então foram ao seu encontro, se prostraram diante dele, ¹⁶e disseram: “Aqui, entre seus servos, você pode contar com cinquenta homens valentes. Permita que eles saiam para procurar seu mestre. Talvez o espírito de Javé o tenha arrebatado e jogado sobre algum monte ou dentro de algum vale”. Eliseu respondeu: “Não mandem ninguém”. ¹⁷Eles, porém, insistiam tanto, a ponto de aborrecê-lo. Por fim, ele disse: “Então mandem”. Eles mandaram cinquenta homens, que procuraram Elias durante três dias, mas não o encontraram. ¹⁸Voltaram para Eliseu, que tinha ficado em Jericó. Então Eliseu lhes disse: “Não falei para vocês não irem?” [2,1-18]

Vida para o povo — ¹⁹Os habitantes de Jericó disseram a Eliseu: “A localização da cidade é boa, como o senhor pode ver; mas a água é ruim e faz as mulheres abortarem”. ²⁰Eliseu pediu: “Tragam para mim um prato novo com sal”. Eles levaram o prato, ²¹e Eliseu foi até a fonte de água, jogou nela o sal, e disse: “Assim diz Javé: Eu faço esta água ficar boa, e ela não causará nem morte nem esterilidade”. ²²E a água se tornou potável até o dia de hoje, como Eliseu tinha dito. [19-22]

O profeta merece respeito — ²³Daí, Eliseu foi para Betel. Enquanto subia pelo caminho, um bando de garotos, que tinham saído da cidade, começaram a zombar dele, gritando: “Suba, careca! Suba, careca!” ²⁴Eliseu virou-se, olhou para eles e os amaldiçoou em nome de Javé. Então duas ursas saíram do bosque e despedaçaram quarenta e dois garotos. ²⁵Eliseu foi para o monte Carmelo e depois voltou para Samaria. [23-25]

3 *Alcance da ação profética* — ¹Jorão, filho de Acab, subiu ao trono de Israel, em Samaria, no ano dezoito do reinado de Josafá, rei de Judá. Reinou doze anos. ²Fez o que Javé reprova, embora nem tanto como seu pai e sua mãe, pois derrubou a estela de Baal, que seu pai tinha erguido. ³Contudo, repetiu os pecados que Jeroboão, filho de Nabat, fez Israel cometer, e deles não se afastou.

⁴Mesa, rei de Moab, era criador de gado e pagava ao rei de Israel cem mil cordeiros e cem mil carneiros, juntamente com a lã. ⁵Quando Acab morreu, Mesa se revoltou contra Israel. ⁶Nesse tempo, o rei Jorão saiu de Samaria e passou revista a todo o Israel. ⁷Depois mandou dizer ao rei de Judá: “O rei de Moab se revoltou contra mim. Você quer ir comigo para lutar contra Moab?” O

rei de Judá respondeu: “Sim. Você e eu, seu exército e o meu, sua cavalaria e a minha, somos todos um só”. ⁸E perguntou: “Que caminho seguiremos?” Jorão respondeu: “O caminho do deserto de Edom”.

⁹Então os reis de Israel, Judá e Edom partiram. Depois de marchar sete dias, faltou água para o exército e para os animais. ¹⁰Então o rei de Israel exclamou: “Ai de nós! Javé nos reuniu, os três reis, para nos entregar em poder de Moab!”

¹¹O rei de Judá perguntou: “Não existe por aqui algum profeta para podermos consultar a Javé?” Um dos oficiais do rei de Israel respondeu: “Aqui há um certo Eliseu, filho de Safat, que derramava água nas mãos de Elias”. ¹²Josafá comentou: “A palavra de Javé está com ele”. Então o rei de Israel, o rei de Judá e o rei de Edom foram ao encontro de Eliseu. ¹³Mas Eliseu disse ao rei de Israel: “Deixe-me em paz. Vá consultar os profetas de seu pai e de sua mãe”. O rei de Israel replicou: “Olhe, Javé nos reuniu, os três reis, para nos entregar em poder de Moab”. ¹⁴Eliseu então disse: “Pela vida de Javé dos exércitos, a quem sirvo, se não fosse por consideração ao rei de Judá, eu nem olharia na sua cara. ¹⁵Apesar de tudo, me tragam aqui um tocador de lira”. Enquanto o músico tocava, a mão de Javé veio sobre Eliseu. ¹⁶E ele disse: “Assim diz Javé: ‘Cavem diversos fossos neste vale’, ¹⁷pois assim diz Javé: ‘Vocês não verão vento nem chuva, mas este vale ficará cheio de água e vocês poderão beber com seus exércitos e animais’. ¹⁸Como isso não bastasse, Javé entregará Moab nas mãos de vocês. ¹⁹E vocês destruirão todas as cidades fortificadas, cortarão suas árvores frutíferas, fecharão todas as fontes e cobrirão de pedras todos os campos férteis”.

²⁰De fato, na manhã seguinte, na hora da apresentação da oferta, veio água dos lados de Edom, e toda a região ficou alagada. ²¹Os moabitas ficaram sabendo que esses reis tinham chegado para os atacar. Então convocaram todos os que tinham idade para pegar em armas e tomaram posição na fronteira. ²²De manhã, quando se levantaram e o sol brilhou sobre a água, os moabitas viram de longe a água, vermelha como sangue. ²³Então disseram: “É sangue. Os reis lutaram entre si e se mataram. E agora, Moab, vamos saquear”. ²⁴Mas quando os moabitas chegaram ao acampamento israelita, os israelitas se levantaram e derrotaram os moabitas, que fugiram. Os israelitas entraram no território de Moab e o arrasaram: ²⁵destruíram as cidades, e cada um atirou pedras nos melhores campos até os cobrir, fecharam todas as fontes e cortaram todas as árvores frutíferas. Sobrou apenas Quir-Hares, que foi cercada e atacada pelos

atiradores de pedras. ²⁶Quando o rei de Moab percebeu que não conseguiria sustentar o combate, tomou consigo setecentos homens armados de espada, para abrir uma passagem e chegar até o rei de Aram. Mas não conseguiu. ²⁷Pegou, então, seu filho primogênito, que lhe sucederia no trono, e o ofereceu em holocausto sobre a muralha. Desencadeou-se então uma grande indignação contra os israelitas, que tiveram de se retirar e voltar para seu país. [3,1-27]

4 *A libertação dos pobres* — ¹A esposa de um dos irmãos profetas suplicou a Eliseu: “Meu marido, seu servo, morreu. E você sabe que seu servo temia a Javé. Mas um homem, a quem devíamos, veio para levar meus dois filhos como escravos”. ²Eliseu perguntou: “Que posso fazer por você? Diga-me o que você tem em casa”. A mulher respondeu: “Tudo o que tenho em casa é uma vasilha de azeite”. ³Então Eliseu ordenou: “Vá e tome emprestado dos vizinhos uma grande quantidade de vasilhas. ⁴Depois entre em casa, feche a porta com seus filhos dentro, e encha todas as vasilhas com azeite. Conforme você as for enchendo, vá colocando à parte”. ⁵A mulher foi e se fechou em casa com os filhos. Estes iam levando as vasilhas e a mulher ia derramando o azeite dentro. ⁶Quando as vasilhas ficaram cheias, ela pediu ao filho: “Traga mais uma”. E ele respondeu: “Acabou”. Então o azeite parou de correr. ⁷A mulher foi contar isso ao homem de Deus, e ele disse: “Agora vá, venda o azeite, pague a dívida e use o que sobrar para viver com seus filhos”. [4,1-7]

Portador da vida — ⁸Certo dia, Eliseu passou pela cidade de Sunam, onde morava uma mulher rica, que o convidou para uma refeição em sua casa. Depois disso, cada vez que passava por aí, Eliseu entrava para comer. ⁹A mulher disse ao marido: “Olhe, esse homem que está sempre em nossa casa é um santo homem de Deus. ¹⁰Vamos fazer para ele um quarto de tijolos no terraço, com cama, mesa, cadeira e lâmpada. Quando ele vier à nossa casa, poderá ficar aí”. ¹¹Um dia que Eliseu passou por Sunam, subiu para o quarto do terraço e se deitou. ¹²Ele disse a seu servo Giezi: “Chame a sunamita”. O servo a chamou, e ela se apresentou a Eliseu. ¹³E ele disse ao servo: “Diga a ela: ‘Você se preocupou conosco. Que podemos fazer por você? Quer alguma recomendação para o rei ou para o chefe do exército?’ ” A mulher respondeu: “Eu vivo no meio do meu povo”. ¹⁴Eliseu perguntou ao servo: “O que poderíamos fazer por ela?” Giezi respondeu: “Ela não tem filhos, e o marido dela já é idoso”. ¹⁵Eliseu disse: “Vá chamá-la”. O servo chamou a mulher, e ela apareceu na porta. ¹⁶Eliseu

disse: “Daqui a um ano, nesta mesma data, você terá um filho nos braços”. Ela, porém, respondeu: “Não, meu senhor, não engane sua serva”.

¹⁷A mulher, porém, ficou grávida e deu à luz um filho no ano seguinte, na mesma época que Eliseu havia predito. ¹⁸O menino cresceu. Certo dia, foi encontrar seu pai junto com os ceifadores, ¹⁹e lhe disse: “Estou com dor de cabeça”. O pai disse a um dos servos: “Leve o menino para junto da mãe”. ²⁰O servo pegou o menino e o levou para a mãe. O menino ficou no colo da mãe até o meio-dia, e depois morreu. ²¹A mãe subiu até o terraço, colocou o menino sobre a cama do homem de Deus, fechou a porta e saiu. ²²Depois chamou o marido e lhe disse: “Mande-me um servo e uma jumenta. Vou correndo à casa do homem de Deus e volto logo”. ²³O marido perguntou: “O que é que você vai fazer lá hoje? Não é nem lua nova nem sábado”. Mas ela respondeu: “Fique sossegado”. ²⁴Ela mandou selar a jumenta, e disse ao servo: “Vá na minha frente, e pare somente quando eu lhe disser”. ²⁵Então a mulher foi ao encontro do homem de Deus no monte Carmelo. O homem de Deus viu a mulher de longe, e disse a seu servo Giezi: “A sunamita vem aí. ²⁶Corra ao encontro dela e pergunte: ‘Você está bem? Seu marido vai bem? Seu filho está bem?’ ” A mulher respondeu: “Estamos bem”. ²⁷Quando chegou perto do homem de Deus, no alto da montanha, a mulher abraçou os pés dele. Giezi se aproximou para afastá-la, mas o homem de Deus lhe disse: “Deixe-a. Ela está com a alma amargurada. Javé me escondeu isso e nada me revelou”. ²⁸Então a mulher perguntou: “Por acaso eu lhe pedi um filho? Eu lhe havia pedido que não me enganasse”. ²⁹Eliseu ordenou a Giezi: “Apronte-se, pegue meu bastão e coloque-se a caminho. Se você encontrar alguém, não o cumprimente, e se alguém o cumprimentar, não responda. Coloque meu bastão sobre o rosto do menino”. ³⁰Mas a mãe disse: “Pela vida de Javé e pela sua vida, eu não o deixarei”. Então Eliseu se levantou e a seguiu. ³¹Giezi, que fora na frente, tinha colocado o bastão sobre o rosto do menino, mas o menino não falou nem reagiu. Então o servo voltou ao encontro de Eliseu e informou: “O menino não despertou”.

³²Eliseu entrou na casa e encontrou o menino morto, estendido sobre sua própria cama. ³³Entrou, fechou a porta e rezou a Javé. ³⁴Depois subiu na cama, deitou-se sobre o menino, colocou a boca sobre a dele, os olhos sobre os dele, as mãos sobre as dele, e estendeu-se sobre o menino. E o menino foi se aquecendo. ³⁵Então Eliseu começou a andar pelo quarto, de cá para lá. Depois subiu de novo

na cama e se estendeu sobre o menino. Fez isso sete vezes. Então o menino espirrou e abriu os olhos. ³⁶Eliseu chamou Giezi e lhe disse: “Chame a sunamita”. Giezi a chamou. Quando ela chegou perto de Eliseu, este lhe disse: “Pegue seu filho”. ³⁷A mulher entrou, jogou-se aos pés de Eliseu e prostrou-se no chão. Depois pegou o filho e saiu. [8-37]

Habilidade de Eliseu — ³⁸Quando Eliseu voltou para Guilgal, havia fome na região. Os irmãos profetas estavam sentados na sua frente. Então Eliseu disse ao seu servo: “Ponha a panela grande no fogo, e prepare uma sopa para os irmãos profetas”. ³⁹Um deles foi ao campo para apanhar verdura. Encontrou uvas bravas, apanhou-as e encheu o manto. Ao chegar, cortou-as em pedaços dentro da panela de sopa, sem saber que eram venenosas. ⁴⁰E distribuíram a sopa para que os homens comessem. Logo que provaram a sopa, gritaram: “Homem de Deus, isso é veneno!” ⁴¹Eliseu ordenou: “Tragam farinha”. Então pôs farinha na panela e disse: “Sirva as pessoas para que comam”. E já não havia nada de ruim na panela. [38-41]

O profeta ensina a repartir — ⁴²Um homem de Baal-Salisa levou, ao homem de Deus, pão da primeira colheita; levou vinte pães de cevada e trigo novo no boral. Eliseu ordenou: “Distribua a essas pessoas para que comam”. ⁴³Seu servo disse: “Como vou distribuir isso para cem pessoas?” Eliseu insistiu: “Distribua a essas pessoas, para que comam. Porque assim diz Javé: Elas comerão e ainda sobrarão”. ⁴⁴Então o servo os distribuiu. Todos comeram e ainda sobrou, como Javé tinha dito. [42-44]

5 Javé dá a vida gratuitamente — ¹Naamã, chefe do exército do rei de Aram, era homem estimado e favorecido pelo seu senhor. Foi por meio dele que Javé concedeu a vitória aos arameus. No entanto, esse homem valente ficou leproso.

²Numa incursão, os arameus tinham levado do território de Israel uma jovem, que ficou a serviço da mulher de Naamã. ³Ela disse à patroa: “Meu senhor poderia apresentar-se ao profeta de Samaria. Ele certamente o livraria da lepra”.

⁴Naamã foi informar seu senhor: “A moça israelita disse isso”. ⁵O rei de Aram lhe disse: “Vá até lá. Vou mandar uma carta para o rei de Israel”. Naamã partiu levando trezentos e cinquenta quilos de prata, sessenta e oito quilos de ouro e dez roupas de festa. ⁶Naamã entregou ao rei de Israel a carta que dizia: “Quando você receber esta carta, verá que estou lhe mandando meu servo Naamã para que o cure da lepra”. ⁷O rei de Israel leu a carta e rasgou as próprias roupas,

exclamando: “Por acaso eu sou um deus, capaz de dar a morte ou a vida, para que esse fulano me mande um homem para eu curá-lo de lepra? Vejam bem: ele anda buscando algum pretexto contra mim!”

⁸Eliseu, homem de Deus, soube que o rei de Israel tinha rasgado as próprias roupas, e mandou dizer a ele: “Por que você rasgou as roupas? Deixe que ele venha ao meu encontro, e ficará sabendo que há um profeta em Israel”.

⁹Naamã chegou com seus cavalos e seu carro, e parou na frente da casa de Eliseu. ¹⁰Então Eliseu mandou um mensageiro até ele com esta ordem: “Vá e se lave sete vezes no rio Jordão. Seu corpo ficará limpo, e você ficará curado”.

¹¹Naamã se irritou e foi embora, dizendo: “Eu pensava que ele sáísse e invocasse de pé o nome de Javé, o Deus dele. Depois passasse a mão no lugar da doença e, assim, me livrasse da lepra. ¹²Por acaso o Abana e o Farfar, rios de Damasco, não são melhores que todas as águas de Israel? Eu não poderia lavar-me neles e ficar curado?” Virou-se e foi embora indignado. ¹³Seus servos se aproximaram e disseram: “Senhor, se o profeta lhe tivesse mandado fazer alguma coisa difícil, o senhor não faria? No entanto, ele só mandou isto: ‘Lave-se, e você ficará curado’ ”. ¹⁴Então Naamã desceu e mergulhou sete vezes no rio Jordão, como o homem de Deus havia dito. Sua carne se tornou como a carne de uma criança, e ele ficou curado. ¹⁵Então Naamã voltou com toda a sua comitiva até o homem de Deus. Entrou, parou na frente do profeta e disse: “Agora eu sei que não há outro Deus na terra, a não ser em Israel! Por favor, aceite um presente do seu servo”. ¹⁶Eliseu respondeu: “Pela vida de Javé, a quem eu sirvo: não aceitarei nenhum presente”. Naamã insistiu para que ele aceitasse, mas ele recusou. ¹⁷Então Naamã pediu: “Já que o senhor recusou, ao menos permita que seja dado a seu servo a quantidade de terra que duas mulas podem carregar, pois o seu servo não oferecerá mais holocausto e sacrifício a outros deuses, mas somente para Javé. ¹⁸E que Javé perdoe só uma coisa ao seu servo: quando o rei, meu senhor, vai ao templo de Remon para adorar, ele se apoia no meu braço e eu também me prostro junto com ele no templo de Remon. Que Javé perdoe esse gesto do seu servo”. ¹⁹Eliseu disse: “Vá em paz”.

Naamã já se havia distanciado um bom tanto, ²⁰quando Giezi, servo de Eliseu, pensou: “Meu senhor foi condescendente com esse arameu Naamã, não aceitando dele o presente oferecido. Pela vida de Javé! Vou correr atrás dele e ganharei alguma coisa”. ²¹Então Giezi saiu correndo para alcançar Naamã. Quando Naamã viu que Giezi ia correndo atrás dele, desceu do carro, foi ao seu

encontro, e perguntou: “Está tudo bem?” ²²Giezi respondeu: “Tudo bem. Só que meu senhor mandou dizer-lhe: ‘Agora mesmo acabam de chegar, da região montanhosa de Efraim, dois jovens irmãos profetas. Por favor, dê para eles trinta e cinco quilos de prata e duas roupas de festa’ ”. ²³Naamã respondeu: “Aceite setenta quilos”. Insistiu para que Giezi aceitasse. Depois Naamã colocou setenta quilos de prata e as roupas de festa em duas sacolas, e entregou a dois servos seus. Estes foram na frente de Giezi, levando as sacolas. ²⁴Chegando a Ofel, Giezi pegou os presentes, guardou-os em casa, despediu os homens, e eles foram embora. ²⁵Depois Giezi foi ao encontro do seu senhor, e Eliseu lhe perguntou: “Onde é que você foi, Giezi?” Ele respondeu: “O seu servo não foi a lugar nenhum”. Mas Eliseu retrucou: ²⁶“Você pensa que o meu espírito não estava presente quando alguém desceu do carro e foi encontrar você? Agora que você recebeu o dinheiro, com ele você pode comprar roupas, plantações de azeitonas, vinhas, ovelhas, bois, servos e servas. ²⁷Mas a lepra de Naamã passará para você e seus descendentes para sempre”. E Giezi saiu da presença de Eliseu, branco como a neve, por causa da lepra. [5,1-27]

6 *Deus se manifesta entre os pobres* — ¹Os irmãos profetas disseram a Eliseu: “Como o senhor pode perceber, o lugar onde estamos morando com o senhor é muito pequeno para nós. ²Vamos até o rio Jordão, e cada um de nós pegará um tronco para construir aí uma casa”. Eliseu disse: “Podem ir”. ³Um deles pediu: “Por favor, venha com os seus servos”. Eliseu respondeu: “Eu vou”. ⁴E foi com eles. Chegando ao rio Jordão, começaram a cortar madeira. ⁵Um dos irmãos estava cortando um tronco e o machado caiu na água. Então ele gritou: “Meu senhor, era um machado emprestado!” ⁶O homem de Deus perguntou: “Onde é que o machado caiu?” O irmão mostrou-lhe o lugar. Então Eliseu cortou um galho de árvore, jogou no lugar e o machado boiou. ⁷Eliseu disse: “Pegue o machado”. O homem estendeu a mão e pegou o machado. [6,1-7]

O profeta na vida política — ⁸O rei de Aram estava em guerra contra Israel. Numa reunião com seus oficiais, ele determinou: “Vamos fazer uma emboscada em tal lugar”. ⁹Mas Eliseu mandou dizer ao rei de Israel: “Cuidado com o tal lugar, porque os arameus estão acampados aí”. ¹⁰O rei de Israel mandou seus homens para o lugar que Eliseu lhe havia indicado. Eliseu avisava, e o rei tomava precauções. E isso aconteceu várias vezes.

¹¹O rei de Aram ficou perplexo com isso, convocou seus oficiais e perguntou:

“Digam-me! Quem dos nossos está nos traindo junto ao rei de Israel?” ¹²Um dos oficiais respondeu: “Não é nenhum de nós, senhor meu rei. É Eliseu, profeta de Israel, que revela ao rei de Israel até as palavras que o senhor diz no quarto de dormir”. ¹³Então o rei ordenou: “Vejam onde ele está, que eu o mandarei prender”. Então informaram: “Eliseu está em Datã”. ¹⁴O rei mandou para lá cavalaria, carros e poderosa tropa, que chegaram de noite e cercaram a cidade.

¹⁵No dia seguinte, Eliseu madrugou para sair, e viu que um exército estava cercando a cidade, com cavalos e carros. Seu servo lhe disse: “Meu senhor, o que vamos fazer?” ¹⁶Eliseu respondeu: “Não tenha medo. Os que estão conosco são mais numerosos que eles”. ¹⁷E Eliseu rezou: “Javé, abre os olhos do meu servo, para que ele possa enxergar”. Javé abriu os olhos do servo, e ele viu a montanha cheia de cavalaria e carros de fogo em torno de Eliseu.

¹⁸Quando os arameus desceram contra ele, Eliseu pediu a Javé: “Atrapalha a vista desse pessoal”. E Javé atrapalhou a vista deles, conforme Eliseu havia pedido. ¹⁹Então Eliseu disse para eles: “Não é este o caminho, nem a cidade certa. Sigam-me, e eu os levarei ao homem que vocês estão procurando”. E os levou para Samaria. ²⁰Quando entraram em Samaria, Eliseu pediu: “Javé, abre os olhos deles, para que enxerguem bem”. Javé abriu os olhos deles, e eles começaram a enxergar: estavam no centro de Samaria!

²¹Ao vê-los, o rei de Israel perguntou: “Devo matá-los, meu pai?” ²²Ele respondeu: “Não os mate. Será que você iria matar gente que você não aprisionou com sua espada e seu arco? Dê-lhes pão e água, para que comam e bebam, e depois voltem para o seu senhor”. ²³O rei lhes preparou um grande banquete. Eles comeram e beberam. Depois o rei os despediu, e eles voltaram para o seu senhor. E os bandos arameus não fizeram mais incursões no território israelita. [8-23]

A salvação vem através dos marginalizados — ²⁴Tempos depois, Ben-Adad, rei de Aram, reuniu todo o seu exército e cercou a cidade de Samaria. ²⁵Então houve grande fome em Samaria, e o cerco foi tão duro que um jumento chegou a valer novecentos gramas de prata, e sessenta gramas de raízes custavam sessenta gramas de prata. ²⁶O rei de Israel estava passando pela muralha, e uma mulher gritou para ele: “Socorro, senhor meu rei”. ²⁷Ele respondeu: “Se Javé não socorre você, onde vou achar auxílio para salvá-la? Na eira ou no lagar?” ²⁸Depois o rei perguntou: “O que está acontecendo?” Ela respondeu: “Esta

mulher aqui me disse: ‘Traga o seu filho aqui para o comermos hoje; amanhã comeremos o meu’. ²⁹Nós cozinhamos o meu filho e o comemos. No dia seguinte, eu disse a ela: ‘Agora entregue seu filho para nós o comermos’. Mas ela escondeu o filho dela”. ³⁰Quando o rei ouviu o que a mulher dizia, rasgou as próprias roupas. Aconteceu que o rei estava andando sobre a muralha, e todos puderam ver que ele estava usando um cilício. ³¹Então o rei disse: “Que Deus me castigue se Eliseu, filho de Safat, ainda hoje estiver com a cabeça em cima dos ombros”.

³²Enquanto isso, Eliseu estava sentado em casa com os anciãos. O rei mandou um mensageiro na frente. Mas, antes que este chegasse, Eliseu disse aos anciãos: “Vocês vão ver como esse assassino mandou alguém para cortar a minha cabeça! Cuidado! Quando ele chegar, tranquem a porta e não o deixem passar. Não será o barulho dos passos do senhor dele que vem logo atrás?” ³³Eliseu ainda estava falando com eles, quando o rei chegou e disse: “Essa desgraça vem de Javé! O que mais posso esperar de Javé?”

7¹Eliseu respondeu: “Escutem a palavra de Javé: Assim diz Javé: Amanhã, nesta mesma hora, na porta de Samaria, uma arroba de flor de farinha vai custar onze gramas de prata, e duas arrobas de cevada valerão onze gramas”. ²O escudeiro, no qual o rei se apoiava, disse a Eliseu: “Mesmo que Javé abrisse janelas no céu, seria possível acontecer isso?” Eliseu respondeu: “Você verá com seus próprios olhos, mas não vai comer nada”.

³Quatro leprosos que estavam na entrada da cidade comentaram entre si: “Por que ficar aqui esperando a morte? ⁴Se resolvermos entrar na cidade, morreremos, porque aí reina a fome. Se ficarmos aqui, vamos morrer do mesmo jeito. Então vamos para o lado do acampamento dos arameus: se nos deixarem viver, viveremos; se eles nos matarem, morreremos”. ⁵Ao cair da tarde, eles foram para o acampamento dos arameus e percorreram todo o acampamento. Não havia ninguém aí. ⁶O Senhor havia feito escutar, no acampamento dos arameus, barulho de carros, de cavalos e de grande exército. Então os arameus disseram. “O rei de Israel deve ter contratado os reis heteus e os reis do Egito para nos atacar!” ⁷Ao anoitecer, eles se levantaram e fugiram, abandonando tendas, cavalos, jumentos, e deixando o acampamento como estava. Eles fugiram para salvar a vida.

⁸Depois de percorrer o acampamento, os leprosos entraram numa tenda, onde comeram e beberam. Em seguida, pegaram prata, ouro e roupas, e esconderam

tudo. Voltaram, entraram em outra tenda, pegaram tudo o que encontraram e levaram para o esconderijo. ⁹Então comentaram: “Não estamos agindo certo. Hoje é um dia de boas notícias e nós estamos calados! Se esperarmos até amanhã de manhã, seremos castigados. Vamos levar a notícia ao palácio do rei”. ¹⁰Eles foram, chamaram os porteiros da cidade e informaram: “Fomos ao acampamento dos arameus: lá não há ninguém, não se ouve a voz de ninguém; há somente cavalos e jumentos amarrados, e as tendas estão abandonadas!” ¹¹Os porteiros gritaram para dentro e informaram o palácio do rei. ¹²Então o rei se levantou à noite e disse a seus oficiais: “Vou explicar a vocês o que os arameus estão tramando contra nós. Eles sabem que estamos passando fome. Por isso, eles saíram do acampamento para se esconder no campo. Estão imaginando o seguinte: ‘Eles vão sair da cidade. Então nós os prenderemos vivos e entraremos na cidade’ ”. ¹³Um dos oficiais sugeriu: “Vamos pegar cinco dos cavalos que estão vivos. O máximo que pode acontecer com eles, é o que já está acontecendo com toda a multidão de Israel que resta na cidade. Essa multidão de Israel que está morrendo. Vamos mandá-los e ver o que acontece!” ¹⁴Então tomaram dois carros com os cavalos, e o rei os mandou atrás do exército dos arameus, dizendo: “Vão lá e vejam”. ¹⁵Eles foram até o rio Jordão e viram que todo o caminho estava cheio de roupas e objetos que os arameus, cheios de pavor, tinham abandonado. Os mensageiros voltaram e contaram tudo ao rei. ¹⁶Então o povo saiu e saqueou o acampamento dos arameus. E uma arroba de flor de farinha passou a custar onze gramas de prata, e duas arrobas de cevada custavam onze gramas, conforme a palavra de Javé.

¹⁷O rei tinha posto como guarda da porta o seu escudeiro, no qual se apoiava. O povo pisoteou o escudeiro junto à porta, e ele morreu, como o homem de Deus havia predito. De fato, ele havia predito isso quando o rei fora até ele. ¹⁸O homem de Deus tinha dito ao rei: “Amanhã, nesta mesma hora, na porta de Samaria, duas arrobas de cevada vão custar onze gramas de prata, e uma arroba de flor de farinha custará onze gramas”. ¹⁹E o escudeiro havia perguntado ao homem de Deus: “Mesmo que Javé abrisse janelas no céu, seria possível acontecer isso?” Eliseu respondera: “Você verá isso com seus próprios olhos, mas não vai comer nada”. ²⁰Foi justamente o que aconteceu: o povo pisoteou o escudeiro na porta, e ele morreu. [6,24-7,20]

8 *Memória e influência do profeta* — ¹Eliseu disse à mulher, cujo filho ele havia feito reviver: “Pode partir com sua família e vá morar onde você puder,

no estrangeiro, porque Javé mandou a fome, que já está chegando ao país, e vai durar sete anos”. ²A mulher foi e fez o que o homem de Deus tinha mandado: partiu com sua família e morou sete anos no território dos filisteus. ³Passados sete anos, ela voltou da terra dos filisteus, e foi reclamar junto ao rei sobre sua casa e seu terreno.

⁴O rei estava conversando com Giezi, servo do homem de Deus. Ele dizia: “Conte-me todas as grandes coisas que Eliseu fez”. ⁵Giezi estava contando ao rei a ressurreição do menino morto, quando a mulher, cujo filho Eliseu havia ressuscitado, chegou para reclamar junto ao rei sobre sua casa e seu terreno. Giezi disse: “Senhor meu rei, essa é a mulher e esse é o seu menino, que Eliseu ressuscitou”. ⁶O rei interrogou a mulher e ela contou o acontecido. Então o rei mandou que um funcionário a acompanhasse. E ordenou: “Seja restituído a essa mulher tudo o que lhe pertence e todos os rendimentos do terreno, desde o dia em que ela deixou o país até hoje”. [8,1-6]

O profeta sabe discernir — ⁷Eliseu foi a Damasco, quando Ben-Adad, o rei de Aram, estava doente. Informaram o rei: “O homem de Deus está aqui”. ⁸Então o rei ordenou a Hazael: “Tome um presente, vá encontrar-se com o homem de Deus e consulte Javé por meio dele, para saber se vou ficar curado desta doença”. ⁹Hazael foi encontrar-se com Eliseu, levando como presente uma carga de quarenta camelos carregados de tudo o que havia de melhor em Damasco. Chegando à presença de Eliseu, disse: “Seu filho Ben-Adad, rei de Aram, mandou perguntar ao senhor se ele vai ficar bom da doença”. ¹⁰Eliseu respondeu: “Diga ao rei que ele poderá ficar bom. No entanto, Javé me mostrou que ele certamente vai morrer”. ¹¹Nesse momento, Eliseu ficou com o rosto imóvel e o olhar fixo. E o homem de Deus começou a chorar. ¹²Hazael perguntou: “Por que é que o senhor está chorando?” Eliseu respondeu: “Porque eu sei o mal que você fará aos israelitas: você vai incendiar as fortalezas, passar a fio de espada os jovens, esmagar as crianças e rasgar o ventre das mulheres grávidas!” ¹³Hazael perguntou: “Mas quem é este seu servo? Eu não passo de um cão. Como poderia eu fazer essas coisas?” Eliseu respondeu: “Javé me mostrou numa visão que você será o rei de Aram”. ¹⁴Hazael deixou Eliseu e voltou para o seu senhor. Este perguntou: “O que foi que Eliseu disse?” Hazael respondeu: “Ele disse que o senhor poderia ficar curado”. ¹⁵No dia seguinte, Hazael pegou uma coberta, a encharcou de água e a colocou sobre o rosto de Ben-Adad, até que ele morreu. E Hazael reinou no lugar dele. [7-15]

Jorão em Judá: reino em decadência — ¹⁶Jorão, filho de Josafá, subiu ao trono de Judá no quinto ano do reinado de Jorão, filho de Acab, rei de Israel. ¹⁷Ele tinha trinta e dois anos quando subiu ao trono. E reinou oito anos em Jerusalém. ¹⁸Imitou o comportamento dos reis de Israel, como a família de Acab havia feito. Isso porque ele se casou com uma mulher da família de Acab; e fez o que Javé reprova. ¹⁹Javé, porém, não quis destruir Judá, por causa do seu servo Davi, pois havia prometido a ele deixar sempre uma lâmpada em sua presença.

²⁰No tempo de Jorão, rei de Judá, Edom conseguiu libertar-se do domínio de Judá e formar um reino independente. ²¹Jorão foi a Seira com todos os seus carros. Levantou-se de noite e, embora tivesse derrotado o exército edomita que o cercava e todos os seus comandantes de carros, a tropa de Jorão debandou e fugiu para suas tendas. ²²Desse modo, Edom se tornou independente de Judá até hoje. Também foi nessa época que Lebna se rebelou.

²³O resto da história de Jorão, e do que ele fez, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Judá. ²⁴Jorão morreu e foi enterrado com seus antepassados na Cidade de Davi. E seu filho Ocozias lhe sucedeu no trono. [\[16-24\]](#)

Ocozias em Judá: parentesco e aliança — ²⁵Ocozias, filho de Jorão, subiu ao trono de Judá no ano doze do reinado de Jorão, rei de Israel, filho de Acab. ²⁶Começou a reinar com vinte e dois anos. E reinou um ano em Jerusalém. Sua mãe se chamava Atalia e era filha de Amri, rei de Israel. ²⁷Ocozias imitou o comportamento da família de Acab e, como esta, fez o que Javé reprova, pois era parente dessa família.

²⁸Junto com Jorão, filho de Acab, Ocozias foi lutar em Ramot de Galaad contra Hazael, rei de Aram. Mas os arameus feriram Jorão, ²⁹que voltou para Jezrael, a fim de tratar dos ferimentos que recebera dos arameus em Ramot, ao lutar contra Hazael, rei de Aram. Ocozias, filho de Jorão, rei de Judá, foi a Jezrael para visitar Jorão, filho de Acab, que estava ferido. [\[25-29\]](#)

9 O profeta faz política — ¹O profeta Eliseu chamou um dos irmãos profetas, e lhe ordenou: “Prepare-se, pegue esta vasilha de azeite e vá para Ramot de Galaad. ²Ao chegar, procure Jeú, filho de Josafá, neto de Namsi. Quando você o encontrar, chame-o do meio de seus companheiros e leve-o até um aposento separado. ³Pegue então a vasilha e derrame o azeite sobre a cabeça dele, dizendo: ‘Assim diz Javé: Estou ungindo você como rei de Israel’. Depois abra a

porta e fuja depressa”.

⁴O jovem foi para Ramot de Galaad. ⁵Ao chegar, encontrou os chefes do exército reunidos. E disse: “Chefe, tenho uma mensagem para você”. Jeú perguntou: “Para qual de nós?” O jovem respondeu: “Para você, chefe”. ⁶Jeú se levantou e entrou no aposento. Então o jovem derramou o azeite sobre a cabeça dele, e disse: “Assim diz Javé, o Deus de Israel: Estou ungindo você como rei de Israel, o povo de Javé. ⁷Elimine a família de Acab, seu senhor, e eu vingarei o sangue de meus servos, os profetas, e de todos os servos de Javé, contra Jezabel ⁸e contra toda a família de Acab. Eliminarei de Israel todos os homens da família de Acab, seja escravo, seja livre. ⁹Tratarei a família de Acab como tratei a família de Jeroboão, filho de Nabat, e a família de Baasa, filho de Aías. ¹⁰Jezabel será devorada pelos cães no campo de Jezrael, e ninguém a enterrará”. Depois disso, o jovem abriu a porta e fugiu.

¹¹Jeú saiu para se reunir com os oficiais de seu senhor, e estes lhe perguntaram: “Está tudo bem? O que é que esse louco estava querendo?” Jeú respondeu: “Vocês conhecem bem esse homem e seu tipo de conversa”. ¹²Eles, porém, insistiram: “Vamos lá! Conte o que houve”. Jeú respondeu: “Ele me disse o seguinte: ‘Assim diz Javé: Estou ungindo você como rei de Israel’ ”. ¹³Imediatamente todos pegaram seus mantos e os estenderam sobre os degraus, aos pés de Jeú. Depois tocaram a trombeta e aclamaram: “Jeú é rei”. [9,1-13]

Jeú e a vingança de um povo — ¹⁴Jeú, filho de Josafá e neto de Namsi, organizou uma conspiração contra Jorão. Ora, Jorão estava com todo o Israel defendendo Ramot de Galaad contra um ataque de Hazael, rei de Aram. ¹⁵O rei Jorão, porém, tinha voltado a Jezrael para se tratar dos ferimentos que recebera dos arameus na guerra contra Hazael, rei de Aram.

Jeú disse aos chefes: “Se vocês estão de acordo, não deixem ninguém sair da cidade para levar a notícia a Jezrael”. ¹⁶Então Jeú subiu num carro e partiu para Jezrael. Jorão estava aí, de cama, e Ocozias, rei de Judá, tinha ido visitá-lo. ¹⁷A sentinela, que estava na torre de Jezrael, viu o grupo de Jeú se aproximando, e disse: “Estou vendo uma tropa”. Jorão ordenou: “Chame um cavaleiro e o mande ao encontro deles para perguntar se estão trazendo boas notícias”. ¹⁸O cavaleiro foi ao encontro de Jeú, e disse: “O rei manda perguntar se vocês trazem boas notícias”. Jeú respondeu: “O que importam para você as boas notícias? Siga-me”. A sentinela anunciou: “O mensageiro chegou até eles, mas não está

voltando”. ¹⁹Então o rei mandou outro cavaleiro, que foi até Jeú e disse: “O rei manda perguntar se vocês trazem boas notícias”. Jeú respondeu: “O que importam para você as boas notícias? Siga-me”. ²⁰A sentinela anunciou: “O mensageiro chegou até eles, mas não está voltando. Pelo jeito de guiar o carro, deve ser Jeú, neto de Namsi. Ele vem guiando como um doido!” ²¹Jorão disse: “Preparem o meu carro”. O carro foi preparado, e Jorão, rei de Israel, e Ocozias, rei de Judá, cada qual no seu carro, saíram ao encontro de Jeú e se encontraram com ele na propriedade de Nabot de Jezrael. ²²Ao ver Jeú, Jorão perguntou: “Está tudo bem, Jeú?” Este respondeu: “Como pode estar tudo bem, se continuam as prostituições de sua mãe Jezabel e as inúmeras magias?” ²³Então Jorão virou o carro e fugiu, gritando para Ocozias: “É traição, Ocozias!” ²⁴Jeú, porém, já havia esticado o arco, e atingiu Jorão no meio das costas. A flecha varou o coração de Jorão, e ele caiu no carro. ²⁵Jeú ordenou para seu escudeiro Badacer: “Tire e jogue-o no terreno que pertencia a Nabot de Jezrael. Você se lembra quando nós dois estávamos juntos num carro perseguindo Acab, o pai dele? Javé pronunciou então esta sentença contra ele: ²⁶‘Ontem à tarde eu vi o sangue de Nabot e dos filhos dele, oráculo de Javé. Farei você pagar neste mesmo terreno, oráculo de Javé’. Agora, portanto, tire Jorão e jogue-o neste terreno, conforme a palavra de Javé”.

²⁷Vendo isso, Ocozias, rei de Judá, fugiu pelo caminho de Bet-Gã. Jeú o perseguiu e gritou: “Matem Ocozias também”. E ele foi ferido no seu carro, na subida de Gaver, perto de Jeblaam. Refugiou-se em Meguido, onde morreu. ²⁸E foi levado num carro pelos seus servos para Jerusalém e enterrado no seu túmulo, juntamente com seus antepassados, na Cidade de Davi. ²⁹Ocozias tinha subido ao trono de Judá no ano onze do reinado de Jorão, filho de Acab.

³⁰Jeú foi para Jezrael. Ao saber disso, Jezabel pintou os olhos, enfeitou a cabeça e ficou na janela. ³¹Quando Jeú atravessou a porta da cidade, ela perguntou: “Está tudo bem, ó Zambri, assassino do seu senhor?” ³²Jeú olhou para a janela e disse: “Quem está comigo?” Dois ou três funcionários disseram que estavam do lado dele. ³³Então Jeú ordenou: “Joguem essa mulher para baixo”. Eles a jogaram. E o sangue dela espirrou na parede e nos cavalos, que a pisotearam. ³⁴Em seguida, Jeú entrou, comeu e bebeu. Depois disse: “Vão ver aquela maldita e a enterrem, pois é filha de rei”. ³⁵Mas, quando chegaram para enterrá-la, só encontraram o crânio, os pés e as mãos. ³⁶Foram contar a Jeú, e ele disse: “Esta foi a palavra que Javé pronunciou por meio de seu servo Elias, o

tesbita: No campo de Jezrael, os cães devorarão a carne de Jezabel, ³⁷e o cadáver de Jezabel será como esterco espalhado pelo campo de Jezrael, de modo que não se poderá reconhecer que é Jezabel!” [14-37]

10 *Exterminando a idolatria* — ¹Em Samaria havia setenta filhos de Acab. Jeú escreveu cartas, e as enviou para Samaria aos chefes da cidade, aos anciãos e tutores dos filhos de Acab. As cartas diziam: ²“Quando esta carta chegar, vocês, que estão com os filhos do seu senhor e possuem carros e cavalos, cidade fortificada e armas, ³escolham o melhor e o mais digno dos filhos do seu senhor e o coloquem no trono do pai. Depois lutem pela família do senhor de vocês!” ⁴Eles, porém, ficaram com muito medo, e disseram: “Se dois reis não puderam resistir a Jeú, como é que nós vamos conseguir?” ⁵Então o prefeito do palácio, o comandante da cidade, os anciãos e os tutores mandaram dizer a Jeú: “Somos seus servos. Faremos o que você mandar. Não vamos escolher nenhum rei. Faça o que você achar melhor”. ⁶Jeú escreveu outra carta, dizendo: “Se vocês estão do meu lado e querem me escutar, façam o seguinte: peguem os cabeças dentre os homens da família do seu senhor e venham aqui em Jezrael, amanhã, nesta mesma hora”. Setenta filhos do rei moravam nas casas dos notáveis da cidade, onde eram educados. ⁷Quando a carta chegou, eles pegaram os filhos do rei, degolaram os setenta, puseram as cabeças dentro de cestos e mandaram para Jezrael. ⁸Um mensageiro anunciou a Jeú: “Eles trouxeram as cabeças dos filhos do rei”. Jeú ordenou: “Façam com as cabeças dois montes na entrada, junto à porta da cidade, e deixem aí até amanhã de manhã”. ⁹E de manhã, Jeú saiu, e em pé falou a todo o povo: “Vocês são inocentes! De fato, eu conspirarei contra meu senhor e o matei. Mas esses outros aqui, quem foi que os matou? ¹⁰Pois fiquem sabendo que não ficará sem se cumprir nenhuma palavra que Javé pronunciou contra a família de Acab. Javé realizou o que havia dito por meio do seu servo Elias”. ¹¹E Jeú matou também todos os que restavam da família de Acab em Jezrael: notáveis, parentes e sacerdotes. Não sobrou nenhum.

¹²Jeú foi para Samaria. No caminho, em Curral dos Pastores, ¹³encontrou parentes de Ocozias, rei de Judá, e perguntou: “Quem são vocês?” Eles responderam: “Somos parentes de Ocozias e estamos indo visitar os filhos do rei e os filhos da rainha-mãe”. ¹⁴Jeú ordenou: “Prendam vivos esses homens”. Eles foram presos vivos e depois degolados no poço de Curral. Eram quarenta e dois, e não sobrou nenhum.

¹⁵Saindo daí, Jeú se encontrou com Jonadab, filho de Recab, que vinha ao seu encontro, o cumprimentou e lhe disse: “Você é leal para mim como eu sou para você?” Jonadab respondeu: “Sou”. Jeú replicou: “Então me dê a mão”. Jonadab estendeu-lhe a mão, e Jeú o fez subir ao seu lado no carro, ¹⁶dizendo: “Venha comigo, que você verá o zelo que eu tenho por Javé”. E o levou no carro. ¹⁷Ao entrar em Samaria, mandou matar todos os sobreviventes da família de Acab que estavam em Samaria. Exterminou toda a família de Acab, como Javé tinha dito a Elias.

¹⁸Jeú reuniu todo o povo e falou: “Acab tinha servido pouco a Baal. Jeú vai servi-lo muito mais. ¹⁹Agora, portanto, chamem todos os profetas de Baal, todos os seus fiéis e sacerdotes. Ninguém deve faltar, pois quero oferecer um grande sacrifício a Baal. Quem faltar, morrerá”. Jeú agiu com astúcia para acabar com os fiéis de Baal. ²⁰Jeú ordenou: “Convoquem uma festa solene em honra de Baal”. E eles convocaram. ²¹Jeú enviou mensageiros para todo o Israel, e todos os fiéis de Baal se apresentaram. Ninguém faltou. Foram para o templo de Baal, que ficou lotado. ²²Jeú ordenou ao guarda do vestiário: “Traga vestes para todos os fiéis de Baal”. E o guarda trouxe vestes para todos. ²³Jeú e Jonadab, filho de Recab, foram para o templo. E Jeú disse aos fiéis de Baal: “Vejam bem se aqui há somente devotos de Baal, e não de Javé”.

²⁴Então Jeú se aproximou para oferecer sacrifícios e holocaustos. Jeú, porém, tinha colocado do lado de fora oitenta homens, com esta ordem: “Quem deixar escapar uma só dessas pessoas que eu vou entregar a vocês pagará com a própria vida”. ²⁵Quando terminou de oferecer o holocausto, Jeú ordenou aos guardas e escudeiros: “Entrem e matem todos. Não deixem ninguém sair”. Os guardas e escudeiros mataram todos e os atiraram para fora. Depois voltaram ao templo de Baal, ²⁶arrancaram o poste sagrado do templo e o queimaram. ²⁷Derrubaram a estela de Baal, demoliram o templo de Baal e no lugar construíram latrinas, que até hoje estão aí.

²⁸Jeú fez Baal desaparecer de Israel. ²⁹Somente não se afastou dos pecados que Jeroboão, filho de Nabat, tinha feito Israel cometer: os bezerros de ouro que estavam em Betel e Dã. ³⁰Javé disse a Jeú: “Porque você agiu bem, fazendo o que eu aprovo, e tratou a família de Acab como eu queria, os seus filhos sentarão no trono de Israel até a quarta geração”. ³¹Jeú, porém, não se preocupou em seguir de todo o coração a lei de Javé, o Deus de Israel. Ele não se afastou dos pecados que Jeroboão tinha feito Israel cometer.

³²Nessa época, Javé retalhou o território de Israel. Hazael venceu Israel em todas as fronteiras, ³³a partir do rio Jordão, ao Oriente. E se apossou de todo o território de Galaad, de Gad, de Rúben, de Manassés, desde Aroer, junto ao rio Arnon, assim como Galaad e Basã.

³⁴O resto da história de Jeú, e do que ele fez, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Israel. ³⁵Jeú morreu e foi enterrado em Samaria. E seu filho Joacaz lhe sucedeu no trono. ³⁶Jeú reinou vinte e oito anos sobre Israel, em Samaria. [10,1-36]

11 *Atalia em Judá: fim do arbútrio* — ¹Quando Atalia, mãe de Ocozias, soube que seu filho estava morto, resolveu acabar com a descendência real. ²Josaba, filha do rei Jorão e irmã de Ocozias, conseguiu salvar seu sobrinho Joás dentre os filhos do rei que estavam sendo massacrados. Levou o menino, com a ama dele, para o quarto dos leitos, escondendo-o de Atalia. Assim, Joás escapou da morte. ³E Joás, com sua ama, ficou seis anos escondido no Templo de Javé, enquanto Atalia reinava no país.

⁴No sétimo ano, Joiada mandou chamar os oficiais dos mercenários e os guardas. E os reuniu no Templo de Javé. Aí concluiu uma aliança com eles, fez com que prestassem juramento e, então, mostrou-lhes o filho do rei. ⁵Em seguida, ordenou-lhes: “Vocês vão fazer o seguinte: Um terço de vocês, que entra em serviço no sábado para montar guarda no palácio real, ⁶os que ficam na porta de Sur e os que ficam na porta atrás dos guardas, montarão guarda no Templo para controlar a entrada. ⁷Os outros dois grupos, que não trabalham no sábado, montarão guarda no Templo de Javé, junto ao rei. ⁸Façam em torno do rei um círculo, com armas em punho. Matem todo aquele que quiser forçar as fileiras. E fiquem sempre junto do rei, aonde quer que ele vá”.

⁹Os oficiais fizeram como o sacerdote Joiada tinha mandado. Cada um deles reuniu seus homens, tanto os que entravam em serviço no sábado como os que saíam, e foram até o sacerdote Joiada. ¹⁰O sacerdote entregou aos oficiais as lanças e escudos do rei Davi, que estavam no Templo de Javé. ¹¹De armas em punho, os guardas tomaram seus lugares, desde o ângulo sul até o ângulo norte do Templo, rodeando o altar e o Templo, para proteger o rei. ¹²Então Joiada pediu para o rei sair, colocou nele a coroa e entregou-lhe o documento da aliança. Joás foi proclamado rei e ungido. Todos aplaudiram, aclamando: “Viva o rei!”

¹³Ouvindo os gritos do povo, Atalia foi ao encontro do povo no Templo de

Javé. ¹⁴Mas quando viu o rei de pé no estrado, segundo o costume, os oficiais e os tocadores de trombeta junto ao rei, todo o povo da terra gritando de alegria e tocando trombeta, ela rasgou a roupa e disse: “Traição, traição!” ¹⁵Então o sacerdote Joiada ordenou aos oficiais das tropas: “Arrastem Atalia para fora, por entre as fileiras. Se alguém a seguir, passem a fio de espada”. O sacerdote, de fato, havia dito: “Não a matem dentro do Templo de Javé”. ¹⁶Agarraram Atalia e, chegando ao palácio real, na entrada da porta dos Cavalos, aí a mataram.

¹⁷Joiada selou, entre Javé e o rei com o povo, a aliança, pela qual este se comprometia a ser o povo de Javé. Selou também contrato entre o rei e o povo.

¹⁸Em seguida, todo o povo da terra foi até o templo de Baal e o arrasou: demoliram os altares e as imagens e, diante dos altares, executaram Matã, sacerdote de Baal. O sacerdote Joiada colocou guardas no Templo de Javé.

¹⁹Depois reuniu os oficiais, os mercenários, os guardas e todo o povo da terra. Fizeram o rei sair do Templo de Javé e o levaram ao palácio real pela porta dos Guardas. E Joás sentou-se no trono dos reis. ²⁰Todo o povo da terra festejou, e a cidade ficou tranquila, porque Atalia tinha sido morta pela espada no palácio real. [11,1-20]

12 *Joás em Judá: importância do Templo* — ¹Joás tinha sete anos quando começou a reinar. ²Ele subiu ao trono no sétimo ano de Jeú. E reinou quarenta anos em Jerusalém. Sua mãe se chamava Sebias e era natural de Bersabeia. ³Durante toda a sua vida, Joás fez o que Javé aprova, pois tinha sido educado pelo sacerdote Joiada. ⁴Contudo, os lugares altos não desapareceram, e o povo continuou a oferecer sacrifícios e a queimar incenso nos lugares altos.

⁵Joás disse aos sacerdotes: “Todo o dinheiro das ofertas sagradas oferecido ao Templo de Javé, o dinheiro que circula, o dinheiro das taxas individuais, o dinheiro das ofertas voluntárias, tudo seja levado para o Templo de Javé. ⁶Que os sacerdotes o recolham da mão de seus conhecidos, para fazer as reformas necessárias no Templo”. ⁷Aconteceu que, no ano vinte e três do reinado de Joás, os sacerdotes ainda não tinham feito as reformas necessárias no Templo de Javé.

⁸O rei Joás mandou chamar o sacerdote Joiada e os outros sacerdotes, e lhes perguntou: “Por que vocês não fizeram a reforma do Templo? De agora em diante, vocês não ficarão mais com o dinheiro entregue pelos seus conhecidos; vocês têm que entregá-lo para a reforma do Templo”. ⁹Os sacerdotes concordaram em não receber dinheiro do povo, e não serem mais os encarregados da reforma do Templo.

¹⁰Então o sacerdote Joiada pegou um cofre, fez um buraco na tampa e o colocou junto do altar, no lado direito de quem entra no Templo de Javé. E os sacerdotes porteiros depositavam aí todo o dinheiro que era levado para o Templo. ¹¹Quando eles viam que havia muito dinheiro no cofre, o secretário do rei e o sumo sacerdote iam, recolhiam e contavam o dinheiro que havia no Templo de Javé. ¹²Depois de ter conferido o dinheiro, eles o entregavam aos mestres de obras encarregados do Templo de Javé. Estes utilizavam o dinheiro para pagar carpinteiros e construtores que trabalhavam no Templo de Javé, ¹³pedreiros e escultores, e também para comprar madeira e pedra utilizadas na restauração do Templo de Javé. ¹⁴Com esse dinheiro oferecido para o Templo de Javé, não se faziam taças de prata, facas, bacias para aspersão, trombetas, nem objetos de ouro ou prata. ¹⁵O dinheiro era entregue aos mestres de obras, que o usavam na reforma do Templo de Javé. ¹⁶Nem se pediam contas aos homens que recebiam o dinheiro para pagar os operários, porque eles agiam com honestidade. ¹⁷Contudo, o dinheiro oferecido para os sacrifícios de reparação e os sacrifícios pelo pecado não era destinado para o Templo de Javé, mas para os sacerdotes.

¹⁸Hazael, rei de Aram, depois de fazer guerra contra Gat e tomá-la, resolveu subir para atacar Jerusalém. ¹⁹Então Joás, rei de Judá, pegou os objetos que seus antepassados, Josafá, Jorão e Ocozias, reis de Judá, haviam consagrado, e que ele próprio havia consagrado, todo o ouro que existia nos tesouros do Templo de Javé e no palácio real; pegou tudo isso e entregou a Hazael, rei de Aram. Então este se retirou de Jerusalém.

²⁰O resto da história de Joás, e do que ele fez, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Judá. ²¹Seus oficiais se rebelaram e o traíram: Joás foi morto em Bet-Melo, na descida do aterro. ²²Foram seus oficiais Jozacar, filho de Semaat, e Jozabad, filho de Somer, que o feriram de morte. Joás foi enterrado com seus antepassados na Cidade de Davi. E seu filho Amasias lhe sucedeu no trono. [12,1-22]

13 *Joacaz em Israel: promessa de um libertador* — ¹Joacaz, filho de Jeú, começou a reinar sobre Israel, em Samaria, no ano vinte e três do rei Joás, filho de Ocozias, rei de Judá. Ele reinou dezessete anos. ²Fez o que Javé reprova: imitou os pecados que Jeroboão, filho de Nabat, havia feito Israel cometer, e não os eliminou. ³Por isso, a ira de Javé se inflamou contra Israel e, durante todo esse período, o tornou submisso a Hazael, rei de Aram, e a Ben-

Adad, filho de Hazael. ⁴Então Joacaz implorou a Javé, e Javé o escutou, porque viu como o rei de Aram oprimia Israel. ⁵Javé deu a Israel um libertador, que o libertou do poder de Aram. E os israelitas puderam morar em suas tendas, como antes. ⁶Não se afastaram, porém, dos pecados que Jeroboão tinha feito Israel cometer. Continuaram a cometê-los. Até o poste sagrado continuou erguido em Samaria. ⁷Foi por isso que Javé deixou para Joacaz somente cinquenta cavaleiros, dez carros e dez mil soldados de infantaria. O rei de Aram os havia exterminado e reduzido à poeira da estrada.

⁸O resto da história de Joacaz, do que ele fez e suas façanhas, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Israel. ⁹Joacaz morreu e foi enterrado em Samaria. E seu filho Joás lhe sucedeu no trono. [13,1-9]

Joás em Israel: o mal continua — ¹⁰Joás, filho de Joacaz, começou a reinar sobre Israel, em Samaria, no ano trinta e sete de Joás, rei de Judá. Ele reinou dezesseis anos. ¹¹Fez o que Javé reprova, e não se afastou dos pecados que Jeroboão, filho de Nabat, havia feito Israel cometer, e continuou a praticá-los.

¹²O resto da história de Joás, do que ele fez e suas façanhas, a guerra que ele moveu contra Amasias, rei de Judá, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Israel. ¹³Joás foi se juntar a seus antepassados. E Jeroboão lhe sucedeu no trono. Joás foi enterrado em Samaria, com os reis de Israel. [10-13]

A ação profética não para — ¹⁴Quando Eliseu pegou a doença que o levaria à morte, Joás, rei de Israel, foi visitá-lo. E chorou sobre ele, dizendo: “Meu pai, meu pai! Carro e cavalaria de Israel!” ¹⁵Eliseu disse: “Vá buscar o arco e algumas flechas”. Joás foi buscar o arco e algumas flechas. ¹⁶Então Eliseu ordenou ao rei: “Segure o arco”. E Joás segurou o arco. Eliseu pôs as mãos sobre as mãos do rei, ¹⁷e disse: “Abra a janela do lado do Oriente”. E o rei abriu a janela. Eliseu ordenou: “Atire”. E Joás atirou. Eliseu exclamou: “Flecha vitoriosa para Javé! Flecha vitoriosa contra Aram! Você vencerá Aram em Afec até eliminá-lo”. ¹⁸E continuou: “Pegue as flechas”. Joás pegou as flechas. Eliseu ordenou ao rei: “Golpeie o chão”. O rei disparou três flechas, e parou. ¹⁹O homem de Deus ficou irritado contra o rei e disse: “Você deveria ter disparado cinco ou seis flechas! Então você derrotaria Aram até eliminá-lo. Mas agora, você vencerá Aram somente três vezes!”

²⁰Eliseu morreu e foi enterrado. Todos os anos, bandos moabitas faziam

incursões no país. ²¹Certa vez, alguns homens que estavam enterrando um morto avistaram um desses bandos. Jogaram o corpo dentro do túmulo de Eliseu e foram embora. Aconteceu que o corpo, tocando os ossos de Eliseu, reviveu e se colocou de pé.

²²Hazael, rei de Aram, oprimiu os israelitas durante todo o tempo em que Joacaz viveu. ²³Javé, porém, teve piedade e se compadeceu deles. Voltou-se para eles, por causa da aliança que tinha feito com Abraão, Isaac e Jacó, e ainda não quis destruí-los, nem os afastou de sua presença. ²⁴Hazael, rei de Aram, morreu. E seu filho Ben-Adad subiu ao trono em seu lugar. ²⁵Então Joás, filho de Joacaz, retomou do poder de Ben-Adad, filho de Hazael, as cidades que Hazael tinha arrebatado de seu pai Joacaz durante a guerra. Joás venceu três vezes os arameus, e reconquistou as cidades de Israel. [14-25]

VII. FIM DO REINO DE ISRAEL

14 *Amasias em Judá: progresso na legislação* — ¹Amasias, filho de Joás, começou a reinar em Judá no segundo ano do rei Joás, filho de Joacaz, rei de Israel. ²Ele tinha vinte e cinco anos quando subiu ao trono. E reinou vinte e nove anos em Jerusalém. Sua mãe se chamava Joaden e era natural de Jerusalém. ³Fez o que Javé aprova, mas não como seu antepassado Davi. Seguiu em tudo o seu pai Joás. ⁴Todavia, os lugares altos não desapareceram, e o povo continuou a oferecer sacrifícios e a queimar incenso nos lugares altos.

⁵Tendo consolidado o poder em suas mãos, Amasias mandou matar os oficiais que tinham assassinado o rei, seu pai. ⁶Ele, porém, não mandou matar os filhos dos assassinos, respeitando assim o que está escrito no livro da Lei de Moisés, onde Javé ordena: “Os pais não serão mortos por causa de seus filhos, nem os filhos serão mortos por causa dos pais. Cada um morrerá por causa de seu próprio pecado”.

⁷Amasias derrotou os edomitas no Vale do Sal, cerca de dez mil homens. Durante a guerra, conquistou Rocha e mudou o nome dela para Jecetel, nome que se conserva até hoje.

⁸Amasias mandou, então, emissários a Joás, filho de Joacaz e neto de Jeú, rei de Israel, com esta mensagem: “Venha para me enfrentar”. ⁹Joás, rei de Israel, respondeu a Amasias, rei de Judá, com esta mensagem: “O espinheiro do Líbano mandou dizer para o cedro do Líbano: ‘Dê-me sua filha como esposa para meu filho’. Mas as feras do Líbano passaram e pisotearam o espinheiro. ¹⁰Você derrotou Edom e se encheu de orgulho. Celebre sua glória, mas fique em casa. Por que você quer se meter numa guerra desastrosa, provocando a sua ruína e a ruína de Judá?” ¹¹Amasias, porém, não fez caso. Então Joás, rei de Israel, foi enfrentar Amasias, rei de Judá, em Bet-Sames, que pertence a Judá. ¹²E Judá foi derrotado por Israel e cada um fugiu para a sua tenda. ¹³Em Bet-Sames, Joás, rei de Israel, prendeu Amasias, filho de Joás e neto de Ocozias, e o levou para Jerusalém. Fez uma brecha de duzentos metros na muralha de Jerusalém, desde a porta de Efraim até a porta do Ângulo, ¹⁴e se apoderou do ouro, da prata e de todos os objetos que estavam no Templo de Javé e no tesouro do palácio real. Além disso, tomou reféns, e voltou para Samaria.

¹⁵O resto da história de Joás, todas as suas façanhas militares e a guerra que fez contra Amasias, rei de Judá, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Israel.

¹⁶Joás foi juntar-se a seus antepassados e foi enterrado em Samaria, com os reis de Israel. E seu filho Jeroboão lhe sucedeu no trono.

¹⁷Amasias, filho de Joás, rei de Judá, viveu ainda quinze anos depois da morte de Joás, filho de Joacaz, rei de Israel. ¹⁸O resto da história de Amasias está escrito nos Anais dos Reis de Judá. ¹⁹Ele foi vítima de uma conspiração em Jerusalém e fugiu para Laquis. Mas foi perseguido até Laquis, e aí o mataram. ²⁰Transportaram seu corpo a cavalo, e o enterraram em Jerusalém, junto com seus antepassados, na Cidade de Davi.

²¹Todo o povo de Judá escolheu então Ozias, que tinha dezesseis anos, e o proclamaram rei no lugar de seu pai Amasias. ²²Foi ele que reconstruiu Elat e a reconquistou para Judá, depois que Amasias morreu. [14,1-22]

Jeroboão II em Israel: desenvolvimento e problemas sociais — ²³Jeroboão, filho de Joás, começou a reinar sobre Israel, em Samaria, no ano quinze do rei Amasias, filho de Joás, rei de Judá. Ele reinou quarenta e um anos. ²⁴Fez o que Javé reprova, e não se afastou de todos os pecados que Jeroboão, filho de Nabat, tinha feito Israel cometer. ²⁵Jeroboão restabeleceu as fronteiras de Israel, desde a entrada de Emat até o mar da Arábia, conforme a palavra de Javé, o Deus de Israel, anunciada através do seu servo, o profeta Jonas, filho de Amati, natural de Gat-Ofer. ²⁶De fato, Javé viu que a aflição de Israel era muito amarga, pois não havia nem escravo nem livre que fosse em socorro de Israel. ²⁷Como Javé não havia decidido apagar o nome de Israel debaixo do céu, então o libertou através de Jeroboão, filho de Joás.

²⁸O resto da história de Jeroboão, do que ele fez, suas façanhas e guerras, como reconquistou para Israel Damasco e Emat, que tinham pertencido a Judá, tudo isso está escrito nos Anais dos Reis de Israel. ²⁹Jeroboão juntou-se a seus antepassados e foi enterrado em Samaria, junto aos reis de Israel. E seu filho Zacarias lhe sucedeu no trono. [23-29]

15 ***Ozias em Judá: um longo reinado*** — ¹Ozias, filho de Amasias, começou a reinar em Judá no ano vinte e sete de Jeroboão, rei de Israel. ²Ele tinha dezesseis anos quando subiu ao trono, e reinou cinquenta e dois anos em Jerusalém. Sua mãe se chamava Jequelias e era natural de Jerusalém. ³Fez o que Javé aprova, como tinha feito seu pai Amasias. ⁴Os lugares altos, porém, não desapareceram, e o povo continuou a oferecer sacrifícios e a queimar incenso

nos lugares altos. ⁵Contudo, Javé feriu o rei com lepra, que durou até a sua morte. Por isso ele ficou fechado num quarto, enquanto seu filho Joatão, chefe do palácio, governava o povo.

⁶O resto da história de Ozias, e do que ele fez, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Judá. ⁷Ozias morreu e foi enterrado com seus antepassados na Cidade de Davi. E seu filho Joatão lhe sucedeu no trono. [15,1-7]

Zacarias em Israel: começa a anarquia — ⁸Zacarias, filho de Jeroboão, começou a reinar sobre Israel, em Samaria, no ano trinta e oito de Ozias, rei de Judá. Ele reinou seis meses. ⁹Fez o que Javé reprova, como seus antepassados, e não se afastou dos pecados que Jeroboão, filho de Nabat, tinha feito Israel cometer. ¹⁰Selum, filho de Jabes, fez uma conspiração contra Zacarias e o matou em Jeblaam. E usurpou o trono.

¹¹O resto da história de Zacarias está escrito nos Anais dos Reis de Israel. ¹²Aconteceu, então, o que Javé tinha dito a Jeú: “Seus filhos se assentarão no trono de Israel até a quarta geração”. [8-12]

Selum em Israel: reinado breve — ¹³Selum, filho de Jabes, começou a reinar no ano trinta e nove de Ozias, rei de Judá. Ele reinou um mês em Samaria. ¹⁴Manaém, filho de Gadi, partiu de Tersa, entrou em Samaria, matou Selum, filho de Jabes, e usurpou o trono.

¹⁵O resto da história de Selum e a conspiração que ele tramou, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Israel. ¹⁶Manaém devastou Tafua e seu território, matando todos os seus habitantes, porque não lhe haviam aberto as portas quando ele saiu de Tersa. Manaém arrasou a cidade e rasgou o ventre de todas as mulheres grávidas. [13-16]

Manaém em Israel: o começo do fim — ¹⁷Manaém, filho de Gadi, começou a reinar em Israel no ano trinta e nove de Ozias, rei de Judá. Ele reinou dez anos em Samaria. ¹⁸Fez o que Javé reprova, e não se afastou dos pecados que Jeroboão, filho de Nabat, fizera Israel cometer. No seu tempo, ¹⁹Pul, rei da Assíria, invadiu o país. Manaém pagou a Pul trinta e quatro toneladas de prata, para que Pul o apoiasse e o mantivesse no trono. ²⁰Manaém requereu essa contribuição de todos os notáveis de Israel, de cada um cerca de meio quilo de prata, para dar ao rei da Assíria. Então o rei da Assíria se retirou, dando fim à

ocupação do país.

²¹O resto da história de Manaém, e do que ele fez, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Israel. ²²Manaém se juntou a seus antepassados. E seu filho Faceias lhe sucedeu no trono. [17-22]

Faceias em Israel: proteção inútil — ²³Faceias, filho de Manaém, começou a reinar em Israel no ano cinquenta de Ozias, rei de Judá. Ele reinou dois anos em Samaria. ²⁴Fez o que Javé reprova, e não se afastou dos pecados que Jeroboão, filho de Nabat, fizera Israel cometer. ²⁵Seu oficial Faceia, filho de Romelias, conspirou contra ele e o assassinou na torre do palácio real, em Samaria. Trazendo consigo cinquenta homens de Galaad, Faceia matou o rei e usurpou o trono.

²⁶O resto da história de Faceias está escrito nos Anais dos Reis de Israel. [23-26]

Faceia em Israel: o avanço assírio — ²⁷Faceia, filho de Romelias, começou a reinar em Israel no ano cinquenta e dois de Ozias, rei de Judá. Ele reinou vinte anos em Samaria. ²⁸Fez o que Javé reprova, e não se afastou dos pecados que Jeroboão, filho de Nabat, fizera Israel cometer. ²⁹No tempo de Faceia, rei de Israel, Teglat-Falasar, rei da Assíria, se apoderou de Aion, Abel-Bet-Maaca, Janoe, Cedes, Hasor, Galaad, Galileia e toda a região de Neftali; e deportou seus habitantes para a Assíria. ³⁰No ano vinte de Joatão, filho de Ozias, Oseias, filho de Ela, fez uma conspiração contra Faceia, filho de Romelias, o matou e lhe usurpou o poder.

³¹O resto da história de Faceia, e do que ele fez, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Israel. [27-31]

Joatão em Judá: o preço da neutralidade — ³²Joatão, filho de Ozias, começou a reinar em Judá no segundo ano de Faceia, filho de Romelias, rei de Israel. ³³Ele tinha vinte e cinco anos quando subiu ao trono, e reinou dezesseis anos em Jerusalém. Sua mãe se chamava Jerusa, e era filha de Sadoc. ³⁴Fez o que Javé aprova e imitou em tudo o comportamento de seu pai Ozias. ³⁵Os lugares altos, porém, não desapareceram, e o povo continuou a oferecer sacrifícios e a queimar incenso nos lugares altos. Foi ele que construiu a Porta Superior do Templo de Javé.

³⁶O resto da história de Joatão, e do que ele fez, tudo está escrito nos Anais dos

Reis de Judá. ³⁷Nesses dias, Javé começou a mandar Rason, rei de Aram, e Faceia, filho de Romelias, contra Judá. ³⁸Joatão morreu e foi enterrado com seus antepassados na Cidade de Davi, seu antepassado. Seu filho Acaz lhe sucedeu no trono. [32-38]

16 *Acaz em Judá: aliança com os poderosos* — ¹Acaz, filho de Joatão, começou a reinar em Judá no ano dezessete de Faceia, filho de Romelias. ²Acaz subiu ao trono com vinte anos, e reinou dezesseis anos em Jerusalém. Não fez, como seu antepassado Davi, o que Javé seu Deus aprova. ³Imitou o comportamento dos reis de Israel e chegou até a sacrificar seu filho no fogo, conforme os costumes abomináveis das nações que Javé tinha expulsado diante dos israelitas. ⁴Ofereceu sacrifícios e queimou incenso nos lugares altos, nas colinas e debaixo de toda árvore frondosa.

⁵Nesse tempo, Rason, rei de Aram, e Faceia, filho de Romelias e rei de Israel, subiram para atacar Jerusalém. Eles a cercaram, mas não puderam conquistá-la. ⁶Na mesma época, o rei de Edom reconquistou Elat para os edomitas, expulsando os judaítas que aí moravam. Os edomitas ocuparam Elat e aí se estabeleceram até o dia de hoje. ⁷Então Acaz mandou mensageiros a Teglat-Falasar, rei da Assíria, com esta mensagem: “Sou seu filho e servo. Venha libertar-me do poder do rei de Aram e do rei de Israel, que se levantaram contra mim”. ⁸Acaz pegou a prata e o ouro que havia no Templo de Javé e nos tesouros do palácio real, e os enviou como presente para o rei da Assíria. ⁹O rei da Assíria atendeu o pedido de Acaz, lutou contra Damasco e se apoderou dela; deportou seus habitantes para Quir e mandou matar Rason.

¹⁰O rei Acaz foi a Damasco para se apresentar a Teglat-Falasar, rei da Assíria. Quando viu o altar que havia em Damasco, mandou para o sacerdote Urias o desenho do altar, com todos os detalhes. ¹¹Antes que o rei voltasse de Damasco, o sacerdote Urias construiu um altar, seguindo todas as instruções mandadas pelo rei. ¹²Quando o rei Acaz voltou de Damasco, viu o altar, aproximou-se e subiu até ele. ¹³Queimou sobre o altar seu holocausto e suas ofertas, derramou sua libação e espalhou o sangue de seus sacrifícios de comunhão. ¹⁴Depois mandou tirar da fachada do Templo o antigo altar de bronze, que estava diante de Javé, isto é, entre o altar novo e o Templo, e o colocou do lado norte do novo altar. ¹⁵Depois ordenou ao sacerdote Urias: “É sobre o altar grande que você deverá queimar o holocausto da manhã e a oferta da tarde, o holocausto e a oferta do rei, assim como o holocausto, a oferta e as libações de todo o povo.

Derrame sobre ele todo o sangue dos holocaustos e dos sacrifícios. Eu me ocuparei do altar de bronze”. ¹⁶O sacerdote Urias fez tudo o que o rei Acaz havia mandado. ¹⁷O rei Acaz arrancou as armações das bases e tirou as bacias das bases. Mandou retirar o Mar de bronze que ficava sobre os bois, e o mandou depositar sobre o piso de pedras. ¹⁸Em consideração ao rei da Assíria, tirou o estrado do trono que ficava no Templo de Javé e a entrada exterior do rei.

¹⁹O resto da história de Acaz, e do que ele fez, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Judá. ²⁰Acaz morreu e foi enterrado com seus antepassados na Cidade de Davi. E seu filho Ezequias lhe sucedeu no trono. [16,1-20]

17 *Oseias, o último rei de Israel* — ¹Oseias, filho de Ela, começou a reinar em Israel no ano doze do reinado de Acaz, rei de Judá. Ele reinou nove anos em Samaria. ²Fez o que Javé reprova, mas nem tanto como os reis de Israel que vieram antes dele.

³Salmanasar, rei da Assíria, atacou Oseias, e este teve que se submeter e pagar tributo. ⁴Mas o rei da Assíria descobriu que Oseias o traía. De fato, Oseias tinha enviado mensageiros até Sô, rei do Egito. E também não pagava mais tributo ao rei da Assíria, como fazia todos os anos. Então o rei da Assíria o prendeu e mandou acorrentar na prisão. ⁵Em seguida, o rei da Assíria invadiu todo o país e cercou Samaria durante três anos. ⁶No ano nove do reinado de Oseias, o rei da Assíria tomou Samaria e deportou os israelitas para a Assíria. Os israelitas foram levados para Hala, para as margens do Habor, rio de Gozã, e também para as cidades da Média. [17,1-6]

Por que o Reino de Israel desapareceu? — ⁷Tudo isso aconteceu porque os israelitas pecaram contra Javé seu Deus, que os havia tirado da terra do Egito e libertado da opressão do Faraó, rei do Egito. Eles adoraram outros deuses, ⁸e seguiram os costumes das nações que Javé havia expulsado diante deles. ⁹Os israelitas fizeram contra Javé seu Deus coisas que não deveriam ter feito: construíram para si lugares altos em todas as suas cidades, tanto nas torres de vigia como nas cidades fortificadas; ¹⁰levantaram para si estelas e postes sagrados sobre todas as colinas altas e debaixo de toda árvore frondosa; ¹¹queimaram incenso em todos os lugares altos, como faziam as nações que Javé havia expulsado diante deles; cometeram ações más, provocando a ira de Javé; ¹²adoraram os ídolos, embora Javé tivesse dito: “Não façam isso”.

¹³Javé tinha advertido Israel e Judá, por meio de todos os profetas e videntes, dizendo: “Convertam-se do seu mau comportamento, e obedçam aos meus mandamentos e estatutos, de acordo com toda a Lei que dei a seus antepassados e que lhes transmiti através de meus servos, os profetas”. ¹⁴Eles, porém, não obedeceram e foram mais teimosos ainda que seus antepassados, que não tinham acreditado em Javé seu Deus. ¹⁵Desprezaram os estatutos dele e a aliança que ele havia feito com seus antepassados, bem como as advertências que lhes havia feito. Correram atrás de ídolos vazios, e se esvaziaram, imitando as nações vizinhas, coisa que Javé lhes tinha proibido. ¹⁶Rejeitaram todos os mandamentos de Javé seu Deus; fabricaram ídolos de metal fundido, os dois bezerros de ouro; fizeram um poste sagrado; adoraram todo o exército do céu e prestaram culto a Baal. ¹⁷Sacrificaram no fogo seus filhos e filhas, praticaram a adivinhação e a magia, e se venderam para praticar o mal diante de Javé, provocando a ira dele. ¹⁸Então Javé ficou irritado contra Israel, e o atirou para longe de si. Restou apenas a tribo de Judá.

¹⁹Também Judá não obedeceu aos mandamentos de Javé seu Deus, mas imitou o comportamento de Israel. ²⁰Por isso, Javé rejeitou toda a descendência de Israel. Ele a humilhou e a entregou aos saqueadores e, por fim, atirou-a para longe de si. ²¹Quando Javé separou Israel da casa de Davi, Israel proclamou rei a Jeroboão, filho de Nabat. E Jeroboão afastou Israel de Javé e o levou a cometer um grande pecado. ²²Os israelitas imitaram o pecado que Jeroboão tinha cometido, e não se afastaram dele. ²³Finalmente, Javé afastou Israel da sua presença, conforme havia anunciado por meio de seus servos, os profetas. Exilou os israelitas de sua terra para a Assíria, onde até hoje se encontram. [7-23]

Origem dos samaritanos — ²⁴O rei da Assíria mandou vir gente de Babilônia, de Cuta, Ava, Emat e Sefarvaim, e os estabeleceu nas cidades de Samaria, em lugar dos israelitas. Tomaram posse de Samaria e se instalaram em suas cidades.

²⁵Quando começaram a se instalar no território, não temiam a Javé, e este mandou leões que os matavam. ²⁶Eles então comunicaram ao rei da Assíria: “As pessoas que o senhor mandou para morar nas cidades de Samaria não conhecem o ritual do Deus da terra, e ele mandou leões contra essas pessoas. Os leões então as matam, porque elas não conhecem o ritual do Deus da terra”. ²⁷Então o rei da Assíria ordenou: “Mandem para lá um dos sacerdotes deportados de Samaria, para que fique morando aí, e ensine para as pessoas o ritual do Deus da

terra”. ²⁸Então um dos sacerdotes que tinham sido deportados de Samaria foi, e se fixou em Betel. Ele ensinou às pessoas como prestar culto a Javé.

²⁹Cada grupo, porém, foi fabricando seus próprios deuses, e colocou-os nos templos dos lugares altos que os samaritanos tinham feito. Cada grupo fez isso nas cidades em que morava. ³⁰Os babilônios fizeram uma estátua de Sucot-Benot; os de Cuta, uma de Nergel; os de Emat, uma de Asima; ³¹os de Ava, uma de Nebaaz e uma de Tartac; os de Sefarvaim queimavam seus filhos em honra de Adramelec e de Anamelec, deuses de Sefarvaim. ³²Também prestavam culto a Javé. Nomearam, como sacerdotes, pessoas comuns, para que servissem nos templos dos lugares altos. ³³Temiam a Javé e também adoravam seus deuses, conforme o costume das nações de onde tinham sido exilados. ³⁴Ainda hoje seguem seus ritos antigos. Não temem a Javé, nem praticam seus estatutos e normas, nem a lei e os mandamentos que Javé ordenou aos filhos de Jacó, a quem tinha dado o nome de Israel. ³⁵Javé tinha feito uma aliança com eles e ordenara: “Não adorem outros deuses, não se prostrem diante deles, não os cultuem e não lhes ofereçam sacrifícios. ³⁶Vocês devem cultuar, adorar e oferecer sacrifícios somente a Javé, que os tirou do Egito, com grande força e braço estendido. ³⁷Observem os estatutos e normas, a lei e os mandamentos que Javé deu a vocês por escrito. Cuidem sempre de os colocar em prática. Não prestem culto a outros deuses. ³⁸Não esqueçam a aliança que fiz com vocês, e não prestem culto a outros deuses. ³⁹Temam somente a Javé seu Deus, e ele os libertará de todos os seus inimigos”. ⁴⁰Eles, porém, não obedeceram e continuaram a viver conforme o costume antigo. ⁴¹Desse modo, esses grupos adoravam a Javé e, ao mesmo tempo, prestavam culto a seus próprios ídolos. Seus filhos e netos continuaram fazendo até hoje o que seus antepassados haviam feito. [24-41]

VIII. FIM DO REINO DE JUDÁ

18 *Ezequias em Judá: reforma político-religiosa* — ¹Ezequias, filho de Acaz, começou a reinar em Judá no terceiro ano do rei Oseias, filho de Ela, rei de Israel. ²Ele tinha vinte e cinco anos quando subiu ao trono, e reinou vinte e nove anos em Jerusalém. Sua mãe se chamava Abia, e era filha de Zacarias. ³Ezequias fez o que Javé aprova, seguindo em tudo o seu antepassado Davi. ⁴Ele acabou com os lugares altos, quebrou as estelas e derrubou os postes sagrados. Despedaçou também a serpente de bronze que Moisés havia feito, porque os israelitas ainda queimavam incenso diante dela. Eles a chamavam de Noestã. ⁵Ezequias pôs sua confiança em Javé, o Deus de Israel. Tanto antes como depois não existiu nenhum rei em Judá que pudesse ser comparado a ele. ⁶Permaneceu fiel a Javé e nunca se afastou dele, observando os mandamentos que Javé tinha ordenado a Moisés. ⁷Javé esteve com ele. Por isso, ele teve êxito em tudo o que fez. Ele se revoltou contra o rei da Assíria e não lhe ficou submisso. ⁸Derrotou os filisteus até Gaza, devastando o território deles, tanto as torres de vigia como as cidades fortificadas. [18,1-8]

Queda de Samaria — ⁹No quarto ano do reinado de Ezequias e sétimo de Oseias, filho de Ela, rei de Israel, Salmanasar, rei da Assíria, atacou e cercou Samaria. ¹⁰Após três anos, tomou a cidade. Samaria foi conquistada no sexto ano de Ezequias e nono ano de Oseias, rei de Israel. ¹¹O rei da Assíria deportou os israelitas para a Assíria e os levou para Hala, para as margens do Habor, rio de Gozã, e para as cidades da Média. ¹²Isso porque os israelitas não obedeceram a Javé seu Deus e transgrediram sua aliança: eles não ouviram nem praticaram tudo o que Moisés, servo de Javé, lhes havia ordenado. [9-12]

Reforma interrompida — ¹³No ano catorze do reinado de Ezequias, Senaquerib, rei da Assíria, atacou todas as cidades fortificadas de Judá e se apossou delas. ¹⁴Então Ezequias, rei de Judá, mandou esta mensagem ao rei da Assíria, que estava em Laquis: “Cometi um erro. Não me ataque. Eu aceitarei as condições que você me impuser”. O rei da Assíria exigiu que Ezequias, rei de Judá, pagasse uma taxa de dez toneladas de prata e mil quilos de ouro. ¹⁵Então Ezequias entregou toda a prata que havia no Templo de Javé e no tesouro do palácio real. ¹⁶Mandou também tirar o ouro com que Ozias, rei de Judá, havia

revestido as portas e os batentes do santuário de Javé, e o entregou ao rei da Assíria. [13-16]

Um desafio a Javé — ¹⁷De Laquis, o rei da Assíria mandou o chefe do exército, o chefe dos funcionários e o chefe dos copeiros, para que fossem, com forte destacamento, até Jerusalém, até o rei Ezequias. Eles chegaram a Jerusalém e passaram perto do canal que leva água para o reservatório superior, no caminho do Campo do Pisoeiro. ¹⁸Chamaram o rei. Então saíram ao encontro deles Eliacim, filho de Helcias, administrador do palácio, o escrivão Sobna e o secretário Joaé, filho de Asaf. ¹⁹O chefe dos copeiros então lhes falou: “Digam a Ezequias: Assim fala o grande rei, o rei da Assíria: Onde está o fundamento da sua confiança? ²⁰Você está pensando que estratégia e valentia militares são questão de palavras! Em quem você está se apoiando para resistir diante de mim? ²¹Você confia no Egito, nesse bambu rachado que penetra e fura a mão de quem nele se apoia! O Faraó, rei do Egito, é isso para quem nele confia. ²²Talvez você responda: ‘Nós colocamos nossa confiança em Javé, o nosso Deus’. Mas não foi você mesmo, Ezequias, quem destruiu os lugares altos e os altares de Javé, dizendo ao povo de Judá e de Jerusalém: ‘Somente diante do altar que está em Jerusalém é que vocês devem adorar’? ²³Pois bem! Faça uma aposta com o meu senhor, o rei da Assíria: eu lhe darei dois mil cavalos, se você encontrar cavaleiros para montá-los! ²⁴Como é que você vai conseguir derrotar um só dos menores servos do meu senhor? Você colocou sua confiança no Egito para ter carros e cavaleiros! ²⁵Você pensa que foi sem o consentimento de Javé que eu ataquei esse lugar para o destruir? Foi Javé quem me mandou atacar e devastar este país!”

²⁶Eliacim, filho de Helcias, Sobna e Joaé pediram ao chefe dos copeiros: “Fale com os seus servos em aramaico, que nós entendemos. Não fale em hebraico, diante do povo que está nas muralhas”. ²⁷O chefe dos copeiros então respondeu: “Não foi ao seu rei e a você que o meu senhor mandou dizer essas coisas. Foi primeiro ao povo que está nas muralhas. Ele está condenado, como vocês, a comer as próprias fezes e a beber a própria urina!”

²⁸Então o chefe dos copeiros gritou alto, em hebraico: “Escutem a palavra do grande rei, o rei da Assíria: ²⁹Assim fala o rei: Não deixem Ezequias enganá-los, pois ele não poderá livrar vocês de mim. ³⁰Que Ezequias não leve vocês a confiar em Javé, dizendo que Javé salvará vocês e que esta cidade não cairá em

poder do rei da Assíria. ³¹Não deem ouvidos a Ezequias. Porque assim fala o rei da Assíria: Façam as pazes comigo, rendam-se, e cada um poderá comer o fruto da sua vinha e da sua figueira, e beber água do próprio poço, ³²até que eu venha e leve vocês para uma terra boa como esta, terra que produz trigo e vinho, terra de pão e videiras, terra de azeite e mel. Assim vocês viverão, e não vão morrer. Não deem ouvidos a Ezequias, pois ele está iludindo vocês, dizendo que Javé os salvará. ³³Por acaso os deuses das nações puderam livrar seus países do poder do rei da Assíria? ³⁴Onde estão os deuses de Emat e de Arfad? Onde estão os deuses de Sefarvaim? Por acaso eles livraram Samaria do meu poder? ³⁵De todos os deuses das nações, quem foi que livrou seu país do meu poder, para que Javé possa salvar Jerusalém?” ³⁶Eles ficaram quietos e não responderam nada, pois o rei tinha ordenado que não dessem nenhuma resposta. ³⁷Eliacim, filho de Helcias, administrador do palácio, com o escrivão Sobna e o secretário Joaé, filho de Asaf, foram até o rei Ezequias com as roupas rasgadas, e lhe comunicaram as palavras do chefe dos copeiros.

19¹Ao ouvir a comunicação, o rei Ezequias rasgou a roupa, vestiu-se com pano de saco, e foi ao Templo de Javé. ²Mandou o administrador do palácio Eliacim, com o escrivão Sobna e os anciãos dos sacerdotes, todos vestidos com panos de saco, ao profeta Isaías, filho de Amós. ³Eles disseram a Isaías: “Assim fala Ezequias: Hoje é dia de angústia, castigo e humilhação. Os filhos estão para nascer, e não há força para dar à luz. ⁴Tomara que Javé, seu Deus, tenha ouvido todas as palavras do chefe dos copeiros, que o rei da Assíria, senhor dele, mandou dizer para insultar o Deus vivo. Tomara que Javé, seu Deus, dê o castigo merecido pelas palavras que ele ouviu. Faça uma prece pelo resto que ainda sobrevive”.

⁵Os ministros do rei Ezequias se apresentaram a Isaías, ⁶e este respondeu-lhes: “Digam ao senhor de vocês: Assim fala Javé: Não fique com medo das palavras que ouviu, das blasfêmias que os servos do rei da Assíria lançaram contra mim. ⁷Vou mandar para ele um espírito. Ao ouvir um boato, ele voltará para seu país, e aí mesmo eu o farei morrer pela espada”.

Vitória de Javé — ⁸O chefe dos copeiros voltou e encontrou o rei da Assíria guerreando contra Lebna. É que o chefe dos copeiros tinha ouvido dizer que o rei se retirara de Laquis, ⁹ao receber a notícia de que Taraca, rei da Etiópia, tinha partido para guerrear contra ele.

Senaquerib mandou outros mensageiros a Ezequias, comunicando: ¹⁰“Falem assim a Ezequias, rei de Judá: Que o Deus em que você confia não o engane, dizendo que Jerusalém não cairá em poder do rei da Assíria. ¹¹Você mesmo ouviu dizer o que os reis da Assíria fizeram a todas as nações, destruindo-as completamente. Como você poderia escapar? ¹²Por acaso, os deuses deles libertaram as nações que meus antepassados devastaram? Gozã, Aram, Resef, e os edenitas que moravam em Telbasar? ¹³Onde estão o rei de Emat, o rei de Arfad, o rei de Lair, de Sefarvaim, de Ana e de Ava?”

¹⁴Ezequias pegou a carta da mão dos mensageiros e a leu. Depois subiu ao Templo, abriu a carta diante de Javé, ¹⁵e rezou: “Javé, Deus de Israel, que te assentas sobre os querubins. Tu és o único Deus de todos os reinos do mundo. Tu fizeste o céu e a terra. ¹⁶Inclina teu ouvido, Javé, e escuta! Abre teus olhos, Javé, e olha! Ouve as palavras de Senaquerib, que mandou mensageiros para insultar o Deus vivo! ¹⁷É verdade, Javé: os reis da Assíria devastaram todos os países e seus territórios. ¹⁸Queimaram todos os seus deuses, porque não são deuses, mas obras de mãos humanas. São madeira e pedra, e por isso eles conseguiram destruí-los. ¹⁹Agora, Javé nosso Deus, salva-nos da mão deles, para que todos os reinos do mundo saibam que só tu, Javé, és Deus”.

²⁰Então Isaías, filho de Amós, mandou dizer a Ezequias: “Assim diz Javé, o Deus de Israel: Escutei o que você me pediu a respeito de Senaquerib, rei da Assíria. ²¹Eis o oráculo que Javé pronuncia contra ele: A virgem capital de Sião despreza e caçoa de você. A cidade de Jerusalém balança a cabeça atrás de você. ²²A quem você insultou e blasfemou? Contra quem você ergueu a voz e olhou com desprezo? Contra o Santo de Israel! ²³Você insultou o Senhor por meio de seus mensageiros, dizendo: ‘Com meus numerosos carros subi até o alto dos montes e ao topo do Líbano. Cortei seus cedros mais altos e seus mais belos ciprestes. Cheguei ao seu ponto mais alto e ao seu bosque mais fechado. ²⁴Cavei e bebi as águas estrangeiras e, com a planta de meus pés, sequei todos os rios do Egito’. ²⁵Por acaso, você não ouviu nada? Eu decidi isso há muito tempo. Preparei tudo isso em tempos distantes, e agora vou realizar. Sua missão foi reduzir cidades fortificadas a um montão de ruínas. ²⁶E os habitantes delas, já sem forças, com a vergonha da derrota, ficaram como a erva do campo, como a grama verdejante; ficaram como o capim do telhado, queimado pelo vento leste. ²⁷Eu sei quando você se levanta e se assenta, quando você entra e quando sai. ²⁸Porque você se agita contra mim, e seu atrevimento chega aos meus ouvidos,

eu vou colocar a minha argola em suas narinas e o meu freio na sua boca. Vou fazer você voltar pelo mesmo caminho por onde veio.

²⁹Isto será o sinal para você, Ezequias: Neste ano, vocês comerão do que nascer sem plantar. No ano que vem, do que brotar sem semear. Mas, no terceiro ano, vocês semearão e colherão, plantarão vinhas e comerão seus frutos. ³⁰O resto da casa de Judá que sobreviver, produzirá novas raízes embaixo e novos frutos em cima. ³¹Porque de Jerusalém sairá um resto, e do monte Sião os sobreviventes. O zelo de Javé dos exércitos fará tudo isso. ³²Portanto, assim diz Javé sobre o rei da Assíria: Ele não entrará nesta cidade, nem lançará nenhuma flecha nela. Não se aproximará com o escudo, nem levantará aterro contra ela. ³³Ele voltará por onde veio, e não entrará nesta cidade, oráculo de Javé. ³⁴Eu protegerei esta cidade e a salvarei, pela minha honra e pela honra do meu servo Davi”.

³⁵Nessa mesma noite, o anjo de Javé saiu e feriu cento e oitenta e cinco mil homens no acampamento assírio. De manhã, ao despertar, só havia cadáveres. ³⁶Senaquerib, rei da Assíria, levantou o acampamento e partiu. Voltou para Nínive e aí ficou. ³⁷Certo dia, ele estava fazendo adoração no templo de Nesroc, seu deus. E seus filhos Adramelec e Sarasar o mataram à espada e fugiram para o país de Ararat. Seu filho Asaradon reinou em seu lugar. [18,17-19,37]

20 *O sinal confirma a palavra* — ¹Nessa ocasião, Ezequias adoeceu de uma enfermidade mortal. O profeta Isaías, filho de Amós, foi visitá-lo. E lhe disse: “Assim diz Javé: Ponha em ordem a sua casa, porque você vai morrer, não vai escapar”. ²Então Ezequias virou o rosto para a parede e fez esta prece a Javé: ³“Ah! Javé! Não te esqueças: eu procurei sempre andar na tua presença com toda a fidelidade e de coração limpo. Eu procurei fazer sempre o que era bom aos teus olhos”. E Ezequias começou a chorar convulsivamente.

⁴Isaías ainda não tinha deixado o pátio interno, quando recebeu a palavra de Javé: ⁵“Vá falar a Ezequias, chefe do meu povo: Assim diz Javé, o Deus de seu antepassado Davi: escutei a sua oração e vi as suas lágrimas. Vou curar você e, em três dias, você subirá ao Templo de Javé. ⁶Eu vou aumentar em quinze anos a duração de sua vida, e vou livrá-lo das mãos do rei da Assíria, a você e a esta cidade. Vou proteger esta cidade pela honra do meu Nome e pela honra do meu servo Davi”. ⁷Isaías ordenou: “Tragam aqui um pão de figos”. Pegaram um pão e o colocaram sobre a ferida, e o rei recuperou a saúde. ⁸Ezequias perguntou: “Qual é o sinal de que Javé vai me curar, e de que subirei ao Templo de Javé

dentro de três dias?” ⁹Isaías respondeu: “O sinal de que Javé vai cumprir o que prometeu é este: Você quer que a sombra avance ou volte para trás dez degraus?” ¹⁰Ezequias disse: “Avançar dez degraus é fácil para a sombra. Quero que ela recue dez degraus”. ¹¹O profeta Isaías invocou Javé, e este fez a sombra recuar dez degraus que o sol já havia descido, os degraus do quarto superior de Acaz, dez degraus para trás. [20,1-11]

Confiança desastrosa — ¹²Nessa ocasião, o rei da Babilônia, Merodac-Baladã, filho de Baladã, mandou cartas e um presente a Ezequias, pois tinha recebido notícia de sua enfermidade e convalescença. ¹³Ezequias ficou muito satisfeito com isso e mostrou toda a sua riqueza aos embaixadores: a prata, o ouro, os perfumes, o óleo fino, como também toda a casa de armas; enfim, tudo o que havia nos seus depósitos. Ezequias não deixou nada sem mostrar de tudo o que havia no seu palácio e dependências.

¹⁴O profeta Isaías foi procurar o rei Ezequias e lhe perguntou: “O que disseram esses indivíduos? De onde vieram eles?” Ezequias respondeu: “Eles vieram de um país muito distante. Vieram da Babilônia”. ¹⁵Isaías perguntou: “O que é que eles viram no seu palácio?” Ezequias respondeu: “Eles viram tudo o que existe no meu palácio. Não há nada do meu tesouro que eu não lhes tenha mostrado”. ¹⁶Isaías disse, então, a Ezequias: “Escute a palavra de Javé: ¹⁷Chegará o dia em que a Babilônia levará tudo o que existe no seu palácio, tudo o que seus antepassados foram ajuntando até o dia de hoje. Não vai sobrar nada — diz Javé. ¹⁸Alguns filhos que saíram de você, que você gerou, serão levados para que sirvam como eunucos no palácio do rei da Babilônia”. ¹⁹Ezequias disse a Isaías: “A palavra de Javé que você me transmite é de felicidade”. Pois ele pensava assim: “Pelo menos durante a minha vida, haverá paz e segurança”.

²⁰O resto da história de Ezequias, e do que ele fez, e como construiu o reservatório e o aqueduto para levar água à cidade, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Judá. ²¹Ezequias morreu e foi enterrado. E seu filho Manassés lhe sucedeu no trono. [12-21]

21 Manassés em Judá: tempo de opressão — ¹Manassés tinha doze anos quando subiu ao trono, e reinou cinquenta e cinco anos em Jerusalém. Sua mãe se chamava Hafsiba. ²Fez o que Javé reprova, imitando as abominações das nações que Javé havia expulsado diante dos israelitas. ³Reconstruiu os lugares altos que seu pai Ezequias havia destruído; ergueu altares para Baal e levantou

um poste sagrado, como havia feito Acab, rei de Israel; prostrou-se diante de todo o exército do céu, que ele adorou; ⁴construiu altares pagãos no Templo de Javé, a respeito do qual Javé havia dito: “Em Jerusalém colocarei o meu Nome”; ⁵ergueu também altares para todo o exército do céu nos dois pátios do Templo de Javé; ⁶sacrificou seu filho no fogo; praticou adivinhação e magia, estabelecendo necromantes e adivinhos. E multiplicando as ações que Javé reprova, ele provocou a sua ira. ⁷Fez e colocou o ídolo Aserá no Templo de Javé, do qual Javé havia dito a Davi e seu filho Salomão: “Colocarei o meu Nome para sempre neste Templo e em Jerusalém, que eu escolhi entre todas as tribos de Israel. ⁸Não deixarei mais que os pés de Israel se tornem errantes, longe da terra que dei a seus antepassados, contanto que eles procurem agir conforme tudo o que lhes mandei, conforme a Lei que o meu servo Moisés ordenou para eles”. ⁹Mas eles não obedeceram, pois Manassés os corrompeu, a ponto de eles praticarem um mal ainda maior que as nações que Javé havia expulsado diante dos israelitas.

¹⁰Então Javé falou através de seus servos, os profetas: ¹¹“Porque Manassés, rei de Judá, cometeu essas abominações; porque ele praticou o mal, ainda mais do que haviam feito antes dele os amorreus; e porque fez Judá pecar com seus ídolos. ¹²Por isso, assim diz Javé, o Deus de Israel: Eu mandarei sobre Jerusalém e Judá uma desgraça tão grande que fará doer os dois ouvidos de quem ouvir falar dela. ¹³Vou estender sobre Jerusalém o mesmo cordel que passei sobre Samaria, e o mesmo nível que usei para a família de Acab. Limparei Jerusalém, como se limpa um prato por dentro e por fora. ¹⁴Abandonarei o resto da minha herança e os entregarei em poder de seus inimigos e se tornarão presa e despojo de todos os seus inimigos, ¹⁵porque fizeram o que eu reprovoo e provocaram a minha ira, desde o dia em que seus antepassados saíram do Egito até hoje”.

¹⁶Manassés também derramou sangue inocente, a ponto de inundar Jerusalém toda. Isso sem contar os pecados que ele fez Judá cometer, praticando o que Javé reprova.

¹⁷O resto da história de Manassés, o que ele fez e os pecados que cometeu, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Judá. ¹⁸Manassés reuniu-se com seus antepassados e foi enterrado no jardim do palácio, o jardim de Oza. E seu filho Amon lhe sucedeu no trono. [21,1-18]

Amon em Judá: golpe de estado e revolta dos camponeses — ¹⁹Amon tinha vinte e dois anos quando subiu ao trono, e reinou dois anos em Jerusalém. Sua

mãe se chamava Mesalemet; era filha de Harus e natural de Jetebe. ²⁰Amon fez o que Javé reprova, como seu pai Manassés. ²¹Imitou em tudo o comportamento de seu pai: adorou os ídolos que seu pai havia adorado e se prostrou diante deles. ²²Abandonou Javé, Deus de seus antepassados, e não seguiu o caminho de Javé.

²³Os oficiais de Amon fizeram uma conspiração contra ele, e o mataram dentro do palácio. ²⁴O povo da terra, porém, matou todos os que tinham conspirado contra o rei Amon e, em seu lugar, proclamou seu filho Josias como rei.

²⁵O resto da história de Amon, e o que ele fez, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Judá. ²⁶Ele foi sepultado no túmulo de seu pai, no jardim de Oza. E seu filho Josias lhe sucedeu no trono. [19-26]

22 *Josias: a reforma e o livro* — ¹Josias tinha oito anos quando subiu ao trono. E reinou trinta e um anos em Jerusalém. Sua mãe se chamava Idida; era filha de Hadaia e natural de Besecat. ²Josias fez o que Javé aprova e seguiu em tudo o comportamento de seu antepassado Davi, sem se desviar, nem para a direita, nem para a esquerda.

³No ano dezoito do seu reinado, o rei Josias mandou o secretário Safã, filho de Aslias, neto de Mesolam, ao Templo de Javé, com esta ordem: ⁴“Vá encontrar-se com o sumo sacerdote Helcias, e diga-lhe que deixe preparado o dinheiro oferecido ao Templo de Javé e que os guardas da porta recolhem do povo. ⁵Diga-lhe para entregar o dinheiro aos mestres de obras encarregados do Templo de Javé, a fim de que estes o distribuam aos operários que trabalham nas reformas do Templo de Javé: ⁶aos carpinteiros, construtores e pedreiros. Que eles usem o dinheiro para comprar madeiras e pedras talhadas para a reforma do Templo. ⁷Não será necessário pedir contas do dinheiro entregue a eles, porque são honestos”.

⁸O sumo sacerdote Helcias informou o secretário Safã: “Achei o livro da Lei no Templo de Javé!” Entregou o livro a Safã, que o leu. ⁹O secretário Safã foi falar com o rei: “Seus servos juntaram o dinheiro que havia no Templo e o entregaram aos mestres-deobras do Templo de Javé”. ¹⁰Em seguida, contou ao rei que o sacerdote Helcias lhe havia dado um livro. E Safã leu o livro diante do rei. [22,1-10]

Será que o livro é autêntico? — ¹¹Ao tomar conhecimento sobre o conteúdo do livro da Lei, o rei rasgou a roupa ¹²e deu esta ordem para o sacerdote Helcias, para Aicam, filho de Safã, para Acobor, filho de Micas, para o secretário Safã e

para o ministro Asaías: ¹³“Vão consultar Javé por mim e pelo povo, a respeito do conteúdo desse livro que foi encontrado. A ira de Javé deve ser grande contra nós, porque nossos antepassados não obedeceram às palavras desse livro, e não praticaram tudo o que nele está escrito”.

¹⁴O sacerdote Helcias, Aicam, Acobor, Safã e Asaías foram encontrar-se com a profetisa Hulda, mulher do guarda dos vestiários, de nome Selum, filho de Tícua e neto de Haraas. Ela morava em Jerusalém, no Bairro Novo. Expuseram para ela o caso, ¹⁵e ela respondeu: “Assim diz Javé, o Deus de Israel. Digam a quem enviou vocês a mim: ¹⁶Assim diz Javé, Deus de Israel: ‘Vou fazer cair uma desgraça sobre este lugar e sobre seus habitantes. Vou enviar todas as maldições que estão nesse livro, que o rei de Judá leu. ¹⁷Eles me abandonaram e queimaram incenso a outros deuses, e me irritaram com toda a obra de suas mãos. Por isso, minha ira se inflamou contra este lugar, e não se apagará’. ¹⁸E ao rei de Judá, que os enviou para consultar Javé, vocês dirão: ‘Assim diz Javé, o Deus de Israel: Porque, ouvindo a leitura do livro, ¹⁹você se comoveu de coração e se humilhou diante de Javé; porque você escutou as palavras que pronunciei contra este lugar e seus habitantes, que serão objeto de espanto e maldição; porque você rasgou a roupa e chorou na minha frente, eu também ouvi você — oráculo de Javé. ²⁰Por isso eu o reunirei a seus antepassados. Você vai ser enterrado em paz na sua sepultura, e os seus olhos não verão todos os males que vou enviar sobre este lugar’.” Então eles foram levar ao rei a resposta da profetisa. [11-20]

23 *O Deuteronômio se torna Lei de Estado* — ¹O rei convocou todos os anciãos de Judá e Jerusalém para uma reunião. ²Depois subiu para o Templo de Javé com todos os homens de Judá e todos os habitantes de Jerusalém: sacerdotes, profetas e todo o povo, adultos e crianças. Leu para eles as palavras do Livro da Aliança encontrado no Templo de Javé. ³De pé, sobre o estrado, o rei concluiu, diante de Javé, a aliança para seguir a Javé, obedecendo a seus mandamentos, testemunhos e estatutos, com todo o coração e com toda a alma, cumprindo todas as palavras dessa aliança, escritas nesse livro. E todo o povo aderiu à aliança. [23,1-3]

Refazendo a identidade do povo — ⁴O rei ordenou ao sumo sacerdote Helcias, aos sacerdotes de segunda ordem e aos guardas da porta, que tirassem do santuário de Javé todos os objetos feitos para o culto de Baal, do ídolo Aserá e

de todo o exército do céu. Os objetos foram queimados fora de Jerusalém, nos campos do Cedron, e suas cinzas foram levadas para Betel. ⁵Depois ele destituiu os falsos sacerdotes que os reis de Judá haviam estabelecido para queimar incenso nos lugares altos das cidades de Judá e arredores de Jerusalém. Destituiu também aqueles que queimavam incenso para Baal, para o sol, para a lua, para as constelações e para todo o exército do céu. ⁶Retirou do Templo de Javé o ídolo Aserá, levando-o para fora de Jerusalém, para o riacho do Cedron. Queimou o ídolo junto ao riacho do Cedron, e o reduziu a cinzas, que foram jogadas na vala comum. ⁷Destruiu as casas de prostituição sagrada que havia no Templo de Javé, onde as mulheres teciam vestes para Aserá.

⁸Mandou vir todos os sacerdotes das cidades de Judá e profanou os lugares altos onde esses sacerdotes haviam queimado incenso, desde Gaba até Bersabeia. Destruiu o lugar alto da porta, que ficava na entrada da porta de Josué, governador da cidade, à esquerda de quem entra pela porta da cidade. ⁹Os sacerdotes dos lugares altos foram proibidos de subir ao altar de Javé em Jerusalém, mas podiam comer os pães sem fermento no meio de seus irmãos.

¹⁰Josias profanou o Tofet que existia no vale de Ben-Enom, para que ninguém sacrificasse no fogo seu filho ou filha em honra do deus Moloc. ¹¹Eliminou os cavalos que os reis de Judá haviam instalado em honra do sol, na entrada do Templo de Javé, perto do aposento do funcionário Natã-Melec, que ficava nas dependências. Queimou também os carros do sol. ¹²O rei destruiu os altares que estavam no terraço do aposento superior de Acaz e que tinham sido construídos pelos reis de Judá, e também os altares que Manassés tinha mandado fazer nos dois pátios do Templo de Javé; retirou-os daí e mandou jogar as cinzas no riacho do Cedron. ¹³O rei profanou os lugares altos que ficavam na frente de Jerusalém, ao sul do monte da Perdição, lugares que Salomão, rei de Israel, tinha construído em honra de Astarte, abominação dos sidônios, em honra de Camos, abominação dos moabitas, e em honra de Melcom, abominação dos amonitas. ¹⁴Quebrou as estelas, derrubou os postes sagrados e encheu o lugar com ossos humanos. [4-14]

Procurando reunificar o povo — ¹⁵Josias destruiu também o altar que estava em Betel, lugar alto que Jeroboão, filho de Nabat, havia construído e com o qual havia arrastado Israel ao pecado. Destruiu esse lugar alto, quebrou suas pedras, reduzindo-as a pó, e queimou o poste sagrado.

¹⁶Josias voltou-se e viu os túmulos que estavam na montanha. Então mandou

recolher os ossos daqueles túmulos e os queimou sobre o altar. Desse modo, profanou o altar, cumprindo a palavra de Javé, que o homem de Deus havia anunciado quando Jeroboão, durante a festa, estava junto ao altar. Ao se voltar, Josias levantou os olhos para o túmulo do homem de Deus que havia anunciado essas coisas, ¹⁷e perguntou: “De quem é esse túmulo?” Os homens da cidade responderam: “É o túmulo do homem de Deus, que veio de Judá, e anunciou o que você acaba de fazer com o altar de Betel”. ¹⁸Então o rei disse: “Deixem o homem de Deus em paz. Que ninguém toque em seus ossos”. Deixaram, assim, os ossos do homem de Deus em paz, bem como os ossos do profeta que tinha vindo da Samaria.

¹⁹Josias fez desaparecer também todos os templos dos lugares altos, que havia na cidade de Samaria. Esses templos tinham sido construídos pelos reis de Israel para irritar a Javé. Josias fez com eles o mesmo que já havia feito em Betel.

²⁰Josias imolou, sobre os altares, todos os sacerdotes dos lugares altos que aí se encontravam; e, por cima deles, queimou ossos humanos. Depois voltou para Jerusalém. [\[15-20\]](#)

Revivendo o ideal de uma nova sociedade — ²¹O rei ordenou a todo o povo: “Celebrem a Páscoa em honra de Javé, Deus de vocês, conforme está ordenado neste Livro da Aliança”. ²²Nunca tinha sido celebrada uma Páscoa como essa, desde o tempo em que os juízes governavam Israel, nem durante todo o tempo dos reis de Israel e de Judá. ²³Foi somente no ano dezoito do rei Josias que tal Páscoa foi celebrada em honra de Javé, em Jerusalém. [\[21-23\]](#)

Josias: o rei justo — ²⁴Josias eliminou também os necromantes, os adivinhos, os deuses domésticos, os ídolos e todas as abominações que se viam no país de Judá e em Jerusalém, para cumprir as palavras da Lei escritas no livro que o sacerdote Helcias encontrou no Templo de Javé.

²⁵Nenhum dos reis anteriores se voltou para Javé como ele se voltou de todo o coração, de toda a alma e com toda a sua força, conforme a Lei de Moisés. Mesmo depois, não surgiu outro como ele.

²⁶Apesar disso, Javé não deixou de lado o furor de sua grande ira, que se havia inflamado contra Judá, por causa de todas as ofensas com que Manassés o tinha ofendido. ²⁷Javé disse: “Também expulsarei Judá para longe da minha presença, da mesma forma como expulsei Israel. Vou rejeitar Jerusalém, esta cidade que eu tinha escolhido, e o Templo sobre o qual eu tinha dito: Aí estará o meu

Nome”.

²⁸O resto da história de Josias, e o que ele fez, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Judá. ²⁹No seu tempo, o Faraó Necao, rei do Egito, subiu para se encontrar com o rei da Assíria, junto ao rio Eufrates. O rei Josias marchou contra ele, mas, na primeira batalha em Meguido, Necao o matou. ³⁰Os servos de Josias transportaram seu corpo num carro, o levaram de Meguido para Jerusalém, e o enterraram no seu túmulo. Então o povo da terra pegou Joacaz, filho de Josias, o ungiu e o colocou no trono em lugar de seu pai. [24-30]

Joacaz e a dominação egípcia — ³¹Joacaz tinha vinte e três anos quando subiu ao trono, e reinou três meses em Jerusalém. Sua mãe se chamava Hamital. Ela era filha de Jeremias e natural de Lebna. ³²Ele fez o que Javé reprova, como haviam feito seus antepassados. ³³O Faraó Necao prendeu Joacaz em Rebla, no país de Emat, para que ele não reinasse mais em Jerusalém. O Faraó impôs ao país um tributo de três toneladas e meia de prata, e trinta e quatro quilos de ouro. ³⁴Colocou no trono Eliacim, filho de Josias, em substituição a seu pai Josias, mudando o nome dele para Joaquim. Levou Joacaz para o Egito, onde ele morreu. ³⁵Joaquim pagou o tributo de prata e ouro ao Faraó. Mas, para pagar a quantia exigida pelo Faraó, teve que criar impostos no país. Conforme as possibilidades de cada um, exigiu a prata e o ouro necessários para pagar ao Faraó Necao. [31-35]

Joaquim e a dominação babilônica — ³⁶Joaquim tinha vinte e cinco anos quando subiu ao trono, e reinou onze anos em Jerusalém. Sua mãe se chamava Zebida. Ela era filha de Fadaías e natural de Ruma. ³⁷Joaquim fez o que Javé reprova, como haviam feito seus antepassados.

24¹Nessa época, Nabucodonosor, rei da Babilônia, marchou contra Joaquim e o submeteu por três anos. Depois Joaquim se revoltou de novo contra Nabucodonosor. ²Javé mandou contra Joaquim bandos de caldeus, arameus, moabitas e amonitas. Ele os mandou para destruir Judá, conforme a palavra que Javé tinha dito por meio de seus servos, os profetas. ³Isso aconteceu a Judá, unicamente por ordem de Javé, para que Judá fosse expulso de sua presença. Foi por causa dos pecados de Manassés e de tudo o que ele fez, ⁴e também por causa do sangue inocente que ele derramou e com o qual inundou Jerusalém; foi por isso que Javé não quis perdoar.

⁵O resto da história de Joaquim, e o que ele fez, tudo está escrito nos Anais dos

Reis de Judá. ⁶Joaquim reuniu-se a seus antepassados. E seu filho Jeconias lhe sucedeu no trono.

⁷O rei do Egito não saiu mais de seu país, porque o rei da Babilônia se havia apossado de todos os territórios que pertenciam ao rei do Egito, desde o riacho do Egito até o rio Eufrates. [23,36-24,7]

Jeconias e o primeiro exílio na Babilônia — ⁸Jeconias tinha dezoito anos quando subiu ao trono, e reinou três meses em Jerusalém. Sua mãe se chamava Noesta. Ela era filha de Elnatã e natural de Jerusalém. ⁹Jeconias fez o que Javé reprova, como havia feito seu pai.

¹⁰Nesse tempo, os oficiais de Nabucodonosor, rei da Babilônia, marcharam contra Jerusalém e cercaram a cidade. ¹¹Nabucodonosor, rei da Babilônia, foi em pessoa atacar a cidade que seus oficiais haviam cercado. ¹²Então Jeconias, rei de Judá, juntamente com sua mãe, seus oficiais, seus chefes e funcionários, se entregou ao rei da Babilônia, e este os fez prisioneiros. Isso aconteceu no oitavo ano do reinado de Jeconias.

¹³Nabucodonosor levou embora todos os tesouros do Templo de Javé e os tesouros do palácio real. Quebrou todos os objetos de ouro que Salomão, rei de Israel, tinha feito para o Templo, conforme as ordens de Javé. ¹⁴Levou para o exílio toda a cidade de Jerusalém, todos os chefes e os notáveis, cerca de dez mil pessoas. Levou também todos os ferreiros e artesãos. Deixou no país somente o povo mais pobre. ¹⁵Exilou Jeconias para Babilônia. Levou também, de Jerusalém para a Babilônia, a mãe do rei, suas mulheres, seus funcionários, a classe governante ¹⁶e todos os ricos: cerca de sete mil pessoas. Levou ainda os ferreiros e artesãos: cerca de mil pessoas, todos os homens aptos para a guerra. ¹⁷Em lugar de Jeconias, Nabucodonosor nomeou rei a Matanias, tio de Jeconias, mudando o nome dele para Sedecias. [24,8-17]

Sedecias: uma política suicida — ¹⁸Sedecias tinha vinte e um anos quando subiu ao trono, e reinou onze anos em Jerusalém. Sua mãe se chamava Hamital. Ela era filha de Jeremias e natural de Lebna. ¹⁹Sedecias fez o que Javé reprova, como havia feito Jeconias. ²⁰Isso aconteceu a Jerusalém e a Judá por causa da ira de Javé, que acabou por rejeitá-los de sua presença. Sedecias se revoltou contra o rei da Babilônia.

25¹No nono ano do seu reinado, no dia dez do décimo mês, Nabucodonosor, rei da Babilônia, com todo o seu exército, atacou Jerusalém. Acampou diante da cidade e construiu ao redor dela torres de assalto. ²A cidade ficou cercada até o ano onze do reinado de Sedecias, ³até o dia nove do quarto mês. A fome apertou na cidade, e o povo não tinha nada para comer. ⁴Então foi aberta uma brecha nas muralhas da cidade. E o rei, com todos os soldados, fugiu de noite pela porta que fica entre as duas muralhas, perto do jardim do rei. Tomaram o caminho da Arabá, enquanto os caldeus ainda cercavam a cidade. ⁵O exército caldeu perseguiu o rei e o alcançou nas planícies de Jericó, enquanto os soldados dele o abandonaram e se dispersaram. ⁶Os caldeus prenderam o rei e o levaram ao rei da Babilônia, que estava em Rebla e que pronunciou a sentença contra Sedecias. ⁷Nabucodonosor mandou degolar os filhos de Sedecias na presença do pai. Depois furou os olhos do rei, o algemou e o levou para a Babilônia. [24,18-25,7]

Segundo exílio e fim do Reino de Judá — ⁸No dia sete do quinto mês, correspondendo ao ano dezenove de Nabucodonosor, rei da Babilônia, Nabuzardã, chefe da guarda e oficial do rei da Babilônia, chegou a Jerusalém. ⁹Ele pôs fogo no Templo de Javé, no palácio real e em todas as casas de Jerusalém, e incendiou todas as mansões. ¹⁰Ao mesmo tempo, o exército caldeu, que acompanhava Nabuzardã, chefe da guarda, destruiu as muralhas que rodeavam Jerusalém. ¹¹Nabuzardã exilou o resto do povo que tinha ficado na cidade, os desertores que tinham passado para o lado do rei da Babilônia e o resto da população. ¹²O chefe da guarda deixou uma parte do povo pobre da terra, para trabalhar nas vinhas e nos campos.

¹³Os caldeus quebraram as colunas de bronze, as bases entalhadas e o Mar de bronze que estavam no Templo de Javé, e levaram o bronze para a Babilônia. ¹⁴Levaram também os recipientes para cinzas, as pás, facas, taças e todos os objetos de bronze que eram usados no culto. ¹⁵O chefe da guarda pegou os incensórios, as vasilhas para aspersão e tudo o que era de ouro e prata. ¹⁶Quanto às duas colunas, ao Mar e às bases entalhadas, que Salomão tinha feito para o Templo de Javé, era impossível calcular o peso de bronze de todos esses objetos. ¹⁷Cada coluna tinha nove metros de altura e terminava num capitel de bronze de dois metros e meio de altura, enfeitado de um trançado e de romãs, tudo feito de bronze.

¹⁸O chefe da guarda prendeu Saraías, sacerdote chefe, Sofonias, sacerdote que ocupava o segundo lugar, e os três guardas das portas. ¹⁹Na cidade, prendeu um funcionário, que era chefe do exército, cinco conselheiros do rei, que se encontravam na cidade, o secretário do chefe do exército, que mobilizava o povo da terra, e sessenta cidadãos que se encontravam na cidade. ²⁰Nabuzardã, chefe da guarda, prendeu todos esses e os levou ao rei da Babilônia, em Rebla. ²¹O rei da Babilônia mandou matá-los em Rebla, no território de Emat. Desse modo, Judá foi exilado para longe do seu país. [25,8-21]

Última e inútil revolta — ²²Nabucodonosor, rei da Babilônia, nomeou Godolias, filho de Aicam e neto de Safã, para governar o povo que Nabucodonosor deixou no território de Judá. ²³Quando todos os oficiais das tropas e seus homens souberam que o rei da Babilônia tinha nomeado Godolias como governador, foram encontrar-se com ele em Masfa. Eram eles: Ismael, filho de Natânias; Joanã, filho de Careá; Saraías, filho de Taneumet, netofatita; e Jezonias, maacatita. Eles foram junto com seus homens. ²⁴Godolias jurou a todos eles: “Não tenham medo e se submetam aos caldeus. Fiquem na terra, obedeçam ao rei da Babilônia, e tudo correrá bem para vocês”.

²⁵No sétimo mês, porém, Ismael, filho de Natânias e neto de Elisama, que era de descendência real, foi com dez homens e matou Godolias, junto com os judeus e caldeus que estavam com ele em Masfa. ²⁶Então todo o povo, adultos e crianças, com os chefes das tropas, fugiram para o Egito, porque ficaram com medo dos caldeus. [22-26]

Horizonte de esperança — ²⁷No ano trinta e sete do exílio de Jeconias, rei de Judá, no dia vinte e sete do décimo segundo mês, Evil-Merodac, rei da Babilônia, no ano em que subiu ao trono, concedeu anistia a Jeconias, rei de Judá, e o tirou da prisão. ²⁸Tratou-o amigavelmente e concedeu-lhe um trono mais alto que dos outros reis que estavam com ele na Babilônia. ²⁹Jeconias tirou as roupas de prisioneiro e começou a comer sempre na mesa do rei, durante todos os dias de sua vida. ³⁰Enquanto viveu, seu sustento foi garantido constantemente pelo rei. [27-30]

NOTAS

[1,1-18] Elias não é profeta de corte, a serviço da autoridade, mas porta-voz de Javé. Por isso não obedece às ordens do rei, pois o seu único Senhor é Javé. Baal-Zebub significa “senhor das moscas”; é um nome depreciativo que deu origem à forma Belzebu. Elias não teme essa divindade, que é considerada “chefe dos demônios” no Novo Testamento (cf. Mc 3,20-30).

[2,1-18] O fim de Elias é misterioso: ele não morre; é arrebatado por Deus. Com ele começa em Israel a profecia clássica, e seu arrebatamento mostra que o espírito profético não morre. Assim como Eliseu recebe o espírito de Elias, sempre haverá no meio do povo de Deus, em todos os tempos, pessoas que obedecem unicamente a Deus e enfrentam sem medo os ídolos e seus seguidores, sejam eles sacerdotes, reis ou gente poderosa. Se deixarem de existir, reinará o silêncio desorientador, o silêncio do próprio Deus.

[19-22] A primeira ação de Eliseu é parecida com a do seu mestre Elias: trazer vida para o povo. A água que matava a vida na raiz, agora se transforma em água potável, que refaz as forças.

[23-25] Essa historinha, provavelmente inventada, quer inculcar nas crianças que o profeta deve ser respeitado no meio do povo.

[3,1-27] O profeta de Javé é respeitado além das fronteiras. Ele age não só trazendo vida no cotidiano do povo, mas também tomando posição nas grandes decisões que tocam as relações internacionais.

[4,1-7] Tal como essa viúva, muitíssimos pobres, para sobreviver têm que se submeter a dívidas e à exploração no trabalho. A ação profética ensina os pobres a se organizar para se libertarem de tais situações. A libertação, porém, não é dom paternalista: ela se realiza a partir do que os pobres têm e do seu esforço em conjunto.

[8-37] A mulher era rica, mas fazia questão de viver no meio do povo simples, sem pretensão nenhuma de participar da alta sociedade. Além do mais sua atenção para com Eliseu, que defendia os pobres, e o fato de não se ligar aos poderosos, mostram que ela não estava comprometida com o sistema opressor. Por isso, Deus faz a vida renascer para ela. O profeta, mais uma vez, é o portador da vida.

[38-41] Mais do que um milagre, o texto mostra a habilidade de Eliseu em eliminar os efeitos nocivos de uma planta. Trata-se aqui da coloquintida, fruta amarga de violento efeito purgativo.

[42-44] Eliseu recebe um presente e o distribui à comunidade. Desse modo, ensina que, havendo partilha, todos podem ficar satisfeitos, e ainda ter de sobra. Cf. Mc 6,30-44 e nota.

[5,1-27] O único Deus que pode curar é Javé, e ele está ligado a um povo, a uma terra e a um projeto. A terra de Israel é sagrada, porque é a terra que Javé deu ao seu povo, para este realizar aí o projeto de vida. O profeta realiza sinais que mostram a presença desse Deus no meio do seu povo, o qual sofre as consequências de um sistema que causa mais opressão do que libertação. Uma das moças, escrava no estrangeiro, é capaz de ver esse Deus ultrapassando as fronteiras para curar e dar vida, enquanto o próprio rei de Israel desconhece o fato. Ao ser curado, o estrangeiro aprende que a vida é dom de Deus, e não objeto de troca. Por isso, reconhece que o único Deus é Javé. Giezi, que vive ao lado do profeta, não compreende essa gratuidade e procura tirar proveito para enriquecer-se, ganhando com isso a própria ruína.

[6,1-7] O texto deixa claro que os profetas levam vida de pobre, sem maiores recursos (casa pequena, machado emprestado). E é através dessa pobreza que Javé se manifesta, trazendo a vida.

[8-23] O texto mostra que o profeta está profundamente inserido na vida política do seu povo, inclusive em questões de espionagem internacional. Além disso, ele sabe criar estratégias e tomar decisões diplomáticas, para evitar conflitos maiores.

[6,24-7,20] Na situação desesperadora, a angústia leva as pessoas a atitudes selvagens, como essa mãe que devora o próprio filho. Nesse momento, o profeta reabre o caminho da esperança, mostrando caminhos de vida. E a libertação vem justamente daqueles que nada mais têm a perder. É a partir dos marginalizados, isto é, daqueles que nada mais podem esperar do “status quo”, que se organiza o movimento para encontrar alguma saída. Surge então a novidade de Deus. A solução encontrada, porém, não será a libertação que Deus quer, se a vida não for repartida com todo o povo.

[8,1-6] A história da sunamita foi narrada em 4,8-37. O episódio mostra como as histórias dos profetas eram transmitidas, e como influenciavam nas decisões da justiça.

[7-15] Mostrando que o rei de Aram vai morrer, mas não dessa doença, Eliseu faz ver que o profeta é capaz de discernir as intrigas de quem anda em busca do

poder.

[16-24] É tempo de decadência em Judá. O fato se torna claro pela independência que os reinos vassalos vão conquistando. A esposa de Jorão é Atalia, e sua história é apresentada em 2Rs 11.

[25-29] A política de aliança entre os dois reinos continua. O texto funciona como introdução aos capítulos seguintes.

[9,1-13] Dependendo das circunstâncias, a ação profética influi e até interfere na política de forma direta e decisiva. É o que se verifica, principalmente em situações onde o povo é oprimido por um governo injusto, que se mantém por muito tempo no poder. Nesse momento, e em nome de Deus, o profeta provoca uma corrente contrária, chegando até mesmo a apontar um novo líder. Cf. 1Rs 19,16.

[14-37] Elias tinha previsto o fim trágico da família de Acab. Escolhido pelo círculo profético e apoiado pelo povo, Jeú começa a fazer justiça, matando os reis Jorão e Ocozias, bem como Jezabel, que tinha influência na política dos dois reinos. Desse modo, Jeú se apresenta como instrumento da vingança de um povo que foi longamente oprimido por uma família tirânica.

[10,1-36] O banho de sangue continua. Jeú procura exterminar todos os que estão ligados à família de Acab e ao culto de Baal. Javé quer acabar com todo tipo de idolatria e opressão. Cabe aos homens a difícil tarefa de escolher os meios para realizar a vontade divina.

[11,1-20] Atalia era filha de Jezabel e tinha reinado, com Jorão, sobre Judá. Ela pretendia acabar com todos os descendentes de Davi. A astúcia de outra mulher, a oposição de sacerdotes, da guarda do Templo e do palácio e a revolta do povo, frustraram os planos dela. O documento da aliança (v. 12) é o contrato que traz os deveres e direitos do rei e do povo.

[12,1-22] Joás faz de tudo para restaurar o Templo, que era importante para preservar a dinastia de Davi. Entretanto, exposto às lutas internas e ataques externos, Joás acaba sendo vítima de uma conspiração. O cofre no Templo, colocado por Joás, era para evitar desvio de verbas. Esse uso acontece em nossas igrejas ainda hoje.

[13,1-9] Retoma-se aqui o esquema da história apresentado pelo autor deuteronomista (cf. nota em Jz 2,6-3,6). O novo libertador é provavelmente

Jeroboão II (veja 14,23-29).

[10-13] A expressão do v. 11, que aparece em todos os reis de Israel, provavelmente indica a separação entre este e o Reino de Judá.

[14-25] A morte de Eliseu não marca o fim do profetismo. Pelo contrário, Elias e Eliseu iniciaram o movimento profético, que influenciará por séculos a vida política, social e religiosa de Israel. O ato simbólico realizado por Joás (vv. 16-19) se realiza concretamente logo a seguir (v. 25).

[14,1-22] Amasias teve reinado glorioso, porém a sua ambição o levou a uma guerra desastrosa contra Israel. Terminou a vida tragicamente, vitimado por uma conspiração. O v. 6 mostra um grande progresso na legislação: estabelecendo que a punição não deve atingir parentes, evita a vingança desmedida e a má fama que alguém carrega pela culpa de algum parente (cf. nota em Dt 24,16).

[23-29] Durante o governo de Jeroboão II, Israel conhece grande desenvolvimento econômico, acompanhado pela aceleração das desigualdades sociais, denunciadas pelo profeta Amós. Nesse mesmo tempo os levitas realizam a catequese que irá formar o núcleo central do Deuteronômio (Dt 12-28).

[15,1-7] Na Bíblia, este rei é chamado também de Azarias. Reinou até o ano 740 a.C., quando o profeta Isaías começou a exercer sua atividade.

[8-12] A partir do rei Zacarias começa em Israel uma série de golpes de estado que provocarão a anarquia política no país. É durante esse período que Oseias exerce sua atividade profética.

[13-16] O costume de rasgar o ventre das mulheres grávidas era condenado até mesmo pelo direito internacional (cf. Am 1,13).

[17-22] Pul é Teglat-Falasar III, rei da Assíria, que estende o seu poder cada vez mais. Por enquanto ele se satisfaz com o tributo, mas o Reino do Norte não escapará mais do domínio assírio.

[23-26] Faceias era protegido da Assíria, mas Faceia se aproveita da preocupação da Assíria com outras regiões para matar o rei e usurpar o poder. É provável que o oficial Faceia pertencesse a um partido antiassírio.

[27-31] Faceia se uniu ao rei de Aram numa tentativa de conter o avanço assírio, que já estava tomando os territórios pertencentes aos dois reinos.

[32-38] Joatão foi convidado a participar da coalizão contra a Assíria, mas preferiu manter posição neutra, o que lhe valeu a hostilidade dos reis Rason e Faceia.

[16,1-20] Acáz também se recusou a participar da coalizão contra a Assíria, formada pelos reinos de Israel e Aram, que tentam invadir o reino de Judá. Por isso, Acáz pede ajuda à Assíria, entregando-se como vassalo. Cf. Is 7,1-17 e nota.

[17,1-6] Em 722 a.C., o Reino do Norte é tomado pela Assíria e deixa definitivamente de existir.

[7-23] O autor faz reflexões sobre a ruína de Israel, o Reino do Norte. O grande erro foi abandonar o projeto de Javé, o Deus libertador, para servir aos ídolos e viver como as outras nações. Desse modo, Israel perdeu a própria identidade, e a consequência foi perder também a sua terra. Outra grande lição da história: o povo dividido torna-se fraco e incapaz de resistir ao inimigo.

[24-41] A mistura de israelitas do Norte com gente de outras nações formou o grupo dos samaritanos, que serão sempre malvistas e rejeitados pelos israelitas do Sul. Ensinando uma nova forma de relacionamento humano e de adoração a Deus, Jesus quebrará essa “maldição” que os judaítas faziam cair sobre os samaritanos (cf. Lc 10,25-37; Jo 4 e notas).

[18,1-8] Ezequias é elogiado porque, no seu tempo, foi feita uma tentativa de reforma político-religiosa, que procurava reunir todo o povo em torno de um só Deus e de um só rei.

[9-12] Cf. nota em 17,1-6.

[13-16] A reforma iniciada por Ezequias foi interrompida por uma violenta invasão dos assírios, que conquistaram muitas cidades e recomeçaram a cobrar tributo de Judá.

[18,17-19,37] Cf. notas em Is 36-37 e Sl 46.

[20,1-11] Cf. nota em Is 38,1-8.

[12-21] Cf. nota em Is 39,1-8.

[21,1-18] O longo reinado de Manassés significou, para o povo, opressão externa da Assíria e interna por parte da corte de Jerusalém. Foi uma volta ao paganismo, principalmente através do culto aos astros. Quem mais sofreu, durante esse período, foi a população camponesa, explorada pelos ricos da cidade. A voz dos profetas é impedida de comunicar a vontade de Javé. A tradição diz que o profeta Isaías foi morto durante o reinado de Manassés. Quando um poder tirânico se instala, ele procura cortar pela raiz toda voz crítica,

para assim alienar o povo, fazendo que ele aceite passivamente a ideologia opressora.

[19-26] A conspiração de oficiais, talvez pertencentes ao partido antiassírio, deu margem para que surgisse uma nova força política em Judá: o partido camponês. Colocaram o menino Josias no trono, dando continuidade à dinastia de Davi, porém estabelecendo um regime voltado para os moldes javistas de sociedade. Foi provavelmente esse partido camponês que assumiu a regência durante a minoridade de Josias.

[22,1-10] O tempo de Josias é marcado por um clima de reforma político-religiosa. Aproveitando-se da instabilidade assíria, Josias retoma os ideais de Ezequias, procurando refazer o antigo império de Israel, com todas as tribos reunidas sob um único chefe.

O livro da Lei é certamente o núcleo legislativo do Deuteronômio (Dt 12-26). Esse livro, nascido em meio às tribos do Norte, certamente já fora utilizado na reforma de Ezequias, que foi bruscamente interrompida com a invasão de Senaquerib (701 a.C.). Perdido ou esquecido no Templo, o livro é redescoberto e servirá de estímulo radical para a reforma de Josias.

[11-20] Josias certamente imagina utilizar o livro como razão a mais para a centralização político-religiosa. Contudo, era necessário verificar a autenticidade do livro. A profetisa Hulda não só responde afirmativamente, como também mostra que as maldições contidas no livro se realizarão de modo inevitável.

[23,1-3] O Deuteronômio, aqui chamado Livro da Aliança, é solenemente proclamado e acolhido. De catequese dos levitas ele se transforma agora em Lei de Estado.

[4-14] Influenciado pelo Deuteronômio, Josias procura, começando pela tribo de Judá, refortificar a identidade javista do povo, a fim de o libertar das influências religiosas e culturais de povos estrangeiros (cananeus, assírios, fenícios, egípcios, moabitas, amonitas). Não se trata de recusar o valor dos estrangeiros, mas de possibilitar o florescimento dos valores nativos, frequentemente abafados e até mesmo destruídos por influências estrangeiras.

[15-20] A reforma atinge as tribos do Norte, outrora Reino de Israel, e é muito mais implacável, porque pretende destruir tudo o que poderia impedir a unificação do povo. O episódio do túmulo do profeta se refere a 1Rs 13.

[21-23] Sobre a festa da Páscoa, cf. Dt 16,1-8. Desse modo, Josias recupera uma importante tradição do povo camponês, ligada à libertação e ao ideal de uma

sociedade livre e fraterna.

[24-30] Josias é o único rei que recebe elogio incondicional do autor bíblico, porque procurou eliminar a opressão e corrupção, e reunificar o povo em torno do projeto de Javé (cf. Jr 22,15-16).

[31-35] Com a morte de Josias, a reforma política e religiosa é completamente interrompida: por breve espaço de tempo, o país fica sob o domínio do Egito. Como sempre, a maior vítima é o povo, que deve pagar tributos ao dominador.

[23,36-24,7] Muda a política internacional: o império da Babilônia se apodera do Oriente Médio, e o reino de Judá se torna vassalo dos babilônios. A tentativa de reforma prepara a fulminante ruína de Judá. Sobre o comportamento de Joaquim, cf. também Jr 22,13-19.

[24,8-17] No reinado de Jeconias, acontece o primeiro exílio da comunidade de Judá (597 a.C.). Note-se quem era levado para o exílio: a classe governante, os militares, os donos dos meios de produção e os intelectuais. O povo pobre permanecia na terra para trabalhar e pagar tributos ao dominador. O exílio, portanto, era a maneira drástica de desarticular um povo, impedindo-o de se organizar novamente.

[24,18-25,7] Levado por sua falta de tato, Sedecias segue o conselho de seus oficiais e se opõe ao domínio dos babilônios. As consequências são desastrosas e, na última hora, o rei e o exército abandonam Jerusalém, deixando a população entregue ao inimigo. O livro de Jeremias mostra como ele tentou, de todos os modos, refrear a política suicida de Sedecias (cf. Jr 37-39).

[25,8-21] É o segundo exílio (586 a.C.). Dessa vez, a deportação é maior e o saque é completo. Só fica no país o povo pobre, para servir de mão de obra barata ao dominador.

[22-26] Um grupo de oficiais tenta ainda uma última cartada, matando o governador Godolias, nomeado por Nabucodonosor. Sobre o que Jeremias pensa dessa atitude, cf. Jr 40-42.

[27-30] A história dos reis termina com leve fio de esperança: os privilégios concedidos a Jeconias prenunciam o ressurgimento do povo. Este último acontecimento se situa em 561 a.C.

A HISTÓRIA DESDE ADÃO ATÉ A FUNDAÇÃO DO JUDAÍSMO

Os dois livros das Crônicas, juntamente com os livros de Esdras e Neemias, formam um conjunto coerente elaborado provavelmente nos inícios do séc. IV a.C. Temos aqui um grande conjunto narrativo, que vai desde Adão até a organização da comunidade judaica depois do exílio na Babilônia (por volta de 400 a.C.). Essa história pode ser dividida em três grandes partes:

— **1Cr 1-9:** *História de Adão até Saul, cuja sequência é construída graças a árvores genealógicas, elaboradas a partir de tradições antigas, de palavras de profetas e material acrescentado pelo próprio autor.*

— **1Cr 10-2Cr 36:** *História da monarquia, desde Davi até Sedecias. O autor parece repetir as narrativas dos livros de Samuel e Reis. A leitura atenta, porém, mostra que ele recorre a outras fontes.*

— **Esdras e Neemias:** *História dos repatriados, desde o retorno do exílio até o ano 400 a.C. O autor se preocupa em mostrar os problemas dos judeus repatriados e a ação de Neemias e Esdras para organizar a comunidade judaica.*

O conjunto dessa história procura mostrar o estatuto da comunidade judaica, reunida em Jerusalém e centrada no culto e na lei. Sob o domínio persa, os judeus agarram a única possibilidade que lhes resta para recuperar e preservar a sua identidade como povo: a tradição religiosa dos antepassados, que agora se transforma em lei. No contexto pós-exílico, o Templo passa a ser o centro da vida da comunidade, como lugar de culto e da transmissão da lei, que fornecem a estrutura social da comunidade.

O autor, porém, não pretende apenas narrar a história dos judeus. Ele quer discutir e abrir perspectivas sobre a estrutura da própria comunidade judaica. Questão central é o problema da liderança que vai governar. Como os judeus só podem se estruturar a partir da religião, é natural que os sacerdotes detenham a liderança. Resta, porém, uma pergunta: Qual é o sacerdócio legítimo? Os descendentes do levita Aarão ou os descendentes de Sadoc? No exílio, os sacerdotes tinham elaborado complicadas genealogias para ligar Sadoc a Aarão, resolvendo assim a questão da legitimidade em favor dos descendentes de Sadoc. Diante disso, fica outra pergunta: E os levitas, descendentes diretos

de Aarão? Desde o tempo de Salomão, eles tinham sido expulsos de Judá e passaram a exercer suas atividades entre as tribos do Norte, que formaram o reino de Israel. Ligados aos profetas, eles preservaram e produziram tradições que formaram o livro do Deuteronômio, o qual influenciou grandes reformas no reino de Judá. Depois do exílio, esses levitas se viram reduzidos a meros empregados dos sacerdotes.

O autor, muito provavelmente levita, produz toda essa literatura para reabilitar historicamente a figura do levita e, assim, reivindicar sua importância ao lado do sacerdócio para o governo da comunidade. É nesse sentido que podemos interpretar a expressão “aliança dos sacerdotes e levitas” em Ne 13,29 e a insistência contínua do autor em mostrar a importância do levitismo em toda a sua versão da história.

É claro que o autor não quer apenas arrumar emprego para os levitas. O que ele pretende é preservar a tradição profética, conservada pelos levitas, a fim de que a comunidade judaica não fique reduzida ao culto formal, mas seja capaz de se organizar socialmente, segundo o projeto de Javé, dentro da legítima tradição do Êxodo. É inegável que essa tradição foi transmitida pelos levitas, que procuravam atualizá-la e aplicá-la às situações concretas, visando sempre em primeiro lugar à causa do povo e à defesa de uma sociedade justa e igualitária. Podemos, portanto, dizer que essa obra histórica é uma grande reivindicação para a reabilitação daqueles que se colocam como defensores dos interesses do povo, protegendo-o de possíveis arbitrariedades, tanto internas como externas.

PRIMEIRO E SEGUNDO CRÔNICAS

REVISÃO DA HISTÓRIA DO POVO

Introdução

Quando o autor escreveu os livros das Crônicas, já existia a grande história, formada pelos livros de Josué, Juízes, Samuel e Reis. Bastaria acrescentar alguns capítulos sobre a volta do exílio e a vida da comunidade até o início do séc. IV a.C. O autor, porém, tinha sérios motivos para apresentar outra versão de toda a história do seu povo (cf. “A história desde Adão até a fundação do judaísmo”).

*À primeira vista, sua história parece repetição de narrações já existentes. A leitura atenta, porém, perceberá muitas diferenças, devidas à exclusão de materiais, ao acréscimo de outros e, muitas vezes, manipulações sutis dos relatos. O que o autor pretende é reconsiderar o passado, a partir da situação da comunidade judaica do seu tempo. Assim, a personagem principal dessa história é o **Templo** e os sacerdotes e levitas que nele exercem suas funções; os sacerdotes com o culto e os levitas com a transmissão das legítimas tradições do povo. É fácil perceber que toda a história precedente atinge seu ápice no Templo e que dele dependem todas as reformas político-religiosas posteriores; os reis são julgados a partir de suas relações com o Templo e o culto de Javé. Além disso, toda a história do reino do Norte é omitida, pois no tempo do autor os samaritanos eram inimigos acirrados da organização da comunidade judaica centrada em Jerusalém.*

*Ponto importante é a atenção especial que se reserva aos levitas, nas listas genealógicas e na narrativa propriamente dita. Os levitas pontilham essa história com sua presença, palavra e ideologia. É a maneira que o autor, certamente um levita, encontra para recuperar as tradições das tribos do Norte, que haviam mais bem conservado os ideais democráticos e igualitários. Como os levitas eram muito ligados aos círculos proféticos do Norte, encontramos muitas menções de profetas e o título de **profeta** é dado até mesmo ao levita (cf. 1Cr 25,1-5). Essa é uma diferença essencial com a história narrada nos livros dos Reis, onde o levita Abiatar e com ele certamente o levitismo foi expulso de Jerusalém por Salomão (cf. 1Rs 2,26-27, passagem que o autor de Crônicas omite).*

Os livros das Crônicas, portanto, oferecem uma versão da história que reivindica e justifica a função do levita na liderança da comunidade judaica. Graças a ele, os ideais do êxodo e de uma sociedade igualitária permanecem vivos, à espera de uma ocasião histórica propícia que torne possível a sua concretização.

PRIMEIRO LIVRO DAS CRÔNICAS

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27 - 28
- 29**

PRIMEIRO LIVRO DAS CRÔNICAS

I. HISTÓRIA DO POVO: DE ADÃO ATÉ DAVI [1-10]

1 *Antes do dilúvio* — ¹Adão, Set, Enós, ²Cainã, Malaleel, Jared, ³Henoc, Matusalém, Lamec, ⁴Noé, Sem, Cam e Jafé.

Do dilúvio até Abraão — ⁵Descendentes de Jafé: Gomer, Magog, Madai, Javã, Tubal, Mosoc e Tiras.

⁶Descendentes de Gomer: Asquenez, Rifat e Togorma. ⁷Descendentes de Javã: Elisa, Társis, os Cetim e os Dodanim.

⁸Descendentes de Cam: Cuch, Mesraim, Fut e Canaã. ⁹Descendentes de Cuch: Seba, Hévila, Sabata, Regma, Sabataca. Descendentes de Regma: Sabá e Dadã. ¹⁰Cuch também foi pai de Nemrod, o primeiro valente da terra. ¹¹Mesraim foi pai destes povos: Lud, Anam, Laab, Naftu, ¹²Patros, Caslu e Cáftor, dos quais se originaram os filisteus. ¹³O primeiro filho de Canaã foi Sídón; depois, ele teve Het ¹⁴e, em seguida, os jebuseus, amorreus, gergeseus, ¹⁵heveus, araceus, sineus, ¹⁶arádios, samareus e emateus.

¹⁷Descendentes de Sem: Elam, Assur, Arfaxad, Lud e Aram. Descendentes de Aram: Hus, Hul, Geter e Mes. ¹⁸Arfaxad foi pai de Salé, o qual foi pai de Héber. ¹⁹Héber teve dois filhos. O primeiro recebeu o nome de Faleg, porque foi na sua época que a terra foi dividida; o outro se chamava Jectã. ²⁰Jectã foi pai de Elmodad, Salef, Asarmot, Jaré, ²¹Aduram, Uzal, Decla, ²²Ebal, Abimael, Sabá, ²³Ofir, Hévila e Jobab. Todos esses filhos de Jectã.

De Abraão até os filhos de Israel — ²⁴Sem, Arfaxad, Salé, ²⁵Héber, Faleg, Reú, ²⁶Sarug, Nacor, Taré, ²⁷Abrão, ou melhor, Abraão.

²⁸Filhos de Abraão: Isaac e Ismael.

²⁹Os descendentes desses dois foram: Nabaiot, o primeiro filho de Ismael; depois, vieram Cedar, Adbeel, Mabsam, ³⁰Masma, Duma, Massa, Hadad, Tema, ³¹Jetur, Nafis e Cedma. São os descendentes de Ismael.

³²Filhos que nasceram de Cetura, concubina de Abraão: ela lhe deu Zamrã, Jecsã, Madã, Madiã, Jesboc e Sué. Descendentes de Jecsã: Sabá e Dadã.

³³Descendentes de Madiã: Efa, Ofer, Henoc, Abida e Eldaá. São esses os filhos de Cetura.

³⁴Depois Abraão teve Isaac. Filhos de Isaac: Esaú e Israel. ³⁵Descendentes de Esaú: Elifaz, Reuel, Jeús, Jalam e Coré. ³⁶Descendentes de Elifaz: Temã, Omar, Sefo, Gatam, Cenez, Tamna e Amalec. ³⁷Descendentes de Reuel: Naat, Zara, Sama e Meza.

³⁸Descendentes de Seir: Lotã, Sobal, Sebeon, Ana, Dison, Eser e Disã. ³⁹Descendentes de Lotã: Hori e Emam. Tamna era irmã de Lotã. ⁴⁰Descendentes de Sobal: Aliã, Manaat, Ebal, Sefo e Onam. Descendentes de Sebeon: Aía e Ana. ⁴¹Descendente de Ana: Dison. Descendentes de Dison: Hamrã, Esebã, Jetrã e Carã. ⁴²Descendentes de Eser: Balaã, Zavã e Jacã. Descendentes de Disã: Hus e Arã.

⁴³Os reis que governaram o país de Edom, antes que passasse para o domínio do rei israelita, foram os seguintes: Bela, filho de Beor. A sua capital era Danaba. ⁴⁴Com a morte de Bela, reinou Jobab, filho de Zara, da cidade de Bosra. ⁴⁵Ao morrer, Jobab foi substituído por Husam, da região dos temanitas. ⁴⁶Quando Husam morreu, reinou Adad, filho de Badad, vencedor dos madianitas nos campos de Moab. Sua capital chamava-se Avit. ⁴⁷Com a morte de Adad, Semla de Masreca tornou-se rei no lugar dele. ⁴⁸O sucessor de Semla foi Saul, de Reobot Naar. ⁴⁹Com a morte de Saul, o governo passou para as mãos de Baalanã, filho de Acobor. ⁵⁰Quando Baalanã morreu, o trono passou para Adad, da cidade de Fau, casado com Meetabel, filha de Matred e neta de Mezaab.

⁵¹Quando Adad morreu, apareceram chefes em Edom: Tamna, Alva, Jetet, ⁵²Oolibama, Ela, Finon, ⁵³Cenez, Temã, Mabsar, ⁵⁴Magdiel e Iram. Esses foram os chefes de Edom.

2 *Dos filhos de Israel até Davi* — ¹Filhos de Israel: Rúben, Simeão, Levi, Judá, Issacar, Zabulon, ²Dã, José, Benjamim, Neftali, Gad e Aser.

³Filhos de Judá: Her, Onam e Sela; os três nascidos de Bat-Sua, a cananeia. Her, o filho mais velho de Judá, fez o que Javé reprova, e Javé lhe tirou a vida.

⁴Tamar, nora de Judá, deu-lhe dois filhos: Farés e Zara. Assim, foram cinco os filhos de Judá.

⁵Filhos de Farés: Hesron e Hamul.

⁶Filhos de Zara: Zambri, Etã, Emã, Calcol e Darda; cinco ao todo.

⁷Filho de Carmi: Acar, que chamou a desgraça sobre Israel, porque violou a lei

do anátema. ⁸Filho de Etã: Azarias.

⁹Filhos de Hesron: Jerameel, Ram e Calubi. ¹⁰Ram foi pai de Aminadab, pai de Naasson, que foi um dos chefes da família de Judá. ¹¹Naasson foi pai de Salma, pai de Booz. ¹²Booz foi pai de Obed, pai de Jessé. ¹³Jessé teve os seguintes filhos: Eliab, o mais velho; depois, Abinadab; em terceiro lugar, Samaá; ¹⁴Natanael foi o quarto, Radai o quinto, ¹⁵Asom o sexto, e Davi o sétimo. ¹⁶Eles tinham duas irmãs: Sárvia e Abigail. Filhos de Sárvia: Abisaí, Joab e Asael; três ao todo. ¹⁷Filho de Abigail: Amasa; o pai dele foi Jeter, o ismaelita.

Clã de Caleb — ¹⁸Caleb, filho de Hesron, com sua mulher Azuba, foi pai de Jeriot. Depois, ela ainda lhe deu Jaser, Sobab e Ardon. ¹⁹Depois que Azuba morreu, Caleb casou-se com Éfrata, que lhe deu o filho Hur. ²⁰Hur foi pai de Uri, pai de Beseleel. ²¹Hesron casou-se com a filha de Maquir, pai de Galaad. Ele tinha sessenta anos quando se casou, e sua mulher lhe deu um filho de nome Segub.

²²Segub foi pai de Jair, que tinha vinte e três cidades na região de Galaad. ²³Depois, Aram e Gessur tomaram as aldeias de Jair, isto é, Canat e suas vilas, sessenta povoados ao todo. Tudo isso pertencia aos filhos de Maquir, pai de Galaad. ²⁴Depois da morte de Hesron, Caleb se casou com Éfrata, viúva de seu pai, e ela lhe deu o filho Asur, pai de Técua.

²⁵Jerameel, primeiro filho de Hesron, teve os seguintes filhos: Ram, o mais velho; depois, Buna, Oren Asom e Aías. ²⁶Jerameel teve outra mulher chamada Atara, que foi mãe de Onam.

²⁷Filhos de Ram, o filho mais velho de Jerameel: Moos, Jamin e Acar.

²⁸Filhos de Onam: Semei e Jada. Filhos de Semei: Nadab e Abisur. ²⁹A mulher de Abisur se chamava Abiail. Ela lhe deu os filhos Aobã e Molid. ³⁰Nadab tinha dois filhos: Saled e Efraim. Saled morreu sem filhos. ³¹Efraim foi pai de Jesi, pai de Sesã, pai de Oolai. ³²Jada, irmão de Semei, foi pai de Jeter e Jônatas. Jeter não deixou filhos, ³³enquanto Jônatas deixou Falet e Ziza.

Descendência de Jerameel: ³⁴Sesã não teve filhos; só filhas. Ele tinha um escravo egípcio de nome Jaraá, ³⁵com quem casou uma de suas filhas, que lhe deu um filho de nome Etei. ³⁶Etei foi pai de Natã, pai de Zabad, ³⁷pai de Ofal, pai de Obed, ³⁸pai de Jeú, pai de Azarias, ³⁹pai de Helés, pai de Elasa, ⁴⁰pai de Sisamoi, pai de Selum, ⁴¹pai de Icamias, pai de Elisama.

⁴²Filhos de Caleb, irmão de Jerameel: Mesa, o mais velho. Este foi pai de Zif e de Maresa, que foi pai de Hebron. ⁴³Filhos de Hebron: Coré, Tafua, Recém e Sama. ⁴⁴Sama foi pai de Raam, pai de Jercaam. Recém foi pai de Samai. ⁴⁵O filho de Samai foi Maon, pai de Betsur.

⁴⁶Efa, concubina de Caleb, lhe deu estes filhos: Harã, Mosa e Gezez. Harã foi pai de Gezez. ⁴⁷Filhos de Jaadai: Regom, Joatão, Gesã, Falet, Efa e Saaf. ⁴⁸Maaca, outra concubina de Caleb, teve Saber e Tarana, ⁴⁹além de Saaf, pai de Madmana, e Sué, pai de Macbena e Gabaá. A filha de Caleb se chamava Acsa.

⁵⁰Estes foram os descendentes de Caleb. Filhos de Hur, o filho mais velho de Éfrata: Sobal, pai de Cariat-Iarim; ⁵¹Salma, pai de Belém; Harif, pai de Bet-Gader. ⁵²Filhos de Sobal, pai de Cariat-Iarim: Haroe, a metade dos manaatitas, ⁵³os clãs de Cariat-Iarim, os jetritas, os futitas, os sematitas e os maseritas. Deles descendem também os povos de Saraá e Estaol. ⁵⁴Filhos de Salma: Belém, os netofatitas, Atarot-Bet-Joab, a outra metade dos manaatitas, os saraítas, ⁵⁵os clãs sofritas, moradores de Jabes, os tiriateus, os simeateus e os sucateus. Esses são os quenitas, descendentes de Emat, pai da família de Recab.

3 *Descendentes de Davi* — ¹Filhos de Davi, nascidos em Hebron: o mais velho foi Amnon, e sua mãe era Aquinoam de Jezrael; o segundo foi Daniel, e sua mãe era Abigail de Carmel; ²o terceiro foi Absalão, filho de Maaca, filha de Tolmai, rei de Gessur; o quarto, Adonias, era filho de Hagit; ³o quinto, Safatias, filho de Abital; o sexto, Jetraam, filho de sua esposa Eglá. ⁴Portanto, Davi teve seis filhos em Hebron, onde reinou sete anos e meio.

Depois, Davi reinou trinta e três anos em Jerusalém. ⁵Filhos que lhe nasceram em Jerusalém: Samua, Sobab, Natã e Salomão. A mãe destes era Betsabeia, filha de Amiel. ⁶Além deles: Jebaar, Elisama, Elifalet, ⁷Noge, Nafeg, Jáfia, ⁸Elisama, Eliada e Elifalet; nove ao todo. ⁹Eram todos filhos de Davi, sem falar dos filhos que teve com as concubinas, e esses tinham uma irmã de nome Tamar.

¹⁰Filho de Salomão: Roboão, pai de Abias, pai de Asa, pai de Josafá, ¹¹pai de Jorão, pai de Ocozias, pai de Joás, ¹²pai de Amasias, pai de Azarias, pai de Joatão, ¹³pai de Acaz, pai de Ezequias, pai de Manassés, ¹⁴pai de Amon, pai de Josias. ¹⁵Filhos de Josias: Joanã, o mais velho; Joaquim, o segundo; Sedecias, o terceiro; Selum, o quarto. ¹⁶Filhos de Joaquim: Jeconias e Sedecias.

¹⁷Filhos de Jeconias, que foi levado para o exílio: primeiro, Salatiel; ¹⁸depois,

Melquiram, Fadaías, Senasser, Jecemias, Hosama e Nadabias. ¹⁹Filhos de Fadaías: Zorobabel e Semei. Filhos de Zorobabel: Mosolam e Hananias. Salomit era irmã deles. ²⁰Filhos de Mosolam: Hasaba, Ool, Baraquias, Hasadías e Josab-Hesed; cinco ao todo. ²¹Filhos de Hananias: Faltias, Jeseías, Rafaías, Arnã, Abdias e Sequenias. ²²Filhos de Sequenias: Semeías, Hatus, Jegaal, Barias, Naarias e Safat. Seis ao todo. ²³Naarias teve três filhos: Elioenai, Ezequias e Ezricam. ²⁴Elioenai teve sete filhos: Oduías, Eliasib, Feleías, Acub, Joanã, Dalaías e Anani.

4 *Descendentes de Judá* — ¹Filhos de Judá: Farés, Hesron, Carmi, Hur e Sobal. ²Reaías, filho de Sobal, foi pai de Jaat, pai de Aumai e Laad. São esses os clãs saraítas.

³Filhos de Etam: Jezrael, Jesema, Jedebos, e uma filha de nome Asalelfuni. ⁴Fanuel foi pai de Gedor, enquanto Ezer foi pai de Hosa. Esses foram os filhos de Hur, filho mais velho de Éfrata, pai de Belém.

⁵Asur, pai de Técula, teve duas esposas: Halaá e Naara. ⁶Naara teve os seguintes filhos: Oozam, Héfer, os tamanitas e aastaritas. Todos esses são descendentes de Naara. ⁷Filhos de Halaá: Seret, Saar e Etnã.

⁸Cós foi pai de Anob, de Soboba e dos clãs de Aareel, filho de Arum. ⁹Jabes foi superior a seus irmãos. Sua mãe deu-lhe o nome de Jabes, explicando: “Com dores eu o gerei!” ¹⁰Jabes invocou o Deus de Israel: “Peço que me abençoes, aumentando minhas terras, protegendo-me com tua mão, afastando de mim o mal e pondo fim à minha dor”. E Deus concedeu o que ele pediu.

¹¹Calub, irmão de Suaá, foi pai de Mair, pai de Eston. ¹²Eston foi pai de Bet-Rafa, Fesse, Teina, pai de Irnaás. Esses são os homens de Recab.

¹³Filhos de Cenez: Otoniel e Saraías. Filhos de Otoniel: Hatat e Maonati. ¹⁴Maonati foi pai de Ofra. Saraías foi pai de Joab, fundador do vale dos Artesãos, pois eram de fato artesãos. ¹⁵Filhos de Caleb, filho de Jefoné: Hir, Ela e Naam. Filho de Ela: Cenez.

¹⁶Filhos de Jaleleel: Zif, Zifa, Tirias, Asrael. ¹⁷Filhos de Ezra: Jeter, Mered, Éfer, Jalon. Betias gerou Maria, Samai e Jesba, pai de Estemo. ¹⁸A mulher judaíta de Mered deu-lhe Jared, pai de Gedor; Héber, pai de Soco; Icutiel, pai de Zanoé. São esses os filhos de Betias, filha do Faraó, casada com Mered.

¹⁹Filhos da mulher de Odias, irmã de Naam: o pai de Ceila, o garmita, e de Estemo, o maacatita. ²⁰Filhos de Simão: Amnon, Rina, Ben-Hanã e Tilon. Filhos

de Jesi: Zoet e Ben-Zoet.

²¹Sela, filho de Judá, teve os seguintes filhos: Her, pai de Leca; Laada, pai de Maresa; os clãs que trabalham com linho em Bet-Asbea; ²²Joaquim e os homens de Cozeba; Joás e Saraf, que foram se casar em Moab antes de voltarem para Belém. São casos antigos. ²³Eles eram oleiros e moraram em Nataim e Gadera, junto com o rei, para quem trabalhavam.

Descendentes de Simeão — ²⁴Filhos de Simeão: Namuel, Jamin, Jarib, Zara e Saul. ²⁵Além desses: Selum, Mabsam e Masma. ²⁶Filhos de Masma: Hamuel, Zacur e Semei. ²⁷Semei teve dezesseis filhos e seis filhas. Seus irmãos, porém, não tiveram muitos filhos, de modo que suas famílias não se multiplicaram como a família de Judá. ²⁸Eles moravam em Bersabeia, Molada e Hasar-Sual, ²⁹Bala, Asem e Tolad, ³⁰Batuel, Horma e Siceleg, ³¹Bet-Marcabot, Hasar-Susim, Bet-Berai e Saarim. Essas foram suas cidades até a época do reinado de Davi. ³²Suas aldeias foram: Etam, Aen, Remon, Toquen e Asã, isto é, cinco cidades, ³³com todas as aldeias vizinhas dessas cidades até Baalat. Aí moraram e aí foram registrados: ³⁴Masobab, Jemlec, Josa, filho de Amasias; ³⁵Joel, Jeú, filho de Josabias, filho de Saraías, filho de Asiel; ³⁶Elioenai, Jacoba, Isuaías, Asaías, Adiel, Isimiel, Banaías, ³⁷Ziza, Ben-Sefei, Ben-Alon, Ben-Jedaías, Ben-Semri, Ben-Samaías. ³⁸Esses, aqui lembrados nome por nome, eram chefes de seus clãs, e suas famílias foram muito numerosas. ³⁹A vida deles era nômade: andavam de um lado para o outro no vale de Gerara, procurando pastagem para o rebanho. ⁴⁰Aí encontraram muita pastagem e de boa qualidade, pois era uma região vasta, tranquila e pacífica. Antes, essa região era habitada pelos descendentes de Cam.

⁴¹No tempo de Ezequias, rei de Judá, os simeonitas acima registrados chegaram a esse lugar e se apoderaram do acampamento dos descendentes de Cam e também dos meunitas que aí se encontravam, eliminando-os totalmente, até o dia de hoje. Depois, passaram a morar no lugar deles, onde havia pastagem para seus rebanhos.

⁴²Alguns descendentes de Simeão foram para a montanha de Seir. Eram quinhentos homens comandados por Faltias, Naarias, Rafaías e Oziel, filhos de Jesi. ⁴³Acabaram com o resto dos amalecitas sobreviventes e passaram a morar nesse lugar, onde estão até hoje.

5 *Descendentes de Rúben* — ¹Filhos de Rúben, filho mais velho de Israel. Ele era o filho mais velho. No entanto, por ter desrespeitado a cama do seu pai, os seus direitos passaram para José, outro filho de Israel. Rúben não foi mais considerado como primogênito. ²Judá passou à frente dos irmãos e conseguiu ter um filho chefe, mas o direito de filho mais velho pertencia de fato a José.

³Filhos de Rúben, filho mais velho de Israel: Henoc, Falu, Hesron e Carmi.

⁴Filhos de Joel: Samaías, Gog, Semei, ⁵Micas, Reaías, Baal ⁶e Beera, que Teglat-Falasar, rei da Assíria, levou para o exílio. Era chefe dos rubenitas.

⁷Por clãs, e agrupados conforme o parentesco, seus irmãos eram: primeiro, Jeiel; depois, Zacarias; ⁸por fim, Bela, filho de Azaz, neto de Sama e bisneto de Joel.

O clã de Rúben ficou morando em Aroer, chegando até Nebo e Baal-Meon. ⁹Para o lado oriental, ocupou o território que vai até à beira do deserto, desde o rio Eufrates, pois tinha muito gado na região de Galaad. ¹⁰Na época de Saul, eles tiveram que fazer guerra contra os agarenos, em cujas mãos acabaram caindo. Os agarenos passaram, então, a ocupar os acampamentos que eram deles em toda a parte oriental de Galaad.

Descendentes de Gad — ¹¹Ao lado da tribo de Rúben, os filhos de Gad ficaram morando na região de Basã até Selca. ¹²Estavam em Basã: primeiro, Joel; depois, Safam, Janaí e Safat. ¹³Irmãos deles, família por família: Miguel, Mosolam, Sebe, Jorai, Jacã, Zie e Héber; sete ao todo. ¹⁴Filhos de Abiail: Ben-Uri, Ben-Jaroe, Ben-Galaad, Ben-Miguel, Ben-Jesesi, Ben-Jedo e Ben-Buz. ¹⁵O chefe da sua família era Ai, filho de Abdiel e neto de Guni. ¹⁶Eles ficaram morando em Galaad, em Basã e arredores, nas pastagens do Saron, até nos seus limites. ¹⁷Todos eles foram registrados na época em que Joatão era rei de Judá e Jeroboão era rei de Israel.

¹⁸As tribos de Rúben, de Gad e a meia tribo de Manassés, que contavam com quarenta e quatro mil, setecentos e sessenta guerreiros, entre soldados armados de escudo e espada, atiradores de flechas treinados para a guerra e prontos para a luta, ¹⁹entraram em combate contra os agarenos em Jetur, Nafis e Nodab. ²⁰No meio do combate, clamaram a seu Deus e, por terem confiado nele, Deus ouviu sua súplica e os ajudou, submetendo os agarenos e aliados ao poder deles. ²¹Conseguiram, assim, tomar as riquezas dos agarenos: cinquenta mil camelos, duzentas e cinquenta mil ovelhas e dois mil jumentos. Também fizeram cem mil

prisioneiros, ²²e houve outros tantos mortos, porque essa guerra foi conduzida por Deus. Até o exílio, eles ficaram morando no lugar que tinha sido dos agarenos.

Descendentes da meia tribo de Manassés — ²³Os filhos da meia tribo de Manassés ficaram morando no território que fica entre Basã e Baal-Hermon, o Sanir e o monte Hermon. Eram numerosos. ²⁴Estes eram seus chefes de família: Éfer, Jesi, Eliel, Ezriel, Jeremias, Odoías e Jediel. Eram homens valentes e famosos, chefes de suas famílias.

²⁵Eles, porém, foram infiéis ao Deus de seus antepassados, pois se prostituíram com os deuses dos povos nativos que Deus tinha destruído diante deles. ²⁶Então o Deus de Israel incitou contra eles Pul, que é Teglat-Falasar, rei da Assíria. Este exilou Rúben, Gad e a meia tribo de Manassés, levando-os para Hala, Habor, Ara e para o rio Gozã, onde estão até hoje.

Descendentes de Levi até o exílio na Babilônia — ²⁷Filhos de Levi: Gérson, Caat e Merari. ²⁸Filhos de Caat: Amram, Isaar, Hebron e Oziel. ²⁹Aarão, Moisés e Maria eram filhos de Amram. Filhos de Aarão: Nadab, Abiú, Eleazar e Itamar. ³⁰Eleazar foi pai de Fineias, pai de Abisue, ³¹pai de Boci, pai de Ozi, ³²pai de Zaraías, pai de Meraiot, ³³pai de Amarias, pai de Aquitob, ³⁴pai de Sadoc, pai de Aquimaás, ³⁵pai de Azarias, pai de Joanã, ³⁶pai de Azarias. Este foi o sacerdote no Templo construído em Jerusalém por Salomão. ³⁷Azarias foi pai de Amarias, pai de Aquitob, ³⁸pai de Sadoc, pai de Selum, ³⁹pai de Helcias, pai de Azarias, ⁴⁰pai de Saraías, pai de Josedec. ⁴¹Josedec foi para o exílio quando Javé, por meio de Nabucodonosor, exilou Judá e Jerusalém.

6 ***Clãs levíticos*** — ¹Filhos de Levi: Gersam, Caat e Merari. ²Filhos de Gersam: Lobni e Semei. ³Filhos de Caat: Amram, Isaar, Hebron e Oziel. ⁴Filhos de Merari: Mooli e Musi. Esses são os clãs de Levi, por famílias. ⁵Filhos de Gersam: Lobni, Jaat, Zama, ⁶Joa, Ado, Zara e Jetrai. ⁷Filhos de Caat: Aminadab, Coré, Asir, ⁸Elcana, Abiasaf, Asir, ⁹Taat, Uriel, Ozias e Saul. ¹⁰Filhos de Elcana: Amasai e Aquimot, ¹¹pai de Elcana, pai de Sofai, pai de Naat, ¹²pai de Eliab, pai de Jeroam, pai de Elcana. ¹³Este teve dois filhos: Samuel, o mais velho, e Abias. ¹⁴Filhos de Merari: Mooli, Lobni, Semei, Oza, ¹⁵Samaá, Hagias e Asaías.

Cantores no tempo de Davi — ¹⁶Vêm agora os que Davi encarregou de dirigir o canto no Templo de Javé, quando a Arca foi aí colocada. ¹⁷O ofício deles era cantar diante da Habitação da Tenda da reunião, até que Salomão construiu em Jerusalém o Templo de Javé. Daí por diante, eles exerciam seu ofício no Templo, conforme o regulamento. ¹⁸Os encarregados do canto, com seus descendentes, eram os seguintes: Filhos de Caat: Emã, o cantor, filho de Joel, filho de Samuel, ¹⁹filho de Elcana, filho de Jeroam, filho de Eliel, filho de Toú, ²⁰filho de Suf, filho de Elcana, filho de Maat, filho de Amasai, ²¹filho de Elcana, filho de Joel, filho de Azarias, filho de Sofonias, ²²filho de Taat, filho de Asir, filho de Abiasaf, filho de Coré, ²³filho de Isaar, filho de Caat, que era filho de Levi, filho de Israel. ²⁴À sua direita, ficava o seu companheiro Asaf, que era filho de Baraquias, filho de Samaé, ²⁵filho de Miguel, filho de Basaías, filho de Melquias, ²⁶filho de Atanai, filho de Zara, filho de Adaías, ²⁷filho de Etã, filho de Zama, filho de Semei, ²⁸filho de Jet, filho de Gersam, que era filho de Levi. ²⁹À esquerda, ficavam os outros seus irmãos, os filhos de Merari: Etã, filho de Cusi, filho de Abdi, filho de Maloc, ³⁰filho de Hasabias, filho de Amasias, filho de Helcias, ³¹filho de Amasai, filho de Boni, filho de Somer, ³²filho de Mooli, filho de Musi, filho de Merari, que era filho de Levi.

Os filhos de Aarão entre os levitas — ³³Os levitas, seus irmãos, estavam inteiramente dedicados ao serviço da Habitação do Templo de Deus. ³⁴Aarão e seus filhos queimavam as ofertas sobre o altar dos holocaustos e também sobre o altar do incenso; faziam todo o serviço das coisas mais santas, especialmente das cerimônias de expiação dos pecados de Israel, tudo conforme determinou Moisés, o servo de Deus.

³⁵Filhos de Aarão: Eleazar, depois Fineias, Abisue, ³⁶Boci, Ozi, Zaraías, ³⁷Meraiot, Amarias, Aquitob, ³⁸Sadoc e por fim Aquimaás.

Cidades dos levitas — ³⁹São estas as moradas dos filhos de Levi, conforme as divisas de seus territórios: Para os filhos de Aarão, do clã de Caat, que foram sorteados em primeiro lugar, ⁴⁰deram Hebron, no território de Judá, com as pastagens vizinhas. ⁴¹A zona rural e suas aldeias ficaram para Caleb, filho de Jefoné. ⁴²Aos filhos de Aarão foram entregues as cidades de refúgio: Hebron, Lebna e suas pastagens, Jeter, Estemo e suas pastagens; ⁴³Helon e suas

pastagens, Dabir e suas pastagens; ⁴⁴Asã e suas pastagens; Bet-Sames e suas pastagens. ⁴⁵Da tribo de Benjamim foram entregues Gaba e suas pastagens, Almat e suas pastagens; Anatot e suas pastagens. Seus clãs receberam ao todo treze cidades com suas pastagens.

⁴⁶Para os outros descendentes de Caat, foram entregues, por sorteio, dez cidades, tomadas dos clãs das tribos de Efraim, Dã e da meia tribo de Manassés.

⁴⁷Para os descendentes de Gersam, distribuídos por clãs, ficaram treze cidades, tomadas das tribos de Issacar, Aser, Neftali e da tribo de Manassés em Basã.

⁴⁸Para os descendentes de Merari, por clãs, caíram por sorteio doze cidades, tomadas das tribos de Rúben, Gad e Zabulon.

⁴⁹Essas foram as cidades que os israelitas entregaram aos descendentes de Levi, incluindo as pastagens. ⁵⁰Por sorteio, lhes entregaram também as cidades que eram das tribos de Judá, de Simeão e de Benjamim, às quais eles deram seus nomes. ⁵¹Algumas cidades entregues aos clãs dos descendentes de Caat foram tomadas da tribo de Efraim. ⁵²Entregaram para eles também as cidades de refúgio: Siquém e suas pastagens, na região montanhosa de Efraim; Gazer e suas pastagens; ⁵³Jecmaam e suas pastagens, Bet-Horon e suas pastagens; ⁵⁴Aialon e suas pastagens; Gat-Remon e suas pastagens; ⁵⁵Aner e Balaam com suas respectivas pastagens, que foram tiradas da meia tribo de Manassés. É o que foi entregue aos outros clãs dos descendentes de Caat.

⁵⁶Dos clãs da meia tribo de Manassés foram entregues para os descendentes de Gersam: Golã e suas pastagens em Basã; Astarot e suas pastagens. ⁵⁷Da tribo de Issacar: Cedes e suas pastagens; Daberet e suas pastagens; ⁵⁸Ramot e suas pastagens; Anem e suas pastagens. ⁵⁹Da tribo de Aser foram entregues: Masal e suas pastagens; Abdon e suas pastagens; ⁶⁰Hucoc e suas pastagens; Roob e suas pastagens. ⁶¹Da tribo de Neftali: Cedes na Galileia e suas pastagens; Hamon e suas pastagens; Cariataim e suas pastagens.

⁶²Para os outros descendentes de Merari ficaram as seguintes cidades da tribo de Zabulon: Remon e suas pastagens; Tabor e suas pastagens, ⁶³do outro lado do Jordão, no rumo de Jericó, a leste do rio. Da tribo de Rúben: Bosor, no deserto, e suas pastagens; Jasa e suas pastagens; ⁶⁴Cedimot e suas pastagens; Mefaat e suas pastagens. ⁶⁵Da tribo de Gad: Ramot em Galaad e suas pastagens; Maanaim e suas pastagens; ⁶⁶Hesebon e suas pastagens; Jazer e suas pastagens.

7 *Descendentes de Issacar* — ¹Filhos de Issacar: Tola, Fua, Jasub e Semron. Quatro ao todo. ²Filhos de Tola, chefes de suas famílias: Ozi, Rafaías, Jeriel, Jemai, Jebsem e Samuel. O número de guerreiros que eles tinham por famílias no tempo de Davi era, no total, vinte e dois mil e seiscentos. ³Filho de Ozi: Izraías. Filhos de Izraías: Miguel, Abdias, Joel e Jesias. Eram cinco chefes. ⁴Sob a responsabilidade deles havia batalhões organizados com trinta e seis mil soldados, repartidos conforme sua parentela e famílias. Eles tinham muitas mulheres e filhos. ⁵Seus irmãos dos clãs de Issacar chegaram a ter oitenta e sete mil guerreiros no recenseamento.

Descendentes de Benjamim — ⁶Filhos de Benjamim: Bela, Bocor e Jadiel. Três ao todo. ⁷Filhos de Bela: Esbon, Ozi, Oziel, Jerimot e Urai. Os cinco eram chefes de famílias, valentes guerreiros, somando vinte e dois mil e trinta e quatro homens. ⁸Filhos de Bocor: Zamira, Joás, Eliezer, Elioenai, Amri, Jerimot, Abias, Anatot e Almat, todos filhos de Bocor. ⁹O recenseamento deles, feito com base nos chefes de suas famílias, deu vinte mil e duzentos guerreiros. ¹⁰Filho de Jadiel: Balã. Filhos de Balã: Jeús, Benjamim, Aod, Canana, Zetã, Társis e Aisaar. ¹¹Todos esses filhos de Jadiel se tornaram chefes de famílias, homens valentes, em número de dezessete mil e duzentos, aptos para guerra e combate.

¹²Sufam e Hufam. Filho de Ir: Hasim, cujo filho se chamava Aer.

Descendentes de Neftali e Manassés — ¹³Filhos de Neftali: Jasiel, Guni, Jeser e Selum. Todos eram filhos de Bala.

¹⁴Filhos de Manassés: Esriel, dado à luz por sua concubina arameia, que lhe deu também Maquir, pai de Galaad. ¹⁵Maquir tomou esposas para Hufam e Sufam. Tinha uma irmã chamada Maaca. O nome do seu outro irmão era Salfaad, que só teve filhas. ¹⁶Maaca, mulher de Maquir, teve um filho, e lhe deu o nome de Farés. O irmão dele se chamava Sares, cujos filhos eram Ulam e Recém. ¹⁷Filho de Ulam: Badã. São esses os descendentes de Galaad, filho de Maquir, que era filho de Manassés. ¹⁸Sua irmã Amaléquet foi a mãe de Isod, Abiezer e Moola. ¹⁹Filhos de Semida: Ain, Siquém, Leci e Aniam.

Descendentes de Efraim — ²⁰Filhos de Efraim: Sutala, pai de Bared, pai de Taat, pai de Elada, pai de Taat, ²¹pai de Zabad, pai de Sutala, e ainda Ezer e Elada. Uns indivíduos de Gad, nascidos no território, mataram esses dois últimos

que tinham ido roubar gado. ²²Efraim, o pai deles, ficou de luto por muito tempo, e seus irmãos foram consolá-lo. ²³Depois voltou a unir-se à sua esposa; então ela ficou grávida e deu à luz um menino, a quem ele deu o nome de Berias, para lembrar que “sua casa estava na infelicidade”. ²⁴Filha de Efraim: Sara. Ela fundou as cidades de Bet-Horon superior e inferior e também Ozensara.

²⁵À descendência de Efraim pertencem também: Rafa, pai de Sutala, pai de Taã, ²⁶pai de Laadã, pai de Amiud, pai de Elisama, ²⁷pai de Nun, pai de Josué. ²⁸Suas propriedades e moradias eram em Betel e arredores; Norã, a leste; Gazer e arredores, a oeste; Siquém e arredores, até Hai e arredores. ²⁹Em poder dos descendentes de Manassés estavam também: Betsã e arredores; Tanac e arredores; Meguido e arredores; Dor e arredores. Aí moravam os descendentes de José, filho de Israel.

Descendentes de Aser — ³⁰Filhos de Aser: Jemna, Jesua, Jessui, Beria, além de Sara, irmã deles. ³¹Filhos de Beria: Héber e Melquiel, pai de Barzait. ³²Filhos de Héber: Jeflat, Somer, Hotam e uma irmã, Suaá. ³³Filhos de Jeflat: Fosec, Bamaal e Asot. São esses os filhos de Jeflat. ³⁴Filhos de seu irmão Somer: Roaga, Haba e Aram. ³⁵O outro irmão, de nome Hélem, teve os seguintes filhos: Sufa, Jemna, Seles e Amal. ³⁶Sufa foi pai de Sue, Harnafer, Sual, Beri, Jamra, ³⁷Bosor, Od, Sama, Salusa, Jetrã e Beera. ³⁸Jetrã teve os seguintes filhos: Jefoné, Fasfa e Ara. ³⁹Filhos de Ola: Area, Haniel e Resias. ⁴⁰São esses os descendentes de Aser, chefes de famílias, homens escolhidos e valentes, chefes entre os príncipes. O recenseamento, feito com base na capacidade militar, somou vinte e seis mil homens.

8 *Descendentes de Benjamim* — ¹Filhos de Benjamim: Bela, o mais velho; em segundo lugar, Asbel; em terceiro, Airam; ²em quarto, Noaá; em quinto, Rafa. ³Filhos de Bela: Adar, Gera, pai de Aod, ⁴Abisue, Naamã, Aoe, ⁵Gera, Sefufam e Huram. ⁶Filhos de Aod, que foram chefes de famílias em Gaba e que foram exilados para Manaat: ⁷Naamã, Aías e Gera. Este último os conduziu cativos; ele foi pai de Oza e Aiud. ⁸Saaram só teve filhos nos campos de Moab, depois de repudiar suas duas mulheres, Husim e Baara. ⁹Sua nova mulher lhe deu estes filhos: Jobab, Sebias, Mesa, Melcam, ¹⁰Jeús, Sequias e Marma. Foram esses os seus filhos, que se tornaram chefes de famílias. ¹¹Husim tinha gerado Abitob e Elfaal. ¹²Filhos de Elfaal: Héber, Misaam e Samad. Este foi o fundador de Ono e

Lod com seus arredores. ¹³Berias e Sama eram chefes de famílias dos moradores de Aialon, e foram eles que expulsaram os habitantes de Gat. ¹⁴Sesac era irmão de Berias. Jerimot, ¹⁵Zabadias, Arod, Éder, ¹⁶Miguel, Jesfa e Joá eram filhos de Berias. ¹⁷Zabadias, Mosolam, Hezeci, Haber, ¹⁸Jesamari, Jeslias e Jobab eram filhos de Elfaal. ¹⁹Jacim, Zecri, Zabdi, ²⁰Elioenai, Seletai, Eliel, ²¹Adaías, Baraías e Samarat eram filhos de Semei. ²²Jesfã, Héber, Eliel, ²³Abdon, Zecri, Hanã, ²⁴Hanania, Elam, Anatotias, ²⁵Jefdaías e Fanuel eram filhos de Sesac. ²⁶Semsari, Soorias, Otolias, ²⁷Jersias, Elias e Zecri eram filhos de Jeroam. ²⁸Esses eram os chefes de famílias, agrupados segundo sua parentela. Eles moravam em Jerusalém.

²⁹Em Gabaon moravam Jeiel, pai de Gabaon. Sua mulher chamava-se Maaca. ³⁰Seus filhos foram: Abdon, o mais velho; depois, Sur, Cis, Baal, Ner, Nadab, ³¹Gedor, Aio, Zaquer e Macelot. ³²Macelot foi pai de Samaá. Mas esses dois, ao contrário de seus irmãos, foram morar em Jerusalém, junto com seus outros irmãos.

³³Ner foi pai de Cis, pai de Saul, que teve os seguintes filhos: Jônatas, Melquisua, Abinadab e Isbaal. ³⁴Jônatas teve um filho, Meribaal, pai de Micas. ³⁵Filhos de Micas: Fiton, Melec, Taraá e Aaz. ³⁶Aaz foi pai de Joadá, pai de Almat, Azmot e Zambri. Zambri foi pai de Mosa, ³⁷pai de Banaá, pai de Rafa, pai de Elasa, pai de Asel, ³⁸que teve seis filhos com estes nomes: Ezricam, o mais velho; depois, Ismael, Sarias, Abdias e Hanã. Eram todos filhos de Asel. ³⁹Filhos do seu irmão Esec: Ulam, o mais velho; Jeús, o segundo; Elifalet, o terceiro. ⁴⁰Os filhos de Ulam eram guerreiros valentes, atiradores de flechas. Seus filhos e netos aumentaram muito, chegando ao número de cento e cinquenta. Todos esses eram descendentes de Benjamim.

9 *População de Jerusalém depois do exílio* — ¹Todo o Israel foi registrado em genealogias e estava inscrito no livro dos reis de Israel e Judá, quando, por causa de suas infidelidades, foi levado para o exílio na Babilônia. ²Os primeiros israelitas a residir em patrimônios e cidades foram os sacerdotes, os levitas e os doados.

³Em Jerusalém ficaram morando alguns descendentes de Judá, Benjamim, Efraim e Manassés. ⁴Dos descendentes de Judá ficaram: Otei, filho de Amiud, filho de Amri, filho de Omrai, filho de Bani, filho de Farés, filho de Judá. ⁵Dos selanitas: Asaías, o primogênito, e seus filhos. ⁶Da descendência de Zara

ficaram: Jeuel e seus irmãos, num total de seiscentas e noventa pessoas.

⁷Dos descendentes de Benjamim, ficaram em Jerusalém: Salo, filho de Mosolam, filho de Oduías, filho de Asana; ⁸Joabnias, filho de Jeroam; Ela, filho de Ozi, filho de Mocori; Mosolam, filho de Safatias, filho de Reuel, filho de Jebanias. ⁹Com todos os irmãos, por famílias, somavam, no total, novecentas e cinquenta pessoas. Todos esses homens eram chefes de famílias.

¹⁰Sacerdotes que ficaram: Jedaías, Joiarib, Jaquin, ¹¹Azarias, filho de Helcias, filho de Mosolam, filho de Sadoc, filho de Maraiot, filho de Aquitob, que era chefe do Templo de Deus. ¹²Também Adaías, filho de Jeroam, filho de Fassur, filho de Melquias; Maasai, filho de Adiel, filho de Jezra, filho de Mosolam, filho de Mosolamot, filho de Emer, ¹³além dos irmãos, chefes de famílias. Eram, no total, mil e setecentos e sessenta homens aptos para a guerra, todos encarregados do serviço no Templo de Deus.

¹⁴Levitas que ficaram: Semeías, filho de Hassub, filho de Ezricam, filho de Hasabias, dos descendentes de Merari; ¹⁵Bacbacar, Hares, Galal; Matanias, filho de Micas, filho de Zecri, filho de Asaf; ¹⁶Abdias, filho de Semeías, filho de Galal, filho de Iditun; Baraquias, filho de Asa, filho de Elcana, que morava nas aldeias dos netofatitas.

¹⁷Porteiros que ficaram: Selum, Acub, Telmon e Aimã, com seus irmãos. Selum, o chefe, ¹⁸permanece até hoje junto à porta Real, do lado leste. Os porteiros dos acampamentos dos levitas eram os seguintes: ¹⁹Selum, filho de Coré, filho de Abiasaf, filho de Cora, e seus irmãos de sangue, da mesma família dos coreítas. Dedicavam-se ao serviço litúrgico, guardavam a porta da Tenda, enquanto seus pais, responsáveis pelo acampamento de Javé, guardavam a entrada. ²⁰Fineias, filho de Eleazar, foi o chefe deles. Que Javé esteja com ele! ²¹Zacarias, filho de Mosolamias, foi o porteiro na entrada da Tenda da reunião. ²²Os porteiros escolhidos para guardar a entrada da porta eram ao todo duzentos e doze. Estavam agrupados em suas aldeias. Davi e o vidente Samuel os colocavam como porteiros, por causa da honestidade deles. ²³Eles e seus filhos se tornaram os porteiros responsáveis pelas portas do Templo de Javé, ou seja, a Casa da Tenda. ²⁴Os porteiros ficavam voltados para os quatro lados: nascente, poente, norte e sul. ²⁵Os irmãos que estavam nas aldeias deviam revezar-se, de semana em semana, para ficar sete dias com eles, ²⁶pois os quatro porteiros mais fortes ficavam aí constantemente. Eles eram levitas e cuidavam dos cômodos e provisões do Templo de Deus. ²⁷Dormiam na vizinhança do Templo, pois

tinham obrigação de guardá-lo; eram eles que abriam as portas, toda manhã. ²⁸Alguns deles eram encarregados dos objetos do culto e tinham que conferir os objetos que chegavam e saíam. ²⁹Outros eram encarregados do material de consumo, coisas sagradas como farinha de trigo, vinho, azeite, incenso e perfumes. ³⁰Quem misturava as essências para preparar os perfumes eram os sacerdotes.

³¹O levita Matatias, filho mais velho de Selum, descendente de Coré, por causa de sua honestidade, ficou responsável pelo que era feito nas assadeiras. ³²Alguns da família dos descendentes de Caat ficaram encarregados de substituir, todo sábado, os doze pães colocados em ordem no santuário.

³³São esses os cantores, chefes de famílias da tribo de Levi. Moravam nos alojamentos do Templo e eram livres de outras funções, porque estavam a serviço dia e noite. ³⁴São esses os chefes de famílias da casa de Levi, conforme seus clãs. Todos moravam em Jerusalém.

Descendentes de Saul — ³⁵Em Gabaon, morava Jeiel, pai de Gabaon. O nome da mulher dele era Maaca. ³⁶Aí moravam o seu filho mais velho Abdon e também Sur, Cis, Baal, Ner, Nadab, ³⁷Gedor, Aio, Zacarias e Macelot. ³⁸Macelot foi pai de Samaam. Ao contrário de seus irmãos, estes últimos moravam com os outros irmãos em Jerusalém. ³⁹Ner foi pai de Cis, que foi pai de Saul. Saul teve estes filhos: Jônatas, Melquisua, Abinadab e Isbaal. ⁴⁰O filho de Jônatas se chamava Meribaal, pai de Micas. ⁴¹Filhos de Micas: Fiton, Melec e Taraá. ⁴²Aaz foi pai de Jara, pai de Almat, Azmot e Zambri. Zambri foi pai de Mosa, ⁴³pai de Banaá, pai de Rafaías, Elasa e Asel. ⁴⁴Asel teve seis filhos: Ezricam, o mais velho, Ismael, Sarias, Abdias e Hanã; são esses os filhos de Asel.

10 *Derrota e morte de Saul* — ¹Os filisteus estavam guerreando contra Israel. Aconteceu então que os homens de Israel fugiram dos filisteus e, feridos, acabaram caindo mortos no monte Gelboé. ²Os filisteus perseguiram Saul e seus filhos, e mataram Jônatas, Abinadab e Melquisua, filhos de Saul. ³Então a luta se concentrou sobre Saul. Os atiradores descobriram onde ele estava e lhe acertaram flechas. ⁴Saul disse ao seu escudeiro: “Puxe a sua espada e me mate, senão esses incircuncisos vão rir de mim”. O escudeiro não quis fazer isso, pois teve muito medo. Então Saul pegou a sua própria espada e se jogou sobre ela. ⁵O

escudeiro ficou apavorado e, ao ver que Saul tinha morrido, jogou-se também sobre a própria espada e morreu. ⁶Dessa forma, morreram Saul e seus três filhos: a família inteira. ⁷Todos os israelitas que moravam no vale, ao verem que os homens de Israel tinham fugido e que Saul e seus filhos tinham morrido, abandonaram suas cidades e fugiram. Então os filisteus foram, e aí ficaram morando.

⁸No outro dia, quando os filisteus foram saquear os mortos no combate, encontraram Saul com seus filhos, todos mortos, no monte Gelboé. ⁹Depois de despojar o corpo de Saul, levaram a cabeça e as armas dele por toda a terra dos filisteus, anunciando a boa notícia a seus ídolos e a seu povo. ¹⁰Em seguida, colocaram as armas de Saul no templo do deus deles e pregaram o seu crânio no templo de Dagon.

¹¹Os habitantes de Jabes de Galaad ficaram sabendo o que os filisteus tinham feito com Saul. ¹²Então todos os guerreiros foram buscar o corpo de Saul e de seus filhos, levando-os para Jabes. Sepultaram os corpos debaixo do terebinto de Jabes e jejuaram durante sete dias.

¹³Saul morreu por ter sido infiel a Javé: não seguiu a ordem de Javé e foi consultar uma mulher que invocava os mortos, ¹⁴em vez de consultar a Javé. Então Javé o entregou à morte e passou o reinado para Davi, filho de Jessé.

II. DAVI, FUNDADOR DO CULTO EM JERUSALÉM

11 *Davi, centro ideal da história* — ¹Todo o Israel se reuniu com Davi em Hebron e lhe disse: “Veja bem! Nós somos do mesmo sangue. ²Há pouco tempo atrás, quando Saul era rei, você é quem chefiava Israel nas guerras. E Javé, seu Deus, lhe disse: ‘Você será o pastor do meu povo Israel. Você será o chefe do meu povo Israel’.” ³Todos os anciãos de Israel foram procurar o rei em Hebron, e Davi fez, aí mesmo em Hebron, uma aliança com eles, na presença de Javé. Então eles ungiram Davi como rei de Israel, conforme a palavra de Javé, anunciada por Samuel. ⁴Davi, com todo o Israel, tomou o caminho para Jerusalém, que se chamava Jebus. Os jebuseus moravam nessa região. ⁵Então os moradores de Jebus disseram a Davi: “Aqui você não entra!” Mas Davi tomou a fortaleza de Sião, que é a Cidade de Davi. ⁶Foi quando Davi falou: “Quem atacar primeiro os jebuseus será nomeado comandante-chefe.” Quem atacou primeiro foi Joab, filho de Sárvia. Assim, ele se tornou comandante. ⁷Davi passou a morar nessa fortaleza e, por isso, deram-lhe o nome de Cidade de Davi. ⁸Ele reconstruiu a cidade em redor, tanto o Melo como as muralhas. E Joab reformou o resto da cidade. ⁹O poder de Davi aumentava cada vez mais, e Javé dos exércitos estava com ele. [11,1-9]

O poder de Davi — ¹⁰São estes os valentes de Davi, que se afirmaram com valor no seu reino e, junto com todo o Israel, o fizeram rei, conforme a palavra de Javé a respeito de Israel. ¹¹Os valentes de Davi são os seguintes: Jesbaam, filho de Hacamon. Ele era o chefe dos Três. Foi ele que atirou a lança sobre trezentos, e acertou os trezentos de uma só vez. ¹²Além dele, Eleazar, filho de Dodô, o aoíta, que era um dos Três. ¹³Ele estava com Davi em Afes-Domim, quando os filisteus aí se reuniram para o combate. Havia nesse lugar uma plantação de cevada. O exército fugiu com medo dos filisteus, ¹⁴mas Eleazar se postou no meio da plantação, a defendeu e matou os filisteus. Javé concedeu uma grande vitória.

¹⁵Três dos Trinta desceram para perto de Davi, junto ao rochedo da gruta de Odolam. O acampamento filisteu estava armado no vale dos rafaim. ¹⁶Davi estava no esconderijo, enquanto em Belém havia uma guarnição de filisteus. ¹⁷Foi quando Davi manifestou um desejo: “Quem me dera beber da água do

poço de Belém, que fica na entrada da cidade!” ¹⁸Os três homens atravessaram o acampamento dos filisteus, tiraram água do poço que fica na entrada de Belém e a levaram para Davi. Mas Davi não quis beber e derramou a água em libação a Javé, ¹⁹dizendo: “Deus me livre de fazer uma coisa dessas! Por acaso eu vou beber o sangue desses homens que arriscaram a vida? Eles trouxeram a água com risco de vida!” E de jeito nenhum quis beber. Foi isso que os três valentes fizeram.

²⁰Abisaí, irmão de Joab, era o chefe dos Trinta. Ele atirou a lança sobre trezentos e os acertou. Assim, ficou famoso entre os Trinta. ²¹Era o mais respeitado dos Trinta e ficou sendo o chefe deles. Só não fazia parte dos Três.

²²Banaías, filho de Joiada, soldado de muitas façanhas, natural de Cabseel, matou os dois heróis de Moab e, em dia de neve, desceu e matou um leão dentro do poço. ²³Ele também matou o egípcio de dois metros e meio de altura, o qual tinha na mão uma lança, que mais parecia cilindro de tear: enfrentou-o com um porrete, tomou a lança da mão do egípcio e com ela o matou. ²⁴Banaías, filho de Joiada, fez tudo isso, e ficou famoso entre os Trinta. ²⁵Era o mais respeitado entre os Trinta, só que não fazia parte dos Três. Davi o colocou como chefe da sua guarda pessoal.

²⁶Os valentes de Davi eram estes: Asael, irmão de Joab; Elcanã, filho de Dodô, de Belém; ²⁷Samot, o harorita; Heles, o felonita; ²⁸Ira, filho de Aces, de Técuá; Abiezer, de Anatot; ²⁹Sobocai, de Husa; Ilai, de Ao; ³⁰Maarai, de Netofa; Héled, filho de Baana, de Netofa; ³¹Etai, filho de Ribai, de Gabaá dos filhos de Benjamim; Banaías, de Faraton; ³²Hurrai, das torrentes de Gaás; Abiel, de Bet-Arabá; ³³Azmot, de Baurim; Eliaba, de Saalbon; ³⁴Benê-Asem, de Gezon; Jônatas, filho de Saage, de Arar; ³⁵Aiam, filho de Sacar, de Arar; Elifalet, filho de Ur; ³⁶Héfer, de Maquera; Aías, o felonita; ³⁷Hesro, de Carmel; Naarai, filho de Azbai; ³⁸Joel, irmão de Natã; Mibaar, filho de Agarai; ³⁹Selec, o amonita; Naarai, de Beerot, escudeiro de Joab, filho de Sárvia; ⁴⁰Ira, de Jeter; Gareb, de Jeter; ⁴¹Urias, o heteu; Zabad, filho de Ooli; ⁴²Adina, filho de Siza, o rubenita, chefe dos rubenitas e responsável pelos Trinta; ⁴³Hanã, filho de Maaca; Josafá, o matanita; ⁴⁴Ozias, de Astarot; Sama e Jaiel, filhos de Hotam, de Aroer; ⁴⁵Jediel, filho de Samri, e seu irmão Joás, o tasaíta; ⁴⁶Eliel, o maumita; Jeribai e Josaiás, filhos de Elnaem; Jetma, o moabita; ⁴⁷Eliel, Obed e Jasiel, de Soba. [10-47]

12 *À procura de um novo líder* — ¹Lista dos que passaram para o lado de Davi, em Siceleg, quando ele ainda andava se escondendo de Saul, filho de Cis. Eles eram valentes, companheiros de luta, ²que manejavam o arco, tanto com a direita como com a esquerda, e sabiam atirar da mesma forma tanto pedras como flechas.

Irmãos de Saul, da tribo de Benjamim: ³o chefe Aiezer e Joás, filho de Samaá, de Gabaá; Jasiel e Falet, filho de Azmot; Baraca e Jeú, de Anatot; ⁴Ismaías, de Gabaon, um dos Trinta e chefe dos Trinta; ⁵Jeremias, Jeeziel, Joanã e Jozabad, de Gaderot; ⁶Eluzai, Jerimot, Baalias, Samarias, Safatias, de Harif; ⁷Elcana, Jesias, Azareel, Joezer e Jesbaam, da família de Coré; ⁸Joela e Zabadias, filhos de Jeroam, de Gedor.

⁹Muitos da tribo de Gad passaram para o lado de Davi, quando ele estava escondido no deserto. Eram guerreiros valentes, gente treinada para a guerra, bons no manejo do escudo e da lança. Pareciam leões, e eram espertos como gazelas em meio às montanhas. ¹⁰O chefe deles era Ezer; Abdias, o segundo; Eliab, o terceiro; ¹¹Masmana, o quarto; Jeremias, o quinto; ¹²Eti, o sexto; Eliel, o sétimo; ¹³Joanã, o oitavo; Elzebad, o nono; ¹⁴Jeremias, o décimo; Macbanai, o décimo primeiro. ¹⁵Da tribo de Gad, eram esses os comandantes de batalhões, que tinham, cada um, entre cem e mil soldados. ¹⁶Foram esses que atravessaram o rio Jordão no primeiro mês do ano, quando ele, de tão cheio, fica transbordando. E eles puseram para correr todos os moradores desses fundos, de um e de outro lado do rio.

¹⁷Alguns indivíduos das tribos de Benjamim e Judá foram até o esconderijo de Davi para se aliar com ele. ¹⁸Davi saiu ao encontro deles e disse: “Se vocês vieram como amigos, para me ajudar, eu estou pronto para me unir a vocês. Agora, se é para me atrair em favor dos meus inimigos, embora eu não tenha nenhum crime nas costas, que o Deus dos nossos antepassados veja, e ele mesmo faça justiça!” ¹⁹Então o espírito se apoderou de Amasai, chefe dos Trinta, que exclamou: “Nós somos dos seus, Davi. Estamos com você, filho de Isaí. Paz a você e aos seus companheiros, porque o seu Deus está do seu lado”. Davi então os aceitou e os colocou no comando de batalhões.

²⁰Da tribo de Manassés, alguns se juntaram a Davi, quando ele, ao lado dos filisteus, entrava em combate contra Saul. Mas Davi não ajudou os filisteus porque, reunidos em conselho, os chefes filisteus dispensaram a sua ajuda, dizendo: “Ele poderia desertar, passar para o lado de Saul e colocar em risco as

nossas cabeças”. ²¹Quando Davi foi para Siceleg, saíram ao seu encontro estes indivíduos da tribo de Manassés: Ednas, Jozabad, Jediel, Miguel, Jozabad, Eliú, Salati, todos comandantes militares de Manassés. ²²Eles passaram a ajudar Davi no comando da tropa, pois eram todos guerreiros valentes e acabaram se tornando oficiais do exército. ²³Na verdade, Davi ia recebendo a cada dia novos reforços, de modo que seu acampamento foi ficando enorme. [12,1-23]

O povo consagra seu líder — ²⁴Número dos guerreiros armados que se apresentaram a Davi em Hebron, a fim de transferir para ele o reino de Saul, cumprindo assim a ordem de Javé: ²⁵Da tribo de Judá, com escudo e lança, seis mil e oitocentos homens armados para a guerra. ²⁶Da tribo de Simeão, sete mil e cem combatentes. ²⁷Da tribo de Levi, quatro mil e seiscentos, ²⁸além de Joiada, chefe dos descendentes de Aarão, com três mil e setecentos homens, ²⁹e ainda o jovem e valente guerreiro Sadoc, com vinte e dois oficiais de sua família. ³⁰Da tribo de Benjamim, irmãos de Saul, eram três mil, e a maioria deles até então prestava serviço junto à família real de Saul. ³¹Da tribo de Efraim, vinte mil e oitocentos guerreiros, gente de fama na sua família. ³²Da meia tribo de Manassés, dezoito mil, todos nomeados, um por um, para proclamar Davi rei. ³³Da tribo de Issacar, gente que sabia perceber a ocasião e a maneira para Israel agir, eram duzentos chefes, que tinham sob suas ordens todos os seus irmãos. ³⁴Da tribo de Zabulon, cinquenta mil aptos para a guerra, dispostos em ordem de combate, armados e prontos a se alistarem corajosamente para a guerra. ³⁵Da tribo de Neftali, mil oficiais e trinta e sete mil soldados armados de lança e escudo. ³⁶Da tribo de Dã, vinte e oito mil e seiscentos homens aptos para a guerra. ³⁷Da tribo de Aser, quarenta mil homens prontos a partir para a guerra. ³⁸Da Transjordânia, isto é, das tribos de Rúben, de Gad e da meia tribo de Manassés, cento e vinte mil, munidos com todo tipo de armas.

³⁹Todos esses guerreiros, treinados e organizados, com toda a sinceridade, se dirigiram até Hebron a fim de proclamar Davi rei de todo o Israel. E todo o restante da população de Israel também foi unânime em proclamar Davi rei. ⁴⁰Por três dias ficaram aí, comendo e bebendo com Davi, pois suas famílias tinham preparado tudo para eles. ⁴¹Mesmo dos lugares mais próximos e até de Issacar, Zabulon e Neftali, o pessoal levava comida no lombo de jumentos e camelos, de mulas e bois. Levavam alimentos à base de farinha, figos e uvas secas, vinho e azeite, além de abundante carne de boi e ovelha, porque Israel

estava em festa. [24-41]

13 *Primeiro ato do novo rei* — ¹Davi convocou para uma reunião todos os chefes de mil e os chefes de cem, além de todos os comandantes. ²Então Davi dirigiu-se à assembleia geral dos israelitas: “Se é vontade de vocês e se o nosso Deus Javé aprova, vamos convidar nossos irmãos de todas as regiões de Israel, assim como os sacerdotes e levitas de todas as suas cidades e campos, para que eles se juntem a nós. ³O objetivo é transportar para cá a Arca do nosso Deus, pois no tempo de Saul nós não nos preocupamos com ela”.

⁴A assembleia em peso decidiu que era isso mesmo que se devia fazer, pois todo o povo achou que a proposta era justa. ⁵Então Davi convocou a população de todo o Israel, desde Sior do Egito até a Entrada de Emat, para buscar em Cariat-Iarim a Arca de Deus. ⁶Davi e todo o Israel se dirigiram então para Baala ou Cariat-Iarim, em Judá, para transportar daí a Arca do Deus que se chama Javé, e está sentado sobre os querubins. ⁷Da casa de Abinadab em diante, a Arca de Deus foi transportada numa carroça nova. Oza e Aio eram os condutores. ⁸Davi e todo o Israel iam dançando diante de Deus, com todo o entusiasmo, cantando ao som de cítaras, harpas, tamborins, címbalos e trombetas. ⁹Estavam chegando ao terreiro de Quidon, quando Oza estendeu a mão para segurar a Arca, porque os bois tropeçaram. ¹⁰Então a ira de Javé fulminou Oza e o feriu, porque ele tocou a Arca. Ele morreu aí mesmo, na presença de Deus. ¹¹Davi ficou desgostoso porque Javé havia fulminado Oza. Então deu a esse lugar o nome de Farés-Oza, como é conhecido até hoje.

¹²Nesse dia, Davi ficou com medo de Deus e disse: “Como é que eu vou levar para a minha casa a Arca de Deus?” ¹³E Davi não levou a Arca para a sua casa. Mandou que a levassem para a casa de Obed-Edom, que era da cidade de Gat. ¹⁴A Arca de Deus ficou três meses com a família de Obed-Edom, na casa dele. E Javé abençoou a casa de Obed-Edom e tudo o que lhe pertencia. [13,1-14]

14 *Obedecer a Deus para servir ao povo* — ¹Hiram, rei de Tiro, mandou alguns emissários a Davi, levando madeira de cedro, pedreiros e carpinteiros, a fim de construir uma casa para ele. ²Então Davi teve certeza que Javé o confirmava rei de Israel, e lhe engrandecia o reinado, por amor a seu povo Israel.

³Em Jerusalém, Davi tomou para si outras mulheres e gerou mais filhos e filhas. ⁴E os nomes dos filhos que lhe nasceram em Jerusalém são os seguintes:

Samua, Sobab, Natã, Salomão, ⁵Jebaar, Elisua, Elfalet, ⁶Noga, Nafeg, Jáfia, ⁷Elisama, Baaliada e Elifalet.

⁸Quando ouviram contar que Davi fora ungido rei de todo o Israel, os filisteus se puseram em marcha para prendê-lo. Sabendo disso, Davi partiu para enfrentá-los. ⁹Os filisteus foram e se espalharam pelo vale dos rafaim. ¹⁰Então Davi consultou a Deus: “Devo atacar os filisteus? Tu os entregarás em minhas mãos?” Javé lhe respondeu: “Pode atacar. Eu os entregarei em suas mãos”. ¹¹Os filisteus foram à luta em Baal-Farasim, e aí mesmo Davi os derrotou. Depois Davi falou: “Por minha mão, Deus abriu uma brecha no meio dos meus inimigos, como brecha feita pelas águas”. Por isso, o nome desse lugar passou a chamar-se Baal-Farasim. ¹²Os filisteus abandonaram aí seus deuses, que Davi mandou jogar no fogo.

¹³Os filisteus insistiram e se espalharam de novo pelo vale. ¹⁴Davi tornou a consultar a Deus, que lhe respondeu: “Não ataque. Dê a volta pelo outro lado e vá ao encontro deles na frente das amoreiras. ¹⁵Quando você ouvir um rumor de passos na ponta das amoreiras, comece o combate: é o sinal de que Deus sai à sua frente, para acabar com o exército filisteu”. ¹⁶Davi fez como Deus tinha mandado, e derrotou o exército filisteu desde Gabaon até Gazer.

¹⁷A fama de Davi correu por todo o território. E Javé o tornou temido por todas as nações. [14,1-17]

15 *Jerusalém: cidade de Deus e do povo* — ¹Davi construiu para si um palácio na Cidade de Davi. E para a Arca de Deus, ele ergueu uma tenda. ²Depois disse: “A Arca de Deus só pode ser transportada pelos levitas, pois Javé os escolheu para carregar a Arca de Javé e estar sempre a seu serviço”.

³Então Davi convocou todo o Israel em Jerusalém, a fim de transferir a Arca de Javé para o lugar que ele havia preparado. ⁴Mandou reunir os descendentes de Aarão e os levitas. ⁵Eram os seguintes: Dos filhos de Caat: Uriel, o chefe, com cento e vinte companheiros. ⁶Dos filhos de Merari: Asaías, o chefe, com duzentos e vinte companheiros. ⁷Dos filhos de Gersam: Joel, o chefe, com cento e trinta companheiros. ⁸Dos filhos de Elisafã: Semeías, o chefe, com duzentos companheiros. ⁹Dos filhos de Hebron: Eliel, o chefe, com oitenta companheiros. ¹⁰Dos filhos de Oziel: Aminadab, o chefe, com cento e doze companheiros.

¹¹Depois Davi convocou os sacerdotes Sadoc e Abiatar, os levitas Uriel, Asaías, Joel, Semeías, Eliel e Aminadab. ¹²E lhes disse: “São vocês os chefes de

família dos levitas. Por isso, purifiquem-se, vocês e seus irmãos, para poderem transportar a Arca de Javé, o Deus de Israel, para o lugar que eu preparei. ¹³Na primeira vez, vocês não estavam lá, e Javé nos feriu, porque nós não o tratamos conforme o regulamento”. ¹⁴Os sacerdotes e levitas se purificaram para transportar a Arca de Javé, o Deus de Israel. ¹⁵Depois os levitas carregaram a Arca de Deus, apoiada em varais sobre os ombros, conforme Moisés lhes havia mandado, segundo a palavra de Deus.

¹⁶Davi mandou os chefes dos levitas organizarem seus irmãos cantores, para entoarem cânticos festivos acompanhados de cítaras, liras e címbalos. ¹⁷Os levitas nomearam Emã, filho de Joel; Asaf, seu parente, filho de Baraquias; Etã, filho de Casaías, da família de Merari e parente dos anteriores. ¹⁸Junto com eles, em posto inferior, iam seus parentes: eram os porteiros Zacarias, Jaziel, Semiramot, Jaiel, Ani, Eliab, Banaías, Maasias, Matatias, Elifalu, Macenias, Obed-Edom e Jeiel. ¹⁹Os músicos Emã, Asaf e Etã tocavam forte os címbalos de bronze. ²⁰Zacarias, Oziel, Zemiramot, Jaiel, Ani, Eliab, Maasias e Banaías tocavam lira, para acompanhar vozes de soprano. ²¹Matatias, Elifalu, Macenias, Obed-Edom, Jeiel e Ozazias tocavam cítara oitavada, para marcar o ritmo. ²²Conenias, chefe dos levitas encarregados do transporte, orientava tudo, pois nisso era experiente. ²³Baraquias e Elcana faziam o papel de porteiros junto à Arca. ²⁴Os sacerdotes Sebanias, Josafá, Natanael, Amasai, Zacarias, Banaías e Eliezer iam tocando trombeta na frente da Arca de Deus. Os outros dois porteiros junto à Arca eram Obed-Edom e Jeías.

²⁵Aí estavam Davi, os anciãos de Israel e os chefes de mil, acompanhando com grande alegria a retirada da Arca da Aliança de Javé, desde a casa de Obed-Edom. ²⁶Foram feitos sacrifícios de sete bois e sete carneiros, pois Deus protegia os levitas que carregavam a Arca da Aliança de Javé. ²⁷Davi, os levitas que carregavam a Arca, os cantores e Conenias, chefe dos carregadores, vestiam manto de linho fino. Davi vestia o efod de linho. ²⁸Todo o Israel participou da transferência da Arca da Aliança de Javé, no meio de aclamações, som de trombetas, clarins e címbalos, além da música de liras e cítaras. ²⁹A Arca da Aliança de Javé estava entrando na Cidade de Davi, quando Micol, filha de Saul, espiou pela janela e viu o rei dançando alegre. Então ela, dentro de si, começou a desprezá-lo.

16¹Entraram com a Arca de Deus e a instalaram dentro da tenda que Davi

tinha armado para ela. Depois, na presença de Deus, ofereceram holocaustos e sacrifícios de comunhão. ²Tendo terminado de oferecer os holocaustos e os sacrifícios de comunhão, Davi abençoou o povo em nome de Javé. ³Em seguida, mandou dar para cada um dos israelitas, homens e mulheres, um pão, carne assada e um bolo de passas. [15,1-16,3]

O centro do culto — ⁴Davi nomeou levitas para exercerem o ministério diante da Arca de Javé, a fim de celebrar, glorificar e louvar a Javé, o Deus de Israel. ⁵Asaf era o primeiro deles; o segundo era Zacarias; depois, Oziel, Semiramot, Jaiel, Matatias, Eliab, Banaías, Obed-Edom e Jeiel. Eles tocavam liras e cítaras, enquanto Asaf fazia soar os címbalos. ⁶Os sacerdotes Banaías e Jaziel tocavam continuamente as trombetas diante da Arca da Aliança de Deus.

⁷Nesse dia, pela primeira vez, Davi confiou a Asaf e a seus irmãos este louvor a Javé: ⁸Celebrem a Javé, invoquem o seu nome, anunciem entre os povos as suas façanhas!

⁹Cantem para ele ao som de instrumentos, recitem suas maravilhas todas.

¹⁰Orgulhem-se do seu Nome santo, alegre-se o coração dos que buscam a Javé!

¹¹Procurem a Javé e sua força, busquem sempre a sua face.

¹²Recordem as maravilhas que ele fez, seus prodígios e as sentenças de sua boca.

¹³Descendentes de seu servo Israel, filhos de Jacó, seus escolhidos.

¹⁴Javé é o nosso Deus.

Ele governa a terra inteira.

¹⁵Lembrem-se para sempre de sua aliança, da palavra empenhada por mil gerações.

¹⁶Da aliança que ele selou com Abraão, do juramento que fez a Isaac, ¹⁷confirmado como lei para Jacó e como aliança eterna para Israel: ¹⁸“Eu lhe darei a terra de Canaã como sua parte na herança”.

¹⁹Aí vocês podiam ser contados, eram pouco numerosos, estrangeiros na terra.

²⁰Eles iam e vinham de nação em nação, de um reino para outro povo diferente.

²¹Ele não deixou que ninguém os oprimisse.

Por causa deles, até reis ele castigou: ²²“Não toquem nos meus ungidos!

Não façam mal aos meus profetas!”

²³Cante a Javé, ó terra inteira, proclame sua vitória, dia após dia!

²⁴ Anuncie a glória dele entre as nações e suas maravilhas a todos os povos!
²⁵ Porque Javé é grande e digno de louvor, mais temível que todos os deuses.
²⁶ Pois os deuses dos povos são aparência, enquanto Javé foi quem fez o céu.
²⁷ Majestade e esplendor caminham diante dele, poder e beleza estão no seu Templo.
²⁸ Aclamem a Javé, famílias dos povos!
Aclamem a glória e o poder de Javé!
²⁹ Aclamem a glória do nome de Javé, apresentem-se a ele trazendo ofertas, adorem a Javé no seu átrio sagrado.
³⁰ Terra inteira, trema na presença de Javé!
Ele firmou o mundo, que jamais tremerá.
³¹ Que o céu se alegre e a terra exulte, e as nações proclamem: “Javé é rei!”
³² Estronde o mar, e o que ele contém!
Que o campo festeje, e o que nele existe!
³³ As árvores da selva gritem de alegria diante de Javé, porque ele vem, ele vem para governar a terra.
³⁴ Agradeçam a Javé, porque ele é bom, porque o seu amor é para sempre!
³⁵ Digam: “Salva-nos, ó Deus, nosso salvador!
Reúne e liberta das nações a todos nós, para que celebremos teu Nome santo e nos orgulhemos do teu louvor.
³⁶ Seja bendito Javé, o Deus de Israel, desde sempre e para sempre!”
E todo o povo respondeu: “Amém! Aleluia!” [16,4-36]

O culto que sustenta a comunidade — ³⁷ Junto à Arca da Aliança de Javé, Davi deixou Asaf e seus irmãos, para garantir o serviço contínuo diante da Arca, conforme o ritual cotidiano. ³⁸ Como porteiros, deixou Obed-Edom, filho de Iditun, e Hosa, junto com sessenta e oito parentes.

³⁹ Os sacerdotes Sadoc e seus parentes ficaram junto à morada de Javé, no lugar alto que havia em Gabaon, ⁴⁰ a fim de oferecerem holocaustos em honra de Javé sobre o altar dos holocaustos, de manhã e de tarde, para sempre, tudo de acordo com o que está escrito na Lei que o próprio Javé dera como norma para Israel.
⁴¹ Com eles, ficaram Emã e Iditun com outros escolhidos, indicados nominalmente para o louvor de Deus, “porque o seu amor é para sempre”.
⁴² Ficaram com eles também os tocadores de trombetas, címbalos e outros instrumentos que acompanham os cânticos de Deus. Os filhos de Iditun ficaram

encarregados da porta de entrada.

⁴³Então, todos voltaram para casa. Davi também voltou, para abençoar a sua casa. [37-43]

17 *Fundação do poder dinástico* — ¹Ao voltar para casa, Davi disse ao profeta Natã: “Veja! Eu estou morando numa casa de cedro, ao passo que a Arca da Aliança de Javé está debaixo de uma tenda!” ²Natã respondeu a Davi: “Faça o que você está querendo, porque Deus está com você”.

³Nessa mesma noite, Natã recebeu esta mensagem de Deus: ⁴“Vá procurar o meu servo Davi e diga-lhe: Assim diz Javé: Não é você quem vai construir uma casa para eu morar. ⁵Porque, desde quando libertei Israel até hoje, eu nunca morei numa casa. Ficava sempre de tenda em tenda, de abrigo em abrigo. ⁶Por todo o tempo em que caminhei com todo o Israel, por acaso, eu perguntei alguma vez a um dos juízes de Israel, que coloquei como pastores do meu povo: ‘Por que vocês não constroem uma casa de cedro para mim?’ ⁷Portanto, diga ao meu servo Davi: Assim diz Javé dos exércitos: Fui eu que tirei você do pastoreio atrás de ovelhas, para ser o chefe do meu povo Israel. ⁸Estive com você por toda parte por onde você ia. Exterminei da sua frente todos os seus inimigos. Agora, vou dar a você uma fama igual à dos maiores homens do mundo. ⁹Vou escolher um lugar para o meu povo Israel, e aí vou plantá-lo. Ele habitará nesse lugar, sem ser incomodado pelos maus, que não voltarão a oprimi-lo como antes, ¹⁰desde o tempo em que estabeleci juízes para dirigir o meu povo Israel. Submeterei todos os seus inimigos e engrandecerei você. Javé anuncia que vai construir para você uma dinastia. ¹¹Quando você completar a idade de ir para junto de seus antepassados, eu farei surgir um descendente depois de você, um de seus filhos, e eu firmarei o reino dele. ¹²Ele construirá uma casa para mim, e eu firmarei o trono dele para sempre. ¹³Eu serei para ele pai, e ele será filho para mim. Ele nunca perderá o meu favor, como perdeu Saul, que foi rei antes de você. ¹⁴Eu o manterei para sempre na minha casa e no meu reino, e o trono dele será firme para sempre”. ¹⁵Natã comunicou a Davi todas essas palavras e toda a presente visão. [17,1-15]

O rei deve servir a Javé e ao povo — ¹⁶Davi entrou na tenda, sentou-se diante de Javé, e disse: “Quem sou eu, Javé Deus, e o que é a minha casa para que me tenhas trazido até aqui? ¹⁷No entanto, isso ainda te parece pouco, ó Deus, porque estendes tuas promessas para a casa do teu servo até um futuro distante, e me

consideras uma pessoa de importância, Javé Deus. ¹⁸Que mais poderia Davi fazer para ti, em vista da fama que deste ao teu servo? Tu mesmo distinguiste o teu servo. ¹⁹Javé, por amor ao teu servo e conforme os teus projetos, realizaste essa obra extraordinária, para manifestar todas as tuas maravilhas. ²⁰Javé, não há ninguém como tu. Não há outro Deus além de ti, como ouvimos com nossos próprios ouvidos. ²¹E quem é como o teu povo Israel, o único povo do mundo que Deus mesmo veio resgatar, para torná-lo seu povo e dar-lhe um nome grande e estável? Tu expulsaste as nações diante do teu povo, que resgataste do Egito. ²²Decidiste que o teu povo Israel será o teu povo para sempre. E tu, Javé, te tornaste o Deus dele. ²³Agora, Javé, que a promessa que fizeste ao teu servo e à sua casa fique firme para sempre, e se cumpra tudo o que prometeste. ²⁴Que essa promessa fique firme e que o teu nome seja engrandecido para sempre. Que se diga: ‘Javé dos exércitos é o Deus de Israel’. Que a casa do teu servo Davi fique firme diante de ti, ²⁵pois foste tu, meu Deus, que revelaste ao teu servo que irias construir para ele uma dinastia. É por isso que o teu servo está aqui, rezando diante de ti. ²⁶Sim, Javé, tu és Deus e fizeste essa promessa ao teu servo. ²⁷Portanto, queiras abençoar a dinastia do teu servo, para que ela permaneça para sempre na tua presença. O que tu abençoas, fica abençoado para sempre”.

[16-27]

18 *Libertação frente aos inimigos* — ¹Em seguida, Davi derrotou os filisteus e os dominou, tomando deles a cidade de Gat e suas vizinhanças. ²Venceu também os moabitas, que passaram a ser súditos dele e a pagar-lhe tributo.

³Davi derrotou também Adadezer, rei de Soba, quando este seguia na direção de Emat, a fim de conquistar o rio Eufrates. ⁴Tomou dele mil carros de guerra, sete mil cavaleiros e vinte mil soldados de infantaria. Davi cortou os tendões de todos os cavalos, deixando apenas cem. ⁵Aram de Damasco foi ajudar Adadezer, rei de Soba, mas Davi matou vinte e dois mil arameus. ⁶Depois, estabeleceu governadores em Aram de Damasco. E os arameus se tornaram súditos de Davi e lhe pagaram tributo. Javé ia dando vitórias a Davi por toda a parte por onde ele andava. ⁷Davi tomou os escudos de ouro que os oficiais de Adadezer usavam, e os levou para Jerusalém. ⁸Das cidades de Tebat e Cun, pertencentes a Adadezer, Davi pegou grande quantidade de bronze. Foi com esse bronze que Salomão mandou fazer o Mar de bronze, as colunas e os utensílios de bronze.

⁹Toú, rei de Emat, soube que Davi tinha arrasado o exército de Adadezer, rei de

Soba. ¹⁰Enviou então seu filho Adoram até o rei Davi, para saudá-lo e felicitá-lo por ter guerreado contra Adadezer e tê-lo vencido, pois Adadezer estava em guerra também contra Toú. Mandou-lhe ainda toda espécie de objetos de ouro, prata e bronze. ¹¹Davi consagrou tudo a Javé, junto com o ouro e a prata que tinha tomado das outras nações: Edom, Moab, amonitas, filisteus e amalecitas.

¹²Abisaí, filho de Sárvia, derrotou os edomitas no vale do Sal. Eles eram dezoito mil. ¹³Depois, nomeou governadores em Edom; e todos os edomitas se tornaram súditos de Davi. Por onde Davi andasse, Deus lhe concedia a vitória. [\[18,1-13\]](#)

Um governo conforme a justiça e o direito — ¹⁴Davi reinou sobre todo o Israel, exercendo o direito e a justiça para com todo o seu povo.

¹⁵Joab, filho de Sárvia, era o chefe do exército. Josafá, filho de Ailud, era o porta-voz. ¹⁶Sadoc, filho de Aquitob, e Aquimelec, filho de Abiatar, eram os sacerdotes. Susa era o secretário. ¹⁷E Banaías, filho de Joiada, comandava os cereteus e feleteus. Os filhos de Davi ocupavam os primeiros postos junto ao rei. [\[14-17\]](#)

19 ***Auge das conquistas de Davi*** — ¹Depois disso, morreu Naás, rei dos amonitas. E seu filho reinou em seu lugar. ²Davi pensou: “Vou procurar fazer amizade com Hanon, filho de Naás, porque o pai dele sempre procurou fazer amizade comigo”. E mandou alguns representantes para lhe dar os pêsames pela morte do pai. Quando os representantes de Davi chegaram ao país dos amonitas, para dar os pêsames a Hanon, ³os príncipes amonitas disseram a Hanon: “Você pensa que Davi quer honrar seu pai, só porque mandou gente trazer os pêsames para você? Será que esses servos não vieram à sua casa para espionar, explorar e destruir o país?” ⁴Então Hanon prendeu os emissários de Davi, raspou-lhes a barba, cortou-lhes o manto pelo meio, na altura das nádegas, e os mandou de volta. ⁵Ao ser informado do que tinha acontecido a esses homens, Davi mandou alguém ao encontro deles, porque estavam muito envergonhados. E o rei mandou dizer-lhes: “Fiquem aí em Jericó, até que suas barbas cresçam. Depois vocês voltarão”.

⁶Os amonitas perceberam que se haviam tornado odiosos para Davi. Então Hanon e os amonitas mandaram trinta e quatro mil quilos de prata, para comprar carros de guerra e cavaleiros arameus da Mesopotâmia, de Maaca e de Soba.

⁷Compraram, assim, trinta e dois mil carros de guerra, além de contratarem o rei

de Maaca com o seu exército. Foram acampar em frente à cidade de Medaba. Enquanto isso, vindos de várias cidades, os amonitas iam-se reunindo para entrar em guerra. ⁸Ao saber disso, Davi mandou Joab com todo o exército dos valentes. ⁹Os amonitas se puseram em marcha e se organizaram para a luta, junto à porta da cidade, enquanto os reis que seguiram à parte, ficaram em campo aberto. ¹⁰Ao ver que estava enfrentando uma luta pela vanguarda e pela retaguarda, Joab escolheu um grupo de jovens israelitas e os organizou para combater os arameus. ¹¹Confiou o restante do exército ao comando de seu irmão Abisaí; e esta parte se organizou para combater os amonitas. ¹²Joab disse então: “Se os arameus estiverem mais fortes do que eu, venha você para me socorrer. E se os amonitas estiverem vencendo você, eu irei socorrê-lo. ¹³Força e coragem para defender o nosso povo e as cidades do nosso Deus! E seja feito o que Javé achar melhor”. ¹⁴Então Joab, com a parte do exército sob seu comando, foi enfrentar os arameus, que fugiram diante dele. ¹⁵Os amonitas, vendo que os arameus estavam fugindo, também fugiram de Abisaí, irmão de Joab, e entraram na cidade. Então Joab voltou para Jerusalém.

¹⁶Ao se verem derrotados pelos israelitas, os arameus mandaram mensageiros procurar os outros arameus que moram do outro lado do rio Eufrates. Sofac, general de Adadezer, era quem os comandava. ¹⁷Ao saber disso, Davi reuniu todo o Israel, atravessou o rio Jordão e foi na direção deles. Davi fez os planos para enfrentar os arameus. Em seguida, começou a guerra contra eles. ¹⁸Os arameus fugiram dos israelitas, e Davi matou os cavalos de sete mil carros deles e quarenta mil homens de infantaria, além de matar Sofac, general do exército. ¹⁹Ao verem que estavam sendo derrotados pelos israelitas, os oficiais de Adadezer fizeram as pazes com Davi, tornaram-se súditos dele e não quiseram mais socorrer os amonitas.

20¹No ano seguinte, na época em que os reis costumam sair para a guerra, Joab, no comando da elite do exército, foi arrasando o país dos amonitas, chegou até a capital Rabá, e cercou a cidade. Enquanto isso, Davi estava em Jerusalém. Joab tomou Rabá e a destruiu. ²Davi tirou a coroa da cabeça do deus Melcom, e notou que pesava trinta e cinco quilos de ouro, e ainda tinha uma pedra preciosa. Daí em diante, ela passou a ficar na cabeça de Davi. E Davi levou da cidade um despojo muito grande. ³Tirou a população que havia na cidade e a colocou para trabalhar com serras, picaretas e machados de ferro. E fez a mesma coisa com todas as outras cidades amonitas. Depois voltou para

Jerusalém, junto com o exército. [19,1-20,3]

Vitória total sobre os inimigos — ⁴Depois disso, ainda havia guerra em Gazer contra os filisteus. Então Sobocai, da cidade de Husa, matou Safai, um filho dos rafaim. Dessa forma, eles foram dominados.

⁵Houve ainda outra guerra contra os filisteus. Dessa vez, Elcanã, filho de Jair, matou Lami, filho de Golias de Gat. A lança deste mais parecia cilindro de tear.

⁶A outra guerra foi em Gat. Aí havia um homem alto, que tinha vinte e quatro dedos: seis em cada mão e em cada pé, e que também era da família dos rafaim.

⁷Ele insultou Israel. Porém Jônatas, filho de Samaá, irmão de Davi, o matou.

⁸Esses indivíduos eram de Rafa, na região de Gat. Tombaram sob as mãos de Davi e de seus oficiais. [20,4-8]

21 ***Da tentação do poder ao culto do Deus verdadeiro*** — ¹Satã se insurgiu contra Israel e induziu Davi a fazer o recenseamento de Israel. ²Davi disse a Joab e aos chefes do povo: “Saíam e façam o recenseamento de Israel, desde Bersabeia até Dã. Depois voltem aqui, para eu ficar sabendo quantos são”. ³Joab respondeu: “Que Javé multiplique o povo cem vezes mais, senhor meu rei! Por acaso, não seriam todos súditos do meu senhor? Para que o meu senhor faz esse recenseamento? Por que está querendo ser causa de pecado para Israel?” ⁴Mas a ordem do rei prevaleceu, e Joab saiu andando por todo o país. Finalmente, voltou para Jerusalém. ⁵Entregou a Davi o resultado do recenseamento. Todo o Israel tinha um milhão e cem mil homens aptos para a guerra, e Judá tinha quatrocentos e setenta mil aptos para a guerra. ⁶Joab deplorou tanto a ordem do rei, que acabou não recenseando Levi nem Benjamim.

⁷Esse episódio todo não agradou a Deus, que castigou Israel. ⁸Então Davi disse a Deus: “Eu cometi um grande pecado, fazendo uma coisa dessas! Perdoa o pecado do teu servo, pois cometi uma grande loucura!” ⁹Então Javé disse a Gad, o vidente de Davi: ¹⁰“Vá e fale a Davi: Assim diz Javé: Eu lhe proponho três coisas. Escolha uma, e eu a executarei”. ¹¹Gad foi até o rei e o informou: “Assim diz Javé: Escolha. ¹²Ou três anos de fome. Ou três meses fugindo do adversário, da espada do inimigo, até ela alcançar você. Ou ainda, a espada de Javé e três dias de peste no país, com o anjo do Senhor devastando todo o território de Israel. Resolva agora o que devo responder àquele que me enviou”. ¹³Davi respondeu a Gad: “Estou numa grande angústia! Prefiro cair nas mãos de Javé,

pois a sua misericórdia é imensa, em vez de cair nas mãos dos homens”. ¹⁴Então Javé mandou uma peste sobre Israel, e morreram setenta mil israelitas. ¹⁵Depois Deus mandou o anjo a Jerusalém para destruí-la. Javé, no entanto, viu e se arrependeu desse mal. E disse ao anjo exterminador: “Chega! Agora retire a mão”. O anjo de Javé estava junto à eira de Ornã, o jebuseu. ¹⁶Davi ergueu os olhos e viu o anjo de Javé entre o céu e a terra, com a espada desembainhada e erguida sobre Jerusalém. Vestidos com panos de saco, Davi e os anciãos caíram com o rosto por terra. ¹⁷Então Davi disse a Deus: “Não fui eu quem mandou fazer o recenseamento? Não fui eu quem pecou e cometeu o mal? Quanto a esses, o rebanho, que foi que eles fizeram? Javé, meu Deus, que tua mão caia sobre mim e sobre a minha família, mas que o teu povo escape da desgraça!” ¹⁸O anjo de Javé disse então a Gad: “Mande Davi subir e erguer um altar a Javé na eira de Ornã, o jebuseu”. ¹⁹Então Davi subiu para lá, conforme Gad lhe havia dito em nome de Javé. ²⁰Ao se virar, Ornã viu o anjo e se escondeu com seus quatro filhos. Ornã estava debulhando trigo, ²¹quando Davi foi encontrá-lo. Ornã viu Davi, saiu da eira e prostrou-se diante de Davi com o rosto por terra. ²²Davi disse a Ornã: “Ceda-me o lugar desta eira para que eu construa aí um altar para Javé. Quero que você me ceda a eira pelo seu valor em dinheiro. Desse modo, o povo ficará livre da peste”. ²³Ornã respondeu a Davi: “Tome a eira, e que o senhor meu rei faça o que achar melhor. Veja! Eu dou os bois para o holocausto, as cangas como lenha e o trigo para a oblação. Eu entrego tudo para o senhor”. ²⁴Mas o rei Davi disse a Ornã: “De jeito nenhum! Quero comprar a eira pelo seu valor em dinheiro. Não vou dar a Javé o que pertence a você, oferecendo holocaustos que não me custem nada!” ²⁵Então Davi deu a Ornã seis quilos de ouro.

²⁶Davi construiu aí um altar para Javé e ofereceu holocaustos e sacrifícios de comunhão; invocou a Javé, que lhe respondeu, fazendo cair fogo do céu sobre o altar dos holocaustos. ²⁷Então Javé ordenou ao anjo que repusesse a espada na bainha.

²⁸Vendo que Javé o atendia na eira do jebuseu Ornã, Davi passou a oferecer holocaustos nesse lugar. ²⁹Nessa época, a Habitação de Javé, que Moisés tinha feito no deserto, e também o altar dos holocaustos, ficavam no lugar alto de Gabaon. ³⁰Mas Davi não pôde ir até lá, diante de Deus, porque a espada do anjo de Javé lhe causara medo.

22¹Davi então disse: “Aqui será construído o Templo de Javé Deus e o altar dos holocaustos de Israel”. [21,1-22,1]

O poder político não deve ocupar o lugar de Deus — ²Depois, Davi reuniu os estrangeiros que havia no país de Israel e determinou-lhes a tarefa de lavrar as pedras para a construção do Templo de Deus. ³Arranjou também muito ferro para os cravos e dobradiças das portas, bronze sem conta, ⁴um sem-número de toras de cedro, que lhe foram enviadas em abundância pelos sidônios e tírios.

⁵Davi pensava: “Meu filho Salomão é ainda moço e frágil, e o Templo que ele deverá construir para Javé terá de ser algo de grandioso, de muito nome e admirado em todos os países. Por isso, vou fazer os preparativos”. Foi assim que, antes de morrer, Davi arranjou muito material. ⁶Ele chamou o seu filho Salomão, e mandou que ele construísse o Templo de Javé, o Deus de Israel. ⁷Davi falou a Salomão: “Meu filho, eu estava planejando construir um Templo para o nome de Javé, meu Deus. ⁸Acontece, porém, que me chegou uma mensagem de Javé, dizendo: ‘Você derramou muito sangue e fez guerras violentas. Você não construirá um Templo para o meu nome, porque derramou muito sangue sobre a terra em minha presença. ⁹Veja! Você terá um filho, que será homem pacífico. Vou fazê-lo viver em paz com todos os inimigos vizinhos. O nome dele será Salomão. No tempo dele, concederei paz e tranquilidade para Israel. ¹⁰É ele quem construirá um Templo para o meu nome. Para mim, ele será um filho; e para ele, eu serei pai, e firmarei para sempre o trono do reinado dele sobre Israel’. ¹¹Agora, meu filho, que Javé esteja com você. Mãos à obra. Construa o Templo de Javé, seu Deus, conforme ele projetou para você. ¹²Basta que Javé lhe conceda bom senso e inteligência para governar Israel, cumprindo a lei de Javé, seu Deus. ¹³Sua prosperidade depende de você observar e praticar os estatutos e normas que Javé ordenou a Israel por meio de Moisés. Força e coragem! Não tenha medo, nem se acovarde. ¹⁴Veja bem: apesar da minha pobreza, eu arranjei para o Templo de Javé três mil e quatrocentas toneladas de ouro e trinta e quatro mil toneladas de prata, além de uma quantidade muito grande de bronze e ferro, que nem dá para calcular. Preparei também madeira e pedra, mas você ainda terá que arranjar mais. ¹⁵Estarão à sua disposição muitos trabalhadores especializados em cortar e lavrar pedra e madeira, além de especialistas em qualquer profissão. ¹⁶Existe ouro, prata, bronze e ferro em abundância. Vamos! Mãos à obra. E que Javé esteja com você”.

¹⁷Davi mandou também que todas as autoridades de Israel ajudassem a seu filho Salomão. Ele disse: ¹⁸“Por acaso Javé, seu Deus, não está com vocês? Ele deu para vocês descanso nas redondezas, ao entregar em minhas mãos os moradores do país, subjugando esta terra a Javé e ao seu povo. ¹⁹Então, dediquem-se de corpo e alma a buscar Javé, seu Deus. Vamos! Construam o Santuário de Javé, seu Deus, para aí colocarmos a Arca da Aliança de Javé e os objetos consagrados a Deus”. [22,2-19]

23 *Função dos levitas* [23,1-29,30] — ¹Quando ficou velho e idoso, Davi nomeou seu filho Salomão rei de Israel. ²Reuniu todos os chefes de Israel, os sacerdotes e os levitas. ³Mandou contar os levitas de trinta anos para cima. Contando só os homens, um por um, deu trinta e oito mil. ⁴Vinte e quatro mil deles dirigiam as atividades do Templo de Javé; seis mil eram magistrados e juízes; ⁵quatro mil eram porteiros, e quatro mil deles louvavam a Javé com os instrumentos que Davi tinha inventado para essa finalidade.

⁶Davi repartiu os levitas em diferentes classes: Gérson, Caat e Merari.

⁷Filhos de Gérson: Leedã e Semei. ⁸Filhos de Leedã: Jaiel, o mais velho; Zetam e Joel. Três ao todo. ⁹Filhos de Semei: Salomit, Hoziel e Arã. Três ao todo. São esses os chefes de famílias de Leedã. ¹⁰Filhos de Semei: Jeet, Ziza, Jeús e Berias. São esses os filhos de Semei: quatro ao todo. ¹¹Jeet era o mais velho; Ziza, o segundo; depois, Jeús e Berias que, não tendo muitos filhos, foram registrados numa só família.

¹²Filhos de Caat: Amram, Isaar, Hebron e Oziel. Quatro ao todo. ¹³Os filhos de Amram foram Aarão e Moisés. Aarão foi separado para consagrar as coisas santíssimas. Ele e seus descendentes, para sempre. Sua função é queimar incenso na presença de Javé, servi-lo, e abençoar em seu nome, para sempre. ¹⁴Moisés foi homem de Deus, e seus filhos receberam o nome da tribo de Levi. ¹⁵Filhos de Moisés: Gersam e Eliezer. ¹⁶O filho mais velho de Gersam era Subael. ¹⁷Roobias foi o filho mais velho de Eliezer, que não teve outros filhos. Roobias, porém, teve muitos filhos. ¹⁸O filho mais velho de Isaar era Salomit. ¹⁹Filhos de Hebron: Jerias, o mais velho; Amarias, o segundo; Jaaziel, o terceiro; Jecmaam, o quarto. ²⁰Filhos de Oziel: Micas, o mais velho, e Jesias, o segundo.

²¹Filhos de Merari: Mooli e Musi. Filhos de Mooli: Eleazar e Cis. ²²Eleazar não deixou filhos, mas só filhas, que se casaram com seus parentes, os filhos de Cis. ²³Musi teve três filhos: Mooli, Éder e Jerimot.

²⁴Esses eram os descendentes de Levi, conforme suas famílias, os chefes de famílias, como resultou do recenseamento feito por verificação nominal e individual. Eles tinham como encargo o culto no Templo de Javé, a partir da idade de vinte anos. ²⁵Isso porque Davi tinha dito: “Javé, Deus de Israel, deu o descanso a seu povo e passou a morar em Jerusalém para sempre. ²⁶Os levitas, portanto, não terão mais de carregar a Habitação e os objetos destinados ao serviço dela”. ²⁷Por isso, conforme as últimas disposições de Davi, os levitas eram recenseados a partir dos vinte anos. ²⁸A função deles é estar à disposição dos descendentes de Aarão, para o serviço do Templo de Javé, nos átrios e nas salas, para limpar tudo o que é consagrado e para fazer o serviço do Templo de Deus. ²⁹Também são encarregados de colocar em ordem os pães, a flor de farinha para a oblação, os pães sem fermento, os assados e cozidos, e todas as medidas de capacidade e comprimento. ³⁰Devem comparecer de manhã e de tarde para celebrar e louvar a Javé, ³¹e também para oferecer todos os holocaustos a Javé nos sábados, luas novas e solenidades, conforme o número fixado pelo regulamento. Esse é o encargo permanente que eles têm diante de Javé. ³²Os levitas guardavam a Tenda da Reunião e o Santuário. Seus irmãos aaronitas vigiavam o serviço do Templo de Javé. [23,1-32]

24 *Unidade no exercício do sacerdócio* — ¹Classes dos descendentes de Aarão. Filhos de Aarão: Nadab, Abiú, Eleazar e Itamar. ²Nadab e Abiú, porém, morreram antes de seu pai e não deixaram filhos. Eleazar e Itamar se tornaram sacerdotes. ³Davi, juntamente com Sadoc, filho de Eleazar, e com Aquimelec, filho de Itamar, os dividiu em classes, de acordo com as funções de cada um. ⁴Havia mais descendentes de Eleazar do que de Itamar. Por isso, foram assim classificados: dezesseis chefes de famílias de Eleazar, e oito de Itamar. ⁵Tanto uns como outros foram distribuídos por sorteio, de forma que havia oficiais do Santuário e oficiais de Deus, tanto na família de Eleazar quanto na família de Itamar. ⁶Semeías, secretário levita, filho de Natanael, os registrou na presença do rei, dos oficiais, do sacerdote Sadoc, de Aquimelec, filho de Abiatar, dos chefes de famílias, dos sacerdotes e dos levitas. Tirava-se a sorte, uma vez para a família de Eleazar e duas vezes para a família de Itamar. ⁷O primeiro a ser sorteado foi Joiarib; o segundo, Jedeías; ⁸o terceiro, Harim; o quarto, Seorim; ⁹o quinto, Melquias; o sexto, Mainã; ¹⁰o sétimo, Acos; o oitavo, Abias; ¹¹o nono, Jesua; o décimo, Sequenias; ¹²o décimo primeiro, Eliasib; o

décimo segundo, Jacim; ¹³o décimo terceiro, Hofa; o décimo quarto, Isbaal; ¹⁴o décimo quinto, Belga; o décimo sexto, Emer; ¹⁵o décimo sétimo, Hezir; o décimo oitavo, Hafses; ¹⁶o décimo nono, Fetatias; o vigésimo, Ezequiel; ¹⁷o vigésimo primeiro, Jaquin; o vigésimo segundo, Gamul; ¹⁸o vigésimo terceiro, Dalaías; o vigésimo quarto, Maazias. ¹⁹Essa era a escala dos que prestavam serviço dentro do Templo de Javé, conforme as determinações dadas pelo seu antepassado Aarão, por ordem de Javé, o Deus de Israel.

²⁰Quanto aos outros descendentes de Levi, os chefes eram estes: Subael, da família de Amram; Jeedias, da família de Subael. ²¹Da família de Roobias, o chefe era Jesias. ²²Da família de Isaar, o chefe era Solomot. Da família de Solomot, o chefe era Jaat. ²³Da família de Hebron: Jerias, o primeiro; Amarias, o segundo; Jaaziel, o terceiro; Jecmaam, o quarto. ²⁴Da família de Oziel, Micas. Da família de Micas, Samir. ²⁵Da família de Jesias, irmão de Micas, o chefe era Zacarias. ²⁶Filhos de Merari: Mooli e Musi. Jazias também era seu filho. ²⁷Descendentes de Merari, por parte de Jazias: Soam, Zacur e Hebri. ²⁸Mooli foi pai de Eleazar, que não deixou filhos. ²⁹Cis teve um filho: Jerameel. ³⁰Filhos de Musi: Mooli, Éder e Jerimot.

Essa era a descendência de Levi, dividida por famílias. ³¹Da mesma forma como seus irmãos da família de Aarão, esses também tiraram a sorte na presença do rei Davi, de Sadoc, de Aquimelec e dos chefes de famílias sacerdotais e levíticas. Foi a mesma coisa, tanto para as famílias principais dos levitas, como para as famílias menores. [24,1-31]

25 *Função profética dos cantores* — ¹Para o serviço do culto, Davi e os diretores do culto destacaram os filhos de Asaf, de Emã e de Iditun, profetas que se serviam de liras, cítaras e címbalos. Lista das pessoas empregadas nessa tarefa: ²Da família de Asaf: Zacur, José, Natanias e Asarela. Eles dependiam de Asaf, que executava a música segundo as instruções do rei.

³Da família de Iditun: Godolias, Sori, Jesaías, Hasabias e Matatias. Eram seis sob a direção de seu pai Iditun. Este, ao som de liras, profetizava para celebrar e louvar a Javé.

⁴Da família de Emã: Bocias, Matanias, Oziel, Subael, Jerimot, Hananias, Hanani, Eliata, Gedelti, Romenti-Ezer, Jesbacasa, Meiloti, Otir e Maaziot.

⁵Eram todos filhos de Emã, o vidente do rei, a quem ele transmitia a palavra de Deus. Para lhe exaltar o poder, Deus deu a Emã catorze filhos e três filhas. ⁶Sob

a direção do pai, todos eles participavam dos cânticos do Templo de Javé, ao som de címbalos, cítaras e liras, prestando serviço no Templo de Deus sob as ordens do rei.

Asaf, Iditun e Emã, ⁷que tinham aprendido a cantar para Javé, foram contados com seus parentes. Eram duzentos e oitenta e oito, todos hábeis em seu ofício. ⁸Tiraram sorte para a escala do serviço, com iguais oportunidades para grandes e pequenos, para experientes e principiantes. ⁹A sorte caiu primeiro para a família de Asaf: O primeiro foi José; com seus filhos e irmãos, eram doze. O segundo foi Godolias; com seus filhos e irmãos, eram doze. ¹⁰O terceiro foi Zacur; com seus filhos e irmãos, eram doze. ¹¹O quarto foi Isari; com seus filhos e irmãos, eram doze. ¹²O quinto foi Natanas; com seus filhos e irmãos, eram doze.

¹³O sexto foi Bocias; com seus filhos e irmãos, eram doze. ¹⁴O sétimo foi Isreela; com seus filhos e irmãos, eram doze. ¹⁵O oitavo foi Jesaías; com seus filhos e irmãos, eram doze. ¹⁶O nono foi Matanias; com seus filhos e irmãos, eram doze. ¹⁷O décimo foi Semei; com seus filhos e irmãos, eram doze. ¹⁸O décimo primeiro foi Azareel; com seus filhos e irmãos, eram doze. ¹⁹O décimo segundo foi Hasabias; com seus filhos e irmãos, eram doze. ²⁰O décimo terceiro foi Subael; com seus filhos e irmãos, eram doze. ²¹O décimo quarto foi Matatias; com seus filhos e irmãos, eram doze. ²²O décimo quinto foi Jerimot; com seus filhos e irmãos, eram doze. ²³O décimo sexto foi Hananias; com seus filhos e irmãos, eram doze. ²⁴O décimo sétimo foi Jesbacasa; com seus filhos e irmãos, eram doze. ²⁵O décimo oitavo foi Hanani; com seus filhos e irmãos, eram doze. ²⁶O décimo nono foi Meiloti; com seus filhos e irmãos, eram doze. ²⁷O vigésimo foi Eliata; com seus filhos e irmãos, eram doze. ²⁸O vigésimo primeiro foi Otir; com seus filhos e irmãos, eram doze. ²⁹O vigésimo segundo foi Gedelti; com seus filhos e irmãos, eram doze. ³⁰O vigésimo terceiro foi Maaziot; com seus filhos e irmãos, eram doze. ³¹O vigésimo quarto foi Romenti-Ezer; com seus filhos e irmãos, eram doze. [25,1-31]

26 *Função dos guardas e porteiros* — ¹Lista dos porteiros: Da descendência de Meselemias, filho de outro Coré, que era descendente de Abiasaf.

²Filhos de Meselemias: o primeiro, Zacarias; o segundo, Jediel; o terceiro, Zabadias; o quarto, Jatanael; ³o quinto, Elam; o sexto, Joanã; o sétimo, Elioenai.

⁴Filhos de Obed-Edom: Semeías, o mais velho; Jozabad, o segundo; Joaá, o

terceiro; Sacar, o quarto; Natanael, o quinto; ⁵Amiel, o sexto; Issacar, o sétimo; Folati, o oitavo, porque Deus o havia abençoado. ⁶Os filhos que Semeías teve foram chefes de famílias, pois eram homens valentes. ⁷Filhos de Semeías: Otni, Rafael, Obed, Elzabad e mais dois irmãos: Eliú e Samaquias. Todos homens de valor. ⁸E todos eles faziam parte da descendência de Obed-Edom. Com seus filhos e suas famílias, eram sessenta e dois descendentes de Obed-Edom, e eram todos competentes na sua função.

⁹Os filhos e irmãos de Meselemias eram dezoito homens valentes.

¹⁰Hosa, filho de Merari, teve os seguintes filhos: o primeiro, Semri, que, mesmo não sendo o mais velho, seu pai fez dele o chefe; ¹¹Helcias, o segundo; Tebelias, o terceiro; Zacarias, o quarto. Os filhos e irmãos de Hosa eram treze homens ao todo.

¹²Esses grupos de porteiros, tanto os chefes como os irmãos, foram encarregados do serviço do Templo de Javé. ¹³Para cuidar de cada porta, eles tiraram sorte por famílias, fossem elas pequenas ou grandes. ¹⁴O lado do nascente foi sorteado para Selemias, cujo filho Zacarias dava conselhos prudentes. Tiraram a sorte e o lado norte ficou para Zacarias. ¹⁵Para Obed-Edom, foi sorteado o lado sul, ao passo que para seus filhos ficou a casa dos armazéns. ¹⁶Para Sefim e para Hosa, coube o lado oeste, com a porta do Tronco Abatido, na ladeira. Os turnos da guarda eram proporcionais. ¹⁷Estavam assim organizados: seis por dia, do lado do nascente; quatro ao norte e quatro ao sul; na casa dos armazéns, dois de cada lado; ¹⁸e, no lado oeste, onde havia uma sacada, ficavam quatro na rua e dois na sacada. ¹⁹Essas eram as classes dos porteiros, descendentes de Coré e Merari.

²⁰Seus irmãos levitas eram responsáveis pelo tesouro do Templo de Deus e por todas as ofertas votivas. ²¹Eram eles: Os filhos de Leedã que, através dele, eram descendentes de Gérson. Seus chefes de famílias eram do ramo de Jaiel. ²²Da família de Jaiel, Zatam e Joel, que eram tesoureiros do Templo de Javé. ²³Havia também gente das famílias de Amram, Isaar, Hebron e Oziel. ²⁴Subael, da descendência de Gérson, filho de Moisés, era chefe do tesouro. ²⁵Havia também outros irmãos deles, descendentes de Eliezer: Roobias, Isaías, Jorão, Zecri e Salomit. ²⁶Esse Salomit, com seus irmãos, era responsável pela guarda de tudo o que fora consagrado pelo rei Davi, pelos chefes de grupos familiares, pelos comandantes de mil e de cem e pelos oficiais do exército. ²⁷Eram despojos de

guerra doados por eles a fim de reforçar o tesouro do Templo de Javé, ²⁸e tudo o que fora doado pelo vidente Samuel, por Saul, filho de Cis, por Abner, filho de Ner, e por Joab, filho de Sárvia. Tudo o que se consagrava, era confiado a Salomit e seus irmãos.

²⁹Conenias e seus filhos, descendentes de Isaar, eram encarregados dos assuntos profanos que se referiam aos israelitas, como oficiais de justiça e juizes.

³⁰Hasabias e seus irmãos, descendentes de Hebron, um total de mil e setecentos soldados, cuidavam da segurança de Israel do lado de lá do rio Jordão, a partir da planície; olhavam os interesses de Javé e o serviço do rei. ³¹O chefe dos descendentes de Hebron era Jerias. No ano quarenta do reinado de Davi, foi feita uma pesquisa sobre a árvore genealógica dos hebronitas e se encontrou entre eles gente de armas em Jazer de Galaad. ³²Essa família contava com dois mil e setecentos chefes de famílias guerreiros. Foi a eles que o rei Davi confiou as tribos de Rúben e Gad e a meia tribo de Manassés, para os afazeres de Deus e os negócios do rei. [26,1-32]

27 *Organização civil e militar* — ¹Aqui está a organização dos israelitas segundo seu número, chefes de famílias, comandantes de mil e de cem, oficiais a serviço do rei, para qualquer assunto. Durante o ano inteiro, faziam turnos de mês em mês. E cada classe compreendia vinte e quatro mil homens.

²Jesboam, filho de Zabdiel, estava à frente da primeira classe, responsável pelo primeiro mês. Essa classe tinha vinte e quatro mil homens. ³Ele era descendente de Farés e chefe dos oficiais de todo o primeiro mês. ⁴Dudi, filho de Aoé, comandava a classe encarregada do segundo mês. Essa classe tinha vinte e quatro mil homens. ⁵O chefe da terceira classe, nomeada para o terceiro mês, era Banaías, filho do sacerdote-chefe Joiada. Respondia por uma classe de vinte e quatro mil homens. ⁶Banaías era um dos trinta valentes. Ele respondia pelos Trinta e também por sua classe. Amizabab era o nome do seu filho.

⁷Azael, irmão de Joab, estava encarregado do quarto mês. Seu filho Zabadias ficou em seu lugar. A classe era também de vinte e quatro mil homens. ⁸Samaot, da descendência de Zaré, foi o oficial nomeado para o quinto mês. Sua classe tinha vinte e quatro mil homens. ⁹Para o sexto mês foi nomeado Hira, filho de Aces, do povoado de Técula. Também sua classe tinha vinte e quatro mil homens. ¹⁰O sétimo, encarregado do sétimo mês, era Heles, da descendência de Falet, da família de Efraim. Sua classe era de vinte e quatro mil homens.

¹¹Sobocai, do povoado de Husa, da descendência de Zaré, foi encarregado do

oitavo mês, com uma classe de vinte e quatro mil homens. ¹²Para o nono mês, foi nomeado Abiezer, da tribo de Benjamim e da cidade de Anatot. Chefiava também vinte e quatro mil homens. ¹³Marai, da descendência de Zaré e da cidade de Netofa, ficou em décimo lugar, nomeado para o décimo mês. Sua classe tinha também vinte e quatro mil homens. ¹⁴Para o décimo primeiro mês, o chefe era Banaías, da família de Faraton, filho de Efraim. A sua classe era de vinte e quatro mil homens. ¹⁵Em décimo segundo lugar, para cobrir o último mês, foi nomeado Holdai, da cidade de Netofa, de Otoniel, com uma classe de vinte e quatro mil homens.

¹⁶Chefes das tribos de Israel: Da tribo de Rúben, o chefe era Eliezer, filho de Zecri. Da tribo de Simeão, era Safatias, filho de Maaca. ¹⁷Da tribo de Levi, era Hasabias, filho de Camuel. De Aarão era Sadoc. ¹⁸Eliú, irmão de Davi, comandava a tribo de Judá. Amri, filho de Miguel, comandava a de Issacar. ¹⁹Jesmaías, filho de Abdias, comandava a de Zabulon. O chefe da tribo de Neftali era Jerimot, filho de Ozriel. ²⁰Da tribo de Efraim, era Oseias, filho de Ozazias. Da meia tribo de Manassés, era Joel, filho de Fadaías. ²¹Da outra meia tribo de Manassés, que vivia em Galaad, o chefe era Jado, filho de Zacarias. Da tribo de Benjamim, era Jesiel, filho de Abner. ²²Finalmente, a tribo de Dã tinha como chefe Ezriel, filho de Jeroam. Eram esses os chefes das tribos de Israel.

²³Davi não mandou fazer o recenseamento das pessoas de vinte anos para baixo, porque Javé mesmo tinha dito que multiplicaria os israelitas como as estrelas do céu. ²⁴Joab, filho de Sárvia, começou o recenseamento, mas não terminou, porque a ira caiu sobre Israel e, assim, esse número não corresponde ao número que está nos Anais do rei Davi.

²⁵O responsável pelas provisões do rei era Azmot, filho de Adiel. O responsável pelas provisões na zona rural, nas cidades, povoados e fortalezas da província, era Jônatas, filho de Ozias. ²⁶O responsável pelos lavradores e agricultores era Ezri, filho de Quelub. ²⁷O responsável pelos vinhedos era Semei, do povoado de Ramá. O responsável pelos encarregados dos depósitos de vinho nos vinhedos era Zabdi, do povoado de Sefam. ²⁸O responsável pelas oliveiras e sicômoros da Planície era Baalanã, do povoado de Gader. O responsável pelas reservas de azeite era Joás. ²⁹O responsável pelo gado que pastava em Saron era Setrai, do povoado de Saron; o responsável pelo gado nos vales era Safat, filho de Adli. ³⁰O responsável pelos camelos era Ubil, o ismaelita. O responsável pelas jumentas era Jadas, do povoado de Meranot. ³¹O

responsável pelas ovelhas era Jaziz, o agareno. Eram esses os responsáveis pelos bens que pertenciam ao rei.

³²Jônatas, tio de Davi, bom conselheiro, homem ponderado e culto, e Jaiel, filho de Hacamon, cuidavam dos filhos do rei. ³³Aquitofel era conselheiro do rei. O araquita Cusai era o amigo do rei. ³⁴Joiada, filho de Banaías, e Abiatar, sucederam a Aquitofel. Joab era o comandante dos exércitos do rei. [27,1-34]

28 *O Templo, centro da vida do povo* — ¹Davi convocou em Jerusalém todas as autoridades de Israel, a saber: chefes de tribos, chefes das classes que serviam ao rei, comandantes de mil e de cem, chefes de todos os bens e rebanhos do rei e de seus filhos, os altos funcionários do palácio, os valentes e todos os guerreiros. ²Davi ficou de pé e tomou a palavra: “Irmãos e povo meu, queiram escutar-me um pouco. Eu tinha a intenção de construir um Templo para ser a moradia da Arca da Aliança de Javé e que servisse de pedestal para o nosso Deus. Cheguei até a fazer os preparativos para a construção. ³Deus, porém, me disse: ‘Não é você quem vai construir um Templo para o meu Nome, pois você foi guerreiro e derramou muito sangue’. ⁴Javé, o Deus de Israel, me escolheu do meio de toda a minha família para ser rei de Israel para sempre. De fato, escolheu Judá como tribo-chefe. Dentro de Judá, escolheu a família do meu pai e, entre meus irmãos, escolheu a mim, para me fazer rei de todo o Israel. ⁵Entre os muitos filhos que Javé me deu, ele escolheu Salomão para que ocupe o trono real de Javé sobre Israel. ⁶Javé me disse: ‘Seu filho Salomão construirá minha residência e meus átrios, pois eu o escolhi como filho, e serei um pai para ele. ⁷Vou firmar o reino dele para sempre, se ele for fiel em praticar meus mandamentos e normas, como tem feito até hoje’.

⁸Portanto, na presença de todo o Israel, a comunidade de Javé, tomando nosso Deus como testemunha, guardem e busquem seguir todos os mandamentos de Javé, seu Deus, para que conservem a posse desta terra boa e a deixem como herança aos filhos de vocês, para sempre.

⁹Quanto a você, Salomão, meu filho, reconheça o Deus do seu pai e o sirva de todo o coração e com generosidade de espírito, pois Javé sonda todos os corações e penetra todas as intenções do espírito. Se você o procurar, ele se deixará encontrar. Mas, se você o abandonar, ele se afastará para sempre. ¹⁰Veja bem! Javé escolheu você para construir um santuário para ele. Coragem e mãos à obra!”

¹¹Davi entregou a seu filho Salomão o projeto do pórtico e do Templo, dos

armazéns, das salas superiores, dos aposentos internos e da sala do propiciatório. ¹²Entregou também o projeto de tudo o que tinha em mente para os átrios do Templo de Javé, para as alas ao redor, para os tesouros do Templo de Deus e para as ofertas votivas. ¹³Entregou também o projeto para as classes de sacerdotes e levitas, para os serviços do culto no Templo e para os utensílios do Templo de Javé. ¹⁴Deixou também programada a quantidade de ouro que cada objeto de ouro deveria ter, conforme sua serventia, e a quantidade de prata que, de acordo com a sua utilização, cada objeto de prata deveria ter. ¹⁵Entregou o desenho dos candelabros de ouro e de prata e de suas respectivas lâmpadas, determinando, conforme a finalidade de cada um, a quantidade de ouro ou prata que deveria ter. ¹⁶Deixou também marcada a quantidade de ouro para as mesas de ouro, que serviriam para os pães consagrados, como também a prata que se deveria empregar nas mesas de prata, ¹⁷os garfos, as taças para a aspersão, as ânforas de ouro puro, a quantidade de ouro para cada tipo de taça. ¹⁸Também determinou a quantidade de ouro refinado que o altar do incenso deveria ter. Deu-lhe o modelo do carro dos querubins de ouro, que cobriam com suas asas a Arca da Aliança de Javé. ¹⁹Tudo isso estava num escrito que Javé havia entregado a Davi, explicando a fabricação do modelo.

²⁰Então Davi falou a seu filho Salomão: “Força! Coragem! Mãos à obra! Nada de medo ou receio, pois Javé Deus, o meu Deus, está com você. Ele não vai deixar nem abandonar você, enquanto não terminar o serviço de construção do Templo de Javé. ²¹Aí estão as classes de sacerdotes e levitas, para todo o serviço do Templo de Deus. Todos os profissionais de qualquer especialidade ajudarão você nessa obra. Os chefes e todo o povo estarão às suas ordens”. [28,1-21]

29 *Oferta do povo e para o povo* — ¹Depois Davi falou a toda a assembleia: “O meu filho Salomão, que Deus escolheu, é moço e fraco. E a missão dele é grande, porque não se trata de construir uma casa para um homem, mas um Templo para Javé Deus. ²Por isso, fui fazendo os preparativos, conforme pude: ouro, para os objetos de ouro; prata, para os objetos de prata; bronze, para os objetos de bronze; ferro, para os objetos de ferro; madeira para toda a mobília, pedras de ônix e de engastar, pedras ornamentais e coloridas, todo tipo de pedra preciosa e muito alabastro. ³Por amor ao Templo do meu Deus, além de tudo o que preparei para o Santuário, entreguei também os meus tesouros de ouro e prata: ⁴cem toneladas de ouro, ouro de Ofir, e duzentas e quarenta toneladas de prata refinada para revestir as paredes das salas, ⁵para os objetos de ouro e prata

e para o trabalho dos ourives. E pergunto: Quem está disposto a fazer hoje um donativo a Javé?”

⁶Então os chefes de famílias, os chefes das tribos de Israel, os comandantes de mil e de cem, e os chefes de obras do rei se prontificaram a fazer ofertas.

⁷Deram para a construção do Templo de Deus cento e setenta toneladas de ouro, dez mil moedas, trezentas e quarenta toneladas de prata, seiscentas toneladas de bronze e três mil e quatrocentas toneladas de ferro. ⁸Quem tinha pedras preciosas ofereceu-as também ao tesouro do Templo de Javé, confiando-as a Jaiel, descendente de Gérson. ⁹O povo, cheio de generosidade, se alegrava em oferecer algo a Javé. Também Davi ficou muito contente. [29,1-9]

Ação de graças — ¹⁰Então Davi bendisse a Javé diante de toda a assembleia. Ele falou: “Bendito sejas tu, Javé, Deus do nosso pai Israel, desde sempre e para sempre. ¹¹A ti, Javé, pertencem a grandeza, o poder, o esplendor, a majestade e a glória, pois tudo o que existe no céu e na terra pertence a ti. Teu é o reino, e a ti cabe elevar-se como soberano acima de tudo. ¹²A riqueza e a glória vêm de ti. E tu governas todas as coisas. Em tua mão está a força e o vigor. Em tua mão está o poder de engrandecer e fortificar todas as coisas. ¹³E agora, Deus nosso, nós te agradecemos e louvamos o teu nome glorioso. ¹⁴Quem sou eu, e quem é o meu povo para podermos te oferecer tudo isso? Tudo vem de ti, e a ti ofertamos o que de tuas mãos recebemos. ¹⁵Todos nós, diante de ti, somos imigrantes e estrangeiros, como foram todos os nossos antepassados. Nossa vida na terra é apenas uma sombra sem esperança. ¹⁶Javé, nosso Deus, tudo o que preparamos para construir um Templo em honra do teu Nome, veio de tuas mãos e pertence a ti. ¹⁷Eu sei, ó meu Deus, que sondas o coração e amas a retidão. E com reta intenção te ofereço tudo isso, e vejo com alegria o teu povo aqui reunido, fazendo suas ofertas a ti. ¹⁸Javé, Deus de nossos antepassados Abraão, Isaac e Israel, conserva sempre no coração do teu povo essa disposição e sentimento. Mantém o coração deles fiel a ti. ¹⁹A meu filho Salomão, concede um coração íntegro, para que ele pratique teus mandamentos, tuas ordens e leis, e para que construa este Templo que projetei para ti”.

²⁰Por fim, Davi disse para a assembleia: “Bendigam todos a Javé, o Deus de vocês!” E toda a assembleia bendisse a Javé, Deus dos seus antepassados. E, prostrando-se, prestaram homenagem a Javé e ao rei. ²¹No dia seguinte, ofereceram a Javé sacrifícios e holocaustos. Foram sacrificados mil bois, mil

carneiros e mil cordeiros, com as respectivas libações de vinho e numerosos sacrifícios por todo o Israel. ²²Nesse dia, todos comeram e beberam com grande alegria na presença de Javé. Entronizaram pela segunda vez Salomão, filho de Davi, e o ungiram como chefe em nome de Javé. Ungiram também Sadoc como sacerdote. [10-22]

Morte de Davi — ²³Salomão sentou-se no trono de Javé, em lugar do seu pai Davi, e teve êxito. Todo o Israel lhe obedeceu. ²⁴Todos os chefes, todos os valentes e todos os filhos de Davi se submeteram ao rei Salomão. ²⁵Javé engrandeceu e aumentou o prestígio de Salomão aos olhos do povo de Israel, dando ao seu reinado um brilho como nunca tinha acontecido com qualquer outro rei antes dele em Israel.

²⁶Davi, filho de Jessé, foi rei de todo o Israel. ²⁷Reinou quarenta anos: sete em Hebron e trinta e três em Jerusalém. ²⁸Por fim, morreu numa velhice feliz, tendo vivido muitos anos e tendo ficado rico e famoso. O seu filho Salomão foi seu sucessor no trono. ²⁹A história do rei Davi, do começo ao fim, está escrita na história do vidente Samuel, na história do profeta Natã e do vidente Gad. ³⁰Aí se encontra tudo o que se refere ao seu reinado e às suas guerras, e tudo o que aconteceu com ele, com Israel e com todos os reinos vizinhos. [23-30]

NOTAS

[1-10] Os dois livros das Crônicas procuram fazer uma síntese de toda a história de Israel, a fim de justificar e fundamentar o estilo de vida na comunidade judaica, depois do exílio na Babilônia. A primeira parte é reconstituída a partir de listas genealógicas de Adão até Davi. Para o autor, *a história é uma sucessão de gerações*, que transmitem a tradição.

As listas genealógicas chegam até Davi e os sacerdotes. Davi é o ponto de partida da esperança messiânica. E os sacerdotes são chefes do culto que, fundamentado nas tradições passadas, fornece uma identidade religiosa para a comunidade judaica.

[11,1-9] Davi é introduzido diretamente como único rei de um povo já unido.

Seu primeiro ato é conquistar Jerusalém, que será o centro político e religioso de Israel. O v. 9 mostra que Deus abençoa o grande ideal da comunidade pós-exílica: viver como povo unido ao redor de um só rei e tendo Jerusalém como centro da própria vida.

[10-47] Davi, desde o início, tem ao seu lado todo o povo, o exército e os homens de valor. Portanto, tem à mão todas as condições para exercer um governo justo, que dê solidez à identidade nacional de Israel.

[12,1-23] É o tempo em que Davi vive às escondidas, perseguido por Saul. Os contingentes que chegam de todas as partes para se aliarem a Davi mostram o descontentamento geral e a busca de um novo líder. Desse modo, o autor frisa que a liderança de Davi é desejada por todo o Israel.

[24-41] A reunião de todos os homens armados em Hebron representa o povo aceitando Davi como rei. O clima de festa e alegria mostra que o acontecimento é simbólico: na mente do autor, o fato de Davi ser consagrado por todo o povo mostra que Javé o confirma como rei. Doravante, o messianismo davídico se torna uma espécie de sacramento da presença e governo de Javé.

[13,1-14] O primeiro ato solene de Davi como rei é reunir todo o povo para decidir democraticamente sobre a maneira como conduzir a Arca para Jerusalém, a fim de transformar a cidade em capital religiosa do povo. Esse ato de Davi mostra que a política não é fim em si mesma, mas somente meio de levar o povo a construir a própria vida a partir do projeto de Deus. O incidente com Oza é explicado em 1Cr 15,11-13: ainda não existe um sacerdócio organizado para administrar convenientemente o culto.

[14,1-17] Chefe de uma família numerosa, reconhecido pelos reis vizinhos e vitorioso contra os inimigos, Davi chega ao ápice de sua glória. Consultando a Deus antes de tomar uma decisão, o rei mostra que o poder político deve estar a serviço do projeto de Javé, que produz liberdade e vida para todos.

[15,1-16,3] A transferência da Arca para Jerusalém é feita em clima de grande festa. E a cidade torna-se santa, porque nela agora está a moradia de Javé, que a transforma em cidade de todo o povo. O sacrifício, a bênção e a refeição marcam a comunhão íntima entre Deus e seu povo. A cidade se realiza de modo verdadeiramente humano quando o povo oferece generosamente o seu esforço (sacrifício) e quando a autoridade política se coloca de fato a serviço do bem comum (bênção), dando a todos a oportunidade de partilhar igualitariamente os

bens e as decisões que constroem a sociedade justa (refeição). Reassumindo esses três aspectos (sacrifício, bênção e refeição), a Eucaristia será o sacramento da “cidade” que reúne todo o povo.

[16,4-36] Apresentando trechos dos salmos 105, 96 e 106, o texto mostra uma celebração do culto no pós-exílio. O *centro do culto* é a proclamação do Deus vivo, que age na história, libertando o seu povo, entrando em aliança com ele, protegendo-o dos inimigos e encaminhando-o para a vida. Esse mesmo Deus é o rei do seu povo, que um dia governará todas as nações, reunindo todos os homens numa sociedade justa e fraterna.

[37-43] Até que o Templo seja construído, o culto é celebrado em dois lugares: em Jerusalém se celebra o louvor junto à Tenda; em Gabaon se oferecem os sacrifícios. O reconhecimento contínuo do Deus vivo sustenta a caminhada de um povo para construir a cidade segundo o projeto dele.

[17,1-15] Cf. nota em 2Sm 7,1-17. No contexto do pós-exílio, um descendente de Davi será o Messias, que virá no futuro para restabelecer toda a grandeza de Israel.

[16-27] Cf. nota em 2Sm 7,18-29.

[18,1-13] Ao ser escolhido, o rei se comprometia a libertar o povo de seus inimigos. Aqui, o resumo das conquistas de Davi mostra que ele cumpriu essa primeira parte do contrato com o povo (cf. também nota em 2Sm 2,1-5).

[14-17] Cf. nota em 2Sm 8,15-18.

[19,1-20,3] Cf. nota em 2Sm 10,1-19. Note-se que Davi não acompanha mais o exército (20,1). O autor de Crônicas omite a narração do pecado de Davi e o castigo que se seguiu (cf. 2Sm 11,1-12,15). Sobre 20,1-3, cf. nota em 2Sm 12,26-31.

[20,4-8] Estes episódios ficariam melhor depois de 1Cr 14,8-17, onde se narram as lutas contra os filisteus, durante os primeiros anos do reinado de Davi.

[21,1-22,1] Cf. nota em 2Sm 24,1-25. Salientando o preço pago por Davi, o autor mostra que o lugar do Templo tem valor imenso. Segundo esse livro, o único erro de Davi transforma-se em ocasião para ele fixar o lugar do culto ao Deus verdadeiro.

[22,2-19] Para o autor, é importante frisar que Davi deixou tudo preparado para

a construção do Templo em Jerusalém. Desse modo, ele não só é o fundador político da nação, mas também o seu organizador religioso. Portanto, o texto deixa claro que a política não deve ocupar o lugar de Deus, mas promover e preservar a presença de Deus e do seu projeto, porque é disso, em última análise, que depende a construção de uma sociedade justa e fraterna. Não se trata de construir templos riquíssimos para Deus, mas de promover a liberdade e a vida do povo. Nisso está o centro do projeto de Deus.

[23,1-29,30] Segundo o autor do livro, o último ato de Davi foi convocar uma grande assembleia dos chefes de Israel para proclamar Salomão como rei. Nesse contexto, o autor apresenta o regulamento do culto (23-26), seguido pelo regulamento civil (27). Depois, vêm as instruções sobre o Templo (28) e a solene entronização de Salomão (29). Com isso, o autor procura fundamentar e confirmar a instituição religiosa que dava forma à comunidade pós-exílica. Usando e retrabalhando antigas tradições, ele procura fornecer uma organização sólida para um povo que não teve possibilidades de se organizar politicamente devido às dominações estrangeiras.

[23,1-32] Antes do exílio na Babilônia, os levitas foram os grandes pregadores que alimentavam a fé no Deus do êxodo e lembravam as consequências dessa fé (cf. livro do Deuteronômio). No pós-exílio, eles são reabsorvidos no ambiente do culto como auxiliares dos sacerdotes para questões materiais ligadas ao Templo.

[24,1-31] Na verdade, antes do exílio, desde o tempo de Salomão houve atritos entre levitas e sacerdotes (cf. 1Rs 2,26-27), atritos que continuaram depois do exílio. O autor procura sanar essa divisão, a fim de que a unidade religiosa se torne possível. No presente texto, levitas e sacerdotes têm a mesma importância.

[25,1-31] No pós-exílio, os cantores têm papel importante no culto, e são divididos, como os sacerdotes, em vinte e quatro turnos. O canto sacro é considerado palavra de Deus, tanto que os cantores são chamados de profetas e videntes. É nesse tempo que o Saltério adquire a sua importância como livro de cantos do Templo e como parte integrante da Palavra de Deus.

[26,1-32] Centro da vida judaica no pós-exílio, o Templo adquiriu uma estrutura complexa. O bom funcionamento exigia controle (guardas) e orientação (a função dos porteiros era acolher e orientar os peregrinos; cf. Sl 15).

[27,1-34] Para o autor, Israel deve sua organização civil e militar a Davi. Isso, porém, é apenas uma tentativa de ressaltá-lo como rei ideal. A organização

administrativa e militar, em plano nacional, foi de fato obra de Salomão (cf. 1Rs 4,7-5,8 e notas).

[28,1-21] Retoma-se aqui o relato interrompido em 23,2. Recordando a profecia de Natã (cf. nota em 17,1-15 e 2Sm 7,1-17), passa-se diretamente ao tema do Templo e aos projetos para executá-lo. No pós-exílio, o Templo é o centro da vida da comunidade, sendo então dirigido pelos sacerdotes e não pela dinastia de Davi, a qual não existe mais. Desse modo, o Templo se torna a grande herança projetada por Deus e preparada por Davi.

[29,1-9] Relatando o gesto generoso de Davi, seguido pelas outras autoridades e pelo povo, o autor convida a entregar para o bem comum tudo o que cada um tem de maior valor. No pós-exílio, o bem comum era simbolizado pelo Templo, única instituição que podia preservar, nessas circunstâncias, a tradição viva e manter a identidade do povo, reunido em torno de Javé, cujo projeto é liberdade e vida para todos. De fato, Deus quer que todos se voltem para a concretização histórica desse projeto, que implica renúncia às posses, a fim de que todos tenham o necessário para uma vida digna.

[10-22] Tudo pertence a Deus. O que o homem lhe poderia dar? Apenas *reconhecimento*, que se extravasa em ação de graças e oferta voluntária daquilo que recebeu de Deus. Com Deus o homem aprende a dar, e de Deus recebe o que dar.

[23-30] O primeiro livro das Crônicas termina com breve resumo da vida de Davi. O autor deixa claro que o livro é *uma* versão da história e indica as fontes que usou, entre as quais os livros de Samuel e Reis.

SEGUNDO LIVRO DAS CRÔNICAS

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27 - 28
- 29 - 30 - 31 - 32 - 33 - 34 - 35 - 36**

SEGUNDO LIVRO DAS CRÔNICAS

III. SALOMÃO, CONSTRUTOR DO TEMPLO [1-9]

1 *Sabedoria e conhecimento para governar* — ¹Salomão, filho de Davi, se firmou na realeza. Javé, seu Deus, estava com ele e o engrandeceu muito. ²Salomão convocou todo o Israel, os comandantes de mil e comandantes de cem, os juízes, todos os príncipes de Israel e os chefes de família. ³Com toda essa assembleia, Salomão foi até o lugar alto de Gabaon, onde estava a Tenda da Reunião de Deus, feita no deserto por Moisés, servo de Javé. ⁴Quanto à Arca de Deus, Davi a tinha transferido de Cariat-Iarim, para o lugar por ele preparado; pois tinha feito para ela uma tenda em Jerusalém. ⁵O altar de bronze, feito por Beseleel, filho de Uri, filho de Hur, ficava diante da Habitação de Javé, aonde Salomão e a assembleia iam para consultar a Deus. ⁶Foi aí que Salomão, diante de Javé, subiu ao altar de bronze que estava diante da Tenda da Reunião, e ofereceu mil holocaustos.

⁷Nessa noite, Deus apareceu a Salomão e lhe disse: “Peça o que você quiser”. ⁸Salomão respondeu a Deus: “Tu trataste com muito amor o meu pai Davi e me colocaste como rei no lugar dele. ⁹Agora, Javé Deus, mantém a promessa que fizeste ao meu pai Davi, porque me puseste como rei sobre um povo tão numeroso como o pó da terra. ¹⁰Concede-me, então, sabedoria e conhecimento, para que eu possa conduzir bem este povo. Do contrário, quem poderia governar esse teu povo tão numeroso?” ¹¹Então Deus disse a Salomão: “Já que você deseja isso, e não pediu riqueza, fortuna e glória, nem a morte dos inimigos ou muitos anos de vida para você mesmo, mas pediu sabedoria e conhecimento para governar o meu povo, do qual eu o fiz rei, ¹²então você receberá sabedoria e conhecimento. Além disso, eu lhe dou também riqueza, fortuna e glória, como nenhum dos seus antecessores teve, nem seus sucessores terão”. ¹³Depois disso, Salomão saiu da Tenda da Reunião e voltou de Gabaon para Jerusalém. E reinou em Israel. [1,1-13]

Riqueza e segurança — ¹⁴Salomão reuniu carros e cavaleiros. Tinha mil e quatrocentos carros e doze mil cavaleiros, que ficavam nas cidades dos carros e junto do rei em Jerusalém. ¹⁵Salomão fez com que a prata e o ouro fossem tão

comuns em Jerusalém como as pedras, e os cedros como os sicômoros da Planície. ¹⁶Os cavalos de Salomão eram importados do Egito e da Cilícia, onde os mercadores do rei os compravam com pagamento à vista. ¹⁷Cada carro era importado do Egito por seis quilos e meio de prata, e cada cavalo por um quilo e meio. Os cavalos eram exportados, nas mesmas condições, para os reis dos heteus e os reis de Aram. [14-17]

Últimos preparativos para a construção do Templo — ¹⁸Salomão mandou construir um Templo para o Nome de Javé e um palácio real para si.

2¹Recrutou setenta mil carregadores de pedra, oitenta mil arrancadores de pedra da montanha e três mil e seiscentos capatazes para fiscalizar os serviços.

²Salomão mandou a seguinte mensagem a Hiram, rei de Tiro: “Tempos atrás, você enviou cedro para que o meu pai Davi construísse uma casa para ele morar.

³Agora, eu resolvi construir um Templo para o Nome de Javé meu Deus, para consagrá-lo a ele, a fim de queimar em sua honra o perfume do incenso, fazer as oferendas permanentes dos pães oferecidos a Deus, oferecer os holocaustos de manhã e de tarde, nos sábados, luas novas e festas de Javé nosso Deus. E assim se fará sempre em Israel. ⁴O Templo que pretendo construir deverá ser grande, porque o nosso Deus é o maior de todos os deuses. ⁵Quem se atreveria a construir um templo para ele, quando o céu e o mais alto do céu são pequenos para contê-lo? E quem sou eu, para lhe construir um templo, ainda que seja só para queimar incenso em sua presença? ⁶Agora, pois, peço que me mande um homem competente para trabalhar o ouro, a prata, o bronze e o ferro, e também com tecidos de púrpura, carmesim e damasco, e que seja entendido em fazer esculturas. Ele trabalhará com os outros mestres que já se encontram aqui comigo em Judá e Jerusalém, contratados pelo meu pai Davi. ⁷Peço também que me mande do Líbano madeira de cedro, carvalho e pinho, pois eu sei que seus servos são competentes para cortar madeira do Líbano. Meus servos trabalharão junto com os seus, ⁸para prepararem grande quantidade de madeira, porque o Templo que vou construir será grande e maravilhoso. ⁹Eu sustentarei os lenhadores com vinte mil sacas de trigo, vinte mil sacas de cevada, vinte mil barris de vinho e vinte mil barris de óleo”.

¹⁰Hiram, rei de Tiro, respondeu a Salomão com esta carta: “Javé ama o seu povo e, por isso, estabeleceu você como rei sobre ele”. ¹¹A carta continuava:

“Seja bendito Javé, o Deus de Israel. Ele fez o céu e a terra, deu ao rei Davi um filho sábio, sensato e prudente, capaz de construir um Templo para Javé e um palácio para si próprio. ¹²Estou enviando a você Hiram-Abi, homem hábil e prudente, ¹³filho de uma danita e de pai tírio. Ele é especialista no trabalho de ouro, prata, bronze, ferro, pedra, madeira, tecidos de púrpura, damasco, linho, carmesim, e também na arte de qualquer tipo de escultura. Ele executará todos os projetos que lhe derem, junto com os seus mestres e com os mestres de seu pai Davi, meu senhor. ¹⁴Quanto ao trigo, à cevada, ao óleo e ao vinho de que meu senhor falou, pode mandá-los para os seus servos. ¹⁵Vamos cortar toda a madeira do Líbano de que você precisa e vamos mandá-la embarcada por mar até Jope. Depois você a levará até Jerusalém”. [1,18-2,15]

O problema da mão de obra — ¹⁶Salomão fez o recenseamento de todos os imigrantes que residiam no país de Israel, recenseamento esse posterior ao que tinha feito seu pai Davi. Encontrou cento e cinquenta e três mil e seiscentos homens. ¹⁷Destinou setenta mil para o transporte, oitenta mil para trabalhar nas pedreiras da montanha e três mil e seiscentos para fiscalizar o trabalho do pessoal. [2,16-17]

3 *Construção do Templo e fabricação dos utensílios* — ¹Salomão começou a construir o Templo de Javé em Jerusalém, no monte Moriá. Aí seu pai Davi tivera uma visão, no lugar que havia preparado na eira de Ornã, o jebuseu. ²Salomão começou a construir no segundo mês do quarto ano do seu reinado. ³Estas foram as medidas determinadas por Salomão para a construção do Templo de Deus: trinta metros de comprimento por dez de largura. ⁴O vestíbulo da frente, no sentido da largura do Templo, tinha dez metros de comprimento, cinco de profundidade e dez de altura. Salomão revestiu de ouro todo o seu interior. ⁵E mandou revestir a nave maior com madeira de carvalho, que recobriu de ouro puro, e no ouro mandou esculpir ramos de palmeira e cordões. ⁶Fez decorar o Templo com pedras preciosas de grande beleza. O ouro utilizado era de Parvaim. ⁷Com esse ouro, recobriu a nave, os travamentos, os portais, as paredes e as portas. Nas paredes mandou esculpir querubins. ⁸Construiu também o Santíssimo. Tinha dez metros de comprimento, acompanhando a largura do Templo, por dez de largura. Recobriu-o com vinte toneladas de ouro puro. ⁹Os pregos de ouro pesavam meio quilo. Revestiu de ouro as salas superiores. ¹⁰Salomão mandou também fundir, para o recinto do Santíssimo, dois querubins

de metal, revestidos de ouro. ¹¹As asas dos querubins abarcavam dez metros de comprimento; a asa do primeiro tinha dois metros e meio e tocava a parede interior do edifício. A outra asa, também com dois metros e meio, tocava na asa do segundo querubim. ¹²Uma asa do segundo querubim tocava a parede do outro lado. E a outra asa, com dois metros e meio, tocava a asa do primeiro querubim. ¹³Assim, as asas dos dois querubins cobriam uma extensão de dez metros. Os querubins estavam de pé e com o rosto voltado para dentro.

¹⁴Salomão mandou fazer a cortina de púrpura violeta e escarlata, de carmesim e de linho puro, com querubins bordados nela. ¹⁵Diante da nave mandou fazer duas colunas de dezessete metros e meio de altura, com capitéis de dois metros e meio. ¹⁶Fez também cordões em forma de colar, e os colocou nos capitéis; fez também cem romãs, e as colocou nos cordões. ¹⁷Colocou as colunas na entrada do Templo, uma à esquerda e outra à direita. À coluna da direita deu o nome de Firme, e à da esquerda o nome de Forte.

4¹Salomão mandou fazer também um altar de bronze com dez metros de comprimento por dez de largura e cinco de altura. ²Fez também o Mar de metal fundido, redondo, com cinco metros de diâmetro e dois metros e meio de altura, com quinze de circunferência. ³Por baixo da borda, em todo o redor, havia animais semelhantes a bois. Eram duas fileiras de touros, vinte em cada metro, fundidas numa peça única. ⁴O Mar se apoiava sobre doze touros, três voltados para o norte, três para o poente, três para o sul e três para o nascente. O Mar ficava em cima deles, e a parte traseira dos touros ficava voltada para dentro. ⁵As paredes do Mar tinham a espessura de um palmo, enquanto a borda, de tão fina, parecia a borda de uma taça e era igual a uma flor. A capacidade do Mar era de cento e trinta e cinco mil litros.

⁶Fez também dez bacias. Colocou cinco de cada lado, para aí lavarem as vítimas dos holocaustos. Os sacerdotes se lavavam no Mar. ⁷Mandou fazer ainda os dez candelabros de ouro, conforme estava determinado, e colocou-os no Santo, de um lado e do outro. ⁸Fez as dez mesas, e colocou-as no Santo, cinco de cada lado. Fez também cem bacias de ouro para a aspersão.

⁹Construiu o pátio dos sacerdotes e o grande pátio com suas portas, e as recobriu de bronze. ¹⁰Colocou o Mar do lado direito, ao sudeste.

¹¹Hiram fez os recipientes para as cinzas, e também as pás e as bacias para a aspersão. E terminou tudo o que o rei Salomão tinha encomendado para o

Templo de Deus: ¹²as duas colunas; os dois rolos de capitéis no alto das colunas; os dois trançados para cobrir os dois rolos que estavam no alto das colunas; ¹³as quatrocentas romãs para os dois trançados, ficando as romãs de cada trançado em duas fileiras; ¹⁴as dez bases e as dez bacias; ¹⁵o Mar único com os dois touros que o sustentavam; ¹⁶os recipientes para as cinzas, e também as pás, os garfos e todos os outros acessórios que Hiram-Abi fez de bronze polido, a pedido do rei Salomão, para o Templo de Javé. ¹⁷Tudo isso o rei mandou fundir em terra argilosa na planície do Jordão, entre Sucot e Sardata. ¹⁸Salomão fez tudo em grande quantidade, pois tinha tanto bronze que nem dava para calcular. ¹⁹Portanto, foi Salomão quem fez todos os objetos para o Templo de Deus, como o altar de ouro e as mesas para colocar os pães oferecidos a Deus; ²⁰os candelabros de ouro puro com suas lâmpadas, que deviam ficar sempre acesas diante do Santíssimo, conforme as normas; ²¹as flores, as lâmpadas e as tenazes de ouro puro; ²²as facas, as bacias de aspersão, as taças e os incensórios de ouro puro. Fez também de ouro os gonzos das portas do Santíssimo e do Santo.

5¹Depois de terminar tudo o que fez para o Templo do Senhor, Salomão mandou levar para o Templo aquilo que o seu pai Davi tinha consagrado: a prata, o ouro e todos os utensílios. E os colocou no tesouro do Templo de Deus. [3,1-5,1]

Deus presente no meio do povo — ²Salomão reuniu em Jerusalém todos os anciãos de Israel, todos os chefes das tribos e os chefes das famílias israelitas, para transportar, da cidade de Davi, que é Sião, a Arca da Aliança de Javé. ³Para a festa, todos os israelitas se reuniram com o rei no sétimo mês. ⁴Chegaram todos os anciãos de Israel, e quem carregou a Arca foram os levitas. ⁵Transportaram a Arca e a Tenda da Reunião, e também os utensílios sagrados que estavam na Tenda. Tudo foi carregado pelos sacerdotes levitas. ⁶O rei Salomão e a comunidade toda de Israel, reunida com ele diante da Arca, sacrificou tantas ovelhas e bois, que não foi possível contar nem calcular. ⁷Os sacerdotes introduziram a Arca da Aliança de Javé no seu lugar próprio, isto é, no Debir do Templo, quer dizer, no Santíssimo, sob as asas dos querubins. ⁸Os querubins estendiam as asas sobre o local da Arca, protegendo a Arca e seus varais. ⁹Como os varais eram compridos, quem estava no Santo, diante do Santíssimo, podia ver as suas extremidades, mas de fora não dava para ver. Eles aí estão até hoje. ¹⁰Dentro da Arca não havia nada além das duas tábuas que, no

Horeb, Moisés havia colocado aí quando Javé concluiu a aliança com os israelitas, na ocasião em que eles saíram do Egito. ¹¹Todos os sacerdotes que estavam no Santuário se haviam purificado, sem distinção de classes. Quando os sacerdotes saíram do Santuário, ¹²todos os levitas cantores das famílias de Asaf, de Emã e de Iditun, com seus filhos e irmãos, estavam vestidos de linho fino e tocavam címbalos, lira e cítara, todos de pé, ao leste do altar. Com eles havia cento e vinte sacerdotes que tocavam trombetas. ¹³Como se fossem um só, os tocadores de trombeta e os outros músicos puseram-se a tocar juntos, celebrando a Javé. Quando levantaram a voz ao som das trombetas, címbalos e outros instrumentos, celebrando a Javé, “porque ele é bom, porque o seu amor é para sempre”, o Templo se encheu com a nuvem da glória de Javé. ¹⁴Por causa da nuvem, os sacerdotes não puderam continuar o culto, pois a glória de Javé tinha ocupado inteiramente o Templo de Deus.

6¹Então Salomão disse: “Javé escolheu habitar a nuvem escura. ²Eu construí para ti uma casa sublime, uma casa onde habitarás para sempre”. [5,2-6,2]

Deus realiza o que promete — ³O rei se voltou, e abençoou toda a assembleia de Israel, enquanto todos permaneciam de pé. ⁴O rei disse então: “Seja bendito Javé, o Deus de Israel, que realizou com a mão o que sua boca havia prometido ao meu pai Davi: ⁵‘Desde o dia em que tirei o meu povo do Egito, não escolhi nenhuma cidade dentre todas as tribos de Israel, a fim de construir aí um Templo para o meu Nome. Como também não escolhi um homem para ser chefe do meu povo Israel. ⁶Mas escolhi Jerusalém para aí fazer morar o meu Nome. Escolhi Davi para ser o chefe do meu povo Israel’.

⁷O meu pai Davi queria construir um Templo para o Nome de Javé, o Deus de Israel. ⁸Javé, porém, disse ao meu pai Davi: ‘Você está querendo construir um Templo para o meu Nome, e faz muito bem, querendo isso. ⁹Contudo, não é você quem vai construir o Templo, mas o seu filho, saído de suas entranhas, ele é quem vai construir o Templo para o meu Nome’. ¹⁰E Javé realizou a promessa que havia feito: eu sucedi ao meu pai Davi, e subi ao trono de Israel, como Javé havia prometido, e construí o Templo para o Nome de Javé, o Deus de Israel. ¹¹Nele introduzi a Arca, onde se acha a Aliança que Javé fez com os israelitas”.

¹²Salomão ficou em pé diante do altar de Javé, na presença de toda a assembleia de Israel, e estendeu as mãos. ¹³Salomão tinha mandado fazer, no meio do pátio do Templo, um estrado de bronze com dois metros e meio de

largura e um metro e meio de altura. Subiu ao estrado e ajoelhou-se diante de toda a assembleia de Israel. Estendeu as mãos para o céu, ¹⁴e disse: “Javé, Deus de Israel, não existe nenhum Deus como tu, nem lá no alto céu, nem aqui embaixo na terra. Tu és fiel à aliança e ao amor para com os teus servos que caminham de todo o coração diante de ti. ¹⁵Cumpriste a promessa que havias feito ao teu servo Davi, meu pai, e o que prometeste com a boca, hoje realizaste com a mão. ¹⁶Agora, Javé, Deus de Israel, mantém esta promessa que fizeste ao teu servo Davi, meu pai: ‘Nunca faltará para você, diante de mim, um descendente no trono de Israel, contanto que seus filhos saibam comportar-se de acordo com a minha lei, assim como você se comportou diante de mim’. ¹⁷Portanto, Javé, Deus de Israel, confirma agora a promessa que fizeste ao teu servo Davi. ¹⁸É possível Deus habitar com os homens na terra? Se o céu e o mais alto do céu não o podem conter, muito menos este Templo que construí! ¹⁹Atende à oração e à súplica do teu servo, Javé meu Deus! Ouve o clamor e a prece que teu servo faz diante de ti. ²⁰Que os teus olhos fiquem abertos dia e noite sobre este Templo, sobre este lugar, onde prometeste que o teu Nome habitaria. Ouve a prece que o teu servo fará neste lugar”. [6,3-20]

O Templo: lugar de súplica e atendimento — ²¹“Ouve as súplicas do teu servo e do teu povo Israel, quando rezarem neste lugar. Escuta da tua morada no céu! Ouve e perdoa!

²²Quando alguém pecar contra o seu próximo e, porque lhe foi exigido um juramento imprecatório, vier jurar diante do teu altar neste Templo, ²³ouve do céu e age. Julga os teus servos: condena o culpado, dando-lhe o que merece, e absolve o inocente, tratando-o conforme a justiça dele.

²⁴Quando o teu povo Israel, por ter pecado contra ti, for derrotado pelo inimigo, se ele se converter, confessar o teu Nome, rezar e suplicar a ti neste Templo, ²⁵ouve do céu, perdoa o pecado do teu povo Israel, e faz que ele volte para a terra que deste aos seus antepassados.

²⁶Quando o céu se fechar e não houver chuva, por terem pecado contra ti, se eles rezarem neste lugar, se confessarem o teu Nome e se arrependerem do próprio pecado porque os afligiste, ²⁷ouve do céu, perdoa o pecado de teus servos e do teu povo Israel, mostrando-lhes o bom caminho que devem seguir, e rega com a chuva a terra que deste como herança ao teu povo.

²⁸Quando o país sofrer fome, peste, mela e ferrugem; quando vierem

gafanhotos e pulgões; quando o inimigo deste povo cercar alguma de suas cidades; quando houver qualquer calamidade ou epidemia; ²⁹seja qual for a oração ou súplica de um indivíduo ou de todo o teu povo Israel, se sentirem remorso de consciência e dor, e erguerem as mãos para este Templo, ³⁰ouve do céu onde moras, perdoa e paga conforme o comportamento de cada um, pois conheces o coração; és o único que conhece o coração dos homens. ³¹Desse modo te respeitarão, e seguirão os teus caminhos em todos os dias que viverem sobre a terra que deste aos nossos antepassados.

³²O estrangeiro, que não pertence a teu povo Israel, se também ele vier de uma terra distante por causa da grandeza do teu Nome, da tua mão forte e do teu braço estendido, se ele vier orar neste Templo, ³³ouve do céu onde moras, atende todos os pedidos do estrangeiro. Assim, todos os povos da terra reconhecerão o teu Nome e temerão a ti, como faz o teu povo Israel; eles saberão que o teu Nome é invocado neste Templo que eu construí.

³⁴Se o teu povo sair para guerrear contra os inimigos, e se no caminho em que o mandares, ele rezar para ti voltado para a cidade que escolheste e para o Templo que construí para o teu Nome, ³⁵ouve do céu a sua oração e súplica e faz justiça para ele.

³⁶Quando pecarem contra ti, pois não há ninguém que não peque, e tu fiques irritado contra eles, entregando-os ao inimigo, e então eles forem levados como cativos pelos vencedores para uma terra distante ou próxima; ³⁷se eles caírem em si na terra para onde tiverem sido levados, se se arrependerem e suplicarem na terra do seu exílio, dizendo: ‘Pecamos, agimos mal e nos pervertemos’; ³⁸se eles se voltarem para ti de todo o coração e de toda a alma, na terra do seu exílio, para onde tiverem sido deportados, e se rezarem voltados para a terra que deste aos seus antepassados, para a cidade que escolheste e para o Templo que construí ao teu Nome, ³⁹ouve do céu, onde moras, ouve a sua oração e súplica, fazendo justiça para eles. Perdoa ao teu povo que pecou contra ti.

⁴⁰Agora, meu Deus, que os teus olhos estejam abertos e os teus ouvidos fiquem atentos para as súplicas que forem feitas neste lugar. ⁴¹E agora, levanta-te, Javé Deus, e vem para o teu repouso com a tua poderosa Arca. E os teus sacerdotes, Javé Deus, se revistam de gala, e os teus fiéis exultem de alegria! ⁴²Javé Deus, não te afastes do teu ungido. Lembra-te do amor do teu servo Davi”. [21-42]

7 Inauguração do Templo — ¹Logo que Salomão terminou a sua oração, desceu fogo do céu e queimou o holocausto e os sacrifícios. E a glória de Javé

enchou o Templo. ²Os sacerdotes não puderam entrar, porque a glória de Javé enchia o Templo de Javé. ³Vendo o fogo descer e a glória de Javé repousar sobre o Templo, todos os israelitas se prostraram, levando o rosto até o calçamento do chão, adorando e louvando a Javé, “porque ele é bom, porque o seu amor é para sempre”. ⁴O rei e todo o povo ofereceram sacrifícios diante de Javé. ⁵O rei Salomão ofereceu em sacrifício vinte e dois mil bois e cento e vinte mil ovelhas. Foi assim que o rei e todo o povo inauguraram o Templo de Deus. ⁶Os sacerdotes executavam suas funções e os levitas celebravam a Javé com os instrumentos musicais feitos pelo rei Davi para acompanhar os cânticos de Javé, “porque o seu amor é para sempre”. Eram eles que executavam os louvores compostos por Davi. Ao lado deles, sacerdotes tocavam trombetas e todo o Israel permanecia de pé. ⁷Salomão consagrou o interior do pátio que fica diante do Templo de Javé. Aí ofereceu os holocaustos e a gordura dos sacrifícios de comunhão, porque o altar de bronze que Salomão tinha feito era muito pequeno para conter os holocaustos, a oblação e as gorduras dos sacrifícios de comunhão. ⁸Nessa ocasião, Salomão celebrou a festa, e todo o Israel com ele, durante sete dias: havia uma grande assembleia, desde a Entrada de Emat até a Torrente do Egito. ⁹No oitavo dia, fizeram uma reunião solene. A inauguração do altar tinha durado sete dias, e também a festa tinha durado sete dias. ¹⁰No dia vinte e três do sétimo mês, o povo retornou para casa. Todos voltaram com o coração alegre e feliz por causa de tudo de bom que Javé tinha feito a Davi, a Salomão e ao seu povo Israel. [7,1-10]

A salvação depende da fidelidade — ¹¹Salomão acabou de construir o Templo de Javé, o palácio real e tudo o que pretendia fazer para o Templo de Javé e para o palácio. ¹²Então Javé lhe apareceu de noite, e lhe disse: “Ouvi a sua oração e escolhi este lugar para mim como a casa dos sacrifícios. ¹³Quando eu fechar o céu e não cair chuva; quando eu ordenar aos gafanhotos que devorem o país; quando eu mandar a peste contra o meu povo, ¹⁴se o meu povo, sobre quem foi invocado o meu Nome, se humilhar, suplicando e buscando a minha presença, e se arrepender do seu mau comportamento, eu ouvirei, do céu, perdoarei seus pecados e curarei seu país. ¹⁵De agora em diante, meus olhos ficarão abertos e meus ouvidos estarão atentos à oração feita neste lugar. ¹⁶Escolhi e consagrei este Templo para que o meu Nome esteja para sempre neste lugar: os meus olhos e o meu coração aí estarão para sempre. ¹⁷Quanto a você, se diante de mim você

se comportar como o seu pai Davi, agindo conforme tudo o que ordenei e observando os meus estatutos e normas, ¹⁸eu mantereí firme para sempre o seu trono real, da maneira como eu me comprometi com o seu pai Davi, quando lhe disse: ‘Nunca faltará alguém da sua família para governar Israel’. ¹⁹Contudo, se você me abandonar, e deixar de lado os meus estatutos e mandamentos que coloquei diante dos olhos de vocês, para servir e prestar culto a outros deuses, ²⁰então eu arrancarei vocês da terra que lhes dei; afastarei para longe de mim este Templo que consagrei para o meu Nome, e o farei objeto de riso e chacota entre todos os povos. ²¹Este Templo tão sublime será motivo de espanto para todos os que por aí passarem. Eles dirão: ‘Por que Javé fez isso com essa terra e esse Templo?’ ²²E responderão: ‘Foi porque abandonaram Javé, o Deus de seus antepassados, que os havia tirado da terra do Egito. Eles aderiram a outros deuses, prostrando-se diante deles e servindo-os. Foi por isso que Javé, seu Deus, mandou sobre eles toda essa desgraça’ ”. [11-22]

8 Quem paga pela glória do rei? — ¹Ao final de vinte anos, depois de ter construído o Templo de Javé e o seu próprio palácio, ²Salomão reconstruiu também as cidades que Hiram lhe tinha dado, e colocou israelitas para nelas habitarem. ³Depois Salomão atacou Emat de Soba e a conquistou. ⁴Reformou também Tadmor, no deserto, e todas as cidades-entrepósitos que tinha construído no país de Emat. ⁵Depois reformou Bet-Horon superior e Bet-Horon inferior, cidades protegidas com muralhas, portas e trancas. ⁶Reformou também Baalat e todas as cidades-entrepósitos pertencentes a Salomão, as cidades para guardar os carros e cavalos, e tudo quanto ele julgou necessário construir em Jerusalém, no Líbano e nos países que lhe eram submissos.

⁷Toda a população que restava dos he-teus, amorreus, ferezeus, heveus e jebuseus, que não eram israelitas ⁸e tinham ficado depois deles no país, e que os israelitas não haviam consagrado ao extermínio, Salomão os recrutou para os trabalhos forçados até hoje. ⁹Salomão, porém, não utilizou, como escravo para suas obras, nenhum dos israelitas, pois estes serviam como soldados: eram chefes de seus oficiais, comandantes de seus carros e de sua cavalaria. ¹⁰Eram duzentos e cinquenta os chefes dos inspetores do rei Salomão, encarregados de governar o povo.

¹¹Salomão transferiu a filha do Faraó da Cidade de Davi para o palácio que tinha construído para ela, dizendo: “Mulher nenhuma pode morar no palácio de Davi, rei de Israel, porque foi consagrado pela presença da Arca de Javé”.

¹²Salomão oferecia holocaustos a Javé sobre o altar de Javé, que tinha construído diante do pátio. ¹³Observava o rito diário dos holocaustos e as prescrições de Moisés referentes aos sábados, às luas novas e às três festas do ano: a festa dos Pães sem fermento, a festa das Semanas e a festa das Tendas. ¹⁴Seguindo as normas do seu pai Davi, Salomão estabeleceu também as classes sacerdotais, cada uma em sua função, e os levitas em suas funções de cantar e officiar na presença dos sacerdotes, conforme o ritual diário, e também os porteiros escalados para cada porta, pois era assim que tinha determinado Davi, homem de Deus. ¹⁵Ninguém se afastou das determinações que o rei tinha dado para os sacerdotes e levitas a respeito de todas as coisas, inclusive as relativas ao tesouro. ¹⁶Foi Salomão quem determinou todos os serviços, desde o dia em que lançou os alicerces do Templo de Javé, até o término das obras. [8,1-16]

Comércio de luxo — ¹⁷Salomão foi até Asiongaber e Elat, lugares à beira-mar, no país de Edom. ¹⁸Hiram mandou-lhe, através dos seus funcionários, navios e marinheiros, que foram com os funcionários de Salomão até Ofir, de onde trouxeram quinze mil quilos de ouro, que entregaram ao rei Salomão. [17-18]

9 Relações diplomáticas dispendiosas — ¹A rainha de Sabá ouviu falar da fama de Salomão e foi a Jerusalém para submeter o rei à prova por meio de enigmas. Chegou com grandes riquezas, com camelos carregados de perfume, muito ouro e pedras preciosas. Apresentou-se a Salomão e lhe propôs tudo o que pensava. ²Salomão, porém, soube responder a todas as suas perguntas; não houve nenhuma questão, por mais difícil, que o rei não pudesse resolver. ³Quando a rainha de Sabá viu a sabedoria de Salomão, o palácio que havia construído, ⁴as iguarias de sua mesa, os aposentos de seus oficiais, os alojamentos e uniformes de seus empregados, os copeiros com seus trajes, e os holocaustos que ele oferecia no Templo de Javé, ficou assombrada. ⁵Então disse ao rei: “É de fato verdade tudo o que ouvi na minha terra a respeito de você e de sua sabedoria! ⁶Eu não queria acreditar no que me diziam, antes de vir para ver com os meus próprios olhos. O que me contaram não é nem a metade: a grandeza de sua sabedoria é muito maior do que tudo o que eu tinha ouvido. ⁷Sua gente e seus servos é que são felizes: podem desfrutar continuamente de sua presença e aprender de sua sabedoria. ⁸Seja bendito Javé, o seu Deus, que foi benevolente e o colocou no trono como rei, em nome de Javé seu Deus. Javé ama Israel e deseja firmá-lo para sempre, e é por isso que ele o nomeou rei, a fim

de que você exerça o direito e a justiça”.

⁹Então a rainha de Sabá deu quatro toneladas de ouro ao rei, grandes quantidades de perfumes e de pedras preciosas. Nunca houve perfumes como esses que a rainha de Sabá trouxe para o rei Salomão.

¹⁰Os funcionários de Hiram e Salomão, que tinham trazido ouro de Ofir, trouxeram também madeira de sândalo e pedras preciosas. ¹¹Com o sândalo, Salomão fez escadarias para o Templo de Javé e para o palácio real, e também cítaras e harpas para os cantores. Nunca se viu coisa igual na terra de Judá.

¹²Em troca, o rei Salomão ofereceu à rainha de Sabá tudo o que ela quis e pediu, superando o que ela mesma tinha trazido para o rei. Depois a rainha de Sabá partiu e voltou com sua comitiva para a sua terra. [9,1-12]

Fascínio que hipnotiza — ¹³O ouro que Salomão recebia anualmente era de vinte e três mil e trezentos quilos, ¹⁴sem contar o que recebia como tributo dos mercadores e do lucro dos comerciantes. Além disso, todos os reis da Arábia e todos os governadores do país também traziam ouro e prata para Salomão. ¹⁵O rei Salomão fez duzentos escudos grandes de ouro batido, gastando seis quilos e meio em cada escudo, ¹⁶trezentos escudos pequenos de ouro batido, gastando em cada um deles três quilos de ouro, e os colocou no salão chamado Floresta do Líbano. ¹⁷O rei fez também um grande trono de marfim, e o recobriu de ouro puro. ¹⁸O trono tinha seis degraus e um estrado de ouro, fixos no trono; tinha braços de um lado e outro do assento, com dois leões em pé, junto aos braços. ¹⁹Doze leões estavam colocados de cada lado dos seis degraus. Nunca se havia feito coisa igual em nenhum outro reino.

²⁰Todas as taças que o rei Salomão usava para beber eram de ouro, e era também de ouro puro toda a baixela do salão da Floresta do Líbano, porque no tempo de Salomão a prata não tinha valor. ²¹De fato, o rei tinha uma frota de navios que ia a Társis com os funcionários de Hiram. A cada três anos, os navios voltavam de Társis carregados de ouro, prata, marfim, macacos e pavões.

²²E o rei Salomão superou em riqueza e sabedoria todos os reis da terra. ²³Todos os reis do mundo queriam ser recebidos por Salomão, para aprender a sabedoria que Deus lhe tinha dado. ²⁴E todos os anos, cada um deles trazia, como presente, objetos de prata e ouro, mantas, armas e aromas, cavalos e mulas. [13-24]

Aparato militar — ²⁵Salomão tinha em seus estábulos quatro mil cavalos de tração, carros, e doze mil cavalos de montaria. Colocou tudo nas cidades dos carros e junto do rei em Jerusalém. ²⁶O domínio do seu reino ia desde o rio Eufrates até a terra dos filisteus e a fronteira com o Egito. ²⁷O rei fez, em Jerusalém, com que a prata fosse tão comum quanto as pedras, e os cedros como os sicômoros da Planície. ²⁸Os cavalos de Salomão eram importados do Egito e de outros países. [25-28]

Morte de Salomão — ²⁹O resto da história de Salomão, do começo ao fim, está escrito na história do profeta Natã, nas profecias de Aías de Silo e na visão que Ido, o vidente, teve sobre Jeroboão, filho de Nabat. ³⁰Salomão reinou em Jerusalém sobre todo o Israel, durante quarenta anos. ³¹Depois Salomão morreu e foi enterrado na Cidade de Davi, seu pai. E seu filho Roboão lhe sucedeu no trono. [29-31]

IV. DIVISÃO DO POVO [10-12]

10 *Revolta aprovada por Javé* — ¹Roboão foi para Siquém, pois todo o Israel se dirigira para lá a fim de proclamá-lo rei. ²Jeroboão, filho de Nabat, estava no Egito, para onde tinha fugido do rei Salomão. Ao saber da notícia, ele voltou do Egito, ³porque haviam mandado chamá-lo. Ele se reuniu com todo o Israel, e disse a Roboão: ⁴“Seu pai impôs sobre nós um fardo muito pesado. Se você nos aliviar da dura escravidão e do fardo pesado que ele nos impôs, nós serviremos a você”. ⁵Roboão respondeu: “Venham me procurar daqui a três dias!” E o povo foi embora.

⁶O rei Roboão pediu conselho aos anciãos que tinham servido ao seu pai Salomão, durante todo o tempo em que este vivia. Roboão perguntou-lhes: “Que resposta vocês me aconselham a dar para esse povo?” ⁷Eles disseram: “Se você se mostrar bom para com esse povo, se você for benevolente e souber falar com ele, todos serão seus súditos por toda a vida”. ⁸Roboão, porém, desprezou o conselho dos anciãos e foi aconselhar-se com os jovens que haviam crescido junto com ele e que o serviam. ⁹Roboão perguntou-lhes: “O que é que vocês me aconselham a responder a esse povo? Ele me pediu: ‘Alivie para nós o jugo que seu pai nos impôs’ ”. ¹⁰Os jovens que haviam crescido com ele disseram: “Esse povo lhe disse: ‘Seu pai tornou pesado o nosso fardo; alivie esse fardo que pesa sobre nós’. Pois bem, responda para ele: ‘Meu dedo mínimo é mais grosso do que a cintura do meu pai. ¹¹Meu pai sobrecarregou vocês com um fardo pesado, mas eu aumentarei ainda mais esse fardo. Meu pai castigou vocês com chicotes, e eu castigarei vocês com ferrões’ ”.

¹²Daí a três dias, conforme o rei tinha pedido, Jeroboão e todo o povo foram procurar Roboão. ¹³O rei respondeu duramente ao povo. Desprezando o conselho que os anciãos lhe haviam dado, ¹⁴falou conforme o conselho dos jovens: “Meu pai sobrecarregou vocês com fardo pesado. Pois bem! Eu aumentarei esse fardo sobre vocês. Meu pai castigou vocês com chicotes, e eu castigarei vocês com ferrões”. ¹⁵O rei não deu ouvido ao povo. Essa disposição partiu de Deus, para realizar o que Javé dissera a Jeroboão, filho de Nabat, por meio de Aías de Silo. ¹⁶Vendo que o rei não tinha dado ouvidos ao povo, todo o Israel disse ao rei: “O que temos nós com Davi? Não temos herança com o filho de Jessé. Volte para as suas tendas, Israel. Agora cuide de sua casa, Davi”.

E todo o Israel voltou para suas tendas. ¹⁷Quanto aos israelitas que moravam

nas cidades de Judá, continuaram submetidos a Roboão. ¹⁸Então o rei Roboão enviou Aduram, chefe dos trabalhos forçados, mas os israelitas o apedrejaram, e ele morreu. O rei Roboão conseguiu subir no seu carro e fugiu para Jerusalém. ¹⁹E Israel se revoltou contra a casa de Davi, até o dia de hoje.

11 ¹De volta a Jerusalém, Roboão reuniu a casa de Judá e de Benjamim. Eram cento e oitenta mil guerreiros para lutar contra Israel e reconquistar o reino para Roboão. ²Então a palavra de Javé foi dirigida a Semeías, homem de Deus: ³“Diga a Roboão, filho de Salomão, rei de Judá, e a todo o Israel que está em Judá e Benjamim: ⁴‘Assim diz Javé: Não subam para lutar contra seus irmãos. Volte cada um para sua casa, porque tudo o que aconteceu foi por minha decisão’ ”. Eles obedeceram à palavra de Javé, regressaram e desistiram de combater contra Jeroboão. [10,1-11,4]

Defendendo o que restou — ⁵Roboão ficou morando em Jerusalém e começou a construir cidades fortificadas em Judá. ⁶Restaurou Belém, Etam, Técuá, ⁷Betsur, Soco, Odolam, ⁸Gat, Maresa, Zif, ⁹Aduram, Laquis, Azeca, ¹⁰Saraá, Aialon e Hebron. Eram cidades fortificadas em Judá e Benjamim. ¹¹Reforçou a defesa das cidades e colocou um comandante em cada uma, assim como depósitos de alimentos, azeite e vinho. ¹²Todas as cidades tinham escudos e lanças; estavam perfeitamente armadas. E Roboão reinou sobre Judá e Benjamim. [11,5-12]

Jerusalém é o lugar do culto a Javé — ¹³Os sacerdotes e levitas que se achavam em todo o Israel deixavam seu território para unir-se a Roboão. ¹⁴Os levitas abandonaram suas terras e propriedades e foram morar em Judá e Jerusalém, pois Jeroboão e seus filhos haviam proibido a eles de exercer o sacerdócio de Javé. ¹⁵Ele próprio nomeava sacerdotes para os lugares altos e para o culto dos sátiros e dos bezerros que ele fabricou. ¹⁶Em consequência disso, pessoas de todas as tribos de Israel que tinham vontade de procurar a Javé, o Deus de Israel, iam até Jerusalém para oferecer sacrifícios a Javé, Deus dos seus antepassados. ¹⁷Essas pessoas reforçaram o reino de Judá e confirmaram Roboão, filho de Salomão. Isso durou três anos, tempo em que ele foi fiel ao caminho de Davi e Salomão. [13-17]

Esperteza política — ¹⁸Roboão casou-se com Maalat, filha de Jerimot, o qual era filho de Davi com Abigail, filha de Eliab, que era filho de Jessé. ¹⁹Maalat

deu a Roboão os seguintes filhos: Jeús, Somorias e Zoom. ²⁰Depois ele se casou com Maaca, filha de Absalão, a qual lhe gerou Abias, Etai, Ziza e Solomit. ²¹Roboão gostava de Maaca, filha de Absalão, mais que de todas as outras suas mulheres e concubinas. Ele teve dezoito mulheres e sessenta concubinas, e gerou vinte e oito filhos e sessenta filhas. ²²Como chefe de todos eles, Roboão colocou Abias, filho de Maaca. Ele devia comandar seus irmãos porque estava destinado a ser rei. ²³Roboão foi esperto e distribuiu seus filhos por todas as regiões de Judá e Benjamim, especialmente nas cidades fortificadas, forneceu-lhes bastante alimento e arranjou esposas para eles. [18-23]

12 *Roboão e a decadência* — ¹Quando Roboão consolidou seu reinado e se tornou forte, abandonou a Lei de Javé. E todo o Israel seguiu o exemplo dele.

²No quinto ano do reinado de Roboão, Sesac, rei do Egito, atacou Jerusalém, pois ela tinha sido infiel a Javé. ³O exército de Sesac tinha mil e duzentos carros, sessenta mil cavaleiros e um exército incontável, formado de líbios, suquitas e etíopes, que vieram do Egito com ele. ⁴Sesac tomou as cidades fortificadas de Judá e chegou até Jerusalém. ⁵O profeta Semeías procurou Roboão e os chefes de Judá que se haviam recolhido em Jerusalém por medo de Sesac. E Semeías disse a eles: “Assim diz Javé: Vocês me abandonaram! Por isso, eu abandono vocês nas mãos de Sesac”. ⁶Então os chefes de Israel e o rei se humilharam e responderam: “Javé está certo”. ⁷Ao ver que eles se tinham humilhado, Javé dirigiu sua palavra a Semeías, dizendo: “Eles se humilharam, e por isso não vou liquidá-los. Vou logo deixar que escapem e não derramarei minha cólera contra Jerusalém, por meio de Sesac. ⁸Eles, porém, ficarão submetidos a Sesac, e saberão qual é a diferença entre servir a mim e servir aos reis das terras”.

⁹Sesac, rei do Egito, atacou Jerusalém e carregou tudo o que havia no tesouro do Templo de Javé e do palácio, inclusive os escudos de ouro que Salomão tinha feito. ¹⁰Depois Roboão mandou fazer outros escudos de bronze, para colocá-los nas mãos dos comandantes dos guardas que vigiavam a porta do palácio. ¹¹Toda vez que o rei ia ao Templo de Javé, os guardas empunhavam os escudos. Em seguida, os colocavam de novo na sala dos guardas.

¹²Porque o rei se humilhou, a ira de Javé voltou atrás e não destruiu tudo. Mesmo em Judá aconteciam coisas boas. ¹³E o rei Roboão pôde firmar-se em Jerusalém e continuar reinando. Ele tinha quarenta e um anos quando começou a reinar, e ficou por dezessete anos como rei em Jerusalém, cidade que Javé

escolheu entre todas as tribos de Israel para aí colocar o seu Nome. A mãe dele chamava-se Naama e era amonita. ¹⁴Roboão, porém, praticou o mal, porque não se dedicou de coração para servir a Javé.

¹⁵A história de Roboão, do começo ao fim, está escrita na história do profeta Semeías e do vidente Ado. Sempre houve guerra entre Roboão e Jeroboão.

¹⁶Roboão morreu e foi enterrado na Cidade de Davi. E seu filho Abias lhe sucedeu no trono. [\[12,1-16\]](#)

V. FIDELIDADE DOS REIS DE JUDÁ [13,1-21,1]

13 *Abias e o verdadeiro culto* — ¹Foi no décimo oitavo ano do reinado de Jeroboão que Abias começou a reinar em Judá, ²e reinou três anos em Jerusalém. O nome de sua mãe era Micaías, filha de Uriel. Ela era natural de Gabaá.

³Abias começou a batalhar com um exército de quatrocentos mil guerreiros valentes. E Jeroboão lutou contra ele com oitocentos mil guerreiros valentes. ⁴Então Abias se colocou no alto do monte Semeron, na região montanhosa de Efraim, e gritou: “Jeroboão, israelitas, escutem-me! ⁵Vocês não sabem que Javé, o Deus de Israel, entregou a Davi a realeza sobre Israel para sempre? Ele fez uma aliança inviolável com Davi e seus filhos. ⁶Jeroboão, filho de Nabat, servo de Salomão, filho de Davi, revoltou-se contra o seu senhor. ⁷Homens à-toa e sem valor se uniram a Jeroboão e se impuseram a Roboão, filho de Salomão. Roboão era moço e tímido, e não conseguiu se impor. ⁸Agora vocês pensam em resistir à realeza de Javé, que os filhos de Davi exercem. Aí estão vocês, essa imensa multidão, acompanhando os bezerros de ouro que Jeroboão fabricou para serem deuses de vocês! ⁹Será que vocês não expulsaram os sacerdotes de Javé, os filhos de Aarão e os levitas? Vocês nomearam sacerdotes como os povos pagãos: Quem levar um novilho e sete carneiros pode se tornar sacerdote de falsos deuses! ¹⁰Quanto a nós, Javé é o nosso Deus, e nós nunca o abandonamos. Os descendentes de Aarão é que são os sacerdotes a serviço de Javé, e os levitas são os encarregados do culto. ¹¹Toda manhã e toda tarde, oferecemos holocaustos a Javé, incenso perfumado, pães arrumados sobre a mesa pura, e temos o candelabro de ouro com suas lâmpadas, que é aceso todas as tardes. Nós observamos as prescrições de Javé, o nosso Deus, que vocês abandonaram. ¹²Saibam que Deus caminha à nossa frente. Seus sacerdotes com as trombetas darão o toque de guerra contra vocês. Israelitas, desistam de lutar contra Javé, o Deus dos seus antepassados! Vocês jamais poderão vencer!”

¹³Enquanto isso, Jeroboão destacou uma patrulha para atacá-los pela retaguarda. O grosso do exército ficou na frente de Judá e a patrulha foi pela retaguarda. ¹⁴Voltando-se, as tropas de Judá se viram atacadas pela frente e pelas costas. Então clamaram a Javé. Os sacerdotes tocaram a trombeta, ¹⁵os homens de Judá lançaram o grito de guerra e, enquanto eles gritavam, Deus derrotou Jeroboão e todo o Israel diante de Abias e de Judá. ¹⁶Os israelitas

fugiram diante de Judá, e Deus os entregou nas mãos de Judá. ¹⁷Abias e seu exército conseguiram uma grande vitória, pois de Israel morreram quinhentos mil guerreiros. ¹⁸Nessa ocasião, os israelitas foram humilhados e os judaítas saíram vitoriosos, porque se apoiaram em Javé, Deus dos seus antepassados. ¹⁹Abias perseguiu Jeroboão e tomou dele a cidade de Betel com arredores, Jesana com arredores, Efron com arredores. ²⁰No tempo de Abias, Jeroboão não conseguiu se recuperar. Por fim ele morreu, ferido por Javé. ²¹Abias, porém, tornou-se cada vez mais poderoso. Teve catorze mulheres, que lhe deram vinte e dois filhos e dezesseis filhas. ²²O resto da história de Abias, suas obras e palavras, estão escritos no comentário do profeta Ado. ²³Depois Abias morreu e foi enterrado na Cidade de Davi. E seu filho Asa lhe sucedeu no trono. E no tempo de Asa o país ficou tranquilo por dez anos. [13,1-23]

14 *O rei Asa e a garantia de Javé* — ¹Asa fez o que Javé seu Deus aprova e estima. ²Acabou com os altares dos deuses estrangeiros e com os lugares altos, demoliu as estelas e derrubou os postes sagrados. ³Ordenou aos judeus que buscassem a Javé, o Deus dos seus antepassados, e que praticassem as leis e mandamentos dele. ⁴Acabou com os lugares altos e com os altares de incenso em todas as cidades de Judá. E o reino viveu tranquilo durante todo o reinado dele.

⁵Asa reconstruiu as cidades fortificadas de Judá, já que o país estava em paz e não fez nenhuma guerra nesses anos, porque Javé lhe deu descanso. ⁶Asa disse a Judá: “Vamos reconstruir essas cidades, cercá-las de muralhas e torres, de portas e trancas. A terra ainda nos pertence, porque servimos a Javé, nosso Deus, e ele nos concedeu paz com os vizinhos”. Executaram a reconstrução com pleno êxito. ⁷Os soldados que Asa tinha a seu dispor eram, da parte de Judá, trezentos mil homens equipados de armaduras e lanças; e, da parte de Benjamim, duzentos e oitenta mil treinados para empunhar o escudo e manejar o arco. Todos eram valentes guerreiros.

⁸Zara, o etíope, marchou contra Judá com um exército de um milhão de homens e trezentos carros. Quando chegou a Maresa, ⁹Asa foi enfrentá-lo. E se prepararam para a luta no vale de Sefata, em Maresa. ¹⁰Então Asa invocou Javé seu Deus, dizendo: “Javé, quando queres ajudar, não distingues entre poderosos e fracos. Ajuda-nos, então, Javé nosso Deus, pois nós nos apoiamos em ti, e em teu Nome vamos enfrentar essa multidão! Javé, tu és o nosso Deus. Não te

deixes derrotar por um mortal”. ¹¹Javé derrotou os etíopes à vista de Asa e de Judá. E os etíopes tiveram que fugir. ¹²Asa e seu exército perseguiram os etíopes até Gerara. Todos foram mortos: não ficou nenhum sobrevivente. Foram esfaqueados quando quiseram enfrentar Javé e seu exército. Os homens de Judá recolheram muitos despojos. ¹³Em seguida, atacaram as cidades vizinhas de Gerara, pois o terror de Javé tinha caído sobre elas. E as saquearam, pois havia nelas muitos despojos. ¹⁴Atacaram também as moradias da zona rural, e levaram muitas ovelhas e camelos. Por fim, voltaram para Jerusalém. [14,1-14]

15 *O rei Asa e a reforma religiosa* — ¹O espírito de Deus desceu sobre Azarias, filho de Oded. ²Ele foi então ao encontro de Asa e lhe disse: “Asa e homens de Judá e Benjamim, escutem! Javé estará sempre com vocês, se vocês estiverem com ele. Se vocês o procurarem, ele se deixará encontrar. Mas se vocês o abandonarem, ele também os abandonará. ³Por muito tempo Israel ficará sem o Deus verdadeiro, sem sacerdote para ensiná-lo e sem lei. ⁴Mas, em sua aflição, Israel voltará para Javé seu Deus, e o procurará. Então Javé se deixará encontrar por ele. ⁵Nesse tempo, ninguém viverá em paz, pois todos os habitantes do país sofrerão grandes tribulações. ⁶Nações e cidades se destruirão mutuamente, pois Deus os perturbará com toda espécie de tribulações. ⁷Mas fiquem firmes, não desanimem, porque suas obras serão recompensadas.” ⁸Ao ouvir essa mensagem do profeta, Asa decidiu eliminar os ídolos imundos de todo o país de Judá e Benjamim, e das cidades que ele havia tomado na região montanhosa de Efraim. Depois restaurou o altar de Javé que estava diante do vestíbulo de Javé. ⁹Reuniu os homens de Judá e Benjamim, bem como os de Efraim, Manassés e Simeão que moravam entre eles, pois muitos israelitas tinham passado para o lado de Asa, ao verem que Javé seu Deus estava com ele. ¹⁰Essa assembleia se realizou em Jerusalém no terceiro mês do décimo quinto ano do reinado de Asa. ¹¹Nesse dia, ofereceram em sacrifício a Javé setecentos bois e sete mil ovelhas dentre os despojos que tinham recolhido. ¹²Assumiram o compromisso de buscar a Javé, o Deus de seus antepassados, com todo o coração e com toda a alma. ¹³Quem deixasse de buscar a Javé, o Deus de Israel, deveria ser morto, pequeno ou grande que fosse, homem ou mulher. ¹⁴Fizeram juramento a Javé em voz alta e por aclamação, ao som de trombetas e trompas. ¹⁵Judá inteiro ficou alegre com esse juramento, feito de todo o coração. Eles buscaram a Javé com sinceridade, e Javé se deixou encontrar por eles, e lhes deu

paz com os vizinhos.

¹⁶Maaca, avó do rei Asa, perdeu o título de Grande Dama, porque fizera um ídolo para Aserá. Asa quebrou e esmigalhou o ídolo e o queimou junto ao riacho do Cedron. ¹⁷Os lugares altos não desapareceram de Israel, mas o coração de Asa foi íntegro durante toda a vida. ¹⁸Ele levou para o Templo de Deus os objetos que seu pai tinha ofertado, como também as suas próprias ofertas em prata, ouro e objetos. ¹⁹E até o trigésimo quinto ano do reinado de Asa não houve nenhuma guerra. [15,1-19]

16 *A segurança pode custar caro* — ¹Baasa, rei de Israel, no trigésimo sexto ano do reinado de Asa, marchou contra Judá e fortificou Ramá, para cortar as comunicações com Asa, rei de Judá. ²Então Asa tirou ouro e prata dos tesouros do Templo de Javé e do palácio, e os mandou para Ben-Adad, rei de Aram, que residia em Damasco, com esta mensagem: ³“Vamos fazer um tratado de paz, como seu pai e o meu fizeram. Estou lhe mandando esta prata e este ouro, para que você rompa sua aliança com Baasa, rei de Israel, a fim de que ele saia do meu território”. ⁴Ben-Adad atendeu o rei Asa e mandou os comandantes do seu exército às cidades de Israel. Conquistou Aion, Dã, Abelmaim e todas as cidades-entrepósitos da região de Neftali. ⁵Ao receber essa notícia, Baasa desistiu de fortificar Ramá e fez parar as obras. ⁶O rei Asa convocou Judá inteiro para carregar as pedras com que Baasa estava fortificando Ramá, e as aproveitou para fortificar Gaba e Masfa. ⁷Nessa ocasião, o vidente Hanani procurou Asa, rei de Judá, e lhe disse: “Você se apoiou no rei de Aram, e não em Javé seu Deus! Por isso, o exército do rei de Aram vai escapar do seu controle. ⁸Os etíopes e líbios também tinham numeroso exército com carros e cavalos. Você pediu socorro a Javé, e ele os entregou em suas mãos. ⁹Os olhos de Javé percorreram a terra inteira para sustentar os que são sinceros para com ele. Desta vez você fez uma loucura. Por isso, daqui para a frente você viverá em guerra”. ¹⁰Asa ficou com raiva do vidente e mandou prendê-lo, porque suas palavras o irritaram. E, ao mesmo tempo, Asa começou a oprimir parte do povo.

¹¹A história de Asa, do começo ao fim, está escrita nos Anais dos Reis de Judá e Israel. ¹²No trigésimo nono ano do seu reinado, Asa teve uma doença grave nos pés. Mesmo na doença, ele não recorreu a Javé, mas aos médicos. ¹³Asa morreu no ano quarenta e um do seu reinado, e se reuniu com seus antepassados. ¹⁴E o enterraram no túmulo que ele tinha mandado cavar para si mesmo na

Cidade de Davi. Colocaram o seu corpo num leito cheio de aromas, essências e perfumes, e fizeram uma grande fogueira em sua honra. [16,1-14]

17 *Josafá e a instrução do povo* — ¹Josafá, filho de Asa, lhe sucedeu no trono e conseguiu se impor ao reino de Israel. ²Colocou batalhões de soldados em cada cidade fortificada de Judá e nomeou governadores no território de Judá e nas cidades de Efraim, que tinham sido conquistadas por seu pai Asa.

³Javé esteve com Josafá, pois sua conduta foi a mesma que seu pai tinha seguido no começo. E não serviu aos ídolos. ⁴Ele buscou apenas o Deus do seu pai, comportou-se conforme os seus mandamentos e não imitou a conduta de Israel. ⁵Javé firmou o reino nas mãos dele. Judá inteiro pagava tributo a Josafá, de modo que ele adquiriu muita riqueza e prestígio. ⁶Seu coração se manteve nos caminhos de Javé. E Josafá eliminou do território de Judá os lugares altos e postes sagrados.

⁷No terceiro ano do seu reinado, ele mandou seus oficiais Ben-Hail, Abdias, Zacarias, Natanael e Miqueias para instruir as cidades de Judá. ⁸Alguns levitas os acompanharam: Semeías, Natânias, Zabadias, Asael, Semiramot, Jônatas, Adonias e Tobias, além dos sacerdotes Elisama e Jorão. ⁹Então, levando consigo o livro da Lei de Javé, eles começaram a ensinar em Judá. E percorreram todas as cidades de Judá, instruindo o povo. ¹⁰O terror de Javé atingiu todos os reinos dos países vizinhos de Judá. E nenhum deles tentou fazer guerra contra Josafá.

¹¹Os filisteus lhe pagavam muito tributo em dinheiro. Até os árabes lhe traziam gado miúdo: sete mil e setecentos carneiros e sete mil e setecentos bodes.

¹²Josafá foi ficando cada vez mais poderoso, e construiu fortalezas e cidades-entrepósitos em Judá.

¹³Dispunha de muita mão de obra nas cidades de Judá. Os guerreiros valentes residiam em Jerusalém. ¹⁴Aqui está a relação deles segundo as famílias. Em Judá, os comandantes de mil eram os seguintes: Ednas, o chefe, com trezentos mil guerreiros. ¹⁵Às suas ordens estavam Joanã, comandante de duzentos e oitenta mil guerreiros, ¹⁶e também Amasias, filho de Zecri, que servia a Javé como voluntário e comandava duzentos mil guerreiros. ¹⁷Em Benjamim, os comandantes de mil eram estes: Eliada, valente guerreiro, com duzentos mil homens armados de arco e escudo. ¹⁸Às suas ordens estava Jozabad, com cento e oitenta mil homens disponíveis. ¹⁹Todos esses estavam a serviço do rei, sem contar os homens que ele havia colocado nas fortalezas de Judá. [17,1-19]

18 *O profeta é realista* — ¹Josafá se tornou rico e poderoso, e se aliou com

Acab, através de um casamento. ²Alguns anos depois, ele foi visitar Acab em Samaria. Acab matou grande quantidade de ovelhas e bois, para ele e comitiva, e procurou convencê-lo a lutar contra Ramot de Galaad. ³Acab, rei de Israel, disse a Josafá, rei de Judá: “Você quer vir comigo contra Ramot de Galaad?” Josafá respondeu: “Você e eu, seu exército e o meu, iremos juntos à guerra”. ⁴E acrescentou: “No entanto, consulte antes a resposta de Javé”. ⁵Então o rei de Israel reuniu seus profetas, cerca de quatrocentos homens. E perguntou a eles: “Devemos atacar Ramot de Galaad, ou não?” Eles responderam: “Vá! Deus entregou Ramot de Galaad em suas mãos”. ⁶Josafá, porém, disse: “Não existe outro profeta de Javé para consultarmos?” ⁷O rei de Israel respondeu a Josafá: “De fato, existe ainda outro homem, por meio de quem podemos consultar Javé. Mas eu tenho ódio dele, pois nunca diz coisas agradáveis para mim; só anuncia desgraças! É Miqueias, filho de Jemla”. Josafá disse: “Não fale assim”. ⁸Então o rei de Israel chamou um funcionário e lhe disse: “Depressa! Traga aqui Miqueias, filho de Jemla”. ⁹O rei de Israel e Josafá, rei de Judá, ficaram sentados, cada um no seu trono e vestidos com seus mantos reais. Estavam na praça defronte da porta da cidade de Samaria, enquanto os profetas pronunciavam suas profecias. ¹⁰Sedecias, filho de Canaana, fez para si dois chifres de ferro, e disse: “Assim diz Javé: ‘Você ferirá os arameus com estes chifres, até destruí-los’ ”. ¹¹Todos os outros profetas prediziam: “Ataque Ramot de Galaad. Você triunfará, pois Javé a entregará nas mãos do rei”.

¹²Enquanto isso, o mensageiro que tinha ido chamar Miqueias disse ao profeta: “Leve em conta que todos os profetas estão profetizando felicidade para o rei! Faça como eles. Anuncie felicidade”. ¹³Miqueias respondeu: “Juro por Javé, que só falarei o que meu Deus me disse”. ¹⁴Ao chegar aonde estava o rei, este foi logo perguntando: “Miqueias, devemos combater Ramot de Galaad, ou não?” Miqueias respondeu: “Podem ir. Vocês triunfarão; eles serão entregues em suas mãos”. ¹⁵O rei, porém, disse a Miqueias: “Quantas vezes tenho que fazer você jurar para que me diga somente a verdade em nome de Javé?” ¹⁶Então Miqueias respondeu: “De fato, eu vejo Israel espalhado pelas montanhas, como rebanho sem pastor. E Javé me diz: ‘Eles não têm mais chefe. Volte em paz cada um para sua casa’ ”. ¹⁷O rei de Israel comentou com Josafá: “Não lhe disse? Ele nunca me profetiza felicidade! Só anuncia desgraças!” ¹⁸Miqueias, porém, continuou: “Escutem a palavra de Javé: Eu vi Javé sentado em seu trono e todo o exército

do céu, em pé, à sua direita e à esquerda. ¹⁹Então Javé perguntou: ‘Quem poderá enganar Acab, o rei de Israel, para que ele ataque e morra em Ramot de Galaad?’ Um respondia isso, outro respondia aquilo. ²⁰Então o espírito colocou-se diante de Javé e disse: ‘Eu posso enganá-lo!’ Javé perguntou: ‘Como?’ ²¹Ele respondeu: ‘Eu vou lá e me transformo num espírito de mentira na boca de todos os profetas do rei’. E Javé disse: ‘Você conseguirá enganá-lo. Vá e faça isso’. ²²Foi assim que Javé colocou um espírito de mentira na boca desses seus profetas, porque Javé decretou a ruína de você”.

²³Então Sedecias, filho de Canaana, chegou perto de Miqueias e lhe deu um tapa na boca, dizendo: “De que maneira o espírito de Javé saiu de mim para falar a você?” ²⁴Miqueias respondeu: “Você o verá no dia em que você estiver se escondendo de quarto em quarto”. ²⁵O rei de Israel ordenou: “Prendam Miqueias, e o entreguem a Amon, governador da cidade, e a Joás, filho do rei, ²⁶com a seguinte ordem do rei: ‘Coloquem esse indivíduo na prisão e deem a ele o mínimo de comida e bebida, até que eu volte vitorioso’ ”. ²⁷Miqueias disse: “Se você voltar vitorioso, é porque Javé não falou através de mim”.

²⁸O rei de Israel e Josafá, rei de Judá, atacaram Ramot de Galaad. ²⁹O rei de Israel disse a Josafá: “Vou me disfarçar para entrar em combate. Você vá com suas próprias roupas”. O rei de Israel se disfarçou. E começaram o combate. ³⁰O rei de Aram tinha dado ordem aos comandantes de carros, dizendo: “Não ataquem ninguém, nem grande nem pequeno. Lutem só contra o rei de Israel”. ³¹Quando os comandantes de carros viram Josafá, pensaram que ele era o rei de Israel e concentraram a luta em torno dele. Então Josafá gritou e Javé o socorreu, afastando dele os arameus. ³²Os comandantes de carros perceberam que ele não era o rei de Israel, e se afastaram. ³³Alguém atirou uma flecha ao acaso e atingiu o rei de Israel bem no vão da articulação da armadura. Então o rei disse ao condutor do carro: “Dê a volta e me tire da linha de combate, porque estou ferido”. ³⁴Mas o combate nesse dia se tornou mais violento, e o rei de Israel teve de ficar em pé no seu carro diante dos arameus, até à tarde. Ao pôr do sol, ele morreu.

19¹Josafá, rei de Judá, voltou são e salvo para o seu palácio em Jerusalém. ²O vidente Jeú, filho de Hanani, foi ao seu encontro e disse: “Você precisava mesmo ajudar um injusto? Como pode você amar aqueles que odeiam a Javé? É por isso que Javé está indignado contra você. ³Apesar de tudo, você

tem algo de bom, pois derrubou os postes sagrados que havia no país, e manteve seu coração na busca de Deus”. [18,1-19,3]

Ser justo no exercício da justiça — ⁴Josafá, rei de Judá, morava em Jerusalém, mas resolveu sair daí para ir ao encontro do povo, desde Bersabeia até a região montanhosa de Efraim, a fim de convertê-lo para Javé, o Deus de seus antepassados. ⁵Josafá nomeou juízes para cada uma das cidades fortificadas de Judá. ⁶E disse aos juízes: “Cuidado com o que vocês fazem, porque não vão julgar em nome dos homens, mas em nome de Javé. Ele estará com vocês, quando pronunciarem uma sentença. ⁷Portanto, temam a Javé e procedam com cuidado, porque Javé, nosso Deus, não admite injustiça, favoritismo ou suborno”.

⁸Além disso, em Jerusalém, Josafá nomeou alguns levitas e sacerdotes, assim como alguns chefes de famílias israelitas, para pronunciarem as sentenças de Javé e julgarem os processos. Todos esses moravam em Jerusalém. ⁹E Josafá lhes deu a seguinte ordem: “Desempenhem sua função com o temor de Javé, dentro da verdade e de coração íntegro. ¹⁰Seus irmãos que habitam em suas cidades virão trazer a vocês processos de assassinio, ou consultar vocês sobre a Lei ou sobre algum mandamento, sobre estatutos ou normas. Resolvam tudo, para que eles não se tornem culpados diante de Javé, nem sua ira se inflame contra vocês e seus irmãos. Se agirem assim, vocês ficarão livres de culpa. ¹¹O sacerdote-chefe Amarias será o chefe de vocês em todos os assuntos religiosos. E Zabadias, filho de Ismael, chefe da casa de Judá, dirigirá as questões civis. Os levitas ficarão a serviço de vocês como escrivães. Coragem e mãos à obra! E Javé esteja com quem é bom”. [19,4-11]

20 ***Deus dá a vitória para seus aliados*** — ¹Tempos depois, os amonitas, moabitas e alguns meunitas foram lutar contra Josafá. ²Então informaram a Josafá: “Uma grande multidão do outro lado do mar, do país de Edom, está vindo contra você. Eles estão em Asasontamar, que é Engadi”.

³Josafá ficou com medo e recorreu a Javé, proclamando um jejum para Judá inteiro. ⁴Então o povo de todas as cidades de Judá se reuniu para pedir conselho a Javé. ⁵E Josafá se colocou diante da assembleia de Judá e dos habitantes de Jerusalém, reunida no Templo de Javé. De pé, diante do pátio novo, ⁶Josafá exclamou: “Javé, Deus dos nossos antepassados, não és tu o Deus que está no céu? Não és tu que governas os reinos das nações? Em tuas mãos está o poder e

a força, e ninguém pode resistir a ti! ⁷Não foste tu, Deus nosso, que expulsaste os antigos habitantes desta terra em favor do teu povo Israel, e a entregaste para sempre aos descendentes do teu amigo Abraão? ⁸Aqui eles passaram a morar e construíram aqui um santuário para o teu Nome, pensando: ⁹‘Se nos acontecer alguma desgraça, guerra, castigo, peste ou fome, viremos a este Templo, diante de ti, pois o teu Nome está neste Templo. Do fundo de nossa angústia clamaremos a ti, e tu nos ouvirás e salvarás’. ¹⁰Aí estão os amonitas, moabitas e habitantes da montanha de Seir. Quando Israel vinha do Egito, não deixaste que ele atravessasse o território deles. Ao invés de destruí-los, Israel se afastou deles. ¹¹Agora aí estão eles. Querem expulsar-nos da propriedade que nos deste como herança! ¹²Deus nosso, tu não vais julgá-los? Nós não podemos fazer nada contra essa multidão enorme que nos ataca. Nós não sabemos o que fazer, e por isso nossos olhos se voltam a ti”.

¹³Judá inteiro estava de pé, com suas famílias, mulheres e filhos, na presença de Javé. ¹⁴No meio da assembleia o espírito de Javé desceu sobre Jaziel, filho de Zacarias, filho de Banaías, filho de Jeiel, filho do levita Matanias, um dos filhos de Asaf. ¹⁵Ele disse: “Prestem atenção, habitantes de Judá e Jerusalém, e você também, rei Josafá: Assim diz Javé: Não tenham medo e não se acovardem por causa dessa grande multidão. Essa guerra não é de vocês, mas de Deus. ¹⁶Amanhã vocês descerão contra eles quando estiverem subindo a encosta de Cis. Vocês vão encontrá-los no fim do vale, diante do deserto de Jeruel. ¹⁷Vocês nem terão que lutar! Fiquem firmes e parados, olhando como Javé salvará vocês. Judá e Jerusalém, não tenham medo nem se acovardem. Saiam amanhã ao encontro deles, e Javé estará com vocês”. ¹⁸Josafá prostrou-se com o rosto por terra, e todos os habitantes de Judá e Jerusalém se prostraram para adorar Javé. ¹⁹Os levitas da família de Caat e da família de Coré começaram então a louvar em alta voz a Javé, o Deus de Israel.

²⁰De madrugada, foram para o deserto de Técua. Quando iam saindo, Josafá pediu a palavra e disse: “Escutem-me, habitantes de Judá e Jerusalém! Confiem em Javé, seu Deus, e estarão seguros. Confiem nos profetas dele; e tudo dará certo”. ²¹Depois de falar ao povo, Josafá encarregou um grupo com vestes sagradas para marchar na frente do batalhão, cantando e louvando a Javé com estas palavras: “Agradeçam a Javé, porque o seu amor é para sempre”. ²²Enquanto davam louvores com aclamações e cânticos, Javé armou uma emboscada contra os amonitas, moabitas e habitantes da montanha de Seir, que

tinham vindo contra Judá. E todos eles foram derrotados. ²³Então amonitas e moabitas decidiram destruir e aniquilar os habitantes da montanha de Seir. E quando acabaram com eles, começaram a destruir-se mutuamente. ²⁴Quando os homens de Judá chegaram ao ponto de onde se avista o deserto, dispostos a enfrentar a multidão, viram pelo chão apenas cadáveres; ninguém havia escapado. ²⁵Então Josafá e seu exército saquearam os despojos. Encontraram muita coisa: mantimentos, gado, objetos de valor e roupas. Foram se apossando de tudo, até não poderem mais carregar. Ficaram três dias catando coisas, porque havia muito que pegar. ²⁶No quarto dia, reuniram-se no vale da Bênção. Aí bendisseram a Javé. Por isso, chamaram o lugar Vale da Bênção, nome que permanece até o dia de hoje. ²⁷Por fim, todos voltaram para Jerusalém, com Josafá à frente. Estavam cheios de alegria, porque Javé lhes tinha dado a vitória sobre os inimigos. ²⁸Chegando a Jerusalém, desfilaram até o Templo de Javé, ao som de liras, cítaras e trombetas. ²⁹E o terror de Deus caiu sobre todos os reinos da região, pois todos ficaram sabendo que Javé tinha combatido contra os inimigos de Israel. ³⁰O reinado de Josafá seguiu tranquilo, porque Deus lhe concedeu paz com seus vizinhos.

³¹Josafá reinou em Judá. Tinha trinta e cinco anos quando subiu ao trono. E reinou vinte e cinco anos em Jerusalém. O nome de sua mãe era Azuba, filha de Selaqui. ³²Josafá se comportou como seu pai Asa, e não se desviou, mas fez o que Javé aprova. ³³Os lugares altos, porém, não foram eliminados, e o povo não foi fiel ao Deus de seus antepassados.

³⁴O resto da história de Josafá, do começo ao fim, está escrito na História de Jeú, filho de Hanani, incluída no Livro dos Reis de Israel.

³⁵Josafá, rei de Judá, aliou-se com Ocozias, rei de Israel, que o levou a praticar o mal. ³⁶Aliou-se com ele para construir navios que fossem a Társis, e os construíram em Asiongaber. ³⁷Então o profeta Eliezer, filho de Dodias, da cidade de Maresa, profetizou assim contra Josafá: “Dado que você fez aliança com Ocozias, Javé destruirá o que você está fazendo”. De fato, os navios naufragaram e não puderam seguir para Társis.

21¹Josafá morreu e foi enterrado com seus antepassados na Cidade de Davi. E seu filho Jorão lhe sucedeu no trono. [20,1-21,1]

VI. TEMPOS DIFÍCEIS [21,2-28,27]

Jorão: governo desastroso — ²Jorão tinha os seguintes irmãos, todos filhos de Josafá, rei de Israel: Azaria, Jaiel, Zacarias, Azarias, Miguel e Safatias. ³Seu pai tinha dado a todos eles muitos presentes de prata, ouro e joias, além de cidades fortificadas em Judá. Mas deixou o trono para Jorão, que era o mais velho. ⁴Ao sentir-se seguro, após assumir o trono de seu pai, Jorão assassinou à espada todos os seus irmãos, além de alguns chefes de Israel.

⁵Jorão tinha trinta e dois anos quando começou a reinar. E reinou oito anos em Jerusalém. ⁶Imitou o comportamento dos reis de Israel, agindo como a casa de Acab, pois se havia casado com uma filha de Acab. Fez o que Javé reprova. ⁷Javé não quis destruir a dinastia de Davi, por causa da aliança que tinha feito com ele e a promessa de manter sempre acesa sua lâmpada e a de seus filhos.

⁸Durante o governo de Jorão, Edom proclamou-se independente de Judá e estabeleceu rei próprio. ⁹Com seus comandantes e todos os carros de guerra, Jorão atravessou a fronteira. À noite, ele teve de se levantar para enfrentar os edomitas, que o cercaram e a todos os seus comandantes de carros. ¹⁰Foi assim que Edom ficou independente de Judá, até o dia de hoje. Nessa mesma ocasião também Lebna se tornou independente.

Jorão tinha abandonado Javé, o Deus dos seus antepassados. ¹¹Construiu lugares altos nas colinas de Judá, fez os moradores de Jerusalém tornar-se infiéis e levou Judá a se extraviar. ¹²Entregaram-lhe um escrito do profeta Elias, que dizia o seguinte: “Assim diz Javé, o Deus de seu pai Davi: Você não seguiu o comportamento de seu pai Josafá, nem de Asa, rei de Judá. ¹³Ao contrário, você imitou o exemplo dos reis de Israel. Você provocou a idolatria em Judá e entre os habitantes de Jerusalém, copiando as práticas idolátricas da casa de Acab. Além disso, matou seus próprios irmãos, a família do seu pai, que eram melhores do que você! ¹⁴Por esse motivo, Javé provocará uma chaga enorme no seu povo, em seus filhos, em suas mulheres e em tudo o que é seu. ¹⁵Você mesmo ficará com doença grave, doença que consumirá seus intestinos dia após dia”.

¹⁶Javé provocou contra Jorão a hostilidade dos filisteus e também dos árabes, vizinhos dos etíopes. ¹⁷Eles atacaram, invadiram Judá, e levaram embora toda a riqueza que encontraram no palácio do rei e até suas mulheres e filhos. Só ficou Ocozias, o caçula. ¹⁸Depois, Javé o feriu com incurável doença dos intestinos. ¹⁹Os dias foram passando e, dois anos depois, a doença consumiu os intestinos

dele, que morreu em meio a dores terríveis. O povo não acendeu fogueira para ele, como havia feito em homenagem aos seus antecessores.

²⁰Jorão tinha trinta e dois anos quando subiu ao trono. E reinou oito anos em Jerusalém. Desapareceu, e ninguém chorou por ele. Foi enterrado na Cidade de Davi, mas não na sepultura dos reis. [21,2-20]

22 *Ocozias: aliança infeliz* — ¹Como sucessor de Jorão, os moradores de Jerusalém proclamaram rei a Ocozias, seu filho caçula, pois todos os outros tinham sido mortos pelo bando que tinha invadido o acampamento, juntamente com os árabes. Foi assim que Ocozias, filho de Jorão, acabou tornando-se rei de Judá. ²Tinha quarenta e dois anos quando começou a reinar, e reinou um ano em Jerusalém. Sua mãe chamava-se Atalia e era filha de Amri. ³Ocozias também imitou o comportamento da casa de Acab, pois sua mãe o aconselhava a cometer injustiças. ⁴Ele fez o que Javé reprova, como fizeram os da casa de Acab, pois foram estes que, para sua perdição, se haviam tornado conselheiros de Ocozias, depois da morte do seu pai. ⁵Seguindo o conselho deles, Ocozias acompanhou Jorão, filho de Acab, rei de Israel, para juntos guerrearem contra Hazael, rei de Aram, em Ramot de Galaad. Os arameus feriram Jorão, ⁶e ele voltou para Jezrael, a fim de se recuperar dos ferimentos que tinha sofrido em Ramot de Galaad na guerra contra Hazael, rei de Aram. Então Ocozias, filho de Jorão, rei de Judá, foi a Jezrael para visitar Jorão, filho de Acab, porque ele estava doente. ⁷Com essa visita, Deus provocou a ruína de Ocozias. Foi durante a visita que ele acompanhou Jorão para combater Jeú, filho de Namsi, a quem Javé tinha ungido para exterminar a dinastia de Acab. ⁸Quando Jeú chegou para acertar as contas com a casa de Acab, encontrou também comandantes de Judá e sobrinhos de Ocozias que estavam a serviço deste. E os matou a todos. ⁹Procurou também Ocozias. Conseguiram prendê-lo em Samaria, onde tinha se escondido. E o levaram a Jeú, que o matou. Eles, porém, o enterraram, dizendo: “Ele era filho de Josafá, que buscou Javé de todo o coração”. Não havia ninguém da família de Ocozias capaz de reinar. [22,1-9]

Atalia: fim do arbítrio — ¹⁰Quando Atalia, mãe de Ocozias, soube que seu filho estava morto, resolveu acabar com a descendência real da casa de Judá. ¹¹Mas Josaba, filha do rei, pegou Joás, filho de Ocozias, dentre os filhos do rei que estavam sendo massacrados, e o escondeu, com a ama dele, no quarto dos leitos. Assim Josaba, filha do rei Jorão, esposa do sacerdote Joiada e irmã de Ocozias,

escondeu Joás da vista de Atalia, evitando assim que ela o matasse. ¹²Joás ficou seis anos com ela escondido no Templo de Deus, enquanto Atalia reinava no país.

23¹No sétimo ano, Joiada criou coragem e chamou os oficiais de cem. Eram eles: Azarias, filho de Jeroam; Ismael, filho de Joanã; Azarias, filho de Obed; Maasias, filho de Adaías; Elisafat, filho de Zecri. E fizeram entre si uma aliança. ²Percorreram Judá e reuniram os levitas de todas as cidades de Judá e os chefes de famílias de Israel. Em seguida, voltaram para Jerusalém. ³Então toda a assembleia fez uma aliança com o rei, no Templo de Deus. Joiada disse a todos: “Este é o filho do rei. É ele que deve reinar, conforme a promessa feita por Javé à descendência de Davi. ⁴Vocês vão fazer o seguinte: um terço de vocês, sacerdotes e levitas, que entram de serviço no sábado, montará guarda nas entradas; ⁵outra terça parte ficará no palácio real, e a outra na porta do Fundamento. Todo o povo ficará nos pátios do Templo de Javé. ⁶Ninguém entrará no Templo de Javé, a não ser os sacerdotes e levitas em serviço; eles podem entrar, porque são consagrados. O povo deverá observar as prescrições de Javé. ⁷Os levitas farão um círculo em torno do rei, com armas em punho, e o acompanharão aonde quer que ele vá. Matem todo aquele que quiser entrar no Templo”.

⁸Os levitas e todos os de Judá fizeram como o sacerdote Joiada tinha mandado. Cada um deles reuniu seus homens, tanto os que entravam de serviço no sábado, como os que saíam, pois o sacerdote Joiada não dispensou nenhuma classe. ⁹O sacerdote Joiada entregou aos oficiais de cem as lanças, com os escudos pequenos e grandes do rei Davi, que estavam no Templo de Deus. ¹⁰Colocou todo o povo, de armas em punho, desde o ângulo sul até o ângulo norte do Templo, rodeando o altar e o Templo, para proteger o rei. ¹¹Em seguida, levaram o filho do rei, colocaram nele a coroa e lhe entregaram o documento da aliança. E o proclamaram rei. Depois Joiada e seus filhos o ungiram, e aclamaram: “Viva o rei!”

¹²Ouvindo os gritos do povo que corria e aclamava o rei, Atalia foi ao encontro do povo no Templo de Javé. ¹³E, na entrada, quando viu o rei de pé no estrado, os oficiais e os tocadores de trombeta junto ao rei, e todo o povo da terra gritando de alegria, as trombetas tocando, e os cantores com seus instrumentos acompanhando os cânticos de louvor, Atalia rasgou a roupa e disse: “Traição! Traição!” ¹⁴Então Joiada ordenou aos oficiais de cem, que comandavam as

tropas: “Arrastem Atalia para fora, por entre as fileiras. Se alguém a seguir, passem a fio de espada”. O sacerdote, de fato, havia dito: “Não a matem dentro do Templo de Javé”. ¹⁵Agarraram Atalia e, chegando ao palácio real, na entrada da porta dos Cavalos, aí a mataram.

¹⁶Joiada concluiu entre o povo e o rei uma aliança, na qual o povo se comprometia a ser o povo de Javé. ¹⁷Em seguida, todo o povo foi até o templo de Baal e o arrasou: demoliram os altares e imagens e mataram Matã, sacerdote de Baal, diante dos altares. ¹⁸Joiada colocou guardas no Templo de Javé, sob as ordens dos sacerdotes e levitas. Para eles é que Davi tinha entregue o Templo de Javé, para aí oferecerem, conforme está escrito na Lei de Moisés, holocaustos a Javé na alegria e com cânticos compostos por Davi. ¹⁹Joiada também colocou porteiros em cada entrada do Templo de Javé, para que nele não entrasse nada de impuro. ²⁰Depois, reuniu os oficiais de cem, os notáveis, as autoridades do povo e todo o povo da terra, e pediu ao rei que saísse do Templo de Javé. Levaram o rei ao palácio real pela porta Superior e o fizeram sentar-se no trono dos reis. ²¹Todo o povo da terra festejou, e a cidade ficou tranquila, porque Atalia tinha sido morta a fio de espada. [22,10-23,21]

24 *Joás: a importância do Templo* — ¹Joás tinha sete anos quando subiu ao trono e reinou quarenta anos em Jerusalém. Sua mãe se chamava Sebias e era natural de Bersabeia. ²Enquanto o sacerdote Joiada viveu, Joás fez o que Javé aprova. ³Joiada lhe arranhou duas mulheres, que lhe deram filhos e filhas.

⁴Mais tarde, Joás resolveu restaurar o Templo de Javé. ⁵Reuniu os sacerdotes e levitas e lhes disse: “Saíam pelas cidades de Judá recolhendo dinheiro de todo o Israel, para restaurar o Templo do seu Deus, a cada ano, conforme a necessidade. Cuidem disso com urgência”. Mas os levitas não se apressaram. ⁶Então o rei chamou Joiada, o chefe deles, e lhe disse: “Por que você não exigiu que os levitas recolhessem em Judá e Jerusalém o tributo imposto por Moisés, servo de Javé, e pela assembleia de Israel, em favor da Tenda do Testemunho? ⁷Você não sabe que a perversa Atalia e seus filhos arruinaram o Templo de Deus e colocaram a serviço dos ídolos tudo o que havia de sagrado no Templo de Javé?”

⁸Então, por ordem do rei, fizeram um cofre e o colocaram na porta do Templo de Javé, do lado de fora. ⁹Depois anunciaram, em Judá e Jerusalém, que levassem a Javé o tributo que Moisés, servo de Deus, exigia de Israel no deserto. ¹⁰As autoridades e todo o povo levaram com alegria o seu tributo e o colocaram no cofre, que ficou cheio. ¹¹Toda vez que os levitas levavam o cofre para a

inspeção real, e viam que havia muito dinheiro, o secretário do rei e o inspetor do sumo sacerdote esvaziavam o cofre e o colocavam novamente no mesmo lugar. Assim foram fazendo diariamente, e ajuntaram muito dinheiro. ¹²O rei e Joiada entregavam o dinheiro aos mestres de obras encarregados do Templo de Javé, e estes pagavam os pedreiros e carpinteiros que trabalhavam no Templo de Javé, e também os artesãos do ferro e bronze que restauravam o Templo de Javé. ¹³Os operários se puseram a trabalhar, e as obras progrediram em suas mãos. Eles reformaram o Templo de Deus e lhe deram a estrutura primitiva e sólida. ¹⁴Terminado o serviço, levaram para o rei e para Joiada o dinheiro que sobrou. E com a sobra mandaram fazer utensílios para o Templo de Javé, objetos para o serviço e os holocaustos, taças e objetos de ouro e prata. Enquanto Joiada viveu, ofereceram continuamente holocaustos no Templo de Javé. ¹⁵Joiada ficou velho e morreu em idade avançada, com cento e trinta anos. ¹⁶Ele foi enterrado na Cidade de Davi, ao lado dos reis, pois só tinha feito o bem para Israel, para Deus e para o seu Templo. [24,1-16]

Não adianta matar o profeta — ¹⁷Depois da morte de Joiada, os chefes de Judá foram prostrar-se diante do rei, e este seguiu o conselho deles. ¹⁸Abandonaram o Templo de Javé, o Deus de seus antepassados, prestaram culto aos postes sagrados e aos ídolos. Por causa desse pecado, a ira de Deus se inflamou contra Judá e Jerusalém. ¹⁹Deus mandou profetas para eles, a fim de os converter, mas eles não fizeram caso de suas críticas. ²⁰Então o espírito de Deus se apoderou de Zacarias, filho do sacerdote Joiada. Ele se dirigiu ao povo e disse: “Assim fala Deus: Por que é que vocês estão desobedecendo aos mandamentos de Javé? Vocês vão se arruinar. Vocês abandonaram Javé, e ele também os abandona!” ²¹Então eles se reuniram contra o profeta e, por ordem do rei, o apedrejaram no pátio do Templo de Javé. ²²Assim, o rei Joás, sem consideração por tudo de bom que lhe tinha feito Joiada, pai de Zacarias, mandou matar o filho dele. Ao morrer, o profeta disse: “Que Javé julgue e dê a sentença”.

²³Um ano depois, o exército arameu atacou Joás, invadiu Judá até Jerusalém, eliminou todos os chefes do povo e mandou para o rei de Damasco tudo o que tinha saqueado. ²⁴O exército arameu tinha vindo com poucos homens, mas Javé entregou em seu poder um exército muito mais numeroso, porque o povo tinha abandonado Javé, o Deus de seus antepassados. Quanto a Joás, os arameus o castigaram: ²⁵ao partir, deixaram Joás muito ferido. Seus ministros se rebelaram

contra ele para vingar o filho do sacerdote Joiada, e o mataram na sua própria cama. Morto o rei, eles o enterraram na Cidade de Davi, mas não na sepultura dos reis. ²⁶Aqueles que conspiraram contra o rei foram Zabad, filho da amonita Semaat, e Jozabad, filho da moabita Semarit.

²⁷Quanto aos filhos de Joás, quanto aos tributos pesados que teve de pagar e quanto à reforma do Templo de Deus, tudo está escrito no Comentário do Livro dos Reis. Seu filho Amasias lhe sucedeu no trono. [17-27]

25 *Deus não se deixa manipular* — ¹Amasias tinha vinte e cinco anos quando subiu ao trono. E reinou vinte e nove anos em Jerusalém. Sua mãe se chamava Joaden e era natural de Jerusalém. ²Fez o que Javé aprova, mas não com integridade de coração. ³Tendo consolidado o poder em suas mãos, mandou matar os ministros que tinham assassinado o rei, seu pai. ⁴Mas não mandou matar os filhos dos assassinos, respeitando assim o que está escrito no livro da Lei de Moisés, onde Javé ordena: “Os pais não serão mortos pela culpa dos filhos, nem os filhos pela culpa dos pais. Cada um será executado por causa de seu próprio crime”.

⁵Amasias reuniu os homens de Judá e nomeou oficiais de cem e de mil, segundo as famílias, para todo Judá e Benjamim. Fez o recenseamento dos maiores de vinte anos: havia trezentos mil homens aptos para a guerra, equipados com lanças e escudos. ⁶Também contratou em Israel cem mil mercenários, por três mil e quatrocentos quilos de prata. ⁷Um homem de Deus foi procurá-lo e disse: “Ó rei, a tropa de Israel não deve acompanhá-lo, porque Javé não está com Israel, nem com os efraimitas. ⁸Se você depositar neles a força para a guerra, Deus o derrotará diante de seus inimigos, porque Deus é que tem a força para derrotar ou dar a vitória”. ⁹Amasias perguntou ao homem de Deus: “E como ficam os três mil e quatrocentos quilos de prata que dei às tropas israelitas?” O homem de Deus respondeu: “Javé tem muito mais do que isso para lhe dar”. ¹⁰Então Amasias dispensou o contingente que tinha vindo de Efraim, mandando-o de volta. Eles ficaram indignados contra Judá, e voltaram para casa enfurecidos. ¹¹Amasias criou coragem e assumiu o comando do seu exército. Foi até o vale do Sal, onde matou dez mil soldados de Seir. ¹²Judá prendeu vivos outros dez mil; levaram esses dez mil até o alto de um rochedo e os jogaram de lá de cima, e eles morreram despedaçados. ¹³A tropa que Amasias tinha dispensado de ir para a guerra se espalhou pelas cidades de Judá, desde Samaria até Bet-Horon, matando três mil pessoas e se apossando de muitos despojos.

¹⁴Quando voltou da guerra contra os edomitas, Amasias trouxe consigo os deuses dos habitantes de Seir, os adotou como seus próprios deuses, os adorou e queimou incenso para eles. ¹⁵Então a ira de Javé se inflamou contra Amasias, e enviou um profeta para lhe dizer: “Por que você honra esses deuses que não foram capazes de livrar das mãos de você o povo deles?” ¹⁶O profeta nem terminara de falar, e Amasias respondeu: “Quem é que fez de você conselheiro do rei? Pare com isso, se não quiser morrer”. O profeta não insistiu mais e concluiu: “Por aquilo que você fez e por não ter escutado o meu conselho, tenho certeza de que Deus decretou a sua ruína”.

¹⁷Amasias, rei de Judá, depois de pedir conselhos, mandou emissários a Joás, filho de Joacaz e neto de Jeú, rei de Israel, com esta mensagem: “Venha me enfrentar”. ¹⁸Joás, rei de Israel, respondeu a Amasias, rei de Judá, com esta mensagem: “O espinheiro do Líbano mandou dizer ao cedro do Líbano: ‘Dê-me sua filha como esposa para meu filho’. Mas as feras do Líbano passaram e pisaram no espinheiro. ¹⁹Você diz: ‘Eu derrotei Edom’. E se enche de orgulho. Celebre sua glória, mas fique em sua casa. Por que você quer se meter numa guerra desastrosa, provocando a sua ruína e a ruína de Judá?” ²⁰Amasias, porém, não fez caso, porque Deus queria entregá-lo nas mãos de Joás, por ter adorado os deuses de Edom. ²¹Então Joás, rei de Israel, foi enfrentar Amasias, rei de Judá, em Bet-Sames, que pertence a Judá. ²²E Judá foi derrotado por Israel, e cada um fugiu para a sua tenda. ²³Em Bet-Sames, Joás, rei de Israel, prendeu Amasias, rei de Judá, filho de Joás e neto de Joacaz, e o levou para Jerusalém. Fez uma brecha de duzentos metros na muralha de Jerusalém, desde a porta de Efraim até a porta do Ângulo. ²⁴Tomou posse do ouro, da prata e de todos os objetos que estavam no Templo de Deus, confiados a Obed-Edom, e no tesouro do palácio real. Além disso, tomou reféns e voltou para Samaria. ²⁵Amasias, filho de Joás, rei de Judá, viveu ainda quinze anos depois da morte de Joás, filho de Joacaz, rei de Israel. ²⁶O resto da história de Amasias, do começo ao fim, está tudo escrito no Livro dos Reis de Judá e de Israel. ²⁷Depois que abandonou Javé, Amasias foi vítima de uma conspiração em Jerusalém. Ele fugiu para Laquis. E perseguido até Laquis, aí o mataram. ²⁸Transportaram seu corpo a cavalo e o enterraram na capital de Judá, junto com seus antepassados. [25,1-28]

26 *A política não está acima da religião* — ¹Todo o povo de Judá escolheu Ozias, que tinha dezesseis anos, e o proclamou rei no lugar de seu pai Amasias. ²Foi ele quem reconstruiu Elat, que a reconquistou para Judá, depois

que Amasias morreu. ³Ozias tinha dezesseis anos quando subiu ao trono. E reinou cinquenta e dois anos em Jerusalém. Sua mãe se chamava Jequelias e era natural de Jerusalém. ⁴Fez o que Javé aprova, como seu pai Amasias tinha feito. ⁵Ele buscou a Deus enquanto viveu Zacarias, que o instruía no temor de Deus. E enquanto buscava a Javé, Deus fez que ele prosperasse.

⁶Ozias partiu para guerrear contra os filisteus e derrubou as muralhas de Gat, de Jabne e de Azoto. E reconstruiu cidades na região de Azoto e dos filisteus. ⁷Deus o ajudou contra os filisteus, contra os árabes que moravam em Gur-Baal e contra os meunitas. ⁸Os amonitas pagaram tributo a Ozias. E a fama dele se espalhou até à Entrada do Egito, pois ele se tornou muito poderoso.

⁹Ozias construiu torres em Jerusalém, junto à porta do Ângulo, junto à porta do Vale e na Esquina, e as fortificou. ¹⁰Construiu torres no deserto. Cavou muitos poços para seus numerosos rebanhos, que tinha na Planície e no Planalto. Possuía lavradores e vinhateiros na região montanhosa e nas terras de cultivo, porque gostava da agricultura.

¹¹Ozias tinha um exército treinado e pronto para a guerra, agrupado em batalhões, conforme o recenseamento feito pelo secretário Jeiel e pelo comissário Maasias. O exército estava sob as ordens de Hananias, um dos oficiais do rei. ¹²Era de dois mil e seiscentos o número total dos chefes de família desses valentes guerreiros. ¹³Sob o comando deles havia um exército bem treinado, composto de trezentos e sete mil e quinhentos homens aptos para a guerra, com força e coragem para defender o rei contra os inimigos. ¹⁴E para todo o exército, Ozias providenciou escudos, lanças, capacetes, couraças, arcos, pedras e atiradeiras de pedras. ¹⁵Em Jerusalém, mandou fazer máquinas especialmente inventadas para se colocar nas torres e ângulos, a fim de atirar flechas e pedras grandes. Assim, a fama de Ozias se espalhou até bem longe, pois a ajuda maravilhosa de Deus o fez poderoso.

¹⁶Tornando-se ele poderoso, seu coração ficou cheio de orgulho, até se perder. Ele foi infiel a Javé seu Deus, e entrou no Santo de Javé para queimar incenso no altar dos perfumes. ¹⁷O sacerdote Azarias e oitenta corajosos sacerdotes de Javé foram ao encontro dele, ¹⁸colocaram-se frente a frente com o rei Ozias e lhe disseram: “Ozias, não é sua função queimar incenso para Javé. Somente os sacerdotes, descendentes de Aarão, foram consagrados para essa função. Saia do santuário, porque você pecou e já não tem direito à glória de Javé Deus!”

¹⁹Ozias, que já estava com o incensório na mão, ficou indignado. Na mesma

hora em que ele se indignava diante dos sacerdotes, no Templo de Javé, junto ao altar dos perfumes, a lepra surgiu em sua testa. ²⁰O sumo sacerdote Azarias e os outros sacerdotes olharam e viram que a testa dele estava coberta de lepra. Imediatamente o expulsaram daí. O próprio Ozias se apressou em sair, porque Javé o tinha castigado. ²¹O rei Ozias ficou leproso até o fim da vida. Por isso, permaneceu fechado num quarto, e foi proibido de entrar no Templo de Javé. Seu filho Joatão era chefe do palácio e governava o povo.

²²O resto da história de Ozias, do começo ao fim, está escrito no Livro do profeta Isaías, filho de Amós. ²³Ozias morreu e foi enterrado com seus antepassados no campo do cemitério real, pois diziam: “Ele é leproso”. E seu filho Joatão lhe sucedeu no trono. [26,1-23]

27 *Joatão: corrupção religiosa* — ¹Joatão tinha vinte e cinco anos quando subiu ao trono. E reinou dezesseis anos em Jerusalém. Sua mãe se chamava Jerusa, e era filha de Sadoc. ²Fez o que Javé aprova e imitou em tudo o comportamento de seu pai Ozias, mas não entrou no santuário de Javé. Entretanto, o povo continuava se corrompendo. ³Joatão construiu a porta Superior do Templo de Javé e fez muitas construções na muralha de Ofel. ⁴Construiu cidades na região montanhosa de Judá, e também fortalezas e torres nas matas. ⁵Guerreou contra o rei dos amonitas e o venceu. Nesse ano, os amonitas pagaram o tributo de três mil e quatrocentos quilos de prata, cinco mil sacas de trigo e cinco mil de cevada. Isso foi o que os amonitas tiveram que pagar nesse ano e nos dois anos seguintes. ⁶Joatão adquiriu esse poder porque o seu caminho era firme diante de Javé, seu Deus.

⁷O resto da história de Joatão, suas guerras e obras, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Israel e de Judá. ⁸Tinha vinte e cinco anos quando subiu ao trono. E reinou dezesseis anos em Jerusalém. ⁹Depois, Joatão morreu e foi enterrado na Cidade de Davi. E seu filho Acaz lhe sucedeu no trono. [27,1-9]

28 *Acaz: aliança com os poderosos* — ¹Acaz subiu ao trono com vinte anos. E reinou dezesseis anos em Jerusalém. Não fez, como seu antepassado Davi, o que Javé aprova. ²Imitou o comportamento dos reis de Israel, fazendo estátuas para os ídolos. ³Queimou incenso no vale dos Filhos de Enom e chegou até a sacrificar seus filhos no fogo, conforme os costumes abomináveis das nações que Javé tinha expulsado de diante dos israelitas. ⁴Ofereceu sacrifícios e queimou incenso nos lugares altos, nas colinas e debaixo de qualquer árvore

frondosa. ⁵Javé, seu Deus, o entregou nas mãos do rei de Aram, que o derrotou, capturou muitos prisioneiros e os levou para Damasco. Javé também o entregou nas mãos do rei de Israel, que lhe causou grande derrota. ⁶Faceia, filho de Romelias, matou em Judá cento e vinte mil valentes guerreiros num só dia, porque eles tinham abandonado Javé, Deus dos seus antepassados. ⁷Zecri, valente de Efraim, matou Maasias, filho do rei, e Ezricam, chefe do palácio, e também Elcana, o segundo do rei. ⁸Os israelitas capturaram, dentre seus irmãos, duzentos mil prisioneiros, entre mulheres, filhos e filhas, além de se apoderarem de muitos despojos, que levaram para Samaria.

⁹Aí havia um profeta de Javé, chamado Oded. Ele foi ao encontro do exército que estava chegando a Samaria, e disse: “Na sua cólera contra Judá, Javé, o Deus de seus antepassados, os entregou nas mãos de vocês. Mas o furor com que vocês os massacraram chegou até o céu. ¹⁰E vocês ainda pretendem que os habitantes de Judá e Jerusalém se tornem seus escravos e escravas! Será que não são vocês os principais responsáveis pelas faltas cometidas contra Javé, seu Deus? ¹¹Agora me escutem: devolvam os prisioneiros que vocês capturaram dentre seus irmãos, porque o furor da ira de Javé ameaça vocês!” ¹²Então alguns chefes efraimitas tomaram a iniciativa. Eram eles: Azarias, filho de Joanã; Baraquias, filho de Mosolamot; Ezequias, filho de Selum; e Amasa, filho de Hadali. Eles se colocaram contra os que estavam voltando da guerra, ¹³e disseram: “Não tragam para cá esses prisioneiros, porque seríamos culpados diante de Javé. Vocês procuram aumentar ainda mais os nossos pecados e faltas, quando nossa culpa já é pesada, e o furor da ira de Javé ameaça Israel!” ¹⁴Então os soldados entregaram os prisioneiros e despojos para os chefes e para toda a comunidade, ¹⁵que indicaram nominalmente homens para cuidarem dos prisioneiros. Com as roupas e sandálias dos despojos, eles vestiram os que estavam nus; deram comida e bebida para eles, curaram seus ferimentos, montaram em burros todos os que não podiam andar e os levaram até Jericó, a cidade das palmeiras, para junto dos irmãos deles. Em seguida, voltaram para Samaria.

¹⁶Nessa época, o rei Acaz mandou pedir ajuda ao rei da Assíria. ¹⁷Os edomitas tinham invadido Judá e capturado prisioneiros. ¹⁸Também os filisteus tinham feito incursões nas cidades da Planície e no Negueb de Judá. Havia tomado Bet-Sames, Aialon, Gederot e Soco, com seus arredores, além de Tamna com seus arredores e Ganzo com seus arredores. E ocuparam todos esses territórios.

¹⁹De fato, Javé estava humilhando Judá, por causa de Acaz, rei de Judá, pois ele levava o povo a extraviar-se, e era infiel a Javé. ²⁰No entanto, chegou Teglath-Falasar, rei da Assíria, não para ajudar, mas para o agredir e cercar. ²¹Acaz tinha tomado parte dos bens do Templo de Javé, do palácio e dos altos funcionários, para dar ao rei da Assíria, mas isso não foi de nenhuma ajuda. ²²Mesmo durante o cerco, o rei Acaz continuou na sua infidelidade a Javé, ²³oferecendo sacrifícios aos deuses de Damasco que o haviam derrotado. Acaz dizia: “Os deuses dos reis de Aram os ajudam na guerra. Por isso, eu ofereço sacrifícios a eles para que eles me ajudem também”. Esses deuses acabaram tornando-se uma armadilha para Acaz e para todo o Israel. ²⁴Acaz juntou todos os objetos do Templo de Deus e quebrou tudo. Mandou fechar as portas do Templo de Javé e construiu altares em todas as esquinas de Jerusalém. ²⁵Construiu lugares altos em todas as cidades de Judá, para queimar incenso aos deuses estrangeiros, provocando assim a ira de Javé, o Deus dos seus antepassados.

²⁶O resto da história de Acaz, e tudo o que ele fez, do começo ao fim, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Judá e de Israel. ²⁷Acaz morreu e foi enterrado na cidade de Jerusalém, mas não o colocaram no sepulcro dos reis de Judá. Seu filho Ezequias lhe sucedeu no trono. [\[28,1-27\]](#)

VII. GRANDES REFORMAS [29,1-35,27]

29 *Ezequias e a reforma religiosa* — ¹Ezequias tinha vinte e cinco anos quando subiu ao trono. E reinou vinte e nove anos em Jerusalém. Sua mãe se chamava Abia, e era filha de Zacarias. ²Fez o que Javé aprova, seguindo em tudo o seu antepassado Davi.

³No primeiro ano do seu reinado, no primeiro mês, Ezequias mandou abrir e restaurar as portas do Templo de Javé. ⁴Chamou os sacerdotes e levitas, reuniu-os na praça do Oriente, ⁵e lhes disse: “Atenção, levitas! Agora, purifiquem-se e purifiquem o Templo de Javé, o Deus de seus antepassados. Retirem do santuário as abominações, ⁶porque os nossos antepassados foram infiéis e fizeram o que Javé nosso Deus reprova. Eles o abandonaram, descuidaram completamente a moradia de Javé e voltaram as costas para ele. ⁷Além disso, fecharam as portas do Vestíbulo, apagaram as lâmpadas e pararam de queimar o incenso e de oferecer holocaustos no santuário, em honra do Deus de Israel. ⁸Isso provocou a indignação de Javé contra Judá e Jerusalém, fazendo com que eles se tornassem objeto de terror, espanto e zombaria, como vocês podem ver com seus próprios olhos. ⁹É por isso que nossos antepassados caíram mortos pela espada, e nossos filhos, filhas e mulheres foram feitos prisioneiros. ¹⁰Agora, eu tenho a intenção de fazer uma aliança com Javé, o Deus de Israel, para que ele afaste de nós o ardor de sua ira. ¹¹Meus filhos, não sejam omissos, pois foi a vocês que Javé escolheu para ficar na presença dele, para o servir, para ser seus ministros e queimar para ele o incenso”.

¹²Apresentaram-se, então, os seguintes levitas: da família de Caat: Maat, filho de Amasai, e Joel, filho de Azarias. Da família de Merari: Cis, filho de Abdi, e Azarias, filho de Jalaleel. Da família de Gérson: Joá, filho de Zema, e Éden, filho de Joá. ¹³Da família de Elisafã: Samri e Jeiel. Da família de Asaf: Zacarias e Matanias. ¹⁴Da família de Emã: Jaiel e Semei. Da família de Iditun: Semeías e Oziel. ¹⁵Esses reuniram seus irmãos, purificaram-se e entraram para purificar o Templo de Javé, conforme havia ordenado o rei por ordem de Javé. ¹⁶Os sacerdotes entraram no Templo para o purificar e levaram para o pátio do Templo de Javé todos os objetos impuros que encontraram no Santo de Javé. Depois, os levitas levaram esses objetos e os jogaram fora, no vale do Cedron. ¹⁷Eles começaram a purificação no dia primeiro do primeiro mês e, no dia oito do mês, chegaram ao Vestíbulo de Javé. Durante oito dias, purificaram o Templo

de Javé. Terminaram tudo no dia dezesseis do primeiro mês. ¹⁸Em seguida, apresentaram-se ao rei Ezequias e lhe disseram: “Purificamos todo o Templo de Javé, o altar dos holocaustos e todos os seus utensílios, a mesa dos pães consagrados e todos os seus utensílios. ¹⁹Também consertamos e purificamos os utensílios que o rei Acaz profanou durante o seu ímpio reinado, e os recolocamos no lugar. Estão lá diante do altar de Javé”.

²⁰Na manhã seguinte, bem cedo, o rei Ezequias reuniu os chefes da cidade e foi com eles ao Templo de Javé. ²¹Levaram sete bezerros, sete carneiros, sete cordeiros e sete bodes para o sacrifício pelo pecado, na intenção da realeza, do santuário e de Judá. Imediatamente, Ezequias mandou que os sacerdotes, descendentes de Aarão, os oferecessem sobre o altar de Javé. ²²Então sacrificaram os bezerros. E os sacerdotes derramaram o sangue sobre o altar. Em seguida, sacrificaram os carneiros e derramaram o sangue sobre o altar. Sacrificaram os cordeiros e derramaram o sangue sobre o altar. ²³Depois, levaram os bodes do sacrifício pelo pecado diante do rei e da comunidade, que impuseram as mãos sobre os animais. ²⁴Então os sacerdotes os sacrificaram e derramaram o sangue deles sobre o altar, a fim de obter o perdão pelo pecado de todo o Israel, pois o rei tinha ordenado que tanto o holocausto como o sacrifício pelo pecado deviam ser feitos em favor de todo o Israel.

²⁵O rei instalou os levitas no Templo de Javé, com címbalos, liras e cítaras, conforme as prescrições dadas por Davi, por Gad, o vidente do rei, e pelo profeta Natã. De fato, a ordem de Javé tinha sido dada através de seus profetas. ²⁶Assim, estavam aí presentes os levitas com os instrumentos de Davi, e os sacerdotes com as trombetas. ²⁷Então, Ezequias mandou oferecer o holocausto sobre o altar. No momento em que começou o holocausto, começou também o cântico para Javé, o toque das trombetas, acompanhado pelos instrumentos de Davi, rei de Israel. ²⁸Toda a assembleia permaneceu prostrada em adoração, o cântico se prolongou e as trombetas tocaram; tudo isso até que terminou o holocausto. ²⁹Quando acabou, o rei e toda a sua comitiva se ajoelharam e se prostraram. ³⁰Em seguida, o rei Ezequias e os chefes ordenaram aos levitas que louvassem Javé com as palavras de Davi e do vidente Asaf. E eles o fizeram de coração alegre. Depois, se ajoelharam e se prostraram. ³¹Então Ezequias tomou a palavra e disse: “Agora vocês estão consagrados a Javé! Venham e ofereçam sacrifícios de ação de graças pelo Templo de Javé”. A assembleia ofereceu sacrifícios de ação de graças, e os que tinham coração generoso levaram holocaustos. ³²A

quantidade de vítimas oferecidas pela assembleia foi de setenta bezerros, cem carneiros, duzentos cordeiros, tudo em holocausto para Javé. ³³Além disso, foram sacrificados seiscentos bois e três mil ovelhas. ³⁴Como os sacerdotes eram poucos e não davam conta para degolar todas as vítimas, seus irmãos, os levitas, lhes deram ajuda até terminar o serviço e até que os sacerdotes se purificassem. De fato, os levitas estavam mais dispostos para se purificar do que os sacerdotes. ³⁵Além disso, houve muitos holocaustos, gordura de sacrifícios de comunhão e libações para os holocaustos. Assim, foi restabelecido o culto no Templo de Javé. ³⁶Ezequias e todo o povo ficaram alegres, vendo tudo o que Deus havia realizado em favor do povo, pois tudo tinha sido feito às pressas. [29,1-36]

30 *Páscoa: memória da libertação e da fraternidade* — ¹Ezequias convidou todo Israel e Judá, inclusive enviando cartas para Efraim e Manassés, a fim de que fossem ao Templo de Javé, em Jerusalém, para celebrar a Páscoa em honra de Javé, o Deus de Israel. ²O rei, as autoridades e toda a assembleia de Jerusalém decidiram celebrar a Páscoa no segundo mês. ³De fato, eles não tinham podido celebrá-la no tempo certo, porque ainda restavam muitos sacerdotes para se purificar e o povo não se havia reunido em Jerusalém. ⁴A proposta foi bem-aceita pelo rei e por toda a assembleia. ⁵Decidiram, então, avisar todo o Israel, desde Bersabeia até Dã, convidando para que fossem a Jerusalém celebrar uma Páscoa em honra de Javé, o Deus de Israel, porque poucos a celebravam como está prescrito.

⁶Então os mensageiros partiram, levando as cartas escritas pelo rei e pelas autoridades para todo Israel e Judá, com a seguinte ordem do rei: “Israelitas, voltem para Javé, o Deus de Abraão, de Isaac e de Israel, e ele se voltará para vocês que sobreviveram, escapando do poder dos reis da Assíria. ⁷Não façam como os seus pais e irmãos, que foram infiéis a Javé, o Deus de seus antepassados, e que por ele foram entregues à ruína, como vocês mesmos podem ver. ⁸Não tenham a cabeça dura como seus pais. Comprometam-se com Javé, dirijam-se para o santuário dele, que ele mesmo consagrou para sempre. Sirvam a Javé, o Deus de vocês, e ele afastará de vocês o ardor de sua ira. ⁹Se vocês se voltarem para Javé, seus irmãos e filhos vão encontrar a compaixão daqueles que os levaram para o exílio, e estes deixarão que eles voltem para esta terra. Porque Javé, o Deus de vocês, tem piedade e compaixão. Ele jamais voltará as costas para vocês, se vocês se converterem para ele”.

¹⁰Os mensageiros passaram de cidade em cidade pela região de Efraim,

Manassés e Zabulon, mas as pessoas riam e zombavam deles. ¹¹Somente alguns de Aser, Manassés e Zabulon foram humildes e se dirigiram para Jerusalém. ¹²Em Judá, o poder de Deus agiu, fazendo com que todos concordassem em cumprir a ordem do rei e das autoridades, conforme a palavra de Javé. ¹³No segundo mês, grande multidão se reuniu em Jerusalém, para celebrar a festa dos Pães sem fermento. A assembleia era muito numerosa. ¹⁴Destruíram os altares para sacrifícios que havia em Jerusalém e eliminaram os altares de incenso. Jogaram tudo no vale do Cedron. ¹⁵No dia catorze do segundo mês, imolaram a Páscoa. Os sacerdotes e levitas confessaram seus pecados, se purificaram e levaram os holocaustos ao Templo de Javé. ¹⁶Cada um assumiu o seu posto, de acordo com a Lei de Moisés, homem de Deus. Os sacerdotes derramavam em libação o sangue recebido das mãos dos levitas. ¹⁷Como na assembleia havia muita gente que não se havia purificado, os levitas se encarregaram de imolar as vítimas pascais de todos aqueles que não estavam purificados, para consagrá-las a Javé. ¹⁸Muita gente, principalmente de Efraim, Manassés, Issacar e Zabulon, não se havia purificado e comeu a Páscoa, sem obedecer ao que estava determinado. Por isso Ezequias rezou por eles, dizendo: “Javé, na sua bondade, perdoe o pecado ¹⁹dos que buscam de coração a Deus, Javé, o Deus de seus antepassados, mesmo que não tenham a pureza exigida para as coisas santas”. ²⁰Javé ouviu Ezequias e não afligiu o povo. ²¹Os israelitas que se encontravam em Jerusalém celebraram, durante sete dias, a festa dos Pães sem fermento, com grande alegria. Todos os dias, os levitas e sacerdotes louvavam a Javé com grande entusiasmo. ²²Ezequias felicitou todos os levitas por suas boas disposições para com Javé. Passaram os sete dias da festa oferecendo sacrifícios de comunhão e agradecendo a Javé, o Deus de seus antepassados.

²³Toda a assembleia resolveu continuar a festa por mais sete dias. E com alegria a celebraram durante outros sete dias. ²⁴Ezequias, rei de Judá, ofereceu à assembleia mil bezerros e sete mil ovelhas, e as autoridades também ofereceram para a assembleia mil bezerros e dez mil ovelhas. Grande número de sacerdotes se purificou. ²⁵Toda a assembleia de Judá se alegrou, juntamente com os sacerdotes e levitas, com os que tinham vindo de Israel e com os imigrantes vindos de Israel ou que residiam em Judá. ²⁶Foi grande a alegria em Jerusalém, pois desde os tempos de Salomão, filho de Davi, rei de Israel, não acontecia uma coisa assim em Jerusalém. ²⁷Por fim, os sacerdotes levitas puseram-se de pé e abençoaram o povo. A voz deles foi ouvida por Deus e a oração chegou até o

céu, sua santa morada. [30,1-27]

31 *A fraternidade se concretiza na partilha* — ¹Quando as festas terminaram, os israelitas que aí se encontravam percorreram as cidades de Judá, derrubando os postes sagrados, demolindo as estelas e destruindo os lugares altos e altares que havia em todo Judá, Benjamim, Efraim e Manassés, até acabar com tudo. Depois os israelitas voltaram para suas cidades, cada um para sua casa. ²Ezequias organizou os sacerdotes e levitas por classes, cada um com a sua função: sacerdotes e levitas para os holocaustos, para os sacrifícios de comunhão, para o serviço litúrgico, para a ação de graças e os cânticos na porta dos acampamentos de Javé.

³O rei contribuiu com parte de seus recursos para os holocaustos matutinos e vespertinos e para os holocaustos dos sábados, das luas novas e das festas, como está escrito na Lei de Javé.

⁴O rei ordenou aos habitantes de Jerusalém que dessem a parte dos sacerdotes e levitas, para que eles pudessem dedicar-se à Lei de Javé. ⁵Logo que a ordem foi transmitida, os israelitas forneceram com abundância os primeiros frutos do trigo, do vinho, do óleo, do mel e de todos os produtos do campo. E entregaram fartamente o dízimo de tudo. ⁶Os israelitas e judaítas que moravam nas cidades de Judá levaram também o dízimo dos bois e ovelhas. Fizeram montes com o dízimo das coisas consagradas a Javé, seu Deus. ⁷Começaram a fazer montes no terceiro mês e terminaram no sétimo. ⁸Ao verem esses montes, Ezequias e as autoridades bendisseram a Javé e a seu povo Israel. ⁹Depois Ezequias pediu a opinião dos sacerdotes e levitas sobre o que fazer com tudo isso. ¹⁰Azarias, chefe dos sacerdotes, da família de Sadoc, disse ao rei: “Desde que as contribuições começaram a ser trazidas ao Templo de Javé, está sendo possível comermos até ficarmos satisfeitos, e ainda sobra com fartura, pois Javé abençoou o seu povo. E esse montão de coisas é sobra”. ¹¹Ezequias mandou, então, construir depósitos no Templo de Javé. E assim fizeram. ¹²Depois carregaram os donativos, o dízimo e outras oferendas, com toda a honestidade. O chefe da turma era o levita Conenias, ajudado por seu irmão Semei. ¹³Os fiscais eram Jaiel, Azarias, Naat, Asael, Jerimot, Jozabad, Eliel, Jesmaquias, Maat e Banaías. Estavam todos subordinados a Conenias e a seu irmão Semei, sob a supervisão do rei Ezequias e de Azarias, chefe do Templo de Deus. ¹⁴O levita Coré, filho de Jemna, porteiro da entrada oriental, ficou encarregado das ofertas espontâneas que se faziam a Deus. Ele distribuía as ofertas feitas a Javé e as

coisas santíssimas. ¹⁵Eram seus auxiliares: Éden, Miniamin, Jesua, Semeías, Amarias e Sequenias. Eles ficaram encarregados das cidades dos sacerdotes, para distribuir as porções aos irmãos, conforme suas classes, a grandes e pequenos indistintamente, ¹⁶e não só aos homens registrados de três anos para cima. Em outras palavras, forneciam provisões para todos os que entravam diariamente no Templo de Javé para exercer o ministério, conforme suas funções e segundo suas classes. ¹⁷Os sacerdotes estavam registrados por família e também os levitas, a partir dos vinte anos, por suas funções e classes. ¹⁸Deviam todos registrar-se com a família inteira: mulheres, filhos e filhas e todo o grupo, pois deviam consagrar-se com fidelidade ao que é sagrado. ¹⁹Quanto aos sacerdotes aaronitas que viviam na zona rural de suas cidades, em cada cidade havia homens encarregados de distribuir pessoalmente as porções para todos os sacerdotes e todos os levitas inscritos no registro.

²⁰Assim fez Ezequias em todo Judá. Ele praticou o que é bom, direito e honesto diante de Javé, seu Deus. ²¹Tudo o que ele realizou para a reforma do Templo de Deus, para a aplicação da Lei e dos mandamentos, ele o fez buscando a Deus de todo o coração. Por isso, foi bem-sucedido. [31,1-21]

32 *Deus luta com seu povo* — ¹Depois desses atos de fidelidade, aconteceu que Senaquerib, rei da Assíria, invadiu Judá. Ele sitiou as cidades fortificadas para conquistá-las. ²Ezequias, vendo que Senaquerib estava se aproximando com intenção de atacar Jerusalém, ³ele com seus oficiais e guerreiros decidiram fechar todas as minas d'água que havia fora da cidade. E todos ajudaram. ⁴Reuniram bastante gente para fechar as minas e o riacho que atravessava a cidade. Diziam: “Por que o rei da Assíria deveria encontrar tanta água ao chegar aqui?” ⁵Ezequias mandou reforçar e reformar as muralhas em todos os pontos onde tinham sido derrubadas, levantou as torres e fez ainda outra muralha do lado de fora. Reforçou também os aterros da Cidade de Davi e preparou muitas armas e escudos. ⁶Nomeou comandantes que organizassem o exército para a luta, e os reuniu consigo na praça que existe à porta da cidade. Aí os encorajou, dizendo: ⁷“Sejam fortes e corajosos! Não tenham medo nem receio do rei da Assíria ou dessa multidão de gente que está com ele. Nós contamos com alguém mais poderoso do que ele. ⁸Do lado dele está o poder humano, mas do nosso lado está Javé, o nosso Deus, que vai nos socorrer e guerrear ao nosso lado”. E o povo ficou muito animado com as palavras de Ezequias, rei de Judá.

⁹Senaquerib, rei da Assíria, mandou ministros seus a Jerusalém, enquanto estava diante de Laquis com suas tropas. Eles deviam dizer a Ezequias, rei de Judá, e a todo o povo de Judá que estava em Jerusalém: ¹⁰“Assim diz Senaquerib, rei da Assíria: Em quem vocês confiam para continuar numa cidade cercada como Jerusalém? ¹¹Vocês não percebem que Ezequias está enganando vocês e que os levará a morrer de fome e sede? Ele anda dizendo: ‘Javé, nosso Deus, nos livrará da mão do rei da Assíria’. ¹²Não foi esse mesmo Ezequias que destruiu os lugares altos e altares de Javé, ordenando a Judá e Jerusalém para adorar e queimar incenso diante de um só altar?! ¹³Por acaso vocês não sabem o que fizemos, eu e os meus antepassados, com o povo de todos os outros países? Por acaso os deuses dessas nações foram capazes de livrar seus territórios de minhas mãos? ¹⁴Qual dos deuses dessas nações, que meus pais consagraram ao extermínio, foi capaz de livrar o seu povo das minhas mãos? Será que o Deus de vocês vai conseguir livrá-los das minhas mãos? ¹⁵Não se deixem enganar e iludir por Ezequias. Não acreditem nele! Os deuses de nenhuma outra nação ou reino foram capazes de livrar seu povo das minhas mãos ou das mãos de meus antepassados. O Deus de vocês também não os livrará de minhas mãos!”

¹⁶Os ministros de Senaquerib falaram ainda muito mais coisas contra Javé Deus e contra o seu servo Ezequias. ¹⁷Senaquerib escreveu também mensagens insultando Javé, o Deus de Israel. Ele dizia: “Assim como os deuses das outras nações não livraram seus povos da minha mão, o Deus de Ezequias também não livrará o seu povo da minha mão”. ¹⁸Depois passaram a gritar bem alto, em língua judaica, para o pessoal que estava sobre as muralhas, para o amedrontar e intimidar, e assim tomarem posse da cidade. ¹⁹Falaram do Deus de Jerusalém, como se ele fosse igual aos deuses dos outros povos do mundo, que são produto de mãos humanas.

²⁰Nessa situação, o rei Ezequias começou a rezar, junto com o profeta Isaías, filho de Amós, pedindo socorro aos céus. ²¹Então Javé enviou um anjo, que exterminou todos os soldados, chefes e oficiais do acampamento do rei da Assíria. Este voltou derrotado para seu país e, ao entrar no templo de seu deus, aí mesmo foi assassinado por seus próprios filhos. ²²Foi assim que Javé salvou Ezequias e os habitantes de Jerusalém das mãos de Senaquerib, rei da Assíria, e das mãos de todos os outros. E deu-lhes tranquilidade em todas as fronteiras. ²³Depois disso, muita gente levou ofertas a Javé em Jerusalém e presentes para Ezequias, rei de Judá, que adquiriu grande prestígio aos olhos de todas as

nações. [32,1-23]

Elogio ao rei justo — ²⁴Nessa ocasião, Ezequias ficou gravemente doente e implorou a Javé, que o ouviu e o agraciou com um milagre. ²⁵Ezequias, porém, não correspondeu a esse benefício. Pelo contrário, se encheu de orgulho e atraiu a ira de Javé sobre si, sobre Judá e sobre Jerusalém. ²⁶Ezequias, porém, se arrependeu do seu orgulho. O mesmo fizeram os habitantes de Jerusalém. Por isso, a ira de Javé não caiu sobre eles durante a vida de Ezequias.

²⁷Ezequias tinha enorme riqueza e muitos bens. Construiu depósitos para prata, ouro, pedras preciosas, perfumes, joias, objetos de valor e todo o tipo de coisas preciosas. ²⁸Construiu ainda armazéns para as safras de trigo, de vinho e de óleo; estábulos para o gado e currais para as ovelhas. ²⁹Comprou jumentos e grande quantidade de bois e ovelhas, porque Deus lhe concedeu muitos bens.

³⁰Foi Ezequias quem fechou a saída superior das águas do Gion e as desviou, por um subterrâneo, para a parte ocidental da Cidade de Davi. Ezequias foi bem-sucedido em tudo o que fez. ³¹Mas, quando os chefes de Babilônia lhe enviaram mensageiros para se informarem sobre o milagre acontecido no país, Deus o abandonou para colocá-lo à prova e conhecer suas intenções.

³²O resto da história de Ezequias e sua fidelidade estão escritos nas visões do profeta Isaías, filho de Amós, e nos Anais dos Reis de Judá e de Israel.

³³Ezequias morreu e foi enterrado na parte mais alta dos túmulos dos filhos de Davi. Judá em peso e os habitantes de Jerusalém lhe prestaram muitas homenagens por ocasião da sua morte. Seu filho Manassés lhe sucedeu no trono. [24-33]

33 Manassés: corrupção e conversão — ¹Manassés tinha doze anos quando subiu ao trono. E reinou cinquenta e cinco anos em Jerusalém. ²Fez o que Javé reprovava, imitando as abominações das nações que Javé tinha expulsado diante dos israelitas. ³Reconstruiu os lugares altos que seu pai Ezequias havia destruído. Ergueu altares para os ídolos. Levantou postes sagrados, e prostrou-se diante de todo o exército do céu, que ele adorou. ⁴Construiu também altares no Templo de Javé, sobre o qual Javé havia dito: “É em Jerusalém que o meu Nome estará para sempre”. ⁵Construiu altares em honra de todo o exército do céu, nos dois pátios do Templo de Javé. ⁶Sacrificou no fogo seus próprios filhos no vale dos filhos de Enom. Praticou adivinhação e magia, estabelecendo necromantes e adivinhos. Ele provocou a ira de Javé, multiplicando as ações que Javé reprovava.

⁷Chegou até a ponto de pegar a imagem de um ídolo que tinha mandado fazer, colocando-a no Templo de Deus, do qual o próprio Deus tinha dito a Davi e a seu filho Salomão: “Farei residir para sempre o meu Nome neste Templo em Jerusalém, cidade que eu escolhi entre todas as tribos de Israel. ⁸Não deixarei mais que o pé de Israel se torne errante, longe da terra que dei a seus antepassados, contanto que cumpram o que lhes ordenei, segundo toda a Lei, os estatutos e as normas transmitidos por Moisés”. ⁹Manassés, porém, levou o povo de Judá e de Jerusalém a cometer erros maiores que os erros das nações que Javé tinha arrasado diante dos israelitas. ¹⁰Javé falou a Manassés e ao seu povo, mas eles não o atenderam.

¹¹Então Javé fez vir contra eles os generais do rei da Assíria, que algemaram Manassés, o acorrentaram e o levaram para a Babilônia. ¹²Ao ver-se em apuros, Manassés procurou agradar Javé, seu Deus, humilhando-se profundamente diante do Deus de seus antepassados. ¹³Suplicou a Javé, e este se comoveu. Javé ouviu sua súplica e o trouxe de volta para Jerusalém, para o seu reino. Foi assim que Manassés reconheceu que Javé é o verdadeiro Deus.

¹⁴Depois disso, Manassés reconstruiu a muralha externa da Cidade de Davi, a oeste do Gion, no vale, até a porta dos Peixes. A muralha rodeava o Ofel, e Manassés a fez bem alta. Também colocou comandantes militares em todas as cidades fortificadas de Judá. ¹⁵Fez desaparecer do Templo de Javé os deuses estrangeiros e a estátua do ídolo. Tirou da cidade todos os altares que havia construído no monte do Templo e em Jerusalém. ¹⁶Reconstruiu o altar de Javé e imolou sobre ele sacrifícios de comunhão e de ação de graças. Deu ordens ao povo de Judá para prestar culto a Javé, o Deus de Israel. ¹⁷Mas o povo continuou oferecendo sacrifícios nos lugares altos, embora fossem para Javé, o Deus deles.

¹⁸O resto da história de Manassés, a súplica que fez ao seu Deus e os oráculos dos videntes que lhe falavam em nome de Javé, o Deus de Israel, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Israel. ¹⁹Sua súplica e como ele foi atendido, seu pecado e rebeldia, os locais onde ele havia construído lugares altos e erguido postes sagrados e ídolos antes de se converter, tudo está escrito na História de Hozai. ²⁰Manassés morreu e foi enterrado no seu palácio. Seu filho Amon lhe sucedeu no trono. [33,1-20]

Amon: golpe de Estado e revolta dos camponeses — ²¹Amon tinha vinte e dois anos quando subiu ao trono. E reinou dois anos em Jerusalém. ²²Fez o que Javé

reprova, como seu pai Manassés: ofereceu sacrifícios e prestou culto a todos os ídolos que seu pai Manassés tinha feito. ²³Ele, porém, não se humilhou diante de Javé como seu pai Manassés; pelo contrário, aumentou as suas culpas. ²⁴Seus ministros tramaram contra ele, e o mataram no seu próprio palácio. ²⁵O povo da terra, porém, matou todos os que tinham conspirado contra o rei Amon, e, no lugar dele, proclamou rei o seu filho Josias. [21-25]

34 *Josias: a reforma e o livro* — ¹Josias tinha oito anos quando subiu ao trono. E reinou trinta e um anos em Jerusalém. ²Fez o que Javé aprova e seguiu em tudo o comportamento de seu antepassado Davi, sem se desviar, nem para a direita, nem para a esquerda.

³No oitavo ano do seu reinado, sendo ainda adolescente, começou a buscar o Deus do seu antepassado Davi. E no seu décimo segundo ano de reinado, começou a purificar Judá e Jerusalém dos lugares altos, dos postes sagrados e dos ídolos de madeira e de metal. ⁴Por sua ordem, destruíram os altares dos ídolos, e ele próprio destruiu os altares de incenso que estavam sobre os altares, despedaçou os postes sagrados, os ídolos de madeira e de metal e, reduzindo-os a pó, espalhou o pó sobre os túmulos de quem lhes havia oferecido sacrifícios. ⁵Queimou nesses altares os ossos dos sacerdotes e, assim, purificou Judá e Jerusalém. ⁶Nas cidades de Manassés, de Efraim, de Simeão e até de Neftali, em todos os lugares, ⁷derrubou os altares e postes sagrados, quebrou e esmigalhou os ídolos e destruiu todos os altares de incenso em todo o país de Israel. Depois voltou para Jerusalém.

⁸No décimo oitavo ano do seu reinado, para purificar o país e o Templo, Josias mandou Safã, filho de Aslias, com Maasias, prefeito da cidade, e o arquivista Joá, filho de Joacaz, para reformarem o Templo de Javé, seu Deus. ⁹Eles procuraram o sumo sacerdote Helcias, e lhe deram o dinheiro trazido para o Templo de Deus. Esse dinheiro fora coletado pelos levitas, guardiães do pátio, entre o pessoal de Manassés, de Efraim e de todo o resto de Israel, como também de Judá e Benjamim e dos habitantes de Jerusalém. ¹⁰Esse dinheiro foi entregue aos encarregados dos trabalhos e mestres de obras do Templo de Javé, que deviam pagar os trabalhos feitos na restauração e reforma do Templo. ¹¹O dinheiro foi entregue aos carpinteiros e pedreiros para comprar pedras lavradas, vigas e traves de madeira para a estrutura e as vigas das construções que os reis de Judá tinham deixado cair em ruínas. ¹²Esses homens executaram fielmente o trabalho. Tinham como inspetores Jaat e Abdias, levitas descendentes de Merari,

e Zacarias e Mosolam, levitas descendentes de Caat, assim como outros levitas que sabiam tocar instrumentos musicais. ¹³Esses fiscalizavam também os carregadores e dirigiam todos os que trabalhavam na obra, segundo a especialidade de cada um. Outros levitas eram secretários, inspetores e porteiros.

¹⁴Ao retirarem o dinheiro que tinha sido depositado no Templo de Javé, o sacerdote Helcias encontrou o livro da Lei de Javé transmitida por Moisés.

¹⁵Então Helcias disse ao secretário Safã: “Encontrei no Templo de Javé o Livro da Lei!” E entregou o livro a Safã. ¹⁶Então Safã levou o livro para o rei e lhe informou: “Seus servos fizeram tudo o que você ordenou. ¹⁷Estão empregando o dinheiro recolhido no Templo de Javé para pagar os mestres e os trabalhadores da obra”. ¹⁸Ao mesmo tempo, o secretário Safã informou ao rei: “O sacerdote Helcias me entregou um livro”. E começou a ler o livro para o rei. [34,1-18]

Será que o livro é autêntico? — ¹⁹Ao ouvir o conteúdo da Lei, Josias rasgou as roupas. ²⁰E imediatamente ordenou a Helcias, a Aicam, filho de Safã, a Abdon, filho de Micas, ao secretário Safã e a Asaías, ministro do rei: ²¹“Vão consultar Javé por mim e pelos que restam de Israel, e por Judá, a respeito do livro que foi encontrado. Javé deve estar enfurecido conosco, porque nossos antepassados não obedeceram à palavra de Javé e não agiram conforme o que está escrito neste livro”.

²²Então Helcias e os mensageiros do rei foram procurar a profetisa Hulda, mulher de Selum, guarda dos vestiários, filho de Técula, neto de Haraas. Ela morava em Jerusalém, no Bairro Novo. Expuseram para ela o caso. ²³E ela respondeu: “Assim diz Javé, o Deus de Israel: Digam a quem enviou vocês até mim: ²⁴Assim diz Javé: ‘Vou fazer cair uma desgraça sobre este lugar e seus habitantes, vou enviar todas as maldições que estão nesse livro que o rei de Judá leu. ²⁵Eles me abandonaram e queimaram incenso a outros deuses, e me irritaram com toda a obra de suas mãos. Por isso, minha ira se inflamou contra esse lugar, e não se apagará’. ²⁶Digam ao rei de Judá, que os enviou para consultar Javé: ‘Assim diz Javé, o Deus de Israel: Por ter ouvido essas palavras ²⁷com dor de coração, humilhando-se diante de Deus ao ouvir suas ameaças contra este lugar e seus habitantes, porque você se humilhou diante de mim, rasgou suas roupas e chorou em minha presença, eu também escuto você — oráculo de Javé. ²⁸Vou reunir você a seus antepassados e você será enterrado em paz. Seus olhos não verão todos os males que eu enviarei sobre este lugar e seus

habitantes' ”. Então eles levaram essa resposta ao rei. [19-28]

O Deuteronômio se torna Lei de Estado — ²⁹O rei convocou todos os anciãos de Judá e Jerusalém para uma reunião. ³⁰Depois subiu para o Templo de Javé com todos os homens de Judá e todos os habitantes de Jerusalém: sacerdotes, levitas e o povo todo, adultos e crianças. Leu para eles as palavras do Livro da Aliança encontrado no Templo de Javé. ³¹De pé sobre o estrado, o rei concluiu, diante de Javé, a aliança para seguir a Javé, obedecendo a seus mandamentos, testemunhos e estatutos, de todo o coração e de toda a alma, cumprindo todas as palavras da aliança escrita nesse livro. ³²Em seguida fez todos os que se encontravam em Jerusalém e em Benjamim se comprometerem com a aliança. A partir daí, os moradores de Jerusalém começaram a agir de acordo com a aliança do Deus de seus antepassados.

³³Josias retirou todas as abominações de todos os territórios pertencentes aos israelitas e obrigou todos os que encontrou em Israel a prestarem culto a Javé, o seu Deus. Durante toda a vida de Josias, eles não se afastaram de Javé, o Deus de seus antepassados. [29-33]

35 ***Revivendo o ideal de uma nova sociedade*** — ¹Josias celebrou em Jerusalém uma Páscoa em honra de Javé. A Páscoa foi imolada no dia catorze do primeiro mês. ²Josias restabeleceu os sacerdotes em suas funções, e os confirmou no serviço do Templo de Javé. ³Josias disse aos levitas que instruíam o povo e eram consagrados a Javé: “Coloquem a Arca santa no Templo construído por Salomão, filho de Davi, rei de Israel. Vocês não precisam mais transportá-la nos ombros. Dediquem-se agora a servir a Javé, seu Deus, e a seu povo Israel. ⁴Organizem-se em turnos por famílias, conforme Davi, rei de Israel, e seu filho Salomão determinaram por escrito. ⁵Ocupem seus postos no santuário, dividindo suas famílias, de tal forma que cada grupo levítico esteja encarregado de uma família do povo. ⁶Imolem a Páscoa, purifiquem-se e preparem tudo para os seus irmãos, fazendo tudo de acordo com a palavra de Javé, que foi transmitida por Moisés”.

⁷Aos homens do povo, Josias forneceu cordeiros e cabritos necessários para a celebração da Páscoa de todos os que se encontravam em Jerusalém. Foram trinta mil cabeças de gado miúdo, além dos três mil bois, tudo vindo das propriedades do rei. ⁸As autoridades fizeram uma oferta generosa ao povo, aos sacerdotes e levitas: Helcias, Zacarias e Jeiel, administradores do Templo de

Deus, entregaram aos sacerdotes duas mil e seiscentas cabeças de gado miúdo para a celebração da Páscoa, e ainda trezentos bois. ⁹Conenias, Semeías, seu irmão Natanael, Hasabias, Jeiel e Jozabad, chefes dos levitas, ofereceram aos levitas cinco mil cabeças de gado miúdo para a Páscoa e quinhentos bois. ¹⁰Quando a cerimônia estava preparada, os sacerdotes ocuparam seus postos, e os levitas começaram a funcionar por classes, de acordo com as determinações do rei. ¹¹E imolaram a Páscoa. Os sacerdotes sangravam e os levitas tiravam o couro. ¹²Separaram a parte que devia ser queimada, entregando o restante aos diversos ramos de famílias, da gente do povo, a fim de que todos pudessem fazer ofertas a Javé, conforme está escrito no livro de Moisés. O mesmo fizeram com os bois. ¹³Assaram os cordeiros pascais na brasa, de acordo com a regra, e cozinham em panelas, caldeirões e caçarolas os outros alimentos sagrados, e levaram rapidamente para toda a gente do povo. ¹⁴Em seguida, prepararam a Páscoa para si e para os sacerdotes da família de Aarão. Estes ficaram ocupados até o anoitecer com os holocaustos e as gorduras. Foi por isso que os levitas prepararam os cordeiros da Páscoa para si e para os sacerdotes da família de Aarão. ¹⁵Os cantores da família de Asaf estavam no seu lugar segundo as ordens deixadas por Davi. Nem Asaf, nem Emã, nem Iditun, nem o vidente do rei, nem os porteiros tiveram que deixar as suas funções, pois seus irmãos levitas prepararam tudo para eles.

¹⁶Toda a celebração para Javé foi feita no mesmo dia: celebrou-se a Páscoa e se imolaram holocaustos no altar de Javé, tudo conforme a determinação do rei Josias. ¹⁷Foi nessa época que os israelitas presentes celebraram a Páscoa e, durante sete dias, a festa dos Pães sem fermento. ¹⁸Nunca se tinha celebrado em Israel uma Páscoa como essa, desde o tempo do profeta Samuel. Nenhum rei de Israel tinha celebrado uma Páscoa como a que Josias celebrou com seus sacerdotes, levitas, todo o Judá, os israelitas presentes e os moradores de Jerusalém. ¹⁹Foi celebrada no décimo oitavo ano do rei Josias. [35,1-19]

Morte de Josias — ²⁰Tempos depois de Josias ter restaurado o Templo, Neco, rei do Egito, foi guerrear em Carquemis, à margem do rio Eufrates. Josias saiu para enfrentá-lo. ²¹Então Neco mandou-lhe mensageiros com este recado: “Não se intrometa em meus assuntos, rei de Judá. Não vim lutar contra você. Eu estou em guerra contra outra dinastia. Deus me mandou fazer isto imediatamente. Não queira atrapalhar a ação de Deus. Ele está comigo. Senão, ele acabará com você!” ²²Josias, porém, não desistiu de atacá-lo, pois estava decidido a guerrear.

E não deu atenção ao que Neco lhe dizia em nome de Deus. E foi guerrear contra ele no vale de Meguido. ²³Os atiradores acertaram flechas no rei Josias, que disse a seus ajudantes: “Tirem-me do combate, porque estou gravemente ferido”. ²⁴Os ajudantes tiraram Josias do carro, o puseram em outro e o levaram para Jerusalém, onde ele morreu. Foi enterrado no túmulo dos seus antepassados, e todo o Judá e Jerusalém fizeram luto por ele. ²⁵Jeremias compôs uma lamentação em honra de Josias, e até hoje cantores ainda cantam essa lamentação por Josias. Tornou-se um cântico tradicional em Israel e se encontra nas Lamentações. ²⁶O resto da história de Josias, sua fidelidade a tudo o que está escrito na Lei de Javé, ²⁷suas obras, do começo ao fim, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Israel e de Judá. [\[20-27\]](#)

VIII. A CATÁSTROFE FINAL

36 *Joacaz e a dominação egípcia* — ¹O povo da terra pegou o filho de Josias, chamado Joacaz, e o colocou como rei em Jerusalém no lugar do seu pai. ²Joacaz tinha vinte e três anos quando subiu ao trono, e reinou três meses em Jerusalém. ³O rei do Egito tirou Joacaz de Jerusalém e impôs ao país um tributo de três toneladas e meia de prata, e trinta e quatro quilos de ouro. ⁴Depois o rei do Egito colocou Eliaquim, irmão de Joacaz, como rei de Judá e Jerusalém, mudando o nome dele para Joaquim. Quanto a Joacaz, o Faraó Neco o prendeu e levou para o Egito. [36,1-4]

Joaquim e a dominação babilônica — ⁵Joaquim tinha vinte e cinco anos quando subiu ao trono. E reinou onze anos em Jerusalém. Fez o que Javé, seu Deus, reprova. ⁶Nabucodonosor, rei da Babilônia, guerreou contra ele, o algemou e levou para a Babilônia. ⁷Dos objetos do Templo de Javé, Nabucodonosor levou uma parte para guardá-los em seu palácio, na Babilônia.

⁸O resto da história de Joaquim, as abominações que praticou e tudo o que lhe aconteceu, tudo está escrito nos Anais dos Reis de Israel e de Judá. Seu filho Jeconias lhe sucedeu no trono. [5-8]

Jeconias e o primeiro exílio na Babilônia — ⁹Jeconias tinha dezoito anos quando subiu ao trono. E reinou três meses e dez dias em Jerusalém. Fez o que Javé reprova. ¹⁰Na passagem do ano, o rei Nabucodonosor mandou prendê-lo e levá-lo para a Babilônia com os objetos preciosos do Templo de Javé. Como rei sobre Jerusalém e Judá, ele colocou Sedecias, irmão de Jeconias. [9-10]

Sedecias: uma política suicida — ¹¹Sedecias tinha vinte e um anos quando subiu ao trono. E reinou onze anos em Jerusalém. ¹²Fez o que Javé, seu Deus, reprova, e não se humilhou diante do profeta Jeremias, que lhe falava em nome de Javé. ¹³Além disso, ele se revoltou contra o rei Nabucodonosor, ao qual tinha jurado fidelidade em nome de Deus. Ele se obstinou e não quis converter-se para Javé, o Deus de Israel. ¹⁴As autoridades, os sacerdotes e o povo também aumentaram os crimes que cometiam, imitando as abominações das nações. E profanaram o Templo, que Javé tinha consagrado para si em Jerusalém. ¹⁵Javé, o Deus de seus antepassados, enviou seus mensageiros, uns após outros, pois

queria poupar o seu povo e a sua habitação. ¹⁶Mas eles caçoavam dos mensageiros de Deus, levavam na brincadeira suas palavras, zombavam dos profetas, até que a ira de Javé contra o seu povo chegou a tal ponto que não houve mais remédio. ¹⁷Então Javé mandou contra eles o rei dos caldeus, que matou nossa gente à espada, até no Templo sagrado, sem poupar rapazes ou moças, adultos ou velhos. Deus entregou todos nas mãos dele. ¹⁸O rei dos caldeus levou para a Babilônia todos os objetos pequenos e grandes do Templo de Javé, e também os tesouros do Templo de Javé, os tesouros do rei e de seus oficiais. ¹⁹Em seguida, os caldeus puseram fogo no Templo de Deus, derrubaram as muralhas de Jerusalém, incendiaram todas as suas mansões e destruíram todos os objetos de valor. ²⁰Levaram para o exílio na Babilônia todos os que escaparam da espada, a fim de servirem como escravos para eles e seus descendentes, até que chegou o reino persa. ²¹Dessa forma, cumpriu-se o que Javé tinha dito por meio do profeta Jeremias: “Até que a terra desfrute seus sábados, ela descansará durante todos os dias da desolação, até que se tenham passado setenta anos”. [11-21]

Anúncio de tempo novo — ²²No primeiro ano do reinado de Ciro, rei da Pérsia, Javé, cumprindo o que tinha dito por meio do profeta Jeremias, despertou a consciência de Ciro, rei da Pérsia. Este proclamou por todo o império, a viva voz e por escrito, o seguinte: ²³“Ciro, rei da Pérsia, decreta: Javé, o Deus do céu, entregou a mim todos os reinos do mundo. Ele me encarregou de construir para ele um Templo em Jerusalém, na terra de Judá. Todos os que pertencem a esse povo e vivem entre nós, podem voltar para lá. E que Javé, seu Deus, esteja com eles”. [22-23]

NOTAS

[1-9] A figura de Salomão é importante, mas secundária em relação à de seu pai Davi, porque, para o autor, Davi foi o organizador político do povo e o fundador do culto israelita. Davi tinha deixado inclusive o material e o projeto para a construção do Templo. Salomão foi mero executor. Para o autor, a glória de Salomão é um meio de frisar a glória de Javé. A partir do reinado de Salomão, é Javé quem passa a habitar no Templo em meio ao seu povo. O autor “esquece” propositadamente todos os erros de Salomão (veja 1Rs 3-11 e notas).

[1,1-13] No início, Salomão se coloca diante de Deus, suplicando que seu governo seja, de fato, expressão da vontade divina. Para que isso realmente se concretize, é necessário que a ação política seja dirigida pela *sabedoria e conhecimento*. Em outras palavras: o governante deve ter pleno conhecimento das necessidades e anseios do povo, para saber discernir os conflitos e encaminhar soluções justas. Cf. também nota em 1Rs 3,4-15.

[14-17] Salomão procura imediatamente prover a nação de recursos bélicos, certamente por medidas de segurança. Veja, porém, nota em 1Rs 10,26-29.

[1,18-2,15] Cf. nota em 1Rs 5,15-32. O autor de Crônicas, porém, frisa o sentido do Templo dentro da religião: é o lugar para o povo se reunir e invocar a Deus (Nome) e colocar-se diante de Deus e do seu projeto. O texto deixa claro que *Deus não pode ser contido* numa construção, seja ela material (templos, igrejas etc.), mental (conceitos, sistemas, teologias), seja social (instituições, movimentos, partidos etc.).

[2,16-17] O trabalho pesado se realiza por mão de obra estrangeira, recrutada entre os imigrantes. Com isso, o autor parece dizer que Israel não deve sujeitar-se a trabalhos inferiores...

[3,1-5,1] Cf. nota em 1Rs 7,13-51.

[5,2-6,2] Cf. nota em 1Rs 8,1-13. O autor se preocupa em mostrar a função dos levitas, mencionando-os ao lado dos sacerdotes. Dessa forma, ele tenta conciliar o conflito que tinha existido entre sacerdotes e levitas (cf. 1Rs 2,26-46 e nota).

[6,3-20] O autor se serve do relato que aparece também em 1Rs, para mostrar que Javé realiza o que promete, vindo habitar no meio do povo. Cf. também nota em 1Rs 8,14-29.

[21-42] Repete-se aqui, quase literalmente, a oração de Salomão ao inaugurar o Templo de Jerusalém. Cf. 1Rs 8,30-66 e nota. No pós-exílio, tempo em que foi redigido este livro, o Templo é, por excelência, o lugar da súplica, aberto para todas as circunstâncias.

[7,1-10] Os sinais de teofania (fogo do céu, glória de Javé), depois da oração de Salomão, se apresentam como resposta divina às súplicas contidas nessa oração: doravante, o Templo se torna lugar simbólico, onde acontece a relação entre Deus e o povo.

[11-22] Cf. nota em 1Rs 9,1-9. O autor de Crônicas atualiza a advertência para a

situação do pós-exílio: as desgraças acarretadas pelo pecado deverão provocar um processo de conversão ao projeto de Javé (estatutos e normas — cf. Dt).

[8,1-16] O autor quer salientar a glória de Salomão e o respeito pelos lugares consagrados e pelas observâncias religiosas. Cf., porém, nota em 1Rs 9,10-25.

[17-18] Cf. nota em 1Rs 9,26-28.

[9,1-12] Cf. nota em 1Rs 10,1-13.

[13-24] Cf. nota em 1Rs 10,14-25.

[25-28] Cf. nota em 1Rs 10,26-29.

[29-31] Encontramos repentinamente a notícia da morte de Salomão, sem nenhuma alusão à sua decadência (cf. 1Rs 11). Referindo-se a fontes proféticas, o autor parece estar remetendo ao livro de 1Rs 1-11.

[10-12] O autor de Crônicas eliminou muitas informações contidas nos livros dos Reis, pretendendo passar a ideia de que o reinado de Salomão foi irrepreensível. Mas não pode negar o resultado catastrófico que se foi preparando ao longo do governo desse rei: a divisão inevitável, que nunca mais seria curada. Doravante, as atenções do autor se concentram no Reino de Judá, onde permanecem a dinastia de Davi e o Templo de Jerusalém.

[10,1-11,4] Cf. nota em 1Rs 12,1-24.

[11,5-12] Tendo que se contentar com território limitado, Roboão procura reforçar as cidades principais, tornando-as verdadeiras fortalezas.

[13-17] Jeroboão se esforçou para dar às tribos do Norte feição político-religiosa própria (cf. nota em 1Rs 12,25-33). O autor de Crônicas, porém, situado em tempo e situações diferentes, procura mostrar Jerusalém como lugar do verdadeiro culto a Javé. É para ela que todos devem dirigir-se.

[18-23] A esperteza política de Roboão se verifica no fato de ele distribuir seus filhos por todas as regiões do reino, principalmente nas cidades fortificadas. De um lado, isso evitava competições entre os filhos; de outro, assegurava-lhe o controle de todo o território.

[12,1-16] Cf. nota em 1Rs 14,21-31.

[13,1-21,1] Diferentemente dos livros dos Reis, Crônicas só registram a história dos reis de Judá, considerados como fiéis a Javé. O autor salienta o papel dos profetas no culto a Javé, mostrando que é Javé o protagonista principal de

uma política, pela qual os reis se devem guiar.

[13,1-23] O autor aproveita as poucas notícias que tem sobre o rei Abias (cf. nota em 1Rs 15,1-8) para mostrar que Jerusalém é o lugar do verdadeiro culto a Javé, e que apenas aí se encontra o sacerdócio legítimo. É só através desse culto que Javé abençoa e concede a vitória ao seu povo.

[14,1-14] Sobre Asa, cf. nota em 1Rs 15,9-24. Crônicas mostram que Deus é a garantia da segurança e prosperidade. Ele, nas situações difíceis, sempre se coloca ao lado dos seus, afirmando sua grandeza diante dos inimigos.

[15,1-19] Aproveitando vagas notícias de uma reforma feita pelo rei Asa (1Rs 15,11-15), o autor descreve uma cerimônia solene de renovação da Aliança, tal como acontecia nos tempos desse rei. A renovação da Aliança proporcionava coesão do povo ao redor de Javé. Este, ao mesmo tempo, protegia e fortalecia a identidade do povo diante das influências estrangeiras, que poderiam descaracterizá-lo religiosa e culturalmente.

[16,1-14] A única sombra no reinado de Asa aparece quando ele recorre à aliança política com estrangeiros. O profeta Hanani, confiante na força de um povo aliado com Javé, critica a atitude de Asa e mostra que o jogo dessas alianças políticas arrastará o país a conflitos contínuos com as grandes potências. O preço a pagar por essa busca imprudente de segurança é muitas vezes mais alto do que o preço da própria insegurança.

[17,1-19] Josafá desenvolve um governo forte, procurando destruir a idolatria, fazendo respeitar a Lei e, ao mesmo tempo, fortificando o país diante dos reinos vizinhos. Os levitas, que acompanham os oficiais e sacerdotes, têm a missão de instruir o povo conforme a Lei de Javé, expressa no livro do Deuteronômio. Isso é importante para o autor, porque, depois do exílio, a observância da Lei vai se tornar a carteira de identidade para a comunidade judaica (cf. Esd 7,25; Ne 8,7-8). Nessa instrução, os levitas têm papel importante. Muito provavelmente, foram eles os autores da catequese que, em meados do séc. VIII, deu origem ao núcleo central do livro do Deuteronômio (cf. nota em Dt 18,1-8). Dessa forma, o autor reabilita a função ideológica dos levitas.

[18,1-19,3] Cf. nota em 1Rs 22,1-40.

[19,4-11] Este livro das Crônicas atribui ao rei Josafá uma administração judiciária prevista em Dt 17,8-13 (veja nota) e que só apareceu pelo menos um

século mais tarde. O que se pretende é oferecer um modelo para a administração da justiça, acentuando uma provável notícia histórica de que Josafá tivesse feito uma reforma judiciária. Os vv. 6-10 mostram o espírito que deve estar presente no juiz. A função dele é resolver as questões a partir do projeto de Javé.

[20,1-21,1] O autor aproveita a notícia de uma guerra contra Judá para veicular uma verdade de fé: Deus está com o seu povo e lhe concede a vitória, mesmo que o inimigo seja mais forte. Não se trata de alimentar confiança temerária, como se Deus estivesse ao dispor de nossos caprichos pessoais e grupais. Deus se compromete com a liberdade e a vida dos seus aliados. E, quando estes o invocam, ele se apresenta para preservar essa liberdade e vida, que concedeu como direito permanente de seus aliados. A ação de Deus, porém, não é mágica, nem deixa margem para que os aliados se iludam com suas próprias forças. A vitória é dom, e muitas vezes se manifesta através de acontecimentos inesperados (no presente texto, os inimigos se dividem e se destroem mutuamente).

[21,2-28,27] Temos agora um período de grandes dificuldades nos planos político, social e religioso. Sob a influência do reino do Norte, a política e religião estrangeiras penetram em Judá. Em 745 a.C., a Assíria aparece no horizonte, acentuando ainda mais a ameaça contra o javismo. O autor insiste em mostrar que a ruína de Judá se deve às suas alianças com o Reino de Israel. Tal insistência reflete a situação após o exílio, quando os dirigentes da província de Samaria (antiga capital do Reino de Israel) procuram continuamente impedir a reorganização da comunidade judaica.

[21,2-20] O reinado de Jorão é desastroso: tirania fratricida, idolatria, fracasso militar, doença e impopularidade. Os vv. 12-15 são a única referência ao profeta Elias nos livros das Crônicas.

[22,1-9] Influenciado pela mãe e aliado com o rei de Israel, Ocozias se arruína, sofrendo as mesmas consequências que marcaram a família de Acab (cf. 1Rs 16-2Rs 10).

[22,10-23,21] Cf. nota em 2Rs 11,1-20. O autor salienta o papel dos sacerdotes e levitas, devido à importância deles para a organização da comunidade após o exílio.

[24,1-16] Cf. nota em 2Rs 12,1-22. Depois do exílio, a coleta se tornará imposto regular em favor do Templo (cf. Mt 17,24), exigido até dos judeus que

viviam fora da Palestina.

[17-27] Profeta é aquele que mantém a memória do Deus libertador e, por isso, critica e denuncia as autoridades que se servem da idolatria para explorar e oprimir o povo. Incomodadas, essas autoridades matam o profeta, na esperança de que o povo continue alienado. No entanto, a palavra profética se realiza, trazendo o julgamento e a sentença: a destruição dos promotores da idolatria. A morte do profeta Zacarias ficou famosa e é recordada no Evangelho (cf. Mt 23,35).

[25,1-28] A eficácia da luta de um povo depende da presença de Deus que abençoa e dá a vitória, porque essa luta é expressão do seu projeto. Isso não significa, porém, que Deus se comprometa com os caprichos de um grupo. Deus só se compromete com as lutas que visam à conquista da liberdade e vida para todos. Por outro lado, o objetivo da luta é desvirtuado, quando não serve mais ao projeto de Deus, mas a projetos egoístas de pessoas ou grupos. Então Deus se retira da luta, e quem for humanamente mais forte acabará vencendo. A palavra profética nos adverte que Deus não é brinquedo nas mãos do homem. É preciso discernir se a luta do povo está realmente de acordo com o projeto de Deus. Caso contrário, ele entregará o povo às consequências de seus próprios caprichos.

[26,1-23] O governo do rei Ozias é promissor: desenvolvimento agrícola, progresso tecnológico e defesa militar bem aparelhada. Em outras palavras, o rei proporciona ao povo condições básicas de subsistência e segurança, o que, aliás, é função própria do governo. Os problemas surgem quando o poder político se embriaga e começa a tomar atitudes absolutistas, pretendendo assumir papel religioso dentro da sociedade. Quando o poder político se apossa do controle da religião, o povo perde toda possibilidade de criticar e impedir os abusos do poder.

[27,1-9] Sobre Joatã, cf. nota em 2Rs 15,32-38. O país parece estar em segurança e ser capaz de se defender contra as investidas de países vizinhos. O v. 2, porém, mostra que a situação religiosa não era das melhores, preparando o relato das reformas de Ezequias e Josias.

[28,1-27] Cf. nota em 2Rs 16,1-20. Os vv. 9-15 fazem grande elogio ao Reino do Norte, mostrando que seu povo é capaz de dar ouvidos ao profeta e respeitar o povo de Judá. Cf. parábola do bom samaritano em Lc 10,29-37.

[29,1-35,27] Ameaçado pelo império assírio e pelo paganismo, Judá conhece

dois grandes momentos: a reforma político-religiosa de Ezequias e, oitenta anos mais tarde, a reforma de Josias. No tempo de Ezequias isso se tornou possível por causa do enfraquecimento momentâneo da Assíria. No tempo de Josias, a Assíria estava em decadência e Babilônia ainda não se tornara grande potência internacional. As duas reformas, porém, se viram logo freadas devido à política internacional.

[29,1-36] Cf. nota em 2Rs 18,1-8. O autor de Crônicas aumentou consideravelmente o relato de 2Rs. Ele estava interessado em salientar a importância do Templo e das cerimônias, mas sobretudo a função dos sacerdotes e levitas.

[30,1-27] Sobre o significado da Páscoa e dos Pães sem fermento, cf. Ex 12,1-14; 15-20; 21-28 e notas. No momento em que se pretende fazer uma reforma para reestruturar o país, a Páscoa é celebrada a fim de transmitir para as novas gerações a memória esquecida de libertação e vida. Essa festa litúrgica se apresenta como celebração do ideal a ser conseguido na reestruturação: uma sociedade que viva na fraternidade, procure reunir o povo dividido e que deposite sua confiança em Javé, presente na história para libertar da opressão.

[31,1-21] A celebração da Páscoa e dos Pães sem fermento se concretiza imediatamente numa prática de fraternidade: a partilha dos bens que supre as necessidades. Notar que a *sobra* (vv. 8-10) não é acumulada por ninguém.

[32,1-23] A fraternidade gera a coragem para enfrentar o opressor, na certeza de que Deus está com seu povo, dando a ele eficácia na luta. A presença de Deus no anseio de um povo que luta pela liberdade e pela vida garante a vitória contra os ídolos das nações, por mais poderosas e armadas que elas sejam.

[24-33] Sobre a doença, cura e culpa de Ezequias, cf. notas em 2Rs 20. O grande elogio feito a Ezequias se deve certamente ao fato de que ele se esforçou para reunir politicamente todo o povo e levá-lo a redescobrir as tradições legítimas do javismo. Veja, porém, a nota em 2Rs 18,13-16.

[33,1-20] Cf. nota em 2Rs 21,1-18. O autor de Crônicas fala de uma conversão de Manassés, procurando justificar seu longo reinado. De fato, nessa época, segundo a teologia da retribuição, um rei só poderia governar muito tempo e viver longos anos, se caminhasse de acordo com o projeto de Javé.

[21-25] Cf. nota em 2Rs 21,19-26.

[34,1-18] Cf. nota em 2Rs 22,1-10. Os vv. 3-7 relatam acontecimentos que em 2Rs só se deram após a descoberta do Livro da Lei (cf. 2Rs 23,4-20 e nota).

[19-28] Cf. nota em 2Rs 22,11-20.

[29-33] Cf. nota em 2Rs 23,1-3.

[35,1-19] Cf. notas em 30,1-27 e 2Rs 23,31-35. Os detalhes da cerimônia refletem provavelmente a celebração da Páscoa no tempo do pós-exílio.

[20-27] A batalha de Meguido marca o fim do governo e da reforma de Josias. Para o autor, a trágica morte de Josias foi causada pela obstinação, que o levou a desobedecer à palavra de Deus, anunciada pelo próprio Faraó. Sobre o conceito que Jeremias tem do rei Josias, cf. Jr 22, 15-16.

[36,1-4] Cf. nota em 2Rs 23,31-35.

[5-8] Cf. nota em 2Rs 23,36-24,7.

[9-10] Cf. nota em 2Rs 24,8-17.

[11-21] Cf. notas em 2Rs 24,18-25,7; 25,8-21.

[22-23] Os livros das Crônicas terminam com o anúncio de uma esperança: a volta para a terra e a reconstrução do Templo, que permitirão ao povo reconstruir sua identidade e, apesar de todas as limitações, continuar a perseguir a concretização histórica do projeto de Javé. Estes versículos, iguais a Esd 1,1-3, mostram que a história continua nos livros de Esdras e Neemias, formando um conjunto, que se costuma chamar “História do Cronista”.

ESDRAS E NEEMIAS

ORGANIZAÇÃO DA COMUNIDADE

Introdução

Os livros de Esdras e Neemias continuam a história de Israel, relatando os acontecimentos entre 538 e 400 a.C. O tema central é a organização da comunidade, que se formou a partir da volta dos judeus exilados na Babilônia.

*No início, tratava-se de um livro único, mais tarde separado em duas partes, denominadas 1º e 2º de Esdras. Depois, o segundo recebeu o nome de Neemias. Em conjunto, os vinte e três capítulos não se encontram na ordem cronológica e literária original. Em vista dessa dificuldade, é interessante ler todo o texto conforme a seguinte cronologia: **586:** Exílio na Babilônia*

***539:** Ciro, rei da Pérsia, conquista a Babilônia*

***538:** Edito de Ciro, permitindo a repatriação dos exilados (2Cr 36; Esd 1) **537:** Primeiro grupo de repatriados com Sasabassar; recomeça o culto (Esd 2-3)*

***536:** Preparativos para a reconstrução do Templo; obstáculos internos e externos (Esd 4-5) **520:** Atividade dos profetas Ageu e Zacarias*

***518:** Obras do Templo interrompidas e retomadas (Esd 5-6) **515:** Dedicção do Templo (Esd 6)*

***448:** Uma colônia de judeus muda para Jerusalém (Esd 4,8-22) **445:** Neemias vai para Jerusalém; construção da muralha (Ne 1-2). Neemias é nomeado governador (Ne 5,14) **433:** Neemias volta para Susa (Ne 13). Atividade do profeta Malaquias **430:** Neemias e Esdras em Jerusalém; leitura da lei; reformas (Ne 8-10; 13) **429:** Artaxerxes autoriza Esdras a promulgar a Lei (Esd 7-8) **428:** Reformas de Esdras (Esd 9-10)*

***423-404:** Os samaritanos constroem um templo no monte Garizim.*

Embora sua leitura implique dificuldades, os livros de Esdras e Neemias mostram como um grupo se reúne e se organiza para formar comunidade. Certamente o grupo deverá enfrentar dificuldades econômicas para sobreviver, políticas para constituir o seu espaço e ideológicas para manter a própria identidade original. Na confluência dessas três dificuldades está a espinhosa questão da liderança, para que a comunidade não fique entregue ao arbítrio dos poderosos internos ou externos, mas tenha meios de resolver seus conflitos, defender seus direitos e abrir perspectivas para o futuro.

ESDRAS

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10

ESDRAS

I. VOLTA DO EXÍLIO E RECONSTRUÇÃO DO TEMPLO

1 *O renascimento da esperança* — ¹No primeiro ano do reinado de Ciro, rei da Pérsia, Javé, cumprindo o que tinha dito pelo profeta Jeremias, despertou a consciência de Ciro, rei da Pérsia, que proclamou por todo o império, a viva voz e por escrito, o seguinte: ²“Ciro, rei da Pérsia, decreta: Javé, o Deus do céu, entregou-me todos os reinos do mundo. Ele me encarregou de construir para ele um Templo em Jerusalém, na terra de Judá. ³Quem de vocês provém do povo dele? Que o seu Deus esteja com ele. Volte para Jerusalém, na terra de Judá, para reconstruir o Templo de Javé, o Deus de Israel. Ele é o Deus que reside em Jerusalém. ⁴Todos os sobreviventes, de todo lugar para onde tiverem imigrado, receberão da população local prata e ouro, bens e animais, além de ofertas espontâneas para o Templo de Deus, que está em Jerusalém”.

⁵Então todos os que se sentiram movidos por Deus — chefes de família de Judá e Benjamim, sacerdotes e levitas — puseram-se a caminho para reconstruir o Templo de Javé em Jerusalém. ⁶Os vizinhos lhes deram de tudo: prata e ouro, bens, animais e joias, além de ofertas espontâneas.

⁷O rei Ciro entregou também os objetos do Templo de Javé, que o rei Nabucodonosor tinha tirado de Jerusalém e colocado no templo do seu deus. ⁸Entregou esses objetos por intermédio do tesoureiro Mitrídates, que os contou todos diante de Sasabassar, príncipe de Judá. ⁹Eram trinta cálices de ouro, mil cálices de prata, vinte e nove facas, ¹⁰trinta copos de ouro, quatrocentos e dez copos de prata e mil outros objetos, ¹¹que davam no total cinco mil e quatrocentos objetos de ouro ou prata. Sasabassar levou tudo isso junto com os exilados que voltaram da Babilônia para Jerusalém. [1,1-11]

2 *Lista dos repatriados* — ¹Lista dos que pertenciam à província de Judá e que tinham sido exilados para a Babilônia, por Nabucodonosor, rei da Babilônia. Eles voltaram para Jerusalém e Judá, cada um para a sua cidade. ²Regressaram com Zorobabel, Josué, Neemias, Saraías, Raelaías, Naamani, Mardoqueu, Belsã, Mesfar, Beguai, Reum e Baana.

Lista dos homens do povo de Israel: ³Dois mil, cento e setenta e dois, da descendência de Faros. ⁴Trezentos e setenta e dois, da descendência de Safatias. ⁵Setecentos e setenta e cinco, da descendência de Area. ⁶Dois mil, oitocentos e doze, da descendência de Faat-Moab, ou seja, de Josué e de Joab. ⁷Mil, duzentos e cinquenta e quatro, da descendência de Elam. ⁸Novecentos e quarenta e cinco, da descendência de Zetua. ⁹Setecentos e sessenta, da descendência de Zacai. ¹⁰Seiscentos e quarenta e dois, da descendência de Bani. ¹¹Seiscentos e vinte e três, da descendência de Bebai. ¹²Mil, duzentos e vinte e dois, da descendência de Azgad. ¹³Seiscentos e sessenta e seis, da descendência de Adonicam. ¹⁴Dois mil e cinquenta e seis, da descendência de Beguai. ¹⁵Quatrocentos e cinquenta e quatro, da descendência de Adin. ¹⁶Noventa e oito, da descendência de Ater, isto é, de Ezequias. ¹⁷Trezentos e vinte e três, da descendência de Besai. ¹⁸Cento e doze, da descendência de Jora. ¹⁹Duzentos e vinte e três, da descendência de Hasum. ²⁰Noventa e cinco, da descendência de Gebar. ²¹Cento e vinte e três, da descendência de Belém. ²²Cinquenta e seis homens, de Netofa. ²³Cento e vinte e oito homens, de Anatot. ²⁴Quarenta e dois, da descendência de Azmot. ²⁵Setecentos e quarenta e três, da descendência de Cariat-Iarim, Cafira e Berot. ²⁶Seiscentos e vinte e um, da descendência de Ramá e Gaba. ²⁷Cento e vinte e dois homens, de Macmas. ²⁸Duzentos e vinte e três, de Betel e Hai. ²⁹Cinquenta e dois, da descendência de Nebo. ³⁰Cento e cinquenta e seis, da descendência de Megbis. ³¹Mil, duzentos e cinquenta e quatro, da descendência de outro Elam. ³²Trezentos e vinte, da descendência de Harim. ³³Setecentos e vinte e cinco, da descendência de Lod, Hadid e Ono. ³⁴Trezentos e quarenta e cinco, da descendência de Jericó. ³⁵E três mil, seiscentos e trinta, da descendência de Sanaá.

³⁶Regressaram os seguintes sacerdotes: novecentos e setenta e três, da descendência de Jedaías, da família de Josué. ³⁷Mil e cinquenta e dois, da descendência de Emer. ³⁸Mil, duzentos e quarenta e sete, da descendência de Fasur. ³⁹E mil e dezessete, da descendência de Harim.

⁴⁰Regressaram setenta e quatro levitas, da descendência de Josué e Cadmiel, filhos de Odovias.

⁴¹Cantores, descendentes de Asaf: cento e vinte e oito.

⁴²Da descendência de Selum, de Ater, de Telmon, de Acub, de Hatita e de

Sobai, famílias de porteiros: Cento e trinta e nove.

⁴³Regressaram também doados, das seguintes descendências: Sia, Hasufa, Tabaot, ⁴⁴Ceros, Siá, Fadon, ⁴⁵Lebana, Hagaba, Acub, ⁴⁶Hagab, Semlai, Hanã, ⁴⁷Cidel, Gaer, Raaías, ⁴⁸Rasin, Necoda, Gazam, ⁴⁹Uza, Fasea, Besai, ⁵⁰Asena, meunitas, nefusitas, ⁵¹Bacbuc, Hacufa, Harur, ⁵²Baslut, Maida, Harsa, ⁵³Bercos, Sísara, Tema, ⁵⁴Nasias e Hatifa.

⁵⁵Regressaram ainda descendentes dos escravos de Salomão, das seguintes famílias: Sotai, Soferet, Feruda, ⁵⁶Jaala, Darcon, Gidel, ⁵⁷Safatias, Hatil, Foqueret-Assebaim e Ami. ⁵⁸Os doados e os descendentes dos escravos de Salomão perfaziam um total de trezentas e noventa e duas pessoas.

⁵⁹Os que regressaram de Tel-Mela, Tel-Harsa, Querub, Adon e Emer, e não puderam provar que sua família era de origem israelita, são os seguintes: ⁶⁰Seiscentos e cinquenta e dois, da descendência de Dalaías, de Tobias e de Necoda, ⁶¹além do pessoal das famílias de sacerdotes, descendentes de Habias, de Acos e de Berzelai. Este último se casara com uma filha do galaadita Berzelai, do qual adotou o nome. ⁶²Todos esses procuraram o registro da sua genealogia, mas não encontraram. Foram, assim, excluídos do sacerdócio como impuros. ⁶³O governador deu ordem para eles não comerem dos alimentos sagrados, até aparecer um sacerdote que consultasse o *Urim* e o *Tumim*.

⁶⁴O grupo todo que se reuniu era de quarenta e duas mil, trezentas e sessenta pessoas, ⁶⁵sem contar os sete mil, trezentos e trinta e sete escravos e escravas. Entre eles havia duzentos cantores e cantoras. ⁶⁶Tinham setecentos e trinta e seis cavalos, duzentos e quarenta e cinco mulas, ⁶⁷quatrocentos e trinta e cinco camelos e seis mil, setecentos e vinte jumentos.

⁶⁸Vários chefes de família, ao chegarem ao Templo de Javé, que está em Jerusalém, fizeram suas ofertas espontâneas, para que o Templo fosse reconstruído no mesmo lugar. ⁶⁹Conforme cada um podia, deram para o tesouro do culto sessenta e uma mil dracmas de ouro, cinco mil minas de prata e cem túnicas sacerdotais.

⁷⁰Os sacerdotes, os levitas e parte do povo passaram a morar em Jerusalém, enquanto os cantores, porteiros e doados, com todos os israelitas, foram morar cada um na sua cidade. [2,1-70]

3 *Garantindo os próprios direitos* — ¹Quando chegou o sétimo mês, os israelitas já estavam em suas cidades, e todo o povo se reuniu em Jerusalém

como se fosse uma só pessoa. ²Então Josué, filho de Josedec, com seus irmãos sacerdotes, e Zorobabel, filho de Salatiel, e seus irmãos, começaram a reconstruir o altar do Deus de Israel, para nele oferecerem holocaustos, conforme está escrito na lei de Moisés, homem de Deus. ³Apesar do medo que tinham das populações locais, reconstruíram o altar no seu antigo lugar e, em cima dele, ofereceram a Javé holocaustos matutinos e vespertinos. ⁴Celebraram a festa das Tendas, conforme está determinado, e ofereceram holocaustos diários, de acordo com o número marcado para cada dia. ⁵Depois, além do holocausto permanente, ofereceram os holocaustos que estão previstos para os sábados e as luas-novas, para todas as festas consagradas a Javé e todos os sacrifícios espontâneos que cada um quisesse oferecer a Javé. ⁶No dia primeiro do sétimo mês, começaram a oferecer holocaustos em honra de Javé, apesar de não estarem ainda colocados os alicerces do santuário.

⁷Conforme a autorização de Ciro, rei da Pérsia, contrataram cortadores de pedra e carpinteiros. Deram provisões, bebidas e óleo aos sidônios e tírios para que transportassem madeira de cedro do Líbano até Jafa, por via marítima. ⁸Dois anos depois de ter chegado ao Templo de Deus em Jerusalém, Zorobabel, filho de Salatiel, e Josué, filho de Josedec, juntamente com seus irmãos sacerdotes e levitas e todos os que tinham voltado do cativeiro para Jerusalém, começaram a construção no segundo mês. Aos levitas com mais de vinte anos, eles confiaram a direção dos trabalhos de construção do Templo de Javé. ⁹Então Josué, com seus filhos e irmãos, Cadmiel com seus filhos, e Odovias com seus filhos, começaram a dirigir os operários que trabalhavam no Templo de Deus. ¹⁰Quando os pedreiros acabaram de fazer os alicerces do Templo de Javé, os sacerdotes, paramentados e com trombetas, e os levitas descendentes de Asaf, com címbalos, se apresentaram para louvar a Javé, conforme Davi, rei de Israel, tinha ordenado. ¹¹Louvaram e agradeceram a Javé, “porque ele é bom, porque o seu amor é para sempre” em favor de Israel. Todo o povo erguia fortes gritos, dando louvores a Javé, porque os alicerces do Templo de Javé tinham sido lançados. ¹²Enquanto isso, muitos sacerdotes e levitas, e também chefes de família mais velhos que tinham conhecido o Templo antigo, ao verem os alicerces do Templo atual, ficaram chorando alto, enquanto outros davam gritos de alegria. ¹³No meio do povo, ninguém conseguia distinguir entre os gritos de alegria e o clamor do choro, porque o povo vibrava em alvoroço, e de longe se ouvia o rumor. [3,1-13]

4 *Conflito de interesses* — ¹Os adversários de Judá e Benjamim ouviram falar que o pessoal vindo do exílio estava construindo o Templo de Javé, o Deus de Israel. ²Então foram procurar Zorobabel, Josué e os chefes de família. E lhes disseram: “Queremos colaborar com vocês na construção, porque nós buscamos o mesmo Deus que vocês e lhe oferecemos sacrifícios, desde que Asaradon, rei da Assíria, nos instalou aqui”. ³Zorobabel, Josué e os chefes de família de Israel responderam: “Não construiremos juntos o Templo do nosso Deus. Nós construiremos sozinhos um Templo para Javé, o Deus de Israel, pois foi isso que Ciro, rei da Pérsia, nos ordenou”. ⁴Então a população local começou a desmoralizar os judeus e a intimidá-los, para que interrompessem a construção. ⁵Subornaram conselheiros para que fizessem fracassar os projetos dos judeus; isso, durante todo o tempo de Ciro, até o reinado de Dario, rei da Pérsia. ⁶Logo no começo do reinado de Xerxes, a população local escreveu uma carta, acusando os habitantes de Judá e Jerusalém.

⁷No tempo de Artaxerxes, Mitrídates, Tabel e outros companheiros seus escreveram para Artaxerxes, rei da Pérsia, cartas contra Jerusalém. O texto do documento foi redigido em escrita e língua aramaicas. ⁸Depois, Reum, governador da Samaria, e o secretário Samsai, escreveram ao rei Artaxerxes, contra Jerusalém, uma carta nos seguintes termos: ⁹“O governador Reum, o secretário Samsai, colegas juizes, legados e funcionários persas, povo de Uruc, Babilônia, Susa, ou seja, Elam, ¹⁰e outros povos que o grande Assurbanipal deportou das suas terras e instalou nas cidades da Samaria e em outros lugares do lado ocidental do rio Eufrates”. E assim por diante.

¹¹O texto da carta que mandaram é o seguinte: “Ao rei Artaxerxes. Saudações da parte de seus súditos que moram no lado ocidental do rio Eufrates.

¹²Comunicamos ao rei que os judeus, vindos de junto de Vossa Majestade e que voltaram para Jerusalém, estão reconstruindo a cidade rebelde e perversa, estão consertando suas muralhas e já refizeram os alicerces. ¹³Que o rei tome conhecimento: se reconstruírem a cidade e consertarem as suas muralhas, eles nunca mais pagarão impostos, tributos e pedágio, e o rei ficaria prejudicado.

¹⁴Dado que nós vivemos às custas da coroa, não podemos tolerar essa ofensa ao rei. Por isso lhe comunicamos o que está acontecendo. ¹⁵Investiguem os Anais de seus predecessores, e o rei poderá ver que esta cidade é rebelde e causa prejuízo aos reis e províncias, e que dentro dela se pratica a subversão, desde os tempos mais antigos. Por isso é que esta cidade foi destruída. ¹⁶Queremos que o

rei saiba de uma coisa: se essa cidade for reconstruída e suas muralhas forem reformadas, ele perderá logo os territórios do lado de cá do rio Eufrates”.

¹⁷O rei mandou a seguinte resposta: “Saudações ao governador Reum, ao secretário Samsai e aos outros seus colegas que moram na Samaria e em todos os lugares do lado ocidental do rio Eufrates. ¹⁸Foi lida para mim uma tradução da carta que vocês me escreveram. ¹⁹Mandei investigar o caso, e de fato descobriram que essa cidade, desde os tempos mais antigos, se rebelava contra os reis e aí se praticava a revolta e a subversão. ²⁰Em Jerusalém, houve reis poderosos que dominaram toda a região do lado ocidental do rio Eufrates, cobrando impostos, tributos e pedágio. ²¹Ordenem, portanto, que esses homens sejam proibidos de reconstruir a cidade, até nova ordem. ²²Fiquem pois atentos, para não descuidarem de fazer isso, a fim de que o mal não cresça, nem venha a causar problemas para os reis”. ²³Logo que a carta do rei Artaxerxes foi lida diante do governador Reum, do secretário Samsai e dos outros seus colegas, eles correram para Jerusalém à procura dos judeus e, com a força das armas, fizeram que eles interrompessem os trabalhos. ²⁴Foi assim que os trabalhos de construção do Templo de Deus em Jerusalém foram interrompidos, e a construção ficou parada até o segundo ano de governo de Dario, rei da Pérsia. [4,1-24]

5 *Reconstrução e dedicação do Templo* — ¹Os profetas Ageu e Zacarias, filho de Ado, começaram a profetizar aos judeus de Judá e Jerusalém, falando em nome do Deus de Israel, que os inspirava. ²Nessa época, Zorobabel, filho de Salatiel, e Josué, filho de Josedec, começaram a reconstruir o Templo de Deus em Jerusalém, acompanhados e incentivados pelos profetas de Deus. ³Tatanai, porém, governador da região ocidental do rio Eufrates, juntamente com Setar-Buzanai e outros colegas seus, foram a eles e perguntaram: “Quem lhes deu permissão para reconstruir esse Templo e restaurar essas paredes? ⁴Como se chamam os homens responsáveis por essa construção?” ⁵Deus, porém, velava pelos anciãos dos judeus, que não se viram obrigados a interromper o trabalho, enquanto não chegasse a Dario um relatório e ele não mandasse uma ordem oficial sobre a questão.

⁶Texto da carta que Tatanai, governador da região ocidental do rio Eufrates, e Setar-Buzanai com outros colegas, autoridades da província, mandaram ao rei Dario. ⁷O relatório que mandaram dizia assim: “Saudações ao rei Dario. ⁸Saiba o rei que nós fomos ao distrito de Judá, ao Templo do grande Deus. O Templo

está sendo reconstruído em pedra talhada, as paredes são revestidas de madeira; trabalha-se com cuidado e a construção progride. ⁹Procuramos aqueles senhores e perguntamos quem lhes tinha dado ordens para reconstruir o Templo e restaurar suas paredes. ¹⁰Pedimos também o nome das pessoas e tomamos por escrito o nome dos chefes, para informar o rei. ¹¹Esta foi a resposta deles: Nós somos servidores do Deus do céu e da terra, e estamos reconstruindo um Templo que, no passado, esteve de pé por muitos anos, construído que foi por um grande rei de Israel, o qual levantou as paredes e fez o acabamento. ¹²Mas, como os nossos antepassados irritaram o Deus do céu, ele os entregou nas mãos do caldeu Nabucodonosor, rei da Babilônia, que destruiu o Templo e exilou o povo na Babilônia. ¹³Entretanto, no primeiro ano do seu reinado, o rei Ciro promulgou um decreto, mandando reconstruir este Templo de Deus. ¹⁴Até os objetos de ouro e prata que eram do Templo de Deus e que Nabucodonosor tinha tirado do Templo de Jerusalém para o templo da Babilônia, o rei Ciro retirou do templo da Babilônia e entregou a Sasabassar, a quem nomeou governador, ¹⁵dizendo-lhe: Pegue esses objetos, coloque-os no Templo de Jerusalém e reconstrua o Templo de Deus no mesmo lugar. ¹⁶Sasabassar veio e lançou os alicerces do Templo de Deus em Jerusalém. Desde aquela época até agora, o Templo está sendo reconstruído, mas ainda não o terminamos.

¹⁷Portanto, se o rei achar conveniente, que se faça uma pesquisa nos arquivos reais da Babilônia, para ver se é verdade que o rei Ciro mandou reconstruir o Templo de Deus em Jerusalém. Depois, comuniquem a nós a decisão do rei”.

6¹Em vista disso, o rei Dario mandou investigar o tesouro da Babilônia, que também servia de arquivo. ²Verificou-se, então, que em Ecbátana, fortaleza da província da Média, havia um rolo onde estava escrito o seguinte: ³“Memorando. No primeiro ano de seu governo, o rei Ciro promulgou o seguinte decreto: Templo de Deus em Jerusalém. O Templo deverá ser reconstruído para ser um lugar onde se ofereçam sacrifícios, e seus alicerces devem ser restaurados. O templo terá trinta metros de altura e trinta de largura. ⁴Terá três fileiras de pedras talhadas e uma fileira de madeira. A despesa correrá por conta do palácio do rei. ⁵Também os objetos de ouro e prata do Templo de Deus, retirados do Templo de Jerusalém por Nabucodonosor e trazidos para a Babilônia, serão devolvidos. Desse modo, tudo voltará ao seu lugar no santuário de Jerusalém, e será colocado no Templo de Deus”.

⁶“Agora, pois, Tatanai, governador da região ocidental do rio Eufrates, junto

com Setar-Buzanai e os colegas e autoridades do território ocidental do Eufrates, afastem-se de lá. ⁷Deixem o governador de Judá e os anciãos dos judeus trabalhar no Templo de Deus. Eles podem reconstruir o Templo de Deus no seu antigo lugar. ⁸A respeito do trabalho que os anciãos dos judeus estão executando na reconstrução do Templo de Deus, ordeno que se pague tudo o que esses homens gastarem, pontualmente e sem interrupção, usando para isso as rendas reais dos impostos recolhidos na região ocidental do rio Eufrates. ⁹Todos os dias, sem falta, seja fornecido a eles o necessário para os holocaustos em honra do Deus do céu, isto é, bezerros, carneiros e cordeiros, e também trigo, sal, vinho e óleo, conforme os sacerdotes de Jerusalém pedirem. ¹⁰Desse modo, eles poderão oferecer ao Deus do céu sacrifícios de odor agradável. E que eles rezem pela vida do rei e de seus filhos. ¹¹Se alguém desrespeitar o que está nesta carta, ordeno que seja tirada de sua própria casa uma viga de madeira, que será fincada no chão, para que a pessoa seja nela enforcada. Depois, transformem a casa dessa pessoa num monte de ruínas. ¹²E o Deus que aí fez habitar o seu Nome, destrua todo rei e todo o povo que ouse modificar ou destruir o Templo de Deus em Jerusalém. Eu, Dario, dei esta ordem. Que seja fielmente cumprida”.

¹³Tatanai, governador da região ocidental do rio Eufrates, com Setar-Buzanai e os seus colegas, fizeram tudo exatamente como o rei Dario tinha mandado. ¹⁴Os anciãos dos judeus puderam, então, levar avante a construção. Tudo correu bem, graças ao incentivo das palavras inspiradas dos profetas Ageu e Zacarias, filho de Ado. Terminaram a construção conforme a ordem do Deus de Israel e segundo o decreto de Ciro, Dario e Artaxerxes, reis da Pérsia. ¹⁵Terminaram a construção no dia três do mês de Adar, no sexto ano do reinado de Dario.

¹⁶Cheios de alegria, os israelitas, ou seja, sacerdotes, levitas e outros repatriados, celebraram a dedicação do Templo de Deus. ¹⁷Nessa ocasião, ofereceram em sacrifício cem bezerros, duzentos carneiros, quatrocentos cordeiros e, como sacrifício pelo pecado de todo o Israel, doze bodes, de acordo com o número das tribos de Israel. ¹⁸Estabeleceram também os sacerdotes, divididos conforme suas classes, e os levitas, segundo seus turnos, para servirem no culto de Deus em Jerusalém, como manda a Lei de Moisés. [5,1-6,18]

Marco de um novo tempo — ¹⁹Os repatriados celebraram a Páscoa no dia catorze do primeiro mês. ²⁰Os levitas se haviam purificado em conjunto; por isso estavam puros. Então imolaram a Páscoa para todos os repatriados, para seus irmãos sacerdotes e para si próprios. ²¹Comeram a Páscoa os israelitas que

tinham voltado do exílio e todos os que evitaram contaminar-se com a população local e que se uniram aos israelitas para aderir a Javé, o Deus de Israel. ²²Durante sete dias, celebraram alegremente a festa dos Pães sem fermento. Festejaram a Javé, porque Javé, mudando a atitude do rei da Assíria, lhes deu forças para trabalhar no Templo do Deus de Israel. [\[6,19-22\]](#)

II. A REFORMA DE ESDRAS

7 *A lei de Javé é a lei do rei* — ¹Anos mais tarde, durante o reinado de Artaxerxes, rei da Pérsia, Esdras partiu da Babilônia. Ele era filho de Saraías, filho de Azarias, filho de Helcias, ²filho de Selum, filho de Sadoc, filho de Aquitob, ³filho de Amarias, filho de Azarias, filho de Maraiot, ⁴filho de Zaraías, filho de Ozi, filho de Boci, ⁵filho de Abisue, filho de Fineias, filho de Eleazar, que era filho do sumo sacerdote Aarão. ⁶Esdras era um escriba especialista na lei de Moisés, dada por Javé, o Deus de Israel. A mão de Deus estava com ele e por isso o rei lhe concedeu tudo o que ele pediu. ⁷No sétimo ano do reinado de Artaxerxes, voltaram também para Jerusalém muitos israelitas sacerdotes, levitas, cantores, porteiros e doados. ⁸Esdras chegou a Jerusalém no quinto mês do sétimo ano do reinado de Artaxerxes. ⁹Esdras saiu da Babilônia no dia primeiro do primeiro mês, e chegou a Jerusalém no dia primeiro do quinto mês. A mão bondosa do seu Deus estava sobre ele, ¹⁰porque Esdras se havia dedicado a estudar a Lei de Javé, a fim de praticar e ensinar seus estatutos e normas em Israel.

¹¹Texto da carta que o rei Artaxerxes entregou ao sacerdote-escriba Esdras, especialista nos mandamentos de Javé e nos estatutos que ele deu para Israel: ¹²“Artaxerxes, rei dos reis, deseja toda a paz a Esdras, sacerdote e doutor na lei do Deus do céu. ¹³Determino que podem ir com você israelitas, incluindo sacerdotes e levitas, que se encontram no meu reino e desejam voltar para Jerusalém. ¹⁴O rei e seus sete conselheiros enviam você para verificar como está sendo cumprida em Judá e Jerusalém a lei do seu Deus, a qual está em suas mãos. ¹⁵E você levará também a prata e o ouro que o rei e seus conselheiros oferecem para o Deus de Israel que mora em Jerusalém, ¹⁶e ainda todo ouro e prata que você receber em toda a província da Babilônia, além dos donativos espontâneos que o povo e os sacerdotes oferecem para o Templo do seu Deus em Jerusalém. ¹⁷Com esse dinheiro, você comprará bezerros, carneiros e cordeiros, bem como as oblações e libações que os acompanham, e os oferecerá no altar do Templo do seu Deus em Jerusalém. ¹⁸E o que sobrar da prata e do ouro, empreguem tudo como você e seus irmãos acharem melhor, de acordo com a vontade do Deus de vocês. ¹⁹Os objetos do culto do Templo de Deus que lhe foram entregues, você os levará de volta para o lugar da presença do seu Deus

em Jerusalém. ²⁰Tudo o mais que for necessário para o Templo do seu Deus, e que ainda ficaria para você arrumar, tudo lhe será fornecido pelo tesouro do rei. ²¹Eu mesmo, o rei Artaxerxes, determino a todos os tesoureiros da região do lado ocidental do rio Eufrates: Façam tudo o que lhes pedir o sacerdote Esdras, doutor da lei do Deus do céu, ²²até o limite de três mil e quatrocentos quilos de prata, cem sacos de trigo, cem barris de vinho, cem de azeite e sal à vontade. ²³Façam exatamente tudo o que o Deus do céu ordenar em relação ao seu Templo, para que a ira dele não caia sobre o império deste rei e de seus filhos. ²⁴Faço também saber que nenhum imposto, tributo ou pedágio deverá ser cobrado dos sacerdotes, levitas, cantores, porteiros, doados, enfim, de todos os que servem no Templo de Deus. ²⁵Quanto a você, Esdras, de acordo com a sabedoria do seu Deus, a qual você tem nas mãos, nomeie magistrados e juízes, que apliquem a justiça para todo o povo do lado ocidental do rio Eufrates, para todos os que conhecem a lei do seu Deus. E a ensine para os que não a conhecem. ²⁶Quem não obedecer a lei do seu Deus, que é a lei do rei, será castigado rigorosamente, com morte ou exílio, multa ou prisão”. [7,1-26]

Um novo êxodo — ²⁷Seja bendito Javé, o Deus de nossos antepassados, que abriu o coração do rei para honrar o Templo de Javé em Jerusalém, ²⁸e que me concedeu o favor do rei, de seus conselheiros e de todas as autoridades militares. Fiquei, assim, cheio de coragem, porque senti que estava comigo a força de Javé, meu Deus. Então reuni alguns chefes de Israel para me acompanhar na viagem.

8¹Lista dos chefes de família — cada qual com a sua genealogia — que voltaram comigo da Babilônia durante o reinado de Artaxerxes: ²Descendente de Fineias: Gersam. Descendente de Itamar: Daniel. Descendente de Davi: Hatus, ³filho de Sequenias. Descendente de Faros: Zacarias (com quem estavam registrados cento e cinquenta homens). ⁴Descendente de Faat-Moab: Elioenai, filho de Zaraías, e mais duzentos homens. ⁵Descendente de Zetua: Sequenias, filho de Jaaziel, e mais trezentos homens. ⁶Descendente de Adin: Abed, filho de Jônatas, e mais cinquenta homens. ⁷Descendente de Elam: Isaías, filho de Atalia, e mais setenta homens. ⁸Descendente de Safatias: Zebedias, filho de Miguel, e mais oitenta homens. ⁹Descendente de Joab: Abdias, filho de Jaiel, e mais duzentos e dezoito homens. ¹⁰Descendente de Bani: Salomit, filho de Josfias, mais cento e sessenta homens. ¹¹Descendente de Bebai: Zacarias, filho de Bebai,

e mais vinte e oito homens. ¹²Descendente de Azgad: Joanã, filho de Ectã, e mais cento e dez homens. ¹³Descendentes de Adonicam: os mais novos, cujos nomes são: Elifalet, Jeiel e Semeías, e mais sessenta homens. ¹⁴Descendente de Beguai: Utai, filho de Zabud, e mais setenta homens.

¹⁵Reuni todo esse pessoal à margem do rio que desce para Aava e aí acampamos por três dias. Consegui descobrir gente do povo e sacerdotes, mas não encontrei nenhum levita. ¹⁶Então mandei procurar Eliezer, Ariel, Semeías, Elnatã, Jarib, Elnatã, Natã, Zacarias e Mosolam, homens sábios, ¹⁷e os mandei para Ado, que era chefe do lugar chamado Casfia, dando-lhes um recado que iriam transmitir a Ado e seus irmãos, residentes em Casfia: pedi que nos mandassem ministros para o Templo do nosso Deus. ¹⁸Dado que a mão bondosa de Javé estava conosco, eles nos mandaram Serebias, homem equilibrado, filho de Mooli e descendente de Levi, filho de Israel. Ele com seus filhos e irmãos somavam o total de dezoito homens. ¹⁹Mandaram também Hasabias e Isaías, da família de Merari. Os dois irmãos com seus filhos somavam vinte homens. ²⁰Mandaram ainda duzentos e vinte doados, daqueles que Davi e os chefes tinham colocado a serviço dos levitas. Todos foram registrados nominalmente. ²¹Junto ao rio Aava, proclamei um jejum como penitência diante do nosso Deus, a quem pedimos uma boa viagem para nós, para nossas crianças e todos os nossos bens. ²²Ficamos com vergonha de pedir ao rei uma escolta e cavalaria para nos proteger de inimigos, durante a viagem. Ao contrário, tínhamos declarado ao rei: “Nosso Deus protege aqueles que o servem, mas o poder e a ira dele recaem sobre todos aqueles que o abandonam”. ²³Então jejuamos e suplicamos ao nosso Deus nessa intenção. E ele nos ouviu.

²⁴Escolhi doze chefes dos sacerdotes, que eram Serebias e Hasabias, com mais dez de seus irmãos. ²⁵Pesei diante deles a prata, o ouro e os objetos preciosos que o rei, seus conselheiros, príncipes e todos os israelitas, que lá estavam, tinham oferecido para o Templo do nosso Deus. ²⁶Pesei e entreguei a eles vinte e dois mil quilos de prata, com objetos de prata pesando sessenta e oito quilos, três mil e quatrocentos quilos de ouro, ²⁷vinte taças de ouro valendo mil dáricos, e dois vasos de bronze fino dourado, preciosos como se fossem de ouro. ²⁸Depois eu disse a eles: “Vocês são consagrados a Javé. Também os objetos são sagrados. Esta prata e este ouro foram entregues a Javé, o Deus dos antepassados de vocês. ²⁹Tenham, portanto, muito cuidado e guardem bem todas essas coisas, até poderem pesá-las diante dos chefes dos sacerdotes, dos levitas e dos chefes

de famílias de Israel, em Jerusalém, nas salas do Templo de Javé”. ³⁰Os sacerdotes e levitas assumiram a responsabilidade pela prata, pelo ouro e pelos objetos que lhes foram entregues para serem levados ao Templo do nosso Deus em Jerusalém.

³¹No dia doze do primeiro mês, deixamos o rio Aava e partimos para Jerusalém. Nosso Deus nos protegeu durante a viagem e nos livrou de inimigos e assaltantes. ³²Tendo chegado a Jerusalém, descansamos três dias. ³³No quarto dia, a prata, o ouro e os objetos foram pesados no Templo do nosso Deus e entregues ao sacerdote Meremot, filho de Urias, ajudado por Eleazar, filho de Fineias, e pelos levitas Jozabad, filho de Josué, e Nodaías, filho de Benui. ³⁴A quantidade e o peso estavam certos, e o peso total foi registrado.

³⁵Os exilados, que tinham voltado do cativeiro, ofereceram holocaustos ao Deus de Israel: doze bezerros por todo o Israel, noventa e seis carneiros, setenta e dois cordeiros, e doze bodes como sacrifício pelo pecado. Tudo foi queimado sobre o altar em honra de Javé.

³⁶Mais tarde, entregaram os decretos do rei aos sátrapas e governadores da região do lado ocidental do rio Eufrates. Eles então passaram a dar apoio ao povo e ao Templo de Deus. [7,27-8,36]

9 *Medida drástica contra os matrimônios mistos* — ¹Depois disso, os chefes me procuraram e disseram: “O povo de Israel, os sacerdotes e os levitas cometeram as mesmas abominações que a população local, formada de cananeus, heteus, ferezeus, jebuseus, amonitas, moabitas, egípcios e amorreus: ²eles e seus filhos se casaram com mulheres estrangeiras, e a raça santa misturou-se com a população local. Os chefes e os magistrados foram os primeiros a praticar essa infidelidade”.

³Ao receber essa notícia, rasguei as roupas e o manto, arranquei os cabelos da cabeça e da barba e me sentei desolado. ⁴Todos os que respeitavam a lei do Deus de Israel reuniram-se comigo, por causa da infidelidade dos repatriados. Fiquei sentado e angustiado até a hora da oblação da tarde. ⁵Na hora da oblação da tarde, levantei-me da minha desolação e, com a roupa e o manto rasgados, caí de joelhos e levantei as mãos para Javé, meu Deus, ⁶e disse: “Meu Deus, eu estou envergonhado e sem jeito de levantar o rosto para ti, porque os nossos pecados ultrapassam nossa cabeça, e a nossa culpa chega até o céu. ⁷Desde o tempo de nossos antepassados até hoje, uma grande culpa pesa sobre nós: por causa dos nossos pecados, nós, nossos reis e nossos sacerdotes, fomos todos entregues em

mãos dos reis de outros países, fomos vítimas da espada, do exílio, do saque e da vergonha. E essa é a situação atual. ⁸Agora, porém, o nosso Deus Javé nos concedeu um momento de graça, deixando-nos um resto de sobreviventes e nos abrigando em seu lugar santo. Desse modo, o nosso Deus dá brilho aos nossos olhos, e nós sentimos um pouco de vida no meio da escravidão. ⁹Éramos escravos, mas o nosso Deus não nos abandonou na escravidão. Ao contrário, deu-nos o favor dos reis da Pérsia, e nos concedeu vida para reconstruirmos o Templo do nosso Deus e restaurarmos suas ruínas. Ele nos deu assim um abrigo em Judá e Jerusalém.

¹⁰Mas agora, Deus nosso, o que podemos dizer depois disso? Abandonamos os mandamentos ¹¹que nos deste por meio dos teus servos, os profetas, dizendo: ‘A terra que vocês vão possuir é uma terra impura, por causa da imundície da população local e das abominações com que a encheram de um extremo a outro com suas impurezas. ¹²Portanto, não entreguem suas filhas aos filhos deles, nem casem seus filhos com as filhas deles. Não contribuam para a prosperidade e o bem-estar deles. Desse modo, vocês se tornarão fortes, comerão os frutos da terra e a deixarão como herança aos filhos de vocês para sempre’.

¹³Depois de tudo o que nos aconteceu por causa do mal que praticamos e por causa dos nossos grandes crimes, tu, nosso Deus, ainda nos poupaste. Não levaste em consideração os nossos pecados, e deixaste este grupo sobreviver. ¹⁴Será que ainda assim poderíamos violar teus mandamentos e nos aliar a esta gente abominável? Não te irritarás contra nós até acabar com tudo, sem deixar um resto de vida? ¹⁵Javé, Deus de Israel, este resto, que hoje continua vivo, é uma prova de que tu és justo! Estamos diante de ti como réus, porque não podemos ficar em tua presença depois do que aconteceu!”

10¹Enquanto Esdras rezava e fazia essa confissão, chorando e prostrado diante do Templo de Deus, foi-se reunindo em torno dele uma grande multidão de israelitas, homens, mulheres e crianças, todos chorando sem parar. ²Então Sequenias, filho de Jaiel, descendente de Elam, disse a Esdras: “Fomos infiéis ao nosso Deus, casando-nos com mulheres estrangeiras, tomadas da população local. Apesar disso, ainda há esperança para Israel. ³Nós nos comprometemos, com o nosso Deus, a despedir todas as mulheres estrangeiras e os filhos que tivemos com elas, conforme o conselho do meu senhor e dos que observam o mandamento do nosso Deus. Que a lei seja cumprida! ⁴Levante-se, porque este assunto compete a você. Estamos do seu lado. Coragem e mãos à

obra!”

⁵Esdras se levantou e convidou os chefes dos sacerdotes e dos levitas, e todo o Israel, a jurar que agiriam conforme o que fora dito. E eles juraram. ⁶Então Esdras saiu do Templo de Deus e foi ao aposento de Joanã, filho de Eliasib, onde pernoitou. Ficou sem comer e sem beber, porque estava de luto por causa da infidelidade dos repatriados. ⁷Proclamaram, em Judá e Jerusalém, que todos os repatriados se reunissem em Jerusalém. ⁸Quem não comparecesse dentro de três dias, conforme a orientação dos chefes e dos anciãos, teria seus bens confiscados para Javé e seria expulso da comunidade dos repatriados. ⁹No terceiro dia, todos os homens de Judá e de Benjamim estavam reunidos em Jerusalém. Era o dia vinte do nono mês. Todo o povo estava na praça do Templo de Deus, tremendo por causa do assunto e porque chovia forte. ¹⁰Então Esdras se levantou e declarou: “Vocês foram infiéis ao se casarem com mulheres estrangeiras, agravando a culpa de Israel. ¹¹Agora, confessem isso a Javé, o Deus de seus antepassados, cumpram a vontade dele, e separem-se da população local e das mulheres estrangeiras”. ¹²Toda a comunidade respondeu em alta voz: “Faremos o que você está dizendo. ¹³No entanto, somos muitos, é tempo de chuva e ninguém aguenta ficar ao relento. O problema não se resolve num dia ou dois, porque somos muitos que cometemos essa rebeldia. ¹⁴Seria melhor que os nossos chefes representassem toda a comunidade. Todo aquele que, em qualquer de nossas cidades, tiver se casado com mulher estrangeira, virá aqui na data marcada, acompanhado dos anciãos e dos juízes de sua cidade, até que afastemos a ira de nosso Deus, que provocamos com esse comportamento”.

¹⁵Só Jônatas, filho de Asael, e Jaasias, filho de Tícua, ficaram contra a proposta, e foram sustentados por Mosolam e pelo levita Sebetai. ¹⁶Os repatriados, porém, agiram conforme a proposta. O sacerdote Esdras escolheu alguns chefes de família, um por família, designados nominalmente. No dia primeiro do décimo mês, começaram a examinar os casos ¹⁷e, no dia primeiro do primeiro mês, terminaram todos os processos dos homens que haviam se casado com mulheres estrangeiras. [9,1-10,17]

O “pecado” que todos estavam cometendo — ¹⁸Descobriu-se que os seguintes sacerdotes tinham se casado com mulheres estrangeiras: Maasias, Eliezer, Jarib e Godolias, que eram filhos de Josué, filho de Josedec, e dos irmãos de Josué.

¹⁹Eles se comprometeram a mandar embora suas mulheres e a oferecer um

carneiro em reparação pelo pecado. ²⁰Outros sacerdotes que tinham mulheres estrangeiras: Hanani e Zabadias, descendentes de Emer. ²¹Maasias, Elias, Semeías, Jaiel e Ozias, descendentes de Harim. ²²Elioenai, Maasias, Ismael, Natanael, Jozabad e Elasa, descendentes de Fasur. ²³Entre os levitas: Jozabad, Semei, Celaías ou Calita, Petaías, Judá e Eliezer. ²⁴Entre os cantores: Eliasib e Zacur. Entre os porteiros: Selum, Telém e Uri. ²⁵Entre os israelitas: Remeías, Jezias, Melquias, Miamin, Eleazar, Melquias e Banaías, descendentes de Faros. ²⁶Matanias, Zacarias, Jaiel, Abdi, Jerimot e Elias, descendentes de Elam. ²⁷Elioenai, Eliasib, Matanias, Jerimot, Zabad e Aziza, descendentes de Zetua. ²⁸Joanã, Hananias, Zabai e Atlai, descendentes de Bebai. ²⁹Mosolam, Meluc, Adaías, Jasub, Saal e Jerimot, descendentes de Beguai. ³⁰Ednas, Calal, Banaías, Maasias, Matanias, Beseleel, descendentes de Faat-Moab. ³¹Eliezer, Jesias, Melquias, Semeías, Simeão, ³²Benjamim, Meluc e Semerias, descendentes de Harim. ³³Matanai, Matatias, Zabad, Elifalet, Jermai, Manassés e Semei, descendentes de Hasum. ³⁴Maadai, Amram, Joel, ³⁵Banaías, Badaías, Quelias, ³⁶Vanias, Meremot, Eliasib, ³⁷Matanias, Matanai e Jasi, descendentes de Bani. ³⁸Semei, ³⁹Selemias, Natã e Adaías, descendentes de Benui. ⁴⁰Sisai, Sarai, ⁴¹Azareel, Selemias, Semerias, ⁴²Selum, Amarias e José, descendentes de Zacai. ⁴³Jeiel, Matatias, Zabad, Zabina, Jedu, Joel e Banaías, descendentes de Nebo. ⁴⁴Todos eles tinham se casado com mulheres estrangeiras, e se separaram das mulheres e dos filhos. [10,18-44]

NOTAS

[1,1-11] O exílio na Babilônia terminou em 538 a.C. com o edito de Ciro (vv. 2-4). Os persas seguiam uma política de tolerância e respeito para com os costumes e a religião dos povos dominados, que continuavam politicamente dependentes e deviam pagar tributo.

Os vv. 4-6 relembram Ex 3,21-22; 11,2-3; 12,35-36 (cf. notas). Esses versículos mostram que o “auxílio” prestado pelos estrangeiros funcionava como *indenização* pelo trabalho no exílio. A devolução dos objetos do Templo estimula a volta ao culto de Javé. Sasabassar é provavelmente filho do rei Jeconias (cf. 2Rs 25,27-30 e nota).

A volta para a terra e a possibilidade de retornar ao projeto de Javé são passos

importantes para continuar a luta pela vida e liberdade.

[2,1-70] O texto é uma espécie de recenseamento dos grupos que voltaram do exílio numa caravana posterior à mencionada no capítulo 1. Os “doados” eram o grupo que fazia os trabalhos mais humildes no Templo (cf. Js 7,15-27 e nota). Os vv. 59-63 mostram que a comunidade pós-exílica se constitui a partir do critério de raça. Sobre isso, porém, leiam-se os livros de Rute e Jonas.

[3,1-13] Quem recebeu a missão de reconstruir o Templo e reorganizar o culto foi Sasabassar (5,13-16; 6,3-5). Mas o sumo sacerdote Josué e Zorobabel é que realizaram a obra (5,2). Os repatriados sofrem a hostilidade das populações vizinhas, que se estabeleceram em Judá e que agora temem perder seus direitos (cf. 4,1-5). Mesmo com a situação precária do Templo e com a dificuldade frente aos outros moradores da região, o culto de Javé é retomado e os sacrifícios já começam a ser oferecidos regularmente. Desse modo, os judeus, apoiados pela política persa, procuram garantir a recuperação do seu antigo território.

[4,1-24] A reconstrução do Templo por judeus repatriados conflita com os interesses da população local, formada de judeus pobres, que continuaram na Palestina durante a época do exílio (cf. 2Rs 25,12) e de samaritanos. Estes últimos eram resultado de uma mistura de israelitas com gente provinda de outros países (cf. 2Rs 17,24-41).

Por ocasião do exílio, os judeus pobres e os samaritanos ocuparam as propriedades de judeus exilados que, ao voltar, constituem ameaça para essa população local. Esta, num primeiro tempo, se propõe conciliatoriamente a colaborar na reconstrução do Templo, o que de certa forma lhes asseguraria a situação. Os repatriados recusam, valendo-se da vantagem que o rei persa lhes concedia.

O texto é complexo. Entre o v. 4 e o v. 24, foram inseridas duas cartas que se adaptam bem ao contexto. Mas, na realidade, elas se referem a acontecimentos posteriores (reconstrução da muralha em 445 a.C.). Os dois grupos conflitantes recorrem ao poder imperial para assegurar cada um os seus direitos.

[5,1-6,18] Após anos de interrupção, a reconstrução do Templo é retomada em 520 a.C., graças ao encorajamento dos profetas Ageu e Zacarias (cf. livros de Ageu e Zacarias). A nova tentativa dos samaritanos para impedir a obra acaba por surtir o efeito contrário: o Templo é reconstruído e o grupo de repatriados celebra em 515 a.C. a festa da dedicação, religando-se assim à tradição do

passado.

[6,19-22] A celebração da Páscoa, segundo o Êxodo, marcava o nascimento do povo de Javé e a abertura do tempo da liberdade. Sua celebração, em 515 a.C., marca um novo início na história desse povo. Depois de 50 anos de exílio e vinte anos de dificuldades com a população local, os judeus repatriados agora têm assegurado um novo ponto de coesão: o Templo. Ao mesmo tempo, é colocado um critério para pertencer à comunidade, e isso provocará sérias consequências.

[7,1-26] Esdras foi para Jerusalém depois que Neemias reconstruiu a muralha e reorganizou a comunidade judaica (cf. notas em Ne 1-2), provavelmente inspirado na ideologia social dos levitas, conservada na literatura deuteronomica (Dt, Js, Sm, Rs). A ação de Neemias parece não ter agradado aos persas, que temiam pela segurança na fronteira sudoeste, passagem importante para o Egito e a Grécia.

É nesse contexto que devemos avaliar a missão de Esdras. Ele é sacerdote, versado na Lei (Pentateuco). Graças à confiança do soberano persa, ele se torna delegado do rei para reorganizar a comunidade judaica dentro de um esquema religioso centrado apenas no culto. De fato, a missão de Esdras era mais interessante à política persa, pois a comunidade judaica se tornaria independente no campo religioso, mas continuaria politicamente dependente do império (a Lei de Javé é a Lei do rei — v. 26). Essa política assegurava não só a dependência de Judá, mas também a segurança no limite sudoeste do império.

[7,27-8,36] O texto se apresenta como relato do próprio Esdras. Note-se que a lista coloca em primeiro lugar os sacerdotes, depois os descendentes de Davi e, por fim, os leigos. O Cronista, porém, que é levita, remodelou o texto e acrescentou os versículos 15-20, fazendo os levitas tomarem parte nessa espécie de “êxodo” protegido por Javé (vv. 21-23.31). Desse modo, notamos que o Cronista tem a preocupação de equilibrar o poder sacerdotal, ligado aos dominadores, com a função dos levitas, que representavam os anseios do povo. (Cf. Introdução a Crônicas e a Esdras e Neemias).

[9,1-10,17] Temos aqui o início do movimento que culminará com a estruturação da comunidade judaica e, portanto, do que se costuma chamar *judaísmo*. Esdras usa o matrimônio como critério para separar definitivamente a comunidade dos repatriados da população local. Esta era formada de judeus que não estiveram no exílio e que se misturaram com elementos de povos vizinhos

(samaritanos, moabitas, edomitas e outros). Desse modo, o conflito latente desde a chegada dos repatriados (cf. 3,3; 4,1ss) se manifestou de maneira permanente. Não faltaram vozes de protesto (10, 15), mas a maioria dos repatriados concordou com Esdras.

A proibição de casamentos mistos apoiou-se numa nova interpretação de Ex 34,15-16; Dt 7,1-4. A medida tomada foi brutal e desumana. Provavelmente havia interesses econômicos em jogo, pois a classe ligada ao Templo se mantinha com recursos dos cofres reais da Pérsia (7,20-23) e gozava da isenção de impostos, tributos e pedágio (7,24). Além disso, Esdras podia dispor de um excedente (7,18) que seria revertido provavelmente para os que estivessem de acordo com as disposições legais.

A medida tomada por Esdras evitava que se desintegrasse a comunidade dos repatriados. No entanto, a tornava econômica e politicamente dependente do governo persa.

[10,18-44] A lista é limitada e, provavelmente, só pretende citar os nomes mais importantes. Podemos perceber que todos os grupos (sacerdotes, levitas, cantores, porteiros e leigos) contraíram matrimônios com mulheres estrangeiras. Isso denota que a tendência dos repatriados era de se misturar com a população local. Podemos dizer, portanto, que a atitude de Esdras demonstra uma intervenção direta da política persa na vida normal dos repatriados.

NEEMIAS

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13

NEEMIAS

I. RECONSTRUÇÃO DE JERUSALÉM

1 *A solidariedade desacomoda* — ¹Memórias de Neemias, filho de Hacalias. No mês de Casleu do vigésimo ano, eu estava na fortaleza de Susa, ²quando chegou meu irmão Hanani com alguns homens de Judá. Pedi logo notícias dos judeus repatriados, e também de Jerusalém. ³Eles me disseram: “Os sobreviventes do exílio estão lá, na província, em situação muito miserável e vergonhosa. As muralhas de Jerusalém estão em ruínas e suas portas foram devoradas pelo fogo”. ⁴Ao ouvir tais notícias, sentei-me, chorei e fiquei de luto vários dias, jejuando e rezando ao Deus do céu. ⁵Eu disse: “Javé, Deus do céu, Deus grande e terrível, fiel à aliança e misericordioso com aqueles que te amam e observam teus mandamentos! ⁶Estejam teus ouvidos atentos e teus olhos abertos para atender à súplica do teu servo. Dia e noite eu suplico a ti em favor dos israelitas, teus servos, confessando os pecados que nós, israelitas, cometemos contra ti. Também eu e a família do meu pai pecamos! ⁷Nós agimos muito mal contigo, e não guardamos os mandamentos, estatutos e normas que transmitiste ao teu servo Moisés. ⁸Lembra-te, porém, do que disseste ao teu servo Moisés: ‘Se vocês forem infiéis, vou espalhá-los entre as nações. ⁹Contudo, se vocês voltarem para mim e observarem e colocarem em prática os meus mandamentos, mesmo que seus exilados estejam espalhados pelos confins do mundo, eu os recolherei de lá e os reconduzirei ao lugar que escolhi para nele fazer habitar o meu Nome’.

¹⁰Eles são teus servos e teu povo. Tu os resgataste com grande poder e mão forte! ¹¹Que os teus ouvidos, Senhor, estejam atentos à súplica do teu servo e dos outros servos teus, que desejam temer o teu Nome! Faze, então, que eu tenha sucesso e possa conquistar a boa vontade deste homem!”

Eu era, então, copeiro do rei.

2 ¹No mês de Nisã do vigésimo ano do reinado de Artaxerxes, como era eu o responsável pela bebida, peguei o vinho e fui servir ao rei. Eu nunca me apresentara triste na presença dele. ²Então o rei me perguntou: “Por que você está com o rosto abatido? Você não está doente, mas tem o coração angustiado”. Eu me assustei, ³mas respondi ao rei: “Viva o rei para sempre! Como não iria

ficar triste, quando a cidade onde estão enterrados os meus antepassados está em ruínas e suas portas devoradas pelo fogo?” ⁴O rei então me disse: “O que você gostaria de fazer?” Rezei ao Deus do céu, ⁵e respondi: “Se Vossa Majestade concorda e está satisfeito com o seu servo, deixe-me ir para Judá, a fim de reconstruir a cidade onde estão enterrados os meus antepassados”. ⁶O rei e a rainha, que estava sentada ao lado dele, me perguntaram: “Quanto tempo vai durar a sua viagem? Quando voltará?” Marquei uma data. O rei concordou e me deixou ir. ⁷Então acrescentei: “Se Vossa Majestade estiver de acordo, dê-me cartas de recomendação para os governadores da região ocidental do rio Eufrates, a fim de que me facilitem a viagem até Judá. ⁸Dê-me também uma carta para Asaf, guarda do parque florestal do rei, a fim de que ele me forneça a madeira necessária para reformar as portas da fortaleza do Templo, as portas da muralha e também a casa onde vou morar”. O rei me deu as cartas, porque a mão bondosa do meu Deus estava do meu lado.

⁹Cheguei até os governadores da região ocidental do rio Eufrates, e apresentei as cartas do rei. E o rei me concedeu também uma escolta formada por oficiais e cavaleiros do exército.

¹⁰Quando o horonita Sanabalat e o ministro amonita Tobias souberam da minha chegada, ficaram aborrecidos porque alguém chegava para trabalhar em benefício dos israelitas. [1,1-2,10]

Modelo para uma estratégia popular — ¹¹Cheguei a Jerusalém e descansei três dias. ¹²Depois me levantei à noite, acompanhado de alguns homens, sem falar a ninguém o que Deus me havia inspirado fazer em Jerusalém. Levava comigo apenas o jumento que eu montava. ¹³Saí de noite pela porta do Vale, e fui até a fonte do Dragão e a porta do Esterco. Comprovei que as muralhas de Jerusalém estavam cheias de brechas e as portas consumidas pelo fogo. ¹⁴Segui para a porta da Fonte e o reservatório de água do rei. Como não havia espaço para o animal, ¹⁵continuei a pé córrego acima, pela noite adentro. Observei as muralhas, entrei de novo pela porta do Vale, e voltei para casa.

¹⁶As autoridades não ficaram sabendo por onde eu tinha andado ou que coisa pensava fazer. Eu ainda não tinha contado nada aos judeus, nem aos sacerdotes, nem ao pessoal importante, nem às autoridades ou responsáveis pelas obras.

¹⁷Mais tarde, falei a eles: “Vocês estão vendo a miséria em que nos encontramos. Jerusalém está em ruínas e suas portas foram queimadas. Vamos

reconstruir as muralhas de Jerusalém, e essa vergonha acabará”. ¹⁸Então contei de que maneira o meu Deus me ajudava, e tudo o que o rei me havia dito. Eles disseram: “Vamos começar o trabalho”. E arregaçaram as mangas para realizar esse bom projeto.

¹⁹Quando o horonita Sanabalat, o ministro amonita de nome Tobias e o árabe Gosem souberam do fato, começaram a caçoar e a fazer pouco caso de nós, dizendo: “Que negócio é esse que vocês estão fazendo? Querem se revoltar contra o rei?” ²⁰Mas eu lhes respondi: “O Deus do céu nos dará sucesso. Nós, servos de Deus, continuaremos reconstruindo. Vocês, porém, não terão terrenos, nem direitos, nem lembrança em Jerusalém”. [2,11-20]

3 *Providenciando a defesa da cidade* — ¹O sumo sacerdote Eliasib e seus irmãos sacerdotes começaram a reconstruir a porta das Ovelhas. Montaram os portais, colocaram os batentes, as fechaduras e as trancas, reformaram a muralha até a torre dos Cem e a torre de Hananeel. ²Ao lado de Eliasib trabalharam os homens de Jericó e também Zacur, filho de Imri.

³O pessoal de Asená reconstruiu a porta dos Peixes, montou os portais, colocou os batentes, as fechaduras e as trancas. ⁴Ao lado deles trabalhavam na restauração Meremot, filho de Urias, da família de Acus, Mosolam, filho de Baraquias, da família de Mesezebel, e também Sadoc, filho de Baana. ⁵O povo de Técuá reformou o trecho seguinte da muralha, mas o pessoal importante se negou a colaborar com os mestres de obras.

⁶Joiada, filho de Fasea, e Mosolam, filho de Besodias, reformaram a porta do bairro Novo. Montaram os portais e colocaram os batentes, as fechaduras e as trancas. ⁷Reformaram o trecho seguinte: Meltias de Gabaon e Jadon de Meronot, gente de Gabaon e Masfa, da jurisdição do governador da região ocidental do rio Eufrates. ⁸Ao lado deles trabalhavam Oziel, que era ourives, e Hananias, que era perfumista; esses puseram Jerusalém em ordem até a muralha larga. ⁹Ao lado deles trabalhava Rafaías, filho de Hur, chefe de um subdistrito de Jerusalém. ¹⁰Jedaías, filho de Haromaf, reformou a parte da muralha que fica em frente da sua casa. Hatus, filho de Hasebonias, reformou o trecho ao lado.

¹¹O trecho seguinte, até a torre dos Fornos, foi reformado por Melquias, filho de Herem, e por Hasub, filho de Faat-Moab. ¹²Outro chefe de subdistrito de Jerusalém, Selum, filho de Aloés, acompanhado de seus filhos, reformou o trecho ao lado. ¹³A porta do Vale foi reformada por Hanun e pelos moradores de Zanoé. Eles a reconstruíram, colocaram os batentes, as fechaduras e as trancas, e

reconstruíram também quinhentos metros da muralha até a porta do Esterco. ¹⁴O chefe do distrito de Bet-Acarem, de nome Melquias, filho de Recab, foi quem retocou a porta do Esterco. Ele a reconstruiu, colocou os batentes, as fechaduras e as trancas.

¹⁵O chefe do distrito de Masfa, Selum, filho de Col-Hoza, reformou a porta da Fonte. Refez o teto da entrada, colocou os batentes, as fechaduras e as trancas. Reconstruiu também as muralhas desde o reservatório de água de Siloé, ao lado do Jardim do Rei, até a escada que desce da Cidade de Davi.

¹⁶Daí para a frente, Neemias, filho de Azboc e chefe do subdistrito de Betsur, continuou o trabalho até o cemitério de Davi, onde se encontra o reservatório artificial, perto da Casa dos Heróis. ¹⁷O trecho seguinte ficou para os levitas Reum, filho de Bani, e Hasabias, que era também chefe de um subdistrito de Ceila, para a parte que atingia a sua jurisdição. ¹⁸Daí em frente, trabalharam outros seus irmãos levitas: o chefe de outro subdistrito de Ceila, Benui, filho de Henad, ¹⁹com o chefe de Masfa, Azer, filho de Jesua, reformando a parte ao lado. Eles refizeram totalmente a área da curva que fica na Esquina, em frente à subida do Arsenal.

²⁰Seguindo em frente, Baruc, filho de Zabai, restaurou a parte que vai da Esquina até a porta da casa do sumo sacerdote Eliasib. ²¹A parte da muralha que vai da porta até o fim da casa de Eliasib foi totalmente refeita por Meremot, filho de Urias, da família de Acos. ²²O pedaço seguinte foi reconstruído pelos sacerdotes que moravam na periferia: ²³Benjamim e Hasub reformaram a parte que fica de frente para as suas casas; Azarias, filho de Maasias, filho de Ananias, reformou a parte que fica ao lado de sua casa. ²⁴A parte seguinte, desde a casa de Azarias até a Esquina e até o Ângulo foi totalmente reconstruída por Benui, filho de Henadad. ²⁵Falel, filho de Ozi, reformou a parte que fica em frente à Esquina, diante da torre que sobressai acima do palácio do rei e que dá para o pátio da prisão. Depois vem a parte retocada por Fadaías, filho de Faros, ²⁶até em frente à porta das Águas, do lado oriental, em frente à torre que sobressai.

²⁷Desde essa grande torre até o muro do Ofel, os moradores de Técua cuidaram da reforma. ²⁸A partir da porta dos Cavalos, os sacerdotes cuidaram das reformas, cada um fazendo a parte que estava em frente à própria casa. ²⁹Assim foi que Sadoc, filho de Hemer, reformou a muralha em frente à sua casa, e o mesmo fez Semaías, filho de Sequenias, que era guarda da porta Oriental. ³⁰Hanania, filho de Selemias, e Hanun, sexto filho de Selef, fizeram outro

pedaço da muralha, no trecho seguinte. O próximo trecho foi reformado por Mosolam, filho de Baraquias, bem na frente da sua morada. ³¹Em seguida, o ourives Melquias consertou a parte que vai até a casa dos doados e dos comerciantes, em frente à porta do Vigia, até a sala alta do Ângulo. ³²Da sala alta do Ângulo até a porta das Ovelhas, a reforma correu por conta dos ourives e dos comerciantes. [3,1-32]

Colaboração e resistência popular — ³³Quando ouviu falar que nós estávamos reconstruindo as muralhas, Sanabalat ficou furioso, e irritado começou a zombar dos judeus, ³⁴dizendo à sua gente e aos poderosos de Samaria: “O que é que esses judeus miseráveis estão fazendo? Reconstruir as muralhas e oferecer sacrifícios? Vão querer terminar tudo num dia? Vão querer dar vida nova às pedras desses montes de cacos que sobraram do incêndio?” ³⁵O amonita Tobias estava ao lado dele, e completou: “Deixe que eles construam! Basta uma raposa subir aí, que a muralha vem abaixo!”

³⁶“Escuta, nosso Deus, como caçoam de nós! Devolve a essa gente o insulto que fazem! Manda-os para o exílio, para que outros caçoem deles. ³⁷Não perdoes o pecado deles. Não tires da tua vista o crime deles, pois estão ofendendo os que trabalham na reconstrução”.

³⁸Continuamos reconstruindo a muralha, que foi restaurada por completo até sua meia altura. O povo trabalhava com disposição.

4¹Quando ouviram contar que a reforma das muralhas de Jerusalém estava indo em frente e que as brechas começavam a ser fechadas, Sanabalat, Tobias, os árabes, o pessoal de Amon e o pessoal de Azoto ficaram irritados. ²Combinaram atacar Jerusalém e espalhar confusão dentro dela. ³Então invocamos o nosso Deus e colocamos guardas dia e noite para proteger a cidade.

⁴Os judeus diziam: “Os carregadores estão esgotados e as ruínas são muitas. Sozinhos, não conseguiremos reconstruir a muralha!” ⁵Enquanto isso, nossos inimigos comentavam: “Vamos nos infiltrar entre eles, sem que percebam. Nós os mataremos, e a construção ficará paralisada”. ⁶Alguns judeus, que viviam entre eles, chegavam de diversos lugares e frequentemente nos contavam que eles iam nos atacar. ⁷Então organizei o povo por famílias, todos armados de espadas, lanças e arcos, e os coloquei em trincheiras por trás das muralhas e nos lugares abertos. ⁸Notando que o povo estava assustado, chamei a atenção do pessoal importante, das autoridades e de todo o povo, dizendo: “Não tenham

medo deles! Lembrem-se que o Senhor é grande e terrível! E lutem por seus irmãos, filhos, filhas, mulheres e casas”.

⁹Quando nossos inimigos perceberam que nós sabíamos de tudo, e que Deus tinha derrubado o plano deles, todos nós pudemos voltar para a reforma das muralhas, cada um para a sua tarefa. ¹⁰A partir desse dia, porém, metade dos meus homens trabalhava, enquanto a outra metade ficava de prontidão com lanças, escudos, arcos e couraças, porque andavam atrás de todos os judeus ¹¹que reconstruíam a muralha. Os carregadores também estavam armados: com uma das mãos faziam o serviço e com a outra seguravam a arma. ¹²Todos os construtores tinham a espada na cintura enquanto trabalhavam. Ao meu lado ficava sempre um tocador de trombeta, ¹³porque eu havia dito ao pessoal importante, às autoridades e ao povo: “Temos muito trabalho, e numa extensão muito grande! Nós estamos muito espalhados, cada qual num ponto de muralha, longe um do outro. ¹⁴Quando vocês ouvirem a trombeta, estejam onde estiverem, corram para se reunir conosco. O nosso Deus vai combater por nós”. ¹⁵E assim continuamos, uns trabalhando e outros empunhando as lanças, desde o raiar da aurora até surgirem as primeiras estrelas. ¹⁶Nessa ocasião, eu disse também ao povo: “Todos pernoitarão em Jerusalém com seus serventes. De noite montaremos guarda e de dia trabalharemos”. ¹⁷Eu, meus irmãos, meus serventes e meus guarda-costas dormíamos vestidos e com a arma ao alcance da mão. [3,33-4,17]

5 *processo da escravidão* — ¹O povo pobre, sobretudo as mulheres, começaram a protestar fortemente contra seus irmãos judeus. ²Uns diziam: “Fomos obrigados a vender os nossos filhos e filhas para comprar trigo, e assim comer e não morrer de fome”. ³Outros diziam: “Passamos tanta fome que precisamos hipotecar nossos campos, vinhas e casas para conseguir trigo”. ⁴Outros ainda diziam: “Tivemos que pedir dinheiro emprestado, penhorando nossos campos e vinhas, para podermos pagar os impostos ao rei. ⁵Pois bem! Nós somos iguais aos nossos irmãos, e nossos filhos são como os filhos deles! Apesar disso, somos obrigados a sujeitar nossos filhos e filhas à escravidão. E algumas de nossas filhas já foram reduzidas à escravidão, e não podemos fazer nada, pois nossos campos e vinhas já pertencem a outros”. [5,1-5]

A única saída — ⁶Fiquei indignado ao ouvir essas queixas e o que estava acontecendo. ⁷Não me contive e repreendi o pessoal importante e os chefes,

dizendo: “Vocês estão agindo como usurários em relação a seus irmãos!” Convoquei contra eles uma assembleia geral, ⁸e lhes disse: “Nós, à medida que pudemos, resgatamos nossos irmãos judeus que se tinham vendido aos estrangeiros. Vocês, porém, vendem seus irmãos para que os resgatemos”. Eles não acharam resposta e ficaram calados. ⁹Eu continuei: “O que vocês fazem não está certo. Vocês não querem agir conforme o temor de Deus, para que as nações inimigas não caçoem de nós? ¹⁰Eu, meus irmãos e meus ajudantes também emprestamos dinheiro e trigo para essas pessoas. Pois bem! Vamos perdoar essa dívida. ¹¹Devolvam hoje mesmo seus campos, vinhas, olivais e casas. Perdoem também a penhora em dinheiro, trigo, vinho e óleo, que vocês tomaram deles”. ¹²Eles disseram: “Vamos devolver tudo, sem cobrar nada. Faremos como você propôs”. Então chamei os sacerdotes e, na presença destes, fiz com que eles jurassem manter a palavra. ¹³Depois, sacudi a dobra do meu manto, e disse: “Que Deus sacuda para fora de sua própria casa e de seus bens todo aquele que não mantiver sua palavra. Será sacudido e despojado”. Toda a assembleia respondeu: “Amém!” e louvou a Javé. E eles cumpriram o que haviam prometido. [6-13]

Um governador exemplar — ¹⁴Desde o dia em que o rei me nomeou governador do país de Judá, isto é, do vigésimo ao trigésimo segundo ano do rei Artaxerxes, por doze anos, eu e meus irmãos jamais comemos às custas do cargo. ¹⁵Os governadores anteriores exploravam o povo, exigindo diariamente quatrocentos gramas de prata para alimento e vinho. E até seus subordinados se aproveitavam do povo. Eu, por temor de Deus, não fiz nada disso. ¹⁶Além do mais, trabalhei pessoalmente na reconstrução da muralha, embora não fosse proprietário de terreno, e os meus empregados passavam o dia na obra. ¹⁷À minha mesa comiam cento e cinquenta, entre pessoas importantes e chefes, além de outras pessoas dos povos vizinhos que nos vinham visitar. ¹⁸Todo dia, na minha casa, eram preparados um boi, seis ovelhas gordas e muitas aves. De dez em dez dias se renovava com fartura o estoque de toda espécie de vinho. E, com isso tudo, eu nunca cobreí a manutenção de governador, pois o encargo de impostos já pesava muito sobre o povo. ¹⁹Lembra-te em meu favor, ó Deus, de tudo o que fiz de bom para esse povo! [14-19]

6 *Táticas do inimigo* — ¹Sanabalat, Tobias, o árabe Gosem e outros inimigos nossos souberam que eu tinha reconstruído a muralha e que não havia mais

brecha nenhuma. Eu só não tinha colocado as folhas das portas. ²Então Sanabalat e Gosem me mandaram dizer: “Venha nos encontrar em Cefirim, no vale de Ono”. Eles, porém, tinham más intenções, ³e eu lhes mandei responder: “Estou com muito trabalho e não posso ir. Não vou parar a obra para me encontrar com vocês”. ⁴Quatro vezes eles mandaram o mesmo recado, quatro vezes eu dei a mesma resposta. ⁵Na quinta vez, Sanabalat mandou o mesmo recado, através de um empregado seu que trazia na mão uma carta aberta. ⁶Nessa carta estava escrito: “Entre as nações corre a notícia — e Gosem confirma — segundo a qual você e os judeus estão querendo promover uma revolução, e por isso você está reconstruindo as muralhas. Conforme os rumores, você seria o rei ⁷e teria nomeado profetas para proclamarem aí em Jerusalém que há um rei em Judá. Esses boatos vão chegar aos ouvidos do rei. Então, venha, e conversaremos sobre o assunto”. ⁸Eu lhe mandei dizer: “Esses boatos não têm fundamento. São pura invenção sua”. ⁹Na verdade, eles nos queriam amedrontar, pensando que iríamos abandonar a obra, deixando-a sem acabar. Mas aí é que eu colocava mais coragem no trabalho.

¹⁰Certo dia, fui à casa de Semaías, filho de Delaías, da família de Metabeel, que se achava impedido. Ele me disse: “Vamos ao Templo de Deus, dentro do santuário. Vamos fechar bem as portas, porque estão vindo para matar você. Eles pensam em matá-lo esta noite”. ¹¹Mas eu lhe respondi: “Um homem como eu não foge, nem se esconde no Templo para salvar a vida. Não vou”. ¹²Percebi que não era Deus que o tinha mandado fazer essa profecia. Tobias e Sanabalat é que tinham pago para ele fazer isso, ¹³a fim de que eu ficasse com medo e fizesse o que eles queriam. Cometendo um erro, eu iria estragar o meu nome, e eles me poderiam desmoralizar.

¹⁴Lembra-te, meu Deus, do que Tobias e Sanabalat fizeram! Lembra-te também da profetisa Noadías e dos outros profetas que me tentaram amedrontar.

¹⁵As muralhas ficaram prontas no dia vinte e cinco do mês de Elul, após cinquenta e dois dias de trabalho. ¹⁶Quando nossos inimigos souberam e as nações vizinhas viram isso, ficaram muito admirados e reconheceram que o nosso Deus era o autor dessa obra.

¹⁷Nesse tempo, as pessoas importantes de Judá mantinham muita correspondência de cartas com Tobias, ¹⁸que tinha muitos aliados em Judá, pois era genro de Sequenias, filho de Area, e seu filho Joanã era casado com a filha de Mosolam, filho de Baraquias. ¹⁹Eles o elogiavam muito na minha presença e

contavam a ele tudo o que eu dizia. E Tobias continuava sempre mandando cartas para me intimidar. [6,1-19]

7 *Proteger o novo que nasce* — ¹Quando a muralha ficou pronta e eu coloquei as portas, foram nomeados os porteiros, cantores e levitas. ²Confiei a administração de Jerusalém ao meu irmão Hanani e a Hananias, chefe da fortaleza, homem fiel e que temia a Deus como poucos. ³Eu lhes disse: “Não abram as portas de Jerusalém antes que o sol comece a esquentar. À tarde, com o sol ainda alto, fechem e tranquem as portas. Formem também corpos de guarda com os habitantes de Jerusalém, uns vigiando em seus postos e outros diante de sua própria casa. [7,1-3]

Repovoamento de Jerusalém — ⁴A cidade era espaçosa e grande, mas o povo que aí morava era minguado e as casas ainda não estavam reconstruídas. ⁵Então Deus me inspirou a reunir as pessoas importantes, os chefes e o povo, a fim de fazer o recenseamento das famílias. Encontrei o registro genealógico dos primeiros que tinham voltado do exílio, e achei escrito o seguinte: ⁶Estes são os cidadãos da província que voltaram do exílio. São aqueles que Nabucodonosor, rei da Babilônia, tinha exilado, e que voltaram para Jerusalém e Judá, cada qual para a sua cidade. ⁷Eles vieram com Zorobabel, Josué, Neemias, Azarias, Raamias, Naamani, Mardoqueu, Belsã, Mesfarat, Beguai, Naum e Baana.

Lista dos israelitas: ⁸Duas mil, cento e setenta e duas pessoas, da descendência de Faros. ⁹Trezentas e setenta e duas pessoas, da descendência de Safatias. ¹⁰Seiscentas e cinquenta e duas, da descendência de Area. ¹¹Duas mil, oitocentas e dezoito, da descendência de Faat-Moab, isto é, da família de Josué e Joab. ¹²Mil, duzentas e cinquenta e quatro pessoas, da descendência de Elam. ¹³Oitocentas e quarenta e cinco, da descendência de Zetua. ¹⁴Setecentas e sessenta, da descendência de Zacai. ¹⁵Seiscentas e quarenta e oito, da descendência de Benui. ¹⁶Seiscentas e vinte e oito, da descendência de Bebai. ¹⁷Duas mil, trezentas e vinte e duas pessoas, da descendência de Azgad. ¹⁸Seiscentas e sessenta e sete, da descendência de Adonicam. ¹⁹Duas mil e sessenta e sete, da descendência de Beguai. ²⁰Seiscentas e cinquenta e cinco, da descendência de Adin. ²¹Noventa e oito, da descendência de Ater, ou seja, de Ezequias. ²²Trezentas e vinte e oito, da descendência de Hasum. ²³Trezentas e vinte e quatro, da descendência de Besai. ²⁴Cento e doze, da descendência de

Haref. ²⁵Noventa e cinco descendentes de Gabaon. ²⁶Cento e oitenta e oito homens de Belém e de Netofa. ²⁷Cento e vinte e oito homens de Anatot. ²⁸Quarenta e duas pessoas originárias de Bet-Azmot. ²⁹Setecentas e quarenta e três pessoas de Cariat-Iarim, Cafira e Beerot. ³⁰Seiscentas e vinte e uma, de Ramá e Gaba. ³¹Cento e vinte e duas, de Macmas. ³²Cento e vinte e três, de Betel e Hai. ³³Cinquenta e duas pessoas originárias de outro Nebo. ³⁴Mil, duzentas e cinquenta e quatro, da descendência de outro Elam. ³⁵Trezentas e vinte, da descendência de Harim. ³⁶Trezentas e quarenta e cinco descendentes de Jericó. ³⁷Setecentas e vinte e uma, de Lod, Hadid e Ono. ³⁸Três mil, novecentos e trinta descendentes de Senaá.

³⁹Sacerdotes: Novecentos e setenta e três, descendentes de Jedaías, ou seja, da família de Josué. ⁴⁰Mil e cinquenta e dois descendentes de Emer. ⁴¹Mil, duzentos e quarenta e sete descendentes de Fasur. ⁴²Mil e dezessete descendentes de Harim.

⁴³Levitas: Setenta e quatro descendentes de Josué e Cadmiel, filhos de Odovias.

⁴⁴Cantores: Cento e quarenta e oito descendentes de Asaf.

⁴⁵Porteiros: Cento e trinta e oito descendentes de Selum, Ater, Telmon, Acub, Hatita e Sobai.

⁴⁶Doados: Descendentes de Siaá, Hasufa, Tabaot, ⁴⁷Ceros, Sia, Fadon, ⁴⁸Lebana, Hagaba, Selmai, ⁴⁹Hanã, Gidel, Gaar, ⁵⁰Raaías, Rasin, Necoda, ⁵¹Gazam, Oza, Fasea, ⁵²Besai, meunitas e nefusitas. ⁵³Descendentes de Bacbuc, Hacufa, Harur, ⁵⁴Baslut, Meida, Harsa, ⁵⁵Bercos, Sísara, Tema, ⁵⁶Nasias e Hatifa.

⁵⁷Descendentes dos escravos de Salomão: descendentes de Sotai, Soferet, Feruda, ⁵⁸Jaala, Darcon, Gidel, ⁵⁹Safatias, Hatil, Foqueret-Assebaim e Amon.

⁶⁰Os doados e os descendentes dos escravos de Salomão eram ao todo trezentas e noventa e duas pessoas.

⁶¹As seguintes pessoas que voltaram de Tel-Mela, Tel Harsa, Querub, Adon e Emer não puderam provar que sua família e sua raça eram de origem israelita:

⁶²Seiscentos e quarenta e dois descendentes de Dalaías, Tobias e Necoda,

⁶³além do pessoal de família sacerdotal, descendentes de Hobias, Acos e Berzelai. Este se casara com uma filha do galaadita Berzelai, e adotara o nome dele.

⁶⁴Todos eles procuraram o registro da sua genealogia, mas não

encontraram. Foram afastados do sacerdócio como impuros. ⁶⁵Sua Excelência os proibiu de comer os alimentos sagrados, até aparecer um sacerdote que consultasse o *Urim* e o *Tumim*.

⁶⁶No total, a comunidade era de quarenta e duas mil, trezentas e sessenta pessoas, ⁶⁷sem contar os sete mil, trezentos e trinta e sete escravos. Entre eles, havia também duzentos e quarenta e cinco cantores e cantoras. ⁶⁸Tinham quatrocentos e trinta e cinco camelos, e seis mil, setecentos e vinte jumentos.

⁶⁹Alguns chefes de família trouxeram donativos para as obras. Sua Excelência depositou no cofre mil dracmas de ouro, cinquenta cálices e trinta túnicas para os sacerdotes. ⁷⁰Alguns chefes de família depositaram, no cofre das obras, vinte mil dracmas de ouro e duas mil e duzentas minas de prata. ⁷¹Os donativos feitos pelo restante do povo alcançaram a soma de vinte mil dracmas de ouro, duas mil minas de prata e sessenta e sete túnicas para os sacerdotes.

⁷²Os sacerdotes, levitas e parte do povo passaram a morar em Jerusalém, enquanto os cantores, porteiros e doados, como todos os israelitas, foram morar cada um na sua cidade. [\[4-72a\]](#)

II. ORIGEM DO JUDAÍSMO

A palavra gera comunidade — Os israelitas tinham se estabelecido em suas **8** cidades. No sétimo mês, ¹todo o povo, como se fosse uma única pessoa, se reuniu na praça que fica em frente à porta das Águas. O povo pediu que Esdras, doutor da Lei, levasse o livro da Lei de Moisés, que Javé tinha dado a Israel. ²Então o sacerdote Esdras levou o livro da Lei até a presença da assembleia. Era o dia primeiro do sétimo mês, e estavam reunidos homens, mulheres e todos os que tinham uso da razão. ³Na praça diante da porta das Águas, desde o amanhecer até o meio-dia, Esdras leu o livro para todos os homens e mulheres e para todos os que tinham o uso da razão. Todo o povo seguia com atenção a leitura do livro da Lei.

⁴Esdras, doutor da Lei, estava sobre um palanque de madeira, feito para a ocasião. À sua direita se encontravam Matatias, Sema, Anias, Urias, Helcias, Maasias. À esquerda estavam Fadaías, Misael, Melquias, Hasum, Hasbadana, Zacarias e Mosolam. ⁵Esdras abriu o livro à vista do povo todo, pois estava em lugar mais alto. Quando ele abriu o livro, o povo ficou de pé. ⁶Esdras bendisse a Javé, o grande Deus, e todo o povo, com as mãos erguidas, respondeu: “Amém! Amém!” Depois se ajoelharam e se prostraram com o rosto por terra diante de Javé.

⁷Os levitas Josué, Bani, Serebias, Jamin, Acub, Sabatai, Hodias, Maasias, Celita, Azarias, Jozabad, Hanã e Falaías explicavam a Lei para o povo, que permanecia em pé. ⁸Liam o livro da Lei de Deus, traduzindo-o e dando explicações, para que o povo entendesse a leitura. ⁹O governador Neemias, o sacerdote Esdras, doutor da Lei, e os levitas que instruía o povo, vendo que as pessoas choravam ao escutar a leitura da Lei, disseram: “Hoje é dia consagrado a Javé, Deus de vocês! Não fiquem tristes e parem de chorar!” ¹⁰Em seguida, Esdras falou: “Vão para casa, façam uma bela refeição, bebam um bom vinho e repartam com os que não têm nada, porque hoje é dia consagrado a nosso Senhor. Ninguém fique triste, pois a alegria de Javé é a força de vocês”. ¹¹Os levitas também acalmavam o povo, dizendo: “Fiquem tranquilos, porque é dia santo. Não fiquem tristes”. ¹²E o povo foi para casa comer e beber. Repartiram com quem não tinha nada e fizeram uma grande festa, porque haviam compreendido a mensagem que lhes fora explicada. [7,72b-8,12]

A grande festa — ¹³No dia seguinte, os chefes de família de todo o povo, com

os sacerdotes e os levitas, se reuniram com Esdras, doutor da Lei, para estudar o livro da Lei. ¹⁴Encontraram escrito na Lei que Javé, por meio de Moisés, tinha mandado os israelitas ficar morando em tendas, durante a festa do sétimo mês. ¹⁵Então anunciaram em todas as cidades e em Jerusalém: “Vão até o monte e tragam ramos de oliveira, pinheiro, murta, palmeira e outras árvores que dão muitos ramos, para fazer tendas, conforme está prescrito”. ¹⁶O povo foi, trouxe os ramos e fez tendas, uns no terraço de suas casas, outros nos pátios do Templo de Deus, na praça em frente à porta das Águas ou na praça da porta de Efraim. ¹⁷Assim a comunidade inteira dos que tinham voltado do exílio fez tendas e nelas acampou. Os israelitas não tinham feito isso desde os tempos de Josué, filho de Nun. Houve uma grande festa! ¹⁸Todos os dias, do primeiro ao último, Esdras leu o livro da Lei de Deus. A festa durou sete dias e, no oitavo dia, foi feita uma assembleia solene, conforme está prescrito. [8,13-18]

9 *Confessar a verdade e converter-se* — ¹No dia vinte e quatro desse mesmo mês, os israelitas se reuniram para um jejum, vestidos de pano de saco e com a cabeça coberta de pó. ²As pessoas de origem israelita se separaram de todos os estrangeiros e, de pé, puseram-se a confessar os próprios pecados e as culpas de seus antepassados. ³Num quarto do dia, o povo ficava de pé onde estava, e era feita a leitura da Lei de Javé, seu Deus. No outro quarto do dia, eles confessavam seus pecados, prostrando-se diante de Javé, seu Deus. ⁴Josué, Benui, Cadmiel, Sebanias, Buni, Serebias, Bani e Canani subiram ao palanque dos levitas e invocaram a Javé, seu Deus. ⁵Os levitas Josué, Cadmiel, Bani, Hasabneias, Serebias, Hodias, Sebanias e Fetaías disseram: “Levantem-se e bendigam a Javé, seu Deus”.

Bendito sejas tu, Javé, nosso Deus,
desde sempre e para sempre.
Bendito seja o teu Nome glorioso,
que supera toda bênção e louvor!
⁶Javé, tu és o único Deus!
Fizeste o céu e o mais alto dos céus,
e todos os seus exércitos.
Fizeste a terra e o que ela contém.
Fizeste os mares e o que neles existe.
Dás vida a tudo isso,
e o exército do céu te adora.

⁷Tu és Javé, o Deus que escolheu Abrão.

Tu o tiraste de Ur dos Caldeus
e lhe deste o nome de Abraão.

⁸Viste que o coração dele era fiel a ti, e com ele fizeste aliança,
para dar a ele e à sua descendência
a terra dos cananeus, heteus e amorreus,
dos ferezeus, jebuseus e gergeseus.
E cumpriste a tua promessa,
porque tu és justo.

⁹Viste a aflição de nossos antepassados no Egito,
ouviste o clamor deles junto
ao mar Vermelho.

¹⁰Realizaste sinais e prodígios contra o Faraó,
contra seus ministros
e todo o povo do país,
pois sabias que tinham oprimido
nossos antepassados,
e ganhaste uma fama que dura até hoje.

¹¹Abriste o mar diante deles, e atravessaram o mar a pé enxuto.
Jogaste no abismo seus perseguidores,
como pedra em águas profundas.

¹²De dia, tu os guiaste
na coluna de nuvem,
e de noite, na coluna de fogo,
para iluminar na frente deles
o caminho que deviam percorrer.

¹³Desceste ao monte Sinai,
e do céu falaste com eles.
Tu lhes deste normas justas
e leis verdadeiras,
estatutos e mandamentos excelentes.

¹⁴Revelaste a eles teu santo sábado, e, por meio do teu servo Moisés,
tu lhes deste mandamentos,
estatutos e a Lei.

¹⁵Quando tinham fome,
tu lhes deste o pão do céu.

Quando tinham sede,
fizeste brotar água do rochedo.

Tu os mandaste tomar posse da terra,
que tinhas jurado dar a eles.

¹⁶Nossos antepassados, porém, se encheram de orgulho,
se tornaram altivos
e desobedeceram aos teus mandamentos.

¹⁷Não quiseram ouvir, nem lembrar as maravilhas que realizaste
em favor deles.

Ficaram altivos e se empenharam
em voltar para a escravidão do Egito.

Tu, porém, és o Deus que perdoa,
cheio de piedade e compaixão,
lento para a cólera e cheio de amor,
e não os abandonaste.

¹⁸Fizeram um bezerro de metal e disseram: “Este é o seu Deus
que tirou você do Egito!”
Cometeram uma ofensa terrível.

¹⁹Tu, porém,
com grande compaixão,
não os abandonaste no deserto.
Não se afastou deles a coluna de nuvem,
que os guiava de dia pelo caminho,
nem a coluna de fogo,
que de noite lhes iluminava
o caminho que deviam percorrer.

²⁰Deste a eles teu bom espírito para torná-los prudentes.
Não lhes tiraste da boca o maná,
e, na sede, lhes deste água.

²¹Quarenta anos tu os sustentaste no deserto,
e de nada sentiram falta.
Suas roupas não se gastaram
e seus pés não ficaram inchados.

²²A eles entregaste reinos e povos, e entre eles repartiste o território.
Tomaram posse da terra de Seon,
rei de Hesebon,

e da terra de Og, rei de Basã.

²³ Multiplicaste seus filhos como as estrelas do céu,
e os introduziste na terra,
cuja posse tinhas prometido
a seus antepassados.

²⁴ Os filhos invadiram
e tomaram posse da terra,
e tu derrotaste diante deles
os cananeus que moravam no país.
Tu os entregaste na mão deles,
e também os reis e os povos do país,
para que os tratassem
como bem entendessem.

²⁵ Eles conquistaram cidades fortificadas e terra fértil.
Tomaram posse de casas bem abastecidas,
cisternas prontas, vinhas e olivais,
e muitas árvores frutíferas.
Eles comeram, se fartaram e engordaram,
desfrutando dos teus dons generosos.

²⁶ Depois disso, ficaram indóceis e se revoltaram contra ti.
Desprezaram tua Lei
e mataram os profetas que os advertiam
a se converterem para ti.
E cometeram graves ofensas.

²⁷ Então tu os entregaste aos inimigos que os oprimiram.
Na angústia, porém,
eles clamaram a ti,
e do céu tu os escutaste.
Com tua grande compaixão
enviaste salvadores que os libertaram
dos inimigos.

²⁸ Mas logo que recuperavam a paz, faziam de novo aquilo que reprovavas,
e tu os abandonavas aos inimigos
que os oprimiam.
De novo, eles clamavam a ti,
e do céu tu os escutavas.

Tu os libertaste muitas vezes,
por causa de tua grande compaixão.

²⁹ Chamaste a atenção deles, a fim de que voltassem para tua Lei.

Mas eles se encheram de orgulho
e não obedeceram
aos teus mandamentos.

Pecaram contra as tuas normas,
que dão vida a quem as observa.
Voltaram as costas com rebeldia,
ficaram altivos e não obedeceram.

³⁰ Por muitos anos,
foste paciente com eles,
e teu espírito os advertiu
por meio dos profetas,
mas eles não prestaram atenção.
Por isso, os entregaste aos povos pagãos.

³¹ Tu, porém, com tua grande compaixão, não os aniquilaste, nem os abandonaste,
pois és um Deus de piedade e compaixão.

³² E agora, Deus nosso,
Deus grande, poderoso e terrível,
fiel à aliança e ao amor,
não fiques indiferente às aflições
que se abateram sobre nossos reis,
sobre nossos chefes,
sacerdotes e profetas,
sobre nossos antepassados
e todo o teu povo,
desde o tempo dos reis da Assíria,
até o dia de hoje.

³³ És inocente de tudo
o que nos aconteceu,
porque tu agiste com fidelidade,
enquanto nós praticávamos o mal.

³⁴ Sim! Nossos reis, chefes, sacerdotes e nossos antepassados
não seguiram tua Lei,

nem deram atenção
aos teus mandamentos,
nem às advertências
com que os avisavas.

³⁵ Mesmo durante o reinado deles, apesar dos bens que lhes concedias
e da terra vasta e fértil que lhes deste,
não serviram a ti,
nem se converteram de seu mal.

³⁶ Por isso, agora estamos escravizados.
Hoje nós somos escravos
na terra que deste
a nossos antepassados
para gozarem de seus frutos e bens.

³⁷ Seus produtos abundantes vão para os reis,
aos quais tu nos sujeitaste
por causa dos nossos pecados.
Eles dominam como querem,
tanto a nós, como a nossos rebanhos.
Estamos em grande aflição! [9,1-37]

10 *A fé leva ao compromisso* — ¹ Por tudo isso, assumimos por escrito um compromisso sério. O documento foi assinado por nossos chefes, nossos levitas e sacerdotes.

² O documento foi assinado por Neemias, filho de Hacalias, por Sedecias, ³ Saraías, Azarias, Jeremias, ⁴ Fasur, Amarias, Melquias, ⁵ Hatus, Sebanias, Meluc, ⁶ Harim, Meremot, Abdias, ⁷ Daniel, Genton, Baruc, ⁸ Mosolam, Abias, Miamin, ⁹ Maazias, Belgai e Semeías, que eram sacerdotes.

¹⁰ Os levitas que assinaram foram: Josué, filho de Azanias, Benui, dos filhos de Henadad, Cadmiel ¹¹ e seus irmãos, Sequenias, Odovias, Celita, Falaías, Hanã, ¹² Micas, Roob, Hasebias, ¹³ Zacur, Serebias, Sebanias, ¹⁴ Odias, Bani e Canani.

¹⁵ Os chefes do povo que assinaram foram: Faros, Faat-Moab, Elam, Zetu, Bani, ¹⁶ Buni, Azgad, Bebai, ¹⁷ Adonias, Beguai, Adin, ¹⁸ Ater, Ezequias, Azur, ¹⁹ Adias, Hasum, Besai, ²⁰ Haref, Anatot, Nebai, ²¹ Megfias, Mosolam, Hazir, ²² Mesezebel, Sadoc, Jedua, ²³ Feltias, Hanã, Anaías, ²⁴ Oseias, Hananias, Hasub, ²⁵ Aloés, Falea, Sobec, ²⁶ Reum, Hasabna, Maasias, ²⁷ Aías, Hanã, Anã, ²⁸ Meluc, Harim, Baana.

²⁹O resto do povo, os sacerdotes, os levitas, os porteiros, os cantores, os doados e todos os que se separaram da população local para se converter à Lei de Deus, junto com suas mulheres, filhos, filhas e todos os que tinham uso da razão, ³⁰se uniram a seus irmãos e chefes, e se comprometeram solenemente a proceder segundo a Lei de Deus, dada por Moisés, servo de Deus, e a praticar todos os mandamentos, normas e estatutos de Javé, nosso Deus. ³¹Não dar nossas filhas à população local e não casar nossos filhos com as filhas deles. ³²Não comprar em dia de sábado e dias de festa as mercadorias, principalmente o trigo que a população local vende no dia de sábado. A cada sete anos, renunciar à colheita e perdoar qualquer tipo de dívida.

³³Nós nos comprometemos também a entregar todo ano a terça parte de um siclo para o culto do Templo do nosso Deus. ³⁴Isso servirá para os pães oferecidos a Deus, para a oferta diária, para o holocausto diário, para as solenidades dos sábados, luas novas e festas, para as consagrações e sacrifícios pelo pecado de Israel, e para todo o serviço do Templo do nosso Deus. ³⁵Nós, sacerdotes, levitas e povo, divididos por famílias, tiramos sorte para ver quem ofereceria lenha a ser levada ao Templo nas épocas certas, todos os anos, a fim de acender o fogo no altar de Javé, nosso Deus, conforme está escrito na Lei. ³⁶Nós nos comprometemos também a levar para o Templo de Javé, todos os anos, os primeiros frutos de nossas lavouras, os primeiros frutos de todas as árvores frutíferas, ³⁷e os primogênitos de nossos filhos e rebanhos, conforme está escrito na Lei; e a entregar aos sacerdotes, que servem no Templo, os primogênitos de nossos rebanhos graúdos e miúdos.

³⁸A flor de nossa farinha de trigo, nossas ofertas, toda espécie de frutas, nosso vinho e óleo, também vamos levar para os sacerdotes aos armazéns do Templo do nosso Deus. Daremos o dízimo de nossa terra aos levitas. Os próprios levitas recolherão esse dízimo nos lugares cultivados por nós. ³⁹Um sacerdote, da descendência de Aarão, estará com os levitas, quando estes estiverem recolhendo o dízimo. Os levitas levarão um décimo do dízimo para a sala do tesouro do Templo de Deus. ⁴⁰É para essas mesmas salas do Templo de Deus que os israelitas e levitas levarão as oferendas de trigo, vinho e óleo. É aí também que ficam os objetos sagrados e os sacerdotes encarregados de guardá-los, além dos porteiros e cantores. Nunca mais descuidaremos do Templo do nosso Deus! [10,1-40]

11 *Repovoamento de Jerusalém* — ¹Os chefes do povo ficaram morando em Jerusalém. O resto do povo tirou sorte para que, de cada dez, um morasse na cidade santa de Jerusalém, e os outros nove nas outras cidades. ²O povo abençoou a todos os que se ofereceram para morar em Jerusalém.

³São estes os chefes de família da província que ficaram morando em Jerusalém. Os sacerdotes, levitas, doados e descendentes dos escravos de Salomão ficaram morando nas várias cidades de Judá, cada qual na sua propriedade.

⁴Em Jerusalém ficaram morando os descendentes de Judá e Benjamim. Descendentes de Judá: Ataías, filho de Ozias, filho de Zacarias, filho de Amarias, filho de Safatias, filho de Malaleel, descendente de Farés. ⁵Maasias, filho de Baruc, filho de Col-Hoza, filho de Hazias, filho de Adaías, filho de Joiarib, filho de Zacarias, descendente de Sela. ⁶Total dos descendentes de Farés que ficaram morando em Jerusalém: quatrocentos e sessenta e oito homens valentes.

⁷Descendentes de Benjamim: Salu, filho de Mosolam, filho de Joed, filho de Fadaías, filho de Calaías, filho de Maasias, filho de Eteel, filho de Isaías, ⁸com seus irmãos Gabai e Salai. Ao todo, novecentos e vinte e oito.

⁹Joel, filho de Zecri, era chefe deles. Como segunda autoridade na cidade, ficou Judá, filho de Senua.

¹⁰Sacerdotes: Jedaías, filho de Joaquim, ¹¹filho de Saraías, filho de Helcias, filho de Mosolam, filho de Sadoc, filho de Maraiot, filho de Aquitob, chefe do Templo de Deus, ¹²e seus irmãos que exerciam suas funções no Templo. Ao todo, oitocentos e vinte e dois. Além desses, havia ainda Adaías, filho de Jeroam, filho de Felelias, filho de Amsi, filho de Zacarias, filho de Fasur, filho de Melquias, ¹³com seus irmãos, chefes de família. Ao todo, duzentos e quarenta e dois. Ficaram ainda: Amasai, filho de Azareel, filho de Aazi, filho de Mosolamot, filho de Emer, ¹⁴e seus irmãos, perfazendo um total de cento e vinte e oito homens valentes. O chefe deles era Zabdiel, filho de Agadol.

¹⁵Levitas: Semeías, filho de Asub, filho de Ezricam, filho de Hasabias, filho de Buni; ¹⁶Sabatai e Jozabad, entre os chefes levitas, eram os encarregados dos serviços externos do Templo de Deus; ¹⁷Matanias, filho de Micas, filho de Zabdi, filho de Asaf, dirigia os hinos e cantava a ação de graças na oração; Becbecias, que era o segundo da família, e Abdias, filho de Samua, filho de Galal, filho de Iditun. ¹⁸Havia duzentos e oitenta e quatro levitas na cidade

santa. ¹⁹Porteiros: Acub, Telmon e seus irmãos. Ao todo, cento e setenta e dois, que montavam guarda nas portas.

²⁰Os outros israelitas, sacerdotes e levitas, ficaram espalhados pelas cidades de Judá, cada qual na sua propriedade.

²¹Os doados ficaram morando no Ofel. À frente deles estavam Sia e Gasfa. ²²O chefe dos levitas em Jerusalém era Ozi, filho de Bani, filho de Hasabias, filho de Matanias, filho de Micas. Ele fazia parte dos filhos de Asaf, cantores encarregados do serviço no Templo de Deus. ²³Uma ordem do rei e um regulamento fixavam a tarefa diária dos cantores. ²⁴Fetaías, filho de Mesezebel, descendente de Zara, filho de Judá, estava a serviço do rei, para todos os assuntos relativos ao povo. ²⁵Também nas aldeias e campos moravam judeus. Os descendentes de Judá ficaram morando em Cariat-Arbe e suas aldeias, em Dibon e suas aldeias, em Cabseel e suas aldeias, ²⁶em Jesua, Molada, Bet-Falet, ²⁷Haser-Sual, Bersabeia e suas aldeias, ²⁸em Siceleg, Mecona e suas aldeias, ²⁹em En-Remon, Saraá, Jarmut, ³⁰Zanoe, Odolam e suas aldeias, em Laquis e seus campos, em Azeca e suas aldeias. Eles ocuparam toda a região, desde Bersabeia até o vale de Enom. ³¹Os descendentes de Benjamim ficaram morando em Gaba, Macmas, Aía, Betel e suas aldeias, ³²em Anatot, Nob, Ananias, ³³Hasor, Ramá, Getaim, ³⁴Hadid, Seboim, Nebalat, ³⁵Lod e Ono, e vale dos Artesãos. ³⁶Um grupo de levitas ficou morando na região de Judá e Benjamim. [11,1-36]

12 *Os levitas depois do exílio* — ¹Lista dos sacerdotes e levitas que chegaram com Zorobabel, filho de Salatiel, e com Josué: Saraías, Jeremias, Esdras, ²Amarias, Meluc, Hatus, ³Sequenias, Reum, Meremot, ⁴Ado, Genton, Abias, ⁵Miamin, Madias, Belga, ⁶Semeías, Joiarib, Jedaías, ⁷Salu, Amoc, Helcias, Jedaías. Esses eram os chefes dos sacerdotes e seus irmãos, no tempo de Josué.

⁸Os levitas eram: Josué, Benui, Cadmiel, Serebias, Judá e Matanias, o qual com seus irmãos, dirigia os hinos de ação de graças, ⁹enquanto os outros seus irmãos Becbecias e Ani ficavam em frente deles para entoar os cânticos.

¹⁰Josué foi o pai de Joaquim; Joaquim, o pai de Eliasib; Eliasib, o pai de Joiada; ¹¹Joiada, o pai de Joanã; e Joanã, o pai de Jedua.

¹²No tempo de Joaquim, os chefes das famílias sacerdotais eram: Maraías, chefe da família de Saraías; Hananias, da família de Jeremias; ¹³Mosolam, da família de Esdras; Joanã, da família de Amarias; ¹⁴Jônatas, da família de Meluc;

José, da família de Sebanias; ¹⁵Ednas, da família de Harim; Helci, da família de Maraiot, ¹⁶Zacarias, da família de Ado; Mosolam, da família de Genton; ¹⁷Zecri, da família de Abias; ...da família de Miniamin; Felti, da família de Moadias; ¹⁸Samua, da família de Belga; Jônatas, da família de Semeías; ¹⁹Matanai, da família de Joiarib; Ozi, da família de Jedaías; ²⁰Celai, da família de Selai; Héber, da família de Amoc; ²¹Hasabias, da família de Helcias; e Natanael, da família de Zedaías.

²²No tempo de Eliasib, Joiada, Joanã e Jedua, foi feita uma lista dos chefes das famílias sacerdotais até o começo do reinado de Dario, o persa.

²³Levitas: Os chefes das famílias estão registrados no Livro das Crônicas, mas só até o tempo de Joanã, neto de Eliasib. ²⁴Eram eles: Hasabias, Serebias, Josué, Benui, Cadmiel e seus irmãos, que ficavam em frente deles para entoar os hinos de louvor e ação de graças, conforme às determinações de Davi, homem de Deus, um grupo alternando com o outro. ²⁵Esses eram Matanias, Becbecias e Abdias. Mosolam, Telmon e Acub eram porteiros, que ficavam vigiando nos armazéns perto das portas da cidade.

²⁶Esse pessoal é do tempo de Joaquim, filho de Josué, filho de Josedec, do tempo do governador Neemias e do sacerdote Esdras, doutor da Lei. [\[12,1-26\]](#)

Festejando a restauração — ²⁷Por ocasião da dedicação das muralhas de Jerusalém, os levitas foram convocados de todos os lugares onde moravam, para irem a Jerusalém, a fim de celebrar a dedicação com festa e ação de graças, ao som de címbalos, cítaras e harpas. ²⁸Reuniram-se, então, levitas encarregados dos cânticos, vindos do distrito de Jerusalém e redondezas, das cidades dos netofatitas, ²⁹de Bet-Guilgal, da zona rural de Gaba e de Azmot, pois os cantores tinham construído aldeias nos arredores de Jerusalém.

³⁰Os sacerdotes e levitas se purificaram, e depois purificaram o povo, as portas e a muralha. ³¹Então mandei que os chefes de Judá subissem à muralha. E organizei duas grandes alas. Uma deveria caminhar pela direita, na direção da porta do Esterco. ³²Atrás dela, iam Osaías e a metade dos chefes de Judá. ³³Iam também Azarias, Esdras, Mosolam, ³⁴Judá, Benjamim, Semeías e Jeremias, ³⁵pertencentes ao coro dos sacerdotes com as trombetas. Depois, vinham Zacarias, filho de Jônatas, filho de Semeías, filho de Matanias, filho de Micas, filho de Zacur, filho de Asaf, ³⁶com seus irmãos Semeías, Azareel, Malalai, Galalai, Maai, Natanael, Judá e Hanani, levando os instrumentos musicais de

Davi, homem de Deus. Esdras, doutor da Lei, ia na frente deles. ³⁷Passaram pela porta da Fonte e, seguindo em linha reta, subiram as escadas da Cidade de Davi, e desceram pela encosta da muralha, junto ao palácio de Davi, até a porta das Águas, ao leste.

³⁸A outra ala ia pela esquerda. Eu a seguia com a outra metade dos chefes do povo. Fomos por cima da muralha, passamos pela torre dos Fornos e chegamos à muralha larga. ³⁹Passamos depois por cima da porta de Efraim, da porta Velha, da porta dos Peixes, da torre de Hananeel, da torre dos Cem, da porta das Ovelhas, e paramos na porta da Guarda.

⁴⁰Depois, as duas alas entraram no Templo de Deus. Junto comigo estava a metade dos chefes, ⁴¹e também os sacerdotes Eliaquim, Maasias, Miniamin, Micas, Elioenai, Zacarias e Hananias, que levavam trombetas, ⁴²e também Maasias, Semeías, Eleazar, Ozi, Joanã, Melquias, Elam e Ezer. Os cantores entoaram um hino sob a direção de Jezraías. ⁴³Nesse dia, oferecemos sacrifícios solenes. E o povo festejou, pois Deus lhe havia dado grande motivo de alegria. Até as mulheres e crianças participaram da festa. Ouvia-se ao longe o barulho da festa em Jerusalém. [27-43]

Uma época ideal — ⁴⁴Nesse tempo foram nomeados alguns homens para guardar as salas reservadas para as provisões, donativos, primeiros frutos e dízimo. Aí esses homens deviam recolher, da zona rural das cidades, as partes devidas por lei aos sacerdotes e levitas. Os judeus estavam contentes com a função dos sacerdotes e levitas, ⁴⁵pois eles se ocupavam do culto do seu Deus e do ritual de purificação, conforme as instruções de Davi e de seu filho Salomão. Também estavam contentes com os cantores e porteiros. ⁴⁶Desde os tempos de Davi e Asaf, havia um chefe de cantores e dos cânticos de louvor e ação de graças a Deus. ⁴⁷É por isso que, nos tempos de Zorobabel e Neemias, os israelitas proviam diariamente às necessidades dos cantores e porteiros. Também faziam ofertas aos levitas que, por sua vez, entregavam aos descendentes de Aarão a parte que cabia a estes. [44-47]

13 *Defender a comunidade de influências estrangeiras* — ¹Nesse tempo, lendo ao povo o livro de Moisés, encontramos escrito o seguinte: “O amonita e o moabita nunca poderão entrar na assembleia de Deus, ²porque não foram com pão e água ao encontro dos filhos de Israel. Contrataram Balaão para os amaldiçoar, mas o nosso Deus transformou a maldição em bênção”. ³Quando

ouviram a Lei, separaram de Israel todo elemento estrangeiro que com ele estava misturado.

⁴Antes disso, porém, o sacerdote Eliasib tinha sido encarregado das salas do Templo do nosso Deus. Sendo parente de Tobias, ⁵arranjou para este uma sala bem grande, onde antes se colocavam as ofertas, o incenso e os objetos do culto, o dízimo do trigo, do vinho e do azeite, isto é, as partes que cabiam aos levitas, aos cantores e aos porteiros, e o que era reservado para os sacerdotes. ⁶Enquanto isso acontecia, eu estava fora de Jerusalém, pois no trigésimo segundo ano de Artaxerxes, rei da Babilônia, eu tinha voltado para junto do rei. Depois de algum tempo, pedi licença ao rei, ⁷e voltei para Jerusalém. Então fiquei sabendo do mal que Eliasib tinha cometido em favor de Tobias, cedendo-lhe uma sala nas dependências do Templo de Deus. ⁸Fiquei indignado, e joguei na rua toda a mobília de Tobias. ⁹Mandei purificar a sala e, depois, recolocar nela os objetos do Templo de Deus, as ofertas e o incenso. ¹⁰Também fiquei sabendo que não estavam mais dando aos levitas as contribuições devidas, e que os levitas e cantores, encarregados do culto, tinham fugido cada qual para a sua propriedade. ¹¹Enfrentei os ministros e lhes disse: “Por que o Templo de Deus está abandonado?” Reuni de novo os levitas e os reintegrei nas suas funções. ¹²Então, todos os judeus começaram a trazer de novo para os armazéns o dízimo do trigo, do vinho e do azeite. ¹³Coloquei, como encarregados dos armazéns, o sacerdote Selemias, o escrivão Sadoc e o levita Fadaías, ajudados por Hanã, filho de Zacur, filho de Matanias, pois eles tinham fama de serem íntegros. A função deles era distribuir as porções para seus irmãos.

¹⁴Por tudo isso, lembra-te de mim, ó meu Deus! Não deixes apagar da tua lembrança as boas ações que realizei pelo Templo de Deus e pelo seu culto. [13,1-14]

O dia de Deus e do homem — ¹⁵Nessa ocasião, vi em Judá gente pisando uvas no tanque, em dia de sábado; gente que transportava trigo e o colocava sobre jumentos, e também vinho, uva, figo e toda espécie de carga, e levavam isso para Jerusalém em dia de sábado! Chamei a atenção deles, para que não vendessem seus produtos. ¹⁶Havia em Jerusalém até gente de Tiro, que trazia peixe e outras mercadorias, que eram vendidas aos judeus em dia de sábado.

¹⁷Repreendi o pessoal importante de Judá, dizendo-lhes: “Vocês estão fazendo uma coisa abominável, profanando o dia de sábado. ¹⁸Não foi isso que seus

antepassados fizeram? Então Deus mandou toda essa desgraça sobre nós e sobre esta cidade. Com essa profanação do sábado, vocês estão aumentando a ira de Deus contra Israel”. ¹⁹Mandei que fechassem as portas de Jerusalém ao cair da tarde, antes do sábado, com ordem de não abri-las enquanto o sábado não tivesse passado. Coloquei alguns dos meus homens perto das portas da cidade, para não deixar que entrasse nenhum carregamento na cidade durante o sábado. ²⁰Por uma ou duas vezes, alguns mascates e negociantes de artigos tiveram de passar a noite do lado de fora de Jerusalém. ²¹Então, eu os avisei: “Por que vocês estão dormindo ao pé da muralha? Se fizerem isso de novo, vou prender vocês”. Daí por diante, não voltaram mais aos sábados. ²²Mandei também que os levitas se purificassem e vigiassem as portas da cidade, para santificar o dia de sábado. Por tudo isso, lembra-te de mim, ó meu Deus, e tem piedade de mim, por tua grande misericórdia! [15-22]

Preservar a identidade original do povo — ²³Nessa mesma ocasião, notei que os judeus estavam se casando com mulheres azotitas, amonitas e moabitas. ²⁴Metade de seus filhos falava a língua de Azoto e outras línguas estrangeiras, e não sabiam mais falar a língua dos judeus. ²⁵Eu os reprovei e amaldiçoei, bati em alguns, arranquei cabelos de outros e os fiz jurar em nome de Deus que não dariam suas filhas em casamento aos filhos deles, nem tomariam as filhas deles para seus filhos ou para si próprios. ²⁶Eu disse: “Não foi esse o pecado de Salomão, rei de Israel? Entre numerosas nações, não havia um rei como ele. E Deus o amava tanto que o tornou rei de todo o Israel. Pois até a ele as mulheres estrangeiras fizeram pecar! ²⁷E agora, casando-se com mulheres estrangeiras, vocês cometem esse grande crime de trair nosso Deus!”

²⁸Um dos filhos de Joiada, filho de Eliasib, o sumo sacerdote, tinha-se tornado genro do horonita Sanabalat. Expulsei-o para longe.

²⁹Lembra-te, ó meu Deus, da profanação que essa gente cometeu contra o sacerdócio e contra a aliança dos sacerdotes e levitas.

³⁰Então purifiquei o povo de todo costume estrangeiro, e restabeleci as funções dos sacerdotes e levitas, determinando a tarefa de cada um. ³¹Também dei as normas sobre o fornecimento de lenha no tempo certo e sobre os primeiros frutos.

Lembra-te de mim, ó meu Deus, para o meu bem! [23-31]

NOTAS

[1,1-2,10] Da mesma forma que Moisés no Egito, Neemias ocupa posição privilegiada na corte persa, pois goza da atenção pessoal do rei. Todavia, ao saber da situação crítica do seu povo, ele se solidariza interna e externamente, renunciando a uma situação cômoda para lutar em favor dos seus compatriotas. O texto recorda o Êxodo (cf. nota em Ex 2,11-22). Neemias faz uma súplica ao Deus que age na história para libertar o povo. É esse Deus que “com grande poder e mão forte” (1,10) fará o rei permitir que Neemias retorne para junto dos seus.

A missão de Neemias, à primeira vista, é apenas a reconstrução da muralha. Essa reconstrução, porém, visa diretamente a dar segurança à cidade e tornar possível uma organização do grupo judaico. Como o livro deixará claro, a missão de Neemias tinha objetivo político e social: reunir os judeus e dar-lhes uma organização centralizada em Jerusalém.

A reação de Sanabalat e Tobias (2,10) mostra que eles perceberam o alcance da missão de Neemias. Sanabalat era fiscal do império na Samaria; Tobias, governador de Amon, era judeu que bajulava o rei persa, a fim de conseguir os próprios interesses. Os dois, junto com Gosem, chefe dos povos árabes do sul (2,19), temem que os judeus se organizem, sob a chefia de Neemias, escapando assim ao controle deles e formando território independente.

[2,11-20] Neemias é cauteloso e sagaz. Não conta a ninguém o que pretende realizar, certamente para não ser boicotado pelas autoridades, nem se chocar com o descrédito do povo. Primeiro, sonda pessoalmente o terreno, para tomar conhecimento de toda a situação. Daí, parte para o ato de conscientizar, fornecendo às pessoas um espelho completo da condição em que elas próprias vivem. Antes de alguém dizer que a empresa é impossível, ele apresenta suas credenciais: Deus está do seu lado e já fez que o rei concordasse. Agindo assim, Neemias consegue o empenho de todos. Como reação, as autoridades (vv. 19-20) buscam intimidar o povo, acusando-o de subversão. O que elas temem, na realidade, é perder o domínio sobre os judeus. Neemias deixa claro que sua intenção é reorganizar o povo, segundo o projeto de Javé. Mostra também que Sanabalat, Tobias e Gosem perderão completamente o controle sobre os judeus.

[3,1-32] Temos aqui um documento, provavelmente tirado dos arquivos do Templo. Ele nos informa sobre a topografia de Jerusalém e sobre a geografia

política da província, formada por Jerusalém, Bet-Acarem, Masfa, Betsur e Ceila. O pessoal importante, que se recusa a trabalhar (v. 5), tem provavelmente interesses em comum com os adversários, dos quais a seguir se falará. A reconstrução das muralhas é obra importante, que protegerá a cidade contra ataques inimigos.

[3,33-4,17] Neemias encontra forte oposição das autoridades, que até o momento controlavam a região. Estas, inicialmente, fazem caçadas para desanimar os trabalhadores; depois, vendo que a construção prossegue, ameaçam passar à ação direta (4,5). Desse modo, ao trabalho de reconstrução, junta-se resistência tenaz.

[5,1-5] Os atritos políticos enfrentados por Neemias ocultam, de fato, uma problemática social: seus opositores se enriquecem explorando o povo, já sobrecarregado pelos tributos que deve pagar ao estrangeiro, e que se vê cada vez mais empurrado para a pobreza e a miséria. Primeiro, é forçado a penhorar a produção; depois, também as propriedades; e finalmente, tem que vender os próprios filhos como escravos. O pior de tudo é que essa condição da maioria é provocada por minoria privilegiada, que pertence ao mesmo povo explorado.

A situação dos judeus após o exílio mostra, de modo bastante drástico, a formação de classes sociais: o centro político e econômico se encontra no *estrangeiro*; dentro do território, encontra-se a minoria privilegiada que serve à dominação estrangeira e se serve dela para seus próprios interesses; e o povo, na sua totalidade, tende cada vez mais a se empobrecer, encaminhando-se a passos largos para se tornar mão de obra escrava.

[6-13] Chegando ao extremo suportável, o povo só precisa de líder que o ame e seja capaz de organizá-lo. Neemias é o líder que *fica indignado* com a situação e, a partir disso, toma providências. Primeiro, *vai direto aos opressores e os desmascara*. Depois, *reúne o povo e denuncia publicamente o crime* que aqueles estão cometendo: vender seus irmãos como escravos. Não há justificativa possível, pois a população mesma está aí para testemunhar. Neemias *apela para o que há de mais sagrado*: o temor de Deus, ao qual pertence o povo que os exploradores estão vendendo. A seguir, apresentando sua própria atitude como exemplo, *propõe anistia geral*. Os opressores não têm outra saída, a não ser aceitar a proposta. Caso contrário, seriam sacudidos e despojados, já que “o povo não teme a morte quando os chefes se arrogam o direito sobre a vida” (Lao-Tse).

[14-19] Neemias é o modelo de governador, que não usa do cargo para explorar o povo. O texto não deixa claro quem é que sustentava os gastos do governo.

[6,1-19] Os inimigos políticos de Neemias voltam à carga. Desta vez, preparam ciladas, recorrem à intimidação, manipulam profetas, escrevem ameaças. Se Neemias tivesse aceito o conselho de Semaías e o refúgio no santuário, teria caído no descrédito e na difamação, porque, além de ser proibido a leigo entrar no santuário, tal gesto seria sinal de covardia.

Relacionado com a aristocracia e os sacerdotes de Jerusalém, Tobias, governador de Amon, goza de muita influência entre os judeus. Seus descendentes formaram uma família que sempre esteve ao lado do poder estrangeiro, e isso lhe garantia o controle do comércio na região.

[7,1-3] A reconstrução da muralha de Jerusalém possibilitava espaço e condições para organizar política e socialmente a comunidade judaica, independentemente da influência das outras províncias. Trata-se de situação frágil, pois Tobias, governador de Amon, tinha muitos aliados dentro de Jerusalém, que poderiam facilmente provocar dissidências e sabotagens. Daí as medidas de segurança para a cidade, tanto nas muralhas como nas casas. Toda busca de nova organização do povo deve ser protegida e assegurada contra ataques externos e esvaziamento interno.

[4-72a] Quando os repatriados voltaram do exílio, encontraram Jerusalém arruinada e se fixaram em pequenas aldeias, perto dos campos que cultivavam. A partir de critérios genealógicos, Neemias redistribuiu a população, a fim de repovoar Jerusalém, tornando-a centro da comunidade judaica. Cf. também nota em Esd 2,1-70.

[7,72b-8,12] No primeiro dia do sétimo mês de um ano situado na segunda metade do séc. V a.C., nasce o fenômeno político-religioso chamado *judaísmo*. O acontecimento marcante é o *livro da Lei*, certamente o núcleo do atual Pentateuco. Tal livro é promulgado publicamente como lei que regerá a vida política, social e religiosa da comunidade. Daí por diante e até nossos dias, o judaísmo foi pouco a pouco se tornando a *religião do livro*, que acabou por substituir completamente o Templo e os sacrifícios.

A comunidade nasce quando todos ouvem a *palavra de Deus*, que precisa ser *traduzida* (esclarecida no seu significado original) e *explicada* (aplicada à situação concreta da comunidade), para que todos a compreendam. Essa palavra, que ensina a conquistar a liberdade e a vida, gera sempre novo comportamento,

que produz partilha, comunhão e alegria (refeição). O centro vital da comunidade é a compreensão da Palavra, que leva a comunidade a praticar a justiça da qual surge a vida para todos.

[8,13-18] Sobre a festa das Tendas, cf. nota em Dt 16,1-17. A recordação do tempo de Josué (v. 17) parece indicar que a comunidade judaica revive o tempo em que as tribos se reuniram para constituir uma sociedade justa e fraterna.

[9,1-37] Esta celebração penitencial foi feita provavelmente após as medidas tomadas por Esdras sobre os casamentos mistos. O texto, portanto, viria logo após Esd 10,44. Os vv. 36-37, porém, tornam mais ampla a situação.

Os vv. 5-37 são um dos textos penitenciais mais completos e belos do Antigo Testamento. Temos aí uma revisão de toda a história do povo, estruturada segundo a visão dialética que aparece na história, desde a conquista da terra até o exílio na Babilônia: *pecado e castigo, conversão e graça* (cf. Introdução ao livro dos Juízes). O centro da celebração penitencial é o reconhecimento da verdade, e isso implica em declarar que *Deus é inocente* e em reconhecer que a desgraça provém da infidelidade do povo (cf. notas em Sl 50 e 51). Toda celebração penitencial, portanto, é *momento de conversão* e de volta ao projeto de Deus, porque só em Deus é possível encontrar liberdade e vida. Se o povo de Deus não confessa publicamente seus pecados, absolvendo Deus como único inocente, ele acaba declarando que Deus é cúmplice de seus pecados.

[10,1-40] A confissão de fé e o compromisso com Deus têm consequências sociais bem determinadas: pôr em prática os mandamentos (v. 30), manter a identidade do povo (v. 31), reservar o sábado para o culto e o descanso (v. 32), dar oportunidade para que os pobres se sustentem e refaçam sua vida (v. 32), sustentar aqueles que governam ou que defendem os interesses do povo (vv. 33-40). O Templo merece especial atenção (v. 40), porque, na época, é o único ponto de união na vida social da comunidade.

[11,1-36] Em base à lista dos primeiros repatriados, procura-se redistribuir a população judaica, de modo que Jerusalém seja repovoada. O recurso ao sorteio e o v. 2 deixam claro que, nesse tempo, era mais fácil viver no interior do que na capital. Os vv. 20-36 mostram que os judeus se espalharam bastante para o sul, no Negueb.

[12,1-26] Temos aqui uma tentativa de reunir documentos diferentes para dar uma visão conjunta das famílias de levitas, desde a volta do exílio até 405 a.C.

Os vv. 10-11, com a lista dos sumos sacerdotes de 520 a 405 a.C., são provavelmente acréscimo.

[27-43] A obra de Neemias é coroada com festa solene. O autor ressalta a presença dos levitas vindos de todas as cidades e introduz Esdras na cerimônia. De fato, essa procissão será organizada mais tarde, em períodos regulares, para festejar a reconstrução da cidade.

[44-47] O autor considera Zorobabel e Neemias como pioneiros de uma época ideal, em que os direitos e dignidades eram respeitados e a Lei observada à risca. Mais uma vez, o autor salienta a função dos levitas, frente às pretensões exclusivistas dos sacerdotes. Em geral, estes eram mais favoráveis à política que os governadores persas exerciam nas regiões vizinhas.

[13,1-14] A lei de Dt 23,3-6 visava a proteger o povo contra influências estrangeiras que poderiam desfigurar o projeto de uma sociedade justa e fraterna. De modo algum significava separatismo racial ou nacional (cf. Dt 23,7-9). Essa lei é retomada a propósito da atitude do sacerdote Eliasib, que alojou dentro do Templo até o governador Tobias, inimigo declarado da reorganização política e social da comunidade judaica.

Os vv. 10-14 mostram que Tobias não só ficou hospedado nas dependências do Templo, mas intrometeu-se na organização da comunidade judaica. Tirando o sustento dos levitas e sacerdotes (v. 5), Tobias mudou o núcleo unificador da comunidade, que era o culto (sacerdotes) e a pregação (levitas).

[15-22] Conforme a legislação antiga (cf. Dt 5,12-15), o sábado é dia de repouso para todos. Após o exílio, ele adquire também sentido cultural (cf. Ex 20,8-11). Como dia de Javé e como dia do homem, o sábado existe para celebrar a liberdade e a vida, a fim de gerar uma sociedade justa e fraterna durante a semana. A ganância de lucro perverte o dia de Deus e do homem, produzindo uma sociedade construída sobre a escravidão e a opressão.

[23-31] À primeira vista, Neemias parece tomar atitude mais dura do que Esdras (cf. nota em Esd 9,1-10,17). Note-se, porém, que o primeiro não exige a separação das mulheres nem dos filhos nascidos de casamento entre judeus e estrangeiros. Relembrando a figura de Salomão, Neemias deixa claro que a proibição de casamentos com estrangeiros não visa à pureza da raça. Quer somente preservar o projeto social e a identidade cultural do povo. Se no tempo de Salomão o casamento significava aliança com países estrangeiros (cf. nota em 1Rs 11,1-13), no pós-exílio a situação é mais crítica ainda: a língua e os

costumes estrangeiros podiam dissolver completamente a existência da comunidade judaica. Por outro lado, o casamento com estrangeiros é visto como “profanação” contra o sacerdócio e contra “a aliança dos sacerdotes e levitas”. Essa aliança é provavelmente o eixo central de três livros: Crônicas, Esdras e Neemias. Trata-se talvez de compromisso que os sacerdotes e levitas assumiram de organizar a comunidade judaica segundo o culto a Javé (sacerdócio) e as tradições dos antepassados, conservadas principalmente no livro do Deuteronômio (levitismo; cf. Ne 13,1-2).

OUTROS LIVROS HISTÓRICOS

Os livros de Tobias, Judite, Ester e 1-2 Macabeus formam um conjunto que não se encaixa na história antes do exílio nem imediatamente após. A rigor, só poderíamos considerar histórico o primeiro livro dos Macabeus.

Tobias, Judite e Ester são novelas ou romances. Não refletem acontecimentos históricos. Querem mostrar situações típicas dos judeus na Palestina (Judite) ou fora (Tobias e Ester). No entanto, por trás da ficção, apresentam profunda análise da situação histórica e das possibilidades que os judeus encontraram em determinado contexto. Embora não sejam história propriamente dita, servem de modelo para analisar em profundidade certas situações reais.

Os dois livros dos Macabeus apresentam os acontecimentos que se desenvolveram entre 175 e 134 a.C. O primeiro, mais sóbrio e abrangente, relata os fatos a partir do ponto de vista mais objetivo e segue uma cronologia ordenada. O segundo se limita a poucos fatos entre 175 e 161 a.C., com a intenção de mostrar o significado religioso da resistência judaica. Seu estilo é de crônica elogiosa sobre os heróis da fé, mostrando as bases para uma reflexão sobre o martírio.

TOBIAS

O JUSTO É SEMENTE DE ESPERANÇA

Introdução

O livro de Tobias foi escrito pelo ano 200 a.C. Apesar das aparências, não conta uma história real, pois os acontecimentos aí descritos dificilmente se enquadram na história desse período. O livro pertence ao gênero sapiencial e é uma espécie de romance ou novela, destinado a transmitir um ensinamento.

O autor está preocupado em apresentar o exemplo de um judeu justo e fiel a Deus, mostrando que a verdadeira sabedoria, caminho para a fidelidade, consiste em amar a Deus e obedecer à sua vontade (mandamentos), aconteça o que acontecer.

Para que foi escrito este livro? Sabemos que nesse tempo o império grego dominava todo o Oriente Médio, inclusive a Palestina. Além do domínio político e da exploração econômica, os povos dominados sofrem também a influência da cultura, religião e costumes gregos, ficando ameaçados na própria identidade.

É precisamente com a identidade do povo judeu que o autor está preocupado. Principalmente dos que vivem fora da Palestina. Por isso o livro procura estimular e fortalecer a fidelidade e confiança, levando-os a redescobrir e revalorizar a fé, tradições e valores de Israel.

A finalidade do livro, portanto, é ensinar. Destacam-se, entre outras coisas, a descoberta da providência divina na vida cotidiana (anjo Rafael), a fidelidade à vontade de Deus (Lei), a prática da esmola, o amor aos pais, a oração e o jejum, a integridade do matrimônio e o respeito pelos mortos. O autor mostra, sobretudo, que o homem justo não vive sozinho: está sempre acompanhado e protegido por Deus.

TOBIAS

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14

TOBIAS

1 *Tema do livro* — ¹História de Tobit, filho de Tobiel, filho de Ananiel, filho de Aduel, filho de Gabael, descendente de Asiel, da tribo de Neftali. ²No tempo de Salmanasar, rei da Assíria, Tobit foi exilado de Tisbé, que fica ao sul de Cedes, em Neftali, na Galileia do norte, acima de Hasor, a ocidente, ao norte de Sefat. [\[1,1-2\]](#)

I. O SOFRIMENTO DOS JUSTOS [1,3-3,17]

Fidelidade na própria terra — ³Eu, Tobit, durante toda a minha vida, andei pelos caminhos da verdade e da justiça. Sempre dei ajuda aos meus irmãos e compatriotas, exilados comigo em Nínive, no país da Assíria. ⁴Quando eu era moço e estava na minha terra, no país de Israel, toda a tribo do meu antepassado Neftali se separou da dinastia de Davi e de Jerusalém, cidade escolhida por Deus, entre todas as tribos de Israel, para os sacrifícios. Aí foi construído e consagrado o Templo para ser a morada perpétua de Deus. ⁵Todos os meus irmãos e a tribo de Neftali ofereciam sacrifícios ao bezerro que Jeroboão, rei de Israel, tinha colocado em Dã, na região montanhosa da Galileia.

⁶Muitas vezes, eu era o único a ir em peregrinação a Jerusalém, por ocasião das festas, a fim de cumprir a Lei perpétua que obriga todo o Israel. Eu corria a Jerusalém com os primeiros produtos da lavoura e as primeiras crias dos animais, com o dízimo do gado e a primeira lã das ovelhas, ⁷e os entregava aos sacerdotes, filhos de Aarão, para o altar. Aos levitas que estavam exercendo função em Jerusalém, eu entregava o dízimo do trigo, do vinho, do óleo, das romãs, dos figos e das frutas. Por seis anos consecutivos, eu converti o segundo dízimo em dinheiro e o gastava a cada ano em Jerusalém. ⁸O terceiro dízimo, eu dava para os órfãos, as viúvas e os estrangeiros convertidos que viviam com os israelitas, e o dava a eles de três em três anos. Então nós comíamos juntos, conforme a Lei de Moisés e a orientação que nos deixou Débora, mãe do nosso pai Ananiel, pois meu pai tinha morrido, deixando-me órfão. ⁹Homem feito, casei-me com uma mulher parente nossa, de nome Ana. Ela me deu um filho, a quem chamei com o nome de Tobias. [3-9]

Fidelidade no exílio — ¹⁰Exilado na Assíria, levado como prisioneiro, eu cheguei a Nínive. Meus irmãos e compatriotas comiam alimentos dos pagãos, ¹¹mas eu tomei cuidado para não fazer o mesmo. ¹²Porque permaneci fiel a Deus com todo o meu coração, ¹³o Altíssimo me fez ganhar o favor de Salmanasar, e cheguei a ser procurador dele. ¹⁴Até à sua morte, eu costumava ir à Média e aí fazia as compras na casa de Gabael, irmão de Gabri, em Rages, na Média, onde deixei em depósito algumas sacolas com trezentos quilos de prata.

¹⁵Depois Salmanasar morreu, e seu filho Senaquerib lhe sucedeu no trono. Os caminhos para a Média foram fechados, e eu não pude mais viajar para lá. ¹⁶No

tempo de Salmanasar, dei muita esmola aos meus compatriotas. ¹⁷Eu dava o meu próprio alimento para os que estavam com fome, roupa aos que estavam mal vestidos, e quando via o cadáver de algum compatriota jogado fora das muralhas de Nínive, eu o enterrava. ¹⁸Também sepultei os que Senaquerib matou, quando voltou fugindo da Judeia, por ocasião do castigo que o Rei do céu lhe aplicou por causa das blasfêmias que ele disse. Nessa ocasião, enfurecido, ele matou muitos israelitas. Eu recolhia os corpos às escondidas e os enterrava. Senaquerib mandava procurá-los, mas não os encontrava. ¹⁹Alguém de Nínive foi denunciar ao rei que era eu quem os enterrava às escondidas. Quando fiquei sabendo que o rei estava informado a meu respeito e que me procuravam para me matar, fiquei com medo e fugi. ²⁰Tudo o que eu possuía foi confiscado, e nada restou que não fosse levado para o tesouro do rei. Só ficaram minha mulher Ana e meu filho Tobias.

²¹Não se passaram quarenta dias, e os dois filhos de Senaquerib o assassinaram e fugiram para os montes de Ararat. Seu filho Asaradon lhe sucedeu no trono. Asaradon nomeou Aicar, filho de meu irmão Anael, para dirigir toda a economia do país, de modo que ele tinha poder sobre toda a administração. ²²Então Aicar interferiu em meu favor, e eu pude voltar para Nínive. O fato é que Aicar tinha sido chefe dos copeiros, chanceler, administrador e encarregado das finanças durante o governo de Senaquerib, rei da Assíria. Por isso, Asaradon o manteve no cargo. Aicar era da minha família, era meu sobrinho. [10-22]

2 Fidelidade e coragem — ¹Durante o reinado de Asaradon, eu pude voltar para a minha casa e ter de novo minha mulher Ana e meu filho Tobias. Em nossa festa de Pentecostes, isto é, na festa das Semanas, foi-me preparado um belo almoço, e eu me sentei à mesa para comer. ²Enquanto serviam a mesa e preparavam vários pratos, eu disse ao meu filho Tobias: “Filho, vá ver se encontra algum pobre entre os nossos compatriotas exilados em Nínive, alguém que permanece fiel a Deus de todo o coração, e traga-o aqui para almoçar conosco. Vou esperar você voltar, meu filho!” ³Então Tobias foi procurar um pobre entre os nossos compatriotas. Ao voltar, disse: “Meu pai!” E eu perguntei: “O que foi, meu filho?” Ele continuou: “Pai, assassinaram um compatriota nosso. Foi estrangulado e jogado na praça do mercado. Ainda está lá”. ⁴Imediatamente deixei a mesa, sem ao menos provar o almoço. Fui buscar o corpo e o coloquei num quarto, esperando o pôr do sol para enterrá-lo. ⁵Voltando, lavei-me e fui almoçar cheio de tristeza, ⁶lembrando-me das palavras

que o profeta Amós disse contra Betel: “As festas de vocês vão se transformar em luto, e seus cânticos alegres em lamentações”. ⁷E comecei a chorar. Logo que o sol se pôs, saí de casa, fiz uma cova e enterrei o corpo. ⁸Os meus vizinhos caçoavam de mim, dizendo: “Ele não tem mais medo! Por esse motivo, já foi procurado para ser morto. Da primeira vez, conseguiu fugir. Agora, está aí de novo enterrando os mortos!” [2,1-8]

Desespero do homem justo — ⁹Nessa mesma noite, depois de tomar banho, fui para o pátio de minha casa e deitei-me junto ao muro do pátio, com o rosto descoberto por causa do calor. ¹⁰Não tinha notado, porém, que havia uns pardais no muro, bem acima de mim. Caiu excremento quente nos meus olhos, produzindo neles manchas brancas. Fui aos médicos para me tratar. Porém, quanto mais pomadas aplicavam, mais as manchas aumentavam, até que fiquei completamente cego. Fiquei cego durante quatro anos. Todos os meus irmãos lamentaram muito a minha sorte. Aicar me sustentou por dois anos, até que se mudou para Elimaida.

¹¹Nessa situação, minha mulher Ana começou a trabalhar para ganhar dinheiro. Fiava lã e recebia tela para tecer. ¹²Entregava as encomendas, e os fregueses lhe pagavam o trabalho. No dia sete do mês Distros, ela terminou uma dessas encomendas e a entregou aos fregueses. Eles lhe pagaram tudo e ainda lhe deram um cabrito para o almoço. ¹³Quando ela chegou em casa e o cabrito começou a berrar, eu a chamei e lhe perguntei: “De onde veio esse cabrito?! Será que não foi roubado? Devolva ao dono! Não podemos comer nada que seja roubado!” ¹⁴Ana me respondeu: “Eles me deram o cabrito, além do pagamento”. Eu não acreditei, e insisti para que devolvesse o cabrito aos donos. Eu estava envergonhado por causa dela. Então ela me disse: “Onde estão as suas esmolas? Onde está o bem que você fez? Está vendo a que ponto chegou?!”

3 ¹Muito entristecido com tudo isso, soluçando e chorando, comecei a rezar: ²“Senhor, tu és justo, e tuas obras todas são justas.

Tu ages com misericórdia e fidelidade.

Tu és o juiz do mundo.

³Agora, Senhor, lembra-te de mim e olha para mim.

Não me castigues pelos pecados e erros, meus e de meus antepassados, ⁴que cometemos em tua presença, desobedecendo aos teus mandamentos.

Tu nos entregaste ao saque,

ao exílio e à morte,
transformando-nos em piada,
comentário e desprezo
de todas as nações,
por onde nos espalhaste.

⁵ Sim, todas as tuas sentenças são justas, quando me tratas segundo
as minhas faltas,
porque não cumprimos
teus mandamentos,
nem procedemos lealmente
em tua presença.

⁶ Agora, faze de mim o que desejares.

Manda que me tirem a vida,

e eu desaparecerei da face da terra, e em terra me transformarei.

Sim, é melhor morrer do que viver, pois sofro ultrajes que não mereço, e a
tristeza me invade.

Manda, Senhor, que eu seja liberto dessa prova.

Deixa-me partir para a morada eterna, e não afastes o teu rosto de mim, Senhor.

Sim, é melhor morrer do que viver aguentando esta prova
e ouvindo tantos ultrajes”. [2,9-3,6]

Desespero da mulher justa — ⁷ Nesse mesmo dia, Sara, filha de Ragüel, que morava na Média, em Ecbátana, também teve que suportar os insultos de uma empregada do seu pai. ⁸ Sara tinha-se casado com sete homens, porém, Asmodeu, o pior dos demônios, tinha matado cada um deles, antes que tivessem relações conjugais com ela. A empregada lhe dizia: “É você mesma que mata seus maridos. Já se casou com sete homens, e nenhum deles consumou o casamento! ⁹ Você quer castigar a nós pela morte de seus maridos? Pois vá com eles, e que nunca você tenha filho ou filha”.

¹⁰ Então Sara, abatida, começou a chorar e subiu ao quarto do seu pai, pensando em se enforcar. Depois, refletiu melhor e pensou: “Ainda vão jogar isso na cara de meu pai. Vão dizer que sua única e querida filha se enforcou de tanta infelicidade! Desse jeito, eu causaria tanta dor ao meu velho pai, que ele morreria. Em vez de me enforcar, é melhor pedir que o Senhor me tire a vida, e eu nunca mais terei de ouvir esses insultos”. ¹¹ Nesse momento, ela estendeu os braços para a janela, e suplicou: “Bendito sejas tu,

Deus misericordioso!

Bendito seja o teu Nome eternamente, e que tuas obras
te bendigam para sempre.

¹² Para ti levanto meu rosto e meus olhos.

¹³ Manda que eu desapareça da terra, para não ouvir mais insultos.

¹⁴ Tu sabes, Senhor, que eu estou pura e que homem algum me tocou.

¹⁵ Nunca desonrei o meu nome, nem o nome de meu pai,
na terra do meu exílio.

Sou filha única,

e meu pai não tem outro filho como herdeiro,

nem irmão ou parente próximo com quem eu possa me casar.

Já perdi sete maridos.

Para que viver mais?

Se não me quiseres tirar a vida, Senhor, trata-me com compaixão,
para que eu não ouça mais insultos”. [3,7-15]

Deus atende à súplica dos justos — ¹⁶No mesmo instante, o Deus da glória
escutou a oração dos dois, ¹⁷e mandou Rafael para curá-los: tirar as manchas dos
olhos de Tobit, a fim de que ele pudesse ver a luz de Deus; e fazer com que Sara,
filha de Ragüel, se casasse com Tobias, filho de Tobit, livrando-a de Asmodeu, o
pior dos demônios. De fato, Tobias tinha mais direito de casar-se com ela do que
todos os outros pretendentes.

No mesmo momento, Tobit voltava do pátio para dentro de casa, e Sara, filha
de Ragüel, descia do quarto do pai. [16-17]

II. DEUS ATENDE À SÚPLICA DOS JUSTOS [4-12]

4 *Educação para a justiça* — ¹Nesse dia, Tobit lembrou-se do dinheiro que tinha deixado com Gabael em Rages, na Média, ²e pensou: “Eu pedi a morte. Por que não chamar o meu filho Tobias e não informá-lo sobre esse dinheiro, antes de morrer?” ³Então chamou o filho Tobias, e lhe disse: “Quando eu morrer me dê uma sepultura digna. Honre sua mãe, e não a abandone nunca, enquanto ela viver. Faça sempre o que for do agrado dela, e por nada lhe cause tristeza. ⁴Lembre-se, meu filho, de que ela passou muitos perigos por sua causa, quando você estava no ventre dela. Quando ela morrer, sepulte-a junto de mim, no mesmo túmulo.

⁵Meu filho, lembre-se do Senhor todos os dias. Não peque, nem transgrida seus mandamentos. Pratique a justiça todos os dias da vida, e jamais ande pelos caminhos da injustiça. ⁶Se você agir conforme a verdade, será bem-sucedido em tudo o que fizer, como todos os que praticam a justiça.

⁷Dê esmolas daquilo que você possui, e não seja mesquinho. Se você vê um pobre, não desvie o rosto, e Deus não afastará seu rosto de você. ⁸Que sua esmola seja proporcional aos bens que você possui: se você tem muito, dê muito; se você tem pouco, não tenha receio de dar conforme esse pouco. ⁹Assim você estará guardando um tesouro para o dia da necessidade, ¹⁰pois a esmola livra da morte e não deixa cair nas trevas. ¹¹Quem dá esmola apresenta uma boa oferta ao Altíssimo.

¹²Meu filho, afaste-se de qualquer união ilegal. Em primeiro lugar, escolha uma esposa que pertença à família de seus antepassados. Não se case com mulher estrangeira, que não seja da tribo do seu pai, porque somos filhos de profetas. Lembre-se de Noé, Abraão, Isaac e Jacó, nossos antepassados mais antigos. Todos eles se casaram com mulheres da sua parentela, foram abençoados em seus filhos, e sua descendência possuirá a terra como herança. ¹³Meu filho, ame seus parentes, não se mostre orgulhoso diante de seus irmãos, os filhos e filhas do seu povo, e escolha entre elas a sua mulher. De fato, o orgulho é causa de ruína e muita inquietação. A preguiça traz pobreza e miséria, porque a preguiça é mãe da fome.

¹⁴Não atrase o pagamento de quem trabalha para você. Pague sem demora, e se você estiver sendo justo, Deus o recompensará. Meu filho, seja reservado em tudo o que fizer, e bem-educado em todo o seu comportamento. ¹⁵Não faça para

ninguém aquilo que você não gosta que façam para você. Não beba vinho até se embriagar, e não deixe que a embriaguez seja sua companheira de caminho.

¹⁶Reparta seu pão com quem tem fome e suas roupas com quem está nu. Dê como esmola tudo o que você tem de supérfluo, e não seja mesquinho. ¹⁷Ofereça seu pão e vinho sobre o túmulo dos justos, ao invés de dá-los aos infiéis.

¹⁸Procure aconselhar-se com pessoas sensatas, e nunca despreze um conselho útil.

¹⁹Bendiga ao Senhor Deus em todas as circunstâncias. Peça que ele guie você em todos os caminhos, e que ele faça você ter sucesso em todas as iniciativas e projetos, pois nenhum povo possui a sabedoria. Somente o Senhor é quem dá seus bens. Segundo o projeto dele, o Senhor exalta ou rebaixa até o fundo da mansão dos mortos. Portanto, meu filho, lembre-se dessas normas, e não permita que elas desapareçam de sua memória. ²⁰Meu filho, quero ainda contar-lhe que deixei trezentos quilos de prata com Gabael, filho de Gabri, na cidade de Rages, na Média. ²¹Não tenha medo, meu filho, se nós ficamos pobres. Se você temer a Deus, se evitar todo tipo de pecado e se você fizer o que agrada ao Senhor seu Deus, você terá uma grande riqueza”. [4,1-21]

5 O drama familiar — ¹Tobias perguntou a seu pai: “Meu pai, vou fazer tudo o que o senhor me mandou. ²Mas como posso recuperar esse dinheiro? Gabael não me conhece e eu não o conheço. Que sinal posso dar-lhe para que ele me reconheça, acredite em mim e me entregue o dinheiro? Além disso, não conheço o caminho para ir até a Média”. ³Tobit respondeu: “Gabael me deu um documento e eu dei outro a ele. Dividi o documento em duas partes, e cada um ficou com uma delas. Uma parte, eu deixei lá com o dinheiro, e a outra está comigo. Já se passaram vinte anos, desde que eu depusitei esse dinheiro! Agora, meu filho, vá procurar uma pessoa de confiança que possa acompanhá-lo na viagem, e nós pagaremos a ela quando vocês voltarem. Vá e recupere esse dinheiro que está com Gabael”.

⁴Tobias saiu para procurar uma pessoa que pudesse ir com ele até a Média e conhecesse o caminho. Logo que saiu, encontrou o anjo Rafael bem à frente dele, mas não sabia que era um anjo de Deus. ⁵Tobias lhe perguntou: “De onde você é, rapaz?” Ele respondeu: “Sou israelita, seu compatriota, e estou aqui procurando trabalho”. Tobias lhe perguntou: “Você sabe o caminho para a Média?” ⁶Ele respondeu: “Sim. Já estive lá muitas vezes e conheço bem todos os caminhos. Fui muitas vezes à Média, e me hospedei na casa do nosso

compatriota Gabael, que mora em Rages, na Média. São dois dias de viagem de Ecbátana até Rages, pois Rages fica na região montanhosa e Ecbátana fica na planície”. ⁷Tobias disse: “Espere aqui, rapaz, enquanto vou contar isso a meu pai. Estou precisando que você viaje comigo. Eu lhe pago depois”. ⁸Rafael disse: “Está bem. Ficarei esperando, mas não demore”.

⁹Tobias entrou em casa e contou a seu pai Tobit: “Pai, encontrei um israelita, que é nosso compatriota!” Tobit lhe disse: “Chame-o para que eu saiba de que família e tribo ele é, e se é de confiança para viajar com você, meu filho”.

¹⁰Tobias saiu para chamá-lo e disse: “Rapaz, meu pai está chamando você!” O anjo entrou na casa, e Tobit se apressou em cumprimentá-lo. O anjo disse: “Desejo-lhe muita alegria”. Tobit respondeu: “Que alegria ainda posso ter? Sou cego, não enxergo a luz do dia, vivo na escuridão com os mortos, que já não enxergam a luz. Escuto a voz das pessoas, mas não posso vê-las”. Rafael disse-lhe: “Coragem! Em breve, Deus vai curá-lo. Tenha confiança”. Tobit disse a ele: “Meu filho Tobias quer ir até a Média. Você pode ir com ele para ensinar o caminho? Eu lhe pagarei por isso, meu irmão”. Ele respondeu: “Posso ir. Conheço todas as estradas. Muitas vezes viajei até a Média e já percorri todas as suas planícies e montanhas, e conheço todos os caminhos por lá”. ¹¹Tobit lhe perguntou: “Meu irmão, de que família e tribo você é? Conte para mim”. ¹²O anjo respondeu: “Para que você quer saber sobre minha família e tribo?” Tobit insistiu: “Gostaria de saber de quem você é filho e qual é o seu nome.” ¹³Rafael respondeu: “Sou Azarias, filho do grande Ananias, um compatriota seu”. ¹⁴Tobit disse: “Seja bem-vindo, meu irmão. Não leve a mal se eu procuro saber exatamente seu nome e sua família. Acontece que você é parente meu e vem de uma família honesta e honrada. Conheço bem Ananias e Natã, os dois filhos do grande Semeías. Eles costumavam ir comigo a Jerusalém, para juntos adorarmos a Deus. Eles nunca se desviaram do caminho certo. Seus parentes são homens de bem. Seja bem-vindo, porque você vem de uma raiz muito boa”. ¹⁵E acrescentou: “Vou lhe pagar uma dracma por dia, além do necessário para você e meu filho. ¹⁶Acompanhe meu filho, que depois eu ainda posso lhe aumentar o pagamento”. ¹⁷O rapaz respondeu: “Vou com ele. Não tenha medo. Iremos e voltaremos sãos e salvos. O caminho é seguro”. Tobit disse: “Deus lhe pague, meu irmão”. Então Tobit chamou o filho e recomendou: “Filho, prepare o necessário para a viagem e parta com o seu parente. Que o Deus do céu proteja vocês e os traga sãos e salvos. Que seu anjo os acompanhe com sua proteção, meu filho”.

Tobias beijou seu pai e sua mãe e partiu para a viagem, enquanto Tobit lhe dizia: “Boa viagem!” ¹⁸Sua mãe começou a chorar, e disse a Tobit: “Por que você mandou o meu filho? Ele era o nosso apoio e sempre estava perto de nós! ¹⁹O dinheiro não vale nada em comparação com o nosso filho. ²⁰O que Deus nos dava era o bastante”. ²¹Tobit disse: “Não se preocupe! Nosso filho partiu e voltará são e salvo. Você verá com seus próprios olhos, quando ele voltar são e salvo. ²²Não se preocupe nem se atormente, minha irmã. Um anjo bom o acompanhará, lhe dará uma viagem tranquila e o trará são e salvo”. ²³Então, ela parou de chorar. [5,1-23]

6 *Os problemas serão resolvidos* — ¹Tobias partiu com o anjo, e o cachorro os acompanhou. Caminharam até o anoitecer e acamparam junto ao rio Tigre. ²Tobias foi lavar os pés no rio, quando um grande peixe saltou da água, tentando devorar-lhe o pé. Tobias deu um grito. ³Mas o anjo lhe disse: “Pegue o peixe. Não o deixe fugir”. Tobias conseguiu agarrar o peixe e o tirou para fora da água. ⁴O anjo lhe disse: “Abra o peixe, tire o fel, o coração e o fígado e os guarde. Jogue fora as tripas. O fel, o coração e o fígado desse peixe são excelentes remédios”. ⁵Tobias, então, abriu o peixe e tirou o fel, o coração e o fígado. Depois assou um pedaço, comeu e salgou o resto. ⁶E continuaram a viagem até chegarem perto da Média. ⁷Tobias perguntou ao anjo: “Azarias, meu irmão, que remédio se pode fazer do fígado, do coração e do fel desse peixe?” ⁸Ele respondeu: “O coração e o fígado servem para serem queimados na presença de homem ou mulher atacados por algum demônio ou espírito mau. A fumaça espanta o mal e faz o demônio desaparecer para sempre. ⁹Se uma pessoa tem mancha branca nos olhos, basta passar o fel. Depois se sopra sobre as manchas, e a pessoa fica curada”. [6,1-9]

O matrimônio gera vida — ¹⁰Quando entraram na Média e estavam perto de Ecbátana, ¹¹Rafael disse: “Irmão Tobias!” Ele respondeu: “O que foi?” O anjo continuou: “Hoje devemos passar a noite em casa de Ragüel. Ele é parente seu e tem uma filha chamada Sara. ¹²Ela é filha única. Você é o parente mais próximo, tem mais direitos sobre ela do que os outros. Por isso, é justo que seja você o herdeiro dos bens do pai dela. A moça é séria, corajosa e muito bonita, e o pai dela é de boa posição”. ¹³E continuou: “Você tem o direito de se casar com ela. Preste atenção, meu irmão: hoje à noite vou falar com o pai dela, pedindo que lhe dê sua filha em casamento. Quando voltarmos de Rages, faremos o

casamento. Eu lhe garanto que Ragüel não vai poder negar a filha para você, fazendo-a casar-se com outro. Nesse caso, ele seria réu de morte, conforme a sentença do Livro de Moisés, pois ele sabe que você tem mais direito de se casar com a filha dele, que qualquer outro homem. Portanto, preste atenção, meu irmão: vamos falar esta noite sobre a moça, e pedir a mão dela. Quando voltarmos de Rages, nós a receberemos e a levaremos para a sua casa”.

¹⁴Tobias, porém, respondeu: “Azarias, meu irmão, ouvi dizer que ela já foi dada em casamento a sete homens, e que todos eles morreram no quarto, durante a noite de núpcias, quando iam se unir com ela. Ouvi dizer que foi um demônio que matou a todos eles. ¹⁵Eu tenho medo. O demônio não faz nada para a moça, porém mata qualquer um que se aproxime dela. Sou filho único. Tenho medo de morrer e levar meu pai e minha mãe à sepultura, pelo desgosto de me perderem. Eles não têm outro filho que possa enterrá-los”.

¹⁶Então o anjo falou a Tobias: “Você não se lembra de que seu pai lhe disse para você se casar com uma mulher da sua família? Pois preste atenção, meu irmão: não se preocupe com o demônio, e se case com ela. Eu tenho certeza de que esta noite ela vai ser dada a você em casamento. ¹⁷Quando você for para o quarto nupcial, pegue o fígado e o coração daquele peixe e coloque-os no queimador de incenso. Quando a fumaça começar a subir e o demônio sentir o cheiro, ele fugirá e nunca mais aparecerá perto dela. ¹⁸Antes de se unir a ela, levantem-se os dois e rezem, pedindo ao Senhor do céu que tenha misericórdia e proteja vocês. Não tenha medo. Ela foi destinada a você desde a eternidade, e você é quem vai salvá-la. Ela irá com você, e eu estou certo de que lhe dará filhos, que serão como irmãos. Não se preocupe!”

¹⁹Quando Tobias ouviu o que Rafael lhe dizia, e soube que a moça era sua parente, da mesma família do seu pai, ficou tão enamorado que seu coração não conseguia separar-se dela. [10-19]

7 *Matrimônio também é testemunho* — ¹Quando entraram em Ecbátana, Tobias disse: “Azarias, meu irmão, leve-me logo até a casa do nosso irmão Ragüel”. O anjo o levou até a casa de Ragüel, que estava sentado junto ao portão. Eles o cumprimentaram primeiro, e Ragüel respondeu: “Como vão, irmãos? Sejam bem-vindos!” E os fez entrar na casa. ²E foi logo dizendo para sua mulher Edna: “Como esse rapaz é parecido com o meu irmão Tobit!” ³Edna lhes perguntou: “De onde são vocês, meus irmãos?” Eles responderam: “Somos da tribo de Neftali e estamos exilados em Nínive!” ⁴Ela perguntou: “Vocês

conhecem nosso irmão Tobit?” Eles responderam: “Conhecemos, sim!” Ela continuou: “Ele está bem?” ⁵Eles responderam: “Sim. Está vivo e passando bem”. E Tobias acrescentou: “Tobit é meu pai!” ⁶Ragüel se levantou, deu um beijo em Tobias e, chorando, disse: “Deus o abençoe, meu filho! Você tem um pai justo e bom! Que infelicidade ficar cego um homem tão justo e bom!” E, lançando-se ao pescoço de Tobias, desatou a chorar. ⁷Sua mulher Edna e sua filha Sara também começaram a chorar. ⁸Em seguida, Ragüel mandou matar um cordeiro do rebanho, e deu-lhes uma calorosa recepção.

⁹Depois de se lavarem e se purificarem, sentaram-se à mesa. Tobias disse então a Rafael: “Azarias, meu irmão, peça a Ragüel que me dê minha irmã Sara em casamento!” ¹⁰Ragüel ouviu a conversa e disse ao rapaz: “Coma, beba e fique à vontade esta noite, pois, além de você, meu irmão, não há outro homem que tenha direito de se casar com minha filha Sara. Eu nem tenho o direito de entregá-la a outro, porque você é o meu parente mais próximo. Mas vou ser franco com você, meu filho. ¹¹Já dei minha filha em casamento a sete homens parentes nossos, e todos morreram na noite em que entraram no quarto dela. Mas agora, meu filho, coma e beba. O Senhor cuidará de vocês”. ¹²Tobias disse: “Não vou comer nem beber antes que o senhor me dê uma decisão!” Ragüel respondeu: “Vou fazer o que você me pede. A minha filha vai lhe ser dada em casamento, conforme está determinado no Livro de Moisés, e como Deus mandou fazer. Receba então a sua irmã. Vocês, a partir de agora, são marido e mulher. Ela pertence a você de hoje para sempre. Que o Senhor do céu os ajude esta noite, e lhes conceda a sua misericórdia e a sua paz”.

¹³Então Ragüel chamou sua filha Sara, que se apresentou. Ele a tomou pela mão e a entregou a Tobias, dizendo: “Receba Sara. Conforme a Lei e a sentença que está escrita no Livro de Moisés, ela é dada a você como esposa. Receba-a e volte são e salvo para a casa do seu pai. Que o Deus do céu os acompanhe com a sua paz”. ¹⁴Então chamou a mãe da moça e mandou trazer uma folha de papiro. Escreveu o contrato de casamento, segundo o qual concedia a própria filha como esposa de Tobias, conforme a sentença da Lei de Moisés. Depois disso, começaram a comer e beber. ¹⁵Ragüel chamou sua esposa Edna e disse: “Irmã, prepare o outro quarto e leve para lá a nossa filha”. ¹⁶Ela foi preparar a cama no quarto e levou a filha para lá. Depois começou a chorar pela filha, enxugou as lágrimas e disse: ¹⁷“Coragem, filha! Que o Senhor do céu transforme sua tristeza em alegria. Coragem, filha!” E saiu. [7,1-17]

8 *Matrimônio é amor para sempre* — ¹Quando terminaram de comer e beber, foram dormir. Acompanharam o rapaz até o quarto. ²Tobias lembrou-se do que Rafael tinha dito, pegou o fígado e o coração do peixe, que estavam na sua sacola, e colocou no queimador de incenso. ³O cheiro do peixe expulsou o demônio, que fugiu para as regiões do alto Egito. Rafael imediatamente o perseguiu, o pegou e o acorrentou.

⁴Os outros tinham saído e fechado a porta do quarto. Tobias levantou-se e disse a Sara: “Levante-se, minha irmã! Vamos rezar e suplicar ao Senhor que nos conceda misericórdia e salvação”. ⁵Então ela se levantou, e os dois começaram a rezar, pedindo que Deus os protegesse. Eles diziam: “Bendito sejas tu, Deus de nossos antepassados, e bendito seja o teu Nome para todo o sempre!

Que o céu e tuas criaturas todas te bendigam para todo o sempre.

⁶Tu criaste Adão e, como ajuda e apoio, criaste Eva, sua mulher, e dos dois nasceu a raça humana.

Tu mesmo disseste: ‘Não é bom que o homem fique só.

Façamos para ele uma auxiliar que lhe seja semelhante’.

⁷Se eu me caso com minha prima, não é para satisfazer minha paixão.

Eu me caso com reta intenção.

Por favor, tem piedade de mim e dela e faze que juntos cheguemos à velhice”.

⁸E os dois disseram juntos: “Amém! Amém!” ⁹Depois dormiram a noite inteira.

¹⁰Ragüel, porém, levantou-se e chamou os empregados que tinha em casa para cavarem uma sepultura. Ele pensava assim: “Se eu não fizer isso e ele morrer, nós vamos ser objeto de riso e caçoada”. ¹¹Quando acabaram de cavar a sepultura, Ragüel entrou em casa, chamou a mulher ¹²e disse: “Mande uma empregada entrar no quarto deles e ver se Tobias está vivo. Se tiver morrido, vamos sepultá-lo imediatamente, para que ninguém fique sabendo”.

¹³Mandaram a empregada, acenderam um lampião e abriram a porta. A empregada entrou e encontrou os dois deitados juntos e dormindo. ¹⁴Saindo do quarto, ela contou que ele estava vivo e que nada de mau parecia ter acontecido.

¹⁵Ragüel deu graças ao Deus do céu, dizendo: “Bendito sejas tu, ó Deus, com todo o louvor mais sincero!

Sejas bendito para sempre!

¹⁶Bendito sejas tu, pela alegria que me deste, pois não aconteceu o mal que eu temia.

Tu nos trataste segundo a tua grande misericórdia.

¹⁷Bendito sejas tu, que tiveste compaixão de dois filhos únicos.

Tem piedade deles, Senhor, e concede-lhes a tua salvação.

Faze com que eles cheguem ao fim da vida deles em meio à alegria e à graça”.

¹⁸Em seguida, Ragüel mandou os empregados taparem a sepultura, antes que amanhecesse.

¹⁹Ragüel disse à sua mulher para fazer muitos pães. Foi ao curral, escolheu dois bois e quatro carneiros, e mandou preparar tudo. E começaram os preparativos.

²⁰Depois chamou Tobias e lhe disse: “Durante catorze dias você não sairá daqui, mas ficará em minha casa, comendo e bebendo comigo e alegrando o coração da minha filha, que estava tão abatida. ²¹Depois você pegará a metade do que é meu e voltará são e salvo para seu pai. Quando eu e minha mulher morrermos, também a outra metade será de vocês. Coragem, filho! Eu sou seu pai e Edna é sua mãe. De hoje em diante, nós pertencemos a você e à sua esposa. Coragem, filho”. [8,1-21]

9 Os filhos retratam os pais — ¹Tobias chamou, então, Rafael e lhe disse:

²“Azarias, meu irmão, leve com você quatro criados e dois camelos, ³vá até Rages e procure a casa de Gabael. Entregue-lhe o documento, receba dele o dinheiro e o convide a vir até aqui para a festa do casamento. ⁴Você sabe que meu pai está contando os dias, e se eu atrasar um dia que seja, vou lhe causar muita preocupação. E você sabe também que não posso quebrar o compromisso com Ragüel”.

⁵Então Rafael partiu para Rages, acompanhado dos quatro criados e levando os dois camelos. Hospedaram-se na casa de Gabael. E Rafael lhe entregou o documento, deu-lhe a notícia que Tobias, filho de Tobit, havia se casado e que o convidava para a festa do casamento. Gabael foi depressa pegar as sacolas ainda lacradas e as contou na presença de Rafael. Depois carregaram tudo sobre os camelos. ⁶Os dois madrugaram, e juntos partiram para a festa do casamento. Ao entrarem na casa de Ragüel, encontraram Tobias à mesa. Ele se levantou imediatamente para cumprimentá-lo. Então Gabael o abençoou chorando e dizendo: “Bom filho de um homem excelente, justo e bom! Que Deus lhe dê a bênção do céu, a você e à sua esposa, ao pai e à mãe de sua esposa. Bendito seja Deus, porque vejo em você o retrato vivo do meu primo Tobit”. [9,1-6]

10 A longa espera — ¹Enquanto isso, Tobit ficava contando, um por um, os dias da viagem de Tobias, quantos eram necessários para a ida e quantos para a volta. Quando, porém, terminou esse prazo e o seu filho não chegou, ²ele

ficou pensando: “Quem sabe ele teve algum contratempo! Será que Gabael morreu e não lhe quiseram entregar o dinheiro?” ³E começou a ficar preocupado. ⁴Ana, sua mulher, dizia: “Meu filho morreu, não faz mais parte do mundo dos vivos”. E começou a chorar e a se lamentar por causa do filho; dizia: ⁵“Que desgraça para mim! Filho meu, por que deixei você partir? Você que era a luz dos meus olhos!” ⁶Tobit, porém, disse: “Fique calma! Não se preocupe, irmã! Ele está bem. Talvez tenha tido algum imprevisto. O companheiro dele é de confiança, é um dos nossos irmãos. Não se preocupe, minha irmã. Logo ele estará aqui”. ⁷Ela respondeu: “Não me fale assim, não queira me enganar! O meu filho morreu mesmo!” E todos os dias, ela saía e ficava olhando a estrada por onde o filho tinha partido. Não acreditava em mais ninguém. Somente ao pôr do sol ela voltava para casa e passava a noite inteira em claro, chorando e se lamentando. [10,1-7]

A família se amplia — ⁸Passados os catorze dias da festa de casamento que Ragüel tinha mandado fazer para a sua filha, Tobias dirigiu-se a ele, dizendo: “Deixe-me partir. Estou certo de que meu pai e minha mãe já perderam a esperança de me rever. Por favor, pai, deixe-me voltar para casa. Já lhe expliquei em que situação os deixei”. ⁹Ragüel insistiu: “Fique, meu filho, fique comigo! Mandarei um mensageiro dar notícias suas ao seu pai Tobit”. Mas Tobias respondeu: “De maneira nenhuma! Por favor, deixe-me voltar imediatamente para a casa do meu pai”. ¹⁰Então Ragüel entregou a esposa de Tobias e a metade de todos os seus bens: empregados e empregadas, bois e ovelhas, jumentos e camelos, roupas, dinheiro e utensílios. ¹¹E os deixou partir em paz. Despedindo-se de Tobias, lhe disse: “Passe bem, meu filho! Vá em paz. Que o Senhor do céu conduza você e sua esposa Sara pelo bom caminho. Quem sabe, antes de morrer, eu possa ver os filhos de vocês”. ¹²E disse para a filha Sara: “Vá para a casa do seu sogro, que a partir de agora eles são seus pais, da mesma forma como nós, que lhe demos a vida. Vá em paz, minha filha! Que eu tenha sempre boas notícias de você durante toda a minha vida”. E saudando-os despediu-se deles. ¹³Edna disse a Tobias: “Meu filho Tobias, meu irmão querido, que o Senhor um dia o traga de volta e que, antes de morrer, eu possa ver os seus filhos e de minha filha Sara. Diante do Senhor, eu confio a você a minha filha Sara. Não lhe cause tristeza durante todos os dias de sua vida. Vá em paz, filho. A partir de agora eu sou sua mãe e Sara é sua irmã. Que bom se pudéssemos viver todos juntos e felizes por toda a vida!” Em seguida, beijou os dois, e os deixou partir.

¹⁴Tobias partiu feliz da casa de Ragüel, cantando e louvando ao Senhor do céu e da terra, ao rei de todas as coisas, pelo sucesso da viagem. Ao se despedir de Ragüel e Edna, Tobias disse: “Que eu seja digno de vocês todos os dias da minha vida”. [8-14]

11 *O justo verá a alegria* — ¹Quando estavam perto de Caserin, já defronte a Nínive, Rafael disse: ²“Você sabe em que estado deixamos o seu pai. ³Vamos na frente, antes de sua esposa, para preparar a casa, enquanto os outros vão chegando”. ⁴Então os dois foram juntos, na frente. O anjo disse a Tobias: “Leve com você o fel do peixe”. E o cachorro ia atrás deles.

⁵Ana estava sentada, olhando a estrada pela qual o filho tinha partido. ⁶Percebendo antes de todos a chegada dele, ela disse a Tobit: “Seu filho está chegando com o companheiro dele!”

⁷Antes de chegarem à casa do pai, Rafael disse a Tobias: “Eu tenho certeza de que os olhos dele vão se abrir! ⁸Coloque o fel do peixe nos olhos dele. O remédio vai fazer com que as manchas brancas se encolham e se soltem. Então seu pai vai recuperar a vista e poderá enxergar”.

⁹Ana correu e lançou-se ao pescoço do filho, dizendo: “Vi você de novo, meu filho! Agora posso morrer”. E começou a chorar. ¹⁰Tobit se levantou e, tropeçando, conseguiu chegar até o portão. ¹¹Tobias foi ao seu encontro, levando na mão o fel do peixe. Soprou nos olhos do pai, enquanto o abraçava, e disse: “Coragem, pai!” Aplicou-lhe o remédio nos olhos e segurou um pouco. ¹²Depois, com as duas mãos, tirou uma pele dos cantos dos olhos do pai. ¹³Tobit, então, lançou-se ao pescoço do filho, chorou e disse: “Estou vendo você, meu filho, luz dos meus olhos!” ¹⁴E continuou: “Bendito seja Deus! Bendito seja o seu Nome grandioso! Benditos sejam os seus santos anjos. Que seu nome glorioso nos proteja. Porque, num momento ele me castigou, mas depois se compadeceu, e agora estou vendo o meu filho Tobias!” ¹⁵Em seguida, Tobias entrou feliz em casa, bendizendo a Deus em voz alta. Depois contou a seu pai que a viagem tinha dado certo. Estava trazendo o dinheiro e tinha casado com Sara, a filha de Ragüel. Ela estava chegando às portas de Nínive. ¹⁶Tobit saiu, então, em direção à porta de Nínive, para ir ao encontro da nora. Estava alegre e dando graças a Deus. Os ninivitas ficaram admirados ao vê-lo caminhando com passo firme, sem ninguém que o ajudasse. Tobit testemunhava para todos que Deus tinha tido misericórdia para com ele e lhe tinha devolvido a

visão. ¹⁷Ao se aproximar de Sara, esposa do seu filho Tobias, lhe deu a bênção e disse: “Seja bem-vinda, minha filha! Bendito seja o seu Deus, que trouxe você para nós! Bendito seja o seu pai, e abençoado seja também o meu filho Tobias. Bendita seja você, minha filha! Seja bem-vinda a esta sua casa. Fique alegre e esteja à vontade. Entre, minha filha”.

¹⁸Nesse dia, todos os judeus que viviam em Nínive fizeram uma grande festa.

¹⁹Aicar e Nadab, primos de Tobit, foram participar da sua alegria. E, durante sete dias, festejaram alegremente o casamento de Tobias. [11,1-19]

12 Deus é gratuito — ¹Terminada a festa do casamento, Tobit chamou seu filho Tobias e lhe disse: “Filho, está na hora de você pagar esse homem que o acompanhou e dar-lhe também alguma gratificação”. ²Tobias respondeu: “Pai, quanto devo dar a ele? Mesmo que eu dê a ele a metade dos bens que trago comigo, não me faria falta. ³Ele me conduziu são e salvo, libertou minha mulher, resgatou o dinheiro e ainda curou o senhor. Como é que vou lhe pagar?” ⁴Tobit disse: “Filho, ele bem merece a metade de tudo o que você trouxe!” ⁵Então Tobias o chamou e disse: “Como pagamento, pegue metade de tudo o que você trouxe e vá em paz”. ⁶Mas ele chamou os dois à parte, e disse: “Bendigam a Deus e proclamem diante de todos os seres vivos os benefícios que ele concedeu a vocês. Bendigam e cantem ao seu Nome. Anunciem a todos os homens, como convém, as obras de Deus. E não se cansem de lhe agradecer. ⁷É bom manter oculto o segredo do rei, mas é necessário revelar e manifestar as obras de Deus. Pratiquem o bem, e não lhes acontecerá nenhuma desgraça. ⁸Vale mais a oração com jejum e a esmola com justiça, do que a riqueza adquirida com a injustiça. É melhor praticar a esmola do que acumular ouro. ⁹A esmola livra da morte e purifica de todo pecado. Quem pratica esmola, terá vida longa. ¹⁰Os pecadores e injustos são inimigos de si próprios.

¹¹Vou revelar-lhes toda a verdade, sem ocultar nada. Já lhes expliquei que é bom manter oculto o segredo do rei, mas as obras de Deus devem ser proclamadas publicamente. ¹²Quando você e Sara rezavam, era eu quem apresentava o memorial da súplica de vocês diante do Senhor glorioso. A mesma coisa eu fazia quando você sepultava os mortos. ¹³Quando você não teve dúvidas em deixar o almoço, para ir esconder um morto, eu fui mandado para provar a sua fé. ¹⁴Da mesma forma, fui mandado para curar você e sua nora Sara. ¹⁵Eu sou Rafael, um dos sete anjos que estão sempre prontos para entrar na

presença do Senhor glorioso”.

¹⁶Os dois ficaram assustados e caíram com o rosto por terra, cheios de medo.

¹⁷Rafael, porém, lhes disse: “Não tenham medo! Que a paz esteja com vocês! Bendigam a Deus para sempre. ¹⁸Se eu estive com vocês, não foi por vontade minha, mas de Deus. É a ele que vocês devem sempre bendizer e cantar hinos.

¹⁹Vocês pensavam que eu comia, mas era só aparência. ²⁰Agora, bendigam ao Senhor na terra, e agradeçam a Deus. Volto para aquele que me enviou. Escrevam tudo o que lhes aconteceu”.

E o anjo desapareceu. ²¹Quando se levantaram, não o puderam ver mais.

²²Então louvaram a Deus e entoaram hinos, agradecendo-lhe as maravilhas que ele tinha realizado, porque o anjo de Deus tinha aparecido a eles. [\[12,1-22\]](#)

III. A JUSTIÇA GERA UM MUNDO NOVO [13-14]

13 *Converter-se para testemunhar* — ¹Tobit disse: ²“Bendito seja Deus que vive eternamente.

E bendito o seu reino,
que dura para sempre,
pois é ele quem castiga e tem piedade.
Ele faz descer à mansão dos mortos e subir da grande perdição.
E ninguém pode fugir de sua mão.

³Celebrem a Deus, israelitas, diante das nações,
porque ele dispersou vocês entre elas, ⁴para proclamar a sua grandeza.
Exaltem a Deus diante de todo ser vivo, porque ele é o nosso Senhor.
Ele é o nosso Deus.
Ele é o nosso Pai.
Ele é Deus para todo o sempre.

⁵Se ele castiga vocês por causa das injustiças,
também terá compaixão de todos vocês, e os reunirá de todas as nações,
entre as quais foram espalhados.

⁶Se vocês se voltarem para ele com todo o coração e com toda a alma, para praticar a verdade diante dele, então ele se voltará para vocês,
e nunca mais lhes esconderá a sua face.

⁷Considerem o que ele fez por vocês e lhe agradeçam em alta voz.
Bendigam o Senhor da justiça,
e exaltem o rei dos séculos.

⁸Eu o celebro na terra do meu exílio, e mostro sua força e grandeza
a um povo de pecadores.

Voltem-se para ele, pecadores,
e diante dele pratiquem a justiça.
Talvez ele seja favorável a vocês, e os trate com misericórdia.

⁹Eu exalto o meu Deus, minha alma louva o rei do céu,
e se alegra com a sua grandeza.

¹⁰Que todos o louvem e em Jerusalém o celebrem.

Jerusalém, cidade santa,
Deus castigou você
pelas obras de seus filhos,
mas de novo terá piedade

do povo justo. [13,1-10]

Uma cidade para todos — ¹¹ Celebre dignamente o Senhor

e bendiga o rei dos séculos,
para que o seu Templo
seja reconstruído com alegria;

¹² para que alegre em você todos os exilados,
e em você ame todos os miseráveis, por todas as gerações futuras.

¹³ Uma luz brilhante iluminará todas as regiões da terra.

De longe, povos numerosos virão a você, e habitantes de todos os extremos da terra

virão visitar o nome do Senhor Deus, com ofertas para o rei do céu.

Gerações sem fim cantarão
sua alegria em você,
e o nome da Eleita permanecerá
pelas gerações futuras.

¹⁴ Malditos os que insultarem você!

Malditos os que arruinarem você!

Malditos os que lhe derrubarem
as muralhas,

demolirem as torres

e incendiarem as casas!

Benditos para sempre

aqueles que a reconstruírem!

¹⁵ Então você exultará e se alegrará por causa do povo justo, pois todos se reunirão em você,

para bendizer o Senhor dos séculos.

Felizes os que amam você.

Felizes os que lhe desejam a paz!

¹⁶ Felizes os que sofrem com as desgraças de você.

Com você, eles se alegrarão

vendo sua perpétua alegria.

Bendiga, ó minha alma, ao Senhor, ao rei soberano,

¹⁷ porque Jerusalém será reconstruída,

e seu Templo aí estará para sempre.

Feliz de mim,

se restar alguém do meu sangue
para ver sua glória e louvar o rei do céu.
As portas de Jerusalém
serão reconstruídas
com safiras e esmeraldas,
e todas as suas muralhas
com pedras preciosas.
As torres de Jerusalém
serão construídas de ouro,
e de ouro puro os seus baluartes.
As ruas de Jerusalém serão calçadas com turquesas e pedras de Ofir.
¹⁸As portas de Jerusalém ressoarão com cantos de júbilo,
e em todas as suas casas aclamarão: Aleluia!
Bendito seja o Deus de Israel!
Benditos aqueles que bendizem
o seu Nome santo,
para todo o sempre!” [11-18]

14 *O poder de Deus restaura seu povo* — ¹Aqui terminam as palavras do cântico de Tobit. ²E Tobit morreu em paz com a idade de cento e doze anos, e foi sepultado em Nínive com todas as honras. Tinha sessenta e dois anos quando ficou cego e, depois que recuperou a vista, viveu feliz, praticou a esmola e continuou a bendizer a Deus e celebrar sua grandeza. ³Quando estava para morrer, chamou o seu filho Tobias e lhe deu estas recomendações: “Filho, você vai ajuntar os seus filhos ⁴e mandar-me para a Média, pois eu creio na palavra de Deus a respeito de Nínive, pronunciada pelo profeta Naum. Vai se cumprir e se realizar tudo o que os profetas de Israel, enviados por Deus, anunciaram contra a Assíria e contra Nínive. Nada ficará sem se realizar. Tudo acontecerá no tempo certo. Haverá mais segurança na Média do que na Assíria ou na Babilônia. Pois eu sei e acredito que vai acontecer tudo o que Deus disse, e não falhará uma só palavra do que foi dito.

Nossos irmãos que estão na terra de Israel serão recenseados e exilados para longe de sua bela pátria. Toda a terra de Israel se transformará num deserto. Samaria e Jerusalém ficarão desertas. O Templo será incendiado e ficará algum tempo em ruínas. ⁵Mas Deus terá novamente misericórdia do seu povo e vai levá-lo de volta para a terra de Israel. Eles reconstruirão o Templo, menos belo que o primeiro, até que chegue o tempo determinado. Então todos voltarão do

exílio, reconstruirão Jerusalém em seu esplendor, e o Templo de Deus será reconstruído como os profetas de Israel anunciaram. ⁶Todas as nações da terra se converterão e temerão a Deus com sinceridade. Elas todas abandonarão os ídolos, que as enganaram com mentiras, e bendirão, como é justo, o Deus dos séculos. ⁷Nesse dia, todos os israelitas que se salvarem se lembrarão de Deus com sinceridade. Irão reunir-se em Jerusalém, e daí por diante habitarão com segurança na terra de Abraão, que será propriedade deles. E aqueles que amam a Deus com sinceridade serão felizes, mas todos os que praticam o pecado e a injustiça serão eliminados da terra.

⁸Agora, meus filhos, eu lhes recomendo: Sirvam a Deus com sinceridade e façam sempre o que ele aprova. Ensinem aos seus filhos a prática da justiça e da esmola, e a se lembrarem de Deus e louvarem o seu Nome por todo o tempo, com sinceridade e com todas as forças.

⁹Quanto a você, meu filho, saia de Nínive, não fique aqui. No dia em que você sepultar sua mãe junto comigo, não pernoite mais nesta região. Aqui existe muita injustiça, acontecem muitas fraudes e ninguém se sente envergonhado. ¹⁰Veja, meu filho, quanta coisa Nadab fez para Aicar, seu pai de criação! Não é verdade que ele queria colocá-lo vivo debaixo da terra? No entanto, Deus fez o criminoso pagar sua injustiça diante da sua própria vítima, pois Aicar voltou à luz, enquanto Nadab desceu às trevas eternas, castigado por atentar contra a vida de Aicar. Por causa de suas boas obras, Aicar escapou da armadilha mortal que Nadab havia preparado para ele, enquanto Nadab caiu na armadilha e morreu.

¹¹Portanto, filhos, vejam quais são os frutos da esmola, e quais são os frutos da injustiça, que mata! Estou perdendo a respiração...” Então deitaram Tobit na cama. E ele morreu e foi sepultado com honra.

¹²Quando sua mãe morreu, Tobias a sepultou junto com o pai. Em seguida, ele partiu para a Média com a mulher e os filhos, e ficou morando com seu sogro Ragüel, em Ecbátana. ¹³Cuidou, como devia, da velhice dos sogros e os sepultou em Ecbátana, na Média. Herdou o que era da família de Ragüel e também o que era do seu pai Tobit. ¹⁴Cercado de respeito, Tobias morreu em Ecbátana, na Média, com cento e dezessete anos. ¹⁵Antes da sua morte, porém, viu e ouviu falar da destruição de Nínive. Viu os prisioneiros ninivitas serem levados para o exílio na Média por Ciáxares, rei da Média. Tobias bendisse a Deus pelo castigo dos ninivitas e assírios. Antes de morrer, ele ainda pôde alegrar-se com a desgraça de Nínive, e bendisse o Senhor Deus para todo o sempre. [14,1-15]

NOTAS

[1,1-2] A “história” é ambientada no tempo da dominação assíria. E o autor deixa claro que o tema central se desenvolve em situações que o exilado enfrenta em terra estrangeira.

[1,3-3,17] Tobit e Sara representam todos os justos que temem e servem a Deus, e acabam na desgraça e no sofrimento, a ponto de desejarem a morte. Por que as pessoas fiéis a Deus chegam a tal situação?

[3-9] Tobit é apresentado como discípulo fiel do judaísmo. Embora viva em ambiente religioso adverso, ele continua a frequentar Jerusalém, reconhecida como único centro legítimo da religião javista. Sua fidelidade à Lei é muito prática e se realiza na observância dos dízimos, que se destinam a fins religiosos e sociais.

[10-22] O autor mistura dados cronológicos. Seu interesse é retratar a situação dos exilados. De um lado, muitos chegaram a ocupar cargos importantes, como Tobit e Daniel. De outro lado, porém, a fidelidade à fé e aos costumes israelitas provocou dificuldades. Aicar, apresentado como sobrinho de Tobit, é na verdade um sábio de origem assíria, autor de famoso escrito: “Sabedoria de Aicar”.

[2,1-8] Apesar de já ter corrido sério risco de vida, Tobit continua fiel aos costumes do seu povo. O não-sepultamento acarretava maldição para o falecido. O v. 8 mostra que muitos exilados, por medo, já haviam abandonado tal costume.

[2,9-3,6] Atingido pela cegueira, Tobit não pode trabalhar e a mulher tem que sustentar a casa. Apesar da necessidade, Tobit mantém sua retidão e, como Jó (cf. Jó 2,9), torna-se alvo das críticas da própria esposa. Que mais lhe resta? A súplica de 3,2-6 reflete o desespero de quem chega a esta conclusão: é melhor morrer que viver desse modo. Na pessoa de Tobit, reflete-se a história de um povo que perde os bens, a liberdade e, por fim, se vê ameaçado na reputação, ao ser desacreditado até pelos mais próximos. Só lhe resta suplicar a Deus.

[3,7-15] Paralela ao caso de Tobit, temos a situação de Sara. Entre os orientais, a honra da mulher era ser esposa e mãe. Não se casar, não gerar filhos ou ser estéril era a maior desgraça: tal mulher não servia para nada. Compreendemos então o desespero de Sara: não querendo magoar o pai com o suicídio, pede a morte. No Oriente antigo, doenças e morte eram causadas por algum demônio,

aqui Asmodeu, cujo nome significa “aquele que faz morrer”.

[16-17] Será que Deus atende à súplica dos justos? O autor quebra todo o suspense do livro, para adiantar que o Deus do êxodo *escuta e se dispõe a libertar* aqueles que o invocam. Deus, porém, não age de modo mágico; a libertação se realiza através dos acontecimentos da história e da vida. O anjo Rafael, cujo nome significa “Deus cura”, é personificação do próprio Deus agindo.

[4-12] Chegando à situação limite, os justos suplicam e Deus responde. Sua resposta, porém, não é mágica. Ela se realiza através da vida e nos meandros da história. Cabe aos justos discernir no cotidiano a presença de Rafael, o “Deus que cura”, levando os homens a encontrar o caminho, superar as dificuldades e realizar a vida.

[4,1-21] O testamento de Tobit reflete, na verdade, a preocupação que um pai justo tem pela educação de seus filhos. São normas que visam, em primeiro lugar, a uma vida com sentido plenamente humano. O centro da educação é o amor e temor de Deus, que se manifestam concretamente na solidariedade e partilha com o próximo. O ensino sobre a esmola (vv. 7-11.16), mais do que simples conselho de filantropia para apaziguar a consciência, envolve distribuição justa e equitativa dos bens: tudo o que é supérfluo para mim, pertence por justiça aos que nada têm. O *supérfluo* é, de fato, a grande questão: ou se acumula, formando riqueza injusta, ou é distribuído em clima de partilha justa e fraterna.

[5,1-23] A graça da cena está no fato de que as personagens ignoram completamente que o rapaz é o anjo Rafael, enviado por Deus. Desse modo, salienta-se a fé, que é a confiança na certeza de que Deus vai agir. No plano da narrativa e da nossa vida, tal ação de Deus se processa de maneira comum, sem nada de aparentemente maravilhoso. Note-se a tensão dramática na família. O filho deve aventurar-se numa viagem a lugar desconhecido. O pai o incentiva, e sua única preocupação é que o filho encontre um guia de confiança. A mãe, pelo contrário, prefere que o filho não se arrisque, mas fique sempre em casa.

[6,1-9] O episódio faz entrever o término das desgraças que afligem Sara e Tobit. A receita dada por Rafael mistura elementos de magia e medicina antiga, próprios da época.

[10-19] Rafael e Tobias conversam a respeito do matrimônio, um dos temas

centrais do livro. No contexto do exílio e dispersão judaica, é importante que os casamentos se processem dentro do clã. Desse modo se evitam a descaracterização do povo e o empobrecimento ou até a total perda das propriedades da família (cf. 4,12-13 e notas em Nm 27,1-11; 36,1-12 e Rt 4,1-12). Por outro lado, para os antigos, os impulsos instintivos, no caso o sexual, eram causados pelos demônios. A derrota de Asmodeu liberta o matrimônio que, deixando de ser fato puramente instintivo, se transforma em relação plenamente humana. No projeto de Deus, o matrimônio não é tragédia que produz morte, mas relação de amor que, abençoada pelo mesmo Deus, liberta e gera a vida.

[7,1-17] O texto mostra como era celebrado o matrimônio no tempo da dispersão judaica: o pai entregava a filha ao pretendente, invocava a bênção de Deus e redigia o contrato de casamento. Mais importante é a semelhança de toda a cena com o mundo patriarcal de Gn 24. Salientando o matrimônio dentro do respeito para com as tradições dos antepassados, o autor frisa que os judeus da dispersão, “filhos de profetas”, devem testemunhar diante dos pagãos um modo de viver que continue fiel ao Deus de Abraão, Isaac e Jacó (cf. 4,12).

[8,1-21] Tobias segue cuidadosamente as instruções de Rafael. Elas, na verdade, revelam a vontade do Deus que só quer a vida. A oração de Tobias mostra que o matrimônio não é relação egoísta que diminui as pessoas e gera a morte, mas relação de partilha, onde os parceiros crescem juntos e geram a vida futura. Além disso, o matrimônio é para sempre. Isso não deve ser entendido como prisão perpétua, mas como abertura para a eternidade, pois todo amor verdadeiro tem vocação de eternidade.

[9,1-6] O amor traz novo objetivo à vida de Tobias, colocando o dinheiro em segundo plano. O elogio e bênção de Gabael mostram que os filhos são um retrato dos pais, em outras palavras, “pelo fruto se conhece a árvore”.

[10,1-7] Em contraste com a festa em Ecbátana, temos em Nínive a espera, a preocupação e o desespero. Os pais estão sempre à espera que os filhos voltem!

[8-14] O modo como Tobias, Sara, Ragüel e Edna se tratam (filho, pai, mãe, irmão, irmã) mostra que o matrimônio amplia a relação familiar e, ao mesmo tempo, abre a família para a sociedade.

[11,1-19] Como no livro de Jó (Jó 42,5), a fidelidade do justo leva à visão de Deus, que transborda em alegria de viver. A alegria da mãe é a presença viva dos filhos. A alegria do pai é ver os filhos bem-sucedidos na aventura da vida.

[12,1-22] Quando se pensa pagar alguma coisa a Deus, ele revela que tudo foi dom gratuito. A grande mensagem do livro de Tobias está no nome de Rafael, que significa “Deus cura”. Os conselhos finais do anjo (*oração, jejum e esmola*) resumem os deveres da pessoa para com Deus, para consigo mesma e para com o próximo. Tais conselhos serão retomados pelo Evangelho (cf. notas em Mt 6,1-18).

[13-14] Da fidelidade e resistência do justo nascem a esperança de liberdade e vida para todos. Os justos são o sacramento da presença e ação de Deus na história, que caminha, através deles, para a realização plena da humanidade. O que será preciso para que os justos continuem fiéis e resistam até o fim?

[13,1-10] De uma história familiar, o livro se abre para a história do povo e da humanidade. Os judeus espalhados entre as nações são convidados a se converterem, para se tornarem testemunhas da justiça de Deus. É através desse testemunho que também as outras nações recebem o convite para a conversão.

[11-18] Retomando o mesmo tema dos profetas, o autor põe na boca de Tobit a esperança de uma Jerusalém reconstruída, onde todos os povos se reunirão como irmãos, ao redor do único Deus. Trata-se da grande esperança: a humanidade toda vai superar a idolatria e realizar historicamente o projeto do Deus vivo. O tema reaparece em Ap 21,1-22,5.

[14,1-15] No momento em que o autor escrevia o livro, a Assíria já tinha deixado de ser império fazia séculos. O autor, porém, situa a narrativa no apogeu da Assíria e a conclui com uma “profecia” sobre o fim do império assírio. Nessa queda dos opressores, o autor vê uma garantia do poder de Deus que restaura o seu povo. A partir disso, temos o tempo novo, em que todas as nações se reunirão com o povo de Deus, para viver na Terra Prometida. Sobre Aicar, cf. nota 1,10-22. Nas palavras finais de Tobit, volta uma exortação à prática da justiça, que implica diretamente a partilha dos bens. É assim que se deve entender a prática de esmola.

JUDITE

A INVENCÍVEL FORÇA DOS FRACOS

Introdução

A grande indiferença que este livro demonstra pela história e geografia indica que seu autor não pretende relatar fatos históricos concretos. Quer apenas compor uma história para encorajar o povo a resistir e lutar. A obra foi escrita na Palestina, provavelmente em meados do séc. II a.C., durante a resistência dos Macabeus ou logo após. O importante é que o livro apresenta a situação difícil do povo, ameaçado por uma grande potência. Por trás de Nabucodonosor e seu império, podemos entrever a figura de qualquer dominador com seu sistema de opressão.

Os três primeiros capítulos descrevem os mecanismos de dominação das grandes potências: aparato militar, demonstração de força, intimidação. Mostram também como os pequenos países, intimidados, se submetem a tais pressões. A prepotência se torna verdadeiro ídolo, que exige adoração. Nos capítulos 4 a 7, é apresentado um país pequeno que, dominado, se prepara para reagir, através de uma fé prática. Ao mesmo tempo, descreve a irritação do opressor, que não admite insubmissão e despreza o Deus libertador presente na história. O oprimido se vê tentado a fazer as pazes e a se conformar com a escravidão.

Nos capítulos 8 e 9, a figura de Judite sugere dois símbolos que se complementam: a mulher corajosa que sai em defesa de seu povo oprimido e o próprio povo que renova sua força e fé, liderado por gente que enfrenta a covardia das autoridades e sai à luta. Nos capítulos 10 a 13, a beleza e artimanhas de Judite simbolizam a fé, que não dispensa os meios políticos na luta para eliminar os mecanismos centrais de repressão (cabeça de Holofernes). Diante de uma primeira vitória, os outros (Aquior) se unem porque começam a ter fé no Deus que liberta. Por fim, a vitória comemorada reacende o ideal de liberdade e o prazer de louvar o Deus verdadeiro, que vence os ídolos opressores.

Diante da opressão, o povo de Deus pergunta: “O que devemos fazer? Refugiar-nos na fé, esperando que Deus resolva a situação? Ou entrar no jogo da história, combatendo os poderosos com as mesmas armas? Até que ponto Deus está presente na passividade ou na atividade histórica do seu povo?”

Ponto por ponto, o livro de Judite responde: a fé autêntica é aquela que encarna a fidelidade a Deus e ao seu projeto dentro da situação histórica concreta em que o povo está vivendo. Deus estará sempre aliado com aqueles que lutam para conquistar a liberdade e a vida, procurando destruir toda e qualquer forma de escravidão e morte. Tal luta, porém, não deve realizar-se de forma temerária. É preciso agir com discernimento, para realizar ação verdadeiramente eficaz, coerente com a fé que leva para a vida.

JUDITE

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16**

JUDITE

I. A ARMA DOS PODEROSOS

1 *A intenção dos poderosos* — ¹Era o décimo segundo ano do reinado de Nabucodonosor, rei da Assíria, em Nínive, a capital. Nesse tempo, Arfaxad reinava sobre os medos em Ecbátana. ²Arfaxad cercou Ecbátana com muralhas feitas com pedras de um metro e meio de largura por três de comprimento. A altura da muralha era de trinta e cinco metros, e a largura era de vinte e cinco metros. ³Sobre as portas, levantou torres com cinquenta metros de altura e trinta metros de largura na base. ⁴Fez as portas com trinta e cinco metros de altura e vinte de largura, para que os soldados do seu exército pudessem sair, e a infantaria fazer suas evoluções.

⁵Por esse tempo, o rei Nabucodonosor guerreou contra o rei Arfaxad na grande planície, que se encontra no território de Ragau. ⁶Os habitantes da montanha, todos os habitantes das regiões do Eufrates, do Tigre, do Hidaspes e os habitantes das planícies de Arioc, rei dos elimeus, aliaram-se a Nabucodonosor. E assim, muitas nações fizeram aliança para guerrear contra os filhos de Queleud.

⁷Nabucodonosor, rei da Assíria, enviou embaixadores para a Pérsia e nações do Ocidente, para a Cilícia, Damasco, Líbano e Antilíbano, para os habitantes do litoral ⁸e os povos do Carmelo, de Galaad, da Alta-Galileia, da grande planície de Esdremon, ⁹para os habitantes de Samaria e suas cidades, para os que habitam além do Jordão até Jerusalém, em Batana, Quelus, Cades, o rio do Egito, Táfnis, Ramsés e toda a terra de Gessen, ¹⁰até chegar além de Tânis e de Mênfis, e a todos os egípcios, até a fronteira da Etiópia. ¹¹Todos, porém, desprezaram o convite de Nabucodonosor, rei da Assíria, e não se aliaram com ele. Não respeitavam Nabucodonosor, porque achavam que ele era pessoa sem poder. Mandaram de volta os embaixadores de mãos vazias e humilhados. ¹²Nabucodonosor ficou furioso com esses países e jurou, por seu trono e seu reino, vingar-se de todos os territórios da Cilícia, Damasco e Síria, e passar a fio de espada todos os moabitas, amonitas, judeus e egípcios, até chegar à fronteira dos dois mares.

¹³No décimo sétimo ano, Nabucodonosor guerreou contra o rei Arfaxad,

venceu-o no combate e derrotou todo o exército, cavalaria e carros dele. ¹⁴Tomou posse de suas cidades e, chegando até Ecbátana, tomou suas torres, saqueou suas ruas e transformou sua beleza em humilhação. ¹⁵Depois prendeu Arfaxad nas montanhas de Ragau, o atravessou com suas lanças e o eliminou para sempre. ¹⁶Em seguida, voltou para Nínive com o seu exército, uma imensa multidão de soldados. Ficaram despreocupados, descansando e banquetecendo-se por cento e vinte dias. [1,1-16]

2 *A pretensão ao poder absoluto* — ¹No dia vinte e dois do primeiro mês do ano décimo oitavo, no palácio de Nabucodonosor, rei da Assíria, deliberou-se sobre a vingança contra toda a terra, conforme o rei havia falado. ²Então ele convocou todos os ministros e conselheiros, expôs seu plano secreto e decretou a destruição de todos esses territórios. ³Decidiram exterminar todos os que não tinham aceito o convite de Nabucodonosor.

⁴Terminada a reunião, Nabucodonosor, rei da Assíria, convocou Holofernes, general do seu exército, o segundo homem no reino, e lhe ordenou: ⁵“Assim diz o grande rei, o senhor de toda a terra: Ao sair de minha presença, tome consigo homens experientes, uns cento e vinte mil de infantaria e forte contingente de cavalaria, com doze mil cavaleiros. ⁶Marche contra toda a região ocidental, porque não aceitaram o meu convite. ⁷Obrigue-os a colocar à minha disposição a terra e a água, porque vou marchar furioso contra eles. Vou cobrir o chão com os pés de meus soldados e entregá-los ao saque. ⁸Seus feridos encherão os vales e as torrentes, e os rios transbordarão de cadáveres, ⁹e eu levarei os prisioneiros para os confins do mundo. ¹⁰Siga à minha frente e conquiste os territórios deles para mim. Se eles se renderem a você, deixe que eu os castigue. ¹¹Não tenha consideração para com os rebeldes. Entregue-os à matança e ao saque em toda a terra que você conquistar. ¹²Por minha vida e por meu império, vou cumprir o que estou dizendo. ¹³Não desobedeça a nenhuma ordem do seu senhor. Faça tudo conforme eu lhe ordenei. Não perca tempo”. [2,1-13]

A idolatria se impõe pelo medo — ¹⁴Holofernes saiu da presença de seu senhor e convocou todos os chefes, generais e oficiais do exército da Assíria. ¹⁵Em seguida, escolheu um contingente de cento e vinte mil homens e doze mil arqueiros a cavalo, conforme seu senhor tinha mandado. ¹⁶E os organizou para o combate. ¹⁷Tomou então grande quantidade de camelos, jumentos e mulas, para carregar o equipamento, e também inumeráveis ovelhas, bois e cabras para o

abastecimento. ¹⁸Cada soldado recebeu farta provisão e muito ouro e prata do palácio do rei.

¹⁹Então Holofernes saiu com todo o seu exército à frente do rei Nabucodonosor, para cobrir toda a região ocidental com carros, cavaleiros e tropas escolhidas. ²⁰A eles juntou-se ainda um bando numeroso, incontável como os gafanhotos e como a areia da terra.

²¹Partiram de Nínive e caminharam três dias em direção à planície de Bectilet. Acamparam fora de Bectilet, perto da montanha, ao norte da Alta-Cilícia. ²²Daí, com todo o seu exército, formado por infantaria, cavalaria e carros, Holofernes partiu para a região montanhosa. ²³Devastou Fut e Lud, e saqueou todos os filhos de Rassis e de Ismael, que vivem na beira do deserto, ao sul de Queleon. ²⁴Depois costeou o rio Eufrates, atravessou a Mesopotâmia e destruiu todas as cidades fortificadas que estão junto ao riacho Abrona, até chegar ao mar. ²⁵Tomou posse dos territórios da Cilícia, despedaçou todos os que resistiram e foi até à fronteira sul de Jafé, diante da Arábia. ²⁶Cercou todos os madianitas, incendiou suas tendas e devastou seus estábulos. ²⁷A seguir, desceu para a planície de Damasco no tempo da colheita de trigo, e incendiou as plantações, destruiu ovelhas e bois, saqueou as cidades, devastou as plantações e passou todos os jovens ao fio da espada. ²⁸Um medo terrível caiu sobre os habitantes do litoral, sobre os sidônios e tírios, sobre os de Sur, de Oquina e de Jâmnia. Também os habitantes de Azoto e Ascalon ficaram aterrorizados.

3¹Os habitantes do litoral enviaram mensageiros com proposta de paz, nestes termos: “Aqui estamos. ²Somos servos do grande rei Nabucodonosor e nos prostramos diante de você: faça de nós o que quiser. ³Aqui estão à sua disposição nossos estábulos, nosso território, os campos de trigo, as ovelhas e os bois, e todos os nossos acampamentos. Sirva-se como achar melhor. ⁴Nossas cidades e seus habitantes são seus escravos. Venha e trate-as como quiser”. ⁵Então os mensageiros se apresentaram a Holofernes, e transmitiram a mensagem.

⁶Holofernes desceu com seu exército para o litoral, deixou guarnições nas cidades fortificadas e recrutou homens escolhidos para servirem de tropas auxiliares. ⁷Os habitantes das cidades e arredores o receberam com coroas, danças e tamborins. ⁸Mas Holofernes destruiu os santuários deles, cortou suas árvores sagradas e exterminou todos os deuses da terra, para que todas as nações

só adorassem a Nabucodonosor, e todas as tribos o invocassem como deus, cada uma na própria língua.

⁹Quando chegou à vista de Esdrelon, perto de Dotaia, aldeia que está diante da grande serra da Judeia, ¹⁰Holofernes acampou entre Geba e Citópolis, e aí ficou por um mês, recolhendo provisões para o exército. [2,14-3,10]

4 Ameaça ao povo de Deus — ¹Os israelitas da Judeia ficaram sabendo de tudo o que Holofernes, general de Nabucodonosor, rei da Assíria, tinha feito às nações, atacando seus templos e entregando-os ao saque. ²Então ficaram aterrorizados com Holofernes e temeram por Jerusalém e pelo Templo do Senhor seu Deus. ³Eles tinham voltado do exílio fazia pouco tempo, e todo o povo da Judeia se havia reunido novamente. Os utensílios, o altar e o Templo haviam sido recentemente purificados da profanação.

⁴Então mandaram mensageiros por todo o território da Samaria, a Cona, Bet-Horon, Belmain, Jericó, Coba, Aisora e ao vale de Salém. ⁵Ocuparam o topo dos montes mais altos, fortificaram as aldeias da região montanhosa e ajuntaram provisões para a guerra, pois nesse tempo tinham acabado de fazer a colheita. ⁶O sumo sacerdote Joaquim, que nessa ocasião se achava em Jerusalém, escreveu aos habitantes de Betúlia e Betomestaim, que estão diante de Esdrelon, em frente da planície vizinha de Dotain. ⁷Ele mandou que ocupassem as passagens da serra, porque era por aí que passava o caminho para a Judeia. Desse modo, era fácil impedir que o inimigo avançasse, porque o desfiladeiro era tão estreito que somente se podia passar dois a dois. ⁸Os israelitas obedeceram ao sumo sacerdote Joaquim e ao conselho dos anciãos do povo de Israel, que tinham sede em Jerusalém.

⁹Ao mesmo tempo, cada israelita suplicou insistentemente a Deus, e todos se humilharam diante dele. ¹⁰Eles e suas mulheres, seus filhos e rebanhos, e todos os imigrantes, mercenários e escravos se vestiram com pano de saco. ¹¹Os que viviam em Jerusalém, inclusive mulheres e crianças, se prostraram diante do Templo, com cinzas na cabeça, e estenderam as mãos diante do Senhor. ¹²Cobriram o altar com panos de saco e clamaram, a uma só voz e com ardor, para que o Deus de Israel não entregasse seus filhos ao saque, nem suas mulheres ao exílio, nem à destruição as cidades que tinham herdado, nem o Templo à profanação e caçadas humilhantes das nações.

¹³O Senhor ouviu-lhes o grito e tomou conhecimento da tribulação deles. O povo jejuou por dias seguidos em toda a Judeia e em Jerusalém, diante do

Templo do Senhor Todo-poderoso. ¹⁴O sumo sacerdote Joaquim, junto com todos os sacerdotes e ministros do culto do Senhor, ofereciam o holocausto diário, as ofertas e os dons voluntários do povo. Vestidos com panos de saco ¹⁵e com cinza sobre os turbantes, eles clamavam com toda força ao Senhor, para que protegesse a casa de Israel. [4,1-15]

5 *A força do povo é a prática da justiça* — ¹Holofernes, general do exército assírio, foi informado de que os israelitas estavam se preparando para a guerra. Contaram-lhe que eles tinham fechado as passagens das montanhas, fortificado o topo dos montes mais altos e preparado obstáculos nas planícies.

²Holofernes ficou enfurecido e convocou todos os chefes moabitas, generais amonitas, governadores do litoral, ³e lhes perguntou: “Cananeus, digam-me: Que gente é essa que vive na serra? Em que cidades moram? Qual é a potência do exército deles? Em que ponto está seu poder e sua força? Que rei os governa?

⁴Por que não se dignaram vir ao meu encontro, como fizeram todos os povos do Ocidente?”

⁵Aquior, chefe de todos os amonitas, respondeu: “Escute, meu senhor, o que este seu servo vai dizer. Vou contar-lhe a verdade sobre esse povo que vive na serra, aqui perto. Não direi mentiras. ⁶Esse povo é descendente dos caldeus.

⁷Primeiro estiveram na Mesopotâmia, porque não quiseram seguir os deuses de seus antepassados, que viviam na Caldeia. ⁸Eles abandonaram a religião de seus antepassados e adoraram o Deus do céu, que reconheceram como Deus. Os caldeus, porém, os expulsaram da presença de seus deuses, e eles tiveram que fugir para a Mesopotâmia, onde ficaram por longo tempo. ⁹O Deus deles ordenou que saíssem daí e fossem para a terra de Canaã. Instalaram-se aí e ficaram muito ricos em ouro, prata e rebanhos numerosos. ¹⁰Em seguida, foram para o Egito por causa de uma fome que atingia o país de Canaã. E aí ficaram enquanto havia alimento. No Egito, multiplicaram-se muito e se transformaram num povo numeroso. ¹¹O rei do Egito, porém, ficou contra eles e os explorou no trabalho de preparar tijolos, e eles foram humilhados e tratados como escravos.

¹²Então eles clamaram ao seu Deus, e este castigou todo o país do Egito com pragas incuráveis. Os egípcios, então, os expulsaram do país. ¹³Deus secou diante deles o mar Vermelho ¹⁴e os conduziu pelo caminho do Sinai e de Cades Barne. Eles expulsaram todos os habitantes do deserto, ¹⁵instalaram-se na terra dos amorreus, e exterminaram pela força todos os habitantes de Hesebon. Depois

atravessaram o Jordão, tomaram posse de toda a serra, ¹⁶expulsaram os cananeus, ferezeus, jebuseus, siquemitas e todos os gergeseus, e aí viveram por muito tempo. ¹⁷Enquanto não pecaram contra o seu Deus, a prosperidade estava com eles, porque o Deus deles odeia a injustiça. ¹⁸Mas quando se afastaram do caminho que Deus lhes havia marcado, uma parte deles foi completamente exterminada em guerras, e a outra foi exilada num país estrangeiro. O Templo do Deus deles foi arrasado e suas cidades foram conquistadas pelo inimigo. ¹⁹Mas agora eles se voltaram para o Deus deles, regressaram da dispersão, ocuparam Jerusalém, onde está o Templo deles, e repovoaram a serra que tinha ficado deserta. ²⁰Agora, meu soberano e senhor, se essa gente se desviou, pecando contra o Deus deles, comprovemos essa falta, e subamos para atacá-los. ²¹Contudo, se eles não tiverem pecado, é melhor que o senhor os deixe em paz. Caso contrário, o Senhor e Deus deles vai protegê-los, e nós ficaremos envergonhados diante de todo o mundo”. [5,1-21]

Quem é Deus frente a Nabucodonosor? — ²²Quando Aquior acabou de falar, todos os que estavam ao redor da tenda protestaram. Os oficiais de Holofernes, os habitantes do litoral e os moabitas queriam matar Aquior. ²³E diziam: “Não vamos ficar com medo dos israelitas. É um povo sem exército e sem forças para aguentar um combate duro. ²⁴Por isso, vamos lá. Serão presa fácil para todo o seu exército, senhor Holofernes”.

6¹Quando se acalmou o alvoroço dos que assistiam à reunião, Holofernes, general do exército assírio, disse a Aquior, na frente de toda a tropa estrangeira e de todos os moabitas: ²“Quem é você, Aquior, e esses mercenários de Efraim, para profetizarem dessa forma, aconselhando-nos a não lutar contra os israelitas, porque o Deus deles vai protegê-los? Quem é deus, além de Nabucodonosor? Nabucodonosor enviará sua força e exterminará os israelitas da face da terra. E o Deus deles não conseguirá salvá-los. ³Nós, servos de Nabucodonosor, os esmagaremos como se fossem um só homem. Não poderão resistir à nossa cavalaria. ⁴Nós os queimaremos de uma só vez. Seus montes ficarão embriagados com o sangue deles, e suas planícies transbordarão de cadáveres. Eles não poderão ficar de pé diante de nós. Todos morrerão, diz o rei Nabucodonosor, o senhor de toda a terra. Ele assim falou, e suas palavras não serão desmentidas.

⁵Quanto a você, Aquior, mercenário amonita, você disse essas frases num

momento de loucura. Por isso, não voltará a me ver até que eu castigue essa gente que escapou do Egito. ⁶Então a espada de meus soldados e a lança de meus oficiais atravessarão suas costelas, e você cairá entre os feridos deles. ⁷Meus servos vão levar você para a montanha e deixá-lo em alguma cidade dos desfiladeiros. ⁸Você ficará vivo para ser morto junto com eles. ⁹Se você confia que eles não serão capturados, não fique de cabeça baixa. Nada do que eu disse ficará sem se realizar”.

¹⁰Holofernes ordenou aos servos, que estavam na tenda, para pegarem Aquior, o levarem a Betúlia e o entregarem aos israelitas. ¹¹Os servos agarraram Aquior e o levaram para a planície, fora do acampamento. Daí se dirigiram para a serra e chegaram às fontes que estão abaixo de Betúlia. ¹²Quando os homens da cidade os viram no alto dos montes, pegaram suas armas, saíram da cidade e foram para lá, enquanto os atiradores jogavam pedras sobre os homens de Holofernes, para impedir que subissem. ¹³Então estes desceram pela encosta do monte, amarraram Aquior e o deixaram ao pé do monte. E voltaram para junto do seu senhor.

¹⁴Então os israelitas desceram da cidade e foram até Aquior. Eles o desamarraram e o levaram a Betúlia para apresentá-lo aos chefes da cidade. ¹⁵Nesse tempo, os chefes eram Ozias, filho de Micas, da tribo de Simeão; Cabris, filho de Gotoniel, e Carmis, filho de Melquiel. ¹⁶Eles convocaram todos os anciãos da cidade. Também os jovens e as mulheres foram para a assembleia. Colocaram Aquior no meio de todos, e Ozias lhe perguntou o que havia acontecido. ¹⁷Então Aquior contou-lhes o que haviam falado no conselho de Holofernes, o que ele próprio tinha dito aos chefes assírios e as vantagens que Holofernes tinha contado contra Israel. ¹⁸Então o povo se prostrou, adorou a Deus e suplicou: ¹⁹“Senhor Deus do céu, olha do alto o orgulho deles e tem piedade da humilhação de nossa gente. Acolhe hoje com boa vontade a presença daqueles que são consagrados a ti”. ²⁰Depois, animaram Aquior e o elogiaram muito. ²¹Ozias o levou para sua casa e ofereceu um banquete aos anciãos. E durante toda essa noite, ficaram invocando o auxílio do Deus de Israel. [\[5,22-6,21\]](#)

7 Eficácia da pressão — ¹No dia seguinte, Holofernes ordenou ao exército e às tropas aliadas que levantassem acampamento, avançassem contra Betúlia, ocupassem as passagens das montanhas e atacassem os israelitas. ²Nesse mesmo dia, todos os soldados levantaram acampamento. O exército contava com cento e setenta mil soldados de infantaria e doze mil cavaleiros, sem contar a bagagem e

a multidão que os acompanhava a pé. ³Formaram-se em ordem de batalha no vale perto de Betúlia, junto à fonte, e se estenderam ao largo, na direção de Dotain, até Belbaim, e de Betúlia até Quiamon, que está diante de Esdremon.

⁴Quando os israelitas viram essa multidão, ficaram aterrorizados e comentaram: “Eles vão engolir toda a face da terra. Nem os montes mais altos, nem os precipícios, nem as colinas suportarão tanto peso”. ⁵Cada um empunhou suas armas, acenderam fogueira nas torres e ficaram em guarda a noite inteira.

⁶No segundo dia, Holofernes fez a cavalaria avançar diante dos israelitas que estavam em Betúlia. ⁷Inspecionou as subidas para a cidade, examinou as fontes e ocupou-as, deixando aí destacamentos militares. Depois voltou para junto do exército. ⁸Os oficiais edomitas, os chefes moabitas e os generais do litoral disseram a Holofernes: ⁹“Senhor, ouça o nosso palpite, e o exército não sofrerá um só arranhão. ¹⁰Esses israelitas não confiam tanto nas armas. Eles confiam na altura dos montes onde vivem, porque não é fácil escalar o topo desses montes. ¹¹Por isso, senhor, não os combata como se faz em campo aberto, e não haverá nenhuma baixa em seu exército. ¹²Fique no acampamento com todo o exército e deixe que ocupemos a fonte que brota ao pé do monte. ¹³É dela que os habitantes de Betúlia tiram água. A sede os forçará a entregar a cidade ao senhor. Nós subiremos com nossos soldados ao topo dos montes vizinhos e montaremos acampamento, para impedir que alguém saia da cidade. ¹⁴A fome tomará conta deles, com suas mulheres e crianças. O senhor nem precisará usar a espada: eles cairão sozinhos pelas ruas da cidade. ¹⁵Desse modo, o senhor os fará pagar bem caro por não terem ido pacificamente ao seu encontro”.

¹⁶Holofernes e seus oficiais gostaram da proposta, e ele deu ordem para agir de acordo. ¹⁷Então uma tropa de moabitas e cinco mil assírios avançaram. Acamparam no vale e ocuparam as minas e fontes dos israelitas. ¹⁸Os edomitas e os amonitas subiram a serra, acamparam diante de Dotain e mandaram destacamentos para o sul e para o leste, diante de Egrebel, perto de Cuch, sobre a torrente de Mocmur. O grosso do exército assírio acampou na planície, cobrindo toda a região. As tendas e equipamentos formavam um acampamento enorme, pois a multidão era imensa.

¹⁹Vendo-se cercados pelo inimigo e sem possibilidades de escapar, os israelitas ficaram desanimados e clamaram ao Senhor seu Deus. ²⁰O exército assírio, com infantaria, cavalaria e carros, manteve o cerco por trinta e quatro dias. A provisão de água dos habitantes de Betúlia se esgotou, ²¹e os poços ficaram

vazios. Ninguém tinha como saciar a sede nem por um dia sequer, porque a água estava racionada. ²²As crianças desmaiavam e as mulheres e jovens desfaleciam de sede. Caíam pelas ruas e saídas das portas da cidade, completamente esgotados.

²³Então todo o povo se reuniu contra Ozias e os chefes da cidade, junto com jovens, mulheres e crianças, gritando e dizendo a todos os anciãos: ²⁴“Que o Senhor seja o nosso juiz, porque vocês causaram um grande mal, não querendo negociar a paz com os assírios. ²⁵Agora não temos a quem recorrer, porque Deus nos entregou nas mãos deles e estamos morrendo de sede e grande destruição. ²⁶Agora chamem os assírios e entreguem a cidade inteira, para que o exército de Holofernes a saqueie. ²⁷É preferível sermos saqueados. Seremos escravos deles, mas salvaremos a nossa vida, e não veremos nossas crianças morrer e nossas mulheres e filhos expirar. ²⁸Se vocês não fizerem isso hoje mesmo, nós convocaremos o céu e a terra como testemunhas contra vocês diante do nosso Deus, Senhor de nossos antepassados, que nos está castigando por causa de nossos pecados e os pecados de nossos antepassados”. ²⁹Então levantou-se da assembleia um pranto geral, e todos gritaram súplicas ao Senhor Deus.

³⁰Então Ozias procurou animá-los: “Tenham confiança, irmãos. Vamos resistir por mais cinco dias. O Senhor nosso Deus terá compaixão de nós. Ele não vai nos abandonar até o fim. ³¹Depois desse prazo, se ele não nos socorrer, farei o que vocês estão propondo”. ³²Então dispersou o povo, cada um para seu lugar: os homens voltaram para as muralhas e torres da cidade, e mandaram as mulheres e crianças para casa. A cidade estava tomada pela angústia. [7,1-32]

II. A FORÇA DOS FRACOS

8 *Confiar em Deus e agir com discernimento* — ¹Nesses dias, a notícia chegou até Judite. Ela era filha de Merari, filho de Ox, filho de José, filho de Oziel, filho de Elquias, filho de Ananias, filho de Gedeão, filho de Rafaim, filho de Aquitob, filho de Elias, filho de Helcias, filho de Eliab, filho de Natanael, filho de Salamiel, filho de Surisadai, filho de Israel. ²Seu marido Manassés, da mesma tribo e parentela, tinha morrido durante a colheita da cevada. ³Ele estava dirigindo os que amarravam feixes no campo, e teve uma insolação. Caiu de cama e morreu em Betúlia, sua cidade. E foi enterrado na sepultura da família, que ficava em sua propriedade, entre Dotain e Balamon. ⁴Judite era viúva fazia três anos e quatro meses. Vivia em sua casa, ⁵num quarto que mandara fazer no terraço. Vestia pano de saco e usava roupas de viúva. ⁶Desde que ficou viúva, jejuava diariamente, menos no dia de sábado e na véspera, no primeiro e último dia do mês, nas festas e comemorações israelitas. ⁷Era muito bonita e atraente. Manassés, seu marido, lhe havia deixado ouro e prata, servos e servas, rebanhos e terras. E ela vivia disso. ⁸Ninguém podia fazer-lhe a mínima crítica, pois era muito temente a Deus.

⁹Judite ficou sabendo das palavras desesperadas que o povo tinha dito ao governador, porque estava desanimado com a falta d'água. Soube também que Ozias tinha jurado entregar a cidade aos assírios dentro de cinco dias. ¹⁰Então Judite mandou a serva, que administrava seus bens, chamar Cabris e Carmis, anciãos da cidade.

¹¹Quando chegaram, ela disse: “Ouçam-me, chefes do povo de Betúlia. O que vocês disseram ao povo hoje foi um erro. Vocês juraram, obrigando-se diante de Deus a entregar a cidade ao inimigo, caso o Senhor não socorra vocês dentro de cinco dias. ¹²Quem são vocês para tentar a Deus, colocando-se hoje publicamente acima dele? ¹³Vocês, que nunca entenderão nada, estão pondo à prova o Senhor Todo-poderoso. ¹⁴Se são incapazes de sondar a profundidade do coração humano e entender as razões dos pensamentos dele, como podem sondar a Deus, criador de tudo, e compreender sua mente e entender seu projeto? Não, irmãos, não queiram irritar o Senhor nosso Deus. ¹⁵Ainda que não nos queira socorrer nesses cinco dias, ele tem poder para nos proteger no dia que quiser, ou nos destruir diante de nossos inimigos. ¹⁶Não pretendam exigir garantias sobre os planos do Senhor nosso Deus, porque Deus não é um homem que possa ser

intimidado, nem algum ser humano que possa ser pressionado. ¹⁷Por isso, enquanto esperamos pacientemente que ele nos salve, vamos suplicar-lhe que venha em nosso auxílio. Se ele quiser, vai ouvir a nossa voz.

¹⁸É verdade que em nosso tempo, e hoje mesmo, não tem havido entre nós nenhuma tribo, família, povo ou cidade que tenha adorado deuses feitos por mãos humanas, como acontecia outrora. ¹⁹Foi por isso que nossos antepassados foram entregues à espada e ao saque, e caíram miseravelmente diante de seus inimigos. ²⁰Nós, pelo contrário, não conhecemos outro Deus além dele. Por isso confiamos que ele não nos vai desprezar, nem se afastar de nossa gente. ²¹Se formos capturados, o mesmo acontecerá com toda a Judeia, e o santuário será saqueado. Então deveremos pagar essa profanação com o nosso próprio sangue. ²²Nas nações onde estivermos como escravos, seremos responsáveis pela morte de nossos compatriotas, pelo exílio do povo da terra e pela desolação de nossa herança. Seremos assim motivo de caçada e desprezo diante de nossos dominadores. ²³Nossa escravidão não nos fará ganhar o favor de nossos dominadores. Pelo contrário, o Senhor nosso Deus a transformará em desonra para nós.

²⁴Portanto, irmãos, mostremos aos nossos irmãos que a vida deles depende de nós, e que de nós depende a segurança do santuário, do Templo e do altar. ²⁵Agradeçamos ao Senhor nosso Deus por tudo isso, porque ele nos está pondo à prova, como fez com os nossos antepassados. ²⁶Lembrem-se do que ele fez com Abraão, como provou Isaac, e o que aconteceu com Jacó na Mesopotâmia da Síria, quando ele apascentava os rebanhos de Labão, seu tio materno. ²⁷Deus os provou com fogo para avaliar o coração deles, e está fazendo o mesmo conosco. O Senhor açoita os que dele se aproximam, não para se vingar, mas para torná-los conscientes”.

²⁸Então Ozias lhe disse: “Tudo o que você disse é muito sensato, e ninguém poderá dizer o contrário. ²⁹Não é de hoje que todo mundo percebe que você é sábia. Desde pequena, todos conhecem a sua inteligência e o seu bom coração. ³⁰Mas o povo estava morrendo de sede e nos obrigou a fazer o que fizemos, forçando-nos a um juramento que não podemos violar. ³¹Agora, você que é mulher piedosa, suplique por nós. O Senhor mandará chuva para encher os poços, e nós não morreremos”. ³²Judite respondeu: “Escutem-me com atenção. Vou fazer uma coisa que será comentada de geração em geração pelos filhos de nossa gente. ³³Esta noite vocês ficarão vigiando na porta da cidade. Eu sairei

com minha serva e, antes do prazo que vocês estabeleceram para entregar a cidade ao inimigo, o Senhor virá socorrer Israel por meio de mim. ³⁴Quanto a vocês, não perguntem o que vou fazer. Só contarei depois que tiver feito”.

³⁵Ozias e os chefes lhe disseram: “Vá em paz. Que o Senhor Deus acompanhe você, para que possa vingar-se do nosso inimigo”. ³⁶E deixando o aposento dela, eles voltaram para seus postos. [8,1-36]

9 *Unir-se a Deus para agir com eficácia* — ¹Era o momento em que no Templo de Jerusalém acabavam de oferecer o incenso da tarde, Judite colocou cinza sobre a cabeça, tirou as roupas e prostrou-se no chão, vestida apenas com o pano de saco. Levantou a voz e gritou ao Senhor, dizendo: ²“Senhor, Deus de meu pai Simeão, em cuja mão colocaste uma espada,

para vingar-se dos estrangeiros
que violentaram vergonhosamente
uma jovem,

tiraram suas roupas para a estuprar,
e profanaram o seio dela
para sua desonra.

E tu havias dito: ‘Não façam isso’.
Mas eles o fizeram.

³Por isso, entregaste seus chefes à morte.

E o leito deles, manchado pelo engano,
pelo engano ficou ensanguentado.

Feriste os servos junto com os chefes,
e os chefes junto com seus servos.

⁴Entregaste suas mulheres ao rapto e suas filhas à escravidão.

Entregaste seus despojos à partilha,
em proveito dos filhos que amavas,
e que, ardendo de zelo por ti,
abominaram a mancha do sangue deles
e invocaram o teu socorro.

Deus, meu Deus,
ouve esta pobre viúva.

⁵Tu fizeste o passado, e o que vem agora
e o que virá depois.

Tu projetas o presente e o futuro,
e o que desejas acontece.

⁶Teus projetos se apresentam e dizem: ‘Aqui estamos’.

Pois teus caminhos

estão todos preparados,
e teus projetos foram feitos de antemão.

⁷Aí estão os assírios!

Eles se apoiam em sua força,
orgulhosos de seus cavalos e cavaleiros,
e se gabam com a força
de sua infantaria.

Eles confiam no escudo e na lança,
no arco e na funda,
e não sabem que tu és o Senhor
que acaba com as guerras.

⁸Teu nome é: ‘o Senhor’!

Quebra a força deles com teu poder,
e, com tua cólera,
despedaça o domínio deles.

Porque decidiram profanar

o teu santuário,
manchar a tenda onde repousa
o teu Nome glorioso
e derrubar a ferro as pontas do teu altar.

⁹Olha a soberba deles e descarrega tua ira em suas cabeças.

Dá força a esta viúva,
para fazer aquilo que ela decidiu.

¹⁰Por meio de minha língua sedutora, fere o servo junto com o chefe
e o chefe com seu servo.

Quebra a altivez deles
pela mão de uma mulher.

¹¹Tua força não está no número, nem tua autoridade nos guerreiros.

Tu és o Deus dos humildes,
o socorro dos oprimidos,
o protetor dos fracos,
o abrigo dos abandonados,
o salvador dos desesperados.

¹²Sim, Deus de meu pai, Deus da herança de Israel,

Senhor do céu e da terra,
Criador das águas,
Rei de toda a criação.
Ouve a minha súplica,
¹³e concede-me falar com sedução, para ferir mortalmente
os que planejaram
uma vingança cruel contra teus fiéis,
contra tua morada santa, o monte Sião,
e a casa de teus filhos.
¹⁴Faze que todo o povo e todas as tribos reconheçam que tu és o único Deus,
o Deus de toda força e de todo poder,
e que o povo de Israel
só tem a ti como protetor”. [9,1-14]

10 *Por que o povo de Deus fascina?* — ¹Quando parou de suplicar ao Deus de Israel e terminou o que estava dizendo, ²Judite se levantou, chamou a serva e foi para a casa em que ficava nos dias de sábado e de festa. ³Tirou o pano de saco e o vestido de viúva, tomou banho, passou perfume caro, penteou os cabelos, colocou um turbante na cabeça e se vestiu com a roupa de festa, que usava enquanto seu marido Manassés era vivo. ⁴Calçou sandálias e enfeitou-se com braceletes, colares, anéis, brincos e todas as suas joias. Ficou belíssima, capaz de seduzir os homens que a vissem. ⁵Depois entregou à serva uma vasilha de vinho e uma jarra de óleo, encheu uma sacola com farinha de cevada, bolos de frutas secas e pães puros. Embrulhou as provisões e as entregou à serva.

⁶Em seguida, saíram para a porta da cidade de Betúlia e encontraram aí Ozias e os anciãos da cidade Cabris e Carmis. ⁷Ao vê-la com o rosto transformado e outros vestidos, ficaram pasmos com tanta beleza, e lhe disseram: ⁸“Que o Deus de nossos antepassados ajude você e permita que seja bem-sucedida em seus planos, para a glória dos israelitas e a exaltação de Jerusalém”. ⁹Judite adorou a Deus, e lhes disse: “Mandem abrir para mim a porta da cidade. Sairemos para realizar o que vocês estão desejando”. Eles ordenaram que os soldados lhe abrissem a porta, conforme ela tinha pedido. ¹⁰Assim fizeram, e Judite saiu com a serva. Os homens da cidade a seguiram com o olhar, enquanto ela descia a encosta, até que atravessou o vale e desapareceu.

¹¹Estavam caminhando direto pelo vale, quando as sentinelas dos assírios foram ao encontro delas. ¹²Detiveram Judite e lhe perguntaram: “De que lado

você está? De onde vem? Para onde vai?” Judite respondeu: “Sou hebreia, e estou fugindo do meu povo, porque falta pouco para ele ser devorado por vocês.

¹³Gostaria de apresentar-me a Holofernes, general do exército de vocês, para dar-lhe informações seguras. Vou mostrar a ele o caminho por onde poderá passar e conquistar toda a serra, sem arriscar um só de seus homens”.

¹⁴Enquanto a escutavam, as sentinelas ficaram observando o rosto dela, admirados com tanta beleza. E lhe disseram: ¹⁵“Você salvou a vida, vindo ao encontro do senhor nosso general. Pode ir até a tenda dele; alguns dos nossos vão escoltar você até lá. ¹⁶Quando estiver diante dele, não tenha medo, diga-lhe o que disse a nós, e ele a tratará bem”. ¹⁷Então eles destacaram cem homens, que escoltaram Judite e sua serva até a tenda de Holofernes.

¹⁸Ao correr pelas tendas a notícia da chegada de Judite, o acampamento ficou em alvoroço. Judite estava do lado de fora da tenda de Holofernes, esperando ser anunciada, e todos a rodearam. ¹⁹Estavam admirados com sua beleza e, olhando para ela, ficavam admirando os israelitas. E comentavam: “Não podemos desprezar uma nação que tem mulheres tão bonitas. Não podemos poupar nenhum homem deles. Os que ficassem, seriam capazes de conquistar o mundo inteiro”.

²⁰Os guarda-costas de Holofernes e os oficiais saíram e introduziram Judite na tenda. ²¹Holofernes estava descansando em sua cama, debaixo de um mosquiteiro de púrpura, bordado a ouro e recamado com esmeraldas e pedras preciosas. ²²Anunciaram Judite. Então ele saiu para a parte da frente da tenda, precedido de portadores de lâmpadas de prata. ²³Quando Judite ficou na frente de Holofernes e dos oficiais, todos ficaram admirados com a beleza do rosto dela, que se prostrou diante de Holofernes. Mas os escravos a levantaram. [10,1-23]

11 *Penetrando o espaço do opressor* — ¹Holofernes disse a Judite: “Coragem, mulher. Não tenha medo. Nunca maltratei ninguém que estivesse disposto a servir a Nabucodonosor, rei do mundo inteiro. ²Até seu povo que mora na serra: se ele não me tivesse desprezado, eu não estaria lutando contra ele. Eles é que provocaram isso. ³Agora, diga-me: Por que fugiu e passou para o nosso lado? Vindo até nós, você salvou a própria vida. Pode confiar. Você não correrá perigo, nem esta noite, nem depois. ⁴Ninguém vai maltratá-la. Pelo contrário, nós a trataremos bem, como fazemos com os servos do rei Nabucodonosor, o meu senhor”.

⁵Então Judite lhe falou: “Permita-me falar-lhe e acolha as palavras desta sua serva. Esta noite não vou dizer mentira nenhuma. ⁶Se o senhor seguir os conselhos desta sua serva, Deus o ajudará em sua campanha, e seus planos não falharão. ⁷Viva Nabucodonosor, rei de toda a terra, que enviou o senhor para colocar todos em ordem. Viva o seu poder! Graças ao senhor, não são apenas os homens que servem o rei. Graças ao seu poder, também as feras, os rebanhos e as aves do céu viverão à disposição de Nabucodonosor e do seu palácio. ⁸Ouvimos falar da sabedoria e astúcia que o senhor tem. Todos comentam que o senhor é o melhor em todo o império, o conselheiro mais hábil e o estrategista mais admirado. ⁹Nós ficamos sabendo do relatório que Aquior fez em seu conselho. Os habitantes de Betúlia o pouparam, e ele contou tudo o que havia dito diante do senhor. ¹⁰Por isso, senhor poderoso, não despreze a opinião dele. Pode crer nela, porque é verdadeira: nossa gente não sofrerá castigo, nem as armas poderão submetê-la, a não ser que ela cometa pecado contra Deus. ¹¹Agora, para que o meu senhor não fique decepcionado e de mãos vazias, saiba que a morte cairá sobre eles, porque são réus de um pecado com que irritam seu Deus toda vez que o cometem. ¹²Quando lhes faltaram víveres e água, resolveram lançar mão do rebanho e consumir tudo o que Deus, por suas leis, tinha proibido a eles de comer. ¹³Resolveram consumir até os primeiros frutos do trigo e os dízimos do vinho e do azeite, coisas consagradas aos sacerdotes que ministram diante do nosso Deus em Jerusalém, e que nenhum leigo pode jamais tocar. ¹⁴E como os habitantes de Jerusalém já estão fazendo o mesmo, mandaram até lá uma comissão, para que o conselho permita fazer isso. ¹⁵Logo que receberem a permissão e a puserem em prática, nesse mesmo dia cairão em seu poder, meu senhor, e serão aniquilados.

¹⁶Quando percebi tudo isso, tratei de fugir. Deus me mandou para realizar com o senhor uma façanha que assombrará todos os que dela ficarem sabendo. ¹⁷Esta sua serva é piedosa e serve ao Deus do céu dia e noite. Agora, eu gostaria de ficar junto com o senhor. Sairei toda noite pelo vale, rezarei a Deus, e ele me dirá quando a minha gente cometer o pecado. ¹⁸Eu contarei ao senhor, e então o senhor sairá com todo o seu exército, e nenhum deles lhe poderá resistir. ¹⁹Eu guiarei o senhor através da Judeia, até chegar a Jerusalém, e colocarei seu trono bem no meio da cidade. Então o senhor os manejará como ovelhas sem pastor, e não haverá nem mesmo um cão para latir diante do senhor. Já estou prevendo todas essas coisas. Tudo foi anunciado a mim, e eu fui enviada para contá-las ao

senhor”.

²⁰As palavras de Judite agradaram a Holofernes e seus oficiais. Admirados com a sabedoria dela, disseram: ²¹“De um extremo a outro da terra, não existe mulher tão bonita e que saiba falar tão bem”. ²²Holofernes lhe disse: “Deus fez bem mandando você na frente do povo, para colocar o poder em nossas mãos e destruir todos os que desprezaram o meu senhor. ²³Você é bela e eloquente. Se fizer o que me disse, o seu Deus será o meu Deus, você viverá no palácio do rei Nabucodonosor e será famosa no mundo inteiro”.

12¹Holofernes mandou levar Judite para o lugar onde era colocada sua baixela de prata, e ordenou que servissem a ela a mesma comida e o mesmo vinho que ele tomava. ²Judite, porém, disse: “Não provarei nada disso, para não cair em pecado. Eu trouxe minhas provisões”. ³Holofernes lhe perguntou: “E se acabar o que você trouxe, onde poderemos arrumar comida igual? Entre nós, não há ninguém da sua gente”. ⁴Judite respondeu: “Pela sua vida, meu senhor, o que eu trouxe comigo não acabará antes que o senhor realize seu plano por meio de mim”.

⁵Os oficiais de Holofernes levaram Judite para a tenda, e ela repousou até a meia-noite. Depois se levantou antes do amanhecer, ⁶e mandou dizer a Holofernes: “Senhor, ordene que me deixem sair para rezar”. ⁷Holofernes ordenou aos guardas que a deixassem sair. E assim Judite passou três dias no acampamento. De noite, ela ia em direção ao vale de Betúlia e tomava banho na fonte, no posto avançado do acampamento. ⁸Depois do banho, ela suplicava ao Senhor Deus de Israel que dirigisse o plano dela, para reerguer o seu povo. ⁹Depois de purificar-se, voltava para a tenda e aí ficava até que lhe trouxessem o alimento à tarde. [11,1-12,9]

Cortando a cabeça do poder opressor — ¹⁰No quarto dia, Holofernes ofereceu um banquete somente para o seu pessoal de serviço, sem convidar nenhum oficial. ¹¹Disse a Bagoas, seu mordomo: “Vá e veja se você consegue convencer essa mulher hebreia, que está a seu cuidado, para que venha comer e beber conosco. ¹²Seria uma vergonha não aproveitar a ocasião de ter relações com essa mulher. Se eu não a conquistar, vão caçoar de mim”. ¹³Bagoas saiu da presença de Holofernes, foi até Judite, e lhe disse: “Que esta bela jovem não tenha medo de se apresentar ao meu senhor como hóspede de honra. Você beberá conosco, se alegrará e passará o dia como uma das mulheres assírias, que vivem no

palácio de Nabucodonosor”. ¹⁴Judite respondeu: “Quem sou eu para contrariar o meu senhor? Farei tudo o que lhe agradar, e isto será para mim uma lembrança agradável até o dia de minha morte”.

¹⁵Então Judite se levantou e se enfeitou com suas roupas e joias. Sua serva foi na frente e estendeu no chão, diante de Holofernes, as peles que Bagoas lhe tinha dado, para que se reclinasse enquanto comia. ¹⁶Judite entrou e se acomodou. Ao vê-la, Holofernes ficou arrebatado, e a paixão o agitou com o desejo violento de se unir a ela. De fato, desde a primeira vez que a viu, ele espreitava uma ocasião para seduzi-la. ¹⁷E Holofernes disse a Judite: “Vamos, beba e se alegre conosco”. ¹⁸Judite respondeu: “Claro que vou beber, meu senhor. Hoje é o dia mais feliz de toda a minha vida”. ¹⁹E Judite comeu e bebeu diante de Holofernes, servindo-se do que a sua serva tinha preparado para ela. ²⁰Holofernes, entusiasmado com ela, bebeu muitíssimo vinho, como nunca havia feito antes, em toda a vida.

13 ¹Quando ficou tarde, o pessoal de Holofernes se retirou. Bagoas fechou a tenda por fora, depois de fazer com que todos os servos saíssem. Todos foram repousar, entregues pelo excesso de bebida. ²Na tenda, ficaram apenas Judite e Holofernes caído na cama, completamente embriagado. ³Judite tinha dito à serva que ficasse do lado de fora do quarto, esperando que ela saísse, como nos outros dias. Tinha dito que sairia para rezar, e já havia falado disso com Bagoas.

⁴Todos saíram. Não ficou mais ninguém no quarto, nem pequeno nem grande. Então, de pé e junto ao leito de Holofernes, Judite rezou interiormente: “Senhor Deus de toda a força, volta agora o teu olhar pa-ra o que eu estou para fazer em favor da exaltação de Jerusalém. ⁵Chegou o momento de ajudar a tua herança e dar sucesso ao meu plano, ferindo o inimigo que se levantou contra nós”.

⁶Então Judite se aproximou da coluna da cama, que ficava junto à cabeça de Holofernes, e pegou a espada dele. ⁷Depois chegou perto da cama, agarrou a cabeleira de Holofernes, e pediu: “Dá-me força agora, Senhor Deus de Israel”. ⁸E com toda a força, deu dois golpes no pescoço de Holofernes e lhe cortou a cabeça. ⁹Rolou o corpo do leito e tirou o mosquiteiro das colunas. Depois saiu, entregou a cabeça de Holofernes para a serva, ¹⁰que a colocou na sacola de alimentos. E saíram juntas, como de costume, para rezar. Atravessaram o acampamento, rodearam o vale, subiram a encosta de Betúlia e chegaram à porta

da cidade. [12,10-13,10]

Exemplo que gera confiança — ¹¹Judite gritou de longe para as sentinelas das portas: “Abram! Abram a porta! O Senhor nosso Deus está conosco, demonstrando ainda sua força em Israel e seu poder contra o inimigo. Isso acaba de acontecer hoje”. ¹²Os homens da cidade ouviram, desceram logo até a porta e convocaram os anciãos. ¹³Adultos e crianças, todos foram correndo. Parecia-lhes incrível que Judite estivesse de volta. Abriram a porta e as receberam. E logo fizeram uma grande fogueira para clarear, e se juntaram ao redor delas. ¹⁴Judite começou a gritar: “Louvem a Deus! Louvem a Deus! Louvem a Deus que não retirou sua misericórdia da casa de Israel. Nesta noite, ele matou o inimigo por meio da minha mão”. ¹⁵Então Judite tirou a cabeça de Holofernes que estava na sacola, mostrou-a e disse: “Esta é a cabeça de Holofernes, general do exército da Assíria. Este é o mosquiteiro, debaixo do qual ele dormia embriagado. O Senhor o matou pela mão de uma mulher. ¹⁶Viva o Senhor, que me protegeu no meu plano. Juro a vocês que meu rosto seduziu Holofernes, para a sua ruína, mas ele não me fez pecar. Minha honra está intacta”.

¹⁷Todos ficaram assombrados e, inclinando-se em adoração a Deus, disseram a uma só voz: “Bendito sejas, nosso Deus, porque hoje aniquilaste os inimigos do teu povo!” ¹⁸E Ozias disse a Judite: “Que o Deus Altíssimo abençoe você, minha filha, mais que a todas as mulheres da terra. Bendito seja o Senhor Deus, criador do céu e da terra, que guiou você para cortar a cabeça do chefe dos nossos inimigos. ¹⁹Os que se lembrarem dessa façanha de Deus, jamais perderão a confiança que você inspira. ²⁰Que Deus a exalte sempre e lhe dê prosperidade, porque você não vacilou em expor a própria vida por causa da humilhação de nossa gente, mas vingou a nossa ruína, indo diretamente ao alvo, diante do nosso Deus”. E todo o povo aclamou: “Amém! Amém!” [13,11-20]

14 Vitória completa dos oprimidos — ¹Judite falou ao povo: “Escutem, irmãos. Peguem esta cabeça e a pendurem no parapeito da muralha. ²Quando a aurora raiar e o sol sair sobre a terra, cada um de vocês pegue suas armas, e todos os homens fortes saiam da cidade. Coloquem à frente um chefe, como se fossem descer para a planície contra as sentinelas dos assírios. Mas não desçam. ³Eles pegarão em armas, e irão ao acampamento para despertar os oficiais do exército assírio. Irão correndo à tenda de Holofernes e não o encontrarão. Aí ficarão apavorados e fugirão de vocês. ⁴Nesse momento, vocês e

todos os que vivem no território israelita os perseguirão para abatê-los na fuga. ⁵Antes, porém, chamem Aquior, o amonita, para que ele veja e reconheça aquele que caçava dos israelitas e que o mandou até nós como réu de morte”. ⁶Então chamaram Aquior, que estava na casa de Ozias. Quando ele chegou e viu a cabeça de Holofernes na mão de um homem na assembleia do povo, desmaiou e caiu de bruços. ⁷Quando o levantaram, Aquior se lançou aos pés de Judite e, prostrando-se diante dela, disse: “Bendita seja você em todas as tendas de Judá e entre todos os povos! Os que ouvirem sua fama, ficarão perturbados. ⁸Agora, conte-me o que foi que você fez nesses dias”. Judite, no meio do povo, contou tudo o que havia feito, desde o dia em que saíra de Betúlia até esse momento. ⁹Quando terminou, todos gritaram vivas e encheram a cidade com gritos de alegria. ¹⁰Aquior, vendo tudo o que o Deus de Israel tinha feito, acreditou firmemente em Deus, apresentou-se para a circuncisão e foi definitivamente admitido entre os israelitas.

¹¹Ao raiar do dia, penduraram a cabeça de Holofernes na muralha. Os homens empunharam armas e saíram, em esquadrões, para as encostas do monte. ¹²Ao vê-los, os assírios informaram seus chefes, e estes informaram os generais, os comandantes e os oficiais. ¹³Quando chegaram à tenda de Holofernes, disseram ao mordomo: “Acorde o nosso chefe, porque esses escravos se atreveram a descer para nos atacar. Estão querendo ser completamente destruídos”. ¹⁴Bagoas entrou e bateu palmas diante da cortina, pensando que Holofernes estivesse dormindo com Judite. ¹⁵Como ninguém respondesse, Bagoas afastou as cortinas, entrou no quarto e encontrou Holofernes morto, jogado na entrada; tinham-lhe cortado a cabeça. ¹⁶Bagoas soltou um grito e, rasgando as roupas, começou a chorar, soluçando e gritando. ¹⁷Correu para a tenda onde Judite se alojava. Não a encontrando, precipitou-se para a tropa, gritando: ¹⁸“Os escravos nos traíram. Uma só mulher hebreia desonrou a casa do rei Nabucodonosor. Holofernes está atirado no chão, com a cabeça cortada”. ¹⁹Ao ouvirem isso, os oficiais assírios rasgaram os mantos e ficaram completamente perturbados. Seus gritos e clamores ressoaram por todo o acampamento.

15¹Os soldados que ainda estavam nas tendas, ao ouvirem, ficaram espantados com o que acontecera. ²Entraram em pânico e, sem esperar um pelo outro, fugiram todos pelos caminhos da planície e da serra, numa debandada geral. ³Os que estavam acampados na serra, ao redor de Betúlia,

também fugiram. Então todos os guerreiros israelitas se lançaram contra eles.

⁴Ozias enviou mensageiros a Betomestaim, a Bebai, a Cobe, a Cola e a todo o território de Israel, comunicando o acontecido e pedindo que todos caíssem sobre o inimigo e o exterminassem.

⁵Informados disso, os israelitas caíram sobre todos eles, matando-os até Coba. Os habitantes de Jerusalém e todos os da serra, informados do que acontecera no acampamento inimigo, vieram ajudar. Também os de Galaad e da Galileia os atacaram pelos flancos, causando-lhes muitas baixas, até mais além de Damasco e suas fronteiras. ⁶Os que ficaram em Betúlia caíram sobre o acampamento assírio e o devastaram, recolhendo imensos despojos. ⁷Ao voltar da matança, os israelitas se apossaram do resto. Os habitantes das aldeias e dos lugares da serra e da planície tomaram posse de muitos despojos. O saque foi enorme. [14,1-15,7]

O Deus que acaba com as guerras — ⁸O sumo sacerdote Joaquim e o conselho de anciãos israelitas de Jerusalém foram contemplar os benefícios que o Senhor tinha feito por Israel e também para conhecer Judite. ⁹Chegando à casa dela, todos a elogiaram, dizendo: “Você é a glória de Jerusalém! Você é a honra de Israel! Você é o orgulho da nossa gente!” ¹⁰Você fez essas coisas com sua própria mão, realizando benefícios para Israel, e Deus se alegrou com isso. Que o Senhor Todo-poderoso abençoe você para todo o sempre!” E todos aclamaram: “Amém”.

¹¹O saque do acampamento durou trinta dias. Deram a Judite a tenda de Holofernes, com toda a sua prataria, leitos, vasilhas e móveis. Judite recolheu tudo e o carregou sobre sua mula. Atrelou os carros e empilhou tudo em cima deles. ¹²Todas as mulheres israelitas correram para ver Judite e dar-lhe uma boa recepção. Algumas organizaram uma dança em sua honra. Judite pegou ramos e os repartiu com as companheiras, ¹³que fizeram coroas com folhas de oliveira para Judite e para si mesmas. Depois Judite foi na frente de todos, dirigindo a dança das mulheres. Os israelitas iam logo atrás, armados, coroados e cantando hinos.

¹⁴No meio de todos os israelitas, Judite entoou este cântico de ação de graças,

16 enquanto todo o povo a acompanhava com refrões: ¹“Louvem o meu Deus com pandeiros, celebrem o Senhor com címbalos.

Componham para ele

um salmo de louvor.

Exaltem e invoquem o seu nome.

²O Senhor é um Deus que acaba com as guerras.

Do seu acampamento

no meio do povo,

ele me livrou da mão dos perseguidores.

³A Assíria chegou das montanhas do norte,

com seus milhares de soldados.

Sua multidão cercou as torrentes

e seus cavalos cobriram as colinas.

⁴Ameaçou incendiar meu território e matar meus jovens à espada.

Ameaçou jogar no chão meus nenês,

tomar minhas crianças como presa

e raptar as minhas jovens.

⁵Mas o Senhor Todo-poderoso os deixou frustrados

pela mão de uma mulher.

⁶Seu chefe não caiu diante de soldados, nem foi ferido por filhos de titãs

ou atacado por gigantes enormes.

Foi Judite, filha de Merari,

que o desarmou

com a beleza de seu rosto.

⁷Ela deixou as vestes de viúva, para levantar os aflitos de Israel.

Ungiu o rosto com perfume,

⁸prendeu os cabelos com turbante e se vestiu de linho para seduzi-lo.

⁹Sua sandália cativou o olhar dele.

Sua beleza lhe escravizou a alma,

e a espada lhe cortou o pescoço!

¹⁰Os persas se assustaram com a audácia dela,

e os medos se perturbaram

com sua ousadia.

¹¹Então meus pobres lançaram o grito de guerra,

e eles ficaram assustados.

Meus fracos lançaram seu grito,

e eles se encheram de terror.

Levantaram a voz e eles recuaram.

¹²Filhos de escravos os transpassaram e os feriram como a desertores.

E eles pereceram na batalha

do meu Senhor.

¹³ Cantarei a meu Deus um cântico novo:

Senhor, tu és grande e glorioso,
admirável e invencível em tua força!

¹⁴ Que toda a criação sirva a ti, porque ordenaste, e os seres existiram.

Enviaste o teu espírito,
e eles foram feitos.

E nada pode resistir à tua voz.

¹⁵ As ondas sacudirão o alicerce das montanhas
e, diante de ti,

as rochas derreterão como cera.

E tu serás favorável aos teus fiéis.

¹⁶ Os sacrifícios de odor agradável pouco valem,
e a gordura dos holocaustos

é um nada,

mas quem teme o Senhor
sempre será grande.

¹⁷ Ai das nações que atacam o meu povo!

O Senhor Todo-poderoso
as castigará no dia do julgamento.

Ele porá fogo e vermes na carne deles,
e eles chorarão de dor para sempre”.

¹⁸ Chegando a Jerusalém, adoraram a Deus e, quando todos terminaram de purificar-se, ofereceram holocaustos, sacrifícios espontâneos e ofertas votivas.

¹⁹ Judite consagrou ao Senhor todos os objetos de Holofernes, que o povo lhe tinha dado, e também o mosquiteiro que ela mesma pegara do leito dele. ²⁰ O povo continuou a festejar em Jerusalém, perto do Templo, durante três meses. E Judite ficou entre eles. [15,8-16,20]

A fama de Judite — ²¹ Depois disso, cada um voltou para a sua herança. Judite retornou para Betúlia e continuou vivendo em sua propriedade. Durante toda a vida, ficou muito famosa em todo o país. ²² Teve muitos pretendentes, mas, desde que seu marido Manassés morreu e se reuniu com os seus, ela nunca mais se casou. ²³ E a fama de Judite crescia sempre mais. Viveu na casa de seu marido até a idade de cento e cinco anos. Deu liberdade à sua serva e morreu em Betúlia, sendo enterrada na sepultura de seu marido Manassés. ²⁴ Os israelitas fizeram luto por sete dias. Antes de morrer, Judite repartiu seus bens entre os

parentes de seu marido Manassés e entre seus próprios parentes.

²⁵Em seu tempo e depois, durante muitos anos, ninguém mais molestou os israelitas. [16,21-25]

NOTAS

[1,1-16] Nabucodonosor é a personificação dos poderosos que pretendem construir um império para dominar o mundo. Sua primeira estratégia é propor alianças. A recusa dos outros países fere o seu orgulho. Então ele mostra suas verdadeiras intenções, partindo para a conquista violenta.

[2,1-13] Na verdade, a pretensão ao poder absoluto oculta o desejo de ocupar o lugar de Deus para dominar o mundo todo (notar os títulos que o rei dá a si mesmo). A pressa trai a ambição desmedida. O aparato militar mostra que o poder se impõe pela violência. Caricaturado como deus ambicioso e violento, o poderoso acaba produzindo projetos de escravidão e morte, exatamente o contrário do projeto do Deus vivo.

[2,14-3,10] É difícil reconstituir com precisão o itinerário de Holofernes. Importante é notar a finalidade última da conquista: fazer que todos aceitem o poder de Nabucodonosor, como se fosse um deus. Como conseguir isso? A arma principal é semear a insegurança e o terror. Apavoradas, as pessoas entregam tudo o que possuem (bens) e tudo o que são (liberdade), para conservar a vida. Dessa forma, o poder absoluto se apresenta como senhor da vida e da morte: quem quiser sobreviver, tem que colocar-se a serviço dele.

[4,1-15] Diante da imponente do opressor, os israelitas se preparam para resistir através de um movimento de reconversão ao Deus do êxodo, que ouve a súplica do seu povo. Betúlia é uma localidade desconhecida; talvez seja nome simbólico, que lembra Betel, isto é, “casa de Deus”. Está em jogo a sorte do povo, que leva consigo o testemunho do Deus vivo.

[5,1-21] Holofernes quer saber quem é esse povo que ousa resistir ao poder de Nabucodonosor. Aquior faz um relato de toda a história de Israel, deixando claro que a força desse povo está na aliança com o seu Deus. E esse Deus só impõe uma condição: a prática da justiça. Se o povo é fiel, Deus fica do seu lado e lhe dá vitória em todas as lutas. Se é infiel, Deus o abandona, e ele se torna presa dos inimigos. O ponto nevrálgico, portanto, é saber se o povo está ou não

praticando a justiça.

[5,22-6,21] Aquior, um estrangeiro, reconhece que a força do Deus de Israel se manifesta através da prática da justiça. A força dos ídolos, entre os quais Nabucodonosor e todos os que se absolutizam, está na dominação, que se manifesta através da violência. Essas duas forças estão em contínua luta dentro da história, uma luta entre a vida e a morte. A arma do povo de Deus é a verdade, que se expressa na prática da justiça. A arma dos idólatras é a mentira, que se impõe pela força (aparato militar). Quem vencerá?

[7,1-32] A sugestão apresentada a Holofernes mostra a mais poderosa arma dos tiranos: *a pressão*. Física e psicologicamente pressionado, o povo tem a impressão de que não lhe resta mais nenhuma escapatória. Desesperado e até pensando que se trata de castigo de Deus, o povo se dispõe a abrir mão da liberdade, para conservar a vida. Graças à pressão, os papéis muitas vezes chegam a se inverter: os opressores passam a ser vistos como libertadores, e os que resistem à pressão são apontados como culpados. Cf. notas em Ex 14,1-14; 16,1-35; 17,1-7.

[8,1-36] Pressionadas pelo povo em desespero, as autoridades marcaram um prazo para Deus agir. Se ele não agir, elas entregarão o povo ao inimigo. Judite critica radicalmente essa atitude. Primeiro, porque não é o homem quem fixa prazos para Deus. Isso é tentar a Deus (cf. Dt 6,16; Ex 17,7). Em segundo lugar, entregar-se ao inimigo é um castigo que só se justificaria se o povo fosse culpado, o que não é o caso. Então, por que tais coisas estão acontecendo? Pelo seguinte: o povo está sendo posto à prova, para tornar-se consciente e para se pôr em ação, discernindo o que fazer na hora certa. Desse modo, o povo descobrirá que Deus age através da ação humana perspicaz, dando-lhe eficácia.

[9,1-14] Judite se prepara para agir, e sua oração mostra o ponto central de todo o livro: o confronto entre a força do Deus libertador e o poder dos opressores. De início (vv. 2-6) é lembrado o caso de Dina (cf. Gn 34), porque Judite arriscará a honra pessoal para libertar o seu povo. Sua oração mostra que o Deus de Israel é aquele que toma o partido dos pobres e fracos, e assim manifesta a própria força, destruindo os poderosos. Estes disfarçam a própria fraqueza atrás de exércitos e armas, que usam para oprimir o povo.

A oração de Judite é uma busca de discernimento: ela quer saber como deverá agir. Pede que Deus a torne extremamente sedutora, porque é com a arma da

sedução que ela chegará à vitória. Em outras palavras, o povo fraco e pobre não enfrenta os poderosos com as mesmas armas. Precisa descobrir, através da astúcia, o ponto vulnerável dos opressores, para “feri-los mortalmente”. É assim que o povo conseguirá desmontar todo o aparato inimigo e chegar à vitória.

Vendo a eficácia da luta dos fracos e pobres, todos poderão reconhecer que o Deus invencível está do lado deles, construindo uma história nova.

[10,1-23] Judite se apresenta como traidora, pronta para revelar o ponto fraco do seu próprio povo. O texto salienta as armas dela: a beleza e a sedução. O comentário dos soldados assírios (vv. 18-19) deve ser entendido figuradamente: a beleza do povo de Deus exerce tal fascínio que é capaz de conquistar o mundo inteiro. Os poderosos percebem isso, e tentam de todas as maneiras exterminá-lo completamente.

[11,1-12,9] A astúcia de Judite mostra que o oprimido, para vencer, deve penetrar o espaço e os planos do opressor. Por outro lado, é preciso discernir para não se deixar corromper. O comportamento de Judite tem sempre duplo sentido: com as mesmas palavras, ela consegue andar no “fio da navalha”, convencendo o opressor sem trair a si própria nem ao seu povo. O ponto alto desse duplo sentido está em 11,16: Holofernes pensa na vitória, mas Judite está de fato se referindo à derrota dele.

[12,10-13,10] O poder de Nabucodonosor é conquistado e preservado pelo aparato militar, chefiado por seu general Holofernes. Cortando a cabeça do general, Judite desmonta a sustentação do opressor. A oração de Judite mostra que não se trata de vingança pessoal ou busca de poder, mas de um ato de Deus para salvar e defender o seu povo.

[13,11-20] A volta de Judite é o momento do grande anúncio: Deus age por meio das pessoas, quando elas estão dispostas a destruir o opressor, para defender o oprimido. Judite é exemplo que permanece na memória do povo, encorajando-o para a luta, na confiança de que Deus lhe dará a vitória.

[14,1-15,7] Judite orienta a tática: assustar o inimigo e persegui-lo até a derrota completa. O plano funciona, porque preparado em todos os pormenores. Os soldados inimigos, de início não se assustam, pois já consideram os israelitas como seus escravos, tal e qual outrora no Egito. Porém, esses “escravos” já deram o golpe. Ao perceber isso, o exército se desarticula completamente e se torna presa fácil. Com a estratégia bem-sucedida, os vizinhos se solidarizam, e a

vitória é arrasadora.

O episódio de Aquior mostra o efeito da vitória contra o opressor: ao ver que o Deus vivo apoia a luta do seu povo, as outras nações, que também sofrem a opressão dos poderosos, se aliam para lutas futuras. Essa aliança dos fracos é que provoca a insegurança e, finalmente, a derrota completa dos poderosos.

[15,8-16,20] O povo e as autoridades elogiam Judite, transformando-a em centro de atenções. Judite, porém, faz que todos dirijam sua atenção para o Deus que se alia com os fracos. É ele quem derrota os poderosos por meio da ousadia dos fracos.

[16,21-25] A lembrança de Judite continua viva na história, encorajando a luta dos oprimidos em todos os tempos. Seu exemplo mostra que, depois de vencer o opressor, o povo pode organizar uma sociedade onde exista liberdade e partilha.

ESTER

O PODER A SERVIÇO DA JUSTIÇA

Introdução

Introdução

O livro de Ester não é uma narrativa histórica propriamente dita. É uma espécie de conto que analisa a situação da comunidade judaica espalhada entre as nações estrangeiras.

Existem duas versões: A hebraica data provavelmente de meados do séc. IV a.C. A outra versão, em grego e consideravelmente ampliada, surgiu em meados do séc. II a.C. A presente tradução se baseia no texto hebraico (em caracteres redondos), e é completada com trechos (em grifo) que só existem na versão grega.

A inspiração fundamental do livro é o fato do êxodo, aqui revisto em clima de resistência dos judeus na Palestina (cf. livros dos Macabeus) e no esforço de preservar a sobrevivência da comunidade judaica espalhada pelo mundo. A narração do êxodo exige transformações radicais de estrutura possíveis naquelas circunstâncias, enquanto o livro de Ester busca criar condições de sobrevivência e espaços no sistema vigente, já que as circunstâncias históricas não permitem transformações mais profundas. Neste livro, não se pensa em tomar, mas apenas influenciar o poder, desmascarando o abuso dos privilegiados, reformulando em favor do povo a legislação e valorizando as celebrações populares.

Ester nos ajuda a pensar numa política que une transformações locais e nacionalistas a uma política global e mundial, na qual a luta pela justiça ganhe espaços e os oprimidos da terra recuperem a esperança de viver. É assim que se torna possível, pouco a pouco, uma sociedade alternativa, na qual reinem a justiça, a liberdade e a partilha.

ESTER

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10

ESTER

I. PREVISÃO DE UM DRAMA [1,1A-1L]

1 *Deus ouve o clamor do seu povo — ^{1a}No segundo ano do reinado do rei Assuero, no primeiro dia do mês de Nisã, Mardoqueu teve um sonho. Mardoqueu era filho de Jair, filho de Semei, filho de Cis, da tribo de Benjamim.*

^{1b}Ele era judeu que vivia na cidade de Susa, homem notável, ligado à corte do rei. ^{1c}Pertencia ao grupo dos exilados que Nabucodonosor, rei da Babilônia, tinha exilado de Jerusalém, junto com Jeconias, rei de Judá.

^{1d}O sonho foi assim: Gritos e tumulto, trovões e terremotos, agitação sobre a terra. ^{1e}Dois enormes dragões avançam, prontos para a luta. Lançam um grande rugido; ^{1f}ao ouvi-lo, todas as nações se preparam para a guerra, para o combate contra o povo dos justos. ^{1g}É dia de treva e escuridão, caem sobre a terra angústia e aflição, tribulação e pavor. ^{1h}Todo o povo dos justos fica transtornado e, temendo desgraças, prepara-se para morrer e clama a Deus. ¹ⁱE ao clamor do povo brota, como de uma pequena fonte, um grande rio de águas caudalosas. ^{1j}A luz e o sol se levantam: os oprimidos são exaltados e devoram os poderosos.

^{1l}Mardoqueu acordou do sonho e perguntou a si mesmo: “O que Deus está decidindo fazer?” Continuou a refletir nisso e ficou até à noite procurando decifrar de algum modo o significado.

O estopim do conflito — ^{1m}Mardoqueu morava na corte com Bagatã e Tares, dois funcionários do rei, guardas do palácio. ¹ⁿOuvindo a conversa deles e investigando seus planos, ficou sabendo que estavam preparando um atentado contra o rei Assuero. Mardoqueu informou o rei. ^{1o}E o rei interrogou os dois funcionários, que confessaram e foram condenados à morte. ^{1p}O rei mandou escrever uma crônica desses fatos, e também Mardoqueu, por conta própria, os deixou por escrito. ^{1q}Depois o rei colocou Mardoqueu como funcionário na corte e o recompensou com presentes. ^{1r}Todavia, Amã, filho de Amadates, o agagita, tinha muito prestígio diante do rei e buscava um modo de prejudicar Mardoqueu e seu povo, por causa dos dois funcionários do rei. [1m-1r]

II. AMEAÇA AO PODER

O banquete dos poderosos — ¹Eis o que aconteceu no tempo do rei Assuero, aquele Assuero que reinou sobre cento e vinte e sete províncias, desde a Índia até a Etiópia. ²Nesse tempo, o rei Assuero reinava na fortaleza de Susa. ³No terceiro ano do seu reinado, Assuero deu um banquete para todos os seus oficiais e ministros. Reuniram-se então para o banquete os chefes do exército da Pérsia e da Média, os nobres e os governadores das províncias. ⁴Assuero queria ostentar a riqueza e a glória do seu reino com o fausto magnífico de sua grandeza. Por isso fez o banquete durar cento e oitenta dias.

⁵Passados esses dias, o rei deu um banquete por sete dias no jardim do palácio real, e convidou todo o povo que se encontrava na fortaleza de Susa, desde o maior até o menor. ⁶Havia cortinas de linho fino e púrpura violeta suspensas em anéis de prata e colunas de mármore, e também divãs de ouro e prata sobre um piso de mosaico feito de malaquita, mármore branco e madrepérola. ⁷Para beber, havia taças de ouro, uma diferente da outra, e o vinho era abundante, muito de acordo com a liberalidade do rei. ⁸Bebia-se à vontade, como de costume, porque o rei tinha ordenado aos empregados de sua casa que deixassem cada um fazer o que queria. [1-8]

O princípio da autoridade — ⁹Também a rainha Vasti ofereceu um banquete para as mulheres no palácio real de Assuero. ¹⁰No sétimo dia, alegre por causa do vinho, o rei ordenou que Maumã, Bazata, Harbona, Abgata, Bagata, Zetar e Carcas, sete funcionários que serviam pessoalmente ao rei Assuero, ¹¹lhe apresentassem a rainha Vasti, com a coroa real, para exibir a beleza dela ao povo e aos oficiais, pois a rainha era muito bela. ¹²Ao receber a ordem dos funcionários, a rainha Vasti recusou apresentar-se. O rei ficou furioso, e sua ira se inflamou. ¹³Então consultou os sábios, especialistas em leis, pois toda questão real devia ser tratada pelos peritos em direito. ¹⁴Os mais próximos eram Carsena, Setar, Admata, Társis, Mares, Marsana e Mamucã, os sete grandes do reino da Pérsia e da Média, que eram conselheiros do rei e ocupavam os primeiros postos no reino. ¹⁵Assuero perguntou: “Segundo a lei, o que se deve fazer à rainha Vasti por não ter obedecido à ordem do rei Assuero, transmitida pelos funcionários?”

¹⁶Mamucã respondeu diante do rei e dos oficiais: “Não foi somente contra o rei

que a rainha Vasti agiu mal, mas também contra todos os oficiais e todos os súditos que vivem por todas as províncias do rei Assuero. ¹⁷De fato, o comportamento da rainha será conhecido por todas as mulheres, que desprezarão seus maridos, dizendo: ‘O rei Assuero mandou que a rainha Vasti se apresentasse, e ela recusou’. ¹⁸Hoje mesmo, as princesas da Pérsia e da Média, que ficarem sabendo do comportamento da rainha, comentarão isso com todos os oficiais do rei, e haverá muito desprezo e caçada. ¹⁹Se o rei achar bom, proclame um decreto real, que seja incluído nas leis da Pérsia e da Média, e tenha caráter irrevogável: que a rainha Vasti nunca mais se apresente ao rei Assuero e que o título de rainha seja dado a outra, que seja melhor do que ela. ²⁰Quando o decreto real for promulgado em todo o reino, todas as mulheres respeitarão seus maridos, tanto as nobres, como as do povo”.

²¹O rei e os oficiais gostaram da proposta, e Assuero seguiu o que Mamucã tinha dito. ²²Mandou cartas a todas as províncias reais, na escrita e na língua de cada povo, ordenando que o marido fosse o chefe da casa. [\[9-22\]](#)

III. UM POVO AMEAÇADO

2 *Deus se esconde na força dos fracos* — ¹Tempos depois, quando se acalmou, o rei se lembrou de Vasti, do que ela fizera e do decreto que havia publicado contra ela. ²Então os cortesãos disseram ao rei: “Mande procurar jovens solteiras e bonitas. ³O rei pode nomear comissários em todas as províncias do reino, e eles reunirão todas as jovens solteiras e bonitas no harém da fortaleza de Susa. Elas ficarão sob os cuidados de Egeu, eunuco do rei, que lhes dará o necessário para seus enfeites. ⁴A jovem que mais agradar ao rei substituirá a rainha Vasti”. A proposta agradou ao rei, e assim se fez.

⁵Na fortaleza de Susa vivia um judeu chamado Mardoqueu, filho de Jair, filho de Semei, filho de Cis, da tribo de Benjamim. ⁶Ele fora exilado de Jerusalém, entre os que tinham sido deportados com Jeconias, rei de Judá, por Nabucodonosor, rei da Babilônia. ⁷Mardoqueu tinha criado Hadassa, que é Ester, sua prima, pois ela era órfã de pai e mãe. A jovem era muito bela e atraente e, quando os pais dela morreram, Mardoqueu adotou-a como filha.

⁸Promulgado o decreto real, levaram muitas jovens para a fortaleza de Susa. E elas ficaram sob as ordens de Egeu. Levaram também Ester ao palácio, e a deixaram aos cuidados de Egeu, o guarda das mulheres. ⁹Egeu gostou da jovem, e lhe deu logo o necessário para seus enfeites e a comida, entregando-lhe sete escravas, todas escolhidas do palácio real. Depois a transferiu com as escravas para um aposento melhor dentro do harém. ¹⁰Seguindo as recomendações de Mardoqueu, Ester não disse a qual povo ou família pertencia. ¹¹Todos os dias Mardoqueu passeava pelo pátio do harém, para saber como Ester se sentia e como a tratavam.

¹²Conforme o regulamento das mulheres, cada moça se preparava durante doze meses para se apresentar ao rei Assuero. Este era o prazo para o tratamento de beleza: seis meses à base de óleo de mirra e outros seis meses com vários bálsamos e cremes. ¹³Quando chegava o tempo de apresentar-se ao rei, a jovem recebia tudo o que quisesse levar do harém para o palácio real. ¹⁴Entrava no palácio à tarde e, na manhã seguinte, passava para um segundo harém, confiado a Sasagaz, eunuco real encarregado das concubinas. Ela não voltava mais para junto do rei, a não ser que o rei a desejasse e a chamasse pelo nome.

¹⁵Chegou a vez de Ester, filha de Abiail, tio de Mardoqueu, que a adotara como filha, apresentar-se ao rei. Ester, porém, nada pediu. Contentou-se com o que

Egeu, eunuco real encarregado das mulheres, lhe havia dado. Ester atraía a simpatia de todos os que a conheciam. ¹⁶Foi levada ao palácio real, até o rei Assuero, no décimo mês, o mês de Tebet, no sétimo ano do seu reinado. ¹⁷E o rei preferiu Ester a todas as outras mulheres, tanto que a coroou e a nomeou rainha, no lugar de Vasti.

¹⁸Depois disso o rei deu um grande banquete em honra de Ester, e convidou todos os altos oficiais e ministros. Também concedeu um dia de descanso para todas as províncias, e distribuiu presentes com liberalidade régia. [2,1-18]

O estopim do conflito — ¹⁹Ester passou depois para o segundo harém, como as outras moças. ²⁰Mas não disse a qual povo ou família pertencia. Mardoqueu a proibira de fazer isso, e ela continuava a obedecer-lhe, como quando vivia com ele. ²¹Nesse tempo Mardoqueu era funcionário da corte. Ora, Bagatã e Tares, dois funcionários do corpo da guarda, estavam descontentes e planejavam um atentado contra o rei Assuero. ²²Mardoqueu ficou sabendo do plano e informou a rainha Ester. Ela, por sua vez, contou tudo ao rei, em nome de Mardoqueu. ²³Fizeram uma investigação, e todo o plano foi descoberto. Os dois funcionários foram enforcados, e o acontecimento foi registrado nos anais do reino, em presença do rei. [19-23]

3 O oprimido não adora o opressor — ¹Algum tempo depois, o rei Assuero promoveu Amã, filho de Amadates, do país de Agag, à mais alta dignidade, e lhe concedeu um trono mais alto que dos ministros, colegas de Amã. ²Todos os funcionários do palácio obedeciam à ordem do rei, e dobrando os joelhos prestavam homenagem a Amã. Mardoqueu, porém, recusou-se a dobrar os joelhos diante de Amã. ³Os funcionários do palácio perguntaram a Mardoqueu: “Por que você está desobedecendo à ordem do rei?” ⁴Perguntavam isso todos os dias, porém Mardoqueu não fazia caso. Então denunciaram o fato a Amã, para ver se Mardoqueu insistiria em seu comportamento, já que Mardoqueu lhes havia dito que era judeu. ⁵Amã comprovou que Mardoqueu não lhe prestava homenagem dobrando os joelhos, e ficou furioso. ⁶Mas não se contentou em vingar-se apenas de Mardoqueu. Como lhe tivessem contado a qual povo Mardoqueu pertencia, Amã planejou destruir com Mardoqueu todos os judeus que viviam no reino de Assuero. [3,1-6]

Um povo perigoso — ⁷No primeiro mês, que é o mês de Nisã, no décimo segundo ano do rei Assuero, lançou-se o “Pur”, isto é, as sortes, na presença de

Amã, para escolher o dia e o mês. A sorte caiu no décimo segundo mês, chamado Adar. ⁸Então Amã disse ao rei Assuero: “Há um povo separado, espalhado entre todos os povos das províncias do seu reino. Eles têm leis diferentes de todos os outros, e não cumprem os decretos do rei. Não convém que o rei os tolere. ⁹Se o rei achar bom, decrete a extinção deles, e eu entregarei aos funcionários trezentas e quarenta toneladas de prata para o tesouro real”. ¹⁰Então o rei tirou da mão o próprio anel e o entregou a Amã, filho de Amadates, do país de Agag, inimigo dos judeus, ¹¹e lhe disse: “Fique com o dinheiro, e faça com esse povo o que achar melhor”. [7-11]

Arbitrariedade dos poderosos — ¹²No dia treze do primeiro mês, os escrivães do reino foram convocados. Conforme as ordens de Amã, eles redigiram um decreto para os sátrapas do rei, para os governadores de cada uma das províncias e para os chefes de cada povo. O decreto foi redigido na escrita de cada província e na língua de cada povo. Foi escrito em nome do rei Assuero e selado com o anel real. ¹³A seguir os documentos foram enviados por meio de correios para todas as províncias do reino. Ordenavam exterminar, matar e aniquilar todos os judeus, adolescentes e velhos, crianças e mulheres, e saquear todos os seus bens no mesmo dia, o dia treze do décimo segundo mês, chamado Adar.

^{13a} Texto do decreto: “O Grande Rei Assuero, aos governadores das cento e vinte e sete províncias que vão da Índia até a Etiópia, e aos chefes de distrito, seus subordinados: ^{13b} Chefe de muitas nações e senhor de toda a terra, eu procuro não me embriagar com o orgulho do poder, mas governar com moderação e benevolência, a fim de que os meus súditos gozem sempre de uma vida sem sobressaltos. Oferecendo os benefícios da civilização e a livre circulação dentro de nossas fronteiras, procuro estabelecer a paz, tão desejada por todos.

^{13c} Consultei meus conselheiros sobre como poderia atingir esse fim. Entre eles está Amã, que se distingue por sua prudência, homem de dedicação sem igual, de fidelidade inabalável e comprovada, e cujas prerrogativas seguem imediatamente as do rei. ^{13d} Amã nos informou que entre todos os povos da terra há um povo hostil, com regime jurídico oposto ao de todas as nações, povo que despreza continuamente as ordens reais, a ponto de estorvar a política irrepreensível e reta que exercemos.

^{13e} Portanto, considerando que esse povo singular, inimigo de todos e completamente diferente por sua legislação, que é prejudicial aos nossos

interesses, ele comete os piores crimes e chega a ameaçar a estabilidade de nosso reino: ^{13f}Ordenamos que no dia catorze do décimo segundo mês, que é Adar, do presente ano, todas as pessoas que forem nomeadas na carta de Amã, nosso chefe de governo, que é como nosso segundo pai, sejam completamente exterminadas com mulheres e crianças, pela espada de seus inimigos, sem piedade ou consideração alguma. ^{13g}Desse modo, lançando violentamente na sepultura, num só dia, esses inimigos de ontem e de hoje, nossa política poderá prosseguir no futuro com estabilidade e tranquilidade”.

¹⁴O texto do decreto, com força de lei para todas e cada uma das províncias, foi levado a público, a fim de que todos estivessem preparados para esse dia.

¹⁵Obedecendo ao rei, os correios partiram imediatamente. O decreto foi promulgado na fortaleza de Susa. E, enquanto o rei e Amã banquetevam, a cidade de Susa sentia-se perdida. [12-15]

4 *É preciso fazer uma opção radical* — ¹Quando Mardoqueu soube do que estava acontecendo, rasgou as roupas, vestiu-se com pano de saco, jogou cinzas na cabeça e saiu pela cidade, dando gritos de dor. ²Acabou chegando à porta do palácio real, onde não se podia entrar vestido com pano de saco. ³Nas províncias, à medida que o decreto real era publicado, os judeus ficavam desolados: faziam jejum, choravam e ficavam de luto. O pano de saco e as cinzas se tornaram a cama de muitos.

⁴As escravas e eunucos de Ester contaram tudo a ela. A rainha ficou angustiada, e mandou roupas para que Mardoqueu se vestisse e tirasse o pano de saco. Mardoqueu, porém, não aceitou. ⁵Então Ester chamou Atac, um dos eunucos reais que a serviam, e o mandou perguntar a Mardoqueu o que havia acontecido e por que se comportava assim. ⁶Atac foi conversar com Mardoqueu, que se encontrava na praça, diante da porta do palácio. ⁷Mardoqueu lhe informou o que havia acontecido. Contou em pormenores sobre o dinheiro que Amã oferecera para o tesouro real, em troca do extermínio dos judeus. ⁸Também lhe entregou uma cópia do decreto de extermínio, publicado em Susa. Pediu que o mostrasse a Ester e a informasse de tudo. Mandou que a rainha se apresentasse ao rei para interceder em favor do povo. ^{8a}*E lhe dizia: “Lembre-se de quando você era pobre e eu lhe dava de comer. Amã, a segunda pessoa do reino, pediu ao rei a nossa morte. ^{8b}Invoke o Senhor, fale ao rei em nosso favor, e livre-nos da morte”.*

⁹Atac voltou e transmitiu a Ester tudo o que Mardoqueu lhe dissera. ¹⁰Então

Ester mandou este recado a Mardoqueu: ¹¹“Os funcionários do rei e o pessoal das províncias do reino sabem que, por decreto real, qualquer homem ou mulher que se apresente ao rei no pátio interno, sem ter sido chamado, torna-se réu de morte. A menos que o rei lhe estenda o cetro de ouro e lhe poupe a vida. Quanto a mim, faz um mês que não sou convidada a ir até o rei”.

¹²Mardoqueu recebeu o recado de Ester, ¹³e respondeu: “Não pense que você é a única dos judeus a escapar com vida, só porque vive no palácio. ¹⁴Se você se calar agora, a salvação e a libertação dos judeus virá de outro lugar, mas você e sua família morrerão. Quem sabe se você não se tornou rainha exatamente para esta ocasião?”

¹⁵Então Ester mandou este recado a Mardoqueu: ¹⁶“Reúna todos os judeus que vivem na cidade de Susa, e façam jejum por mim. Não comam, nem bebam durante três dias e três noites. Eu e minhas escravas também faremos jejum. Depois disso vou me apresentar ao rei. Se for preciso morrer, morrerei”.

¹⁷Mardoqueu foi embora e fez o que Ester havia mandado. [4,1-17]

O princípio da subversão radical — ^{17a}Então, lembrando todas as façanhas do Senhor, Mardoqueu rezou assim: ^{17b}“Senhor, Senhor, Rei Todo-poderoso, tudo está debaixo do teu poder, e não há quem se oponha à tua vontade de salvar Israel. ^{17c}Sim, tu fizeste o céu e a terra e todas as maravilhas que estão debaixo do firmamento. Tu és o Senhor de todas as coisas, e não há quem possa resistir a ti. ^{17d}Tu conheces tudo! Se eu me nego a prostrar-me diante do soberbo Amã, tu bem sabes, Senhor, que não é por arrogância, orgulho ou vaidade. Para salvar Israel, de boa vontade eu beijaria a sola dos pés dele! ^{17e}Fiz o que fiz para não colocar a honra de um homem acima da glória de Deus. Eu não me prostro na frente de ninguém, a não ser diante de ti, Senhor, e não faço isso por orgulho. ^{17f}Pois bem, Senhor Deus, Rei, Deus de Abraão, poupa o teu povo! Porque tramam a nossa morte e desejam aniquilar a tua antiga herança. ^{17g}Não desprezes a porção que para ti resgataste da terra do Egito. ^{17h}Ouve minha súplica, tem piedade da tua herança e transforma o nosso luto em alegria, para que vivamos celebrando o teu Nome, Senhor. Não deixes emudecer a boca dos que louvam a ti”.

¹⁷ⁱE todos os israelitas clamavam a Deus com todas as forças, porque a morte estava diante de seus olhos. [17a-17i]

A honra de Deus — ^{17j}Tomada de angústia mortal, a rainha Ester também procurou refúgio no Senhor. Deixou as roupas de luxo, vestiu-se com roupas de

miséria e luto. Em lugar de perfumes finos, cobriu a cabeça com cinzas e poeira. Desfigurou-se completamente, e com os cabelos desgrenhados cobriu o corpo, que antes tinha prazer de enfeitar. E suplicou assim ao Senhor, o Deus de Israel: ^{17l} “Meu Senhor, nosso Rei, tu és o Único! Protege-me, porque estou só e não tenho outro defensor além de ti, pois vou arriscar a minha vida. ^{17m} Desde a infância, aprendi com minha família que tu, Senhor, escolheste Israel entre todos os povos e nossos pais entre todos os seus antepassados, para ser tua herança perpétua. E cumpriste o que lhes havias prometido. ¹⁷ⁿ Pecamos contra ti, e nos entregaste aos nossos inimigos, porque adoramos os deuses deles. Tu és justo, Senhor! ^{17o} Eles, porém, não se contentaram com a amargura da nossa escravidão. Comprometeram-se com seus ídolos e juraram anular a palavra saída dos teus lábios e fazer desaparecer a tua herança e emudecer as bocas que te louvam, para aniquilar teu altar e a glória de tua casa. ^{17p} Juraram abrir os lábios dos pagãos para que louvem seus ídolos vazios e adorem eternamente um rei de carne. ^{17q} Senhor, não entregues teu cetro a deuses que não existem. Que não caçoem de nossa ruína. Volta seus planos contra eles próprios, e que sirva de exemplo o primeiro que nos atacou. ^{17r} Lembra-te, Senhor, manifesta-te a nós no dia da nossa tribulação. Quanto a mim, dá-me coragem, Rei dos deuses e Senhor dos poderosos. ^{17s} Coloca na minha boca palavras certas, quando eu estiver diante do leão. Volta o coração dele para odiar o nosso inimigo, para que este pereça junto com todos os seus cúmplices. ^{17t} Salva-nos com a tua mão e vem para me auxiliar, pois estou sozinha. E fora de ti, Senhor, eu não tenho nada. ^{17u} Tu conheces todas as coisas, sabes que odeio a glória dos ímpios, e que o leito dos incircuncisos e de qualquer estrangeiro me causa horror. ^{17v} Tu conheces a minha angústia e sabes que eu detesto o sinal da minha grandeza, que me cinge a fronte quando apareço em público. Eu o detesto como trapo imundo, e não o uso fora das solenidades. ^{17x} Tua serva não comeu à mesa de Amã, nem apreciou o banquete do rei, nem bebeu o vinho das libações. ^{17y} Tua serva não se alegrou desde o dia em que mudou de condição até hoje, a não ser em ti, Senhor, Deus de Abraão. ^{17z} Ó Deus, mais forte que todos os poderosos, ouve a voz dos desesperados, liberta-nos da mão dos malfeitores, e livra-me do medo!” [17j-17z]

5 *A fraqueza derrotará os poderosos* — ¹ No terceiro dia, quando terminou de rezar, Ester tirou a roupa de luto e se vestiu com as roupas de rainha. ^{1a} Vestida com esplendor, invocou o Deus que cuida de todos e que os salva.

Tomou consigo duas escravas. Apoiava-se suavemente numa delas, com delicada elegância, enquanto a outra ia acompanhando e segurando a cauda do vestido. ^{1b}*No auge da beleza, Ester caminhava ruborizada, com o rosto alegre, como se ardesse de amor. Seu coração, porém, estava angustiado.*

^{1c}*Ultrapassando todas as portas, Ester se encontrou na presença do rei. Ele estava sentado no trono real, vestido com todos os enfeites majestosos de suas aparições solenes, resplandecendo em ouro e pedras preciosas, e tinha aspecto terrível.* ^{1d}*Ele ergueu o rosto incendiado de glória, e olhou num acesso de cólera. A rainha esmoreceu, apoiou a cabeça na escrava que a seguia, ficou pálida e desmaiou.*

^{1e}*Deus, porém, tornou manso o coração do rei, que ansioso correu do trono e tomou Ester nos braços, até que ela se recuperasse, e a reconfortou com palavras tranquilizadoras:* ^{1f}*“O que foi, Ester? Eu sou seu esposo. Coragem! Você não vai morrer. Nossa ordem é só para os súditos. Aproxime-se”.*

²*Ergueu o cetro de ouro, o pousou no pescoço de Ester, a beijou e pediu: “Fale comigo”.* ^{2a}*Ester lhe disse: “Senhor, eu o vi como um anjo de Deus e fiquei com medo de tanto esplendor. O senhor é admirável e seu rosto é fascinante”.*

^{2b}*Enquanto falava, Ester desmaiou. O rei ficou perturbado e todos os cortesãos procuravam reanimá-la.* ³*O rei lhe perguntou: “O que há, rainha Ester? Diga-me o que deseja, e eu lhe darei, nem que seja a metade do meu reino”.*

⁴*Ester respondeu: “Se parecer bem ao rei, venha hoje com Amã ao banquete que preparei para o senhor”.* ⁵*O rei disse: “Mandem convocar imediatamente Amã, para fazer o que Ester deseja”.*

O rei e Amã foram ao banquete preparado por Ester. ⁶*Enquanto bebiam vinho, o rei disse de novo a Ester: “Peça-me o que quiser, e eu lhe darei. Mesmo que você peça a metade do meu reino, você a terá”.* ⁷*Ester respondeu: “Meu pedido e meu desejo é este:* ⁸*se o rei quiser fazer-me um favor, se quiser ouvir meu pedido e satisfazer o meu desejo, venha com Amã ao banquete que lhe vou preparar amanhã. Então eu lhe direi”.*

⁹*Nesse dia, Amã saiu alegre e de bom humor. Mas, quando viu que Mardoqueu, na porta do palácio real, não se levantava nem se movia do lugar, ficou furioso contra Mardoqueu,* ¹⁰*mas se conteve. Chegando em casa, chamou seus amigos e Zares, sua mulher.* ¹¹*E falou longamente a eles do esplendor de suas riquezas, de seus muitos filhos e de como o rei o tinha engrandecido, colocando-o acima de seus altos funcionários e ministros.* ¹²*E acrescentou: “Além disso, a rainha Ester convidou somente a mim e ao rei para um banquete*

que ela ofereceu. E mais ainda: já estou de novo convidado para outro banquete com o rei, amanhã. ¹³Isso tudo, porém, não me satisfaz, enquanto eu continuar vendo o judeu Mardoqueu sentado à porta do palácio”. ¹⁴Então sua mulher Zares e seus amigos propuseram: “Mande preparar uma forca de vinte e cinco metros. Pela manhã, peça ao rei que Mardoqueu seja nela enforcado. Depois você poderá ir contente para o banquete”. Amã gostou da proposta e mandou preparar a forca. [5,1-14]

IV. A LIBERTAÇÃO DO POVO

6 *Reconhecimento e glorificação do justo* — ¹Nessa noite, o rei não conseguiu dormir. Então pediu que lhe trouxessem o livro dos Anais ou Crônicas. E o leram para ele. ²Aí se contava como Mardoqueu tinha denunciado Bagatã e Tares, funcionários do rei e guardas da porta que estavam planejando um atentado contra a vida de Assuero. ³E o rei perguntou: “Que prêmio ou recompensa foi dada a esse Mardoqueu?” Os cortesãos que serviam ao rei responderam: “Não lhe deram nada”. ⁴Então o rei perguntou: “Quem está no pátio?” Nesse momento, Amã estava chegando ao pátio externo do palácio, para pedir ao rei que mandasse enforcar Mardoqueu, na forca que ele havia preparado. ⁵Os cortesãos responderam: “É Amã quem está no pátio”. O rei ordenou: “Mandem que ele entre”. ⁶Amã entrou, e o rei lhe perguntou: “Como se deve tratar a um homem, a quem o rei quer honrar?” Amã pensou: “E quem é que o rei vai querer honrar, senão a mim?” ⁷E respondeu: “Se o rei quer honrar alguém, ⁸peguem vestes reais como as que o rei usa, tragam o cavalo que o rei costuma montar, e coloquem na cabeça dessa pessoa uma coroa real. ⁹Entreguem as vestes e o cavalo a um dos mais altos oficiais, e esse mesmo revestirá com a tal roupa o homem a quem o rei quer honrar. Depois o conduzirá a cavalo pela praça da cidade, gritando na frente: ‘É assim que deve ser tratado o homem que o rei quer honrar’.” ¹⁰Então o rei disse a Amã: “Depressa. Pegue a roupa e o cavalo e, tudo isso que você acabou de dizer, faça para Mardoqueu, o judeu funcionário da corte. Não omita nenhum pormenor do que você falou”.

¹¹Amã pegou a roupa e o cavalo, revestiu Mardoqueu e o conduziu a cavalo pela praça da cidade, gritando na frente: “É assim que deve ser tratado o homem que o rei quer honrar”. ¹²Depois disso, Mardoqueu voltou para seu posto no palácio, enquanto Amã corria para casa, chateado e cobrindo o rosto. ¹³Contou à sua mulher Zares e aos amigos tudo o que havia acontecido. Zares e seus amigos lhe disseram: “Você começou a decair diante de Mardoqueu. Se ele é de raça judaica, você não poderá nada contra ele. Pelo contrário, você cairá completamente diante dele. *Você não poderá defender-se dele, porque o Deus vivo está com ele*”. ¹⁴Ainda estavam falando, quando chegaram os funcionários do rei e levaram imediatamente Amã para o banquete preparado por Ester. [6,1-14]

7 *O povo quer viver* — ¹O rei e Amã foram ao banquete da rainha Ester. ²Neste

segundo dia, enquanto bebiam vinho, o rei disse novamente a Ester: “Peça-me o que você quiser, rainha Ester, e eu o concederei a você. Qual é o seu pedido? Darei a você até a metade do meu reino”. ³A rainha Ester respondeu: “Se o senhor quiser fazer-me um favor, se lhe parecer bem, o meu pedido é que me conceda a vida, e o meu desejo é a vida do meu povo. ⁴Porque eu e o meu povo fomos vendidos para sermos exterminados, mortos e aniquilados. Se nos tivessem vendido para sermos escravos e escravas, eu ficaria calada, pois tal desgraça não acarretaria prejuízo para o rei”. ⁵Então o rei perguntou à rainha Ester: “Quem é e onde está o homem que planeja fazer isso?” ⁶Ester respondeu: “O perseguidor e inimigo é este perverso Amã”. Então Amã ficou apavorado diante do rei e da rainha. ⁷Enfurecido, o rei se levantou, deixou o banquete e foi para o jardim do palácio. Amã ficou aí, implorando junto à rainha pela sua própria vida, pois compreendeu que o rei já tinha decidido a sua desgraça.

⁸Quando o rei voltou do jardim do palácio para a sala do banquete, encontrou Amã caído sobre o divã, onde se encontrava Ester. E o rei gritou: “E você ainda se atreve a violentar a rainha diante de mim, dentro do meu palácio!” O rei deu uma ordem, e imediatamente cobriram o rosto de Amã. ⁹Harbona, um dos eunucos, sugeriu ao rei: “Na casa de Amã há uma forca de vinte e cinco metros, que Amã tinha preparado para Mardoqueu, aquele que falou em defesa do rei”. E o rei ordenou: “Enforcuem nela Amã”.

¹⁰Então enforcaram Amã na forca que ele tinha preparado para Mardoqueu. E a ira do rei se acalmou. [7,1-10]

8 A lei em benefício do povo — ¹Nesse mesmo dia, o rei entregou à rainha Ester a casa de Amã, o perseguidor dos judeus. E Mardoqueu foi apresentado ao rei. Este já sabia, por meio de Ester, do parentesco que ele tinha com a rainha. ²O rei tirou o anel que tinha retomado de Amã e o entregou a Mardoqueu. E Ester confiou a Mardoqueu a administração da casa de Amã.

³Ester tornou a falar com o rei. Caiu aos pés dele e chorou, suplicando para anular o plano que Amã, o agagita, tinha maquinado contra os judeus. ⁴Quando o rei estendeu o cetro de ouro para Ester, ela se levantou e, de pé na presença do rei, ⁵continuou: “Se lhe parecer bem, se o senhor me quiser conceder, se o meu pedido lhe parecer justo e se está contente comigo, revogue por escrito o decreto que Amã, filho de Amadates, o agagita, mandou escrever para exterminar os judeus de todas as províncias reais. ⁶Como poderia eu contemplar a desgraça que atingiria o meu povo? Como poderia contemplar o extermínio da minha

família?”

⁷O rei Assuero respondeu à rainha Ester e ao judeu Mardoqueu: “Vocês sabem que dei a Ester a casa de Amã e mandei enforcá-lo por atentar contra os judeus.

⁸Agora, em nome do rei, escrevam o que vocês acharem melhor para os judeus, e lacrem o escrito com o anel do rei. Todo decreto redigido em nome do rei e lacrado com o seu anel, é irrevogável”.

⁹No dia vinte e três do terceiro mês, chamado Sivã, os escrivães do reino foram convocados e, exatamente como ordenou Mardoqueu, foi redigido um documento destinado aos judeus, aos sátrapas, governadores e chefes das províncias, para as cento e vinte e sete províncias, que se estendiam desde a Índia até a Etiópia. O documento foi mandado a cada província na escrita de cada uma e a cada povo em sua língua, e aos judeus em seu alfabeto e língua.

¹⁰Essas cartas, redigidas em nome do rei Assuero e lacradas com o selo real, foram levadas por correios montados em cavalos da estrebaria real. ¹¹Nessas cartas o rei concedia aos judeus, em toda cidade onde estivessem, o direito de se reunir e defender, de exterminar, matar e aniquilar qualquer pessoa armada, de qualquer povo ou província, que os atacasse, inclusive mulheres e crianças, além do direito de saquear-lhe os bens. ¹²Isso aconteceria no mesmo dia, em todas as províncias do rei Assuero, isto é, no dia treze do décimo segundo mês, chamado Adar.

^{12a}*Texto do decreto:* ^{12b} “O grande rei Assuero, aos sátrapas das cento e vinte e sete províncias, que se estendem da Índia à Etiópia, e aos que são fiéis aos nossos interesses. Saudações.

^{12c}*Muitos homens, quanto mais honrados pela suma generosidade dos benfeitores, mais se ensoberbecem e procuram não só prejudicar nossos súditos, mas, incapazes de frear a própria soberba, tramam armadilhas contra seus próprios benfeitores.* ^{12d}*Eles não só anulam a gratuidade no meio dos homens, mas, embriagados pelo elogio de quem ignora o bem, se orgulham de fugir de Deus, o qual tudo vê, e de sua justiça que odeia o mal.*

^{12e}*De fato, muitas vezes, aconteceu que um mau conselho dessas pessoas, a quem foi confiado o controle dos assuntos públicos, tornou muitos daqueles que detêm o poder responsáveis por ações sanguinárias reprováveis, provocando assim calamidades irremediáveis.* ^{12f}*Com falsos raciocínios cheios de maldade, eles enganaram toda a boa fé dos soberanos.*

^{12g}*É possível encontrar fatos semelhantes, não só nas antigas histórias a que aludimos, mas também examinando as ações hoje realizadas pela baixaza*

daqueles que injustamente detêm o poder.

^{12h} Para o futuro, será necessário assegurar, em favor de todos os homens, um reino pacífico e sem perturbações, ¹²ⁱ fazendo mudanças oportunas e julgando com firmeza e equidade os casos que acontecem sob os nossos olhos.

^{12j} Tal é o caso de Amã, um macedônio, filho de Amadates, na verdade um estrangeiro ao nosso sangue e muito longe da nossa bondade. Amã foi acolhido por nós com hospitalidade, ^{12l} usufruiu da amizade que dedicamos a todos os povos e chegou até a ser chamado “nosso pai” e ser reverenciado por todos com a prostração, como aquele que detém o segundo lugar junto ao trono do rei. ^{12m} Contudo, incapaz de conter o seu orgulho, Amã tramou privar-nos do poder e da vida. ¹²ⁿ Com falsos e sutis artifícios, ele pediu a pena de morte para Mardoqueu, o nosso salvador e benfeitor perpétuo, e também para Ester, nossa irrepreensível companheira no trono, junto com todo o seu povo. ^{12o} Desse modo, ele pensava em nos isolar e passar o poder dos persas para os macedônios.

^{12p} Nós, porém, achamos que os judeus, condenados ao extermínio por esse criminoso, não são malfeitores. Pelo contrário, eles vivem segundo leis justíssimas, ^{12q} são filhos do Deus Altíssimo, excelso e vivo, que, em nosso favor e de nossos antepassados, dirige o reino do modo mais florescente.

^{12r} Portanto, vocês farão bem se não obedecerem ao decreto enviado por Amã, filho de Amadates, porque seu autor foi enforcado diante das portas de Susa, com toda a sua família. Deus, Senhor de todos os acontecimentos, fez recair imediatamente sobre ele o castigo que merecia.

^{12s} Coloquem cópias desta carta em público, e permitam que os judeus continuem a seguir livremente seus costumes. Além disso, deem aos judeus apoio para se defenderem de todos aqueles que os atacarem no dia da perseguição, isto é, no dia treze do décimo segundo mês, chamado Adar.

^{12t} Porque Deus, Senhor de todas as coisas, transformou esse dia trágico em dia de alegria para o povo escolhido.

^{12u} Quanto a vocês, judeus, celebrem com toda a solenidade esse dia memorável, entre as festas de vocês. Assim, hoje e no futuro, seja ele uma lembrança da salvação para nós e para os amigos dos persas, e uma lembrança da destruição para os nossos inimigos.

^{12v} Toda cidade e província que não seguir estas disposições, será devastada a ferro e fogo. Nenhum homem viverá nela e até os animais e pássaros a

evitarão”.

¹³O texto do decreto, com força de lei para todas e cada uma das províncias, se tornaria público, para que os judeus estivessem preparados, a fim de se vingarem de seus inimigos nesse dia. ¹⁴Os correios montaram cavalos reais e partiram rapidamente para executar a ordem do rei, enquanto o decreto era imediatamente promulgado na fortaleza de Susa.

¹⁵Mardoqueu saiu da presença do rei com vestes reais, de cor violeta e branca, uma grande coroa de ouro e um manto de linho e de púrpura vermelha. Toda a cidade de Susa saltava de alegria. ¹⁶Para os judeus foi um dia de luz e alegria, festa e triunfo. ¹⁷Em todas as províncias e em todas as cidades, aonde chegava a ordem do decreto real, os judeus se alegravam com banquetes e festas. Muitos do país se tornaram judeus, porque o temor dos judeus caiu sobre eles. [8,1-17]

9 *O povo tem direito de se defender* — ¹No dia treze do décimo segundo mês, chamado Adar, quando se devia executar o decreto do rei, no dia em que os inimigos dos judeus esperavam destruí-los, aconteceu o contrário: foram os judeus que destruíram seus inimigos. ²Os judeus se concentraram em suas cidades, em todas as províncias do rei Assuero, para atacar os que maquinavam sua destruição. Ninguém lhes ofereceu resistência, porque o temor dos judeus caiu sobre toda a população. ³Os chefes das províncias, os sátrapas, os governadores e funcionários reais apoiaram os judeus, porque tiveram medo de Mardoqueu. ⁴De fato, Mardoqueu ocupava alto cargo no palácio, e sua fama se espalhava por todas as províncias. Mardoqueu se tornava cada vez mais poderoso.

⁵Os judeus passaram a fio de espada todos os seus inimigos, matando e exterminando. Fizeram dos inimigos o que quiseram. ⁶Só na fortaleza de Susa, os judeus mataram e exterminaram quinhentos homens, ⁷incluindo Farsandata, Delfon, Esfata, ⁸Forata, Adalia, Aridata, ⁹Fermesta, Arisai, Aridai, Jezata ¹⁰e os dez filhos de Amã, filho de Amadates, o perseguidor dos judeus. Mas não praticaram o saque.

¹¹No mesmo dia, comunicaram ao rei o número de vítimas na fortaleza de Susa. ¹²E o rei disse à rainha Ester: “Só na fortaleza de Susa, os judeus mataram e exterminaram quinhentos homens e os dez filhos de Amã. O que terão feito nas outras províncias do reino? Peça o que você quiser, e eu lhe darei. Se você quer mais alguma coisa, lhe será concedida”. ¹³Ester respondeu: “Se parece bem ao rei, conceda que os judeus de Susa possam prorrogar o cumprimento do decreto

até amanhã. E que enforcem os cadáveres dos dez filhos de Amã”. ¹⁴O rei ordenou que assim fosse feito: prorrogou o decreto em Susa, e enforcaram os cadáveres dos dez filhos de Amã. ¹⁵Assim, os judeus de Susa se concentraram também no dia catorze do mês de Adar e mataram mais trezentos homens, sem contudo praticar o saque.

¹⁶Os judeus das outras províncias do reino também se concentraram para se defender, eliminando os inimigos. Mataram setenta e cinco mil adversários, mas não praticaram o saque.

¹⁷Assim foi o dia treze do mês de Adar, e no dia catorze descansaram, transformando-o em dia de festa. ¹⁸Os judeus de Susa se reuniram nos dias treze e catorze; no dia quinze descansaram, transformando-o em dia de festa. ¹⁹É por isso que os judeus do campo, que vivem nas aldeias, fazem do dia catorze do mês de Adar, um dia de alegria, banquete e festa, e trocam presentes. ^{19a}*Para os judeus das grandes cidades, o dia festivo é o dia quinze do mês de Adar, quando mandam presentes para seus vizinhos.* [9,1-19a]

O povo festeja a libertação — ²⁰Mardoqueu registrou por escrito todos esses acontecimentos. Depois mandou cartas a todos os judeus que viviam nas províncias do rei Assuero, próximas ou distantes, ²¹ordenando-lhes que celebrassem todo ano os dias catorze e quinze do mês de Adar, ²²porque nesses dias é que os judeus se livraram de seus inimigos, e nesse mês a sua tristeza foi transformada em alegria e o seu luto em festa. Ele insistia que os judeus festegassem esse dia, fazendo banquetes, trocando presentes e fazendo doações aos pobres.

²³Os judeus, que já haviam começado a praticar tudo isso, aceitaram o que Mardoqueu lhes pedia. ²⁴De fato, Amã, filho de Amadates, o agagita, perseguidor de todos os judeus, tinha planejado a morte deles e lançado o “Pur”, isto é, as sortes, para eliminá-los e destruí-los. ²⁵Mas quando Ester se apresentou ao rei, este ordenou, com documento escrito, que a perversa trama de Amã contra os judeus recaísse sobre ele próprio, e que ele e seus filhos fossem enforcados. ²⁶Por isso, esses dias receberam o nome de “Purim”, da palavra “pur”.

Conforme o texto dessa carta, e de acordo com o que haviam presenciado e sabido por notícias, ²⁷os judeus assumiram para si próprios, para seus descendentes e para todos os que a eles se reunissem, o compromisso inviolável

de celebrar todo ano esses dois dias, conforme esse documento e nas datas fixadas. ²⁸Esses dias são lembrados e celebrados de geração em geração, em cada família, província e cidade. São os dias dos “Purim”, que nunca desaparecerão do meio dos judeus, e sua lembrança jamais morrerá entre seus descendentes.

²⁹A rainha Ester, filha de Abiail, e o judeu Mardoqueu escreveram, urgindo o cumprimento da segunda carta sobre os dias dos “Purim”, ³⁰e enviaram cartas a todos os judeus das cento e vinte e sete províncias do reino de Assuero. Com palavras de paz e fidelidade, ³¹ordenaram a observância desses dias dos “Purim” na data certa. Assim lhes ordenaram o judeu Mardoqueu e a rainha Ester, e os próprios judeus o assumiram para si e seus descendentes, acrescentando algumas cláusulas sobre jejuns e súplicas. ³²Desse modo, o decreto de Ester fixou as normas para celebrar os dias dos “Purim”, e ficou registrado por escrito. [20-32]

10 *Deus ouviu o clamor do seu povo* — ¹O rei Assuero impôs tributo aos habitantes do continente e das ilhas. ²Para suas vitórias militares e o relato em pormenores da dignidade a que o rei elevou Mardoqueu, podem ser consultados os Anais do reino da Média e da Pérsia: ³O judeu Mardoqueu era o primeiro depois do rei Assuero. Foi um homem considerado pelos judeus e amado por seus muitos compatriotas, porque buscava o bem do seu povo e se preocupava com a prosperidade de sua nação.

^{3a}*Mardoqueu comentou: “Essas coisas aconteceram por obra de Deus.*
^{3b}*Lembro-me do sonho que tive sobre esses fatos, e nenhum deles foi omitido:*
^{3c}*a pequena fonte que se torna rio, a luz que se levanta, o sol e a água abundante. O rio é Ester, que o rei desposou e constituiu rainha.* ^{3d}*Os dois dragões, somos eu e Amã.* ^{3e}*As nações, são aquelas que se coligaram para destruir o nome dos judeus.* ^{3f}*Meu povo é Israel, aqueles que invocaram a Deus e foram salvos. Sim, o Senhor salvou o seu povo, o Senhor nos libertou de todos esses males. Deus realizou sinais e prodígios, como nunca houve entre as nações.* ^{3g}*Por isso, ele estabeleceu duas sortes: uma para o povo de Deus, e outra para as nações.* ^{3h}*Essas duas sortes se realizaram na hora, no momento e no dia estabelecido do julgamento diante de Deus, e em todas as nações.* ³ⁱ*Deus se lembrou do seu povo e fez justiça para a sua herança.* ^{3j}*Os dias catorze e quinze do mês de Adar serão celebrados com assembleia, alegria e contentamento diante de Deus, em Israel, seu povo, por todas as gerações e*

para sempre.

³¹*No quarto ano de Ptolomeu e de Cleópatra, Dositeu, que se dizia sacerdote e levita, e seu filho Ptolomeu, trouxeram a presente carta sobre os “Purim”. Eles a consideraram autêntica e traduzida por Lisímaco, filho de Ptolomeu, que era da comunidade de Jerusalém. [10,1-3]*

NOTAS

[1,1a-1l] O sonho de Mardoqueu resume tudo o que se vai narrar no livro: mergulhado em conflito ameaçador, o povo justo clama a Deus, e este responde, fazendo justiça e libertando o seu povo.

[1m-1r] O conflito começa no palácio do rei, entre Mardoqueu e Amã. Ao que tudo indica, Amã estava do lado dos conspiradores. A recompensa contradiz 6,1-3.

[1-8] Os banquetes são armas em mãos dos poderosos. O primeiro (vv. 3-4) serve para ostentar o poder e manter a subserviência dos oficiais e colaboradores. O segundo (vv. 5-8) serve para controlar o povo, dando-lhe uma semana de regalia para encobrir um ano inteiro de exploração e opressão.

[9-22] Vasti “agiu mal”, não só por desobedecer à ordem do rei, mas por criar o princípio de violação da autoridade. Seu comportamento poderá ser imitado em todos os escalões, e abalar a ordem vigente. Trata-se de um problema estrutural: para o dominador, o desacato a qualquer autoridade é ameaça que deve ser reprimida a qualquer custo, antes que a ferrugem corroa todo o metal.

[2,1-18] Os poderosos comprem ou se apossam do que bem entendem, e ter muitas mulheres é sinal de poderio econômico e prestígio social. Ester é órfã e vem do meio dos pobres e oprimidos, mas a sua beleza mostra que estes nada ficam a dever diante dos ricos. O nome dela significa provavelmente “a escondida” ou “aquela que esconde” — talvez para indicar o Deus que se esconde na ação dos fracos. De fato, Ester penetra no mais íntimo do sistema opressor, e o final do v. 18 já anuncia a intervenção libertadora, que ela vai realizar em favor de todo o seu povo.

[19-23] Outra versão do fato já narrado em 1,1m-1r (cf. nota). Aqui Mardoqueu avisa o rei através de Ester. Não se fala nem de recompensa, nem de que Amã estivesse do lado dos conspiradores.

[3,1-6] Mardoqueu se recusa a dobrar os joelhos, porque ele é *judeu* e Amã é *agagita*, quer dizer, descendente dos amalecitas. O povo amalecita guerreou contra Israel logo depois da saída do Egito, e se tornou símbolo do inimigo que procura impedir a marcha do povo para a liberdade (cf. notas em Ex 17,8-16 e Dt 25,17-10). Ex 17,16 diz que “haverá guerra de Javé contra Amalec, de geração em geração”. Essa guerra continua no livro de Ester: por trás de Mardoqueu está Javé e o povo de Israel, e por trás de Amã está o povo amalecita e todos os inimigos da libertação dos oprimidos. O conflito se inicia com a atitude de Mardoqueu: os oprimidos rejeitam o sistema opressor e se recusam a adorá-lo e obedecer-lhe, como se fosse divino.

[7-11] Na Pérsia a sorte era lançada no primeiro mês, a fim de determinar os dias propícios para as comemorações. No caso presente, tenta-se descobrir o melhor dia para destruir os judeus. O fato de cair a sorte no último mês mostra que esse mesmo ano é, de fato, um símbolo da história toda, em que se decide a sorte do povo de Deus.

Por que esse povo é perigoso? Porque, além de *espalhado*, é também *separado*, tem identidade diferente dos outros povos. A diferença decisiva está na sua *Lei*, que procura orientar os conflitos sociais de modo a produzir uma sociedade justa e fraterna, onde todos possam ter liberdade e vida (cf. Ex 19-23 e todo o livro do Deuteronômio). A acusação de Amã revela o seguinte: um povo que não pensa como o opressor se torna potencialmente subversivo e deve ser morto. Note-se a tremenda injustiça: não há inquérito, nem testemunhas, nem julgamento. A grande soma de dinheiro é para compensar a queda dos lucros, que acontecerá com a extinção da mão de obra.

[12-15] O decreto de extermínio tem caráter universal (todas as autoridades, escritas e línguas): é como se o mundo inteiro fosse convocado para acabar com o povo de Deus. A promulgação do decreto (13 de Nisã) cai na véspera da Páscoa: o povo de Deus torna-se o cordeiro pascal. Ao mesmo tempo, essa data faz pensar na reviravolta libertadora que a celebração da Páscoa marcou para sempre (cf. nota em Ex 12,1-14). Além disso, no dia 13 do mês de Adar tinha nascido Moisés, o líder da libertação.

Comparado com os fatos, o texto do decreto é uma selva de contradições, e se apresenta como exemplo do modo arbitrário como os poderosos agem, sem examinar a veracidade das acusações e até mesmo sem conhecer as vítimas. É impressionante como o regime de exploração e violência se acoberta com a ideologia da “moderação”, “benevolência”, “ordem”, “civilização”, “progresso”

e “paz”...

[4,1-17] Enquanto os poderosos se banqueteiam, o povo oprimido e condenado se desespera, e seus gritos de dor denunciam publicamente o sistema opressor. Ora, Deus ouve esse grito e prepara-se para agir, suscitando as lideranças para o movimento de libertação (cf. notas em Ex 2,23-25; 3,7-10).

O massacre do povo exige *opção radical*: Mardoqueu se veste de luto e vai solidarizar-se com os irmãos. Ester passa pelo dilema da autoridade e tem que escolher: ou continua rainha para dar prazer ao opressor, ou se torna rainha em favor do seu povo, nem que seja arriscando a vida.

[17a-17i] Acusado até à morte, o oprimido descobre, no seu próprio grito de dor, a mais elevada consciência a que a humanidade pode chegar: saber que Deus é o supremo aliado e fonte da vida, que ele está acima de todos os sistemas humanos de poder. Na súplica está a força para resistir até o fim, criando o princípio que subverte radicalmente tudo o que, sendo relativo, se apresenta como absoluto e divino.

[17j-17z] Na sua súplica, Ester recorre ao argumento supremo do oprimido: lembrar ao próprio Deus que foi ele quem fez aliança com o povo, agora em situação difícil. Desse modo, a súplica torna-se uma espécie de xeque-mate: o destino do povo compromete a honra de Deus. Se o povo for arruinado, o próprio Deus ficará desonrado.

[5,1-14] Enquanto os poderosos se embriagam e se alienam em banquetes para sustentar o próprio poder, os oprimidos se conscientizam e se preparam para agir, através da oração e do jejum. Noutras palavras, sua necessidade e clamor chegam ao limite e os impelem a tomar posição. As situações estão prestes a se inverter: através da fraqueza dos oprimidos (Ester), Deus começa a agir para quebrar a força dos poderosos (Assuero) e derrotar o poder do inimigo (Amã). Enquanto isso, os oprimidos (Mardoqueu), mesmo ameaçados, não se dobram diante do opressor. É a resistência dos oprimidos desmascarando a “verdade” do opressor e acelerando os acontecimentos.

[6,1-14] O livro vai chegando ao ponto culminante, em que as situações se invertem. A revisão da história traz sempre à tona a justiça e o trabalho dos oprimidos. Agora os poderosos se veem forçados a reconhecer e glorificar as suas vítimas. Note-se que Amã é obrigado a fazer em honra de Mardoqueu o que nunca havia conseguido que Mardoqueu lhe fizesse. É através da persistência teimosa dos justos que Deus inverte o sujeito da história, para criar uma nova

sociedade, onde a justiça triunfa.

[7,1-10] O pedido e desejo de Ester são os mesmos de todo o povo: a vida. No entanto, para que todos tenham vida é preciso denunciar a perversidade do sistema opressor, que vende o povo para ser *exterminado, morto e aniquilado*. Além do mais, o que se ganha, destruindo o povo? A atitude de Ester é exemplo ousado para qualquer autoridade: ela arrisca a própria vida para salvar a vida do povo e a ele servir. Os vv. 9-10 são contundentes: o dispositivo preparado para matar o líder é empregado para destruir o inimigo.

[8,1-17] Para que o povo possa viver, é preciso *reestruturar o poder*. Como primeiro passo, será necessário introduzir no poder gente que desmascare a injustiça reinante nos altos escalões e crie formas de punir os opressores. Em seguida, será preciso retirar aqueles que só buscam seus privilégios e interesses à custa do povo, e substituí-los por pessoas que participam das reivindicações populares. Mas não basta substituir pessoas. É necessário também abolir leis que massacram o povo e criar outras que lhe defendam os direitos. Então o povo poderá verdadeiramente fazer festa, sem que sua alegria seja manipulada por um sistema que explora e oprime.

[9,1-19a] Conforme o decreto (cf. 8,12s), o povo tem o direito de se defender, desarticulando os mecanismos que visavam a destruí-lo. Quando procura realizar a justiça, o povo se torna temido. Ao mesmo tempo, a não-realização de saques mostra que a prática da justiça não pode ser pretexto para agir em proveito pessoal.

[20-32] A festa dos “Purim” era provavelmente uma festa popular, talvez de origem estrangeira. Depois foi assumida pelo povo judeu, adquirindo então significado libertador. As festas populares marcam as etapas de um povo que procura construir a própria história. Preservar essas festas é manter acesa a esperança das gerações que continuam a lutar por sobrevivência e vida digna. É lastimável que essas festas populares muitas vezes acabem sendo manipuladas por poderosos, que chegam a transformá-las em meios para controlar e explorar o povo.

[10,1-31] O texto apresenta as ambiguidades do poder: uns se impõem pela força militar e pelo poder econômico. Outros, pela consideração e estima do povo. O sonho de Mardoqueu (1,1d-11) agora é desvendado: a “pequena fonte” é o primeiro passo na reestruturação do poder, que acaba se transformando em rio.

Os dragões em luta são, de um lado, os que defendem seus próprios interesses, e do outro são os que defendem a causa do povo. As nações são os mecanismos de opressão que devem ser extirpados. E o povo dos justos são os oprimidos sedentos de justiça e vida. Dentro dessas ambiguidades do poder, a justiça vence sempre, porque o próprio Deus está do lado de quem a busca.

O v. 31 mostra que uma cópia do livro de Ester já tinha chegado à comunidade judaica do Egito em 114 a.C.

PRIMEIRO LIVRO DOS MACABEUS

RESISTIR EM NOME DA FÉ

Introdução

O título do livro surgiu do apelido de “Macabeu”, dado a Judas, filho mais famoso de Matatias. O texto foi escrito em hebraico no início do séc. I a.C., mas o original se perdeu. A Bíblia católica conserva apenas a tradução grega.

O autor apresenta os acontecimentos que cobrem o período de 175 a 134 a.C. O rei grego Antíoco Epífanes quis forçar os judeus a adotar os costumes e a cultura dos gregos. Matatias, sacerdote judeu, lidera a resistência e a revolta contra os reis gregos e o grupo judaico que a eles se aliou. A resistência procura a todo custo preservar a identidade religiosa e cultural do povo judeu. De início o objetivo da luta era a libertação religiosa, mas, aos poucos, se transformou em busca de independência política. Começada por Matatias, a resistência continuou depois com a liderança de seus filhos Judas Macabeu, Jônatas e Simão.

O livro identifica religião e patriotismo, descrevendo a revolta como verdadeira “guerra santa”, abençoada pelo próprio Deus, que não abandona os que lutam para ser fiéis a ele (2,61; 4,10). É um convite para encarnar a fé em ação política e revolucionária. Ao invés de ser concebida como refúgio seguro fora do mundo, a fé se torna fermento libertador, que provoca transformações dentro da história e da sociedade. Sobretudo, mostra que um povo, por mais fraco que pareça, jamais deve se conformar diante da prepotência dos poderosos.

É claro que a união da religião com o patriotismo implica ambiguidades que não devem ser entendidas como desculpa para não lutar, e nem como ocasião para oportunismos arbitrários. Toda luta precisa estar em contínua revisão, a fim de que o projeto inicial não seja deturpado. Além disso, não nos esqueçamos do risco que implica uma luta feita em nome da religião: se a luta se desvirtua em busca dogmática do poder, Deus acaba sendo usado como patrocinador de ambições que nada têm a ver com o seu projeto; manipula-se Deus para sustentar um regime que oprime o povo, ao invés de libertá-lo. Por outro lado, o mesmo se pode dizer do ideal de patriotismo: muitas vezes é usado como pretexto para acobertar interesses de grupos que se servem do povo a fim de conseguir seus objetivos ocultos.

PRIMEIRO LIVRO DOS MACABEUS

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16**

PRIMEIRO LIVRO DOS MACABEUS

I. ASSASSÍNIO DA ALMA DE UM POVO

1 O novo dominador — ¹O macedônio Alexandre, filho de Filipe, já era senhor da Élade. Ele saiu do país de Cetim, venceu Dario, rei dos persas e medos, e se tornou rei em seu lugar. ²Fez numerosas guerras, apoderou-se de fortalezas e exterminou os reis da terra. ³Chegou até os confins do mundo, tomando posse das riquezas de numerosas nações. O mundo calou-se diante dele. Depois disso, ele se exaltou e se encheu de orgulho. ⁴Formou um exército poderosíssimo, subjuguou países, nações e ditadores, obrigando-os a pagar tributos. ⁵Depois, ficou doente e percebeu que ia morrer. ⁶Então convocou os seus oficiais, aqueles nobres que tinham sido seus companheiros desde a mocidade, e ainda vivo repartiu o seu império com eles. ⁷Alexandre reinou doze anos, e morreu. ⁸Seus oficiais assumiram o poder, cada um na própria região. ⁹Todos eles se fizeram coroar como reis, e depois passaram a coroa para os filhos por muitos anos. E os males se multiplicaram no mundo.

¹⁰Deles brotou um ramo perverso, chamado Antíoco Epífanes, filho do rei Antíoco. Ele estivera em Roma como refém, mas, no ano cento e trinta e sete da dominação grega, tornou-se rei. [1,1-10]

Porta-vozes do dominador — ¹¹Nessa época, brotou em Israel uma geração de ímpios, que persuadiram muitas pessoas, dizendo: “Vamos fazer aliança com as nações vizinhas, porque, depois que nos afastamos delas, muitos males nos aconteceram”. ¹²Essa proposta agradou a muita gente. ¹³Alguns do povo tomaram a iniciativa e foram até o rei, que lhes deu permissão para introduzir os costumes pagãos. ¹⁴Foi assim que construíram em Jerusalém uma praça de esportes de acordo com os usos pagãos. ¹⁵Disfarçaram a circuncisão e renegaram a aliança sagrada. Associaram-se às nações pagãs e se venderam para praticar o mal. [11-15]

Não confiar no dominador — ¹⁶Tendo consolidado seu reino, Antíoco projetou também tornar-se rei do Egito, para dominar os dois reinos. ¹⁷Entrou no Egito com um exército imponente, carros de guerra e elefantes, cavalaria e muitos navios. ¹⁸Entrou em combate contra Ptolomeu, rei do Egito, que recuou e fugiu,

ficando pelo chão muitos feridos. ¹⁹As cidades fortificadas do Egito foram tomadas, e Antíoco saqueou as riquezas do país.

²⁰Voltando no ano cento e quarenta e três, após ter vencido o Egito, Antíoco atacou Israel e Jerusalém com um possante exército. ²¹Depois de entrar no Templo com toda a arrogância, Antíoco levou embora o altar de ouro, o candelabro com todos os acessórios, ²²a mesa dos pães oferecidos a Deus, as vasilhas para libações, as taças, os incensórios de ouro, a cortina, as coroas e as placas de ouro que ornavam a fachada do Templo. Saqueou tudo. ²³Levou também a prata, o ouro, os objetos de valor e até as riquezas escondidas que conseguiu encontrar. ²⁴Pegou tudo e foi para a sua terra, depois de provocar muitas mortes e falar palavras de extrema arrogância. ²⁵Por todo o Israel, em todos os lugares, houve uma grande lamentação: ²⁶“Chefes e anciãos gemeram, rapazes e moças perderam o seu vigor, e murchou a beleza das mulheres. ²⁷Todo recém-casado entoou um cântico fúnebre e a esposa ficou de luto no seu quarto de casal. ²⁸A terra tremeu por causa dos seus habitantes, e toda a família de Jacó se cobriu de vergonha”.

²⁹Dois anos depois, o rei mandou às cidades de Judá um coletor de impostos, que entrou em Jerusalém acompanhado de possante exército. ³⁰Com falsa proposta de paz, ganhou a confiança dos habitantes e, de repente, caiu sobre a cidade, aplicando-lhe violento golpe e provocando a morte de muita gente em Israel. ³¹Saqueou a cidade, a incendiou e destruiu suas casas e muralhas. ³²Levaram prisioneiras mulheres e crianças, e roubaram todo o gado.

³³Em seguida construíram ao redor da Cidade de Davi uma alta e resistente muralha, além de torres de guarda bem reforçadas, de modo que ela ficou sendo a fortaleza deles. ³⁴Colocaram nela gente ímpia, homens cruéis, que aí se instalaram. ³⁵Abasteceram a fortaleza com armas e alimentos, e aí depositaram o saque que haviam tirado de Jerusalém. Desse modo, eles se transformaram num grande perigo, ³⁶em armadilha contra o Templo e ameaça contínua para Israel. ³⁷Derramaram sangue inocente ao redor do Templo e profanaram o lugar santo. ³⁸Por causa deles, os moradores de Jerusalém fugiram, e Jerusalém se transformou em morada de estrangeiros. A cidade tornou-se estranha à sua própria gente, e seus filhos a abandonaram. ³⁹Seu santuário se tornou como deserto, suas festas se transformaram em luto, seus sábados em vergonha e sua honra em humilhação. ⁴⁰Foi tão grande a sua humilhação quanto o seu antigo

prestígio, e seu esplendor se transformou em luto. [16-40]

Assassinaram a alma de um povo — ⁴¹O rei baixou um decreto, determinando que o reino inteiro formasse um povo só, ⁴²e cada qual deixasse de lado seus costumes particulares. Todas as nações obedeceram ao decreto do rei. ⁴³Entre os israelitas, muitos gostaram da religião do rei e passaram a oferecer sacrifícios aos ídolos e a profanar o sábado. ⁴⁴Além disso, através de mensageiros, o rei mandou a Jerusalém e às cidades de Judá um documento com várias ordens: Tinham que adotar a legislação estrangeira; ⁴⁵proibia oferecer holocaustos, sacrifícios e libações no Templo e também guardar os sábados e festas; ⁴⁶mandava contaminar o santuário e objetos sagrados, ⁴⁷construindo altares, templos e oratórios para os ídolos, e imolar porcos e outros animais impuros; ⁴⁸ordenava que não circuncidassem os filhos e que profanassem a si próprios com todo o tipo de impurezas e abominações, ⁴⁹esquecendo a Lei e mudando todos os costumes. ⁵⁰Quem não obedecia à ordem do rei, incorria em pena de morte.

⁵¹O rei mandou documentos escritos que continham as ordens para todo o seu reino. Nomeou fiscais sobre todo o povo e determinou que as cidades de Judá, uma após outra, deveriam oferecer sacrifícios. ⁵²Muita gente do povo passou para o lado deles, todos traidores da Lei. Começaram a praticar o mal no país, ⁵³e os israelitas tiveram que se esconder em qualquer refúgio disponível.

⁵⁴No dia quinze do mês de Casleu do ano cento e quarenta e cinco, Antíoco colocou sobre o altar dos holocaustos a Abominação da Desolação. Pelas cidades de Judá em derredor, construíram-se também outros altares. ⁵⁵Passaram a queimar incenso até nas portas das casas e pelas praças. ⁵⁶Rasgavam e queimavam os livros da Lei que encontravam. ⁵⁷Quando encontravam um livro da Aliança em poder de alguém, ou se alguém concordasse em seguir a Lei, o decreto do rei condenava essa pessoa à morte. ⁵⁸Como tivessem o poder, cada mês, faziam isso com todos os israelitas que encontravam pelas cidades. ⁵⁹No dia vinte e cinco de cada mês, ofereciam-se sacrifícios no altar colocado sobre o altar dos holocaustos. ⁶⁰De acordo com o decreto, matavam as mulheres que tinham circuncidado seus filhos, ⁶¹juntamente com os filhos que elas carregavam no colo, com os familiares e com as pessoas que tinham feito a circuncisão nas crianças. ⁶²Muitos israelitas, porém, permaneceram firmes, e

não havia quem os fizesse comer coisa nenhuma que fosse impura. ⁶³ Preferiam morrer a se contaminar com esses alimentos e profanar a santa Aliança. E muitos morreram. ⁶⁴ Assim, desencadeou-se uma grande ira sobre Israel. [41-64]

II. O PROGRAMA DE RESISTÊNCIA

2 *O germe da resistência* — ¹Nessa ocasião, Matatias, filho de João e neto do sacerdote Simeão, da descendência de Jojarib, saiu de Jerusalém para ir morar em Modin. ²Tinha cinco filhos: João, que tinha o apelido de Gadi; ³Simão, conhecido por Tasi; ⁴Judas, chamado Macabeu; ⁵Eleazar, chamado Auarã; e Jônatas, chamado Afus. ⁶Vendo os absurdos que aconteciam em Judá e Jerusalém, ⁷Matatias disse: “Infeliz de mim! Para que fui nascer? Só para ver a desgraça do meu povo e da Cidade Santa? Para ficar aí sentado, enquanto ela vai sendo entregue nas mãos dos inimigos, enquanto o seu Templo sagrado cai nas mãos de estrangeiros? ⁸Seu Templo parece um homem desonrado: ⁹os adornos magníficos que o enfeitavam foram levados como saque; suas crianças foram assassinadas nas praças, e seus jovens foram mortos pela espada do inimigo. ¹⁰Qual foi a nação que não invadiu seus palácios e não tomou posse de seus despojos? ¹¹Tudo o que servia de enfeite foi roubado; era livre, e agora se tornou escravo! ¹²Vejam! Nosso santuário, que era nossa beleza e nosso orgulho, está deserto, profanado pelos pagãos! ¹³Para que continuar vivendo?” ¹⁴Matatias e seus filhos rasgaram as roupas, vestiram-se com pano de saco e fizeram grande luto. ¹⁵Os funcionários do rei chegaram à cidade de Modin para fazer o povo mudar de religião e oferecer sacrifícios. ¹⁶Muitos israelitas aderiram a eles, porém Matatias e seus filhos ficaram de lado. ¹⁷Os funcionários do rei disseram a Matatias: “Você é personagem ilustre, homem importante nesta cidade, apoiado por filhos e parentes. ¹⁸Então saia na frente para cumprir as determinações do rei, conforme fizeram todas as nações, os cidadãos de Judá e os que ficaram em Jerusalém. Assim você e seus filhos passarão a fazer parte dos amigos do rei e serão recompensados com prata, ouro e muitos presentes”. ¹⁹Matatias respondeu em voz alta: “Mesmo quando todas as nações que moram dentro dos domínios do rei obedecerem à sua ordem e abandonarem a religião dos seus antepassados para se conformarem com as determinações dele, ²⁰eu, meus filhos e meus parentes continuaremos vivendo de acordo com a Aliança dos nossos antepassados. ²¹Deus nos livre de abandonar a Lei e as tradições! ²²Não! Nós não vamos obedecer às ordens do rei. Não vamos nos desviar da nossa religião, nem para a direita, nem para a esquerda”.

²³Foi só Matatias acabar de falar isso, um judeu tomou a frente, diante de

todos, para oferecer o sacrifício no altar de Modin, seguindo as determinações do rei. ²⁴Vendo isso, Matatias se indignou, tremeu de raiva e, num impulso da ira santa, avançou sobre o apóstata e o matou sobre o altar. ²⁵Imediatamente matou também o funcionário do rei, que obrigava o povo a oferecer o sacrifício, e demoliu o altar. ²⁶Ele estava agindo por amor à Lei, do mesmo modo como Fineias fez com Zambri, filho de Salu. ²⁷Depois disso, Matatias saiu gritando pela cidade: “Quem tiver amor pela Lei e quiser permanecer na Aliança, que me acompanhe”. ²⁸Ele e seus filhos fugiram para as montanhas, abandonando na cidade tudo o que possuíam. [2,1-28]

O sábado foi feito para o homem — ²⁹Muitos que amavam a justiça e o direito desceram para o deserto e aí ficaram ³⁰com seus filhos, mulheres e rebanhos, pois a perseguição contra eles aumentava. ³¹Denunciaram aos oficiais do rei e à guarnição estabelecida em Jerusalém, na Cidade de Davi, que algumas pessoas tinham desobedecido às ordens do rei e descido para as cavernas do deserto. ³²Muitos desses homens do rei correram atrás deles e os alcançaram. Acamparam em volta deles e se organizaram para atacá-los num dia de sábado. ³³Tudo pronto, lhes disseram: “Agora chega! Saiam daí, façam aquilo que o rei mandou, e a vida de vocês estará salva”. ³⁴Eles responderam: “Não sairemos, nem cumprimos a ordem do rei, profanando o dia de sábado”. ³⁵Então aqueles começaram a atacá-los. ³⁶Eles, porém, não reagiram, não atiraram uma única pedra, nem mesmo fecharam a entrada dos seus esconderijos. ³⁷Disseram apenas: “Vamos morrer com a consciência limpa. O céu e a terra são testemunhas de que vocês nos estão matando injustamente”. ³⁸Assim mesmo, os homens do rei os atacaram em dia de sábado. E eles morreram, com suas mulheres, crianças e rebanhos. Eram cerca de mil pessoas.

³⁹Ao saber do caso, Matatias e seus companheiros choraram amargamente. ⁴⁰E comentavam entre si: “Se nós todos fizemos como esses nossos irmãos, se não lutarmos contra os pagãos por nossa vida e nossas tradições, eles, em breve, nos eliminarão da face da terra”. ⁴¹E nesse mesmo dia, eles tomaram esta decisão: “Lutaremos abertamente contra todo aquele que nos atacar em dia de sábado. Assim não morreremos todos, como nossos irmãos em seus esconderijos”.

⁴²A partir daí, uniu-se a eles o grupo dos assídeos, que eram israelitas fortes, corajosos e fiéis à Lei. ⁴³Além disso, todos os que conseguiam escapar das desgraças se uniam a eles e reforçavam ainda mais o grupo. ⁴⁴Desse modo,

organizaram um exército e descarregaram sua fúria contra os pecadores e sua cólera contra os apóstatas. Os restantes fugiram, buscando refúgio entre os pagãos. ⁴⁵Depois disso, Matatias e seus companheiros fizeram incursões pelo país, derrubando os altares ⁴⁶e circuncidando à força os meninos que encontravam sem circuncisão no território de Israel. ⁴⁷Começaram a perseguir os soberbos, e a campanha teve sucesso. ⁴⁸Defenderam a Lei diante da prepotência dos povos e reis, e não deram braço a torcer aos pecadores. [29-48]

A honra do homem depende de Deus — ⁴⁹Quando foi chegando perto da morte, Matatias disse aos seus filhos: “Agora a insolência e o ultraje estão tendo muita força; é um tempo de destruição e ódio violento. ⁵⁰Portanto, meus filhos, cuidem de cumprir a Lei com zelo e deem suas vidas para defender a Aliança de seus antepassados. ⁵¹Lembrem-se de como agiram os antepassados no tempo deles, e vocês conseguirão honra sem par e fama para sempre. ⁵²Abraão foi fiel na prova, e isso lhe foi considerado como justiça. ⁵³José observou os mandamentos no tempo do perigo, e chegou a ser dono do Egito. ⁵⁴O nosso pai Fineias recebeu o encargo do sacerdócio permanente, por causa do seu grande zelo. ⁵⁵Josué tornou-se juiz de Israel, por ter obedecido à palavra. ⁵⁶Caleb recebeu uma terra em herança, por ter dado testemunho diante da comunidade. ⁵⁷Davi recebeu o trono de rei para sempre, por causa da sua bondade. ⁵⁸Elias foi arrebatado ao céu, por causa do seu ardente zelo pela Lei. ⁵⁹Ananias, Azarias e Misael foram salvos da fornalha, por causa da sua fé. ⁶⁰Daniel ficou livre da boca dos leões, por causa da sua inocência.

⁶¹E assim, repassando as gerações, vocês compreenderão que jamais fraquejam aqueles que esperam em Deus. ⁶²Não temam as ameaças de um pecador, pois a glória dele se transformará em esterco e podridão. ⁶³Hoje ele é exaltado, mas amanhã desaparecerá: voltará ao pó de onde veio, e o seu projeto fracassará.

⁶⁴Meus filhos, sejam fortes e se apeguem firmemente à Lei, pois ela será a glória de vocês. ⁶⁵Aí está Simeão, irmão de vocês. Eu sei que ele é homem equilibrado. Obedeçam sempre a ele, e ele será um pai para vocês. ⁶⁶Judas Macabeu, homem corajoso desde moço, será o comandante do exército de vocês e dirigirá a guerra contra os pagãos. ⁶⁷Procurem reunir em torno de vocês todos os que praticam a Lei, para vingar o povo. ⁶⁸Façam os estrangeiros pagarem pelo mal que fizeram, e observem sempre os mandamentos da Lei”.

⁶⁹Depois, Matatias os abençoou e se reuniu com seus antepassados. ⁷⁰Morreu no ano cento e quarenta e seis, e foi sepultado em Modin, no túmulo da sua família. Todo o Israel lamentou muito a sua morte. [\[49-70\]](#)

III. JUDAS MACABEU, LÍDER DA RESISTÊNCIA

3 *Um herói popular* — ¹No lugar de Matatias ficou o seu filho Judas, apelidado Macabeu. ²Seus irmãos e todos os que tinham ficado do lado de seu pai lhe deram apoio e partiram com entusiasmo, lutando por Israel. ³Judas alargou a fama do seu povo; vestiu a couraça como gigante, empunhou as armas e sustentou muitas batalhas, defendendo o acampamento com a espada. ⁴Por suas façanhas parecia um leão, um leãozinho rugindo em cima da presa. ⁵Farejava e desentocava os apóstatas, e queimava os que perturbavam o seu povo. ⁶Com medo de Judas, os apóstatas se acovardaram e os malfeitores ficaram confundidos. Por meio dele, a libertação triunfou. ⁷Ele causou dissabores a muitos reis, porém alegrou Jacó com suas façanhas, e sua memória será sempre elogiada. ⁸Percorreu as cidades de Judá, exterminando os injustos, e afastou de Israel a ira divina. ⁹Sua fama percorreu todo o país, porque ele reuniu um povo que estava morrendo. [3,1-9]

De onde vem a força dos fracos? — ¹⁰Apolônio reuniu pagãos e um forte contingente militar da Samaria, a fim de lutar contra Israel. ¹¹Ao saber disso, Judas saiu para enfrentá-lo. Conseguiu vencer e matar Apolônio, do qual muitos soldados tombaram mortos, e o resto fugiu. ¹²Ao recolher os despojos, Judas pegou a espada de Apolônio e, daí para a frente, passou a lutar sempre com ela.

¹³Seron, general do exército sírio, ouviu falar que Judas tinha reunido em torno de si um partido numeroso, formado de homens fiéis e dispostos para a guerra. ¹⁴Ele pensou: “Vou ficar famoso e ganhar prestígio no reino, lutando contra Judas e seus partidários, que desprezam as ordens do rei”. ¹⁵Então Seron se preparou, e a ele se ajuntou um grande exército de gente ímpia, que subiu com ele para vingar-se dos israelitas. ¹⁶Seron avançou até a subida de Bet-Horon, onde Judas foi enfrentá-lo com pouca gente. ¹⁷Ao ver a multidão que vinha se aproximando para enfrentá-los, os homens de Judas lhe disseram: “Somos poucos. Como é que podemos enfrentar essa multidão forte e armada? Além disso, estamos cansados. Hoje ainda não comemos nada”. ¹⁸Judas respondeu: “Não é difícil que muitos caiam na mão de poucos. Não faz diferença para Deus salvar com poucos ou salvar com muitos. ¹⁹A vitória na guerra não depende da multidão de soldados, mas da força que vem do céu. ²⁰Eles vêm contra nós

cheios de insolência e injustiça, para eliminar a nós, nossas mulheres e nossos filhos, e levar tudo o que temos. ²¹Nós, porém, lutamos por nossa vida e nossas leis. ²²Por isso, Deus vai esmagá-los diante de nós! Não tenham medo”. ²³Judas terminou de falar e os atacou de surpresa. E Seron com seu exército foram esmagados diante de Judas. ²⁴Os homens de Judas perseguiram o inimigo pela baixada de Bet-Horon, até a planície. Seron perdeu oitocentos homens, e o resto fugiu para a região dos filisteus. ²⁵Então Judas e seus companheiros começaram a ser temidos, e o pavor dominou as nações vizinhas. ²⁶Sua fama chegou até o rei, porque todas as nações comentavam as batalhas de Judas. [10-26]

Os fracos incomodam os poderosos — ²⁷Logo que soube disso, o rei Antíoco ficou furioso e mandou concentrar todas as forças do reino, formando um exército poderosíssimo. ²⁸Abriu seu tesouro e adiantou o soldo de um ano para todo o exército, ordenando que ficasse de prontidão para qualquer eventualidade. ²⁹Percebeu, porém, que as reservas do tesouro não bastavam e as entradas que vinham das províncias eram poucas, por causa das revoltas e ruínas que ele tinha espalhado no país, para acabar com as leis antigas. ³⁰E ficou com medo de não ter, como já havia acontecido outras vezes, o suficiente para as despesas e para os presentes que costumava distribuir mais que os reis anteriores. ³¹Vendo-se em apuros, resolveu recorrer à Pérsia, para recolher os tributos daquelas províncias e ajuntar grande soma de dinheiro. ³²Antes disso, deixou Lísias, membro distinto da família real, à frente dos negócios do rei, desde o rio Eufrates até a fronteira do Egito. ³³Encarregou-o de cuidar do seu filho Antíoco, até a sua volta. ³⁴Colocou sob o comando dele a metade de suas tropas, inclusive os elefantes, e o encarregou de tudo o que estava querendo, especialmente com relação aos habitantes da Judeia e de Jerusalém. ³⁵Lísias deveria mandar um exército para derrotar e destruir o exército de Israel e o que ainda restasse em Jerusalém, fazendo assim desaparecer desse lugar a lembrança dessa gente. ³⁶Depois, Lísias deveria colocar estrangeiros em todo o território e dividir o país em lotes. ³⁷Levando a metade de suas tropas, o rei partiu de Antioquia, capital do seu reino, no ano cento e quarenta e sete. Depois de atravessar o rio Eufrates, percorreu as províncias do planalto.

³⁸Lísias escolheu Ptolomeu, filho de Dorímenes, e Nicanor com Górgias, homens poderosos e influentes no reino, ³⁹e os enviou com quarenta mil homens de infantaria e sete mil cavaleiros, a fim de invadir o país de Judá e arrasá-lo,

conforme as determinações do rei. ⁴⁰Puseram-se em marcha com todo o exército e acamparam na planície, perto de Emaús. ⁴¹Quando os traficantes da região souberam da notícia, correram para o acampamento com grande quantidade de prata, ouro e correntes, a fim de comprar os israelitas como escravos. Ao exército juntaram-se ainda tropas edomitas e filisteias. [27-41]

Coragem para a luta decisiva — ⁴²Judas e seus companheiros perceberam que a situação estava se agravando muito: o exército inimigo já estava acampado na região. Eles ficaram também sabendo que o rei tinha dado ordens para destruir e exterminar o povo. ⁴³E comentaram: “Vamos reerguer da ruína o nosso povo. Vamos lutar pelo nosso povo e pelo Templo”. ⁴⁴Então foi convocada uma assembleia, a fim de que todos pudessem estar preparados para a luta e também para rezar, pedindo a Deus piedade e compaixão.

⁴⁵Jerusalém estava despovoada como um deserto. Nenhum de seus filhos entrava nem saía. O santuário foi pisoteado. E os estrangeiros ocupavam a fortaleza, transformada em hospedaria de pagãos. Jacó perdeu a alegria, e não se ouvia mais nem a flauta nem a cítara.

⁴⁶Reuniram-se todos e foram para Masfa, lugar que fica bem defronte a Jerusalém, porque aí foi o primeiro lugar de oração em Israel. ⁴⁷Nesse dia, eles jejuaram, vestiram-se de luto, puseram cinza na cabeça e rasgaram as roupas. ⁴⁸Depois desenrolaram o livro da Lei, para consultá-lo, da mesma forma que os pagãos consultavam seus ídolos. ⁴⁹Levaram também as vestimentas dos sacerdotes, os primeiros frutos e os dízimos, e convocaram os nazireus que tinham terminado o tempo do seu voto. ⁵⁰Todos levantaram a voz para o céu, gritando: “O que podemos fazer com essa gente? Para onde os levaremos?” ⁵¹Teu Templo foi pisoteado e profanado, teus sacerdotes estão de luto e humilhados! ⁵²Vê! Os pagãos se uniram contra nós, para nos aniquilar. Tu bem sabes o que eles planejam contra nós. ⁵³Como poderemos resistir, se tu não nos ajudares?” ⁵⁴Em seguida, tocaram as trombetas e levantaram grande clamor.

⁵⁵Então Judas nomeou os comandantes do exército: comandantes de mil, de cem, de cinquenta e de dez. ⁵⁶Mandou voltar para casa os que estavam construindo, os que tinham acabado de se casar, os que estavam plantando lavoura de uvas e os que andavam com medo, tudo conforme a Lei ordena. ⁵⁷Então o exército levantou acampamento e foi acampar ao sul de Emaús. ⁵⁸Judas ordenou: “Preparem-se. Sejam firmes e corajosos e estejam prontos para

amanhã entrar em combate contra esses pagãos. Eles se aliaram contra nós, com a intenção de nos destruir, a nós e ao nosso Templo. ⁵⁹É melhor morrer na batalha do que ficar olhando a desgraça do nosso povo e do nosso Templo. ⁶⁰Seja feita a vontade de Deus”. [42-60]

4 *Memória e discernimento* — ¹Górgias pegou cinco mil soldados de infantaria e mil cavaleiros escolhidos. Saiu de noite ²para poder atacar de surpresa o acampamento dos judeus e acabar com eles de uma vez. O pessoal da fortaleza serviu-lhes de guia. ³Sabendo do plano, Judas levantou acampamento com o seu exército e foi atacar a parte do exército do rei que tinha ficado em Emaús, ⁴enquanto alguns batalhões estavam longe do acampamento.

⁵Quando Górgias chegou, de noite, ao acampamento de Judas, não encontrou ninguém. Então começou a procurá-los pelos morros, pensando que tivessem fugido. ⁶Ao amanhecer, Judas chegou à planície com três mil homens, mas sem escudos e espadas suficientes. ⁷Quando viram que o acampamento dos pagãos era forte e estava bem guardado, rodeado de cavaleiros treinados para a guerra, ⁸Judas disse a seus homens: “Não tenham medo da quantidade deles, nem se apavorem com seu ataque. ⁹Lembrem-se de como nossos antepassados foram salvos no mar Vermelho, quando o Faraó com o seu exército os perseguia. ¹⁰Vamos gritar a Deus para que nos ajude e se lembre da Aliança com os nossos antepassados e derrote hoje esse exército que está à nossa frente. ¹¹Então todas as nações reconhecerão que existe alguém que resgata e liberta Israel”.

¹²Quando os estrangeiros levantaram os olhos e os viram chegando pela frente, ¹³saíram do acampamento para a batalha. Os homens de Judas tocaram a trombeta ¹⁴e atacaram. Os pagãos foram derrotados e fugiram para a planície. ¹⁵Os que estavam na retaguarda foram mortos à espada. Os israelitas os perseguiram até Gazara e até as planícies da Idumeia, de Azoto e de Jâmnia. E o inimigo perdeu cerca de três mil homens.

¹⁶Ao voltar da perseguição aos fugitivos, ¹⁷Judas falou aos soldados: “Não fiquem cobiçando os despojos, pois temos mais um combate pela frente: ¹⁸Górgias e seu batalhão estão no monte aqui perto de nós. Sejam firmes contra nossos inimigos e lutem contra eles. Depois, poderão recolher os despojos com toda a tranquilidade”. ¹⁹Judas ainda falava, quando se avistou uma patrulha deles espionando do alto do monte. ²⁰A patrulha viu que os companheiros tinham fugido e que o acampamento estava incendiado: a fumaça que se via

denunciava o que tinha acontecido. ²¹Ao ver isso, ficaram completamente apavorados e, quando viram o exército de Judas na planície, preparado para o confronto, ²²fugiram todos para a região dos filisteus. ²³Então Judas voltou para saquear o acampamento: pegou muito ouro e prata, tecidos de púrpura comum e de púrpura marinha, e muita coisa de valor. ²⁴Voltaram cantando hinos e louvando a Deus, “porque ele é bom e seu amor é para sempre”. ²⁵E, nesse dia, Israel conseguiu uma grande vitória.

²⁶Os estrangeiros que fugiram foram contar a Lísias tudo o que tinha acontecido. ²⁷Ao ouvir a notícia, ele ficou transtornado e abatido, pois as coisas contra Israel não tinham acontecido como ele esperava, e o resultado era o contrário do que o rei havia previsto. [4,1-27]

Vitória em luta desigual — ²⁸No ano seguinte, Lísias recrutou sessenta mil combatentes de elite e cinco mil cavaleiros, a fim de subjugar os judeus. ²⁹Eles foram para a Idumeia e acamparam em Betsur, mas Judas saiu para enfrentá-los com dez mil homens. ³⁰Ao ver tão poderoso exército, Judas rezou: “Bendito sejas tu, Salvador de Israel, que derrotaste a força de um gigante pela mão do teu servo Davi, e que entregaste o exército dos filisteus nas mãos de Jônatas, filho de Saul, e do seu escudeiro. ³¹Assim também, entrega esse exército nas mãos do teu povo Israel, e que seus soldados e cavaleiros fiquem envergonhados. ³²Amedronta-os e quebra o orgulho do seu poderio, para que sejam afogados pela derrota. ³³Derruba-os com a espada dos que te amam, para que todos os que conhecem o teu Nome te celebrem com hinos”.

³⁴Avançaram uns contra os outros, e cerca de cinco mil do exército de Lísias caíram na luta corpo a corpo. ³⁵Ao ver a derrota do seu exército e a coragem do grupo de Judas, disposto corajosamente a viver ou morrer, Lísias foi para Antioquia e começou a recrutar um exército ainda mais numeroso, a fim de voltar à Judeia. [28-35]

Comemoração da vitória — ³⁶Judas e seus companheiros fizeram esta proposta: “Agora que derrotamos o inimigo, vamos purificar e consagrar o Templo”. ³⁷O exército inteiro se reuniu e subiu o monte Sião. ³⁸Aí viram o santuário abandonado, o altar profanado, as portas incendiadas, o mato crescendo nos pátios, como se fosse em campo aberto ou nas montanhas, e os aposentos destruídos. ³⁹Então rasgaram as roupas e fizeram grande luto, jogando cinza na

cabeça ⁴⁰e prostrando-se por terra. Depois tocaram a trombeta e clamaram ao céu.

⁴¹Judas destacou alguns homens para que contivessem os que estavam na fortaleza, enquanto se purificava o Templo. ⁴²Para isso, escolheu sacerdotes sem defeito físico e que seguiam a Lei. ⁴³Eles purificaram o Templo e jogaram as pedras que o contaminavam num lugar impuro. ⁴⁴Puseram-se, então, a discutir a respeito do altar dos holocaustos que fora profanado, ⁴⁵e tiveram a ideia de destruí-lo. Assim não ficariam envergonhados pelo fato de os pagãos o terem profanado. Demoliram o altar, ⁴⁶e puseram as pedras no monte do Templo, num lugar conveniente, até que aparecesse um profeta e resolvesse o caso. ⁴⁷Então pegaram pedras brutas, conforme manda a Lei, e com elas construíram um altar novo, igual ao anterior. ⁴⁸Restauraram o Templo e consagraram a parte interna do santuário e os pátios. ⁴⁹Fizeram novos objetos de culto e colocaram dentro do Templo o candelabro, o altar do incenso e a mesa. ⁵⁰Queimaram incenso sobre o altar e acenderam as lâmpadas do candelabro, para que iluminassem o Templo. ⁵¹Colocaram os pães em ordem sobre a mesa, penduraram as cortinas e deram por terminado todo o trabalho.

⁵²Na madrugada do dia vinte e cinco do nono mês, chamado Casleu, do ano cento e quarenta e oito, ⁵³ofereceram um sacrifício de acordo com a Lei, sobre o novo altar dos holocaustos que tinham construído. ⁵⁴Exatamente no mesmo dia e mês em que os pagãos o tinham profanado, o altar foi consagrado em meio a cânticos e música ao som de cítaras, harpas e címbalos. ⁵⁵Todo o povo se prostrou por terra, adorando e louvando a Deus, que lhes tinha dado sucesso. ⁵⁶Celebraram a consagração do altar durante oito dias, oferecendo alegremente holocaustos com sacrifícios de comunhão e ação de graças. ⁵⁷Enfeitaram a fachada do Templo com coroas douradas e escudos. Consagraram os portais e os aposentos, onde colocaram portas. ⁵⁸A alegria do povo foi muito grande. Assim estava cancelada a afronta imposta pelos pagãos. ⁵⁹Judas, com seus irmãos e toda a assembleia de Israel, determinou que se comemorasse anualmente a nova consagração do altar, com festas solenes durante oito dias, a partir do dia vinte e cinco do mês de Casleu.

⁶⁰Nessa ocasião, construíram, em volta do monte Sião, muralhas altas com torres bem fortes, para que os pagãos nunca mais entrassem e as destruíssem, como haviam feito antes. ⁶¹Judas deixou aí um destacamento, para defender o

monte. Também fortificou Betsur, para que o povo ficasse protegido contra a Idumeia. [36-61]

5 Busca da independência política — ¹Quando as nações vizinhas souberam que os judeus tinham reconstruído o altar e consagrado novamente o santuário como antes, ficaram muito irritadas. ²Resolveram acabar com os descendentes de Jacó que viviam no meio delas, e começaram a matar e eliminar as pessoas do povo judeu. ³Então Judas atacou os descendentes de Esaú, moradores da Idumeia, na região de Acrabatena, que estavam cercando Israel. Judas derrotou-os fragorosamente, os humilhou e lhes carregou os despojos. ⁴Depois Judas lembrou-se das maldades da gente de Beã, que era permanente armadilha e obstáculo para o povo, por causa das emboscadas que armavam pelos caminhos. ⁵Ele os obrigou a se refugiarem nas próprias torres. Depois que os cercou, os destruiu: incendiou as torres com tudo e todos que estavam dentro delas. ⁶Em seguida, marchou contra os amonitas, onde enfrentou um exército numeroso e bem armado, comandado por Timóteo. ⁷Teve de enfrentar muitas batalhas. No final, porém, aqueles foram derrotados por Judas, que os esmagou. ⁸Depois de se apossar de Jazer com seus distritos, Judas voltou para a Judeia.

⁹Os pagãos que moravam em Galaad também se aliaram contra os israelitas que viviam em seus territórios, querendo eliminá-los. Os israelitas se refugiaram na fortaleza de Datema, ¹⁰e mandaram esta carta a Judas e seus irmãos, dizendo: “Os pagãos se reuniram ao nosso redor contra nós, e querem destruir-nos. ¹¹Já estão prontos para vir tomar a fortaleza onde nos refugiamos. O comandante do exército deles é Timóteo. ¹²Venha livrar-nos das mãos deles, pois muitos dos nossos já tombaram. ¹³Todos os nossos irmãos que moravam no distrito de Tobias foram mortos, suas mulheres e filhos foram levados prisioneiros e seus bens foram saqueados. Cerca de mil pessoas já morreram”.

¹⁴O pessoal de Judas ainda estava lendo a carta, quando chegaram outros mensageiros vindos da Galileia. Estavam com as roupas rasgadas e traziam esta notícia: ¹⁵“Todos de Ptolemaida, Tiro, Sidônia e da Galileia dos pagãos se uniram contra nós, para nos aniquilar”. ¹⁶Logo que Judas e os soldados ouviram contar tudo isso, foi convocada uma grande assembleia para resolver o que fazer em favor dos irmãos que estavam em dificuldade, perseguidos pelos pagãos. ¹⁷Judas disse a seu irmão Simão: “Escolha os homens que você quiser e vá libertar os irmãos que estão na Galileia. Eu e meu irmão Jônatas vamos para

Galaad”. ¹⁸Para defender a Judeia, deixou o resto do exército, sob o comando de José, filho de Zacarias, e Azarias, chefe do povo. ¹⁹Recomendou-lhes: “Comandem as tropas, mas não entrem no combate contra os pagãos, enquanto não voltarmos”. ²⁰A tropa de Simão era de três mil homens, que deviam ir para a Galileia; a tropa de Judas era de oito mil, que deviam ir para Galaad.

²¹Simão foi para a Galileia, onde travou várias batalhas contra os pagãos. Enfrentou, esmagou os pagãos ²²e perseguiu-os até as portas de Ptolemaida. Tombaram cerca de três mil deles, e Simão recolheu os despojos. ²³Em seguida tomou os judeus da Galileia e de Arbates, juntamente com as mulheres, filhos e pertences, e com grande alegria os levou para a Judeia.

²⁴Enquanto isso, Judas Macabeu e seu irmão Jônatas atravessaram o rio Jordão e caminharam três dias pelo deserto. ²⁵Aí cruzaram com os nabateus, que foram ao encontro deles amigavelmente e lhes contaram tudo o que havia acontecido aos seus irmãos em Galaad: ²⁶“Muitos deles estão cercados em Bosora, Bosor, Alimas, Casfo, Maced e Carnain, cidades grandes e fortificadas. ²⁷Outros se reuniram nas restantes cidades de Galaad, e o inimigo decidiu atacar amanhã as fortalezas, conquistá-las e exterminar, num só dia, todos os que nelas se encontram”. ²⁸Imediatamente Judas e seu exército mudaram de direção e tomaram o rumo de Bosora, atravessando o deserto. Tomou a cidade, matou todos os homens à espada, recolheu os despojos e incendiou a cidade. ²⁹Partiram daí à noite e foram até à fortaleza. ³⁰Ao amanhecer, avistaram um grande exército, carregando escadas e máquinas de guerra, para conquistar a fortaleza, e já estavam começando a atacar. ³¹Percebendo que a luta já tinha começado e que a gritaria da cidade subia até o céu em meio ao som das trombetas e de um clamor intenso, ³²Judas falou a seus homens: “Lutem hoje por seus irmãos”. ³³Distribuiu o pessoal em três alas, por trás dos inimigos, tocando as trombetas e rezando aos gritos. ³⁴Ao perceber que era o Macabeu, o exército de Timóteo fugiu em debandada, sofrendo uma grande derrota. Nesse dia caíram mortos cerca de oito mil soldados do exército de Timóteo. ³⁵Daí, Judas se dirigiu para Alimas, atacou e tomou a cidade, matou os homens, recolheu os despojos e incendiou a cidade. ³⁶Daí, foi para Casfo, Maced, Bosor e outras cidades de Galaad, e as tomou todas.

³⁷Algum tempo depois desses acontecimentos, Timóteo organizou outro exército e acampou defronte a Rafon, do outro lado do córrego. ³⁸Judas mandou

espionar o acampamento dele, e recebeu estas informações: “Todas as nações vizinhas se aliaram a Timóteo, formando um exército muito grande. ³⁹Também os árabes estão contratados para ajudá-los, e estão todos acampados do outro lado do córrego, prontos para atacar você”. Então Judas saiu para enfrentá-los. ⁴⁰No momento em que Judas e seu exército iam se aproximando do córrego, Timóteo disse a seus oficiais: “Se ele atravessar primeiro em nossa direção, não poderemos resistir, porque ele certamente vencerá. ⁴¹Mas, se ele ficar com medo e acampar do lado de lá, então nós atravessaremos e o venceremos”. ⁴²Quando chegou à beira d’água, Judas colocou em forma os oficiais de recrutamento ao longo da margem do córrego, e deu-lhes esta ordem: “Não deixem ninguém acampar. Façam todos atravessar”. ⁴³O próprio Judas foi o primeiro a atravessar na direção do inimigo, e todo o exército o acompanhou. Derrotaram os pagãos, que largaram as armas e se refugiaram no templo de Carnain. ⁴⁴Os judeus tomaram a cidade e puseram fogo no templo, queimando todos os que estavam dentro. Destruída Carnain, ninguém mais opôs resistência a Judas.

⁴⁵Em seguida, Judas reuniu todos os israelitas que viviam em Galaad, grandes e pequenos, com mulheres, filhos e pertences, uma grande multidão, para levá-los à Judeia. ⁴⁶Assim chegaram a Efron, cidade importante e bem fortificada, que ficava no caminho. Não havia jeito de se desviar da cidade, nem por um lado nem por outro; era preciso passar por dentro dela. ⁴⁷O pessoal da cidade fechou as portas e reforçou-as com pedras. ⁴⁸Judas mandou uma embaixada, com esta mensagem de paz: “Precisamos atravessar o território de vocês, para voltarmos à nossa terra. Ninguém vai lhes fazer mal. Só queremos atravessar”. Eles, porém, não abriram as portas. ⁴⁹Então Judas mandou avisar pelo acampamento que entrassem todos em forma para o combate, no lugar onde estivessem. ⁵⁰Ficaram todos de prontidão e, em seguida, começaram a lutar contra a cidade. O combate durou o dia e a noite toda, até que a cidade se rendeu. ⁵¹Mataram à espada todos os homens, demoliram a cidade, recolheram os despojos e atravessaram a cidade, passando por cima dos cadáveres. ⁵²Em seguida, atravessaram o rio Jordão, em direção à grande planície que fica diante de Betsã. ⁵³Judas ficava reunindo os que estavam atrasados e animava o povo por toda a viagem, até chegar à terra de Judá. ⁵⁴Então subiram felizes e alegres ao monte Sião, e ofereceram holocaustos, pois tinham conseguido voltar em paz, sem que ninguém morresse. ⁵⁵Enquanto Judas e Jônatas estavam em Galaad, e seu irmão Simão se encontrava na Galileia, diante de Ptolemaida, ⁵⁶os dois comandantes do exército, José, filho de

Zacarias, e Azarias, ficaram sabendo das façanhas que eles tinham realizado. ⁵⁷E comentaram: “Vamos nós também ficar famosos! Vamos lutar contra as nações vizinhas”. ⁵⁸Mandaram avisar os soldados do exército, que estava sob o comando deles, e se puseram em marcha contra Jâmnia. ⁵⁹Górgias e seus homens saíram da cidade para enfrentá-los. ⁶⁰Aconteceu que José e Azarias foram derrotados e perseguidos até a fronteira da Judeia. Nessa ocasião, morreram cerca de dois mil homens de tropas de Israel. ⁶¹Foi uma grande derrota para o exército, causada pelo fato de José e Azarias não terem obedecido a Judas e seus irmãos. Eles queriam ficar famosos, ⁶²mas não eram da descendência dos homens destinados a libertar Israel.

⁶³O valente Judas e seus irmãos tinham grande prestígio diante de todos os israelitas e também diante das outras nações, aonde chegava a sua fama. ⁶⁴As pessoas se aglomeravam em torno deles para aplaudi-los. ⁶⁵Judas e seus irmãos marcharam para lutar contra os descendentes de Esaú, na região que fica ao sul. Tomaram Hebron e seus distritos, destruíram suas fortificações e incendiaram as torres que as rodeavam. ⁶⁶Daí, partiram para a região dos filisteus, passando por Marisa. ⁶⁷Foi nessa ocasião que alguns sacerdotes morreram na guerra, pois quiseram mostrar valentia e entraram em combate imprudentemente. ⁶⁸Judas dirigiu-se para Azoto, região dos filisteus, e aí destruiu os altares, queimou as imagens dos deuses deles e saqueou a cidade. Depois, voltou para a terra de Judá. [5,1-68]

6 *A morte do opressor* — ¹Quando percorria as províncias do planalto, o rei Antíoco ouviu falar que havia na Pérsia uma cidade chamada Elimaida, famosa pela sua riqueza em prata e ouro. ²Diziam que o templo dessa cidade era muito rico e que havia nele cortinas tecidas de ouro, couraças e armas aí deixadas pelo rei Alexandre, o macedônio, filho de Filipe, que foi o primeiro rei do império grego. ³Antíoco dirigiu-se para o local, pretendendo tomar e saquear a cidade. Mas não conseguiu, porque o pessoal da cidade, sabendo da sua pretensão, ⁴preparou-se para a guerra e o enfrentou. Antíoco teve de fugir, e foi com grande tristeza que deixou o lugar, a fim de voltar para a Babilônia. ⁵Ele ainda estava na Pérsia, quando recebeu a notícia de que as tropas enviadas contra a Judeia tinham sido derrotadas ⁶e que Lísias tinha tomado a iniciativa de enfrentar os judeus com poderoso exército, mas teve de recuar. Soube também que os judeus ficavam mais perigosos por causa da quantidade de armas, além de

outros recursos e despojos que tomavam dos exércitos que iam derrotando. ⁷Contaram também que os judeus tinham tirado a abominação que ele colocara sobre o altar de Jerusalém, e que tinham cercado o Templo com muralhas altas como antigamente, fazendo o mesmo em Betsur, cidade que pertencia ao rei. ⁸Ao ouvir essas notícias, o rei ficou apavorado e totalmente atordoado, e caiu de cama, doente de tristeza, pois nada estava acontecendo como ele queria. ⁹Ficou aí muito tempo, cada vez mais deprimido. Percebendo que ia morrer, ¹⁰chamou todos os grandes e lhes disse: “O sono sumiu dos meus olhos, meu coração está abatido de tanta aflição. ¹¹Eu disse a mim mesmo: ‘A que grau de aflição me vejo reduzido! Como é grande a onda em que estou me debatendo. Eu que era feliz e estimado quando estava no poder! ¹²Agora, porém, estou lembrando os males que fiz a Jerusalém, de onde tirei todos os objetos de prata e ouro que nela havia. Lembro-me dos habitantes de Judá que mandei matar sem motivo. ¹³Reconheço que é por causa de tudo isso que hoje me acontecem essas desgraças. Agora estou morrendo, cheio de tristeza e em terra estrangeira’ ”. ¹⁴Chamou Filipe, um dos seus amigos, e passou-lhe a autoridade sobre todo o seu reino. ¹⁵Entregou-lhe a coroa, o manto e o anel, a fim de que levasse esses objetos para o seu filho Antíoco, a quem deveria educar e preparar para ser o rei. ¹⁶E aí mesmo o rei Antíoco morreu, no ano cento e quarenta e nove. ¹⁷Logo que soube da morte do rei, Lísias proclamou como novo rei o filho Antíoco, a quem o mesmo Lísias tinha educado desde criança. E lhe deu o nome de Eupátor. [6,1-17]

Busca de independência econômica — ¹⁸A tropa aquartelada na fortaleza impedia sempre a passagem dos israelitas para o Templo, e os prejudicava de todas as formas, dando assim apoio aos pagãos. ¹⁹Então Judas resolveu desalojá-los daí. E convocou todo o exército para cercá-los. ²⁰Reuniram-se todos e no ano cento e cinquenta fizeram o cerco da fortaleza: prepararam rampas e máquinas de assalto. ²¹Alguns, porém, conseguiram escapar do cerco, e a eles se aliaram vários israelitas traidores, ²²que foram juntos procurar o rei e dizer-lhe: “Quando é que o senhor vai fazer justiça e vingar nossos irmãos? ²³Nós nos submetemos voluntariamente a seu pai, seguindo as orientações e obedecendo fielmente às ordens dele. ²⁴O resultado é que nossos compatriotas cercaram a fortaleza e nos tratam como estranhos. Mais ainda: mataram todos os nossos que lhes caíram nas mãos e saquearam nossas propriedades. ²⁵E não é só contra nós que eles

estão erguendo a mão, mas também contra o território que pertence a você. ²⁶Hoje, por exemplo, estão cercando a fortaleza de Jerusalém para tentar tomá-la, e já fortificaram o Templo e a cidade de Betsur. ²⁷Se não os surpreender rapidamente, farão coisas ainda piores, e você não será mais capaz de segurá-los”. [18-27]

Um ato de bravura — ²⁸Ao ouvir isso, o rei se inflamou. Reuniu todos os seus amigos, os generais do exército e os comandantes da cavalaria. ²⁹Foram convocadas também tropas mercenárias, vindas de outros reinos e até das ilhas do mar. ³⁰O contingente chegou a cem mil soldados de infantaria, vinte mil de cavalaria e trinta e dois elefantes treinados para a guerra. ³¹Eles atravessaram a Idumeia, acamparam perto de Betsur e lutaram contra a cidade por muitos dias. Construíram máquinas de guerra, mas os judeus saíam da cidade, queimavam as máquinas e lutavam corajosamente.

³²Então Judas deixou a fortaleza de Jerusalém e foi acampar em Bet-Zacarias, defronte ao acampamento do rei. ³³Então o rei levantou-se de madrugada e transferiu o exército com todo o seu contingente para o caminho de Bet-Zacarias. Aí os dois exércitos se prepararam para a batalha e tocaram as trombetas. ³⁴Mostravam aos elefantes suco de uvas e de amoras, a fim de incentivá-los para o combate. ³⁵Distribuíram esses animais no meio das alas do exército. Junto de cada elefante colocaram mil homens encouraçados com malhas de ferro e capacetes de bronze. Além disso, quinhentos cavaleiros escolhidos foram destacados para cada elefante: ³⁶aonde o elefante ia, eles iam também, sem nunca se separar do animal. ³⁷Sobre cada elefante havia uma forte torre de madeira, toda coberta, que era presa ao animal por correias. Em cada torre, além do indiano, iam três soldados que combatiam de cima do animal. ³⁸O restante da cavalaria, protegida pela infantaria, ia nos dois lados do exército, para atacar o inimigo e dar cobertura às alas. ³⁹Quando o sol começou a brilhar nos escudos de ouro e bronze, a montanha inteira ficou brilhando e faiscando por causa dos escudos, que pareciam tochas acesas. ⁴⁰Parte do exército do rei se havia colocado no ponto mais alto dos montes; a outra parte estava mais abaixo. Eles marchavam compacta e ordenadamente. ⁴¹Quem ouvia o vozerio de tanta gente, o tropel dessa multidão e o ruído das armas, ficava apavorado, pois era realmente um exército muito numeroso e bem armado. ⁴²Judas, porém, foi em frente com o seu exército, a fim de lutar. Do exército do rei caíram seiscentos

homens. ⁴³Eleazar, o Abaron, viu um dos elefantes revestido com as insígnias reais, mais alto do que os outros elefantes; crendo que o rei devia estar aí, ⁴⁴resolveu dar a vida para salvar o povo, esperando assim conquistar uma fama eterna: ⁴⁵corajosamente, ele se foi enfiando pelo meio das alas do exército, matando à direita e à esquerda. Os pagãos afastavam-se dele para os lados. ⁴⁶Acabou chegando bem debaixo do elefante, cravou nele a espada e o matou. O elefante, porém, caiu por cima de Eleazar, e este morreu aí mesmo. ⁴⁷Ao ver a força do rei e a capacidade dos seus exércitos, os judeus bateram em retirada. [28-47]

Solidariedade e recursos para a luta — ⁴⁸Os soldados do exército do rei foram em direção a Jerusalém, para lutar contra os judeus. O rei cercou a Judeia e o monte Sião. ⁴⁹Fez também um acordo com os habitantes de Betsur. Estes saíram da cidade, porque já não tinham provisões para resistir ao cerco, pois era o ano sabático, o repouso da terra. ⁵⁰Foi assim que o rei tomou Betsur. Instalou aí uma guarnição para defender a cidade. ⁵¹Ele ficou acampado em volta do Templo por muitos dias. Construiu rampas e diversas máquinas de assalto, lança-chamas, atiradeiras, escorpiões para atirar projéteis e fundas. ⁵²Mas os judeus também fizeram máquinas de guerra que combatiam as do rei, e ficaram lutando por muitos dias. ⁵³Nos depósitos não havia mais alimentos, por ser o ano sabático e também porque os que tinham escapado das outras nações para a Judeia consumiram o que sobrara de mantimentos. ⁵⁴Ficaram poucos homens no Templo, pois forçada pela fome, a maioria se dispersou, voltando cada qual para a própria terra.

⁵⁵Lísias recebeu a notícia de que Filipe, aquele que o rei Antíoco antes de morrer tinha encarregado de educar o filho Antíoco para fazê-lo rei, ⁵⁶estava de volta da Pérsia e da Média, acompanhado dos exércitos que tinham ido com o rei. A intenção de Filipe era assumir o poder. ⁵⁷Lísias ficou aflito e deu a entender que era preciso sair desse lugar. Disse ao rei, aos generais e aos soldados: “Dia a dia estamos ficando mais fracos. Nossas provisões já são poucas e o lugar que estamos cercado está bem armado. Além disso, os assuntos do reino estão esperando por nós. ⁵⁸Vamos estender a mão para essa gente e fazer um acordo com eles e com todos os de sua nação. ⁵⁹Vamos reconhecer o direito deles de viver conforme suas leis, como faziam antigamente, pois eles se inflamaram e fizeram tudo isso por causa de suas leis,

que nós quisemos abolir”. ⁶⁰A proposta agradou ao rei e aos generais. Então Lísias mandou aos judeus propostas de paz, que eles aceitaram. ⁶¹O rei e os generais confirmaram o acordo sob juramento, e os que estavam cercados na fortaleza puderam sair sob essas condições. ⁶²Quando o rei chegou ao monte Sião, viu as fortificações do lugar. Mas, quebrando o juramento que havia feito, demoliu a muralha que havia ao redor de Sião. ⁶³Em seguida, partiu às pressas para Antioquia, onde encontrou Filipe, que se havia apoderado da cidade. Lutou contra ele e tomou a cidade pela força. [48-63]

7 Luta em duas frentes — ¹No ano cento e cinquenta e um, Demétrio, filho de Seleuco, partiu de Roma e desembarcou com poucos homens numa cidade do litoral, e aí se proclamou rei. ²Logo que entrou no palácio real dos seus pais, os militares prenderam Antíoco juntamente com Lísias, a fim de apresentá-los a Demétrio. ³Ao saber do caso, porém, Demétrio disse: “Não quero que vocês me mostrem o rosto desses indivíduos!” ⁴Então mataram os dois, e Demétrio ocupou o trono do seu reino.

⁵Alguns indivíduos apóstatas e ímpios do povo de Israel, conduzidos por Alcimo, que aspirava ao cargo de sumo sacerdote, se apresentaram ⁶e acusaram o seu povo diante do rei, dizendo: “Judas e seus irmãos mataram todos os partidários do rei, e nos expulsaram de nosso país. ⁷Mande alguém de sua confiança para examinar a devastação que Judas causou a nós e à província do rei. Castigue a todos eles e àqueles que os apoiam”.

⁸O rei escolheu Báquides, um dos seus amigos, governador das regiões do outro lado do rio Eufrates, homem importante no reino e da confiança do rei. ⁹E o mandou com o ímpio Alcimo, confirmado no cargo de sumo sacerdote, dando-lhe ordem para castigar os israelitas. ¹⁰Eles partiram para a Judeia com grande exército. Báquides mandou alguns mensageiros a Judas e seus irmãos, com falsas propostas de paz. ¹¹Estes, porém, não deram ouvidos às palavras deles, porque perceberam que tinham vindo com muitos soldados. ¹²Apesar de tudo, um grupo de escribas se reuniu com Alcimo e Báquides, para buscar uma solução justa. ¹³Os assídeos foram os primeiros israelitas a pedir a paz. ¹⁴Pensavam assim: “Quem veio com o exército é um sacerdote da descendência de Aarão. Ele não nos vai trair”. ¹⁵Báquides conversou amigavelmente com eles e até jurou: “Nós não vamos fazer nenhum mal, nem a vocês nem a seus amigos!” ¹⁶Os assídeos acreditaram neles. Porém Alcimo prendeu sessenta deles

e matou-os no mesmo dia, conforme a passagem da Escritura: ¹⁷“Espalharam em volta de Jerusalém os cadáveres e o sangue dos seus devotos, e não havia ninguém para os sepultar”. ¹⁸A partir daí, o medo e o pavor tomaram conta do povo. Diziam: “Eles não têm sinceridade nem honradez. Faltaram à palavra e ao juramento”.

¹⁹Báquides saiu de Jerusalém e foi acampar em Bet-Zet. Aí mandou prender muitos homens que tinham passado para o seu lado e mais alguns dentre o povo. Em seguida, os matou a todos e jogou na cisterna grande. ²⁰Depois confiou a região a Alcimo, deixou o exército com ele, a fim de dar-lhe força, e voltou para junto do rei. ²¹Alcimo batalhava pelo cargo de sumo sacerdote. ²²Em torno dele reuniram-se todos os agitadores do povo: conseguiram dominar a Judeia e fizeram estrago enorme em Israel. ²³Judas notou que o mal provocado por Alcimo e seus companheiros entre a gente de Israel era muito maior que o provocado pelos pagãos. ²⁴Percorreu, então, todo o território da Judeia, castigando os traidores e impedindo-os de fazer incursões pelo país. ²⁵Ao ver que Judas e seus companheiros estavam ficando mais fortes, e reconhecendo-se incapaz de resistir a eles, Alcimo voltou para o rei e os acusou de muitas maldades. [7,1-25]

Sem solidariedade não há vitória — ²⁶Então o rei mandou Nicanor, um dos seus generais mais importantes, inimigo mortal dos israelitas, para exterminar o povo. ²⁷Nicanor chegou a Jerusalém com numeroso exército e mandou falsas mensagens de paz a Judas e seus irmãos. Dizia: ²⁸“Não é preciso haver guerra entre mim e vocês! Vou aí com poucos homens para fazer-lhes uma visita de amigo”. ²⁹E foi procurar Judas. Os dois se cumprimentaram amavelmente, mas os inimigos estavam preparados para saquear Judas. ³⁰No entanto, Judas percebeu que a visita de Nicanor era uma armadilha, e ficou com tal medo, que não quis tornar a vê-lo. ³¹Nicanor também percebeu que suas intenções tinham sido descobertas e partiu para enfrentar Judas em Cafarsalama. ³²Tombaram cerca de quinhentos homens de Nicanor, e os outros fugiram para a Cidade de Davi.

³³Depois disso, Nicanor subiu ao monte Sião. Alguns sacerdotes e anciãos do povo saíram do Templo para cumprimentá-lo cordialmente e mostrar-lhe o holocausto que era oferecido na intenção do rei. ³⁴Nicanor, porém, caçoou, ridicularizou, cuspiu neles e disse as maiores insolências. ³⁵E jurou, com raiva:

“Se vocês não me entregarem agora mesmo Judas e seu exército, juro que incendiarei este Templo quando eu voltar vitorioso”. E saiu daí, furioso. ³⁶Os sacerdotes entraram no Templo, ficaram de pé diante do altar e do santuário, e começaram a clamar a Deus, chorando: ³⁷“Tu escolheste esta casa para que o teu Nome fosse invocado sobre ela, para que fosse uma casa de oração e prece para o teu povo. ³⁸Executa a vingança contra esse indivíduo e seu exército: que eles morram à espada! Lembra-te das blasfêmias deles, e não lhes concedas descanso”.

³⁹Nicanor saiu de Jerusalém e foi acampar em Bet-Horon. Aí veio juntar-se a ele um exército da Síria. ⁴⁰Judas acampou em Adasa, com três mil homens, e rezou assim: ⁴¹“Quando os mensageiros do rei disseram insolências, o teu anjo foi ao acampamento deles e matou cento e oitenta e cinco mil homens. ⁴²Da mesma forma, esmaga hoje este exército que aí está na nossa frente, para que todos fiquem sabendo que Nicanor blasfemou contra o teu Templo. Condena-o na medida do mal que ele praticou!” ⁴³Os exércitos se enfrentaram no dia treze do mês de Adar, e o exército de Nicanor foi derrotado. Ele foi o primeiro a tombar em combate. ⁴⁴Os soldados, quando viram que Nicanor tinha caído morto, deixaram as armas e fugiram. ⁴⁵Os judeus os perseguiram durante um dia, desde Adasa até perto de Gazara, tocando as trombetas atrás deles, com toque de alarme. ⁴⁶De todos os povoados da Judeia, que ficavam próximos, o povo saía e os cercava, de modo que uns se voltavam contra os outros. Dessa forma, caíram todos mortos à espada, sem sobrar nenhum. ⁴⁷Recolheram os despojos e fizeram o saque. Cortaram a cabeça e a mão direita de Nicanor, que ele tinha levantado com desprezo, e as levaram para mostrar ao povo, em Jerusalém. ⁴⁸O povo ficou muito alegre e comemorou esse dia como dia de festa. ⁴⁹Resolveram celebrar esta data anualmente, no dia treze de Adar. ⁵⁰Assim a Judeia ficou tranquila por algum tempo. [26-50]

8 *Um sistema promissor?* — ¹Judas ouviu falar da fama dos romanos, que eram poderosos e valentes. Diziam que eram bons para com seus aliados e ofereciam acordo de amizade a quem quer que os procurasse. ²Falaram-lhe também das guerras e proezas que eles tinham realizado entre os gauleses, como os tinham derrotado e obrigado a pagar-lhes tributo. ³Falavam também do que eles tinham realizado na região da Espanha, para se apossarem das minas de prata e ouro que havia por aí; ⁴e ainda, como dominavam todos os lugares com

prudência e persistência, mesmo que algum lugar ficasse muito distante deles. Falavam também dos reis que tinham vindo do outro lado do mundo para guerrear contra eles, e que foram derrotados fragorosamente; outros simplesmente lhes pagavam tributo todos os anos. ⁵As notícias falavam também de Filipe e Perseu, reis dos macedônios, e também de outros que tentaram revoltar-se contra os romanos, mas foram subjugados. ⁶Diziam ainda que também Antíoco, o Grande, rei da Ásia, tinha enfrentado os romanos com cento e vinte elefantes, cavalaria e carros de guerra, além de numerosa infantaria, e fora esmagado por eles. ⁷Os romanos o pegaram vivo e determinaram que ele e seus sucessores pagariam altos tributos e entregariam reféns e territórios. ⁸Tomaram as regiões da Lícia, Mísia e Lídia, as mais belas da Ásia, e as entregaram ao rei Eumenes. ⁹Os gregos planejaram lutar contra eles e derrotá-los, ¹⁰mas seu plano foi descoberto pelos romanos, que mandaram contra eles um general apenas. Um número imenso deles tombou, mulheres e crianças foram presas. Os romanos saquearam o que eles possuíam, subjugaram o país, destruíram suas fortalezas, e os fizeram escravos, até o dia de hoje. ¹¹Outros reinos e ilhas que foram capazes de resistir a eles em outra ocasião, por fim foram derrotados e escravizados. Com os seus amigos, porém, e com todos os que confiavam no seu apoio, os romanos sempre conservaram sua amizade. ¹²Eles dominaram reis, tanto de perto quanto de longe. Todos os que ouviam o seu nome ficavam com medo. ¹³Aqueles a quem eles querem ajudar em suas pretensões ao trono, chegam a ser reis. A quem querem depor, eles depõem. Estão no auge do poder. ¹⁴Apesar de tudo, nenhum deles usa coroa ou manto de púrpura para se engrandecer com essas coisas. ¹⁵Eles organizaram um senado de trezentos e vinte senadores. Diariamente estão se consultando uns aos outros a respeito do povo e da melhor maneira de governá-lo. ¹⁶Para cada ano, confiam a um deles o encargo de dirigir o Senado e governar o país. Todos obedecem a esse único homem, e não existe inveja nem rivalidade entre eles. [8,1-16]

O perigo da aliança com os grandes — ¹⁷Judas escolheu Eupólemo, filho de João, da família de Acos, e Jasão, filho de Eleazar, e mandou os dois a Roma para firmar um acordo de amizade e mútua defesa, ¹⁸com a intenção de sacudir a dominação grega, pois sentiam que o reino dos gregos estava reduzindo Israel à escravidão. ¹⁹Eles partiram para Roma e, depois de longa viagem, entraram no Senado, e disseram: ²⁰“Judas Macabeu, seus irmãos e todo o povo judeu nos

enviaram a Vossas Excelências, a fim de estabelecer entre nós um acordo de amizade e mútua defesa, e para sermos contados entre seus amigos e aliados”.²¹ Os senadores aprovaram o pedido. ²² Segue a resposta que mandaram escrever em placas de bronze e enviaram a Jerusalém, para ficar aí entre os judeus, documentando o acordo de amizade e a mútua defesa: ²³ “Bem-estar aos romanos e aos judeus, em terra e mar, para sempre. Longe deles a espada inimiga. ²⁴ Sempre que Roma for atacada, ou algum de seus aliados, em todos os seus domínios, ²⁵ o povo judeu lutará a seu lado, conforme lhe for possível na ocasião, mas com toda a boa vontade. ²⁶ Por decisão de Roma, aos agressores, ninguém dará ou fornecerá trigo, armas, dinheiro ou navios. E observarão esses compromissos sem receber nada em troca. ²⁷ Da mesma forma, se o povo judeu for atacado, os romanos lutarão ao seu lado com todo o interesse, conforme lhes for possível na ocasião. ²⁸ Por decisão de Roma, aos agressores ninguém dará ou fornecerá trigo, armas, dinheiro ou navios. E observarão esse compromisso lealmente. ²⁹ Isso é o que ficou combinado entre romanos e judeus. ³⁰ Além do mais, se alguma das partes quiser acrescentar ou tirar alguma coisa, só se fará de comum acordo, e o que for acrescentado ou retirado terá força de lei. ³¹ Quanto aos estragos que o rei Demétrio está provocando aos judeus, nós já lhe escrevemos, nestes termos: ‘Por que você oprime tiranicamente os judeus, nossos amigos e aliados? ³² Se eles vierem outra vez queixar-se de você, nós defenderemos os direitos deles, atacando você por terra e mar’ ”. [17-32]

9 A morte do herói popular — ¹ Ao ouvir que Nicanor e seu exército tinham sucumbido no combate, Demétrio resolveu mandar novamente Báquides e Alcimo até a Judeia, com a ala direita do exército. ² Eles tomaram o caminho da Galileia e acamparam perto de Masalot, no território de Arbelas. Tomaram a cidade e mataram muita gente. ³ No primeiro mês do ano cento e cinquenta e dois, acamparam diante de Jerusalém. ⁴ Depois saíram daí e foram em direção de Beerzet, com vinte mil homens de infantaria e dois mil de cavalaria. ⁵ Judas estava acampado em Elasa, com três mil homens escolhidos. ⁶ Ao ver o tamanho do exército inimigo, muitos deles começaram a ficar com medo e abandonaram o acampamento, ficando apenas oitocentos homens. ⁷ Judas viu que seu exército estava se desfazendo, e que a batalha era iminente. Ficou desencorajado, porque não era mais possível reunir novamente os companheiros. ⁸ Então disse aos que tinham ficado: “Vamos lutar contra o inimigo, se é que ainda podemos lutar

contra ele!” ⁹Os companheiros tentavam convencê-lo: “Não conseguiremos. Vamos agora salvar as nossas vidas. Depois voltaremos com nossos irmãos, e então lutaremos contra eles. Agora somos muito poucos!” ¹⁰Judas respondeu: “Fugir deles? De maneira nenhuma! Se a nossa hora chegou, vamos morrer com coragem, em favor dos nossos irmãos! Não vamos deixar mancha nenhuma em nossa fama!”

¹¹Enquanto isso, o exército inimigo saiu do acampamento e se colocou na frente dos judeus. Dividiram a cavalaria em duas alas, enquanto os atiradores de funda e os arqueiros marchavam à frente de todo o exército, com os mais valentes na primeira fila. Báquides estava na ala direita. ¹²E o exército avançou dos dois lados, tocando trombetas. Os do lado de Judas também tocaram as trombetas, ¹³e o solo tremeu com o barulho dos dois exércitos. Houve uma batalha sem trégua, desde o amanhecer até a tarde.

¹⁴Ao ver que Báquides e a parte mais forte do seu exército estavam do lado direito, Judas reuniu junto de si os que estavam com maior disposição, ¹⁵e com eles atacou a ala direita. Conseguiu persegui-los até a serra de Azara. ¹⁶Os da ala esquerda, quando viram que a ala direita estava em apuros, perseguiram Judas e seus companheiros, e os atacaram por trás. ¹⁷A batalha ficou mais feroz ainda, e de ambos os lados caíram muitos mortos. ¹⁸Judas também caiu, e os outros fugiram.

¹⁹Jônatas e Simão, irmãos de Judas, pegaram o corpo dele e o sepultaram no túmulo da família em Modin, ²⁰chorando muito. Todo o Israel fez muitas lamentações por ele, e guardou luto por muitos dias, dizendo: ²¹“Como pôde morrer o herói, aquele que salvava Israel?” ²²O resto das ações de Judas, suas batalhas e façanhas e sua grandeza não foram escritas, pois seria assunto demais.

[9,1-22]

IV. JÔNATAS: LUTA E DIPLOMACIA

Insegurança e perseguição — ²³Depois da morte de Judas, os apóstatas começaram a levantar-se, e reapareceram todos os malfeitores por todo o território israelita. ²⁴Nessa época, alastrou-se uma fome terrível, de modo que o país inteiro aderiu a eles. ²⁵Então Báquides escolheu alguns ímpios e colocou-os como chefes do país. ²⁶Eles procuravam os partidários de Judas, para levá-los a Báquides, que os castigava e humilhava. ²⁷Israel caiu numa tribulação tão grande, como nunca tinha havido, desde que os profetas desapareceram.

²⁸Então todos os partidários de Judas se reuniram e disseram a Jônatas: ²⁹“Desde que o seu irmão Judas morreu, não surgiu outro homem igual para tomar todas as iniciativas na luta contra os nossos inimigos, especialmente esse Báquides e aqueles que odeiam o nosso povo. ³⁰Por isso, elegemos você no lugar dele como nosso chefe e guia, para dirigir a nossa luta”. ³¹Assim Jônatas assumiu o comando no lugar do seu irmão Judas. [23-31]

Resistência em situação precária — ³²Báquides soube disso e procurava matar Jônatas. ³³Porém Jônatas, seu irmão Simão e todos os que estavam do seu lado, ao ficarem sabendo disso, fugiram para o deserto de Técua e acamparam perto das águas da cisterna de Asfar. ³⁴Ao saber disso, Báquides foi, num sábado, com todo o seu exército, para o outro lado do rio Jordão.

³⁵Jônatas mandou seu irmão João à frente da tropa para pedir aos seus amigos nabateus que cuidassem de toda a bagagem dele, que era muita. ³⁶O pessoal de Iambri, porém, vindo de Madaba, atacou e agarrou João e tudo o que ele tinha, e se foi, carregando a presa. ³⁷Depois disso, contaram a Jônatas e Simão que o pessoal de Iambri faria uma grande festa de casamento e, com muita solenidade, estavam trazendo de Nabata a noiva, que era filha de um dos grandes senhores de Canaã. ³⁸Lembrando-se do assassinio do seu irmão João, eles subiram ao monte e aí se esconderam. ³⁹Observando, notaram um tropel e grande aparato: era o noivo que vinha, acompanhado de seus amigos e irmãos, para encontrar a noiva, ao som de tamborins e outros instrumentos, e trazendo muitas armas. ⁴⁰Os judeus, saindo do esconderijo, os atacaram e mataram; muitos caíram feridos, e os outros fugiram para os montes. Os judeus recolheram os despojos que eles haviam abandonado. ⁴¹Assim, a festa de casamento se transformou em

velório, e o som das suas músicas em cântico fúnebre. ⁴²Após ter vingado a morte do seu irmão, voltaram para as margens pantanosas do rio Jordão. ⁴³Ao saber disso, Báquides foi, num sábado, com todo o seu exército, para o outro lado do rio Jordão. ⁴⁴Jônatas disse aos que estavam com ele: “Vamos lutar pela nossa própria vida, pois hoje não é como das outras vezes. ⁴⁵Vamos ter luta pela frente e pelas costas, pois temos as águas do Jordão de um lado e brejo e matagal do outro. Não há por onde escapar. ⁴⁶Portanto, clamem a Deus, pedindo que possamos nos salvar das mãos de nossos inimigos”. ⁴⁷Travou-se a batalha. Jônatas esteve a ponto de atingir Báquides, mas este escapou, desviando-se para trás. ⁴⁸Então Jônatas e seus companheiros se jogaram no rio Jordão e o atravessaram a nado, mas o pessoal de Báquides não atravessou o rio para persegui-los. ⁴⁹Nesse dia, Báquides perdeu cerca de mil homens. [32-49]

Impossível governar sem o povo — ⁵⁰Báquides voltou para Jerusalém e passou a construir cidades fortificadas na Judeia. Construiu fortalezas em Jericó, Emaús, Bet-Horon, Betel, Tamnata, Faraton e Tefon, todas com muralhas bem altas, portões e trancas. ⁵¹Em cada uma delas colocou um pelotão de soldados para combater contra Israel. ⁵²Fortificou também as cidades de Betsur, Gazara e a fortaleza, colocando aí contingentes militares e mantimentos. ⁵³Tomou os filhos dos dirigentes do país como reféns e deixou-os presos na fortaleza, em Jerusalém.

⁵⁴No segundo mês do ano cento e cinquenta e três, Alcimo mandou derrubar o muro do pátio interno do Templo. Ele pretendia destruir o que os profetas tinham feito, mas apenas começou a executar a demolição. ⁵⁵Na mesma ocasião, ele caiu doente, e suas obras foram interrompidas. Sua boca ficou paralisada, de modo que não podia falar, nem dirigir a sua casa. ⁵⁶Pouco depois, morreu no meio de grandes sofrimentos. ⁵⁷Báquides, ao saber da morte de Alcimo, voltou para junto do rei, e a Judeia ficou tranquila por dois anos. [50-57]

Um passo à frente — ⁵⁸Todos os apóstatas se reuniram em conselho e combinaram: “Vejam como Jônatas e seus companheiros estão vivendo tranquilos e seguros! Vamos trazer Báquides de volta, e ele será capaz de prendê-los todos numa só noite”. ⁵⁹Então foram conversar com Báquides. ⁶⁰Este marchou com grande exército e, ao mesmo tempo, mandou instruções secretas a todos os seus colaboradores na Judeia, para que ajudassem a pegar Jônatas e seus

companheiros. Mas nada conseguiram, porque o plano deles foi descoberto. ⁶¹Os companheiros de Jônatas prenderam e mataram uns cinquenta homens do território, que eram os cabeças dessa traição.

⁶²Jônatas, Simão e seus companheiros fugiram para Bet-Basi, na região do deserto. Reconstruíram e fortificaram o lugar. ⁶³Logo que soube disso, Báquides juntou toda a sua tropa, mandou avisar o pessoal da Judeia ⁶⁴e foi cercar Bet-Basi. Lutou contra a cidade por muito tempo e fez até máquinas de assalto. ⁶⁵Jônatas deixou o irmão Simão na cidade, e saiu para campo aberto com número reduzido de companheiros. ⁶⁶Derrotou Odomer e seus irmãos e também o pessoal de Farison, que estava no acampamento. Assim eles começaram a vencer e foram crescendo em forças. ⁶⁷Enquanto isso, Simão e os que tinham ficado com ele saíram da cidade e puseram fogo nas máquinas de assalto. ⁶⁸Em seguida, lutaram diretamente contra Báquides, e o derrotaram. Báquides ficou muito humilhado, porque seu plano e campanha tinham sido inúteis. ⁶⁹Ficou furioso contra os apóstatas, que lhe tinham aconselhado a fazer essa expedição; matou muitos, e resolveu voltar para a sua terra. ⁷⁰Ao saber da decisão de Báquides, Jônatas mandou embaixadores para propor-lhe a paz e a troca de prisioneiros. ⁷¹Ele aceitou, fez o que Jônatas propôs e jurou que nunca mais iria prejudicá-lo durante toda a vida. ⁷²Devolveu os prisioneiros que tinha feito na Judeia, voltou para a sua terra e nunca mais fez incursões no território judaico.

⁷³Assim Israel ficou livre da guerra. Jônatas foi morar em Macmas, começou a governar o povo e fez desaparecer os ímpios do meio de Israel. [58-73]

10 *Não se tornar joguete dos poderosos* — ¹No ano cento e sessenta, Alexandre, filho de Antíoco Epífanês, embarcou, tomou posse de Ptolemaida, foi bem recebido, e aí começou a reinar. ²Ao receber a notícia, o rei Demétrio reuniu enorme exército e partiu para enfrentá-lo. ³Demétrio enviou a Jônatas uma carta com palavras amigas, prometendo engrandecê-lo muito. ⁴Ele pensava: “Vamos fazer logo um acordo com ele, antes que ele faça acordo com Alexandre e contra nós. ⁵Caso contrário, ele poderá lembrar todo o mal que nós lhe fizemos, a ele, aos seus irmãos e a toda a sua gente”. ⁶Nessa carta, dava-lhe autoridade para recrutar exército, fabricar armas e ser aliado seu, além de ordenar que lhe fossem entregues os reféns que estavam na fortaleza.

⁷Jônatas foi até Jerusalém e leu a carta para todo o povo, de modo que pudessem ouvir também os que estavam na fortaleza. ⁸Todos ficaram muito

assustados ao ouvir que o rei lhe tinha dado autorização para recrutar exército. ⁹Os que estavam na fortaleza entregaram-lhe os reféns, que Jônatas devolveu às suas famílias. ¹⁰Jônatas passou a morar em Jerusalém, e começou a reconstruir e restaurar a cidade. ¹¹Aos que estavam executando a reforma das muralhas, em volta do monte Sião, mandou que usassem pedras quadradas, para ficar mais resistentes. Eles assim fizeram. ¹²Então os estrangeiros que estavam nas fortalezas, construídas por Báquides, fugiram. ¹³Cada um abandonou o posto e foi embora para a sua terra. ¹⁴Somente em Betsur ficaram alguns apóstatas que tinham abandonado a Lei e os mandamentos. Aí era o refúgio deles.

¹⁵O rei Alexandre soube das promessas que Demétrio tinha feito a Jônatas. Contaram-lhe também as batalhas e façanhas que Jônatas e seus irmãos tinham realizado e as dificuldades que tinham superado. ¹⁶Ele comentou: “Nunca iremos encontrar homem igual a esse! Vamos fazer dele um amigo e aliado nosso!” ¹⁷Então, enviou-lhe uma carta nestes termos: ¹⁸“Do rei Alexandre ao seu irmão Jônatas. Saudações! ¹⁹Estamos bem informados a seu respeito e sabemos que você é homem corajoso e forte, com qualidades para ser nosso amigo. ²⁰Por isso, nós o nomeamos hoje sumo sacerdote do seu povo, e terá o título de amigo do rei. Nós confiamos que você estará conosco em nossos objetivos e que será sempre nosso amigo”. E lhe mandou um manto de púrpura e uma coroa de ouro.

²¹Na festa das Tendias, no sétimo mês do ano cento e sessenta, Jônatas começou a usar as vestes sagradas. Enquanto isso, ia também recrutando soldados e fabricando muitas armas. [10,1-21]

Discernir para não perder — ²²Demétrio ouviu falar disso, e ficou muito contrariado. Pensou: ²³“O que será que fizemos para Alexandre conseguir passar na nossa frente e conquistar a amizade dos judeus? ²⁴Também eu vou escrever-lhes palavras de encorajamento, de elogios e com promessa de donativos, para ficarem do meu lado”. ²⁵E mandou-lhes uma carta redigida nestes termos: “Do rei Demétrio ao povo judeu. Saudações! ²⁶Ficamos muito contentes ao saber que vocês estão observando os acordos feitos conosco, e que continuam nossos amigos fiéis, sem passar para o lado de nossos inimigos. ²⁷Continuem sendo fiéis a nós e retribuiremos com benefícios tudo aquilo que fizerem por nós: ²⁸isentaremos vocês de muitos impostos e concederemos favores. ²⁹A partir de agora, eu libero e isento todos os judeus de pagar o tributo

e o imposto sobre o sal e sobre o ouro da coroa. ³⁰Renuncio à terça parte da produção de plantações anuais e à metade do fruto das árvores a que eu teria direito. A partir de hoje e para todo o sempre, deixo de recolher tudo isso da Judeia e de seus três distritos anexos da Samaria e da Galileia. ³¹Jerusalém seja uma cidade santa e isenta, junto com o seu território, sem dízimos e sem impostos.

³²Renuncio também ao poder sobre a fortaleza que está em Jerusalém, passando-a para o sumo sacerdote, a fim de que coloque aí homens por ele escolhidos para guardá-la. ³³Dou gratuitamente a liberdade a todo prisioneiro de guerra que tenha sido levado da Judeia para qualquer parte do meu reino. Todos ficarão livres de qualquer tributo, inclusive sobre os animais. ³⁴Todos os dias de festa, sábados, luas novas, dias santos, como também os três dias antes e três dias depois de cada festa, serão dias de isenção e anistia de impostos para todos os judeus que moram no meu reino. ³⁵Ninguém estará autorizado a perturbar ou incomodar nenhum judeu por nenhum motivo. ³⁶Serão recrutados cerca de trinta mil judeus para os exércitos do rei, e eles receberão o mesmo pagamento que as outras tropas reais. ³⁷Alguns deles serão destacados para as maiores fortalezas do rei, e outros serão nomeados para cargos de confiança no reino. Seus chefes e comandantes serão escolhidos entre eles, e todos poderão viver de acordo com suas próprias leis, conforme o rei determina para toda a Judeia.

³⁸Quanto aos três distritos da província da Samaria que foram anexados à Judeia, sejam com ela considerados dependentes de um só governo e não estejam debaixo de nenhuma outra autoridade que não seja a do sumo sacerdote. ³⁹Faço doação de Ptolemaida e sua região para o Templo de Jerusalém, a fim de cobrir as despesas do culto. ⁴⁰Farei também a cada ano um donativo pessoal de quinze mil moedas de prata, tiradas dentre as rendas do rei, que serão recolhidas em localidades mais convenientes. ⁴¹E o que ainda devo, isto é, o que não foi pago pelos meus encarregados, como se fazia no começo, agora será tudo entregue para as obras do Templo. ⁴²Além disso, as cinco mil moedas de prata que eram recolhidas, a cada ano, das rendas do Templo, vou deixar de recolher, porque pertencem aos sacerdotes oficiantes. ⁴³Ficam anistiados todos os que fugirem para o Templo ou para sua área, por causa de impostos reais ou por qualquer outra cobrança, assim como lhes fica também garantida a posse de tudo o que é seu, dentro do meu reino. ⁴⁴As despesas com a reconstrução e restauração do Templo ficam por conta do tesouro real. ⁴⁵Também sairão do

tesouro real as despesas para a reconstrução das muralhas de Jerusalém e para as fortificações ao seu redor. E a mesma coisa para se reerguerem outras muralhas na Judeia”. ⁴⁶Jônatas e o povo ouviram as propostas de Demétrio, mas não acreditaram, nem as aceitaram, pois estavam muito bem lembrados do grande mal que ele tinha feito contra Israel e como os havia oprimido. ⁴⁷Preferiram Alexandre, que foi o primeiro a lhes enviar mensagens de paz, e tornaram-se aliados permanentes dele.

⁴⁸Então o rei Alexandre reuniu grande exército e partiu para lutar contra Demétrio. ⁴⁹Os dois reis travaram combate, mas o exército de Demétrio acabou fugindo. Alexandre foi em sua perseguição e o derrotou. ⁵⁰A batalha foi muito dura e demorou até o pôr do sol. E, nesse dia, Demétrio morreu. [22-50]

Ambiguidade pós-revolucionária — ⁵¹Alexandre enviou embaixadores a Ptolomeu, rei do Egito, com a seguinte mensagem: ⁵²“Após voltar para o meu reino, e depois de me sentar no trono real dos meus pais e assumir o poder, esmaguei Demétrio e recuperei o nosso território. ⁵³Travei batalha contra ele e seu exército, e o derrotei. Em seguida, sentei-me no trono real dele. ⁵⁴Agora façamos aliança entre nós: dê-me sua filha como esposa, e eu me tornarei seu genro. Para você e para ela darei presentes dignos de você”.

⁵⁵O rei Ptolomeu respondeu: “Feliz o dia em que você voltou para a terra dos seus pais, e se assentou no trono real! ⁵⁶Farei o que você propôs na carta, mas venha ao meu encontro em Ptolemaida, para que possamos ver-nos pessoalmente. Aí eu me tornarei seu sogro, como você pediu”.

⁵⁷Ptolomeu partiu do Egito, levando consigo a filha Cleópatra, e foi até Ptolemaida, no ano cento e sessenta e dois. ⁵⁸O rei Alexandre foi ao seu encontro. Ptolomeu entregou-lhe sua filha Cleópatra e celebrou o casamento em Ptolemaida, com grandes solenidades, como os reis costumam fazer. ⁵⁹O rei Alexandre escreveu também para Jônatas, convidando-o a ir ao seu encontro. ⁶⁰Jônatas foi a Ptolemaida com todo o aparato, e aí encontrou os dois reis. Deu prata, ouro e muitos presentes a eles e seus amigos. Foi muito bem tratado por eles. ⁶¹Ajuntou-se, porém, contra ele a peste de Israel, alguns apóstatas prontos para acusá-lo. Mas o rei não lhes deu atenção. ⁶²Ao contrário, mandou Jônatas trocar as roupas, e o revestiram com púrpura. E assim foi feito. ⁶³Em seguida, o rei fez com que ele se sentasse ao seu lado. E falou aos oficiais: “Saíam com ele pela cidade e anunciem para que ninguém o acuse de nada, nem o perturbe por

motivo nenhum”. ⁶⁴Quando os acusadores viram o prestígio de Jônatas, as proclamações do arauto e a púrpura com que estava vestido, fugiram todos. ⁶⁵E o rei lhe deu honra ainda maior, colocando-o entre os seus maiores amigos e o nomeou general e governador. ⁶⁶Jônatas voltou para Jerusalém tranquilo e feliz. [51-66]

Poder ou dependência? — ⁶⁷No ano cento e sessenta e cinco, Demétrio, filho de Demétrio, foi de Creta para a terra de seus pais. ⁶⁸Ao saber disso, o rei Alexandre ficou muito preocupado e voltou para Antioquia. ⁶⁹Entretanto, Demétrio nomeou, como seu general, Apolônio, governador da Celessíria. Este reuniu grande exército e acampou perto de Jâmnia. E mandou dizer ao sumo sacerdote Jônatas: ⁷⁰“Você é o único que se revoltou contra nós e me deixou em posição ridícula. Por que você conta vantagem contra nós entre as montanhas? ⁷¹Se você confia em seu exército, desça contra nós na planície. Vejamos quem pode mais, porque do meu lado estão as forças das cidades. ⁷²Pergunte, e você ficará sabendo quem sou eu e quem são os meus aliados. Vão dizer-lhe que vocês não serão capazes de ficar de pé diante de nós, pois seus antepassados fugiram duas vezes no seu próprio país. ⁷³Vocês não serão capazes de resistir à cavalaria e a este exército tão numeroso, na planície onde não existem pedras, pedreiras, nem lugar para onde fugir”.

⁷⁴Ao receber o recado de Apolônio, Jônatas ficou alterado, escolheu dez mil homens e saiu de Jerusalém. Seu irmão Simão juntou-se a ele com reforços. ⁷⁵Jônatas acampou diante de Jope. Como aí estava uma guarnição de Apolônio, o pessoal da cidade fechou as portas. Então Jônatas atacou a cidade. ⁷⁶Os que estavam dentro ficaram com medo, abriram as portas e Jônatas tomou Jope. ⁷⁷Ao saber disso, Apolônio convocou três mil cavaleiros, além de poderoso exército, e partiu na direção de Azoto, como se quisesse atravessar a região. Ao mesmo tempo, porém, contando com sua numerosa cavalaria, avançou pela planície. ⁷⁸Jônatas marchou atrás dele, na direção de Azoto, e os dois exércitos se enfrentaram. ⁷⁹Apolônio tinha deixado mil cavaleiros escondidos na retaguarda, ⁸⁰porém Jônatas sabia que tinha uma emboscada atrás de si. Deixou seu exército ficar cercado e permitiu que atirassem flechas contra eles desde o amanhecer até o entardecer. ⁸¹Os soldados resistiram de acordo com as instruções de Jônatas, até que os cavaleiros de Apolônio se cansaram. ⁸²Quando a cavalaria se cansou, Simão avançou com as tropas e atacou. Os inimigos foram

derrotados e começaram a fugir. ⁸³Os cavaleiros ficaram perdidos pela planície; depois fugiram para Azoto e entraram em Bet-Dagon, templo do seu ídolo, tentando colocar-se a salvo. ⁸⁴Jônatas, porém, incendiou Azoto e as cidades vizinhas, após recolher os despojos. Incendiou também o templo de Dagon com todos os que se haviam refugiado dentro dele. ⁸⁵Aqueles que tombaram a fio de espada ou morreram queimados chegaram a oito mil. ⁸⁶Jônatas partiu daí e acampou diante de Ascalon. Os habitantes da cidade saíram e o receberam com grande festa. ⁸⁷Daí, Jônatas e seus companheiros voltaram para Jerusalém, carregando muitos despojos.

⁸⁸O rei Alexandre ouviu contar esses fatos e resolveu conceder mais honrarias a Jônatas. ⁸⁹Mandou-lhe, então, uma fivela de ouro, que é costume oferecer aos parentes do rei, e concedeu-lhe também, a título de doação, a propriedade de Acaron e todo o seu território. [67-89]

11 *Luta pelo poder* — ¹O rei do Egito reuniu um exército, tão numeroso como a areia da praia, e muitos navios. Ele pretendia dar um golpe para tomar o reino de Alexandre e anexá-lo ao seu. ²Partiu para a Síria com propostas de amizade. O pessoal de cada cidade abria as portas e saía ao encontro dele, porque Alexandre tinha ordenado que o acolhessem, pois se tratava do seu sogro. ³Porém, logo que entrava numa cidade, Ptolomeu deixava aí uma guarnição militar. ⁴Quando chegou perto de Azoto, mostraram-lhe o templo de Dagon todo incendiado, Azoto e seus arredores em ruínas, cadáveres espalhados e corpos queimados por Jônatas durante a guerra, pois eles tinham sido amontoados ao longo do caminho. ⁵Contaram ao rei tudo o que Jônatas fizera, esperando que o reprovasse, mas ele não disse nada. ⁶Entretanto, Jônatas foi ao encontro dele em Joze, com toda a pompa. Os dois se cumprimentaram e aí passaram a noite. ⁷Depois Jônatas acompanhou o rei até o rio Elêutero. Em seguida, voltou para Jerusalém. ⁸O rei Ptolomeu, de sua parte, foi tomando todas as cidades da orla marítima, até chegar a Selêucida, junto ao mar. Eram maus os seus planos contra Alexandre. ⁹Mandou emissários ao rei Demétrio com este recado: “Venha, vamos fazer uma aliança: eu lhe dou como esposa a minha filha que está com Alexandre, e será você de fato o rei no reino do seu pai. ¹⁰Estou arrependido de ter dado minha filha como esposa a Alexandre, porque agora ele está querendo me matar”. ¹¹Ptolomeu caluniou Alexandre, porque estava interessado no seu reino. ¹²Depois de raptar sua filha, entregou-a a Demétrio. Foi assim que ele

mudou de atitude com relação a Alexandre, e a inimizade entre os dois se tornou pública. ¹³A seguir, Ptolomeu entrou em Antioquia e se fez coroar como rei da Ásia. Ficou com duas coroas reais: a do Egito e a da Ásia.

¹⁴Enquanto isso, o rei Alexandre estava na Cilícia, porque o povo dessas regiões se havia revoltado. ¹⁵Ao tomar conhecimento do que estava acontecendo, foi lutar contra Ptolomeu. No entanto, este o enfrentou com forças maiores e o derrotou. ¹⁶Alexandre fugiu para a Arábia, a fim de se esconder, enquanto o rei Ptolomeu recebia homenagens. ¹⁷O árabe Zabdiel cortou a cabeça de Alexandre e a mandou a Ptolomeu. ¹⁸Entretanto, o rei Ptolomeu morreu três dias depois, e os soldados que ele tinha deixado nas fortalezas foram mortos pelo pessoal que morava nestas cidades fortificadas. ¹⁹Desse modo, Demétrio começou a reinar no ano cento e sessenta e sete. [11,1-19]

A guerra cede lugar à diplomacia — ²⁰Nessa mesma época, Jônatas reuniu os soldados da Judeia para atacar a fortaleza em Jerusalém, e mandou construir muitas máquinas de assalto para essa luta. ²¹Uns maus patriotas, apóstatas, foram dizer ao rei Demétrio que Jônatas tinha cercado a fortaleza. ²²Ao ouvir isso, Demétrio ficou furioso, e resolveu partir imediatamente para Ptolemaida. Escreveu a Jônatas ordenando que suspendesse o cerco à fortaleza e fosse o mais breve possível ao seu encontro em Ptolemaida. ²³Ao receber a carta, Jônatas mandou continuar o cerco. Em seguida, escolheu alguns anciãos de Israel e sacerdotes, e foi pessoalmente enfrentar o perigo. ²⁴Levando prata e ouro, roupas e outros presentes, apresentou-se ao rei em Ptolemaida, e este o recebeu bem. ²⁵Alguns apóstatas continuaram falando contra Jônatas, ²⁶mas o rei Demétrio tratou-o da mesma forma que os reis anteriores, elogiando-o diante de todos os amigos: ²⁷confirmou-o como sumo sacerdote e nos outros cargos importantes que ele tinha antes, e o considerou como um dos seus principais amigos. ²⁸Jônatas pediu ao rei que isentasse de impostos a Judeia e os três distritos da Samaria; em compensação, ele lhe mandaria dez toneladas de prata. ²⁹O rei concordou, e sobre isso lhe escreveu a seguinte carta: ³⁰“Do rei Demétrio ao seu irmão Jônatas e à nação dos judeus. Saudações! ³¹Aqui transcrevemos cópia da carta que escrevemos a respeito de vocês ao nosso parente Lástenes, a fim de que possam dela tomar conhecimento: ³²Do rei Demétrio ao seu pai Lástenes. Saudações! ³³Nós achamos bom favorecer a nação dos judeus, que são nossos amigos e observam tudo o que nos parece

justo, por causa das suas boas intenções a nosso respeito. ³⁴Nós confirmamos para eles a posse do território da Judeia e dos três distritos de Aferema, Lida e Ramataim, que eram da Samaria e foram anexados à Judeia, com tudo o que lhes pertence, em benefício dos sacerdotes de Jerusalém, como compensação pelos impostos que pagavam anualmente ao rei sobre a produção das plantações e dos frutos das árvores. ³⁵Outros tributos que são devidos a nós como dízimo, o imposto das salinas e as coroas que nos devem, a partir de hoje nós dispensamos os judeus de tudo isso. ³⁶Nenhuma dessas disposições será revogada, a partir de agora e para todo o sempre. ³⁷Cuide-se, pois, de fazer uma cópia desse documento, que será entregue a Jônatas, a fim de que o coloque em lugar bem visível na montanha santa”. [20-37]

Pode-se confiar nos poderosos? — ³⁸O rei Demétrio sentiu que o país estava em calma e que ninguém mais lhe fazia oposição. Dispensou, então, suas forças armadas, voltando cada um para sua casa, menos os batalhões mercenários recrutados entre as ilhas das nações. Todos os contingentes, porém, que eram do tempo dos seus pais, voltaram-se contra ele. ³⁹Trifão, antigo partidário de Alexandre, notou que todos os quartéis estavam reclamando contra Demétrio, e foi à procura do árabe Jâmlico, que estava criando o menino Antíoco, filho de Alexandre. ⁴⁰Pediu que lhe entregasse o menino para fazê-lo rei no lugar do pai Alexandre. Contou-lhe tudo o que Demétrio tinha feito e como suas tropas o odiavam. E Trifão permaneceu aí muitos dias.

⁴¹Nesse meio-tempo, Jônatas mandou pedir ao rei Demétrio que retirasse as guarnições da fortaleza de Jerusalém e das outras fortalezas, pois estavam continuamente provocando Israel. ⁴²Demétrio mandou a Jônatas esta resposta: “Não farei somente isso por você e pela sua nação. Logo que me for dada oportunidade, darei muito prestígio a você e a seu povo. ⁴³No momento, eu gostaria que me mandasse alguns homens para lutar ao meu lado, porque todas as minhas tropas me abandonaram”. ⁴⁴Então Jônatas mandou três mil homens valentes para Antioquia. Quando se apresentaram ao rei, este ficou muito contente. ⁴⁵A população da cidade se aglomerou no centro: eram cerca de cento e vinte mil pessoas querendo matar o rei. ⁴⁶Ele fugiu para dentro do palácio, enquanto o povo tomava conta das ruas e começava a atacar. ⁴⁷Então o rei pediu ajuda aos judeus, que se reuniram todos do lado dele. Depois foram se espalhando pela cidade, e nesse dia mataram cerca de cem mil pessoas. ⁴⁸Nesse

mesmo dia, incendiaram a cidade, recolheram muitos despojos e salvaram o rei. ⁴⁹Os revoltosos viram que os judeus foram capazes de dominar a cidade como quiseram, e perderam a coragem. Começaram a gritar para o rei, dizendo: ⁵⁰“Vamos fazer as pazes, e que os judeus parem de nos atacar, a nós e à nossa cidade”. ⁵¹Depuseram as armas e fizeram um acordo. Então os judeus cresceram no prestígio diante do rei e de todos os que viviam no seu reino. E voltaram para Jerusalém, levando muitos despojos. ⁵²Então o rei Demétrio ocupou o trono, e o país ficou em paz sob o seu governo. ⁵³Demétrio, porém, não cumpriu nenhuma das promessas: distanciou-se de Jônatas e, em lugar de retribuir os serviços que este lhe havia prestado, começou a causar-lhe muitos dissabores. [38-53]

Aproveitando as intrigas — ⁵⁴Depois de tudo isso, Trifão voltou, trazendo Antíoco, ainda muito jovem. Antíoco foi proclamado rei e passou a usar a coroa. ⁵⁵Todos os contingentes militares que Demétrio tinha dispensado passaram para o lado de Antíoco, lutaram contra Demétrio, que foi derrotado e teve de fugir. ⁵⁶Trifão se apossou dos elefantes e tomou a cidade de Antioquia. ⁵⁷Então o jovem Antíoco escreveu uma carta para Jônatas, dizendo: “Eu o confirmo como sumo sacerdote, lhe entrego o governo dos quatro distritos e o faço um dos amigos do rei”. ⁵⁸Mandou-lhe taças de ouro e talheres completos, dando-lhe o direito de beber em taças de ouro, de vestir o manto de púrpura e usar a fivela de ouro. ⁵⁹Colocou o irmão dele, Simão, como comandante da região que ia desde a Escada de Tiro até a fronteira com o Egito. ⁶⁰Jônatas partiu em expedição pelas cidades do outro lado do rio, e as tropas da Síria se reuniram ao seu lado, para auxiliar nos combates. Chegou assim até Ascalon, e o pessoal da cidade o recebeu com festas. ⁶¹Daí foi para Gaza, mas os habitantes da cidade trancaram as portas. Então Jônatas cercou a cidade, saqueou e incendiou seus arredores. ⁶²Os habitantes de Gaza pediram paz a Jônatas. Ele a concedeu, mas prendeu os filhos de seus governantes como reféns, e os mandou para Jerusalém. Em seguida, atravessou o país até chegar a Damasco.

⁶³Jônatas ouviu falar que os generais de Demétrio estavam perto de Cedes na Galileia, com forte exército, pretendendo cortar-lhe o caminho. ⁶⁴Então marchou para enfrentá-los, deixando o seu irmão Simão no país. ⁶⁵Simão acampou em frente a Betsur, lutou muitos dias contra a cidade e, por fim, conseguiu fechar-lhe todas as saídas. ⁶⁶Os habitantes pediram paz e ele a concedeu. Contudo, obrigou-os a abandonar a cidade, ocupou-a, e nela colocou uma guarnição.

⁶⁷Enquanto isso, Jônatas e seu exército acamparam perto do lago de Genesar, e de manhã cedo rumaram para a planície de Asor. ⁶⁸O exército dos estrangeiros enfrentou-os na planície, mas deixaram nos montes uma emboscada contra Jônatas. Enquanto os primeiros o atacavam pela frente, ⁶⁹os da emboscada saíram e começaram também a lutar. ⁷⁰Todos os companheiros de Jônatas fugiram. Ficaram apenas Matatias, filho de Absalão, e Judas, filho de Calfi, que eram generais do exército. ⁷¹Diante disso, Jônatas rasgou as roupas, cobriu a cabeça de terra e rezou. ⁷²Depois saiu para a luta contra os inimigos e os derrotou, fazendo-os fugir. ⁷³Seus companheiros, que estavam fugindo, tornaram a se unir com Jônatas e perseguiram os inimigos até Cedes, onde estava o acampamento inimigo. Aí chegando, acamparam. ⁷⁴Nesse dia, morreram cerca de três mil soldados estrangeiros. E Jônatas voltou para Jerusalém. [54-74]

12 *Uma nação entre as outras?* — ¹Vendo que o tempo estava trabalhando em seu favor, Jônatas escolheu alguns homens e os mandou a Roma, para confirmar e renovar a amizade com os romanos. ²Para Esparta e outros lugares, enviou cartas com a mesma finalidade. ³Tendo chegado a Roma, os mensageiros de Jônatas entraram no Senado e disseram: “O sumo sacerdote Jônatas e a nação dos judeus nos mandaram aqui para renovar o acordo de amizade e mútua defesa, como antigamente”. ⁴Os romanos deram-lhes salvo-conduto, para que pudessem chegar à Judeia sãos e salvos.

⁵Cópia da carta que Jônatas escreveu aos espartanos: ⁶“Do sumo sacerdote Jônatas, do conselho da nação, dos sacerdotes e do povo judeu em geral, aos irmãos espartanos. Saudações! ⁷Já no passado foi enviada ao sumo sacerdote Onias uma carta da parte de Ario, rei de vocês, dizendo que vocês são nossos irmãos. Anexamos uma cópia dessa carta. ⁸Onias recepcionou com honras o portador da carta e aceitou a carta onde se falava de amizade e aliança. ⁹Nós, porém, não precisamos disso, pois temos o apoio dos livros sagrados que estão em nossas mãos. ¹⁰Mesmo assim, estamos tentando renovar a fraternidade e a amizade nossa com vocês, para não nos tornarmos estranhos uns aos outros, pois já faz muito tempo que vocês nos mandaram a carta. ¹¹Durante todo esse tempo, sem qualquer interrupção, nas festas e outros dias estabelecidos, nos lembramos de vocês durante os sacrifícios que oferecemos e nas orações, como é necessário fazer quando a gente se lembra dos irmãos. ¹²Estamos contentes com o sucesso de vocês. ¹³Nós, porém, estamos cercados de dificuldades e enfrentando muitas

tribulações e guerras, pois os reis nossos vizinhos nos atacaram. ¹⁴Não quisemos incomodá-los com essas guerras, como de resto a nenhum dos outros nossos amigos e aliados, ¹⁵porque nós temos a ajuda do Céu. Desse modo, nos livramos dos nossos inimigos, que foram humilhados. ¹⁶Agora, escolhemos Numênio, filho de Antíoco, e Antípatro, filho de Jasão, como embaixadores nossos junto aos romanos, a fim de renovar nossa antiga amizade e aliança com eles. ¹⁷Determinamos também que eles mesmos fossem transmitir a vocês nossos cumprimentos e levar esta carta, que tem por objetivo renovar nossa fraternidade. ¹⁸Finalmente, gostaríamos de receber uma resposta de vocês ao que nós aqui dizemos”.

¹⁹Cópia da carta que eles tinham mandado a Onias: ²⁰“De Ario, rei dos espartanos, ao grande sacerdote Onias. Saudações! ²¹Em documento sobre os espartanos e os judeus, foi descoberto que são parentes, descendentes de Abraão. ²²Assim, a partir do momento em que tivemos conhecimento disso, ficamos desejando muito que vocês nos escrevessem, falando da sua situação atual. ²³De nossa parte, queremos afirmar que o gado e as riquezas de vocês são nossos, da mesma forma que é de vocês tudo o que é nosso. Determinamos que lhes fosse levada uma mensagem nesse sentido”. [12,1-23]

Preparando a independência — ²⁴Jônatas ouviu falar que os generais de Demétrio tinham voltado para atacá-lo, trazendo exército mais numeroso que o anterior. ²⁵Então saiu de Jerusalém e foi enfrentá-los na região de Amatite, para que não lhe invadissem o território. ²⁶Jônatas mandou espiões ao acampamento inimigo. Ao voltar, contaram que os generais de Demétrio estavam preparados para cair de surpresa sobre os judeus naquela mesma noite. ²⁷Logo que o sol se pôs, Jônatas deu ordens para que os seus companheiros ficassem vigiando e estivessem armados, preparados para lutar a noite toda, e colocou sentinelas em torno do acampamento. ²⁸Quando os inimigos souberam que Jônatas e seus companheiros estavam preparados para a batalha, ficaram com medo e se acovardaram; acenderam fogueiras no acampamento e se retiraram. ²⁹Jônatas e seus companheiros, porém, não notaram nada até de manhã, pois viam as fogueiras acesas. ³⁰Foi quando saíram em perseguição contra eles, mas não conseguiram alcançá-los, porque já tinham atravessado o rio Elêutero. ³¹Jônatas voltou-se, então, para o lado dos árabes, chamados zabadeus, exterminou-os e recolheu os despojos. ³²Em seguida, levantou acampamento e foi para Damasco,

percorrendo toda a região. ³³Também Simão partiu para a luta. Atravessou até Ascalon e outros lugares fortificados. Depois foi para Jope e tomou a cidade. ³⁴De fato, ele tinha recebido notícia de que estavam querendo entregar essa fortaleza aos partidários de Demétrio. Por isso, deixou aí um batalhão de guarda para vigiar a cidade. [24-34]

Garantindo a capital — ³⁵Jônatas voltou e, em seguida, convocou a assembleia dos anciãos do povo para resolver com eles sobre a construção de lugares fortificados na Judeia, ³⁶a elevação da muralha de Jerusalém e a construção de uma alta muralha entre a fortaleza e a cidade. Desse modo, haveria separação entre ambas, para que a fortaleza ficasse isolada e seus ocupantes não pudessem vender nem comprar. ³⁷Então se reuniram para reconstruir a cidade. O muro junto do córrego ao lado oriental caiu, e Jônatas reconstruiu essa parte chamada Cafenata. ³⁸Simão, por seu lado, reconstruiu na planície a cidade de Adida, fortificou-a e colocou-lhe portões e trancas. [35-38]

O projeto ameaçado — ³⁹Trifão ambicionava tornar-se rei da Ásia, usar coroa e eliminar o rei Antíoco, ⁴⁰mas temia que Jônatas não lhe permitisse ou que o atacasse. Por isso, procurava maneiras de o pegar e matar. Levantou acampamento e foi para Betsã. ⁴¹Jônatas partiu para enfrentá-lo em Betsã, levando quarenta mil homens escolhidos para combate ordenado. ⁴²Quando Trifão viu que Jônatas vinha com poderoso exército, teve medo de prendê-lo. ⁴³Preparou-lhe, então, uma recepção festiva, apresentando-o a todos os seus amigos, deu-lhe muitos presentes e mandou que seus amigos e todas as suas tropas lhe obedecessem, como se fosse a ele próprio. ⁴⁴E perguntou a Jônatas: “Para que você está dando trabalho a um exército tão grande, quando não há ninguém lutando contra nós?” ⁴⁵Mande esse pessoal voltar para casa. Escolha apenas alguns homens e vamos comigo até Ptolemaida. Vou entregar a você a cidade com as outras fortalezas, o restante do exército e os encarregados de negócios. Em seguida, voltarei para casa. Foi para isso que vim até aqui”. ⁴⁶Jônatas acreditou nele e fez o que ele propôs: dispensou o exército, que voltou para a Judeia, ⁴⁷e ficou com três mil homens apenas. Deixou dois mil na Galileia, e mil foram com ele. ⁴⁸Logo que Jônatas entrou em Ptolemaida, o pessoal da cidade fechou as portas, prendeu Jônatas e matou à espada todos os seus acompanhantes. ⁴⁹Em seguida, Trifão mandou o exército e a cavalaria até a Galileia e a grande planície, para acabar com todos os companheiros de Jônatas.

⁵⁰Estes, porém, souberam que Jônatas e seus companheiros tinham sido presos e mortos. Animaram-se mutuamente e foram em coluna cerrada, prontos para entrar em luta. ⁵¹Seus perseguidores viram que eles estavam dispostos a arriscar a vida, e voltaram para trás. ⁵²Assim, todos puderam voltar tranquilamente para o país de Judá. Choraram Jônatas e seus companheiros e ficaram com muito medo. E todo o Israel fez grande luto. ⁵³As nações vizinhas começaram a pensar em acabar com os judeus, dizendo assim: “Eles não têm mais chefe, nem onde se apoiar! Vamos atacá-los e apagar a lembrança deles do meio da humanidade”.
[39-53]

V. SIMÃO

13 *Assumindo a causa do povo* — ¹Simão ouviu falar que Trifão reunira poderoso exército para devastar a Judeia. ²Viu que o povo estava apavorado e inquieto. Subiu, então, a Jerusalém, reuniu as tropas ³e procurou animá-las, dizendo: “Vocês sabem o que eu e meus irmãos, a família do meu pai, já fizemos por causa da Lei e do Templo, e conhecem nossas guerras e dificuldades. ⁴Todos os meus irmãos morreram pela causa de Israel; sobrei somente eu. ⁵Longe de mim, contudo, a ideia de poupar a minha vida, em momento nenhum de tribulação, pois não sou mais do que meus irmãos. ⁶Pelo contrário, vingarei o meu povo, o Templo, as mulheres e crianças de vocês, pois todas as nações, movidas pelo ódio, se reuniram para nos esmagar”. ⁷Ao ouvir essas palavras, todos se encorajaram ⁸e gritaram em alta voz: “Você é o nosso comandante no lugar dos seus irmãos Judas e Jônatas! ⁹Dirija a nossa guerra, e nós faremos tudo o que você nos mandar”. ¹⁰Simão convocou então todos os homens em condições de lutar, mandou terminar a muralha de Jerusalém e fortificar todo o contorno da cidade. ¹¹Depois enviou Jônatas, filho de Absalão, para Joque, com um grupo considerável. Jônatas expulsou os que estavam ocupando a cidade e nela se estabeleceu. [13,1-11]

Morte de Jônatas — ¹²Trifão saiu de Ptolemaida com poderoso exército, a fim de ir à Judeia, levando Jônatas como prisioneiro. ¹³Simão tinha acampado em Adida, diante da planície. ¹⁴Ao saber que Simão tinha assumido o lugar do seu irmão Jônatas, e que se preparava para combatê-lo, Trifão mandou mensageiros, com este recado: ¹⁵“Mantemos preso seu irmão Jônatas por causa do dinheiro que ele deve ao tesouro real, pelos cargos que exercia. ¹⁶Mande três toneladas e meia de prata, com dois filhos dele como reféns, para que Jônatas não fique contra nós, quando for libertado. Então nós o soltaremos”. ¹⁷Simão percebeu que falavam de má fé. No entanto, mandou entregar o dinheiro e as crianças, a fim de não provocar mal-estar entre o povo, ¹⁸já que poderiam dizer: “Jônatas morreu porque Simão não mandou o dinheiro, nem os filhos para Trifão”. ¹⁹Então ele mandou as crianças e as três toneladas e meia de prata. Trifão, porém, faltou à palavra e não soltou Jônatas. ²⁰Depois disso, Trifão marchou para invadir e saquear a região, rodeando pelo caminho de Adora. Simão e seu exército o

seguiram por toda a parte. ²¹Os que estavam na fortaleza enviavam recados a Trifão, solicitando que fosse encontrar-se com eles através do deserto e que lhes mandasse alimentos. ²²Trifão preparou toda a sua cavalaria, mas nessa noite nevou demais. Então ele se afastou da região e foi para Galaad. ²³Quando chegou perto de Bascama, matou Jônatas e aí o enterrou. ²⁴Em seguida, voltou para a sua terra.

²⁵Mais tarde, Simão mandou recolher os ossos do seu irmão Jônatas e sepultou-os em Modin, cidade dos seus pais. ²⁶Todo o Israel chorou muito por ele, e ficou de luto durante muitos dias. ²⁷Simão construiu um túmulo no lugar onde estavam sepultados seu pai e seus irmãos. Fez um monumento alto, vistoso, com pedras polidas de um lado e do outro. ²⁸Fez também sete pirâmides voltadas umas para as outras, em memória do seu pai, de sua mãe e de seus quatro irmãos. ²⁹Para isso construiu adornos artísticos, rodeados de grandes colunas, e colocou armaduras nas colunas para recordação perpétua. Junto das armaduras fez umas figuras de navios, que podiam ser vistas por quem estivesse navegando no mar. ³⁰Esse túmulo que ele construiu em Modin existe até o dia de hoje. [12-30]

Independência política — ³¹Trifão agiu com falsidade também com o jovem rei Antíoco, e o mandou matar. ³²Reinou em lugar dele, usou a coroa de rei da Ásia, e acabou provocando enorme desgraça no país. ³³Simão reconstruiu as fortalezas da Judeia, cercou-as de altas torres e grandes muralhas com portões e trancas, e as abasteceu com mantimentos. ³⁴Depois escolheu alguns homens e mandou-os ao rei Demétrio, para conseguir a isenção de impostos para o país, pois tudo o que Trifão fazia era roubar. ³⁵O rei Demétrio respondeu-lhe com esta carta: ³⁶“Do rei Demétrio ao sumo sacerdote Simão, amigo dos reis, aos anciãos e à nação dos judeus. Saudações! ³⁷Recebemos a coroa de ouro e a palma que vocês nos mandaram, e estamos prontos para fazer com vocês uma paz duradoura e escrever aos encarregados dos nossos negócios para que isentem vocês de impostos. ³⁸Continua em vigor o que nós já determinamos em favor de vocês. As fortalezas que vocês construíram ficam em seu poder. ³⁹Perdoamos os erros e falhas que vocês cometeram até a presente data, assim como o imposto real que nos devem. Caso devam alguma contribuição em Jerusalém, isso não será exigido. ⁴⁰Se alguns de vocês estiverem dispostos a se alistar em nossa guarda pessoal, venham alistar-se. E reine a paz entre nós!”

⁴¹Corria o ano cento e setenta, quando Israel ficou livre do jugo das outras nações. ⁴²A partir daí, o povo passou a escrever assim as datas em documentos e contratos: “Ano um de Simão, o Grande, sumo sacerdote, general e chefe dos judeus...” [31-42]

Solidificando a independência — ⁴³Nesses dias, Simão acampou contra Gazara, e com seu exército a cercou. Construiu uma torre móvel, chegou perto da cidade, atacou-lhe uma das torres e conseguiu tomá-la. ⁴⁴Os que estavam na torre móvel saltaram pa-ra dentro da cidade, provocando grande agitação. ⁴⁵Os homens da cidade subiram na muralha com suas mulheres e filhos. Rasgando a roupa, pediam paz a Simão em grandes gritos: ⁴⁶“Não nos trates segundo a nossa maldade, mas segundo a sua misericórdia!” ⁴⁷Simão não fez mal à população e suspendeu o ataque. Obrigou-os, porém, a sair da cidade e purificou as casas onde havia ídolos. Depois entrou na cidade entre hinos, cânticos e ações de graças. ⁴⁸Tirou daí tudo o que havia de impuro, e levou, para residir nesse lugar, gente que praticava a Lei. Fortificou a cidade e aí construiu uma casa para si. ⁴⁹O batalhão aquartelado na fortaleza em Jerusalém estava impedido de sair pela vizinhança para comprar ou vender; passavam muita fome e muitos morriam. ⁵⁰Eles clamaram a Simão, pedindo que lhes concedesse a paz. Simão concordou, mas expulsou-os daí e purificou a fortaleza de todas as abominações. ⁵¹Os judeus puderam entrar na fortaleza no dia vinte e três do segundo mês do ano cento e setenta e um. Entraram aos gritos e levando ramos, tocando cítaras, címbalos e harpas, entoando hinos e cânticos, pois acabava de ser derrotado o maior inimigo de Israel. ⁵²Simão determinou que esse dia fosse comemorado todos os anos com muita alegria. Fortificou ainda mais o monte do Templo, ao lado da fortaleza, e ficou aí residindo com a sua família. ⁵³Notando que seu filho João era homem feito, o nomeou comandante de todas as forças militares. E João foi morar em Gazara. [43-53]

14 ***Período de paz e prosperidade*** — ¹No ano cento e setenta e dois, o rei Demétrio reuniu suas tropas e foi para a Média, a fim de conseguir ajuda para a guerra contra Trifão. ²Arsaces, rei da Pérsia e da Média, soube que Demétrio tinha invadido o seu território e mandou um dos seus generais prendê-lo vivo. ³Ele foi, derrotou o exército de Demétrio, o prendeu e o levou para Arsaces, que o colocou na prisão.

⁴Durante toda a vida de Simão, a Judeia ficou em paz. Simão buscou o bem-

estar do seu povo, que aprovou sempre o seu governo e a sua glória. ⁵Ele gloriosamente tomou Jope e fez dela o seu porto, abrindo o caminho para as ilhas do mar. ⁶Alargou os limites da nação e manteve o país sob controle. ⁷Ajuntou grande número de prisioneiros e dominou Gazara, Betsur e a fortaleza. Delas retirou as impurezas, e ninguém lhe pôde resistir. ⁸Cada um pôde cultivar em paz seus campos, a terra dava suas colheitas, e as árvores da planície seus frutos. ⁹Os anciãos se assentavam nas praças, todos falando da prosperidade, enquanto os jovens se revestiam de glória, usando suas vestimentas de guerra. ¹⁰Abasteceu as cidades de alimentos, e destinou armamentos de fortaleza para cada uma. E a fama do seu nome chegou até o extremo da terra. ¹¹Consolidou a paz no país, e trouxe grande felicidade para Israel. ¹²Cada um podia ficar sentado debaixo de sua parreira e de sua figueira, sem que ninguém o incomodasse. ¹³Eliminou do país aqueles que lhe faziam guerra, e, nesses dias, os reis foram vencidos. ¹⁴Protegeu os pobres do seu povo, foi observante da Lei, e eliminou os apóstatas e perversos. ¹⁵Cobriu de esplendor o Templo e multiplicou seus utensílios sagrados. [14,1-15]

Relações diplomáticas — ¹⁶A notícia da morte de Jônatas chegou até Roma e Esparta, e todos lamentaram muito. ¹⁷Souberam, porém, que em lugar dele seu irmão Simão se tornara sumo sacerdote, e que tinha o controle de todo o país e das cidades que dele faziam parte. ¹⁸Escreveram-lhe em placas de bronze, renovando com ele a amizade e a aliança que outrora tinham contraído com seus irmãos Judas e Jônatas. ¹⁹O texto foi lido em Jerusalém na presença da comunidade.

²⁰Cópia da carta que os espartanos mandaram: “Dos magistrados e da cidade toda dos espartanos, ao grande sacerdote Simão, aos anciãos, aos sacerdotes e ao povo judeu em geral. Saudações aos irmãos! ²¹Os embaixadores que vocês enviaram ao nosso povo falaram a respeito do prestígio de vocês e do respeito que vocês impõem. Ficamos muito contentes com a vinda deles. ²²O que foi dito por eles, nós transcrevemos desta forma nos registros do povo: Numênio, filho de Antíoco, e Antípatro, filho de Jasão, embaixadores dos judeus, vieram até nós para renovar conosco o acordo de amizade. ²³O povo acha conveniente receber esses homens com todas as homenagens e transcrever nos livros de Atas Públicas tudo o que eles disseram, a fim de que o povo de Esparta possa conservar a memória desses fatos”. E transcreveram uma cópia de tudo para o

sumo sacerdote Simão.

²⁴Depois Simão mandou Numênio a Roma, levando enorme escudo de seiscentos quilos de ouro, a fim de confirmar o acordo de amizade com eles. [16-24]

Um ato institucional — ²⁵Ao ouvir contar tudo isso, o povo se perguntava: “Como é que vamos pagar Simão e seus filhos?” ²⁶Ele e seus irmãos, a família toda do seu pai, tornaram-se fortes, combateram os inimigos, assegurando a liberdade para Israel!” Então gravaram uma inscrição em bronze e a colocaram sobre colunas, no monte Sião. ²⁷O texto da inscrição é este: “No dia dezoito de Elul do ano cento e setenta e dois, que corresponde ao terceiro ano de Simão como sumo sacerdote em Asaramel, ²⁸por ocasião de uma grande assembleia que reuniu sacerdotes, povo, autoridades e anciãos do país, observou-se o seguinte: ²⁹Como estavam acontecendo muitas guerras no país, o sacerdote Simão, da família de Joarib, filho de Matatias, e seus irmãos arriscaram a vida e enfrentaram os adversários do seu povo para salvar o Templo e a Lei, e cobriram de glórias o seu povo. ³⁰Jônatas, depois de unificar o país e exercer a função de sumo sacerdote, foi juntar-se a seus antepassados. ³¹Então os inimigos dos judeus quiseram invadir o país e apoderar-se do Templo. ³²Simão, porém, levantou-se contra eles e lutou em favor da sua nação. Gastou muito do seu dinheiro para armar os homens do seu exército e pagar-lhes o soldo. ³³Fortificou as cidades da Judeia, inclusive Betsur, que fica no limite do país, antigo quartel inimigo, e aí deixou uma guarnição judaica. ³⁴Fortificou também Jope, no litoral, e Gazara, na região de Azoto, onde antes ficavam os adversários. Aí estabeleceu colônias judaicas, providenciando o necessário para que tudo corresse bem. ³⁵Vendo a fidelidade de Simão e seu interesse para engrandecer a pátria, o povo o nomeou chefe e sumo sacerdote, em vista de tudo o que fizera, por causa da justiça e honestidade com que fortalecia a nação e procurava por todas as formas exaltar mais e mais o seu povo. ³⁶Em seu tempo, expulsou os estrangeiros da região ocupada e os que estavam em Jerusalém, na Cidade de Davi. Eles tinham construído aí a fortaleza de onde saíam para profanar as vizinhanças do Templo, causando-lhe grave atentado à sua pureza. ³⁷Simão colocou na fortaleza soldados judeus para maior segurança do país e da cidade, e elevou as muralhas de Jerusalém. ³⁸Por isso, o rei Demétrio o confirmou como sumo sacerdote, ³⁹o incluiu entre seus amigos e o cumulou de grande glória, ⁴⁰pois soube que os judeus estavam sendo chamados pelos romanos de amigos,

aliados e irmãos; soube também que os próprios romanos tinham recebido os embaixadores de Simão com todas as honras. ⁴¹Os sacerdotes e os judeus resolveram, portanto, considerar Simão como governante e como sumo sacerdote para sempre, até que surgisse um profeta legítimo. ⁴²Além disso, resolveram que ele seria o comandante de suas tropas, para cuidar do Templo, nomear um administrador para obras públicas, outro para dirigir o país, e outro para responsabilizar-se pelas armas e comandar as fortalezas. ⁴³Ele teria toda a responsabilidade sobre o Templo, e todos lhe deveriam obedecer. Os documentos oficiais seriam todos escritos em seu nome, e ele vestiria o manto de púrpura com ornamentos de ouro. ⁴⁴Ninguém do povo ou dos sacerdotes poderá desobedecer a nenhum desses pontos, ou contradizer as ordens que ele der, ou, sem sua autorização, convocar reuniões no país, vestir-se de púrpura ou usar a fivela de ouro. ⁴⁵Será considerado passível de pena quem acrescentar ou revogar qualquer dessas decisões”.

⁴⁶Foi do agrado de todo o povo conferir a Simão o direito de agir de acordo com essas resoluções. ⁴⁷Simão aceitou e assumiu com prazer as funções de sumo sacerdote, de comandante das tropas e chefe da nação dos judeus, inclusive dos sacerdotes, para ficar à frente de todos. ⁴⁸Mandaram gravar esse documento em placas de bronze e colocá-lo no recinto do Templo, em lugar bem visível. ⁴⁹Uma cópia do texto deveria ficar no tesouro do Templo, à disposição de Simão e seus filhos. [25-49]

15 *Aliança por interesse* — ¹Antíoco, filho do rei Demétrio, enviou, das ilhas do mar, uma carta a Simão, sumo sacerdote e chefe da nação dos judeus, e a toda a nação. ²Este era o teor da carta: “Do rei Antíoco a Simão, sumo sacerdote e chefe da nação, e a todo o povo judeu. Saudações! ³Certos indivíduos, verdadeiras pragas, tomaram o reino dos meus pais. Agora eu estou querendo recuperar o reino para restabelecê-lo na situação em que antes se encontrava. Recrutei grande exército e equipei navios de guerra, ⁴pois quero percorrer o país e acertar as contas com aqueles que arruinaram a nossa terra e devastaram tantas cidades do meu reino. ⁵Agora, pois, eu lhe confirmo todas as isenções de impostos concedidas pelos reis meus antecessores, como também todas as outras isenções que lhe foram concedidas. ⁶Permito a você cunhar moeda própria como dinheiro oficial do seu país. ⁷Jerusalém e o Templo ficam livres de qualquer imposto. Todas as armas que você fabricou e as fortalezas que

construiu, e estão sob seu controle, ficam em seu poder. ⁸Tudo o que você deve ao imposto real, e o que seria devido daqui em diante, fica cancelado para todo o sempre. ⁹Após reconquistar o nosso reino, homenagearemos você, o seu povo e o Templo com honrarias tais, que o prestígio de vocês alcançará toda a terra”.

¹⁰No ano cento e setenta e quatro, Antíoco partiu para a terra dos seus pais. Os contingentes militares passaram para o lado dele, de modo que poucos ficaram com Trifão. ¹¹Antíoco o perseguiu. Trifão, porém, fugiu dele e foi para Dora, cidade à beira-mar, ¹²pois estava vendo que a desgraça lhe caía por cima, porque suas tropas o haviam abandonado. ¹³Antíoco acampou perto de Dora, tendo sob o seu comando cento e vinte mil soldados de infantaria e oito mil cavaleiros. ¹⁴Cercou a cidade, enquanto os navios a atacavam do lado do mar. Rodeou a cidade por terra e mar, e não deixou ninguém entrar nem sair. [15,1-14]

Nova dependência — ¹⁵Enquanto isso, Numênio e seus companheiros chegaram de Roma, trazendo cartas para os reis dos vários países. Nelas se dizia: ¹⁶“De Lúcio, cônsul dos romanos, ao rei Ptolomeu. Saudações! ¹⁷Vieram até nós, como amigos e aliados, alguns embaixadores dos judeus, enviados pelo sumo sacerdote Simão e pelo povo judeu, a fim de renovar nossa antiga amizade e aliança. ¹⁸Trouxeram um escudo de ouro pesando cerca de seiscentos quilos. ¹⁹Quisemos escrever aos reis dos vários países, a fim de que não lhes causem dano algum, nem façam guerra contra eles, contra suas cidades e seu território, nem se aliem com os inimigos deles. ²⁰Achamos conveniente aceitar o escudo que eles nos ofereceram. ²¹Portanto, se alguns indivíduos perniciosos fugirem do país deles para o seu, vocês deverão entregá-los ao sumo sacerdote Simão, para que ele os julgue de acordo com sua própria Lei”.

²²Escreveram a mesma coisa para o rei Demétrio, para Átalo, Ariarates, Arsaces ²³e para todos os países, para Sampsames, Esparta, Delos, Mindos, Siciônia, Cária, Samos, Panfília, Lícia, Halicarnasso, Rodes, Fasélis, Cós, Side, Arados, Gortina, Cnido, Chipre e Cirene. ²⁴E mandaram uma cópia dessas cartas ao sumo sacerdote Simão. [15-24]

A verdadeira intenção dos poderosos — ²⁵O rei Antíoco mantinha o ataque contra Dora, na parte nova da cidade, atacando-a com seus batalhões e construindo máquinas de assalto. Cercou Trifão, de maneira que ele não podia sair nem entrar. ²⁶Simão mandou dois mil homens escolhidos para lutarem sob o

comando de Antíoco, além de prata, ouro e muitos equipamentos. ²⁷Antíoco, porém, não aceitou. Ao contrário, deixou de lado tudo o que antes tinha combinado com Simão, rompendo com ele. ²⁸Mandou-lhe Atenóbio, um dos seus amigos, para conferenciar com ele e dizer: “Vocês tomaram Joze, Gazara e também a fortaleza de Jerusalém, que são cidades do meu reino. ²⁹Arruinaram suas vizinhanças, provocaram enorme desgraça por todo o país e tomaram muitas cidades do meu reino. ³⁰Agora, entreguem as cidades que vocês tomaram e também os impostos sobre os lugares que vocês dominaram fora do território da Judeia. ³¹Caso contrário, me darão em troca dezessete toneladas de prata, e mais dezessete toneladas como indenização por danos e prejuízos, e pelos impostos das cidades. Se não, faremos guerra contra vocês”.

³²Atenóbio, o amigo do rei, chegou a Jerusalém e aí pôde ver o luxo em que Simão vivia, os talheres de ouro e prata, o rico mobiliário, e ficou admirado. Transmitiu a Simão o recado do rei. ³³Simão respondeu: “Não tomamos terra de ninguém, nem nos apoderamos do que não era nosso! Somente recuperamos a herança de nossos antepassados. Dela, por certo tempo, nossos inimigos se haviam apoderado injustamente. ³⁴Apenas aproveitamos a oportunidade que tivemos de recuperar a herança de nossos antepassados. ³⁵Quanto a Joze e Gazara, que você reclama, elas eram fonte de mal-estar para o nosso povo e o nosso país. Contudo, pagaremos por elas três toneladas e meia de prata”. ³⁶Atenóbio nada respondeu. Furioso, voltou para junto do rei e contou-lhe tudo, falando do luxo de Simão e de tudo o que tinha visto. E o rei ficou enfurecido. [25-36]

Novas dificuldades — ³⁷Trifão conseguiu embarcar de navio e fugir para Ortosia. ³⁸O rei nomeou Cendebeu como comandante-chefe do litoral e confiou-lhe as tropas de infantaria e cavalaria. ³⁹Mandou-o acampar nas proximidades da Judeia, reconstruir a cidade de Quedron, fortalecer suas portas e iniciar a guerra contra o povo, enquanto o rei perseguia Trifão. ⁴⁰Cendebeu acampou perto de Jâmnia e começou a provocar o povo, a invadir a Judeia, fazer prisioneiros e matar. ⁴¹Reconstruiu Quedron e nela instalou a cavalaria e a infantaria, para que fizessem incursões e patrulhas pelas estradas da Judeia, conforme o rei lhe tinha ordenado.

16 *Nova liderança* — ¹João deixou Gazara e foi contar a seu pai Simão o que Cendebeu estava fazendo. ²Simão chamou seus dois filhos mais velhos,

Judas e João, e lhes disse: “Eu, os meus irmãos e toda a família do meu pai, combatemos os inimigos de Israel desde a nossa juventude até hoje, e com o nosso esforço conseguimos libertar Israel muitas vezes. ³Agora, porém, estou ficando velho, enquanto vocês, pela misericórdia de Deus, estão em idade madura. Ocupem o meu lugar e do meu irmão, e saiam para combater em favor da nossa nação. Que Deus os ajude!” ⁴João escolheu no país vinte mil homens de infantaria e cavalaria, e foi com eles enfrentar Cendebeu. Pernoitaram em Modin, ⁵levantaram-se de madrugada, saíram para a planície e viram o enorme exército de infantaria e cavalaria pronto para enfrentá-los. Entre os dois exércitos que estavam para se enfrentar havia um rio. ⁶João acampou com o seu exército bem na frente do inimigo. Percebendo que seus soldados estavam com medo de atravessar o rio, ele atravessou primeiro. Vendo isso, os soldados também atravessaram. ⁷Então ele organizou o exército, colocando a cavalaria no meio da infantaria, porque a cavalaria do inimigo era numerosa demais. ⁸Tocaram, então, as trombetas. Cendebeu e seu exército foram derrotados, caíram muitos feridos entre eles, e os que conseguiram escapar, fugiram para a fortaleza. ⁹Nessa ocasião Judas, irmão de João, ficou ferido. João perseguiu o exército de Cendebeu até chegar a Quedron, que fora reconstruída por Cendebeu. ¹⁰Alguns fugiram para as terras que existem ao redor de Azoto. João incendiou a cidade, causando duas mil baixas para o inimigo. Depois João retornou em paz para a Judeia. [15,37-16,10]

Ambiguidade do poder — ¹¹Ptolomeu, filho de Abubo, tinha sido nomeado comandante da planície de Jericó, e possuía muita prata e muito ouro, ¹²pois era genro do sumo sacerdote. ¹³Enchendo-se com ideias de grandeza, quis tomar posse do país e começou a tramar a morte de Simão e seus filhos. ¹⁴Simão estava inspecionando as cidades no interior do país, ocupado com os problemas administrativos delas. Chegou a Jericó acompanhado dos filhos Matatias e Judas, no ano cento e setenta e sete, no décimo primeiro mês, chamado Sabat. ¹⁵O filho de Abubo, que planejava uma traição, os recebeu na fortaleza chamada Doc, que ele próprio tinha construído. Ofereceu-lhes um grande banquete, colocando aí alguns homens de emboscada. ¹⁶Quando Simão e seus filhos já estavam embriagados, Ptolomeu e seus companheiros se levantaram, puxaram de suas armas, atacaram Simão na sala do banquete e o mataram, juntamente com seus dois filhos e alguns da sua comitiva. ¹⁷Assim, Ptolomeu praticou um grande crime, pagando o bem com o mal.

¹⁸Em seguida, Ptolomeu escreveu ao rei, contando o acontecido e pedindo que lhe mandasse tropas, a fim de ajudá-lo a tomar o país e suas cidades. ¹⁹Mandou outros a Gazara para eliminar João. Enviou cartas aos generais, convidando-os a passarem para o seu lado, com a promessa de lhes dar prata, ouro e presentes. ²⁰Mandou outros, enfim, tomar Jerusalém e a montanha do Templo. ²¹No entanto, alguém foi correndo contar a João em Gazara que seu pai e seus irmãos tinham sido mortos, e que Ptolomeu tinha mandado matá-lo também. ²²Ao ouvir isso, João ficou muito perturbado, prendeu os homens que foram para matá-lo e mandou executá-los, pois ele sabia que estavam atentando contra sua vida. ²³Os outros atos de João, suas guerras e as proezas que praticou, a reforma das muralhas que executou, tudo o que ele fez, ²⁴está escrito no livro das atas do seu sumo sacerdócio, a partir de quando ele se tornou sumo sacerdote no lugar do seu pai. [16,11-24]

NOTAS

[1,1-10] O macedônio Alexandre Magno formou um grande império, que foi disputado e dividido entre seus oficiais após sua morte prematura. A Palestina ficou disputada entre Ptolomeu, rei do Egito, e Seleuco, rei da Síria. Após certo tempo de relativa tranquilidade, os judeus se veem pressionados pelos Selêucidas, sucessores de Seleuco, especialmente por Antíoco IV Epífanes, que assumiu o poder em 175 a.C.

[11-15] Para assegurar seu domínio, Antíoco IV impunha costumes gregos aos povos dominados. Entre os judeus, um grupo liderado pelo sumo sacerdote Jasão (“geração de ímpios”), tornou-se favorável às medidas de Antíoco e facilitou a entrada de usos estrangeiros até em Jerusalém.

Toda dominação político-econômica lança mão da dominação cultural, para veicular sua ideologia, descaracterizando a identidade nacional. Para isso conta sempre com grupos nativos que se tornam porta-vozes do dominador, em troca de privilégios.

[16-40] Antíoco IV conquista o Egito para formar um grande império junto com a Síria. Situada a meio caminho, Jerusalém era importante ponto estratégico. Por isso, Antíoco a toma e a transforma em fortaleza.

É grande ingenuidade pensar que o dominador possa ir contra seus próprios

interesses, para beneficiar os dominados. Mais uma vez se justifica a crítica que os profetas faziam contra as alianças com os grandes.

[41-64] Para assegurar a unidade do império, Antíoco IV ameaça a identidade de cada povo. Suas medidas compreendem a imposição de leis, costumes e religião gregos. A resistência dos judeus provoca medidas drásticas: ou aceitar o decreto, ou morrer. *A Abominação da Desolação* (v. 54) é o altar dedicado ao deus grego Júpiter, construído dentro do Templo de Jerusalém (cf. nota em Dn 9,1-27).

Uma das mais cruéis formas de dominação consiste em assassinar a alma de um povo, que se expressa exatamente em suas particularidades legislativas, culturais, religiosas, artísticas e outras. Tal dominação nem sempre é explícita; muitas vezes, ela se realiza pela infiltração sutil da “moda estrangeira”, através dos meios de comunicação, que acabam por destruir a cultura genuína de um povo, substituindo-a por uma caricatura da cultura de povos poderosos.

[2,1-28] Da família de Matatias nasce o movimento de resistência judaica. O sofrimento diante da tentativa de assassinar a alma do povo gera a revolta que alimenta a luta contra o dominador.

[29-48] A observância do sábado era uma das marcas que identificavam o povo judeu no pós-exílio. Todavia, que adianta salvar a observância do sábado, quando por causa disso o povo todo pode ser destruído? A decisão do grupo de Matatias ecoará na palavra de Jesus: “O sábado foi feito para servir ao homem, e não o homem para servir ao sábado” (Mc 2,27).

[49-70] O testamento de Matatias mostra que a força para resistir ao dominador é alimentada por releitura da história: aqueles que tiveram significado na história do povo foram pessoas que acreditaram no projeto de Deus e procuraram corajosamente colocá-lo em prática. O homem não deve preocupar-se com sua própria honra, porque Deus a concede a todos aqueles que com ele se comprometem.

[3,1-9] O texto é elogio à pessoa do herói popular, que entrega a vida pela causa do povo. Ele combate tanto o opressor como também aqueles que, embora pertencendo ao povo, o atraíam, favorecendo o jogo do opressor (v. 5).

[10-26] A luta desigual entre um exército armado e um pequeno grupo relembra as antigas lutas do tempo dos juízes e de Davi. O que dá eficácia à luta é o esforço para defender a vida e o projeto que é dirigido para a conquista da liberdade. E quem lidera essa luta é o próprio Deus.

[27-41] Quando a resistência do povo ganha corpo, os donos do poder entram

em pânico. E sua primeira preocupação é reforçar o aparato militar, empenhando nisso todo o orçamento do país. A seguir, a estratégia consiste em desarticular a resistência, introduzir estrangeiros que não ofereçam perigo para o sistema e, finalmente, dividir o país, dificultando possíveis revoltas futuras. O tempo de crise é também o tempo dos aproveitadores: há sempre muita gente preparada para lucrar com a desgraça do povo (v. 41).

[42-60] Em situações extremas, é melhor partir para a luta do que ficar passivamente esperando a morte chegar. Onde encontrar coragem para a luta decisiva? Revendo a história, lembrando as lutas passadas e, sobretudo, entregando-se nas mãos de Deus, o aliado forte. É ele que concede a vitória a quem não teme entregar a própria vida para salvar o povo.

[4,1-27] O que sustenta a luta popular é a lembrança ativa das antigas vitórias do povo. Por outro lado, embora a luta dependa da ação de Deus, ela não dispensa o discernimento humano.

[28-35] A luta desigual relembra agora o confronto entre Davi e Golias.

[36-61] Jerusalém e o Templo são símbolos da libertação do povo. A purificação do Templo é feita para eliminar a presença e ação do opressor, que procura perverter a alma do povo (as pedras do v. 43 eram as do altar edificado a Júpiter — cf. 1,54). Nasce a festa da Hanucá ou Dedicção, celebrada com muitas luzes e alegria, e cujos ecos vamos encontrar em Jo 10,22.

[5,1-68] Firmemente estabelecido em Jerusalém, Judas combate agora todos os países vizinhos, já entregues ao dominador e que hostilizam os judeus residentes nessas regiões. A preocupação dele é certamente reconquistar todo o território que, no tempo de Salomão, pertenceu aos israelitas. Percebe-se, portanto, que as lutas iniciadas para preservar a identidade cultural e religiosa do povo, se transformam agora em campanha política para refazer um Estado independente.

[6,1-17] Antíoco IV Epífanes procurou exterminar pela força as raízes da identidade do povo judeu. Por isso, o autor considera sua morte como castigo do próprio Deus. Provavelmente o fato aconteceu antes da dedicação do Templo, narrada em 4,36-61.

[18-27] Aproveitando as lutas pelo poder entre os gregos, após a morte de Antíoco IV, Judas procura desalojar a guarnição colocada na fortaleza que se estabelecera em Jerusalém e que mantinha a cidade e o Templo sob constante ameaça. Os judeus que apoiavam os pagãos provavelmente eram aristocratas

proprietários de terras, que tinham o encargo de recolher o tributo para o rei. Sendo expulsos pelos Macabeus, e ficando sem suas propriedades, esses judeus não só ficavam prejudicados, mas também o tributo do rei deixava de ser recolhido.

[28-47] Pela primeira vez, os judeus têm que bater em retirada diante do exército inimigo. A fuga é compensada pela bravura de Eleazar.

[48-63] Os judeus resistem corajosamente em Betsur e Jerusalém. A falta de víveres, porém, compromete a luta, e por pouco a resistência não falha completamente. A providencial divisão entre os chefes gregos propicia uma trégua e um acordo. Todavia, a destruição da muralha deixa vulnerável a cidade.

Para resistir, o povo precisa contar com recursos extraordinários e com a solidariedade, para sobreviver e continuar a luta. É preciso estar alerta contra acordos que acabam desarticulando a luta popular e deixando o povo em situação vulnerável.

[7,1-25] Os Macabeus lutam em duas frentes: contra o exército grego e contra os judeus partidários da helenização, agora liderados pelo sumo sacerdote Alcimo. Os *assideus* eram um grupo interessado na independência religiosa; conseguida esta, eles entram em acordo com o dominador. Judas, porém, sabe que liberdade religiosa, sem independência política e econômica, nada significa. Todo movimento revolucionário, além dos inimigos externos, deve também enfrentar os inimigos internos, isto é, grupos que se vendem aos inimigos externos, traíndo a causa do povo, só para assegurar cargos e privilégios.

[26-50] Incapaz de combater diretamente a força popular, o dominador procura, primeiro, desmontar o movimento revolucionário, tentando prender o líder. Não conseguindo isso, o dominador recorre à repressão, procurando fazer que o povo fique desunido e entregue seus próprios líderes. Diante disso tudo, somente a solidariedade, articulada pelas lideranças, é capaz de conseguir a vitória. E o povo não deixa de consagrar essas datas como marcos fundamentais de uma nova história.

[8,1-16] Roma aparece num horizonte distante, como potência que pode oferecer proteção e ajuda contra os inimigos próximos. Mais tarde, também Roma se tornará perigoso opressor.

[17-32] A aliança com os grandes é algo sempre muito ambíguo: Quem garante que eles manterão a palavra na hora em que os pequenos precisarem de ajuda? Os grandes estão mesmo interessados em ajudar os pequenos, ou em ampliar

seus próprios domínios? Os profetas sempre alertaram para o perigo das alianças com os poderosos. De fato, Roma nunca auxiliou os judeus. Ao contrário, mais tarde, se tornará a maior opressora deles.

[9,1-22] Judas morre num combate sem esperanças e passa para a história com os grandes heróis do passado (cf. livro dos Juízes). O que Judas diz no v. 10 não deve ser entendido como fama pessoal. De fato, sua honra sempre esteve ligada à causa do povo, cuja defesa deveria continuar mesmo após a sua morte. O exemplo dos heróis verdadeiramente devotados ao povo será sempre recordado como farol que ilumina o caminho, para que também outros enfrentem corajosamente a luta.

[23-31] Com a morte de Judas, o movimento de resistência perde a liderança e se desarticula. Aproveitando-se da carestia, os partidários do poder opressor retomam suas posições, arrebanham o povo e começam a delatar e entregar os partidários da resistência. A *tribulação* é o clima de insegurança e de perseguição generalizada. Frente a esse estado de coisas, os revolucionários procuram novamente reorganizar-se sob a chefia de Jônatas, irmão mais novo de Judas Macabeu.

[32-49] O grupo de resistência se encontra em situação precária. No momento, não é possível lutar por objetivo maior do que a preservação da própria vida (vv. 44-46).

[50-57] Com as fortificações, Báquides dominava militarmente a Judeia. Seu objetivo era ter aceitação junto ao povo, graças à influência do sumo sacerdote Alcimo. Morto este, o objetivo caiu por terra e Báquides se retirou. Nada adianta a força militar quando não se tem a simpatia e a aceitação do povo.

[58-73] O grupo da resistência consegue reorganizar-se e derrota, ao mesmo tempo, Báquides e os judeus helenizantes que favorecem o inimigo. No entanto, tropas inimigas permanecem no país, e muitos reféns continuam presos nas fortalezas. Apesar disso, o movimento revolucionário consegue um grande passo político, pois o seu líder se torna governador.

[10,1-21] Com o sucesso, o movimento revolucionário acaba tornando-se cobiçado pelos poderosos, tanto gregos como romanos. Divididos na competição pelo poder, os gregos prometem regalias: de um lado, Demétrio oferece maior liberdade política e militar; de outro lado, Alexandre Balas oferece o sumo sacerdócio a Jônatas. Poderíamos dizer que o judaísmo acaba de encontrar seu lugar ao sol. Isso, porém, provoca sérias reações dentro do próprio judaísmo: os

assideus acham que tudo isso é um escândalo, e deles sairá o partido dos *fariseus*. A classe sacerdotal se divide, e um grupo de sacerdotes abandona Jerusalém, para formar a comunidade dos *essênios*, também conhecida por comunidade de Qumrã. Esses acontecimentos mostram que um movimento revolucionário bem-sucedido precisa ter muito discernimento, para não se tornar mero brinquedo na mão dos poderosos.

[22-50] A carta de Demétrio a Jônatas é reconhecimento tácito da independência econômica e política da Judeia. Por trás de suas propostas benevolentes, está certamente o desejo de colocar Jônatas e os judeus contra Alexandre Balas (v. 39). Jônatas, porém, percebe a intenção de Demétrio e se coloca ao lado de Alexandre.

[51-66] Honrado por Alexandre Balas e Ptolomeu, os grandes do império grego, Jônatas adquire prestígio cada vez maior: além de sumo sacerdote, passa agora a acumular poderes civis e militares dentro da Judeia. Desse modo, a revolução macabaica, feita em nome do javismo, isto é, dos ideais por uma sociedade fundada no projeto de Javé, vai, pouco a pouco, tornando-se ambígua. O maior risco é sempre reeditar o sistema contra o qual antes se combatia.

[67-89] A vitória contra Apolônio torna Jônatas ainda mais respeitado por Alexandre. Parece ironia que o sumo sacerdote dos judeus agora socorra seus próprios dominadores! Na verdade, os judeus passam a depender cada vez mais do grande jogo político de potências que disputam o Oriente Médio.

[11,1-19] Três rivais disputam a soberania na região do Oriente Médio: Ptolomeu (que já é rei do Egito), Alexandre Balas e Demétrio II. Com a morte dos dois primeiros, Demétrio II permanece como único soberano.

[20-37] Hábil diplomata, Jônatas, em troca de uma aliança, consegue de novo isentar de impostos a Judeia e ganhar três distritos. Todavia, as tropas gregas ainda continuam nas fortalezas judaicas (cf. v. 41).

[38-53] O episódio é bom exemplo da ambiguidade nas alianças com os poderosos. Quando estes necessitam, pedem auxílio e prometem mil regalias em troca; quando a situação é favorável, não só esquecem as promessas, como passam de novo a hostilizar.

[54-74] Jônatas se alia a Trifão, que está interessado em derrubar Demétrio II e colocar no trono o jovem Antíoco VI, filho de Alexandre Balas. Ao mesmo tempo, Jônatas e Simão vão ganhando terreno na Palestina.

[12,1-23] Tendo praticamente a Palestina sob seu domínio, os Macabeus

procuram relações diplomáticas com outros povos, a fim de que os judeus sejam reconhecidos como nação. O v. 9 mostra que já existe uma série de livros sagrados, que mais tarde farão parte do Antigo Testamento.

[24-34] Jônatas não pensa apenas em administrar o território que lhe foi confiado pelos gregos. Sua campanha visa a defendê-lo e alargá-lo, estabelecendo fronteiras para uma Judeia independente.

[35-38] As obras em Jerusalém procuram defender a cidade contra ataques futuros. O isolamento da fortaleza, ocupada por tropas gregas, é importante passo para eliminar o sinal mais evidente da dominação estrangeira.

[39-53] Enganado por Trifão e seduzido por sua própria ambição, Jônatas cai preso, e os judeus pensam que ele já está morto. Sem o líder, o movimento de independência corre o perigo de se desarticular completamente. Mais uma vez, o povo fica à mercê das nações.

[13,1-11] Simão, o mais velho dos Macabeus, percebe a gravidade da situação e imediatamente se prontifica a reorganizar o povo para enfrentar Trifão. Os vv. 5-6 mostram que o impulso fundamental dos heróis é dar sua própria vida pela causa do povo.

[12-30] Impossibilitado de libertar as tropas isoladas na fortaleza de Jerusalém, Trifão se vinga, matando Jônatas.

[31-42] Pela primeira vez, desde o exílio em Babilônia, a Judeia adquire a independência política e econômica (142 a.C.).

[43-53] Conseguida a independência, Simão procura agora destruir os focos inimigos, que poderiam ameaçar a Judeia. Gazara era lugar importante, pois controlava o acesso para o mar. E a fortaleza em Jerusalém marcava a presença do dominador na própria cidade santa dos judeus.

[14,1-15] Simão é elogiado como o fundador do novo Estado de Israel. No entanto, o período de paz e prosperidade é precário, pois Trifão continua sendo grande ameaça.

[16-24] Mais uma vez Simão procura relações diplomáticas com outras nações para firmar a independência da Judeia diante dos gregos.

[25-49] Esse documento, com força de lei, visa afastar dúvidas sobre o legítimo chefe dos judeus. Por outro lado, salientando que Simão é constituído no poder pela vontade popular, o documento pretende esclarecer diversas questões: ele não ocupa o poder por imposição ou concessão do dominador estrangeiro. O

cargo se deve aos seus méritos, conquistados na luta pela independência. O sumo sacerdócio a ele concedido será transmitido aos seus descendentes, até que surja um “profeta legítimo”, que possa modificar essa disposição. E sua autoridade é incontestável, excluindo por isso qualquer oposição.

[15,1-14] Antíoco VII procura atrair os judeus com promessas, para tê-los ao seu lado na disputa com Trifão pelo trono.

[15-24] A missão diplomática de Numênio (cf. 14,24) é bem-sucedida. A circular de Roma renova a aliança com os judeus e, ao mesmo tempo, reconhece a autoridade de Simão e a Lei judaica, não só para os judeus da Palestina, mas também para os que vivem em outros países. A fim de manter a precária independência, conquistada a duras penas, os judeus agora se apoiam nos romanos. Estes, mais do que aliados, procuram estender sua autoridade no Oriente.

[25-36] Vencendo Trifão, Antíoco VII mostra suas verdadeiras intenções quanto à Judeia: não lhe agrada ter dentro do reino um povo com tantos poderes. Simão, porém, lhe responde à altura: seu povo não se apropriou de uma terra que não lhe pertencia. Cada povo deve defender ciosamente a própria herança e reparti-la igualmente entre todos. Os poderosos, seja nações, seja grupos privilegiados, não têm direito de acumular propriedades, roubando o solo, que é fonte de trabalho e vida para os pobres.

[15,37-16,10] Diante das novas dificuldades, a liderança dos Macabeus passa agora para os filhos de Simão, que levam à frente a causa de Israel.

[16,11-24] A independência do país está apenas começando, e a comichão do poder já provoca traições e lutas internas. João Hircano sucede ao pai na liderança e, mais tarde, acabará fundando um regime dinástico, com todos os riscos que isso implica.

SEGUNDO LIVRO DOS MACABEUS

A FÉ LEVA AO HEROÍSMO

Introdução

Diversamente do que parece, o segundo livro dos Macabeus não é continuação do primeiro, mas narrativa paralela a 1Mc 1-7. Descreve os acontecimentos que ocorreram na Judeia entre 175-161 a.C. O autor escreveu diretamente em grego, resumindo uma obra de cinco volumes, escrita por Jasão de Cirene (2Mc 2,19-32).

Por que o autor sentiu necessidade de retomar uma história já conhecida? Qual a originalidade? Podemos dizer que a intenção do autor é reler os mesmos fatos, para mostrar que a luta em defesa do povo se enraíza na atitude de fé, que confia plenamente no auxílio de Deus. Desse modo, a resistência contra o opressor implica fé e ação, mística e prática ou, na visão do autor, lutar com as mãos e rezar com o coração. Trata-se, portanto, de releitura por dentro do movimento revolucionário, cuja eficácia repousa na força de Deus, presente na ação do povo. Nessa perspectiva de fé, nem mesmo a morte se apresenta como obstáculo ou sinal de derrota. Pelo contrário, o testemunho dos mártires, coroado pela fé na ressurreição, mostra que não há limites para a resistência, pois Deus gera a vida onde os opressores produzem a morte. Confiando nesse Deus, o povo nada mais tem a temer, pois em qualquer circunstância tem certeza da vitória.

SEGUNDO LIVRO DOS MACABEUS

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15

SEGUNDO LIVRO DOS MACABEUS

I. COMUNICAÇÃO ENTRE AS COMUNIDADES

1 *Convite à solidariedade* — ¹Aos irmãos judeus que estão no Egito. Saudações! Os irmãos judeus que moram em Jerusalém e na Judeia desejam paz e prosperidade. ²Deus conceda suas graças a vocês e se lembre da aliança que fez com Abraão, Isaac e Jacó, seus servos fiéis. ³Que ele dê a todos vocês coração capaz de honrá-lo e de praticar a sua vontade, coração generoso e espírito decidido. ⁴Que lhes abra o coração para a sua lei e seus mandamentos, e lhes conceda a paz. ⁵Que ele escute suas orações, se reconcilie com vocês e não os abandone no tempo da desgraça.

⁶Nós estamos rezando por vocês, aqui e agora.

⁷Durante o reinado de Demétrio, no ano cento e sessenta e nove, nós, judeus, tínhamos escrito a vocês o seguinte: “No meio da grande tribulação que caiu sobre nós, nesses anos em que Jasão e seus companheiros traíram a terra santa e o reino, ⁸quando incendiaram o portal do Templo e mataram inocentes, nós oramos ao Senhor, e ele nos ouviu. Então oferecemos um sacrifício e uma oblação de flor de farinha, acendemos as lâmpadas e apresentamos os pães”.

⁹Portanto, celebrem a festa das Tendas do mês de Casleu.

¹⁰Ano cento e oitenta e oito. [1,1-10a]

Unidos no culto e na tradição — Os judeus que moram em Jerusalém e na Judeia, o conselho dos Anciãos e Judas, para Aristóbulo, mestre do rei Ptolomeu e membro da família dos sacerdotes ungidos, e também para todos os judeus que vivem no Egito. Saudações e prosperidade.

¹¹Libertados por Deus dos maiores perigos, nós agradecemos muito a ele, como a alguém que lutou junto conosco contra o rei, ¹²pois Deus expulsou os que se haviam entrincheirado contra a cidade santa. ¹³De fato, o chefe deles foi para a Pérsia acompanhado de um exército que parecia invencível, mas que acabou destruído no templo de Naneia, através de uma cilada armada pelos sacerdotes da deusa. ¹⁴Antíoco foi para esse lugar, junto com os amigos que o acompanhavam, pretendendo casar-se com a deusa, a fim de pegar as grandes riquezas que havia nesse lugar, a título de dote. ¹⁵Os sacerdotes do templo de

Naneia lhe mostraram as riquezas, e ele entrou no recinto sagrado com alguns poucos companheiros. Logo que Antíoco entrou, os sacerdotes fecharam o templo, ¹⁶abriram a porta secreta do forro e mataram o rei a pedradas. Esquartejaram o rei e jogaram a cabeça dele para os que estavam do lado de fora. ¹⁷Por tudo isso, bendito seja o nosso Deus, que entregou esses ímpios à morte.

¹⁸Estando para celebrar a purificação do Templo, no dia vinte e cinco de Casleu, achamos que seria bom comunicar-lhes isso, para que vocês também a comemorem de maneira semelhante à festa das Tendas e à festa do Fogo, que apareceu quando Neemias ofereceu os sacrifícios, depois da reconstrução do Templo e do altar. ¹⁹De fato, quando os nossos antepassados foram levados para a Pérsia, alguns sacerdotes piedosos pegaram fogo do altar e secretamente o esconderam num poço seco. Deixaram a coisa tão segura, que ninguém ficou sabendo onde era esse lugar. ²⁰Passados muitos anos, quando Deus achou conveniente, Neemias, o enviado do rei da Pérsia, mandou os descendentes dos sacerdotes procurar o fogo que tinham escondido. Segundo nos contam, eles não encontraram o fogo, mas somente um líquido grosso. Neemias mandou que tirassem e trouxessem o tal líquido. ²¹Depois de colocarem em cima do altar tudo o que fazia parte do sacrifício, Neemias ordenou aos sacerdotes que molhassem com esse líquido a lenha e tudo o que estava em cima. ²²Feito isso e passado algum tempo, o sol, até então encoberto pelas nuvens, começou a brilhar, e um fogo forte logo se acendeu, de tal maneira que todos ficaram admirados. ²³Enquanto o sacrifício era queimado, os sacerdotes rezavam com todo o povo presente. Jônatas entoava e todos os outros respondiam junto com Neemias. ²⁴A oração era assim: “Senhor, Senhor Deus, Criador de todas as coisas, terrível, forte, justo, misericordioso, único rei, único bom, ²⁵único generoso, único justo, todo-poderoso e eterno, tu que salvas Israel de todo o mal, tu que tornaste escolhidos os nossos antepassados e os santificaste, ²⁶aceita o sacrifício em favor de todo o teu povo Israel. Guarda e santifica a tua herança. ²⁷Reúne os nossos dispersos. Liberta os que são escravos no meio das nações. Olha para os que são marginalizados e desprezados. Assim as outras nações ficarão sabendo que tu és o nosso Deus. ²⁸Castiga aqueles que nos oprimem, que nos humilham com soberba. ²⁹Planta o teu povo em teu lugar santo, conforme disse Moisés”.

³⁰Enquanto isso, os sacerdotes entoavam os hinos. ³¹Logo que o sacrifício foi consumado, Neemias mandou jogar o resto do líquido em cima de grandes

pedras. ³²Feito isso, brilhou uma chama, que logo se apagou, enquanto o fogo sobre o altar continuava aceso. ³³Logo que o fato se tornou conhecido, contaram ao rei dos persas que, no lugar onde os sacerdotes exilados tinham escondido o fogo, aparecera uma água, com a qual os companheiros de Neemias purificaram as oferendas do sacrifício. ³⁴Confirmado o fato, o rei mandou cercar o lugar e o declarou sagrado. ³⁵Daí se tiravam muitos lucros, que eram repartidos entre os favorecidos do rei. ³⁶Os companheiros de Neemias deram então a esse líquido o nome de “neftar”, que significa purificação. Muitos, porém, o chamam de “nafta”.

2¹Nos documentos se lê que o profeta Jeremias mandou que os deportados levassem o fogo, conforme foi explicado acima. ²Dando-lhes a Lei, Jeremias mandou que não esquecessem os mandamentos do Senhor, nem deixassem o próprio pensamento se desviar, ao verem as imagens de ouro ou de prata, ou seus enfeites. ³Dizendo muitas coisas desse tipo, recomendou que não afastassem do coração a Lei. ⁴Nesse documento também se encontra que o profeta, avisado por oráculo, mandou que a Tenda e a Arca o acompanhassem, quando ele foi à montanha, sobre a qual Moisés subiu para contemplar a herança de Deus. ⁵Ao chegar, Jeremias encontrou uma espécie de gruta, onde colocou a Tenda, a Arca e o altar do incenso. Em seguida, tapou a entrada. ⁶Mais tarde, alguns dos que tinham acompanhado Jeremias, foram até aí para indicar o caminho, mas não conseguiram encontrar a gruta. ⁷Quando soube, Jeremias repreendeu-os dizendo: “O lugar ficará desconhecido, até que Deus se mostre misericordioso e reúna novamente toda a comunidade do povo. ⁸Então o Senhor mostrará esses objetos. A glória do Senhor e a nuvem também vão aparecer, como apareceram no tempo de Moisés e quando Salomão pediu que Deus santificasse grandiosamente o lugar”.

⁹Contava-se que Salomão, com toda a sua sabedoria, ofereceu o sacrifício de consagração e inauguração do Templo. ¹⁰Da mesma forma que Moisés rezou ao Senhor e desceu um fogo do céu para queimar o sacrifício, assim também Salomão rezou, e o fogo desceu do alto e queimou os holocaustos. ¹¹Moisés disse também: “O sacrifício oferecido pelo pecado foi devorado pelo fogo, porque não foi comido”. ¹²Da mesma forma, também Salomão ofereceu os oito dias de festa.

¹³Além dessas coisas, também se conta, nos escritos e memórias de Neemias,

como ele fundou uma biblioteca, e reuniu os Anais dos Reis, os escritos dos profetas e de Davi, e também as cartas dos reis sobre as oferendas consagradas.

¹⁴Também Judas reuniu os escritos, que estavam espalhados por causa da guerra que sofremos. Agora está tudo conosco. ¹⁵Se precisarem de alguma coisa, mandem alguém buscar.

¹⁶Nós estamos escrevendo a vocês, porque queremos celebrar a purificação do Templo. Vocês farão bem se celebrarem esses dias. ¹⁷Deus é quem salva todo o seu povo e dá a todos a herança, o reino, o sacerdócio e a santificação, ¹⁸como ele mesmo prometeu através da Lei. Por isso, esperamos que Deus em breve tenha misericórdia de nós e nos reúna, de todas as partes da terra, no lugar santo. Ele nos livrou dos maiores males e purificou o lugar santo. [1,10b-2,18]

II. AVISO AO LEITOR

¹⁹Vou falar sobre o que aconteceu com Judas Macabeu e seus irmãos, sobre a purificação do Templo grandioso e a consagração do altar. ²⁰Falarei também das guerras contra Antíoco Epífanes e seu filho Eupátor. ²¹Contarei as aparições celestes que tiveram aqueles que corajosamente realizaram as maiores proezas em favor do judaísmo. Eles eram poucos, no entanto, conseguiram recuperar o país inteiro, perseguiram multidões de inimigos violentos, ²²retomaram o Templo, que é famoso no mundo inteiro, libertaram a cidade de Jerusalém e colocaram novamente em vigor as leis que estavam sendo abolidas. É que o Senhor, com toda a consideração, foi muito misericordioso para com eles. ²³Tudo isso é contado por Jasão de Cirene em cinco livros, mas nós tentaremos resumir tudo num livro só.

²⁴São muitos os números, e também a matéria é muito vasta. Por isso, quem deseja embrenhar-se numa narrativa desses fatos encontra dificuldades. ²⁵Nossa preocupação foi proporcionar prazer aos que buscam leitura agradável, facilitar o trabalho aos que a querem guardar na memória, e trazer enfim algum proveito para todos os que tiverem esta obra nas mãos. ²⁶A nós, porém, que nos dedicamos ao sacrifício de fazer este resumo, o trabalho não foi leve. Ao contrário, custou suores e noites em claro. ²⁷Não é fácil preparar um banquete; quem o faz, procura agradar a todos. Assim também, foi com prazer que nos dedicamos a essa tarefa, esperando o reconhecimento de grande número de pessoas. ²⁸Para o historiador deixamos o julgamento sobre cada pormenor. Nós nos demos a esse trabalho, buscando seguir as normas de resumo. ²⁹É como o construtor de casa nova, que zela pelo conjunto da estrutura, enquanto o encarregado da pintura e dos arremates procura cuidar do material certo para o acabamento. É esse, penso eu, o nosso caso. ³⁰Aprofundar e percorrer os fatos, discutindo os pormenores de cada parte, é coisa própria do historiador. ³¹Quem faz resumo tem o direito de procurar a síntese de tudo o que se conta, deixando de lado o desenvolvimento de cada fato. ³²Agora, pois, vamos dar início à nossa narrativa, só ajuntando o seguinte ao que já foi dito: seria tolice a gente se prolongar em considerações sobre a narrativa, e depois resumir a própria narrativa. [2,19-32]

III. DEUS IMPEDE A TRAIÇÃO

3¹A cidade santa vivia na mais completa paz, e os mandamentos eram observados da melhor maneira possível, por causa da santidade do sumo sacerdote Onias, e de sua firme oposição a tudo o que havia de mal. ²Os próprios reis respeitavam o lugar santo, e homenageavam o Templo com os mais belos donativos. ³Até Seleuco, rei da Ásia, com seus próprios recursos sustentava todas as despesas necessárias para as funções dos sacrifícios.

⁴Um tal de Simão, porém, da tribo de Belga, e que era administrador do Templo, desentendeu-se com o sumo sacerdote a propósito da administração da cidade. ⁵Como não foi capaz de derrotar Onias, ele foi então procurar Apolônio de Tarso que, nessa ocasião, era o comandante da Celessíria e da Fenícia. ⁶Contou-lhe que o tesouro do Templo em Jerusalém estava cheio de riquezas, tantas que nem dava para falar, e que a quantidade de dinheiro era incalculável. Disse-lhe também que isso não era necessário para os sacrifícios e poderia muito bem cair em poder do rei. ⁷Apolônio, ao ter uma audiência com o rei, contou-lhe tudo o que lhe tinha sido relatado. Então o rei destacou Heliodoro, encarregado da administração, e deu-lhe ordem para ir e retirar as tão faladas riquezas. ⁸Heliodoro partiu imediatamente. Dava a entender que estava apenas percorrendo as cidades da Celessíria e da Fenícia, mas o que ia mesmo executar era a tarefa que o rei lhe tinha confiado. ⁹Chegando a Jerusalém, foi recebido amigavelmente pelo sumo sacerdote da cidade. Falou a este da informação recebida, explicou o motivo de sua presença, e perguntou-lhe se as coisas eram realmente assim. ¹⁰O sumo sacerdote, de sua parte, explicou que as coisas aí depositadas eram de viúvas e órfãos, ¹¹e que algumas coisas pertenciam a Hircano, filho de Tobias, homem poderoso e de alta posição. Diversamente do que estava sendo espalhado pelo irreverente Simão, disse também que havia um total de catorze toneladas de prata e sete de ouro. ¹²Disse ainda ser inconcebível que se cometesse tal injustiça contra os que confiaram no lugar santo, na sagrada inviolabilidade do Templo, venerado no mundo inteiro.

¹³Heliodoro, porém, seguindo as ordens recebidas do rei, afirmou resolutamente que tudo isso devia ser transferido para o tesouro real. ¹⁴Marcou uma data e se apresentou para fazer um inventário das riquezas. Isso provocou enorme agitação em toda a cidade. ¹⁵Os sacerdotes, com suas vestes sagradas e prostrados no chão diante do altar, invocavam o Céu, cuja lei tinha determinado

esses donativos e segundo a qual se deviam conservar intatos os bens em favor daqueles que os tinham depositado. ¹⁶Quem olhasse para o sumo sacerdote ficava de coração partido, pois o olhar e a palidez do seu rosto mostravam a agonia que lhe ia na alma. ¹⁷Ele estava tomado de pavor, e o tremor do seu corpo mostrava a todos os que o viam o sofrimento que levava no coração.

¹⁸Aos bandos, vinham as pessoas correndo de suas casas para as orações públicas, por causa do ultraje que ameaçava o lugar santo. ¹⁹Com saias de pano grosseiro, as mulheres se amontoavam pelas ruas. As moças, que costumavam ficar fechadas em casa, saíam para as portas de casa, ou subiam ao muro, ou se debruçavam na janela. ²⁰Todas, porém, erguiam as mãos para o céu e faziam suas preces. ²¹Era comovente a apreensão do povo em geral e a ansiedade do sumo sacerdote, tomado de profunda angústia. ²²Pediam ao Senhor Todo-poderoso para guardar intatos e em segurança os depósitos em favor daqueles que os tinham depositado. ²³Heliodoro, porém, procurava executar o que havia decidido.

²⁴Acompanhado de seus guardas, Heliodoro já estava junto à sala do tesouro, quando o Senhor dos Espíritos e do Poder manifestou-se com tal esplendor, que todos os que se arriscaram a entrar aí, ficaram desfalecidos e em pânico, atingidos pela força de Deus. ²⁵Apareceu-lhes um cavalo ensilhado com belíssimo arreio e montado por terrível cavaleiro. Ele avançou bruscamente, e o cavalo começou a dar patadas em Heliodoro. O cavaleiro parecia ter armadura de ouro. ²⁶Apareceram também para Heliodoro outros dois jovens extraordinariamente fortes, muito belos e com roupas magníficas. Puseram-se aos lados de Heliodoro e começaram a chicoteá-lo, dando-lhe muitos golpes. ²⁷Heliodoro caiu logo no chão. Envolto em densa escuridão, tiveram de levantá-lo e colocá-lo na maca. ²⁸Foi assim que retiraram daí, inteiramente sem ação, aquele mesmo que tinha entrado até a sala do tesouro com todo o acompanhamento e toda a sua guarda pessoal. Foram obrigados a reconhecer que o poder de Deus se havia manifestado com toda a clareza. ²⁹Heliodoro, prostrado pelo poder de Deus, estava sem fala e sem qualquer esperança de salvação. ³⁰Enquanto isso os judeus davam louvores a Deus, que tinha glorificado o seu lugar santo. Até há pouco o Templo estava cheio de pavor e preocupação. Agora, por causa da manifestação do Senhor Todo-poderoso, estava repleto de alegria e ações de graças. ³¹Alguns da comitiva de Heliodoro pediram que Onias invocasse o Altíssimo, suplicando pela vida de quem já

estava, sem dúvida, agonizando. ³²Preocupado e com medo de que o rei fosse imaginar que os judeus tinham armado algum ato criminoso contra Heliodoro, o sumo sacerdote ofereceu um sacrifício pela saúde do homem. ³³No momento em que o sacerdote oferecia o sacrifício de expiação, os mesmos jovens apareceram de novo a Heliodoro, vestidos com o mesmo traje. De pé, eles lhe disseram: “Você deve agradecer muito ao sumo sacerdote Onias, porque é em consideração a ele que o Senhor lhe concede a vida. ³⁴Você foi chicoteado pelo Céu. Agora anuncie a todos o grandioso poder de Deus”. E ao dizerem isso, desapareceram.

³⁵Heliodoro ofereceu um sacrifício ao Senhor, fez grandes promessas ao Deus que lhe devolvera a vida, despediu-se de Onias e voltou com seu exército para junto do rei. ³⁶A todos ia dando testemunho das obras do Deus supremo, que ele tinha visto com os próprios olhos. ³⁷Quando o rei lhe perguntou quem seria a pessoa mais indicada para ser mandada outra vez a Jerusalém, ele respondeu: ³⁸“Se Vossa Majestade tem algum inimigo, alguém que se opõe aos seus atos de governo, mande-o para lá, e vai recebê-lo de volta devidamente castigado, caso consiga escapar. Naquele lugar existe realmente uma força divina. ³⁹Aquele que mora no céu é o guarda e protetor daquele lugar. Ele fere e mata quem se aproxima do Templo com más intenções”.

⁴⁰Foi o que aconteceu com Heliodoro e com a conservação do tesouro do Templo. [3,1-40]

IV. PERSEGUIÇÃO E TESTEMUNHO

4 *Luta pelo poder* — ¹O mesmo Simão, que foi traidor das riquezas e da pátria, começou a difamar Onias, como se fosse este quem tinha ferido e causado males a Heliodoro. ²Ele teve coragem de chamar de agitador da ordem pública ao benfeitor da cidade, ao protetor da sua gente e fervoroso cumpridor das leis. ³O clima de inimizade foi crescendo tanto, que alguns agentes de Simão acabaram cometendo assassínios. ⁴Onias percebeu o perigo dessa rivalidade. Vendo que Apolônio, filho de Menesteu e comandante da Celessíria e da Fenícia, apoiava as más intenções de Simão, ⁵foi procurar o rei. Não foi denunciar cidadão nenhum, mas batalhar pelo bem comum e privado de todo o povo. ⁶Ele percebeu que, se o rei não tomasse providência, seria impossível alcançar a paz na vida pública, e que Simão não pararia com suas loucuras.

⁷Depois que Seleuco morreu, subiu ao trono o rei Antíoco, chamado Epífanês. Foi quando Jasão, irmão de Onias, conseguiu, com suborno, o cargo de sumo sacerdote. ⁸Numa audiência com o rei, Jasão lhe prometeu treze toneladas de prata, mais três toneladas de outros rendimentos. ⁹Além disso, daria mais cinco toneladas, se o rei lhe desse permissão para construir uma praça de esportes e uma escola para jovens, além de fazer o recenseamento dos cidadãos antioquenos em Jerusalém. ¹⁰Com o consentimento do rei e após tomar posse do cargo, Jasão passou imediatamente a fazer os seus irmãos de raça adotarem o estilo de vida dos gregos. ¹¹Anulou os favores que o rei concedera aos judeus, graças à intervenção de João, pai de Eupólemo. Este Eupólemo é o mesmo que negociou o pacto de amizade e mútua defesa com os romanos. Jasão também aboliu as leis da constituição e procurava introduzir práticas contrárias à Lei. ¹²Foi com satisfação que construiu uma praça de esportes abaixo da Acrópole, e levou os melhores jovens a usar o chapéu chamado pétaso. ¹³Era o auge do helenismo, a exaltação do modo de viver dos estrangeiros. Tudo por causa da corrupção do ímpio e falso sumo sacerdote Jasão. ¹⁴A coisa chegou a tal ponto, que os sacerdotes já não se interessavam pelas funções do altar. Deixavam de lado o Templo e, sem se preocupar com os sacrifícios, logo que era anunciado o lançamento de discos, corriam para a praça de esportes, a fim de participar dos jogos contrários à Lei. ¹⁵Ninguém ligava mais para as tradições nacionais, e achavam muito mais importantes as glórias gregas. ¹⁶Por causa da própria cultura grega acabaram se colocando numa situação crítica: aqueles mesmos,

cujos costumes eles procuravam promover e a quem procuravam em tudo se assemelhar, tornaram-se seus inimigos e carrascos. ¹⁷Porque desrespeitar as leis divinas não é coisa sem importância, como se verá no episódio seguinte.

¹⁸Realizavam-se em Tiro os jogos quinquenais, com a presença do rei. ¹⁹O abominável Jasão mandou alguns espectadores antioquenos de Jerusalém, encarregando-os de levar trezentas moedas de prata para o sacrifício em honra de Hércules. Os encarregados, porém, acharam melhor não usar esse dinheiro para o sacrifício, coisa inconveniente, mas empregá-lo em outras despesas. ²⁰Assim, o dinheiro que fora enviado para o sacrifício em honra de Hércules, por iniciativa dos portadores, foi usado para a construção de navios a remo.

²¹Quando Apolônio, filho de Menesteu, foi enviado ao Egito para a festa de casamento do rei Filométor, Antíoco soube que esse rei estava fazendo projetos contrários aos seus interesses. Por isso, ele passou por Jope e chegou a Jerusalém. ²²Aí foi recebido com toda a pompa por Jasão e pela cidade, à luz de tochas e sob aclamações. Em seguida, partiu com o seu exército para a Fenícia.

²³Três anos depois, Jasão mandou Menelau, irmão do já mencionado Simão, levar o dinheiro para o rei e apresentar o relatório sobre alguns assuntos importantes. ²⁴Menelau, porém, apresentou-se ao rei dando mostra de ser homem poderoso e, com adulações, conseguiu para si o posto de sumo sacerdote, oferecendo dez toneladas de prata a mais do que Jasão. ²⁵Depois de receber a nomeação do rei, ele voltou, sem levar consigo coisa alguma que fosse digna de sumo sacerdote. Pelo contrário, levava em si o furor de um tirano cruel e a fúria de animal selvagem. ²⁶E Jasão, que tinha suplantado seu próprio irmão, foi por sua vez suplantado por outro, e teve que fugir para a região dos amonitas. ²⁷Menelau assumiu o poder, mas não tomou qualquer providência com relação ao dinheiro que tinha prometido ao rei, ²⁸apesar das cobranças feitas por Sótrato, comandante da Acrópole, a quem cabia a questão dos tributos. Por essa razão, os dois foram convocados pelo rei. ²⁹Menelau deixou seu irmão Lisímaco como substituto no sumo sacerdócio, enquanto Sótrato deixou em seu lugar Crates, comandante dos soldados cipriotas.

³⁰Enquanto isso, as cidades de Tarso e de Malos estavam em plena rebelião, por terem sido dadas de presente a Antioquide, concubina do rei. ³¹Então o rei partiu rapidamente com o intuito de normalizar a situação. No seu lugar, deixou Andrônico, um de seus altos ministros. ³²Achando que era boa oportunidade para tanto, Menelau tirou do Templo alguns objetos de ouro e os deu de presente

a Andrônico. Além disso, vendeu outra parte em Tiro e nas cidades vizinhas. ³³Onias tinha se abrigado num lugar de refúgio em Dafne, perto de Antioquia. Ao saber com certeza do que Menelau tinha feito, Onias o desaprovou. ³⁴Por causa disso, Menelau sugeriu secretamente a Andrônico que desse fim a Onias. Então Andrônico procurou Onias e tentou convencê-lo com mentiras, dando-lhe até a mão direita como juramento. Embora Onias tivesse suspeitas, foi convencido por Andrônico a sair do refúgio. Este o matou imediatamente, sem respeito algum pela justiça. ³⁵Por isso, não somente os judeus, mas também muitos de outras nações ficaram indignados e condenaram totalmente o assassinio desse homem.

³⁶Quando o rei voltou dos citados lugares da Cilícia, os judeus da capital se reuniram em torno dele, junto com os gregos, para denunciar o crime cometido contra Onias. ³⁷Antíoco ficou profundamente amargurado e, tocado de compaixão, chorou por causa do equilíbrio e moderação do falecido. ³⁸Inflamado em ira, mandou imediatamente tirar de Andrônico o manto de púrpura, rasgar-lhe as roupas, conduzi-lo por toda a cidade, levá-lo para o mesmo local onde tinha cometido o crime contra Onias, e aí executar o assassino. O Senhor estava assim aplicando a Andrônico o merecido castigo.

³⁹Nesse meio-tempo, muitos furtos de objetos sagrados foram cometidos por Lisímaco em Jerusalém, sob a conivência de Menelau. Quando a notícia se espalhou, muitos objetos de ouro já tinham sido desviados, e o povo se revoltou contra Lisímaco. ⁴⁰Realmente o povo estava revoltado e enfurecido. Então Lisímaco armou cerca de três mil homens e começou uma violenta repressão, dirigida por tal Aurano, homem avançado em idade e muito mais em loucura. ⁴¹Quando perceberam o ataque de Lisímaco, alguns pegaram pedras, outros se armaram de porretes, outros ainda recolhiam punhados de terra do lugar e avançaram contra os homens de Lisímaco. ⁴²Dessa forma, feriram a muitos, mataram alguns e puseram todos a correr. Quanto ao ladrão dos objetos sagrados, conseguiram matá-lo ao lado da sala do tesouro.

⁴³A propósito desses fatos, foi aberto processo contra Menelau. ⁴⁴Quando o rei estava em Tiro, três emissários do conselho dos anciãos foram defender, junto ao rei, a causa do povo. ⁴⁵Menelau, sentindo-se perdido, prometeu grande soma de dinheiro a Ptolomeu, filho de Dorimeno, para que ele convencesse o rei a seu favor. ⁴⁶Ptolomeu levou o rei para a sacada, como se fosse para tomar um pouco de ar, e conseguiu fazê-lo mudar de ideia. ⁴⁷Foi assim que o rei absolveu

Menelau, o causador de toda essa desgraça, e condenou à morte os três infelizes, que teriam sido absolvidos como inocentes, até diante de um tribunal bárbaro. ⁴⁸A injusta condenação foi imediatamente executada contra aqueles que estavam apenas defendendo a cidade, o povo e os objetos sagrados. ⁴⁹Por isso, alguns de Tiro, revoltados, providenciaram generosamente tudo o que era preciso para a sepultura deles. ⁵⁰Enquanto isso, Menelau, graças à ganância dos poderosos, continuou no poder, aumentando sempre mais a sua própria crueldade e tornando-se o maior inimigo dos seus compatriotas. [4,1-50]

5 *Massacrado entre dois dominadores* — ¹Nesse tempo, Antíoco preparava sua segunda expedição contra o Egito. ²Aconteceu então que, durante quase quarenta dias, começaram a aparecer no ar, pela cidade inteira, cavaleiros vestidos de ouro, armados de lanças, organizados em pelotões e empunhando espadas. ³Viam-se brigadas de cavalaria em linha cerrada, ataques e contra-ataques de um lado e do outro, movimento de escudos, multidões de lanças, lançamento de projéteis, faiscar de adornos dourados e todo tipo de couraças. ⁴Todos pediam para que essa aparição fosse de bom agouro.

⁵Correu então um falso boato que Antíoco tinha morrido. Jasão reuniu mais de mil homens e atacou a cidade de surpresa. Ao serem derrotados aqueles que estavam na muralha e consumando-se a tomada da cidade, Menelau refugiou-se na Acrópole. ⁶Enquanto isso, Jasão promovia impiedosamente a matança dos seus próprios concidadãos, sem compreender que uma vitória sobre seus irmãos era a sua maior derrota. Ele pensava estar triunfando sobre inimigos e não sobre compatriotas. ⁷Contudo, não conseguiu tomar o poder. O resultado foi a humilhação que lhe veio por causa do seu motim, e teve de fugir novamente para a região dos amonitas. ⁸Seu comportamento perverso teve triste fim: denunciado a Aretas, rei dos árabes, foi perseguido e teve de ficar fugindo de cidade em cidade, detestado por todos como traidor das suas leis, repellido como inimigo da própria nação e dos próprios compatriotas e, por isso, enxotado para o Egito. ⁹Dessa forma, Jasão, que tinha exilado tantos de sua pátria, também foi morrer no exílio, já que se refugiou na terra dos lacedemônios, com a esperança de receber proteção devido aos laços de parentesco. ¹⁰Ele que havia deixado muitos mortos sem sepultura, morreu sem que alguém chorasse por ele, não teve nenhum tipo de funeral, nem foi sepultado junto aos seus antepassados.

¹¹Quando chegou ao rei a notícia desses acontecimentos, ele pensou que a Judeia tivesse se revoltado. Voltando furioso do Egito, ocupou militarmente a

cidade. ¹²Mandou os soldados matar sem piedade quantos encontrassem, e trucidar os que procurassem refúgio nas casas. ¹³Houve grande matança de jovens e velhos, massacre de homens, mulheres e crianças, carnificina de moças e bebês. ¹⁴Em três dias, pereceram oitenta mil pessoas: quarenta mil foram assassinadas, e os vendidos como escravos não foram menos do que os mortos.

¹⁵Não satisfeito com isso tudo, Antíoco ainda teve a ousadia de entrar no Templo mais sagrado do mundo, tendo por guia Menelau, traidor das leis e da pátria. ¹⁶Com suas mãos impuras, Antíoco pegou as vasilhas sagradas e, com suas mãos sacrílegas, levou embora os donativos aí depositados por outros reis para engrandecimento, glória e honra do lugar santo. ¹⁷Antíoco foi arrogante, sem perceber que o Senhor se havia irritado durante breve tempo, por causa dos pecados dos habitantes da cidade. Era por isso que o Senhor se descuidava do lugar santo. ¹⁸De fato, se eles não se tivessem envolvido em tantos pecados, Antíoco seria imediatamente barrado no seu atrevimento a poder de chicotadas, logo que chegasse, como aconteceu com Heliodoro, enviado pelo rei Seleuco para fiscalizar o tesouro. ¹⁹Contudo, o Senhor não escolheu o povo para o lugar santo, mas o lugar santo para o povo. ²⁰Por isso é que o lugar santo, havendo participado das desgraças que ocorreram ao povo, depois participou também da felicidade dele. Ficou abandonado no momento de ira do Todo-poderoso, mas foi restaurado em toda a sua glória, quando o Senhor novamente se reconciliou. ²¹Depois de ter roubado sessenta e duas toneladas de ouro do Templo, Antíoco voltou imediatamente para Antioquia. Em seu orgulho e insolência, ele acreditava que poderia navegar em terra firme e andar a pé dentro do mar. ²²No entanto, ele deixou alguns superintendentes, para continuarem a maltratar o povo. Em Jerusalém colocou Filipe, de origem frígia, de caráter mais bárbaro do que aquele que o havia nomeado para o cargo. ²³No Garizim, deixou Andrônico. Além desses, deixou também Menelau, que era pior que os outros na opressão contra seus próprios compatriotas.

Cheio de ódio profundo contra os cidadãos judeus, ²⁴o rei enviou o comandante Apolônio com vinte e dois mil soldados e com ordens para matar todos os adultos e vender as mulheres e os mais jovens. ²⁵Ao chegar a Jerusalém, Apolônio, simulando atitude pacífica, aguardou o dia santificado do sábado. Surpreendeu os judeus em repouso, mandando os soldados fazer um desfile militar. ²⁶Ordenou então que matassem todos os que saíam para ver o desfile. Depois, percorrendo a cidade com armas, provocou terrível massacre.

²⁷Então Judas, chamado Macabeu, reuniu cerca de dez homens, retirou-se para o deserto e, como os animais selvagens, passou a viver nas montanhas com os seus companheiros. Para não se contaminarem com alimentos impuros, comiam ervas apenas. [5,1-27]

6 *Profanação da alma de um povo* — ¹Não muito tempo depois, o rei mandou um ancião ateniense convencer os judeus a que abandonassem as leis dos antepassados e deixassem de se governar segundo as leis de Deus. ²Mandou também profanar o Templo de Jerusalém e dedicá-lo a Júpiter Olímpico, e dedicar a Júpiter Hospitaleiro o templo do monte Garizim, conforme o desejo dos moradores do lugar.

³Até para a massa do povo, era difícil e insuportável o crescimento dessa maldade. ⁴De fato, o Templo ficou cheio de libertinagem e orgias de pagãos, que aí se divertiam com prostitutas e mantinham relações com mulheres no recinto sagrado do Templo, além de levarem para dentro objetos proibidos. ⁵O próprio altar estava repleto de ofertas proibidas pela Lei. ⁶Não se podia celebrar o sábado, nem as festas tradicionais, nem mesmo se declarar judeu. ⁷Todo mês eram forçados a participar do banquete sacrificial, que se realizava no dia do aniversário do rei. Quando chegavam as festas de Dionísio, eram obrigados a participar da procissão em honra a Dionísio, com ramos de hera na cabeça. ⁸Por sugestão dos habitantes de Ptolemaida, foi decretado que as cidades gregas vizinhas também seguissem as mesmas disposições contra os judeus, obrigando-os a comer a carne dos sacrifícios, ⁹e matassem os que não quisessem aceitar os costumes gregos. Podia-se perceber a calamidade que estava para chegar.

¹⁰Duas mulheres foram presas por terem circuncidado seus filhos. Depois de fazê-las percorrer publicamente a cidade com os filhos pendurados ao seio, as jogaram muralha abaixo. ¹¹Outros, que tinham saído juntos para os arredores da cidade, para as cavernas, a fim de aí celebrar às escondidas o sábado, após serem denunciados a Filipe, foram queimados juntos, pois ficaram com escrúpulo de reagir, por respeito à santidade do dia. [6,1-11]

A perseguição é oportunidade para a conversão — ¹²Recomendo àqueles que lerem este livro, que não fiquem perturbados por causa de tais calamidades. Ao contrário, pensem que esses castigos não vieram para destruir, mas apenas para corrigir a nossa gente. ¹³É sinal de grande bondade não deixar por muito tempo sem castigo aqueles que cometem injustiça, mas aplicar-lhes logo a merecida

punição. ¹⁴O Senhor não age conosco como faz com os outros povos, esperando pacientemente o tempo de castigá-los, até que os pecados deles cheguem ao máximo. Ele quis agir dessa forma conosco, ¹⁵para não chegarmos primeiro ao extremo dos nossos pecados, e só então nos castigar. ¹⁶Significa que ele nunca retira de nós a sua misericórdia. Mesmo quando nos corrige com desgraças, não está abandonando o seu povo. ¹⁷O que acabamos de dizer fique apenas como aviso. Agora vamos passar logo para a narrativa. [12-17]

É melhor morrer do que trair as próprias convicções — ¹⁸Eleazar era um dos principais doutores da Lei, homem de idade avançada, mas com rosto de traços ainda belos. Queriam obrigá-lo a comer carne de porco, enfiando-a boca adentro. ¹⁹Ele, porém, que preferia morte honrada a viver envergonhado, dirigiu-se espontaneamente para a tortura do tímpano, ²⁰tendo antes cuspidido fora o que lhe estava na boca. Assim é que devem fazer os que corajosamente querem resistir ao que não é permitido comer, nem mesmo por amor à própria vida. ²¹Os que dirigiam esse sacrifício proibido, velhos amigos de Eleazar, o chamaram de lado e lhe propuseram que pegasse carne permitida, por ele mesmo preparada, fingindo que comia a carne do sacrifício ordenado pelo rei. ²²Se ele assim fizesse, estaria livre da morte e, pela antiga amizade que havia entre eles, o tratariam com benevolência. ²³Ele, porém, tomou uma nobre decisão, coerente com a sua idade e com o respeito da velhice, coerente com a dignidade dos seus cabelos brancos e com a vida correta que levava desde a infância; acima de tudo, coerente com as santas leis dadas pelo próprio Deus. Ele respondeu prontamente: “Podem mandar-me para a mansão dos mortos. ²⁴Em minha idade não fica bem fingir, senão muitos dos mais moços pensarão que um velho de noventa anos chamado Eleazar passou para os costumes estrangeiros. ²⁵Com o seu fingimento, por causa de um pequeno resto de vida, eles seriam enganados, e eu só ganharia mancha e desprezo para a minha velhice. ²⁶Ainda que no presente eu me livrasse do castigo humano, nem vivo nem morto conseguiria escapar das mãos do Todo-poderoso. ²⁷É por isso que, se eu passar corajosamente para a outra vida, me mostrarei digno da minha idade. ²⁸Para os mais moços posso deixar um exemplo honrado, mostrando como se deve morrer corajosa e dignamente pelas veneráveis e santas leis”. Dito isso, foi imediatamente para o suplício.

²⁹Os seus torturadores, que pouco antes queriam ser amáveis com ele, então se tornaram cruéis por causa do que ele dissera, ao considerar tudo aquilo uma

loucura. ³⁰Já quase morto, em meio às torturas, Eleazar ainda falou entre gemidos: “O Senhor, que possui a santa sabedoria, sabe que eu, podendo escapar da morte, suporto em meu corpo as dores cruéis da tortura, mas em minha alma estou alegre, porque sofro por causa do temor a ele”. ³¹E assim terminou sua vida. Sua morte deixou, não só para os jovens, mas também para todo o restante do povo, exemplo memorável de heroísmo e virtude. [18-31]

7 O testemunho dos mártires — ¹Aconteceu também que sete irmãos foram presos junto com sua mãe. Espancando-os com relhos e chicotes, o rei pretendia obrigá-los a comer carne de porco, que era proibida. ²Um deles, falando em nome dos outros, disse: “O que você quer perguntar ou saber de nós? Estamos prontos a morrer, antes que desobedecer às leis de nossos antepassados”. ³Enfurecido, o rei mandou esquentar assadeiras e caldeirões. ⁴Logo que ficaram quentes, mandou cortar a língua, arrancar o couro cabeludo e decepar as extremidades daquele que tinha falado pelos outros, e tudo diante dos irmãos e da mãe. ⁵Já mutilado de todos os membros e enquanto ainda vivia, o rei mandou que o pusessem no fogo para assar. Da assadeira subia grande volume de fumaça. E os seus irmãos com a mãe se animavam entre si para enfrentarem corajosamente a morte, dizendo: ⁶“O Senhor Deus nos observa e certamente terá compaixão de nós, conforme afirmou claramente Moisés no seu cântico: ‘Ele terá compaixão de seus servos’ ”.

⁷Depois que o primeiro morreu, levaram o segundo para a tortura. Após lhe arrancarem o couro cabeludo, perguntaram: “Você gostaria de comer, antes que seu corpo seja torturado membro por membro?” ⁸Ele, porém, respondeu na sua língua materna: “Não”. Por isso, foi submetido às mesmas torturas do primeiro. ⁹Antes de dar o último suspiro, ainda falou: “Você, bandido, nos tira desta vida presente, mas o rei do mundo nos fará ressuscitar para uma ressurreição eterna de vida, a nós que agora morremos pelas leis dele”.

¹⁰Depois desse, também o terceiro foi levado para a tortura. Intimidado, colocou imediatamente a língua para fora e apresentou corajosamente as mãos, ¹¹dizendo com dignidade: “De Deus eu recebi esses membros, e agora, por causa das leis dele, eu os desprezo, pois espero que ele os devolva para mim”. ¹²O rei e aqueles que o rodeavam ficaram admirados da coragem com que o rapaz enfrentava os sofrimentos, como se nada fossem.

¹³Logo que esse morreu, começaram a torturar da mesma forma o quarto irmão. ¹⁴Estando para morrer, ele falou: “Vale a pena morrer pela mão dos homens,

quando se espera que o próprio Deus nos ressuscite. Para você, porém, não haverá ressurreição para a vida”.

¹⁵Imediatamente apresentaram o quinto e passaram a torturá-lo. ¹⁶Olhando bem para o rei, ele afirmou: “Mesmo sendo simples mortal, você faz o que quer, porque tem poder sobre os homens. Mas não pense que o nosso povo foi abandonado por Deus. ¹⁷Esperem um pouco, e verá como o grande poder dele vai torturar você e sua descendência”.

¹⁸Depois desse, trouxeram também o sexto. Quando estava morrendo, ele ainda falou: “Não se iluda! Nós estamos sofrendo tudo isso por nossa culpa, porque pecamos contra o nosso Deus. Por isso nos acontecem essas coisas espantosas.

¹⁹Quanto a você, que se atreveu a lutar contra Deus, não pense que ficará sem castigo”.

²⁰Extraordinariamente admirável, porém, e digna da mais respeitável lembrança, foi a mãe. Ela, vendo morrer seus sete filhos num só dia, suportou tudo corajosamente, esperando no Senhor. ²¹Ela encorajava cada um dos filhos, na língua dos seus antepassados. Com atitude nobre, e animando sua ternura feminina com força viril, assim falava com os filhos: ²²“Não sei como vocês apareceram no meu ventre. Não fui eu que dei a vocês o espírito e a vida, nem fui eu que dei forma aos membros de cada um de vocês. ²³Foi o Criador do mundo, que modela a humanidade e determina a origem de tudo. Ele, na sua misericórdia, lhes devolverá o espírito e a vida, se vocês agora se sacrificarem pelas leis dele”.

²⁴Antíoco pensou que a mulher o enganava e desconfiou que ela o estava insultando. Restava, porém, o filho mais novo. E o rei tentava convencê-lo, e até lhe garantiu, sob juramento, que, se renegasse as tradições dos antepassados, ele o tornaria rico e feliz, o teria como amigo e lhe daria cargos importantes.

²⁵Entretanto, o menino não lhe deu a menor atenção. Por isso, o rei chamou a mãe e pedia que ela aconselhasse o menino para o próprio bem dele. ²⁶Depois de muita insistência do rei, ela aceitou falar com o filho. ²⁷Abaixou-se e, enganando esse rei cruel, usou a língua dos antepassados e falou assim: “Meu filho, tenha dó de mim. Eu carreguei você no meu ventre durante nove meses. Eu amamenteei você por três anos. Eduquei, criei e tratei você até esta idade!

²⁸Meu filho, eu lhe imploro: olhe o céu e a terra, e observe tudo o que neles existe. Deus criou tudo isso do nada, e a humanidade teve a mesma origem.

²⁹Não fique com medo desse carrasco. Ao contrário, seja digno de seus irmãos e

enfrente a morte. Desse modo, eu recuperarei você junto com seus irmãos, no tempo da misericórdia”.

³⁰Apenas ela acabou de falar, o rapazinho disse: “O que vocês estão esperando? Eu não obedeco às ordens do rei. Obedeco às determinações da Lei que foi dada a nossos antepassados através de Moisés. ³¹Quanto a você, que está procurando fazer tudo o que há de mau aos hebreus, você não vai conseguir escapar das mãos de Deus. ³²Nós estamos sofrendo por causa de nossos pecados. ³³Por um pouco de tempo, o Senhor vivo está irado conosco e nos castiga e nos corrige, mas ele voltará a se reconciliar com os seus servos. ³⁴Quanto a você, ímpio e pior criminoso do mundo, não fique se exaltando à-toa ou gritando esperanças que não têm fundamento, enquanto ergue as mãos contra os servos do Céu. ³⁵Você ainda não escapou do julgamento do Deus todo-poderoso, que tudo vê. ³⁶Depois de suportar um sofrimento passageiro, os meus irmãos já estão participando da vida eterna, na aliança com Deus. Em troca, no julgamento de Deus, você receberá o castigo justo por sua soberba. ³⁷Quanto a mim, da mesma forma que meus irmãos, entrego o meu corpo e a minha vida em favor das leis de meus antepassados, suplicando que Deus se compadeça logo do meu povo. Enquanto isso, você, à custa de castigos e flagelos, terá de reconhecer que ele é o único Deus. ³⁸Suplico que a ira do Todo-poderoso, que se abateu com toda a justiça contra o seu povo, se detenha em mim e em meus irmãos”.

³⁹O rei, sentindo-se envenenado pelo sarcasmo, ficou furioso, e tratou o menino com crueldade ainda mais feroz do que fizera com os outros. ⁴⁰E o menino morreu sem mancha, confiando totalmente no Senhor.

⁴¹A mãe morreu por último, depois dos filhos.

⁴²Por ora, basta o que contei sobre as refeições sacrificais e as incríveis crueldades. [7,1-42]

V. VITÓRIA SOBRE O OPRESSOR

8 *Organizando a luta* — ¹Nesse meio tempo, Judas, chamado Macabeu, com seus companheiros, se infiltravam nas aldeias. Convocando os compatriotas e recrutando os que continuavam fiéis ao judaísmo, reuniram cerca de seis mil pessoas. ²Suplicaram ao Senhor que olhasse para o povo, pisoteado por todos, e tivesse compaixão do Templo, profanado por ímpios; ³que tivesse misericórdia da cidade de Jerusalém já destruída e em vias de ser nivelada ao solo; que escutasse o clamor do sangue que subia até ele; ⁴que se lembrasse do criminoso massacre de crianças inocentes e das blasfêmias contra o seu Nome, e pusesse em ação a sua vingança.

⁵Quando conseguiu organizar o pessoal, o Macabeu tornou-se invencível para os pagãos. Dessa forma, a ira do Senhor transformou-se em misericórdia. ⁶Judas chegava de surpresa e incendiava cidades e povoados, tomava os pontos estratégicos e afugentava muitos inimigos. ⁷Para esses ataques, escolhia de preferência a noite como sua aliada. E a fama de sua valentia se espalhava por toda a parte. [8,1-7]

Deus se alia à luta do povo — ⁸Quando viu que Judas ia pouco a pouco chegando ao sucesso, e subindo firmemente de vitória em vitória, Filipe escreveu a Ptolomeu, comandante da Celessíria e da Fenícia, pedindo que fosse socorrer os interesses do rei. ⁹Ele imediatamente escolheu Nicanor, filho de Pátroclo, um dos principais amigos do rei, e colocou sob o comando dele mais de vinte mil homens pagãos de todas as nações, com ordem de liquidar com a raça dos judeus. Junto com ele, mandou o comandante Górgias, homem experiente em questões de guerra. ¹⁰Nicanor planejou vender escravos judeus, para levantar a quantia de setenta toneladas de prata para o tributo que o rei devia aos romanos. ¹¹Por isso, antes de mais nada, mandou alguém às cidades do litoral oferecer escravos judeus, propondo o preço de noventa escravos por trinta e cinco quilos de prata. Ele não imaginava o castigo que o Todo-poderoso lhe reservava.

¹²A notícia da vinda de Nicanor chegou até Judas, que preveniu os companheiros sobre a aproximação do inimigo. ¹³Os medrosos e aqueles que não confiavam na justiça de Deus abandonavam suas posições e fugiam para se salvar. ¹⁴Os outros venderam tudo o que possuíam, e juntos suplicaram ao

Senhor que os libertasse, pois já tinham sido vendidos como escravos pelo ímpio Nicanor. ¹⁵Pediam que Deus os atendesse, se não por causa deles próprios, pelo menos em vista da aliança feita com os seus antepassados e também por causa do próprio Nome sagrado e grandioso que estava sendo invocado. ¹⁶O Macabeu reuniu os seus companheiros em número de seis mil. Procurou animá-los, dizendo para não se apavorarem, nem se sentirem inferiorizados pela grande quantidade de pagãos que vinham fazer guerra injusta contra eles, mas que lutassem com bravura. ¹⁷Que tivessem diante dos olhos o desrespeito criminoso com que os inimigos trataram o nosso lugar santo, a vergonha da cidade humilhada e também a abolição das tradições dos nossos antepassados. ¹⁸Judas falou: “Os inimigos confiam nas armas e nos seus atos de bravura. Nós, porém, confiamos no Deus Todo-poderoso. Ele, com um simples gesto, é capaz de derrubar nossos inimigos e até o mundo inteiro”. ¹⁹Lembrou-lhes também o socorro que tinha vindo de Deus para os antepassados, como no caso de Senaquerib, quando morreram cento e oitenta e cinco mil. ²⁰Lembrou-lhes também a batalha contra os gálatas na Babilônia, quando todos os que estavam em combate eram oito mil, além de quatro mil macedônios. Como os macedônios estivessem em dificuldade, os oito mil mataram cento e vinte mil com a ajuda que lhes veio do céu, e ainda recolheram muitos despojos.

²¹Depois de encorajá-los com essas palavras e tornando-os prontos para morrer pelas leis e pela pátria, Judas repartiu o exército em quatro divisões aproximadamente iguais. ²²Como comandantes de cada uma das divisões nomeou seus irmãos Simão, José e Jônatas, ficando cada um com cerca de mil e quinhentos homens, ²³e também Eleazar. Lido o livro sagrado e dada a palavra de ordem: “Ajuda de Deus”, Judas partiu contra Nicanor, comandando a primeira divisão. ²⁴Como o Todo-poderoso se tornou seu aliado, eles liquidaram mais de nove mil, enquanto feriram e mutilaram mais da metade do exército de Nicanor, obrigando todos os outros a fugir. ²⁵Tomaram o dinheiro dos que tinham vindo com a intenção de comprá-los. Perseguiram os fugitivos por longo tempo, mas desistiram por estar ficando tarde, ²⁶pois era véspera de sábado. Por isso, não continuaram a persegui-los. ²⁷Após terem tomado as armas deles e despojado os cadáveres dos inimigos, celebraram o sábado de maneira extraordinária, louvando e agradecendo ao Senhor que nesse dia os libertou, marcando assim o início da sua misericórdia para com eles. ²⁸Passado o sábado, repartiram os despojos dos inimigos entre os mutilados, viúvas e órfãos.

Repartiram entre si e seus filhos tudo o que sobrou. ²⁹Depois disso, fizeram uma súplica coletiva, pedindo ao Senhor misericordioso que se reconciliasse totalmente com seus servos.

³⁰Em seguida, atacaram o pessoal de Timóteo e de Báquides. Mataram mais de vinte mil deles e, com muita facilidade, tomaram algumas fortalezas em pontos elevados. Dividiram então muitos despojos em partes iguais, entre si e com os mutilados, órfãos, viúvas e velhos. ³¹Recolheram cuidadosamente as armas dos inimigos, colocaram todas em lugares convenientes e levaram para Jerusalém o resto dos despojos que tinham recolhido. ³²Conseguiram matar o comandante da guarda pessoal de Timóteo, homem sanguinário que tinha feito os judeus sofrerem muito. ³³Quando estavam celebrando na pátria a festa da vitória, queimaram vivos aqueles que tinham incendiado os portais sagrados e também o tal de Calístenes, que se havia refugiado numa casa. Assim eles receberam o castigo merecido pela profanação que tinham cometido.

³⁴O bandido Nicanor, que tinha trazido mil negociantes para a venda de judeus, ³⁵foi humilhado, com a ajuda do Senhor, por aqueles mesmos que ele considerava os últimos. Teve que abandonar suas roupas suntuosas, e fugiu pelo campo como escravo, chegando a Antioquia sem nada, em situação mais feliz que o seu exército derrotado. ³⁶Assim, aquele que se havia responsabilizado em saldar o tributo devido aos romanos, mediante a venda de prisioneiros de Jerusalém, passou a proclamar que os judeus têm um Defensor e que, por essa razão, são invulneráveis, porque seguem as leis determinadas por ele. [8-36]

9 O fim do opressor — ¹Por essa mesma ocasião, Antíoco foi forçado a voltar desordenadamente das regiões da Pérsia. ²Entrou em Persépolis, tentou despojar o templo e tomar a cidade. Diante disso, o povo se revoltou e recorreu às armas. Foi quando Antíoco, derrotado e perseguido pelos habitantes, teve que bater em vergonhosa retirada. ³Quando estava perto de Ecbátana, chegou-lhe a notícia do que tinha acontecido a Nicanor e ao pessoal de Timóteo. ⁴Então, furioso, pensava em cobrar dos judeus a injúria sofrida diante daqueles que o tinham posto em fuga. Por isso, mandou seu cocheiro tocar a carruagem, seguindo em frente sem parar. Entretanto, o julgamento do céu já o estava alcançando. De fato, na sua arrogância, ele tinha dito: “Vou transformar Jerusalém num cemitério de judeus. Basta eu chegar lá!” ⁵O Senhor Deus de Israel, porém, que tudo vê, mandou-lhe uma doença incurável e invisível. Pois logo que acabou de dizer essas palavras, lhe veio uma forte dor de barriga, uma

terrível cólica de intestinos. ⁶Era uma coisa justa, porque ele havia torturado as entranhas de outros com muitas e refinadas torturas. ⁷Nem assim diminuiu a sua arrogância. Ao contrário, ficou ainda mais exaltado e, furioso de raiva contra os judeus, mandou tocar mais depressa. Aconteceu então cair da carruagem que corria precipitadamente e, por causa da queda violenta, todos os seus membros se quebraram. ⁸Aquele que, pouco antes, com insolência até desumana, se achava com poderes de dar ordens para as ondas do mar, e que se imaginava pesando em balança as altas montanhas, ficou estendido no chão, e teve de ser carregado numa padiola. Assim, para todos ele dava mostras evidentes do poder de Deus. ⁹A coisa foi tal, que do corpo desse renegado brotavam vermes. Ainda vivo, em meio a sofrimentos e dores, suas carnes se soltavam do corpo. Por todo o acampamento não se aguentava o mau cheiro da sua podridão. ¹⁰Aquele que pouco antes parecia capaz de tocar as estrelas do céu, agora ninguém era capaz de o carregar, por causa do mau cheiro insuportável. ¹¹Em tal situação, prostrado por sua doença, Antíoco começou a ceder em sua arrogância. Atormentado cada vez mais pelas dores, chegou a reconhecer o castigo divino, ¹²e já não podendo suportar seu próprio cheiro, disse: “É justo que o mortal se submeta a Deus e não queira igualar-se à divindade”. ¹³Mas esse criminoso rezava ao Soberano, que já não se compadecia dele. Então jurou ¹⁴que proclamaria livre a cidade santa, contra a qual antes caminhava apressadamente, a fim de arrasá-la e transformá-la em cemitério. ¹⁵Jurou que daria os mesmos direitos dos atenienses a todos os judeus, sobre quem havia decretado que não mereciam sepultura, mas que fossem jogados com seus filhos para servir de comida às feras e aves de rapina. ¹⁶Jurou que enfeitaria, com os mais belos donativos, o Templo santo, que ele mesmo tinha despojado. Jurou que devolveria, em número maior, todos os objetos sagrados. Jurou que manteria, com suas rendas pessoais, todas as despesas necessárias para os sacrifícios. ¹⁷Além de tudo isso, jurou que se tornaria judeu e percorreria todos os lugares habitados do mundo, anunciando o poder de Deus.

¹⁸Como as dores não passassem, pois a justa condenação de Deus o tinha atingido, e perdendo as esperanças de cura, Antíoco escreveu aos judeus, em tom de súplica, a seguinte carta: ¹⁹“Aos ilustríssimos cidadãos judeus. O rei e governador Antíoco lhes manda muitas saudações e deseja saúde e bem-estar. ²⁰Espero, graças ao Céu, que vocês e seus filhos estejam bem, e seus negócios corram segundo seus desejos. ²¹Lembro com carinho o respeito e os bons

sentimentos de vocês.

Ao voltar da Pérsia, contrai uma grave doença e julguei necessário pensar na segurança pública. ²²No meu caso, não perdi a esperança. Ao contrário, espero escapar dessa doença. ²³Eu me lembro que meu pai, toda vez que partia em campanha para a região do planalto, indicava o seu futuro sucessor. ²⁴Desse modo, se acontecesse algo inesperado ou se chegasse alguma notícia má, o pessoal que estava no país não iria agitar-se, pois já saberia a quem fora confiado o governo. ²⁵Além disso, considerando que os soberanos próximos e vizinhos do nosso reino estão à espera de uma oportunidade e observando o que acontece, nomeio como rei o meu filho Antíoco. É ele que tantas vezes tenho recomendado a muitos de vocês, ao me ausentar para as províncias do norte. A ele escrevi a carta que segue abaixo. ²⁶Assim, pois, eu os exorto e lhes peço que conservem para com o meu filho a mesma boa vontade demonstrada para comigo, lembrados de tudo de bom que fiz por vocês, seja em comum para todos, seja em particular para cada um. ²⁷Estou plenamente convencido de que meu filho, seguindo a minha decisão, os tratará com muita compreensão e cordialidade”.

²⁸E assim, esse assassino e blasfemo, entre dores atrozes, morreu nas montanhas, em terra estrangeira. Seu final foi desastroso, da mesma forma como ele havia tratado a outros. ²⁹Filipe, seu companheiro de infância, transportou seus restos. Mas, com medo do filho de Antíoco, Filipe foi para o Egito, para junto de Ptolomeu Filométor. [9,1-29]

10 *Comemoração da vitória* — ¹O Macabeu com seus companheiros, guiados pelo Senhor, reconquistaram o Templo e a cidade de Jerusalém. ²Demoliram os altares construídos pelos estrangeiros na praça pública e seus templos. ³Depois de purificar o santuário, construíram novo altar para os holocaustos. Tiraram fogo das pedras e ofereceram sacrifícios, após uma interrupção de dois anos. Acenderam também o fogo do altar de incenso e as lâmpadas, e apresentaram os pães. ⁴Em seguida se prostraram por terra e suplicaram ao Senhor que nunca mais os deixasse cair em tais desgraças. Caso voltassem a pecar, que ele os corrigisse com moderação, sem que fossem entregues em mãos de bárbaros e blasfemadores. ⁵A purificação do Templo aconteceu na mesma data em que tinha sido profanado pelos estrangeiros, isto é, no dia vinte e cinco do mês de Casleu. ⁶Durante oito dias, fizeram uma comemoração semelhante à das Tendas, para lembrar que pouco tempo antes, durante a festa das Tendas, eles tiveram de andar pelos montes e cavernas,

vivendo como animais selvagens. ⁷Por isso, carregando folhagens, ramos novos e folhas de palmeira, cantaram hinos ao Deus que lhes tinha dado a graça de purificar o seu lugar sagrado. ⁸Na ocasião, editaram um decreto público, confirmado por votação e aprovação geral, mandando que todo o povo judeu celebrasse essa data todos os anos. [\[10,1-8\]](#)

VI. AMPLIANDO AS FRONTEIRAS

A luta continua — ⁹Esse foi o fim de Antíoco, chamado Epífanês. ¹⁰Vamos relatar agora os fatos ligados a Antíoco Eupátor, filho desse ímpio, procurando resumir os males causados pelas guerras. ¹¹Logo que tomou posse do reino, Eupátor nomeou como encarregado da administração um tal de Lísias, até então governador e comandante da Celessíria e da Fenícia. ¹²Entretanto, Ptolomeu, chamado Macron, que tinha tomado a iniciativa de tratar com justiça os judeus, a fim de reparar a injustiça contra eles cometida, projetava conduzir tranquilamente todos os assuntos que se referiam a eles. ¹³Por isso, Ptolomeu foi acusado diante de Eupátor pelos amigos deste rei. Ele era a todo momento chamado de traidor, por ter abandonado Chipre, que lhe fora confiada por Filométor, e por ter passado para o lado de Epífanês. Não conseguindo exercer o poder com toda a dignidade, ele se suicidou, tomando veneno. [9-13]

O perigo da corrupção — ¹⁴Nesse meio tempo, Górgias tornou-se comandante dessas regiões. Ele mantinha um exército mercenário e estava continuamente provocando guerras contra os judeus. ¹⁵Da mesma forma os idumeus, que ocupavam fortalezas bem situadas, viviam provocando os judeus, e atiçavam o clima de guerra, acolhendo refugiados de Jerusalém. ¹⁶Os companheiros do Macabeu, depois de fazer preces públicas e suplicar a Deus que se aliasse a eles, atacaram as fortalezas dos idumeus. ¹⁷Assaltaram vigorosamente as fortalezas e conseguiram tomar essas posições, vencendo os inimigos que lutavam de cima da muralha. Mataram a quantos estavam sob seu alcance e eliminaram pelo menos vinte mil. ¹⁸Entretanto, pelo menos nove mil conseguiram escapar para duas torres solidamente fortificadas e que tinham tudo para aguentar cerco prolongado. ¹⁹O Macabeu deixou aí Simão e José, e também Zaqueu com seus companheiros, o suficiente para manter o cerco, enquanto ele foi para outros lugares, onde sua presença era mais necessária. ²⁰Os companheiros de Simão, porém, cheios de ganância por dinheiro, foram subornados por alguns que estavam nas torres: receberam setenta mil dracmas e os deixaram fugir. ²¹Denunciaram ao Macabeu o que tinha acontecido. Então ele reuniu os chefes do exército e os acusou de ter vendido seus irmãos por dinheiro, deixando sair livres os inimigos que combatiam contra eles. ²²Mandou matar os traidores e, sem mais, ocupou as duas torres. ²³O Macabeu tinha sucesso em todas as lutas armadas, e só nessas duas fortalezas eliminou mais de vinte mil homens. [14-23]

Deus está presente na luta — ²⁴Já antes derrotado pelos judeus, Timóteo reuniu numeroso e variado exército estrangeiro, recrutou numerosa cavalaria da Ásia e apareceu para ocupar militarmente a Judeia. ²⁵Os companheiros do Macabeu se reuniram com ele para rezar a Deus. Cobriram de pó a cabeça, vestiram-se com panos de saco ²⁶e, prostrados no degrau que fica em frente do altar, suplicaram que Deus fosse favorável a eles, que se tornasse inimigo de seus inimigos e adversário de seus adversários, como a Lei diz claramente.

²⁷Terminada a oração, pegaram em armas e se afastaram bastante da cidade. Entretanto, ao chegarem perto dos que vinham combater contra eles, pararam. ²⁸Mal raiou a madrugada, uns e outros se lançaram à luta. Uns, além da boa disposição, tinham como garantia de êxito e de vitória a proteção do Senhor. Os outros lutaram guiados pelo seu próprio furor. ²⁹No auge do combate, os inimigos viram no céu cinco homens resplandecentes, montados em cavalos com rédeas de ouro e que se puseram como comandantes dos judeus. ³⁰Colocaram o Macabeu no meio deles e o protegeram com seus escudos, tornando-o invulnerável, enquanto atiravam setas e raios contra os adversários. Desorientados por não poderem enxergar, os inimigos dos judeus se dispersaram totalmente confusos. ³¹Dessa forma, foram eliminados vinte mil e quinhentos homens, além de seiscentos cavaleiros. ³²Timóteo, porém, conseguiu refugiar-se na fortaleza chamada Gazara, que era muito bem fortificada e cujo comandante era Quéreas. ³³Os companheiros do Macabeu, cheios de entusiasmo, cercaram a fortaleza durante quatro dias. ³⁴Os que estavam dentro, confiando na segurança que o lugar oferecia, multiplicavam as blasfêmias, dizendo palavras ímpias. ³⁵Ao amanhecer do quinto dia, porém, vinte jovens dos companheiros do Macabeu, inflamados por causa dessas blasfêmias e cheios de coragem, atacaram a muralha e, com furor selvagem, matavam quem chegasse ao seu alcance. ³⁶Os demais subiram por outro lado, e, surpreendendo os de dentro, incendiaram as torres, provocando fogueiras e queimando vivos os que blasfemavam. Enquanto isso, os primeiros arrebentaram as portas, abrindo caminho para o restante do exército. E conquistaram então a fortaleza. ³⁷Mataram a Timóteo, que se havia escondido numa cisterna, e também seu irmão Quéreas e Apolófanes. ³⁸Depois de tudo isso, com hinos e ação de graças louvaram ao Senhor, que tinha feito tão grande benefício em favor de Israel, concedendo a eles essa vitória. [24-38]

11 ***Ambiguidade dos acordos*** — ¹Pouco tempo depois, Lísias, tutor e parente

do rei, além de encarregado dos negócios, não suportou o que tinha acontecido. ²Reuniu oitenta mil soldados com toda a cavalaria, e partiu para enfrentar os judeus. Sua intenção era transformar Jerusalém em morada de gregos, ³submeter o Templo a pagar tributo como os outros santuários das nações e, todos os anos, pôr à venda o cargo de sumo sacerdote. ⁴Confiando somente nas dezenas de milhares de seus soldados de infantaria, em seus milhares de cavaleiros e em seus oitenta elefantes, nem lhe ocorria pensar no poder de Deus.

⁵Logo que entrou na Judeia, aproximou-se da fortaleza de Betsur, a umas cinco léguas de Jerusalém, e a cercou. ⁶Quando os companheiros do Macabeu souberam que Lísias estava cercando as fortalezas, suplicavam ao Senhor entre gemidos e lágrimas, junto com o povo, que mandasse um anjo bom para salvar Israel. ⁷O próprio Macabeu foi o primeiro a pegar em armas e pôr-se à frente de todos. Assim convenceu os outros a enfrentar junto com ele o perigo, a fim de levar ajuda aos irmãos. Unidos e cheios de coragem, puseram-se em marcha. ⁸Estavam ainda perto de Jerusalém, quando apareceu, marchando à frente deles, um cavaleiro vestido de branco e empunhando armas de ouro. ⁹Todos juntos agradeceram ao Deus misericordioso, e ficaram tão animados e corajosos que iam dispostos a atacar não somente homens, mas até as feras mais selvagens e as muralhas de ferro. ¹⁰Iam de armas em punho e com um aliado vindo do céu, pois o Senhor se havia compadecido deles. ¹¹Como leões, atacaram o inimigo e deixaram mortos onze mil soldados de infantaria e mil e seiscentos da cavalaria. Os outros foram obrigados a fugir. ¹²Muitos deles, depois de feridos, abandonavam as armas e escapavam. O próprio Lísias, para sair com vida, teve de fugir vergonhosamente.

¹³Como não era tolo, Lísias refletiu sobre a humilhação que sofrera, e percebeu que os hebreus eram invencíveis, porque o Deus Todo-poderoso lutava ao lado deles. ¹⁴Então mandou representantes, propondo acordo em termos justos, e prometendo convencer o rei a tornar-se amigo deles. ¹⁵O Macabeu, pensando no bem comum, concordou com o que Lísias propunha. E o rei concedeu tudo o que o Macabeu pediu por escrito a Lísias em favor dos judeus.

¹⁶A carta enviada por Lísias aos judeus dizia o seguinte: “De Lísias ao povo judeu. Saudações! ¹⁷João e Absalão, mensageiros de vocês, me entregaram o documento, solicitando o que aí é proposto. ¹⁸Expliquei ao rei tudo o que era preciso ser explicado. Ele aprovou tudo o que se podia aceitar. ¹⁹Se vocês conservarem boa vontade para com a administração pública, eu também me

esforçarei, de ora em diante, para ser advogado dos seus interesses. ²⁰Ordenei aos seus mensageiros e aos meus, que tratem com vocês as questões em pormenores. ²¹Passar bem! Dia vinte e quatro de Dióscoro do ano cento e quarenta e oito”.

²²A carta do rei dizia o seguinte: “Do rei Antíoco ao seu irmão Lísias. Saudações! ²³Depois que o nosso pai se mudou para junto dos deuses, decidimos que os habitantes do nosso reino podem cuidar dos seus interesses sem sofrerem a menor perturbação. ²⁴Ouvimos falar que os judeus não concordaram com a mudança para os costumes gregos, querida por meu pai, mas que preferem sua própria maneira de viver. E eles estão pedindo autorização para seguir o que é conforme à sua própria Lei. ²⁵Desejando também que esse povo viva sem temores, decidimos que o Templo seja devolvido a eles e que possam governar-se de acordo com os costumes de seus antepassados. ²⁶Por isso, você fará muito bem, se mandar alguém até eles para fazer as pazes, a fim de que eles, tomando conhecimento dessas nossas disposições, se sintam satisfeitos e alegres, e cuidem apenas de seus assuntos particulares”.

²⁷A carta do rei ao povo dizia o seguinte: “Do rei Antíoco ao conselho dos anciãos dos judeus e a todos os judeus. Saudações! ²⁸Esperamos que vocês estejam passando bem. Nós também vamos indo bem. ²⁹Menelau nos fez ver que vocês desejam voltar para cuidar de suas coisas. ³⁰Garantimos a imunidade para todos os que voltarem para casa até o dia trinta do mês de Xântico. Dou permissão ³¹para que esses judeus façam uso de seus alimentos próprios e também de suas leis, como faziam antigamente. E que nenhum deles seja molestado por causa de faltas cometidas por ignorância. ³²Menelau é o meu mensageiro para levar a vocês a minha aprovação. ³³Passar bem! Dia quinze do mês de Xântico do ano cento e quarenta e oito”.

³⁴Os romanos também enviaram aos judeus uma carta que dizia: “De Quinto Mêmio, Tito Manílio e Mânio Sérgio, legados romanos, ao povo dos judeus. Saudações! ³⁵Nós concordamos com o que Lísias, parente do rei, lhes concedeu. ³⁶Agora, quanto aos pontos que ele determinou levar ao conhecimento do rei, mandem logo alguém, depois de tudo bem analisado por vocês, para nos falar sobre isso, a fim de que possamos apresentar as coisas conforme convém a vocês, pois nós estamos indo para Antioquia. ³⁷Por isso, andem depressa e mandem alguém para tomarmos conhecimento de suas propostas. ³⁸Passar bem! Dia quinze do mês de Xântico do ano cento e quarenta e oito”. [11,1-38]

12 *É preciso estar atento* — ¹Feitos esses acordos, Lísias voltou para junto do rei, e os judeus voltaram para seus trabalhos no campo. ²Os governadores locais, como Timóteo e Apolônio, filho de Geneu, e também Jerônimo e Demofonte, como também Nicanor, governador de Chipre, não os deixavam tranquilos, nem viver em paz. ³Além disso, os habitantes de Joze chegaram ao extremo da maldade: sem apresentar a menor intenção hostil, convidaram os judeus que viviam com eles a entrarem com suas mulheres e filhos em barcos que eles mesmos tinham preparado. ⁴Como se tratava de decreto oficial da cidade, e já que os judeus desejavam viver em paz e não tinham nenhuma suspeita, estes aceitaram o convite. Quando, porém, o barco chegou em alto-mar, aqueles o afundaram. E eram pelo menos duzentas pessoas.

⁵Quando soube da crueldade praticada contra seus compatriotas, Judas mandou que seus companheiros se preparassem. ⁶Depois de invocar a Deus, o justo juiz, foi atacar os assassinos de seus irmãos. À noite incendiou o porto, queimou as barcas, depois de ter passado a fio de espada os que aí se haviam refugiado. ⁷Como a cidade estava fechada, Judas foi embora, com planos de voltar e eliminar toda a população de Joze. ⁸Entretanto, foi informado que os habitantes de Jâmnia queriam fazer o mesmo com os judeus que moravam na cidade. ⁹Então ele atacou Jâmnia de surpresa, também à noite, incendiou o porto e as embarcações, de modo que o clarão do incêndio foi visto até em Jerusalém, a quarenta e cinco quilômetros de distância. [12,1-9]

Ampliando fronteiras — ¹⁰Judas se havia afastado dois quilômetros daí para enfrentar Timóteo, quando pelo menos cinco mil árabes com quinhentos cavaleiros o atacaram. ¹¹Aconteceu então uma luta violenta, e os companheiros de Judas, com a ajuda de Deus, ainda que menos numerosos, venceram. Os nômades pediram a paz a Judas. E prometeram dar-lhe gado e ajudá-lo em tudo o mais. ¹²Judas, percebendo que eles seriam realmente úteis em muitas coisas, achou conveniente fazer as pazes com eles. Assim, depois de darem as mãos, eles foram embora para as suas tendas.

¹³Judas tomou uma cidade, chamada Caspin, que era protegida por vales, rodeada de muralhas e habitada por gente de todas as raças. ¹⁴Os que estavam dentro da cidade, confiando na firmeza das muralhas e nos alimentos que tinham de reserva, foram ficando cada vez mais provocadores para com os companheiros de Judas: caçoavam, blasfemavam e diziam palavrões. ¹⁵O

peçoal de Judas, porém, depois de invocar o grande Soberano do universo, que sem aríetes ou máquinas de guerra derrubou os muros de Jericó no tempo de Josué, avançaram como feras contra a muralha. ¹⁶Após tomar a cidade por vontade de Deus, fizeram indescritível matança. Um lago vizinho, com mais de quatrocentos metros de largura, parecia cheio de sangue que havia escorrido. [10-16]

¹⁷Distanciando-se uns cento e quarenta quilômetros daí, chegaram a Cáraca, onde viviam os judeus chamados tubianos. ¹⁸Não encontraram Timóteo nessa região, porque este, não havendo conseguido nada até então, tinha partido, deixando no lugar apenas uma guarnição bem munida. ¹⁹Dositeu e Sosípatro, oficiais do exército do Macabeu, desviaram-se para esse lugar e mataram o peçoal deixado por Timóteo na fortaleza. E eliminaram mais de dez mil homens. ²⁰O Macabeu dividiu o seu exército em grupos e colocou os dois na chefia desses grupos. Em seguida, partiu para atacar Timóteo, que tinha sob seu comando cento e vinte mil soldados de infantaria e dois mil e quinhentos cavaleiros. ²¹Ao saber que Judas vinha atacá-lo, Timóteo mandou, na frente, para o lugar chamado Cárnion, as mulheres e as crianças com as bagagens. A posição era impossível de conquistar, e o local inacessível por causa dos muitos desfiladeiros que havia por aí. ²²Logo que apareceu o primeiro grupo do exército de Judas, os inimigos ficaram tomados de medo e apoderou-se deles o pânico, causado pela manifestação daquele que tudo vê. Fugiram então desabaladamente, uns tropeçando nos outros, muitas vezes atrapalhando os próprios companheiros e ferindo-se gravemente com suas próprias espadas. ²³Judas perseguiu-os com toda a energia, fustigou esses criminosos e eliminou cerca de trinta mil homens. ²⁴O próprio Timóteo caiu nas mãos dos soldados de Dositeu e Sosípatro. Com esperteza, Timóteo pediu que o deixassem partir com vida, afirmando que tinha em seu poder pais e irmãos de muitos deles, e poderia acontecer que eles fossem mortos. ²⁵Conseguiu convencer os soldados com muitas palavras, prometendo que devolveria os prisioneiros sãos e salvos. Então lhe deram a liberdade em troca da libertação dos irmãos.

²⁶Em seguida, Judas marchou contra Cárnion e o santuário de Atargates, e matou aí vinte e cinco mil homens. [17-26]

Volta para Jerusalém — ²⁷Depois dessa reviravolta e matança, Judas dirigiu-se para o lado de Efron, cidade fortificada, onde moravam Lisânias e uma população de todas as raças. Jovens bem fortes ficavam na frente da muralha

para lutar com bravura. Dentro havia máquinas de guerra e muitos projéteis. ²⁸Após invocarem o Soberano, que com seu poder esmaga as forças inimigas, tomaram a cidade e mataram vinte e cinco mil dos que aí moravam.

²⁹Afastando-se daí, foram atacar Citópolis, a mais de cem quilômetros de Jerusalém. ³⁰Contudo, os judeus que moravam nessa cidade disseram que os cidadãos do lugar demonstravam grande simpatia para com eles e sempre os ajudavam nos momentos difíceis. ³¹Então Judas e seus companheiros agradeceram a eles e pediram que continuassem tendo para o futuro a mesma consideração para com seus irmãos de raça. Depois, voltaram para Jerusalém, bem próximo da festa das Semanas. [27-31]

Morte e ressurreição dos fiéis — ³²Após a festa denominada Pentecostes, atacaram Górgias, governador da Idumeia. ³³Este saiu para enfrentá-los, comandando três mil soldados de infantaria e quatrocentos cavaleiros. ³⁴Começaram a luta, e alguns judeus caíram mortos. ³⁵Um tal de Dositeu, dos tubianos, fortíssimo soldado de cavalaria, enfrentou Górgias, agarrou-o pelo manto e o foi arrastando com força, querendo pegar vivo o amaldiçoado. Um cavaleiro trácio, porém, atacou Dositeu e lhe cortou o ombro. Dessa forma, Górgias pôde fugir para Marisa. ³⁶Os soldados de Esdrin já estavam exaustos de tanto lutar. Então Judas invocou o Senhor, suplicando-lhe que se mostrasse aliado e comandante dessa batalha. ³⁷Em seguida, lançou o grito de guerra na língua materna e, cantando hinos, lançou-se de surpresa contra os soldados de Górgias, obrigando-os a fugir. ³⁸Após reunir o seu exército, Judas chegou até a cidade de Odolam. No sétimo dia, depois de se purificarem conforme o costume, celebraram o sábado. ³⁹No dia seguinte, como a tarefa era urgente, os homens de Judas foram recolher os corpos daqueles que tinham morrido na batalha, a fim de sepultá-los ao lado dos parentes, nos túmulos de seus antepassados. ⁴⁰Foi então que encontraram, por baixo das roupas de cada um dos mortos, objetos consagrados aos ídolos de Jâmnia, coisa que a Lei proibia aos judeus. Então ficou claro para todos o motivo da morte deles. ⁴¹E todos louvaram a maneira de agir do Senhor, que julga com justiça e coloca às claras as coisas escondidas. ⁴²Puseram-se em oração, suplicando que o pecado cometido fosse totalmente cancelado. O nobre Judas pediu ao povo para ficar longe do pecado, pois acabava de ver, com seus próprios olhos, o que tinha acontecido por causa do pecado daqueles que tinham morrido na batalha. ⁴³Então fizeram uma coleta

individual, reuniram duas mil moedas de prata e mandaram a Jerusalém, a fim de que fosse oferecido um sacrifício pelo pecado. Ele agiu com grande retidão e nobreza, pensando na ressurreição. ⁴⁴Se não tivesse esperança na ressurreição dos que tinham morrido na batalha, seria coisa inútil e tola rezar pelos mortos. ⁴⁵Mas, considerando que existe uma bela recompensa guardada para aqueles que são fiéis até à morte, então esse é um pensamento santo e piedoso. Por isso, mandou oferecer um sacrifício pelo pecado dos que tinham morrido, para que fossem libertados do pecado. [32-45]

13 Morte do ímpio — ¹No ano cento e quarenta e nove, chegou até ao pessoal de Judas a notícia de que Antíoco Eupátor estava se aproximando com grande exército para lutar contra a Judeia. ²Com ele vinha Lísias, que era o seu tutor e primeiro ministro. Os dois comandavam um exército grego de cento e dez mil soldados de infantaria, cinco mil e trezentos cavaleiros, vinte e dois elefantes e trezentos carros armados de foices.

³Menelau se ajuntou a eles e, com muita bajulação, encorajava Antíoco. Ele não estava pensando na pátria, mas em recuperar o poder. ⁴O Rei dos reis, porém, provocou o ódio de Antíoco contra esse criminoso, quando Lísias mostrou que era Menelau o causador de todas essas desgraças. Então o rei mandou levá-lo para Bereia e aí matá-lo, segundo o costume do lugar. ⁵Aí existe uma torre de vinte e cinco metros de altura, cheia de cinzas, provida de máquina giratória inclinada de todos os lados em direção à cinza. ⁶Aí são jogados para a morte os condenados por roubo de coisas sagradas ou por outros crimes maiores. ⁷Foi dessa forma que Menelau encontrou a morte, sem merecer nem mesmo a terra da sepultura. ⁸E isso com plena justiça, pois ele tinha cometido muitos pecados contra o altar, onde não só o fogo, mas até a cinza é pura. E na cinza ele encontrou a morte. [13,1-8]

Heroísmo contra a opressão — ⁹O rei vinha com fúria de bárbaro, querendo mostrar aos judeus coisas ainda piores que as acontecidas no tempo de seu pai. ¹⁰Sabendo disso, Judas mandou que o povo invocasse dia e noite o Senhor, para que, agora também como em outras vezes, ele socorresse os que estavam para ser privados da Lei, da pátria e do Templo sagrado; ¹¹e não permitisse que pagãos blasfemos submetessem o povo, que mal estava começando a respirar. ¹²Todos juntos fizeram isso, suplicando ao Senhor misericordioso com lágrimas, jejuns e prostrados no chão, por três dias sem parar. Depois, Judas disse que eles

deviam preparar-se. ¹³Privadamente, ele se reuniu com os anciãos e decidiu que iria sair para a luta, a fim de decidir a questão com a ajuda de Deus, em vez de esperar que o rei invadissem a Judeia com seu exército e tomasse a cidade.

¹⁴Confiando o êxito ao Criador do mundo, animou seus companheiros a lutarem nobremente até a morte, pela Lei, pelo Templo, pela cidade, pela pátria e pelos seus direitos de cidadãos. Em seguida, acampou perto de Modin. ¹⁵Deu a seus comandados a palavra de ordem: “Vitória de Deus!” À noite, acompanhado de alguns jovens escolhidos entre os mais valentes, atacou a tenda do rei no seu próprio acampamento. Matou cerca de dois mil homens e também o maior dos elefantes, juntamente com o soldado que ficava na torrinha em cima do elefante. ¹⁶Em resumo, encheram de terror e confusão o acampamento deles. E saíram bem-sucedidos, ¹⁷quando o dia já começava a raiar. Isso aconteceu por causa da proteção do Senhor, que auxiliou Judas. [9-17]

Acordos provisórios — ¹⁸Depois de perceber uma amostra da ousadia dos judeus, o rei tentou apoderar-se de posições deles, valendo-se de astúcia. ¹⁹Marchou contra Betsur, uma segura e bem armada fortaleza dos judeus. Mas foi diversas vezes rechaçado, derrotado e vencido. ²⁰Judas conseguia mandar, para os que estavam dentro da fortaleza, tudo aquilo de que precisavam. ²¹Entretanto, um tal de Rôdoco, das fileiras judaicas, estava passando os segredos de guerra para os inimigos. Ele foi procurado, preso e executado. ²²Pela segunda vez, o rei conferenciou com os que estavam em Betsur. Ofereceu a paz, aliou-se com eles e se retirou. Atacou os companheiros de Judas, mas foi derrotado. ²³O rei ficou sabendo que Filipe, deixado na administração do governo em Antioquia, tinha se revoltado. Desolado, entrou em negociação com os judeus, aliou-se com eles e jurou respeitar todas as condições justas. Feito o acordo, ofereceu um sacrifício, honrou o Templo e teve consideração para com o lugar sagrado. ²⁴Acolheu o Macabeu e deixou Hegemônida como comandante da região que vai desde Ptolemaida até o país dos gerrênios. ²⁵Em seguida, foi para Ptolemaida. Os cidadãos do lugar andavam descontentes com os acordos, pois estavam irritados com aqueles que queriam abolir os privilégios deles. ²⁶Lísias subiu ao palanque, defendeu-se o melhor que pôde, os convenceu, os acalmou, conseguiu a adesão deles, e partiu para Antioquia. Assim terminou a expedição e a volta do rei. [18-26]

VII. VITÓRIA DO POVO CONTRA O INIMIGO DE DEUS

14 *Traindo a causa do povo* — ¹Três anos depois, os companheiros de Judas souberam que Demétrio, filho de Seleuco, tinha desembarcado no porto de Trípoli com grande exército e uma frota de navios, ²e que tinha tomado o país, depois de eliminar Antíoco e seu tutor Lísias. ³Tal Alcimo, que tinha sido sumo sacerdote e se contaminara voluntariamente por ocasião da revolta, percebeu que para ele não haveria mais salvação, e que não lhe seria jamais permitido aproximar-se do altar sagrado. ⁴Por volta do ano cento e cinquenta e um, procurou o rei Demétrio, levando-lhe uma coroa de ouro, um ramo de palmeira e alguns dos ramos de oliveira que é costume oferecer no Templo. E nesse dia não pediu nada. ⁵Encontrou, porém, uma oportunidade favorável para a sua loucura, quando Demétrio o chamou diante do conselho. Interrogado sobre a disposição e intenções dos judeus, ele respondeu: ⁶“Os judeus chamados assídeos, dirigidos por Judas Macabeu, fomentam a guerra e provocam revoltas, impedindo que o reino alcance sua desejada estabilidade. ⁷Por isso, depois de ter perdido o cargo que recebi dos meus pais, isto é, o cargo de sumo sacerdote, aqui me apresento agora. ⁸Estou sinceramente querendo, em primeiro lugar, os interesses do rei e, em segundo, os interesses de meus concidadãos, porque é pela falta de bom senso dos mencionados homens que o nosso povo está sofrendo muito. ⁹Desejo que o senhor rei se informe de tudo isso em pormenores e, segundo sua bondade compreensiva para com todos, assumo o cuidado do país e do nosso povo, que está rodeado de perigos. ¹⁰Enquanto Judas viver, será impossível alcançar a paz”.

¹¹Dito isso, logo os outros amigos do rei, irritados com os sucessos de Judas, começaram a inflamar Demétrio. ¹²Então ele escolheu Nicanor, comandante do batalhão dos elefantes, o nomeou governador da Judeia e para aí o mandou. ¹³Deu-lhe ordens para matar Judas, dispersar seus companheiros, e colocar Alcimo como sumo sacerdote do Templo máximo. ¹⁴Os pagãos da Judeia, que tinham fugido de Judas, se ajuntaram em torno de Nicanor, imaginando que o malogro e a desgraça dos judeus reverteriam em felicidade para eles. [14,1-14]

Reconhecendo o poder da resistência — ¹⁵Logo que ouviram falar da expedição de Nicanor e que os pagãos estavam também contra eles, os judeus

cobriram a cabeça de terra, começaram a rezar a Deus, que tinha feito deles o seu povo para sempre, e que sempre se manifestava em socorro daqueles que eram a sua herança. ¹⁶Em seguida, a uma ordem do comandante, saíram imediatamente daí e foram enfrentar os homens de Nicanor no povoado de Dessau. ¹⁷Simão, irmão de Judas, enfrentou Nicanor. Contudo, foi obrigado a ceder por causa do aparecimento inesperado do inimigo. ¹⁸Apesar disso, ouvindo falar da coragem que os companheiros de Judas tinham e da disponibilidade que demonstravam em lutar pela pátria, Nicanor ficou receoso de resolver a questão com derramamento de sangue. ¹⁹Por isso, mandou Posidônio, Teódoto e Matatias para negociar a paz com os judeus.

²⁰Depois de amplo debate sobre as condições, cada chefe as comunicou à sua tropa, e todos concordaram com o tratado de paz. ²¹Marcaram a data para uma entrevista privada dos chefes num lugar determinado. De ambos os lados se adiantou uma liteira, e dispuseram cadeiras de honra. ²²Judas, entretanto, tinha distribuído homens armados em lugares estratégicos, prontos para intervir, se o inimigo cometesse alguma traição. A entrevista se realizou normalmente.

²³Nicanor passou a viver em Jerusalém, mas nada fez de inconveniente. Ao contrário, licenciou as tropas que, em massa, se haviam juntado a ele. ²⁴Judas comparecia todos os dias à presença de Nicanor que era interiormente muito favorável a Judas. ²⁵Nicanor chegou a aconselhar Judas a se casar e ter filhos. E Judas se casou e viveu feliz como cidadão comum. [15-25]

É necessário tomar partido — ²⁶Alcimo, vendo a amizade entre os dois, pegou uma cópia do acordo que tinham feito e foi procurar Demétrio, para lhe dizer que Nicanor estava com intenções contrárias ao seu governo, pois até havia nomeado como seu sucessor a Judas, o agitador do reino. ²⁷O rei ficou furioso e, provocado pelas acusações desse perverso, escreveu uma carta a Nicanor, condenando o acordo feito e dizendo que mandasse imediatamente o Macabeu preso para Antioquia.

²⁸Ao receber essas ordens, Nicanor ficou inteiramente perdido. Era muito difícil para ele desfazer um acordo realizado com uma pessoa que nada tinha praticado de injusto. ²⁹Contudo, como não podia contrariar as ordens do rei, ficou esperando uma ocasião para cumprir a ordem através de estratagema. ³⁰Judas, porém, percebeu que Nicanor o estava tratando com mais frieza, e que as relações normais se haviam tornado difíceis. Desconfiando que esse

comportamento ríspido não era sinal de boa coisa, reuniu bom número de companheiros e escapou de Nicanor secretamente. ³¹Nicanor, ao perceber que tinha sido habilmente enganado por Judas, dirigiu-se imediatamente ao grandioso e santo Templo, e deu ordem aos que estavam apresentando os sacrifícios de praxe, que entregassem Judas. ³²Eles disseram e juraram que não sabiam onde se poderia encontrar o homem que ele procurava. ³³Então, erguendo a mão na direção do santuário, Nicanor jurou: “Se vocês não me entregarem Judas preso, eu destruirei esta morada de Deus, demolirei o altar e erguerei aqui um belo templo para Dionísio”. ³⁴Dito isso, retirou-se. Os sacerdotes, então, ergueram as mãos para o céu e invocaram a Deus, que sempre luta em favor da nossa nação, dizendo: ³⁵“Tu, Senhor, que de nada necessitas no mundo, julgaste bom colocar no meio de nós o Templo onde moras. ³⁶Agora, Senhor santo e fonte de toda a santidade, conserva sempre sem contaminação esta casa que acaba de ser purificada”. [26-36]

Testemunho heroico — ³⁷Razis, membro do conselho de anciãos em Jerusalém, foi denunciado a Nicanor. Ele era defensor de seus concidadãos, homem de muito boa fama e, por causa da sua bondade, era chamado “pai dos judeus”. ³⁸Já fazia algum tempo, na época da revolta, que ele também tinha sido acusado de praticar o judaísmo e se havia entregue ao judaísmo de corpo e alma, sem reservas. ³⁹Nicanor, querendo mostrar hostilidade contra os judeus, mandou mais de quinhentos soldados para prender esse homem. ⁴⁰Calculava que estaria dando um duro golpe nos judeus com a prisão dele. ⁴¹Quando as tropas estavam quase tomando a torre e já forçavam a porta do pátio, foi dada a ordem de trazer fogo para incendiar as portas. Então Razis, sentindo-se cercado por todos os lados, atirou-se sobre a própria espada. ⁴²Cheio de brio, ele preferiu morrer do que cair nas mãos desses criminosos e ter a sua dignidade insultada da maneira mais baixa. ⁴³Mas, como o ferimento não foi tão certo por causa da precipitação da luta, e como o batalhão já entrava pelos pórticos, ele correu corajosamente até a muralha e valentemente se jogou contra o pelotão de soldados. ⁴⁴Todos recuaram rapidamente, abrindo um espaço, onde ele caiu. ⁴⁵Capaz ainda de respirar, e com o ânimo inflamado, ele se levantou, perdendo sangue aos borbotões e, por mais agudas que fossem as dores, correu pelo meio do batalhão. Depois, subindo a uma pedra íngreme, ⁴⁶já completamente sem sangue, arrancou os próprios intestinos e com as duas mãos os atirou no pelotão

de soldados. Suplicou ao Senhor da vida e do espírito que os devolvesse a ele novamente. E morreu. [37-46]

15 *A fé, força dos que lutam* — ¹Nicanor soube que os homens de Judas estavam na Samaria. Então planejou atacá-los de modo seguro no dia do repouso. ²Alguns judeus, que estavam sendo forçados a acompanhá-lo, disseram: “Não os mate de maneira tão bárbara e selvagem! Respeite esse dia, que foi honrado com o nome de santo por aquele que olha por todas as coisas”. ³Mas o bandido perguntou se existe alguém poderoso no céu, que tenha determinado celebrar o dia de sábado! ⁴Eles responderam sem vacilar: “Sim. É o Senhor vivo, o Soberano do céu. Ele mandou celebrar o dia do sábado”. ⁵O outro continuou: “Eu sou o soberano da terra. E ordeno pegar em armas e defender os interesses do rei”. Apesar de tudo, ele não conseguiu levar o seu projeto maligno até o fim. ⁶Nicanor, cheio de arrogância, pretendia fazer um troféu coletivo com as coisas que tomaria dos homens de Judas. ⁷Enquanto isso, o Macabeu não perdia a confiança, esperando receber do Senhor o socorro. ⁸Procurou animar seus companheiros, para que não tivessem medo do ataque dos pagãos, mas que lembrassem os auxílios que o Céu lhes tinha concedido, e esperassem também agora a vitória que o Todo-poderoso lhes ia conceder. ⁹Em seguida, animou-os com textos da Lei e dos Profetas, e, recordando também as lutas pelas quais já tinham passado, os tornou ainda mais entusiasmados. ¹⁰Depois de os animar, deu-lhes instruções, chamando a atenção deles para a falta de palavra dos pagãos que tinham violado os acordos.

¹¹Tendo armado cada um dos seus soldados, não tanto com a segurança oferecida pelos escudos e lanças, mas principalmente com a força das boas palavras, Judas ainda lhes contou um sonho digno de fé, uma espécie de visão, que muito os alegrou. ¹²No sonho, ele viu o seguinte: Onias, o antigo sumo sacerdote, homem correto e bom, respeitoso no encontro com as pessoas, manso no comportamento, precavido e delicado no falar, e bem-educado desde criança em todo o seu comportamento virtuoso, esse homem, de mãos erguidas, rezava em favor de toda a comunidade judaica. ¹³Da mesma forma, apareceu outra personagem extraordinária pela sua velhice e dignidade, envolta num clarão de majestade maravilhosa. ¹⁴Então Onias disse: “Este é o amigo dos seus irmãos, que está sempre rezando muito pelo povo e pela cidade santa. É Jeremias, o profeta de Deus”. ¹⁵Então Jeremias estendeu a mão direita e entregou a Judas uma espada de ouro, dizendo: ¹⁶“Receba a espada santa, que é dom de Deus.

Com ela, você destruirá os inimigos”.

¹⁷Animados com as palavras de Judas, realmente belas e capazes de encorajar e encher de valentia o ânimo dos jovens, os judeus resolveram não continuar acampados, mas tomar ousadamente a ofensiva. Assim, lutando com toda a valentia, resolveram decidir a questão através das armas, pois tanto a cidade como a religião e o Templo corriam perigo. ¹⁸A preocupação deles não era tanto suas mulheres e crianças, irmãos e parentes. Eles se preocupavam sobretudo com o Templo consagrado. ¹⁹Entretanto, não era menor a preocupação dos que tinham ficado na cidade, com medo da batalha em campo aberto. ²⁰Enquanto todos estavam esperando o desfecho iminente, o inimigo se concentrava, alinhando o exército para a batalha, colocando os elefantes em pontos estratégicos e distribuindo a cavalaria pelas alas. ²¹Ao ver as divisões do exército se apresentando, os vários tipos de armas e o aspecto selvagem dos elefantes, o Macabeu elevou as mãos para o céu e suplicou ao Senhor que faz prodígios, certo de que ele concede a vitória aos que dela são dignos, não pelas armas, mas pelo meio que ele mesmo deseja. ²²Em sua oração, Judas disse: “Senhor, tu mandaste, em favor do rei Ezequias de Judá, o teu mensageiro que eliminou do acampamento de Senaquerib cento e oitenta e cinco mil homens. ²³Agora, Soberano do céu, envia um anjo bom à nossa frente para provocar terror e tremor. ²⁴Que a grandeza do teu braço quebre aqueles que blasfemaram contra o teu povo santo”. E assim terminou a sua oração.

²⁵Os homens de Nicanor marchavam ao som das trombetas e gritos de guerra. ²⁶Os de Judas, ao contrário, foram se infiltrando no meio dos inimigos, fazendo invocações e preces. ²⁷Combatiam com as mãos e rezavam com o coração, deixando mais de trinta e cinco mil homens estendidos por terra. E transbordaram de alegria pela clara manifestação de Deus.

²⁸Terminada a batalha, quando já se retiravam cheios de alegria, reconheceram Nicanor caído, com a sua armadura. ²⁹Em meio a gritarias e alvoroço, louvavam o Senhor na língua materna. ³⁰Judas que sempre fora, de corpo e alma, o primeiro na luta por seus concidadãos e que nunca perdera sua afeição juvenil para com seus compatriotas, mandou cortar a cabeça e o braço inteiro de Nicanor, levando-os para Jerusalém.

³¹Chegando a Jerusalém, convocou os concidadãos e sacerdotes. E de pé, diante do altar, mandou chamar os que ocupavam a fortaleza. ³²Então mostrou a cabeça do imundo Nicanor e a mão que o blasfemador tinha erguido, com toda a

arrogância, contra a morada santa do Todo-poderoso. ³³Arrancou a língua do desalmado Nicanor e mandou cortá-la em pedaços para os passarinhos. O braço, símbolo da sua loucura, mandou pendurar na frente do Templo. ³⁴Todos elevaram os olhos ao céu, louvando o Senhor glorioso e dizendo: “Bendito seja aquele que conservou sem contaminação o seu lugar sagrado”.

³⁵Judas mandou pendurar na fortaleza a cabeça de Nicanor, como prova visível e clara da ajuda do Senhor. ³⁶Então todos decidiram, de comum acordo, que esse dia nunca mais passaria despercebido, mas que seria sempre comemorado no dia treze do mês doze, em aramaico o mês de Adar, ou seja, na véspera do dia de Mardoqueu. [15,1-3]

Conclusão — ³⁷Assim terminou a história de Nicanor. A partir desse tempo, a cidade passou a ser governada pelos hebreus. Por isso, aqui encerro a minha narrativa. ³⁸Se ficou boa e literariamente agradável, era o que eu queria. Se está fraca e medíocre, é o que fui capaz de fazer. ³⁹É desagradável beber só vinho ou só água, ao passo que vinho misturado com água é agradável e gostoso. O mesmo acontece numa obra literária, onde o tempero do estilo é um prazer para o ouvido do leitor. E assim termino. [37-39]

NOTAS

[1,1-10a] Judas Macabeu liderou o movimento de resistência dos judeus contra o rei grego Antíoco IV. Para comemorar a vitória, Judas purificou o Templo de Jerusalém dos elementos pagãos aí introduzidos e o consagrou novamente, instituindo uma espécie de segunda festa das Tendas, celebrada em dezembro (cf. 1Mc 4,59). A comunidade judaica de Jerusalém escreve agora (124 a.C.) uma carta para a comunidade que vive no Egito, convidando-a a celebrar a mesma festa, como solidariedade na luta e na alegria da vitória. Tal comunicação entre as comunidades judaicas continuará depois entre as cristãs. É na solidariedade que as comunidades encontram força para resistir e lutar.

[1,10b-2,18] Escrita em 164 a.C., pouco antes da purificação e consagração do Templo, esta segunda carta foi dirigida a Aristóbulo, judeu de Alexandria. Misturando acontecimentos históricos e elementos lendários, a finalidade da carta é convidar os judeus de Alexandria a comemorarem a reconsagração do Templo de Jerusalém. O autor se preocupa em legitimar o culto (história do

fogo, lembrança de Moisés e Salomão) e oferecer meios para a comunidade judaica se manter unida e consciente de suas tradições (biblioteca, celebrações).

[2,19-32] O autor fala sobre a natureza do livro: trata-se apenas de um resumo livre dos acontecimentos. Da grande obra de Jasão de Cirene, ele vai apenas relatar os feitos de Judas Macabeu e a vitória contra Nicanor, limitando-se, portanto, ao período que vai de 175 a 161 a.C. (cf. 1Mc 1-7).

[3,1-40] O episódio é relatado para mostrar a proteção divina sobre o Templo de Jerusalém. A atitude de Simão é exemplo de como o dominador estrangeiro encontra, no próprio ambiente judaico, o apoio de pessoas e grupos interessados em multiplicar seus privilégios, mesmo sabotando a economia do próprio país.

[4,1-50] Diversos episódios mostram a corrupção crescente, que acabará precipitando os acontecimentos. Afastado o sumo sacerdote Onias, dois adeptos dos costumes gregos, Jasão e Menelau, disputam o maior cargo político-religioso dentro da comunidade. Nessa competição, ultrapassam-se todos os limites, e o suborno, o roubo, a violação da constituição e os assassinios de inocentes se tornam meios para conquistar e conservar o poder. O povo contempla esse descabro geral e se revolta, mas nada consegue fazer.

[5,1-27] O texto narra fatos sobre a opressão que o povo sofria tanto por parte dos dominadores externos como de tiranos internos, gananciosos do poder. O autor mostra que a tirania interna é a mais desonrosa que existe, pois implica subjugar os próprios irmãos e compatriotas (v. 6; cf. v. 23). Por isso, os tiranos merecem a pior sorte possível (vv. 7-10). Sobre a dominação externa, ele reflete que os poderosos se julgam donos do mundo, mas só conseguem profanar e roubar as coisas mais sagradas do povo, quando este não se preocupa com a justiça no seu próprio país (vv. 17-20). Os vv. 19-20 recordam Mc 2,27 e salientam que o verdadeiro templo de Deus é a vida do povo, da qual o templo externo é apenas símbolo visível. Esse pensamento será mais desenvolvido em Jo 4,16-26 (cf. nota).

[6,1-11] Obrigar os judeus a prestar culto às divindades gregas implica duas coisas: dissolver a identidade cultural deles (leis dos antepassados) e forçá-los a desistir do projeto de uma sociedade igualitária (leis de Deus), a fim de engolir o sistema grego de sociedade. Diante desse aviltamento, a forma suprema de resistência é preferir a morte. Esse testemunho até o fim é celebrado na história como *martírio*. Os mártires se multiplicam sempre que determinado grupo

humano procura espoliar econômica, política, religiosa e culturalmente outro grupo humano. Ninguém, nem mesmo os cristãos, têm direito de impor o colonialismo, que mata a alma de um povo.

[12-17] A perseguição é convite à conversão. Aliado com seu povo, Deus zela cuidadosamente para realizar o seu projeto. É sinal do seu grande amor sermos castigados para não trair definitivamente esse projeto. A perseguição, portanto, é ocasião preciosa para revermos a nossa vida e descobrirmos em tempo se não estamos pervertendo tal projeto ou desviando-nos dele.

[18-31] Eleazar é o modelo da resistência. Que adianta prolongar a vida, se para isso é necessário trair as próprias convicções? A geração presente educa a geração futura. O que podem os jovens de amanhã esperar, se a geração de hoje se acovarda e se acomoda diante dos desafios para construir uma sociedade mais justa e fraterna? Em tempos de perseguição, o valor humano se mede, não pela duração da vida, mas pela integridade do testemunho.

[7,1-42] É uma das páginas mais comoventes de toda a Bíblia, mostrando que o tempo de perseguição se torna ocasião de educar para o *testemunho* capaz de enfrentar até o sacrifício da própria vida. Aqui aparece, pela primeira vez e com clareza, a crença na *ressurreição*: esta se baseia na *compaixão de Deus* para com seus fiéis (v. 6), no *poder de Deus* que do nada e da morte é capaz de *criar a vida* (vv. 28-29), e na *aliança de Deus* com o seu povo, que jamais será rompida (v. 36). A fé na ressurreição, porém, aparece em contexto difícil, onde a pessoa é chamada a dar a sua própria vida *em favor do povo* (v. 38). O texto também deixa claro que os mártires são testemunhas radicais da verdade. A coragem de entregar a própria vida *liberta* a língua para mostrar o verdadeiro porte do perseguidor: este, na verdade, luta contra o próprio Deus e é, portanto, o maior criminoso do mundo (v. 19). A fé na ressurreição não é neutra: Deus ressuscita os justos para a vida; quanto aos injustos, não ressuscitarão (v. 14): seu destino é a morte definitiva.

[8,1-7] A opressão é sinal da ira de Deus contra seu povo; a resistência contra o opressor transforma a ira em misericórdia. A resistência, porém, não pode ser apenas passiva. É preciso lutar. Para isso, é necessária uma liderança que organize o povo e o ensine a enfrentar o opressor. A luta se alimenta de um *ideal* continuamente rememorado na oração, e de *discernimento* para criar estratégias e táticas que realmente atinjam o objetivo. Dessa forma, o povo que luta se torna realmente invencível.

[8-36] Cf. notas em 1Mc 3,27-41; 3,42-60; 4,1-27. O autor salienta o caráter religioso da resistência judaica (exortação, súplica, celebração do sábado), para mostrar que se trata de guerra santa. O adversário que já tinha vendido o êxito da guerra (venda de prisioneiros), é obrigado a reconhecer que o povo é invencível quando Deus combate como seu aliado. Dessa forma, o nome do verdadeiro Deus, aliado da justiça, torna-se reconhecido no mundo inteiro. Aspecto importante na vitória do povo é que os bens conquistados são repartidos com quem mais necessita (mutilados, órfãos, viúvas e velhos).

[9,1-29] Sobre a morte de Antíoco, cf. nota em 1Mc 6,1-17. O autor de 2Mc procura mostrar a dimensão religiosa do acontecimento, transformando o fato em narrativa lendária. Antíoco personifica a ambição que leva o homem a se considerar igual ao próprio Deus, atraindo uma punição terrível. Seu arrependimento chega tarde demais e, agora, é inútil querer se converter: o orgulho humano produz a destruição da própria pessoa. O texto garante que todo o mal feito a outros acaba se voltando contra a própria pessoa que o planejou.

[10,1-8] Cf. nota em 1Mc 4,36-61.

[9-13] Embora vitoriosos sobre Antíoco Epífanes, os judeus continuam expostos a novos ataques. Não basta conquistar uma vez a liberdade; é preciso conquistá-la sempre.

[14-23] Judas procura consolidar a nova situação, tomando as fortalezas do sul e protegendo o país contra o perigo de incursões idumeias. Ao lado da luta contra os inimigos externos, o líder também deve estar atento ao perigo da corrupção interna que esvaziaria completamente o projeto revolucionário.

[24-38] Comparando com 1Mc, podemos notar que o autor não respeita a ordem dos acontecimentos. Interessa-lhe apenas mostrar que a luta de Judas Macabeu e seus companheiros conta com o auxílio divino, que os torna invencíveis.

[11,1-38] Quando o opressor não consegue vencer o movimento revolucionário dos oprimidos, ele passa a lançar mão de acordos. Por trás dessa aparente conciliação de interesses, o opressor tenta neutralizar a ameaça da ação revolucionária. Este é, porém, um momento ambíguo: as conquistas se transformam em concessões, o projeto popular pode ficar inteiramente desvirtuado, as concessões muitas vezes não têm nenhuma garantia, e a desarticulação do movimento revolucionário pode ser ocasião para opressão ainda maior. É preciso não esquecer que a liberdade é fruto de conquista; liberdade dada é escravidão.

[12,1-9] O povo continua a ser hostilizado e barbaramente massacrado, mostrando que não basta um acordo para resolver a situação. É preciso continuar vigilante, pois a aparente tranquilidade gerada pelos acordos pode deixar o povo inteiramente desprotegido.

[10-16] Judas agora se dirige para o leste, ampliando o território. O relato mais completo dessa incursão se encontra em 1Mc 5,1-68 (cf. nota). O v. 16 levanta uma questão importante: Até que ponto Deus realmente confirma as ações dos homens, ainda que sejam para o mais justo dos projetos?

[17-26] Nesta expedição contra santuários pagãos, Judas marcha para o norte, continuando a ampliar as fronteiras.

[27-31] Voltando para Jerusalém, Judas faz grande matança em Efron e poupa os habitantes de Citópolis. Ele parece guiar-se pelas diretrizes de Dt 20,10-14. Sobre o v. 28, cf. nota em 12,10-16.

[32-45] Pela primeira vez neste livro fala-se da morte de judeus em pleno combate. O texto discorre sobre a ressurreição, no mesmo contexto de 7,1-42 (cf. nota). Esses que morreram na luta são considerados fiéis (v. 45) e, portanto, dignos da ressurreição. Entretanto, o v. 40 propõe uma questão: a morte deles teve outro motivo, além da luta pelo projeto do povo. Então, para que o erro deles não seja empecilho na participação da vitória final, é oferecido o sacrifício pelo pecado (cf. Lv 5), reintegrando esses irmãos mortos à comunidade de vida. É possível que o mesmo sacrifício tenha sido oferecido para a purificação da comunidade (cf. Js 7).

[13,1-8] Menelau tinha matado o sumo sacerdote Onias e usurpado o cargo (4,30-50). O modo como morreu é visto como castigo condizente ao crime cometido.

[9-17] Somente atos heroicos podem conter o inimigo que pretende aniquilar a nação e as suas instituições. Javé está presente e age por dentro desse heroísmo dos que permanecem fiéis.

[18-26] O autor resume 1Mc 6,48-63 (cf. nota), mostrando-se favorável aos judeus.

[14,1-14] Em meio à resistência heroica daqueles que buscam a liberdade do povo (13,9-17), temos também os que buscam os próprios interesses e privilégios, traindo a causa do povo e sabotando o movimento revolucionário.

[15-25] Um movimento de resistência bem estruturado e que conte com homens

corajosos obri ga o opressor a restabelecer acordos de paz vantajosos para o povo. Conferir, porém, 1Mc 7,25-32.

[26-36] Quem serve ao opressor não poderá ao mesmo tempo estar do lado do oprimido, ainda que o queira. Cedo ou tarde, terá que se decidir e tomar posição.

[37-46] O gesto de Razis mostra o clima em que viviam os judeus. Seu testemunho é semelhante ao de Eleazar e ao dos sete irmãos, todos modelos da fé na ressurreição.

[15,1-36] A suprema arrogância dos opressores é competir com o próprio Deus. Quem vencerá? Os opressores têm a seu serviço exércitos numerosos e bem armados. Deus tem consigo um povo aliado, cuja única força é o próprio Deus, que luta através das mãos de seu povo. É por meio da fraqueza do seu povo que Deus demonstra o seu poder, derrotando aqueles que pareciam invencíveis. O importante é “combater com as mãos e rezar com o coração”, na certeza de que a vitória é de Deus e do seu povo. E sempre celebrar a vitória, para que as novas gerações não se impressionem com os poderosos deste mundo e nunca se dobrem diante deles.

[37-39] O autor termina o livro, falando da liberdade conquistada graças ao sangue dos mártires e heróis.

LIVROS SAPIENCIAIS

Introdução

“Sapienciais” é o nome dado a cinco livros do Antigo Testamento: Provérbios, Jó, Eclesiastes, Eclesiástico e Sabedoria. A esses são acrescentados dois livros poéticos: Salmos e Cântico dos Cânticos. Esses livros apresentam a sabedoria e a espiritualidade de Israel.

Em Israel, a sabedoria não é a cultura conseguida graças à acumulação de conhecimentos, mas o bom senso e o discernimento das situações, adquiridos através da meditação e reflexão sobre a experiência concreta da vida. Trata-se de algo que se aprende na prática e que leva à arte de viver bem. Assim, nos livros sapienciais encontramos reflexões que brotam dos muitos problemas que povoam o dia-a-dia da vida de qualquer pessoa que busca o caminho da realização e felicidade.

A sabedoria de cunho mais popular que encontramos no livro dos Provérbios e no Eclesiástico apresenta-se em forma de coleção de frases curtas, sentenças que ajudam a compreender e a encontrar uma saída nas diversas situações enfrentadas pelo homem comum. Já os livros de Jó, Eclesiastes e Sabedoria são estudos sobre problemas mais profundos e globais, como o sentido da vida, a morte, a justiça, a vida social, o mal, a natureza da sabedoria etc. O Cântico dos Cânticos trata da experiência mais fundamental da vida: o amor humano, símbolo do amor de Deus para com o seu povo.

A espiritualidade de Israel é apresentada no livro dos Salmos, uma coleção de 150 orações que refletem as mais diversas situações da vida do indivíduo e do povo. São verdadeiros modelos para aprendermos a fazer a nossa oração.

Os livros sapienciais mostram que a experiência comum do povo também é lugar da manifestação de Deus e da revelação do seu projeto: Deus fala através da experiência do povo. Estes livros, portanto, trazem o convite para também hoje darmos atenção a nossa vida cotidiana, a fim de aprendermos a articular nossa experiência da vida e da história.

JÓ

A VERDADEIRA RELIGIÃO

Introdução

O tema central do livro de Jó não é o problema do mal, nem o sofrimento do justo e inocente, e muito menos o da “paciência de Jó”. O autor desse drama apaixonante discute a questão mais profunda da religião: a natureza da relação entre o homem e Deus. O povo de Israel concebia a relação com Deus através do dogma da retribuição: Deus retribui o bem com o bem e o mal com o mal. Ao justo, Deus concede saúde, prosperidade e felicidade; ao injusto, ele castiga com desgraças e sofrimentos. Tal concepção arrisca produzir uma religião de comércio, onde o homem pensa poder assegurar a própria vida e até ditar normas para o próprio Deus. Contra isso, o autor mostra que a religião verdadeira é mistério de fé e graça: o homem se entrega livre e gratuitamente a Deus; e Deus, mistério insondável, volta-se para o homem gratuitamente, a fim de estabelecer com ele uma comunhão que o leva para a vida.

O livro provavelmente foi redigido, em sua maior parte, durante o exílio, no século VI a.C. Como Jó, o povo de Judá tinha perdido tudo: família, propriedades, instituições e a própria liberdade. Ora, tudo isso era garantido por uma concepção teológica vigente até esse tempo. E aqui entra a pergunta crucial feita por Satã: É possível ter uma relação gratuita com Deus, despojada de qualquer interesse? (cf. 1,9). Podemos dizer que todo o livro é uma busca para responder a essa questão. A resposta implica superar toda a teologia da retribuição, incapaz de responder à nova situação do povo, sem cair em absurdos. O povo estava vivendo uma nova experiência, e isso exigia uma nova forma de conceber Deus, o homem e as relações entre ambos.

Para conseguir sua intenção, o autor usa uma antiga lenda sobre a retribuição (1,1-2,13; 42,7-17), omitindo o final (42,7-17) e substituindo-o por uma série de debates que mostram o absurdo da teologia em voga, incapaz de atender à nova situação (3,1-42,6). Além de pretender condenar o homem para salvaguardar a justiça de Deus, essa teologia pode ser usada para condenar a Deus, a fim de salvaguardar a justiça do homem. Como sair desse impasse? A esta altura, percebemos que o livro de Jó é uma crítica de toda teologia que se pretenda definitiva e universal. Essa teologia pode se tornar um verdadeiro obstáculo para a própria experiência de Deus. E aqui o autor dá o seu recado: É preciso

pensar a religião a partir da experiência de Deus e não de uma teoria a respeito dele.

Aspecto importante do livro é que Jó faz a sua experiência de Deus na pobreza e marginalização. Experiência que ultrapassa todas as explicações, tornando-se ponto de partida para uma nova história das relações entre os homens e deles com Deus. A confissão final de Jó — “Eu te conhecia só de ouvir. Agora, porém, os meus olhos te veem” (42,5) — é o ponto de chegada de todo o livro, transformando a vida do pobre em lugar da manifestação e experiência de Deus. A partir disso, podemos dizer que o livro de Jó é a proclamação de que somente o pobre é apto para fazer tal experiência e, por isso, é capaz de anunciar a presença e ação de Deus dentro da história.

O livro é um convite para nos libertar da prisão das ideias feitas e continuamente repetidas, a fim de entrar na trama da vida e da história, onde Deus se manifesta ao pobre e se dispõe a caminhar com ele para construir um mundo novo. Tal solidariedade de Deus se transforma em desafio: Estamos dispostos a abandonar nossas tradições teológicas para nos solidarizar com o pobre e fazer com ele a experiência de Deus?

JÓ

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27 - 28
- 29 - 30 - 31 - 32 - 33 - 34 - 35 - 36 - 37 - 38 - 39 - 40 -
41 - 42**

JÓ

I. FIEL ATÉ NA MISÉRIA [1-2]

1 *Retrato de um homem feliz* — ¹Era uma vez um homem chamado Jó, que vivia no país de Hus. Era um homem íntegro e reto, que temia a Deus e evitava o mal. ²Tinha sete filhos e três filhas. ³Possuía também sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois, quinhentas mulas e grande número de empregados. Jó era o mais rico dos homens do Oriente.

⁴Os filhos de Jó costumavam fazer banquetes, um dia na casa de cada um, e convidavam as três irmãs para comer e beber com eles. ⁵Quando terminavam esses dias de festa, Jó os mandava chamar, para purificá-los. Ele madrugava e oferecia um holocausto para cada um deles, pensando: “Talvez meus filhos tenham pecado, ofendendo Deus em seu coração”. E Jó fazia assim todas as vezes. [1,1-5]

Existe religião gratuita? — ⁶Certo dia, os anjos se apresentaram a Javé e, entre eles, foi também Satã. ⁷Então Javé perguntou a Satã: “De onde você vem?” Satã respondeu: “Fui dar uma volta pela terra”. ⁸Javé lhe disse: “Você reparou no meu servo Jó? Na terra não existe nenhum outro como ele: é um homem íntegro e reto, que teme a Deus e evita o mal”. ⁹Satã respondeu a Javé: “E é a troca de nada que Jó teme a Deus? ¹⁰Tu mesmo puseste um muro de proteção ao redor dele, de sua casa e de todos os seus bens. Abençoaste os trabalhos dele, e seus rebanhos cobrem toda a região. ¹¹Estende, porém, a mão e mexe no que ele possui. Garanto que ele te amaldiçoará na cara!” ¹²Então Javé disse a Satã: “Pois bem! Faça o que você quiser com o que ele possui, mas não estenda a mão contra ele”. E Satã saiu da presença de Javé. [6-12]

A fidelidade do pobre — ¹³Certo dia, os filhos e filhas de Jó comiam e bebiam na casa do irmão mais velho. ¹⁴Um mensageiro chegou à casa de Jó e lhe disse: “Os bois estavam arando e as mulas pastando perto deles. ¹⁵Os sabeus caíram sobre eles, mataram os empregados a fio de espada e levaram o rebanho. Só eu escapei para lhe contar o que aconteceu”.

¹⁶Mal acabara de falar, quando chegou outro e disse: “Caiu um raio do céu e

queimou e consumiu suas ovelhas e pastores. Só eu escapei para lhe contar o que aconteceu”.

¹⁷Mal acabara de falar, quando chegou outro e disse: “Um bando de caldeus, dividido em três grupos, caiu sobre os camelos e os levou embora, depois de matar os empregados a fio de espada. Só eu escapei para lhe contar o que aconteceu”.

¹⁸Mal acabara de falar, quando chegou outro e disse: “Seus filhos e filhas estavam comendo e bebendo na casa do irmão mais velho, ¹⁹quando um furacão veio do deserto, atingindo a casa pelos quatro lados, e ela desabou sobre os jovens e os matou. Só eu escapei para lhe contar o que aconteceu”.

²⁰Então Jó se levantou, rasgou a roupa, rapou a cabeça, caiu por terra, ²¹e disse: “Nu eu saí do ventre de minha mãe, e nu para ele voltarei. Javé me deu tudo e Javé tudo me tirou. Bendito seja o nome de Javé!”

²²E, apesar de tudo, Jó não pecou e não acusou Deus de ter feito alguma coisa injusta. [13-22]

2 Até onde o pobre é fiel? — ¹Certo dia, os anjos se apresentaram a Javé e, entre eles, foi também Satã. ²Então Javé perguntou a Satã: “De onde você vem?” Satã respondeu: “Fui dar uma volta pela terra”. ³Javé lhe disse: “Você reparou no meu servo Jó? Na terra não existe nenhum outro como ele: é um homem íntegro e reto, que teme a Deus e evita o mal. Ele continua firme na sua integridade. E você, a troco de nada, me lançou contra ele para o aniquilar”. ⁴Satã respondeu a Javé: “Pele por pele! O homem dá tudo o que tem para manter a vida. ⁵Estende, porém, a mão e o atinge na carne e nos ossos. Garanto que ele te amaldiçoará na cara!” ⁶Então Javé disse a Satã: “Faça com ele o que você quiser, mas poupe a vida dele”. ⁷E Satã saiu da presença de Javé. [2,1-7a]

Fidelidade até o fim — Satã feriu Jó com feridas graves, desde a planta do pé até a cabeça. ⁸Então Jó pegou um caco de telha para se coçar, sentado no meio da cinza. ⁹Sua mulher lhe disse: “E você ainda continua em sua integridade? Amaldiçoe a Deus e morra de uma vez!” ¹⁰Jó respondeu: “Você está falando como louca! Se aceitamos de Deus os bens, não devemos também aceitar os males?”

E, apesar de tudo isso, Jó não ofendeu a Deus com palavras. [7b-10]

Os amigos: solidariedade ou acusação? — ¹¹Nesse meio-tempo, três amigos de

Jó ficaram sabendo de todas as desgraças que o tinham atingido. Eram eles: Elifaz de Temã, Baldad de Suás e Sofar de Naamat. Cada um partiu de sua terra e se encontraram para compartilhar a dor de Jó e o consolar. ¹²Quando o viram de longe, não o reconheceram, e começaram a chorar. Rasgaram a roupa e jogaram pó sobre a cabeça. ¹³Depois sentaram-se no chão ao lado dele, por sete dias e sete noites. Vendo o enorme sofrimento de Jó, não lhe disseram nenhuma palavra. [11-13]

II. QUEM ESTÁ ERRADO?

1. Primeiro debate [3,1-42,6]

DESESPERO DE JÓ

3 *Melhor não ter nascido* — ¹Então Jó abriu a boca e amaldiçoou o dia do seu nascimento, ²dizendo: ³“Morra o dia em que nasci e a noite em que se disse: ‘Um menino foi concebido’. ⁴Que esse dia se transforme em trevas; que Deus, do alto, não cuide dele e sobre ele não brilhe a luz. ⁵Que as trevas e as sombras o reclamem para si, que uma nuvem o cubra e um eclipse o torne pavoroso. ⁶Que a escuridão se apodere desse dia, que ele não se some aos dias do ano e não entre na conta dos meses. ⁷Que essa noite fique estéril e fechada aos gritos de alegria. ⁸Que a maldigam os que maldizem o dia, os que sabem despertar Leviatã. ⁹Que as estrelas da sua aurora escureçam, que espere a luz que não vem, e não veja as pálpebras da alvorada. ¹⁰Pois essa noite não fechou as portas do ventre para mim, e não escondeu da minha vista tanta miséria. [3,1-10]

Melhor ter sido um aborto — ¹¹Por que não morri ao sair do ventre de minha mãe, ou não pereci ao sair de suas entranhas? ¹²Por que dois joelhos me receberam, e dois peitos me amamentaram? ¹³Agora eu repousaria tranquilo e dormiria em paz, ¹⁴junto com os reis e governantes da terra, que construíram túmulos suntuosos para si, ¹⁵ou com os nobres que possuíram ouro e encheram de prata seus mausoléus. ¹⁶Agora eu seria um aborto enterrado, uma criatura que não chegou a ver a luz. ¹⁷Lá embaixo acaba o tumulto dos injustos, e aí repousam os que estão esgotados. ¹⁸Com eles descansam os prisioneiros, e não ouvem mais a voz do capataz. ¹⁹Lá embaixo os pequenos se confundem com os grandes, e o escravo fica liberto do seu patrão. [11-19]

Melhor morrer do que viver assim — ²⁰Para que dar luz a um infeliz, e vida para quem vai viver na amargura? ²¹Para que dar luz a quem anseia pela morte que não chega, e que a procura mais do que a um tesouro? ²²Para que dar luz a quem se alegra diante de um túmulo e exulta diante da sepultura? ²³Para que dar luz a um homem que não encontra caminho, porque Deus o cercou de todos os lados? ²⁴Os soluços são meu alimento, e meus gemidos transbordam como água.

²⁵O que eu mais temia aconteceu para mim, e o que mais me apavorava me atingiu. ²⁶Vivo sem paz, sem tranquilidade e sem descanso, em contínuo sobressalto”. [20-26]

INTERVENÇÃO DE ELIFAZ

4 *Deus castiga o inocente?* — ¹Elifaz de Temã tomou a palavra e disse: ²“Não sei se você aguentaria se alguém falasse com você. Contudo, quem poderia permanecer calado? ³Veja! Você instruiu pessoas e fortaleceu braços enfraquecidos. ⁴Com suas palavras, você levantou quem vacilava, e sustentou joelhos que se dobravam. ⁵Pois bem! Hoje é a sua vez. Você não aguenta? Você se perturba hoje, quando tudo desaba sobre você? ⁶O temor de Deus não era a sua confiança, e a sua esperança não era um comportamento íntegro? ⁷Lembre-se bem: quando é que um inocente pereceu, e quando é que os homens retos foram destruídos? ⁸Pelo que eu sei, os que cultivam injustiça e semeiam miséria, são esses que as colhem. ⁹Deus sopra, e eles perecem; o sopro de sua ira os consome. ¹⁰Embora o leão ruja e o leopardo também, os dentes dos filhotes são quebrados: ¹¹sem a presa, o leão acaba morrendo, e as crias da leoa debandam. [4,1-11]

Quem pode ter razão diante de Deus? — ¹²Escutei uma palavra fugidia, meu ouvido percebeu seu leve sussurro: ¹³numa visão noturna de pesadelo, quando o torpor cai sobre os homens, ¹⁴fui tomado por um calafrio de terror, e todos os meus ossos estremeceram. ¹⁵Um vento passou pelo meu rosto e me provocou arrepios por todo o corpo. ¹⁶Eu estava em pé, mas não vi quem era. Uma figura apareceu diante de mim, houve um silêncio, e depois ouvi uma voz: ¹⁷‘Pode o homem ter razão diante de Deus? Ou pode um mortal ser puro diante do seu Criador? ¹⁸Ele desconfia até de seus servos, e mesmo em seus anjos descobre defeitos. ¹⁹Quanto mais nesses que moram em casas de barro e que têm alicerces sobre a poeira! Serão esmagados mais depressa do que a traça, ²⁰aniquilados entre o amanhecer e a tarde. Eles perecem para sempre, pois ninguém os trará de volta. ²¹As cordas de sua tenda são arrancadas, e eles morrem sem ter aprendido a lição’. [12-21]

5 *De onde vem a desgraça?* — ¹Grite, para ver se alguém lhe responde. A que anjo você vai recorrer? ²Porque o despeito mata o insensato, e a inveja causa

a morte do imbecil. ³Vi um insensato lançar raízes, e num momento sua casa foi amaldiçoada. ⁴Seus filhos estão longe de prosperar, são esmagados sem defensor no tribunal. ⁵O faminto devorou as colheitas dele, e o sedento sugou-lhe os bens. ⁶A miséria não nasce do pó, e a fadiga não brota da terra. ⁷E o homem gera seu próprio sofrimento, como as faíscas voam para cima. [5,1-7]

Recorrer a Deus — ⁸Em seu lugar, eu recorreria a Deus, e poria a minha causa nas mãos dele. ⁹Ele faz coisas grandiosas e incompreensíveis, e maravilhas sem conta: ¹⁰dá chuva para a terra, e rega os campos; ¹¹levanta os humildes, e concede prosperidade aos abatidos; ¹²malogra os planos do astuto, para que as manobras deste fracassem; ¹³apanha os espertos na astúcia deles, e desmonta as tramas do velhaco. ¹⁴Em pleno dia, todos esses caem nas trevas, e ao meio-dia tateiam como se fosse noite. ¹⁵É assim que Deus salva da língua afiada o pobre, e da mão do poderoso o necessitado. ¹⁶Desse modo, o fraco tem esperança, e a injustiça fecha a boca. ¹⁷Feliz o homem a quem Deus corrige. Portanto, não despreze a lição do Todo-poderoso.

¹⁸É Deus quem fere e cura a ferida, quem golpeia e cura com sua própria mão. ¹⁹Ele é quem liberta você de seis perigos, e no sétimo o mal não mais o atingirá. ²⁰Em tempo de fome, salvará você da morte, e na guerra o protegerá do golpe da espada. ²¹Você ficará a salvo do flagelo da língua, e não temerá quando a ruína chegar. ²²Você rirá do desastre e da fome, e não temerá os animais selvagens. ²³Você fará aliança com os espíritos do campo, e viverá em paz com as feras. ²⁴Você terá prosperidade em sua tenda e, visitando sua propriedade, verá que nada falta. ²⁵Terá descendência numerosa, e seus filhos serão como erva do campo. ²⁶Descerá ao túmulo em avançada velhice, como feixe de trigo colhido no tempo certo.

²⁷Veja bem! Observamos tudo isso, e é coisa certa. Escute bem, e faça bom proveito”. [8-27]

RESPOSTA DE JÓ

6 *Só sabe quem sofre* — ¹Então Jó respondeu: ²“Se pudessem pesar a minha aflição, e colocar na balança a minha desgraça, ³seriam mais pesadas que a areia do mar! Por isso, as minhas palavras são confusas. ⁴Levo, cravadas em mim, as flechas do Todo-poderoso, e o meu espírito bebe o veneno delas; os

terrores de Deus se enfileiram contra mim.

⁵Por acaso o asno selvagem relincha diante do capim? Ou o boi muge diante da forragem? ⁶Alguém come sem sal algo que não tem gosto? Que sabor tem a clara do ovo? ⁷O que antes me causava nojo de tocar, agora se tornou a minha comida repugnante. [6,1-7]

Morrer para não se revoltar — ⁸Tomara que se cumpra o que eu pedi, e Deus me conceda o que espero: ⁹que ele se digne esmagar-me, e solte sua mão para acabar comigo! ¹⁰Para mim, seria um consolo e, mesmo torturado sem piedade, eu daria saltos de alegria, por não ter renegado os decretos do Santo! ¹¹Que forças me restam para aguentar? E aonde espero chegar, para continuar vivendo? ¹²Por acaso tenho a firmeza da pedra? Por acaso eu sou de ferro? ¹³Já não encontro apoio em mim mesmo, e todos os recursos me abandonam. [8-13]

O dever do amigo é solidarizar-se — ¹⁴A pessoa desesperada tem direito à solidariedade do amigo, mesmo que tivesse abandonado o temor do Todo-poderoso. ¹⁵Mas os meus irmãos me desiludiram como rios temporários, como ribeiros que desaparecem do seu leito: ¹⁶no tempo do degelo, transbordam, e se enchem quando a neve se dissolve; ¹⁷mas no tempo do verão evaporam e, chegando o calor, desaparecem de seus leitos. ¹⁸Por causa deles, as caravanas mudam a rota, entram pelo deserto e se extraviam. ¹⁹As caravanas de Temã os procuram, e os mercadores de Sabá contam com eles. ²⁰Mas a sua esperança é frustrada e, chegando a esse lugar, ficam desiludidos. ²¹Assim são vocês. Tornaram-se um nada para mim, pois estão vendo algo terrível, e sentem medo. [14-21]

Em que foi que errei? — ²²Por acaso eu pedi que vocês me dessem alguma coisa? Ou que se oferecesse suborno do bolso de vocês? ²³Ou que me livrassem do meu adversário? Ou que me resgatassem do poder de algum tirano? ²⁴Vocês me expliquem, e eu ficarei em silêncio. Façam-me ver em que foi que errei. ²⁵Como seria bom ouvir palavras justas! Mas o que é que provam as provas de vocês? ²⁶Vocês pretendem criticar as minhas palavras? As palavras do desesperado se dirigem ao vento! ²⁷Vocês seriam capazes de sortear um órfão e vender seu próprio amigo. ²⁸Pois bem! Olhem atentamente para mim: juro que não vou mentir diante de vocês. ²⁹Voltem para trás e não sejam injustos. Voltem

atrás, pois a minha inocência está em jogo. ³⁰Por acaso existe falsidade nos meus lábios? Ou a minha boca não distingue mais a desgraça? [22-30]

7 O tempo não passa... — ¹O homem vive na terra cumprindo um serviço militar, e seus dias são como os do diarista: ²tal e qual um escravo, ele suspira pela sombra e, como o diarista, espera pelo seu salário. ³Assim, a minha herança são meses de ilusão, e a mim couberam noites de fadiga. ⁴Ao me deitar, fico pensando: ‘Quando me levantarei?’ A noite é muito longa, e me canso de ficar rolando na cama até a aurora. ⁵Minha carne está cheia de vermes e feridas, e minha pele se rompe e supura. [7,1-5]

...e a vida é um sopro — ⁶Meus dias correm velozes como a lançadeira, e se consomem sem qualquer esperança. ⁷Lembra-te! A minha vida é um sopro, e os meus olhos nunca mais verão a felicidade. ⁸Os olhos de quem me vê, não me enxergarão mais. Teus olhos me procurarão, mas eu já não existirei. ⁹Como nuvem que passa e se desfaz, quem desce ao túmulo nunca mais subirá; ¹⁰nunca mais retornará à sua casa, e sua morada nunca mais o reverá.

¹¹Por isso, não ficarei calado; meu espírito angustiado falará e minha alma entristecida se queixará. ¹²Por acaso sou o Mar ou o Dragão, para me colocares mordaca? ¹³Quando penso que o leito me aliviará e minha cama abrandará meus gemidos, ¹⁴então me espantas com sonhos e me aterrorizas com pesadelos. ¹⁵Eu preferiria morrer sufocado. Antes a morte do que estas dores! ¹⁶Eu não vou viver para sempre! Deixa-me, pois os meus dias são apenas um sopro. [6-16]

Não é melhor perdoar? — ¹⁷O que é o homem, para fazeres tanto caso dele, para fixares tua atenção sobre ele, ¹⁸a ponto de examiná-lo a cada manhã e testá-lo a cada momento? ¹⁹Por que não paras de me espionar, deixando-me ao menos engolir a saliva? ²⁰Caso eu tenha pecado, o que foi que eu te fiz? Espião da humanidade, por que me tomaste como alvo, e me transformaste em peso para ti? ²¹Por que não perdoas o meu pecado, e não afastas de mim a minha culpa? Olha! Logo eu me deitarei no pó: tu me procurarás Tateando, e eu não existirei mais”. [17-21]

INTERVENÇÃO DE BALDAD

8 Deus é justo — ¹Baldad de Suás tomou a palavra e disse: ²“Até quando você

vai falar dessa maneira? Suas palavras são como furacão. ³Pode Deus torcer o direito? Pode o Todo-poderoso perverter a justiça? ⁴Se os seus filhos pecaram contra Deus, ele já os entregou ao poder dos próprios crimes. ⁵Mas, se você procurar Deus, se suplicar ao Todo-poderoso, ⁶e se conservar puro e reto, ele cuidará de você e o restaurará na sua legítima prosperidade. ⁷Sua situação anterior parecerá coisa pequena em comparação com a grandeza do seu futuro. [8,1-7]

Os injustos são castigados — ⁸Consulte as gerações passadas e observe a experiência de nossos antepassados. ⁹Nós nascemos ontem e não sabemos nada. Nossos dias são como sombra no chão. ¹⁰Os nossos antepassados, no entanto, vão instruí-lo e falar a você com palavras tiradas da experiência deles. ¹¹Por acaso, brota o papiro fora do pântano? Ou pode o junco crescer sem água? ¹²Ainda verde para ser colhido, ele seca antes de todas as ervas. ¹³Tal é o destino de quem se esquece de Deus, e assim desaparece a esperança do injusto. ¹⁴A confiança do injusto é um fio frágil, e sua segurança é uma teia de aranha: ¹⁵se alguém nela se apoia, ela não aguenta; se alguém a ela se agarra, ela não o sustenta. ¹⁶Cheia de seiva ao sol, a árvore estende os ramos por todo o jardim, ¹⁷lança raízes entre as pedras e vive no meio das rochas, ¹⁸mas se for arrancada do seu lugar, este a renega, dizendo: ‘Nunca vi você’. ¹⁹Assim termina sua alegre história, e outras plantas brotam do mesmo chão.

²⁰Note bem: Deus não rejeita o homem íntegro, nem faz aliança com malfeitores. ²¹Ele encherá de novo sua boca de sorrisos e seus lábios com gritos de alegria. ²²Seus inimigos ficarão cobertos de vergonha, e a tenda dos injustos desaparecerá”. [8-22]

RESPOSTA DE JÓ

9 Quem pode disputar com Deus? — ¹Então Jó respondeu: ²“Eu sei muito bem que é assim. Como pode um homem ter razão diante de Deus? ³Se alguém quisesse disputar com Deus, este não lhe responderia uma só vez entre mil. ⁴Qual o sábio ou forte que se opôs a ele e saiu ileso? ⁵Ele desloca as montanhas sem que elas percebam e, na sua ira, as arranca do lugar. ⁶Ele abala os alicerces da terra, e as colunas dela estremecem. ⁷Ele manda que o sol não se levante, e esconde as estrelas. ⁸Ele sozinho estende o céu, e caminha sobre as ondas do

mar. ⁹Ele criou a Ursa e o Órion, as Plêiades e constelações do Sul. ¹⁰Ele faz prodígios insondáveis e maravilhas sem conta.

¹¹Ele passa junto a mim, e eu não o vejo. Roça em mim, e eu nem sinto. ¹²Se apanha uma presa, quem a tirará dele? Quem poderá dizer-lhe: ‘O que estás fazendo?’ ¹³Deus não reprime a sua própria ira, e debaixo dele se curvam as legiões de Raab. [9,1-13]

Deus é arbitrário? — ¹⁴Muito menos eu lhe poderei responder, ou escolher argumentos contra ele. ¹⁵Mesmo que eu tivesse razão, não receberia resposta, e teria que implorar misericórdia ao meu juiz. ¹⁶Mesmo que eu o convocasse e ele me respondesse, não creio que me daria atenção. ¹⁷Pelo contrário: ele me esmagaria no furacão, e sem motivo multiplicaria as minhas feridas; ¹⁸não me deixaria nem ao menos tomar fôlego, e me encheria de amargura.

¹⁹Recorrer à força? Ele é o mais forte! Recorrer ao tribunal? Quem o convocará? ²⁰Mesmo que eu fosse inocente, sua boca me condenaria; mesmo que eu fosse inocente, ele me declararia culpado. ²¹Será que sou inocente? Já nem sei mais! Desprezo a vida. ²²Garanto a vocês que tudo é a mesma coisa: ele extermina tanto o inocente como o injusto. ²³Se uma catástrofe semeia morte repentina, ele zomba da desgraça do inocente. ²⁴Ele entrega o país na mão do injusto e fecha os olhos de seus juizes: se não for ele, quem é que faz isso? [14-24]

Se houvesse um árbitro entre Deus e o homem! — ²⁵Meus dias correm mais depressa que um atleta, e fogem sem ter provado a felicidade; ²⁶deslizam como barcas de papiro, como águia que cai em cima da presa. ²⁷Se penso: ‘Vou esquecer o meu sofrimento e ficar de rosto alegre’, ²⁸fico com medo de todo tipo de desgraça, pois eu sei que ele não me absolverá. ²⁹E se por acaso sou culpado, por que me cansar à toa? ³⁰Ainda que eu me esfregasse com sabão, e lavasse minhas mãos com soda, ³¹tu me atirarias na lama, e minhas roupas teriam nojo de mim. ³²É que Deus não é um homem como eu, para que eu possa dizer-lhe: ‘Vamos comparecer juntos no tribunal’. ³³Se houvesse entre nós um árbitro, que pusesse as mãos sobre nós dois! ³⁴Ele afastaria de mim a vara de Deus, para que eu não enlouquecesse com seu terror. ³⁵Então eu poderia falar sem medo; do contrário, não sou dono de mim mesmo. [25-35]

10 *Como entender isso?* — ¹Estou cansado da minha vida! Vou entregar-me às queixas, falando com toda a amargura do meu coração. ²Vou pedir a Deus: ‘Não me condenes! Conta-me o que tens contra mim’. ³Será que te divertes em me oprimir, desprezando a obra de tuas mãos para favorecer os projetos dos injustos? ⁴Por acaso tens olhos de carne, e vês apenas como o homem vê? ⁵Por acaso teus dias são como os dias de um mortal, e teus anos como os anos de um ser humano, ⁶para sondares a minha culpa e investigares o meu pecado, ⁷mesmo sabendo que não sou culpado, e que ninguém me pode livrar da tua mão? [10,1-7]

Será que Deus é sádico? — ⁸Tuas mãos me formaram e modelaram o meu ser inteiro. E agora tu te voltas contra mim, para me aniquilar? ⁹Lembra-te! Tu me fizeste do barro. Queres agora fazer-me voltar ao pó? ¹⁰Não me derramaste como leite e me coalhaste como queijo? ¹¹Tu me revestiste de pele e carne, e me teceste de ossos e nervos. ¹²Tu me concedeste vida e favor, e tua providência conservou a minha respiração. ¹³Contudo, alguma coisa tu guardavas escondida. Agora eu sei que tinhas esta intenção: ¹⁴Se eu pecasse, tu me surpreenderias em flagrante, e não deixarias a minha culpa sem castigo. ¹⁵Se eu fosse culpado, aí de mim! Se eu fosse inocente, não poderia levantar a cabeça, pois estou cheio de vergonha e embriagado de miséria. ¹⁶Se levanto a cabeça, tu me caças, altivo como leão, e multiplicas tuas proezas contra mim. ¹⁷Tu repetes teus assaltos contra mim, contra mim redobras tua ira, e contra mim lanças tropas descansadas. [8-17]

Deixa-me, e eu viverei um pouco — ¹⁸Por que me tiraste do ventre materno? Eu poderia ter morrido, e ninguém me teria visto. ¹⁹Eu seria como alguém que nunca existiu, levado do ventre para o túmulo. ²⁰Como são poucos os dias da minha vida! Deixa-me, para que eu possa respirar um pouco, ²¹antes que eu me vá para nunca mais voltar, para o país da treva e da sombra da morte, ²²para o país onde a aurora é noite negra, onde a sombra da morte cobre a confusão, e onde a claridade é escuridão”. [18-22]

INTERVENÇÃO DE SOFAR

11 *Deus conhece as pessoas falsas* — ¹Então Sofar de Naamat tomou a palavra e disse: ²“Será que esse palavreado vai ficar sem resposta? O

charlatão acabará tendo razão? ³Seu palavrório vai calar os outros? Vai ficar zombando, sem que ninguém o repreenda? ⁴Você falou: ‘Meu comportamento é limpo. Sou puro diante dos teus olhos’. ⁵Ah, se Deus quisesse falar, e abrir a boca contra você! ⁶Se ensinasse a você os segredos da sabedoria, que são tão difíceis de entender, então você saberia que Deus perdoa parte da sua culpa.

⁷Por acaso você pretende sondar o íntimo de Deus, ou penetrar na perfeição do Todo-poderoso? ⁸Ela é mais alta do que o céu. O que pode você fazer? Ela é mais profunda que o abismo. O que pode você saber? ⁹Ela é mais ampla que a terra e mais larga que o mar. ¹⁰Se ele se apresenta para prender e convocar o tribunal, quem poderá impedi-lo? ¹¹Ele conhece as pessoas falsas e sem fazer esforço discerne o crime. ¹²É mais fácil um asno selvagem ser domesticado, do que um idiota criar juízo. [11,1-12]

O jeito é se converter — ¹³Se você dirigir seu coração a Deus, e para ele estender as mãos; ¹⁴se você afastar de suas mãos a maldade, e não hospedar a injustiça em sua tenda, ¹⁵então você poderá levantar o rosto sem mancha, e não terá medo nas dificuldades. ¹⁶Você esquecerá suas desgraças, ou se lembrará delas como águas passadas. ¹⁷Sua vida brilhará como o sol do meio-dia, e a escuridão será para você como a aurora. ¹⁸Você terá tranquilidade na esperança e, olhando ao redor, se deitará tranquilo. ¹⁹Você dormirá sem sobressaltos, e muitos procurarão os seus favores. ²⁰Quanto aos injustos, os olhos deles ficarão cegos, e não encontrarão escapatória. A esperança deles será o último suspiro”. [13-20]

RESPOSTA DE JÓ

12 *Deus desorienta os sábios* — ¹Então Jó respondeu: ²“Como vocês são importantes! A sabedoria vai morrer junto com vocês! ³Todavia, eu também tenho inteligência, e não sou inferior a vocês. Quem não sabe tudo isso? ⁴Eu me tornei motivo de zombaria para os meus amigos, eu que gritava a Deus para ter uma resposta. Zombam de mim, que sou inocente e íntegro. ⁵Os que estão satisfeitos dizem: ‘Desprezo para o infeliz, empurrão para quem está escorregando’. ⁶Enquanto isso, existe paz na tenda dos ladrões e aqueles que desafiam a Deus vivem tranquilos, pensando que o têm na palma da mão.

⁷Pergunte aos animais, que eles instruirão você. Pergunte às aves do céu, que elas o informarão. ⁸Pergunte aos répteis do chão, que eles lhe darão lições. Os

peixes do mar lhe contarão tudo isso. ⁹Entre todos esses seres, quem não sabe que foi a mão de Javé que fez tudo isso? ¹⁰Nas mãos dele está a vida de todos os viventes e a respiração de todo ser humano. ¹¹Não é o ouvido que distingue as palavras, e o paladar que saboreia os alimentos? ¹²Por acaso os anciãos não estão destinados a ter sabedoria, e os velhos a ter prudência?

¹³Em Deus estão a sabedoria e a força, a ele pertencem a perspicácia e a inteligência. ¹⁴O que ele destrói, ninguém reconstrói; se ele aprisiona, não há escapatória. ¹⁵Se ele retém a chuva, tudo se resseca; se ele a solta, a terra se inunda. ¹⁶Ele possui a força e a eficácia, e dele dependem tanto o enganado como o enganador. ¹⁷Ele torna estúpidos os intelectuais, e enlouquece os juízes. ¹⁸Despoja os reis de suas insígnias, e os amarra pela cintura com uma corda. ¹⁹Faz os sacerdotes andar descalços, e transtorna os poderosos. ²⁰Tira a palavra dos oradores, e priva de sensatez os anciãos. ²¹Espalha desprezo sobre os aristocratas, e afrouxa o cinturão dos militares. ²²Arranca das trevas os segredos, e traz à luz as coisas obscuras. ²³Engrandece as nações, e depois as arruína; desenvolve as nações, e as abandona. ²⁴Torna loucos os chefes de estado, e os extravia numa confusão sem saída. ²⁵Eles caminham às apalpadelas numa escuridão lúgubre, cambaleando como bêbados. [12,1-25]

13 *Calem-se! Vou protestar contra Deus* — ¹Eu vi tudo isso com os meus próprios olhos, ouvi com os meus próprios ouvidos e compreendi: ²o que vocês sabem, eu também sei. Não sou inferior a vocês. ³Contudo, eu quero acusar o Todo-poderoso, desejo discutir com Deus. ⁴Vocês são apenas manipuladores de mentiras, são todos meros charlatães. ⁵Oxalá vocês ficassem calados! Seria o melhor ato de sabedoria! ⁶Ouçam agora a minha defesa, prestem atenção aos meus argumentos. ⁷Ou vocês pretendem defender a Deus, usando mentiras e injustiças? ⁸Vocês querem tomar o partido de Deus e se tornarem advogados dele? ⁹E se ele examinasse vocês? Será que o enganariam como se engana a um homem? ¹⁰Se vocês forem parciais secretamente, ele os reprovará com severidade. ¹¹A majestade dele não lhes dá medo? O terror dele não cai sobre vocês? ¹²As lições que vocês aprenderam são cinzas, e suas defesas são de barro.

¹³Calem-se, que agora sou eu que vou falar. Agora eu vou falar, aconteça o que acontecer. ¹⁴Vou arriscar tudo, vou jogar com minha própria vida. ¹⁵Ainda que

ele queira me matar, não me importo; diante dele vou defender o meu comportamento. ¹⁶Para mim isso já seria uma vitória, porque nenhum hipócrita pode apresentar-se diante dele. [13,1-16]

Eu sei que sou inocente — ¹⁷Escutem bem as minhas palavras, prestem atenção ao que vou declarar: ¹⁸Eu preparei a minha defesa, e sei que sou inocente. ¹⁹Alguém quer discutir comigo? Calar agora, seria morrer. ²⁰Assegura-me, Deus, duas coisas apenas, e eu não me esconderei de tua presença: ²¹afasta de mim a tua mão e não me amedrontes com o teu terror. ²²Depois, podes me acusar, e eu te responderei. Ou então falarei primeiro, e tu me responderás depois. ²³Quantas são as minhas culpas e os meus pecados? Mostra-me as minhas transgressões e os meus pecados. ²⁴Por que escondes o teu rosto, e me tratas como teu inimigo? ²⁵Por que assustas uma folha que o vento carrega, e persegues uma palha seca? ²⁶Por que rediges contra mim sentenças amargas e me obrigas a assumir os erros da minha juventude? ²⁷Por que colocas os meus pés no cepo, vigias todos os meus passos e examinas todas as minhas pegadas? [17-27]

A condição humana é frágil — ²⁸Como odre e como veste roída pela traça, se desgasta.

14 ¹O homem nascido de mulher: tem vida curta e cheia de inquietação. ²Ele se abre como flor, e logo murcha; foge como a sombra, sem parar. ³E tu cravas teus olhos num ser assim, e o citas para um processo contigo? ⁴Mas quem pode tirar o puro do impuro? Ninguém. ⁵Se os dias do homem já estão contados e tu sabes o número de seus meses; se lhe fixaste um limite intransponível, ⁶afasta dele o teu olhar e deixa-o em paz, de modo que ele possa usufruir do seu salário como um empregado.

⁷Uma árvore tem esperança: mesmo que a cortem, ela volta a brotar e seus ramos continuam a crescer. ⁸Embora suas raízes envelheçam na terra e seu tronco esteja amortecido no solo, ⁹ao cheiro da água ela solta brotos e produz folhagem como planta nova. ¹⁰O homem, porém, morre e fica inerte. Para onde vai o homem quando expira? ¹¹As águas do mar podem acabar, os rios podem baixar e secar, ¹²mas o homem que jaz, não se levantará. O céu passará, e o homem não vai despertar, nem acordar do seu sono. [13,28-14,12]

Deus sente saudade do homem? — ¹³Oxalá me guardasses escondido no túmulo, até que passasse a tua ira e marcasses um prazo para te lembrares de mim! ¹⁴Quando morre, o homem poderá talvez reviver? Eu ficaria esperando durante todos os dias do meu serviço, até que chegasse a hora da mudança de turno; ¹⁵com saudade da obra de tuas mãos, tu me chamarias e eu responderia. ¹⁶Então tu não controlarias mais os meus passos e não vigiarias os meus pecados. ¹⁷Fecharias num saco os meus erros e passarias cal sobre as minhas culpas.

¹⁸A montanha se inclina e cai, a rocha se move do seu lugar, ¹⁹a água corre e desgasta as pedras, a enxurrada arrasta as terras, e tu destróis a esperança do homem! ²⁰Tu o abates para sempre, e ele se vai. Desfiguras o rosto dele e o expulsas. ²¹Se seus filhos serão felizes, ele não sabe; se seus filhos vão se arruinar, ele desconhece. ²²Ele só sente o tormento da própria carne, sente o sofrimento de sua própria alma”. [14,13-22]

2. Segundo debate

INTERVENÇÃO DE ELIFAZ

15 *Você está destruindo a religião!* — ¹Elifaz de Temã tomou a palavra e disse: ²“Por acaso um sábio responde com doutrinas falsas, ou se incha com o vento leste, ³argumentando com razões inconsistentes ou palavras sem sentido? ⁴Você está destruindo a religião e eliminando a oração! ⁵Suas culpas inspiram suas palavras, e você usa a linguagem dos astutos. ⁶Quem condena você é sua própria boca, e não eu; são suas palavras que testemunham contra você.

⁷Por acaso foi você o primeiro homem a nascer? Será que você veio ao mundo antes das colinas? ⁸Por acaso você foi admitido no conselho secreto de Deus e se apropriou da sabedoria? ⁹O que sabe você que nós não sabemos? O que entende você que nós não entendemos? ¹⁰Entre nós há anciãos de cabelos brancos, e alguns de nós são mais velhos que o seu pai. ¹¹Não está você fazendo pouco caso das nossas consolações divinas e das palavras equilibradas que dizemos a você? ¹²Como a paixão arrebatou você e como seus olhos saltam para fora, ¹³quando você joga o seu rancor contra Deus, soltando protestos com a boca! ¹⁴Como pode o homem ser puro, como pode ser inocente quem nasceu de mulher? ¹⁵Deus não confia nem mesmo em seus anjos, nem o céu é puro aos olhos dele. ¹⁶Quanto menos o homem detestável e corrompido, que bebe injustiça como água! [15,1-16]

O injusto acaba sempre mal — ¹⁷Escute-me, que eu vou instruir você. Vou contar-lhe aquilo que vi, ¹⁸aquilo que os sábios transmitiram, sem nada ocultar, conforme receberam de seus antepassados, ¹⁹a quem foi dado o país, sem que nenhum estrangeiro se instalasse no meio deles.

²⁰O injusto vive em contínuo tormento, e poucos são os anos reservados ao tirano. ²¹Gritos de terror ressoam nos ouvidos dele e, quando está em paz, é assaltado pelo bandido. ²²Não tem esperança de voltar das trevas, porque está destinado ao fio da espada; ²³é jogado como pasto dos urubus, e sabe que sua ruína é iminente. O dia tenebroso ²⁴o apavora, a angústia e a inquietação o assaltam, como rei pronto para o ataque. ²⁵Porque ele estendeu a mão contra

Deus e desafiou o Todo-poderoso. ²⁶Investiu contra ele de cabeça abaixada, protegido por escudo blindado, ²⁷com o rosto massageado de gordura e os músculos dos rins bem ungidos. ²⁸Ele habitará cidades abandonadas, casas desabitadas que ameaçam ruir. ²⁹Não poderá se enriquecer, e sua fortuna não vai durar, nem poderá levar seus bens para o túmulo, ³⁰nem escapará das sombras. A chama queimará seus brotos, e o vento arrancará suas flores.

³¹Que ele não confie na ilusão que engana, porque a ilusão será a sua recompensa. ³²Antes do tempo, suas folhas murcharão, e seus ramos nunca mais ficarão verdes. ³³Será como videira que deixa cair suas uvas verdes, como oliveira que perde sua florada. ³⁴A descendência dos injustos é estéril, e o fogo devorará a tenda do homem enganador. ³⁵Quem concebe a maldade, dá à luz a desgraça, e gera no ventre a desilusão”. [17-35]

RESPOSTA DE JÓ

16 *Falar é fácil* — ¹Então Jó respondeu: ²“Já ouvi mil discursos semelhantes. Vocês são consoladores importunos! ³Vocês me dizem: ‘Será que não há limite para discursos vazios? O que é que leva você a responder assim?’ ⁴Também eu seria capaz de falar como vocês, se vocês estivessem em meu lugar. Eu os afogaria com palavras, balançando a cabeça contra vocês. ⁵Será que eu os confortaria com a minha boca? Ou a compaixão frearia os meus lábios? ⁶Mas ainda que eu fale, a minha dor não pára; ainda que eu me cale, ela não se afasta de mim. [16,1-6]

Deus se levanta contra mim — ⁷Agora, porém, Deus me esgotou, e destruiu toda a minha família. ⁸Ele se levanta como testemunha contra mim e o meu caluniador me acusa na cara. ⁹A ira de Deus me ataca e me dilacera, range os dentes contra mim e crava em mim os seus olhos hostis. ¹⁰Abrem contra mim a boca e me esbofeteiam com suas afrontas, todos em massa contra mim. ¹¹Deus me entrega como presa aos perversos, e me entrega na mão dos injustos. ¹²Eu vivia tranquilo, e ele me esmagou. Agarrou-me pela nuca e me triturou, fazendo de mim o seu alvo. ¹³Com seus arqueiros ele me rodeou, me atravessou os rins sem piedade, e derramou por terra o meu fel. ¹⁴Abriu minha carne com mil brechas, e como guerreiro me assaltou. [7-14]

Tenho uma testemunha de defesa — ¹⁵Costurei um pano de saco, a fim de

cobrir a minha pele, e mergulhei o meu rosto no pó. ¹⁶A minha face está vermelha de tanto chorar, e a sombra rodeia as minhas pálpebras, ¹⁷embora não haja violência em minhas mãos, e minha oração seja sincera.

¹⁸Terra, não cubra o meu sangue, nem o meu clamor seja abafado. ¹⁹Desde agora tenho uma testemunha no céu, e o meu defensor está lá em cima. ²⁰Ele interpretará as minhas queixas diante de Deus, enquanto diante de Deus os meus olhos derramam lágrimas. ²¹Que ele julgue entre o homem e Deus, como se costuma fazer entre as pessoas, ²²porque o número limitado dos meus anos passará, e eu farei a viagem sem retorno. [15-22]

17 *Onde está a minha esperança?* — ¹A minha respiração se perturba, os meus dias se apagam, e o sepulcro me espera. ²Estou cercado de zombarias e farto de provocações. ³Sejas tu o meu fiador diante de ti mesmo, pois nenhum outro se empenharia em ser meu fiador. ⁴Tu fechaste a mente deles para o raciocínio e por isso não poderão triunfar. ⁵São como alguém que convida os amigos para um banquete, enquanto seus próprios filhos morrem de fome.

⁶Eu me tornei motivo de piada no meio do povo, alguém que recebe cuspidas no rosto. ⁷Meus olhos se consomem irritados, e meus membros definham como sombra. ⁸Ao ver isso, os justos se espantam, e o inocente fica indignado contra o injusto. ⁹Mas o justo persiste no seu caminho, e quem tem mãos puras redobra a coragem. ¹⁰Voltem-se todos, e venham, e entre vocês eu não vou encontrar nenhum sábio. ¹¹Os meus dias passam, e fracassam os meus projetos e os desejos do meu coração. ¹²Transformam a noite em dia, e dizem que a luz está perto, quando já estão chegando as trevas. ¹³Não espero mais nada. O túmulo é a minha casa, e nas trevas farei a minha cama. ¹⁴Eu digo ao túmulo: ‘Você é o meu pai’. E digo aos vermes: ‘Vocês são minha mãe e minha irmã’. ¹⁵Onde está a minha esperança? Alguém viu a minha esperança por aí? ¹⁶Ela descera comigo ao túmulo, quando juntos nos afundarmos no pó”. [17,1-16]

INTERVENÇÃO DE BALDAD

18 *O destino do injusto* — ¹Baldad de Suás tomou a palavra e disse: ²“Quando é que você vai acabar com esse palavreado? Pense bem, e depois conversaremos. ³Por que você nos considera como animais e pensa que somos idiotas? ⁴Você se dilacera com sua própria raiva. Será que a terra vai ficar

desabitada por sua causa? Ou será que as rochas vão mudar de lugar?

⁵A luz do injusto se apagará, e o fogo do seu lar não brilhará mais. ⁶A luz de sua tenda se escurecerá, e a lâmpada que está sobre ele se apagará. ⁷Os seus passos vigorosos ficarão curtos, e os seus próprios projetos o derrubarão. ⁸Com seus próprios pés ele cai numa rede e caminha sobre uma armadilha. ⁹Um laço o prende pelo calcanhar, e o segura firme. ¹⁰A corda está escondida no chão, e a armadilha no seu caminho. ¹¹Os terrores o rodeiam e amedrontam, perseguindo-o em cada passo. ¹²A sua prosperidade se transformará em carestia, e a desgraça estará de pé a seu lado. ¹³A doença devora sua pele, e a peste rói seus membros. ¹⁴Será arrancado de sua tenda na qual confiava e será arrastado à presença do rei dos terrores. ¹⁵Já se pode habitar na tenda que não pertence mais a ele, espalhando-se enxofre na sua moradia. ¹⁶Em baixo, suas raízes secarão e, no alto, seus ramos serão cortados. ¹⁷Sua lembrança desaparecerá da terra, e seu nome será esquecido na vizinhança. ¹⁸Será expulso da luz para as trevas, e exilado para fora do mundo. ¹⁹Não terá família nem filhos entre seu povo, e não deixará sobrevivente em seu território. ²⁰O ocidente se espantará com o destino dele, e o oriente ficará horrorizado. ²¹Esse é o destino do injusto, a situação de quem não reconhece a Deus”. [18,1-21]

RESPOSTA DE JÓ

19 *Solidariedade produz compreensão* — ¹Então Jó respondeu: ²“Até quando vocês continuarão a me afligir e a magoar-me com suas palavras? ³Já por dez vezes vocês me insultaram, e não se envergonham de zombar de mim. ⁴Se eu por acaso tivesse errado, o erro seria problema meu. ⁵Vocês querem cantar vitória, jogando-me na cara a minha vergonha? ⁶Fiquem sabendo que foi Deus quem violou o meu direito e me envolveu em suas redes.

⁷Eu grito: ‘Violência!’ E ninguém me responde. Peço socorro, e não me fazem justiça. ⁸Deus cercou o meu caminho, e não tenho saída; ele encheu de trevas a minha estrada. ⁹Despojou-me da minha honra, e me tirou a coroa da cabeça. ¹⁰Ele destruiu tudo ao meu redor, e tenho de ir embora; arrancou a árvore da minha esperança. ¹¹Sua ira se inflama contra mim, e ele me trata como a seu inimigo. ¹²Seus esquadrões chegam em massa, abrem caminho até mim, e fazem um cerco ao redor da minha tenda.

¹³Meus irmãos me abandonam, e meus parentes me tratam como estranho.

¹⁴Os vizinhos e conhecidos desapareceram, e os meus familiares me esqueceram. ¹⁵Minhas empregadas me tratam como estranho, como se eu fosse um desconhecido. ¹⁶Chamo o meu empregado, e ele não me responde, mesmo que eu lhe implore. ¹⁷A minha mulher tem nojo do meu hálito, e os meus irmãos têm nojo do meu cheiro. ¹⁸Até as crianças me desprezam e, quando tento me levantar, elas me cobrem de insultos. ¹⁹As pessoas mais íntimas têm horror de mim, e contra mim se voltam os amigos mais próximos. ²⁰A minha carne apodrece por baixo da pele, e os meus ossos se desnudam como dentes.

²¹Tenham piedade, meus amigos, tenham piedade de mim, porque a mão de Deus me feriu. ²²Por que vocês me perseguem como Deus, e não se cansam de me torturar? [19,1-22]

O meu redentor está vivo — ²³Oxalá escrevessem estas minhas palavras e as gravassem numa placa, ²⁴e com cinzel de ferro e estilete fossem escritas para sempre na rocha: ²⁵‘Eu sei que o meu redentor está vivo e que no fim se levantará acima do pó. ²⁶Mesmo com a pele aos pedaços e em carne viva, eu verei a Deus. ²⁷Eu mesmo o verei, e não outro; eu o verei com os meus próprios olhos’. Minhas entranhas queimam dentro de mim.

²⁸E se vocês disserem: ‘Como vamos persegui-lo? Que pretexto encontraremos para acusá-lo?’, ²⁹temam a espada, pois a espada pune a injustiça, e vocês reconhecerão que existe um juiz”. [23-29]

INTERVENÇÃO DE SOFAR

20 *O triunfo dos injustos é passageiro* — ¹Sofar de Naamat tomou a palavra e disse: ²“Meus pensamentos me obrigam a responder, pois eu me sinto inquieto. ³Acabo de ouvir uma lição insolente, e por isso minha razão me leva a replicar. ⁴Você não sabe que desde sempre, desde quando o homem foi colocado sobre a terra, ⁵o triunfo dos injustos é passageiro e a alegria do perverso dura apenas um instante? ⁶Embora sua ambição se eleve até o céu e toque com sua cabeça as nuvens, ⁷ele perecerá para sempre como esterco, e os que o viam, agora perguntam: ‘Onde está ele?’ ⁸Ele se desfaz como um sonho, e não o encontram; ele desaparece como visão noturna. ⁹Os olhos que o viam, não o verão mais, e a sua morada não mais o reconhecerá. ¹⁰Seus filhos terão que indenizar os pobres; suas próprias mãos devolverão suas riquezas. ¹¹Seus

membros ainda cheios de juventude se deitarão com ele no pó. ¹²O mal era doce na sua boca, e ele o escondia debaixo da língua; ¹³ele o saboreava sem o engolir, segurando-o no céu da boca. ¹⁴Pois bem! Esse alimento apodrecerá no seu ventre e se transformará em veneno de cobra. ¹⁵Vomitará as riquezas que engoliu, porque Deus as arranca do ventre dele. ¹⁶Sugará veneno de serpente, e as presas da víbora o matarão. ¹⁷Nunca mais verá as fontes de óleo, nem os rios de leite e mel. ¹⁸Terá que devolver, sem usar, os frutos do seu trabalho, e não desfrutará do que ganhou no comércio. ¹⁹Porque explorou e desamparou os pobres, e roubou casas que não tinha construído. ²⁰Porque não soube acalmar sua cobiça, não salvará nenhum de seus tesouros. ²¹Nada escapava de sua voracidade e, por isso, sua prosperidade não durará. ²²Da abundância cairá na miséria, e os golpes da desgraça cairão sobre ele. ²³Para lhe encher o ventre, Deus lhe enviará o incêndio de sua ira, e sobre ele fará chover suas flechas. ²⁴Caso escape das armas de ferro, uma flecha de bronze o atravessará; ²⁵a ponta da flecha sai brilhando de suas costas, depois de ter atravessado o fígado, enchendo-o de pavor. ²⁶Todas as trevas serão reservadas para ele, e um fogo não aceso por homens o devorará, consumindo tudo o que resta de sua tenda. ²⁷O céu revelará a injustiça dele e contra ele a terra se erguerá. ²⁸Um dilúvio arrastará sua casa, como as cataratas no dia da ira de Deus. ²⁹Essa é a parte que Deus reserva para o injusto, essa é a herança que Deus lhe prepara”. [20,1-29]

RESPOSTA DE JÓ

21 *O sofredor quer ser ouvido* — ¹Então Jó respondeu: ²“Escutem com atenção as minhas palavras. Deem pelo menos esse conforto para mim. ³Tenham paciência enquanto falo. E quando eu terminar, vocês poderão zombar de mim. ⁴Estou por acaso me queixando de algum homem? Estou perdendo a paciência sem motivo? ⁵Estejam atentos, e vocês ficarão espantados e colocarão a mão na boca. ⁶Só de pensar nisso, fico perturbado, e o meu corpo fica cheio de arrepios. [21,1-6]

Os injustos vivem bem — ⁷Por que os injustos continuam vivos, e envelhecem cada vez mais ricos? ⁸Sua descendência está segura na companhia deles, e eles veem os seus filhos crescer. ⁹Suas casas são tranquilas e sem temor; o bastão de Deus não os atinge. ¹⁰Seus touros reproduzem sem falhar, e suas vacas dão cria

sem abortar. ¹¹Eles deixam suas crianças correr como cabritos, e seus pequenos saltam alegremente. ¹²Cantam ao som de cítaras e pandeiros, e se divertem ao som da flauta. ¹³Suas vidas transcorrem docemente, e eles descem tranquilos à sepultura. [7-13]

Vivem bem porque rejeitam a Deus e seu projeto — ¹⁴Eles diziam a Deus: ‘Passa longe de nós, pois não nos interessa conhecer os teus caminhos. ¹⁵Quem é o Todo-poderoso para que o sirvamos? O que é que ganhamos rezando a ele?’ ¹⁶Pois bem! Eles têm na mão a felicidade, e os projetos do injusto estão longe de Deus. ¹⁷Quantas vezes a lâmpada dos injustos se apaga, ou a desgraça cai sobre eles, ou a ira de Deus os castiga com sofrimentos? ¹⁸Por acaso eles se tornam como folha seca ao vento, ou como palha levada pelo furacão? ¹⁹Dizem que Deus castiga os filhos do injusto! Ora, faça que o injusto mesmo pague e aprenda: ²⁰que veja com seus próprios olhos a desgraça, e beba a ira do Todo-poderoso. ²¹Pois, o que lhe importa a sua família depois de morto, quando o tempo de sua vida tiver chegado ao fim? [14-21]

Os injustos levam vantagem até na morte — ²²Pode-se por acaso ensinar a ciência a Deus? Deus governa no céu. ²³Uma pessoa chega à morte em pleno vigor, sempre tranquila e próspera, ²⁴com as ancas cobertas de gordura e com a medula dos ossos cheia de energia. ²⁵Outra pessoa morre cheia de amargura, sem nunca ter provado a felicidade. ²⁶Ambas se deitam juntas no pó, cobertas de vermes.

²⁷Eu sei muito bem o que vocês estão pensando, e conheço os maus pensamentos que vocês remoem contra mim. ²⁸Eu sei que vocês dizem: ‘Onde está a casa do poderoso, onde está a moradia dos injustos?’ ²⁹Por que vocês não fazem perguntas aos viajantes e não acreditam no que eles dizem? ³⁰O perverso é poupado no dia da catástrofe, e no dia da ira consegue escapar. ³¹Quem vai reprovar a conduta dele? Quem vai pedir contas do que ele fez? ³²Ele será solenemente acompanhado à sepultura, montarão guarda no seu túmulo, ³³e a terra será leve para ele. Todos os homens o acompanham e uma incontável multidão vai à frente dele. ³⁴E vocês me querem consolar com banalidades? As respostas de vocês são pura tapeação”. [22-34]

3. Terceiro debate

INTERVENÇÃO DE ELIFAZ

22 *Castigo supõe culpa* — ¹Elifaz de Temã tomou a palavra e disse: ²“Por acaso pode o homem ser útil a Deus, uma vez que o sábio só pode no máximo ajudar a si próprio? ³O que importa ao Todo-poderoso se você é justo? O que ele ganha, se você é íntegro? ⁴Será que é por causa da fidelidade de você que ele o reprova, ou convoca você para o julgamento? ⁵Não será antes pela sua grande maldade e pelas suas incontáveis culpas? ⁶De fato, você penhorava os bens de seus irmãos e despojava os outros até deixá-los nus. ⁷Você não oferecia água ao sedento, e negava pão ao faminto. ⁸Você entregava a terra aos poderosos, e aí se instalavam os privilegiados. ⁹Você despedia as viúvas de mãos vazias, e violava o direito dos órfãos. ¹⁰É por isso que você está preso nos laços e perturbado por terrores fulminantes. ¹¹A escuridão não deixa você enxergar; e você está coberto pela enchente das águas. [22,1-11]

Os injustos são castigados — ¹²Será que Deus não está no mais alto do céu? Veja bem como é alto o arco do céu estrelado! ¹³E você ainda diz: ‘O que sabe Deus? Será que ele é capaz de distinguir através das nuvens escuras? ¹⁴As nuvens são como véu e o impedem de ver, enquanto ele passeia pelo firmamento do céu’. ¹⁵Por acaso você quer seguir o antigo caminho batido por homens perversos, ¹⁶arrastados antes do tempo, quando a enchente de um rio desmoronou seus alicerces? ¹⁷Eles diziam a Deus: ‘Afasta-te de nós. O que pode o Todo-poderoso fazer contra nós?’ ¹⁸Deus tinha enchido de bens a casa deles, e eles o excluía de seus projetos perversos. ¹⁹Os justos agora veem e se alegram, e os inocentes zombam deles: ²⁰‘Acabaram as riquezas deles! O fogo devorou o que haviam ganhado!’ [12-20]

Converta-se, e você será feliz — ²¹Vamos, reconcilie-se e faça as pazes com Deus. E você vai ser novamente feliz. ²²Aceite a instrução da boca de Deus e guarde no coração as palavras dele. ²³Se você voltar para o Todo-poderoso, ele o restabelecerá. Afasto a injustiça de sua tenda, ²⁴jogue seu ouro ao pó, e o ouro de Ofir entre as pedras do rio. ²⁵Então o Todo-poderoso será o seu ouro, e também prata aos montes. ²⁶Então você se alegrará com o Todo-poderoso, e erguerá o

rosto para Deus. ²⁷Ele ouvirá as suas súplicas, e você cumprirá o que havia prometido. ²⁸Você fará um projeto, que se realizará, e a luz brilhará em seu caminho. ²⁹Porque ele humilha os arrogantes e salva os que se humilham. ³⁰Ele liberta o homem inocente, e você será salvo pela pureza de suas próprias mãos”.
[21-30]

RESPOSTA DE JÓ

23 *Se eu soubesse como encontrar a Deus!* — ¹Então Jó respondeu: ²“Ainda hoje me queixo e me revolto, porque a mão de Deus agrava os meus gemidos. ³Oxalá eu soubesse como encontrá-lo, como chegar até o seu tribunal! ⁴Diante dele eu apresentaria a minha causa, com a boca cheia de argumentos. ⁵Eu saberia finalmente com que palavras ele me replica, e compreenderia o que ele me diz. ⁶Será que ele usaria de violência comigo? Não importa. Ele ao menos teria que me escutar. ⁷Então eu discutiria lealmente com ele, e definitivamente ganharia a minha causa. ⁸Mas, se vou para o oriente, ele aí não está. Se vou para o ocidente, não o distingo. ⁹Eu o procuro ao norte, e não o descubro. Eu me volto para o sul, e não o vejo. [23,1-9]

Deus faz tudo o que quer — ¹⁰Ele, porém, conhece o meu comportamento. Pode colocar-me à prova, e eu sairei puro como ouro. ¹¹Meus pés seguiram suas pegadas, andei por seu caminho e não me desviei. ¹²Não me afastei de seus mandamentos, e guardei suas palavras no meu peito.

¹³Ele toma uma decisão e ninguém pode fazê-lo mudar. Ele faz tudo o que quer. ¹⁴Ele executará a minha sentença, e outras coisas que tem na mente. ¹⁵Por isso, fico perturbado em sua presença, e sinto medo só de pensar, ¹⁶porque Deus me intimidou, o Todo-poderoso me aterrorizou. ¹⁷Oxalá eu desaparecesse nas trevas, e a escuridão cobrisse o meu rosto.

24 *Por que Deus não escuta os oprimidos?* [24,1-17] — ¹Por que o Todo-poderoso não marca tempos de julgamento, para que os seus fiéis possam presenciar às suas intervenções?

²Os injustos mudam as fronteiras, roubam rebanhos e os levam a pastar. ³Apoderam-se do jumento que pertence ao órfão, e penhoram o boi que é da viúva. ⁴Empurram os indigentes para fora do caminho, e os pobres da terra têm que se esconder. ⁵Como asnos do deserto, saem para trabalhar: desde a

madrugada vão em busca de alimentos, e até a tarde procuram o pão para seus filhos. ⁶Fazem colheita em campo alheio, e catam os restos na vinha do injusto. ⁷Passam a noite nus, sem roupa para se protegerem do frio. ⁸Ensopados com as chuvas das montanhas, sem abrigo, eles se apertam entre as rochas. ⁹Os injustos arrancam o órfão do peito materno, e penhoram a roupa do pobre. ¹⁰Estes andam nus por falta de roupa, e famintos carregam feixes. ¹¹Espremem azeite no moinho e, sedentos, pisam a uva nos tanques. ¹²Na cidade os moribundos gemem, e os feridos pedem socorro. E Deus não faz caso da súplica deles.

¹³Outros são rebeldes à luz, não conhecem os caminhos de Deus, nem frequentam suas estradas. ¹⁴De madrugada, o assassino se levanta para matar o pobre e o indigente. Durante a noite, o ladrão ronda, cobrindo o rosto com uma máscara. ¹⁵O olho do adúltero aguarda o anoitecer, pensando: ‘Ninguém me verá’. ¹⁶Na escuridão, eles arrombam as casas, enquanto de dia se escondem aqueles que não querem nada com a luz. ¹⁷O amanhecer é escuro para eles, pois estão acostumados com o medo das trevas”. [10-17]

INTERVENÇÃO DE SOFAR

O desafio do pecador — ¹⁸“Os injustos fogem correndo da luz do dia. Sua propriedade na terra é amaldiçoada, e ninguém mais passa por sua vinha. ¹⁹Como o calor do verão suga a água da neve, também a morada dos mortos suga o pecador. ²⁰O ventre materno se esquece dele, e os vermes o adoram. Sua memória se acaba, e a injustiça é cortada como se corta uma árvore. ²¹Isso porque ele maltratou a estéril sem filhos e não socorreu a viúva. ²²Mas aquele que prende com força os tiranos, aparece e lhe tira a certeza da vida. ²³Deus o deixava apoiar-se numa segurança falsa, porém os olhos de Deus observavam os caminhos dele. ²⁴Exaltado por breve tempo, ele deixa de existir. Cai como a erva que se colhe, e murcha como as espigas. ²⁵As coisas não são assim? Quem me poderá desmentir, ou reduzir a nada os meus argumentos?” [18-25]

INTERVENÇÃO DE BALDAD

25 ***O homem é um verme*** — ¹Baldad de Suás tomou a palavra e disse: ²“Deus tem poder terrível e mantém a paz no alto do céu. ³Pode-se, por acaso, contar o número de suas tropas? Sobre quem não se levanta a sua luz? ⁴Pode o homem ter razão diante de Deus? Como pode ser puro quem nasceu de mulher?

⁵Se nem mesmo a lua é brilhante, nem as estrelas são puras, aos olhos dele,
⁶quanto menos o homem, esse verme; o ser humano, essa larva!” [25,1-6]

RESPOSTA DE JÓ

26 *Conversa inútil* — ¹Então Jó respondeu: ²“Como você sabe sustentar o fraco e socorrer um braço sem força! ³Como você sabe aconselhar o ignorante e dar mostras de profundo conhecimento! ⁴A quem você dirigiu a palavra? De onde vem a inspiração que sai de você?” [26,1-4]

INTERVENÇÃO DE BALDAD

A grandeza de Deus — ⁵“Os mortos estremecem debaixo do mar e seus habitantes. ⁶A morada dos mortos está nua aos olhos dele, e o reino da morte está sem véu. ⁷Deus estendeu o céu sobre o vazio e suspendeu a terra sobre o nada. ⁸Ele prende as águas nas nuvens, sem que estas se rasguem com o peso. ⁹Ele encobre a face da lua cheia, estendendo sua nuvem sobre ela. ¹⁰Traçou um círculo sobre a superfície do mar, onde a luz faz fronteira com as trevas. ¹¹As colunas do céu se abalam, assustadas com a ameaça dele. ¹²Com seu poder, ele acalmou o mar e, com sua destreza, domou Raab. ¹³O seu sopro clareou os céus, e a sua mão transpassou a serpente fugitiva. ¹⁴Tudo isso não é mais do que a margem de suas obras! Delas, nós só percebemos um eco frágil! Quem poderia compreender o estrondo do seu poder?” [5-14]

RESPOSTA DE JÓ

27 *Vou me agarrar à minha justiça* — ¹Jó continuou a dizer: ²“Pelo Deus vivo, que me nega justiça, pelo Todo-poderoso, que me enche de amargura, ³enquanto eu puder respirar e o sopro de Deus estiver nas minhas narinas, ⁴os meus lábios não dirão falsidades e a minha língua não pronunciará mentiras.

⁵Longe de mim dar razões a vocês! Vou me declarar inocente até o meu último suspiro. ⁶Vou me agarrar à minha justiça, e não vou ceder. Minha consciência não reprova nenhum dos meus dias. ⁷Que meu inimigo seja tratado como injusto, e o meu adversário como malfeitor. ⁸Vocês dizem: Que esperança pode ter o injusto, se Deus vai lhe tirar a vida? ⁹Será que Deus vai ouvir o grito dele, quando sobre ele cair a desgraça? ¹⁰Se ele se tivesse alegrado com o Todo-poderoso, será que poderia invocar a Deus a qualquer momento? ¹¹Vou explicar

para vocês o poder de Deus, e não lhes esconderei os projetos do Todo-poderoso. ¹²Se todos vocês já observaram, por que ainda se perdem em banalidades?” [27,1-12]

INTERVENÇÃO DE SOFAR

O destino do injusto — ¹³“Esta é a sorte que Deus reserva ao injusto, a herança que os opressores recebem do Todo-poderoso: ¹⁴se tiverem muitos filhos, todos morrerão pela espada, e seus descendentes não terão o que comer. ¹⁵Os sobreviventes serão sepultados pela peste, e suas viúvas não chorarão por eles. ¹⁶O injusto acumula prata como terra e amontoa roupas como barro. ¹⁷Pode amontoar! É o justo quem as vestirá, e a prata é o inocente quem a herdará. ¹⁸A casa por ele construída será como teia de aranha, como a choupana de um guarda. ¹⁹Ele se deita rico, mas é pela última vez, pois ao abrir os olhos não terá mais nada. ²⁰De dia, os terrores o assaltam, e de noite, o furacão o arrebatá. ²¹O vento leste o arrasta para longe, arrancando-o de sua residência; ²²o vento o arrasta sem piedade, e ele tenta fugir do seu poder. ²³Todos aplaudem sua ruína, e por onde ele vai todos assobiam”. [13-23]

28 O MISTÉRIO INSONDÁVEL DA SABEDORIA *O limite da tecnologia* [28,1-28] — ¹A prata tem suas minas, e o ouro tem o lugar onde é refinado.

²O ferro é extraído da terra, e ao fundir-se a pedra, dela sai o bronze. ³O homem põe limite às trevas, e explora até o extremo limite as grutas mais sombrias. ⁴Perfura poços em lugares inacessíveis, sem apoio para os pés, balançando suspenso longe dos homens. ⁵A terra que dá o pão, por baixo é devorada pelo fogo; ⁶suas pedras são jazidas de safiras, e seus torrões contêm pepitas de ouro.

⁷O abutre não conhece esse caminho, e o olho do falcão não consegue enxergá-lo; ⁸as feras não o trilham, nem o leão o atravessa. ⁹O homem estende a mão contra a rocha, e revira as montanhas pela raiz; ¹⁰abre galerias na pedra, atento a tudo o que é precioso; ¹¹explora as nascentes dos rios, e traz à luz o que está escondido.

¹²A sabedoria, porém, de onde é tirada? Onde está a jazida da inteligência? ¹³O homem não conhece o caminho para ela, pois ela não se encontra na terra dos vivos. [28,1-13]

Como comprar a sabedoria? — ¹⁴O abismo diz: “Ela não está em mim”. E o

mar responde: “Ela não está comigo”. ¹⁵Ela não pode ser comprada com o ouro mais fino, nem adquirida a peso de prata; ¹⁶não pode ser paga com ouro de Ofir, nem com ônix precioso ou safira. ¹⁷O ouro e o cristal não se igualam a ela, que não pode ser paga com vasos de ouro fino. ¹⁸Os corais e as pérolas, então, nem se fala; é melhor pescar a sabedoria do que as pérolas. ¹⁹O topázio de Cuch não se iguala a ela, nem pode ser comprada com o ouro mais puro.

²⁰De onde vem a sabedoria? Onde está a jazida da inteligência? ²¹Ela está oculta aos olhos dos seres vivos, e escondida para as aves do céu. ²²O abismo e a morte confessam: “Sua fama chegou aos nossos ouvidos”. [14-22]

Somente Deus tem acesso à sabedoria — ²³Só Deus conhece o caminho para a sabedoria, somente ele sabe onde ela se encontra, ²⁴pois ele contempla os confins do universo e vê tudo o que existe debaixo do céu. ²⁵Quando fixou um peso para o vento e definiu a medida das águas, ²⁶quando deu uma lei para a chuva e uma rota para o relâmpago e o trovão, ²⁷então ele a observou e avaliou, e sondou e estabeleceu. ²⁸E disse ao homem: “A sabedoria consiste em temer ao Senhor, e a inteligência está em afastar-se do mal”. [23-28]

JÓ APELA PARA DEUS

29 *Uma vida digna de recompensa* [29,1-31,40] — ¹Jó continuou a dizer: ²“Quem me dera voltar aos tempos de outrora, aos dias em que Deus me protegia, ³quando a sua lâmpada brilhava sobre a minha cabeça, e com a sua luz eu caminhava no meio das trevas! ⁴Pudesse eu reviver os dias do meu outono, quando Deus era íntimo na minha tenda, ⁵quando o Todo-poderoso estava comigo, e os meus filhos me rodeavam!

⁶Nesse tempo, eu banhava os pés no leite, e a rocha me dava rios de azeite. ⁷Quando eu me dirigia à porta da cidade, e me sentava na praça, ⁸ao ver-me, os jovens se escondiam, os anciãos se levantavam e ficavam de pé, ⁹os chefes paravam de falar e tapavam a boca com a mão, ¹⁰os políticos emudeciam, e a língua deles ficava colada ao céu da boca.

¹¹Todos os que ouviam, me elogiavam, e com os olhos me aprovavam, ¹²porque eu libertava o pobre que pedia socorro e o órfão indefeso. ¹³Eu recebia a bênção do moribundo, e alegrava o coração da viúva. ¹⁴Eu vestia a justiça como túnica, e o direito era o meu manto e o meu turbante. ¹⁵Eu era os olhos do

cego e os pés do coxo. ¹⁶Eu era o pai dos pobres, e me empenhava pela causa de um desconhecido. ¹⁷Eu quebrava o queixo do injusto e arrancava a presa dos seus dentes. ¹⁸Eu imaginava então: ‘Morrerei dentro do meu ninho, e como a fênix multiplicarei os meus dias. ¹⁹As minhas raízes chegarão até a água, e o orvalho pousará nos meus ramos. ²⁰A minha honra sempre se renovará, e o meu arco se reforçará em minha mão’.

²¹Todos me ouviam com atenção e, em silêncio, esperavam meus conselhos. ²²Depois que eu falava, ninguém me replicava. As minhas palavras gotejavam sobre eles, ²³que esperavam por elas como chuva, e as bebiam como chuva da primavera. ²⁴Se eu brincava, não acreditavam, e não perdiam nenhuma expressão do meu rosto. ²⁵Sentado como chefe, eu lhes indicava o caminho, como rei entronizado em meio à sua escolta. Eu os guiava, e eles se deixavam conduzir. [29,1-25]

30 *Justiça premiada com miséria* — ¹Agora, porém, zombam de mim pessoas mais jovens que eu, cujos pais eu não deixaria entre os cães do meu rebanho. ²Para que me servissem os braços deles, sem forças como estavam? ³Consumidos pela fome e miséria, eles ruminavam as raízes do deserto, em sombria e desolada solidão. ⁴Colhiam ervas amargas entre os arbustos, alimentando-se com raízes de plantas. ⁵Expulsos da sociedade a gritos, como se fossem ladrões, ⁶moravam em barrancos escarpados, em cavernas e grutas do rochedo, ⁷rugindo entre as moitas, agachados debaixo dos espinheiros. ⁸Gente vil, homens sem nome, expulsos do país!

⁹Pois bem! Agora eu me tornei alvo de suas zombarias e tema de suas piadas! ¹⁰Eles me desprezam e se afastam, e até se atrevem a me cuspir no rosto. ¹¹Deus soltou a corda do meu arco e humilhou-me, e eles se desenfreadam contra mim. ¹²À minha direita os canalhas se levantam, olham se estou tranquilo e me preparam o caminho da destruição. ¹³Desfazem a minha trilha, e trabalham juntos para a minha ruína, e ninguém os detém. ¹⁴Irrompem por uma larga brecha em avalanche, como tempestade. ¹⁵Os terrores caem sobre mim, a minha dignidade se dissipa como vento, e a minha felicidade se desfaz como nuvem. [30,1-15]

Deus se transformou em adversário — ¹⁶Agora quero desafogar-me. Os dias de tristeza me oprimem. ¹⁷De noite, um mal penetra nos meus ossos, pois as chagas

que me corroem não me deixam dormir. ¹⁸Deus me agarra com violência pela roupa e me segura pela gola da túnica, ¹⁹me atira no meio da lama, e eu fico misturado com o pó e a cinza.

²⁰Clamo para ti, e tu não me respondes. Eu insisto, e tu não te importas comigo. ²¹Tu te transformaste em meu carrasco, e me atacas com o teu braço musculoso. ²²Tu me levantas e me fazes cavalgar o vento, sacudindo-me no furacão. ²³Eu sei muito bem que tu me conduzes para a morte, para o lugar onde todos os seres vivos se encontram. [16-23]

E tudo sem motivo — ²⁴Quem não estende os braços quando afunda? No desastre, quem não grita por socorro? ²⁵Não chorei junto com o oprimido? Não tive compaixão do indigente? ²⁶Eu esperava a felicidade, mas veio a desgraça; eu esperava a luz, mas veio a escuridão. ²⁷As minhas entranhas fervem e não se acalmam, dias de aflição me assaltam. ²⁸Eu caminho no luto, longe do sol, e me levanto na assembleia para pedir auxílio. ²⁹Tornei-me irmão dos chacais e companheiro dos avestruzes. ³⁰Minha pele escurece e cai, meus ossos queimam de febre. ³¹Minha cítara acompanha o luto, e minha flauta acompanha o pranto. [24-31]

31 *Protesto de integridade pessoal* — ¹Eu tinha feito um pacto com os meus olhos: jamais fixar o olhar nas jovens. ²E, em troca, que sorte Deus me reserva lá do alto? Que herança o Todo-poderoso me destina lá do céu? ³Será que a desgraça não é para o criminoso, e o fracasso para o malfeitor? ⁴Por acaso Deus não vê os meus caminhos e não conta todos os meus passos? ⁵Por acaso caminhei junto com a mentira? Será que os meus pés correram atrás da fraude? ⁶Deus pode pesar-me na balança da justiça, e então reconhecerá a minha integridade. ⁷Se os meus passos se desviaram do caminho, se o meu coração seguiu o capricho dos olhos, e se qualquer mancha se apegou às minhas mãos, ⁸então que outro coma o que semeei e arranquem tudo o que plantei. ⁹Se o meu coração se deixou seduzir por mulher e se espiei pela porta do meu vizinho, ¹⁰que minha mulher gire o moinho para um estranho e que outros se deitem com ela. ¹¹Isso, de fato, seria um escândalo, um crime digno de castigo. ¹²Seria um fogo que devora e consome, destruindo todos os meus bens. [31,1-12]

Protesto de integridade social — ¹³Se violei o direito do meu empregado ou da

minha empregada, quando moviam processo contra mim, ¹⁴o que farei, quando Deus se levantar? O que responderei, quando ele me interrogar? ¹⁵Quem me formou no ventre materno, não formou também a eles? Foi o mesmo Deus que nos formou no seio materno.

¹⁶Por acaso neguei o que o fraco desejava, ou deixei a viúva consumir-se em pranto? ¹⁷Comi sozinho o meu pedaço de pão, sem reparti-lo com o órfão? — ¹⁸Desde a minha infância ele me criou como pai, e desde o seio materno me guiou. — ¹⁹Por acaso vi um miserável sem roupa e algum indigente sem cobertor, ²⁰sem que suas costas me agradecessem, aquecidas com a lã das minhas ovelhas? ²¹Se levantei a mão contra o órfão, quando eu tinha influência no tribunal, ²²que o meu ombro se desprenda do corpo e o meu braço se quebre no cotovelo. ²³Porque o terror de Deus cairia sobre mim, e eu não aguentaria diante da majestade dele. [13-23]

Protesto de integridade religiosa — ²⁴Por acaso coloquei a minha confiança no ouro, ou a minha segurança no metal precioso? ²⁵Por acaso me alegrei com as minhas grandes riquezas ou com a fortuna acumulada por minhas mãos? ²⁶Por acaso vendo o sol resplandecente e a lua clara caminhar, ²⁷meu coração se deixou secretamente seduzir e lhes enviei um beijo com a mão? ²⁸Isso seria um crime digno de castigo, pois eu teria renegado o Deus do alto. [24-28]

²⁹Por acaso me alegrei com a desgraça do meu inimigo e exultei com a sua infelicidade? ³⁰Ou permiti que a minha boca pecasse, desejando com maldições a morte para ele? ³¹As pessoas da minha tenda disseram: ‘Quem não se fartou na mesa dele?’ ³²O imigrante nunca teve que dormir na rua, porque eu abria minhas portas ao viajante. ³³Não ocultei o meu delito como fazem outros homens, nem escondi no peito a minha culpa, ³⁴por temor dos comentários da multidão ou por temer o desprezo dos parentes, a ponto de me manter calado e fechado dentro de casa.

Desafio: que Deus me responda! — ³⁵Oxalá houvesse alguém para me escutar! Esta é a minha última palavra. Que o Todo-poderoso me responda. Que o meu adversário escreva a acusação. ³⁶Eu a levarei sobre os meus ombros e a usarei como se fosse coroa. ³⁷Eu lhe prestaria contas de todos os meus passos e me apresentaria a ele como um príncipe.

³⁸Se a minha terra gritou contra mim e os seus sulcos choraram com ela; ³⁹se eu comi o seu produto sem ter pago por ele, reduzindo à fome aqueles que a cultivaram, ⁴⁰que nasçam espinhos ao invés de trigo e urtigas ao invés de cevada”.

Fim do protesto de Jó. [\[35-40\]](#)

III. DEUS EDUCA ATRAVÉS DO SOFRIMENTO

INTERVENÇÃO DE ELIÚ [\[32-37\]](#)

1. Deus fala através do sofrimento

32 *É preciso dar uma resposta nova* — ¹Os três homens não disseram mais nada a Jó, porque ele se considerava inocente. ²Todavia, Eliú, filho de Baraquel, natural de Buz, da família de Ram, ficou indignado contra Jó, porque este pretendia ter razão contra Deus. ³Também se indignou contra os três amigos, porque não acharam resposta e deixaram Deus em situação de culpado. ⁴Eliú tinha ficado esperando, enquanto eles falavam com Jó, porque eram mais velhos. ⁵Vendo, porém, que nenhum dos três tinha mais respostas, ficou indignado.

⁶Então Eliú, filho de Baraquel, natural de Buz, começou a falar: “Eu sou jovem, e vocês são anciãos. Por isso, eu estava intimidado e não me atrevia a expor a vocês o meu conhecimento. ⁷Eu fiquei pensando: ‘Que falem os anos, e a idade madura ensine a sabedoria’. ⁸Mas quem dá inteligência é um espírito no homem, o sopro do Todo-poderoso. ⁹Não é a idade avançada que dá sabedoria, nem é a velhice que produz o discernimento do que é justo. ¹⁰Por isso, peço que vocês me escutem, e eu também vou mostrar o que sei. ¹¹Enquanto vocês falavam, eu esperei, e enquanto conversavam prestei atenção nos argumentos de vocês. ¹²Contudo, por mais que eu prestasse atenção, percebi que nenhum de vocês conseguiu refutar Jó e responder aos argumentos dele. ¹³Não digam que encontraram uma sabedoria que, além de Deus, ninguém pode refutar. ¹⁴Jó ainda não discutiu comigo, e eu não vou responder a ele com os argumentos de vocês.

¹⁵Aí estão eles, desconcertados, e nada respondem porque lhes faltam argumentos. ¹⁶Será que devo ficar esperando, já que eles não falam mais e não sabem o que responder? ¹⁷Pois bem! Quero tomar parte na discussão. Também eu vou mostrar o que sei, ¹⁸porque tenho muitas coisas a dizer, e elas me pressionam por dentro. ¹⁹Minhas entranhas estão como barris novos que o vinho arrebenta ao fermentar. ²⁰Vou falar e me desafogar, abrindo os lábios para responder. ²¹Não vou tomar partido, nem bajular ninguém, ²²porque não sei bajular e porque o meu Criador me eliminaria. [32,1-22]

33 *Deus é maior do que o homem* — ¹E agora, Jó, ouça as minhas palavras, preste atenção ao que vou dizer. ²Vou abrir a minha boca, e a minha língua formará palavras com o céu da boca. ³Falo de coração sincero, e os meus lábios

falarão claramente. ⁴Foi o sopro de Deus que me criou, o alento do Todo-poderoso me deu vida. ⁵Se você puder, responda-me; prepare-se, e argumente contra mim. ⁶Veja! Diante de Deus, eu sou igual a você: também eu fui tirado do barro. ⁷Não tenha medo de mim, pois a minha autoridade não o inibirá.

⁸Você disse e repetiu aos meus ouvidos, e ainda escuto o som de suas palavras: ⁹‘Eu sou puro, e não tenho culpa! Sou inocente e não cometi nenhum pecado!’ ¹⁰Deus, porém, inventa pretextos contra mim e me trata como inimigo. ¹¹Ele coloca meus pés no cepo e vigia todos os meus passos’. ¹²Nisso eu digo que você não tem razão, pois Deus é maior do que o homem. [33,1-12]

Deus fala de vários modos — ¹³Como você se atreve a levantar um processo contra ele, dizendo que ele não responde a nenhuma de suas acusações? ¹⁴Deus fala, ora de um modo, ora de outro, mas as pessoas não prestam atenção. ¹⁵Ele fala em sonhos ou em visões noturnas, quando o torpor cai sobre o homem adormecido no leito. ¹⁶Então ele abre o ouvido do ser humano, segredando-lhe suas advertências, ¹⁷para afastar o homem do mal e evitar que se encha de orgulho. ¹⁸Dessa forma, ele impede que o homem desça ao túmulo e cruze a fronteira da morte.

¹⁹Às vezes, Deus corrige o homem também com o sofrimento na cama, quando o corpo treme sem parar, ²⁰e a pessoa recusa comer, com nojo até do seu alimento preferido; ²¹quando a pessoa emagrece a olhos vistos e seus ossos começam a aparecer. ²²Então ela se aproxima do túmulo, e sua vida é entregue à morada dos mortos. ²³Contudo, se a pessoa encontra um anjo favorável, um intercessor, entre outros mil, que lhe mostre o seu dever, ²⁴que tenha compaixão dele e diga a Deus: ‘Livra-o de baixar à sepultura, pois encontrei um resgate para ele’, ²⁵então o seu corpo de novo se tornará jovem, e ele voltará aos dias de sua mocidade. ²⁶Então suplicará a Deus, que o atenderá. Deus lhe mostrará alegremente a sua face, fazendo com que o homem se torne justo. ²⁷Esse homem cantará então diante dos outros, dizendo: ‘Eu tinha pecado e violado o direito. Deus, porém, não me castigou como eu merecia. ²⁸Livrou-me de cair na sepultura, e agora a minha vida pode contemplar a luz’.

²⁹Veja! Deus faz tudo isso duas e até três vezes em favor do homem, ³⁰a fim de tirá-lo vivo do túmulo e iluminá-lo com a luz da vida. ³¹Preste atenção, Jó, escute-me, fique em silêncio enquanto eu falo. ³²Se você tem algo a dizer, me

responda. Pode falar, estou disposto a dar-lhe razão. ³³Se você não tem nada para falar, então escute-me, cale-se, e eu lhe ensinarei a sabedoria”. [\[13-33\]](#)

2. Deus é justo

34¹Eliú continuou dizendo: ²“Sábios, escutem as minhas palavras, e vocês, doutores, prestem atenção. ³Assim como o ouvido distingue as palavras e o paladar saboreia os alimentos, ⁴também nós podemos discernir o que é justo e reconhecer o que é bom. ⁵Jó afirmou: ‘Sou inocente, mas Deus se nega a fazer-me justiça. ⁶Embora esteja no meu direito, passo por mentiroso e, embora não tenha pecado, uma flecha me feriu mortalmente’.

⁷Quem é grande como Jó? Ele bebe sarcasmo como água, ⁸junta-se aos malfeitores e anda na companhia dos injustos. ⁹Ele afirma: ‘O homem não ganha nada em satisfazer a Deus’.

¹⁰Escutem-me, homens sensatos. Longe de Deus praticar o mal, longe do Todo-poderoso praticar a injustiça! ¹¹Deus paga ao homem conforme as suas obras e retribui a cada um conforme a sua conduta. ¹²Deus, na verdade, não age de modo injusto. O Todo-poderoso nunca viola o direito. ¹³Quem confiou a ele o governo da terra? Quem lhe entregou o mundo inteiro? ¹⁴Se ele pensasse apenas em si mesmo e retirasse o seu espírito e o seu sopro, ¹⁵todas as criaturas morreriam no mesmo instante, e o homem voltaria ao pó. ¹⁶Se você é inteligente, escute-me, preste atenção ao que vou falar. ¹⁷Quem é inimigo do direito conseguiria governar? Você se atreve a condenar o supremo Justo? ¹⁸Ele é capaz de dizer a um rei: ‘Você é um homem vil’. E a um príncipe: ‘Você é um homem injusto’. ¹⁹Deus não é parcial a favor dos poderosos, nem favorece o rico contra o pobre, porque todos são obras de suas mãos. ²⁰Eles morrem de repente no meio da noite, os grandes perecem e desaparecem, e o poderoso é derrubado sem esforço humano. ²¹Porque os olhos de Deus veem a conduta do homem e vigiam todos os seus passos. ²²Não há trevas nem sombras onde os malfeitores possam esconder-se. ²³Não cabe ao homem marcar prazo para comparecer perante o tribunal de Deus. ²⁴Ele aniquila os poderosos sem muitos inquéritos e, no lugar deles, nomeia outros. ²⁵Deus conhece a fundo as ações deles. Ele os derruba numa noite, e são destruídos. ²⁶Ele os açoita como criminosos, e os prende em público, ²⁷porque se afastaram dele, e não seguiram os seus caminhos, ²⁸fazendo com que o clamor dos fracos chegasse até Deus, e ele ouvisse o clamor dos pobres. ²⁹Se Deus permanece quieto, quem poderá

condená-lo? Se ele esconde o rosto, quem poderá vê-lo? Todavia, ele cuida dos povos e das pessoas, ³⁰para que não reine o perverso nem alguém que engane o povo.

³¹Diga apenas isto a Deus: ‘Eu me enganei, não farei mais o mal. ³²Ensina-me aquilo que eu não vejo. Se pratiquei o mal, não voltarei a fazê-lo’. ³³Será que ele deveria retribuir-lhe segundo as ideias que você tem, já que você rejeita o julgamento dele? Quem deve escolher é você, e não eu. Vamos, diga o que você sabe. ³⁴Os homens sensatos e os sábios que me escutam confessarão: ³⁵‘Jó está falando sem saber. Suas palavras não têm sentido’.

³⁶Quero que Jó seja examinado até o fim por suas respostas, dignas de um descrente, ³⁷porque ao pecado ele ajunta a revolta. Ele semeia a dúvida entre nós e multiplica seus protestos contra Deus”. [34,1-37]

3. Deus não atende os orgulhosos

35¹Eliú continuou dizendo: ²“Será que você pretende ter razão, quando diz: ‘Sou mais justo do que Deus’? ³Ou quando diz: ‘De que me serviu, e o que foi que eu ganhei em não pecar?’ ⁴Vou responder a você e também a seus amigos. ⁵Olhe atentamente para o céu e observe as nuvens que estão bem acima de você. ⁶Se você pecar, que mal estará fazendo a Deus? Se você amontoa crimes, que danos está causando para ele? ⁷E se você é justo, o que é que está dando a ele? O que é que ele recebe de sua mão? ⁸Sua maldade só pode afetar outro homem igual a você. Sua justiça só atinge outro ser humano como você.

⁹As pessoas gemem sob o peso da opressão, e pedem socorro contra os poderosos. ¹⁰Mas ninguém diz: ‘Onde está o nosso Deus criador, que restaura as nossas forças durante a noite, ¹¹que nos instrui mais do que aos animais da terra e nos torna mais sábios do que as aves do céu?’ ¹²Alguns clamam, porém Deus não responde ao orgulho dos injustos. ¹³Não, Deus não ouve a falsidade, e o Todo-poderoso não presta atenção nisso. ¹⁴E você ainda se atreve a dizer que não o vê, que sua causa foi submetida a ele, que você está esperando, ¹⁵que a ira dele não intervém e que ele não cuida de nada. ¹⁶Ora, Jó está abrindo a boca inutilmente e multiplicando palavras sem sentido”. [35,1-16]

4. Justiça e grandeza de Deus

36 *Deus educa para a justiça* — ¹Eliú continuou dizendo: ²“Tenha um pouco de paciência, e eu ensinarei a você, porque ainda existem outros argumentos para a defesa de Deus. ³Irei longe para buscar a minha ciência, a fim de dar razão ao meu Criador. ⁴Meus argumentos não são falsos; você tem diante de si um sábio consumado.

⁵Veja! Deus é poderoso e não despreza o coração sincero. ⁶Ele não deixa o ímpio viver; e faz justiça aos pobres. ⁷Não afasta seus olhos dos justos. Ao contrário, ele os faz sentar em tronos reais e os exalta para sempre. ⁸Quando os prende em correntes e amarra com os laços da aflição, ⁹é porque ele só quer denunciar suas ações e seus pecados causados pelo orgulho. ¹⁰E assim, Deus abre os ouvidos deles para a correção e os aconselha a se converterem da injustiça. ¹¹Se eles derem atenção e se submeterem, terminarão seus dias na prosperidade e seus anos no bem-estar. ¹²Se não obedecerem, atravessarão a fronteira da morte e morrerão sem perceber. ¹³Os injustos, quando Deus os aflige, acumulam rancor em lugar de pedir auxílio. ¹⁴Eles perdem a vida em plena juventude e morrem com a idade das prostitutas. ¹⁵Deus, porém, salva o pobre através da aflição e lhe abre o ouvido por meio do sofrimento.

¹⁶Ele quer arrancar também você da angústia e levá-lo a um lugar espaçoso e aberto, para servir a você com mesa farta. ¹⁷Você, porém, não faz justiça contra o injusto, nem defende o direito do órfão. ¹⁸Não se deixe seduzir por um presente, nem se perverter com rico suborno. ¹⁹Por acaso, no perigo, suas riquezas e posses valerão alguma coisa diante de Deus? ²⁰Não esmague pessoas estranhas, para colocar seus parentes no lugar delas. ²¹Cuide em não se voltar para a injustiça, porque é por causa dela que você foi provado através da aflição.

²²Veja como Deus é sublime em seu poder! Que mestre pode comparar-se a ele? ²³Quem é que ensina o caminho para ele, ou pode acusá-lo de injustiça? ²⁴Lembre-se de celebrar as obras dele, que a humanidade cantou. ²⁵Todos os homens as contemplam, todos os mortais as admiram de longe. [\[36,1-25\]](#)

O Senhor do outono [\[36,26-37,24\]](#) — ²⁶A grandeza de Deus supera todo conhecimento, e o número de seus anos é incalculável. ²⁷Ele reúne as gotas d'água, e de suas fontes destila a chuva. ²⁸As nuvens se derramam em chuveiro,

e a chuva cai abundante sobre o solo. ²⁹Quem pode calcular a extensão das nuvens e a altura de sua tenda celeste? ³⁰Ele espalha diante de si uma neblina, que cobre o topo das montanhas. ³¹Com a chuva, alimenta os povos, dando-lhes comida abundante. ³²Enche as mãos com raios e atira-os no alvo certo. ³³O trovão anuncia a chegada dele, e a sua ira se acende contra a injustiça.

37¹Ao ver tudo isso, o meu coração treme e salta fora do peito. ²Atenção! Ouçam o trovão de sua voz e o estrondo que sai de sua boca. ³Seu relâmpago brilha do céu, atingindo a extremidade da terra. ⁴Depois dele, sua voz estronda, ribombando com fragor majestoso. Nada detém os seus raios, depois que se ouve o seu trovão. ⁵Deus troveja com voz prodigiosa e realiza maravilhas que não compreendemos. [36,26-37,5]

O Senhor do inverno — ⁶Deus ordena à neve: ‘Caia sobre a terra’. E à chuva torrencial: ‘Desça com violência’. ⁷Ele interrompe a atividade dos homens, para que todos reconheçam a sua obra. ⁸As feras entram nos seus esconderijos e permanecem nas suas tocas. ⁹O furacão avança do sul, e do norte se aproxima o frio. ¹⁰Ao sopro de Deus se forma o gelo, e a superfície das águas se congela. ¹¹Ele enche as nuvens de umidade e espalha as nuvens de tempestade. ¹²Estas, guiadas por ele, giram e circulam, para cumprir todas as suas ordens no mundo inteiro. ¹³Ele as envia aos povos da terra para castigá-los ou para beneficiá-los. [37,6-13]

O Senhor do verão — ¹⁴Ouçá bem, Jó. Pare, e considere as maravilhas de Deus! ¹⁵Você sabe como Deus dirige as nuvens, fazendo uma nuvem brilhar de relâmpagos? ¹⁶Você sabe como ele equilibra as nuvens, maravilhas de sabedoria consumada? ¹⁷Você sabe por que suas roupas ficam quentes, quando a terra desfalece por causa do vento sul? ¹⁸Por acaso você já estendeu com ele o firmamento, sólido como espelho de metal fundido? ¹⁹Fale-me o que devemos dizer para Deus, pois não podemos argumentar às escuras. ²⁰Seria preciso avisar a ele que pretendo falar? Ficaria ele informado com o que um homem diz? ²¹De repente não se vê mais a luz, escurecida pelas nuvens. No entanto, o vento sopra e as espalha. ²²Do norte chega um clarão dourado, Deus se envolve de majestade terrível. ²³Não podemos alcançar o Todo-poderoso. Ele é sublime em poder, rico de justiça, e não oprime ninguém. ²⁴Por isso, todos os homens o temem, e ele

não leva em conta aqueles que se consideram sábios”. [14-24]

IV. O DESAFIO DE DEUS

1. Deus é o Senhor da vida

38*Javé fala por dentro do sofrimento humano* — ¹Então Javé, do meio da tempestade, respondeu a Jó e disse: ²“Quem é esse que escurece o meu projeto com palavras sem sentido? ³Se você é homem, esteja pronto: vou interrogá-lo, e você me responderá. [38,1-3]

O Senhor da natureza — ⁴Onde você estava quando eu colocava os fundamentos da terra? Diga-me, se é que você tem tanta inteligência! ⁵Você sabe quem fixou as dimensões da terra? Quem a mediu com a trena? ⁶Onde se encaixam suas bases, ou quem foi que assentou sua pedra angular, ⁷enquanto os astros da manhã aclamavam e todos os filhos de Deus aplaudiam?

⁸Quem fechou o mar com uma porta, quando ele irrompeu, jorrando do seio materno? ⁹Quando eu coloquei as nuvens como roupas dele e névoas espessas como cueiros? ¹⁰Quando lhe coloquei limites com portas e trancas, ¹¹e lhe disse: ‘Você vai chegar até aqui, e não passará. Aqui se quebrará a soberba de suas ondas’?

¹²Alguma vez em sua vida você deu ordens para o amanhecer, ou marcou um lugar para a aurora, ¹³a fim de que ela agarre as bordas da terra, e dela sacuda os injustos? ¹⁴Por acaso você deu ordens à terra para ela se transformar como argila debaixo do sinete e se tingir como vestido, ¹⁵negando luz para os injustos e quebrando o braço que ameaça golpear?

¹⁶Você já chegou até as fontes do mar, ou passeou pelas profundezas do oceano? ¹⁷Já mostraram a você as portas da morte, ou por acaso você já viu os portais das sombras? ¹⁸Você examinou a extensão da terra? Se você sabe tudo isso, me diga.

¹⁹Por onde se vai até a casa da luz, e onde é que vivem as trevas, ²⁰para que você as leve ao território delas e lhes ensine o caminho para casa? ²¹Certamente você sabe disso tudo, pois já então havia nascido e já viveu muitíssimos anos. ²²Você entrou nos reservatórios da neve e observou os celeiros do granizo, ²³que eu reservo para o tempo da calamidade, para os dias de guerra e batalha? ²⁴Por onde se espalha o calor, e se difunde sobre a terra o vento leste? ²⁵Quem

abriu um canal para o aguaceiro, e o caminho para o relâmpago e o trovão,
²⁶para chover em terras despovoadas e no deserto, onde os homens não habitam,
²⁷para que as regiões desoladas se saciem, e façam germinar e brotar a erva?
²⁸Por acaso a chuva tem pai? Quem gera as gotas do orvalho? ²⁹De que seio vem o gelo, e quem dá à luz a geada do céu? ³⁰As águas ficam como pedra, e a superfície do lago se congela.

³¹Você pode amarrar o laço das Plêiades, ou desatar as ligações de Órion?
³²Você pode fazer que apareçam as constelações do zodíaco na sua estação própria, ou guiar a Ursa com os seus filhos? ³³Você conhece as leis do céu, ou determina as funções delas sobre a terra? ³⁴Você é capaz de levantar a voz até as nuvens, para que um aguaceiro cubra você? ³⁵Por acaso você atira os raios e eles partem, dizendo a você: ‘Aqui estamos’? ³⁶Quem deu sabedoria ao íbis e inteligência ao galo? ³⁷Quem está em grau de contar exatamente as nuvens, e quem entorna os cântaros do céu, ³⁸quando o pó do chão se transforma em barro e os terrões se amontoam? [4-38]

O Senhor dos animais [38,39-40,2] — ³⁹É você, por acaso, que caça a presa para a leoa ou sacia a fome dos leõezinhos, ⁴⁰quando eles se recolhem nas tocas ou ficam de emboscada nas moitas? ⁴¹É você que dá alimento ao corvo, quando os filhotes dele gritam a Deus e se agitam por falta de comida?

39¹Você sabe quando é que as camurças dão cria? Já assistiu o parto das corças? ²Você conta os meses de gravidez delas ou conhece o momento do parto? ³Elas se agacham, dão cria e se livram das dores. ⁴Os filhotes crescem e ficam fortes, saem para o campo aberto e não voltam mais.

⁵Quem dá liberdade ao asno selvagem e solta as rédeas do burro xucro, ⁶ao qual dei o deserto como habitação e a planície salgada como moradia? ⁷Ele se ri do barulho da cidade e não dá atenção aos xingos de quem o arreia. ⁸Ele explora as montanhas em busca de pasto, à procura de lugares verdes.

⁹Será que o búfalo aceita servir a você e passar a noite em seu estábulo?
¹⁰Você pode colocar nele uma canga, para que ele are a terra atrás de você?
¹¹Ele é forte. Mas será que você pode confiar nele para fazer o seu trabalho?
¹²Você pode contar com ele, para que volte e venha moer o grão no terreiro?

¹³O avestruz bate asas alegremente, como se tivesse penas e plumas de cegonha. ¹⁴Ele deixa seus ovos no chão, para chocá-los na areia, ¹⁵sem pensar

que algum pé poderá quebrá-los ou serem pisados por alguma fera. ¹⁶Ele é cruel com os filhotes, como se não fossem seus, e não se importa com a inútil fadiga deles, ¹⁷porque Deus o privou de sabedoria e não lhe concedeu inteligência. ¹⁸Contudo, quando se levanta batendo os flancos, ele se ri de cavalos e cavaleiros.

¹⁹Você pode dar força ao cavalo e vestir de crina o pescoço dele? ²⁰Você o ensina a saltar como um gafanhoto, relinchando com majestade e terror? ²¹Cheio de força, ele pateia o chão e se lança ao encontro das armas. ²²Ele ri do medo, não se assusta e diante da espada não volta para trás. ²³Sobre ele ressoam o barulho do escudo, a lança faiscante e o dardo. ²⁴Com ímpeto e estrondo, ele devora a distância e não pára, mesmo que soe o clarim. ²⁵Ao toque da trombeta, ele relincha; fareja de longe a batalha, as ordens de comando e os gritos de guerra.

²⁶Será pela sabedoria que você tem, que o falcão levanta voo, estendendo as asas para o sul? ²⁷Por acaso é com sua ordem que a águia levanta voo e constrói seu ninho nas alturas? ²⁸Ela mora nos rochedos, e aí pernoita numa fortaleza de rocha inatingível. ²⁹Do alto ela espia a sua presa; seus olhos a enxergam de longe. ³⁰Seus filhotes bebem o sangue, e onde há cadáveres ela aí está”.

40¹Javé continuou falando a Jó, e perguntou: ²“O adversário vai querer discutir com o Todo-poderoso? Quem critica a Deus irá responder?”

PRIMEIRA RESPOSTA DE JÓ A DEUS

Silêncio diante do mistério — ³Então Jó respondeu a Javé: ⁴“Eu me sinto arrasado. O que posso replicar? Vou tapar a boca com a mão. ⁵Falei uma vez e não insistirei; falei duas vezes, e não vou acrescentar mais nada”. [\[40,3-5\]](#)

2. Deus triunfa sobre o mal

O grande desafio: Deus é Deus, e o homem não é Deus — ⁶Do meio da tempestade, Javé replicou a Jó: ⁷“Se você é homem, esteja pronto: vou interrogá-lo, e você me responderá. ⁸Você se atreve a anular a minha justiça e condenar-me, para justificar a si mesmo? ⁹Você tem braço como o braço de Deus? Sua voz troveja como a voz de Deus? ¹⁰Então revista-se de majestade e grandeza, e cubra-se de esplendor e glória! ¹¹Derrame o ardor de sua ira e, com um olhar só, rebaixe todos os orgulhosos. ¹²Humilhe com seu olhar o arrogante, e esmague os injustos onde quer que se encontrem. ¹³Enterre-os todos juntos no pó, e amarre-os todos juntos na prisão. ¹⁴Então também eu louvarei você, porque conseguiu a vitória com sua própria mão direita. [6-14]

Deus domina a força bruta — ¹⁵Veja o Beemot: fui eu que o criei, como criei você. Ele come grama como faz o boi. ¹⁶Veja a força de suas ancas, o vigor do seu ventre musculoso, ¹⁷quando ergue a cauda como cedro, trançando os tendões de suas coxas. ¹⁸Seus ossos são como tubos de bronze, e sua carcaça parece feita de barras de ferro. ¹⁹Ele é a obra-prima de Deus, e somente o seu Criador pode ameaçá-lo com a espada. ²⁰Deus lhe proíbe a região das montanhas, onde as feras se divertem. ²¹Ele se deita debaixo do lótus, e se esconde entre os juncos do pântano. ²²O lótus o cobre de sombra, e os salgueiros da torrente o envolvem. ²³Ainda que o rio transborde, ele não se assusta. Ao contrário, fica tranquilo, mesmo que o Jordão faça espuma em sua boca. ²⁴Quem poderá agarrá-lo pela frente ou perfurar suas narinas com o gancho? [15-24]

Deus domina o mal que ameaça o homem — ²⁵Por acaso você é capaz de pescar o Leviatã com anzol e amarrar-lhe a língua com uma corda? ²⁶Você é capaz de furar as narinas dele com junco e perfurar sua mandíbula com gancho? ²⁷Será que ele viria até você com muitas súplicas ou lhe falaria com ternura? ²⁸Será que faria uma aliança com você, para você fazer dele o seu criado perpétuo? ²⁹Você brincará com ele como se fosse um pássaro, ou você o amarrará para suas filhas? ³⁰Será que os pescadores o negociarão, ou os negociantes o dividirão entre si? ³¹Poderá você crivar a pele dele com dardos ou a cabeça com arpão de pesca? ³²Experimente colocar a mão em cima dele: você

se lembrará da luta, e nunca mais repetirá isso!

41 ¹Veja! Diante dele, toda segurança é apenas ilusão, pois basta alguém vê-lo para ficar com medo. ²Ninguém é tão corajoso para provocá-lo. Quem poderia enfrentá-lo cara a cara? ³Quem jamais se atreveu a desafiá-lo e saiu ileso? Ninguém debaixo de todo o céu.

⁴Não deixarei de descrever os membros dele, nem sua força incomparável. ⁵Quem abriu sua couraça e penetrou por sua dupla armadura? ⁶Quem abriu as duas portas de sua boca, rodeadas de dentes terríveis? **[42,1-6]** ⁷Suas costas são fileiras de escudos, ligados com lacre de pedra; ⁸são tão unidos uns com os outros, que nem ar passa entre eles; ⁹cada um é tão ligado com o outro, que ficam travados e não se podem separar. ¹⁰Seus espirros lançam faíscas, e seus olhos são como a cor rosa da aurora. ¹¹De sua boca irrompem tochas acesas e saltam centelhas de fogo. ¹²De suas narinas jorra fumaça, como de caldeira acesa e fervente. ¹³Seu bafo queima como brasa, e sua boca lança chamas. ¹⁴Em seu pescoço reside a força, e diante dele dança o terror. ¹⁵Os músculos do seu corpo são compactos, são sólidos e imóveis. ¹⁶Seu coração é duro como rocha e sólido como pedra de moinho. ¹⁷Quando ele se ergue, os heróis tremem e fogem apavorados. ¹⁸A espada que o atinge não penetra, nem a lança, nem o dardo, nem o arpão. ¹⁹Para ele o ferro é como palha, e o bronze como madeira podre. ²⁰A flecha não o afugenta, e as pedras da funda se transformam em palha para ele. ²¹A maça é para ele como estopa, e ele zomba dos dardos que assobiam. ²²Seu ventre, coberto de escamas pontudas, é uma grade de ferro que se arrasta sobre o lodo. ²³Ele faz ferver o fundo do mar como caldeira, e a água fumegar como vasilha quente cheia de unguentos. ²⁴Atrás de si deixa uma esteira brilhante, e a água parece cabeleira branca. ²⁵Na terra ninguém se iguala a ele, pois foi criado para não ter medo. ²⁶Ele se confronta com os seres mais altivos, e é o rei das feras soberbas”.

ÚLTIMA RESPOSTA DE JÓ A DEUS

42 *A experiência do Deus vivo* — ¹Então Jó respondeu a Javé: ²“Eu reconheço que tudo podes e que nenhum dos teus projetos fica sem realização. ³Tu disseste: ‘Quem é esse que escurece os meus projetos com palavras sem sentido?’ Pois bem! Eu falei, sem entender, de maravilhas que

superam a minha compreensão. ⁴Tu disseste: ‘Escute-me, porque vou falar. Vou interrogá-lo, e você me responderá’. ⁵Eu te conhecia só de ouvir. Agora, porém, os meus olhos te veem. ⁶Por isso, eu me retrato e me arrependo, sobre o pó e a cinza”. [40,25-41,26]

V. APÊNDICE [7-17]

A intercessão do pobre — ⁷Javé terminou de falar com Jó, e se dirigiu a Elifaz de Temã, dizendo: “Estou irritado contra você e seus dois companheiros, porque vocês não falaram corretamente de mim como falou o meu servo Jó. ⁸Portanto, peguem sete bezerros e sete carneiros, e vão até o meu servo Jó. Ofereçam os animais em holocausto, e o meu servo Jó intercederá por vocês. Em atenção a ele, eu não os tratarei como a insensatez de vocês merece, porque vocês não falaram corretamente de mim, como falou o meu servo Jó”. ⁹Então, Elifaz de Temã, Baldad de Suás e Sofar de Naamat fizeram o que Javé lhes tinha ordenado. E Javé atendeu às orações de Jó. [7-9]

O retorno da felicidade — ¹⁰Quando Jó intercedeu por seus companheiros, Javé lhe mudou a sorte e duplicou todas as posses. ¹¹Seus irmãos e irmãs e os antigos conhecidos foram visitá-lo. Almoçaram em sua casa e o consolaram e confortaram pela desgraça que Javé lhe tinha enviado. Cada um ofereceu a Jó uma soma de dinheiro e um anel de ouro.

¹²E Javé abençoou Jó, mais ainda do que antes. Ele possuía agora catorze mil ovelhas, seis mil camelos, mil juntas de bois e mil jumentas. ¹³Teve sete filhos e três filhas: ¹⁴a primeira chamava-se Rola, a segunda Cássia e a terceira Azeviche. ¹⁵Em toda a terra não havia mulheres mais belas do que as filhas de Jó. E o seu pai repartiu a herança entre elas e os irmãos delas.

¹⁶Depois disso, Jó viveu ainda cento e quarenta anos, e conheceu os seus filhos, netos e bisnetos. ¹⁷Depois Jó morreu, velho, em idade avançada. [10-17]

NOTAS

[1-2] O autor toma como ponto de partida uma lenda comum na época e, com leves retoques, a relata em 1,1-2,13. O final primitivo dessa lenda se encontra em 42,7-17. A intenção é substituir o final da lenda pelo debate que se encontra em 3,1-42,6.

[1,1-5] Jó é um modelo do homem justo. Segundo a teologia da retribuição, Deus lhe premia a justiça com a prosperidade: filhos, riquezas, harmonia familiar, retidão religiosa que beira o escrúpulo. Em Jó se realiza, portanto, o

ideal que toda pessoa de fé espera.

[6-12] A corte celeste, que decide os rumos da história, se reúne no estilo de uma corte oriental. Satã, que significa adversário no tribunal, não é aqui uma personificação do mal, e sim uma espécie de investigador. A grande questão é a seguinte: existe religião gratuita, independente de qualquer interesse? Se o homem perder tudo o que possui, continuará fiel a Deus?

[13-22] A desgraça cai sobre Jó, e ele perde tudo: rebanhos, empregados, filhos e filhas. De rico e próspero, ele se torna pobre e sem futuro. Todavia, permanece fiel, reconhecendo que Deus tem o direito de tirar tudo o que lhe havia dado. Em tal situação, Jó personifica todos os pobres do mundo, os quais, mesmo perdendo tudo ou nada possuindo, não se revoltam contra Deus. Como eles costumam dizer, “enquanto a gente tiver saúde para trabalhar, tudo bem”.

[2,1-7a] Mesmo empobrecido, o homem continua fiel a Deus. “Pele por pele” era um provérbio usado entre comerciantes que trocavam peles. Satã insinua ironicamente que Jó ainda está sendo fiel a Deus por um interesse: conservar a integridade física. O que acontecerá, porém, se o pobre for atingido no seu próprio corpo e perder a saúde?

[7b-10] Para os antigos, doenças de pele eram sempre sinal de lepra, e o doente deveria afastar-se do convívio social e familiar. Empobrecido, doente e marginalizado, Jó é o retrato da miséria humana. Tem sentido viver assim? A mulher o aconselha a que apresse a morte, amaldiçoando a Deus. Jó, porém, continua fiel: Deus sabe o que faz.

[11-13] Os gestos realizados pelos três amigos são sinais de desespero e luto: a única perspectiva é a morte.

[3,1-42,6] Começa o longo debate entre Jó e seus amigos, numa tentativa de compreender, à luz da teologia da época, os motivos de tudo o que aconteceu com Jó. Desaparece o “paciente Jó” da lenda. Em seu lugar, surge o Jó questionador, a pessoa que luta com todas as forças para conservar o único bem que ainda lhe resta: a integridade de caráter.

[3,1-10] Jó não maldiz diretamente a Deus, porém amaldiçoa o dia em que nasceu e a noite em que foi concebido. Se a vida é assim, para que gerar um ser vivo?

[11-19] Se a vida é assim, era melhor ter sido um aborto, ou ter morrido logo ao nascer. Isso evitaria que a pessoa sofresse por causa das desigualdades sociais.

[20-26] Jó raciocina: Quando não se tem nenhuma perspectiva, é melhor morrer. O que pode o homem fazer, quando Deus não lhe abre nenhum caminho?

[4,1-11] Elifaz expõe ironicamente o dogma da retribuição, que é o cerne da teologia da época e estará em debate no livro todo. Conforme esse dogma, Deus recompensa o justo e castiga o injusto. Se Jó é justo, nada precisa temer.

[12-21] Recorrendo ao artifício de uma visão reveladora, Elifaz discretamente garante a Jó que é impossível a um homem ter razão diante de Deus. Dessa forma, ele já antecipa o que Jó mais adiante vai afirmar.

[5,1-7] Elifaz sugere que o homem é o causador de sua própria desgraça.

[8-27] Elifaz aconselha que Jó reconheça o próprio sofrimento como correção, sugerindo que entregue a sua causa a Deus, como fazem os fracos e pobres. Então poderá ter certeza de que Deus lhe restabelecerá a situação antiga.

[6,1-7] Elifaz apresentou um belo discurso espiritual, mas teórico. Diante disso, Jó recoloca a própria situação, mostrando que tem sérios motivos para reclamar.

[8-13] Chegando ao limite da resistência, Jó deseja apenas que Deus o mate. Isso o pouparia de suicidar-se ou revoltar-se contra Deus.

[14-21] No desespero, Jó lembra aos amigos que o dever fundamental da amizade é solidarizar-se com quem sofre. Os amigos, porém, o desiludem, como rio temporário que seca, frustrando a sede da caravana.

[22-30] Jó está plenamente convencido da própria inocência. Isso o leva a sentir as palavras dos amigos como reprovação por um erro que não cometeu.

[7,1-5] A condição do doente é tão dolorosa, que o tempo parece arrastar-se lentamente. Por trás da impaciência esconde-se o anseio pela cura ou, se esta é impossível, pela libertação do sofrimento através da morte.

[6-16] A dor não só provoca a sensação de que o tempo se arrasta, mas também faz descobrir que a vida é extremamente curta e frágil. Jó começa a inflar-se sentindo-se um monstro (v. 12) perseguido por Deus: de dia, pelo sofrimento atroz; de noite, pelo terror dos pesadelos. No entanto, sabe que Deus o ama, e logo acrescenta: Se Deus continuar me tratando assim, quando me procurar não me encontrará mais (cf. v. 8).

[17-21] É uma espécie de paródia do Salmo 8: enquanto o salmista se maravilha com os cuidados que Deus tem pelo homem, Jó reclama da severa vigilância com que Deus persegue o homem. No v. 21 reaparece a mesma chantagem do v.

8: Não será melhor Deus perdoar? Caso contrário, quando ele me procurar, será tarde demais.

[8,1-7] Baldad recorre diretamente ao dogma da retribuição: Deus é justo e certamente está castigando Jó pelos crimes que seus filhos cometeram. Aconselha, então, que Jó suplique a Deus, e este lhe devolverá uma prosperidade ainda maior que a de antes. Dessa forma, Baldad incorre numa visão comercial da religião, o que foi denunciado pelo próprio Satã (cf. notas em 1,6-12 e 2,1-7).

[8-22] Baldad recorre à tradição dos antepassados, que é fonte de sabedoria para a geração presente. Segundo essa tradição, também marcada pelo dogma da retribuição, os injustos são castigados e perecem definitivamente. Baldad insinua que Jó está assim porque é injusto, por se esquecer de Deus (v. 13).

[9,1-13] Jó admite a justiça de Deus, mas proclama que ela é um mistério. Quem poderá disputar com o Criador Todo-poderoso? Ele não somente cria, mas também modifica a sua criação, inclusive dominando as forças do mal, que ameaçam destruí-la. Além disso, Deus é inatingível: embora próximo do homem, escapa totalmente a uma percepção sensível. Raab é um monstro que personifica o caos original e que está sempre ameaçando a criação.

[14-24] Ao mesmo tempo que reconhece a justiça divina, Jó afirma também que Deus é arbitrário. Tanto faz a gente ser inocente ou culpado. A experiência mostra que Deus trata a todos com igual arbitrariedade: vê injustos prosperar e justos cair na desgraça.

[25-35] Embora sabendo que é inocente, Jó está cansado de que Deus o trate como culpado. Estrategicamente, pensa em reconhecer-se culpado e pedir perdão, mas duvida que Deus o absolverá. O que fazer? Deus é Deus, e o homem não é Deus. Entre os dois há uma distância infinita. Jó imagina a possibilidade de um árbitro, que sirva de mediador vivo para o debate.

[10,1-7] Deus é justo e Jó é inocente. Apesar disso, Deus o trata como culpado. Dessa forma, Jó mostra os limites do dogma da retribuição e salienta a necessidade de dar um passo adiante dessa teologia vigente, para sondar o mistério de Deus.

[8-17] Como combinar o amor do Deus justo, que cria e conserva sua criatura, com o tratamento que ele agora está usando com Jó? Ao invés de amor, Jó experimenta, de todos os modos, um Deus que está *contra* ele.

[18-22] Perseguido por Deus, Jó se sente encurralado entre o extremo sofrimento

e a morte. A vida é curta, e o único desejo dele é que Deus o abandone, para que ele possa respirar, isto é, viver um pouco. O que ele mais deseja é ser abandonado pela Providência, que o preserva só para sofrer.

[11,1-12] Sofar declara que a sabedoria de Deus é mais vasta do que tudo o que o homem possa imaginar. Por isso, Deus é capaz de ver as culpas que o homem nem consegue perceber. Se ele falasse, Jó certamente teria que se reconhecer culpado. No v. 12, Sofar praticamente chama Jó de burro.

[13-20] Sofar indica para Jó a única saída, segundo o dogma da retribuição: reconhecer as próprias culpas, suplicar a Deus e se converter. Então Deus o recompensará com a volta da saúde e prosperidade.

[12,1-25] Insultado por Sofar, Jó ironiza, mostrando que todos têm acesso à experiência humana e são capazes de discernir as coisas. Contudo, de que vale o bom senso? Deus pode, repentinamente, confundir a sabedoria dos homens e deixá-los completamente desorientados.

[13,1-16] Jó faz uma acusação severa: a teologia de seus amigos, pretendendo defender a Deus, acaba condenando o homem que sofre. É o grande perigo de qualquer teologia que pretenda dar a última palavra sobre Deus e sobre o homem. Desse modo, a teologia se torna idolatria, colocando um obstáculo à fé e à experiência de Deus. Por isso, Jó pede que os amigos, representantes da teologia oficial, se calem. A concepção que se tem de Deus pode ser o maior empecilho para o encontro com o próprio Deus. Assim, correndo todos os riscos, Jó quer se confrontar diretamente com Deus.

[17-27] Plenamente convencido da própria inocência, Jó começa a discutir diretamente com Deus. Antes, porém, coloca duas condições: que o alivie um pouco no sofrimento para que possa falar, e não use violência. A seguir, vai direto à questão fundamental: que Deus mostre os pecados que Jó cometeu.

[13,28-14,12] Partindo do seu caso pessoal, Jó faz uma consideração sobre a pequenez e fragilidade da vida humana. Sem nenhuma perspectiva de vida além da morte, o homem parece não ter esperança, sendo assim pior do que as árvores. Por que Deus então persegue o homem, impedindo que usufrua em paz o pouco de vida que tem?

[14,13-22] Jó faz uma proposta curiosa: ficar escondido no túmulo, até que a ira de Deus se vá embora. Depois Deus sentiria saudade de sua criatura e iria buscá-la no mundo dos mortos. Todavia, essa ideia de ressurreição só tomará corpo

muito mais tarde, no século II a.C.

[15,1-16] Elifaz agora acusa Jó de esconder a própria culpa atrás de uma linguagem passional. Desse modo, segundo Elifaz, Jó pretende ser mais sábio que a própria tradição dos antepassados, destruindo a religião que, através dos tempos, acumulou explicações para todos os acontecimentos. Assim, o caso particular de Jó fica reduzido à busca de causas que elimina tudo o que possa haver de novo em sua situação.

[17-35] Com acusação muito clara a uma falta que Jó estaria escondendo, Elifaz expõe o destino do injusto, seguindo o dogma da retribuição: o injusto vive intranquilo, e também, cedo ou tarde, acaba sempre mal. Se Jó sofre desgraças, é por ser injusto.

[16,1-6] Quando a gente está bem, é fácil consolar com palavras a quem sofre. Muitas vezes, o que acontece é desrespeitar ou minimizar aquilo que é importante para outra pessoa: “Isso não é nada”. Ou então piorar ainda mais o sofrimento alheio: “Você não devia ter feito isso”. O importante é a atitude de compaixão: ser capaz de sofrer junto com a pessoa que sofre. Somente a solidariedade faz compreender a situação do outro.

[7-14] Jó se sente atacado e julgado como num tribunal. Deus o condena e o entrega aos carrascos para que executem a sentença.

[15-22] Sentindo-se esmagado pelo próprio Deus, Jó pede que a terra não lhe beba o sangue, que é vida, e não abafe seu clamor pedindo justiça. Seus amigos não se solidarizaram, e Deus não comparece. Jó então afirma que sua única testemunha de defesa, provavelmente o seu próprio sangue e clamor, servirá de mediador no debate. Volta aqui o mesmo tipo de intuição de 9,33: é necessário um mediador vivo entre o homem e Deus.

[17,1-16] Empobrecido, doente, marginalizado, incompreendido pelos amigos, objeto de espanto e zombaria, Jó se encontra à beira do desespero. Ele sabe que já não pode contar com mais nada: sua esperança morrerá junto com ele.

[18,1-21] Provocado pela ousadia de Jó, Baldad descreve o destino do injusto, segundo o dogma da retribuição. De modo indireto, insinua que Jó está vivendo esse destino.

[19,1-22] Jó descreve o abandono total em que foi deixado pelos concidadãos, parentes, familiares e até pela própria esposa. Inclusive os amigos, de quem Jó

esperaria solidariedade e compreensão, todos se afastaram, considerando-o pecador. Diante disso, ele implora piedade e declara: “Foi Deus quem violou o meu direito... a mão de Deus me feriu!” (vv. 6.21). Jó clama por solidariedade, que implica num compromisso que supera uma visão simplista da realidade e chega a uma visão nova da justiça de Deus, do marginalizado e do relacionamento entre ambos.

[23-29] Jó não pode mais contar com a solidariedade de ninguém. Apesar de tudo, sabe que é inocente, e não lhe importa se os outros o consideram pecador por estar sofrendo. Ele declara que nessa condição terá uma experiência de Deus (“com os próprios olhos”), superando aquela concepção veiculada pelo dogma da retribuição. Na verdade, Deus não condena o justo que sofre; antes se solidariza com ele e o defende contra essa própria teologia que considera qualquer sofredor como pecador.

O tema do redentor (v. 25) prolonga o tema do árbitro (9,33) e da testemunha de defesa (16,19), salientando que é necessário um mediador vivo entre o homem e Deus.

[20,1-29] Sofar não se impressiona com o clamor angustiado de Jó. Ao contrário, volta mais uma vez ao dogma da retribuição, mostrando o caminho da riqueza e poder do injusto e o fim trágico que o espera. A insinuação é de que também Jó era um injusto que se enriqueceu às custas de outros. Por isso, Deus o castigou.

[21,1-6] Quem sofre não está disposto a ouvir aqueles que não partilham e nem sabem compreender a sua dor. Seu conforto é falar e ser ouvido. Na dor do justo que sofre, há uma luta com o próprio Deus que apavora tanto o sofredor como aqueles que o escutam.

[7-13] Segundo o dogma da retribuição, Sofar tinha afirmado que “a alegria do perverso dura apenas um instante” (20,5). Jó desmente essa afirmação, mostrando que os injustos vivem muito bem, prosperam, se alegram e morrem felizes. E a justiça de Deus?

[14-21] Pior de tudo é que os injustos prosperam exatamente por rejeitarem Deus e seu projeto. Mais ainda: para eles, é inútil servir e rezar a Deus. Eles cuidam de si próprios. E quando é que são atingidos pela calamidade? De que adianta seus filhos serem castigados em lugar deles?

[22-34] Jó mostra uma coisa certa: tanto o justo como o injusto morrem e são roídos pelos vermes. E até na morte o injusto leva vantagem: funerais suntuosos,

belos túmulos, muita gente no enterro... É o que se pode constatar pela experiência. Quanto à sabedoria e justiça de Deus, elas fazem explodir nossas teorias e explicações.

[22,1-11] O ataque de Elifaz é violento. Será que Deus estaria castigando Jó porque este é um justo? Mas o castigo supõe culpa grave, como a violação da ética social consagrada no oriente. Em outras palavras, se Jó tem coragem de se afirmar inocente, é porque está completamente cego.

[12-20] Elifaz insiste: Jó está na desgraça porque acha que Deus não vê, nem julga os homens. Assim pensam os injustos, e por isso são castigados.

[21-30] As últimas palavras de Elifaz são um convite para Jó se converter. Note-se, porém, todo o interesse mercantilista por trás do dogma da retribuição: converter-se e servir a Deus *a fim de* ter tranquilidade e prosperidade. Tal relacionamento não deixa lugar para a misericórdia e a gratuidade, transformando a religião em meio de manipular o próprio Deus.

[23,1-9] Jó não se contenta com os representantes oficiais da religião. Convencido da própria inocência, quer uma chance para comparecer pessoalmente diante de Deus, expor seus argumentos e ganhar a causa. Como, porém, encontrar a Deus? Ele parece estar fugindo.

[24,1-17] A injustiça social e a violação do direito, tanto no campo como na cidade, são testemunhos claros da ausência de Deus e do mistério que cerca o seu projeto. Por que ele não intervém? Mais ainda: Por que não responde às vítimas que lhe suplicam?

[10-17] Apesar de tudo, Jó está convencido de que Deus sabe que ele é justo. Sabe também que Deus toma uma decisão e a realiza, sem que ninguém o consiga demover. Isso apavora Jó, que preferiria esconder-se.

[18-25] Estes versículos interrompem bruscamente a palavra de Jó. O texto provavelmente está fora de lugar e deveria ser lido imediatamente depois de 27,13-23, formando parte de uma intervenção de Sofar. Cf. nota em 27,13-23.

[25,1-6] A intervenção de Baldad continua em 26,5. Cf. nota em 26,5-14.

[26,1-4] A resposta de Jó continua em 27,1. Cf. nota em 27,1-12.

[5-14] Contra essa aparente dúvida que Jó levanta sobre a providência divina, Baldad apresenta um contraste entre a grandeza de Deus e a pequenez do homem (25,1-6), exaltando o poder do Criador, que não só cria e organiza o universo,

mas vence o mal que ameaça a criação (Raab e a serpente são monstros que personificam o caos e a destruição).

[27,1-12] Depois de ironizar os amigos (26,1-4), Jó declara energicamente que não vai abrir mão de sua inocência e que, por fim, triunfará sobre os inimigos e adversários. A resposta de Jó continua no capítulo 29.

[13-23] Mais uma vez, Sofar descreve o destino do injusto, conforme o dogma da retribuição. Trata-se de outra indireta: Será que Jó não é capaz de se reconhecer nessa descrição do injusto? O texto de 24,18-25 deve ser lido imediatamente após este trecho.

[28,1-28] Jó tinha afirmado que iria explicar o poder e os projetos de Deus (27,11). Diante de tal pretensão, um redator mais tarde inseriu aqui este poema sobre o mistério insondável da sabedoria divina: é impossível conhecer o pensamento íntimo de Deus a respeito de sua criação e intervenções na história. A composição lembra Provérbios 8,22-31; Eclesiástico 24; Baruc 3,9-4,21, e antecipa o tema da manifestação de Deus em 38,1-41,26.

[28,1-13] O homem é qualitativamente superior aos animais e, com sua tecnologia, sabe buscar e extrair elementos preciosos. Através do refinamento, consegue os metais e, através do burilamento, as pedras preciosas. Contudo, a tecnologia humana é falha na busca da sabedoria e da inteligência. Só estas são capazes de detectar o segredo da ação de Deus na vida e na história. Como chegar até esse segredo?

[14-22] O homem vive na terra e tem acesso ao mar e ao ar. Mas a sabedoria não se encontra em nenhum desses lugares. Resta o abismo ou morada dos mortos. Mas ela também não se encontra aí. Em resumo: a sabedoria não provém do mundo dos homens. Ainda fica um problema: mesmo se o homem a encontrasse, não teria com que adquiri-la.

[23-28] Somente Deus tem acesso à sabedoria que, no fundo, é o seu próprio projeto. O que resta ao homem fazer? Primeiro, afastar-se do mal, isto é, não absolutizar projetos humanos. Depois, reconhecer que Deus é o único absoluto (temer ao Senhor) e abrir-se, esperando que ele revele pouco a pouco o seu projeto sobre a vida e a história.

[29,1-31,40] Concluídos os três debates com os amigos, Jó reassume sua própria causa, fazendo uma grande e violenta apelação para Deus. A resposta de Deus começa em 38,1.

[29,1-25] Recordando a vida passada, Jó faz um verdadeiro retrato do justo, conforme o dogma da retribuição: protegido e íntimo de Deus, próspero, respeitado por todos, defensor dos pobres e marginalizados, conselheiro e líder social. Dentro desse quadro, a expectativa seria de uma vida longa e feliz.

[30,1-15] Atingido pela desgraça, Jó se vê reduzido à situação de um fora-da-lei. Banido e humilhado, ele se entrega ao desespero e, cheio de rancor, prepara-se para acusar o autor de tudo isso.

[16-23] Imerso no sofrimento, Jó acusa seu principal adversário: o próprio Deus que, ao invés de abençoá-lo, se transforma em inimigo feroz, não o deixando nem ao menos dormir. Sua fé está viva, e ele clama. Deus, porém, não lhe responde, e ainda o ataca, encaminhando-o para a morte.

[24-31] Jó olha para trás e busca em vão o motivo de toda a sua situação. Como justo, ele esperava a felicidade, mas só recebeu desgraça e sofrimento.

[31,1-12] Jó apresenta seu protesto de inocência, confessando sua integridade pessoal. Ele não se desviou da justiça, nem mesmo em seu desejo mais íntimo. Quanto a isso, pode até apresentar um desafio a Deus: caso encontrasse alguma falta, Deus poderia despojá-lo de tudo.

[13-23] Também no seu comportamento social, Jó foi íntegro: partilhou seus bens com os necessitados e defendeu a causa dos marginalizados. O v. 18 deve ser colocado imediatamente depois do v. 15.

[24-28] No plano religioso, Jó serviu unicamente ao Deus vivo, evitando qualquer forma de idolatria (riquezas e astros). Os vv. 29-34 continuam o protesto de integridade social, iniciado em 31,13-23.

[35-40] Seguro de sua justiça e integridade, Jó lança seu desafio: Deus responda e apresente a acusação para justificar todo o castigo que ele está vivendo. Certo de que Deus nada terá a acusar, Jó se imagina chegando até Deus como um príncipe, coroadado com o atestado de sua inocência, passado pelo próprio Deus. Os vv. 38-40 fazem parte do protesto de integridade social e devem ser lidos depois de 31,23. A sequência original do livro está em 38,1ss.

[32-37] Eliú aparece repentinamente, sem ter sido anunciado no início do livro. Além disso, o estilo e o tema destes capítulos são diferentes. Trata-se, portanto, de um grande acréscimo feito por alguém que certamente pretendia dar novo rumo ao debate.

[32,1-22] Esta abertura mostra a intenção de Eliú: salvar o dogma da retribuição. Por isso, critica Jó, porque este pretende ter razão contra Deus. Critica também os três amigos porque, incapazes de encontrar argumentos contra Jó, acabam deixando Deus na situação de culpado. Por aí se percebe que a situação de Jó é um fato que estoura a teologia vigente e exige resposta nova, que Eliú procura dar, mostrando que a sabedoria não depende nem da experiência, nem da tradição, e sim da abertura para a novidade de Deus.

[33,1-12] Eliú se dispõe a discutir de igual para igual. A primeira crítica a Jó é que este pretende discutir com Deus em pé de igualdade, a ponto de querer acusá-lo de injustiça.

[13-33] Jó havia dito que Deus não respondia ao seu apelo. Eliú mostra que Deus sempre responde: o problema é que as pessoas não percebem, não entendem ou até recusam o que Deus fala. Segundo Eliú, Deus fala ao homem através de sonhos, visões e, por fim, através do sofrimento. Ele se comunica com o homem, a fim de afastá-lo do mal, do orgulho e da morte. O homem só precisa encontrar um anjo mediador que interceda por ele e lhe salve a vida. Então virá a conversão na qual Deus torna justo o homem.

O tema do anjo mediador (vv. 23-24) relembra o árbitro (9,33), a testemunha de defesa (16,19) e o vingador (19,25). Em todos esses trechos, alude-se a um misterioso mediador, sempre ligado à iniciativa de Deus em favor do homem. Essa intuição se realiza completamente na Encarnação, na qual Jesus é a presença de Deus na humanidade.

[34,1-37] Jó havia declarado a própria inocência, afirmando que Deus era injusto com ele. Eliú rebate: a justiça de Deus está, em primeiro lugar, no fato de ele conservar a vida de toda a criação. Em segundo lugar, e mais importante, ele cuida para que a justiça reine entre os homens, enfrentando ele mesmo os poderosos, para defender os fracos e os pobres. O silêncio de Deus não é motivo para Jó o acusar e condenar. O melhor para Jó seria reconhecer que errou ao acusar Deus de injusto e, ao mesmo tempo, pedir que Deus lhe ensine sobre a sua justiça.

[35,1-16] Jó havia afirmado que Deus é indiferente à justiça ou injustiça do homem. Eliú responde que isso atinge unicamente os homens. Deus sempre intervém para socorrer os oprimidos e restaurar a relação de justiça. Ele só fica em silêncio quando as pessoas não creem nele ou quando se fecham no orgulho.

Indiretamente, Eliú garante que Deus só não está respondendo por causa do orgulho de Jó.

[36,1-25] Eliú volta a proclamar a justiça de Deus, que supera a compreensão humana e consiste principalmente em salvar o pobre e derrotar o injusto. Deus quer sempre a vida, e usa de todos os meios para educar o homem na justiça, que é o caminho para a vida. Entre esses meios está o sofrimento, que é uma chamada de atenção para que a pessoa descubra os próprios erros ou orgulho e se converta. Cf. também nota em 33,13-33.

[36,26-37,24] Os discursos de Eliú se encerram com uma grande contemplação de Deus como Senhor do universo, apresentado aqui segundo as estações do ano. Falta a primavera. Certamente o autor desses discursos considerava o discurso de Deus em 38,1-42,6 como a primavera, símbolo da manifestação do Deus da vida.

[36,26-37,5] O poder de Deus que se manifesta na natureza para alimentar os homens é o mesmo que intervém na história para fazer justiça.

[37,6-13] Os fenômenos da natureza são um convite para todos reconhecerem a obra do Deus criador e, ao mesmo tempo, um sinal da bondade ou do castigo dele.

[14-24] Esse texto final prepara imediatamente a grande manifestação divina que virá logo a seguir. Quando os argumentos se esgotam, é melhor calar e ficar à espera da novidade de Deus.

[38,1-3] Jó havia pedido insistentemente uma audiência com Deus, para lhe fazer muitas perguntas e rebater suas acusações. Por fim, a resposta veio. A tempestade, sinal grandioso da natureza, é um elemento das manifestações divinas. Aqui ela pode ser entendida como símbolo da situação desesperadora de Jó: é de dentro do sofrimento que Deus lhe vai falar, mas curiosamente nada lhe responde. Pelo contrário, traz outras perguntas. O encontro com Deus é sempre um desafio para o homem. Trata-se de Javé, o Deus do êxodo e da aliança, aquele que liberta e quer ser aliado do homem. Esse é o desafio fundamental e a melhor defesa consiste em aceitar esse convite e aliança.

[4-38] De modo provocante, Deus pergunta a Jó onde estava quando o mundo foi criado. A seguir, faz uma série de desafios que mostram, ao mesmo tempo, a grandeza e ciência de Deus e a pequenez e ignorância do homem. Por trás dessas questões, há uma pergunta latente: Se o homem não é capaz de compreender as

leis da criação, como pode atrever-se a questionar o Criador? Os vv. 26-27 chamam a atenção para o amor de Deus: ele cuida da natureza, mesmo em lugares desabitados, onde não há qualquer testemunha. O v. 36 mostra que certos animais instintivamente conhecem certos segredos da natureza que o homem desconhece, apesar de toda a ciência.

[38,39-40,2] Os animais selvagens, com seu instinto misterioso e irrefreável liberdade, fazem o homem maravilhar-se diante da força selvagem da vida. Se não foi o homem, quem criou os animais e lhes ensinou essa perfeição instintiva?

[40,3-5] Jó havia lutado de todos os modos para provar sua honra e justiça, não temendo acusar e desafiar até o próprio Deus. Contudo, com essa apresentação da ciência, grandeza e cuidado de Deus por toda a criação, ele se vê forçado a reconhecer a própria pequenez e lugar diante do mistério insondável de Deus. Todos os seus argumentos caem por terra, e ele nada mais consegue acrescentar.

[6-14] No diálogo, os amigos procuravam a todo custo afirmar que Jó estava sofrendo porque havia cometido alguma falta moral ou violação da ética. Por sua vez, Jó se defendia, sempre afirmando sua própria justiça. E aqui se chega ao impasse criado pelo dogma da retribuição: ou Deus está certo e Jó errado, ou Jó de fato é justo e Deus injusto. O v. 8 mostra que, dentro dessa teologia, o homem chega a cometer, não um pecado moral, mas o *pecado teológico*, que consiste em se igualar a Deus para lhe pedir contas e julgá-lo. Exatamente o que acontece em Gn 3. Os vv. 9-14 mostram ironicamente a consequência: já que o homem critica Deus para se deificar a si próprio, vá então até o fim: realize a justiça que acredita que Deus não realiza. Diante desse homem ridiculamente deificado, Deus ironiza: “Faça isso, e até eu lhe prestarei homenagem”. Assim o autor lembra uma verdade que, embora seja o cerne de toda a Bíblia, muitas vezes pode ficar esquecida: Deus é Deus, e o homem não é Deus.

[15-24] Beemot era o nome que os antigos davam ao hipopótamo, animal considerado como símbolo da força bruta e que o homem é incapaz de domesticar. No entanto, esse animal foi criado como o homem, e é até apresentado como obra-prima da criação. Deus domina soberanamente as forças que o homem não consegue controlar.

[42,1-6] É o ponto culminante e a chave de todo o livro. Em 40,1-5, Jó tinha decidido silenciar diante da grandeza e ciência de Deus. Agora faz a confissão de fé, que nasce de sua própria experiência. Ultrapassando toda uma teologia que o

impedia de chegar ao Deus verdadeiro (“eu te conhecia só de ouvir”), ele pode finalmente descobrir que esse Deus vivo está presente e em comunhão com ele, dentro da situação que ele está vivendo (“agora os meus olhos te veem”). Dessa forma, o autor deixa bem claro que toda teologia ou concepção de Deus é sempre relativa e limitada, podendo até mesmo impedir a experiência do Deus vivo. Jó estava com muitas perguntas, e Deus não respondeu a nenhuma delas. Ao contrário, trouxe-lhe outras. Mas este final mostra que Deus sabe ler o mais íntimo desejo do homem e responder a esse desejo, tornando-se solidário e entrando em comunhão com ele. Nessa comunhão, já não é preciso preocupar-se nem mesmo com a própria reputação: agora a honra do homem depende de Deus (cf. Sl 62,8). Doravante, o homem pode lutar junto com o Deus Criador para construir a justiça e a harmonia que Deus projeta, dominando a força bruta e triunfando sobre o mal.

O v. 6 fala de um ritual de penitência a ser cumprido não por uma falta moral, mas pelo orgulho que leva o homem em desespero a se julgar igual a Deus e a pedir contas a ele. Reconhecendo e aceitando a condição humana, a pessoa se liberta, porque é nessa condição que pode encontrar Deus.

[40,25-41,26] Leviatã, muitas vezes representado pelo crocodilo, é propriamente um dragão mítico, que simboliza o poder do mal que ameaça a criação. Deus o teria derrotado, confinando-o na água. O desafio que Deus propõe a Jó é gigantesco: você seria capaz de dominar o mal, como eu dominei? Por trás disso, há um convite para o homem reconhecer as próprias limitações e, a partir delas, confiar no Deus que é capaz de controlar tudo.

[7-17] Este apêndice apresenta o final primitivo da lenda, que começa em 1,1-2,13. O autor dos capítulos 3,1 a 42,6 pretendia substituí-lo, a fim de romper completamente com o dogma da retribuição. Mas o pensamento religioso posterior certamente se scandalizou com a obra e voltou a acrescentar o final da lenda primitiva, que certamente recebeu retoques em 2,11-13.

[7-9] Os três amigos são criticados porque na lenda original teriam dito algo parecido com o que a mulher de Jó lhe havia sugerido (2,9). No conjunto do livro, porém, a crítica de Javé se dirige a todos aqueles que, para defender a sua concepção de Deus, não têm escrúpulos de massacrar o ser humano. O fato de que os três amigos dependam da intercessão de Jó é muito importante: só o pobre em comunhão com Deus pode ser agente de reconciliação para os demais.

[10-17] A lenda terminava com o retorno da felicidade antiga, prêmio pela fidelidade do justo. Jó recebe em dobro tudo o que havia perdido, com reparação

por perdas e danos, prevista na lei (Ex 22,6-8). Não se fala em recuperação da saúde, mas o v. 16 a supõe. E, fato curioso, quando tudo fica resolvido, os parentes e amigos voltam... E isso deixa uma questão em aberto: Além de Deus, quem está disposto a se solidarizar com os marginalizados?

SALMOS

INTRODUÇÃO

O livro dos Salmos, com cento e cinquenta orações, é o coração do Antigo Testamento. É a grande síntese que reúne todos os temas e estilos dessa parte da Bíblia.

A palavra salmo quer dizer oração cantada e acompanhada com instrumentos musicais. Assim, na oração e no canto de Israel, podemos ver como a história, a profecia, a sabedoria e a lei penetraram a vida do povo e a transformaram em oração viva, marcada por todo tipo de situações pessoais e coletivas. Temos nos salmos um modelo de como a fé penetra a vida e um exemplo de como todas as situações podem tornar-se oração.

Os salmos são também poesia, que é a forma mais apropriada para expressar os sentimentos diante da realidade da vida. Esta é permeada pelo mistério de Deus, o aliado que se compromete com o homem para com ele construir a história. É Deus participando da luta pela vida e liberdade. As experiências de uma pessoa ou do povo se tornam manifestações das experiências de outros grupos humanos. Dessa forma, os salmos convidam para que também nós nos voltemos com atenção para a vida e a história. Nelas descobrimos o Deus sempre presente e disposto a se aliar, para caminhar conosco na luta pela construção do mundo novo.

Os salmos supõem o contexto maior de uma fé que nasce da história e constrói história. Seu ponto de partida é o Deus libertador que ouve o clamor do povo e se torna presente, dando eficácia à sua luta pela liberdade e vida (Ex 3,7-8). Por isso, os salmos são as orações que manifestam a fé que os pobres e oprimidos têm no Deus aliado. Como esse Deus não aprova a situação dos desfavorecidos, o povo tem a ousadia de reivindicar seus direitos, denunciar a injustiça, resistir aos poderosos e até mesmo questionar o próprio Deus. São orações que nos conscientizam e engajam na luta dentro dos conflitos, sem dar espaço para o pieguismo, o individualismo ou a alienação.

Os salmos foram compostos e depois burilados para uso repetido. Não se esgotam com a experiência do indivíduo que os criou, nem se restringem à história de um só povo. Pelo contrário, estão sempre abertos para exprimir situações de outros povos e indivíduos, já que as estruturas das situações se repetem.

O livro dos Salmos é um dos mais citados pelos escritores do Novo Testamento. O próprio Jesus rezava os salmos, e sua vida e ação trouxeram significado

pleno para o sentido que essas orações já possuíam na vida de Israel. Depois dele, os salmos se tornaram a oração do novo povo de Deus, comprometido com Jesus Cristo para a transformação do mundo, em vista da construção do Reino.

SALMOS CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 (9B) - 11 (10) - 12 (11)
- 13 (12) - 14 (13) - 15 (14) - 16 (15) - 17 (16) - 18 (17) -
19 (18) - 20 (19) - 21 (20) - 22 (21) - 23 (22) - 24 (23) -
25 (24) - 26 (25) - 27 (26) - 28 (27) - 29 (28) - 30 (29) -
31 (30) - 32 (31) - 33 (32) - 34 (33) - 35 (34) - 36 (35) -
37 (36) - 38 (37) - 39 (38) - 40 (39) - 41 (40) - 42 (41) -
43 (42) - 44 (43) - 45 (44) - 46 (45) - 47 (46) - 48 (47) -
49 (48) - 50 (49) - 51 (50) - 52 (51) - 53 (52) - 54 (53) -
55 (54) - 56 (55) - 57 (56) - 58 (57) - 59 (58) - 60 (59) -
61 (60) - 62 (61) - 63 (62) - 64 (63) - 65 (64) - 66 (65) -
67 (66) - 68 (67) - 69 (68) - 70 (69) - 71 (70) - 72 (71) -
73 (72) - 74 (73) - 75 (74) - 76 (75) - 77 (76) - 78 (77) -
79 (78) - 80 (79) - 81 (80) - 82 (81) - 83 (82) - 84 (83) -
85 (84) - 86 (85) - 87 (86) - 88 (87) - 89 (88) - 90 (89) -
91 (90) - 92 (91) - 93 (92) - 94 (93) - 95 (94) - 96 (95) -
97 (96) - 98 (97) - 99 (98) - 100 (99) - 101 (100) - 102
(101) - 103 (102) - 104 (103) - 105 (104) - 106 (105) -
107 (106) - 108 (107) - 109 (108) - 110 (109) - 111 (110)
- 112 (111) - 113 (112) - 114 (113A) - 115 (113B) - 116**

(114 e 115) - 117 (116) - 118 (117) - 119 (118) - 120
(119) - 121 (120) - 122 (121) - 123 (122) - 124 (123) -
125 (124) - 126 (125) - 127 (126) - 128 (127) - 129 (128)
- 130 (129) - 131 (130) - 132 (131) - 133 (132) - 134
(133) - 135 (134) - 136 (135) - 137 (136) - 138 (137) -
139 (138) - 140 (139) - 141 (140) - 142 (141) - 143 (142)
- 144 (143) - 145 (144) - 146 (145) - 147 (146-147) - 148
(148) - 149 (149) - 150 (150)

SALMOS

Salmo 1 [SI 1]

Deus se alia aos justos

¹Feliz o homem que não vai ao conselho dos injustos, não para no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos zombadores.

²Pelo contrário: seu prazer está na lei de Javé, e medita sua lei, dia e noite. [1-2]

³Ele é como árvore plantada junto d'água corrente: dá fruto no tempo devido, e suas folhas nunca murcham.

Tudo o que ele faz é bem sucedido.

⁴Não são assim os injustos! Não são assim!

Pelo contrário:

são como palha que o vento arrebatava... [3-4]

⁵Por isso os injustos não ficarão de pé no Julgamento, nem os pecadores na assembleia dos justos.

⁶Porque Javé conhece o caminho dos justos, enquanto o caminho dos injustos perece. [5-6]

Salmo 2 [SI 2]

Deus se alia à autoridade justa

¹Por que as nações se rebelam, e os povos planejam em vão?

²Os reis da terra se revoltam e, unidos, os príncipes conspiram
contra Javé e contra o seu Messias: ³“Rebentemos seus grilhões, sacudamos
seu jugo!” [1-3]

⁴Aquele que habita no céu ri, Javé se diverte à custa deles.

⁵E depois lhes fala com ira, confundindo-os com furor:

⁶“Fui eu que consagrei o meu rei em Sião, minha sagrada montanha!” [4-6]

⁷Vou proclamar o decreto de Javé!

Ele me disse: “Você é o meu filho,
eu hoje o gerei.

⁸Peça-me, e eu lhe darei as nações como herança, os confins da terra como
propriedade.

⁹Você as governará com cetro de ferro, e as quebrará como vaso de oleiro”.
[7-9]

¹⁰E agora, ó reis, sejam prudentes!

Deixem-se corrigir, juízes da terra.

¹¹Sirvam a Javé com temor, ¹²prestem-lhe homenagem tremendo, para que
ele não se irrite, e vocês pereçam no caminho, pois a ira dele se inflama
depressa.

Felizes aqueles que nele se abrigam! [10-12]

Salmo 3 [SI 3]

Um desafio para o justo

1 Salmo. De Davi. Quando fugia de seu filho Absalão.

²Javé, como são numerosos os meus opressores, numerosos os que se levantam contra mim!

³Numerosos aqueles que dizem a meu respeito: “Deus nunca vai salvá-lo”. [2-3]

⁴Tu porém, Javé, és o escudo que me protege, és minha honra, aquele que me faz erguer a cabeça.

⁵Em alta voz eu grito a Javé, e ele me responde do seu monte santo.

⁶Posso deitar-me, dormir e despertar, pois é Javé quem me sustenta.

⁷Não temo essa multidão de gente que em cerco se coloca contra mim. [4-7]

⁸Levanta-te, Javé! Salva-me, Deus meu!

Pois golpeias no queixo meus inimigos todos
e quebras os dentes dos injustos.

⁹De ti, Javé, vêm a salvação e a bênção para o teu povo. [8-9]

Salmo 4 [Sl 4]

Deus defende o pobre

1Do mestre de canto. Com instrumentos de corda. Salmo. De Davi.

²Quando te invoco, responde-me, ó Deus, meu defensor!

Na angústia tu me aliviaste:

tem piedade de mim, ouve a minha prece! [2]

³Ó homens, até quando vocês ultrajarão minha honra, amando o nada e buscando a ilusão?

⁴Saibam que Javé faz maravilhas por seu fiel: Javé ouve quando eu o invoco. [3-4]

⁵Tremam e não pequem.

Reflitam no silêncio do leito.

⁶Ofereçam sacrifícios justos e tenham confiança em Javé. [5-6]

⁷Muitos dizem: “Quem nos fará ver a felicidade?”

Javé, levanta sobre nós a luz da tua face!

⁸Puseste em meu coração mais alegria do que quando transbordam o trigo e o vinho deles.

⁹Em paz me deito e logo adormeço, porque só tu, Javé, me fazes viver tranquilo. [7-9]

Salmo 5 [SI 5]

Deus faz justiça ao inocente

1 Do mestre de canto. Para flautas. Salmo. De Davi.

² Javé, escuta minhas palavras, leva em conta o meu gemido.

³ Ouve atento meu grito por socorro, meu Rei e meu Deus!

É a ti que eu suplico, Javé!

⁴ Pela manhã ouves a minha voz; pela manhã te apresento minha causa, e fico esperando... [2-4]

⁵ Tu não és um Deus que ame a injustiça.

O malvado não é teu hóspede.

⁶ Não, os arrogantes não se mantêm na tua presença.

Odeias todos os malfeitores ⁷ e destróis os mentirosos.

Javé rejeita o homem sanguinário e traiçoeiro.

⁸ Quanto a mim, por teu grande amor, eu entro em tua casa.

Cheio de temor, eu me prostro voltado para o teu sagrado santuário. [5-8]

⁹ Guia-me, Javé, com tua justiça, por causa dos que me espreitam.

Endireita na minha frente o teu caminho!

¹⁰ Pois eles não falam com sinceridade, e o seu íntimo está cheio de maquinações.

Sua garganta é um túmulo aberto e sua língua é aduladora.

¹¹ Declara-os culpados, ó Deus.

Que seus planos fracassem!

Expulsa-os por seus crimes numerosos, porque se revoltam contra ti. [9-11]

¹² Fiquem alegres todos os que se abrigam em ti, e se rejubilem para sempre.

Tu os proteges, e em ti exultam os que amam o teu nome.

¹³ Pois tu, Javé, abençoa o justo, teu favor o protege como escudo. [12-13]

Salmo 6 [SI 6]

Deus liberta o aflito

1Do mestre de canto. Com instrumentos de corda. Sobre a oitava. Salmo. De Davi.

²Javé, não me castigues com tua ira, não me corrijas com teu furor!

³Piedade, Javé, que eu desfaleço!

Javé, cura-me, pois meus ossos tremem.

⁴Todo o meu ser estremece...

E tu, Javé, até quando? [2-4]

⁵Volta-te, Javé! Liberta-me!

Salva-me, por teu amor!

⁶Pois na morte ninguém se lembra de ti: quem te louvaria no túmulo? [5-6]

⁷Sinto-me esgotado de tanto gemer, e de noite eu choro na cama,
banhando o meu leito com lágrimas.

⁸Meus olhos se derretem de dor, envelhecem de tantas contradições. [7-8]

⁹Afastem-se de mim, malfeitores todos: Javé ouviu o meu soluço!

¹⁰Javé ouviu o meu pedido.

Javé acolheu a minha prece.

¹¹Envergonhem-se meus inimigos todos, retirem-se depressa, cheios de vergonha! [9-11]

Salmo 7 [SI 7]

Javé, o justo juiz

1 Lamentação. De Davi. Ele a cantou para Javé, a propósito de Cuch, o benjaminita.

² Javé, meu Deus, eu me abrigo em ti!
Salva-me dos meus perseguidores todos!
Liberta-me!

³ Que não me apanhem, como um leão, e me estraçalhem, e ninguém me liberte! [2-3]

⁴ Javé, meu Deus, se eu fiz alguma coisa...
se cometi alguma injustiça,

⁵ se paguei com o mal a quem me fez o bem, se poupei sem razão a quem me oprimiu, ⁶ que o inimigo me persiga e alcance!

Que me pisoteie vivo por terra e aperte o meu ventre contra a poeira! [4-6]

⁷ Levanta-te, Javé, com tua ira!
Ergue-te contra o abuso dos meus opressores!
Acorda, meu Deus!
Decreta um julgamento!

⁸ Que a assembleia dos povos te cerque; assenta-te sobre ela, no mais alto. [7-8]

⁹ — Javé é o juiz dos povos. — Julgame, Javé, conforme a minha justiça, e segundo a minha inocência.

¹⁰ Põe fim à maldade dos injustos e apoia o justo,
pois tu sondas corações e rins, ó Deus justo! [9-10]

¹¹ Quem me protege é Deus, que salva os corações retos.

¹² Deus é um justo juiz.
Deus ameaça a cada dia.

¹³ Se não se convertem, ele afia a espada, estica o arco e aponta;

¹⁴ prepara suas armas que matam, aponta suas flechas de fogo. [11-14]

¹⁵ Vejam: o injusto concebeu a injustiça, está prenhe de ganância
e dá à luz a mentira.

¹⁶ Ele cava e aprofunda um buraco, e acaba caindo na cova que fez!

¹⁷Sua ganância se volta contra ele, sua violência lhe recai na cabeça! [\[15-17\]](#)

¹⁸Eu agradeço a Javé por sua justiça, e canto ao nome de Javé Altíssimo. [\[18\]](#)

Salmo 8 [Sl 8]

O homem reflete a grandeza de Deus

1Do mestre de canto. Sobre a harpa de Gat. Salmo. De Davi.

²Javé, Senhor nosso, como é poderoso o teu nome
em toda a terra!

Exaltaste a tua majestade acima do céu.

³Da boca de crianças e bebês tiraste um louvor contra os teus adversários,
para reprimir o inimigo e o vingador. [2-3]

⁴Quando contemplo o céu, obra de teus dedos, a lua e as estrelas que fixaste...

⁵O que é o homem, para dele te lembrares?
O ser humano, para que o visites?

⁶Tu o fizeste pouco menos do que um deus, e o coroaste de glória e
esplendor.

⁷Tu o fizeste reinar sobre as obras de tuas mãos, e sob os pés dele tudo
colocaste:

⁸ovelhas e bois, todos eles, e as feras do campo também;

⁹as aves do céu e os peixes do oceano, que percorrem as sendas dos mares.

¹⁰Javé, Senhor nosso, como é poderoso o teu nome
em toda a terra! [4-10]

Salmo 9 [SI 9]

O pobre não ficará frustrado

1 Do mestre de canto. Para oboé e harpa. Salmo. De Davi.

²Javé, eu te agradeço de todo o coração, proclamando todas as tuas maravilhas!

³Eu me alegro e exulto em ti, e toco ao teu nome, ó Altíssimo! [2-3]

⁴Meus inimigos voltam atrás, tropeçam e somem da tua presença.

⁵Porque defendeste a minha causa e direito: sentaste em teu trono de justo juiz.

⁶Ameaçaste as nações, destruístes o injusto, para todo o sempre apagaste o nome dele.

⁷O inimigo acabou em ruínas para sempre, arrasaste as cidades, e a lembrança dele sumiu. [4-7]

⁸Eis que Javé sentou-se para sempre, firmou o seu trono para o julgamento.

⁹Ele julga o mundo com justiça e governa os povos com retidão.

¹⁰Que Javé seja fortaleza para o oprimido, fortaleza nos tempos de angústia.

¹¹Em ti confiam os que conhecem o teu nome, pois não abandonas os que te procuram, Javé.

¹²Toquem para Javé, que habita em Sião; contem entre os povos as suas façanhas:

¹³ele vinga o sangue derramado, ele se lembra, e não se esquece jamais do clamor dos pobres. [8-13]

¹⁴Piedade, Javé! Olha a minha aflição!

Levanta-me das portas da morte,

¹⁵para que eu proclame os teus louvores, e exulte com a tua salvação junto às portas da capital de Sião! [14-15]

¹⁶Os povos caíram na cova que fizeram, no laço que ocultaram prenderam o pé.

¹⁷Javé apareceu fazendo justiça, apanhou o injusto em sua manobra.

¹⁸Que os injustos voltem ao túmulo, os povos todos que se esquecem de Deus!

¹⁹Pois o indigente não será esquecido para sempre, e a esperança dos pobres jamais se frustrará. [16-19]

²⁰Levanta-te, Javé, que o mortal não triunfe!

Que os povos sejam julgados na tua presença!

²¹Infunde neles o medo, Javé: saibam os povos que são homens mortais! [20-21]

Salmo 10 (9B) [SI 10]

Deus não se esquece dos pobres

- ¹ Javé, por que ficas longe, e te escondes no tempo da angústia?
- ² A soberba do injusto persegue o infeliz.
Fiquem presos nas tramas que planejaram! [1-2]
- ³ O injusto se gloria da própria ambição, o avarento maldiz e despreza a Javé!
- ⁴ O injusto é soberbo, jamais investiga.
— “Deus não existe!” — é tudo o que pensa.
- ⁵ Suas empresas têm sucesso em todo tempo.
Tuas normas estão longe da mente dele, e ele desafia os adversários todos.
- ⁶ E pensa: “Eu sou inabalável!
Jamais cairei na desgraça”.
- ⁷ Fraude e astúcia lhe encham a boca, sob sua língua existe maldade e opressão.
- ⁸ Fica de emboscada entre os juncos, e massacra o inocente às escondidas.
Com os olhos ele espreita o inocente.
- ⁹ De tocaia, bem oculto, como leão no covil, ele se embosca para apanhar o pobre: agarra o pobre e o arrasta em sua rede.
- ¹⁰ Ele espreita, se agacha, se encurva, e o indefeso cai em seu poder.
- ¹¹ E pensa: “Deus se esquece, e cobre a face para não ver até o fim!” [3-11]
- ¹² Levanta-te, Javé! Ergue a tua mão!
Não te esqueças dos pobres!
- ¹³ Por que o injusto desprezaria a Deus, pensando que não investigas?
- ¹⁴ Mas tu vês a fadiga e o sofrimento, e observas para tomá-los na mão:
a ti se abandona o indefeso,
para o órfão tu és um socorro.
- ¹⁵ Quebra o braço do injusto e do malvado e procura sua maldade: não a encontras!
- ¹⁶ Javé é rei para sempre e eternamente.
Os pagãos desapareceram do país.
- ¹⁷ Javé, tu ouves o desejo dos pobres, fortaleces o coração deles e lhes dás

ouvidos, ¹⁸ fazendo justiça ao órfão e ao oprimido, para que o homem terreno
já não infunda terror. [\[12-18\]](#)

Salmo 11 (10) [Sl 11]

O que pode o justo fazer?

1Do mestre de canto. De Davi.

Eu me abrigo em Javé.

Por que vocês me dizem:

“Foge para os montes, passarinho, ²porque os injustos retesam o arco, ajustando a flecha na corda, para atirar ocultamente contra os corações retos.

³Quando os fundamentos se corrompem, o que pode o justo fazer?” [1-3]

⁴Javé, porém, está no seu templo santo, Javé tem o seu trono no céu.

Seus olhos contemplam o mundo, suas pupilas examinam os homens.

⁵Javé examina o justo e o injusto, ele odeia quem ama a violência; ⁶fará chover sobre os injustos brasas e enxofre, e um furacão violento. É a parte que lhes cabe.

⁷Porque Javé é justo e ama a justiça, e os corações retos contemplarão sua face. [4-7]

Salmo 12 (11) [Sl 12]

O fiel está sumindo

1 Do mestre de canto. Para instrumentos de oito cordas. Salmo. De Davi.

² Socorro, Javé! O fiel está sumindo!

Desaparece a fidelidade entre os homens:

³ cada qual mente ao seu próximo com lábios enganadores e segundas intenções.

⁴ Que Javé corte todos os lábios enganadores, e a língua arrogante

⁵ dos que dizem: “Nossa força está na língua, nossas armas são nossos lábios. Quem poderá nos dominar?” [2-5]

⁶ Javé declara: “Agora eu me levanto para defender os pobres oprimidos e os necessitados que gemem.

Vou salvar quem quer ser salvo!”

⁷ As palavras de Javé são palavras sinceras, prata pura, sem nenhuma impureza, [6-7]
sete vezes refinada.

⁸ Sim, Javé, tu nos guardarás, livrando-nos para sempre dessa gente.

⁹ Por toda parte rondam os injustos, quando a corrupção é exaltada entre os homens. [8-9]

Salmo 13 (12) [Sl 13]

Até quando, Javé?

1 Do mestre de canto. Salmo. De Davi.

² Javé, até quando me esquecerás? Para sempre?

Até quando esconderás de mim a tua face?

³ Até quando terei sofrimento dentro de mim, e tristeza no coração, dia e noite?

Até quando meu inimigo vai triunfar? [2-3]

⁴ Atenção, Javé, meu Deus! Responde-me!

Ilumina meus olhos,

para que eu não adormeça na morte.

⁵ Que meu inimigo não diga: “Eu o venci!”

E meus opressores não exultem com meu fracasso. [4-5]

⁶ Quanto a mim, eu confio no teu amor!

Meu coração exulta com a tua salvação.

Vou cantar a Javé por todo o bem que ele me fez! [6]

Salmo 14 (13) [Sl 14]

Deus está com os justos

1Do mestre de canto. De Davi.

O insensato diz no seu coração: “Deus não existe!”

Corromperam-se, praticando abominações: não há quem pratique o bem.

²Do céu Javé se inclina sobre os filhos de Adão, para ver se restou alguém sensato, alguém que busque a Deus.

³Estão todos desviados e obstinados também:

não há quem faça o bem,

não há nem um sequer. [1-3]

⁴Acaso, esses malfeitores não percebem?

Eles devoram o meu povo, como se comessem pão, e não invocam a Javé.

⁵Eles vão tremer de medo, porque Deus está com os justos.

⁶Vocês podem confundir o plano do pobre, mas o abrigo dele é Javé. [4-6]

⁷Tomara que venha de Sião a salvação para Israel!

Quando Javé mudar a sorte do seu povo, Jacó exultará e Israel se alegrará.

Salmo 15 (14) [Sl 15]

Condições para celebrar a fé

1 Salmo. De Davi.

Javé, quem pode hospedar-se em tua tenda e habitar em teu monte santo?

²— Quem age na integridade e pratica a justiça,
quem fala sinceramente o que pensa ³e não usa a língua para caluniar; quem
não prejudica seu próximo, e não difama seu vizinho;

⁴quem despreza o injusto, e honra os que temem a Javé; quem sustenta o que
jurou, mesmo com prejuízo seu;

⁵quem não empresta dinheiro com juros, nem aceita suborno contra o
inocente.

Quem age desse modo, jamais será abalado! [2-5]

Salmo 16 (15) [Sl 16]

A herança da vida

1 À meia-voz. De Davi.

Guarda-me, Deus, pois eu me abrigo em ti.

² Eu digo a Javé: “Tu és o meu bem!”

³ Os deuses e senhores da terra não me satisfazem.

⁴ Eles multiplicam as estátuas de deuses estranhos.

Nunca derramarei suas libações de sangue, nem porei seus nomes em meus lábios. [1-4]

⁵ Javé, minha parte na herança e minha taça, meu destino está em tuas mãos.

⁶ O cordel mediu para mim um lugar delicioso; sim, minha herança é a mais bela.

⁷ Bendigo a Javé que me aconselha, e, mesmo à noite, interiormente me instrui.

⁸ Tenho Javé à minha frente sem cessar.

Com ele à minha direita, jamais vacilarei. [5-8]

⁹ Por isso meu coração se alegra, minhas entranhas exultam,

e minha carne repousa em segurança; ¹⁰ porque não me abandonarás no túmulo, nem deixarás o teu fiel ver a sepultura.

¹¹ Tu me ensinarás o caminho da vida, cheio de alegria em tua presença, e de delícias à tua direita, para sempre. [9-11]

Salmo 17 (16) [Sl 17]

À espera de um milagre

1Prece. De Davi.

Escuta, Javé, a minha apelação, atende ao meu clamor;
dá ouvidos à minha súplica,
que não sai de lábios mentirosos.

²Que minha sentença provenha de tua face, teus olhos vejam onde está a retidão. [1-2]

³Ainda que me sondes o coração, e de noite o examines;
ainda que me proves com o fogo, malícia nenhuma encontrarás em mim.
Minha boca não transgrediu

⁴como costumam os homens.

Conforme a palavra dos teus lábios, eu observei os caminhos prescritos:
⁵meus pés não vacilaram, meus passos ficaram nas tuas pegadas. [3-5]

⁶Eu clamo a ti, porque me respondes, ó Deus!

Inclina-me teu ouvido, ouve a minha palavra, ⁷manifesta a maravilha do teu amor, tu que dos agressores salvas
a quem se refugia à tua direita.

⁸Guarda-me como a pupila dos olhos, esconde-me à sombra de tuas asas,
⁹longe dos injustos que me oprimem, dos inimigos mortais que me cercam. [6-9]

¹⁰Eles fecham seu coração com gordura e falam com boca arrogante;

¹¹seus passos já me rodeiam, seus olhos me fitam para jogar-me no chão.

¹²Parecem leão ávido de presa, um filhote de leão agachado no covil. [10-12]

¹³Levanta-te, Javé! Enfrenta-os! Derruba-os!

Que tua espada me liberte do injusto, ¹⁴e tua mão, Javé, os expulse da humanidade, para fora da humanidade e do mundo: seja essa a parte deles nesta vida!

Enche-lhes o ventre com o que tens de reserva: que seus filhos fiquem saciados e deixem a sobra para seus pequeninos. [13-14]

¹⁵Quanto a mim, com justiça verei a tua face; ao despertar, eu me saciarei com a tua imagem. [15]

Salmo 18 (17) [SI 18]

A função da autoridade

1Do mestre de canto. De Davi, servo de Javé. Ele dirigiu a Javé as palavras deste cântico, quando Javé o libertou de todos os seus inimigos e da mão de Saul. 2Ele disse: Eu te amo, Javé. Tu és a minha força!

³Javé, meu rochedo, minha fortaleza, meu libertador; meu Deus, rocha minha, meu refúgio, meu escudo, força que me salva, meu baluarte!

⁴Louvado seja! Eu invoquei Javé, e fui salvo dos meus inimigos!

⁵Ondas mortais me envolviam, torrentes destruidoras me aterravam,

⁶cercavam-me laços mortais, as ciladas da morte me atingiam.

⁷No meu aperto invoquei Javé, ao meu Deus lancei o meu grito.

Do seu templo ele ouviu a minha voz,
o meu grito chegou-lhe aos ouvidos.

⁸E a terra balançou e tremeu, as bases dos montes se abalaram,
estremeceram com o furor dele.

⁹De suas narinas subiu a fumaça e da sua boca um fogo voraz:
dela saíam brasas ardentes.

¹⁰Ele inclinou o céu e desceu, tendo aos pés uma nuvem escura;

¹¹ele cavalcou um querubim, e voou, planando sobre as asas do vento.

¹²Das trevas fez seu manto, águas escuras e nuvens espessas
o rodeavam como tenda.

¹³Com o fulgor da sua presença, as nuvens se desfizeram em granizo e centelhas.

¹⁴Javé trovejou no céu, o Altíssimo fez ouvir sua voz;

¹⁵lançou suas flechas e os dispersou, e os expulsou, lançando seus raios.

¹⁶O leito do mar apareceu, as bases do mundo se descobriram,
por causa do teu estrondo, Javé,
e do vento que soprava das tuas narinas.

¹⁷Do alto ele me mandou buscar; tirou-me das águas torrenciais.

¹⁸Livrou-me de um poderoso inimigo, de adversários mais fortes do que eu.

¹⁹Atacaram-me no dia da derrota, porém Javé foi um apoio para mim.

²⁰Ele me fez sair para lugar espaçoso; libertou-me, porque ele me ama.

²¹ Javé me tratou segundo a minha justiça, e me retribuiu conforme a pureza de minhas mãos, ²² porque observei os caminhos de Javé, e não me rebelei contra o meu Deus.

²³ Seus julgamentos estão todos à minha frente, nunca me apartei dos seus decretos;

²⁴ fui íntegro para com ele e me guardei da injustiça.

²⁵ Javé retribuiu a minha justiça, a pureza de minhas mãos em sua presença.

[2-25]

²⁶ Com o fiel és fiel, com o íntegro tu és íntegro,

²⁷ com quem é puro tu és puro, mas com o perverso tu és astuto.

²⁸ Tu salvas o povo pobre e rebaixas os olhos altivos.

²⁹ Javé, tu és a minha lâmpada; meu Deus, tu iluminas a minha treva.

³⁰ Sim, contigo eu corro ao ataque, com meu Deus eu assalto a muralha. [26-30]

³¹ O caminho de Deus é perfeito, a palavra de Javé é comprovada.

Ele é um escudo para os que nele se abrigam.

³² Quem é Deus, além de Javé?

E quem é rochedo, fora o nosso Deus?

³³ Ele é o Deus que me cinge de força, e torna perfeito o meu caminho.

³⁴ Ele iguala meus pés aos pés das corças e me sustenta firme nas alturas.

³⁵ Adestra as minhas mãos para a guerra, e o meu braço estica o arco de bronze. [31-35]

³⁶ Tu me deste o teu escudo salvador, tua direita me sustentou,
e me atendeste sem parar.

³⁷ Alargaste os meus passos, e meus tornozelos não fraquejaram.

³⁸ Persegui e alcancei os meus inimigos, e não voltei sem os ter consumido.

³⁹ Eu os derrotei, e não puderam levantar-se; eles caíram debaixo dos meus pés.

⁴⁰ Tu me cingiste com vigor para o combate e curvaste sob mim os agressores.

⁴¹ Tu me entregaste a nuca dos inimigos, e eu exterminei os meus adversários.

⁴² Eles gritaram, mas ninguém os socorreu.

Gritaram para Javé, mas ele não respondeu.

⁴³ Eu os reduzi como a poeira ao vento, eu os pisei como o barro das ruas. [36-43]

⁴⁴ Tu me livraste das contendias do meu povo, e me puseste como chefe de

nações;

um povo desconhecido tornou-se meu vassalo.

⁴⁵ Os estrangeiros submetiam-se a mim, davam-me ouvidos e me obedeciam.

⁴⁶ Os estrangeiros se enfraqueciam e saíam tremendo de suas fortalezas.

⁴⁷ Viva Javé! Bendito seja o meu rochedo!

Exaltado seja o meu Deus e salvador,

⁴⁸ o Deus que me concedeu as vinganças e submeteu a mim os povos;

⁴⁹ que me livrou de inimigos furiosos, me exaltou sobre os meus agressores,
e me salvou do homem cruel.

⁵⁰ Por isso eu te louvo entre as nações, Javé, e toco em honra do teu nome:

⁵¹ “Ele dá grandes vitórias ao seu rei, e age pelo seu ungido com amor,
por Davi e sua descendência para sempre”. [\[44-51\]](#)

Salmo 19 (18) [Sl 19]

A ordem que Deus quer

1Do mestre de canto. Salmo. De Davi.

²O céu manifesta a glória de Deus, e o firmamento proclama a obra de suas mãos.

³O dia passa a mensagem para outro dia, a noite a sussurra para a outra noite.

⁴Sem fala e sem palavras, sem que a sua voz seja ouvida,

⁵a toda a terra chega o seu eco, aos confins do mundo a sua linguagem.

Aí ele pôs uma tenda para o sol, ⁶e este sai, qual esposo de seu quarto, como herói alegre, percorrendo o seu caminho.

⁷Ele sai de um extremo do céu, e o seu percurso vai até o outro lado; nada escapa ao seu calor. [2-7]

⁸A lei de Javé é perfeita, um descanso para a alma.

O testemunho de Javé é firme, instrução para o ignorante.

⁹Os preceitos de Javé são retos, alegria para o coração.

O mandamento de Javé é transparente, é luz para os olhos.

¹⁰O temor de Javé é puro e estável para sempre.

As decisões de Javé são verdadeiras e justas igualmente.

¹¹São mais desejáveis do que ouro, mais do que ouro refinado.

São mais doces que o mel,

que vai escorrendo dos favos. [8-11]

¹²Com elas, também teu servo se esclarece, e observá-las traz grande proveito.

¹³Quem pode discernir os próprios erros?

Purifica-me das faltas escondidas!

¹⁴Preserva do orgulho o teu servo, para que ele nunca me domine:

deste modo eu serei íntegro,

inocente de uma grande transgressão.

¹⁵Que te agradem as palavras da minha boca, e o meditar do meu coração

chegue à tua presença,

Javé, minha rocha e redentor! [12-15]

Salmo 20 (19) [Sl 20]

A segurança da nação

1Do mestre de canto. Salmo. De Davi.

²Que Javé lhe responda no dia da angústia, que o nome do Deus de Jacó o proteja!

³Que do santuário ele mande socorro para você, e o apóie desde Sião!

⁴Que ele se lembre de suas ofertas todas, e aprecie o seu holocausto!

⁵Que lhe dê tudo o que o seu coração deseja, e realize todos os seus projetos!

⁶Possamos alegrar-nos com a sua vitória, e hastear a bandeira em nome do nosso Deus!

Que Javé realize todos os seus pedidos! [2-6]

⁷Agora reconheço que Javé dá a vitória ao seu ungido,
e lhe responde do seu templo celeste com os prodígios de sua mão vitoriosa.

⁸Uns confiam em carros, outros em cavalos;
quanto a nós, invocamos o nome de Javé nosso Deus.

⁹Eles se curvam e caem; nós nos mantemos de pé.

¹⁰Javé, dá a vitória ao rei, e responde para nós, quando clamamos a ti! [7-10]

Salmo 21 (20) [Sl 21]

A vitória é de Deus

1 Do mestre de canto. Salmo. De Davi.

² Javé, o rei se alegra com tua força, e como exulta com tua vitória!

³ Concedeste o desejo do seu coração, e não lhe negaste o pedido de seus lábios.

⁴ Pois tu o precedeste com grandes bênçãos, colocaste uma coroa de ouro em sua cabeça.

⁵ Ele te pediu vida, e tu a concedeste, dias sem fim, para sempre e eternamente.

⁶ Tua vitória engrandeceu a fama dele, tu o vestiste com honra e esplendor.

⁷ Sim, tu o estabeleces como bênção para sempre, e, com tua presença, o enches de alegria.

⁸ Sim, o rei confia em Javé, e jamais vacilará com o amor do Altíssimo. [\[2-8\]](#)

⁹ Tua mão alcançará teus inimigos todos, tua direita encontrará teus adversários.

¹⁰ Ateia fogo neles como a um forno, no dia em que te manifestares.

Javé os engolirá com sua ira,
e um fogo os devorará.

¹¹ Extirparás da terra sua posteridade, e sua descendência dentre os homens.

¹² Ainda que pretendam o mal contra ti e façam planos, nada irão conseguir.

¹³ Pois tu os afugentarás, mirando a face deles com teu arco.

¹⁴ Levanta-te, Javé, com tua força!

Nós vamos cantar e tocar ao teu poder. [\[9-14\]](#)

Salmo 22 (21) [Sl 22]

Deus ouve o clamor do pobre

1Do mestre de canto. Sobre “A corça da manhã”. Salmo. De Davi.

²Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?

Apesar de meus gritos, minha prece não te alcança!

³De dia eu grito, meu Deus, e não me respondes.

Grito de noite, e não fazes caso de mim!

⁴E tu habitas no santuário, onde Israel te louva!

⁵Nossos antepassados confiavam em ti; confiavam, e tu os salvavas;

⁶gritavam a ti, e ficavam livres, confiavam em ti, e não se desapontaram. [2-6]

⁷Quanto a mim, eu sou verme, e não homem, riso dos homens e desprezo do povo.

⁸Todos os que me veem zombam de mim, abrem a boca e balançam a cabeça:

⁹“Ele recorreu a Javé... Pois que Javé o salve!

Que o liberte, se é que o ama de fato!”

¹⁰Foste tu quem me tirou do ventre e me confiou aos peitos da minha mãe.

¹¹Fui entregue a ti desde o nascimento, desde o ventre materno tu és o meu Deus.

¹²Não fiques longe de mim, que a angústia está perto, e não há ninguém para me socorrer. [7-12]

¹³Cercam-me touros numerosos, touros fortes de Basã me rodeiam.

¹⁴Contra mim escancaram a boca os leões que dilaceram e rugem.

¹⁵Estou como água derramada, e meus ossos todos se desconjuntam.

Meu coração está como cera,
derretendo-se dentro de mim.

¹⁶Minha força secou como argila, e minha língua colou-se ao maxilar.

Tu me colocas na poeira da morte.

¹⁷Cães numerosos me rodeiam, e um bando de malfeitores me envolve,
furando minhas mãos e meus pés.

¹⁸Posso contar todos os meus ossos.

As pessoas me observam e me encaram,

- ¹⁹entre si repartem minhas vestes, e sorteiam a minha túnica.
- ²⁰Tu, porém, Javé, não fiques longe!
Força minha, vem socorrer-me depressa!
- ²¹Salva meu pescoço da espada, e a minha pessoa, das patas do cão!
- ²²Arranca-me da goela do leão, faz-me triunfar dos chifres do búfalo! [\[13-22\]](#)
- ²³Vou contar tua fama aos meus irmãos, vou louvar-te no meio da assembleia:
- ²⁴“Vocês que temem a Javé, louvem a Javé!
Glorifique-o, descendência toda de Jacó!
Tema-o, descendência toda de Israel!”
- ²⁵Sim, porque ele não desprezou, não desdenhou a desgraça do pobre,
nem lhe ocultou a sua face:
quando gritou por socorro, ele o escutou.
- ²⁶De ti vem o meu louvor na grande assembleia.
Cumprirei meus votos na presença dos que o temem.
- ²⁷Os pobres comerão e ficarão saciados, louvarão a Javé aqueles que o buscam:
“Que o coração de vocês viva para sempre!”
- ²⁸Todos os confins da terra se lembrarão, e voltarão para Javé.
Todas as famílias das nações
se prostrarão na presença dele.
- ²⁹Pois a realeza pertence a Javé, é ele quem governa as nações.
- ³⁰Diante dele se prostrarão as cinzas da tumba, diante dele se curvarão os que descem ao pó.
- ³¹Javé me fará viver para ele, minha descendência o servirá,
falará do Senhor para a geração futura,
- ³²contará a justiça dele ao povo que vai nascer: tudo o que o Senhor realizou!
[\[23-32\]](#)

Salmo 23 (22) [Sl 23]

Deus hospeda o perseguido

1 Salmo. De Davi.

Javé é o meu pastor.

Nada me falta.

²Em verdes pastagens me faz repousar; para fontes tranquilas me conduz, ³e restaura minhas forças.

Ele me guia por bons caminhos, por causa do seu nome.

⁴Embora eu caminhe por um vale tenebroso, nenhum mal temerei, pois junto a mim estás; teu bastão e teu cajado me deixam tranquilo. [1-4]

⁵Diante de mim preparas a mesa, à frente dos meus opressores; unges minha cabeça com óleo, e minha taça transborda.

⁶Sim, felicidade e amor me acompanham todos os dias da minha vida.

Minha morada é a casa de Javé, por dias sem fim. [5-6]

Salmo 24 (23) [Sl 24]

O Rei da glória

1 Salmo. De Davi.

A Javé pertence a terra e tudo o que ela contém, o mundo e os que nele habitam.

² Ele próprio fundou-a sobre os mares e firmou-a sobre os rios. [1-2]

³ — Quem pode subir à montanha de Javé?
Quem pode estar no seu lugar santo?

⁴ — Aquele que tem mãos inocentes e coração puro,
que não confia nos ídolos,
nem faz juramento para enganar.

⁵ Esse receberá a bênção de Javé, e do seu Deus salvador receberá a justiça.

⁶ — Essa é a geração dos que procuram Javé, dos que buscam tua face, ó Deus de Jacó. [3-6]

⁷ Portas, levanten seus frontões; elevem-se, portais antigos,
pois vai entrar o Rei da glória!

⁸ — Quem é esse Rei da glória?
— É Javé, o herói valoroso! É Javé, o herói das guerras!

⁹ Portas, levanten seus frontões; elevem-se, portais antigos,
pois vai entrar o Rei da glória!

¹⁰ — Quem é esse Rei da glória?
— É Javé dos Exércitos!
Ele é o Rei da glória! [7-10]

Salmo 25 (24) [SI 25]

Do pecado à conversão

1 De Davi.

A ti, Javé, elevo a minha alma.

² Em ti confio, meu Deus.

Que eu não fique envergonhado,
e meus inimigos não triunfem sobre mim!

³ Os que em ti esperam não ficam envergonhados; ficam envergonhados todos os traidores. [1-3]

⁴ Mostra-me os teus caminhos, Javé, ensina-me as tuas veredas.

⁵ Guia-me com tua verdade.

Ensina-me, pois tu és o meu Deus salvador, e em ti espero o dia todo. [4-5]

⁶ Javé, lembra-te da tua compaixão e do teu amor, que existem desde sempre.

⁷ Não te lembres de meus desvios, nem dos pecados da minha juventude.

Lembra-te de mim, conforme o teu amor, por causa da tua bondade, Javé.
[6-7]

⁸ Javé é bondade e retidão, e aponta o caminho aos pecadores.

⁹ Ele encaminha os pobres conforme o direito, e ensina aos pobres o seu caminho.

¹⁰ As veredas de Javé são todas amor e verdade para os que guardam sua aliança e seus preceitos.

¹¹ Javé, por causa do teu nome, perdoa a minha falta, que é grande. [8-11]

¹² Existe alguém que teme a Javé?

Javé o instrui sobre o caminho a seguir: ¹³ ele viverá feliz, e sua descendência possuirá a terra.

¹⁴ O segredo de Javé se revela para aqueles que o temem, e lhes dá a conhecer a sua aliança.

¹⁵ Meus olhos estão sempre voltados para Javé, pois ele tira da armadilha os meus pés. [12-15]

¹⁶ Volta-te para mim, tem piedade de mim, pois estou solitário e infeliz.

¹⁷ Alivia as angústias do meu coração, tira-me das minhas aflições.

¹⁸ Olha a minha fadiga e miséria e perdoa os meus pecados todos.

¹⁹ Vê meus inimigos que se multiplicam e me detestam com ódio mortal.

²⁰ Guarda-me a vida! Liberta-me!

Que eu não fique envergonhado
por abrigar-me em ti!

²¹ Que a integridade e retidão me preservem, pois em ti espero, Javé!

²² Ó Deus, resgata Israel de todas as suas angústias! [\[16-22\]](#)

Salmo 26 (25) [Sl 26]

Deus resgata o íntegro

1 De Davi.

Faze-me justiça, Javé, pois eu sou íntegro, e confio em Javé, sem fraquejar.

² Examina-me, Javé, e coloca-me à prova, depura meus rins e meu coração:
³ eu tenho diante dos olhos o teu amor, e ando na tua fidelidade.

⁴ Não me assento com impostores, nem caminho com hipócritas.

⁵ Detesto a assembleia dos maus, e não me assento com injustos. [1-5]

⁶ Na inocência lavo as minhas mãos e rodeio o teu altar, Javé,

⁷ proclamando ação de graças e contando tuas maravilhas todas.

⁸ Javé, eu amo a beleza de tua casa e o lugar onde reside a tua glória.

⁹ Não me ajuntes com pecadores, nem minha vida com assassinos:

¹⁰ eles têm a infâmia nas mãos, a direita deles está cheia de subornos. [6-10]

¹¹ Quanto a mim, eu ando na integridade.

Resgata-me, tem piedade de mim!

¹² Meu pé está firme no caminho reto.

Javé, eu te bendigo nas assembleias. [11-12]

Salmo 27 (26) [Sl 27]
De quem terei medo?

1 De Davi.

Javé é minha luz e salvação: de quem terei medo?

Javé é a fortaleza da minha vida: frente a quem tremerei?

² Quando os malfeitores avançam contra mim para devorar minha carne,
são eles, meus adversários e inimigos, que tropeçam e caem.

³ Que um exército acampe contra mim!

Meu coração não tremerá!

Que uma guerra estoure contra mim!

Ainda assim estarei confiante! **[1-3]**

⁴ Uma coisa peço a Javé, e só esta procuro:

é habitar na casa de Javé

todos os dias de minha vida,

para gozar a doçura de Javé e contemplar o seu templo.

⁵ Pois ele me oculta na sua cabana, no dia da infelicidade;

ele me esconde no segredo de sua tenda, e me eleva sobre uma rocha.

⁶ Agora minha cabeça se levanta sobre os inimigos que me cercam.

Na tenda de Javé vou oferecer sacrifícios de aclamação.

Vou cantar, vou tocar

em honra de Javé! **[4-6]**

⁷ Javé, escuta meu grito de apelo, tem piedade, responde-me!

⁸ Ouço no meu coração: “Procurem minha face!”

— É tua face que eu procuro, Javé.

⁹ Não me escondas a tua face.

Não afastes teu servo com ira, pois tu és o meu socorro!

Não me deixes, não me abandones, meu Deus salvador!

¹⁰ Meu pai e minha mãe me abandonaram.

Javé, porém, me acolhe!

¹¹ Ensina-me o teu caminho, Javé!

Guia-me pela vereda plana,

por causa daqueles que me espreitam.

¹² Não me entregues à vontade dos meus adversários, pois contra mim falsas testemunhas se levantam, respirando violência.

¹³ Espero ver a bondade de Javé na terra dos vivos.

¹⁴ — Espere em Javé, seja firme!

Fortaleça seu coração e confie em Javé! [\[7-14\]](#)

Salmo 28 (27) [Sl 28]

Deus, não fiques em silêncio!

1 De Davi.

A ti, Javé, eu clamo.

Rocha minha, não me sejas surdo.

Que o teu silêncio não me deixe como os que descem à cova.

²Ouve a minha voz suplicante quando eu grito para ti,
quando eu levanto as mãos
para o teu santuário.

³Não me arrastes com os injustos, nem com os malfeitores.
Eles falam de paz com seu próximo, mas têm o mal no coração. [1-3]

⁴Trata-os conforme suas obras, segundo a malícia dos seus atos!
Dá-lhes conforme a obra de suas mãos, paga-lhes o salário devido!

⁵Eles não entendem os atos de Javé, nem as obras de suas mãos.
Que ele os arrase e não os reconstrua! [4-5]

⁶Seja bendito Javé, pois ele escutou a minha voz suplicante!

⁷Javé é minha força e meu escudo, nele confia o meu coração.
Eu fui socorrido, minha carne refloresce, e de todo o coração eu lhe
agradeço. [6-7]

⁸Javé é a força do seu povo, a fortaleza que salva o seu ungido.

⁹Salva o teu povo! Abençoa a tua herança!
Apascenta-os e conduze-os para sempre! [8-9]

Salmo 29 (28) [Sl 29]

O Senhor da natureza e da história

1 Salmo. De Davi.

Filhos de Deus, aclamem a Javé, aclamem a glória e o poder de Javé.

² Aclamem a glória do nome de Javé, adorem a Javé no seu átrio sagrado! [1-2]

³ A voz de Javé sobre as águas, o Deus da glória troveja,
Javé sobre as águas torrenciais.

⁴ A voz de Javé com poder, a voz de Javé no esplendor!

⁵ A voz de Javé despedaça os cedros, Javé despedaça os cedros do Líbano,

⁶ faz o Líbano pular como bezerro e o Sarion como cria de búfalo.

⁷ A voz de Javé lança chispas de fogo, ⁸ a voz de Javé sacode o deserto, Javé sacode o deserto de Cades!

⁹ A voz de Javé retorce os carvalhos e descasca as florestas. [3-9]

E no seu Templo, um só grito: “Glória!”

¹⁰ Javé se assenta sobre o dilúvio.

Javé assentou-se. É rei para sempre!

¹¹ Javé fortifica o seu povo, Javé abençoa seu povo com paz. [10-11]

Salmo 30 (29) [Sl 30]

Novo sentido para a vida

1 Salmo. Cântico para a dedicação da casa. De Davi.

²Eu te exalto, Javé, porque me livraste, não deixaste que os inimigos se rissem de mim.

³Javé, meu Deus, eu gritei para ti, e tu me curaste.

⁴Javé, tiraste do túmulo a minha vida, fizeste-me reviver dentre os que baixam à cova. [2-4]

⁵Toquem para Javé, fiéis seus, celebrem sua memória sagrada.

⁶Sua ira dura um momento, e seu favor pela vida inteira.

Pela tarde vem o pranto,
e pela manhã, gritos de alegria. [5-6]

⁷Quanto a mim, eu dizia tranquilo: “Nunca serei abalado!”

⁸Javé, o teu favor me assegurava honra e poder,
mas escondeste a tua face, e eu fiquei abalado.

⁹Para ti, Javé, eu gritei, ao meu Deus eu supliquei:

¹⁰“O que ganhas com minha morte, com minha descida à cova?
Acaso te louva o pó,
ou proclama tua fidelidade?

¹¹Javé, escuta-me, e tem piedade de mim!
Sê meu socorro, Javé!”

¹²Transformaste o meu luto em dança, e minha roupa de luto em roupa de festa.

¹³Por isso, o meu ser canta para ti, e jamais se calará.
Javé, meu Deus, eu te louvarei para sempre. [7-13]

Salmo 31 (30) [SI 31]

Em tuas mãos entrego o meu espírito

1Do mestre de canto. Salmo. De Davi.

- ²Javé, eu me abrigo em ti: que eu nunca fique envergonhado.
Salva-me, por tua justiça!
- ³Inclina teus ouvidos para mim!
Vem depressa libertar-me!
Sê para mim um rochedo forte,
uma fortaleza que me salve;
- ⁴pois o meu rochedo e muralha és tu: guia-me por teu nome, conduze-me!
- ⁵Tira-me da rede que armaram para mim, pois tu és a minha fortaleza. [2-5]
- ⁶Em tuas mãos entrego o meu espírito.
Resgata-me, Javé Deus!
- ⁷Tu detestas os que adoram ídolos vazios.
Quanto a mim, eu confio em Javé.
- ⁸Dançarei de alegria com teu amor, pois viste minha miséria,
soubeste da opressão contra mim.
- ⁹Não me entregaste nas mãos do inimigo, firmaste os meus pés em lugar
espaçoso. [6-9]
- ¹⁰Tem piedade de mim, Javé, pois estou oprimido.
A dor me consome os olhos,
a garganta e as entranhas.
- ¹¹Eis que a minha vida se consome em tristeza e meus anos em gemidos;
o meu vigor se enfraquece com a miséria, e meus ossos se consomem.
- ¹²Pelos opressores todos que tenho, já me tornei um escândalo;
um nojo para meus vizinhos,
um terror para meus amigos.
Os que me veem na rua,
fogem para longe de mim.
- ¹³Fui esquecido como um morto, e estou como objeto perdido.
- ¹⁴Ouçõ o cochicho de muitos, e o pavor me envolve!
Eles conspiram juntos contra mim e tramam tirar-me a vida. [10-14]

- ¹⁵ Quanto a mim, Javé, eu confio em ti, e digo: “Tu és o meu Deus!”
- ¹⁶ Em tuas mãos está o meu destino: liberta-me dos inimigos que me perseguem!
- ¹⁷ Faze brilhar tua face sobre o teu servo.
Salva-me, por teu amor!
- ¹⁸ Javé, que eu não me envergonhe de te invocar; envergonhados fiquem os injustos,
fiquem reduzidos ao silêncio do túmulo!
- ¹⁹ Emudeçam os lábios mentirosos que proferem insolências contra o justo, com soberba e desprezo! [15-19]
- ²⁰ Como é grande a tua bondade, Javé!
Tu a reservas para os que temem a ti, e a concedes aos que em ti se abrigam, diante de todos os homens.
- ²¹ Tu os escondes onde escondes a tua face, longe das intrigas humanas.
Tu os ocultas em tua tenda,
longe das línguas que discutem.
- ²² Seja bendito Javé!
Ele fez por mim maravilhas de amor na cidade fortificada.
- ²³ Quanto a mim, na minha ânsia eu dizia: “Fui excluído para longe dos teus olhos!”
Tu, porém, ouviste a minha voz suplicante, quando eu gritei para ti.
- ²⁴ Amem a Javé, seus fiéis todos!
Javé preserva os que são leais,
mas retribui com juros
a quem age com soberba.
- ²⁵ Sejam firmes, fortaleçam o coração, todos vocês que esperam em Javé! [20-25]

Salmo 32 (31) [Sl 32]

A conversão é fonte de alegria

1 De Davi. Poema.

Feliz aquele cuja ofensa é absolvida, cujo pecado é coberto.

² Feliz o homem a quem Javé não aponta nenhum delito. [1-2]

³ Enquanto me calei, meus ossos se consumiam, o dia todo rugindo,

⁴ porque dia e noite a tua mão pesava sobre mim.

O meu coração tornou-se como feixe de palha em pleno calor de verão.

⁵ Confessei a ti o meu pecado, não te encobri o meu delito.

Eu disse: “Vou a Javé confessar a minha culpa!”

E tu absolveste o meu delito, perdoaste o meu pecado. [3-5]

⁶ Por isso, que todo fiel suplique a ti no tempo da angústia:

se as águas caudalosas transbordarem, jamais o atingirão.

⁷ Tu és o meu refúgio, tu me libertas da angústia, e me envolves com cantos de libertação. [6-7]

⁸ — Vou instruir você, indicando o caminho a seguir.

Com os olhos sobre você, eu serei o seu conselheiro.

⁹ Não seja como o cavalo ou o jumento, que não compreendem nem rédea nem freio: deve-se avançar para domá-los, sem que se aproximem de você. [8-9]

¹⁰ Os injustos sofrem muitos tormentos, mas o amor envolve quem confia em Javé.

¹¹ Alegrem-se em Javé, ó justos, e exultem.

Gritem de alegria, todos os de coração reto. [10-11]

Salmo 33 (32) [SI 33]

O projeto de Deus se realizará

- ¹ Exultem em Javé, ó justos!
Aos retos convém o louvor.
- ² Celebrem a Javé com cítara, toquem para ele a harpa de dez cordas.
- ³ Cantem para ele um cântico novo, toquem com arte na hora da ovação!
- ⁴ Pois a palavra de Javé é reta, e sua obra toda é verdade.
- ⁵ Ele ama a justiça e o direito, e o amor de Javé enche a terra. [1-5]
- ⁶ O céu foi feito com a palavra de Javé, e seu exército com o sopro de sua boca.
- ⁷ Ele represa num dique as águas do mar, coloca os oceanos em reservatórios.
- ⁸ Que a terra inteira tema a Javé!
Que o temam todos os habitantes do mundo!
- ⁹ Porque ele diz e a coisa acontece, ele ordena e ela se afirma. [6-9]
- ¹⁰ Javé desfaz o plano das nações e frustra os projetos dos povos.
- ¹¹ O plano de Javé permanece para sempre, os projetos do seu coração, de geração em geração.
- ¹² Feliz a nação cujo Deus é Javé, o povo que ele escolheu como herança. [10-12]
- ¹³ Do céu Javé contempla e vê todos os homens.
- ¹⁴ De sua morada ele observa todos os habitantes da terra:
- ¹⁵ ele formou o coração de cada um, e discerne todos os seus atos. [13-15]
- ¹⁶ O rei não se salva pelo exército numeroso, o valente não se livra pela sua grande força.
- ¹⁷ Para salvar, o cavalo é ilusão, seu vigor todo não ajuda a escapar.
- ¹⁸ Javé cuida daqueles que o temem, daqueles que esperam por seu amor,
- ¹⁹ para livrar da morte a vida deles, e no tempo da fome fazê-los viver. [16-19]
- ²⁰ Quanto a nós, esperamos por Javé.
Ele é o nosso auxílio e o nosso escudo.
- ²¹ Nele se alegra o nosso coração, no seu Nome santo confiamos.
- ²² Javé, esteja sobre nós o teu amor, como está em ti a nossa esperança. [20-22]

Salmo 34 (33) [SI 34]

Javé se alia aos pobres

1 De Davi. Quando se fingiu de louco diante de Abimelec, se fez perseguir por ele e foi embora.

² Vou bendizer a Javé o tempo todo, seu louvor estará sempre em minha boca.

³ Eu me orgulho por causa de Javé: que os pobres ouçam e fiquem alegres.

⁴ Repitam comigo: Javé é grande!

Juntos exaltemos o seu nome. [2-4]

⁵ Consultei a Javé, ele me respondeu, e me livrou de todos os temores.

⁶ Olhem para ele e ficarão felizes, o rosto de vocês não ficará envergonhado.

⁷ Este pobre gritou, Javé ouviu, e o salvou de todos os apertos.

⁸ O anjo de Javé acampa ao redor dos que o temem, e os liberta. [5-8]

⁹ Provem e vejam como Javé é bom: feliz o homem que nele se abriga.

¹⁰ Tema a Javé, povo consagrado a Javé, pois nada falta aos que o temem.

¹¹ Os ricos empobrecem e passam fome, mas nada falta aos que buscam Javé.

[9-11]

¹² Filhos, cheguem perto e me escutem: vou ensinar a vocês o temor de Javé.

¹³ Quem de vocês não deseja a vida?

Quem não quer vida longa para prosperar?

¹⁴ Então guardem a língua de falar mal e os lábios de dizer mentiras.

¹⁵ Evitem o mal e pratiquem o bem, e sem descanso procurem a paz.

¹⁶ Javé cuida sempre dos justos, e ouve atentamente seus clamores.

¹⁷ Javé enfrenta os malfeitores e apaga da terra a lembrança deles.

¹⁸ Os justos gritam, Javé escuta, e os liberta de todos os apertos.

¹⁹ Javé está perto dos corações feridos, e salva os que estão desanimados.

²⁰ O justo sofre muitas desgraças, mas de todas elas Javé o liberta;

²¹ Javé protege os ossos do justo: nenhum deles será quebrado.

²² O mal causa a morte do injusto; os que odeiam o justo serão condenados.

²³ Javé resgata a vida de seus servos, e os que nele se abrigam não serão condenados. [12-23]

Salmo 35 (34) [SI 35]

Deus restaura a honra do inocente

1 De Davi.

Javé, acusa meus acusadores,
combate os que me combatem!

² Toma a armadura e o escudo e levanta-te em meu socorro!

³ Maneja a espada e o machado contra os meus perseguidores!
Dize à minha alma:
“Eu sou a tua salvação!”

⁴ Fiquem envergonhados e arruinados os que buscam tirar-me a vida!

Voltem-se para trás e sejam confundidos os que planejam o mal contra mim!

⁵ Sejam como palha frente ao vento, quando o anjo de Javé os empurrar!

⁶ Que o caminho deles seja escuro e deslizante, quando o anjo de Javé os perseguir!

⁷ Sem motivo estenderam a sua rede contra mim, e abriram para mim uma cova.

⁸ Caia sobre eles um desastre imprevisto!

Sejam apanhados na rede que estenderam, caiam eles dentro da cova! [1-8]

⁹ Minha alma exultará em Javé, e se alegrará com a sua salvação.

¹⁰ Todo o meu ser dirá: “Javé, quem é igual a ti
para livrar o fraco do mais forte, e o pobre e indigente do seu explorador?”
[9-10]

¹¹ Levantaram-se testemunhas falsas e me interrogaram sobre o que nem sei.

¹² Pagaram o bem com o mal e me deixaram desamparado.

¹³ Quanto a mim, quando eles estavam doentes, eu me vestia com pano de saco,

me humilhava com jejum
e por dentro repetia a minha oração.

¹⁴ Como por um amigo, um irmão, eu ia e vinha,
cabisbaixo e triste,
como de luto por minha mãe.

- ¹⁵ E quando eu tropecei, eles se alegraram, se reuniram contra mim,
e me atacaram de surpresa.
Dilaceravam-me sem parar,
- ¹⁶ cruelmente zombavam de mim, rangendo os dentes de ódio. [\[11-16\]](#)
- ¹⁷ Javé, quando verás isso?
Defende minha vida diante dos que rugem; defende desses leõezinhos o
meu único bem.
- ¹⁸ Eu te agradecerei na grande assembleia, eu te louvarei entre a multidão do
povo.
- ¹⁹ Que não se alegrem à minha custa meus inimigos traidores.
Que não pisquem os olhos
aqueles que me odeiam sem motivo!
- ²⁰ Pois eles nunca falam de paz: contra os pacíficos da terra
eles planejam calúnias.
- ²¹ Escancaram contra mim a sua boca, dizendo com desprezo:
“Nós o vimos com nossos olhos!” [\[17-21\]](#)
- ²² Viste isso, Javé! Não te cales!
Javé, não fiques longe de mim!
- ²³ Desperta! Levanta-te pelo meu direito, por minha causa, meu Senhor e meu
Deus!
- ²⁴ Julga-me segundo a tua justiça, Javé meu Deus.
Que eles não se alegrem à minha custa!
- ²⁵ Que não pensem: “Viva a nossa garganta!”
Que não digam: “Nós o engolimos!”
- ²⁶ Fiquem envergonhados e frustrados os que se alegram com a minha
desgraça!
Fiquem cobertos de vergonha e confusão os que se engrandecem à minha
custa. [\[22-26\]](#)
- ²⁷ Cantem e fiquem alegres os que desejam a minha justiça,
e repitam sempre:
“Javé é grande!
Ele deseja a paz para o seu servo!”
- ²⁸ E a minha língua proclamará a tua justiça, e o dia todo o teu louvor! [\[27-28\]](#)

Salmo 36 (35) [Sl 36]

Deus é a fonte da vida

1 Do mestre de canto. Do servidor de Javé. De Davi.

²O injusto ouve um oráculo pecaminoso dentro do seu coração:

“Não tenho medo de Deus,
nem da sua presença!”

³Ele se enxerga com olho tão enganador que não descobre, nem detesta o seu pecado.

⁴As palavras de sua boca são maldade e mentira, ele renunciou ao bom senso de fazer o bem.

⁵Em seu leito premedita a fraude, obstina-se no mau caminho
e jamais reprova o mal. [2-5]

⁶Javé, o teu amor chega até o céu e a tua verdade chega até as nuvens.

⁷Tua justiça é como as altas montanhas e teus julgamentos como o grande oceano.

⁸Socorres a homens e animais.

Ó Deus, como é precioso o teu amor!
Os homens se abrigam
à sombra das tuas asas.

⁹Fartam-se com a gordura da tua casa, e tu os embriagas com um rio de delícias.

¹⁰Pois em ti se encontra a fonte da vida e com a tua luz nós vemos a luz. [6-10]

¹¹Conserva o teu amor pelos que te conhecem, e a tua justiça para os corações retos.

¹²Que o pé do soberbo não me pise, e a mão dos injustos não me expulse.

¹³Os malfeitores fracassaram, caíram, e já não podem levantar-se. [11-13]

Salmo 37 (36) [Sl 37]

A esperança depende da perseverança

1 De Davi.

Não se irrite por causa dos maus,
nem tenha inveja dos injustos.

² Eles são como erva: secam depressa, murcham logo como a relva. [1-2]

³ Confie em Javé e pratique o bem, habite na terra e viva tranquilo.

⁴ Coloque em Javé o seu prazer, e ele dará o que seu coração deseja.

⁵ Entregue seu caminho a Javé, nele confie, e ele agirá.

⁶ Ele manifestará a justiça de você como o amanhecer e seu direito como o meio-dia.

⁷ Descanse em Javé e nele espere, não se irrite com os que triunfam,
com o homem que usa de intrigas.

⁸ Deixe a ira, abandone o furor, não se irrite: você só faria o mal.

⁹ Porque os maus vão ser excluídos, e os que esperam em Javé
possuirão a terra.

¹⁰ Mais um pouco, e não haverá mais injusto; você buscará o lugar deles, e
não existirá.

¹¹ Mas os pobres vão possuir a terra e deleitar-se com paz abundante. [3-11]

¹² O injusto faz intrigas contra o justo, e contra ele range os dentes.

¹³ Mas o Senhor ri à custa do injusto, pois vê que o dia dele vem chegando.

¹⁴ Os injustos desembainham a espada e retesam o arco
para matar o pobre e o indigente,
para assassinar o homem reto;

¹⁵ mas a espada lhes atravessará o coração, e seus arcos se quebrarão.

¹⁶ Vale mais o pouco do justo que a riqueza de muitos injustos,

¹⁷ porque os braços do injusto serão quebrados, mas o apoio dos justos é Javé.

¹⁸ Javé conhece os dias dos íntegros, e a herança deles permanece para sempre; ¹⁹ não se envergonharão nos dias da seca, e nos dias da fome ficarão saciados.

²⁰ Sim, os injustos vão perecer, os inimigos de Javé

vão murchar como a beleza dos prados, vão desfazer-se como fumaça. [12-20]

²¹O injusto toma emprestado e não devolve, mas o justo se compadece e dá.

²²Os que ele abençoar possuirão a terra, e os que ele amaldiçoar serão excluídos.

²³Javé garante os passos do homem, e se compraz com o caminho dele.

²⁴Quando tropeça, não chega a cair, porque Javé o sustenta pela mão.

²⁵Fui jovem e já estou velho, mas nunca vi um justo abandonado, nem sua descendência mendigando pão.

²⁶O dia todo ele se compadece e empresta, e sua descendência é uma bênção.

[21-26]

²⁷Evite o mal e pratique o bem, e você terá uma casa para sempre,

²⁸porque Javé ama o direito e jamais abandona seus fiéis.

Os malfeitores serão para sempre destruídos, e a descendência dos injustos será eliminada.

²⁹Os justos vão possuir a terra, e nela habitarão para sempre. [27-29]

³⁰A boca do justo fala com sabedoria, e sua língua explica o direito,

³¹pois ele tem no coração a lei do seu Deus, e seus passos nunca vacilam.

³²O injusto espreita o justo e procura levá-lo à morte.

³³Javé, porém, não o entrega nas mãos do injusto e no julgamento não deixa que o condene.

³⁴Espere em Javé e observe o seu caminho; ele exaltará você, para que possua a terra, e você verá os injustos eliminados.

³⁵Eu vi um injusto cheio de poder, que prosperava como cedro frondoso.

³⁶Voltei a passar, e não existia mais; procurei-o, e não foi encontrado.

³⁷Observe o íntegro, veja o homem direito: existe uma posteridade para o homem pacífico.

³⁸Mas os transgressores serão todos destruídos, e a descendência dos injustos será cortada. [30-38]

³⁹A salvação dos justos vem de Javé, que é fortaleza para eles no tempo da angústia.

⁴⁰Javé os ajuda e liberta; vai livrá-los dos injustos e salvá-los, porque os justos nele se abrigam. [39-40]

Salmo 38 (37) [Sl 38]

Javé, não me abandones

1 Salmo. De Davi. Para comemorar.

² Javé, não me castigues com tua cólera, não me corrijas com teu furor.

³ Em mim se cravaram tuas flechas, sobre mim abateu-se a tua mão.

⁴ Por causa da tua ira, nada em meu corpo está intacto;
nada está inteiro em meus ossos,
por causa do meu pecado.

⁵ Minhas culpas ultrapassaram minha cabeça, e pesam sobre mim, como fardo pesado; ⁶ minhas chagas estão podres e supurando, por causa da minha insensatez.

⁷ Estou encurvado e encolhido, e ando entristecido o dia todo.

⁸ Meus rins ardem de febre, não há nada intacto em meu corpo.

⁹ Estou fraco e completamente esmagado.
Meu coração rosna, eu solto rugidos.

¹⁰ Senhor, todo o meu desejo está à tua frente, e meu gemido não se esconde de ti.

¹¹ Meu coração palpita, as forças me abandonam,
e a luz dos meus olhos
já não mora comigo.

¹² Amigos e companheiros se afastam da minha praga, e meus vizinhos ficam à distância.

¹³ Os que atentam contra mim preparam armadilhas, os que procuram a minha ruína falam de crimes, [\[2-13\]](#)
o dia todo planejando traições.

¹⁴ E eu, como surdo, não escuto, fico mudo e não abro a boca.

¹⁵ Sou como alguém que não ouve, e que nada pode replicar. [\[14-15\]](#)

¹⁶ É por ti, Javé, que eu espero!
Senhor meu Deus, tu me responderás!

¹⁷ Eu peço: “Que não se alegrem à minha custa, não triunfem sobre mim quando eu tropeço!”

¹⁸ Sim, já estou a ponto de cair, minha dor está sempre à minha frente.

¹⁹ Sim, eu confesso a minha culpa, e me assusto com o meu pecado.

²⁰ Meus inimigos mortais são poderosos, são muitos os que me odeiam sem motivo, ²¹ os que pagam o bem com o mal, e me acusam porque eu procuro o bem.

²² Javé, não me abandones!

Meu Deus, não fiques longe de mim!

²³ Vem socorrer-me depressa, meu Senhor, minha salvação! [\[16-23\]](#)

Salmo 39 (38) [Sl 39]

O que posso esperar?

1 Do mestre de canto. De Iditun. Salmo. De Davi.

²Eu disse: “Vou vigiar a minha conduta, para não pecar com a língua;
vou tapar com mordaça a minha boca, quando o injusto estiver presente”.

³Eu me calei, em silêncio.

Segurei-me para não falar,
e minha dor tornou-se intolerável.

⁴Por dentro, o coração me queimava.
Ao pensar nisso, o fogo se inflamava.

Então soltei a minha língua. [2-4]

⁵“Mostra-me o meu fim, Javé, e qual é a medida dos meus dias, para eu saber
o quanto sou frágil.

⁶Olha: os dias que me deste são um palmo apenas, e a minha duração é um
nada diante de ti.

Sim, todo homem não passa de um vazio, todo homem é apenas aparência.

⁷O homem vai e vem como sombra, e labuta por um nada:
amontoa, e não sabe quem vai recolher”. [5-7]

⁸E agora, Senhor, o que posso esperar?
Em ti se encontra a minha esperança.

⁹Livra-me de minhas transgressões todas, não me deixes como ultraje para o
insensato!

¹⁰Eu me calo e não abro a boca, pois quem vai agir és tu!

¹¹Afasta de mim a tua praga, pois eu sucumbo ao ataque da tua mão!

¹²Castigando o erro, tu educas o homem,
e como traça tu róis os tesouros dele.

Os homens todos são apenas um sopro! [8-12]

¹³Javé, ouve a minha prece!

Dá ouvido aos meus gritos!

Não fiques surdo ao meu pranto:

porque sou hóspede junto a ti, inquilino como os meus antepassados.

¹⁴Afasta de mim o teu olhar, e deixa-me respirar!

Antes que eu me vá,
e já não exista mais! [13-14]

Salmo 40 (39) [Sl 40]

Anunciar a justiça de Deus

1Do mestre de canto. De Davi. Salmo.

² Esperei ansiosamente por Javé.

Ele se inclinou para mim
e ouviu o meu grito.

³ Fez-me subir da cova fatal, do brejo lodoso;
colocou meus pés sobre a rocha e firmou os meus passos;

⁴ pôs em minha boca um cântico novo, um louvor ao nosso Deus.
Vendo isso, muitos irão temer, e confiarão em Javé. [2-4]

⁵ Feliz é o homem que confia em Javé!

Ele não se volta para os soberbos, nem para os seguidores da mentira.

⁶ Quantas maravilhas realizaste, Javé meu Deus!

Quantos projetos em nosso favor!

Ninguém se compara a ti!

Quero anunciá-los, falar deles, mas ultrapassam qualquer conta. [5-6]

⁷ Não queres sacrifício, nem oferta, mas abriste os meus ouvidos.

Tu não pedes holocausto pelo pecado.

⁸ Então eu digo: “Aqui estou”

— como está escrito no livro — ⁹“para fazer a tua vontade”.

Meu Deus, eu quero ter a tua lei dentro de minhas entranhas. [7-9]

¹⁰ Anunciei a tua justiça na grande assembleia,

e não fechei os meus lábios: Javé, tu o sabes.

¹¹ Não escondi tua justiça dentro do coração, falei da tua fidelidade e da tua salvação; não oculteí teu amor e tua verdade diante da grande assembleia. [10-11]

¹² Quanto a ti, Javé, não negues tua compaixão por mim;

teu amor e tua verdade

sempre irão me proteger.

¹³ Porque me rodeiam desgraças a não mais contar;

minhas culpas me atingem, e não posso fugir;

são mais que os cabelos da minha cabeça, e o meu coração me abandona. [12-

¹⁴ Javé, vem libertar-me, por favor!

Javé, vem depressa me socorrer!

¹⁵ Fiquem envergonhados e confundidos aqueles que buscam perder a minha vida!

Recuem e fiquem envergonhados aqueles que tramam a minha desgraça!

¹⁶ Fiquem mudos de vergonha aqueles que se riem de mim! [\[14-16\]](#)

¹⁷ Exultem e alegrem-se contigo, todos aqueles que te buscam!

Os que amam a tua salvação repitam sempre: “Javé é grande!”

¹⁸ Quanto a mim, sou pobre e indigente, mas o Senhor cuida de mim.

Tu és o meu auxílio e salvação.

Meu Deus, não demores! [\[17-18\]](#)

Salmo 41 (40) [Sl 41]

Deus cuida do abandonado

1Do mestre de canto. Salmo. De Davi.

²Feliz quem cuida do fraco e do indigente: Javé o salva no dia infeliz.

³Javé o guarda e o mantém vivo, para que seja feliz na terra,
e não o entrega à vontade dos seus inimigos.

⁴Javé o sustenta no leito de dor, afofa a cama em que ele definha. [2-4]

⁵Eu dizia: “Javé, tem piedade de mim!
Cura-me, porque eu pequei contra ti!”

⁶Meus inimigos falam mal de mim: “Quando vai morrer e desaparecer o nome dele?”

⁷Se alguém me visita, fala com fingimento, enche o coração de malícia
e, ao sair, é disso que fala.

⁸Os que me odeiam cochicham juntos contra mim, e, junto a mim, comentam a minha desgraça: ⁹“Caiu sobre ele uma praga do inferno, está deitado e nunca mais vai se levantar!”

¹⁰Até o meu amigo, em quem eu confiava e que comia do meu pão,
é o primeiro a me trair. [5-10]

¹¹Tu, porém, Javé, tem piedade de mim!
Faze que eu possa levantar-me,
e eu lhes darei o que eles merecem.

¹²Nisto reconheço que tu me amas: se o inimigo não triunfar sobre mim.

¹³Quanto a mim, tu me conservas íntegro, e me manténs para sempre em tua presença. [11-13]

¹⁴Seja bendito Javé, Deus de Israel, desde agora e para sempre!
Amém! Amém! [14]

Salmo 42 (41) [Sl 42 e 43]

Sede do Deus vivo

1 Do mestre de canto. Poema. Dos filhos de Coré.

² Como a corça bramindo por águas correntes, assim minha alma está bramindo por ti, ó meu Deus!

³ Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo: quando voltarei a ver a face de Deus?

⁴ As lágrimas são o meu pão, noite e dia, e todo dia me perguntam:

“Onde está o seu Deus?”

⁵ Começo a recordar as coisas e minha alma em mim se derrama: quando eu passava, à frente do grupo, em direção à casa de Deus, em gritos de alegria e louvor, no barulho da festa. [42,2-5]

⁶ *Por que te curvas, ó minha alma, gemendo dentro de mim?*

Espera em Deus, eu ainda o louvarei: “Salvação da minha face e meu Deus!”

⁷ Minha alma se curva dentro de mim, e por isso eu me lembro de ti, desde a terra do Jordão e do Hermon, de ti, ó pequena montanha.

⁸ Grita um abismo a outro abismo com o fragor de tuas cascatas; tuas vagas todas e tuas ondas passaram sobre mim.

⁹ De dia Javé manda o seu amor, e durante a noite eu vou cantar uma prece ao Deus da minha vida.

¹⁰ Vou dizer a Deus: “Meu rochedo, por que te esqueces de mim? Por que devo andar pesaroso sob a opressão do inimigo?”

¹¹ Esmigalhando-me os ossos, meus opressores me insultam, perguntando todo dia:

“Onde está o seu Deus?” [Sl 42,7-11]

¹² *Por que te curvas, ó minha alma, gemendo dentro de mim?*

Espera em Deus, eu ainda o louvarei: “Salvação da minha face e meu Deus!”

Salmo 43 (42)
Esperança de justiça

- ¹ Julga-me, ó Deus, defende a minha causa contra uma nação sem piedade!
Liberta-me do homem injusto e traidor!
- ² Sim, tu és o meu Deus forte: por que me rejeitas?
Por que devo andar pesaroso sob a opressão do inimigo?
- ³ Envia tua luz e tua verdade: elas me guiarão,
e me levarão ao teu monte santo, para a tua moradia.
- ⁴ Eu irei até o altar de Deus, ao Deus que me alegra.
Vou exultar e celebrar-te com a harpa, ó Deus, o meu Deus! [SI 43,1-4]
- ⁵ *Por que te curvas, ó minha alma, gemendo dentro de mim?*
Espera em Deus, eu ainda o louvarei: “Salvação da minha face e meu Deus!” [SI 42,6.12; 43,5]

Salmo 44 (43) [Sl 44]

Resgata-nos por teu amor

1Do mestre de canto. Dos filhos de Coré. Poema.

²Ó Deus, nós ouvimos com nossos próprios ouvidos; nossos pais nos contaram

a obra que realizaste em seus dias, nos dias de outrora.

³Tu mesmo, com tua mão, expulsaste nações, para plantar nossos pais.

Maltrataste povos,

para fazer nossos pais crescer.

⁴Não foi com espada que eles conquistaram a terra, nem foi o braço deles que lhes trouxe a vitória; e sim a tua direita e o teu braço, e a luz da tua face, porque os amavas.

⁵Eras tu, ó meu Rei e meu Deus, que decidias a vitória de Jacó.

⁶Contigo agredimos nossos opressores, por teu nome calcamos nossos agressores.

⁷Não era no meu arco que eu confiava, nem era a minha espada que me trazia a vitória.

⁸Eras tu que nos salvavas de nossos opressores, e envergonhavas aqueles que nos odiavam.

⁹Em Deus nos orgulhávamos o dia todo, celebrando o teu nome para sempre.
[2-9]

¹⁰Agora, porém, nos rejeitas e envergonhas, e já não acompanhas nossos exércitos.

¹¹Tu nos fazes recuar frente ao opressor, e nossos adversários nos saqueiam à vontade.

¹²Tu nos entregas como ovelhas de corte, tu nos dispersaste entre as nações.

¹³Vendes o teu povo por um nada, e nada lucras com o preço dele.

¹⁴Fazes de nós o ultraje de nossos vizinhos, divertimento e zombaria para aqueles que nos cercam.

¹⁵Fazes de nós o provérbio das nações, meneio de cabeça por entre os povos.

¹⁶Minha desonra está o dia todo à minha frente, e a vergonha cobre o meu rosto,

¹⁷com os gritos de ultraje e de blasfêmia na presença do inimigo e vingador.
[10-17]

¹⁸Tudo isso nos aconteceu, e nem assim te esquecemos,
nem traímos a tua aliança.

¹⁹Nosso coração não voltou para trás, nossos passos não se desviaram do teu caminho.

²⁰E tu nos esmagaste onde vivem os chacais, e nos cobriste com a sombra da morte.

²¹Se tivéssemos esquecido o nome do nosso Deus e estendido as mãos a um deus estrangeiro, ²²será que Deus não o teria sondado, ele que conhece os segredos do coração?

²³É por tua causa que nos matam todos os dias, e nos tratam como ovelhas de corte. [18-23]

²⁴Desperta, Senhor! Por que dormes?
Acorda! Não nos rejeites mais!

²⁵Por que escondes a tua face, esquecendo nossa opressão e miséria?

²⁶Nossa garganta se afoga no pó, nosso ventre está grudado no chão!

²⁷Levanta-te! Vem socorrer-nos!

Resgata-nos, por teu amor! [24-27]

Salmo 45 (44) [SI 45]

Defender a verdade e a justiça

1Do mestre de canto. Sobre a ária: “Os lírios...” Dos filhos de Coré. Poema. Canto de amor.

- ²Meu coração transborda em belo poema.
Eu dedico a minha obra a um rei.
Minha língua é ágil pena de escritor. [2]
- ³Você é o mais belo dos homens e a graça escorre de seus lábios,
porque Deus o abençoa para sempre.
- ⁴Prenda a sua espada junto à coxa, ó valente, com majestade e esplendor.
- ⁵Cavalgue vitorioso, pela causa da verdade, da pobreza e da justiça.
Que sua direita lhe ensine a fazer proezas.
- ⁶Suas flechas são agudas, os povos se rendem a você, e os inimigos do rei
perdem a coragem.
- ⁷Seu trono é de Deus, e permanece para sempre!
O cetro do seu reino é cetro de retidão!
- ⁸Você ama a justiça e odeia a injustiça: por isso o Senhor seu Deus o ungiu
com perfume de festa,
entre todos os seus companheiros.
- ⁹Mirra e aloés perfumam as suas vestes, e o som das cordas o alegra
nos palácios de marfim.
- ¹⁰Filhas de reis saem ao seu encontro.
De pé, à sua direita, está a rainha, ornada com ouro de Ofir. [3-10a]
- ¹¹Ouça, filha, veja e incline o seu ouvido: esqueça o seu povo e a casa de seu
pai, ¹²pois o rei se apaixonou por sua beleza.
Prostre-se na frente dele, pois é o seu senhor!
- ¹³A cidade de Tiro vem com seus presentes, os povos mais ricos buscam o
favor dele.
- ¹⁴Entra agora a princesa, belíssima, vestida com pérolas e brocados.
- ¹⁵Eles a levam perante o rei, com séquito de virgens, e suas companheiras a
seguem.
- ¹⁶Com júbilo e alegria a conduzem, e elas entram no palácio real.

¹⁷“Em lugar dos seus pais, virão seus filhos, e você os nomeará príncipes sobre toda a terra”.

¹⁸Vou comemorar o nome dele de geração em geração,
e os povos o louvarão,
para sempre e eternamente. [\[10b-18\]](#)

Salmo 46 (45) [Sl 46]

Deus está conosco

1 Do mestre de canto. Dos filhos de Coré. Com oboé. Cântico.

² Deus é nosso refúgio e nossa força, defensor sempre alerta nos perigos.

³ Por isso não tememos se a terra vacila, se as montanhas se abalam no seio do mar;

⁴ se as águas do mar estrondam e fervem, e por sua fúria estremecem os montes. [2-4]

Javé dos Exércitos está conosco, nossa fortaleza é o Deus de Jacó!

⁵ O correr das águas alegra a cidade de Deus, o Altíssimo consagra a sua moradia.

⁶ Deus está em seu meio: ela é inabalável.

Deus a socorre ao romper da manhã.

⁷ Povos estrondam, reinos se abalam, mas ele ergue sua voz, e a terra estremece. [5-7]

⁸ Javé dos Exércitos está conosco, nossa fortaleza é o Deus de Jacó!

⁹ Venham ver os atos de Javé, os assombros que ele fez na terra:

¹⁰ acaba com as guerras até os confins do mundo, quebra os arcos, despedaça as lanças,

e ateia fogo nos carros.

¹¹ “Rendei-vos e reconhecei: Eu sou Deus, mais alto que os povos, mais alto que a terra!” [9-11]

¹² Javé dos Exércitos está conosco, nossa fortaleza é o Deus de Jacó!

Salmo 47 (46) [Sl 47]

Deus reina sobre as nações

1 Do mestre de canto. Dos filhos de Coré. Salmo.

² Povos todos, batam palmas, aclamem a Deus com gritos de alegria!

³ Porque Javé Altíssimo é terrível, é o grande rei sobre toda a terra.

⁴ Ele submete as nações ao nosso poder, e coloca os povos debaixo de nossos pés.

⁵ Escolheu para nós uma herança, o orgulho de Jacó, seu amado. [2-5]

⁶ Deus sobe por entre ovações, Javé, ao toque da trombeta.

⁷ Toquem para o nosso Deus, toquem!

Toquem para o nosso Rei, toquem!

⁸ Porque Deus é o rei de toda a terra: toquem com maestria!

⁹ Deus reina sobre as nações, Deus se assenta em seu trono sagrado.

¹⁰ Os príncipes dos povos se aliam com o povo do Deus de Abraão, porque os grandes da terra pertencem a Deus, e ele subiu ao lugar mais alto.

[6-10]

Salmo 48 (47) [Sl 48]

O Deus vivo é o nosso aliado

1 Cântico. Salmo. Dos filhos de Coré.

² Javé é grande e muito louvável na cidade do nosso Deus.

³ Seu monte santo, belo em altura, alegria de toda a terra:
o monte Sião, vértice do céu, cidade do grande rei.

⁴ Entre seus palácios, Deus se mostrou como fortaleza. [2-4]

⁵ Vejam: os reis se aliaram para juntos atacá-la.

⁶ Ao vê-la, porém, ficaram aterrados, e, apavorados, fugiram depressa; ⁷ Então
apossou-se deles um tremor como dores de parto,

⁸ como vento do deserto, que destroça os navios de Társis. [5-8]

⁹ Conforme ouvimos, assim também vimos na cidade de Javé dos Exércitos,
na cidade do nosso Deus:

Deus a estabeleceu para sempre!

¹⁰ Ó Deus, nós meditamos o teu amor no meio do teu templo.

¹¹ Como o teu nome, ó Deus, também o teu louvor
atinge os limites da terra.

Tua direita está cheia de justiça: ¹² o monte Sião se alegra e as cidades de
Judá exultam, por causa dos teus julgamentos. [9-12]

¹³ Rodeiem e percorram Sião, contando as torres dela.

¹⁴ Admirem suas muralhas e observem seus palácios,
para contar à geração futura:

¹⁵ “Este Deus é o nosso Deus”.

Ele nos conduzirá por todo o sempre. [13-15]

Salmo 49 (48) [Sl 49]

A vida é dom, e não mercadoria

1 Do mestre de canto. Dos filhos de Coré. Salmo.

²Escutem isto, povos todos; prestem atenção, habitantes do mundo,
³plebeus e nobres, ricos e pobres: ⁴Minha boca falará com sabedoria, e
minhas reflexões serão inteligentes.

⁵Vou abrir meu ouvido a um provérbio, ao som da lira proporei o meu
enigma. [2-5]

⁶Por que vou temer os dias maus, quando os maus me cercam e espreitam,
⁷eles que confiam na sua fortuna e se gloriam da sua riqueza imensa?
⁸O homem não pode comprar seu próprio resgate, nem pagar a Deus o preço
de si mesmo.

⁹É tão caro o resgate da vida, que nunca bastará
¹⁰para ele viver perpetuamente, sem nunca ver a cova. [6-10]
¹¹Vejam: os sábios morrem, perecem junto com o imbecil e o insensato,
deixando sua fortuna para outros.

¹²O túmulo é sua morada perpétua e sua casa, de geração em geração,
embora tenham dado o seu nome às terras!
¹³O homem não permanece com seu esplendor, é como animal que perece.
¹⁴Esse é o caminho dos que confiam em si, o destino dos homens satisfeitos.
¹⁵São como rebanho destinado ao túmulo: a morte é o seu pastor,
vão direto para a sepultura;
sua figura se desvanece,
e o túmulo é a sua moradia. [11-15]

¹⁶Quanto a mim, Deus resgata a minha vida, tira-me das garras da morte, e
me toma consigo.

¹⁷Você, não se preocupe quando alguém enriquece, quando o luxo da casa
dele se multiplica.

¹⁸Quando ele morrer, nada levará, e seu luxo não descera com ele.
¹⁹Enquanto vivia, ele mesmo se felicitava: “Todos o aplaudem, pois tudo vai
bem para você!”

²⁰ Ele vai juntar-se aos antepassados, que nunca mais verão a luz. [16-20]

²¹ O homem rico sem inteligência é como animal que perece! [21]

Salmo 50 (49) [Sl 50]

Deus não é cúmplice da injustiça

1 Salmo. De Asaf.

Javé, o Deus dos deuses, fala,
convocando a terra, do nascente ao poente.

²De Sião, a formosa, Deus resplandece: ³o nosso Deus vem, e não vai se calar.

À sua frente, vem um fogo devorador,
e, ao seu redor, tempestade violenta.

⁴Do alto ele convoca céu e terra para julgar o seu povo:

⁵“Reúnam junto a mim os meus fiéis, que selaram minha aliança com sacrifício!”

⁶Que o céu proclame a sua justiça, pois o próprio Deus vai julgar. [1-6]

⁷— “Ouça, meu povo, que eu vou falar a você, Israel, eu vou testemunhar contra você.

Eu sou Deus, o seu Deus!

⁸Não acuso você pelos seus sacrifícios, porque seus holocaustos estão sempre diante de mim.

⁹Porém, não vou tomar nenhum novilho de sua casa, e nem mesmo um cabrito de seus currais;

¹⁰pois são minhas todas as feras da selva, e os animais das montanhas, aos milhares.

¹¹Conheço todos os pássaros do céu, e o rebanho dos campos me pertence.

¹²Se eu tivesse fome, não diria a você, pois o mundo é meu, e tudo o que nele existe.

¹³Por acaso eu comeria carne de touros, ou beberia sangue de cabritos?

¹⁴Ofereça a Deus um sacrifício de confissão, e cumpra os seus votos ao Altíssimo.

¹⁵Invoque-me no dia da angústia: eu o livrarei, e você me glorificará”. [7-15]

¹⁶Ao injusto, porém, Deus declara: “De que adianta você recitar meus preceitos e ter sempre na boca a minha aliança,

¹⁷se você detesta a disciplina e rejeita as minhas palavras?

¹⁸Se você vê um ladrão, você o acompanha e se mistura com os adúlteros.

¹⁹Você solta sua boca para o mal, e seus lábios tramam a fraude.

²⁰Você se assenta para falar contra o seu irmão, e desonra o filho de sua mãe.

²¹Você se comporta assim, e eu devo me calar?

Você imagina que eu seja como você?

Eu o acuso e coloco tudo diante dos seus olhos!” [16-21]

²²Considerem isso, vocês que se esquecem de Deus.

Senão, eu vou dilacerar vocês, e ninguém os libertará!

²³Quem me oferece um sacrifício de confissão me glorifica;

e a quem segue o bom caminho,

eu mostrarei a salvação de Deus. [22-23]

Salmo 51 (50) [SI 51]

Do mundo do pecado para o reino da graça

1Do mestre de canto. Salmo. De Davi. 2Quando o profeta Natã foi encontrá-lo, após ele ter estado com Betsabeia.

³Tem piedade de mim, ó Deus, por teu amor!

Por tua grande compaixão, apaga a minha culpa!

⁴Lava-me da minha injustiça e purifica-me do meu pecado!

⁵Porque eu reconheço a minha culpa, e o meu pecado está sempre na minha frente; ⁶pequei contra ti, somente contra ti, praticando o que é mau aos teus olhos.

Tu és justo, portanto, ao falar,
e, no julgamento, serás o inocente.

⁷Eis que eu nasci na culpa, e minha mãe já me concebeu pecador.

⁸Tu amas o coração sincero, e, no íntimo, me ensinas a sabedoria.

⁹Purifica-me com o hissopo, e eu ficarei puro.

Lava-me, e eu ficarei mais branco do que a neve.

¹⁰Faze-me ouvir o júbilo e a alegria, e que se alegrem os ossos que esmagaste.

¹¹Esconde dos meus pecados a tua face, e apaga toda a minha culpa. [3-11]

¹²Ó Deus, cria em mim um coração puro e renova no meu peito um espírito firme.

¹³Não me rejeites para longe da tua face, não retires de mim teu santo espírito.

¹⁴Devolve-me o júbilo da tua salvação, e que um espírito generoso me sustente.

¹⁵Vou ensinar teus caminhos aos culpados, e os pecadores voltarão para ti. [12-15]

¹⁶Livra-me do sangue, ó Deus, ó Deus, meu salvador!

E a minha língua cantará a tua justiça.

¹⁷Senhor, abre os meus lábios, e minha boca anunciará o teu louvor.

¹⁸Pois tu não queres sacrifício, e nenhum holocausto te agrada.

¹⁹Meu sacrifício é um espírito contrito.

Um coração contrito e esmagado tu não o desprezas. [16-19]

²⁰ Favorece a Sião, por tua bondade, reconstrói as muralhas de Jerusalém.

²¹ Então aceitarás os sacrifícios rituais, ofertas totais e holocaustos,
e no teu altar se imolarão novilhos. [20-21]

Salmo 52 (51) [Sl 52]

Julgamento do injusto

1Do mestre de canto. Poema. De Davi. 2Quando Doeg, o edomita, foi advertir a Saul, dizendo: “Davi entrou na casa de Abimelec”.

³Por que você se gloria com o mal e se gaba contra o fiel?

⁴Você está o dia todo planejando ciladas; sua língua é navalha afiada, autora de fraudes.

⁵Você prefere o mal, e não o bem, a mentira, e não a franqueza.

⁶Você gosta de palavras corrosivas, ó língua fraudulenta. [3-6]

⁷Por isso Deus destruirá você para sempre, o abaterá e o varrerá da sua tenda; arrancará suas raízes do solo fértil. [7]

⁸Os justos verão isso e temerão, e rirão à custa dele, dizendo: ⁹“Eis o homem que não colocou Deus como sua fortaleza.

Confiou em sua grande riqueza e se fortaleceu com ciladas!” [8-9]

¹⁰Quanto a mim, como oliveira verdejante na casa de Deus, é no amor de Deus que eu confio, para sempre e eternamente.

¹¹Vou celebrar-te para sempre, porque agiste; e diante dos teus fiéis vou proclamar teu nome, porque ele é bom. [10-11]

Salmo 53 (52) [SI 53]

Deus rejeita o opressor

1 Do mestre de canto. Para a doença. Poema. De Davi.

²Diz o insensato no seu coração: “Deus não existe!”

Corromperam-se, praticando abominações: não há um só que pratique o bem.

³Do céu Deus se inclina sobre os filhos de Adão,
para ver se existe alguém sensato, alguém que busque a Deus.

⁴Todos se desviaram e ficaram obstinados:
não há quem faça o bem,
não há nem um sequer.

⁵Será que os malfeitores não percebem, eles que devoram o meu povo, como
se comessem pão,
e não invocam a Deus?

⁶Eles vão tremer de medo, porque Deus espalha os ossos do agressor, e
ficarão envergonhados
porque Deus os rejeita.

⁷Oxalá venha de Sião a salvação para Israel!
Quando Javé mudar a sorte do seu povo, Jacó exultará e Israel se alegrará.

Salmo 54 (53) [Sl 54]

Deus é fiel aos oprimidos

1Do mestre de canto. Com instrumentos de corda. Poema. De Davi. 2Quando os zifeus foram dizer a Saul: “Davi está escondido entre nós”.

³Salva-me, ó Deus, por teu nome!

Pelo teu poder, faz justiça para mim!

⁴Ouve, ó Deus, a minha prece, dá ouvido às palavras da minha boca!

⁵Os soberbos se levantam contra mim, e os violentos perseguem a minha vida:

eles não colocam Deus à sua frente. [3-5]

⁶Porém, Deus é o meu socorro, o Senhor é quem sustenta a minha vida.

⁷Caia o mal sobre aqueles que me espreitam!

Aniquila-os, Javé, por tua fidelidade! [6-7]

⁸Eu te oferecerei um sacrifício espontâneo, e agradecerei o teu nome, porque ele é bom;

⁹porque me livrou das angústias todas, e eu contemplei a derrota dos meus inimigos. [8-9]

Salmo 55 (54) [Sl 55]

Fugir ou recorrer a Deus?

1 Do mestre de canto. Com instrumentos de corda. Poema. De Davi.

² Dá ouvido à minha prece, ó Deus, não te furtas à minha súplica!

³ Presta atenção e responde-me, porque as ansiedades me agitam!

⁴ Estremeço ante a voz do inimigo, diante dos gritos do injusto.

Eles fazem recair sobre mim calamidades, e me acusam com raiva.

⁵ Meu coração se contorce dentro de mim, e sobre mim caem terrores mortais;

⁶ medo e tremor me invadem, e um calafrio me envolve.

⁷ Então eu penso: “Quem me dera ter asas de pomba para eu sair voando e pousar...

⁸ Sim, eu fugiria para longe e pernoitaria no deserto.

⁹ Encontraria logo um refúgio contra o vento da calúnia,

¹⁰ contra o furacão que devora, Senhor, contra a torrente da língua deles”. [2-10]

Vejo violência e discórdia na cidade: ¹¹ dia e noite elas rondam por cima de suas muralhas.

Dentro dela há crime e injustiça.

¹² Dentro dela há calamidades, e a opressão e a fraude nunca se afastam de sua praça.

¹³ Se um inimigo me insultasse, eu poderia suportar; se meu adversário se erguesse contra mim, eu me esconderia dele.

¹⁴ Mas é você, homem igual a mim, meu amigo, meu confidente,

¹⁵ a quem me unia uma doce intimidade; andávamos juntos, em meio ao barulho, na casa de Deus. [11-15]

¹⁶ Caia sobre eles a morte, desçam vivos ao túmulo, pois o mal se aninha entre eles!

¹⁷ Eu, porém, invoco a Deus, e Javé me salva.

¹⁸ De tarde, pela manhã e ao meio-dia eu me queixo, gemendo. E Deus ouve o meu grito.

¹⁹ Na paz ele resgata a minha vida da guerra que me fazem,

pois são muitos contra mim.

²⁰ Deus me ouve e os humilha, ele que reina desde sempre.

Porque não querem emendar-se,
nem temem a Deus.

²¹ Levantam as mãos contra seus próprios aliados, violando a aliança que fizeram.

²² Sua boca é mais lisa que o creme, mas a guerra está no seu coração.

Suas palavras parecem suaves como óleo, porém são espadas desembainhadas.

²³ Descarregue seu fardo em Javé, e ele cuidará de você.

Ele jamais permitirá que o justo a tropece.

²⁴ E tu, ó Deus, tu os farás descer ao fundo do poço!

Esses homens sanguinários e impostores não chegarão à metade dos seus dias!

Quanto a mim, eu confio em ti! [\[16-24\]](#)

Salmo 56 (55) [Sl 56]

Deus socorre o perseguido

1 Do mestre de canto. Sobre “A opressão dos príncipes longínquos”. De Davi. À meia-voz. Quando os filisteus o prenderam em Gat.

² Tem piedade de mim, ó Deus, porque me atormentam, o dia todo me atacam e me perseguem;

³ o dia todo me espreitam e atormentam, são muitos os que do alto me combatem.

⁴ Levanta-me no dia terrível,
pois eu confio em ti. [2-4]

⁵ *Em Deus, cuja promessa eu louvo, nesse Deus eu confio, e não temerei!*
O que pode um mortal fazer contra mim? [5]

⁶ Todos os dias eles discutem e planejam, maquinando o mal contra mim;

⁷ eles se reúnem, se escondem e observam meus passos, espreitando com avidez a minha vida. [6-7]

⁸ Rejeita-os, por causa da injustiça deles!
Ó Deus, derruba com tua ira os povos!

⁹ Anota em teu livro a minha vida errante, recolhe minhas lágrimas em teu odre!

¹⁰ Meus inimigos recuarão quando eu te invocar, e assim eu saberei que tu és o meu Deus. [8-10]

¹¹ *Em Deus, cuja promessa eu louvo, em Javé, cuja promessa eu louvo,*

¹² *nesse Deus eu confio, e não temerei!*
O que pode um homem fazer contra mim?

¹³ Eu mantenho os votos que fiz a ti, ó Deus, eu os cumprirei com ação de graças,

¹⁴ porque livraste da morte a minha vida, e meus pés de uma queda,
para que eu ande na presença de Deus,
na luz dos vivos. [13-14]

Salmo 57 (56) [Sl 57]

A glória de Deus é fazer justiça

1 Do mestre de canto. “Não destruas”. De Davi. À meia-voz. Quando ele fugia de Saul na caverna.

² Piedade, ó Deus, tem piedade de mim, pois eu me abrigo em ti;
eu me abrigo à sombra de tuas asas, até que passe a desgraça.

³ Eu clamo ao Deus Altíssimo, ao Deus que faz tudo por mim.

⁴ Do céu ele me enviará a salvação, confundindo os que me atormentam!
Deus enviará seu amor e sua fidelidade!

⁵ Estou deitado no meio de leões que devoram os homens;
seus dentes são lanças e flechas, sua língua é espada afiada. [2-5]

⁶ *Eleva-te sobre o céu, ó Deus, e tua glória domine a terra inteira!* [6]

⁷ Eles armaram uma rede para meus pés, e eu baixei a cabeça;
cavaram na minha frente um buraco, e foram eles que nele caíram.

⁸ Meu coração está firme, ó Deus, meu coração está firme.
Vou cantar e tocar!

⁹ Desperta, glória minha!
Despertem, cítara e harpa,
que eu vou despertar a aurora!

¹⁰ Vou louvar-te entre os povos, Senhor, vou tocar para ti em meio às nações,

¹¹ pois o teu amor é maior do que o céu, e a tua fidelidade alcança as nuvens. [7-11]

¹² *Eleva-te sobre o céu, ó Deus, e tua glória domine a terra inteira!*

Salmo 58 (57) [Sl 58]

A maior alegria dos justos

1 Do mestre de canto. “Não destruas”. De Davi. À meia-voz.

² Poderosos, é verdade que vocês dão sentenças justas?

Será que vocês julgam os homens com retidão?

³ Ao contrário! No coração, vocês planejam a injustiça, e, na terra, sua mão inclina a balança
em favor do violento. [2-3]

⁴ Desde o seio materno os injustos se extraviam, desde o ventre já falam mentiras.

⁵ Eles têm veneno como veneno de serpente, são como víbora surda, que tapa os ouvidos ⁶ para não ouvir a voz dos encantadores, do mais hábil em praticar encantamentos. [4-6]

⁷ Ó Deus, quebra-lhes os dentes na boca!

Javé, arranca as presas desses leõezinhos!

⁸ Que se diluam como água escorrendo, que murchem como a erva pisada,

⁹ sejam como lesma, que se derrete ao caminhar, como aborto, que não chega a ver o sol!

¹⁰ Antes que brotem, como espinhos no espinheiro, verdes ou secos, que o furacão os carregue! [7-10]

¹¹ Que o justo se alegre ao ver a vingança, e lave seus pés no sangue do injusto.

¹² E os homens comentem: “Sim! Existe um fruto para o justo,
porque existe um Deus
que faz justiça sobre a terra!” [11-12]

Salmo 59 (58) [Sl 59]

Deus ri dos injustos

1 Do mestre de canto. “Não destruas”. De Davi. À meia-voz. Quando Saul mandou vigiar sua casa, para o matar.

² Meu Deus, livra-me dos meus inimigos, protege-me dos meus agressores.

³ Livra-me dos malfeitores, salva-me dos homens sanguinários!

⁴ Pois eles espreitam minha vida, os poderosos se reúnem contra mim.

Sem que eu tenha pecado ou faltado, Javé, ⁵ sem eu ter culpa, eles avançam para me atacar.

Desperta! Vem ao meu encontro e olha!

⁶ Tu, Javé, Deus dos Exércitos, Deus de Israel!

Levanta-te e castiga as nações todas, não tenhas piedade desses traidores! [5b-6]

⁷ *Eles voltam pela tarde, latindo como cães, e rondam pela cidade. [7]*

⁸ Olha: eles alardeiam com sua boca, há espadas em seus lábios:

“Alguém está ouvindo?”

⁹ E tu, Javé, tu ris à custa deles, e te divertes com todas as nações! [8-9]

¹⁰ Ó força minha, eu olho para ti!

Pois tu, ó Deus, tu és a minha fortaleza.

¹¹ Que o teu amor vá na frente, ó Deus, e me faça ver a derrota dos que me espreitam.

¹² Não os mates agora, para que o meu povo não se esqueça.

Torna-os errantes e derruba-os, com teu poder, ó Senhor, nosso escudo!

¹³ Cada palavra de seus lábios é um pecado de sua boca.

Fiquem presos no seu orgulho,
na mentira e maldição que proferem.

¹⁴ Que a tua cólera os destrua, os destrua e não existam mais,
para que se saiba que Deus governa, desde Jacó até os confins da terra. [10-14]

¹⁵ *Eles voltam pela tarde, latindo como cães, e rondam pela cidade.*

¹⁶ Aí estão eles, caçando para comer, e, enquanto não se fartam, ficam rosnando. [2-5a.16]

¹⁷ Quanto a mim, vou cantar em louvor à tua força, vou aclamar teu amor pela manhã,

porque tu foste a minha fortaleza, um refúgio no dia da angústia.

¹⁸ Ó força minha, vou tocar para ti, porque tu foste, ó Deus, a minha fortaleza!
[17-18]

Salmo 60 (59) [Sl 60]

Com Deus faremos proezas

1Do mestre de canto. Sobre “O lírio é o preceito”. À meia-voz. De Davi. Para ensinar. 2Quando ele lutou contra os arameus da Mesopotâmia e os arameus de Soba, e quando Joab voltou e derrotou Edom, cerca de doze mil homens, no Vale do Sal.

³Ó Deus, tu nos rejeitaste e dispersaste.

Estavas irritado. Restaura-nos!

⁴Fizeste a terra tremer e a fendeste.

Repara suas fendas, pois ela vacila!

⁵Mostraste duras coisas ao teu povo, e nos fizeste beber um vinho estonteante.

⁶Deste aos teus fiéis o sinal de retirada, para que fugissem diante dos arcos.

⁷Para que teus amados sejam libertos, a tua mão salvadora responda para nós!

[3-7]

⁸Deus falou em seu santuário: “Triunfante ocuparei Siquém,
e repartirei o vale de Sucot.

⁹Meu é Galaad, meu é Manassés, Efraim é o elmo da minha cabeça,
Judá, o meu cetro de comando.

¹⁰Moab é a bacia onde me lavo.

Sobre Edom atiro a minha sandália, e sobre a Filisteia canto vitória”. [8-10]

¹¹Quem me levará a uma cidade-forte, quem me conduzirá até Edom,

¹²se tu, ó Deus, nos rejeitaste, e já não acompanhas nossas tropas?

¹³Concede-nos socorro na opressão, pois o auxílio humano é inútil!

¹⁴Com Deus nós faremos proezas!

Ele vai pisar os nossos opressores! [11-14]

Salmo 61 (60) [Sl 61]

Ó Deus, ouve o meu grito

1 Do mestre de canto. Com instrumentos de corda. De Davi.

² Ó Deus, ouve o meu grito, atende à minha prece!

³ Desde os confins da terra eu te invoco de coração abatido.

Eleva-me sobre a rocha! Conduze-me!

⁴ Porque tu és o meu refúgio, minha torre forte diante do inimigo. [2-4]

⁵ Vou habitar para sempre na tua tenda, vou abrigar-me no amparo de tuas asas.

⁶ Porque tu, ó Deus, ouvirás os meus votos, e me darás a herança dos que temem o teu nome. [5-6]

⁷ Acrescenta dias aos dias do rei, que seus anos alcancem várias gerações.

⁸ Que ele reine para sempre na presença de Deus, e o teu amor e fidelidade o protejam.

⁹ Então eu tocarei ao teu nome sem cessar, dia a dia cumprindo meus votos. [7-9]

Salmo 62 (61) [Sl 62]

Deus é poder e amor

1 Do mestre de canto... Imitun. Salmo. De Davi.

2 Só em Deus a minha alma repousa, porque dele vem a minha salvação.

3 Só ele é a minha rocha e a minha salvação, a minha fortaleza: jamais serei abalado! [2-3]

4 Até quando vocês avançarão contra um homem, todos juntos, para derrubá-lo,

como se fosse parede inclinada, ou muro que está para cair?

5 Eles só pensam em me derrubar da minha posição, e sentem prazer em mentir:

com a boca eles elogiam,

mas por dentro amaldiçoam. [4-5]

6 Só em Deus, ó minha alma, repouse, porque dele vem a minha esperança.

7 Só ele é a minha rocha e a minha salvação, a minha fortaleza: jamais serei abalado!

8 De Deus depende a minha salvação e minha fama, Deus é o meu forte rochedo.

Deus é o meu refúgio.

9 Povo de Deus, confie nele em qualquer situação, desafogue o coração na presença dele, porque Deus é o nosso refúgio.

10 Somente um sopro são os homens comuns e apenas mentira os homens importantes: se subissem no prato da balança, juntos seriam menos que um sopro.

11 Não confiem na opressão, nem se iludam com o roubo.

Se a riqueza de vocês aumenta, não depositem nela o coração! [8-11]

12 Deus falou uma vez, e duas vezes eu escutei:

“A Deus pertence o poder,

13 e a ti, Senhor, pertence o amor, porque tu pagas a cada um conforme as suas obras”. [12-13]

Salmo 63 (62) [Sl 63]

O amor de Deus dá sentido à vida

1 Salmo. De Davi. Quando estava no deserto de Judá.

² Ó Deus, tu és o meu Deus, por ti madrugo.

Minha alma tem sede de ti,
minha carne te deseja com ardor,
como terra seca, esgotada e sem água.

³ Sim, eu te contemplava no santuário, vendo o teu poder e a tua glória. [2-3]

⁴ Teu amor vale mais do que a vida: meus lábios te louvarão.

⁵ Vou bendizer-te por toda a minha vida, e ao teu nome levantar as minhas mãos.

⁶ Vou saciar-me como de óleo e gordura, e, com sorrisos, minha boca te louvará. [4-6]

⁷ Quando eu me lembro de ti, no meu leito, passo vigílias meditando em ti,

⁸ pois tu foste um socorro para mim, e, à sombra de tuas asas, eu grito de alegria.

⁹ Minha alma está ligada a ti, e tua direita me sustenta. [7-9]

¹⁰ Quanto aos que me querem destruir, irão todos para as profundezas da terra.

¹¹ Serão entregues à espada, e vão tornar-se pasto de chacais.

¹² O rei, porém, se alegrará com Deus, os que juram por seu nome se felicitarão, quando a boca dos mentirosos for tapada. [10-12]

Salmo 64 (63) [Sl 64]

Deus castigará os opressores

1Do mestre de canto. Salmo. De Davi.

²Ouve, ó Deus, a voz do meu lamento!

Protege minha vida do terrível inimigo, ³esconde-me da conspiração dos maus e do motim dos malfeitores.

⁴Eles afiam sua língua como espada, e atiram, como flecha, a palavra venenosa, ⁵para ferir o inocente às escondidas, para feri-lo de surpresa e sem risco.

⁶Eles se fortalecem com seu projeto maligno, calculam como esconder armadilhas, pensando: “Quem vai descobrir?”

⁷Inventam crimes e ocultam seus inventos, porque sua mente e coração não têm fundo. [2-7]

⁸Deus, porém, atira flechas contra eles, e ficam feridos de surpresa;

⁹sua própria língua os leva à ruína, e quem os vê balança a cabeça.

¹⁰Então todo homem se atemoriza, proclama o ato de Deus,
e medita em suas obras.

¹¹O justo se alegra com Javé e nele se abriga.

E os retos de coração se felicitam. [8-11]

Salmo 65 (64) [Sl 65]

O Deus verdadeiro é assim

1Do mestre de canto. Salmo. De Davi. Cântico.

²Ó Deus, tu mereces um hino em Sião.

Nós viemos aqui pagar as promessas, ³porque tu ouves as súplicas. [2-3a]

Todas as pessoas vêm a ti

⁴por causa de seus pecados.

Nossas faltas nos esmagam,

mas tu perdoas nossas culpas. [3b-4]

⁵Feliz quem tu escolhes e aproximas de ti para morar no teu Templo;

nós estamos saciados com os bens da tua casa, com os dons sagrados do teu Templo. [5]

⁶Com prodígios de justiça respondes para nós, ó Deus, salvador nosso.

Tu és a esperança dos confins da terra e dos mares distantes; [6]

⁷tu firmas as montanhas com tua força, repleto de poder. [7]

⁸Acalmas o estrondo do mar, o ribombar de suas ondas,

e o tumulto das nações.

⁹Os habitantes de terras longínquas temem diante dos teus sinais.

Tu fazes gritar de alegria

as portas da aurora e do poente. [8-9]

¹⁰Cuidas da terra e a regas, e sem medida a enriqueces.

O riacho de Deus está cheio d'água, e preparas assim os trigais:

¹¹regando os sulcos, aplainando os terrões, amolecendo com chuviscos a terra,

abençoando seus brotos.

¹²Coroas o ano com teus bens, e tuas trilhas gotejam fartura.

¹³As pastagens do deserto gotejam, e as colinas se enfeitam de alegria.

¹⁴Os campos se cobrem de rebanhos e os vales se vestem de espigas;

dão gritos de alegria e cantam. [10-14]

Salmo 66 (65) [Sl 66]

Vejam as obras de Deus!

1 Do mestre de canto. Cântico. Salmo.

Aclame a Deus, ó terra inteira,

²toque em honra do seu nome, cante hinos à sua glória.

³Digam a Deus: “Como são terríveis as tuas obras!

Por teu imenso poder, teus inimigos te adulam”.

⁴Que a terra toda se prostre na tua presença!

Toquem em tua honra,

toquem para o teu nome.

⁵Venham ver as obras de Deus, seus atos terríveis em favor dos homens: ⁶ele transformou o mar em terra firme, e atravessaram o rio a pé enxuto.

Exultemos de alegria com Deus,

⁷que governa com seu poder para sempre.

Seus olhos vigiam as nações,

para que os rebeldes não se revoltam. [1-7]

⁸Povos, bendigam o nosso Deus, façam ressoar o seu louvor.

⁹É ele quem nos mantém vivos, e não deixa nossos pés tropeçar.

¹⁰Sim, ó Deus, tu nos provaste, e nos refinaste como refinam a prata.

¹¹Tu nos fizeste cair na rede, puseste um peso sobre nossos ombros:

¹²deixaste um mortal cavalgar nosso pescoço.

Nós passamos pelo fogo e pela água, mas tu nos fizeste retomar fôlego. [8-12]

¹³Eu entro em tua casa com holocaustos, cumprio minhas promessas feitas a ti, ¹⁴as promessas que meus lábios pronunciaram e que minha boca, na angústia, prometeu.

¹⁵Vou oferecer-te gordos holocaustos com a fumaça de carneiros; vou imolar bois e cabritos. [13-15]

¹⁶Vocês todos que temem a Deus, venham escutar.

Eu lhes contarei o que ele fez por mim.

¹⁷Minha boca gritou para Deus, e minha língua o exaltou.

¹⁸Se eu tivesse más intenções, o Senhor não me teria atendido.

¹⁹No entanto, Deus me escutou, e atendeu ao meu grito suplicante.

²⁰Bendito seja Deus, que não rejeitou a minha súplica,
nem retirou de mim o seu amor. [\[16-20\]](#)

Salmo 67 (66) [Sl 67]

Deus abençoa a terra do seu povo

1 Do mestre de canto. Com instrumentos de corda. Salmo. Cântico.

² Deus tenha piedade de nós e nos abençoe, fazendo a sua face brilhar sobre nós, ³ para que na terra se conheça o teu caminho, e em todas as nações a tua salvação.

⁴ *Que os povos te celebrem, ó Deus, que todos os povos te celebrem.*

⁵ Que as nações se alegrem e exultem, porque julgas o mundo com justiça, julgas os povos com retidão,
e governas as nações da terra.

⁶ *Que os povos te celebrem, ó Deus, que todos os povos te celebrem.*

⁷ A terra produziu o seu fruto: é o Senhor nosso Deus que nos abençoa.

⁸ Que Deus nos abençoe, e todos os confins da terra o temerão! [\[2-8\]](#)

Salmo 68 (67) [Sl 68]

História da luta do povo de Deus

1 Do mestre de canto. De Davi. Salmo. Cântico.

² Deus se levanta: seus inimigos debandam, seus adversários fogem de sua frente.

³ Tu os dissipas como a fumaça se dissipa; como a cera se derrete diante do fogo, assim perecem os injustos diante de Deus.

⁴ Os justos ao contrário se alegram, exultam na presença de Deus e dançam de alegria. [2-4]

⁵ Cantem a Deus, toquem ao seu nome, atapetem o caminho daquele que avança pelo deserto.

O nome dele é Javé:

alegrem-se na presença dele.

⁶ Pai dos órfãos, protetor das viúvas, assim é Deus em sua morada santa.

⁷ Deus dá aos marginalizados uma casa, liberta os cativos e os enriquece.

Somente os rebeldes

permanecem na terra seca. [5-7]

⁸ Ó Deus, quando saías à frente do teu povo, e avançavas pelo deserto,

⁹ a terra tremeu, o céu se dissolveu diante de Deus, o Deus do Sinai; diante de Deus, o Deus de Israel.

¹⁰ Derramaste sobre tua herança, ó Deus, uma chuva copiosa, aliviando a terra esgotada,

¹¹ e o teu rebanho habitou na terra que tua bondade, ó Deus, preparou para o pobre. [8-11]

¹² O Senhor deu uma ordem, o anúncio de um exército numeroso: ¹³ “Reis e exércitos fogem correndo, e as mulheres repartem os despojos.

¹⁴ Enquanto vocês repousavam nos apriscos, as pombas batiam suas asas prateadas destilando ouro de suas plumas.

¹⁵ Enquanto o Todo-poderoso dispersava os reis, a neve caía sobre o monte Sombrio”. [12-15]

¹⁶ As montanhas de Basã são altíssimas, as montanhas de Basã são escarpadas.

¹⁷ Ó montanhas escarpadas, por que vocês invejam a montanha que Deus escolheu para habitar, a moradia perpétua de Javé?

¹⁸ Milhares e milhares são os carros de Deus.

O Senhor marcha do Sinai para o santuário.

¹⁹ Subiste ao topo, levando cativos, e a ti deram homens como tributo, até mesmo os que resistiam, para que Javé Deus tivesse a sua casa. [16-19]

²⁰ Bendito seja o Senhor a cada dia!

Deus leva nossas cargas:

ele é o nosso salvador!

²¹ Nosso Deus é um Deus que liberta, ao Senhor Javé pertencem as portas da morte.

²² Sim, Deus esmaga a cabeça de seus inimigos, e o crânio cabeludo do criminoso contumaz.

²³ O Senhor disse: “Eu os farei voltar de Basã, eu os farei voltar do fundo do mar.

²⁴ Você banhará seus pés no sangue do inimigo, sangue que os cães lambeirão com suas línguas”. [20-24]

²⁵ O teu cortejo aparece, ó Deus, o cortejo do meu Deus, do meu rei, a caminho do santuário.

²⁶ Na frente marcham os cantores, atrás os tocadores de harpa, no meio as jovens, tocando pandeiros.

²⁷ “Bendigam a Deus nas assembleias, bendigam a Javé na comunidade de Israel”.

²⁸ Na frente vai Benjamim, o mais novo; os príncipes de Judá, com seu tropel; os príncipes de Zabulon, os príncipes de Neftali. [25-28]

²⁹ Desfralda, ó Deus, o teu poder, o teu poder, ó Deus, que age em nosso favor.

³⁰ Que os reis tragam o seu tributo ao teu Templo, em Jerusalém.

³¹ Reprime a Fera dos caniços, a tropa dos Touros e os Novilhos dos povos. Que se rendam a ti com barras de prata.

Dispersa os povos que gostam de guerras!

³² Do Egito venham os grandes, e a Etiópia estenda as mãos para Deus. [29-32]

³³ Cantem a Deus, reis da terra, toquem para o Senhor,

³⁴que avança pelos céus, os céus antigos.

Ele ergue sua voz, sua voz poderosa: ³⁵“Reconheçam a força de Deus!”
Sua majestade resplandece sobre Israel, e por sobre as nuvens o seu poder.

³⁶Desde o santuário Deus impõe reverência: ele é o Deus de Israel,
que dá força e poder ao seu povo.

Bendito seja Deus! [\[33-36\]](#)

Salmo 69 (68) [Sl 69]

Deus é a coragem dos pobres

1 Do mestre de canto. Sobre a ária “Os lírios...” De Davi.

²Salva-me, ó Deus, pois a água está chegando ao meu pescoço.

³Estou afundando no lodo profundo, sem nada que me segure;
vou afundando no mais fundo das águas, e a correnteza me arrastando...

⁴Esgotei-me de tanto gritar, minha garganta queima
e meus olhos se consomem,
esperando por meu Deus. [2-4]

⁵Mais que os cabelos da minha cabeça são os que me odeiam sem motivo.
Mais duros que meus ossos
são os que injustamente me atacam.
Deveria eu devolver
aquilo que não roubei? [5]

⁶Ó Deus, tu conheces a minha ignorância, meus crimes não são ocultos para ti.

⁷Que por minha causa não fiquem envergonhados aqueles que esperam em ti,
Javé dos Exércitos.

Que por minha causa não fiquem confundidos aqueles que procuram a ti, ó
Deus de Israel. [6-7]

⁸É por tua causa que eu suporto afrontas e a confusão cobre o meu rosto.

⁹Tornei-me estrangeiro para os meus irmãos, um estranho para os filhos de
minha mãe.

¹⁰Porque o zelo pela tua casa me devora, e as afrontas com que te afrontam
recaem sobre mim.

¹¹Se me aflijo com jejum, zombam de mim.

¹²Se me visto com pano de saco, eles se riem de mim.

¹³Assentam-se à porta, a cochichar, bebendo vinho e fazendo piadas. [8-13]

¹⁴Quanto a mim, dirijo minha prece a ti!

Javé, no tempo favorável
responde-me, por teu grande amor, e ajuda-me com tua fidelidade.

¹⁵Arranca-me da lama, para que eu não me afunde.

Liberta-me dos que me odeiam
e das águas sem fundo.

¹⁶Que a correnteza não me arraste, nem o lodo profundo me engula,
e que o poço não feche sobre mim a sua boca.

¹⁷Responde-me, Javé, com a bondade do teu amor!
Volta-te para mim, com tua grande compaixão!

¹⁸Não escondas a tua face para o teu servo: estou oprimido, responde-me depressa!

¹⁹Aproxima-te de mim, resgata-me!
Liberta-me dos meus inimigos!

²⁰Tu conheces a afronta que sofro, a minha vergonha e confusão.
Meus opressores estão todos diante de ti.

²¹A afronta deles partiu-me o coração, e estou desfalecendo.
Espero compaixão, e nada!
Espero consoladores, e não os encontro!

²²Como alimento me deram fel, e na minha sede me deram vinagre. [\[14-22\]](#)

²³Que sua mesa seja armadilha para eles, e sua abundância uma cilada.

²⁴Que seus olhos fiquem turvos e não enxerguem, que suas costas fraquejem sempre!

²⁵Derrama sobre eles o teu furor, e o ardor da tua ira os atinja.

²⁶Que o seu acampamento fique deserto, e ninguém mais habite em suas tendas, ²⁷porque eles perseguem a quem tu feriste, e contam as chagas da tua vítima.

²⁸Acusa-os, crime por crime, não os declares inocentes.

²⁹Risca-os do livro dos vivos, e não sejam inscritos entre os justos! [\[23-29\]](#)

³⁰Quanto a mim, pobre e ferido, que tua salvação, ó Deus, me proteja!

³¹Louvarei o nome de Deus com um cântico, e o engrandecerei com ação de graças.

³²Isso é mais agradável a Javé do que um touro, mais que um novilho com chifres e cascos.

³³Que os pobres vejam e se alegrem.
Busquem a Deus, e vocês terão coragem!

³⁴Porque Javé ouve os indigentes, e nunca rejeita os seus cativos.

³⁵Que o céu e a terra o louvem, o mar e tudo o que nele se move! [\[30-35\]](#)

³⁶ Sim, Deus vai salvar Sião, vai reconstruir as cidades de Judá!

Nela habitarão e a possuirão!

³⁷ A descendência dos seus servos a herdará e nela viverão aqueles que amam o nome de Deus! [\[36-37\]](#)

Salmo 70 (69) [Sl 70]

Deus defende os pobres

1 Do mestre de canto. De Davi. Para comemoração.

²Ó Deus, por favor, liberta-me!

Javé, vem depressa me socorrer.

³Fiquem envergonhados e confundidos aqueles que buscam perder a minha vida!

Recuem e fiquem envergonhados, os que tramam a minha desgraça!

⁴Retirem-se, cheios de vergonha, os que se riem de mim.

⁵Exultem e alegrem-se contigo todos os que te buscam.

Os que amam a tua salvação

repitam sempre: “Deus é grande!”

⁶Quanto a mim, sou pobre e indigente.

Ó Deus, vem depressa!

Tu és o meu auxílio e salvação.

Javé, não demores!

Salmo 71 (70) [Sl 71]

Ó Deus, quem é igual a ti?

¹ Javé, eu me abrigo em ti: que eu nunca fique envergonhado!

² Salva-me, por tua justiça! Liberta-me!

Inclina depressa o teu ouvido para mim!

³ Sê tu a minha rocha de refúgio, a fortaleza onde eu me salve,
pois o meu rochedo e fortaleza és tu! [1-3]

⁴ Meu Deus, liberta-me da mão do injusto, do punho do criminoso e do violento; ⁵ pois tu, Senhor, és a minha esperança e a minha confiança,
desde a minha juventude.

⁶ Já no ventre materno eu me apoiava em ti, e no seio materno tu me sustentavas.

Eu sempre confiei em ti.

⁷ Muitos olhavam para mim como para um prodígio, porque eras tu o meu abrigo seguro.

⁸ Minha boca está cheia do teu louvor e do teu esplendor o dia todo. [4-8]

⁹ Não me rejeites agora que estou na velhice, não me abandones quando me faltam as forças, ¹⁰ porque meus inimigos falam de mim, juntos planejam os que espreitam minha vida: ¹¹ “Deus o abandonou. Podem persegui-lo e agarrá-lo, que ninguém o salvará!” [9-11]

¹² Ó Deus, não fiques longe de mim!

Meu Deus, vem depressa me socorrer.

¹³ Fiquem envergonhados e arruinados aqueles que perseguem a minha vida.

Fiquem cobertos de ultraje e desonra os que buscam o mal contra mim. [12-13]

¹⁴ Quanto a mim, fico a esperar, continuando o teu louvor.

¹⁵ Minha boca vai contar a tua justiça, e o dia todo a tua salvação.

¹⁶ Contarei as tuas proezas, Senhor Javé, vou narrar a tua vitória, toda tua! [14-16]

¹⁷ Ó Deus, tu me instruístes desde a minha juventude, e até hoje eu anuncio as tuas maravilhas.

¹⁸ Agora que estou velho e de cabelos brancos, não me abandones, ó Deus,

até que eu descreva o teu braço à geração futura, ¹⁹tuas proezas e tuas sublimes vitórias, as façanhas que realizaste.

Ó Deus, quem é igual a ti? [17-19]

²⁰Tu me fizeste passar por angústias profundas e numerosas.

Agora voltarás para dar-me a vida, e me farás subir da terra profunda.

²¹Aumentarás a minha grandeza, e de novo me consolarás.

²²Quanto a mim, vou celebrar-te com a harpa, por tua fidelidade, meu Deus!

Vou tocar cítara em tua honra,

ó Santo de Israel.

²³Meus lábios te aclamarão, e também minha alma, que resgataste.

²⁴Minha língua o dia todo repetirá a tua justiça,

pois ficaram envergonhados e confundidos aqueles que buscavam o mal contra mim! [20-24]

Salmo 72 (71) [Sl 72]

A autoridade que o povo quer

1De Salomão.

Ó Deus, confia o teu julgamento ao rei e a tua justiça ao filho do rei.

²Que ele governe teu povo com justiça, e teus pobres conforme o direito.

³Que os montes tragam a paz, e as colinas a justiça.

⁴Que ele defenda os pobres do povo, salve os filhos do indigente
e esmague os seus opressores. [1-4]

⁵Que ele dure como o sol e a lua, de geração em geração.

⁶Que ele desça como chuva sobre a erva, como chuvisco que irriga a terra.

⁷Que em seus dias floresça a justiça e muita paz até o fim das luas.

⁸Que ele domine de mar a mar, do Grande Rio até os confins da terra. [5-8]

⁹Que seus rivais se inclinem diante dele, e seus inimigos lambam o pó.

¹⁰Que os reis de Társis e das ilhas lhe paguem tributos.

Que os reis de Sabá e Seba
lhe ofereçam seus dons.

¹¹Que todos os reis se prostrem diante dele, e as nações todas o sirvam!

¹²Porque ele liberta o indigente que clama e o pobre que não tem protetor.

¹³Ele tem compaixão do fraco e do indigente, e salva a vida dos indigentes.

¹⁴Ele os redime da astúcia e da violência, porque o sangue deles é precioso
aos seus olhos. [9-14]

¹⁵Que ele viva, e lhe tragam o ouro de Sabá!

Que por ele orem continuamente, e o bendigam o dia todo!

¹⁶Haja abundância de trigo pelo campo, e tremulando no topo das montanhas.

Deem fruto como o Líbano,
e as espigas brotem como a grama do campo.

¹⁷Que seu nome permaneça para sempre, e sua fama dure como o sol:

que ele seja a bênção para todos os povos, e todas as raças da terra o
proclamem feliz! [15-17]

¹⁸Seja bendito Javé, o Deus de Israel, porque só ele realiza maravilhas!

¹⁹Para sempre seja bendito o seu nome glorioso!

Que toda a terra se encha da sua glória!

Amém! Amém!

²⁰(Fim das orações de Davi, filho de Jessé). [18-20]

Salmo 73 (72) [SI 73]

Vale a pena ser justo?

1 Salmo. De Asaf.

De fato, “Deus é bom para Israel,
para os puros de coração”.

² Mas por pouco meus pés não tropeçavam; um nada, e meus passos escorregavam,

³ porque invejei os arrogantes, vendo a prosperidade dos injustos. [1-3]

⁴ Vejam! Para eles não há tormentos, e seu corpo é sadio e robusto.

⁵ A fadiga dos mortais não os atinge, eles não são molestados como os outros.

⁶ Daí a soberba, que eles usam como colar, e a violência que os envolve como veste.

⁷ O pecado lhes brota da gordura, e seu coração transborda em maus projetos.

⁸ Zombam e falam maliciosamente, falam do alto, oprimindo.

⁹ No céu colocam a boca, e sua língua percorre a terra.

¹⁰ Desse modo eles saciam a si próprios, sugando para si as águas de todo o mar.

¹¹ E dizem: “Como Deus pode saber?
Existe conhecimento no Altíssimo?”

¹² Eis aí! Os injustos são assim e, sempre tranquilos, acumulam riquezas! [4-12]

¹³ De fato, foi inútil conservar puro o meu coração e lavar na inocência as minhas mãos!

¹⁴ Sim, eu sou molestado o dia inteiro e castigado a cada manhã...

¹⁵ Se eu dissesse: “Vou falar como eles!”, já renegaria a assembleia de teus filhos.

¹⁶ Então refleti para compreender, mas que fadiga era isso para os meus olhos!

¹⁷ Até que fui penetrando no mistério de Deus, e então compreendi o destino deles. [13-17]

¹⁸ De fato, tu os colocas em ladeiras, tu os fazes cair em ruínas.

¹⁹ Vejam: num instante são reduzidos ao terror, deixam de existir e perecem, presas do pavor!

²⁰ Como um sonho ao despertar, ó Senhor, ao acordar, tu desprezas a imagem deles.

²¹ Se o meu coração se azedava e eu espicaçava meus rins,

²² é porque eu era imbecil e nada entendia.

Eu era um animal junto a ti. [\[18-22\]](#)

²³ Eu, porém, estou sempre contigo.

Tu me agarraste pela mão direita.

²⁴ Tu me guias com o teu conselho e com glória me conduzes.

²⁵ Contigo, de quem necessitarei no céu?

Contigo, nada mais me satisfaz na terra.

²⁶ Minha carne e meu coração podem se consumir: minha rocha e porção é Deus para sempre! [\[23-26\]](#)

²⁷ Sim, os que se afastam de ti se perdem, tu rejeitas todos os teus adúlteros.

²⁸ Eu, porém, estou feliz de estar com Deus, e em Deus colocar o meu abrigo, para contar as tuas obras todas (junto às portas de Sião). [\[27-28\]](#)

Salmo 74 (73) [SI 74]

Será que Deus nos rejeitou?

1 Poema. De Asaf.

Por que, ó Deus,
rejeitar-nos até o fim?

Por que arder em ira contra as ovelhas do teu rebanho?

²Lembra-te da comunidade que adquiriste desde a origem,
da tribo que redimiste como tua herança, do monte Sião, onde puseste a tua moradia.

³Dirige teus passos para estas ruínas sem fim: o inimigo arrasou completamente o santuário.

⁴Os opressores rugiram no lugar das tuas assembleias, e puseram suas insígnias no frontão da entrada, ⁵insígnias que não eram conhecidas.

Como quem brande o machado no bosque,

⁶eles destroçaram as esculturas, golpeando com machado e com martelo.

⁷Atearam fogo no teu santuário, profanaram até ao chão
a moradia do teu nome.

⁸Eles pensavam: “Vamos arrasá-los de uma vez!”

E incendiaram todos os templos da terra.

⁹Já não vemos nossos sinais, já não existem profetas, e ninguém de nós sabe até quando. [1-9]

¹⁰Até quando, ó Deus, o opressor vai blasfemar?

O inimigo irá desprezar
o teu nome até o fim?

¹¹Por que retiras tua mão esquerda e manténs a direita escondida no peito?

¹²Tu, porém, ó Deus, és rei desde a origem, e operas libertações por toda a terra.

¹³Tu dividiste o mar com teu poder, quebraste a cabeça do monstro do mar.

¹⁴Tu esmagaste as cabeças do Leviatã, dando-o como alimento às feras do mar.

¹⁵Tu abriste fontes e torrentes e secaste rios inesgotáveis.

¹⁶O dia te pertence, e tua é a noite.

Tu firmaste a lua e o sol.

¹⁷Estabeleceste os limites da terra e formaste o verão e o inverno. [\[10-17\]](#)

¹⁸Lembra-te, Javé, do inimigo que blasfema, do povo insensato que ultraja o teu nome.

¹⁹Não entregues para a fera a vida de tua rola.

Não esqueças até o fim a vida dos teus pobres.

²⁰Olha para a tua aliança, pois os recantos da terra estão cheios de violência.

²¹Que o oprimido não volte coberto de confusão, e o pobre e o indigente louvem o teu nome.

²²Levanta-te, ó Deus! Defende a tua causa!

Lembra-te do insensato que te ultraja o dia todo!

²³Não te esqueças do rumor de teus opressores, do tumulto crescente dos que se rebelam contra ti. [\[18-23\]](#)

Salmo 75 (74) [Sl 75]

Deus vem como juiz

1Do mestre de canto. “Não destruas”. Salmo. De Asaf. Cântico.

²Nós te celebramos, ó Deus, nós te celebramos, invocando o teu nome e contando as tuas maravilhas. [2]

³“No momento que eu tiver decidido, eu mesmo vou julgar com retidão.

⁴Trema a terra com seus habitantes todos, eu mesmo firmei as suas colunas”. [3-4]

⁵Eu digo aos arrogantes: Não sejam arrogantes!

E aos injustos: Não levantem a fronte!

⁶Não ergam altivamente a fronte, não digam insolências contra a Rocha!

⁷Não é do nascente, nem do poente, nem do deserto, nem das montanhas,

⁸que Deus vem como juiz: a um ele abaixa, a outro eleva.

⁹Na mão de Javé existe uma taça, com vinho espumando, cheio de mistura.

Ele o derrama, e eles o sugarão até o fim,
todos os injustos da terra o beberão. [5-9]

¹⁰Quanto a mim, vou proclamar sempre a grandeza dele, e tocarei para o Deus de Jacó.

¹¹Ele quebrará o poder de todos os injustos, e o poder dos justos se levantará. [10-11]

Salmo 76 (75) [Sl 76]

Deus salva os pobres da terra

1Do mestre de canto. Com instrumentos de corda. Salmo. De Asaf. Cântico.

²Deus se manifesta em Judá, sua fama é grande em Israel.

³Sua tenda está em Jerusalém, e em Sião a sua moradia.

⁴Aí quebrou os relâmpagos do arco, o escudo, a espada e a guerra. [2-4]

⁵Tu és luminoso e célebre, com montes de despojos conquistados.

⁶Os valentes dormem o seu sono, e os braços falham aos guerreiros todos.

⁷Com tua ameaça, ó Deus de Jacó, carro e cavalo ficaram parados.

⁸Tu és terrível! Quem pode resistir à tua frente, quando ficas irado? [5-8]

⁹Do céu proclamas a sentença: a terra se paralisa de medo,

¹⁰quando Deus se levanta para julgar e salvar todos os pobres da terra.

¹¹Atingido pela tua ira, o homem te louva, e os que escapam do castigo te rodearão. [9-11]

¹²Façam votos a Javé seu Deus, e os cumpram, e que os vassallos paguem tributo ao Terrível.

¹³Ele deixa os príncipes sem alento, ele é terrível para os reis da terra! [12-13]

Salmo 77 (76) [SI 77]

Será que Deus mudou?

1 Do mestre de canto... Imitun. De Asaf. Salmo.

- ² A Deus levanto a minha voz e grito!
A Deus ergo a minha voz, e ele me ouve!
- ³ No dia da angústia eu procuro pelo Senhor.
À noite estendo a mão, sem descanso, e minha alma recusa consolo.
- ⁴ Lembro-me de Deus e fico gemendo, medito e sinto-me desfalecer.
- ⁵ Tu me seguras as pálpebras dos olhos, fico agitado e nem posso falar.
- ⁶ Penso nos dias de outrora, recordo os anos longínquos.
- ⁷ De noite reflito em meu coração, fico meditando, e me pergunto:
- ⁸ O Senhor vai rejeitar-nos para sempre?
Nunca mais será favorável a nós?
- ⁹ Sua misericórdia já se esgotou?
Sua promessa terminou para sempre?
- ¹⁰ Será que Deus se esqueceu da sua bondade, ou fechou as entranhas com ira?
- ¹¹ E eu digo: “Este é o meu mal: a direita do Altíssimo mudou!” [\[2-11\]](#)
- ¹² Lembro-me das proezas de Javé, recordo tuas maravilhas de outrora,
- ¹³ medito tuas obras todas, e considero tuas façanhas.
- ¹⁴ Ó Deus, o teu caminho é santo!
Que deus é grande como o nosso Deus?
- ¹⁵ Tu és o Deus que opera maravilhas, mostrando às nações a tua força.
- ¹⁶ Com teu braço resgataste o teu povo, os filhos de Jacó e de José.
- ¹⁷ O mar te viu, ó Deus, o mar te viu e tremeu,
e as ondas estremeceram.
- ¹⁸ As nuvens derramaram suas águas, as nuvens pesadas trovejaram,
e tuas flechas ziguezagueavam.
- ¹⁹ O estrondo do teu trovão rondava, teus relâmpagos iluminavam o mundo, e a terra se agitou, estremecida.
- ²⁰ Abriste um caminho entre as águas, uma senda nas águas torrenciais, sem deixar rastro dos teus passos.

²¹Guiaste o teu povo como a um rebanho, pela mão de Moisés e de Aarão.
[12-21]

Salmo 78 (77) [Sl 78]

Sem memória não há fidelidade

1 Poema. De Asaf.

Povo meu, escute a minha instrução, dê ouvidos às palavras da minha boca.

² Vou abrir minha boca em parábolas, vou expor enigmas do passado. [1-2]

³ O que nós ouvimos e aprendemos, o que nos contaram nossos pais,

⁴ não o esconderemos aos filhos deles, nós o contaremos à geração futura:
os louvores de Javé, seu poder
e as maravilhas que realizou.

⁵ Porque ele estabeleceu uma norma para Jacó e deu uma lei para Israel:
ordenou aos nossos pais
que as transmitissem a seus filhos,

⁶ para que a geração seguinte as conhecesse, os filhos que iriam nascer. [3-6]

Que se levantem e as contem a seus filhos, ⁷ para que ponham em Deus a sua
confiança, não se esqueçam dos feitos de Deus
e observem os seus mandamentos.

⁸ Para que não sejam como seus pais, uma geração desobediente e rebelde,
geração de coração inconstante,
que não tem espírito fiel a Deus. [7-8]

⁹ Os filhos de Efraim, arqueiros equipados, voltaram as costas no dia da
batalha,

¹⁰ não guardaram a aliança de Deus, recusaram seguir a sua lei.

¹¹ Esqueceram os grandes feitos dele e as maravilhas que lhes mostrara,

¹² quando realizou a maravilha diante de seus pais, na terra do Egito, no
campo de Tânis:

¹³ ele dividiu o mar e os fez atravessar, barrando as águas como num dique.

¹⁴ De dia os guiou com a nuvem, e de noite com a luz de um fogo.

¹⁵ Fendeu a rocha no deserto e lhes deu a beber águas abundantes.

¹⁶ Da pedra fez brotar torrentes, e as águas desceram como rios.

¹⁷ Mas continuaram pecando contra ele, rebelando-se contra o Altíssimo no
deserto.

¹⁸ Tentaram a Deus em seus corações, pedindo comida conforme seu próprio

gosto.

¹⁹ E falaram contra Deus: “Poderá Deus preparar uma mesa no deserto?”

²⁰ Então ele feriu a rocha, a água brotou, e as torrentes transbordaram.

“Acaso poderá também nos dar pão
ou fornecer carne ao seu povo?”

²¹ Ouvindo isso, Javé se enfureceu; um fogo acendeu-se contra Jacó
e a ira se ergueu contra Israel.

²² Porque eles não tinham fé em Deus, nem confiavam no auxílio dele.

²³ Entretanto, ele ordenou às altas nuvens e abriu as comportas do céu:

²⁴ fez chover sobre eles o maná, deu-lhes um trigo do céu.

²⁵ O homem comeu pão dos anjos, Deus mandou-lhes provisões em fartura.

²⁶ Fez soprar no céu o vento leste, e com seu poder trouxe o vento sul:

²⁷ sobre eles fez chover carne como pó, aves numerosas como areia do mar,

²⁸ fazendo-as cair no meio do acampamento, ao redor de suas tendas.

²⁹ Eles comeram e ficaram saciados, pois ele os atendeu conforme queriam.

³⁰ Mas não haviam satisfeito o apetite, tinham ainda a comida na boca,

³¹ quando a ira de Deus contra eles se ergueu: ele massacrou os mais fortes,
e prostrou a juventude de Israel. [9-31]

³² Apesar disso, continuaram a pecar, e não tinham fé nas maravilhas dele.

³³ Consumiu-lhes os dias num sopro e seus anos num momento.

³⁴ Quando os matava, então o buscavam, madrugando para voltar-se para Deus.

³⁵ Recordavam que Deus era sua rocha, que o Deus Altíssimo era o seu redentor.

³⁶ Eles o adulavam com a boca, mas com a língua o enganavam.

³⁷ O coração deles não era sincero com Deus, não eram fiéis à sua aliança.

³⁸ Ele, porém, compassivo, perdoava as faltas e não os destruía.

Reprimia sua ira muitas vezes,
e não despertava todo o seu furor.

³⁹ Lembrava-se de que eles eram apenas carne, um vento que se vai, para nunca mais voltar. [32-39]

⁴⁰ Quantas vezes o afrontaram no deserto e o ofenderam em lugares solitários!

⁴¹ Voltaram a tentar a Deus, a irritar o Santo de Israel.

⁴² Não se lembravam de sua mão, que um dia os resgatou da opressão:

- ⁴³ quando operou seus sinais no Egito, e seus prodígios no campo de Tânis.
- ⁴⁴ Quando transformou em sangue seus canais e suas torrentes, privando-os de beber.
- ⁴⁵ Quando lhes mandou moscas que os devoravam, e rãs que os devastavam.
- ⁴⁶ Quando entregou às larvas suas colheitas, e seu trabalho aos gafanhotos.
- ⁴⁷ Quando destruiu sua vinha com granizo, e seus sicômoros com geada.
- ⁴⁸ Quando abandonou seu gado à saraiva, e aos relâmpagos o seu rebanho.
- ⁴⁹ Quando lançou contra eles o fogo de sua ira: cólera, furor e aflição,
anjos portadores de desgraças;
- ⁵⁰ ele deu livre curso à sua ira, não mais os preservou da morte,
mas à peste entregou suas vidas.
- ⁵¹ Quando feriu todo primogênito no Egito, as primícias da raça nas tendas de Cam.
- ⁵² Fez seu povo partir como rebanho, e como ovelhas conduziu-os pelo deserto.
- ⁵³ Guiou-os com segurança, sem alarme, enquanto o mar cobria seus inimigos.
- ⁵⁴ Introduziu-os pelas fronteiras santas, até a montanha que sua direita conquistara.
- ⁵⁵ Expulsou da frente deles as nações, e designou por sorte uma herança para eles, colocando em suas tendas as tribos de Israel. [\[40-55\]](#)
- ⁵⁶ Ainda assim tentavam e afrontavam o Deus Altíssimo, recusando guardar seus preceitos.
- ⁵⁷ Desviaram-se, traíam como seus pais, voltavam atrás como arco infiel.
- ⁵⁸ Com seus lugares altos o indignavam, e o enciumavam com seus ídolos.
- ⁵⁹ Deus ouviu e ficou enfurecido, e rejeitou Israel completamente.
- ⁶⁰ Abandonou sua moradia em Silo, a tenda onde habitava entre os homens.
- ⁶¹ Entregou seus valentes ao cativoiro, e seu esplendor à mão do opressor.
- ⁶² Abandonou seu povo à espada, e se enfureceu contra a sua herança.
- ⁶³ Seus jovens foram devorados pelo fogo, e suas virgens não tiveram canto de núpcias.
- ⁶⁴ Seus sacerdotes caíram sob a espada, e suas viúvas não entoaram lamentações. [\[56-64\]](#)
- ⁶⁵ E o Senhor acordou como alguém que dormia, como valente embriagado pelo vinho.

⁶⁶Feriu seus opressores pelas costas e para sempre os entregou à vergonha.

⁶⁷Rejeitou a tenda de José, e não elegeu a tribo de Efraim.

⁶⁸Escolheu a tribo de Judá e o monte Sião, seu preferido.

⁶⁹Construiu seu santuário como o céu e o firmou para sempre, como a terra.

⁷⁰Escolheu Davi, seu servo, e o tirou do aprisco das ovelhas.

⁷¹Da companhia das ovelhas o tirou para apascentar Jacó, seu povo,
e Israel, sua herança.

⁷²Ele os apascentou de coração íntegro, e os conduziu com mão inteligente.

[65-72]

Salmo 79 (78) [Sl 79]

A honra de Deus está em jogo

1 Salmo. De Asaf.

Ó Deus, as nações invadiram a tua herança, profanaram o teu templo santo, reduziram Jerusalém a ruínas.

² Deram os cadáveres dos teus servos como alimento às aves do céu, e a carne dos teus fiéis às feras da terra.

³ Derramaram o sangue deles como água ao redor de Jerusalém, e ninguém o enterrava.

⁴ Nós nos tornamos ultraje para os nossos vizinhos, divertimento e zombaria para aqueles que nos cercam. [1-4]

⁵ Até quando, Javé?
Ficarás irado até o fim?
Teu ciúme vai arder como fogo?

⁶ Derrama o teu furor sobre essas nações que não te reconhecem, sobre esses reinos que não invocam o teu nome.

⁷ Eles devoraram Jacó e devastaram a sua moradia.

⁸ Não recordes contra nós as faltas de nossos antepassados.
Que tua compaixão venha logo até nós, pois estamos muito enfraquecidos.

⁹ Socorre-nos, ó Deus salvador nosso, pela honra do teu nome!
Liberta e perdoa os nossos pecados por causa do teu nome!

¹⁰ Por que diriam as nações: “Onde está o Deus deles?”
Que diante dos nossos olhos
as nações reconheçam a vingança do sangue derramado dos teus servos.

¹¹ Chegue à tua presença o gemido do cativo: com teu braço poderoso salva os condenados à morte,

¹² e aos nossos vizinhos devolve sete vezes a afronta com que te afrontaram, Senhor! [5-12]

¹³ Quanto a nós, o teu povo, ovelhas do teu rebanho,
nós te celebramos para sempre,
e de geração em geração vamos proclamar o teu louvor! [13]

Salmo 80 (79) [Sl 80]

Deus restaura o seu povo

1 Do mestre de canto. Sobre a ária “Os lírios são os preceitos”. De Asaf. Salmo.

²Pastor de Israel, dá ouvidos, tu que diriges a José como a um rebanho; tu que te assentas sobre os querubins, resplandece ³perante Efraim, Benjamim e Manassés!

Desperta o teu poder e vem socorrer-nos. [2-3]

⁴*Restaura-nos, ó Deus!*

Faze brilhar a tua face, e seremos salvos! [4]

⁵Javé Deus dos Exércitos, até quando ficarás irado enquanto o teu povo suplica?

⁶Tu lhe deste pranto a comer e lágrimas aos tragos para beber.

⁷Tu nos tornaste a disputa dos nossos vizinhos, e os nossos inimigos zombam de nós. [5-7]

⁸*Restaura-nos, Deus dos Exércitos!*

Faze brilhar a tua face, e seremos salvos!

⁹Tiraste uma videira do Egito, expulsaste nações, e a transplantaste.

¹⁰Preparaste o terreno e, lançando raízes, ela encheu a terra.

¹¹Sua sombra cobria as montanhas, e seus ramos, os cedros de Deus.

¹²Ela estendia os galhos até o mar, e até o rio os seus rebentos. [9-12]

¹³Por que lhe derrubaste as cercas?

Para que os viandantes a saqueiem,

¹⁴e os javalis da floresta a devastem, e as feras do campo a devorem?

¹⁵Volta atrás, ó Deus dos Exércitos!

Olha do céu e vê!

Vem visitar tua vinha,

¹⁶a muda que a tua direita plantou, e que tornaste vigorosa.

¹⁷Eles a queimavam como lixo, mas vão perecer com a ameaça de tua face.

¹⁸Que tua mão proteja o teu escolhido, o homem que tu confirmaste.

¹⁹Nunca mais nos afastaremos de ti.

Faze-nos viver, para invocarmos o teu nome. [13-19]

²⁰ *Restaura-nos, Javé, Deus dos Exércitos!*
Faze brilhar a tua face, e seremos salvos!

Salmo 81 (80) [SI 81]

Por que você me abandonou?

1 Do mestre de canto. Sobre a harpa de Gat. De Asaf.

² Aclamem a Deus, nossa força, aclamem ao Deus de Jacó.

³ Acompanhem, toquem os pandeiros, a harpa melodiosa e a cítara.

⁴ Toquem a trombeta pelo novo mês, na lua cheia, dia da nossa festa.

⁵ Porque é uma lei para Israel, um preceito do Deus de Jacó,

⁶ uma norma estabelecida para José, quando ele saiu da terra do Egito. [2-6a]

Ouço uma linguagem desconhecida:

⁷ “Eu removi a carga de seus ombros, e suas mãos deixaram o cesto.

⁸ Você clamou na opressão, e eu o libertei.

Escondido no trovão, eu lhe respondi, e o provei nas águas de Meriba”.

⁹ Escute, povo meu, eu vou testemunhar contra você.

Oxalá você me ouvisse, Israel!

¹⁰ “Nunca haja em você um deus estranho, nunca adore um deus estrangeiro.

¹¹ Eu sou Javé seu Deus, que o tirei da terra do Egito.

Abra sua boca, e eu a encherei”. [6b-11]

¹² E o meu povo não escutou a minha voz, Israel não quis me obedecer.

¹³ Então eu os entreguei ao seu coração endurecido: que sigam seus próprios caminhos!

¹⁴ Ah! Se meu povo me escutasse, se Israel andasse em meus caminhos...

¹⁵ Eu derrotaria seus inimigos num momento, e contra seus opressores voltaria a minha mão.

¹⁶ Os que odeiam Javé o adulariam, e o tempo deles teria passado para sempre.

¹⁷ Eu alimentaria você com a flor do trigo e o saciaria com o mel do rochedo.
[12-17]

Salmo 82 (81) [Sl 82]

Deus adverte as autoridades

1Salmo. De Asaf.

Deus se levanta no conselho divino, em meio aos deuses ele julga:

²“Até quando vocês julgarão injustamente, sustentando a causa dos injustos?

³Protejam o fraco e o órfão, façam justiça ao pobre e ao necessitado,

⁴libertem o fraco e o indigente, e os livrem da mão dos injustos!”

⁵Eles não sabem, não entendem, vagueiam nas trevas: [\[1-5\]](#)

todos os fundamentos da terra se abalam.

⁶Eu declaro: “Embora vocês sejam deuses, e todos filhos do Altíssimo,

⁷vocês morrerão como qualquer homem.

Vocês, príncipes, cairão como qualquer outro”. [\[6-7\]](#)

⁸Levanta-te, ó Deus, e julga a terra, pois as nações todas pertencem a ti! [\[8\]](#)

Salmo 83 (82) [Sl 83]
Ó Deus, não te cales!

1 Cântico. Salmo. De Asaf.

² Ó Deus, não te cales, não fiques mudo e imóvel, ó Deus!

³ Eis que os teus inimigos se agitam, os que te odeiam levantam a cabeça.

⁴ Eles tramam um plano contra o teu povo, conspiram contra os teus protegidos:

⁵ “Venham, vamos removê-los do meio das nações, e o nome de Israel nunca mais será lembrado!”

⁶ Todos em acordo conspiram e fazem aliança contra ti:

⁷ os beduínos edomitas e os ismaelitas, moabitas e agarenos,

⁸ Gebal, Amon e Amalec, os filisteus com os habitantes de Tiro;

⁹ também os assírios a eles se aliaram, dando reforço aos filhos de Ló. [2-9]

¹⁰ Faze com eles como fizeste com Madiã e Sísara, e com Jabin na torrente Quison.

¹¹ Foram aniquilados em Endor, tornaram-se esterco para a terra.

¹² Trata seus príncipes como a Oreb e Zeb, como a Zebá e Sálmana, todos os seus chefes.

¹³ Esses diziam: “Tomemos posse dos territórios de Deus!” [10-13]

¹⁴ Meu Deus, trata-os como folhas que voam, como a palha diante do vento;

¹⁵ como o fogo devorando uma floresta, e a chama abrasando as montanhas.

¹⁶ Persegue-os com a tua tempestade, aterroriza-os com o teu furacão.

¹⁷ Cobre de infâmia a face deles, para que busquem o teu nome, ó Javé!

¹⁸ Fiquem envergonhados e perturbados para sempre, sejam confundidos e arruinados.

¹⁹ Saberão assim que só tu tens o nome de Javé, o Altíssimo sobre toda a terra! [14-19]

Salmo 84 (83) [Sl 84]

A casa de Deus é casa do povo

1 Do mestre do coro. Sobre a harpa de Gat. Dos filhos de Coré. Salmo.

² Como são desejáveis as tuas moradas, Javé dos Exércitos!

³ Minha alma suspira e desfalece pelos átrios de Javé.

Meu coração e minha carne exultam pelo Deus vivo.

⁴ Até o pássaro encontrou uma casa, e a andorinha, um ninho,
onde põe seus filhotes:

os teus altares, Javé dos Exércitos, meu rei e meu Deus! [2-4]

⁵ Felizes os que habitam em tua casa: eles te louvam sem cessar.

⁶ Felizes os que encontram em ti a sua força ao preparar sua peregrinação:

⁷ quando atravessam vales áridos, eles os transformam em oásis, como se a
primeira chuva

os cobrisse de bênção.

⁸ Eles caminham de fortaleza em fortaleza até verem Deus em Sião. [5-8]

⁹ Javé, Deus dos Exércitos, ouve a minha súplica, dá ouvidos, ó Deus de Jacó.

¹⁰ Vê o nosso escudo, ó Deus, olha a face do teu ungido. [9-10]

¹¹ Sim, mais vale um dia em teus átrios, do que milhares em minha casa.

Prefiro o umbral da casa de Deus do que habitar na tenda dos injustos.

¹² Porque Javé é sol e escudo, Deus concede graça e glória.

Javé não recusa nenhum bem aos que andam na integridade.

¹³ Javé dos Exércitos, feliz o homem que confia em ti! [11-13]

Salmo 85 (84) [Sl 85]

Restaura-nos, ó Deus!

1 Do mestre de canto. Dos filhos de Coré. Salmo.

² Favoreceste, Javé, a tua terra, restauraste os cativos de Jacó.

³ Perdoaste a culpa do teu povo, encobriste todo o seu pecado.

⁴ Reprimiste o teu furor todo, refreaste o ardor da tua ira. [2-4]

⁵ Restaura-nos, ó Deus, salvador nosso, renuncia ao teu rancor contra nós!

⁶ Ficarás irado conosco para sempre, prolongando de geração em geração a tua ira?

⁷ Não nos irás devolver a vida, para que teu povo se alegre contigo?

⁸ Javé, mostra-nos o teu amor, concede-nos a tua salvação. [5-8]

⁹ Vou escutar o que diz Javé: “Deus anuncia a paz
ao seu povo e seus fiéis,
e aos que se convertem de coração”.

¹⁰ A salvação está próxima dos que o temem, e a glória habitará em nossa terra.

¹¹ Amor e Fidelidade se encontram, Justiça e Paz se abraçam.

¹² A Fidelidade brotará da terra, e a Justiça se inclinará do céu.

¹³ Javé nos dará a chuva, e nossa terra dará o seu fruto.

¹⁴ A Justiça caminhará à frente dele, a salvação seguirá os seus passos. [9-14]

Salmo 86 (85) [Sl 86]

Deus atende a quem o invoca

1 Oração. De Davi.

Inclina teu ouvido, Javé, responde-me, porque sou pobre e indigente!

²Guarda-me, porque sou fiel, salva teu servo que em ti confia!

³Tu és o meu Deus, tem piedade de mim, Senhor, pois é a ti que eu invoco o dia todo!

⁴Alegria a alma do teu servo, pois a ti elevo a minha alma!

⁵Tu és bom, Senhor, e perdoas.

Tu és cheio de amor com todos os que te invocam. [1-5]

⁶Atende à minha prece, Javé, considera minha voz suplicante.

⁷No dia da angústia eu grito a ti, pois tu me respondes, Senhor.

⁸Entre os deuses não há outro igual a ti, nada que se iguale às tuas obras!

⁹Todas as nações virão para se prostrar na tua presença, Senhor, e bendizer o teu nome:

¹⁰“Tu és grande e fazes maravilhas.

Tu és o único Deus”. [6-10]

¹¹Ensina-me o teu caminho, Javé, e caminharei segundo a tua verdade.

Conserva íntegro o meu coração
no temor do teu nome.

¹²Eu te agradeço de todo o coração, meu Deus, vou dar glória ao teu nome para sempre, ¹³pois é grande o teu amor para comigo: tu me tiraste das profundezas da morte. [11-13]

¹⁴Ó Deus, os soberbos se levantam contra mim, um bando de violentos persegue a minha vida, e não fazem caso de ti.

¹⁵Tu, porém, Senhor, Deus de piedade e compaixão, lento para a cólera, cheio de amor e fidelidade, ¹⁶volta-te para mim, tem piedade de mim.

Dá força ao teu servo,
salva o filho da tua serva.

¹⁷Realiza para mim um sinal de bondade: meus inimigos verão e ficarão envergonhados, porque tu, Javé, me socorres e consolas. [14-17]

Salmo 87 (86) [Sl 87]

Cidade de Deus e cidade da humanidade

1 Dos filhos de Coré. Salmo. Cântico.

Sião foi construída sobre o monte santo, ²e Javé prefere as portas dela a todas as moradas de Jacó.

³Que anúncio glorioso para você, ó cidade de Deus!

⁴“Contarei o Egito e a Babilônia entre os meus fiéis.
Filisteus, tírios e etíopes aí nasceram”.

⁵E de Sião será dito: “Todo homem aí nasceu.
Ela foi fundada pelo Altíssimo em pessoa”.

⁶Javé inscreve os povos no registro: “Este homem nasceu aí”.

⁷E cantarão, enquanto dançam: “Em ti se encontram todas as minhas fontes”.

[1-7]

Salmo 88 (87) [Sl 88]

O que Deus ganha com a minha morte?

1 Cântico. Salmo. Dos filhos de Coré. Do mestre de canto. Para a doença. Para a aflição. Poema. De Emã, o ezraíta.

² Javé meu Deus, de dia eu te peço auxílio, e de noite eu grito em tua presença.

³ Que minha prece chegue a ti, inclina teu ouvido ao meu clamor.

⁴ Porque minha alma está cheia de males, e minha vida está à beira do túmulo.

⁵ Sou visto como quem baixa para a cova, tornei-me homem sem forças,

⁶ tenho minha cama entre os mortos, como as vítimas que jazem no sepulcro, das quais já não te lembras,
porque foram arrancadas de tua mão.

⁷ Jogaste-me no fundo da cova, em meio às trevas do abismo.

⁸ Tua cólera pesa sobre mim, derramas sobre mim tuas ondas todas.

⁹ Afastaste de mim meus conhecidos, e me tornaste repugnante para eles:
estou fechado, não posso sair,

¹⁰ e meus olhos se turvam de tristeza. [2-10a]

Eu te invoco o dia todo, estendendo as mãos para ti: ¹¹ “Farás maravilhas pelos mortos?

As sombras se levantarão para te louvar?

¹² Falarão do teu amor nas sepulturas e da tua fidelidade no reino da morte?

¹³ Conhecem tuas maravilhas na treva e a tua justiça na terra do esquecimento?” [10b-13]

¹⁴ Mas eu grito para ti, Javé, minha prece chega a ti pela manhã.

¹⁵ Javé, por que me rejeitas e escondes de mim a tua face?

¹⁶ Fui infeliz e moribundo desde a infância, sofri teus horrores, estou esgotado.

¹⁷ Teus furores passaram sobre mim, teus terrores me deixaram consumido.

¹⁸ Eles me cercam como água o dia todo, e todos juntos me envolvem de uma vez.

¹⁹ Tu afastas de mim meus parentes e amigos, e as trevas são a minha companhia. [14-19]

Salmo 89 (88) [Sl 89]

Deus é amor fiel

1 Poema. De Etã, o ezraíta.

² Cantarei para sempre o amor de Javé, anunciarei de geração em geração a tua fidelidade.

³ Pois eu disse: “Teu amor é um edifício eterno.

Tu firmaste a tua fidelidade mais que o céu”. [2-3]

⁴ Selei uma aliança com o meu eleito, jurando ao meu servo Davi:

⁵ “Vou estabelecer sua descendência para sempre, e de geração em geração [4-5]

vou construir um trono para você”.

⁶ O céu proclama a tua maravilha, Javé, e a tua fidelidade na assembleia dos anjos.

⁷ Sobre as nuvens, quem é como Javé?

Dentre os seres divinos, quem é como Javé?

⁸ Deus é terrível no conselho dos anjos, grande e terrível com toda a sua corte.

⁹ Javé dos Exércitos, quem é igual a ti?

O poder e a fidelidade te envolvem.

¹⁰ Tu dominas o orgulho do mar e amansas as ondas que se elevam.

¹¹ Tu esmagaste Raab como a um cadáver, teu braço poderoso dispersou teus inimigos.

¹² Teu é o céu, e a terra pertence a ti, tu fundaste o mundo e tudo o que nele existe.

¹³ O norte e o sul, tu os criaste.

O Tabor e o Hermon aclamam o teu nome.

¹⁴ Teu braço é poderoso, tua esquerda é forte, e tua direita elevada.

¹⁵ Justiça e Direito sustentam o teu trono.

Amor e Fidelidade precedem a tua face. [6-15]

¹⁶ Feliz o povo que sabe te aclamar: ele caminhará, ó Javé, à luz da tua face.

¹⁷ Teu nome é o seu prazer a cada dia, e tua justiça é o seu orgulho.

¹⁸ Sim, tu és a honra e a força dele, e com teu favor levantas nossa frente.

¹⁹ Porque Javé é o nosso escudo, nosso rei é o Santo de Israel. [16-19]

²⁰Outrora falaste numa visão aos teus fiéis: “Prestei auxílio a um bravo, exaltei um eleito dentre o povo:
²¹encontrei o meu servo Davi, e o ungi com meu óleo santo,
²²para que minha mão esteja sempre com ele, e meu braço o torne valoroso.
²³O inimigo não poderá enganá-lo, nem o perverso humilhá-lo.
²⁴Diante dele esmagarei seus opressores e ferirei seus inimigos.
²⁵Minha fidelidade e amor estarão com ele, e por meu nome seu poder crescerá:
²⁶estenderei sua esquerda até o mar, e sua direita até os rios.
²⁷Ele me invocará: ‘Tu és o meu pai, o meu Deus e o meu rochedo salvador!’
²⁸E eu o tornarei meu primogênito, o altíssimo sobre os reis da terra.
²⁹Para sempre vou manter com ele o meu amor, e minha aliança com ele será firme.
³⁰Vou dar a ele uma descendência para sempre, e um trono duradouro como o céu. [20-30]
³¹Se os filhos dele abandonarem a minha lei e não seguirem minhas normas;
³²se profanarem meus estatutos e não guardarem meus mandamentos,
³³eu punirei a transgressão deles com vara, e suas culpas com açoites.
³⁴Mas nunca vou tirar-lhe o meu amor, nem desmentir a minha fidelidade.
³⁵Jamais violarei a minha aliança, nem mudarei as minhas promessas.
³⁶Por minha santidade, eu jurei uma vez: Jamais mentirei a Davi.
³⁷Sua descendência será perpétua, seu trono como o sol à minha frente,
³⁸como a lua, firmada para sempre: seu trono será mais firme que o céu”. [31-38]
³⁹Tu, porém, o rejeitaste e desprezaste, ficaste indignado com o teu ungido.
⁴⁰Quebraste a aliança com o teu servo, até ao chão profanaste a sua coroa.
⁴¹Derrubaste suas muralhas e arruinaste suas fortalezas.
⁴²Todos os passantes o saqueiam, e ele se tornou zombaria dos vizinhos.
⁴³Exaltaste a direita dos seus opressores, alegraste seus inimigos todos.
⁴⁴Cegaste o corte da sua espada, e não o sustentaste na batalha.
⁴⁵Quebraste o seu cetro glorioso, e derrubaste o seu trono por terra.
⁴⁶Encurtaste os dias da sua juventude, e o cobriste de vergonha. [39-46]
⁴⁷Javé, até quando te esconderás?

Até quando arderá o fogo de tua cólera?

⁴⁸ Lembra, Senhor, como é breve minha vida, como passam rápido os homens que criaste!

⁴⁹ Quem viverá sem ver a morte?

Quem tirará sua vida das garras do túmulo?

⁵⁰ Onde está, Senhor, o antigo amor, que, por tua fidelidade, juraste a Davi?

⁵¹ Lembra-te, Senhor, da desonra dos teus servos: eu levo em meu peito todas as afrontas dos povos.

⁵² Lembra-te de como teus inimigos ultrajaram, ó Javé, de como ultrajaram as pegadas do teu ungido! [\[47-52\]](#)

⁵³ Seja bendito Javé para sempre!

Amém! Amém! [\[53\]](#)

Salmo 90 (89) [Sl 90]

Deus, confirma a nossa vida!

1 Súplica. De Moisés, homem de Deus.

Senhor, tu foste o nosso refúgio
de geração em geração.

² Antes que os montes nascessem e a terra e o mundo fossem gerados,
desde sempre e para sempre tu és Deus.

³ Tu reduces o homem ao pó, dizendo: “Voltem, filhos de Adão!”

⁴ Mil anos são aos teus olhos como o dia de ontem, que passou,
uma vigília dentro da noite.

⁵ Tu os semeias ano por ano, como erva que se renova:

⁶ de manhã ela germina e brota, de tarde a cortam, e ela seca. [1-6]

⁷ Sim, tua ira nos consumiu, e teu furor nos transtornou.

⁸ Colocaste nossas faltas à tua frente, nossos segredos sob a luz da tua face.

⁹ Nossos dias passaram sob a tua cólera, e como suspiro nossos anos se acabaram.

¹⁰ Setenta anos é o tempo da nossa vida, oitenta anos, se ela for vigorosa.

E a maior parte deles é fadiga inútil, pois passam depressa, e nós voamos.

¹¹ Quem conhece a força da tua ira, e quem sentiu o peso do teu furor?

¹² Ensina-nos a contar os nossos anos, para que tenhamos coração sensato! [7-12]

¹³ Volta-te, Javé! Até quando?

Tem compaixão dos teus servos!

¹⁴ Sacia-nos com o teu amor pela manhã, e nossa vida será júbilo e alegria.

¹⁵ Alegra-nos, pelos dias em que nos castigaste, pelos anos em que sofremos desgraças.

¹⁶ Que os teus servos vejam a tua obra, e os filhos deles o teu esplendor.

¹⁷ Que a bondade do Senhor venha sobre nós e confirme a obra de nossas mãos. [13-17]

Salmo 91 (90) [Sl 91]

O justo confia em Deus

- ¹ Você que habita ao amparo do Altíssimo, e vive à sombra do Onipotente,
² diga a Javé: “Meu refúgio, minha fortaleza, meu Deus, eu confio em ti!” [1-2]
³ Ele livrará você do laço do caçador, e da peste destruidora.
⁴ Ele o cobrirá com suas penas, e debaixo de suas asas você se refugiará.
O braço dele é escudo e armadura.
⁵ Você não temerá o terror da noite, nem a flecha que voa de dia,
⁶ nem a epidemia que caminha nas trevas, nem a peste que devasta ao meio-dia.
⁷ Caiam mil ao seu lado e dez mil à sua direita,
a você nada atingirá. [3-7]
⁸ Basta que você olhe com seus próprios olhos, para ver o salário dos injustos,
⁹ porque você fez de Javé o seu refúgio e tomou o Altíssimo como defensor.
¹⁰ A desgraça jamais o atingirá, e praga nenhuma vai chegar à sua tenda,
¹¹ pois ele ordenou aos seus anjos que guardem você em seus caminhos.
¹² Eles o levarão nas mãos, para que seu pé não tropece numa pedra.
¹³ Você caminhará sobre cobras e víboras, e pisará leões e dragões. [8-13]
¹⁴ “Eu o livrarei, porque a mim se apegou.
Eu o protegerei, pois conhece o meu nome.
Ele me invocará, e eu responderei.
¹⁵ Na angústia estarei com ele.
Eu o livrarei e glorificarei.
¹⁶ Vou saciá-lo de longos dias e lhe farei ver a minha salvação”. [14-16]

Salmo 92 (91) [Sl 92]

Celebrar a ação de Deus

1 Salmo. Cântico. Para o dia de sábado.

²É bom agradecer a Javé e tocar para o teu nome, ó Altíssimo; ³anunciar pela manhã o teu amor e tua fidelidade pela noite,

⁴com a lira de dez cordas, com a cítara, e as vibrações da harpa:

⁵porque teus atos, Javé, são a minha alegria, e as obras de tuas mãos o meu júbilo.

⁶Como são grandes tuas obras, Javé, e teus projetos, como são profundos!

⁷O imbecil não os compreende, o idiota não entende nada disso. [2-7]

⁸Ainda que os injustos brotem como erva, e todos os malfeitores floresçam, eles serão destruídos para sempre.

⁹Porém tu, Javé, tu és elevado para sempre!

¹⁰Eis que os teus inimigos perecem, e os malfeitores todos se dispersam.

¹¹Tu me dás o vigor de um touro e me unges com óleo novo.

¹²Meu olho vê aqueles que me espreitam, meus ouvidos escutam os malfeitores. [8-12]

¹³O justo brota como palmeira, cresce como cedro do Líbano:

¹⁴plantado na casa de Javé, brota nos átrios do nosso Deus.

¹⁵Mesmo na velhice dará fruto, estará viçoso e frondoso,

¹⁶para anunciar que Javé é reto, e que na minha Rocha não há injustiça. [13-16]

Salmo 93 (92) [Sl 93]

Javé é Rei

¹Javé é Rei, vestido de majestade, Javé está vestido e envolto em poder: o mundo está firme e jamais tremerá.

²Teu trono está firme desde a origem, e desde sempre tu existes. [1-2]

³Levantam os rios, ó Javé, os rios levantam a sua voz,
os rios levantam o seu rumor.

⁴Porém, mais que o estrondo das águas torrenciais, mais imponente que a ressaca do mar, é imponente Javé nas alturas. [3-4]

⁵Teus testemunhos são firmes de fato, a santidade é o adorno de tua casa,
por dias sem fim, ó Javé! [5]

Salmo 94 (93) [Sl 94]

Deus fará vingança

- ¹ Javé, Deus das vinganças!
Aparece, ó Deus das vinganças!
- ² Levanta-te, ó juiz da terra, devolve o merecido aos soberbos! [1-2]
- ³ Até quando os injustos, ó Javé, até quando os injustos irão triunfar?
- ⁴ Eles transbordam em palavras insolentes, todos os malfeitores se gabam.
- ⁵ Eles massacram o teu povo, Javé, eles humilham tua herança;
- ⁶ matam a viúva e o estrangeiro e assassinam os órfãos.
- ⁷ E comentam: “Javé nada vê, o Deus de Jacó nem percebe...” [3-7]
- ⁸ Percebam vocês, imbecis consumados.
Idiotas, quando irão entender?
- ⁹ Quem plantou o ouvido, não ouvirá?
Quem formou o olho, não enxergará?
- ¹⁰ Quem educa as nações, não punirá?
Quem ensina ao homem, não saberá?
- ¹¹ Javé sabe que os pensamentos do homem [8-11]
são apenas um sopro.
- ¹² Feliz o homem a quem educas, Javé, a quem ensinas com a tua lei,
- ¹³ dando-lhe descanso nos dias maus, ao passo que para o injusto se abre uma cova.
- ¹⁴ Porque Javé não rejeita o seu povo, jamais abandona a sua herança;
- ¹⁵ o justo alcançará seu direito, e os corações retos terão futuro. [12-15]
- ¹⁶ Quem se levanta a meu favor contra os maus?
Quem se coloca ao meu lado
contra os malfeitores?
- ¹⁷ Se Javé não viesse em meu socorro, eu já estaria habitando no silêncio.
- ¹⁸ Quando me parece que vou tropeçar, o teu amor me sustenta, Javé.
- ¹⁹ Quando minhas preocupações se multiplicam tuas consolações me alegram.
- ²⁰ Poderá acaso aliar-se a ti um tribunal criminoso que dita injustiças em nome da lei?

²¹Embora atentem contra a vida do justo e condenem à morte o inocente,

²²Javé será a minha fortaleza, Deus será a rocha onde me abrigo.

²³Ele é quem lhes pagará pela injustiça deles, e os destruirá pela maldade que praticam.

Javé nosso Deus os destruirá! [\[16-23\]](#)

Salmo 95 (94) [SI 95]

Escutem o que Deus fala

¹ Venham, exultemos em Javé, aclamemos o Rochedo que nos salva.

² Entremos com louvor em sua presença, vamos aclamá-lo com instrumentos.

³ Porque Javé é um Deus grande, o soberano de todos os deuses.

⁴ Ele tem nas mãos as profundezas da terra, e é dele o cimo das montanhas.

⁵ Dele é o mar, pois foi ele quem o fez, e a terra firme, que suas mãos modelaram. [1-5]

⁶ Entrem e se prostrem e se inclinem, bendizendo a Javé que nos fez.

⁷ Porque ele é o nosso Deus, e nós somos o seu povo,
o rebanho que ele conduz. [6-7a]

Oxalá vocês escutem hoje o que ele diz: ⁸“Não endureçam seus corações como aconteceu em Meriba,
como no dia de Massa, no deserto,

⁹ quando seus antepassados me provocaram e tentaram, mesmo vendo as minhas obras”.

¹⁰ Por quarenta anos aquela geração me desgostou. Então eu disse: “É um povo de coração transviado, que não reconhece meus caminhos...

¹¹ Por isso eu jurei na minha ira: Jamais entrarão no meu repouso”. [7b-11]

Salmo 96 (95) [Sl 96]

Deus vem para governar a terra

¹ Cantem para Javé um cântico novo!

Terra inteira, cante para Javé!

² Cantem para Javé, bendigam o seu nome!

Proclamem sua vitória dia após dia, ³ anunciem sua glória por entre as nações, suas maravilhas a todos os povos!

⁴ Porque Javé é grande e digno de louvor, mais terrível que todos os deuses!

⁵ Sim, os deuses dos povos são aparência; ao passo que Javé fez o céu.

⁶ Majestade e esplendor o precedem, poder e beleza estão em seu templo. [1-6]

⁷ Famílias dos povos, aclamem a Javé!

Aclamem a glória e o poder de Javé!

⁸ Aclamem a glória do nome de Javé, entrem em seu átrio, trazendo-lhe ofertas.

⁹ Adorem a Javé no seu átrio sagrado.

Terra inteira, trema na presença de Javé!

¹⁰ Digam às nações: Javé é Rei!

Ele firmou o mundo,
que jamais tremerá.

Ele governa os povos com retidão. [7-10]

¹¹ Que o céu se alegre e a terra exulte, estronde o mar, e tudo o que ele contém.

¹² Que o campo festeje, e tudo o que nele existe,

e as árvores da selva gritem de alegria ¹³ diante de Javé, pois ele vem.

Ele vem para governar a terra:

governará o mundo com justiça,

e as nações com fidelidade. [11-13]

Salmo 97 (96) [SI 97]

Deus derrota os ídolos

- ¹ Javé é Rei! A terra exulta, e as ilhas numerosas ficam alegres!
- ² Trevas e Nuvens o envolvem, Justiça e Direito sustentam o seu trono.
- ³ À frente dele avança um fogo, devorando seus inimigos ao redor.
- ⁴ Seus relâmpagos deslumbram o mundo, e, ao vê-los, a terra estremece.
- ⁵ Os montes se derretem como cera diante do Senhor de toda a terra.
- ⁶ O céu anuncia a sua justiça, e os povos todos contemplam a sua glória. [1-6]
- ⁷ Os que adoram estátuas se envergonham, todos os que se orgulham dos ídolos.
Porque diante dele os deuses todos se prostram.
- ⁸ Sião ouve e se alegra, e as cidades de Judá
exultam por tuas sentenças, ó Javé.
- ⁹ Sim, porque tu és, ó Javé, o Altíssimo sobre a terra inteira,
mais elevado que todos os deuses.
- ¹⁰ Javé ama quem detesta o mal, ele protege a vida dos seus fiéis
e os liberta da mão dos injustos. [7-10]
- ¹¹ A luz se levanta para o justo, e a alegria para os corações retos.
- ¹² Justos, alegrem-se com Javé, e celebrem sua memória santa! [11-12]

Salmo 98 (97) [Sl 98]

A vitória de Deus é justa

1Salmo.

Cantem para Javé um cântico novo, pois ele fez maravilhas:
sua direita e seu braço santo lhe deram a vitória.

²Javé fez conhecer sua vitória, revelou sua justiça às nações.

³Lembrou-se do seu amor e fidelidade em favor da casa de Israel.
Os confins da terra contemplaram a vitória do nosso Deus. [1-3]

⁴Terra inteira, aclame a Javé, e dê gritos de alegria!

⁵Toquem para Javé com a harpa e o som dos instrumentos.

⁶Com trombetas e o som da corneta, aclamem o rei Javé! [4-6]

⁷Estronde o mar e o que ele contém, o mundo e os seus habitantes.

⁸Batam palmas os rios todos, e as montanhas gritem de alegria ⁹diante de Javé, pois ele vem para governar a terra.

Ele governará o mundo com justiça e os povos com retidão. [7-9]

Salmo 99 (98) [Sl 99]

Deus é santo

- ¹ Javé é Rei: os povos estremecem!
Sentado sobre querubins: a terra se abala!
- ² Javé é grande em Sião, elevado sobre todos os povos.
- ³ Reconheçam teu nome grande e terrível: “*Ele é Santo!*” [1-3]
- ⁴ Reinas com poder e amas a justiça.
Tu estabeleceste a retidão.
Administras a justiça e o direito, tu ages em Jacó.
- ⁵ Exaltem a Javé nosso Deus e se prostrem à frente do seu pedestal: “*Ele é Santo!*” [4-5]
- ⁶ Moisés e Aarão, com seus sacerdotes, e Samuel, com os que invocam o nome de Javé, clamavam a Javé, e ele respondia.
- ⁷ Deus lhes falava da coluna de nuvem, e guardavam os testemunhos dele,
e a lei que lhes dera.
- ⁸ Javé, nosso Deus, tu lhes respondias, eras para eles um Deus de perdão,
e um Deus vingador de suas maldades.
- ⁹ Exaltem a Javé nosso Deus, e se prostrem perante o seu monte santo: “*Javé nosso Deus é Santo!*” [6-9]

Salmo 100 (99) [SI 100]

Somente Javé é Deus

1 Salmo. Para ação de graças.

Terra inteira, aclame a Javé!

² Sirva a Javé com alegria, e vá até ele com gritos jubilosos!

³ Saiba que somente Javé é Deus: Ele nos fez e a ele pertencemos,
somos seu povo e ovelhas do seu rebanho. [1-3]

⁴ Entrem por suas portas dando graças, com cantos de louvor em seus átrios,
celebrem a ele e bendigam o seu nome: ⁵ “Sim, Javé é bom: o seu amor é para
sempre,
e sua fidelidade de geração em geração”. [4-5]

Salmo 101 (100) [SI 101]

Um programa de governo

1 De Davi. Salmo.

Vou cantar o amor e a justiça.

Para ti, Javé, eu quero tocar.

² Vou andar na integridade: quando virás a mim? [1-2a]

Andarei de coração íntegro
dentro da minha casa.

³ Não colocarei uma coisa infame diante dos meus olhos.
Eu odeio quem pratica o mal; esse nunca se juntará a mim.

⁴ Longe de mim o coração pervertido.
Eu ignoro o perverso. [2b-4]

⁵ Quem difama seu próximo em segredo, eu o farei calar.
Olhar altivo e coração orgulhoso, eu não suportarei.

⁶ Meus olhos estão nos leais da terra, para que habitem comigo.
Quem anda no caminho dos íntegros, este será o meu ministro.

⁷ Em minha casa não habitará quem pratica fraudes.
E quem fala mentiras não permanecerá diante dos meus olhos.

⁸ A cada manhã eu farei calar todos os injustos da terra, para extirpar da cidade de Javé todos os malfeitores. [5-8]

Salmo 102 (101) [SI 102]

A doença encurta a vida!

1 *Prece de um infeliz que, desfalecido, derrama sua lamentação diante de Javé.*

² Javé, ouve a minha prece, que o meu grito chegue a ti!

³ Não escondas tua face de mim, no dia da minha angústia.

Inclina teu ouvido para mim,
e no dia em que eu te invoco,
responde-me depressa! [2-3]

⁴ Porque os meus dias se consomem em fumaça, e meus ossos queimam como braseiro.

⁵ Pisado como relva, meu coração está secando, e eu me esqueço até mesmo de comer o meu pão.

⁶ Por causa da violência do meu grito, os ossos já se grudam à minha pele.

⁷ Estou como o pelicano do deserto, como o mocho das ruínas.

⁸ Fico desperto, gemendo, como ave solitária no telhado. [4-8]

⁹ Meus inimigos me ultrajam o dia todo e me amaldiçoam, furiosos contra mim.

¹⁰ Eu como cinza em vez de pão, e com a minha bebida misturo lágrimas,
¹¹ por causa da tua cólera e do teu furor, pois me elevaste e me jogaste no chão.

¹² Meus dias são sombra que se expande, e eu vou secando como relva. [9-12]

¹³ Tu, porém, Javé, permaneces para sempre, e tua lembrança passa de uma geração a outra geração! [13]

¹⁴ Levanta-te, tem pena de Sião, pois é tempo de teres piedade dela.
Sim, chegou a hora,

¹⁵ porque teus servos amam suas pedras, compadecidos de sua ruína.

¹⁶ As nações temerão o teu nome, e os reis da terra a tua glória.

¹⁷ Quando Javé reconstruir Sião e aparecer com a sua glória;

¹⁸ quando se voltar para a prece do indefeso e não desprezar sua prece,

¹⁹ fique escrito isto para a geração futura, e um povo recriado louvará a Deus:

²⁰ Javé se inclinou do seu alto santuário e do céu contemplou a terra,

²¹ para ouvir o gemido dos prisioneiros e libertar os condenados à morte;

- ²² para proclamar em Sião o nome de Javé, e em Jerusalém o seu louvor,
²³ quando se reunirem povos e reinos para servir a Javé. [14-23]
- ²⁴ Ele esgotou a minha força no caminho, encurtou os meus dias.
²⁵ Então eu disse: “Meu Deus, não me arrebrates na metade dos meus dias”.
Teus anos duram gerações de gerações.
- ²⁶ No princípio, tu firmaste a terra, e o céu é obra de tuas mãos.
²⁷ Eles perecerão, mas tu permaneces.
Ficarão gastos como roupa,
serão como veste que se muda.
- ²⁸ Tu, porém, és o mesmo sempre, e teus anos jamais se acabarão.
²⁹ Os filhos de teus servos viverão seguros, e a descendência deles se manterá
na tua presença. [24-29]

Salmo 103 (102) [SI 103]

Deus é amor

1De Davi.

Bendiga a Javé, ó minha alma,
e todo o meu ser ao seu nome santo!

²Bendiga a Javé, ó minha alma, e não esqueça nenhum dos seus benefícios.

³Ele perdoa suas culpas todas, e cura todos os seus males.

⁴Ele redime da cova a sua vida, e a coroa de amor e compaixão.

⁵Ele sacia seus anos de bens e sua juventude se renova, como a da água. [1-5]

⁶Javé faz justiça e defende todos os oprimidos.

⁷Revelou seus caminhos a Moisés, e suas façanhas aos filhos de Israel.

⁸Javé é compaixão e piedade, lento para a cólera e cheio de amor.

⁹Ele não vai disputar perpetuamente, e seu rancor não dura para sempre.

¹⁰Nunca nos trata conforme os nossos erros, nem nos devolve segundo as nossas culpas.

¹¹Como o céu se ergue por sobre a terra, seu amor se levanta por aqueles que o temem.

¹²Como o oriente está longe do ocidente, assim ele afasta de nós as nossas transgressões.

¹³Como um pai é compassivo com seus filhos, Javé é compassivo com aqueles que o temem: ¹⁴Porque ele conhece a nossa estrutura, ele se lembra do pó que somos nós. [6-14]

¹⁵Os dias do homem são como a relva, ele floresce como a flor do campo.

¹⁶Roça-lhe um vento, e já não existe, e ninguém mais reconhece o seu lugar.

¹⁷Mas o amor de Javé existe desde sempre, e para sempre existirá para aqueles que o temem.

Sua justiça é para os filhos dos filhos, ¹⁸para os que observam a sua aliança e se lembram de cumprir as suas ordens. [15-18]

¹⁹Javé pôs no céu o seu trono, e sua realeza governa o universo.

²⁰Bendigam a Javé, anjos seus, executores poderosos de suas ordens, obedientes ao som de sua palavra.

²¹Bendigam a Javé, seus exércitos todos, ministros que cumprem a sua vontade.

²²Bendigam a Javé, todas as suas obras, nos lugares todos onde ele governa.
Bendiga a Javé, ó minha alma! [\[494\]](#)

Salmo 104 (103) [SI 104]

Hino ao Senhor da vida

¹Bendiga a Javé, ó minha alma!

Javé, meu Deus, como és grande!

Vestido de esplendor e majestade,

²envolto em luz como num manto, estendendo os céus como tenda,

³construindo tua morada sobre as águas.

Tomando as nuvens como teu carro,

caminhando sobre as asas do vento.

⁴Tu fazes dos ventos os teus mensageiros, e das chamas de fogo os teus ministros! [1-4]

⁵Assentaste a terra sobre suas bases, inabalável para sempre e eternamente.

⁶Cobriste a terra com o manto do oceano, e as águas pousaram por cima das montanhas.

⁷Diante da tua ameaça, porém, elas fugiram, precipitaram-se, ao fragor do teu trovão.

⁸Subiram pelos montes, desceram pelos vales, para o lugar que tinhas fixado para elas.

⁹Marcaste um limite que elas não podem transpor, e não voltarão a cobrir a terra. [5-9]

¹⁰Tu fazes brotar fontes de água pelos vales, e elas correm por entre as montanhas.

¹¹Dão de beber a todas as feras do campo, e os asnos selvagens aí matam a sede.

¹²Junto a elas se abrigam as aves do céu, desferindo seu canto por entre a folhagem.

¹³De tuas altas moradas regas os montes, e a terra se sacia com tua obra fecunda.

¹⁴Tu fazes brotar relva para o rebanho, e plantas úteis para o homem.

Dos campos ele tira o pão,

¹⁵e o vinho que alegra seu coração; o azeite, que dá brilho ao seu rosto, e o alimento, que lhe dá forças.

- ¹⁶ As árvores de Javé se saciam, os cedros do Líbano que ele plantou.
- ¹⁷ Aí se aninham os pássaros, no seu topo a cegonha tem sua casa.
- ¹⁸ As altas montanhas são para as cabras, e os rochedos um refúgio para as ratazanas. [10-18]
- ¹⁹ Tu fizeste a lua para marcar os tempos, o sol conhece o seu próprio ocaso.
- ²⁰ Mandas as trevas e vem a noite, e nela rondam as feras da selva;
- ²¹ rugem os leõezinhos em busca da presa, pedindo a Deus o sustento.
- ²² Ao nascer do sol se retiram e se entocam nos seus covis.
- ²³ O homem sai para sua faina, e para o seu trabalho até à tarde.
- ²⁴ Como são numerosas as tuas obras, Javé!
A todas fizeste com sabedoria.
A terra está repleta das tuas criaturas.
- ²⁵ Eis o vasto mar, com braços imensos, onde se movem, inumeráveis,
animais pequenos e grandes.
- ²⁶ Aí circulam os navios, e o Leviatã, que formaste para com ele brincare. [19-26]
- ²⁷ Todos eles esperam de ti que a seu tempo lhes atires o alimento: ²⁸tu o atiras e eles o recolhem, abres tua mão, e se saciam de bens. [27-28]
- ²⁹ Escondes tua face e eles se apavoram, retiras deles a respiração, e expiram, voltando a ser pó.
- ³⁰ Envias o teu sopro e eles são criados, e assim renovas a face da terra. [29-30]
- ³¹ Que a glória de Javé seja para sempre; que ele se alegre com suas obras!
- ³² Ele olha a terra e ela estremece, toca as montanhas e elas fumegam.
- ³³ Vou cantar para Javé enquanto eu viver, louvarei o meu Deus enquanto existir.
- ³⁴ Que o meu poema lhe seja agradável, e eu me alegrarei com Javé. [31-34]
- ³⁵ Que os pecadores desapareçam da terra, e os injustos nunca mais existam.
Bendiga a Javé, ó minha alma! [35]
Aleluia!

Salmo 105 (104) [SI 105]

A história testemunha a ação de Deus

¹Celebrem a Javé, invoquem o seu nome, anunciem entre os povos as suas façanhas!

²Cantem para ele, ao som de instrumentos, recitem suas maravilhas todas!

³Gloriem-se do seu nome santo, alegre-se o coração dos que buscam Javé!

⁴Procurem Javé e sua força, busquem sempre a sua face.

⁵Recordem as maravilhas que ele fez, os prodígios e as sentenças de sua boca.

⁶Descendência de Abraão, seu servo, filhos de Jacó, seu escolhido! [1-6]

⁷O nosso Deus é Javé, ele governa a terra inteira.

⁸Ele se lembra para sempre da sua aliança, da palavra empenhada por mil gerações.

⁹Da aliança que selou com Abraão, do juramento feito a Isaac,

¹⁰confirmado como lei para Jacó, como aliança eterna para Israel:

¹¹“Eu lhe darei a terra de Canaã, como sua parte na herança”. [7-11]

¹²Quando era possível contá-los, eram pouco numerosos, estrangeiros na terra: ¹³iam e vinham, de nação em nação, de um reino para um povo diferente.

¹⁴Ele não deixou que ninguém os oprimisse, e por causa deles, até reis castigou: ¹⁵“Não toquem nos meus ungidos, não maltratem os meus profetas!” [12-15]

¹⁶Ele chamou a fome sobre a terra e cortou o sustento de pão.

¹⁷Tinha mandado um homem à sua frente: José, vendido como escravo.

¹⁸Com grilhões lhe afligiram os pés e lhe puseram ferros no pescoço,

¹⁹até que se cumpriu sua predição, e a palavra de Javé lhe deu crédito.

²⁰O rei mandou soltá-lo, o senhor dos povos o livrou.

²¹E o constituiu senhor da sua casa, administrador de todos os seus bens, ²²para instruir a seu gosto os príncipes, e ensinar sabedoria aos anciãos. [16-22]

²³Então Israel entrou no Egito, e Jacó residiu na terra de Cam.

²⁴Deus fez seu povo crescer muito, e o tornou mais poderoso que seus opressores.

²⁵A esses ele mudou o coração, para que odiassem o povo dele,

e com os servos dele usassem de astúcia.

²⁶Então ele enviou Moisés, seu servo, e Aarão, a quem escolhera.

²⁷Contra aqueles fizeram seus sinais, prodígios na terra de Cam. [\[23-27\]](#)

²⁸Ele mandou-lhes a treva e tudo escureceu, mas eles afrontaram suas ordens.

²⁹Transformou suas águas em sangue, fazendo perecer os seus peixes.

³⁰Sua terra pululou de rãs, até nos aposentos reais.

³¹Ordenou que viessem insetos, mosquitos sobre todo o território.

³²Em lugar de chuvas, deu-lhes granizo, chamas de fogo em sua terra.

³³Feriu suas vinhas e figueiras, e quebrou as árvores do território deles.

³⁴Ordenou e vieram os gafanhotos, inumeráveis saltadores,

³⁵que comeram toda a erva de sua terra, e devoraram o fruto do seu campo.

³⁶Feriu todos os primogênitos de sua terra, os primeiros frutos de sua raça.

³⁷Tirou o seu povo carregado de ouro e prata, e entre suas tribos ninguém tropeçava.

³⁸O Egito se alegrou quando saíram, porque sobre ele haviam infundido seu terror. [\[28-38\]](#)

³⁹Ele estendeu uma nuvem para cobri-los, e um fogo para iluminar a noite.

⁴⁰Pediram, e ele fez vir codornizes, e os saciou com o pão do céu.

⁴¹Fendeu a rocha e brotaram águas, correndo no deserto como um rio. [\[39-41\]](#)

⁴²Porque se lembrou de sua palavra sagrada, que dera ao seu servo Abraão:

⁴³fez seu povo sair com alegria, e seus eleitos com gritos jubilosos.

⁴⁴Deu a eles as terras das nações, e se apossaram do trabalho dos povos:

⁴⁵para que guardassem os seus estatutos e observassem as suas leis. [\[42-45\]](#)

Aleluia!

Salmo 106 (105) [SI 106]

A história testemunha a infidelidade do homem

¹ Aleluia!

Agradeçam a Javé, porque ele é bom, porque o seu amor é para sempre!

² Quem poderá contar as proezas de Javé e proclamar todo o seu louvor?

³ Feliz quem observa o direito e pratica a justiça em todo o tempo!

⁴ Javé, lembra-te de mim, por amor do teu povo, visita-me com a tua salvação,

⁵ para que eu experimente a felicidade dos teus eleitos, me alegre com a alegria do teu povo,

e me glorie com a tua herança!

⁶ Nós pecamos com nossos antepassados, cometemos maldades e injustiças.

[1-6]

⁷ Nossos antepassados no Egito não compreenderam as tuas maravilhas.

Não se lembraram do teu grande amor, e se rebelaram contra o Altíssimo, junto ao mar Vermelho.

⁸ Deus, porém, os salvou por causa do seu nome, para manifestar o seu poder.

⁹ Ameaçou o mar Vermelho, e ele secou, guiou-os pelo abismo, como em terra firme.

¹⁰ Salvou-os da mão do adversário, redimiu-os da mão do inimigo.

¹¹ As águas cobriram seus opressores, e nenhum deles pôde escapar.

¹² Então acreditaram nas palavras dele e cantaram o seu louvor. [7-12]

¹³ Bem depressa se esqueceram das obras dele, e não confiaram no seu projeto:

¹⁴ ardiam de ambição no deserto e tentaram a Deus em lugares solitários.

¹⁵ Ele concedeu-lhes o que pediam, mas enviou uma cólica para a gula deles.

[13-15]

¹⁶ Enciumaram Moisés no acampamento, e Aarão, o consagrado a Javé:

¹⁷ a terra se abriu e engoliu Datã, e recobriu o grupo de Abiram.

¹⁸ Um fogo abrasou seu grupo, uma chama devorou os injustos. [16-18]

¹⁹ Em Horeb fabricaram um novilho, adoraram um ídolo de metal.

²⁰ Eles trocaram sua Glória pela imagem de um touro, comedor de capim.

²¹ Esqueceram o Deus que os salvou, realizando prodígios no Egito,

²² maravilhas na terra de Cam, coisas terríveis junto ao mar Vermelho.

²³ Então ele decidiu exterminá-los, não fosse por Moisés, seu escolhido, que intercedeu diante dele para desviar seu furor em destruí-los. [\[19-23\]](#)

²⁴ Desprezaram uma terra de delícias, não tiveram fé na palavra dele.

²⁵ Murmuravam dentro de suas tendas, não obedeceram à voz de Javé.

²⁶ Ele ergueu a mão e jurou que os faria morrer no deserto,

²⁷ que dispersaria a descendência deles entre as nações, e os espalharia entre as terras. [\[24-27\]](#)

²⁸ Ligaram-se depois ao Baal de Fegor, e comeram sacrifícios feitos a deuses mortos.

²⁹ Provocaram a Deus com suas perversões, e um flagelo irrompeu contra eles.

³⁰ Porém Fineias se levantou e fez justiça, e o flagelo foi contido.

³¹ Seja-lhe isso considerado como justiça, de geração em geração, para sempre. [\[28-31\]](#)

³² Eles o irritaram junto às águas de Meriba e por sua causa sobreveio o mal para Moisés: ³³ haviam irritado o espírito dele, e Moisés falou sem refletir. [\[32-33\]](#)

³⁴ Eles não exterminaram os povos, de quem Javé lhes falara.

³⁵ Eles se misturaram com as nações e aprenderam os costumes delas.

³⁶ Adoraram seus ídolos, que se tornaram cilada para eles.

³⁷ Sacrificaram aos demônios seus filhos e suas filhas.

³⁸ Derramaram o sangue inocente, e profanaram a terra com sangue.

³⁹ Sujaram-se com suas próprias obras, e se prostituíram com suas ações.

⁴⁰ Javé se inflamou contra o seu povo, e rejeitou a sua herança.

⁴¹ Entregou-os na mão das nações, e seus adversários os dominaram.

⁴² Seus inimigos os tiranizaram e sob a mão deles ficaram curvados. [\[34-42\]](#)

⁴³ Quantas vezes ele os livrou!
Mas eles, obstinados na revolta,
pereciam por causa de sua própria injustiça.

⁴⁴ Ele, porém, viu a angústia deles e ouviu seus gritos.

⁴⁵ Lembrou-se de sua aliança com eles e moveu-se por seu grande amor.

⁴⁶ Concedeu-lhes que se movessem de compaixão todos aqueles que os mantinham cativos. [\[43-46\]](#)

⁴⁷Salva-nos, Javé nosso Deus!

Congrega-nos dentre as nações,
para que celebremos teu nome santo, felicitando-nos com teu louvor! [47]

⁴⁸Seja bendito Javé, Deus de Israel, desde agora e para sempre!

E todo o povo diga:

Amém! Aleluia! [48]

Salmo 107 (106) [SI 107]

Deus inverte as situações

¹ Agradeçam a Javé, porque ele é bom, porque o seu amor é para sempre!

² Repitam isso os redimidos por Javé, que ele redimiou da mão do opressor,

³ que ele reuniu do meio das terras, do oriente e do ocidente, do norte e do sul.

[1-3]

⁴ Eles erravam por um deserto solitário, sem achar o caminho para uma cidade habitada.

⁵ Estavam famintos e sedentos, e a vida já os abandonava.

⁶ *Na sua aflição, clamaram para Javé, e ele os libertou de suas angústias.*

⁷ Ele os guiou pelo caminho certo, para que chegassem a uma cidade habitada.

⁸ *Que eles agradeçam a Javé o seu amor, as maravilhas que faz pelos homens.*

⁹ Ele saciou a garganta sedenta e encheu de bens a garganta faminta. [4-9]

¹⁰ Eles habitavam sombras e trevas, prisioneiros de ferros e miséria,

¹¹ por se revoltarem contra as ordens de Deus, desprezando o projeto do Altíssimo.

¹² Ele humilhou seu coração com fadigas: sucumbiam, e ninguém os socorria.

¹³ *Na sua aflição, clamaram para Javé, e ele os libertou de suas angústias.*

¹⁴ Ele os tirou das sombras e trevas, e rompeu seus grilhões.

¹⁵ *Que eles agradeçam a Javé o seu amor, as maravilhas que faz pelos homens.*

¹⁶ Ele quebrou as portas de bronze, despedaçou as trancas de ferro. [10-16]

¹⁷ Insensatos, no caminho da transgressão, eram afligidos por suas próprias injustiças; ¹⁸ rejeitavam qualquer alimento e já batiam às portas da morte.

¹⁹ *Na sua aflição, clamaram para Javé, e ele os libertou de suas angústias.*

²⁰ Ele enviou sua palavra para curá-los, e para salvá-los da perdição.

²¹ *Que eles agradeçam a Javé o seu amor, as maravilhas que faz pelos homens.*

²² Ofereçam sacrifícios de louvor, proclamem suas obras com gritos de alegria. [17-22]

- ²³ Desciam de navio pelo mar, comerciando na imensidão das águas.
- ²⁴ Eles viram as obras de Javé, suas maravilhas em alto-mar.
- ²⁵ Ele falou, levantando um vento impetuoso, que elevou as ondas do mar.
- ²⁶ Eles subiam até o céu e baixavam até o abismo, a vida deles se agitava na desgraça.
- ²⁷ Rodavam, balançando como bêbados, e de nada adiantou a perícia deles.
- ²⁸ *Na sua aflição, clamaram para Javé, e ele os libertou de suas angústias.*
- ²⁹ Ele transformou a tempestade em leve brisa e as ondas emudeceram.
- ³⁰ Ficaram alegres com a bonança, e ele os guiou ao porto desejado.
- ³¹ *Que eles agradeçam a Javé o seu amor, as maravilhas que faz pelos homens.*
- ³² Que o exaltem na assembleia do povo, e o louvem no conselho dos anciãos!
- [23-32]
- ³³ Ele transforma rios em deserto, nascentes em terra sedenta,
- ³⁴ terra fértil em salina, por causa do mal de seus habitantes.
- ³⁵ Transforma o deserto em lençóis de água, terra seca em nascentes;
- ³⁶ e aí faz morar os famintos, que fundam uma cidade habitada.
- ³⁷ Eles semeiam campos e plantam vinhas, e colhem frutos em abundância.
- ³⁸ Ele os abençoa e sempre mais se multiplicam, e não deixa o rebanho deles diminuir.
- ³⁹ Depois diminuem e vão minguando pela opressão do mal e sofrimento.
- ⁴⁰ Ele espalha o desprezo contra os poderosos, fazendo-os vagar na confusão sem saída.
- ⁴¹ Mas tira o indigente da miséria e multiplica famílias como rebanhos. [33-41]
- ⁴² Os corações retos admiram e ficam alegres, e toda injustiça fecha a boca.
- ⁴³ Quem é sábio? Observe essas coisas e saiba discernir o amor de Javé! [42-43]

Salmo 108 (107) [SI 108]

Com Deus faremos proezas

1 Cântico. Salmo. De Davi.

- ²Meu coração está firme, ó Deus.
Para ti cantarei e tocarei, ó glória minha.
- ³Despertem, cítara e harpa, que eu vou despertar a aurora.
- ⁴Vou louvar-te entre os povos, Javé, vou tocar para ti em meio às nações,
- ⁵pois o teu amor é maior do que o céu, e a tua fidelidade chega até as nuvens.
- ⁶Eleva-te acima do céu, ó Deus, e tua glória domine a terra inteira, [\[2-6\]](#)
- ⁷para que os teus amados sejam libertos, e tua mão salvadora responda para nós.
- ⁸Deus falou no seu santuário: “Triunfante ocuparei Siquém,
e repartirei o vale de Sucot.
- ⁹Meu é Galaad, meu é Manassés.
Efraim é o elmo da minha cabeça,
e Judá o meu cetro de comando.
- ¹⁰Moab é a bacia onde me lavo, sobre Edom lanço minha sandália,
e sobre a Filisteia canto vitória”.
- ¹¹Quem me levará a uma cidade-forte, quem me conduzirá até Edom,
- ¹²se tu, ó Deus, nos rejeitaste, e já não sais com nossas tropas?
- ¹³Concede-nos socorro na opressão, porque o auxílio humano é inútil!
- ¹⁴Com Deus nós faremos proezas: ele pisará nossos opressores! [\[7-14\]](#)

Salmo 109 (108) [SI 109]

Deus é advogado dos pobres

1 Do mestre de canto. De Davi. Salmo.

Deus do meu louvor, não te cales,

² pois uma boca maldosa e traiçoeira abriu-se contra mim.

Com língua mentirosa falam para mim; ³ e me rodeiam com palavras de ódio, e me combatem sem motivo.

⁴ Em troca da minha amizade, me acusam, e eu fico suplicando.

⁵ Eles me devolvem o mal pelo bem, o ódio em paga da minha amizade. [1-5]

⁶ Nomeia contra ele um injusto, um acusador que esteja à direita dele.

⁷ Saia condenado do julgamento, e sua defesa não dê certo.

⁸ Que seus dias sejam breves, e outro ocupe o seu emprego.

⁹ Que seus filhos fiquem órfãos, e sua mulher se torne viúva.

¹⁰ Que seus filhos fiquem vagando a mendigar, e sejam expulsos das ruínas.

¹¹ Que o usurário roube o que ele possui, e estrangeiros depredem os seus bens.

¹² Que ninguém lhe mostre clemência, e ninguém se compadeça de seus órfãos.

¹³ Que sua descendência seja cortada, e seu nome se extinga numa só geração.

¹⁴ Que Javé se lembre da culpa de seus pais, e o pecado de sua mãe nunca seja apagado.

¹⁵ Que Javé os tenha sempre na sua frente e corte da terra a lembrança deles! [6-15]

¹⁶ Porque ele não se lembrou de agir com clemência, porque perseguiu o pobre e o indigente, e até à morte o coração contrito.

¹⁷ Ele amou a maldição: que esta recaia sobre ele.

Ele não buscou a bênção: que ela o abandone.

¹⁸ Vestia-se de maldição como de um manto: que ela penetre suas entranhas como água, e como óleo em seus ossos.

¹⁹ Seja para ele como roupa a cobri-lo, como cinto que o aperte sempre! [16-19]

²⁰ Que Javé pague assim os que me acusam, os que proferem o mal contra mim! [20]

²¹ Tu, porém, Javé, trata-me bem, por teu nome, liberta-me, pela ternura do teu amor,

²² porque eu sou um pobre indigente, e, dentro de mim, o meu coração está ferido.

²³ Vou passando, como sombra que se expande, sou atirado para longe, como gafanhoto.

²⁴ Jejuei tanto, que meus joelhos se dobram, e sem óleo minha carne emagrece.

²⁵ Tornei-me para eles um ultraje, e os que me veem balançam a cabeça.

²⁶ Javé, meu Deus, vem socorrer-me!

Salva-me, por teu amor!

²⁷ Reconheçam que tudo isso vem da tua mão, que foste tu, Javé, quem o fez!

²⁸ Que eles maldigam... Bendize-me tu!

Que meus inimigos fracassem, enquanto o teu servo se alegra.

²⁹ Cubram-se de infâmia os que me acusam, e a vergonha os envolva como um manto. [21-29]

³⁰ Agradecerei a Javé em alta voz, e o louvarei no meio da multidão,

³¹ pois ele se colocou à direita do pobre, para salvar a sua vida da mão dos juízes. [30-31]

Salmo 110 (109) [SI 110]

A função do rei

1De Davi. Salmo.

Oráculo de Javé ao meu senhor: “Sente-se à minha direita,
e eu farei de seus inimigos o estrado de seus pés”.

²Desde Sião, Javé estenderá o poder do seu cetro:
submeta na batalha os seus inimigos. [1-2]

³“Você é príncipe desde o dia do seu nascimento, entre esplendores sagrados.
Eu mesmo o gerei, como orvalho, antes da aurora”. [3]

⁴Javé jurou e jamais desmentirá: “Você é sacerdote para sempre, segundo a
ordem de Melquisedec”. [4]

⁵O Senhor está à sua direita e esmagará os reis no dia da ira.

⁶Pronunciará a sentença contra as nações, amontoará cadáveres,
e esmagará cabeças
por toda a imensidão da terra.

⁷Em seu caminho beberá da torrente, e por isso levantará a cabeça. [5-7]

Salmo 111 (110) [Sl 111]

A verdadeira tradição

¹ Aleluia!

Eu celebro a Javé de todo o coração, na companhia dos retos, no conselho.

² São grandes as obras de Javé, dignas de estudo para quem as ama.

³ Sua obra é esplendor e majestade, sua generosidade permanece para sempre.

⁴ Ele fez maravilhas memoráveis.

Javé é piedade e compaixão:

⁵ dá alimento aos que o temem, sempre se lembrando da sua aliança. [1-5]

⁶ Ao seu povo mostrou a força do seu agir, entregando-lhe a herança das nações.

⁷ Justiça e Verdade são as obras de suas mãos, seus preceitos todos merecem confiança.

⁸ São estáveis para sempre e eternamente, vão cumprir-se com verdade e retidão.

⁹ Enviou a libertação ao seu povo, confirmando sua aliança para sempre.

Seu nome é santo e terrível.

¹⁰ O princípio da sabedoria é o temor de Javé.

Todos quantos o praticam têm bom senso.

O louvor a Javé permanece para sempre. [6-10]

Salmo 112 (111) [Sl 112]

Retrato do homem justo

¹ Aleluia!

Feliz o homem que teme a Javé
e se compraz com seus mandamentos!

² Sua descendência será poderosa na terra, a descendência dos retos será abençoada.

³ Na sua casa há abundância e riqueza.
Sua justiça permanece para sempre.

⁴ Ele brilha na treva como luz para os retos, ele é piedade, compaixão e justiça.

⁵ Feliz quem tem piedade e empresta, e conduz seus negócios com retidão. [1-5]

⁶ Eis que ele jamais vacilará.
A memória do justo é para sempre.

⁷ Ele nunca teme as notícias más: seu coração está firme em Javé.

⁸ Seu coração está seguro e não teme nada, até ver seus opressores derrotados.

⁹ Ele dá esmola aos indigentes.
Sua justiça permanece para sempre, e ele ergue a fronte com dignidade.

¹⁰ O injusto olha e se desgosta, range os dentes e definha.
A ambição dos injustos fracassará. [6-10]

Salmo 113 (112) [SI 113]

O grande mistério de Deus

¹ Aleluia!

Louvem, servos de Javé,
louvem o nome de Javé!

² Seja bendito o nome de Javé, desde agora e para sempre.

³ Do nascer do sol até o poente, louvado seja o nome de Javé! [1-3]

⁴ Javé se eleva sobre todos os povos, sua glória está acima do céu!

⁵ Quem é igual a Javé nosso Deus, que se eleva em seu trono,

⁶ e se abaixa para olhar pelo céu e pela terra? [4-6]

⁷ Ele ergue da poeira o fraco e tira do lixo o indigente,

⁸ fazendo-o sentar-se com os príncipes, ao lado dos príncipes do seu povo.

⁹ Ele faz a estéril sentar-se em sua casa, como alegre mãe de filhos. [7-9]

Aleluia!

Salmo 114 (113A) [SI 114]

O povo é santuário de Deus

¹Quando Israel saiu do Egito, e a casa de Jacó de um povo balbuciante, ²Judá se tornou o seu santuário, e Israel o seu domínio. [1-2]

³Ao vê-los, o mar fugiu, o Jordão voltou atrás.

⁴Os montes saltaram como carneiros, e as colinas como cordeiros.

⁵Mar, o que você tem para fugir assim?

E você, Jordão, para voltar atrás?

⁶E as montanhas, para saltar como carneiros?

E as colinas, para saltar como cordeiros? [3-6]

⁷A terra estremece diante do Senhor, ante a presença do Deus de Jacó:

⁸ele transforma as rochas em lago e a pedra em fontes de água. [7-8]

Salmo 115 (113B) [SI 115]

Deus nos mantém vivos

¹ Não a nós, Javé, não a nós!

Honra, sim, o teu próprio nome, por teu amor e fidelidade. [1]

² Por que diriam as nações: “Onde está o Deus deles?”

³ O nosso Deus está no céu, e faz tudo o que deseja. [2-3]

⁴ Os ídolos deles são prata e ouro, obras de mãos humanas:

⁵ têm boca e não falam, têm olhos e não veem;

⁶ têm ouvidos e não ouvem, têm nariz e não cheiram;

⁷ têm mãos e não tocam, têm pés e não andam,
sua garganta não tem voz.

⁸ Aqueles que os fazem ficam como eles, todos aqueles que neles confiam! [4-8]

⁹ A casa de Israel confia em Javé: ele é seu auxílio e seu escudo!

¹⁰ A casa de Aarão confia em Javé: ele é seu auxílio e seu escudo!

¹¹ Os que temem a Javé confiam em Javé: ele é seu auxílio e seu escudo! [9-11]

¹² Que Javé se lembre de nós e nos abençoe: — abençoe a casa de Israel,
— abençoe a casa de Aarão,

¹³ — abençoe os que temem a Javé, pequenos e grandes.

¹⁴ Que Javé os multiplique, a vocês e seus filhos!

¹⁵ Sejam abençoados por Javé, que fez o céu e a terra. [14-15]

¹⁶ O céu pertence a Javé, mas a terra ele a deu para os homens.

¹⁷ Os mortos já não louvam a Javé, nem os que descem ao lugar do silêncio.

¹⁸ Nós, os vivos, nós bendizemos a Javé, desde agora e para sempre! [16-18]
Aleluia!

Salmo 116 (114 e 115) [SI 116]

Como agradecer a Deus?

- ¹ Eu amo a Javé, porque ele ouve a minha voz suplicante,
² porque inclina seu ouvido para mim, no dia em que eu o invoco.
³ Laços de morte me cercavam, eram redes mortais,
e eu caí na angústia e aflição.
⁴ Então eu invoquei o nome de Javé: “Javé, salva minha vida!” [1-4]
⁵ Javé é justo e clemente, o nosso Deus é compassivo.
⁶ Javé protege os simples: eu fraquejava, e ele me salvou. [5-6]
⁷ Volte ao repouso, ó minha vida, porque Javé foi bondoso com você.
⁸ Libertou minha vida da morte, meus olhos das lágrimas e meus pés de uma queda.
⁹ Caminharei na presença de Javé, na terra dos vivos. [7-9]
¹⁰ Eu tinha fé, mesmo ao dizer: “Estou por demais arrasado!”
¹¹ Em meu apuro eu dizia: “Os homens são todos mentirosos!” [10-11]
¹² Como retribuirei a Javé todo o bem que ele me fez?
¹³ Erguerei o cálice da salvação, invocando o nome de Javé.
¹⁴ Cumprirei meus votos a Javé, na presença de todo o seu povo! [12-14]
¹⁵ É custosa aos olhos de Javé a morte dos seus fiéis.
¹⁶ Eu sou teu servo, Javé, teu servo e filho de tua serva.
Tu rompestes os meus grilhões.
¹⁷ Vou oferecer-te um sacrifício de louvor, invocando o nome de Javé.
¹⁸ Cumprirei meus votos a Javé, na presença de todo o seu povo,
¹⁹ nos átrios da casa de Javé, em seu meio, ó Jerusalém! [15-19]
Aleluia!

Salmo 117 (116) [Sl 117]

Deus é o nosso aliado

¹Louvem a Javé, nações todas,
e o glorifiquem todos os povos!

²Pois o seu amor por nós é firme,
e a fidelidade de Javé é para sempre! [1-2]
Aleluia!

Salmo 118 (117) [SI 118]

Agradeçam a Deus!

- ¹ Agradeçam a Javé, porque ele é bom, porque o seu amor é para sempre!
- ² A casa de Israel repita: o seu amor é para sempre!
- ³ A casa de Aarão repita: o seu amor é para sempre!
- ⁴ Os que temem a Javé repitam: o seu amor é para sempre! [1-4]
- ⁵ Na minha angústia, eu gritei para Javé: ele me ouviu e me aliviou.
- ⁶ Javé está comigo: jamais temerei!
O que o homem me poderia fazer?
- ⁷ Javé está comigo, ele me ajuda: eu verei a derrota dos meus inimigos!
- ⁸ É melhor refugiar-se em Javé do que depositar confiança no homem.
- ⁹ É melhor refugiar-se em Javé do que depositar confiança nos chefes. [5-9]
- ¹⁰ As nações todas me cercaram: em nome de Javé, eu as rechacei!
- ¹¹ Cercaram-me, fecharam o cerco: em nome de Javé, eu as rechacei!
- ¹² Cercaram-me como vespas, ardendo como fogo no espinheiro: em nome de Javé, eu as rechacei!
- ¹³ Iam empurrando para me derrubar, Javé porém me socorreu.
- ¹⁴ Javé é minha força e energia, ele é a minha salvação. [10-14]
- ¹⁵ Há gritos de júbilo e vitória nas tendas dos justos:
“A direita de Javé é poderosa!
- ¹⁶ A direita de Javé é sublime!
A direita de Javé é poderosa!” [15-16]
- ¹⁷ Não vou morrer. Eu viverei para contar as obras de Javé.
- ¹⁸ Javé me castigou e castigou, mas não me entregou à morte! [17-18]
- ¹⁹ Abram para mim as portas do triunfo: vou entrar agradecendo a Javé.
- ²⁰ Esta é a porta de Javé: os vencedores entrarão por ela.
- ²¹ — Eu te agradeço, porque me ouviste, e foste a minha salvação! [19-21]
- ²² A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular.
- ²³ Isso vem de Javé, e é maravilha aos nossos olhos.
- ²⁴ Este é o dia em que Javé agiu: exultemos e alegremo-nos com ele.

²⁵ Javé, dá-nos a salvação!

Dá-nos a prosperidade, Javé!

²⁶ — Bendito o que vem em nome de Javé!

Desde a casa de Javé nós abençoamos vocês.

²⁷ Javé é Deus: ele nos ilumina!

— Formem procissão com ramos
até os ângulos do altar.

²⁸ Tu és o meu Deus, eu te agradeço.

Meu Deus, eu te exalto!

²⁹ Agradeçam a Javé, porque ele é bom, porque o seu amor é para sempre! [22-

29]

Salmo 119 (118) [SI 119]

A palavra de Deus ilumina o caminho do homem

¹Felizes os íntegros em seu caminho, os que andam conforme a vontade de Javé.

²Felizes os que guardam os seus testemunhos, procurando-o de todo o coração,

³aqueles que andam no caminho dele, sem praticar a injustiça!

⁴Tu promulgaste os teus preceitos para serem observados à risca.

⁵Que os meus caminhos sejam firmes, para que eu observe os teus estatutos.

⁶Então eu não sentirei vergonha, ao considerar os teus mandamentos todos.

⁷Eu te celebrarei de coração reto, aprendendo tuas justas normas.

⁸Vou observar os teus estatutos, não me abandones nunca.

⁹Como um jovem poderá conservar puro o seu caminho?

Observando a tua palavra.

¹⁰Eu te busco de todo o coração, não me deixes afastar dos teus mandamentos.

¹¹Conservei tuas promessas no meu coração, para não pecar contra ti.

¹²Sê bendito, Javé!

Ensina-me os teus estatutos.

¹³Com meus lábios eu enumero todas as normas de tua boca.

¹⁴Eu me alegro com o caminho dos teus testemunhos, mais do que com todas as riquezas.

¹⁵Vou meditar os teus preceitos e considerar os teus caminhos.

¹⁶Eu me delicio com a tua vontade e não me esqueço da tua palavra.

¹⁷Faze o bem ao teu servo, e eu viverei observando a tua palavra.

¹⁸Abre os meus olhos, para eu contemplar as maravilhas da tua vontade.

¹⁹Eu sou estrangeiro na terra, não escondas de mim os teus mandamentos.

²⁰Minha alma se consome, desejando tuas normas o tempo todo.

²¹Tu ameaças os soberbos, os malditos que se desviam dos teus mandamentos.

²²Retira de mim o ultraje e o desprezo, pois eu guardo os teus testemunhos.

²³ Os príncipes podem se reunir e falar contra mim, o teu servo medita os teus estatutos.

²⁴ Teus testemunhos são minhas delícias, teus estatutos são meus conselheiros.

²⁵ Minha garganta está pegada ao pó, dá-me vida, pela tua palavra.

²⁶ Eu enumero meus caminhos, tu me respondes: ensina-me os teus estatutos.

²⁷ Faze-me entender o caminho dos teus preceitos, e eu meditarei sobre as tuas maravilhas.

²⁸ Minha alma se desfaz de tristeza; põe-me de pé, conforme a tua palavra.

²⁹ Afasta-me do caminho da mentira, e dá-me a graça da tua vontade.

³⁰ Eu escolhi o caminho da verdade, e me conformo com as tuas normas.

³¹ Eu me apego aos teus testemunhos.

Javé, não me deixes envergonhado.

³² Correrei pelo caminho dos teus mandamentos, quando alargares o meu coração.

³³ Javé, mostra-me o caminho dos teus estatutos, eu quero guardá-los como recompensa.

³⁴ Ensina-me a cumprir a tua vontade, para observá-la de todo o coração.

³⁵ Guia-me pelo caminho dos teus mandamentos, pois nele está o meu prazer.

³⁶ Inclina o meu coração para os teus testemunhos, e não para o interesse.

³⁷ Evita que meus olhos vejam o que é inútil; dá-me vida, pela tua palavra.

³⁸ Confirma para o teu servo a promessa que fizeste aos teus fiéis.

³⁹ Desvia de mim o ultraje que eu temo, pois tuas normas são boas.

⁴⁰ Eis que eu desejo teus preceitos; dá-me vida, pela tua justiça.

⁴¹ Javé, que o teu amor venha até mim, e a tua salvação, conforme a tua promessa!

⁴² Aos que me ultrajam, eu responderei que confio na tua palavra.

⁴³ Não me tires da boca a palavra sincera, pois eu espero em tuas normas.

⁴⁴ Cumprirei a tua vontade sem cessar, para sempre e eternamente.

⁴⁵ Andarei por caminho largo, procurando os teus preceitos.

⁴⁶ Vou falar de teus testemunhos diante dos reis, sem ficar envergonhado.

⁴⁷ Minhas delícias são os teus mandamentos, que eu amo tanto.

⁴⁸ Levanto para ti as minhas mãos, recitando os teus estatutos.

- ⁴⁹ Lembra-te da tua palavra ao teu servo, na qual tu me fazes esperar.
- ⁵⁰ Esta é a minha consolação na miséria: tua promessa me traz vida.
- ⁵¹ Os soberbos zombam de mim à vontade, mas eu não me desvio da tua lei.
- ⁵² Javé, recordo as tuas normas de outrora, e me consolo.
- ⁵³ Fiquei enfurecido diante dos injustos que abandonam a tua vontade.
- ⁵⁴ Teus estatutos são cânticos para mim, na minha casa de peregrino.
- ⁵⁵ Javé, eu me lembro do teu nome durante a noite, e observo a tua lei.
- ⁵⁶ Esta é a parte que cabe a mim: observar os teus preceitos.
- ⁵⁷ Minha porção, Javé, eu o digo, é observar as tuas palavras.
- ⁵⁸ De todo o coração busco acalmar a tua face: tem piedade de mim, conforme a tua promessa!
- ⁵⁹ Reflito em meus caminhos, voltando meus passos para os teus testemunhos.
- ⁶⁰ Eu me apresso, e não me atraso, em observar os teus mandamentos.
- ⁶¹ Os laços dos injustos me envolvem, eu não me esqueço da tua vontade.
- ⁶² À meia-noite eu me levanto para te agradecer por tuas normas justas.
- ⁶³ Eu me associo a todos os que temem a ti e observam as tuas normas.
- ⁶⁴ A terra, Javé, está cheia do teu amor: ensina-me os teus estatutos.
- ⁶⁵ Javé, agiste bem com o teu servo, segundo a tua palavra.
- ⁶⁶ Ensina-me o bom senso e o saber, pois eu creio nos teus mandamentos.
- ⁶⁷ Antes de sofrer, eu me desviava; agora eu observo a tua promessa.
- ⁶⁸ Tu és bom e benfeitor: ensina-me os teus estatutos.
- ⁶⁹ Os soberbos lançam calúnias contra mim, mas de todo o coração eu guardo os teus preceitos.
- ⁷⁰ O coração deles é espesso como gordura, mas eu me delicio com a tua vontade.
- ⁷¹ Para mim, é bom sofrer, pois aprendo os teus estatutos.
- ⁷² A lei da tua boca é um bem para mim, mais que milhões em ouro e prata.
- ⁷³ Tuas mãos me fizeram e formaram: ensina-me, para que eu aprenda teus mandamentos.
- ⁷⁴ Os que temem a ti me olhem com alegria, pois eu espero em tua palavra.
- ⁷⁵ Javé, eu sei que as tuas normas são justas, e que por fidelidade me fazes sofrer.
- ⁷⁶ Que o teu amor seja a minha consolação, conforme a tua promessa ao teu

servo!

⁷⁷Que a tua misericórdia venha até mim, e eu viverei, pois a tua vontade é a minha delícia.

⁷⁸Que se envergonhem os soberbos, que lançam calúnias contra mim!

Eu medito nos teus preceitos.

⁷⁹Voltem-se para mim os que temem a ti, os que conhecem os teus testemunhos.

⁸⁰Que o meu coração seja íntegro em teus estatutos, para que eu não fique envergonhado.

⁸¹Eu me consumo pela tua salvação, esperando pela tua palavra.

⁸²Meus olhos se consomem pela tua promessa: quando me consolarás?

⁸³Estou como odre na fumaça; nunca me esqueço dos teus estatutos.

⁸⁴Quantos serão os dias do teu servo?

Quando me farás justiça contra os meus perseguidores?

⁸⁵Os soberbos abriram covas para mim; eles não andam conforme a tua vontade.

⁸⁶Teus mandamentos todos são verdadeiros; eles me perseguem sem razão: ajuda-me!

⁸⁷Por pouco não me derrubavam por terra, mas eu não abandono os teus preceitos.

⁸⁸Faze-me viver, por teu amor, e eu observarei o testemunho da tua boca.

⁸⁹Javé, tua palavra é para sempre, é mais estável do que o céu.

⁹⁰Tua fidelidade continua, de geração em geração, como a terra que fixaste, e ela permanece.

⁹¹Tudo existe até hoje conforme as tuas normas, pois as coisas todas servem a ti.

⁹²Se tua vontade não fosse o meu prazer, eu já teria perecido na miséria.

⁹³Jamais vou esquecer os teus preceitos, pois é com eles que tu me fazes viver.

⁹⁴Eu pertenço a ti: salva-me, pois eu busco os teus preceitos.

⁹⁵Que os injustos esperem a minha ruína: eu sei discernir os teus testemunhos.

⁹⁶Eu vi o limite de toda perfeição: o teu mandamento se dilata sem fim.

⁹⁷Quanto eu amo a tua vontade!

Eu medito nela o dia todo.

⁹⁸Teu mandamento me torna mais sábio que os meus inimigos porque ele me pertence para sempre.

⁹⁹Sou mais sábio que todos os meus mestres, porque medito em teus testemunhos.

¹⁰⁰Sou mais sagaz que os idosos, porque observo os teus preceitos.

¹⁰¹Eu desvio os meus pés de qualquer caminho mau, para observar a tua palavra.

¹⁰²Jamais me desvio de tuas normas, porque és tu quem me ensina.

¹⁰³Como é doce ao meu paladar a tua promessa, é mais do que o mel em minha boca!

¹⁰⁴Com teus preceitos, sou capaz de discernir e detestar qualquer caminho mau.

¹⁰⁵Tua palavra é lâmpada para os meus pés, e luz para o meu caminho. [\[105\]](#)

¹⁰⁶Eu jurei e sustento: observar as tuas justas normas.

¹⁰⁷Estou por demais humilhado, Javé, faze-me viver, conforme a tua palavra.

¹⁰⁸Javé, aceita os votos que pronuncio, e ensina-me as tuas normas.

¹⁰⁹Minha vida está sempre em perigo, porém não me esqueço da tua vontade.

¹¹⁰Os injustos estendem um laço para mim, porém não me desvio dos teus preceitos.

¹¹¹Teus testemunhos são a minha herança para sempre, a alegria do meu coração.

¹¹²Aplico o meu coração em praticar os teus estatutos; essa é a minha recompensa para sempre.

¹¹³Eu detesto os corações divididos e amo a tua vontade.

¹¹⁴Tu és o meu refúgio e o meu escudo, eu espero pela tua palavra.

¹¹⁵Afastem-se de mim, perversos, que eu vou guardar os mandamentos do meu Deus.

¹¹⁶Sustenta-me, conforme a tua promessa, e eu viverei; não deixes que a minha esperança me envergonhe.

¹¹⁷Apoia-me, e serei salvo e estarei sempre atento aos teus estatutos.

¹¹⁸Tu desprezas todos os que se desviam dos teus estatutos, pois o seu cálculo é mentira.

¹¹⁹Tens como escória todos os injustos da terra, por isso eu amo os teus

testemunhos.

¹²⁰Minha carne se arrepia com temor de ti, e eu temo, por causa de tuas normas.

¹²¹Pratiquei o direito e a justiça; não me entregues aos meus opressores.

¹²²Sê fiador do teu servo para o bem, e que os soberbos não me oprimam.

¹²³Meus olhos se consomem pela tua salvação, e pela promessa da tua justiça.

¹²⁴Age com o teu servo conforme o teu amor, e ensina-me os teus estatutos.

¹²⁵Eu sou teu servo, faze-me discernir, e compreenderei os teus testemunhos.

¹²⁶Javé, é tempo de agir: eles violaram a tua vontade.

¹²⁷É por isso que eu amo os teus mandamentos, mais que ao ouro, e ouro refinado.

¹²⁸É por isso que aprecio os teus preceitos e odeio o caminho da mentira.

¹²⁹Teus testemunhos são maravilhas, por isso eu os guardo.

¹³⁰A descoberta das tuas palavras ilumina, e traz discernimento aos simples.

¹³¹Abro a boca e aspiro, ansiando por teus mandamentos.

¹³²Volta-te para mim, tem piedade de mim: é a justiça para os que amam o teu nome.

¹³³Firma os meus passos com a tua promessa e não deixes que mal nenhum me domine.

¹³⁴Resgata-me da opressão do homem, e observarei os teus preceitos.

¹³⁵Ilumina a tua face para o teu servo, e ensina-me os teus estatutos.

¹³⁶Torrentes de lágrimas me descem dos olhos, porque não cumprem a tua vontade.

¹³⁷Javé, tu és justo, e tuas normas são retas.

¹³⁸Como justiça, ordenaste os teus testemunhos, como verdade suprema.

¹³⁹O meu zelo me consome, pois os meus adversários esquecem as tuas palavras.

¹⁴⁰Tua promessa é puríssima, e o teu servo a ama.

¹⁴¹Sou pequeno e desprezado, porém não esqueço os teus preceitos.

¹⁴²Tua justiça é justiça para sempre, e tua vontade é verdadeira.

¹⁴³Angústia e opressão me atingiram, teus mandamentos são minhas delícias.

¹⁴⁴Teus testemunhos são justiça para sempre, dá-me discernimento, e eu viverei.

¹⁴⁵ Eu clamo de todo o coração. Javé, responde para mim!
Eu observarei os teus estatutos.

¹⁴⁶ Eu grito para ti: salva-me!
Eu guardarei os teus testemunhos.

¹⁴⁷ Antecipo a aurora e imploro, esperando pelas tuas palavras.

¹⁴⁸ Meus olhos antecipam as vigílias, para meditar a tua promessa.

¹⁴⁹ Javé, ouve a minha voz, por teu amor, faze-me reviver, conforme as tuas normas.

¹⁵⁰ Perseguidores infames se aproximam, estão longe da tua vontade.

¹⁵¹ Tu estás bem perto, Javé, e os teus mandamentos são todos estáveis.

¹⁵² Conheço os teus mandamentos há muito tempo, porque os firmaste para sempre.

¹⁵³ Olha a minha miséria e liberta-me, pois não me esqueço da tua vontade.

¹⁵⁴ Redime a minha causa e defende-me, e pela tua promessa faze-me reviver.

¹⁵⁵ A salvação está longe dos injustos, pois eles não procuram os teus estatutos.

¹⁵⁶ Javé, tua compaixão é grande: faze-me reviver, conforme as tuas normas.

¹⁵⁷ Meus perseguidores e opressores são numerosos, porém não me afastei dos teus testemunhos.

¹⁵⁸ Vi os traidores e fiquei desgostoso: eles não observam a tua promessa.

¹⁵⁹ Vê como eu amo teus preceitos, Javé, faze-me reviver, conforme o teu amor.

¹⁶⁰ O compêndio da tua palavra é a verdade, e as tuas normas são justiça para sempre.

¹⁶¹ Príncipes me perseguem sem motivo, porém o meu coração teme as tuas palavras.

¹⁶² Alegro-me com a tua promessa, como quem acha um rico despojo.

¹⁶³ Detesto e abomino a mentira, e amo a tua vontade.

¹⁶⁴ Sete vezes por dia eu te louvo, por causa das tuas justas normas.

¹⁶⁵ É grande a paz dos que amam a tua lei: para eles não existe tropeço.

¹⁶⁶ Eu aguardo a tua salvação, Javé, e pratico os teus mandamentos.

¹⁶⁷ Observo os teus testemunhos: eu os amo intensamente.

¹⁶⁸ Observo os teus preceitos e testemunhos, e os meus caminhos estão todos à tua frente.

¹⁶⁹Que o meu clamor chegue à tua presença, Javé!

Dá-me discernimento, conforme a tua palavra!

¹⁷⁰Que a minha súplica chegue à tua presença!

Liberta-me, conforme a tua promessa!

¹⁷¹Que os meus lábios publiquem o louvor, pois tu me ensinas os teus estatutos.

¹⁷²Que minha língua cante a tua promessa, pois os teus mandamentos todos são justos.

¹⁷³Que a tua mão venha socorrer-me, porque escolhi os teus preceitos.

¹⁷⁴Eu desejo a tua salvação, Javé, e a tua vontade é a minha delícia.

¹⁷⁵Que eu possa viver para te louvar, e tuas normas me auxiliem.

¹⁷⁶Eu me extraviei como ovelha perdida: vem procurar o teu servo, pois eu não esqueço os teus mandamentos.

Salmo 120 (119) [SI 120]

Angústia do emigrante

1 Cântico das subidas.

Em minha angústia eu gritei a Javé, e ele me respondeu.

² Javé, livra-me dos lábios mentirosos e da língua traidora!

³ O que Deus te dará ou mandará, ó língua traidora?

⁴ Flechas de guerreiro, afiadas com brasas de giesta. [1-4]

⁵ Ai de mim, exilado em Mosoc, acampado nas tendas de Cedar!

⁶ Já faz muito que eu moro com os que odeiam a paz.

⁷ Quando eu digo: “Paz”, eles dizem: “Guerra”. [5-7]

Salmo 121 (120) [SI 121]

Deus é o guarda do seu povo

1 Cântico para as subidas.

Ergo os olhos para os montes: de onde virá o meu socorro?

²O meu socorro vem de Javé, que fez o céu e a terra. [1-2]

³Ele não deixará que o seu pé tropece, o seu guarda jamais dormirá!

⁴Sim, não dorme nem cochila o guarda de Israel.

⁵Javé guarda você sob a sua sombra, ele está à sua direita.

⁶De dia o sol não ferirá você, nem a lua de noite.

⁷Javé guarda você de todo o mal, ele guarda a sua vida.

⁸Javé guarda suas entradas e saídas, desde agora e para sempre. [3-8]

Salmo 122 (121) [Sl 122]

A paz que vem da justiça

1 Cântico das subidas. De Davi.

Alegrei-me quando me disseram: “Vamos à casa de Javé!”

²Nossos passos já se detêm junto aos teus umbrais, Jerusalém! [1-2]

³Jerusalém é fundada como cidade bem compacta.

⁴Para ela sobem as tribos, as tribos de Javé,
segundo o costume de Israel,
para celebrar o nome de Javé.

⁵Aí estão os tribunais da justiça, no palácio de Davi. [3-5]

⁶Desejem a paz para Jerusalém: “Vivam seguros os que amam você, ⁷haja paz dentro de seus muros e segurança em seus palácios!”

⁸Por meus irmãos e meus amigos, eu digo: “A paz esteja com você!”

⁹Pela casa de Javé nosso Deus, desejo todo o bem a você. [6-9]

Salmo 123 (122) [SI 123]

Tem compaixão de nós!

1 Cântico das subidas.

Para ti eu levanto os meus olhos, para ti, que habitas no céu.

²Como os olhos dos escravos, fixos nas mãos do seu senhor, e como os olhos da escrava, fixos nas mãos da sua senhora, assim estão os nossos olhos fixos em Javé nosso Deus,

até que se compadeça de nós. [1-2]

³Compaixão, Javé! Tem compaixão de nós, porque estamos fartos de desprezo!

⁴Nossa vida está farta por demais do sarcasmo dos satisfeitos e do desprezo dos soberbos. [3-4]

Salmo 124 (123) [Sl 124]

É Deus quem protege o povo

1 Cântico das subidas. De Davi.

Não estivesse Javé do nosso lado, — Israel que o diga — ² não estivesse Javé do nosso lado, quando os homens nos assaltaram...

³ nos teriam tragado vivos, tal o fogo de sua ira!

⁴ As águas nos teriam inundado, a torrente chegando ao pescoço;

⁵ as águas espumejantes chegariam ao nosso pescoço! [1-5]

⁶ Seja bendito Javé! Ele não nos entregou como presas para os dentes deles.

⁷ Fugimos vivos, como o pássaro foge da rede do caçador:
a rede rompeu-se, e nós escapamos. [6-7]

⁸ O nosso auxílio é o nome de Javé, que fez o céu e a terra! [8]

Salmo 125 (124) [SI 125]

Deus é a força do povo

1 Cântico das subidas.

Aqueles que confiam em Javé são como o monte Sião: nunca se abala,
está firme para sempre.

²Jerusalém é rodeada de montanhas, e Javé envolve o seu povo, desde agora e
para sempre. [1-2]

³O cetro do injusto não pesará sobre a parte dos justos, para que a mão dos
justos não se estenda para o crime. [3]

⁴Javé, faze o bem aos bons, aos corações retos.

⁵E os que se desviam por trilhas tortuosas, que Javé os rejeite com os
malfeitores.

Paz sobre Israel! [4-5]

Salmo 126 (125) [SI 126]

Deus transforma o sofrimento em alegria

1 Cântico das subidas.

Quando Javé mudou a sorte de Sião, parecíamos sonhar:

² a nossa boca se encheu de riso, e a nossa língua de canções.

Até entre as nações se comentava: “Javé foi grande com eles!”

³ Sim, Javé foi grande conosco, e por isso estamos alegres.

⁴ Que Javé mude a nossa sorte, como as torrentes do Negueb. [1-4]

⁵ Os que semeiam com lágrimas, ceifam em meio a canções.

⁶ Vão andando e chorando ao levar a semente.

Ao regressar, voltam cantando, trazendo seus feixes. [5-6]

Salmo 127 (126) [SI 127]

Deus dá vida aos seus amigos

1 Cântico das subidas. De Salomão.

Se Javé não constrói a casa, em vão labutam os seus construtores.

Se Javé não guarda a cidade, em vão vigiam os guardas. [1]

²É inútil que vocês madruguem e se atrasem para deitar,
para comer o pão com duros trabalhos: aos seus amigos, ele o dá enquanto
dormem! [2]

³A herança que Javé concede são os filhos, seu salário é o fruto do ventre: ⁴os
filhos da juventude são flechas na mão de um guerreiro.

⁵Feliz o homem que enche sua aljava com elas:
não será derrotado nas portas da cidade quando litigar com seus inimigos. [3-
5]

Salmo 128 (127) [SI 128]

A felicidade vem da partilha

1 Cântico das subidas.

Feliz quem teme a Javé e anda em seus caminhos!

² Você comerá do trabalho de suas próprias mãos, tranquilo e feliz.

³ Sua esposa será como vinha fecunda, na intimidade do seu lar.

Seus filhos, rebentos de oliveira, ao redor de sua mesa.

⁴ Essa é a bênção para o homem que teme a Javé. [1-4]

⁵ Que Javé abençoe você desde Sião, e você veja a prosperidade de Jerusalém todos os dias de sua vida.

⁶ Que você veja os filhos de seus filhos.

Paz sobre Israel! [5-6]

Salmo 129 (128) [SI 129]

A vitória nasce da resistência

1 Cântico das subidas.

Quanto me oprimiram desde a juventude, — Israel que o diga — ²quanto me oprimiram desde a juventude!

Mas nunca puderam comigo!

³Os lavradores lavraram minhas costas e alongaram os seus sulcos.

⁴Mas Javé é justo: ele cortou os chicotes dos injustos. [1-4]

⁵Voltem para trás, envergonhados, os que odeiam Sião.

⁶Sejam como a erva do telhado, que seca, e ninguém a corta, ⁷que não enche a mão do ceifador, nem a braçada daquele que enfeixa.

⁸E que os passantes não digam: “Javé abençoe vocês!” [5-8]

Nós abençoamos vocês em nome de Javé.

Salmo 130 (129) [SI 130]

O perdão que liberta

1 Cântico das subidas.

Das profundezas eu clamo para ti, Javé: ² Senhor, ouve o meu grito!

Que os teus ouvidos estejam atentos ao meu pedido por graça!

³ Javé, se levas em conta as culpas, quem poderá resistir?

⁴ Mas de ti vem o perdão, e assim infundes respeito. [1-4]

⁵ Minha alma espera em Javé, espera em sua palavra.

⁶ Minha alma aguarda o Senhor, mais que os guardas pela aurora.

Mais que os guardas pela aurora, ⁷ aguarde Israel a Javé.

Pois de Javé vêm a graça

e a redenção em abundância.

⁸ Ele vai redimir Israel de todas as suas culpas. [5-8]

Salmo 131 (130) [Sl 131]

A maturidade da fé

1 Cântico das subidas. De Davi.

Javé, meu coração não é ambicioso, nem meus olhos altaneiros.

Não ando atrás de grandezas, nem de maravilhas que me ultrapassam.

²Não! Eu fiz calar e repousar meus desejos, como criança desmamada no colo de sua mãe. [1-2]

³Israel, coloque a esperança em Javé, desde agora e para sempre! [3]

Salmo 132 (131) [SI 132]

Deus no meio do povo

1 Cântico das subidas.

Javé, lembra-te de Davi,
de suas fadigas todas:

² como ele jurou a Javé e fez voto ao Poderoso de Jacó:

³ “Não entrarei na tenda, na minha casa, nem subirei à cama em que repouso,
⁴ não darei sono aos meus olhos, nem descanso às minhas pálpebras,

⁵ enquanto não encontrar um lugar para Javé, moradia para o Poderoso de Jacó”. [1-5]

⁶ Ouvimos que ela estava em Éfrata, e a encontramos nos Campos de Jaar.

⁷ Entremos em sua moradia, e nos prostremos diante do seu pedestal.

⁸ Levanta-te, Javé, vem para a tua mansão, vem com a arca da tua força.

⁹ Que teus sacerdotes se vistam de gala, e teus fiéis exultem de alegria.

¹⁰ Por causa de Davi, teu servo, não rejeites a face do teu messias. [6-10]

¹¹ Javé jurou a Davi uma promessa que jamais retratará: “É um fruto do seu ventre

que eu vou colocar em seu trono.

¹² Se seus filhos guardarem a minha aliança e o testemunho que lhes ensinei, também os filhos deles, para sempre, irão sentar-se em seu trono”. [11-12]

¹³ Porque Javé escolheu Sião, e a desejou como sua residência própria: ¹⁴ “Ela é a minha mansão para sempre, aí vou habitar, pois eu a desejei.

¹⁵ Vou abençoar suas provisões com largueza e saciar seus indigentes de pão.

¹⁶ De gala vestirei seus sacerdotes, e seus fiéis exultarão de alegria.

¹⁷ Farei brotar o vigor de Davi, acenderei uma lâmpada
para o meu messias.

¹⁸ Vestirei seus inimigos de vergonha, e sobre ele vai brilhar a minha coroa”. [13-18]

Salmo 133 (132) [SI 133]

Deus age através da união do povo

1 Cântico das subidas. De Davi.

Vejam como é bom, como é agradável os irmãos viverem unidos.

²É como óleo fino sobre a cabeça, descendo pela barba,
a barba de Aarão;

descendo sobre a gola de suas vestes.

³É como o orvalho do Hermon, descendo sobre os montes de Sião.
Porque aí Javé manda a bênção e a vida para sempre. [1-3]

Salmo 134 (133) [SI 134]

Deus os abençoe!

1 Cântico das subidas.

E agora, bendigam a Javé, servos todos de Javé, que passam a noite na casa de Javé.

²Levantem as mãos para o santuário e bendigam a Javé!

³Que de Sião Javé abençoe você, ele que fez o céu e a terra.

Salmo 135 (134) [SI 135]

O Senhor da natureza e da história

- ¹ Aleluia!
Louvem o nome de Javé,
louvem, servos de Javé,
- ² vocês que servem na casa de Javé, nos átrios da casa do nosso Deus. [1-2]
- ³ Louvem a Javé, porque ele é bom.
Toquem ao seu nome, porque é agradável.
- ⁴ Pois ele escolheu Jacó para si, fez de Israel a sua propriedade. [3-4]
- ⁵ Sim, eu sei que Javé é grande, que o nosso Deus supera os deuses todos.
- ⁶ Javé faz tudo o que deseja no céu e na terra,
nos mares e oceanos.
- ⁷ Faz subir as nuvens do horizonte, desata a chuva com os relâmpagos, solta o vento de seus reservatórios. [5-7]
- ⁸ Ele feriu os primogênitos do Egito, desde os homens até os animais.
- ⁹ Enviou sinais e prodígios, no meio de você, ó Egito,
contra o Faraó e seus ministros.
- ¹⁰ Ele feriu povos numerosos e destruiu poderosos reis:
- ¹¹ Seon, rei dos amorreus, Og, rei de Basã, e todos os reis de Canaã.
- ¹² Deu a terra deles como herança, herança para o seu povo Israel.
- ¹³ Javé, teu nome é para sempre!
Javé, tua lembrança passa
de geração em geração.
- ¹⁴ Javé governa o seu povo e se compadece de seus servos. [8-14]
- ¹⁵ Os ídolos das nações são prata e ouro, obras de mãos humanas:
- ¹⁶ têm boca e não falam, têm olhos e não veem,
- ¹⁷ têm ouvidos e não ouvem, não há um sopro sequer em sua boca.
- ¹⁸ Aqueles que os fazem ficam como eles, todos aqueles que neles confiam!
[15-18]
- ¹⁹ Casa de Israel, bendiga a Javé!
Casa de Aarão, bendiga a Javé!

²⁰ Casa de Levi, bendiga a Javé!

Fiéis de Javé, bendigam a Javé!

²¹ Javé seja bendito em Sião, ele que habita em Jerusalém. [\[19-21\]](#)

Aleluia!

Salmo 136 (135) [SI 136]

O grande louvor

- ¹ Celebrem a Javé, porque ele é bom, porque o seu amor é para sempre!
- ² Celebrem o Deus dos deuses, porque o seu amor é para sempre!
- ³ Celebrem o Senhor dos senhores, porque o seu amor é para sempre! [1-3]
- ⁴ Só ele fez grandes maravilhas, porque o seu amor é para sempre!
- ⁵ Ele fez os céus com inteligência, porque o seu amor é para sempre!
- ⁶ Ele firmou a terra sobre as águas, porque o seu amor é para sempre!
- ⁷ Ele fez os grandes luminares, porque o seu amor é para sempre!
- ⁸ O sol para governar o dia,
porque o seu amor é para sempre!
- ⁹ A lua para governar a noite, porque o seu amor é para sempre! [4-9]
- ¹⁰ Ele feriu o Egito em seus primogênitos, porque o seu amor é para sempre!
- ¹¹ Ele tirou Israel do meio deles, porque o seu amor é para sempre!
- ¹² Com mão forte e braço estendido, porque o seu amor é para sempre!
- ¹³ Ele dividiu o mar Vermelho em duas partes, porque o seu amor é para sempre!
- ¹⁴ E por entre elas fez passar Israel, porque o seu amor é para sempre!
- ¹⁵ Mas nele arrojou o Faraó e seu exército, porque o seu amor é para sempre!
[10-15]
- ¹⁶ Ele guiou seu povo pelo deserto, porque o seu amor é para sempre!
- ¹⁷ Ele feriu reis famosos,
porque o seu amor é para sempre!
- ¹⁸ Ele matou reis poderosos,
porque o seu amor é para sempre!
- ¹⁹ Seon, rei dos amorreus,
porque o seu amor é para sempre!
- ²⁰ Og, rei de Basã,
porque o seu amor é para sempre!
- ²¹ Ele deu a terra deles como herança, porque o seu amor é para sempre!
- ²² Como herança ao seu servo Israel, porque o seu amor é para sempre! [16-22]

²³ Ele se lembrou de nós em nossa humilhação, porque o seu amor é para sempre!

²⁴ Ele nos livrou dos nossos opressores, porque o seu amor é para sempre! [23-24]

²⁵ Ele dá o pão a todo ser vivo, porque o seu amor é para sempre!

²⁶ Celebrem o Deus dos céus,
porque o seu amor é para sempre! [25-26]

Salmo 137 (136) [SI 137]

Fidelidade até no exílio

- ¹ Junto aos canais de Babilônia nos sentamos e choramos,
com saudades de Sião.
- ² Nos salgueiros de suas margens penduramos nossas harpas. [1-2]
- ³ Lá, os que nos exilaram pediam canções,
nossos raptos queriam diversão: “Cantem para nós um canto de Sião!”
- ⁴ Como cantar um canto de Javé em terra estrangeira?
- ⁵ Se eu me esquecer de você, Jerusalém, que seque a minha mão direita.
- ⁶ Que a minha língua se cole ao paladar, se eu não me lembrar de você, e se eu
não elevar Jerusalém ao topo da minha alegria! [3-6]
- ⁷ Javé, pede contas aos filhos de Edom no dia de Jerusalém,
quando diziam: “Arrasem a cidade!
Arrasem até os alicerces!” [7]
- ⁸ Ó devastadora capital de Babilônia, feliz quem lhe devolver
o mal que você fez para nós!
- ⁹ Feliz quem agarrar e esmagar seus nenês contra o rochedo! [8-9]

Salmo 138 (137) [Sl 138]

Deus olha o humilde

1De Davi.

Eu te agradeço, Javé, de todo o meu coração.

Na presença dos anjos eu canto para ti.

²Eu me prostro em direção ao teu santuário, e agradeço ao teu nome,
por teu amor e fidelidade,
pois a tua promessa supera a tua fama.

³Quando eu gritei, tu me ouviste, e aumentaste a força em minha alma. [1-3]

⁴Todos os reis da terra te agradeçam, Javé, pois eles ouvem as promessas de tua boca.

⁵Cantem os caminhos de Javé, porque a glória de Javé é grande!

⁶Javé é sublime, mas olha para o humilde, e conhece de longe o soberbo. [4-6]

⁷Quando eu caminho entre perigos, tu me conservas a vida.
Estendes o braço contra a ira do meu inimigo, e a tua direita me salva.

⁸Javé fará tudo por mim.

Javé, o teu amor é para sempre!

Não abandones a obra de tuas mãos! [7-8]

Salmo 139 (138) [SI 139]

É Deus que revela quem somos

1 Do mestre de canto. De Davi. Salmo.

Javé, tu me sondas e me conheces.

²Tu conheces o meu sentar e o meu levantar, de longe penetras o meu pensamento.

³Examinas o meu andar e o meu deitar, meus caminhos todos são familiares a ti.

⁴A palavra ainda não me chegou à língua, e tu, Javé, a conheces inteira.

⁵Tu me envolves por detrás e pela frente, e sobre mim colocas a tua mão.

⁶É um saber maravilhoso que me ultrapassa, é alto demais: não posso atingi-lo! [1-6]

⁷Para onde irei, longe do teu sopro?

Para onde fugirei, longe da tua presença?

⁸Se subo ao céu, tu aí estás.

Se me deito no abismo, aí te encontro.

⁹Se levanto voo para as margens da aurora, se emigro para os confins do mar,

¹⁰aí me alcançará tua esquerda, e tua direita me sustentará.

¹¹Se eu digo: “Ao menos as trevas me cubram, e a luz se transforme em noite ao meu redor”, ¹²mesmo as trevas não são trevas para ti, e a noite é clara como o dia. [7-12]

¹³Sim! Pois tu formaste meus rins, tu me teceste no seio materno.

¹⁴Eu te agradeço por tão grande prodígio, e me maravilho com as tuas maravilhas!

Conhecias até o fundo de minha alma,

¹⁵e meus ossos não te eram escondidos.

Quando eu era formado, em segredo,
tecido na terra mais profunda,

¹⁶teus olhos viam as minhas ações, e eram todas escritas no teu livro.

Os meus dias já estavam calculados,
antes mesmo que chegasse o primeiro.

¹⁷Mas a mim, como são difíceis os teus projetos!

Meu Deus, como é grande a soma deles!

¹⁸Se os conto... são mais numerosos que areia!

E, ao despertar, ainda estou contigo! [13-18]

¹⁹Ah! meu Deus, se matasses o injusto!

Se os assassinos se apartassem de mim!

²⁰Eles falam de ti com ironia, e em vão se rebelam contra ti!

²¹Não odiaria eu aqueles que te odeiam?

Não detestaria eu aqueles que se rebelam contra ti?

²²Eu os odeio com ódio implacável!

Eu os tenho por meus inimigos! [19-22]

²³Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração!

Prova-me e conhece os meus sentimentos!

²⁴Vê se não ando por um caminho fatal, e conduze-me pelo caminho eterno.

[23-24]

Salmo 140 (139) [SI 140]

Tu és o meu Deus!

1Do mestre de canto. Salmo. De Davi.

²Javé, salva-me do homem perverso, defende-me do homem violento.

³Eles planejam o mal em seu coração e a cada dia provocam brigas.

⁴Afiam a língua como serpentes, e sob seus lábios existe veneno de víbora.

⁵Javé, defende-me das mãos do injusto, guarda-me do homem violento.

Eles planejam tropeços para os meus passos.

⁶Os soberbos me preparam armadilhas, os perversos me estendem uma rede e me colocam ciladas no caminho. [2-6]

⁷Mas eu digo a Javé: “Tu és o meu Deus”.

Javé, ouve a minha voz suplicante!

⁸Senhor Javé, meu forte salvador, tu me cobres a cabeça no dia da batalha!

⁹Javé, não aproves os desejos dos injustos, não favoreças os planos deles!

Que os que me cercam não levantem a cabeça.

¹⁰Que a maldade de seus próprios lábios os recubra!

¹¹Chovam sobre eles brasas acesas.

Caiam em abismos e não consigam levantar-se!

¹²Que o caluniador não se afirme sobre a terra, e que o mal persiga o violento até a morte! [7-12]

¹³Eu sei que Javé faz justiça ao pobre e defende o direito dos indigentes.

¹⁴Os justos louvarão o teu nome, e os retos viverão na tua presença. [13-14]

Salmo 141 (140) [SI 141]

A tentação do justo

1 Salmo. De Davi.

Javé, eu te chamo, socorre-me depressa!

Ouve a minha voz quando eu clamo para ti!

²Suba a minha prece como incenso à tua presença, minhas mãos erguidas como oferta vespertina! [\[1-2\]](#)

³Javé, coloca em minha boca uma guarda, uma sentinela à porta dos meus lábios.

⁴Impede meu coração de se inclinar para o mal, de cometer crimes junto com os malfeitores.

Não vou participar de seus banquetes!

⁵Que o justo me bata, que o bom me corrija.

Que o óleo do injusto não me perfume a cabeça, pois eu iria me comprometer com suas maldades.

⁶Seus chefes caíram, despencando-se, embora ouvissem as minhas palavras amáveis.

⁷Como pedra de moinho, rebentada por terra, nossos ossos estão espalhados junto à boca do túmulo. [\[3-7\]](#)

⁸Para ti, Javé, eu elevo os meus olhos, eu me refugio em ti, não me deixes indefeso.

⁹Guarda-me das armadilhas que prepararam para mim,
e das ciladas dos malfeitores.

¹⁰Caíam os injustos em suas próprias redes, enquanto eu escapo, em liberdade! [\[8-10\]](#)

Salmo 142 (141) [SI 142]

A persistência do justo

1 Poema. De Davi. Quando estava na caverna. Prece.

²Gritando para Javé, eu imploro!

Gritando para Javé, eu suplico!

³Derramo à frente dele o meu lamento, diante dele exponho a minha angústia,
⁴enquanto o meu alento desfalece.

Tu, porém, conheces o meu caminho, e foi no caminho por onde eu ando que eles me prepararam uma armadilha.

⁵Olha para a direita e vê: ninguém mais me reconhece,
nenhum lugar de refúgio,
ninguém que olhe por mim! [2-5]

⁶Eu grito para ti, Javé, e digo: “Tu és o meu refúgio,
a minha parte na terra da vida”.

⁷Presta atenção ao meu clamor, pois já estou esgotado.
Livra-me dos meus perseguidores, pois são mais fortes do que eu!

⁸Faze-me sair da minha prisão, para que eu agradeça ao teu nome!
Os justos se ajuntarão ao meu redor, por causa do bem que tu me fizeste. [6-8]

Salmo 143 (142) [SI 143]
A honra de Deus em jogo

1Salmo. De Davi.

Javé, ouve a minha prece!

Tu és fiel, atende as minhas súplicas!

Tu és justo, responde-me!

²Não entres em julgamento contra o teu servo, pois, diante de ti, nenhum vivente é justo! [1-2]

³O inimigo me persegue, esmaga por terra a minha vida,
e me faz habitar nas trevas, como aqueles que estão mortos para sempre.

⁴Meu alento já vai desfalecendo, e dentro de mim meu coração se assusta. [3-4]

⁵Recordo os dias de outrora, medito em todas as tuas ações,
refletindo sobre a obra de tuas mãos.

⁶Para ti estendo os meus braços, a minha vida é terra sedenta de ti. [5-6]

⁷Javé, responde-me depressa, pois o meu alento se extingue!

Não me escondas a tua face:

eu ficaria como os que baixam à cova.

⁸Faze-me ouvir o teu amor pela manhã, pois é em ti que eu confio.

Indica-me o caminho a seguir, pois a ti elevo a minha alma. [7-8]

⁹Livra-me dos meus inimigos, Javé, pois eu me refugio junto a ti.

¹⁰Ensina-me a cumprir a tua vontade, pois tu és o meu Deus.

Que o teu bom espírito me conduza por uma terra aplainada.

¹¹Javé, por teu nome, conserva-me vivo, e por tua justiça tira-me da angústia.

¹²Por teu amor, aniquila os meus inimigos e destrói os meus adversários todos, porque eu sou o teu servo. [9-12]

Salmo 144 (143) [SI 144]

Autoridade justa

1 De Davi.

Seja bendito Javé, o meu rochedo, que adestra minhas mãos para a batalha e meus dedos para a guerra.

²Meu benfeitor, minha fortaleza, minha torre forte e meu libertador, meu escudo e meu refúgio,
que a mim submete os povos. [1-2]

³Javé, o que é o homem para que o conheças, o filho de um mortal, para que o leves em conta?

⁴O homem é como sopro, e seus dias como sombra que passa.

⁵Javé, inclina o teu céu e desce, toca os montes, e eles fumegarão.

⁶Fulmina o raio e dispersa-os, lança tuas flechas e afugenta-os!

⁷Do alto estende a tua mão, salva-me, livra-me das águas torrenciais, da mão dos estrangeiros.

⁸Sua boca fala mentiras, e sua direita jura falso. [3-8]

⁹Ó Deus, eu cantarei para ti um cântico novo, tocarei para ti a harpa de dez cordas.

¹⁰És tu que dás a vitória aos reis e salvas Davi, teu servo.
Defende-me da espada cruel,

¹¹livra-me da mão dos estrangeiros.

Sua boca fala mentiras,
e sua direita jura falso. [9-11]

¹²Sejam nossos filhos como plantas, crescidos desde a adolescência.

Nossas filhas sejam colunas talhadas, estruturas de um templo.

¹³Nossos celeiros estejam repletos de frutos de toda espécie.

Nossos rebanhos, aos milhares, se multipliquem em nossos campos, ¹⁴e nossos bois estejam carregados.

Não haja brecha nem fuga,
nem grito de alarme em nossas praças. [12-14]

¹⁵Feliz o povo onde isso acontece.

Feliz o povo cujo Deus é Javé! [15]

Salmo 145 (144) [SI 145]

Deus merece o louvor

1 Louvor. De Davi.

Eu te exalto, meu Deus, meu Rei, e bendigo o teu nome para sempre e eternamente.

² Vou te bendizer todos os dias e louvar o teu nome para sempre e eternamente. [1-2]

³ Grande é Javé! Ele merece todo o louvor.

É incalculável a sua grandeza.

⁴ Uma geração apregoa tuas obras para a outra, proclamando as tuas façanhas.

⁵ Tua fama é esplendor de glória: eu cantarei o relato das tuas maravilhas.

⁶ Falarão do poder dos teus terrores, e eu cantarei a tua grandeza.

⁷ Difundirão a lembrança da tua bondade imensa e aclamarão a tua justiça. [3-7]

⁸ Javé é piedade e compaixão, lento para a cólera e cheio de amor.

⁹ Javé é bom para todos, compassivo com todas as suas obras.

¹⁰ Que tuas obras todas te agradeçam, Javé, e teus fiéis te bendigam.

¹¹ Proclamem a glória do teu reino e falem das tuas façanhas,

¹² para anunciar tuas façanhas aos homens, e a majestade gloriosa do teu reino.

¹³ Teu reino é reino para os séculos todos, e teu governo para gerações e gerações. [8-13a]

Javé é fiel às suas palavras,
amoroso em todas as suas obras.

¹⁴ Javé ampara todos os que caem, e endireita todos os encurvados.

¹⁵ Em ti esperam os olhos de todos, e no tempo certo tu lhes dás o alimento.

¹⁶ Abres a mão, e sacias à vontade todo ser vivo.

¹⁷ Javé é justo em seus caminhos todos, e fiel em todas as suas obras.

¹⁸ Ele está perto de todos aqueles que o invocam, de todos os que o invocam sinceramente.

¹⁹ Ele realiza o desejo dos que o temem, ouve o grito deles e os salva.

²⁰ Javé guarda todos os que o amam, mas vai destruir todos os injustos. [\[13b-20\]](#)

²¹ Minha boca pronuncie o louvor de Javé, e todo ser vivo
bendiga seu nome santo,
para sempre e eternamente! [\[21\]](#)

Salmo 146 (145) [SI 146]

Deus é fiel aos oprimidos

¹ Aleluia!

Louve a Javé, ó minha alma!

² Vou louvar a Javé enquanto eu viver.

Vou tocar ao meu Deus enquanto existir! [1-2]

³ Não coloquem a segurança nos poderosos, num homem que não pode salvar!

⁴ Exalam o espírito e voltam ao pó, e no mesmo dia perecem seus planos! [3-4]

⁵ Feliz quem se apoia no Deus de Jacó, quem coloca sua esperança em Javé seu Deus.

⁶ Foi ele quem fez o céu e a terra, o mar e tudo o que nele existe. [5-6a]

Ele mantém sua fidelidade

para sempre,

⁷ fazendo justiça aos oprimidos, e dando pão aos famintos.

Javé liberta os prisioneiros.

⁸ Javé abre os olhos dos cegos.

Javé endireita os encurvados.

Javé ama os justos.

⁹ Javé protege os estrangeiros, sustenta o órfão e a viúva,
mas transtorna o caminho dos injustos.

¹⁰ Javé reina para sempre.

O teu Deus, ó Sião,

reina de geração em geração! [6b-10]

Aleluia!

Salmo 147 (146-147) [SI 147]

É bom louvar a Deus

¹ Aleluia!

Louvem a Javé, pois é bom cantar.

O nosso Deus merece harmonioso louvor. [1]

² Javé reconstrói Jerusalém, reúne os exilados de Israel.

³ Cura os corações despedaçados e cuida dos seus ferimentos. [2-3]

⁴ Ele conta o número das estrelas, e chama cada uma pelo nome.

⁵ Nosso Senhor é grande e poderoso, e a sua sabedoria é sem medida.

⁶ Javé sustenta os pobres e rebaixa os injustos até o chão.

⁷ Entoem o agradecimento a Javé, cantem ao nosso Deus com a harpa.

⁸ Ele cobre o céu com nuvens, preparando a chuva para a terra.

Faz brotar erva sobre os montes e plantas úteis ao homem.

⁹ Fornece alimento para o rebanho, e aos filhotes do corvo que grasnam.

¹⁰ Ele não se compraz com o vigor do cavalo, nem aprecia os músculos do homem.

¹¹ Javé aprecia aqueles que o temem, aqueles que esperam por seu amor. [4-11]

¹² Glorifique a Javé, Jerusalém, louve o seu Deus, ó Sião.

¹³ Ele reforçou as trancas de suas portas, abençoou os filhos de você em seu seio.

¹⁴ Colocou paz em suas fronteiras, saciou você com a flor do trigo. [12-14]

¹⁵ Ele envia suas ordens à terra, e sua palavra corre velozmente.

¹⁶ Faz cair a neve como lã, e espalha a geada como cinza.

¹⁷ Ele atira seu gelo em migalhas e congela as águas com o frio.

¹⁸ Ele envia sua palavra e as derrete, sopra seu vento e as águas correm.

¹⁹ Ele anuncia sua palavra a Jacó, seus estatutos e normas a Israel.

²⁰ Com nação nenhuma agiu desse modo, e nenhuma conheceu as normas dele. [15-20]

Aleluia!

Salmo 148 [Sl 148]

O louvor do povo de Deus

¹ Aleluia!

Louvem a Javé no céu,
louvem a Javé nas alturas.

² Louvem a Javé, todos os anjos, louvem a ele seus exércitos todos!

³ Louvem a Javé, sol e lua, louvem a ele, astros de luz!

⁴ Louvem a Javé, céus dos céus, e águas acima dos céus!

⁵ Louvem o nome de Javé, pois ele mandou e foram criados.

⁶ Fixou-os eternamente, para sempre, deu-lhes uma lei que jamais passará. [1-6]

⁷ Louvem a Javé na terra, monstros marinhos e abismos todos, ⁸ raio e granizo, neve e nevoeiro, e furacão cumpridor da sua palavra.

⁹ Montes e colinas todas, árvores frutíferas e cedros todos, ¹⁰ feras e animais domésticos, répteis e pássaros que voam. [7-10]

¹¹ Reis da terra e povos todos, príncipes e juízes da terra,

¹² jovens e também as donzelas, os velhos com as crianças! [11-12]

¹³ Louvem o nome de Javé: o único nome sublime!

A majestade dele está além da terra e do céu, ¹⁴ e ele reforça o vigor do seu povo!

Louvor de todos os seus fiéis,
dos filhos de Israel,
seu povo íntimo. [13-14]
Aleluia!

Salmo 149 [SI 149]

Celebração da grande vitória

¹ Aleluia!

Cantem para Javé um cântico novo!

Cantem seu louvor na assembleia dos fiéis!

² Alegre-se Israel com o seu Criador, os filhos de Sião festejem o seu Rei! [1-2]

³ Louvem o seu nome com danças, toquem para ele cítara e tambor!

⁴ Sim! Porque Javé ama o seu povo, e enfeita os pobres com vitória! [3-4]

⁵ Que os fiéis festejem a glória dele, e, em filas, cantem jubilosos.

⁶ Com exaltações para Deus na garganta, e nas mãos espadas de dois gumes,

⁷ para tomar vingança dos povos, e aplicar o castigo às nações,

⁸ para prender seus reis com algemas, e seus nobres com grilhões de ferro.

⁹ Cumprir neles a sentença prescrita é uma honra para todos os seus fiéis! [5-9]

Aleluia!

Salmo 150 [Sl 150]

Louvor sem fim

¹ Aleluia!

Louvem a Deus no seu templo,
louvem a ele no seu poderoso firmamento! [1]

² Louvem a Deus por suas façanhas,
louvem a ele por sua imensa grandeza! [2]

³ Louvem a Deus tocando trombetas,
louvem a ele com cítara e harpa!

⁴ Louvem a Deus com dança e tambor,
louvem a ele com cordas e flauta!

⁵ Louvem a Deus com címbalos sonoros,
louvem a ele com címbalos vibrantes!

⁶ Todo ser que respira louve a Javé! [3-6]
Aleluia!

NOTAS

[SI 1] Breve introdução-convite de estilo sapiencial para ler o livro dos salmos na perspectiva do Deus que toma posição no conflito social, aliando-se aos justos, fiéis ao seu projeto, e condenando os injustos.

[1-2] Os justos não aderem de maneira alguma à ordem social perversa, promovida pelos injustos. Ao contrário, eles vivem continuamente meditando no projeto de Javé, a fim de colocá-lo em prática. Esse é o caminho da felicidade.

[3-4] A adesão ao projeto de Javé faz com que os justos tenham plena vitalidade e eficácia para organizar uma nova ordem social. Ao contrário, os injustos e a injustiça não têm consistência.

[5-6] Sentença final: os injustos serão sempre declarados culpados diante de Deus, jamais poderão fazer parte da comunidade dos justos, e desaparecerão, porque Javé está comprometido com aqueles que realizam o seu projeto.

[SI 2] Entronização de um rei da dinastia de Davi. A cena mostra o ideal de autoridade política, cuja função é tornar presente a ação do próprio Deus: defender o povo contra os inimigos e construir uma sociedade fundada na justiça e no direito.

[1-3] Durante a cerimônia, os reis dependentes já estão planejando um motim. Para aqueles que sustentam um regime de injustiça e opressão, o governo justo é como grilhão e jugo.

[4-6] Comprometido com a justiça, Javé defende a autoridade política justa, colocando-se contra os adversários dela.

[7-9] Deus adota o líder político justo como seu próprio filho. A função desse líder é tornar visível a presença e ação do Deus invisível. Implantando a justiça e o direito, a autoridade política justa é amada pelo povo, e os justos gostariam que ela governasse o mundo inteiro.

[10-12] Advertência às outras autoridades: Saibam temer a Deus e seguir o exemplo daqueles que governam com justiça. Caso contrário, o destino delas é a ruína.

[SI 3] Oração individual de confiança: o justo se vê cercado e oprimido pelos mantenedores de uma ordem social injusta.

[2-3] A suprema petulância dos injustos é desafiar o justo, colocando dúvidas na

fé e na confiança, que o levam a resistir e a agir, buscando justiça: “Você pensa que Deus vai ajudar você? De jeito nenhum!”

[4-7] O justo, porém, renova a confiança e não desanima: sua vida é sustentada por Deus, que lhe dá coragem diante de todos os inimigos.

[8-9] Confiando que Deus salva e abençoa os que lhe são fiéis, o salmista pede que Deus entre em ação, tapando a boca dos injustos.

[SI 4] Oração individual de confiança, na qual o pobre adquire forças para enfrentar os inimigos, e encorajar assim seus próprios companheiros.

[2] As dificuldades já enfrentadas fazem experimentar que Deus é o *defensor* do pobre.

[3-4] A idolatria e os projetos ilusórios de uma sociedade injusta ferem a honra do pobre. Cuidado, porém: se o pobre clamar, Deus o libertará.

[5-6] Aos companheiros desanimados, o salmista aconselha a refletir pessoal e comunitariamente, para reencontrar a confiança em Javé.

[7-9] Em vez de invejar e cobiçar a abundância dos ricos, o pobre sabe que somente o projeto de Deus poderá trazer-lhe felicidade e dar-lhe segurança.

[SI 5] Súplica de um inocente injustamente acusado. No Templo, ele apresenta sua causa a Deus, confiando que Deus lhe fará justiça.

[2-4] Injustamente acusado e sem possibilidades de defesa, o salmista entrega publicamente a sua causa a Deus.

[5-8] Deus é justo, e o oprimido sabe que ele não aprova a injustiça, nem é conivente com ela. Sua inocência lhe garante que Deus não o rejeitará.

[9-11] O salmista denuncia a grande arma dos injustos: acusar e condenar os inocentes que lhes atrapalham os planos perversos. A verdadeira justiça consiste em declarar a culpa de uma estrutura criada pelos injustos.

[12-13] A comunidade se alegra, porque Deus liberta o inocente, abrindo um horizonte de esperança para os justos.

[SI 6] Súplica durante uma doença grave.

[2-4] A doença é vista como castigo mandado por Deus, por causa de algum pecado.

[5-6] A súplica visa à cura. Esta súplica, porém, supõe que Deus, no seu amor, se volte para dar a vida, libertando da morte.

[7-8] O salmista volta a insistir sobre o seu estado miserável.

[9-11] Supõem a cura. Malfeitores e inimigos são os injustos que duvidam da ação de Deus. Agora ficam envergonhados, pois a cura do doente é uma prova de que Javé ouve o clamor dos aflitos.

[SI 7] Súplica de uma pessoa injustamente acusada e perseguida. Não tendo a quem recorrer, ela se refugia no Templo, buscando justiça junto ao supremo tribunal, onde a sentença é dada pelo próprio Deus.

[2-3] O justo é perseguido porque atrapalha os que produzem e mantêm uma estrutura injusta de sociedade, na qual o povo é explorado e oprimido.

[4-6] Juramento de inocência, apresentado segundo a lei do talião (bem por bem, mal por mal).

[7-8] O perseguido convoca Deus a fazer justiça. E Deus parece dormir. Na realidade, ele espera ser invocado.

[9-10] Justiça significa libertar o oprimido e também dar fim ao sistema opressor montado pelos injustos. O coração e os rins são a intimidade mais profunda do homem: só Deus a conhece, e só ele pode fazer plena justiça.

[11-14] Deus não é neutro: ele toma o partido dos oprimidos, ameaçando os que não se convertem ao projeto dele.

[15-17] O sistema social injusto não se sustenta, porque se baseia na mentira e na violência, que geram sua própria destruição. A resistência do justo é uma permanente acusação que ameaça o sistema opressor.

[18] Confiante de que Deus fará justiça, o perseguido termina agradecendo.

[SI 8] Hino de louvor à grandeza de Deus, que colocou o homem como senhor da criação.

[2-3] O poder de Deus sobre a terra e o céu se comprova em suas ações históricas contra os adversários e inimigos do seu povo. O v. 3, provavelmente, faz alusão aos hinos de louvor cantados por crianças.

[4-10] Quem é o homem diante do Deus poderoso? Chamado a ser imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26-27), o homem é rei de toda a criação, espelhando a presença e ação do Criador.

[SI 9] Ação de graças individual, em tom de súplica. Dirige-se a Deus, que toma o partido dos pobres e fracos, tanto no âmbito nacional como internacional.

[2-3] As maravilhas de Deus são suas intervenções libertadoras, que respondem ao clamor dos pobres e oprimidos (cf. Ex 3,7-8; 15).

[4-7] Fazer justiça é defender a causa e o direito dos pobres e oprimidos. É na luta pela justiça que Deus triunfa sobre os injustos e sobre os projetos e construções corruptas que eles fazem.

[8-13] Deus julga e dirige a história conforme a justiça. Ele, porém, não se intromete; somente espera que os oprimidos o convoquem para dar eficácia à luta deles pela justiça.

[14-15] O povo pobre, às portas da morte, suplica que Deus lhe dê a vida. O sentido dessa ressurreição consiste em preservar e anunciar a ação que Deus realiza na história, através dos pobres.

[16-19] A persistência dos pobres na luta faz aparecer o Deus justo, que revela qual é o processo da injustiça: os injustos sofrerão as consequências de seus próprios projetos.

[20-21] Na raiz da injustiça está a autodivinização humana: usurpando o lugar de Deus, o homem cria a mentira fundamental, de onde nasce o espírito de desigualdade, que gera relações injustas de todo tipo.

[SI 10] Este salmo é continuação do anterior. Predomina agora o tom de súplica, onde se descreve a situação difícil dos pobres e a confiança deles na ação de Deus.

[1-2] Tema dominante: O conflito social, onde o povo pobre é perseguido e explorado pelos injustos.

[3-11] Descrição viva da pessoa e ação dos injustos. Ou não acreditam em Deus, ou pensam que Deus não age. O motor da vida deles é a *ambição*, e suas armas são *a fraude e a esperteza*. Graças a isso, eles conseguem sucesso, à custa da ingenuidade e fraqueza do povo.

[12-18] A reviravolta histórica e social começa quando os pobres tomam consciência de sua própria situação e convocam Deus para dar eficácia à luta deles. É através desse clamor dos pobres que Deus se liberta da prisão onde os injustos o pretendem confinar. Desse modo, Deus irrompe na história através do desejo expresso pelos pobres. E estes, fortificados, acabam derrotando a injustiça, “para que o homem terreno já não infunda terror”.

[SI 11] Oração de confiança, que sustenta o justo na sua luta, mesmo quando a injustiça parece triunfar.

[1-3] O que pode o justo fazer, quando os injustos triunfam, produzem uma sociedade totalmente corrompida e perseguem os inocentes? Desistir da luta?

Conformar-se? Fugir para algum lugar seguro?

[4-7] A única segurança para os justos é abrigar-se em Deus. Isso não significa cruzar os braços e ficar esperando. Ao contrário, é converter-se ao projeto de Javé, para se tornar instrumento histórico da ação dele, na certeza de que Deus realizará a justiça, alicerçando uma nova sociedade.

[SI 12] Súplica da comunidade que percebe estar vivendo em meio a uma sociedade totalmente corrompida.

[2-5] O estado das relações sociais é calamitoso: *a mentira* criada e sustentada pelos poderosos faz desaparecer a sinceridade e fidelidade entre as pessoas. Tudo isso é acobertado por uma inocência aparente, que esconde opressão.

[6-7] Contra a palavra dos injustos (v. 5), se opõe a palavra de Javé. Ele assume a causa dos oprimidos e necessitados, desde que estes o desejem, isto é, desde que tomem consciência da situação e se organizem para realizar o projeto de Deus.

[8-9] A esperança de uma nova sociedade nasce do conflito entre os fiéis a Javé e os injustos. Estes serão destruídos pela força da *verdade*.

[SI 13] Súplica de uma pessoa perseguida ou em perigo de morte.

[2-3] As perguntas insistentes mostram a impaciência de quem se encontra mergulhado no sofrimento. A impressão é de que Deus é indiferente.

[4-5] Se Deus não salvar o justo, o próprio nome de Deus ficará comprometido diante desse fracasso. E o injusto se alegrará, cantando vitória.

[6] A declaração de confiança mostra que a pessoa já foi atendida ou acredita que brevemente o será.

[SI 14] Acusação, em estilo profético, contra a corrupção da sociedade.

[1-3] Retrato realista de uma sociedade dominada pelos injustos. O ponto fundamental é a negação de Deus. Não se trata propriamente de não acreditar em Deus, mas de se comportar como se Deus não se preocupasse e não agisse na história.

[4-6] Usurpando o lugar de Deus, os injustos constroem uma estrutura social que explora e oprime o povo. Os vv. 5-6 anunciam o fim dessa dominação, “porque Deus está com os justos”.

[7] Este versículo provavelmente foi acrescentado mais tarde, para adaptar o salmo à situação do povo no exílio.

[SI 15] Diálogo litúrgico realizado na porta do Templo. O peregrino pergunta e um sacerdote responde sobre as condições necessárias para participar das celebrações.

[2-5] As condições para celebrar a relação com Deus dependem todas da justiça no relacionamento social: integridade e verdade no uso tanto da palavra quanto do dinheiro.

[SI 16] Oração de confiança, onde se renova a entrega total a Deus, tanto do indivíduo como da comunidade.

[1-4] A comunidade sabe, com muito realismo, que está vivendo num meio social cheio de deuses falsos e falsos senhores, que produzem escravidão e morte. É capaz, porém, de discernir e escolher o Deus verdadeiro, cujo projeto é liberdade e vida.

[5-8] Deus concede a herança da vida para aqueles que se comprometem com o projeto dele. O centro da vida é a própria presença misteriosa de Deus, que acompanha a comunidade e a instrui diretamente sobre o caminho a seguir e ação a realizar.

[9-11] Em aliança com Deus, a comunidade pode estar sempre alegre, porque Deus é fonte inesgotável de vida. Comprometida com o projeto dele, a comunidade pode ficar certa de que nunca será abandonada na morte.

[SI 17] Súplica de alguém acusado injustamente.

[1-2] Esta apelação é feita durante a noite no Templo, que funciona como tribunal superior. A sentença será dada ao amanhecer (v. 15).

[3-5] Juramento de inocência.

[6-9] Momento de súplica angustiante. A situação é crítica e os acusadores já estão cantando vitória (v. 9). O acusado não tem a quem ou a que recorrer para sua defesa; só poderá ser salvo pela maravilha do amor de Deus, isto é, por um milagre.

[10-12] Descrição dos acusadores: são insensíveis e parecem fera em busca de presa.

[13-14] Pedido para que Deus faça justiça, devolvendo a sentença de morte contra os acusadores. Com ironia, o acusado pede que Deus sacie os acusadores e descendentes com aquilo que eles merecem.

[15] Não sabemos o resultado do julgamento, mas o salmista termina confiando

que a sentença lhe será favorável.

[SI 18] Com poucas diferenças, este salmo é reproduzido em 2Sm 22. Trata-se de uma celebração para agradecer a proteção de Javé, através da qual o rei Davi pôde realizar sua função política.

[2-25] A função da autoridade política não é usurpar o lugar de Deus, usando o poder para seus próprios interesses e privilégios. É tornar historicamente presente e visível a ação de Deus, que liberta dos inimigos o seu povo, para fazê-lo viver segundo a justiça e o direito. Quando a autoridade política de fato procura ser mediadora na realização do projeto divino, ela pode invocar a Deus e estar certa de que ele responderá, dando eficácia a ela em seus empreendimentos.

[26-30] A autoridade é íntegra quando reflete a própria integridade de Deus; esta consiste em fazer justiça, salvando o povo pobre e rebaixando o opressor.

[31-35] Outra função da autoridade é eliminar a idolatria, para que o povo possa, de fato, reconhecer o Deus vivo e o projeto dele.

[36-43] Se a autoridade serve realmente a Deus e ao povo, ela se torna invencível: pode, ao mesmo tempo, contar com o apoio de Deus e com a credibilidade e apoio popular.

[44-51] Quando a autoridade realiza a justiça em nome de Deus, o povo vive na fraternidade e o rei justo se torna modelo de liderança para outros povos.

[SI 19] Hino de louvor, em estilo sapiencial, enaltecendo a glória de Deus, que criou a ordem da natureza e do mundo humano.

[2-7] A ordem e beleza do universo são como silencioso e contínuo louvor ao Criador. O homem humaniza a natureza, articulando esse louvor com suas próprias palavras.

[8-11] A harmonia do mundo humano é criada pela palavra de Deus. Esta, como lei ou instrução, ensina a humanidade a viver na fraternidade e na justiça.

[12-15] A harmonia criada por Deus pode ser perturbada ou destruída pelo orgulho, que gera todo tipo de erros e crimes. Essa harmonia da criação é convite para que o homem se converta e se torne íntegro.

[SI 20] Oração pelo rei, antes da batalha.

[2-6] O povo pede que Deus proteja a autoridade política na luta contra os inimigos que querem explorar e oprimir o povo. Este não teme o desejo e pedidos da autoridade justa, pois sabe que o principal beneficiado é ele próprio.

[7-10] A segurança de uma nação não está no aparato militar, mas na união do povo que se compromete com o projeto de Deus e se dispõe a lutar para conquistar e defender os próprios direitos.

[SI 21] Oração de agradecimento pela vitória do rei e pedido de novas vitórias.

[2-8] A força vem de Deus e, por isso, a vitória conquistada através da autoridade pertence em primeiro lugar a Deus. De um lado, isso impede que a autoridade se embriague com o poder e passe a usá-lo para seus interesses e caprichos. De outro, o povo tem certeza de que a autoridade que o governa não irá oprimir-lo.

[9-14] A vitória conquistada se transforma em desejo e pedido para que toda opressão seja extirpada da terra.

[SI 22] Súplica de um inocente perseguido.

[2-6] A experiência mais profunda do sofrimento é sentir-se abandonado pelo próprio Deus. A lembrança dos benefícios concedidos aos antepassados fundamenta a súplica e procura mover Deus a agir. Segundo Mateus, Jesus recitou o v. 2 na cruz (cf. Mt 27,46).

[7-12] Ao sofrimento e abandono soma-se a marginalização. E Javé, não vai socorrer o marginalizado? Será que ele vai abandonar aqueles que lhe pertencem?

[13-22] Os inimigos são descritos como animais ferozes. As imagens dos versículos 15 e 16 mostram o enfraquecimento e a consequente proximidade da morte, já esperada como certa pelos perseguidores. Em meio a esse estado deplorável, temos a súplica urgente dos vv. 20-22.

[23-32] Do extremo sofrimento, o perseguido passa à confiança total. Ele já foi salvo ou confia que o será. Por isso, convida a comunidade a participar do seu louvor e agradecimento, reconhecendo que Deus jamais abandona o pobre que clama. Desse testemunho nasce a esperança de todos os pobres, construtores de uma nova história, alicerçada na justiça.

[SI 23] Oração de confiança de uma pessoa perseguida que se refugiou no Templo. Os temas do pastor (vv. 1-4) e do anfitrião (vv. 5-6) recordam a marcha pelo deserto e o dom da terra.

[1-4] A segurança junto a Deus se expressa com a imagem da ovelha cuidada pelo pastor. Junto a Deus, a pessoa adquire forças para enfrentar as situações mais adversas.

[5-6] Asilado no Templo, o peregrino experimenta a hospitalidade de Deus, que o acolhe, ampara e defende dos inimigos. Essa atitude de Deus é modelo para todas as comunidades que se comprometem com o projeto dele.

[SI 24] Procissão que termina com diálogo litúrgico na porta de Jerusalém, para celebrar a conquista da cidade (cf. 2Sm 5,6-10). A presença de Javé é simbolizada pela Arca da aliança.

[1-2] Talvez um cântico durante a procissão.

[3-6] Pergunta e resposta sobre as condições para entrar na cidade de Javé. Cf. SI 15 e nota.

[7-10] Diálogo diante da porta da cidade, entre a procissão que chega e um grupo que fica no alto das muralhas, representando os jebuseus, antigos moradores da cidade.

[SI 25] Súplica em estilo de reflexão sapiencial.

[1-3] A menção de “inimigos” mostra que a situação tem causas ou consequências sociais.

[4-5] A situação é obscura. O salmista pede que Deus lhe abra perspectivas.

[6-7] Pede que seus erros involuntários não sejam empecilho para que Deus o trate com amor na situação angustiante em que se encontra.

[8-11] Não está claro qual seja a falta ou pecado. Em todo caso, é ocasião para uma tomada de consciência e conversão.

[12-15] O temor de Deus é a atitude própria de quem reconhece que Deus é Deus, e o homem não é Deus. Quando o homem reconhece que só Deus é o absoluto, passa a relativizar os projetos humanos e permanece aberto à contínua novidade do projeto de Deus.

[16-22] Descreve sua própria situação deplorável e clama por libertação.

[SI 26] Súplica de uma pessoa injustamente acusada, que recorre ao Templo e apela para a justiça de Deus.

[1-5] Juramento de inocência, em forma positiva e negativa.

[6-10] A separação entre justos e injustos não envolve uma separação física ou espacial. Trata-se, mais que tudo, de não misturar o projeto de Javé com o projeto da injustiça.

[11-12] O resgate do inocente perseguido é motivo de alegria para a comunidade.

[SI 27] Oração de confiança. Injustamente acusado, o salmista recorre ao tribunal do Templo, em busca de justiça.

[1-3] A confiança em Deus e no seu projeto faz o pobre e o oprimido criarem força e coragem para enfrentar as mais difíceis situações.

[4-6] O Templo é ao mesmo tempo a casa de Deus e a casa do seu povo. É o espaço sagrado que assegura justiça e paz. Espaço que hoje se encontra nas comunidades comprometidas com o projeto de Deus.

[7-14] Antes do julgamento pela manhã, o salmista experimenta a noite do terror. Sua sorte depende unicamente de Deus, pois todos o abandonaram. Apesar de tudo, ele mantém firme sua esperança, confirmada pela palavra do sacerdote (v. 14).

[SI 28] Súplica de um inocente injustamente acusado pelos inimigos.

[1-3] De pé, no pátio, a pessoa levanta as mãos em direção ao santuário e clama por justiça. A situação é crítica e envolve perigo de morte.

[4-5] A justiça de Deus consiste em fazer que a acusação caluniosa se volte contra os próprios acusadores.

[6-7] Já atendido por Deus, ou na certeza de que o será, o salmista antecipa o agradecimento.

[8-9] Provável acréscimo que aplica o salmo ao rei e ao povo.

[SI 29] Hino de louvor, cantando a glória e o poder do Criador, que se expressam na tempestade.

[1-2] Convite para a comunidade reunida louvar a glória e o poder de Deus.

[3-9] A impressão da tempestade produz uma experiência do mistério. Descreve-se uma chuva torrencial, que começa no norte da Palestina e vai até o deserto de Cades, no sul. As sete repetições de “voz” servem para imitar o estrondo do trovão, que simboliza a voz de Javé. A essa voz de Deus na natureza corresponde a voz do povo no Templo, aclamando a glória de Deus.

[10-11] A tempestade ou dilúvio é também símbolo da história turbulenta e conflitiva das nações que não conhecem a Javé. O povo de Deus tem plena confiança, pois sabe que o Senhor da natureza e da história é seu aliado, que lhe dá força e paz.

[SI 30] Oração de agradecimento pela libertação de um perigo de morte.

[2-4] Gravemente enferma, a pessoa experimenta o auxílio de Deus como

verdadeira libertação da morte.

[5-6] O agradecimento é feito em público, e a comunidade é convidada a participar. A alegria da cura relativiza a doença e faz experimentar o amor de Deus. A “memória sagrada” (v. 5) relembra a libertação do êxodo.

[7-13] O salmista conta para a comunidade a sua experiência. Certamente era uma pessoa de posição que, diante da doença, ficou completamente abalada e acabou descobrindo que o sentido da vida é louvar a Deus, proclamando e vivendo o seu projeto, que é liberdade e vida.

[SI 31] Súplica individual com elementos de ação de graças. O esforço para viver segundo a justiça faz a pessoa experimentar todo tipo de pressão, a fim de “viver como os outros”.

[2-5] Não encontrando saída, o salmista apela diretamente para Deus.

[6-9] Numa sociedade corrompida, Deus é o único apoio que o justo encontra para continuar na luta pela justiça. É Deus quem confirma a honra do justo, condenando os que colocam sua segurança em falsos absolutos. Segundo Lucas, as últimas palavras de Jesus são as do v. 6 (Lc 23,46).

[10-14] Descrição dramática das pressões que o justo sofre: perseguição, abandono, zombaria, boatos, perigos de vida. Tudo isso provoca solidão e pavor.

[15-19] A certeza do suplicante é que Deus toma o partido do justo contra os opressores.

[20-25] De súplica, o tom muda para agradecimento. Certamente o suplicante foi atendido. Agora, em meio à comunidade, agradece a libertação e transforma sua experiência pessoal em testemunho, que fortalece e encoraja a luta da comunidade.

[SI 32] Agradecimento pelo perdão recebido.

[1-2] Quando Deus cobre o pecado com o perdão, o homem se sente liberto.

[3-5] Quando, porém, o homem encobre seu próprio pecado, passa a experimentar como peso o sofrimento da culpa e até o próprio Deus.

[6-7] Perdoado, o salmista volta para a comunidade, que unida canta o perdão. A primeira instrução é que, após o pecado, se suplique a Javé sem perda de tempo.

[8-9] Instrução sapiencial, talvez feita por um sacerdote. Na experiência do perdão, o pecador descobre o caminho de Deus, que é o amor que liberta e faz viver. O importante é não ser teimoso como animal selvagem, que precisa ser domado.

[10-11] Lição e convite finais: ser injusto é ser insensato, porque a injustiça acarreta sofrimento, mas a conversão é fonte de alegria.

[SI 33] Hino de louvor ao Deus que cria o universo e intervém na história, conduzindo o seu povo para a vida.

[1-5] O motivo fundamental do louvor é a palavra e ação de Deus, que realizam a verdade, a justiça e o amor.

[6-9] A palavra de Deus é eficaz, criando e organizando o universo. O *exército de Deus* são as estrelas no céu.

[10-12] O projeto de Deus é liberdade e vida para todos. Projeto que se realizará, derrotando os projetos de escravidão e morte, feitos pelas nações.

[13-15] É tolice querer enganar ou manipular Deus. Ele discerne profundamente cada um e sabe através de quem vai realizar seu projeto.

[16-19] A realização do projeto de Deus não depende do poderio militar, mas da presença do próprio Deus, que age dentro da luta pela liberdade e vida.

[20-22] Quando o povo coloca sua esperança em Deus, este lhe responde com todo o seu amor.

[SI 34] Oração de agradecimento.

[2-4] O agradecimento é feito no meio da comunidade dos pobres.

[5-8] O salmista é um pobre que, em meio a uma situação difícil, fez a experiência da solidariedade de Deus e foi liberto.

[9-11] Convite para a comunidade dos pobres se comprometer com o projeto de Deus, de onde brotou a justiça. Esta inverte a forma da sociedade e o rumo da história.

[12-23] Grande catequese, centrada no *temor de Javé*. Trata-se de reconhecer que Deus é Deus, e que o homem não é Deus. Em seguida, é preciso empenhar a própria vida na luta pela verdade e justiça, para que todos possam viver dignamente. Essa é a luta que constrói a paz. Nessa luta Javé toma o partido dos justos, ouvindo o seu clamor, libertando-os e protegendo-os. Por outro lado, Javé se posiciona contra os injustos, que são destruídos pelo próprio mal que produzem.

[SI 35] Súplica de um inocente injustamente acusado.

[1-8] No pedido de justiça se incluem a salvação do inocente e a destruição dos verdadeiros culpados. Conforme a lei do talião, o falso acusador deve sofrer a

mesma pena que queria infligir ao inocente.

[9-10] Promessa de agradecimento (cf. também v. 18). O v. 10 mostra que a justiça de Deus consiste em libertar o fraco e o pobre dos opressores e exploradores.

[11-16] A acusação não veio dos costumeiros inimigos, de quem geralmente se pode esperar tudo. Pior ainda, veio dos amigos que traíram a confiança, pagando o bem com o mal.

[17-21] A principal arma do traidor é a calúnia, que levanta dúvidas e provoca descrédito, abalando assim as relações da vítima. A difamação é uma das principais armas que os injustos usam contra os justos. Quando o homem se ensoberbece, produz desonra para os outros.

[22-26] Deus é testemunha da injustiça, e seu julgamento consiste em manifestar a verdade e fazer justiça. O v. 26 mostra que a traição foi feita por interesse.

[27-28] A grandeza e a justiça de Deus é restaurar a honra do inocente contra os opressores que o difamam. Isso é motivo de alegria para os verdadeiros amigos, que se juntarão ao canto de louvor, proclamando a justiça de Deus.

[SI 36] Súplica individual, contrapondo o injusto ao próprio Deus.

[2-5] Análise sobre o modo de ser do injusto. O centro de sua vida é a auto-suficiência: ele não reconhece a Deus e tenta ocupar-lhe o lugar, criando uma imagem falsa de si próprio. Resultado: mentira e fraude, ou seja, a falsificação total da palavra e da ação.

[6-10] O Deus verdadeiro é a fonte da vida e da luz. O homem o experimenta como verdade, justiça e amor, em dimensões infinitas que não consegue compreender. Esse agir de Deus faz com que cada ser viva e descubra o seu próprio caminho.

[11-13] A história se realiza dentro do conflito entre o Deus verdadeiro e os injustos com seus falsos deuses. Os fiéis suplicam para que Deus não se afaste da história, a fim de que os injustos sejam derrotados.

[SI 37] Reflexão sapiencial sobre o destino dos justos e injustos: aqueles possuirão a terra, e estes serão excluídos dela.

[1-2] A prosperidade do injusto pode causar inveja e irritação no justo, que será tentado a ser como aquele.

[3-11] O sustentáculo do justo é a persistência no compromisso com Javé e com o seu projeto, que excluirá os injustos e fará que os pobres possuam a terra (cf.

Mt 5,5).

[12-20] O injusto persegue e oprime o justo. Deus toma o partido deste e faz que o mal se volte contra o próprio injusto.

[21-26] O injusto é governado pela ambição de possuir, explorando todo mundo. O justo, ao invés, é guiado pela solidariedade, repartindo tudo o que tem.

[27-29] O maior desafio é persistir na prática da justiça.

[30-38] O justo é capaz de viver a sabedoria e a justiça, porque sua consciência (coração) é formada segundo o projeto de Deus. Desse modo, os justos se tornam agentes de um processo social que se contrapõe à ideologia e política do injusto.

[39-40] Enquanto os injustos dominam, os justos vivem no aperto. A esperança de uma nova história, porém, nasce da perseverança dos justos, porque Deus é seu aliado.

[SI 38] Súplica e confissão durante uma doença grave, talvez lepra.

[2-13] Para os antigos, qualquer doença, principalmente a lepra, era castigo mandado por Deus por causa do pecado. O salmista se encontra em situação semelhante. Descreve seu sofrimento, o abandono em que se encontra e os ataques de inimigos, que certamente se aproveitam da situação para lhe descobrir as prováveis culpas.

[14-15] A pessoa se encontra totalmente prostrada e indefesa.

[16-23] Súplica confiante. O salmista confessa a própria culpa, mas declara que não é culpado daquilo que os inimigos acusam nele, nem merece o tratamento que está recebendo.

[SI 39] Súplica do justo desanimado diante das dificuldades e brevidade da vida.

[2-4] O justo procura aguentar calado até onde pode. A razão principal é que o injusto, ao ouvi-lo reclamando, certamente dirá: “Não lhe disse que é bobagem ser justo?”

[5-7] Por fim, vem o desabafo: “Que sentido tem uma vida tão curta? O homem é máscara vazia, e passageiro como a sombra! Faz tudo por nada, e não tira nenhum proveito”.

[8-12] Ato de confiança total, que inclui um desafio ao próprio Deus: o justo se comprometeu de corpo e alma com o projeto de Deus. Agora, é Deus quem deve responder pela honra e sentido da vida do justo.

[13-14] A súplica final é um pedido para que Deus abrande suas exigências. O justo é hóspede e inquilino de Deus, e o hospedeiro deve tratar bem aqueles que recebeu em casa.

[SI 40] Oração de agradecimento, incluindo a súplica numa situação que acarreta perigo de vida.

[2-4] Libertando o salmista de um perigo de morte, a ação de Deus torna-se motivo de confiança para a comunidade que participa do agradecimento.

[5-6] Pequeno hino de louvor, celebrando as intervenções libertadoras de Deus. Feliz o justo que na dificuldade não confia em seu projeto pessoal, mas busca libertação no projeto de Deus.

[7-9] Por ocasião do agradecimento, costumava-se oferecer um sacrifício. Deus, porém, não quer sacrifício, e sim que o homem realize a vontade dele. Para isso, é preciso assimilar o projeto de Deus (“lei”).

[10-11] Não basta assimilar. É preciso também anunciar a justiça de Deus, através da palavra e ação.

[12-13] A vivência e testemunho se transformam em súplica a Deus para que continue agindo em outras situações.

[14-16] Talvez seja o conteúdo da súplica que gerou a libertação e o agradecimento. A situação é claramente de conflito social.

[17-18] O salmista pertence à comunidade dos pobres, cuja única defesa consiste em se organizar ao redor de Deus e de seu projeto.

[SI 41] Oração de agradecimento pela libertação de uma enfermidade grave.

[2-4] Deus protege aquele que cuida do fraco e do indigente. Os pobres são o sacramento da presença de Deus (cf. Mt 25,31-46).

[5-10] Relembra a súplica feita durante a doença. Vista como consequência do pecado, ela provoca duros comentários de inimigos e até de amigos.

[11-13] O amor de Deus restaura a honra do doente e lhe possibilita responder aos que o criticaram.

[14] Pequeno louvor, encerrando o primeiro dos cinco livros que compõem o Saltério (1-41; 42-72; 73-89; 90-106; 107-150).

[SI 42 e 43] Súplica, provavelmente de um sacerdote injustamente julgado, condenado e exilado. O refrão nos dois salmos mostra que se trata de um único salmo.

[42,2-5] Apresenta a imagem do animal selvagem e sedento, traduzindo o sentimento do exilado. À pergunta dos estrangeiros, ele se lembra do *passado*: a presença especial de Deus em Jerusalém.

[SI 42,7-11] Em terra estrangeira, o exilado vive o drama interior do *presente*. Os estrangeiros continuam a desafiá-lo: “Onde está o seu Deus?” Além disso, o monte Hermon, com suas cascatas, símbolo da bênção do deus Baal, torna-se contínuo tormento, que lembra ainda mais a pátria distante.

[SI 43,1-4] O *futuro* se abre na esperança. A luz e a verdade conduzirão o exilado para Jerusalém, onde o próprio Deus o julgará com justiça.

[SI 42,6.12; 43,5] Diálogo interior, onde o “eu profundo” procura encorajar e trazer esperança para o “eu superficial”.

[SI 44] Súplica coletiva em tempo de dificuldade nacional.

[2-9] Em tempos difíceis, o povo olha para trás e retoma a consciência de sua própria história de lutas e conquistas, chefiada pelo próprio Javé, que por amor libertava o povo diante dos opressores.

[10-17] Agora, porém, as coisas mudaram: Deus parece ter abandonado o seu povo, ao torná-lo presa fácil do opressor ganancioso.

[18-23] Apesar de tudo isso, o povo não se esqueceu de Deus, nem lhe traiu o projeto, para servir ao projeto dos deuses falsos. Resta então a pergunta: Por que tudo isso está acontecendo? Por que o povo de Deus é perseguido dentro da história?

[24-27] A espera na dificuldade parece não ter fim. Será que Deus está dormindo? A súplica conscientiza o povo e procura despertar Deus para agir outra vez, “por teu amor”.

[SI 45] Elogio dedicado ao rei, por ocasião do casamento.

[2] Dedicatória.

[3-10a] A função do rei é lutar pela verdade e justiça, defendendo o povo, principalmente em conflitos internacionais.

[10b-18] Após explicar o novo estilo de vida da noiva, o salmo descreve sua entrada até o rei, para a cerimônia do casamento.

[SI 46] Hino a Jerusalém, provavelmente depois que o exército de Senaquerib se retirou no ano 701 a.C. (cf. 2Rs 18,13-19,37).

[2-4] Javé, o Deus Criador e Senhor da história, está em aliança com o seu povo, protegendo-o contra as forças do caos, que são as nações inimigas. O refrão (cf. vv. 8 e 12) exalta Javé como guerreiro que chefia as lutas do seu povo.

[5-7] O cerco da cidade compreendia o corte do fornecimento de água. Ao romper da manhã, o exército de Senaquerib bate em retirada, provavelmente atingido por uma peste. Sua derrota é vista como vitória de Javé (2Rs 19,35-37).

[9-11] Pela manhã, o povo destrói o acampamento assírio e incendeia todos os despojos. O v. 11 talvez seja uma comemoração festiva do acontecimento: Deus vence, não apenas o inimigo, mas também a guerra toda.

[SI 47] Hino de louvor à realeza de Javé.

[2-5] Javé, Rei do universo e das nações, exerce o seu reinado através daqueles que realizam na terra o projeto dele.

[6-10] Inicialmente reconhecido por um povo, Deus se tornará o soberano de todas as nações, realizando a justiça que todos esperam.

[SI 48] Hino a Jerusalém, capital de Israel e moradia de Deus.

[2-4] Senhor do universo e da história, Deus mora em Jerusalém (Sião), tornando-a lugar privilegiado para o povo encontrar-se com seu Deus.

[5-8] Jerusalém sempre foi alvo da ganância estrangeira, como aconteceu na coalizão contra o rei Acáz, no ano 735 a.C. (cf. 2Rs 16).

[9-12] Toda a importância de Jerusalém está no seu Templo, moradia de Deus, de onde ele governa a terra com justiça.

[13-15] Convite para que os peregrinos conheçam Jerusalém e voltem para suas cidades animados a perpetuar a grande tradição: o Deus vivo está aliado ao povo.

[SI 49] Meditação de estilo sapiencial sobre a morte. Esta acaba com as pretensões dos ricos e opressores.

[2-5] Convite para ouvir uma lição importante.

[6-10] Os ricos e opressores, com todo o seu poder, não têm possibilidade de assegurar uma vida perpétua. Acostumados a manipular a liberdade e a vida do povo, eles esquecem que a vida é dom, e não mercadoria.

[11-15] Satisfeitos em sua riqueza, sabedoria, prestígio e poder, os auto-suficientes julgam depender somente de si próprios e poder comprar tudo, sem necessitar dos outros, nem mesmo de Deus. Puro engano: com todo o seu esforço, eles conseguem apenas fabricar a morte para si e para outros,

desfigurando assim completamente a vida humana.

[16-20] Enquanto o rico não é capaz de resgatar a própria vida, Deus resgata gratuitamente os pobres da escravidão e da morte, para lhes dar liberdade e vida. A expressão “tomar consigo” (v. 16) é misteriosa e lembra o êxodo, onde Deus tomou consigo o povo oprimido, para conduzi-lo à terra da vida. A expressão sugere também uma vida interminável, que se prolonga para além da morte, na comunhão com Deus.

[21] Para esta reflexão sapiencial, a vida não é mera questão de bem ou mal, e sim de bom senso ou insensatez. O rico não é propriamente mau; é um idiota. Do pobre vêm a sabedoria e o bom senso (cf. Mt 11,25).

[SI 50] Oração em estilo profético, apresentando a primeira parte de uma liturgia penitencial. A continuação está no salmo 51.

[1-6] Deus convoca o seu povo para um debate judicial. Ele não se apresenta como juiz, mas como parceiro na Aliança. Não quer ser cúmplice das injustiças cometidas por seu povo. Testemunhas do debate são o céu e a terra, isto é, a realidade toda, que também comprova a Aliança de Deus com o povo.

[7-15] Acusação negativa: Deus não tem nada a criticar sobre o culto realizado por seu povo. Contudo, não pense este que poderá controlar Deus através do culto. Na verdade, o culto não é para Deus, mas para o homem se lembrar de Deus. Os vv. 14-15 são pequeno acréscimo para esclarecer o que Deus espera: que o povo confesse o próprio erro, a fim de absolver Deus como parceiro inocente. A partir daí, o povo poderá clamar a Deus para que o liberte. Essa é a glória de Deus.

[16-21] Acusação positiva, tomando como norma o Decálogo. De que adianta conhecer a vontade de Deus, se ela não é posta em prática? Pior que tudo é alguém julgar-se capaz de calar a Deus, tornando-o cúmplice dos erros humanos. Isso, na realidade, seria reduzir Deus ao tamanho da hipocrisia humana. Ele, porém, não se cala. O v. 16a interrompe a fala de Deus; é portanto um acréscimo.

[22-23] Com Deus não se brinca! Quem se esquece dele, corre o risco de ser por ele destruído. O v. 23 repete o v. 14, acrescentando o seguinte: mesmo quando acusa, Deus está concedendo uma graça. Na conversão, o pecador redescobre a si mesmo, a vida, e a Deus.

[SI 51] Súplica penitencial, com reconhecimento do pecado e com pedido de perdão. É a segunda parte da cerimônia iniciada com o SI 50: frente à acusação

feita por Deus, só resta ao homem confessar o próprio pecado.

[3-11] Retrato do pecador. Obcecado pela culpa, o pecador descobre que o pecado é sempre, e em primeiro lugar, uma ofensa contra Deus, o parceiro da Aliança. Assim, confessar o pecado significa, ao mesmo tempo, absolver Deus como inocente, libertando-o de qualquer cumplicidade. Reconhecendo a solidariedade dele, o pecador começa a ressuscitar, pedindo perdão: “purifica-me”, “lava-me”, “devolve-me a alegria”.

[12-15] No arrependimento começa o reino da graça. O perdão é nova criação, que dá ao homem um espírito firme, santo e generoso. Resultado disso é a missão: o pecador perdoado torna-se missionário que ensina aos outros o caminho da volta para Deus.

[16-19] Castigo do pecado é a morte (sangue). Alusão talvez a um crime que merecia a pena capital. Perdoado, o homem pode louvar a Deus, reconhecendo-lhe a misericórdia (cf. Salmos 32 e 103). Os vv. 18-19 retomam o tema do salmo 50,14.23: Deus quer o sacrifício da confissão, para que o homem se liberte do pecado, e o próprio Deus fique isento de qualquer cumplicidade.

[20-21] Claro acréscimo feito depois do exílio. No espírito do salmo, os exilados primeiro deverão converter-se, confessando a própria infidelidade ao projeto de Deus. Depois, Deus aceitará novamente as cerimônias cultuais.

[SI 52] Oração em estilo profético, contra os injustos que dominam o povo com palavras falsas (cf. salmo 12).

[3-6] Descrição viva do injusto: ele é inimigo mortal do justo, contra quem o tempo todo maquina armadilhas. A arma favorita é a difamação, que produz fraude e mentira.

[7] Profecia de castigo. O injusto será expulso da terra do povo de Deus.

[8-9] A derrota do injusto é motivo de triunfo e alegria para os justos antes oprimidos. Causa dessa derrota é a auto-suficiência, que acumula poder e riqueza para a própria destruição.

[10-11] Em contraste com o injusto, que é arrancado do seu solo, o justo se desenvolve como árvore. Bondade de Deus, em primeiro lugar, é a justiça que liberta o oprimido.

[SI 53] Trata-se de outra edição do salmo 14 (cf. notas). A única diferença está no v. 6: o agressor é certamente um inimigo estrangeiro.

[SI 54] Súplica do justo em meio à opressão causada pelos injustos.

[3-5] Apela para o Deus libertador, cujo nome foi revelado no Horeb por ocasião da libertação (Ex 3,14). O motivo é a pressão social causada pelos injustos soberbos e violentos, que usurpam o lugar de Deus para oprimir e explorar o povo.

[6-7] Deus se alia ao pobre e ao oprimido, para libertá-los dos poderosos que os exploram e oprimem. O pobre confia nessa *fidelidade* de Deus e suplica por justiça: que Deus volte contra o injusto o mal que este fabrica para os outros.

[8-9] A maior alegria dos justos é experimentar a bondade de Deus e contemplar a derrota dos opressores.

[SI 55] Súplica do justo, acusado e perseguido pelos mantenedores de uma sociedade corrupta.

[2-10] O apelo a Deus nasce das dificuldades externas que têm repercussões internas: por fora, perseguição, calúnia e acusação; por dentro, medo, angústia e ansiedade. O salmista pensa até em fugir: é preferível viver no deserto.

[11-15] Descreve com vigor a corrupção da cidade, dominada pela violência e discórdia, crime e injustiça, opressão e fraude. Em lugar da verdade, comunhão e partilha, reina a mentira, divisão e exploração. E o pior é que até as relações mais íntimas se deterioram: o amigo se transforma em adversário traidor.

[16-24] Em vez de fugir, o salmista parte para a súplica: que Deus faça justiça, castigando os injustos, para resgatar a honra e a vida do inocente. Característica fundamental do injusto é *não temer a Deus*, ou seja, ele tenta usurpar o lugar de Deus, falsificando a si mesmo e tornando-se um falso deus, promotor da escravidão e da morte. O v. 23 interrompe a sequência. Talvez seja uma palavra de encorajamento do sacerdote ao suplicante: o justo confia sua causa ao Deus que faz justiça, pois “ele jamais permitirá que o justo tropece”.

[SI 56] Súplica durante a perseguição.

[2-4] Descrição rápida da situação.

[5] A solidariedade de Deus com o oprimido faz que o opressor esteja em primeiro lugar contra o próprio Deus. Este refrão se repete nos vv. 11-12.

[6-7] Nova descrição dos inimigos: suas tramas escondidas são piores que o ataque aberto.

[8-10] A vida do oprimido e marginalizado parece triste e sem sentido. Deus, porém, está com ele, dando sentido ao sofrimento de sua vida errante. A própria lágrima é o clamor do oprimido, que move Deus a fazer justiça, derrubando o

opressor.

[13-14] Ao suplicar, a pessoa fazia também uma promessa de agradecimento. A libertação ensina o homem a viver comprometido com o projeto de Deus.

[SI 57] Súplica e agradecimento de um refugiado no Templo.

[2-5] Acusado injustamente, o salmista se refugia no Templo, que é a casa de Deus e de todos aqueles que se encontram em dificuldades. A esperança é que Deus manifeste seu amor e fidelidade, fazendo justiça.

[6] O refrão, repetido no v. 12, pede que Deus manifeste sua glória, iluminando a terra com sua justiça.

[7-11] A ruína dos inimigos, pegos em suas próprias armadilhas, é prova de que eram eles os culpados. Os vv. 9-11 trazem uma oração de agradecimento, a ser cantada pela manhã. Tema: o amor e fidelidade de Javé, que serão proclamados para o mundo inteiro. Assim o Deus verdadeiro, pouco a pouco, vai sendo reconhecido por todos.

[SI 58] Violenta súplica pedindo justiça.

[2-3] Os poderosos, aqui, são os juízes. Eles participam da função divina de administrar a justiça, defendendo os fracos e os pobres contra os poderosos e exploradores. É para isso que usam o poder? Não! Pervertem completamente suas funções, maquinando a injustiça e manipulando o direito, para favorecer os injustos.

[4-6] Os injustos formam uma classe organizada e especialista na fraude. São piores que serpentes, porque elas podem ser controladas, enquanto eles são indomáveis: tapam os ouvidos, fechando-se completamente a qualquer possibilidade de mudança. Com eles, nem mesmo Deus pode fazer nada.

[7-10] Diante da obstinação dos injustos, a súplica assume tom apaixonado e, com seis imagens acumuladas, pede-se que Deus manifeste sua justiça, fazendo os injustos desaparecer.

[11-12] A derrota dos injustos é motivo de alegria para todos os que têm fome e sede de justiça. Não se trata de nenhum prazer na vingança, mas de alegria legítima pelo triunfo da justiça. É na realização da justiça que os homens podem reconhecer a presença e ação do Deus vivo. Se ele não realiza a justiça, não merece crédito de ninguém.

[SI 59] Súplica de um homem injustamente acusado.

[5b-6] Convoca o Deus do povo a combater contra os inimigos deste.

[7] O refrão, repetido no v. 15, caracteriza os injustos pela sua insaciável e selvagem voracidade.

[8-9] O injusto é um ateu prático: pensa que Deus não vê a injustiça e nem ouve os clamores que ela provoca.

[10-14] Ato de confiança unido à súplica pela justiça. Para ser justo, o amor de Deus responde de dupla forma: salva o inocente e castiga o verdadeiro culpado. É nisso que se testemunha o governo de Deus.

[2-5a.16] Por que os poderosos perseguem e acusam o inocente? É que a simples presença do justo incomoda os projetos perversos daqueles que exploram e oprimem o povo.

[17-18] Promessa de ação de graças, que se realizará pela manhã.

[SI 60] Súplica do povo em tempo de derrota.

[3-7] Derrotado na guerra, o povo acha que Deus, seu aliado, o rejeitou, inclusive provocando o abalo do país, que é a terra prometida. A súplica visa a motivar Deus para restaurar a sorte do seu povo: ele não poderá negar resposta a seus fiéis e amados.

[8-10] À súplica, responde um antigo oráculo: a terra prometida pertence a Deus, que é imaginado como alguém deitado em toda a sua extensão. Moab, Edom e Filisteia eram reinos vassalos no tempo de Davi.

[11-14] Volta o tema da súplica em forma de diálogo entre alguém (vv. 11-12) e a comunidade (vv. 13-14). Quando o povo se organiza para lutar pela liberdade, Deus o lidera, fazendo-o derrotar os opressores.

[SI 61] Súplica de um levita exilado, com pedido em favor do rei.

[2-4] Provavelmente deportado na Babilônia em 597 a.C., um levita anseia voltar para Jerusalém, onde ainda não foi destruído o Templo (rocha, refúgio e torre forte). Ecoa aqui o desejo de todo exilado ou emigrante: retornar à sua terra, junto aos seus.

[5-6] O Templo é a tenda de Deus no meio do seu povo, que tem herança ou parte na terra prometida.

[7-9] Conclui com súplica pelo rei, talvez Sedecias.

[SI 62] Oração individual de confiança.

[2-3] Repetido com pequenas diferenças nos vv. 6-7, o refrão traz a profissão de

confiança: só Deus pode merecer confiança absoluta, ele que apoia, protege e salva.

[4-5] Conta a dificuldade que passou. Trata-se de um líder que em situação difícil não encontrou apoio, e por cima sofreu pressão: todos ficaram contra ele, fazendo de tudo para arruiná-lo.

[8-11] Lição para a comunidade: são falsas as seguranças oferecidas por uma sociedade fundada na opressão, no roubo e na posição social. É Deus quem zela pela boa fama do justo.

[12-13] O homem pode confiar em Deus, porque este é *poder e amor*. Poder sem amor não inspira confiança. Amor sem poder não é eficaz para realizar a justiça dentro de uma sociedade cheia de conflitos.

[SI 63] Súplica de um levita exilado.

[2-3] Longe do Templo, onde se manifesta a presença do Deus da Aliança, o levita se sente privado do seu elemento vital.

[4-6] Na esperança de voltar um dia a participar do louvor e banquetes rituais, o salmista reconhece que o amor de Deus vale mais do que a vida. Esta só tem sentido quando movida por esse amor.

[7-9] Lembrança de Deus, no silêncio da noite. Mesmo longe do Templo e da terra prometida, o exilado sente a presença de Deus que lhe sustenta o ânimo. Trata-se de uma presença muito especial: a ausência sentida.

[10-12] Os inimigos são os deportadores. A menção do rei, talvez Sedecias, faz pensar que o salmista teria sido deportado em 597 a.C. (cf. notas do SI 61).

[SI 64] Súplica em situação de opressão política.

[2-7] A súplica do salmista nasce da tomada de consciência: ele vive numa sociedade totalmente corrompida pelos interesses ambiciosos de um grupo injusto que a domina. Esse grupo vive em conspirações e conchavos para aplicar um projeto injusto, através de palavras enganadoras e ações que exploram e oprimem o povo inocente.

[8-11] O salmista confia que Deus não vai ficar calado e passivo: ele vai realizar a justiça, fazendo o mal voltar-se contra o opressor. Quando isso acontece, as pessoas reconhecem a Deus, e os justos e inocentes se alegram e se felicitam.

[SI 65] Oração coletiva de agradecimento, na qual se reconhece o que Deus significa para o povo. A ocasião desse agradecimento é a festa da Colheita, logo

após o dia do Perdão (v. 4).

[2-3a] Deus *ouve a súplica* e responde às necessidades.

[3b-4] Deus *perdoa os pecados*, libertando novamente para a vida.

[5] Deus *reúne seu povo* em sua casa e *lhe ensina a repartir* os dons que ele próprio concedeu.

[6] Deus *é a esperança de todos*, porque realiza a justiça, assumindo a causa dos pobres e oprimidos.

[7] Deus *é o criador do mundo*, que ele sustenta e dirige para a vida.

[8-9] Deus *é o Senhor da história*, impedindo que os poderosos abafem a luta dos fracos pela vida.

[10-14] Deus *é o Senhor da natureza*: ele providencia para que o ciclo da natureza se realize e o homem possa viver do fruto do seu trabalho.

[SI 66] Oração coletiva de agradecimento.

[1-7] Ao convite para agradecer (vv. 1-4), seguem-se os motivos: a travessia do mar Vermelho, marcando a libertação do Egito, e a travessia do rio Jordão, marcando a conquista da terra. Dois fatos testemunhando que o Deus vivo governa a história, dirigindo-a no sentido da libertação e da partilha.

[8-12] Novo convite para agradecer, agora dirigido a todos os povos. O motivo é o seguinte: Deus se aliou a um povo, tornando-o testemunha da sua justiça. Foi um longo e difícil tempo de aprendizado, com muitas provações, até que o povo entendesse que sem justiça não existe liberdade nem vida.

[13-15] Alguém aproveita para fazer seu agradecimento particular.

[16-20] Outra pessoa segue o exemplo e conta o seu caso. E assim a comunidade aprende a partilhar e a reconhecer que Deus é a fonte da libertação e da vida.

[SI 67] Oração de agradecimento por ocasião da festa da Colheita.

[2-8] Colheita abundante é sinal da bênção de Deus, Senhor da vida, para o seu povo aliado. O fato se torna anúncio para todas as nações reconhecerem que o Deus verdadeiro é também o Senhor da história. Ele governa as nações para que a justiça aconteça não só dentro de um povo, mas também nas relações entre os povos. É através da justiça que todos poderão usufruir da colheita e, portanto, da bênção de Deus.

[SI 68] Oração de agradecimento coletivo, talvez cantado numa procissão que recorda passos da história de Israel.

[2-4] A intervenção de Deus na história provoca uma divisão fundamental, porque Deus toma partido: ele se alia aos justos para derrotar os injustos.

[5-7] Deus caminha à frente do seu povo, formado pelos marginalizados da sociedade e da história: órfãos, viúvas, marginalizados e cativos.

[8-11] Como líder e pastor do seu povo, Javé vai à frente em todas as lutas, abalando a realidade inteira (terra e céu). Para quê? Para dar uma terra fértil aos pobres, que viviam numa terra esgotada pela exploração e opressão.

[12-15] A história do povo é feita de muitas lutas para vencer os poderosos e seus grandes exércitos. Graças a isso, o povo pode recuperar e repartir as riquezas que, por direito, lhe pertencem (despojos, ouro e prata).

[16-19] A procissão chega ao Templo no monte Sião. É o momento de uma grande transformação histórica: com a monarquia de Davi e Salomão, Israel torna-se império, correndo o perigo de se tornar um novo opressor.

[20-24] A certeza de que Deus habita em seu meio traz ao povo a confiança permanente de que Deus o ajudará a levar todas as cargas. Ele o libertará da morte produzida pelos inimigos estrangeiros e pelos injustos que pervertem as relações sociais.

[25-28] Nova descrição, mais detalhada, da procissão que se dirige para o Templo.

[29-32] Súplica para que Deus manifeste seu governo poderoso, realizando a justiça. Todas as nações trarão seus tributos, porque o Deus justo saberá repartir a riqueza entre todos.

[33-36] Convite a que todos os reis reconheçam que Deus é o rei soberano. A história do seu povo e todo o universo são testemunhas de que esse Deus vivo reparte sua força e poder com o seu povo.

[SI 69] Súplica de um inocente injustamente acusado.

[2-4] Não tendo mais a quem recorrer, a pessoa suplica a Deus, que é o refúgio dos necessitados.

[5] O salmista provavelmente foi acusado de roubo.

[6-7] A pessoa acusada resiste até o fim, esperando que Deus a declare inocente, talvez no tribunal do Templo. Se Deus não fizer justiça, outros poderão desanimar e perder a confiança em Deus.

[8-13] É por causa de sua fidelidade a Javé e ao projeto dele que a pessoa acaba se tornando alvo de ataques e intrigas. Quem quer sempre encontra motivos para

criticar. O v. 10 é citado em Jo 2,17.

[14-22] Nada podendo fazer, e não tendo ninguém que o defenda, o salmista recorre a Deus numa espécie de desafio: que ele dê provas de seu amor e fidelidade. Do v. 22 há alusão em Mt 27,34.48.

[23-29] Este pedido de justiça implica em condenar os verdadeiros culpados, que muitas vezes se disfarçam atrás de acusações e condenações contra os justos.

[30-35] Promessa de ação de graças. Quando o pobre e o fraco são libertados, também os outros se alegram e se encorajam, descobrindo que Deus está aliado com eles. Essa é a maior glória para Deus.

[36-37] Acréscimo posterior, que adapta o salmo à situação do exílio.

[SI 70] Súplica dentro de um conflito social. Este salmo é duplicata do SI 40,14-18 (cf. notas).

[SI 71] Súplica de uma pessoa idosa e doente.

[1-3] Depois de uma vida inteira dedicada à fidelidade a Deus, a doença na velhice podia ser interpretada como castigo.

[4-8] Olhar para o passado: uma vida inteira foi vivida na esperança e confiança. Deus protegeu continuamente o salmista, que reconhece o fato e proclama esse louvor.

[9-11] Mesmo na velhice, o justo tem inimigos à espera de um momento próprio para o atacar.

[12-13] Apelo à justiça de Deus.

[14-16] Enquanto espera a libertação, o justo confia tanto, que já promete proclamá-la através do louvor.

[17-19] O ancião justo é uma testemunha da ação de Deus na história. Através dele se perpetua a memória do projeto de Deus dentro da consciência do povo.

[20-24] A total confiança na ação de Deus leva a prometer ação de graças.

[SI 72] Oração pelo rei, lembrando a função da autoridade e desejando que o rei a realize.

[1-4] É função da autoridade realizar a justiça e implantar o direito, para que haja paz. Mas, o que é a justiça? É defender a causa dos pobres contra os opressores. Segundo a Bíblia, portanto, o exercício da autoridade deve espelhar a ação do próprio Deus, que liberta o pobre e o fraco, derrotando seus exploradores e opressores.

[5-8] Quando a autoridade é justa, o povo deseja que ela permaneça para sempre e estenda sempre mais a sua ação.

[9-14] O desejo se amplia para a esfera internacional: que também as autoridades de outras nações obedeçam a Deus, trazendo-lhe tributos e presentes. Para ela ficar mais rica e poderosa? Não! Simplesmente porque ela, sendo justa, vai partilhar o poder e a riqueza, criando um reino de fraternidade, onde todos podem ter vida.

[15-17] O povo abençoa a autoridade justa, porque esta coloca ao alcance de todos a abundância e a prosperidade. O v. 17 é um desejo: que a fama dessa autoridade perdure e seja bênção para todos os povos.

[18-20] Pequeno hino de louvor, encerrando o segundo livro do Saltério, formado pelos salmos 42 a 72. O que antes era desejado para o rei, agora é proclamado a respeito de Deus.

[SI 73] Meditação de estilo sapiencial sobre a tentação sofrida pelo justo diante da prosperidade dos injustos.

[1-3] A prosperidade dos injustos é um grande escândalo, que põe em dúvida a doutrina tradicional (v. 1) e provoca a tentação para os justos.

[4-12] Retrato do injusto visto pelo justo. O injusto é um privilegiado: goza de boa saúde, não sofre, trata todo mundo com soberba e violência, e vive a tramar injustiças. A sua ambição não tem limites: suga a liberdade e a vida de todo mundo, acumulando poder e riqueza. E tudo impunemente, inclusive blasfemando: “Deus não sabe nada!”

[13-17] O justo olha para si mesmo e acha que não vale a pena ser justo. O que fazer? Concordar com o que dizem os injustos? Seria traição! A solução está em perceber o mistério de Deus, que é o seu modo de agir na história.

[18-22] Deus faz justiça, arruinando aqueles que arruinavam os outros. Se o homem não compreende isso, é porque ainda não entendeu o projeto de Deus.

[23-26] A parte positiva do projeto de Deus consiste na aliança dele com os pobres, para construírem juntos uma nova história. Agora já não importam nem o céu, nem a terra. O que importa é realizar o projeto de Deus. Aí a justiça constrói uma história nova, onde todos podem usufruir igualitariamente a liberdade e a vida.

[27-28] A história é testemunha do julgamento de Deus, e a tarefa dos justos consiste em proclamar a obra de Deus que destrói a injustiça.

[SI 74] Súplica do povo numa desgraça nacional, provavelmente durante o exílio.

[1-9] A invasão babilônica desarticulou a comunidade do povo de Deus, destruindo as bases da sua identidade: posse da terra, cidade, Templo e instituições. Perdendo tudo, Israel perde também a relação com o seu Deus, que se manifestava através dos *profetas* e através de *sinais* na sua história. Será que Deus rejeitou o seu povo?

[10-17] Sendo Deus o aliado do povo, a derrota deste é também derrota de Deus. Por isso, a súplica se dirige ao *Nome*, com o qual Deus se revelou no momento da libertação (cf. Ex 3,14). A seguir, recorda-se a passagem do mar Vermelho (da escravidão para a liberdade) e a passagem do rio Jordão (da liberdade para a herança da terra). Os vv. 16-17 recordam que Deus é o Criador e mantenedor do universo. É a este Senhor da história e do universo que o povo suplica, pedindo que ele o liberte e de novo o leve à terra.

[18-23] A libertação, porém, é obra da justiça: não é possível libertar os exilados sem julgar os opressores. Estes, reduzindo o povo à pobreza e escravidão, ultrajaram o Nome do próprio Deus.

[SI 75] Oração em estilo profético, anunciando o julgamento.

[2] Trata-se de contexto litúrgico, em que o povo invoca a Deus e recorda suas ações na história.

[3-4] Senhor da história e do universo, Deus é quem decide o tempo e determina o lugar do julgamento.

[5-9] O julgamento realiza a justiça: cada um é tratado conforme a opção que fez. O julgamento, portanto, não é arbitrário, mas consequência do que se viveu: cada um deverá beber a taça que tiver enchido.

[10-11] O povo espera confiante pelo julgamento, porque a justiça destruirá o domínio dos injustos para que o poder dos justos estabeleça o reino da justiça.

[SI 76] Hino a Jerusalém, moradia do Deus que se manifesta na história.

[2-4] Assim como escolheu um povo, Deus escolheu a cidade de Jerusalém. A partir daí, ele governa a história, fundando um reino de justiça e paz.

[5-8] A partir e através de sua presença histórico-geográfica, Deus lidera a marcha em direção a uma história e sociedade novas, derrotando aquelas que foram construídas com as armas dos poderosos.

[9-11] O centro da ação de Deus é realizar a justiça, quer dizer: “salvar todos os pobres da terra”. Para tanto, ele derrota o orgulho humano. Assim, os que se convertem à ação de Deus passam a fazer parte do povo que ele salvou.

[12-13] A soberania de Deus sobre o universo e a história derruba a pretensão de todos os poderosos. Deus é terrível para aqueles que pretendem usurpar-lhe o poder.

[SI 77] Oração de súplica por causa do estado trágico do povo, talvez no exílio ou logo depois.

[2-11] Diante da situação calamitosa do povo, o salmista perde o sono e busca uma explicação: Será que Deus rejeitou o seu povo? Será que esqueceu a sua promessa, misericórdia e amor? E conclui: Deus mudou o seu projeto e quer de seu povo algo novo e diferente. Como compreender isso tudo?

[12-21] A dificuldade do presente faz voltar ao passado, buscando aí um sentido novo. A história testemunha as intervenções de Deus para libertar o seu povo da escravidão no Egito, a fim de construir uma história e sociedade novas. Lembrando Moisés e Aarão, líderes do processo de libertação, o salmista mostra a maior necessidade do presente: líderes comprometidos com o povo, que o organizem e o encorajem para a conquista da liberdade e da vida.

[SI 78] Meditação sapiencial sobre a história de Israel. A história testemunha os benefícios de Deus e, ao mesmo tempo, o esquecimento e infidelidade do povo. A memória é a raiz da fidelidade, mas o esquecimento leva à infidelidade.

[1-2] A história é *instrução* que ensina o povo a viver. Não é, porém, instrução direta. De fato, os acontecimentos são *parábolas*, que exigem participação para se captar o sentido delas. Tal sentido faz da história um *enigma*: é preciso ter a chave da fé para perceber que a história é o processo através do qual Deus age, levando o povo para a liberdade e a vida.

[3-6] A história é uma sucessão de gerações que transmitem uma à outra a consciência histórica ou *memória ativa*, cujo centro é a percepção da presença de Deus e as ações maravilhosas que ele realizou em favor do seu povo.

[7-8] Para que contar a história? Para que a nossa geração confie em Deus e, mantendo a lembrança, viva segundo o projeto dele. E também para que a nova geração não repita os erros e infidelidades passados.

[9-31] Começa com um fato recente de difícil identificação. Desertar da guerra é castigo vergonhoso e não tanto um pecado. Por que o povo desiste de lutar?

Porque se esquece de toda a história passada, em que Deus liderou a conquista da liberdade, guiando o povo para um projeto social novo. No deserto, o pecado do povo foi duvidar que Deus e o seu projeto pudessem satisfazer a todas as necessidades.

[32-39] A descrença em Deus e no seu projeto empobrece e encurta a vida do povo. Na dificuldade, todos se lembram e suplicam por salvação. Resolvido o problema, passam a enganar a Deus, repetindo os mesmos erros. Deus, porém, supera tudo com a sua compaixão, porque sabe, melhor do que os homens, que a condição humana é frágil.

[40-55] As infidelidades se repetem pela ausência dessa memória. O salmista relembra a libertação do Egito, recordando sete pragas: uma verdadeira luta entre Deus e o Faraó. Tudo para libertar o povo, guiá-lo com segurança e fazê-lo conquistar a terra. Essa lembrança das lutas passadas encoraja e sustenta a luta no presente.

[56-64] Novas infidelidades e afrontas, agora na terra prometida. Tendo abandonado o projeto de Deus, o povo mesmo se vê abandonado e agora sofre as consequências de projetos estrangeiros.

[65-72] O salmista termina, mostrando a monarquia de Davi como o tempo ideal. Este, de fato, foi fiel ao contrato político com o povo: em troca dos tributos, ele defendeu o povo diante da ganância dos estrangeiros e fez o povo viver na justiça e no direito (cf. Sl 72 e notas).

[Sl 79] Oração coletiva de súplica, durante o exílio.

[1-4] Descreve a tragédia causada pela invasão babilônica em 586 a.C. A súplica procura comover a Deus, mostrando que o principal atingido foi ele próprio, porque se trata de *tua* herança, *teu* Templo, *teus* servos, *teus* fiéis.

[5-12] Deus tem que libertar o seu povo em vista da sua honra pessoal e do nome com que se revelou no passado (Ex 3,14). Caso contrário, as nações inimigas irão perguntar ironicamente: “Onde é que está o Deus de vocês?”

[13] No exílio, o povo confia que Deus, seu pastor, irá libertá-lo. A súplica se transforma em ação de graças, e o louvor já proclama a libertação futura.

[Sl 80] Oração coletiva de súplica, por ocasião de uma invasão inimiga.

[2-3] Israel e Josué representam o reino do Norte, do qual se mencionam três tribos. Trata-se de uma súplica, talvez motivada pela invasão assíria, que destruiu o reino de Israel em 722 a.C.

[4] Refrão que se repete nos vv. 8 e 20, ampliando a cada vez o nome de Deus. Ele está sempre no meio do seu povo. No entanto, os momentos de perigo e dificuldade são ocasiões de suas grandes manifestações.

[5-7] Javé dos Exércitos é o título do Deus guerreiro, que luta junto com seu povo. A derrota frente ao inimigo é interpretada como castigo divino.

[9-12] A situação presente contrasta com a história que Deus já realizou com seu povo: libertação do Egito, ocupação da terra, expansão no tempo do rei Davi. A imagem da videira ou vinha é comum para representar o povo de Deus.

[13-19] Súplicas repetidas, apresentando o motivo para Deus agir: trata-se da *tua* videira, da *tua* vinha. A situação difícil é também momento para tomada de consciência e conversão (v. 19).

[SI 81] Acusação em estilo profético, convidando o povo à conversão.

[2-6a] Introdução em forma de hino. A ocasião é a festa das Tendas, que relembra a libertação do Egito e a caminhada pelo deserto. A celebração reafirma a fidelidade ao Deus do êxodo.

[6b-11] Um profeta toma a palavra para recordar os fatos fundamentais da fé e da história. Fatos que levaram Israel ao compromisso com Deus: libertação da escravidão, tentação no deserto e teofania no Sinai. Tudo isso dá direito a Deus para questionar a vida do seu povo, que violou o primeiro mandamento, abandonando o Deus libertador para servir os ídolos opressores.

[12-17] A infidelidade acarreta o pior dos castigos: Deus abandona o povo à sua própria consciência pervertida, que passa a trilhar caminhos que não levam para a liberdade nem para a vida. O tom nostálgico, porém, mostra que essa acusação procura fazer o povo voltar a si e converter-se.

[SI 82] Oração coletiva de súplica, denunciando a corrupção dos juízes e governantes.

[1-5] As autoridades são chamadas de “deuses”, porque exercem uma função que, por natureza, pertence unicamente a Deus: realizar a justiça. E justiça consiste em proteger e defender os indefesos, libertando os pobres e fracos, que são a maioria do povo, frente a quem os explora e oprime. Porém, quando as autoridades pervertem a sua função, usando do poder para legitimar e promover a injustiça, então a sociedade se transforma em caos, falsamente apresentado como ordem.

[6-7] Advertência: Deus lembra a esses poderosos que eles participam da mesma

condição humana, embora exerçam função que por natureza pertence a Deus. Também eles devem estar submetidos à vontade de Deus e não acima ou contra ela. Deus é implacável com aqueles que lhe pervertem o projeto.

[8] Em meio ao caos produzido pelos injustos, o povo suplica a Deus que entre em ação, pois o Senhor da história, e só ele, poderá fazer que a justiça triunfe.

[SI 83] Oração coletiva de súplica, diante da ameaça militar de povos vizinhos.

[2-9] Súplica veemente, motivando Deus a agir frente ao perigo de nações inimigas que ameaçam o seu povo. São inimigas do próprio Deus, pois é plano delas aniquilar o projeto dele, do qual Israel é guardião e portador.

[10-13] Recordar-se o tempo difícil das lutas contra as cidades-estado cananeias, relatadas no livro dos Juízes. A terra de Israel é herança de Deus para seu povo.

[14-19] A súplica não pede a destruição pura e simples do opressor, mas visa à libertação e a uma chance para que os opressores reconheçam que Deus é o Senhor da história.

[SI 84] Hino a Jerusalém, centro das romarias.

[2-4] A importância de Jerusalém está no fato de que o Templo, casa do Deus da Aliança, é também a casa de todo o povo. Ao entrar nela, o peregrino se sente livre e à vontade, como os pássaros que aí voam e fazem seus ninhos.

[5-8] O encontro com o Deus da Aliança torna feliz quem exerce alguma função no Templo e também aqueles que se dirigem a Jerusalém, fazendo longas romarias. Esse buscar a Deus fertiliza a terra para produzir vida nova.

[9-10] Súplica pelo rei (ungido). Este, como governante do povo, deve tornar presente a ação do próprio Deus, ou seja, libertar o povo e fazê-lo viver a justiça.

[11-13] Em Jerusalém o povo redescobre o sentido da própria vida, refaz seu compromisso com o projeto de Deus e reconhece que este abençoa quem vive aquilo que celebrou em Jerusalém.

[SI 85] Oração coletiva de súplica, logo após a volta do exílio.

[2-4] Refere-se à recente libertação. O exílio teve valor de purificação, pois encobriu o pecado do povo, isto é, sua infidelidade a Deus.

[5-8] Ao chegar do exílio, o povo se defronta com graves dificuldades: organizar a comunidade, restabelecer o culto, reconstruir o Templo, sanar sérios problemas sociais. O plano de restauração, portanto, é ainda uma grande aspiração.

[9-14] A essa súplica responde um oráculo do sacerdote: Deus anuncia a paz,

plenitude de condições de vida, se o povo se converter ao projeto dele. A glória ou presença de Deus volta à terra (cf. Ez 11,23 e 43,2), acompanhada pelo amor, fidelidade, justiça e paz, que produzem prosperidade para todo o povo.

[SI 86] Oração de súplica, em tempo de perigo e perseguição, talvez na época dos Macabeus.

[1-5] Série de súplicas, apresentando os motivos para Deus agir. Desses, o fundamental é que Javé atende sempre a quem o invoca.

[6-10] A certeza de ser atendido dá lugar ao louvor, no qual se reconhece que Deus é único e universal.

[11-13] Deus exige a integridade, isto é, que o homem sirva apenas a ele e ao seu projeto. Os vv. 12-13 já adiantam a ação de graças.

[14-17] Retoma a súplica, agora descrevendo a perseguição. A libertação fará os inimigos reconhecerem que Deus é aliado dos pobres e oprimidos.

[SI 87] Hino a Jerusalém, pátria do povo de Deus.

[1-7] Cidade de Deus, Jerusalém tem a vocação de ser a mãe do povo, e de se expandir, reunindo gente de todas as nações. Esse papel passará mais tarde para a comunidade cristã, aberta a todos.

[SI 88] Súplica numa doença mortal.

[2-10a] O salmista já se sente no mundo dos mortos. Para o israelita, esse fato significa ficar longe da história, na qual Deus está presente e age e, portanto, estar à margem do povo de Deus, longe do culto, da salvação, completamente esquecido.

[10b-13] O motivo sutil da súplica é que o próprio Deus sairá perdendo com a morte do salmista.

[14-19] Volta o tema da súplica: o salmo termina em sofrimento e solidão, sem esperança nenhuma.

[SI 89] Oração de súplica numa catástrofe nacional, com especial menção da promessa de Deus feita à dinastia de Davi.

[2-3] O amor e a fidelidade são termos básicos da Aliança e dão a tônica a todo este salmo.

[4-5] A Aliança com Davi fundou uma dinastia perpétua.

[6-15] Hino de louvor, proclamando a soberania de Javé sobre o universo e a

história. Acima de homens e autoridades está Deus. Ele firma o governo delas com amor e fidelidade, a fim de produzir justiça e direito.

[16-19] O povo de Israel se orgulha de ser o escolhido de Javé, com sua função principal de proclamar, através do louvor, o Deus que é sua alegria, honra, força, orgulho, proteção e Rei.

[20-30] Em meio ao seu povo, Deus escolheu Davi e sua dinastia, chamados a serem instrumentos para libertar o povo e fazê-lo viver na justiça.

[31-38] Essa aliança com Davi foi feita com juramento e, por isso, é perpétua. Mas há uma condição: que os descendentes sejam fiéis. Caso contrário, Deus os castigará.

[39-46] A situação presente do povo e do seu rei fazem pensar que Deus está sendo infiel às próprias promessas. Como entender isso?

[47-52] Súplicas para comover a Deus e fazê-lo voltar ao amor e fidelidade, restabelecendo a dignidade do rei.

[53] Brevíssimo hino para encerrar o terceiro livro do Saltério, formado pelos salmos 73 a 89.

[SI 90] Oração coletiva de súplica, diante da fragilidade e brevidade da vida humana.

[1-6] O que é a vida humana diante da eternidade de Deus? Ele ultrapassa as gerações humanas e toda a criação. Ao contrário, o homem vive brevemente e acaba morrendo.

[7-12] A vida humana torna-se ainda mais curta por causa do pecado e suas consequências: além de breve, ela se transforma em fadiga inútil. O homem é tão frágil que não pode sequer suportar a força e o peso da ira de Deus, que é castigo pelo pecado. O que fazer? O v. 12 mostra que, diante dessa realidade, só resta pedir que Deus nos dê um coração sábio, para vivermos bem o tempo de que dispomos.

[13-17] Súplica para que Deus preencha esta vida breve com alegria e júbilo, compensando os anos maus e tristes. É contemplando a obra de Deus na história que se aprende a viver, suplicando sempre que Deus abençoe e confirme aquilo que o homem realiza com tanto esforço.

[SI 91] Meditação em estilo sapiencial sobre a proteção que Deus concede ao justo refugiado no Templo.

[1-2] Um sacerdote convida o fiel a confiar em Deus. A oração é feita no

Templo, que goza do direito inviolável de asilo para todos os que se encontram em situações difíceis.

[3-7] Descrição viva de diversos perigos, entre os quais se destaca a perseguição social.

[8-13] Certo da proteção divina, o justo pode confiar, em meio a qualquer perigo. Junto a Deus, ele poderá ver a derrota dos injustos, abandonados à própria sorte. Os vv. 11-12 serão citados por Mt 4,6 e Lc 4,10-11.

[14-16] Oráculo do sacerdote, que apresenta a significação da aliança de Deus com o homem que com ele se compromete. A expressão “eu estarei com ele” é desdobrada em sete afirmações: Deus liberta, protege, responde, restabelece a honra (glorifica), dá vida longa e consciência da salvação que Deus vai realizando.

[SI 92] Oração de agradecimento, celebrando os atos de Deus.

[2-7] O grande sentido e alegria da vida humana estão em reconhecer e anunciar o amor e fidelidade de Deus, revelados em suas obras, que testemunham o compromisso dele com os pobres e os fracos. Quem não compreende isso desconhece o sentido da vida e da história.

[8-12] Os injustos parecem triunfar, mas o Senhor da história é Javé. Ele se alia aos justos no grande conflito que estes devem continuamente enfrentar.

[13-16] Aliados a Javé, os justos são persistentes e cheios de vida, para anunciarem, na história, que Deus é honesto e não compactua com a injustiça.

[SI 93] Hino à realeza de Deus, soberano universal.

[1-2] Acima de todos os poderes do mundo, o próprio mundo é trono de Deus, que reina desde sempre e para sempre.

[3-4] As águas são símbolo do caos primitivo, que Deus derrotou para realizar a obra da criação. Na história, esse caos são os projetos das nações que ameaçam o projeto de Deus. Deus, porém, derrota esse caos.

[5] Os testemunhos são os mandamentos, que manifestam a santidade de Deus, criando a história da liberdade e da vida.

[SI 94] Oração de súplica coletiva, denunciando a injustiça institucionalizada como “ordem”.

[1-2] Apelo a Deus para que intervenha como juiz, castigando os opressores, a fim de proteger do extermínio o seu povo.

[3-7] Os opressores constroem uma estrutura social que, para defender seus privilégios e interesses, acaba marginalizando o povo na miséria e escravidão. O cúmulo da soberba é cortar qualquer possibilidade de justiça, chegando a negar que Deus se importa com a situação.

[8-11] Confronto com os opressores, defendendo a Deus contra as pretensões deles. O Criador e Senhor da história é o mesmo que se alia aos oprimidos, exigindo justiça. É impossível crer em Deus e, ao mesmo tempo, cultuar a injustiça.

[12-15] Povo sábio é aquele que aprende a viver segundo o projeto de Deus. É com esse povo que Deus se alia, dando-lhe esperança de justiça e vida.

[16-23] Deus age na história para realizar a justiça. Isso, porém, não dispensa a luta do povo; ao contrário, é através dela que Deus derrota a injustiça. Embora as estruturas injustas continuem, elas estão fadadas ao fracasso, pois Deus está aliado com as vítimas, para derrotar os opressores.

[SI 95] Oração de louvor, com advertência em estilo profético.

[1-5] O motivo do louvor é o próprio Deus vivo que criou o mundo e está acima de todos os deuses das nações e seus projetos.

[6-7a] O soberano do universo criou o povo e se aliou a ele, dirigindo-o na história como pastor.

[7b-11] Advertência profética: Deus deu a terra ao povo. Seu usufruto, porém, depende da fidelidade ao projeto de Deus. Se a infidelidade dos antepassados impediu que eles entrassem na terra da liberdade e da vida, a infidelidade da geração atual poderá perdê-la.

[SI 96] Hino à realeza de Deus, que vem para estabelecer o seu Reino de justiça.

[1-6] Louvor a Javé, proclamando a sua vitória sobre os ídolos das nações. A função do povo de Deus é testemunhar na história, através do louvor e da ação, o Deus vivo que derrota os ídolos.

[7-10] A proclamação central deste louvor é a realeza de Deus, soberano do universo e da história.

[11-13] Toda a realidade é convidada a participar do louvor com que o povo aclama seu Deus. Sua realeza se estabelece na história à medida que a justiça triunfa sobre a injustiça. Em cada luta pela justiça, é o próprio Deus quem está *vindo para reinar*.

[SI 97] Hino à realeza de Deus, que derrota os ídolos das nações.

[1-6] No culto, o povo celebra as manifestações de Deus na história, intervindo para fazer justiça.

[7-10] Diante do Deus que faz justiça, os idólatras se envergonham e o povo de Deus se alegra, pois, à medida que age, Deus desmente os ídolos das nações.

[11-12] As intervenções de Deus na história abrem horizontes de esperança para o povo, cujo maior orgulho é celebrar a lembrança delas.

[SI 98] Hino à realeza de Deus, celebrando sua vitória.

[1-3] A vitória de Deus se revela no seu projeto, feito para todas as nações. Trata-se de uma vitória justa, porque salva os pobres e oprimidos.

[4-6] O louvor é uma forma de revelar a realeza de Deus para o mundo inteiro.

[7-9] Essa revelação é fonte de alegria e esperança, porque em cada intervenção histórica Deus funda a justiça e o direito, implantando o seu Reino.

[SI 99] Hino à realeza de Deus, com três aclamações à santidade dele. Talvez este salmo seja o pano de fundo da vocação de Isaías (cf. Is 6,1-10).

[1-3] A realeza de Deus é uma crítica às pretensões da auto-suficiência, que cria desigualdades e injustiças. A aclamação “ele é Santo” se repete nos vv. 5 e 9. A santidade de Deus se demonstra em seus atos históricos para libertar os pobres e oprimidos, fundando uma nova história.

[4-5] O reconhecimento social da santidade de Deus leva o povo a organizar uma sociedade alternativa, em que a justiça e o direito produzem relações igualitárias entre as pessoas.

[6-9] Contudo, a encarnação histórico-social da santidade de Deus não pode ser fechada num tempo ou espaço. Tal fechamento pode produzir novas formas de injustiça, isto é, de pecado, que o clamor do povo denuncia. Este exige também que os legítimos mediadores (Moisés, Aarão, Samuel) liderem uma conversão histórico-social que realmente produza novas encarnações da santidade de Deus.

[SI 100] Hino de louvor, cantado durante a procissão rumo ao Templo. O v. 5 talvez seja o refrão repetido pelo povo.

[1-3] O motivo do louvor é o reconhecimento de que Javé é o único Deus vivo. Ele criou o povo e dele cuida como pastor.

[4-5] A bondade de Deus se confirma no fato de que ele se alia ao povo, mantendo para sempre o seu amor fiel.

[SI 101] Oração em que o rei apresenta as bases do seu governo.

[1-2a] A autoridade é íntegra quando torna presente a ação de Deus, e esta consiste no amor e na justiça, que conduzem o povo para a liberdade e a vida.

[2b-4] A concretização política do amor e da justiça supõe, em primeiro lugar, esta consciência íntegra da autoridade: não corromper o projeto político com o projeto dos ídolos (coisa infame) e não compactuar com os malfeitores.

[5-8] Na ação política é preciso saber escolher conselheiros íntegros, a fim de organizar um governo que verdadeiramente possibilite extirpar a injustiça e produzir relações sociais justas e fraternas.

[SI 102] Súplica numa doença grave (vv. 2-13), ampliada para a situação do exílio ou imediatamente depois.

[2-3] A súplica é clamor que nasce do fundo da necessidade, na certeza de que Deus ouve a quem o invoca.

[4-8] Descreve o estado grave de sofrimento corporal e solidão interior.

[9-12] A isto acrescenta-se a atitude hostil dos inimigos e até mesmo de Deus.

[13] A brevidade da vida de quem sofre contrapõe-se à eternidade de Deus, funcionando como “chantagem” do suplicante.

[14-23] A oração individual é ampliada e se aplica à situação do povo no exílio ou no tempo imediatamente posterior.

[24-29] Retoma a súplica individual, na qual não se menciona diretamente nenhum pedido. Subentende-se, porém, a lamentação pela vida tão curta, abreviada ainda mais pela doença. O v. 29 continua a reflexão iniciada no v. 23.

[SI 103] Hino de louvor, celebrando o amor de Deus.

[1-5] A experiência fundamental do amor de Deus vem através do perdão, que liberta do mal e refaz a vida.

[6-14] O amor de Deus, porém, se expressa através da justiça que defende os que não têm defesa, realizando uma história nova, a partir deles. Os vv. 8-14 mostram a dimensão infinita desse amor, que se compara ao de um pai para com seus filhos. Voltado para o homem, esse amor de Deus se realiza na compaixão, que é *sofrer junto* com os que participam da condição humana.

[15-18] A essa fragilidade da condição humana contrapõem-se o amor e a justiça de Deus para com seus aliados, que se comprometem com o projeto dele.

[19-22] Convocação geral dos seres celestes, para que louvem a Deus por causa

do seu amor pelos homens.

[SI 104] Hino de louvor, cantando a grandeza de Deus, testemunhada no ciclo da natureza. É uma cópia adaptada do hino egípcio ao deus Sol.

[1-4] Celebra a grandeza de Deus envolvido pela imensidão do universo.

[5-9] Descreve alguns traços da criação primordial. Trata-se de uma observação simples dos principais fenômenos da natureza.

[10-18] Celebra o ritmo harmônico da natureza, em que coexistem pacificamente plantas, animais e seres humanos.

[19-26] Dia e noite delimitam o espaço do homem e das feras. Os vv. 24-26 contemplam a multiplicidade, beleza e imensidão das criaturas.

[27-28] Enquanto os animais se alimentam diretamente da natureza, o homem precisa transformá-la através do trabalho.

[29-30] O mistério da vida é visto como o mistério da respiração: sopro de Deus que cria, vivifica e renova.

[31-34] Neste louvor, o homem reconhece o mistério da natureza, descobrindo nele o próprio mistério de Deus.

[35] A harmonia da natureza deixa aberta uma questão: por que existem os injustos que produzem desigualdade entre os homens?

[SI 105] Recordação da história em estilo de hino. A história é considerada de forma otimista, porque toda ela é fruto da ação de Javé.

[1-6] Convite ao louvor. O motivo é o reconhecimento da história como testemunha da ação de Deus, que fundamenta a confiança do povo.

[7-11] Tema central: O Deus que governa a história prometeu aos antepassados dar uma terra como herança para o povo.

[12-15] A origem do povo de Deus é um grupo humano que, guiado pelo profundo instinto de liberdade, não se deixa escravizar por ninguém. Nesse instinto já está presente o Deus libertador.

[16-22] Na pessoa de José, temos um símbolo da história de todo o povo: de escravo, ele se torna senhor; e, como jovem, portador de vida nova, ele ensina às autoridades e aos anciãos.

[23-27] Recorda brevemente a estada no Egito, mencionando os líderes da libertação.

[28-38] A libertação é uma luta, e as sete pragas aqui recordadas testemunham o

conflito em que Israel sai vitorioso e carregado de despojos. Com Deus do seu lado, o povo se torna invencível, e os inimigos até agradecem quando ele os deixa em paz.

[39-41] O deserto é caminho para a liberdade, onde o povo é liderado e protegido por Javé.

[42-45] O ponto de chegada é a conquista da terra, onde o povo conseguirá construir uma história e sociedade novas, desde que se mantenha fiel ao projeto de Deus.

[SI 106] Recordação da história em forma de súplica coletiva, usada talvez numa celebração penitencial pública. A história é considerada de forma pessimista, porque se leva em conta a infidelidade do povo, lembrada em sete pecados capitais.

[1-6] O começo, em estilo de hino, dá logo lugar à súplica, na qual a geração presente se solidariza com as passadas, reconhecendo a própria responsabilidade nas infidelidades cometidas.

[7-12] Primeiro pecado: No momento em que saía do Egito, o povo percebeu que estava sendo perseguido e tentou voltar atrás (Ex 14).

[13-15] Segundo pecado: quando sentiu fome no deserto e foi atendido, o povo quis partir para a acumulação, desconfiando da Providência (Ex 16).

[16-18] Terceiro pecado, o de um grupo reduzido: rebeldia contra os líderes que conduziam o povo na realização do projeto de Deus (Nm 16).

[19-23] Quarto pecado: a idolatria, que não consiste apenas em adorar ídolos, mas principalmente em transformar Deus num ídolo, a fim de o manipular com interesses egoístas (Ex 32).

[24-27] Quinto pecado: ao se aproximar da terra prometida, o povo se acovardou diante das populações locais e pediu a morte (Nm 13-14).

[28-31] Sexto pecado: o povo tentou copiar os modelos político-religiosos das cidades-estado cananeias, que exploravam e oprimiam os camponeses (Nm 25).

[32-33] Sétimo pecado: quando faltou água, o povo reclamou tanto, que até Moisés chegou a duvidar (Ex 17; Nm 20).

[34-42] Pecados cometidos já na terra. Em vez de seguir o projeto de Javé, o povo se deixou fascinar e contaminar com os projetos dos opressores. O pecado de servir a deuses estrangeiros é castigado com a escravidão.

[43-46] Apesar de todas as infidelidades do seu povo, Deus não o abandona.

Quando este clama, ele está sempre pronto para o libertar.

[47] Súplica coletiva, mostrando que este salmo nasceu ou foi usado no exílio.

[48] Brevíssimo hino para encerrar o quarto livro do Saltério, formado pelos salmos 90 a 106.

[SI 107] Oração de agradecimento, celebrando quatro situações típicas. A estrutura é bem marcada: situação difícil, clamor, libertação, agradecimento, conclusão.

[1-3] Introduz genericamente o agradecimento, talvez convidando as pessoas para testemunharem a libertação recebida.

[4-9] A situação de deserto pode referir-se tanto ao êxodo quanto à volta do exílio.

[10-16] A situação de prisão pode significar tanto a escravidão no Egito como o exílio na Babilônia.

[17-22] Libertação da doença, entendida como consequência do pecado, mas que pode levar à conversão.

[23-32] Perigo em alto-mar, com descrição em detalhes.

[33-41] As quatro situações mencionadas proclamam a ação de Deus na história: ele inverte as situações, derrotando os poderosos para libertar os pobres.

[42-43] Quem é capaz de ler a história a partir da ação que Deus nela realiza, torna-se sábio. Em outras palavras, tem a percepção da fé.

[SI 108] Oração de súplica, resultado da fusão de trechos de outros salmos.

[2-6] Cf. nota no SI 57,8-12.

[7-14] Cf. nota no SI 60,7-14.

[SI 109] Súplica de um inocente injustamente acusado.

[1-5] Expõe brevemente o motivo: “Eles me devolvem o mal pelo bem” (v. 5).

[6-15] Sob forma de maldição, apresenta as acusações que o inimigo dirige contra ele. A condenação implica pena de morte, confisco dos bens e até mesmo marginalização da descendência. A suprema ousadia dos inimigos é invocar Deus contra os inocentes (vv. 14-15).

[16-19] Essas maldições são as apontadas no v. 3.

[20] O pedido de justiça implica a inversão das acusações, dirigindo-as agora contra o inimigo acusador.

[21-29] Esta apelação, em forma de súplica, não é feita no tribunal, mas se dirige diretamente a Deus, supremo juiz.

[30-31] A promessa de agradecimento traz o grande anúncio: Deus se torna advogado dos pobres, condenando as instituições corrompidas.

[Sl 110] Oração pelo rei, talvez no dia da entronização ou em algum aniversário.

[1-2] Israel concebe a autoridade do rei como participação no governo de Deus, que defende dos inimigos o seu povo. Chamado para realizar a própria ação de Deus, deseja-se que o rei vença todos os inimigos.

[3] O rei é considerado como filho adotivo de Deus (cf. Sl 2,7).

[4] O rei era também sacerdote-mediador. Jerusalém, de fato, tinha sido cidade governada por sacerdotes.

[5-7] Chamado a executar a própria ação de Deus, o rei goza do seu auxílio e proteção. O v. 7 alude talvez a um rito: o rei bebe da água sagrada e, por isso, pode levantar a cabeça com toda a confiança.

[Sl 111] Hino de louvor, resumindo temas de outros hinos.

[1-5] No louvor, o povo perpetua a memória dos atos de Deus na história, que o leva para a liberdade e a vida. Esta é a grande tradição que o povo de Deus conserva.

[6-10] Toda a ação de Deus se encaminha para a posse da terra e da Aliança. O grande discernimento da vida (sabedoria) consiste em temer a Javé, ou seja, reconhecer que ele é Deus e que o homem não é Deus.

[Sl 112] Meditação sapiencial, caracterizando o ser e o comportamento do justo.

[1-5] Toda a existência do justo tem como ponto de partida o temor de Deus. Esse temor se manifesta nas relações sociais fraternas e justas.

[6-10] O v. 6 apresenta a ideia mais antiga a respeito da ressurreição: a lembrança permanente da vida do justo, cujo testemunho permanece sempre vivo na memória do povo. O justo está permanentemente voltado para a partilha da vida com os outros.

[Sl 113] Hino de louvor à misteriosa grandeza de Deus.

[1-3] O louvor se dirige ao *Nome* de Javé, revelado no momento da libertação da escravidão no Egito. Esse Deus será reconhecido para sempre como o

Libertador.

[4-6] Deus é o grande soberano da história e do universo. Ninguém e nada se compara a ele. O mistério central é que este Deus *se eleva* e *se abaixa*: o Absoluto transcendente torna-se misteriosamente presente, para se relacionar com as criaturas.

[7-9] Deus se torna presente para fazer justiça: libertar os pobres e os fracos, dando-lhes a maior dignidade. Na sua justiça, ele recupera os que são marginalizados pelo egoísmo de outros. Aqui, o exemplo de libertação é a recuperação da dignidade da mulher: no mundo semita, a mulher devia estar sempre em pé para servir aos homens, e a esterilidade era considerada maldição.

[SI 114] Hino de louvor ao Deus que liberta o povo.

[1-2] O povo libertado é o santuário do Deus que vive em seu meio.

[3-6] Versão poética da libertação da escravidão no Egito (mar), e da conquista da terra (Jordão).

[7-8] A realidade toda treme diante do Deus que lidera a marcha do seu povo, transformando radicalmente as situações.

[SI 115] Oração coletiva de confiança, numa celebração feita durante o exílio na Babilônia.

[1] A marginalização do povo é um desafio à honra de Javé, que fez aliança com o seu povo.

[2-3] A ousadia do opressor chega a negar que Deus se interessa pela situação do povo. O povo então responde: Nosso Deus é invisível, mas age no mundo e na história. Se ele quiser, vai nos libertar.

[4-8] Em contraposição, os ídolos dos opressores só têm aparência. São mortos e incapazes de realizar coisa alguma: só produzem a morte para aqueles que neles confiam.

[9-11] Declaração de confiança dos três grupos que compõem o povo.

[14-15] A maior bênção que Deus pode dar é a vida. Através dos filhos, o povo de Deus continua vivo na história.

[16-18] Pequeno hino, mostrando o contraste entre os opressores, mortos com seus ídolos, e o povo de Deus, que reconhece e louva o Deus vivo.

[SI 116] Oração de agradecimento, talvez após a cura de uma doença grave.

[1-4] O agradecimento se dirige ao Deus que ouve o clamor, libertando para a

vida aqueles que o invocam.

[5-6] A experiência da libertação faz reconhecer a justiça e o amor que se voltam para os pobres e necessitados.

[7-9] O reconhecimento da libertação introduz a confiança, que é o clima da fé.

[10-11] Parece mudar o tema, agora mencionando uma situação social, talvez de calúnia.

[12-14] O agradecimento é um ato público, onde a pessoa invoca a Deus, cumpre as promessas e ergue o “cálice da salvação”, cujo rito desconhecemos.

[15-19] A menção da morte indica que o agradecimento foi feito após a cura de uma doença grave. Note-se o v. 15: a vida de cada pessoa é valiosa para Deus.

[SI 117] Hino de louvor ao Deus da Aliança.

[1-2] Motivo do louvor: Deus se aliou para sempre com o seu povo. O convite é dirigido aos outros povos, para que todos participem dessa aliança.

[SI 118] Oração coletiva de agradecimento, estruturando uma celebração litúrgica.

[1-4] Dividida em grupos, a comunidade recebe a pessoa que vai agradecer e entoar o refrão, exaltando o amor de Deus.

[5-9] A pessoa começa a contar a experiência de ter sido atendida por Deus, e tira para todos a lição de confiança, que desmascara as falsas seguranças.

[10-14] O tema das nações inimigas faz pensar que o salmista seja o próprio rei.

[15-16] A comunidade responde, celebrando a vitória conseguida com o auxílio de Javé.

[17-18] A pessoa termina seu testemunho, aludindo a um perigo de morte.

[19-21] A pessoa chega à porta do santuário, pede para entrar, e é recebida pelos sacerdotes.

[22-29] O coro canta a vitória realizada por Deus. A seguir forma-se a procissão até o altar, e cantam-se refrões, num diálogo alternado entre a pessoa que agradece e a comunidade. Os vv. 22-23 são citados em Mc 12,10-11 e paralelos.

[SI 119] Grande meditação sapiencial sobre a Lei de Deus, que aponta o caminho para a justiça e a vida. A composição literária segue o artifício do acróstico, levando essa técnica à sua máxima expressão: são vinte e duas estrofes com oito versos cada uma, e cada verso começa por uma letra do alfabeto hebraico. Além disso, cada estrofe contém, em geral, sete a oito sinônimos de lei

(palavra, promessa, normas, vontade, estatutos, preceitos, testemunhos, mandamentos, verdade). A pretensão do autor é fazer um grande elogio da palavra que revela e faz compreender o projeto de Deus.

[105] Centro de todo o salmo. A Palavra é a revelação de Deus, que leva o povo a descobrir o sentido da vida e a discernir o seu caminho na história, em meio às diversas situações. Essa Palavra é praticamente a Bíblia toda, principalmente o Novo Testamento. Neste, como diz João, “a Palavra se fez homem e habitou entre nós” (Jo 1,14). Dessa forma, Jesus é não só o maior intérprete da Palavra, mas também sua concretização definitiva.

[SI 120] Súplica de um israelita exilado fora da Palestina.

[1-4] Em terra estrangeira, dominada pelos ídolos e pela propaganda idolátrica (mentira), o exilado dirige sua súplica a Deus.

[5-7] Trata-se, provavelmente, de um exílio no deserto da Síria. *Paz* é o cumprimento que os israelitas usam entre si, uma bênção que deseja vida e boas relações. Em vez disso, o exilado só encontra hostilidade por todos os lados.

[SI 121] Oração de confiança dos peregrinos que caminham para Jerusalém.

[1-2] As montanhas eram lugares de refúgio em situações difíceis. Mas o verdadeiro refúgio do povo é o Deus da vida com o seu projeto.

[3-8] Deus é o guarda do povo: sempre desperto, ele oferece proteção, tanto para o repouso como para a atividade do seu povo.

[SI 122] Hino a Jerusalém, cantado pelos peregrinos que se dirigem à cidade para as festas.

[1-2] A alegria de caminhar para Jerusalém se fundamenta na própria vocação da humanidade: reunir-se para partilhar a liberdade e a vida.

[3-5] Cidade consistente é a que abriga o povo todo, reunido em torno do projeto de Javé, que assegura a justiça para todos.

[6-9] A paz para a cidade é para todo o povo. Ela só é possível a partir do exercício da justiça.

[SI 123] Oração coletiva de súplica, cheia de esperança na intervenção de Deus.

[1-2] Javé é o soberano do seu povo, que lhe dirige o olhar suplicante.

[3-4] A situação é de cansaço pela arrogância e humilhação que o povo sofre por parte dos poderosos.

[SI 124] Oração coletiva de agradecimento, depois de um perigo superado.

[1-5] Apoiado no projeto do Deus libertador, o povo consegue a vitória contra os inimigos.

[6-7] Javé colabora muitas vezes com seu povo, fazendo fracassar os planos dos opressores.

[8] Confissão de confiança: quem auxilia o povo é o Deus libertador, Senhor da vida e Criador de todas as coisas.

[SI 125] Oração coletiva de confiança. Termina com pedido de julgamento.

[1-2] O que traz força e persistência ao povo é confiar em Deus, que o protege, como as montanhas protegem a cidade de Jerusalém.

[3] Quando um povo é durante muito tempo governado por autoridades injustas, todo ele acaba encarando a injustiça como “ordem”.

[4-5] Pedido para que Deus ajude o povo a discernir o caminho de Deus, que é o caminho da vida.

[SI 126] Oração coletiva de súplica (v. 4), fundamentada no agradecimento pela libertação do exílio.

[1-4] Numa situação difícil, o povo relembra a grande libertação, que se tornou anúncio até para os pagãos.

[5-6] Da semeadura e da colheita, o povo aprende que uma situação nova de prosperidade e alegria se atinge através da tristeza e sofrimentos na luta.

[SI 127] Oração em estilo sapiencial, exortando à confiança em Deus.

[1] Somente aquilo que expressa o projeto de Deus tem consistência e permanece na história.

[2] Os amigos de Deus repartem os bens entre si, porque sabem que ele concede seu dom para todos. Os outros, que acumulam bens, perdem até a tranquilidade para repousar.

[3-5] A maior bênção de Deus são os filhos, que prolongam a vida e o nome da família. É através deles que a história continua, gerando vida nova.

[SI 128] Oração em estilo sapiencial sobre a felicidade do justo.

[1-4] Temer a Deus consiste em reconhecer que só ele é Deus, e o homem não é Deus. Daí nasce a obediência à vontade de Deus, que abençoa e ensina o caminho de vida: trabalho honesto, amor matrimonial, paternidade e

maternidade que partilham a vida.

[5-6] Do círculo familiar se abre para todo o povo: da cidade da Aliança Deus abençoa a todos, criando uma história de paz.

[SI 129] Oração coletiva de confiança. A lembrança do passado fundamenta a confiança para o futuro.

[1-4] A história de Israel foi sempre difícil: uma luta permanente contra inimigos que o queriam explorar e oprimir. Contudo, o senso de liberdade que Deus lhe deu o impediu de se dobrar. E isso lhe valeu a vitória.

[5-8] Súplica confiante, expressando o desejo de que os injustos não criem raízes nem prosperem na história.

[SI 130] Oração de súplica durante doença grave.

[1-4] Uma das coisas inexplicáveis na condição humana é a doença. Os israelitas pensavam que ela era consequência do pecado. Somente o perdão podia trazer a cura.

[5-8] A noite é a hora da súplica; a resposta de Deus vem pela manhã. Da condição particular de um indivíduo, passa-se para a condição do povo: é Deus quem vai resgatar o povo de todo o seu pecado.

[SI 131] Oração de confiança, exprimindo a maturidade da fé.

[1-2] A fé verdadeira supera a ambição, seja material, seja espiritual (busca de grandezas e milagres). A fé madura reconcilia o homem com Deus, consigo mesmo e com a realidade, traduzindo-se na confiança em Deus e no seu projeto. Em outras palavras, a verdadeira grandeza e milagre é a presença e ação de Deus, que garantem o rumo da história para a liberdade e a vida.

[3] A fé, que se traduz na confiança, gera a esperança. Este é o dinamismo que nos arranca da resignação e nos leva a buscar continuamente o horizonte da realização humana.

[SI 132] Oração celebrando a escolha que Deus fez da família de Davi e da cidade de Jerusalém. As duas têm a função de mediar a aliança entre Deus e o povo.

[1-5] Pedido em favor de Davi, visto como modelo de autoridade política: saído do povo, ele lutou pelo povo, e o seu maior desejo era concretizar a aliança entre Deus e o povo.

[6-10] Após suas conquistas, Davi localiza a arca da Aliança e a introduz na

cidade.

[11-12] O exemplo de Davi se reflete na instituição de uma dinastia real: seus descendentes estarão sempre governando Israel (cf. 2Sm 7).

[13-18] Em meio à celebração litúrgica, certamente durante uma festa da cidade, Deus abençoa Jerusalém, lembrando que ele age através do contrato que Davi fizera com o povo: organizar o povo para a partilha e defendê-lo dos inimigos.

[SI 133] Meditação em estilo sapiencial, celebrando a fraternidade do povo, reunido em Jerusalém para as festas.

[1-3] A união do povo tem valor semelhante ao da própria unção sacerdotal: o povo reunido é o grande sacerdote que serve e proclama o seu Deus. Ao mesmo tempo, essa união traz fertilidade e vida, que se concretizam numa sociedade e história novas.

[SI 134] Breve ritual junto à porta do Templo. Ao se retirar, o povo se encontra com o grupo de sacerdotes que vão servir no culto à noite, e os convida para louvar a Javé (vv. 1-2). O grupo responde ao povo com uma bênção (v. 3).

[SI 135] Hino de louvor, que contrapõe o Criador e Senhor da história aos ídolos incapazes de criar e agir.

[1-2] O louvor se dirige ao Nome de Deus, que foi revelado no momento da grande libertação (Ex 3,14).

[3-4] O primeiro motivo do louvor é a Aliança: Deus escolheu viver e fazer história junto com o seu povo.

[5-7] Celebra o Senhor da natureza: ele criou tudo e governa o ritmo dos fenômenos naturais.

[8-14] Celebra o Senhor da história, cuja intervenção libertadora fere definitivamente todos quantos se opõem ao projeto dele. A finalidade da ação de Deus é libertar o seu povo e fazê-lo construir uma nova sociedade e história, fundadas na lembrança permanente da sua ação, que leva o povo a conquistar liberdade e vida.

[15-18] Enquanto o Deus vivo dá liberdade e vida ao seu povo, os ídolos das nações são mortos, e acabam escravizando e produzindo morte para todos aqueles que os adoram.

[19-21] Conclusão do louvor em vários coros: o Senhor da natureza e da história habita no meio do povo, em Jerusalém.

[SI 136] Grande hino de louvor em forma de ladainha: as invocações proclamam a obra de Deus, e o refrão, repetido pelo povo, reconhece que a obra de Deus testemunha o seu amor infinito, sempre aberto para novas realizações.

[1-3] Convite ao louvor, proclamando o Deus do êxodo como o único Absoluto, acima dos ídolos e de todos os poderosos do mundo.

[4-9] Proclama o Senhor da natureza, que criou tudo e preside ao ritmo do universo.

[10-15] Exalta a grande intervenção histórica pela qual libertou o povo, derrotando o poder opressor.

[16-22] Depois de libertar o seu povo, Javé o liderou na conquista de uma terra, onde pudesse organizar uma sociedade justa e fraterna.

[23-24] A humilhação do povo recorda as situações de luta que ele teve de enfrentar para manter a liberdade e a vida conquistadas.

[25-26] O ponto de chegada de toda a ação de Deus é o momento presente, em que ele dá o alimento para que todo o povo o reparta fraternalmente. O salmo poderia ser interrompido logo depois do v. 24, para acrescentar outros motivos de louvor, “porque o amor de Deus é para sempre” e está sempre intervindo na história.

[SI 137] Súplica dos exilados na Babilônia.

[1-2] Em meio à beleza de Babilônia, os exilados estão tristes e nem usam os instrumentos para acompanhar suas lamentações.

[3-6] Por curiosidade ou ironia, os opressores querem conhecer o folclore dos israelitas. Todavia, como cantar no exílio os cantos que celebram a libertação e a conquista da vida? Tudo isso não passa agora de triste recordação.

[7] O dia de Jerusalém foi o da catástrofe sob as tropas de Nabucodonosor (586 a.C.). Os edomitas, parentes e vizinhos dos israelitas, se uniram aos opressores e se aproveitaram da situação (cf. Abdias).

[8-9] Em vez de cantar o seu folclore, os exilados entoam esta maldição: Feliz quem fizer justiça, destruindo até à raiz a ambição que gera escravidão e morte.

[SI 138] Oração de agradecimento, celebrando a experiência do atendimento.

[1-3] Não é clara a situação da qual a pessoa foi libertada. O fato de gritar, porém, parece indicar uma situação social.

[4-6] A pessoa convida outras a participar da ação de graças. O convite aos reis

tem algo de aviso: também eles devem reconhecer que Deus é transcendente, mas está sempre presente, para distinguir entre justos e injustos.

[7-8] A experiência passada é agora aplicada a novas situações, onde Deus sempre se manifesta como libertador.

[SI 139] Meditação em estilo sapiencial. A pessoa se encontra na mesma situação em que se acham os autores dos salmos 17 e 27: é levada ao Templo para ser examinada por Javé durante a noite e, pela manhã, receber a sentença.

[1-6] Examinado por Deus, o salmista descobre que Deus o conhece melhor do que ele próprio.

[7-12] Apavorado diante disso, ele pensa em fugir. Mas para onde? Deus se encontra em todos os lugares. O salmista descobre que Deus está mais presente a ele do que ele próprio está presente a si mesmo.

[13-18] É o centro do salmo: Deus conhece e está presente ao homem mais do que este a si próprio. Afinal, Deus é o mistério que está na fonte e no fundo de toda a vida; ele forma, não só o corpo, mas também o interior e até a história pessoal, que ultrapassa a compreensão do próprio homem. E nessa meditação, o acusado adormece, chega a manhã (v. 18) e ele é absolvido.

[19-22] Trata-se de um pedido de justiça: que os acusadores sofram a sentença que desejavam para o inocente. Fica uma pergunta: por que Deus não acaba logo com os injustos?

[23-24] Pedido para que Deus revele a identidade pessoal e o destino do homem. Só Deus, que vê tudo e a tudo está presente, pode revelar o homem ao próprio homem.

[SI 140] Súplica de um inocente injustamente perseguido.

[2-6] Junto com a súplica, descreve agudamente o comportamento e ação dos injustos contra os justos.

[7-12] O título “meu Deus” caracteriza o Deus da Aliança, que acompanha e lidera as lutas do seu povo. O salmista aplica esse título à sua situação pessoal.

[13-14] O pedido mostra que a finalidade da justiça é libertar o pobre e defender o direito dos que nada têm. Aí está a grande proclamação do povo de Deus.

[SI 141] Súplica contra a tentação de se deixar seduzir pelos injustos.

[1-2] Tarde e noite são os momentos propícios para a súplica.

[3-7] A grande tentação para o justo é ver a insolência e prosperidade dos

injustos, que parecem ficar sempre impunes. O texto original é bastante corrompido e difícil.

[8-10] Súplica final: só Deus pode proteger o justo para que este não caia na tentação.

[SI 142] Súplica do justo perseguido.

[2-5] O maior problema para o justo é que o seu comportamento atrapalha o funcionamento de uma sociedade injusta. Por isso, tentam, a todo custo, demovê-lo da retidão.

[6-8] Temeroso diante das ameaças, o justo recorre a Deus. Da sua persistência nasce a comunidade dos justos, para fazer frente à insolência dos injustos.

[SI 143] Súplica do justo perseguido.

[1-2] O justo suplica a Deus, pois sabe que ele é o defensor dos oprimidos. O apelo é sempre à misericórdia, pois diante de Deus ninguém é inteiramente justo.

[3-4] A situação é difícil: o justo vive premido pelo injusto e sente que a própria resistência está chegando ao fim.

[5-6] A lembrança das ações de Deus no passado sustenta a confiança no presente e reanima a esperança para o futuro.

[7-8] Volta a súplica. O amanhecer é a hora em que Javé responde.

[9-12] A grande motivação da súplica é o nome de Deus, isto é, sua honra: uma vez que o justo se comprometeu com Deus, é a própria honra de Deus que está em jogo.

[SI 144] Súplica do rei para que Deus o ajude na luta contra os inimigos do povo.

[1-2] Agradecimento ao Deus que lidera as lutas do povo.

[3-8] Para desempenhar sua função de defensor do povo, o rei reconhece as próprias limitações e recorre ao supremo Senhor.

[9-11] Confiante no auxílio de Deus, o rei promete a ação de graças.

[12-14] O maior pedido da autoridade não é para si mesma, mas para o povo a quem ela serve: prosperidade e partilha, força e coragem.

[15] Feliz o povo cuja autoridade política não tenta usurpar o lugar de Deus.

[SI 145] Hino de louvor ao Nome e ao amor de Deus, testemunhados na história.

[1-2] O louvor ao Nome, revelado no momento da grande libertação, recorda que o Deus vivo é o libertador.

[3-7] O louvor é um reconhecimento das obras que Deus realiza na história. Transmitido de geração em geração, esse louvor mantém a fé que constrói a história segundo o projeto de Deus.

[8-13a] O centro desse projeto é o amor de Deus criando liberdade e vida. O reino de Deus é o amor partilhado entre todos os homens, para eliminar as divisões e desigualdades.

[13b-20] O amor de Deus, porém, age de forma partidária, assumindo a causa dos oprimidos que o invocam e colocando-se contra os opressores.

[21] Termina com o convite para que todos reconheçam a santidade do Deus libertador.

[SI 146] Hino de louvor, proclamando a fidelidade de Deus, que fundamenta a confiança do povo.

[1-2] Uma pessoa convida a comunidade a louvar, confessando a sua fé.

[3-4] Exortação a não absolutizar a pessoa humana. Também os poderosos têm vida frágil e passageira.

[5-6a] O único a merecer confiança absoluta é o Deus vivo, que se aliou com o povo.

[6b-10] O motivo central do louvor é a fidelidade ao Deus vivo que age na história, fazendo justiça aos oprimidos e libertando os necessitados. Sua ação, porém, implica também a destruição da injustiça. É assim que se constitui o reino de Deus. Jesus fez disso o seu projeto (cf. Lc 4,16-21).

[SI 147] Hino de louvor ao Deus que liberta e restaura a vida do seu povo.

[1] Convite ao louvor.

[2-3] Motivos fundamentais: a volta do exílio e a reconstrução de Jerusalém.

[4-11] Deus é o Senhor do universo, conduzindo o ritmo da natureza. É também o Senhor da história, onde realiza o julgamento para libertar os pobres. Sua exigência é que o povo o reconheça como único Deus e confie no seu amor.

[12-14] O novo convite é feito aos repatriados, que podem agora habitar tranquilos na cidade.

[15-20] Síntese: Deus é o Senhor absoluto do universo e da história, que ele dirige com a sua palavra.

[SI 148] Hino convidando todas as criaturas a louvarem a Deus.

[1-6] Sete convites ao louvor se dirigem aos seres celestes. Razão desse louvor é a ação criadora de Deus, que sustenta o universo e lhe confere estabilidade.

[7-10] Convite para os seres da natureza entoarem o seu louvor.

[11-12] Convite à humanidade, sem distinção de sexo ou idade.

[13-14] Motivo do convite é o nome do Deus libertador, que governa a terra e o céu, e apoia a luta do seu povo. O final do v. 14 é uma espécie de assinatura-dedicatória. A principal tarefa do povo é o louvor, através do qual se proclama o mistério do Deus vivo.

[SI 149] Hino de louvor celebrando a vitória de Deus e do seu povo.

[1-2] O cântico novo é a proclamação da libertação definitiva, que se vai construindo pouco a pouco na história.

[3-4] O motivo central é amor de Deus por seu povo, dando a vitória aos pobres.

[5-9] Acompanhando o canto, uma encenação com dança e espadas celebra o grande julgamento. A suprema função do povo é proclamar a vitória do seu Deus sobre todos os poderosos deste mundo.

[SI 150] Hino de louvor, encerrando o Saltério.

[1] 1: O louvor começa no Templo, casa de Deus e casa do povo.

[2] “Façanhas” são as intervenções que Deus realiza na história.

[3-6] Hino com orquestra plena, lembrando que a tarefa principal de qualquer ser que respira é louvar o Deus libertador.

PROVÉRBIOS

DEUS FALA ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA

Introdução

Agrupando ditos, sentenças e alguns desenvolvimentos maiores, o livro dos Provérbios é um verdadeiro resumo da sabedoria de Israel. Provérbio é uma frase curta, bem construída, que expressa uma verdade adquirida através da experiência e que se impõe pela forma breve e pela agudez das observações. Os provérbios são ensinamentos deduzidos da experiência que o povo tem da vida, e sua finalidade é instruir, esclarecendo situações de perplexidade e fornecendo orientações para a vida humana, como as setas de uma estrada (1,1-7).

Os Provérbios não foram todos escritos por um mesmo autor e não pertencem todos à mesma época. A maioria deles nasceu da experiência popular, que foi depois coletada, burilada e editada por sábios profissionais desde o tempo de Salomão (950 a.C.) até dois séculos depois do exílio (400 a.C.). Foram atribuídos ao rei Salomão por causa de sua fama de sábio (1Rs 3-5) mas, se olharmos atentamente os vários subtítulos que aparecem no livro, podemos facilmente distinguir nove coleções, provindas de tempos e mãos diferentes.

Também este livro é Palavra de Deus que transmite vida. Uma palavra que Deus comunica através das situações e acontecimentos de todo dia, que o povo capta em sua experiência, observação, reflexão e intuição, e depois expressa em sentenças simples, em geral bem mais profundas do que longos tratados sobre os diversos problemas da existência. O livro todo é um convite para valorizar não só a cultura popular mas também, e principalmente, a percepção religiosa que o povo tem de uma Sabedoria que vem de Deus e é seu dom aos pequeninos; sabedoria que nem sempre é captada e compreendida pelos sábios e doutores (Mt 11,25).

PROVÉRBIOS

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27 - 28
- 29 - 30 - 31**

PROVÉRBIOS

Prólogo

1 *Sabedoria para viver* — ¹Provérbios de Salomão, filho de Davi e rei de Israel, [\[1,1\]](#) ²para conhecer a sabedoria e a disciplina; para entender as sentenças profundas; ³para adquirir disciplina e sensatez, justiça, direito e retidão; ⁴para ensinar sagacidade aos ingênuos, conhecimento e reflexão aos jovens. ⁵Que o sábio escute e assim aumentará o seu saber, e o homem prudente adquirirá habilidade ⁶para entender provérbios e metáforas, as sentenças dos sábios e seus enigmas. ⁷O temor de Javé é o princípio do saber, porém os idiotas desprezam a sabedoria e a disciplina. [\[2-7\]](#)

I. O SIGNIFICADO DA SABEDORIA [1,8-9,18]

Resistir aos injustos — ⁸Meu filho, escute a disciplina de seu pai, e não despreze o ensinamento de sua mãe, ⁹porque serão para você uma coroa formosa na cabeça e um colar no pescoço.

¹⁰Meu filho, se os pecadores quiserem enganar você, não se deixe arrastar. ¹¹Eles costumam dizer: “Venha conosco, vamos fazer emboscadas para matar, vamos cercar impunemente o inocente; ¹²nós os engoliremos vivos como faz a morte, inteiros, como aqueles que baixam à cova. ¹³Conseguiremos todo tipo de riquezas e encheremos nossa casa com as coisas roubadas. ¹⁴Participe do nosso grupo e faremos uma caixa comum”. ¹⁵Meu filho, não ande com gente desse tipo, nem ponha os pés no caminho deles, ¹⁶porque os pés deles correm para o mal, e eles se apressam para derramar sangue. ¹⁷Não adianta armar o alçapão, quando o passarinho está olhando. ¹⁸No fundo, suas armadilhas serão mortais para eles próprios que estão atentando contra si mesmos. ¹⁹Tal é o destino do ganancioso: a cobiça acaba com o cobiçoso. [1,8-19]

Mudem, antes que seja tarde! — ²⁰A Sabedoria grita pelas ruas e levanta a voz nas praças. ²¹Ela grita no burburinho da cidade e anuncia nas praças públicas: ²²“Até quando, ó ingênuos, vocês vão amar a ingenuidade? E vocês, zombadores, até quando se empenharão na zombaria? E vocês, insensatos, até quando odiarão o conhecimento? ²³Voltem-se para ouvir o meu aviso: eu vou derramar meu espírito sobre vocês, e lhes comunicarei as minhas palavras. ²⁴Contudo, eu chamei, e vocês recusaram; estendi a mão, e ninguém deu atenção. ²⁵Vocês recusaram os meus conselhos e não aceitaram o meu aviso. ²⁶Por isso, eu também vou rir da desgraça de vocês. Vou zombar, quando o terror os assaltar. ²⁷Quando o terror cair sobre vocês como tempestade, a desgraça chegar como furacão, e a angústia e aflição os alcançar, ²⁸então vocês vão me chamar, mas eu não responderei. Vocês vão me procurar, mas não me encontrarão. ²⁹Vocês recusaram o conhecimento e não escolheram o temor de Javé. ³⁰Não aceitaram o meu conselho e desprezaram o meu aviso. ³¹Pois bem! Vocês comerão o fruto do seu comportamento e ficarão fartos de seus próprios conselhos. ³²Sim, a revolta dos ingênuos acabará levando-os à morte, e a despreocupação acabará com os insensatos. ³³Todavia, quem me obedece viverá

tranquilo. Estará seguro e não temerá nenhum mal”. [20-33]

2 *É Deus quem dá a sabedoria* — ¹Meu filho, se você aceitar as minhas palavras e conservar os meus preceitos, ²dando ouvidos à sabedoria e inclinando o coração para o entendimento; ³se você invocar a inteligência e chamar o entendimento; ⁴se você procurar a sabedoria como dinheiro e a buscar como tesouro, ⁵então você entenderá o temor de Javé e alcançará o conhecimento de Deus.

⁶De fato, é Javé quem dá a sabedoria, e da sua boca vêm o conhecimento e o entendimento. ⁷Ele reserva a sensatez para os retos. Ele é escudo para os que se comportam com integridade. ⁸Ele vigia as trilhas do direito e guarda o caminho de seus fiéis. ⁹Então você entenderá a justiça e o direito, a retidão e todos os caminhos da felicidade. ¹⁰Porque a sabedoria virá ao seu coração, e você terá gosto no conhecimento. ¹¹A reflexão guardará você, e o entendimento o protegerá, ¹²para livrá-lo do mau caminho e do homem que fala com perversidade; ¹³dos que abandonam o trilho certo para seguir caminhos tenebrosos; ¹⁴dos que se alegram com a prática do mal e se satisfazem com a perversidade; ¹⁵dos que seguem trilhas tortuosas e caminhos desviados. ¹⁶A sabedoria livrará você da mulher estrangeira, a forasteira que seduz com palavras, ¹⁷que abandonou o companheiro de sua juventude e esqueceu a aliança do seu Deus. ¹⁸A casa dela conduz para a morte, e suas trilhas levam para o reino das sombras. ¹⁹Os que entram aí não voltam mais e não alcançam as trilhas da vida. ²⁰Por isso, você seguirá o caminho dos bons e observará as trilhas dos justos, ²¹porque os retos habitarão a terra, e os íntegros permanecerão nela. ²²Os injustos, porém, serão expulsos da terra, e os infiéis dela serão arrancados. [2,1-22]

3 *Como adquirir a sabedoria* — ¹Meu filho, não esqueça a minha instrução. Conserve na memória os meus preceitos, ²porque eles trarão para você longos dias e muitos anos, e também vida e prosperidade. ³Que o amor e a fidelidade não abandonem você. Amarre-os ao redor do seu pescoço e escreva-os na tábua do seu coração. ⁴Assim você alcançará favor e aceitação diante de Deus e diante dos homens. ⁵Confie em Javé com todo o seu coração, e não se fie em sua própria inteligência. ⁶Pense nele em todos os seus caminhos, e ele aplainará as suas trilhas. ⁷Não se considere sábio: tema a Javé e evite o mal. ⁸Isso trará saúde para a sua carne e alívio para seus ossos. ⁹Honre a Javé com as suas riquezas e

com os primeiros frutos de todas as suas colheitas. ¹⁰Desse modo, seus celeiros estarão cheios de trigo, e seus tonéis transbordarão de vinho novo.

¹¹Meu filho, não despreze a disciplina de Javé, nem se canse com o aviso dele, ¹²porque Javé corrige aqueles que ama, como o pai corrige o filho preferido. [3,1-12]

A sabedoria traz vida — ¹³Feliz o homem que encontrou a sabedoria e alcançou o entendimento, ¹⁴porque a sabedoria vale mais do que a prata, e dá mais lucro que o ouro. ¹⁵Ela é mais valiosa do que as pérolas, e não existe objeto precioso que se iguale a ela. ¹⁶Na mão direita ela tem vida longa, e na sua esquerda, riqueza e honra. ¹⁷Seus caminhos são deliciosos e suas trilhas conduzem ao bem-estar. ¹⁸Ela é árvore de vida para os que a adquirem e são felizes aqueles que a conservam. ¹⁹Javé alicerçou a terra com sabedoria e firmou o céu com entendimento. ²⁰Com o saber que ela tem, são abertos os abismos e as nuvens destilam o orvalho. [13-20]

Os sábios possuirão a honra — ²¹Meu filho, não perca de vista a sensatez, conserve a reflexão: ²²elas serão vida para você e enfeite para seu pescoço. ²³Você seguirá tranquilo o seu caminho, e seus pés não tropeçarão. ²⁴Você descansará sem medo; e quando deitar, seu sono será tranquilo. ²⁵Você não se assustará com o terror imprevisto, nem com a desgraça que cai sobre os injustos. ²⁶Porque Javé ficará do seu lado e impedirá que seu pé caia na armadilha.

²⁷Se lhe for possível, não negue um favor a quem precisa. ²⁸Não diga a seu próximo: “Vá embora. Passe depois, que eu lhe darei amanhã”, quando você tem a coisa na mão. ²⁹Não planeje o mal contra o seu vizinho, pois ele mora ao seu lado e confia em você. ³⁰Não abra processo sem motivo contra ninguém, se a pessoa não lhe fez nada de mal. ³¹Não tenha inveja do homem violento, e de modo nenhum imite o comportamento dele, ³²porque Javé detesta o perverso, mas é amigo dos justos. ³³Javé amaldiçoa a casa do injusto, mas abençoa a morada dos justos. ³⁴Ele zomba dos zombadores, mas favorece os pobres. ³⁵Os sábios possuirão a honra, porém os insensatos receberão a vergonha. [21-35]

4 *O aprendizado da sabedoria* — ¹Filhos, obedeçam à disciplina paterna, e fiquem atentos para adquirir a inteligência. ²Eu lhes dou uma boa doutrina; não abandonem a minha instrução. ³Eu também fui filho do meu pai e amado

ternamente por minha mãe. ⁴Ele me instruiu assim: “Conserve os meus conselhos em sua mente, observe os meus preceitos, e você viverá. ⁵Adquira a sabedoria, adquira a inteligência e não se esqueça delas, nem se afaste dos meus conselhos. ⁶Não abandone a sabedoria, e ela o guardará. Ame a sabedoria, e ela o protegerá. ⁷O princípio da sabedoria é adquirir a sabedoria. Adquira a inteligência usando tudo o que você possui. ⁸Conquiste a sabedoria, e ela o exaltará. Abrace-a, e ela o honrará. ⁹Ela colocará em sua cabeça um belo diadema, e o cingirá com uma brilhante coroa”. [4,1-9]

Escolher o caminho — ¹⁰Meu filho, escute e receba os meus conselhos, e eles multiplicarão os anos de sua vida. ¹¹Estou lhe mostrando o caminho da sabedoria e guiando você pelas trilhas da retidão. ¹²Ao caminhar, seus passos não vão se embarçar e, ao correr, você não tropeçará. ¹³Agarre-se à disciplina e não a solte; pratique a disciplina, porque ela é a sua vida. ¹⁴Não ande pela trilha dos injustos, nem pise no caminho dos maus. ¹⁵Evite esse caminho e não o atravesse. Afaste-se dele e siga em frente. ¹⁶Os injustos não dormem sem ter feito o mal; perdem o sono, enquanto não fazem alguém tropeçar. ¹⁷Comem a maldade como pão e bebem a violência como vinho. ¹⁸Mas a trilha dos justos brilha como aurora, e vai clareando até nascer o dia. ¹⁹O caminho dos injustos é tenebroso, e eles não sabem no que irão tropeçar.

²⁰Meu filho, esteja atento às minhas palavras e dê ouvidos aos meus conselhos. ²¹Nunca os perca de vista e guarde-os no seu coração. ²²Pois eles são vida para quem os encontra e saúde para o seu corpo. ²³Acima de tudo, guarde o seu coração, porque dele brota a vida. ²⁴Afaste-se da boca enganosa e fique longe dos lábios falsos. ²⁵Que seus olhos olhem para a frente e seu olhar se dirija para diante. ²⁶Fique atento às trilhas onde você coloca os pés, e que todos os seus caminhos sejam firmes. ²⁷Não se desvie nem para a direita, nem para a esquerda, e afaste do mal os seus passos. [10-27]

5 A idolatria é traiçoeira — ¹Meu filho, preste atenção à minha experiência, dê ouvidos ao meu entendimento. ²Assim você conservará a reflexão, e seus lábios guardarão o conhecimento.

³Os lábios da estrangeira destilam mel e suas palavras são mais suaves do que o azeite. ⁴No final, porém, ela é amarga como fel e afiada como espada de dois

gumes. ⁵Os pés dela levam para a morte, e seus passos conduzem ao túmulo. ⁶Ela não segue o caminho da vida, e suas trilhas se desviam sem que ela perceba.

⁷Portanto, meu filho, me escute, e não se afaste dos meus conselhos. ⁸Afaste-se do caminho da estrangeira, e não se aproxime da porta da casa dela. ⁹Não dê a estranhos a sua honra, nem os seus anos para gente cruel. ¹⁰Que os estranhos não se fartem com o seu vigor, e a casa do desconhecido com os seus suores. ¹¹Caso contrário, você vai lamentar sua sorte, quando a carne do seu corpo se consumir. ¹²Então você dirá: “Por que desprezei a disciplina e rejeitei a correção? ¹³Não dei atenção aos meus mestres, nem dei ouvido aos meus educadores. ¹⁴Por pouco não cheguei ao cúmulo da desgraça no meio da comunidade e da assembleia”. [5,1-14]

Beber do próprio poço — ¹⁵Beba a água da sua cisterna, a água que jorra do seu poço. ¹⁶Não derrame pela rua a água de sua fonte, nem pelas praças a água dos seus riachos. ¹⁷Sejam elas somente para você, sem repartir com estrangeiros. ¹⁸Seja bendita a sua fonte, alegre-se com a esposa de sua juventude: ¹⁹ela é corça querida, gazela formosa. Que as carícias dela embriaguem sempre a você, e o amor dela o satisfaça continuamente.

²⁰Meu filho, por que se deleitar com mulher estranha e abraçar o peito de uma estrangeira? ²¹Os olhos de Javé observam os caminhos do homem e lhe vigiam todas as trilhas. ²²O injusto fica preso em suas próprias culpas e é apanhado na armadilha do seu pecado; ²³ele morre por falta de correção, e perece por causa de sua grande insensatez. [15-23]

O perigo da fiança [6,1-19] — ¹Meu filho, se você foi fiador do seu próximo, e fez acordo com algum estrangeiro; ²se você se comprometeu, dando sua palavra, e ficou preso pelo que disse, ³você caiu em poder do seu próximo. Para se livrar, faça o seguinte, meu filho: ⁴Vá, insista e incomode o seu próximo. Não durma, nem descanse. ⁵Liberte-se, como a cerva da armadilha ou o passarinho da arapuca. [6,1-5]

Prudência e responsabilidade — ⁶Vamos, preguiçoso, olhe a formiga, observe os hábitos dela, e aprenda. ⁷Ela não tem chefe, nem guia, nem governante. ⁸Apesar disso, no verão ela acumula o grão e ajunta provisões durante a colheita.

⁹Até quando você vai ficar dormindo, preguiçoso? Quando é que vai se levantar da cama? ¹⁰Dormindo um pouco, cochilando outro pouco e mais um pouco ainda, cruzando os braços e descansando, ¹¹sobre você cairá a pobreza do vagabundo e a indignação do mendigo. [6-11]

A certeza tem limites — ¹²O homem falso e malfeitor emprega palavras enganadoras, ¹³pisca o olho, balança os pés e faz sinal com os dedos; ¹⁴pensa em desatinos, planeja maldades e está sempre semeando discórdia. ¹⁵Mas, de repente, cai sobre ele a perdição e, num instante, o quebra sem remédio. [12-15]

Coisas que Deus detesta — ¹⁶Javé detesta seis coisas, e a sétima ele abomina: ¹⁷olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, ¹⁸coração que maquina planos perversos, pés que correm para a maldade, ¹⁹testemunha falsa que profere mentiras, e aquele que semeia discórdia entre irmãos. [16-19]

Gravidade do adultério — ²⁰Meu filho, guarde os preceitos de seu pai e não despreze o ensinamento de sua mãe. ²¹Conserve-os sempre vivos na memória e amarre-os no pescoço. ²²Desse modo, quando você caminhar, eles o guiarão; quando você descansar, eles o guardarão; e quando você despertar, eles falarão com você. ²³Porque o preceito é uma lâmpada, a instrução é uma luz e a repreensão que corrige é caminho de vida. ²⁴Eles protegerão você da mulher má e da língua suave da estrangeira. ²⁵Que seu coração não cobice a beleza dela, nem se deixe prender por seus olhares. ²⁶A prostituta procura um pedaço de pão, mas a mulher casada vai à caça de uma vida.

²⁷Pode alguém carregar fogo no peito sem queimar a própria roupa? ²⁸Pode alguém caminhar em cima de brasas e não queimar os próprios pés? ²⁹O mesmo acontece com aquele que procura a mulher do próximo: quem a toca, não ficará sem castigo. ³⁰O ladrão não fica difamado quando rouba para matar a fome; ³¹se o prendem, ele deverá devolver sete vezes mais e entregar todos os bens de sua casa. ³²Mas o adúltero não tem bom senso: só age assim quem quer se arruinar. ³³Levará uma surra, passará vergonha, e sua infâmia nunca desaparecerá. ³⁴Porque o ciúme provocará a raiva do marido, que não terá piedade no dia da vingança: ³⁵de nenhum modo aceitará compensação, e recusará pagamento, mesmo que seja grande. [20-35]

7 *A sedução da estrangeira* — ¹Meu filho, conserve as minhas palavras e guarde os meus preceitos. ²Observe os meus preceitos, e você terá a vida. Guarde a minha instrução como a pupila dos seus olhos. ³Amarre-a nos dedos e a escreva na tábua do coração. ⁴Diga à sabedoria: “Você é minha irmã”. Trate a inteligência como amiga, ⁵para que ela o proteja da mulher estrangeira, e da estranha que seduz com a palavra.

⁶Eu estava na janela de minha casa observando por trás das grades. ⁷Vi alguns rapazes ingênuos, e notei que um deles não tinha juízo. ⁸Ele passava pela rua, perto da esquina, e se dirigia para a casa da estrangeira. ⁹Já caía a noite de lua nova. ¹⁰Uma mulher foi ao encontro dele, vestida como prostituta e cheia de malícia. ¹¹Era ousada e insolente, e seus pés não paravam em casa: ¹²ora estava na rua, ora na praça, espreitando em cada esquina. ¹³Então ela agarrou e beijou o rapaz. Depois lhe falou descaradamente: ¹⁴“Preparei um sacrifício de comunhão, porque hoje estou cumprindo uma promessa. ¹⁵Por isso saí para encontrar você. Estava ansiosa por vê-lo e acabei encontrando você. ¹⁶Cobri a cama com colchas e estendi lençóis do Egito. ¹⁷Perfumei o quarto com mirra, aloés e cinamomo. ¹⁸Venha, vamos nos embriagar com carícias até de manhã. Vamos nos saciar com amores, ¹⁹porque o meu marido está fazendo uma longa viagem e não está em casa. ²⁰Ele levou a bolsa com dinheiro, e não voltará até a lua cheia”. ²¹Com tantas palavras, ela o apanhou e o atraiu com lábios enganadores. ²²O infeliz correu atrás dela, como boi para o matadouro, como animal preso no laço, ²³até uma flecha o atingir no lado. Foi como pássaro que voa para a arapuca, sem saber que vai perder a vida.

²⁴Agora, meu filho, escute. Preste atenção no que vou dizer. ²⁵Que o seu coração não se extravie para o caminho da estrangeira e que você não se perca nas trilhas dela. ²⁶Ela já assassinou muita gente, e suas vítimas foram numerosas. ²⁷A casa dela é um caminho para o túmulo, uma descida para o reino da morte. [7,1-27]

8 *Admoestação da Sabedoria* — ¹Ouçam: a Sabedoria está chamando, o Entendimento faz ouvir sua voz? ²Nas elevações, ao longo do caminho, nas encruzilhadas das estradas, ³junto às portas na entrada da cidade e nos portões de saída, ela se apresenta, exclamando: ⁴“Homens, eu me dirijo a vocês, eu me dirijo aos filhos de Adão, ⁵para que os ingênuos aprendam a sagacidade, e os

insensatos adquiram bom senso. ⁶Escutem bem, porque vou dizer coisas importantes, e dos meus lábios vão sair palavras justas. ⁷A minha boca vai proclamar a verdade, e os meus lábios aborrecem a injustiça. ⁸Todas as palavras da minha boca são justas. Nenhuma delas é enganadora ou falsa. ⁹São verdadeiras para quem sabe discernir, e retas para quem possui o conhecimento. ¹⁰Aceitem a minha disciplina, e não o dinheiro; prefiram o conhecimento em lugar do ouro, ¹¹porque a Sabedoria vale mais do que as pérolas, e nenhuma joia se compara a ela”. [8,1-11]

A Sabedoria traz discernimento político — ¹²Eu, a Sabedoria, sou vizinha da sagacidade, e tenho o conhecimento e a reflexão. ¹³Temer a Javé é odiar o mal. Por isso, eu detesto o orgulho e a soberba, o mau comportamento e a boca falsa. ¹⁴Eu possuo o conselho e o bom senso; a inteligência e a fortaleza me pertencem. ¹⁵É através de mim que os reis governam e os príncipes decretam leis justas. ¹⁶Através de mim, os chefes governam e os nobres dão sentenças justas. ¹⁷Eu amo os que me amam, e os que me procuram me encontrarão. ¹⁸Comigo estão a riqueza e a honra, a prosperidade e a justiça. ¹⁹O meu fruto vale mais do que ouro puro, e a minha renda vale mais do que prata de lei. ²⁰Eu caminho pela trilha da justiça, e ando pelas veredas do direito, ²¹para levar riquezas aos que me amam e encher os seus cofres. [12-21]

A Sabedoria é o sentido da criação — ²²Javé me produziu como primeiro fruto de sua obra, no começo de seus feitos mais antigos. ²³Fui estabelecida desde a eternidade, desde o princípio, antes que a terra começasse a existir. ²⁴Fui gerada quando o oceano ainda não existia, e antes que existissem as fontes de água. ²⁵Fui gerada antes que as montanhas e colinas fossem implantadas, ²⁶quando Javé ainda não tinha feito a terra e a erva, nem os primeiros elementos do mundo. ²⁷Quando ele fixava o céu e traçava a abóbada sobre o oceano, eu aí estava. ²⁸Eu me achava presente quando ele condensava as nuvens no alto e fixava as fontes do oceano; ²⁹quando punha um limite para o mar, de modo que as águas não ultrapassassem a praia; e também quando assentava os fundamentos da terra. ³⁰Eu estava junto com ele, como mestre de obras. Eu era o seu encanto todos os dias, e brincava o tempo todo em sua presença; ³¹brincava na superfície da terra, e me deliciava com a humanidade.

³²Portanto, meus filhos, me escutem: Felizes os que seguem os meus caminhos. ³³Obedeçam à disciplina, e vocês se tornarão sábios. Não a desprezem. ³⁴Feliz o homem que me obedece, vigiando todos os dias em minha porta, esperando na entrada de minha casa. ³⁵Quem me encontra, encontra a vida, e goza do favor de Javé. ³⁶Quem me perde, se arruína a si mesmo, pois todos os que me odeiam amam a morte. [22-36]

9 O convite da Sabedoria — ¹A Sabedoria construiu a sua casa, talhando suas sete colunas. ²Abateu seus animais, preparou o vinho e pôs a mesa. ³Enviou suas criadas para anunciar nos pontos mais altos da cidade: ⁴“Os ingênuos venham até aqui. Quero falar aos que não têm juízo. ⁵Venham comer do meu pão e beber do vinho que eu preparei. ⁶Deixem de ser ingênuos, e vocês viverão; sigam o caminho da inteligência”. [9,1-6]

Não desperdiçar a sabedoria — ⁷Quem corrige o zombador, atrai o seu desprezo; e quem repreende o injusto, atrai o insulto. ⁸Não repreenda o zombador, porque ele odiará você. Repreenda o sábio, pois ele lhe agradecerá. ⁹Dê um conselho ao sábio, e ele se tornará mais sábio ainda. Dê instrução ao justo, e ele aprenderá ainda mais.

¹⁰O princípio da sabedoria é o temor de Javé, e conhecer o Santo é inteligência. ¹¹Por meio de mim, você prolongará os seus dias, e terá mais anos de vida. ¹²Se você for sensato, a vantagem será sua; se for zombador, o azar será seu. [7-12]

Convite da Insensatez — ¹³A senhora Insensatez é irrequieta, é uma ingênuo que não conhece nada. ¹⁴Ela fica sentada na porta da casa, num banco de onde domina a cidade. ¹⁵Daí, ela chama os que passam e que vão seguindo pelo caminho reto: ¹⁶“Os ingênuos venham aqui. Quero falar aos que não têm juízo. ¹⁷A água roubada é mais doce, e o pão comido às escondidas é mais gostoso”. ¹⁸Eles não sabem que na casa dela estão os mortos, e que os seus convidados vão para o reino dos mortos. [13-18]

II. O CAMINHO DA JUSTIÇA [10,1-22,16]

O justo e o injusto

10¹Provérbios de Salomão. O filho sábio alegra o pai; o filho insensato entristece a mãe.

²Tesouros injustos não trazem proveito, mas a justiça livra da morte.

³Javé não deixa que o justo passe fome, porém reprime a ambição dos injustos.

⁴A mão preguiçosa empobrece, mas o braço trabalhador enriquece.

⁵Quem armazena no outono é prudente; quem dorme na colheita passa vergonha.

⁶As bênçãos descem sobre a cabeça do justo, mas a boca dos injustos esconde violência.

⁷A memória do justo é bendita, mas o nome dos injustos apodrece.

⁸O homem de bom senso aceita o mandamento, mas o estúpido se arruína pela boca.

⁹Quem se comporta com integridade vive em segurança; quem segue caminho torto acaba desmascarado.

¹⁰Quem faz vista grossa causa pesares; quem repreende abertamente traz remédio.

¹¹A boca do justo é fonte de vida, mas a boca dos injustos esconde violência.

¹²O ódio provoca rixas, mas o amor cobre todas as ofensas.

¹³Na boca da pessoa prudente existe sabedoria, e a vara é para as costas do insensato.

¹⁴Os sábios entesouram o conhecimento, mas a boca do tolo é perigo iminente.

¹⁵A fortaleza do rico é a sua fortuna, mas a ruína dos fracos é a sua pobreza.

¹⁶O salário do justo leva para a vida, mas o ganho do injusto leva para o pecado.

¹⁷Quem aceita a disciplina caminha para a vida; quem despreza a correção se extravia.

¹⁸A boca sincera aplaca o ódio, mas quem espalha a calúnia é insensato.

¹⁹Quem muito fala acaba ofendendo; a pessoa prudente põe freio na boca.

²⁰A boca do justo é prata de lei; a mente dos injustos não vale nada.

²¹A boca do justo alimenta muita gente, mas os estultos morrem por falta de

juízo.

²²A bênção de Javé faz prosperar, e a nos-sa fadiga nada lhe acrescenta.

²³O insensato se diverte fazendo o mal; o inteligente se diverte com a sabedoria.

²⁴Para o injusto acontece o que ele teme; para os justos é dado o que eles desejam.

²⁵Quando vem o furacão, o injusto desaparece; mas o justo permanece firme para sempre.

²⁶Vinagre nos dentes e fumaça nos olhos é o preguiçoso para quem o envia.

²⁷O temor de Javé prolonga os dias, porém os anos dos injustos serão abreviados.

²⁸A esperança dos justos acaba em alegria, mas a esperança dos injustos termina em fracasso.

²⁹O caminho de Javé é refúgio para o íntegro, mas para os malfeitores é terror.

³⁰O justo nunca vacilará, mas os injustos não habitarão na terra.

³¹A boca do justo diz coisas sábias, mas a língua perversa será cortada.

³²As palavras do justo destilam bondade; a boca dos injustos destila perversidade.

11 ¹Javé detesta balanças falsas e gosta de peso justo.

²Depois da soberba vem a desonra, mas com os humildes está a sabedoria.

³A integridade guia os retos, mas a perversidade arruína os traidores.

⁴A riqueza é inútil no dia da ira, mas a justiça liberta da morte.

⁵A justiça aplanar o caminho dos íntegros, mas o injusto cai por sua injustiça.

⁶A justiça salva os retos, mas os traidores são apanhados na própria cobiça.

⁷Quando o injusto morre, sua esperança desaparece, e a esperança nas riquezas também desaparece.

⁸O justo escapa do aperto; o injusto cai em lugar dele.

⁹O injusto arruína o próximo com a boca, mas os justos se salvam pelo conhecimento que possuem.

¹⁰A cidade festeja o triunfo dos justos, e canta de alegria quando os injustos perecem.

¹¹A cidade prospera com a bênção dos retos, mas se destrói pela boca dos injustos.

¹²Quem despreza o próximo não tem bom senso; o homem prudente guarda

silêncio.

¹³Quem fala demais espalha segredos; o homem de confiança mantém a discrição.

¹⁴Sem liderança, o povo se arruína; e com muitos conselheiros se salva.

¹⁵Quem serve de fiador para um estrangeiro acaba se prejudicando; quem evita compromissos permanece tranquilo.

¹⁶A mulher formosa adquire honra; os violentos adquirem riqueza.

¹⁷O homem bondoso faz bem a si mesmo; o homem cruel destrói a si próprio.

¹⁸O injusto conquista lucros enganosos; quem semeia justiça tem salário seguro.

¹⁹Quem pratica a justiça busca a vida; quem segue o mal caminha para a morte.

²⁰Javé detesta a mente tortuosa, mas aprecia o comportamento íntegro.

²¹Cedo ou tarde, o mau será cobrado, mas a descendência dos justos será salva.

²²Anel de ouro em focinho de porco é a mulher bonita, mas sem bom senso.

²³O desejo dos justos se realiza; as ilusões dos injustos não levam a nada.

²⁴Há quem dá generosamente, e sua riqueza aumenta ainda mais; e há quem acumula injustamente, e acaba na miséria.

²⁵Quem é generoso progride na vida, e quem dá de beber jamais passará sede.

²⁶O povo amaldiçoa quem sonega alimentos, e abençoa quem os põe no mercado.

²⁷Quem madruga para o bem alcançará favor, mas quem busca o mal será vítima do mal.

²⁸Quem confia na própria riqueza murchará, mas os justos brotarão como folhagens.

²⁹Quem cria desordem em casa terá vento como herança; e quem não tem juízo será escravo de quem é sábio.

³⁰O fruto do justo é árvore de vida, e o sábio cativa as pessoas.

³¹Se até o justo recebe sua recompensa aqui na terra, quanto mais o injusto e o pecador!

12¹Quem ama a correção ama o saber; quem detesta a correção torna-se imbecil.

²Javé favorece o homem bom, mas condena o astuto.

³Ninguém se firma pela injustiça, mas a raiz dos justos não será abalada.

⁴Mulher forte é coroa para o marido; mulher de má fama é cárie nos ossos.

⁵Os projetos dos justos são retos; as táticas dos injustos são traiçoeiras.

⁶Os conselhos dos injustos são armadilhas mortais, mas a boca dos retos salva do perigo.

⁷Os injustos são derrubados e desaparecem, mas a família dos justos permanece firme.

⁸O homem de bom senso é elogiado, mas o homem de coração perverso é desprezado.

⁹É melhor ser modesto e ter um só empregado, do que bancar o rico e passar fome.

¹⁰O justo sabe cuidar de tudo o que os animais precisam, mas os injustos não são capazes de se compadecer.

¹¹Quem cultiva seu campo ficará saciado de pão; quem corre atrás de ilusões não tem bom senso.

¹²A cobiça do injusto é uma rede de males, mas a raiz dos justos prospera.

¹³O mau fica preso na falsidade da própria boca, mas o justo se livrará do aperto.

¹⁴Cada um se satisfaz com aquilo que fala, mas receberá conforme aquilo que faz.

¹⁵O tolo fica satisfeito com sua conduta, mas o sábio obedece ao conselho.

¹⁶O tolo mostra logo a sua raiva, mas a pessoa esperta disfarça a ofensa.

¹⁷Quem diz a verdade proclama a justiça; a testemunha falsa proclama a mentira.

¹⁸Há quem use a língua como espada, mas a língua dos sábios produz cura.

¹⁹A língua sincera permanece para sempre, mas a língua mentirosa dura apenas um instante.

²⁰A mente de quem planeja o mal é amarga; e quem aconselha a paz vive tranquilo.

²¹Ao justo nada de mal acontece, mas os injustos vivem cheios de desgraças.

²²Javé detesta a boca mentirosa, mas o homem sincero conquista o favor dele.

²³O homem esperto esconde o seu conhecimento, mas a mente dos insensatos proclama sua própria estupidez.

²⁴Mão trabalhadora mandará; mão preguiçosa servirá.

²⁵A angústia deprime o coração, mas a boa palavra reanima.

²⁶O justo mostra o caminho ao seu próximo, mas o caminho dos injustos

extravia a eles próprios.

²⁷O preguiçoso não ganha seu sustento, mas o trabalhador se torna rico.

²⁸A vida se encontra no caminho da justiça; o caminho da injustiça conduz para a morte.

13¹Filho sensato aceita a correção do pai; filho insolente não escuta a repreensão.

²O homem se alimenta com aquilo que fala, mas o ventre dos injustos se alimenta de violência.

³Quem vigia a própria boca conserva a vida; quem solta a língua caminha para a ruína.

⁴O preguiçoso muito quer e nada tem, mas o trabalhador satisfaz o apetite.

⁵O justo detesta a mentira, mas o injusto calunia e difama.

⁶A justiça guarda o homem íntegro, mas o pecado arruína o injusto.

⁷Muitos se fingem de ricos e nada têm; outros parecem pobres e possuem muitos bens.

⁸O rico paga resgate por sua vida, mas o pobre não sofre ameaças.

⁹A luz dos justos brilha, mas a lâmpada dos injustos se apaga.

¹⁰A insolência só provoca brigas, mas a sabedoria acompanha os que se deixam aconselhar.

¹¹Riqueza conseguida de repente acaba diminuindo; quem ajunta pouco a pouco, se enriquece.

¹²Esperança que tarda deixa doente o coração; desejo que se realiza é árvore de vida.

¹³Quem despreza o conselho se arruinará; quem respeita o mandamento será salvo.

¹⁴O conselho do sábio é fonte de vida, para evitar os laços da morte.

¹⁵Bom senso alcança favor, mas o caminho dos traidores conduz para a ruína.

¹⁶O homem esperto age com conhecimento de causa, mas o insensato manifesta sua estupidez.

¹⁷O mau mensageiro provoca desgraça, mas o mensageiro fiel traz a cura.

¹⁸Miséria e vergonha para quem rejeita a correção; honra para quem observa a repreensão.

¹⁹Desejo satisfeito é doçura para a alma, mas os insensatos detestam afastar-se do mal.

²⁰Quem caminha com os sábios se torna sábio; quem se junta com os insensatos torna-se mau.

²¹A desgraça persegue os pecadores; a paz e o bem perseguem os justos.

²²A herança do bom permanece na sua família, mas a riqueza do pecador está reservada para o justo.

²³A lavoura do pobre dá rico sustento, mas pode se perder por falta de justiça.

²⁴Quem poupa a vara, odeia o seu filho; mas aquele que o ama lhe aplica a correção.

²⁵O justo come e se sacia, mas o ventre dos injustos passa necessidade.

14¹A mulher sábia constrói o seu lar; a insensata o destrói com as próprias mãos.

²Quem se comporta corretamente teme a Javé; quem perverte a própria conduta o despreza.

³Da boca do tolo brota a soberba; mas a boca dos sábios os protege.

⁴Onde não há bois falta cereal, mas a força do touro traz grande colheita.

⁵A testemunha verdadeira não mente; a testemunha falsa respira mentiras.

⁶O zombador busca a sabedoria e não a encontra, mas o conhecimento é fácil para o inteligente.

⁷Deixe a companhia do homem insensato, porque junto dele você não achará conhecimento.

⁸A sabedoria do homem sagaz é discernir seu próprio caminho, mas a estupidez do insensato é loucura.

⁹Os insensatos zombam da culpa, mas os retos alcançam favor.

¹⁰O coração conhece sua própria amargura, e o estranho não participa da sua alegria.

¹¹A casa dos injustos se arruína, mas a tenda dos retos prospera.

¹²Às vezes um caminho parece reto para alguém, mas acaba levando para a morte.

¹³Também entre risos o coração chora, e a alegria termina em tristeza.

¹⁴O extraviado ficará farto de sua própria conduta, mas o homem bom se saciará com as próprias obras.

¹⁵O ingênuo acredita em tudo o que lhe dizem, mas o homem esperto olha onde pisa.

¹⁶O sábio é precavido e se afasta do mal; o insensato vai em frente sem pensar.

¹⁷O homem colérico comete estupidez, e o homem intrigante torna-se odiado.

¹⁸Os ingênuos se enfeitam com estupidez, mas os espertos se coroam de conhecimento.

¹⁹Os maus se inclinam diante dos bons, e os injustos diante da porta do justo.

²⁰O pobre é desprezado até mesmo por seu parente, mas o rico tem muitos amigos.

²¹Quem despreza o seu próximo fracassa, mas quem tem compaixão do pobre é feliz.

²²Quem planeja o mal acaba se extraviando, mas os que realizam o bem gozam de amor e fidelidade.

²³Todo trabalho traz seu proveito, mas o muito falar só produz miséria.

²⁴Os sábios são coroados de riquezas, e os insensatos de estupidez.

²⁵A testemunha verdadeira salva as vidas, mas quem diz mentiras é impostor.

²⁶A confiança do forte é temer a Javé, que é um refúgio para seus filhos.

²⁷O temor de Javé é fonte de vida, para evitar os laços da morte.

²⁸Povo numeroso é honra para o rei, mas a falta de gente é ruína para o príncipe.

²⁹O homem paciente é cheio de inteligência, mas o impulsivo exalta sua própria ignorância.

³⁰Coração tranquilo é vida para o corpo, mas a inveja é cárie nos ossos.

³¹Quem oprime o fraco ofende a Deus, mas quem se compadece do indigente honra o Criador.

³²O injusto tropeça na sua própria maldade, mas o justo se refugia na sua própria integridade.

³³No coração prudente mora a sabedoria, e ela se manifesta até no meio dos insensatos.

³⁴A justiça faz uma nação prosperar, mas o pecado empobrece os povos.

³⁵O rei favorece o ministro hábil, mas descarrega sua ira sobre o indigno.

15¹Resposta calma aplaca a ira; palavra mordaz atíça a cólera.

²A língua dos sábios faz saborear o conhecimento, mas a boca dos insensatos vomita ignorância.

³Em todo lugar os olhos de Javé estão vigiando os maus e os bons.

⁴Palavra reconfortante é árvore de vida; língua perversa fere o coração.

⁵O tolo despreza a correção paterna, mas quem observa a repreensão é esperto.

- ⁶Na casa do justo existe abundância, mas o lucro do injusto só traz inquietação.
- ⁷A boca do sábio espalha conhecimento, mas a mente do insensato é insensata.
- ⁸Javé detesta o sacrifício dos injustos, mas aprecia a súplica dos homens retos.
- ⁹Javé detesta o comportamento dos injustos, mas ama quem busca a justiça.
- ¹⁰Quem se desvia do caminho será duramente punido, e quem não gosta da repreensão morrerá.
- ¹¹Morte e abismo são transparentes para Javé; quanto mais o coração humano!
- ¹²O insolente não gosta que o repreendam, e não anda com os sábios.
- ¹³Coração contente alegra o rosto, mas coração aflito deprime o espírito.
- ¹⁴Mente reta procura o conhecimento, mas a boca dos insensatos se alimenta de ignorância.
- ¹⁵Para o pobre, todos os dias são maus, mas o coração alegre está sempre em festa.
- ¹⁶Mais vale o pouco no temor de Javé, do que grandes tesouros com inquietação.
- ¹⁷Mais vale um prato de verdura com amor do que um boi cevado, com rancor.
- ¹⁸Homem colérico provoca disputas; homem paciente acalma as brigas.
- ¹⁹O caminho do preguiçoso é cercado de espinhos, mas a trilha dos retos é estrada plana.
- ²⁰Filho sábio é alegria para o pai, mas filho insensato é desonra para a mãe.
- ²¹A ignorância alegra quem não tem bom senso, mas o homem prudente caminha direito.
- ²²Os projetos fracassam por falta de consulta, mas têm sucesso quando há muitos conselheiros.
- ²³Que alegria saber dar uma resposta! Como é boa a palavra oportuna!
- ²⁴O prudente sobe por um caminho de vida, que o afasta do mundo dos mortos.
- ²⁵Javé derruba a casa dos soberbos, e fixa os marcos do terreno da viúva.
- ²⁶Javé detesta projetos perversos e gosta de palavras sinceras.
- ²⁷Quem cobiça ganhos desonestos acaba arruinando sua própria casa, mas quem odeia o suborno viverá.
- ²⁸O justo reflete antes de responder, mas a boca dos injustos vomita maldades.
- ²⁹Javé se afasta dos injustos, mas ouve a súplica dos justos.
- ³⁰Olhar sereno alegra o coração, e boa notícia renova as forças.
- ³¹Ouvido que escuta a repreensão sábia se hospedará no meio dos sábios.

³² Quem rejeita a correção despreza a si mesmo, mas quem aceita a repreensão adquire bom senso.

³³ O temor de Javé é escola de sabedoria, e antes da honra está a humildade.
[10,1-15,33]

O discernimento da justiça

16¹O homem faz seus projetos, mas a resposta vem de Javé.

²A pessoa pode achar que sua conduta é certa, mas é Javé quem examina as consciências.

³Confie a Javé o que você faz, e seus projetos se realizarão.

⁴Javé faz tudo para uma finalidade, até mesmo o injusto para o dia da desgraça.

⁵Javé detesta o orgulhoso, que certamente não ficará sem castigo.

⁶Com amor e fidelidade apaga-se a culpa, e com o temor de Javé se evita o mal.

⁷Quando aprova a conduta de alguém, Javé o reconcilia até mesmo com os inimigos.

⁸Mais vale pouco com justiça, do que muitos ganhos violando o direito.

⁹O homem planeja o seu caminho, mas é Javé quem lhe dirige os passos.

¹⁰Há um oráculo nos lábios do rei, e sua boca não erra na sentença.

¹¹Os pratos da balança justa são de Javé, e todos os pesos são obra sua.

¹²Os reis detestam a prática do mal, porque é na justiça que o trono se firma.

¹³O rei aprova os lábios sinceros e ama quem fala com retidão.

¹⁴A ira do rei é arauto de morte, mas o homem sensato consegue aplacá-la.

¹⁵No rosto sereno do rei está a vida, e seu favor é nuvem que traz chuva.

¹⁶Mais vale adquirir sabedoria do que ouro, e é melhor adquirir discernimento do que prata.

¹⁷O caminho dos homens retos consiste em evitar o mal, e quem vigia o próprio caminho conserva a vida.

¹⁸Antes da ruína vem o orgulho, e antes da queda a presunção.

¹⁹É melhor ser humilde com os pobres, do que repartir despojos com os soberbos.

²⁰Quem mede as palavras tem sucesso, e quem confia em Javé é feliz.

²¹Quem tem mente sábia será chamado inteligente, e falar com suavidade convence muito mais.

²²A sensatez é fonte de vida para quem a possui, mas a estupidez é a escola dos tolos.

²³O sábio de mente possui boca discreta, e seus lábios convencem muito mais.

²⁴As palavras gentis são favo de mel: doce na garganta e saudável para o corpo.

²⁵Há caminhos que parecem retos, mas acabam levando para a morte.

²⁶A fome do trabalhador o faz trabalhar, porque sua boca o empurra.

²⁷O vagabundo causa desgraça, e leva nos lábios fogo abrasador.

²⁸O homem perverso provoca brigas, e quem calunia separa os amigos.

²⁹O homem violento seduz o próximo, e o arrasta pelo mau caminho.

³⁰Quem pisca o olho planeja fraudes; quem aperta os lábios já praticou o mal.

³¹Cabelos brancos são coroa nobre, quando se encontram no caminho da justiça.

³²Paciência vale mais que valentia, e dominar a si mesmo vale mais que conquistar uma cidade.

³³Os homens jogam dados para tirar a sorte, mas a sentença vem de Javé.

17¹É melhor um pedaço de pão seco na tranquilidade, do que a casa cheia de banquetes e brigas.

²O escravo sensato mandará no filho indigno e terá parte na herança com os irmãos.

³Fornalha para a prata e forno para o ouro, porém Javé é quem prova as consciências.

⁴O malfeitor dá atenção aos lábios que maldizem, e o mentiroso dá ouvidos à língua perversa.

⁵Quem zomba do pobre insulta o Criador, e quem ri do infeliz não ficará sem castigo.

⁶Os netos são a coroa dos anciãos, e os pais são a honra dos filhos.

⁷Linguagem elevada não convém ao imbecil, e menos ainda a língua mentirosa para o príncipe.

⁸O suborno é talismã para quem o dá: com ele, consegue tudo o que quer.

⁹Quem busca amizade disfarça a ofensa; quem a repete afasta o amigo.

¹⁰Mais vale uma repreensão para o inteligente do que cem golpes para o insensato.

¹¹O rebelde busca o mal, e será pego por um carrasco cruel.

¹²É melhor encontrar uma urso, da qual roubaram os filhotes, do que um insensato dizendo idiotices.

¹³Quem paga o bem com o mal, terá sempre o mal em sua casa.

¹⁴Começo de briga é como rachadura na represa; é melhor desistir antes do processo.

¹⁵ Absolver o culpado e condenar o inocente são duas coisas que Javé detesta.

¹⁶ Não adianta o insensato ter dinheiro para comprar sabedoria, porque ele não aprende nada.

¹⁷ Um amigo ama em qualquer tempo, e o irmão é para o dia do perigo.

¹⁸ Não tem bom senso quem faz um acordo como fiador do seu vizinho.

¹⁹ Quem procura briga é porque gosta de crime, e quem se gaba está buscando a ruína.

²⁰ O coração perverso não encontrará a felicidade, e a língua tortuosa cairá na desgraça.

²¹ Quem gera um insensato acabará sofrendo, e o pai de um imbecil não terá alegria.

²² Coração alegre ajuda a sarar, mas espírito abatido seca os ossos.

²³ O injusto aceita suborno às escondidas, para distorcer o curso da justiça.

²⁴ A sabedoria está bem diante do homem inteligente, mas o insensato olha para os confins do mundo.

²⁵ Filho insensato é tormento para o pai e amargura para a mãe.

²⁶ Não é bom multar quem tem razão, e pior ainda é açoitar os inocentes.

²⁷ Quem fala pouco possui a ciência, e o homem inteligente mantém a calma.

²⁸ Quando calado, o insensato passa por sábio e, se fecha bem a boca, passa por inteligente.

18¹ O solitário segue seus caprichos e não faz caso de conselho nenhum.

² O insensato não gosta da discricção; só quer espalhar o que pensa.

³ A injustiça provoca a infâmia, e a desonra provoca o insulto.

⁴ As palavras de um homem são água profunda, torrente transbordante e fonte de sabedoria.

⁵ Não é justo favorecer o culpado, deixando de fazer justiça ao inocente.

⁶ Os lábios do insensato provocam brigas e sua boca pede uma surra.

⁷ A boca do insensato provoca sua própria ruína, e seus lábios são armadilha para a sua própria vida.

⁸ As palavras do caluniador são guloseimas que descem até o fundo do ventre.

⁹ O relaxado no trabalho é irmão de quem desperdiça.

¹⁰ O nome de Javé é torre fortificada; o justo corre para ela e fica protegido.

¹¹ A fortuna do rico é sua fortaleza, e ele a imagina como alta muralha.

¹² Antes da ruína, o coração se exalta, mas antes da honra vem a humildade.

¹³ Quem responde antes de ouvir mostra que é tolo e passa vergonha.

¹⁴ O bom ânimo sustenta na doença. Mas quem levantará o espírito abatido?

¹⁵ O inteligente adquire saber, e o ouvido sensato deseja aprender.

¹⁶ Dar presentes abre as portas para a pessoa, e a conduz à presença dos grandes.

¹⁷ O primeiro que se defende sempre tem razão, até que chegue outro e fale o contrário.

¹⁸ Tirar a sorte acaba com as discussões e decide entre os poderosos.

¹⁹ Irmão ofendido é pior que fortaleza, e as brigas são como portões de castelo.

²⁰ Com a boca, a pessoa sacia o estômago e sacia com a colheita dos lábios.

²¹ Morte e vida dependem da língua; quem sabe usá-la, comerá do seu fruto.

²² Quem encontra uma esposa, encontra a felicidade, e alcança o favor de Javé.

²³ O pobre fala suplicando, e o rico responde com dureza.

²⁴ Muitos amigos levam para a desgraça, mas existem amigos mais queridos que um irmão.

19¹ Mais vale um pobre de conduta íntegra, do que um rico de costumes perversos.

² Não adianta agir sem refletir, pois quem apressa o passo acaba tropeçando.

³ A estupidez atrapalha o caminho do homem, e depois ele se irrita contra Javé.

⁴ A riqueza multiplica os amigos, mas o pobre é abandonado até pelo amigo.

⁵ A testemunha falsa não ficará impune, e quem espalha mentiras não escapará.

⁶ Muita gente bajula o homem importante, e todo mundo é amigo de quem dá presentes.

⁷ Se o pobre é desprezado até por seus próprios irmãos, quanto mais os amigos se afastarão dele!

⁸ Quem adquire bom senso quer bem a si mesmo, e quem conserva o discernimento será feliz.

⁹ A testemunha falsa não ficará impune, e quem espalha mentiras perecerá.

¹⁰ Não convém o insensato viver no luxo, e menos ainda os escravos dominarem os príncipes.

¹¹ O homem de bom senso reprime a ira, e tem como honra ignorar uma ofensa.

¹² A ira do rei é como rugido de leão, e o favor dele é como orvalho sobre a relva.

¹³Filho insensato é desgraça para o pai, e mulher queixosa é goteira que não pára.

¹⁴Casa e patrimônio são herança dos pais, e mulher de bom senso é dom de Javé.

¹⁵A preguiça faz cair no sono, e o preguiçoso passará fome.

¹⁶Quem observa o mandamento conserva a vida, mas quem descuida a própria conduta morrerá.

¹⁷Quem ajuda o pobre empresta a Javé, que lhe dará a recompensa devida.

¹⁸Corrija seu filho enquanto é tempo, mas não exagere a ponto de matá-lo.

¹⁹O violento deve ser punido; se você o poupar, ele se tornará pior.

²⁰Escute o conselho, aceite a correção, e você chegará a ser sábio.

²¹O homem imagina muitos planos, mas o que permanece é o projeto de Javé.

²²O que se deseja do homem é o amor; e vale mais um pobre do que um mentiroso.

²³O temor de Javé conduz para a vida, e a pessoa dorme tranquila e sem pesadelos.

²⁴O preguiçoso põe a mão no prato, e não é capaz de levá-la à boca.

²⁵Castigue o zombador, e o ingênuo ficará esperto; corrija o inteligente, e ele aumentará o seu saber.

²⁶Quem maltrata o pai e expulsa a mãe é filho desonrado e infame.

²⁷Meu filho, se não aceitar a correção, você se perderá por falta de princípios.

²⁸A testemunha depravada zomba do direito, e a boca do perverso engole a injustiça.

²⁹Para os zombadores, varas preparadas; para as costas dos insensatos, chicotes.

20¹O vinho provoca insolência, e o licor causa barulho: quem se embriaga com eles não chega a ser sábio.

²A cólera do rei é como rugido de leão: quem o irrita arrisca a vida.

³É uma honra viver sem brigas, mas o tolo se envolve em rixas.

⁴No outono o preguiçoso não ara, e na colheita procura e nada encontra.

⁵Projeto na mente é água profunda, e o homem inteligente sabe alcançá-lo.

⁶Muitos se proclamam homens fiéis. Mas quem encontrará um homem de confiança?

⁷O justo se comporta com integridade. Felizes os filhos que vierem depois dele.

⁸O rei assentado no tribunal, com o olhar dissipa todo mal.

⁹Quem poderá dizer que tem consciência pura, livre de qualquer pecado?

¹⁰Dois pesos e duas medidas são coisas que Javé detesta.

¹¹Já nos seus brinquedos a criança demonstra o seu comportamento futuro, se vai ser puro e correto.

¹²Foi Javé quem fez o ouvido que escuta e o olho que vê.

¹³Não se apegue ao sono, porque você ficará pobre; abra os olhos, e terá pão à vontade.

¹⁴“Não presta, não presta”, diz o comprador. Mas quando vai embora se gaba do que comprou.

¹⁵Existe ouro e muitas pérolas, mas a coisa mais preciosa são os lábios instruídos.

¹⁶Tome a roupa e peça garantias de quem se tornou fiador de um estrangeiro e um desconhecido.

¹⁷É gostoso para o homem o pão ganho com fraude, mas depois sua boca fica cheia de grãos de areia.

¹⁸Tome conselhos para preparar seus planos e faça a guerra com tática.

¹⁹Quem fala muito acaba revelando segredos. Não se junte com a pessoa de fala fácil.

²⁰Quem amaldiçoa pai e mãe, verá a sua lâmpada apagar-se no meio das trevas.

²¹A posse antecipada de uma herança no final não será abençoada.

²²Nunca diga: “Você vai me pagar esse mal”. Confie em Javé, e ele defenderá você.

²³Javé detesta dois pesos, e a balança falsa não é justa.

²⁴É Javé quem dirige os passos do homem. Como poderia alguém discernir o próprio caminho?

²⁵É tentação fazer um voto sem pensar, e depois se arrepender da promessa feita.

²⁶O rei sábio peneira os injustos e faz passar sobre eles a roda.

²⁷O espírito do homem é uma lâmpada de Javé, que sonda as profundezas do ser.

²⁸Amor e fidelidade protegem o rei, e é no amor que seu trono se firma.

²⁹O orgulho do jovem é a força, e a honra do ancião está em seus cabelos brancos.

³⁰Feridas e chagas purgam o mal, e os açoites purificam o íntimo do corpo.

21¹A mente do rei é um riacho na mão de Javé. E este o dirige para onde quiser.

²O homem pensa que o seu caminho é sempre reto, mas é Javé quem pesa os corações.

³Praticar a justiça e o direito vale mais, para Javé, do que os sacrifícios.

⁴Orgulho e ambição são pecados que dirigem os injustos.

⁵Os projetos do trabalhador trazem lucro, os planos do apressado trazem miséria.

⁶Riqueza adquirida com mentiras é ilusão fugaz de gente que procura a morte.

⁷A violência dos injustos os arrebatam, porque eles se negam a praticar o direito.

⁸O caminho do culpado é tortuoso, mas a estrada do inocente é reta.

⁹É melhor morar no fundo do quintal, que dentro de casa com mulher briguenta.

¹⁰A sede do injusto é desejar o mal, pois ele olha sem piedade para o seu próximo.

¹¹Quando o zombador é castigado, o ingênuo se torna sábio, mas o sensato aprende com a experiência.

¹²O justo observa como a casa do injusto arrasta os injustos para a ruína.

¹³Quem tapa o ouvido quando o fraco suplica, não terá resposta quando clamar.

¹⁴Presente discreto aplaca a ira, e suborno disfarçado acalma o furor.

¹⁵Praticar o direito é alegria para o justo e terror para os malfeitores.

¹⁶Quem se desvia do caminho do bom senso acaba descansando na assembleia dos mortos.

¹⁷Quem gosta de festa acabará mendigo; quem gosta de vinho e carne boa jamais ficará rico.

¹⁸O injusto servirá de resgate para o justo; e o traidor para os homens retos.

¹⁹É melhor morar no deserto do que junto com mulher briguenta e mal-humorada.

²⁰Na casa do sábio há tesouros e perfumes, mas o insensato gasta tudo o que tem.

²¹Quem busca justiça e amor encontrará vida, justiça e honra.

²²O sábio escala a cidade fortemente defendida, e destrói a fortaleza em que ela confiava.

²³ Quem guarda a boca e a língua evitará muitos apertos.

²⁴ Quem age com raiva e insolência tem fama de arrogante e presunçoso.

²⁵ Os desejos causam a morte do preguiçoso, porque suas mãos se negam a trabalhar.

²⁶ O injusto está sempre cobiçando, mas o justo distribui e nada retém.

²⁷ O sacrifício dos injustos é detestável, mais ainda quando feito com má intenção.

²⁸ A testemunha falsa perecerá, mas aquela que sabe escutar dirá a última palavra.

²⁹ O injusto assume ares de pessoa importante, mas o homem reto controla sua própria conduta.

³⁰ Diante de Javé não há sabedoria, nem inteligência, nem conselho.

³¹ O cavalo se prepara para o dia da batalha, mas a vitória vem de Javé.

22 ¹ Boa fama é melhor do que riqueza, e simpatia vale mais que ouro e prata.

² Rico e pobre se encontram: foi Javé quem fez os dois.

³ O esperto vê o perigo e se esconde; o ingênuo avança e se sai mal.

⁴ Os frutos da humildade são o temor de Javé, a riqueza, a honra e a vida.

⁵ No caminho do perverso há espinhos e armadilha; quem se cuida fica longe dele.

⁶ Eduque o jovem no caminho a seguir, e até à velhice ele não se desviará.

⁷ O rico domina os pobres, e o devedor é escravo do credor.

⁸ Quem semeia a injustiça colhe desgraça; a vara do castigo acabará com ele.

⁹ O generoso será abençoado, porque reparte seu pão com o pobre.

¹⁰ Expulse o insolente, que o desentendimento vai desaparecer e as brigas e insultos vão se acabar.

¹¹ Quem é limpo de coração e educado no falar acabará sendo ministro do rei.

¹² Os olhos de Javé protegem o saber e fazem fracassar as palavras do traidor.

¹³ O preguiçoso diz: “Lá fora tem um leão, e vai me matar no meio da rua”.

¹⁴ A boca das estrangeiras é cova profunda, e os inimigos de Javé nela cairão.

¹⁵ A tolice é natural na mente da criança, mas dela se afastará pela vara da disciplina.

¹⁶ Quem oprime o fraco para se enriquecer, acaba entregando tudo ao rico e empobrecendo. [16,1-22,16]

III. PALAVRAS DOS SÁBIOS [22,17-24,22]

¹⁷Preste atenção, ouça as Palavras dos Sábios, e aplique sua mente à minha instrução. ¹⁸Você vai gostar de guardá-las na memória e tê-las de cor na ponta da língua. ¹⁹Vou instruir você hoje, para que em Javé esteja a sua confiança. ²⁰Escrevi para você trinta máximas sobre conselhos e conhecimento, ²¹para que aprenda a observar e falar corretamente, e poder informar fielmente a quem enviar você. [22,17-21]

— 1 —

²²Não explore o fraco por ser fraco, nem oprima o pobre no tribunal, ²³porque Javé defenderá a causa deles e tirará a vida daqueles que os tiverem oprimido.

— 2 —

²⁴Não se junte com pessoa colérica, nem frequente gente raivosa. ²⁵Você poderia acostumar-se com o modo delas e criar uma armadilha para si mesmo.

— 3 —

²⁶Não seja como aqueles que se comprometem facilmente, tornando-se fiador de dívidas. ²⁷Se você não tiver com que pagar, eles tomarão até a cama onde você dorme.

— 4 —

²⁸Não desloque as divisas de terra que os seus antepassados colocaram.

— 5 —

²⁹Você já viu um homem perito no seu trabalho? Ele será contratado para servir a reis, e não a pessoas sem importância.

— 6 —

23¹Quando você estiver comendo ao lado de um chefe, preste atenção na pessoa que está na frente. ²Se você estiver com fome, coloque uma faca na garganta, ³e não cobice as comidas dele, porque é alimento enganador.

— 7 —

⁴Não se empenhe em adquirir riqueza, nem gaste sua inteligência com isso, ⁵pois basta você olhar, e ela não existe mais: baterá as asas como águia e voará pelo céu.

— 8 —

~

⁶Não coma na casa do invejoso, nem cobice as comidas dele, ⁷pois ele só pensa em si mesmo. Ele diz: “Coma e beba!” Mas não é sincero com você. ⁸Então você vomitará o bocado que comeu e desperdiçará palavras gentis.

— 9 —

⁹Não perca tempo falando com nenhum insensato, porque ele vai desprezar suas palavras sábias.

—10—

¹⁰Não desloque a divisa da terra, nem invada o campo dos órfãos, ¹¹pois o defensor deles é forte e defenderá contra você a causa deles.

— 11 —

¹²Discipline sua mente e preste atenção aos conselhos da experiência.

— 12 —

¹³Não deixe de disciplinar o jovem. Se você o corrigir com vara, ele não morrerá. ¹⁴Quanto a você, corrija com vara o jovem, e o estará livrando da morte.

— 13 —

¹⁵Meu filho, se você se tornar sábio, eu me alegrarei. ¹⁶Ficarei muito contente quando seus lábios falarem com retidão.

— 14 —

¹⁷Não tenha inveja dos pecadores, mas tenha sempre o temor de Javé, ¹⁸pois é certo que assim você terá futuro, e sua esperança não fracassará.

— 15 —

¹⁹Escute, meu filho: torne-se sábio, e forme bem a sua mente. ²⁰Não se junte aos beberões, nem ande com os comilões, ²¹pois o beberão e o comilão empobrecem, e o dorminhoco se veste com trapos.

— 16 —

²²Dê ouvidos a seu pai, porque ele gerou você, e não despreze a velhice de sua mãe. ²³Compre a verdade e não venda a sabedoria, a disciplina e a inteligência.

²⁴O pai justo ficará muito contente, e quem gera um filho sábio se alegrará.

²⁵Que seu pai e sua mãe se alegrem, e fique contente aquela que gerou você.

— 17 —

²⁶Meu filho, me dê atenção e aceite de boa vontade o meu exemplo, ²⁷pois a prostituta é cova profunda, e a estrangeira é poço estreito. ²⁸Ela fica de emboscada como ladrão e multiplica traições entre os homens.

— 18 —

²⁹Para quem são os gemidos? Para quem os lamentos? Para quem as brigas? Para quem as queixas? Para quem os ferimentos sem motivo? Para quem os olhos vermelhos? ³⁰São para aqueles que bebem o dia inteiro e vivem procurando bebidas misturadas. ³¹Não fique fascinado pelo vinho, vendo sua cor e seu brilho, enquanto escorre suavemente no copo. ³²No fim, ele morde como cobra e fere como víbora. ³³Então seus olhos verão coisas estranhas, e sua mente imaginará coisas absurdas. ³⁴Você ficará como quem está deitado em alto-mar ou sentado no topo de um mastro. ³⁵“Bateram em mim, e eu não senti nada! Eles me deram uma surra, e eu nem percebi! Quando me levantar, vou continuar a beber”.

— 19 —

24¹Não tenha inveja dos maus, nem deseje viver com eles, ²porque o coração deles trama violência, e seus lábios só falam maldades.

— 20 —

³Com a sabedoria se constrói a casa, e com a prudência ela se firma. ⁴Pelo conhecimento, os quartos ficam cheios de bens preciosos e agradáveis.

— 21 —

⁵É melhor ser sábio que ser forte, e o conhecimento vale mais que a força. ⁶É com estratégias que se faz a guerra, e a vitória depende do número de conselheiros.

— 22 —

⁷Para o tolo a sabedoria é coisa inacessível, e no tribunal ele não abrirá a boca.

— 23 —

⁸Quem planeja o mal será chamado de intrigante. ⁹O propósito do tolo é o pecado, e o zombador é detestado pelos homens.

— 24 —

¹⁰Se você fraqueja no dia da desgraça, é sinal de que a sua força é bem

pequena.

— 25 —

¹¹Liberte os condenados à morte, e não abandone os que são arrastados ao suplício. ¹²Você pode dizer que não tem nada com isso, mas Deus pesa os corações e tomará conhecimento. Aquele que vigia sobre a sua vida sabe de tudo, e pagará a cada um conforme as obras que tiver feito.

— 26 —

¹³Meu filho, coma o mel, porque ele faz bem; o favo de mel é gostoso na boca. ¹⁴Saiba que também a sabedoria é assim: se você a encontrar, terá futuro, e sua esperança não fracassará.

— 27 —

¹⁵Não fique cercando a casa do justo, nem lhe destrua a morada, ¹⁶porque o justo pode cair sete vezes, mas se levanta, enquanto os ímpios se afundam na desgraça.

— 28 —

¹⁷Não fique alegre quando o seu inimigo cai, e não festeje quando ele tropeça. ¹⁸Javé poderia ver isso, ficar irritado, e desviar a ira contra você.

— 29 —

¹⁹Não fique irritado por causa dos maus, nem tenha inveja dos injustos, ²⁰porque o mau não tem futuro, e a lâmpada dos injustos se apagará.

— 30 —

²¹Meu filho, tema a Javé e ao rei; e não se revolte contra nenhum dos dois, ²²porque de repente eles se vingarão, e quem sabe com que furor. [\[22,22-24,22\]](#)

IV. OUTRAS PALAVRAS DOS SÁBIOS

²³Também estas são Palavras dos Sábios:

Não é bom ser parcial no julgamento. ²⁴O povo amaldiçoará quem absolver o culpado, e contra ele todos ficarão irritados. ²⁵Os que fizerem justiça, porém, terão sucesso e serão abençoados.

²⁶Resposta bem dada é um beijo nos lábios.

²⁷Organize seus negócios na cidade e prepare tudo no campo, para depois construir a sua casa.

²⁸Não testemunhe sem motivo contra o seu próximo, e não o engane com os lábios. ²⁹Nunca diga: “Vou fazer para ele o mesmo que ele me fez. Vou lhe pagar como ele merece!”

³⁰Passei pelo campo de um preguiçoso e pela vinha de um homem sem juízo: ³¹estava tudo cheio de urtigas, o terreno coberto de espinhos e o muro em ruínas. ³²Vendo isso, comecei a refletir e aprendi esta lição: ³³Durma um pouco, cochile mais um pouco, depois cruze os braços para descansar ainda um pouco, ³⁴e a miséria do vagabundo cairá sobre você, e a indigência o atacará como homem armado. [24,23-34]

V. VIDA SOCIAL E GOVERNO [25,1-29,27]

25¹Também estes são provérbios de Salomão, recolhidos e copiados pelos funcionários de Ezequias, rei de Judá.

A convivência social

²A glória de Deus é ocultar as coisas, e a glória dos reis é pesquisá-las.

³A altura do céu, a profundidade da terra e a mente dos reis são coisas insondáveis.

⁴Tire a escória da prata, e esta ficará completamente pura; ⁵tire o injusto da presença do rei, e o trono deste se firmará na justiça.

⁶Não se vanglorie na frente do rei, nem ocupe o lugar dos grandes. ⁷É melhor que digam a você: “Suba até aqui”, do que ser humilhado na presença de uma autoridade.

⁸Não se apresse a usar no tribunal aquilo que você acabou de ver, pois, o que fará você no fim, se o seu próximo o puser em apuros?

⁹Discuta a causa diretamente com o seu próximo, mas não revele o segredo de uma outra pessoa, ¹⁰para que os ouvintes não difamem você e seu descrédito se torne irreparável.

¹¹Maçã de ouro em bandeja de prata é palavra dita na hora oportuna. ¹²Anel de ouro e colar de ouro puro é a correção do sábio para ouvido atento.

¹³Neve fresca em tempo de colheita é o mensageiro fiel para quem o envia: ele reanima a vida do seu senhor.

¹⁴Nuvens e ventos e nada de chuva é aquele que promete, mas não cumpre.

¹⁵Com paciência dobra-se um magistrado, e a língua macia pode quebrar ossos.

¹⁶Se você encontra mel, coma apenas o suficiente, para não ficar enjoado e vomitar.

¹⁷Não frequente demais a casa do seu próximo, para que ele não se canse e fique farto de você.

¹⁸Maça, espada e flecha aguda é aquele que depõe falsamente contra o próximo.

¹⁹Dente solto e pé sem firmeza é confiar no traidor quando chega o perigo.

²⁰Vinagre na ferida e nudez no frio é entoar canções para um coração aflito.

²¹Se o seu inimigo tem fome, dê a ele de comer; se tem sede, dê a ele de beber.

²²Desse modo, você o deixará corado de vergonha e Javé recompensará você.

²³O vento norte traz chuva e os mexericos trazem ódio.

²⁴É melhor morar no fundo do quintal, do que dentro de casa com mulher briguenta.

²⁵Água fresca em garganta sedenta é a boa notícia de uma terra distante.

²⁶Fonte turvada e nascente poluída é o justo que fraqueja diante do injusto.

²⁷Comer muito mel não é bom, e procurar a própria honra não é honra.

²⁸Cidade aberta e sem muralhas é o homem que não sabe se controlar.

26¹Como neve no verão e chuva na colheita, também a honra não convém ao insensato.

²Como pássaro que foge e andorinha que voa, a maldição injusta não atinge sua meta.

³Relho para o cavalo, freio para o jumento e vara para as costas dos insensatos.

⁴Não responda ao insensato conforme a insensatez dele, para que você não se iguale a ele. ⁵Responda ao insensato conforme a insensatez dele, para que ele não se considere sábio.

⁶Corta os pés e bebe vinagre quem manda recado por meio do insensato.

⁷São bambas as pernas do coxo, como o provérbio na boca dos insensatos.

⁸Prestar homenagem ao insensato é como prender uma pedra no estilingue.

⁹Como galho de espinhos na mão do bêbado, assim é o provérbio na boca dos insensatos.

¹⁰Como arqueiro que dispara contra os passantes, é aquele que dá emprego ao insensato e ao bêbado.

¹¹Como cão que volta ao seu vômito, assim é o insensato que repete a sua estupidez.

¹²Você já viu alguém que se considera sábio? Pode-se esperar mais do insensato do que dele.

¹³O preguiçoso diz: “Uma fera está no caminho e um leão está na rua”.

¹⁴A porta gira nos gonzos, e o preguiçoso rola na cama.

¹⁵O preguiçoso põe a mão no prato, e acha cansativo levá-la até a boca.

¹⁶O preguiçoso se considera mais sábio do que sete pessoas que respondem com tato.

¹⁷Agarra um cão pelas orelhas quem se mete em briga alheia.

¹⁸Como alguém que se finge de louco e atira setas inflamadas, flechas e morte, ¹⁹assim é o homem que mente ao seu próximo e depois diz: “Foi só brincadeira”.

²⁰Sem lenha, o fogo se apaga; sem difamador acaba-se a briga.

²¹Carvão para as brasas e lenha para o fogo é o briguento para atizar a briga.

²²As palavras do difamador são guloseimas que descem ao fundo do ventre.

²³Verniz recobrimdo argila são os lábios que elogiam com má intenção.

²⁴Quem odeia disfarça com a boca, mas por dentro guarda a mentira. ²⁵Se a voz dele é suave, não confie, pois no coração ele tem sete abominações.

²⁶Embora cubra o ódio com máscara, sua maldade se revelará na assembleia.

²⁷Quem abre um buraco, nele cairá; quem rola uma pedra, esta para cima dele voltará.

²⁸A língua mentirosa odeia a quem ela mesma fere, e a boca que elogia provoca a ruína.

27¹Não se glorie do amanhã, porque você não sabe o que o dia de hoje vai gerar.

²Que um estranho elogie você, e não sua própria boca; que seja um desconhecido, e não seus próprios lábios.

³A pedra é pesada e a areia é uma carga, mas a cólera do estúpido pesa mais do que as duas.

⁴O furor é cruel e a ira é impetuosa, mas quem pode resistir diante do ciúme?

⁵É melhor uma repreensão aberta do que um amor encoberto.

⁶O tapa do amigo é leal, mas o beijo do inimigo é mentiroso.

⁷Estômago cheio despreza o favo de mel; estômago faminto acha doce o fel.

⁸Como ave a vagar longe do ninho, assim é o homem longe do lar.

⁹Óleo e perfume alegram o coração, e conselho de amigo acalma o ânimo.

¹⁰Não abandone o seu amigo, nem o amigo do seu pai; e no dia difícil, não vá à casa do seu irmão: vale mais o vizinho perto do que o irmão longe.

¹¹Meu filho, tenha juízo e alegre o meu coração, e eu poderei responder a quem me ultraja.

¹²O esperto vê o perigo e se esconde; o ingênuo avança e se sai mal.

¹³Tome a roupa de quem se tornou fiador de um desconhecido e ficou empenhado com um estrangeiro.

¹⁴Acordar o vizinho para lhe dizer “bom dia”, é o mesmo que amaldiçoá-lo.

¹⁵Goteira pingando em dia de chuva e mulher briguenta são coisas iguais.

¹⁶Querer segurá-la é como segurar o vento ou pegar óleo com a mão.

¹⁷O ferro se afia com o ferro, e a pessoa se afia com a presença do seu próximo.

¹⁸Quem cuida de sua figueira, comerá de seus figos; e quem respeita o patrão, será honrado.

¹⁹O rosto se reflete na água, e o homem se reflete em sua consciência.

²⁰Morte e abismo são insaciáveis, da mesma forma que a ambição humana.

²¹A prata é provada na fornalha, o ouro no forno, e o homem na boca de quem o elogia.

²²Mesmo que você soque o imbecil no pilão, a estupidez não se separa dele.

²³Observe bem o aspecto de suas ovelhas, e preste atenção em seus rebanhos,

²⁴porque a riqueza não dura para sempre, nem fortuna passa de geração em geração. ²⁵Corte o capim, e quando ele brotar, ajunte o feno dos montes.

²⁶Dessa forma, as ovelhas lhe darão roupa, e os cabritos darão para você comprar um campo; ²⁷as cabras darão leite para alimentar você, sua família e suas empregadas. [\[25,2-27,27\]](#)

Ética de governo

28¹O injusto foge sem ser perseguido, mas o justo é intrépido como leão.

²Quando no país reina a transgressão, os chefes se multiplicam; mas o homem sensato e prudente mantém o direito.

³Pobre que explora os fracos é chuva devastadora que deixa sem pão.

⁴Os que abandonam a Lei elogiam o injusto; os que observam a Lei rompem com ele.

⁵Os homens maus não compreendem o direito, mas os que buscam a Javé compreendem tudo.

⁶É melhor um pobre de comportamento íntegro, do que um rico de conduta perversa.

⁷Quem observa a Lei é filho inteligente, mas o amigo dos corruptos envergonha o seu pai.

⁸Quem multiplica suas riquezas com usura e juros, acumula para quem se compadece dos fracos.

⁹Quem fecha os ouvidos à Lei, até mesmo sua oração se tornará detestada.

¹⁰Quem desvia os retos para o mau caminho, cairá em sua própria armadilha.

¹¹O rico se considera sábio, mas o pobre inteligente o desmascara.

¹²Quando os justos triunfam, a festa é grande; quando os injustos imperam, todo mundo se esconde.

¹³Quem esconde suas faltas, jamais tem sucesso; quem as confessa e abandona, alcança o perdão.

¹⁴Feliz o homem que está sempre alerta, pois o turrão cai na desgraça.

¹⁵Leão rugindo e urso faminto é o injusto governando um povo fraco.

¹⁶Chefe insensato multiplica extorsões; quem odeia o lucro prolonga seus dias.

¹⁷O homem culpado de assassinato fugirá até o túmulo: que ninguém tente segurá-lo.

¹⁸Quem vive de modo íntegro será salvo; quem segue dois caminhos, num deles cairá.

¹⁹Quem cultiva seu campo se saciará de pão; quem busca ilusões se saciará de miséria.

²⁰O homem leal receberá muitas bênçãos, mas quem quer enriquecer rapidamente não ficará impune.

²¹Não é bom ser parcial, mas por um pedaço de pão, o homem comete um crime.

²²O ambicioso corre atrás da riqueza, e não sabe que vai cair na miséria.

²³Quem repreende alguém será mais estimado do que aquele que elogia.

²⁴Quem rouba seus pais e diz que não é pecado, é cúmplice de bandidos.

²⁵O ambicioso provoca disputas, mas quem confia em Javé prospera.

²⁶Quem confia em si mesmo é insensato, mas quem procede com sensatez está a salvo.

²⁷Quem dá ao pobre não passa necessidade; e quem fecha os olhos para ele ficará coberto de maldições.

²⁸Quando os injustos imperam, todo mundo se esconde; quando eles desaparecem, os justos prosperam.

29¹O homem que não aceita repreensões fracassará de repente e sem remédio.

²Quando os justos governam, o povo se alegra; quando o injusto governa, o povo reclama.

³Quem ama a sabedoria alegra o seu pai, mas quem frequenta prostitutas desperdiça seus bens.

⁴O rei que governa conforme o direito mantém estável o país, mas o ávido de impostos o transtorna.

⁵O homem que adula o próximo estende para ele uma rede debaixo dos pés.

⁶O crime do perverso é uma cilada, mas o justo canta de alegria.

⁷O justo atende à causa dos fracos, mas o injusto não se importa com ela.

⁸Os provocadores agitam a cidade, mas os sábios contêm a ira.

⁹Quando o sábio discute com o tolo, pode ficar zangado ou rir, mas nunca terá descanso.

¹⁰Os assassinos detestam o homem íntegro, mas os homens retos o procuram.

¹¹O insensato desafoga todas as suas paixões, mas o sábio as contém e acalma.

¹²Se um chefe dá atenção a palavras mentirosas, seus ministros se tornarão perversos.

¹³O pobre e o opressor se encontram, mas é Javé quem dá os olhos para os dois.

¹⁴Quando o rei faz justiça aos fracos, seu trono se firmará para sempre.

¹⁵Vara e repreensão produzem sabedoria, mas o jovem abandonado a si mesmo envergonha a sua mãe.

¹⁶Quando os injustos governam, os crimes se multiplicam; mas os justos verão

a ruína daqueles.

¹⁷Corrija seu filho, que ele o deixará tranquilo e lhe trará alegrias.

¹⁸Quando não há profeta, o povo se desagrega; mas quem observa a Lei é feliz.

¹⁹Escravo não se corrige com palavras, porque ele ouve, mas não obedece.

²⁰Você já viu alguém falar sem pensar? Pode esperar mais de um insensato do que dele.

²¹Quem mima o escravo desde criança, acabará criando um preguiçoso.

²²O homem irado provoca briga, e o homem enfurecido multiplica os crimes.

²³O orgulho de um homem o rebaixará, mas o humilde conserva a própria honra.

²⁴O cúmplice do ladrão odeia a si mesmo: ele ouve a maldição, mas não o denuncia.

²⁵Quem teme os homens cairá na armadilha, mas quem confia em Javé está em segurança.

²⁶Muitos procuram o favor do chefe, mas a sentença vem de Javé.

²⁷O injusto é desprezado pelos justos; o homem reto é desprezado pelos injustos. [\[28,1-29,27\]](#)

VI. MISTÉRIO E ESCÂNDALO

30¹Palavras de Agur, filho de Jaces, de Massa.

Oráculo do homem: Ó Deus, estou cansado. Estou cansado, ó Deus, e desfaleço, ²porque sou o mais ignorante dos homens, e não tenho inteligência humana. ³Não aprendi a sabedoria e não cheguei a compreender o Santo. ⁴Quem subiu até o céu, e daí desceu? Quem recolheu o vento na mão? Quem recolheu o mar na túnica? Quem fixou os confins do mundo? Qual é o seu nome e sobrenome? Você sabe? ⁵Cada palavra de Deus é comprovada, e ele é um escudo para quem nele se abriga. ⁶Não acrescente nada às palavras dele, porque ele o questionaria, e a sua fraude seria descoberta.

⁷Eu te peço duas coisas, ó Deus. Não me negues isto antes de eu morrer: ⁸Afasta de mim a falsidade e a mentira. Não me dês riqueza, nem pobreza. Concede-me apenas o meu pedaço de pão, ⁹para que, saciado, eu não te renegue, dizendo: “Quem é Javé?” Ou então, reduzido à miséria, chegue a roubar e profanar o nome do meu Deus.

¹⁰Não calunie o escravo diante do seu patrão, pois o escravo amaldiçoaria você, e você é que seria castigado.

¹¹Existe gente que amaldiçoa o próprio pai e não abençoa a mãe, ¹²gente que se considera pura e não se lava de sua imundície, ¹³gente de olhos altivos e olhar soberbo, ¹⁴gente que tem dentes como espadas e queixos como punhais, para eliminar da terra os pobres e do meio do povo os indigentes! [\[30,1-14\]](#)

VII. PROVÉRBIOS NUMÉRICOS

¹⁵A sanguessuga tem duas filhas: “Quero mais” “Quero mais”. Existem três coisas insaciáveis, e uma quarta que nunca diz “Chega”: ¹⁶a mansão dos mortos, o útero estéril, a terra que não se farta de água, e o fogo que nunca diz “Chega”.

¹⁷Quem zomba do seu pai e não obedece à sua mãe, deve ser devorado pelos urubus ou ter os olhos arrancados pelos corvos.

¹⁸Existem três coisas difíceis para mim, e uma quarta que não compreendo: ¹⁹o caminho da águia no céu, o caminho da serpente nas pedras, o caminho do navio em alto-mar e o caminho do homem com uma jovem.

²⁰A adúltera se comporta assim: come, limpa a boca e depois diz: “Não fiz nada de mal”.

²¹Existem três coisas que fazem a terra tremer, e uma quarta que ela não pode suportar: ²²um escravo que se torna rei, um idiota farto de pão, ²³a mulher desprezada que encontra marido e a escrava que ocupa o lugar da patroa.

²⁴No mundo existem quatro seres pequeninos que são mais sábios do que os sábios: ²⁵as formigas, povo fraco, mas que recolhe comida no verão; ²⁶as ratazanas, povo sem força, mas que mora nas rochas; ²⁷os gafanhotos, que não têm rei, mas avançam todos em ordem; ²⁸as lagartixas, que se podem pegar com a mão, mas penetram até em palácios de reis.

²⁹Existem três seres com belo porte, e um quarto de andar imponente: ³⁰o leão, o mais valente dos animais, que não recua diante de ninguém; ³¹o galo empinado diante das galinhas; o carneiro que vai à frente do rebanho; e o rei que chefia seu exército.

³²Se você se exaltou estupidamente e depois se arrependeu, coloque a mão na boca, ³³porque, batendo o leite sai manteiga, apertando o nariz sai sangue, e apertando a ira sai briga. [\[15-33\]](#)

VIII. DE MÃE PARA FILHO

31¹Palavras de Lamuel, rei de Massa, que lhe foram ensinadas por sua mãe.

²O que é isso, meu filho? O que é isso, filho de minhas entranhas? O que é isso, filho das minhas promessas? ³Não gaste sua força com mulheres, nem sua energia com aquelas que corrompem os reis. ⁴Não convém aos reis, ó Lamuel, não convém aos reis beber vinho, nem aos governantes gostar de bebidas alcoólicas. ⁵Porque eles bebem, acabam se esquecendo da Lei e pervertem o direito dos pobres. ⁶Dê bebida ao moribundo e vinho para os amargurados, ⁷pois bebendo eles esquecerão a miséria e não se lembrarão de seus sofrimentos. ⁸Abra a boca em favor do mudo e em defesa dos desfavorecidos. ⁹Abra a boca e dê sentenças justas, defendendo o pobre e o indigente. [\[31,1-9\]](#)

IX. A ESPOSA IDEAL

¹⁰Quem poderá encontrar a mulher forte? Ela vale muito mais do que pérolas. ¹¹Seu marido confia nela e não deixa de encontrar vantagens. ¹²Ela traz para ele a felicidade e não a desgraça, em todos os dias de sua vida. ¹³Ela adquire lã e linho, e suas mãos trabalham com prazer. ¹⁴Ela é como navio mercante, que importa de longe a provisão. ¹⁵Ela se levanta ainda quando é noite, para alimentar a família e dar ordens às empregadas. ¹⁶Ela examina um terreno e o compra, e com o ganho do seu trabalho planta uma vinha. ¹⁷Ela se prepara para o trabalho com disposição, e põe em ação a força dos seus braços. ¹⁸Ela sabe dar valor ao seu trabalho, e mesmo de noite sua lâmpada não se apaga. ¹⁹Ela estende a mão ao fuso, e com os dedos sustenta a roca. ²⁰Ela abre as mãos para o pobre e estende o braço para o indigente. ²¹Quando cai neve, ela não teme por seus familiares, porque todos eles têm roupa forrada. ²²Ela tece mantas e se veste de linho e púrpura. ²³Seu marido é respeitado no tribunal, quando se assenta entre os juízes do povo. ²⁴Ela fabrica tecidos para vender, e fornece cinturões para os comerciantes. ²⁵Ela se veste de força e dignidade, e sorri para o futuro. ²⁶Ela abre a boca com sabedoria, e sua língua ensina com bondade. ²⁷Ela supervisiona o andamento da casa, e seu alimento é fruto do seu trabalho. ²⁸Seus filhos se levantam para cumprimentá-la, e seu marido a elogia: ²⁹“Muitas mulheres são fortes, mas você superou a todas elas!”

³⁰A graça é enganadora e a beleza é passageira, mas a mulher que teme a Javé merece louvor. ³¹Cantem o sucesso do trabalho dela, e que suas obras a louvem na praça da cidade. [10-31]

NOTAS

[1,1] Os Provérbios não são de autoria pessoal do rei Salomão. Ele é considerado patrono da sabedoria, porque instalou na corte de Israel uma escola sapiencial, moldada no estilo egípcio, para cuidar dos assuntos burocráticos e da cultura.

[2-7] A finalidade do livro é *educar*: para a vida, para o governo e para refinar um discernimento aplicado a todas as situações da vida pessoal e social. O princípio básico da sabedoria é o *temor de Javé*, ou seja, o reconhecimento de

que ele é a fonte da sabedoria. Ele a comunica através das experiências concretas da vida, e ela é acessível a qualquer pessoa: “a voz do povo é a voz de Deus”.

[1,8-9,18] É a parte mais recente do livro. Foi escrita no pós-exílio, quando a comunidade judaica se esforçava para se reorganizar. Não havia mais rei (messias), nem profetas. Para autogovernar-se, a comunidade devia recorrer à sua própria experiência histórica, esta sabedoria acumulada através das mais diversas situações. Desse modo, a sabedoria se torna para a comunidade o grande chefe, que vai orientá-la nas várias situações da vida pessoal e social. Provérbios 1-9 funciona, portanto, como introdução que valoriza e dá a chave para a leitura do livro, que contém a sabedoria do povo.

[1,8-19] O tratamento pai-filho é comum nos livros sapienciais, para indicar o relacionamento entre o sábio e seus discípulos. A primeira instrução é evitar as más companhias, que desviam do caminho da justiça.

[20-33] A Sabedoria, experiência da vida, grita aos homens, como os profetas, convidando à conversão. Trata-se de mudar de vida, adquirindo espírito crítico e bom senso. Isso é tanto mais grave quanto mais se descobre que a vida faz cada um experimentar as consequências da própria escolha. Portanto, é melhor tomar consciência e mudar, antes que seja tarde demais.

[2,1-22] Deus dá sabedoria ao povo, fazendo-o discernir, através da experiência, a justiça e o direito que o levam à vida. A mulher estrangeira (v. 16) personifica a idolatria que produz insensatez e desvia o homem para o caminho da morte.

[3,1-12] Atitude fundamental para adquirir sabedoria é *temer a Javé*, reconhecendo que a sabedoria vem dele como dom, comunicado através da disciplina. Esta leva o homem a viver na aliança com Deus. Dessa forma, o homem percebe que a sabedoria humana é sempre limitada e, por isso, deve estar aberta para a sabedoria divina, que se torna presente através da experiência da história e da vida.

[13-20] A sabedoria é o bem mais precioso, porque é a própria ciência que vem de Deus. Ela é a árvore cujo fruto é a vida.

[21-35] A tranquilidade e honradez dependem do bom senso e do discernimento, que testemunham a ligação com Javé. Isso produz uma prática social de paz e confiança, partilha e respeito.

[4,1-9] A sabedoria é um aprendizado da experiência transmitida de pai para

filho. Cabe à nova geração assimilar tal experiência, para dar um passo à frente.

[10-27] Não existe meio-termo para ninguém: ou seguimos o caminho da sabedoria, que leva para a justiça e a vida, ou caímos na insensatez, que produz injustiça e morte.

[5,1-14] Israel tinha feito a experiência de servir à idolatria de países estrangeiros (a estrangeira), e por ela pagou alto preço. Aprendendo a lição dessa experiência, a nova geração pode evitar o erro que repetiria as catástrofes anteriores.

[15-23] O próprio poço e a esposa da juventude, ou primeiro amor, são a história do povo com seus ideais, lutas e conquistas. Deixar essa história para copiar projetos totalmente alheios à própria cultura, é prostituir-se, perdendo a identidade.

[6,1-19] Quatro conselhos tirados da experiência, interrompendo a sequência que continua em 6,20.

[6,1-5] Para uma época em que os negócios eram fechados apenas com a garantia da palavra, exigia-se a máxima prudência.

[6-11] A vida exige que a pessoa seja prudente e responsável, sem que ninguém a precise vigiar ou conduzir.

[12-15] Não adianta querer ganhar a vida usando a esperteza para enganar os outros. Cedo ou tarde, o jogo será descoberto.

[16-19] A fórmula proverbial $x+1$ (aqui $6+1$) serve para ordenar uma série de coisas, chamando a atenção para a última, considerada a mais importante.

[20-35] O adultério é pior que a prostituição, porque a prostituta se contenta com o pagamento, enquanto a adúltera exige o sacrifício de toda uma vida. A severidade da Bíblia frente ao adultério não se refere tanto à relação sexual, mas à violação do relacionamento familiar. A adúltera, aqui, também poderia ser entendida como a mulher estrangeira de 5,1-14.

[7,1-27] A sedução da mulher estrangeira é o perigo que as nações hostis representam para a comunidade judaica após o exílio: o perigo de perder a identidade religiosa e cultural, o perigo de perder a propriedade dos antepassados, e o perigo de perder a autonomia social. A cultura e os costumes de países desenvolvidos podem ser fatais para o povo que os aceite sem discernimento, pois essa atitude o aliena de sua própria história, tornando-o

presa fácil da ganância expansionista dos grandes impérios.

[8,1-11] Como experiência da vida e da história, a Sabedoria é como um profeta que convida a perceber a verdade. Aí está o mais alto valor, que leva o povo a construir uma sociedade justa, onde todas as pessoas possam colaborar para a construção de um mundo humano.

[12-21] A Sabedoria oferece a todos aquelas qualidades que Is 11,1-9 atribuía ao Rei-Messias. Quando o povo assimila as lições da vida política, a fim de produzir relações sociais norteadas pela justiça e pelo direito, as mediações políticas centralizadas tendem a ser superadas e desaparecer. Isso vai acontecendo à medida que o povo aguça a capacidade de discernir o seu próprio caminho. Ver notas em Ap 21,1-22,5.

[22-36] É o ponto mais alto da reflexão dos sábios. A Sabedoria é a primeira criatura de Deus, uma espécie de arquiteto que o acompanhou e inspirou em toda a sua atividade criadora. Pode-se dizer, portanto, que ela é o *sentido vital* que Deus imprimiu a toda a criação. Observando o mundo e a história, a humanidade pode encontrá-la e tomar consciência dela, tomando-a como guia para a realização da vida. João se lembrou desse texto quando escreveu o prólogo do seu evangelho (cf. Jo 1,1-5).

[9,1-6] A experiência concreta da vida e da história é um livro aberto, convidando o povo a compreender sua própria história. Desse modo, ele poderá deixar a ingenuidade e adquirir espírito crítico para construir seu próprio caminho. Assimilar tal sabedoria é como participar de um banquete, que restaura as forças e estimula a caminhada.

[7-12] Só quem permanece aberto para aprender é capaz de assimilar a sabedoria e encontrar o caminho da realização. A pessoa tem a vida nas mãos: depois de compreender, ela está completamente livre para escolher o seu caminho. A vantagem ou desvantagem correm por sua própria conta. E muito cuidado: não se deve atirar pérolas aos porcos (Mt 7,6).

[13-18] A Insensatez também faz o seu convite, que é uma verdadeira caricatura daquilo que a sabedoria oferece. É um convite aos ingênuos e aos sem-juízo, evidentemente para deixá-los mais ainda sem espírito crítico. Enquanto a sabedoria leva à vida, a insensatez paralisa o povo e o conserva alienado.

[10,1-22,16] Os provérbios aqui agrupados são muito antigos. Foram provavelmente coletados e editados no tempo do rei Josias, que organizou uma

reforma político-religiosa (cf. 2Rs 22-23). De fato, a motivação religiosa do comportamento é bem mais clara, provavelmente por influência do Deuteronômio.

[10,1-15,33] Este pequeno tratado de moral social procura orientar o povo em meio aos problemas da convivência social. O tema importante é a oposição entre justo e injusto: o justo é a pessoa aberta para as relações com Deus, com o próximo e consigo mesmo; o injusto é a pessoa auto-suficiente e completamente fechada a essas relações.

[16,1-22,16] Compêndio destinado aos que desempenham cargos administrativos. Espécie de manual para a formação dos altos funcionários. Tema principal é o discernimento da justiça nas relações sociais.

[22,17-24,22] É a parte mais antiga do livro, talvez remontando ao tempo de Salomão. Inspira-se claramente no livro sapiencial egípcio “A Sabedoria de Amenemopê” que, por volta do ano 1.000 a.C., já circulava pelo Oriente Médio. Do conteúdo se pode notar que era um texto destinado à formação de altos funcionários e diplomatas ligados ao governo (cf. 22,21).

[22,17-21] São trinta máximas que se inspiram na estrutura do texto egípcio, adaptado à perspectiva da religião javista. Formam as primeiras diretivas para a classe governante.

[22,22-24,22] Estas máximas dão uma ideia dos problemas que já existiam na época. Apresentam ainda o comportamento que se espera do funcionário para exercer bem as suas tarefas.

[24,23-34] É um acréscimo à coleção anterior. Os vv. 28-29 já denotam a tentativa de superar a lei do talião (olho por olho).

[25,1-29,27] Graças à conjuntura política internacional, Ezequias teve oportunidade para tentar uma reforma política de grande porte, quando procurou reunir os dois reinos divididos. Ele pretendia refazer o grande império davídico-salomônico, que se dividira em 931 a.C. Parte importante do seu empreendimento foi reunir a experiência e a cultura do povo, a fim de lhe dar uma consciência nacional unificada. Desse movimento político-cultural resultou a presente coleção.

[25,2-27,27] Pequeno tratado de moral social, procurando orientar o

comportamento do povo diante dos problemas da convivência social. É uma espécie de tratado de educação moral e cívica.

[28,1-29,27] Outro compêndio destinado a quem desempenha cargos no governo. Uma espécie de manual para formação de altos funcionários.

[30,1-14] Breve coleção atribuída ao estrangeiro Agur. O homem simples se admira com o mistério do universo, e principalmente com a injustiça social que massacra os pobres.

[15-33] Pequena coleção formada de provérbios, na sua maioria em estilo numérico, assim chamado porque enumera certa quantidade de observações, e acrescenta mais uma. O propósito é chamar a atenção para a última coisa.

[31,1-9] Trecho de origem estrangeira, em forma de conselhos maternos, para que o filho saiba governar com justiça.

[10-31] Mais do que elogio a uma determinada esposa, o poema proclama a sabedoria personificada como esposa ideal, que leva o homem para a justiça, honra, prosperidade e vida. É a companheira ideal para todos, homens e mulheres. Dessa forma, a mulher fica livre das exigências desmedidas que a sociedade patriarcal e machista lhe impõe.

ECLESIASTES

FELICIDADE É VIVER O PRESENTE

Introdução

O aparente pessimismo do Eclesiastes ou Coélet pode desconcertar o leitor. Na verdade, porém, trata-se de um livro profundamente crítico, lúcido e realista sobre a condição do povo na Palestina, por volta do século III a.C. A Palestina era então colônia do império grego dos Ptolomeus, ao qual devia pagar pesados tributos, que eram arrecadados pela família dos Tobíadas, que controlava o comércio, a economia e a política interna. O autor escreveu durante esse tempo de exploração interna e externa (250 a.C.), que não deixava esperanças de futuro melhor para o povo. Num mundo sem horizontes, ele fez um balanço sobre a condição humana, buscando apaixonadamente uma perspectiva de realização.

Quais os caminhos para realizar a vida e a felicidade? O autor desmonta as ilusões que um determinado sistema de sociedade apresenta como ideal (riqueza, poder, ciência, prazeres, status social, trabalho para enriquecer etc.) e coloca uma pergunta fundamental: “Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol?” (1,3).

*Em vez de cair no desespero, o autor descobre duas grandes perspectivas: Primeiro, descobre Deus como Senhor absoluto do mundo e da história, devolvendo a Deus a realidade de ser Deus. Depois, descobre o Deus sempre presente, fazendo o dom concreto da vida para o homem, a cada instante e continuamente. Isso leva o homem a descobrir que a própria realização é viver intensamente o momento presente, percebendo-o como lugar de relação com o Deus que dá a vida. Intensamente vivido, o momento presente se torna experiência da eternidade, saciando a sede que o homem tem da vida. Todavia, para que se possa de fato viver o presente é preciso **usufruir o fruto do próprio trabalho** (2,10; 2,24; 3,13.22; 5,18-20; 9,9). E aqui temos uma pergunta crucial: Que presente de vida resta para o povo, quando ele é impedido de usufruir do resultado do trabalho com que se afadiga debaixo do sol?*

O Eclesiastes ou Coélet denuncia portanto as consequências de uma estrutura social injusta. O povo não tem presente, quando é impedido de usufruir do fruto do próprio trabalho. Consequentemente, fica sem vida, que lhe foi roubada não por esta ou aquela pessoa, mas por todo um sistema social dependente que, para

privilegiar uma minoria, acaba espoliando a nação inteira. E aqui, o autor mostra que isso se trata, em primeiro lugar, de um pecado teológico: Deus dá a vida para todos; se ela é roubada, o roubo é um desvio na própria fonte da vida.

O Eclesiastes é convite para destruir e construir. Destruir uma falsa concepção a respeito de Deus e da vida, muitas vezes justificada por concepções teológicas profundamente arraigadas. Depois, construir uma nova concepção de vida, que é dom gratuito de Deus, para que todos a partilhem com justiça e fraternidade. Só então todos poderão ter acesso à felicidade, que consiste em usufruir a vida presente que, intensamente vivida, é a própria eternidade.

ECLESIASTES

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12

ECLESIASTES

1 *Título* — ¹Palavras de Coélet, filho de Davi, rei de Jerusalém. [1,1]

I. INTRODUÇÃO

A vida é passageira — ²Ó suprema fugacidade, diz Coélet, ó suprema fugacidade! Tudo é fugaz! ³Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol? [2-3]

Repetição produz tédio — ⁴Geração vai, geração vem, e a terra permanece sempre a mesma. ⁵O sol se levanta, o sol se põe, voltando depressa para o lugar de onde novamente se levantará. ⁶O vento sopra para o sul, depois gira para o norte e, girando e girando, vai dando as suas voltas. ⁷Todos os rios correm para o mar, e o mar nunca transborda; embora cheguem ao fim do seu percurso, os rios sempre continuam a correr. ⁸Toda explicação fica pela metade, pois o homem não consegue terminá-la. O olho não se farta de ver, nem o ouvido se farta de ouvir. ⁹O que aconteceu, de novo acontecerá; e o que se fez, de novo será feito: debaixo do sol não há nenhuma novidade. ¹⁰Às vezes, ouvimos dizer: “Veja: esta é uma coisa nova!” Mas ela já existiu em outros tempos, muito antes de nós. ¹¹Ninguém se lembra dos antigos, e aqueles que existem não serão lembrados pelos que virão depois deles. [4-11]

II. ONDE ESTÁ A FELICIDADE?

O conhecimento não resolve — ¹²Eu, Coélet, fui rei de Israel em Jerusalém.

¹³Eu resolvi pesquisar e investigar com sabedoria tudo o que acontece debaixo do céu. Essa é uma tarefa penosa que Deus entregou aos homens, para com ela ficarem ocupados. ¹⁴Então examinei as coisas que se fazem debaixo do sol, e cheguei à conclusão de que tudo é fugaz, uma corrida atrás do vento: ¹⁵o que é torto, não se pode endireitar; e o que falta não se consegue contar.

¹⁶Pensei e disse para mim mesmo: “Fiquei maior e mais sábio do que todos os que reinaram em Jerusalém antes de mim, e a minha mente adquiriu muita sabedoria e ciência!” ¹⁷Decidi então conhecer a sabedoria e a ciência, assim como a tolice e a loucura. E compreendi que também isso é correr atrás do vento, ¹⁸porque, onde há muita sabedoria, há também muita tristeza, e onde há mais conhecimento, há também mais sofrimento. [12-18]

2 *O sucesso resolve?* — ¹Então pensei: “Vamos! Vou fazer você experimentar a alegria e conhecer o prazer!” Mas concluí que também isso é fugaz. ²Do riso, eu disse: “Tolice!” E da alegria: “Para que serve?”

³Então decidi entregar-me à bebida, nessa minha busca da sabedoria, e entregar-me à insensatez, para descobrir o que convém ao homem fazer debaixo do céu, no curto tempo da vida.

⁴Realizei grandes obras: construí palácios para mim, plantei vinhas, ⁵fiz jardins e pomares com todo tipo de árvores, ⁶e construí reservatórios de água para regar as árvores do pomar. ⁷Comprei escravos e escravas, e tive muitos criados nascidos na minha casa. Possuí muitos rebanhos de vacas e ovelhas, mais do que todos os que reinaram em Jerusalém antes de mim. ⁸Acumulei prata e ouro, e tesouros de reis e províncias. Arranjei cantores e cantoras e — delícia dos homens — princesas em grande número.

⁹Dessa forma, fiquei maior e mais poderoso do que todos os que reinaram em Jerusalém antes de mim, sempre conservando a minha sabedoria. ¹⁰Não recusei nada do que os meus olhos pediam, e nunca privei o meu coração de nenhum prazer. Sabia desfrutar de todo o meu trabalho, e em todo o meu trabalho foi esta a minha porção.

¹¹Então examinei todas as obras que havia feito e o trabalho que elas tinham custado para mim. E concluí que tudo é fugaz e uma corrida atrás do vento, e

que não há nada de permanente debaixo do sol. ¹²Depois examinei a sabedoria, a tolice e a insensatez, pensando: “O que fará o rei que virá depois de mim?” Fará o que já foi feito. ¹³Então percebi que a vantagem da sabedoria sobre a insensatez é a vantagem da luz sobre as trevas. ¹⁴O sábio tem os olhos abertos, e o insensato caminha na escuridão. Mas logo notei que ambos têm o mesmo destino.

¹⁵Então pensei: “Vou ter o mesmo destino que o insensato! Para que me tornei sábio?” E concluí que também isso é fugaz. ¹⁶De fato, a lembrança do sábio desaparece para sempre, como a do insensato. Bem logo tudo ficará esquecido: o sábio morre da mesma forma que o insensato. [2,1-16]

Trabalhar para quem não trabalha? — ¹⁷Fiquei com ódio da vida, porque tudo o que se faz debaixo do sol me desagradou. Tudo é fugaz, uma corrida atrás do vento. ¹⁸Detesto todo o trabalho com que me afadigo debaixo do sol, porque devo deixar tudo para o homem que virá depois de mim. ¹⁹E quem sabe se ele será sábio ou insensato? De qualquer modo, ele será dono de tudo o que eu fiz debaixo do sol com a minha fadiga e sabedoria. Também isso é fugaz. ²⁰Então fiquei com o coração desesperado por causa de todo o trabalho com que me afadiguei debaixo do sol. ²¹De fato, há quem trabalhe com sabedoria, conhecimento e sucesso. E depois tem que deixar seus bens para outro que com nada se afadigou. Também isso é coisa fugaz e grande mal.

²²Então, que proveito resta para o homem de todo o trabalho e esforço mental com que se afadigou debaixo do sol? ²³Sim, os seus dias todos são dolorosos, a sua tarefa é penosa, e até de noite ele não pode repousar. Também isso é fugaz! [17-23]

A felicidade é usufruir o fruto do próprio trabalho — ²⁴Vejam: a felicidade do homem está em comer e beber, desfrutando o produto do seu trabalho. Contudo, percebo que também isso vem das mãos de Deus. ²⁵De fato, quem pode comer e beber, sem que isso lhe venha de Deus? ²⁶A quem lhe agrada, Deus concede sabedoria, conhecimento e alegria. Mas ao pecador Deus impõe a pena de ajuntar e acumular para quem agrada a Deus. Mas também isso é fugaz e uma corrida atrás do vento. [24-26]

3 *Saber discernir os momentos* — ¹Debaixo do céu há momento para tudo, e tempo certo para cada coisa: ²Tempo para nascer e tempo para morrer.

Tempo para plantar e tempo para arrancar a planta. ³Tempo para matar e tempo para curar. Tempo para destruir e tempo para construir. ⁴Tempo para chorar e tempo para rir. Tempo para gemer e tempo para bailar. ⁵Tempo para atirar pedras e tempo para recolher pedras. Tempo para abraçar e tempo para se separar. ⁶Tempo para procurar e tempo para perder. Tempo para guardar e tempo para jogar fora. ⁷Tempo para rasgar e tempo para costurar. Tempo para calar e tempo para falar. ⁸Tempo para amar e tempo para odiar. Tempo para a guerra e tempo para a paz.

Viver o momento presente — ⁹Que proveito o trabalhador tira de sua fadiga? ¹⁰Observei a tarefa que Deus entregou aos homens, para com ela se ocuparem: ¹¹tudo o que ele fez é apropriado para cada tempo. Também colocou o senso da eternidade no coração do homem, mas sem que o homem possa compreender a obra que Deus realiza do começo até o fim. ¹²Então compreendi que não existe para o homem nada melhor do que se alegrar e agir bem durante a vida. ¹³E compreendi também que é dom de Deus que o homem possa comer e beber, desfrutando do produto de todo o seu trabalho. ¹⁴Compreendi que tudo o que Deus fez dura para sempre. A isso nada se pode acrescentar, e disso nada se pode tirar. Deus fez assim para ser temido. ¹⁵O que existe, já havia existido; o que existirá, também já existiu. Deus busca aquilo que foge. [3,1-15]

A realização em meio a incertezas — ¹⁶Observei outra coisa debaixo do sol: Em lugar do direito, encontra-se a injustiça; e, em lugar do justo, encontra-se o injusto. ¹⁷E concluí que o justo e o injusto estão debaixo do julgamento de Deus, porque existe um tempo para cada coisa e um julgamento para cada ação. ¹⁸Quanto aos homens, penso assim: Deus os coloca à prova, para mostrar que eles, em si mesmos, são como animais. ¹⁹De fato, o destino do homem e do animal são idênticos: do modo que morrem estes, morrem também aqueles. Uns e outros têm o mesmo sopro vital, sem que o homem tenha vantagem nenhuma sobre o animal, porque tudo é fugaz. ²⁰Uns e outros vão para o mesmo lugar: vêm do pó, e voltam para o pó. ²¹Quem pode saber se o sopro vital do homem sobe para o alto, e o do animal desce para baixo da terra? ²²Percebo que não há nada melhor para o homem do que alegrar-se com suas obras, porque essa é a porção que lhe cabe. De fato, ninguém lhe fará ver o que acontecerá depois dele. [16-22]

4 *A opressão nega a vida* — ¹Examinei também todas as opressões que se cometem debaixo do sol. Aí está o choro dos oprimidos, e não há quem os console; ninguém os apoia contra a violência de seus opressores. ²Então proclamei os mortos, esses que já morreram, mais felizes do que os vivos, esses que ainda vivem. ³Mais feliz que os dois é quem não nasceu ainda, pois não vê todo o mal que se pratica debaixo do sol. [4,1-3]

A competição é desumana — ⁴Vi também que todo trabalho e todo empenho que o homem coloca nas suas obras é fruto de competição recíproca. Isso também é fugaz e uma corrida atrás do vento. ⁵O insensato cruza os braços e se consome. ⁶Mais vale um bocado com lazer, do que dois bocados com fadiga, correndo atrás do vento. [4-6]

A união faz a força — ⁷Vi ainda outra coisa vazia debaixo do sol: ⁸um homem sozinho, que não tem ninguém, nem filho, nem irmão. Apesar disso, não deixa de se afadigar, nem de se fartar com riquezas. Para quem ele se afadiga e se priva da felicidade? Isso também é fugaz e trabalho inútil. ⁹Mais vale estar a dois do que estar sozinho, porque dois tirarão maior proveito do seu trabalho. ¹⁰De fato, se um cai, poderá ser levantado pelo companheiro. Azar, porém, de quem está sozinho: se cair, não terá ninguém para o levantar. ¹¹Se dois se deitam juntos, um poderá aquecer o outro; mas como poderá alguém sozinho se aquecer? ¹²Se um deles for agredido, dois poderão resistir, e uma corda tripla não se arrebenta facilmente. [7-12]

O vaivém da política — ¹³Mais vale um jovem pobre e sábio do que um rei velho e insensato, que não aceita mais conselho, ¹⁴mesmo que o jovem tenha saído da prisão para reinar, e ainda que tenha nascido mendigo no reino. ¹⁵Eu vi todos os que se movem debaixo do sol ficarem com o jovem que sucedeu ao velho rei, ¹⁶e que passou a liderar imensa multidão. Contudo, aqueles que vierem depois, não ficarão contentes com ele. Também isso é fugaz e uma corrida atrás do vento. [13-16]

Com Deus não se brinca — ¹⁷Quando você for ao Templo, esteja bem atento a si mesmo: É melhor ter ânimo disposto para obedecer, do que oferecer sacrifícios junto com os insensatos, que não percebem o mal que estão fazendo.

5¹Quando você falar com Deus, não seja precipitado, e o seu coração não se apresse a falar, porque Deus está no céu, e você está na terra. Por isso, fale pouco. ²De fato, o sonho vem das muitas ocupações, e do muito falar nasce a voz do insensato. ³Por isso, quando você fizer uma promessa a Deus, não tarde em cumpri-la, porque ele não é benévolo com os insensatos. Cumpra o que você prometeu. ⁴É melhor não fazer uma promessa, do que fazê-la e não cumpri-la. ⁵Não deixe que sua boca o leve ao pecado, nem diga ao representante de Deus que foi sem pensar. Deus ficaria irritado contra o que você prometeu, e arruinaria o trabalho de suas mãos. ⁶Quando se multiplicam sonhos e coisas passageiras, aí se multiplicam as palavras. Quanto a você, tema a Deus. [4,17-5,6]

A pirâmide da injustiça — ⁷Se você vê num Estado a opressão do pobre, o direito e a justiça violados, não se espante com isso, pois quem está no alto tem sempre outro mais alto que o vigia. E sobre os dois, há outros mais altos ainda. ⁸O interesse do país deve ser considerado no conjunto, e até o rei depende da agricultura. [5,7-8]

O acúmulo traz desgraça — ⁹Quem gosta de dinheiro nunca se sacia de dinheiro. Quem é apegado às riquezas nunca se farta com a renda. Isso também é fugaz. ¹⁰Quando as riquezas aumentam, crescem também aqueles que as devoram. Que vantagem tem o proprietário, além de ficar sabendo que é rico? ¹¹Coma muito ou coma pouco, o sono do trabalhador é gostoso, enquanto a fartura do rico não o deixa dormir.

¹²Há outro mal doloroso que vejo debaixo do sol: riquezas que o proprietário acumula para a sua própria desgraça. ¹³Em mau negócio, ele perde o patrimônio, e seu filho fica de mãos vazias. ¹⁴Nu ele saiu do ventre de sua mãe, e assim voltará; e de suas fadigas não ganhará nada para levar consigo. ¹⁵Também isso é um mal doloroso. Ele vai embora da mesma forma que veio. Que proveito tirou em ter se afadigado por nada? ¹⁶Ele consumiu seus dias em trevas, entre aflições, abatimentos e irritações. [9-16]

Eternidade é intensidade de vida — ¹⁷Concluí que a felicidade para o homem é comer e beber, usufruindo de toda a fadiga que ele realiza debaixo do sol, durante os dias de vida que Deus lhe concede. Essa é a sua porção. ¹⁸Todo homem que recebe de Deus riquezas e bens para que possa sustentar-se, ter a sua

porção e desfrutar do seu trabalho, considere isso dom de Deus. ¹⁹Desse modo, o homem não se preocupa demais com sua vida fugaz, porque Deus o mantém ocupado na alegria do coração. [17-19]

6 *Pior que um aborto* — ¹Existe outro mal que observei debaixo do sol, e é grave para o homem: ²Para um, Deus concede riquezas, recursos e honras, e nada lhe falta de tudo o que poderia desejar. Deus, porém, não lhe permite desfrutar essas coisas, porque um estrangeiro é que vai desfrutá-las. Isso é coisa fugaz e sofrimento cruel. ³Mesmo que tivesse tido cem filhos e vivido muitos anos, se não encontrou satisfação nos bens que possuía e nem mesmo teve um túmulo, garanto que um aborto é mais feliz do que ele. ⁴De fato, o aborto veio inutilmente e se foi para as trevas, e as trevas sepultaram o seu nome. ⁵Não viu o sol nem o conheceu, mas a sua sorte é sempre melhor do que a do outro. ⁶E mesmo que o outro pudesse viver dois mil anos, mas sem poder usufruir dos bens, não iria terminar no mesmo lugar que o aborto?

⁷Todo o trabalho do homem é para comer e, no entanto, seu apetite nunca fica satisfeito. ⁸Que vantagem tem o sábio a mais que o insensato? Que vantagem tem o pobre em saber comportar-se bem na sociedade? ⁹É melhor ver com os próprios olhos do que agitar-se em desejos. Isso também é fugaz e uma corrida atrás do vento. [6,1-9]

Conclusão: o homem diante do mistério — ¹⁰O que existe, já recebeu um nome há tempo, e sabemos o que é um homem: não pode lutar com quem é mais forte do que ele. ¹¹Muitas palavras aumentam a desilusão. E que vantagem o homem tira disso? ¹²Quem sabe o que convém ao homem durante a vida, nos breves dias de sua vida passageira, na qual ele passa como sombra? Quem poderá dizer ao homem o que vai acontecer depois dele debaixo do sol? [10-12]

III. EM BUSCA DO EQUILÍBRIO

7 *Discernir e resistir* — ¹Mais vale a honradez do que um bom perfume, e o dia da morte é melhor que o dia do nascimento. ²É melhor ir a uma casa onde há luto do que ir a uma casa onde se faz festa, pois aquele é o fim de todo homem e, desse modo, faz quem está vivo refletir. ³É melhor a tristeza do que o riso, porque, debaixo de um rosto triste, o coração pode estar alegre. ⁴O pensamento do sábio está na casa onde há luto, mas o pensamento do insensato está na casa onde se faz festa. ⁵É melhor ouvir a repreensão do sábio do que o elogio dos insensatos, ⁶porque assim como crepitam os gravetos debaixo do caldeirão, tal é o riso do insensato. Isso também é fugaz, ⁷porque a extorsão torna insensato o sábio, e o suborno lhe corrompe o discernimento. [7,1-7]

O futuro pertence a Deus — ⁸Mais vale o fim de uma coisa do que o seu começo, e a paciência é melhor do que a pretensão. ⁹Não fique tão depressa com o espírito irritado, porque a irritação se abriga no peito dos insensatos. ¹⁰Não diga: “Por que os tempos passados eram melhores que os de hoje?” Não é a sabedoria que faz você levantar essa questão. ¹¹A sabedoria é boa como uma herança, e útil para aqueles que veem o sol, ¹²pois à sombra da sabedoria se vive como se vive à sombra do dinheiro. Mas a sabedoria é mais vantajosa, porque faz viver quem a possui.

¹³Procure compreender a obra de Deus, porque ninguém endireita o que ele encurvou. ¹⁴Esteja alegre no dia feliz, e no dia da desgraça procure refletir, porque um e outro foram feitos por Deus, para que o homem nunca possa descobrir nada do seu próprio futuro. [8-14]

Só Deus é íntegro e justo — ¹⁵Já vi de tudo nos dias da minha existência fugaz. Vi o justo perecer apesar da sua justiça, e o injusto viver longamente apesar da sua injustiça. ¹⁶Não seja demasiadamente justo, nem se torne sábio demais. Por que iria você arruinar-se? ¹⁷Não seja demasiadamente injusto, nem se torne insensato. Para que iria você morrer antes do tempo? ¹⁸É bom que você se apegue a uma coisa, sem abandonar a outra: o importante é que você tema a Deus, e você se sairá bem numa e noutra coisa.

¹⁹A sabedoria torna o sábio mais forte do que dez chefes numa cidade. ²⁰Não

existe na terra homem tão justo que faça o bem sem nunca pecar. ²¹Além disso, não dê atenção a tudo o que se diz, e assim não ouvirá seu servo falar mal de você. ²²De fato, sua própria consciência sabe que muitas vezes você também falou mal dos outros.

²³Examinei tudo isso com sabedoria, e pensei: “Vou tornar-me sábio”. Mas a sabedoria estava longe de mim. ²⁴A realidade está longe e é extremamente profunda. Quem poderá atingi-la? [15-24]

Deus fez o homem correto — ²⁵Apliquei-me de novo a conhecer, a raciocinar e a pesquisar a sabedoria e a interpretação das coisas, fazendo experiência do mal, da insensatez, da tolice e da loucura. ²⁶Então descobri que a mulher é mais amarga do que a morte, porque ela é uma armadilha, o seu coração é uma rede e os seus braços são cadeias. Quem agrada a Deus consegue dela escapar, mas o pecador se deixa prender por ela. ²⁷Eis o que encontrei, diz Coélet, examinando coisa por coisa, até chegar a uma conclusão: ²⁸Pesquisei muito, e nada concluí. Entre mil, consegui encontrar um homem, mas entre as mulheres não encontrei nenhuma. ²⁹E cheguei à seguinte conclusão: Deus fez o homem correto, mas o homem inventa muitas complicações. [25-29]

8 Sabedoria é discernimento — ¹Quem é como o sábio? Quem conhece a interpretação das coisas como ele? A sabedoria do homem ilumina seu rosto e lhe abrandando a dureza da face. [8,1]

O limite da autoridade — ²Obedeça às ordens do rei e, por causa do juramento feito a Deus, ³não se apresse em se afastar dele, nem persista no mal, porque o rei pode fazer o que quer. ⁴De fato, a palavra do rei é soberana, e ninguém pode perguntar a ele: “O que é que você está fazendo?” ⁵Quem obedece às ordens, não incorre em pena alguma. A mente do sábio conhece o tempo e o julgamento, ⁶porque para cada coisa há um tempo e um julgamento. Sobre o homem pesa um grande mal: ⁷ninguém sabe qual será o seu futuro. De fato, quem pode saber o que vai acontecer?

⁸Ninguém é capaz de dominar sua própria respiração: o dia da morte está fora do nosso domínio. Da luta na vida ninguém pode fugir; nem a maldade salva aquele que a comete.

⁹Vi tudo isso, e refleti sobre todas as coisas que se fazem debaixo do sol, enquanto um homem domina outro homem para arruiná-lo. [2-9]

Vale a pena ser justo? — ¹⁰Vi também os injustos sendo levados à sepultura e entrarem no repouso, enquanto os frequentadores do lugar santo ficavam esquecidos na cidade, onde tinham feito o bem. Isso também é fugaz.

¹¹Dado que não se executa logo a sentença contra quem praticou o mal, o coração dos homens está sempre inclinado a praticar o mal. ¹²O pecador sobrevive, mesmo que cometa cem vezes o mal. Mas eu sei também que aos que temem a Deus acontece o bem, porque eles o temem; ¹³mas que o bem não acontece ao injusto e que ele não poderá alongar os dias como a sombra, porque ele não teme a Deus.

¹⁴Existe ainda outra desilusão: justos que são tratados conforme a conduta dos injustos, e injustos que são tratados conforme a conduta dos justos. Penso que também isso é coisa fugaz.

¹⁵Por isso, eu exalto a alegria, porque não existe felicidade para o homem debaixo do sol, além do comer, beber e alegrar-se. Essa é a única coisa que lhe serve de companhia na fadiga, nos dias contados da vida que Deus lhe concede debaixo do sol. [10-15]

O limite da sabedoria humana — ¹⁶Apliquei-me a conhecer a sabedoria e a considerar a fadiga que se realiza sobre a terra, pois o homem não conhece repouso, nem de dia, nem de noite. ¹⁷Observei o conjunto da obra de Deus e percebi que o homem não consegue descobrir tudo o que acontece debaixo do sol. Por mais que o homem se afadigue em pesquisar, não chega a compreendê-la. E mesmo que o sábio diga que a conhece, nem por isso é capaz de entendê-la. [16-17]

9 Apesar de tudo, vale a pena viver — ¹Refleti sobre tudo isso e compreendi que os justos, os sábios e suas ações estão nas mãos de Deus. O homem não conhece nem sequer o amor e o ódio, embora isso tudo se desenvolva diante dele.

²Todos têm o mesmo destino, tanto o justo como o injusto, o bom e o mau, o puro e o impuro, quem sacrifica e quem não sacrifica. O bom é tal qual o pecador, e quem jura é igual a quem evita o juramento. ³O mal que existe em tudo o que se faz debaixo do sol é que todos têm o mesmo destino. Além disso, o coração dos homens está cheio de maldade, e a insensatez se abriga no coração deles durante todo o tempo que vivem. Depois eles se dirigem para junto dos mortos.

⁴Enquanto alguém está vivo, ainda há esperança, porque é melhor um cão vivo do que um leão morto. ⁵Os vivos estão sabendo que devem morrer, mas os mortos não sabem nada, nem terão recompensa, porque a lembrança deles cairá no esquecimento. ⁶Seu amor, ódio e ciúme se acabam, e eles nunca mais participarão de nada que se faz debaixo do sol. [9,1-6]

Viver o presente e amar — ⁷Portanto, vá, coma o seu pão com alegria e beba o seu vinho com satisfação, porque com isso Deus já foi bondoso para com você. ⁸Que suas roupas sejam brancas o tempo todo, e nunca falte perfume em sua cabeça. ⁹Gozar a vida com a esposa que você ama, durante todos os dias da vida fugaz que Deus lhe concede debaixo do sol. Essa é a porção que lhe cabe na vida e no trabalho com que você se afadiga debaixo do sol. ¹⁰Tudo o que você puder fazer, faça-o enquanto tem forças, porque no mundo dos mortos, para onde você vai, não existe ação, nem pensamento, nem ciência, nem sabedoria.

¹¹Observei outra coisa debaixo do sol: não é o mais veloz que ganha a corrida, nem é o mais forte que vence na batalha. O pão não é para os mais sábios, nem as riquezas para os mais inteligentes, nem o favor para os mais cultos, porque tudo depende do tempo e do acaso. ¹²Além disso, o homem não conhece o dia da própria morte: ele é como os peixes, que são pegos na rede, ou como os pássaros que caem presos na armadilha. Da mesma forma, o homem é surpreendido pela desgraça que cai sobre ele de improviso. [7-12]

A sabedoria derrota as armas — ¹³Também vi debaixo do sol este exemplo de sabedoria que me pareceu muito importante: ¹⁴Havia uma pequena cidade com poucos habitantes. Um grande rei foi contra ela. Cercou-a e construiu contra ela máquinas de guerra. ¹⁵Nela se encontrou um homem, de origem pobre, mas sábio. Com sua sabedoria ele salvou a cidade. Contudo, ninguém mais se lembrou desse homem pobre. ¹⁶Por isso, concluo que a sabedoria vale mais do que a força, porém a sabedoria do pobre é desprezada, e ninguém dá ouvidos às palavras dele. ¹⁷Palavras calmas de sábios são mais ouvidas do que gritos de um poderoso, que fala no meio dos insensatos. ¹⁸Mais vale a sabedoria do que os instrumentos de guerra, mas um só erro pode anular muita coisa boa. [13-18]

10 *A influência do insensato* — ¹Mosca morta estraga um vidro de perfume, e um pouco de insensatez pesa mais do que a sabedoria e a honra. ²O sábio se orienta bem, mas o insensato se desvia. ³Quando o insensato anda pelo

caminho, falta-lhe inteligência e pensa que todo mundo é insensato também. [10,1-3]

Calma e discernimento — ⁴Se a ira de um poderoso se levanta contra você, não saia do lugar, porque a calma aplaca grandes erros.

⁵Vi outro mal debaixo do sol, um erro cometido pelo soberano: ⁶o insensato ocupando os mais altos cargos e os hábeis em posições bem inferiores. ⁷Vi escravos a cavalo, e príncipes andando a pé, como se fossem escravos. [4-7]

Sabedoria e prudência — ⁸Quem cava um buraco, nele cairá. Quem derruba um muro, uma cobra o morderá. ⁹Quem carrega pedras, com elas se machuca, e quem racha lenha, corre perigo. ¹⁰Se o machado está cego e não for afiado, será preciso muita força; é mais vantajoso usar a sabedoria. ¹¹Se a cobra não encantada morde o encantador, este não ganha nada. [8-11]

O sábio fala pouco — ¹²As palavras do sábio favorecem a ele mesmo, mas as palavras do insensato provocam sua própria ruína. ¹³Se o início das palavras do insensato já é insensatez, o fim do seu discurso será tolice perversa. ¹⁴O insensato multiplica as palavras, embora o homem não saiba o que vai suceder, porque ninguém lhe pode dizer o que vai acontecer no futuro. ¹⁵O trabalho do insensato lhe causa fadiga, pois nem sabe como ir à cidade. [12-15]

Tentação dos governantes — ¹⁶Ai de você, país governado por um jovem, e cujos príncipes se banqueteiam desde o amanhecer. ¹⁷Feliz de você, país governado por um rei nobre, e cujos príncipes comem na hora certa para se refazerem, e não para se banquetear. ¹⁸Pela preguiça das mãos, o teto desaba; e por causa de braços frouxos, goteja na casa. ¹⁹Para se divertirem, fazem banquete, e o vinho alegra a vida: o dinheiro providencia tudo. ²⁰Não fale mal do rei, nem mesmo em pensamento, e não fale mal do poderoso, nem dentro do seu próprio quarto: um passarinho poderá ouvir, e um ser alado qualquer poderia contar o que você falou. [16-20]

11 Prudência e risco — ¹Jogue seu pão sobre a água, porque dias depois você o encontrará. ²Reparta com sete e até mesmo com oito, pois você não sabe que desgraças lhe poderão acontecer na terra.

³Quando as nuvens estão cheias, derramam chuva sobre a terra. Se uma árvore cai, seja para o sul, seja para o norte, no lugar onde cair, aí ficará. ⁴Quem fica

olhando o vento, nunca semeará; quem fica olhando as nuvens, jamais colherá.

⁵ Assim como você ignora o caminho por onde o sopro de vida entra nos ossos dentro do ventre da mulher grávida, assim também você ignora a obra de Deus, que fez todas as coisas.

⁶ De manhã, semeie a sua semente, e de tarde não dê descanso à sua mão, porque você não sabe qual das sementes irá brotar, se esta ou aquela, ou se as duas serão boas. [11,1-6]

Viver enquanto é tempo — ⁷ Doce é a luz, e agradável para os olhos ver o sol.

⁸ Se o homem viver por muitos anos, procure desfrutar de todos eles; mas lembre-se dos dias sombrios, que serão muitos, pois tudo o que acontece é fugaz.

⁹ Jovem, alegre-se na sua juventude e seja feliz nos dias da mocidade. Siga os impulsos do seu coração e os desejos dos olhos. Contudo, saiba que Deus vai pedir contas a você de todas essas coisas. ¹⁰ Expulse a melancolia do seu coração e afaste do seu corpo a dor, porque a juventude e os cabelos pretos são fugazes.

12 ¹ Lembre-se do seu Criador, nos dias da mocidade, antes que venham os dias tristes e cheguem os anos em que você dirá: “Não sinto mais gosto para nada”; ² antes que se escureçam o sol e a luz, a lua e as estrelas, e antes que voltem as nuvens depois da chuva; ³ no dia em que os guardas da casa tremerem e os homens fortes se curvarem, quando as mulheres, uma a uma, pararem de moer, e cair a escuridão sobre aquelas que olham pelas janelas; ⁴ quando se fechar a porta da rua e diminuir o barulho do moinho; quando se acordar com o canto dos passarinhos, e todas as canções emudecerem; ⁵ quando se ficar com medo das alturas, e se levar sustos pelo caminho. Quando a amendoeira estiver em flor, o gafanhoto ficar pesado, e o tempero perder o sabor: é porque o homem já está a caminho de sua morada eterna, e os que choram a sua morte já começam a rondar pela rua. ⁶ Antes que o fio de prata se rompa e a taça de ouro se parta, antes que o jarro se quebre na fonte e a roldana rebente no poço. ⁷ Então o pó volta para a terra de onde veio, e o sopro vital retorna para Deus que o concedeu.

⁸ Ó suprema fugacidade, diz Coélet, tudo é fugaz. [11,7-12,8]

Conclusão: temer a Deus — ⁹ Além de sábio, Coélet também ensinou a ciência ao povo. Ele ponderou, examinou e corrigiu muitos provérbios. ¹⁰ Coélet procurou encontrar palavras agradáveis, e escrever com propriedade palavras

verdadeiras. ¹¹As palavras dos sábios são como ferrões, e as sentenças coletadas são como estacas fincadas. Umas e outras provêm do mesmo pastor.

¹²Além disso, meu filho, preste atenção: escrever livros é um trabalho sem fim, e muito estudo cansa o corpo.

¹³Fim do discurso. De tudo o que se ouviu o resumo é este: Tema a Deus e observe seus mandamentos, porque esse é o dever de todo homem. ¹⁴Deus julgará toda obra, até mesmo a que estiver escondida, seja boa, seja má. [12,9-14]

NOTAS

[1,1] Título de todo o livro. *Coélet* pode ser nome próprio ou de alguém que fala à comunidade reunida. O autor se personifica como o rei Salomão.

[2-3] É a síntese de todo o livro: examinando a situação em que o povo vive, a conclusão é que tudo é frágil e passageiro. O povo vive trabalhando. E que proveito ele tira do seu trabalho?

[4-11] O perigo está em perder o sentido da vida. Quando isso acontece todas as coisas perdem o significado. A vida se torna repetição monótona e enfadonha, sem motivação nenhuma.

[12-18] Salomão era considerado o modelo do homem sábio. Mas o autor garante que nem conhecimento nem erudição levam para a felicidade. Ao contrário: o conhecimento faz descobrir ainda melhor que a vida é passageira.

[2,1-16] Eis o quadro de como se imagina uma pessoa feliz e realizada: sucesso, grandes obras, prazeres, dinheiro, saber e poder. No entanto, a morte nivela todo mundo. O único ponto positivo consiste em desfrutar do próprio trabalho (v. 10).

[17-23] Há quem pense que o muito trabalho poderá assegurar felicidade e realização. Porém, de que vale fatigar-se para acumular coisas que a própria pessoa não conseguirá desfrutar? No fim, tudo fica para outros que, em geral, não fizeram esforço nenhum.

[24-26] Pensamento-chave de todo o livro: a felicidade e a realização humana estão em trabalhar e *usufruir* o fruto do próprio trabalho. Esse é o grande *dom* de Deus, que o homem conquista pelo trabalho, a fim de satisfazer as necessidades de uma vida digna. Contudo, se o fruto do trabalho for desviado ou roubado através de salário injusto, temos a frustração e a infelicidade da pessoa, e, ao mesmo tempo, um roubo do dom de Deus. Aqui o autor abre o horizonte da

justiça: não adianta roubar para acumular, porque Deus inverterá a situação, fazendo o pecador devolver o que de direito pertence a outros.

[3,1-15] A todo custo, o homem tenta dominar a vida, que lhe escapa numa série de tempos diferentes. Só Deus tem a visão do conjunto da vida. Só ele conhece de antemão todos os momentos. O homem anseia pela plenitude e deseja realizá-la. Isso, porém, fica limitado aos momentos que para ele são todos incertos. Cabe-lhe então aceitar o momento presente como dom de Deus, e ter discernimento para fazer a coisa certa no momento certo.

O v. 15 envolve uma concepção a respeito de Deus, que implica uma concepção de vida. Deus tem a visão total do projeto que ele realiza na história. Esse projeto, porém, realiza-se pouco a pouco, através dos momentos que se sucedem. Se o homem quiser encontrar-se com Deus, deverá procurá-lo no momento que foge, isto é, no momento presente. Assim, o único relacionamento com Deus e a única vida concreta acontecem aqui e agora. O resto é saudade ou pré-ocupação.

[16-22] A vida humana está cercada de limitações: a justiça caminha lado a lado com a injustiça, mas o destino dos justos e injustos está nas mãos de Deus. O homem não é capaz nem sequer de saber se a sua condição e destino são superiores aos dos animais. Cabe-lhe apenas uma coisa concreta: viver o presente, usufruindo com alegria o fruto do seu trabalho.

[4,1-3] A opressão é o espetáculo mais terrível que acontece na sociedade. Quando um sistema é injusto, todos acabam tornando-se vítimas dele, a ponto de ser preferível morrer, ou até mesmo nunca ter nascido.

[4-6] Um sistema social baseado na competição e na concorrência produz insegurança e trabalho insano. Isso só é resolvido quando a competição dá lugar à fraternidade e partilha, possibilitando que o homem viva tranquilo.

[7-12] A ganância e ambição fazem as pessoas viverem só para si mesmas. O relacionamento leva a viver melhor, pois nele se partilham dificuldades e conquistas, tristezas e alegrias.

[13-16] Um governo absolutizado se distancia do povo e está a caminho da ruína. Alguém do povo se tornará líder e chegará ao poder, renovando a vida social. Mais tarde, porém, a mesma coisa se repetirá.

[4,17-5,6] No relacionamento com Deus, o importante é se dispor obedientemente a colocar em prática o projeto dele. Não adianta prometer o que de antemão não se pretende cumprir. Com Deus não se brinca: ele vai cobrar a

promessa feita.

[5,7-8] O trabalho na agricultura sustenta as necessidades básicas da vida humana. A cidade é uma superestrutura constituída a partir do comércio, que atravessa o produto do campo para os que nela vivem. Acumulação de terras, unida à injustiça no comércio, cria relações desiguais, produzindo riqueza e poder para uma minoria, mediante a exploração e opressão de outros. Contudo, toda essa pirâmide social continua sempre dependendo da produção agrícola. Em outras palavras, é a base da pirâmide, formada por camponeses espoliados e operários explorados, que pode julgar e destruir a injustiça alimentada pela cidade.

[9-16] A experiência mostra que a ganância pelo dinheiro é insaciável. Mas de que adianta acumular riquezas, e em troca perder o sentido da vida? E o que dizer do processo tortuoso para acumular dinheiro?

[17-19] Repete-se aqui o pensamento-chave do autor (cf. nota em 2,24-26). Vivendo na alegria do momento presente, a pessoa descobre que a eternidade — experiência de Deus e da vida — não consiste em viver muito, e sim em viver intensamente cada momento.

[6,1-9] De que adianta acumular bens, se não se poderá desfrutá-los? A vida perde completamente o sentido, e teria sido melhor ser abortado.

[10-12] Esta conclusão da primeira parte do livro aponta para os limites da ciência e da teologia. As duas perguntas finais (v. 12) se referem a Deus: só ele conhece o mistério da vida, e só ele sabe o futuro. É inútil alguém querer competir com ele. Dessa forma, o autor reconhece Deus como o mistério que ultrapassa o homem. Consequentemente, fica aberto o horizonte para que o homem esteja sempre voltado para o mistério da vida, na qual está presente o próprio Deus.

[7,1-7] A morte lembra ao sábio que a condição humana é limitada e frágil. O insensato, porém, não compreende, e pensa que a vida é uma festa contínua. No entanto, o importante é manter um discernimento realista, diante do elogio, da extorsão e do suborno, provenientes de quem tenta perverter a verdade, dizendo que o mal é bem, e que o amargo é doce.

[8-14] Tristeza e alegria, realização e frustração se alternam imprevisivelmente na condição limitada da vida humana. Por mais conhecimento que alguém tenha, não consegue abarcar o futuro. A verdadeira sabedoria consiste em aceitar e

viver intensamente o presente, aprendendo nele a conhecer e temer a Deus.

[15-24] O autor adverte sobre o perigo da unilateralidade que pretendesse esgotar o mistério da vida. Este é formado de realidades contrárias, que não podem ser eliminadas ou minimizadas uma em benefício da outra. O importante é conservar os termos opostos e suportar a tensão entre eles, até que surja a novidade. Só Deus é íntegro, capaz de unir os contrários. Para aprender a ser íntegro, o homem deve temer a Deus.

[25-29] O autor constata que são poucos os homens sensatos. A observação sobre a mulher é típica de uma sociedade patriarcal machista. Deus tem um projeto e criou o homem para a realização desse projeto; o homem, porém, se desvia e complica a própria vida, tentando construir projetos egoístas.

[8,1] Sabedoria é capacidade de discernir a verdade por trás das aparências. Quem é capaz disso, não se perturba diante dos conflitos.

[2-9] Numa concepção sacral, em que a autoridade política é considerada como representante de Deus, o conselho é respeitá-la e obedecer-lhe. O sábio, porém, é capaz de discernir que atitude tomar para não se expor ao perigo; ele sabe que qualquer autoridade pode tornar-se arbitrária. O limite para tudo é o futuro e a morte, que nem o poder nem o discernimento conseguem dominar.

[10-15] A prosperidade e impunidade dos injustos é sempre uma tentação para os justos, que acabam perguntando: Por que Deus não faz logo justiça? Vale a pena continuar sendo justo? Sobre o v. 15, cf. notas em 2,24-26; 3,9-15 e 5, 17-19.

[16-17] Por mais que se esforce com sua ciência e tecnologia, diante da obra de Deus na vida e na história, o homem se encontrará sempre diante do mistério. Cf. notas em 3,1-15 e 6,10-12.

[9,1-6] Sem perspectiva de vida após a morte, a existência humana aparece como feixe de contradições. Apesar de tudo, vale a pena viver e ser justo, pois, embora a vida seja um grande mistério, justos e sábios estão todos nas mãos de Deus.

[7-12] O autor retoma o que já disse em 2,24-26; 3,9-15; 5,17-19; 8,10-13. Além de satisfazer às necessidades básicas da sobrevivência (comer e beber), o autor agora acrescenta a atividade humana por excelência: o amor.

[13-18] A sabedoria é capaz de derrotar as armas dos poderosos. Embora a sabedoria do pobre seja sempre desprezada como inútil, é com ela que o povo

consegue derrotar o opressor.

[10,1-3] Uma pessoa que não tem bom senso pode contaminar as outras, e geralmente pensa que todas são iguais a ela.

[4-7] Calma e discernimento são condições básicas para governar e enfrentar situações difíceis.

[8-11] A sabedoria consiste em agir com prudência e atenção. O mínimo erro pode ser fatal.

[12-15] Quem fala com sabedoria, fala pouco. As maiores verdades podem ser ditas de forma simples e em poucas palavras.

[16-20] A grande tentação dos governantes é usar em proveito próprio o poder e a riqueza que o povo lhes confia.

[11,1-6] Na vida é preciso ser prudente, mas também arriscar. Como só Deus conhece o mistério da vida, o discernimento ajuda pelo menos a tatear, a fim de descobrir o que fazer no lugar e momento certos.

[11,7-12,8] Diante da fugacidade da vida, o autor deixa um conselho: viver enquanto é tempo, antes que chegue o fim. A velhice é aqui descrita através de um poema com largo uso de metáforas. Embora sem perspectivas de ressurreição ou vida após a morte, o autor diz que o sopro vital, isto é, a própria vida, retorna para Deus.

[12,9-14] Este final, provavelmente acrescentado por um discípulo do autor, deixa bem claro que a sabedoria produz, ao mesmo tempo, estabilidade e estímulo para viver. O temor de Deus, já celebrado em Pr 1,7, consiste em reconhecer a limitação humana e a sua abertura para Deus.

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

O MISTÉRIO DO AMOR

Introdução

A melhor tradução para o título seria “o cântico por excelência” ou “o mais belo cântico”. Na verdade, o livro é uma coleção de cantos populares de amor, usados talvez em festas de casamento, em que noivo e noiva eram chamados de rei e rainha. Um redator reuniu esses cantos, formando uma espécie de drama poético, e o atribuiu ao rei Salomão, reconhecido em Israel como patrono da literatura sapiencial. A forma final do livro, de altíssimo valor poético, remonta ao século V ou IV a.C.

Como interpretar o Cântico? Em primeiro lugar, trata-se de um livro sapiencial que aborda a mais profunda, universal e significativa experiência humana: o amor. Mas, amor humano ou divino? Podemos dizer que o Cântico celebra inseparavelmente os dois, pois a criatura humana é imagem e semelhança do Criador (Gn 1,26-27). Além do mais, como afirma João, “o amor procede de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus, e conhece a Deus... pois Deus é amor” (1Jo 4,7-8). O amor humano é espelho, sacramento e manifestação do próprio Deus, que se torna presente na pessoa dos seres humanos que se amam. Ele manifesta assim o seu amor e eterniza a maior experiência que os humanos podem ter dele e de si mesmos.

O livro convida a descobrir e viver essa experiência, e com ela o cerne do grande mistério: Deus se manifesta na pessoa de Jesus, como amor pelos homens (Jo 3,16). O Cântico e o que ele descreve — o amor humano — podem e precisam ser lidos como parábola incomparável que revela a paixão e ternura de Deus pela humanidade.

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

1 Título — ¹O mais belo cântico de Salomão. [1,1]

Beijos

A amada: ² Beije-me com os beijos de sua boca!

Seus amores são melhores do que o vinho, ³ o odor de seus perfumes é suave, seu nome é como óleo escorrendo,
e as donzelas se enamoram de você...

⁴ Arraste-me com você, corramos!

Leve-me, ó rei, aos seus aposentos, e exultemos! Alegremo-nos em você!

Mais que ao vinho, celebremos seus amores!

Com razão se enamoram de você... [2-4]

Busca e galanteio

A amada: ⁵ Sou morena, mas formosa, ó filhas de Jerusalém,
como as tendas de Cedar
e os pavilhões de Salma.

⁶ Não reparem se eu sou morena: foi o sol que me queimou.
Os filhos da minha mãe
se voltaram contra mim,
me obrigaram a guardar as vinhas, e a minha vinha, a minha...
eu não a pude guardar.

⁷ Avise-me, amado de minha alma, onde você apascenta e faz descansar o
rebanho ao meio-dia,
para que eu não fique vagando perdida entre os rebanhos de seus
companheiros.

Coro: ⁸ Se você não sabe, ó mais bela das mulheres,
siga o rastro das ovelhas
e leve as cabras a pastar
junto às tendas dos pastores.

O amado: ⁹ Minha amada, eu comparo você à égua atrelada ao carro do Faraó!

¹⁰ Que beleza suas faces entre os brincos, seu pescoço, com colares!

¹¹ Faremos para você pingentes de ouro cravejados de prata.

Dueto: ¹² — Enquanto o rei está em seu divã, o meu nardo difunde seu perfume.

¹³ Um saquinho de mirra é para mim o meu amado,
repousando entre meus seios.

¹⁴ O meu amado é para mim um cacho de cipro florido
entre as vinhas de Engadi.

¹⁵ — Como você é bela, minha amada, como você é bela!...
Seus olhos são pombas.

¹⁶ Como você é belo, meu amado, e que doçura!
Nosso leito é todo relva.

¹⁷ — As vigas da nossa casa são de cedro, e seu teto, de ciprestes. [2,8-17]

2 ¹ — Sou um narciso de Saron, uma açucena dos vales.

² — Como açucena entre espinhos é a minha amada entre as donzelas.

³ — Macieira entre as árvores do bosque, é o meu amado entre os jovens;

à sombra dele eu quis sentar,
com seu doce fruto na boca.

⁴ Ele me levou à adega, e contra mim desfralda
sua bandeira de amor.

⁵ Sustentem-me com bolos de passas, deem-me forças com maçãs, oh!
que estou doente de amor...

⁶ Sua mão esquerda está sob a minha cabeça,
e com a direita ele me abraça.

⁷ —Filhas de Jerusalém, pelas cervas e gazelas do campo, eu conjuro
vocês:
não despertem, não acordem o amor, até que ele o queira! [\[1,5-2,7\]](#)

Primavera

A amada: ⁸ A voz do meu amado!

Vejam: vem correndo pelos montes, saltitando pelas colinas!

⁹ Meu amado é como um gamo, um filhote de gazela.

Ei-lo postando-se
atrás da nossa parede,
espiando pelas grades,
espreitando pela janela.

¹⁰ O meu amado fala, e me diz: “Levante-se, minha amada,
formosa minha, venha a mim!

¹¹ Veja: o inverno já passou!
Olhe: a chuva já se foi!

¹² As flores florescem na terra, o tempo da poda vem vindo, e o canto da
rola
já se ouve em nosso campo.

¹³ Despontam figos na figueira e a vinha florida exala perfume.
Levante-se, minha amada,
formosa minha, venha a mim!

¹⁴ Pomba minha, que se aninha nos vãos do rochedo, na fenda dos
barrancos...

Deixe-me ver a sua face,
deixe-me ouvir a sua voz,
pois a sua face é tão formosa e tão doce a sua voz!”

¹⁵ Agarrem as raposas, as raposas pequeninas
que devastam nossas vinhas, nossas vinhas já floridas!...

¹⁶ O meu amado é meu e eu sou dele, do pastor das açucenas!

¹⁷ Antes que a brisa sopra e as sombras se debandem,
volte! Seja como um gamo, amado meu, um filhote de gazela
pelas montanhas de Beter.

Busca noturna

3 ¹ Em meu leito, pela noite, procurei o amado da minha alma.
Procurei e não encontrei!

² Vou levantar-me, vou rondar pela cidade,
pelas ruas, pelas praças,
procurando o amado da minha alma...
Procurei e não encontrei!...

³ Encontraram-me os guardas que rondavam a cidade:
“Vocês viram o amado da minha alma?”

⁴ Passando por eles, contudo, encontrei o amado da minha alma.
Agarrei-o, e não vou soltá-lo, até levá-lo à casa da minha mãe, ao quarto
daquela que me carregou no seio.

O amado: ⁵ Filhas de Jerusalém, pelas cervas e gazelas do campo, eu conjuro
vocês:

não despertem, não acordem o amor, até que ele o queira! [\[3,1-5\]](#)

Dia do casamento

Coro: ⁶ Que é isso que sobe do deserto, como colunas de fumaça perfumada com incenso e mirra, e perfumes dos mercadores?

⁷ É a liteira de Salomão!

Sessenta soldados a escoltam, soldados seletos de todo Israel.

⁸ São todos treinados na espada, provados em muitas batalhas.

Vêm todos cingidos de espada, temendo surpresas noturnas.

⁹ O rei Salomão fez para si uma liteira com madeira do Líbano, ¹⁰ colunas de prata, encosto de ouro

e assento de púrpura,

fornada de ébano por dentro.

¹¹ Ó filhas de Sião, venham ver

o rei Salomão,

com a coroa que lhe pôs sua mãe no dia do casamento,

dia em que seu coração se enche de alegria. [6-11]

Revelação da beleza feminina [4,1-5,1]

4 *amado*: ¹ Como você é bela, minha amada, como você é bela!...

São pombas

seus olhos escondidos sob o véu.

Seu cabelo... um rebanho de cabras ondulando nas encostas de Galaad.

² Seus dentes... um rebanho tosquiado subindo após o banho,
cada ovelha com seus gêmeos, nenhuma delas sem cria.

³ Seus lábios são fita vermelha, sua fala melodiosa.

Metades de romã são suas faces mergulhadas sob o véu.

⁴ Seu pescoço é a torre de Davi, construída com defesas:
dela pendem mil escudos
e armaduras dos heróis.

⁵ Seus seios são dois filhotes, filhos gêmeos de gazela,
pastando entre açucenas.

⁶ Antes que sopre a brisa e as sombras se debandem,
vou ao monte da mirra,
à colina do incenso.

⁷ Você é bela, minha amada, e não tem um só defeito!

⁸ Venha do Líbano, noiva minha, venha do Líbano
e faça sua entrada comigo.

Desça do alto do Amaná,

do cume do Sanir e do Hermon, esconderijo de leões,
montes onde rondam as panteras.

⁹ Você roubou meu coração, minha irmã, noiva minha,
você roubou meu coração
com um só de seus olhares, uma volta dos colares.

¹⁰ Como seus amores são belos, minha irmã, noiva minha.
Seus amores são melhores do que o vinho, e mais fino que os outros
aromas é o odor de seus perfumes.

¹¹ Seus lábios são favo escorrendo, ó noiva minha.

Você tem leite e mel sob a língua, e o perfume de suas roupas é como a
fragrância do Líbano.

¹² Você é um jardim fechado, minha irmã, noiva minha,

um jardim fechado,
uma fonte lacrada.

¹³ Seus brotos são pomar de romãs com frutos preciosos:

¹⁴ nardo e açafrão, canela, cinamomo
e árvores todas de incenso, mirra e aloés,
e os mais finos perfumes.

¹⁵ A fonte do jardim é poço de água viva
que jorra, descendo do Líbano!

A amada: ¹⁶ Desperte, vento norte!

Aproxime-se, vento sul!

Soprem no meu jardim
para espalhar seus perfumes.

Entre o meu amado em seu jardim e coma de seus frutos saborosos!

Amado: ¹ Já vim ao meu jardim, minha irmã, noiva minha,
colhi minha mirra e meu bálsamo, comi meu favo de mel,
bebi meu vinho e meu leite.

Comam e bebam, companheiros, embriaguem-se, meus caros amigos!

Revelação da beleza masculina [5,2-6,3]

A amada: ² Eu dormia, mas o meu coração velava,
e ouvi o meu amado que batia: “Abra, minha irmã, minha amada, pomba
minha sem defeito!

Tenho a cabeça orvalhada,
meus cabelos gotejam sereno!”

³ “Já despi a túnica, e vou vesti-la de novo?
Já lavei meus pés,
e vou sujá-los de novo?”

⁴ Meu amado põe a mão pela fenda da porta:
as entranhas me estremecem, minha alma, ao ouvi-lo, se esvai.

⁵ Ponho-me de pé para abrir ao meu amado:
minhas mãos gotejam mirra,
meus dedos são mirra escorrendo na maçaneta da fechadura.

⁶ Abro para o meu amado, mas o meu amado se foi...
Procurro e não encontro.
Chamo, e não me responde...

⁷ Encontraram-me os guardas que rondavam a cidade.
Bateram-me, feriram-me
e tomaram-me o manto
as sentinelas das muralhas!

⁸ Filhas de Jerusalém, eu conjuro vocês:
se encontrarem o meu amado, que lhe dirão?... Digam
que estou doente de amor!

Coro: ⁹ O que o seu amado é mais que os outros, ó mais bela das mulheres?
O que o seu amado é mais que os outros, para assim nos conjurar?

A amada: ¹⁰ O meu amado é branco e rosado e se destaca entre dez mil.

¹¹ Sua cabeça é ouro puro, uma copa de palmeira seus cabelos, pretos
como o corvo.

¹² Seus olhos... são pombas à beira de águas correntes: elas se banham no
leite
e repousam na margem.

¹³ Suas faces são canteiros de bálsamo, colinas de ervas perfumadas.

Seus lábios são lírios
com mirra que flui
e se derrama.

¹⁴ Seus braços são torneados em ouro incrustado com pedras de Társis.
Seu ventre é um bloco de marfim cravejado com safiras.

¹⁵ Suas pernas, colunas de mármore firmadas em bases de ouro puro.
Seu aspecto é o do Líbano
altaneiro, como um cedro.

¹⁶ Sua boca é muito doce...
Ele todo é uma delícia!
Assim é o meu amigo,
assim o meu amado,
ó filhas de Jerusalém.

Coro:

6 ¹Onde anda o seu amado, ó mais bela das mulheres?
Aonde foi o seu amado?
Nós vamos buscá-lo com você!

A amada: ² O meu amado desceu ao seu jardim, aos terrenos das balsameiras.
Foi pastorear nos jardins
e colher açucenas.

³ Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu,
o pastor das açucenas.

Uma só é a minha amada [6,4-12]

O amado: ⁴ Você é bonita, minha amiga, você é como Tersa,
formosa como Jerusalém.

Você é terrível como esquadrão com bandeiras desfraldadas.

⁵ Afaste de mim seus olhos, que seus olhos me perturbam!

Seu cabelo é um rebanho de cabras ondulando nas encostas de Galaad.

⁶ Seus dentes... um rebanho tosquiado subindo após o banho,
cada ovelha com seus gêmeos, nenhuma delas sem cria.

⁷ Metades de romã são suas faces mergulhadas sob o véu.

⁸ Que sejam sessenta as rainhas, e oitenta as concubinas,
e as donzelas... sem conta: ⁹ uma só é a minha pomba sem defeito,
uma só a preferida
pela mãe que a gerou.

Vendo, as jovens a felicitam, e rainhas e concubinas a louvam: ¹⁰ “Quem
é essa que desponta como aurora,
bela como a lua,
fulgurante como o sol,
terrível como esquadrão
com bandeiras desfraldadas?”

¹¹ Desci ao jardim das nogueiras para ver os brotos dos vales, para ver se
a videira florescia, se os botões das romãzeiras se abriam, ¹² e, sem saber, me
coloquei no carro, com o meu príncipe!

Dança e êxtase [7,1-10]

Coro:

7 ¹ Vire-se, vire-se, Sulamita.
Vire-se, vire-se...
queremos contemplar você!

Sulamita: “O que vocês olham na Sulamita, quando ela baila entre dois coros?”

O amado: ² Os seus pés...

como são belos nas sandálias, ó filhas de nobres!
As curvas de seus quadris,
que parecem colares,
obras de um artista.

³ Seu umbigo... essa taça redonda onde o vinho nunca falta.
Seu ventre, monte de trigo
rodeado de açucenas.

⁴ Seus seios, dois filhotes, filhos gêmeos de gazela.

⁵ Seu pescoço, uma torre de marfim.

Seus olhos, as piscinas de Hesebon junto às portas de Bat-Rabim.

Seu nariz, como a torre do Líbano voltada para Damasco.

⁶ Sua cabeça que se alteia como o Carmelo, e seus cabelos cor de púrpura,
enlaçando um rei nas tranças.

⁷ Como você é bela, como você é formosa,
que amor delicioso!

⁸ Você tem o talhe da palmeira, e seus seios são os cachos.

⁹ E eu pensei: “Vou subir à palmeira para colher dos seus frutos!”

Sim, seus seios são cachos de uva, e o sopro das suas narinas perfuma
como o aroma das maçãs.

¹⁰ Sua boca é um vinho delicioso que se derrama na minha,
molhando-me lábios e dentes.

O caminho do amor [7,11-8,4]

A amada: ¹¹ Eu sou do meu amado, seu desejo o traz para mim.

¹² Venha, meu amado, vamos ao campo,
vamos pernoitar debaixo dos cedros, ¹³ madrugar pelas vinhas.

Vamos ver se a vinha floresce, se os botões estão se abrindo, se as romãzeiras vão florindo: aí lhe darei o meu amor...

¹⁴ As mandrágoras exalam seu perfume; à nossa porta há frutos de todo tipo: frutos novos, frutos secos, que eu tinha guardado, meu amado, pra você.

8 ¹ Ah! Se você fosse meu irmão, amamentado aos seios de minha mãe!
Encontrando você lá fora, o beijaria, sem ninguém me desprezar.

² Eu o levaria e introduziria na casa de minha mãe,
e você me iniciaria.
Eu lhe daria a beber vinho perfumado e licor de minhas romãzeiras.

³ Sua mão esquerda está sob a minha cabeça,
e com a direita me abraça.

O amado: ⁴ Filhas de Jerusalém, eu conjuro vocês:
não despertem, não acordem o amor, até que ele o queira!

O mistério do amor [8,5-7]

⁵ Quem é essa que sobe do deserto apoiada em seu amado?

Sob a macieira eu despertei você, lá onde sua mãe a concebeu, concebeu e deu à luz.

A amada: ⁶ Grave-me, como selo em seu coração, como selo em seu braço; pois o amor é forte, é como a morte!

Cruel como o abismo é a paixão.

Suas chamas são chamas de fogo, uma faísca de Javé!

⁷ As águas da torrente jamais poderão apagar o amor,
nem os rios afogá-lo.

Quisesse alguém dar tudo o que tem para comprar o amor...
seria tratado com desprezo.

APÊNDICES

O amor não tem preço [8-14]

⁸ Nossa irmã é pequenina e ainda não tem seios.
Que faremos à nossa irmãzinha, quando vierem pedi-la?

⁹ Se ela é muralha, nela faremos ameias de prata.
Se ela é uma porta,
nela poremos pranchas de cedro.

¹⁰ Eu sou muralha e meus seios são torres; aos olhos dele, porém, sou a mensageira da paz.

¹¹ Salomão tinha uma vinha em Baal-Hamon:
deu a vinha aos meeiros e do fruto dela cada um lhe traz mil moedas de prata.

¹² Minha vinha é só minha.
Para você, Salomão, as mil moedas, e duzentas aos que guardam o fruto dela.

O amor não tem fim

¹³ Você que habita nos jardins, meus amigos a ouvem atentos: faça-me ouvir sua voz!

¹⁴ Fuja logo, meu amado, como gamo, um filhote de gazela pelos montes perfumados...

NOTAS

[1,1] Mais do que autor, Salomão é propriamente o patrono da literatura sapiencial.

[2-4] O poema começa repentinamente, no impulso da paixão. Aqui se esboçam os temas que serão desenvolvidos depois: a mulher, o homem, o corpo, a embriaguez do amor, o desejo, a posse, a contemplação.

[2,8-17] Após uma ausência sentida como inverno, o amado procura a amada, despertando, como a primavera, toda a vida e beleza do amor.

[1,5-2,7] Com imagens tiradas de ambiente agrário e pastoril, os namorados se apresentam e se elogiam mutuamente.

[3,1-5] A noite solitária faz sentir a ausência do amado e desperta a ansiedade da procura. O coro descreve o cortejo em que a amada leva o seu amado para a casa de sua mãe. No Cântico, os noivos são chamados de rei e rainha.

[6-11] O coro descreve o cortejo em que a amada leva o amado para a casa de sua mãe.

[4,1-5,1] Após o cortejo nupcial, um canto de amor do esposo exalta o fascínio e esplendor do corpo feminino, expressão da beleza espiritual e corporal, interior e física.

[5,2-6,3] A ausência do amado introduz a busca e leva à exaltação da beleza masculina. O tema se encerra com a alegria do reencontro.

[6,4-12] Novo elogio da beleza feminina. O amor transforma a pessoa amada em única e incomparável.

[7,1-10] Dançando entre dois coros, a esposa é admirada pelo amado, que faz

nova descrição da beleza feminina, até ao êxtase do beijo.

[7,11-8,4] Envolvimento amoroso progressivo: da vinha para a rua e da rua até a casa da mãe, a fim de consumir o amor, que não deve ser forçado: ele tem seus próprios caminhos.

[8,5-7] É o ápice do livro. O amor é mistério insondável e indestrutível que une duas pessoas, superando até mesmo a barreira da morte. O amor não pode ser comprado porque é o dom supremo que Deus faz à humanidade. Como diz João, “o amor vem de Deus... porque Deus é amor” (1Jo 4,7-8).

[8-14] Acréscimos posteriores. O primeiro canto é dos irmãos tutores da irmã. Segue a resposta da irmã, dispensando qualquer proteção. Conforme os vv. 11-12, quem ama conhece um valor que ultrapassa qualquer outro. O último diálogo não é propriamente o fim: a aventura do amor continua...

SABEDORIA

A JUSTIÇA É IMORTAL

Introdução

Na ordem cronológica, Sabedoria é o último livro do AT. O título “Sabedoria de Salomão” é fictício, pois seu autor, um judeu de Alexandria, escreveu o livro pelo ano 50 a.C. Mais uma vez um livro sapiencial é atribuído a Salomão, o sábio por excelência em Israel.

Para ser corretamente avaliado, o livro deve ser entendido no contexto onde surgiu. Alexandria era importante centro político e cultural grego, e contava com cerca de 200.000 judeus entre seus habitantes. A cultura grega, porém, com suas filosofias, costumes e cultos religiosos de uma parte, e com a hostilidade dos pagãos e às vezes perseguição aberta de outra, constituía uma ameaça constante à fé e à cultura do povo judaico que habitava no Egito. Para não serem marginalizados da sociedade, muitos deixavam os costumes e até mesmo a fé, perdendo a própria identidade para se conformar a uma sociedade idólatra e injusta.

O autor, profundamente alimentado pelas Escrituras e pela consciência histórica do seu povo, enfrenta a situação, escrevendo um livro que procura de todos os modos reforçar a fé e ativar a esperança, lembrando o patrimônio histórico-religioso dos antepassados. Ele ensina a verdadeira sabedoria que conduz a uma vida justa e à felicidade. Não se trata da cultura que se conquista pelo pensamento, mas da sabedoria que vem de Deus, opondo-se à idolatria e à vida injusta que nasce dela. Esta sabedoria divina guiou magistralmente a história do povo de Deus, revelando que a verdadeira felicidade pertence aos amigos de Deus. Em outras palavras, o autor quer mostrar que a sabedoria ou senso de realização da vida não é apenas um fruto do esforço do homem, mas é em primeiro lugar um dom que Deus concede gratuitamente aos seus aliados.

O livro todo poderia ser resumido em 1,15: “A justiça é imortal”. De fato, o autor identifica a sabedoria com a justiça e, depois de mostrar que ela é o guia da vida (1,16-5,23) e apresentar a sua natureza (6,1-9,18), faz uma longa meditação sobre o êxodo (10,1-19,21). No êxodo, Israel descobriu a justiça de Deus, a qual comunica ao povo a verdadeira sabedoria. Doravante, toda sabedoria implica exercício da justiça, e este, se for verdadeiro, produz a

libertação.

SABEDORIA

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19**

SABEDORIA

A JUSTIÇA É IMORTAL [1,1-15]

1 ¹Amem a justiça, vocês que governam a terra. Pensem corretamente no Senhor e o procurem de coração sincero. ²Pois ele se deixa encontrar por aqueles que não o tentam, e se manifesta para aqueles que não recusam acreditar nele. ³Os pensamentos tortuosos separam de Deus, e o poder dele, posto à prova, confunde os insensatos. ⁴A sabedoria não entra na alma que pratica o mal, nem habita num corpo que é escravo do pecado. ⁵O espírito santo, que educa, foge da fraude, afasta-se dos pensamentos insensatos, e é expulso quando sobrevém a injustiça.

⁶A sabedoria é um espírito amigo dos homens, mas não deixa impune quem blasfema com os lábios, porque Deus é testemunha de seus sentimentos, observa de fato a sua consciência e ouve as palavras de sua boca. ⁷O espírito do Senhor enche o universo, dá consistência a todas as coisas e tem conhecimento de tudo o que se diz. ⁸Por esse motivo, quem fala coisas injustas não escapará dele, e a justiça vingadora não o poupará. ⁹Haverá investigação sobre os projetos do injusto, e o rumor das palavras dele chegará até o Senhor, e seus crimes ficarão comprovados. ¹⁰Um ouvido atento tudo escuta: nem mesmo o sussurro das murmurações lhe escapa. ¹¹Portanto, tomem cuidado com a murmuração inútil, e evitem a maledicência. Mesmo secreta, a palavra não fica sem consequências, e a boca mentirosa mata a alma. ¹²Não procurem a morte, desviando a própria vida de vocês, nem provoquem a ruína com as obras que vocês praticam, ¹³pois Deus não fez a morte, nem se alegra com a perdição dos seres vivos. ¹⁴Ele criou tudo para a existência, e as criaturas do mundo são sadias: nelas não há veneno de morte, nem o mundo dos mortos reina sobre a terra, ¹⁵porque a justiça é imortal.

I. A SABEDORIA E O SENTIDO DA VIDA

A filosofia de vida dos injustos — ¹⁶Com gestos e palavras, os injustos invocam a morte para si mesmos. Eles pensam que a morte é amiga e a desejam ardentemente, chegando a fazer aliança com ela. São realmente dignos de pertencer à morte.

2¹Raciocinando de forma errada, eles comentam entre si: “Nossa vida é curta e triste: quando chega o fim, não há remédio, e não se conhece ninguém que tenha voltado do mundo dos mortos. ²Nascemos por acaso, e depois seremos como se nunca tivéssemos existido. Nossa respiração é fumaça, e o pensamento é uma faísca produzida pelo pulsar do coração. ³Quando a faísca se apaga, o corpo se transforma em cinza e o espírito se espalha como ar sem consistência. ⁴Com o tempo, o nosso nome fica esquecido, e ninguém mais se lembra do que fizemos. Nossa vida passa como rastro de nuvem, e se dissipa como neblina expulsa pelos raios do sol e dissolvida pelo seu calor. ⁵Nossa vida é uma sombra que passa, e depois de morrer não voltaremos. Colocado o lacre, ninguém mais poderá retornar.

⁶Sendo assim, vamos gozar os bens presentes e usar as criaturas com ardor juvenil. ⁷Vamos embriagar-nos com os melhores vinhos e perfumes, e não deixar que a flor da primavera escape de nós. ⁸Vamos coroar-nos com botões de rosa, antes que murchem. ⁹Que nenhum de nós fique fora de nossas orgias. Vamos deixar por toda parte sinais de nossa alegria, porque essa é a nossa sorte e o nosso destino. ¹⁰Vamos oprimir o pobre inocente e não vamos poupar as viúvas, nem respeitar os cabelos brancos do ancião. ¹¹A nossa força será regra da justiça, porque o fraco é claramente coisa inútil.

¹²Vamos armar ciladas para o justo, porque ele nos incomoda e se opõe às nossas ações. O justo reprova as transgressões que cometemos contra a Lei, e nos acusa de faltas contra a educação que recebemos. ¹³Ele declara ter o conhecimento de Deus, e se diz filho do Senhor. ¹⁴Ele se tornou uma condenação para os nossos pensamentos, e somente vê-lo já é coisa insuportável. ¹⁵Sua vida não se parece com a dos outros, e seus caminhos são todos diferentes. ¹⁶Ele nos considera moeda falsa e se afasta de nossos caminhos para não se contaminar. Proclama feliz o destino dos justos e se gaba de ter Deus como pai. ¹⁷Vejamos se é verdadeiro o que ele diz, e comprovemos o que lhe vai acontecer

no fim. ¹⁸Se o justo é filho de Deus, Deus cuidará dele e o livrará da mão dos seus adversários. ¹⁹Vamos prová-lo com insultos e torturas, para verificar a sua serenidade e examinar a sua resistência. ²⁰Vamos condená-lo a sofrer morte vergonhosa, porque ele mesmo diz que não lhe faltará socorro”.

²¹Eles pensam assim, porém estão enganados, porque a maldade deles os deixa cegos. ²²Não conhecem os segredos de Deus, não esperam o pagamento pela santidade, nem acreditam na recompensa das vidas puras. ²³Sim, Deus criou o homem para ser incorruptível e o fez à imagem da sua própria natureza. ²⁴Mas, pela inveja do diabo, entrou no mundo a morte, que é experimentada por aqueles que pertencem a ele. [1,16-2,24]

3 *O justo é imortal* — ¹A vida dos justos, ao contrário, está nas mãos de Deus, e nenhum tormento os atingirá. ²Aos olhos dos insensatos, aqueles pareciam ter morrido, e o seu fim foi considerado como desgraça. ³Os insensatos pensavam que a partida dos justos do nosso meio era um aniquilamento, mas agora estão na paz. ⁴As pessoas pensavam que os justos estavam cumprindo uma pena, mas esperavam a imortalidade. ⁵Por uma breve pena receberão grandes benefícios, porque Deus os provou e os encontrou dignos dele. ⁶Deus examinou-os como ouro no crisol, e os aceitou como holocausto perfeito. ⁷No dia do julgamento, eles resplandecerão, correndo como fagulhas no meio da palha. ⁸Eles governarão as nações, submeterão os povos, e o Senhor reinará para sempre sobre eles. ⁹Os que nele confiam compreenderão a verdade, e os que lhe são fiéis viverão junto dele no amor, pois a graça e a misericórdia estão reservadas para os seus escolhidos. ¹⁰Os injustos, porém, serão castigados por sua maneira de pensar, porque desprezaram o justo e se afastaram do Senhor. ¹¹É infeliz quem despreza a sabedoria e a disciplina. Sua esperança é vazia, suas fadigas não produzem fruto, e suas obras são inúteis. ¹²Suas mulheres são insensatas, seus filhos depravados, e sua descendência é maldita. [3,1-12]

A lembrança do justo permanece — ¹³Feliz a mulher estéril que permanece irrepreensível e desconhece união pecaminosa, porque ela receberá seu fruto no julgamento das almas. ¹⁴Feliz também o eunuco, que não cometeu injustiça, nem pensou coisas más contra o Senhor. Ele, por sua fidelidade, receberá uma graça especial e uma recompensa invejável no templo do Senhor. ¹⁵Pois o fruto das boas obras é glorioso e a raiz da sabedoria é imperecível. ¹⁶Os filhos dos

adúlteros não chegarão à maturidade, e a descendência de uma união ilegítima desaparecerá. ¹⁷Mesmo que tenham vida longa, ninguém fará caso deles, e sua velhice no fim será sem honra. ¹⁸Se morrerem cedo, não terão esperança nenhuma, nem consolação no dia do julgamento, ¹⁹porque é terrível o fim de uma geração perversa.

4¹É melhor não ter filhos e possuir a virtude, porque a memória da virtude é imortal, e tanto Deus como os homens a conhecem. ²Quando está presente, todos a imitam. Se está ausente, todos a desejam. E, por fim, ela triunfa na eternidade, coroada e vitoriosa, por ter vencido com limpidez no campo de combate.

³A descendência numerosa dos injustos não servirá para nada; nascida de ramos bastardos, não lançará raízes profundas, nem terá base firme. ⁴Mesmo que por algum tempo seus ramos estejam verdes, ela está mal fixada no solo, será abalada pelo vento e arrancada pela violência do furacão. ⁵Seus frágeis ramos serão quebrados, seu fruto será inútil e intragável, e ela não servirá para nada. ⁶De fato, os filhos nascidos de uniões ilegais testemunharão a perversidade de seus pais, quando estes forem julgados. [3,13-4,6]

Por que o justo morre prematuramente? — ⁷Ainda que morra prematuramente, o justo encontrará repouso. ⁸Velhice honrada não consiste em ter vida longa, nem é medida pelo número de anos. ⁹Os cabelos brancos do homem valem pela sua sabedoria, e a velhice pela sua vida sem manchas. ¹⁰O justo agradou a Deus, e Deus o amou. Como ele vivia entre os pecadores, Deus o transferiu. ¹¹Foi arrebatado, para que a malícia não lhe pervertesse os sentimentos, ou para que o engano não o seduzisse. ¹²De fato, o fascínio do vício obscurece os verdadeiros valores, e a força da paixão perverte a mente que não tem malícia. ¹³Amadurecido em pouco tempo, o justo atingiu a plenitude de uma vida longa. ¹⁴A alma dele era agradável ao Senhor, e este se apressou em tirá-lo do meio da maldade. Muita gente vê isso, mas não compreende nada; não reflete ¹⁵que a graça e a misericórdia de Deus são para os seus escolhidos, e a proteção dele é para os seus santos. ¹⁶Quando morre, o justo condena os injustos que continuam a viver, e a juventude que chegou rapidamente à perfeição condena a longa velhice do injusto. ¹⁷Muita gente verá o fim do sábio, mas não compreenderá o que Deus queria a respeito dele, nem por que o colocou em segurança. ¹⁸Tais

pessoas verão e mostrarão seu desprezo, mas o Senhor se rirá delas. ¹⁹Essas pessoas, porém, se tornarão para sempre cadáveres desonrados e objetos de zombaria entre os mortos. De fato, Deus vai jogá-las de cabeça para baixo, sem que possam dizer uma palavra sequer, e as arrancará de seus alicerces. Ficarão completamente arruinadas, viverão na aflição, e a memória delas desaparecerá. [4,7-19]

O julgamento — ²⁰Os injustos, quando forem prestar conta de seus pecados, chegarão cheios de terror, e seus crimes os acusarão cara a cara.

5¹O justo, porém, ficará de pé, sem temor, diante dos que o oprimiram e desprezaram seus sofrimentos. ²Ao ver o justo, esses ficarão tomados de terrível pavor, espantados diante da salvação inesperada. ³Arrepentidos, dirão entre si, entre soluços e gemidos de angústia: ⁴“Esse é aquele de quem antes nós ríamos. Nós o tomávamos como objeto de zombaria. Insensatos que fomos! Consideramos uma loucura a vida dele e a sua morte para nós era uma vergonha! ⁵Por que ele agora é considerado entre os filhos de Deus e participa da herança dos santos? ⁶Nós portanto nos desviamos do caminho da verdade. A luz da justiça não brilhou para nós, nem o sol para nós se levantou. ⁷Nós nos fartamos nos caminhos da injustiça e da perdição. Percorremos desertos intransitáveis, e não conhecemos o caminho do Senhor. ⁸De que adiantou o nosso orgulho? Que vantagem tiramos de nossa riqueza arrogante? ⁹Tudo passou como sombra e como notícia fugaz. ¹⁰Passou como navio que corta as águas agitadas, sem que se possa encontrar vestígios de sua passagem, nem o sulco de seu casco nas ondas. ¹¹Foi embora como pássaro que voa pelos ares, sem deixar qualquer sinal de sua rota: o ar leve, ferido pelo toque das penas e dividido pelo ímpeto vigoroso, é atravessado pelas asas em movimento, mas depois não fica sinal nenhum de sua passagem. ¹²Tudo passou como flecha disparada para o alvo: o ar cortado volta imediatamente sobre si mesmo, e já não se sabe mais a trajetória dela. ¹³O mesmo acontece conosco: mal nascemos e já desaparecemos, sem mostrar nenhum sinal de virtude, porque nós nos consumimos em nossa maldade!” ¹⁴Sim, a esperança do injusto é como palha arrebatada pelo vento, como leve espuma que a tempestade levanta. Esperança que se desfaz como fumaça espalhada pelo vento, e é fugaz como a lembrança do hóspede que fica um dia só.

¹⁵Os justos, porém, vivem para sempre, recebem do Senhor a recompensa, e o

Altíssimo cuida deles. ¹⁶Por isso, receberão das mãos do Senhor a gloriosa coroa real e o diadema do esplendor, porque ele os protegerá com a mão direita e os cobrirá com seu braço, como escudo. ¹⁷Tomará seu próprio zelo como armadura e armará a criação para castigar os inimigos. ¹⁸Vestirá a couraça da justiça e colocará o capacete do julgamento que não admite suborno. ¹⁹Tomará como escudo a santidade invencível, ²⁰afiará a espada de sua ira implacável, e o universo combaterá a seu lado contra os insensatos. ²¹Os raios partirão das nuvens como flechas bem apontadas e voarão sobre o alvo como de um arco bem retesado. ²²Sua funda lançará furiosa saraivada, a água do mar se enfurecerá contra eles, e os rios sem piedade os afogarão. ²³O sopro do poder divino se levantará contra eles e os dispersará como furacão. É assim que a injustiça devastará a terra toda, e a maldade derrubará o trono dos poderosos.

[4,20-5,23]

II. A NATUREZA DA SABEDORIA

6 *Responsabilidade dos governantes* — ¹Escutem, reis, e procurem compreender. Aprendam, governantes de toda a terra. ²Prestem atenção, vocês que dominam os povos e estão orgulhosos pelo grande número de súditos. ³O poder de vocês vem do Senhor, e o domínio vem do Altíssimo. Ele examinará as obras que vocês praticarem e sondará as intenções que vocês têm. ⁴No entanto, apesar de serem ministros do reino dele, vocês não julgaram com retidão, não observaram a lei, nem procederam conforme a vontade de Deus. ⁵Por isso, ele cairá sobre vocês de modo repentino e terrível, porque um julgamento implacável se realiza contra aqueles que ocupam altos cargos. ⁶Os pequenos serão perdoados com misericórdia, mas os poderosos serão examinados com rigor. ⁷O Senhor de todos não recua diante de ninguém, nem se impressiona com a grandeza, porque ele criou tanto o pequeno como o grande, e a sua providência é igual para todos. ⁸Mas um exame severo aguarda os poderosos. ⁹É para vocês, soberanos, que eu dirijo as minhas palavras, para que aprendam a sabedoria e não venham a cair. ¹⁰Os que observam santamente a santa vontade dele serão declarados santos. E aqueles que a aprendem encontrarão quem os defenda. ¹¹Desejem, portanto, ouvir as minhas palavras, anseiem por elas, e vocês receberão a instrução. [6,1-11]

A aprendizagem da sabedoria — ¹²A sabedoria é resplandecente, não murcha, mostra-se facilmente para aqueles que a amam. Ela se deixa encontrar por aqueles que a buscam. ¹³Ela se antecipa, revelando-se espontaneamente aos que a desejam. ¹⁴Quem por ela madruga não terá grande trabalho, pois a encontrará sentada junto à porta da sua casa. ¹⁵Refletir sobre ela é a perfeição da inteligência, e quem cuida dela ficará logo sem preocupações. ¹⁶Ela mesma vai por toda parte, procurando os que são dignos dela: aparece a eles bondosamente pelos caminhos, e lhes vai ao encontro em cada um dos pensamentos deles. ¹⁷O princípio da Sabedoria é o desejo autêntico de instrução, e a preocupação pela instrução é o amor. ¹⁸O amor é a observância das leis da Sabedoria. Por sua vez, a observância das leis é garantia de imortalidade. ¹⁹E a imortalidade faz com que a pessoa fique perto de Deus. ²⁰Portanto, o desejo pela sabedoria conduz ao reino.

²¹ Chefes dos povos, se vocês gostam de tronos e cetros, honrem a sabedoria, e vocês reinarão para sempre. [12-21]

Todos podem ter a sabedoria — ²² Vou dizer a vocês o que é a sabedoria, e qual a sua origem. Não esconderei seus mistérios. Investigarei suas manifestações desde o princípio da criação, colocarei a descoberto o seu conhecimento, sem me desviar da verdade. ²³ Não vou caminhar com a inveja corrosiva, pois esta nada tem em comum com a sabedoria. ²⁴ O grande número de sábios é que salva o mundo, e um rei sábio traz prosperidade para o povo. ²⁵ Deixem, portanto, que as minhas palavras os instruam, e vocês tirarão proveito disso.

7¹ Eu também sou mortal como todos os outros, descendente do primeiro ser que foi formado da terra. Fui formado de carne no seio de minha mãe, ² e durante dez meses me solidifiquei no sangue, fruto do sêmen de um homem e do prazer que acompanha o sono. ³ Quando nasci, eu também respirei o ar comum. Caí sobre a terra que recebe a todos igualmente e, como todos os outros, estreei minha voz chorando. ⁴ Fui envolto em fraldas e cercado de cuidados, ⁵ porque nenhum rei começou a viver de outra forma. ⁶ A entrada e a saída da vida é igual para todos.

⁷ Por isso eu supliquei, e a inteligência me foi dada. Invoquei, e o espírito da sabedoria veio até mim. ⁸ Eu a preferi aos cetros e tronos e, em comparação com ela, considerei a riqueza como um nada. ⁹ Não a comparei com a pedra mais preciosa, porque todo o ouro, ao lado dela, é como um punhado de areia. E junto dela, a prata vale o mesmo que um punhado de barro.

¹⁰ Amei a sabedoria mais do que a saúde e a beleza, e resolvi tê-la como luz, porque o brilho dela nunca se apaga. ¹¹ Com ela me vieram todos os bens, e em suas mãos existe riqueza incalculável. ¹² Gozei de todos esses bens, porque é a sabedoria que os traz, mas eu ignorava que fosse ela a mãe de todos eles.

¹³ Sem malícia, aprendi a sabedoria, e agora a distribuo sem inveja nenhuma. Não vou esconder sua riqueza, ¹⁴ porque ela é um tesouro inesgotável para os homens. Aqueles que a adquirem atraem a amizade de Deus, porque são recomendados pelo dom da instrução dela. [6,22-7,14]

A sabedoria produz harmonia — ¹⁵ Deus me conceda falar com propriedade e pensar de forma correspondente aos dons que me foram dados, porque ele é o guia da sabedoria e o orientador dos sábios. ¹⁶ Em seu poder estamos nós, as

nossas palavras, a nossa inteligência e as nossas habilidades. ¹⁷Ele me concedeu o conhecimento exato de tudo o que existe, para eu compreender a estrutura do mundo e a propriedade dos elementos, ¹⁸o começo, o meio e o fim dos tempos, a alternância dos solstícios e as mudanças de estações, ¹⁹os ciclos do ano e a posição dos astros, ²⁰a natureza dos animais e o instinto das feras, o poder dos espíritos e o raciocínio dos homens, a variedade das plantas e a propriedade das raízes. ²¹Aprendi tudo o que está oculto e tudo o que se pode ver, porque a sabedoria, artífice de todas as coisas, foi quem me ensinou. [7,15-21]

O mistério da sabedoria — ²²Na sabedoria há um espírito inteligente, santo, único, múltiplo, sutil, móvel, penetrante, imaculado, lícido, invulnerável, amigo do bem, agudo, ²³livre, benéfico, amigo dos homens, estável, seguro, sereno, que tudo pode e tudo abrange, que penetra todos os espíritos inteligentes, puros e sutilíssimos. ²⁴A sabedoria é mais ágil que qualquer movimento, atravessando e penetrando tudo por causa da sua pureza. ²⁵A sabedoria é exalação do poder de Deus, emanção puríssima da glória do Onipotente e, por isso, nada de contaminado nela se infiltra. ²⁶Ela é reflexo da luz eterna, espelho nítido da atividade de Deus e imagem da sua bondade. ²⁷Embora seja única, ela tudo pode. Permanece sempre a mesma, mas renova tudo, e entrando nas almas santas, através das gerações, forma os amigos de Deus e os profetas. ²⁸De fato, Deus ama somente aqueles que convivem com a sabedoria. ²⁹Ela é mais bela que o sol e supera todas as constelações de astros. Comparada à luz do dia, ela sai ganhando, ³⁰pois a luz cede lugar à noite, mas contra a sabedoria o mal não prevalece.

8¹Ela se estende vigorosamente de um extremo a outro, e governa retamente o universo. [7,22-8,1]

A companheira ideal — ²Amei a sabedoria e a busquei desde a minha juventude, e procurei tomá-la como esposa, pois fiquei enamorado de sua formosura. ³A união com Deus manifesta a nobre origem dela, porque o Senhor do universo amou-a. ⁴De fato, ela é iniciada na ciência de Deus e seleciona as obras dele. ⁵Se na vida a riqueza é um bem desejável, que riqueza é maior do que a sabedoria, que tudo produz? ⁶E se é a inteligência quem opera, quem mais do que ela é artífice do que existe? ⁷Se alguém ama a justiça, as virtudes são os seus frutos, pois é ela quem ensina a temperança e a prudência, a justiça e a

fortaleza, que são na vida os bens mais úteis aos homens. ⁸Se alguém deseja também uma rica experiência, ela conhece as coisas passadas e entrevê as futuras, conhece a sutileza das máximas e a solução dos enigmas. Prevê sinais e prodígios, e o desenrolar das épocas e tempos. ⁹Decidi, portanto, tomá-la por companheira de minha vida, sabendo que ela será boa conselheira e me trará conforto nas preocupações e no sofrimento. ¹⁰Por causa dela, serei elogiado pelas assembleias e, ainda jovem, os anciãos me honrarão. ¹¹No julgamento, terei agudeza e serei admirado pelos poderosos. ¹²Se eu me calar, ficarão na expectativa; se eu falar, me prestarão atenção; se eu prolongar o discurso, todos colocarão a mão na boca. ¹³Por meio dela alcançarei a imortalidade, e deixarei aos meus sucessores uma lembrança eterna. ¹⁴Governarei os povos e dominarei as nações. ¹⁵Tiranos terríveis ficarão assustados quando me ouvirem, mas serei bom para o povo e corajoso no momento da guerra. ¹⁶Ao voltar para casa, repousarei ao lado dela, porque a sua companhia não provoca amargura, e a convivência com ela não traz nenhuma dor, mas contentamento e alegria. [8,2-16]

Oração da autoridade — ¹⁷Refleti sobre essas coisas e meditei no meu íntimo: a imortalidade está na união com a sabedoria, ¹⁸e na sua amizade existe alegria perfeita; na obra de suas mãos existe riqueza inesgotável, na relação assídua com ela se adquire a prudência, e na participação de suas palavras se encontra a fama. Assim sendo, eu ia por toda a parte procurando os meios de conquistá-la para mim. ¹⁹Eu era um jovem de boas qualidades e tive a sorte de ter uma boa alma, ²⁰ou melhor, sendo bom, vim a um corpo sem mancha. ²¹Sabendo que jamais teria conquistado a sabedoria, se Deus não a tivesse concedido a mim — e já era sinal de inteligência saber de quem vinha o dom — voltei-me então para o **9** Senhor e lhe supliquei, dizendo com todo o meu coração: ¹“Deus dos pais e Senhor de misericórdia, tudo criaste com a tua palavra! ²Com a tua sabedoria formaste o homem para dominar as criaturas que fizeste, ³para governar o mundo com santidade e justiça, e exercer o julgamento com retidão de alma. ⁴Concede-me a sabedoria, que está entronizada ao teu lado, e não me excluas do número de teus filhos.

⁵Eu sou teu servo, filho de tua serva, homem fraco e de vida breve, incapaz de compreender a justiça e as leis. ⁶Mesmo que alguém fosse o mais perfeito dos homens, se lhe faltasse a sabedoria que provém de ti, ele de nada valeria. ⁷Tu me

escolheste como rei do teu povo e juiz dos teus filhos e filhas. ⁸Tu me mandaste construir um templo sobre o teu santo monte, um altar na cidade onde fixaste a tua tenda, cópia da tenda santa que tinhas preparado desde o princípio. ⁹Contigo está a sabedoria, que conhece as tuas obras e que estava presente quando criaste o mundo. Ela sabe o que é agradável aos teus olhos e o que é conforme aos teus mandamentos.

¹⁰Manda a sabedoria desde o céu santo e a envia desde o teu trono glorioso, para que ela me acompanhe e participe dos meus trabalhos, e me ensine o que é agradável a ti. ¹¹Porque ela tudo sabe e tudo compreende. Ela me guiará prudentemente em minhas ações e me protegerá com a glória dela. ¹²Assim, as minhas obras serão agradáveis a ti, eu poderei governar com justiça o teu povo, e serei digno do trono de meu pai.

¹³Quem pode conhecer a vontade de Deus? Quem pode imaginar o que o Senhor deseja? ¹⁴Os pensamentos dos mortais são tímidos e nossos raciocínios são falíveis, ¹⁵porque um corpo corruptível torna pesada a alma, e a tenda de terra oprime a mente pensativa. ¹⁶Com muito custo, podemos conhecer o que está na terra, e com dificuldade encontramos o que está ao alcance da mão. Mas quem poderá investigar o que está no céu? ¹⁷Quem poderá conhecer o teu projeto, se tu não lhe deres sabedoria, enviando do alto o teu espírito santo? ¹⁸Somente assim foram endireitados todos os caminhos de quem vive sobre a terra. Somente assim os homens aprenderam aquilo que te agrada. Eles foram salvos por meio da sabedoria”. [8,17-9,18]

III. A SABEDORIA DIRIGE A HISTÓRIA

1. A sabedoria nas raízes do povo

10¹A sabedoria protegeu o pai do mundo, o primeiro homem formado por Deus e que foi criado sozinho. Ela o libertou de sua própria queda, ²e lhe deu força para dominar todas as coisas, ³mas um injusto se afastou dela com sua cólera e pereceu na sua própria ira fratricida. ⁴Por causa dele, a terra foi inundada, mas a sabedoria de novo o salvou, conduzindo o justo numa frágil embarcação.

⁵Quando as nações aderiram à maldade e foram confundidas, ela reconheceu o justo e o conservou sem mancha diante de Deus e o manteve forte, apesar da sua ternura pelo filho. ⁶E enquanto os ímpios pereciam, ela salvou um justo em fuga diante do fogo que caía sobre cinco cidades. ⁷Como testemunho dessa gente perversa, resta ainda uma terra deserta e fumegante, junto com árvores de frutos que não amadurecem, e a estátua de sal que se ergue como lembrança de uma alma incrédula. ⁸Porque, desprezando a sabedoria, não só se prejudicaram ignorando o bem, mas deixaram para os insensatos uma lembrança de sua insensatez, para que suas faltas não ficassem escondidas.

⁹A sabedoria, porém, libertou dos sofrimentos os seus fiéis. ¹⁰Por caminhos planos, ela guiou o justo, que fugia da ira do irmão, mostrou-lhe o reino de Deus e lhe revelou as coisas santas. Deu-lhe sucesso em suas fadigas e multiplicou os frutos do seu trabalho. ¹¹Ela o protegeu contra a cobiça de seus adversários e o tornou rico. ¹²Ela o guardou de seus inimigos e o defendeu de todos os que lhe armavam ciladas. Deu-lhe a vitória numa dura luta, para lhe mostrar que a piedade é mais forte do que tudo.

¹³A sabedoria não abandonou o justo que tinha sido vendido, e o preservou do pecado. ¹⁴Ela desceu com ele à cisterna, e não o abandonou na prisão, até conseguir para ele o cetro real e o poder sobre seus próprios adversários. Desmascarou os que o caluniavam e lhe deu fama perene. [10,1-14]

2. A sabedoria constrói a libertação

Da escravidão para a liberdade — ¹⁵A sabedoria libertou de uma nação de opressores um povo santo, uma raça irrepreensível. ¹⁶Ela entrou na alma de um servo do Senhor e, com prodígios e sinais, enfrentou reis temíveis. ¹⁷Deu aos santos a recompensa pelos sofrimentos que tinham passado, e os guiou por um caminho maravilhoso. Tornou-se para eles abrigo durante o dia e esplendor de estrelas durante a noite. ¹⁸Ela os fez atravessar o mar Vermelho e os guiou através de águas impetuosas. ¹⁹Fez com que seus inimigos se afogassem, e depois vomitou-os das profundezas do mar. ²⁰Desse modo, os justos despojaram os injustos, e celebraram o teu santo nome, Senhor, louvando juntos o teu braço protetor. ²¹Porque a sabedoria abriu a boca dos mudos e soltou a língua dos pequeninos.

11 ¹A sabedoria levou a bom termo os empreendimentos do povo por meio de um santo profeta. ²Eles atravessaram um deserto desabitado, armaram as tendas em lugares inacessíveis, ³resistiram aos adversários e repeliram os inimigos.

⁴Quando tiveram sede, eles te invocaram, e uma rocha escarpada lhes deu água, uma pedra dura lhes matou a sede. ⁵Aquilo que tinha servido como castigo para seus inimigos tornou-se para eles benefício na necessidade. ⁶Em lugar da água corrente de um rio, turvado de sangue podre, ⁷como castigo pelo decreto infanticida, tu lhes deste inesperadamente água abundante. ⁸Pela sede que estavam sentindo, tu lhes mostraste como havias castigado seus inimigos. ⁹De fato, quando sentiam provações, embora fossem corrigidos com misericórdia, compreendiam os tormentos dos injustos, que eram julgados com ira. ¹⁰Porque tu os provaste como pai que corrige, e castigaste os outros como rei severo que condena. ¹¹Longe ou perto, foram atingidos do mesmo modo, ¹²porque dupla aflição os oprimiu. E choraram, lembrando-se do que lhes acontecera. ¹³De fato, quando ficaram sabendo que o castigo era fonte de benefício para os outros, sentiram a presença do Senhor. ¹⁴Pois aquele que outrora fora rejeitado, exposto e desprezado com zombarias, no fim dos acontecimentos foi admirado por eles, quando estavam sofrendo uma sede diferente da sede dos justos. [\[10,15-11,14\]](#)

Consequências da idolatria — ¹⁵Por causa dos raciocínios insensatos da

injustiça deles, erraram e adoraram répteis privados de razão e animais desprezíveis. Como castigo, enviaste a eles multidões de animais irracionais, ¹⁶para aprenderem que cada um é castigado através daquilo mesmo com que peca. ¹⁷Para a tua mão onipotente, que da matéria informe criou o mundo, não teria sido difícil mandar contra eles bandos de ursos e leões ferozes, ¹⁸ou feras desconhecidas e recém-criadas, cheias de furor, espirando hálito de fogo e expelindo turbilhões de vapor pestilento, e lançando pelos olhos relâmpagos terríveis. ¹⁹Animais que não só poderiam exterminá-los com o seu furor, mas aniquilá-los somente com seu aspecto apavorante. ²⁰Mesmo sem nada disso, poderiam sucumbir com um sopro apenas, perseguidos pela justiça e espalhados pelo sopro do teu poder. Mas tudo dispuseste com medida, número e peso.

²¹Prevalecer com a força é sempre possível para ti. Quem poderia opor-se ao poder do teu braço? ²²O mundo inteiro diante de ti é como grão de areia na balança, como gota de orvalho matutino caindo sobre a terra. ²³Todavia, tu tens compaixão de todos, porque podes tudo, e não levas em conta os pecados dos homens, para que eles se arrependam. ²⁴Tu amas tudo o que existe, e não desprezas nada do que criaste. Se odiasses alguma coisa, não a terias criado. ²⁵De que modo poderia alguma coisa subsistir, se tu não a quisesses? Como se poderia conservar alguma coisa se tu não a tivesses chamado à existência? ²⁶Tu, porém, poupas todas as coisas, porque todas pertencem a ti, Senhor, o amigo da vida.

12¹O teu espírito incorruptível está em todas as coisas. ²Por isso, castigas com brandura os que erram. Tu os admoestas, fazendo-os lembrar os pecados que cometeram, para que, afastando-se da maldade, acreditem em ti, Senhor. [11,15-12,2]

Um projeto voltado para a vida — ³Tu odiavas os antigos habitantes da tua terra santa, ⁴porque faziam coisas detestáveis, praticavam magia e ritos sacrílegos. ⁵Assassinavam impiedosamente seus próprios filhos, realizavam banquetes em que devoravam entranhas, carne humana e sangue. A esses iniciados em orgias, ⁶pais assassinos de seres indefesos, tu os quiseste destruir pela mão de nossos antepassados. ⁷Tudo isso, para que esta terra, mais estimada por ti do que qualquer outra, recebesse uma população digna, formada por filhos de Deus. ⁸Mas também com eles, porque eram homens, tu os trataste com indulgência,

mandando vespas contra eles, como precursores do teu exército, a fim de os destruir pouco a pouco. ⁹Tu bem podias ter entregue os injustos na mão dos justos durante uma batalha, ou destruí-los com animais ferozes, ou ainda com uma ordem repentina e sem apelação. ¹⁰Mas tu os castigaste pouco a pouco, dando-lhes oportunidade de se arrependerem, embora não ignorasses que vinham de uma raça perversa, que a maldade deles era inata e que nunca mudariam de mentalidade, ¹¹porque desde a origem vinham de uma raça maldita.

Certamente não era por medo de ninguém que tu não castigaste a culpa deles. ¹²De fato, quem poderia perguntar a ti: O que foi que fizeste? Quem ousaria opor-se à tua decisão? Quem te acusaria por destruir nações que criaste? Quem se apresentaria contra ti para defender homens injustos? ¹³Por outro lado, além de ti, não há outro Deus que cuide de todas as coisas, e diante de quem devas defender-te da acusação de ser juiz injusto. ¹⁴Nenhum rei ou soberano pode confrontar-se contigo para defender aqueles que tu castigaste.

¹⁵Tu, porém, és justo, e governas todas as coisas com justiça. Consideras incompatível com o teu poder condenar alguém que não mereça castigo. ¹⁶De fato, a tua força é princípio de justiça, e o teu domínio universal faz que sejas indulgente para com todos. ¹⁷Tu mostras tua força para quem não acredita na perfeição do teu poder, e confundes a insolência daqueles que o conhecem. ¹⁸Apesar de tudo, dominas a tua própria força e julgas com brandura. Tu nos governas com muita indulgência, porque tu podes exercer o poder quando queres. [12,3-18]

Justiça, misericórdia e vida — ¹⁹Com tal modo de agir, tu ensinaste ao teu povo que o justo deve amar os homens, e infundiste em teus filhos a esperança, porque concedes aos homens a possibilidade de se converterem depois de pecar. ²⁰Puniste os inimigos de teus filhos com grande brandura e indulgência, dando-lhes tempo e ocasião para se converterem de sua maldade, quando na verdade eram réus de morte. ²¹Com quanto maior cuidado julgas os teus filhos, a cujos pais concedeste com juramento a tua aliança, garantia de tão boas promessas! ²²Assim, para nos educar, tu castigas os nossos inimigos com moderação, para que nós, quando julgarmos, lembremos sempre a tua bondade; e, quando formos julgados, contemos sempre com a tua misericórdia.

²³Atormentaste os insensatos que viveram vida injusta, castigando-os com as suas próprias abominações. ²⁴Eles se haviam extraviado muito longe pelo

caminho do erro, considerando como deuses os mais desprezíveis e repugnantes animais, deixando-se enganar como crianças que não têm o uso da razão. ²⁵Por isso, como crianças que ainda não refletem, tu os submeteste a um julgamento de zombaria. ²⁶Os que não se corrigissem com o julgamento de zombaria teriam que sofrer um castigo digno, mandado por Deus. ²⁷De fato, ficaram exasperados com os sofrimentos causados por esses animais, porque foram castigados pelos mesmos seres que eles consideravam como deuses. Então viram claramente e reconheceram o Deus verdadeiro, que antes recusavam reconhecer. Por isso sobre eles recaiu a maior das condenações. [19-27]

3. O julgamento da idolatria [13,1-15,19]

13 *As criaturas testemunham o Criador* — ¹São naturalmente insensatos todos os homens que ignoram a Deus e que, através dos bens visíveis, não chegam a reconhecer Aquele que existe. Consideram as obras, mas não reconhecem o seu Artífice. ²E acabam considerando, como deuses e governadores do mundo, o fogo, ou o vento, ou a brisa fugaz, ou o firmamento estrelado, ou a água impetuosa, ou ainda os luzeiros do céu. ³Se ficam fascinados com a beleza dessas coisas, a ponto de tomá-las como deuses, reconheçam o quanto está acima delas o Senhor, pois foi o autor da beleza quem as criou. ⁴Se ficam maravilhados com o poder e atividade dessas coisas, pensem então quanto mais poderoso é Aquele que as formou. ⁵Sim, porque a grandeza e a beleza das criaturas fazem, por comparação, contemplar o Autor delas.

⁶Esses, porém, merecem repreensão menor, porque talvez se tenham extraviado procurando a Deus e querendo encontrá-lo. ⁷Vivendo no meio das obras dele, procuram pesquisá-las, e a aparência delas os fascina, tanta é a beleza do que se vê. ⁸Contudo, mesmo esses não têm desculpa, ⁹porque, se foram capazes de conhecer tanto, a ponto de pesquisar o universo, como não encontraram mais depressa o Senhor do universo? [13,1-9]

Inutilidade dos ídolos — ¹⁰Infelizes também são aqueles que depositam sua esperança em coisas mortas, e que invocam como deuses as obras de mãos humanas: coisas de ouro e prata, trabalhadas com arte, figuras de animais, ou uma pedra sem valor, obra de mão antiga. ¹¹Um carpinteiro, por exemplo, serra uma árvore fácil de manejar. Depois lhe tira cuidadosamente toda a casca, trabalha a madeira com habilidade e fabrica um móvel, útil para as necessidades da vida. ¹²Terminado o trabalho, ele recolhe as sobras da madeira, as emprega para preparar a comida, e se farta. ¹³Da sobra de tudo, que não serve para nada, madeira retorcida e cheia de nós, ele a pega e a esculpe nos momentos de lazer. Para se distrair, modela a madeira com capricho, e lhe dá o formato de um homem, ¹⁴ou então a forma de algum animal desprezível. Depois pinta o ídolo de vermelho e cobre de massa todos os seus defeitos. ¹⁵A seguir, prepara-lhe um nicho digno dele, e o coloca na parede, prendendo-o com um prego. ¹⁶Toma esses cuidados para que não caia, sabendo que o ídolo não pode cuidar de si mesmo: é apenas uma imagem, e precisa de ajuda. ¹⁷Entretanto, logo em seguida

lhe dirige orações por seus bens, casamento e filhos, sem se envergonhar de ficar falando com uma coisa sem vida. Para a saúde, invoca o que é frágil. ¹⁸Para a vida, faz súplicas àquilo que é morto. Para um auxílio, pede ajuda àquilo que não tem experiência. Para uma viagem, dirige-se a quem não pode dar um passo. ¹⁹Para seus negócios, trabalhos e sucesso nos empreendimentos, pede forças a quem não tem força nenhuma nas mãos.

14¹Outro, lançando-se ao mar para navegar sobre ondas encrespadas, invoca um ídolo de madeira, mais frágil do que o barco que o transporta. ²Ora, o barco foi criado pela ânsia de lucro, e foi a perícia técnica que o construiu. ³Mas é a tua providência, ó Pai, que o pilota, pois também no mar abriste um caminho, uma rota segura entre as ondas. ⁴Isso fizeste para mostrar que tu podes salvar de tudo e, assim, mesmo sem experiência, qualquer pessoa possa embarcar. ⁵Tu não queres que as obras da tua sabedoria não sirvam para nada. Por isso os homens confiam suas próprias vidas a um pequeno pedaço de madeira, atravessam as ondas numa frágil embarcação, e chegam a salvo no destino. ⁶De fato, no princípio, quando pereciam os orgulhosos gigantes de outrora, a esperança do mundo se refugiou num pequeno barco que, pilotado por tua mão, transmitiu para o mundo a semente da vida. ⁷Bendita seja a madeira pela qual vem a justiça! ⁸Contudo, maldito seja o ídolo feito por mãos humanas e aquele que o fabricou. Este, por tê-lo feito; e o ídolo, porque, sendo corruptível, foi considerado como deus.

⁹Sim, porque Deus odeia tanto o idólatra como a idolatria. ¹⁰A obra será castigada com o seu autor. ¹¹Por isso, o julgamento atingirá também os ídolos das nações. Porque, entre as criaturas de Deus, eles se tornaram abomináveis, escândalo para as almas dos homens, e armadilha para os pés dos insensatos. [13,10-14,11]

Origem do culto aos ídolos — ¹²A invenção dos ídolos foi o começo da prostituição, e a descoberta deles introduziu a corrupção na vida. ¹³Eles não existiam no princípio, e não existirão para sempre. ¹⁴Entraram no mundo por causa da vaidade dos homens, e por isso o seu fim rápido já está decretado.

¹⁵Um pai, atormentado por um luto prematuro, manda fazer uma imagem do filho tão cedo arrebatado. Agora honra como deus aquele que antes era apenas um homem morto, e transmite para as pessoas de sua casa ritos secretos e cerimônias. ¹⁶Com o tempo, esse costume ímpio se vai arraigando, e é

observado como lei.

¹⁷ Era ainda por ordem dos soberanos que se prestava culto às estátuas. Como os súditos que viviam longe não podiam honrá-los pessoalmente, reproduziram sua figura distante, fazendo uma imagem visível do rei que veneravam. Desse modo, adulavam o ausente, como se estivesse presente. ¹⁸ A ambição do artista promoveu esse culto, mesmo entre aqueles que não conheciam o soberano. ¹⁹ De fato, querendo talvez agradar ao soberano, o artista se esforçou, com sua arte, para torná-lo ainda mais atraente do que na realidade era. ²⁰ A multidão, atraída pelo encanto da obra, considera agora objeto de adoração aquele a quem antes honravam apenas como homem. ²¹ Isso tornou-se cilada para o mundo: homens, escravizados pela desgraça ou pelo poder, impuseram à pedra e à madeira o Nome incomunicável. [14,12-21]

A idolatria é a fonte da corrupção — ²² Não bastou a esses homens errar no conhecimento de Deus. Eles vivem também na grande guerra da ignorância, e dão ainda a esses males o nome de paz. ²³ Celebram iniciações onde matam crianças ou realizam mistérios ocultos, ou ainda fazem banquetes orgiásticos com rituais estranhos. ²⁴ Não conservam pura nem a vida, nem o casamento, e cada um elimina o outro por traição ou aflige-o com adultério. ²⁵ Por toda parte há uma grande confusão, sangue e crime, roubo e fraude, corrupção e deslealdade, revolta e perjúrio, ²⁶ perseguição contra os bons e esquecimento da gratidão, impureza das almas e perversão sexual, desordens no casamento, adultério e libertinagem.

²⁷ A adoração de ídolos sem nome é princípio, causa e fim de todo o mal. ²⁸ De fato, os idólatras entregam-se a divertimentos até o delírio, ou profetizam a mentira, ou vivem na injustiça, ou perjuram com facilidade. ²⁹ Colocando sua confiança em ídolos sem vida, eles não esperam castigo nenhum por terem jurado falso. ³⁰ A sentença, porém, os atingirá por dois motivos: porque, seguindo os ídolos, tiveram falsa concepção de Deus, e porque, desprezando a santidade, juraram falso. ³¹ De fato, o que persegue sempre a transgressão dos injustos não é o poder daqueles por quem se jura, mas o castigo mesmo, que é reservado aos pecadores. [22-31]

150 ***povo de Deus não adora ídolos*** — ¹ Tu, porém, nosso Deus, és bom e fiel, és paciente e governas tudo com misericórdia. ² Mesmo pecando, nós somos teus e conhecemos o teu poder. Sabendo que pertencemos a ti, não

pecaremos mais. ³A justiça perfeita está em conhecer a ti, e conhecer que o teu poder é a raiz da imortalidade. ⁴Não nos extraviamos com a invenção humana de uma arte pervertida, nem com o trabalho estéril dos pintores, que pintam suas imagens com várias cores. ⁵Elas despertam a paixão dos insensatos, que ficam entusiasmados com a forma inerte de uma imagem morta. ⁶Aqueles que fazem, desejam e adoram os ídolos, são amantes do mal e dignos da esperança que os ídolos trazem. [15,1-6]

O importante é ganhar dinheiro! — ⁷Amassando com fadiga a terra mole, o oleiro modela para nosso uso todo tipo de vasos. Com o mesmo barro, modela tanto os vasos que servem para uso nobre, como também aqueles destinados para outros fins. O oleiro determina qual deverá ser o uso de cada um deles. ⁸Depois, dando-se a um esforço mal empregado, com o mesmo barro modela uma divindade falsa. O oleiro tinha pouco antes nascido da terra, e logo voltará para a terra de onde foi tirado. E então Deus lhe pedirá contas da vida que lhe tinha sido emprestada. ⁹Mas ele não se preocupa com o fato de ter vida breve e depois morrer. Pelo contrário, compete com os que moldam em ouro e prata, imita os que trabalham com bronze, e se vangloria de fabricar coisas falsas. ¹⁰A mente dele é pura cinza, sua esperança é mais desprezível do que a terra, e sua vida vale menos do que o barro, ¹¹porque não reconhece Aquele que o modelou, lhe infundiu alma ativa e lhe inspirou sopro vital. ¹²O oleiro considera a nossa vida como um jogo, e a existência como negócio lucrativo. Ele diz: “É preciso tirar proveito de tudo, até mesmo do mal”. ¹³Sim, mais do que todos os outros, esse homem sabe que está pecando: fabrica de matéria terrestre vasos frágeis e estátuas de ídolos. [7-13]

Insensatez dos idólatras — ¹⁴Mas os inimigos que oprimiram o teu povo são muito mais insensatos e infelizes que a alma de uma criança. ¹⁵De fato, eles consideraram como deuses todos os ídolos dos pagãos. Os olhos desses ídolos não os ajudam a ver, nem o nariz a respirar o ar, nem os ouvidos a ouvir, nem os dedos das mãos a apalpar, e seus pés são incapazes de caminhar. ¹⁶Porque foi um homem quem os fez. Quem os modelou foi um ser que recebeu a respiração por empréstimo. Nenhum homem pode plasmar um deus que lhe seja semelhante, ¹⁷pois, sendo mortal, suas mãos ímpias só podem produzir um cadáver. O homem é melhor do que os objetos que ele adora. O homem, pelo menos, tem a vida; mas os ídolos jamais a terão. ¹⁸Eles adoram até os mais

repugnantes animais que, comparados com outros, são mais estúpidos. ¹⁹Esses animais não têm nenhuma beleza que os torne atraentes, como acontece com os outros animais, e não tiveram o elogio e a bênção de Deus. [14-19]

4. A natureza participa da libertação

16 *As duas faces da ação de Deus* — ¹Por isso, os egípcios foram justamente castigados com seres semelhantes e atormentados por numerosos animaizinhos. ²Em vez de tal castigo, tu beneficiaste o teu povo e, para lhe satisfazer o intenso apetite, tu lhe trouxeste codornizes, alimento extraordinário. ³Desse modo, enquanto os egípcios ficavam famintos e perdiam o apetite natural, enojados com os bichos que lhes tinhas enviado, as pessoas do teu povo, depois de passarem um pouco de necessidade, repartiam entre si um alimento extraordinário. ⁴De fato, era preciso que os opressores sofressem carestia inevitável. Ao teu povo, porém, bastava que lhe fosse mostrado como os inimigos estavam sendo atormentados. [16,1-4]

Castigo que educa — ⁵Quando caiu sobre eles a fúria terrível das feras, e morriam mordidos por serpentes tortuosas, tua cólera não durou até o fim. ⁶Foram assustados por pouco tempo e como correção, mas receberam um sinal de salvação, para lhes recordar o mandamento da tua Lei. ⁷Quem se voltava para o sinal era salvo, não pelo que via, mas graças a ti, o Salvador de todos.

⁸Desse modo, convenceste os nossos inimigos de que és tu quem livra de todo o mal. ⁹Porque eles morreram com as picadas de gafanhotos e moscas, e não houve remédio que os salvasse, pois mereciam ser assim castigados. ¹⁰Quanto aos teus filhos, nem mesmo as presas de serpentes venenosas conseguiram vencê-los, porque a tua misericórdia interveio e os salvou. ¹¹Para que se lembrassem de tuas palavras, eram mordidos e logo depois curados, para não caírem no profundo esquecimento e serem excluídos de teus benefícios. ¹²Não foi erva nem unguento que os curou, e sim a tua palavra, Senhor, que cura todas as coisas. ¹³Sim, porque tu tens poder sobre a vida e a morte, e fazes descer às portas do reino dos mortos, e de lá subir. ¹⁴O homem, na sua maldade, pode matar, mas não é capaz de fazer voltar o espírito que se exalou, nem libertar a alma que foi recolhida no reino dos mortos. [5-14]

A natureza serve ao projeto de Deus — ¹⁵É impossível escapar de tua mão. ¹⁶Os injustos recusavam reconhecer-te, e tu os açoitaste com a força do teu braço: foram perseguidos com chuvas estranhas, granizo, tempestades violentas, e devorados pelo fogo. ¹⁷O mais surpreendente foi que, na água que apaga tudo,

o fogo ardia mais ainda. É que o universo é aliado dos justos. ¹⁸Às vezes, a chama se abrandava para não queimar os animais enviados contra os injustos. Desse modo, eles podiam ver e compreender que estavam sendo perseguidos pelo julgamento de Deus. ¹⁹Outras vezes, mesmo dentro da água, a chama ardia mais forte do que o fogo, para destruir os produtos de uma terra injusta. ²⁰Ao teu povo acontecia o contrário: tu o alimentavas com alimento de anjos, oferecendo-lhe do céu o pão já preparado, que proporcionava todos os sabores e satisfazia o gosto de todos. ²¹Esse alimento mostrava a tua doçura para com os teus filhos. Ele se adaptava ao gosto de quem o comia e se transformava naquilo que cada um desejava.

²²A neve e o gelo resistiam ao fogo, sem se derreter. Desse modo, tornou-se claro que o fogo, ardendo no meio do granizo e relampejando no meio da chuva, destruía os frutos dos inimigos. ²³O mesmo fogo, porém, noutra ocasião, esquecia a própria força, para que os justos pudessem alimentar-se. ²⁴De fato, a criação obedece a ti, seu Criador: ela se inflama para punir os injustos, e se abrandava para beneficiar os que em ti confiam. ²⁵Ela também se revestia de todas as formas, colocando-se a serviço da tua bondade, que a todos alimenta, conforme o desejo de quem está em necessidade. ²⁶Dessa forma, Senhor, os teus filhos queridos aprenderam que não é a produção de frutos que alimenta o homem, mas é a tua palavra que sustenta os que acreditam em ti. ²⁷Pois aquilo que o fogo não devorava, logo se derretia ao calor de um raio de sol. ²⁸Desse modo, eles ficaram sabendo que é preciso levantar-se antes do sol para te agradecer, e invocar-te desde o raiar do dia. ²⁹Ficaram também sabendo que a esperança do ingrato se derrete como a geada de inverno, e se espalha como água que não é utilizada. [15-29]

17 *A escuridão da má consciência* — ¹Teus julgamentos são grandes e difíceis de compreender. Por isso, as almas sem instrução se extraviaram. ²Os injustos, imaginando que podiam oprimir uma nação santa, ficaram presos pelas trevas, prisioneiros de uma longa noite, fechados em suas casas e excluídos da providência eterna. ³Pensavam ficar ocultos com seus pecados secretos, debaixo do véu sombrio do esquecimento. Mas foram dispersos, mergulhados em horrível medo e aterrorizados por alucinações. ⁴Pois nem o esconderijo em que se abrigavam os preservou do medo: ao redor deles, ribombavam ruídos assustadores e lhes apareciam fantasmas tétricos de rostos sinistros. ⁵Nenhum

fogo, por mais intenso que fosse, conseguia iluminá-los, nem as luzes brilhantes dos astros conseguiam aclarar aquela noite tenebrosa. ⁶Aparecia-lhes apenas uma chama, que se acendia, por si mesma, espalhando terror. Quando essa visão desaparecia da frente deles, ficavam aterrorizados e julgavam ainda pior o que tinham acabado de ver.

⁷Os artifícios da magia fracassaram completamente, e seu alarde de ciência ficou vergonhosamente confundido. ⁸De fato, aqueles que prometiam expulsar das almas enfermas os terrores e inquietações, caíam eles próprios vítimas de pânico grotesco. ⁹Mesmo que nada de inquietante os amedrontasse, eles ficavam assustados com a passagem de pequenos animais e sibilos de cobras. Caíam tremendo e recusavam olhar o próprio ar, coisa impossível de ser evitada.

¹⁰Com efeito, a maldade é medrosa e se condena por seu próprio testemunho. Pressionada pela consciência, imagina sempre o pior. ¹¹Porque o medo é apenas a falta do socorro que vem da reflexão: ¹²quanto menos reflexão interior tivermos, mais alarmante parecerá ser a causa oculta do tormento.

¹³Durante aquela noite realmente incapaz, saída das profundezas do impotente reino dos mortos, e todos entregues ao mesmo sono, ¹⁴eles eram, ora perseguidos por fantasmas monstruosos, ora ficavam paralisados pelo abatimento da alma, invadidos pelo terror inesperado e repentino que caía sobre eles.

¹⁵Assim, todo aquele que aí caísse, quem quer que fosse, ficava preso e trancado numa prisão sem trancas. ¹⁶Podia ser agricultor ou pastor, ou ainda operário que trabalhava em lugares desertos. Surpreendida, a pessoa caía na fatalidade inevitável, porque todos estavam acorrentados pela mesma corrente de trevas. ¹⁷O assobiar do vento, o canto melodioso de pássaros na ramagem frondosa, o murmúrio da impetuosa água corrente, o ruído surdo de rochas caindo em avalanches, ¹⁸a correria invisível de animais saltitantes, o rosnar das feras mais selvagens, o eco retumbante das cavernas das montanhas, tudo isso os paralisava e os enchia de terror. ¹⁹O mundo inteiro, iluminado por luz radiante, se entregava aos seus trabalhos. ²⁰Somente sobre eles se estendia a noite profunda, imagem das trevas que os deviam receber. Contudo, eles mesmos eram para si próprios mais pesados do que as trevas.

18¹Para os teus santos, porém, havia plena luz. Os outros, que lhes ouviam as vozes, mas não lhes viam a figura, os felicitavam por não estarem sofrendo.

²Também lhes agradeciam por não lhes terem feito mal, apesar de maltratados, e

lhes pediam por favor que fossem embora. ³Em vez de trevas, deste aos teus uma coluna de fogo, para guiá-los no caminho desconhecido, como sol inofensivo que iluminava sua gloriosa migração. ⁴Os outros mereciam ficar sem luz e aprisionados pelas trevas, porque haviam aprisionado os teus filhos, que iriam transmitir ao mundo a luz incorruptível da tua Lei. [17,1-18,4]

Libertação e julgamento — ⁵Eles decidiram matar os filhos dos santos, e um só menino, abandonado, se salvou. Como castigo, eliminaste os filhos deles em massa, e os fizeste morrer todos nas águas impetuosas. ⁶Aquela noite já fora anunciada aos nossos antepassados, para que tivessem ânimo, sabendo com certeza em que promessas haviam acreditado. ⁷Teu povo esperava a salvação dos justos e a ruína dos inimigos. ⁸E, de fato, enquanto punias os adversários, tu nos cobrias de glória, chamando-nos para ti.

⁹Os filhos santos dos justos ofereciam sacrifícios às escondidas e, de comum acordo, estabeleceram esta lei divina: os santos participariam solidariamente dos mesmos bens e perigos. E faziam isso entoando os cânticos dos antepassados. ¹⁰Serviam como eco os gritos confusos dos inimigos, e ressoavam as lamentações dos que choravam seus filhos. ¹¹O mesmo castigo atingiu o escravo e o patrão, e o homem comum sofreu a mesma pena que o rei. ¹²Todos tinham mortos sem conta, vítimas do mesmo tipo de morte, e os vivos eram insuficientes para enterrá-los. Num só instante morreu o melhor da geração deles. ¹³Embora desacreditassem de tudo por causa de sua magia, quando seus primogênitos morreram eles reconheceram que aquele povo era filho de Deus. ¹⁴Enquanto um silêncio profundo envolvia todas as coisas e a noite estava pela metade, ¹⁵a tua palavra todo-poderosa veio do alto do céu, do teu trono real, como guerreiro implacável, e se atirou sobre uma terra condenada ao extermínio. Ela trazia, como espada afiada, a tua ordem sem apelação. ¹⁶Parou e encheu tudo de morte: tocava o céu e caminhava sobre a terra. ¹⁷Então, subitamente, fantasmas de sonhos terríveis os abalaram, e terrores inesperados se apoderaram deles. ¹⁸Caíam semimortos por toda parte, mostrando a causa de sua morte. ¹⁹De fato, sonhos pavorosos já os tinham avisado sobre o acontecimento, para não morrerem sem saber o motivo do seu sofrimento. [18,5-19]

Com Deus não se brinca! — ²⁰Também os justos foram atingidos pela provação da morte, e no deserto foi abatido um grupo numeroso. Mas a ira não durou

muito tempo, ²¹porque um homem irrepreensível apressou-se em defendê-los. Manejando as armas do seu ministério sacerdotal, a oração e o incenso pelos pecados, ele enfrentou a ira divina e deu fim à desgraça, mostrando que era teu servo. ²²Venceu a ira divina, não com a força do corpo, nem pelo poder das armas. Ele venceu com a palavra que aplacou aquele que castigava, recordando-lhe as promessas e as alianças feitas com os antepassados. ²³Os mortos tinham caído aos montes, uns sobre os outros. Ele, porém, colocou-se no meio deles, deteve a ira e cortou o caminho dela, para que não atingisse os sobreviventes. ²⁴Sobre a sua longa veste estava o mundo inteiro: em quatro fileiras de pedras preciosas estavam inscritos os nomes gloriosos dos antepassados, e sobre a coroa da cabeça dele estava a tua majestade. ²⁵Diante disso tudo, o exterminador recuou com medo. A simples experiência da ira já fora suficiente. [20-25]

19 *A natureza participa da libertação* — ¹Contra os injustos, porém, a ira divina foi implacável até o fim. Porque Deus sabia de antemão o que iriam fazer. ²Eles iriam permitir que os justos saíssem, e até insistiriam para que partissem o quanto antes. Depois, mudariam de opinião e os perseguiriam. ³De fato, ainda estavam de luto, chorando junto aos túmulos de seus mortos, quando tomaram uma decisão insensata: perseguiram como fugitivos aqueles a quem antes tinham suplicado que partissem. ⁴O destino merecido os arrastava para esse desfecho, e os fazia esquecer o que já lhes havia acontecido. Desse modo, estavam acrescentando a seus sofrimentos o castigo que faltava. ⁵Enquanto o teu povo faria a experiência de uma viagem maravilhosa, eles encontrariam morte nunca vista. ⁶Porque a criação inteira, obedecendo às tuas ordens, tomava novas formas segundo o seu gênero, para que os teus filhos fossem preservados, sãos e salvos.

⁷Apareceu a nuvem, que cobriu de sombra o acampamento, e a terra firme surgiu, onde antes era água. O mar Vermelho se transformou em caminho livre, e as ondas violentas se tornaram planície verdejante. ⁸Através dele passou todo o teu povo, protegido por tua mão e contemplando prodígios admiráveis. ⁹Como cavalos conduzidos ao pasto e como ovelhas saltitantes, todos cantavam hinos para ti, Senhor, seu libertador. ¹⁰Lembravam-se ainda do que acontecera no estrangeiro: em lugar de animais, a terra produziu moscas; em vez de peixes, o rio vomitou multidão de rãs. ¹¹Mais tarde, viram também uma nova espécie de aves quando, levados pelo desejo, pediam alimentos delicados. ¹²Para satisfazê-los, do mar subiram codornizes. [19,1-12]

A traição da humanidade — ¹³Sobre os pecadores caíram castigos, não sem antes o aviso prévio de raios estrondosos. Eles sofreram justamente, por causa de sua própria perversidade, por terem odiado cruelmente os estrangeiros. ¹⁴Outros povos não acolheram visitantes desconhecidos. Os egípcios, porém, escravizaram estrangeiros benfeitores. ¹⁵E mais ainda: é certo que para os outros povos haverá um castigo por terem recebido hostilmente os estrangeiros. ¹⁶Os egípcios, porém, depois de receber com festas e fazer os estrangeiros participar de seus direitos, acabaram atormentando esses estrangeiros com trabalhos duríssimos. ¹⁷Por isso, foram feridos de cegueira, como tinha acontecido com aqueles junto à porta do justo, quando, cercados de trevas profundas, cada um procurava, tateando, a direção de sua própria casa. [13-17]

Rumo à grande harmonia — ¹⁸Os elementos da natureza trocavam suas propriedades entre si, da mesma forma que na harpa as notas modificam o desenvolvimento da música, mas conservando sempre o mesmo tom. É o que se pode perceber, olhando o que aconteceu: ¹⁹os seres terrestres se transformavam em aquáticos, e os que nadam saltavam para a terra. ²⁰Na água, o fogo aumentava mais ainda a sua força, e a água se esquecia do seu poder de apagá-lo. ²¹Por outro lado, as chamas não queimavam a carne dos animais que andavam entre elas, e também não derretiam aquele alimento celeste, parecido com gelo e fácil de derreter. [18-21]

Conclusão [22]

²² Sim, ó Senhor! De todos os modos engrandeceste e tornaste glorioso o teu povo. Nunca, em nenhum lugar, deixaste de olhar por ele e de o socorrer.

NOTAS

[1,1-15] A procura da sabedoria chega ao seu ponto mais alto quando se descobre que ela deve ser acompanhada pela busca da justiça. De fato, a sabedoria de Deus é a maior expressão da justiça, porque o projeto dele visa à realização da vida para todos. O saber dirigido pela injustiça só multiplica armas de morte. Norteado pela justiça, o saber torna-se coerente com o projeto de Deus, criando e multiplicando recursos que possibilitem de fato a vida para todos.

[1,16-2,24] O texto apresenta a filosofia de vida do injusto. Para este, a única dimensão de vida é aquela que existe antes da morte. Como viver diante dessa perspectiva? Gozar o mais que for possível, já que não existe nada além dos prazeres desta vida. Por outro lado, para viver no ócio e no prazer, é preciso ter alguém que pague por isso. Daí nasce a desigualdade social, onde os bem-pensantes e privilegiados exploram os pobres, forçando-os a sustentar o seu estilo de vida. Para quem acredita, é claro que tal construção é enganosa. O justo que não participa dessa filosofia, ergue seu grito e se torna um grande obstáculo para o modo de viver do injusto. Quando o povo explorado descobre que está servindo aos caprichos de uma classe privilegiada, então se revolta e não teme sequer a própria morte, pois sabe que ela pode ser o supremo testemunho de repúdio à injustiça, e assim tornar-se uma porta para a vida, “porque a justiça é imortal” (1,15).

[3,1-12] Sob influência grega, surge pela primeira vez na Bíblia a palavra *imortalidade*. Esta, porém, está sujeita ao ideal israelita da justiça: os justos viverão para sempre, os injustos serão aniquilados. Dessa forma, qualquer sobrevivência após a morte depende do modo como a pessoa vive nesta vida.

[3,13-4,6] Para a concepção israelita, a sobrevivência dependia dos filhos, que perpetuavam o nome do pai e conservavam a propriedade da família. O autor, porém, diz que a sobrevivência depende do testemunho da justiça (virtude): a

pessoa justa jamais será esquecida (cf. Sl 112,6). Aqui, as uniões ilegítimas são os casamentos entre judeus e estrangeiros, que podiam acarretar uma paganização da cultura judaica.

[4,7-19] Para os israelitas, a recompensa pela justiça era a vida longa. A morte prematura era vista como castigo pelo pecado. O autor reformula essa concepção: o que importa é viver de acordo com a sabedoria, isto é, viver segundo o projeto de Deus, e tal projeto leva a descobrir e testemunhar a justiça. A morte prematura do justo é geralmente devida à sua participação na luta pela justiça, e isso o introduz na vida plena.

[4,20-5,23] Resistindo até o fim, a esperança do justo é o julgamento de Deus, que vai separar o justo do injusto e revelar finalmente a justiça e a injustiça, exaltando a primeira e aniquilando a segunda. Isso, à primeira vista, estaria reservado para o fim do mundo. Na realidade, porém, acontece no próprio desenvolvimento da história, sempre que a justiça triunfa sobre a injustiça.

[6,1-11] O autor se apresenta como Salomão, o rei sábio, dirigindo-se a todas as autoridades. Começa com uma advertência: as autoridades participam do próprio governo de Deus e deveriam, por função, tornar visível o exercício da justiça. Esta, na visão bíblica, consiste em salvar os pobres e fracos diante daqueles que os exploram e oprimem. A responsabilidade das autoridades, portanto, é muito grande, pois delas depende a vida do povo. Daí a diferença do julgamento: todos serão tratados com justiça proporcional, de acordo com a repercussão social de seus atos. Os poderosos serão julgados com rigor, porque de suas mínimas decisões e atos dependem a liberdade e a vida de muitas pessoas.

[12-21] A sabedoria é o bom senso que cresce e se aprofunda em meio à ambiguidade, no exercício contínuo do discernimento sobre circunstâncias e situações. O desejo de aprender é o ponto de partida; o ponto de chegada ultrapassa a nossa vida, pois a perfeição da sabedoria é o próprio discernimento de Deus.

[6,22-7,14] A sabedoria de Salomão tornou-se legendária em Israel. Até hoje, muita gente pensa que para ser sábio é preciso ter muito dinheiro e cultura. O autor, porém, personificado como rei Salomão, mostra que, diante da sabedoria, todos os homens são iguais e têm as mesmas chances. O importante é o que muita gente esquece: suplicar a Deus e pedir que ele a conceda, porque a sabedoria é dom de Deus. A riqueza e a cultura muitas vezes podem até ser

obstáculos para se atingir o bom senso da sabedoria.

[7,15-21] A sabedoria é o dom de Deus que forma no homem o bom senso interior. Este permite perceber o sentido interno de todas as coisas, para produzir harmonia universal. É graças a esse bom senso que o homem pode humanizar a natureza, sem violentá-la ou destruí-la.

[7,22-8,1] A sabedoria é apresentada aqui no mistério da sua origem e como participação na vida de Deus. Saindo de Deus, ela penetra todas as coisas, renovando de modo permanente a vida, sobretudo a dos seres humanos. O Novo Testamento continuará essa reflexão, mostrando a sabedoria encarnada em Jesus, e depois identificada com o Espírito Santo, entregue a todos os que se comprometem com Jesus e com o Pai. Desse modo, a sabedoria, com sua ação transformadora, continua presente na humanidade para levar o universo à realização do projeto eterno de Deus.

[8,2-16] A sabedoria é o projeto de Deus, presente em todo o universo. A humanidade pode tomar consciência dela e dar-lhe forma. A sabedoria se torna, então, a companheira ideal para a vida de todos, homens e mulheres. O autor, ainda personificado como o rei Salomão, mostra a importância dessa companheira para todos aqueles que, de alguma forma, têm responsabilidade no encaminhamento da sociedade e da história humana. Cf. Pr 31,10-31 e nota.

[8,17-9,18] Encerrando a longa advertência às autoridades (6,1-9,18), o autor apresenta a oração que deve nortear todos os governantes. O primeiro pedido é o dom da sabedoria, que permite às autoridades o discernimento, para realizar a justiça que Deus quer. Esta oração mostra que a autoridade não deve usurpar o lugar de Deus. Sua função é suplicar o dom de compreender o projeto dele, a fim de poder viabilizá-lo na história.

[10,1-14] O autor passa rapidamente pela história dos antepassados, aludindo às figuras de Adão, Caim, Noé, Abraão, Ló, Jacó e José. Sua intenção é mostrar que a sabedoria já estava presente nas raízes da humanidade e do povo de Israel, para construir o projeto de Deus na história. Nas personagens mais ou menos lendárias do seu passado, o povo encontra os traços fundamentais que forjaram seu caráter e animaram sua luta pela vida.

[10,15-11,14] O êxodo é o acontecimento fundante de toda a Bíblia. Ele marca a origem do povo, a partir da libertação, quando ele começou a construir uma sociedade justa, abrindo novo caminho na história. É importante notar a visão

diferenciada que o autor tem de um mesmo acontecimento: enquanto o sofrimento do povo liberta e é uma oportunidade de correção e construção, o sofrimento que recai sobre o opressor é severa advertência e mostra que este, não se convertendo, caminha para a destruição.

[11,15-12,2] A vida do homem é determinada pelo culto à divindade que ele adora. Quem serve aos ídolos sofre as consequências destrutivas da idolatria. Estas, na verdade, são o castigo com que Deus chama a atenção dos idólatras. Ele é o único Senhor da vida, e quer que todos se convertam e encontrem o caminho para a vida.

[12,3-18] A conquista da terra foi outro grande marco na história do povo. Depois de longamente explorado e oprimido, o povo consegue construir uma sociedade igualitária, voltada para a liberdade e a vida, superando assim os projetos idolátricos que produzem escravidão e morte. Isso trouxe a compreensão de que o projeto de Deus está sempre voltado para a vida. Quem serve a outros projetos acaba por decretar a sua própria ruína, que virá repentinamente ou aos poucos. Nasce então a consciência de que Deus é o Senhor dos povos, e só ele conduz a história rumo à construção da liberdade e da vida. Qualquer outro deus levará o povo à própria destruição.

[19-27] O projeto de Deus entra em luta com outros projetos, e acabará triunfando sobre eles. Isso, porém, não quer dizer que o povo de Deus deva simplesmente eliminar os outros povos ou grupos que vivam de maneira diferente. Deus quer a vida, e sempre dá chance para que todos se convertam e participem do seu projeto. Contudo, bondade e misericórdia não substituem justiça. Primeiro vem a justiça e, quando esta produz a conversão, entra em cena a misericórdia, para que a vida triunfe de fato sobre a morte.

[13,1-15,19] É o mais longo texto bíblico sobre a idolatria. Vivendo em meio aos pagãos de Alexandria, o povo judeu era continuamente tentado a participar dos cultos idolátricos, que faziam parte da própria cultura grega. O autor, criticando essa idolatria inerente ao paganismo, procura preservar a fé no Deus verdadeiro, que age na história para produzir a vida.

[13,1-9] Extasiados diante da ordem e a beleza do mundo, os antigos chegaram a divinizar os seres da natureza e os fenômenos do universo. O autor, porém, mostra que estes são apenas testemunhas visíveis do Criador invisível. Israel deu um passo à frente no conhecimento de Deus: demitizou a natureza (cf. nota em

Gn 1,1-2,4) e proclamou a presença e ação do Deus vivo, que vai conduzindo a humanidade para a vida.

[13,10-14,11] Usando antigos textos bíblicos, o autor descreve ironicamente a fabricação e uso de ídolos (cf. Is 44,9-17; Jr 10,3-5; Br 6; Sl 115,4-8). A tônica é que os ídolos não podem fazer nada em favor do homem, porque este é que os fabrica. O sucesso dos empreendimentos humanos não deve ser atribuído aos ídolos, mas à providência de Deus, que age apesar dos ídolos.

[14,12-21] A palavra *ídolo*, em grego, significa imagem, estátua, isto é, reprodução de alguma coisa ou pessoa. O autor dá a entender que essas reproduções são feitas para substituir uma perda dolorosa, ou por razões de poder e ambição. No primeiro caso, o motivo é emocional: perenizar a lembrança de algum falecido. No segundo, há motivos políticos e econômicos: dar a impressão de que o soberano está vigiando todos os lugares, e satisfazer a ambição econômica do artista. Embora o texto pareça ingênuo e simplista, alerta para o perigo que a fascinação artística pode causar, dando margem ao endeusamento de uma realidade transformada em hiper-realidade. O perigo é maior quando isso é usado para manipular política e economicamente o povo.

[22-31] Trocar o serviço ao Deus vivo e libertador pelo culto aos ídolos mortos tem consequências trágicas para a vida humana. Tanto a pessoa como a sociedade se tornam escravas da mentira e da corrupção em todos os níveis. Por trás de cada vício há sempre um ídolo.

[15,1-6] No meio de todos os povos que praticam a idolatria, vive o povo de Deus, portador do conhecimento e do compromisso com o projeto do Deus vivo. Apesar de se reconhecer pecador, esse povo é capaz de se converter continuamente, para levar à frente a própria missão: revelar a todos o mistério do Deus vivo e do seu projeto, para transformar a história.

[7-13] O aspecto diabólico da idolatria consiste em explorar a boa vontade e ingenuidade do povo para fins lucrativos. Em nome do dinheiro, os fabricantes de ídolos não receiam manipular Deus, a verdade, a justiça e o amor.

[14-19] Usando partes do Sl 115 e do Sl 135, o autor ironiza a religião egípcia da época de Moisés e a religião que ainda existia em seu tempo na cidade de Alexandria.

[16,1-4] Deus age na história provocando discernimento sobre a consciência e a vida. O mesmo tipo de ação torna-se castigo para o opressor e libertação para o

oprimido. O texto se refere a Ex 7,26; 8,11; 16,1-36.

[5-14] Releitura de Ex 8,12-28; 10,1-20 e Nm 21,4-9. Os erros cometidos pelo povo de Deus são logo castigados com finalidade pedagógica: reconhecer o erro e converter-se, voltando novamente à fidelidade. Os erros cometidos pelos opressores, porém, são fatais.

[15-29] Relembra a praga da chuva de pedras (Ex 9,24-25) e o maná (Ex 16). O autor medita livremente os fatos, mostrando que a natureza serve ao projeto do Deus libertador, que castiga os injustos e se alia aos justos. Paulo dirá que a criação toda geme e sofre as dores de parto até agora... esperando com impaciência a manifestação dos filhos de Deus (Rm 8,19.22). Quando, por ganância, os homens desrespeitam a natureza, esta se vinga duramente. Ela foi criada para servir ao projeto do Deus que quer a vida. Por isso, usada com respeito e justiça, ela recompensa a todos com vida em abundância.

[17,1-18,4] Retoma a praga das trevas (Ex 10,20-23) e o fenômeno da coluna de fogo (Ex 13,21-22; 14,24). O texto foi enriquecido com muitos detalhes, certamente elaborados por lendas e tradições antigas.

A escuridão adquire também uma tônica psicológica: a má consciência do opressor torna-se obsessiva, e o pavor que ele experimenta diante das coisas mais simples é o julgamento contra a sua injustiça.

[18,5-19] Variação bastante livre sobre a praga dos primogênitos, a Páscoa (Ex 12) e a travessia do mar Vermelho (Ex 14). É o ápice da ação de Deus, libertando o seu povo para a vida e julgando o opressor, com as mesmas armas que este antes havia usado contra o povo.

[20-25] Lembrança do episódio de Nm 17,6-15. Javé tinha exterminado os opressores, porque estes recusavam o seu projeto. Bem cedo, o seu próprio povo também teve de reconhecer que Javé o exterminaria, caso não fosse coerente com o compromisso assumido. Não basta livrar-se dos inimigos externos. É preciso também não repetir a opressão no seio do próprio povo.

[19,1-12] Lembra a passagem do mar Vermelho (Ex 14). A transformação do mar em caminho livre para o povo de Deus, e ao mesmo tempo em abismo de afogamento para os inimigos, mostra que o projeto de Deus só é benéfico para quem se compromete com ele. Para os adversários, significa a morte. E o povo liberto passa a descobrir um mundo novo.

[13-17] A hospitalidade era um dever sagrado no Oriente antigo. Os habitantes

de Sodoma queriam abusar dos hóspedes de Ló (Gn 19). Pior ainda foi o Egito que acolheu os imigrantes, mas depois transformou-os em escravos. A maior injustiça é abusar daqueles que ajudaram a construir a grandeza da nação.

[18-21] Quando o homem descobre o projeto de Deus e se compromete com esse projeto, toda a natureza reconhece a grandeza dessa aliança e se apresenta para colaborar.

[22] É o último versículo escrito nos tempos do Antigo Testamento. Nele ecoa a grande profissão de fé: Deus nunca abandona o seu povo.

ECLESIÁSTICO

A PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE DO POVO

Introdução

O nome “Eclesiástico” provém do uso oficial que a Igreja faz desse livro, em contraposição à Sinagoga judaica, que não o aceita como Palavra de Deus. Trata-se de uma obra escrita por volta de 190 a.C. por Jesus Ben Sirac, e chegou até nós graças à tradução grega feita pelo seu neto em 132 a.C.

No início do séc. II a.C., a Palestina passou do domínio dos Ptolomeus (Egito) para o dos Selêucidas (Síria). A fim de unificar o império, exposto a conflitos internos, os selêucidas promoveram uma política de assimilação, e procuraram impor aos povos dominados a cultura, a religião e os costumes gregos — um imperialismo cultural que ameaçava destruir a identidade cultural e religiosa dos dominados. Entre os judeus houve uma corrente disposta a abrir-se ao espírito grego, desejando adaptar o judaísmo a uma civilização mais universal. A isso, todavia, opôs-se uma forte ala, que buscava preservar a identidade e salvar a fé e a vocação de Israel, testemunha do Deus vivo para todas as nações. Ben Sirac escreveu então este livro, uma espécie de longa meditação sobre a fidelidade hebraica. Ele procura reavivar a memória e a consciência histórica do seu povo, a fim de mostrar sua identidade própria e o valor perene de suas tradições. O autor, porém, não é intransigente, pois em seu livro mostra ter já assimilado diversos aspectos da cultura grega, iniciando o caminho de uma síntese que culminará no livro da Sabedoria.

O centro do livro está em Eclo 24, em que o autor identifica a Sabedoria com a Lei de Moisés (24,23). Não se trata das leis (= legislação), e sim dos cinco livros do Pentateuco que, em hebraico, se chamam Torá = Lei. Esta, na visão do autor, constitui a Sabedoria de Israel. Com efeito, a narração toda do Pentateuco mostra a experiência básica de todo homem e de qualquer povo: a sabedoria que nasce da experiência concreta e conduz à vida.

ECLESIÁSTICO

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27 - 28
- 29 - 30 - 31 - 32 - 33 - 34 - 35 - 36 - 37 - 38 - 39 - 40 -
41 - 42 - 43 - 44 - 45 - 46 - 47 - 48 - 49 - 50 - 51**

ECLESIAÍSTICO

Prólogo [*]

Recebemos muitos e profundos ensinamentos da Lei, dos Profetas e dos Escritos que vieram depois deles. Por tudo isso, deve-se louvar Israel como povo instruído e sábio. Não basta que os leitores aprendam, mas também sejam capazes de ajudar os de fora, à viva voz e por escrito. Por isso, meu avô Jesus, depois de se dedicar intensamente à leitura da Lei, dos Profetas e dos outros Livros de nossos antepassados e tendo adquirido um bom domínio sobre eles, decidiu escrever alguma coisa na linha da instrução e sabedoria. Desse modo, os que desejam aprender podem familiarizar-se com isso e progredir sempre mais na conduta segundo a Lei.

Vocês, portanto, estão convidados a ler com atenção e benevolência, perdoando se, apesar do esforço, não consegui traduzir bem algumas expressões. De fato, as coisas expressas originalmente em hebraico não têm a mesma força quando traduzidas para outra língua. Isso acontece também com a Lei, os Profetas e os outros Livros: são muito diferentes na língua original.

No ano trinta e oito do rei Evergetes, fui ao Egito e aí passei uma temporada. Tive boa ocasião para aprender, e achei necessário empenhar meu trabalho e esforço para traduzir este livro. Dediquei então muitas noites em claro e todo o meu conhecimento, para terminar o trabalho e publicar o livro, beneficiando os imigrantes que desejam aprender e estejam dispostos a mudar seus costumes, a fim de viverem segundo a Lei.

I. A SABEDORIA DE ISRAEL: CAMINHO PARA A VIDA

1 *A sabedoria é dom de Deus* — ¹Toda sabedoria vem do Senhor e está com ele para sempre. ²Quem poderá contar a areia das praias, as gotas da chuva e os dias do mundo? ³Quem poderá explorar a altura do céu, a extensão da terra e a profundidade do abismo? ⁴A sabedoria foi criada antes de todas as coisas, e a inteligência prudente foi criada antes dos séculos. ⁵A quem foi revelada a raiz da sabedoria? Quem conhece os seus projetos? ⁶Somente um é sábio, e é por demais terrível quando se assenta em seu trono: ⁷é o Senhor, ele que criou a sabedoria, a conheceu, a enumerou e a derramou sobre todas as suas obras. ⁸Ele a repartiu entre os seres vivos, conforme a sua generosidade, e a concedeu a todos aqueles que o amam. [1,1-8]

A raiz da sabedoria — ⁹O temor do Senhor é glória e honra, alegria e coroa de júbilo. ¹⁰O temor do Senhor alegra o coração, dá contentamento, gozo e vida longa. ¹¹Quem teme ao Senhor acabará bem, e será abençoado no dia da morte.

¹²O princípio da sabedoria é temer ao Senhor, e os fiéis a recebem já no seio materno. ¹³Ela se firma entre os homens com alicerces perenes, e permanece junto com os descendentes deles. ¹⁴A plenitude da sabedoria é temer ao Senhor e, com seus frutos, ela embriaga os homens. ¹⁵Ela enche a casa deles com tesouros, e os celeiros com seus produtos. ¹⁶A coroa da sabedoria é temer ao Senhor, e ela faz florescer a paz e a saúde. ¹⁷Deus viu e enumerou a sabedoria, fazendo chover a ciência e a inteligência, e exaltando a honra daqueles que a possuem. ¹⁸A raiz da sabedoria é temer ao Senhor, e seus ramos são vida longa. [9-18]

Esperar o momento oportuno — ¹⁹A irritação injusta não se poderá justificar, porque o ímpeto da paixão provoca ruína. ²⁰O homem paciente resiste até o momento oportuno, e será recompensado no final com a alegria. ²¹Até o momento certo, ele esconde o que pensa, e muitos elogiarão a sua inteligência. [19-21]

Sabedoria e mandamento — ²²Os provérbios instrutivos são o tesouro da sabedoria, mas o pecador detesta a religião. ²³Se você deseja ter sabedoria,

observe os mandamentos, e então o Senhor a concederá para você. ²⁴O temor do Senhor é sabedoria e educação, e se compraz na fidelidade e na mansidão.

²⁵Não seja desobediente ao temor do Senhor, e dele não se aproxime de coração fingido. ²⁶Não seja hipócrita no trato com os homens, e saiba controlar suas palavras. ²⁷Não se eleve, para não cair, atraindo a vergonha sobre você mesmo, ²⁸porque o Senhor descobrirá o que você esconde e o humilhará no meio da assembleia. ²⁹Isso porque você não procurou o temor do Senhor e manteve o coração cheio de falsidade. [22-29]

2 Fidelidade a toda prova — ¹Meu filho, se você se apresenta para servir ao Senhor, prepare-se para a provação. ²Tenha coração reto, seja constante e não se desvie no tempo da adversidade. ³Una-se ao Senhor e não se separe, para que você no último dia seja exaltado. ⁴Aceite tudo o que lhe acontecer, e seja paciente nas situações dolorosas, ⁵porque o ouro é provado no fogo, e as pessoas escolhidas, no forno da humilhação. ⁶Confie no Senhor, e ele o ajudará; seja reto o seu caminho, e espere no Senhor.

⁷Vocês que temem ao Senhor, confiem na misericórdia dele, e não se desviem, para não caírem. ⁸Vocês que temem ao Senhor, confiem nele, que não lhes negará a recompensa de vocês. ⁹Vocês que temem ao Senhor, esperem dele os benefícios, a felicidade eterna e a misericórdia.

¹⁰Examinem a história, e verão. Quem confiou no Senhor e ficou desiludido? Quem perseverou no seu temor e foi abandonado? Quem o invocou e não foi atendido? ¹¹Porque o Senhor é compassivo e misericordioso, perdoa os pecados e salva no tempo do perigo.

¹²Ai dos corações covardes e mãos preguiçosas, ai do pecador que anda por dois caminhos! ¹³Ai do coração preguiçoso que não confia, porque não será protegido! ¹⁴Ai de vocês que perderam a paciência! O que farão vocês quando o Senhor lhes pedir contas?

¹⁵Os que temem ao Senhor não desobedecem às suas palavras, e aqueles que o amam observam os caminhos dele. ¹⁶Os que temem ao Senhor procuram agradar-lhe, e aqueles que o amam cumprem a Lei. ¹⁷Os que temem ao Senhor preparam seus corações, e diante dele se humilham. ¹⁸Cada um de nós se coloque nas mãos do Senhor, e não nas mãos dos homens, pois a misericórdia dele é como a sua grandeza. [2,1-18]

3 *Respeito para com os pais* — ¹Escutem-me, filhos, porque eu sou o pai de vocês. Façam o que lhes digo, e serão salvos. ²O Senhor quer que o pai seja honrado pelos filhos, e confirma a autoridade da mãe sobre os filhos. ³Quem honra o próprio pai alcança o perdão dos pecados, ⁴e quem respeita sua mãe é como quem ajunta um tesouro. ⁵Quem honra seu pai será respeitado pelos seus próprios filhos, e quando rezar será atendido. ⁶Quem honra o seu pai terá vida longa, e quem obedece ao Senhor dará alegria à sua mãe. ⁷Quem teme ao Senhor honra seus pais e serve a eles como se fossem seus patrões. ⁸Honre seu pai em atos e palavras, para que a bênção dele venha sobre você. ⁹A bênção do pai consolida a casa dos filhos, mas a maldição da mãe arranca os alicerces. ¹⁰Não se vanglorie com a desonra de seu pai, porque você não conseguirá honra nenhuma com a desonra de seu pai. ¹¹Pois a glória do homem está na honra do seu pai, e a desonra da mãe é vergonha para os filhos.

¹²Meu filho, cuide de seu pai na velhice, e não o abandone enquanto ele viver. ¹³Mesmo que ele fique caduco, seja compreensivo e não o despreze, enquanto você está em pleno vigor, ¹⁴pois a caridade feita ao pai não será esquecida, e valerá como reparação pelos pecados que você tiver cometido. ¹⁵No dia do perigo, o Senhor se lembrará de você, e seus pecados se derreterão como geadas ao sol. ¹⁶Quem despreza seu pai é um blasfemador, e quem irrita sua mãe será amaldiçoado pelo Senhor. [3,1-16]

Consciência dos próprios limites — ¹⁷Meu filho, seja modesto em sua atividade, e será mais estimado que um homem generoso. ¹⁸Quanto mais importante você for, tanto mais seja humilde, e encontrará favor diante do Senhor. ¹⁹Pois o poder do Senhor é grande, ²⁰mas ele é glorificado pelos humildes.

²¹Não procure o que é muito difícil para você, e não investigue coisas que superam suas forças. ²²Empenhe-se naquilo que lhe foi ordenado, e não se ocupe de coisas misteriosas. ²³Não se aplique em coisas que superam sua capacidade, porque já lhe foi mostrado mais do que a inteligência humana pode compreender. ²⁴Muitos se perderam por suas especulações e se extraviaram por suas ilusões perversas.

²⁵Um coração obstinado acabará mal, e quem ama o perigo nele cairá. ²⁶Um coração obstinado acumula sofrimentos, e o pecador vai somando pecado a

pecado. ²⁷A desgraça não cura o soberbo, porque a planta do mal criou raízes nele. ²⁸A mente sábia medita a parábola, e o sábio deseja ter ouvido atento. [17-28]

O olhar do pobre — ²⁹A água apaga o fogo, e a esmola apaga os pecados. ³⁰Quem retribui com o bem armazena para o futuro, e no tempo de sua queda encontrará apoio.

4 ¹Meu filho, não recuse ajudar o pobre, e não seja insensível ao olhar dos necessitados. ²Não faça sofrer aquele que tem fome, e não piore a situação de quem está em dificuldade. ³Não perturbe mais ainda a quem já está desesperado, e não se negue a dar alguma coisa ao necessitado. ⁴Não rejeite a súplica de um pobre, e não desvie do indigente o seu olhar. ⁵Não desvie o olhar daquele que pede alguma coisa para você, e não dê ocasião para que alguém o amaldiçoe, ⁶porque se uma pessoa amaldiçoa você com amargura, o Criador atenderá ao pedido dela. ⁷Seja simpático para a comunidade, e diante de um grande abaixe a cabeça. ⁸Incline o ouvido ao pobre e responda com delicadeza à saudação dele. ⁹Arranque o oprimido do poder do opressor, e não seja covarde em fazer justiça. ¹⁰Seja como um pai para os órfãos e como um marido para a mãe deles. Desse modo, você será como um filho do Altíssimo, e o Altíssimo amará você mais do que a sua própria mãe. [3,29-4,10]

A sabedoria educa o homem — ¹¹A sabedoria educa os seus filhos e cuida daqueles que a procuram. ¹²Quem tem amor a ela ama a vida, e os que madrugam para procurá-la ficarão cheios de alegria. ¹³Quem a possui terá como herança a honra, e aonde quer que vá, o Senhor o abençoará. ¹⁴Aqueles que servem a ela prestam culto ao Santo, e o Senhor ama aqueles que a amam. ¹⁵Quem a escuta julga com justiça, e quem lhe dá atenção viverá tranquilo. ¹⁶Quem nela confia a receberá como herança, e seus descendentes a conservarão como propriedade. ¹⁷Primeiro, ela o conduzirá por caminhos tortuosos, causando-lhe medo e tremor, e o atormentará com sua disciplina, até que o homem confie nela e até que ela o tenha provado com suas exigências. ¹⁸Depois, ela o reconduzirá pelo caminho reto, o alegrará e lhe manifestará os seus segredos. ¹⁹Se ele se desviar, ela o abandonará e o entregará ao sabor do próprio destino. [4,11-19]

Autenticidade e coerência — ²⁰Observe as circunstâncias, mas guarde-se do mal e não se envergonhe de si mesmo. ²¹Existe uma vergonha que conduz ao pecado, e existe uma vergonha que traz honra e graça. ²²Não seja muito severo consigo mesmo, e não se envergonhe do seu erro. ²³Não deixe de falar no momento oportuno, e não esconda a sua sabedoria, ²⁴porque é pelo falar que se reconhece a sabedoria, e é pela palavra que se percebe a instrução. ²⁵Não contradiga a verdade, mas envergonhe-se de sua própria ignorância. ²⁶Não se envergonhe de confessar os próprios pecados, e não se oponha à correnteza de um rio. ²⁷Não se submeta a um insensato, e não seja parcial em favor de um poderoso. ²⁸Lute até à morte pela verdade, e o Senhor Deus combaterá por você. ²⁹Não seja arrogante no falar, nem preguiçoso e covarde no agir. ³⁰Não seja um leão para a sua família, nem suspeite de seus dependentes. ³¹Não tenha a mão aberta para receber e fechada na hora de dar. [20-31]

5 A ilusão do rico — ¹Não confie em suas riquezas, nem diga: “Elas resolvem tudo”. ²Não siga o seu instinto nem a sua força, para satisfazer os seus caprichos. ³Não diga: “Quem me poderá dominar?” Porque o Senhor castiga, e castigará você. ⁴Não diga: “Pequei, e nada me aconteceu”, pois o Senhor é paciente. ⁵Não fique muito seguro do perdão, a ponto de amontoar pecados. ⁶Não diga: “A misericórdia de Deus é grande, e ele me perdoará todos os meus pecados”. Porque ele tem compaixão e cólera, e sua ira cairá sobre os pecadores. ⁷Não demore para se converter ao Senhor, e não fique adiando isso de um dia para outro, porque a ira do Senhor virá de repente, e você perecerá no dia do castigo. ⁸Não confie nas riquezas injustas, porque elas não o ajudarão no dia da desgraça. [5,1-8]

Prudência no falar — ⁹Não peneire o grão em qualquer vento, nem siga por qualquer direção. ¹⁰Seja constante no modo de pensar e coerente na maneira de falar. ¹¹Esteja pronto para ouvir e lento para dar a resposta. ¹²Se você for capaz, responda a seu próximo; se não for, fique calado. ¹³Falar pode trazer honra ou desonra, e a língua do homem é a sua ruína. ¹⁴Não tenha fama de caluniador, nem use a língua para preparar armadilhas, porque para o ladrão existe a vergonha, e para o homem falso uma condenação severa. ¹⁵Evite erros grandes e pequenos, e de amigo não se transforme em inimigo.

6¹A má fama atrai a vergonha e o desprezo, e essa é a sorte do pecador que não tem palavra. ²Não seja vítima de sua própria paixão, para que ela não o despedace como touro furioso. ³Ela poderá devorar as folhas que você tem, e lhe fará perder os frutos, deixando-o como árvore seca. ⁴A paixão violenta destrói quem a possui e o transforma em zombaria diante dos inimigos. [5,9-6,4]

A amizade verdadeira — ⁵Palavras afáveis aumentam os amigos, e fala amável encontra acolhida. ⁶Tenha muitos conhecidos, mas um só confidente entre mil. ⁷Se você quiser um amigo, coloque-o à prova, e não vá logo confiando nele. ⁸Porque existe amigo de ocasião, que não será fiel quando você estiver na pior. ⁹Existe amigo que se transforma em inimigo, e envergonhará você, revelando suas coisas particulares. ¹⁰Existe amigo que é companheiro de mesa, mas que não será fiel quando você estiver na pior. ¹¹Quando tudo correr bem, ele estará com você, mas quando as coisas forem mal, ele fugirá para longe. ¹²Se você for apanhado pela desgraça, lhe dará as costas e se esconderá de você. ¹³Mantenha-se longe de seus inimigos e seja cauteloso com os amigos. ¹⁴Amigo fiel é proteção poderosa, e quem o encontrar, terá encontrado um tesouro. ¹⁵Amigo fiel não tem preço, e o seu valor é incalculável. ¹⁶Amigo fiel é remédio que cura, e os que temem ao Senhor o encontrarão. ¹⁷Quem teme ao Senhor tem amigos verdadeiros, pois tal e qual ele é, assim será o seu amigo. [6,5-17]

O aprendizado da sabedoria — ¹⁸Meu filho, empenhe-se na disciplina desde a juventude, e até na velhice você terá sabedoria. ¹⁹Aproxime-se dela como quem ara e semeia, e espere pelos seus frutos saborosos. Você terá um pouco de trabalho para cultivá-la, mas logo comerá dos seus frutos. ²⁰Para os insensatos, ela é penosa, e quem não tem bom senso desistirá dela. ²¹Ele a considera pesada como pedra, e logo se desfará dela. ²²A sabedoria merece o nome que tem, pois não se manifesta para muitas pessoas.

²³Escute, meu filho, aceite minha opinião e não rejeite o meu conselho. ²⁴Coloque os pés nos grilhões dela e o pescoço debaixo do seu jugo. ²⁵Incline o ombro para carregá-la, sem se irritar com suas amarras. ²⁶Aproxime-se dela com alma aberta, e siga-lhe os caminhos com todas as forças. ²⁷Procure suas pegadas, e ela se manifestará a você. Uma vez possuída, não a deixe mais. ²⁸No fim, você encontrará nela o repouso, e ela se transformará em alegria para você. ²⁹Os

grilhões dela serão para você uma poderosa proteção, e o jugo dela, um enfeite precioso. ³⁰Seu jugo será ornamento de ouro e seus grilhões fitas de púrpura.

³¹Você a vestirá qual manto de glória, e a terá na cabeça como coroa de alegria.

³²Se você quiser, meu filho, ficará instruído, e se você se empenhar, se tornará hábil. ³³Se você gosta de escutar, aprenderá; e se der ouvido, se tornará sábio.

³⁴Frequente a reunião dos anciãos e apegue-se a quem for sábio. ³⁵Escute de boa vontade toda palavra divina, e não se descuide das máximas sábias. ³⁶Se você encontrar um homem sábio, madrugue para visitá-lo, e que seu pé gaste a soleira da porta dele. ³⁷Reflita sobre os preceitos do Senhor e medite sem cessar nos mandamentos dele. Então ele fortificará em você a inteligência, e o seu desejo de sabedoria ficará saciado. [18-37]

7 *Conselhos para a vida em sociedade* — ¹Não faça o mal, e o mal não lhe acontecerá. ²Afaste-se da injustiça, e ela se afastará de você. ³Meu filho, não semeie nos sulcos da injustiça, e não a recolherá sete vezes mais. ⁴Não peça ao Senhor o poder, nem ao rei um lugar de honra. ⁵Não pretenda ser justo diante do Senhor, nem sábio diante do rei. ⁶Não procure tornar-se juiz, se não tiver força para eliminar a injustiça. Do contrário, você se acovardaria diante de um poderoso e mancharia a sua própria integridade. ⁷Não ofenda a assembleia da cidade, para não se tornar inimigo do povo. ⁸Não repita duas vezes o mesmo pecado, porque basta uma vez para se tornar culpado.

⁹Não diga: “Deus levará em conta as minhas numerosas ofertas, e quando eu as oferecer ao Deus Altíssimo, ele as aceitará”. ¹⁰Não seja vacilante na oração, nem deixe de dar esmola. ¹¹Não zombe de um homem desesperado, porque existe alguém que humilha e exalta. ¹²Não planeje mentiras contra seu irmão, nem algo semelhante contra um amigo. ¹³Não queira mentir de modo nenhum, porque as consequências nunca são boas. ¹⁴Não fale demais na assembleia dos anciãos, e não repita palavras na oração. ¹⁵Não despreze o trabalho pesado, nem o trabalho rural, criado pelo Altíssimo. ¹⁶Não se junte à multidão dos pecadores. Lembre-se: a cólera divina não tardará. ¹⁷Humilhe-se profundamente, porque o castigo do injusto é fogo e vermes.

¹⁸Não troque um amigo por dinheiro, nem o irmão fiel pelo ouro mais precioso. ¹⁹Não despreze uma esposa sábia e boa, porque a bondade dela vale mais que o ouro. ²⁰Não maltrate o empregado que trabalha fielmente, nem o assalariado que

dá tudo de si. ²¹Ame como a si mesmo o empregado inteligente, e não lhe recuse a liberdade. [7,1-21]

Vida familiar — ²²Você possui animais? Cuide deles. Se eles são úteis para você, conserve-os. ²³Você tem filhos? Eduque-os e ensine-os a obedecer desde a infância. ²⁴Você tem filhas? Cuide do corpo delas, e não seja indulgente com elas. ²⁵Arrume casamento para sua filha, e terá realizado uma grande tarefa, mas faça que ela se case com homem sensato. ²⁶Você ama a sua esposa? Não se separe dela. Se você não a ama, não confie nela.

²⁷Honre seu pai de todo coração, e não esqueça as dores de sua mãe. ²⁸Lembre-se de que eles o geraram. O que você lhes dará em troca por tudo o que eles deram a você? [22-28]

Deus e seus ministros — ²⁹Tema ao Senhor de todo coração e respeite os seus sacerdotes. ³⁰Ame com todas as forças aquele que criou você, e não abandone os ministros dele. ³¹Tema ao Senhor e honre o sacerdote, dando-lhe a parte que cabe a ele, como foi ordenado a você: os primeiros frutos, os sacrifícios pelo pecado, a oferta das espáduas, o sacrifício de santificação e os primeiros frutos das coisas consagradas. [29-31]

Solidariedade e gratuidade — ³²Estenda a mão ao pobre, e você será plenamente abençoado. ³³Que sua generosidade se estenda a todos os seres vivos, e não negue sua atenção nem aos mortos. ³⁴Não evite aqueles que choram, e sofra com os que sofrem. ³⁵Não demore para visitar um doente, porque isso fará com que você seja amado. ³⁶Em tudo o que você faz, lembre-se do seu fim, e jamais pecará. [32-36]

8 Prudência e bom senso — ¹Não processe nenhum homem poderoso, para não cair nas mãos dele. ²Não brigue com homem rico, para que ele não coloque o peso do dinheiro dele contra você, pois o ouro já corrompeu muita gente e perverteu a consciência dos reis. ³Não discuta com homem falador, para não amontoar lenha no fogo dele. ⁴Não brinque com o ignorante, para que ele não insulte os seus antepassados.

⁵Não repreenda o homem que se converteu do pecado. Lembre-se de que todos somos culpados. ⁶Não despreze o homem velho, porque alguns de nós também ficarão velhos. ⁷Não se alegre com a morte de ninguém. Lembre-se de que todos

nós morreremos.

⁸Não despreze os ensinamentos dos sábios. Ao contrário, medite sempre em suas máximas, porque deles você aprenderá a disciplina e a arte de servir aos poderosos. ⁹Não rejeite o ensinamento dos anciãos, porque eles também aprenderam dos próprios pais. É deles que você aprenderá a pensar e a responder no momento oportuno.

¹⁰Não atice as brasas do pecador, para não se queimar no fogo de sua chama. ¹¹Nunca replique ao insolente, para que ele não arme ciladas com o que você diz. ¹²Não faça empréstimo a ninguém mais forte que você. E se já lhe emprestou, pode considerar como coisa perdida. ¹³Não se torne fiador além de suas possibilidades. E se já fez isso, pense em como vai pagar. ¹⁴Não mova processo contra um juiz, porque decidirão a causa em favor dele.

¹⁵Não viaje com nenhum aventureiro, para que a situação não fique insuportável: ele agirá conforme os próprios caprichos, e você se perderá com ele, por causa da imprudência dele. ¹⁶Não discuta com o violento, nem ande com ele em lugar solitário, porque o sangue para ele é um nada, e ele o matará onde não há possibilidades de socorro.

¹⁷Não faça confidências para uma pessoa ingênua, porque ela não é capaz de manter segredo. ¹⁸Diante de um estranho, não faça nada que deva ficar em segredo, porque você não sabe o que poderá acontecer. ¹⁹Não abra o seu coração para qualquer pessoa, para que ela não leve embora a sua felicidade. [8,1-19]

9 *A mulher é perigosa?* — ¹Não tenha ciúmes da esposa que você ama, para que ela não aprenda a maltratá-lo. ²Não se entregue a uma mulher, para que ela não o domine. ³Não vá ao encontro da mulher fácil, para não cair em suas armadilhas. ⁴Não se entretenha com uma tocadora de lira, para não ficar preso em suas artimanhas. ⁵Não fixe o olhar numa virgem, para não ser castigado com ela. ⁶Não se entregue às prostitutas, para não perder o patrimônio que você tem. ⁷Não fique olhando pelas ruas da cidade, nem vagando em recantos solitários. ⁸Desvie o seu olhar de uma mulher bonita e não fite uma beleza que não pertence a você. Muitos já se perderam por causa de uma bela mulher, porque o amor por ela queima como fogo. ⁹Nunca se assente à mesa ao lado de mulher casada, nem festeje bebendo vinho com ela, para que seu coração não se enamore e a paixão o faça escorregar para a ruína. [9,1-9]

Prudência nas relações — ¹⁰Não abandone um velho amigo, porque o novo não é como ele. Amigo novo é vinho novo: deixe que ele envelheça, e depois o beberá com prazer.

¹¹Não inveje o sucesso do pecador, porque você não sabe qual será o fim dele.

¹²Não sinta prazer com a felicidade do injusto. Lembre-se: eles não chegarão impunes à mansão dos mortos.

¹³Fique longe do homem que pode matar, e você não se sentirá ameaçado de morte. Se você se aproxima dele, fique atento para não errar, para que ele não lhe tire a vida. Saiba que você está caminhando entre armadilhas e andando em cima de muralhas.

¹⁴Responda como puder ao seu próximo, e peça conselhos aos sábios.

¹⁵Converse com homens de bom senso e tenha sempre como assunto as leis do Altíssimo. ¹⁶Que seus companheiros de mesa sejam homens justos, e seja seu orgulho temer ao Senhor. [10-16]

O governo e o povo — ¹⁷O trabalho manual de um artesão sábio é elogiado, mas o chefe do povo deve ser sábio em suas palavras. ¹⁸O homem falador é o terror da cidade; quem não sabe controlar a palavra será detestado.

10¹Governante sábio educa o seu povo, e a autoridade de um homem que tem bom senso é bem organizada. ²Tal é o governante do povo, tais são os ministros; tal é o chefe da cidade, tais são os habitantes. ³Um rei sem instrução arruína o seu povo, e uma cidade terá prosperidade com o bom senso dos seus chefes. ⁴O governo do mundo está nas mãos do Senhor, e no momento oportuno ele faz aparecer o homem certo. ⁵O sucesso de um homem está nas mãos do Senhor, e é ele que investe de autoridade o magistrado. [9,17-10,5]

A raiz da injustiça — ⁶Seja qual for a ofensa, não guarde ressentimento contra o próximo, e não faça nada levado pela raiva. ⁷A soberba é odiosa para o Senhor e para os homens, e os dois abominam a injustiça. ⁸O poder passa de uma nação para outra por causa da injustiça, da violência e das riquezas. ⁹Por que se orgulha quem é pó e cinza, se quando vivo já tem podridão nos intestinos? ¹⁰Uma longa doença desafia o médico, e quem hoje é rei, amanhã morrerá. ¹¹Quando o homem morre, recebe de herança insetos, feras e vermes. ¹²A essência do orgulho humano é afastar-se do Senhor e manter o coração longe de

quem o criou. ¹³O pecado é o princípio do orgulho. Quem se entrega a ele espalha abominação. Por isso, o Senhor pune a pessoa com castigos incríveis, e a destrói completamente. ¹⁴O Senhor derruba o trono dos poderosos e faz os humilhados assentar-se no lugar deles. ¹⁵O Senhor arranca a raiz das nações, e no lugar delas planta os oprimidos. ¹⁶O Senhor destrói o território das nações e o arrasa até os alicerces. ¹⁷Ele arranca as nações e as aniquila, e faz desaparecer da terra a lembrança delas. ¹⁸O orgulho não foi feito para o homem, nem a ira violenta para os nascidos de mulher. [10,6-18]

Quem é digno de respeito? — ¹⁹Qual é a raça digna de honra? A raça dos homens. Qual é a raça digna de honra? A dos que temem ao Senhor. ²⁰Qual é a raça digna de desprezo? A raça dos homens. Qual é a raça digna de desprezo? A dos que não obedecem aos mandamentos. ²¹Entre irmãos, presta-se honra ao mais velho, porém aos olhos do Senhor são honrados aqueles que temem ao Senhor. ²²Seja ele rico, honrado ou pobre, a honra de alguém está em temer ao Senhor. ²³Não é justo desprezar um pobre que tenha bom senso, e não convém exaltar um homem pecador. ²⁴O nobre, o juiz e o poderoso são respeitados, mas nenhum deles é maior do que alguém que teme ao Senhor. ²⁵Homens livres servem a um escravo sábio, e o homem sábio não se queixa disso. [19-25]

Humildade na simplicidade — ²⁶Não se considere sábio ao realizar o seu trabalho, e não se glorie no tempo da necessidade. ²⁷É melhor uma pessoa que trabalha e tem tudo em abundância, do que alguém que se gloria e tem falta de alimento. ²⁸Meu filho, conserve sua honra com modéstia, e saiba apreciar o justo valor que você tem. ²⁹Quem dará razão àquele que prejudica a si mesmo? Quem estimará aquele que menospreza a si próprio? ³⁰O pobre é honrado por seu saber, e o rico por suas riquezas. ³¹Quem é honrado na pobreza mais ainda o será na riqueza. Quem é desprezado na riqueza mais ainda o será na pobreza. [26-31]

11 ***As aparências enganam*** — ¹A sabedoria do pobre o faz andar de cabeça erguida, e lhe permite sentar-se entre os grandes. ²Não elogie um homem por sua beleza, nem deteste uma pessoa por sua aparência. ³A abelha é pequena entre os seres que voam, mas o que ela produz é o que há de mais doce. ⁴Não fique envaidecido por causa das roupas que você usa, nem se torne soberbo nos dias gloriosos, porque as obras do Senhor são admiráveis, mas permanecem

ocultas aos homens. ⁵Muitos soberbos acabaram por sentar-se no chão, e um desconhecido recebeu a coroa deles. ⁶Muitos poderosos foram profundamente humilhados, e muitos homens ilustres caíram em poder de outros. [11,1-6]

Não dar passo maior do que a perna — ⁷Não critique antes de verificar; examine primeiro, para depois julgar. ⁸Não responda antes de escutar, e não interrompa a conversa. ⁹Não brigue por alguma coisa que não diz respeito a você, nem se meta em briga de pecadores.

¹⁰Meu filho, não se encha de coisas para fazer. Se exagerar, acabará cometendo erros; e mesmo se correr, não chegará, nem fugindo conseguirá escapar. ¹¹Há pessoas que trabalham, se afadigam e se atropelam e, apesar de tudo, estão sempre atrasadas. [7-11]

Perseverança confiante — ¹²Existem pessoas fracas e necessitadas de ajuda, carentes de bens e ricas de miséria. O Senhor, porém, olha para elas com benevolência e as reergue da miséria, ¹³fazendo-as ficar de cabeça erguida, a tal ponto que muitos se admiram.

¹⁴Bem e mal, vida e morte, pobreza e riqueza, tudo provém do Senhor. ¹⁵Sabedoria, bom senso e conhecimento da Lei vêm do Senhor, e dele procedem o amor e a prática das boas obras. ¹⁶O erro e as trevas foram criados para os pecadores; e os que gostam do mal, no mal envelhecem. ¹⁷O dom do Senhor é reservado para os justos, e o seu favor sempre os conduz. ¹⁸Há quem se enriquece por meio de privação e economia, e acaba ganhando isto: ¹⁹Quando ele pensa que já pode descansar e aproveitar seus bens, não sabe que logo vai chegar o tempo de morrer e deixar tudo para os outros.

²⁰Persevere em sua tarefa, faça dela a sua vida, e envelheça cumprindo o seu dever. ²¹Não admire o que o pecador faz. Confie no Senhor e persevere na fadiga, pois é fácil para o Senhor enriquecer um pobre de repente. ²²A bênção do Senhor é a recompensa para quem é fiel, e a bênção dele floresce num instante. ²³Não diga: “Do que é que eu preciso? O que ainda me falta?” ²⁴Não diga: “Tenho tudo o que preciso. Que desgraça me pode acontecer?” ²⁵No tempo da prosperidade, a pessoa se esquece da desgraça, e no tempo da desgraça nem se lembra da prosperidade.

²⁶É fácil para o Senhor, na hora da morte, pagar ao homem conforme a conduta

de cada um. ²⁷A infelicidade de um momento faz esquecer o bem-estar, e é na hora da morte que as obras de um homem se manifestam. ²⁸Não proclame feliz uma pessoa antes que ela morra, pois é somente no fim que se conhece o homem. [12-28]

Proteger a própria família — ²⁹Não introduza qualquer pessoa em sua casa, porque são muitas as ciladas do fraudulento. ³⁰O coração do orgulhoso é como a perdiz que serve de isca na gaiola: como espião, ele fica esperando que você caia em ruína. ³¹Ele arma ciladas, transformando o bem em mal, e encontra defeitos até mesmo nas melhores coisas. ³²Como a faísca acende um grande braseiro, o homem perverso tem sede de sangue. ³³Cuidado com o perverso, pois ele trama o mal: ele poderá sujar para sempre o nome que você tem. ³⁴Hospede o estrangeiro, e ele provocará desordens, transformando você num estranho para seus próprios familiares. [29-34]

12 ***Não ajudar o dominador*** — ¹Se você faz o bem, saiba a quem, e assim terá recompensa pelo benefício que fez. ²Faça o bem ao justo, e você será recompensado, ou por ele ou pelo Altíssimo. ³Não existe recompensa para quem persevera no mal e se recusa a dar esmola. ⁴Ajude o homem fiel, e nunca o pecador. ⁵Faça o bem ao pobre, mas não dê nada ao injusto. Recuse dar-lhe pão, e não o ajude em nada, para que ele não tire proveito às custas de você, que acabará encontrando o dobro de males por todos os benefícios que tiver feito a ele. ⁶O próprio Altíssimo detesta os pecadores, e inflige aos injustos o castigo que eles merecem. ⁷Ajude o homem bom, e não o pecador. [12,1-7]

Discernir a verdadeira amizade — ⁸O amigo não se revela na prosperidade, nem o inimigo se esconde no tempo da desgraça. ⁹Quando alguém prospera, os inimigos ficam tristes, mas quando alguém cai na desgraça, até o amigo vai embora. ¹⁰Jamais confie no inimigo, pois a sua maldade é metal que enferruja. ¹¹Mesmo que ele se abaixe e faça muitos cumprimentos, tome cuidado e desconfie dele; comporte-se com ele como quem limpa o espelho, e você perceberá que a ferrugem dele não resiste por muito tempo. ¹²Não o coloque ao seu lado, para que ele não empurre você e ocupe o seu lugar; não o coloque sentado à sua direita, para que ele não procure ocupar a sua cadeira. Caso contrário, tarde demais você verá que eu tenho razão, e ficará arrependido por não ter ouvido os meus conselhos.

¹³Quem vai ter dó de um encantador que é mordido pela serpente e de todos os que domam feras? ¹⁴É o que acontece com quem se associa a um pecador e se envolve nos pecados dele. ¹⁵Por um instante, ficará com você, mas quando você tropeça, ele não lhe dá apoio. ¹⁶O inimigo tem lábios doces, mas no coração planeja como jogar você no buraco. O inimigo tem lágrimas nos olhos, mas na primeira ocasião lhe beberá até o sangue. ¹⁷Se acontecer a você uma desgraça, ele será o primeiro a chegar e, com a desculpa de ajudar, pegará você pelo pé. ¹⁸Ele vai sacudir a cabeça e agitar as mãos, mas logo depois fará mexericos e voltará as costas. [8-18]

13 *Cuidado com os ricos!* — ¹Quem mexe com piche acaba se sujando, e quem frequenta o orgulhoso torna-se como ele. ²Não levante peso muito grande para você, e não conviva com alguém mais forte ou mais rico que você. Pode, por acaso, a panela de barro se juntar com a panela de ferro? Haverá um choque, e a primeira se quebrará. ³O rico comete injustiça, e ainda ameaça; o pobre é injustiçado, e ainda precisa pedir desculpas. ⁴Enquanto você for útil, o rico o explorará, mas quando você precisar, ele o abandonará. ⁵Se você possuir bens, ele viverá com você, e o explorará sem remorso. ⁶Enquanto ele precisar, enganará você, sorrirá e lhe dará esperanças. Dirá coisas bonitas e perguntará: “Do que você precisa?” ⁷Fará você ficar envergonhado nos banquetes dele, até despojá-lo por duas ou três vezes. Por fim, vendo você, passará adiante e sacudirá contra você a cabeça. [13,1-7]

Cuidado com os poderosos! — ⁸Cuidado para não enganarem você, e para não ficar humilhado por sua própria falta de bom senso. ⁹Quando um poderoso o convidar, recuse com alguma desculpa, e ele o convidará com maior insistência. ¹⁰Não se entusiasme muito para depois não ser rejeitado, nem se mantenha muito distante, para não ser esquecido. ¹¹Não se dirija a ele de igual para igual, nem acredite em suas muitas palavras: ¹²com seu palavreado, ele põe você à prova e, mesmo sorrindo, ele o está examinando. ¹³Ele não guardará os segredos que você lhe confiar, e não o poupará de maus tratos e correntes. ¹⁴Tenha cuidado e preste atenção, porque você está caminhando na beira do precipício. [8-14]

O perigo do preconceito — ¹⁵Todo animal gosta do seu semelhante, e todo homem gosta do seu próximo. ¹⁶Todo animal se une com os de sua espécie, e

todo homem se associa com seu semelhante. ¹⁷O que há de comum entre o lobo e o cordeiro? A mesma coisa acontece entre o pecador e o fiel. ¹⁸Que paz pode haver entre a hiena e o cão? E que paz pode haver entre o rico e o pobre? ¹⁹Os leões caçam os asnos selvagens, e os ricos caçam os pobres. ²⁰Para o orgulhoso a humildade é humilhação, e para o rico o pobre é detestável. ²¹Quando o rico tropeça, seus amigos o sustentam; quando o pobre cai, seus amigos o rejeitam. ²²Quando o rico comete um erro, muitos o defendem; e se ele diz tolices, os outros o aprovam. Quando o pobre erra, todos o condenam; e quando fala com bom senso, ninguém o escuta. ²³Quando o rico fala, todos se calam e elevam até às nuvens o seu talento; quando o pobre fala, as pessoas perguntam: “Quem é esse fulano?” E quando tropeça, o ajudam a cair. ²⁴A riqueza é boa quando nela não há pecado; mas a pobreza é má, na opinião do injusto. [15-24]

A verdadeira felicidade — ²⁵A consciência do homem modifica as feições do seu rosto, tanto para o bem quanto para o mal. ²⁶Rosto alegre é sinal de bom coração, mas inventar provérbios é trabalho fatigante.

14¹Feliz o homem que não pecou por palavras e não é atormentado pelo remorso dos pecados. ²Feliz quem não é acusado por sua consciência e quem não perdeu a esperança. [13,25-14,2]

Usar e repartir os bens — ³A riqueza não convém para o homem mesquinho, nem grandes bens para o homem invejoso. ⁴Quem se priva para acumular, ajunta para os outros. Serão outros que desfrutarão seus bens.

⁵Quem é mau para si mesmo, com quem será bom? Não aproveita nem mesmo os seus próprios bens. ⁶Ninguém é pior do que aquele que maltrata a si mesmo. Essa é a recompensa de sua própria maldade. ⁷Se faz o bem é por distração, mas no fim mostrará a sua maldade. ⁸Mau é o homem de olhar invejoso, que vira o rosto e despreza a vida dos outros. ⁹O avarento não se satisfaz com uma parte apenas, pois a avidez insana resseca-lhe a alma. ¹⁰O avarento é cioso do seu pão e mesquinho em sua própria mesa.

¹¹Meu filho, trate-se bem na medida do possível, e apresente ao Senhor as ofertas que deve a ele. ¹²Lembre-se: a morte não tarda, e você não sabe a que horas ela vai chegar. ¹³Antes de morrer, faça o bem ao amigo e reparta com ele conforme o que você possui. ¹⁴Não se prive de um dia feliz, nem deixe escapar

um desejo legítimo. ¹⁵Por acaso você não vai deixar para outros o fruto de suas fadigas, e não vai ficar para os herdeiros o fruto de seus sacrifícios? ¹⁶Dê e receba, e divirta-se, porque no mundo dos mortos não existe alegria. ¹⁷Todo corpo envelhece como roupa, porque a morte é uma lei eterna. ¹⁸As folhas verdes em árvore frondosa caem ou brotam. O mesmo acontece com as gerações humanas: uns morrem, outros nascem. ¹⁹Toda obra perecível desaparece, e aquele que a fez irá com ela. [14,3-19]

A experiência da sabedoria — ²⁰Feliz o homem que se dedica à sabedoria, que reflete com inteligência, ²¹que medita no coração sobre os caminhos da sabedoria e com a mente penetra os segredos dela. ²²Ele a persegue como caçador e põe-se de espreita em seus caminhos. ²³Ele se inclina para olhar por suas janelas e escuta junto às suas portas. ²⁴Ele para perto da casa da sabedoria e fixa o prego nas suas paredes. ²⁵Ele arma a tenda junto a ela e acampa na moradia da felicidade. ²⁶Ele coloca seus filhos sob a proteção dela e se abriga debaixo de seus ramos. ²⁷Ela o protege do calor, e ele habita à sombra de sua glória.

15¹Assim age quem teme ao Senhor, e quem é fiel à Lei alcançará a sabedoria. ²A lei irá ao seu encontro como mãe, e o acolherá como jovem esposa. ³Ela o alimentará com o pão da inteligência e o saciará com a água da sabedoria. ⁴Ele se apoiará nela, e não vacilará. Nela confiará, e não será confundido. ⁵Ela o elevará acima de seus companheiros e o fará falar no meio da assembleia. ⁶Ele ficará contente, terá uma coroa de alegria e alcançará fama duradoura.

⁷Os insensatos nunca alcançarão a sabedoria, e os pecadores jamais a contemplarão. ⁸Ela está longe do orgulhoso, e os mentirosos nem a percebem. ⁹O louvor destoa na boca dos pecadores, porque não lhes foi concedido pelo Senhor. ¹⁰Porque, de fato, é na sabedoria que se exprime o louvor, e é o Senhor quem o inspira. [14,20-15,10]

Deus criou o homem para a liberdade — ¹¹Não diga: “Eu me afastei por culpa do Senhor”. Porque Deus não faz aquilo que ele próprio detesta. ¹²Não diga: “Foi ele quem me fez desviar”. Porque Deus não tem necessidade do pecador. ¹³O Senhor detesta qualquer tipo de abominação, e nenhuma delas é desejada

por quem teme ao Senhor. ¹⁴Desde o princípio, Deus criou o homem e o entregou ao poder de suas próprias decisões. ¹⁵Se você quiser, observará os mandamentos, e sua fidelidade vai depender da boa vontade que você mesmo tiver. ¹⁶Ele pôs você diante do fogo e da água, e você poderá estender a mão para aquilo que quiser.

¹⁷A vida e a morte estão diante dos homens, e a cada um será dado o que cada um escolher. ¹⁸De fato, a sabedoria do Senhor é grande, pois ele é Todo-poderoso e tudo vê. ¹⁹Seus olhos estão sobre aqueles que o temem, e ele conhece cada ação que o homem realiza. ²⁰Ele não mandou ninguém se tornar injusto e a ninguém deu permissão para pecar. [15,11-20]

16 *Deus julga o homem* — ¹Não deseje ter muitos filhos, para serem inúteis, nem fique alegre com filhos injustos. ²Ainda que eles se multipliquem, não fique alegre, se neles não houver o temor do Senhor. ³Não confie na longa vida deles, nem se apóie no seu grande número, porque é preferível ter apenas um, a ter mil, e morrer sem filhos a ter filhos injustos. ⁴A cidade poderá ser repovoada por meio de uma só pessoa de bom senso, enquanto a raça dos injustos será destruída.

⁵Meu olho já viu muitas coisas desse tipo e meu ouvido já ouviu coisas mais espantosas ainda. ⁶Na assembleia dos pecadores um fogo se acende, e a cólera de Deus se acende contra um povo rebelde. ⁷Deus não perdoou os gigantes de outrora, que se revoltaram, prevalecendo-se de suas próprias forças. ⁸Ele não poupou os concidadãos de Ló, mas os detestou por causa do orgulho deles. ⁹Não teve compaixão de um povo que foi destinado à destruição, por causa do orgulho de seus pecados. ¹⁰Assim ele tratou os seiscentos mil soldados que se uniram na própria arrogância. ¹¹Mesmo que houvesse um só homem obstinado, seria estranho se ficasse sem castigo. ¹²Pois a misericórdia e a ira pertencem ao Senhor, poderoso quando perdoa e quando derrama a ira. ¹³Sua misericórdia é tão grande quanto o seu castigo, e ele julga o homem conforme as obras de cada um. ¹⁴O pecador não fugirá com o seu roubo, e a paciência do fiel não ficará frustrada. ¹⁵Todo aquele que dá esmola terá uma recompensa, e cada um será tratado segundo as próprias ações. [16,1-15]

De Deus ninguém foge — ¹⁶Não diga: “Vou me esconder do Senhor. Lá de cima, quem se lembrará de mim?” ¹⁷No meio de tanta gente, quem me

reconhecerá? Quem sou eu nesta imensa criação?” ¹⁸Veja bem! O céu, o mais alto do céu, o abismo e a terra, tudo isso treme diante da visita de Deus. ¹⁹Os montes e os alicerces da terra se abalam de pavor quando Deus olha para eles. ²⁰Mas ninguém reflete sobre essas coisas. Quem faz caso do modo de agir dele? ²¹Assim como o furacão que ninguém vê, a maior parte das obras de Deus fica escondida.

²²“Quem anunciará as obras da justiça de Deus, ou quem esperará por elas? A aliança, de fato, está longe”. ²³Assim pensa o homem de mente curta; o insensato que se transvia só pensa loucuras. [\[16-23\]](#)

A grandeza da criação — ²⁴Escute-me, filho, e aprenda a ciência. Aplique sua mente aos meus conselhos. ²⁵Vou apresentar a minha instrução de maneira precisa, e com exatidão anunciarei a ciência.

²⁶No princípio, o Senhor criou as suas obras e, depois de havê-las feito, colocou cada uma em seu lugar. ²⁷Fixou uma ordem eterna para suas obras, desde a origem delas até o seu futuro longínquo. Elas não têm fome e não se cansam, e nunca abandonam suas atividades. ²⁸Nenhuma delas jamais se choca com a outra, e nunca desobedecem ao comando dele. ²⁹Depois disso, o Senhor olhou para a terra e com seus bens a encheu. ³⁰Cobriu a superfície dela com todo tipo de animais, e eles voltarão para ela.

17¹Da terra o Senhor criou o homem, e para ela o faz voltar novamente. ²Concedeu aos homens dias contados e tempo medido, e deu-lhes poder sobre todas as coisas que existem na terra. ³Revestiu-os com a sua própria força e os criou à sua imagem. ⁴Infundiu em todos os seres vivos o temor para com os homens, para que estes dominassem as feras e pássaros. ⁵Deu-lhes discernimento, língua, olhos, ouvidos e mente para pensar. ⁶Encheu-os de ciência e inteligência, e também mostrou-lhes o bem e o mal. ⁷Infundiu o seu temor na consciência deles, para mostrar-lhes a grandeza de suas obras. ⁸Eles louvarão o seu nome santo, cantando a grandeza de suas obras.

⁹Concedeu aos homens a ciência e lhes entregou como herança a lei da vida. ¹⁰Fez com eles uma aliança eterna e deu-lhes a conhecer suas sentenças. ¹¹Os olhos dos homens contemplaram a grandeza da glória de Deus, e seus ouvidos ouviram a majestade de sua voz. ¹²E disse a eles: “Cuidado para não cometer

injustiça!” E ordenou que cada um se preocupasse com o próximo. [16,24-17,12]

O Senhor da história — ¹³Os caminhos dos homens estão sempre diante de Deus, e não ficam escondidos aos olhos dele. ¹⁴Para cada povo estabeleceu um chefe, mas Israel é a porção do Senhor. ¹⁵Todas as ações dos homens estão diante dele como o sol, e seus olhos observam continuamente a conduta deles. ¹⁶As injustiças que cometem não lhe ficam escondidas, e todos os pecados deles estão diante do Senhor. ¹⁷A esmola que o homem faz é para ele mesmo um selo, e ele conserva uma boa obra como a pupila do próprio olho. ¹⁸Por fim, Deus se levantará para lhes dar a recompensa, devolvendo a cada um o que cada um merece. ¹⁹A quem se arrepende, ele oferece o retorno, e reconforta os que perderam a esperança. [17,13-19]

Converter-se e louvar a Deus — ²⁰Converta-se ao Senhor e abandone o pecado. Suplique diante dele e reduza a ofensa que você lhe fez. ²¹Volte para o Altíssimo, vire as costas para a injustiça e deteste profundamente aquilo que ele abomina. ²²Quem louvará o Altíssimo na mansão dos mortos, em lugar dos vivos e de todos os que o glorificam? ²³Os mortos não existem mais e já não louvam; só louva ao Senhor quem tem vida e saúde. ²⁴Como é grande a misericórdia do Senhor, e o seu perdão para todos os que se convertem para ele! ²⁵O homem não pode ter tudo, pois o ser humano não é imortal. ²⁶Nada é mais luminoso que o sol. Todavia, também ele desaparece. O homem, que é carne e sangue, planeja o mal. ²⁷Deus passa revista ao exército celeste, e os homens são apenas terra e cinza.

18¹Aquele que vive para sempre criou o universo inteiro. ²Somente o Senhor é justo. ³A ninguém é possível anunciar as obras dele. E quem é capaz de lhe investigar as grandezas? ⁴Quem poderá medir o poder da majestade dele? Quem ousará contar seus feitos de misericórdia? ⁵Não há nada para tirar e nada para acrescentar. Não é possível investigar as maravilhas do Senhor. ⁶Quando alguém chega ao fim, está apenas começando; e quando pára, então fica perplexo. [17,20-18,6]

O que é o homem? — ⁷O que é o homem e para que serve? Qual é o seu bem e qual é o seu mal? ⁸A duração de sua vida é de cem anos no máximo. ⁹Como gota no mar e grão na areia, tais são os seus poucos anos frente a um dia da

eternidade. ¹⁰É por isso que o Senhor tem paciência com os homens, e derrama sobre eles a sua misericórdia. ¹¹Ele vê e reconhece que o fim deles é miserável, e por isso multiplica para eles o seu perdão. ¹²A misericórdia do homem é para o seu próximo, porém a misericórdia do Senhor é para todos os seres vivos. ¹³Ele repreende, corrige, ensina e dirige, como o pastor conduz o seu rebanho. ¹⁴Ele tem compaixão dos que aceitam a correção, e dos que se esforçam para lhe cumprir os mandamentos. [18,7-14]

Agir com generosidade — ¹⁵Meu filho, quando você faz um favor, não repreenda, nem ofenda com palavras ao dar esmola. ¹⁶O orvalho abrande o calor, e a palavra é melhor que o presente. ¹⁷De fato, não vale mais a palavra que o presente? O homem generoso oferece as duas coisas. ¹⁸O insensato reprova sem usar tato, e o presente dado de má vontade faz chorar. [15-18]

É melhor prevenir do que remediar — ¹⁹Aprenda antes de falar, e cuide-se para não ficar doente. ²⁰Examine a si mesmo antes do julgamento e, no momento da sentença, você encontrará perdão. ²¹Humilhe-se para não ficar doente, e quando pecar arrependa-se. ²²Que nada impeça você de cumprir logo uma promessa; não espere até à morte para cumpri-la. ²³Prepare-se antes de fazer uma promessa, para não ser como alguém que tenta o Senhor. ²⁴Lembre-se da ira que virá nos últimos dias, no tempo da vingança, quando Deus desviar o rosto. ²⁵No tempo da abundância, lembre-se da carestia; nos dias de riqueza, lembre-se da pobreza e da miséria. ²⁶Entre o amanhecer e a tarde, o tempo muda, e tudo é passageiro diante do Senhor. ²⁷O homem sábio sempre age com cautela, e evita a negligência quando o pecado se espalha. ²⁸Todo homem de bom senso conhece a sabedoria, e presta homenagem àquele que a encontrou. ²⁹Os que sabem falar bem tornam-se sábios e derramam como chuva provérbios refinados. [19-29]

Autodomínio e sobriedade — ³⁰Não siga suas paixões. Coloque freio nos seus desejos. ³¹Se você permite satisfazer a paixão, ela tornará você motivo de zombaria para seus inimigos. ³²Não se entregue a uma vida de prazeres, para não se empobrecer com os gastos. ³³Não se empobreça banquetecendo com dinheiro emprestado, quando você não tem nada no bolso.

19¹Operário bebedor nunca ficará rico, e quem despreza o pouco, cairá logo na miséria. ²Vinhos e mulheres fazem perder o bom senso, e quem anda com prostitutas torna-se cada vez mais imprudente. ³Podridão e vermes tomarão conta dele, porque sua imprudência provocará sua ruína. [18,30-19,3]

O perigo dos boatos — ⁴Quem confia muito depressa é porque não tem juízo; e quem peca prejudica a si mesmo. ⁵Quem sente prazer na maldade será condenado, ⁶e quem detesta a tagarelice escapa do mal. ⁷Nunca repita um boato, e você não perderá nada. ⁸Não conte nada para o seu amigo ou inimigo; só o faça quando o silêncio se torna cumplicidade. ⁹Caso contrário, quem ouvir, não confiará mais em você, e quando ele tiver oportunidade, lhe mostrará ódio. ¹⁰Você ouviu alguma coisa? Que ela morra com você. Agente firme, não receie explodir. ¹¹O insensato se abala por causa de um segredo, como a mulher grávida no momento de dar à luz. ¹²O segredo no peito do insensato é como flecha fincada na coxa.

¹³Pergunte ao seu amigo: talvez ele não tenha feito o que estão dizendo dele; ou, se fez, não continuará fazendo. ¹⁴Pergunte ao próximo: talvez ele não tenha falado o que estão dizendo; ou, se falou, não o repetirá mais. ¹⁵Pergunte ao amigo; porque muitas vezes se trata de calúnia. Não acredite em tudo o que se diz. ¹⁶Às vezes, a pessoa escorrega sem querer. Quem nunca pecou com a língua? ¹⁷Pergunte ao seu próximo, antes de ameaçá-lo, e assim você estará observando a lei do Altíssimo. [19,4-17]

A verdadeira e a falsa sabedoria — ¹⁸Toda a sabedoria consiste em temer ao Senhor, e em toda a sabedoria existe a prática da Lei. ¹⁹Conhecer o mal não é sabedoria, e o conselho dos pecadores não é prudência. ²⁰Existe habilidade que é abominável, e quem não tem sabedoria é insensato. ²¹É melhor ter pouca inteligência com temor, do que ser muito inteligente, mas transgressor da Lei. ²²Existe uma astúcia hábil, no entanto injusta, e há quem use meios fraudulentos para aparentar retidão. ²³Existe malvado que anda curvado pela tristeza, mas por dentro está cheio de falsidade: ²⁴ele abaixa a cabeça e se faz de surdo, mas quando ninguém está vendo ataca você de surpresa. ²⁵Se ele não prejudica você, é porque não tem força, mas na primeira ocasião lhe fará o mal. ²⁶Pode-se conhecer o homem pelo semblante, e pelo aspecto do rosto se conhece a pessoa

sensata. ²⁷A roupa de um homem, seu modo de sorrir e seu jeito de andar revelam quem ele é. [18-27]

20 *Ninguém é dono de ninguém* — ¹Há repreensões inoportunas, e há quem se cala por prudência. ²É melhor repreender do que se irritar, ³mas quem admite a própria culpa evita o castigo. ⁴Como eunuco que tenta violar uma jovem, assim é aquele que quer fazer justiça com violência. ⁵Há quem se cala e é reconhecido como sábio, e há quem é odiado porque fala demais. ⁶Há quem se cala por não saber o que responder, e há quem se cala porque sabe qual é o momento certo. ⁷O homem sábio fica em silêncio até a hora oportuna, mas o falador e o insensato a deixam passar. ⁸Quem fala demais torna-se detestável, e quem procura se impor acaba sendo odiado. [20,1-8]

O barato sai caro — ⁹Na desgraça, um homem pode encontrar a salvação, enquanto que a fortuna pode provocar a ruína. ¹⁰Há presentes que não servem para nada, e há presentes que rendem o dobro. ¹¹Há quem procura glória e encontra humilhação, e quem foi humilhado, mas levanta a cabeça. ¹²Há quem compra barato muitas coisas, e acaba pagando sete vezes mais. [9-12]

Exigência interesseira — ¹³Com suas palavras o sábio se torna amável, mas o insensato derrama suas gentilezas inutilmente. ¹⁴O presente do insensato não ajudará você em nada, porque ele espera avidamente receber sete vezes mais. ¹⁵Ele dá pouco e reclama muito, gritando alto como leiloeiro; hoje faz um empréstimo, e amanhã já quer a restituição. Esse tipo de homem é sempre odioso. ¹⁶O insensato diz: “Não tenho amigos. Ninguém reconhece os benefícios que eu faço”. ¹⁷Até os que comem do seu pão falam mal dele, e quantos muitas vezes não zombam dele! [13-17]

É impossível agradar a todos — ¹⁸É melhor escorregar no chão do que no falar, pois a queda dos maus chega depressa. ¹⁹Do homem grosseiro saem palavras fora de hora, que se multiplicam na boca dos insensatos. ²⁰Ninguém aceita provérbio dito por um insensato, porque ele não sabe dizê-lo na hora certa. ²¹Há quem não pode pecar, só por causa da pobreza, e ainda consegue descansar sem remorso. ²²Há quem se destrói por causa do respeito humano, e há quem se perde por respeito ao insensato. ²³Há quem por timidez faz promessas a um amigo, e sem necessidade o transforma em inimigo. [18-23]

A mentira — ²⁴A mentira é mancha infame para o homem, e está sempre na boca dos insensatos. ²⁵Um ladrão vale mais do que um mentiroso incorrigível, mas os dois terão como herança a perdição. ²⁶O vício do mentiroso é uma desonra, e a vergonha sempre o acompanha. [24-26]

Conseguir justiça e sabedoria — ²⁷O sábio se promove com a palavra, e o homem de bom senso agrada aos poderosos. ²⁸Quem cultiva a terra consegue boa colheita, e quem agrada os poderosos consegue perdão para a injustiça. ²⁹Favores e presentes cegam o sábio: são mordaca na boca, porque impedem a repreensão. ³⁰Sabedoria escondida e tesouro oculto são coisas inúteis. ³¹É melhor um homem que esconde a sua loucura, do que um homem que esconde a própria sabedoria. [27-31]

21 O pecado destrói vidas humanas — ¹Meu filho, você pecou? Não torne a pecar, e peça perdão das culpas passadas. ²Fuja do pecado como de uma serpente, porque, se você se aproximar, ele o morderá. Os dentes dele são dentes de leão, capazes de destruir vidas humanas.

³Toda desobediência é como espada de dois gumes, e sua ferida não tem cura. ⁴Crueldade e arrogância destroem a riqueza, e por isso a casa do soberbo será devastada. ⁵A súplica do pobre sai de sua boca e vai direto aos ouvidos de Deus, que lhe faz justiça imediatamente. ⁶Quem despreza a correção segue o caminho do pecador, mas quem teme ao Senhor se arrepende sinceramente. ⁷De longe se conhece o falador, mas quem reflete sabe reconhecer quando tropeça. ⁸Quem constrói a própria casa com dinheiro de outros, ajunta pedras para sua própria sepultura. ⁹A reunião dos injustos é monte de estopa, que acabará em chamas de fogo. ¹⁰O caminho dos pecadores é bem pavimentado, mas desemboca nas profundezas da mansão dos mortos. [21,1-10]

O sábio e o insensato — ¹¹Quem observa a Lei torna-se capaz de controlar seu próprio pensamento, e a sabedoria é a perfeição do temor ao Senhor. ¹²Quem não tem capacidade não consegue ficar instruído, mas existe capacidade que aumenta a amargura. ¹³A ciência do sábio é vasta como inundação, e o seu conselho é como fonte de vida. ¹⁴A mente do insensato é como vaso quebrado: não guarda nenhum conhecimento. ¹⁵Quando o inteligente ouve uma palavra sábia, ele a recebe e a enriquece. Quando o folgazão ouve uma palavra sábia, ele a despreza e a joga para trás.

¹⁶A explicação dada pelo insensato é como fardo de viagem, mas na boca do inteligente encontra-se a graça. ¹⁷A assembleia solicita o discurso do sensato e reflete seriamente em suas palavras. ¹⁸Para o imbecil a sabedoria é como casa em ruínas, e sua ciência é um discurso que não se entende. ¹⁹Para o imbecil a instrução é como corrente nos pés e algema na mão direita. ²⁰O insensato ri alto, fazendo barulho; o sábio sorri discretamente. ²¹Para o sábio a instrução é joia de ouro, um bracelete no braço direito.

²²O imbecil entra numa casa apressadamente, mas o homem experiente mostra-se respeitoso. ²³O imbecil espia da porta o que há dentro da casa, mas a pessoa educada fica do lado de fora. ²⁴O mal-educado fica ouvindo atrás da porta, mas o homem prudente se envergonha de fazer isso. ²⁵Os faladores repetem o que os outros dizem, porém os sábios pesam suas próprias palavras na balança. ²⁶Os imbecis têm a mente na língua; os sábios têm a língua na mente. ²⁷Quando o injusto amaldiçoa Satanás, está amaldiçoando a si próprio. ²⁸O maledicente prejudica a si mesmo, e acaba sendo detestado pela vizinhança. [11-28]

22 O preguiçoso — ¹O preguiçoso é como pedra cheia de lodo, e todos zombam dele com desprezo. ²O preguiçoso parece monte de esterco: quem toca nele logo sacode a mão. [22,1-2]

Educação dos filhos — ³Filho mal-educado é vergonha para o pai, e se for uma filha, a desgraça é ainda maior. ⁴Filha sensata arranja marido; filha sem-vergonha é desgraça para os pais. ⁵Filha insolente envergonha o pai e o marido, e é desprezada pelos dois. ⁶Advertência fora de hora é como festa em velório, mas vara e disciplina é sabedoria em qualquer tempo. [3-6]

É inútil ensinar o imbecil — ⁷Ensinar o imbecil é como emendar cacos, ou acordar alguém que dorme sono profundo. ⁸Falar ao imbecil é como falar a quem está dormindo; no fim ele pergunta: “O que é que foi mesmo?” ⁹Chore pelo morto, porque ele perdeu a luz; chore pelo imbecil, porque ele perdeu o bom senso. ¹⁰É menos triste chorar pelo morto que agora descansa, porque a vida do imbecil é pior que a morte. ¹¹O luto pelo morto dura sete dias, mas para o imbecil e para o injusto dura a vida inteira. ¹²Não gaste palavras com o insensato, e evite andar com o estúpido. ¹³Fique longe dele, para não se aborrecer e não se sujar lidando com ele. Afaste-se dele e ficará tranquilo, e a

insensatez dele não irritará você. ¹⁴O que é mais pesado que o chumbo? Qual é o seu nome, senão “insensato”? ¹⁵Areia, sal e barra de ferro são mais fáceis de carregar do que um insensato. [7-15]

Refletir para decidir — ¹⁶Casas travadas com viga de madeira não virão abaixo por ocasião de um terremoto; da mesma forma, a mente que decide após muito refletir não se deixará abalar no momento do perigo. ¹⁷Mente apoiada em reflexão prudente é como enfeite de estuque em muro polido. ¹⁸Cascalho no alto do muro não resiste ao vento, e mente que vacila diante de opiniões insensatas também não resiste diante de ameaças. [16-18]

A amizade — ¹⁹Quem machuca os olhos faz cair lágrimas, e quem fere um coração revela os sentimentos dele. ²⁰Quem atira pedra nos pássaros acaba por afugentá-los, e quem ofende um amigo perde a amizade. ²¹Embora já tenha empunhado a espada contra o amigo, não se desespere, porque ainda há remédio. ²²Ainda que já tenha aberto a boca contra o amigo, não se apavore, porque pode haver reconciliação. Mas o ultraje, a arrogância, a violação de segredos e a traição são coisas que fazem o amigo fugir.

²³Conquiste a confiança do próximo quando ele está na pobreza, para desfrutar junto, quando ele estiver na prosperidade. Faça-lhe companhia quando ele estiver na dificuldade, para que você possa ter parte na herança dele. ²⁴Antes que o fogo se acenda, a chaminé solta fumaça e vapor, e antes do sangue vêm os insultos. ²⁵Não me envergonho de defender um amigo, e nem me escondo da sua presença; ²⁶mas, se algum mal por culpa dele me acontecer, quem ficar sabendo tomará cuidado com ele. [19-26]

Oração para ter o discernimento — ²⁷Quem irá colocar um guarda na minha boca e um selo de prudência nos meus lábios, para eu não cair por culpa deles e a minha língua não me arruinar?

23 ¹Senhor, pai e soberano da minha vida, não me abandones ao capricho deles, e por culpa deles não me deixes cair. ²Quem irá dar chicotadas em meus pensamentos e disciplinar a minha mente com a sabedoria, para que os meus erros não sejam poupados e as culpas deles não sejam toleradas? ³Dessa forma os meus erros não se multiplicarão, e os meus pecados não se avolumarão; não cairei diante dos meus adversários, e o meu inimigo não se alegrará às

minhas custas. ⁴Senhor, pai e Deus da minha vida, não permitas que o meu olhar seja altivo. ⁵Afasta de mim os maus desejos. ⁶Que a sensualidade e a luxúria não me dominem. Não me entregues ao desejo vergonhoso. [22,27-23,6]

Deus não é cúmplice da nossa injustiça — ⁷Meus filhos, escutem como disciplinar a boca. Quem assim fizer nunca será surpreendido. ⁸O pecador será apanhado por seus próprios lábios, e o maldizente e o orgulhoso tropeçarão neles.

⁹Não se acostume a fazer juramentos, nem se habitue a repetir o Nome Santo. ¹⁰O escravo está sempre sob controle, e não escapa de ficar marcado pelos golpes. O mesmo acontece com quem jura e repete o nome de Deus por qualquer coisa: nunca ficará livre de pecar. ¹¹O homem que vive fazendo juramentos acaba cometendo muitos pecados, e o chicote não se afastará da sua casa. Se ele erra, cai em pecado. Se não cumpre o juramento, peca duas vezes. Se jura em falso, não será perdoado, e sua casa ficará cheia de desgraças. [23,7-11]

A palavra mortífera — ¹²Há um modo de falar que é comparável à morte, e que não deveria ser encontrado entre os descendentes de Jacó. Os homens fiéis ficam longe de tais coisas, e assim não se afundam em pecados. ¹³Não se acostume a dizer vulgaridades grosseiras, pois nelas há sempre motivo de pecado. ¹⁴Lembre-se de seu pai e sua mãe, quando você se sentar entre os grandes. Não esqueça seus pais, quando estiver diante dos grandes; você se tornaria tão imbecil no seu comportamento que desejaria não ter nascido, e amaldiçoaria o seu próprio nascimento. ¹⁵O homem acostumado à linguagem inconveniente ficará incorrigível até o fim da vida. [12-15]

O perigo do adultério — ¹⁶Há duas espécies de coisas que multiplicam os pecados, e uma terceira que provoca a ira: ¹⁷a paixão que arde como fogo aceso e que não se apaga enquanto não se consumir; o homem entregue à sensualidade, que não cessa enquanto o fogo não o devorar; o homem sensual, para o qual todo alimento é doce, e não se satisfaz enquanto não morrer; ¹⁸o homem que trai o leito matrimonial, dizendo: “Quem me vê? As trevas me envolvem e as paredes me escondem. Ninguém me vê. O que tenho a temer? O Altíssimo não se lembrará dos meus pecados”. ¹⁹Ele só tem medo do que os homens veem, e não sabe que os olhos do Senhor são mil vezes mais luminosos que o sol, porque veem todos os caminhos dos homens e penetram os lugares

mais escondidos. ²⁰Deus conhecia as coisas, ainda antes de criar o universo, e o mesmo acontece depois que as criou. ²¹Tal homem será castigado na praça da cidade e será preso onde não espera.

²²O mesmo acontece com a mulher que abandona o marido e gera um herdeiro com outro homem. ²³Em primeiro lugar, ela desobedece à lei do Altíssimo; em segundo, ofende o seu marido; em terceiro, se prostitui com o adultério e gera filhos de um estranho. ²⁴Ela será arrastada diante da assembleia, e sobre os seus filhos se fará uma pesquisa. ²⁵Seus filhos não criarão raízes e seus ramos não darão frutos. ²⁶A memória dela será amaldiçoada, e sua infâmia nunca será apagada. ²⁷Os sobreviventes saberão que nada é melhor do que o temor do Senhor, e nada é mais doce do que observar os seus mandamentos. [16-27]

24 *Israel é a morada da Sabedoria* — ¹A Sabedoria louva a si mesma e se gloria no meio do seu povo. ²Ela abre a boca na assembleia do Altíssimo e se glorifica diante do poder dele: ³“Eu saí da boca do Altíssimo e recobri a terra como névoa. ⁴Armei a minha tenda nas alturas, e o meu trono ficava sobre uma coluna de nuvens. ⁵Percorri sozinha a abóbada do céu e passei pelas profundezas dos abismos. ⁶Estendi o meu poder sobre as ondas do mar, sobre a terra inteira e sobre todos os povos e nações. ⁷Em todos eles procurei um lugar para repousar e uma propriedade onde pudesse me estabelecer. ⁸Então o Criador do universo me deu uma ordem. Aquele que me criou armou a minha tenda, e disse: ‘Instale-se em Jacó e tome Israel como herança’.

⁹Ele me criou desde o princípio, antes dos séculos, e eu nunca deixarei de existir. ¹⁰Oficiei na Tenda santa, na presença dele, e desse modo me estabeleci em Sião. ¹¹Ele me fez habitar na cidade amada, e em Jerusalém exerço o meu poder. ¹²Coloquei raízes no meio de um povo glorioso, na porção do Senhor, seu patrimônio. ¹³Cresci como cedro no Líbano e como cipreste nos montes do Hermon. ¹⁴Cresci como palmeira de Engadi e como roseira em Jericó. Cresci como oliveira majestosa na planície, e fiquei alta como plátano. ¹⁵Espalhei o meu perfume como canela, bálsamo e mirra escolhida, como gálbano, ônix, estoraque e vapor de incenso na Tenda. ¹⁶Estendi os meus ramos como terebinto, e a minha ramagem é bela e frondosa. ¹⁷Como videira produzi brotos graciosos, e as minhas flores e frutos são belos e abundantes.

¹⁸Venham a mim vocês todos que me desejam, e fiquem saciados com os meus

frutos. ¹⁹Pensar em mim é mais doce que o mel, e possuir-me é mais doce que o favo de mel. ²⁰Os que se alimentam de mim terão ainda mais fome, e os que bebem de mim terão ainda mais sede. ²¹Quem me obedece não ficará envergonhado, e os que trabalham comigo não pecarão”. [24,1-21]

A Sabedoria é a Lei — ²²Tudo isso é o livro da Aliança do Deus Altíssimo, a Lei que Moisés nos deu como herança para as comunidades de Jacó. ²³A Lei transborda de Sabedoria como o Fison, e como o rio Tigre no tempo dos primeiros frutos. ²⁴Ela inunda de inteligência como o rio Eufrates e como o rio Jordão nos dias da colheita. ²⁵Ela espalha instrução como o rio Nilo e como o Geon no tempo da vindima. ²⁶O primeiro homem não esgota o conhecimento dela, e o último também não conseguirá investigá-la completamente. ²⁷De fato, o pensamento dela é maior do que o mar, e o seu conselho é maior do que o oceano.

²⁸Eu sou como o canal de um rio, um curso d’água que rega o paraíso. ²⁹Eu disse: “Vou regar meu jardim e empapar os meus canteiros”. Mas o meu canal se tornou um rio, e o meu rio se transformou em mar. ³⁰Farei que a minha instrução resplandeça como aurora, para que ilumine os lugares mais distantes. ³¹Derramarei o ensinamento como profecia e o transmitirei para as gerações futuras. ³²Vejam: Não trabalhei apenas para mim, mas para todos os que procuram a sabedoria. [22-32]

25 A maior felicidade — ¹Três coisas me satisfazem e agradam ao Senhor e aos homens: concórdia entre irmãos, amizade entre vizinhos e mulher vivendo em harmonia com o marido. ²Há também três tipos de pessoas que eu detesto e cujo comportamento me irrita profundamente: o pobre orgulhoso, o rico mentiroso e o ancião adúltero e sem bom senso.

³Se você não acumulou na juventude, como poderia encontrar alguma coisa na velhice? ⁴Como é belo para os cabelos brancos saber julgar, e para os anciãos saber dar conselhos! ⁵Como fica bem a sabedoria para os anciãos e o discernimento sábio para as pessoas honradas! ⁶A coroa dos anciãos é uma grande experiência, e o orgulho deles é temer ao Senhor.

⁷Há nove coisas que, no meu íntimo, considero felizes, e a décima eu proclamo com a minha boca: o homem que se alegra com seus filhos; aquele que vive para ver a ruína de seus inimigos; ⁸feliz aquele que vive com mulher de bom senso;

aquele que não faz trabalhar juntos o boi e o burro; aquele que não peca por palavra; aquele que não serve a um patrão indigno; ⁹ feliz aquele que encontrou a prudência; e aquele que fala para quem escuta. ¹⁰ Como é grande aquele que encontrou a sabedoria! Mas ninguém ultrapassa aquele que teme ao Senhor. ¹¹ O temor do Senhor ultrapassa tudo, e a quem será comparado aquele que o possui? [25,1-11]

Mulher: anjo ou demônio? — ¹² Nenhuma ferida é como a do coração, e maldade nenhuma é como a da mulher! ¹³ Nenhuma desgraça é como a causada pelos adversários, e nenhuma vingança é como a dos inimigos. ¹⁴ Não há veneno pior do que o veneno da serpente, nem ira pior do que a do inimigo. ¹⁵ Prefiro morar com um leão ou dragão a morar com mulher maldosa.

¹⁶ A maldade da mulher muda a sua fisionomia, e seu rosto fica tenebroso como o de um urso. ¹⁷ Seu marido vai sentar-se no meio dos vizinhos e, constrangido, suspira amargamente. ¹⁸ Qualquer maldade é um nada diante da maldade da mulher: caia sobre ela a sorte dos pecadores! ¹⁹ Como ladeira de areia para os pés de um velho, assim é a mulher faladeira para um marido pacífico.

²⁰ Não se deixe prender pela beleza de uma mulher, nem se apaixone por ela. ²¹ Motivo de irritação, desprezo e grande vergonha é a mulher sustentar o marido. ²² Coração abatido, rosto triste e coração ferido, é a obra da mulher má. ²³ Mãos inertes e joelhos vacilantes é a mulher que não torna feliz o próprio marido. ²⁴ Foi pela mulher que começou o pecado, e é por culpa dela que todos morremos. ²⁵ Não deixe a água escapar, nem dê liberdade de falar para a mulher má. ²⁶ Se ela não obedece às ordens que você lhe dá, separe-se dela.

26 ¹ Feliz o marido que tem mulher virtuosa; a duração de sua vida será o dobro. ² Mulher habilidosa é alegria para o marido, que viverá em paz por toda a vida. ³ Uma boa mulher é uma sorte grande, que será dada aos que temem ao Senhor. ⁴ Rico ou pobre, estará contente e terá sempre rosto alegre.

⁵ Meu coração teme três coisas, e uma quarta me assusta: calúnia espalhada pela cidade, revolta do povo e acusação falsa. Tudo isso é pior que a morte. ⁶ Mas a mulher ciumenta de uma rival causa grande dor e aflição. E a praga da língua é o ponto comum de todas essas coisas.

⁷ Mulher má é canga de boi mal ajeitada, e querer dominá-la é como pegar escorpião. ⁸ Mulher embriagada provoca indignação, e não consegue esconder a

sua inconveniência. ⁹A má conduta da mulher se manifesta na excitação dos olhos, e se reconhece pelas pálpebras. ¹⁰Reforce a vigilância sobre a filha impetuosa, para que ela não se aproveite da fraqueza que você tem. ¹¹Cuidado com os olhos desavergonhados dela, e não estranhe que ofenda você. ¹²Como viajante sedento, ela abre a boca e bebe qualquer água que encontra; ela se assenta diante de qualquer estaca e abre a aljava para qualquer flecha.

¹³Mulher graciosa alegra o marido, e com seu saber o fortalece. ¹⁴Mulher discreta é dom do Senhor, e mulher bem-educada não tem preço. ¹⁵Mulher modesta duplica seu encanto, e não há valor que pague a mulher casta. ¹⁶Como o sol levantando-se sobre as montanhas do Senhor, assim é a beleza da mulher em sua casa bem arrumada. ¹⁷Como lâmpada brilhando no candelabro sagrado, tal é a beleza do rosto num corpo bem acabado. ¹⁸Colunas de ouro sobre bases de prata, assim são as belas pernas sobre sólidos pés. [25,12-26,18]

A corrupção do justo — ¹⁹Duas coisas me entristecem e uma terceira me dá raiva: o soldado reduzido à miséria, homens sábios tratados com desprezo, e aquele que passa da justiça para o pecado: a este o Senhor o entregará à morte pela espada. [26,19]

O lucro é fonte de injustiças — ²⁰Difícilmente um comerciante fica isento de culpa e um negociante fica livre de pecado.

27¹Muitos pecam por amor ao lucro, e quem busca enriquecer-se age sem escrúpulos. ²Entre as juntas das pedras finca-se a estaca, e entre a compra e a venda o pecado se infiltra. ³Se a pessoa não se agarra com firmeza ao temor do Senhor, sua casa logo será destruída. [26,20-27,3]

Pensar antes de falar — ⁴Sacudindo a peneira, ficam os restos, e quando a pessoa discute aparecem seus defeitos. ⁵O forno prova os vasos do oleiro, e a prova do homem está no seu raciocínio. ⁶O fruto da árvore mostra como ela foi cultivada, e a palavra revela o íntimo do homem. ⁷Nunca elogie um homem antes que ele fale, porque o falar prova quem são as pessoas. [27,4-7]

A prática da justiça — ⁸Se você procura a justiça, certamente a encontrará, e se revestirá dela como roupa de festa. ⁹Cada passarinho se aninha com outros da mesma espécie, e a verdade volta para aqueles que a praticam. ¹⁰O leão espreita a presa, e o pecado espreita aqueles que praticam a injustiça. [8-10]

Vivendo e aprendendo — ¹¹O homem fiel fala sempre com sabedoria, mas o insensato muda como a lua. ¹²Meça o tempo quando estiver entre os insensatos, mas demore-se quando estiver entre os sábios. ¹³A conversa dos insensatos é detestável, e o riso deles é orgia de pecado. ¹⁴A conversa de quem vive jurando eriça os cabelos, e suas discussões obrigam a tapar os ouvidos. ¹⁵A briga dos orgulhosos faz derramar sangue, e os insultos que eles fazem machucam os ouvidos. [11-15]

Amizade é relação sagrada — ¹⁶Quem revela o segredo destrói a confiança, e nunca mais encontrará um amigo íntimo. ¹⁷Ame o seu amigo e seja fiel a ele. Contudo, se você revelou os segredos dele, não o procure mais. ¹⁸Porque, assim como se perde uma pessoa que morre, da mesma forma você perdeu a amizade do seu próximo. ¹⁹Como pássaro que escapa da mão, você deixou escapar seu amigo, e não conseguirá mais apanhá-lo. ²⁰Não vá atrás, pois ele já foi para longe, fugindo como gazela que escapou da armadilha. ²¹Uma ferida pode ser curada, e pode-se perdoar um insulto, mas para quem revelou segredos não há mais esperança.

²²Quem pisca um olho está planejando maldade, mas quem o conhece afasta-se dele. ²³Na frente de você, ele fala com delicadeza e elogia o que você diz, mas, por detrás ele fala diferente, e arma ciladas com as mesmas palavras que você disse. ²⁴Eu detesto muitas coisas, e a esse tal muito mais, e também o Senhor o detesta. [16-24]

O mal prejudica o mau — ²⁵Jogue uma pedra para o alto, e ela cairá em sua própria cabeça; dê um golpe por traição, e você receberá o golpe de volta. ²⁶Quem cava um buraco, nele cairá; quem prepara uma armadilha ficará preso nela. ²⁷O mal se volta contra quem o pratica, e sem que a pessoa saiba de onde ele vem. ²⁸Sarcasmo e ultraje são próprios do soberbo, mas a vingança o espreita como leão. ²⁹Os que se alegram com a queda dos fiéis serão apanhados na própria armadilha e, antes de morrer, a dor os consumirá. [25-29]

Perdoe, e você será perdoado — ³⁰Rancor e cólera são coisas abomináveis, mas o pecador as conserva.

28¹Quem se vinga sofrerá a vingança do Senhor, que severamente lhe pedirá contas de seus pecados. ²Perdoe a injustiça que o seu próximo cometeu e, quando você pedir, Deus também perdoará os pecados que você tiver cometido. ³Se um homem guarda rancor contra outro, como poderá pedir que Deus o cure? ⁴Se não usa de misericórdia para com o seu semelhante, como se atreve a pedir perdão de seus próprios pecados? ⁵Se ele, que é carne, guarda rancor, quem perdoará os seus pecados?

⁶Lembre-se do seu fim, e pare de odiar. Lembre-se da corrupção e da morte, e persevere nos mandamentos. ⁷Lembre-se dos mandamentos, e não guarde rancor contra o seu próximo. Lembre-se da aliança com o Altíssimo, e não leve em conta a ofensa que fizeram a você. [27,30-28,7]

Briga é ocasião de pecado — ⁸Fique longe das discussões, e você evitará o pecado, porque o homem raivoso atíça a briga. ⁹O homem pecador provoca discórdia entre os amigos e desavença entre os que vivem em paz. ¹⁰Quanto mais lenha, tanto mais arde o fogo, e quanto mais teimosia, tanto mais aumenta a briga. O furor de um homem depende de sua força, e sua cólera é proporcional à sua riqueza. ¹¹A luta repentina acende o fogo, e a briga violenta derrama sangue. ¹²Se você sopra uma fagulha, ela se inflama, e se você lhe cospe em cima, ela se apaga. Note bem que as duas coisas saem da mesma boca. [28,8-12]

Força e perigo da língua — ¹³Amaldiçoem o difamador e o homem falso, porque eles arruinam muitos que vivem em paz. ¹⁴A língua intrometida inquieta muitos, fazendo-os fugir de nação em nação; ela destrói cidades fortes e devasta as casas dos poderosos. ¹⁵A língua intrometida faz com que mulheres excelentes sejam repudiadas, privando-as do fruto de seus trabalhos. ¹⁶Quem dá atenção a ela não encontra mais descanso nem tranquilidade em casa. ¹⁷A chicotada deixa marca, mas o golpe da língua quebra os ossos. ¹⁸Muitos já caíram pelo fio da espada, mas não foram tantos como as vítimas da língua. ¹⁹Feliz de quem se protege dela e não se expõe ao seu furor. Feliz quem não arrastou o jugo dela, nem foi enredado em suas cadeias. ²⁰De fato, o jugo dela é de ferro, e suas cadeias são de bronze. ²¹A morte que ela provoca é terrível, e é preferível estar no túmulo. ²²Ela, porém, não tem poder sobre os homens fiéis, que não se queimarão em sua chama. ²³Os que abandonam o Senhor nela cairão, e ela os consumirá sem se apagar; ela se lançará contra eles como leão, e como pantera

os despedaçar.

²⁴Atenção! Proteja a sua propriedade com uma cerca de espinhos e guarde bem o seu ouro e prata. ²⁵Pese na balança as palavras que você diz, e feche a boca com porta de ferrolho. ²⁶Cuidado para não tropeçar com a língua, para não cair diante de quem espreita você. [13-26]

29*Emprestar ou não emprestar?* — ¹Quem pratica misericórdia faz empréstimos ao próximo, e quem lhe estende a mão cumpre os mandamentos. ²Empreste ao próximo quando ele tiver necessidade, e devolva ao próximo no tempo combinado. ³Mantenha a palavra dada e seja fiel com o próximo, e em qualquer momento você encontrará o que precisa. ⁴Muitos consideram o empréstimo como se fosse coisa achada, e deixam os credores em dificuldade. ⁵Antes de receberem, beijam a mão do credor e amaciam a voz para conseguir os bens do próximo. Na hora de devolver, porém, adiam a data, respondem com palavras evasivas e culpam as circunstâncias. ⁶Quando eles podem pagar, com dificuldade o credor recupera a metade, e pode considerar isso como um achado. Caso contrário, o credor ficará sem os bens que emprestou e, além disso, ganhará sem motivo um inimigo. Este lhe devolverá maldições e injúrias e, em vez de agradecer, o desprezará. ⁷Muitos, por causa de tais maldades, se recusam a fazer empréstimos, com medo de perder os bens sem mais nem menos. [29,1-7]

Treinamento para a partilha — ⁸Com o pobre, porém, seja compreensivo, e não o faça esperar muito pela esmola. ⁹Por causa do mandamento, socorra o indigente conforme a necessidade dele. Não o despeça de mãos vazias. ¹⁰Perca o dinheiro com o irmão e o amigo, para que ele não se enferruje inutilmente debaixo de uma pedra. ¹¹Use seus bens segundo os mandamentos do Altíssimo, e eles serão mais úteis para você do que o ouro. ¹²Dê esmola daquilo que você tem nos celeiros, e ela o livrará de qualquer desgraça; ¹³mais do que forte escudo e lança pesada, ela combaterá por você diante do inimigo. [8-13]

Arriscar-se pelo próximo — ¹⁴O homem bom se dispõe a ser fiador do seu próximo, mas aquele que perdeu a vergonha o abandona. ¹⁵Não se esqueça do favor prestado pelo seu fiador, pois ele se expôs por você. ¹⁶O pecador se aproveita dos bens do seu fiador, e o ingrato abandona propositalmente quem o ajudou. ¹⁷A fiança já arruinou muitos que prosperavam e os agitou como ondas

do mar. ¹⁸Ela deixou sem casa homens poderosos, que foram obrigados a vagar em meio a estrangeiros. ¹⁹O pecador que se apressa em ser fiador para buscar lucro acabará nos tribunais. ²⁰Ajude seu próximo conforme o que você pode, mas tome cuidado para também você não se arruinar. [14-20]

Dignidade e humilhação — ²¹São coisas indispensáveis para a vida: água, pão, roupa e casa para preservar a própria intimidade. ²²É melhor viver vida de pobre embaixo de um barraco, do que saborear comidas em casa alheia. ²³Com pouco ou muito esteja contente, e você não será desprezado como imigrante. ²⁴É vida dura andar de casa em casa, porque você é imigrante por onde anda, e não pode abrir a boca. ²⁵Você será recebido como estranho, beberá constrangido, e ainda ouvirá coisas desagradáveis: ²⁶“Venha, forasteiro, arrume a mesa e, se tiver alguma coisa, me dê de comer”. ²⁷Ou: “Saia, forasteiro! Dê o lugar para uma pessoa mais digna. Preciso da casa para hospedar o meu irmão”. ²⁸Ser censurado pelo dono da casa e insultado pelo credor são coisas duras para um homem sensato. [21-28]

30 ***Educar com bom senso*** — ¹Quem ama o próprio filho usa bastante o chicote, para no fim se alegrar. ²Quem corrige o próprio filho, depois terá satisfação, e ficará orgulhoso dele na frente dos conhecidos. ³Quem educa o próprio filho faz inveja ao inimigo, e fica alegre diante dos amigos. ⁴O pai morre, mas é como se não tivesse morrido, porque deixa depois de si alguém semelhante a ele. ⁵Durante a vida, o pai se alegra ao ver o filho, e não fica triste na hora da morte. ⁶Para os inimigos, deixa um vingador; para os amigos, deixa alguém que irá recompensá-los.

⁷Quem mima o próprio filho, depois terá que lhe curar as feridas, e, a cada grito dele, suas entranhas estremecerão. ⁸O cavalo xucro se torna intratável, e o filho entregue a si mesmo se torna teimoso. ⁹Dê muito mimo a seu filho, e ele trará surpresas desagradáveis para você; siga os caprichos dele, e ele deixará você triste. ¹⁰Não ria com ele, e com ele você também não irá chorar, para que você não acabe rangendo os dentes. ¹¹Não lhe dê liberdade na juventude, nem feche os olhos para os defeitos dele. ¹²Obrigue-o a curvar o pescoço enquanto é jovem, e bata nas costas dele enquanto é menino, para que não cresça teimoso, não lhe desobedeça e nem lhe cause muito sofrimento. ¹³Corrija seu filho e faça-o responsável, para depois você não tropeçar na insolência dele. [30,1-13]

A saúde é a maior riqueza — ¹⁴É melhor um pobre robusto e sadio do que um rico cheio de doenças. ¹⁵Saúde e vigor valem mais do que todo o ouro, e é melhor um corpo robusto que uma enorme fortuna. ¹⁶Não há riqueza maior que a saúde do corpo, nem maior satisfação que um coração contente. ¹⁷É melhor a morte do que viver com amargura, e o descanso eterno vale mais do que doença crônica. ¹⁸Boa comida diante de boca fechada é como oferta de alimentos em cima de um túmulo. ¹⁹De que serve oferecer frutos ao ídolo? Ele não come nem sente cheiro. Assim é aquele que está sendo perseguido pelo Senhor: ²⁰fica observando e suspirando, como eunuco abraçado a uma jovem. [14-20]

Alegria é vida — ²¹Não se deixe dominar pela tristeza, nem se aflija com preocupações. ²²Alegria do coração é vida para o homem, e a satisfação lhe prolonga a vida. ²³Anime-se, console o coração e afaste a melancolia para longe. Pois a melancolia já arruinou muita gente, e não serve para nada. ²⁴Inveja e ira encurtam os anos, e a preocupação faz envelhecer antes do tempo. ²⁵Coração alegre favorece o bom apetite e faz sentir o gosto da comida. [21-25]

31 ***Para quem servem as riquezas?*** — ¹A insônia por causa da riqueza consome o corpo, e a preocupação que ela provoca afasta o sono. ²As preocupações do dia não deixam dormir, e são piores que doença grave para tirar o sono. ³O rico se afadiga para acumular riquezas e, quando descansa, afoga-se em prazeres. ⁴O pobre se afadiga, consumindo suas forças e, quando descansa, cai na miséria. ⁵Quem ama o ouro não se conserva justo, e quem corre atrás do lucro, com ele se perderá. ⁶Muitos foram vítimas do ouro, e sua ruína foi inevitável. ⁷É uma armadilha para os que com ele se entusiasмам, e todo insensato é apanhado nela. ⁸Feliz o rico que se conserva íntegro e não corre atrás do ouro. ⁹Quem é esse homem? Nós o felicitaremos, porque realizou coisa maravilhosa no meio do seu povo. ¹⁰Quem sofreu essa prova e se revelou perfeito? Tal fato será para ele motivo de glória. Quem podia violar a lei e não violou? E quem podia fazer o mal e não o fez? ¹¹A prosperidade dessa pessoa será garantida, e a assembleia celebrará a sua generosidade. [31,1-11]

Comportamento num banquete — ¹²Você está sentado diante de uma farta mesa? Não escancare a boca diante dela, nem diga: “Quanta coisa!” ¹³Lembre-se: olhar ávido é coisa má. Existe criatura pior que o olho? É por isso que o olho

lacrimar por qualquer motivo. ¹⁴Não estenda a mão para onde outro estiver olhando, nem se precipite junto com ele para o mesmo prato. ¹⁵Compreenda o que o seu próximo quer a partir do que você mesmo quer. Pense naquilo que desagrada a você. ¹⁶Coma educadamente o que lhe oferecerem e não mastigue de boca aberta, para não ser desagradável. ¹⁷Por educação acabe primeiro e não seja guloso, para que não o desprezem.

¹⁸Se estiver sentado entre muitos convidados, não seja o primeiro a estender a mão. ¹⁹O homem bem educado se satisfaz com pouca coisa e, quando vai para a cama, não se sente sufocado. ²⁰O sono saudável depende do estômago moderado: a pessoa se levanta cedo e com boa disposição. O homem guloso é sempre acompanhado por mal-estar, insônia, náusea e cólica. ²¹Porém, se você foi forçado a comer muito, levante-se, vá vomitar, e ficará aliviado.

²²Escute-me, filho, e não me despreze, e depois você compreenderá o que estou falando. Seja moderado em tudo o que fizer, e nenhuma doença o atingirá.

²³Muitos farão elogios a quem é pródigo em dar banquetes, e o testemunho sobre a generosidade dele é verdadeiro. ²⁴A cidade inteira critica quem é mesquinho ao dar banquete, e é correto o testemunho sobre a mesquinhaz dele.

²⁵Não banque o valente com o vinho, porque ele já arruinou muita gente. ²⁶A fornalha prova a tempera do metal, e o vinho esquentará a briga dos arrogantes. ²⁷O vinho traz vida para os homens, desde que você o beba com moderação. Que vida existe quando falta vinho? Ele foi criado para alegrar as pessoas. ²⁸Bebido em tempo certo e na medida certa, o vinho traz gozo para o coração e alegria para a alma. ²⁹Todavia, bebido em excesso, por vício ou desafio, o vinho traz amargura para a alma. ³⁰A embriaguez aumenta a ira do insensato para sua própria ruína, diminuindo-lhe as forças e provocando ferimentos. ³¹Num banquete, não repreenda o próximo, nem zombe por ele estar alegre; não o repreenda com palavras, nem o atormente com reclamações.

32¹Pediram para você presidir o banquete? Não fique envaidecido, mas se comporte com os outros como se fosse um deles. Cuide de cada um, e depois sente-se. ²Tendo providenciado o que cada um necessita, acomode-se para alegrar-se com eles e receber a coroa pelo seu bom desempenho.

³Fale, ancião, pois isso convém a você, mas tenha discrição e não atrapalhe a música. ⁴Durante o espetáculo, não fique falando, e não exiba sua sabedoria fora de hora. ⁵Como rubi em anel de ouro, assim é uma audição musical durante um

banquete. ⁶Como esmeralda engastada em ouro, assim é uma ária musical unida ao vinho delicioso.

⁷Fale, jovem, se for necessário, mas apenas umas duas vezes, quando interrogado. ⁸Resuma o que tem a dizer, e diga muito em poucas palavras. Seja como alguém que sabe, mas se cala. ⁹Não procure impor-se no meio dos grandes, nem fique tagarelando enquanto outro fala. ¹⁰Antes do trovão vem o raio, e a graça precede o homem modesto. ¹¹Chegando a hora levante-se, e não fique por último. Volte logo para casa, em vez de ficar vagando. ¹²Aí você poderá divertir-se e fazer o que desejar, mas não peque falando com insolência. ¹³Por tudo isso, agradeça ao seu Criador, que o enche de benefícios. [31,12-32,13]

O início da sabedoria — ¹⁴Quem teme ao Senhor aceita a correção, e aqueles que o buscam encontram o seu favor. ¹⁵Quem investiga a Lei, dela ficará saciado, mas para o hipócrita ela é motivo de queda. ¹⁶Os que temem ao Senhor encontram a justiça, e suas ações justas brilham como luz. ¹⁷O homem pecador não aceita a correção, e encontra sempre justificativa para seguir os próprios caprichos. ¹⁸O homem de bom senso não deixa de refletir, enquanto o estrangeiro e o orgulhoso não conhecem o temor.

¹⁹Não faça nada sem refletir, e não mude de ideia enquanto está agindo. ²⁰Não ande por caminho acidentado, e você não tropeçará nas pedras. ²¹Não confie no caminho que não tem obstáculos, ²²e seja cauteloso até com seus filhos. ²³Em tudo o que você faz, acredite em si mesmo, porque também isso é observar os mandamentos. ²⁴Quem acredita na Lei observa os mandamentos; quem confia no Senhor não ficará frustrado.

33 ¹Quem teme ao Senhor não sofre nenhum mal, e se passar por alguma tentação, ficará livre dela. ²O homem sábio não odeia a Lei, mas quem finge amá-la é como navio na tempestade. ³O homem de bom senso confia na Lei; para ele, a Lei é digna de confiança como a resposta de um oráculo. ⁴Prepare seu discurso, e você será ouvido; ponha ordem na instrução, e só depois responda. ⁵As emoções do insensato são como roda de carro, e seu raciocínio é como eixo que gira. ⁶O amigo zombador é como o cavalo no cio: relincha sempre, qualquer que seja o cavaleiro montado. [32,14-33,6]

O confronto gera novidade — ⁷Por que um dia é mais importante do que o

outro, se a luz de cada dia do ano vem sempre do sol? ⁸Eles foram separados no pensamento do Senhor, que diferenciou as estações do ano e as festas. ⁹Elevou e consagrou alguns deles, e deixou outros como dias comuns. ¹⁰Também os homens vêm todos do mesmo solo, e da terra Adão foi criado. ¹¹Mas o Senhor, na sua grande sabedoria, os distinguiu, e diversificou os caminhos deles. ¹²A uns, ele abençoou e exaltou, consagrando-os e aproximando-os de si; a outros amaldiçoou e humilhou, derrubando-os de suas posições. ¹³Como argila na mão do oleiro, que ele amolda conforme quer, assim são os homens nas mãos do seu Criador, que lhes retribui segundo o julgamento dele. ¹⁴Diante do mal está o bem, diante da morte está a vida, e diante do fiel está o pecador. ¹⁵Considere, portanto, todas as obras do Altíssimo que, duas a duas, estão todas uma diante da outra. [33,7-15]

Conclusão da primeira parte — ¹⁶Quanto a mim, eu sou o último a ficar desperto, como aquele que colhe os restolhos atrás dos vindimadores. ¹⁷Com a bênção do Senhor, atingi a meta, e como o vindimador, enchi o tanque de espremer uvas. ¹⁸Vejam que eu não me afadiguei só para mim, mas para todos aqueles que procuram a instrução. [16-18]

II. PRATICAR A SABEDORIA [33,19-42,14]

Convite — ¹⁹Escutem-me, chefes do povo, e ouçam-me, presidentes da assembleia.

Como governar a família — ²⁰Enquanto viver, não dê poderes sobre você ao seu filho, mulher, irmão e amigo. Não dê seus bens a outro, para depois não se arrepender e ter que pedi-los de volta. ²¹Enquanto estiver vivo e tiver um sopro de vida, não se entregue ao poder de ninguém. ²²É melhor que seus filhos peçam a você, do que você depender deles. ²³Em tudo o que você faz, seja sempre dono de seus atos, e não deixe que se manche a sua boa fama. ²⁴Quando chegar o fim dos dias de sua vida, no momento da morte, reparta a herança. [33,20-24]

A respeito dos escravos — ²⁵Para o asno, forragem, chicote e carga; para o escravo, pão, correção e trabalho. ²⁶Faça o seu escravo trabalhar com disciplina, e você encontrará sossego. Deixe-o com as mãos livres, e ele procurará a liberdade. ²⁷Jugo e rédea dobram o pescoço; torturas e interrogatório dobram o mau escravo. ²⁸Mande-o trabalhar, para que não fique ocioso, porque a ociosidade ensina muitos males. ²⁹Obrigue-o ao trabalho que compete a ele; e se não obedecer, prenda-o em correntes. ³⁰Entretanto, não cometa excessos com ninguém, e não pratique nada contra a justiça.

³¹Se você tem só um escravo, trate-o como a você mesmo, pois você o comprou a preço de sangue. ³²Se você tem só um escravo, trate-o como irmão, porque você precisa dele, assim como de si mesmo. ³³Se você o maltratar, ele fugirá, e por qual caminho você irá procurá-lo? [25-33]

34 O valor dos sonhos — ¹O insensato tem esperanças vãs e ilusórias, e os imbecis voam com os sonhos. ²Quem confia nos sonhos está agarrando sombras e perseguindo o vento. ³A visão dos sonhos é um simples reflexo, é como imagem do rosto diante do espelho. ⁴Do impuro, o que pode sair de puro? E que verdade se pode tirar da mentira? ⁵Adivinhações, presságios e sonhos são coisas inúteis, como as imaginações da mulher em dores de parto. ⁶Se não forem enviados pelo Altíssimo numa de suas visitas, não lhes dê atenção. ⁷Os sonhos fizeram muitos extraviar-se, e muitos que neles esperaram acabaram caindo. ⁸A perfeição da Lei está além dessas mentiras, e a sabedoria é perfeita para a boca

do fiel. [34,1-8]

O aumento da experiência — ⁹O homem que muito viajou conhece muitas coisas, e quem tem muita experiência fala com discernimento. ¹⁰Quem não foi provado conhece pouco, mas quem muito viaja aumenta sua habilidade. ¹¹Vi muitas coisas em minhas viagens, e o meu conhecimento ultrapassa as minhas palavras. ¹²Muitas vezes estive em perigo de morte, mas fui salvo graças à minha experiência.

¹³O espírito daqueles que temem ao Senhor viverá, porque a esperança deles está em alguém que pode salvá-los. ¹⁴Quem teme ao Senhor não tem medo de nada e não se assusta, porque o Senhor é a sua esperança. ¹⁵Feliz aquele que teme ao Senhor. Em quem se apoia? Quem é que o sustenta? ¹⁶O Senhor cuida daqueles que o amam. Ele é escudo poderoso e sustentáculo forte, abrigo contra o vento sufocante e abrigo contra o ardor do meio-dia, proteção contra os obstáculos e socorro contra as quedas. ¹⁷O Senhor eleva a alma e ilumina os olhos, concedendo saúde, vida e bênção. [9-17]

Religião que esconde a injustiça — ¹⁸*Oferecer sacrifício de bens injustamente adquiridos é fazer zombaria, e as ofertas dos infiéis não são agradáveis.* ¹⁹*O Altíssimo não gosta das ofertas dos injustos e não é pela abundância das vítimas que ele perdoa os pecados.* ²⁰*Como quem imola o filho na presença do próprio pai, assim é aquele que oferece sacrifícios com os bens dos pobres.* ²¹*O pão dos indigentes é a vida dos pobres, e quem tira a vida dos pobres é assassino.* ²²*Mata o próximo quem lhe tira seus meios de vida, e derrama sangue quem priva o operário de seu salário.* [18-22]

A verdadeira religião — ²³Um constrói e outro derruba. Que proveito tiram disso, além da fadiga? ²⁴Um abençoa, outro amaldiçoa. Qual dos dois será ouvido pelo Senhor? ²⁵Um se purifica do contato com cadáver, e depois o toca de novo. Que proveito tira de sua purificação? ²⁶Assim é o homem que jejua por seus pecados, mas depois vai e os comete de novo. Quem ouvirá a súplica dele? De que serviu a sua humilhação?

35¹Observar a Lei vale mais do que oferecer sacrifícios, e observar os mandamentos é como oferecer sacrifício de comunhão. ²Retribuir um favor é como oferecer flor de farinha, e dar esmola é como oferecer sacrifício de

louvor. ³O que agrada ao Senhor é afastar-se do mal, e o sacrifício pelo pecado é afastar-se da injustiça.

⁴Não se apresente de mãos vazias diante do Senhor, pois tudo isso é pedido pelos mandamentos. ⁵A oferta do justo alegra o altar, e o perfume dela sobe até o Altíssimo. ⁶O sacrifício do justo é aceito, e o seu memorial não ficará esquecido.

⁷Glorifique o Senhor com generosidade, e não seja mesquinho nos primeiros frutos que você oferece. ⁸Quando oferecer alguma coisa, esteja de rosto alegre, e consagre o dízimo com boa vontade. ⁹Ofereça ao Altíssimo conforme o dom que ele fez a você; dê com generosidade, segundo suas possibilidades. ¹⁰Porque o Senhor retribui a oferta e ele, em troca, lhe dará sete vezes mais. [34,23-35,10]

Deus ouve o clamor do pobre — ¹¹Não tente subornar a Deus, porque ele não aceitará o suborno. Não confie num sacrifício injusto, ¹²porque o Senhor é juiz que não faz diferença entre as pessoas. ¹³Ele não dá preferência a ninguém contra o pobre. Pelo contrário, atende a súplica do oprimido. ¹⁴Ele não despreza a súplica do órfão, nem a viúva que desafoga suas queixas. ¹⁵Será que as lágrimas da viúva não lhe descem pela face, e o grito dela não se levanta contra quem a faz chorar?

¹⁶Quem serve ao Senhor será recebido com benevolência, e sua súplica chegará até as nuvens. ¹⁷A súplica do pobre penetra as nuvens, e ele não sossega, enquanto ela não chegar até lá. ¹⁸Ele não desiste, até que o Altíssimo intervenha para fazer justiça aos justos e realize o julgamento. ¹⁹O Senhor não tardará, nem terá paciência com os injustos, ²⁰enquanto não quebrar as costas dos cruéis e tomar vingança das nações; ²¹enquanto não exterminar a multidão dos orgulhosos e quebrar o cetro dos injustos, ²²enquanto não retribuir a cada um conforme as suas ações e julgar as ações humanas segundo as intenções de cada um; ²³enquanto não fizer justiça ao seu povo e o alegrar com a sua misericórdia. ²⁴A misericórdia é bem-vinda no tempo da aflição, como as nuvens de chuva no tempo da seca. [35,11-24]

36 ***Grito do povo oprimido*** — ¹Tem compaixão e olha por nós, Senhor Deus do universo. Infunde o teu temor em todas as nações. ²Levanta a tua mão contra as nações estrangeiras, para que elas vejam o teu poder. ³Castigando-nos, tu mostraste às nações a tua santidade. Agora, mostra-nos a tua grandeza,

castigando as nações. ⁴Desse modo elas reconhecerão, como também nós reconhecemos, que não existe um Deus além de ti, Senhor. ⁵Renova os sinais e realiza outros prodígios. Glorifica a tua mão e o teu braço direito. ⁶Desperta o teu furor e derrama a tua ira, para destruir o adversário e abater o inimigo. ⁷Apressa o tempo e lembra-te do juramento, e assim teus grandes feitos serão proclamados. ⁸Que o sobrevivente seja devorado pela ira do fogo, e os que maltratam o teu povo encontrem a ruína. ⁹Esmaga a cabeça dos chefes inimigos, que dizem: “Não há ninguém como nós!” ¹⁰Reúne todas as tribos de Jacó e dá-lhes a herança, como no princípio.

¹¹Senhor, tem piedade do povo que é chamado com o teu nome. Tem piedade de Israel, que trataste como primogênito. ¹²Tem compaixão de Jerusalém, tua cidade santa, e lugar do teu repouso. ¹³Enche Sião com o relato das tuas maravilhas, e o teu povo com a tua glória. ¹⁴Dá testemunho diante das tuas criaturas, que existem desde o princípio, e cumpre as profecias feitas em teu nome. ¹⁵Recompensa aqueles que esperam em ti, e que os teus profetas sejam dignos de crédito.

¹⁶Senhor, ouve a oração dos teus servos, segundo a bênção de Aarão sobre o teu povo. ¹⁷E todos os que habitam a terra reconheçam que tu és o Senhor, o Deus dos séculos. [36,1-17]

Como discernir — ¹⁸O estômago consome todo tipo de alimento, mas um alimento é melhor do que outro. ¹⁹O paladar distingue o gosto da caça, e a mente sábia discerne as palavras mentirosas. ²⁰Coração perverso causa tristeza, mas o homem experiente o acalma. [18-20]

O valor da mulher — ²¹A mulher aceita qualquer marido, mas as mulheres não são todas iguais. ²²A beleza da mulher alegra o rosto e supera todos os desejos do homem. ²³Se nos lábios dela existe bondade e doçura, o seu marido é o mais feliz dos homens. ²⁴Quem adquire esposa tem o começo da fortuna, pois ela é auxiliar semelhante a ele e coluna de apoio. ²⁵Onde não há cerca, a propriedade é saqueada, e onde não há mulher, o homem vagueia gemendo. ²⁶Quem confia em ladrão esperto que corre de cidade em cidade? ²⁷Assim é o homem que não tem ninho e se deita onde a noite o surpreende. [21-27]

37 *O verdadeiro amigo* — ¹Todo amigo declara amizade, mas existe amigo que é amigo só de nome. ²Por acaso, não é tristeza mortal o companheiro ou amigo que se transforma em inimigo? ³Ó inclinação perversa! De onde saiu vo-cê para cobrir a terra com traição? ⁴O companheiro se alegra com o amigo na felicidade, mas no momento da desgraça torna-se hostil. ⁵O companheiro sofre com o amigo por interesse, mas no momento da briga toma o escudo. ⁶Em seu coração não se esqueça do amigo; e não se esqueça dele quando você estiver na prosperidade. [37,1-6]

Cuidado com os conselheiros — ⁷Todo conselheiro dá conselhos, mas há quem dá conselho em seu próprio interesse. ⁸Seja cauteloso com o conselheiro, e procure saber quais são as necessidades dele. Pois ele pode aconselhar em benefício próprio e não lançar a sorte em favor de você, ⁹dizendo: “Você está num bom caminho”. Depois, ele fica de longe, vendo o que vai acontecer a você. ¹⁰Não peça conselhos a quem olha você com desconfiança, e esconda a sua intenção de todos os que têm inveja de você. ¹¹Nunca peça conselhos a uma mulher sobre a rival dela; nem a um covarde sobre a guerra; nem a um negociante sobre o comércio; nem a um comprador sobre a venda; nem a um invejoso sobre a gratidão; nem a um egoísta sobre a bondade; nem a um preguiçoso sobre o trabalho; nem a um empreiteiro sobre o fim da tarefa; nem a um empregado preguiçoso sobre um grande trabalho. Não procure nenhuma dessas pessoas para receber delas algum conselho. ¹²Ao contrário, frequente sempre o homem fiel, a quem você conhece como praticante dos mandamentos, que tenha a mesma disposição sua e que, se você tropeçar, sofrerá com você. ¹³Siga o conselho do seu próprio coração, porque mais do que este ninguém será fiel a você. ¹⁴A alma do homem frequentemente o avisa melhor do que sete sentinelas colocadas em lugar alto. ¹⁵Além disso tudo, peça ao Altíssimo que dirija seu comportamento conforme a verdade. [7-15]

O verdadeiro sábio — ¹⁶A palavra é o princípio de qualquer obra e, antes de agir, é preciso refletir. ¹⁷A raiz dos pensamentos é a mente, e ela produz quatro ramos: ¹⁸bem e mal, vida e morte. Mas os quatro são dominados pela língua.

¹⁹Existe quem é capaz de instruir muitas pessoas, mas é inútil para si mesmo. ²⁰Existe quem ostenta sabedoria em palavras, mas é detestado e acaba morrendo de fome. ²¹Porque o Senhor não lhe concede sua graça, ele fica desprovido de

qualquer sabedoria. ²²Existe quem é sábio só para si, e os frutos seguros de sua inteligência estão em sua própria boca. ²³O homem sábio instrui o seu povo. Todos podem confiar nos frutos de sua inteligência. ²⁴O homem sábio é cumulado de bênçãos, e é proclamado feliz por todos os que o veem. ²⁵A vida do homem tem os dias contados, porém os dias de Israel são incontáveis. ²⁶O sábio gozará de confiança no meio do seu povo, e seu nome viverá para sempre. [16-26]

Autocontrole — ²⁷Meu filho, prove a si mesmo durante a sua vida. Veja o que é prejudicial, e não o conceda a si próprio. ²⁸Nem tudo convém a todos, nem todos gostam de tudo. ²⁹Não seja insaciável de prazeres, nem se precipite sobre os pratos de comida. ³⁰Porque o abuso na comida provoca doenças, e a gula produz cólicas. ³¹Muitos morreram por causa da gula, e quem sabe se controlar vive muito tempo. [27-31]

38 Medicina e projeto de Deus — ¹Honre os médicos por seus serviços, pois também o médico foi criado pelo Senhor. ²Do Altíssimo vem a cura, e o médico recebe do rei o pagamento. ³A ciência do médico o faz levantar a cabeça e ser admirado pelos grandes. ⁴Da terra, o Senhor criou os remédios, e o homem de bom senso não os despreza. ⁵Não foi para manifestar o poder do Senhor que as águas foram adoçadas com um pedaço de madeira? ⁶O Senhor deu aos homens a ciência para que pudessem glorificá-lo por causa das maravilhas dele. ⁷Com elas, o médico cura e elimina a dor, e o farmacêutico prepara as fórmulas. ⁸Dessa maneira, as obras de Deus não têm fim, e dele vem o bem-estar para a terra.

⁹Meu filho, se você ficar doente, não se descuide. Suplique ao Senhor, e ele o curará. ¹⁰Evite as faltas, lave as mãos e purifique o coração de todo pecado. ¹¹Ofereça incenso e um memorial de flor de farinha, e faça gordas ofertas, conforme suas possibilidades. ¹²Depois, consulte o médico, pois também ele foi criado pelo Senhor. Não o afaste, porque você precisa dele. ¹³Há casos em que a cura depende só dele. ¹⁴Ele também suplica ao Senhor, a fim de que lhe conceda aliviar a doença e curar seus pacientes. ¹⁵Quem peca contra o seu Criador, que caia nas mãos do médico! [38,1-15]

O luto — ¹⁶Meu filho, derrame lágrimas pelo morto, e faça luto como alguém

que sofre profundamente. Depois enterre o cadáver segundo o costume, e não deixe de honrar o túmulo dele. ¹⁷Chore amargamente, bata no peito e observe o luto proporcional à dignidade do morto, durante um ou dois dias, para evitar os comentários do povo; e depois console-se de sua tristeza. ¹⁸Porque a tristeza leva para a morte, e qualquer aflição do coração consome as forças. ¹⁹Na desgraça a tristeza permanece, e uma vida triste é insuportável. ²⁰Não entregue seu coração à tristeza, mas afaste-a, pensando no fim que você terá. ²¹Não se esqueça: da morte não há retorno. Sua tristeza em nada servirá ao morto, e você acabará se prejudicando. ²²Lembre-se: a sorte dele será também a sua. Eu ontem e você hoje. ²³Quando o morto repousa, pare de pensar nele. Console-se, porque o espírito dele já partiu. [16-23]

Construtores do mundo — ²⁴A sabedoria do escriba é adquirida em horas de lazer. Aquele que está livre de atividades torna-se sábio. ²⁵Como poderá tornar-se sábio aquele que maneja o arado e cuja glória consiste em manejar o ferrão? Como pode tornar-se sábio aquele que guia bois, não abandona o trabalho e só sabe falar das crias de vacas? ²⁶Somente se preocupa com os sulcos que traça, e fica sem dormir, preocupado com a forragem das bezerras.

²⁷O mesmo acontece com todo carpinteiro e construtor, e com qualquer pessoa que trabalha dia e noite: aqueles que fazem entalhes para os selos procuram pacientemente variar o desenho; eles tentam reproduzir o modelo e se preocupam em terminar o trabalho. ²⁸Da mesma forma, o ferreiro se assenta diante da bigorna e se entrega a trabalhar o ferro: a chama de fogo seca-lhe a carne, e ele se debate com o calor da forja; o barulho do martelo o ensurdece e seus olhos se fixam no modelo do objeto. Ele se esforça em acabar o trabalho e fica atento para retocá-lo, até ficar perfeito. ²⁹O oleiro se assenta para fazer o trabalho, girando a roda com os pés e dedicando total cuidado à sua obra. Todos os seus gestos são calculados: ³⁰com o braço modela a argila e com os pés quebra sua resistência; ele se preocupa em acabar o polimento e passa a noite limpando o forno.

³¹Todos esses artesãos confiam em suas próprias mãos, e cada um é hábil em sua profissão. ³²Sem eles, seria impossível construir uma cidade, e ninguém poderia nelas habitar ou andar. ³³Mas eles não são requisitados no conselho do povo, não têm lugar especial na assembleia, não se assentam na cadeira do juiz, nem conhecem as disposições legais. ³⁴Eles não brilham pela cultura, nem pelo

julgamento, e não entendem de provérbios. Entretanto, são eles que sustentam as necessidades básicas, e a oração deles consiste em realizar o próprio trabalho. [24-34]

39 *Preservando a memória do povo* — ¹Diferente é o caso de quem se aplica em meditar a Lei do Altíssimo. Ele investiga a sabedoria de todos os antigos e se dedica ao estudo das profecias. ²Preserva as sentenças dos homens famosos e penetra a sutileza das parábolas. ³Busca o sentido oculto dos provérbios e se ocupa com os enigmas das parábolas. ⁴Desempenha funções entre os grandes e marca presença nas reuniões dos chefes. Viaja entre povos estrangeiros, fazendo a experiência do bem e do mal entre os homens. ⁵De manhã cedo, dirige o coração ao Senhor que o criou e reza diante do Altíssimo, abrindo a boca em oração e implorando por seus pecados.

⁶Se for da vontade do supremo Senhor, ele ficará repleto do espírito de inteligência e fará chover palavras de sabedoria e agradecerá ao Senhor na oração. ⁷O Senhor dirigirá seu conselho e sua ciência, e ele meditará nos mistérios divinos. ⁸Ele fará brilhar a instrução do seu ensinamento e se orgulhará com a Lei da Aliança do Senhor. ⁹Muitos elogiarão a sua inteligência, e ele nunca será esquecido. Não desaparecerá a sua recordação, e a sua fama viverá de geração em geração. ¹⁰Os povos falarão da sua sabedoria e a assembleia proclamará os seus louvores. ¹¹Se viver por muito tempo, deixará um nome mais famoso que mil outros e, quando morrer, isso lhe bastará. [39,1-11]

Todas as coisas são boas — ¹²Vou expor agora as minhas reflexões, pois estou repleto delas como a lua cheia. ¹³Escutem-me, filhos santos, e cresçam como roseira plantada à beira d'água corrente. ¹⁴Espalhem bom perfume como incenso e floresçam como lírio. Espalhem perfume e entoem um canto, bendizendo ao Senhor por todas as suas obras. ¹⁵Engrandecem o nome do Senhor e proclamem os louvores dele com seus cânticos e cítaras. Vocês o louvarão assim: ¹⁶Como são magníficas todas as obras do Senhor! Todas as suas ordens são executadas pontualmente. Não é preciso dizer: “O que é isto? Por que aquilo?” Todas as coisas serão esclarecidas a seu tempo. ¹⁷A uma ordem dele, a água parou e se juntou e, à sua voz, se formaram os reservatórios de água. ¹⁸Sob sua ordem, tudo o que ele deseja é realizado, e não há quem possa impedir sua obra de salvação. ¹⁹Diante dele estão todas as obras dos homens, e nada consegue esconder-se de seus olhos. ²⁰Seu olhar se estende de eternidade em eternidade, e para ele nada é

extraordinário. ²¹Não é preciso dizer: “O que é isto? Por que aquilo?” Pois todas as coisas foram criadas para uma finalidade. ²²Sua bênção transborda como rio e rega a terra como inundação. ²³Dessa forma, as nações fazem experiência de sua ira, tal e qual como transformou as águas em deserto salgado. ²⁴Seus caminhos são retos para os homens santos, mas para os injustos estão cheios de obstáculos. ²⁵Desde o princípio, as coisas boas foram criadas para os bons, assim como os males foram criados para os pecadores. ²⁶Para a vida do homem, as coisas de primeira necessidade são as seguintes: água, fogo, ferro, sal, farinha de trigo, leite, mel, suco de uva, óleo e roupa. ²⁷Todas essas coisas são boas para os fiéis, mas para os pecadores se tornam más. ²⁸Há ventos que foram criados para castigar e que, enfurecendo, se tornam flagelo. Quando chegar o fim, eles desencadearão sua violência, e aplacarão o furor do seu Criador. ²⁹Fogo e granizo, fome e morte foram criados para castigar. ³⁰Os dentes das feras, os escorpiões, as cobras e a espada vingadora existem para arruinar os injustos. ³¹A uma ordem do Senhor, essas coisas se alegram e estão prontas na terra para qualquer necessidade. No tempo oportuno, não transgredirão a ordem recebida.

³²Por isso, desde o início tive certeza e, depois de refletir, coloquei por escrito: ³³“Todas as obras do Senhor são boas, e ele prevê todas as necessidades no momento certo”. ³⁴Não se pode dizer: “Isto é pior do que aquilo”, porque no momento certo todas as coisas serão reconhecidas como boas. ³⁵Agora, cantem hinos com o coração e com a boca, e bendigam o nome do Senhor. [12-35]

40 *A vida é um absurdo?* — ¹Sorte penosa foi criada para cada homem, e jugo pesado foi dado aos filhos de Adão, desde o dia em que saem do ventre materno até o dia em que voltam para a mãe de todos. ²O objeto de suas reflexões e o temor do seu coração exprimem a espera pelo dia da morte. ³Desde aquele que se assenta em trono glorioso até o mendigo sentado no chão e na cinza; ⁴desde aquele que veste púrpura e coroa até o que se veste com pano grosseiro, tudo é raiva, inveja, ansiedade, inquietação, medo da morte, ressentimento e brigas. ⁵Mesmo quando o homem repousa na cama, o sonho noturno lhe perturba os pensamentos. ⁶Por um pouco, quase nada, ele repousa. Mas no sono, como em pleno dia, fica perturbado pelos fantasmas de sua mente, como quem fugiu da linha de batalha. ⁷No momento em que está para salvar-se, acorda, e fica maravilhado porque não havia nada a temer. ⁸Isso acontece a toda

criatura, desde o homem até o animal, mas para o pecador é sete vezes pior: ⁹morte, sangue, luta, espada, miséria, fome, destruição e flagelos. ¹⁰Tais males foram criados para os injustos, e foi por causa deles que aconteceu o dilúvio. ¹¹Tudo o que vem da terra volta para a terra, e tudo o que vem da água volta para o mar. [40,1-11]

A justiça triunfará — ¹²Todo suborno e injustiça desaparecerão, mas a fidelidade permanecerá para sempre. ¹³A riqueza dos injustos desaparecerá como torrente, como trovão que ribomba no meio da tempestade. ¹⁴Assim como o injusto se alegrará abrindo as mãos, também os transgressores cairão na ruína. ¹⁵Os brotos dos injustos não multiplicarão seus ramos, porque são como raízes impuras sobre pedra dura. ¹⁶São como caniço na margem do rio, à beira d'água, que é arrancado antes de qualquer outra erva. ¹⁷A bondade é como paraíso de bênçãos, e a misericórdia permanece para sempre. [12-17]

O sentido da vida — ¹⁸Doce é a vida de quem é autônomo e do trabalhador. No entanto, mais feliz que os dois é aquele que encontra um tesouro. ¹⁹Os filhos e a fundação de uma cidade perpetuam o nome, porém acima dos dois está a mulher irrepreensível. ²⁰Vinho e música alegram o coração; mas acima dos dois está o amor à sabedoria. ²¹Flauta e harpa tornam agradável o canto, mas acima das duas está a voz melodiosa. ²²A graça e a beleza agradam aos olhos, mas acima delas está o verde dos campos. ²³O amigo e o companheiro são encontrados no momento oportuno, mas acima dos dois está a mulher com o homem. ²⁴Irmãos e ajuda são úteis no tempo da aflição, mas acima dos dois está a esmola que liberta. ²⁵Ouro e prata dão firmeza aos pés, mas acima dos dois estima-se o conselho. ²⁶Riqueza e força engrandecem o coração, mas acima delas está o temor do Senhor. Com o temor do Senhor nada falta, e além dele não é preciso buscar outra ajuda. ²⁷O temor do Senhor é como paraíso de bênçãos, e sua proteção está acima de qualquer glória. [18-27]

Atentado à dignidade humana — ²⁸Meu filho, não viva mendigando, porque é melhor morrer do que mendigar. ²⁹A pessoa que fica olhando para a mesa dos outros tem uma vida que nem se pode chamar de vida. Ela suja a garganta com o alimento alheio, mas o homem sábio e educado evita fazer isso. ³⁰Na boca da pessoa que não tem vergonha, mendigar é agradável. Contudo, no seu ventre, isso lhe queima como fogo. [28-30]

41 *A morte* — ¹Ó morte, como é amarga a sua lembrança para o homem que vive tranquilo entre seus bens, para o homem seguro e afortunado em tudo, e ainda com forças para experimentar o prazer! ²Ó morte, sua sentença é bem-vinda para o homem indigente e sem forças, para o velho em idade avançada e preocupado com tudo, para o rebelde que perdeu a paciência! ³Não tema a sentença da morte. Lembre-se dos que vieram antes de você e dos que virão depois. ⁴Essa é a sentença do Senhor para todo ser vivo. Por que revoltar-se contra a vontade do Altíssimo? Quer você viva dez, cem, ou mil anos, na mansão dos mortos ninguém ficará discutindo sobre a vida. [41,1-4]

Os injustos envergonham os próprios filhos — ⁵Os filhos dos pecadores tornam-se filhos abomináveis, que frequentam a casa dos injustos. ⁶A herança dos filhos dos pecadores acabará em ruína, e a desonra ficará para sempre com a descendência deles. ⁷Os filhos censuram um pai injusto, porque é por causa deste que eles sofrem a desonra. ⁸Ai de vocês, homens injustos, que abandonaram a Lei do Deus Altíssimo! ⁹Vocês nasceram, mas foi para a perdição. Na hora da morte, vocês vão ter como herança a perdição. ¹⁰Tudo o que vem da terra voltará para a terra, e os injustos irão da maldição para a ruína.

¹¹Os homens fazem luto por um cadáver, mas o nome maldito dos pecadores será apagado. ¹²Cuide bem do seu próprio nome, pois ele acompanhará você mais do que mil tesouros preciosos. ¹³Mesmo a vida feliz tem seus dias contados, mas o bom nome permanece para sempre. [5-13]

Não sentir vergonha de ser justo — ¹⁴Meus filhos, conservem a instrução em paz, pois a sabedoria escondida e o tesouro invisível não servem para nada. ¹⁵Mais vale o homem que esconde a sua insensatez do que o homem que esconde a sua sabedoria.

¹⁶Envergonhem-se apenas nos casos que vou dizer, porque não é bom cultivar qualquer tipo de vergonha, nem tudo é igualmente apreciado por todos. ¹⁷Envergonhem-se da prostituição diante dos pais, e da mentira diante de um chefe e de um poderoso. ¹⁸Envergonhem-se de um crime diante do juiz e do magistrado, e da injustiça diante da assembleia e do povo. ¹⁹Envergonhe-se da deslealdade diante do companheiro e do amigo, e do roubo diante da vizinhança onde você mora. ²⁰Envergonhe-se diante da fidelidade de Deus e da aliança dele,

por apoiar os cotovelos sobre os pães; ²¹por ser desdenhoso ao receber ou dar alguma coisa; por ficar em silêncio diante de quem o cumprimenta; ²²por dirigir olhares para uma prostituta; por evitar o encontro com um parente; ²³por apropriar-se de uma herança ou doação; por dirigir olhares cobiçosos para a mulher casada; ²⁴por ter intimidades com uma escrava — não se aproxime do leito dela —; ²⁵por dizer palavras ofensivas aos amigos — não ofenda ninguém depois de lhe ter dado alguma coisa —; ²⁶por repetir uma palavra que você ouviu; por revelar segredos. ²⁷Dessa forma, você terá a verdadeira vergonha e será estimado por todos.

42¹Contudo, não sinta vergonha das seguintes coisas, e não peque por respeito humano. ²Não se envergonhe da Lei do Altíssimo, nem da Aliança, nem do julgamento que condena os injustos. ³Não se envergonhe de fazer as contas com companheiros ou colegas de viagem, nem de partilhar a herança com outras pessoas. ⁴Não se envergonhe da exatidão da balança e dos pesos, nem de adquirir muito ou pouco. ⁵Não se envergonhe de discutir o preço com o comerciante, nem de corrigir os filhos com severidade, nem de ensanguentar as costas do escravo preguiçoso. ⁶Com a mulher curiosa é bom lacrar os documentos, e use a chave onde houver muitas mãos. ⁷Conte e pese bem tudo o que você deixar em depósito, e anote por escrito tudo o que der ou receber. ⁸Não se envergonhe de corrigir o insensato, o imbecil e o velho decrépito que tenta competir com os jovens. Dessa forma, você mostrará que é verdadeiramente instruído, e será aprovado por todos. [\[41,14-42,8\]](#)

A mulher é uma ameaça? — ⁹A filha é para o pai uma preocupação secreta, e o cuidado por ela tira o sono dele: quando jovem, que ela não passe do tempo de se casar e, quando casada, que não seja repudiada; ¹⁰se é virgem, que não seja violada e não fique grávida ainda na casa do pai; se tem marido, que não erre e, quando casada, que não seja estéril.

¹¹Vigie bem a filha audaciosa, para que ela não torne você objeto da zombaria dos inimigos, assunto da cidade, chacota do povo, envergonhando você diante de todos.

¹²Não se detenha na beleza de um ser humano, nem se assente no meio das mulheres, ¹³porque da roupa sai a traça, e da mulher a malícia feminina. ¹⁴É melhor a maldade do homem do que a bondade da mulher: a mulher cobre de

vergonha e chega a expor ao insulto. [42,9-14]

III. A GRANDEZA E A SABEDORIA DE DEUS

1. No universo

O universo espelha a sabedoria de Deus — ¹⁵Vou recordar agora as obras do Senhor e contar tudo o que vi. Com suas palavras, o Senhor fez as suas obras.

¹⁶O sol brilha, iluminando todas as coisas, e a obra do Senhor está cheia de sua glória. ¹⁷Nem mesmo os santos do Senhor são capazes de contar todas as maravilhas dele, tudo aquilo que o Senhor Todo-poderoso estabeleceu, para que o universo se consolidasse na glória de Deus. ¹⁸Ele sonda o abismo e o coração, e penetra todos os segredos deles. O Altíssimo conhece toda a ciência e observa os sinais dos tempos, ¹⁹anunciando as coisas passadas e futuras e revelando os vestígios das coisas escondidas. ²⁰Nenhum pensamento lhe escapa e nenhuma palavra lhe fica escondida. ²¹Ele dispôs em ordem as maravilhas de sua sabedoria, porque só ele existe desde sempre e para sempre. Nada lhe pode ser acrescentado e nada lhe pode ser tirado, e ele não precisa do conselho de ninguém.

²²Como são agradáveis todas as suas obras, ainda que delas se veja apenas uma faísca! ²³Todas essas coisas vivem e permanecem para sempre em todas as necessidades, e todas lhe obedecem. ²⁴Todas as coisas existem aos pares, uma diante da outra, e ele não fez nada incompleto. ²⁵Uma coisa completa a bondade da outra, e ninguém se cansa de contemplar a glória de Deus.

43 ¹O orgulho das alturas é o firmamento límpido; o espetáculo do céu é uma visão de glória.

²Ao aparecer no horizonte, o sol proclama: “Como a obra do Altíssimo é maravilhosa!” ³Ao meio-dia, ele seca a terra, e ninguém pode resistir ao seu calor. ⁴Nós atizamos a fornalha para produzir calor, mas o sol queima as montanhas três vezes mais, exalando vapores quentes, dardejando seus raios e deslumbrando os olhos. ⁵Grande é o Senhor que o fez, e a palavra dele o faz ir mais depressa.

⁶Também a lua é exata em suas fases, regulando as datas e marcando o tempo. ⁷Da lua depende a indicação das festas, e vai diminuindo a claridade até desaparecer. ⁸É dela que o mês recebe o nome, enquanto ela cresce admiravelmente segundo suas fases. Ela é a bandeira dos exércitos celestes,

brilhando no firmamento do céu.

⁹Beleza do céu é o brilho dos astros, enfeite luminoso nas alturas do Senhor.

¹⁰Eles se comportam conforme as ordens do Santo; jamais abandonam o seu posto de guarda.

¹¹Contemple o arco-íris e bendiga aquele que o fez. Ele é magnífico em seu esplendor. ¹²Cinge o céu com um círculo de glória, estendido pelas mãos do Altíssimo.

¹³Com sua ordem, o Senhor faz cair a neve e lança os raios do seu julgamento.

¹⁴Assim se abrem seus depósitos, e as nuvens voam como pássaros. ¹⁵Com poder ele condensa as nuvens, que se fragmentam em pedras de granizo.

¹⁶Quando aparece, os montes se abalam, e por sua vontade sopra o vento do sul.

¹⁷O estrondo do seu trovão faz a terra tremer, assim como o furacão do norte e os ciclones. ¹⁸Ele faz descer a neve como pássaros que pousam, e a sua queda é como a dos gafanhotos. O olho admira a beleza de sua brancura, e o coração se extasia ao vê-la caindo. ¹⁹Ele derrama sobre a terra a geada como sal, que gela formando pontas de espinho. ²⁰O vento frio do norte sopra, e o gelo se forma sobre a água, pousa sobre a água parada, e a reveste como couraça. ²¹Esse vento devora as montanhas e abrasa o deserto, consumindo como fogo o verde das plantas. ²²A névoa úmida do orvalho, depois do verão, traz alegria.

²³Com sua palavra, o Senhor domesticou o oceano, e aí plantou as ilhas. ²⁴Os navegantes falam do perigo do mar, e nós ficamos espantados com o que ouvimos: ²⁵ai existem coisas estranhas e maravilhosas, animais de toda espécie e monstros marinhos. ²⁶Graças ao Senhor, o seu mensageiro chega a bom porto, e por sua palavra tudo se ajusta. [42,15-43,26]

Deus se espelha no universo — ²⁷Poderíamos falar muitas coisas e nunca terminaríamos. Mas, para concluir, podemos dizer: “Ele é tudo”. ²⁸Como poderíamos encontrar forças para louvá-lo? Ele é o Grande, e está acima de todas as suas obras. ²⁹O Senhor é terrível e soberanamente imenso, e o seu poder é maravilhoso. ³⁰Glorifiquem e exaltem o Senhor o quanto puderem, porque ele estará sempre mais alto. Ao exaltá-lo, multipliquem a própria força, e não se cansem, porque nunca chegarão ao fim. ³¹Quem o contemplou, para poder descrevê-lo? Quem o louvará como ele merece? ³²Ainda há muitos mistérios maiores do que esses, pois contemplamos poucas coisas de suas obras. ³³De fato, o Senhor criou todas as coisas, e aos seus fiéis deu a sabedoria. [43,27-33]

2. Na história

44 *Recordando a história* — ¹Vamos fazer o elogio dos homens ilustres, nossos antepassados através das gerações. ²O Senhor neles criou imensa fama, pois mostrou sua grandeza desde os tempos antigos. ³Alguns exerceram autoridade de rei e ganharam fama por seus feitos. Outros, por sua inteligência, se tornaram conselheiros, e fizeram revelações proféticas. ⁴Uns guiaram o povo com suas decisões, compreendendo os costumes de sua gente e tendo palavras sábias para instruí-la. ⁵Outros compuseram cânticos melódiosos e escreveram narrativas poéticas. ⁶Outros ainda foram ricos e cheios de poder, vivendo na paz em suas casas. ⁷Todos, porém, foram honrados por seus contemporâneos e glorificados enquanto viviam. ⁸Alguns deixaram o nome, que ainda é lembrado com elogios. ⁹Outros não deixaram nenhuma lembrança e desapareceram como se não tivessem existido. Foram-se embora como se nunca tivessem estado aqui, tanto eles como os filhos que tiveram.

¹⁰Mas aqueles que vamos lembrar foram homens de bem, cujos atos de justiça não foram esquecidos. ¹¹Na sua descendência, eles têm uma rica herança, que é a sua posteridade. ¹²Seus descendentes permanecem fiéis às alianças, e graças a eles também seus netos. ¹³A descendência deles permanecerá para sempre, e sua fama jamais se apagará. ¹⁴Seus corpos foram sepultados em paz, e o nome deles viverá através das gerações. ¹⁵Os povos proclamarão a sabedoria deles, e a assembleia celebrará o seu louvor.

Henoc — ¹⁶Henoc agradou ao Senhor e foi arrebatado, tornando-se modelo de conversão para as gerações.

Noé — ¹⁷Noé foi reconhecido como homem perfeito e justo, e no tempo da ira assegurou a reconciliação: por meio dele, um resto sobreviveu na terra, quando aconteceu o dilúvio. ¹⁸Alianças eternas foram firmadas com ele, para que os seres não fossem mais destruídos por um dilúvio.

Abraão — ¹⁹Abraão foi o grande pai de muitos povos, e ninguém teve fama semelhante à dele. ²⁰Observou a Lei do Altíssimo e com ele fez uma aliança. Estabeleceu essa aliança em sua própria carne e, quando provado, foi encontrado fiel. ²¹Por isso, Deus lhe prometeu com juramento abençoar os povos que dele

nasceriam, e multiplicá-lo como o pó da terra, exaltando sua descendência como os astros. Prometeu dar-lhe como herança o país que se estende de um mar a outro, desde o rio Eufrates até as extremidades da terra.

Isaac e Jacó — ²²Também a Isaac foi feita a mesma promessa, por causa de seu pai Abraão. ²³Deus fez pousar sobre a cabeça de Jacó a bênção de todos os homens e a aliança. Com suas bênçãos, Deus o confirmou e lhe deu o país em herança, e o dividiu em várias partes, distribuindo-as entre as doze tribos.

45 Moisés — ¹De fato, Deus fez surgir de Jacó um homem de bem, que foi estimado por todos, amado por Deus e pelos homens: foi Moisés, cuja lembrança é uma bênção. ²Deus o tornou glorioso como os santos e o engrandeceu, provocando temor entre os inimigos. ³Pela palavra de Moisés, ele fez cessar os prodígios, e Deus o glorificou diante dos reis. Deu-lhe os mandamentos para o seu povo e lhe mostrou uma parte da sua glória. ⁴Ele o consagrou pela fidelidade e mansidão dele, e o escolheu dentre todos os viventes. ⁵Fez que ele ouvisse a sua voz e o introduziu na nuvem escura. Deu-lhe pessoalmente os mandamentos, a lei da vida e da inteligência, para que ensinasse sua aliança a Jacó e seus decretos a Israel.

Aarão — ⁶O Senhor elevou Aarão, santo como Moisés, seu irmão da tribo de Levi. ⁷Estabeleceu com ele uma aliança eterna e lhe entregou o sacerdócio do povo. Honrou-o com ornamentos esplêndidos e o cobriu com veste gloriosa. ⁸Revestiu-o com toda a magnificência e o cingiu com ricos ornamentos, calções, túnicas e o efod. ⁹Rodeou sua veste com romãs e numerosas campainhas de ouro, para que elas tilintassem a cada passo, a fim de que o som fosse ouvido no santuário como aviso para os filhos do seu povo. ¹⁰Enfeitou-o com veste sagrada, feita de ouro, de púrpura violeta e escarlata, obra de artista. Confiou-lhe o peitoral do julgamento com as sortes da verdade, feito de carmesim retorcido, obra de tecelão. ¹¹Nesse peitoral havia pedras preciosas gravadas em forma de selo e engastadas em ouro, obra de joalheiro, como memorial com as palavras gravadas, segundo o número das tribos de Israel. ¹²Sobre o turbante, trazia uma coroa de ouro, na qual estava gravada a inscrição sagrada, uma insígnia de honra, obra magnífica, um enfeite que delicia os olhos. ¹³Antes dele, ninguém viu coisa parecida e nenhum estrangeiro jamais usou coisa igual; foi reservada apenas a seus filhos e a seus descendentes para sempre. ¹⁴Os sacrifícios

oferecidos por ele se consumam inteiramente duas vezes por dia, sem interrupção. ¹⁵Moisés consagrou as mãos dele e o ungiu com o óleo santo. Isso tornou-se uma aliança eterna para ele e para os seus descendentes, enquanto o céu durar, para que eles presidam o culto, exerçam o sacerdócio e abençoem o povo em nome do Senhor. ¹⁶O Senhor o escolheu dentre todos os viventes, para que oferecesse a Deus sacrifícios, incenso e perfume, como memorial, e para que fizesse o sacrifício pelo pecado em favor do seu povo. ¹⁷Confiou-lhe os seus mandamentos e o poder sobre as disposições legais, para ensinar seus testemunhos a Jacó, e iluminar Israel com a sua Lei. ¹⁸Os estrangeiros se reuniram contra ele e o invejaram no deserto: homens de Datã e de Abiram, e o odioso e violento bando de Coré. ¹⁹O Senhor viu isso e ficou indignado, e eles foram aniquilados pelo furor da sua ira. Realizou prodígios contra eles e os consumiu com a chama do seu fogo. ²⁰O Senhor aumentou a glória de Aarão e lhe deu um patrimônio: destinou para ele as ofertas dos primeiros frutos e principalmente pão em abundância. ²¹De fato, eles se alimentam das vítimas oferecidas ao Senhor, dadas a ele e aos seus descendentes. ²²Todavia, ele não recebeu uma propriedade na terra do povo, nem lhe foi dada uma parte no meio do povo, pois o Senhor é a sua parte e a sua herança.

Fineias — ²³Fineias, filho de Eleazar, é o terceiro em glória. Mostrou-se zeloso no temor do Senhor, mantendo-se fiel quando o povo se revoltou. Ele interveio com generosa coragem e obteve o perdão para Israel. ²⁴Por isso, foi estabelecida com ele uma aliança de paz, para que presidisse o santuário e o povo. A ele e aos seus descendentes foi reservada a dignidade do sacerdócio para sempre. ²⁵Houve também uma aliança com Davi, filho de Jessé, da tribo de Judá: a sucessão do rei passava do pai para um de seus filhos, mas a sucessão de Aarão passa para todos os seus descendentes. ²⁶Que o Senhor infunda a sabedoria no coração de vocês, sacerdotes, a fim de que governem o povo com justiça e os bens dos antepassados não desapareçam e a glória deles passe para seus descendentes.

46 ***Josué*** — ¹Valente na guerra foi Josué, filho de Nun, sucessor de Moisés na atividade profética. Conforme o significado do seu nome, ele foi grande para a salvação dos escolhidos do Senhor, castigando os inimigos revoltados e instalando Israel em seu território. ²Como ele era glorioso quando levantava os braços e manejava a espada contra as cidades! ³Antes dele, quem foi assim tão firme? Ele chefiava as guerras do Senhor. ⁴Não foi pela ordem dele que o sol

parou e um dia se transformou em dois? ⁵Ele invocou o Altíssimo poderoso, quando os inimigos o comprimiam de todos os lados. O grande Senhor o atendeu, lançando pedras de granizo com grande força. ⁶Ele caiu sobre a nação inimiga, e na encosta destruiu os adversários, para que as nações reconhecessem a força de suas armas e que a sua guerra era liderada pelo Senhor.

Caleb — ⁷Josué permaneceu fiel ao Todo-poderoso e, no tempo de Moisés, agiu com fidelidade. Junto com Caleb, filho de Jefoné, resistiu à multidão, impediu que o povo pecasse e fez desaparecer a murmuração perversa. ⁸Só eles dois foram poupados entre seiscentos mil homens de infantaria, para introduzir Israel na sua herança, na terra onde corre leite e mel. ⁹O Senhor concedeu a Caleb a força que permaneceu com ele até a velhice. Ele subiu as colinas do país, que a sua descendência conservou como herança, ¹⁰a fim de que todos os filhos de Israel soubessem que é bom seguir o Senhor.

Os juízes — ¹¹Depois vêm os juízes, cada um com seu nome, homens que não se deixaram seduzir, nem se afastaram do Senhor. Bendita seja a memória deles! ¹²Que seus ossos refloresçam em seus túmulos e o nome deles se perpetue em seus filhos, porque eles já foram glorificados.

Samuel — ¹³Samuel foi amado pelo seu Senhor, do qual era profeta. Ele instituiu a monarquia e consagrou chefes do seu povo. ¹⁴Governou a comunidade conforme a Lei do Senhor, e o Senhor visitou Jacó. ¹⁵Por sua fidelidade, mostrou que era profeta, e por suas palavras foi reconhecido como verdadeiro vidente. ¹⁶Quando os inimigos o comprimiam de todos os lados, ele invocou o Senhor Todo-poderoso, oferecendo um cordeiro recém-nascido. ¹⁷Então, do céu o Senhor trovejou e, com forte estrondo, fez ouvir a sua voz, ¹⁸aniquilando os chefes do inimigo e todos os príncipes dos filisteus. ¹⁹Antes da hora de repousar para sempre, deu testemunho diante do Senhor e do seu ungido: “Nem dinheiro, nem sandálias eu tomei de quem quer que seja”. E ninguém ousou acusá-lo. ²⁰Mesmo depois de sua morte, ele profetizou, predizendo ao rei o seu fim. Mesmo do sepulcro, ele levantou a voz, numa profecia, para apagar a injustiça do povo.

47 Natã — ¹Depois disso, surgiu Natã, que profetizou no tempo de Davi.

Davi — ²Da mesma forma que se separa a gordura no sacrifício de comunhão,

assim Davi foi separado dos filhos de Israel. ³Ele brincou entre leões como se estivesse no meio de cabritos, e se divertiu com ursos como se fossem cordeiros. ⁴Ainda jovem, ele matou o gigante, e tirou do povo a humilhação, quando atirou a pedra com a funda e abateu a arrogância de Golias. ⁵Ele invocou o Senhor Altíssimo, que deu força à sua mão direita, para eliminar um guerreiro valente e reerguer a honra do seu povo. ⁶Então o exaltaram pelos seus dez mil e o louvaram pelas bênçãos do Senhor, oferecendo-lhe uma coroa de glória. ⁷Porque ele exterminou os inimigos vizinhos, aniquilou os filisteus inimigos e abateu para sempre o poder deles. ⁸Em todas as suas obras, ele glorificou o Santo Altíssimo com palavras de louvor. Cantou hinos de todo o coração e amou aquele que o havia criado. ⁹Colocou diante do altar tocadores de harpa, para embelezar os cânticos com o som da música. ¹⁰Assim, deu esplendor às festas e embelezou com perfeição as solenidades, fazendo louvar o santo nome do Senhor e enchendo de harmonia o santuário desde o amanhecer. ¹¹O Senhor perdoou os pecados que ele cometeu e elevou o seu poder para sempre, concedendo-lhe uma aliança real e um trono glorioso em Israel.

Salomão — ¹²Depois de Davi, surgiu um filho sábio que, graças ao pai, teve um vasto reino. ¹³Salomão reinou em tempo de paz, e Deus lhe concedeu tranquilidade nos arredores. Isso a fim de que ele construísse uma casa para o nome do Senhor e lhe preparasse um santuário eterno. ¹⁴Como você foi sábio na juventude e transbordou de inteligência como um rio! ¹⁵Sua fama recobriu a terra, e você a encheu de sentenças enigmáticas! ¹⁶Seu nome chegou até às ilhas distantes, e você foi amado em sua paz. ¹⁷Todo o mundo admirou você por seus cânticos, provérbios, sentenças e respostas. ¹⁸Em nome do Senhor Deus, que se chama Deus de Israel, você acumulou ouro como estanho e multiplicou a prata como chumbo. ¹⁹Mas você entregou seu corpo a mulheres, deixando que elas o dominassem. ²⁰Assim, você manchou a sua glória e profanou a sua descendência, a ponto de atrair sobre seus filhos a ira divina, fazendo-os sofrer com a sua loucura. ²¹O reino foi dividido em dois, e instalou-se em Efraim um reino rebelde. ²²Mas o Senhor não renunciou à sua misericórdia e não cancelou nenhuma de suas promessas. Não deixou perecer a posteridade do seu eleito, nem destruiu a descendência daquele que o tinha amado. Concedeu um resto a Jacó, e a Davi uma raiz que dele nasceu.

Roboão — ²³Salomão repousou com seus antepassados e deixou depois de si um descendente. Foi Roboão, o mais louco do povo e sem qualquer bom senso. Esse, com sua decisão, fez o povo se revoltar.

Jeroboão — ²⁴Jeroboão, filho de Nabat, fez Israel pecar e ensinou a Efraim o caminho do pecado. Dessa forma, os pecados de Efraim se multiplicaram tanto, que foi exilado para longe do seu país. ²⁵Cometeram todo tipo de mal, até que o castigo caiu sobre eles.

48 Elias — ¹Então surgiu o profeta Elias como um fogo, e a sua palavra queimava como tocha. ²Fez vir contra eles a fome e, por causa de seu zelo, os reduziu a pequeno número. ³Por ordem do Senhor, ele fechou o céu e, por três vezes, fez descer o fogo. ⁴Elias, como você se tornou famoso com seus prodígios! Quem pode orgulhar-se de ser igual a você? ⁵Você fez um homem se levantar da morte e sair do mundo dos mortos, por ordem do Altíssimo. ⁶Você levou reis à ruína e tirou do leito homens ilustres. ⁷Você ouviu censuras no Sinai e decretos de vingança no Horeb. ⁸Você ungiu reis como vingadores, e profetas para lhe sucederem. ⁹Você foi arrebatado num turbilhão de fogo, num carro puxado por cavalos de fogo. ¹⁰Nas ameaças para os tempos futuros, você foi designado para apaziguar a ira antes do furor, a fim de reconduzir o coração dos pais até os filhos e restabelecer as tribos de Jacó. ¹¹Felizes aqueles que viram você e os que adormeceram no amor, porque nós também possuiremos a vida.

Eliseu — ¹²Quando Elias foi envolvido pelo turbilhão, Eliseu ficou repleto do espírito dele. Durante a vida, Eliseu não tremeu diante dos poderosos, e ninguém conseguiu dominá-lo. ¹³Nada era difícil demais para ele e, mesmo morto, ainda profetizou. ¹⁴Durante a vida realizou prodígios e, depois de morto, suas obras foram maravilhosas.

¹⁵Apesar de tudo, o povo não se converteu, nem renunciou a seus pecados, até que foi exilado de sua pátria e disperso por toda a terra.

Ezequias — ¹⁶Restou apenas um povo pouco numeroso e um chefe da família de Davi. Alguns deles fizeram o que Deus aprova, mas outros multiplicaram os pecados.

¹⁷Ezequias fortificou a sua cidade e conduziu água para dentro dela. Cavou

com ferro um canal na rocha e construiu reservatórios de água. ¹⁸No seu tempo, Senaquerib fez uma expedição de guerra e enviou Rabsaces. Este partiu e levantou a mão contra Sião, vangloriando-se em seu orgulho. ¹⁹Então os corações e mãos estremeceram e ficaram sofrendo como as mulheres em dores de parto. ²⁰Invocaram o Senhor misericordioso e estenderam as mãos para ele. Do céu, o Santo os escutou imediatamente e os libertou por meio de Isaías. ²¹O Senhor feriu o acampamento dos assírios, e seu anjo os exterminou.

Isaías — ²²Ezequias fez o que o Senhor aprova, e seguiu com firmeza os caminhos de seu pai Davi, conforme lhe ordenou Isaías, o profeta grande e verdadeiro em suas visões. ²³No seu tempo, o sol recuou, e ele prolongou a vida do rei. ²⁴Com grande inspiração, viu o fim dos tempos e consolou os aflitos de Sião. ²⁵Revelou o que vai acontecer até o fim dos tempos, e as coisas ocultas antes de acontecerem.

49 **Josias** — ¹A lembrança de Josias é mistura de incenso, preparada pela arte do perfumista; é como o mel, que é doce em todas as bocas, ou a música num banquete. ²Ele se dedicou à conversão do povo e eliminou as abominações da injustiça. ³Dirigiu seu coração para o Senhor e, em tempo de injustiça, fez prevalecer a fidelidade.

Jeremias — ⁴Exceto Davi, Ezequias e Josias, todos os reis cometeram pecados. Os reis de Judá desapareceram porque abandonaram a Lei do Altíssimo. ⁵Eles entregaram seu poder a outros e sua riqueza para uma nação estrangeira. ⁶Os inimigos incendiaram a cidade santa escolhida e tornaram desertas as suas ruas. ⁷Isso aconteceu conforme a palavra de Jeremias, a quem eles maltrataram, embora tivesse sido consagrado profeta desde o seio materno, para arrancar, destruir e arruinar, mas também para construir e plantar.

Ezequiel — ⁸Ezequiel contemplou uma visão da Glória, que Deus lhe mostrou sobre o carro dos querubins. ⁹Deus se lembrou dos inimigos, mandando a tempestade, mas salvou aqueles que andam por caminhos retos.

Os doze profetas — ¹⁰Quanto aos doze profetas, que seus ossos floresçam no sepulcro, porque eles consolaram Jacó e com sua confiante esperança o resgataram.

Zorobabel e Josué — ¹¹Como fazer o elogio de Zorobabel? Ele é como o sinete na mão direita. ¹²O mesmo se diga de Josué, filho de Josedec. Os dois, em sua época, reconstruíram o Templo e ergueram ao Senhor um templo santo, destinado a uma glória eterna.

Neemias — ¹³Também a memória de Neemias é grande. Ele reconstruiu para nós as muralhas que estavam em ruínas, instalou portas e ferrolhos, e reergueu nossas casas.

Recapitulação — ¹⁴Ninguém na terra foi criado igual a Henoc, pois ele foi arrebatado da terra. ¹⁵Também não nasceu outro homem como José, que foi chefe dos irmãos e sustentáculo do povo. Até mesmo seus ossos receberam honras. ¹⁶Sem e Set foram glorificados entre os homens, mas acima de qualquer outra criatura viva está Adão.

50 *O sumo sacerdote Simão* — ¹Simão, filho de Onias, o sumo sacerdote, durante a vida restaurou o templo e, em sua época, fortificou o santuário. ²Ele mesmo colocou os alicerces do edifício duplo, o alto contraforte da muralha do templo. ³No seu tempo, foi cavado o reservatório de água, um tanque grande como o mar. ⁴Preocupado em evitar a ruína do seu povo, ele fortificou a cidade contra a possibilidade de um cerco. ⁵Como ele era majestoso, cercado pelo povo, quando saía do santuário por trás da cortina! ⁶Ele era como a estrela da manhã entre as nuvens, como a lua nos dias em que está cheia! ⁷Era como o sol fulgurante sobre o templo do Altíssimo, como o arco-íris brilhando entre nuvens de glória! ⁸Era como a rosa na primavera, como lírio junto da água corrente, como ramo de árvore de incenso no verão! ⁹Era como fogo e incenso no turíbulo, como vaso de ouro maciço ornado com todo tipo de pedras preciosas! ¹⁰Era como oliveira carregada de frutos e como cipreste elevando-se até as nuvens! ¹¹Como ele era majestoso quando vestia os paramentos solenes e usava seus enfeites mais belos! Quando subia ao altar sagrado e enchia de glória todo o santuário! ¹²Como era majestoso ao receber das mãos dos sacerdotes as porções do sacrifício, de pé, junto ao braseiro do altar, cercado de uma coroa de irmãos, como brotos de cedros do Líbano, que o rodeavam como troncos de palmeiras! ¹³Todos os descendentes de Aarão, em seu esplendor, traziam nas mãos a oferta para o Senhor, e se mantinham diante de toda a assembleia de Israel. ¹⁴Terminando a liturgia sobre os altares e para tornar mais bela a oferta ao

Altíssimo Todo-poderoso, ¹⁵Simão estendia a mão sobre a taça e fazia a libação com suco de uva, derramando-o sobre as bases do altar, como perfume agradável ao Altíssimo, Rei do universo. ¹⁶Nesse momento, os descendentes de Aarão aclamavam, tocavam as trombetas de metal maciço, fazendo ouvir um som possante como memorial diante do Altíssimo. ¹⁷Então, imediatamente, todo o povo se prostrava junto com ele, com o rosto por terra, para adorar o Senhor, o Deus Todo-poderoso e Altíssimo. ¹⁸Os cantores entoavam cantos de louvor, e o seu canto era acompanhado por música melodiosa. ¹⁹O povo suplicava ao Senhor Altíssimo, dirigindo orações ao Misericordioso, até que terminasse o culto do Senhor e acabasse a cerimônia. ²⁰Nessa hora, Simão descia do altar e estendia as mãos sobre toda a assembleia de Israel, para dar a bênção do Senhor em alta voz e ter a honra de pronunciar o seu Nome. ²¹Então o povo se prostrava de novo, para receber a bênção do Altíssimo.

Convite ao louvor — ²²E agora, bendigam o Deus do universo, que realiza por toda parte coisas grandiosas. Ele exaltou os nossos dias desde o seio materno e age conosco segundo a sua misericórdia. ²³Que ele nos dê um coração alegre e conceda a paz aos nossos dias em Israel, para todo o sempre. ²⁴Que a sua misericórdia permaneça fielmente conosco, e nos resgate enquanto vivermos.

Contra os estrangeiros — ²⁵Há duas nações que eu detesto, e uma terceira que sequer é nação: ²⁶os habitantes da montanha de Seir, os filisteus e o povo idiota que habita em Siquém. [44,1-50,26]

Conclusão do livro — ²⁷Jesus, filho de Sirac, neto de Eleazar de Jerusalém, gravou neste livro uma instrução de sabedoria e ciência, derramando como chuva a sabedoria do seu coração. ²⁸Feliz o homem que medita nessas coisas, pois quem as coloca no coração se tornará sábio. ²⁹Se as colocar em prática, será forte em tudo, porque a luz do Senhor é o seu caminho. [50,27-29]

IV. APÊNDICE

51 *Deus liberta da morte* [51,1-30] — ¹Eu te agradeço, Senhor Rei, e te louvo, meu Deus Salvador, glorificando o teu nome, ²porque foste para mim um protetor e socorro, e libertaste meu corpo da perdição, do laço da língua caluniadora e dos lábios que produzem a mentira. Na presença dos meus adversários, tu foste meu apoio e me libertaste, ³conforme a grandeza da tua misericórdia e do teu Nome, das mordidas daqueles que estavam prestes a me devorar. Tu me livraste das mãos dos que procuravam tirar-me a vida e das numerosas provas que sofri. ⁴Tu me livraste do fogo que me rodeava, de um fogo que não acendi, ⁵das profundas entranhas do mundo dos mortos, da língua impura, da palavra mentirosa. ⁶Uma calúnia de uma língua injusta tinha chegado junto ao rei. Minha alma esteve perto da morte e minha vida chegou junto à porta do mundo dos mortos. ⁷Por todos os lados me rodeavam, e não havia quem me ajudasse. Procurei pelo socorro dos homens, mas foi inútil. ⁸Então me lembrei da tua misericórdia, Senhor, e das tuas obras feitas desde a eternidade, porque tu libertas os que esperam em ti e os salvas da mão dos inimigos. ⁹Fiz subir da terra a minha oração, e pedi para ser libertado da morte. ¹⁰Invoquei o Senhor, Pai do meu senhor: “Não me abandones no dia da provação, no tempo do abandono causado pelos orgulhosos. Mas eu vou louvar para sempre o teu Nome e cantar para ti hinos de agradecimento”. ¹¹Minha súplica foi atendida, e tu me salvaste da ruína, livrando-me do tempo mau. ¹²Por isso, eu te agradeço e te louvo, bendizendo o nome do Senhor. [1-12]

Convite à busca da sabedoria — ¹³Na minha juventude, antes de viajar, em minha oração procurei abertamente a sabedoria. ¹⁴Diante do santuário, eu a pedi, e até o fim vou procurá-la. ¹⁵Meu coração se alegrava em sua flor, como na uva que amadurece. Meu pé andou pelo caminho reto, e segui suas pegadas desde a juventude. ¹⁶Inclinei um pouco o ouvido para recebê-la, e acabei encontrando ensinamento abundante. ¹⁷Com ela fiz progressos, e por isso vou agradecer a quem me concedeu a sabedoria. ¹⁸Sim, eu resolvi colocá-la em prática, e procurei ardentemente o bem, e não serei confundido. ¹⁹Minha alma lutou para possuir a sabedoria e observei atentamente a Lei. Estendi minhas mãos para o alto, deplorando a minha ignorância. ²⁰Para ela dirigi o meu desejo, e a encontrei na pureza. Com ela, desde o princípio, adquiri inteligência, e por isso não serei

abandonado. ²¹Minhas entranhas se comoveram quando eu a procurava, e por isso adquirir um bem precioso. ²²Como recompensa, o Senhor me deu língua e, com ela, eu o louvarei.

²³Aproximem-se de mim, vocês que não têm instrução, e entrem para a minha escola. ²⁴Por que vocês pretendem privar-se dessas coisas, quando a alma de vocês tem sede delas? ²⁵Abro a boca e proclamo: “Comprem a sabedoria sem dinheiro. ²⁶Coloquem o pescoço debaixo do seu jugo e acolham a sua instrução. Ela está próxima, e pode ser encontrada. ²⁷Vejam com seus próprios olhos como trabalhei pouco, e acabei encontrando profundo repouso. ²⁸Comprem instrução, mesmo que seja com muito dinheiro, pois com ela vocês vão ganhar ouro em abundância. ²⁹Que vocês se alegrem com a misericórdia do Senhor, e não se envergonhem de louvá-lo. ³⁰Realizem o trabalho de vocês antes do tempo fixado, e ele dará a vocês a recompensa na hora certa”. [13-30]

NOTAS

[*] **Prólogo:** O trecho não é considerado parte integrante do livro, mas fornece alguns dados interessantes. Nesse tempo, o Antigo Testamento já se encontrava praticamente concluído, e compreendia três partes: a Lei (Pentateuco), os Profetas (livros históricos e proféticos) e os Escritos (sapienciais). O livro de Jesus Ben Sirac comprova a tendência já então existente de reler e comentar os textos antigos.

[1,1-8] A sabedoria se origina em Deus, que a derrama em toda a criação, como segredo do projeto divino. O homem começa a compreender o sentido do universo e da história quando se compromete com Deus e seu projeto. Cf. nota em Pr 8,22-36.

[9-18] Sobre o *temor do Senhor*, cf. notas em Pr 1,2-7 e 3,1-12.

[19-21] Primeiro fruto da sabedoria é a paciência, que leva o homem a se controlar, esperando pelo momento oportuno.

[22-29] A suprema sabedoria que Deus concede a seu povo é a Lei, onde estão as normas fundamentais para seguir o caminho da justiça.

[2,1-18] Numa sociedade penetrada por inumeráveis projetos idolátricos, a perseverança na fé implica muitos sofrimentos e provações. A grande tentação

consiste em abandonar a fidelidade a Deus e ao seu projeto, para pagar o alto preço de “viver em paz”.

[3,1-16] É um comentário ao quarto mandamento do Decálogo. O respeito e o cuidado para com os pais preservam a consciência viva da identidade de um povo.

[17-28] A maior sabedoria é ter consciência dos próprios limites e manter-se aberto à manifestação do mistério. Nesse sentido, vale a pena relembrar o que São Paulo diz em 1Ts 5,19-21.

[3,29-4,10] Quem pode resistir ao olhar do pobre? Com o olhar, ele desmascara a estrutura injusta de uma sociedade, da qual podemos estar sendo cúmplices e, com sua palavra, ele pronuncia a sentença que nos absolve ou condena diante do próprio Deus.

[4,11-19] A melhor educadora do homem é a sabedoria, que o faz descobrir e realizar o projeto particular que Deus confia a cada um. No entanto, o homem é livre, e para sua própria frustração, pode recusar o caminho que a sabedoria indica.

[20-31] Cercado por uma civilização pagã, o povo de Deus é tentado a esconder, falsificar ou menosprezar a si mesmo. O autor o incentiva a ser autêntico, mostrando-lhe os valores da simplicidade, sinceridade e coerência.

[5,1-8] Em geral, a riqueza produz a ilusão da auto-suficiência, e esta conduz inevitavelmente para a presunção. Dessa forma, o rico julga merecer tudo, até mesmo colocar Deus a serviço de seus próprios interesses.

[5,9-6,4] A palavra pode construir ou destruir. Por isso, deve ser usada com prudência e discrição, para evitar situações irreparáveis.

[6,5-17] A verdadeira amizade não se baseia em interesses, e por isso permanece firme também na desgraça. Podemos dizer ainda que a amizade é por excelência o sacramento da relação humana penetrada por Deus.

[18-37] Para os antigos, a sabedoria é o discernimento que leva à realização da vida humana. Trata-se de uma aprendizagem que provém de várias fontes: experiência individual, experiência dos antepassados e anciãos, e textos religiosos antigos. Graças a uma severa disciplina, a pessoa torna-se capaz de distinguir o momento oportuno para agir.

[7,1-21] O princípio geral (v. 1) é desenvolvido numa série de conselhos que abrangem vários campos da vida social.

[22-28] Conselhos gerais sobre a vida familiar.

[29-31] Para o autor, o respeito a Deus está intimamente ligado à solidariedade com os seus ministros.

[32-36] Solidariedade e gratuidade na relação com os fracos e desfavorecidos são pontos de partida para se construir uma sociedade justa e fraterna. O v. 36 alude ao julgamento divino.

[8,1-19] Por trás de conselhos variados, percebe-se o tema central do bom senso e da prudência no falar e no agir. Sobressaem os vv. 8-9 sobre o respeito para com os anciãos, considerados como portadores da experiência e da sabedoria popular.

[9,1-9] Numa sociedade patriarcal, onde prevalecem os valores masculinos, a mulher é sempre vista com certa desconfiança e até como perigo.

[10-16] O pessimismo ao considerar as relações é talvez reflexo da incerteza sofrida por um povo que se vê invadido por culturas e costumes estrangeiros.

[9,17-10,5] Na antiguidade, esperava-se que a autoridade política fosse uma espécie de grande pai, provedor paternal de todas as necessidades do povo. Hoje, percebe-se que o governante é expressão da vontade daqueles que o escolheram. Assim, a autoridade exprime a consciência política existente numa determinada nação em luta. Governo justo seria aquele que procura interpretar as necessidades do bem comum e realizar a justiça para todos.

[10,6-18] O orgulho leva o homem à auto-suficiência e ao endeusamento de si próprio, falsificando sua condição fundamental de criatura. A consequência social é grave: a injustiça se multiplica, criando relações de desigualdade e opressão. Deus, porém, não fica indiferente: ele inverte a situação, reconduzindo o povo ao seu projeto de partilha e fraternidade. Cf. Lc 1,46-56 e nota.

[19-25] O que torna o homem digno de respeito é a obediência a Deus e ao seu projeto.

[26-31] A verdadeira humildade é aceitar a si mesmo e reconhecer o próprio valor com simplicidade.

[11,1-6] “Nem tudo o que reluz é ouro”: a civilização de consumo cultiva e

cultua as aparências, fazendo as pessoas acreditar que o valor das coisas está no seu aspecto externo. Quando essa mentalidade se aplica às pessoas, podem surgir os piores enganos, porque ter belo aspecto ou estar bem vestido não é sinônimo de bondade ou credibilidade.

[7-11] Não se pode segurar o mundo com as mãos. A consciência dos próprios limites faz viver em calma e realizar bem o que se pode fazer.

[12-28] Pode parecer cruel o caminho que o autor deixa para o povo pobre: perseverar no trabalho fatigante. Contudo, ele salienta a confiança em Deus que, entendida como compromisso transformador, abre as portas para a esperança de um mundo novo.

[29-34] Invadido por uma cultura estrangeira, o povo judaico teve que se defender, de todos os modos, para conservar a própria identidade. Sem essa vigilância, qualquer povo se torna presa fácil de nações ricas, poderosas e vorazes, que não têm escrúpulos em satisfazer as próprias ambições.

[12,1-7] Estes conselhos devem ser entendidos no tempo em que o povo estava sendo dominado por estrangeiros, considerados inimigos injustos e pecadores. Qualquer ajuda a estes agravaria a dominação.

[8-18] Não é fácil discernir os verdadeiros e os falsos amigos. Nas situações difíceis é que se pode perceber a sinceridade daqueles que nos rodeiam.

[13,1-7] O rico e o pobre têm consciência diferente sobre si e sobre a vida. O autor adverte os pobres, mostrando que a convivência com os ricos só é possível quando estes exploram os pobres. Na realidade, só o pobre sabe ser gratuito na relação.

[8-14] O rico explora o pobre, e o poderoso não perde a chance de oprimir e humilhar os fracos. É preciso ser muito prudente com pessoas que exercem o poder, a fim de não ser dominado por elas.

[15-24] O autor descreve os preconceitos de uma sociedade desigual. O rico é sempre considerado bom, educado, culto e digno de respeito; o pobre é sempre tido como preguiçoso, sem valor, imoral, um peso que não merece ser levado a sério. Quem se dá ao trabalho de conferir tais preconceitos, acaba descobrindo que as coisas são exatamente o contrário. É no confronto social que ricos e pobres podem compreender o porquê de sua própria situação.

[13,25-14,2] A verdadeira felicidade consiste em viver a justiça. Só assim a pessoa tem consciência tranquila, e não se sente reprovada nem por si mesma,

nem pelos outros.

[14,3-19] Os bens foram feitos para serem usados e repartidos entre todos. Não adianta acumular bens, pois a pessoa que os acumula não aproveita para si, e eles ficam faltando para os outros.

[14,20-15,10] A sabedoria consiste em perceber o sentido da vida, captado através da experiência da geração presente e da tradição dos antepassados. A maior luz para essa experiência é a palavra de Deus (Lei). Ela abre perspectivas para o povo fazer uma experiência definitiva da vida. O maior louvor está em ouvi-la e celebrá-la.

[15,11-20] Os inúmeros males que afligem a pessoa e a sociedade desafiam qualquer explicação. Podem até fazer com que as pessoas cheguem a afirmar que, em última análise, “foi Deus quem fez as coisas assim”. No entanto, ele criou a humanidade livre, e isso comprova a grandeza, tanto de Deus como do ser humano. De fato, ser livre significa tomar decisões pessoais e coletivas para encaminhar a sociedade e a história. Os erros e acertos, em primeiro lugar, são mérito e responsabilidade do próprio homem, sempre convidado a rever seus projetos à luz do projeto de Deus, que só quer liberdade e vida *para todos*.

[16,1-15] A revisão de alguns episódios da história do povo leva à conclusão de que Deus é quem julga os homens. Esse julgamento, porém, não cai do céu, mas se realiza através das consequências que surgem dos atos de cada um. Não bastam as boas intenções: o que salva ou condena uma pessoa é a sua vida prática.

[16-23] É impossível se esconder de Deus, porque ele está no coração da vida e da história. Afastar-se dele significa aniquilar-se.

[16,24-17,12] Numa espécie de hino, o autor celebra o Criador, que forma o universo como preparação para a vinda do homem. Ao mesmo tempo, celebra a grandeza do homem, chamado a governar toda a criação e dotado de inteligência para reconhecer a soberania de Deus. A ordem suprema, colocada no íntimo da consciência, proíbe cometer injustiça e manda relacionar-se fraternamente com o próximo.

[17,13-19] Criador do universo, Deus é também o soberano que governa e julga a história. Seu povo é testemunha desse governo e julgamento. Embora sendo justo e exigindo prestação de contas, Deus está sempre aberto para perdoar e

refazer a esperança daqueles que acreditam e se comprometem com o seu projeto.

[17,20-18,6] A morte é o sinal supremo da relatividade humana. Diante dela, o autor faz um convite à conversão, para que o homem reconheça e louve o Deus verdadeiro. Tal reconhecimento e louvor são a finalidade da vida humana (cf. Ef 1,6 e nota).

[18,7-14] A fragilidade da condição humana faz descobrir o quanto são grandes a compreensão e a misericórdia de Deus. Ele está sempre aberto para compreender e perdoar, e para ensinar o caminho da justiça e da vida.

[15-18] A palavra e o dom podem humilhar o próximo em vez de ser sinal de compreensão e partilha.

[19-29] Quem tem bom senso é capaz de prever as coisas, antes que seja tarde demais.

[18,30-19,3] Aspecto importante da sabedoria é a sobriedade e o domínio sobre os impulsos instintivos.

[19,4-17] A confiança mútua leva à partilha dos segredos. É preciso muita cautela diante dos boatos que muitas vezes não têm fundamento nenhum, e podem acabar com uma amizade.

[18-27] A verdadeira sabedoria consiste em discernir o caminho da vida e da história segundo o projeto de Deus. Não basta ser inteligente e culto. É preciso ver os meios que se usam e os fins que se buscam, para distinguir a verdadeira da falsa sabedoria. Colocar a inteligência a serviço do mal não é sabedoria.

[20,1-8] Toda pessoa preserva seu espaço de liberdade. O patrulhamento e imposição encontram sempre resistência e oposição tenaz do povo. Ideias e ações só influenciam os outros à medida que exprimem integridade e convicções profundas. Os limites entre manipulação e conscientização são quase imperceptíveis. Por isso, o discernimento entre as duas é fundamental para que um projeto adquira corpo e se concretize na sociedade.

[9-12] Quase sempre, êxitos rápidos que custam muito pouco são armadilhas para futuras desgraças. Para ser duradouro, tudo o que se conquista exige sacrifícios e perseverança. O que se adquire por preço irrisório dura pouco tempo.

[13-17] Quem pretende ser dono da verdade, e sem se comprometer e

testemunhar, exige dos outros decisões heroicas, provoca contra si o ódio e termina isolado em sua arrogância. Será ainda mais detestado, se o fizer por interesse pessoal.

[18-23] Discernimento e prudência não se confundem com respeito humano e timidez. Falar ou agir na hora certa não significa agradar a todos em tudo e em todo o tempo.

[24-26] “A mentira tem pernas curtas”. Mesmo que consiga enganar por algum tempo, o mentiroso será descoberto e desacreditado.

[27-31] Agradar os poderosos não significa bajular (cf. v. 29). O agrado é entendido aqui como tática para conseguir a realização da justiça (v. 28). O autor não está propondo nenhuma forma de peleguismo, mas dizendo que é sabedoria arrancar atos de justiça daqueles que têm poder.

[21,1-10] O pecado é entendido como falta de amor a Deus. Falta essa que provoca destruição de vidas humanas, através de crueldade, arrogância e roubo contra o pobre. A ruína do pecador provém de Deus, que ouve o clamor do pobre e faz justiça.

[11-28] Para ter a sabedoria é necessário um ponto que unifique os próprios pensamentos e ações. Tal polo unificador é o projeto de Javé (observar a Lei). Então, tudo o que a pessoa disser ou fizer será fonte de vida, pois saberá acolher, refletir e discernir o que está de acordo, ou não, com esse projeto. O insensato ou imbecil é aquele que, sem esse ponto unificador, não consegue reter ou transmitir nada, pois tudo fica fragmentado em seus pensamentos e ações. Sem esse projeto de vida, ele não sabe respeitar a intimidade alheia, nem percebe que o seu comportamento é desagregador (vv. 22-24).

[22,1-2] O preguiçoso é um inútil desprezível, um parasita da sociedade.

[3-6] A educação dos filhos depende muito da capacidade dos pais em ser coerentes e discernir o momento oportuno para corrigir.

[7-15] Imbecil, estúpido e insensato são termos que se equivalem. Quanto à inutilidade de ensinar o imbecil, confira 21,11-28 e nota.

[16-18] Reflexão e meditação contínuas são essenciais para formar convicções profundas que resistam aos modismos, superem oposições e permaneçam firmes diante do bombardeio de opiniões.

[19-26] Cf. nota em 6,5-17.

[22,27-23,6] Reconhecendo Deus como Pai e Senhor da vida, esta oração pede

a correção e a disciplina do discernimento, pois é ele quem dirige a vida segundo a justiça.

[23,7-11] O mandamento que proíbe usar o nome de Deus em vão se reflete aqui numa perspectiva do mal que pode acontecer a quem desrespeita esse mandamento. Não temos direito de usar o nome de Deus para justificar nossos interesses mesquinhos e projetos injustos.

[12-15] O texto não é claro sobre o modo de falar que é comparável à morte. O v. 14 provavelmente se refere ao problema criado pela invasão de uma cultura estrangeira: os filhos podem subir socialmente e esquecer a tradição transmitida pelos pais. Nesse caso, a palavra que leva para a morte talvez seja o renegar a palavra de Deus.

[16-27] Podemos enganar os outros e até a nós próprios, mas é impossível enganar a Deus, porque ele está no mais profundo de toda a realidade. Ao condenar o adultério, o autor retoma o sexto mandamento do Decálogo. Talvez pense também no perigo que representa para o povo misturar-se com a religião, a cultura e os costumes estrangeiros, adulterando dessa forma a própria identidade.

[24,1-21] A sabedoria se apresenta a si mesma. Ela é a revelação do projeto de Deus sobre a vida. Ela estava junto de Deus, o acompanhou na obra da criação e finalmente foi entregue à humanidade. A sabedoria está presente em tudo e em todos, mas se estabeleceu no povo de Israel, onde foi reconhecida e cultivada. Dessa forma, o autor mostra que Israel possui um tesouro incomparável: enquanto as outras nações podem possuir uma cultura muito desenvolvida, só Israel tem a sabedoria que faz perceber o projeto de Deus. Cf. também Pr 1,20-32; Pr 8; Jó 28; Br 3,9-4,4.

[22-32] A sabedoria é a Lei. Não propriamente a legislação, mas todo o conjunto do Pentateuco, chamado Torá ou Lei. O centro desse conjunto da Bíblia é a aliança que Deus faz com o seu povo, para o libertar da escravidão e o conduzir para a terra prometida. Com a sabedoria contida no Pentateuco, os homens são capazes de transformar a terra árida em paraíso fértil. O Pentateuco nunca será esgotado em sua sabedoria, nem se limita a uma história nacional. Ao contrário, transborda para todas as nações, revelando o sentido da busca da liberdade e da vida. Essa busca é consequência da aliança com o Deus vivo.

[25,1-11] Coleção de máximas, enumerando diversos aspectos da vida, de modo a aprofundar a reflexão sobre a condição humana. A maior felicidade é possuir a sabedoria, que consiste no temor de Deus. Somente esse temor pode

levar o homem a perceber em profundidade o sentido da vida.

[25,12-26,18] Esta descrição da mulher reflete, de forma acentuada, os preconceitos da sociedade patriarcal: o único lugar para a mulher era o matrimônio.

[26,19] O justo que passa a cometer injustiça torna-se pior do que o injusto.

[26,20-27,3] Lucro é roubo, pois corresponde a um ganho excessivo, proveniente do trabalho mal remunerado ou da ganância do comerciante. Através disso o comerciante fica sempre mais rico, e o povo cada vez mais pobre. Quando o sistema do lucro se torna base das relações, a sociedade inteira peca contra o sétimo mandamento (Ex 20,15 e Dt 5,19), produzindo desigualdade e violando o projeto de Deus.

[27,4-7] A palavra é espelho da pessoa. Por isso, é melhor pensar bem antes de falar, e quando não se sabe o que dizer, é melhor ficar calado.

[8-10] A justiça é uma conquista, e só se realiza quando nos dispomos a pôr em prática a vontade de Deus.

[11-15] Com os sábios se aprende o que se deve fazer, e com os insensatos o que não se deve.

[16-24] Amizade é o sacramento da presença e da confiança. Com ela, a pessoa partilha o íntimo mais profundo. A violação do segredo rompe irremediavelmente a relação, como cristal que se quebra.

[25-29] A justiça é a presença do próprio Deus, que julga por dentro da vida e da história. Ele faz cada pessoa e cada povo sofrer as consequências do próprio comportamento.

[27,30-28,7] Somente Deus conhece o mais fundo da nossa vida e história. Por isso, só ele pode avaliar e julgar nossos atos, fazendo justiça. O texto leva diretamente ao “Pai nosso”: “Perdoa-nos os nossos pecados, pois nós também perdoamos a todos aqueles que nos devem” (Lc 11,4). “Se vocês não perdoarem aos homens, o Pai de vocês também não perdoará os males que vocês tiverem feito” (Mt 6,15).

[28,8-12] A desavença entre as pessoas é vista como pecado, porque cria divisões onde deveria haver união. As desavenças começam com a palavra e a raiva, e se tornam devastadoras quando as pessoas são poderosas.

[13-26] A língua maldosa é comparada ao fogo devorador e ao animal selvagem, porque provoca brigas e arruína a boa fama das pessoas. Cf. Tg 3,1-12 e nota.

[29,1-7] A legislação de Israel prescreve que o empréstimo seja feito sem cobrança de juros (Ex 22,24; Dt 15,7-11). O autor não vai contra essa lei, mas, partindo da experiência, adverte sobre as situações constrangedoras que podem surgir dos empréstimos.

[8-13] Se o empréstimo pode produzir constrangimento, o auxílio para o pobre deve estar livre disso, pois é questão de solidariedade e justiça. Aquilo que sobra para uma pessoa pertence, por direito, àqueles que nada têm. Dar esmola é apenas um exercício para a partilha que constrói uma sociedade fraterna e igualitária.

[14-20] A fiança é uma forma de auxiliar o próximo, porém deve ser feita com a devida cautela, porque pode acarretar sérios riscos.

[21-28] A dignidade humana supõe o atendimento de necessidades básicas: comida, roupa, casa. Quem não possui esse mínimo passa a depender dos outros de forma humilhante: ser explorado nos aluguéis e no salário, mendigar trabalho e assistência e esperar pela bondade dos outros.

[30,1-13] Assim diz o povo: “É de pequenino que se torce o pepino”. Os antigos valorizavam muito a disciplina rígida, para que os filhos se tornassem espelho dos pais. Hoje sabemos que é necessário fazer os filhos descobrirem a si mesmos, desenvolverem o seu próprio potencial, a fim de que sejam capazes de responder a questões novas e dar respostas novas a questões antigas.

[14-20] A saúde é o maior dom de Deus, pois permite que o homem possa trabalhar e usufruir do seu trabalho. A doença, por outro lado, é vista pelos antigos como punição de algum pecado. Isso, porém, não é regra geral, pois sabemos que a maioria das doenças é causada pela desnutrição, má alimentação, falta de recursos, de saneamento básico e de higiene.

[21-25] É impossível enfrentar problemas com tristeza e desânimo. Por isso, o maior desafio para o povo é manter ânimo e alegria frente às dificuldades da vida.

[31,1-11] A riqueza é algo que se cria através de uma rede complexa de injustiças. E o mais curioso é o seguinte: A quem ela serve? Nem o próprio rico pode aproveitá-la tranquilamente. O texto deixa bem claro que o dinheiro pode tornar-se sério obstáculo à integridade. Daí o desafio: será que existe rico

íntegro? Cf. Lc 18,24-25.

[31,12-32,13] Pequeno código de boas maneiras para ser observado por ocasião de banquetes.

[32,14-33,6] O temor do Senhor é o ponto de partida para a sabedoria (Pr 1,7) e consiste em reconhecer que só Deus tem a última palavra sobre a vida. Para o israelita, o grande dom de Deus é a Lei, seja a legislação para a vida social, seja toda a revelação contida nas Sagradas Escrituras. Através da Lei, o homem pode compreender o projeto de Deus e discernir os caminhos da história e da vida.

[33,7-15] Como entender a diferença e os contrastes que existem no mundo? A tentação, muitas vezes, é ignorá-los ou escolher apenas uma parte, excluindo outras. O grande desafio, proposto por Deus aos homens, está em aceitar o confronto com o lado contrário, para que desse confronto surja uma realidade nova.

[16-18] Conclusão da primeira parte do livro. É uma espécie de assinatura do autor. A imagem dos vv. 16-17 mostra que o propósito dele foi juntar o que restou da experiência do seu povo. O resultado é surpreendente. O seu povo tem identidade própria e não precisa sentir-se inferior aos estrangeiros.

[33,19-42,14] A convocação solene em 33,19 abre uma nova parte do livro. Aí encontramos um resumo de conselhos gerais, para que o povo aprenda a viver de acordo com a sabedoria, isto é, de acordo com o discernimento adquirido durante sua longa história.

[33,20-24] A atenção dada ao pai deve ser compreendida no clima da sociedade patriarcal, quando a preservação da autoridade e independência econômica do pai era a base sobre a qual se construía a família. Na época, essa autonomia política e econômica visava certamente conter a cobiça das nações estrangeiras.

[25-33] O texto é severo em relação aos escravos que, por outro lado, eram protegidos pela lei contra os caprichos e ambições do patrão (cf. Ex 21,1-6.26-27; Lv 25,46; Dt 15,12-18). Será que hoje os trabalhadores do campo e da cidade são tratados melhor do que os escravos daquele tempo?

[34,1-8] Para os antigos, o sonho era um meio pelo qual a divindade se comunicava com a humanidade. O difícil é distinguir tais sonhos reveladores de outros sonhos comuns. O autor menospreza o valor de todos eles, tão estimados entre os pagãos, dizendo que Israel tem a Lei para guiá-lo na vida.

[9-17] A sabedoria é o discernimento que nasce da experiência, e as viagens permitem alargar essa percepção, através do contato com outras realidades e com diferentes formas de resolver os problemas. De fato, as viagens permitem multiplicar relacionamentos, favorecendo maior objetividade e universalizando o saber.

[18-22] A fé não substitui a justiça, nem pode esconder a injustiça, pois crer em Deus é, em primeiro lugar, praticar a justiça. Muitas vezes, de fato, as chamadas práticas e obras “religiosas” não passam de máscaras que ocultam a exploração contra os pobres. Deus não quer ser homenageado com o sacrifício de seus próprios filhos.

[34,23-35,10] O autor não nega o valor das cerimônias litúrgicas, mas salienta que a conversão para a prática da justiça é a verdadeira religião que Deus quer. Por outro lado, o reconhecer os dons de Deus leva o homem ao comportamento grato para com Deus e gratuito para com o próximo.

[35,11-24] A suprema audácia dos mantenedores de uma estrutura social injusta está em tentar corromper Deus, procurando colocá-lo do lado deles. O grito do pobre denuncia a injustiça e obriga Deus a tomar o partido dele, restabelecendo a justiça. Cf. Lc 18,1-8 e nota.

[36,1-17] Escrita vinte anos antes da grande perseguição promovida por Antíoco IV contra os judeus, esta oração é um testemunho de que a nação vive em dificuldades, após séculos de dominação estrangeira. O grande anseio é o restabelecimento de uma sociedade justa e fraterna, existente no princípio da vida do povo (v. 10), e sempre lembrada pelos profetas (vv. 14-15).

[18-20] A mente sábia é capaz de discernir entre a verdade e a mentira.

[21-27] Mesmo tributário do regime patriarcal, o autor sabe reconhecer a importância que a mulher tem para o homem. Sem ela, o homem não cria raízes.

[37,1-6] O núcleo da amizade é a fidelidade. Todavia, é preciso distinguir o amigo verdadeiro, que só se revela nos momentos difíceis.

[7-15] Se os conselhos valessem algo, seriam vendidos e não dados. É necessário que a pessoa confie em si própria e responda pelos próprios atos. Os conselheiros, porém, são necessários quando entra em jogo não apenas uma questão pessoal, mas o bem comum de um grupo. Todavia, é preciso discernir o conselheiro, pois ele pode ser um traidor do povo.

[16-26] É importante aconselhar-se com o sábio. Contudo, é preciso distinguir se

é verdadeiramente sábio.

[27-31] O autocontrole faz parte de uma vida sadia e sábia.

[38,1-15] A saúde faz parte do projeto de Deus, pois ele deseja a vida. O médico deve colocar sua ciência e habilidade a serviço da cura e da vida, para que todos tenham saúde.

[16-23] A morte ainda permanece um grande mistério para o autor, e o seu conselho é que ninguém se exaspere diante dela.

[24-34] O autor é um escriba e claramente procura engrandecer sua profissão, menosprezando as outras, mais ligadas à transformação do mundo material. Contudo, ele é sincero em reconhecer que a vida não pode prescindir daqueles que, pelo trabalho, humanizam a natureza, para que esta se torne adaptada às necessidades humanas. Hoje, ao contrário do que pensava o autor, descobrimos cada vez mais que é pelo trabalho que o homem desenvolve sua consciência e sabedoria.

[39,1-11] O elogio feito ao escriba-sábio mostra a importância que essa profissão teve na época. De fato, foi através dele que se conservaram e se transmitiram os escritos bíblicos, com a religião, legislação, história e sabedoria do povo de Deus. Graças ao escriba, chegou até nós a memória do povo de Deus.

[12-35] Grande hino de louvor, proclamando a grandeza de Deus, manifestada na criação. No universo, tudo tem sua finalidade e, no momento certo, o homem pode reconhecer a bondade de todas as coisas. Tudo isso é convite para discernir e construir aquela harmonia que deve presidir as relações humanas. Se o homem é capaz de ver a ordem e a perfeição da natureza, é também capaz de realizá-las no mundo humano.

[40,1-11] Sem qualquer ideia da ressurreição para uma vida além desta vida, a existência se torna efêmera e absurda: nem mesmo o sono faz o homem esquecer essa tragédia que é a vida cotidiana. Diante de tal absurdo, para que ser justo? É uma pergunta à espera de resposta.

[12-17] Em meio ao absurdo da vida, a bondade e a misericórdia se opõem ao suborno e à injustiça. O autor, porém, crê e espera no triunfo da justiça sobre a corrupção.

[18-27] Há muitas realidades que dão brilho e alegria à vida, como a independência econômica, os filhos, a fama, os prazeres. Todavia, o verdadeiro sentido da vida só é descoberto quando o homem teme a Deus. Não se trata de

ter medo, mas de reconhecer que só Deus é absoluto, só a ele o homem deve adorar. Qualquer outra realidade é relativa, e só adquire sentido verdadeiro dentro das relações humanas.

[28-30] A mendicância é um gesto que destrói a dignidade humana, denunciando a desigualdade social, criada por uma ordem econômica injusta.

[41,1-4] O autor não partilha ainda nenhuma ideia de ressurreição. Ele frisa que a morte faz parte da vida. Contudo, nem toda morte é natural: muitos morrem antes do tempo e muitos já vivem tão mortos, que a morte final seria um verdadeiro alívio.

[5-13] A esperança do justo é a justiça, e ele confia que os injustos sofrerão as consequências da própria perversidade. Enquanto o filho do justo conserva a memória honrada de seus pais, os filhos do injusto se envergonham.

[41,14-42,8] O autor dá alguns conselhos práticos que ajudam a discernir o que verdadeiramente nos pode honrar ou envergonhar. Em ambos os casos, muitas vezes é preciso ser capaz de enfrentar a opinião comum e desafiar costumes injustos tão arraigados que ninguém mais os questiona.

[42,9-14] A visão patriarcal vê a mulher como perigo que ameaça a estabilidade social. Daí o cuidado para que a filha não atraia o homem para uma volta ao puro instinto. Hoje, descobre-se que é na integração do aspecto feminino que a humanidade pode reencontrar sua alma e sua sensibilidade humana criativa.

[42,15-43,26] O universo foi sempre algo maravilhoso para os antigos, a ponto de endeusarem vários fenômenos da natureza. Israel deu um passo à frente, descobrindo o Deus que está além de tudo e criou todas as coisas. A ciência atual penetra cada vez mais os mistérios da natureza, sempre descobrindo novos mistérios e constatando uma perfeição que parece prolongar-se ao infinito.

[43,27-33] A grandeza de Deus espelhada nos mistérios do universo provoca êxtase e exclamação, que se transformam em louvor. De todos os seres, o homem é o único que pode tomar consciência a respeito de Deus, que é o mistério supremo escondido por trás de todos os outros mistérios. Paulo dirá que o sentido último da vida é louvar a Deus (cf. Ef 1,5-6).

[44,1-50,26] A grande manifestação de Deus é a história, na qual ele age através daqueles que se comprometem com o seu projeto. O povo de Deus não precisa invejar a história dos povos estrangeiros, pois, revendo a própria, ele se

encontra com aqueles que incorporaram o desejo do povo para realizar grandes transformações. O último desses heróis é o sumo sacerdote Simão II, que exerceu sua função entre 220-195 a.C.

[50,27-29] Conclusão original do livro com uma espécie de assinatura do autor.

[51,1-30] Dois textos acrescentados ao livro, para encerrá-lo com o tema do agradecimento e o da procura da sabedoria.

[1-12] É um salmo de agradecimento, que pode ter como sujeito uma pessoa ou a comunidade inteira. O grande motivo de confiança e esperança é Deus, que liberta da morte para a vida.

[13-30] Com este poema o autor conta como procurou a sabedoria e exalta a importância dela na sua vida. O final dá claramente a entender que no seu tempo existia uma escola sapiencial, talvez dirigida por ele mesmo (v. 23).

LIVROS PROFÉTICOS

Introdução

*Pela sua coragem de questionar a situação presente e vislumbrar um futuro diferente para o seu povo, os profetas sempre exerceram atração fascinante. Muitos chegam até a confundir profeta com adivinhador do futuro. Outros chegam a pensar que eles ensinavam coisas absolutamente novas. O verdadeiro profeta, no entanto, é aquele que preserva a tradição autêntica do seu povo, perdida ou deformada em meio a tantas “tradições” criadas para defender interesses, legitimar poderes e sustentar sistemas. O núcleo central da tradição autêntica é a **fé exodal**, ou seja, o reencontro com o verdadeiro Deus revelado a Moisés: “Eu sou Javé seu Deus, que fiz você sair da terra do Egito, da casa da escravidão” (Ex 20,2; Dt 5,6). Portanto, profeta é aquele que se inspira na ação libertadora do Deus do êxodo e, a partir daí, analisa a situação presente e mostra o projeto de Deus para o futuro do seu povo.*

As atividades do profeta variam de acordo com seus ouvintes e com o momento histórico em que ele vive. Cada profeta tem o seu estilo próprio, e pronuncia anúncios e denúncias diante de situações bem determinadas. No entanto, podemos perceber duas grandes vertentes na atividade dos profetas:

*— **Exigência de conversão**, para mudar o sistema social, a fim de que o julgamento de Deus não recaia sobre o povo. Esse tema é predominante nos profetas que exerceram sua atividade antes do exílio na Babilônia.*

*— **Anúncio de esperança**, para encorajar e estimular o povo, que tinha perdido sua terra e corria o perigo de perder a própria identidade. Esse anúncio fazia retomar a caminhada da reconstrução, recuperando a fé em Javé e os valores históricos alcançados em nome dessa mesma fé.*

Os livros proféticos testemunham a vida e atividade de homens que possuem fé profunda e vigorosa; homens que procuram levar o povo a um relacionamento sempre renovado e responsável com o Deus que julga e salva.

*A literatura profética pode ser dividida de várias maneiras. A mais tradicional e comum é a divisão em **profetas maiores** e **profetas menores**. Não porque uns sejam mais importantes que outros, mas simplesmente pela extensão de seus escritos. Os profetas maiores são quatro: Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel. Os menores são treze: Baruc, Oseias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miqueias,*

Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

ISAÍAS

A SANTIDADE DE DEUS

Introdução

*O livro que traz o nome de Isaías pode ser dividido em três grandes partes: Os capítulos 1-39 contêm a mensagem do profeta chamado Isaías, cuja preocupação central é a **santidade de Deus**, ou seja, só Deus é absoluto. Esse é o dado principal para que a prática não se torne uma idolatria. Em meio a grandes mudanças políticas internacionais, Isaías condena a aliança com as grandes potências, mostrando que a nação só será salva se permanecer fiel a Deus e ao seu projeto, no qual a justiça é o valor supremo. Assim, uma espiritualidade baseada na santidade de Deus conduz o profeta a uma fé política, que combate os ídolos presentes na sociedade. Ele fala também do Emanuel (7,14), no qual o Novo Testamento viu Jesus Cristo, que veio ao mundo para salvar o seu povo.*

*Os capítulos 40-55 foram escritos por profeta anônimo, na época do exílio na Babilônia, apresentando uma mensagem de esperança e consolação. Esse profeta é comumente chamado **Segundo Isaías**. O fim do exílio é visto como um novo êxodo e, como no primeiro, Javé será o condutor e a garantia dessa nova libertação. O povo de Deus convertido, mas oprimido, é denominado “Servo de Javé”. O Novo Testamento atribui esse título a Jesus, o justo que sofreu e morreu para nos libertar. A comunidade, depois de convertida e libertada, se tornará missionária, luz para que as nações se voltem para o verdadeiro Deus.*

*Os capítulos 56-66 são atribuídos a **Terceiro Isaías**. Apresentam uma coleção de oráculos anônimos que procuram estimular a comunidade que veio do exílio e se reuniu em Jerusalém com os que estavam dispersos. Condena os abusos que começam de novo a aparecer e mostra qual é o verdadeiro jejum (58,1-12) necessário para que haja novos céus e nova terra.*

INTRODUÇÃO AO PRIMEIRO ISAÍAS (IS 1-39)

Não é fácil ler Is 1-39 na ordem atual do livro, principalmente se quisermos situar os oráculos do profeta dentro do contexto histórico em que foram proclamados. Os vários redatores não obedeceram à ordem cronológica da atividade do profeta, mas agruparam seus oráculos com base em outros critérios, nem sempre fáceis de perceber. Além disso, vamos encontrar trechos elaborados no exílio ou pós-exílio e que os redatores foram inserindo, com a preocupação de atualizar a mensagem de Isaías. Para facilitar a leitura contextualizada do profeta, apresentamos uma cronologia da atividade de Isaías, tentando estabelecer quais oráculos pertencem a cada período de sua atividade.

Primeiro período: durante o reinado de Joatão (740-734 a.C.)

O fato internacional mais relevante na história do Oriente Médio, no séc. VIII, é o reaparecimento de uma grande potência: a Assíria. Subindo ao trono Teglat-Falasar III, esse império começa a perturbar a tranquilidade dos outros países da região. Entretanto, o reino de Judá vive uma época de grande prosperidade econômica e independência política, não sendo ainda atingido pelo expansionismo da Assíria. Tudo parece estar muito bem. A “prosperidade e paz” é acompanhada por uma atividade religiosa intensa, com grandes festas e culto pomposo nos santuários. Tal situação, porém, mascara outra bem diferente na ordem social: injustiças, arbitrariedade dos juízes, corrupção das autoridades, cobiça dos grandes proprietários, opressão dos governantes. No fim do reinado de Joatão, a situação interna injusta é agravada por outra externa: a Assíria começa a pressionar Israel e Judá para serem seus vassalos.

É dentro desse contexto que podemos ler Is 1-5, menos alguns oráculos que foram acrescentados por redatores de época posterior.

<i>Oráculos do primeiro período</i> 1,10-20; 1,21-26; 2,6-21; 3,1-15; 3,16-4,1; 5,1-7; 5,8-25; 5,26-30. Pertence também ao fim do reinado de Joatão: 10,1-4.
--

Segundo período: durante o reinado de Acaz (734-727)

Para entender a atividade de Isaías nessa época, é importante conhecer algo sobre a chamada “guerra siro-efraimita”. Trata-se de uma coalizão entre o reino de Aram (também chamado Síria, cuja capital é Damasco) e o reino de Israel (também denominado Efraim, com a capital em Samaria). O rei Rason de Aram e o rei de Israel, Faceia (= filho de Romelias), se unem para enfrentar o avanço da Assíria, recusando o seu domínio. Joatão, rei de Judá, convidado para participar da coalizão, mantém atitude neutra, considerada perigosa pelos outros dois. Quando morre Joatão, o seu filho Acaz sobe ao trono; mantém a mesma reserva, mas é pressionado a decidir-se, inclusive ameaçado de perder o trono e ser substituído por um aliado dos siro-efraimitas. Temeroso, Acaz está a ponto de ceder às pressões de Rason e Faceia ou pedir proteção à Assíria contra os dois. É nessa conjuntura internacional que o profeta Isaías começa de novo a sua atividade.

<i>Oráculos do segundo período 7,1-17; 7,18-25; 8,1-4; 8,5-8; 8,9-10; 8,11-15; 8,16-20; 9,7-20; 17,1-11.</i>
--

Terceiro período: durante a minoridade de Ezequias (727-715)

Quando Acaz morre, o seu filho, herdeiro do trono, tem apenas cinco anos. Um regente se encarrega do governo até que o pequeno rei atinja a maioridade. Morre também Teglath-Falasar III, rei da Assíria, e seu sucessor é Salmanasar V. A coalizão entre os reinos de Israel e Aram é destruída pelos assírios, que colocam sua força militar para conquistar a região da Palestina.

<i>Oráculos do terceiro período 14,28-32; 18,1-7; 20,1-6; 28,1-4; 28,7-13; 28,14-22; 30,8-17.</i>

Quarto período: durante a maioridade do rei Ezequias (714-698)

Durante vinte anos, o reino de Judá vive pagando tributo à Assíria. Em 714 a.C., aos dezoito anos, Ezequias começa a reinar efetivamente. Movido pela pressão popular, ele se arrisca a promover uma reforma religiosa e política, mesmo tendo que desagradar à Assíria. Outras potências (Egito e Babilônia) estão interessadas nessa reforma e oferecem auxílio. No entanto, a Assíria não está disposta a perder as posições conquistadas e ameaça invadir o território judaico. Ezequias continua pagando tributo até 705 a.C. Uma nova tentativa de Judá para escapar do domínio assírio leva o imperador Senaquerib a ser mais rigoroso: com o seu exército, invade o reino de Judá e conquista cidades e mais cidades, até cercar Jerusalém. A ajuda do Egito não serviu para nada e a capital só não caiu em mãos do inimigo por causa de um acontecimento que fez o exército assírio se retirar.

Oráculos do quarto período 1,4-9; 10,5-16; 10,27b-34; 14,24-27; 28,23-29; cap. 29; 30,1-7; 30,27-33; 31,1-9; 32,1-8; 32,9-14; cap. 33.

ISAÍAS

CAPÍTULOS

PRIMEIRO ISAÍAS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27 - 28
- 29 - 30 - 31 - 32 - 33 - 34 - 35 - 36 - 37 - 38 - 39**

SEGUNDO ISAÍAS

**40 - 41 - 42 - 43 - 44 - 45 - 46 - 47 - 48 - 49 - 50 - 51 - 52
- 53 - 54 - 55**

TERCEIRO ISAÍAS

56 - 57 - 58 - 59 - 60 - 61 - 62 - 63 - 64 - 65 - 66

PRIMEIRO ISAÍAS [1-5]

1 *Título* — ¹Visão de Isaías, filho de Amós, sobre Judá e Jerusalém, no tempo de Ozias, Joatão e Ezequias, reis de Judá. [1,1]

I. CORRUPÇÃO DE UM POVO

Quase tudo perdido! — ²Escutem, céus; ouça, ó terra! Javé é quem fala: Eu criei e eduquei filhos, mas eles se revoltaram contra mim. ³O boi conhece o seu proprietário, e o burro a cocheira do seu dono, mas Israel não conhece nada, o meu povo não entende.

⁴Ai de vocês, nação pecadora, povo carregado de crimes, raça de perversos, filhos renegados. Vocês abandonaram Javé, desprezaram o Santo de Israel, e voltaram para trás. ⁵Se vocês continuam na rebelião, em que parte ainda podem levar pancadas? A cabeça é uma chaga só, o coração está enfermo. ⁶Da sola dos pés até o alto da cabeça, nada está sadio: contusões, ferimentos, chagas vivas, não espremidas nem atadas, nem aliviadas com pomada.

⁷O país de vocês está devastado, as cidades incendiadas; as terras são devoradas por estrangeiros, bem diante dos olhos de vocês. É a desolação como devastação de estrangeiros. ⁸Sião, a capital, ficou isolada como rancho numa vinha, como choça em meio à plantação de pepinos, como cidade cercada pelo inimigo. ⁹Se Javé dos exércitos não nos tivesse deixado um resto, seríamos como Sodoma, ficaríamos parecidos com Gomorra. [2-9]

Deus não quer hipocrisia — ¹⁰Escutem a palavra de Javé, chefes de Sodoma; preste atenção ao ensinamento do nosso Deus, ó povo de Gomorra: ¹¹Que me interessa a quantidade dos seus sacrifícios? — diz Javé. Estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de novilhos. Não gosto do sangue de bois, carneiros e cabritos. ¹²Quando vocês vêm à minha presença e pisam meus átrios, quem exige algo da mão de vocês? ¹³Parem de trazer ofertas inúteis. O incenso é coisa nojenta para mim; luas novas, sábados, assembleias... não suporto injustiça junto com solenidade. ¹⁴Eu detesto suas luas novas e solenidades. Para mim se tornaram um peso que eu não suporto mais. ¹⁵Quando vocês erguem para mim as mãos, eu desvio o meu olhar; ainda que multipliquem as orações, eu não escutarei. As mãos de vocês estão cheias de sangue.

¹⁶Lavem-se, purifiquem-se, tirem da minha vista as maldades que vocês praticam. Parem de fazer o mal, ¹⁷aprendam a fazer o bem: busquem o direito, socorram o oprimido, façam justiça ao órfão, defendam a causa da viúva. ¹⁸Então venham e discutiremos — diz Javé. Ainda que seus pecados sejam vermelhos como púrpura, ficarão brancos como a neve; ainda que sejam

vermelhos como escarlata, ficarão como a lã. ¹⁹Se vocês estiverem dispostos a obedecer, comerão os frutos da terra; ²⁰mas se vocês recusam e se revoltam, serão devorados pela espada. Assim fala a boca de Javé. [10-20]

O retorno da justiça — ²¹Como se transformou em prostituta a cidade fiel! Antes era cheia de direito, e nela morava a justiça; agora, está cheia de criminosos! ²²A sua prata se tornou lixo, o seu vinho ficou aguado. ²³Os seus chefes são bandidos, cúmplices de ladrões: todos eles gostam de suborno, correm atrás de presentes; não fazem justiça ao órfão, e a causa da viúva nem chega até eles.

²⁴Pois bem! Ai de vocês! — oráculo do Senhor Javé dos exércitos, o Poderoso de Israel. Eu me vingarei dos meus inimigos e pedirei satisfação aos meus adversários. ²⁵Voltarei a minha mão contra você, para limpá-la da sujeira com soda e tirar a impureza. ²⁶Darei a você juízes como os de antes e conselheiros como os de antigamente. Então você se chamará cidade da justiça, cidade fiel.

²⁷Sião será resgatada com o direito, e os repatriados com a justiça. ²⁸A ruína virá tanto para os rebeldes como para os pecadores; os que abandonam Javé perecerão.

²⁹Vocês se envergonharão por causa das árvores sagradas que tanto apreciavam; terão remorso por causa dos jardins de que vocês tanto gostavam. ³⁰Vocês ficarão como carvalho de folhas secas, como jardim sem água. ³¹O valente se tornará como estopa, e sua obra como faísca: os dois juntos queimarão, e não haverá quem os apague. [21-31]

2 *Uma cidade para todos* — ¹Visão de Isaías, filho de Amós, sobre Judá e Jerusalém: ²No final dos tempos, o monte do Templo de Javé estará firmemente plantado no mais alto dos montes, e será mais alto que as colinas. Para lá correrão todas as nações. ³Para lá irão muitos povos, dizendo: “Venham! Vamos subir à montanha de Javé, vamos ao Templo do Deus de Jacó, para que ele nos mostre seus caminhos, e possamos caminhar em suas veredas”. Pois de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra de Javé. ⁴Então ele julgará as nações e será o árbitro de povos numerosos. De suas espadas eles fabricarão enxadas, e de suas lanças farão foices. Nenhuma nação pegará em armas contra outra, e ninguém mais vai se treinar para a guerra. ⁵Venha, casa de Jacó: vamos caminhar à luz de Javé. [2,1-5]

A raiz da idolatria — ⁶Rejeitaste o teu povo, a casa de Jacó, pois eles estão cheios de adivinhos orientais, de feiticeiros como os filisteus, e fizeram aliança com estrangeiros. ⁷Seu país está cheio de ouro e prata, seus tesouros não têm fim; seu país está cheio de cavalos, seus carros de guerra não têm conta; ⁸seu país está cheio de ídolos: eles adoram a obra de suas próprias mãos, aquilo que seus próprios dedos fabricaram. ⁹Por isso, o homem será dobrado e o mortal será rebaixado, pois tu não os perdoarás. ¹⁰Fuja para os rochedos e esconda-se no pó, diante do terror de Javé e do esplendor de sua majestade. ¹¹Os olhos orgulhosos serão abaixados, a arrogância humana será humilhada. Nesse dia, somente Javé será exaltado.

¹²Pois haverá um dia de Javé dos exércitos contra todo orgulhoso e arrogante, contra todo aquele que se eleva e se engrandece; ¹³contra todos os altos cedros do Líbano, contra todos os carvalhos de Basã, ¹⁴contra todos os altos montes, contra todas as colinas elevadas; ¹⁵contra todas as torres altas, contra todas as muralhas invencíveis, ¹⁶contra todos os navios de Társis, contra todos os barcos de luxo. ¹⁷O orgulho do homem será abatido, a arrogância humana será humilhada. Nesse dia, somente Javé será exaltado.

¹⁸Os ídolos desaparecerão completamente. ¹⁹Escondam-se nas grutas de rochedos e nas fendas da terra, diante do terror de Javé e do esplendor de sua majestade, quando ele se levantar para aterrorizar a terra. ²⁰Nesse dia, o homem atirá a aos ratos e morcegos seus ídolos de prata e ouro, que fez para adorar; ²¹e se esconderá nos buracos de rochedos e nas fendas de penhascos, diante do terror de Javé e do esplendor de sua majestade, quando ele se levantar para aterrorizar a terra.

²²Deixem de confiar no homem, que tem o fôlego no seu nariz: o que é que ele pode valer? [6-22]

3 Preparam o mal para si mesmos — ¹Vejam! O Senhor Javé dos exércitos tira de Jerusalém e de Judá toda e qualquer sustentação: toda reserva de pão e provisão de água, ²tira o valente e o guerreiro, tira o juiz e o profeta, o adivinho e o ancião, ³o comandante e o notável, o conselheiro, o mago e o perito nos encantamentos.

⁴Colocarei adolescentes como chefes de vocês e meninos para governá-los. ⁵O povo usará violência: um contra outro, indivíduo contra indivíduo; o jovem se revoltará contra o ancião e o plebeu contra o nobre. ⁶Um indivíduo pegará o seu

irmão na casa do próprio pai, e dirá: “Pelo menos um manto você tem. Seja nosso chefe, tome conta dessa ruína”. ⁷Nesse dia, ele se levantará para dizer: “Não sou médico. Na minha casa falta pão e roupa. Não me ponham como chefe do povo”.

⁸Jerusalém está desmoronando e Judá desmonta, pois o que eles dizem e fazem a Javé, não passa de insulto à sua majestade. ⁹A expressão do rosto os condena: como Sodoma, eles fazem propaganda do seu pecado e nem sequer o escondem. Desgraçados! Preparam o mal para si mesmos. ¹⁰Feliz o justo, porque tudo lhe correrá bem: comerá o fruto de suas ações. ¹¹Ai do injusto, porque tudo lhe correrá mal: será tratado como suas ações o merecem. ¹²Meu povo é oprimido por crianças e governado por mulheres! Povo meu, seus dirigentes o desnorteiam, invertem a direção do seu caminho.

¹³Javé levanta-se para julgar, fica em pé para dar a sentença ao seu povo. ¹⁴Javé está vindo para fazer um julgamento contra os anciãos e contra os chefes do seu povo: “Vocês devoraram a vinha e tudo o que foi roubado dos pobres está na casa de vocês. ¹⁵Que direito têm vocês de oprimir o meu povo e de esmagar a face dos pobres?” — oráculo do Senhor Javé dos exércitos. [3,1-15]

Do luxo à miséria — ¹⁶Diz Javé: Por causa do orgulho das mulheres de Jerusalém, que andam de cabeça erguida e olhos cobiçosos; que vão pisando miúdo, tilintando os anéis do tornozelo. ¹⁷O Senhor cobrirá de sarna a cabeça das mulheres de Jerusalém; Javé desnudará a fronte delas. ¹⁸Nesse dia, Javé arrancará delas os enfeites: anéis de tornozelo, testeiras e lunetas; ¹⁹brincos, braceletes e véus; ²⁰grinaldas, correntinhas de pé e cintos; caixinhas de perfume e broches; ²¹anéis e pingentes para o nariz; ²²vestidos de gala e mantas; xales, bolsas, ²³espelhos, túnicas, chapéus e mantilhas. ²⁴E, então, no lugar do perfume, haverá podridão; no lugar do cinto, estará uma corda; no lugar das tranças, uma cabeça raspada; pano de saco em vez de roupas luxuosas; e marca de ferro em brasa em vez de beleza. ²⁵Seus homens vão tombar, mortos pela espada; seus valentes todos morrerão em combate. ²⁶Vão levantar-se lamentos e gemidos em suas portas; e você desabitada, se assentará no pó.

4¹Nesse dia, sete mulheres agarrarão um só homem, dizendo: “Nós mesmas nos sustentaremos, nós mesmas compraremos nossas roupas, de você só queremos o seu nome. Tire-nos dessa situação vergonhosa”. [3,16-4,1]

Javé fará brotar um povo novo — ²Nesse dia, o que Javé fizer brotar será honra e glória, fruto da terra, motivo de orgulho e esplendor para os sobreviventes de Israel. ³Aqueles que tiverem ficado em Sião e os sobreviventes de Jerusalém serão chamados santos: todos os que estiverem marcados para permanecerem vivos em Jerusalém. ⁴Quando Javé tiver lavado a sujeira das mulheres de Sião e limpado o sangue que foi derramado dentro de Jerusalém, com vento justiceiro e sopro abrasador, ⁵então Javé criará, em toda a área do monte Sião e sobre toda a assembleia do povo, uma nuvem de dia, como fumaça brilhante, e à noite um fogo chamejante. Pois a glória de Javé será semelhante a uma cobertura sobre todas as coisas, ⁶será uma tenda a proteger contra o calor do dia, um abrigo para a gente se esconder dos temporais e da chuva. [4,2-6]

5 Julguem vocês mesmos — ¹Cantarei em nome do meu amigo um canto de amor para a sua vinha. O meu amigo possuía uma vinha em fértil colina. ²Capinou a terra, tirou as pedras e plantou nela videiras de uvas vermelhas. No meio, construiu uma guarita e fez um tanque de pisar uvas. Esperava que produzisse uvas boas, mas ela produziu uvas azedas. ³E agora, moradores de Jerusalém e homens de Judá, eu lhes peço: julguem entre mim e a minha vinha. ⁴O que mais eu deveria ter feito pela minha vinha, que não fiz? Por que esperei que desse uvas boas, e ela me deu uvas azedas? ⁵Pois agora, vou dizer-lhes o que farei com minha vinha: vou arrancar a sua cerca para que sirva de pasto; derrubarei o seu muro para que seja pisada. ⁶Vou fazer dela um matagal: ficará sem podar e sem capinar; só mato e espinhos crescerão nela; e às próprias nuvens eu mandarei que não chovam sobre ela. ⁷A vinha de Javé dos exércitos é a casa de Israel, e sua plantação preferida são os homens de Judá. Eu esperava deles o direito, e produziram injustiça; esperava justiça, e aí estão gritos de desespero! [5,1-7]

Maldição contra os poderosos — ⁸Ai daqueles que juntam casa com casa e emendam campo a campo, até que não sobre mais espaço e sejam os únicos a habitarem no meio do país. ⁹Javé dos exércitos jurou no meu ouvido: Suas muitas casas serão arrasadas, seus palácios luxuosos ficarão desabitados; ¹⁰um alqueire de videiras dará apenas um barril, e dez medidas de semente produzirão uma só.

¹¹Ai daqueles que madrugam procurando bebidas fortes e se esquentam com o vinho até o anoitecer. ¹²Em seus banquetes, eles têm harpas e liras, tambores e

flautas, e vinho para suas bebedeiras; e ninguém presta atenção na atividade de Deus, e ninguém vê o que a mão dele faz. ¹³É por falta de conhecimento que o meu povo foi exilado; seus nobres morrem de fome e seus plebeus ardem de sede. ¹⁴É por isso que a mansão dos mortos alarga sua garganta e abre sua boca desmedida: para lá descem seus nobres e sua plebe, o tumulto e a alegria da cidade.

¹⁵O ser humano será abatido, o homem será humilhado; os olhos dos soberbos serão abaixados. ¹⁶No julgamento, Javé dos exércitos será exaltado, o Deus santo mostrará sua santidade através da justiça. ¹⁷Os cordeiros vão pastar em seus pastos e os cabritos comerão o resto dos pastos que os cevados devastaram.

¹⁸Ai dos que arrastam a culpa com cordas de bois, e o pecado com tirantes de uma carroça, ¹⁹e dizem: “Que ele ande depressa e faça logo a sua obra, para que a gente possa ver; apareça e se realize o conselho do Santo de Israel, para que o conheçamos!” ²⁰Ai dos que dizem que o mal é bem, e o bem é mal, dos que transformam as trevas em luz e a luz em trevas, dos que mudam o amargo em doce e o doce em amargo! ²¹Ai dos que são sábios a seus próprios olhos e inteligentes diante de si mesmos! ²²Ai dos que são fortes para beber vinho e valentes para misturar bebidas, ²³dos que absolvem o injusto a troco de suborno e negam fazer justiça ao justo! ²⁴Por isso, como a chama devora a palha, e o capim seco se incendeia e se consome, assim a raiz dessa gente apodrecerá, e seus brotos voarão como poeira, pois eles rejeitaram a lei de Javé dos exércitos e desprezaram a palavra do Santo de Israel. ²⁵Por isso, a ira de Javé se inflamou contra o seu povo, e ele estendeu a mão para castigá-lo; as montanhas tremeram e seus cadáveres estão pelas ruas como lixo. Apesar de tudo isso, a ira dele não se acalmou, e sua mão continua estendida. [8-25]

A invasão — ²⁶Javé dará um sinal para um povo distante, assobiará para ele do extremo da terra. Vejam! Esse povo chega veloz e ligeiro. ²⁷No meio dele, ninguém se cansa, ninguém tropeça; ninguém tem sono, ninguém cochila; ninguém desaperta o cinturão, ninguém desamarra a correia das sandálias. ²⁸Suas flechas estão afiadas e todos os arcos bem esticados; os cascos de seus cavalos parecem de pedra, e as rodas de seus carros são como furacão. ²⁹Seu rugido é como da leoa, ruge como leão novo: ruge enquanto agarra a sua presa: segura, e ninguém a toma dele. ³⁰Nesse dia, ele vai rugir contra Judá, como o barulho das ondas do mar. Olhe para a terra: tudo é escuridão e angústia, a luz se

transformou em trevas por causa das nuvens. [\[26-30\]](#)

II. DEUS ESTÁ CONOSCO [6-12]

6 *A vocação de Isaías* — ¹No ano que morreu o rei Ozias, eu vi o Senhor sentado num trono alto e elevado. A barra do seu manto enchia o Templo. ²De pé, acima dele, estavam serafins, cada um com seis asas: com duas cobriam o rosto, com duas cobriam os pés, e com duas voavam. ³Eles clamavam uns para os outros: “Santo, Santo, Santo é Javé dos exércitos, a sua glória enche toda a terra”. ⁴Com o barulho das aclamações, os batentes das portas tremeram e o Templo se encheu de fumaça. ⁵Então eu disse: “Ai de mim, estou perdido! Sou homem de lábios impuros e vivo no meio de um povo de lábios impuros, e meus olhos viram o Rei, Javé dos exércitos”.

⁶Nesse momento, um dos serafins voou até onde eu estava, trazendo na mão uma brasa que havia tirado do altar com uma tenaz. ⁷Com a brasa tocou-me os lábios, e disse: “Veja, isto aqui tocou seus lábios: sua culpa foi removida, seu pecado foi perdoado”.

⁸Ouvi, então, a voz do Senhor que dizia: “Quem é que vou enviar? Quem irá de nossa parte?” Eu respondi: “Aqui estou. Envia-me!” ⁹Ele me disse: “Vá, e diga a esse povo: Escutem com os ouvidos, mas não entendam; olhem com os olhos, mas não compreendam! ¹⁰Torne insensível o coração desse povo, ensurdeça os seus ouvidos, cegue seus olhos, para que ele não veja com os olhos nem ouça com os ouvidos, nem compreenda com o seu coração, nem se converta, de modo que eu não o perdoe”. ¹¹E eu perguntei: “Até quando, Senhor?” Ele respondeu: “Até que as cidades desmoronem, despovoadas; até que as casas fiquem desabitadas e os campos devastados e desolados. ¹²Porque Javé expulsará os homens e o abandono crescerá no país. ¹³E se nele sobrar apenas uma décima parte, tornará a ser cortado como o carvalho e o terebinto: depois de cortados, resta apenas um toco; esse toco será uma semente santa”. [6,1-13]

7 *O sinal de Deus* — ¹Acáz, filho de Joatão, filho de Ozias, era rei de Judá. Rason, rei de Aram, e Faceia, filho de Romelias, rei de Israel, subiram contra Jerusalém para tomá-la de assalto, mas não conseguiram atacá-la, ²pois o governo de Judá foi avisado de que Aram tinha feito aliança com Efraim. Com isso, o rei e todo o povo ficaram agitados como árvores do bosque agitadas pelo vento.

³Então Javé disse a Isaías: “Vá ao encontro de Acáz, você e seu filho Sear

Jasub. Acaz está no fim do canal do reservatório superior, no caminho que leva ao campo do Pisoeiro. ⁴Diga a ele: Tenha cuidado, mas fique calmo! Não tenha medo nem vacile o seu coração por causa desses dois tições fumegantes, isto é, por causa da raiva de Rason de Aram e do filho de Romelias. ⁵Pois Aram, Efraim e o filho de Romelias tramaram fazer o mal contra você, dizendo: ⁶Vamos atacar Judá, vamos devastá-lo e ocupá-lo, vamos colocar como rei deles o filho de Tabeel. ⁷Assim fala o Senhor Javé: Isso não irá em frente, isso não acontecerá. ⁸Pois a capital de Aram é Damasco, e o chefe de Damasco é Rason; dentro de cinco ou seis anos, Efraim será arrasado e deixará de ser povo. ⁹A capital de Efraim é Samaria, e o chefe de Samaria é o filho de Romelias. Mas, se vocês não acreditam, não se manterão firmes”.

¹⁰Javé falou de novo a Acaz, dizendo: ¹¹“Pede para você um sinal a Javé seu Deus, nas profundezas da mansão dos mortos ou na sublimidade das alturas”. ¹²Acaz respondeu: “Não vou pedir! Não vou tentar Javé!” ¹³Disselhe Javé: “Escute, herdeiro de Davi, será que não basta a vocês cansarem a paciência dos homens? Precisam cansar também a paciência do próprio Deus? ¹⁴Pois saibam que Javé lhes dará um sinal: A jovem concebeu e dará à luz um filho, e o chamará pelo nome de Emanuel. ¹⁵Ele vai comer coalhada e mel, até que aprenda a rejeitar o mal e escolher o bem. ¹⁶Mas, antes que o menino aprenda a rejeitar o mal e escolher o bem, a terra desses dois reis que lhe estão causando medo será arrasada. ¹⁷Javé há de trazer para você, para o seu povo e para toda a família do seu pai, dias de felicidade como nunca houve desde o dia em que Efraim se separou de Judá”. [7,1-17]

O risco dos pactos internacionais — ¹⁸Nesse dia, Javé assobiará para as moscas da foz do rio do Egito e para as abelhas do país da Assíria. ¹⁹Elas virão todas e pousarão nas grotas dos morros e nas fendas das rochas, em todas as moitas de espinhos e em todos os bebedouros. ²⁰Nesse dia, o Senhor raspará, com uma navalha alugada além do rio Eufrates, a cabeça e o pelo das pernas; até a barba ele há de tirar. ²¹Nesse dia, cada um criará uma novilha e duas ovelhas ²²e, como haverá fartura de leite, todos comerão coalhada; comerão coalhada com mel todos os que ficarem no país. ²³Nesse dia, todo lugar onde houver mil videiras no valor de mil moedas de prata, será transformado em espinheiro e matagal. ²⁴Aí entrarão os que estiverem armados de arco e flecha, pois o país inteiro se transformará em espinheiro e matagal; ²⁵e em todos os montes

capinados com enxada, você terá medo de entrar, por causa dos espinheiros e do matagal; servirão de pasto para os bois e serão pisados pelas ovelhas. [18-25]

8 *Um presságio funesto* — ¹Javé me disse: “Pegue uma tábua grande e escreva nela com letra comum: ‘Pronto-saque-rápida-pilhagem’ ”. ²Então eu tomei testemunhas de confiança: o sacerdote Urias com Zacarias, filho de Baraquias. ³Em seguida, eu me uni à profetisa e ela concebeu e deu à luz um filho. Javé disse-me: “Dá-lhe o nome de ‘Pronto-saque-rápida-pilhagem’”, ⁴pois antes que o menino aprenda a falar ‘papai, mamãe’, as riquezas de Damasco e os despojos de Samaria serão levados perante o rei da Assíria”. [8,1-4]

A proteção dos poderosos é perigosa — ⁵Javé continuou falando comigo. Ele disse: ⁶“Já que este povo desprezou a água de Siloé que corre mansa, apavorado diante de Rason e do filho de Romelias, ⁷o Senhor vai trazer para ele as águas torrenciais e impetuosas do rio Eufrates (o rei da Assíria com toda a sua força): elas enchem o leito, transbordam por todas as margens, ⁸invadem Judá, o inundam e lhe sobem até o pescoço”. Suas asas abertas cobrirão toda a extensão da sua terra, ó Deus-conosco! [5-8]

Deus está com os fracos — ⁹Povos, fiquem sabendo que vocês serão derrotados. Atenção, países distantes: armem-se quanto quiserem, que vocês sairão derrotados; ¹⁰façam planos à vontade, que fracassarão; façam ameaças: elas não se cumprirão, porque Deus está conosco. [9-10]

É a Deus que se deve temer — ¹¹Assim me disse Javé, enquanto me segurava pela mão e me proibia de seguir o caminho desse povo: ¹²Não chamem de conspiração tudo o que esse povo chama de conspiração; não participem do medo deles e não se apavorem. ¹³Chamem Santo somente a Javé dos exércitos; dele sim, tenham temor e terror. ¹⁴Ele será uma armadilha, uma pedra de tropeço, um obstáculo que derruba para as duas casas de Israel; um laço e uma armadilha para os habitantes de Jerusalém. ¹⁵Muitos tropeçarão nela, cairão, se quebrarão, serão presos e capturados. [21]

Esperem e confirmem — ¹⁶Feche esse atestado e lacre essa instrução junto aos meus discípulos. ¹⁷Eu confio em Javé, que esconde a sua face à casa de Jacó, e nele espero. ¹⁸Agora, eu e os filhos que Javé me deu, somos para Israel sinais e presságios de Javé dos exércitos, que mora no monte Sião. ¹⁹Quando disserem a

vocês: “Consultem os espíritos e adivinhos, que sussurram e murmuram fórmulas; por acaso, um povo não deve consultar seus deuses e consultar os mortos em favor dos vivos?”, ²⁰comparem com a instrução e o atestado: se o que disserem não estiver de acordo com o que aí está, então não haverá aurora para eles. [16-20]

Situação sombria — ²¹Ele atravessará o país aflito e faminto e, enfurecido pela fome, amaldiçoará o seu rei e o seu Deus. Olhará para o alto e, ²²de novo, olhará para a terra: tudo é aperto e escuridão sem saída, angústia e densas trevas, sem aurora. ²³Não haverá saída para a terra angustiada. [21-23a]

Uma luz nas trevas — No passado, ele humilhou a terra de Zabulon e Neftali; mas, no futuro, tornará glorioso o caminho do mar, o Além-Jordão e o território das nações.

9¹O povo que andava nas trevas viu uma grande luz, e uma luz brilhou para os que habitavam um país tenebroso. ²Multiplicaste o povo, aumentaste o seu prazer. Vão alegrar-se diante de ti, como na alegria da colheita, como no prazer dos que repartem despojos de guerra. ³Porque, como no dia de Madiã, quebraste a canga de suas cargas, a vara que batia em suas costas e o bastão do capataz de trabalhos forçados. ⁴Porque toda bota que pisa com barulho e toda capa empapada de sangue serão queimadas, devoradas pelas chamas.

⁵Porque nasceu para nós um menino, um filho nos foi dado: sobre o seu ombro está o manto real, e ele se chama “Conselheiro Maravilhoso”, “Deus Forte”, “Pai para sempre”, “Príncipe da Paz”. ⁶Grande será o seu domínio, e a paz não terá fim sobre o trono de Davi e seu reino, firmado e reforçado com o direito e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo de Javé dos exércitos é quem realizará isso. [8,23b-9,6]

Com Deus não se brinca — ⁷O Senhor enviou uma ameaça contra Jacó, e ela atingiu Israel. ⁸O povo todo ficou sabendo, Efraim e os moradores de Samaria. Cheios de soberba e presunção, eles dizem: ⁹“Os tijolos caíram? Nós reconstruiremos com pedras. Derrubaram o madeiramento de sicômoro? Nós o substituiremos com cedro”. ¹⁰Javé, porém, sustenta contra esse povo o seu adversário Rason e incita contra ele seus inimigos: ¹¹os arameus pelo Oriente e os filisteus pelo Ocidente, que devoram Israel com grandes mordidas. Apesar de tudo isso, a ira dele não se acalma e sua mão continua estendida! ¹²Mas o povo

não se volta para quem o castiga, não procura Javé dos exércitos!

¹³Javé corta de Israel a cabeça e a cauda, a palma e o junco, num só dia. ¹⁴O ancião notável é a cabeça; e o profeta, mestre de mentiras, é a cauda. ¹⁵Os que dirigem esse povo o extraviam, e os que se deixam guiar ficam aniquilados. ¹⁶Por isso, Javé não terá piedade dos jovens, nem se compadecerá dos órfãos e viúvas, pois são todos injustos e malvados, toda boca só diz loucuras. Apesar de tudo isso, a ira dele não se acalma, e sua mão continua estendida.

¹⁷A impiedade queima como fogo, devorando espinheiro e matagal, incendiando a mata fechada, e fazendo subir colunas de fumaça. ¹⁸Pela ira de Javé dos exércitos, a terra queima e o povo se torna pasto do fogo: ninguém tem pena do próprio irmão. ¹⁹Morde à direita, e continua com fome; devora à esquerda, mas não fica satisfeito: cada um devora a carne do seu próximo. ²⁰Manassés devora Efraim e Efraim devora Manassés, e os dois se juntam contra Judá. Apesar de tudo isso, a ira de Javé não se acalma, e sua mão continua estendida! [9,7-20]

10 *A suprema corrupção* — ¹Ai daqueles que fazem decretos iníquos e daqueles que escrevem apressadamente sentenças de opressão, ²para negar a justiça ao fraco e fraudar o direito dos pobres do meu povo, para fazer das viúvas a sua presa e despojar os órfãos. ³O que farão vocês no dia do castigo, quando chegar a tempestade que vem de longe? O apoio de quem vocês irão procurar e onde deixarão suas riquezas, ⁴para não saírem encurvados junto com os prisioneiros e para não caírem no meio dos cadáveres? Apesar de tudo isso, a ira de Javé não se acalma, e sua mão continua estendida! [10,1-4]

Instrumento é instrumento — ⁵Ai da Assíria, vara da minha ira, bastão do meu furor posto em suas mãos. ⁶Contra uma nação ímpia eu a enviei, eu lhe dei ordens contra o povo da minha cólera, para que o saqueie e o despoje, e o pise como se fosse lama da rua. ⁷Mas ela não tinha essa intenção, e o seu coração não se apegou a esse plano. Pelo contrário, ela só pensava em exterminar e destruir bom número de nações. ⁸De fato, ela dizia: “Por acaso os meus príncipes não são todos reis? ⁹Calane não teve a mesma sorte de Carquemis, Emat não teve a mesma sorte de Arfad, e Samaria não teve a mesma sorte de Damasco? ¹⁰Ora, se a minha mão alcançou aqueles reinos de ídolos, cujas imagens eram mais numerosas que em Jerusalém e em Samaria, ¹¹não farei com Jerusalém e suas

imagens o mesmo que fiz com Samaria e seus ídolos?”

¹²Pois bem! Quando o Senhor terminar tudo o que está fazendo no monte Sião e em Jerusalém, ele vai dar o castigo ao rei da Assíria, conforme a soberba dos seus pensamentos e a arrogância do seu olhar. ¹³Pois ele disse: “Foi com a força da minha mão que eu fiz o que fiz; agi com sabedoria porque sou inteligente. Mudei as fronteiras das nações e saqueei seus tesouros; como herói dominei seus habitantes. ¹⁴Como em um ninho, minha mão apanhou as riquezas dos povos: como se recolhem ovos abandonados, recolhi a terra inteira, e não houve quem batesse asas, ninguém que desse um pio”.

¹⁵Acaso o machado se gloria contra aquele que o segura? Ou a serra se engrandece contra aquele que a maneja? Como se o bastão pudesse balançar quem o ergueu, ou a vara levantar aquele que não é madeira! ¹⁶Por isso, o Senhor Javé dos exércitos vai mandar magreza à gordura dele; em lugar de sua glória, haverá um incêndio, como incêndio provocado por fogo. [5-16]

Um resto voltará — ¹⁷A luz de Israel se tornará um fogo, e seu Santo uma labareda, que há de devorar e consumir num só dia seus espinheiros e matagal. ¹⁸Como se fosse um doente que definha, vai se extinguir toda a beleza de suas matas e de seus bosques. ¹⁹Sobrarão tão poucas árvores na floresta, que até uma criança poderá contá-las.

²⁰Nesse dia, o resto de Israel, os da casa de Jacó que escaparem, não vão mais procurar apoio naquele que os fere; vão se apoiar, com toda fidelidade, em Javé, o Santo de Israel. ²¹O resto, o resto de Jacó voltará para o Deus forte. ²²Israel, mesmo que o seu povo fosse tão numeroso como a areia do mar, a verdade é que de todo ele só um resto voltará, pois foi decretada a destruição: a justiça transborda. ²³Sim, a destruição foi decretada: o Senhor Javé dos exércitos vai executá-la no meio de toda a terra. [17-23]

Javé libertará — ²⁴Por isso, assim diz o Senhor Javé dos exércitos: Povo meu que mora em Sião, não tenha medo da Assíria. Ela lhe bate com um bastão, levanta contra você a sua vara no caminho do Egito. ²⁵Só mais um pouco de tempo, e o meu furor chegará ao fim; a minha ira vai destruí-los. ²⁶Javé dos exércitos puxará o relho contra eles, como quando atacou Madiã perto da rocha de Oreb, ou como quando ergueu a sua vara contra o mar no caminho do Egito.

²⁷Nesse dia, será retirada a carga dos ombros de vocês e a canga de seu

pescoço. [24-27a]

Demonstração de força — O destruidor vem de Rimon, ²⁸chega até Aiat, passa por Magron e deixa a sua bagagem em Macmas. ²⁹Atravessam o desfiladeiro e acampam em Gaba. Ramá estremece, Gabaá de Saul põe-se em retirada. ³⁰Levante a voz, Bat-Galim! Esteja atenta, Laísa! Responde-lhe, Anatot! ³¹Madmena foge e os moradores de Gabim procuram esconderijo. ³²Ainda hoje, parando em Nob, com a mão ele ameaça o monte da filha de Sião, a colina de Jerusalém. ³³Vejam! Com terrível violência, o Senhor Javé dos exércitos vai podar a ramagem: os galhos mais altos serão cortados, os ramos de cima serão abatidos; ³⁴o grosso da floresta será cortado a ferro, e o Líbano majestoso cairá. [27b-34]

11 ***Uma sociedade ideal*** — ¹Do tronco de Jessé sairá um ramo, um broto nascerá de suas raízes. ²Sobre ele pousará o espírito de Javé: espírito de sabedoria e inteligência, espírito de conselho e fortaleza, espírito de conhecimento e temor de Javé. ³A sua inspiração estará no temor de Javé. Ele não julgará pelas aparências, nem dará a sentença só por ouvir. ⁴Ele julgará os fracos com justiça, dará sentenças retas aos pobres da terra. Ele ferirá o violento com o cetro de sua boca, e matará o injusto com o sopro de seus lábios. ⁵A justiça é a correia de sua cintura, é a fidelidade que lhe aperta os rins.

⁶O lobo será hóspede do cordeiro, a pantera se deitará ao lado do cabrito; o bezerro e o leãozinho pastarão juntos, e um menino os guiará; ⁷pastarão juntos o urso e a vaca, e suas crias ficarão deitadas lado a lado, e o leão comerá capim como o boi. ⁸O bebê brincará no buraco da cobra venenosa, a criancinha enfiará a mão no esconderijo da serpente. ⁹Ninguém agirá mal nem provocará destruição em meu monte santo, pois a terra estará cheia do conhecimento de Javé, como as águas enchem o mar. [11,1-9]

A restauração de um povo — ¹⁰Nesse dia, a raiz de Jessé se erguerá como bandeira para os povos; para ela correrão as nações, e a sua moradia será gloriosa. ¹¹Nesse dia, o Senhor tornará a estender a mão para resgatar o resto do seu povo, o que sobrou na Assíria e no Egito, em Patros, em Cuch e Elam, em Senaar, em Emat e nas ilhas do mar. ¹²Ele erguerá um estandarte para as nações, a fim de reunir os israelitas exilados, para ajuntar os judeus dispersos dos quatro cantos da terra. ¹³O ciúme de Efraim vai acabar, e terminará o rancor de Judá:

Efraim não terá mais ciúmes de Judá, nem Judá terá rancor de Efraim. ¹⁴Voarão sobre o litoral dos filisteus pelo lado do mar, e juntos saquearão do outro lado os povos do Oriente; porão suas mãos em Edom e Moab, e aos filhos de Amon imporão obediência. ¹⁵Javé fará secar o golfo do mar do Egito, e com a força do seu sopro, estenderá a mão contra o rio Eufrates, reduzindo-o a sete braços que podem ser atravessados de sandálias. ¹⁶Haverá uma estrada para o resto do seu povo, para o que sobrar na Assíria, da mesma forma como houve uma estrada para Israel no dia em que saiu da terra do Egito. [10-16]

12 *Agradeçam a Javé* — ¹Nesse dia, você dirá: “Eu te agradeço, Javé, porque estavas irado contra mim, mas a tua ira se acalmou e me consolaste. ²Sim, Deus é a minha salvação! Eu confio e nada tenho a temer, porque minha força e meu canto é Javé: ele é a minha salvação. ³Com alegria vocês todos poderão beber água nas fontes da salvação”.

⁴E nesse dia, vocês dirão: “Agradeçam a Javé, invoquem o seu nome, contem aos povos as façanhas que ele fez, proclamem que seu nome é sublime; ⁵cantem hinos a Javé, pois ele fez proezas; que toda a terra as reconheça. ⁶Gritem de alegria e exultem, moradores de Sião, pois o Santo de Israel é grande no meio de vocês”. [12,1-6]

III. JAVÉ JULGA AS NAÇÕES [13-23]

13 *Babilônia* — ¹Oráculo contra a Babilônia, recebido em visão por Isaías, filho de Amós. ²Ergam uma bandeira em cima do morro pelado, gritem para eles; deem sinal com a mão, e eles virão até a Porta dos Nobres. ³Eu já dei ordem a meus guerreiros escolhidos, e também já chamei os meus valentes a serviço de minha ira, eles que gostam de louvar a minha grandeza.

⁴Um barulho nas montanhas, semelhante ao rumor de uma grande multidão; alvoroço de reinos, de nações reunidas: Javé dos exércitos passa revista a seu exército para o combate. ⁵Eles vieram de terras longínquas, do horizonte mais distante. É Javé com os instrumentos de sua ira para acabar com o país inteiro.

⁶Gritem, porque o dia de Javé está chegando; ele vem com a violência do Onipotente. ⁷Por isso, os braços desfalecem, e toda coragem humana se enfraquece. ⁸Todo mundo está apavorado, cheio de dores e aflições, contorcendo-se como a mulher ao dar à luz. Cada um olha espantado para o outro, com o rosto vermelho de vergonha. ⁹Eis que chega implacável o dia de Javé, com o furor e o calor da sua ira, para fazer do país um deserto, para exterminar os pecadores. ¹⁰As estrelas do céu e suas constelações deixarão de irradiar a sua luz, o sol já nascerá escuro e a lua não terá mais o seu clarão. ¹¹Vou cobrar a maldade do mundo inteiro, os crimes dos injustos; porei um fim ao orgulho dos soberbos e rebaixarei a vaidade dos prepotentes; ¹²farei que homem seja coisa mais rara que ouro, mais difícil de encontrar que o ouro de Ofir. ¹³É assim que vou balançar os céus, e a terra vai tremer nas suas bases na hora da ira de Javé dos exércitos, no dia do calor de sua ira.

¹⁴Então, como cabritinha assustada ou como ovelha que ninguém consegue achar, cada qual voltará para o seu povo, cada um vai se esconder na sua própria terra. ¹⁵Quem for encontrado será transpassado; quem for alcançado morrerá ao fio da espada. ¹⁶Suas crianças serão despedaçadas diante de seus olhos; suas casas serão saqueadas e suas mulheres serão violentadas.

¹⁷É assim que eu vou atirar contra eles o povo da Média, gente que não se importa com a prata, nem se preocupa com o ouro. ¹⁸Com seus arcos matam os jovens, não têm compaixão dos bebês; o olhar deles não se comove diante das crianças.

¹⁹Então, a Babilônia, a pérola dos reinos, o enfeite e o orgulho dos caldeus, será

transformada em ruínas, como aquelas que Deus provocou em Sodoma e Gomorra. ²⁰Nunca mais será habitada; gerações após gerações, ela não será jamais ocupada; os árabes não armarão aí as suas tendas, nem os pastores irão aí descansar com seus rebanhos. ²¹Aí se abrigarão os animais do deserto: as casas da cidade estarão povoadas de corujas; aí vão dormir filhotes de avestruz, e por aí os bodes saltarão; ²²hienas vão ulular em suas torres, lobos uivarão nos edifícios luxuosos. A hora da Babilônia está chegando, os seus dias não serão prorrogados. [13,1-22]

14 *Esperança de libertação* — ¹Javé terá compaixão de Jacó e escolherá ainda Israel e o restabelecerá em seu país. Os estrangeiros se juntarão a eles e serão incorporados na casa de Jacó. ²Alguns povos virão buscá-los, a fim de levá-los para a sua terra; os israelitas, porém, se apossarão deles na terra de Javé e os farão escravos e escravas. Estarão fazendo cativos àqueles que queriam colocá-los em cativeiro; eles dominarão os seus opressores. [14,1-2]

A queda do opressor — ³Quando Javé livrar você do sofrimento, do desespero e da dura escravidão que lhe foi imposta, ⁴você deverá cantar esta canção contra o rei da Babilônia: Como terminou o opressor, como acabou a sua arrogância! ⁵Javé quebrou a vara dos injustos, o cetro dos dominadores, ⁶aquele que castigava os povos com furor, que feria com golpes sem fim, que dominava as nações com ira, com opressão implacável. ⁷Agora o mundo inteiro repousa tranquilo e dá gritos de alegria. ⁸Até os ciprestes e os cedros do Líbano riem de você: “Depois que você caiu deitado, ninguém mais se levantou para vir nos cortar. ⁹Nas profundezas, a mansão dos mortos se agita por sua causa, prepara para você uma recepção; para você, ela desperta os mortos, todos os dominadores da terra, e faz todos os reis das nações levantar-se de seus tronos”.

¹⁰E todos eles falam, perguntando: “Também você foi derrubado como nós, e ficou igual a nós?”

¹¹O esplendor dele foi atirado na sepultura, junto com a música de suas harpas. Debaixo de você há um colchão de podridão, seu cobertor é feito de vermes. ¹²Como é que você caiu do céu, estrela da manhã, filho da aurora? Como é que você foi jogado por terra, agressor das nações? ¹³Você pensava: “Vou subir até o céu, vou colocar meu trono acima das estrelas de Deus; vou sentar-me na montanha da Assembleia, no cume da montanha celeste. ¹⁴Subirei até as alturas das nuvens e me tornarei igual ao Altíssimo”. ¹⁵E agora, aí está você precipitado

na mansão dos mortos, nas profundezas do abismo.

¹⁶Quem o vê, fica olhando e observando: “Esse homem abalou o mundo, fez tremer os reinos, ¹⁷fez do mundo um deserto, destruindo suas cidades, não soltava seus prisioneiros!”

¹⁸Todos os reis das nações são sepultados com honras, cada qual no seu túmulo; ¹⁹mas você foi jogado fora da sepultura como ramo nojento; você está rodeado por mortos transpassados pela espada e atirados sobre as pedras da cova, como cadáver pisoteado. ²⁰Você não será reunido com eles numa sepultura, pois você destruiu o seu próprio país e assassinou o seu próprio povo.

A descendência dos malfeitores jamais será nomeada. ²¹Decretem a matança dos filhos, por causa dos pecados de seus pais. Do contrário, eles voltam a se levantar, tornam-se donos da terra e acabam enchendo o mundo de ruínas.

²²Eu me levantarei contra eles — oráculo de Javé dos exércitos — para cortar da Babilônia o nome e os sobreviventes, a família e a geração — oráculo de Javé. ²³Farei dela uma propriedade de ouriços e região de brejo. Vou varrer a Babilônia com a vassoura da destruição — oráculo de Javé dos exércitos. [3-23]

Javé decidiu! — ²⁴Assim jurou Javé dos exércitos: É certo, o que eu projetei se cumprirá; aquilo que eu decidi se realizará: ²⁵liquidarei a Assíria dentro da minha terra; no alto da minha montanha pisarei na sua cabeça. A canga que a Assíria colocou sobre o meu povo desaparecerá; a carga que ela impôs em você sobre os ombros será removida.

²⁶Esse é o plano elaborado contra a terra inteira; essa é a mão estendida contra todas as nações. ²⁷Javé dos exércitos assim decidiu: quem o impedirá? Se ele estendeu sua mão, quem a afastará? [24-27]

Javé, refúgio dos oprimidos — ²⁸No ano em que morreu o rei Acaz, foi comunicado este oráculo: ²⁹Não se alegre, Filisteia inteira, por ter sido quebrada a vara que feria você, pois do corpo da serpente surgirá uma víbora, e seu fruto será um dragão alado. ³⁰Os fracos se apascentarão nos meus campos, e os indigentes repousarão tranquilos, mas a raiz de você eu a farei perecer de fome e matarei o resto. ³¹Gema, ó porta; grite, ó cidade! Trema, Filisteia inteira! Porque do Norte se levanta uma nuvem de fumaça e ninguém abandona o seu posto. ³²Que resposta darão aos mensageiros dessa nação? Foi Javé quem fundou Sião; aí se abrigarão os mais pobres do seu povo. [28-32]

15 *Moab* — ¹Oráculo contra Moab. Numa só noite foi devastada, Ar-Moab foi destruída; numa só noite foi devastada, Quir-Moab foi destruída! ²O povo de Dibon subiu aos lugares altos para chorar; nos montes de Nebo e Medaba, Moab se lamenta. Rasparam a cabeça e cortaram a barba. ³O povo nas ruas está vestido de pano de saco, nos terraços e nas praças todos se lamentam, desfeitos em pranto. ⁴Hesebon e Eleale gritam, e seus gritos chegam até Jasa. Por isso, tremem as entranhas de Moab, e sua alma estremece. ⁵Meu coração geme por Moab. Os seus fugitivos já estão em Segor e em Eglat-Selísia. Chorando, sobe-se a ladeira de Luit; da estrada de Horonaim saem gritos de aflição. ⁶Esgotou a água de Nemrim, o pasto secou, a erva murchou, e de verde nada mais existe. ⁷Por isso, reuniram o que ainda conseguiram salvar dos seus bens e o transportaram para além da torrente dos Salgueiros. ⁸O clamor espalhou-se por todo o território de Moab, e seus gritos chegam até Eglaim e Beer-Elim, ⁹pois a água de Dimon está cheia de sangue. Mas eu ajuntarei mais uma desgraça a Dimon: um leão para os que escaparem de Moab e para o resto do país.

16 ¹De Sela do deserto enviem ao monte da filha de Sião cordeiros para o soberano do país. ²Como pássaros espantados, como ninhada dispersa, tais são as filhas de Moab junto às passagens do Arnon.

³Forme um conselho e tome uma decisão: estenda sua sombra como noite em pleno meio-dia, para esconder os refugiados, para manter em segredo os fugitivos. ⁴Receba em seu país os refugiados moabitas, seja para eles um abrigo contra aqueles que os perseguem. Quando terminar a opressão, quando a destruição tiver chegado ao fim e desaparecer do país o opressor, ⁵então haverá na tenda de Davi um trono fundado no amor e na fidelidade: nele se assentará um juiz zeloso do direito e solícito na justiça.

⁶Ouvimos falar do orgulho de Moab, da soberba desmedida da sua vaidade, arrogância e ira, e do vazio de sua ostentação. ⁷Por isso, os moabitas se lamentam por Moab, todos se lamentam. É por causa dos bolos de uvas passas de Quir-Hareset que vocês gemem tão tristes. ⁸Pois os campos de Hesebon estão murchando, e também os vinhedos de Sábama, cujo vinho embriagava os senhores das nações. Seus ramos se estendiam até Jazer, espalhavam-se pelo deserto e estendiam-se livremente, chegando até o mar. ⁹Por isso é que eu choro juntamente com Jazer, pelos vinhedos de Sábama. Inundo vocês com minhas lágrimas, Hesebon e Eleale, pois os gritos de alegria desapareceram de suas

colheitas e ceifas. ¹⁰Alegria e contentamento sumiram dos pomares; nas vinhas não há canções alegres nem gritos de júbilo; no tanque de esmagar uvas não há mais ninguém trabalhando; terminaram os gritos de alegria. ¹¹Por isso, minhas entranhas vibram como cítara por Moab; por isso, meu coração palpita por Quir-Hares. ¹²Moab vai se cansar de comparecer aos lugares altos, vai se cansar de ir em procura dos santuários para rezar, mas nada vai conseguir.

¹³Essa é a mensagem que em outro tem-po Javé dirigiu a Moab. ¹⁴Mas agora, Javé diz: Dentro de três anos, como anos de um assalariado, a glória de Moab será reduzida a nada, com toda a sua numerosa população. Apenas um resto pequeno e impotente vai permanecer. [15-16]

17 *Damasco* — ¹Oráculo contra Damasco. Damasco deixará de ser cidade e se transformará num montão de ruínas. ²Abandonadas para sempre, as cidades do país estarão entregues a rebanhos que aí descansarão sem ser incomodados. ³Efraim perderá sua fortaleza e Damasco perderá seu poderio. O resto de Aram terá o mesmo destino que a nobreza de Israel — oráculo de Javé dos exércitos.

⁴Nesse dia, a nobreza de Jacó ficará pobre, e desaparecerá a gordura do seu corpo. ⁵Acontecerá como quando o ceifeiro colhe o trigo, como quando seus braços apanham as espigas; acontecerá como quando alguém respiga no vale de Rafaim. ⁶Sobrará apenas um restolho, como quando se chacoalha a oliveira: ficam apenas duas ou três azeitonas nos ramos mais altos, quatro ou cinco nos outros galhos — oráculo de Javé, Deus de Israel.

⁷Nesse dia, o homem se voltará para o seu criador, voltará seus olhos para o Santo de Israel. ⁸Não se fixará nos altares construídos por suas próprias mãos, trabalhados por seus próprios dedos, e também não vai olhar para os postes sagrados, nem para os altares de incenso.

⁹Nesse dia, até as cidades de refúgio ficarão abandonadas, como as cidades dos heveus e amorreus, que ficaram abandonadas com a chegada dos filhos de Israel; tudo se tornará um deserto. ¹⁰Porque você esqueceu o Deus que o salva e não se lembrou da rocha que o protege. Você planta jardins de Adônis e enxerta ramos estrangeiros. ¹¹Quando você planta, você os vê crescer; e, na manhã seguinte, você os vê florescer, mas a colheita se esvai num dia de doença e de dor incurável. [17,1-11]

Javé é o Senhor da história — ¹²Ah! O tumulto de povos numerosos, qual barulho das ondas do mar, o alarido das nações ecoa como estrondo de águas

tumultuosas. ¹³O alarido das nações ecoa como estrondo de muitas águas. No entanto, Javé as ameaça e elas fogem para longe; voam sobre os montes como palhas dispersas pelo vento, como cisco no redemoinho. ¹⁴Ao anoitecer, provocam espanto, mas, ao amanhecer, já não existem. Tal é o destino dos que nos saqueiam, a sorte daqueles que nos despojam. [12-14]

18 Etiópia — ¹Ai da terra dos insetos zumbidores, que se acha entre os rios da Etiópia, ²que manda embaixadores pelo mar, em barcos de papiro sobre as águas! “Partam, mensageiros velozes, para uma nação de gente alta e bronzada, a um povo temido em toda a parte, a um povo forte e dominador, cuja terra é cortada por rios”. ³Todos vocês, habitantes do mundo e moradores todos da terra, quando se levantar nas colinas uma bandeira, olhem para ela; quando tocar a trombeta, escutem-na. ⁴Pois Javé me disse: “Eu fico quieto e observando, aqui da minha morada, como calor sufocante à luz do sol ou como nuvem de neblina ao calor da colheita”. ⁵Pois antes da colheita das uvas, ao terminar a florada, quando as uvas granadas começarem a amadurecer, seus ramos serão cortados com a foice podadeira e seus brotos serão arrancados. ⁶Tudo será abandonado aos urubus dos montes e às feras selvagens. No verão, sobre eles estarão as aves de rapina, e sobre eles todas as feras selvagens passarão o inverno.

⁷Nesse tempo, um povo alto e bronzado trará ofertas para Javé dos exércitos, um povo temido por toda a parte, um povo forte e dominador, cuja terra é cortada por rios; essas ofertas serão levadas lá onde é invocado Javé dos exércitos, sobre o monte Sião. [18,1-7]

19 Egito — ¹Oráculo contra o Egito. Olhem Javé montado numa nuvem ligeira, entrando no Egito! Com a sua presença, os deuses do Egito estremecem, e o coração dos egípcios se derrete no peito.

²Atiçarei egípcios contra egípcios e, assim, cada um vai guerrear contra seu irmão: um indivíduo contra o seu próximo, uma cidade contra outra, um reino contra outro. ³A inteligência dos egípcios se desfará no peito, e eu aniquilarei a sua política. Eles irão consultar os ídolos, pedir conselho aos magos, aos que invocam os mortos e adivinhos. ⁴Vou entregar o Egito nas mãos de um ditador; um rei prepotente governará o país — oráculo de Javé dos exércitos. ⁵As águas do mar secarão, o rio ficará sem água e árido, ⁶os canais de irrigação acabarão cheirando mal, os braços do rio Nilo vão diminuir e secar, e as canas e juncos murcharão. ⁷Vai secar e desaparecer a erva das margens do Nilo, e tudo o que

cresce junto ao Nilo será varrido pelo vento. ⁸Os pescadores gemerão, os que lançam o anzol no Nilo se lamentarão, e os que jogam a rede na água ficarão desanimados. ⁹Aqueles que trabalham com o linho ficarão desiludidos, e os fiandeiros e tecelões empalidecerão. ¹⁰Aqueles que preparam bebidas ficarão abatidos, e os fabricantes de cerveja ficarão desconsolados.

¹¹Como são loucos os chefes de Tânis, os sábios que dão ao Faraó conselhos estúpidos. Como ousam vocês dizer ao Faraó: “Sou filho de sábios, filho de reis antigos”? ¹²E, agora, onde estão os sábios de vocês? Já que sabem tanto, que eles anunciem o que Javé dos exércitos planeja contra o Egito. ¹³Os chefes de Tânis se tornaram estúpidos, os chefes de Mênfis estão iludidos. Os próprios chefes de suas tribos desorientam o Egito. ¹⁴Javé espalhou entre eles um espírito de confusão: eles, com todos os seus empreendimentos, desencaminham o Egito, como o bêbado trança os pés, vomitando. ¹⁵O Egito não conseguirá ter sucesso em obra nenhuma: cabeça ou cauda, palma ou junco. [19,1-15]

Um sinal de salvação — ¹⁶Nesse dia, os egípcios se tornarão como mulheres, cheios de pavor e medo diante da mão de Javé dos exércitos, a mão que se agita contra eles. ¹⁷A terra de Judá será um terror para os egípcios. Toda vez que alguém falar de Judá, eles vão entrar em pânico por causa daquilo que Javé dos exércitos planeja contra o Egito.

¹⁸Nesse dia, haverá umas cinco cidades do Egito que estarão falando a língua de Canaã, e que jurarão por Javé dos exércitos. Uma delas vai se chamar Cidade do Sol.

¹⁹Nesse dia, haverá um altar para Javé no meio do país do Egito e, na fronteira, um obelisco em honra a Javé. ²⁰Tudo isso será, no país do Egito, um sinal e um testemunho para Javé dos exércitos. Então, quando clamarem por ele diante de alguém que os oprime, Javé há de lhes mandar um salvador e defensor que os liberte. ²¹Javé será conhecido no Egito, e nesse dia os egípcios reconhecerão Javé. Oferecerão sacrifícios e oferendas, e até farão promessas a Javé, e hão de cumpri-las. ²²Javé ferirá os egípcios. Ele vai ferir, e depois curar. Os egípcios se voltarão para Javé e, então, ele os vai escutar e curar.

²³Nesse dia, haverá uma estrada do Egito para a Assíria. A Assíria poderá ir ao Egito e o Egito poderá ir até a Assíria. Junto com a Assíria, os egípcios prestarão o seu culto a Deus.

²⁴Nesse dia, Israel será mediador entre o Egito e a Assíria, e será uma bênção

no meio da terra, ²⁵porque Javé dos exércitos o abençoa, dizendo: “Bendito seja o Egito, meu povo, e a Assíria, obra das minhas mãos, e Israel, a minha herança”. [16-25]

20 *Cuidado com as alianças!* — ¹No ano em que o chefe do exército da Assíria, mandado pelo rei Sargon, veio até Azoto, cercou e tomou a cidade.

²Então, Javé falou por intermédio de Isaías, filho de Amós, como já lhe havia dito antes: “Vamos! Tire esse pano de saco do corpo e as sandálias dos pés”. Assim fez Isaías, que começou a andar nu e descalço.

³Depois Javé disse: Assim como Isaías, meu servo, andou nu e descalço por três anos, esse fato será um sinal e um exemplo para o Egito e a Etiópia. ⁴Pois é assim que o rei da Assíria vai levar os cativos do Egito, os exilados da Etiópia, jovens ou velhos: estarão nus e descalços, com as nádegas de fora (a vergonha do Egito). ⁵Estarão aterrorizados e envergonhados por causa da Etiópia, sua esperança; por causa do Egito, seu orgulho. ⁶Os moradores deste litoral dirão: “Vejam como ficou a nossa esperança, aquele a quem procurávamos em busca de ajuda para nos livrar das ameaças do rei da Assíria! Quem vai nos livrar agora?” [20,1-6]

21 *A queda da Babilônia* — ¹Oráculo contra o deserto do mar.

Como os furacões que percorrem o Negueb, assim ele vem do deserto, de um país terrível. ²Uma visão pavorosa me foi revelada: “O traidor foi traído e o devastador devastado. À luta, Elam! Ao cerco, Média! Eu faço sem cessar toda espécie de gemido. ³Então, meu corpo inteiro começa a tremer, vou sentindo uma aflição como de mulher que está para dar à luz; uma tontura não me deixa ouvir, um tremor não me deixa ver! ⁴Minha cabeça gira, o pavor toma conta de mim. E o entardecer tão esperado se torna terror para mim. ⁵Preparem a mesa, estendam a toalha para comer e beber. De pé, comandantes: preparem os escudos”. ⁶Pois assim me falou Javé: “Vá, coloque um vigilante para que ele conte tudo o que vê. ⁷Se ele vê gente montada, dois cavaleiros montados em jumentos ou camelos, que preste atenção, muita atenção”. ⁸E o vigilante gritou: “Meu senhor, estou de prontidão o dia inteiro no meu posto de guarda; passo as noites a postos no lugar de onde estou vigiando. ⁹Atenção! Está chegando gente montada, um par de cavaleiros que anunciam: ‘Caiu, caiu Babilônia; as estátuas de seus deuses estão despedaçadas pelo chão’ ”.

¹⁰Povo meu, malhado no terreiro, eu anuncio a você o que ouvi de Javé dos

exércitos, o Deus de Israel. [21,1-10]

Duma — ¹¹Oráculo contra Duma.

De Seir alguém me chama: “Guarda, quanto falta para acabar a noite? Guarda, quanto falta para acabar a noite?” ¹²O guarda responde: “O amanhecer vai chegar, mas a outra noite também. Se querem perguntar, perguntem. Voltem de novo”. [11-12]

Arábia — ¹³Oráculo contra a Arábia.

No matagal, na Arábia, vocês passam a noite, caravanas de dadanitas.

¹⁴Levem água para os que estão passando sede. Moradores de Tema, levem pão para os fugitivos, ¹⁵porque eles estão fugindo da espada, da espada desembainhada, do arco esticado e da dureza da guerra.

¹⁶Pois isto me falou Javé: “Daqui a um ano, contado como um ano de assalariado, vai acabar todo o poderio de Cedar. ¹⁷O que sobrar dos numerosos atiradores de flechas do exército de Cedar, será muito pouco, pois quem falou foi Javé, Deus de Israel”. [13-17]

22 Jerusalém — ¹Oráculo sobre o vale da Visão.

Que aconteceu a vocês, para subirem todos aos terraços, ²festivos, cidade cheia de agitação, população em festa? Suas vítimas não caíram mortas pela espada, nem morreram no combate. ³Seus chefes fugiram todos juntos, e sem um disparo de arco caíram prisioneiros; todos os que foram encontrados foram feitos prisioneiros, quando se afastavam em fuga. ⁴É por isso que eu digo: Não olhem para mim, porque choro amargamente; e não queiram me consolar da derrota sofrida pela filha do meu povo. ⁵Na verdade, Javé dos exércitos enviou um dia de luto, de angústia e de tormento.

No vale da Visão, os muros eram cavados e se ouviam gritos pelos montes. ⁶Elam trazia a caixa de flechas; Aram montava cavalos e carros; Quir tirava a capa do escudo. ⁷Seus melhores vales estavam cheios de carros e os cavaleiros tomavam posição junto à porta. ⁸Foi assim que se abriu a defesa de Judá.

Nesse dia, vocês olharam para as armas da Casa da Floresta. ⁹E aí viram que eram muitas as brechas na cidade de Davi. E então vocês cuidaram para reservar água no reservatório inferior. ¹⁰Depois, vocês contaram as casas de Jerusalém e demoliram casas para poderem reforçar os muros da cidade. ¹¹Entre as duas

muralhas, vocês fizeram um depósito para a água do reservatório velho. Vocês só não olharam para aquele que fez tudo isso; só não enxergaram aquele que, de longe, planejou tudo isso.

¹²Nesse dia, Javé dos exércitos tinha chamado para chorar e bater no peito, para raspar a cabeça e vestir luto. ¹³Em vez disso, o que se viu foi divertimento e alegria, matança de bois e abate de ovelhas, gente comendo carne e bebendo vinho: “Comamos e bebamos, que amanhã morreremos”. ¹⁴Javé dos exércitos disse ao meu ouvido: Juro que esse pecado não será reparado até a morte de vocês — disse Javé dos exércitos. [22,1-14]

Sobna e Eliacim — ¹⁵Assim diz Javé, Deus dos exércitos: Vá procurar esse Sobna, ministro do palácio, ¹⁶que está fazendo para si um túmulo em lugar alto, que está cavando uma sepultura na rocha. Diga-lhe: “O que você tem aqui e quem você tem aqui? Por que está preparando aqui um túmulo para você? ¹⁷Pois Javé vai atirar você longe e com força. Ele apanhará você ¹⁸e o fará rolar como bola em lugar espaçoso. Aí você morrerá com seus carros elegantes, uma vergonha para a casa do seu patrão. ¹⁹Vou remover você do seu cargo, vou afastá-lo da sua função.

²⁰Nesse mesmo dia, vou convocar o meu servo Eliacim, filho de Helcias. ²¹Vou vesti-lo com a túnica que pertencia a você, vou firmar-lhe a cintura com o cinturão que você usava; colocarei nas mãos dele o poder que era seu. E ele será como um pai para os habitantes de Jerusalém e para a casa de Judá. ²²Colocarei a chave da casa de Davi sob a responsabilidade dele: quando ele abrir, ninguém poderá fechar; quando ele fechar, ninguém poderá abrir. ²³Vou fincá-lo como prego em lugar firme, e o desempenho do seu cargo será de prestígio para a casa do seu pai. ²⁴Dele estará pendente tudo o que há de importante na família de seu pai: filhos e netos, todos os objetos miúdos, desde as taças até os jarros. ²⁵Nesse dia — oráculo de Javé dos exércitos — o prego fincado em lugar firme vai ceder, sair do lugar e cair; então, tudo o que estava dependurado nele também virá ao chão, porque Javé falou”. [15-25]

23 Tiro — ¹Oráculo contra Tiro. Uivem, navios de Társis, pois o refúgio de vocês foi destruído. A notícia chegou da terra de Cetim. ²Fiquem quietos, moradores do litoral, comerciantes de Sidônia, cujos representantes atravessavam o mar, ³as águas imensas. Os cereais do Delta, as colheitas do vale do Nilo eram a sua fonte de renda, e eles vendiam para o mundo inteiro.

⁴Sidônia, fortaleza dos mares, encha-se de vergonha, pois o mar está dizendo: “Não tive dores de parto nem dei à luz ninguém; não criei meninos nem eduquei meninas”. ⁵Quando se ouvir falar disso no Egito, eles sofrerão com as notícias de Tiro.

⁶Vocês, moradores do litoral, vão uivando para Társis. ⁷Será essa a cidade feliz, que teve origem nos tempos antigos e cujos pés a levavam longe para aí fixar morada? ⁸Quem foi que planejou isso contra Tiro, a distribuidora de coroas? Seus comerciantes eram capitães, e seus negociantes eram a aristocracia do país. ⁹Foi Javé dos exércitos quem assim planejou, para rebaixar todo orgulho e esplendor, para humilhar a aristocracia do país.

¹⁰Agora, trate de lavrar a terra como a região do Nilo, ó filha de Társis, pois o seu porto já não existe mais. ¹¹Javé estendeu a mão sobre o mar e fez tremer os reinos. Ele mandou destruir as fortalezas de Canaã. ¹²Ele disse: Não continue mais a se exaltar, ó cidade arrasada, jovem filha de Sidônia. Vamos! Vá para Cetim. Nem aí haverá paz para você. ¹³Olhe a terra dos caldeus, esse povo que não existia. Os assírios a entregaram às feras, levantaram torres de vigia, destruíram seus palácios e fizeram de tudo uma ruína. ¹⁴Uivem, navios de Társis, porque o refúgio de vocês foi destruído.

¹⁵Nessa ocasião, Tiro ficará esquecida durante setenta anos — a duração da vida de um rei — e no final dos setenta anos, poderá ser aplicada a Tiro aquela canção da prostituta: ¹⁶“Pegue a cítara, percorra a cidade, prostituta esquecida. Toque com habilidade, cante muitas canções, para ver se alguém ainda se lembra de você”.

¹⁷Então, no final dos setenta anos, Javé dará novamente atenção a Tiro. Ela voltará aos seus ganhos de prostituta e se venderá a todos os reinos da face da terra. ¹⁸O seu lucro, o seu ganho de prostituta, será consagrado a Javé, de modo que ela não vai ajuntar dinheiro nem se enriquecer, pois será tudo daqueles que moram na presença de Javé, para eles comerem, beberem e se vestirem com todo o luxo. [23,1-18]

IV. O FIM DOS TEMPOS [24-27]

24 *O julgamento de Javé* — ¹Javé vai arrasar a terra e a devastará; lançará confusão em toda a sua superfície e dispersará seus habitantes. ²O mesmo acontecerá ao povo e ao sacerdote, ao escravo e ao patrão, à escrava e à sua senhora, ao comprador e ao vendedor, ao que empresta e a quem toma emprestado, ao devedor e ao credor. ³De fato, a terra será devastada e despojada, porque foi Javé quem pronunciou essa sentença. ⁴A terra está de luto e perecendo, o mundo se acaba pouco a pouco e morre, os grandes da terra aos poucos se acabam. ⁵A terra está profanada debaixo dos pés de seus moradores: eles violaram as leis, mudaram o estatuto e quebraram a aliança eterna. ⁶Por isso, a maldição devorou a terra, e os seus moradores recebem o castigo; por isso, a população da terra desapareceu, e poucos são os que restam. [24,1-6]

O julgamento da cidade — ⁷O vinho novo se enfraquece e a videira murcha; gemem todos os que estavam de coração alegre. ⁸Acabou o som festivo dos tambores, cessou a algazarra das pessoas em festa, parou o som alegre das harpas. ⁹Já não se bebe vinho entre canções, a bebida forte ficou amarga para quem bebe. ¹⁰A Cidade da Desordem está arruinada: as casas estão fechadas, não entra mais ninguém. ¹¹Há gritos pelas ruas, porque não há vinho; o riso terminou, a alegria foi expulsa da terra. ¹²Na cidade só restaram escombros, a porta ficou reduzida a ruínas.

¹³No meio da terra e entre os povos sucederá o que acontece quando se sacode a oliveira ou quando se colhe o resto das uvas depois da vindima. ¹⁴Eles erguerão a voz, celebrando a glória de Javé. E gritam do lado do mar: ¹⁵“Glorifiquem, portanto, a Javé; do lado do Oriente, das ilhas do mar, celebrem o nome de Javé, Deus de Israel. ¹⁶Do extremo da terra, ouvimos o cântico: ‘Glória ao Justo’ ”. [7-16a]

O combate final — Mas eu digo: “Infeliz de mim! Infeliz de mim! Ai de mim!” Os traidores traíram, tramaram traições. ¹⁷Terror, buraco e laço é o que espera você, morador da terra. ¹⁸Quem fugir do grito de terror, acabará caindo no buraco; se for capaz de sair do fundo do buraco, será pego no laço. Pois as comportas do céu se abrirão e a terra tremerá na base. ¹⁹A terra será toda arrasada, a terra será sacudida violentamente, a terra será fortemente abalada.

²⁰A terra cambaleará como bêbado, balançará como tenda. Sua culpa lhe pesará nas costas, ela cairá e nunca mais se levantará.

²¹Nesse dia, Javé julgará no céu o exército do céu; e na terra os reis da terra.

²²Serão todos reunidos e presos na cadeia, ficarão fechados na prisão, e só depois de muito tempo é que serão julgados. ²³A lua ficará vermelha, o sol empalidecerá, pois Javé dos exércitos reina no monte Sião e em Jerusalém, e será glorificado diante dos seus anciãos. [16b-23]

25*A justiça de Deus* — ¹Javé, tu és o meu Deus; eu te exalto, e louvo o teu nome, pois realizaste projetos maravilhosos, concebidos desde os tempos antigos com toda a fidelidade. ²Transformaste a cidade em monte de pedras, a cidade fortificada em ruína, e a fortaleza na mão do estrangeiro já nem é cidade, e nunca mais será reconstruída. ³É por isso que um povo forte te dá glória, a capital das nações tirânicas te respeita. ⁴Porque tu te tornaste uma proteção para o fraco, um apoio para o indigente na hora do seu aperto, um esconderijo no tempo das águas e uma sombra no sol forte. Porque o ímpeto dos tiranos é como chuva de inverno, ⁵o tumulto dos estrangeiros como calor de verão. Tu alivias o sol forte com a sombra de uma nuvem e fazes calar o canto dos tiranos. [25,1-5]

O grande banquete — ⁶Javé dos exércitos vai preparar no alto deste monte, para todos os povos do mundo, um banquete de carnes gordas, um banquete de vinhos finos, de carnes suculentas, de vinhos refinados. ⁷Neste monte, Javé arrancará o véu que cobre todos os povos, a cortina que esconde todas as nações; ⁸ele destruirá para sempre a morte. O Senhor Javé enxugará as lágrimas de todas as faces, e eliminará da terra inteira a vergonha do seu povo — porque foi Javé quem falou.

⁹Nesse dia se dirá: “Vejam o nosso Deus! É nele que esperávamos para que nos salvasse: celebremos e festejemos a sua salvação”. ¹⁰A mão de Javé pousará sobre este monte, enquanto Moab será pisado no chão, como se pisa a palha no lodo da esterqueira. ¹¹Aí Moab estenderá as mãos, como faz o nadador ao nadar; mas seu orgulho acabará caindo, apesar da agilidade de suas mãos. ¹²Javé vai abater e demolir a fortaleza altíssima de seus muros e arrasá-la até o chão. [6-12]

26*As duas cidades* — ¹Nesse dia se cantará este cântico na terra de Judá: “Nós temos uma cidade forte. Para salvá-la, Javé a protegeu com muro e contramuro. ²Abram as portas para que entre o povo justo, que se mantém fiel.

³De modo firme, tu garantirás a paz, porque ela confia em ti. ⁴Confiem sempre em Javé, pois Javé é uma rocha para sempre. ⁵Ele rebaixou os moradores das alturas, a cidade inatingível. Abateu-a até o solo, arrasou-a no pó. ⁶Ela será calcada aos pés pelos pobres e pisada pelos fracos”. [26,1-6]

Javé fará seu povo reviver — ⁷A vereda do justo é reta, tu aplainas a trilha do justo. ⁸Sim, Javé, na vereda de tuas sentenças esperamos em ti, a nossa alma suspira pelo teu nome e tua lembrança. ⁹Por ti suspira a minha alma a noite toda, no meu íntimo o meu espírito madruga por ti, pois sempre que tuas sentenças chegam à terra, os habitantes do mundo aprendem a justiça. ¹⁰Se absolvemos o malvado, ele nunca aprende a justiça; sobre a terra ele distorce as coisas direitas e não vê a grandeza de Javé; ¹¹embora ergas a tua mão, Javé, eles não a percebem. Que vejam o teu ciúme por este povo, se envergonhem e sejam devorados pelo fogo preparado para teus inimigos. ¹²Javé, tu nos governarás na paz, pois és tu quem realiza tudo o que fazemos. ¹³Javé, nosso Deus, outros senhores nos dominaram; nós, porém, só invocamos o teu nome. ¹⁴Os mortos não vão reviver, as sombras não se levantarão, porque tu os castigaste, destruístes e fizeste com que não fossem mais lembrados.

¹⁵Fizeste a nação crescer, Javé, fizeste a nação crescer, e manifestaste a tua glória; alargaste as fronteiras do país. ¹⁶Javé, no aperto recorriamos a ti e gritávamos a ti no castigo com que nos corrigias. ¹⁷Como a mulher grávida na hora de dar à luz, contorcendo-se e gemendo nas dores do parto, assim nos encontrávamos, ó Javé, em tua presença. ¹⁸Nós engravidamos, chegamos às dores do parto, mas parimos vento. Não trouxemos salvação para o país, não nasceram novos habitantes para o mundo. ¹⁹Mas os teus mortos hão de reviver e seus cadáveres se levantarão. Os que dormem no pó vão acordar e cantar, pois o teu orvalho é um orvalho de luz, e a terra das sombras dará à luz. [7-19]

Deus destruirá o mal — ²⁰Corra, meu povo, entre no seu quarto, feche a porta por dentro e fique escondido por um pouco, até passar esta cólera. ²¹Porque Javé está saindo de sua casa para castigar os crimes dos habitantes da terra. A terra devolverá o sangue derramado, não poderá mais esconder suas vítimas.

27¹Nesse dia, com sua espada dura, grande e forte, Javé castigará Leviatã, serpente escorregadia, Leviatã, serpente tortuosa, e matará o dragão do mar. [26,20-27,1]

Deus protege o seu povo — ²Nesse dia, cantarão para a vinha formosa: ³Eu, Javé, sou responsável por ela. Eu a rego com frequência; para que ninguém venha estragá-la, eu a vigio dia e noite. ⁴Eu não estou encolerizado. Se alguém produzisse nela espinhos e ervas daninhas, eu me lançaria contra ele para queimá-lo. ⁵Quem buscar a minha proteção, fará as pazes comigo; sim, comigo fará as pazes. [27,2-5]

Deus renova o seu povo — ⁶No futuro, Jacó criará raízes, Israel dará botões e flores, e seus frutos cobrirão a terra. ⁷Por acaso Javé feriu a Jacó como feriu àqueles que ferem Jacó? Ou será que o matou, como matou os seus assassinos? ⁸Javé os castigou na medida certa, ao expulsá-los de sua terra, ao jogá-los longe com vento forte, como em dia de vento oriental. ⁹Pois é assim que a culpa de Jacó será apagada; será esse o fruto por ele se afastar do seu pecado, quando ele reduzir todas as pedras do altar a pedras de cal que se transformam em pó, quando não mais erguer postes sagrados e altares para o incenso. [6-9]

Deus destrói os inimigos — ¹⁰A fortaleza se transformou em lugar de solidão, em casa largada, abandonada como o deserto: aí pastam bezerros, deitam-se e devoram os seus ramos. ¹¹O galho seco quebra, vêm as mulheres e recolhem para acender o fogo.

Pois este não é um povo inteligente; por isso, não conseguiu que seu Criador se compadecesse dele, que o seu formador tivesse piedade. [10-11]

Deus reunirá o seu povo — ¹²Nesse dia, Javé debulhará as espigas desde o grande rio até o riacho do Egito. E vocês, israelitas, serão recolhidos um a um. ¹³Nesse dia, soará a grande trombeta e hão de vir os que estão espalhados na Assíria e os exilados no Egito. E todos se ajoelharão diante de Javé, no monte santo, em Jerusalém. [12-13]

V. ADVERTÊNCIAS [28-33]

28 *Contra Samaria* — ¹Ai da coroa soberba dos bêbados de Efraim, da flor murcha que usam como enfeite e que cresce no alto do vale fértil! Ai dos que estão encharcados de vinho! ²Vejam! Um homem forte e robusto enviado pelo Senhor, como chuva de pedras, como furacão devastador, como chuva torrencial que alaga tudo: com a mão, ele joga ao chão ³e pisa com os pés a coroa soberba dos bêbados de Efraim ⁴e a flor murcha que usam como enfeite e que cresce no alto do vale fértil. É como figo temporão: quem o vê o devora logo que o tem na mão.

⁵Nesse dia, Javé dos exércitos será uma coroa esplêndida, uma grinalda majestosa para o resto do seu povo: ⁶será um inspirador de justiça para aqueles que se assentam para julgar, e será força para os que rechaçam o ataque à porta da cidade. [28,1-6]

Contra os sacerdotes e profetas — ⁷Também estes andam tontos de vinho, também eles cambaleiam pelo efeito da bebida forte. Sacerdote e profeta estão confusos pela bebida, estão tomados pelo vinho, divagam sob o efeito da bebida, andam confusos em suas visões, divagam em suas sentenças. ⁸As mesas estão cheias de vômito e sujeira: não há nenhum lugar limpo. ⁹A quem vai ele ensinar? A quem vai explicar a doutrina? A crianças desmamadas, que mal largaram de mamar? ¹⁰Ele diz: “çav laçav, çav laçav; cav lacav, cav lacav; zeer sham, zeer sham”. ¹¹De fato, é com lábios balbuciantes e em língua estranha que se falará a este povo. ¹²Ele lhes tinha dito: “Este é o descanso; deixem os cansados descansar; este é um lugar tranquilo”. Mas eles não quiseram ouvir. ¹³Diante disso, para eles virá a palavra de Javé: “çav laçav, çav laçav; cav lacav, cav lacav; zeer sham, zeer sham”. Isso para que, ao andarem, acabem caindo para trás, sejam derrotados, laçados e presos. [7-13]

O flagelo destruidor — ¹⁴Escutem a palavra de Javé, homens arrogantes, governantes desse povo que está na cidade de Jerusalém. ¹⁵Vocês dizem: “Fizemos aliança com a morte, com a morada dos mortos fizemos um acordo: quando o flagelo destruidor passar, não nos vai atingir, pois temos um abrigo na falsidade, nós nos escondemos debaixo da mentira”. ¹⁶Por isso, assim diz o Senhor Javé: Eu vou assentar no monte Sião uma pedra, pedra escolhida,

angular, preciosa e bem firme; quem nela confiar, não será abalado. ¹⁷Vou estabelecer o direito por medida e a justiça como fio de prumo; a chuva de pedras arrasará seu falso esconderijo e a tromba d'água alagará seu abrigo. ¹⁸Sua aliança com a morte será quebrada, e cairá seu acordo com a morada dos mortos; quando o flagelo destruidor passar, pisará sobre vocês. ¹⁹Cada vez que ele passar, os arrebentará; e ele passará a cada manhã, de dia e de noite. Então a angústia fará aprender a lição. ²⁰E a cama vai ser muito curta para alguém dormir nela, e o cobertor estreito demais para que possa cobrir alguém.

²¹Como aconteceu na montanha de Farasim, Javé vai se levantar; como aconteceu no vale de Gabaon, vai ficar enfurecido para completar o seu trabalho, um trabalho diferente; para acabar a sua tarefa, uma tarefa muito estranha. ²²Não fiquem zombando, senão eles apertarão mais as algemas de vocês, pois ouvi falar da destruição que atingirá toda a terra — é coisa decidida pelo Senhor Javé dos exércitos. [14-22]

Deus age na hora certa — ²³Ouçam bem e escutem a minha voz, prestem atenção e deem ouvidos às minhas palavras. ²⁴Será que o lavrador fica todos os dias arando o seu terreno para o plantio, abrindo sulcos e gradeando a sua terra? ²⁵Por acaso, não aplaina a superfície, não espalha a semente de endro e não semeia o cominho? Depois, não planta o trigo, a cevada, o milho e a aveia numa faixa lateral? ²⁶É o Deus dele que o instrui e lhe ensina as regras. ²⁷Não é na debulhadeira que se bate o endro, nem se passam as rodas de uma carroça sobre o cominho, pois o endro se debulha com vara e o cominho com bastão. ²⁸Não se tritura o trigo, não se debulha continuamente, mas passa-se sobre ele a carroça que o debulha sem o triturar. ²⁹Tudo isso vem de Javé dos exércitos; ele é maravilhoso para dar conselhos e grandioso em sabedoria. [23-29]

29 ***Deus corrige e salva*** — ¹Ai de Ariel, Ariel, cidade onde Davi acampou. Juntem ano a ano, que o ciclo das festas complete o seu giro. ²E eu, então, vou apertar Ariel, e só haverá choro e lágrimas. Você será para mim como Ariel: ³vou acampar ao redor de você, vou cercá-la com trincheiras e levantarei torres de assédio contra você. ⁴Humilhada, você estará falando desde o chão; e sua palavra sairá abafada pela poeira, e a sua voz subirá da terra como sussurro de um fantasma da tumba. A sua palavra será como um murmúrio que brota do chão. ⁵Pois a multidão dos seus inimigos será como a poeira mais fina; e a multidão dos seus agressores será como a palha que voa.

Mas, de repente, sem avisar, ⁶Javé dos exércitos virá em seu auxílio, com relâmpagos e trovões, ribombos colossais, temporal e furacão, e chamas de fogo devorador. ⁷Será como um sonho, uma visão noturna, essa multidão de povos atacando Ariel, todos atacando, agredindo e apertando. ⁸Será como alguém que está com fome e sonha que está comendo: depois acorda e está de estômago vazio. Ou como aquele que está com sede e sonha que está bebendo: quando acorda, está com a garganta cansada e seca. É isso que vai acontecer a essa multidão de nações que atacam o monte Sião. ⁹Espantem-se e fiquem assombrados; fiquem cegos, sem visão; fiquem bêbados, mas não de vinho; fiquem tontos, mas não de bebida forte, ¹⁰porque Javé derrama sobre vocês um espírito embriagador que lhes fecha os olhos e lhes cobre a cabeça.

¹¹Toda essa visão será para vocês como palavras de um livro lacrado. Se alguém dá esse livro a uma pessoa que sabe ler e lhe diz: “Por favor, leia isso”, ela responderá: “Não posso; ele está lacrado!” ¹²Se derem o livro para alguém que não sabe ler, dizendo-lhe: “Por favor, leia isso”, ele responderá: “Eu não sei ler”. [29,1-12]

A falsa religião — ¹³O Senhor disse: Esse povo se aproxima de mim só com palavras, e somente com os lábios me glorifica, enquanto o seu coração está longe de mim. O culto que me prestam é tradição humana e rotina. ¹⁴Por isso, eu continuarei a realizar maravilhas e prodígios; a sabedoria dos seus sábios fracassará e a inteligência dos seus inteligentes se apagará. [13-14]

O triunfo da justiça e do direito — ¹⁵Ai daqueles que procuram esconder-se de Javé para ocultar seus próprios projetos. Agem nas trevas, dizendo: “Quem nos vê? Quem nos conhece?” ¹⁶Como vocês são perversos! O barro vai querer se comparar com o oleiro? Poderá um trabalho qualquer dizer ao seu fabricante: “Não foi você que me fez”? E o pote, será que pode dizer ao seu oleiro: “Você não entende nada”?

¹⁷Muito em breve, não será o Líbano transformado em pomar, e o pomar não parecerá um bosque? ¹⁸Nesse dia, os surdos ouvirão as palavras do livro; e os olhos do cego, libertos da escuridão e das trevas, tornarão a ver. ¹⁹Os pobres voltarão a se alegrar com Javé, e os indigentes da terra ficarão felizes com o Santo de Israel. ²⁰Pois não haverá mais ditador, e aquele que zombava de todos desaparecerá; e todos os que tramam o mal serão eliminados: ²¹os que acusam

alguém no processo, os que no tribunal fazem armadilha para o juiz e, por um nada, arruinam o justo.

²²Por isso, assim diz Javé, Deus da casa de Jacó, ele que resgatou Abraão: Jacó não ficará envergonhado, seu rosto não ficará pálido, ²³porque vendo o trabalho de minhas mãos no meio deles, santificará o meu nome, santificará o Santo de Jacó e temerá o Deus de Israel. ²⁴Aqueles que haviam perdido a cabeça compreenderão, e aqueles que protestavam hão de aprender a lição. [15-24]

30 *Alianças enganadoras* — ¹Ai de vocês, filhos rebeldes! — oráculo de Javé. Vocês fazem planos que não nascem de mim, fazem acordos sem a minha inspiração, de maneira que amontoam erros e mais erros. ²Descem a caminho do Egito sem perguntar a minha opinião; pedem a proteção do Faraó e querem se abrigar à sombra do Egito. ³No entanto, a proteção do Faraó será para vocês um fracasso, e abrigar-se à sombra do Egito será uma decepção. ⁴Quando autoridades de vocês chegarem a Tânis, quando os embaixadores tiverem chegado a Anúsis, ⁵todos serão enganados por um povo inútil, do qual não vem ajuda nem proveito, mas só fracasso e decepção.

⁶Oráculo contra as bestas do Sul. Através de uma região dura e difícil, de onde vêm leas e leões rugidores, víboras e dragões voadores, levam a um povo inútil suas riquezas em lombos de burros, e seus tesouros em corcovas de camelos. ⁷O Egito é vazio e inútil. Por isso, eu dei a ele o nome de Monstro inofensivo. [30,1-7]

Documento de acusação — ⁸Agora, vá e escreva isto numa tabuinha; vá e registre tudo num livro, para que no futuro seja algo que os esteja sempre acusando. ⁹Pois esse povo é rebelde, é gente mentirosa, que não quer ouvir a lei de Javé. ¹⁰Eles dizem aos videntes: “Não tenham visões”; dizem aos profetas: “Não profetizem com sinceridade; falem para nós somente coisas agradáveis; profetizem ilusões; ¹¹afastem-se do caminho, retirem-se da vereda; parem de querer colocar diante de nós o Santo de Israel”. ¹²Por isso diz o Santo de Israel: já que vocês desprezaram essa mensagem e querem se apoiar na opressão e na maldade, colocando aí a sua esperança, ¹³então esse pecado será para vocês como rachadura que aparece provocando saliência numa parede alta, e esta, de repente, num segundo, vem abaixo, ¹⁴e a parede se espatifa como pote de barro, sem dó nem piedade, e dele não se acha nem mesmo um caco para tirar uma brasa do fogão ou um gole d’água do poço.

¹⁵Pois assim diz o Senhor Javé, o Santo de Israel: Na conversão e na calma está a salvação de vocês, e a força de vocês consiste em confiar e ficar tranquilos. Mas vocês não quiseram ¹⁶e até chegaram a dizer: “Não! Vamos fugir a cavalo”. Pois então, fujam. “Nós montamos cavalos ligeiros”. Pois seus perseguidores serão mais velozes. ¹⁷Mil fugirão diante da ameaça de um só; e diante da ameaça de cinco, vocês todos vão fugir, sem ficar ninguém para trás, como poste no topo de um monte ou mastro no alto de uma colina. [8-17]

Deus vai curar o seu povo — ¹⁸Entretanto, Javé espera a hora de mostrar piedade; ele toma a iniciativa de mostrar compaixão para com vocês, pois Javé é um Deus justo. Felizes todos os que nele confiam.

¹⁹Povo de Sião que mora em Jerusalém, você não terá mais de chorar, pois ele vai se compadecer do clamor da sua súplica. Basta ele ouvir, que responderá. ²⁰Ainda que Javé lhes tenha dado pão racionado e água sob medida, aquele que instrui você não tornará a esconder-se, e os olhos de vocês estarão vendo aquele que é para vocês o Mestre. ²¹Se vocês se desviarem para um lado ou para outro, ouvirão uma voz atrás: “O caminho é este; é por aqui que vocês devem ir”. ²²E vocês terão como coisa impura as suas imagens de madeira revestida de prata e seus ídolos recobertos de ouro. Vocês vão jogá-las fora como coisa impura, dizendo: “Fora daqui”. ²³Deus enviará chuva para as sementes que vocês semearem no campo, de modo que o alimento produzido pelo campo será farto e saboroso.

Nesse dia, o gado vai pastar em pastagens bem espaçosas. ²⁴Os bois e os animais que aram a terra comerão ração fermentada, abanada com pá e forçado. ²⁵No topo de cada monte, no alto de cada colina haverá riachos e fontes, no dia da grande mortandade, quando as torres caírem. ²⁶No dia em que Javé enfaixar as feridas do seu povo e lhe curar as chagas, a lua vai brilhar como o sol, e o brilho do sol será sete vezes maior, como o brilho de sete dias reunidos. [18-26]

Castigo para o opressor — ²⁷Olhem: Javé em pessoa vem de longe! Sua ira é ardente e seu furor é intolerável. Seus lábios estão cheios de indignação e sua língua é fogo abrasador. ²⁸Seu sopro é como o rio na enchente, que sobe até o pescoço. Ele vai sacudir as nações na peneira da calamidade e vai colocar na boca dos povos um freio que os desencaminhe. ²⁹Vocês, ao contrário, estarão cantando como em noite de festa, terão o coração alegre como quem dança ao som da flauta, enquanto caminham para a montanha de Javé, para a rocha de

Israel. ³⁰Javé fará ouvir sua voz majestosa e mostrará seu braço que golpeia com ira ardente em meio a um fogo abrasador, raios, tempestade e chuva de pedras. ³¹A Assíria ficará apavorada com a voz de Javé, pois ele vai feri-la com o seu bastão. ³²Cada vez que Javé a golpear com a vara do castigo, será acompanhado de tamborins e harpas; Javé combaterá contra a Assíria com guerra sagrada. ³³Porque já faz tempo que Tofet está preparado e também está pronto para o rei; profunda e larga é a fogueira, com fogo e lenha em abundância: como rio de enxofre, o sopro de Javé vai acendê-la. [27-33]

31 *Convertam-se a Javé!* — ¹Ai daqueles que vão até o Egito em busca de ajuda e procuram apoio nos cavalos. Eles confiam nos carros porque são numerosos e nos cavaleiros porque são muito fortes, em vez de levar em consideração o Santo de Israel, em vez de consultar a Javé. ²No entanto, ele também é sábio, ele é capaz de fazer que venha o mal; ele só não é capaz de faltar com a palavra. Ele vai levantar-se contra a casa dos maus, contra a ajuda dos malfeitores. ³O egípcio é um homem e não um deus; seus cavalos são carne e não espírito. Javé estenderá sua mão: o protetor tropeçará, o protegido cairá e os dois perecerão. ⁴Pois foi assim que Javé me falou: Da mesma forma como ruge o leão ou seu filhote com sua presa, enquanto a turma de pastores apronta contra ele uma gritaria, mas ele não fica com medo dos gritos, nem dá atenção à barulheira dos pastores, assim também Javé dos exércitos descenderá para combater sobre o monte Sião e sua colina.

⁵Como ave que abre as asas para proteger seus filhotes, assim Javé dos exércitos protegerá Jerusalém. Ele a protegerá, e ela será salva; ele a poupará, e ela será liberta. ⁶Filhos de Israel, convertam-se a ele desde o fundo da rebeldia de vocês.

⁷Nesse dia, ninguém mais vai querer saber dos ídolos de prata ou de ouro que suas mãos pecaminosas fabricaram. ⁸A Assíria cairá ao fio de uma espada que não pertence a nenhum homem, será devorada por uma espada que não é de nenhum ser humano; e se seus jovens escaparem da espada, cairão em trabalhos forçados. ⁹A rocha deles fugirá apavorada e seus chefes abandonarão a bandeira — oráculo de Javé. O fogo dele está em Sião e sua fornalha em Jerusalém. [31,1-9]

32 *O reino da justiça* — ¹Um rei reinará conforme a justiça, e os chefes governarão conforme o direito. ²Cada um deles será abrigo contra o vento, um refúgio contra a tempestade. Será como um córrego em terra seca ou sombra

de uma grande pedra no deserto. ³Os olhos daqueles que veem não se fecharão mais, os ouvidos daqueles que escutam estarão atentos; ⁴a mente precipitada aprenderá a discernir, e a língua dos gogos falará com facilidade e clareza. ⁵Já não se chamará de nobre a um tolo, nem se dirá que o trapaceiro é ilustre, ⁶pois o tolo diz tolices, e no seu coração planeja o crime; pratica a impiedade e afirma coisas erradas a respeito de Javé; deixa vazio o estômago do faminto e sem água o sedento. ⁷O trapaceiro faz trapaças perversas e maquina suas intrigas; prejudica os pobres com mentiras e os indigentes que defendem o próprio direito. ⁸O nobre, ao invés, planeja coisas nobres e age sempre com nobreza. [32,1-8]

Da alegria ao luto — ⁹Mulheres despreocupadas, levantem-se e escutem a minha voz. Senhoras tranquilas, prestem atenção ao que eu vou falar. ¹⁰Daqui a um ano e alguns dias, vocês que hoje se sentem tão seguras, ficarão abaladas, porque a produção de uvas estará perdida e não haverá mais colheita. ¹¹As despreocupadas comecem a tremer, as tranquilas fiquem abaladas, completamente nuas, e coloquem uma roupa de saco na cintura. ¹²Batam no peito por causa das roças bonitas, por causa das parreiras carregadas de cachos, ¹³por causa das terras do meu povo, onde só crescerão espinhos e ervas daninhas, por causa das casas alegres e da cidade festiva. ¹⁴Porque o palácio do rei está vazio, a cidade populosa está deserta, o monte Ofel e a Torre de Vigia parecem campo pelado, alegria dos jumentos e pastos de rebanhos de cabras. [9-14]

O mundo novo — ¹⁵Será derramado outra vez sobre nós um espírito que vem do alto. Então o deserto se tornará um jardim, e o jardim será considerado um bosque. ¹⁶No deserto habitará o direito, e a justiça habitará no jardim. ¹⁷O fruto da justiça será a paz. De fato, o trabalho da justiça resultará em tranquilidade e segurança permanentes. ¹⁸Meu povo habitará em lugar pacífico, em residência segura, em habitação tranquila, ¹⁹mesmo que o bosque seja cortado e a cidade seja arrasada. ²⁰Felizes de vocês que semeiam à beira dos riachos e deixam o boi e o jumento em liberdade. [15-20]

33 ***Javé, nós esperamos em ti!*** — ¹Ai de você que destrói quando não foi destruído, que rouba quando não foi roubado. Pois quando acabar de destruir, você é que será destruído; quando terminar de roubar, então você também será roubado.

²Javé, tem piedade de nós, pois esperamos em ti! Sê nosso braço pela manhã e nossa salvação no perigo. ³Os povos fogem do barulho que tu provocas; quando tu te ergues, as nações se dispersam. ⁴Ajuntam-se os teus despojos como se amontoam insetos, como bandos de gafanhotos se avança sobre eles.

⁵Javé é exaltado porque mora nas alturas e enche Sião de direito e justiça. ⁶A fidelidade será enfeite para Sião, a sabedoria e o conhecimento serão a sua provisão salvadora, e o temor de Javé será o seu tesouro.

⁷Escutem! Os arautos gemem nas ruas, os mensageiros da paz choram amargamente! ⁸As calçadas estão desertas e ninguém passa por aí. A aliança foi quebrada, as testemunhas são desprezadas e ninguém é respeitado. ⁹O país murcha em luto, o Líbano perde a cor e seca, o Saron parece um deserto, caem as folhas de Basã e do Carmelo. ¹⁰Javé diz: Agora eu me levanto, agora eu me ergo, agora eu me elevo. ¹¹Vocês conceberam capim e deram à luz palha. O meu sopro como um fogo consumirá vocês. ¹²Os povos serão queimados como cal, irão para o fogo como galhos de espinho cortados. ¹³Vocês que estão longe, ouçam o que eu fiz. Os que estão perto reconheçam a minha força.

¹⁴Os pecadores em Sião ficam apavorados, um tremor tomou conta dos maldosos. Eles dizem: “Quem de nós poderá se hospedar junto ao calor desse fogo? Quem de nós poderá se hospedar nesse braseiro que não se apaga?”

¹⁵Quem age com justiça, quem fala com retidão, quem recusa o lucro da opressão, quem sacode a mão recusando o suborno, quem tapa os ouvidos a propostas sanguinárias, quem fecha os olhos para não ver o mal. ¹⁶Esse vai morar nas alturas: fortaleza sobre a rocha será o seu refúgio, com abundância de pão e reserva de água.

¹⁷E seus olhos contemplarão o rei com todo o seu esplendor: você verá um país de grande extensão. ¹⁸E o seu pensamento irá relembrar esses sustos: “Onde está o contador, onde está o homem da balança, onde está o homem que contava as torres?” ¹⁹Você não terá mais que ver o povo arrogante, de língua complicada e incompreensível, de língua estranha que ninguém entende. ²⁰Olhe bem para Sião, a cidade das nossas festas: seus olhos verão Jerusalém, a morada tranquila, tenda que não será removida, cujas estacas não serão arrancadas, e cujas cordas não se soltarão, ²¹pois se aí existe um poderoso, nós temos Javé em vez de rios e largos canais; por aí não passarão barcos a remo, nem atravessarão grandes navios. ^{23a}As cordas de vocês estão bambas e não conseguem firmar o mastro

nem abrir a vela, ²²pois Javé é o nosso juiz, Javé é o nosso legislador, Javé é o nosso rei: ele nos salvará. ^{23b}Então serão tantas as conquistas a repartir que até os aleijados pegarão a sua parte. ²⁴Nenhum morador dirá: “Estou doente”. O povo que mora em Jerusalém será perdoado de suas culpas. [\[33,1-24\]](#)

VI. JULGAMENTO E SALVAÇÃO [34-35]

34 *Deus condena os opressores* — ¹Aproximem-se, nações, para ouvir; povos, prestem atenção. Que a terra escute e os que nela habitam, o mundo e tudo o que ele produz, ²pois Javé está irado contra todas as nações e enfurecido contra todos os seus exércitos. Já os consagrou todos à eliminação total, já entregou todo mundo à matança. ³Seus mortos são jogados fora, dos cadáveres exala mau cheiro, e os montes se alagam com o seu sangue; ⁴o exército do céu se desmancha, o céu se enrola como pergaminho, e seus astros caem como caem as folhas da parreira, como caem as folhas da figueira, ⁵pois a espada de Javé ficou embriagada no céu. Vejam: ela se precipita sobre Edom, um povo que destinei para a destruição. ⁶A espada de Javé está pingando sangue, está banhada de gordura, cheia do sangue de cordeiros e cabritos, da gordura do lombo dos carneiros, para que se ofereça um sacrifício a Javé em Bosra, uma enorme matança no país de Edom. ⁷Com eles morrem também búfalos, bezerros junto com touros. A sua terra se empapa de sangue, o chão está banhado de gordura, ⁸pois esse é um dia de vingança para Javé, é um dia de acerto de contas em favor de Sião.

⁹Os seus córregos se transformarão em piche, o pó da sua terra em breu e o seu chão ficará como piche fervendo. ¹⁰Passam dias e noites e o chão não se esfria, fica soltando sua fumaça para sempre. De geração em geração fica no abandono, e era após era ninguém mais passa por aí. ¹¹Seus herdeiros são o pelicano e o ouriço; a coruja e o urubu fazem aí sua morada. Javé estenderá aí o prumo do caos e o nível da confusão. ¹²Não haverá nobres para proclamar um rei, os seus chefes desaparecerão. ¹³Crescerão espinhos em seus palácios e em suas fortalezas ervas daninhas e urtigas; será morada do lobo, esconderijo dos filhotes de avestruz. ¹⁴Aí vão se encontrar o gato do mato e a hiena, o cabrito selvagem chamará seus companheiros; aí Lilit vai descansar, encontrando um lugar de repouso. ¹⁵Aí vai se aninhar a cobra, que botará, chocará os seus ovos e recolherá sua ninhada em sua sombra; aí se reunirão as aves de rapina, cada qual com sua companheira.

¹⁶Pesquisem o livro de Javé e leiam: não faltará nenhum deles, nenhum estará sem o seu companheiro, porque assim ordenou a boca de Javé e o seu sopro os reuniu. ¹⁷Foi ele mesmo quem tirou a sorte, foi o próprio Deus quem pegou a corda para medir as divisas de cada um. Serão eles os proprietários para sempre,

de geração em geração eles aí vão morar. [34,1-17]

35 *Deus dá vida ao seu povo* — ¹ Alegrem-se o deserto e a terra seca, o campo floresça de alegria; ² como o narciso, cubra-se de flores transbordando de contentamento e alegria, pois lhe será dado o esplendor do Líbano, a beleza do Carmelo e do Saron. Todos verão a glória de Javé, a beleza do nosso Deus. ³ Fortaleçam as mãos cansadas, firmem os joelhos cambaleantes; ⁴ digam aos corações desanimados: “Sejam fortes! Não tenham medo! Vejam o Deus de vocês: ele vem para vingar, ele traz um prêmio divino, ele vem para salvar vocês”. ⁵ Então, os olhos dos cegos vão se abrir, e se abrirão também os ouvidos dos surdos; ⁶ os aleijados saltarão como cervo, e a língua do mudo cantará, porque jorrarão águas no deserto e rios na terra seca. ⁷ A terra seca se mudará em vargens, e o chão seco se encherá de fontes. E onde viviam os lobos, a erva se transformará em taboa e junco. ⁸ Haverá aí uma estrada, um caminho, que chamarão de caminho santo. Impuro nenhum passará por ele, e os bobos não vão errar o caminho. ⁹ Aí não haverá leão, nenhum animal selvagem poderá alcançar esse caminho. Por ele só andarão os que foram redimidos ¹⁰ e os que foram resgatados por Javé. Cantando, irão voltar e chegar até Sião: carregarão uma alegria sem fim e serão acompanhados de prazer e alegria; a tristeza e o pranto fugirão. [35,1-10]

VII. APÊNDICE HISTÓRICO [36-39]

36 *Um desafio a Javé* — ¹No décimo quarto ano do rei Ezequias, Senaquerib, rei da Assíria, atacou todas as cidades fortificadas de Judá e se apossou delas. ²De Laquis, o rei da Assíria mandou até Jerusalém, ao rei Ezequias, um alto funcionário acompanhado de poderoso destacamento. O alto funcionário parou perto do canal que leva água para o reservatório superior, no caminho do campo do Pisoeiro. ³Saíram ao encontro dele Eliacim, filho de Helcias, administrador do palácio, e o escrivão Sobna, além do secretário Joaé, filho de Asaf. ⁴O funcionário do rei da Assíria falou: “Digam o seguinte a Ezequias: Assim diz o grande rei, o rei da Assíria: Que confiança é essa em que você se apoia? ⁵Você está pensando que a estratégia e a valentia militares são questão de palavras. Em quem você está se apoiando para resistir a mim? ⁶Ah! Você se apoia no Egito, esse bambu rachado que machuca as mãos quando alguém se apoia nele, e lhe finca lascas. O Faraó, rei do Egito, é isso para quem nele confia. ⁷Ou você me diz: ‘É em Javé nosso Deus que nós confiamos!’ No entanto, não eram dedicados a ele os lugares altos e os altares que Ezequias eliminou, dizendo a Judá: ‘É só aqui em Jerusalém, diante deste único altar, que vocês devem adorar a Deus’? ⁸Faça, então, uma aposta com o meu senhor, o rei da Assíria: eu lhe darei dois mil cavalos, se você for capaz de arrumar cavaleiros para montar em todos eles. ⁹Então, como é que você será capaz de derrotar o menor dos servos do meu senhor? Você está confiando no Egito para ter carros e cavaleiros! ¹⁰Você pensa que foi sem a vontade de Javé que eu subi para atacar este país, a fim de destruí-lo? Foi Javé quem me disse: ‘Ataca e devasta esse país’ ”.

¹¹Eliacim, Sobna e Joaé disseram ao funcionário assírio: “Fale com os seus servos em aramaico, pois nós entendemos. Não fale em hebraico senão o pessoal que está em cima das muralhas vai entender”. ¹²O funcionário assírio respondeu: “Por acaso foi somente ao senhor de vocês ou só a vocês que o meu senhor mandou trazer esta mensagem? Pois foi também para esse pessoal que está assentado na muralha, condenado juntamente com vocês a comerem as próprias fezes e beberem a própria urina”.

¹³Então, o funcionário assírio tomou posição e falou bem alto em hebraico: “Escutem as palavras do grande rei, o rei da Assíria. ¹⁴Assim diz o rei: Não deixem Ezequias enganá-los, pois ele não é capaz de salvar vocês. ¹⁵Que

Ezequias não faça vocês terem confiança em Javé, dizendo: ‘Javé nos livrará e não entregará esta cidade ao rei da Assíria’. ¹⁶Não deem ouvidos a Ezequias, porque assim fala o rei da Assíria: Rendam-se e façam a paz comigo; então, cada um poderá comer tranquilamente os frutos da própria parreira e da própria figueira, e beber a água do próprio poço. ¹⁷Isso até que eu venha levá-los para uma terra igual à terra de vocês, para um lugar onde também existem o trigo, o vinho, o pão, as parreiras. ¹⁸Não deixem Ezequias enganar vocês, dizendo: ‘Javé nos livrará’. Por acaso, o deus de cada um desses países pôde livrá-los das mãos do rei da Assíria? ¹⁹Onde estão os deuses de Emat e Arfad? Onde estão os deuses de Sefarvaim? Eles foram capazes de livrar Samaria de minha mão? ²⁰Qual dos deuses de todas essas terras foi capaz de livrar o seu país de minhas mãos?” ²¹Todos ficaram calados. Ninguém respondeu coisa alguma, pois o rei tinha dado ordens, dizendo para não responder. ²²Eliacim, filho de Helcias, administrador do palácio, o escrivão Sobna e o secretário Joaé, filho de Asaf, depois de rasgarem suas roupas, foram contar a Ezequias tudo o que o funcionário assírio tinha dito.

37¹Ao acabar de ouvir tudo isso, o rei Ezequias rasgou suas próprias roupas, vestiu-se de pano de saco e foi para o Templo de Javé. ²Mandou Eliacim, o administrador do palácio, o escrivão Sobna e os sacerdotes que eram os seus conselheiros, todos vestidos de pano de saco, procurarem o profeta Isaías, filho de Amós. ³Disseram a Isaías: “Assim diz Ezequias: Hoje é dia de angústia, castigo e humilhação. Chega a hora da criança nascer, mas falta força para dar à luz. ⁴Tomara que Javé, seu Deus, tenha ouvido o que falou o funcionário que o rei da Assíria mandou para insultar o Deus vivo; e assim Javé, o Deus de você, o castigue pelas palavras que tenha ouvido. Faça uma oração em favor do resto que ainda vive”. ⁵Quando os funcionários do rei Ezequias chegaram onde estava Isaías, ⁶ele lhes deu esta resposta: “Vocês irão falar ao seu senhor da seguinte maneira: Assim diz Javé: Não fique com medo por causa das palavras com que os servos do rei da Assíria injuriaram você. ⁷Eu vou colocar nele um espírito de medo; ele voltará para a sua terra logo que ouvir um boato, e eu o farei morrer à espada”. [36,1-37,7]

A vitória de Javé — ⁸O funcionário do rei da Assíria voltou e encontrou o rei lutando em Lebna, pois tinha ouvido falar que o rei se havia afastado de Laquis. ⁹Pois o rei tinha recebido a notícia de que Taraca, rei da Etiópia, saíra em guerra

contra ele.

Senaquerib tornou a mandar mensageiros a Ezequias com este recado: ¹⁰“Digam a Ezequias, rei de Judá: Que o seu Deus, em quem você confia, não o engane dizendo que não vai entregar Jerusalém nas mãos do rei da Assíria.

¹¹Você já ouviu falar da maneira como os reis da Assíria trataram todos os países, condenando-os à destruição total. E você, será que vai escapar? ¹²Por acaso os deuses das nações, que meus antepassados destruíram, puderam livrá-las? É o caso de Gozã, de Harã, de Resef e dos edenitas que povoavam Telbasar. ¹³Onde está o rei de Emat? E o rei de Arfad? E o de Lair? Onde estão os reis de Sefarvaim, de Ana e de Ava?”

¹⁴Ezequias recebeu a carta da mão dos mensageiros, leu e foi para o Templo de Javé. Aí Ezequias abriu a carta na presença de Javé. ¹⁵Ezequias fez, então, a Javé esta prece: ¹⁶“Javé dos exércitos, Deus de Israel, sentado sobre os querubins: tu és o único Deus de todos os reinos do mundo. Tu fizeste o céu e a terra. ¹⁷Fique atento o teu ouvido, Javé, e escuta; abre os teus olhos, Javé, e vê. Ouve tudo o que Senaquerib manda dizer para insultar o Deus vivo. ¹⁸É verdade, Javé: os reis da Assíria eliminaram à espada todos os países com seus territórios inteiros. ¹⁹Ele queimou todos os seus deuses, porque não são deuses, mas coisa produzida pela mão do homem, objetos de madeira ou de pedra que puderam ser destruídos. ²⁰Agora, tu, Javé nosso Deus, livra-nos das mãos dele, para que todos os reinos do mundo saibam que tu, Javé, és o único Deus”.

²¹Então, Isaías, filho de Amós, mandou dizer a Ezequias: “Assim diz Javé, Deus de Israel: Já que você dirigiu sua prece a mim por causa de Senaquerib, rei da Assíria, ²²aqui está a mensagem que lhe manda Javé: A jovem filha de Sião despreza você, ela zomba de você; atrás de você a filha de Jerusalém abana a cabeça. ²³A quem você desafiou e insultou? Contra quem você ergueu a voz e levantou os olhos para o alto? Contra o Santo de Israel! ²⁴Por meio de seus servos, você insultou o Senhor, dizendo: ‘Com a multidão dos meus carros eu subi ao topo dos montes, até aos lugares inacessíveis do Líbano. Eu lhe cortei os mais altos cedros e os mais belos ciprestes. Cheguei ao seu ponto mais alto, aos seus bosques mais fechados. ²⁵Eu mesmo furei o poço, eu mesmo bebi a água, água estrangeira. Com a sola do meu pé eu sequei todos os rios do Egito’. ²⁶Por acaso, você nunca ouviu dizer? Desde há muito tempo eu o decidi; nos tempos antigos o preparei e agora o realizo. Você, a sua parte era fazer das cidades

fortificadas um montão de ruínas; ²⁷deixar seus habitantes de mãos atadas, morrendo de medo e vergonha. Eram como erva dos campos, grama dos prados, capim no telhado, queimado pelo vento leste. ²⁸Eu sei quando você se senta e se levanta, quando entra e quando sai. ²⁹Já que você me odeia e sua arrogância chegou aos meus ouvidos, eu vou prender uma argola no seu focinho e um freio na sua boca, para o levar de volta pelo mesmo caminho que o trouxe até aqui.

³⁰Isto servirá de sinal para você, Ezequias: Este ano, comerão do que nascer sem plantar; no ano que vem, do que brotar sem semear; no terceiro ano, porém, vão semear e colher, plantarão vinhas e comerão seus frutos. ³¹O resto que sobrar da casa de Judá criará raízes debaixo do chão e dará frutos por cima. ³²Pois de Jerusalém deverá sair um resto, os sobreviventes do monte Sião. O zelo de Javé dos exércitos fará isso. ³³Assim diz Javé sobre o rei da Assíria: Ele não vai entrar nesta cidade, nem atirar uma só flecha, nem se armar de escudo e nem mesmo se entrincheirar contra ela. ³⁴Voltará pelo caminho por onde veio. Nesta cidade, ele não entrará — oráculo de Javé. ³⁵Eu mesmo vou proteger esta cidade, a fim de salvá-la; por minha causa e também por causa do meu servo Davi”.

³⁶Nessa mesma noite, o Anjo de Javé feriu no acampamento dos assírios cento e oitenta e cinco mil homens. De manhã, ao acordar, havia só cadáveres. ³⁷Senaquerib, rei da Assíria, levantou acampamento, foi-se embora e voltou para Nínive, e aí permaneceu. ³⁸E uma vez, quando ele estava de bruços fazendo sua adoração no templo do seu deus Nesroc, seus filhos Adramelec e Sarasar o assassinaram à espada e, em seguida, fugiram para o país de Ararat. O outro seu filho, Asaradon, reinou em seu lugar. [37,8-38]

38 *O sinal confirma a palavra* — ¹Nessa ocasião, Ezequias adoeceu de uma enfermidade mortal. O profeta Isaías, filho de Amós, foi visitá-lo e disselhe: “Assim diz Javé: Ponha em ordem a sua casa porque você vai morrer, não vai escapar”. ²Então Ezequias virou o rosto para a parede e fez esta prece a Javé: “Ah! Javé! Não te esqueças: eu procurei sempre andar na tua presença com toda a fidelidade e de coração limpo, e procurei sempre fazer o que era bom aos teus olhos”. ³E Ezequias começou a chorar convulsivamente.

⁴Então, a palavra de Javé veio a Isaías com esta mensagem: ⁵“Vá falar a Ezequias: Assim diz Javé, o Deus de seu antepassado Davi: Ouvi a sua oração, e vi as suas lágrimas. Eu vou aumentar em quinze anos a duração de sua vida. ⁶Vou também livrá-lo das mãos do rei da Assíria, a você e a esta cidade. Eu

mesmo vou proteger esta cidade”. ²¹Isaías ordenou: “Tragam um emplastro de figos e o coloquem sobre a ferida, para que ele recupere a saúde”. ²²Ezequias disse: “Qual é o sinal de que subirei ao Templo de Javé?” ⁷Isaías respondeu: “O sinal de que Javé vai cumprir o que prometeu, é este: ⁸No relógio de sol de Acaz farei com que a sombra volte para trás os dez degraus que avançou”. E o sol voltou os dez degraus que já tinha avançado no relógio. [38,1-8]

A vida é dom de Deus — ⁹Cântico de Ezequias, rei de Judá, por ocasião de sua doença e da cura que obteve.

¹⁰Eu dizia: “Bem no meio da minha vida, eu me vou; pelo resto dos meus anos, ficarei postado à porta da mansão dos mortos”. ¹¹Eu dizia: “Não verei mais a Javé na terra dos vivos, nem verei mais ninguém entre os habitantes da terra. ¹²Levantam e enrolam a minha morada como tenda de pastores. Como um tecelão, eu tecia a minha vida e me cortaram os fios. Dia e noite foste acabando comigo. ¹³Clamo até o amanhecer. Como leão, ele quebra todos os meus ossos; dia e noite tu me consumias. ¹⁴Estou piando como andorinha, arrulhando como pomba; meus olhos estão cansados de olhar para o alto. Estou oprimido: ajuda-me, Senhor! ¹⁵Que direi, que poderei falar, se foi ele quem fez isso? Hei de passar todos os anos da minha vida com alma amargurada. ¹⁶Aqueles que Deus protege, vivem; e entre eles, viverá o meu espírito: tu me curaste e me fizeste reviver. ¹⁷A minha amargura se transformou em paz, quando arrancaste a minha vida da tumba vazia e voltaste as costas para todos os meus pecados. ¹⁸De fato, a mansão dos mortos não te louva; não é a morte que te entoa hinos. Quem baixa à cova não espera mais a tua fidelidade. ¹⁹Quem está vivo é que vai te louvar, como eu estou fazendo agora. O pai ensina a seus filhos a tua fidelidade. ²⁰Salva-me, Javé, e tocaremos nossas harpas todos os dias da nossa vida no Templo de Javé”. [38,9-20]

39 ***Confiança desastrosa*** — ¹Nessa ocasião, o rei da Babilônia, Merodac-Baladã, filho de Baladã, mandou cartas e um presente a Ezequias, pois tinha tido notícia de sua enfermidade e de sua convalescença. ²Ezequias ficou muito satisfeito com isso e mostrou aos embaixadores toda a sua riqueza: a prata, o ouro, os perfumes, o óleo fino, como também toda a casa de armas; enfim, tudo o que havia nos seus depósitos. Ezequias não deixou nada sem mostrar de tudo o que havia no seu palácio e nas suas dependências.

³O profeta Isaías foi procurar o rei Ezequias e lhe perguntou: “O que disseram esses indivíduos? De onde vieram eles?” Ezequias respondeu: “Eles vieram de um país muito distante. Vieram da Babilônia”. ⁴Isaías perguntou: “O que é que eles viram no seu palácio?” Ezequias respondeu: “Eles viram tudo o que existe no meu palácio. Não há nada do meu tesouro que eu não lhes tenha mostrado”. ⁵Isaías disse, então, a Ezequias: “Escute a palavra de Javé dos exércitos: ⁶Chegará um dia em que a Babilônia levará tudo o que existe no seu palácio, tudo o que seus pais foram ajuntando até os dias de hoje. Não vai sobrar nada — diz Javé. ⁷Alguns dos filhos que saíram de você, que você gerou, serão levados para que sirvam como eunucos no palácio do rei da Babilônia”. ⁸Ezequias disse a Isaías: “É de felicidade a palavra de Javé que você me transmite”. Pois ele pensava assim: “Pelo menos durante a minha vida haverá paz e segurança”. [39,1-8]

NOTAS

[1-5] Para compreender estes cinco capítulos, é importante ter presente o contexto histórico (cf., na Introdução ao Primeiro Isaías, a parte referente ao primeiro período da atividade do profeta). Isaías reage de forma enérgica à disparidade social que ele constata dentro do seu país, e critica violentamente a falsa piedade e as práticas religiosas que escondem opressão. Mostra como a prosperidade não baseada na fraternidade é falsa e provoca um orgulho idólatra, que leva ao esquecimento de Javé, o único Absoluto, o único Santo.

[1,1] Estas referências valem apenas para Is 1-39. O nome *Isaías* significa *Javé salva*.

[2-9] É, provavelmente, um dos últimos oráculos de Isaías. Foi colocado aqui pelo redator do livro como uma espécie de texto programático de toda a mensagem do profeta: a corrupção do país provocou a invasão do inimigo; salve-se apenas um resto.

[10-20] Isaías condena a hipocrisia de uma sociedade que se contenta com exterioridades culturais, sem consequência para a vida prática. Deus detesta o culto realizado por uma sociedade que se estrutura sobre a injustiça. O que Deus quer, em primeiro lugar, é uma vida social que defenda os fracos (órfão e viúva)

e liberte os oprimidos. E Deus não obriga; ele convida o homem a se decidir: a conversão e a vida ou a teimosia e a morte.

[21-31] Na cidade de Jerusalém impera a injustiça porque os chefes se corromperam, tornando-se inimigos dos oprimidos e, portanto, do próprio Deus. O profeta vê que a justiça voltará à cidade somente quando os chefes corruptos forem substituídos por governantes e juízes como os de antigamente. Os vv. 27-31 provavelmente são um acréscimo que não se enquadra bem no estilo e pensamento global da primeira parte do livro.

[2,1-5] Este oráculo é um acréscimo posterior e relembra os temas do Terceiro Isaías (Is 56-66): no futuro, os povos pagãos se dirigirão a Jerusalém para participar da Aliança, e então haverá paz definitiva. O Novo Testamento retoma o tema em Ap 21,1-22,5. A paz é imaginada pelo profeta como transformação total em Israel e no relacionamento entre as nações. Os instrumentos de destruição serão transformados em instrumentos que produzem vida.

[6-22] Isaías denuncia a auto-suficiência humana como raiz da idolatria. Para sustentar-se como absoluto, o homem vai criando falsos deuses: absolutiza uma economia de abundância, fundada na riqueza; absolutiza uma política de opressão, fundada no poder militar; absolutiza um sistema de ideias (magia) que cimenta e dá coesão à exploração econômica e à opressão política. Desse modo, o homem se aliena, tornando-se caricatura da divindade. No confronto com Deus, o único Absoluto, toda a auto-suficiência humana é desmascarada e cai por terra, porque é uma falsidade.

[3,1-15] Na passagem do reinado de Joatã para o de Acáz, o reino de Judá vive um período de anarquia: Acáz sobe jovem ao trono e quem governa é sua mãe. O Estado se enfraquece e o povo sofre as consequências: aproveitando-se da situação, os poderosos e chefes se corrompem, semeando a violação do direito, a injustiça e a exploração dos pobres.

[3,16-4,1] O profeta mostra que a situação futura será tão terrível que as mulheres da aristocracia de Jerusalém perderão seus enfeites e privilégios, e até serão marcadas como escravas e terão de suplicar que um homem qualquer lhes dê descendência. Cf. nota em Am 4,1-3.

[4,2-6] Este trecho é de origem pós-exílica. Depois de um passado sombrio e catastrófico, se entrevê uma saída: de um *resto* escolhido por Deus brotará um povo novo, que será fiel à Aliança com Deus. Para o autor, Javé renovará os

prodígios do êxodo (cf. Ex 13,21ss).

[5,1-7] O dono da vinha fez de tudo para que ela produzisse uvas boas; como ela produziu só uvas azedas, seu dono abandonou-a. Javé fez de tudo para que seu povo vivesse o direito e a justiça; mas o povo só produziu violação do direito e injustiça. O cerne do cântico é o v. 3: o próprio povo é quem deve julgar a situação e dar a sentença.

[8-25] Isaías faz um panorama da corrupção geral: a desmesurada ambição dos poderosos açambarca a terra de Deus e dos pobres; a corrupção se alastra, o senso moral se perverte, o direito é falsificado e as injustiças se multiplicam; a auto-suficiência é exaltada e chega até mesmo a desafiar o próprio Deus. O profeta mostra, porém, que Deus não fica passivo diante do orgulho humano: a condenação será severa.

[26-30] O ato com que Javé vai julgar a corrupção será a invasão do país pela Assíria, cujo emblema era o leão e cujo exército era um dos mais poderosos e famosos na época.

[6-12] Estes capítulos formam o conjunto que se costuma denominar “Livro do Emanuel”. A maioria dos oráculos pertence ao segundo período da atividade de Isaías (cf. Introdução ao Primeiro Isaías). O rei Acaz teme pela segurança do reino de Judá e julga que a salvação está em fazer alianças estratégicas com este ou aquele país. Isaías opõe-se à política de Acaz, salientando que a segurança de Judá é a presença de Javé, o qual não trairá a promessa feita a Davi (cf. 2Sm 7), desde que o povo seja fiel à Aliança. Nesse tempo de incerteza, brilha a promessa do Emanuel, o *Deus-conosco*, confirmando a presença de Javé como proteção para o seu povo.

[6,1-13] O relato da vocação de Isaías mostra que o âmago de toda e qualquer vocação profética está no experimentar a transcendência e a santidade de Javé. Só a partir dessa experiência é que alguém pode reconhecer a própria relatividade (“Estou perdido”) e desvendar as ideologias que se tornaram absolutas. Assim, a segurança com que o profeta se sente porta-voz de Deus provém do reconhecimento de que Javé é o único Absoluto: então ele fica sabendo com certeza que é falso e mentiroso qualquer sistema, instituição ou ideologia que se apresentem como absolutos. Dessa maneira, a crítica e o julgamento que o profeta lança são investidos da autoridade divina.

[7,1-17] O Reino do Norte (Efraim), cujo rei era Faceia, se aliou a Rason, rei de

Aram, numa tentativa de se libertar do perigo assírio. Como o Reino do Sul (Judá) não participou da coalizão entre o Reino do Norte e Aram, estes dois temeram que Judá se tornasse aliado da Assíria; resolveram então atacar o Reino do Sul, para destronar o rei Acáz e colocar no seu lugar o filho de Tabeel, rei de Tiro. Acáz teme o cerco e verifica a reserva de água da cidade. Isaías vai ao seu encontro e o tranquiliza, mostrando que não haverá perigo, pois continua válida a promessa de que a dinastia de Davi será perene, desde que se coloque total confiança em Javé. O sinal prometido a Acáz é o seu próprio filho, do qual a rainha (a jovem) está grávida. Esse menino que está para nascer é o sinal de que Deus permanece no meio do seu povo (Emanuel = Deus conosco). Mt 1,23 vê na jovem a figura da Virgem Maria, e no filho, a pessoa de Jesus.

[18-25] Isaías procura impedir o rei Acáz de fazer uma aliança estratégica para se proteger contra o perigo da liga formada por Aram e o reino do Norte. Aliar-se a uma grande potência traz o risco permanente de ser esmagado quando as grandes potências entram em choque. Na sua ânsia conquistadora, tanto o Egito como a Assíria transformariam Judá num monte de ruínas.

[8,1-4] O nome do filho de Isaías é simbólico, mostrando o que vai acontecer ao reino de Aram (Damasco) e a Efraim (Reino do Norte). De fato, em 732 a.C., os dois caíram em poder da Assíria e foram transformados em reinos vassalos.

[5-8] Jerusalém é abastecida de água pela fonte de Siloé, talvez um sinal da proteção de Deus. Mas, diante da ameaça da coalizão de Aram e Efraim, o rei Acáz e o povo pedem proteção à Assíria. Essa proteção, porém, se transformará numa invasão militar, que o profeta descreve como grande inundação. Na maioria das vezes, a proteção dos poderosos significa ruína para os mais fracos.

[9-10] As grandes potências fazem planos ambiciosos para dominar, mas fracassarão, porque Deus está com os fracos.

[11-15] Isaías rejeita qualquer tipo de apoio à coalizão de Aram e Reino do Norte, mesmo que isso leve à acusação de subversivo. Ele insiste que o único poderoso é Javé, a quem Judá deve temer. Por que não se apoiar nele? Se os homens não se apoiam no Deus que pode salvá-los, esse Deus se torna para eles um poder de destruição.

[16-20] Isaías silencia e transmite por escrito, como atestado, sua instrução aos discípulos. Mesmo não pregando, ele e sua família permanecem como sinal vivo do que vai acontecer. Os discípulos não deverão acreditar em nenhum presságio que não estiver de acordo com a instrução dada por escrito pelo profeta.

[21-23a] Trata-se de um texto deslocado e truncado. É a descrição de um viandante que contempla o país devastado pela guerra. Estes versículos se encaixariam melhor depois de Is 5,26-30.

[8,23b-9,6] Em 732 a.C., o rei da Assíria toma os territórios da Galileia e adjacências, incluindo Zabulon e Neftali. O povo do Reino do Sul teme o avanço assírio, mas o profeta mostra que Javé libertará os oprimidos e trará a paz. O que leva Isaías a essa luminosa esperança é o nascimento do Emanuel (cf. 7,14), que é Ezequias, o filho herdeiro de Acaz. O profeta prevê um chefe sábio, fiel a Deus, duradouro e pacífico; ele perpetuará a dinastia de Davi, estendendo o reinado deste até às regiões agora dominadas pela Assíria e organizando uma sociedade fundada no direito e na justiça. Mateus, reinterpretando este oráculo, o aplica à pessoa e ação de Jesus (Mt 4,13-16).

[9,7-20] Este oráculo situa-se provavelmente em 739 a.C. Nessa época, Israel era um estado vassalo dos assírios e também vivia atormentado pelos reinos vizinhos. (O conjunto formado por 9,7-20 ficaria melhor depois de Is 5,25). O oráculo mostra que a arrogância de um povo e seus chefes não se deixa vencer nem mesmo pela derrota. Uma triste ameaça marca de modo crescente as diversas partes do oráculo: com Deus não se brinca.

[10,1-4] Continua o tema de Is 5,23. A única apelação dos desfavorecidos (fraco, pobre, órfão, viúva) para defender seus direitos, seria uma Constituição justa e ao mesmo tempo efetiva. Isaías denuncia não só a injustiça por parte daqueles que fazem as leis, mas também por parte daqueles que devem executá-las. A finalidade de qualquer Constituição é ser apoio e defesa para aqueles que não têm outro meio para proteger os próprios direitos.

[5-16] Estamos em 701 a.C. O Reino do Norte (Israel) foi dominado em 722 a.C. pela Assíria, diante da qual também o Reino do Sul (Judá) está prestes a sucumbir (cf. Is 36). Para o profeta, o dominador estrangeiro é um instrumento de Deus para corrigir o povo corrompido (vv. 5-6). Entretanto, o dominador se fecha no orgulho e se crê absoluto. Por isso, também ele será corrigido por Deus. Ninguém pode ocupar o lugar de Deus e ficar impune.

[17-23] Depois de várias incursões, em 722 a.C., a Assíria destrói Samaria, capital do Reino do Norte, e avança para o Reino do Sul, transformando-o em estado vassalo. Encontramos aqui um verdadeiro comentário sobre os nomes dos filhos de Isaías: Judá se aliou com a Assíria e essa o dominou e despojou (“Pronto-saque-rápida-pilhagem”). Mas, tendo provado o quanto é falho o apoio

das alianças humanas, um pequeno “resto voltará”, e aprenderá a colocar sua confiança em Javé, tornando-se portador da salvação.

[24-27a] Na história de Judá, dominado pela Assíria, repete-se a situação dos hebreus escravos no Egito. Por isso, Isaías recorda a libertação da opressão egípcia (Ex 14,16) e a vitória de Gedeão contra os madianitas (Jz 7,25): Javé, o Deus da libertação, continua a libertar os oprimidos que clamam por ele.

[27b-34] Estes versículos descrevem o itinerário seguido pelo exército assírio. Trata-se de marcha inesperada, talvez para demonstração de força, sem contudo chegar a Jerusalém. Os vv. 33-34 talvez ficassem melhor depois de Is 2,12-17 (cf. nota); foram colocados aqui para servir de moldura a 11,1-9.

[11,1-9] Isaías projeta para o reinado de Ezequias o ideal utópico de uma sociedade que chegou à realização plena (cf. 6,13; 7,14 e nota em 8,23b-9,6). Esse reinado se fundará no total espírito de Javé (sete dons), que fará surgir uma sociedade alicerçada na justiça, produzindo paz e harmonia. O Novo Testamento vê o cumprimento do oráculo na pessoa de Jesus (cf. Mt 3,16): é a partir da ação dele que se constrói o mundo novo, onde todas as coisas se reconciliam (Ef 1,10; Cl 1,20).

[10-16] Trata-se de um acréscimo feito no tempo do exílio na Babilônia ou logo depois. Deus, através de um novo êxodo, reúne os exilados de todas as deportações e refaz a identidade do seu povo. As divisões internas serão todas sanadas, e o povo terá a vitória contra todos os inimigos.

[12,1-6] O livrinho do Emanuel se encerra com duplo canto de ação de graças, celebrando a ação salvadora de Javé, na qual se baseiam a esperança e confiança do povo.

[13-23] Estes capítulos agrupam uma série de oráculos, a que se dá comumente o nome de “Oráculos contra as nações”. Pertencem a circunstâncias históricas bastante diversas, e alguns são feitos por discípulos de Isaías. Apresentam uma visão da história a partir da fé: a história é governada por Javé, que dirige os acontecimentos e age através das nações. Se estas se desviam do projeto de Deus, ficam expostas ao julgamento divino e à própria destruição.

[13,1-22] Trata-se de um oráculo do final do exílio (560-540 a.C.). Os medos se reúnem com os persas, e juntos se levantarão contra a Babilônia. A queda da Babilônia é imaginada segundo o modelo da queda de Nínive (cf. Naum) e de Sodoma e Gomorra.

[14,1-2] A queda da Babilônia reacende a esperança de libertação para o povo judeu e de conversão para os pagãos. Esses temas serão desenvolvidos pelo Segundo Isaías (Is 40-55) e Terceiro (Is 56-66).

[3-23] Sátira feroz, celebrando a queda e morte de um opressor. Trata-se, provavelmente, de um texto escrito contra Nabucodonosor, rei da Babilônia no tempo do exílio. Os poderosos oprimem outros povos e pensam ser donos do mundo, como se fossem deuses. Para eles, Javé planejou um fim humilhante. Mas a civilização desumanizante que eles constroem está condenada à ruína, ao desaparecimento total.

[24-27] Em 701 a.C., o exército de Senaquerib invade o Reino de Judá e cerca Jerusalém. Uma epidemia, porém, faz com que as tropas assírias se retirem. Isaías vê nisso a mão protetora de Javé sobre o país de Judá. É o momento de discernir para rever a situação interna do país segundo a justiça.

[28-32] Aproveitando-se da morte de Teglath-Falasar III, rei da Assíria, a Filisteia procura reunir os países vizinhos para uma coalizão antiassíria, convidando inclusive Ezequias, rei de Judá. Isaías, porém, mostra que os sucessores do rei da Assíria serão ainda mais perigosos. Jerusalém pode confiar em Deus, que dirige a história para salvar os fracos e oprimidos. Qualquer coalizão que não se fundamente no projeto de Deus pode ser desastrosa e falir.

[15-16] Em 701 a.C., Moab, povo rival de Judá, foi completamente devastado pela Assíria. O profeta faz uma lamentação, mostrando que esse povo foi punido pelo seu orgulho, e que seus ídolos não puderam salvá-lo. Em 16,1-6, porém, o profeta pede que o rei Ezequias acolha e proteja os fugitivos de Moab. Essa atitude indica que no trono de Davi está um rei que zela pela justiça e pelo direito.

[17,1-11] Estamos na época em que Efraim (reino de Israel) e Damasco (reino de Aram) se uniram para lutar contra a Assíria, forçando o rei de Judá a participar. Isaías anuncia a derrota da coalizão, lamentando a destruição de Damasco. De fato, em 732 a.C., Damasco é tomada pelos assírios que, no espaço de dez anos, vão absorvendo também os territórios de Israel. Jardins de Adônis são pequenos vasos de plantas consagradas a Tamuz-Adônis, deus cananeu da primavera e da vegetação. Essas plantas cresciam depressa, porém morriam facilmente: tal será a sorte de Israel, que leva em si o câncer da injustiça.

[12-14] Provavelmente é um fragmento de hino celebrando a inexplicável derrota dos assírios em 701 a.C., quando sitiavam Jerusalém. O texto é uma

historização do mito do caos: é a ambição conquistadora das nações que ameaça o povo de Deus.

[18,1-7] Por volta de 715 a.C., os etíopes (“povo alto e bronzeado”) dominam o Egito e mandam embaixadores a Judá, convidando-o para uma coalizão contra a Assíria; esta, pouco a pouco, domina todo o Oriente Médio. Isaías desaconselha esse tipo de aliança, mostrando que a Assíria é um país mais forte, que poderá facilmente acabar com as pretensões de qualquer coalizão contra ela. O v. 7 é uma releitura pós-exílica: no futuro, Jerusalém será o centro das nações, e todas reconhecerão a soberania de Javé, Senhor da história.

[19,1-15] O oráculo retoma o tema de 18,1-7. Apesar de seus famosos sábios, o Egito experimentará a humilhação das derrotas, a seca e a invasão.

[16-25] Trecho em prosa acrescentado ao livro original de Isaías, em época posterior, depois que muitos judeus se refugiaram no Egito e formaram comunidades em vários lugares. O autor vê nisso uma providência de Javé, para que seu nome seja anunciado; e vai mais longe ainda, ao vislumbrar aí o universalismo da salvação, que deverá atingir todas as nações.

[20,1-6] A Assíria acabara de tomar uma cidade importante dos filisteus. Servindo-se desse acontecimento, Isaías faz um gesto simbólico, para mostrar que o Egito e a Etiópia também serão despojados e dominados. Nenhuma nação pode oferecer segurança permanente. Portanto, aqueles que pretendem fazer aliança com elas estão, na verdade, provocando a ruína do país.

[21,1-10] Este oráculo se refere provavelmente à tomada da Babilônia por Ciro, rei dos medos e persas, no ano 539 a.C. A expressão “deserto do mar” talvez se refira ao “país do mar”, nome dado à região sul da Babilônia. Usando a imagem do vigilante, o profeta se alegra com a queda de uma grande potência, pois vê nesse acontecimento o fim da opressão.

[11-12] O sentido do texto é obscuro. Talvez a “noite” se refira à dominação estrangeira. As pessoas perguntam ao profeta: “Quando vai acabar isso?” Ele responde que a história é um vai-e-vem de sucessivas dominações, entremeadas por espaços de libertação e esperança.

[13-17] Forçados pelo exército assírio, os nômades dadanitas procuraram refúgio no oásis de Tema. Isaías anuncia uma desgraça para a tribo de Cedar, que, ao invés de acolher, perseguiu os perseguidos: Javé condena quem não ajuda os fracos.

[22,1-14] O oráculo foi pronunciado logo após a retirada do exército assírio que cercava Jerusalém em 701 a.C. Para o profeta, a ameaça assíria é um julgamento de Javé, para que Jerusalém se arrependa de seus pecados. Em vez de reconhecer os pecados e converter-se, o povo se vangloria e festeja, sem perceber que a retirada do inimigo é apenas uma concessão de Javé.

[15-25] Sobna é ministro do rei Ezequias e responsável por uma política de alianças, contrária a toda orientação de Isaías (cf. Is 36-37). Sobna será destituído do cargo, que passará a Eliacim. Um acréscimo posterior (vv. 24-25) condena também a Eliacim, que certamente favorecia demais a própria família.

[23,1-18] As cidades de Tiro e Sidônia, graças ao seu comércio marítimo, eram ricas potências e possuíam várias colônias, como em Cetim (Chipre) e Társis (Espanha). Quando Tiro e Sidônia se tornaram dependentes da Assíria, o profeta viu nisso o castigo de Deus: potências colonizadoras se tornaram “colônias”. O profeta usa uma comparação que ironiza a sorte de Tiro: era uma prostituta afamada e agora precisa apelar para todos os meios a fim de ser reconhecida. Os vv. 17-18 são um acréscimo e mostram que Tiro há de readquirir sua grandeza, mas para servir ao projeto de Javé e não para se gloriar da própria auto-suficiência.

[24-27] Estes capítulos são comumente chamados de “Grande Apocalipse de Isaías”. Foram escritos bem mais tarde e naturalmente não são do profeta. Esse Apocalipse inspirou-se provavelmente numa catástrofe política de alguma nação, entre os séculos V e IV a.C. O texto apresenta o julgamento final do universo e a instauração do Reino de Deus. Trata-se de uma grande confissão de esperança: o povo de Deus confia que irá triunfar, junto com seu aliado divino, sobre todos os poderes hostis ao homem, a Deus e ao projeto de Deus.

[24,1-6] O projeto de Deus é vida e liberdade para todos. Porém, quando os homens deixam esse projeto (v. 5) para construir a história segundo seus próprios planos, a humanidade se transforma em caos, fabricando escravidão e morte. Deus só é benéfico para os seus aliados.

[7-16a] O julgamento de Deus não é negativo, pois quer a conversão. Os homens constroem a cidade idolátrica, Deus a destrói. Os sobreviventes reconhecem o que ele faz, e louvam sua grandeza.

[16b-23] O texto é continuação de 24,1-6. Deus julga pessoalmente, renovando todos os julgamentos feitos na história.

[25,1-5] Este hino celebra a justiça de Deus, que condena o opressor e salva o oprimido (“fraco e indigente”).

[6-12] A última palavra de Deus sobre a história não é o julgamento, mas a comunhão universal de todos entre si e com o próprio Deus (cf. 2Pd 1,4; Ap 21,1-22,5). Um redator acrescentou os vv. 10-12, tomando Moab como símbolo daqueles que estarão excluídos dessa grande comunhão, porque se negou a participar do projeto de Deus.

[26,1-6] A história é um conflito entre o projeto de Deus junto com seus aliados e o projeto dos homens auto-suficientes que se opõem a Deus. Ele quer construir a cidade justa, expressão de uma sociedade fraterna. Os auto-suficientes, porém, acabam construindo a cidade injusta, expressão de uma sociedade corrompida. A ação de Javé se transforma, então, em julgamento e destruição da cidade injusta. Os pobres e oprimidos, verdadeiro povo que confia em Javé, cantam de alegria, pisando sobre as ruínas da cidade injusta.

[7-19] A situação do povo é crítica e todos os projetos e tentativas parecem falhar. Contudo, um povo que acredita e se compromete com o projeto de Deus nunca se desespera, mesmo que a situação presente pareça completamente sem perspectivas. Nesse momento, sua oração se transforma em súplica: que Deus realize logo o julgamento para libertar o seu povo de todos aqueles que o oprimem, fazendo-o reviver.

[26,20-27,1] O julgamento parece tardar, mas Deus, na hora certa, o realiza na história. O sangue dos justos e inocentes clama a Deus, que responde julgando e destruindo o orgulho e ambição, geradores de opressão e violência. Leviatã é o monstro marinho da mitologia bíblica, símbolo das forças do mal.

[27,2-5] A vinha é o povo de Deus. Deus cuida dele com todo o carinho, não deixando que os inimigos o oprimam. Ao mesmo tempo, Deus está sempre atento para agir contra os chefes que exploram o povo (“espinhos e ervas daninhas”).

[6-9] Deus corrige os erros do seu povo, e muito mais os erros de seus inimigos, pois seu povo conhece seu projeto, ao passo que os inimigos o desconhecem. Todavia, se a comunidade abandona os ídolos, Deus lhe envia o perdão e a renovação da vida.

[10-11] Ao mesmo tempo que protege e renova seu povo, Deus julga e destrói a cidade dos opressores.

[12-13] Javé recolherá, um a um, todos os membros do seu povo espalhados pelo mundo inteiro. Numa grande peregrinação, eles hão de retornar ao país e adorar a Javé em Jerusalém.

[28-33] A maioria desses oráculos pertence ao terceiro e quarto períodos da atividade de Isaías (cf. Introdução ao Primeiro Isaías). A Assíria estende cada vez mais seus domínios, e o rei de Judá é tentado a entrar num perigoso jogo de alianças. Nesse tempo conturbado, Isaías salienta que só em Deus existe segurança, e retoma agora o que já dissera por ocasião da guerra siro-efraimita (segundo período da atividade do profeta).

[28,1-6] O profeta descreve a situação caótica do reino de Israel, no momento em que a Assíria, grande potência da época (“homem forte e robusto”), está pronta para invadir o país e destruir sua capital, Samaria (722 a.C.). O acréscimo dos vv. 5-6 descreve a esperança daqueles que ainda depositam em Javé sua confiança e que esperam dele a realização da justiça na paz, e a coragem para enfrentar os inimigos na guerra.

[7-13] Os sacerdotes e falsos profetas de Judá também participam da anarquia reinante. Zombando, eles dizem que Isaías ensina coisas sem sentido, como crianças que ainda não aprenderam a falar. Para reproduzir esse linguajar, são usadas palavras incompreensíveis (v. 10), que Isaías retruca repetindo a mesma coisa (v. 13): porque eles zombam da palavra de Javé, serão obrigados a ouvir a língua estranha do inimigo que invadirá o país.

[14-22] Diante do perigo de uma invasão assíria, os israelitas fizeram aliança com o Egito (= “morte”: os egípcios cultuavam o mundo dos mortos). O profeta, porém, vê nessa aliança uma ilusão e uma farsa, pois um pacto com a falsidade não poderá dar segurança a ninguém. Diante da insistência dos governantes em se apoiar no Egito, Isaías compara a Assíria com o flagelo do destruidor, que outrora passou e destruiu os egípcios, para proteger os hebreus (cf. Ex 12,13). Mas agora, esse flagelo destruirá também os israelitas. Somente apoiando-se em Deus e seguindo o seu projeto, é que o povo encontrará forças para resistir às opressões.

[23-29] O lavrador realiza diversas tarefas no tempo certo e sabe tratar os produtos do solo conforme a espécie de cada um. Da mesma forma, no momento certo, Deus trata seu povo de acordo com suas necessidades e comportamento. Ora ele abençoa, ora corrige, para que seu povo dê bons frutos.

[29,1-12] Ariel é um antigo nome poético de Jerusalém. A cidade conheceu a

visita de Deus através das tropas assírias no ano 701 a.C., quando estas a sitiaram completamente. A situação era humilhante e sem saída, mas Deus a libertou, enviando uma peste que obrigou o exército assírio a bater em retirada (cf. Is 36-37). Isaías vê nesse fato a intervenção do próprio Javé que arranca a cidade santa das mãos do inimigo.

[13-14] Sem ser acompanhado por uma prática de vida, o culto a Deus cai no formalismo vazio e se transforma na hipocrisia de uma religião falsa. Ultrapassando o âmbito do culto, Deus se revela e age nos acontecimentos, confundindo os planos que não coincidem com o seu projeto (cf. Is 1,10-20; Mt 15,7-9; 7,21).

[15-24] Os poderosos e auto-suficientes julgam-se absolutos e tentam ocupar o lugar de Deus, procurando dirigir o curso dos acontecimentos. Todavia, somente Javé é o Senhor da história: ele a dirige no sentido de dar liberdade e vida, desfazendo os planos dos poderosos e restabelecendo a justiça e o direito para os pobres.

[30,1-7] Em 702 a.C., Ezequias, rei de Judá, envia embaixadores ao Egito para pedir apoio contra a Assíria. O profeta critica violentamente essa atitude do rei, mostrando que tamanho esforço só levará à decepção, pois é inútil recorrer a uma grande potência para livrar-se de outra: nenhuma presta auxílio desinteressado. Além disso, o Egito, nessa época, era uma potência decadente, “um Monstro inofensivo”. É em si próprio que o povo deve encontrar força e coragem para não ceder às ameaças externas das grandes potências.

[8-17] Já que os ouvintes de Isaías não quiseram escutá-lo, o profeta interrompe sua atividade por uns tempos. Antes, porém, deixa por escrito os oráculos já pronunciados para que, no futuro, sirvam de prova contra a geração que não acolheu a palavra de Javé. Quem recusa o apoio de Javé para confiar nas seguranças humanas sempre acaba frustrado. E é nesse momento que as pessoas recobram a consciência e reconhecem os próprios erros.

[18-26] O trecho é um acréscimo feito no tempo do exílio na Babilônia. Um profeta atualiza os oráculos de Isaías frente à situação dos exilados, que já pagaram por seus pecados e esperam o retorno da misericórdia e graça de Javé.

[27-33] Em 701 a.C., o exército assírio invade Judá e cerca Jerusalém. Uma peste, no entanto, faz que o exército se retire em debandada. O povo queima, então, os cadáveres junto com as armas e carros que o exército havia abandonado (cf. Sl 46,9-11). Certamente, foi a grande fogueira e a derrota da

Assíria que fizeram o povo lembrar o anjo exterminador de Ex 12 e a teofania do Sinai (cf. Ex 19). *Tofet* é o lugar dos sacrifícios humanos ao deus Moloc no vale de Enom ou Geena, situado fora de Jerusalém.

[31,1-9] Com a ameaça do poder assírio, o reino de Judá busca segurança na aliança com o Egito. Isaías, porém, mostra que o Egito não é deus e não pode oferecer nenhuma proteção. O povo deve procurar a volta para Javé, isto é, precisa viver de acordo com as normas da Aliança, que asseguram a solidariedade perene de Javé com seu aliado. Além do mais, Javé é o Senhor da história: é ele quem desfará a opressão assíria, libertando o povo.

[32,1-8] Isaías renova a esperança de que a dinastia davídica produza um tempo de justiça e paz, uma espécie de era paradisíaca. Quando o rei e os chefes governam com justiça e segundo o direito, o povo sai da alienação e torna-se capaz de formar uma sociedade onde as relações humanas e construtivas se voltam para o bem comum. Em tal sociedade, já não terá mais lugar o *tolo* (uma espécie de ímpio), que não tem consideração nem por Deus nem pelos irmãos. O tolo aqui é retratado como a personagem Nabal (cf. 1Sm 25). O *nobre* é a pessoa generosa, aberta para Deus e para os irmãos.

[9-14] O profeta alerta sobre o perigo de uma iminente invasão assíria. Desta vez, provavelmente numa festa de colheita de uvas, ele se dirige às mulheres. Avisa que, com a invasão, vai terminar a alegria e tranquilidade, já que o país e sua população serão dizimados, e só restarão lágrimas e luto.

[15-20] É um acréscimo pós-exílico destinado a criar no povo a esperança da restauração: esta se apresenta como nova criação, obra do espírito de Deus. Objeto da esperança é um mundo novo onde reine a justiça e o direito que geram paz e prosperidade.

[33,1-24] Este oráculo provavelmente foi pronunciado num momento imediatamente anterior à invasão de Senaquerib, quando de uma suposta embaixada de Ezequias, o qual teria oferecido ao rei assírio tributos para que não tomasse Jerusalém. O texto é complexo: após uma introdução (v. 1), há um salmo de súplica e confiança (vv. 2-6), uma lamentação (vv. 7-9) e um anúncio de restauração (vv. 17-24). Os vv. 14-16 mostram que a prática da verdade e da justiça é exigência básica para a participação no culto (Sl 15).

[34-35] Estes capítulos, escritos no período pós-exílico, formam o assim chamado “Pequeno Apocalipse de Isaías”. O povo de Deus encontra-se

dominado pelas nações e em situação bastante precária. Com imagens fortes, o texto anuncia o julgamento das nações opressoras e a restauração de Jerusalém, sinal de salvação numa terra nova e pacificada.

[34,1-17] Em meio à dominação das potências estrangeiras, que exploram economicamente e dominam com a política, um profeta anuncia o julgamento que Javé realizará sobre essas nações. Um redator, mais tarde, acrescentou a menção de Edom (vv. 5-6) que, para Israel, é o protótipo do inimigo. O texto é uma crítica veemente às grandes potências, anunciando a falência delas. Soa como grande intimação frente ao orgulho e injustiça com que os poderosos desfiguram a integridade da vida humana.

[35,1-10] O contraste entre este capítulo e o anterior é evidente: enquanto as potências dominadoras são arrasadas, ao povo de Deus se reservam libertação, alegria e vida em abundância.

[36-39] Estes capítulos, com pequenas diferenças de detalhe, reproduzem 2Rs 18,13-20,19. Alguns discípulos de Isaías inseriram aqui este texto, para mostrar que o profeta tinha dito a verdade nestas circunstâncias dramáticas. O texto repete quase literalmente 2Rs 18,17-20,21.

[36,1-37,7] Em 701 a.C., Senaquerib invade a Judeia e está para cercar Jerusalém. O porta-voz do exército assírio propõe rendição. A narrativa apresenta-se como desafio a Javé, Deus de Israel, fazendo um confronto das forças humanas e idolatrias com a fé e com o único Deus vivo. O profeta, que afirma a confiança em Javé acima de todas as alianças humanas, responde: “Não tenham medo”.

[37,8-38] Esta segunda versão dos mesmos fatos apresenta mais claramente ainda o confronto entre o poderoso rei pagão e o Deus Javé, que protege Jerusalém. O triunfo é de Javé: o exército bate em retirada por causa de uma epidemia, e Senaquerib tem fim trágico.

[38,1-8] Este episódio deve ter acontecido antes da invasão de Senaquerib. O atraso no relógio de sol confirma que Isaías é o porta-voz de Javé. O texto destaca o valor da oração confiante.

[38,9-20] O cântico atribuído a Ezequias é provavelmente pós-exílico. Evoca a tristeza de alguém gravemente enfermo que percebe sua vida se esvair (vv. 9-14); depois agradece a Deus e canta a alegria de ter sido curado (vv. 15-20). A

experiência da alegria de viver é adquirida através de uma experiência da angústia da morte.

[39,1-8] Ao inserir este final no livro do Primeiro Isaías, o redator quer mostrar como o profeta tinha razão ao condenar as alianças com os assírios ou qualquer outra potência estrangeira. O exílio na Babilônia foi a prova amarga para o povo que abandona o Deus vivo para se apoiar em falsos absolutos.

SEGUNDO ISAÍAS

O novo êxodo

40 *O novo êxodo* — ¹Consolem, consolem o meu povo, diz o Deus de vocês. ²Falem ao coração de Jerusalém, gritem para ela que já se completou o tempo da sua escravidão, que o seu crime já foi perdoado, que ela já recebeu da mão de Javé o castigo em dobro por todos os seus pecados.

³Uma voz grita: “Abram no deserto um caminho para Javé; na região da terra seca, aplainem uma estrada para o nosso Deus. ⁴Que todo vale seja aterrado, e todo monte e colina sejam nivelados; que o terreno acidentado se transforme em planície, e as elevações em lugar plano. ⁵Então se revelará a glória de Javé, e todo o mundo junto a verá, pois assim falou a boca de Javé”.

⁶Uma voz me diz: “Grite!” Eu respondo: “O que devo gritar?” E a voz me diz: “Todo ser humano é erva e toda a sua beleza é como a flor do campo: ⁷a erva seca, a flor murcha, quando sobre elas sopra o vento de Javé; ⁸a erva seca, a flor murcha, mas a palavra do nosso Deus se realiza sempre. ⁹Suba a um monte alto, mensageira de Sião; levante bem alto a sua voz, mensageira de Jerusalém. Levante-a, não tenha medo. Diga às cidades de Judá: ‘Aqui está o Deus de vocês!’ ¹⁰Vejam: o Senhor Javé chega com poder, e com seu braço ele detém o governo. Ele traz consigo o prêmio, e seus troféus o precedem. ¹¹Como um pastor, ele cuida do rebanho, e com seu braço o reúne; leva os cordeirinhos no colo e guia mansamente as ovelhas que amamentam”. [40,1-11]

Quem é como Javé? — ¹²Quem mediu toda a água do mar na concha da mão? Quem mediu a palmas o tamanho do céu? Quem mediu numa vasilha o pó da terra? Quem pesou as montanhas na balança e as colinas nos seus pratos? ¹³Quem dirigiu o espírito de Javé, quem lhe sugeriu o seu projeto? ¹⁴A quem pediu conselho para se instruir, para lhe ensinar o caminho do direito, para lhe ensinar a ciência e lhe indicar o caminho da inteligência? ¹⁵Vejam: as nações são gotas num balde, e não valem mais que poeira num prato da balança. Vejam: as ilhas pesam como um grão de areia. ¹⁶O Líbano não bastaria para acender o fogo, e suas feras não bastariam para um só holocausto. ¹⁷Diante de Javé as nações são como se não existissem; para ele, não contam mais que o nada e o

vazio. ¹⁸Com quem vocês poderão comparar Deus? Que figura podem arrumar para representá-lo?

¹⁹O escultor faz uma estátua; vem o ourives e a cobre de ouro e lhe solda correntes de prata. ²⁰Quem faz uma oferta pobre, escolhe madeira que não apodreça e procura um escultor hábil para fazer uma estátua que não se mova.

²¹Vocês não sabem? Nunca ouviram falar? Não lhes foi avisado desde o começo? Vocês não entendem os fundamentos da terra? ²²Javé se assenta sobre o círculo da terra, e seus habitantes parecem bando de gafanhotos. Ele desdobra o céu como toldo, e o estende como tenda que sirva para morar. ²³Ele reduz a nada os poderosos e aniquila os governantes da terra. ²⁴Apenas são plantados, logo que são semeados ou a sua muda ainda nem está com raízes no chão, e Deus sopra por cima deles e eles secam, e a primeira ventania os carrega como palha. ²⁵Vocês, por acaso, podem me comparar com alguém que se pareça de verdade comigo? — pergunta o Santo. ²⁶Ergam os olhos para o céu e observem: quem criou tudo isso? Aquele que organiza e põe em marcha o exército das estrelas, chamando cada uma pelo nome. Tão grande é o seu poder e tão firme é a sua força, que ninguém deixa de se apresentar. [12-26]

Javé sustenta os fracos e cansados — ²⁷Jacó, por que você anda falando, e você, Israel, por que anda dizendo: “Javé desconhece o meu caminho e o meu Deus ignora a minha causa”? ²⁸Pois você não sabe? Acaso não ouviu falar? Javé é o Deus eterno; foi ele quem criou os confins do mundo. Ele não se cansa, nem se fatiga, e sua inteligência é insondável. ²⁹Ele dá ânimo ao cansado e recupera as forças do enfraquecido. ³⁰Até os jovens se fatigam e cansam, e os moços também tropeçam e caem, ³¹mas os que esperam em Javé renovam suas forças, criam asas, como águias, correm e não se fatigam, podem andar que não se cansam. [27-31]

41 *Instrumento de Javé* — ¹Ilhas, calem-se diante de mim, e que os povos se reanimem. Depois, então, venham falar, compareçamos juntos para o julgamento. ²Quem despertou no oriente aquele que a vitória segue a cada passo? Quem lhe entrega as nações e quem lhe põe os reis debaixo dos pés? Quem faz com que os outros reis sejam para a sua espada como poeira e, para o seu arco, como cisco que voa? ³Ele os persegue e passa adiante tranquilamente, por uma vereda que seus pés mal tocam. ⁴Quem fez e executou tudo isso?

Aquele que anuncia o futuro de antemão: eu, Javé, que sou o primeiro e estou com os últimos. ⁵Ilhas, vejam isso e tremam, e os confins da terra estremeçam.

⁶Cada um anima o seu companheiro, dizendo-lhe: “Coragem!” ⁷O escultor anima o ourives, aquele que forja com martelo anima a quem bate na bigorna, falando da solda: “Ela está boa”. Depois firma a estátua com pregos para que não se mova. [41,1-7]

Javé defende o oprimido — ⁸Mas você, Israel, é o meu servo. Eu escolhi você, Jacó, descendente do meu amigo Abraão. ⁹Desde os confins do mundo eu tomei você e o chamei dos extremos da terra. Eu lhe disse: “Você é o meu servo; eu o escolhi e jamais o rejeitei”. ¹⁰Não tenha medo, pois eu estou com você. Não precisa olhar com desconfiança, pois eu sou o seu Deus. Eu fortaleço você, eu o ajudo e o sustento com minha direita vitoriosa. ¹¹Ficarão envergonhados e confundidos todos os que se enfurecem contra você; serão reduzidos a nada e perecerão os que lutam contra você. ¹²Você vai procurar, mas não encontrará aqueles que o combatem. Serão reduzidos a nada e deixarão de existir os que guerreiam contra você, ¹³porque eu sou Javé, o seu Deus, que o sustento pela mão direita e lhe digo: “Não tenha medo; eu mesmo o ajudarei”. ¹⁴Não tenha medo, vermezinho Jacó, bichinho Israel. Eu mesmo o ajudarei — oráculo de Javé. O seu redentor é o Santo de Israel. ¹⁵Eu vou fazer de você uma debulhadora de trigo, bem afiada, nova e de muitas pontas. Você vai debulhar as montanhas até reduzi-las a pó, e converterá as colinas em palha. ¹⁶Você as abanará e o vento levará tudo embora, o vendaval as dispersará. E você se alegrará com Javé e se orgulhará do Santo de Israel. [8-16]

Água para os sedentos — ¹⁷Os pobres e os indigentes buscam água, mas não a encontram; estão com a língua seca de sede. Eu mesmo, Javé, responderei a eles; eu, o Deus de Israel, não os abandonarei. ¹⁸Pois eu vou rasgar córregos em colinas secas, abrir fontes pelos vales; transformarei o deserto num lago e a terra seca em minas de água. ¹⁹No lugar do deserto colocarei cedro, acácia, mirto e oliveira; na terra seca plantarei ciprestes, olmeiros e pinheiros, ²⁰para que todos vejam e saibam, reflitam e aprendam que a mão de Javé fez isso, e quem o criou foi o Santo de Israel. [17-20]

Javé, o Senhor do futuro — ²¹Apresentem seus argumentos — diz Javé. Tragam suas razões — diz o Rei de Jacó. ²²Adiantem-se e nos anunciem o que

vai acontecer; contem-nos as suas profecias passadas, e nós prestaremos atenção; e nos anunciem o futuro, para que comprovemos sua realização. ²³Contem o que vai acontecer no futuro, e saberemos que vocês são mesmo deuses. Façam alguma coisa, boa ou má, para que a vejamos e os respeitemos. ²⁴Vocês são menos do que um nada. E quem escolhe vocês é abominável.

²⁵Eu o despertei no norte e ele veio; do lado do nascer do sol eu o chamei pelo nome. Ele pisará os governantes como se fossem lama, como o oleiro que está amassando barro. ²⁶Quem anunciou isso desde o começo, para que ficassemos sabendo? Quem falou isso antes de acontecer, para que disséssemos: “É isso mesmo”? Ninguém o anunciou, ninguém o proclamou, ninguém ouviu as palavras de vocês. ²⁷Eu o anunciei primeiro em Sião, e enviei a Jerusalém um mensageiro com boas notícias. ²⁸Procurei, mas não encontrei ninguém; entre eles, ninguém era capaz de dar um conselho, ninguém a quem eu pudesse perguntar e que me desse uma resposta. ²⁹Todos eles não valem coisa alguma; o que eles fazem é um nada, e seus ídolos são sopro e ilusão. [21-29]

42 *O Servo de Javé* — ¹Vejam o meu servo, a quem eu sustento: ele é o meu escolhido, nele tenho o meu agrado. Eu coloquei sobre ele o meu espírito, para que promova o direito entre as nações. ²Ele não gritará nem clamará, nem fará ouvir a sua voz na praça. ³Não quebrará a cana que já está rachada, nem apagará o pavio que está para se apagar. Promoverá fielmente o direito; ⁴não desanimará, nem se abaterá, até implantar o direito na terra e a lei que as ilhas esperam.

⁵Assim diz o Deus Javé, que criou o céu e o estendeu; que firmou a terra e tudo o que ela produz; ele dá respiração ao povo que nela habita e o espírito aos que sobre ela caminham: ⁶“Eu, Javé, chamei você para a justiça, tomei-o pela mão, e lhe dei forma, e o coloquei como aliança de um povo e luz para as nações. ⁷Para você abrir os olhos dos cegos, para tirar os presos da cadeia, e do cárcere os que vivem no escuro. ⁸Eu sou Javé: esse é o meu nome. Não vou dar para outro a minha glória, nem vou ceder minha honra para os ídolos. ⁹As primeiras coisas já aconteceram; coisas novas é o que eu agora anuncio: antes que elas comecem, eu as comunico a vocês”. [42,1-9]

Um cântico novo — ¹⁰Cantem a Javé um cântico novo! Que o louvem até os confins da terra; que o celebrem o mar e tudo o que nele existe, as ilhas com seus

habitantes. ¹¹Que o deserto e suas cidades se alegrem, exultem as aldeias habitadas por Cedar; que os moradores de Petra aclamem e gritem do topo das montanhas. ¹²Deem glória a Javé e anunciem seu louvor nas ilhas. ¹³Javé avança como um herói, como guerreiro acende seu ardor; solta gritos de guerra, mostrando-se forte contra seus inimigos. [10-13]

A ação de Javé na história — ¹⁴Há muito tempo estou calado, permaneci quieto e aguentei. Agora vou gritar como a mulher que dá à luz, vou gemer e suspirar. ¹⁵Vou acabar com as montanhas e as colinas, vou secar o que elas têm de verde; transformarei os rios em terra seca e secarei os lagos. ¹⁶Guiarei os cegos por um caminho que eles não conhecem; vou levá-los por uma estrada que não conhecem; diante deles, transformarei as trevas em luz, e os caminhos pedregosos em terreno plano. Eu mesmo vou fazer tudo isso e não deixarei de fazê-lo. ¹⁷Recuarão cobertos de vergonha aqueles que confiam nos ídolos, que dizem às estátuas: “Vocês são os nossos deuses”. [14-17]

Cegueira do povo — ¹⁸Surdos, escutem; cegos, olhem e vejam! ¹⁹Quem é cego, senão o meu servo? Quem é surdo, senão o mensageiro que eu mandei? ²⁰Você viu muitas coisas, e nada percebeu; abriu os ouvidos, e nada ouviu! ²¹Por causa de sua própria justiça, Javé queria engrandecer e glorificar a sua lei; ²²mas o seu povo é um povo espoliado e roubado, todos presos em cavernas, trancados em prisões. Era saqueado, e ninguém o libertava; despojado, e ninguém dizia: “Devolvam isso”. ²³Quem de vocês vai escutar isso tudo e prestar atenção para ouvir daqui por diante? ²⁴Quem foi que entregou Jacó ao saque e Israel ao despojo? Não foi Javé, contra quem pecamos, não querendo andar em seus caminhos nem seguir a sua lei? ²⁵Então Javé despejou sobre eles todo o ardor de sua ira e o furor da guerra: as chamas dele os rodeavam, mas eles não compreenderam; eram queimados, mas nem fizeram caso. [18-25]

43 Aliado fiel — ¹Agora, porém, assim diz Javé, aquele que criou você, Jacó, aquele que formou você, ó Israel: Não tenha medo, porque eu o redimi e o chamei pelo nome; você é meu. ²Quando você atravessar a água eu estarei com você, e os rios não o afogarão; quando você passar pelo fogo não se queimará, e a chama não o alcançará, ³pois eu sou Javé seu Deus, o Santo de Israel, o seu Salvador. Para pagar a sua liberdade, eu dei o Egito, a Etiópia e Sabá em troca de você, ⁴porque você é precioso para mim, é digno de estima e eu o amo; dou

homens em troca de você, e povos em troca de sua vida. ⁵Não tenha medo, pois eu estou com você. Lá no oriente vou buscar a sua descendência, e do ocidente eu reunirei você. ⁶Direi ao norte: “Entregue-o”. E ao sul: “Não o retenha”. Traga de longe meus filhos, traga dos confins da terra as minhas filhas, ⁷e todos os que são chamados pelo meu nome: para minha glória eu os criei, eu os formei, eu os fiz. [43,1-7]

Testemunhas de Javé — ⁸Faça sair o povo cego, embora tenha olhos; faça sair o povo surdo, embora tenha ouvidos. ⁹Todas as nações se reúnam, e os povos se coloquem todos juntos. Qual deles anunciou isso e nos fez ouvir as coisas passadas? Apresentem suas testemunhas e se justifiquem, para que possamos ouvir e depois dizer: “É verdade!” ¹⁰Minhas testemunhas são vocês — oráculo de Javé — vocês são os meus servos, aqueles que eu escolhi, para que vocês fiquem sabendo e acreditem em mim, e compreendam que eu sou: nenhum deus existiu antes de mim, e depois de mim nenhum outro existirá. ¹¹Eu, eu sou Javé, e fora de mim não existe salvador. ¹²Anunciei e salvei; anunciei, e não havia deus estrangeiro entre vocês. Vocês são minhas testemunhas — oráculo de Javé — eu sou Deus, ¹³e o sou para sempre. Não há quem possa livrar-se de minha mão. E quem poderá desfazer o que eu faço? [8-13]

O novo êxodo — ¹⁴Assim diz Javé, o redentor de vocês, o Santo de Israel: Em favor de vocês eu mandei alguém à Babilônia, arranquei todas as trancas de suas prisões, e os cânticos dos caldeus vão se mudar em gemidos. ¹⁵Eu sou Javé, o Santo de vocês, o criador de Israel, o rei de vocês.

¹⁶Assim diz Javé, aquele que abriu um caminho no mar, uma passagem entre as ondas violentas, ¹⁷aquele que fez sair o carro e o cavalo, o exército e a força. Eles caíram para não mais se levantar, apagaram-se como pavio que se extingue. ¹⁸Não fiquem lembrando o passado, não pensem nas coisas antigas; ¹⁹vejam que estou fazendo uma coisa nova: ela está brotando agora, e vocês não percebem? Abrirei um caminho no deserto, rios em lugar seco. ²⁰As feras me glorificarão, como os lobos e avestruzes, porque eu oferecerei água no deserto e rios na terra seca para matar a sede do meu povo, do meu escolhido, ²¹o povo que eu formei para mim, para que proclame o meu louvor. [14-21]

A verdadeira fidelidade — ²²Mas você não me invocava, Jacó; você se cansou de mim, Israel: ²³não me trazia cordeiros para o holocausto nem me honrava

com seus sacrifícios. Eu jamais lhe dei trabalho exigindo oferendas, e nunca o perturbei pedindo-lhe incenso. ²⁴Você não me comprava canela com dinheiro, nem me saciava com a gordura de seus sacrifícios, mas me dava trabalho com seus pecados e me cansava com suas culpas. ²⁵Era eu mesmo, por minha conta, quem acabava limpando suas transgressões e não me lembrava mais de seus pecados. ²⁶Desperte a minha memória, vamos colocar o nosso caso em julgamento. Apresente suas razões, para que você possa se justificar. ²⁷Seu primeiro pai já pecou; seus chefes se revoltaram contra mim; ²⁸seus dirigentes profanaram o meu santuário. Por isso eu entreguei Jacó à destruição e Israel à caçada. [22-28]

44 *Pertenço a Javé* — ¹Agora, escute, Jacó, meu servo; preste atenção, Israel, meu escolhido. ²Assim diz Javé, que o fez, que o formou no ventre e o auxilia: Não tenha medo, meu servo Jacó, meu querido, meu escolhido. ³Vou derramar água no chão seco e córregos na terra seca; vou derramar meu espírito sobre seus filhos e a minha bênção sobre seus descendentes. ⁴Crescerão como planta junto à fonte, como árvores na beira dos córregos. ⁵Um vai dizer: “Eu pertenço a Javé”. Outro se chamará com o nome de Jacó; outro ainda escreverá na palma da mão: “De Javé”. E como sobrenome tomará o nome de Israel. [44,1-5]

Testemunhas do Deus único — ⁶Assim diz Javé, o Rei de Israel, seu redentor, Javé dos exércitos: Eu sou o primeiro, eu sou o último; fora de mim não existe outro Deus. ⁷Existe alguém como eu? Que fale, que o explique e o exponha a mim. Quem anunciou o futuro de antemão, quem nos predisse o que vai acontecer? ⁸Não tenham medo, não tremam: por acaso desde aqueles tempos eu já não predisse e anunciei? Vocês são as minhas testemunhas: existe outro Deus além de mim? Que eu saiba, não existe nenhuma outra rocha. [6-8]

A idolatria é degradante — ⁹Os fabricantes de estátuas são todos um nada e suas coisas preferidas não têm valor. Seus devotos nada veem nem conhecem, por isso acabam sendo enganados. ¹⁰Quem formaria um deus ou fundiria uma imagem, senão para conseguir alguma vantagem? ¹¹Vejam: seus devotos todos são enganados, porque os escultores não são mais que homens. Que eles todos se reúnam para comparecer: ficarão apavorados e envergonhados.

¹²O ferreiro trabalha o ídolo com a fornalha e o modela com o martelo. Forja-o

com a força de seu braço; mas, em dado momento, fica com fome e perde a força, ou então tem sede e fica exausto. ¹³O carpinteiro mede a madeira, desenha a lápis uma figura, e a trabalha com o formão e lhe aplica o compasso. Faz a escultura com medidas do corpo humano e com rosto de homem, para que essa imagem possa estar num templo feito de cedro. ¹⁴Corta cedros, escolhe um cipreste ou carvalho, deixando-os crescer no meio das árvores da floresta; planta um pinheiro e a chuva o faz crescer. ¹⁵Tudo isso serve para queimar; o próprio escultor usa parte dessa madeira para se esquentar e assar o seu pão; e também fabrica um deus e diante dele se ajoelha, esculpe uma imagem para se ajoelhar diante dela. ¹⁶Com a metade, ele acende o fogo, assa a carne na brasa e mata a fome; também se esquento ao fogo, e diz: “Que coisa boa! Eu me esquento, enquanto olho as chamas!” ¹⁷Depois, com o resto ele faz um deus, uma imagem esculpida. Em seguida, ajoelha-se diante dela e faz uma oração, dizendo: “Salva-me, porque tu és o meu deus”. ¹⁸Eles não sabem e não entendem, porque seus olhos estão grudados para não ver, e sua inteligência não pode mais compreender. ¹⁹Nenhum deles cai em si, ninguém percebe nem compreende, para dizer: “Com a metade eu acendi o fogo, assei pão nas suas brasas, cozinhei um pedaço de carne e comi; e com o resto eu iria fazer uma coisa abominável? Vou ajoelhar-me diante de um pedaço de madeira?” ²⁰Esse homem se alimenta de cinza. Sua mente enganada o iludiu, de modo que ele não consegue salvar a própria vida e nem é capaz de dizer: “Não será mentira isso que tenho nas mãos?” [9-20]

Javé redime seu povo — ²¹Jacó, lembre-se disso; Israel, lembre que você é o meu servo. Eu o formei, e você é o meu servo: não vou esquecê-lo, Israel. ²²Limpei suas transgressões como se fossem névoa, e seus pecados como se fossem nuvem. Volte para mim, porque eu sou o seu redentor.

²³Céus, gritem de alegria, porque Javé agiu; exultem, profundezas da terra; gritem de alegria, montanhas, junto com a floresta e todas as suas árvores, porque Javé redimiou Jacó e demonstrou seu poder em Israel. [21-23]

Javé é o redentor — ²⁴Assim diz Javé, o seu redentor, que formou você desde o ventre de sua mãe: Eu sou Javé, que faço tudo: sozinho, eu estendi o céu e firmei a terra. Quem estava comigo? ²⁵Eu embaralho os sinais dos feiticeiros e os adivinhos ficam bobos; faço voltar atrás os que são sábios e transformo seu conhecimento em tolice. ²⁶Mas confirmo a palavra do meu servo e executo o

projeto de meus mensageiros. Eu digo para Jerusalém: “Você será habitada”; e para as cidades de Judá: “Vocês serão reconstruídas. Vou reerguer suas ruínas”.²⁷ Eu digo para o oceano: “Esgote-se, porque faço seus rios ficarem secos”.²⁸ Eu digo a Ciro: “Você é o meu pastor, e realizará tudo o que eu quero”. Eu digo a Jerusalém: “Você será reconstruída”; e ao Templo: “Você será reedificado desde os alicerces”. [24-28]

45 Deus age através de um pagão — ¹ Assim diz Javé a Ciro, o seu ungido, que ele tomou pela mão: Dobrarei as nações diante dele e desarmarei os reis; abrirei diante dele as portas, e os batentes não se fecharão. ² Eu mesmo vou na frente de você, aplainando as subidas; arrombo as portas de bronze e arrebento as trancas de ferro. ³ Vou lhe entregar os tesouros escondidos e as riquezas encobertas, para que você fique sabendo que eu sou Javé, o Deus de Israel, que chama você pelo nome. ⁴ Por causa de meu servo Jacó, e de Israel, meu escolhido, eu chamei você pelo nome e lhe dei um sobrenome, embora você não me conheça. ⁵ Eu sou Javé, e não existe outro; fora de mim não existe deus algum. Eu armei você, ainda que você não me conheça, ⁶ para que fiquem sabendo, desde o nascer do sol até o poente, que fora de mim não existe nenhum outro. Eu sou Javé, e não existe outro: ⁷ eu formo a luz e crio as trevas; sou o autor da paz e crio a desgraça. Eu, Javé, faço todas essas coisas. [45,1-7]

Justiça e salvação — ⁸ Céus, gotejem lá de cima, e as nuvens chovam a justiça; que a terra se abra e produza a salvação, e junto com ela brote a justiça. Eu, Javé, as criei. [8]

Javé é soberano — ⁹ Ai daquele que, sendo apenas um vaso de barro, se atreve a discutir com o seu criador! Por acaso a argila vai dizer ao oleiro: “Que é isso que você está fazendo? Essa vasilha não tem cabo?” ¹⁰ Ai daquele que diz para o seu pai: “O que você está pondo no mundo?”, ou para uma mulher: “O que você está dando à luz?” ¹¹ Assim diz Javé, o Santo de Israel, aquele que o formou: Vocês querem, por acaso, saber as coisas futuras a respeito de meus filhos e dar ordens a respeito da obra de minhas mãos? ¹² Eu fiz a terra e criei nela o homem. Minhas mãos estenderam os céus e dei ordens para todo o exército dos astros. ¹³ Na minha justiça, eu despertei Ciro, e vou tornar retos os seus caminhos. Ele reconstruirá a minha cidade, libertará os meus exilados, não por preço nem por suborno — diz Javé dos exércitos. [9-13]

Javé é o Deus único — ¹⁴ Assim diz Javé: Passarão para as mãos de você e serão propriedade sua a riqueza do Egito e as mercadorias da Etiópia, e também os sabeus, aqueles homens altos. Irão caminhando atrás de você, acorrentados, se ajoelharão a seus pés e suplicarão, dizendo: “Deus está somente com você e não existe nenhum outro, não existem outros deuses”. ¹⁵ De fato, tu és o Deus escondido, o Deus de Israel, o salvador. ¹⁶ Todos eles ficarão envergonhados e confundidos, ficarão humilhados todos os que fabricam ídolos. ¹⁷ Israel, porém, será salvo por Javé, e será uma salvação para sempre; vocês nunca mais ficarão envergonhados ou confundidos. ¹⁸ Porque assim diz Javé, que criou os céus, o único Deus, que formou a terra, que a fez e a firmou em suas bases; ele não a fez para ser um caos, mas para ser habitada: Eu sou Javé, e não existe outro. ¹⁹ Não falei em segredo, nem nalgum canto escuro da terra. Eu não disse aos descendentes de Jacó: “Procurem-me em vão!” Eu sou Javé, que proclamo a justiça e mostro o que é reto. ²⁰ Vocês, que escaparam das nações, reúnam-se, venham, cheguem mais perto, todos juntos. Esses que carregam suas imagens de madeira são ignorantes: dirigem suas preces a um deus que não é capaz de salvar. ²¹ Declarem, tragam suas provas, façam conselho entre si. Alguém proclamou isso desde os tempos antigos? Quem o anunciou desde aquele tempo? Não fui eu, Javé? Fora de mim não existe outro Deus. Não existe Deus justo e salvador, a não ser eu. ²² Voltem-se para mim e vocês serão salvas, ó extremidades todas da terra, pois eu sou Deus e não existe outro. ²³ Eu juro por mim mesmo: o que sai da minha boca é justiça, uma palavra que não volta atrás. Diante de mim se dobrará todo joelho, e por mim jurará toda língua, ²⁴ dizendo: “Só em Javé se encontra justiça e força”. A ele virão, envergonhados, todos os que se irritaram contra ele. ²⁵ Mas todos os descendentes de Israel alcançarão a justiça em Javé, e nele se gloriarão. [14-25]

46 ***Javé carrega seu povo*** — ¹ O deus Bel se encurva, o deus Nebo se abaixa, seus ídolos são entregues às feras e às bestas de carga; a carga que vocês carregavam é um peso para a besta cansada. ² Esses deuses se abaixam e se encurvam, não conseguem salvar essa carga; eles próprios vão para o exílio.

³ Ouçam-me, casa de Jacó, resto da casa de Israel, vocês que eu carrego desde que nasceram, e carrego no colo desde o ventre materno. ⁴ Até à velhice de vocês eu serei o mesmo, até que se cubram de cabelos brancos eu continuarei a carregá-los. Já fiz isso e continuarei a fazê-lo: eu os carregarei e os salvarei.

⁵ Que semelhança vocês vão arranjar para mim? Com o que vão me comparar?

Com alguma coisa que eu me pareça? ⁶Alguns tiram o ouro da bolsa, pesam na balança certa quantidade de prata, contratam um ourives e mandam fazer um deus. Depois se ajoelham e o adoram. ⁷Põem o deus nos ombros e o carregam, depois o colocam num suporte e o firmam bem para que ele não venha a sair do seu lugar. Por mais que alguém o invoque, ele nada responde e não livra ninguém de suas dificuldades. ⁸Lembrem-se bem disso e fiquem firmes. Levem a sério, vocês que são rebeldes. ⁹Lembrem-se das coisas há muito tempo passadas, pois eu sou Deus, e não existe outro. Eu sou Deus, e não existe outro igual a mim. ¹⁰Eu anuncio desde o começo aquilo que acontecerá depois; desde o passado eu já falava daquilo que ainda não havia acontecido. Eu digo: “Meu projeto se cumprirá; eu realizarei tudo o que desejo”. ¹¹Estou chamando do oriente uma ave de rapina, de um país distante estou convocando o homem que está no meu projeto. Eu o disse, eu o cumprirei; tomei esse propósito e o realizarei. ¹²Escutem o que eu digo, homens de coração de pedra, que estão longe da justiça: ¹³Eu faço chegar a minha justiça: ela não está longe; a minha salvação não tardará. Darei a Sião a salvação e a Israel a minha honra. [46,1-13]

47 *Javé se serve das nações* — ¹Desça e sente-se no pó, jovem Babilônia. Sente-se no chão, capital dos caldeus, pois não há mais trono e nunca mais chamarão você de doce e delicada. ²Pegue o moinho para fazer farinha, tire o véu, levante a saia, mostre as pernas, atravesse os córregos. ³Que o seu corpo fique descoberto e se vejam suas partes íntimas. “Eu vou me vingar e ninguém se oporá”, ⁴diz o nosso redentor, que se chama Javé dos exércitos, o Santo de Israel. ⁵Assente-se calada, entre nas trevas, capital dos caldeus, pois nunca mais você será chamada senhora dos reinos. ⁶Eu estava irado contra o meu povo, reduzi a minha herança à humilhação, e então o entreguei em suas mãos; mas você não teve compaixão dele, e colocou uma carga pesada nos ombros dos velhos. ⁷Você pensava: “Serei senhora para sempre”. Mas você não levou em conta esses acontecimentos, nem pensou qual seria o fim. ⁸Agora escute, sensual, você que estava sentada tranquila e segura, pensando: “Só eu e ninguém mais além de mim. Nunca vou ficar viúva e nunca vou saber o que é perder filhos”. ⁹Pois bem, as duas coisas acontecerão a você num só instante, no mesmo dia. Viuvez e perda de filhos chegarão para você num só dia, apesar da multidão de seus feitiços, apesar da quantidade enorme de seus encantamentos. ¹⁰Você estava confiante na sua maldade, e dizia: “Ninguém me vê”. A sua

sabedoria e ciência desviaram você. Apesar disso, você pensava: “Só eu, e ninguém mais além de mim”. ¹¹Porém, chegará uma desgraça que você não saberá conjurar; chegará uma calamidade que você não poderá evitar; aparecerá de repente uma catástrofe que você não previa. ¹²Fique, pois, com os seus encantamentos, com a multidão de seus feitiços, pelos quais você se fatigou desde a juventude. Quem sabe você vai tirar algum proveito! Quem sabe você poderá amedrontar! ¹³Você se cansou de seus numerosos conselheiros: que se apresentem, então, e a salvem os astrólogos que observam as estrelas e a cada mês fazem prognósticos do que vai acontecer a você. ¹⁴Veja! Eles são como palha: o fogo os consome, e nenhum deles consegue livrar-se das chamas, pois não são brasas para aquecer, nem fogo para a gente sentar-se junto dele. ¹⁵É isso o que acontece aos seus adivinhos, com os quais você se fatigou desde a juventude: cada um vai para um lado e ninguém vem ajudar você. [47,1-15]

48 *Javé mantém sua honra* — ¹Escutem isto, casa de Jacó, vocês que receberam o nome de Israel, que brotaram da semente de Judá, que juram pelo nome de Javé e invocam o Deus de Israel, mas sem fidelidade e sem justiça. ²Vocês são conhecidos pelo nome da Cidade Santa e se apoiam no Deus de Israel, cujo nome é Javé dos exércitos. ³Há muito tempo eu tinha anunciado as coisas passadas, coisas que saíram de meus lábios, coisas que eu fiz ouvir; de repente, eu agi e elas aconteceram. ⁴Eu sabia que você era teimoso, que seu pescoço era uma barra de ferro e que sua testa era de bronze; ⁵por isso, eu lhe falei tudo há tanto tempo, eu lhe contei antes que acontecesse, para que você não dissesse: “Isso foi feito por meu ídolo, foi a minha estátua ou imagem quem ordenou isso”. ⁶Tudo isso você viu e ouviu. Por que não o anuncia? Agora, eu lhe falo coisas novas, segredos que você não conhece. ⁷Foram criadas neste momento e não algum tempo atrás; antes do dia de hoje você nunca ouviu falar; do contrário, você poderia dizer: “Eu já sabia disso tudo!” ⁸Você não ouviu falar, não soube, e isso nunca chegou a seus ouvidos, pois eu sei muito bem o quanto você é pérfido e que desde o ventre de sua mãe você tem o nome de rebelde. ⁹Por causa do meu nome, eu retardo a minha ira; por causa da minha honra, eu me contenho para não aniquilar você. ¹⁰Olhe! Eu o refinei como prata, e o provei na fornalha do sofrimento. ¹¹Por minha causa, só por minha causa é que eu fiz isso, porque o meu nome não há de ser profanado, e a ninguém cederei a minha glória.

¹²Escute-me, Jacó; preste atenção, Israel! Eu sou, eu sou o primeiro, eu sou o

último. ¹³Minha mão firmou as bases da terra, a minha direita estendeu os céus; basta eu chamá-los, e eles comparecem juntos. ¹⁴Que todos se reúnam e escutem: Qual dos ídolos anunciou essas coisas? Meu amigo cumprirá minha vontade contra a Babilônia e contra o povo dos caldeus. ¹⁵Eu mesmo falei e pessoalmente o chamei, eu lhe quero bem e torno feliz o seu caminho. [48,1-15]

Javé é fiel — ¹⁶Aproximem-se, escutem isto: Desde o começo, nunca falei às escondidas; a partir de quando as coisas iam acontecendo, aí estava eu. — E agora, Javé Deus me enviou com o seu espírito. — ¹⁷Assim diz Javé, o redentor de você, o Santo de Israel: Eu sou Javé, o seu Deus, que ensino a você para o seu bem e o guio pelo caminho que você deve seguir. ¹⁸Se você tivesse obedecido aos meus mandamentos, sua paz seria como rio e sua justiça como ondas do mar; ¹⁹seus descendentes seriam como areia, seus filhos seriam numerosos como grãos de areia; seu nome não seria eliminado nem destruído diante de mim. [16-19]

Aproveitem a oportunidade! — ²⁰Saiam da Babilônia, fujam dos caldeus. Anunciem e proclamem isso com gritos de alegria, espalhem a notícia até os confins da terra. Digam assim: “Javé redimiou seu servo Jacó. ²¹Quando os levou pelo deserto, eles nunca passaram sede; fez brotar água da pedra, bateu na rocha, e a água correu”. ²²(Javé diz: “Para os ímpios não existe paz”). [20-22]

49 ***Vocação e missão do Servo de Javé*** — ¹Ilhas, escutem; prestem atenção, povos distantes. Eu ainda estava no ventre materno, e Javé me chamou; eu ainda estava nas entranhas de minha mãe, e ele pronunciou o meu nome. ²Ele fez da minha língua uma espada afiada e me escondeu com a sombra de sua mão; ele me transformou numa seta pontiaguda e me guardou na sua caixa de flechas. ³Ele me disse: “Você é o meu servo, Israel, e eu me orgulho de você”. ⁴Eu então respondi: “Cansei-me inutilmente, gastei minhas forças à toa, em nada. Enquanto isso, quem defendia os meus direitos era Javé, o meu pagamento estava na mão de Deus”. ⁵Agora fala Javé, que desde o ventre me formou para ser o seu servo, para eu lhe trazer de volta Jacó e reunir Israel para ele. (Serei glorificado aos olhos de Javé; Deus é a minha força.) ⁶Ele diz: “É muito pouco você tornar-se o meu servo, só para reerguer as tribos de Jacó, só para trazer de volta os sobreviventes de Israel. Faço de você uma luz para as nações, para que a minha salvação chegue até os confins da terra”. ⁷Assim diz Javé, o redentor e Santo de Israel, para aqueles cuja vida não vale nada, que são desprezados pelas

nações, que são escravos dos poderosos: “Os reis verão e ficarão de pé, os chefes se ajoelharão, porque Javé é fiel, e o Santo de Israel escolheu você”.

⁸ Assim diz Javé: Na ocasião favorável eu respondi a você, e no dia da salvação eu o ajudei; preparei e designei você para ser a aliança do povo, para reerguer o país, para redistribuir as propriedades arrasadas, ⁹ para dizer aos cativos: “Saíam!” E aos que estão nas trevas: “Venham para fora!” [49,1-9a]

Volta para a pátria — Como rebanho, eles pastarão em todos os caminhos, em qualquer colina seca encontrarão pastagem. ¹⁰ Não passarão fome nem sede; não serão molestados pelo calor nem pelo sol, pois aquele que se compadece deles os conduzirá e os guiará para onde há fontes de água. ¹¹ Transformarei meus montes em caminhos, minhas estradas serão niveladas. ¹² Vejam! Uns vêm de longe, outros do norte e do ocidente, e outros da terra de Siene. ¹³ Céus, gritem de alegria! Terra, alegre-se! Montanhas, rompam em aclamações, pois Javé consola o seu povo e se compadece dos seus pobres.

¹⁴ Sião dizia: “Javé me abandonou, o Senhor me esqueceu!” ¹⁵ Mas pode a mãe se esquecer do seu nenê, pode ela deixar de ter amor pelo filho de suas entranhas? Ainda que ela se esqueça, eu não me esquecerei de você. ¹⁶ Veja! Eu tatuei você na palma da minha mão; suas muralhas estão sempre diante de mim. ¹⁷ Aqueles que vão reconstruir você apertam o passo; os que a derrubaram e destruíram já se foram embora. ¹⁸ Lance um olhar ao redor e veja: todos se reúnem para vir até você. Juro por minha vida — oráculo de Javé —: todos eles serão para você como veste preciosa, como cinto de noiva. ¹⁹ Os seus lugares arrasados, as suas ruínas, o país devastado serão estreitos demais para seus habitantes, enquanto já vão longe aqueles que devoravam você. ²⁰ Os filhos que você havia perdido ainda falarão ao seu ouvido: “Meu lugar é muito estreito, aumente um pouco para que eu tenha onde morar”. ²¹ Você, então, ficará pensando: “Quem gerou esses filhos para mim? Pois eu perdi meus filhos e sou estéril, estava no cativeiro e rejeitada; quem os criou para mim? Deixaram-me sozinha; e estes, de onde vieram?” ²² Assim diz o Senhor Javé: “Olhe! Com a mão eu faço um sinal para as nações, ergo a minha bandeira para os povos e, então, no colo e nos ombros eles trarão os filhos e as filhas que pertencem a você. ²³ Os reis serão para você tutores e as princesas serão amas-de-leite. Com o rosto por terra, prestarão homenagem a você, lamberão a poeira de seus pés, e você ficará sabendo que eu sou Javé, aquele que nunca decepçiona quem nele

confia. ²⁴Pode alguém tirar de um valente aquilo que ele agarrou, ou livrar um prisioneiro da mão do vencedor? ²⁵Assim diz Javé: O prisioneiro será tirado da mão do homem valente e aquele que o violento agarrou, vai lhe escapar. Pois eu discutirei com aqueles que discutem com você, e eu mesmo salvarei os filhos que lhe pertencem. ²⁶Farei seus opressores comerem a própria carne; e com o próprio sangue eles se embriagarão, como de vinho novo. Então todo mundo saberá que eu sou Javé, salvador de você, e que o seu redentor é o Poderoso de Jacó. [9b-26]

50 *Javé ainda pode libertar?* — ¹Assim diz Javé: Onde está o atestado do divórcio, provando que me separei da mãe de vocês? A qual dos meus credores eu vendi vocês? Pois bem! Vocês foram vendidos por causa de suas próprias culpas; a mãe de vocês foi repudiada por causa dos crimes que vocês cometeram. ²Por que, então, quando eu venho, não encontro ninguém, e quando eu chamo, ninguém responde? Será que minha mão ficou tão curta que eu não posso libertar? Ou será que já não tenho mais força para salvar? Vejam! Com uma simples ameaça eu seco o mar e transformo os rios em deserto; seus peixes apodrecem por falta d'água e acabam morrendo de sede. ³Eu visto o céu todo de preto, e dou a ele um pano de saco como veste. [50,1-3]

O Servo de Javé não recua — ⁴O Senhor Javé me deu a capacidade de falar como discípulo, para que eu saiba ajudar os desanimados com uma palavra de coragem. Toda manhã ele faz meus ouvidos ficar atentos para que eu possa ouvir como discípulo. ⁵O Senhor Javé abriu meus ouvidos e eu não fiz resistência nem recuei. ⁶Apresentei as costas para aqueles que me queriam bater e ofereci o queixo aos que me queriam arrancar a barba, e nem escondi o meu rosto dos insultos e escarros. ⁷O Senhor Javé me ajuda, por isso não me sinto humilhado; endureço o meu rosto como pedra, porque sei que não vou me sentir fracassado. ⁸Ao meu lado está aquele que me defende; quem vai demandar contra mim? Vamos juntos ao tribunal! Quem abriu um processo contra mim? Que venha me enfrentar! ⁹Vejam! O Senhor Javé me ajuda: quem vai me condenar? Pois todos se desgastarão como roupa velha, roída pela traça.

¹⁰Quem de vocês respeita Javé e escuta o que diz o servo dele? Aquele que anda no escuro, sem uma luz que o alumie, confie no nome de Javé, ponha a confiança em seu Deus. ¹¹Agora, todos vocês que acendem uma fogueira e sopram suas brasas, cairão nas chamas da sua fogueira e nas brasas que vocês

mesmos acenderam. Minha própria mão os tratará assim, e vocês serão consumidos no sofrimento. [4-11]

51 *A realização da promessa* — ¹Escutem-me, vocês que andam à procura da justiça e que buscam a Javé. Olhem bem para a pedreira de onde vocês foram tirados, reparem bem o talho de onde vocês foram cortados: ²olhem para Abraão, o pai de vocês; reparem em Sara, que os deu à luz. Quando eu o chamei, ele era um só; mas eu o abençoei e multipliquei.

³Javé consola Sião, consola suas ruínas: ele transformará o deserto dela num paraíso, a secura num jardim de Javé. Aí haverá alegria e festa, ações de graças e hinos de louvor.

⁴Preste atenção, povo meu; dê-me ouvidos, gente minha: de mim vem a lei, e o meu direito é luz para os povos. ⁵A minha justiça está perto, a minha salvação já brotou, o meu braço governará os povos: as ilhas esperam por mim e colocam em meu braço a sua esperança.

⁶Levantem os olhos para o céu, deem uma olhada na terra cá embaixo: o céu se desmancha como fumaça, a terra se desgasta como roupa velha, e seus habitantes morrem como moscas; só a minha salvação é eterna, só a minha justiça não tem fim. ⁷Escutem o que eu digo, vocês que conhecem a justiça, gente que traz a minha lei no coração: não tenham medo dos insultos dos homens, nem se rebaixem com suas caçadas, ⁸pois eles serão roídos pela traça como roupa, serão comidos pela barata como pedaços de lã. Mas a minha justiça é eterna e a minha salvação permanece de geração em geração. [51,1-8]

Não há o que temer — ⁹Desperta! Desperta! Reveste-te de força, braço de Javé! Desperta como nos tempos passados, como nas épocas antigas. Não foste tu que derrotaste o monstro e transpassaste o dragão? ¹⁰Não foste tu que secaste o mar, as águas do grande abismo, tu que fizeste um caminho pelo fundo do mar para que os redimidos pudessem atravessar?

¹¹Os resgatados de Javé voltarão! Estarão de volta a Sião, cantando e com alegria sem fim sobre suas cabeças; serão acompanhados de alegria e contentamento; dor e aflição ficarão para trás. ¹²Eu, eu mesmo sou aquele que consola vocês. Quem é você para ter medo de um homem mortal, de uma criatura humana que acabará como erva? ¹³Você se esqueceu de Javé que o criou, que estendeu o céu e fez o alicerce da terra. Você vivia sempre apavorado diante da fúria do opressor, quando ele estava pronto para destruir você. Onde

está a fúria do seu opressor? ¹⁴O preso logo sairá livre; não morrerá na cadeia, nem lhe faltará pão. ¹⁵Eu sou Javé seu Deus, que agito o mar e suas ondas estrondam. Meu nome é Javé dos exércitos. ¹⁶Coloquei minha palavra na sua boca e escondi você na sombra da minha mão. Estendo o céu, coloco os alicerces da terra e digo a Sião: “Você é o meu povo!” [9-16]

Terminou o castigo — ¹⁷Desperte! Desperte! De pé, Jerusalém! Você que bebeu da mão de Javé a taça cheia do seu furor, um cálice de vertigem, que você bebeu e esvaziou.

¹⁸Ela, que gerou tantos filhos, não tem ninguém que a conduza; de todos os filhos que pôs no mundo, não há um que lhe dê a mão. ¹⁹Duas desgraças atingiram você. Quem se compadece? Destruição e ruína, fome e guerra. Quem a consola? ²⁰Seus filhos estão caídos pelas esquinas, totalmente entregues e desfalecidos, tal como a caça que caiu na armadilha, cheios do furor de Javé e da ameaça do seu Deus.

²¹Por isso, escute, ó infeliz, embriagada, mas não de vinho! ²²Assim diz o seu Senhor Javé, o seu Deus, o advogado do seu povo: Vou tomar de sua mão o cálice de vertigem; você nunca mais beberá na taça do meu furor. ²³Vou passar essa taça para as mãos daqueles que a fizeram sofrer, daqueles que lhe diziam: “Curve-se para que passemos por cima de você”. E você fazia de suas costas uma estrada para que eles lhe passassem por cima.

52 ¹Desperte! Desperte! Revista-se de força, Sião! Vista a roupa de festa, Jerusalém, cidade santa! Pois nunca mais entrarão em você o não circuncidado e o impuro. ²Sacuda a poeira, levante-se, Jerusalém escrava! Tire a coleira do pescoço, escrava filha de Sião, ³porque assim diz Javé: Vocês foram vendidos de graça, e sem pagar eu os redimirei. ⁴Porque assim diz o Senhor Javé: No princípio, o meu povo foi para o Egito e aí residiu como estrangeiro; depois foi a Assíria que o oprimiu sem motivo. ⁵E agora, o que é que eu faço? — oráculo de Javé. Pois o meu povo foi pego de graça e aquele que o domina dá gritos de alegria — oráculo de Javé — e o meu nome é insultado continuamente todos os dias. ⁶Por isso o meu povo reconhecerá o meu nome; nesse dia compreenderá o que eu dizia: “Aqui estou”. [51,17-52,6]

A boa notícia — ⁷Como são belos sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz, que traz a boa notícia, que anuncia a salvação, que diz a Sião:

“Seu Deus reina”. ⁸Ouçã! Seus guardas levantam a voz, juntos cantam de alegria, pois estão vendo frente a frente a Javé que volta para Sião. ⁹Rompam juntas em cantos de alegria, ruínas de Jerusalém, porque Javé se compadece do seu povo e redime Jerusalém. ¹⁰Javé arregaçou a manga de seu braço santo diante de todas as nações; todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus. [52,7-10]

Saiam da opressão — ¹¹Vamos, vamos, saiam daí. Não toquem nas coisas impuras. Saiam da Babilônia, conservem-se puros, vocês que transportam os objetos sagrados. ¹²Ninguém sairá apressado, ninguém correrá como se estivesse fugindo, pois Javé caminha à sua frente. Atrás de vocês vem o Deus de Israel. [11-12]

A paixão do Servo de Javé — ¹³Vejam! O meu servo vai ter sucesso, subirá e crescerá muito. ¹⁴Assim como muitos ficam espantados por causa dele — pois já não parecia mais gente, tinha perdido toda a sua aparência humana — ¹⁵assim também as nações numerosas levarão um susto. Diante dele os reis vão fechar a boca, pois verão uma coisa que nunca ouviram contar e compreenderão o que jamais ouviram.

53 ¹Quem acreditou em nossa mensagem? Para quem foi mostrado o braço de Javé? ²Ele cresceu como broto na presença de Javé, como raiz em terra seca. Ele não tinha aparência nem beleza para atrair o nosso olhar, nem simpatia para que pudéssemos apreciá-lo. ³Desprezado e rejeitado pelos homens, homem do sofrimento e experimentado na dor; como indivíduo de quem a gente esconde o rosto, ele era desprezado e nem tomamos conhecimento dele. ⁴Todavia, eram as nossas doenças que ele carregava, eram as nossas dores que ele levava em suas costas. E nós achávamos que ele era um homem castigado, um homem ferido por Deus e humilhado. ⁵Mas ele estava sendo transpassado por causa de nossas revoltas, esmagado por nossos crimes. Caiu sobre ele o castigo que nos deixaria quites; e por suas feridas é que veio a cura para nós. ⁶Todos nós estávamos perdidos como ovelhas, cada qual se desviava pelo seu próprio caminho, e Javé fez cair sobre ele os crimes de todos nós. ⁷Foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; tal como cordeiro, ele foi levado para o matadouro; como ovelha muda diante do tosquiador, ele não abriu a boca. ⁸Foi preso, julgado injustamente; e quem se preocupou com a vida dele? Pois foi cortado da terra dos vivos e ferido de morte por causa da revolta do meu povo.

⁹A sepultura dele foi colocada junto com a dos injustos, e seu túmulo junto com o dos ricos, embora nunca tivesse cometido injustiça e nunca a mentira estivesse em sua boca. ¹⁰No entanto, Javé queria esmagá-lo com o sofrimento: se ele entrega a sua vida em reparação pelos pecados, então conhecerá os seus descendentes, prolongará a sua existência e, por meio dele, o projeto de Javé triunfará. ¹¹Pelas amarguras suportadas, ele verá a luz e ficará saciado. Pelo seu conhecimento, o meu servo justo devolverá a muitos a verdadeira justiça, pois carregou o crime deles. ¹²Por isso eu lhe darei multidões como propriedade, e com os poderosos repartirá o despojo: porque entregou seu pescoço à morte e foi contado entre os pecadores, ele carregou os pecados de muitos e intercedeu pelos pecadores. [52,13-53,12]

54 *Cidade renovada* — ¹Cante de alegria, estéril que não dava à luz; exulte com alegre canto, você que não tinha dores de parto, porque a mulher abandonada terá mais filhos que a casada, diz Javé. ²Aumente o espaço de sua tenda, ligeira estenda a lona, estique as cordas, finque as estacas, ³porque você vai se estender para a direita e para a esquerda, seus filhos herdarão nações e povoarão cidades desabitadas.

⁴Não tenha medo, pois você não ficará envergonhada. Não se envergonhe, pois você não sofrerá humilhação; você esquecerá a vergonha que passou na juventude, e nunca mais se lembrará da vergonha do seu tempo de viúva. ⁵Porque o seu marido é o seu criador: o nome dele é Javé dos exércitos. Quem redime você é o Santo de Israel; ele é chamado o Deus de toda a terra. ⁶Javé chama você como a esposa abandonada e abatida, como a esposa da juventude, a repudiada: assim diz o seu Deus. ⁷Por um instante eu abandonei você, mas com imensa compaixão torno a reuni-la. ⁸Num ímpeto de ira, por um momento eu escondi de você o meu rosto; agora, com amor eterno, volto a me compadecer de você, diz Javé, seu redentor. ⁹Como no tempo de Noé, agora faço a mesma coisa: jurei que as águas do dilúvio nunca mais iriam cobrir a terra; da mesma forma, agora eu juro que não deixarei minha ira se inflamar contra você e que nunca mais vou castigá-la. ¹⁰Mesmo que os montes se retirem e as colinas vacilem, meu amor nunca vai se afastar de você, minha aliança de paz não vacilará, diz Javé, que se compadece de você.

¹¹Pobrezinha, açoitada pela tempestade e sem consolo! Veja! Eu assento seus muros sobre pedras preciosas e faço de safira a base; ¹²as muralhas eu faço de rubi, e as portas de esmeralda. Toda a sua muralha eu faço de pedras preciosas.

¹³Seus filhos todos serão discípulos de Javé, será grande a paz de seus filhos. ¹⁴Você será estabelecida com justiça, longe da opressão, e não terá o que temer; ficará longe do terror, que nunca mais se aproximará de você. ¹⁵Se, por acaso, alguém atacar você, não será por minha ordem; quem atacar você, já está derrotado. ¹⁶Veja! Fui eu quem criou o ferreiro que sopra as brasas no fogo e produz ferramentas de trabalho. Mas também fui eu quem criou o exterminador para arrasar. ¹⁷Qualquer ferramenta forjada contra você jamais terá sucesso; a língua que acusar você no tribunal você mesma provará que ela é culpada. Essa será a herança dos servos de Javé, a justiça que de mim receberão — oráculo de Javé. [54,1-17]

55 *Javé oferece a vida* — ¹Atenção! Todos os que estão com sede, venham buscar água. Venham também os que não têm dinheiro: comprem e comam sem dinheiro e bebam vinho e leite sem pagar. ²Por que gastar dinheiro com coisa que não alimenta, e o salário com aquilo que não traz fartura? Ouçam-me com atenção, e comerão bem e saborearão pratos suculentos, ³Deem ouvidos a mim, venham para mim, me escutem, que vocês viverão. Farei com vocês uma aliança definitiva, serei fiel à minha amizade com Davi. ⁴Fiz dele uma testemunha para os povos, um chefe que dá ordem aos povos. ⁵Agora você vai convocar um povo desconhecido; um povo que não conhecia você virá correndo para procurá-lo: tudo por causa de Javé seu Deus, por causa do Santo de Israel, porque ele glorificou você. [55,1-5]

Procurem Javé — ⁶Procurem Javé enquanto ele se deixa encontrar; chamem por ele enquanto está perto. ⁷Que o injusto deixe o seu caminho e o homem maldoso mude os seus projetos. Cada um volte para Javé e ele terá compaixão; volte para o nosso Deus, pois ele perdoa com generosidade.

⁸Os meus projetos não são os projetos de vocês, e os caminhos de vocês não são os meus caminhos — oráculo de Javé. ⁹Tanto quanto o céu está acima da terra, assim os meus caminhos estão acima dos caminhos de vocês, e os meus projetos estão acima dos seus projetos. ¹⁰Da mesma forma como a chuva e a neve, que caem do céu e para lá não voltam sem antes molhar a terra, tornando-a fecunda e fazendo-a germinar, a fim de produzir semente para o semeador e alimento para quem precisa comer, ¹¹assim acontece com a minha palavra que sai de minha boca: ela não volta para mim sem efeito, sem ter realizado o que eu quero e sem ter cumprido com sucesso a missão para a qual eu a mandei. [6-11]

A certeza da libertação — ¹²Vocês sairão com alegria e serão conduzidos em paz. Na presença de vocês, colinas e montes explodirão de alegria, todas as árvores baterão palmas. ¹³Em vez de espinhos, crescerão ciprestes; no lugar de urtiga, crescerão murtas. Isso trará fama a Javé, será um monumento eterno, que nunca se apagará. [12-13]

NOTAS

[40,1-11] Em pleno exílio, o profeta entrevê a alegria de Jerusalém ao saber que os exilados estão voltando. Terminou o tempo da escravidão e começa um *novo êxodo*. Javé caminha junto com o seu povo na ternura de um pastor que cuida do rebanho. É do fundo triste de uma escravidão sofrida que brota a esperança alegre e libertadora (cf. Ex 3,7-9). Os evangelhos sinóticos citam o texto para falar da libertação definitiva trazida por Jesus Cristo (cf. Mt 3,3; Mc 1,3; Lc 3,4).

[12-26] Os exilados levantam uma objeção: “Frente aos outros deuses, quem é Javé para realizar um novo êxodo?” O profeta responde que Javé é o Senhor supremo do universo e da história; acima dele não há ninguém, e em suas mãos estão todas as coisas e acontecimentos; ele é o Deus vivo e o único autor da vida. Os outros deuses não passam de objetos impotentes, fabricados pela imaginação e técnica do homem. Javé *faz e dirige tudo*, ao passo que os ídolos *são feitos e carregados*.

[27-31] Os exilados caíram no desânimo e pensam que Javé os abandonou: isso é outro empecilho para que o novo êxodo se realize. O profeta mostra que o mesmo Deus eterno que criou o mundo é quem dá forças ao cansado e firmeza aos fracos: ele sustenta todos aqueles que nele confiam.

[41,1-7] Ciro, rei dos persas, domina a Ásia Menor. Ao conquistar a Babilônia, ele permite que os exilados voltem a suas terras e readquiram sua identidade cultural e religiosa. Para o profeta, Ciro torna-se o instrumento do Deus Javé, que é o primeiro e está com os últimos, é o aliado dos pobres e oprimidos. Quando realizam atos que dão lugar à libertação dos oprimidos, os chefes das nações se tornam instrumentos do projeto de Javé na história.

[8-16] O povo oprimido tem sempre um defensor (redentor; cf. Lv 25,23-25; Nm 35,19 e respectivas notas): é o próprio Javé, aquele que fez aliança com Abraão e Jacó. Por isso, o povo não deve perder a esperança, pois Javé, o Deus protetor e libertador dos oprimidos e escravizados, estará sempre a seu lado para o arrancar

de qualquer tipo de escravidão.

[17-20] No primeiro êxodo, o povo bebeu água da rocha em pleno deserto (cf. Ex 17,1-7). Ora, água é o elemento imprescindível para a vida. Ela falta para os pobres e indigentes, e Javé em pessoa responderá à necessidade deles, transformando agora a terra seca em rios e o deserto em jardins, um novo paraíso terrestre.

[21-29] Continua aqui a polêmica contra os deuses babilônicos, que eram empecilho ideológico para que os judeus exilados tivessem esperança de voltar à própria terra. Em continuação a 40,12-26, o profeta agora mostra também que Javé é o único Senhor do futuro: só ele soube anunciar que Ciro dominaria a Babilônia.

[42,1-9] É o primeiro “cântico do Servo de Javé”. Quem é esse Servo? De início, provavelmente, uma *pessoa*; depois essa pessoa foi tomada como figura coletiva, sendo aplicada a todo o *povo pobre e fiel*. O Servo é a grande novidade que Javé prepara: o missionário escolhido que, graças ao Espírito de Javé, recebe a missão de fazer que surja uma sociedade conforme a justiça e o direito. Ele não submeterá os fracos ao seu domínio, mas o seu agir acabará produzindo uma transformação radical: os cegos enxergarão e os presos serão libertos. Os evangelhos aplicam a Jesus a figura do Servo (cf. Mt 3,17 e paralelos; 12,17-21; 17,5).

[10-13] À ação de Javé através do Servo corresponde o reconhecimento e o louvor de todos os habitantes da terra. O cântico novo é o cântico da libertação definitiva.

[14-17] Muitas vezes a ação de Deus parece tardar na história, mas ela vem e com duplo efeito: desastrosa para os que servem aos ídolos, contrariando o projeto de Deus; e libertadora para todos os que são fiéis a esse projeto.

[18-25] Muitos exilados já estão acomodados à situação do exílio e não fazem caso do anúncio profético. Desse modo, toda a esperança de uma vida nova cai por terra. O pior que pode acontecer a um povo oprimido é acostumar-se e acomodar-se ao clima de opressão.

[43,1-7] Javé fez uma aliança com seu povo, e dela jamais abrirá mão: está disposto a trocar tudo para libertá-lo e reuni-lo.

[8-13] Embora Israel não saiba compreender os acontecimentos de sua história, essa própria história o transforma em testemunha de Deus diante de todas as nações. É olhando para dentro da sua história que um povo pode compreender

quem é o Deus vivo e quais são os ídolos que nada podem fazer.

[14-21] Em comparação com o êxodo do Egito, a nova libertação é um acontecimento bem mais grandioso: os exilados voltarão para a pátria por uma estrada no deserto transformado em oásis. O povo liberto será testemunha da ação de Javé na história.

[22-28] Javé é um Deus que não exige de seu povo sacrifícios de animais ou qualquer outro tipo de ofertas; ele não é um Deus que cansa e massacra o povo com imposições cultuais, mas está continuamente perdoadando. O povo, sim, cansa Deus com suas transgressões e pecados. Ora, a fidelidade a Deus não se mede pela quantidade de cerimônias religiosas, mas por uma prática de vida que dá testemunho da aliança com Deus.

[44,1-5] Javé nunca abandona o povo que ele mesmo formou. Assim como o protegeu no passado, o fará também no futuro. Transformará radicalmente sua situação, entregando-lhe seu espírito. Será uma honra para todos dizer que pertencem a Javé, pois essa pertença dignifica a pessoa e a faz participar de um povo abençoado e admirado por todas as nações.

[6-8] A libertação de Israel torna esse povo um testemunho vivo de que Javé é o único Deus que liberta. Todos os outros que são tomados como absolutos não passam de ídolos ilusórios e opressores.

[9-20] Quem fabrica ídolos quer obter alguma vantagem. E quem se submete a eles são pessoas alienadas: não percebem o quanto é absurdo e degradante absolutizar aquilo que é produto de mãos humanas.

[21-23] Enquanto os homens se alienam fabricando ídolos para sua própria segurança, o Deus vivo forma um povo, perdoa-lhe os pecados e o liberta da escravidão.

[24-28] O projeto de Javé é fazer com que seu povo readquira a vida e a dignidade roubadas por uma situação opressiva. Nesse projeto, nada e ninguém poderá impedir a ação de Javé, pois ele é o Senhor da história e do universo.

[45,1-7] Javé, o Senhor da história, é quem dirige as nações e acontecimentos para dar liberdade e vida ao povo que a ele se aliou. Para realizar o seu projeto, Javé se serve da história dos povos, chegando mesmo a tomar um rei pagão para revesti-lo com a função de messias (ungido), própria dos reis de Israel. O Deus vivo não está confinado a um templo, nem a uma instituição, nem a determinada estrutura de religião: o lugar eminente do seu agir é a história e a vida. O v. 7 salienta que Javé criou todas as coisas, e sabemos, pela Bíblia, que toda a criação

é boa (cf. Gn 1,4.10.12 etc; Eclo 39,12-35). A distinção entre o bem e o mal começa a partir do posicionamento que o homem toma diante do projeto de Deus.

[8] Justiça e salvação sempre são frutos do céu e da terra, de Deus e do homem: Deus é quem concede, e o homem as recebe; Deus as criou e realiza através da criatividade humana.

[9-13] Como Senhor da história e do universo, Javé age de forma soberana: ninguém tem direito de questioná-lo, nem ele é obrigado a prestar contas do que faz.

[14-25] A libertação de Israel é o meio pelo qual Javé se manifesta ao mundo inteiro; todos o reconhecerão pelo modo como ele restabeleceu um povo que estava “morto”. E todos virão adorar o Senhor do universo e da história, escondido num povo que é nada perante as grandes potências.

[46,1-13] O profeta antecipa a destruição da Babilônia. Imagina os babilônios fugindo e carregando seus ídolos. Israel, porém, não precisa carregar seus deuses, pois o seu único Deus é Javé, e é ele quem carrega seu povo. Deus lhe dá a vida, ao passo que os idólatras gastam energias na tentativa inútil de dar vida a seus ídolos.

[47,1-15] Novamente denunciando, o profeta profere a sentença de Javé sobre Babilônia, a grande potência. Iludida pela sua auto-suficiência, ela não é nem mesmo capaz de discernir os fatos históricos que a estão levando para a ruína, com o surgimento do império persa. E nesse jogo entre nações dominadoras, Javé se serve destas para libertar o seu povo. É o inverso daquilo que a história parece mostrar: no projeto de Deus, os impérios que se servem do povo de Deus como “testa de ferro”, eles próprios são usados para que o povo de Deus possa realizar a sua missão na história.

[48,1-15] Foi para manter seu nome e sua honra que Javé, através dos profetas antigos, anunciara o exílio; caso contrário, o povo poderia ver no exílio um triunfo dos ídolos pagãos. Com o mesmo intento, Javé agora vai realizar uma coisa completamente nova e desconhecida: vai libertar seu povo através de um rei pagão.

[16-19] Se as promessas de Deus não se cumprem, não é porque Deus tenha voltado atrás, mas porque o povo se desviou do projeto divino. Apesar de tudo, Deus continua fiel e agirá novamente como redentor do seu povo.

[20-22] A queda do opressor torna-se para Israel a oportunidade para realizar um novo êxodo. O v. 22 é um acréscimo deslocado.

[49,1-9a] É o segundo “cântico do Servo de Javé” (cf. nota em 42,1-9). Aqui se descrevem as características da missão profética: desde o início (ventre), o Servo recebe a missão (o nome) de anunciar a palavra de Javé para reunir e restaurar seu povo disperso. Essa restauração implica reunir e organizar o povo, liderando-o no movimento da libertação: isso implica a reorganização político-social e a justa distribuição de terras (vv. 8-9a). Mas a missão do Servo ultrapassa as fronteiras de uma nação, pois fará com que o povo da aliança se torne luz para os outros povos.

[9b-26:] O profeta já antevê a repatriação dos exilados: eles chegam de todas as partes a Jerusalém, antes destruída e abandonada; os muros são reconstruídos e o povo que volta é como vestido novo para a cidade; o país é repovoado e as outras nações que oprimiam Israel se submetem, porque Javé ama seu povo e o vinga dos inimigos, que agora se devoram mutuamente. Os vv. 24-26 são provavelmente um acréscimo pós-exílico.

[50,1-3] Israel tem nos próprios pecados o único documento para provar por que está separado de Javé. Apesar de tudo, Javé continua fiel e, como no primeiro êxodo, está disposto a lutar contra tudo e contra todos para libertar e reunir o seu povo. Este, porém, parece não confiar em Javé.

[4-11] É o terceiro “cântico do Servo de Javé” (cf. notas em 42,1-9; 49,1-9a). A missão do Servo é, aqui, apresentada como encorajamento aos fracos e abatidos. Para isso, não resiste ao que Javé lhe pede e não recua diante das dificuldades e ataques de adversários. Quem o acusará se o seu advogado é o próprio Deus? Os adversários serão apanhados na mesma armadilha que lhe tinham preparado (v. 11). Tal foi a atitude de Jesus, e é a característica fundamental de seus seguidores.

[51,1-8] O profeta antevê a restauração do povo de Deus como realização das bênçãos e promessas feitas no passado, vencidos todos os empecilhos que as nações poderosas colocaram diante desse projeto. O povo não deve temer, porque Javé é o Senhor da história, e a sua justiça dura para sempre, ao passo que os impérios passam.

[9-16] O povo de Deus não deve temer os opressores, pois o mesmo Javé que libertou os escravos do Egito vai agir de novo, libertando o seu povo da nova escravidão.

[51,17-52,6] A infidelidade de Jerusalém provocou o furor de Javé, e o castigo foi o exílio; agora, porém, terminou o tempo do castigo, e o furor de Javé se volta contra aqueles que oprimiram o seu povo, agora liberto.

[52,7-10] O grande Evangelho (boa notícia) do Segundo Isaías é a salvação: os exilados vão voltar da Babilônia e Javé tornará a reinar em Sião. A reconstrução, motivo de alegria para o povo, é também sinal da misericórdia de Deus.

[11-12] Ao sair da opressão, o povo não deverá carregar nenhum vestígio da opressão, que ameaçaria transformá-lo também num opressor.

[52,13-53,12] É o quarto “cântico do Servo de Javé” (cf. notas em 42,1-9; 49,1-9a; 50,4-9). Descreve-se, agora, a paixão do Servo: ele é justo e inocente, mas sofre as consequências de uma estrutura injusta da sociedade onde vive, e por isso morre esmagado sob o peso dos erros de todos. Contudo, é através do seu aparente fracasso que o projeto de Deus vai triunfar: o Servo é glorificado e traz a salvação para todos. Ao narrar a paixão de Jesus, os Evangelhos praticamente retomam este quarto cântico em todos os detalhes: na sua vida e morte, Jesus se identificou completamente com o povo pobre que, em todos os tempos e lugares, é vítima da injustiça e exploração, da opressão e esquecimento.

[54,1-17] O profeta descreve a Jerusalém restaurada: a libertação faz surgir a esperança de uma nova era, quando Deus e o povo estarão unidos por uma aliança, como no matrimônio. Essa imagem ideal de uma cidade perfeita e esplendorosa é a utopia que incentiva e orienta o desejo dos homens por uma sociedade justa e fraterna. A imagem reaparecerá em Ap 21-22.

[55,1-5] Numa sociedade dominada pelo ídolo dinheiro, o povo gasta tudo o que tem e acaba na sede e fome. O profeta o convida a uma nova aliança com Deus que coloca a vida humana como supremo valor, transformando todas as relações sociais e assegurando a todos alimento e dignidade. A realização desse projeto atrairá os povos, porque verão que esse é o verdadeiro projeto para a vida.

[6-11] Javé tem um projeto de verdadeira realização para a história: *liberdade e vida para todos*. Esse projeto é revelado aos homens através da *Palavra* que, gerando acontecimentos, concretiza o projeto de Deus. A sabedoria do homem consiste em procurar Javé, isto é, converter-se para ele, ouvir a sua palavra e tornar-se aliado seu na luta em prol de liberdade e vida para todos.

[12-13] O livro começou com uma consolação para os exilados e termina afirmando a certeza da libertação. A natureza toda participará da vida nova de um povo livre (cf. Rm 8,18-23).

TERCEIRO ISAÍAS

NOVO CÉU E NOVA TERRA

56 *Fim do nacionalismo exclusivista* — ¹ Assim diz Javé: Observem o direito e pratiquem a justiça, porque a minha salvação está para chegar e a minha justiça vai se manifestar. ² Feliz o homem que assim se comporta, feliz o homem que nisso persevera, quem observa o sábado sem profaná-lo e preserva sua mão de fazer qualquer mal.

³ O estrangeiro que aderiu a Javé não diga: “Com certeza Javé vai me excluir do seu povo”; nem o eunuco diga: “Não passo de uma árvore seca”. ⁴ Porque assim diz Javé: Os eunucos que observam meus sábados, que escolhem o que me agrada e ficam firmes na minha aliança, ⁵ eu lhes darei na minha casa, dentro de minhas muralhas, um lugar e um nome que valem mais do que filhos e filhas; darei a eles um nome eterno que nunca desaparecerá. ⁶ Aos estrangeiros que aderiram a Javé para prestar-lhe culto, para amar a Javé e serem seus servos, que observam o sábado sem profaná-lo e ficam firmes na minha aliança, ⁷ eu os levarei para a minha montanha santa, vou fazê-los felizes na minha casa de oração; os seus holocaustos e sacrifícios serão aceitos com agrado no meu altar, porque a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos. ⁸ Oráculo do Senhor Javé, que reúne os israelitas dispersos: Com aqueles que já foram reunidos, eu reunirei ainda outros. [56,1-8]

A corrupção recomeça — ⁹ Feras selvagens, venham comer, feras todas da selva: ¹⁰ os guardas estão cegos e nada percebem, são cachorros mudos incapazes de latir; sonham deitados e o seu prazer é dormir; ¹¹ são cachorros com fome insaciável; são pastores, mas não são capazes de entender; cada um segue seu caminho e procura seus interesses, todos eles, sem exceção. Eles dizem: ¹² “Venham! Eu vou buscar vinho, vamos nos embriagar com bebidas fortes. Amanhã faremos o mesmo, pois há muita provisão”.

57 ¹ O justo perece, e ninguém se incomoda; os homens de bem são eliminados, e ninguém se importa. Porque o justo é levado antes que venha o mal, ² para que entre na paz: aquele que procede com sinceridade descansa no seu leito. [56,9-57,2]

A idolatria se alastra — ³Venham aqui vocês, filhos de feiticeira, descendência de adúltera e de prostituta. ⁴De quem vocês estão zombando, fazendo careta e mostrando a língua? Vocês não são filhos ilegítimos, prole bastarda? ⁵Não são vocês que buscam a ardência do sexo ao pé dos carvalhos ou debaixo de qualquer árvore frondosa? Vocês sacrificam crianças à beira dos córregos e na fenda das rochas. ⁶As pedras lisas do córrego serão a herança de vocês; serão elas a parte que lhes toca: em honra delas você derramava vinho em libação, e nelas você oferecia sacrifícios. ⁷Você ajeitava a sua cama na colina alta e elevada, e aí subia para oferecer sacrifícios. E você ainda acha que me agrada com essas coisas? ⁸Atrás da porta e do portal você colocava seu emblema; não me levando em conta, você se despia, subia no leito e o alargava para os adúlteros; tirava partido dos seus amantes com os quais você gostava de ter relações; e olhando a nudez deles você fornicava sem parar. ⁹Você procurava Moloc com óleo, multiplicando seus perfumes; enviava seus mensageiros para longe, até as profundidades do sepulcro. ¹⁰Cansada de tanto andar, você nunca dizia: “Chega!” Ao contrário, achava sempre um jeito de reanimar as forças, e não se entregava. ¹¹De quem tinha medo você, quem é que lhe impunha tanto respeito, para você mentir assim? De mim, você nem se lembrava, e nem se preocupava comigo. O fato é que eu me calava e disfarçava; por isso você não me temia. ¹²Mas eu denunciarei a sua tal justiça e as suas obras. Seus ídolos de nada valerão, ¹³e nem servirão quando você pedir socorro. O vento levará todos, um simples sopro os carregará, mas aquele que busca a minha proteção terá como herança a terra e possuirá o meu monte santo. [57,3-13]

Deus está com os oprimidos — ¹⁴Aplainem, aplainem! Abram um caminho! Arranquem as pedras do caminho do meu povo! ¹⁵Pois assim diz aquele que está no alto, lá em cima, aquele que mora na eternidade e que tem um nome santo: Eu moro na altura santa, mas estou com os oprimidos e humilhados, para reanimar o espírito dos humilhados e reanimar o coração dos oprimidos. ¹⁶Eu não vou ficar demandando eternamente, não vou ficar irado o tempo todo, senão a vida humana evaporaria na minha presença e seria destruído tudo aquilo que eu criei. ¹⁷Eu estava indignado com a injustiça de suas ganâncias e, de tocaia, eu o feri com todo o meu furor. Ele ia seguindo rebelde o caminho que bem queria; ¹⁸eu vi o seu caminho, mas vou curá-lo, guiá-lo e oferecer-lhe consolação. E aos que fazem luto por meu povo, ¹⁹farei brotar de seus lábios este canto: “Paz e

felicidade para quem está longe e para quem está perto: eu o curarei, diz Javé”.
²⁰Os injustos, porém, parecem mar agitado que nunca pode acalmar-se, e as águas que eles agitam é lama e lodo. ²¹Para os injustos não existe paz, diz o meu Deus. [14-21]

58 *O verdadeiro jejum* — ¹Grite a plenos pulmões, sem parar; solte como trombeta o som da sua voz; mostre ao meu povo os seus crimes e faça a casa de Jacó conhecer os seus pecados. ²Dia após dia, eles parecem me procurar, mostram desejo de conhecer os meus caminhos; parecem povo que pratica a justiça e que nunca se esquece do direito do seu Deus. Eles vêm me pedir as regras da justiça, eles querem estar perto de Deus. ³E dizem: “Por que jejuamos, e tu não viste? Por que nos humilhamos totalmente, e nem tomaste conhecimento?” Acontece que, mesmo quando estão jejuando, vocês só cuidam dos próprios interesses e continuam explorando quem trabalha para vocês. ⁴Vejam! Vocês jejuam entre rixas e discussões, dando socos sem piedade. Não é jejuando dessa forma que farão chegar lá em cima a voz de vocês. ⁵Vejam! O jejum que eu aprecio, o dia em que uma pessoa procura se humilhar, não deve ser desta maneira: curvar a cabeça como se fosse uma vara, deitar de luto na cinza... É isso que vocês chamam de jejum, um dia para agradar a Javé?

⁶O jejum que eu quero é este: acabar com as prisões injustas, desfazer as correntes do jugo, pôr em liberdade os oprimidos e despedaçar qualquer jugo; ⁷repartir a comida com quem passa fome, hospedar em sua casa os pobres sem abrigo, vestir aquele que se encontra nu, e não se fechar à sua própria gente. ⁸Se você fizer isso, a sua luz brilhará como a aurora, suas feridas vão sarar rapidamente, a justiça que você pratica irá à sua frente e a glória de Javé virá acompanhando você. ⁹Então você clamará, e Javé responderá; você chamará por socorro, e Javé responderá: “Estou aqui!” Isso se você tirar do seu meio o jugo, o gesto que ameaça e a linguagem injuriosa; ¹⁰se você der o seu pão ao faminto e matar a fome do oprimido. Então a sua luz brilhará nas trevas e a escuridão será para você como a claridade do meio-dia; ¹¹Javé será sempre o seu guia e lhe dará fartura até mesmo em terra deserta; ele fortificará seus ossos e você será como jardim irrigado, qual mina borbulhante, onde nunca falta água; ¹²as suas ruínas antigas serão reconstruídas, você levantará paredes em cima dos alicerces de tempos passados. Vão chamá-lo reparador de brechas e restaurador de ruínas, onde se possa morar. [58,1-12]

O dia de Deus e do homem — ¹³Se você evitar que se desrespeite o dia de sábado e não tratar de negócios no meu dia santo; se você disser que o sábado é um dia agradável e honrar o dia consagrado a Javé; se você o respeitar, deixando de viajar, de buscar seu próprio interesse e tratar de negócios; ¹⁴então Javé será a sua delícia, e eu vou fazer que você venha a ser levado triunfante sobre os lugares mais altos da terra, eu sustentarei você com a herança de seu pai Jacó. Assim falou a boca de Javé. [13-14]

59 *Liturgia penitencial* — ¹Veja! O braço de Javé não ficou curto para salvar, nem seus ouvidos ficaram surdos para ouvir. ²Ao contrário, foram as culpas de vocês que acabaram se transformando num abismo que os separa do seu Deus; por causa dos erros de vocês, Javé escondeu o rosto, para não os ouvir. ³Vocês estão com as mãos sujas de sangue, estão com os dedos manchados de crimes, seus lábios só falam mentira e suas línguas sussurram maldade. ⁴Não há ninguém que acuse com justiça, não há quem faça um processo com honestidade. Todos confiam em coisas que não têm valor e só falam o que não é verdade; concebem o crime e dão à luz a maldade. ⁵Chocam ovos de serpente e tecem teias de aranha: quem comer esses ovos morrerá; se a casca se quebrar, de dentro deles sairá uma serpente. ⁶As teias que eles tecem não servem para fazer roupa; eles não conseguem se cobrir com o produto de seu trabalho. Suas obras são criminosas, e suas mãos praticam a violência. ⁷Seus passos levam para o mal, e eles correm para derramar sangue inocente; seus planos são criminosos, sua estrada é feita de ruína e destruição. ⁸Eles não conhecem os caminhos da paz; não existe o direito em seus passos; fazem para si trilhos tortuosos: quem neles caminha não conhece a paz.

⁹É por isso que o direito está longe de nós e a justiça nunca chega ao nosso alcance. Estávamos esperando luz, e o que veio foram trevas; aguardávamos claridade e, no entanto, caminhamos na escuridão. ¹⁰Como cegos, vamos apalpando a parede, tateando como alguém que não enxerga. Tropeçamos em pleno dia, como se já tivesse escurecido; em pleno vigor, estamos como mortos. ¹¹Estamos todos rugindo como ursos, gemendo como pombas. Esperávamos o direito, e nada; esperávamos a salvação, e ela ficou longe. ¹²Sim, nossos atos de rebeldia multiplicaram-se diante de ti, ó Javé; nossos pecados estão depondo contra nós. Sim, nossos atos de rebeldia nos acompanham, reconhecemos as nossas culpas: ¹³revoltar-nos, negar a Javé, afastar-nos do nosso Deus, praticar violência e revolta, conceber e planejar a mentira. ¹⁴Por isso, o direito se retirou

e a justiça se manteve longe, porque a verdade tropeçou na praça e a sinceridade não tem acesso; ¹⁵com isso a verdade sumiu, e quem se desvia do mal acaba sendo roubado. Javé viu tudo isso e lhe pareceu mau, pois o direito já não existe mais. ¹⁶Viu que não havia ninguém, espantou-se porque não havia quem fizesse uma intervenção. Então o seu próprio braço lhe trouxe a vitória, e sua própria justiça o sustentou. ¹⁷Ele se vestiu de justiça como de couraça, e colocou na cabeça o capacete da salvação; revestiu-se com a veste da vingança, e por manto envolveu-se na indignação. ¹⁸Pagará a cada um de acordo com o que merece: ódio contra os seus adversários, castigo para os seus inimigos. ¹⁹Então, desde o ocidente se temerá o nome de Javé, e desde o oriente honrarão a sua glória, pois ele virá como rio impetuoso que é conduzido pelo espírito de Javé. ²⁰Mas para Sião virá um redentor, a fim de afastar os crimes cometidos contra Jacó — oráculo de Javé. ²¹Da minha parte, esta é a minha aliança com eles, diz Javé: O meu espírito está sobre você, e as minhas palavras, que eu coloquei em sua boca, jamais se afastarão dela, nem da boca de seus filhos, nem da boca de seus netos, desde agora e para sempre, diz Javé. [59,1-21]

60 *A cidade universal* — ¹Levante-se, Jerusalém! Brilhe, pois chegou a sua luz, a glória de Javé brilha sobre você. ²Sim, a treva cobre a terra, névoas espessas envolvem os povos, mas sobre você brilha Javé, e sua glória a ilumina. ³Sob a luz de você caminharão os povos, e os reis andarão ao brilho do seu esplendor. ⁴Lance um olhar em volta e observe: todos esses que aí se reúnem vieram procurá-la. Seus filhos vêm de longe, suas filhas vêm carregadas no colo. ⁵Então, bastará ver, e seu rosto se iluminará, seu coração parecerá explodir de emoção, porque estarão trazendo para você os tesouros de além-mar, estarão chegando a você as riquezas das nações. ⁶Uma grande multidão de camelos a invade, camelos de Madiã e Efa; de Sabá vem todo mundo, ouro e incenso é o que eles trazem, e vêm anunciando os louvores de Javé. ⁷Vão se juntar a você todas as ovelhas de Cedar, os carneiros de Nabaiot estarão à sua disposição e se tornarão um sacrifício agradável sobre o altar, e eu honrarei o Templo da minha glória.

⁸Quem são esses que voam como nuvens, como pombas em busca do pombal? ⁹São navios que se reúnem para mim, os barcos de Társis na frente, para trazer de longe seus filhos com sua prata e seu ouro, por causa do nome de Javé, seu Deus, pelo Santo de Israel que a glorifica. ¹⁰Os estrangeiros lhe reconstruirão suas muralhas, e os reis deles serão empregados dela, porque na minha ira eu a

machuquei, mas na minha graça eu a perdoei. ¹¹Suas portas ficarão sempre abertas, nem de dia nem de noite serão fechadas, para que as riquezas das nações entrem até você, e com elas sejam conduzidos os seus reis. ¹²Porque a nação e o rei que não se tornarem seus escravos serão destruídos e as nações serão mortas violentamente. ¹³Virá para você a beleza do Líbano; os pinheiros, olmeiros e ciprestes virão juntos para enfeitar minha santa morada. Assim vou encher de glória o lugar onde apoio meus pés. ¹⁴Os filhos daqueles que a oprimiam virão procurá-la; inclinando-se, vão se prostrar a seus pés aqueles que riram de você, e a proclamarão cidade de Javé, Sião do Santo de Israel.

¹⁵Depois de ter sido abandonada e amaldiçoada, sem alguém que passasse por você, eu a transformarei em orgulho dos séculos, em alegria de todas as gerações. ¹⁶Você sugará o leite das nações, sugará a riqueza dos reis. Então você ficará sabendo que eu sou Javé, que a salva, o seu Redentor, o Forte de Jacó. ¹⁷Em vez de bronze, vou trazer ouro; em vez de ferro, trarei prata; em vez de madeira, bronze e, em vez de pedra, trarei ferro. Vou dar-lhe como inspetor a paz, e como capataz a justiça. ¹⁸Não se ouvirá mais falar de violência em sua terra, nem de opressão ou terror no seu território. Você dará o nome de “Salvação” às suas muralhas e de “Louvor” às suas portas.

¹⁹O sol não será mais a luz do seu dia, e de noite não será a lua a iluminá-la; o próprio Javé será para você uma luz permanente, e o seu Deus será o seu esplendor. ²⁰O sol dela jamais vai se pôr, e a sua lua não terá mais minguante, pois o próprio Javé será para você uma luz permanente. Acabaram-se os dias de luto. ²¹Seu povo será todo formado de justos e serão proprietários da terra para sempre: é a muda que eu plantei, trabalho de minhas mãos, para minha glória. ²²O pequeno crescerá até mil, e o menor se tornará um povo numeroso: Eu sou Javé. No tempo certo, farei isso prontamente. [60,1-22]

61 *Libertação integral* — ¹O espírito do Senhor Javé está sobre mim, porque Javé me ungiu. Ele me enviou para dar a boa notícia aos pobres, para curar os corações feridos, para proclamar a libertação dos escravos e pôr em liberdade os prisioneiros, ²para promulgar o ano da graça de Javé, o dia da vingança do nosso Deus, e para consolar todos os aflitos, os aflitos de Sião, ³para transformar sua cinza em coroa, seu luto em perfume de festa, seu abatimento em roupa de gala.

Eles serão chamados de carvalhos da justiça, plantação de Javé para a sua glória. ⁴Eles reconstruirão as ruínas antigas, erguerão novamente em pé os

velhos escombros. Renovarão as cidades arruinadas e os escombros de muitas gerações.

⁵Estrangeiros se apresentarão para apascentar os rebanhos de vocês; essa gente de fora é que trabalhará para vocês, puxando a enxada ou cuidando da lavoura de uvas. ⁶Vocês serão chamados de sacerdotes de Javé, ministros do nosso Deus. Vocês se alimentarão com os bens das nações e tomarão posse de suas riquezas. ⁷Em lugar da vergonha que vocês sofreram, receberão porção dobrada; em lugar da humilhação, terão gritos de júbilo como porção. É por isso que vocês receberão na sua terra uma porção dupla e gozarão de uma alegria sem fim.

⁸De fato, eu, Javé, que amo o direito e detesto o roubo e a injustiça, eu lhes darei a sua recompensa e estabelecerei com eles uma aliança eterna. ⁹Sua descendência será conhecida entre as nações e sua geração entre os povos. Todos aqueles que os virem reconhecerão que são o povo que Javé abençoou.

¹⁰Transbordo de alegria em Javé, e me regozijo com meu Deus, porque ele me vestiu com a salvação, cobriu-me com o manto da justiça, como o noivo que se enfeita com turbante, e a noiva que se adorna com joias. ¹¹Assim como a terra faz brotar uma nova planta, e o jardim faz germinar suas sementes, assim também o Senhor Javé faz brotar a justiça e o louvor na presença de todas as nações. [61,1-11]

62 *O presente de Javé* — ¹Por causa de Sião não ficarei em silêncio, por causa de Jerusalém não ficarei quieto, enquanto a justiça não surgir para ela como aurora e enquanto sua salvação não brilhar como lâmpada. ²As nações verão a sua justiça e todos os reis verão a sua glória. Você então será chamada com o nome novo que a boca de Javé indicou. ³Você será uma coroa magnífica na mão de Javé, um diadema real na palma do seu Deus. ⁴Ninguém a chamará Abandonada, e sua terra já não terá mais o nome de Desolada. Pelo contrário, você será chamada Minha Delícia e sua terra terá por nome a Desposada, porque Javé vai amar você, e sua terra terá um esposo. ⁵Como o jovem se casa com uma jovem, o seu criador casará com você; como o esposo que se alegra com a esposa, seu Deus se alegrará com você.

⁶Sobre as suas muralhas, ó Jerusalém, eu coloquei guardas para vigiá-la e, dia e noite, eles jamais se calarão.

Vocês, que estão sempre lembrando as promessas de Javé, não descansem, ⁷e também não concedam descanso a Javé, até que ele restabeleça Jerusalém e faça dela o orgulho da terra. ⁸Javé jurou com a sua direita e com o seu braço

poderoso: “Nunca mais darei o seu trigo como alimento aos inimigos; nunca mais os estrangeiros beberão o vinho que tanto trabalho custou para você. ⁹Pelo contrário, quem colher o trigo também o comerá, louvando a Javé; quem colher as uvas também beberá o vinho nos átrios do meu santuário”.

¹⁰Passem, passem pelas portas, abram caminho para o povo. Aplainem, aplainem a estrada, tirem fora as pedras. Ergam uma bandeira para os povos.

¹¹Javé envia esta mensagem até os confins da terra: “Digam para a capital de Sião: Veja! Seu salvador está chegando; com ele vem a sua recompensa, sua recompensa vem na frente dele. ¹²Serão chamados de Povo Santo, Redimidos de Javé. E você terá por nome a Procurada, a Cidade Não Abandonada”. [62,1-12]

63 *Javé vinga Israel* — ¹Quem é este que vem de Edom, que vem de Bosra, com as roupas manchadas de vermelho? Quem é este, assim vestido tão solenemente, e que avança cheio de força? “Sou aquele que fala com justiça e é poderoso para salvar”. ²E de onde vem esse vermelho em suas roupas? Sua túnica parece de alguém que andou esmagando uvas. ³“Entrei sozinho no tanque de pisar uvas, e ninguém do meu povo me acompanhou. E eu pisei com toda a minha ira, esmaguei com todo o meu furor. Por isso espirrou sangue na minha túnica e acabei manchando toda a minha roupa. ⁴Pois chegou o dia da vingança que estava no meu coração, chegou o ano de eu promover a minha redenção. ⁵Mas eu olhei, e não havia quem me ajudasse; observei admirado: não havia quem me apoiasse. Quem me valeu foi o meu próprio braço, o meu furor me deu força. ⁶Então pisei os povos com ira, amassei-os com meu furor, derramando seu sangue pelo chão”. [63,1-6]

Súplica a Javé, o pai — ⁷Vou lembrar as graças e as glórias de Javé, tudo o que ele fez em nosso favor. Ele é grande em bondade para com a casa de Israel. Ele nos tratou conforme a sua compaixão e com a imensidão do seu amor. ⁸Ele disse: “De fato, eles são o meu povo, são filhos que jamais enganarão”. Então ele se tornou o seu salvador ⁹em todas as suas aflições.

Quem os salvou não foi um enviado ou mensageiro, mas o próprio Javé: ele os resgatou com amor e compaixão, tomou-os e carregou-os em todos os dias do passado. ¹⁰Mas eles se revoltaram e aborreceram seu santo espírito. Então se tornou inimigo deles e contra eles se pôs em guerra. ¹¹Mas depois eles se lembraram dos tempos antigos, do seu servo Moisés. Onde está aquele que fez sair das águas do Nilo o futuro pastor do seu rebanho? Onde está aquele que

colocou no seu povo o seu santo espírito? ¹²Onde está aquele que permaneceu à direita de Moisés, guiando-o com seu braço glorioso? Onde está aquele que abriu as águas diante do povo, ganhando um nome eterno? ¹³Que fez o povo andar entre as ondas como cavalo no campo? Eles não tropeçaram ¹⁴como gado que desce para a planície: o espírito de Javé os guiava para o repouso. Assim guiaste o teu povo, para ganhares um nome glorioso. ¹⁵Olha do céu e observa da tua morada santa e gloriosa: onde estão o teu ciúme e poder, o teu coração comovido e a tua compaixão? Não fiques insensível, ¹⁶porque tu és o nosso pai, pois Abraão não nos reconhece mais e Israel não se lembra de nós. Javé, tu és o nosso pai. Teu nome é, desde sempre, Nosso Redentor. ¹⁷Javé, por que nos deixas desviar de teus caminhos? Por que fazes nosso coração endurecer e, assim, perdermos o teu temor? Volta atrás, por amor dos teus servos e das tribos que são a tua herança. ¹⁸Por um momento nossos inimigos se apoderaram do teu povo santo e pisaram o teu santuário. ¹⁹Estamos como outrora, quando ainda não nos governavas, quando sobre nós o teu nome nunca fora invocado. Quem dera rasgasses o céu para descer! Diante de ti as montanhas se derreteriam.

64¹Como o fogo queima o ramo seco e faz a água ferver, assim o fogo destrua os teus adversários, para que o teu nome seja conhecido entre os teus inimigos. Diante de ti tremiam os povos, ²quando realizavas coisas terríveis que não esperávamos, ³coisas de que nunca se ouviu falar desde os tempos antigos. O ouvido jamais ouviu e o olho jamais viu que um Deus além de ti tenha feito tanto por aqueles que nele confiam. ⁴Tu vais ao encontro daqueles que praticam a justiça e sempre se lembram dos teus caminhos. Acontece, porém, que ficaste irritado conosco, porque há muito tempo pecamos contra ti e fomos rebeldes. ⁵Todos juntos nos tornamos como uma coisa imunda, a nossa justiça é como roupa suja, nós todos murchamos como folhas, e nossos pecados como vento nos arrastaram. ⁶Ninguém invocava o teu nome, nem se esforçava para apoiar-se em ti, pois escondeste de nós a tua face e nos entregavas ao poder da nossa culpa. ⁷Mas agora, Javé, tu és o nosso pai; nós somos o barro, e tu és o nosso oleiro; todos nós somos obra de tuas mãos. ⁸Não fiques irado para sempre, Javé, nem fiques lembrando sempre a nossa culpa. Vê! Todos nós somos o teu povo. ⁹Tuas cidades santas viraram deserto, Sião ficou sendo um lugar ermo, e Jerusalém um lugar abandonado. ¹⁰O nosso templo santo e maravilhoso, onde nossos pais celebravam o teu louvor, está agora destruído pelo fogo; todas as nossas coisas

preciosas foram destruídas. ¹¹Depois de tudo isso, permanecerás ainda insensível, Javé? Será que vais ficar calado e aumentar ainda mais a nossa humilhação? [63,7-64,11]

65 *Denúncia e ameaça* — ¹Eu me apresentei para aqueles que não perguntavam por mim; deixei que me encontrassem aqueles que não me procuravam. E ao povo que não invocava o meu nome eu dizia: “Aqui estou, aqui estou!” ²A cada dia eu estendia a mão para um povo desobediente; eles andavam por um mau caminho, seguindo seus próprios caprichos; ³era um povo que me provocava sempre, bem na minha cara. Ficavam oferecendo sacrifícios em jardins, e queimavam incenso em cima de tijolos. ⁴Moravam em cemitérios, passavam a noite em esconderijos, em seus pratos comiam carne de porco e alimentos impuros. ⁵Diziam coisas assim: “Fique longe de mim! Não se aproxime de mim, que para você eu me tornei sagrado”. Isso fez a minha ira fumegar como fogo que arde o dia inteiro. ⁶Isso tudo está escrito diante de mim; eu não me calarei até que tenha pago ⁷as culpas de vocês e de seus pais, diz Javé. Eles queimaram incenso nos lugares altos e me insultaram no cimo das colinas; eu calcularei o pagamento devido às suas obras antigas. [65,1-7]

Deus é justo — ⁸Assim diz Javé: Quando alguém encontra o caldo escorrendo no cacho de uvas, costuma dizer: “Não vamos cortá-lo, porque tem uma bênção!” Assim, a mesma coisa vou fazer por causa dos meus servos, para não arrancá-los todos. ⁹De Jacó farei brotar uma descendência, de Judá sairá o herdeiro das minhas montanhas. Meus escolhidos serão seus donos, e aí meus servos irão morar. ¹⁰Para o meu povo que me buscar, o monte Saron se tornará pasto de ovelhas, e o vale de Acor, invernada para o gado. ¹¹Mas vocês, que abandonaram Javé e se esquecem da sua montanha santa, vocês que oferecem a mesa em honra do deus Fortuna, vocês que enchem taças de coquetel em honra do deus Destino, ¹²eu marquei vocês para morrerem pela espada, sem que ninguém escape da matança, e todos vocês se curvarão para serem degolados. Pois eu chamei e ninguém respondeu, falei e ninguém obedeceu; e vocês ainda praticaram tudo o que me parece mau e escolheram só o que me desagradava.

¹³Por isso, assim diz o Senhor Javé: Meus servos comerão, e vocês passarão fome; meus servos beberão, e vocês passarão sede; meus servos estarão contentes, e vocês envergonhados; ¹⁴meus servos cantarão por terem o coração alegre, e vocês gritarão com dor no coração, e uivarão pela angústia de espírito.

¹⁵Entre os meus escolhidos, vocês deixarão o próprio nome como uma palavra amaldiçoada: “Assim o Senhor Javé o faça morrer!” Mas os meus servos terão outro nome, ¹⁶de tal modo que neste país, quem quiser ser abençoado, será abençoado pelo Deus verdadeiro; se alguém quiser jurar neste país, é pelo Deus verdadeiro que há de jurar, pois aquelas angústias antigas serão esquecidas, e desaparecerão de minha vista. [8-16]

O mundo novo — ¹⁷Vejam! Eu vou criar um novo céu e uma nova terra. As coisas antigas nunca mais serão lembradas, nunca mais voltarão ao pensamento. ¹⁸Por isso fiquem para sempre alegres e contentes, por causa do que vou criar. Farei de Jerusalém uma alegria, e de seu povo um regozijo. ¹⁹Exultarei com Jerusalém e me alegrarei com o meu povo. E nela nunca mais se ouvirá choro ou clamor. ²⁰Aí não haverá mais crianças que vivam alguns dias apenas, nem velhos que não cheguem a completar seus dias, pois será ainda jovem quem morrer com cem anos, e quem não chegar aos cem anos será tido por amaldiçoado. ²¹Construirão casas e nelas habitarão, plantarão vinhas e comerão seus frutos. ²²Ninguém construirá para outro morar, ninguém plantará para outro comer, porque a vida do meu povo será longa como a das árvores, meus escolhidos poderão gastar o que suas mãos fabricarem. ²³Ninguém trabalhará inutilmente, ninguém gerará filhos para morrerem antes do tempo, porque todos serão a descendência dos abençoados de Javé, juntamente com seus filhos. ²⁴Antes que me invoquem eu responderei; quando começarem a falar, eu já estarei atendendo. ²⁵O lobo e o cordeiro pastarão juntos, o leão comerá capim como o boi, mas o alimento da cobra é o pó da terra. Em todo o meu monte santo ninguém causará danos ou estragos, diz Javé. [17-25]

66 ***O culto idolátrico*** — ¹Assim diz Javé: O céu é o meu trono e a terra é o apoio para meus pés. Que tipo de casa vocês poderiam construir para mim? Que lugar poderia servir para meu descanso? ²Tudo o que existe fui eu que fiz, tudo o que existe é meu — oráculo de Javé. Eu olho para o aflito e o de espírito abatido, e também para aquele que estremece diante das minhas palavras. ³Há quem sacrifica um boi, e depois mata um homem; há quem oferece um carneiro no altar, e depois arrebenta a cabeça de um cachorro; há quem apresenta uma oferenda, e é como se fosse carne de porco; há quem faz uma invocação com incenso, e é como se louvasse um ídolo. Todos eles escolheram seu próprio caminho e se alegram com suas abominações. ⁴Por isso, eu também escolherei

seus castigos e farei cair sobre eles exatamente o que eles mais temem. Pois eu chamei, e ninguém respondeu; falei, e ninguém obedeceu. E vocês ainda praticaram tudo o que me parece mau e escolheram o que me desagradava. [66,1-4]

A nova Jerusalém — ⁵Ouçam a palavra de Javé, vocês que veneram a palavra dele: os irmãos de vocês que os odeiam e, por causa de mim, rejeitam a vocês, eles dizem: “Que Javé mostre a sua glória, para que vejamos a alegria de vocês”; pois eles é que ficarão confundidos. ⁶Um barulho vem da cidade, um rumor vem do templo: é a voz de Javé que dá o pagamento aos seus inimigos.

⁷Antes dos trabalhos de parto, ela deu à luz; antes de chegarem as dores, ela pôs no mundo um filho homem. ⁸Quem já ouviu falar uma coisa dessas? Quem já viu coisa assim? Pode nascer um país inteiro num só dia? Pode alguém dar à luz uma nação inteira de uma só vez? Pois, ao sentir as dores, Sião deu à luz seus filhos. ⁹“Será que eu, eu que faço abrir o útero, não faço nascer os filhos?”, diz Javé. “Se sou eu que faço nascer, iria eu atrapalhar?”, diz o Deus de vocês.

¹⁰Alegrem-se com Jerusalém, façam festa com ela, todos os que a amam. Participem de sua enorme alegria todos os que participaram do seu luto. ¹¹Assim poderão amamentar-se nela até ficarem satisfeitos com a consolação que ela tem; sugarão com satisfação a abundância do seu seio. ¹²Porque assim diz Javé: Estou fazendo correr para Jerusalém a prosperidade como rio, e as riquezas das nações como córregos que transbordam. Os seus bebês serão levados no colo, e serão acariciados sobre os joelhos. ¹³Como a mãe consola o seu filho, assim eu vou consolar vocês; em Jerusalém, vocês serão consolados. ¹⁴Ao verem isso, vocês ficarão de coração alegre, e seus ossos florescerão como um campo. A mão de Javé se manifestará para os seus servos, mas se indignará contra seus inimigos. ¹⁵Porque Javé vem com fogo, e seus carros parecem furacão, para desabafar sua ira com ardor e sua ameaça com chamas de fogo. ¹⁶É com fogo que Javé fará justiça sobre toda a terra, e com sua espada ameaça o mundo todo: são muitas as vítimas que ele faz. ¹⁷Os que se consagram e se purificam para celebrar seus ritos em jardins de culto, ficam atrás um do outro, bem no meio, e os que comem carne de porco, répteis e ratos, todos eles perecerão junto com suas práticas e seus projetos — oráculo de Javé.

¹⁸Eu virei para reunir todos os povos e línguas. Eles virão para admirar a minha glória. ¹⁹Colocarei neles um sinal. E os que entre eles sobreviverem, eu os

mandarei para as nações de Társis, Fut, Lud, Mosoc, Tubal e Javã, para as distantes terras de além-mar, que nunca ouviram falar de mim, que nunca viram a minha glória; eles anunciarão a minha glória entre as nações. ²⁰Do meio dos povos trarão, como oferta para Javé, todos os irmãos de vocês que aí estavam. Vou trazê-los a cavalo, de carroça, de charrete, montados em mulas ou camelos, até Jerusalém, a minha santa montanha, diz Javé. Será como quando os israelitas levam até o altar suas ofertas em vasilhas consagradas do templo de Javé. ²¹Do meio deles escolherei também alguns como sacerdotes e levitas, diz Javé.

²²Da mesma forma como durarão para sempre diante de mim os novos céus e a nova terra, que criarei — oráculo de Javé —, assim também durarão o povo e o nome de vocês. ²³Cada lua nova e cada sábado, todo mundo virá prostrar-se na minha presença, diz Javé. ²⁴Ao sair, eles verão os cadáveres daqueles que se revoltaram contra mim, porque o verme que os corrói não morre jamais e o fogo que os consome jamais se apaga. Eles serão um horror para o mundo inteiro. [5-24]

NOTAS

[56,1-8] O exílio mostrou que Javé não está ligado exclusivamente a uma terra e nação. Doravante, o povo de Deus está aberto aos pagãos, desde que aceitem viver segundo a justiça e o direito. Essa abertura ultrapassa as restrições previstas pela Lei (Dt 23,2-9) e começa a quebrar um nacionalismo fechado.

[56,9-57,2] Os políticos e governadores do país (guardas e pastores) são acusados pelo profeta de não levarem a sério a própria função e de agirem em vista dos próprios interesses. Para eles, o poder é um meio para viverem tranquilos: são cachorros *mudos*, pois não defendem o interesse da nação; são cachorros *insaciáveis*, porque devoram os bens públicos para fazerem fortuna pessoal. A nova era, na qual deveria imperar o direito e a justiça, começa a se esfacelar, pois a corrupção dos governantes causa a desgraça do inocente, de tal modo que este só encontra paz ao morrer. E assim, começa de novo a instaurar-se o regime de morte. Por isso, “feras selvagens” são convidadas a devorar esses “cachorros” (v. 9).

[57,3-13] O grande pecado é a *idolatria*, que consiste em colocar o objetivo de nossa vida nas instituições, pessoas ou coisas, a tal ponto que estas acabam dominando a nossa vida toda (v. 11). A idolatria é descrita pelo profeta em

termos de prostituição (v. 8). Quem teme e respeita como absoluto algo que é simples meio para ajudar o homem a viver melhor a vida, ao invés de encontrar segurança, corre ao encontro da morte (v. 9), perdendo o sentido da própria vida (vv. 12-13). O único Absoluto, no qual devemos depositar a nossa segurança, é Javé.

[14-21] A auto-suficiência torna o homem arrogante e o leva a se fechar para o outro e a oprimir o mais fraco. Deus, ao contrário, é o verdadeiro Transcendente: ao invés de se distanciar do homem, ele se torna solidário do mais fraco e toma partido em favor do oprimido. Os fortes e opressores (injustos, v. 21) terão esperança de vida somente quando se converterem a Javé, solidarizando-se com os fracos e oprimidos.

[58,1-12] Procurar a Deus é praticar o direito e a justiça: essa procura pode ser mascarada por atos que parecem mostrar disponibilidade em realizar o projeto de Deus; e qualquer prática de piedade pode esconder um não-compromisso com a vontade de Deus. Ao contrário, a sinceridade se revela através da solidariedade com os oprimidos e da participação *efetiva* num processo de libertação. Só assim estaremos procurando a Deus, receberemos dele uma resposta benévola e seremos co-agentes deste seu projeto: a construção de uma sociedade fundada no direito e na justiça.

[13-14] Observar o dia do descanso semanal é respeitar o projeto de Deus, que dispõe para o homem um ritmo de trabalho e repouso. Esse descanso leva o homem a reencontrar os mais profundos valores de sua existência e a repartir com os irmãos o dom da vida: cessando o trabalho e o comércio, os homens podem encontrar-se como iguais para fruírem gratuitamente de um relacionamento que faz crescer juntos. Sobre a perversão do dia do sábado, cf. Am 8,4-6.

[59,1-21] O texto apresenta uma *liturgia penitencial* dividida em três partes: 1) acusação dos pecados do povo (vv. 1-8); 2) reconhecimento do pecado (vv. 9-15a); 3) reconciliação, que renova a aliança de Deus com o povo (vv. 15b-21). Note-se que o pano de fundo, tanto da acusação como do reconhecimento, é a violação do direito e da justiça. Na Bíblia, a confissão é feita em clima de Aliança: Deus mostra que não é responsável pelos erros do povo; o povo reconhece seus pecados, manifestando que Deus é justo e inocente; e Deus concede o perdão, que restabelece a relação da Aliança.

[60,1-22] Cântico que manifesta a esperança da total restauração de Jerusalém.

Javé habita a cidade santa e, de todos os lados, vêm os judeus dispersos, os mercadores e os povos; o Templo é reconstruído, reina a paz, e a glória de Javé irradia-se por todo o universo. Cf. Ap 21,9-22,5.

[61,1-11] O profeta é enviado para proclamar a Boa Notícia da libertação (vv. 1-3a), e os destinatários são os *pobres* (v. 1), porque estão abertos à fraternidade e à partilha. Para que a libertação se torne realidade, deverá acontecer no país uma restauração, que se abre para o futuro. Dentro do país, terá que triunfar a justiça nas relações entre os cidadãos; fora, terão que cessar as injustiças e opressões contra o país. A condição para acabar com as opressões externas é abolir as explorações que existem dentro do país; para isso, é preciso reconstruir a cidade e reestruturar o campo, através de uma nova política agrícola e pastoril. Não basta estar na terra; é preciso possuí-la. Após sair da escravidão, é preciso caminhar para a libertação e dar-lhe consistência, restaurando o país dilapidado. Os estrangeiros já não irão explorar, mas participarão da partilha, através do trabalho (vv. 4-5). Dessa maneira, o povo será sacerdote ou ministro de Deus (v. 6), isto é, será oficiante de um culto que agrada a Javé (cf. cap. 58). Se há injustiça no país, exige-se conversão; se a injustiça vem de fora por mão de outros, deverão ser enfrentados. Direito e justiça são o fiel da balança (v. 8a); através deles haverá alegria (v. 7), fidelidade a Deus (Aliança, v. 8b), bênção e reconhecimento das nações (v. 9): é o ano da graça de Javé.

[62,1-12] A libertação do país (Jerusalém e terra), como se requer no capítulo anterior para a construção da justiça, é dom de Javé, o parceiro (noivo) da Aliança (vv. 1-5). As sentinelas da cidade relembram essa fidelidade e gritam continuamente para que o noivo (Javé) venha logo desposar a noiva (Jerusalém) e traga consigo o dote (vv. 6-7): o grande presente de Deus para um país abençoado é usufruir dos frutos do trabalho através da partilha (v. 8). A espoliação não deve ser substituída por outro tipo de opressão. Para que isso não aconteça, é necessário reconhecer que o dono da terra é Deus; esse reconhecimento explode em louvor. A economia sai do seu círculo vicioso e não se torna “camisa de força”, mas gratuidade. É o presente do noivo para a noiva. Todos os povos são convidados a participar desse tipo de economia que exprime a gratuidade de Deus. Para um país viver na abundância, da qual todos possam participar, não é preciso espoliar outros países; ao contrário, os outros são convidados a fazer a mesma coisa: o banquete universal das núpcias de Deus com o seu povo (vv. 10-12).

[63,1-6] Como em Is 34-35, Edom é a personificação das nações pagãs que oprimiram Israel. Usando a imagem do vinhateiro com as roupas manchadas pelo suco da uva, Javé é apresentado como o vingador de Israel: suas roupas estão manchadas com o sangue dos povos, sobre os quais caiu sua vingança em favor de Israel. É uma imagem forte para mostrar que o opressor deverá ressarcir todos os danos que tiver causado às suas vítimas.

[63,7-64,11] Trata-se de uma súplica em quatro partes: meditação histórica (63,7-14); invocação a Deus pai (63,15-19a); pedido por uma manifestação de Deus (63,19b-64,4a); confissão do pecado (64,4b-11). Este salmo data provavelmente dos inícios do exílio: diante do sofrimento, o povo relembra o passado com suas horas tristes e seus momentos de esperança, e dirige sua súplica a Deus, pai e protetor de Israel, único que pode libertar seu filho da miséria. Para o povo, a libertação é uma questão de honra para Javé: que ele perdoe os filhos humilhados e lhes reavive a esperança.

[65,1-7] Javé denuncia e ameaça o povo que, ao invés de recorrer a ele, busca as práticas pagãs, correndo atrás de ídolos.

[8-16] Deus é justo: quando o povo peca, ele não o destrói totalmente, mas retribui a cada um conforme o comportamento pessoal.

[17-25] O autor apresenta a realização do projeto de Deus: será um mundo de paz, harmonia e alegria. No conjunto, mostra os aspectos desse mundo novo que, para nós, é um estímulo a lutar: até que o projeto dos homens coincida com o projeto de Deus, ou seja, até eliminar a morte prematura e fazer que a vida possa ser vivida em plenitude; até extinguir a exploração do produto e força do trabalho, de modo que todos possam usufruir plenamente os frutos do seu próprio trabalho; até acabar com a guerra entre as nações e as divisões dentro do próprio país. Se os homens de fato se empenharem nesse projeto, Deus os atenderá e lhes responderá antes mesmo que falem e peçam a Deus. São João retomará essa temática em Ap 21,1-22,5.

[66,1-4] Muitos se satisfazem com a reconstrução do Templo e uma religião ritual e formalista. Todavia, esse culto pode ser apenas idolátrico, pois oferecer sacrifícios sem praticar a vontade de Deus é como realizar ritos mágicos.

[5-24] Os exilados voltaram para a sua terra e as promessas ainda não se cumpriram. A comunidade se encontra em decadência, porém, os mais fiéis permanecem confiantes. O profeta confirma a esperança deles com a visão de

um povo novo, que nasce de Jerusalém. A salvação e a paz vão chegar, pois Javé julga o mundo. De todos os cantos da terra os povos vêm para se reunir com Israel na adoração ao Deus vivo.

JEREMIAS

UMA NOVA ALIANÇA

Introdução

Jeremias é da tribo de Benjamim e originário de Anatot, pequena cidade do interior. Embora de família sacerdotal, está ligado às tradições proféticas do Norte, principalmente a Oseias, e não às tradições do sacerdócio e da corte de Jerusalém. Como Miqueias, ele pertence ao mundo camponês. De maneira crítica, ele traz consigo a visão dos camponeses sobre a situação do país.

A atividade profética de Jeremias se desenvolveu entre os anos 627 e 586 a.C., e pode ser dividida em quatro períodos:

Primeiro período: durante o reinado de Josias (627-609 a.C.)

Com apenas oito anos de idade, Josias foi nomeado rei pelo “povo da terra”. Aqui essa expressão indica a camada rural da sociedade. No início deste período, Jeremias acusa a idolatria e luta para que seja erradicada totalmente do país. Do contrário, a situação vai piorar cada vez mais. A conversão se torna necessária e urgente.

No âmbito internacional, a situação política está mudando rapidamente: a Assíria, grande potência da época, se enfraquece cada vez mais, e já não consegue manter controle sobre as regiões dominadas. Josias, agora maior de idade, aproveitando o enfraquecimento da presença assíria, encontra ótima oportunidade para realizar ampla reforma. Na política, ele procura anexar o território do Norte, pertencente à Assíria desde a queda de Samaria em 722 a.C. Na economia, deixa de pagar os impostos cobrados pelos dominadores. Ao mesmo tempo, Josias promove a reforma religiosa. Baseado no “Livro da Lei” (provavelmente o núcleo mais antigo do Deuteronômio), encontrado no Templo, ele tenta eliminar todos os ídolos do país e estabelecer novo relacionamento social centrado na Lei. É um período de prosperidade e otimismo. Por isso até Jeremias emite bom conceito sobre Josias (Jr 22,15-16).

Segundo período: durante o reinado de Joaquim (609-598 a.C.)

Com a decadência da Assíria, as relações internacionais começam a ganhar novas feições. Outros povos, ávidos de conquista e supremacia, despontam no horizonte: citas, medos, babilônios e também os egípcios que tentam ressurgir de um período decadente. Com isso, a faixa da Palestina passa, de novo, a ser palco de disputas políticas e militares. Nessa época morre Josias (609 a.C.), quando tenta impedir a incursão do Faraó Necao, que procura deter o avanço da Babilônia. No retorno, mesmo derrotado, Necao vai a Jerusalém, depõe Joacaz, substituto de Josias, e coloca no trono de Judá o despótico Joaquim. Essa atitude do Faraó pretendia dar na região uma demonstração de força. Pode ser também que Necao confiasse mais em Joaquim do que em Joacaz. O povo detestava Joaquim, e Jeremias critica violentamente esse rei (Jr 22,13-19). É dessa época o famoso discurso sobre o Templo (Jr 7,1-15; cf. cap. 26), que quase custou a vida do profeta.

A Babilônia surge como grande potência, sob o reinado de Nabucodonosor. Jeremias adverte os israelitas que os babilônios, em breve, invadirão o país. Por causa disso, ele é aprisionado como traidor. Assim mesmo, Jeremias continua denunciando o povo que se esqueceu de Deus, por falsear o culto, pela falsa segurança, pelas idolatrias e pelas injustiças sociais. E aponta os principais responsáveis: são as pessoas importantes que detêm o poder em Jerusalém (rei, ministros, falsos profetas, sacerdotes). O profeta estava com a razão, e sua visão realista se confirmou: em 598 a.C., o exército babilônio estava às portas de Jerusalém. Nessa época, o rei Joaquim morreu, provavelmente assassinado. Seu filho e substituto Jeconias, não teve tempo para nada: após três meses Jerusalém era invadida. Então ele, juntamente com altos oficiais e outros importantes, foram levados para a Babilônia (597 a.C., primeira deportação). Sedecias, tio de Jeconias, foi instalado por Nabucodonosor, para reinar em Jerusalém.

Terceiro período: durante o reinado de Sedecias (597-586 a.C.)

Nesse momento decisivo da história de Israel, Sedecias se submete aos babilônios e se mostra indeciso. Em tal situação política, surge uma questão religiosa: Afinal, quem é o povo de Deus? Os desterrados na Babilônia, ou aqueles que ficaram em Judá? Jeremias se nega a participar de uma visão simplista (cap. 24) e coloca o assunto dentro da política realista: Sedecias e a corte de Jerusalém são incapazes de salvar o povo do desastre. Por isso os deportados ainda são os que podem trazer esperança, pois estão aprendendo uma dura lição. Essa ideia leva Jeremias novamente para a prisão. Pressionado por seus oficiais, Sedecias tenta armar uma revolta contra a Babilônia. Avizinha-se o desastre previsto por Jeremias: Jerusalém é sitiada pelos babilônios. Entretanto, Jeremias também vê nos camponeses uma luz salvadora (32,15). Em 587 a.C. se dá a segunda deportação.

Quarto período: depois da queda de Jerusalém (586 a.C.)

Em 586 a.C., Nabucodonosor resolve destruir Jerusalém completamente: incendeia o Templo, o palácio, as casas e derruba as muralhas. Mas concede que Jeremias fique no país. Então, o profeta vai viver com Godolias, novo governador da Judeia.

Nesse mesmo ano, Godolias é assassinado por um grupo antibabilônico, que se vê forçado a fugir para o Egito, obrigando Jeremias a ir com eles. Ficam morando na cidade de Táfnis, de onde mais uma vez o profeta lança suas denúncias (cf. 40,7-44,30).

É difícil situar os oráculos dentro de cada período correspondente. Por isso, nas notas indica-se o contexto dos oráculos mais importantes, para facilitar a compreensão.

Podemos dizer que a missão de Jeremias fracassou em querer que seu povo retornasse à genuína aliança com Deus. Ele se tornou uma espécie de “anti-Moisés”, sendo levado para o Egito e vendo seu povo perder as instituições e a própria terra. No entanto, sua confiança no Deus que é sempre fiel lhe deu a capacidade de mostrar, ao povo e a nós, que esse mesmo Deus manterá seu relacionamento conosco, sem precisar de instituições mediadoras (31,31-34).

JEREMIAS

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27 - 28
- 29 - 30 - 31 - 32 - 33 - 34 - 35 - 36 - 37 - 38 - 39 - 40 -
41 - 42 - 43 - 44 - 45 - 46 - 47 - 48 - 49 - 50 - 51 - 52**

JEREMIAS

1 *Título* — ¹Palavras de Jeremias, filho de Helcias, um dos sacerdotes de Anatot, no território de Benjamim. ²A palavra de Javé lhe foi dirigida no décimo terceiro ano do reinado de Josias, filho de Amon, rei de Judá. ³E também no tempo de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá, até o final do décimo primeiro ano de Sedecias, filho de Josias, rei de Judá, ou seja, até a deportação de Jerusalém, que aconteceu no quinto mês. [\[1,1-3\]](#)

I. ORÁCULOS CONTRA JUDÁ E JERUSALÉM [1,4-25,38]

1. No tempo do rei Josias

Vocação de Jeremias — ⁴Recebi a palavra de Javé que me dizia: ⁵“Antes de formar você no ventre de sua mãe, eu o conheci; antes que você fosse dado à luz, eu o consagrei, para fazer de você profeta das nações”. ⁶Mas eu respondi: “Ah, Senhor Javé, eu não sei falar, porque sou jovem”. ⁷Javé, porém, me disse: “Não diga ‘sou jovem’, porque você irá para aqueles a quem eu o mandar e anunciará aquilo que eu lhe ordenar. ⁸Não tenha medo deles, pois eu estou com você para protegê-lo — oráculo de Javé”.

⁹Então Javé estendeu a mão, tocou em minha boca e me disse: “Veja: estou colocando minhas palavras em sua boca. ¹⁰Hoje eu estabeleço você sobre nações e reinos, para arrancar e arrasar, para demolir e destruir, para construir e plantar”. [1,4-10]

Javé está vigilante — ¹¹Javé me dirigiu a palavra: “O que você está vendo, Jeremias?” Respon-di: “Estou vendo um ramo de amendoeira”. ¹²Javé continuou: “Você viu bem, Jeremias, porque eu estou vigiando para cumprir a minha palavra”. ¹³De novo Javé me dirigiu a palavra: “O que você está vendo?” Respon-di: “Estou vendo uma panela fervendo, inclinada do Norte para cá”. ¹⁴Javé continuou: “Do lado norte se derramará a desgraça sobre todos os moradores do país. ¹⁵Vou convocar todas as tribos dos reinos do Norte — oráculo de Javé —. Elas virão e cada qual colocará o seu trono diante das portas de Jerusalém, contra suas muralhas e contra todas as cidades de Judá. ¹⁶Eu então pronunciarei as minhas sentenças contra eles, por causa de todas as maldades que cometeram, abandonando-me para sacrificar a outros deuses e adorar o trabalho de suas próprias mãos.

¹⁷Quanto a você, arregace as mangas, levante-se e diga a eles tudo o que eu mandar. Não tenha medo; senão eu é que farei você ter medo deles. ¹⁸Eu hoje faço de você uma cidade fortificada, uma coluna de ferro e uma muralha de bronze contra o país inteiro: contra os reis de Judá e seus chefes, contra os sacerdotes e contra os proprietários de terras. ¹⁹Eles farão guerra contra você, mas não o vencerão, pois eu estou com você para protegê-lo” — oráculo de Javé.

[11-19]

2 *Você me abandonou* [2,1-4,4] — ¹Javé me dirigiu a palavra: ²“Vá e grite aos ouvidos de Jerusalém: Assim diz Javé: Eu me lembro do seu afeto de jovem, do seu amor de noiva, quando você me acompanhava pelo deserto, numa terra sem plantação. ³Israel era santo para Javé, era o primeiro fruto da sua colheita; aqueles que dele se alimentavam tornavam-se culpados, e a desgraça caía sobre eles” — oráculo de Javé.

⁴Escutem a palavra de Javé, casa de Jacó e todas as tribos da casa de Israel: ⁵Assim diz Javé: “Qual foi a injustiça que os pais de vocês encontraram em mim, para de mim se afastarem? Correram atrás do vazio e se esvaziaram. ⁶Eles não perguntaram: ‘Onde está Javé que nos fez sair da terra do Egito e nos conduziu pelo deserto, por estepes e barrancos, por uma terra seca e sombria, terra que ninguém atravessa e onde ninguém mora?’ ⁷Depois, eu fiz vocês entrarem numa terra de pomares, para que comessem seus frutos. Mas vocês entraram e contaminaram a minha terra, transformaram minha herança em abominação.

⁸Os sacerdotes não perguntaram: ‘Onde está Javé?’ Os doutores da Lei não me reconheceram, os pastores se rebelaram contra mim, os profetas profetizaram em nome de Baal, seguindo deuses que não servem para nada. ⁹Por isso, vou novamente demandar contra vocês — oráculo de Javé — e vou entrar em processo contra os seus netos.

¹⁰Atravessem o mar até as ilhas de Cetim, e vejam. Mandem alguém para Cedar, e observem atentamente. Vejam se já aconteceu alguma coisa semelhante: ¹¹Por acaso algum povo já trocou os seus deuses? — e eles nem deuses são! Pois o meu povo trocou aquilo que era a sua glória por uma coisa que não vale nada. ¹²Que o próprio céu fique admirado com uma coisa dessas, fique assustado e espantado — oráculo de Javé — ¹³pois o meu povo praticou dois crimes: abandonaram a mim, fonte de água viva, e cavaram para si poços, poços rachados que não seguram a água.

¹⁴Por acaso Israel é um escravo ou nasceu na escravidão? Como então se tornou presa ¹⁵de leões, que rugiram contra ele com grandes urros? Arrasaram sua terra, incendiaram suas cidades, deixando-as desabitadas. ¹⁶Até os filhos de Mênfis e Táfnis chegaram a raspar-lhe a cabeça. ¹⁷Será que não foi você mesmo quem fez isso, quando deixou de lado Javé, o seu Deus? ¹⁸Então, por que tomar o caminho do Egito, para beber água do Nilo? Por que tomar o caminho da

Assíria, para beber água do Eufrates? ¹⁹Seja você castigado pela sua própria maldade, seja corrigido pela própria rebeldia. Que você acabe compreendendo e vendo como é ruim e amargo abandonar Javé seu Deus, e não mais temer a mim” — oráculo do Senhor Javé dos exércitos. [2,1-19]

De noiva a prostituta — ²⁰“Já faz muito tempo que você quebrou a sua canga, arrebentou o seu cabresto e disse: ‘Não quero servir’. Você se deitava e se prostituía no alto de qualquer colina mais elevada ou debaixo de qualquer árvore frondosa. ²¹Eu havia plantado você como lavoura especial, com mudas legítimas. E como é que você se transformou em ramos degenerados de vinha sem qualidade? ²²Mesmo que você se esfregue com sabão e use muito detergente, a mancha de sua culpa continua diante de mim — oráculo do Senhor Javé. ²³Como você se atreve a dizer que nunca se contaminou, que nunca procurou deuses estrangeiros? Olhe o rastro que você deixou no vale, reconheça o que você fez, camela leviana de caminhos extraviados, ²⁴jumenta selvagem, habituada ao deserto, farejando o vento no calor do cio: quem domará a sua paixão? Quem for procurá-la não vai ter trabalho, pois vai encontrá-la sempre no mês do seu cio. ²⁵Evite que os seus pés fiquem descalços e a sua garganta sedenta. No entanto, você diz: ‘De jeito nenhum! Eu gosto dos estrangeiros; é a eles que eu vou seguir!’ [20-25]

Julgamento contra as autoridades — ²⁶Como a vergonha de um ladrão pego em flagrante, assim será a vergonha da casa de Israel: dos seus reis, chefes, sacerdotes e profetas. ²⁷Eles dizem para um pedaço de madeira: ‘Tu és o nosso pai!’ E para uma pedra: ‘Tu nos geraste!’ Eles voltam para mim as costas, e não o rosto. Mas, na hora do aperto, eles me dizem: ‘Vem! Salva-nos!’ ²⁸Onde estão os deuses que você mesmo fabricou? Que venham eles salvar você no dia do aperto, pois você, Judá, tem tantos deuses quantas cidades. ²⁹Por que vocês querem me processar, quando todos vocês foram rebeldes? — oráculo de Javé. ³⁰Eu feri seus filhos inutilmente, e eles não aprenderam a lição. Como leão violento, a espada de vocês acabou com os profetas.

³¹Vocês desta geração, vejam a palavra de Javé: Por acaso eu fui para Israel um deserto, ou terra escura? Então, por que o meu povo diz: ‘Nós nos emancipamos e não voltaremos para ti’? ³²Será que uma jovem esquece os seus enfeites ou uma noiva esquece o seu cinto? No entanto, o meu povo se esqueceu de mim por dias sem conta. ³³Como você ajeitou bem os seus caminhos para procurar o

amor! Você chegou a ensinar até as mulheres perdidas! ³⁴Na barra de sua roupa há sangue de pobres inocentes que não foram surpreendidos no ato de roubar. Apesar de tudo isso, ³⁵você ainda diz: ‘Eu sou inocente! A ira de Deus nunca me alcançará’. Pois bem! Eu vou condenar você, por ter dito que não pecou. ³⁶Com que facilidade você muda de rumo! O Egito será uma decepção para você, como a Assíria também foi. ³⁷Também de lá você vai voltar, pondo as mãos na cabeça, pois Javé desprezou aqueles em quem você confia, e com eles nada vai dar certo. [26-37]

3 *É possível voltar para Javé?* [3,1-4,4] — ¹Se um homem dá o divórcio à sua mulher, e ela se separa dele e casa com outro, por acaso o primeiro terá direito de voltar a ela? Por acaso ela não está contaminada? Você se prostituiu com muitos amantes, e ousa voltar para mim? — oráculo de Javé. ²Olhe bem para o pico dos morros e me diga: Onde é que você não foi desonrada? Como viajante no deserto, você se sentava à beira dos caminhos, à disposição deles, profanando a terra com suas prostituições e maldades. ³Por isso faltaram as chuvas, e não houve chuvas tardias. No entanto, você continuou com seu jeito de prostituta, e nem com isso criou vergonha. ⁴Agora você me invoca, dizendo: ‘Meu Pai, tu és o amigo da minha mocidade’. ⁵E cai pensando: ‘Não guarde rancor eterno contra mim’. E continua tranquila, praticando maldades”. [3,1-5]

Volte, rebelde! — ⁶No tempo do rei Josias, Javé me disse: “Você viu o que fez Israel, essa rebelde? Ela andou por todos os altos montes e se prostituiu à sombra de toda árvore frondosa. ⁷Eu pensava que ela, depois de ter feito tudo isso, voltaria para mim. Mas não voltou. Então sua irmã Judá, a infiel, viu tudo; ⁸viu que eu rejeitei a rebelde Israel exatamente por causa de todos os seus adultérios, entregando-lhe o documento de divórcio. Mas a infiel Judá, sua irmã, não teve medo: também ela caiu na prostituição. ⁹Com sua prostituição fácil desonrou o país, cometendo adultério com os ídolos de pedra e de madeira. ¹⁰Apesar de tudo isso, a rebelde Judá, irmã de Israel, não voltou para mim de todo o coração, mas apenas de mentira” — oráculo de Javé.

¹¹Então Javé me disse: “A rebelde Israel é mais correta que a infiel Judá. ¹²Vá, pois, e grite lá do Norte esta mensagem: Volte, Israel rebelde — oráculo de Javé. Eu não mostrarei a você uma face indignada, porque sou amoroso — oráculo de Javé — e não guardo rancor eterno. ¹³Vamos, reconheça a sua culpa, porque você foi infiel a Javé seu Deus: você se prostituiu com estrangeiros à sombra de

toda árvore frondosa, e me desobedeceu — oráculo de Javé. [6-13]

Jerusalém, trono de Javé — ¹⁴Voltem, filhos rebeldes — oráculo de Javé — pois eu sou o Senhor de vocês e posso pegar um de cada cidade e dois de cada clã para levar a Sião. ¹⁵Pois aí eu vou lhes dar pastores de acordo com o meu coração, e eles guiarão vocês com ciência e sensatez. ¹⁶Quando crescerem e se multiplicarem no país — oráculo de Javé — então ninguém mais falará na Arca da Aliança de Javé; ninguém pensará nem se lembrará mais dela. Não sentirão falta dela e nem será refeita. ¹⁷Nesse tempo, Jerusalém será chamada ‘Trono de Javé’. Todos os povos aí se reunirão em nome de Javé, e não seguirão mais a dureza do seu coração malvado. ¹⁸Nesse dia, a casa de Judá irá ao encontro da casa de Israel, e juntas virão da região do Norte para o país que eu dei como herança aos seus antepassados. [14-18]

Circuncidem o coração — ¹⁹Eu tinha pensado contar você entre os meus filhos, dar-lhe uma terra invejável, a pérola das nações como herança, esperando que você me chamasse ‘Meu Pai’ e não se afastasse de mim. ²⁰Mas, semelhante à mulher que trai o seu marido, assim me traiu a casa de Israel — oráculo de Javé. ²¹Do alto dos montes vem um vozerio: é o choro e os pedidos de piedade dos filhos de Israel que entortaram o seu caminho, esquecidos de Javé, seu Deus. ²²Voltem, filhos rebeldes, e eu os curarei da sua rebeldia! ‘Vê: nós estamos de volta para ti, porque tu, Javé, és o nosso Deus. ²³De fato, são mentira as colinas e os barulhos dos montes. Só Javé nosso Deus é a salvação de Israel. ²⁴Desde a juventude a vergonha devorou o fruto do trabalho de nossos pais: vacas e ovelhas, filhos e filhas. ²⁵Vamos nos deitar envergonhados, cobertos de humilhação, porque pecamos contra Javé nosso Deus, nós e nossos antepassados, desde a juventude até o dia de hoje, e desobedecemos a Javé nosso Deus’.

4 ¹Se você quiser voltar, Israel, volte para mim — oráculo de Javé. Se você se afastar de suas abominações, não andarás mais errante. ²Seu juramento será este: ‘Pela vida de Javé’, com fidelidade, direito e justiça. Então as nações se considerarão abençoadas por você, e de você se orgulharão”. ³Assim diz Javé aos homens de Judá e à cidade de Jerusalém: “Cultivem para vocês um campo novo e não semeiem entre espinhos. ⁴Circuncidem-se em honra de Javé, circuncidem o coração, homens de Judá e moradores de Jerusalém, para que a

minha ira não saia como fogo e queime, e ninguém possa apagá-la, por causa do mal que vocês praticam”. [3,19-4,4]

A desgraça vem do Norte — ⁵Levem a notícia para Judá, façam que Jerusalém ouça, toquem a trombeta no país, gritem com toda a força: “Reúnam-se, vamos entrar nas fortalezas. ⁶Levantem a bandeira para o lado de Sião. Escondam-se! Não fiquem aí parados! Do Norte venho trazendo uma desgraça, uma grande devastação. ⁷O leão sai da sua toca, o demolidor de nações levanta acampamento e sai da sua moradia. Vem fazer do seu país uma ruína, e suas cidades ficarão destruídas e sem moradores. ⁸Por isso, vistam-se de luto, batam no peito e gritem de dor, porque não conseguimos escapar do fogo da ira de Javé. ⁹Nesse dia — oráculo de Javé — o rei e os comandantes vão perder a coragem, os sacerdotes ficarão perturbados e os profetas abismados. ¹⁰Eu disse: ‘Ah, Senhor Javé, tu enganaste mesmo este povo e Jerusalém, dizendo que para nós haveria paz, quando a espada já estava em nossa garganta’ ”.

¹¹Nesse tempo, vão dizer a este povo e a Jerusalém: “Um vento quente, que não serve para abanar nem para separar a palha, sopra das dunas do deserto em direção à capital do meu povo. ¹²É um vento forte que vem trabalhar para mim. Agora, contra eles vou pronunciar as sentenças. ¹³Ele avança como nuvens, seus carros são como furacão, seus cavalos mais ligeiros do que águias. Ai de nós, estamos perdidos! ¹⁴Jerusalém, lave a maldade do seu coração para que possa ser salva. Até quando vai continuar deixando no coração esses pensamentos malignos? ¹⁵Porque um grito se levanta de Dã, e desde a montanha de Efraim anuncia a calamidade. ¹⁶Digam às nações, anunciem contra Jerusalém: chegam inimigos de uma terra distante e dão gritos de guerra contra as cidades de Judá. ¹⁷Como guardas de um campo eles a cercam, pois foi contra mim que você se revoltou — oráculo de Javé —. ¹⁸A conduta que você teve e suas ações é que lhe provocaram tudo isso. Como é amarga sua maldade! Ela penetra até o seu coração.

¹⁹Ai, que dor de barriga! Que dor de barriga! Tenho que me contorcer! Ó paredes do meu peito! Meu coração pula aqui dentro! Não aguento ficar calado, pois já escutei o som da trombeta e o grito de guerra. ²⁰Anunciam derrota sobre derrota, o país está sendo destruído. Derrubaram num instante minhas tendas e os meus abrigos num minuto. ²¹Até quando verei as bandeiras e ouvirei o som da trombeta? ²²Meu povo é bobo. Não me conhecem, são pessoas sem bom

senso, que não percebem as coisas. São sábios para fazer o mal, mas não sabem praticar o bem”. [4,5-22]

Gerando a própria morte — ²³Olhei para a terra: estava sem forma e vazia. Olhei para o céu, e não havia luz. ²⁴Olhei as montanhas: elas tremiam, e todas as colinas se abalavam. ²⁵Olhei: não havia mais ninguém, e todas as aves do céu haviam fugido. ²⁶Olhei: o Carmelo era um deserto, e todas as cidades tinham sido destruídas por Javé e pelo calor da sua ira. ²⁷Porque assim diz Javé: “O país inteiro vai ser arrasado, mas não vou acabar com ele completamente. ²⁸É por isso que o país fica de luto, e até o céu, lá em cima, se escurece; pois eu falei, eu decidi, e não vou me arrepender nem voltar atrás”.

²⁹Com o grito dos cavaleiros e arqueiros, a cidade inteira fugiu; enfiaram-se no mato, subiram as pedreiras; a cidade inteira está abandonada e sem nenhum morador. ³⁰E você, Jerusalém, o que está fazendo, ao se vestir de vermelho, enfeitando-se com joias de ouro, alargando os olhos com pintura? Não adianta nada você se arrumar: seus amantes a desprezam e só atentam contra sua vida. ³¹Ouçõ um grito como de mulher que dá à luz, numa aflição como aquela que dá à luz pela primeira vez; é o grito da capital de Sião, que geme e estende as mãos: “Ai de mim, estou desmaiando diante dos assassinos”. [23-31]

5 *A gestação da morte* — ¹Percorram as ruas de Jerusalém, olhem bem e procurem saber; procurem também nas praças, tentem achar alguém que esteja praticando o direito e procurando a verdade. Então eu perdoarei a cidade, diz Javé. ²Quando eles dizem: “Pela vida de Javé!”, na verdade estão jurando falso. ³Ó Javé, teus olhos não estão voltados somente para a verdade? Tu os feriste, e eles nem sentiram dor! Acabaste com eles, e não quiseram aprender a lição. O rosto deles ficou mais duro do que a pedra: não quiseram se converter. ⁴Então eu pensava: “Pobre gente! Eles fazem papel de bobos, porque não conhecem o caminho de Javé, nem o direito do seu Deus. ⁵Vou procurar, então, os grandes, e com eles vou conversar, porque eles conhecem o caminho de Javé e o direito do seu Deus”. No entanto, eles também quebraram a canga e soltaram as amarras. ⁶Por isso, o leão da floresta os ataca, o lobo do campo acaba com eles, e uma pantera fica de tocaia em suas cidades. Quem quiser sair daí acabará esfaqueado; porque suas transgressões se multiplicaram e suas revoltas não têm conta.

⁷Será que eu poderia perdoar você? Os seus filhos me deixaram, e agora estão

jurando por deuses que não existem. Enquanto eu lhes matava a fome, eles estavam me traindo e procurando a casa da prostituta; ⁸são como cavalos reprodutores, gordos e soltos, cada qual relinchando pela mulher do seu próximo. ⁹E eu, será que não vou castigar essas coisas? — oráculo de Javé. Será que não me vingarei de uma nação como esta? ¹⁰Subam para os terraços da vinha, e provoquem a destruição, mas não acabem com tudo: arranquem as mudas, porque não são de Javé. [5,1-10]

No fundo do abismo — ¹¹Quem me traiu de verdade foi a casa de Israel e a casa de Judá — oráculo de Javé. ¹²Eles renegaram a Javé, dizendo: “Javé não existe! Nenhum mal nos atingirá: não veremos nem guerra nem fome! ¹³Os profetas não passam de vento, não falam palavras de Javé”. ¹⁴Por isso, assim diz Javé, Deus dos exércitos: “Já que falaram uma coisa dessas, vou fazer que a minha palavra seja um fogo na boca de você, e este povo seja a lenha que o mesmo fogo vai devorar. ¹⁵Pois eu vou mandar contra vocês, ó casa de Israel, uma nação distante — oráculo de Javé — uma nação invencível e antiga, uma nação cuja língua vocês não conhecem e não entendem o que ela fala. ¹⁶A aljava deles é como sepultura aberta, e seus homens são todos valentes. ¹⁷Ela vai devorar a colheita e o pão de vocês, vai devorar seus filhos e filhas, suas ovelhas e seu gado, suas parreiras e figueiras; vai destruir pela espada cidades fortificadas em que vocês tanto confiam. ¹⁸Mas nem mesmo nessa ocasião — oráculo de Javé — eu não vou acabar totalmente com vocês. ¹⁹Aí, quando alguém perguntar a você: ‘Por que Javé nosso Deus fez tudo isso com a gente?’ você responderá: ‘Da mesma forma como vocês me abandonaram para servir a deuses estrangeiros na própria terra de vocês, assim agora vocês estão trabalhando como escravos para estrangeiros numa terra que não é de vocês’. [11-19]

Os pais da morte — ²⁰Anunciem isto à casa de Jacó, façam chegar a Judá esta mensagem: ²¹‘Ouçam isto, povo sem bom senso e sem inteligência. Eles têm olhos mas não veem, têm ouvidos mas não ouvem. ²²Nem a mim vocês temem? — oráculo de Javé. Vocês não tremem na minha presença? Fui eu quem fez a areia como limite do mar, uma fronteira eterna que ele não ultrapassa; suas ondas se agitam, mas nada conseguem: elas estrondam, mas não conseguem ultrapassar’.

²³Este povo, porém, é duro e rebelde de coração: eles se afastaram e foram-se

embora. ²⁴Não pensam: ‘Vamos temer a Javé nosso Deus, que nos dá a chuva de outono e a chuva da primavera no tempo certo; e ainda guarda para nós as semanas certas para a colheita’. ²⁵As maldades de vocês transtornaram essas coisas, e os erros de vocês afastaram todos esses bens; ²⁶porque há ímpios no meio do meu povo, espreitando, como se agacham os caçadores de passarinhos; mas preparam armadilhas para pegar gente. ²⁷Como gaiola cheia de passarinhos, assim as casas deles estão cheias de coisas roubadas. Por isso, eles progrediram e se tornaram ricos, ²⁸ficaram gordos e reluzentes. A maldade deles passa dos limites: não julgam conforme o direito, não defendem a causa do órfão, nem julgam a causa dos indigentes. ²⁹E eu, será que não vou castigar por causa dessas coisas? — oráculo de Javé. Será que não vou me vingar de uma nação como esta? ³⁰Coisas terríveis e abomináveis acontecem no país: ³¹os profetas só falam mentiras, os sacerdotes só querem dinheiro, e o meu povo gosta disso! O que vocês vão fazer quando chegar o fim?” [20-31]

6 *Salve-se quem puder* — ¹Benjaminitas, fujam do meio de Jerusalém! Toquem a trombeta em Técuá, levantem um mastro em cima de Bet-Acarem, pois do Norte vem uma desgraça, uma enorme destruição. ²Vou destruir a bela e delicada capital de Sião. ³Para lá irão pastores, levando os seus rebanhos; ao seu redor armam suas tendas, e cada um apascenta a sua parte. ⁴Declarem guerra santa contra Jerusalém! Vamos, ataquem de dia! Ai de nós, pois o dia chega ao fim, e a noite vai estendendo suas sombras. ⁵Vamos, ataquem de noite! Vamos arrasar seus palácios! ⁶Pois assim diz Javé dos exércitos: “Cortem árvores e façam barreiras de assédio contra Jerusalém. Ela é uma cidade sentenciada, pois dentro dela só existe opressão. ⁷De dentro dela só brota maldade, como brota água de um poço. Violência e opressão é o que se ouve nela; ferida e sofrimento estão sempre diante de mim. ⁸Corrija-se, Jerusalém, para que eu não me afaste de você; para que eu não faça de você um lugar arrasado, uma região desabitada”. [6,1-8]

Não sobrou nenhum justo — ⁹Assim diz Javé dos exércitos: “Rebusquem o que sobrar de Israel, como se rebusca uma vinha: repassem a mão pelos ramos, como faz o vindimador”. ¹⁰A quem vou falar e testemunhar, para que me ouçam? Eles têm ouvidos de pagãos, e não são capazes de entender. Para eles a palavra de Javé é objeto de gozação; não gostam dela. ¹¹Estou cheio da indignação de Javé, já não aguento mais me segurar. “Então descarregue essa raiva em cima das

crianças da rua, ou em cima dos jovens. Tanto o homem quanto a mulher serão presos, tanto o ancião quanto o velho no fim da vida. ¹²Suas casas vão passar para estrangeiros, e também suas terras e mulheres, pois eu vou estender a mão contra os habitantes deste país” — oráculo de Javé. ¹³Porque, do pequeno até o grande, são todos gananciosos; desde o profeta até o sacerdote, são todos contadores de mentiras. ¹⁴Sem responsabilidade, querem curar a ferida do meu povo, dizendo: “Paz! Paz!”, quando não existe paz. ¹⁵Eles deviam envergonhar-se porque praticaram coisas abomináveis, mas não se envergonham, nem sabem o que é sentir vergonha. “Por isso, eles vão cair junto com os que tombam; no tempo em que eu os visitar, eles vão tropeçar” — disse Javé. [9-15]

O fim é inevitável — ¹⁶Assim diz Javé: “Parem no caminho e vejam, informem-se quanto às estradas do passado: qual era o caminho da felicidade? Andem por ele, e vocês encontrarão descanso”. Mas eles responderam: “Não caminharemos nele!” ¹⁷“Coloquei sentinelas para guardar vocês! Prestem atenção quando a trombeta tocar!” Mas eles responderam: “Não vamos prestar atenção!” ¹⁸“Por isso escutem, nações; e você, assembleia, conheça o que vai acontecer a eles. ¹⁹Ouçã também você, ó terra: Vou trazer uma desgraça para este povo, fruto daquilo mesmo que eles tramaram; porque não obedeceram às minhas palavras e desprezaram a minha lei. ²⁰Que me importa o incenso que vem de Sabá, e a canela perfumada que vem de países distantes? Os holocaustos de vocês não me agradam, seus sacrifícios não são do meu gosto”. ²¹Por isso, assim diz Javé: “Vou colocar pedras no caminho deste povo, e eles vão tropeçar: pais e filhos, vizinhos e amigos vão se acabar todos juntos”.

²²Assim diz Javé: “Virá um povo do Norte, uma grande nação se levantará dos limites da terra; ²³eles são fortes no arco e na lança, são cruéis e sem compaixão. O estrondo que fazem parece o das ondas do mar; vêm todos montados a cavalo, em ordem de batalha, como se fossem um só homem. Eles vêm atacar você, capital de Sião!” ²⁴Só de ouvir a fama deles, nossas mãos amoleceram, ficamos tomados pela angústia e pela dor, como a mulher que está dando à luz. ²⁵Ninguém saia para o campo, nem ande pela estrada, porque a espada inimiga espalha terror por todos os lados. ²⁶Vista-se de luto, capital do meu povo, role no chão, ponha-se a chorar como pela morte de um filho único; faça uma lamentação amarga, porque chega de repente aquele que nos vai destruir. [16-26]

Prata de refugo — ²⁷Eu nomeio você o examinador do meu povo, para que conheça e examine o comportamento dele. ²⁸Eles todos são rebeldes e semeadores de calúnias. Parecem bronze ou ferro, e estão todos corrompidos. ²⁹O foleiro sopra para atizar o fogo e derreter o chumbo; mas o trabalho do fundidor é inútil, pois a ganga não se desprende. ³⁰Prata de refugo é o nome deles, porque Javé os rejeitou. [\[27-30\]](#)

2. Oráculos no tempo do rei Joaquim [7,1-8,3]

7 *Religião como ópio* — ¹Palavra de Javé que foi dirigida a Jeremias:
²“Coloque--se na porta do Templo e diga o seguinte: Escutem a palavra de Javé, vocês todos de Judá que entram por esta porta, a fim de adorar a Javé.
³Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Endireitem seus caminhos e sua maneira de agir, e eu morarei com vocês neste lugar. ⁴Não se iludam com palavras mentirosas, dizendo: ‘Este é o Templo de Javé, Templo de Javé, Templo de Javé!’ ⁵Se vocês endireitarem seus caminhos e sua maneira de agir; se começarem a praticar o direito cada um com seu próximo; ⁶se não oprimirem o estrangeiro, o órfão e a viúva; se não derramarem sangue inocente neste lugar e não correrem atrás dos deuses estrangeiros que lhes trazem a desgraça: ⁷então eu continuarei morando com vocês neste lugar, nesta terra que eu dei aos seus antepassados há muito tempo e para sempre. ⁸Vocês se iludem com palavras mentirosas que não trazem proveito nenhum. ⁹Não é assim? Roubar, matar, cometer adultério, jurar falso, queimar incenso a Baal, seguir deuses estrangeiros que vocês conheceram... ¹⁰E depois vocês se apresentam diante de mim, neste Templo, onde o meu nome é invocado, e dizem: ‘Estamos salvos!’, para depois continuarem praticando essas abominações. ¹¹Este Templo, onde o meu nome é invocado, será por acaso esconderijo de ladrões? Estejam atentos, porque eu estou vendo tudo isso — oráculo de Javé.

¹²Agora vão até o meu lugar em Silo, onde antes eu fiz habitar o meu nome, e vejam o que eu fiz lá por causa da maldade do meu povo Israel. ¹³Mas agora, visto que vocês fizeram tudo o que fizeram — oráculo de Javé — visto que eu falava sem parar e vocês não me davam atenção, chamava e vocês não me respondiam, ¹⁴vou tratar este Templo, onde é invocado o meu nome, no qual vocês tanto confiam, e também este lugar que dei a vocês e a seus antepassados, vou tratá-lo do mesmo modo como tratei Silo. ¹⁵Vou expulsar vocês da minha presença, da mesma forma como expulsei todos os seus irmãos e toda a descendência de Efraim.

¹⁶Quanto a você, não reze por este povo, não faça preces nem súplicas em favor deles. Não insista comigo, porque eu não vou atender. ¹⁷Você não está vendo o que eles fazem nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém? ¹⁸Os filhos recolhem lenha, os pais acendem o fogo e as mulheres preparam a massa para

fazer broas em honra da rainha do céu; depois derramam vinho em homenagem aos deuses estrangeiros, só para me insultar. ¹⁹Mas será a mim que eles ofendem? — oráculo de Javé. Não será a eles mesmos, para sua própria vergonha?” ²⁰Por isso, assim diz o Senhor Javé: “Minha ira ardente se derramará sobre este lugar, sobre as pessoas e os animais, sobre as árvores do campo e os frutos da terra. Minha ira vai pegar fogo, e não se apagará”.

²¹Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: “Ajuntem os holocaustos que vocês queimam, com seus sacrifícios, e comam essas carnes. ²²Pois quando tirei do Egito os antepassados de vocês, eu não falei nada nem dei ordem alguma sobre holocaustos e sacrifícios. ²³A única coisa que eu lhes falei e mandei, foi isto: Obedeçam-me, e eu serei o Deus de vocês, e vocês serão o meu povo. Andem sempre no caminho que eu lhes ordenar, para que sejam felizes. ²⁴Eles, porém, não obedeceram nem deram ouvidos, e continuaram procedendo conforme a obstinação do seu coração perverso. E, ao invés de voltarem o rosto para mim, voltaram-me as costas. ²⁵Desde o dia em que seus antepassados saíram da terra do Egito até hoje, todos os dias, estou mandando para eles, sem cansar, meus servos, os profetas. ²⁶Mas não obedeceram a eles, nem me deram ouvidos; ao contrário, endureceram ainda mais a nuca e tornaram-se piores que seus antepassados. ²⁷Você dirá essas coisas a eles, mas eles não lhe obedecerão; você os convocará, mas eles não responderão. ²⁸Aí, você lhes dirá: Esta é uma nação que nunca obedeceu a Javé seu Deus e nem aceita correção. A fidelidade morreu: foi expulsa da sua boca. [7,1-28]

Javé não quer a morte — ²⁹Jerusalém, corte seus cabelos consagrados e jogue-os fora; entoe uma lamentação lá no alto dos montes, porque Javé rejeitou e abandonou a geração que incendiou a ira dele. ³⁰Sim, os filhos de Judá praticaram o que é mau aos meus olhos — oráculo de Javé. Cometeram sacrilégio, colocando essas abominações no Templo, onde o meu nome é invocado. ³¹Depois construíram os lugares altos de Tofet, no vale de Ben-Enom, para queimar no fogo filhos e filhas, coisa que não mandei e que jamais passou pela minha mente. ³²É por isso que chegarão dias — oráculo de Javé — em que não se chamará mais vale de Tofet ou de Ben-Enom, mas vale da Matança. Por falta de lugar, vão fazer de Tofet um cemitério, ³³pois os cadáveres desse povo servirão de comida para as aves do céu e para os animais da terra. E ninguém os espantará. ³⁴Nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém, farei cessar o som da

música e os gritos de alegria, a voz do noivo e da noiva, pois o país se transformará numa ruína completa.

8¹Nessa ocasião — oráculo de Javé — serão retirados de suas sepulturas os ossos dos reis de Judá, dos seus chefes, dos sacerdotes, dos profetas e dos moradores de Jerusalém. ²Esses ossos ficarão expostos ao sol, à lua e às estrelas, aos quais amaram e serviram, seguiram, consultaram e adoraram. Ninguém recolherá nem sepultará novamente esses ossos; ficarão servindo de esterco para o campo. ³O resto que sobrar dessa gente perversa achará bem melhor morrer do que ficar vivo, em qualquer lugar para onde eu os dispersar” — oráculo de Javé dos exércitos. [7,29-8,3]

Um povo desorientado [8,4-10,25] — ⁴“Diga-lhes isto: Assim fala Javé: Por acaso quem cai não se levanta? Quem se desvia do caminho não volta atrás? ⁵Então, por que este povo se revolta, e Jerusalém se revolta continuamente? Persistem na sua má fé, recusando converter-se. ⁶Prestei atenção e ouvi: eles não falam como deveriam. Ninguém se arrepende do mal cometido, dizendo: ‘O que foi que eu fiz?’ Cada um vai em frente sem voltar atrás: parece cavalo que se lança na batalha. ⁷Até a cegonha no céu conhece o seu tempo; a rola, a andorinha e o grou observam o tempo da sua volta. Mas o meu povo não compreende o direito de Javé”.

⁸Eles dizem: “Somos sábios, temos a Lei de Javé”. Mas a caneta falsa do escriba transformou em mentira a Lei de Deus. ⁹Os sábios ficarão confusos, desnorteados, e cairão no laço, pois rejeitaram a palavra de Javé. Que sabedoria podem ter eles? ¹⁰Por isso vou entregar suas mulheres a estrangeiros e suas terras a conquistadores. Pois, do primeiro ao último, são todos ávidos de lucro; do profeta ao sacerdote, todos praticam a mentira. ¹¹Sem responsabilidade, querem curar a ferida do meu povo, dizendo apenas: “Paz! Paz!”, quando não existe paz. ¹²Eles deviam envergonhar-se, pois o que fizeram foi abominável. Mas não se envergonham, não sabem o que é sentir vergonha. Por isso cairão com os que tombam, eles vacilarão no dia da prestação de contas — diz Javé.

¹³Eu queria colher alguma coisa deles — oráculo de Javé — mas não há uvas na parreira nem figos na figueira, e até suas folhas secaram. Eu os entregarei à escravidão. [8,4-13]

O país é devorado — ¹⁴Por que estamos sentados? Reúnam-se! Entremos nas

cidades fortificadas para morrermos dentro delas, porque Javé nosso Deus nos faz perecer. Ele nos faz beber água envenenada, pois pecamos contra ele. ¹⁵Esperávamos a paz, e nada de bom aconteceu; tempo para se curar, e aí está o terror. ¹⁶Desde Dã já se pode ouvir o resfolegar dos cavalos, e a terra estremece com o relinchar dos seus corcéis. Eles vieram para acabar com o país e tudo o que nele existe, para acabar com a cidade e os seus habitantes. ¹⁷Vou mandar contra vocês cobras venenosas, contra as quais não existe encantamento, e elas picarão vocês — oráculo de Javé.

¹⁸O sofrimento me acabrunha e meu coração desfalece, ¹⁹pois ouço de longe os gritos da capital do meu povo: “Será que Javé não está mais em Sião? O seu rei não está mais aqui?” Por que foi que eles provocaram minha ira com os seus ídolos, com seus deuses estrangeiros? ²⁰Passou a colheita, acabou a apanha, e nós não fomos socorridos. ²¹Eu também fiquei ferido por causa do ferimento da capital do meu povo; fiquei deprimido, e a solidão me agarrou. ²²Será que não existe bálsamo em Galaad? Não há médico por aí? Por que não se cicatriza a ferida da capital do meu povo? ²³Quem fará da minha cabeça uma fonte de água, e dos meus olhos uma mina de lágrimas, para que eu possa chorar dia e noite os mortos da capital do meu povo? [14-23]

9 *O reino da mentira* — ¹Quem poderia dar-me no deserto um abrigo de viajantes? Então eu deixaria o meu povo e iria para longe deles, pois todos eles são adúlteros, um bando de traidores. ²Retesam a língua como arco; o que manda no país é a mentira, e não a verdade. Pois eles saem de um crime para outro, e não me conhecem — oráculo de Javé. ³Cada um se cuide do seu próximo e não confie em nenhum dos irmãos, pois todo irmão engana o seu irmão, e todo amigo espalha calúnias. ⁴Todo mundo logra o seu próximo, e ninguém fala a verdade; treinam a língua para falar mentiras e praticam a injustiça até se cansar. ⁵Vivem no meio da falsidade e, por causa da falsidade, recusam conhecer-me — oráculo de Javé. ⁶Por isso, assim diz Javé dos exércitos: Eu os fundirei e os provarei: que outra coisa poderia eu fazer com a capital do meu povo? ⁷A língua deles é uma flecha envenenada: tudo o que falam é pura tapeação. Cada um fala de paz com o próximo, mas, no íntimo, está preparando armadilhas. ⁸Não deveria eu puni-los por essas coisas? — oráculo de Javé. Não deveria eu vingar-me de um povo como esse?

⁹Sobre as montanhas desato a chorar e a gemer, pelos campos da baixada solto

o meu lamento, pois tudo está arrasado; por ali não passa mais ninguém, e já nem se escuta mais o barulho do gado; desde as aves do céu até as criações, todos fugiram e desapareceram. ¹⁰Vou fazer de Jerusalém um montão de ruínas: ela se tornará esconderijo de chacais; das outras cidades de Judá vou fazer um lugar desolado, onde não haja morador nenhum. [9,1-10]

O país destruído — ¹¹Quem será sábio para entender tudo isso? A quem foi que Javé falou, para que o explique? Por que o país ficou destruído, desolado como deserto por onde não passa ninguém? ¹²Javé responde: Foi porque eles abandonaram a Lei que eu lhes tinha dado, desobedeceram à minha palavra e não a seguiram. ¹³Pelo contrário: seguiram seu coração obstinado, indo atrás dos deuses cananeus que seus antepassados já haviam seguido. ¹⁴Por isso, assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Farei com que esse povo coma erva amarga e beba água envenenada; ¹⁵vou espalhá-los no meio de nações que nem eles nem seus pais conheceram, e ainda mandarei a espada persegui-los até que eu consiga acabar com essa gente.

¹⁶Assim diz Javé dos exércitos: Atenção! Chamem as carpideiras, mandem vir as mais hábeis. ¹⁷Que comecem logo e cantem sobre nós uma lamentação. Nossos olhos derramem lágrimas e nossas pálpebras despejem água, ¹⁸porque um grito de dor vem de Sião: “Como fomos arrasados! Nossa vergonha é enorme, pois temos que abandonar o país e deixar nossas casas”. ¹⁹Portanto, mulheres, escutem a palavra de Javé. Que os ouvidos de vocês recebam a palavra de sua boca. Ensinem a suas filhas como fazer um pranto, cada qual ensine à vizinha uma lamentação: ²⁰“A morte subiu pelas nossas janelas e entrou em nossos palácios; matou as crianças nas ruas e os jovens nas praças; ²¹os cadáveres humanos vão caindo como esterco que se joga no chão e como feixes de trigo atrás daquele que está colhendo, sem haver quem os recolha”. [11-21]

A verdadeira sabedoria — ²²Assim diz Javé: Que o sábio não se glorie da sua sabedoria, o forte não se glorie da sua força, e o rico não se glorie da sua riqueza. ²³Se alguém quer gloriar-se, que se glorie de conhecer e compreender que eu sou Javé, que na terra estabeleço o amor, o direito e a justiça, pois é disso que eu gosto — oráculo de Javé. [22-23]

Coração de pagão — ²⁴Eis que chegam dias — oráculo de Javé — em que eu vou castigar todos aqueles que são circuncidados, e no entanto continuam

pagãos: ²⁵os egípcios, os judeus, os edomitas, os amonitas, os moabitas, e também aqueles de cabeça raspada que vivem no deserto; pois todos os povos são pagãos, e a casa de Israel é pagã de coração. [24-25]

10 *Javé e os ídolos* — ¹Escutem as palavras de advertência que Javé lhes dirige, ó casa de Israel. ²Assim diz Javé: Não imitem o comportamento dos outros povos e não fiquem com medo dos sinais do céu, porque os outros povos costumam ter medo disso. ³Pois o que é terror para os povos não passa de um nada, é apenas um pedaço de pau cortado no mato, obra de quem trabalha com machado. ⁴Com prata e ouro eles enfeitam o que fizeram, com pregos e martelo o firmam num lugar, para que não fique balançando. ⁵Os ídolos são como espantalho numa plantação de pepinos: não sabem falar e precisam ser carregados, porque também não sabem andar. Não tenham medo deles, pois nada de mal podem fazer, e não são capazes de fazer o bem.

⁶Eles não são como tu, ó Javé: tu és grande, e grande é o poder do teu nome. ⁷Quem não temeria a ti, ó rei das nações? Isso convém a ti, pois ninguém é igual a ti entre todos os sábios das nações e em todos os seus reinos. ⁸Eles são ignorantes e insensatos: o ensinamento dos ídolos é só madeira. ⁹Eles trazem de Társis prata batida e de Ofir trazem ouro, tudo trabalho de carpinteiro e de ourives; roxo e vermelho são as cores de suas roupas, tudo trabalho de mestres no ofício. ¹⁰No entanto, Javé é o Deus verdadeiro, ele é o Deus vivo e rei eterno. Diante de sua ira a terra estremece, e as nações não suportam o seu furor. ¹¹É assim que vocês devem responder a eles: “Os deuses que não fizeram o céu e a terra devem desaparecer da terra e sumir de debaixo do céu”. ¹²Com seu poder Javé fez a terra; com sua sabedoria firmou o mundo, e com sua inteligência estendeu o céu. ¹³Ao barulho do seu trovão, as águas no céu se agitam; ele faz as nuvens subirem do extremo da terra, produz os raios para a chuva e faz o vento sair de seus depósitos. ¹⁴Todo mundo fica bobo, sem entender, e todo ourives fica envergonhado com o ídolo que esculpiu, pois a sua estátua é mentira e não tem vida. ¹⁵Os ídolos são vazios, uma coisa ridícula; eles desaparecerão na hora do acerto de contas. ¹⁶A porção de Jacó não é como eles, porque Javé é o formador de todas as coisas, e Israel é a tribo da sua herança. O nome dele é Javé dos exércitos. [10,1-16]

Chefes que traem o povo — ¹⁷Pegue do chão a sua bagagem, você que está cercada pelo inimigo. ¹⁸Porque assim diz Javé: Desta vez vou expulsar os

habitantes do país; e vou apertá-los, para que me encontrem. ¹⁹“Ai de mim, por causa da minha ferida; minha chaga é incurável. Apesar disso, eu dizia: É só uma dor que posso suportar. ²⁰Minha tenda foi derrubada e todas as cordas foram cortadas. Meus filhos foram embora e não existem mais, não há ninguém para armar minha tenda e estender a lona”. ²¹Os pastores perderam o bom senso e deixaram de procurar Javé; por isso não tiveram sucesso, e o rebanho que eles conduziam se espalhou. ²²Ouçam o barulho que avança com grande estrondo lá do país do Norte; vem fazer das cidades de Judá um lugar arrasado, um esconderijo de chacais. [17-22]

Corrige-me, Javé — ²³Javé, eu sei que o homem não é dono do próprio caminho; que não pertence ao homem que caminha dirigir seus próprios passos. ²⁴Javé, corrige-me, mas com justa medida, e não conforme a tua ira, para que não me tornes pequeno demais. ²⁵Derrama o teu furor sobre as nações que não te conhecem, e sobre os povos que não invocam o teu nome. Porque eles devoraram Jacó, devoraram até acabar com ele, e devastaram o seu território. [23-25]

11 *Uma renovação superficial* [11,1-12,6] — ¹Palavra que Javé dirigiu a Jeremias: ²“Escute as palavras desta aliança, e as comunique depois aos cidadãos de Judá e aos moradores de Jerusalém. ³Diga-lhes: Assim diz Javé, o Deus de Israel: Maldito o homem que não obedece às palavras desta aliança, ⁴que eu ordenei aos seus antepassados, quando tirei vocês da terra do Egito, da fornalha de ferro, dizendo: Obedeçam-me e façam tudo como lhes ordenei; então vocês serão o meu povo e eu serei o Deus de vocês. ⁵Dessa forma se há de cumprir o juramento que fiz aos antepassados de vocês, de dar-lhes uma terra onde corre leite e mel, como está acontecendo hoje”. E eu respondi: “Amém, Javé!”

⁶Então Javé me disse: “Proclame tudo isso nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém, dizendo: Escutem as palavras desta aliança e ponham tudo em prática. ⁷Eu falei com toda a seriedade aos seus antepassados, quando os tirei do Egito, e até hoje ainda continuo falando com toda a seriedade e com toda a firmeza: Obedeçam-me! ⁸Eles, porém, não quiseram obedecer, nem se deram ao trabalho de prestar atenção. Ao contrário, cada qual foi seguindo a maldade de seu coração obstinado. Foi então que eu trouxe, para castigo deles, todas as maldições dessa aliança, pois eles não fizeram o que eu lhes ordenei”.

⁹Javé então me falou: “Formou-se uma conspiração entre os cidadãos de Judá e os habitantes de Jerusalém: ¹⁰eles voltaram aos pecados de seus antepassados, que não quiseram obedecer-me, e seguiram e serviram a deuses estrangeiros. As famílias de Israel e de Judá quebraram a aliança que eu tinha feito com seus antepassados. ¹¹Por isso, assim diz Javé: Para castigo deles, vou trazer uma desgraça da qual não poderão escapar. Gritarão por mim, e eu não os ouvirei. ¹²Então as cidades de Judá e os habitantes de Jerusalém irão pedir socorro aos deuses para os quais costumam oferecer incenso, mas eles não serão capazes de livrá-los do tempo da desgraça. ¹³O número de seus deuses, ó Judá, é igual ao número das cidades que você tem; igual ao número de suas ruas, Jerusalém, é o número de altares, onde você oferece sacrifícios a Baal, essa coisa vergonhosa.

¹⁴Você, porém, não interceda por este povo. Não faça por ele nenhuma súplica ou prece. Quando eles clamarem por mim na hora da desgraça, eu não os ouvirei”. [11,1-14]

A Deus ninguém engana — ¹⁵O que é que a minha amada procura em meu Templo, com o seu comportamento perverso? Poderão, por acaso, as promessas e as carnes dos sacrifícios limpar você de sua maldade, para que você possa celebrar com gritos de alegria? ¹⁶Javé chamou você de “oliveira verde com belos frutos”, mas com grande barulho ateou fogo em suas folhas, e seus ramos se queimaram. ¹⁷Javé dos exércitos, que a plantou, agora pronuncia uma desgraça contra você, por causa do mal que a casa de Judá e de Israel fez a si mesma quando queimou incenso a Baal, para me irritar. [15-17]

Por que os ímpios prosperam? — ¹⁸Javé me ensinou e me fez compreender as intrigas que eles faziam. ¹⁹Como um cordeiro manso eu estava sendo levado para o matadouro. Eu não percebia que eles estavam tramando contra mim, dizendo: “Vamos derrubar esta árvore enquanto está verde, vamos tirá-la da terra dos vivos, e que o seu nome nunca mais seja lembrado!” ²⁰Tu, porém, Javé dos exércitos, és um juiz justo. Tu sondas os rins e o coração. Que eu possa ver a tua vingança contra eles, pois a ti confio a minha causa. ²¹Por isso, assim diz Javé aos homens de Anatot, que atentam contra a minha vida, dizendo: “Não profetize em nome de Javé, senão você vai morrer em nossas mãos”. ²²Assim diz Javé dos exércitos: Aqui estou eu para castigá-los. Os seus jovens morrerão à espada, seus filhos e suas filhas morrerão de fome. ²³Não sobrá ninguém, pois eu vou trazer a desgraça contra os homens de Anatot, no ano do seu castigo.

12¹Tu és justo, ó Javé, para que eu possa discutir contigo. No entanto, eu gostaria de fazer-te uma pergunta em questão de direito: Por que o caminho dos ímpios prospera e os traidores vivem todos em paz? ²Tu os plantaste e eles criaram raízes; e agora crescem e produzem frutos. Tu estás perto da boca, mas longe do coração deles. ³Mas tu, Javé, me conheces e me vês, e sabes que o meu coração está contigo. Arranca essa gente como ovelhas para o matadouro; separa-os para o dia da matança. ⁴Até quando o país ficará de luto, e estará seco tudo o que era verde nos campos? Pela maldade dos seus moradores, perecem as feras e os pássaros. Pois eles dizem: “Deus não vê os nossos passos”. ⁵Se correndo com os pedestres você se cansa, como poderá competir com os cavalos? Se você não se sente seguro numa região pacífica, o que fará na floresta do Jordão? ⁶Porque até os seus irmãos e a família do seu pai, até eles traíram você e o caluniaram pelas costas. Não confie neles, mesmo quando falarem coisas boas. [11,18-12,6]

Herança rejeitada — ⁷Eu abandonei a minha casa e rejeitei a minha herança; entreguei o amor da minha vida nas mãos de seus inimigos, ⁸porque minha herança se voltou contra mim, rugindo como leão feroz; por isso, eu comecei a odiá-la. ⁹Minha herança se transformou em leopardo e os urubus giram sobre ela: venham, feras selvagens, cheguem perto para devorar. ¹⁰Muitos pastores devastaram a minha vinha e pisotearam a minha propriedade; transformaram minha propriedade querida num deserto desolado; ¹¹dela fizeram um lugar devastado, e a deixaram em estado deplorável; está desolada diante de mim: o país inteiro foi devastado, e ninguém se preocupa com isso. ¹²Sobre todos os montes de areia do deserto chegam os devastadores, porque Javé empunha uma espada que devora de uma extremidade a outra do país, e não há paz para ninguém. ¹³Eles semearam trigo e colheram espinhos; e se cansaram sem proveito nenhum. Ficaram envergonhados com a colheita por causa da flamejante ira de Javé.

¹⁴Assim diz Javé a todos os meus vizinhos maus que puseram a mão na minha herança, que eu tinha dado em propriedade ao meu povo, Israel: Eu os arrancarei de seus campos e também arrancarei daí a casa de Judá. ¹⁵Depois de arrancá-los, tornarei a compadecer-me deles e farei que voltem, cada um para a sua propriedade, cada um para a sua herança. ¹⁶Se eles aprenderem de verdade os caminhos do meu povo e jurarem pelo meu nome, dizendo: “Pela vida de Javé!”

da mesma forma como acostumaram o meu povo a jurar por Baal, então eles poderão se estabelecer no meio do meu povo. ¹⁷Mas eu arrancarei e destruirei a nação que não quiser obedecer — oráculo de Javé. [12,7-17]

13 *Destino do povo infiel* — ¹Javé me ordenou: “Vá comprar para você um cinto de linho e coloque-o logo na cintura, sem molhá-lo”. ²Comprei o cinto como Javé havia ordenado, e o coloquei na cintura. ³Javé me ordenou de novo: ⁴“Pegue o cinto que você comprou e que está na cintura, vá até o rio Eufrates e esconda-o na fenda de uma pedra”. ⁵Eu fui e escondi o cinto na beira do Eufrates, conforme Javé me havia ordenado. ⁶Depois de muito tempo, Javé me disse: “Vá até o Eufrates e pegue o cinto que eu mandei você esconder lá”. ⁷Fui ao rio Eufrates, procurei e peguei o cinto no lugar onde eu o tinha escondido. Mas o cinto estava podre, não servia mais para nada. ⁸Veio-me, então, a palavra de Javé, dizendo: ⁹Assim fala Javé: É dessa forma que vou acabar com o orgulho de Judá e com a vaidade desmedida de Jerusalém. ¹⁰Este povo é mau, não quer obedecer-me, tem o coração obstinado e anda atrás dos deuses estrangeiros para prestar-lhes culto e adorá-los. Esse povo ficará imprestável como esse cinto. ¹¹Da mesma forma como o cinto fica preso na cintura de uma pessoa, assim também eu quis prender a mim a casa de Israel e a casa de Judá, para que eles fossem meu povo, minha fama, minha glória e minha honra — oráculo de Javé. Mas eles não me obedeceram. [13,1-11]

Confusão e desordem — ¹²Você deverá dizer o seguinte a esse povo: Assim fala Javé, o Deus de Israel: “As vasilhas se enchem de vinho”. Eles responderão: “Como se nós não soubéssemos que as vasilhas se enchem de vinho!” ¹³Então, você lhes dirá: Assim fala Javé: “Eu mesmo encherei de embriaguez todos os moradores deste país: os reis que sentam no trono de Davi, os sacerdotes, os profetas e todos os habitantes de Jerusalém. ¹⁴Assim eu vou quebrá-los, uns contra os outros: os pais contra os filhos — oráculo de Javé. Nem a piedade, nem o perdão, nem a compaixão me impedirão de destruí-los”. [12-14]

Dia de trevas — ¹⁵Escutem, prestem atenção! Não sejam orgulhosos, pois é Javé quem fala. ¹⁶Deem glória a Javé, o Deus de vocês, antes que escureça, antes que os pés de vocês tropecem pelos montes, quando cair a noite. Vocês esperam a luz, mas ele a transformará em trevas e a mudará numa densa escuridão. ¹⁷Se vocês não ouvirem, eu chorarei em segredo diante da soberba de vocês. Meus

olhos se derreterão em lágrimas, porque o rebanho de Javé será exilado. [15-17]

O rei deposto — ¹⁸Diga ao rei e à rainha-mãe: “Sentem-se no chão, pois a coroa real caiu de suas cabeças. ¹⁹As cidades do Negueb estão cercadas e não há ninguém capaz de romper o cerco. Judá inteiro foi levado para o exílio, numa deportação total”. [18-19]

Por que me acontece tudo isso? — ²⁰Levantem os olhos para ver os que estão vindo do Norte. Onde foi parar o rebanho que lhe foi dado e as ovelhas maravilhosas que você possuía? ²¹O que vai dizer você, quando sobre você forem colocados como chefes aqueles que você mesma se acostumou a ter como seus amigos? E agora, não é que vai tomando conta de você uma dor como da mulher que está para dar à luz? ²²Talvez você pense: “Por que me acontece tudo isso?” Por causa do grande número dos pecados que você cometeu é que eles levantaram a sua saia para violentá-la. ²³Pode o negro mudar a cor da sua pele? Pode o leopardo mudar as suas pintas? E podem vocês, viciados no mal, vir um dia a praticar o bem? ²⁴Pois eu vou espalhar vocês como palha soprada pelo vento do deserto. ²⁵É essa a parte que eu lhe dou, na sua exata medida — oráculo de Javé — porque você se esqueceu de mim para confiar na mentira. ²⁶Agora sou eu que lhe levanto a saia até a altura do seu rosto, para que os outros possam ver as suas partes vergonhosas. ²⁷Os adultérios que você comete, os seus gemidos de prazer, a vergonha da sua prostituição: eu vi os seus horrores sobre as colinas e campos. Ai de você, Jerusalém, que não se purifica! Até quando, afinal? [20-27]

14 ***Ferida incurável*** — ¹Palavra que Javé dirigiu a Jeremias, por ocasião da seca: ²Judá está de luto e suas cidades desfalecem; elas se inclinam sombrias, e Jerusalém lança gritos. ³Os ricos mandam seus servos em busca de água. Eles vão até aos poços, mas não encontram água, e voltam com os baldes vazios. Envergonhados e frustrados, cobrem a cabeça. ⁴Por causa do chão que está rachando, pois não chove na região, os lavradores cobrem a cabeça envergonhados e frustrados. ⁵A corça no mato dá cria e abandona o filhote, pois não há capim. ⁶Os jumentos bravos ficam em pé no alto das colinas, em busca de ar puro, como chacais, porém a vista deles se apaga por falta de capim.

⁷Se os nossos pecados depõem contra nós, toma uma providência, Javé, por causa do teu nome. A nossa rebeldia é muito grande, nós pecamos contra ti. ⁸Ó

Esperança de Israel, Salvador na hora da aflição: por que queres ser como forasteiro no país, ou como viajante que se desvia para passar a noite? ⁹Por que és como homem surpreendido ou guerreiro que não pode salvar? Tu, porém, Javé, estás em nosso meio, e sobre nós foi invocado o teu nome. Não nos abandones!

¹⁰Assim diz Javé a respeito deste povo: “Eles gostam de andar errantes e seus pés não param. Por isso Javé não gosta deles, e faz questão de lembrar os erros deles e de lhes castigar os pecados”.

¹¹Javé me disse: “Não interceda em favor do bem-estar desse povo. ¹²Ainda que façam jejum, eu não ouvirei a súplica deles. Se oferecerem holocaustos e sacrifícios, não terei prazer nenhum com isso. É com a espada, a fome e a peste que eu os exterminarei”. ¹³Então eu disse: “Ah! Senhor Javé, os profetas falam: ‘Vocês não verão a espada, não sofrerão a fome, pois eu lhes concederei uma paz perfeita neste lugar’ ”. ¹⁴Javé respondeu-me: “É mentira o que esses profetas falam em meu nome. Eu não os enviei, não lhes dei ordem nenhuma, nem falei com eles. Eles anunciam a vocês visões mentirosas, oráculos vazios e fantasias da imaginação deles. ¹⁵Por isso, assim diz Javé: Os profetas que pregam em meu nome sem que eu os tenha enviado e afirmam: ‘A espada e a fome não existirão no país’, esses profetas cairão pela espada e pela fome. ¹⁶O povo a quem eles pregam ficará jogado pelas ruas de Jerusalém, mortos pela fome e pela espada, e ninguém os sepultará, nem a eles, nem as suas mulheres, filhos e filhas. Farei voltar contra eles o próprio mal que cometeram”.

¹⁷Você lhes dirá estas palavras: Que meus olhos derramem lágrimas, noite e dia sem parar, pela terrível desgraça da capital do meu povo, por sua ferida incurável. ¹⁸Se saio para o campo, aí estão os transpassados pela espada; se entro na cidade, aí está o horror da fome. Tanto o profeta como o sacerdote percorrem o país, e não sabem o que fazer. ¹⁹Javé, será que rejeitaste completamente Judá? Será que sentes nojo de Sião? Por que nos feriste, sem que haja quem nos cure? Esperávamos a paz, e nada de bom acontece; esperávamos o tempo da salvação, e aí está o terror. ²⁰Nós reconhecemos, Javé, a nossa culpa e a culpa dos nossos antepassados: nós pecamos contra ti. ²¹Mas, por causa do teu nome, não nos abandones, não humilhes o trono da tua glória. Lembra-te! Não quebres a Aliança que fizeste conosco. ²²Entre os ídolos vazios das nações, existe por acaso algum que mande a chuva? Ou será o céu que nos dá sozinho a chuva grossa? Não és tu que fazes isso, Javé nosso Deus? Em ti nós esperamos,

porque és tu que fazes tudo isso.

15¹Javé disse-me: Mesmo que Moisés e Samuel se apresentassem na minha frente, nem assim eu me comoveria em favor desse povo. Mande que ele vá embora da minha presença, que saia! ²Se, por acaso, eles perguntarem a você: “Para onde iremos?” você responderá: “Assim diz Javé: Quem está destinado para a morte, vá para a morte; quem para a espada, vá para a espada; quem para a fome, vá para a fome; quem para o exílio, vá para o exílio”. ³Vou mandar contra eles quatro espécies de males — oráculo de Javé: a espada para matá-los, os cães para estraçalhá-los, as aves do céu e as feras para devorá-los e destruí-los. ⁴Farei desse povo um objeto de espanto para todos os reinos da terra, por causa de Manassés, filho de Ezequias, rei de Judá, por aquilo que ele fez em Jerusalém. [14,1-15,4]

A sentença de Javé — ⁵Quem terá pena de você, Jerusalém, quem terá compaixão de você? Quem se voltará para perguntar como você está passando? ⁶Você me abandonou — oráculo de Javé — virou as costas para mim. Eu estendi a mão para aniquilar você. Estou cansado de ter piedade. ⁷Eu os espalhei como palha ao vento pelas cidades do país. Deixei-a sem filhos e destruí o meu povo, porque eles não se converteram de sua conduta. ⁸Para mim, as suas viúvas são mais numerosas que a areia do mar. Em pleno meio-dia, mandei o invasor sobre as mães e sobre os jovens; num instante, fiz cair sobre eles o medo e o terror. ⁹Está abatida a mãe de sete filhos, e sua alma desfalece. Ainda é dia, e o sol já se põe. Ela está envergonhada e confusa. Eu entregarei seus sobreviventes à espada, como presa aos seus inimigos — oráculo de Javé. [15,5-9]

Todos me maldizem — ¹⁰Ai de mim, minha mãe, porque me puseste no mundo! Eu sou homem de litígios e discórdias com todo mundo. Ninguém me deve, e eu também não devo nada; no entanto, todos me amaldiçoam.

¹¹Javé, será que eu não te servi do melhor modo possível? No perigo e na desgraça, intercedi em favor dos meus inimigos.

¹²(Poderá o ferro quebrar o ferro do Norte e o bronze? ¹³Por causa de todos os pecados que você cometeu por todo o país, eu entregarei de graça à pilhagem suas riquezas e seus tesouros. ¹⁴Farei de você um escravo de seus inimigos, numa terra que você não conhece. Pois o fogo da minha ira se acendeu e arderá contra vocês).

¹⁵Tu bem sabes! Javé, lembra-te de mim, ajuda-me e vinga-me de meus perseguidores. Por tua paciência não me deixes perecer! Olha como suporte insultos por tua causa. ¹⁶Quando recebi as tuas palavras, eu as devorava. A tua palavra era festa e alegria para o meu coração, porque eu levava o teu nome, ó Javé, Deus dos exércitos. ¹⁷Nunca me sentei numa roda alegre para me divertir. Forçado por tua mão, eu me sentava sozinho, pois me encheste de cólera. ¹⁸Por que será que a minha dor não tem fim e a minha ferida é tão grave e sem remédio? Ou será que tu te transformaste para mim em rio enganoso e água inconstante?

¹⁹Javé me respondeu: “Se você voltar, farei você voltar e estar a meu serviço. Se você separar o metal da escória, você será a minha boca. Que eles procurem você, e não você a eles. ²⁰Vou fazer de você, diante desse povo, qual muralha de bronze invencível. Lutarão contra você, e não o vencerão; porque eu estou com você para livrá-lo e salvá-lo — oráculo de Javé. ²¹Vou livrar você da mão dos malvados e do punho dos violentos”. [10-21]

16 *Um símbolo vivo* — ¹Javé me enviou esta palavra: ²Não se case com mulher nenhuma, nem arrume filhos ou filhas neste lugar. ³Porque assim diz Javé a respeito dos filhos e filhas que nascem neste lugar, das mães que os puseram no mundo e dos pais que geraram essas crianças neste país: ⁴Morrerão com enfermidades graves, e não serão chorados nem sepultados, mas servirão de esterco para a terra. Morrerão pela espada ou pela fome, e seus cadáveres servirão de comida para as aves do céu e para os animais da terra. ⁵Porque assim diz Javé: Não entre numa casa onde há velório, não chore nem dê os pêsames, pois eu decidi tirar desse povo a minha paz, o meu amor e compaixão — oráculo de Javé. ⁶Morrerão tanto os grandes como os pequenos neste país, e ninguém vai sepultá-los ou chorar por eles, nem vai fazer incisões ou cortar o cabelo em sinal de luto. ⁷Ninguém repartirá o pão no velório, em meio às condolências; não haverá quem dê algo de beber, quando vai dar os pêsames pelo pai ou mãe de alguém. ⁸Também não entre numa casa onde há festa, para sentar-se, comer e beber com eles, ⁹porque assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Diante dos olhos de vocês e ainda nos seus dias, eu expulsarei deste país o som da música e os gritos de alegria, a voz do noivo e da noiva.

¹⁰Quando você anunciar esta mensagem a este povo, eles lhe perguntarão: “Por que Javé nos ameaça com essas desgraças tão grandes? Quais foram os erros ou pecados que cometemos contra Javé, o nosso Deus?” ¹¹Você então lhes

responderá: “É porque os antepassados de vocês me abandonaram — oráculo de Javé — e seguiram deuses estrangeiros, servindo-os e adorando-os. Mas a mim, eles abandonaram e deixaram de cumprir a minha lei. ¹²Vocês, porém, fizeram pior que os seus antepassados: cada um de vocês seguiu a maldade do seu coração obstinado, sem nunca me dar ouvidos. ¹³Por isso, vou expulsá-los daqui para um país que nem vocês nem seus antepassados conheceram. Lá, vocês servirão dia e noite, a divindades estrangeiras, porque eu não terei misericórdia de vocês”. [16,1-13]

Uma nova confissão de fé — ¹⁴Virão dias — oráculo de Javé — em que ninguém mais vai falar assim: “Pela vida de Javé, que tirou os filhos de Israel do Egito!” ¹⁵Mas dirão: “Pela vida de Javé, que fez os filhos de Israel saírem do país do Norte e de todas as regiões onde os tinha espalhado!” Eu vou trazê-los de volta para a terra que eu tinha dado aos antepassados deles. [14-15]

O preço da idolatria — ¹⁶Enviarei numerosos pescadores para pescá-los — oráculo de Javé. Depois disso, vou mandar numerosos caçadores, que os caçarão pelas montanhas, colinas e até nas fendas das rochas. ¹⁷Porque meus olhos observam os caminhos dessa gente: eles não conseguem escondê-los de mim, nem ocultar os seus pecados diante dos meus olhos. ¹⁸Cobrarei em dobro os erros e pecados desse povo, pois eles profanaram minha terra com os cadáveres de seus ídolos e encheram minha herança com suas abominações. [16-18]

Conversão das nações — ¹⁹Javé, minha força e defesa, meu refúgio na hora do perigo, as nações virão procurar-te, e das extremidades da terra virão dizendo: “A herança de nossos pais é falsa, é coisa inútil e sem proveito”. ²⁰Pode o homem fabricar deuses? Não serão deuses. ²¹Por isso, vou fazer que eles conheçam; desta vez eu vou mostrar-lhes de verdade minha mão e minha força. E eles aprenderão que o meu nome é Javé. [19-21]

17 *O pecado enraizado* — ¹O pecado de Judá está escrito com estilete de ferro, está gravado com ponta de diamante na pedra do seu coração e também nas pontas de seus altares. ²É para que seus filhos se lembrem de seus altares e dos postes sagrados debaixo das árvores verdes, sobre as colinas elevadas, ³sobre os montes e em campo aberto. Por causa de todos os pecados que você cometeu em todos os seus territórios, vou entregar à pilhagem os bens e todos os tesouros que você possui. ⁴Você terá que renunciar à herança que eu

lhe havia dado; eu o tornarei escravo de seus inimigos numa terra que você não conhece, porque vocês acenderam o fogo da minha ira, que arderá para sempre. [17,1-4]

A única segurança — ⁵Assim diz Javé: Maldito o homem que confia no homem e que busca apoio na carne, e cujo coração se afasta de Javé. ⁶Será como a árvore solitária no deserto, que não chega a ver a chuva: habitará no deserto abrasador, na terra salgada e inabitável. ⁷Bendito o homem que confia em Javé, e em Javé deposita a sua segurança. ⁸Ele será como a árvore plantada à beira d'água e que solta raízes em direção ao rio. Não teme quando vem o calor, e suas folhas estão sempre verdes; no ano da seca, não se perturba, e não para de dar frutos. ⁹O coração é mais enganador que qualquer outra coisa, e dificilmente se cura: quem de nós pode entendê-lo? ¹⁰Eu, Javé, penetro o coração e sondo os pensamentos, para pagar a cada um conforme o seu comportamento e segundo o fruto de suas ações.

¹¹Como a perdiz que choca ovos que não pôs, assim é aquele que acumula riquezas, mas sem justiça: no meio da sua vida deverá deixá-las, e no fim parecerá um idiota.

¹²O lugar do nosso Templo é trono glorioso e altaneiro desde o princípio. ¹³Javé, tu és a esperança de Israel! Todos aqueles que te abandonam ficarão envergonhados; aqueles que se afastam de ti terão seus nomes inscritos na poeira, porque abandonaram Javé, a fonte de água viva. [5-13]

Realiza tua palavra, Javé — ¹⁴Cura-me, Javé, e eu ficarei curado; salva-me, e eu serei salvo, porque tu és o meu louvor. ¹⁵Eles me dizem: “Onde está a palavra de Javé? Que ela se cumpra!” ¹⁶Eu nunca insisti contigo pedindo desgraças, nem fiquei desejando um dia de desastre, tu bem o sabes; tudo o que saiu de meus lábios está diante de ti. ¹⁷Não sejas motivo de medo para mim, pois é em ti que eu me refugio no dia da desgraça. ¹⁸Que fiquem envergonhados aqueles que me perseguem, e não eu; fiquem eles com medo, e não eu. Faze chegar para eles o dia da desgraça, destrói com dupla destruição. [14-18]

O repouso sagrado — ¹⁹Assim me falou Javé: Coloque-se junto à porta de Benjamim, por onde entram e saem os reis de Judá; depois fique junto a todas as portas de Jerusalém. ²⁰Diga então às pessoas: Escutem a palavra de Javé, reis de Judá, todo o povo de Judá e moradores de Jerusalém, vocês todos que costumam

passar por estas portas. ²¹ Assim diz Javé: Por amor à vida que vocês têm, tomem cuidado para não carregar nenhum peso em dia de sábado e não entrar com ele pelas portas de Jerusalém. ²² Da mesma forma, não tirem peso nenhum de dentro de suas casas em dia de sábado, e não façam nenhum trabalho. Pelo contrário, santifiquem o dia de sábado, conforme a ordem que dei a seus antepassados.

²³ Mas eles não atenderam, nem deram ouvidos, e ainda endureceram o pescoço para não me obedecer, nem aprender a lição. ²⁴ Se vocês me obedecerem — oráculo de Javé — e não entrarem mais pelas portas desta cidade carregando peso em dia de sábado, mas santificarem esse dia, e também ficarem sem fazer qualquer outro trabalho, ²⁵ então pelas portas desta cidade entrarão reis e príncipes, que se assentarão no trono de Davi, montados em carros e cavalos, tanto os reis como seus oficiais, assim como os cidadãos de Judá e os moradores de Jerusalém. E esta cidade será habitada para sempre. ²⁶ E então virá gente das cidades de Judá, das redondezas de Jerusalém, da região de Benjamim, da planície, das montanhas e do Negueb, trazendo até o Templo de Javé holocaustos, sacrifícios, oferendas, incenso e oferendas de ação de graças. ²⁷ Porém, se vocês não me obedecerem e não santificarem o sábado, e em dia de sábado carregarem peso ao entrar pelas portas de Jerusalém, então porei fogo nestas portas; ele queimará os palácios de Jerusalém e nunca mais se apagará. [19-27]

18 *Deus molda a história* — ¹ Palavra que Javé dirigiu a Jeremias: ² “Levante-se e desça até a casa do oleiro; aí eu comunicarei minha palavra a você”. ³ Desci até a casa do oleiro e o encontrei fazendo um objeto no torno. ⁴ O objeto que ele estava fazendo se deformou, mas ele aproveitou o barro e fez outro objeto, conforme lhe pareceu melhor. ⁵ Então veio a mim a palavra de Javé: ⁶ Por acaso será que não posso fazer com vocês, ó casa de Israel, da mesma forma como agiu esse oleiro? — oráculo de Javé. Como barro nas mãos do oleiro, assim estão vocês em minhas mãos, ó casa de Israel. ⁷ De repente, eu falo contra um povo e contra um reino, ameaçando arrancar, derrubar e destruir. ⁸ Se esse povo, do qual eu falei, recua da prática do mal, então eu também desisto do mal que pensei fazer contra ele. ⁹ Outras vezes, falo a um povo e a um reino prometendo construir e plantar. ¹⁰ Mas se eles praticam o que é mau diante de mim e não obedecem à minha palavra, então eu desisto de dar a eles aquilo de bom que eu prometi.

¹¹ Agora, diga ao cidadão de Judá e ao habitante de Jerusalém: “Assim fala

Javé: Vejam: estou preparando uma calamidade e tramando um projeto contra vocês. Cada um procure abandonar seu mau caminho, melhorar seus hábitos e as coisas que pratica”. ¹²Mas eles responderão: “Não adianta! Nós continuaremos seguindo nossos projetos”. E cada um seguirá a maldade do seu coração obstinado. ¹³Por isso, assim diz Javé: Procurem saber entre as nações: Qual delas ouviu coisa igual? A capital de Israel praticou coisas horríveis. ¹⁴Será que a neve do Líbano se desvia das rochas escarpadas? Ou secam as águas que vêm de longe, frias e correntes? ¹⁵No entanto, o meu povo se esqueceu de mim e queimou incenso para um ídolo vazio. Foi assim que tropeçaram em seus caminhos, caminhos antigos, e foram andando por desvios, por uma estrada não aplainada. ¹⁶Fizeram do seu próprio país um lugar arrasado, motivo de vaia contínua. Quem passa por aí fica espantado e abana a cabeça. ¹⁷Como vento oriental, eu vou fazer que eles se espalhem diante do inimigo; no dia da derrota, voltarão as costas e não o rosto. [18,1-17]

O profeta incomoda — ¹⁸Eles disseram: “Vamos tramar um plano contra Jeremias, pois o sacerdote não ficará sem a instrução, nem o sábio sem o conselho, nem o profeta sem a palavra. Vamos ferir Jeremias com a nossa língua, e não vamos fazer caso de suas palavras”.

¹⁹Escuta-me tu, Javé, e ouve o que dizem os meus adversários. ²⁰Será que o bem deve ser pago com o mal? Pois eles cavaram um buraco para me pegar. Lembra-te de como eu me coloquei na tua presença, para interceder por eles, para desviar deles a tua ira. ²¹Por isso, agora, entrega à fome os filhos deles, lança-os ao poder da espada; que as mulheres deles fiquem sem filhos e viúvas, que seus maridos sejam mortos pela peste e seus jovens atingidos pela espada no combate. ²²Que se escutem gritos de socorro vindos de suas casas, quando fizeres de repente cair bandidos sobre eles. Pois eles cavaram um buraco para me pegar, armaram laços para meus pés. ²³Mas tu, Javé, conheces muito bem todos os planos de morte que eles tramam contra mim. Não deixes impune a injustiça, nem tires da tua lembrança os pecados deles. Que eles tropecem na tua presença; executa-os no momento da tua ira. [18-23]

19 Destino da nação rebelde — ¹Assim disse Javé a Jeremias: Vá comprar uma bilha de barro. Leve com você alguns anciãos do povo e alguns sacerdotes, ²e siga em direção ao vale de Ben-Enom, que fica na entrada da porta dos Cacos. Aí você anunciará as palavras que eu vou lhe dizer. ³Você dirá:

Escutem a palavra de Javé, ó reis de Judá e habitantes de Jerusalém! Assim fala Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Vou mandar contra este lugar uma calamidade tão grande, que zunirá nos ouvidos de quem a ouvir. ⁴Porque eles me abandonaram e profanaram este lugar, queimando incenso a outros deuses, que vocês não conheciam, nem seus antepassados, nem os reis de Judá. Encheram este lugar com sangue de inocentes, ⁵e construíram lugares altos para Baal, para queimar seus filhos no fogo em holocausto a Baal. Uma coisa dessas eu nunca mandei fazer, nem falei, nem me passou pelo pensamento. ⁶Por isso — oráculo de Javé — virão dias em que este lugar já não se chamará mais Tofet ou vale de Ben-Enom, mas vale da Matança. ⁷Esvaziarei neste lugar os planos de Judá e de Jerusalém. Vou fazê-los cair ao fio da espada diante do inimigo e por meio daqueles que querem matá-los. Vou entregar seus cadáveres como alimento para as aves do céu e para as feras. ⁸Transformarei esta cidade em lugar deserto e motivo de vaias, e todos os que por ela passarem ficarão assustados e começarão a assobiar por causa de todos os seus ferimentos. ⁹Farei que eles devorem a carne dos próprios filhos e filhas. Eles se devorarão entre si por causa do cerco e da angústia que seus inimigos vão impor a eles.

¹⁰Então você quebrará a bilha diante dos homens que o acompanharem. ¹¹Depois dirá a eles: Assim fala Javé dos exércitos: Vou quebrar este povo e esta cidade como objeto de barro que se quebra e não tem mais conserto. As pessoas serão enterradas no lugar chamado Tofet, pois não haverá outro lugar para sepultá-las. ¹²É assim que vou fazer contra este lugar — oráculo de Javé — e contra os seus habitantes: tornarei esta cidade como Tofet. ¹³Ficarão impuras como Tofet as casas de Jerusalém e as casas dos reis de Judá, todas as casas em cujos terraços queimaram incenso para os astros do céu e onde derramaram vinho em honra de deuses estrangeiros.

¹⁴Jeremias foi-se embora de Tofet, onde Javé o tinha mandado para falar em seu nome, e colocou-se na entrada do Templo de Javé. Aí falou a todo o povo: ¹⁵Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Vejam que eu vou mandar, contra esta cidade e contra todas as outras cidades do país, todos os males que anunciei, pois eles endureceram o pescoço e não me obedeceram. [19,1-15]

20 *Repressão contra o profeta* — ¹O sacerdote Fassur, filho de Emer, que era administrador-chefe do Templo de Javé, ouviu essas palavras de Jeremias.

²Fassur mandou bater no profeta Jeremias e colocá-lo na prisão que fica na porta superior de Benjamim e que dá para o Templo de Javé. ³No dia seguinte, Fassur

mandou soltar Jeremias. Então Jeremias lhe disse: “Para Javé você já não se chama Fassur, mas Terror-ao-redor”. ⁴Porque assim diz Javé: Vou transformá-lo em terror para si mesmo e para todos os que são caros a você. Estes cairão mortos pela espada de seus inimigos. E você verá isso com seus próprios olhos. Entregarei Judá inteiro nas mãos do rei da Babilônia; ele os levará cativos para a Babilônia e os matará à espada. ⁵Toda a riqueza desta cidade, toda a sua produção, tudo o que ela tem de valor e também os tesouros dos reis de Judá, eu entregarei nas mãos de seus inimigos. Eles vão saquear, vão se apossar de tudo e levar para a Babilônia. ⁶Você, porém, Fassur, terá de ir para o exílio na Babilônia com todos os que moram na sua casa. Aí você morrerá e será sepultado, você e todos aqueles que lhe são caros, para os quais você profetizava mentiras. [20,1-6]

Javé seduz o profeta — ⁷Tu me seduziste, Javé, e eu me deixei seduzir. Foste mais forte do que eu e venceste. Sirvo de piada o dia todo e todo mundo caçoa de mim. ⁸Quando falo, é aos gritos, clamando: “Violência! Opressão!” A palavra de Javé ficou sendo para mim motivo de vergonha e gozação o dia todo. ⁹Eu me dizia: “Não pensarei mais nele, não falarei mais no seu nome!” Era como se houvesse no meu coração um fogo ardente, fechado em meus ossos. “Estou cansado de suportar, não aguento mais!” ¹⁰Eu escutava muita gente comentando: “Terror ao redor. Denunciem, vamos denunciá-lo”. Todos os meus amigos esperam que eu tropece: “Quem sabe ele se deixe seduzir! Então o dominaremos e nos vingaremos dele”. ¹¹Javé, porém, está ao meu lado como valente guerreiro. Por isso, aqueles que me perseguem tropeçarão e não conseguirão vencer; eles ficarão profundamente envergonhados, porque não terão êxito, e a vergonha deles será eterna e inesquecível. ¹²Javé dos exércitos, tu que examinas o justo e vês os rins e o coração, que eu possa ver a tua vingança contra eles, pois foi a ti que eu confiei a minha causa.

¹³Cantem a Javé, louvem a Javé, pois ele livrou a vida do pobre das mãos dos malvados.

¹⁴Maldito seja o dia em que eu nasci. Que jamais seja bendito o dia em que minha mãe me deu à luz! ¹⁵Maldito o homem que levou a notícia a meu pai, dizendo: “Nasceu um filho homem para você!”, enchendo-o de alegria. ¹⁶Que essa pessoa sofra igual às cidades que Javé destruiu sem compaixão; ouça gritos pela manhã e rumores de guerra ao meio-dia. ¹⁷Por que não me fez morrer no

ventre materno? Minha mãe teria sido a minha sepultura, e seu ventre estaria grávido para sempre! ¹⁸Por que saí do ventre materno? Só para ver tormentos e dores, e terminar meus dias na vergonha? [7-18]

3. Oráculos proferidos depois do rei Joaquim

21 *Javé contra o seu povo* — ¹Palavra que Javé dirigiu a Jeremias quando o rei Sedecias lhe mandou Fassur, filho de Melquias, e o sacerdote Sofonias, filho de Maasias, para lhe dizer: ²“Interceda junto a Javé por nós, porque Nabucodonosor, rei da Babilônia, está em guerra contra nós. Quem sabe Javé faça em nosso favor algum de seus numerosos prodígios, e Nabucodonosor se afaste de nós”. ³Jeremias respondeu: Digam a Sedecias: ⁴Assim diz Javé, o Deus de Israel: Veja! As armas com as quais vocês estão combatendo, eu as passarei ao rei da Babilônia e aos caldeus que cercam vocês fora da muralha, e os reunirei no meio desta cidade. ⁵Eu mesmo vou guerrear contra vocês com mão forte e braço estendido, com ira, com ódio e com furor muito grande. ⁶Ferirei os moradores desta cidade, e as pessoas e animais morrerão numa epidemia muito grande. ⁷Depois disso — oráculo de Javé — pegarei Sedecias, rei de Judá, os funcionários, o povo, os que tiverem escapado da peste, da espada e da fome, e os entregarei nas mãos de Nabucodonosor, rei da Babilônia, nas mãos dos inimigos, daqueles que procuram matá-los, e eles os matarão a fio de espada, não os pouparão, nem terão piedade ou compaixão.

⁸Para o povo, porém, você dirá: Assim diz Javé: Estou colocando diante de vocês o caminho da vida e o caminho da morte. ⁹Quem ficar na cidade morrerá pela espada, pela fome e pela peste; quem sair e se entregar aos caldeus, que cercam vocês, continuará vivo. E sua vida lhe será deixada como despojo. ¹⁰Pois eu me voltarei contra esta cidade, para a desgraça e não para a felicidade dela — oráculo de Javé. Ela será entregue nas mãos do rei da Babilônia, e ele a incendiará. [21,1-10]

Pratiquem o direito e a justiça — ¹¹Você dirá ao palácio do rei de Judá: Escute a palavra de Javé. ¹²Casa de Davi, assim diz Javé: Vocês, de manhã, administrem a justiça e libertem o oprimido da mão do opressor. Senão, a minha ira devorará como fogo; ela se acenderá, e ninguém poderá apagá-la, por causa de todo o mal que vocês praticam.

¹³Eu estou chegando, Moradora do vale, Rochedo da planície — oráculo de Javé. Vocês dizem: “Quem poderá vir para nos atacar? Quem entrará em nossas casas?” ¹⁴Eu castigarei vocês conforme o fruto de suas ações — oráculo de Javé. Porei fogo na floresta de vocês e ele devorará tudo em volta.

22¹ Assim diz Javé: Desça ao palácio do rei de Judá. Chegando aí, diga o seguinte: ²Rei de Judá, você que está sentado no trono de Davi, escute a palavra de Javé. Que seus funcionários também escutem, como todo o povo que costuma entrar por estas portas. ³ Assim diz Javé: Pratiquem o direito e a justiça. Libertem o oprimido da mão do opressor; não tratem com violência, nem oprimam o imigrante, o órfão e a viúva; e não derramem sangue inocente neste lugar. ⁴ Se vocês obedecerem de verdade a esta ordem, os reis que se sentam no trono de Davi, e também os seus funcionários e todo o seu pessoal, continuarão entrando pelas portas deste palácio, montados em carros e cavalos. ⁵ Mas se vocês não obedecerem a estas palavras, eu juro por mim mesmo — oráculo de Javé — que este palácio se transformará numa ruína.

⁶ Assim diz Javé ao palácio do rei de Judá: Você era para mim como Galaad e o cume do Líbano; juro que transformarei você num deserto, numa cidade desabitada. ⁷ Consagrarei os destruidores que virão contra você, cada um com suas armas: eles cortarão os melhores cedros que você possui e os lançarão no fogo. ⁸ Muitas nações atravessarão esta cidade, e as pessoas perguntarão umas às outras: “Por que Javé tratou assim esta grande cidade?” ⁹ E responderão: “Foi porque eles abandonaram a aliança de Javé seu Deus, e adoraram outros deuses e os serviram”. [21,11-22,9]

Chorem por quem partiu — ¹⁰ Não chorem pelo morto e não façam lamentações por ele. Chorem por quem partiu, pois ele nunca mais voltará para rever a sua terra natal. ¹¹ Assim diz Javé a respeito de Selum, filho de Josias, rei de Judá, que começou a reinar no lugar de seu pai Josias, e saiu deste lugar. Ele nunca mais voltará aqui. ¹² Ele morrerá no lugar para onde o exilaram, e nunca mais verá esta terra. [22,10-12]

Praticar o direito e a justiça — ¹³ Ai daquele que constrói a sua casa sem justiça e seus aposentos sem direito, que faz o próximo trabalhar por nada, sem dar-lhe o pagamento, ¹⁴ e que diz: “Vou construir uma casa grande, com imensos aposentos”. E faz janelas, recobre a casa com cedro e a pinta de vermelho. ¹⁵ Você pensa que é rei porque tem mais cedro que os outros? O seu pai não comeu e não bebeu? Pois ele fez o que é justo e o que é direito, e no seu tempo tudo correu bem para ele. ¹⁶ Ele julgava com justiça a causa do pobre e do indigente; e tudo corria bem para ele! Isto não é conhecer-me? — oráculo de Javé. ¹⁷ Mas você não vê outra coisa e não pensa a não ser no lucro, em derramar

sangue inocente e em praticar a opressão e a violência. ¹⁸Por isso, assim diz Javé a Joaquim, rei de Judá, filho de Josias: Ninguém vai chorar por ele, dizendo “Ai meu irmão, ai minha irmã!” Ninguém vai chorar por ele: “Ai meu senhor, ai majestade!” ¹⁹Ele será sepultado como jumento, será arrastado e jogado fora, longe das portas de Jerusalém. [13-19]

Confusão e vergonha — ²⁰Suba o Líbano e grite por socorro; em Basã faça ouvir a sua voz: grite por socorro desde Abarim, porque foram esmagados todos os seus amantes. ²¹Falei com você quando você estava tranquila, mas você me respondeu: “Não quero te ouvir”. É este o seu caminho desde a mocidade: você jamais me obedeceu. ²²Todos os seus pastores se tornarão pasto do vento; seus amantes irão para o exílio. Nessa hora, você se sentirá confusa e envergonhada por causa de toda a sua maldade. ²³Moradora do Líbano, aninhada nos mais altos cedros, você gerará ao chegarem as suas dores, as convulsões, como para a mulher no parto. [20-23]

Vasilha imprestável — ²⁴Pela minha vida — oráculo de Javé: Conias, filho de Joaquim, rei de Judá, ainda que você fosse um anel na minha mão direita, eu o arrancaria. ²⁵Vou entregar você nas mãos daqueles que o querem matar, daqueles de quem você tem medo: Nabucodonosor, rei da Babilônia, e os caldeus. ²⁶Expulsarei você e sua mãe, aquela que o pôs no mundo, para um país onde vocês não nasceram. E aí vocês morrerão. ²⁷Mas para a terra aonde eles desejam voltar, não voltarão. ²⁸Será uma vasilha imprestável, quebrada, esse tal de Conias, ou é um objeto que ninguém quer? Por que será que ele e sua família foram expulsos e jogados fora para uma terra que não conhecem? ²⁹Terra, terra, terra! Escute a palavra de Javé. ³⁰Assim diz Javé: Registrem esse homem como alguém que não tem filhos, indivíduo sem sucesso na vida, porque ninguém de sua família conseguirá sentar-se no trono de Davi, para governar novamente em Judá. [24-30]

23 Javé, nossa justiça — ¹Ai dos pastores que espalham e extraviam as ovelhas do meu rebanho — oráculo de Javé. ²Por isso assim diz Javé, o Deus de Israel, contra os pastores encarregados de cuidar do meu povo: Vocês espalharam e expulsaram minhas ovelhas e não se preocuparam com elas. Pois agora sou eu que vou pedir contas a vocês pelo mal que praticaram — oráculo de Javé. ³Eu mesmo vou reunir o que sobrou das minhas ovelhas de todas as

regiões para onde eu as tinha expulsado. Vou trazê-las de volta para as suas pastagens, para que cresçam e se multipliquem. ⁴Vou dar-lhes pastores que cuidem delas, e elas não terão mais medo ou susto, nem se perderão — oráculo de Javé.

⁵Vejam que vão chegar dias — oráculo de Javé — em que eu farei brotar para Davi um broto justo. Ele reinará como verdadeiro rei e será sábio, pondo em prática o direito e a justiça no país. ⁶Em seus dias, Judá estará a salvo e Israel viverá em paz; e a ele darão o nome de “Javé, nossa justiça”.

⁷Vejam que vão chegar dias — oráculo de Javé — em que não se dirá mais: “Viva Javé, que tirou os israelitas do Egito”. ⁸Em lugar disso, dirão: “Viva Javé, que tirou a descendência de Israel do país do Norte e de todos os países para onde os havia expulsado, trazendo-os de novo para a sua terra”. [23,1-8]

Vendedores de ilusões — ⁹Sobre os profetas. O meu coração está estraçalhado dentro do peito, os meus ossos todos tremem. Pareço um bêbado embriagado de vinho; mas é por causa de Javé e de suas santas palavras. ¹⁰O país está cheio de adúlteros. Por causa da maldição, todo o país está de luto e os pastos dos campos ficaram secos. O caminho deles é a maldade, e a sua força é a injustiça. ¹¹Até o profeta, até o sacerdote são perversos, até em minha casa encontrei a maldade deles — oráculo de Javé. ¹²Por isso, o caminho deles se tornará escorregadio, serão empurrados para as trevas e nelas cairão. Pois eu mandarei sobre eles a desgraça, no ano do seu castigo — oráculo de Javé.

¹³Entre os profetas da Samaria vi coisas absurdas: eles profetizam por Baal e extraviam meu povo Israel. ¹⁴Entre os profetas de Jerusalém, o que eu vi era horrível: cometem adultério e praticam a mentira, dão a mão aos malfeitores, para que ninguém se converta da sua maldade. Para mim, todos eles são como Sodoma, e os habitantes de Jerusalém são como Gomorra. ¹⁵Por isso, assim diz Javé dos exércitos contra os profetas: Farei vocês comerem absinto e beber água envenenada, porque dos profetas de Jerusalém se espalhou a impiedade para todo o país.

¹⁶Assim diz Javé dos exércitos: Não deem atenção às palavras dos profetas que profetizam para vocês. Eles enganam vocês, a visão que eles anunciam é fruto da imaginação, e jamais saiu da boca de Javé. ¹⁷Eles dizem aos que desprezam a palavra de Javé: “Vocês terão paz”. E aos que seguem seu próprio coração obstinado dizem: “O mal nunca atingirá vocês”.

¹⁸Quem assistiu às deliberações de Javé? Quem viu e ouviu a sua palavra? Quem ouviu a sua palavra e obedeceu? ¹⁹Eis a tempestade de Javé, seu furor se desencadeia, um furacão gira sobre a cabeça dos injustos. ²⁰A ira de Javé não recuará, enquanto não realizar, enquanto não executar os projetos do seu coração. Nos últimos dias, vocês compreenderão tudo. ²¹Eu não enviei nenhum desses profetas, mas eles foram correndo; com eles eu nada falei, e no entanto eles profetizam. ²²Se eles tivessem assistido às minhas deliberações e tivessem levado ao meu povo a minha mensagem, o povo teria recuado do seu mau caminho, teria deixado o mal que praticava. ²³Será que eu sou Deus só de perto? — oráculo de Javé. De longe eu não sou Deus? ²⁴Pode alguém esconder-se em algum lugar onde eu não possa vê-lo? — oráculo de Javé. Será que eu não ocupo o céu e a terra? — oráculo de Javé.

²⁵Eu ouvi o que dizem os profetas que em meu nome profetizam mentiras, dizendo: “Eu tive um sonho! Eu tive um sonho!” ²⁶Até quando os profetas continuarão profetizando mentiras e fantasias de sua imaginação? ²⁷Eles pretendem fazer o meu povo esquecer o meu nome, usando os sonhos que contam uns aos outros, da mesma forma como os seus antepassados me esqueceram por causa de Baal. ²⁸O profeta que teve um sonho, que conte o seu sonho; aquele que recebeu uma palavra minha, que transmita essa palavra fielmente. O que é que a palha tem com o grão? — oráculo de Javé. ²⁹Minha palavra não é como fogo? — oráculo de Javé — ou como um martelo que tritura a pedra? ³⁰Por isso, estou contra os profetas — oráculo de Javé — que roubam a minha palavra uns dos outros. ³¹Estou contra os profetas — oráculo de Javé — que abrem a boca para soltar oráculos. ³²Estou contra os profetas — oráculo de Javé — que sonham de mentira, depois contam para os outros, e com suas mentiras e seus enganos desorientam o meu povo. Eu não enviei nenhum deles, nem lhes dei ordem nenhuma, e eles não têm serventia alguma para esse povo — oráculo de Javé. [9-32]

A carga de Javé são vocês — ³³Se alguém deste povo, seja um profeta ou um sacerdote, lhe perguntar: “Qual é a carga de Javé?”, você lhe responderá: “Vocês é que são a carga de Javé, e eu os rejeitarei” — oráculo de Javé. ³⁴E o profeta, sacerdote ou gente do povo que falar mais uma vez: “Carga de Javé”, eu acertarei contas com essa pessoa e sua família. ³⁵Vocês deverão falar assim uns para os outros, irmão para irmão: “O que foi que Javé respondeu? O que foi que

Javé falou?” ³⁶Vocês não deverão mais lembrar esta expressão: “Carga de Javé”. A palavra de cada um será a sua própria carga, pois vocês mudaram o sentido da palavra do Deus vivo, de Javé dos exércitos, o nosso Deus. ³⁷Você perguntará ao profeta: “O que foi que Javé respondeu? O que foi que Javé falou?” ³⁸Se vocês disserem: “Carga de Javé”, então eis o que Javé diz: Visto que vocês repetem “Carga de Javé”, quando eu lhes mandei que não falassem mais “Carga de Javé”, ³⁹exatamente por isso eu carregarei vocês como um peso e os lançarei para longe da minha face, vocês e a cidade que dei a vocês e a seus antepassados. ⁴⁰Eu os cobrirei com vergonha eterna e confusão permanente, que nunca serão esquecidas. [33-40]

24 *Deus quer a conversão* — ¹Javé me mostrou dois cestos de figos, colocados na frente do Templo. Isso aconteceu depois que Nabucodonosor, rei da Babilônia, exilou Jeconias, filho de Joaquim, rei de Judá, com seus chefes, ferreiros e serralheiros, e os levou para a Babilônia. ²Um dos dois cestos tinha figos muito bons, como do princípio da colheita; o outro continha figos ruins, tão ruins que não serviam nem mesmo para comer. ³Javé me disse: “O que é que você está vendo, Jeremias?” Eu respondi: “Figs. Os figos bons são muito bons, os figos ruins são muito ruins, tão ruins que nem servem para comer”. ⁴Então veio a mim esta palavra de Javé: ⁵Assim diz Javé, o Deus de Israel: Eu considero bons, semelhantes a estes figos bons, os exilados de Judá, que eu expulsei deste país para o país dos caldeus. ⁶Lançarei o meu olhar sobre eles, para o bem deles; vou trazê-los de volta para este país, vou restabelecê-los para nunca mais destruí-los, vou plantá-los para nunca mais arrancá-los. ⁷Darei a eles um coração capaz de me conhecer, pois eu sou Javé. Eles serão o meu povo e eu serei o Deus deles, se eles se converterem para mim de todo o coração. ⁸Como se trata a estes figos ruins, tão ruins que nem servem para comer — assim diz Javé — de igual modo tratarei a Sedecias, rei de Judá, a seus chefes, ao resto de Jerusalém, aos que ficaram no país e aos que foram morar no Egito. ⁹Eu os tornarei motivo de espanto para todos os reinos do mundo, motivo de vergonha, de provérbio, de caçoada e de maldição em todos os lugares para onde eu os expulsar. ¹⁰Enviarei contra eles a espada, a fome e a peste, até desaparecerem da face da terra que eu tinha dado a eles e a seus antepassados. [24,1-10]

4. Babilônia, instrumento de Javé

25 *O julgamento de Deus* — ¹Palavra dirigida a Jeremias para todo o povo de Judá, no quarto ano de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá. Foi no primeiro ano do domínio de Nabucodonosor, rei da Babilônia. ²Palavra que o profeta Jeremias anunciou a todo o povo de Judá e aos habitantes de Jerusalém, dizendo: ³Desde o décimo terceiro ano de Josias, filho de Amon, rei de Judá, até hoje, há vinte e três anos, eu estou recebendo a palavra de Javé e transmitindo para vocês sem parar, mas vocês não escutaram. ⁴Javé sempre lhes mandou, sem parar, todos os seus servos, os profetas, mas vocês não quiseram escutar, nem quiseram voltar os ouvidos para ouvir, ⁵quando se dizia a vocês: “Cada um se converta dos seus maus caminhos e das maldades que costuma praticar, para continuarem morando na terra que Javé deu a vocês e a seus antepassados, desde os tempos antigos e para sempre. ⁶Não sigam os deuses estrangeiros, para servi-los e adorá-los, e não me provoquem com as obras das mãos de vocês, e eu não lhes farei mal. ⁷Mas vocês não me obedeceram — oráculo de Javé — e vocês me provocaram com as obras de suas mãos para sua própria desgraça.

⁸Por isso, assim diz Javé dos exércitos: Já que vocês não ouviram minhas palavras, ⁹eu mandarei buscar todas as tribos do Norte — oráculo de Javé — e também o meu servo Nabucodonosor, rei da Babilônia, para virem contra este país, contra os seus habitantes e contra todas as nações vizinhas. Vou condenar todos ao extermínio, vou fazer deles um objeto de horror, de vaia e de vergonha permanente. ¹⁰Eliminarei do meio deles o som da música, os gritos de alegria, a voz do noivo e da noiva, o barulho do moinho e a luz da lâmpada. ¹¹O país inteiro será entregue à destruição e desolação, e o povo ficará escravo do rei da Babilônia durante setenta anos. ¹²Depois de completados os setenta anos, eu castigarei o rei da Babilônia e seu povo — oráculo de Javé — isto é, o país dos caldeus, por causa de seus crimes. Vou transformá-lo em desolação permanente. ¹³Farei vir sobre esse país todas as palavras que eu disse contra ele, tudo o que está escrito neste livro, e que Jeremias tinha predito contra todas as nações. ¹⁴Estas nações, por sua vez, servirão a muitas nações e a reis poderosos; eu cobrarei as suas ações, as obras de suas mãos.

II. O JULGAMENTO UNIVERSAL DE JAVÉ

¹⁵ Assim me disse Javé, o Deus de Israel: “Pegue da minha mão esta taça de vinho da minha ira e faça que bebam dela todas as nações para as quais eu envio você. ¹⁶Elas beberão, ficarão embriagadas e perderão o juízo diante da espada que eu mandarei para o meio delas.” ¹⁷ Eu peguei a taça da mão de Javé e fiz que bebessem dela todas as nações para as quais Javé me enviou: ¹⁸Jerusalém e as cidades de Judá com os seus reis e chefes, para entregá-los à destruição, desolação, vergonha e maldição, como acontece ainda hoje; ¹⁹o Faraó, rei do Egito, com seus ministros, seus nobres e todo o seu povo; ²⁰gente de todas as raças e todos os reis da terra de Hus; todos os reis da região dos filisteus: Ascalon, Gaza, Acaron e os sobreviventes de Azoto; ²¹Edom, Moab e o povo de Amon; ²²os reis de Tiro, de Sidônia e da ilha que está no além-mar; ²³Dadã, Tema e Buz, todos os de cabeça raspada, ²⁴os reis árabes que moram no deserto; ²⁵todos os reis de Zambri; os reis de Elam e os reis da Média; ²⁶por fim, todos os reis do Norte, tanto os mais próximos como os mais distantes. Um depois do outro, eu fiz com que todos os reinos que existem sobre a face da terra bebessem. E o rei da Babilônia beberá depois deles.

²⁷ Você dirá a eles: “Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Bebam até ficar tontos, até vomitar e cair sem poderem mais se levantar, diante da espada que eu envio para o meio de vocês”. ²⁸ Se recusarem pegar a taça de sua mão para beber, você dirá a eles: “Assim diz Javé dos exércitos: É claro que vocês beberão! ²⁹Pois se eu começo a castigar precisamente a cidade sobre a qual é invocado o meu nome, pretendem vocês ficar impunes? Não, vocês não ficarão impunes, pois eu convocarei a espada contra todos os habitantes da terra — oráculo de Javé dos exércitos”.

³⁰ Você, porém, anunciará todas essas coisas e dirá a eles: Javé ruge lá do alto, da sua santa morada ele faz ouvir a sua voz; ruge contra a pastagem dele; como aquele que pisa a uva, ele solta gritos de alegria contra todos os habitantes da terra. ³¹ O barulho chega até aos confins do mundo, porque Javé entra em processo contra as nações, ele faz o julgamento de toda criatura e abandona os injustos à espada — oráculo de Javé. ³² Assim diz Javé dos exércitos: A desgraça passa de nação para nação. Um grande furacão se levanta das extremidades da terra. ³³ Nesse dia, as vítimas de Javé cobrirão a terra de ponta a ponta; ninguém as recolherá, nem as enterrará, nem fará luto por elas: ficarão como esterco sobre

o chão.

³⁴Gemam, pastores, gritem! Rolem na poeira, chefes do rebanho! Pois chegou para vocês o dia da matança, o dia de serem expulsos um para cada lado; vocês cairão como carneiros escolhidos. ³⁵Não há escapatória para os pastores, nem saída para os chefes do rebanho. ³⁶Ouçam os gritos dos pastores, o urro dos chefes do rebanho! Porque Javé destruiu suas pastagens; ³⁷os prados tranquilos foram devastados, por causa da ardente ira de Javé. ³⁸O leão abandona a toca, pois a terra deles virou um deserto, por causa da espada devastadora, por causa da ardente ira de Javé. [\[25,1-38\]](#)

III. PROFECIAS DE ESPERANÇA

1. O verdadeiro profeta

26¹No começo do reinado de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá, Javé dirigiu esta palavra a Jeremias: ²Assim diz Javé: Fique no átrio do Templo de Javé e diga a todos os cidadãos de Judá, que entram no Templo para adorar Javé, tudo o que eu estou mandando dizer, sem tirar nada. ³Quem sabe, eles se convertam, cada um de sua má conduta, e eu me arrependo do castigo que preparo contra eles por causa de suas más ações. ⁴Você dirá o seguinte: Assim diz Javé: Se vocês não me obedecerem, seguindo a Lei que promulguei para vocês, ⁵e se não escutarem o que dizem os meus servos, os profetas, que eu lhes envio sem cessar, embora vocês não os escutem, ⁶então eu vou fazer deste Templo o que fiz com o santuário de Silo, e desta cidade farei uma coisa maldita para todos os povos da terra.

⁷Os sacerdotes, os profetas e todo o povo ouviram Jeremias falando isso no Templo de Javé. ⁸Depois que Jeremias terminou de falar tudo o que Javé lhe havia ordenado que dissesse ao povo, os sacerdotes e os profetas o prenderam, dizendo: “Você deve morrer. ⁹Por que você profetizou em nome de Javé, dizendo que vai acontecer a este Templo o que aconteceu com o santuário de Silo, e que esta cidade será destruída e ficará sem moradores?” E o povo todo se aglomerou no Templo de Javé contra Jeremias.

¹⁰Ao ouvirem falar disso, os chefes de Judá foram do palácio do rei para o Templo de Javé, e se assentaram no tribunal da Porta Nova do Templo de Javé. ¹¹Então os sacerdotes e os profetas disseram aos chefes e a todo o povo: “Este homem deve ser condenado à morte, pois profetizou contra esta cidade, conforme vocês mesmos ouviram”. ¹²Jeremias respondeu aos chefes e a todo o povo: “Foi Javé quem me mandou profetizar, contra este Templo e contra esta cidade, tudo o que vocês ouviram. ¹³Agora, corrijam sua conduta e suas ações; obedeçam a Javé, o Deus de vocês, e Javé desistirá das ameaças que proferiu contra vocês. ¹⁴Quanto a mim, eu estou na mão de vocês. Façam de mim o que acharem melhor. ¹⁵Mas fiquem sabendo: se vocês me matarem, estarão jogando a culpa da morte de um inocente sobre vocês mesmos, sobre esta cidade e seus habitantes, pois foi de fato Javé quem me ordenou falar para vocês escutarem tudo isso”. ¹⁶Os chefes e todo o povo disseram aos sacerdotes e profetas: “Esse

homem não deve ser condenado à morte, pois foi em nome de Javé, o nosso Deus, que ele nos falou”. ¹⁷Alguns anciãos do país tomaram, então, a palavra e, dirigindo-se a todo o povo reunido, disseram: ¹⁸“Miqueias de Morasti foi um profeta no tempo de Ezequias, rei de Judá. Ele disse a todo o povo de Judá: ‘Assim diz Javé dos exércitos: Sião será arada como um campo, Jerusalém se tornará um montão de ruínas, e o monte do Templo uma colina cheia de mato’. ¹⁹Por acaso Ezequias, rei de Judá, ou o próprio povo de Judá mataram Miqueias? Por acaso não temeram a Javé e o acalmaram? E Javé não desistiu da ameaça que havia lançado contra eles? Nós, porém, estamos para cometer um grande crime contra nós mesmos”.

²⁰Houve também outro profeta que profetizou em nome de Javé: Urias, filho de Semeías, natural de Cariat-Iarim. Ele profetizou contra a cidade e o país, da mesma forma que Jeremias. ²¹O rei Joaquim, os seus guardas e chefes o ouviram, e o rei procurou matá-lo. Mas, ao ouvir isso, Urias ficou com medo e fugiu para o Egito. ²²O rei Joaquim enviou ao Egito Elnatã, filho de Acobor, com alguns homens. ²³Eles trouxeram Urias do Egito e o levaram até o rei Joaquim. O rei mandou matá-lo a fio de espada e jogar o seu corpo na vala comum. ²⁴Jeremias, porém, foi protegido por Aicam, filho de Safã, de modo que não foi entregue nas mãos do povo para ser morto. [26,1-24]

2. Mensagem para os exilados

27 *Um realismo crítico* — ¹No começo do reinado de Sedecias, filho de Josias, rei de Judá, Javé dirigiu esta palavra a Jeremias: ²Assim me diz Javé: Faça para você cordas e uma canga, e coloque-a no pescoço. ³Depois, através dos emissários que vieram a Jerusalém para estar com Sedecias, rei de Judá, mande uma mensagem aos reis de Edom, Moab, Amon, Tiro e Sidônia. ⁴Diga-lhes que informem a seus senhores: Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Digam a seus senhores: ⁵Eu criei a terra, os homens e todos os animais sobre a face da terra, com minha grande força e braço estendido, e os dou a quem eu quero. ⁶Pois bem! Entrego todos esses territórios nas mãos do meu servo Nabucodonosor, rei da Babilônia. Eu colocarei até as feras a serviço dele. ⁷Todas as nações ficarão submetidas a ele, a seu filho e a seu neto, até que chegue para seu país a hora de se tornar escravo de numerosas nações e reis poderosos. ⁸Se uma nação e seu rei não se submeterem a Nabucodonosor, rei da Babilônia, e não colocarem o pescoço sob o jugo do rei da Babilônia, eu castigarei essa nação com espada, fome e peste, até entregá-la em suas mãos — oráculo de Javé. ⁹Quanto a vocês, não façam caso de seus profetas e adivinhos, intérpretes de sonhos, feiticeiros e magos, que lhes dizem: “Vocês não ficarão submetidos ao rei da Babilônia”. ¹⁰Porque eles profetizam mentiras, para tirar vocês da própria terra e para que eu espalhe e destrua vocês. ¹¹A nação, porém, que dobrar o pescoço e se submeter ao rei da Babilônia, eu a deixarei tranquila em sua terra, para que a cultive e fique morando nela — oráculo de Javé.

¹²Palavras iguais a essas eu disse também a Sedecias, rei de Judá: Coloquem o pescoço sob o jugo do rei da Babilônia, submetam-se a ele e a seu povo, e vocês viverão. ¹³Por que você e seu povo haveriam de morrer pela espada, pela fome e pela peste, como Javé anunciou à nação que não se submeter ao rei da Babilônia? ¹⁴Não façam caso dos profetas que lhes dizem: “Vocês não ficarão submetidos ao rei da Babilônia”, pois é mentira o que eles profetizam. ¹⁵Não fui eu quem os enviou — oráculo de Javé. Eles profetizam mentiras em meu nome, para que eu tenha que expulsar e destruir vocês e os profetas que profetizam para vocês.

¹⁶Aos sacerdotes e a todo o povo eu disse: Assim diz Javé: Não escutem esses profetas que lhes profetizam, dizendo: “Vejam! Logo, logo, os objetos do Templo de Javé serão trazidos de volta da Babilônia”. É mentira o que eles

profetizam. ¹⁷Não façam caso deles. Aceitem ser escravos do rei da Babilônia, que vocês ficarão vivos, e esta cidade não se transformará em ruínas. ¹⁸Se eles são profetas e se a palavra de Javé está com eles, então rezem a Javé dos exércitos para que o resto dos objetos que existem no Templo de Javé e no palácio do rei de Judá e em Jerusalém não sejam levados também para a Babilônia. ¹⁹Pois assim diz Javé dos exércitos a respeito das colunas, do mar de bronze e dos pedestais, de todos os outros objetos do Templo que ficaram nesta cidade, ²⁰que não foram levados por Nabucodonosor, rei da Babilônia, quando ele levou para o exílio Jeconias, filho de Joaquim, rei de Judá, transferindo-o de Jerusalém para a Babilônia, com toda a classe dirigente de Judá e de Jerusalém. ²¹Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel, a respeito dos objetos que ficaram no Templo de Javé e no palácio do rei de Judá e em Jerusalém: ²²Serão levados para a Babilônia e aí ficarão até o dia em que vou buscá-los de novo — oráculo de Javé. Então, eu os trarei de volta e os colocarei de novo neste lugar. [27,1-22]

28 *O falso profeta* — ¹Nesse mesmo ano, ao começar o reinado de Sedecias em Judá, no quarto ano, no quinto mês, Hananias, filho de Azur, que era profeta em Gabaon, falou comigo no Templo de Javé, diante dos sacerdotes e de todo o povo, dizendo: ²“Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Quebro o jugo do rei da Babilônia. ³Dentro de dois anos vou trazer de volta para este lugar todos os objetos do Templo de Javé que Nabucodonosor, rei da Babilônia, pegou e levou para a Babilônia. ⁴Também vou trazer de volta Jeconias, filho de Joaquim, rei de Judá, e todos os exilados de Judá levados para a Babilônia — oráculo de Javé — porque vou quebrar o jugo do rei da Babilônia”.

⁵Na presença dos sacerdotes e de todo o povo que estava no Templo de Javé, o profeta Jeremias respondeu ao profeta Hananias, ⁶dizendo: “Amém! Que assim faça Javé. Que Javé confirme o que você profetizou, trazendo da Babilônia para cá os objetos do Templo de Javé e todos os exilados. ⁷Entretanto, escute o que eu vou dizer a você e a todo o povo: ⁸Os profetas que existiram antes de mim e antes de você, desde os tempos antigos, profetizaram guerra, calamidade e peste para muitos países e reinos poderosos. ⁹E quanto ao profeta que prometia felicidade, só quando a sua profecia se realizar é que ele será reconhecido como profeta realmente enviado por Javé”. ¹⁰Então Hananias pegou a canga que estava no pescoço de Jeremias e a quebrou. ¹¹Em seguida, falou diante do povo: “Assim diz Javé: Desta mesma forma, dentro de dois anos, eu quebrarei o jugo

de Nabucodonosor, rei da Babilônia, que está no pescoço de todas as nações”. E o profeta Jeremias foi embora.

¹²Depois que Hananias quebrou a canga que estava no pescoço de Jeremias, este recebeu uma palavra de Javé: ¹³“Vá dizer a Hananias o seguinte: Assim diz Javé: Você quebrou uma canga de madeira, e eu vou substituí-la por uma canga de ferro. ¹⁴Porque assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: É uma canga de ferro que eu vou colocar no pescoço de todas as nações, para que estejam subjugadas a Nabucodonosor, rei da Babilônia”. ¹⁵Em seguida, o profeta Jeremias falou ao profeta Hananias: “Escute-me, Hananias: não foi Javé quem mandou você, e você está fazendo esse povo acreditar numa mentira. ¹⁶Por isso, assim diz Javé: Mandarei você embora da face da terra; ainda este ano você morrerá, por ter anunciado rebeldia contra Javé”. ¹⁷E Hananias morreu nesse mesmo ano, no sétimo mês. [28,1-17]

29 *Não se deixem iludir* — ¹Texto da carta que o profeta Jeremias enviou de Jerusalém para os exilados na Babilônia. Escreveu-a para os anciãos, sacerdotes, profetas e o povo, levados por Nabucodonosor para o exílio. ²Ele enviou a carta depois que saíram de Jerusalém o rei Jeconias com a rainha-mãe, o pessoal do palácio, os chefes de Judá e de Jerusalém, os ferreiros e os serralheiros. ³Ele enviou a carta por intermédio de Elasa, filho de Safã, e por intermédio de Gamarias, filho de Helcias, que Sedecias, rei de Judá, tinha enviado à Babilônia em missão junto ao rei Nabucodonosor.

A carta dizia o seguinte: ⁴Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel, a todo o povo que levei de Jerusalém para o exílio na Babilônia: ⁵Construam casas para vocês morarem, plantem pomares para comerem de suas frutas, ⁶casem-se, gerem filhos e filhas, arranjem esposas para seus filhos e maridos para suas filhas, e que eles também gerem filhos e filhas. Multipliquem-se aí, não diminuam. ⁷Lutem pelo progresso da cidade para onde eu os exilei e rezem a Deus por ela, pois o progresso desse lugar será o progresso de vocês.

⁸Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Não se deixem enganar pelos profetas que existem no meio de vocês, não escutem os adivinhos e nem os sonhos que eles dizem que têm, ⁹porque eles profetizam mentiras em meu nome. Eu não enviei nenhum deles — oráculo de Javé.

¹⁰Assim diz Javé: Quando se completarem setenta anos na Babilônia, eu olharei para vocês e cumprirei minhas promessas, trazendo-os de volta para este lugar.

¹¹Conheço meus projetos sobre vocês — oráculo de Javé: são projetos de

felicidade e não de sofrimento, para dar-lhes um futuro e uma esperança. ¹²Quando vocês me invocarem, rezarão a mim, e eu os ouvirei. ¹³Vocês me procurarão, e me encontrarão se me buscarem de todo o coração; ¹⁴eu me deixarei encontrar e mudarei a sorte de vocês — oráculo de Javé. Vou reuni-los de todas as nações e lugares por onde os espalhei, — oráculo de Javé — e tornarei a trazê-los para o lugar de onde os exilei. ¹⁵Vocês dizem: “Javé suscitou profetas para nós na Babilônia”. ¹⁶Pois bem! Assim diz Javé a respeito dos seus irmãos que não foram levados com vocês para o exílio, isto é, o rei que está no trono de Davi e o povo todo que ainda está morando nesta cidade: ¹⁷Assim diz Javé dos exércitos: Estou mandando contra eles a espada, a fome e a peste, e estou fazendo com eles o que se faz com figos podres que de tão ruins não servem para comer. ¹⁸Perseguirei essa gente com a espada, a fome e a peste; farei deles uma coisa horripilante para todos os reinos da terra, maldição e espanto, objeto de vaia e de vergonha entre todos os povos para onde os expulsei. ¹⁹Isso tudo porque não me obedeceram — oráculo de Javé. Porque eu lhes enviei constantemente meus servos, os profetas, mas aqueles não fizeram caso — oráculo de Javé. ²⁰Quanto a vocês, que foram exilados de Jerusalém para a Babilônia, ouçam a palavra de Javé. ²¹Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel, contra Acab, filho de Colias, e contra Sedecias, filho de Maasias, que profetizam mentiras em meu nome: Vou entregar os dois na mão de Nabucodonosor da Babilônia. Ele vai matar os dois na presença de vocês. ²²Depois surgirá uma nova espécie de maldição entre os exilados de Judá na Babilônia. Aí se dirá: “Que Javé faça com você como fez com Acab e com Sedecias, que o rei da Babilônia assou no fogo!” ²³Pois eles fizeram coisas horríveis em Israel: praticaram adultério com as mulheres de seus amigos e falaram mentiras usando o meu nome, quando eu não mandei ninguém falar. Eu sei e sou testemunha disso — oráculo de Javé.

²⁴Mensagem que você deverá pronunciar contra Semeías de Naalam: ²⁵Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Você mandou cartas por sua conta, especialmente ao sacerdote Sofonias, filho de Maasias, e a todos os sacerdotes, dizendo: ²⁶“Javé o colocou como sacerdote no lugar de Joiada, para você se responsabilizar pelo Templo de Javé e para mandar que seja amarrado e preso todo indivíduo fanático que queira passar por profeta. ²⁷Então por que você não repreendeu esse Jeremias de Anatot, que se meteu a profetizar? ²⁸Ele nos mandou uma carta aqui para a Babilônia, dizendo: ‘A coisa vai demorar.

Construam casas para morar e plantem pomares para comer frutas’ ”.

²⁹O sacerdote Sofonias leu essa carta na presença de Jeremias. ³⁰Então a palavra de Javé foi dirigida a Jeremias: ³¹Mande a todos os exilados a seguinte mensagem: Assim diz Javé a respeito de Semeías de Naalam: Já que Semeías está se fazendo de profeta para vocês — e não fui eu quem o enviou — e está fazendo vocês acreditarem na mentira, ³²então assim diz Javé: Castigarei Semeías e seus filhos. Nenhum deles ficará morando no meio desse povo, nem verá a felicidade que estou preparando para o meu povo — oráculo de Javé — porque ele pregou rebeldia contra Javé. [29,1-32]

3. Livro da consolação

30 *A volta da esperança* — ¹Palavra que Javé dirigiu a Jeremias: ²Assim diz Javé, o Deus de Israel: Escreva num livro tudo o que eu vou lhe dizer, ³pois virão dias — oráculo de Javé — em que mudarei a sorte do meu povo, Israel e Judá, diz Javé. Farei com que voltem ao país que eu dei a seus antepassados e que tomem posse dele.

⁴São estas as palavras que Javé pronunciou para Israel e Judá: ⁵Ouvimos um grito de pavor, de terror, sem paz. ⁶Informem-se e observem: é possível um homem dar à luz? Como é, então, que eu estou vendo esses homens todos de mãos nos quadris, como se fossem mulheres em trabalho de parto? Por que ficaram todos com o rosto tão pálido? ⁷Ah! Esse dia é muito importante, e outro igual não existe. É uma hora de aflição para Jacó, mas ele se salvará. ⁸Nesse dia — oráculo de Javé dos exércitos — eu quebrarei a canga que está no pescoço de vocês e arrebantarei as correntes que os prendem, e vocês não serão mais escravos de estrangeiros. ⁹Servirão a Javé, o seu Deus, e também a Davi, o rei que farei surgir para eles. ¹⁰Não tenha medo, meu servo Jacó — oráculo de Javé — não se apavore, Israel, pois aqui estou eu, libertando você do país distante, libertando a sua descendência do país do seu exílio. Jacó voltará e viverá tranquilo e em paz, sem que o perturbem. ¹¹Porque eu estou com você para salvá-lo — oráculo de Javé. Eu destruirei todas as nações por onde havia espalhado você, mas não o destruirei: eu o corrigirei com justiça, mas não deixarei você sem castigo.

¹²Assim diz Javé: Sua ferida é incurável, sua chaga é muito grave. ¹³Não há remédio para sua chaga, nem emplastro para fechar sua ferida. ¹⁴Todos os seus amantes se esqueceram de você e não o procuram mais. Pois eu feri você como se eu fosse inimigo seu, e dei-lhe um castigo terrível, porque eram muitos os seus erros e seus pecados pesavam muito. ¹⁵Por que você grita por causa da sua ferida? A sua chaga é incurável. Foi porque seus erros eram muitos e seus pecados pesavam demais que eu tratei você assim. ¹⁶Mas todos os que devoram você serão devorados; todos os seus inimigos serão levados para o exílio; os que saqueiam você serão saqueados; os que despojam você serão despojados. ¹⁷Eu cicatrizarei a sua ferida e curarei as suas chagas — oráculo de Javé. Porque chamam você de “Rejeitada”, “A Sião de quem ninguém pergunta”. ¹⁸Mas assim diz Javé: Agora vou mudar a sorte das tendas de Jacó, terei compaixão de

suas moradas. A cidade será reconstruída sobre suas ruínas, e o palácio se erguerá de novo no seu lugar. ¹⁹Daí sairão ação de graças e gritos de alegria. Eu vou multiplicá-los, e eles nunca mais diminuirão; vou devolver-lhes a honra, e eles nunca mais serão humilhados. ²⁰Seus filhos serão como antigamente e a sua assembleia continuará firme diante dos meus olhos; mas castigarei todos os seus opressores. ²¹Dela surgirá o seu chefe, e do seu meio sairá o seu governante. Eu farei que ele se aproxime e chegue até junto a mim. Pois quem iria arriscar a vida, chegando perto de mim? — oráculo de Javé. ²²Vocês serão o meu povo e eu serei o Deus de vocês. ²³Eis a tempestade de Javé, seu furor se desencadeia, um furacão gira sobre a cabeça dos injustos. ²⁴A ira ardente de Javé não recuará enquanto não realizar, enquanto não executar os projetos do seu coração. Nos últimos dias, vocês compreenderão tudo.

31 ¹Nesse tempo — oráculo de Javé — eu serei o Deus de todas as tribos de Israel, e elas serão o meu povo.

²Assim diz Javé: O povo que escapa da espada encontra graça no deserto! Israel caminha para o seu repouso. ³De longe, Javé lhe apareceu: Eu ameí você com amor eterno; por isso, conservei o meu amor por você. ⁴Eu vou reconstruí-la, e você ficará construída, ó capital de Israel. Você há de sair novamente enfeitada e com pandeiros entre os grupos que dançam. ⁵De novo plantará vinhedos sobre as colinas da Samaria: e os que plantarem, eles mesmos colherão. ⁶Chegará o dia em que os guardas gritarão na montanha de Efraim: “De pé! Vamos a Sião visitar Javé, o nosso Deus”. ⁷Porque assim diz Javé: Deem vivas por Jacó, aclamem a primeira das nações! Gritem, louvem e digam: “Javé salvou o seu povo, o resto de Israel!” ⁸Eu vou trazê-los de volta lá do país do Norte, vou ajuntá-los das extremidades da terra. No meio deles estarão o cego e o aleijado, a mulher grávida junto com aquela que deu à luz, todos juntos: é uma grande assembleia de retorno! ⁹Eles partiram chorando, eu os trarei de volta entre consolos. Eu os levarei para os córregos de água, por um caminho plano, onde não tropeçarão. Serei um pai para Israel, e Efraim será o meu primogênito.

¹⁰Nações, escutem a palavra de Javé. Anunciem às ilhas distantes: “Aquele que espalhou Israel, vai ajuntá-lo de novo e vai guardá-lo como um pastor guarda o seu rebanho”. ¹¹Porque Javé resgatou Jacó, e o redimiou das mãos de um outro mais forte. ¹²Eles virão festejar na altura de Sião, afluirão para os bens de Javé: trigo, vinho, azeite e crias de ovelhas e de gado. Serão uma horta bem irrigada:

não tornarão a desfalecer. ¹³Então a jovem dançará com alegria, os velhos junto com os jovens. Mudarei o luto deles em alegria, vou consolá-los e torná-los felizes, sem aflições. ¹⁴Vou alimentar seus sacerdotes com gordura, e o meu povo se fartará com meus bens — oráculo de Javé.

¹⁵Assim diz Javé: Escutem! Ouvem-se gemidos e pranto amargo em Ramá: é Raquel que chora inconsolável por seus filhos que já não existem mais. ¹⁶Pois assim diz Javé: Segure os soluços e enxugue as lágrimas, porque há uma recompensa para a sua dor — oráculo de Javé: eles voltarão do país inimigo; ¹⁷existe esperança de um futuro — oráculo de Javé: seus filhos voltarão para a pátria. ¹⁸Eu escuto Efraim que se lamenta: “Tu me corrigiste e eu fui corrigido, como um garrote ainda não amansado. Faze-me voltar, e eu voltarei, porque tu és Javé, meu Deus. ¹⁹Afastei-me, mas depois me arrependi; e, ao entender, bati no peito. Fracassei, fiquei confuso, pois carrego a vergonha da minha juventude”. ²⁰Será que Efraim não é o meu filho predileto? Será que não é um filho querido? Quanto mais o repreendo, mais me lembro dele. Por isso, minhas entranhas se comovem, e eu cedo à compaixão — oráculo de Javé.

²¹Coloque marcos na estrada, finque estacas para sua orientação, preste atenção na estrada, no caminho que você percorreu. Volte, ó virgem de Israel, volte para as cidades que são suas. ²²Até quando você vai ficar indecisa, filha rebelde? Porque Javé está criando uma coisa nova no país: a mulher seduz o homem! [\[30,1-31,22\]](#)

Uma Aliança nova — ²³Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: No país de Judá e nas suas cidades, quando eu trazer de volta os exilados, todos voltarão a dizer: “Javé a abençoe, morada da justiça, monte santo!” ²⁴Em Judá e em suas cidades habitarão juntos os lavradores e os que pastoreiam rebanhos, ²⁵pois eu saciarei as gargantas sedentas e satisfarei os famintos. ²⁶Então, eu acordei, e vi que o meu sonho era agradável.

²⁷Eis que chegarão dias — oráculo de Javé — em que eu semearei em Israel e Judá semente de homens e semente de animais. ²⁸Assim como os vigiei para arrancar e arrasar, para demolir, desfazer e maltratar, agora vou vigiar para construir e plantar — oráculo de Javé. ²⁹Nesses dias, ninguém mais dirá: “Os pais comeram uva verde e a boca dos filhos ficou amarrada”. ³⁰Ao contrário, cada um morrerá por causa do seu próprio pecado; quem comeu uva verde sente a boca amarrar.

³¹Eis que chegarão dias — oráculo de Javé — em que eu farei uma aliança nova com Israel e Judá: ³²Não será como a aliança que fiz com seus antepassados, quando os peguei pela mão para tirá-los da terra do Egito; aliança que eles quebraram, embora fosse eu o Senhor deles — oráculo de Javé. ³³A aliança que eu farei com Israel depois desses dias é a seguinte — oráculo de Javé: Colocarei minha lei em seu peito e a escreverei em seu coração; eu serei o Deus deles, e eles serão o meu povo. ³⁴Ninguém mais precisará ensinar seu próximo ou seu irmão, dizendo: “Procure conhecer a Javé”. Porque todos, grandes e pequenos, me conhecerão — oráculo de Javé. Pois eu perdoo suas culpas e esqueço seus erros.

³⁵Assim diz Javé, aquele que estabelece o sol para iluminar o dia e ordena à lua e às estrelas para iluminarem a noite, aquele que agita o mar e as ondas rugem, aquele cujo nome é Javé dos exércitos: ³⁶Quando essas leis falharem diante de mim — oráculo de Javé — então o povo de Israel também deixará de ser diante de mim uma nação para sempre. ³⁷Assim diz Javé: Quando alguém puder medir o tamanho do céu nas alturas ou examinar com cuidado os profundos alicerces da terra, só então eu rejeitarei o povo inteiro de Israel, por causa de tudo o que ele fez — oráculo de Javé.

³⁸Eis que chegarão dias — oráculo de Javé — em que Jerusalém será reconstruída para Javé, desde a torre de Hananeel até a porta do Ângulo. ³⁹A corda de medir será estendida até a colina do Gareb e, de lá, até Goa. ⁴⁰Todo o vale dos Cadáveres e das Cinzas, até o vale do riacho do Cedron, até o ângulo da porta dos Cavalos, no lado do oriente, toda essa área estará consagrada a Javé e nunca será arrasada ou destruída. [31,23-40]

32 *A fé na promessa de Deus* — ¹Palavra que Javé dirigiu a Jeremias no décimo ano de Sedecias, rei de Judá, que corresponde ao décimo oitavo ano de Nabucodonosor. ²Nessa ocasião, o exército do rei da Babilônia estava cercando a cidade de Jerusalém e o profeta Jeremias estava preso no pátio da prisão que existia no palácio do rei de Judá. ³Sedecias, rei de Judá, o tinha lançado na prisão, acusando-o: “Você profetizou: ‘Assim diz Javé: Eu entregarei esta cidade nas mãos do rei da Babilônia e ele vai tomá-la; ⁴Sedecias, rei de Judá, não escapará das mãos dos caldeus, mas será entregue ao rei da Babilônia e terá de falar pessoalmente com ele, olhando um nos olhos do outro; ⁵Sedecias será levado para Babilônia e aí ficará até que eu olhe para ele — oráculo de Javé. Se vocês lutarem contra os caldeus, não vencerão’. Por que você profetizou

isso?”

⁶Jeremias respondeu: “Eu recebi de Javé a seguinte palavra: ⁷Hanameel, filho do seu tio Selum, está vindo dizer a você: ‘Compre o terreno que eu tenho em Anatot, porque, por direito, você tem a preferência para comprá-lo’. ⁸De acordo com a palavra de Javé, Hanameel, filho do meu tio Selum, foi me procurar onde eu estava, no pátio da prisão, e me disse: ‘Vamos! Compre o meu terreno em Anatot, no território de Benjamim, pois o direito é seu por herança; você é que deve ficar com ele. Compre-o, então’. Eu entendi que isso era uma palavra de Javé. ⁹Comprei o terreno que meu primo Hanameel tinha em Anatot. Paguei por ele duzentos gramas de prata. ¹⁰Escrevi o contrato, selei, chamei as testemunhas, depois pesei a prata numa balança. ¹¹Em seguida, peguei o contrato de compra fechado, conforme as normas legais, e também a cópia aberta. ¹²Entreguei o contrato a Baruc, filho de Nérias, neto de Maasias, na presença do meu primo Hanameel, das testemunhas que assinaram o documento e de todos os judeus que estavam no pátio da prisão. ¹³Diante de todos eles, dei a seguinte ordem a Baruc: ¹⁴‘Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Pegue esses dois contratos, o contrato de compra que está fechado e também a cópia aberta, e coloque-os dentro de um vaso de cerâmica, para que se conservem por muito tempo. ¹⁵Pois assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Nesta terra ainda se comprarão casas, campos e vinhedos’.

¹⁶Depois de entregar o contrato a Baruc, filho de Nérias, rezei a Javé: ¹⁷‘Senhor Javé! Tu fizeste o céu e a terra com teu grande poder e com teu braço estendido. Para ti nada é impossível. ¹⁸Tu praticas o amor para com milhares, mas também castigas a maldade dos pais nas costas dos filhos que vêm depois deles. Deus grande e poderoso, teu nome é Javé dos exércitos. ¹⁹Grande em projetos e poderoso em ações, teus olhos estão abertos sobre a conduta dos homens, para dar a cada um conforme a conduta deles e conforme o que merecem suas ações. ²⁰Tu fizeste sinais e prodígios no país do Egito, e até hoje ainda os fazes em Israel e entre os homens. Foi assim que ganhaste a fama que tens até hoje. ²¹Tu tiraste Israel, o teu povo, do país do Egito com sinais e prodígios, com mão forte e braço estendido, espalhando grande terror. ²²Deste a eles esta terra, que tinhas prometido com juramento aos seus antepassados, terra onde corre leite e mel. ²³Eles chegaram aqui e tomaram posse da terra, mas não te obedeceram, não se comportaram conforme a tua lei, não fizeram nada daquilo que tu lhes tinhas mandado fazer. Por isso, chamaste todas essas

desgraças contra eles. ²⁴As trincheiras dos inimigos já estão chegando até a cidade, para a tomarem. Ela cairá nas mãos dos caldeus, que a atacam com espada, fome e peste. O que disseste está acontecendo, e tu o vês. ²⁵Tu me disseste, Senhor Javé, para comprar um terreno a peso de prata e chamar testemunhas, enquanto a cidade cai nas mãos dos caldeus’.

²⁶A palavra de Javé foi dirigida a Jeremias: ²⁷Eu sou Javé, Deus de todas as criaturas. Existe algo impossível para mim? ²⁸Por isso, assim diz Javé: Estou para entregar esta cidade nas mãos dos caldeus, nas mãos de Nabucodonosor, rei da Babilônia, e ele vai tomá-la. ²⁹Os caldeus que estão guerreando contra ela entrarão nesta cidade, atearão fogo nela e queimarão as casas onde nos terraços se queimava incenso a Baal e onde se derramava vinho aos deuses estrangeiros, para me irritar. ³⁰Pois, desde a juventude, israelitas e judeus só praticaram o que eu considero errado, só me irritaram com as obras de suas mãos — oráculo de Javé. ³¹Esta cidade sempre foi para mim motivo de ira e de cólera, desde que a construíram até o dia de hoje. Terei que afastá-la da minha presença ³²por todo o mal que os israelitas e judeus fazem para me irritar; todos eles: seus reis e autoridades, sacerdotes e profetas, cidadãos de Judá e habitantes de Jerusalém. ³³Eles voltavam para mim as costas, e não o rosto. Eu os ensinava continuamente, e ninguém ouvia para aprender a lição. ³⁴Eles colocavam abominações na Casa que levava o meu nome, profanando-a; ³⁵construíram lugares altos a Baal no vale de Ben-Enom, para aí queimar seus filhos e filhas em honra de Moloc: coisa que eu nunca mandei, nem jamais passou pelo meu pensamento. Eles fizeram abominações semelhantes, ensinando Judá a pecar.

³⁶Agora, assim diz Javé, o Deus de Israel, sobre Jerusalém, cidade que foi entregue, conforme eu disse, nas mãos do rei da Babilônia, pela força da espada, da fome e da peste: ³⁷Vejam! Eu os reunirei de todos os países por onde os espalhei na minha ira, na minha cólera e no meu grande furor. Vou trazê-los de volta para este lugar, e os farei morar tranquilos. ³⁸Então eles serão o meu povo e eu serei o Deus deles. ³⁹Vou dar-lhes um só coração e um só modo de se comportar, para que me temam a vida inteira, para felicidade deles e dos filhos que vierem depois. ⁴⁰Farei com eles uma aliança eterna e nunca deixarei de fazer-lhes o bem. Colocarei no coração deles o meu temor, para que não se afastem de mim. ⁴¹O meu prazer será fazer que eles sejam felizes. Vou plantá-los de maneira estável nesta terra, com todo o meu coração e com toda a minha alma. ⁴²Pois assim diz Javé: Da mesma forma que eu fiz cair sobre este povo

essa grande desgraça, eu também lhes enviarei toda a felicidade que estou prometendo. ⁴³Comprarão campos neste país, que vocês dizem estar deserto, sem gente e sem criações, e entregue nas mãos dos caldeus. ⁴⁴Comprarão campos a peso de prata, fazendo contratos, selando e chamando testemunhas. Tudo isso, no território de Benjamim e nos arredores de Jerusalém, nas cidades de Judá e nas cidades da Montanha, nas cidades da Planície e nas cidades do Negueb, porque eu vou mudar a sorte deles — oráculo de Javé”. [32,1-44]

33 *O amor de Javé é para sempre* — ¹Quando ainda estava detido na prisão, Jeremias recebeu novamente a palavra de Javé: ²Assim diz Javé, que fez a terra e lhe deu forma, fazendo dela uma coisa firme; o seu nome é Javé: ³Chame por mim que eu lhe responderei, anunciando coisas grandiosas e sublimes, que você não conhece. ⁴Pois assim diz Javé, o Deus de Israel, sobre as casas desta cidade e os palácios dos reis de Judá, agora arrasados pelas trincheiras e pela espada: ⁵Agora os caldeus vêm para batalhar contra a cidade e para cobri-la de cadáveres, porque eu a feri com ira e cólera, e para esta cidade escondi o meu rosto, por causa de todas as suas maldades. ⁶Vejam! Eu mesmo vou trazer para ela restabelecimento e cura, e lhe mostrarei uma abundância de paz e fidelidade. ⁷Mudarei a sorte de Judá e Israel, e farei que eles cresçam como antigamente. ⁸Eu vou purificá-los de toda injustiça com que pecaram contra mim, e vou perdoar todas as injustiças que cometeram contra mim. ⁹Jerusalém será para mim nome de alegria, louvor e honra, por entre todas as nações da terra que ouvirem falar de todo o bem que eu lhe fiz. Elas serão tomadas de temor e respeito diante de todo o bem e de toda a felicidade que eu vou dar a Jerusalém.

¹⁰Assim diz Javé: Vocês dizem que as cidades de Judá e as ruas desertas de Jerusalém são um lugar arrasado, sem gente, sem morador e sem criações. Pois bem, neste mesmo lugar se ouvirão novamente ¹¹o som da música, os gritos de alegria, a voz do noivo e da noiva, a voz dos que cantam ao entrar com ação de graças no Templo de Javé: “Agradeçam a Javé dos exércitos, porque ele é bom, porque o seu amor é para sempre”. Pois eu mudarei a sorte deste país, farei voltar ao que era antes, diz Javé.

¹²Assim diz Javé dos exércitos: Neste lugar agora arruinado, sem gente e sem criações, e também em todas as suas cidades haverá pastagens, onde os pastores farão suas ovelhas repousar. ¹³Nas cidades da Montanha e nas cidades da Planície, nas cidades do Negueb e no território de Benjamim, nos arredores de Jerusalém e nas cidades de Judá, as ovelhas ainda vão desfilar ao alcance da mão

de quem as conta, diz Javé. [33,1-13]

Não percam a esperança — ¹⁴Eis que chegarão dias — oráculo de Javé — em que eu cumprirei as promessas que fiz à casa de Israel e à casa de Judá. ¹⁵Nesses dias e nesse tempo, farei brotar para Davi um broto justo, que exercerá o direito e a justiça no país. ¹⁶Nesses dias, Judá será salvo e Jerusalém viverá tranquila e será chamada “Javé, nossa justiça”. ¹⁷Porque assim diz Javé: Não faltará um descendente de Davi para se assentar no trono da casa de Israel. ¹⁸Também não faltará um descendente dos sacerdotes e levitas para oferecer em minha presença holocaustos, incensar as ofertas e oferecer sacrifícios todos os dias.

¹⁹Javé dirigiu a palavra a Jeremias: ²⁰Assim diz Javé: Se vocês puderem romper a minha aliança com o dia e com a noite, de modo que já não haja mais dia e noite no tempo certo, ²¹também será rompida a minha aliança com o meu servo Davi, de modo que lhe falte um descendente no trono, e a aliança com os levitas sacerdotes que me servem. ²²Multiplicarei a descendência do meu servo Davi e dos levitas que me servem, como as estrelas do céu que não dá para contar, como a areia da praia que ninguém pode calcular.

²³Javé dirigiu a palavra a Jeremias: ²⁴Vo-cê não ouve o que essa gente diz? Eles dizem: “Javé rejeitou as duas famílias que havia escolhido”. Assim desprezam o meu povo e não o consideram como nação. ²⁵Assim diz Javé: Como é certo que eu criei o dia e a noite e estabeleci as leis do céu e da terra, ²⁶também é certo que não rejeitarei a descendência de Javé e de meu servo Davi, deixando de escolher entre seus descendentes os chefes da descendência de Abraão, Isaac e Jacó. Porque eu mudarei a sorte deles, e deles terei compaixão. [14-26]

4. Textos diversos

34 *A única saída* — ¹Quando Nabucodonosor, rei da Babilônia, estava guerreando contra Jerusalém e as outras cidades que dela dependem, acompanhado não só com o seu exército, mas também com os reis dos países que ele tinha dominado e com seus exércitos, Javé dirigiu a palavra a Jeremias: ²Assim diz Javé, o Deus de Israel: Fale com Sedecias, rei de Judá, e diga-lhe: Assim diz Javé: Eu estou para entregar esta cidade nas mãos do rei da Babilônia, para que a incendeie. ³Você não escapará das mãos dele, mas será preso e entregue nas mãos dele: você terá que olhar nos olhos do rei da Babilônia e falar pessoalmente com ele, e depois será levado para a Babilônia. ⁴Sedecias, rei de Judá, ouça a palavra de Javé: Assim diz Javé: Você não morrerá pela espada; ⁵morrerá em paz. Da mesma forma como se queimam perfumes por seus antepassados, aqueles reis que o precederam, também se queimarão perfumes por você, e também lamentarão por você cantando: “Ah, Majestade!” Sou eu quem o declaro — oráculo de Javé.

⁶O profeta Jeremias falou tudo isso ao rei Sedecias, rei de Judá em Jerusalém. ⁷O exército do rei da Babilônia estava atacando Jerusalém e outras cidades de Judá: Laquis e Azeca, as duas últimas fortalezas que ainda resistiam. [34,1-7]

Libertação ou manipulação — ⁸Palavra que Javé dirigiu a Jeremias depois que o rei Sedecias fez um acordo com todo o povo que havia em Jerusalém, para proclamar a liberdade dos escravos: ⁹cada um deveria dar liberdade ao seu escravo ou escrava hebreu ou hebreia, para que nenhum judeu fosse escravo do seu irmão. ¹⁰As autoridades todas e também todo o povo respeitaram o acordo que tinham feito de cada um dar liberdade aos seus escravos e escravas, de modo a não mais escravizarem uns aos outros. Obedeceram e os puseram em liberdade. ¹¹Mas depois disso, eles voltaram atrás e fizeram voltar de novo seus escravos e escravas, que tinham libertado, e os submeteram de novo à escravidão. ¹²Então Javé dirigiu a palavra a Jeremias: ¹³Assim diz Javé, o Deus de Israel: Eu mesmo fiz uma aliança com os antepassados de vocês, quando os tirei da terra do Egito, da casa da escravidão, dizendo: ¹⁴“Ao fim de cada sete anos, cada um dará liberdade ao seu irmão hebreu, que havia comprado e que já lhe havia servido durante seis anos. Deve dar-lhe então a liberdade”. Mas os antepassados de vocês não me escutaram nem me obedeceram. ¹⁵Hoje vocês haviam se

convertido para fazer o que eu aprovo: cada um proclamar a liberdade do seu próximo e fazer uma aliança sobre isso na minha presença, no Templo em que o meu nome é invocado. ¹⁶Mas depois vocês recuaram e profanaram o meu nome, ao trazer de volta os escravos e escravas que tinham libertado, submetendo-os de novo à escravidão. ¹⁷Por isso, assim diz Javé: Já que vocês não me obedeceram quando eu mandei que cada um desse liberdade ao seu irmão e ao seu próximo, então agora eu proclamarei a liberdade — oráculo de Javé — para a espada, a fome e a peste. Vou fazer de vocês uma coisa que causa espanto entre os reinos da terra. ¹⁸Aqueles homens não respeitaram a minha aliança: não cumpriram a palavra da aliança que fizeram comigo. Vou fazê-los ter a sorte do novilho que cortaram ao meio e passaram entre as duas metades. ¹⁹Quanto aos chefes de Judá e Jerusalém, aos funcionários, sacerdotes e pessoas do povo que passaram entre as metades do novilho, ²⁰vou entregá-los nas mãos de seus inimigos, daqueles que querem a morte deles. Seus cadáveres servirão de comida para as aves do céu e para as feras da terra. ²¹Quanto a Sedecias, rei de Judá, e a seus chefes, também vou entregá-los nas mãos de seus inimigos, dos que querem a morte deles: o exército do rei da Babilônia, que agora se afastou de vocês. ²²Eu os mandei — oráculo de Javé — e vou trazê-los de volta contra esta cidade, para atacá-la, conquistá-la e incendiá-la. Também transformarei as cidades de Judá num deserto, sem habitante nenhum. [8-22]

35 *Um exemplo de fidelidade* — ¹Palavra que Javé dirigiu a Jeremias na época de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá: ²“Vá aonde moram os recabitas, converse com eles e traga-os até o Templo de Javé, até uma das salas, para fazê-los beber vinho”.

³Tomei, então, Jezonias, filho de Jeremias, neto de Habsanias, junto com seus irmãos e filhos, toda a família dos recabitas. ⁴Levei-os ao Templo de Javé, até a sala de Ben-Joanã, filho de Jegdalias, o homem de Deus, ao lado da sala dos chefes, em cima da sala de Maasias, filho de Selum, o porteiro. ⁵Coloquei diante dos recabitas jarras cheias de vinho e cálices, dizendo: “Bebam vinho”. ⁶Eles responderam: “Não bebemos vinho, pois o nosso antepassado Jonadab, filho de Recab, deu-nos esta ordem: ‘Não bebam vinho, nem vocês nem seus filhos, para sempre. ⁷Também não construam casas, nem plantem cereais, nem formem vinhedos. Nada disso vocês terão, pois habitarão em tendas todos os dias da vida, para que assim vivam bastante sobre esta terra, onde vocês vivem como forasteiros’. ⁸Nós obedecemos sempre ao que nos mandou o nosso antepassado

Jonadab, filho de Recab: durante a vida toda jamais bebemos vinho, nem nós, nem nossas esposas, nem nossos filhos ou filhas; ⁹não construímos casas para morar e não temos vinhedos ou qualquer terreno plantado; ¹⁰moramos em tendas, obedecemos e fazemos tudo conforme nos mandou nosso antepassado Jonadab. ¹¹Agora, quando Nabucodonosor, rei da Babilônia, invadiu o país, dissemos: ‘Vamos entrar em Jerusalém, para fugir do exército dos caldeus e dos arameus’. É por isso que viemos morar em Jerusalém”.

¹²Então Javé dirigiu a palavra a Jeremias: ¹³Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Vá dizer ao cidadão de Judá e ao habitante de Jerusalém: Será que vocês não vão aprender a lição, nem obedecer à minha palavra? — oráculo de Javé. ¹⁴Cumpre-se a ordem de Jonadab, filho de Recab, que proibiu seus filhos de beberem vinho, e eles não bebem vinho até hoje, porque obedecem às ordens do antepassado deles. E ao contrário, falei com vocês, tornei a falar, e vocês não me obedecem. ¹⁵Eu tenho mandado continuamente os meus servos, os profetas, para dizer a vocês: “Cada um se converta de sua má conduta e corrija suas ações; não sigam e nem sirvam os deuses estrangeiros; só assim vocês continuarão morando na terra que eu dei a vocês e a seus antepassados”. Mas vocês não quiseram me escutar, nem me obedeceram. ¹⁶Os filhos de Jonadab, filho de Recab, observam as ordens do antepassado deles, mas este povo não faz caso de mim. ¹⁷Por isso, assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Farei cair sobre Judá e sobre os moradores de Jerusalém toda a desgraça com que os ameacei, porque falei com eles e não me obedeceram: chamei-os e não me responderam.

¹⁸Quanto à família dos recabitas, assim disse Jeremias: “Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Porque vocês obedecem às ordens do Jonadab, antepassado de vocês, e observam tudo o que ele ordenou e fazem tudo de acordo com as ordens dele, ¹⁹assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Para Jonadab, filho de Recab, nunca faltará alguém que esteja sempre na minha presença”. [35,1-19]

IV. SOFRIMENTOS DE JEREMIAS

36 *O destino da palavra profética* — ¹No quarto ano de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá, Javé dirigiu esta palavra a Jeremias: ²Tome um pergaminho e escreva nele tudo o que eu lhe disse sobre Israel, sobre Judá e todas as nações, desde o dia em que comecei a falar com você, no tempo de Josias, até hoje. ³Quem sabe a gente de Judá toma conhecimento de toda a desgraça que eu estou planejando fazer contra eles, para ver se cada um se converte de sua má conduta e eu possa perdoar suas faltas e pecados.

⁴Então Jeremias chamou Baruc, filho de Nérias, que escreveu num pergaminho tudo o que Javé tinha dito a Jeremias e que este ia ditando. ⁵Depois Jeremias disse a Baruc: “Estou preso e não posso ir ao Templo de Javé. ⁶Vá você e leia neste pergaminho as palavras de Javé, que eu ditei e você escreveu. Leia para que o povo possa ouvir, quando ele estiver no Templo de Javé no dia do jejum. Leia em voz alta também para todos os de Judá que vêm de suas cidades. ⁷Talvez eles se humilhem com súplicas diante de Javé, e cada um se converta de sua má conduta, pois é grande a ira e o furor que Javé demonstra contra esse povo”. ⁸Baruc, filho de Nérias, fez como o profeta Jeremias lhe ordenara, e leu no Templo as palavras de Javé.

⁹No nono mês do quinto ano de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá, foi convocado um jejum em honra de Javé para todo o povo de Jerusalém e para todos os que vinham das outras cidades de Judá para Jerusalém. ¹⁰Então Baruc leu, no Templo de Javé, para o povo todo ouvir, as palavras de Jeremias que ele tinha escrito no pergaminho. Baruc estava no compartimento de Gamarias, filho do escrivão Safã, no balcão de cima, à entrada da Porta Nova do Templo de Javé. ¹¹Miqueias, filho de Gamarias e neto de Safã, ouviu as palavras de Javé lidas no pergaminho. ¹²Em seguida, ele desceu até o palácio do rei e foi ao compartimento do escrivão. Aí encontrou todas as autoridades: o escrivão Elisama; Dalaías, filho de Semeías, Elnatã, filho de Acobor; Gamarias, filho de Safã; Sedecias, filho de Hananias; e outras autoridades. ¹³Miqueias contou-lhes tudo o que tinha ouvido, quando Baruc leu o pergaminho na presença do povo.

¹⁴Essas autoridades enviaram, então, Judi, filho de Natanas, e Selemias, filho de Cusi, para dizerem a Baruc que pegasse o pergaminho que tinha lido para o povo e fosse aonde eles estavam. Baruc, filho de Nérias, pegou o pergaminho e foi procurá-los. ¹⁵Eles lhe disseram: “Agora sente-se aí e leia para nós”. Baruc

leu para eles ouvirem. ¹⁶Quando acabaram de ouvir tudo, olharam assustados uns para os outros, e disseram a Baruc: “Temos que contar para o rei tudo o que está escrito aí!” ¹⁷E perguntaram a Baruc: “Conte-nos: como foi que você escreveu tudo isso?” ¹⁸Baruc respondeu: “Jeremias foi ditando para mim e eu fui escrevendo tudo a tinta no pergaminho”. ¹⁹Então as autoridades disseram a Baruc: “Vá e esconda-se com Jeremias. E que ninguém fique sabendo onde vocês estão”. ²⁰Depois foram encontrar o rei no pátio do palácio. Deixaram o pergaminho no compartimento do escrivão Elisama, e contaram tudo ao rei.

²¹Imediatamente o rei mandou que Judi fosse buscar o pergaminho. Ele pegou o pergaminho na sala do escrivão Elisama e leu para o rei e para as autoridades que estavam junto dele. ²²O rei estava na ala de inverno do palácio, pois era o nono mês; e havia um braseiro aceso diante do rei. ²³Cada vez que Judi acabava de ler três ou quatro colunas do pergaminho, o rei cortava os pedaços com a faca do escrivão e os atirava no fogo do braseiro. Fez assim até que todo o pergaminho foi queimado no braseiro. ²⁴Ninguém se impressionou, ninguém rasgou as vestes, nem o rei nem os seus ministros, ao ouvirem aquelas palavras. ²⁵Somente Elnatã, Dalaías e Gamarias pediram ao rei para não queimar o pergaminho, mas ele não lhes deu ouvidos. ²⁶Por fim, o rei mandou Jeremiel, oficial do palácio, Saraías, filho de Azriel, e Selemias, filho de Abdeel, que fossem prender o escrivão Baruc e o profeta Jeremias. Javé, porém, os escondeu.

²⁷Depois que o rei queimou o pergaminho que continha as palavras escritas por Baruc e ditadas por Jeremias, Javé dirigiu esta palavra a Jeremias: ²⁸Pegue de novo outro pergaminho e escreva nele tudo o que estava escrito no primeiro pergaminho que Joaquim, rei de Judá, queimou. ²⁹Você deverá dizer o seguinte a Joaquim, rei de Judá: Assim diz Javé: Você queimou o pergaminho, dizendo: “Por que você escreveu nele que o rei da Babilônia virá sem dúvida nenhuma destruir este país e dele fará desaparecer os homens e os rebanhos”? ³⁰Por isso, assim diz Javé sobre Joaquim, rei de Judá: Ele não terá um descendente no trono de Davi. O seu cadáver ficará exposto ao calor do dia e ao frio da noite. ³¹Eu castigo nele, na sua família e nos seus ministros, os pecados que cometeram; trarei para eles, para os habitantes de Jerusalém e para os cidadãos de Judá, todas as desgraças de que eu falei e eles não quiseram ouvir.

³²Jeremias pegou então outro pergaminho e o entregou ao escrivão Baruc, filho de Nerias, que escreveu tudo o que estava no pergaminho que Joaquim, rei de Judá, havia queimado. Acrescentou ainda muitas outras palavras semelhantes.

37 *Não se iludam* — ¹Sedecias, filho de Josias, sucedeu no trono a Jeconias, filho de Joaquim. Sedecias foi nomeado rei de Judá por Nabucodonosor, rei da Babilônia. ²Mas nem Sedecias, nem seus ministros, nem os proprietários de terra obedeceram ao que Javé tinha dito por meio do profeta Jeremias.

³O rei Sedecias mandou Jucal, filho de Selemias, e o sacerdote Sofonias, filho de Maasias, levarem a Jeremias o seguinte recado: “Reze por nós a Javé, o nosso Deus”. ⁴Jeremias podia andar livremente no meio do povo, pois eles ainda não o tinham posto na prisão. ⁵O exército do Faraó tinha saído do Egito, e quando os caldeus, que estavam cercando Jerusalém, ouviram a notícia, abandonaram o cerco da cidade.

⁶Então Javé dirigiu esta palavra a Jeremias: ⁷“Assim diz Javé, o Deus de Israel: Ao rei de Judá, que mandou me procurar, você dirá: Fique sabendo que o exército do Faraó, que se pôs em marcha para vir ajudar vocês, acaba de voltar para o seu país, o Egito. ⁸Os caldeus voltarão para atacar esta cidade, ocupá-la e incendiá-la. ⁹Assim diz Javé: Não se iludam pensando que os caldeus acabarão o cerco, pois eles não irão embora. ¹⁰E mesmo que vocês arrasassem todo o exército dos caldeus que está em guerra contra vocês, e só deixassem sobrar feridos, cada um deles se levantaria de sua tenda para incendiar esta cidade”.

¹¹Quando o exército dos caldeus se afastou de Jerusalém, por medo do exército do Faraó, ¹²Jeremias saiu de Jerusalém para ir ao território de Benjamim, receber uma herança de seus parentes. ¹³Quando ele se encontrava na porta de Benjamim, estava aí um chefe da guarda chamado Jerias, filho de Selemias, neto de Hananias, que o prendeu, dizendo: “Você está passando para o lado dos caldeus!” ¹⁴Jeremias respondeu: “É mentira! Claro que não estou passando para o lado dos caldeus!” Jerias, porém, não acreditou e prendeu Jeremias, levando-o em seguida às autoridades. ¹⁵As autoridades ficaram indignadas com Jeremias. Depois de torturá-lo, o prenderam na casa do escrivão Jônatas, que eles tinham transformado em cadeia. ¹⁶Jeremias foi levado para uma cela subterrânea, onde ficou preso por muito tempo.

¹⁷O rei Sedecias mandou buscar Jeremias. No seu palácio, secretamente, o rei lhe perguntou: “Você tem alguma palavra de Javé?” Jeremias respondeu: “Tenho: você vai ser entregue nas mãos do rei da Babilônia”. ¹⁸Depois Jeremias disse ao rei Sedecias: “Que mal eu fiz a você ou a seus ministros, ou a este povo, para que vocês me mandassem colocar na prisão? ¹⁹Onde é que estão os profetas

de vocês que diziam: ‘O rei da Babilônia não virá contra vocês, nem invadirá o país’? ²⁰Agora, por favor, que Vossa Majestade me atenda, e que a minha súplica chegue até o rei: não me mande de volta para a casa do escrivão Jônatas, não me deixe morrer aí!” ²¹O rei Sedecias mandou deixar Jeremias no pátio da prisão e dar-lhe todo dia um pão vindo da rua dos padeiros, enquanto houvesse pão na cidade. Foi assim que Jeremias ficou no pátio da prisão. [37,1-21]

38 *O profeta não se cala* — ¹Safatias, filho de Matã; Gedalias, filho de Fassur; Jucal, filho de Selemias; e Fassur, filho de Melquias, ouviram o que Jeremias disse a todo o povo: ²“Assim diz Javé: quem ficar nesta cidade morrerá pela espada, pela fome e pela peste; quem passar para os caldeus, será tomado como despojo, mas conservará a vida. ³Assim diz Javé: Esta cidade será entregue nas mãos do exército do rei da Babilônia, para que a conquiste”.

⁴Então os altos funcionários disseram ao rei: “Mande matar esse homem, pois ele, falando assim, está desencorajando os soldados que ainda restam nesta cidade e também todo o povo. Este homem não busca o bem do povo e sim a desgraça!” ⁵O rei Sedecias respondeu: “Ele está nas mãos de vocês, pois o rei não tem força nenhuma contra vocês”.

⁶Então eles pegaram Jeremias e, com uma corda, o puseram dentro do poço do príncipe real Melquias, no pátio da prisão. Como no poço não havia água, mas só barro, Jeremias ficou atolado no barro. ⁷O etíope Ebed-Melec, que era eunuco e servia no palácio do rei, ouviu falar que eles tinham colocado Jeremias no poço. Enquanto o rei estava sentado junto à porta de Benjamim, ⁸Ebed-Melec saiu do palácio e disse ao rei: ⁹“Majestade, esses homens agiram mal contra o profeta Jeremias, jogando-o no poço: ali ele vai morrer de fome, pois não existe mais pão na cidade”. ¹⁰Então o rei ordenou a Ebed-Melec, o etíope: “Leve com você três homens e tirem o profeta Jeremias do poço, antes que ele morra”. ¹¹Ebed-Melec levou os homens, entraram no palácio, foram até o porão, onde pegaram uns trapos e uns panos velhos. Depois, jogaram esses trapos na ponta de uma corda para Jeremias. ¹²Ebed-Melec, o etíope, disse a Jeremias: “Coloque esses panos velhos debaixo do braço, onde vai passar a corda”. Assim fez Jeremias. ¹³Então puxaram Jeremias pela corda, tirando-o do poço. E Jeremias ficou no pátio da prisão. [38,1-13]

Conciliação impossível — ¹⁴O rei Sedecias mandou buscar o profeta Jeremias na terceira entrada do Templo de Javé. O rei disse a Jeremias: “Vou perguntar-

lhe uma coisa: não me esconda nada”. ¹⁵Jeremias respondeu: “Se eu lhe falar, você certamente me matará, e se eu lhe der um conselho, você não ouvirá”. ¹⁶O rei Sedecias jurou em segredo a Jeremias: “Pela vida de Javé, que nos deu a vida: não o matarei nem o entregarei nas mãos desses homens que estão querendo matá-lo”. ¹⁷Então Jeremias disse ao rei Sedecias: “Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Se você sair da cidade para se entregar aos generais do rei da Babilônia, você conservará a vida, e esta cidade não será incendiada; você e sua família conservarão a vida. ¹⁸Se você não se entregar aos generais do rei da Babilônia, esta cidade cairá nas mãos dos caldeus, que a incendiarão, e você não escapará”. ¹⁹O rei Sedecias disse: “Tenho medo dos judeus que passaram para o lado dos caldeus; temo ser entregue nas mãos deles e que me maltratem”. ²⁰Jeremias disse: “Não vão entregá-lo. Preste atenção nesta palavra de Javé, que eu lhe transmiti: Tenha confiança, e você salvará a sua vida. ²¹Se você não estiver disposto a se entregar, este é o oráculo que Javé me comunicou: ²²Todas as mulheres que sobrarem na corte do rei de Judá serão levadas para os generais do rei da Babilônia, e cantarão assim: ‘Os seus bons amigos o enganaram e o venceram; afundaram os pés de você na lama e foram embora!’ ²³As mulheres e os filhos de você vão ser levados para os caldeus e nem você escapará das mãos deles; ao contrário, você vai ficar prisioneiro do rei da Babilônia e esta cidade será incendiada”. ²⁴Sedecias disse a Jeremias: “Que ninguém fique sabendo dessa mensagem, senão você morre. ²⁵Se os chefes souberem que eu estive conversando com você, e vierem lhe perguntar: ‘Conte-nos o que foi que você disse ao rei e o que ele disse a você; não esconda nada, que nós não vamos matá-lo’, ²⁶você então responderá: ‘Eu estava pedindo ao rei que não me mandasse de volta para a casa de Jônatas, para não morrer aí’ ”.

²⁷Todos os chefes foram procurar Jeremias para fazer-lhe perguntas, mas ele respondeu tudo de acordo com o que o rei lhe tinha mandado falar. Eles, então, ficaram quietos, pois a conversa não fora ouvida. ²⁸Jeremias ficou no pátio da prisão até a tomada de Jerusalém. [14-28]

39 *Queda de Jerusalém* — ¹No décimo mês do nono ano de Sedecias, rei de Judá, chegou a Jerusalém Nabucodonosor, rei da Babilônia, com todo o seu exército, e cercou a cidade. ²Foi no nono dia do quarto mês do décimo primeiro ano de Sedecias que ele conseguiu abrir uma brecha para entrar na cidade. ³Por aí entraram os oficiais do rei da Babilônia, que se colocaram na porta do Meio.

Eram eles: Nergalsareser, Samgar-Nabu, Sar-Saquim, chefe dos eunucos, Nergalsareser, grande mago, e todos os outros oficiais do rei da Babilônia.

⁴Sedecias, rei de Judá, e seus soldados, quando viram tudo isso, tentaram fugir. Saíram da cidade à noite pelo jardim do rei, que vai dar na porta entre as duas muralhas, e se dirigiram para o deserto. ⁵Mas o exército dos caldeus os perseguiu, e alcançou Sedecias nas planícies de Jericó. Prenderam o rei Sedecias e o levaram a Nabucodonosor, rei da Babilônia, que estava em Rebla, na região de Emat, e que aí mesmo decretou a sentença de Sedecias. ⁶O rei da Babilônia mandou matar os filhos de Sedecias aí mesmo em Rebla, diante dos olhos de Sedecias; e mandou matar também os nobres de Judá. ⁷Em seguida, furou os olhos de Sedecias e o algemou, a fim de levá-lo para a Babilônia.

⁸Quanto ao palácio do rei e às casas particulares, os caldeus incendiaram tudo e derrubaram as muralhas de Jerusalém. ⁹Nabuzardã, chefe da guarda, mandou para a Babilônia o resto da população que ainda tinha ficado na cidade, os desertores que se entregaram a ele e os artistas profissionais que ainda havia. ¹⁰Os mais pobres do povo, os que não possuíam nada, Nabuzardã os deixou na terra de Judá e deu-lhes vinhas e terra para cultivar.

¹¹Quanto a Jeremias, Nabucodonosor, o rei da Babilônia, deu a seguinte ordem a Nabuzardã, chefe da guarda: ¹²“Você mesmo vai buscá-lo e cuidar dele. Não lhe faça mal nenhum; ao contrário, faça tudo conforme ele pedir”. ¹³Nabuzardã, chefe da guarda; o comandante Nabusezbã, oficial superior; Nergalsareser, grande mago; e os outros oficiais do rei da Babilônia ¹⁴mandaram tirar Jeremias do pátio da prisão e o entregaram a Godolias, filho de Aicam, neto de Safã, para que o levasse para casa. E Jeremias ficou livre, no meio do povo.

¹⁵Enquanto Jeremias estava preso no pátio da prisão, Javé lhe dirigiu a seguinte palavra: ¹⁶“Vá dizer ao etíope Ebed-Melec: Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Eis que vou cumprir contra esta cidade as minhas palavras, para desgraça e não para salvação. Nesses dias, tudo vai se realizar diante de você. ¹⁷No entanto, nesse dia eu livrarei você — oráculo de Javé. E você não cairá nas mãos desses homens, dos quais você tem medo. ¹⁸Farei com que você escape e não caia sob a espada. Você terá a sua vida como despojo, porque confiou em mim — oráculo de Javé”. [39,1-18]

40 *O profeta não é oportunista* — ¹Palavra que Javé dirigiu a Jeremias, depois que Nabuzardã, chefe da guarda, o enviou de volta de Ramá, onde ele estava amarrado na corrente junto com os presos de Judá e Jerusalém, que

estavam sendo levados para o exílio na Babilônia. ²Ao tirá-lo do meio dos prisioneiros, o chefe da guarda lhe disse: “Javé, o seu Deus, predisse esta desgraça para este lugar, ³e a realizou. Javé fez conforme havia falado, pois vocês pecaram contra ele e não lhe obedeceram. Foi por esse motivo que aconteceu tudo isso a vocês. ⁴Eu soltei as algemas do seu pulso. Se você acha bom ir para a Babilônia comigo, vamos, que eu olharei por você. Mas se você não acha bom ir comigo para a Babilônia, pode ficar: o país inteiro está aí à sua frente, pode ir para onde você achar melhor e mais correto”. ⁵Antes de Jeremias tomar um rumo, o chefe da guarda continuou: “Você pode ir para a casa de Godolias, filho de Aicam, neto de Safã, que o rei da Babilônia colocou como governador das cidades de Judá. Pode ficar com ele, no meio do povo. Ou então, pode ir para onde achar preferível”. O chefe da guarda deu-lhe provisões e presentes, e o deixou livre. ⁶Jeremias foi para a casa de Godolias, filho de Aicam, em Masfa, e ficou com ele, vivendo no meio do povo que ficara no país. [40,1-6]

Esperança de renovação — ⁷Os comandantes das guarnições que estavam fora da cidade, juntamente com todos os seus homens, ficaram sabendo que o rei da Babilônia tinha colocado Godolias, filho de Aicam, como governador, e que tinha confiado a ele os homens, mulheres e crianças, e os pobres do país que não tinham sido levados para o exílio na Babilônia. ⁸Ismael, filho de Natânias; Joaná e Jônatas, filhos de Carea; Saraías, filho de Taneumet; os filhos de Ofi de Netofa; e Jezonias, filho de Maacati, foram procurar Godolias em Masfa. Foram eles e seus comandados. ⁹Godolias, filho de Aicam, neto de Safã, jurou para eles e seus comandados: “Não tenham medo de servir aos caldeus. Permaneçam na terra e sirvam ao rei da Babilônia, e tudo irá bem para vocês. ¹⁰Quanto a mim, fiquei aqui em Masfa como responsável diante dos caldeus que vêm até nós. E vocês, vão fazer a colheita do vinho, das frutas e do azeite; encham suas vasilhas e fiquem nas cidades que vocês estão ocupando”.

¹¹Também os judeus que estavam em Moab, entre os amonitas, em Edom e outras regiões, ouviram falar que o rei da Babilônia tinha deixado um resto em Judá e que havia colocado Godolias, filho de Aicam, neto de Safã, como governador deles. ¹²Então começaram a voltar judeus de todos os lugares por onde haviam se espalhado; entraram em Judá, junto a Godolias, em Masfa, e fizeram uma colheita muito abundante de vinho e frutas. [7-12]

Fanatismo irresponsável — ¹³Joanã, filho de Carea, e os comandantes do exército que estavam no interior, foram procurar Godolias em Masfa. ¹⁴Disseram-lhe: “Você sabe que Baalis, rei dos amonitas, mandou Ismael, filho de Natânias, matar você?” Mas Godolias, filho de Aicam, não acreditou neles. ¹⁵Mesmo assim, Joanã, filho de Carea, falou em particular a Godolias, em Masfa: “Eu vou matar Ismael, filho de Natânias, e ninguém ficará sabendo. Por que ele haveria de matar você? Por que todos esses judeus que se reuniram em torno de você teriam de se espalhar? Por que seria destruído o resto de Judá?” ¹⁶Mas Godolias, filho de Aicam, respondeu a Joanã, filho de Carea: “Não faça isso, pois o que você está falando de Ismael é falso”.

41 ¹No sétimo mês, Ismael, filho de Natânias, neto de Elisama, de estirpe real, foi com dez homens à procura de Godolias, filho de Aicam, em Masfa. E enquanto comiam juntos em Masfa, ²Ismael, filho de Natânias, e os dez homens que estavam com ele atacaram de espada a Godolias, filho de Aicam, neto de Safã. Foi assim que mataram aquele que o rei da Babilônia tinha colocado como governador no país. ³Ismael matou também todos os judeus que estavam com Godolias em Masfa, bem como os soldados caldeus que aí se encontravam.

⁴No dia seguinte ao assassinato de Godolias, ninguém ainda sabia. ⁵Foram, então, uns oitenta homens de Siquém, de Silo e de Samaria, com a barba raspada, roupas rasgadas e ferimentos no corpo; levavam ofertas e incenso para o Templo de Javé. ⁶Ismael, filho de Natânias, saiu de Masfa ao encontro deles, fora da cidade, andando e chorando. Ao encontrá-los, disse: “Venham até onde está Godolias, filho de Aicam”. ⁷Logo, porém, que eles chegaram ao centro da cidade, Ismael, filho de Natânias, junto com seus homens, estrangulou-os e mandou jogar os corpos dentro de uma cisterna. ⁸Houve, porém, dez desses homens que disseram a Ismael: “Não nos mate! Nós temos trigo, cevada, azeite e mel escondidos no mato”. Então Ismael parou e não matou esses dez junto com seus irmãos. ⁹A cisterna onde Ismael jogou os corpos dos homens que ele matou é aquela grande que o rei Asa fizera por medo de Baasa, rei de Israel. Foi essa cisterna que Ismael, filho de Natânias, encheu com os cadáveres dos homens que matou. ¹⁰Depois Ismael aprisionou todo o resto do povo que estava em Masfa: desde as filhas do rei até o povo que ficou em Masfa e que Nabuzardã, chefe da guarda, tinha confiado a Godolias, filho de Aicam. Ismael, filho de Natânias, levou-os como prisioneiros e partiu para o país dos amonitas.

¹¹Joanã, filho de Carea, e os outros comandantes das guarnições, seus

companheiros, ouviram falar de todos os crimes que Ismael, filho de Natânias, havia praticado. ¹²Convocaram, então, todos os seus soldados e partiram para atacar Ismael, filho de Natânias. E o alcançaram perto da represa grande de Gabaon. ¹³Todo o pessoal que estava com Ismael, quando viu Joanã, filho de Carea, e todos os comandantes das guarnições que estavam com ele, ficou muito contente. ¹⁴Então todo esse pessoal que Ismael levava cativo desde Masfa, deu meia volta e passou para o lado de Joanã, filho de Carea. ¹⁵Ismael, filho de Natânias, ainda conseguiu escapar de Joanã, junto com oito homens, e foi para o país dos amonitas.

¹⁶Então Joanã, filho de Carea, e todos os comandantes de guarnições que estavam com ele, reuniram todo o resto do povo que Ismael, filho de Natânias, tinha levado como prisioneiro desde Masfa, depois de ter assassinado Godolias, filho de Aicam. Eram homens guerreiros, mulheres, crianças e eunucos, que foram libertados em Gabaon. ¹⁷Partiram e fizeram uma parada no refúgio de Camaã, perto de Belém, para depois seguirem a caminho do Egito, ¹⁸pois estavam com medo dos caldeus, porque Ismael, filho de Natânias, tinha matado Godolias, filho de Aicam, que o rei da Babilônia colocara como governador do país. [40,13-41,18]

42 *O antiêxodo* — ¹Os comandantes, junto com Joanã, filho de Carea, e Azarias, filho de Osaías, com todo o povo, grandes e pequenos, foram procurar Jeremias ²e lhe disseram: “Nós lhe suplicamos, por favor: interceda junto a Javé, o seu Deus, por nós e por este resto, pois de muitos sobramos poucos, como você mesmo pode ver. ³Que Javé, o seu Deus, nos mostre o caminho que devemos seguir e o que devemos fazer”. ⁴O profeta Jeremias respondeu: “De acordo. Vou interceder junto a Javé, Deus de vocês, conforme vocês estão pedindo. Então tudo o que Javé mandar responder a vocês, eu falarei, sem esconder coisa alguma”. ⁵Eles disseram a Jeremias: “Que o próprio Javé seja testemunha verdadeira e correta contra nós, se não agirmos conforme a palavra que Javé, o seu Deus, mandar você nos dizer. ⁶Seja coisa boa, seja coisa ruim, obedeceremos a Javé, o nosso Deus, a quem enviamos você, para que tudo nos corra bem, se obedecermos a Javé, o nosso Deus”.

⁷Depois de dez dias, a palavra de Javé foi dirigida a Jeremias. ⁸Então ele chamou Joanã, filho de Carea, os comandantes de guarnições que o acompanhavam e também todo o povo, pequenos e grandes, ⁹e disselhes: Assim disse Javé, o Deus de Israel, a quem vocês me mandaram implorar em seu favor:

¹⁰Se vocês permanecerem neste país, eu os construirei e não os destruirei, eu os plantarei e não os arrancarei, pois estou arrependido do mal que fiz a vocês. ¹¹Não tenham medo do rei da Babilônia, diante de quem agora vocês têm medo. Não tenham medo — oráculo de Javé — pois eu estou com vocês para salvá-los e livrá-los das mãos deles. ¹²Eu os tratarei com piedade e ele terá compaixão de vocês e os fará voltar à terra que lhes pertence. ¹³Mas se vocês desobedecerem à palavra de Javé, o Deus de vocês, dizendo: “Não vamos ficar neste país; ¹⁴ao contrário, vamos para o Egito, onde não se vê guerra nem se vive escutando o som da trombeta e ninguém passa fome; é lá que nós queremos ficar”; ¹⁵nesse caso, resto de Judá, ouça a palavra de Javé: Assim disse Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Se vocês decidirem ir para o Egito e se entrarem para lá ficar, ¹⁶a espada que amedronta vocês aqui, irá alcançá-los na terra do Egito; a fome que os assusta aqui, seguirá seus passos no Egito: lá vocês morrerão. ¹⁷Todos os homens que decidirem partir para o Egito e lá permanecer, morrerão pela espada, pela fome e pela peste, sem que seja possível escapar ou fugir da desgraça que eu atrairei sobre eles.

¹⁸Javé dos exércitos, o Deus de Israel, disse ainda: Da mesma forma como derramei a minha ira e o meu furor sobre os habitantes de Jerusalém, assim também derramarei o meu furor sobre vocês, quando entrarem no Egito. Vocês serão objeto de maldição e espanto, desprezo e zombaria, e não voltarão a ver este lugar. ¹⁹É assim que Javé falou para vocês, resto de Judá. Não vão para o Egito; saibam bem que hoje eu os adverti solenemente. ²⁰Vocês se enganaram quando mandaram que eu procurasse Javé, Deus de vocês, dizendo: “Interceda junto a Javé, nosso Deus, por nós, e tudo o que Javé, nosso Deus, lhe disser, anuncie a nós para que possamos fazê-lo”. ²¹Pois eu acabo de lhes anunciar hoje, mas vocês não obedecerão a Javé, Deus de vocês, em nada do que ele ordenou a vocês através de mim. ²²E agora saibam bem: vocês morrerão pela espada, pela fome e pela peste no lugar onde quiseram entrar e se estabelecer.

43¹Quando Jeremias terminou de comunicar a todo o povo as palavras que Javé, o seu Deus, lhe mandara falar, ²então Azarias, filho de Osaías, Joanã, filho de Carea, e todos aqueles homens, cheios de petulância, disseram a Jeremias: “É mentira o que você está falando! Javé, o nosso Deus, não enviou você para nos dizer: ‘Não vão para o Egito, para morar lá’. ³Foi Baruc, filho de Nerias, quem jogou você contra nós, para nos entregar nas mãos dos caldeus, para eles nos matarem ou nos exilarem na Babilônia”.

⁴Foi assim que Joanã, filho de Carea, os comandantes e todo o povo não quiseram obedecer a Javé, que lhes mandara ficar na terra de Judá. ⁵Joanã, filho de Carea, e os comandantes de guarnições juntaram o resto de Judá e os que tinham voltado das outras nações para onde tinham sido expulsos, a fim de morarem por uns tempos em Judá. ⁶Eram homens, mulheres, crianças, as filhas do rei, enfim todos os viventes que o chefe da guarda, Nabuzardã, tinha deixado com vida juntamente com Godolias, filho de Aicam, neto de Safã. Levaram também o profeta Jeremias com Baruc, filho de Nérias. ⁷E desobedecendo a Javé, foram para o Egito, chegando até Táfnis.

⁸Em Táfnis, a palavra de Javé foi dirigida a Jeremias: ⁹Pegue umas pedras grandes e, na presença dos judeus, enterre essas pedras com argamassa na praça que fica à entrada do palácio do Faraó, em Táfnis. ¹⁰Em seguida, você dirá a eles: Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Mandarei buscar o meu servo Nabucodonosor, rei da Babilônia, e colocarei o seu trono sobre essas pedras que enterrei. Sobre elas ele estenderá o seu dossel. ¹¹Ele virá para atacar o Egito: quem está destinado para a morte, morrerá; quem está destinado para o exílio, será exilado; quem está destinado para a espada, morrerá pela espada. ¹²Ele porá fogo nos templos dos deuses do Egito, os queimarão e levará os deuses para o exílio. Ele vai limpar tudo como o pastor tira os piolhos do seu manto, e sairá daí em paz. ¹³Quebrará os obeliscos do templo do Sol e incendiará os templos de todos os deuses do Egito. [42,1-43,13]

44 *Não há como escapar* — ¹Palavra que Javé dirigiu a Jeremias a respeito dos judeus que estavam morando no Egito, em Magdol, em Táfnis, em Mênfis e na região de Patros: ²Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Vocês mesmos viram toda a desgraça que eu trouxe sobre Jerusalém e sobre as outras cidades de Judá. Hoje elas estão mortas, sem nenhum habitante. ³Isso aconteceu por causa de todo o mal que eles fizeram, irritando-me, queimando incenso e prestando culto a deuses estrangeiros, que nem eles, nem vocês, nem os seus antepassados jamais conheceram. ⁴Apesar disso, eu enviei continuamente meus servos, os profetas, e eles sempre diziam: “Não façam essas abominações, que eu odeio”. ⁵Mas eles não escutaram e nem quiseram prestar atenção, para não terem que voltar atrás da sua maldade e para não deixarem de queimar incenso aos deuses estrangeiros. ⁶Então minha ira e meu furor se alastraram como fogo pelas cidades de Judá e pelas ruas de Jerusalém, e elas se transformaram num deserto e numa desolação até o dia de hoje.

⁷ Agora, assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: por que vocês fazem esse mal tão grande a vocês mesmos? Vocês estão acabando com homens, mulheres, crianças e bebês em Judá. Desse modo não vai ficar nenhum sobrevivente entre vocês, ⁸ porque vocês me provocam com a obra de suas mãos, queimando incenso a deuses estrangeiros neste país do Egito, onde vocês estão morando. Assim, estão trabalhando para o próprio extermínio e se transformando em maldição e vergonha para todas as nações do mundo. ⁹ Vocês já se esqueceram dos pecados de seus antepassados, dos reis de Judá, das suas autoridades, dos pecados de vocês e das suas mulheres? Vocês cometeram esses pecados pelo país de Judá afora e pelas ruas de Jerusalém. Já se esqueceram? ¹⁰ E, até hoje, ninguém baixou a cabeça, ninguém teve medo, ninguém começou a andar de acordo com a instrução e os estatutos que eu dei a vocês e a seus antepassados. ¹¹ Por isso, assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Volto a minha face contra vocês para a desgraça, para exterminar Judá totalmente. ¹² Pegarei o resto de Judá que se empenhou em ir para o Egito e aí morar, e todos eles, pequenos e grandes, morrerão aí no Egito, derrubados pela espada e consumidos pela fome. Morrerão pela espada e pela fome e se tornarão uma coisa maldita, espantosa, desprezível e vergonhosa. ¹³ Castigarei os que moram no Egito, como castiguei Jerusalém: com a espada, a fome e a peste. ¹⁴ Desse resto de Judá que foi para o Egito, ninguém conseguirá sobreviver, ninguém escapará, ninguém conseguirá voltar para Judá, aonde anseiam voltar para aí viver. Ninguém voltará, a não ser alguns fugitivos.

¹⁵ Os homens que sabiam que suas mulheres queimavam incenso a deuses estrangeiros e todas as mulheres que estavam presentes, uma grande multidão, e todo o povo que morava no país do Egito e em Patros, disseram a Jeremias: ¹⁶ “Nenhum de nós vai obedecer a isso que você acabou de nos falar em nome de Javé. ¹⁷ Nós faremos aquilo que prometemos: queimaremos incenso para a rainha do céu e derramaremos vinho em honra dela. Faremos da mesma forma como fizemos, assim como nossos antepassados, nossos reis e nossos chefes fizeram nas cidades de Judá ou nas ruas de Jerusalém, quando nos fartávamos de pão, éramos felizes e não conhecíamos a desgraça. ¹⁸ Pois quando paramos de queimar incenso para a rainha do céu e de derramar vinho em sua honra, começou a faltar tudo, e nós morremos pela espada e pela fome”.

¹⁹ As mulheres disseram: “Quando nós estamos queimando incenso à rainha do céu e derramando vinho em sua honra, é por acaso sem o consentimento de

nossos maridos que nós fazemos bolos com a figura dela e derramamos vinho em sua honra?”

²⁰A todo o povo que lhe tinha respondido dessa forma, homens ou mulheres, assim disse Jeremias: ²¹“Será que Javé não se lembra e não tem mais em mente todo o incenso que vocês queimavam nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém, exatamente como faziam seus antepassados, reis, chefes e proprietários de terra? ²²Javé não foi capaz de aguentar mais a maldade que vocês faziam, as abominações que vocês praticavam. Por isso, o país se converteu em ruína, espanto e maldição, sem nenhum habitante, até o dia de hoje. ²³Vocês queimaram incenso e pecaram contra Javé, desobedecendo a Javé, não procedendo conforme sua lei, seus estatutos e ordens; por isso aconteceu a vocês essa desgraça, que dura até o dia de hoje”.

²⁴Jeremias falou também a todo o pessoal, especialmente às mulheres: “Ouça a palavra de Javé, Judá inteiro que está no Egito: ²⁵Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Vocês e suas mulheres não só falaram, mas também cumpriram com suas próprias mãos o que disseram: ‘Nós cumprimos os votos que fizemos de queimar incenso à rainha do céu e de derramar vinho em sua honra’. Mantenham, pois, a promessa e cumpram o voto. ²⁶Contudo, ouçam a palavra de Javé, judeus todos que moram no Egito: Eu juro por meu nome grandioso, diz Javé, que nenhum judeu, em todo o país do Egito, invocará mais o meu nome, dizendo: ‘Pela vida do Senhor Javé’. ²⁷Eu os vigiarei para o mal e não para o bem deles; e todo judeu que estiver morando no Egito vai morrer pela espada e pela fome, até acabarem todos. ²⁸Um pequeno número que escapar da espada voltará do Egito para o país de Judá. Então o resto de Judá que foi para o Egito saberá qual é a palavra que vai valer, se a deles ou a minha. ²⁹Para vocês ficarem sabendo que minhas palavras de ameaça contra vocês prevalecerão e que eu castigarei vocês neste país — oráculo de Javé — haverá este sinal: ³⁰Assim diz Javé: Eu entregarei o Faraó Hofra, rei do Egito, nas mãos de seus inimigos, daqueles que o querem matar, assim como entreguei Sedecias, rei de Judá, nas mãos de Nabucodonosor, rei da Babilônia, que era inimigo dele e que o queria matar”. [44,1-30]

45 *O dom da vida* — ¹Palavra que o profeta Jeremias disse a Baruc, filho de Nerias, quando este copiava num pergaminho as palavras ditadas por Jeremias, no quarto ano de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá: ²Assim diz Javé, o Deus de Israel, para você, Baruc: ³Você disse: “Pobre de mim! Javé

soma tristeza à minha dor! Estou cansado de gemer e não tenho descanso!”

⁴Assim você dirá a Baruc: Assim diz Javé: Estou derrubando o que eu mesmo construí, estou arrancando o que eu mesmo plantei, e isso em todo o país. ⁵E você está preocupado com grandezas? Não as procure. Pois eu já estou fazendo chegar uma desgraça para todo mundo — oráculo de Javé. Quanto a você, porém, eu lhe darei a vida como despojo, em qualquer lugar para onde você for.
[45,1-5]

V. JAVÉ JULGA AS NAÇÕES [46,1-51,64]

46 Não há cura para o Egito — ¹Palavra de Javé dirigida ao profeta Jeremias sobre as nações.

²Contra o Egito. Contra o exército do Faraó Neco, rei do Egito, que esteve em Carquemis, à margem do rio Eufrates, onde foi derrotado por Nabucodonosor, rei da Babilônia, no quarto ano de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá:

³Preparem o escudo pequeno e o grande, e avancem para a guerra. ⁴Cavaleiros, selem os cavalos e montem. Apresentem-se com os capacetes, afiem as lanças, vistam a armadura. ⁵Por que eu vi todos apavorados e correndo para trás? Seus valentes foram derrotados e estão fugindo sem olhar para trás. O terror está em toda parte — oráculo de Javé. ⁶Que o ligeiro não escape, nem fuja o valente. Foi lá no Norte, à beira do rio Eufrates, que eles tropeçaram e caíram.

⁷Quem é esse que sobe como o rio Nilo e como um rio de águas agitadas? ⁸É o Egito que sobe como o Nilo e como um rio de águas agitadas. Ele diz: “Eu vou subir e cobrir a terra; vou arrasar cidades com todos os seus habitantes”.

⁹Vamos, cavalos; depressa com os carros; que partam os guerreiros; etíopes e líbios armados de escudo, e ludianos que retesam o arco. ¹⁰É hoje o dia do Senhor Javé dos exércitos: dia de vingança, para vingar-se de seus inimigos. A espada devora, fica saciada e se embriaga de sangue, porque isso é um sacrifício para o Senhor Javé dos exércitos, no país do Norte, à beira do rio Eufrates. ¹¹Vá até Galaad buscar bálsamo, jovem filha do Egito; não adianta multiplicar remédios, não há cura para você. ¹²As nações souberam da sua desonra, seus gritos de dor encheram o mundo. Soldado tropeçou em soldado e caíram juntos os dois. [46,1-12]

O Egito castigado — ¹³Palavra que Javé dirigiu ao profeta Jeremias quando Nabucodonosor, rei da Babilônia, chegou para derrotar o país do Egito.

¹⁴Anunciem no Egito, levem a notícia a Magdol, contem tudo em Mênfis e Táfnis. Digam: “Levante-se e prepare-se, porque a espada está devorando tudo ao redor”. ¹⁵Por que Ápis fugiu e seu touro sagrado não resiste? Foi porque Javé o derrubou. ¹⁶Ele multiplicou os que tropeçam, um cai por cima do outro. E gritam: “De pé! Voltemos para o nosso povo, para a nossa terra natal, longe da espada mortífera”. ¹⁷Será dado ao Faraó, rei do Egito, o nome de Trovão-fora-de-hora. ¹⁸Eu juro por mim mesmo — oráculo do Rei, que se chama Javé dos

exércitos: Alguém chegará, tão certo como o Tabor está entre as montanhas e o monte Carmelo à beira-mar. ¹⁹Prepare a bagagem para o exílio, habitante do Egito, porque Mênfis será transformada em deserto, será devastada e ficará sem moradores. ²⁰O Egito parecia uma novilha bonita, mas a mutuca veio do Norte e pousou sobre ela. ²¹Seus soldados contratados pareciam novilhos de estábulo, mas também eles viraram para trás e fugiram todos juntos, não resistiram, porque chegou para eles o dia da desgraça, a hora do seu castigo.

²²Sua voz é como da serpente que silva, porque avançam em bloco; e avançam contra ela como lenhadores com machados. ²³Cortam a sua floresta onde ninguém penetrava — oráculo de Javé. São mais numerosos que gafanhotos, são inumeráveis. ²⁴Foi derrotada a capital do Egito e entregue ao povo do Norte.

²⁵Javé dos exércitos, o Deus de Israel, é quem diz: Eu castigarei o deus Amon de Tebas, o Egito com seus deuses e reis, o Faraó e todos os que nele confiam. ²⁶Vou entregá-los nas mãos daqueles que os querem matar, Nabucodonosor, rei da Babilônia, e seus ministros. Depois disso, porém, o Egito será habitado de novo, como nos tempos antigos — oráculo de Javé. [13-26]

Não tenha medo, Jacó — ²⁷Não tenha medo, meu servo Jacó; não se apavore, Israel! Eu o trarei são e salvo do país longínquo, e sua descendência voltará do exílio. Jacó voltará e viverá tranquilo, em paz, sem que o perturbem. ²⁸Não tenha medo, meu servo Jacó — oráculo de Javé — porque eu estou com você: vou arrasar todas as nações por onde espalhei você. Não vou arrasar você. Vou castigar você com justiça, mas não o deixarei sem castigo. [27-28]

47 *Contra os filisteus* — ¹Palavra de Javé ao profeta Jeremias contra os filisteus, antes que o Faraó atacasse a cidade de Gaza. ²Assim diz Javé: Olhe para as águas que se avolumam no Norte: elas se tornam uma torrente que transborda, alagando o país e tudo o que nele existe, as cidades e seus habitantes. Todos gritam e a população do país geme, ³ouvindo o tropel dos cavalos dos guerreiros mais valentes do inimigo, ouvindo o rumor dos seus carros, o barulho de suas rodas. Os pais, com as mãos fracas, já não olham por seus filhos, ⁴por causa do dia que chegou para destruir todos os filisteus, para cortar de Tiro e Sidônia todo o resto que os possa socorrer: Javé destrói os filisteus, o resto da ilha de Creta. ⁵Em Gaza raspam a cabeça e Ascalon emudece. E você, resto dos enacim, até quando vai ferir o próprio corpo? ⁶Espada de Javé, até quando estará sem descanso? Recolha-se na bainha, pare e se acalme! ⁷Como ela pode

descansar, se Javé lhe deu uma ordem contra Ascalon e o litoral? [47,1-7]

48 *Contra Moab* — ¹Contra Moab. Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Pobre do monte Nebo, que foi arrasado; Cariataim foi vergonhosamente destruída; a fortaleza vergonhosamente abatida! ²Acabou a fama de Moab! Em Hesebon tramaram a desgraça contra ela: “Vamos eliminar esta cidade do meio das nações”. Também você, Madmena, será reduzida ao silêncio: a espada persegue você. ³De Oronaim se ouve um grito: “Devastação! Um desastre imenso!” ⁴Moab foi esmagada: seus pequenos fazem ouvir um grito. ⁵Chorando, sobe-se a ladeira de Luit, e na descida de Oronaim se ouvem gritos de derrota. ⁶Fujam, salvem a vida, como o burro selvagem no deserto. ⁷Porque você pôs a confiança nas suas obras e tesouros, você também irá presa, e Camos irá para o exílio junto com seus sacerdotes e chefes. ⁸Virá um devastador contra toda cidade, e nenhuma escapará. O vale será destruído e o planalto será arrasado, conforme diz Javé. ⁹Deem asas a Moab, para que ele possa voar. As suas cidades se tornarão um deserto, porque não haverá nenhum habitante.

¹⁰Maldito aquele que cumpre com negligência a missão que Javé lhe deu; maldito aquele que poupa a sua espada de derramar sangue. ¹¹Desde a juventude, Moab viveu tranquilo, descansava como o vinho com sua borra, sem nunca ser mudado de uma vasilha para outra. Moab nunca foi levado para o exílio; por isso, conservava seu sabor, e seu perfume não mudava. ¹²Chegarão dias — oráculo de Javé — quando eu mandarei gente para mudar Moab de vasilha. Esvaziarão as antigas vasilhas e as quebrarão. ¹³Então Moab ficará decepcionado com o seu deus Camos, como a casa de Israel se decepcionou com Betel, na qual confiava.

¹⁴Como vocês podem dizer: “Nós somos valentes, prontos para a guerra”? ¹⁵Moab será destruído, suas cidades foram invadidas e a nata da sua juventude desceu ao matadouro — oráculo do Rei, que se chama Javé dos exércitos. ¹⁶Está próxima a ruína de Moab, sua desgraça vem depressa. ¹⁷Chorem por ele todos os seus vizinhos, todos aqueles que o conhecem pelo nome. E digam: “Como pôde quebrar um galho tão forte, um ramo tão bonito?” ¹⁸Desça da sua glória e sente no chão árido, povo que mora em Dibon, pois até aí chegou aquele que devastou Moab, e ele destruiu suas fortalezas. ¹⁹Coloque-se no caminho e observe, habitante de Aroer: a quem fugiu ou escapou, pergunte o que foi que aconteceu.

²⁰Moab está envergonhado, porque foi destruído. Gritem e clamem, anunciem sobre o rio Arnon que Moab foi destruído. ²¹O julgamento veio contra a Planície, contra Helon, Jasa, Mefaat, ²²Dibon, Nebo, Bet-Deblataim, ²³Cariataim, Bet-Gamul, Maon, ²⁴Cariot, Bosra, contra todas as cidades do país de Moab, tanto as mais vizinhas como as mais distantes. ²⁵Cortaram a força de Moab, quebraram-lhe os braços — oráculo de Javé.

²⁶Embriaguem Moab, porque se levantou contra Javé. Moab cairá sobre o seu próprio vômito, tornando-se motivo de caçada. ²⁷Será que Israel também não foi motivo de caçada para você? Ou será que Israel foi encontrado no meio de ladrões, para que você abane a cabeça sempre que fala dele?

²⁸Habitantes de Moab, abandonem as cidades, vão morar nos rochedos! Sejam como pomba que constrói seu ninho à beira do abismo. ²⁹Ouvimos falar da soberba de Moab, do seu orgulho sem medida, de sua soberba, vaidade e arrogância, e da altivez do seu coração. ³⁰Conheço a sua arrogância — oráculo de Javé — a inconsistência de suas tagarelices e o vazio de suas obras. ³¹Por isso, eu lamento por Moab, grito de dor por Moab inteiro, gemo pelos habitantes de Quir-Hares. ³²Choro por você mais do que chorei por Jazer, ó vinhedo de Sábama. Os seus ramos atingiam o mar e chegavam até Jazer. O invasor caiu sobre sua colheita e sobre as uvas que você apanhou. ³³A alegria e a animação sumiram dos pomares e do país de Moab. Acabei com o vinho dos tonéis, não há mais ninguém amassando uvas, já que não se ouve mais o canto de alegria. ³⁴Os gritos de Hesebon e Eleale chegam até Jasa. O grito vai de Segor até Oronaim e Eglat-Salisia, pois até as águas de Nemrim se tornaram um deserto. ³⁵Farei desaparecer em Moab — oráculo de Javé — quem sacrifica nos lugares altos e aquele que queima incenso a seus deuses. ³⁶Por isso o meu coração chora por Moab como flauta, chora como flauta pelos habitantes de Quir-Hares, pois foi destruído tudo o que ela acumulou. ³⁷Sim, toda cabeça foi raspada e toda barba foi cortada, todos feriram as próprias mãos, todos se vestiram de luto. ³⁸Em todos os terraços de Moab e em todas as praças estão todos de luto, pois eu quebrei Moab como se fosse uma vasilha inútil — oráculo de Javé. ³⁹Como está arrasado! Chorem! Como Moab voltou vergonhosamente as costas! Como Moab se tornou motivo de caçada e espanto para seus vizinhos!

⁴⁰Assim diz Javé: Olhem! O inimigo voa como águia, estendendo suas asas sobre Moab: ⁴¹tomou suas cidades, capturou suas fortalezas. Nesse dia, o ânimo

dos guerreiros de Moab será como o ânimo da mulher em dores de parto. ⁴²Moab foi arrasado para não ser mais um povo, pois ele quis ser grande diante de Javé. ⁴³Terror, armadilha e laço é tudo o que espera por você, morador de Moab — oráculo de Javé. ⁴⁴Quem fugir do terror, cairá na armadilha; se conseguir sair da armadilha, será pego pelo laço, pois eu faço chegar para Moab o ano do seu castigo — oráculo de Javé. ⁴⁵Os fugitivos pararam perto de Hesebon, já sem forças, pois um fogo subia de Hesebon, labaredas saíam do palácio de Seon. Queimavam as têmporas de Moab e o crânio dos homens turbulentos. ⁴⁶Ai de você, Moab! Você está perdido, povo do deus Camos, pois seus filhos foram levados para o cativeiro, e suas filhas para a escravidão. ⁴⁷Mas nos últimos dias eu mudarei a sorte de Moab — oráculo de Javé. Aqui termina o julgamento de Moab. [48,1-47]

49 *Contra Amon* — ¹Contra os amonitas. Assim diz Javé: Será que Israel não tem filhos, será que não tem herdeiros? Por que o deus Melcom se apossou das terras de Gad e o povo dele passou a morar em suas cidades? ²Chegarão dias — oráculo de Javé — quando eu farei ouvir gritos de guerra em Rabá, capital de Amon; a cidade se tornará um montão de ruínas e os outros povoados serão destruídos pelo fogo. Então Israel despojará os que o despojaram, diz Javé.

³Gema, Hesebon, pois o devastador está chegando. Gritem de dor, povoados de Rabá, vistam-se de luto, batam no peito, marquem o próprio corpo, pois o deus Melcom irá para o exílio junto com seus sacerdotes e chefes. ⁴Como você se orgulhava do seu vale, cidade rebelde, confiando em seus tesouros! Você pensava: “Quem virá contra mim?” ⁵Veja! Eu vou mandar contra você o terror — oráculo do Senhor Javé dos exércitos — o terror que virá de todos os lados: cada um fugirá numa direção e ninguém reagrupará os fugitivos. ⁶Depois disso, porém, eu mudarei a sorte dos amonitas — oráculo de Javé. [49,1-6]

Contra Edom — ⁷Contra Edom. Assim diz Javé dos exércitos: Será que não existe mais sabedoria em Temã, será que desapareceu o conselho dos homens prudentes e jogaram fora a sabedoria? ⁸Fujam, partam, escondam-se bem, moradores de Dadã, porque eu trarei para Esaú a desgraça que lhe cabe, a hora do seu castigo. ⁹Se os vindimadores vierem até você, não deixarão sobrar nada; se ladrões vierem à noite, saquearão à vontade. ¹⁰Porque eu pretendo tirar a roupa de Esaú e descobrir seus esconderijos; e ele não poderá se esconder. A sua raça acabou, seus parentes e vizinhos já não existem mais.

¹¹Deixe seus órfãos, e eu os farei viver; as suas viúvas podem confiar em mim. ¹²Porque assim diz Javé: Se aqueles que não mereciam beber este cálice acabaram bebendo, será que você vai ficar sem esse castigo? Não! Você não ficará impune, mas deverá bebê-lo. ¹³Juro por mim mesmo — oráculo de Javé — que a sua capital Bosra será objeto de espanto e zombaria; será ruína e maldição, e suas cidades todas se transformarão em ruína eterna.

¹⁴Eu ouvi uma mensagem de Javé, um mensageiro foi enviado às nações: “Reúnam-se, e marchem contra Edom! Levantem-se para a guerra”. ¹⁵Veja! Eu o tornarei pequeno em meio às nações e desprezado entre os homens. ¹⁶O terror que você provoca e a arrogância do seu coração o enganaram: você mora nos cumes da rocha e se agarra nos picos da montanha! Mesmo que você faça o seu ninho no alto como águia, eu o jogarei de lá de cima — oráculo de Javé. ¹⁷Edom se tornará objeto de espanto: todos os que por aí passarem assobiarão, espantados, ao ver suas feridas. ¹⁸Será como na destruição de Sodoma e Gomorra e cidades vizinhas, diz Javé: “Aí ninguém mais vai morar, aí ninguém mais vai se hospedar”. ¹⁹Como leão que sobe do deserto do Jordão para os pastos verdes, assim, de repente, eu os expulsarei daí e, no seu lugar, colocarei quem for escolhido.

Quem é como eu? Quem poderá me desafiar? Qual é o pastor que pode resistir a mim? ²⁰Por isso, escutem a decisão de Javé, decisão que ele tomou sobre Edom; escutem o plano que ele traçou contra os habitantes de Temã: As menores ovelhas serão arrastadas para longe e as pastagens desaparecerão diante delas! ²¹Com o barulho de sua queda, a terra vai tremer, e seu grito de dor será ouvido no mar Vermelho. ²²O inimigo voa como águia, estendendo suas asas sobre Bosra. Nesse dia, o ânimo dos guerreiros de Edom será como o ânimo da mulher em dores de parto. [7-22]

Contra Damasco — ²³Contra Damasco. Emat e Arfad estão confusas, porque ouviram uma notícia terrível. Elas se agitam de aflição como o mar, e não podem acalmar-se. ²⁴Damasco desfalece e prepara a fuga; o medo se apodera dela: está possuída de angústia e dores, como a mulher que está dando à luz. ²⁵Está abandonada a cidade famosa, a capital da alegria! ²⁶Nesse dia, seus jovens cairão pelas praças e a morte calará seus guerreiros — oráculo de Javé dos exércitos. ²⁷Porei fogo nas muralhas de Damasco, para incendiar os palácios de Ben-Adad. [23-27]

Contra Cedar — ²⁸Contra Cedar e os reinos de Hasor, que Nabucodonosor, rei da Babilônia, derrotou. Assim diz Javé: Vamos! Para a luta contra Cedar! Vamos destruir os orientais. ²⁹Peguem suas tendas e seus rebanhos, suas lonas e objetos, carreguem seus camelos e gritem contra eles: “Terror de todos os lados!”

³⁰Fujam, corram depressa, escondam-se bem, moradores de Hasor — oráculo de Javé — pois Nabucodonosor, rei da Babilônia, tomou uma decisão, traçou um plano contra vocês: ³¹“Vamos! Para a guerra contra essa nação tranquila, que vive tão segura. Eles não têm portas nem trancas e vivem isolados. ³²Seus camelos serão uma presa e seus numerosos rebanhos um despojo”. Espalharei por todos os ventos essas têmperas raspadas, e de todos os lados vou levar a ruína para eles — oráculo de Javé. ³³Hasor se tornará abrigo de chacais e deserto para sempre. Aí ninguém mais vai habitar, nenhum homem vai morar nela. [28-33]

Contra Elam — ³⁴Palavra de Javé contra Elam, dirigida ao profeta Jeremias no início do reinado de Sedecias, rei de Judá: ³⁵Assim diz Javé dos exércitos: Olhe! Eu vou quebrar o arco de Elam e os melhores de seus soldados. ³⁶Vou trazer sobre Elam quatro ventos, dos quatro cantos do céu. Espalharei o seu povo na direção desses ventos, e não haverá nação no mundo onde não se encontre alguém expulso de Elam. ³⁷Farei que os elamitas tremam diante de seus inimigos, diante daqueles que querem matá-los. Vou trazer a desgraça sobre eles, o furor da minha ira — oráculo de Javé. Mandarei a espada persegui-los até que acabe com eles. ³⁸Colocarei o meu trono em Elam e exterminarei aí reis e chefes — oráculo de Javé. ³⁹Mas, nos últimos dias, mudarei a sorte de Elam — oráculo de Javé. [34-39]

50 Contra a Babilônia — ¹Palavra de Javé contra a Babilônia, terra dos caldeus, por meio do profeta Jeremias: ²Anunciem entre as nações, façam ouvir, levantem a bandeira, façam ouvir, não se calem; digam: “Babilônia foi tomada, o deus Bel fracassou, Merodac foi arrasado, seus ídolos foram derrotados e suas imagens destruídas”. ³Porque uma nação do Norte atacou a Babilônia e transformará o país num lugar arrasado, onde não mora ninguém. Homens e animais fugiram todos, foram-se embora.

⁴Nesses dias e nesse tempo — oráculo de Javé — os filhos de Israel virão chorando juntamente com os filhos de Judá, à procura de Javé, o Deus deles.

⁵Perguntarão por Sião, e a face deles estará voltada para ela: “Venham! Vamos

fazer com Javé uma aliança eterna, que jamais será esquecida!” ⁶O meu povo era um rebanho perdido, que seus pastores deixavam extraviar-se pelos montes; andavam dos montes para as colinas, e esqueceram o seu curral. ⁷E quem encontrava as minhas ovelhas, as agarrava para comer, dizendo: “Nós não somos culpados, foram eles que pecaram contra Javé, morada da Justiça, a esperança de seus antepassados!”

⁸Fujam da Babilônia, do país dos caldeus. Saiam como cabritos, na frente do rebanho. ⁹Pois eu farei levantar-se e vir contra a Babilônia um grupo de nações poderosas, vindas do Norte, organizadas contra ela; e elas tomarão o país pelo Norte. Suas flechas são como de guerreiro bem treinado, que não volta de mãos vazias. ¹⁰Os caldeus se tornarão objeto de saque, e seus saqueadores se fartarão — oráculo de Javé.

¹¹Juntem-se, triunfem, devastadores da minha herança! Pulem como novilhas no pasto, relinchem como potros. ¹²A mãe de vocês ficará envergonhada, aquela que os gerou está coberta de vergonha. Vejam! É a última das nações, é um lugar descampado, seco e deserto. ¹³Por causa do furor de Javé, ela nunca mais será habitada: o país inteiro será uma ruína só. E quem passar pela Babilônia, assobiará, assustado com tanta desgraça.

¹⁴Arqueiros todos, estejam a postos para atacar a Babilônia por todos os lados. Atirem contra ela, sem poupar suas flechas, pois ela pecou contra Javé. ¹⁵Gritem contra ela por todos os lados. Ela já ergueu as mãos: seus pilares caíram, suas muralhas foram derrubadas, porque esta é a vingança de Javé: vinguem-se dela. Façam com ela o mesmo que ela fez. ¹⁶Eliminem da Babilônia o lavrador que planta e o que puxa a foice na hora da colheita. Diante da espada devastadora, cada um volte para o seu povo, cada qual fuja para a sua terra.

¹⁷Israel era uma ovelha desgarrada, que os leões afugentaram. Quem primeiro a devorou foi o rei da Assíria; depois, Nabucodonosor, rei da Babilônia, quebrou-lhe os ossos. ¹⁸Por isso, assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: Olhem! Eu vou castigar o rei da Babilônia e o seu país, como castiguei o rei da Assíria. ¹⁹Farei Israel voltar para sua pastagem, a fim de pastar no Carmelo e em Basã; ele ficará saciado na montanha de Efraim e em Galaad. ²⁰Nesses dias e nesse tempo — oráculo de Javé — procurarão a culpa de Israel, mas ela não existirá mais; procurarão os pecados de Judá, mas não serão encontrados; porque eu perdorei tudo o que eu mesmo tiver deixado como resto.

²¹Avancem contra o país de Merataim, subam contra ele e contra os habitantes

de Facud. Massacre-os, extermine-os até o último — oráculo de Javé. Faça tudo conforme eu lhe ordenei.

²²Barulho de guerra no país. É uma grande derrota! ²³Como foi quebrado e destruído o martelo de toda a terra? Como Babilônia se tornou espanto entre as nações? ²⁴Preparei uma armadilha para você, Babilônia, e você ficou presa sem o perceber. Você foi surpreendida e dominada, porque se rebelou contra Javé. ²⁵Javé abriu o seu arsenal e tirou as armas da sua ira, pois há um serviço para o Senhor Javé dos exércitos na terra dos caldeus. ²⁶Venham a ela de todas as partes, abram os celeiros, amontoem seus feixes e destruam tudo, sem deixar nada. ²⁷Matem todos os seus touros: que venham ao matadouro. Ai deles! Chegou o dia e a hora do seu castigo.

²⁸Ouçam os fugitivos que escaparam da Babilônia! Eles levam a Sião a notícia da vingança de Javé, o nosso Deus, a vingança do seu Templo. ²⁹Convoquem para a Babilônia os arqueiros, aqueles que sabem manejar o arco. Fechem o cerco: que ninguém escape. Cobrem dela os seus atos; façam com ela tudo o que fez, porque foi arrogante contra Javé, contra o Deus santo de Israel. ³⁰Por isso, nesse dia, os seus jovens ficarão caídos pelas praças, e a morte vai calar seus guerreiros — oráculo de Javé. ³¹Aqui estou eu contra você, ó Arrogante, — oráculo de Javé dos exércitos — pois chegou o dia, a hora do seu castigo. ³²A Arrogante tropeçará, cairá, e ninguém a levantará. Porei fogo nas suas cidades para queimar tudo ao redor.

³³Assim diz Javé dos exércitos: Os filhos de Israel e de Judá sofrem juntos a opressão, e aqueles que os exilaram os retêm e se negam a soltá-los. ³⁴Mas o redentor deles é forte: Javé dos exércitos é o seu nome. Ele cuidará da causa deles, tornará o país tranquilo, abalando os habitantes da Babilônia.

³⁵Espada contra os caldeus — oráculo de Javé — contra os habitantes da Babilônia; contra seus chefes e contra seus sábios. ³⁶Espada contra seus adivinhos, para que enlouqueçam. Espada contra seus valentes, para que se amedrontem. ³⁷Espada contra seus cavalos e carros, e contra toda a multidão que aí existe, para que fiquem como as mulheres. Espada contra seus tesouros, para que sejam saqueados. ³⁸Espada contra seus canais, para que fiquem secos, porque é um país de ídolos, que se gloria de seus espantalhos. ³⁹Por isso, aí habitarão chacais, hienas e avestruzes; não será mais habitada nem povoada de geração em geração. ⁴⁰Como quando Javé destruiu Sodoma e Gomorra e cidades vizinhas — oráculo de Javé — ninguém mais habitará aí, nem homem algum

nela residirá.

⁴¹Vejam! Um povo está chegando do Norte, uma grande nação e reis numerosos surgem das extremidades da terra: ⁴²armados de arcos e dardos, são violentos e sem compaixão. Seus gritos ressoam como o mar, avançam a cavalo, formados em ordem de batalha, como se fossem um só homem, contra você, Babilônia. ⁴³Ao ouvir a fama deles, o rei da Babilônia se acovarda; cada vez em maior aperto, sofre como se estivesse dando à luz. ⁴⁴Como leão que sobe da planície do Jordão para pastos verdes, assim, de repente, eu os expulsarei daí da Babilônia; e, no seu lugar, colocarei quem for escolhido.

Quem é como eu? Quem poderá me desafiar? Qual é o pastor que pode resistir a mim? ⁴⁵Por isso, escutem a decisão de Javé, decisão que ele tomou sobre a Babilônia; escutem o plano que ele traçou contra a terra dos caldeus: As menores ovelhas serão arrastadas para longe, e as pastagens desaparecerão diante delas! ⁴⁶Com o barulho de sua queda, a terra vai tremer, e o seu grito de dor será ouvido pelas nações.

51 ¹Assim diz Javé: Mobilizarei contra a Babilônia e os caldeus um vento destruidor. ²Mandarei contra a Babilônia abanadores que a abanarão e esvaziarão o seu território, porque de todos os lados virão contra ela, no dia da desgraça. ³Que o arqueiro não deponha o arco, nem tire a couraça. Não tenham compaixão dos mais jovens; exterminem o exército dela.

⁴Feridos estarão tombados pelo país dos caldeus afora, espalhados pelas ruas da cidade, ⁵porque Israel e Judá não são viúvas do seu Deus Javé dos exércitos, enquanto o país dos caldeus é devedor ao Santo de Israel. ⁶Fujam da Babilônia; salve-se quem puder! Não morram pelo crime dela, porque é a hora da vingança de Javé, é o pagamento que a Babilônia merece.

⁷Nas mãos de Javé, a Babilônia era uma taça de ouro, que embriagava o mundo inteiro. As nações beberam do seu vinho e, por isso, enlouqueceram. ⁸De repente, a Babilônia caiu e se quebrou. Gemam por ela, ponham bálsamo na sua ferida, para ver se ela sara. ⁹Nós tratamos Babilônia, mas ela não sara. Vamos deixá-la! Vamos cada um para a nossa terra, pois a sentença contra Babilônia chegou até o céu e sobe até às nuvens. ¹⁰Javé fez brilhar nossos direitos; vamos contar em Sião tudo o que fez Javé, o nosso Deus.

¹¹Afiem as flechas e encham com elas as aljavas. Javé instigou os reis dos medos, porque ele quer destruir a Babilônia: é a vingança de Javé, a vingança do

seu Templo. ¹²Levantem a bandeira contra as muralhas da Babilônia, reforcem a guarda, ponham sentinelas, preparem armadilhas, porque assim como planejou, Javé executará tudo o que disse contra os moradores da Babilônia.

¹³Moradora da beira dos grandes canais, rica em tesouros, chegou o seu fim, o limite da sua existência. ¹⁴Javé dos exércitos jura por sua própria vida: “Eu vou enchê-la de homens como gafanhotos, e eles cantarão vitória sobre você”.

¹⁵Com seu poder, Javé fez a terra; com sua sabedoria, firmou o mundo; e, com sua inteligência, estendeu o céu. ¹⁶Ao barulho do seu trovão, as águas se agitam no céu, no horizonte ele faz subir as nuvens; produz raios para derramar a chuva e faz o vento sair dos seus reservatórios.

¹⁷Todo homem se torna ignorante e não entende nada; o ourives fica desiludido com o seu ídolo: sua estátua é de mentira, nela não existe vida. ¹⁸Os ídolos são vazios e ilusórios; na hora do acerto de contas serão destruídos. ¹⁹Não é assim a Herança de Jacó, pois ele formou todas as coisas, e Israel é a tribo da sua herança. E o nome dele é Javé dos exércitos.

²⁰Você, Babilônia, foi o martelo, a minha arma de guerra: contigo martelei nações, contigo destruí reinos, ²¹contigo martelei cavalo e cavaleiro, contigo martelei carro e cocheiro, ²²contigo martelei homens e mulheres, contigo martelei velhos e jovens, contigo martelei moços e moças, ²³contigo martelei pastores e rebanhos, contigo martelei lavradores e juntas de bois, contigo martelei governadores e prefeitos. ²⁴Mas eu devolverei à Babilônia e a todos os caldeus, bem diante dos olhos de vocês, todo o mal que eles fizeram a Sião — oráculo de Javé.

²⁵Aqui estou eu contra você, montanha devastadora, que exterminou a terra inteira — oráculo de Javé. Levantarei minha mão contra você, e a farei rolar da altura das rochas, e a transformarei em montanha queimada. ²⁶Nunca mais tirarão de você uma pedra angular, nem pedra de alicerce, porque você será transformada em ruína eterna — oráculo de Javé.

²⁷Ergam a bandeira no mundo, toquem a trombeta entre as nações, convocando para a guerra santa. Convoquem contra ela os reinos de Ararat, Meni e Asquenez; nomeiem contra ela um general, que os cavalos avancem como gafanhotos espinhosos. ²⁸Convoquem as nações para a guerra santa: os reis da Média com os seus governadores, todos os seus prefeitos com os territórios que eles governam. ²⁹A terra tremerá e se retorcerá quando se cumprir o plano de Javé contra a Babilônia, quando transformar Babilônia num deserto despovoado.

³⁰Os guerreiros da Babilônia desistem de lutar: estão sentados dentro de seus quartéis; acabou a valentia, tornaram-se mulheres. As casas da Babilônia foram incendiadas, suas trancas foram arrebentadas. ³¹Um correio vai correndo, alcança o outro, e um mensageiro alcança o outro, para levar ao rei da Babilônia a notícia de que a sua cidade foi tomada de todos os lados: ³²fecharam as passagens, puseram fogo nos quartéis e os soldados ficaram tomados de pânico.

³³Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: A capital da Babilônia é como o terreiro no tempo em que é pisado: logo chegará para ela o tempo da colheita.

³⁴Nabucodonosor, rei da Babilônia, me devorou, rapou tudo, deixou-me como prato limpo; como dragão ele me engoliu, ficou de barriga cheia e me vomitou.

³⁵“Recaia sobre a Babilônia o meu sofrimento e a minha carne ferida”, diz o morador de Sião. “Recaia o meu sangue sobre os caldeus”, diz Jerusalém. ³⁶Por isso, assim diz Javé: Aqui estou eu para defender sua causa e executar sua vingança. Secarei o mar da Babilônia e esgotarei suas fontes, ³⁷e então Babilônia se tornará um montão de ruínas, um esconderijo de chacais, motivo de espanto e caçada, e sem habitantes. ³⁸Como leões, rugirão em coro, rugirão como filhotes de leão. ³⁹Quando estiverem bem quentes, farei com que bebam até se embriagarem e caiem no sono, um sono eterno, para nunca mais acordarem — oráculo de Javé. ⁴⁰Farei com que desçam para o matadouro como cordeiros, como carneiros e bodes.

⁴¹Como foi conquistada Babilônia, capturado esse orgulho do mundo! Como a Babilônia se transformou num espanto para as nações! ⁴²Parece que o mar subiu até Babilônia, e ela foi coberta pelas ondas impetuosas. ⁴³Suas cidades ficaram desoladas como terra seca e deserta, terra que ninguém habita, que nenhum mortal atravessa.

⁴⁴Acertarei contas com o deus Bel na Babilônia; tirarei da sua boca tudo o que ele engoliu. Nunca mais as nações irão para ele. Até as muralhas da Babilônia cairão.

⁴⁵Saia daí, povo meu! Salve-se da ardente ira de Javé. ⁴⁶Não fiquem desanimados, nem tenham medo por causa dos boatos que se escutam no país. Cada ano é um boato: violência no país, um tirano depois do outro. ⁴⁷Porque chegarão dias em que acertarei contas com os ídolos da Babilônia: o país ficará confuso, e cadáveres ficarão caídos no meio dele. ⁴⁸O céu e a terra e o que neles existe clamarão contra a Babilônia, quando do Norte vier sobre ela o destruidor — oráculo de Javé.

⁴⁹Babilônia cairá pelas vítimas de Israel, como por Babilônia caíram vítimas do mundo inteiro. ⁵⁰Vocês que escaparam da espada, vão embora, não fiquem aí parados. Mesmo de longe, invoquem a Javé, lembrando-se de Jerusalém: ⁵¹“Nós estamos envergonhados, pois ouvimos falar do desaforo, e a desonra nos faz cobrir o rosto, pois estrangeiros chegaram a entrar no lugar mais santo do santuário de Javé”. ⁵²Por isso, dias chegarão — oráculo de Javé — em que eu acertarei contas com os seus ídolos: então na Babilônia inteira haverá feridos gemendo. ⁵³Mesmo que a Babilônia suba até o céu, mesmo que ponha a sua fortaleza fora do alcance, lá nas alturas, eu lhe mandarei destruidores — oráculo de Javé.

⁵⁴Da Babilônia saem gritos de socorro, uma grande derrota na terra dos caldeus, ⁵⁵porque Javé destrói a Babilônia e põe fim a seus gritos, por mais que as suas ondas estrondem como oceano e ressoe o barulho de suas vozes. ⁵⁶Sim, chegou a destruição para a Babilônia: seus guerreiros serão presos e seus arcos se romperão, porque Javé é um Deus que recompensa e lhes dará seu pagamento. ⁵⁷Embriagarei seus ministros e conselheiros, governadores, prefeitos e militares; eles dormirão um sono eterno, e nunca mais acordarão — oráculo do Rei, cujo nome é Javé dos exércitos.

⁵⁸Assim diz Javé dos exércitos: Os muros da imensa Babilônia serão arrancados pela base e suas altas portas serão devoradas pelo fogo. Os povos trabalharam por nada, e as nações se cansaram para o fogo.

⁵⁹Ordem dada pelo profeta Jeremias a Saraías, filho de Nérias, neto de Maasias, quando Saraías viajou para a Babilônia com Sedecias, rei de Judá, no quarto ano do seu reinado. Saraías era o chefe dos camareiros. ⁶⁰Jeremias escreveu num livro todas as desgraças que iriam acontecer à Babilônia, tudo o que foi escrito sobre a Babilônia. ⁶¹Depois disse a Saraías: “Logo que você chegar à Babilônia, leia em voz alta tudo o que aí está. ⁶²Em seguida, você dirá: ‘Javé, tu ameaçaste destruir este lugar até deixá-lo desabitado, sem pessoas nem animais, transformando-o em desolação perpétua’. ⁶³Quando terminar de ler o livro, você o amarrará a uma pedra e o jogará no rio Eufrates, ⁶⁴dizendo: ‘Assim se afundará a Babilônia, por causa das desgraças que eu envio contra ela’.”

Aqui terminam as palavras de Jeremias. [50,1-51,64]

VI. APÊNDICE HISTÓRICO

52¹Sedecias tinha vinte e um anos de idade quando começou a reinar. Foi rei em Jerusalém por onze anos. Sua mãe chamava-se Hamital e era filha de Jeremias de Lebna. ²Ele praticou o que é mau aos olhos de Javé, da mesma forma que o rei Joaquim. ³Isso aconteceu em Jerusalém e Judá por causa da ira de Javé, a ponto de Javé expulsá-los de sua presença.

Sedecias revoltou-se contra o rei da Babilônia. ⁴No décimo dia do décimo mês do nono ano do reinado de Sedecias, Nabucodonosor, rei da Babilônia, chegou com todo o seu exército até Jerusalém, acampou perto da cidade e construiu torres de assalto em torno dela. ⁵A cidade ficou sitiada até o décimo primeiro ano do reinado de Sedecias. ⁶No nono dia do quarto mês, a fome dominava a cidade e já não havia comida para o cidadão comum. ⁷Então abriu-se uma brecha na cidade. Todos os soldados fugiram de noite, pela porta que fica entre as duas muralhas junto ao jardim do rei. Havia caldeus vigiando a cidade por todos os lados. E os soldados tomaram o caminho do deserto. ⁸Mas o exército dos caldeus saiu em perseguição ao rei e alcançou Sedecias nos campos de Jericó, enquanto suas tropas se espalharam, abandonando-o. ⁹Prenderam o rei e o levaram até o rei da Babilônia, que estava em Rebla, no território de Emat, para que este decretasse a sentença contra ele.

¹⁰O rei da Babilônia matou os filhos de Sedecias diante dos seus olhos. Matou também em Rebla todas as autoridades de Judá. ¹¹Depois furou os olhos de Sedecias, prendeu-o com algemas e mandou-o para a Babilônia, onde o colocou na prisão até a morte.

¹²No décimo dia do quinto mês — que corresponde ao décimo nono ano do reinado de Nabucodonosor, rei da Babilônia — chegou a Jerusalém Nabuzardã, funcionário da corte do rei da Babilônia, chefe da guarda. ¹³Ele pôs fogo no Templo de Javé, no palácio do rei e nas casas de Jerusalém, e incendiou todos os palácios. ¹⁴A guarnição do exército dos caldeus, que acompanhava o chefe da guarda, derrubou as muralhas que rodeavam Jerusalém. ¹⁵Nabuzardã, chefe da guarda, mandou para o exílio o resto que sobrou do povo na cidade, os que tinham passado para o lado do rei da Babilônia e o resto da multidão. ¹⁶Só deixou ficar uma parte dos pobres da terra como trabalhadores das vinhas e pequenos lavradores.

¹⁷Os caldeus quebraram as colunas de bronze, a bacia, os suportes, tudo o que

havia de bronze no Templo de Javé, e levaram o bronze para a Babilônia. ¹⁸Levaram também as panelas, pás, facas, aspersórios e bandejas, enfim, todos os outros objetos de bronze utilizados no culto. ¹⁹O próprio chefe da guarda levou os copos, braseiros, aspersórios, panelas, castiçais, bandejas e cálices, que eram de ouro ou de prata. ²⁰Nem dá para calcular o peso do bronze que tinham esses objetos, que o rei Salomão mandara fazer para o Templo de Javé: as duas colunas de bronze, o mar de bronze com os doze bois que o sustentavam e que também eram de bronze. ²¹Cada coluna tinha cerca de oito metros de altura, mais de dois metros e meio de circunferência e oito centímetros de espessura, e era oca. ²²Sobre ela havia um capitel de bronze de dois metros e meio de altura, enfeitado com trançados e romãs ao redor. A outra coluna era igual. ²³Havia noventa e seis romãs nos quatro lados, perfazendo o total de cem romãs em volta do trançado.

²⁴O chefe da guarda prendeu também o chefe dos sacerdotes, chamado Saraías, o segundo sacerdote, Sofonias, e três porteiros. ²⁵Da cidade ele prendeu um funcionário do palácio que comandava alguns soldados, sete homens do serviço pessoal do rei, que ainda se achavam na cidade, o escrivão-chefe que alistava os cidadãos no exército e ainda sessenta proprietários de terra que foram encontrados dentro da cidade. ²⁶Nabuzardã, chefe da guarda, os levou ao rei da Babilônia que estava em Rebla. ²⁷E o rei mandou matá-los aí em Rebla, na região de Emat. Assim, Judá foi exilado do seu país.

²⁸Foi o seguinte o número de pessoas que Nabucodonosor levou embora do país: no sétimo ano do seu reinado, três mil e vinte e três judeus; ²⁹no décimo oitavo ano, oitocentos e trinta e duas pessoas; ³⁰no vigésimo terceiro ano, o chefe da guarda Nabuzardã levou setecentos e quarenta e cinco judeus. Total: quatro mil e seiscentas pessoas.

³¹No trigésimo sétimo ano do exílio de Joaquin, rei de Judá, no vigésimo quinto dia do décimo segundo mês, Evil-Merodac, rei da Babilônia, no ano em que começava a reinar, anistiou o rei Joaquin e o tirou da prisão. ³²Tratou-o com simpatia e colocou o seu assento acima de todos os outros reis que moravam com ele na Babilônia. ³³Joaquin deixou sua roupa de prisioneiro e passou a tomar refeições na presença do rei, permanentemente, até o fim da vida. ³⁴O rei da Babilônia lhe garantiu o sustento, sem falhar, até o fim da vida. [52,1-34]

NOTAS

[1,1-3] Cf. a Introdução para os dados cronológicos. Anatot é uma cidade levítica no reino do Norte (Israel), que se tornou colônia assíria em 722 a.C. Essa origem de Jeremias explica a influência que os grandes pregadores do Norte tiveram na sua atividade.

[1,4-25,38] Esta parte contém as profecias dirigidas ao reino de Judá. É difícil ver com clareza as situações concretas de cada oráculo, mas o tema geral é o confronto entre Jeremias e as estruturas sociais decadentes da sua época.

[1,4-10] Jeremias recebe a missão de anunciar o esfacelamento de toda uma estrutura social, a fim de assentar os alicerces de uma nova sociedade. A missão será difícil, mas Jeremias não deve temer, pois Javé está com ele. (Cf. nota em 31,23-40).

[11-19] Em hebraico, *amendoeira* se chama “vigilante”, pois é a primeira a dar flores, como que vigiando para anunciar a primavera. Do mesmo modo, Javé está vigilante para que a sua palavra se cumpra no tempo certo. A visão da *panela* indica uma invasão vinda do Norte e que se realizará, caso o reino de Judá continue obstinado em viver um projeto que não está de acordo com o projeto de Javé.

[2,1-4,4] Estes oráculos foram dirigidos ao Reino do Norte (Israel). Para o Reino do Sul (Judá), Jeremias anuncia o julgamento; para o Reino do Norte, destruído em 722 a.C., ele anuncia a conversão e a graça. Mais tarde, quando Judá foi destruído pelos babilônios, esses oráculos foram aplicados ao Reino do Sul e a Jerusalém.

[2,1-19] Usando a imagem matrimonial empregada pelo profeta Oseias, Jeremias mostra a causa da destruição de Israel: este abandonou Javé e o projeto de vida com o qual se comprometeram na Aliança do Sinai, e depositou sua confiança nos acordos com as grandes potências e nos seus ídolos que geram a morte. Desse modo, Israel renunciou à liberdade (Javé) e entregou-se à escravidão (ídolos).

[20-25] De noiva de Javé, Israel se transformou em prostituta de estrangeiros. Quem não se compromete com Javé, o Deus da liberdade e da vida, torna-se escravo de ídolos e paixões que levam à morte.

[26-37] As autoridades de Israel praticam todo tipo de idolatria: adoram

divindades estrangeiras, colocam plena confiança na aliança com as grandes potências e oprimem o povo pobre e inocente. Não bastasse tudo isso, elas ainda têm a coragem de dizer que são inocentes e procuram Javé na hora do aperto. Javé condena essas autoridades porque elas não reconhecem a própria culpa, a fim de se converterem.

[3,1-4,4] A palavra-chave destes oráculos é *retornar, voltar*: significa tanto a volta do exílio, quanto a volta ou conversão para Javé.

[3,1-5] A lei de Dt 24,1-4 proibia que, após o divórcio, o marido se unisse de novo à sua mulher, se ela já estivesse casada com outro homem. Javé se divorciou de sua nação, Israel, por causa da infidelidade desta, que se prostituiu com muitos amantes. É possível, agora, retornar a Javé? Tudo parece irreparável, mas quando o esposo traído é Javé, nada está definitivamente perdido.

[6-13] Desde 722 a.C., Israel não existe mais como reino, e muitos israelitas estão sofrendo o amargor do exílio. A lição, porém, não adiantou nada para Judá, o reino irmão. Ao contrário, este comete desmandos ainda maiores que os cometidos por Israel. Quando Josias reconquistou uma parte do Reino do Norte (cf. 2Rs 23,15), Jeremias anunciou o amor de Javé e a esperança do retorno do exílio para dispersos e oprimidos do Reino do Norte.

[14-18] Este oráculo é um acréscimo posterior. Anuncia um futuro no qual não só Judá e Israel, mas também todas as outras nações, vão se reunir em Jerusalém. Essa reunião simboliza a sociedade ideal a que toda a humanidade aspira: uma comunhão de todos ao redor de um governo sábio e justo, de tal modo que a cidade se transforma em lugar da presença de Javé.

[3,19-4,4] O trecho é continuação de 3,1-5, cujo tema é a possibilidade de conversão para os israelitas, apesar dos desmandos cometidos. A fidelidade de Javé à aliança feita com seu povo é o ponto de partida para o retorno. Os passos seguintes são a resposta do povo à fidelidade de Javé: confissão das próprias culpas, reconhecimento de que Javé é o único Absoluto, e fidelidade à aliança através da prática do direito e da justiça. Só assim haverá conversão do coração, que supera até impedimentos jurídicos. Esse retorno é questão de vida ou morte: ou o cumprimento da promessa a Abraão (cf. Gn 12,3), ou a destruição e desaparecimento do próprio povo.

[4,5-22] Apesar das advertências do profeta, não aconteceu a esperada volta de Israel para a fidelidade no direito e na justiça. Por isso, Jeremias percebe e

mostra que a situação é irreversível: seu povo escolheu a morte, e esta se aproxima devastadora. O julgamento de Deus se realiza através da invasão do país por um povo estrangeiro, aqui difícil de ser definido. Começa a grande angústia de Jeremias, que será sentida em grande parte do livro: ter que anunciar a destruição do seu país, que ele tanto ama (vv. 19-21). A visão da panela fervendo (cf. 1,13-14) começa a tornar-se realidade.

[23-31] A invasão começa e Jeremias tem pesadelos que preveem a destruição: vê o escuro vazio, do qual até a própria natureza teme e foge. A sorte está lançada: no meio desse quadro desolador, aparece tragicamente uma prostituta se enfeitando, que se transforma em mulher prestes a dar à luz: é Jerusalém que procura ainda agradar, fazer acordos com aqueles que a desprezam e estão para destruí-la. Mas ela só consegue gerar a morte em seu próprio seio.

[5,1-10] A morte em gestação dentro de Jerusalém está sendo alimentada pelo plasma da injustiça e da mentira. Jeremias ainda tenta encontrar uma justificativa: talvez o povo não esteja a par do projeto de Javé e, por isso, comete esses pecados. Mas essa desculpa também cai por terra: aqueles que têm por função instruir o povo nesse projeto se perverteram. A conversão se torna impossível quando os dirigentes de uma nação se orientam por princípios iníquos: o sal perde o sabor (cf. Mt 5,13).

[11-19] Numa situação dessas, a única salvação é a voz dos profetas. Entretanto, essa voz é rejeitada com estupidez e fanatismo. Por isso, a própria voz de Javé não encontra mais eco; assim, chega-se ao fundo do abismo, com a negação do único Absoluto: “Javé não existe” (v. 12). Morto Javé nas consciências e na sociedade, só resta nascer a deusa Morte. Os vv. 18-19 são acréscimo posterior, procurando amenizar a dureza do oráculo.

[20-31] Depois de notar que nem mesmo a natureza serve como sinal da existência e presença de Javé, Jeremias mostra quem são os pais da morte que está para nascer: são os injustos, os ateus práticos, que formam o grupo que se enriqueceu com o roubo, a distorção do direito, a opressão aos empobrecidos. A alienação chegou a tal ponto que o povo acha tudo isso normal e bom.

[6,1-8] Jeremias encena dois diálogos, convidando os habitantes de Jerusalém para que fujam e incitando os invasores para que destruam a cidade. O motivo dessa fuga e destruição aparece de novo: violência, opressão, ferida e sofrimento. E Javé ainda lança um último apelo: “Corrija-se, Jerusalém!”

[9-15] Agora o diálogo se trava entre Javé e o profeta: Deus ordena que Jeremias

procure alguém que possa ser perdoado. A procura se torna inútil, pois os chefes não querem entender e alienam o povo com promessas ilusórias. Extraviado por eles, o povo perdeu até mesmo o sentido do pecado.

[16-26] A situação chegou a tal ponto que só uma conversão radical poderia afastar a desgraça (v. 16). Em vez disso, porém, o povo se limita a um culto formal e vazio. Por isso, o invasor chegará e arrasará completamente o país: é o julgamento de Javé.

[27-30] A missão de Jeremias é anunciar o projeto de Javé, fazendo um confronto com o projeto mau que existe no país e, assim, possibilitar a conversão. Mas o projeto já está de tal modo identificado com a corrupção, que o trabalho do profeta se torna inútil.

[7,1-8,3] Estamos no tempo do rei Joaquim, e a idolatria se espalha. O perigo maior, porém, é o Templo e todo o sistema cultural que, em vez de expressar a verdadeira relação com Deus e com o próximo, se torna um véu que encobre todo tipo de injustiça.

[7,1-28] O Templo de Jerusalém deveria exprimir a relação da aliança entre o povo e Javé. Transformou-se, porém, numa instituição corrompida, que esconde as injustiças contra o pobre e o fraco, falsificando a relação com o próprio Deus. Se Israel não se converter, o Templo será destruído, para que o povo tome consciência de que Javé salva não através do culto, mas através da prática da justiça. Um culto que não exprime a vida segundo o projeto de Javé, não passa de hipocrisia, pois serve apenas para sustentar uma estrutura que explora e oprime o povo.

[7,29-8,3] É o oráculo mais sombrio de Jeremias. Em Israel, como em outras nações, há testemunhos de que se faziam sacrifícios de crianças (Lv 18,21; Dt 18,10; Jz 11,29-39; Mq 6,7). Javé, porém, o Deus da vida, não se agrada com a morte de suas criaturas (cf. Gn 22; Sb 1,12ss). Jeremias mostra que o castigo será uma perpétua maldição: para os antigos, não sepultar ou violar os restos mortais causava perdição eterna. Esse castigo é o destino trágico daqueles que não souberam respeitar a vida ou que chamaram de sacrifício aquilo que, na verdade, era assassinato. Sobre *Tofet*, cf. Jr 19,1-15.

[8,4-10,25] A história é dirigida pelo projeto de Javé, projeto sempre voltado para a liberdade e a vida. O destino de uma sociedade depende sempre da atitude que ela toma diante desse projeto: ou terá liberdade e vida, ou produzirá

escravidão e morte.

[8,4-13] Jeremias denuncia uma sociedade que foi corrompida pelas autoridades. Estas buscam o lucro e, para isso, falsificam a Lei de Javé, isto é, a justiça e o direito. O povo, completamente alienado, afoga-se no erro, chegando mesmo a perder o sentido da verdade: os pássaros migradores sabem voltar ao seu lugar de origem no momento certo; o povo, porém, desorientado, não encontra mais o seu caminho.

[14-23] A paga pelos desmandos se concretiza com a invasão do inimigo. Embora tenha previsto e anunciado essa invasão, Jeremias agora se solidariza e sofre juntamente com o povo frente à devastação do país e à queda de Jerusalém nas mãos do inimigo.

[9,1-10] Jeremias denuncia a corrupção que toma conta de Jerusalém: numa sociedade que não procura viver segundo o projeto de Deus, as relações se pervertem e cada um passa a viver seus próprios projetos de ganância e grandeza; até mesmo as relações mais íntimas passam a ser vividas em clima de desconfiança e mentira.

[11-21] O oráculo se refere a uma campanha de Nabucodonosor na Palestina em 602 a.C. (cf. 2Rs 24,1-10). Jeremias vê a invasão como castigo das relações pervertidas dentro do reino de Judá.

[22-23] A verdadeira sabedoria é conhecer o projeto de Javé e viver conforme esse projeto.

[24-25] O profeta alude a uma provável coalizão entre Judá e os povos vizinhos contra Nabucodonosor. Esses povos também praticavam a circuncisão como Israel; o profeta, porém, mostra que só a circuncisão do coração — a conversão ao projeto de Javé — é que poderá salvar o país da ruína total.

[10,1-16] Tarefa importante do profeta é discernir a idolatria que domina a sociedade. Os ídolos são deuses fabricados pelo próprio homem, que acabam se transformando em coisas absolutizadas, que geram a escravidão e a morte. O Deus verdadeiro é o Criador e Senhor da história; ele a dirige com seu projeto, voltado para a liberdade e a vida.

[17-22] O texto continua o tema do capítulo 9: quando os chefes abandonam o projeto de Javé, o povo se desorienta e dispersa.

[23-25] Trata-se de um acréscimo feito durante o exílio. A comunidade exilada reconhece que só Javé pode dirigir o caminho do homem. Reconhecendo isso, a

comunidade pede que Javé faça justiça, corrigindo seu povo com misericórdia e castigando as nações que o destruíram.

[11,1-12,6] Em 622 a.C., durante uma reforma do Templo, é encontrado um “Livro da Lei” (cf. 2Rs 22-23). Esse achado faz com que o rei Josias promova uma reforma político-religiosa, visando restaurar, em todos os níveis, a aliança com Javé. O livro de Jeremias, porém, mostra que a reforma parece não ter produzido uma conversão profunda.

[11,1-14] O estilo do texto não é de Jeremias. Trata-se provavelmente de um redator que pertencia à escola deuteronomica, fundada pelo rei Josias (cf. Introdução ao Deuteronômio). A primeira parte fala sobre a descoberta do “Livro da Lei” (vv. 1-8), e a segunda mostra que a renovação da aliança foi apenas superficial (vv. 9-14). De fato, o movimento foi interrompido com a morte do rei Josias em 609 a.C.

[15-17] Jeremias critica os frequentadores do Templo, que vivem na idolatria e só recorrem a Javé na hora do aperto. Uma fé que não tem consequências na vida prática é uma forma de querer enganar a Deus.

[11,18-12,6] É a *primeira das cinco confissões de Jeremias* (cf. 15,10-21; 17,14-18; 18,18-23; 20,7-18): a missão do profeta provoca hostilidades e perseguição; por isso, ele faz um diálogo íntimo com Deus, apresentando queixas e buscando respostas. Nesta primeira confissão, Jeremias pergunta: Se Deus é justo, por que os ímpios prosperam, enquanto o justo é oprimido, explorado e reduzido à miséria? A resposta de Javé promete julgamento e justiça; mas, ao mesmo tempo, anuncia que o profeta terá que enfrentar dificuldades ainda maiores e, para perseverar, só poderá contar com Deus.

[12,7-17] Este oráculo é um eco da situação no tempo do rei Joaquim, quando Nabucodonosor investiu contra Judá no ano 597 a.C. e várias nações vizinhas se aproveitaram para devastar territórios judaítas (cf. 2Rs 24,1-3). Os vv. 14-17, acrescentados mais tarde, mostram que Javé julgará as nações inimigas; mas ele abrirá possibilidade para que também elas deixem a idolatria e façam parte da Aliança.

[13,1-11] Trata-se de uma parábola viva, que mostra o destino do povo infiel ao amor de Javé: escolhido para ser a glória de Deus, esse povo será exilado pelo próprio Javé para a Babilônia, às margens do rio Eufrates.

[12-14] Através desta imagem direta e clara, Jeremias mostra que a confusão e a

desordem tomarão conta do país, como se todos estivessem embriagados.

[15-17] Se o povo não se converter, o Dia de Javé, esperado como dia de luz e alegria, se transformará em dia de trevas e julgamento.

[18-19] É uma sátira ao rei Joaquin, deposto em 597 a.C. por Nabucodonosor e levado para o exílio juntamente com sua mãe e grande parte da elite de Jerusalém. Nessa época, o país de Edom se aproveitou para tomar cidades do sul (Negueb), que pertenciam ao território de Judá (cf. 2Rs 24,8).

[20-27] Jerusalém caiu em poder dos inimigos. Então se pergunta: “Por quê?” Jeremias responde: Porque Jerusalém abandonou Javé e caiu na “prostituição”, isto é, na idolatria que se arraigou na vida da cidade como as manchas na pele de um animal.

[14,1-15,4] O oráculo situa-se na época do rei Joaquim, quando a grande reforma religioso-política do rei Josias havia falido e Judá voltou à decadência cultural e moral da época do ímpio rei Manassés (15,4). Moisés e Samuel intercederam pelo povo em situações difíceis do passado. No presente, duas desgraças atingem o povo: uma seca devastadora (14,2-6) e diversos ataques do inimigo (14,17-18). O povo ergue súplicas a Javé (14,7-9.19-22). Mas, apesar da intercessão de Jeremias (14,13-16), a resposta de Javé é negativa (14,10-12): o povo abandonou o projeto de Javé e não está disposto a uma conversão sincera; por isso, terá que sofrer as consequências dessa escolha (15,1-4).

[15,5-9] O oráculo se refere certamente à primeira invasão de Nabucodonosor em 598 a.C. Jeremias vê essa invasão como o cumprimento da sentença de Javé contra a corrupção da sociedade em Jerusalém.

[10-21] É a *segunda confissão de Jeremias* (cf. 11,18-12,6; 17,14-18; 18,18-23; 20,7-18). Ele se entregou completamente à atividade profética, mas só encontrou incompreensão e hostilidade. Cansado, ele se dirige a Javé com palavras pretensiosas, querendo abandonar a vocação. Javé promete apoio e proteção, e o convida a retomar o caminho e a permanecer inabalável.

[16,1-13] A vida de Jeremias transforma-se num oráculo vivo, simbolizando o distanciamento de Javé em relação ao seu povo: termina a aliança (ausência de matrimônio), e também a solidariedade na tristeza e na alegria (velórios e festas matrimoniais). Quando abandona Javé para seguir os ídolos, o povo sofre as consequências dessa traição. Desse modo tomará consciência de sua alienação e descobrirá o caminho da conversão.

[14-15] Estes versículos foram acrescentados por um redator que procurou moderar a severidade do oráculo anterior, anunciando a reunião e a volta do seu povo para a sua terra: o novo êxodo será maior que o realizado outrora no Egito, e vai inaugurar um novo modo de confessar a fé.

[16-18] Este trecho continua 16,1-13: como castigo da idolatria, o povo será pescado e caçado por uma nação idólatra. É o julgamento de Javé.

[19-21] Também estes versículos foram acrescentados para dar um tom mais otimista ao conjunto. Anuncia que, no futuro, as nações rejeitarão seus ídolos para terem unicamente Javé como Deus.

[17,1-4] O profeta denuncia o pecado que já forma o pano de fundo da consciência (coração) e da religião (altares). O povo abandonou o projeto de Deus; Deus agora vai abandonar o povo aos projetos ambiciosos das nações.

[5-13] O homem é um ser que busca segurança. Onde poderá encontrá-la? Alguns a buscam em outra pessoa (vv. 5-6), outros em si mesmos (vv. 9-10), outros ainda na riqueza acumulada graças à injustiça (v. 11). São seguranças falsas, e só trazem frustração. Só a confiança em Deus pode levar o homem a viver e agir com tranquilidade (vv. 7-8.12-13).

[14-18] É a *terceira confissão de Jeremias* (cf. 11,18-12,6; 15,10-21; 18,18-23; 20,7-18). O profeta, obrigado a anunciar desgraças, sofre forte oposição de todos, e é inclusive desacreditado, pois o que ele anuncia não se realiza imediatamente. Diante disso, Jeremias suplica para que Javé faça justiça, realizando aquilo que ele próprio mandara anunciar.

[19-27] Trata-se de um acréscimo pós-exílico, no estilo de Neemias 13,15-22: o futuro da nação depende da observância ou não do sábado.

[18,1-17] A atividade do oleiro sugere a Jeremias que Deus dirige a história, dando forma aos acontecimentos conforme lhe apraz. Quem não vive conforme o projeto de Javé é deixado de lado e substituído por outro.

[18-23] É a *quarta confissão de Jeremias* (cf. 11,18-12,6; 15,10-21; 17,14-18; 20,7-18). As autoridades fazem um complô contra o profeta, pois este desvenda a injustiça das estruturas da sociedade, atingindo aqueles que são privilegiados por essa estrutura injusta. Não tendo a quem recorrer em sua defesa, Jeremias se dirige a Deus, pedindo justiça.

[19,1-15] Diante de autoridades civis e religiosas, Jeremias realiza um gesto simbólico, mostrando o que vai acontecer com o país. *Tofet*, palavra hebraica

que quer dizer crematório, é o nome de uma colina perto de Jerusalém, no vale de Ben-Enom, onde havia um antigo altar de Moloc em que se ofereciam sacrifícios humanos. Esse lugar tornou-se depois depósito de lixo e ficou conhecido como vale da *Geena*, tomado a seguir como representação do inferno. Jeremias mostra que Jerusalém se transformará em lugar de sepultura.

[20,1-6] A autoridade tenta reprimir a ação do profeta. Este, porém, volta à ação com mais veemência ainda. Não é possível conter a palavra e ação que vêm de Deus.

[7-18] É a *quinta confissão de Jeremias* (cf. 11,18-12,6; 15,10-21; 17,14-18; 18,18-23). O texto mostra o íntimo de alguém que se entregou à missão profética: primeiro, o profeta se sente contrariado por uma missão que ele não escolheu, mas para a qual Deus o destinou (vv. 7-10); em segundo lugar, nos momentos difíceis, o profeta tem lampejos de confiança, ao perceber que Deus está a seu lado, amparando-o com sua presença e força (vv. 11-13); por fim, forçado por circunstâncias difíceis, ele chega ao desespero, preferindo até mesmo não ter nascido.

[21,1-10] Após a primeira invasão (597 a.C.), Nabucodonosor, rei da Babilônia, depôs Joaquim, rei de Judá, deixando em seu lugar Sedecias, como vassalo da Babilônia. Em 598 a.C. Sedecias tenta aliar-se ao Egito para libertar-se da Babilônia. Em 588 a.C. Nabucodonosor vem e cerca Jerusalém. O presente oráculo deve ser lido nessa situação. Só um milagre poderá salvar Jerusalém. Jeremias, contudo, afirma que Javé agirá, mas contra o seu povo: a única maneira de conservar a vida é entregar-se ao inimigo.

[21,11-22,9] A função da autoridade política é defender o ideal proposto pela Aliança: promover a justiça e defender o direito dos pobres e oprimidos. Se as autoridades pervertem a sua função, para servir aos próprios interesses e ao interesse dos privilegiados, Javé se coloca contra elas e abençoa os inimigos para que as destruam.

[22,10-12] Em 609 a.C., morre em combate o rei Josias. Seu filho Joacaz (ou Selm) reina apenas três meses e é exilado no Egito (cf. 2Rs 23,29-34). Jeremias diz que não é por Josias que se deve chorar, mas por seu filho Joacaz, que nunca mais voltará.

[13-19] No tempo do rei Joaquim, o país está em grandes dificuldades econômicas, pois tem que pagar pesados tributos ao Faraó Necao. Entretanto, o

rei Joaquim está preocupado em construir um luxuoso palácio real, mesmo que para isso tenha que explorar os operários, obrigando-os a trabalhar sem receber nada. Relembrando o rei Josias, pai de Joaquim, Jeremias mostra que a função da autoridade é administrar a justiça e o direito, defendendo a causa dos pobres. Por isso, a sorte do rei Joaquim está lançada: é desprezado pelo povo, que certamente não chorará a sua morte.

[20-23] O oráculo se refere à tomada de Jerusalém em 598 a.C. (cf. 2Rs 24,10-16).

[24-30] O rei Conias, também chamado Jeconias ou Joaquin, reinou apenas três meses e foi levado como prisioneiro para Babilônia por Nabucodonosor, em 597 a.C. (cf. 2Rs 24,8; 25,27).

[23,1-8] O oráculo é, provavelmente, pós-exílico. Apresenta uma avaliação negativa dos reis de Judá, mostrando que a política deles foi a principal responsável pela queda de Jerusalém e pelo exílio. Os vv. 5-6 manifestam a esperança de um futuro rei justo, que governará o povo conforme a justiça e o direito.

[9-32] Jeremias se confrontou a vida inteira com os profetas profissionais que, ao invés de anunciar a palavra de Javé para sacudir o povo e levá-lo à conversão, procuravam agradar a todos, em vista de seus próprios interesses. O critério da verdadeira profecia está no v. 22: o anúncio provoca a conversão. A crítica de Jeremias aos falsos profetas é mais severa do que a crítica feita aos políticos, pois os profetas são guias espirituais, e devem orientar a vida do povo segundo o projeto de Deus.

[33-40] “Carga de Javé” é uma expressão para indicar algum julgamento de Deus, em geral sobre nações estrangeiras. Os ouvintes caçoam do profeta: “Você não tem uma *carga* de Javé?” Jeremias responde: “Vocês é que são a carga de Javé, e ele vai atirá-los longe”. A proibição de usar a expressão “Carga de Javé” se deve, provavelmente, à gozação que se fazia da própria palavra de Deus.

[24,1-10] Este oráculo foi pronunciado depois da primeira deportação para a Babilônia (598 a.C.). Os que foram exilados nessa época são os figos bons, pois já foram castigados e podem se converter, reconhecendo Javé. Em 598 a.C. o rei Sedecias se alia ao Egito e tenta uma rebelião contra a Babilônia. Assim, aqueles que permaneceram em Judá tentam fugir ao castigo, considerando-se justos não necessitados de conversão por não terem sido exilados.

[25,1-38] O fim do século VII a.C. é o tempo dos grandes confrontos entre os impérios no Oriente Médio. A Babilônia se projeta, conquistando a Assíria e o Egito. Essa onda de conquistas é vista pelo profeta como o julgamento de Deus que atinge seu povo e todas as nações. Os vv. 30-38 são um canto à grandeza de Deus, e mostram que não existe compromisso entre Deus e o mal.

[26,1-24] Falando em nome de Deus, o profeta tem a coragem de criticar as instituições mais sagradas do seu tempo: falar contra o Templo e contra Jerusalém era uma blasfêmia. Jeremias deixa claro que as instituições não passam de máscara quando não se vive conforme o projeto de Deus. O caso de Urias (vv. 20-23) mostra o preço que um profeta paga por obedecer a Deus.

[27,1-22] O rei Sedecias procura fazer alianças com os estrangeiros para se rebelar contra a Babilônia. Jeremias percebe que essa revolta significa a destruição total do país e, nessa conjuntura, aconselha que todos se submetam ao rei da Babilônia. É a única forma de sobreviver.

[28,1-17] Hananias é um falso profeta que recorre à demagogia, procurando dizer o que os ouvintes *gostam* de ouvir e não aquilo que o povo *precisa* ouvir.

[29,1-32] Os tempos de crise e grandes dificuldades são também tempos de expectativa, em que facilmente se pode cair nas ilusões: de um lado, o povo que procura iludir-se, para suportar o sofrimento; de outro, a multiplicação de aproveitadores e vendedores de ilusões. O verdadeiro profeta toma posição: desmascara os demagogos e leva o povo a uma visão crítica e realista, mostrando que as coisas mudarão (v. 32), mas só no momento oportuno.

[30,1-31,22] A ação profética de Jeremias é dupla: para o Reino do Sul (Judá), ele anuncia o julgamento e o castigo; para o Reino do Norte (Israel), que há um século sofre por seus erros, ele anuncia a volta do exílio na Assíria e a restauração do país. Efraim é considerado de maneira particular, talvez porque tenha sido uma das regiões atingidas pela reforma promovida pelo rei Josias em 622 a.C. (cf. 2Rs 22-23). O profeta anuncia a restauração da Aliança: será uma nova criação (31,22) em que a mulher (Israel) cativará o homem (Javé). Não é mais Javé que tentará seduzir o seu povo; o povo é que procurará seduzir Javé.

[31,23-40] Após a queda de Jerusalém em 586 a.C., o que Jeremias anunciava para o Reino do Norte torna-se atual também para o Reino do Sul. Nesse momento difícil, o profeta descortina um futuro cheio de esperança: Javé

realizará uma *aliança nova* com o povo. A aliança antiga se caracterizava por uma lei externa e por mediações entre Deus e o povo. A aliança nova será uma relação com Deus em que todos terão o senso do amor e da fidelidade, de tal maneira que não serão mais necessárias nem lei externa nem mediações. O que Jeremias vê aqui é a realização plena do projeto de Deus: a humanidade nova, em que as estruturas de poder são superadas pela fraternidade, e as estruturas econômicas pela partilha justa dos bens que Deus concede a todos. Ap 21,1-22,5 repropõe essa utopia democrática de uma humanidade em que todos vivem totalmente reconciliados entre si e com Deus.

[32,1-44] Enquanto o exército babilônico cerca Jerusalém, pronto para a conquista (587 a.C.), Jeremias compra um terreno que em breve pertencerá ao inimigo. Essa atitude paradoxal é um ato de fé na promessa de Deus e no futuro do povo: Javé prometeu a terra e a deu a seu povo; este, porém, foi infiel e, por isso, a perde para o inimigo. Todavia, a promessa de Javé é permanente: a terra voltará para as mãos do seu povo.

[33,1-13] Jeremias vê chegar a desgraça. Apesar de tudo, continua afirmando que Javé é fiel ao seu amor e ao seu projeto, e refará a vida do seu povo.

[14-26] O texto é um acréscimo feito nos primeiros tempos depois do exílio. Os repatriados desanimam diante das dificuldades para reconstruir a vida civil e religiosa. O oráculo abre nova esperança: o povo reencontrará a forma de sociedade desejada, se confiar nas promessas que Deus fez aos antepassados.

[34,1-7] Estamos em 587 a.C. e o exército de Nabucodonosor devasta a Palestina; Sedecias, rei de Judá, tenta revoltar-se contra o rei da Babilônia. Jeremias considera isso uma temeridade: a única forma de sobreviver, nesse momento histórico, é submeter-se ao rei da Babilônia.

[8-22] Devido ao cerco que o exército babilônico faz em Jerusalém, o rei Sedecias usa uma estratégia para aumentar o exército: liberta os escravos de acordo com a prescrição de Dt 15,12ss. O exército inimigo, porém, se afasta da cidade para combater o exército egípcio. Julgando-se livre do perigo, Sedecias volta atrás, revogando o decreto que libertava os escravos. Para Jeremias, isso é uma falsidade para com Javé e os irmãos: um povo que não é capaz de instaurar a liberdade em suas próprias fronteiras, acabará sendo escravo de outro povo. Sobre a lei da libertação de escravos, cf. nota em Dt 15,12-18.

[35,1-19] Estamos em 597 a.C. Jeremias se serve de um exemplo vivo para

criticar a infidelidade de Judá: os recabitas são capazes de obedecer às tradições de seus antepassados; Judá, porém, não é capaz de ser fiel às ordens de Javé. O exemplo de um clã, que é peregrino permanente, torna-se sinal do exílio que Judá terá que experimentar em breve.

[36,1-32] Em 605 a.C., o rei da Babilônia entra em cena e as palavras de Jeremias adquirem trágica atualidade. Impedido de falar publicamente, o profeta recorre à palavra escrita, através do seu secretário Baruc. O texto mostra que a palavra profética não fica aprisionada: ela vai até às autoridades e questiona profundamente. As autoridades podem rasgar e queimar essa palavra, mas não conseguirão anular a ação de Deus que ela anuncia.

[37,1-21] O texto se refere a acontecimentos de 587 a.C.: o exército babilônico cerca Jerusalém, mas é obrigado a retirar-se diante de uma investida do exército egípcio comandado pelo Faraó Hofra. Jeremias fora preso por um grupo nacionalista; este não aceitava o realismo político do profeta, que via a submissão a Nabucodonosor como única saída. Interrogado pelo rei, Jeremias desafia os falsos profetas, e confirma sua própria convicção: Jerusalém não escapará da dominação babilônica.

[38,1-13] O profeta não se cala, apesar de todas as tentativas de isolá-lo. Preso entre os soldados, ele começa a desencorajá-los da luta e continua anunciando a certeza de que Jerusalém cairá em poder da Babilônia.

[14-28] O rei Sedecias está dividido entre o respeito ao profeta e a pressão dos grupos nacionalistas que querem a todo custo resistir ao ataque babilônico. O rei procura uma solução conciliatória, mas Jeremias o desilude.

[39,1-18] Jerusalém foi cercada em 587 a.C., e caiu nas mãos do exército babilônico em 586 a.C. A palavra de Jeremias se cumpriu: a cidade foi incendiada, as fortalezas destruídas e a elite da população foi exilada.

[40,1-6] O antinacionalismo de Jeremias valeu-lhe a simpatia do conquistador. O profeta, porém, não é oportunista e escolhe permanecer no meio do seu povo.

[7-12] Nomeado governador pelos babilônios, o judeu Godolias procura reorganizar a vida dos pobres que permaneceram em Judá.

[40,13-41,18] O sucesso de Godolias atrai a rivalidade de um grupo nacionalista remanescente, que age com fanatismo, matando o governador. Foi contra esse nacionalismo inconsequente que Jeremias sempre se opôs.

[42,1-43,13] Devido aos acontecimentos em Judá (cf. nota anterior), os líderes temem uma represália dos babilônios e planejam fugir para o Egito. Antes disso, consultam Jeremias para ver qual é a vontade de Javé. Jeremias é claro: o povo deve permanecer na terra, servindo o rei da Babilônia. Apesar do seu realismo político, mais uma vez o profeta não é ouvido.

[44,1-30] Um grupo de judeus se refugia no Egito, buscando segurança contra a Babilônia. Jeremias, porém, deixa claro que essa segurança não existe: o rei da Babilônia virá e arrasará também o Egito.

[45,1-5] O texto é uma verdadeira síntese de todo o anúncio de Jeremias: num tempo de caos nacional, em que as dificuldades se multiplicam de todos os lados, o grande dom de Deus a seu povo é mantê-lo vivo. Na verdade, esse é o anúncio que Jeremias faz diante de toda a situação histórica do seu tempo. Nesse momento, não adianta resistir, não adianta fugir, não adianta sonhar: o único laço entre Deus e seu povo é o dom da vida.

[46,1-51,64] Na visão profética, Javé não é apenas um Deus nacional; pelo contrário, ele é o Rei e o Juiz de toda a história. Com sua presença e ação, ele dirige os acontecimentos para realizar o seu projeto: uma nova humanidade, onde reinem a justiça e a fraternidade. Em vista desse projeto, Javé move as nações, servindo-se delas como instrumentos. Se estas, porém, se voltam contra o projeto de Javé, ele põe em ação o seu julgamento, manifestando os erros e convidando à conversão. Se as nações persistem no orgulho e auto-suficiência, o julgamento é de condenação: elas deixam de ter sentido e desaparecem do processo histórico.

[46,1-12] Jeremias descreve a derrota do exército egípcio pelo exército babilônico em Carquemis (605 a.C.). O profeta, no entanto, vê essa derrota como ação de Javé, Senhor da história, que castiga o Faraó por ter matado Josias, rei de Judá (cf. 2Rs 23,28-30).

[13-26] O texto se refere à expedição de Nabucodonosor contra o Egito em 568 a.C.: isso não representou uma conquista, mas provocou alarme no país. Para Jeremias, tal acontecimento mostra a supremacia de Javé sobre as divindades egípcias (vv. 15.25).

[27-28] Outro redator, mais tarde, repete Jr 30,10-11, para mostrar que os judeus sofrerão com a catástrofe do Egito, mas não será para eles uma destruição, e sim um bem.

[47,1-7] O oráculo é posterior ao ano 605 a.C. No passado, os filisteus eram os inimigos tradicionais de Israel.

[48,1-47] Este longo julgamento contra Moab mostra que Israel guardou na lembrança o ataque que os moabitas, por ordem dos babilônios, fizeram contra Judá em 597 a.C. (cf. 2Rs 24,2).

[49,1-6] Amon é irmão e adversário de Israel (cf. Gn 19,38; 2Rs 24,2). Seu grande erro foi ocupar o território da tribo de Gad (cf. Js 13, 24-28).

[7-22] Edom era formado pelos distritos de Temã e Dadã, situados nas montanhas e, por isso, considerados invencíveis. Rival de Israel desde o início, Edom tornou-se particularmente odioso quando atacou Judá por ocasião da destruição de Jerusalém (cf. Introdução e notas de Abdias).

[23-27] Este oráculo talvez esteja relacionado com o pânico de Damasco pela tomada de Carquemis pelos babilônios em 605 a.C., quando os egípcios foram derrotados. Na época, Damasco era possessão egípcia.

[28-33] Hasor é um nome dado aos árabes semi-sedentários, instalados com seus rebanhos em povoados de tendas à beira do deserto. O nome Cedar significa “escuro” e se refere provavelmente à cor das tendas.

[34-39] Elam é uma nação famosa por causa de seus arqueiros. Não é propriamente nação inimiga de Israel; os judeus exilados talvez tenham sofrido por causa da hostilidade que havia entre Elam e a Babilônia.

[50,1-51,64] Jeremias sempre considerou a Babilônia como instrumento de Deus e sabia que, cedo ou tarde, ela perderia seu domínio. Munidos dessa visão, os discípulos de Jeremias proclamam o julgamento de Javé contra a Babilônia. O texto é, provavelmente, do século VI a.C., quando já se pode perceber os sinais de declínio da grande potência. Como Babilônia, todas as nações opressoras têm seus dias contados na história, pois o projeto de Deus liberta todos os explorados e oprimidos.

[52,1-34] Este apêndice (calcado em 2Rs 24,11-20; 25,1-21.27-30; Jr 39,1-7) foi acrescentado ao livro para mostrar que o profeta Jeremias estava certo quando anunciava a total submissão de Judá aos babilônios. Para os judeus, a regalia dada ao rei Joaquin no exílio talvez pudesse significar uma esperança de libertação para o povo todo.

LAMENTAÇÕES

UM POVO HUMILHADO

Introdução

As Lamentações provavelmente foram escritas na Palestina depois da queda de Jerusalém em 586 a.C. Uma tradição as atribui ao profeta Jeremias, mas tudo indica que essa atribuição é artificial.

São cantos fúnebres que descrevem, de modo doloroso e poético, a destruição de Jerusalém pelos babilônios e os acontecimentos que se sucederam a essa catástrofe nacional: fome, sede, matanças, incêndios, saques e exílio forçado (cf. 2Rs 24-25).

Esses poemas retratam a angústia de um povo humilhado, que faz exame de consciência, grita de arrependimento e suplica perdão. Mostram o povo em situação desesperada, que perdeu tudo, menos a fé. Uma lembrança continua presente: Deus é o Senhor de tudo e de todos. E, o que é melhor: ele não abandona o seu povo para sempre, e está pronto para agir com misericórdia. Então o desespero cede lugar à oração, a uma confiança invencível, mesmo quando já não existe motivo para nenhuma esperança.

As Lamentações são usadas na liturgia por ocasião da Semana Santa, para celebrar a paixão de Cristo, fonte de esperança para o mundo. A tradição popular conservou, durante a procissão de Sexta-feira santa, no canto da Verônica, um trecho das Lamentações, posto na boca de Jesus: “Vocês todos que passam pelo caminho, olhem e prestem atenção: haverá dor semelhante à minha dor?” (1,12).

LAMENTAÇÕES

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4 - 5

LAMENTAÇÕES

Primeira Lamentação: haverá dor semelhante à minha dor?

- 1** ¹ Ai! Como está solitária a capital do povo!
A primeira entre as nações está como viúva.
Quem era líder entre os povos, agora paga tributo.
- ² Banhada em lágrimas a face, passa a noite chorando.
De todos os seus amantes, não há nenhum que a console.
Todos os seus aliados a traíram, tornando-se para ela inimigos.
- ³ Judá foi para o exílio, humilhada e em dura escravidão; foi morar entre as nações, onde não encontra mais repouso.
Seus perseguidores a alcançaram em lugares sem saída.
- ⁴ Estão de luto os caminhos de Sião: ninguém vem para as festas.
Todas as suas portas estão desertas e seus sacerdotes choram; as suas virgens estão aflitas e ela na amargura.
- ⁵ Seus opressores a venceram, seus inimigos estão felizes, porque Javé a castigou, por suas numerosas revoltas.
Até suas crianças são levadas como escravas à frente do opressor.
- ⁶ A cidade de Sião perdeu toda a sua beleza!
Seus chefes parecem animais que não acham pastagem;
caminhavam sem forças, empurrados pelas costas.
- ⁷ Jerusalém recorda os dias de miséria e aflição, quando seu povo caía em mãos do inimigo e ninguém o socorria.
Ao vê-la, seus inimigos riam de sua queda.
- ⁸ Jerusalém pecou gravemente e tornou-se impura.
Os que antes a honravam, a desprezam vendo-lhe a nudez.
Até ela, gemendo, vira-se de costas.
- ⁹ Leva suas impurezas na veste, sem pensar no futuro.
Caiu de modo espantoso e não há quem a console.
“Javé, olha o meu sofrimento e o triunfo do meu inimigo!”
- ¹⁰ O inimigo estendeu as mãos para agarrar todos os seus tesouros.

Jerusalém viu pagãos invadindo o Templo sagrado,
apesar de lhes teres proibido entrar na tua assembleia.

¹¹ Gemendo, o povo labuta em busca de pão; trocam suas joias por comida que os possa reanimar.

“Olha, Javé, e presta atenção: como estou rebaixada!

¹² Vocês todos que passam pelo caminho, olhem e prestem atenção: haverá dor semelhante à minha dor? Como me maltrataram!

Javé me castigou no dia do furor de sua ira.

¹³ Do céu ele jogou um fogo que entrou até os meus ossos.

Armou um laço para agarrar-me pelo pé e puxou-me para trás.

De mim ele fez uma cidade desolada, deprimida para sempre.

¹⁴ Javé fez um fardo com minhas culpas e com sua mão o amarrou; colocou-o nos meus ombros, abatendo a minha força.

Javé entregou-me nas mãos deles, e eu não consigo me levantar.

¹⁵ Javé dispersou todos os meus valentes que estavam comigo.

Convocou contra mim grande multidão, para matar meus soldados.

Como num tanque, Javé esmagou a donzela, a capital de Judá.

¹⁶ Por isso, choro e meus olhos se derretem, pois não tenho perto alguém que me console, alguém que me reanime.

Os meus filhos estão desolados, porque o inimigo venceu!”

¹⁷ Sião estende as mãos, e ninguém a consola.

Javé ordenou que os vizinhos atacassem Jacó;

Jerusalém ficou no meio deles como coisa imunda.

¹⁸ “No entanto, Javé é justo, porque me revoltei contra a sua palavra.

Prestem atenção, povos todos, vejam a minha dor:

minhas jovens e meus jovens foram levados como escravos.

¹⁹ Chamei meus amantes, e eles me traíram.

Meus sacerdotes e anciãos morreram na cidade,

enquanto procuravam comida para reanimar as forças.

²⁰ Vê, Javé, como estou angustiada: minhas entranhas fervem; meu coração se transtorna dentro de mim, porque me revoltei.

Lá fora, a espada tira-me os filhos, e aqui dentro, a morte.

²¹ Escutem como estou gemendo, e não há quem me console.

Os inimigos comemoram minha derrota, que tu mesmo causaste!

Traz, então, aquele dia que prometeste,
em que eles passarão o que eu passei.

²²“Chegue à tua presença a maldade deles: trata-os como trataste a mim por causa das minhas revoltas, pois meus gemidos se multiplicam e meu coração desfalece”. [\[1,1-22\]](#)

Segunda Lamentação: Javé arrasou sem piedade

- 2**¹ Em sua ira, Javé escureceu a cidade de Sião.
Do céu atirou no chão o esplendor de Israel!
No dia da sua ira, esqueceu-se do apoio de seus pés.
- ² O Senhor arrasou sem piedade todas as moradas de Jacó; em seu furor, destruiu as fortalezas da capital de Judá; lançou por terra, desonrados, o reino e os chefes.
- ³ No ardor da sua ira, cortou o poder de Israel; cruzou os braços, quando o inimigo atacava;
acendeu Jacó como tocha, tudo queimando em volta.
- ⁴ Como inimigo, disparou suas flechas, puxando com a direita; como invasor, destruiu a flor da juventude;
nas tendas de Sião, atizou o fogo da sua ira.
- ⁵ O Senhor era como inimigo, ao destruir Israel.
Demoliu todos os seus palácios e derrubou suas fortalezas; na capital de Judá multiplicou o choro e o gemido.
- ⁶ Como ladrão, invadiu-lhe a morada, arrasou o lugar da assembleia; Javé fez cair no esquecimento sábados e festas em Sião; indignado e furioso, rejeitou rei e sacerdote.
- ⁷ O Senhor rejeitou seu próprio altar, desprezou seu santuário; pôs na mão do inimigo as muralhas dos seus palácios; no Templo de Javé, eles soltaram a voz, como em dia de festa.
- ⁸ Javé decidiu arrasar as muralhas de Sião: esticou o fio de prumo e não retirou sua mão destruidora.
A muralha e a torre estão de luto: juntas, desmoronaram.
- ⁹ Derrubou por terra as portas, quebrou as fechaduras; seu rei e chefes estavam entre os pagãos:
não havia Lei, e os profetas já não recebiam visão de Javé.
- ¹⁰ Os anciãos da cidade de Sião se sentam no chão em silêncio, jogam poeira na cabeça, vestidos de luto;
as jovens de Jerusalém baixam a cabeça até o chão.
- ¹¹ Em lágrimas meus olhos se derretem, minhas entranhas fervem; minha bília se derrama pelo chão,

por causa da ruína da capital do meu povo,
enquanto crianças e bebês desfalecem pelas ruas da cidade.

¹²Perguntavam a suas mães: “Onde tem pão e vinho?”

E desmaiavam, como feridos, pelas ruas da cidade,
ou davam o último suspiro, no colo de suas mães.

¹³Quem pode se igualar ou comparar a você, cidade de Jerusalém?

A quem compararei você para a consolar, jovem capital de Sião?

A sua derrota é tão grande quanto o mar: quem vai curá-la?

¹⁴Seus profetas lhe falaram de visões falsas, mentirosas; para lhe mudar o destino, eles nunca mostraram

os pecados que você cometeu.

Só lhe revelaram visões falsas, sedutoras.

¹⁵Passando pelo caminho, qualquer um a insulta, batendo palmas, assobiam e balançam a cabeça, vaiando Jerusalém:

“É essa a tal cidade formosa, alegria de toda a terra?”

¹⁶Todos os seus inimigos caçoam de você às gargalhadas; assobiam, rangem os dentes, e vão dizendo: “Acabamos com ela!

Esse é o dia que a gente esperava; conseguimos e já vimos”.

¹⁷Javé realizou o seu projeto, cumpriu a sua palavra, que dissera há muito tempo: destruiu sem compaixão, exaltou o adversário, dando ao inimigo o gozo da vitória.

¹⁸Grite de coração ao Senhor, ó muralha da capital de Sião; derrame rios de lágrimas, dia e noite;

você não deve parar de chorar, nem descansar seus olhos.

¹⁹Levante-se e grite na noite, quando começam as trocas da guarda, derrame como água o seu coração diante do Senhor;

pela vida de seus filhos, levante para ele as mãos.

Eles estão desmaiando de fome pelas esquinas da cidade.

²⁰“Vê, Javé, e considera: a quem já trataste assim?

Quando as mulheres comeram seus próprios filhos,
os bebês que levam ao colo?

Quando assassinaram sacerdotes e profetas no Templo do Senhor?

²¹Velhos e jovens estão prostrados no chão das ruas; meus jovens e minhas jovens caíram ao fio da espada.

No dia da tua ira, tu mataste, assassinaste sem dó!

²²Convocaste, como para uma festa, terrores que me cercam.
Não houve quem fugisse ou escapasse, no dia da ira de Javé.
Todos aqueles que eu pajeei e criei, o inimigo matou!” [\[2,1-22\]](#)

Terceira Lamentação: Javé é minha herança

- 3**¹ Eu sou alguém que provou a miséria, sob a vara da sua ira.
² Ele me conduziu e me fez andar nas trevas e não na luz.
³ Ele volve e revolve contra mim a sua mão, o dia todo.
⁴ Consumiu minha carne e minha pele, e quebrou os meus ossos.
⁵ À minha volta, armou um cerco de veneno e amargura, ⁶ me fez morar nas trevas como os que morreram há muito tempo.
⁷ Cercou-me qual muro sem saída e, acorrentado, me prendeu.
⁸ Clamar ou gritar de nada vale, ele está surdo à minha súplica.
⁹ Com pedra cercou a minha estrada, distorceu o meu caminho.
¹⁰ Ele foi para mim como urso de tocaia, um leão de emboscada.
¹¹ Desviou-me do caminho, me despedaçou e deixou inerte.
¹² Disparou seu arco, fez de mim o alvo de suas flechas.
¹³ Em meus rins ele cravou suas flechas, tiradas de sua aljava.
¹⁴ Eu me tornei uma piada para todos os povos, a gozação de todo o dia.
¹⁵ Encheu meu estômago de amargura, embriagou-me de fel.
¹⁶ Fez-me dar com os dentes numa pedra, estendeu-me na poeira.
¹⁷ Fugiu a paz do meu espírito, a felicidade acabou.
¹⁸ Eu digo: “Acabaram minhas forças e minha esperança em Javé”.
¹⁹ Lembra-te de minha miséria e sofrimento, o fel que me envenena.
²⁰ Guardo triste essa lembrança e me sinto abatido.
²¹ Mas existe alguma coisa que eu lembro e me dá esperança: ²² o amor de Javé não acaba jamais e sua compaixão não tem fim.
²³ Pelo contrário, renovam-se a cada manhã:
“Como é grande a tua fidelidade!”
²⁴ Digo a mim mesmo: “Javé é minha herança”, por isso nele espero.
²⁵ Javé é bom para os que nele esperam e o procuram.
²⁶ É bom esperar em silêncio a salvação de Javé.
²⁷ É bom para o homem suportar o jugo desde a juventude.
²⁸ Que esteja sozinho e calado, quando cai sobre ele a desgraça; ²⁹ que ponha sua boca no pó: talvez haja esperança; ³⁰ que entregue a face a quem o fere até

fartar-se de insultos, ³¹porque o Senhor não rejeita para sempre.

³²Embora ele castigue, se compadecerá com grande amor, ³³porque é contra o seu desejo humilhar e castigar os homens, ³⁴esmagar sob os pés os prisioneiros todos da terra, ³⁵negar o direito do homem diante do Altíssimo,

³⁶lesar um homem no processo: o Senhor não aprova essas coisas.

³⁷Quem mandou que acontecesse, se não foi o Senhor que ordenou?

³⁸Não é da boca do Altíssimo que vêm o mal e o bem?

³⁹Por que se queixa um ser vivo, um homem, pelo castigo do seu pecado?

⁴⁰Observemos e olhemos nosso caminho e voltemos para Javé.

⁴¹Levantemos, com nossas mãos, o coração para o Deus do céu.

⁴²Nós pecamos, fomos rebeldes, e tu não nos perdoaste.

⁴³Envolto em ira, tu nos perseguiste e mataste sem piedade.

⁴⁴Tu te cercaste de uma nuvem para que nossas súplicas não te alcancem.

⁴⁵Fizeste de nós o desprezo e o lixo das nações.

⁴⁶Todos os nossos inimigos riem de nós.

⁴⁷Assaltam-nos terrores e espantos, desgraças e fracassos.

⁴⁸Derramo rios de lágrimas pela destruição da capital do meu povo.

⁴⁹Meus olhos se diluem sem trégua nem descanso,

⁵⁰até que Javé apareça e me veja lá do céu.

⁵¹Meus olhos estão doendo por causa das jovens da minha cidade.

⁵²Caçaram-me como pássaro os que me odeiam sem motivo.

⁵³Jogaram-me vivo na fossa e puseram uma pedra em cima.

⁵⁴Subiu água até meu pescoço, e eu pensei: “Estou perdido!”

⁵⁵Do fundo da fossa invoquei teu nome, ó Javé.

⁵⁶Ouve a minha voz, não feches o ouvido ao meu apelo.

⁵⁷Tu vieste na hora em que eu chamei, e respondeste: “Não tenha medo”.

⁵⁸Tu te encarregaste de defender a minha causa e resgatar a minha vida.

⁵⁹Tu viste, Javé, que sofro injustiça: julga a minha causa.

⁶⁰Viste a vingança que tramam contra mim;

⁶¹ouviste, Javé, os insultos, o que tramam contra mim, ⁶²o que dizem e tramam contra mim continuamente.

⁶³Vigia todos os movimentos deles: eu sou objeto de suas piadas.

⁶⁴Tu lhes pagarás, Javé, como suas obras merecem.

⁶⁵Dá-lhes um coração endurecido e sobre eles caia a tua maldição.

⁶⁶Persegue-os com ira e arrasa-os debaixo do céu. [\[3,1-66\]](#)

Quarta Lamentação: está cumprida a pena

- 4**¹ Ai! Como o ouro puro perdeu o brilho!
Esparramaram-se as pedras sagradas pelas esquinas das ruas.
- ² Os nobres filhos de Sião, que valiam seu peso em ouro, são agora tratados como potes de barro, trabalho de oleiro.
- ³ Até os lobos dão o peito para amamentar os filhotes; só esta cidade é mãe desalmada, como avestruz do deserto.
- ⁴ De sede, a língua dos bebês gruda no céu da boca; as crianças pedem pão, e ninguém lhes dá.
- ⁵ Os que comiam coisas finas estão caindo de fome pelas ruas; quem cresceu vestido de púrpura está encolhido no lixo.
- ⁶ O pecado desta cidade foi decerto maior que o de Sodoma, pois Sodoma foi destruída de uma vez, sem ninguém agredi-la.
- ⁷ Seus jovens eram mais limpos que a neve, mais brancos que o leite; eram mais rosados que o coral, com veias de azul-safira.
- ⁸ Hoje estão mais pretos que o carvão, e na rua ninguém os reconhece; a pele enrugada sobre os ossos, seca como lenha.
- ⁹ Mais felizes os que morreram pela espada do que os mortos pela fome; aqueles foram apunhalados e perderam o sangue; estes caíram por falta de alimento.
- ¹⁰ As mãos de mulheres delicadas cozinham seus próprios filhos; são eles o alimento delas na ruína da capital do meu povo.
- ¹¹ Javé liberou o seu ódio, derramou a sua ira, em Sião acendeu uma fogueira que devora até os alicerces.
- ¹² Mas nunca os reis da terra ou qualquer cidadão acreditariam que um inimigo ou invasor pudesse entrar pelas portas de Jerusalém.
- ¹³ Foi pelos erros dos profetas e pelos crimes dos sacerdotes que derramaram sangue inocente dentro da cidade.
- ¹⁴ Vagavam como cegos pelas ruas, cobertos de sangue: ninguém podia tocar em suas roupas.
- ¹⁵ “Para trás!” – gritavam – “estou impuro! Para trás! Não me toquem”.
Iam errantes como fugitivos que não recebem asilo.

¹⁶Javé os espalhou e já não cuida deles.

Não há mais respeito para o sacerdote, nem compaixão com os velhos.

¹⁷Nossos olhos se consomem, em vão esperando por socorro: esperamos, vigilantes, um povo incapaz de salvar.

¹⁸Sem parar sondavam os nossos passos, já nem andávamos pelas praças. Chegava o nosso fim, o termo de nossos dias.

¹⁹Nossos perseguidores eram mais velozes que as águias do céu; sobre os montes corriam atrás de nós e punham armadilhas no deserto.

²⁰O ungido de Javé, nosso alento, caiu preso na armadilha; dele dizíamos: “À sua sombra viveremos entre os povos”.

²¹Vibre de alegria e faça festa, capital de Edom, que habita em Hus, pois você também terá o seu cálice: se embriagará e ficará nua.

²²Está cumprida a sua pena, capital de Sião; você não continuará no exílio; ele castigará sua falta, capital de Edom, e seu pecado aparecerá. [\[4,1-22\]](#)

Quinta Lamentação: ai de nós, porque pecamos!

- 5**¹Lembra-te, Javé, do que aconteceu; olha bem, para ver a vergonha que passamos!
- ²Nossa herança passou para estrangeiros, nossas casas são agora de gente estranha.
- ³Agora somos todos órfãos, pois perdemos nosso pai; nossas mães ficaram viúvas.
- ⁴Temos que comprar a água que bebemos e pagar a lenha que usamos.
- ⁵Com a canga no pescoço somos empurrados; estamos cansados, pois eles não dão folga.
- ⁶Ao Egito já estendemos nossas mãos pedindo ajuda, já suplicamos à Assíria que nos desse de comer.
- ⁷Nossos pais pecaram e já morreram, e nós pagamos por suas culpas.
- ⁸Quem manda em nós é gente que era escrava; não há quem possa libertar-nos de sua mão.
- ⁹Arriscamos a própria vida pelo pão, enfrentando em campo aberto a espada inimiga.
- ¹⁰Nossa pele queima como forno, torturada pela fome.
- ¹¹Violentaram as mulheres em Sião e as jovens nas cidades de Judá.
- ¹²Com suas mãos esganaram os chefes e não respeitaram os anciãos.
- ¹³Forçaram os jovens a girar o moinho, os rapazes sucumbiram sob o peso da lenha.
- ¹⁴Os anciãos já não participam do Conselho e os jovens deixaram seus instrumentos de corda.
- ¹⁵Acabou a alegria que nos enchia o coração, nossa dança se mudou em luto.
- ¹⁶Caiu a coroa da nossa cabeça: Ai de nós, porque pecamos!
- ¹⁷Por isso, o nosso coração está doente e os nossos olhos embaçados.
- ¹⁸Porque o monte Sião está desolado e por ele passeiam as raposas.
- ¹⁹Mas tu, Javé, permaneces para sempre, o teu trono permanece de geração em geração.

²⁰Então, por que haverias de esquecer-nos para sempre, e deixar-nos abandonados por tanto tempo?

²¹Faze que voltemos para ti, Javé, e voltaremos; renova os tempos passados.

²²Ou será que nos rejeitaste de uma vez; será que tua cólera não tem limites?
[5,1-22]

NOTAS

[1,1-22] Esmagada e caçoada pelo inimigo, abandonada por todos, Jerusalém grita a sua dor. A destruição é fruto do julgamento de Deus contra a cidade, que agora toma consciência de suas culpas. Seus aliados “amantes” de outrora, hoje são seus inimigos. E o pior castigo é a ausência de Javé. A confissão dos pecados e o arrependimento se misturam nesta súplica em busca de piedade.

[2,1-22] Descreve com detalhes terríveis a destruição de Jerusalém e a ruína do Templo. É provável que o autor seja uma testemunha dos fatos. Ele pede que a cidade arruinada grite para que Javé tenha compaixão.

[3,1-66] O autor participa da experiência de um povo arruinado pela invasão inimiga. A experiência o levou até o fundo da miséria e desespero; mas aí ele encontrou motivos de esperança para transmitir ao seu povo: Deus castiga, mas a sua justiça e misericórdia são bem maiores que o castigo.

[4,1-22] Ainda sob o impacto da catástrofe, o autor mostra um novo quadro da ruína dramática de Jerusalém. Contudo, a esperança começa a despontar: Javé realizou o dia da sua ira, e agora se aproxima o tempo da graça.

[5,1-22] Os judeus sobreviventes dirigem a Deus esta súplica coletiva. Com o retrato realista da miséria, encontramos também a sinceridade do arrependimento e a firme esperança do perdão.

BARUC

ARREPENDIMENTO E CONVERSÃO

Introdução

*Como se apresenta hoje em nossas Bíblias, o livro de Baruc é composto de textos com gêneros literários diferentes. Depois de uma **introdução histórica** (1,1-14), a **primeira parte, em prosa**, contém uma confissão de pecados e uma súplica (1,15-3,8). A **segunda parte, em poesia**, contém uma exortação no estilo dos livros sapienciais (3,9-4,4) e um oráculo sobre a restauração de Jerusalém e do povo (4,5-5,9). Por fim, uma **carta**, atribuída ao profeta Jeremias (Br 6). O certo é que esses textos não são de Baruc, o secretário de Jeremias, mas foram escritos provavelmente no século II a.C.*

O livro tem o mérito de conservar o sentimento religioso dos israelitas dispersos pelo mundo todo após a ruína de Jerusalém e a perda de quase todas as suas instituições. Mostra como eles conservaram viva a consciência de ser um povo adorador do verdadeiro Deus. Ao mesmo tempo, mostra a consciência que tinham do desastre nacional: não atribuem tudo isso à infidelidade de Javé; ao contrário, reconhecem que os males se originaram por culpa deles próprios: estão assim porque desprezaram a palavra dos profetas, rejeitaram a justiça e a verdadeira sabedoria. Mas, ao lado dessa consciência de seus pecados, conservam uma viva esperança, pois acreditam que Deus não abandona o seu povo e continua fiel às promessas. Se houver arrependimento e conversão, poderão confiar no perdão divino: serão reunidos de novo em Jerusalém, que é para sempre a cidade de Deus.

A carta do capítulo sexto é uma carta que nos leva aos templos pagãos, cujos ídolos estão empoeirados e carcomidos de cupim. Esses ídolos, apresentados de forma atraente e grandiosa, não têm vida, nem são capazes de produzir vida: “Não podem salvar ninguém da morte, nem podem livrar o fraco das mãos do poderoso. Não são capazes de devolver a vista ao cego; nem de livrar do perigo homem nenhum; não têm compaixão pela viúva; nem prestam ajuda nenhuma ao órfão. Esses deuses de madeira prateada ou dourada parecem pedras tiradas do morro: quem se ocupa deles só vai passar vergonha. Como, então, pensar ou dizer que são deuses?” (Br 6,35-39).

O livro de Baruc é deuterocanônico (cf. Introdução ao AT).

BARUC

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6

BARUC

1 *Manter a unidade* — ¹Livro escrito por Baruc, filho de Nérias, filho de Maasias, filho de Sedecias, filho de Asadías, filho de Helcias, quando estava na Babilônia, ²no sétimo dia do mês, no quinto ano da época em que os caldeus tomaram Jerusalém e a incendiaram. ³Baruc leu este texto na presença de Jeconias, filho de Joaquim, rei de Judá, e também na presença de todo o povo que veio ouvir a leitura: ⁴autoridades, pessoal do rei, conselheiros, o povo todo, pequenos e grandes, que estavam residindo na Babilônia, às margens do rio Sud. ⁵Então todos começaram a chorar, a jejuar e a fazer preces ao Senhor. ⁶Fizeram também uma coleta em dinheiro, dando cada um o que podia, ⁷e mandaram a soma para Jerusalém, ao sacerdote Joaquim, filho de Helcias, filho de Salom, e para os outros sacerdotes e o povo que com ele tinha ficado em Jerusalém. ⁸Isso foi quando Baruc, no décimo dia do mês de Sivã, recuperou os objetos da casa do Senhor, tirados do Templo, e os mandou de volta para a terra de Judá. Eram os objetos de prata que Sedecias, filho de Josias, rei de Judá, tinha mandado fazer, ⁹depois que Nabucodonosor, rei da Babilônia, tinha levado para o exílio na Babilônia o rei Jeconias, as autoridades, os artistas, os poderosos e os cidadãos de Jerusalém.

¹⁰A carta dizia: “Nós estamos remetendo algum dinheiro. É para vocês comprarem com ele vítimas para o holocausto e vítimas expiatórias, para o incenso e para as ofertas. Ofereçam tudo isso sobre o altar do Senhor nosso Deus, ¹¹rezando pela saúde de Nabucodonosor, rei da Babilônia, e pela saúde do seu filho Baltazar, a fim de que seus dias sejam tão longos como a idade do céu. ¹²O Senhor nos conceda forças e nos ilumine, para podermos viver protegidos por Nabucodonosor, rei da Babilônia, e pelo seu filho Baltazar, trabalhando para eles por muito tempo e gozando o seu favor. ¹³Rezemos também por nós ao Senhor nosso Deus, pois pecamos contra o Senhor nosso Deus, e até hoje a ira e o furor do Senhor não se afastaram de nós. ¹⁴Proclamem este documento que estamos mandando para ser lido em público no Templo do Senhor, tanto em dia de festa, como em outras ocasiões”. [1,1-14]

A CULPA E A ESPERANÇA DO PERDÃO

Confessar os pecados — ¹⁵Eis o texto: “Confessamos que o Senhor nosso Deus é justo e a nós cabe hoje a vergonha, a nós, cidadãos de Judá e habitantes de Jerusalém, ¹⁶reis e autoridades nossas, sacerdotes, profetas e antepassados nossos, ¹⁷porque pecamos contra o Senhor, ¹⁸desobedecemos, não ouvimos a voz do Senhor nosso Deus, deixamos de seguir as orientações que ele nos colocou diante dos olhos. ¹⁹Desde o dia em que o Senhor tirou nossos antepassados do Egito até hoje, nós só desobedecemos ao Senhor nosso Deus e não fizemos caso de ouvir a sua voz. ²⁰Assim nos acompanham até os dias de hoje desgraças e maldições com que o Senhor ameaçou o seu servo Moisés, quando tirou nossos antepassados do Egito para nos dar uma terra onde corre leite e mel. ²¹Nós, porém, nunca demos atenção à voz do Senhor nosso Deus, que nos falava pela palavra dos profetas que ele nos enviava. ²²Pelo contrário, cada um de nós seguia suas más inclinações, prestando culto aos deuses estrangeiros e praticando o que é mau aos olhos do Senhor nosso Deus.

2¹Por isso, o Senhor cumpriu as ameaças feitas contra nós e nossos juízes que governavam Israel, nossos reis, nossas autoridades e todos os cidadãos de Israel e Judá. ²Debaixo do céu, jamais aconteceu coisa igual a tudo o que aconteceu em Jerusalém, conforme está escrito na lei de Moisés: ³que indivíduos iriam comer a carne de seus próprios filhos e filhas. ⁴O Senhor entregou os israelitas em mãos de todos os reinos ao redor e deixou o seu território desolado, tornando-os objeto de caçada e desprezo dos povos, entre os quais o Senhor os espalhou. ⁵Foi assim que se tornaram vassalos e não senhores, pois pecamos contra o Senhor nosso Deus, quando deixamos de dar atenção à sua voz.

⁶O Senhor nosso Deus é justo; hoje a vergonha pesa sobre nós e nossos antepassados. ⁷Todas as ameaças que o Senhor havia pronunciado caíram sobre nós; ⁸contudo, não aplacamos ao Senhor, convertendo-nos de nossa atitude perversa. ⁹Por isso, o Senhor prestou atenção e nos enviou as desgraças com que nos havia ameaçado. O Senhor foi justo em tudo o que fez contra nós, ¹⁰porque não lhe obedecemos, colocando em prática o que nos havia mandado. **[1,15-2,10]**

Súplica — ¹¹Senhor, Deus de Israel, que tiraste o teu povo do Egito com mão poderosa, com sinais e prodígios, com grande força e braço firme, criando para ti uma fama que dura até hoje: ¹²Nós pecamos, não guardamos respeito,

praticamos a injustiça, ó Senhor, nosso Deus, contra todos os teus mandamentos; ¹³afasta de nós a tua ira, pois nos tornamos um pequeno resto entre as nações por onde nos espalhaste. ¹⁴Ouve, Senhor, a nossa prece e a nossa súplica, libertando-nos por causa da tua honra. Faz com que ganhemos o favor daqueles que nos exilaram, ¹⁵a fim de que a terra fique sabendo que tu és o Senhor nosso Deus, pois o teu nome foi invocado sobre Israel e seus descendentes. ¹⁶Senhor, do alto de tua santa morada, olha para nós. Inclina, Senhor, o teu ouvido e escuta. ¹⁷Abre, Senhor, os teus olhos e observa: os mortos no túmulo com seus corpos já sem vida não podem cantar tua glória e tua justiça. ¹⁸Aquele que geme sob o peso, andando encurvado e esgotado, olhos baixos, passando fome, é ele quem reconhece tua glória e tua justiça, Senhor.

¹⁹Não é apoiados no que os nossos antepassados ou nossos reis praticaram de bom, que nós vimos implorar a tua misericórdia, Senhor nosso Deus. ²⁰O furor e a ira que derramaste sobre nós estão de acordo com o que falaste por meio dos profetas, teus servos. Eles disseram: ²¹‘Assim fala o Senhor: Dobrem os ombros e submetam-se ao rei da Babilônia, para ficarem na terra que dei aos antepassados de vocês. ²²E se vocês desobedecerem ao Senhor e não se submeterem ao rei da Babilônia, ²³deixarei desertos os povoados de Judá e tirarei de Jerusalém os gritos de alegria, o barulho da festa, a voz do noivo e da noiva, e o país se transformará num lugar deserto e sem habitante’. ²⁴Nós, porém, não obedecemos à tua ordem de nos submetermos ao rei da Babilônia, e tu cumpriste a tua palavra anunciada pelos profetas, teus servos: tiraram da sepultura os ossos de nossos reis e antepassados ²⁵e os deixaram expostos ao calor do dia e ao frio da noite. Muitos morreram em situações terríveis: de fome, ao fio da espada ou de peste. ²⁶Por causa da maldade da casa de Israel e da casa de Judá, reduziste ao estado em que se encontra hoje o Templo sobre o qual teu nome foi invocado.

²⁷No entanto, agiste conosco, Senhor nosso Deus, em conformidade com tua imensa piedade e compaixão, ²⁸conforme falaste por meio do teu servo Moisés, quando o mandaste escrever a tua lei na presença de Israel: ²⁹‘Se vocês deixarem de ouvir a minha palavra, esta grande multidão ficará reduzida a uns poucos no meio das nações para onde a espalharei. ³⁰Eu sei que eles não vão me obedecer, porque são todos um povo que não abaixa a cabeça. Contudo, no exílio eles se converterão ³¹e reconhecerão que eu sou o Senhor Deus deles.

Então lhes darei inteligência e ouvidos dóceis ³²e, na terra do seu exílio, me louvarão e se lembrarão do meu nome. ³³Eles se arrependerão de sua rebeldia e do mau comportamento, pois se lembrarão do caminho de seus antepassados, que pecaram contra o Senhor. ³⁴Então, eu os levarei de volta para a terra que jurei dar aos seus antepassados Abraão, Isaac e Jacó. Eles a possuirão, eu os farei crescer, e eles nunca mais diminuirão. ³⁵Farei com eles uma aliança eterna: eu serei o Deus deles e eles serão o meu povo. Nunca mais vou expulsar meu povo Israel da terra que lhe dei’.

3 ¹Senhor todo-poderoso, Deus de Israel: é uma alma angustiada e um espírito aflito que clama por ti. ²Ouve, Senhor, tem piedade, pois pecamos contra ti. ³Tu reinas para sempre, e nós morremos para sempre. ⁴Senhor todo-poderoso, Deus de Israel, ouve as preces daqueles que já estão mortos em Israel e as súplicas dos filhos daqueles que pecaram contra ti: eles desobedeceram ao Senhor seu Deus, e nós somos perseguidos pelas desgraças. ⁵Não te lembres das injustiças de nossos antepassados; lembra-te, nesta hora, do teu poder e do teu nome. ⁶Sim, porque tu és o nosso Deus, e nós te louvamos, ó Senhor. ⁷Pois foi para isso que puseste o teu temor em nossos corações, para que invocássemos o teu nome. Nós te louvamos agora no exílio, pois afastamos do nosso coração toda a injustiça de nossos antepassados, que pecaram contra ti. ⁸Hoje estamos no exílio, para onde nos expulsaste, a fim de sofrermos vergonha, maldição e insultos, para pagarmos por todas as injustiças de nossos antepassados, que se revoltaram contra o Senhor nosso Deus”. [2,11-3,8]

A SABEDORIA ENTRE OS HOMENS

Israel abandonou a fonte da sabedoria [3,9-4,4]

⁹Ouçã, Israel, os mandamentos da vida, preste atenção para aprender a prudência.

¹⁰Diga, Israel: por que você está numa terra inimiga, envelhecendo numa terra estrangeira?

¹¹Por que você se contamina com os cadáveres e é contado entre os que vão para a mansão dos mortos?

¹²É porque você abandonou a fonte da sabedoria!

¹³Se você tivesse andado nos caminhos de Deus, teria sempre vivido em paz.

¹⁴Aprenda agora onde está a prudência, a força e a inteligência, para compreender onde está a vida longa, onde está a luz dos olhos e a paz. [3,9-14]

Ninguém é capaz de alcançar a sabedoria

¹⁵ Mas quem descobriu a morada da sabedoria,
quem penetrou em seus depósitos?

¹⁶ Onde estão os governantes das nações, os que dominam as feras da terra?

¹⁷ Onde estão os que se divertem com as aves do céu,
os que ajuntam prata e ouro,
riquezas em que os homens confiam e em cuja posse não põem limites?

¹⁸ Onde estão os que lavram a prata e a cinzelam,
sem revelar o segredo de seus trabalhos?

¹⁹ Desapareceram, desceram à mansão dos mortos,
e outros surgiram e tomaram o seu lugar.

²⁰ Novas gerações viram a luz e vieram habitar a terra,
mas não conheceram o caminho da ciência, ²¹ nem aprenderam suas veredas;
nem mesmo seus filhos
a puderam alcançar;
pelo contrário, afastaram-se
do caminho dela.

²² Em Canaã jamais se ouviu falar da sabedoria,
e em Temã ela nunca foi vista.

²³ Nem mesmo os filhos de Agar, que procuram a sabedoria
em toda a terra,
ou os comerciantes de Merrã e de Temã, que contam histórias e buscam o saber,
nem eles conheceram os caminhos da sabedoria,
nem se lembraram de suas veredas.

²⁴ Como é grande, ó Israel, o Templo de Deus!
Como é espaçoso o lugar
do seu domínio;

²⁵ grande e sem fim, alto e sem medidas!

²⁶ Aí surgiram os famosos gigantes dos tempos antigos
de enorme estatura
e treinados para a guerra.

²⁷ Não foi, porém, a eles que Deus escolheu
nem lhes ensinou o caminho da ciência: ²⁸ morreram porque não tinham
prudência, pereceram por falta de reflexão.

²⁹ Quem subiu até o céu para tomar a sabedoria
e fazê-la descer das nuvens?

³⁰ Quem atravessou o mar para encontrá-la, e comprá-la a preço de ouro puro?

³¹ Ninguém conhece o caminho dela, nem percebe as suas veredas. [\[15-31\]](#)

A sabedoria é dom de Deus

³² Aquele que tudo sabe conhece a sabedoria
e penetrou-a com sua inteligência.

Aquele que criou a terra para sempre e a encheu de animais;

³³ ele envia a luz, e ela vai; chama-a de volta,
e ela obedece com tremor.

³⁴ As estrelas brilham alegres, cada uma em seu lugar;

³⁵ ele as chama, e elas respondem: “Presente!”

E brilham de alegria

para aquele que as criou.

³⁶ Ele é o nosso Deus, e nenhum outro a ele se compara.

³⁷ Foi ele que encontrou o caminho da ciência
e o deu a seu filho Jacó e a seu amado Israel.

³⁸ Por isso, ela apareceu sobre a terra e viveu entre os homens.

4¹ Ela é o livro dos mandamentos de Deus, a lei decretada para sempre: os que
a guardam viverão, os que a abandonam morrerão.

² Volte atrás, Jacó, e a receba; caminhe na claridade do seu esplendor; ³ não
entregue a outros a glória que pertence a você,
nem sua dignidade
a um povo estrangeiro.

⁴ Felizes somos nós, Israel, pois conhecemos o que agrada a Deus. [3,32-4,4]

CORAGEM, MEU POVO! [4,5-5,9]

Consequências da idolatria — ⁵Coragem, meu povo, você que leva o nome de Israel! ⁶Vocês foram vendidos às nações, não para serem destruídos; mas, porque vocês provocaram a ira de Deus, então foram entregues aos inimigos. ⁷Vocês irritaram o seu criador, sacrificando aos demônios, e não a Deus; ⁸vocês esqueceram o Deus eterno que os alimentou e provocaram a tristeza de Jerusalém que sustentou vocês. [4,5-8]

A viúva abandonada — ⁹Jerusalém viu cair sobre vocês a ira de Deus. Então ela disse: “Escutem, cidades vizinhas de Sião! Deus me trouxe um grande sofrimento: ¹⁰Eu vi a prisão de meus filhos e filhas, trazida pelo Eterno. ¹¹Com alegria eu os tinha criado, deles me despedi, chorando e gemendo. ¹²Ninguém se alegre mais comigo, pois agora estou viúva e abandonada. Se agora fiquei só e vazia, foi por causa dos pecados de meus filhos, que se desviaram da lei de Deus. ¹³Eles não entenderam os mandamentos dele, não andaram pelos caminhos da lei de Deus e não entraram pelos trilhos da disciplina e da justiça. ¹⁴Venham, cidades vizinhas de Sião: lembrem-se da prisão de meus filhos e filhas, trazida pelo Eterno. ¹⁵Pois ele reuniu em torno de meus filhos um povo distante, um povo cruel e de linguagem estranha, que não respeitou os velhos nem teve dó das crianças. ¹⁶Levaram embora os filhos queridos da viúva e a deixaram sozinha e sem filhas”. [9-16]

Perseverem com empenho redobrado — ¹⁷E eu, que posso fazer por vocês? ¹⁸Somente Aquele que lhes enviou a desgraça poderá libertá-los do inimigo. ¹⁹Vão embora, filhos meus, vão embora, enquanto eu fico sozinha. ²⁰Tirei o manto da paz e vesti a roupa de suplicante. Ficarei a vida inteira clamando ao Deus eterno. ²¹Coragem, meus filhos! Clamem a Deus, e ele os livrará da opressão e das mãos dos inimigos. ²²De minha parte, espero da mão do Eterno a salvação de vocês; já chegou para mim a alegria que vem do Deus santo, porque o Eterno, seu salvador, logo terá misericórdia de vocês. ²³Entre lágrimas e gemidos eu me despedi de vocês; Deus, porém, fará vocês voltarem para mim, com festa e alegria que nunca irão terminar. ²⁴Da mesma forma que as cidades vizinhas de Sião viram há pouco vocês serem presos, assim, dentro em breve, elas verão a salvação que Deus lhes concederá, pois é com grande glória e brilho

do Eterno que ela virá a vocês. ²⁵Filhos meus, suportem, animados, a ira de Deus que se voltou contra vocês. O inimigo os perseguiu; mas logo vocês verão a derrota deles e lhes pisarão no pescoço. ²⁶Meus filhos mimados passaram por caminho pedregoso tocados pelo inimigo como gado roubado. ²⁷Coragem, meus filhos, clamem a Deus! Ele mesmo que os provou se lembrará de vocês. ²⁸Da mesma forma como lhes veio, um dia, a ideia de abandonar a Deus, agora voltem a procurá-lo com redobrado empenho. ²⁹Aquele que lhes enviou tanta desgraça, lhes mandará também a alegria eterna da salvação. [17-29]

Coragem, Jerusalém! — ³⁰Jerusalém, tenha coragem! Aquele que lhe deu um nome a consolará. ³¹Malditos os que fizeram mal a você ou ficaram contentes com a sua derrota! ³²Malditas as cidades que escravizaram os filhos de você! E maldita também aquela que os recebeu. ³³Pois, da mesma forma que se alegrou com a derrota de você e fez festa pela sua queda, assim também ela chorará por causa da sua própria destruição! ³⁴Tirarei dela a alegria de ser muito povoada, e o seu atrevimento se mudará em luto. ³⁵Sobre ela virá, para durar muito tempo, um fogo mandado pelo Eterno, e os demônios nela habitarão por longos anos.

³⁶Olhe para o nascente, Jerusalém, e veja a alegria que Deus manda para você. ³⁷Olhe! Estão voltando os filhos que você viu partir: reunidos pela palavra do Deus santo, desde o nascente até o poente, eles vêm festejando a glória de Deus.

5¹Jerusalém, tire a roupa de luto e de aflição e vista para sempre o esplendor da glória que vem de Deus. ²Vista o manto da justiça de Deus e ponha na cabeça a coroa gloriosa do Eterno, ³pois Deus mostrará o esplendor de você a todos os que vivem debaixo do céu. ⁴Deus dará para você um nome para sempre: Paz-da-Justiça e Glória-da-Piedade. ⁵Levante-se, Jerusalém, tome posição em lugar alto, olhe para o nascente e contemple os seus filhos, reunidos do nascente e do poente pela voz do Santo, que invocam alegremente a Deus. ⁶Eles partiram a pé, levados pelo inimigo, mas Deus os traz de volta, em triunfo, como sobre uma carruagem real. ⁷Deus mandou cortar toda colina alta ou monte antigo e aterrar os lugares mais fundos, para aplinar o chão, a fim de que Israel possa passar com segurança, guiado pela glória de Deus. ⁸Por ordem de Deus, todas as árvores e plantas aromáticas darão sombra a Israel, ⁹porque Deus, com sua justiça e sua misericórdia, conduzirá festivamente Israel à luz da sua glória. [4,30-5,9]

CARTA DE JEREMIAS

Cópia da carta que Jeremias mandou aos prisioneiros que estavam para ser levados para a Babilônia pelo rei da Babilônia, a fim de transmitir-lhes a mensagem da qual Deus o havia encarregado.

6 *Lutar contra a alienação* — ¹Por causa dos pecados que vocês cometeram contra Deus é que estão sendo levados prisioneiros para a Babilônia, sob as ordens do rei deles, Nabucodonosor. ²Vocês chegarão à Babilônia, aí ficarão por muitos dias, um longo tempo, ou seja, durante sete gerações; depois disso, vou tirá-los daí em paz.

³Durante esse tempo, vocês verão na Babilônia deuses de prata, de ouro e de madeira, que costumam ser carregados nos ombros e provocam temor entre os pagãos. ⁴Cuidado para não ficarem vocês também parecendo com esses estrangeiros, nem se deixarem influenciar pelo temor desses deuses. ⁵Quando vocês virem as multidões ajoelhadas na frente e atrás deles, pensem dentro de si mesmos: “É só a ti, Senhor, que devemos adorar”. ⁶Pois o meu anjo estará sempre com vocês, e ele pediria conta da vida de vocês.

⁷A língua desses deuses foi feita por um artista; ela está coberta de prata ou de ouro, mas é de mentira e não pode falar. ⁸Como se faz com a moça que gosta de enfeites, pegam ouro e fazem uma coroa para colocar na cabeça de seus deuses. ⁹De vez em quando, os sacerdotes, tendo tirado ouro e prata dos seus deuses para o seu próprio proveito, o dão até a prostitutas de bordéis. ¹⁰Eles enfeitam com roupas, como se fossem gente, a esses deuses de prata, de ouro ou de madeira. Mas eles não podem livrar-se da ferrugem nem do caruncho. ¹¹Depois de tê-los vestido com roupas caras, são obrigados a limpar-lhes a cara, por causa da poeira que do templo lhes caiu em cima.

¹²Um deus fica com o cetro na mão, como se fosse na região uma autoridade, mas não é capaz de destruir quem o ofende. ¹³Outro tem uma faca ou machadinha na mão, e não é capaz de se defender de inimigos ou ladrões. ¹⁴Por aí se vê que eles não são deuses, e vocês não devem temê-los.

¹⁵Como a vasilha que se quebra e perde a serventia, assim também são esses deuses, instalados nos templos deles. ¹⁶Os olhos desses deuses vivem cheios de poeira levantada pelos pés daqueles que entram no templo. ¹⁷Da mesma forma como se fecham com segurança todas as portas por trás de alguém que ofendeu o

rei e fica preso e condenado à morte, assim também os sacerdotes fecham os templos com portas, trancas e ferrolhos, para que seus deuses não sejam roubados por ladrões. ¹⁸Acendem mais lâmpadas para eles que para si mesmos, embora esses deuses não sejam capazes de ver nenhuma delas. ¹⁹Como o madeiramento do templo, cujo cerne dizem estar carunchado por cupins saídos do chão, assim também esses deuses nada sentem quando suas roupas ou eles próprios são corroídos. ²⁰O rosto deles fica escuro por causa da fumaça do templo. ²¹Em volta deles, por cima de suas cabeças, voam morcegos, andorinhas e outros passarinhos, e até gatos saltam. ²²Por aí se vê que eles não são deuses, e vocês não devem temê-los.

²³Quanto ao ouro de que são cobertos para ficarem bonitos, se ninguém lhes dá lustro, não brilha. Eles mesmos, nem quando foram fundidos, sentiram coisa alguma. ²⁴Embora não tenham vida, eles foram comprados por um preço muito caro. ²⁵Sem pés, são carregados nos ombros, mostrando aos homens a sua falta de valor. Até quem cuida deles passa vergonha, pois se um desses deuses cai no chão, ele é que tem de levantá-lo. ²⁶E quando alguém os coloca erguidos e de pé, eles não são capazes de andar por si mesmos; se tombam, não podem se endireitar. Os dons são oferecidos a eles como a mortos. ²⁷Para proveito próprio, os sacerdotes vendem o que foi sacrificado a esses deuses; a outra parte, as mulheres salgam, sem dar nada aos pobres e necessitados. Até a mulher menstruada ou que acaba de dar à luz toca nesses sacrifícios. ²⁸Portanto, sabendo que não são deuses, não tenham medo deles.

²⁹Como poderiam ser deuses? São mulheres que oferecem sacrifícios a esses deuses de prata, de ouro e de madeira. ³⁰Nos templos deles, os sacerdotes circulam com a roupa rasgada, a barba e o cabelo cortado e a cabeça descoberta, em sinal de luto. ³¹Urram e gritam diante de seus deuses, como alguns fazem nas cerimônias fúnebres. ³²Os sacerdotes tiram a roupa dos deuses para vestir suas mulheres e crianças. ³³E esses deuses, favorecidos ou prejudicados por alguém, não são capazes de retribuir. Não podem nomear nem destronar reis. ³⁴Eles também não são capazes de dar a ninguém riqueza alguma, nem sequer uma única moeda. Se alguém lhes faz uma promessa e depois não cumpre, eles não podem reclamar. ³⁵Não podem salvar ninguém da morte, nem podem livrar o fraco das mãos do poderoso. ³⁶Não são capazes de devolver a vista ao cego, nem de livrar do perigo homem nenhum; ³⁷não têm compaixão pela viúva, nem

prestam ajuda nenhuma ao órfão. ³⁸Esses deuses de madeira prateada ou dourada parecem pedras tiradas do morro: quem se ocupa deles só vai passar vergonha. ³⁹Como, então, pensar ou dizer que são deuses?

⁴⁰Até mesmo os caldeus os desrespeitam. Quando veem alguém mudo, incapaz de falar, eles o apresentam ao deus Bel, pedindo que o faça falar, como se ele fosse capaz de ouvir. ⁴¹Mas, porque não têm bom senso, eles são incapazes de refletir nisso e de abandonar esses deuses. ⁴²Mulheres põem uma corda na cintura e sentam-se à beira do caminho, queimando farelo como incenso. ⁴³Quando uma delas é levada por algum homem que passa, a fim de dormir com ele, começa a desprezar a companheira, que não teve a mesma honra nem arrebentou a corda. ⁴⁴Tudo o que fazem com eles é falso. Então, como é que se vai pensar ou dizer que são deuses?

⁴⁵Esses deuses foram fabricados por escultores e ourives, e não podem ser nada mais daquilo que os seus autores queriam que fossem. ⁴⁶Aqueles que os fizeram não vivem muitos anos; então, como pode ser deus aquilo que eles fizeram? ⁴⁷Deixaram apenas mentira e vergonha para seus descendentes. ⁴⁸Quando surge uma guerra ou desgraça muito grande, os sacerdotes discutem a maneira de se esconderem juntamente com esses deuses. ⁴⁹Assim, dá para entender que não são deuses, pois não são capazes de se livrarem a si mesmos durante uma guerra ou catástrofe. ⁵⁰Não sendo mais que objetos de madeira, dourados ou prateados, por aí fiquem todos sabendo que são de mentira. Que eles não são deuses fique claro para todos os povos e reis; são apenas criação do trabalho humano, e nenhuma ação divina existe neles. ⁵¹Então, quem não vê que eles não são deuses?

⁵²Esses deuses nunca farão surgir um rei para uma região, nem mandarão chuva para os homens. ⁵³Jamais defenderão a própria causa, nem libertarão injustiçado algum, pois são impotentes, são como gralhas que voam entre o céu e a terra. ⁵⁴Se aparecer um fogo no templo desses deuses de madeira, dourados ou prateados, seus sacerdotes poderão fugir para se salvar, mas eles serão queimados junto com o madeiramento. ⁵⁵Eles não são capazes de resistir a um rei ou aos inimigos. ⁵⁶Então, como é que se vai aceitar ou imaginar que são deuses?

⁵⁷Esses deuses de madeira, deuses dourados ou prateados, não podem escapar nem dos ladrões ou assaltantes. Mais fortes, os ladrões arrancam-lhes o ouro ou a prata e vão-se embora carregando as roupas que esses deuses vestiam, sem que

eles possam acudir a si mesmos. ⁵⁸Mais vale um rei que mostra bravura ou mesmo um objeto de utilidade em casa, do qual o dono pode se servir, do que esses deuses falsos. Mais vale uma porta que, numa casa, protege tudo o que está dentro, do que esses falsos deuses. Mais vale uma coluna de madeira no palácio, do que esses falsos deuses. ⁵⁹O sol, a lua e as estrelas, brilhando, cumprem espontaneamente a missão de ser úteis. ⁶⁰O relâmpago, quando aparece, é bem visível. O próprio vento sopra em qualquer região. ⁶¹As nuvens obedecem, quando Deus as manda percorrer o mundo inteiro. O raio, mandado lá de cima para devastar montes e matas, cumpre o que lhe é determinado. ⁶²Esses deuses, porém, não podem ser comparados com essas coisas, nem na aparência nem na força. ⁶³Portanto, como é possível pensar que sejam deuses ou chamá-los assim? São incapazes de promover a justiça ou de fazer qualquer coisa boa para os homens. ⁶⁴Portanto, sabendo que não são deuses, não tenham medo deles.

⁶⁵Esses deuses não podem amaldiçoar nem abençoar os reis; ⁶⁶não podem servir aos pagãos como sinais no céu, pois nem brilham como o sol, nem são claros como a lua. ⁶⁷Até as feras valem mais do que eles, pois as feras podem fazer alguma coisa por si mesmas, ao menos fugindo para um esconderijo. ⁶⁸Então, em nada eles se mostram ser deuses. Por isso, não tenham medo deles.

⁶⁹Como espantalho em plantação de pepinos, que nada vigia, assim são esses deuses de madeira, dourados ou prateados. ⁷⁰Esses deuses de madeira, dourados ou prateados, se parecem com espinheiro no jardim, onde os passarinhos vêm pousar, ou, então, com cadáver jogado em cova escura. ⁷¹Pelas roupas de púrpura ou linho que vão apodrecendo em cima deles, vocês já podem saber que não são deuses. Ao contrário, eles também serão comidos e se tornarão vergonha para o país. ⁷²Então, é melhor ser homem honrado que não tem ídolos, pois assim não terá do que se envergonhar. [6,1-72]

NOTAS

[1,1-14] O texto mostra como as comunidades judaicas, que viviam em ambiente pagão, continuaram profundamente ligadas a Jerusalém, a fim de manter sua identidade étnico-religiosa.

[1,15-2,10] Os fiéis dispersos relembram os horrores da queda de Jerusalém e falam de sua própria dor, para confessar seus pecados, cujo castigo o

Deuteronômio já anunciara (cf. Dt 28,15-68). Meditando sobre sua história, a geração presente reconhece o pecado das gerações passadas e se solidariza com elas. É importante que o povo de Deus reconheça seus próprios erros e pecados, a fim de proclamar a inocência e justiça de Deus.

[2,11-3,8] Após confessar seus pecados, os judeus suplicam, lembrando a promessa que Deus fizera a Moisés (cf. Lv 26,39-45; Dt 30,1-10). De fato, eles parecem recordar especialmente a promessa da nova Aliança (cf. Jr 31,31-34). Após a confissão dos pecados, espera-se uma ruptura com o passado e uma abertura para a vida nova que Deus concederá.

[3,9-4,4] O texto é um poema que identifica a sabedoria com a Lei. Israel deve considerar-se privilegiado por conhecer a sabedoria que leva para a vida e para a felicidade.

[3,9-14] Exilado, o povo perdeu o sentido da vida e já parece partilhar o destino dos mortos. A sabedoria é o aprendizado que vem da própria experiência. O povo deve meditar em seus fracassos e aprender que estes são fruto do abandono de Deus, fonte de sabedoria que leva à vida. A prudência é a arte de discernir o momento para a ação oportuna.

[15-31] Quem pode alcançar a sabedoria que leva para a vida e a felicidade? Nem os reis nem os ricos, nem os artistas nem os grandes centros de ciência, nem os gigantes primordiais (cf. Gn 6,4) conseguiram encontrá-la e tomar posse dela. Ninguém descobriu a sua morada nem conhece o caminho até lá. Os vv. 24-25 interrompem o tema e ficariam melhor entre os vv. 35 e 36.

[3,32-4,4] Somente Deus, fonte e fim da vida, conhece a sabedoria que conduz o homem à liberdade e à vida; nenhum homem pode alcançá-la. Ela é dom de Deus que exige do homem abertura e acolhimento. Como em Eclo 24, a sabedoria é identificada com a Lei; mas a Lei aqui não se refere apenas aos mandamentos, e sim a todo o Pentateuco; este, para Israel, contém a suprema orientação da vida.

[4,5-5,9] O autor recorda circunstâncias do passado, para que os judeus dispersos fora da Palestina permaneçam sempre ligados a Jerusalém, centro da vida e da religião de Israel.

[4,5-8] A idolatria, que é absolutização e culto a coisas e pessoas, provoca divisão e dispersão do povo. O resto de sobreviventes perpetua a identidade do

povo de Deus.

[9-16] Na solidão do abandono, Jerusalém toma consciência do pecado de seu povo, que agora é castigado com o exílio.

[17-29] Jerusalém dirige-se, agora, aos exilados, pedindo que conservem a esperança: a salvação virá, mas é preciso esperá-la com perseverança e súplica.

[4,30-5,9] Agora, Jerusalém é a mãe vingada e consolada com a volta dos seus filhos.

[6,1-72] O texto é atribuído a Jeremias; contudo, pertence provavelmente à época grega. Dominado por nações pagãs, o povo judeu arrisca perder a identidade nacional e religiosa, devido à influência das nações dominadoras e de seus cultos idolátricos. O texto é uma sátira contra os ídolos: procura, com argumentos, mostrar que não são deuses e que o povo não deve adorá-los, mas manter-se fiel a Javé. Em todos os tempos, o povo de Deus deve lutar para se manter consciente, criticando os falsos absolutos da “civilização” que aliena o homem.

EZEQUIEL

UM CORAÇÃO NOVO

Introdução

O profeta Ezequiel exerce sua atividade entre os anos 593 e 571 a.C. Sacerdote exilado em Babilônia com uma parte do seu povo, ele anuncia aí as sentenças de Deus. A comunidade, em meio à qual ele vive, acredita que em breve tudo voltará a ser como antes. Assim para ela o projeto de Deus era mero sistema que lhe dava segurança. Ezequiel, no entanto, sabe que o sistema passado está agonizando de maneira irrecuperável: Jerusalém será destruída! Segundo ele, a sociedade que ainda resiste sofre de doença crônica e sem cura: abandonando o projeto de Javé, submeteu-se diante daqueles que lhe ofereciam vida luxuosa e fascinante. Por isso, Ezequiel vê o próprio Deus deixando o Templo (11,22-24) e largando os rebeldes ao bel-prazer dos “amantes”.

Isso é causa de sofrimento para o profeta, mas não de desânimo e desespero. Para ele, o futuro é de ressurreição (Ez 36-37) e novidade radical. Com sua linguagem simbólica, Ezequiel indica os passos para a construção do mundo novo: — Assumir a responsabilidade pelo fracasso histórico de um sistema que se corrompeu completamente, provocando a ruína de toda a nação.

— Compreender que a simples reforma de um sistema corrompido não gera nenhuma sociedade nova; apenas reanima o velho sistema que, cedo ou tarde, acabará sempre nos mesmos vícios.

— Converter-se a Javé, assumindo o seu projeto; e, a partir daí, construir uma sociedade justa e fraterna, voltada para a liberdade e a vida.

*Com esse “programa profético”, vislumbramos um futuro novo: Deus volta para o meio de seu povo (Ez 43,1-7), provocando o surgimento de uma sociedade radicalmente nova. Aí todos poderão participar igualmente dos bens e decisões que constroem a relação social a partir da justiça. Desse modo, todos poderão reconhecer que “a partir desse dia, o nome da cidade será: **Javé está aí**” (48,35).*

EZEQUIEL

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27 - 28
- 29 - 30 - 31 - 32 - 33 - 34 - 35 - 36 - 37 - 38 - 39 - 40 -
41 - 42 - 43 - 44 - 45 - 46 - 47 - 48**

EZEQUIEL

I. A VOCAÇÃO PROFÉTICA

1 *Javé presente no exílio* — ¹No dia cinco do quarto mês do ano trinta, estando eu junto com os exilados à beira do rio Cobar, de repente se abriram os céus e eu tive visões divinas. ²No dia cinco do mês, no ano cinco do exílio do rei Jeconias, ³a palavra de Javé foi dirigida ao sacerdote Ezequiel, filho de Buzi, no país dos caldeus, às margens do rio Cobar. Aí Javé colocou a mão sobre ele. [1,1-3]

A experiência do Deus vivo — ⁴Eu vi o seguinte: Do lado norte soprava um forte vento. Foi então que eu vi uma grande nuvem e um turbilhão de fogo. Havia claridade em torno da nuvem e, no centro, um brilho faiscante, bem no meio do fogo. ⁵Do meio da nuvem surgiu algo parecido com quatro animais, e cada um lembrava também uma forma humana. ⁶Cada um tinha quatro rostos e quatro asas. ⁷Suas pernas eram retas e seus cascos pareciam cascos de boi, só que eram brilhantes como bronze polido. ⁸Debaixo das asas saíam mãos humanas pelos quatro lados. Seus rostos e asas também estavam voltados para as quatro direções. ⁹A asa de cada um encostava na asa do outro. Ao se movimentarem, eles não se viravam, mas cada um ia para a frente. ¹⁰O rosto deles era parecido com o rosto de um homem. Do lado direito tinham aparência de leão, e do lado esquerdo tinham aparência de touro. Os quatro tinham também aparência de águia. ¹¹As asas abriam-se para cima. Duas chegavam a encostar na asa do outro, e duas cobriam o corpo. ¹²Todos se moviam para a frente, seguindo a direção para a qual o vento os conduzia. Enquanto se moviam, nunca se voltavam para os lados.

¹³No meio dos animais havia uma coisa parecida com brasas acesas, queimando como tocha. Esse fogo se movia entre os quatro animais, era brilhante, e dele saíam relâmpagos. ¹⁴Os animais, no seu vaivém, pareciam coriscos.

¹⁵Observando, vi uma roda no chão, ao lado de cada um dos quatro animais. ¹⁶No aspecto e estrutura, as rodas tinham o brilho do topázio. O formato de uma era o formato das quatro; o aspecto e estrutura delas eram como se uma roda

estivesse no meio da outra. ¹⁷Rodavam para os quatro lados sem precisar virar. ¹⁸O aro delas era muito grande e estava cheio de olhos por toda a volta. E isso, nas quatro rodas. ¹⁹Quando os animais se moviam, as rodas se moviam junto com eles; quando os animais se levantavam, as rodas também se levantavam. ²⁰Na direção para onde ia o vento, iam as rodas. Elas subiam junto com os animais, porque o espírito dos animais estava nas rodas. ²¹Quando os animais andavam, as rodas andavam também; quando os animais paravam, as rodas também paravam; quando eles se levantavam do chão, as rodas também se levantavam, porque o espírito dos animais estava nas rodas.

²²Por cima da cabeça dos animais havia uma coisa parecida com uma cúpula de cristal brilhante, estendida por cima da cabeça dos animais. ²³Sob a cúpula, suas asas ficavam voltadas uma para a outra, e cada animal tinha duas asas cobrindo-lhe o corpo. ²⁴O barulho de suas asas, que eu escutei, parecia o estrondo de águas torrenciais, como a voz do Todo-poderoso. Quando se moviam, ouvia-se um barulho como que de tempestade, como de acampamento. E quando paravam, abaixavam as asas.

²⁵Ouviu-se um barulho. ²⁶Por cima da cúpula que ficava sobre as cabeças dos animais havia algo parecido com uma pedra de safira, em forma de trono; e nele, bem no alto, algo parecido com um ser humano. ²⁷Vi em volta dele uma coisa como brilho faiscante, parecendo fogo, bem junto dele. Daquilo que parecia ser a cintura para cima, e também para baixo, havia algo brilhante como fogo, em toda a volta. ²⁸Esse brilho em torno dele parecia o arco-íris, que aparece nas nuvens em dia de chuva. Era a aparência visível da glória de Javé. Quando vi, caí imediatamente com o rosto no chão, e ouvi a voz de alguém que falava comigo.

[4-28]

2 *A missão profética* — ¹Ele me disse: “Criatura humana, fique de pé, que eu vou falar com você”. ²Foi só ele falar assim, e entrou em mim um espírito que me fez ficar de pé. Então eu pude ouvir aquele que falava comigo. ³Ele me disse: “Criatura humana, vou mandar você a Israel, a esse povo rebelde, que se rebelou contra mim. Eles e seus antepassados se revoltaram contra mim até o dia de hoje. ⁴Os filhos são arrogantes e têm coração de pedra. Eu envio você a eles, e você lhes falará da seguinte forma: Assim diz o Senhor Javé. ⁵Eles podem escutar ou não, porque eles são uma casa de rebeldes. De qualquer modo, ficarão sabendo que existe um profeta aqui no meio deles. ⁶Criatura humana, não tenha medo deles, nem de suas palavras. Mesmo quando você ficar rodeado de

espinhos e se sentar em cima de escorpiões, não fique com medo de suas palavras, nem se assuste com a cara deles, porque são uma casa de rebeldes.

⁷Escutem eles ou não, você continuará transmitindo-lhes a minha palavra, porque eles são uma casa de rebeldes.

⁸Mas você, criatura humana, obedeça ao que vou lhe dizer. Não seja rebelde como essa casa de rebeldes. Abra a boca e coma o que vou lhe dar”. ⁹Então notei que certa mão se estendia para mim com um rolo de pergaminho. ¹⁰A mão desenrolou o pergaminho diante de mim: estava escrito por dentro e por fora, e o que nele estava escrito eram lamentações, gemidos e gritos de dor.

3¹Ele me disse: “Criatura humana, coma isso; coma esse rolo, e depois vá levar a mensagem para a casa de Israel”. ²Então eu abri a boca e ele me deu o rolo para comer. ³E continuou: “Criatura humana, que seu estômago e sua barriga se saciem com este rolo escrito que estou lhe dando”. Eu comi e pareceu doce como mel para o meu paladar. ⁴Depois ele tornou a falar: “Criatura humana, vá procurar a casa de Israel para levar-lhe a minha mensagem. ⁵Não é para um povo de idioma estranho ou de língua difícil que você está sendo mandado, mas para a casa de Israel. ⁶Não é também para povos numerosos de idioma estranho e língua difícil, cujas palavras você não entenderia. Se fosse para eles que eu mandasse você, certamente o escutariam, ⁷mas a casa de Israel não escutará você, porque não quer escutar a mim. Eles têm a cabeça dura e o coração de pedra. ⁸Em compensação, eu farei com que o seu rosto fique duro como o deles, e a sua cabeça dura como a deles. ⁹Eu farei que sua cabeça seja dura como diamante, que é mais duro do que pedra, para você não ter medo deles, nem se assustar com a cara deles, mesmo que eles sejam uma casa de rebeldes”. ¹⁰Ele me disse ainda: “Criatura humana, escute atentamente todas as palavras que eu vou lhe dizer, e guarde na memória. ¹¹Depois procure os exilados, a gente do seu povo, e diga-lhes: Assim diz o Senhor Javé, quer vocês escutem, quer não”.

¹²Depois o espírito me ergueu, e ouvi atrás de mim o barulho de um estrondo muito grande, enquanto a glória de Javé ia deixando o lugar e subindo para o alto. ¹³O barulho desse grande estrondo era provocado pelas asas dos animais, que tocavam uma na outra, e também pelas rodas que estavam junto deles. Era como estrondo de um grande terremoto. ¹⁴O espírito me ergueu e me arrebatou. Eu fui amargurado e irritado, pois a mão de Javé pesava sobre mim. ¹⁵Cheguei aonde estavam os exilados de Tel Abib, que moravam às margens do rio Cobar.

Fiquei aí sentado sete dias, atordado no meio deles. [2,1-3,15]

Responsabilidade do profeta — ¹⁶Passados sete dias, recebi esta mensagem de Javé: ¹⁷“Criatura humana, estou colocando você como sentinela para a casa de Israel. É da minha boca que você ouvirá a mensagem. E o que aprender de mim, você vai lhes ensinar. ¹⁸Se digo ao injusto que ele deve morrer, e você não o avisar e não lhe falar, ensinando-lhe a deixar o seu mau caminho para que possa continuar vivo, ele morrerá, mas eu cobrarei de você a morte dele. ¹⁹Se você, porém, avisar o injusto, mas ele não voltar atrás do seu mau caminho, ele morrerá por causa de sua própria injustiça, mas você ficará com a vida a salvo. ²⁰E se o justo se afastar da sua justiça e praticar a injustiça, eu colocarei um tropeço diante dele, e ele morrerá. Porque você não o avisou, ele morrerá; porque se desviou, eu não me lembrarei do bem que praticou. Mas vou cobrar de você a morte dele. ²¹Se você, porém, chamou a atenção do justo para que ele não pecasse, e ele não pecou, então ele conservará a própria vida, porque foi orientado; e você também terá a sua própria vida a salvo”. [3,16-21]

Agir no momento certo — ²²A mão de Javé pousou sobre mim, e ele me disse: “Siga para o vale, e aí eu vou lhe transmitir uma mensagem”. ²³Fui para o vale, e aí estava a glória de Javé, da maneira como eu a tinha visto junto às margens do rio Cobar. Então caí com o rosto por terra, ²⁴mas o espírito entrou em mim e me colocou de pé e começou a conversar comigo. Ele me disse: “Vá para casa e fique trancado aí, ²⁵porque vão amarrar você com cordas, criatura humana, a fim de que você não possa ir para o meio deles. ²⁶Farei que sua língua se cole no céu da boca. Então você ficará mudo e não poderá repreendê-los, porque eles são uma casa de rebeldes. ²⁷Quando eu falar com você e lhe abrir a boca, então você lhes dirá: Assim diz o Senhor Javé. Quem quiser ouvir, ouça; quem não quiser ouvir, não ouça, pois eles são uma casa de rebeldes”. [22-27]

II. DEUS ABANDONA A SOCIEDADE CORRUPTA

4 *Não olhem o passado* — ¹“Criatura humana, pegue um tijolo, coloque-o na sua frente, e desenhe nele uma cidade. ²Depois faça ao redor um cerco contra ela: construa barricadas, cave trincheiras, coloque um acampamento e aríetes ao redor dela. ³Em seguida, pegue uma panela de ferro e a coloque como muro de ferro entre você e a cidade. Firme o seu olhar nela, e a cidade ficará cercada. De fato, você a terá cercado. Isso será um sinal para a casa de Israel”. [4,1-3]

O exílio vai terminar — ⁴“Deite-se sobre o lado esquerdo, e eu colocarei sobre você a culpa da casa de Israel. Você carregará a culpa de Israel durante todos os dias em que ficar assim deitado. ⁵Marcarei para você o número de dias, conforme o número de anos da culpa deles. Por trezentos e noventa dias você pagará a culpa da casa de Israel. ⁶Depois disso, você se deitará do lado direito e carregará a culpa da casa de Judá durante quarenta dias, um dia por ano, conforme eu marquei. ⁷Firme seu olhar e estenda o braço nu para o cerco de Jerusalém e profetize contra ela. ⁸Eu mesmo vou amarrá-lo com cordas, para que você não fique virando de um lado para outro, até terminarem os dias em que você deve ficar amarrado”. [4-8]

Construir uma nova identidade — ⁹“Pegue trigo, cevada, favas, lentilhas, milho miúdo e espelta. Coloque tudo numa vasilha e prepare alimentos para você, de acordo com o número de dias em que deverá ficar deitado de um lado, isto é, para trezentos e noventa dias. ¹⁰Por dia, e em várias vezes, você comerá cerca de duzentos e cinquenta gramas. ¹¹Beberá água medida: somando as várias vezes que tomar água, você deverá beber cerca de um litro. ¹²As broas de cevada que você comer, serão assadas sobre fezes humanas, à vista de todos”. ¹³E Javé completou: “É dessa forma que a casa de Israel comerá alimento impuro no meio das nações por onde eu a espalhei”. ¹⁴Então eu disse: “Ah! Senhor Javé, eu nunca me contaminei! Desde pequeno, jamais comi carne de animal morto de morte natural ou esfaqueado por alguma fera. Até agora, carne estragada nunca entrou em minha boca!” ¹⁵Javé me respondeu: “Está bem. Para assar seu pão deixo que você use estrume de vaca no lugar de fezes humanas”. ¹⁶Depois ele me disse: “Criatura humana, em breve acabarei com os mantimentos em Jerusalém; então eles comerão com medo pão racionado, e assustados beberão

água sob medida. ¹⁷Com a falta de pão e de água, vão desmaiar uns por cima dos outros e irão se acabando por causa da culpa deles”. [9-17]

5 *A injustiça causa a destruição* — ¹“Criatura humana, pegue uma espada afiada, como navalha de barbeiro, e raspe o cabelo e a barba. Depois pegue uma balança para pesar o cabelo e a barba. ²Queime a terça parte deles bem no meio da cidade, quando terminar o cerco da cidade. Corte a outra terça parte com a espada, em redor da cidade. Espalhe ao vento a última terça parte deles, e eu os perseguirei de espada em punho. ³Recolha um punhado e guarde na barra de sua roupa. ⁴Desse punhado, pegue um pouco e jogue no fogo para queimar. Depois diga à casa de Israel: ⁵Assim diz o Senhor Javé: Isso aí é Jerusalém, que eu coloquei entre as nações, com muitos países ao redor. ⁶Mas ela se rebelou contra minhas normas, de maneira ainda mais criminosa que as outras nações. Ela desobedeceu aos meus estatutos, pior que os outros países que estão à sua volta, pois desprezou as minhas normas e não andou de acordo com os meus estatutos. ⁷Por isso, assim diz o Senhor Javé: Dado que vocês se mostraram mais rebeldes comigo do que as nações que estão ao seu redor, não andando conforme os meus estatutos e deixando de pôr em prática as minhas normas, nem cumprindo as normas das nações que estão ao seu redor, ⁸assim diz o Senhor Javé: Eu também me coloco contra você. Vou executar os meus julgamentos no seu meio, diante das nações. ⁹Farei com você o que nunca fiz e nunca mais farei, tudo por causa de suas abominações. ¹⁰Por isso os pais, em seu meio, vão devorar os próprios filhos, e os filhos devorarão os próprios pais. É assim que vou executar os meus julgamentos contra você. E tudo o que sobrar de você, vou espalhar aos quatro ventos. ¹¹Por isso, juro por mim mesmo, oráculo do Senhor Javé: Por terem profanado o meu Templo santo com seus ídolos e abominações, eu também rejeitarei vocês: não terei compaixão, nem perdoarei. ¹²Desse modo, uma terça parte de você, Jerusalém, morrerá de peste ou vai se acabar de fome dentro da cidade; outra terça parte será morta pela espada ao seu redor; eu espalharei a última terça parte aos quatro ventos, perseguindo-os de espada em punho. ¹³Só assim derramarei a minha ira, vou satisfazer a minha indignação contra eles e me darei por satisfeito. E quando eu tiver derramado a minha ira contra eles, então ficarão sabendo que eu, Javé, eu falei, porque sou ciumento. ¹⁴Transformarei você em ruínas e motivo de caçoada para as nações vizinhas, diante de todos os que passam. ¹⁵Você será motivo de zombaria e insulto, advertência e espanto para as nações vizinhas, quando eu executar a minha sentença, com ira e

indignação, na hora dos castigos implacáveis. Fui eu, Javé, quem falou. ¹⁶Quando eu atirar as setas malignas da fome contra vocês — e é para destruir que eu atiro, para acabar com vocês — então redobrarei o peso da fome sobre vocês, cortando-lhes os mantimentos. ¹⁷Enviarei fome e animais selvagens que acabarão com os filhos de vocês; a peste e a mortandade passarão por aí, e eu trarei a guerra contra você. Fui eu, Javé, quem falou”. [5,1-17]

6 *A idolatria produz e esconde a injustiça* — ¹Recebi uma mensagem de Javé, que dizia: ²“Criatura humana, olhe para os montes de Israel e profetize contra eles. ³Diga-lhes: Montes de Israel, escutem a palavra do Senhor Javé. O que o Senhor Javé diz às montanhas e serras, aos vales e baixadas, é o seguinte: Eu estou trazendo a espada contra vocês, para destruir seus lugares altos. ⁴Seus altares ficarão arrasados, seus altares de incenso serão quebrados. Eu farei que seus guerreiros, feridos pela espada, caiam diante de seus próprios ídolos imundos. ⁵Jogarei os cadáveres dos israelitas bem diante desses ídolos, esparramando os ossos de vocês em volta de seus altares. ⁶Em todos os lugares onde vocês moram, as cidades serão destruídas e os lugares altos serão arrasados, de maneira que os altares de vocês serão derrubados e demolidos, seus ídolos imundos serão quebrados e destruídos, seus altares de incenso serão arrasados, tudo o que vocês fizeram será eliminado. ⁷Quando no meio de vocês começar a cair gente morta pela espada, vocês ficarão sabendo que eu sou Javé. ⁸Deixarei que alguns escapem da espada, para viver em outras nações, espalhados em diversos países. ⁹Quando eu lhe arrancar o coração de prostituta, que faz com que eles me atraíam, e também o seu olhar de prostituta que está sempre voltado para esses ídolos imundos, então os sobreviventes se lembrarão de mim, no meio das nações para onde foram levados como cativos. Aí terão nojo de si mesmos, por causa do mal que praticaram, com todas essas abominações. ¹⁰Então eles ficarão sabendo que eu sou Javé, e que não foi por brincadeira que ameacei trazer-lhes essa desgraça.

¹¹Assim diz o Senhor Javé: Bata palmas e sapateie, lamente todas as abominações da casa de Israel, pois tudo cairá pela espada, pela fome e pela peste. ¹²Aquele que está longe, morrerá pela peste; aquele que está perto, morrerá pela espada; aquele que sobreviver, morrerá de fome. Assim eu derramarei a minha ira contra eles. ¹³Então eles ficarão sabendo que eu sou Javé, quando começarem a aparecer as vítimas da guerra no meio de seus ídolos imundos, em volta dos altares de tais ídolos, sobre toda colina elevada, no cume

de todos os montes, debaixo das árvores copadas e carvalhos viçosos, e nos lugares onde costumam oferecer incenso para apaziguar seus ídolos imundos.

¹⁴Estenderei a mão contra eles e transformarei o país, de ponta a ponta, em deserto vazio, desde o deserto até Rebla, lugar onde eles moram. E eles ficarão sabendo que eu sou Javé”. [6,1-14]

7 *Julgar é desmascarar a idolatria e a injustiça* — ¹Recebi uma mensagem de Javé, que dizia: ²“Criatura humana, diga: Assim diz o Senhor Javé para a terra de Israel: Chegou o fim! O fim para os quatro cantos do país. ³É agora o seu fim! Vou derramar a minha ira contra você, vou julgá-la de acordo com o seu comportamento e pedir contas de todas as suas abominações. ⁴Não terei compaixão, nem a perdoarei. Ao contrário, farei cair o seu próprio comportamento sobre você, e suas abominações estarão bem no seu meio. Então vocês ficarão sabendo que eu sou Javé.

⁵Assim diz o Senhor Javé: Vem chegando uma desgraça depois da outra. ⁶O fim chegou! Chegou o fim! Ele desperta contra você, já está chegando. ⁷A sua sorte foi lançada, habitante do país. Chegou a hora, o dia está próximo! Nos montes haverá ruínas, e não alegria. ⁸Num instante, vou derramar a minha ira e desafogar a minha cólera contra você. Vou julgá-la de acordo com seu comportamento, e pedir contas de todas as suas abominações. ⁹Não terei compaixão, nem a perdoarei. Ao contrário, farei cair o seu próprio comportamento sobre você, e suas abominações estarão bem no seu meio. Então vocês ficarão sabendo que eu sou Javé, aquele que fere.

¹⁰O dia está próximo, já está chegando! Chegou a sua vez! A injustiça floresce, amadurece a insolência ¹¹e triunfa a violência, que é cetro do injusto! Sem demora e sem atraso, ¹²chega a hora, o dia se aproxima. Que o comprador não se alegre e o vendedor não fique triste, pois o furor atingirá a todos. ¹³O vendedor não vai recuperar o que vendeu e o comprador não reterá o que comprou, porque o furor atingirá a todos; cada um pagará por seu próprio crime, e ninguém mais terá chance. ¹⁴Tocam as trombetas, preparam as armas, mas ninguém vai para o combate.

¹⁵As armas estão nas ruas. Dentro de casa, a fome e a peste. Quem está no campo morre pelas armas. Quem está na cidade é devorado pela fome ou pela peste. ¹⁶Alguns sobreviventes escapam para os montes, como as pombas do vale, mas eu os farei perecer, cada um pela sua falta. ¹⁷Todos estão de braços

caídos e joelhos enfraquecidos. ¹⁸Estão todos vestidos de luto, cobertos de medo; estão com o rosto envergonhado e a cabeça rapada. ¹⁹Jogarão fora a prata, e o seu ouro vai para o lixo. Prata e ouro não serão capazes de livrá-los, no dia da ira de Javé; com eles não podem matar a fome, nem encher o estômago, porque prata e ouro foram a causa de seus pecados. ²⁰A beleza de suas joias foi motivo de orgulho para eles. Foi com elas que fizeram seus ídolos abomináveis. Por isso eu transformarei tudo em lixo. ²¹Farei que a sua riqueza seja tomada por estrangeiros e saqueada pelos piores indivíduos do país. ²²Desviarei desses o meu olhar, para que possam violar o meu tesouro, para que os assaltantes possam entrar aí e profanar o que quiserem.

²³Prepare correntes, porque o país está cheio de crimes, a cidade está cheia de violência. ²⁴Vou trazer os pagãos mais violentos para se apossarem das casas. Acabarei com o orgulho dos valentes, e seus santuários serão profanados. ²⁵Quando chegar o desespero, eles procurarão a paz, mas não haverá paz. ²⁶Virá uma desgraça em cima da outra, um alarme atrás do outro. Pedirão ao profeta uma visão. O sacerdote não será capaz de dar instruções, e os anciãos de dar conselhos. ²⁷O rei ficará de luto, o príncipe vestirá a decepção, e o povo da terra estará com as mãos tremendo. Agirei com eles de acordo com o seu comportamento. Conforme eles costumam julgar, assim eu vou julgá-los. Então ficarão sabendo que eu sou Javé”. [7,1-27]

8 Alianças que pervertem — ¹No dia cinco do sexto mês do ano seis, eu estava sentado em casa, com os anciãos de Judá sentados em minha presença, quando sobre mim pousou a mão do Senhor Javé. ²Tive nesse momento uma visão: era uma figura com aparência de homem. Daquilo que seria a sua cintura para baixo, parecia fogo; e da cintura para cima, algo que parecia um brilho faiscante. ³Ele estendeu uma espécie de mão e me pegou pelos cabelos. O espírito me carregou entre o céu e a terra e, em visões divinas, levou-me a Jerusalém, até o lado de dentro da porta que dá para o norte, lá onde estava a imagem que tanto provocava o ciúme. ⁴Aí estava a glória do Deus de Israel, tal como eu tinha visto no vale. ⁵Ele me disse: “Criatura humana, olhe para o lado norte”. Olhei na direção do norte, e aí estava, ao norte da porta, bem na entrada, o altar do ídolo que provoca ciúme. ⁶Então Javé me disse: “Criatura humana, você está vendo o que eles fazem? As abominações que cometem aqui para me afastar do meu santuário? E você ainda verá abominações bem mais monstruosas”.

⁷Então ele me levou até à porta de entrada, e eu vi que havia um furo na parede. ⁸Ele me disse: “Criatura humana, abra um buraco na parede”. Abri um buraco na parede e vi uma porta. ⁹Ele me disse: “Entre para ver as abominações que eles praticam aí”. ¹⁰Entrei e vi imagens com formato de toda espécie de répteis e animais nojentos, todos os ídolos imundos da casa de Israel gravados nas quatro paredes. ¹¹Havia também setenta homens, anciãos da casa de Israel. Jezonias, filho de Safã, era um deles. Estavam todos de pé, de frente para aquelas coisas, cada um com o turíbulo na mão queimando incenso. Subia uma nuvem perfumada. ¹²Ele me disse: “Você está vendo bem, criatura humana, o que os anciãos da casa de Israel fazem às escondidas? Cada um tem um oratório cheio de imagens, pois eles dizem: ‘Javé não nos vê; ele já abandonou o país’ ”. ¹³Então ele falou mais uma vez comigo: “Você vai vê-los fazendo abominações ainda piores”.

¹⁴Depois ele me levou até à entrada da porta do Templo de Javé, que dá para o norte, e aí estavam mulheres sentadas, chorando pelo deus Tamuz. ¹⁵Ele me disse: “Você viu, criatura humana? Pois você verá abominações piores que essas!” ¹⁶Então ele me levou para o lado de dentro do Templo de Javé, e aí, junto à entrada do Templo de Javé, entre a entrada do santuário e o altar, estavam vinte e cinco homens, de costas para o Templo de Javé, virados para o nascente e adorando o sol. ¹⁷Ele me disse: “Você está vendo, criatura humana? E a casa de Judá acha pouco praticar todas essas abominações que fazem aqui! Eles ainda enchem o país de violência, provocando a minha ira. E aí estão eles levando o raminho ao nariz. ¹⁸Por isso eu também vou agir com ira. Não terei compaixão nem pouparei ninguém. Então eles invocarão aos gritos, mas eu não lhes darei ouvidos”. [8,1-18]

9A idolatria provoca a ruína — ¹Então Javé gritou aos meus ouvidos com toda a força: “Aproximem-se os carrascos da cidade, cada um com sua arma mortal”. ²Então foram chegando seis homens pelo lado da porta de cima, que dá para o norte, cada qual com sua arma na mão. Um deles estava vestido de linho, com o estojo de escrivão na cintura. Chegaram e ficaram de pé ao lado do altar de bronze. ³A glória do Deus de Israel saiu de cima do querubim, onde se encontrava, para o limiar da porta do Templo. Chamou o homem que estava vestido de linho e com o estojo de escrivão na cintura. ⁴Javé falou com ele: “Percorra a cidade de Jerusalém e marque com uma cruz a testa dos indivíduos que estiverem se lamentando e gemendo por causa das abominações que se

fazem no meio dela”. ⁵Ouvi quando ele dizia para os outros: “Percorram a cidade atrás dele, para matar sem dó nem piedade ⁶velhos, moços, moças, crianças e mulheres. Matem, acabem com eles. Só não matem os indivíduos marcados com a cruz. Comecem pelo meu Templo”. E eles começaram pelos anciãos que estavam diante do Templo. ⁷Ele ainda falou: “Profanem o Templo, encham de cadáveres o seu interior, e saiam pela cidade para matar”.

⁸Enquanto eles estavam matando, fiquei sozinho. Então caí com o rosto por terra, clamando: “Ah! Senhor Javé, vais destruir o resto de Israel, derramando teu furor sobre Jerusalém?” ⁹Ele me respondeu: “É grande demais a injustiça da casa de Israel e de Judá! O país está cheio de violência e a cidade cheia de injustiça. E eles pensam: ‘Javé abandonou o país e não está vendo nada!’ ¹⁰Por isso, não terei dó nem piedade, mas sobre eles farei cair as consequências do seu próprio comportamento”. ¹¹Nessa hora, o homem vestido de linho e com o estojo de escrivão na cintura tomou a palavra e disse: “Acabei de fazer o que mandaste”. [9,1-11]

10 *Deus abandona a sociedade corrupta* — ¹Na cúpula que estava sobre as cabeças dos querubins, vi uma espécie de safira com aparência de trono. ²Javé disse ao homem vestido de linho: “Chegue ali entre as rodas debaixo dos querubins e, do meio dos querubins, encha as mãos com brasas, que você espalhará por cima da cidade”. Eu vi que ele foi até lá. ³Os querubins estavam de pé, do lado direito do Templo. Quando o homem entrou, uma nuvem enchia o interior do Templo. ⁴A glória de Javé saiu de cima dos querubins e foi até o limiar da porta do Templo, que estava tomado pela nuvem, e o brilho da glória de Javé ocupava todo o recinto. ⁵O barulho das asas dos querubins chegava até o pátio exterior. Era como a voz do Todo-poderoso quando fala. ⁶Logo que Javé lhe mandou pegar o fogo entre as rodas no meio dos querubins, o homem vestido de linho se colocou perto das rodas. ⁷O querubim levou a mão ao fogo que havia no meio deles, pegou as brasas e encheu as mãos do homem vestido de linho. Este pegou e saiu. ⁸Então, debaixo das asas dos querubins, apareceu algo parecido com mão humana. ⁹Olhando bem, notei quatro rodas junto dos querubins, cada uma junto de um deles. E as rodas pareciam ter o brilho do topázio. ¹⁰As quatro rodas tinham a mesma aparência. Sua estrutura era como se uma roda estivesse encaixada dentro da outra, ¹¹para que pudessem rodar nas quatro direções, sem ter que girar, pois já estavam orientadas na direção em que

rodavam; enquanto avançavam, não se viravam. ¹²Todo o corpo dos querubins, costas, mãos, asas e também as rodas, tudo estava cheio de olhos por todo lado. ¹³Conforme escutei, as rodas foram chamadas de turbilhão. ¹⁴Os quatro querubins tinham quatro faces cada um: a primeira era de querubim; a segunda de homem; a terceira de leão; a quarta de águia. ¹⁵Os querubins podiam se elevar do chão. Eram os mesmos animais que eu tinha visto às margens do rio Cobar. ¹⁶Quando os querubins se movimentavam, as rodas iam junto. Quando batiam asas para se elevarem do chão, as rodas não saíam de junto deles. ¹⁷Quando paravam, as rodas também paravam; quando subiam, elas subiam junto, porque o espírito do animal estava também nelas.

¹⁸Em seguida, a glória de Javé deixou o limiar da porta do Templo e foi pousar em cima dos querubins. ¹⁹Então os querubins abriram as asas e se elevaram do chão, à minha vista. Quando saíram, as rodas foram junto. Pararam junto à porta oriental do Templo de Javé. E sobre eles pousou a glória do Deus de Israel. ²⁰Esses eram os animais que eu tinha visto debaixo do Deus de Israel, às margens do rio Cobar. E reconheci que eram querubins. ²¹Cada um tinha quatro faces e quatro asas. E debaixo das asas havia algo parecido com mãos humanas. ²²A forma de suas faces era a mesma que eu tinha visto às margens do rio Cobar. E cada um só ia para a frente, na direção para onde estava voltado. [10,1-22]

11 *Não se iludam!* — ¹O espírito me pegou e me levou para a porta oriental do Templo de Javé, isto é, a porta que dá para o oriente. E aí estavam, à entrada da porta, vinte e cinco indivíduos. Entre eles vi Jezonias, filho de Azur, e Feltias, filho de Banaías, chefes do povo. ²Então Javé me disse: “Criatura humana, são esses os homens que tramam o crime e planejam a desgraça nesta cidade. ³Eles dizem: ‘Agora não é hora de construir casas. Isto aqui é uma panela, e nós somos a carne’. ⁴Por isso, profetize contra eles. Profetize, criatura humana”.

⁵Então sobre mim pousou o espírito de Javé e me disse: “Diga: Assim diz Javé: É isso que vocês dizem, casa de Israel! Eu conheço as suas tramas. ⁶Vocês fizeram um número muito grande de mortos na cidade, e encheram as ruas de cadáveres. ⁷Por isso, assim diz o Senhor Javé: Esses mortos que vocês puseram no meio dela é que são a carne, enquanto a cidade é a panela, mas eu vou tirar vocês. ⁸Estão com medo da espada? Pois eu vou trazer a espada contra vocês — oráculo do Senhor Javé. ⁹Tirarei vocês dessa panela e os entregarei nas mãos de

estrangeiros. É assim que vou executar a minha sentença. ¹⁰Vocês cairão atingidos pela espada dentro do território de Israel. Eu julgarei vocês! E vocês ficarão sabendo que eu sou Javé. ¹¹Jerusalém não será para vocês uma panela, nem vocês vão ser carne guardada dentro dela. É no território de Israel que eu julgarei vocês. ¹²Então vocês ficarão sabendo que eu sou Javé, cujos estatutos vocês não seguiram e cujas normas não cumpriram. Ao contrário, vocês imitaram os costumes das nações vizinhas”.

¹³Mal acabei de profetizar, e morreu Feltias, filho de Banaías. Então caí com o rosto por terra e gritei bem alto: “Ah! Senhor Javé, tu estás acabando com o resto de Israel!” [11,1-13]

Javé prefere os exilados — ¹⁴Recebi então de Javé uma mensagem, que me dizia: ¹⁵“Criatura humana, os moradores de Jerusalém dizem aos seus irmãos, aos seus parentes e a toda a casa de Israel: ‘Vocês estão longe de Javé. Foi para nós que Javé deu a terra como propriedade’. ¹⁶Por isso, diga-lhes: Assim diz o Senhor Javé: Dado que eu os levei para longe, para o meio das nações pagãs, e por algum tempo os espalhei entre as nações, eu mesmo serei para eles um santuário em qualquer país para onde tenham ido. ¹⁷Diga, portanto: Assim diz o Senhor Javé: Eu vou recolher vocês do meio dos povos, vou ajuntá-los de todos os países para os quais foram levados, e lhes darei depois a terra de Israel. ¹⁸Logo que aí chegarem, eles removerão dela todos os seus ídolos e abominações. ¹⁹Darei a eles um coração íntegro, e colocarei no íntimo deles um espírito novo. Tirarei do peito deles o coração de pedra e lhes darei um coração de carne. ²⁰Tudo isso para que sigam os meus estatutos e ponham em prática as minhas normas. Então eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus. ²¹Mas, se o coração deles for atrás de seus ídolos e abominações, eu farei que sofram as consequências de suas ações — oráculo do Senhor Javé”. [14-21]

Javé sai ao encontro dos exilados — ²²Então os querubins levantaram as asas junto com as rodas. E a glória do Deus de Israel estava sobre eles. ²³A glória de Javé saiu de cima da cidade e foi pousar no monte que fica ao oriente da cidade.

²⁴O espírito me ergueu e me levou de volta para a Caldeia, para junto dos exilados, numa visão inspirada pelo espírito de Deus. E a visão desapareceu. ²⁵Depois contei aos exilados tudo o que Javé me havia revelado. [22-25]

12 *O exílio é inevitável* — ¹Recebi a seguinte mensagem de Javé: ²“Criatura humana, você está morando numa casa de rebeldes. Eles têm olhos para ver, mas não veem; têm ouvidos para ouvir, mas não ouvem; são de fato uma casa de rebeldes. ³Pois bem, criatura humana, arrume sua bagagem de exilado e vá para o exílio, em pleno dia, à vista deles. Caminhe de um lugar para outro, à vista deles. Quem sabe eles percebam que são uma casa de rebeldes. ⁴Arrume sua bagagem como se fosse bagagem de exilado, em pleno dia, à vista deles. À tarde, à vista deles, saia como quem está indo para o exílio. ⁵E à vista deles, faça um buraco no muro e saia por aí. ⁶Ainda à vista deles, coloque nas costas a bagagem: você vai partir à noite, e cobrirá os olhos para não ver o país. Farei de você um sinal para a casa de Israel”. ⁷Então eu fiz tudo o que me fora mandado. Durante o dia, tirei a minha bagagem como se fosse bagagem de exilado. E à tarde, fiz um buraco no muro, sem ferramenta, e parti ao escurecer, levando a bagagem nas costas, bem à vista deles.

⁸Na manhã seguinte, recebi de Javé esta mensagem: ⁹“Criatura humana, a casa de Israel, essa casa de rebeldes, não perguntou: ‘O que é que você está fazendo aí?’ ¹⁰Pois então diga a eles: Assim diz o Senhor Javé: Este oráculo se refere a Jerusalém e a toda a casa de Israel que vive nela. ¹¹Diga também: Eu sou um sinal para vocês. Conforme eu fiz, assim acontecerá com eles. Irão cativos para o exílio. ¹²Até o chefe que há no meio deles carregará suas coisas nas costas e sairá de noite pelo buraco, que será feito no muro para ele poder sair. Ele cobrirá o rosto para não ver o país. ¹³Vou jogar em cima dele a minha rede, vou pegá-lo na minha armadilha e conduzi-lo para a Babilônia, a terra dos caldeus. Mas ele não chegará a esse país, pois morrerá antes. ¹⁴Espalharei aos quatro ventos todo o seu cortejo, sua guarda e suas tropas, e os perseguirei de espada em punho. ¹⁵Quando eu os dispersar entre as nações e espalhar por muitos países, eles ficarão sabendo que eu sou Javé. ¹⁶Pouparei certo número dos que escaparem da espada, da fome e da peste, para que contem suas abominações entre as nações, pelas quais se espalharem, e assim elas ficarão sabendo que eu sou Javé”.

¹⁷Recebi a seguinte mensagem de Javé: ¹⁸“Criatura humana, tome o seu alimento com medo, beba sua água com preocupação e angústia. ¹⁹Depois diga ao povo da terra: Assim diz o Senhor Javé para os habitantes de Jerusalém que estão na terra de Israel: Eles comerão o seu alimento angustiados e beberão a sua água apavorados, porque outros devastarão e despovoarão sua terra, por causa da violência dos seus habitantes. ²⁰As cidades habitadas serão arrasadas, e o país se

transformará num deserto. Então vocês saberão que eu sou Javé”. [12,1-20]

O discernimento profético — ²¹Recebi esta mensagem de Javé: ²²“Criatura humana, que ditado é esse que corre pelo país de Israel? ‘Os dias vão passando e a visão não se realiza’! ²³Pois bem! Diga-lhes: Assim diz o Senhor Javé: Acabarei com esse ditado, e ninguém mais vai repeti-lo em Israel. Diga para eles este outro ditado: ‘O dia está chegando e a visão vai se realizar’. ²⁴Não haverá mais visão inútil ou previsão enganosa na casa de Israel. ²⁵Pois eu mesmo, Javé, eu falarei. E o que eu disser, ficará dito e se realizará sem demora. Será agora, no tempo de vocês, casa de rebeldes, que eu direi uma palavra e a cumprirei — oráculo do Senhor Javé”.

²⁶Recebi esta mensagem de Javé: ²⁷“Criatura humana, veja o que a casa de Israel está dizendo: ‘A visão que ele tem é para daqui a muitos anos. Ele profetiza para um tempo distante’. ²⁸Pois bem! Diga-lhes: Assim diz o Senhor Javé: Minhas palavras não tardarão mais para se realizar. E o que eu disser, ficará dito e acontecerá — oráculo do Senhor Javé”. [21-28]

13 ***Enganadores do povo*** — ¹Recebi esta mensagem de Javé: ²“Criatura humana, profetize contra os profetas de Israel. Profetize, e diga aos que profetizam conforme seus próprios interesses. Diga-lhes: Escutem a palavra de Javé! ³Assim diz o Senhor Javé: Ai desses profetas estúpidos, que inventam profecias, coisas que nunca viram, seguindo sua própria inspiração! ⁴Os seus profetas, Israel, parecem raposas no meio de ruínas. ⁵Vocês não taparam as brechas da muralha, nem construíram muralha para que a casa de Israel pudesse resistir na guerra, no dia de Javé. ⁶Têm visões inúteis e previsões enganosas, esses que andam dizendo: ‘Oráculo de Javé’, quando não foi Javé quem os mandou. E ainda ficam esperando que se cumpra a palavra deles! ⁷E não é que vocês continuam tendo visões inúteis e fazendo previsões erradas? E ainda dizem que é oráculo de Javé, quando para vocês eu não falei coisa alguma. ⁸Por isso, assim diz o Senhor Javé: Dado que vocês vivem falando coisas à toa e tendo visões falsas, então eu me colocarei contra vocês — oráculo do Senhor Javé. ⁹A minha mão pesará em cima desses profetas que têm visões mentirosas e fazem previsões erradas: eles nunca tomarão parte no conselho do meu povo, nem estarão registrados no livro da casa de Israel, nem voltarão para a terra de Israel. Assim, vocês ficarão sabendo que eu sou o Senhor Javé. ¹⁰Tudo isso porque eles desviaram o meu povo, falando de paz, quando não havia paz. Basta

o povo levantar um muro, e lá estão eles rebocando com massa. ¹¹Diga a esses que vivem rebocando com massa: ‘Vai desabar uma tempestade, vai cair uma chuva de pedra e soprar uma forte ventania’. ¹²Quando o muro cair, irão perguntar: ‘Onde é que está o reboco, aquele com que vocês rebocaram?’

¹³Por isso, assim diz o Senhor Javé: Em minha ira, mandarei um furacão, com meu furor mandarei uma tempestade e, no auge da minha fúria, uma chuva de pedra. ¹⁴Assim derrubarei o muro que vocês rebocaram com massa; vou fazê-lo cair no chão. Porei à mostra seus alicerces. Ele cairá, e vocês morrerão debaixo. Então vocês saberão que eu sou Javé. ¹⁵Derramarei a minha ira sobre o muro e sobre aqueles que o rebocaram com massa. Depois direi a vocês: Já não existe muro, não há mais rebocadores. ¹⁶São esses os profetas de Israel, que profetizam para Jerusalém, anunciando visões de paz, quando não existe paz — oráculo do Senhor Javé”. [13,1-16]

Exploradores do povo — ¹⁷“Criatura humana, enfrente as mulheres do seu povo, que profetizam conforme seus próprios interesses. Profetize contra elas, ¹⁸dizendo: Assim diz o Senhor Javé: Ai daquelas que costuram nos punhos fitas mágicas e preparam véus para a cabeça de pessoas de todo tamanho, para seduzir os outros! Vocês pretendem caçar as pessoas do meu povo e salvar a si mesmas? ¹⁹Vocês me profanam diante do meu povo por um punhado de cevada ou pedaço de pão, destinando à morte quem não devia morrer, e destinando à vida quem não devia viver. Desse modo, vocês enganam o meu povo que dá ouvidos à mentira. ²⁰Por isso, assim diz o Senhor Javé: Aqui estou eu contra as fitas com que vocês caçam gente como pássaros. Eu vou arrancá-las de seus braços e soltar as pessoas que vocês aprisionaram como se fossem pássaros. ²¹Arrancarei também os véus que vocês prepararam e livrarei o meu povo das mãos de vocês. Ele não ficará mais nas mãos de vocês como se fosse caça. Então vocês ficarão sabendo que eu sou Javé. ²²Vocês, com suas mentiras, perturbaram a consciência do justo, quando eu não queria perturbá-lo. Vocês deram todo o apoio ao injusto, para ele não deixar seus maus caminhos e poder viver. ²³Por isso, vocês nunca mais terão visões falsas, nem farão predições. Eu livrarei o meu povo da mão de vocês. Então vocês saberão que eu sou Javé”. [17-23]

14 ***A idolatria perverte a consciência*** — ¹Alguns anciãos de Israel foram me procurar e sentaram-se à minha volta. ²Então eu recebi a seguinte mensagem de Javé: ³“Criatura humana, esses homens puseram ídolos em seus

corações. Eles colocam diante de si o obstáculo que os fará pecar. E você acha que eu vou permitir que eles me consultem? ⁴Pelo contrário, diga a eles: Assim diz o Senhor Javé: Qualquer israelita que põe seus ídolos no próprio coração, que coloca diante de si o obstáculo que o fará pecar e, em seguida, vai ao profeta, eu mesmo, Javé, eu lhe darei a resposta. Quando ele vier, eu lhe responderei de acordo com a multidão de seus ídolos. ⁵Desse modo, agarrarei por dentro os israelitas que se distanciaram de mim por causa de todos os seus ídolos.

⁶Diga, portanto, à casa de Israel: Assim diz o Senhor Javé: Convertam-se, abandonem seus ídolos, voltem as costas para todas as suas abominações. ⁷Eu mesmo, Javé, eu responderei a qualquer israelita ou imigrante que vive em Israel, que se distancia de mim, que põe seus ídolos no próprio coração e coloca diante de si o obstáculo que o fará pecar e, em seguida, vai consultar o profeta. ⁸Vou enfrentar tal homem e fazer dele um exemplo proverbial. Vou cortá-lo do meio do meu povo. E vocês ficarão sabendo que eu sou Javé. ⁹Se o profeta se deixa enganar e diz qualquer coisa, eu, Javé, o deixarei no seu engano; estenderei a mão contra ele e o eliminarei de Israel, o meu povo. ¹⁰São todos culpados. O castigo do profeta será o mesmo castigo de quem o consulta. ¹¹Assim, a casa de Israel não vai se desviar de mim, nem se manchará com seus crimes. Então eles serão o meu povo e eu serei o Deus deles — oráculo do Senhor Javé”. [14,1-11]

Javé não castiga à toa — ¹²Recebi de Javé a seguinte mensagem: ¹³“Criatura humana, se um país peca contra mim, cometendo algum delito, eu estenderei a minha mão contra ele: vou tirar-lhe os mantimentos e mandar a fome; vou acabar com homens e animais. ¹⁴Se aí estiverem estes três homens, Noé, Danel e Jó, por serem justos, conseguirão salvar a própria vida — oráculo do Senhor Javé. ¹⁵Se eu soltasse animais ferozes pelo país, a fim de deixá-lo sem filhos, e o lugar ficasse deserto, sem ninguém a passar por ele, com medo dos animais ferozes, ¹⁶e esses três homens estivessem no país, juro por minha vida — oráculo do Senhor Javé — que eles não conseguiriam salvar seus filhos e suas filhas; o país inteiro se transformaria num lugar arrasado, e só eles se salvariam. ¹⁷Se eu trouxesse espada para esse país e dissesse: ‘Espada, atravesse o país eliminando as pessoas e animais que houver por aí’; ¹⁸e esses três homens aí estivessem, juro por minha vida — oráculo do Senhor Javé — juro que eles não conseguiriam salvar seus filhos e suas filhas; só eles se salvariam. ¹⁹Ou ainda, se

eu mandasse uma peste para esse país e derramasse sobre ele a minha cólera com sangue, eliminando desse país pessoas e animais, ²⁰se Noé, Danel e Jó aí estivessem, juro por minha vida — oráculo do Senhor Javé — que eles não conseguiriam salvar seus filhos e filhas; só eles conseguiriam salvar-se por serem justos. ²¹Portanto, assim diz o Senhor Javé: Mesmo que eu mande os meus quatro piores castigos: a espada, a fome, os animais ferozes e a peste, para acabar com as pessoas e animais que existem em Jerusalém, ²²sobrará nela um resto de filhos e filhas, trazido para fora, que conseguirá escapar. Eles vão sair à procura de vocês. E vocês poderão ver o comportamento deles e o mal que praticam. Então vocês se sentirão aliviados por toda a desgraça que fiz cair sobre Jerusalém, por tudo o que mandei para ela. ²³Eles aliviarão vocês, pois quando virem o comportamento deles e o mal que praticam, vocês compreenderão que não foi à toa que eu fiz tudo o que fiz para Jerusalém — oráculo do Senhor Javé”. [12-23]

15 *A justiça é a identidade do povo de Deus* — ¹Recebi de Javé a seguinte mensagem: ²“Criatura humana, o que existe de especial na parreira, que a faz diferente das plantas do bosque? ³Será que tiram dela madeira para fazer algum objeto? Ou alguém tira dela uma trave, onde possa pendurar alguma coisa? ⁴Veja! Ela é jogada no fogo para queimar, e o fogo devora as duas pontas, e também o meio fica queimado. Será que vai servir para alguma coisa? ⁵Se quando ela estava inteira não servia para nada, quanto mais agora que o fogo a consumiu e ela ficou queimada! ⁶Por isso, assim diz o Senhor Javé: Como aconteceu com a parreira silvestre que joguei no fogo para ser queimada, assim tratarei os moradores de Jerusalém. ⁷Vou enfrentá-los. Escaparam do fogo? Pois o fogo vai devorá-los. Então vocês ficarão sabendo que eu sou Javé, quando eu enfrentar vocês. ⁸Vou fazer do país deles um lugar deserto, porque só praticaram a maldade — oráculo do Senhor Javé”. [15,1-8]

16 *De menina abandonada a esposa rainha* — ¹Recebi de Javé a seguinte mensagem: ²“Criatura humana, faça Jerusalém tomar consciência de suas abominações. ³Diga-lhe: Assim diz o Senhor Javé a Jerusalém: Por sua origem e nascimento, você é da terra de Canaã. Seu pai era amorreu e sua mãe era heteia. ⁴Quando você nasceu, quando veio a este mundo, não lhe cortaram o cordão umbilical, nem a lavaram, nem esfregaram o seu corpo com sal, nem a enfaixaram. ⁵Ninguém teve compaixão de você ou pensou em fazer alguma

coisa, com pena de você. Já no dia do nascimento, você foi jogada fora, ao desabrigo, tal era a repugnância que sentiam por você. ⁶Depois eu passei por aí, e vi você se debatendo no próprio sangue. Vendo-a ensanguentada, eu lhe disse: ‘Continue vivendo’. ⁷Então eu fiz você se tornar como broto do campo. Você cresceu, ficou grande e chegou à flor da juventude, os seios firmes e os pelos nascendo. Mas você estava nua e desprotegida. ⁸Passei por aí, e vi você. Notei que estava na idade do amor. Então joguei a minha capa em seus ombros, para cobrir a sua nudez. Fiz um juramento e me comprometi com você em aliança — oráculo do Senhor Javé — de modo que você passou a ser minha. ⁹Em seguida, dei-lhe um banho, lavei o sangue que estava em seu corpo e a ungi com óleo. ¹⁰Depois eu a vesti com roupas bordadas, calcei-a com sapatos de couro fino, coloquei em você um laço de linho e a cobri com um véu de seda. ¹¹Enfeitei-a toda: coloquei pulseiras em seus pulsos e colares em seu pescoço; ¹²coloquei argola no seu nariz, brincos nas orelhas e uma coroa belíssima na cabeça. ¹³Suas joias eram de ouro e prata; você se vestia de linho, seda e bordados; sua alimentação era farinha de primeira, mel e azeite. Você se tornava cada dia mais bonita e ia tomando jeito de rainha. ¹⁴A sua fama corria o mundo, pois a sua beleza era perfeita, com o esplendor daquilo que a recobria — oráculo do Senhor Javé”. [16,1-14]

De esposa rainha a prostituta — ¹⁵“Você, porém, confiou demais em sua beleza. A sua fama a tornou prostituta, e você passou a se entregar ao prazer com qualquer transeunte. ¹⁶Você pegou suas roupas e com elas enfeitou com várias cores os lugares altos, onde você se prostituía. ¹⁷Pegou também as joias de ouro e prata que lhe dei, e com elas fez imagens de homens, com as quais você se prostituiu. ¹⁸Depois você pegou seus vestidos bordados para cobrir essas estátuas, e a elas ofereceu o meu incenso e o meu azeite. ¹⁹Também o alimento que lhe dei, a farinha de primeira, o azeite e o mel, que lhe dei para comer, você o ofereceu para essas estátuas, como perfume para aplacá-las — oráculo do Senhor Javé. ²⁰Você pegou até seus próprios filhos e filhas, que você havia gerado para mim, e os sacrificou, para que essas estátuas os devorassem. Como se as suas prostituições não fossem o bastante, ²¹você ainda matou meus filhos, e os entregou para serem queimados em honra dessas estátuas. ²²No meio de todas essas abominações e de todas as suas prostituições, você não se lembrou do seu tempo de criança, quando estava nua e desprotegida e se debatia no

próprio sangue. ²³Mas, para cúmulo de todas as suas maldades, ai de você! — oráculo do Senhor Javé — ²⁴por todo canto você fez um nicho e um lugar alto; ²⁵construiu um lugar de pecado nas encruzilhadas, desonrando sua beleza, abrindo as pernas para qualquer transeunte e multiplicando assim seus atos de prostituição. ²⁶Você se entregou também aos egípcios, seus vizinhos corpulentos, só para aumentar suas prostituições e para me insultar. ²⁷Então eu estendi a minha mão contra você, reduzi seus alimentos e a entreguei nas mãos de suas inimigas, as cidades dos filisteus. Até elas se envergonharam do seu comportamento indecente. ²⁸Depois você se tornou prostituta dos assírios, porque ainda não estava satisfeita. Por mais que se entregasse à prostituição, você não se saciava. ²⁹Com os caldeus você aumentou ainda mais sua prostituição na terra de Canaã, mas nem com isso você se dava por satisfeita. ³⁰Que ódio que eu tinha de você — oráculo do Senhor Javé — quando você fazia tudo isso, prostituta descarada! ³¹Quando você construía lugares altos nas encruzilhadas, lugares de pecado nas praças, você nem parecia uma prostituta que recebe pagamento, ³²mas mulher adúltera que recebe estranhos no lugar do marido. ³³Para as prostitutas se costuma pagar. Você, porém, é que pagava a todos os seus amantes. Você é que lhes pagava para que eles, de todos os lados, fossem à sua casa procurá-la como prostituta. ³⁴Você fazia o contrário das outras prostitutas: ninguém a procurava; era você que pagava, não eram eles que lhe pagavam. Você era mesmo diferente das outras!” [15-34]

Julgamento e sentença — ³⁵“Pois bem, prostituta, escute a palavra de Javé: ³⁶Assim diz o Senhor Javé: Você esbanjou o seu dinheiro e, nas suas prostituições, mostrou a sua nudez a seus amantes e a seus ídolos imundos. Além disso, você ofereceu o sangue de seus filhos para eles. ³⁷Pois bem! Vou reunir todos os seus amantes, com quem você manteve relações, tanto aqueles de quem você gostava como aqueles de quem você não gostava. De todas as partes vou reuni-los contra você. Descobrirei sua nudez, para que eles vejam suas partes íntimas. ³⁸Condenarei você ao castigo das adúlteras e assassinas, descarregando sobre você o meu furor e o meu ciúme. ³⁹Nas mãos deles eu vou entregá-la. E eles vão destruir de você lugares de pecado, derrubar seus lugares altos, arrancar sua roupa, pegar suas joias e deixá-la completamente nua. ⁴⁰Eles vão alvoroçar a multidão contra você, para apedrejá-la e atravessar você com espadas. ⁴¹Colocarão fogo nas casas de você e aplicarão a você o castigo na presença de

muitas mulheres. Então você vai parar com a prostituição, e nunca mais pagará o preço. ⁴²Só então eu aplacarei a minha ira contra você, o meu ciúme irá embora, eu me acalmarei e não ficarei mais indignado. ⁴³Já que você não quis lembrar-se do tempo de criança, e me provocou com todas essas coisas, eu farei você sofrer as consequências do seu comportamento — oráculo do Senhor Javé. Você não acrescentará outras infâmias a suas abominações”. [35-43]

Mais corrupta do que as outras — ⁴⁴“Falando de você, todo mundo repetirá o refrão: ‘Tal mãe, tal filha!’ ⁴⁵Você é bem a filha da sua mãe, que detestava o marido e os filhos. Você é bem irmã das suas irmãs, que também detestavam os maridos e os filhos. Sua mãe era heteia, e seu pai era amorreu.

⁴⁶À sua esquerda mora a sua irmã mais velha, Samaria, com as cidades que dela dependem. À sua direita, a sua irmã mais moça, que é Sodoma, com as cidades dependentes. ⁴⁷Você não apenas seguiu o caminho delas e imitou suas abominações. Isso era pouco: você ganhou delas em depravação! ⁴⁸Juro por minha vida — oráculo do Senhor Javé — que sua irmã Sodoma, com suas dependentes, nunca agiram como você e suas próprias dependentes. ⁴⁹O pecado de sua irmã Sodoma foi este: ela e as cidades dependentes estavam cheias de soberba, abundância e despreocupação, mas não deram a mão para fortalecer o pobre e o indigente. ⁵⁰Eram orgulhosas e faziam coisas abomináveis. Por isso, eu as eliminei, como você viu. ⁵¹Samaria não cometeu a metade dos seus pecados; você comete mais abominações do que ela. Com todas as abominações que pratica, você até faz suas irmãs parecerem santas. ⁵²Então assuma a responsabilidade pela sua falta de vergonha, porque, com seus pecados, você reabilitou suas irmãs. Você se tornou pior do que elas; perto de você, elas são inocentes. Crie vergonha, carregue o peso do descaramento, porque você fez suas irmãs parecerem justas.

⁵³Eu vou mudar o destino delas: o destino de Sodoma e das cidades que dela dependem, o destino de Samaria e de suas dependentes; e, no meio delas, também vou mudar o destino de você. ⁵⁴Assim você carregará o peso do seu descaramento e ficará envergonhada por tudo o que fez; isso as consolará. ⁵⁵Então sua irmã Sodoma com as próprias dependentes voltarão ao que eram no passado. Samaria e suas dependentes também voltarão a ser o que eram antes. E até você, com suas dependentes, voltará a ser o que era antigamente. ⁵⁶Sua irmã Sodoma era alvo de suas críticas, no tempo em que você era orgulhosa, ⁵⁷antes

que suas próprias vergonhas fossem desnudadas. Pois bem! Agora você é objeto de caçada das cidades de Edom e de todas as vizinhas cidades filisteias, que a insultam por todos os lados. ⁵⁸Você arcará com suas próprias infâmias e abominações — oráculo do Senhor Javé”. [44-58]

O perdão que converte — ⁵⁹“Assim diz o Senhor Javé: Vou agir com você do mesmo modo como você agiu: você desprezou o juramento e quebrou a aliança! ⁶⁰No entanto, eu me lembrarei da aliança que fiz com você, quando você era jovem, e farei com você uma aliança eterna. ⁶¹Então você se lembrará do seu comportamento e se envergonhará, quando você acolher suas irmãs mais velhas e mais novas, pois vou dá-las a você como cidades dependentes, mesmo que isso não faça parte da aliança que fiz com você. ⁶²Eu mesmo farei aliança com você, e você ficará sabendo que eu sou Javé. ⁶³Isso para que se lembre e se envergonhe e, humilhada, já nem queira mais falar, quando eu a perdoar de tudo o que você praticou — oráculo do Senhor Javé”. [59-63]

17 ***Agora não existe saída*** — ¹Recebi de Javé a seguinte mensagem: ²“Criatura humana, faça um enigma e conte uma parábola para a casa de Israel, ³dizendo: Assim diz o Senhor Javé: Uma grande águia de asas enormes, de corpo comprido, coberta de penas e plumagem colorida, chegou até o Líbano. Agarrando a copa de um cedro, ⁴arrancou-lhe o ramo mais alto. Depois o levou para a terra dos negociantes e depositou esse ramo na cidade dos comerciantes. ⁵Em seguida pegou um ramo do chão e foi deixá-lo em terreno de plantio, onde havia muita água. Enterrou o ramo como se plantasse um salgueiro. ⁶Ele soltou brotos e se tornou igual a uma parreira que se esparrama, pouco elevada. As pontas de seus ramos se voltaram para a águia e as suas raízes ficaram debaixo da águia. Tornou-se como parreira, soltou ramos, formou galhos. ⁷Mas havia também outra grande águia, de grandes asas e farta plumagem. Logo essa parreira estendeu suas raízes para o lado da águia e esticou para ela os seus ramos, desde o canteiro onde estava, para que a águia a regasse. ⁸Numa terra boa, onde havia muita água, ela estava plantada, soltando ramos, produzindo frutos, como uma parreira bem viçosa. ⁹Diga: Assim diz o Senhor Javé: Será que a parreira vai progredir? Ou será que a águia vai arrancar suas raízes, apanhar seus frutos e secar seus ramos mais tenros? Assim não será preciso muita força, nem grande multidão, para arrancá-la pelas raízes. ¹⁰Será que ela não vai murchar, quando bater o vento leste, no mesmo canteiro onde ela brotou?”

¹¹Então recebi de Javé a seguinte mensagem: ¹²“Fale assim a essa casa de rebeldes: Será que vocês não sabem o que significam essas coisas? E responda: O rei da Babilônia foi a Jerusalém, pegou o seu rei e seus chefes e os levou para a Babilônia. ¹³Pegou alguém da família do rei, e com ele fez um acordo, obrigando-o a fazer um juramento, e levando consigo os grandes do país. ¹⁴Assim o reino ficaria reprimido, sem ninguém que pudesse levantar a cabeça, obediente aos acordos que tinha estabelecido. ¹⁵Mas ele se revoltou contra o rei da Babilônia e mandou mensageiros procurar o Egito, para que o Egito lhe fornecesse cavalos e batalhões. Será que ele vai conseguir? Será que vai escapar quem faz uma coisa dessas? Quem rompe um acordo será que ainda consegue escapar? ¹⁶Juro por minha vida — oráculo do Senhor Javé — que ele morrerá na Babilônia, país do rei que lhe tinha dado um reino; porque ele não fez caso do juramento e rompeu o acordo. ¹⁷Não será com a ajuda de grande exército e numerosa tropa que o Faraó poderá agir em seu favor na hora do combate, na hora em que fizerem aterros e construírem torres de assalto para massacrar uma multidão de pessoas. ¹⁸Ele não fez caso do juramento, rompeu o acordo; assumiu um compromisso e voltou atrás. Não vai escapar! ¹⁹Por isso, assim diz o Senhor Javé: Juro por minha vida que vou castigá-lo por ter desprezado meu juramento e quebrado minha aliança. ²⁰Atirarei contra ele o meu laço, e ele ficará preso na minha rede. Vou levá-lo para a Babilônia, e aí acertarei contas com ele, por causa de todas as suas traições. ²¹Até os mais escolhidos comandos do seu exército cairão mortos em combate. E aqueles que por acaso sobrarem, irão espalhar-se pelos quatro ventos. Então vocês saberão que fui eu quem lhes falou, eu, Javé.

²²Assim diz o Senhor Javé: Eu mesmo vou tirar um broto da copa daquele cedro; da ponta cortarei um ramo bem viçoso, e eu mesmo vou plantá-lo no alto de um monte elevado. ²³É nas alturas da montanha de Israel que vou plantá-lo. Vai soltar ramos e produzir frutos, e se transformará num cedro gigante. Os passarinhos farão nele seus ninhos, e os pássaros se abrigarão à sombra de seus ramos. ²⁴E todas as árvores do campo saberão que sou eu, Javé, que rebaixo a árvore alta e elevo a árvore baixa, seco a árvore verde e faço brotar a árvore seca. Eu, Javé, falo e faço”. [17,1-24]

18 *Cada um é responsável pelo próprio destino* — ¹Recebi a seguinte mensagem de Javé: ²“Que sentido tem para vocês este ditado que se repete na terra de Israel: ‘Os pais comeram uva verde, e a boca dos filhos ficou

amarrada’? ³Juro por minha vida — oráculo do Senhor Javé — que vocês não vão repetir mais esse ditado em Israel. ⁴Todas as vidas são minhas, tanto a vida do pai como a vida do filho. O indivíduo que pecar, esse é que deverá morrer. ⁵Se o indivíduo é justo e pratica o direito e a justiça; ⁶se não come nos montes, adorando os ídolos imundos da casa de Israel; se não desonra a mulher do seu próximo, nem procura mulher menstruada; ⁷se é um indivíduo que não explora ninguém, mas devolve o penhor de uma dívida; que não rouba de ninguém, mas dá o seu pão a quem tem fome e veste quem não tem roupa; ⁸que não empresta com usura, nem cobra juros; que evita praticar a injustiça e procura fazer um julgamento justo entre as pessoas; ⁹o indivíduo que age de acordo com os meus estatutos, que guarda as minhas normas, praticando corretamente a verdade, esse indivíduo é justo, e certamente permanecerá vivo — oráculo do Senhor Javé.

¹⁰Contudo, se esse indivíduo tiver um filho violento e assassino ou que pratica alguma dessas coisas, ¹¹mesmo que o pai não faça nada disso; mas ele come sobre os montes; desonra a mulher do seu próximo; ¹²explora o pobre e o indigente; rouba e não devolve o penhor; adora ídolos imundos e comete abominação; ¹³empresta com usura e cobra juros, é claro que não permanecerá vivo por ter praticado todas essas abominações: ele certamente morrerá e será responsável por seus próprios crimes.

¹⁴Acontece, porém, que esse indivíduo tem um filho que vê tudo de errado que o seu pai faz. Ele vê, mas não faz igual: ¹⁵não come sobre os montes; não adora os ídolos imundos da casa de Israel; não desonra a mulher do próximo; ¹⁶não explora ninguém; não exige penhor; não rouba, mas dá seu pão a quem tem fome e veste quem está sem roupa; ¹⁷evita praticar injustiça; não aceita usura nem cobra juros; observa as minhas normas e age segundo os meus estatutos, esse indivíduo não vai morrer por causa dos pecados do seu pai; pelo contrário, permanecerá vivo. ¹⁸O pai dele, que praticou a violência, que roubou e maltratou o seu povo, este sim deverá morrer por causa do seu próprio pecado.

¹⁹Mas vocês ainda perguntam: ‘Por que é que o filho não levará o castigo pelo pecado do seu pai?’ Ora, o filho praticou o direito e a justiça, guardou os meus estatutos e os colocou em prática. Por isso, ele permanecerá vivo. ²⁰O indivíduo que peca, esse é que deve morrer. O filho nunca será responsável pelo pecado do pai, nem o pai será culpado pelo pecado do filho. O justo receberá a justiça que merece e o injusto pagará por sua injustiça.

²¹Se o injusto se arrepende de todos os erros que praticou e passa a guardar os

meus estatutos e a praticar o direito e a justiça, então ele permanecerá vivo, não morrerá. ²²Tudo de mau que ele praticou não será mais lembrado, e ele permanecerá vivo, por causa da justiça que praticou. ²³Por acaso eu sinto prazer com a morte do injusto? — oráculo do Senhor Javé. O que eu quero é que ele se converta dos seus maus caminhos, e viva.

²⁴Contudo, se o justo renuncia à sua própria justiça e pratica o mal, seguindo todas as abominações que o injusto pratica, será que ele vai fazer isso e continuar vivo? Não! Toda a justiça que ele praticou vai ser esquecida. Ele morrerá por causa das injustiças que passou a praticar, pelos erros que cometeu. ²⁵Mas se vocês ainda disserem: ‘A maneira do Senhor agir não é justa!’ Escute aqui, casa de Israel: Será que não é justa a minha maneira de agir, ou é a maneira de agir de vocês que não é justa? ²⁶Se o justo deixa de ser justo e começa a praticar a injustiça, ele morrerá por causa disso, morrerá por causa da injustiça que praticou.

²⁷Quando o injusto renuncia à sua injustiça e começa a praticar o direito e a justiça, ele está salvando a própria vida. ²⁸Se ele perceber todo o mal que vinha praticando, viverá e não morrerá. ²⁹E no entanto, a casa de Israel diz: ‘A maneira do Senhor agir não é justa!’ Eu pergunto: É a minha maneira de agir que não é justa, ó casa de Israel, ou é a maneira de vocês agirem que não é justa?

³⁰Assim, casa de Israel, eu vou julgar cada um de vocês de acordo com a própria maneira de viver — oráculo do Senhor Javé. Convertam-se e abandonem toda a injustiça, e a injustiça não provocará mais a ruína de vocês. ³¹Libertem-se de todas as injustiças cometidas e formem um coração novo e um espírito novo. Por que vocês haveriam de morrer, casa de Israel? ³²Eu não sinto prazer com a morte de ninguém — oráculo do Senhor Javé. Convertam-se e terão a vida”.
[18,1-32]

19 *Uma política temerária* — ¹“Entoe uma lamentação sobre os chefes de Israel: ²A sua mãe, quem era ela? Era uma leoa no meio de leões, deitada com os leõezinhos à sua volta, amamentando seus filhotes. ³Um de seus filhotes, ela o criou até que ele se tornou leão adulto. Ele aprendeu a estraçalhar a presa e começou a devorar gente. ⁴As nações tramaram contra ele, que acabou caindo na armadilha delas. Preso por uma argola, elas o levaram para a terra do Egito. ⁵A leoa sentiu-se decepcionada, e sua esperança se perdeu. Então ela pegou mais um de seus filhotes e fez dele um leão adulto. ⁶Ele começou a andar no meio dos leões, e era um animal adulto de verdade. Aprendeu a estraçalhar a presa e

começou a devorar gente, ⁷a derrubar seus palácios e destruir suas cidades. O país e a população toda ficavam apavorados a um simples rugido seu. ⁸Contra ele reuniram-se as nações, todas as regiões vizinhas. Armaram contra ele sua rede, e ele caiu na armadilha delas. ⁹Depois o puseram na jaula, com uma argola no focinho. Assim o levaram para o rei da Babilônia e o conduziram à prisão, para que ninguém ouvisse o seu rugido nos montes de Israel. [19,1-9]

Causa da ruína do povo — ¹⁰Sua mãe era como parreira plantada à beira d'água. Produzia bastante e ficava frondosa, porque havia boa umidade. ¹¹Seus ramos eram fortes, bons para se tornarem cetros reais. A sua altura sobressaía por cima das copas, a sua imponência se destacava pela quantidade de ramos. ¹²Ela, porém, foi arrancada com raiva e jogada ao chão. O vento leste acabou de secá-la e os seus frutos despencaram. Os seus fortes ramos secaram e foram destruídos pelo fogo. ¹³Agora ela está plantada no deserto, em chão duro e seco. ¹⁴O fogo sai do seu tronco e queima seus ramos e frutos. Nela não há mais ramo forte, um cetro para governar”.

Essa é uma lamentação, e como lamentação se deve cantar. [10-14]

20 ***Deus empenha seu nome*** — ¹No dia dez do quinto mês do ano sete, alguns anciãos de Israel foram consultar Javé e sentaram-se diante de mim. ²Então recebi a seguinte mensagem de Javé: ³“Criatura humana, você vai falar da seguinte forma aos anciãos de Israel: Assim diz o Senhor Javé: Será que vocês vieram mesmo para me consultar? Juro por minha vida, não vou permitir que vocês me consultem — oráculo do Senhor Javé: ⁴Você é quem vai julgá-los, criatura humana. Denuncie as abominações dos antepassados deles. ⁵Diga-lhes: Assim diz o Senhor Javé: No dia em que escolhi Israel, quando ergui a minha mão para a descendência de Jacó, eu me revelei a eles na terra do Egito. Ergui a mão em juramento, dizendo: ‘Eu sou Javé, o Deus de vocês’. ⁶Nesse dia, ergui a mão jurando tirá-los da terra do Egito, a fim de levá-los para outra terra que eu mesmo explorei para eles, terra onde corre leite e mel e que é o encanto de todos os países. ⁷Eu lhes havia dito: ‘Joguem fora as coisas abomináveis que os seduzem, e não se contaminem com os ídolos do Egito, porque eu sou Javé, o Deus de vocês’. ⁸Mas eles foram rebeldes comigo e não quiseram obedecer-me. Não jogaram fora as coisas abomináveis que os seduziam, nem abandonaram os ídolos do Egito. Pensei então em derramar a minha ira contra eles, desafogar neles o meu ódio, dentro mesmo da terra do Egito. ⁹Mas eu tomei outra atitude,

por causa do meu nome, para que o meu nome não fosse profanado diante das nações, no meio das quais eles estavam. Diante delas eu me havia revelado a eles, para tirá-los da terra do Egito. ¹⁰Então eu os tirei da terra do Egito e os levei para o deserto. ¹¹Aí eu lhes dei os meus estatutos e comuniquei as minhas normas, que dão vida a quem os pratica. ¹²Dei-lhes também os meus sábados, para que fossem um sinal entre mim e eles, um sinal que fizesse o povo aprender que eu, Javé, é que santifico o povo. ¹³Mas a casa de Israel me desobedeceu no deserto: não andaram de acordo com os meus estatutos e desprezaram as minhas normas, que dão vida a quem os pratica, e profanaram os meus sábados. Pensei então em derramar a minha ira contra eles e acabar com eles no deserto. ¹⁴Mas fiz diferente por causa do meu nome, para que o meu nome não fosse profanado diante das nações, sob cujo olhar eu os havia tirado do Egito.

¹⁵No deserto, eu também ergui a mão, jurando que não haveria de deixar que eles entrassem na terra que eu lhes tinha dado, terra do leite e do mel, encanto de todos os países. ¹⁶No entanto, eles desprezaram as minhas normas, não andaram de acordo com os meus estatutos e profanaram os meus sábados, porque o coração deles estava apegado a seus ídolos. ¹⁷Mas eu me compadeci deles e não os destruí, nem os exterminei no deserto. ¹⁸Aos seus filhos eu disse, ainda no deserto: ‘Não andem de acordo com os estatutos de seus antepassados, não obedeçam às suas normas, nem se contaminem com seus ídolos. ¹⁹Eu é que sou Javé, o Deus de vocês. É de acordo com os meus estatutos que vocês devem andar, são às minhas normas que vocês devem obedecer e praticar. ²⁰Vocês guardarão também os meus sábados, para que eles sejam um sinal entre nós, e vocês aprendam que eu sou Javé, o Deus de vocês’.

²¹Esses filhos, porém, se rebelaram, não andaram de acordo com os meus estatutos, não guardaram nem puseram em prática as minhas normas, que dão vida a quem os pratica, e ainda profanaram os meus sábados. Pensei em derramar a minha ira contra eles, em desafogar o meu ódio contra eles no deserto. ²²Mas eu recolhi a minha mão e fiz outra coisa, por causa do meu nome, para que o meu nome não fosse profanado diante das nações, sob cujo olhar eu os havia tirado do Egito.

²³No deserto, ergui a mão, jurando-lhes que os haveria de espalhar entre as nações, de os semear por todos os países, ²⁴porque não praticaram as minhas normas e desprezaram os meus estatutos, profanaram os meus sábados e se tornaram admiradores dos ídolos de seus antepassados. ²⁵Por acaso dei a eles

estatutos que não eram bons e normas que não lhes dariam vida? ²⁶Por acaso os contaminei com as ofertas que faziam, quando imolavam seus filhos mais velhos? Por acaso eu os amedrontei, para que reconhecessem que eu sou Javé?

²⁷Por isso, criatura humana, diga à casa de Israel: Assim diz o Senhor Javé: Seus antepassados ainda me insultaram com as deslealdades que continuam praticando. ²⁸Fiz que entrassem na terra que eu, de mão erguida, tinha prometido dar a eles. Mas, quando viam qualquer monte elevado ou qualquer árvore frondosa, aí ofereciam seus sacrifícios e apresentavam suas ofertas irritantes; aí colocavam seus perfumes agradáveis e derramavam o vinho em honra dos ídolos. ²⁹Então lhes perguntei: ‘Que lugar alto é esse para onde vocês vão?’ E daí nasceu o nome ‘lugar alto’, que ficou até o dia de hoje.

³⁰Por isso, diga à casa de Israel: Assim diz o Senhor Javé: Vocês se contaminam como seus antepassados, e se prostituem com suas abominações, ³¹trazem suas ofertas, oferecem seus filhos, queimando-os no fogo, e continuam até o dia de hoje a se contaminar com seus ídolos. E eu iria ainda atender vocês, casa de Israel? Juro por minha vida — oráculo do Senhor Javé — que eu, de maneira nenhuma, atenderei vocês!

³²Não se realizará a ideia que lhes vem ao pensamento, quando vocês dizem: ‘Queremos ser iguais às outras nações, iguais à gente dos outros países, que prestam culto à madeira e à pedra’. ³³Juro por minha vida — oráculo do Senhor Javé — que, com mão forte e braço estendido ou derramando a minha ira, eu vou ser o rei de vocês. ³⁴Pois eu vou tirá-los dentre os povos, vou reunir vocês do meio dos países por onde estão espalhados, com mão forte e braço estendido, ou derramando a minha ira. ³⁵Depois eu os levarei para o deserto da Síria, onde acertarei contas com vocês, frente a frente. ³⁶Da mesma forma como acertei contas com os antepassados de vocês no deserto do Egito, assim agora acertarei contas com vocês — oráculo do Senhor Javé. ³⁷Farei vocês passarem debaixo do cajado e entrar, um a um, pelo aro da aliança. ³⁸Excluirei os rebeldes que se revoltam contra mim. Farei que eles saiam do país onde estão exilados, mas não entrarão na terra de Israel. Então vocês ficarão sabendo que eu sou Javé.

³⁹Quanto a vocês, casa de Israel, assim diz o Senhor Javé: Cada um vá servir seus ídolos, se não me quiser obedecer, mas não continue profanando o meu nome santo com suas ofertas e seus ídolos. ⁴⁰Pois será na minha santa montanha, no mais alto monte de Israel — oráculo do Senhor Javé — será aí, na sua terra, que toda a casa de Israel me prestará culto. Aí eu os aceitarei, aí buscarei suas

ofertas e os melhores dons, juntamente com suas coisas santas. ⁴¹ Aceitarei vocês como perfume agradável, depois que eu os retirar do meio das nações e os reunir do meio dos países por onde foram espalhados e, diante das nações, mostrar em vocês que eu sou santo. ⁴² Vocês ficarão sabendo que eu sou Javé, quando os levar de volta para a terra de Israel, terra que jurei, com mão erguida, dar a seus antepassados. ⁴³ Aí vocês se lembrarão de todos os seus caminhos e de todas as más ações com que se contaminaram, e passarão a sentir nojo de vocês mesmos, por todo o mal que praticaram. ⁴⁴ Então vocês ficarão sabendo que eu sou Javé, quando eu fizer isso, não por causa dos seus maus caminhos nem levando em conta a baixeza de suas faltas de respeito, mas só por causa do meu nome, ó casa de Israel — oráculo do Senhor Javé”. [20,1-44]

21 *Todos sofrem as consequências* — ¹ Recebi esta mensagem de Javé: ² “Criatura humana, vire-se para a direita, fale voltado para o sul, profetize contra a floresta do Negueb. ³ Para a floresta do Negueb você dirá: Ouça a palavra de Javé! Assim diz o Senhor Javé: Estou pronto para atear fogo em você, um fogo que queimará todas as árvores verdes e secas. Ninguém conseguirá apagar a labareda e todos os rostos se queimarão, desde o Negueb até o norte. ⁴ Então todos verão que eu, Javé, acendi esse fogo, e ele não se apagará”. ⁵ Então eu disse: “Ah! Senhor Javé, eles dizem que eu sou um contador de fábulas!”

⁶ Então recebi uma nova mensagem de Javé, que dizia: ⁷ “Criatura humana, vire-se para o lado de Jerusalém, fale voltado para o santuário, profetizando contra a terra de Israel. ⁸ Você dirá à terra de Israel: Assim diz Javé: Agora estou contra você. Vou tirar da bainha a minha espada para matar tanto o justo como o injusto. ⁹ Já que vou matar tanto o justo como o injusto, então a minha espada sairá da bainha contra todos, de norte a sul. ¹⁰ Assim todos ficarão sabendo que fui eu, Javé, que tirei a espada da bainha, e que ela não voltará atrás. ¹¹ Você, criatura humana, deve gemer encurvado, deve chorar com toda a amargura, bem diante deles. ¹² Então eles vão lhe perguntar: ‘Por que você está gemendo?’ Aí você responderá: ‘Porque todos os corações se derreterão quando chegar uma notícia, todas as mãos desfalecerão, todos os ânimos vacilarão e todos os joelhos fraquejarão. A notícia está chegando e vai se cumprir — oráculo do Senhor Javé’”.

¹³ Recebi de Javé a seguinte mensagem: ¹⁴ “Criatura humana, profetize e diga a eles: Assim diz Javé: Espada, espada afiada e polida! ¹⁵ Afiada para matar de verdade, e polida, também para brilhar... ¹⁶ Ela foi bem polida, pronta para ser

empunhada. Ele afiou a espada e também a poliu, para colocá-la na mão de alguém disposto a matar. ¹⁷Clame e grite, criatura humana, porque ela vai contra o meu povo, contra todos os chefes de Israel. Eles foram entregues à espada junto com o meu povo. Ponha a mão na cabeça, ¹⁸porque é uma provação... — oráculo do Senhor Javé.

¹⁹Criatura humana, profetize e bata palmas. Que a espada se duplique e se triplique; é a espada que massacra, a grande espada do massacre que os mantém encurralados. ²⁰Dessa forma, o coração palpita e as vítimas se multiplicam: em toda porta coloquei a morte pela espada, espada feita para brilhar, polida para matar. ²¹Golpeie à direita, golpeie à esquerda, vire o corte para onde for preciso. ²²Eu também vou bater palmas e derramar o meu furor. Eu, Javé, eu falei”.

²³Recebi a seguinte mensagem de Javé: ²⁴“Criatura humana, trace dois caminhos para a passagem da espada do rei da Babilônia. Os dois caminhos sairão do mesmo país. Na entrada de cada caminho, coloque uma seta que mostre o rumo para uma cidade. ²⁵Trace um caminho para que a espada chegue a Rabá dos amonitas e também a Judá, que tem sua fortaleza em Jerusalém. ²⁶Isso porque o rei da Babilônia está na encruzilhada, para tirar a sorte. Ele agita as flechas, consulta os ídolos domésticos e examina um fígado. ²⁷Em sua mão direita ele tem a sorte lançada: Jerusalém. Por isso, ele prepara os aríetes, dá ordem de atacar, solta o grito de guerra, coloca os aríetes contra as portas da cidade, constrói aterros, ergue torres de assalto. ²⁸Para os habitantes de Jerusalém, isso parece uma resposta falsa, pois fizeram juramento solene. O rei da Babilônia, porém, os acusa de infidelidade e os faz prisioneiros. ²⁹Por isso, assim diz o Senhor Javé: Vocês provocaram a lembrança do seu próprio crime, quando as revoltas de vocês foram descobertas, quando os pecados de vocês se tornaram visíveis em tudo o que faziam. Por isso, vocês atraíram a atenção sobre si mesmos e serão capturados à força. ³⁰Quanto a você, chefe de Israel, ímpio e perverso, seu dia chegou, chegou a hora do castigo final. ³¹Assim diz o Senhor Javé: Tirem dele o turbante, arranquem dele a coroa. Nada vai continuar como antes. O que é baixo será elevado e o que é alto será rebaixado. ³²Ruína! Ruína! Transformo tudo em ruínas! Mas isso não acontecerá enquanto não chegar aquele que deverá realizar o julgamento. É a ele que eu confiei tudo isso.

³³Criatura humana, profetize, dizendo: Assim diz o Senhor Javé contra os amonitas e seus insultos: Espada! Espada fora da bainha para matar! Espada polida para o massacre, polida para brilhar! ³⁴Para cortar a cabeça dos injustos,

dos maus, cujo dia está chegando, na hora do castigo final. Enquanto isso você cultivava visões ilusórias e recebe adivinhações mentirosas.

³⁵Coloque de novo a espada na bainha. Vou julgar você no lugar em que foi criado, no país onde nasceu. ³⁶Derramarei o meu furor sobre você, soprarei sobre você o fogo da minha ira. Vou entregar você nas mãos de homens bárbaros, especialistas em destruir. ³⁷Você vai ser devorado pelo fogo, o seu sangue será espalhado pelo país, e ninguém mais se lembrará de você. Eu, Javé, eu falei”. [21,1-37]

22 *A cidade pervertida* — ¹Recebi de Javé a seguinte mensagem: ²“Criatura humana, você não vai julgar a cidade sanguinária? Denuncie todas as suas abominações, ³dizendo: Assim diz o Senhor Javé: Ai da cidade que derrama sangue dentro de si mesma e faz chegar a sua própria hora! Que fabrica seus ídolos, para com eles se contaminar! ⁴O sangue que você derramou é a condenação para você. Ao fabricar ídolos, você se contaminou, e assim apressou a sua hora e fez chegar o fim de sua existência. Por isso, eu farei você passar vergonha entre as nações e ser objeto de caçada entre os outros países. ⁵Tanto os de perto como os de longe, todos vão rir de você, cidade mal-afamada e cheia de desordens. ⁶Todos os chefes de Israel usam o poder para derramar sangue. ⁷Aí são desprezados o pai e a mãe, o imigrante é oprimido, a viúva e o órfão são explorados. ⁸Você desprezou as coisas sagradas e profanou os meus sábados. ⁹Aí existe gente que calunia para derramar sangue, existe gente que come sobre os montes e pratica ações criminosas. ¹⁰Aí há gente que mantém relações com a madrasta e faz violência contra a mulher menstruada. ¹¹Um pratica imoralidade com a mulher do seu próximo, outro desonra a sua nora, outro violenta a própria irmã, a filha do seu pai. ¹²Aí existe gente que aceita suborno para derramar sangue. Você cobra juros com usura, explora o próximo com violência e se esquece de mim — oráculo do Senhor Javé. ¹³Estou furioso com os lucros que você conseguiu e com o sangue que corre em seu meio. ¹⁴Será que o seu coração vai aguentar, que as suas mãos estarão firmes na hora em que eu vier para acertar as contas com você? Eu sou Javé. Eu digo e faço. ¹⁵Vou espalhar você entre as nações e dispersá-la entre os países, até deixá-la completamente limpa de suas imundícies. ¹⁶Você será profanada diante das nações, mas ficará sabendo que eu sou Javé”.

¹⁷Recebi também esta mensagem de Javé: ¹⁸“Criatura humana, para mim a

casa de Israel se transformou em sucata: todos eles são sucata de cobre, estanho, ferro e chumbo dentro de uma fornalha. ¹⁹Por isso, assim diz o Senhor Javé: Vocês todos são sucata, e eu os reunirei no meio de Jerusalém. ²⁰Como se ajuntam prata, cobre, ferro, chumbo e estanho dentro da fornalha, para atear fogo e derreter tudo, assim também, com ira e furor, eu reunirei vocês e os destruirei. ²¹Juntarei todos e soprarei o fogo da minha indignação para os derreter no meio da cidade. ²²Da maneira como derretem a prata na fornalha, assim também vocês serão derretidos no meio da cidade, e ficarão sabendo que eu, Javé, derramei o meu furor sobre vocês”.

²³Recebi ainda esta mensagem de Javé: ²⁴“Criatura humana, diga a Jerusalém: Você é uma terra que não foi purificada, nem recebeu chuva no dia da cólera. ²⁵Seus chefes parecem leões que, rugindo, estraçalham suas presas: devoram as pessoas, pegam toda a riqueza, tudo o que tem valor, e multiplicam o número de viúvas dentro da cidade. ²⁶Os seus sacerdotes violam a minha lei e profanam os meus santuários. Não sabem distinguir entre coisa santa e coisa profana, não sabem separar coisa impura de coisa pura, não fazem caso dos meus sábados, e eu mesmo sou profanado entre eles. ²⁷Suas autoridades parecem lobos que estraçalham a presa, fazendo correr sangue e destruindo vidas para se enriquecerem. ²⁸Seus profetas mascaram tudo isso com visões falsas e adivinhações mentirosas, dizendo: ‘Assim diz o Senhor Javé’, quando Javé não falou nada. ²⁹Os latifundiários exploram e roubam, oprimem o pobre e o indigente e exploram o imigrante, violando seus direitos. ³⁰Procurei entre eles alguém que fizesse barreira, que ficasse firme na brecha para me enfrentar e defender o país, para não deixar que eu o destruísse, mas não encontrei ninguém. ³¹Por isso, vou derramar sobre eles a minha cólera, acabar com eles no fogo do meu furor, e fazer que sofram as consequências do seu comportamento — oráculo do Senhor Javé”. [22,1-31]

23 *Uma história de prostituição* — ¹Recebi esta mensagem de Javé: ²“Criatura humana, havia duas mulheres, filhas da mesma mãe. ³Desde moças, elas se prostituíram no Egito. Desde que caíram na prostituição, deixaram estranhos acariciar seus seios e apalpar seus peitos de adolescente. ⁴A mais velha se chamava Oola e a mais nova Ooliba. Elas eram minhas esposas e tiveram filhos e filhas. Oola é Samaria, e Ooliba é Jerusalém. ⁵Oola ainda estava comigo quando se prostituiu, deixando-se seduzir pelos seus amantes, os assírios, militares ⁶vestidos de púrpura, chefes e governantes, todos jovens,

sedutores, montados a cavalo. ⁷Ela se entregou como prostituta para toda a classe alta dos assírios, para todos aqueles por quem se deixou seduzir, e acabou se contaminando com seus ídolos imundos. ⁸Ela não tinha esquecido seu tempo de prostituta no Egito, quando, ainda criança, já dormiam com ela, apertavam seus seios de adolescente e tinham relações com ela. ⁹Por isso, eu a entreguei nas mãos de seus amantes, os assírios, pelos quais ela se deixou seduzir. ¹⁰Eles puseram à mostra as partes íntimas dela, agarraram seus filhos e filhas, e a mataram ao fio da espada. Ela se tornou caso famoso entre as mulheres, por causa do castigo que sofreu.

¹¹Sua irmã Ooliba viu tudo. E as suas paixões foram ainda mais indecentes que as dela, e a sua prostituição foi mais desavergonhada. ¹²Ela também se deixou seduzir pelos assírios, chefes e governantes, militares impecavelmente vestidos, montados a cavalo, todos jovens e sedutores. ¹³Então eu vi que o caminho de uma era tão imundo quanto o da outra. ¹⁴Mas Ooliba multiplicou mais ainda suas prostituições. Ela viu desenhadas na parede figuras de caldeus, pintadas de vermelho, ¹⁵com cinturões e turbantes, com aparência de escudeiros, fiel retrato dos babilônios, naturais da Caldeia. ¹⁶Ela se deixou seduzir pelas figuras que lhe causaram grande impressão, e mandou mensageiros à Caldeia. ¹⁷Então os babilônios vieram dormir com ela e a contaminaram com suas prostituições. Ela se contaminou com eles e depois sentiu nojo deles. ¹⁸Ela revelou o seu temperamento de prostituta e mostrou sua nudez. Então eu tive nojo dela, como tinha sentido nojo de sua irmã. ¹⁹A partir daí, ela só foi aumentando as suas prostituições, lembrando seu tempo de moça, quando era prostituta na terra do Egito ²⁰e se entregava apaixonadamente a seus homens que têm pênis como de jumentos e orgasmo como o de garanhões. ²¹Você voltou à sua juventude devassa no Egito, quando apertavam seu peito e apalpavam seus seios de adolescente. ²²Por isso, Ooliba, assim diz o Senhor Javé: De repente, eu levantarei contra você os amantes de quem você teve nojo. Vou trazê-los de todos os lados: ²³os babilônios com todos os caldeus, as tribos de Facud, de Soa e de Coa, os assírios todos, jovens sedutores, chefes e governantes, capitães e oficiais, todos montados a cavalo. ²⁴Do norte virão contra você carros e carruagens. Uma grande multidão de gente, com escudos grandes e pequenos e com capacetes, vai atacá-la de todos os lados. Então eu apresentarei diante deles a causa, e eles julgarão você de acordo com a lei deles. ²⁵Descarregarei o meu ciúme contra você, e eles a tratarão com cólera, cortando-lhe o nariz e as orelhas,

e os sobreviventes morrerão ao fio da espada. Pegarão seus filhos e filhas, e jogarão no fogo o que restar de você. ²⁶Vão arrancar-lhe as roupas e pegar seus enfeites. ²⁷Assim, acabarei com a sua devassidão, com a sua vida de prostituta desde o tempo do Egito. Você não olhará mais para eles, nem se lembrará mais do Egito.

²⁸Assim diz o Senhor Javé: Vou entregar você nas mãos daqueles de quem você não gosta mais, nas mãos daqueles de quem você agora tem nojo. ²⁹Eles a tratarão com ódio. Pegarão para eles tudo o que você ganhou com o próprio trabalho, e depois abandonarão você nua e sem roupa, ficando descoberta a indecência de sua vida de prostituta. ³⁰A sua devassidão e prostituição provocaram tudo isso, pois você se prostituiu com as nações e se contaminou com os ídolos delas. ³¹Você seguiu o mesmo caminho da sua irmã. Por isso, eu colocarei na sua mão a mesma taça dela. ³²Assim diz o Senhor Javé: Você beberá a mesma taça da sua irmã, uma taça funda e larga. Você vai se tornar motivo de caçada e zombaria, tão grande é a sua taça. ³³Você ficará cheia de embriaguez e náusea. A taça da sua irmã Samaria é uma taça de pavor e destruição. ³⁴Você a beberá e a esvaziará até a última gota. Depois você sugará os cacos, rasgando o seu próprio peito, porque assim eu falei — oráculo do Senhor Javé. ³⁵Por isso, assim diz o Senhor Javé: Dado que você se esqueceu de mim e me virou as costas, agora carregue também sua devassidão e prostituições”.

³⁶Javé me disse ainda: “Criatura humana, você é quem vai julgar Oola e Ooliba. Denuncie as suas abominações! ³⁷Elas cometeram adultério e têm sangue nas mãos. Cometeram adultério com seus ídolos e ainda puseram no fogo, para queimar em honra deles, seus próprios filhos, que elas tinham gerado de mim. ³⁸E ainda me fizeram isto, naquele dia: profanaram o meu santuário e violaram os meus sábados. ³⁹Depois de terem matado seus próprios filhos em honra de seus ídolos, ainda no mesmo dia entraram no meu santuário e o profanaram. Foi isso que elas fizeram dentro da minha casa! ⁴⁰Além disso, mandaram buscar longe alguns homens; mandaram mensageiros, e eles vieram. Você tomou banho, pintou os olhos e se enfeitou para eles. ⁴¹Depois se reclinou num sofá magnífico, tendo à frente uma bem preparada mesa e, sobre ela, o meu incenso e o meu azeite. ⁴²Ouvia-se o vozerio de uma despreocupada multidão. A ela se juntou grande número de homens, vindos de todos os pontos do deserto. Eles colocavam pulseiras nos braços dela e na sua cabeça uma coroa preciosa.

⁴³Então eu disse a essa que era usada pelos adúlteros: ‘Agora é ela quem se entrega às suas prostituições!’ ⁴⁴Foram ao encontro dela, como se vai a uma prostituta. É assim que procuraram Oola e Ooliba, essas duas mulheres depravadas. ⁴⁵Mas homens justos é que julgarão essas duas, e a sentença contra elas será a condenação que se dá a mulheres adúlteras e assassinas, porque elas cometeram adultério e estão com as mãos manchadas de sangue. ⁴⁶Por isso, assim diz o Senhor Javé: Convoquem uma assembleia contra elas, e que sejam entregues ao terror e ao saque. ⁴⁷A assembleia as apedreje e as mate pela espada. Que seus filhos e filhas sejam assassinados, e suas casas sejam incendiadas. ⁴⁸Assim, eu acabarei com a devassidão desse país, e todas as mulheres receberão uma advertência, e não imitarão as devassidões delas. ⁴⁹Vocês duas receberão as consequências de sua própria devassidão. Vão suportar o peso dos pecados de idolatria, e ficarão sabendo que eu sou o Senhor Javé”. [23,1-49]

24 *Não adianta mais reformar* — ¹No dia dez do décimo mês do ano nove, recebi de Javé a seguinte mensagem: ²“Criatura humana, anote com precisão o dia de hoje, porque exatamente hoje o rei da Babilônia atacou Jerusalém. ³Conte uma parábola para essa casa de rebeldes, dizendo: Assim diz o Senhor Javé: Coloque a panela no fogo e a encha com água. ⁴Ajunte os pedaços dentro dela, os melhores pedaços: coxa e lombo. Encha a panela com ossos escolhidos. ⁵Pegue o melhor do rebanho. Depois coloque um feixe de lenha debaixo da panela, cozinhe os pedaços e ferva os ossos. ⁶Pois assim diz o Senhor Javé: Ai da cidade sanguinária! Ai dessa panela enferrujada: sua ferrugem não sai! Tire dela pedaço por pedaço, sem fazer nenhuma escolha. ⁷Pois o sangue que nela foi derramado, ela o jogou sobre a pedra nua, não o derramou no chão, para que o pó o cobrisse. ⁸Então para provocar a minha ira e para me vingar, eu coloquei o sangue dela sobre a pedra nua e não o cobri.

⁹Por isso, assim diz o Senhor Javé: Ai da cidade sanguinária! Eu também vou fazer uma grande fogueira. ¹⁰Amontoe bastante lenha, acenda o fogo, cozinhe bem a carne, prepare os temperos e que os ossos sejam queimados. ¹¹Coloque a panela vazia em cima das brasas, para que ela es quente até o ferro ficar vermelho, para que a sujeira se derreta e a ferrugem desapareça. ¹²Por mais que alguém se esforce, nem com fogo a ferrugem se descola. ¹³A devassidão é a sua sujeira; eu quis purificar você, mas você não se deixou purificar. Por isso, você não será purificada de sua sujeira enquanto eu não derramar sobre você a minha

ira. ¹⁴Eu, Javé, o digo, e assim acontece. Não deixo por menos, não me compadeço, nem me arrependo. Eu julgarei você conforme a sua conduta e as suas más ações — oráculo do Senhor Javé”. [24,1-14]

Não adianta chorar — ¹⁵Recebi esta mensagem de Javé: ¹⁶“Criatura humana, de repente, eu vou tirar de você aquela que é o encanto dos seus olhos. Não vista luto, nem se lamente, nem derrame lágrimas. ¹⁷Gema em silêncio, e não siga os costumes do velório. Use turbante, calce sandálias, não cubra a barba e não aceite pão dos vizinhos”. ¹⁸Nessa mesma manhã, falei com o povo, e pela tarde minha mulher morreu. Na manhã seguinte, fiz tudo o que Javé tinha mandado. ¹⁹Então o povo me perguntou: “Você não vai explicar para nós o que significa tudo isso?” ²⁰Eu respondi: “Recebi de Javé a seguinte mensagem: ²¹Diga à casa de Israel: Assim diz o Senhor Javé: Vou profanar o meu santuário, que é o orgulho da sua força, o encanto de seus olhos e a esperança de sua vida. Os filhos e filhas que vocês abandonaram serão mortos pela espada. ²²Então vocês farão a mesma coisa que eu fiz: não cobrirão a barba, nem aceitarão pão dos vizinhos; ²³usarão turbante, calçarão sandálias, não vestirão luto, nem chorarão. Vocês vão se acabar por causa de sua própria culpa e se lamentarão uns com os outros. ²⁴Ezequiel será um sinal para vocês: façam o mesmo que ele fez. E, quando isso acontecer, vocês ficarão sabendo que eu sou o Senhor Javé”. [15-24]

Preparado para um novo tempo — ²⁵“Criatura humana, no dia em que eu tirar a força deles, o prazer da sua glória, o encanto dos seus olhos e a delícia de suas vidas, isto é, os seus filhos e filhas, ²⁶nesse dia chegará até você um fugitivo para lhe dar uma notícia. ²⁷Nesse dia, sua boca se abrirá, e você poderá falar, e não continuará mudo. Você será um sinal para eles, e eles ficarão sabendo que eu sou Javé”. [25-27]

III. JAVÉ JULGA AS NAÇÕES

25 *Contra Amon* — ¹Recebi a seguinte mensagem de Javé: ²“Criatura humana, vire-se para o lado dos amonitas e profetize contra eles: ³Diga aos amonitas: Escutem a palavra do Senhor Javé! Assim diz o Senhor Javé: Você ficou alegre quando o meu santuário foi profanado, quando a terra de Israel foi arrasada e quando a casa de Judá foi levada para o exílio. ⁴Pois bem! Vou entregar você como propriedade para os orientais. Eles instalarão em você as fortificações deles e montarão o próprio acampamento em você. Comerão os frutos e beberão o leite que você produziu. ⁵Transformarei Rabá em pasto de camelos e as outras cidades amonitas em curral de ovelhas. Assim, vocês ficarão sabendo que eu sou Javé. ⁶Pois assim diz o Senhor Javé: Você bateu palmas e sapateou de alegria, cheio de desprezo pelo que estava acontecendo com a terra de Israel. ⁷Pois bem! Vou estender a mão contra você e entregá-lo como presa das outras nações. Vou eliminá-lo do meio dos povos, apagá-lo do meio dos países e destruí-lo completamente. Assim, você ficará sabendo que eu sou Javé”. [25,1-7]

Contra Moab — ⁸“Assim diz o Senhor Javé: Moab disse que a casa de Judá é igual a qualquer outra nação. ⁹Pois bem! Vou abrir o costado de Moab, desde suas cidades na fronteira até Bet-Jesimot, Baal-Meon e Cariataim, a joia do país. ¹⁰Junto com Amon, eu as darei para os orientais como propriedade, para que ninguém mais se lembre delas entre as nações. ¹¹Farei justiça contra Moab, e eles ficarão sabendo que eu sou Javé”. [8-11]

Contra Edom — ¹²“Assim diz o Senhor Javé: Edom foi sempre vingativo para com a casa de Judá e se tornou criminoso ao vingar-se dela. ¹³Por isso, assim diz o Senhor Javé: Vou estender a mão contra Edom, eliminando homens e animais. Vou deixá-lo deserto, porque desde Temã até Dadã morrerão todos pela espada. ¹⁴Confiarei ao meu povo Israel a minha vingança contra Edom. Israel tratará Edom de acordo com a minha ira e a minha cólera, e os edomitas conhecerão a minha vingança — oráculo do Senhor Javé”. [12-14]

Contra os filisteus — ¹⁵“Assim diz o Senhor Javé: Os filisteus são vingativos e se vingaram com a alma cheia de ódio, destruindo por causa do antigo rancor. ¹⁶Por isso, assim diz o Senhor Javé: Vou estender a mão contra os filisteus, vou

acabar com os cereteus e destruir o que sobrar da gente do litoral. ¹⁷Vou tirar uma vingança terrível contra eles, com violento castigo, para que saibam que eu sou Javé, quando tirar a minha vingança contra eles”. [15-17]

26 *Tiro: o fim de uma grande potência* [26,1-28,19] — ¹No primeiro dia do mês do ano onze, recebi a seguinte mensagem de Javé: ²“Criatura humana, Tiro falou assim a respeito de Jerusalém: ‘Viva! A porta dos povos foi arrombada e caiu em meu poder; sua riqueza foi devastada!’ ³Por isso, assim diz o Senhor Javé: Veja, aqui estou eu contra você, cidade de Tiro. Levanto contra você muitas nações, como faz o mar que levanta suas ondas. ⁴Elas arrebentarão as muralhas de Tiro e derrubarão suas torres. Varrerei sua poeira e a transformarei em pedra nua. ⁵Ela ficará como secadouro de redes no meio do mar, porque eu falei — oráculo do Senhor Javé. Tiro se tornará presa fácil para outras nações. ⁶As cidades do interior serão liquidadas pela espada. E assim eles ficarão sabendo que eu sou Javé.

⁷Assim diz o Senhor Javé: Do norte, eu mando contra Tiro Nabucodonosor, o rei da Babilônia, o rei dos reis, com cavalos, carros, cavaleiros e exército imenso. ⁸Ele matará pela espada suas cidades do interior; construirá trincheiras contra você, levantará aterros e armará um paredão de escudos. ⁹Golpeará suas muralhas com aríetes, com suas máquinas de guerra. ¹⁰A multidão de seus cavalos cobrirá você de poeira. Suas muralhas tremerão com o tropel dos cavalos e o barulho dos carros, que entrarão pelas suas portas, como se entrassem na cidade por uma brecha da muralha. ¹¹Ele pisoteará suas ruas com as patas dos cavalos. Matará seu povo pela espada e jogará por terra suas colunas protetoras. ¹²Saquearão suas riquezas, roubarão suas mercadorias, destruirão suas muralhas, demolirão seus esplêndidos palácios e jogarão no meio do mar suas pedras, madeiras e escombros. ¹³Acabarei com o rumor de seus cânticos, e nunca mais se ouvirá a música de suas liras. ¹⁴Transformarei você em pedra nua. E você ficará como secadouro de redes, e nunca mais será reconstruída, porque eu, Javé, assim falei — oráculo do Senhor Javé.

¹⁵Assim diz o Senhor Javé para Tiro: As ilhas tremerão com o estrondo da sua queda, o gemido de seus feridos e a morte violenta dos que aí tombarão. ¹⁶Todos os príncipes do mar descerão de seus tronos, tirarão seu manto e se despojarão de suas roupas bordadas. Vão se vestir de terror e sentar-se no chão, tremendo de susto, apavorados por causa de você. ¹⁷E falando de você, vão entoar esta

lamentação: ‘Como você desapareceu dos mares, cidade famosa, poderosa sobre os mares! Ela e seus moradores impunham terror sobre todo o continente!

¹⁸Agora, no dia da sua queda, as ilhas tremem, as ilhas do mar se apavoram com o fim que você teve!’

¹⁹Assim diz o Senhor Javé: Quando eu fizer de você uma cidade destruída, igual às cidades onde ninguém mora; quando eu fizer que se levante contra você o oceano, e quando as ondas enormes a cobrirem, ²⁰eu farei você descer, como aqueles que baixam à cova para se juntarem às gerações passadas. Farei você morar no fundo da terra, nas ruínas perpétuas, como os que baixam à cova. Assim, você não voltará a reinar, nem a enfeitar a terra dos vivos. ²¹Farei de você um objeto de espanto, e você deixará de existir. Vão procurar você, mas nunca mais a encontrarão — oráculo do Senhor Javé”. [26,1-21]

27 *Tiro: naufrágio da sociedade consumista* — ¹Recebi de Javé a seguinte mensagem: ²“Criatura humana, entoe uma lamentação sobre Tiro. ³Diga a Tiro, que está situada à beira-mar e que faz comércio com povos e numerosas ilhas: Assim diz o Senhor Javé: Tiro, você dizia: ‘Eu sou um navio de beleza perfeita!’ ⁴O coração do mar era o seu território e seus construtores capricharam em sua beleza. ⁵Fizeram com pinho de Sanir o seu madeiramento e com cedros do Líbano fizeram seus mastros. ⁶Fabricaram seus remos com carvalhos de Basã. Seu convés era de marfim, incrustado em madeira de cipreste trazida das ilhas de Cetim. ⁷Suas velas eram de linho bordado do Egito, formando sua bandeira. Sua cobertura era de púrpura e escarlata das ilhas de Elisa. ⁸Cidadãos de Sidônia e Arvad eram os seus remadores. Os sábios de Tiro eram seus pilotos. ⁹Os anciãos de Gebal e seus sábios estavam com você para consertar seus estragos.

Todos os navios do mar e seus marinheiros faziam comércio com você. ¹⁰Persas, lídios e líbios eram guerreiros do seu exército: penduravam seus escudos e capacetes em você, e lhe garantiam a força. ¹¹Os de Arvad com seu exército ficavam ao redor de suas muralhas. Os gamadeus lhe vigiavam as torres e penduravam seus escudos ao longo das muralhas, coroados-lhe a beleza. ¹²Társis era seu freguês por causa das riquezas que você possuía; trocavam prata, ferro, estanho e chumbo por suas mercadorias. ¹³Javã, Tubal e Mosoc negociavam com você, trocando escravos e objetos de bronze por mantimentos. ¹⁴De Bet-Togorma traziam cavalos, corcéis e jumentos. ¹⁵Os dadanitas negociavam com você. Muitas ilhas eram suas clientes, trazendo marfim e ébano

como tributo. ¹⁶Edom era seu freguês por causa da variedade de seus produtos; em troca, trazia turquesa, púrpura escarlate, linho, coral e rubis. ¹⁷Judá e o país de Israel também negociavam com você, fornecendo trigo de Minit, perfumes, mel, azeite e bálsamo. ¹⁸Também Damasco era sua cliente, por causa da riqueza que você possuía e pela variedade de suas mercadorias; em troca, trazia vinho de Helbon e lã de Saar. ¹⁹Dã e Javã forneciam de Uzal ferro trabalhado, cássia e cana aromática, em troca de suas mercadorias. ²⁰Dadã negociava artigos de montaria. ²¹Também a Arábia e os xeiques de Cedar eram seus clientes, negociando com você cordeiros, carneiros e cabritos. ²²Os comerciantes de Sabá e de Reema também negociavam com você, fornecendo toda espécie de perfumes, pedras preciosas e ouro, em troca de suas mercadorias. ²³Harã, Quene e Éden, os comerciantes de Sabá, da Assíria e de Quelmad, negociavam com você. ²⁴No seu mercado, eles trabalhavam com tecidos caros: mantos de púrpura, bordados, tapetes coloridos e cordas retorcidas e fortes. ²⁵Os navios de Társis transportavam as mercadorias de você.

Assim, você se tornou rica e gloriosa no meio do mar. ²⁶Foram seus remadores que levaram você por vastos mares. Mas o vento oriental quebrou você no meio do mar, ²⁷e suas riquezas, artigos e mercadorias, marinheiros e pilotos, oficiais de reparação e vendedores, todos os guerreiros e toda a tripulação de bordo afundarão no meio do mar, no dia do seu naufrágio. ²⁸As praias vão tremer com o grito dos marinheiros. ²⁹Todos os remadores saltarão de seus navios. Marinheiros e capitães ficarão em terra. ³⁰Farão lamentações por você e gritarão amargamente; jogarão cinza na cabeça e rolarão no pó. ³¹Por você, rasparão a cabeça e se vestirão de luto. Por você, chorarão amargurados, com tristeza de funeral. ³²Por você, entoarão uma lamentação e cantarão, dizendo: ‘Quem era como Tiro, fortaleza no meio do mar?’ ³³Trazendo mercadorias de além-mar, você abastecia muitos povos. Com preciosidades e produtos você enriquecia os reis da terra. ³⁴Agora, você está despedaçada no meio do mar, dentro das águas profundas; sua carga e seus tripulantes afundaram com você. ³⁵Todos os habitantes das ilhas ficam espantados, e seus reis ficam com o rosto transtornado, com arrepios de pavor. ³⁶Os mercadores de todas as nações assobiam assustados, porque você se tornou objeto de espanto, e nunca mais existirá”. [27,1-36]

28 *Você é homem, e não deus* — ¹Recebi de Javé a seguinte mensagem: ²“Criatura humana, diga ao príncipe de Tiro: Assim diz o Senhor Javé: O orgulho se apoderou do seu coração e você disse: ‘Eu sou um deus, sentado em trono divino, bem no coração do mar’. Mas você é apenas homem e não deus. Você acreditava que era igual aos deuses. ³Você, de fato, é mais sábio que Danel, e nenhum mistério é obscuro para você. ⁴Com sua sabedoria e inteligência, você adquiriu riqueza e acumulou ouro e prata em seus tesouros. ⁵Sua esperteza no comércio é tão grande, que você multiplicou a sua fortuna e se elevou com a força da riqueza. ⁶Por isso, assim diz o Senhor Javé: Você igualou seu coração ao coração de Deus. ⁷Pois bem! Vou trazer contra você os mais ferozes povos estrangeiros: eles desembainharão a espada contra a sua bela sabedoria e profanarão o seu esplendor; ⁸farão você descer à cova e você morrerá de morte violenta, bem no coração do mar. ⁹Será que você ousará dizer diante de seus matadores: ‘Sou um deus’? Mas você é apenas homem e não deus, entregue ao poder de quem o matará. ¹⁰Você terá a morte de um incircunciso na mão de estrangeiros, porque eu falei — oráculo do Senhor Javé”.

¹¹Então recebi a seguinte mensagem de Javé: ¹²“Criatura humana, entoe uma lamentação contra o rei de Tiro, e diga: Assim diz o Senhor Javé: Você era um modelo de perfeição, cheio de sabedoria e beleza perfeita. ¹³Você morava no paraíso, no jardim de Deus, coberto de pedras preciosas de todas as espécies: rubi, topázio, diamante, crisólito, cornalina, jaspe, lápis-lazúli, turquesa e berilo; e de ouro eram trabalhados seus pingentes e joias. Tudo isso lhe vinha sendo preparado desde o dia da sua criação. ¹⁴Fiz de você um querubim protetor de asas abertas. Você ficava na alta montanha de Deus, passeando entre pedras de fogo. ¹⁵Desde quando foi criado, você era perfeito em todos os seus passos, até que se encontrou a maldade em você. ¹⁶De tanto negociar, você encheu-se de violência e pecados. Então eu o expulsei da montanha de Deus e o fiz perecer, ó querubim protetor, no meio das pedras de fogo. ¹⁷Seu coração se exaltou com sua beleza, e sua sabedoria se corrompeu por causa do seu esplendor. Por isso, eu o atirei no chão, fazendo de você um espetáculo para os reis. ¹⁸Por causa da sua grande injustiça e do seu comércio desonesto, você profanou o seu santuário. Por isso, fiz brotar dentro de você um fogo para o devorar. Eu o reduzi a cinzas no chão, diante dos que admiravam você. ¹⁹Todos os povos que o conheceram ficaram espantados diante de você, porque você se tornou um objeto de espanto, e nunca mais existirá”. [28,1-19]

Contra Sidônia — ²⁰Recebi de Javé a seguinte mensagem: ²¹“Criatura humana, olhe agora para Sidônia e profetize contra ela, ²²dizendo: Assim diz o Senhor Javé: Aqui estou eu contra você, Sidônia. Serei glorificado dentro de você; por isso ficarão sabendo que eu sou Javé, quando eu fizer justiça contra você, manifestando a minha santidade. ²³Mandarei a peste contra você, e o sangue escorrerá pelas suas ruas. Dentro de você, os feridos irão morrendo, cercados pela espada do inimigo. Então eles ficarão sabendo que eu sou Javé”. [20-23]

Horizonte de esperança — ²⁴“Para a casa de Israel não haverá mais espinho que machuque ou ferrão doloroso, entre todos os seus vizinhos que a desprezam. Então eles ficarão sabendo que eu sou Javé. ²⁵Assim diz o Senhor Javé: Quando eu reunir os israelitas do meio dos povos por onde se espalharam, vou mostrar entre os israelitas a minha santidade diante das nações. Então eles voltarão para a sua terra, a terra que dei ao meu servo Jacó. ²⁶Nela habitarão com segurança, construirão casas e plantarão videiras. Habitarão em segurança, quando eu executar a minha sentença contra os vizinhos que os ameaçam. Então eles ficarão sabendo que eu sou Javé, o Deus deles”. [24-26]

29 Egito: o fim de uma grande potência [29,1-33,32] — ¹No dia doze do décimo mês do ano dez, recebi de Javé a seguinte mensagem: ²“Criatura humana, olhe agora para o Faraó, rei do Egito, e profetize contra ele e contra todo o Egito. ³Diga: Assim diz o Senhor Javé: Aqui estou eu contra você, Faraó, rei do Egito, enorme dragão deitado no meio do rio Nilo. Você afirma: ‘O Nilo é meu, fui eu que o fiz’. ⁴Pois bem! Cravarei arpões em seu queixo e grudarei os peixes do rio nas escamas de você. Depois puxarei você para fora do rio com todos os peixes grudados em suas escamas. ⁵Vou atirá-lo no deserto, você com todos os peixes do seu rio. E você cairá em pleno campo, e não será recolhido nem sepultado. Transformarei você em pasto para os animais do campo e as aves do céu. ⁶Os habitantes do Egito ficarão sabendo que eu sou Javé, porque você foi muleta de caniço para a casa de Israel. ⁷Quando pegaram você na mão, você rachou e furou a mão deles. Quando em você eles se apoiaram, você quebrou e eles caíram. ⁸Por isso, assim diz o Senhor Javé: Olhe! Vou trazer contra você a espada e eliminar homens e animais. ⁹A terra do Egito ficará arrasada e em ruínas. Então eles ficarão sabendo que eu sou Javé. Você disse: ‘O Nilo é meu, fui eu que o fiz’. ¹⁰Pois bem! Aqui estou eu contra você e contra o seu rio Nilo. Entregarei a terra do Egito à ruína e à destruição, desde Magdol até Siene, na fronteira da

Etiópia. ¹¹Pelo Egito não passará pé humano ou casco de animal, e ficará despovoado por quarenta anos. ¹²Vou fazer do Egito a mais desolada de todas as terras. Por quarenta anos, suas cidades ficarão mais arrasadas do que todas as cidades em ruínas. Vou espalhar os egípcios no meio das nações e dispersá-los entre os países.

¹³Assim diz o Senhor Javé: Depois de quarenta anos, reunirei os egípcios do meio de todos os povos por onde foram espalhados. ¹⁴Mudarei a sorte do Egito, trazendo seus cativos de volta para a região de Patros, sua pátria, onde formarão um reino insignificante. ¹⁵Será o menor dos reinos, e nunca mais sobressairá entre as nações. Farei que ele seja reduzido, para nunca mais oprimir outros povos. ¹⁶O Egito também nunca mais poderá servir de apoio para a nação israelita. Pelo contrário, estará lembrando o pecado dela por ter pedido ajuda ao Egito. Então eles ficarão sabendo que eu sou Javé”. [29,1-16]

Empregado de Deus — ¹⁷No dia primeiro do primeiro mês do ano vinte e sete, recebi a seguinte mensagem de Javé: ¹⁸“Criatura humana, Nabucodonosor, o rei da Babilônia, impôs ao seu exército um trabalho muito difícil na guerra contra Tiro. Diante de Tiro, ficaram todos carecas e com o ombro esfolado, sem conseguir nenhuma recompensa para o rei ou para o seu exército, apesar de todo o esforço com que lutaram contra essa cidade. ¹⁹Por isso, assim diz o Senhor Javé: Vou entregar a terra do Egito a Nabucodonosor, rei da Babilônia. Ele carregará as riquezas do Egito, saqueará e roubará o que puder, para pagar o próprio exército. ²⁰Pelo trabalho que tiveram lá em Tiro, vou lhes dar a terra do Egito, pois trabalharam para mim — oráculo do Senhor Javé.

²¹Nesse dia, farei brotar uma força em Israel e farei que você abra a boca no meio deles. E assim ficarão sabendo que eu sou Javé”. [17-21]

30 ***O dia do Egito*** — ¹Recebi de Javé a seguinte mensagem: ²“Criatura humana, profetize: Assim diz o Senhor Javé: Gritem para este dia de desgraça! ³Porque o dia está chegando, está chegando o dia de Javé; o tempo das nações será dia de nuvens escuras. ⁴A espada chegará ao Egito. A agitação estará em Cuch, quando multidões de feridos começarem a tombar no Egito, quando carregarem a riqueza dele, e os alicerces do Egito ficarem arrasados. ⁵Cuch, Fut, Lud, a Arábia inteira, Lub e os filhos do país da aliança cairão com eles pela espada. ⁶Assim diz Javé: Os aliados do Egito cairão, e sua força presunçosa ruirá por terra. Desde Magdol até Siene, todos morrerão pela espada

— oráculo do Senhor Javé. ⁷O Egito será um deserto entre terras devastadas, e suas cidades estarão entre cidades desoladas. ⁸Então eles ficarão sabendo que eu sou Javé, quando eu incendiar o Egito, e quando todos os seus ajudantes forem esfaqueados. ⁹Nesse dia, alguns mensageiros, enviados por mim, irão de navio, para perturbar a tranquilidade de Cuch. Eles tremarão no dia do Egito, porque o dia está chegando. ¹⁰Assim diz o Senhor Javé: Pela mão de Nabucodonosor, o rei da Babilônia, eu vou acabar com a opulência do Egito. ¹¹Ele com seu exército, o povo mais violento que existe, estão chegando para arrasar o país. Puxarão da espada contra o Egito, e deixarão o país coalhado de mortos. ¹²Transformarei o rio Nilo em deserto. Venderei o país a criminosos. Pelas mãos de estrangeiros arrasarei a terra e seus produtos. Fui eu, Javé, fui eu que falei. ¹³Assim diz o Senhor Javé: Derrubarei os ídolos imundos e acabarei com os deuses de Mênfis, e nunca mais existirão chefes na terra do Egito. Espalharei o terror, ¹⁴arrasarei Patros, incendiarei Tânis e farei justiça contra Tebas. ¹⁵Derramarei meu furor sobre Sin, a fortaleza do Egito, e acabarei com a multidão de Tebas. ¹⁶Incendiarei o Egito: Sin se torcerá de dor, Tebas será arrombada e Mênfis será inundada. ¹⁷Os jovens de Heliópolis e Bubaste morrerão pela espada, e a população dessas cidades irá para o exílio. ¹⁸Em Táfnis haverá trevas ao meio-dia, quando eu quebrar a opressão do Egito. Acabarei com o orgulho da sua força: a capital será coberta por uma nuvem, e as cidades do interior serão levadas para o exílio. ¹⁹Ao executar a minha sentença contra o Egito, eles ficarão sabendo que eu sou Javé”.

²⁰No dia sete do primeiro mês do ano onze, recebi de Javé a seguinte mensagem: ²¹“Criatura humana, eu quebrei o braço do Faraó, rei do Egito. Mas o seu braço não foi curado: não colocaram remédio, nem talas para encanar, a fim de que o braço ficasse firme para empunhar a espada. ²²Por isso, assim diz o Senhor Javé: Estou contra o Faraó, rei do Egito. Vou quebrar seus braços, tanto aquele que está firme, como aquele que já está quebrado, e assim farei a espada cair da sua mão. ²³Espalharei os egípcios entre as nações e os dispersarei pelos países. ²⁴Darei força ao braço do rei da Babilônia e colocarei a minha espada na sua mão. Quebrarei os braços do Faraó, e ele gerará de dor, derrotado, aos pés do rei da Babilônia. ²⁵Fortalecerei os braços do rei da Babilônia, e os braços do Faraó fraquejarão. Eles ficarão sabendo que eu sou Javé, quando eu colocar a minha espada na mão do rei da Babilônia e ele atacar com ela a terra do Egito. ²⁶Espalharei os egípcios entre as nações e os dispersarei pelos países. Então eles

ficarão sabendo que eu sou Javé”. [30,1-26]

31 *Fim da ordem estabelecida* — ¹No dia primeiro do terceiro mês do ano onze, recebi de Javé a seguinte mensagem: ²“Criatura humana, diga ao Faraó, rei do Egito, e a todo o seu exército: Com quem você se parece na sua grandeza? ³Você é como um cedro do Líbano, com bela ramagem, sombra espaçosa, de tronco alto, com a ponta entre as nuvens. ⁴A água alimentou o cedro, o abismo lhe deu altura, enviando seus rios ao solo onde ele estava plantado e mandando suas fontes para todas as árvores do campo. ⁵Por isso, ele superou em altura todas as árvores do campo. Seus galhos se multiplicaram e seus ramos se estenderam, por causa das águas que lhe deram crescimento. ⁶Entre seus ramos, as aves do céu fizeram seus ninhos; debaixo de seus galhos, as feras do campo tinham suas crias, e à sua sombra se assentaram as grandes nações. ⁷De tão grande, ele era bonito, com seus ramos tão compridos, pois tinha suas raízes em lugar de muitas águas. ⁸Nenhum cedro o igualava no jardim de Deus; nenhum cipreste se podia comparar à sua ramagem; os pinheiros não se comparavam nem mesmo a um de seus ramos; não havia uma só árvore no jardim de Deus que pudesse comparar-se à sua beleza. ⁹Fui eu que o fiz assim bonito e multipliquei seus ramos. Por isso, o invejavam todas as árvores do paraíso, que estavam no jardim de Deus.

¹⁰Por isso, assim diz o Senhor Javé: Ele se tornou tão alto, colocou sua ponta entre as nuvens e se encheu de soberba, por causa da sua grandeza. ¹¹Pois bem! Vou entregá-lo a uma nação mais poderosa, para que o trate de acordo com a injustiça dele. ¹²Os bárbaros mais ferozes o cortaram e o jogaram barranco abaixo: seus ramos caíram pelos vales, sua copa se desgaltou pelas correntezas do país. Os povos da terra fugiram de sua sombra e o deixaram abandonado. ¹³Os pássaros do céu se aninham sobre seus restos e as feras selvagens se abrigam debaixo de seus galhos. ¹⁴Isso tudo para que as árvores bem regadas não fiquem muito altas, nem cheguem até as nuvens, nem confiem na sua altura as árvores bem aguadas; porque todas vão morrer e descer ao fundo da terra, junto com as criaturas humanas que descem à cova.

¹⁵Assim diz o Senhor Javé: Quando ele desceu à mansão dos mortos, por causa dele decretei luto às águas subterrâneas: parei seus córregos, e as águas torrenciais se estancaram. Por causa dele, fiz o Líbano ficar de luto e todas as árvores do campo murcharam. ¹⁶Com o barulho da sua queda, fiz tremer as nações, quando o atirei na mansão dos mortos, junto com os que baixam à cova.

Ficaram todos contentes no fundo da terra: as árvores do paraíso, o que há de mais belo no Líbano e todas as árvores bem regadas. ¹⁷Elas também desceram com ele para a mansão dos mortos, com os mortos pela espada; pereceram os que cobiçavam sua sombra no meio das nações. ¹⁸Com que árvores do paraíso você competia em glória e grandeza? Também você será atirado, com as árvores do paraíso, ao fundo da terra, e ficará entre os incircuncisos e aqueles que foram mortos pela espada. É isso que vai acontecer ao Faraó e a todo o seu exército — oráculo do Senhor Javé”. [31,1-18]

32 *Um gigante em ruínas* — ¹No primeiro dia do décimo segundo mês do ano doze, recebi de Javé a seguinte mensagem: ²“Criatura humana, entoe uma lamentação para o Faraó, rei do Egito, dizendo: Você parecia um leão entre as nações, mas era um crocodilo do rio Nilo, agitando seus canais. Você turvava as águas com as patas e emporcalhava os rios. ³Por isso, assim diz o Senhor Javé: Jogarei a minha rede e o arrastarei no meu laço. ⁴Vou largá-lo no chão e abandoná-lo no solo. Farei que toda ave do céu pouse em você, e farei todas as feras selvagens se saciarem de você. ⁵Espalharei suas carnes pelos montes e enchei os vales com seus restos. ⁶Regarei a terra com seu sangue, que correrá pelos montes e inundará o leito dos riachos. ⁷Quando eu apagar você, cobrirei o céu, escurecerei as estrelas, taparei o sol com as nuvens, e a lua não dará mais o seu clarão. ⁸Por sua causa, apagarei todos os astros do céu e deixarei seu país em plena escuridão — oráculo do Senhor Javé. ⁹Quando eu levar até os países desconhecidos a notícia de sua ruína no meio das nações, farei que muitos povos se entristeçam por sua causa. ¹⁰Farei que muitos povos se apavorem e seus reis tremam com o que terá acontecido com você, quando eu, na frente deles, puxar da minha espada. No dia da sua queda, eles tremerão assustados pela vida deles. ¹¹Assim diz o Senhor Javé: Até aí chegará a espada do rei da Babilônia. ¹²Matarei o exército dele com a espada dos soldados da mais violenta das nações. Eles abaterão o orgulho do Egito, e todo o seu imenso exército será exterminado. ¹³Eliminarei todo gado à beira do grande rio. Sua água não será mais turvada pelos pés de nenhum homem, nem o casco de algum animal tornará a sujá-la. ¹⁴Então sua água ficará tranquila e sua correnteza escorrerá como óleo — oráculo do Senhor Javé. ¹⁵Quando eu transformar o Egito em deserto e deixar o país despovoado, quando eu matar todos os seus habitantes, eles ficarão sabendo que eu sou Javé. ¹⁶Essa é a lamentação que deverá ser cantada pelas

capitais das nações. Elas a cantarão sobre o Egito e sobre todo o exército — oráculo do Senhor Javé”. [32,1-16]

O enterro do poder que aterrorizava — ¹⁷No dia quinze do primeiro mês do ano doze, recebi de Javé a seguinte mensagem: ¹⁸“Criatura humana, entoe uma lamentação sobre o exército do Egito. Faça-o descer, junto com as capitais das nações famosas, até o fundo da terra, para junto daqueles que descem à cova. ¹⁹Em que coisa você é diferente dos outros? Desça e deite-se com os incircuncisos. ²⁰Cairão entre os mortos pela espada, ele e todo o seu exército. ²¹Na mansão dos mortos, seus aliados, guerreiros valorosos, lhe dirão: ‘Desça e repouse com seus aliados entre os incircuncisos mortos pela espada’. ²²Aí está a Assíria com todo o seu exército rodeando seu sepulcro; todos caíram mortos pela espada. ²³Porque os túmulos deles estão no fundo da fossa, e seus exércitos ao redor do seu túmulo; eles todos foram mortos pela espada, por terem aterrorizado o mundo dos vivos. ²⁴Aí está Elam com todo o seu exército rodeando seu sepulcro; todos caíram mortos pela espada, desceram incircuncisos para o fundo da terra, por terem aterrorizado o mundo dos vivos. Carregam a sua vergonha com os que baixam à cova. ²⁵O sepulcro deles está entre os mortos pela espada e seus exércitos ao redor do seu túmulo; todos incircuncisos, mortos pela espada, por terem aterrorizado o mundo dos vivos. Carregam sua vergonha com os que baixam à cova em meio aos que morreram pela espada. ²⁶Aí estão Mosoc e Tubal com todos os seus exércitos rodeando seu sepulcro; todos incircuncisos, mortos pela espada, por terem aterrorizado o mundo dos vivos. ²⁷Eles não repousam como os heróis, que morreram no passado e que desceram à mansão dos mortos com as armas de guerra, com a espada debaixo da cabeça e o escudo sobre o corpo, porque esses heróis eram um terror para o mundo dos vivos. ²⁸Mas você será despedaçado no reino dos incircuncisos e com os mortos pela espada. ²⁹Aí está Edom, com seus reis e chefes. Apesar de sua valentia, foram colocados entre os mortos pela espada e descansam com os incircuncisos e com os que baixam à cova. ³⁰Por causa do terror provocado pela sua valentia, aí estão os comandantes do norte e todos os sidônios que desceram junto com os mortos pela espada. Porque são incircuncisos, repousam envergonhados com os mortos pela espada, carregando a vergonha deles junto com os que descem à cova. ³¹Ao vê-los, o Faraó se conformará com a perda do seu exército. O Faraó e todo o seu exército serão mortos pela espada — oráculo do Senhor Javé. ³²O

Faraó com todo o seu exército espalharam o terror pelo mundo dos vivos, e por isso terá que repousar no meio dos incircuncisos, com os mortos pela espada — oráculo do Senhor Javé”. [\[17-32\]](#)

IV. CAMINHO PARA A RESSURREIÇÃO DO POVO

33 Responsabilidade do profeta — ¹Recebi de Javé a seguinte mensagem:

²“Criatura humana, diga ao seu povo: Quando eu mando a espada contra um país, o povo desse país escolhe uma pessoa e a coloca como vigia. ³Se o vigia vê a espada chegando, ele toca a trombeta para avisar o povo. ⁴Se alguém ouve a trombeta e não fica de prontidão, a espada virá e o apanhará. E ele será responsável pelo seu próprio sangue, ⁵porque ouviu o toque da trombeta, mas não se preveniu, e terá que responder com seu próprio sangue; se tivesse ficado de prontidão, teria salvado a própria vida. ⁶Se o vigia vê a espada chegando e não toca a trombeta, e o povo não fica de prontidão, a espada chega e surpreende alguns do povo; estes morrem por causa de sua própria culpa, mas é do vigia que eu pedirei contas do sangue.

⁷Criatura humana, eu o coloquei como vigia da casa de Israel. Quando você ouvir minha mensagem, você precisa avisá-los. ⁸Se para o injusto eu digo: ‘Injusto, é certo que você vai morrer’, se você não avisa o injusto para que mude de comportamento, o injusto morrerá por causa de sua própria culpa, mas é a você que eu pedirei contas do sangue dele. ⁹Ao contrário, se você prevenir o injusto para que ele mude de comportamento, e ele não mudar, ele morrerá por causa de sua própria culpa, mas você terá salva a sua própria vida”. [33,1-9]

Cada um é responsável pelo próprio destino — ¹⁰“Criatura humana, diga à casa de Israel: Vocês andam dizendo: ‘Nós já temos muitos crimes e pecados nas costas. Por causa deles, estamos nos acabando. Como é que ainda poderemos sobreviver?’ ¹¹Diga-lhes: Juro por minha vida — oráculo do Senhor Javé: Não sinto nenhum prazer com a morte do injusto. O que eu quero, é que ele mude de comportamento e viva. Convertam-se, convertam-se do seu mau comportamento. Por que vocês querem morrer, israelitas?

¹²Criatura humana, diga ao seu povo: Nem a justiça do justo o salvará no dia em que ele pecar, nem a injustiça do injusto o arruinará quando ele se converter de sua injustiça. Portanto, no dia em que pecar, o justo não poderá viver por sua justiça. ¹³Se eu disser que o justo vai sobreviver, e ele, confiando no que já fez de correto, começar a praticar a injustiça, tudo o que ele tiver feito de bom não será mais lembrado; ele morrerá por causa da injustiça cometida. ¹⁴Se eu disser ao injusto que ele vai morrer, mas ele se converter do seu pecado e praticar o

direito e a justiça, ¹⁵devolvendo o penhor recebido, restituindo o que roubou, passando a viver conforme os preceitos que dão vida, de modo a não praticar mais a injustiça, ele sobreviverá e não morrerá. ¹⁶Ninguém vai lembrar a ele os pecados que cometeu; se fez o que é justo e direito, ele continuará vivo.

¹⁷Seus compatriotas retrucarão: ‘Não é justa a maneira do Senhor agir!’ Pelo contrário: a maneira de vocês agirem é que não é justa. ¹⁸Quando aquele que era justo desiste do seu viver honesto e começa a praticar a injustiça, ele merece morrer, por causa da injustiça que passou a praticar. ¹⁹Quando aquele que é mau desiste de suas maldades e começa a praticar o que é justo e honesto, ele merece continuar vivo por causa disso. ²⁰Mas vocês continuam dizendo: ‘A maneira de agir do Senhor não é justa!’ Pois bem, casa de Israel! Eu vou julgar vocês de acordo com a maneira de viver de cada um”. [10-20]

Tudo está consumado — ²¹No dia cinco do décimo mês do ano doze do nosso exílio, um fugitivo de Jerusalém veio procurar-me para dizer que a cidade tinha sido destruída. ²²Na tarde anterior, antes que o fugitivo me procurasse, o poder de Javé tinha pousado sobre mim, e abriu a minha boca de manhã, quando ele me procurou. Minha boca se abriu e não voltei a ficar mudo. [21-22]

A única saída — ²³Recebi de Javé a seguinte mensagem: ²⁴“Criatura humana, os habitantes das ruínas na terra de Israel estão dizendo: ‘Abraão era um só e foi dono desta terra. Pois nós agora somos muitos, e com maior razão recebemos esta terra como propriedade definitiva!’ ²⁵Pois diga-lhes: Assim diz o Senhor Javé: Vocês comem no alto dos montes, levantam seus olhos para seus ídolos e derramam sangue. E ainda vão continuar donos da terra? ²⁶Vocês se apoiam nas espadas, praticam abominações, cada um despreza a mulher do seu próximo. E vão ainda continuar donos da terra? ²⁷Pois diga-lhes: Assim diz o Senhor Javé: Juro por minha vida, que aqueles que estão entre as ruínas serão mortos pela espada, aqueles que estão no campo serão alimento para as feras, e aqueles que estão em grutas e cavernas vão morrer de peste. ²⁸Farei do país um lugar arrasado e deserto. O orgulho da sua força vai se acabar e os montes de Israel ficarão desertos, sem nenhum transeunte. ²⁹Quando eu fizer de Israel um lugar arrasado e deserto, por causa de todas as abominações que praticaram, eles ficarão sabendo que eu sou Javé”. [23-29]

Função do profeta — ³⁰“Criatura humana, o pessoal do seu povo vive falando a

seu respeito ao longo das muralhas e junto à porta das casas. Vivem comentando entre si: ‘Vamos ver qual é a palavra que Javé vai mandar para nós!’ ³¹Depois, em bandos eles vêm procurar você, sentam-se à sua frente e ouvem o que você diz. Mas não praticam nada. Praticam as mentiras que eles mesmos falam. E o coração deles só quer saber de lucro. ³²Para eles, você é uma canção de amor: voz bonita e acompanhamento agradável. Eles ouvem o que você diz e não colocam nada em prática. ³³Mas quando se realizar o que você diz, e isso vai ser logo, eles vão ficar sabendo que havia um profeta no meio deles”. [30-33]

34 *Traidores do povo* — ¹Recebi de Javé a seguinte mensagem: ²“Criatura humana, profetize contra os pastores de Israel, dizendo: Assim diz o Senhor Javé: Ai dos pastores de Israel que são pastores de si mesmos! Não é do rebanho que os pastores deveriam cuidar? ³Vocês bebem o leite, vestem a lã, matam as ovelhas gordas, mas não cuidam do rebanho. ⁴Vocês não procuram fortalecer as ovelhas fracas, não dão remédio para as que estão doentes, não curam as que se machucaram, não trazem de volta as que se desgarraram e não procuram aquelas que se extraviaram. Pelo contrário, vocês dominam com violência e opressão. ⁵Por falta de pastor, minhas ovelhas se espalharam e se tornaram pasto de feras selvagens. ⁶Minhas ovelhas se espalharam e vagaram sem rumo pelos montes e morros. Minhas ovelhas se espalharam por toda a terra, e ninguém as procura para cuidar delas. ⁷Por isso, vocês, pastores, ouçam a palavra de Javé: ⁸Juro por minha vida — oráculo do Senhor Javé: Minhas ovelhas se tornaram presa fácil e servem de pasto para as feras selvagens. Elas não têm pastor, porque os meus pastores não se preocupam com o meu rebanho: ficam cuidando de si mesmos, em vez de cuidarem do meu rebanho. ⁹Por isso, pastores, ouçam a palavra de Javé! ¹⁰Assim diz o Senhor Javé: Vou me colocar contra os pastores. Vou pedir contas a eles sobre o meu rebanho, e não deixarei mais que eles cuidem do meu rebanho. Desse modo, os pastores não ficarão mais cuidando de si mesmos. Eu arrancarei minhas ovelhas da boca deles, e elas não servirão mais de pasto para eles”. [34,1-10]

O governo de Javé — ¹¹“Assim diz o Senhor Javé: Eu mesmo vou procurar as minhas ovelhas. ¹²Como o pastor conta o seu rebanho, quando está no meio de suas ovelhas que se haviam dispersado, eu também contarei as minhas ovelhas, e as reunirei de todos os lugares por onde se haviam dispersado, nos dias nebulosos e escuros. ¹³Eu as retirarei do meio dos povos e as reunirei de todas as

regiões, e as trarei de volta para a sua própria terra. Aí, eu próprio cuidarei delas como pastor, nos montes de Israel, nos vales e baixadas do país. ¹⁴Vou levá-las para pastar nas melhores invernadas, e o seu curral ficará no mais alto dos montes de Israel. Aí, elas poderão repousar num curral bom, e terão pastos abundantes sobre os montes de Israel. ¹⁵Eu mesmo conduzirei as minhas ovelhas para o pasto e as farei repousar — oráculo do Senhor Javé. ¹⁶Procurarei aquela que se perder, trarei de volta aquela que se desgarrar, curarei a que se machucar, fortalecerei a que estiver fraca. Quanto à ovelha gorda e forte, eu a destruirei, pois cuidarei do meu rebanho conforme o direito”. [11-16]

Justiça social — ¹⁷“Quanto a você, rebanho meu, assim diz o Senhor Javé: Vou julgar entre ovelha e ovelha, entre carneiros e bodes. ¹⁸É pouco para vocês pastarem o melhor pasto? Por que ainda pisoteiam o resto do pasto? É pouco beberem a água limpa? Por que ainda sujam o resto com os pés? ¹⁹Depois de tudo, as minhas ovelhas têm que pastar o que vocês pisotearam e beber a água que os pés de vocês sujaram. ²⁰Por isso, assim diz o Senhor Javé: Vou me colocar como juiz entre a ovelha gorda e a ovelha magra. ²¹Com as ancas e com os ombros, vocês empurram as ovelhas mais fracas e ainda lhes dão chifradas, até expulsá-las para longe. ²²Pois bem! Vou salvar as minhas ovelhas, e elas não serão mais presa fácil. Eu serei o juiz entre ovelha e ovelha”. [17-22]

Paz e prosperidade — ²³“Providenciarei um só pastor para cuidar das minhas ovelhas. Será o meu servo Davi. Ele cuidará delas, e será o seu pastor. ²⁴Eu, Javé, serei o Deus delas, e o meu servo Davi será o seu chefe. Fui eu, Javé, que falei.

²⁵Vou fazer com elas uma aliança de paz: acabarei com as feras, de modo que elas poderão deitar-se seguras no deserto e dormir tranquilas no meio dos bosques. ²⁶Farei do país e da minha montanha uma bênção. Mandarei chuva no tempo certo, e será uma chuva abençoada. ²⁷A árvore do campo dará o seu fruto, a terra produzirá e todos estarão seguros, morando na própria terra. Quando eu quebrar as cangas do seu jugo e os libertar do poder dos tiranos, eles ficarão sabendo que eu sou Javé. ²⁸Eles não serão mais presa fácil das nações, e as feras nunca mais os irão devorar. Viverão tranquilamente, sem que ninguém os amedronte. ²⁹Eu lhes darei uma lavoura farta, e não haverá mais mortos de fome no país, nem terão mais que se humilhar diante das outras nações. ³⁰Então eles

ficarão sabendo que eu, Javé, estou com eles, e que eles, a casa de Israel, são o meu povo — oráculo do Senhor Javé. ³¹Vocês são minhas ovelhas, ovelhas do meu rebanho. E eu sou o Deus de vocês — oráculo do Senhor Javé”. [23-31]

35 *Profecia contra Edom* — ¹Recebi de Javé a seguinte mensagem: ²“Criatura humana, vire-se para o monte Seir e profetize contra ele. ³Diga: Assim diz o Senhor Javé: Aqui estou eu contra você, monte Seir. Vou estender a mão contra você, e vou fazer de você um deserto, um lugar desabitado. ⁴Transformarei as suas cidades em ruínas, e você num deserto. Então você ficará sabendo que eu sou Javé. ⁵Você cultivou ódio eterno e entregou os israelitas ao fio da espada, no tempo em que estavam na desgraça, no dia do castigo final. ⁶Pois bem! Juro por minha vida — oráculo do Senhor Javé: Eu cobrirei você de sangue, e o sangue o perseguirá. Você não gosta de sangue? Pois o sangue o perseguirá. ⁷Farei do monte Seir um deserto desabitado e eliminarei dele qualquer transeunte. ⁸Encherei seus montes de feridos, e os mortos pela espada cairão em seus morros, vales e baixadas. ⁹Transformarei você em ruínas eternas, e suas cidades nunca mais serão habitadas. Desse modo, vocês ficarão sabendo que eu sou Javé.

¹⁰Você disse: ‘Esses dois povos, esses dois países serão meus; seremos donos deles, mesmo que Javé esteja aí’. ¹¹Pois bem! Juro por minha vida — oráculo do Senhor Javé: Agirei contra você com a mesma ira e o mesmo ciúme com que você os tratou no seu ódio contra eles. E pela maneira com que eu julgar você, eles me reconhecerão. ¹²Então você ficará sabendo que eu, Javé, ouvi todos os insultos que você falou contra os montes de Israel, dizendo: ‘Estão como um deserto! Eles foram entregues a nós para que os devoremos!’ ¹³Vocês tiveram a ousadia de levantar a voz contra mim, e contra mim multiplicaram suas injúrias. Eu escutei tudo. ¹⁴Pois bem! Assim diz o Senhor Javé: Para alegria da terra inteira, vou fazer de você um deserto. ¹⁵Você se alegrou quando a herança da casa de Israel ficou deserta. Pois bem! Vou fazer o mesmo com você. O monte Seir ficará deserto, junto com todo o território de Edom. Então ficarão sabendo que eu sou Javé”. [35,1-15]

36 *Vida nova* — ¹“Criatura humana, profetize para os montes de Israel, dizendo: Montes de Israel, escutem a palavra de Javé: ²Assim diz o Senhor Javé: Seus inimigos disseram contra vocês: ‘Viva! Essas montanhas antigas são propriedade nossa’. ³Pois bem! Profetize, dizendo: Assim diz o Senhor Javé:

Vocês foram devastados e perseguidos pelos vizinhos, que queriam torná-los propriedade das outras nações. Vocês se tornaram motivo de boatos e calúnias dos povos. ⁴Pois bem, montes de Israel, ouçam a palavra do Senhor Javé! Assim diz o Senhor Javé aos montes, colinas, precipícios, vales, ruínas desertas e cidades abandonadas, entregues ao saque e à caçada das nações vizinhas. ⁵Assim diz o Senhor Javé: Com ciúme ardente, eu falo contra os outros povos e contra Edom. Eles, com alegria no coração e desprezo na alma, tomaram posse de meu país para saqueá-lo.

⁶Por isso, profetize à terra de Israel e diga aos montes, colinas, precipícios e vales: Assim diz o Senhor Javé: Eu falo com ciúme e furor: vocês suportaram o insulto das nações. ⁷Por isso, assim diz o Senhor Javé: Levanto minha mão e juro que as nações vizinhas terão de suportar sua própria vergonha. ⁸Quanto a vocês, montes de Israel, abram seus ramos e produzam frutos para o meu povo Israel, pois ele está para voltar. ⁹Eu estou com vocês, agindo em seu favor: vocês serão lavrados e semeados. ¹⁰Multiplicarei seus habitantes, toda a casa de Israel. As cidades serão repovoadas e as ruínas serão reconstruídas. ¹¹Multiplicarei o povo e seu rebanho. Eles crescerão e serão fecundos. Farei que vocês sejam habitados como antes; a vocês eu darei mais bens do que antigamente. Desse modo, vocês ficarão sabendo que eu sou Javé. ¹²Farei com que as pessoas do meu povo Israel tomem posse de vocês. Eles tomarão posse de vocês, e vocês serão para eles uma herança, e eles não voltarão a ficar sem filhos.

¹³Assim diz o Senhor Javé: Estão dizendo que você devora as pessoas e deixa a nação sem filhos. ¹⁴Pois bem! Você não voltará a devorar pessoas, nem deixar a nação sem filhos — oráculo do Senhor Javé. ¹⁵Farei com que você nunca mais ouça os insultos das nações, nem sofra a caçada dos povos, nem volte a deixar a nação sem filhos — oráculo do Senhor Javé”.

¹⁶Recebi de Javé a seguinte mensagem: ¹⁷“Criatura humana, a casa de Israel, quando habitava no seu país, o tornou impuro com seu comportamento e suas ações. O comportamento dela para comigo foi como a impureza da mulher que está com regras. ¹⁸Por isso, derramei minha ira sobre eles, por causa do sangue que espalharam no país e por causa dos ídolos com que o contaminaram. ¹⁹Eu os espalhei entre as nações, e eles foram dispersos em países estrangeiros. Julguei-os conforme a conduta e as ações deles. ²⁰Chegando no meio das nações para onde foram, profanaram o meu nome santo, pois os outros diziam: ‘É o povo de

Javé! E tiveram que sair da terra deles!’ ²¹Então me preocupei com o meu nome santo, que a casa de Israel profanou no meio das nações para onde foram. ²²Por isso, diga à casa de Israel: Assim diz o Senhor Javé: Não é por causa de vocês que estou agindo assim, ó casa de Israel, mas por causa do meu nome santo, que vocês profanaram no meio das nações onde foram parar. ²³Vou santificar o meu nome grandioso, que foi profanado entre as nações, porque vocês o profanaram entre elas. Então as nações ficarão sabendo que eu sou Javé — oráculo do Senhor Javé — quando eu mostrar a minha santidade em vocês diante deles. ²⁴Vou pegar vocês do meio das nações, vou reuni-los de todos os países e levá-los para a sua própria terra. ²⁵Derramarei sobre vocês uma água pura, e vocês ficarão purificados. Vou purificar vocês de todas as suas imundícies e de todos os seus ídolos. ²⁶Darei para vocês um coração novo, e colocarei um espírito novo dentro de vocês. Tirarei de vocês o coração de pedra, e lhes darei um coração de carne. ²⁷Colocarei dentro de vocês o meu espírito, para fazer com que vivam de acordo com os meus estatutos e observem e coloquem em prática as minhas normas. ²⁸Então vocês habitarão na terra que dei aos seus antepassados: vocês serão o meu povo, e eu serei o Deus de vocês. ²⁹Livrarei vocês de todas as suas impurezas. Convocarei o trigo e o multiplicarei. Nunca mais vou lhes mandar a fome. ³⁰Multiplicarei os frutos das árvores e a produção das roças para que vocês não passem mais a vergonha da fome entre as nações. ³¹Então vocês se lembrarão de seu comportamento perverso e de suas más ações, e sentirão nojo de si próprios, por causa de suas maldades e abominações. ³²Saibam que não é por causa de vocês que estou fazendo isso — oráculo do Senhor Javé. Fiquem envergonhados e confusos, por causa do seu comportamento, ó casa de Israel.

³³Assim diz o Senhor Javé: Quando eu purificar vocês dos seus pecados, farei com que suas cidades sejam repovoadas e suas ruínas reconstruídas. ³⁴A terra devastada será de novo cultivada, depois de ter ficado deserta à vista dos transeuntes. ³⁵Quem passar por aí, dirá: ‘Esta terra que estava deserta, agora parece o jardim do paraíso! As cidades que estavam destruídas, arruinadas e demolidas, estão agora habitadas como se fossem fortalezas!’ ³⁶As nações que sobram na sua vizinhança ficarão sabendo que eu, Javé, reconstruo o que estava demolido e cultivo de novo o que estava deserto. Eu, Javé, digo e faço.

³⁷Assim diz o Senhor Javé: Ainda farei isto por eles: Permitirei que a casa de Israel suplique minha intervenção em seu favor. Multiplicarei os homens como

rebanho, ³⁸como rebanho de ovelhas consagradas; como ovelhas em Jerusalém durante a festa, assim se encherão de gente as cidades arrasadas. Então ficarão sabendo que eu sou Javé”. [36,1-38]

37 *Ressurreição de um povo* — ¹A mão de Javé pousou sobre mim e o espírito de Javé me levou e me deixou num vale cheio de ossos. ²E o espírito me fez circular em torno deles, por todos os lados. Notei que havia grande quantidade de ossos espalhados pelo vale e que estavam todos secos. ³Então Javé me disse: “Criatura humana, será que esses ossos poderão reviver?” Eu respondi: “Meu Senhor Javé, és tu que sabes”. ⁴Então ele me disse: “Profetize, dizendo: Ossos secos, ouçam a palavra de Javé! ⁵Assim diz o Senhor Javé a esses ossos: Vou infundir um espírito, e vocês reviverão. ⁶Vou cobrir vocês de nervos, vou fazer com que vocês criem carne e se revistam de pele. Em seguida, infundirei o meu espírito, e vocês reviverão. Então vocês ficarão sabendo que eu sou Javé”.

⁷Profetizei de acordo com a ordem que havia recebido. Enquanto eu estava profetizando, ouvi um barulho e vi um movimento entre os ossos, que começaram a se aproximar um do outro, cada um com o seu correspondente. ⁸Observando bem, vi que apareciam nervos, que iam sendo cobertos de carne e que a pele os recobria; mas não havia espírito neles. ⁹Então Javé acrescentou: “Profetize ao espírito, criatura humana, profetize e diga: Assim diz o Senhor Javé: Espírito, venha dos quatro ventos e sopra nestes cadáveres, para que revivam”. ¹⁰Profetizei conforme ele havia mandado. O espírito penetrou neles, e reviveram, colocando-se de pé. Era um exército imenso.

¹¹Em seguida, Javé me disse: “Criatura humana, esses ossos são toda a casa de Israel. Os israelitas andavam dizendo: ‘Nossos ossos estão secos e nossa esperança se foi. Para nós, tudo acabou’. ¹²Pois bem! Profetize e diga: Assim diz o Senhor Javé: Vou abrir seus túmulos, tirar vocês de seus túmulos, povo meu, e vou levá-los para a terra de Israel. ¹³Povo meu, vocês ficarão sabendo que eu sou Javé, quando eu abrir seus túmulos, e de seus túmulos eu tirar vocês. ¹⁴Colocarei em vocês o meu espírito, e vocês reviverão. Eu os colocarei em sua própria terra, e vocês ficarão sabendo que eu, Javé, digo e faço — oráculo de Javé”. [37,1-14]

Povo unido jamais será vencido — ¹⁵Recebi de Javé a seguinte mensagem: ¹⁶“Criatura humana, pegue uma vara e escreva nela: ‘Judá e os israelitas que

estão com ele’. Depois pegue outra vara e escreva nela: ‘José e os israelitas que estão com ele’. ¹⁷Em seguida, junte as duas, de modo que formem uma vara só e fiquem unidas em sua mão. ¹⁸Seus conterrâneos vão perguntar: ‘Você não vai explicar o que significa isso?’ ¹⁹Então você responderá para eles: ‘Assim diz o Senhor Javé: Pegarei a vara de José com as tribos de Israel que estão com ele, e juntarei com a vara de Judá, de modo que fiquem unidas em minha mão e formem uma vara só’. ²⁰Pegue na mão as varas escritas e, diante deles, ²¹diga: Assim diz o Senhor Javé: Tirarei os israelitas do meio das nações para onde foram levados, e os reunirei de todos os povos, e os levarei de volta para a sua terra. ²²Farei deles uma só nação na terra, nos montes de Israel, e um só rei governará sobre todos eles. Não serão mais duas nações, nem dois reinos separados. ²³Não se contaminarão mais com seus ídolos, com suas abominações e com seus crimes. Vou libertá-los das revoltas que os levaram a pecar. Vou purificá-los, e eles serão o meu povo e eu serei o Deus deles. ²⁴O meu servo Davi reinará sobre eles, e haverá um só pastor para todos. Eles viverão segundo as minhas normas, observarão os meus estatutos e os colocarão em prática. ²⁵Eles habitarão na terra que dei ao meu servo Jacó, onde já moraram os seus antepassados. Aí, eles vão morar em definitivo, junto com seus filhos e netos, enquanto o meu servo Davi será o chefe deles para sempre. ²⁶Farei com eles uma aliança de paz, que será uma aliança para sempre. Vou estabelecê-los e multiplicá-los, e colocarei o meu santuário no meio deles para sempre. ²⁷Aí será a minha moradia. Eu serei o Deus deles, e eles serão o meu povo. ²⁸Quando eu colocar o meu santuário no meio deles para sempre, as nações ficarão sabendo que eu sou Javé, aquele que consagra Israel”. [15-28]

38 *O processo final da história* — ¹Recebi de Javé a seguinte mensagem: ²“Criatura humana, vire-se para o lado de Gog, na terra de Magog. Ele é o chefe e cabeça de Mosoc e Tubal. Profetize contra ele, ³dizendo: Assim diz o Senhor Javé: Eu estou contra você, Gog, chefe e cabeça de Mosoc e Tubal. ⁴Vou tirá-lo para fora, colocar arpões no seu queixo e puxar você com todo o seu exército: cavalos e cavaleiros, todos completamente armados, uma grande multidão com escudos grandes e pequenos, e todos empunhando espada. ⁵Junto com eles, a Pérsia, Cuch e Fut, todos com escudo e capacete; ⁶Gomer, com todas as suas tropas; Bet-Togorma, situada no extremo norte, e as numerosas tropas que estão com você. ⁷Apronte-se e prepare-se com todo o exército que você

recrutou, e fique à minha disposição. ⁸Após muito tempo, você receberá uma tarefa: daqui a muitos anos você irá para um país cuja população escapou da espada e que do meio dos povos foi reunida sobre os montes de Israel, após terem ficado muito tempo em ruínas. Depois que foram tirados do meio dos povos, estão agora todos morando tranquilamente. ⁹Você, porém, junto com seu exército e incontáveis tropas aliadas, se levantará como tempestade e avançará como nuvem, até cobrir o país.

¹⁰Assim diz o Senhor Javé: Nesse dia, você terá um pensamento mau e fará um plano perverso: ¹¹‘Vou atacar esse país que não tem barreiras, invadir a casa de um povo despreocupado, gente que vive confiante, sem muralhas, sem trancas e sem portas. ¹²Vou saquear e roubar, vou lançar a mão sobre essas ruínas repovoadas, sobre esse povo que foi reunido do meio das outras nações, e que agora está criando gado e bens, morando no centro do mundo’. ¹³Sabá, Dadã, seus negociantes de Társis e todos os seus traficantes perguntarão: ‘Você vai mesmo saquear? É para roubar que você reuniu o seu exército? É para roubar prata e ouro, para tomar rebanhos e bens, para fazer um grande saque?’

¹⁴Criatura humana, profetize e fale para Gog: Assim diz o Senhor Javé: Exatamente nesse dia, quando o meu povo Israel estiver vivendo tranquilamente, você será despertado. ¹⁵Você virá da sua terra no extremo norte, junto com incontáveis tropas aliadas, todos montados em carros de guerra, formando um grande exército. ¹⁶Você subirá contra o meu povo Israel e cobrirá como nuvem o país. No fim dos dias, farei você entrar na minha terra, para que as outras nações me reconheçam quando, à custa de você, Gog, eu manifestar a minha santidade à vista delas. ¹⁷Assim diz o Senhor Javé: Você é aquele de quem falei, nos tempos antigos, pela boca dos meus servos, os profetas de Israel. Esses profetas, naqueles tempos e por muitos anos, profetizaram que eu haveria de trazer você contra eles.

¹⁸Quando Gog atacar a terra de Israel — oráculo do Senhor Javé — minha cólera vai transbordar. Na minha ira, ¹⁹no meu ciúme e no ardor da minha indignação, eu declaro: nesse dia, haverá um grande terremoto no país de Israel. ²⁰Por medo de mim, vão tremer os peixes do mar, as aves do céu, as feras selvagens, os répteis que se arrastam pelo chão e todo o ser humano que existe sobre a terra. Os montes serão arrasados, tudo o que é alto virá abaixo e as muralhas cairão por terra. ²¹Por sobre todas as minhas montanhas, eu chamarei contra Gog toda espada — oráculo do Senhor Javé. Cada um maneará a espada

contra seu próprio irmão. ²²Vou castigá-lo com a peste e o sangue. Mandarei tempestade, chuva de pedra, fogo e enxofre contra ele, contra seus exércitos e suas incontáveis tropas aliadas. ²³Mostrarei minha grandeza e minha santidade, e me revelarei aos olhos de muitas nações. E ficarão sabendo que eu sou Javé.

39¹Criatura humana, profetize contra Gog: Assim diz o Senhor Javé: Eu estou contra você, Gog, chefe e cabeça de Mosoc e Tubal. ²Vou fazê-lo voltar e vou conduzi-lo do extremo norte para os montes de Israel. ³Aí, vou quebrar o arco da sua mão esquerda e fazer cair as flechas da sua direita. ⁴Você cairá sobre os montes de Israel, junto com seu exército e suas incontáveis tropas aliadas. Entregarei você como pasto a todas as aves de rapina e às feras selvagens. ⁵Você cairá em pleno campo de batalha, pois fui eu quem falou — oráculo do Senhor Javé. ⁶Mandarei fogo contra Magog e contra os que, tranquilos, habitam nas ilhas, para que fiquem sabendo que eu sou Javé. ⁷Farei que o meu nome santo seja conhecido no meio do meu povo Israel, e não permitirei que o meu santo nome seja profanado. Então as outras nações ficarão sabendo que eu sou Javé, o Santo de Israel. ⁸Vejam bem que o dia está chegando — oráculo do Senhor Javé. Está chegando o dia do qual falei. ⁹Os habitantes das cidades de Israel sairão e, para fazer fogo, queimarão armas, escudos grandes e pequenos, arcos, flechas e lanças. Terão com que acender fogo durante sete anos. ¹⁰Não precisarão catar lenha fora da cidade ou cortar no mato, pois acenderão fogo com as armas. Eles saquearão aqueles que os saquearam e despojarão aqueles que os despojaram — oráculo do Senhor Javé.

¹¹Nesse dia, sepultarei Gog num lugar famoso de Israel: no vale dos Transeuntes, ao leste do mar, o vale que barra os passantes. Aí serão sepultados Gog e todo o seu exército. E o vale se chamará vale do Exército de Gog. ¹²Os israelitas sepultarão o exército de Gog durante sete meses, para purificar o país. ¹³Todos os cidadãos do país ajudarão a sepultar, e isso vai ser uma honra para cada um, quando se manifestar a minha glória — oráculo do Senhor Javé. ¹⁴Será nomeada uma patrulha, que deverá percorrer o país e sepultar os que tiverem ficado sem sepultura, para purificar o país. Eles deverão começar a procurar cadáveres sem sepultura, depois de passados os sete meses. ¹⁵Quando um desses que devem percorrer o país enxergar uma ossada humana, deverá levantar junto dela uma estaca, para que os encarregados de sepultar venham sepultá-la no vale do Exército de Gog, ¹⁶a fim de purificar o país.

¹⁷Criatura humana: Assim diz o Senhor Javé: Diga a todas as espécies de aves e feras: Reúnam-se e venham! Ajuntem-se de todos os lados para o sacrifício que eu lhes preparei, um grande sacrifício sobre os montes de Israel. Vocês comerão carne e beberão sangue. ¹⁸Comerão a carne dos valentes e beberão o sangue dos chefes da terra. São todos cordeiros, carneiros, cabritos e bois gordos de Basã. ¹⁹Vocês comerão carnes gordas até ficarem satisfeitos, e beberão sangue até ficarem embriagados, com o sacrifício que estou oferecendo para vocês. ²⁰Na minha mesa, vocês vão matar a fome, comendo a carne dos cavalos e cavaleiros, dos soldados e de todos os guerreiros — oráculo do Senhor Javé.

²¹Vou manifestar a minha glória entre as nações, e todas as nações verão o julgamento que vou executar e a mão que colocarei sobre elas. ²²Desde esse dia e para todo o sempre, a casa de Israel ficará sabendo que eu sou Javé, o seu Deus”. [38,1-39,22]

Resumo da mensagem de Ezequiel — ²³“As outras nações ficarão sabendo que a casa de Israel foi para o exílio por causa do seu próprio pecado. Eles foram infiéis comigo, e por isso eu afastei deles o meu rosto, entregando-os em mãos de seus inimigos. Foi assim que eles caíram mortos pela espada. ²⁴Para castigá-los por seu descaramento e por seus crimes, afastei deles o meu rosto. ²⁵No entanto, assim diz o Senhor Javé: Agora vou mudar o destino de Jacó, vou tratar com misericórdia a casa de Israel, porque sou ciumento do meu santo nome. ²⁶Quando os israelitas estiverem morando tranquilamente em sua terra, sem ninguém para os incomodar, eles se envergonharão de todas as revoltas que cometeram. ²⁷Quando eu os trouxer de volta do meio dos outros povos, e os reunir dos países de seus inimigos e manifestar neles a minha santidade aos olhos de muitas nações, ²⁸eles ficarão sabendo que eu sou Javé, o Deus deles. Eu os exilei entre as nações, mas agora eu os reúno de novo na sua própria terra, sem deixar ninguém de fora. ²⁹Nunca mais esconderei deles o meu rosto, porque vou derramar o meu espírito sobre a casa de Israel — oráculo do Senhor Javé”. [39,23-29]

V. DEUS NO MEIO DO SEU POVO [40-48]

40 *A cidade sobre o monte* — ¹No dia dez do começo do ano vinte e cinco do nosso exílio, ou seja, catorze anos depois da tomada de Jerusalém, exatamente nesse dia, a mão de Javé pousou sobre mim, levando-me para Jerusalém. ²Através de um êxtase, Javé me levou para a terra de Israel e me fez pousar num monte muito alto, sobre o qual havia uma cidade construída do lado sul. ³Ele me fez entrar na cidade, e eu encontrei aí um homem que parecia de bronze. Tinha na mão um cordão de linho e uma vara de medir. O homem estava de pé junto ao pórtico. ⁴Ele me disse: “Criatura humana, olhe e ouça bem, preste atenção a tudo o que lhe vou mostrar, pois você foi trazido aqui para que eu lhe mostrasse tudo. Depois você contará para a casa de Israel tudo o que viu”.

A muralha externa — ⁵Havia uma muralha externa que cercava o Templo por todos os lados. O homem tinha na mão uma vara de medir de seis côvados, de côvados equivalentes a um côvado e um palmo cada um. O homem mediu a muralha com a vara: tinha três metros de espessura e três metros de altura.

O pórtico oriental — ⁶O homem foi até o pórtico, cuja frente olha para o leste. Subiu os degraus e mediu o limiar do pórtico: tinha três metros de profundidade. ⁷O cubículo tinha três metros de comprimento e três de largura; o pilar entre os cubículos tinha dois metros e meio; o limiar do pórtico, junto ao vestíbulo do pórtico, para o lado de dentro, tinha três metros. ⁸Mediu o vestíbulo do pórtico, do lado de dentro, e deu três metros. ⁹Em seguida, ele mediu o vestíbulo do pórtico: quatro metros; e o seu pilar: um metro. O vestíbulo do pórtico ficava do lado de dentro. ¹⁰Os cubículos do pórtico oriental eram três de um lado e três do outro, todos com a mesma medida. Os pilares também tinham a mesma medida, tanto de um lado como do outro. ¹¹Depois o homem mediu a entrada do pórtico: tinha cinco metros de largura; o comprimento do pórtico media seis metros e meio. ¹²Diante dos cubículos havia um parapeito de meio metro, tanto de um lado como do outro; o cubículo tinha três metros de cada lado. ¹³Mediu também a largura do pórtico, do fundo de um cubículo até o fundo do outro: era de doze metros e meio, com uma entrada em frente da outra. ¹⁴O vestíbulo, que ele mediu, tinha dez metros. O pátio cercava o pórtico de todos os lados. ¹⁵Desde a fachada do pórtico, junto à entrada, até a frente do vestíbulo do pórtico interior,

eram vinte e cinco metros. ¹⁶Havia janelas com grades nos cubículos e sobre os seus pilares, voltadas ao redor para o interior do pórtico; também havia janelas iguais em torno do vestíbulo, e palmeiras sobre os pilares.

O pátio externo — ¹⁷Depois o homem conduziu-me para o pátio externo, onde havia câmaras abertas e um pavimento em torno do pátio. Havia ao todo trinta câmaras. ¹⁸Ao lado dos pórticos ficava o pavimento, correspondendo à profundidade dos pórticos. Esse era o pavimento inferior. ¹⁹Em seguida, ele mediu a largura do pavimento, desde a fachada do pórtico inferior até a fachada do pátio interno, pelo lado de fora: eram cinquenta metros.

O pórtico do lado norte — ²⁰Depois ele mediu o comprimento e a largura do pórtico que olha para o norte, junto ao pátio externo. ²¹Os seus cubículos eram três de cada lado. Seus pilares e vestíbulos tinham a mesma medida que o primeiro pórtico, isto é, vinte e cinco metros de comprimento e doze metros e meio de largura. ²²Suas janelas, o vestíbulo e as palmeiras tinham as mesmas dimensões que os do pórtico que olhava para o oriente. Subia-se até ele por sete degraus, e o seu vestíbulo ficava voltado para dentro. ²³O pátio interno tinha um pórtico fronteiro ao pórtico que olhava para o norte e ao pórtico que olhava para o oriente. Ele mediu a distância que havia de um pórtico até o outro: era de cinquenta metros.

O pórtico do lado sul — ²⁴O homem conduziu-me para o lado sul, onde havia um pórtico voltado para o sul. Ele mediu seus cubículos, pilares e vestíbulos, que tinham a mesma dimensão. ²⁵O pórtico e o vestíbulo tinham janelas ao redor com as mesmas medidas que as outras, isto é: vinte e cinco metros de comprimento e doze metros e meio de largura. ²⁶A sua escada tinha sete degraus. O vestíbulo ficava para dentro, com uma palmeira de cada lado nos pilares. ²⁷Havia um pórtico no pátio interno, voltado para o sul. A distância de pórtico a pórtico, na direção sul, era de cinquenta metros.

O pátio interno e o pórtico do lado sul — ²⁸Então o homem conduziu-me para o pátio interno, pelo pórtico do lado sul. Ele mediu o pórtico, e tinha a mesma medida. ²⁹Os cubículos, os pilares e o vestíbulo tinham também a mesma medida dos anteriores. Tanto o pórtico como os seus vestíbulos tinham janelas ao redor, com vinte e cinco metros de comprimento e doze metros e meio de largura. ³⁰Os seus vestíbulos em toda a volta mediam doze metros e meio de

comprimento e dois metros e meio de largura. ³¹O pátio externo tinha um vestíbulo com palmeiras sobre os pilares, e a sua escada possuía oito degraus.

O pórtico oriental — ³²Então o homem conduziu-me até o pátio interno que dava para o oriente. Ele mediu o pórtico, que tinha a mesma medida dos outros. ³³Os cubículos, os pilares e o vestíbulo também apresentavam a mesma medida. O pórtico e seu vestíbulo tinham janelas ao redor, medindo vinte e cinco metros de comprimento e doze metros e meio de largura. ³⁴O seu vestíbulo dava para o pátio externo e tinha palmeiras nos seus pilares, de um lado e do outro; sua escada tinha oito degraus.

O pórtico do lado norte — ³⁵Em seguida, o homem conduziu-me para o pórtico do lado norte e o mediu, obtendo as mesmas dimensões. ³⁶Os cubículos, os pilares e o vestíbulo também tinham a mesma dimensão. O pórtico tinha janelas ao redor, medindo vinte e cinco metros de comprimento e doze metros e meio de largura. ³⁷O seu vestíbulo dava para o pátio externo e tinha palmeiras nos seus pilares, de um lado e do outro; sua escada tinha oito degraus.

Anexos dos pórticos — ³⁸Havia uma câmara com a entrada no vestíbulo do pórtico. Aí era lavado o holocausto. ³⁹No vestíbulo do pórtico se encontravam duas mesas de um lado e duas do outro, para a imolação do holocausto, do sacrifício pelo pecado e do sacrifício de expiação. ⁴⁰Do lado de fora de quem subia pela entrada do pórtico, na direção do norte, estavam duas mesas, e do outro lado do vestíbulo também havia duas mesas. ⁴¹Havia assim quatro mesas de um lado e quatro do outro, junto ao pórtico, ou seja, ao todo oito mesas em que se fazia a imolação. ⁴²Além disso, havia quatro mesas para o holocausto, feitas de pedras de cantaria, cujo comprimento era de setenta e cinco centímetros, a largura de setenta e cinco centímetros e a altura era de meio metro. Sobre essas mesas eram depositados os instrumentos com que eram imolados o holocausto e o sacrifício. ⁴³Pelo lado de dentro, ao redor, havia rebordos de um palmo de comprimento. Sobre as mesas ficava a carne da oblação.

⁴⁴Depois o homem conduziu-me para o pátio interno, onde havia duas câmaras: uma, do lado do pórtico norte, olhava para o sul; a outra, do lado do pórtico sul, olhava para o norte. ⁴⁵O homem disse-me: “Essa câmara, que olha para o sul, é reservada aos sacerdotes que fazem o serviço do Templo. ⁴⁶A câmara que olha

para o norte pertence aos sacerdotes que fazem o serviço do altar. Eles são os filhos de Sadoc que, dentre os filhos de Levi, se aproximam de Javé para o servirem”.

⁴⁷Ele mediu em seguida o pátio: era quadrado e tinha cinquenta metros de comprimento por cinquenta de largura. E o altar ficava diante do Templo.

O vestíbulo do Templo — ⁴⁸Depois o homem conduziu-me para o vestíbulo do Templo, e mediu os pilares do vestíbulo. Tinha dois metros e meio de um lado e dois metros e meio do outro; a largura do pórtico tinha um metro e meio de um lado e do outro. ⁴⁹O comprimento do vestíbulo era de dez metros, e a largura media seis metros. Havia dez degraus para subir até ele. Junto aos pilares havia colunas, uma de cada lado.

41 *O Santo* — ¹Em seguida, o homem conduziu-me para o Santo, e mediu os pilares: três metros de largura de um lado e três metros do outro. ²A largura da entrada era de cinco metros, enquanto as ombreiras da entrada tinham dois metros e meio de ambos os lados. Mediu também o Santo: tinha vinte metros de comprimento e dez metros de largura.

O Santo dos santos — ³Ele me conduziu para dentro do Santo dos santos e mediu: o pilar da entrada tinha um metro, a entrada três metros, e as ombreiras da entrada três metros e meio. ⁴Depois mediu o Santo dos santos: tanto o comprimento como a largura tinham dez metros, do lado do Santo. Ele comentou: “Este é o Santo dos santos”.

As celas laterais — ⁵Em seguida, o homem mediu a parede do Templo: tinha três metros. A largura da ala lateral era de dois metros, ao redor do Templo. ⁶As celas ficavam superpostas em três andares, com trinta celas cada um. As celas se ajustavam à parede do Templo, isto é, as celas que ficavam em torno, servindo de suportes, mas não existiam suportes nas paredes do Templo. ⁷A largura das celas ia aumentando de andar em andar, conforme o aumento que recebia sobre a muralha, de andar em andar, em torno do Templo.

⁸Vi que o Templo tinha uma rampa, que o rodeava todo e que formava a base das celas laterais. A sua medida era de uma vara, isto é, três metros. ⁹A espessura da parede externa das celas laterais era de dois metros e meio. Havia uma passagem entre as celas do Templo ¹⁰e as câmaras, com a largura de dez metros, em torno de todo o Templo. ¹¹Como entrada das celas laterais, havia na

passagem uma entrada para o lado norte e outra para o lado sul. A largura da entrada era de dois metros e meio.

O edifício ocidental — ¹²O edifício que limitava com o pátio do lado ocidental tinha trinta e cinco metros de largura, enquanto a parede do edifício que ficava em torno tinha dois metros e meio de espessura e quarenta e cinco metros de comprimento. ¹³O homem mediu também o Templo: tinha cinquenta metros; o comprimento do pátio, do edifício e de suas paredes, era de cinquenta metros. ¹⁴Depois mediu a largura da fachada do Templo e do pátio para o oriente: era de cinquenta metros. ¹⁵Por fim, mediu o comprimento do edifício junto ao pátio, por trás, bem como a sua galeria de um lado e do outro, obtendo também cinquenta metros.

Ornamentação interior — O interior do Santo e os vestíbulos dos pátios, ¹⁶os limiões, as janelas de grades e as galerias dos três lados, em frente do limiar, estavam revestidos de madeira em volta, desde o chão até as janelas, e as janelas eram gradeadas. ¹⁷Desde a entrada até o interior do Templo, bem como por fora, sobre toda a parede em volta, tanto por dentro como por fora, ¹⁸estavam esculpidos querubins e palmeiras, uma palmeira entre dois querubins. Cada querubim tinha duas faces: ¹⁹de um lado, uma face de homem voltada para a palmeira, e do outro lado uma face de leão voltada para a palmeira. Isso em torno de todo o Templo. ²⁰Os querubins e as palmeiras estavam esculpidos sobre as paredes, desde o chão até no alto da entrada. ²¹As ombreiras da porta do Santo eram quadradas.

O altar de madeira — Diante do santuário, havia algo com aspecto ²²de altar de madeira, e tinha um metro e meio de altura, um metro de comprimento e um metro de largura. Tinha cantos, base e lados, tudo de madeira. O homem disse-me: “Essa é a mesa que fica na presença de Javé”.

As portas — ²³O Santo tinha duas portas; e o santuário, ²⁴duas portas; ambas as portas eram de dois batentes: dois batentes pertenciam a uma das portas, e dois à outra. ²⁵Sobre as portas do Santo estavam esculpidos querubins e palmeiras, como os que se encontravam sobre as paredes. Do lado de fora, na frente do vestíbulo, havia um anteparo, ²⁶bem como janelas gradeadas e palmeiras, de um lado e do outro, sobre os lados do vestíbulo, nas celas do Templo e nos antepeiros.

42 *Dependências do Templo* — ¹Então o homem levou-me para o pátio externo, para o lado norte e para junto da câmara que fica na frente do pátio, na frente do edifício do lado norte. ²A fachada da câmara media cinquenta metros de comprimento para o lado norte, e vinte e cinco metros de largura. ³Em frente aos vestíbulos do pátio interno e em frente ao pavimento do pátio externo, havia uma galeria em frente à tríplice galeria. ⁴Em frente à câmara, havia uma passagem que tinha cinco metros de largura para dentro, e cinquenta metros de comprimento. Suas entradas davam para o norte. ⁵As câmaras superiores eram menores do que as de baixo e do meio, porque as galerias tomavam espaço maior do que as de baixo e do meio. ⁶De fato, elas se dividiam em três andares, e não tinham colunas como o pátio. Por isso, eram mais estreitas do que as de baixo e do meio, a partir do chão. ⁷A parede do lado de fora, junto às câmaras, voltadas para o pátio exterior, em frente às câmaras, tinha vinte e cinco metros de comprimento. ⁸Portanto, o comprimento das câmaras do pátio externo era de vinte e cinco metros, ao passo que o comprimento das que ficavam em frente do Santo era de cinquenta metros. ⁹Por baixo dessas câmaras estava a entrada do lado oriental, pela qual se dava acesso desde o pátio externo.

¹⁰Junto à largura da parede do pátio, do lado sul, em frente ao pátio e ao edifício, havia câmaras. ¹¹Fronteiro a elas ficava um caminho, como para as câmaras que estavam do lado norte. Tinham elas comprimento e largura idênticos, e também eram iguais as saídas, a disposição e as entradas. ¹²Por baixo das câmaras que ficavam para o lado sul, havia uma entrada, no começo de cada caminho, em frente à parede correspondente, do lado do oriente, junto à entrada. ¹³O homem disse-me: “As câmaras do norte e as câmaras do sul, que ficam fronteiras ao pátio, são as câmaras do santuário, onde os sacerdotes que se aproximam de Javé comem as coisas santíssimas. Aí depositarão as coisas santíssimas, a oblação, a oferta pelo pecado e a oferta pela expiação, porque o lugar é santo. ¹⁴Depois de entrarem aí, os sacerdotes não sairão diretamente do santuário para o pátio externo, mas primeiro depositarão aí as vestes com que tiverem exercido suas funções litúrgicas, porque são santas. Colocarão outras vestes, e só então poderão dirigir-se ao local destinado ao povo”.

Dimensões do pátio — ¹⁵Tendo acabado de medir o interior do Templo, o homem conduziu-me para fora, em direção ao pórtico que dá para o oriente. E mediu todo o pátio ao redor. ¹⁶Mediu todo o lado do oriente com a vara de

medir: tinha duzentos e cinquenta metros. ¹⁷Em seguida, mediu o lado norte: tinha duzentos e cinquenta metros ao redor. ¹⁸Depois mediu o lado sul: também era de duzentos e cinquenta metros. ¹⁹Finalmente, mediu com a vara todo o lado ocidental: duzentos e cinquenta metros. ²⁰Pelos quatro lados, mediu toda a parede ao redor. O seu comprimento era de duzentos e cinquenta metros, e a largura de duzentos e cinquenta metros, e servia de separação entre a parte sagrada e a profana.

43 *Javé retorna para sempre* — ¹Então o homem levou-me para o pórtico oriental. ²E eu vi a glória do Deus de Israel: ela vinha do oriente. Fazia um barulho de águas torrenciais e a terra refletia a sua glória. ³A visão que tive era como a visão que eu tinha contemplado, quando vim para a destruição da cidade, e também como a visão que eu tivera às margens do rio Cobar. Então caí com o rosto por terra. ⁴A glória de Javé entrou no Templo pelo pórtico oriental. ⁵Então o espírito me arrebatou e levou para o pátio interno: a glória de Javé enchia o Templo.

⁶Enquanto o homem continuava do meu lado, ouvi alguém que falava comigo de dentro do Templo, ⁷e me dizia: “Criatura humana, este é o lugar do meu trono e o lugar onde pousam meus pés, onde habitarei para sempre no meio dos israelitas. A casa de Israel, o povo e seus reis, nunca mais profanarão o meu nome santo com as suas prostituições e com os cadáveres de seus reis com seus túmulos. ⁸Colocando a soleira de seus túmulos junto da minha soleira, e os batentes de suas portas junto aos meus, deixando apenas uma parede entre mim e eles, acabaram profanando meu nome santo com as abominações que praticaram. Por isso, minha ira os consumiu. ⁹Agora, porém, os israelitas afastarão para longe de mim suas prostituições e os cadáveres de seus reis. E eu habitarei para sempre no meio deles”. [43,1-9]

Como conviver com Javé? — ¹⁰“Quanto a você, criatura humana, mostre para a casa de Israel o projeto do Templo, e eles ficarão envergonhados de suas culpas. Ao medir o projeto, ¹¹ficarão envergonhados de tudo o que fizeram. Então você ensinará para eles a forma do Templo, suas disposições, suas entradas e saídas, suas normas, regulamentos, regras e leis. Coloque tudo por escrito à vista deles, para que observem todas essas normas e coloquem em prática todos esses regulamentos.

¹²Esta é a lei do Templo, que está construído no alto do monte: todo o espaço

que está ao redor é santíssimo. Esta é a lei do Templo”. [10-12]

O altar — ¹³São estas as medidas do altar em côvados iguais a um côvado e um palmo: a base tinha meio metro de altura por meio metro de largura; o espaço junto ao rego que contornava o altar era de um palmo. Essa era a base do altar. ¹⁴Da base até o pedestal inferior, o altar tinha um metro, e a largura era de meio metro; do pedestal menor até o pedestal maior, tinha dois metros por meio metro de largura. ¹⁵A lareira tinha dois metros e acima da lareira havia quatro chifres. ¹⁶A lareira era quadrada, com seis metros de comprimento por seis metros de largura. ¹⁷O pedestal também era quadrado, com sete metros de comprimento por sete metros de largura. A borda em torno dele tinha vinte e cinco centímetros, e a medida da base em torno era de meio metro. Os degraus davam para o oriente.

Consagração do altar — ¹⁸Ele me disse: “Criatura humana, assim diz o Senhor Javé: Esses aí são os estatutos referentes ao altar, para o dia em que o construírem para oferecer sobre ele o holocausto e sobre ele derramar o sangue. ¹⁹Você dará aos sacerdotes levitas, aos da família de Sadoc, que se aproximam de mim para me servirem — oráculo do Senhor Javé — um novilho para o sacrifício pelo pecado. ²⁰Então você pegará sangue do novilho e colocará sobre os quatro chifres, sobre os quatro cantos do pedestal e sobre a borda em torno. Com isso você purificará o altar e fará a expiação por ele. ²¹Em seguida, você tomará o novilho da oferta pelo pecado e o queimará no lugar do Templo que foi destinado para isso, fora do santuário. ²²No segundo dia, você oferecerá um bode perfeito como oferta pelo pecado, e com ele o altar se purificará do pecado, tal como foi feita a purificação com o novilho. ²³Acabando de fazer a purificação do pecado, você oferecerá um novilho perfeito e um carneiro perfeito. ²⁴Você os oferecerá diante de Javé, e os sacerdotes espalharão sal sobre eles, oferecendo-os em holocausto a Javé. ²⁵Durante sete dias, diariamente, você sacrificará um bode pelo pecado e, além disso, sacrificarão também um novilho e um carneiro do rebanho, todos perfeitos, ²⁶durante sete dias. Assim, farão a expiação pelo altar, e o purificarão e consagrarão. ²⁷No fim desse período, do oitavo dia em diante, os sacerdotes oferecerão sobre o altar os seus holocaustos e sacrifícios de comunhão, e eu serei propício para vocês — oráculo do Senhor Javé”.

44 *Uso do pórtico oriental* — ¹Então ele me conduziu para o pórtico externo do santuário, que dava para o oriente e que estava fechado. ²Javé me disse: “Esse pórtico ficará fechado. Não será aberto e ninguém entrará por ele, porque por ele entrará Javé, o Deus de Israel. Por isso, permanecerá fechado. ³Contudo, o príncipe se sentará aí para comer pão na presença de Javé. Ele entrará pelo lado do vestibulo do pórtico e sairá pelo mesmo lado”.

Regras de admissão no Templo — ⁴Depois o homem levou-me para o lado do pórtico do norte, para a frente do Templo. Olhei daí, e eis que a glória de Javé enchia o Templo. Então eu me prostrei com o rosto por terra. ⁵Javé me disse: “Criatura humana, preste atenção, fixe os olhos e escute bem tudo o que lhe vou dizer. Preste atenção a todos os estatutos do Templo de Javé, a todas as suas leis, às condições de admissão ao Templo e de exclusão do santuário. ⁶Diga a esses rebeldes, à casa de Israel: Assim diz o Senhor Javé: Chega de abominações, casa de Israel! ⁷Você introduziu estrangeiros, incircuncisos de coração e incircuncisos de corpo, permitindo que se instalassem no meu santuário e que profanassem o meu Templo, quando vocês ofereceram o meu pão, a gordura e o sangue, rompendo a minha aliança, com as abominações de vocês. ⁸Ao invés de exercerem o ministério do santuário, vocês encarregaram qualquer um para exercer o ministério em meu santuário, no lugar de vocês. ⁹Assim diz o Senhor Javé: Nenhum estrangeiro, incircunciso de coração e incircunciso de corpo, entrará no meu santuário, dentre os estrangeiros que vivem no meio dos israelitas”.

Os levitas — ¹⁰“Levarão sobre si a culpa os levitas que se afastaram de mim, quando Israel se desviou de mim para correr atrás de seus ídolos imundos. ¹¹Eles vão continuar no meu santuário, encarregando-se dos serviços de guarda junto às portas do Templo; eles prestarão serviço ao Templo. Matarão as vítimas para o holocausto e para o sacrifício pelo povo, e estarão postados junto do povo para lhe prestar serviço. ¹²Contudo, visto que estiveram a serviço do povo diante dos seus ídolos imundos, tornando-se motivo de tropeço para a casa de Israel, eu jurei solenemente — oráculo do Senhor Javé — que eles levarão sobre si a culpa. ¹³De fato, não tornarão a aproximar-se de mim para exercer o meu sacerdócio, nem tocarão em nenhuma das minhas coisas santas, nem nas coisas santíssimas: eles levarão sobre si a vergonha e as abominações que praticaram. ¹⁴Farei que sejam encarregados do serviço do Templo, confiando a eles as

tarefas que aí se executam”.

Os sacerdotes — ¹⁵“Os sacerdotes levitas, filhos de Sadoc, realizaram o serviço do meu santuário quando os israelitas se desviaram de mim. Por isso, poderão aproximar-se de mim para exercer o meu ministério e poderão estar em pé na minha presença, para me oferecer a gordura e o sangue — oráculo do Senhor Javé. ¹⁶Eles entrarão no meu santuário e se aproximarão da minha mesa para me servir, exercendo o meu ministério. ¹⁷Sempre que entrarem pelas portas do pátio interno, usarão vestes de linho e não vestirão nada de lã, enquanto estiverem exercendo o seu ministério junto aos pórticos do pátio interno e no Templo. ¹⁸Usarão turbantes de linho na cabeça e calções de linho sobre os quadris, e não vestirão nada que faça transpirar. ¹⁹Antes de saírem para o pátio externo, para junto do povo, tirarão as vestes com que serviram e as deixarão nas câmaras do santuário; colocarão outras vestes, para não transmitirem ao povo nenhuma influência sagrada. ²⁰Não raparão a cabeça, nem deixarão o cabelo crescer à vontade, mas usarão o cabelo bem aparado. ²¹Nenhum sacerdote beberá vinho nas ocasiões em que entrar no pátio interno. ²²Os sacerdotes não se casarão com viúva ou repudiada, mas somente com virgem da descendência de Israel. Contudo, poderão casar-se com a viúva de um sacerdote. ²³Deverão ensinar o meu povo a distinguir entre sagrado e profano, e farão que ele conheça a diferença entre puro e impuro. ²⁴Quando houver contenda, estarão presentes para julgar, julgando de acordo com o meu direito. Em todas as minhas assembleias solenes, observarão os meus estatutos e as minhas leis, e santificarão os meus sábados. ²⁵Não se aproximarão de um morto, para não se tornarem impuros. Contudo, podem tornar-se impuros pelo pai, mãe, filho ou filha, irmão ou irmã, contanto que esta não seja casada. ²⁶Depois de se purificar da contaminação, deverão contar sete dias. ²⁷Em seguida, no dia em que entrar no santuário, no pátio interno, para servir, oferecerá seu sacrifício pelo pecado — oráculo do Senhor Javé. ²⁸Os sacerdotes não receberão herança, porque eu serei a herança deles. Para eles, não darei propriedades em Israel: a propriedade deles serei eu. ²⁹Eles comerão a oblação, o sacrifício pelo pecado e o sacrifício de expiação. A eles pertence tudo quanto se consagra como anátema em Israel. ³⁰Será dos sacerdotes, também, a primeira porção de todas as primícias, bem como de todas as suas ofertas, sejam elas quais forem. Vocês darão também ao sacerdote a primeira porção da massa de pão, para que a bênção repouse sobre a

casa de vocês. ³¹Os sacerdotes não comerão nenhum animal que tenha morrido por si ou tenha sido dilacerado por uma fera, tanto ave, como qualquer outro animal”.

45 *Divisão da terra: a parte de Javé* — ¹“Quando vocês distribuírem ao povo a posse da terra por sorteio, ofereçam a Javé uma parte sagrada da terra, que terá doze mil e quinhentos metros de comprimento por dez mil metros de largura. Essa parte será sagrada em toda a sua extensão. ²Dessa parte, um quadrado de duzentos e cinquenta metros ficará reservado para o santuário, com terreno marginal de vinte e cinco metros em torno dele, que será destinado à pastagem. ³Dessa área, separe também doze mil e quinhentos metros de comprimento por cinco mil metros de largura, onde ficarão o santuário e o Santo dos santos. ⁴Essa área será a porção sagrada da terra, que se reserva para os sacerdotes que ministram no santuário, que se aproximam de Javé para o servir. Ela se destinará para suas casas e para o santuário. ⁵Outros doze mil e quinhentos metros por cinco mil metros de largura pertencerão aos levitas, que são encarregados do serviço no Templo, juntamente com as cidades para residência deles. ⁶Como patrimônio da cidade, deixem uma área de dois mil e quinhentos metros de largura por doze mil e quinhentos metros de comprimento, junto à porção reservada para o santuário. Essa parte pertencerá a toda a casa de Israel”.

Divisão da terra: a parte do príncipe — ⁷“De um lado e do outro da parte reservada para o santuário e do patrimônio da cidade, o príncipe terá uma área fronteira à parte reservada ao santuário e ao patrimônio da cidade, do lado ocidental e do lado oriental. Será uma área de comprimento igual a cada uma das partes, desde o limite ocidental até o limite oriental ⁸da terra. Tal será a propriedade do príncipe em Israel, para que os meus príncipes não voltem a explorar o meu povo, mas deixem a terra para a casa de Israel e para as suas tribos.

⁹Assim diz o Senhor Javé: Chega, príncipes de Israel! Afastem-se do roubo e da exploração. Pratiquem a justiça e o direito. Parem com as violências praticadas contra o meu povo — oráculo do Senhor Javé. ¹⁰Useм balanças justas, efá justo e bat justo. ¹¹O efá e o bat terão a mesma medida, equivalendo o bat a um décimo de ômer, e o efá a um décimo de ômer. A medida de ambos será fixada a partir do ômer. ¹²O siclo deverá equivaler a vinte geras: vinte siclos

mais vinte e cinco siclos mais quinze siclos farão uma mina”.

Ofertas para o culto — ¹³“Vocês deverão apresentar a seguinte oferta: sete litros e meio a cada quatrocentos e cinquenta litros de trigo, e sete litros e meio a cada quatrocentos e cinquenta litros de cevada. ¹⁴A norma para o óleo é esta: quarenta e cinco litros de óleo a cada quatrocentos e cinquenta litros, porque quarenta e cinco litros são um décimo de quatrocentos e cinquenta litros. ¹⁵Um cordeiro a cada duzentos cordeiros do rebanho de Israel será destinado à oblação, ao holocausto e ao sacrifício de comunhão, para fazer a expiação por vocês — oráculo do Senhor Javé. ¹⁶Todo o povo de Israel fica obrigado a essa oferta para o príncipe de Israel. ¹⁷O príncipe será o encarregado dos holocaustos, da oblação e da libação durante as festas, luas novas e sábados. Por ocasião de todas as assembleias solenes, ele fará o sacrifício pelo pecado, a oblação, o holocausto e os sacrifícios de comunhão, para fazer a expiação pela casa de Israel”.

A festa da Páscoa — ¹⁸Assim diz o Senhor Javé: No primeiro mês, no dia primeiro do mês, pegue um novilho perfeito para remover o pecado do santuário. ¹⁹O sacerdote pegará sangue da vítima oferecida pelo pecado, e com ele cobrirá a soleira da porta do Templo, os quatro cantos do pedestal do altar e as soleiras dos pórticos do pátio interno. ²⁰Faça o mesmo no dia sete do mês, pelo homem que tiver pecado por inadvertência ou irreflexão. Desse modo, vocês farão a expiação pelo Templo.

²¹No dia catorze do primeiro mês, realizem a festa da Páscoa: durante sete dias comam pães sem fermento. ²²Nesse dia, o príncipe oferecerá um novilho como sacrifício pelo pecado, por si e por todo o povo. ²³E, durante os sete dias da festa, ele oferecerá diariamente sete novilhos e sete carneiros perfeitos como holocausto a Javé e também um bode como sacrifício pelo pecado. ²⁴Ele oferecerá também como oblação quarenta e cinco litros de farinha por novilho, quarenta e cinco por carneiro e sete litros e meio de óleo a cada quarenta e cinco litros de farinha”.

A festa das Tendas — ²⁵“No dia quinze do sétimo mês, por ocasião da festa, durante os sete dias, oferecerá o sacrifício pelo pecado, o holocausto, a oblação e o óleo”.

46 *Outros regulamentos* — ¹“Assim diz o Senhor Javé: O pórtico do pátio interno, que dá para o oriente, permanecerá fechado nos seis dias de trabalho, mas ficará aberto no sábado e no dia da lua nova. ²Nesses dias, o príncipe entrará pelo vestíbulo do pórtico externo e ficará junto à soleira, enquanto os sacerdotes estiverem oferecendo o holocausto e os sacrifícios de comunhão. Depois ele se prostrará na soleira do pórtico e sairá. Contudo, o pórtico permanecerá aberto até à tarde. ³Também o povo da terra se prostrará à entrada desse pórtico, diante de Javé, tanto nos sábados como nos dias de lua nova.

⁴O holocausto que o príncipe deve oferecer no dia de sábado consistirá em seis cordeiros e um carneiro, todos perfeitos. ⁵Oferecerá também uma oblação de quarenta e cinco litros de farinha por carneiro; uma oblação pelos cordeiros, de acordo com suas possibilidades; e sete litros e meio de óleo a cada quarenta e cinco litros de farinha. ⁶No dia da lua nova, as ofertas deverão ser: um novilho perfeito, seis cordeiros e um carneiro, todos perfeitos. ⁷Como oblação, oferecerá quarenta e cinco litros de farinha pelo novilho e quarenta e cinco litros pelo carneiro. Quanto aos cordeiros, oferecerá o que for possível. A oblação do óleo será sete litros e meio a cada quarenta e cinco litros.

⁸O príncipe deverá entrar pelo vestíbulo do pórtico, e por ele deverá sair. ⁹O povo da terra entrará para comparecer na presença de Javé por ocasião das assembleias solenes. Aqueles que entraram pelo pórtico do norte para se prostrarem, sairão pelo pórtico do sul; aqueles que entraram pelo pórtico do sul sairão pelo pórtico do norte. Ninguém sairá pelo mesmo pórtico por onde tiver entrado; deverá sair pelo lado oposto. ¹⁰O príncipe estará no meio deles: entrará com eles, e com eles sairá.

¹¹Nos dias de festa e nas assembleias solenes, a oblação será de quarenta e cinco litros de farinha por novilho e quarenta e cinco litros por carneiro; a oblação pelos cordeiros será feita na medida do possível. Quanto ao óleo, será sete litros e meio a cada quarenta e cinco litros de farinha. ¹²Sempre que o príncipe oferecer a Javé um holocausto voluntário ou um sacrifício de comunhão, será aberta para ele a porta que dá para o oriente, e ele oferecerá aí o seu holocausto e o seu sacrifício de comunhão, conforme costuma fazer no dia de sábado. Em seguida sairá, e o pórtico será fechado. ¹³Diariamente, isto é, a cada manhã, oferecerá em holocausto um cordeiro perfeito de um ano.

¹⁴Juntamente com o cordeiro, oferecerá em oblação sete litros e meio de farinha

e dois litros e meio de óleo, para umedecer a farinha. Será uma oblação para Javé, de acordo com estatuto perpétuo, estatuto que durará para sempre. ¹⁵O cordeiro, a oblação e o óleo serão oferecidos cada manhã, para sempre.

¹⁶Assim diz o Senhor Javé: Se o príncipe der um presente tirado de sua herança para um dos meus filhos, o presente será propriedade do filho como herança.

¹⁷Mas se o príncipe der um presente a um dos seus servos, o presente pertencerá ao servo até o ano de sua alforria, voltando para o príncipe nessa data. De fato, sua herança pertencerá unicamente a seus filhos. ¹⁸O príncipe não poderá pegar nada da herança do povo, tirando-lhe a posse do que lhe pertence; ele só poderá dar como herança a seus filhos daquilo que é propriedade sua, para que o meu povo não seja desapropriado daquilo que lhe pertence”.

¹⁹Depois o homem levou-me, pela entrada que fica junto ao pórtico, para as câmaras do Lugar Santo que pertencem aos sacerdotes e que dão para o norte. Atrás dessas câmaras havia um lugar que dava para o ocidente. ²⁰Ele me disse: “Este é o lugar em que os sacerdotes cozinharão as vítimas destinadas ao sacrifício de expiação e ao sacrifício pelo pecado. Aí, eles devem assar a oblação, sem que tenham de levá-la para o pátio externo, expondo o povo à contaminação do sagrado”. ²¹Em seguida, o homem levou-me para fora, para o pátio externo, fazendo-me passar pelos quatro cantos do pátio, onde havia outros pátios em cada canto, ²²isto é, quatro pátios menores nos quatro cantos do pátio principal. Esses pátios eram iguais e tinham vinte metros de comprimento por quinze metros de largura. ²³Eram cercados por um muro de pedra, com fornos construídos ao pé do muro. ²⁴Ele me explicou: “Esses são os fornos onde os servidores do Templo cozinham os sacrifícios do povo”.

47 *Javé concede a vida para todos* — ¹Então o homem levou-me de novo para a entrada do Templo, onde eu vi água que escorria de debaixo da soleira do Templo para o lado do oriente, pois a frente do Templo dava para o oriente. A água escorria de debaixo do lado direito do Templo, do sul do altar.

²Depois o homem fez-me sair pelo pórtico do norte e rodear por fora até o pórtico externo que dá para o oriente, onde a água estava escorrendo do lado direito. ³O homem dirigiu-se para o lado do oriente com um cordel na mão, medindo quinhentos metros. Ele me fez atravessar a água, que dava pelos tornozelos. ⁴Tornou a medir quinhentos metros, e me fez atravessar outra vez a água, que agora dava pelos joelhos. Mediu de novo quinhentos metros, e me fez atravessar novamente a água, que agora dava na cintura. ⁵Mediu outros

quinhentos metros, e agora era uma torrente que eu já não podia atravessar a não ser nadando. ⁶Então o homem disse-me: “Você viu, criatura humana?” E me fez voltar para a margem da torrente. ⁷Quando voltei, havia nas margens, de um lado e de outro, árvores abundantes. ⁸Ele me disse: “Essa água que escorre para o lado oriental desce para a Arabá e entra no mar. Ao entrar no mar, a sua água se torna potável. ⁹Por isso, em todo lugar por onde passar a torrente, os seres vivos que a povoam terão vida. Haverá abundância de peixes, pois onde quer que essa água chegue, ela levará vida, de modo que haverá vida em todo lugar que a torrente atingir. ¹⁰Nas suas margens existirão pescadores, e desde Engadi até En-Eglaim haverá lugares para jogar as redes. Haverá muito peixe, das mesmas espécies de peixes do mar Mediterrâneo. ¹¹Contudo, os brejos e pântanos não serão de água potável; serão deixados como reservas de sal. ¹²Nas margens da torrente, de um lado e do outro, haverá toda espécie de árvores com frutos comestíveis, cujas folhas e frutos não se esgotarão. Essas árvores produzirão novos frutos de mês em mês, porque a água da torrente provém do santuário. Por isso, os frutos servirão de alimento e as folhas de remédio”. [47,1-12]

Todos devem repartir a terra — ¹³Assim diz o Senhor Javé: “São esses os limites da terra que vocês repartirão como herança entre as doze tribos de Israel, dando duas porções a José. ¹⁴Vocês repartirão dando a todos porção igual da terra que jurei solenemente dar aos seus antepassados, de modo que ela chegasse a ser herança para você. ¹⁵Os limites da terra são os seguintes: Do lado norte, desde o mar Mediterrâneo: o caminho de Hetalon até a entrada de Emat, Sedada, ¹⁶Berota, Sabarim, que fica na fronteira de Damasco e de Emat, e Haser-Ticon, junto à fronteira de Aurã. ¹⁷Os limites irão desde o mar até Haser-Enã, tendo ao norte o território de Damasco e o território de Emat. Isso quanto à fronteira ao norte. ¹⁸Do lado leste, entre Aurã e Damasco, entre Galaad e a terra de Israel, o Jordão servirá de fronteira até o mar oriental e até Tamar. Tal será a fronteira oriental. ¹⁹Do lado sul, em direção ao meio-dia, será desde Tamar até as águas de Meriba de Cades, seguindo a torrente até o mar Mediterrâneo. Será essa a fronteira ao sul. ²⁰Do lado oeste, até em frente à entrada de Emat, o mar Mediterrâneo servirá de fronteira. Tal será a fronteira ocidental. ²¹Essa é a terra que vocês repartirão entre as tribos de Israel. ²²Vocês deverão repartir a terra como herança entre vocês e entre os imigrantes que residem no meio de vocês e que tiverem gerado filhos no meio de vocês. Vocês deverão tratá-los como a

nativos da terra, como a israelitas. Eles receberão por sorteio a própria herança, junto com vocês, no meio das tribos de Israel. ²³Na tribo onde o imigrante estiver residindo, aí lhe darão a sua herança — oráculo do Senhor Javé.

48¹São estes os nomes das tribos. Dã receberá uma porção no extremo norte, em direção a Hetalon, junto à entrada de Emat e Haser-Enã, limitando com Damasco ao norte, bem junto de Emat, desde o limite oriental até o limite ocidental. ²Aser receberá uma porção junto ao território de Dã, desde o limite oriental até o limite ocidental. ³Neftali receberá uma porção junto ao território de Aser, desde o limite oriental até o limite ocidental. ⁴Manassés receberá uma porção junto ao território de Neftali, desde o limite oriental até o limite ocidental. ⁵Efraim receberá uma porção junto ao território de Manassés, desde o limite oriental até o limite ocidental. ⁶Rúben receberá uma porção junto ao território de Efraim, desde o limite oriental até o limite ocidental. ⁷Judá receberá uma porção junto ao território de Rúben, desde o limite oriental até o limite ocidental. ⁸Junto ao território de Judá, desde o limite oriental até o limite ocidental, ficará a porção que vocês separarão como reserva, tendo doze mil e quinhentos metros de largura e de comprimento, isto é, a mesma dimensão que as outras porções, desde o limite oriental até o limite ocidental. No meio dessa reserva ficará o santuário.

⁹A reserva que vocês separarão para Javé terá doze mil e quinhentos metros de comprimento por cinco mil metros de largura. ¹⁰A porção sagrada que pertencerá aos sacerdotes terá doze mil e quinhentos metros de extensão do lado norte, medirá cinco mil metros de largura para o oeste e cinco mil metros de largura para o lado leste; o seu comprimento do lado sul será de doze mil e quinhentos metros. No centro ficará o santuário de Javé. ¹¹Essa porção pertencerá aos sacerdotes consagrados dentre os filhos de Sadoc, os quais guardaram fielmente o meu ministério, não se desviando com os israelitas, como os levitas fizeram. ¹²A eles caberá uma parte da porção mais santa da terra, reservada junto ao território dos levitas. ¹³O território dos levitas terá exatamente a mesma medida que o território dos sacerdotes: doze mil e quinhentos metros de comprimento por cinco mil metros de largura; o comprimento total será de doze mil e quinhentos metros, e a largura terá cinco mil metros. ¹⁴Desse território, nada poderá ser vendido ou permutado, nem os primeiros frutos da terra poderão ser transferidos para outros, porque são consagrados para Javé. ¹⁵Quanto à sobra de dois mil e quinhentos metros de

largura, que resta dos doze mil e quinhentos metros, será uma porção profana que se destina à cidade, servindo para moradias e pastagens. No centro dessa porção, ficará a cidade. ¹⁶As dimensões da cidade são as seguintes: dois mil e duzentos e cinquenta metros de cada lado, ao norte, sul, leste e oeste. ¹⁷O pasto da cidade terá cento e vinte e cinco metros de cada lado, ao norte, sul, leste e oeste. ¹⁸Ao longo da parte sagrada, restará uma extensão de cinco mil metros para o oriente, e cinco mil metros para o ocidente, e o produto dessa extensão servirá para o sustento dos trabalhadores da cidade. ¹⁹Esse terreno será cultivado pelos trabalhadores da cidade, vindos de todas as tribos de Israel. ²⁰Ao todo, a parte reservada será um quadrado de doze mil e quinhentos metros. Da parte sagrada, separem um quadrado que pertencerá à cidade. ²¹Ao príncipe pertencerá o que restar de um lado e do outro da porção sagrada e da propriedade reservada para a cidade. Terá doze mil e quinhentos metros para o ocidente, até o limite ocidental, e doze mil e quinhentos metros para o oriente, até o limite oriental. Essa parte, paralela às demais, pertencerá ao príncipe. No seu centro, estarão a reserva sagrada e o santuário do Templo. ²²Assim, a porção do príncipe ficará entre a propriedade dos levitas e o terreno da cidade, que ficam no meio da porção pertencente ao príncipe, entre os limites de Judá e Benjamim.

²³Porções das demais tribos, desde o limite oriental até o limite ocidental. Benjamim terá uma porção. ²⁴Simeão receberá uma porção junto ao território de Benjamim, desde o limite oriental até o limite ocidental. ²⁵Issacar receberá uma porção junto ao território de Simeão, desde o limite oriental até o limite ocidental. ²⁶Zabulon receberá uma porção junto ao território de Issacar, desde o limite oriental até o limite ocidental. ²⁷Gad receberá uma porção junto ao território de Zabulon, desde o limite oriental até o limite ocidental. ²⁸Junto ao território de Gad, no extremo sul, a fronteira irá de Tamar até as águas de Meriba de Cades, seguindo a torrente até o mar Mediterrâneo. ²⁹Essa é a terra que vocês repartirão em herança para as tribos de Israel. E essas vão ser as suas porções — oráculo do Senhor Javé”. [47,13-48,29]

Cidade aberta para todos — ³⁰“As saídas da cidade são as seguintes: Do lado norte, meçam dois mil, duzentos e cinquenta metros. ³¹As portas da cidade terão o nome de cada tribo de Israel. Três portas ficarão ao norte: as portas de Rúben, Judá e Levi. ³²Do lado leste, a extensão será de dois mil, duzentos e cinquenta metros, com três portas: de José, Benjamim e Dã. ³³Do lado sul, meçam a

extensão de dois mil, duzentos e cinquenta metros, tendo três portas: de Simeão, Issacar e Zabulon. ³⁴Do lado oeste, a extensão será também de dois mil, duzentos e cinquenta metros, com três portas: de Gad, Aser e Neftali. ³⁵O contorno todo da cidade medirá, portanto, nove mil metros.

A partir desse dia, o nome da cidade será este: Javé está aí”. [48,30-35]

NOTAS

[1,1-3] A atividade de Ezequiel como profeta inicia, provavelmente, no ano 593 a.C., em pleno exílio da Babilônia, depois da primeira deportação (597 a.C.). O rio Cobar é um dos afluentes do Eufrates. Nessa região, grupos de israelitas se fixaram como colonos. Note-se que a profecia não se prende a uma região determinada: ela se manifesta onde haja pessoas voltadas para o projeto de Deus.

[4-28] A vocação profética sempre inicia com alguma experiência de Deus, profunda e inexprimível. Para exprimir a experiência que o levou à missão, Ezequiel usa o gênero literário da teofania (descrição da manifestação de Deus através de furacão, nuvens, tempestade, relâmpagos). É difícil, até mesmo impossível, reconstruir, ou sequer imaginar, o que ele descreve. O importante é perceber que Ezequiel, no exílio, tem a experiência do Deus vivo presente e pronto para agir. Todo o aparato da teofania é um modo de sugerir o mistério da presença e ação divina. O trono mostra que Deus é rei e juiz: ele é o Senhor que governa a história e realiza o julgamento de todos os povos. A reação humana é de total impotência (v. 28).

Não podemos ficar impressionados com o *modo* pelo qual um profeta descreve sua experiência de Deus. Todos somos chamados a exercer o profetismo, mas ninguém fique esperando aparições grandiosas para se sentir impelido. A ação de Deus se manifesta através de acontecimentos e situações: é no discernimento da realidade e no compromisso com o projeto de Deus que descobrimos sua presença, palavra e ação.

[2,1-3,15] A expressão *criatura humana* mostra que o homem é um quase nada diante de Deus, é incapaz de lhe ver a transcendência e ouvir a sua voz. É preciso que o espírito ou força de Deus o coloque de pé, pronto para realizar a missão. Esta consiste em anunciar claramente a palavra que Deus transmite de

modo misterioso.

A missão profética exige coragem, pois a palavra de Deus, que o profeta anuncia através de palavras humanas, poderá encontrar resistência, sofrer críticas e ser desacreditada. Não importa. Uma vez anunciada, cedo ou tarde a palavra será ocasião para a pessoa compreender a realidade e, talvez, mudar de vida.

[3,16-21] O profeta é porta-voz da justiça de Deus. Isso o torna, por obrigação, um conscientizador do povo. A justiça de Deus quer que todos tenham chance de perceber o erro e se converter para a vida. Calando, o profeta se torna conivente com a injustiça e sofre dela as mesmas consequências.

[22-27] Devido às oposições, a missão se torna difícil e, muitas vezes, o profeta fica impedido de agir. O importante é estar disponível e atento para discernir o momento certo de entrar em ação.

[4,1-3] Ação simbólica para indicar o cerco e a destruição de Jerusalém, no ano 586 a.C. Os exilados da primeira deportação (597 a.C.) não devem alimentar esperanças de voltar para a estrutura de sociedade que, no momento, ainda existe em Judá. Desse modo, Ezequiel mostra que a atenção não deve mais voltar-se para o passado, mas para a construção de algo radicalmente novo.

[4-8] Outra ação simbólica, aliás dolorosa para o profeta, pois representa o povo no exílio (Israel na Assíria, e Judá na Babilônia). A perspectiva, porém, é positiva: um dia o exílio vai terminar.

[9-17] Uma das mais graves consequências do cerco é a fome e a sede, com o racionamento que daí resulta. E o pior virá: com o exílio, cairá por terra a distinção entre puro e impuro, entre sagrado e profano, e isso abalará a identidade do povo, que se serve dessas referências para se considerar povo de Javé. Com este ato simbólico, Ezequiel mostra que o povo terá de criar novas formas para afirmar a própria identidade.

[5,1-17] Esta nova ação simbólica apresenta o destino de Jerusalém e de seus habitantes: destruída pelo fogo, cercada pelo inimigo, e seus habitantes espalhados em outros países. A nação chegará ao fim, através do fogo e da fome, da guerra e da peste. Por quê? Ora, porque o povo de Deus conhecia a justiça, e não a praticou; foi escolhido para a aliança, e não a viveu. Qualquer sociedade que não tenha como alicerce a prática da justiça, centro do projeto de Deus, é uma sociedade que se autodestrói e, ao mesmo tempo, atrai outros a multiplicarem a injustiça e opressão.

[6,1-14] Por causa da idolatria, toda a terra prometida será destruída, pois é pela idolatria que se torna manifesta a oposição ao projeto de Javé. O profeta critica tanto o culto aos deuses falsos que promovem a injustiça, como também o culto idolátrico a Javé, culto este que serve de máscara para ocultar um ateísmo prático.

[7,1-27] O profeta anuncia o julgamento, que não será ato arbitrário de Deus. Será apenas manifestação da verdade que as pessoas vivem e praticam. A salvação ou condenação serão consequências da vida que cada um tiver vivido.

Quando uma sociedade rejeita Deus e seu projeto, ela substitui ambos pelo ídolo da *riqueza* (ouro, prata). Esta, para ser acumulada, se serve infalivelmente do *projeto de injustiça*, que multiplica violências e crimes, explorando e oprimindo o povo. Tudo isso vem acobertado por belas palavras e sistemas complicados. Mas o julgamento colocará toda a verdade às claras, e o ídolo da riqueza se tornará testemunha de acusação e motivo de condenação.

O julgamento, porém, não se realiza apenas no fim do mundo. Já está presente na história em cada momento, quando Deus e seu projeto desmascaram e destroem os ídolos com seus projetos injustos.

[8,1-18] O Templo de Jerusalém era um sacramento da presença de Javé, o Deus que se aliou com o povo para realizar com ele o projeto de vida. As autoridades, para fazerem alianças e acordos com outras nações, profanaram o Templo de Javé, tornando-o lugar de culto a deuses estrangeiros, que tinham projetos diferentes e até contrários ao projeto de Javé. A função das autoridades é ajudar o povo a descobrir e concretizar na história o projeto de Deus. Quando elas fazem acordos e alianças com os poderosos, a fim de preservar estruturas e instituições caducas, e assim conservar seu próprio poder e prestígio, acabam transviando o povo e pervertendo completamente a própria função.

[9,1-11] A idolatria e a injustiça provocam a destruição irremediável. Mas, se o castigo é grande, não será total: somente os idólatras e injustos é que serão atingidos. O povo justo é preservado (a marca na testa é a letra T do alfabeto hebraico). Mais uma vez, o profeta mostra o que é a justiça de Deus: salvação ou condenação é consequência direta do que cada um é e faz. Todo sistema injusto, cedo ou tarde, acaba provocando a sua própria ruína e a de todos os que são coniventes com ele.

[10,1-22] O texto recorda o capítulo primeiro e é difícil de ser entendido nos

pormenores. No entanto, o profeta mostra claramente duas coisas: a ira de Javé (brasas) vai destruir Jerusalém, e o próprio Javé abandonará o Templo. Em outras palavras, Deus não é cúmplice de estruturas sociais injustas. Ele as abandona e a ruína da sociedade é causada pelos próprios vícios dela. De lugar escolhido para manifestar a presença de Deus, Jerusalém se torna lugar da sua ausência. Daí o desespero (falta de esperança), experimentado sempre que a sociedade não reconhece o Deus verdadeiro, recusando-se a concretizar historicamente o projeto dele. Para quem não é conivente com tal sociedade, só resta um caminho: projetar uma sociedade radicalmente nova, sem o esforço inútil de reformar o que já está comprometido.

[11,1-13] Os vv. 1-3 se referem aos que escaparam da primeira deportação (597 a.C.). Eles se consideram privilegiados por Deus e continuam a praticar a idolatria e a injustiça. O profeta os adverte: escapar de uma desgraça não é sinal de salvação, pois, a qualquer momento, eles poderão sofrer as consequências de sua prática injusta. Gozar de situação privilegiada não é sinal da aprovação de Deus para a vida que levamos; ao contrário, poderá transformar-se em desgraça maior, se não houver mudança de vida e uma prática de acordo com o projeto de Deus.

[14-21] Aos presunçosos moradores de Jerusalém que escaparam da primeira deportação (v. 15), o profeta responde: Javé prefere os exilados, porque no exílio eles passam por um processo de conversão. Javé realizará um novo êxodo e uma nova aliança, agora concretizada, numa profunda mudança interior (coração de carne), que é inspirada pelo próprio Deus (espírito novo). A condição é que os exilados tenham o coração íntegro, isto é, deixem a idolatria e sirvam somente a Javé, colocando em prática o projeto dele (estatutos e normas, apresentados no livro do Deuteronômio).

[22-25] Cf. nota em 10,1-22.

[12,1-20] Outra ação simbólica de advertência para o povo: o exílio é inevitável, mas não significa uma derrota de Javé; antes, é um ato que o revela a Israel e às nações para provocar conversão.

Os vv. 12-14 se referem a Sedecias (cf. 2Rs 25,3-7).

[21-28] Profeta é alguém que sabe analisar situações e discernir consequências desastrosas que determinados caminhos da sociedade podem acarretar. A palavra dele é aviso, é advertência, para que a sociedade possa reagir, evitando a catástrofe. Entretanto, as reações em geral são negativas: o povo se acomoda, os

poderosos e autoridades menosprezam e desacreditam a palavra do profeta, ou enganam o povo, dizendo que os problemas já estão sendo resolvidos. E dado que as pessoas, em geral, só tomam consciência no extremo limite, essas autoridades e poderosos procuram evitar, a todo custo, que o povo perceba a gravidade da situação.

[13,1-16] Os falsos profetas são aqueles que agem tendo em vista seus próprios interesses e não a defesa e o bem do povo. Para conseguir o que querem, eles não vacilam: além de não fazerem nada em favor do povo, ainda por cima, quando este toma alguma iniciativa para se defender, lá estão eles, em nome da “paz e ordem”, para desvirtuar, esvaziar, cooptar e até roubar os méritos das iniciativas populares.

[17-23] A palavra de Deus não exclui as mulheres. De fato, em Israel encontramos diversas profetisas e videntes: Maria, Débora, Hulda.

Levado pela insegurança, o povo vive em busca de alguém que em situações difíceis lhe possa dar orientação, conselho, discernimento. É quando os charlatões entram em cena: com muita esperteza, eles sabem tirar proveito disso, explorando sem escrúpulos a boa-fé e religiosidade do povo.

[14,1-11] A idolatria consiste em substituir o Deus vivo por ídolos ou falsos deuses. É absolutizar uma coisa relativa (dinheiro, poder, prestígio). O Deus vivo projeta a *justiça* que produz liberdade e vida para todos. Ao contrário, os ídolos são fruto de uma realidade distorcida, de um projeto de *injustiça* que produz vida e liberdade para poucos, enquanto a maioria fica reduzida à escravidão e à morte. O auge da idolatria é a perversão total da consciência (coração), tornada incapaz de perceber as consequências que a adoração dos ídolos provoca. Quando as coisas chegam a tal ponto, já não há mais remédio (consultar o profeta, por exemplo). Para quem perverteu totalmente a consciência, o único meio possível de recuperá-la é sofrer as consequências desastrosas da idolatria.

[12-23] Noé, Danel e Jó eram modelos de homens justos. O profeta Ezequiel mostra que nem mesmo esses justos conseguiriam salvar uma sociedade que abandonou o Deus vivo e se corrompeu com a injustiça provocada pelos ídolos. O realismo do profeta é terrível: se restarem alguns sobreviventes, isso não será devido a uma justiça que eles pudessem ter. Tais sobreviventes serão uma explicação viva de tudo aquilo que causou a ruína da sociedade.

[15,1-8] O valor da videira está unicamente na uva que ela produz. Essa planta

é símbolo do povo de Deus (cf. Is 5,1-7), chamado a dar frutos de justiça. Se ele não pratica a justiça, não serve para mais nada, pois a justiça é a carteira de identidade do povo de Deus.

[16,1-14] No capítulo 16, Ezequiel faz um retrato simbólico da história de Jerusalém. Nestes versículos, o profeta descreve a origem e apogeu da cidade: de humildes origens pagãs, Jerusalém se tornou, no tempo de Davi, a capital de todo o reino de Israel. Desse modo, Jerusalém é o símbolo concreto da aliança amorosa entre Deus e seu povo.

[15-34] Jerusalém é a esposa amada de Javé. Contudo, ela se torna adúltera e prostituta: abandona Javé e o projeto dele, para fazer aliança com outras nações e, conseqüentemente, seguir o projeto delas. Israel nasceu de um desejo: formar uma sociedade igualitária, onde todos pudessem usufruir a liberdade e a vida. No entanto, os governantes, sediados em Jerusalém, acabaram corrompendo essa vocação do povo. Eles buscaram apoio político de outras nações, para assegurar seu próprio poder e prestígio. Nesse intento, não vacilaram em pagar altos tributos e assimilar ideologias e costumes estrangeiros. O preço foi alto. E quem pagou foi o povo, que teve seus ideais traídos e corrompidos, sua liberdade roubada e sua vida explorada.

[35-43] A corrupção de Jerusalém chega ao máximo e atrai o julgamento, que consiste em mostrar a verdade dos fatos. Receber a sentença é arcar com as conseqüências que essa verdade acarreta. Jerusalém será destruída, porque a corrupção traz sempre consigo a ruína.

[44-58] Sodoma era o exemplo da corrupção total (cf. Gn 19). Samaria, a capital do Reino do Norte, foi destruída em 722 a.C., por causa da idolatria (cf. 2Rs 17,1-18). Pior do que elas é Jerusalém, a cidade escolhida para ser o centro vital de todo o povo. Em Jerusalém, a corrupção e idolatria chegaram a tal ponto que Sodoma e Samaria até parecem santas.

[59-63] Estes versículos são provavelmente um acréscimo posterior. Eles procuram introduzir um toque de esperança para a situação calamitosa antes descrita. A fidelidade de Javé à aliança é mais forte do que as infidelidades do seu povo. O perdão de Javé faz o povo reconhecer a própria infidelidade, para se converter e voltar à aliança.

[17,1-24] A fábula da águia (vv. 3-10) é uma espécie de adivinhação. Se os ouvintes não conseguem decifrar, quem propõe a história explica o que ela quer dizer. A explicação está nos vv. 12-21. O fato histórico pode ser conferido em

2Rs 24,10-17. O profeta mostra que um país pequeno não deve recorrer às grandes potências. Não seria posição de realismo político: estará sempre na iminência de ser massacrado por uma dessas potências. Ezequiel parece ter a mesma visão de Jeremias: a submissão à Babilônia é irreversível, e qualquer tentativa de se opor causará ruínas ainda mais profundas. Os vv. 22-24 trazem uma visão de esperança: Javé, Senhor da história, é quem fará o povo ressurgir.

[18,1-32] Ezequiel fala ao grupo dos exilados que está na Babilônia. Por que foram exilados? A ideia de moral grupal dizia que uma geração acaba pagando pelos erros de gerações anteriores. Nesse modo de pensar os exilados estariam fatalmente pagando pelo acúmulo de erros dos antepassados. O profeta, porém, vai contra essa concepção, e demonstra o seguinte: — Cada pessoa e cada geração é *responsável* por sua conduta, tanto em nível individual como coletivo. — Cada pessoa e geração tem a *possibilidade de se converter*, mudando completamente a orientação da própria vida.

Ezequiel não nega que uma geração possa sofrer consequências de atos da geração anterior. Embora a culpa seja das gerações anteriores, aquela que sofre as *consequências* deverá tomar posição e mudar o rumo dos acontecimentos.

[19,1-9] Em forma de lamentação, o poema retrata os últimos tempos da realeza em Judá. A leoa representa o povo, os filhotes são os reis. O primeiro leãozinho (vv. 3-4) é o rei Joacaz, deposto pelo Faraó Necao e levado para o Egito (cf. 2Rs 20,3-34). O segundo (vv. 5-9) é o rei Jeconias que, depois de reinar três meses, foi levado para a Babilônia (cf. 2Rs 24,8-17). A política temerária desses dois, servindo ao jogo das grandes potências, acabou produzindo a ruína de todo o povo.

[10-14] A videira é um símbolo clássico do povo de Israel. O motivo que levou esse povo a ter suas instituições arruinadas e a quase perder sua identidade foi a corrupção de seus dirigentes (cf. Is 5,1-7; Mc 12,1-12).

[20,1-44] Os exilados na Babilônia estão desprovidos de templo e culto. Os líderes vão consultar Ezequiel sobre a conveniência de construir aí um templo em honra de Javé. A resposta é negativa: os exilados não devem pensar na própria situação como definitiva, pois o lugar da aliança com Javé e do culto é a terra de Israel e o Templo em Jerusalém (v. 40). Na resposta, Ezequiel faz um longo retrospecto da história de Israel, na qual a tentação contínua foi de abandonar Javé para seguir os ídolos e praticar a injustiça (abominação). Por causa disso, aconteceu o exílio. Mas o profeta termina com uma nota de

esperança: quando Javé os libertar e repatriar, eles tomarão consciência dos próprios erros.

[21,1-37] Usando as imagens do fogo e da espada, Ezequiel descreve cruamente a invasão babilônica e o cerco de Jerusalém, motivados historicamente por Sedecias, que se revoltou contra Nabucodonosor, violando o pacto de vassalagem. A nação toda teve de pagar caro por essa imprudência política, pois o país foi destruído, e aconteceu uma nova deportação.

Ezequiel garante que o julgamento de Javé atinge tanto o justo como o injusto (vv. 8-9). Será que ele está negando o que já havia afirmado no capítulo 18? Aqui, mais uma vez, é necessário distinguir entre *culpa* e *consequência*: quando uma nação é arruinada pelo erro de seus dirigentes, todo o povo sofre as consequências, embora diretamente não tenha culpa. Isso deve levar o povo a refletir, para aprender da experiência histórica. Hoje, tal aprendizado é particularmente importante, principalmente quando o povo elege seus dirigentes.

[22,1-31] Jerusalém fora escolhida para ser a cidade-símbolo da aliança. Sendo moradia de Javé e centro de reunião para todo o povo, sua função era promover a vida, na fraternidade e na partilha. A cidade, porém, traiu essa missão: no lugar de Javé, colocou os ídolos, que produziram a morte e a injustiça, corrompendo todas as relações (roubo, violência, exploração dos pobres, opressão dos fracos, mentira, calúnia, decadência de costumes). Quem são os responsáveis? Exatamente aqueles que têm a função de ser os líderes do povo na descoberta e na realização do projeto de Deus. Traindo sua missão, por causa da cobiça do poder e riqueza, as autoridades se tornam fonte de corrupção e perversão para a sociedade. E tudo é mascarado pelos falsos profetas que, em vez de ajudar o povo a descobrir o caminho da vida, lhe tapam os olhos, a fim de que ele não enxergue o gigantesco sistema montado para sugar-lhe o sangue. E o pior crime desses falsos profetas é o de sacralizar um sistema perverso, justificando-o em nome de Deus (v. 28).

[23,1-49] Ezequiel traça um perfil histórico de Samaria e Jerusalém, respectivamente capitais do Reino do Norte (Israel) e do Reino do Sul (Judá). O profeta generaliza, mostrando que desde o princípio a história desses dois reinos foi marcada pela idolatria, aqui apresentada como infidelidade ou prostituição. De fato, Israel e Judá abandonaram o projeto de Javé para se submeterem ao fascínio das grandes potências. Estas, depois de terem sugado os dois reinos, acabaram por destruí-los. Os vv. 35-49 são provavelmente acréscimos

posteriores, que retomam temas já expostos antes nos vv. 1-34.

[24,1-14] O texto fala do cerco de Jerusalém, que iniciou em 5 de janeiro de 587 a.C. A comparação parte de um ditado popular desses tempos (cf. 11,3), que apresentava Jerusalém como cidade invencível e segura. O profeta, porém, mostra que tanto a cidade (panela) como seus habitantes (pedaços de carne) estão de tal maneira corrompidos (ferrugem), que nem mesmo um supremo esforço poderá salvar a situação: a cidade terá que sofrer as consequências destrutivas do seu próprio sistema corrupto. Com isso, Ezequiel mostra que, em certas situações, não adianta reformar. O novo poderá surgir somente através de transformações radicais.

[15-24] A própria vida do profeta se torna símbolo da vida do povo: a morte de sua esposa (encanto de seus olhos) mostra a destruição do Templo de Jerusalém. Não adianta ficar de luto e chorar. O que fazer então? É o momento de cair em si e assumir a própria culpa, a fim de reconhecer Javé e seu agir.

[25-27] Cf. 3,22-27 e 33,21-22. Ezequiel fica mudo durante seis meses, desde a morte da esposa até a chegada do fugitivo que anuncia a queda de Jerusalém. Esse mutismo é sinal do silêncio de Deus: não há nada mais a dizer sobre a cidade corrupta. Com o fim da mudez, começa uma nova fase de atividade: o profeta volta-se agora para a construção de um futuro novo e cheio de esperança (cf. Ez 40-48).

[25,1-7] Os amonitas viviam ao leste do Jordão e tomaram parte em pequenos complôs, que acabaram provocando a vingança de Nabucodonosor. Por ocasião do combate, eles abandonaram os israelitas e ainda se alegraram com a destruição de Judá.

[8-11] Situado ao leste do mar Morto, Moab gozava de segurança, mas não pôde resistir aos babilônios.

[12-14] Edom também gozava de posição geográfica privilegiada, e sempre manteve relação hostil contra os israelitas. O rancor dos edomitas chegou ao máximo por ocasião da queda de Jerusalém: eles cooperaram com o inimigo para a destruição da capital e do país irmão (cf. Abdias).

[15-17] Os filisteus habitavam no litoral sul e sempre foram grande ameaça para o povo de Israel.

[26,1-28,19] Ezequiel descreve demoradamente o destino de Tiro, porque esta capital da Fenícia é o melhor exemplo de uma grande potência, pelo ano 600

a.C. Tiro está situada numa ilha fortificada e praticamente invencível, posição que lhe garante o comércio marítimo e o acúmulo de grandes riquezas. O surgimento do império da Babilônia faz Tiro participar dos complôs que se levantam contra a nova potência, e ao mesmo tempo se alegrar com a queda dos aliados, que eram também seus concorrentes. A crítica central de Ezequiel se volta contra a auto-suficiência e egoísmo que caracterizam toda grande potência. João se inspirou nesses capítulos para descrever a queda do império romano (cf. Ap 18).

[26,1-21] O cerco de Tiro foi feito por Nabucodonosor em 585 a.C. Durou treze anos e levou Tiro a perder grande parte da supremacia. Ezequiel interpreta a situação como ruína da cidade, destino trágico que se torna lição para os reinos vizinhos (ilhas).

[27,1-36] Situada numa ilha, Tiro é comparada a um navio de luxo, que vive do comércio e termina em naufrágio. O capítulo é um documento crítico sobre a sociedade materialista e consumista que enriquece cada vez mais os poderosos.

[28,1-19] O julgamento contra o rei de Tiro mostra o caminho de perversão humana, que arruína a pessoa e a sociedade. O processo começa aplicando a *inteligência no comércio*. Este se perverte e se transforma em *esperteza*, que, através da *injustiça e desonestidade*, consegue o *lucro*, que nada mais é do que um *roubo*. Daí por diante, tudo rola como bola de neve: a acumulação do lucro se transforma em *capital*, isto é, em *riqueza* (soma total de todos os roubos). Nesse momento, começa outro processo: a riqueza compra o *poder*, e este multiplica a *violência e opressão*, levando as pessoas a se curvarem diante do poderoso e rico patrão que começa a considerar-se *onipotente* e, no auge da alienação, profere a blasfêmia: “Eu sou um deus”. As coisas, porém, não ficam assim: tudo o que se constrói sobre a mentira virá abaixo através da verdade, que mais cedo ou mais tarde se revela. Basta dizer a *palavra que desmascara* o perverso processo da riqueza e do poder, para atear o fogo que os destruirá (cf. 2Ts 2,1-12 e notas).

[20-23] Sidônia participou do complô que acabou arrastando Judá para a ruína (cf. Jr 27,3). Note-se que a glória de Deus é a manifestação da sua santidade, e esta consiste na prática da justiça.

[24-26] Terminando os oráculos contra as nações mais próximas, Ezequiel tem uma palavra de esperança para os israelitas: o povo se reunirá, reconstruirá sua pátria e poderá viver tranquilo e seguro. O Deus da aliança continuará em Israel.

[29,1-33,32] Diante do crescente poder babilônico, o Egito não seria capaz de exercer um poder duradouro na Palestina. Entretanto, os israelitas insistiram em buscar apoio no Egito contra a Babilônia. Estes oráculos irônicos, de-mitificando o antigo poder do Egito e de seus faraós, alerta Judá para se precaver contra alianças com um país já incapaz de fazer frente à potência babilônica.

[29,1-16] Crocodilo (= enorme dragão, v. 3) e caniço (v. 6) eram símbolos do Egito. Ezequiel ironiza a figura do Faraó e as suas alianças enganosas com Judá. O exílio e a restauração prometidos ao Egito aludem provavelmente a seu retorno às fronteiras originais, com a perda de sua importância no cenário internacional.

[17-21] Assim como não havia de fato conquistado Tiro, Nabucodonosor também não chegou a dominar o Egito. Estes oráculos contra as nações não devem ser interpretados ao pé da letra, mas numa visão geral do profeta: a mudança de poderes na área internacional exerce grande influência na sorte do povo de Deus.

Essas potências, à primeira vista, se apresentam como soberanas da história, mas na realidade são meros empregados de Deus que executam dialeticamente a justiça divina dentro da história. E nesse vaivém da história, onde as potências se digladiam, o povo oprimido vai adquirindo o discernimento e a coragem para dizer a sua palavra a cada momento, e encontrar o caminho da própria libertação.

[30,1-26] Enumerando as principais cidades do Egito, Ezequiel aponta o sentido que terá o dia do julgamento: destruindo o Egito, Babilônia estará realizando a justiça de Deus.

[31,1-18] O profeta compara toda a prosperidade do Egito a um cedro do Líbano, plantado entre as árvores do paraíso, isto é, entre as nações. Contudo, quando os grandes impérios caem, os pequenos ficam desorientados, como se o mundo inteiro estivesse desabando. Todavia, é a grande chance que Deus concede para que se comece, com as lições da história, a construir um projeto diferente de sociedade.

[32,1-16] O Faraó é descrito como crocodilo gigantesco, derrotado em combate de proporções mitológicas.

[17-32] Os oráculos contra o Egito terminam com esse canto fúnebre que acompanha o enterro do Faraó. Na mesma cova estão enterrados chefes do exército de outras nações que infundiam terror no mundo dos vivos. É uma

espécie de celebração monumental, que encerra uma etapa da história, dominada pelo poder que se serviu da violência para subjugar seres humanos.

[33,1-9] Ao iniciar uma nova etapa da sua atividade, Ezequiel recorda a missão do profeta. Cf. nota em 3,16-21.

[10-20] Cf. nota em 18,1-32.

[21-22] Cf. nota em 3,22-27 e 24,25-27. Com a notícia da destruição de Jerusalém, termina uma fase da atividade do profeta. Ele recupera a fala, porque vai começar uma nova etapa.

[23-29] Depois da queda de Jerusalém, aparecem várias tentativas de criar um futuro novo (cf. Jr 39-43). Contudo, para Ezequiel, a ruína é resultado da decadência, e já não há remédio: é inútil apelar para a descendência de Abraão. Agora, a saída para o futuro não está no patrimônio do passado, mas na conversão ao projeto de Deus.

[30-33] A função do profeta não é falar do que o povo gosta, mas ajudá-lo a discernir as situações, a partir do projeto de Deus, a fim de tomar posições consequentes, tarefa nem sempre muito agradável. Em geral, o profeta não é ouvido, e sua palavra só é reconhecida depois que tudo aconteceu.

[34,1-10] Na comparação do profeta, pastores são as autoridades políticas, e rebanho é o povo, que pertence exclusivamente a Deus. A função do pastor é cuidar do rebanho em todos os sentidos, principalmente defendê-lo diante dos lobos. O que acontece, porém? As autoridades políticas, em vez de cuidarem do povo, se preocupam exclusivamente com seus próprios interesses; em vez de servirem ao povo, elas o usam em proveito próprio; em vez de defenderem o rebanho, elas o entregam aos inimigos. Na visão do profeta, a ruína da nação é culpa exclusiva das autoridades que a governavam.

[11-16] Liberto das autoridades que dele abusam, o povo pode reconhecer que a verdadeira autoridade é o próprio Deus, que projeta liberdade e vida para todos. Desse modo, nasce um novo discernimento político: o povo aprende que só poderá construir uma sociedade justa e fraterna quando souber escolher governantes que façam do projeto de Javé o alicerce do seu próprio projeto.

[17-22] Para construir uma sociedade justa e fraterna, não basta eliminar governantes injustos e substituí-los por governantes justos. A justiça deve penetrar todas as relações sociais, eliminando a exploração e opressão do povo por uma classe privilegiada.

[23-31] Em meio à ruína de Jerusalém e no exílio, Ezequiel anuncia uma nova era de paz e prosperidade. Isso acontecerá quando houver uma autoridade política que realmente se coloque a serviço do povo, como fez o rei Davi (cf. Sl 72). João releu este capítulo e viu em Jesus a concretização do Deus pastor e do rei pastor que liberta a humanidade e a reúne em um só rebanho (Jo 10).

[35,1-15] Seir é uma cadeia de montanhas no território de Edom. Cf. nota em 25,12-14. Este oráculo foi colocado aqui para ressaltar o oráculo seguinte, que é promessa de salvação para Israel.

[36,1-38] Este capítulo é o coração da mensagem de Ezequiel. Seu país está destruído, uma parte da população no exílio e o restante reduzido à miséria em sua própria terra. Fim de tudo? Não! Ezequiel anuncia uma *nova aliança*. O Deus do êxodo vai renovar a libertação do seu povo e levá-lo até à construção de uma vida nova. No centro da ação de Deus está o dom de uma *nova consciência* (coração de carne) inspirada pelo próprio Deus (espírito novo), para que o povo compreenda o projeto dele e o coloque em prática. Cf. nota em 11,14-21.

A certeza de Ezequiel se baseia na honra e santidade de Javé. Empenhado numa aliança com o seu povo, Javé não pode voltar atrás: seria uma derrota em favor dos ídolos das nações. Libertando e reconstruindo a vida do seu povo, Javé comprova seu amor fiel, que gera liberdade e vida para todos aqueles que com ele se comprometem (cf. Sl 115).

[37,1-14] É um dos trechos mais conhecidos de Ezequiel. A palavra profética, tal como a palavra criadora (Gn 1), convoca o espírito para libertar e restaurar a vida do povo de Deus, que tinha sido dominado, destruído e exilado. À primeira vista, tudo parece morto e sem esperança. Essa morte, porém, só acontece de fato quando o povo se deixa alienar, conformando-se com uma visão fatalista, que o torna passivo diante de sua própria história. Contudo, tomando consciência de sua dignidade, o povo começa a se reunir e a se organizar. Ergue-se, então, como grande exército e se põe a lutar para construir nova sociedade e nova história.

[15-28] A divisão do povo (cf. 1Rs 12) sempre foi criticada, porque o deixava fraco e indefeso diante das grandes potências. Para construir uma história nova, é preciso que os grupos de uma nação sejam capazes de conviver na tensão, sem descambar para a divisão. É nesse conflito permanente que o povo aprende a discernir e a concretizar o projeto de Deus.

[38,1-39,22] Usando o estilo apocalíptico, Ezequiel lança o olhar para o futuro, mostrando a etapa final do projeto de Deus: a reunião de todos os povos junto com o seu povo (Gog é a personificação de todas as nações). Chamadas para a grande reunião, as nações interpretam mal esse convite, e só pensam em dominar o povo de Deus, que está desarmado e de portas abertas para receber a todos. Diante disso, Javé toma posição: defende o seu povo, colocando-se diante das nações que rejeitam o seu projeto de união e paz na partilha e fraternidade. Elas pretendem substituí-lo por um projeto egoísta, que gera divisão e guerra, exploração e opressão. O final da história será o grande confronto entre Deus e as nações, entre o projeto de amor de Deus e o projeto de ódio das nações. Esse confronto leva ao julgamento e condenação: as nações que recusam o projeto de Deus acabam se destruindo em luta fratricida (38,21). Ao povo de Deus cabe dar um fim às armas da violência e da dominação, transformando-as em fogo que aquece e ilumina o mundo novo. Cabe-lhe também enterrar definitivamente essa história de ganância e ódio, para que a terra seja purificada. Só então a humanidade estará pronta para construir o Templo, que abrigará a presença definitiva de Deus entre os homens (40-48).

[39,23-29] Estes versículos apresentam um resumo da mensagem de Ezequiel: a glória e santidade de Javé se manifestam primeiramente como justiça, apontando o pecado, mostrando as consequências e exigindo conversão. Ao mesmo tempo, manifestam a graça libertadora que restaura e consolida a vida.

[40-48] A ruína de Jerusalém e o exílio não são a palavra final de Javé. Pelo contrário, ele só espera que o seu povo se converta, para receber vida nova, radicalmente diferente da vida idólatra de antes.

Os capítulos 40 a 48 mostram essa vida como realização do projeto de Javé para todos aqueles que se comprometem com ele. Apoiado na fé, o profeta contempla essa vida futura, apresentada simbolicamente na forma de uma nova Jerusalém. Esta, na verdade, nada mais é do que um Templo para onde Javé retorna, a fim de viver no meio do seu povo e dar-lhe vida.

Ezequiel começa salientando que Javé abandona a sociedade corrupta, para não ser cúmplice dela (10,18-22). E o livro termina apresentando o retorno de Javé para o meio do seu povo, a fim de construir com ele a cidade da justiça e da vida: “A partir desse dia, o nome da cidade será: Javé está aí”.

Esta parte do livro serviu de inspiração para os capítulos finais do Apocalipse de João (cf. Ap 21,1-22,5 e notas).

[43,1-9] Deus tinha abandonado o Templo. Era uma saída que significava a ruptura entre Deus e a sua terra, que tinha se tornado idólatra e corrupta (cf. nota em 10,1-22). Após a purificação e renovação do povo, Deus retorna para o meio do seu povo. Não se trata, porém, de uma volta ao passado e às velhas instituições que tinham caducado e que, por isso, tinham sido destruídas. Começa agora um tempo novo e uma relação com Javé que levará à vida nova (cf. nota em 36,1-38). Os vv. 7-9 mostram que Javé é um Deus vivo que não aceita conviver com a morte.

[10-12] Os capítulos finais são uma catequese cultural. O povo deve reaprender o que é a santidade de Javé e como conviver com ela.

[47,1-12] A presença de Deus no Templo torna-se o centro da vida que se espalha por toda a terra, a fim de transformá-la em paraíso. Quando o povo se compromete com o projeto da vida, não só os bens naturais se multiplicam para serem repartidos entre todos, mas também o povo se revitaliza, abrindo-se para repartir sua própria vida em clima de fraternidade. João retoma esta passagem para mostrar que a história tende para a realização plena da vida de Deus, repartida entre todos os homens (cf. Ap 22,1-5 e nota).

[47,13-48,29] Javé recria o paraíso (47,1-12), que deve ser repartido entre todos. Essa partilha mostra que a vida de todos depende de uma condição: o triunfo da justiça sobre a ganância da posse.

[48,30-35] Cada tribo tem sua porta para entrar e sair, quando bem entender. Sinal de que a cidade de Javé é ao mesmo tempo a cidade de todo o povo. Termina o conflito cidade e campo, onde a cidade significava a riqueza que explora e o poder que oprime. Doravante, todos têm livre acesso à economia e à política que dirigem a vida da nação. No Apocalipse, João retoma o tema das portas, para mostrar que a cidade-Reino de Deus está aberta para toda a humanidade (cf. Ap 21,12-17 e nota).

DANIEL

O TRIUNFO DO REINO DE DEUS

Introdução

O livro de Daniel é um escrito apocalíptico. Surge no século II a.C., quando a comunidade está sendo perseguida e em crise. É a época em que o rei Antíoco IV quer acabar com a cultura, costumes e religião dos judeus, e por isso persegue quem não se sujeita aos padrões e costumes da cultura grega, que ele procura introduzir. A finalidade do livro é sustentar a esperança do povo fiel e, ao mesmo tempo, provocar a resistência contra os opressores. Para uma correta compreensão deste livro, é importante lê-lo junto com os livros dos Macabeus.

Na primeira parte (Dn 1-6), contam-se histórias passadas sob o domínio dos persas, mostrando como Daniel e seus companheiros resistiram aos poderosos do império e permaneceram fiéis à sua religião; assim foram salvos por Deus.

Na segunda parte (Dn 7-12), em linguagem figurada, própria da apocalíptica, o autor divide a história em etapas, mostrando o conflito entre as grandes potências. Ressalta que se aproxima a última etapa da história: o Reino de Deus está para ser implantado; por isso, é preciso ter ânimo e coragem para resistir ao opressor, permanecendo fiel. Nessa luta sem esmorecimentos, há uma profunda convicção de fé: o único poder é o de Deus, e só ele é o dono da história. Todos os outros poderes, por maiores que sejam, podem ser derrubados pela ação daqueles que acreditam ser Deus o único absoluto (Dn 2,31-47).

Este livro, dentro da apocalíptica, preocupa-se com o futuro, mas sua intenção é que no presente haja perseverança, fidelidade e resistência na preservação da própria identidade, sem alienação, apesar de todas as dificuldades. E mesmo para aqueles que morrem nessa luta, sabendo escolher o caminho da justiça, descortina-se a esperança maior: a ressurreição (Dn 12,1-3).

Os capítulos 13-14, assim como 3,24-90, são apêndices em grego acrescentados ao livro original. Aí, Daniel é apresentado como sábio precoce, com o dom do discernimento.

DANIEL

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14

DANIEL

I. NARRATIVAS PARA SUSTENTAR A FÉ

Manter a própria identidade [1-6]

1 ¹No terceiro ano do reinado de Joaquim em Judá, Nabucodonosor, rei da Babilônia, foi até Jerusalém e cercou a cidade. ²O Senhor entregou nas mãos dele Joaquim, rei de Judá, e parte dos objetos do Templo de Deus. Ele então levou tudo para a terra de Senaar e guardou os objetos na sala do tesouro do templo do seu deus.

³Depois o rei deu ordem a Asfenez, chefe dos eunucos, para escolher, entre os israelitas da família real ou de outras famílias importantes, ⁴alguns moços sem nenhum defeito físico, de boa aparência, instruídos em toda espécie de sabedoria, práticos em conhecimento, gente de ciência, capazes de servir na corte do rei; deu também ordem para que ensinasse a eles a literatura e a língua dos caldeus. ⁵O próprio rei marcou para eles uma ração diária da comida e do vinho da mesa real. Eles deveriam ser preparados durante três anos, e depois passariam a servir ao rei. ⁶Entre eles estavam Daniel, Ananias, Misael e Azarias, que eram judeus. ⁷O chefe dos eunucos deu-lhes outros nomes: Daniel passou a chamar-se Baltassar; Ananias, Sidrac; Misael, Misac; e Azarias, Abdênago.

⁸Daniel resolveu que não iria contaminar-se com as comidas e o vinho da mesa real. Pediu ao chefe dos eunucos permissão para não aceitar essas comidas. ⁹O Senhor fez com que Daniel ganhasse a simpatia do chefe dos eunucos. ¹⁰Este lhe disse: “Tenho medo do rei, o meu senhor, que determinou pessoalmente o que vocês devem comer e beber. Se ele perceber que os rostos de vocês estão mais pálidos que dos outros moços da mesma idade, vocês acabarão me fazendo culpado de um crime de morte aos olhos do rei”. ¹¹Daniel disse ao funcionário, a quem o chefe dos eunucos havia confiado Daniel, Ananias, Misael e Azarias: ¹²“Faça uma experiência conosco: durante dez dias vocês nos darão de comer só vegetais e só água para beber. ¹³Depois, você compara a nossa aparência com a dos outros moços que comem da mesa do rei. Então faça conosco o que achar melhor”. ¹⁴O funcionário aceitou a proposta e fez a experiência por dez dias. ¹⁵No final dos dez dias, estavam com boa aparência e corpo mais saudável que

todos os moços que comiam da mesa do rei. ¹⁶Então o funcionário tirou definitivamente a comida e o vinho da mesa dos moços e passou a dar-lhes somente vegetais. ¹⁷Aos quatro rapazes Deus concedeu o conhecimento e a compreensão de toda a literatura e também sabedoria. A Daniel especialmente, deu o dom de interpretar visões e sonhos.

¹⁸Terminado o tempo que o rei havia fixado para os rapazes serem apresentados, o chefe dos eunucos levou-os à presença de Nabucodonosor. ¹⁹O rei conversou com eles e não encontrou ninguém melhor do que Daniel, Ananias, Misael e Azarias. E a partir daí, eles ficaram servindo diretamente ao rei. ²⁰Por tudo o que procurou saber deles em termos de conhecimento e sabedoria, o rei achou que eram dez vezes mais capazes que todos os magos e adivinhos que havia no seu reino. ²¹Daniel ficou aí até o primeiro ano do reinado de Ciro. [\[1,1-21\]](#)

O reino de Deus e o império dos homens

2 *Prepotência do opressor* [2,1-49] — ¹No segundo ano do seu reinado, Nabucodonosor teve um sonho e ficou tão assustado que chegou a perder o sono. ²Mandou chamar os magos, astrólogos, agoureiros e adivinhos para interpretarem o sonho. Chegaram e foram colocados na sua presença. ³Então o rei lhes disse: “Tive um sonho que me assustou e quero saber o que ele significa”. ⁴Os adivinhos disseram ao rei: “Viva o rei para sempre! Conte o sonho para nós, e lhe daremos a explicação”. ⁵O rei respondeu aos adivinhos: “Esta é a minha decisão: se não me contarem o sonho que eu tive, nem me derem a interpretação dele, vocês serão feitos em pedaços e suas casas serão transformadas em ruínas. ⁶Porém, se me contarem qual foi o meu sonho e qual é a sua interpretação, vocês receberão de mim donativos, presentes e muitas homenagens. Digam qual foi o meu sonho e qual é a sua interpretação”. ⁷Os adivinhos disseram: “Majestade, conte o sonho para nós, e daremos a interpretação”. ⁸O rei respondeu: “Estou percebendo claramente que vocês querem ganhar tempo. Vocês sabem que dei uma ordem, ⁹e se não me contarem o meu sonho, terão todos a mesma sentença. Vocês combinaram falar mentira e tapear, esperando que a situação mude. Basta dizerem qual foi o meu sonho, e eu terei certeza de que serão capazes de interpretá-lo”. ¹⁰Os adivinhos disseram ao rei: “Não há ninguém no mundo que possa fazer o que o rei está pedindo. Nenhum rei, governador ou chefe jamais pediu uma coisa dessas a qualquer mago, astrólogo ou adivinho. ¹¹O que o rei exige é sobre-humano; somente os deuses, que não habitam com os mortais, podem dizer isso ao rei”. ¹²Por causa disso, o rei ficou furioso e mandou matar todos os sábios da Babilônia.

¹³Quando foi publicado o decreto que condenava à morte todos os sábios, procuraram Daniel e seus companheiros, a fim de executá-los também. ¹⁴Então Daniel falou com inteligência e bons modos a Arioc, o carrasco-chefe do rei, encarregado de matar todos os sábios da Babilônia. ¹⁵E lhe disse: “Por que um decreto tão rigoroso do rei?” Então Arioc contou o caso a Daniel. ¹⁶E Daniel mandou pedir ao rei que lhe fosse dado um prazo, a fim de que pudesse dar a interpretação do sonho. [1-16]

Deus dirige a história — ¹⁷Daniel voltou para casa e contou o fato aos companheiros Ananias, Misael e Azarias. ¹⁸Disse para pedirem ao Senhor do

céu a graça de desvendar o segredo, para não serem mortos com os outros sábios da Babilônia. ¹⁹Então o mistério foi revelado a Daniel numa visão noturna. E ele glorificou ao Deus do céu: ²⁰“Que o nome do Senhor seja louvado, desde agora e para sempre, pois a ele pertencem a sabedoria e o poder, ²¹Ele modifica os tempos e estações, depõe e entroniza os reis, dá sabedoria aos sábios e ciência aos inteligentes.

²²Ele revela os segredos mais profundos e sabe o que as trevas escondem, pois a luz mora com ele.

²³A ti, ó Deus de meus pais, eu louvo e celebro, porque me deste sabedoria e poder.

Tu me revelaste o que eu te pedi e me revelaste o caso do rei”. [17-23]

Deus vence os impérios — ²⁴Depois disso Daniel procurou Arioc, a quem o rei tinha encarregado de matar os sábios da Babilônia. Chegando a ele, disse-lhe: “Não precisa matar os sábios. Leve-me até o rei, e eu interpretarei o sonho que ele teve”.

²⁵Mais que depressa, Arioc levou Daniel até a presença do rei, dizendo-lhe: “Encontrei este moço entre os judeus aqui exilados e que é capaz de interpretar o sonho do rei”. ²⁶O rei perguntou a Daniel, cujo nome era Baltassar: “Você é mesmo capaz de me contar e interpretar o sonho que tive?” ²⁷Daniel respondeu ao rei: “Os sábios, astrólogos, magos e adivinhos não são capazes de desvendar o segredo que Vossa Majestade lhes propôs. ²⁸Mas há no céu um Deus que revela os segredos. Ele contou ao rei Nabucodonosor o que acontecerá nos últimos dias. Este é o sonho de Vossa Majestade, que viu quando estava deitado: ²⁹Vossa Majestade estava em sua cama e pensava naquilo que ia acontecer no futuro. Então, Aquele que revela os segredos lhe contou o que acontecerá. ³⁰Não é porque tenho maior sabedoria que outros homens que desvendo essa questão; é apenas para que eu possa dar a Vossa Majestade a explicação e interpretação das imagens que lhe povoaram a mente.

³¹Vossa Majestade teve uma visão: Era uma grande estátua, alta e muito brilhante. Ela estava bem à frente de Vossa Majestade e tinha aparência impressionante. ³²A cabeça da estátua era de ouro maciço, o peito e os braços eram de prata, a barriga e as coxas eram de bronze, ³³as canelas de ferro e os pés eram parte de ferro, parte de barro. ³⁴Vossa Majestade estava contemplando a estátua, quando, sem ninguém jogar, caiu uma pedra que veio bater exatamente

nos pés de ferro e barro da estátua, quebrando-os. ³⁵Ao mesmo tempo quebrou-se tudo o que era de ferro, de barro, de bronze, de prata e de ouro. Ficou tudo como se fosse palha no terreiro em final de colheita, palha que o vento carrega sem deixar sinal. Depois, a pedra que tinha atingido a estátua se transformou numa enorme montanha que cobriu o mundo inteiro. ³⁶O sonho foi esse. Agora vamos dar à Vossa Majestade a interpretação.

³⁷Vossa Majestade é o rei dos reis, a quem o Deus do céu concedeu o reino e o poder, o domínio e a glória. ³⁸Em todo o mundo habitado ele lhe entregou os seres humanos, as feras e as aves do céu, para que Vossa Majestade domine sobre tudo isso. Assim, Vossa Majestade é a cabeça de ouro. ³⁹Depois de Vossa Majestade, vai aparecer outro reino, menor que o seu; depois, um terceiro reino, o de bronze, que dominará sobre toda a terra. ⁴⁰O quarto reino será duro como o ferro, pois assim como o ferro esmaga e esmigalha tudo, assim também ele quebrará e esmigalhará todos os outros. ⁴¹Os pés e os dedos que Vossa Majestade viu, parte de ferro e parte de barro, significam um reino dividido. Ele tem a dureza do ferro, pois Vossa Majestade viu ferro misturado com uma parte feita de barro. ⁴²Os dedos dos pés, metade de ferro e metade de barro, significam um reino firme por um lado, mas fraco por outro. ⁴³O ferro que Vossa Majestade viu misturado com barro significa que as pessoas se juntarão por casamentos, mas não se ligarão umas com as outras, assim como o ferro não faz liga com o barro. ⁴⁴Durante este último reinado, o Deus do céu fará aparecer um reino que nunca será destruído. Será um reino que não passará para as mãos de outro povo, mas, ao contrário, humilhará e liquidará todos os outros reinos, enquanto ele mesmo continuará firme para sempre. ⁴⁵Esse reino é a pedra que rolou do monte sem ninguém tocá-la e esmigalhou o que era de barro, ferro, bronze, prata e ouro. O grande Deus mostrou ao rei o que acontecerá daqui para frente. O sonho tem sentido e a sua interpretação é digna de fé”.

⁴⁶Então o rei Nabucodonosor deitou-se com o rosto por terra na frente de Daniel, mandando oferecer-lhe sacrifícios e queimar-lhe incenso. ⁴⁷E o rei falou a Daniel: “De fato, o Deus de vocês é o Deus dos deuses, o Senhor dos reis; ele revela os mistérios, pois só você foi capaz de desvendar esse segredo”. ⁴⁸Em seguida, o rei promoveu Daniel: deu-lhe uma quantidade enorme de presentes e quis fazer dele o governador de todas as províncias da Babilônia e o chefe geral de todos os sábios do país. ⁴⁹Daniel, porém, pediu ao rei que nomeasse Sidrac, Misac e Abdênago para a administração das províncias, enquanto Daniel ficaria

servindo na ante-sala do rei. [\[24-49\]](#)

Resistência à idolatria [3,1-98]

3 *A resistência da fé* — ¹O rei Nabucodonosor mandou fazer uma estátua de ouro com trinta metros de altura por três metros de diâmetro; e colocou-a na planície de Dura, província da Babilônia. ²Depois, mandou reunir os governadores, ministros, prefeitos, conselheiros, tesoueiros, letrados, magistrados e autoridades das províncias para assistirem à inauguração da estátua que o rei Nabucodonosor havia erguido. ³Reuniram-se os governadores, ministros, prefeitos, conselheiros, tesoueiros, letrados, magistrados e autoridades das províncias para a inauguração da estátua construída pelo rei Nabucodonosor. Todos estavam de pé em frente à estátua. ⁴Então o porta-voz do rei gritou forte: “Esta é a mensagem para todos os povos, nações e línguas: ⁵quando ouvirem o som da corneta, flauta, cítara, harpa, saltério, gaita e outros instrumentos musicais, devem todos cair de joelhos para adorar a estátua de ouro erguida pelo rei Nabucodonosor. ⁶Quem não fizer isso, na mesma hora será jogado dentro da fornalha ardente”. ⁷Quando todo o mundo ouviu o som da corneta, flauta, cítara, harpa, saltério, gaita e outros instrumentos musicais, todos os povos, nações e línguas caíram de joelhos, adorando a estátua de ouro erguida pelo rei Nabucodonosor.

⁸Alguns caldeus foram denunciar os judeus. ⁹Procuraram o rei Nabucodonosor e disseram: “Viva o rei para sempre! ¹⁰Vossa Majestade decretou que todo indivíduo que ouvisse o som da corneta, flauta, cítara, harpa, saltério, gaita e outros instrumentos musicais, deveria imediatamente cair de joelhos, adorando a estátua de ouro. ¹¹E quem não se ajoelhasse para adorar, seria jogado na fornalha ardente. ¹²Pois bem! Alguns judeus que Vossa Majestade nomeou administradores das províncias da Babilônia — e são eles: Sidrac, Misac e Abdênago — não obedecem à ordem do rei. Eles não veneram os deuses nem adoram a estátua de ouro erguida por Vossa Majestade”.

¹³Nabucodonosor, com raiva e ódio, mandou buscar Sidrac, Misac e Abdênago. Eles chegaram à presença do rei; ¹⁴e este lhes perguntou: “Sidrac, Misac e Abdênago, é verdade que vocês não veneram os meus deuses nem adoram a estátua de ouro que eu ergui? ¹⁵Então, fiquem preparados, e quando ouvirem o som da corneta, flauta, cítara, harpa, saltério, gaita e outros instrumentos musicais, vocês cairão de joelhos para adorar a estátua de ouro que eu fiz. Se não adorarem, na mesma hora serão jogados na fornalha ardente; e quero ver qual é o

deus que livrará vocês de minha mão”. ¹⁶Sidrac, Misac e Abdênago responderam ao rei: “Não precisamos responder nada a essa ordem. ¹⁷Existe o nosso Deus, a quem adoramos, e que nos pode livrar da fornalha ardente, libertando-nos da mão de Vossa Majestade. ¹⁸Mesmo que isso não aconteça, fique Vossa Majestade sabendo que nós não adoraremos o seu deus, nem adoraremos a estátua de ouro construída por Vossa Majestade”. ¹⁹Nabucodonosor ficou tão furioso contra Sidrac, Misac e Abdênago que seu rosto empalideceu. Então mandou acender na fornalha um fogo sete vezes mais forte que o de costume, ²⁰e depois mandou que os soldados mais fortes do seu exército amarrassem Sidrac, Misac e Abdênago e os jogassem na fornalha ardente. ²¹Então os amarraram, vestidos com suas túnicas, calções, gorros e outras roupas, e os atiraram na fornalha ardente. ²²Como a ordem do rei era rigorosa e o fogo da fornalha era extremamente forte, aconteceu que as labaredas de fogo mataram aqueles que foram jogar aí Sidrac, Misac e Abdênago. ²³Os três rapazes, porém, foram cair, amarrados, dentro da fornalha ardente. [1-23]

O cântico de Azarias — ²⁴Sidrac, Misac e Abdênago ficaram passeando no meio das labaredas, cantando hinos a Deus e louvando o Senhor. ²⁵Azarias, de pé, soltando a voz no meio do fogo, rezou: ²⁶“Bendito sejas tu, Senhor, Deus de nossos pais, tu és digno de louvor e o teu nome é glorificado para sempre!

²⁷Porque tu és justo em tudo o que nos fizeste, e todas as tuas obras são verdadeiras; os teus caminhos são retos, e todos os teus julgamentos são justos.

²⁸Foi justa a sentença que decretaste, todo o sofrimento que mandaste para nós e para Jerusalém, a cidade santa dos nossos antepassados.

Pois é segundo a verdade e o direito que fizeste acontecer para nós todas essas coisas, por causa de nossos pecados.

²⁹Sim! Pecamos, cometendo um crime ao nos afastarmos de ti; sim, pecamos gravemente em tudo.

Não obedecemos aos teus mandamentos, ³⁰nem os observamos, nem agimos conforme nos ordenavas, para que tudo nos corresse bem.

³¹Por isso, o que nos fizeste acontecer, tudo o que tu mesmo nos fizeste, foi com julgamento justo que o fizeste.

³²Tu nos entregaste em mãos de nossos inimigos, a uma gente sem lei, aos piores dos ímpios, a um rei injusto, o mais malvado de toda a terra.

³³Nesta hora, não nos deixam nem abrir a boca; a decepção e a vergonha

chegaram sobre os teus servos e sobre os que te adoram.

³⁴ Não nos entregues para sempre, não rejeites a tua aliança, por causa do teu nome.

³⁵ Não retires de nós a tua misericórdia, por amor a Abraão, o teu amigo, por amor a Isaac, o teu servo, e a Israel, o teu santo.

³⁶ A eles tu falaste, prometendo que a descendência deles seria tão numerosa como as estrelas do céu e como a areia que existe à beira-mar.

³⁷ No entanto, Senhor, nós estamos diminuídos no meio de todas as nações; estamos hoje humilhados na terra inteira, por causa dos nossos pecados.

³⁸ Neste nosso tempo, não há chefe, profeta ou dirigente, nem holocausto, sacrifício, oferenda ou incenso; não existe lugar onde te oferecer os primeiros frutos e alcançar misericórdia.

³⁹ Mas, com alma despedaçada e espírito humilhado, sejamos aceitos como se viéssemos com holocaustos de carneiros, touros e milhares de gordos carneiros.

⁴⁰ Seja esse o sacrifício que te oferecemos, e, diante de ti, que ele seja completo, pois jamais haverá decepção para os que confiam em ti.

⁴¹ Mas agora nós vamos seguir-te de todo o coração; nós vamos temer-te e procurar a tua face.

⁴² Ah! Não nos deixes decepcionados, mas age conosco com toda a tua bondade e conforme a abundância de tua misericórdia.

⁴³ Liberta-nos, segundo as tuas maravilhas, e glorifica o teu nome, Senhor.

⁴⁴ Fiquem envergonhados aqueles que prejudicam os teus servos; que fiquem cobertos de vergonha, privados de todo o seu poder, e que a força deles seja esmagada.

⁴⁵ Fiquem eles sabendo, Senhor, que tu és o único Deus, glorioso sobre toda a terra”.

⁴⁶ Contudo, os funcionários do rei que tinham jogado os três jovens na fornalha não paravam de alimentar o fogo com óleo combustível, piche, estopa e gravetos, ⁴⁷ tanto que as labaredas subiam uns vinte e dois metros acima da fornalha, ⁴⁸ alcançando e queimando os caldeus que estavam por perto.

⁴⁹ O Anjo do Senhor, porém, desceu na fornalha para perto de Azarias e seus companheiros. Tocou para fora da fornalha as labaredas de fogo ⁵⁰ e formou no meio da fornalha um vento úmido refrescante. O fogo nem tocou neles, nem lhes causou sofrimento algum ou incômodo. [24-50]

Cântico dos três jovens — ⁵¹ Os três cantavam hinos, glorificavam e louvavam a Deus, a uma só voz, dentro da fornalha: ⁵² “Bendito és tu, Senhor, Deus de nossos pais; a ti, glória e louvor para sempre.

Bendito é o teu nome santo e glorioso; a ele, glória e louvor para sempre.

⁵³ *Bendito és tu em teu Templo santo e glorioso; a ti, glória e louvor para sempre.*

⁵⁴ *Bendito és tu no trono do teu reino; a ti, glória e louvor para sempre.*

⁵⁵ *Bendito és tu, que sondas os abismos, sentado sobre os querubins; a ti, glória e louvor para sempre.*

⁵⁶ *Bendito és tu, no firmamento do céu; a ti, glória e louvor para sempre.*

⁵⁷ *Bendigam o Senhor, todas as obras do Senhor; exaltem o Senhor com hinos para sempre.*

⁵⁸ *Anjos do Senhor, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁵⁹ *Céus, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁶⁰ *Águas todas acima do céu, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁶¹ *Todas as potências, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁶² *Sol e lua, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁶³ *Estrelas do céu, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁶⁴ *Chuva e orvalho, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁶⁵ *Ventos todos, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁶⁶ *Fogo e calor, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁶⁷ *Frio e ardor, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁶⁸ *Orvalhos e aguaceiros, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁶⁹ *Gelo e frio, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁷⁰ *Geada e neve, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁷¹ *Noites e dias, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁷² *Luz e trevas, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁷³ *Relâmpagos e nuvens, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁷⁴ *Terra, bendiga o Senhor; louve e exalte o Senhor para sempre.*

⁷⁵ *Montanhas e colinas, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁷⁶ *Tudo o que brota do chão, bendiga o Senhor; louve e exalte o Senhor para sempre.*

⁷⁷ *Fontes, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁷⁸ *Mares e rios, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁷⁹ *Baleias e peixes, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁸⁰ *Aves do céu, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁸¹ *Animais selvagens e domésticos, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁸² *Criaturas humanas, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁸³ *Israelitas, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁸⁴ *Sacerdotes do Senhor, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁸⁵ *Servos do Senhor, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁸⁶ *Espíritos e almas dos justos, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁸⁷ *Santos e humildes de coração, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

⁸⁸ *Ananias, Azarias e Misael, bendigam o Senhor; louvem e exaltem o Senhor para sempre.*

Porque ele nos tirou da mansão dos mortos e nos salvou do poder da morte; livrou-nos da chama da fornalha ardente e retirou-nos do meio do fogo.

⁸⁹ *Deem graças ao Senhor, porque ele é bom, porque a sua misericórdia é para sempre”.*

⁹⁰ *Todos os que adoram o Senhor, Deus dos deuses, bendigam o Senhor: louvem e deem graças ao Senhor, porque a sua misericórdia é para sempre”.* [51-90]

Reconhecer o único Deus — ⁹¹ Nabucodonosor ficou muito admirado. Levantou-se depressa e disse a seus ministros: “Não foram três os jovens que jogamos amarrados na fornalha?” Eles responderam ao rei: “Sem dúvida,

Majestade”. ⁹²Então ele disse: “Como é que estou vendo quatro jovens soltos e andando dentro da fornalha ardente, sem qualquer incômodo, e a aparência do quarto é de um filho de deuses?”

⁹³Nabucodonosor chegou à boca da fornalha ardente e disse: “Sidrac, Misac e Abdênago, servos do Deus altíssimo, saiam daí”. Imediatamente os três jovens saíram da fornalha. ⁹⁴Reuniram-se os governadores, ministros, prefeitos e conselheiros para ver os jovens. A fornalha não teve força nenhuma sobre os corpos deles, nem os cabelos de suas cabeças ficaram queimados, nem suas roupas sofreram coisa alguma e nem mesmo o cheiro da fumaça os atingiu.

⁹⁵Nabucodonosor disse então: “Bendito seja o Deus de Sidrac, Misac e Abdênago, que mandou o seu anjo libertar os seus servos que nele confiaram. Eles não fizeram caso do decreto do rei e entregaram o próprio corpo, pois não cultuam nem adoram nenhum outro deus que não seja o Deus deles. ⁹⁶Faço, pois, um decreto, mandando que qualquer povo, raça ou língua que disser uma blasfêmia contra o Deus de Sidrac, Misac e Abdênago, seja feito em pedaços e sua casa seja totalmente destruída, pois deus igual a este, capaz de salvar, não existe outro”. ⁹⁷E promoveu Sidrac, Misac e Abdênago a cargos públicos na província da Babilônia. [\[91-97\]](#)

A loucura do opressor

⁹⁸“O rei Nabucodonosor a todos os povos, nações e línguas que existem na terra: paz e prosperidade. ⁹⁹Tantos sinais e prodígios fez comigo o Deus altíssimo, que me pareceu bom publicá-los. ¹⁰⁰Como são grandiosos os seus sinais, quanta força em seus prodígios! O seu reino é eterno e o seu poder atravessa as gerações!

4¹Eu, Nabucodonosor, vivia tranquilo em minha casa, feliz em meu palácio. ²Então tive um sonho que me assustou; as imaginações que me vieram enquanto estava na cama e as visões que me passaram pela mente me perturbaram. ³Por isso, publiquei um decreto em que mandava trazer à minha presença todos os sábios da Babilônia, para que me dessem a interpretação do meu sonho. ⁴Vieram os magos, astrólogos, agoureiros e adivinhos. Eu lhes contei o meu sonho, mas eles não foram capazes de dar a interpretação. ⁵Então veio Daniel, chamado Baltassar em honra do meu deus. Ele tinha o espírito dos deuses santos. Contei-lhe, então, o meu sonho: ⁶Baltassar, chefe dos magos, eu sei que você possui o espírito dos deuses santos e que nenhum segredo é difícil para você. Escute a visão que tive num sonho e, depois, dê-me a interpretação dele. ⁷Na cama, estava eu observando as imagens que me vinham à cabeça, quando vi: havia uma árvore gigantesca bem no centro da terra. ⁸A árvore cresceu e ficou forte, e a sua copa chegou até o céu: podia ser vista até o extremo da terra. ⁹Sua folhagem era bonita e tinha frutos com fartura; nela havia alimentos para todos. À sua sombra se abrigavam as feras da terra e em seus galhos se aninhavam as aves do céu. Dela se alimentava todo ser vivo. ¹⁰Eu estava na cama, observando as imagens que se formavam em minha cabeça, quando apareceu um guardião sagrado, descendo do céu. ¹¹Com voz forte, ele gritou: ‘Derrubem a árvore, cortem os galhos, arranquem as folhas, e joguem fora seus frutos. Feras, fujam da sua sombra; pássaros, fujam dos seus galhos. ¹²Mas deixem no chão o toco com as raízes, com correntes de ferro e bronze, no meio da grama do campo. Que ele seja banhado pelo sereno do céu e que a erva do campo seja sua parte com as feras do campo. ¹³Perderá o instinto de homem e adquirirá instinto de fera. E ficará desse jeito sete anos. ¹⁴Esta é a sentença dos guardiães, é o que anunciam os santos, para que todo ser vivente reconheça que o Altíssimo domina sobre os reinos dos homens; ele concede o reino a quem ele

quiser e coloca no trono o mais humilde'. ¹⁵Esse foi o sonho que tive eu, o rei Nabucodonosor. Agora, você, Baltassar, vai dar-me a interpretação desse sonho. Nenhum sábio do meu reino foi capaz de me dar essa explicação, mas você pode, porque tem o espírito dos deuses santos”.

¹⁶Daniel, que tinha também o nome de Baltassar, ficou assustado e perturbado em seus pensamentos. O rei lhe disse: “Baltassar, não deixe que esse sonho ou seu significado assustem você”. Baltassar respondeu: “Meu senhor, que o sonho valha para os seus inimigos, que o seu significado seja para os seus adversários.

¹⁷Vossa Majestade viu uma árvore muito grande e forte; sua copa atingia o céu e podia ser vista do mundo inteiro; ¹⁸sua folhagem era bonita e tinha frutos abundantes para alimentar o mundo todo; à sombra dela viviam as feras do campo e nos seus galhos se aninhavam as aves do céu. ¹⁹Pois bem! Essa árvore é Vossa Majestade, tão grandioso e magnífico. O domínio de Vossa Majestade alcança até o céu e o seu império chega até os confins do mundo. ²⁰Vossa Majestade viu também um guardião sagrado, descendo do céu e dizendo: ‘Derrubem e destruam a árvore. Mas deixem no chão o toco com as raízes numa corrente de ferro e bronze, no meio da grama do campo. Que ele seja banhado pelo sereno do céu e que a erva do campo seja sua parte com as feras do campo. E ficará desse jeito sete anos’. ²¹Esta é a explicação, Majestade, e estes são os decretos do Altíssimo que atingem Vossa Majestade, meu senhor: ²²Vossa Majestade será tirado da companhia dos homens e irá morar com as feras do campo. Comerá capim com os bois e ficará molhado pelo sereno. E ficará assim por sete anos, até aprender que o Altíssimo domina sobre os reinos dos homens e dá o poder a quem ele quer. ²³Mandaram deixar o toco com as raízes, porque Vossa Majestade voltará a reinar quando reconhecer que Deus é soberano. ²⁴Agora lhe dou um conselho: pague seus pecados com obras de justiça e seus crimes socorrendo os pobres. Talvez assim a sua felicidade possa durar”.

²⁵Tudo isso aconteceu ao rei Nabucodonosor. ²⁶Doze meses depois, ele estava passeando no terraço do seu palácio em Babilônia. ²⁷Dizia: “Aí está a grande Babilônia que eu construí para moradia do rei, com o poder da minha autoridade e para esplendor da minha glória!” ²⁸Ele ainda estava falando, quando uma voz do céu lhe disse: “Rei Nabucodonosor, é com você que estou falando: você perderá o reino ²⁹e será tirado da companhia dos homens, viverá no meio das feras do campo, comerá capim como os bois, ficará molhado pelo sereno e assim viverá até reconhecer que o Altíssimo é quem domina sobre os reinos dos

homens e dá o poder a quem ele quer”. ³⁰Na mesma hora, essa palavra se cumpriu para Nabucodonosor: ele foi retirado da companhia das pessoas, passou a comer capim como boi e a viver no sereno. Seu cabelo ficou comprido como penas de águia e suas unhas cresceram como garras de aves de rapina.

³¹“Passado o tempo, eu, Nabucodonosor, levantei os olhos para o céu e recuperei a razão. Então passei a bendizer o Altíssimo, a louvar e glorificar Aquele que vive eternamente, dizendo: ‘Seu domínio é eterno e seu reino atravessa gerações. ³²Os habitantes do mundo para ele nada valem; ele trata como quer os astros do céu e os habitantes do mundo. Ninguém pode atentar contra ele ou pedir-lhe contas do que faz’. ³³Nessa hora, recuperei a razão e, para o esplendor da minha autoridade de rei, também voltaram minha glória e majestade. Meus conselheiros e ministros foram me procurar, e eu fui restabelecido na minha autoridade de rei, e o meu poder ficou ainda maior. ³⁴Agora, eu, Nabucodonosor, louvo, exalto e glorifico o Rei do céu, porque suas obras são justas e seus caminhos são retos, e a quem anda com soberba ele sabe rebaixar”. [3,98-4,34]

Discernir as situações

5¹O rei Baltazar fez um grande banquete para mil altos funcionários seus e ele se pôs a beber vinho na presença desses mil. ²Tocado pelo vinho, Baltazar mandou trazer os cálices de ouro e prata, que seu pai Nabucodonosor havia tirado do Templo de Jerusalém, para neles beberem o rei, os altos funcionários, suas mulheres e concubinas. ³Trouxeram os cálices de ouro tirados do Templo de Jerusalém; então o rei, os altos funcionários, mulheres e concubinas começaram a beber nesses cálices. ⁴Bebiam vinho e louvavam seus deuses de ouro, prata, bronze, ferro, madeira e pedra.

⁵De repente, surgiram dedos de mão humana riscando, por detrás do candelabro, na cal da parede do palácio do rei. O rei viu a mão rabiscando ⁶e mudou de cor; seus pensamentos se embaralharam, a espinha desconjuntou e os joelhos batiam um no outro. ⁷Aos gritos, ele chamou os astrólogos, magos e adivinhos, e disse aos sábios da Babilônia: “Quem conseguir decifrar esse escrito e dar a sua interpretação, vestirá o manto vermelho com o cordão de ouro no pescoço, e será a terceira autoridade do reino”. ⁸Chegaram todos os sábios da Babilônia, mas ninguém conseguia decifrar o escrito nem dar a sua interpretação. ⁹Com isso, o rei ficava cada vez mais desorientado e pálido, e os seus funcionários perdidos de susto.

¹⁰Foi então que a rainha, atraída pelos gritos do rei e funcionários, entrou na sala do banquete e disse: “Viva o rei para sempre! Não deixe embaralhar suas ideias, nem fique pálido desse jeito!” ¹¹Existe uma pessoa no seu reino que tem o espírito dos deuses santos: no tempo do rei seu pai, achavam que ele tinha uma luz e uma inteligência parecidas com a sabedoria dos deuses. Seu pai, o rei Nabucodonosor, fez dele o chefe dos magos, astrólogos, agoureiros e adivinhos. ¹²Pois bem! Já que esse Daniel, a quem o rei deu o nome de Baltassar, tem tanto espírito, conhecimento e luz para interpretar sonhos, decifrar enigmas e resolver problemas, seja ele convocado para que dê a interpretação disso”.

¹³Daniel foi levado à presença do rei, que lhe perguntou: “Então você é Daniel, um dos judeus exilados que meu pai trouxe de Judá?” ¹⁴O que se ouve falar é que você tem o espírito dos deuses, muita luz, muita inteligência e muita sabedoria. ¹⁵Compareceram à minha presença os sábios e astrólogos para decifram o escrito e dar a interpretação, mas eles não foram capazes de mostrar o significado de coisa nenhuma. ¹⁶Ouvi falar que você é capaz de interpretar e

resolver problemas. Se for capaz de decifrar o escrito e explicar o seu significado, vestirá o manto vermelho com o cordão de ouro no pescoço, e será a terceira autoridade no reino”.

¹⁷Daniel respondeu ao rei: “Fique com os seus presentes e dê para outros os seus prêmios. No entanto, eu vou decifrar o escrito e explicar o seu significado.

¹⁸O Deus Altíssimo deu império e poder, glória e honra ao seu pai Nabucodonosor. ¹⁹Por causa da grandeza que Deus lhe deu, todos os povos, nações e línguas temiam e tremiam diante dele, pois ele possuía poder sobre a

vida e a morte, exaltava e humilhava conforme queria. ²⁰Mas quando ficou com ideias de grandeza e espírito soberbo, tornando-se orgulhoso, foi derrubado do

seu trono real e perdeu a dignidade: ²¹foi afastado da companhia dos seres humanos e, com instinto de fera, passou a morar com burros selvagens e a se

alimentar de capim como os bois, enquanto o sereno banhava o seu corpo. Assim ficou até reconhecer que o Deus Altíssimo domina sobre os reinos dos homens e

dá o trono a quem ele quer. ²²Você, porém, Baltazar, filho dele, mesmo sabendo de tudo isso, não quis se humilhar. ²³Você se revoltou contra o Senhor do céu e

trouxe para cá os cálices do Templo, para que você, seus funcionários, mulheres e concubinas bebessem vinho neles, louvando deuses de prata, ouro, bronze,

ferro, madeira e pedra, deuses que não enxergam, não escutam, não entendem. Você não glorificou o Deus em cujas mãos está a sua vida e todo o seu caminho.

²⁴Por isso, Deus mandou essa mão escrever isso. ²⁵Eis o que está escrito: ‘Contado, pesado, dividido’.

²⁶A explicação é a seguinte: ‘Contado’: Deus contou os dias do seu reinado e já marcou o limite. ²⁷‘Pesado’: Deus pesou você na balança e faltou peso. ²⁸‘Dividido’: o seu reino será dividido e entregue aos

medos e persas”.

²⁹Baltazar mandou vestir Daniel com o manto vermelho e colocar-lhe o cordão de ouro no pescoço, proclamando-o terceira autoridade no reino. ³⁰Nessa mesma

noite, porém, Baltazar, rei dos caldeus, foi morto.

6¹E Dario, o medo, lhe sucedeu no trono, com a idade de sessenta e dois anos.
[5,1-6,1]

Justiça para governar

²Dario decidiu nomear, em todo o reino, cento e vinte sátrapas com autoridade.

³Acima deles havia três ministros, aos quais os governadores deviam prestar contas, para que o rei não fosse fraudado. Um dos três era Daniel. ⁴Contudo, Daniel estava tão acima dos outros ministros e governadores por causa do seu talento extraordinário, que o rei decidiu dar-lhe autoridade sobre todo o império.

⁵Então os ministros e governadores procuraram uma oportunidade para pegar Daniel em algum deslize nas coisas de interesse do império. Mas nada conseguiram encontrar de errado, pois ele era muito honesto, e nada conseguiram achar de incorreto. ⁶Reconheceram, então: “Não encontraremos coisa alguma em que pegar Daniel, a não ser em assunto da sua religião”.

⁷Então os ministros e governadores foram correndo dizer ao rei: “Viva o rei Dario para sempre! ⁸Todos os ministros, prefeitos, governadores, autoridades das províncias e conselheiros estão de acordo que Vossa Majestade determine e faça um decreto, segundo o qual toda pessoa que, no prazo de trinta dias, fizer alguma prece a outro deus ou homem que não seja Vossa Majestade, tal pessoa seja jogada na cova dos leões. ⁹Majestade, sancione essa lei, assinando este documento, para que ela não possa mais ser alterada ou revogada, de acordo com a legislação dos medos e dos persas”. ¹⁰E o rei Dario assinou o documento, sancionando a lei.

¹¹Ao saber que o rei tinha assinado o documento, Daniel foi para casa. No andar de cima havia uma janela que dava para o lado de Jerusalém. Três vezes por dia ele se ajoelhava ali para rezar e louvar o seu Deus, e assim fazia sempre.

¹²Aqueles homens correram até lá e pegaram Daniel rezando e fazendo preces ao seu Deus. ¹³Depois foram dizer ao rei: “Vossa Majestade não assinou um decreto, segundo o qual toda pessoa que, no prazo de trinta dias, fizer alguma prece a outro deus ou homem que não seja Vossa Majestade, tal pessoa será jogada na cova dos leões?” O rei respondeu: “A decisão é definitiva e não pode ser revogada, em conformidade com a legislação dos medos e dos persas”.

¹⁴Eles disseram ao rei: “Daniel, um dos exilados da Judeia, não deu importância ao decreto de Vossa Majestade, à lei que Vossa Majestade assinou, e continua fazendo suas orações três vezes ao dia”. ¹⁵Ao ouvir essa notícia, o rei sentiu-se mal e ficou preocupado com Daniel, querendo salvá-lo. Até o pôr do sol, ficou tentando livrá-lo. ¹⁶Aqueles homens foram procurar o rei e disseram: “Vossa

Majestade sabe que é lei entre os medos e persas que um decreto sancionado pelo rei não pode ser modificado”. ¹⁷Então o rei mandou trazer Daniel e jogá-lo na cova dos leões. E o rei disse a Daniel: “O seu Deus, a quem você adora, vai livrá-lo”.

¹⁸Levaram uma pedra para tampar a entrada da cova. Em seguida, o rei lacrou a pedra com a sua marca e a marca dos seus secretários, para que ninguém pudesse alterar nada em favor de Daniel. ¹⁹O rei voltou para o seu palácio e ficou em jejum aquela noite; não lhe levaram as mulheres e ele perdeu o sono.

²⁰No dia seguinte, ele se levantou bem cedo e foi depressa à cova dos leões. ²¹Ao chegar à cova onde estava Daniel, o rei, aflito, gritou: “Daniel, servo do Deus vivo, o seu Deus, a quem você sempre adora, foi capaz de livrá-lo dos leões?” ²²Daniel disse ao rei: “Viva o rei para sempre! ²³O meu Deus mandou o seu anjo para fechar a boca dos leões, e eles não me incomodaram, pois fui considerado inocente diante dele, como também nada fiz de errado contra Vossa Majestade”. ²⁴O rei ficou contentíssimo e mandou que tirassem Daniel da cova. Quando o tiraram, não encontraram nele nenhum arranhão, pois ele confiou no seu Deus. ²⁵Então o rei mandou trazer aqueles homens que tinham caluniado Daniel e mandou jogá-los na cova dos leões junto com os filhos e mulheres deles. Antes que chegassem ao fundo, os leões já os tinham agarrado e despedaçado.

²⁶Então o rei Dario escreveu a todos os povos, nações e línguas da terra: “Paz e prosperidade! ²⁷Estou promulgando o seguinte decreto: Por toda parte onde chega o poder da minha autoridade de rei, todos estão obrigados a temer e respeitar o Deus de Daniel, pois ele é o Deus vivo, que permanece para sempre; seu reino nunca será destruído e seu domínio não conhecerá fim. ²⁸Ele salva e liberta, faz sinais e prodígios no céu e na terra. Ele salvou Daniel das garras dos leões”. ²⁹Daniel teve muito sucesso, tanto no reinado de Dario, quanto no de Ciro, rei dos persas. [6,2-29]

II. TRIUNFO DO REINO DE DEUS

Os impérios e o reino

7 *A história e os impérios* — ¹No primeiro ano de Baltazar, rei da Babilônia, Daniel teve um sonho. Imediatamente escreveu as imagens que lhe povoaram a mente enquanto dormia. ²Daniel fez o seguinte relato: Durante a noite, tive esta visão: os quatro ventos reviravam o mar imenso. ³Quatro enormes feras surgiram do meio do mar, cada uma diferente da outra. ⁴A primeira parecia um leão com asas de águia. Eu estava olhando, quando lhe arrancaram as asas e as patas foram se erguendo do chão: ela ficou de pé como um homem, e deram-lhe um coração de gente. ⁵Depois apareceu uma segunda fera, que parecia um urso. Estava de pé de um lado só e tinha na boca três costelas entre os dentes. Disseram-lhe: “Vamos! Coma bastante carne”. ⁶Depois vi uma outra fera parecida com leopardo. Tinha no lombo quatro asas de ave e quatro cabeças. E lhe deram o poder.

⁷Em seguida, tive outra visão noturna: Vi uma quarta fera, que era medonha, terrível e muito forte. Tinha enormes dentes de ferro, com os quais comia e esmagava tudo, e calcava com os pés o que sobrava. Era diferente das outras feras, porque tinha dez chifres. ⁸Eu observava esses chifres, quando no meio deles apontou um outro chifre pequeno. Os três chifres que estavam mais perto deste foram arrancados para lhe ceder o lugar. Nesse chifre havia olhos humanos e uma boca que falava com arrogância. [7,1-8]

Deus dirige e julga a história — ⁹Eu continuava olhando: uns tronos foram instalados e um Ancião se assentou, vestido de veste branca como a neve, cabelos claros como a lã. O seu trono era como labaredas de fogo, com rodas de fogo em brasa. ¹⁰Um rio de fogo brotava da frente dele. Milhares e milhares o serviam e milhões estavam às suas ordens. Começou a sessão e os livros foram abertos.

¹¹Eu continuava olhando, atraído pelos insultos que aquele chifre gritava; vi que mataram a fera, fazendo-a em pedaços e jogando-a no fogo. ¹²Quanto às outras feras, o poder delas foi tirado, mas foi-lhes dado um prolongamento de vida até um tempo determinado.

¹³Em imagens noturnas, tive esta visão: entre as nuvens do céu vinha alguém

como um filho de homem. Chegou até perto do Ancião e foi levado à sua presença. ¹⁴Foi-lhe dado poder, glória e reino, e todos os povos, nações e línguas o serviram. O seu poder é um poder eterno, que nunca lhe será tirado. E o seu reino é tal que jamais será destruído. [9-14]

O povo de Deus triunfará — ¹⁵Eu, Daniel, me senti com o espírito perturbado dentro de mim. As visões de minha mente me deixaram apavorado. ¹⁶Cheguei perto de um dos presentes e lhe perguntei o que era tudo aquilo. Ele me respondeu, dando-me a explicação completa: ¹⁷“As quatro feras enormes são os quatro reinos que surgirão na terra, ¹⁸mas os santos do Altíssimo receberão o reino e o possuirão para sempre”.

¹⁹Depois eu quis saber o que significava a quarta fera, que era diferente das outras: medonha, com enormes dentes de ferro e unhas de bronze; que comia, esmagava e triturava todo o resto com os pés. ²⁰Quis saber também o que significavam os dez chifres que havia na sua cabeça, e aquele outro chifre que foi aparecendo e fazendo cair os três que lhe estavam mais perto, e que tinha olhos e uma boca que falava com arrogância e tinha uma envergadura maior que dos outros chifres. ²¹Observando, vi que esse chifre fazia guerra contra os santos e os derrotava, ²²até chegar o Ancião para fazer justiça aos santos do Altíssimo. E chegou a hora, quando os santos tomaram posse do reino. ²³Ele então me explicou: “Surgirá no mundo um quarto reino, que será diferente dos outros reinos. Ele devorará o mundo inteiro e, depois, pisará e esmagará. ²⁴Seus dez chifres são dez reis que surgirão nesse reino, e depois deles surgirá outro rei. Ele será diferente dos dez primeiros e derrubará do trono três reis. ²⁵Blasfemarà contra o Altíssimo e perseguirá seus santos; pretenderá modificar o calendário e a lei de Deus. Os fiéis serão entregues em suas mãos por três anos e meio. ²⁶O tribunal, porém, se instalará e retirará dele o poder e esse rei será destruído e aniquilado até o fim. ²⁷O reino, o império e a grandeza de todos os reinos que existem debaixo do céu serão entregues ao povo dos santos do Altíssimo. O seu reino será um reino eterno, e todos os impérios o servirão e lhe prestarão obediência”.

²⁸Aqui termina a história. Eu, Daniel, fiquei com os pensamentos embaralhados, empalideci e guardei tudo na memória. [15-28]

O opressor será destruído

8¹No terceiro ano do reinado de Baltazar, eu, Daniel, tive uma visão, depois daquela que já havia tido. ²Observando, vi que estava em Susa, capital da província de Elam. Eu estava olhando e vi que me encontrava junto ao rio Ulai. ³Levantei os olhos e vi junto ao rio, de pé, um carneiro. Tinha chifres altos, e um era mais alto que o outro, e esse mais alto foi o que apareceu por último. ⁴Notei que o carneiro dava chifradas para o poente, para o norte e para o sul. E nenhum animal lhe resistia. Ninguém escapava dele, pois fazia o que queria, e progredia sempre.

⁵Eu pensava nisso, quando apareceu um bode, vindo do poente, sobrevoando o mundo inteiro sem tocar o chão. O bode tinha um chifre bem visível entre os olhos. ⁶Ele veio na direção do carneiro de dois chifres, que eu tinha visto postado junto ao rio Ulai, e se atirou contra ele com toda a fúria. ⁷Eu vi que ele atacou o carneiro, agredindo-o furiosamente e quebrando-lhe os dois chifres. O carneiro não teve forças para resistir. Ele derrubou o carneiro no chão, pisou-lhe em cima e não houve quem livrasse o carneiro do seu poder. ⁸O bode progrediu muito mais ainda; porém no auge da sua grande força, o seu grande chifre se quebrou e, no lugar dele, brotaram quatro chifres, cada um voltado para um lado da terra. ⁹De um desses chifres nasceu um chifre pequeno, que depois cresceu muito na direção sul, para o nascer do sol e para o lado da nossa terra deliciosa. ¹⁰Cresceu até as alturas do exército do céu e derrubou no chão algumas estrelas desse exército e pisou em cima delas. ¹¹Até contra o Comandante do exército do céu ele quis se engrandecer, abolindo o sacrifício permanente e abalando as bases do santuário. ¹²Entregaram-lhe o exército e o sacrifício cotidiano e expiatório; ele jogou por terra a verdade; e tudo o que fez prosperou.

¹³Ouvi dois santos que conversavam. Um perguntava: “Quanto tempo vai durar a visão do sacrifício cotidiano e expiatório, do ídolo abominável, do santuário e do exército calcados aos pés?” ¹⁴O outro respondeu: “Vai durar duas mil e trezentas tardes e manhãs. Depois será feita justiça ao santuário”.

¹⁵Eu, Daniel, estava olhando e procurando entender a visão, quando de repente apareceu de pé diante de mim a figura de um homem. ¹⁶Então, vinda do rio Ulai, ouvi uma voz que gritava: “Gabriel, explica a visão para ele”. ¹⁷Ele se dirigiu para o lugar onde eu estava. Quando se aproximou, eu me assustei e caí de

bruços por terra. Ele disse: “Homem, entenda que a visão se refere ao tempo final”. ¹⁸Ele falava comigo e eu, desmaiado, continuava de bruços no chão. Tocou em mim e me fez ficar de pé como estava antes. ¹⁹Depois continuou: “Eu explicarei a você o que acontecerá no tempo final da ira, porque é do tempo final que se trata. ²⁰O carneiro de dois chifres que você viu é o reino dos medos e dos persas. ²¹O bode é o rei da Grécia, e o chifre enorme que tinha entre os olhos é o primeiro rei. ²²Quebrado este, os quatro chifres que cresceram no seu lugar são os quatro reis que substituirão o primeiro, mas não com o mesmo poder. ²³E, no final dos seus reinados, depois de se completarem os seus crimes, surgirá um rei ousado e esperto nas intrigas, ²⁴de força indomável, prodigiosamente destruidor e bem-sucedido em tudo o que faz. Destruirá poderosos e também o povo dos santos. ²⁵Com a sua astúcia, fará triunfar a fraude em suas ações. Ele se engrandecerá a seus próprios olhos, tranquilamente destruindo muita gente. Até contra o Chefe dos chefes ele se colocará; mas, sem ninguém fazer nada, ele será destruído. ²⁶A visão das tardes e manhãs é verdadeira; você, porém, guardará em segredo a visão, porque ela é coisa para daqui a muito tempo”.

²⁷Eu, Daniel, desmaiei e fiquei doente por alguns dias. Depois, levantei-me e continuei cuidando dos assuntos do rei. Ainda estava assustado com a visão e sem poder compreendê-la. [8,1-27]

Resistir até o fim

9¹No primeiro ano do reinado de Dario, filho de Xerxes, que era da linhagem dos medos e tinha sido colocado como rei dos caldeus, ²no primeiro ano do seu reinado, eu, Daniel, lia atentamente no livro das profecias de Jeremias o número dos anos que Jerusalém devia permanecer em ruínas: eram setenta anos. ³Voltei o meu olhar para o Senhor Deus, procurando fazer preces e súplicas com jejum, vestido de pano de saco e coberto de cinza. ⁴Então, fiz uma oração ao Senhor Deus, confessando e dizendo: “Ah! Senhor, Deus imenso e terrível, cumpridor da aliança e do amor para com os que te amam e observam os teus mandamentos! ⁵Pecamos, praticamos crimes e impiedades, fomos rebeldes e nos desviamos dos teus mandamentos e das tuas sentenças. ⁶Não quisemos escutar os profetas, teus servos, que em teu nome falavam aos nossos reis e autoridades, aos nossos pais e a todos os cidadãos. ⁷Senhor, do teu lado está a justiça, e para nós fica a vergonha que hoje estamos passando, tanto o cidadão de Judá como o habitante de Jerusalém, e todo o Israel: tanto os que estão perto, quanto os que estão longe, por todos os países por onde tu os espalhaste, por causa dos crimes que praticaram contra ti. ⁸Sim, ó Javé, para nós, para nossos reis, nossas autoridades e nossos pais, só fica a vergonha que estamos passando, pois pecamos contra ti.

⁹Com o Senhor nosso Deus está a misericórdia e o perdão, porque nos revoltamos contra ele. ¹⁰Não obedecemos a Javé nosso Deus, para andarmos de acordo com as leis que ele nos deu por meio dos profetas, seus servos. ¹¹Todo o Israel desrespeitou a tua lei e se afastou para não te obedecer. Então caíram sobre nós as maldições e ameaças que estão escritas na lei de Moisés, servo de Deus, pois pecamos contra o Senhor. ¹²Ele cumpriu as ameaças que tinha feito contra nós e nossos governantes, mandando sobre Jerusalém uma calamidade como jamais aconteceu debaixo do céu. ¹³Toda essa desgraça nos veio tal qual está escrita na lei de Moisés, mas nós não procuramos agradar a Javé nosso Deus, arrependendo-nos de nossos pecados e levando a sério a sua fidelidade. ¹⁴Javé se encarregou dessa desgraça e fez que ela chegasse até nós, pois Javé nosso Deus nos trata com justiça, porque não lhe obedecemos.

¹⁵Agora, Senhor nosso Deus, tu que tiraste o teu povo da terra do Egito com mão forte, criando para ti essa fama que dura até hoje, nós pecamos e praticamos a impiedade. ¹⁶Senhor, conforme a tua justiça, afasta de Jerusalém, a tua cidade,

e do teu santo monte, a ira e a cólera. Por causa dos nossos erros, por causa dos pecados de nossos antepassados, Jerusalém e o teu povo são desprezados pelos povos vizinhos. ¹⁷ Agora, Deus nosso, ouve a oração e as súplicas do teu servo e, por causa da tua honra, faz brilhar a tua face sobre o teu Templo destruído. ¹⁸ Meu Deus, inclina teu ouvido e escuta-me; abre os olhos e vê a desolação e olha para a cidade sobre a qual foi invocado o teu nome, porque não é confiando em nossa justiça que te pedimos misericórdia, mas sim na tua imensa compaixão. ¹⁹ Ouve, Senhor! Perdoa, Senhor! Atende, Senhor! E começa a agir sem demora, por causa da tua honra, meu Deus, pois o teu nome foi invocado sobre esta cidade e sobre o teu povo”.

²⁰ Eu ainda falava, fazendo a minha prece, confessando o meu pecado e do meu povo Israel; eu estava apresentando minha súplica a Javé meu Deus em favor do seu monte santo; ²¹ eu ainda estava fazendo a minha súplica, quando Gabriel, o homem que eu tinha visto no começo da visão, veio voando rápido para perto de mim. Era a hora em que se faz a oferta da tarde. ²² Ele chegou e falou comigo: “Daniel, eu vim dar-lhe uma explicação. ²³ Quando você começou a sua súplica, foi pronunciada uma sentença e eu vim lhe contar, porque você é querido. Preste atenção na mensagem e compreenda a visão: ²⁴ setenta semanas foram determinadas para o seu povo e sua cidade santa, para fazer cessar a transgressão, selar o pecado, expiar o crime, para trazer uma justiça perene, até se realizarem a visão e a profecia e ser ungido o lugar santíssimo. ²⁵ Fique sabendo: desde que foi decretada a volta e a reconstrução de Jerusalém, até o príncipe ungido, sete semanas se passarão. Em sessenta e duas semanas, praças e muralhas serão reconstruídas, mas em tempos difíceis. ²⁶ Depois das sessenta e duas semanas, o ungido inocente será eliminado, e a cidade e o Templo serão destruídos por um príncipe que virá. Seu fim será no cataclismo e, até o fim, estão decretadas guerra e destruição. ²⁷ Com muitos ele fará uma aliança que durará uma semana e, durante meia semana, fará cessar ofertas e sacrifícios. Colocará sobre a nave do Templo o ídolo abominável, até que chegue para o destruidor o fim decretado”. [9,1-27]

Libertação do povo de Deus

10 *A aparição do anjo* — ¹No terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia, certa mensagem foi revelada a Daniel, que era chamado de Baltassar. Era mensagem autêntica e falava de uma grande luta. Ele compreendeu a mensagem, graças à visão.

²Nessa ocasião, eu, Daniel, fiquei de luto por três semanas. ³Não comi nada que tivesse algum sabor, nem carne e nem vinho entraram em minha boca, nem usei tipo algum de perfume durante três semanas completas. ⁴No vigésimo quarto dia do primeiro mês do ano, eu estava à beira do grande rio, o Tigre, ⁵quando, de repente, levantei os olhos e vi: era um homem vestido de linho e tendo na cintura um cinturão de ouro puro; ⁶o seu corpo era como pedra preciosa e o seu rosto como relâmpago; seus olhos eram como lâmpadas acesas, e seus braços e pernas tinham o brilho do bronze polido; sua voz parecia o clamor de grande multidão.

⁷Só eu, Daniel, vi a aparição. Os outros que estavam comigo não viram nada; mesmo assim, caiu sobre eles um medo tão grande que fugiram para se esconder. ⁸Fiquei sozinho. Ao ver essa magnífica aparição, me senti desfalecer, meu rosto empalideceu e eu não conseguia me controlar. ⁹Ouvi o som de palavras e, ao ouvi-lo, caí sem sentidos com o rosto por terra. ¹⁰A mão de alguém me tocou e sacudiu, fazendo-me ficar de joelhos, com a palma das mãos no chão. ¹¹Ele me disse: “Daniel, homem querido, entenda a mensagem que vou lhe transmitir. Fique de pé, pois Deus me mandou a você”. Ele falou e eu me levantei tremendo. ¹²Ele continuou: “Daniel, não tenha medo, pois desde o primeiro dia em que você começou a meditar para entender e se humilhou diante de Deus, as suas palavras foram ouvidas, e é por causa delas que eu vim. ¹³Durante vinte e um dias o príncipe dos reis da Pérsia me resistiu, porém Miguel, um dos príncipes supremos, veio em minha ajuda. Eu o deixei lá enfrentando os reis da Pérsia, ¹⁴e vim explicar a você o que acontecerá ao seu povo nos últimos dias, pois ainda existe para esses dias uma visão”.

¹⁵Enquanto ele falava essas coisas comigo, caí de bruços e fiquei sem fala. ¹⁶Alguém com aparência de um ser humano tocou meus lábios. Abri a boca e falei para aquele que estava à minha frente: “Meu senhor, a visão me fez retorcer de dor e não consegui me controlar. ¹⁷Como poderia falar o servo do meu

senhor, se minhas forças tinham sumido e eu tinha perdido até o fôlego?” ¹⁸De novo, alguém semelhante a um homem me tocou e me deu forças. ¹⁹Ele me disse: “Não tenha medo, homem querido. Tenha calma e seja forte”. Foi só ele falar comigo, e eu me senti mais forte. Então eu disse: “Fale então o meu senhor que me devolveu as forças”. ²⁰Ele disse: “Muito bem! Você sabe por que vim procurá-lo? Agora devo voltar para combater contra o príncipe da Pérsia. Quando eu terminar, o príncipe da Grécia chegará. ²¹Vou contar-lhe o que está escrito no livro da verdade. Ninguém me dá uma força na luta contra eles, a não **11** ser Miguel, o príncipe de vocês, ¹assim como eu estive ao lado dele, dando-lhe força e ajudando-o no primeiro ano do reinado de Dario. [10,1-11,1]

A perseguição de Israel — ²Agora eu vou lhe contar a verdade. Ainda surgirão três reis na Pérsia, mas o quarto rei que virá depois será o mais rico de todos e empregará toda a sua força e toda a sua riqueza contra os reis da Grécia. ³Depois aparecerá um rei guerreiro, que terá um grande império e poder absoluto. ⁴Logo, porém, que ele surgir, o seu império será dividido e repartido pelos quatro ventos da terra. Seus descendentes não herdarão o seu império, nem será tão poderoso; seu império cairá em mãos alheias.

⁵O rei do sul será forte, mas um dos seus generais ficará mais forte do que ele e terá um império maior que o dele. ⁶Depois de alguns anos, os dois farão aliança, e a filha do rei do sul se casará com o rei do norte, para confirmar acordos. Mas ela não será capaz de sustentar a própria força nem a do seu filho, e acabará derrotada com a sua comitiva, com o seu filho e com o marido que ia dar-lhe força. A seu tempo, porém, ⁷surgirá das mesmas raízes dela um broto que ficará no lugar do seu marido. Ele irá com o exército até o esconderijo do rei do norte, e aí vai tratá-lo com dureza. ⁸Até os deuses deles, suas estátuas com seus objetos preciosos de ouro e prata, ele os levará como troféu para o Egito. Depois, por alguns anos, deixará em paz o rei do norte. ⁹Este tentará invadir o reino do rei do sul, mas será obrigado a voltar para a sua terra.

¹⁰Contudo os filhos do rei do norte vão se armar, reunindo grande e forte exército, e um deles avançará, passando como enchente; e voltará a lutar contra o rei do sul na própria fortaleza deste. ¹¹E despeitado, o rei do sul sairá para lutar contra ele. O rei do norte procurará resistir com numeroso exército, mas toda essa multidão cairá em poder do rei do sul. ¹²Depois de dominar tanta gente, ele

ficará com ideias de grandeza. Mas, apesar de vencer tanta gente, ele ficará sem forças.

¹³O rei do norte montará outro exército mais numeroso ainda, e no final de algum tempo, alguns anos, ele virá com imenso poderio e muitos recursos.

¹⁴Durante esse tempo, muitos estarão querendo enfrentar o rei do sul, até mesmo alguns indivíduos mais violentos do povo de vocês. Vão querer revoltar-se, pensando estar cumprindo a profecia, mas fracassarão. ¹⁵Então virá o rei do norte, fará um aterro e tomará a cidade cercada de muralhas. As forças do sul não poderão resistir, nem a tropa de elite; para resistir faltarão forças. ¹⁶Depois da invasão, o rei do norte fará o que bem quiser e ninguém será capaz de opor-lhe resistência. Ele se estabelecerá em nossa terra deliciosa, e esta será completamente sua. ¹⁷O rei do norte terá em mente conquistar todo o reino do sul. Fará um acordo com o rei do sul e, para tentar arruiná-lo, lhe dará sua filha em casamento. Mas o projeto não terá êxito. ¹⁸Ele se voltará, então, contra as cidades do litoral e conquistará muitas delas. Contudo, um chefe dará fim à sua arrogância, sem que ele seja capaz de retrucar. ¹⁹Então ele se voltará para o lado das fortalezas do seu próprio país, mas tropeçará e desaparecerá. ²⁰No seu lugar surgirá outro rei, que vai mandar um cobrador para requisitar o tesouro do Templo. Mas, depois de alguns dias, ele será derrotado sem ira e sem guerra.

²¹Em seu lugar, sucederá um miserável, a quem não se dariam as honras da realeza. Mas ele virá sorrateiramente e, com intrigas, tomará o poder. ²²Varrerá exércitos inimigos, aniquilando-os, e vencendo também o príncipe da Aliança. ²³Embora dispondo de pouca gente, com seus cúmplices e à força de traições, pouco a pouco se tornará forte. ²⁴Sorrateiramente entrará nas regiões mais férteis da província, fazendo o que nem seus pais nem seus avós fizeram: entre seus amigos repartirá os saques, despojos e riquezas e, com tramas, atacará as fortalezas. Mas isso vai durar pouco tempo. ²⁵Em seguida, contando com grande exército, ele atacará o rei do sul. Este se aprontará para a guerra com exército muito grande e muito forte, mas não poderá resistir, porque cairá vítima de conspirações: ²⁶os mais íntimos, que comem com ele, é que o derrotarão. O seu exército será arrasado, e muitos morrerão. ²⁷Os dois reis, com o pensamento voltado para a prática do mal, se assentarão à mesa para falar mentiras; no entanto, não vão conseguir nada, porque o fim vai esperá-los no prazo marcado. ²⁸Depois o rei do norte voltará para a sua terra com muitas riquezas. O seu pensamento estará voltado contra a santa Aliança. Depois de fazer o que

planejava, ele retornará para a sua terra.

²⁹No prazo marcado ele invadirá novamente o sul, mas desta vez não será como da primeira. ³⁰Os navios de Cetim lhe virão contra, e ele ficará com medo e voltará atrás para descarregar sua cólera contra a santa Aliança. Ele favorecerá os que abandonaram a santa Aliança. ³¹As tropas enviadas por ele se porão em guerra e profanarão o santuário da fortaleza. Abolirão o sacrifício cotidiano e aí instalarão um ídolo abominável. ³²Com lisonjas, ele perverterá os que violam a Aliança, mas o povo dos que reconhecem o seu Deus agirá com firmeza. ³³Os mais conscientes entre o povo esclarecerão muita gente, mas acabarão mortos pela espada, nas fogueiras, castigados com a prisão e o confisco de seus bens, por um período bem longo. ³⁴Quando eles caírem na desgraça, poucos serão os que virão ajudá-los, e muitos se ajuntarão a eles por adulação. ³⁵A desgraça de algumas dessas pessoas esclarecidas servirá para purificar, lavar e alvejar, até que chegue o fim, pois o prazo está marcado.

³⁶Esse rei fará o que bem entender: ele se engrandecerá e se exaltará acima de todos os deuses, e dirá coisas arrogantes até mesmo contra o Deus dos deuses. Terá sucesso até a hora da vingança, porque o que está marcado se cumprirá. ³⁷Ele não respeitará o deus de seus pais, nem o deus favorito das mulheres, nem qualquer outro deus, pois se julgará superior a todos eles. ³⁸No lugar desses deuses, ele cultuará o deus das fortalezas. A esses deuses que seus pais não conheceram, ele oferecerá ouro, prata, pedras preciosas e joias. ³⁹Para reforçar suas fortalezas, estabelecerá o povo desse deus estrangeiro. A esses preferidos seus ele vai enriquecer muito, vai dar-lhes autoridade sobre muita gente e entre eles repartirá terras como recompensa. [11,2-39]

A vitória final [11,40-12,4] — ⁴⁰No tempo final, o rei do sul pretenderá lutar contra o rei do norte, mas o rei do norte se lançará contra ele com carros de guerra, cavalos e numerosos navios, invadindo suas terras como enchente. ⁴¹Invadirá também a nossa terra deliciosa, e muita gente vai morrer. Escaparão de suas mãos os edomitas, os moabitas e um resto dos amonitas. ⁴²Ele porá a mão em todos os países, e nem o Egito escapará dele. ⁴³Passará a ser dono das riquezas em ouro e prata e de tudo o que houver de mais valioso no Egito. Até os líbios e etíopes formarão a sua comitiva. ⁴⁴Contudo, notícias chegadas do oriente e do norte virão assustá-lo. Ele se porá em marcha, cheio de fúria e raiva, para matar e liquidar muita gente. ⁴⁵Armará as tendas da sua nobre residência entre o mar e

a deliciosa montanha santa. Então chegará o fim, e ninguém o defenderá.

12¹Nesse tempo se levantará Miguel, o grande príncipe que protege o povo ao qual você pertence: será uma hora de grandes apertos, tais como jamais houve, desde que as nações começaram a existir, até o tempo atual. Então o seu povo será salvo, todos os que estiverem inscritos no livro. ²Muitos que dormem no pó despertarão: uns para a vida eterna, outros para a vergonha e a infâmia eternas. ³Os sábios brilharão como brilha o firmamento, e os que ensinam a muitos a justiça brilharão para sempre como estrelas. ⁴Você, Daniel, guarde em segredo esta mensagem, lacre este livro até o tempo final. Muitos o examinarão, e o conhecimento deles aumentará”.

O tempo da perseguição — ⁵Eu, Daniel, vi também outros dois homens de pé, à beira do rio, um do lado de cá e o outro do lado de lá. ⁶Um deles disse ao homem vestido de linho que estava sobre as águas do rio: “Quando se realizarão essas coisas maravilhosas?” ⁷Ouvi o homem vestido de linho que estava sobre as águas do rio. Ele levantou as duas mãos e jurou por Aquele que vive eternamente: “Daqui a um ano e dois anos e meio. Quando acabar a opressão do povo santo, aí é que se realizará tudo isso”. ⁸Eu ouvi, mas não entendi. E perguntei: “Meu senhor, como é que tudo isso vai terminar?” ⁹Ele respondeu: “Vá, Daniel! Essa mensagem ficará guardada e lacrada até o tempo final. ¹⁰Muitos ainda serão separados, limpos e expurgados, enquanto os ímpios continuarão praticando a injustiça. Os ímpios não entenderão essas coisas, mas os sábios as compreenderão. ¹¹A partir do dia em que acabar o sacrifício cotidiano e for instalado no Templo o ídolo abominável, passarão mil, duzentos e noventa dias. ¹²Feliz quem souber esperar com perseverança, alcançando mil, trezentos e trinta e cinco dias. ¹³Quanto a você, vá em frente até que chegue o seu fim e repouse: você se levantará para receber a sua parte no final dos dias”.

[12,5-13]

III. APÊNDICES

A fiel Susana

13 *Deus não abandona os inocentes — ¹Havia um morador de Babilônia chamado Joaquim. ²Ele tinha casado com uma mulher de nome Susana, filha de Helcias, e que era muito bonita e muito religiosa. ³Os pais dela eram gente correta e tinham instruído a filha na lei de Moisés.*

⁴Joaquim era muito rico e tinha um grande jardim ao lado de sua casa. Os judeus costumavam se reunir aí, porque Joaquim era o mais respeitado de todos eles. ⁵Nesse ano, tinham sido nomeados dois juízes, chefes de família conselheiros do povo, aqueles de quem falou o Senhor: “A injustiça brotou na Babilônia, vinda dos velhos juízes que passam por guias do povo”. ⁶Eles frequentavam a casa de Joaquim e era aí que as pessoas iam procurá-los quando tinham alguma coisa para resolver.

⁷Sempre que o povo ia-se embora, por volta do meio-dia, acontecia que Susana saía para dar umas voltas no jardim do seu marido. ⁸Todos os dias, os dois senhores viam Susana sair e dar as suas voltas. Foi assim que começaram a cobiçá-la. ⁹Eles procuraram desviar o próprio pensamento para não olhar o céu nem se lembrarem de seus justos julgamentos. ¹⁰Os dois estavam totalmente apaixonados por ela, mas um não contava para o outro a sua paixão, ¹¹pois tinham vergonha de falar de seus próprios desejos, e o que eles queriam era manter relação sexual com ela. ¹²Todos os dias ficavam esperando ansiosamente a hora em que ela passeava. ¹³Um dia disseram um para o outro: “Vamos para casa, que já é hora do almoço”. Saíram e cada um foi para um lado. ¹⁴Mas, logo em seguida, deram meia-volta e chegaram de novo ao mesmo lugar. Então foram obrigados a falar um ao outro o motivo por que tinham voltado, e acabaram confessando a sua paixão. A partir daí, combinaram procurar juntos uma boa oportunidade para pegá-la sozinha.

¹⁵Os dois estavam esperando ocasião oportuna, quando um dia ela saiu só com duas empregadas, como nos outros dias, e teve vontade de tomar banho no jardim, porque estava fazendo calor. ¹⁶Não havia mais ninguém, a não ser os dois senhores que estavam escondidos, observando Susana. ¹⁷Ela disse às empregadas: “Tragam óleo e perfume e fechem as portas do jardim, que eu vou

tomar banho”. ¹⁸ Fazendo o que a patroa tinha dito, as empregadas fecharam os portões do jardim e saíram por uma porta lateral, a fim de irem buscar o que lhes tinha sido mandado, sem verem os dois senhores que estavam bem escondidos.

¹⁹ Foi só as empregadas saírem, e os dois senhores deixaram o esconderijo e foram ao encontro de Susana. ²⁰ E lhe disseram: “Olhe! Os portões do jardim estão fechados e ninguém está vendo a gente. Nós estamos desejando você. Concorde conosco, vamos manter relações. ²¹ Se não concordar, nós acusamos você, dizendo que um rapaz estava aqui com você e que por isso você mandou as empregadas saírem”. ²² Susana deu um suspiro e disse: “A coisa está complicada para mim de todos os lados: se eu fizer isso, estou condenada à morte; se não fizer, sei que não conseguirei escapar das mãos de vocês. ²³ Mas eu prefiro dizer ‘Não!’ e cair nas mãos de vocês; é melhor do que cometer um pecado contra Deus”. ²⁴ Em seguida, ela gritou bem forte, mas os dois senhores também gritaram, falando contra ela. ²⁵ Um dos dois correu e abriu os portões do jardim. ²⁶ O pessoal que estava dentro de casa, ao ouvir os gritos no jardim, entrou correndo pela porta lateral, para ver o que tinha acontecido com Susana. ²⁷ Então os dois senhores contaram a sua história. Os empregados ficaram envergonhados, porque nunca se tinha ouvido falar uma coisa dessas contra Susana.

²⁸ No outro dia, quando o povo se reuniu na casa de Joaquim, marido dela, os dois senhores chegaram com a cabeça cheia de planos malvados contra Susana, a fim de condená-la à morte. ²⁹ Na presença do povo, disseram: “Chamem Susana, a filha de Helcias, mulher de Joaquim”. Foram buscá-la. ³⁰ Ela chegou, e com ela chegaram também seus pais, seus filhos e todos os seus parentes. ³¹ Ela era mulher muito delicada e bonita. ³² Aqueles canalhas mandaram tirá-lhe o véu, pois Susana estava com o rosto coberto, só para poderem se inebriar com a beleza dela. ³³ Toda a sua família e todos os que a estavam vendo começaram a chorar. ³⁴ Os dois senhores se levantaram no meio do povo e puseram as mãos sobre a cabeça de Susana. ³⁵ Chorando, ela olhava para o céu, pois seu coração confiava no Senhor. ³⁶ Os dois senhores disseram: “Nós dois estávamos passeando a sós pelo jardim, quando chegou Susana acompanhada das duas empregadas. Logo depois, ela fechou os portões do jardim e mandou as empregadas embora. ³⁷ Então um rapaz foi ao seu encontro e se deitou com ela. ³⁸ Estávamos em outro canto do jardim e, ao ver essa imoralidade, corremos

para o lado deles. ³⁹ Vimos os dois agarrados um ao outro, mas não pudemos segurar o rapaz, que era mais forte do que nós. Ele conseguiu abrir o portão e fugir. ⁴⁰ Seguramos Susana e lhe perguntamos quem era o rapaz, ⁴¹ mas ela não quis contar. É esse o nosso depoimento”. A assembleia acreditou neles, porque eram anciãos e juizes do povo, e condenou Susana à morte. ⁴² Então Susana disse em alta voz: “Deus eterno, que conheces o que está escondido e tudo vês antes que aconteça, ⁴³ tu sabes muito bem que eles deram falso testemunho contra mim. Vou morrer, mas sem ter feito nada disso de que me acusam”.

⁴⁴ O Senhor atendeu o clamor dela: ⁴⁵ ao ser conduzida para a morte, o Senhor despertou o santo espírito de um jovem de nome Daniel. ⁴⁶ Ele gritou forte: “Eu não tenho nada a ver com a morte dessa mulher. Estou inocente”. ⁴⁷ Todo o povo se virou para ele. E lhe perguntaram: “O que é que você está dizendo?” ⁴⁸ De pé, no meio deles, Daniel disse: “Como vocês são idiotas, israelitas! Sem julgamento e sem uma ideia clara, vocês acabaram de condenar à morte uma israelita! ⁴⁹ Voltem para o tribunal, porque foi falso o testemunho desses homens contra ela”.

⁵⁰ Todo o povo voltou correndo. Os senhores do Conselho, chefes de família, disseram a Daniel: “Por favor! Sente-se aqui conosco para nos explicar melhor tudo isso, pois Deus já lhe deu maturidade”. ⁵¹ Daniel disse: “Afastem longe um do outro, que eu vou interrogá-los”. ⁵² Depois de terem separado um do outro, Daniel disse a um deles: “Homem envelhecido em anos e crimes, agora seus pecados vão aparecer, tudo o que você já praticava, ⁵³ quando dava sentenças injustas, condenando o inocente e deixando livre o culpado. O Senhor diz: ‘Cuidado para não condenar à morte o inocente e o justo’. ⁵⁴ Se você viu mesmo, diga-me: debaixo de que árvore viu os dois abraçados?” Ele respondeu: “Dabaixo de um lentisco”. ⁵⁵ Daniel disse: “Muito bem! Você já mentiu direto contra a sua própria cabeça. O anjo de Deus já recebeu ordem de arrebatá-lo ao meio”. ⁵⁶ Depois de mandá-lo embora, Daniel pediu para trazer o outro. E lhe disse: “Raça de Canaã, e não de Judá. A beleza da mulher fez você perder o rumo, a paixão embaralhou seu coração. ⁵⁷ Isso vocês faziam com as mulheres de Israel, e elas, com medo, se entregavam a vocês; mas esta filha de Judá resistiu à imoralidade de vocês. ⁵⁸ Diga-me: debaixo de que árvore você viu os dois abraçados?” Ele respondeu: “Dabaixo de um carvalho”. ⁵⁹ Daniel disse: “Você acaba de mentir direto contra a sua própria cabeça. Com a espada na mão, o anjo de Deus está esperando para cortá-lo ao meio e acabar com os

dois”.

⁶⁰Toda a assembleia começou a aclamar, dando louvores a Deus que salva os que nele confiam. ⁶¹Depois, todos se ergueram contra os dois velhos, pois de suas próprias bocas Daniel tinha provado que eles estavam mentindo. Fizeram com eles o que queriam fazer com Susana, ⁶²de acordo com a lei de Moisés. E foi assim que, nesse dia, eles condenaram os dois à morte e salvaram uma pessoa inocente.

⁶³Por causa de sua filha Susana, Helcias e sua mulher, juntamente com Joaquim, marido dela, e todos os parentes, puseram-se a louvar a Deus, pois nada de indecente encontraram nela. ⁶⁴E, desde esse dia, Daniel teve grande prestígio entre o povo. [13,1-64]

Bel e o dragão

14 *Os ídolos não têm vida* — ¹Quando o rei Astíages foi colocado no sepulcro da família, Ciro, o persa, lhe sucedeu no trono. ²Daniel era companheiro do rei e o mais íntimo de seus amigos.

³Os babilônios tinham um ídolo chamado Bel. Com ele, gastavam todos os dias doze sacas da melhor farinha de trigo, quarenta ovelhas e seis barricas de vinho. ⁴O rei adorava esse ídolo e todos os dias lhe prestava culto. Daniel, ao contrário, só adorava o seu próprio Deus. ⁵Um dia o rei lhe perguntou: “Por que você não presta culto a Bel?” Daniel respondeu: “Porque eu não adoro imagens fabricadas pelo homem, mas só ao Deus vivo que criou o céu e a terra e é Senhor de todo ser vivo”. ⁶O rei disse: “E você acha que Bel não é um deus vivo? Não vê quanta coisa ele come e bebe todos os dias?” ⁷Daniel sorriu e disse: “Não se deixe enganar, Majestade! Por dentro Bel é de barro e por fora é de bronze; ele jamais comeu ou bebeu coisa alguma”. ⁸Furioso, o rei mandou chamar os sacerdotes de Bel e lhes disse: “Se vocês não me disserem quem come toda essa comida, eu mato vocês. Se me provarem que é Bel quem come tudo isso, então Daniel morrerá, por ter dito uma blasfêmia contra o deus Bel”. ⁹Daniel disse ao rei: “Faremos o que Vossa Majestade diz”. Eram setenta os sacerdotes de Bel, sem contar as mulheres e crianças.

¹⁰O rei foi com Daniel ao templo de Bel. ¹¹Os sacerdotes de Bel disseram ao rei: “Nós nos retiramos para fora do templo e Vossa Majestade deposita aí a comida e o vinho, e depois fecha a porta do templo, lacrando-a com o carimbo do seu anel. No dia seguinte, se ao voltar ao templo Vossa Majestade não encontrar tudo devorado por Bel, estaremos prontos para morrer. Do contrário, Daniel é quem morrerá, por nos ter caluniado”. ¹²Eles estavam muito seguros, porque tinham feito uma entrada secreta por baixo da mesa, por onde eles entravam para comer os alimentos.

¹³Depois que eles saíram, o rei colocou os alimentos para o deus Bel. ¹⁴Daniel mandou seus empregados trazerem cinza e esparramá-la por todo o templo, à vista apenas do rei. Saíram, fecharam a porta, puseram o lacre com o carimbo do anel do rei e foram embora. ¹⁵À noite, como de costume, foram os sacerdotes com suas mulheres e crianças para comer e beber tudo.

¹⁶No outro dia, o rei e Daniel madrugaram à porta do templo. ¹⁷O rei perguntou a Daniel: “O lacre está intacto?” Daniel respondeu: “Está perfeito,

Majestade”. ¹⁸ Logo que abriram as portas, o rei olhou para a mesa e exclamou: “Tu és grande, Bel! Contigo não existe tapeação nenhuma”. ¹⁹ Daniel apenas sorriu e gritou para que o rei não entrasse. Disse-lhe: “Olhe para o chão e procure descobrir de quem são essas pegadas”. ²⁰ O rei disse: “Estou vendo pegadas de homens, mulheres e crianças!” ²¹ Irado, o rei mandou trazer presos os sacerdotes com as mulheres e crianças, e eles tiveram que mostrar-lhe a passagem secreta por onde entravam para comer o que estava à mesa. ²² Depois o rei mandou matá-los e entregou o ídolo a Daniel, que o destruiu junto com o seu templo.

Os ídolos morrem — ²³ Havia um dragão enorme adorado pelos babilônios. ²⁴ O rei disse a Daniel: “Você não vai me dizer que ele é de bronze; está vivo, come e bebe. Você não pode negar que é um deus vivo. Então, adore-o também”. ²⁵ Daniel respondeu: “Só adoro ao Senhor meu Deus, porque ele é o Deus vivo. Se Vossa Majestade permitir, eu mato este dragão sem espada e sem porrete”. ²⁶ O rei disse: “A licença está concedida”. ²⁷ Daniel pegou piche, sebo e crinas, cozinhou tudo junto, fez com aquilo uns bolos e jogou na boca do dragão. Ele engoliu aquilo e se arrebentou. Então Daniel disse: “Vejam o que vocês adoravam!”

²⁸ Quando os babilônios ouviram falar disso, ficaram muito indignados e revoltados contra o rei, e diziam: “O rei virou judeu! Quebrou Bel, matou o dragão e assassinou os sacerdotes”. ²⁹ E foram dizer ao rei: “Entregue-nos Daniel, senão nós matamos Vossa Majestade com toda a sua família”. ³⁰ O rei sentiu que a pressão era muita e, forçado, entregou-lhes Daniel.

³¹ Eles jogaram Daniel na cova dos leões, onde ficou seis dias. ³² Nessa cova havia sete leões e, todos os dias, jogavam para eles dois condenados e duas ovelhas. Nessa ocasião, não lhes deram nada, para que devorassem Daniel.

³³ Na Judeia vivia o profeta Habacuc. Ele fez um cozido, partiu uns pães numa gamela e ia saindo para a roça, a fim de levar essa comida para os trabalhadores. ³⁴ O anjo do Senhor disse a Habacuc: “Esse almoço que você tem aí leve para Daniel, lá na Babilônia, na cova dos leões”. ³⁵ Habacuc disse: “Meu senhor, eu nunca vi a Babilônia, nem conheço essa cova!” ³⁶ O anjo do Senhor pegou-o pelo alto da cabeça, carregou-o pelos cabelos e, com a rapidez do vento, colocou-o à beira da cova. ³⁷ Habacuc gritou: “Daniel, Daniel! Pegue o almoço que Deus lhe mandou”. ³⁸ Daniel disse: “Tu te lembraste de mim, ó

Deus, e nunca abandonas aqueles que te amam”. ³⁹Então Daniel pegou o almoço e comeu. Imediatamente o anjo do Senhor colocou Habacuc de novo no mesmo lugar onde estava antes.

⁴⁰No sétimo dia, o rei foi chorar a morte de Daniel. Chegou à beira da cova e lá estava Daniel sentado tranquilamente. ⁴¹Então o rei exclamou em alta voz: “Tu és grande, ó Senhor, Deus de Daniel! Além de ti não existe outro Deus”. ⁴²O rei mandou retirar Daniel da cova e jogou aí aqueles que pretendiam matá-lo. Foram devorados num instante, na presença do rei. [14,1-42]

NOTAS

[1-6] No mundo antigo, a religião e a política estavam de tal modo unidas, que mudar de religião significava trair a própria identidade nacional, e mudar de política significava apostatar da religião. No século II a.C., Antíoco IV quer impor aos judeus, com violência, a sua política junto com a religião e costumes gregos. Os judeus ficam, assim, ameaçados de perder sua identidade religiosa e cultural. Um autor compila várias narrativas (talvez lendárias) como lições destinadas a estimular, de modo velado, os judeus a resistirem, a fim de manterem sua fé, cultura e costumes. O texto nos convida a tomar consciência e a manter nossa identidade sociocultural, ameaçada pelas idolatrias que tentam a todo custo deformá-la e até mesmo destruí-la.

[1,1-21] Em meio à dominação, alguns judeus são escolhidos para servir ao governo opressor, recebendo funções importantes (a mudança de nome o indica). Como então conservar a fé, que é o cerne da identidade judaica? As regras alimentares constituíam parte importante das observâncias judaicas (cf. Ez 4,13-14; Os 9,3; Est 4,14; Jt 10,5; 1Mc 1,62-63; 2Mc 6,18-31). O texto mostra que é preservando a própria identidade que o povo poderá conviver com o opressor, sem perder o espírito crítico, a fim de ter força para resistir às imposições com que o opressor tenta desenraizar e alienar os oprimidos.

[2,1-49] No século II a.C., os judeus vivem sob a opressão de Antíoco IV. Como fazer uma crítica ao rei, sem dizer o seu nome? Sob os regimes que impedem a crítica e a livre expressão, floresce uma literatura alegórica que, de forma irônica, se apresenta como crítica subversiva ao regime.

[1-16] Nabucodonosor é o rei prepotente que exige coisas que estão além da

capacidade dos homens e até dos ídolos que ele adora. Com fina ironia, o texto critica a religião e sabedoria da nação opressora. Será que Daniel e seu Deus serão capazes de responder ao desafio do opressor?

[17-23] A sabedoria e a religião dos opressores não conseguem decifrar os acontecimentos que os atingem. Javé, porém, é o Senhor da história e da vida, a luz que penetra todos os segredos e dirige o vaivém da história e da sociedade. Só ele pode comunicar a verdadeira sabedoria, que consiste em discernir a realização do seu misterioso projeto dentro dos acontecimentos. A oração de Daniel é todo um programa desenvolvido no resto do livro: a derrota do opressor e a libertação dos oprimidos.

[24-49] O texto é muito rico. A estátua simboliza a grandiosidade, a riqueza e a fascinante imagem dos impérios que se estabelecem no mundo através da exploração e opressão. Isso, porém, é apenas aparência, pois os pés da estátua são de barro: basta uma pedra para deixá-la em pedaços. Essa pedra, não movida por mão humana, é o Reino de Deus, Reino que desmascara e destrói as pretensões dos impérios humanos, a fim de instaurar uma sociedade e uma história fundadas na partilha da liberdade e da vida. O texto salienta ainda que a história é uma sucessão de impérios (Babilônia, Pérsia, Grécia, Egito, Síria, cujo rei é Antíoco IV), impérios que vão perdendo seu valor e sentido, até chegar à sua completa extinção (palha que o vento carrega). Somente o Reino de Deus está firme para sempre. Trata-se, portanto, de uma crítica dirigida à política opressora de Antíoco IV: o seu reinado é a parte de barro do pé da estátua.

[3,1-98] Em 167 a.C., o rei Antíoco IV coloca uma estátua de Júpiter no Templo de Jerusalém; a guerra santa começa quando ele obriga os judeus a oferecer sacrifícios à estátua (cf. 1Mc 1,41-64; 2Mc 7). Nessa época, a história da estátua de ouro e dos jovens na fornalha ardente é contada entre os judeus fiéis, para estimular a resistência contra as ordens do rei Antíoco. Na descrição foram inseridos longos fragmentos de cânticos em grego (vv. 24-90).

[1-23] O autor fala de Nabucodonosor, mas pensa em Antíoco, o rei tomado pela febre de grandeza e orgulho. As denúncias, intrigas e pressões eram comuns na Judeia pelos inícios do séc. II a.C., e a resistência dos Macabeus revela a força que vem da fé. O relato mostra a total rejeição da idolatria, ainda que a preço do martírio.

[24-50] Deus não abandona seus fiéis à loucura dos opressores. Este cântico existe somente em manuscritos gregos e desenvolve uma súplica coletiva bem adaptada aos tempos de perseguição. Em meio ao sofrimento, o povo reconhece

seu pecado e, ao lado do perdão, aparece o desejo de conversão e o pedido de restauração, que não pode ser realizada sem o castigo para os inimigos.

[51-90] Este cântico de louvor, também presente só nos textos gregos, reúne trechos de salmos e convida a criação toda a um grandioso louvor. Provavelmente o cântico fez parte da liturgia na festa da libertação de Jerusalém e da consagração do Templo em 164 a.C. (cf. 1Mc 4,36-59; 2Mc 10,1-8).

[91-97] Diante do poder de Deus, que protege seu povo fiel, todos os soberanos do mundo são, como Nabucodonosor, convidados a reconhecer o único Deus vivo, que faz e mantém aliança com os homens.

[3,98-4,34] Assim como Antíoco IV, Nabucodonosor é uma personificação da autoridade que detém o poder para governar. Se uma autoridade se embriaga com o poder, julgando-se auto-suficiente e absoluta, ela perde a razão humana e torna-se como fera selvagem. Só volta a recuperar a razão e a dignidade humana quando reconhece que o Deus vivo é o único Senhor absoluto da história e da vida.

[5,1-6,1] O significado do texto é o mesmo do capítulo anterior. O sacrilégio cometido por Baltazar refere-se a Antíoco IV, que saqueia os templos, profana os objetos sagrados e se faz adorar como um deus, dispondo a seu bel-prazer do destino das pessoas (cf. 1Mc 1,16-64; 6,1-5; 2Mc 3,1-40; 5,11-20). É importante notar como, através da figura de Daniel, o autor elogia e estimula o povo, mostrando que este é capaz de discernir as situações e governar a própria vida.

[6,2-29] É uma crítica ao espírito competitivo dos sacerdotes, que brigavam para chegar ao poder em Jerusalém, durante a ocupação grega no tempo dos Macabeus. O autor mostra que o direito de ocupar postos de governo pertence àqueles que deram testemunho de sua fé e lutaram pela libertação do povo.

[7,1-8] O texto é simbólico: o *mar* é a história dos homens e as *quatro feras* são os quatro impérios que dominaram o Oriente Médio, do séc. VII ao séc. II a.C. A primeira fera (*leão*) é o império babilônico; a segunda (*urso*) é o império medo; a terceira (*leopardo*) é o império persa; a quarta (*fera medonha*) é o império de Alexandre Magno. Os *dez chifres* são os reis da dinastia grega dos Selêucidas, que dominaram a Síria no séc. II a.C.; o *chifre pequeno* é Antíoco IV Epífanes (175-163 a.C.) que, para conseguir e solidificar seu poder, livrou-se de vários concorrentes.

[9-14] O autor mostra agora o mistério que governa e julga a história: o *Ancião* é

o próprio Deus, cercado por seus anjos, mediadores de sua ação na história. Os *livros*, onde são registradas as ações dos homens, são abertos: começa o julgamento. A fera julgada é a quarta, símbolo do império de Alexandre e, principalmente, de Antíoco IV. O misterioso *filho de homem* é uma personificação do povo fiel, que recebe de Deus o reino que durará para sempre. O Novo Testamento vê Jesus, o instaurador do Reino de Deus, como esse misterioso *filho de homem* que vem *do céu*.

[15-28] O cerne do texto é a luta que o povo de Deus terá que sustentar na história contra os impérios opressores. Mas a vitória será do povo fiel, que receberá de Deus o Reino e reinará para sempre. Os vv. 19-27 se detêm na quarta fera e, principalmente, no chifre pequeno que simboliza Antíoco IV (cf. nota em 7,1-8). Durante seu reinado, ele quis ocupar o lugar de Deus, mudar os costumes e o calendário judaico, proibir o sábado e as festas religiosas dos judeus, e perseguiu os que eram fiéis à lei de Moisés.

[8,1-27] Mais uma vez o autor se refere a Antíoco IV, agora para lhe predizer o fim. Quando Alexandre Magno (bode) morreu, seu império foi disputado por quatro grupos (quatro chifres). O rei ousado (v. 23) é Antíoco IV, que tomará Jerusalém, suprimirá os sacrifícios no Templo e aí colocará um altar a Júpiter, um dos deuses gregos. Mas os dias do perseguidor estão contados (vv. 14.26). A finalidade da visão é manter e estimular o ânimo da comunidade, para que resista até o fim.

[9,1-27] A profecia das setenta semanas é um dos textos que mais deram margem a especulações. O autor, porém, não se mostra interessado em predizer a vinda do Messias ou o fim do mundo. Pelo contrário, quer sustentar a fé e encorajar a resistência dos judeus que estão sendo perseguidos por Antíoco IV; para tanto, mostra que a opressão e perseguição acabarão logo, e por isso ninguém deve desanimar. Os vv. 24-27 trazem pormenores que auxiliam os judeus perseguidos a identificar os acontecimentos que presenciam: em 170 a.C., o sumo sacerdote Onias III foi assassinado pelos seus rivais, embora fosse o único sumo sacerdote justo (ungido inocente, v. 26). A seguir, Antíoco IV invade Jerusalém e coloca no Templo uma estátua de Júpiter (ídolo abominável), fazendo com os sacerdotes do Templo um acordo (aliança durante uma semana).

[10,1-11,1] A visão descreve a aparição do anjo Gabriel, que transmite aos homens o que Deus quer revelar. Depois de dizer que Deus se revela aos humildes, o anjo explica o motivo do seu atraso: estava combatendo o anjo dos

persas e tinha consigo Miguel, o anjo guardião de Israel. O conflito entre anjos é estranho para nós: conforme os antigos, cada povo era protegido por um anjo, bom ou mau; quando as nações estavam em luta, os anjos também lutavam entre si.

[11,2-39] O texto fala da sucessão dos reis desde Ciro, rei da Pérsia, até Antíoco IV. O interesse está na oposição entre os Lágidas do Egito (reino do sul) e os Selêucidas da Síria (reino do norte), ambos herdeiros do império de Alexandre Magno. A luta é interrompida por tentativas de alianças matrimoniais (vv. 6 e 17). No v. 21 aparece Antíoco IV como opressor da Palestina. Intimidado pelos romanos a deixar o Egito que tinha invadido, ele se vinga perseguindo os judeus. Estes resistem até o martírio, confiando em Deus e enfrentando o opressor. Em seu orgulho, Antíoco IV chega a colocar-se no lugar de Deus, tornando-se personificação do mal, que se opõe ao Reino de Deus.

[11,40-12,4] O autor descortina o futuro, onde o perseguidor será destruído e as forças do mal serão vencidas. Na luta final, intervém Miguel, o anjo que protege o povo escolhido: são as forças celestes unindo-se aos fiéis, que na terra lutam pela causa de Deus. A grande angústia inaugura o tempo da salvação: também os mártires que resistiram até o fim participarão da vitória final através da ressurreição, enquanto os infiéis se perderão definitivamente. É um dos textos mais claros do Antigo Testamento sobre a ressurreição.

[12,5-13] A perseguição vai durar três anos e meio, isto é, tempo que corresponde à *meia semana* de 9,27. Esse tempo se tornará, mais tarde, a duração simbólica de qualquer perseguição. A imagem do livro lacrado indica que o conteúdo do livro só será bem compreendido quando os acontecimentos se realizarem.

[13,1-64] O autor mostra que Deus não abandona os inocentes, injustamente caluniados. Salientam-se a fidelidade e retidão de Susana, que prefere enfrentar a morte, uma vez que o adultério era punido com o apedrejamento. Sem dúvida, a história critica a *corrupção dos juízes* que condenam inocentes e absolvem culpados (v. 53) e fazem chantagem e extorsão (vv. 21 e 57) e, ao mesmo tempo, mostra que Deus age através de Daniel (= Deus julga) para fazer justiça.

[14,1-42] Os dois trechos mostram que a idolatria é uma insensatez. O primeiro (vv. 1-22) salienta que o ídolo é uma coisa sem vida; talvez haja aqui uma crítica irônica aos sacerdotes judeus, que se servem do culto para sustentar a própria

ganância. O segundo (vv. 23-42) mostra que os seres divinizados são frágeis como qualquer outro ser e podem morrer de indigestão. Depositar confiança e temor neles é uma ilusão que, mais cedo ou mais tarde, trará frustrações. O Deus vivo é aquele que dá a vida e nunca abandona os que o amam (v. 38).

OSEIAS

DEUS É AMOR FIEL

Introdução

O profeta Oseias exerceu sua atividade no Reino do Norte, desde o final do reinado de Jeroboão II até a queda de Samaria (750-722 a.C.). Toda a pregação de Oseias está impregnada por uma experiência pessoal tão profunda, que se tornou para ele um símbolo (Os 1 e 3). Ele amava de todo coração a sua esposa, mas ela o deixou para se entregar a outros amantes. Esse amor não correspondido ultrapassou o nível de frustração pessoal para ser uma enorme força de anúncio: o profeta apresenta a relação entre o Deus, sempre fiel e cheio de amor, e seu povo, que o abandonou e preferiu correr ao encontro dos ídolos. Oseias torna-se, então, denunciador de todo tipo de idolatria, que ele chama de prostituição. Essa comparação será daí para frente uma constante nos escritos bíblicos. Tais “prostituições”, segundo Oseias, não consistem somente em adorar imagens de ídolos, mas inclusive em fazer alianças políticas com potências estrangeiras que provocam dependência, exploração econômica e opressão (7,8-12; 8,9-10). “Prostituições” são também os golpes de Estado que preservam interesses de uma pequena minoria (7,3-7), a confiança no poder militar e nas riquezas (8,14; 12,9) e todo tipo de injustiças (4,1-2; 6,8-9; 10,12-13). Oseias, porém, não é só um acusador, mas também anuncia o amor fiel e misericordioso de Deus para com seu povo, se este se converte e volta a conhecê-lo. Para o profeta, o conhecimento de Deus não é uma atitude intelectual, mas uma adesão amorosa, através de uma prática que corresponda ao projeto de Deus, elaborado no deserto por ocasião do êxodo. Então sim: Javé receberá novamente seu povo como esposa, dispensando-lhe todo o carinho (2,4-25); ou tratando-o como filho (Os 11).

OSEIAS
CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14

OSEIAS

I. O VALOR SIMBÓLICO DE UM CASAMENTO

1 Título — ¹Palavra de Javé dirigida a Oseias, filho de Beerí, na época de Ozias, Joatão, Acaz e Ezequias, reis de Judá, enquanto Jeroboão, filho de Joás, era rei de Israel. [1,1]

O amor não retribuído [1,2-3,5] — ²Começo das palavras de Javé por intermédio de Oseias. Javé disse a Oseias: “Vá! Tome uma prostituta e filhos da prostituição, porque o país se prostituiu, afastando-se de Javé”. ³Então Oseias foi e tomou Gomer, filha de Deblaim. Ela ficou grávida e lhe deu um filho. ⁴Javé disse a Oseias: “Dê-lhe o nome de Jezrael, pois logo eu pedirei contas à casa de Jeú pelo sangue de Jezrael, e destruirei o reino de Israel. ⁵Nesse dia, quebrarei o arco de Israel no vale de Jezrael”. ⁶A mulher ficou grávida de novo e deu à luz uma menina. Javé disse a Oseias: “Dê-lhe o nome de ‘Não-Compadecida’, pois não terei mais compaixão da casa de Israel e não a perdoarei. ⁷Eu, porém, me compadecerei da casa de Judá e a salvarei, porque sou Javé, o seu Deus. Não lhes darei a salvação, nem pelo arco, nem pela espada ou guerra, nem pelos cavalos ou cavaleiros”. ⁸Depois de desmamar a ‘Não-Compadecida’, Gomer ficou grávida de novo e deu à luz outro menino. ⁹Javé disse a Oseias: “Dê-lhe o nome de ‘Não-Meu-Povo’, porque vocês não são mais o meu povo, e eu não existo para vocês”. [1,2-9]

2 Salvação futura — ¹Os filhos de Israel serão tão numerosos como os grãos de areia do mar, grãos que ninguém pode medir nem calcular. E, então, onde lhes diziam: “Vocês não são o meu povo”, nesse mesmo lugar serão chamados “Filhos do Deus vivo”. ²Os filhos de Judá se reunirão com os filhos de Israel, nomearão para si um só chefe e se levantarão da terra, porque será grande o dia de Jezrael. ³Comecem a chamar seus irmãos de “Povo-Meu” e suas irmãs de “Compadecida”. [2,1-3]

O amor ferido — ⁴Processem a mãe de vocês, processem! Pois ela não é mais minha esposa e eu não sou mais o seu marido. Que ela tire do rosto as suas prostituições e de entre os seios o seu adultério. ⁵Senão, eu a deixarei

completamente nua, como no dia em que nasceu; farei dela um deserto, a transformarei em terra seca, farei que ela morra de sede. ⁶Não terei compaixão de seus filhos, pois são filhos da prostituição. ⁷A mãe deles se prostituiu e se desonrou aquela que os gerou. Ela dizia: “Eu vou com meus amantes; eles me dão o meu pão e a minha água, a minha lã e o meu linho, o meu vinho e o meu azeite”. ⁸Por isso, vou fechar com espinheiros o seu caminho, vou cercá-lo com uma barreira para que ela não encontre suas veredas. ⁹Ela correrá atrás de seus amantes sem poder alcançá-los; vai procurá-los, mas não os encontrará. Então dirá: “Quero voltar para o meu primeiro marido; naquele tempo eu era bem mais feliz do que agora”. ¹⁰Ela não reconheceu que era eu quem lhe dava o trigo, o vinho e o azeite; quem lhe multiplicava a prata e o ouro, que eram usados para fazer um ídolo. ¹¹Por isso, retomarei o meu trigo e o meu vinho na época da safra; retomarei a minha lã e o meu linho que cobriam a sua nudez. ¹²Porei a nu a sua vergonha ante os olhares de seus amantes. Desta vez ninguém vai arrancá-la de minhas mãos. ¹³Acabarei com a sua alegria, com as suas festas e seus dias santos, com os seus sábados e com as celebrações solenes. ¹⁴Arrasarei sua videira e sua figueira, das quais ela dizia: “Esta é a paga que recebi dos meus amantes”. Vou transformá-las em matagal, e as feras darão fim a elas. ¹⁵Pedirei contas de quando ela oferecia incenso aos ídolos, de quando se enfeitava de anel e colar para correr atrás de seus amantes e se esquecia de mim — oráculo de Javé. [4-15]

Um amor renovado — ¹⁶Agora, sou eu que vou seduzi-la, vou levá-la ao deserto e conquistar seu coração. ¹⁷Aí eu lhe devolverei as videiras, e o Vale da Desgraça se transformará em Porta da Esperança. Aí ela vai me responder como nos dias de sua mocidade, como no dia em que saiu da terra do Egito. ¹⁸Nesse dia — oráculo de Javé — você me chamará “Meu marido” e não mais “Meu ídolo”. ¹⁹Vou tirar de seus lábios o nome dos ídolos, e esses nomes nunca mais serão lembrados. ²⁰Nesse dia, farei em favor deles uma aliança com as feras, com as aves do céu e com os répteis da terra. Eliminarei da terra o arco, a espada e a guerra; e, então, vou fazê-los dormir em segurança. ²¹Eu me casarei com você para sempre, me casarei com você na justiça e no direito, no amor e na ternura. ²²Eu me casarei com você na fidelidade e você conhecerá Javé. ²³Nesse dia — oráculo de Javé — eu responderei ao céu e o céu responderá à terra; ²⁴a terra responderá ao trigo, ao vinho e ao azeite e eles responderão a Jezrael. ²⁵Eu

a sementearei na terra, terei compaixão da ‘Não-Compadecida’ e direi ao ‘Não-Meu-Povo’: “Você é o meu povo”. E ele responderá: “Meu Deus”. [16-25]

3 *Um amor posto à prova* — ¹Javé me disse: “Vá de novo e ame uma mulher que ama outro homem e que é adúltera, da mesma forma como Javé ama os filhos de Israel, apesar de irem eles atrás de outros deuses que apreciam bolos de uvas passas”. ²Então eu a comprei por quinze moedas de prata e uma carga e meia de cevada, ³e lhe disse: “Por um bom tempo você ficará em sua casa para mim, sem se prostituir, sem relação com homem nenhum, e eu farei a mesma coisa por você”. ⁴Porque os filhos de Israel ficarão por muito tempo sem rei e sem chefe, sem sacrifícios e sem monumentos sagrados, sem adivinhação e sem imagens de ídolos. ⁵Depois, eles voltarão para procurar a Javé, o seu Deus, e Davi, o seu rei. Tremendo, voltarão, nos dias futuros, a Javé e a seus bens. [3,1-5]

II. PROCESSO CONTRA UM POVO ADÚLTERO [4,1-9,9]

4 *Corrupção geral* — ¹Ouçam a palavra de Javé, filhos de Israel! Javé abre um processo contra os moradores do país, pois não há mais fidelidade, nem amor, nem conhecimento de Deus no país. ²Há juramento falso e mentira, assassinio e roubo, adultério e violência; e sangue derramado se ajunta a sangue derramado. ³Por isso, a terra geme e seus moradores desfalecem; as feras, aves do céu e até peixes do mar estão desaparecendo. [4,1-3]

Os sacerdotes são os maiores culpados — ⁴Embora ninguém acuse, ninguém conteste, eu levanto acusação contra você, sacerdote! ⁵Você tropeça de dia, o profeta tropeça com você de noite e você faz perecer a sua própria mãe. ⁶O meu povo está morrendo por falta de conhecimento. Porque você rejeita o conhecimento, eu também o rejeitarei como meu sacerdote; você esqueceu a lei do seu Deus; eu também esquecerei os filhos de você. ⁷Quanto mais se multiplicaram, tanto mais pecaram contra mim; trocarei a boa fama deles pela desonra. ⁸Esses sacerdotes vivem do pecado do meu povo e querem que o povo continue pecando. ⁹Acontecerá a mesma coisa ao povo e ao sacerdote: vou castigar a cada um por seu mau procedimento, vou fazer cada um pagar por todos os seus atos; ¹⁰comerão sem ficar satisfeitos, vão se dar à prostituição sem tirar nenhum proveito, pois eles abandonaram Javé para entregar-se à prostituição. [4-10]

O povo se extravia — ¹¹O vinho e o licor tiram a razão. ¹²O meu povo consulta um pedaço de madeira, e seu bastão lhe dá uma resposta, porque um espírito de prostituição os extravia e eles se prostituem, afastando-se do seu Deus. ¹³Vivem oferecendo sacrifícios no alto dos montes, queimando incenso sobre as colinas ou debaixo de um carvalho, de um salgueiro ou de um terebinto, cuja sombra lhes agrada. Por isso, as filhas de vocês se prostituem e as suas noras cometem adultério. ¹⁴Eu não vou castigar suas filhas por se prostituírem, nem suas noras por cometerem adultério, pois vocês mesmos andam com prostitutas e sacrificam com as prostitutas sagradas. Um povo sem entendimento caminha para a perdição.

¹⁵Se você se faz de prostituta, ó Israel, que não caia Judá no mesmo pecado!

Deixem de fazer romarias a Guilgal, não subam a Bet-Áven, não jurem pela vida de Javé. ¹⁶Se Israel é arisco como uma novilha brava, como é que Javé irá guiá-lo como a um cordeiro em campo aberto? ¹⁷Efraim se aliou aos ídolos, ¹⁸e se fez acompanhar de beberões; entregaram-se à prostituição, preferiram a desonra à dignidade. ¹⁹Um furacão levará tudo em suas asas e eles se envergonharão de seus sacrifícios. [11-19]

5 *As autoridades são culpadas* — ¹Ouçam isto, sacerdotes; preste atenção, casa de Israel; escute, casa do rei! A sentença é contra vocês. Vocês se tornaram uma armadilha preparada em Masfa, uma rede armada sobre o Tabor, ²e uma fossa profunda em Sitim; mas sou eu quem castigo a todos. ³Conheço bem Efraim, e Israel não me é estranho! Efraim caiu na prostituição, e Israel se contaminou. ⁴Suas ações não permitem que eles se convertam ao seu Deus. Um espírito de prostituição está dentro deles e, por isso, não conhecem a Javé. ⁵O orgulho de Israel o condena; Israel e Efraim tropeçam na sua própria maldade; e também Judá acaba tropeçando com eles. ⁶Irão procurar a Javé, levando carneiros e bezerros, mas não poderão encontrá-lo, porque se afastou deles. ⁷Eles enganaram Javé, gerando filhos bastardos: agora um conquistador os devorará junto com seus campos. [5,1-7]

Guerra entre irmãos — ⁸Toquem a trombeta em Gabaá, toquem a corneta em Ramá, soem o alarma em Bet-Áven. Estão atrás de você, Benjamim! ⁹Efraim será uma ruína no dia do castigo. É uma coisa certa que eu estou proclamando contra as tribos de Israel.

¹⁰Os chefes de Judá são como aqueles que roubam terras: sobre eles eu derramo a água da minha ira. ¹¹Efraim é um opressor, passa por cima do direito, corre atrás da mentira. ¹²Pois eu vou ser uma traça para Efraim; como cárie, vou roer a casa de Judá. ¹³Efraim percebeu a sua doença, Judá viu a sua ferida. Efraim foi procurar a Assíria, Judá enviou mensageiros ao grande rei. Mas não é este quem lhes dará saúde, não é ele quem vai curar as feridas de vocês. ¹⁴Pois eu serei um leão para Efraim, um filhote de leão para a casa de Judá. Es-traçalho tudo e vou-me embora, carrego minha presa e ninguém vai tirá-la de mim. ¹⁵Vou-me embora, volto para a minha casa, até que reconheçam a sua culpa e venham procurar a minha face. Na hora do aperto, eles vão me procurar. [8-15]

6 *Deus não se deixa enganar* — ¹Venham, voltemos a Javé: ele nos despedaçou, mas ele nos vai curar; ele nos feriu, mas ele vai atar nossa ferida. ²Em dois dias ele nos fará reviver, e no terceiro dia nos fará levantar, e passaremos a viver na sua presença. ³Esforcemo-nos para conhecer a Javé; sua chegada é certa como a aurora, ele virá a nós como a chuva, como o aguaceiro que ensopa a terra.

⁴Que farei com você, Efraim? Que farei com você, Judá? O amor de vocês é como a neblina da manhã, como o orvalho que logo cedo se evapora. ⁵Por isso eu os castiguei por meio dos profetas e os matei com as palavras da minha boca, e a minha sentença brotou como a luz. ⁶Pois eu quero amor e não sacrifícios, conhecimento de Deus mais do que holocaustos. [6,1-6]

Corrupção dirigida — ⁷Em Adam eles violaram a aliança; aí eles me traíram. ⁸Galaad é uma cidade de malfeitores, cheia de rastros de sangue. ⁹Como bandidos na emboscada, um bando de sacerdotes assassinam pelo caminho de Siquém e cometem horrores. ¹⁰Em Betel também vi coisas horríveis: foi aí que Efraim se prostituiu e Israel se contaminou. ¹¹Quanto a você, Judá, eu reservo uma colheita, quando eu mudar a sorte do meu povo.

7 ¹Quando eu estou para curar Israel, aparece a culpa de Efraim e a maldade de Samaria, pois essa gente só pratica a mentira. O ladrão invade a casa, enquanto, do lado de fora, uma quadrilha assalta. ²E nem lhes passa pela cabeça que eu vou me lembrar de toda a sua maldade. Agora mesmo os rodeiam seus crimes, que estão todos bem diante dos meus olhos. [6,7-7,2]

Golpes de Estado — ³Com sua maldade alegram o rei e com suas mentiras divertem os chefes. ⁴São todos adúlteros, ardem como forno aceso, quando o padeiro atiza o fogo, depois que amassou o pão e espera que ele cresça. ⁵Na festa do nosso rei, os chefes o afogam no calor do vinho e ele se compromete com os rebeldes. ⁶A cabeça deles está cheia de tramóias: é como um forno. De noite, sua ira dorme, de manhã ela se incendeia como fogueira. ⁷Todos eles ficam acesos como um forno e acabam queimando seus próprios governantes. Foi assim que caíram todos os seus reis e não há ninguém que me invoque. [7,3-7]

Nova forma de idolatria — ⁸Efraim se mistura com os povos. Efraim é um bolo que não foi virado. ⁹Os estrangeiros acabam com a força dele, e ele nem

percebe; seus cabelos brancos vão aumentando, e ele não nota. ¹⁰O orgulho de Israel testemunha contra ele mesmo, e nem assim eles se convertem a Javé, seu Deus; apesar de tudo, não o procuram. ¹¹Efraim é uma pomba ingênua, sem inteligência: pedem ajuda ao Egito, vão à Assíria. ¹²Enquanto forem, atirarei sobre eles a minha rede, e os derrubarei como passarinhos, castigando-os pela sua maldade. [8-12]

Clamores inúteis — ¹³Ai deles, fugiram de mim! Infelizes, por se revoltarem contra mim! Eu os libertaria, mas eles dizem mentiras contra mim. ¹⁴Eles não clamam por mim de coração, quando gemem nos seus leitos. São devotos de Dagã e Tiros, e se afastam de mim. ¹⁵Fui eu quem lhes renovou as forças, mas eles tramam contra mim. ¹⁶Eles não se voltam para o alto, são como arco frouxo. Seus príncipes morrerão pela espada, por causa do veneno de suas línguas. E isso é motivo de caçada na terra do Egito. [13-16]

8 Javé é o único Senhor — ¹Ponha a trombeta na boca! A desgraça mergulha como águia sobre a casa de Javé. Eles quebraram a minha aliança, rejeitaram a minha lei. ²Eles gritam: “Deus de Israel, nós te conhecemos!” ³No entanto, Israel recusou o bem, e o inimigo o perseguirá. ⁴Nomearam reis sem o meu consentimento, escolheram príncipes sem eu ficar sabendo; com sua prata e ouro fizeram ídolos para a sua perdição. ⁵Eu odeio o seu bezerro, ó Samaria; a minha ira se inflamou contra ele. Até quando vocês serão incapazes de inocência, ó filhos de Israel? ⁶Esse bezerro foi fabricado por um escultor; ele não é Deus. O bezerro de Samaria será feito em pedaços. ⁷Semeiam ventos, colherão tempestades; talo sem espiga não pode dar farinha e, mesmo se desse, os estrangeiros é que iriam comer.

⁸Israel foi devorado. Entre as nações ele agora é objeto sem valor. ⁹Quando foram pedir socorro à Assíria, então Efraim, jumento solitário, tentou contratar amantes para si. ¹⁰Mesmo que os contratem dentre as nações, eu agora os reunirei, e eles tremerão sob o peso do rei soberano. ¹¹Efraim multiplicou seus altares para pecar; só para pecar lhe serviram. ¹²Escrevi muitas leis para ele, mas elas foram consideradas como coisa estranha. ¹³Ainda que ofereçam sacrifícios e comam a carne, não agradarão a Javé. Ele se lembrará das culpas deles, castigará os seus pecados e os mandará de volta para o Egito. ¹⁴Israel se esqueceu de Deus, seu criador, e passou a construir palácios. Judá, de sua parte, construiu fortalezas. Pois eu porei fogo nas cidades fortificadas e queimarei todos os seus

quartéis. [8,1-14]

9 Volta à escravidão — ¹Não se alegre, Israel, não faça festa como os outros povos. Traindo o seu Deus, você agiu como prostituta. Você gostava de receber a paga de prostituta em qualquer terreiro de trigo. ²Mas o terreiro e o tanque de pisar uvas não vão mais garantir o alimento para eles, e até o próprio vinho lhes faltará. ³Eles não habitarão mais na terra de Javé; ao contrário, Efraim voltará para o Egito ou comerão coisas impuras na Assíria. ⁴Não farão libações de vinho a Javé, nem lhe oferecerão seus sacrifícios. Seu pão será igual ao que servem nos velórios: quem dele come é considerado impuro. Seu pão só servirá para matar a fome, não poderá ser oferecido no Templo de Javé. ⁵O que farão vocês nos dias da solenidade, nos dias da festa de Javé? ⁶Pois, se vocês escaparem da catástrofe, o Egito os recolherá e Mênfis os há de sepultar. O mato será dono de seus tesouros de prata; os espinhos crescerão em suas tendas. [9,1-6]

O máximo da corrupção — ⁷Chegaram os dias do castigo, chegou a hora do acerto de contas! Que Israel fique sabendo! (O profeta é um louco, o homem inspirado é um maluco). Tudo por causa da grande falta que você cometeu, e pela grave ofensa que você fez. ⁸O profeta com seu Deus é a sentinela de Efraim, mas contra o profeta estendem uma armadilha em todos os caminhos e até na casa do seu Deus ele encontra hostilidade. ⁹Eles se corromperam profundamente, como nos dias de Gabaá. Deus, porém, lembra da culpa deles e castigará a sua falta. [7-9]

Infidelidade em Baal Fegor [9,10-14,10] — ¹⁰Encontrei Israel como uva no deserto, descobri seus pais como figos temporões, mas eles foram até Baal Fegor, se consagraram à Vergonha e se tornaram nojentos como a coisa de que gostavam. ¹¹A honra de Efraim voará como pássaro, sem nascimento, sem gravidez, sem concepção. ¹²Ainda que criem filhos, eu os deixarei sem descendência. Ai deles, quando eu os abandonar! ¹³Eu vi que Efraim fez de seus filhos uma caça em lugares verdejantes. Mas Efraim entregará seus filhos ao carrasco. ¹⁴Dá-lhes, Javé. O que darás? Dá-lhes ventres murchos e peitos secos. [9,10-14]

Infidelidade em Guilgal — ¹⁵Toda a maldade apareceu em Guilgal. Foi aí que comecei a detestá-los. Pela maldade que eles colocam em tudo o que fazem, eu os expulsarei de minha casa. Não vou manifestar-lhes o meu carinho, pois seus

chefes são todos desobedientes. ¹⁶Efraim está ferido, suas raízes já secaram; não dará mais frutos. E, mesmo que ainda venham a ter filhos, eu farei morrer o querido fruto do seu ventre. ¹⁷Meu Deus vai rejeitá-los, porque eles não lhe obedeceram; andarão errantes entre as nações. [15-17]

10 *Prosperidade e duplicidade* — ¹Israel era uma parreira exuberante que produzia uvas com fartura. Quanto mais frutos produzia, mais multiplicava seus altares; quanto mais rico se tornava o país, mais enriqueciam os monumentos pagãos. ²O coração deles está dividido. Mas, agora, eles vão pagar: o próprio Deus derrubará seus altares e arrasará seus monumentos pagãos. ³Então eles vão dizer: “Nós não temos um rei, porque não tememos a Javé. Mesmo que tivéssemos um rei, o que ele poderia fazer por nós?” ⁴Fazem discursos, falsas promessas, assinam acordos e, enquanto isso, crescem os processos como erva venenosa nos sulcos dos campos. ⁵Os moradores de Samaria tremem por causa do bezerro de Bet-Áven. O povo e o sacerdote fazem luto por seu deus; e se lamentam porque sua honra foi para o exílio. ⁶Sua honra será levada para a Assíria, com tributo ao grande rei. Efraim terá vergonha e Israel se envergonhará de seu plano. ⁷Samaria desaparece com seu rei, como graveto arrastado pela água. ⁸Serão destruídos os lugares altos da idolatria, o pecado de Israel. Espinhos e mato crescerão sobre seus altares. Então eles gritarão às montanhas: “Cubram-nos”; e às colinas: “Caíam sobre nós”. [10,1-8]

O crime de Gabaá — ⁹Desde os dias de Gabaá você pecou, Israel, e aí permaneceu. Você pensa que a guerra contra os filhos da injustiça não os atingirá em Gabaá? ¹⁰Eu mesmo vou castigá-los. Os povos se unirão em guerra contra eles para cobrar-lhes o enorme pecado. [9-10]

Semeiem conforme a justiça — ¹¹Efraim é uma novilha mansa, que gosta de bater o trigo no terreiro, mas eu farei a canga pesar sobre o seu belo pescoço. Atrélarei Efraim para lavrar e Jacó para gradear a terra. ¹²Semeiem conforme a justiça e colham o fruto do amor. Cultivem um campo novo, porque é tempo de procurar a Javé, até que ele venha e faça chover sobre vocês a justiça. ¹³Vocês cultivaram a impiedade e por isso colheram a injustiça e comeram o fruto da mentira. Porque você confiou em seus carros e na multidão de seus guerreiros, ¹⁴um clamor de guerra se levantará contra suas cidades, e suas fortalezas serão todas destruídas. Como Sálmana arrasou Bet-Arbel, no dia da guerra, em que a

mãe foi esmagada por cima dos filhos, ¹⁵assim farei com vocês, ó casa de Israel, por causa da sua imensa maldade. Ao amanhecer, o rei de Israel será totalmente destruído. [11-15]

11 Deus é pai — ¹Quando Israel era menino, eu o amei. Do Egito chamei o meu filho; ²e no entanto, quanto mais eu chamava, mais eles se afastavam de mim: ofereciam sacrifícios aos baais, queimavam incenso aos ídolos. ³E não há dúvida, fui eu que ensinei Efraim a andar, segurando-o pela mão. Mas eles não perceberam que era eu quem cuidava deles. ⁴Eu os atraí com laços de bondade, com cordas de amor. Fazia com eles como quem levanta até seu rosto uma criança; para dar-lhes de comer, eu me abaixava até eles. ⁵Voltarão para a terra do Egito, a Assíria será o seu rei, porque não quiseram converter-se. ⁶A espada devastará suas cidades, exterminará seus filhos e demolirá suas fortalezas.

⁷O meu povo é difícil de se converter: é chamado a olhar para o alto, mas ninguém levanta os olhos. ⁸Como poderia eu abandoná-lo, Efraim? Como haveria de entregar você a outros, Israel? Será que eu poderia tratá-lo como a Adama? Eu poderia tratá-lo como a Seboim? O meu coração salta no meu peito, as minhas entranhas se comovem dentro de mim. ⁹Não me deixarei levar pelo ardor da minha ira, não vou destruir Efraim. Eu sou Deus, e não um homem. Eu sou o Santo no meio de você, e não um inimigo devastador. ¹⁰Eles seguirão a Javé. E Javé rugirá como um leão. E quando ele rugir, seus filhos virão do Ocidente, ¹¹lá do Egito; eles virão voando como pássaros; como pombos, eles virão do país da Assíria. Então eu os farei morar nas suas próprias casas — oráculo de Javé. [11,1-11]

12 Perversão política e religiosa — ¹Efraim me cerca de mentiras, a casa de Israel me rodeia de falsidades. (Mas Judá ainda está com Deus e é fiel ao Santo). ²Efraim se alimenta de vento: está o tempo todo procurando os ventos do Oriente e só aumenta a mentira e a violência. Fazem aliança com a Assíria, levam óleo para o Egito. ³Javé move processo contra Israel, e tratará Jacó conforme a sua conduta, e lhe devolverá conforme suas ações.

⁴No ventre da mãe, Jacó superou seu irmão e como adulto lutou com Deus; ⁵lutou com o anjo e o venceu; chorou e pediu piedade. Reencontrou Deus em Betel e aí falou com ele. ⁶Javé, Deus dos exércitos, seu nome é Javé. ⁷Quanto a você, converta-se ao seu Deus. Observe o amor e o direito e coloque sempre a

confiança no seu Deus.

⁸Canaã tem nas mãos balanças falsas; gosta de tapear. ⁹Efraim disse: “Eu sou rico, ajuntei uma fortuna!” Mas nada restará de tudo o que ganhou, por causa da falta que cometeu.

¹⁰Eu sou Javé, seu Deus, desde a terra do Egito. Eu farei você morar novamente em tendas, como nos dias do Encontro. ¹¹Falarei aos profetas, multiplicarei as visões e, pela boca dos profetas, falarei em parábolas.

¹²Se Galaad é uma culpa, eles são apenas mentira; em Guilgal sacrificaram touros e por isso seus altares serão transformados em montes de pedras nas baixadas do campo. ¹³Jacó fugiu para os campos de Aram, Israel trabalhou por causa de uma mulher; para ganhar uma esposa, ele foi guarda de rebanhos.

¹⁴Por meio de um profeta, Javé tirou Israel do Egito e o protegeu. ¹⁵Efraim irritou Javé amargamente, e seu Senhor descarregará sobre ele o sangue derramado e lhe retribuirá o ultraje. [12,1-15]

13 *Idolatria de Efraim* — ¹Quando Efraim falava, era um terror, era o príncipe em Israel, mas depois começou a pecar com Baal e decaiu. ²Apesar disso, continuam pecando, e com sua prata fazem estátuas fundidas, ídolos que eles inventam, todos trabalho de artesãos. Depois dizem: “Ofereçam-lhes sacrifícios”, e beijam bezerros. ³Por isso, eles se tornarão como neblina da manhã, como orvalho que logo cedo se evapora; ou como palha que a gente varre do terreiro ou fumaça que sai pela janela. [13,1-3]

“Não terás outros deuses” — ⁴Eu sou Javé, o seu Deus, desde a terra do Egito. Você não deve conhecer outro Deus além de mim e nem outro salvador além de mim. ⁵Eu conheci você no deserto, em lugares secos. ⁶Eu os apascentei e eles se saciaram; ficaram saciados, e seu coração se encheu de orgulho; e, por isso, se esqueceram de mim. ⁷Eu serei para eles como leão, e como pantera os espiarei no caminho; ⁸vou atacá-los como a urso da qual roubaram os filhotes, e vou rasgar-lhes o peito, devorando-os como leoa, e as feras vão despedaçá-los.

⁹Eu o destruirei, Israel, e quem poderá socorrê-lo? ¹⁰Onde está agora o seu rei, para que possa salvar você, e onde estão os juízes de suas cidades? Você me pediu: “Dá-me um rei e príncipes”. ¹¹Na minha ira eu lhe dei um rei e, no meu furor, eu o retomo. [4-11]

Não há mais esperança — ¹²A culpa de Efraim está guardada, seu pecado está

conservado. ¹³Chegam-lhe as dores do parto, mas o filho é um imbecil: ao chegar a hora de nascer, ele não sai do seio materno. ¹⁴Será que eu devo resgatá-los das garras da mansão dos mortos? Será que eu os redimiria do poder da morte? Onde está, ó morte, a sua praga? Onde está, ó mansão dos mortos, a sua peste? A compaixão foge do meu olhar. ¹⁵Mesmo que Efraim prospere entre seus irmãos, um vento virá do Oriente, um vento de Javé subirá do deserto, para secar sua mina de água e esgotar sua fonte. Ele vem para levar o tesouro e todos os objetos de valor.

14¹Samaria vai pagar, pois revoltou-se contra o seu Deus: cairão sob a espada, os seus filhos serão esmagados e suas mulheres grávidas terão seus ventres rasgados. [13,12-14,1]

Convertam-se! — ²Israel, converta-se para Javé, seu Deus, pois você tropeçou na sua própria culpa. ³Preparem as palavras e convertam-se a Javé. Digam-lhe: “Perdoa toda a nossa culpa, aceita o que é bom, e te ofereceremos o fruto de nossos lábios. ⁴Não é a Assíria que nos salvará, não montaremos mais cavalos, jamais chamaremos novamente de nosso Deus a um objeto feito por nossas próprias mãos, pois é em ti, só junto de ti, que o órfão encontra compaixão”.

⁵Eu vou curar a sua apostasia, vou amá-los de todo o coração, pois a minha ira se apartou deles. ⁶Serei como orvalho para Israel; ele florescerá como lírio e estenderá raízes como o cedro do Líbano. ⁷Seus galhos crescerão, seu esplendor será como da oliveira e seu perfume será como do cedro do Líbano. ⁸Voltarão a sentar-se à minha sombra, farão reviver o trigo, florescerão como videiras e serão famosos como o vinho do Líbano. ⁹Efraim, que tenho eu ainda a ver com os ídolos? Sou eu que tenho uma resposta e olho para você. Sou como cipreste frondoso: o fruto de você, é de mim que ele nasce. [14,2-9]

Para entender o livro — ¹⁰Quem é sábio entenda essas coisas; quem é inteligente que as compreenda, porque os caminhos de Javé são retos; os justos caminham por eles e os maus neles tropeçam. [10]

NOTAS

[1,1] Na época de Oseias (cf. Introdução), há um grande desenvolvimento econômico, seguido de fortes contrastes sociais. As grandes potências da região,

como o Egito e a Assíria, passam por um período de decadência e, por isso, os pequenos países vivem uma certa tranquilidade que não vai durar muito.

[1,2-3,5] Por causa de sua dolorosa história conjugal, Oseias se torna uma parábola viva das relações entre Javé e seu povo. Ao amor fiel, Israel responde com a infidelidade, procurando outros absolutos (“prostituição”). Javé, porém, não abandonará seu povo; um dia, este cairá em si e voltará ao seu Deus.

[1,2-9] O amor de Oseias por uma mulher infiel se torna sinal de Deus para anunciar a infidelidade do povo. Uma dolorosa realidade pessoal se transforma em poderoso símbolo da relação entre Deus e seu povo escolhido. O nome simbólico dos filhos de Oseias reflete, nesse momento da história, os sentimentos de Deus para com Israel: *Jezrael* é o vale onde Jeú derrotara a dinastia anterior; mas esse rei, apesar do sangue derramado, não mudou em nada a situação do país; a filha “*Não-Compadecida*” expressa a atitude de Deus desprezado, o qual não terá compaixão por aqueles que o abandonaram; o filho “*Não-Meu-Povo*” mostra que está rompida a Aliança entre Deus e seu povo escolhido.

[2,1-3] Para neutralizar as maldições, os sacerdotes que compilaram os escritos proféticos no pós-exílio mudaram o nome dos filhos, para mostrar que, após as ameaças e castigos, vem a promessa da salvação e de vida. A Aliança é renovada e os reinos de Judá e Israel, antes inimigos, agora se reúnem.

[4-15] Diante de um amor desprezado, a primeira atitude é relembrar os desmandos cometidos pelo parceiro infiel. A infidelidade, aqui, se deve ao culto a Baal, que era a divindade da natureza entre os cananeus; Javé é deixado de lado, quando se trata de pedir a fertilidade da terra e reconhecer as grandes colheitas. O profeta vê, então, na seca e nas más colheitas, o amor ferido de Javé que castiga o povo infiel.

[16-25] A tentativa de esquecer a esposa é inútil: o amor é maior que a humilhação e provoca a esperança de que ela mude de atitude. Quem sabe, tratando-a com carinho, fazendo uma nova viagem de núpcias, ela reconheça seu erro e volte ao verdadeiro amor, ao recordar os primeiros tempos de casamento. É o que Deus faz com seu povo: relembra os tempos quando o libertou da escravidão do Egito, fazendo com ele uma aliança no deserto; agora, mais uma vez, promete-lhe a paz (v. 20) e a abundância (vv. 23-24) na terra da promessa (v. 25).

[3,1-5] Este capítulo retoma a história do casamento de Oseias. Indica um tempo de prova, para que a mulher demonstre seu amor e fidelidade. No nível simbólico, é Javé submetendo à prova a fidelidade de seu povo: a monarquia desaparecerá juntamente com os lugares de culto.

[4,1-9,9] Temos aqui uma série de oráculos de ameaça e denúncia, mostrando os crimes que comprovam a infidelidade de Israel à Aliança. O alvo principal são os responsáveis por essa infidelidade: sacerdotes, profetas e reis.

[4,1-3] Agora o profeta passa a denunciar as infidelidades de Israel. Tanto a terra como seus habitantes sofrem as causas dessa “prostituição”. E a base para a denúncia do profeta é a violação do decálogo: matam, roubam, levantam falso testemunho, cometem adultério, tomam o nome de Deus em vão.

[4-10] Em Israel, os sacerdotes têm dupla função: presidir ao culto e instruir o povo segundo as normas da Aliança. Oseias os acusa de não instruir o povo, para que este multiplique suas faltas e ofereça mais sacrifícios para se livrar de seus pecados. Desse modo os sacerdotes acabam lucrando às custas da ignorância do povo.

[11-19] Por falta de instrução (v. 14), o povo abandona o projeto de Javé para se prostituir, isto é, para fazer aliança com ídolos, os falsos absolutos que geram todo tipo de corrupção, levando o povo a perder a própria dignidade.

[5,1-7] Além do povo (“casa de Israel”) e dos líderes religiosos (“sacerdotes”), agora Oseias se dirige também aos líderes políticos (“casa do rei”). Os governantes são culpados porque, juntamente com os sacerdotes, apresentam ao povo falsos absolutos, causando assim um clima de corrupção e perversão em todo o país (“espírito de prostituição”). Esse clima impede enxergar o caminho certo e tira até a possibilidade de conversão. O culto, então, se torna vazio, sem nenhum sentido.

[8-15] Estamos na época em que os reinos do Norte (Efraim) e do Sul (Judá) procuram conquistar novos territórios, inclusive disputando entre si o território de Benjamim. Nessa luta fratricida, os dois reinos buscam o apoio das potências estrangeiras, violando o pacto que deveria reinar entre os reinos irmãos e provocando, assim, a ira de Javé. Tal projeto político jamais poderá dar bons resultados, porque o próprio Javé se comporta como inimigo. No entanto, Javé ficará sempre à espera de que ambos se convertam e o procurem.

[6,1-6] Na hora do aperto, recorre-se facilmente a Deus, aparentando plena

disposição. Deus, porém, não se deixa enganar por uma conversão superficial e passageira; o que ele quer é mudança radical, que se expresse numa prática de vida e não em simples ato de culto.

[6,7-7,2] Neste oráculo, os principais culpados da violação da Aliança continuam sendo os sacerdotes: para sustentarem ou provocarem uma situação que lhes interessa, são capazes de comandar assassinios, roubos e até idolatria. Quando tudo parece que vai melhorar, lá estão eles de novo, fomentando corrupção.

[7,3-7] Os sacerdotes não se contentam com as corrupções sociais e religiosas; incentivam secretamente golpes de Estado que os favoreçam para manterem suas situações privilegiadas. Com isso, as bases da sociedade estabelecida na Aliança com Javé são todas desrespeitadas ou esquecidas.

[8-12] No Reino do Norte (Efraim-Israel) há também divergências quanto ao rumo que o país deve tomar em sua política internacional: qual grande potência escolher como aliada? Assíria ou Egito? Oseias vê, nessas alianças com os grandes impérios, não só uma ingenuidade política, mas uma nova forma de idolatria: absolutizar os poderes humanos, temendo-os e colocando neles a própria sorte e segurança.

[13-16] Oseias recorda como Javé ouvira o clamor do povo e o libertara do Egito. Agora acontece o contrário: os israelitas clamam a outras divindades e ao próprio Egito, e se afastam de Javé. Desse modo, não há possibilidade de se libertarem da situação em que se encontram e até são causa de riso para o grande opressor.

[8,1-14] Nestes oráculos, a transgressão da Aliança e a rejeição da Lei de Deus se caracterizam pela violação do primeiro mandamento: “Não terás outros deuses diante de mim” (Ex 20,3; Dt 5,7). Os ídolos se multiplicam e se avolumam em Israel: o bezerro de ouro se transforma em divindade que protege a economia (vv. 5-6); os golpes de Estado e o poderio militar são considerados como elementos absolutos de segurança nacional (vv. 4 e 14); a segurança externa é depositada nas alianças com nações estrangeiras (vv. 9-10). Assim, o culto a Javé se esvazia, desligado de toda a realidade econômica e política (v. 13). Oseias vê tudo isso como esquecimento daquelas bases da nova sociedade estabelecida por Moisés no deserto e como retorno à época da escravidão no Egito (v. 13). E tudo isso leva o país a uma situação cada vez mais caótica, que favorece a avançada do grande inimigo: a Assíria (vv. 7 e 10).

[9,1-6] Israel atribui os produtos do solo a deuses estrangeiros. Como castigo, o povo será exilado (Assíria) ou terá que voltar à terra da escravidão (Egito), onde não poderá cultuar Javé. Todas as suas falsas seguranças serão aniquiladas.

[7-9] O profeta é alguém que desmascara e condena as injustiças que vê. Aqueles que são atingidos reagem, recusando a crítica do profeta, tacham-no de louco e o perseguem. Isso é o máximo da corrupção e da violência, como se descreve em Jz 19-21. Aos que não aceitam a correção do profeta, resta o confronto com o próprio Deus.

[9,10-14,10] A última parte do livro considera os erros históricos de Israel como raízes dos crimes atuais. Essa comparação audaz permite descortinar a ternura com que Javé tratou o seu povo durante toda a sua história.

[9,10-14] Javé fez pelo povo aquilo que parecia impossível (uva no deserto, figo temporão): libertou-o da escravidão e fez com ele uma aliança. Todavia, às portas da Terra Prometida, o povo se contaminou com a população de Moab (cf. Nm 25,1-5). O castigo é a privação da honra, isto é, da grandeza política, bem como a esterilidade.

[15-17] Em Guilgal houve multiplicação de cultos pagãos e a tendência a misturar-se com a religião cananeia. Por trás disso, havia uma recusa a formar uma nova sociedade, fundada na justiça e no direito, e uma conformação em repetir o sistema social injusto reinante nas sociedades pagãs.

[10,1-8] Deus tinha um projeto para o seu povo e o realizou completamente, dando-lhe vida e prosperidade (parreira exuberante). Israel, porém, ficou sempre dividido entre os apelos de Javé e a sedução dos deuses cananeus, entre a confiança em Deus e a política de interesses, que produzia a injustiça, entre a obediência interior à vontade de Deus e um culto puramente exterior. Essa duplicidade acabará levando Israel para o exílio.

[9-10] Oseias interpreta a seu modo o episódio de Jz 19-21. O duplo crime aí cometido tornou-se um pecado cujas consequências ainda se farão sentir. Como lá, os povos se reunirão para castigar uma culpa que se avoluma através dos tempos.

[11-15] Semear conforme a justiça e colher o fruto do amor (v. 12) é respeitar o ciclo do plantio e não acumular latifúndios improdutivos. Cultivar a impiedade (v. 13) é não respeitar a terra e o direito de todos ao uso do solo, provocando assim a injustiça e a mentira. Por outro lado, a confiança idolátrica no poderio

militar aumenta a competição com potências internacionais, que acabam provocando a derrota e a deposição do poder político (vv. 13b-15).

[11,1-11] Oseias compara a relação entre Deus e Israel como a relação que existe entre pai e filho. Embora não compreendido, Javé permanece fiel e, no seu amor, continua sempre de braços abertos para receber o filho de volta. Os vv. 10-11 são um acréscimo pós-exílico: Javé reúne seus filhos dispersos e rugue como leão para espantar os inimigos.

[12,1-15] A política mentirosa e os meios desonestos que Israel usou para enriquecer-se tiveram seus precedentes no comportamento astuto, orgulhoso e hipócrita de Jacó, seu antepassado (cf. Gn 25-32). A essa figura ambígua de Jacó, o profeta opõe o tempo do êxodo, a palavra dos verdadeiros profetas (v. 11) e a pessoa de Moisés (v. 14).

[13,1-3] Efraim era a tribo mais influente na política do Reino do Norte. Oseias, porém, acusa-a de corromper o país através de cultos idolátricos (cf. 1Rs 12,28-31).

[4-11] Oseias critica Israel por haver trocado o Deus do êxodo, que provoca liberdade e vida, por um sistema político absolutizado, que gera escravidão e morte. Abandonando o Deus pastor, este se torna uma fera que ameaça o rebanho; e quem poderá salvar-se?

[13,12-14,1] A ruína de Israel está chegando. Deus oferece uma última chance de salvação; mas a situação é tão grave que já não há mais esperança: o Reino do Norte será devastado pela Assíria (“vento do Oriente”).

[14,2-9] O final do livro nos remete ao seu início: o objetivo da pregação de Oseias é provocar a *conversão*. A esposa infiel (Israel) não só é reprovada e censurada pelo esposo fiel (Javé) irado, mas é também, e principalmente, cortejada e convidada a retomar seu amor verdadeiro e deixar seus amantes, sua prostituição. Desse modo, a palavra-chave do livro é *converter-se, voltar*. De fato, nestes últimos oráculos, há uma chamada à conversão (vv. 2-3a), uma confissão do povo (vv. 3b-4) e o perdão divino (vv. 5-9). Também fica mais uma vez evidente quem são os “amantes” que levam um povo à “prostituição”: é a política de submissão a potências estrangeiras, a confiança no poderio militar e o culto a outras divindades; em nada disso se podem encontrar a certeza de uma recuperação política, um florescimento econômico e até mesmo a salvação. Podemos concluir que todo o livro de Oseias gira em torno do primeiro

mandamento do decálogo.

[10] O redator do livro acrescentou este último versículo. Ele mostra que não basta uma leitura neutra para entender a mensagem do profeta; é necessário um discernimento diante das idolatrias que nos rodeiam, para enveredar-nos pelos caminhos retos de Javé. Sem esse discernimento que leve a uma atitude concreta diante dos “amantes” que nos fascinam, o próprio caminho de Javé se torna um tropeço.

JOEL

O DIA DO JULGAMENTO

Introdução

Nada sabemos do tempo em que viveu o profeta Joel. Por isso, torna-se difícil a interpretação do que ele escreveu.

Podemos dividir o livro em duas partes: Na primeira os dois primeiros capítulos narram uma terrível invasão de gafanhotos que devasta a plantação do país. Diante disso, Joel pede a participação de todos (profetas, sacerdotes e povo), numa grande manifestação de penitência e jejum, para suplicar a Deus que afaste a catástrofe. Deus mostra a sua misericórdia e anuncia a libertação da praga e as bênçãos para uma nova plantação. Como o profeta compara esses gafanhotos a um exército, talvez se possa pensar que ele esteja falando de uma invasão inimiga. Na segunda parte, os capítulos terceiro e quarto descrevem o julgamento de Deus sobre as nações e a vitória final.

*Parece que a primeira parte não tem nada a ver com a segunda. Mas, uma expressão une o livro todo: **o Dia de Javé**, isto é, o Juízo final. Então, o que na primeira parte eram gafanhotos ou exército inimigo, na segunda se transforma em exército de Deus; a praga se torna apenas uma comparação para exemplificar o Grande Dia em que a humanidade prestará contas a Deus. Assim como afastou ele os gafanhotos, também a misericórdia de Deus, alcançada pela penitência e jejum, transforma o julgamento em dia de libertação e salvação: arrasada a plantação, ela surge nova e viçosa. Desse modo, uma praga de gafanhotos observada atentamente serviu para que Joel anunciasse o Juízo final.*

Deste profeta, o trecho mais conhecido é 3,1-5. Esses versículos são citados no discurso que Pedro fez no dia de Pentecostes (cf. At 2,17-21). Por isso, Joel é também chamado o profeta de Pentecostes.

JOEL
CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4

JOEL

1 Título — ¹Palavra de Javé dirigida a Joel, filho de Fatuel. [\[1,1\]](#)

I. A PRAGA DOS GAFANHOTOS

A desolação do país — ²Ouçam isto, chefes; prestem atenção, moradores do país! Já terá acontecido coisa igual no tempo de vocês ou no tempo de seus antepassados? ³Contem a seus filhos tudo isto; depois eles contarão para os filhos deles, e estes irão contar para a geração seguinte. ⁴Aquilo que o gafanhoto cortador deixou, o gafanhoto destruidor comeu; aquilo que o destruidor deixou, o gafanhoto saltador comeu; aquilo que o saltador deixou, o gafanhoto descascador comeu.

⁵Acordem, bêbados, e chorem! Gemam, beberrões, porque lhes tiraram o vinho da boca. ⁶Pois uma nação poderosa e sem conta invadiu o meu país; seus dentes são como de leão e sua goela como de leoa. ⁷Deixou minha vinha arrasada e as figueiras reduzidas a galhos secos; comeu-lhes até a casca e os galhos ficaram brancos.

⁸Suspira como jovem vestida de luto pelo noivo de sua juventude! ⁹No Templo de Javé, não há mais ofertas nem libação de vinho; os sacerdotes, ministros de Javé, estão todos de luto. ¹⁰A roça foi devastada, a terra está de luto, o trigo se perdeu, o vinho secou, o azeite sumiu. ¹¹Fiquem tristes, lavradores; gemam, cultivadores da vinha, por causa do trigo e da cevada, pois está perdida a colheita dos campos. ¹²A parreira secou, a figueira murchou. Romã, tâmara, maçã, todas as árvores frutíferas secaram. E até a alegria dos homens desapareceu! [2-12]

A desgraça se transforma em súplica — ¹³Vistam-se de luto e chorem, sacerdotes! Gemam, ministros do altar! Venham dormir em panos de saco, ministros de Deus! Pois não há mais ofertas e libação de vinho no Templo do Deus de vocês. ¹⁴Proclamem um jejum, convoquem uma assembleia, reúnam na casa de Javé, Deus de vocês, os chefes com todos os moradores da região. E gritem a Javé.

¹⁵Ah! Que dia! De fato, o Dia de Javé está próximo e vem como devastação do Todo-poderoso. ¹⁶Por acaso, o alimento não desapareceu da nossa vista, e a alegria e o contentamento da casa do nosso Deus? ¹⁷A semente secou debaixo da terra, os silos estão vazios, as tulhas estão limpas, pois a colheita se perdeu. ¹⁸O rebanho está mugindo e o gado está inquieto, pois não há mais pastos, e as ovelhas morrem de fome.

¹⁹A ti, Javé, eu invoco, pois o fogo devorou a invernada e a chama consumiu

todas as árvores do campo. ²⁰Até as feras gritam a ti, pois secou a água dos córregos e o fogo devorou a invernada. [13-20]

2 O Dia de Javé — ¹Toquem a trombeta em Sião; deem o alarme no meu santo monte. Tremam todos os moradores do país, pois o Dia de Javé está chegando e já está perto. ²Será dia de trevas e escuridão, dia de nuvens e de negrume. Como o escurecer, estende-se sobre os montes um povo numeroso e forte; nunca houve povo igual a esse e nunca mais haverá por muitas gerações. ³Diante dele vai um fogo que devora; atrás dele uma chama que incendeia. Diante dele a terra é um jardim do paraíso; atrás dele é um deserto arrasado. Nada se salva! ⁴Seu aspecto é como de cavalos e como cavaleiros que correm. ⁵Seu ruído é como de carros que vêm saltando pelos cumes dos montes, estalando como chama que devora a palha, como poderoso exército em ordem de batalha. ⁶Os povos se assustam na presença dele, ficam todos pálidos de medo. ⁷Avançam como soldados valentes, como guerreiros escalam a muralha; cada um vai no seu caminho, sem se desviar da fileira. ⁸Uns não estorvam os outros: cada um segue o seu rumo; mesmo que as lanças caiam ao seu lado, eles não se detêm no caminho. ⁹Invadem a cidade, escalam a muralha, sobem nas casas, entram pelas janelas como ladrão. ¹⁰Diante deles, a terra treme e o céu se abala; o sol e a lua se escurecem, e as estrelas perdem o brilho. ¹¹Javé faz ouvir a sua voz à frente do seu exército. Seus batalhões são os mais numerosos, são valentes os encarregados de executar a ordem de Deus. Grandioso e terrível é o Dia de Javé! Quem poderá suportá-lo? [2,1-11]

Rasguem o coração, e não as roupas — ¹²Pois agora — oráculo de Javé — voltem para mim de todo o coração, fazendo jejum, choro e lamentação. ¹³Rasguem o coração, e não as roupas! Voltem para Javé, o Deus de vocês, pois ele é piedade e compaixão, lento para a cólera e cheio de amor, e se arrepende das ameaças. ¹⁴Quem sabe, ele volte atrás e se arrependa, deixe para nós bênção, oferta e libação de vinho para Javé, o Deus de vocês.

¹⁵Toquem a trombeta em Sião, proclamem um jejum, convoquem uma assembleia. ¹⁶Reúnam o povo, organizem a co-munidade, chamem os velhos, reúnam os jovens e crianças de peito. O jovem esposo saia do quarto, a jovem esposa deixe o seu leito. ¹⁷Os sacerdotes, ministros de Javé, venham chorar entre o pórtico e o altar, e digam: “Javé, tem piedade do teu povo! Não entregues a tua

herança à vergonha, à caçoada das nações”. Por que se deveria dizer entre os povos: “Onde está o Deus deles?” [12-17]

A fartura se transforma em agradecimento — ¹⁸Javé teve ciúmes da sua terra e compadeceu-se do seu povo. ¹⁹Javé respondeu a seu povo: Eu lhes mandarei trigo, vinho e azeite em abundância, e nunca mais farei de vocês a vergonha das nações. ²⁰Mandarei para longe o invasor do Norte, para um lugar seco e deserto: a vanguarda para o mar do Oriente e a retaguarda para o mar do Ocidente. Aí, ele vai cheirar mal e feder, porque foi longe demais.

²¹Terra, não tema; alegre-se e faça festa, pois Javé fez coisas grandiosas. ²²Não temam, feras, pois o verde voltou às pastagens dos campos. As árvores já estão carregadas de frutos, a figueira e a parreira já produzem sua riqueza. ²³Alegrem-se, filhos de Sião, e façam festa a Javé, o Deus de vocês. Pois ele mandou no tempo certo a chuva mansa e fez cair também a chuva forte: as primeiras e as últimas chuvas, tudo como antigamente. ²⁴Os terreiros estão forrados de cereais, os tanques estão transbordando de vinho e azeite novo. ²⁵Estou compensando os anos que foram devorados pelo gafanhoto, o saltador, o descascador, o cortador, o meu poderoso exército que um dia mandei contra vocês. ²⁶Agora vocês poderão comer com fartura e louvar o nome de Javé, o Deus de vocês, pois no meio de vocês ele fez maravilhas. Meu povo nunca mais passará vergonha. ²⁷Vocês ficarão sabendo, então, que eu estou no meio de Israel. Eu sou Javé, o Deus de vocês, e não há outro. Meu povo nunca mais passará vergonha. [18-27]

II. O DIA DE JAVÉ

3 *O dom do Espírito* — ¹Depois disso, derramarei o meu espírito sobre todos os viventes, e os filhos e filhas de vocês se tornarão profetas; entre vocês, os velhos terão sonhos e os jovens terão visões! ²Nesses dias, até sobre os escravos e escravas derramarei o meu espírito! ³Farei prodígios no céu e na terra: sangue, fogo e colunas de fumaça. ⁴O sol vai se mudar em trevas, e a lua em sangue, diante da chegada do Dia de Javé, grandioso e terrível! ⁵Então, todo aquele que invocar o nome de Javé será salvo, pois a salvação estará no monte Sião e em Jerusalém — como disse Javé — e entre os sobreviventes estarão aqueles que Javé tiver chamado. [3,1-5]

4 *O julgamento dos opressores* — ¹Nesses dias, nesse tempo, eu vou mudar a sorte de Judá e Jerusalém; ²vou reunir todas as nações do mundo e fazê-las descer ao vale de Josafá. Aí abrirei um processo contra elas, por causa de Israel, que é meu povo e minha propriedade. Pois elas espalharam Israel entre as nações e repartiram entre si a minha terra. ³Rifaram o meu povo; trocaram meninos por prostitutas e meninas a troco de vinho para se embriagarem.

⁴E vocês, o que querem de mim, Tiro, Sidônia e distritos da Filisteia? Vocês, por acaso, vão se vingar de mim? Se pensarem nisso, faço recair essa vingança sobre suas próprias cabeças. ⁵De fato, vocês roubaram minha prata e meu ouro, levaram para seus templos os meus tesouros. ⁶Vocês venderam aos gregos os filhos de Judá e de Jerusalém, somente para afastá-los de sua terra. ⁷Pois agora, eu vou tirá-los do lugar para onde foram vendidos. Faço voltar contra vocês aquilo que vocês praticaram: ⁸pela mão dos filhos de Judá, venderei os filhos e filhas de vocês, e eles os venderão à distante nação dos sabeus. Assim falou Javé. [4,1-8]

O Juízo final — ⁹Proclamem isto entre as nações: Preparem uma guerra santa, alistem soldados; venham, avancem todos os guerreiros! ¹⁰Transformem seus arados em espadas, e as foices em lanças! Diga o covarde: “Eu sou um soldado!” ¹¹Corram, venham todas as nações vizinhas e se reúnam aí. Javé, manda os teus soldados lá do alto. ¹²Venham, nações, e subam ao vale de Josafá, porque eu me sentarei aí para julgar todas as nações vizinhas. ¹³Lancem a foice, porque a colheita está madura. Venham pisar, pois o tanque está cheio e os barris

transbordando, porque é grande a maldade das nações. ¹⁴Multidões e multidões no vale da Decisão, porque o Dia de Javé está próximo, no vale da Decisão.

¹⁵O sol e a lua se escurecem, e as estrelas perdem o seu brilho. ¹⁶Javé ruge de Sião, de Jerusalém faz ouvir o seu grito: os céus e a terra começam a tremer! Javé, porém, é um esconderijo para o seu povo, é um abrigo para os filhos de Israel. ¹⁷Vocês ficarão sabendo que eu sou Javé, o Deus de vocês, que moro em Sião, meu santo monte. E Jerusalém será santa; estrangeiros nunca mais passarão por dentro dela. [9-17]

Javé habitará com seu povo — ¹⁸Nesse dia, as montanhas gotejarão vinho novo, das colinas escorrerá leite, e a água correrá em todos os riachos de Judá. Do templo de Javé brotará uma fonte que irrigará o vale das Acácias. ¹⁹O Egito será uma desolação e Edom será um deserto desolado, por causa da violência contra os filhos de Judá, por terem derramado sangue inocente na terra deles. ²⁰Judá será habitado para sempre, e Jerusalém por todas as gerações. ²¹Vingarei o sangue deles, que ainda não foi vingado. E Javé habitará em Sião. [18-21]

NOTAS

[1,1] O único dado histórico que possuímos sobre Joel é a sua filiação.

[2-12] Joel convoca todos para contemplar o triste espetáculo da natureza destruída por uma praga de gafanhotos; todos foram atingidos e nada restou, nem mesmo o necessário para a liturgia cotidiana. A comunidade ficou como a jovem que perdeu o noivo.

[13-20] A falta de colheitas tira do povo o alimento e até o impede de oferecer a Javé os primeiros frutos; oferta essa que lhe garantiria a bênção de Javé para a sustentação da vida. Quem não tem nada para oferecer, ofereça a privação mesma. O luto, o jejum e a súplica formam o grande ato litúrgico que leva a comover Javé, o Senhor da natureza, a fim de que ele acalme a sua ira e abençoe novamente o povo.

[2,1-11] O profeta se serve de uma figura, a invasão de gafanhotos, para descrever o *Dia de Javé*, isto é, do julgamento em que Deus manifestará a verdade de cada um. Os acontecimentos caóticos da história e da natureza deveriam levar os homens a reexaminarem seus projetos, para que reflitam sobre o sentido da vida e da história.

[12-17] A calamidade faz com que o povo se volte para Deus. Este, porém, não quer um rito puramente exterior, mas um profundo movimento coletivo de conversão, porque ele conhece o homem por dentro, e não somente pela aparência. Por que o povo na miséria se tornaria vergonha perante as nações? Simplesmente porque teria de recorrer a outros países, a fim de comprar alimentos por preços exorbitantes, carregando-se de dívidas. Além disso, teria de aguentar a “caçada teológica”: “Por que o seu Deus não o protege?”

[18-27] Se o tempo de carestia levou o povo à penitência e à súplica, uma conversão sincera é abençoada por Javé com novos tempos de abundância. O povo agora é convidado a agradecer e louvar a Deus. Refazendo a dignidade do povo, Javé refaz também a sua própria honra (vv. 18.27).

[3,1-5] No Antigo Testamento, o espírito de Javé é a força que cria e vivifica (Gn 1; Ez 37); esse espírito é dado às autoridades, a fim de que sejam capazes de conduzir e governar o povo (Nm 11,25; Jz 3,10) e também aos profetas, para que sejam porta-vozes de Deus (Is 42,1). Joel, porém, salienta que Deus dará o seu espírito a todos, sem distinção, quebrando as barreiras de idade (velhos-jovens), sociais (escravos e escravas) e de sexo (filhas e filhos). Recebendo o espírito, todos conhecerão o projeto de Deus e saberão viver de acordo com ele, sem necessitar de mediações políticas (autoridades) e religiosas (profetas). O Novo Testamento mostra que essa profecia começou a realizar-se no dia de Pentecostes (cf. At 2,17-21).

[4,1-8] A restauração de Israel supõe o castigo das nações que o haviam oprimido, principalmente as nações vizinhas que se aproveitaram da fraqueza dele, quando atacado pelas grandes potências. O lugar do julgamento é simbólico: Josafá significa “Deus julga”.

[9-17] Deus convoca todas as nações para o julgamento, num lugar que agora é chamado de “vale da Decisão”, porque a sentença será definitiva. O julgamento é apresentado como guerra santa, um combate entre Deus e as nações que se opõem ao projeto dele. Somente o povo aliado de Javé será protegido e participará da vitória.

[18-21] Com o julgamento começa para o povo de Deus uma era paradisíaca, cheia de paz e prosperidade. Os últimos inimigos foram vencidos e a vida dos mártires inocentes foi vingada. Doravante, o povo terá a vida em plenitude, porque Javé habitará para sempre no meio dele.

AMÓS

CONTRA A INJUSTIÇA SOCIAL

Introdução

Em meados do século oitavo antes de Cristo, pelo ano 760, um sitiante (7,14) chamado Amós “caiu na arapuca” de Deus (3,5), deixou sua vida tranquila no Sul e foi anunciar e denunciar no Norte, onde reinava Jeroboão II (1,1). Um “leão começava a rugir” (3,8): era Javé colocando em polvorosa todo um regime de injustiças. Amós acabou sendo expulso, mas antes rogou uma praga em cima do sacerdote Amasias, que presidia o culto em Betel, de acordo com a vontade do rei (7,10-17).

Por que a palavra de Amós incomodava tanto? Exatamente porque ele anunciava que o julgamento de Deus iria atingir não só as nações pagãs, mas também, e principalmente, o povo escolhido; este já se considerava salvo, mas na prática era pior do que os pagãos (1,3-2,16). E Amós não se contentava em denunciar genericamente a injustiça social. Ele “dava nome aos bois”: os ricos que acumulavam cada vez mais, para viverem em mansões e palácios (3,13-15; 6,1-7), criando um regime de opressão (3,10); as mulheres ricas que, para viverem no luxo, estimulavam seus maridos a explorar os fracos (4,2-3); os que roubavam e exploravam e depois iam ao santuário rezar, pagar dízimo, dar esmolas para aplacar a própria consciência (4,4-12; 5,21-27); os juizes que julgavam de acordo com o dinheiro que recebiam dos subornos (5,10-13); os comerciantes ladrões e os “atravessadores” sem escrúpulo que deixavam os pobres sem possibilidades de comprar e vender as mercadorias por preço justo (8,4-8).

Em cinco visões, Amós anuncia o fim do Reino do Norte, porque aí a situação era insustentável diante de Deus (7,1-3; 7,4-6; 7,7-9; 8,1-3; 9,1-4).

No estado atual, o livro de Amós termina com um toque de esperança (9,11-15). Tal esperança foi vislumbrada pelos judeus que, dois séculos depois, se encontravam na Babilônia e acrescentaram este trecho, conscientes de se terem purificado do seu pecado, no amargor do exílio.

AMÓS

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9

AMÓS

1 *Título* [1,3-2,16] — ¹Palavras de Amós, um pastor de Técuá, que teve visões a respeito de Israel, no tempo de Ozias, rei de Judá, e no tempo de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel, dois anos antes do terremoto. [1,1]

Porta-voz de Javé — ²Ele disse: Javé ruge de Sião, de Jerusalém faz ouvir o seu grito; as pastagens dos pastores murcham, e até o pico do Carmelo seca. [2]

I. O JULGAMENTO ESTÁ PRÓXIMO

1. Julgamento das nações vizinhas

Damasco [1,3-2,5] — ³ Assim diz Javé: Por três crimes de Damasco e pelo quarto, eu não vou perdoar: porque moeram Galaad com grade de ferro. ⁴ Porei fogo na casa de Hazael e queimarei os palácios de Ben-Adad; ⁵ arrebentarei os ferrolhos de Damasco; eliminarei os chefes de Biceat-Áven e o dono do poder em Bet-Éden; e o povo de Aram irá cativo para Quir — diz Javé. [1,3-5]

Filisteia — ⁶ Assim diz Javé: Por três crimes de Gaza e pelo quarto, eu não vou perdoar: porque fizeram cativo um povo inteiro, para entregá-lo a Edom. ⁷ Porei fogo nas muralhas de Gaza e queimarei seus palácios; ⁸ eliminarei os chefes de Azoto e o dono do poder em Ascalon; voltarei minha mão contra Acaron, e o que sobrar dos filisteus será liquidado — diz Javé. [6-8]

Tiro — ⁹ Assim diz Javé: Por três crimes de Tiro e pelo quarto, eu não vou perdoar: porque fizeram cativo um povo inteiro para entregá-lo a Edom, sem respeitar o pacto de irmãos. ¹⁰ Porei fogo nas muralhas de Tiro e queimarei seus palácios — diz Javé. [9-10]

Edom — ¹¹ Assim diz Javé: Por três crimes de Edom e pelo quarto, eu não vou perdoar: porque perseguiram seus irmãos com a espada, sem ouvir a voz do sangue fraterno, e porque acenderam sua raiva para sempre, guardando ódio eterno. ¹² Porei fogo em Temã e queimarei os palácios de Bosra — diz Javé. [11-12]

Amon — ¹³ Assim diz Javé: Por três crimes de Amon e pelo quarto, eu não vou perdoar: porque rasgaram o ventre das mulheres grávidas de Galaad, só para alargar suas fronteiras. ¹⁴ Porei fogo nas muralhas de Rabá e queimarei seus palácios, com gritos de guerra no dia da batalha, como vendaval em dia de tempestade; ¹⁵ seu rei irá para o cativeiro, junto com seus chefes — diz Javé. [13-15]

2 Moab — ¹ Assim diz Javé: Por três crimes de Moab e pelo quarto, eu não vou perdoar: porque eles queimaram até a cinzas os ossos do rei de Edom. ² Porei fogo em Moab e queimarei os palácios de Cariot; Moab vai morrer em meio ao

barulho, entre gritos de guerra e ao som da corneta; ³eliminaréi o juiz que aí existe e, com ele, trucidarei as suas autoridades — diz Javé. [2,1-3]

Judá — ⁴Assim diz Javé: Por três crimes de Judá e pelo quarto, eu não vou perdoar: porque desprezaram a lei de Javé e não guardaram os seus mandamentos, tomando um caminho no rastro das mentiras que um dia seus pais já tinham seguido. ⁵Porei fogo em Judá e queimarei os palácios de Jerusalém. [4-5]

2. Julgamento de Israel

⁶Assim diz Javé: Por três crimes de Israel e pelo quarto, eu não vou perdoar: porque vendem o justo por dinheiro e o necessitado por um par de sandálias; ⁷pisoteiam os fracos no chão e desviam o caminho dos pobres! Pai e filho dormem com a mesma jovem, profanando assim o meu nome santo. ⁸Diante de todos os altares eles se deitam sobre roupas penhoradas e no templo do seu deus bebem o vinho de juro.

⁹E à frente de vocês, fui eu quem derrotou os amorreus, altos como cedros do Líbano e fortes como carvalhos: os frutos deles, eu cortei por cima, e por baixo as suas raízes. ¹⁰Fui eu quem retirou vocês da terra do Egito e, através do deserto, guiei vocês durante quarenta anos, a fim de os tornar proprietários da terra dos amorreus. ¹¹Entre os filhos de vocês escolhi profetas, e entre os jovens de vocês escolhi homens consagrados. Não foi assim, ó filhos de Israel? — oráculo de Javé.

¹²No entanto, vocês embriagaram os homens consagrados e taparam a boca dos profetas. ¹³Pois eu vou abrir o chão debaixo de vocês, como abre o chão uma carroça carregada de feixes. ¹⁴O mais veloz não conseguirá fugir, a força do valente de nada lhe valerá; o forte não escapará da morte, ¹⁵o arqueiro não ficará de pé, o ligeiro das pernas não escapará, e nem mesmo o cavaleiro salvará a própria vida; ¹⁶o mais corajoso dos guerreiros fugirá nu nesse dia! — oráculo de Javé. [6-16]

II. AMEAÇAS CONTRA AS INJUSTIÇAS

3 *Javé pede contas* — ¹Escutem bem esta palavra que Javé diz a respeito de vocês, ó filhos de Israel, e a respeito de toda família que eu tirei da terra do Egito: ²De todas as famílias da terra, você foi a única que eu conheci; e é justamente por isso que eu vou lhe pedir contas de todos os seus pecados. [3,1-2]

A vocação profética — ³Será que duas pessoas andam juntas, sem antes estarem de acordo? ⁴Ruge o leão na floresta, sem que tenha uma presa? Solta o leãozinho seu urro no esconderijo, sem que tenha a sua caça? ⁵Cai o pássaro por terra, sem que haja armadilha? Levanta-se uma rede do chão, sem que tenha pego algo? ⁶Soa a trombeta na cidade, sem que a população se alarme? Vem alguma desgraça sobre a cidade, sem que Deus a tenha mandado? ⁷Do mesmo modo, o Senhor Javé não faz coisa alguma sem revelar seu segredo aos profetas, seus servos. ⁸Ruge o leão: quem não temerá? Fala o Senhor Javé: quem não profetizará? [3-8]

Samaria será destruída — ⁹Proclamem nos palácios de Azoto e nos palácios da terra do Egito. Digam a eles para se reunirem nas montanhas da Samaria, a fim de verem quantas desordens aí existem e quantos oprimidos há em seu meio! ¹⁰Não sabem viver com honestidade — oráculo de Javé — aqueles que em seus palácios entesouram violência e opressão. ¹¹Portanto, assim diz Javé: O inimigo cercará o país, derrubará seu poder e saqueará seus palácios. ¹²Assim diz Javé: Como o pastor salva da boca do leão duas patas ou um pedaço de orelha, assim se salvarão os filhos de Israel, que moram em Samaria sobre uma tábua de cama ou sobre uma coberta de damasco. [9-12]

Não haverá refúgio — ¹³Escutem e testemunhem contra a casa de Jacó — oráculo do Senhor Javé, Deus dos exércitos. ¹⁴No dia em que eu pedir contas a Israel de seus crimes, pedirei contas pelo altar de Betel; as pontas do altar serão quebradas e cairão por terra. ¹⁵Vou derrubar a casa de inverno, junto com a casa de verão. Serão destruídas as casas de marfim, desaparecerão os palácios de luxo — oráculo de Javé. [13-15]

4 *As damas da sociedade* — ¹Escutem esta palavra, vacas de Basã, que moram no monte de Samaria: vocês que oprimem os fracos, maltratam os

necessitados, e dizem a seus maridos: “Tragam algo para beber”. ²O Senhor Javé jura por sua santidade que para vocês há de chegar o dia em que serão carregadas com ganchos e seus filhos em arpões. ³Terão que passar, uma atrás da outra, pela brecha da muralha, e para o Hermon serão levadas — oráculo de Javé. [4,1-3]

Um culto que condena — ⁴Dirijam-se a Betel, e pequem; vão a Guilgal, e pequem ainda mais! Ofereçam de manhã seus sacrifícios e ao terceiro dia levem seus dízimos! ⁵Ofereçam pão fermentado como sacrifício de louvor e proclamem em alta voz as ofertas espontâneas! Pois é disso que vocês gostam, filhos de Israel! — Oráculo do Senhor Javé. [4-5]

Advertência sem conversão — ⁶Eu deixei limpos os seus dentes em todas as cidades, e de todos os lugares retirei o pão. Mas nem assim mesmo vocês voltaram para mim! — Oráculo de Javé. ⁷De vocês eu escondi a chuva, três meses antes da colheita; eu mandava chover numa cidade e não fazia chover na outra; numa roça eu mandava chover, e a outra, onde não chovia, secava. ⁸Duas ou três cidades iam cambaleando beber água em outra cidade, e não conseguiam matar a sede. Mas nem assim mesmo vocês voltaram para mim! — Oráculo de Javé. ⁹Com o carvão e a ferrugem do trigo eu castiguei vocês; sequei suas hortas e vinhedos e o gafanhoto comeu suas figueiras e oliveiras. Mas nem assim mesmo vocês voltaram para mim! — Oráculo de Javé. ¹⁰Uma peste eu lhes mandei, igual às pragas do Egito; matei seus guerreiros à espada, e os cavalos foram levados pelo inimigo. Fiz subir pelas narinas de vocês o mau cheiro do acampamento. Mas nem assim mesmo vocês voltaram para mim! — Oráculo de Javé. ¹¹Eu revirei vocês de cabeça para baixo, como Deus fez com Sodoma e Gomorra, e vocês ficaram como tição puxado do fogo. Mas nem assim mesmo vocês voltaram para mim! — Oráculo de Javé. ¹²Pois é assim que eu tratarei você, Israel. E porque vou tratá-lo assim, prepare-se, Israel, para encontrar-se com seu Deus! [6-12]

Homenagem a Javé — ¹³Vejam: ele forma os montes e cria os ventos; manifesta seu pensamento ao homem; faz a aurora e o crepúsculo e caminha sobre as alturas da terra: seu nome é Javé, Deus dos exércitos. [13]

5 Lamentação — ¹Escutem esta palavra que vou pronunciar contra vocês; é uma lamentação por você, casa de Israel: ²Caiu para nunca mais se levantar, a

jovem Israel! Está prostrada no seu próprio chão, não há quem a levante! ³Pois assim diz o Senhor Javé à casa de Israel: A cidade que punha em campo mil guerreiros, ficará apenas com cem; aquela que saía com cem, ficará apenas com dez. [5,1-3]

Procurem a mim, e vocês viverão — ⁴Assim diz Javé à casa de Israel: Procurem a mim, e vocês viverão. ⁵Não procurem Betel, não façam romarias a Guilgal, nem corram para Bersabeia. Pois Guilgal irá toda para o exílio e Betel será reduzida a nada. ⁶Procurem a Javé, e vocês viverão. Senão, ele virá como um fogo sobre a casa de José e a queimará, e em Betel não haverá quem o apague. [4-6] ⁷Ai dos que transformam o direito em veneno e atiram a justiça por terra.

Hino ao Criador

⁸É ele quem fez as Plêiades e o Órion, é ele quem transforma as trevas em aurora e o dia em noite escura.

Ele convoca as águas do mar para inundar a face da terra.

Seu nome é Javé.

⁹É ele quem determina a invasão da fortaleza e comanda a destruição da praça forte. [8-9]

O processo contra a riqueza — ¹⁰Eles odeiam os que defendem o justo no tribunal e têm horror de quem fala a verdade. ¹¹Porque esmagam o fraco, cobrando dele o imposto do trigo, eles poderão construir casas de pedras lavradas, mas nelas jamais irão morar; poderão plantar vinhas de ótima qualidade, mas do seu vinho não beberão. ¹²Pois eu sei como são numerosos os seus crimes e graves os seus pecados: exploram o justo, aceitam subornos e enganam os necessitados no tribunal! ¹³É por isso que nesse tempo o prudente se cala, pois o tempo é de desgraça. [7.10-13]

Convertam-se! — ¹⁴Procurem o bem e não o mal; então vocês viverão. Quem sabe, assim — como vocês dizem — Javé, Deus dos exércitos, estará com vocês. ¹⁵Odeiem o mal e amem o bem; restabeleçam o direito no tribunal. Quem sabe, assim, Javé, Deus dos exércitos, terá misericórdia do resto de José. [14-15]

A ruína está chegando — ¹⁶Assim diz Javé, o Senhor Deus dos exércitos: Em todas as ruas haverá gemidos, em todas as vielas dirão: “Ai, ai!” Chamarão para o luto o lavrador, e para o choro aqueles que sabem lamentar. ¹⁷Em todos os vinhedos haverá gemidos, porque eu passarei no meio de você — diz Javé. [16-17]

O Dia de Javé — ¹⁸Ai dos que vivem suspirando pelo Dia de Javé! Como será para vocês o Dia de Javé? Será trevas, e não luz. ¹⁹Será como o indivíduo que foge do leão e topa com o urso; ou como a pessoa que, entrando em casa, apoia a mão na parede e é mordido pela cobra. ²⁰Pois o Dia de Javé, por acaso não será trevas, ao invés de luz, escuridão sem claridade alguma? [18-20]

O verdadeiro culto — ²¹Eu detesto e desprezo as festas de vocês; tenho horror dessas reuniões. ²²Ainda que vocês me ofereçam sacrifícios, suas ofertas não me

agradarão, nem olharei para as oferendas gordas. ²³Longe de mim o barulho de seus cânticos, nem quero ouvir a música de suas liras. ²⁴Eu quero, isto sim, é ver brotar o direito como água e correr a justiça como riacho que não seca. ²⁵Vocês por acaso fizeram ofertas ou me ofereceram sacrifícios durante os quarenta anos de deserto, ó casa de Israel?

²⁶Vocês terão que carregar o seu próprio rei Sacut, e o ídolo Caivã, imagens de deuses que vocês fizeram para vocês próprios usarem. ²⁷Porque eu vou levar vocês para o exílio, para muito além de Damasco — diz Javé, que se chama Deus dos exércitos. [21-27]

6 O privilégio vai acabar — ¹Ai dos que vivem tranquilos em Sião e se sentem seguros no monte de Samaria; os nobres da primeira dentre as nações, aos quais recorre a casa de Israel! ²Vão a Calane para ver; daí, passem à grande cidade de Emat; depois desçam a Gat dos filisteus. Será que vocês são melhores que esses reinos? E o território de vocês, será maior que o deles? ³Aplicando o poder da violência, vocês pensam que estão afastando o dia fatal. ⁴Deitam-se em camas de marfim; esparramam-se em cima de sofás, comendo cordeiros do rebanho e novinhos cevados em estábulos; ⁵cantarolam ao som da lira, inventando, como Davi, instrumentos musicais; ⁶bebem canecões de vinho, usam os mais caros perfumes, sem se importar com a ruína de José! ⁷Por isso, vocês irão acorrentados à frente dos exilados. Acabou-se a festa dos boas-vidas. [6,1-7]

Tudo será destruído — ⁸Oráculo de Javé, Deus dos exércitos: Jura o Senhor Javé por sua própria vida: Eu detesto o orgulho de Jacó, eu odeio seus palácios. Vou entregar a cidade inteira e tudo o que nela existe. ⁹Se numa casa sobrirem dez homens, todos morrerão. ¹⁰Pouca gente ficará para tirar da casa os cadáveres. Alguém perguntará ao outro que está no fundo da casa: “Há mais alguém aí com você?” E o outro responderá: “Acabou!” E dirá: “Silêncio!” Porque não se deve mencionar o nome de Javé. ¹¹Aqui está o que Javé ordena: Que se arrebente a casa grande em pedaços e a casa pequena em frangalhos. ¹²No meio de pedras, podem os cavalos correr? No meio do mar, os bois podem arar? No entanto, vocês fizeram do direito um veneno, e do fruto da justiça um amargor! ¹³Vocês fazem festa por causa de Lo-Dabar, e dizem: “Não foi por nossa força que conquistamos Carnaim?” ¹⁴Pois bem, ó casa de Israel: eu vou levantar contra vocês uma nação que os esmagará desde a entrada de Emat até o

riacho da Arabá — oráculo de Javé, Deus dos exércitos. [\[8-14\]](#)

III. VISÕES

7 *Primeira visão: Deus não castigará o povo* [7,1-9,10] — ¹Isto me mostrou o Senhor Javé: Apareceu uma nuvem de gafanhotos pouco antes da colheita do feno, depois de cortado o feno do rei. ²Quando iam acabar com todo o verde da terra, eu disse: “Por favor, Javé, perdoa! Jacó é tão pequeno! Como poderá resistir?” ³Então Javé se compadeceu, e disse: “Isso não vai acontecer” — diz Javé. [7,1-3]

Segunda visão: Deus não castigará o povo — ⁴Isto me mostrou o Senhor Javé: O Senhor Javé convocava o fogo para fazer o julgamento. O fogo consumia o grande oceano e devorava as roças. ⁵E eu disse: “Por favor, pára, Senhor Javé! Jacó é tão pequeno! Como poderá resistir?” ⁶Javé se compadeceu, e disse: “Nem isso acontecerá” — diz Javé. [4-6]

Terceira visão: Isto Javé não vai perdoar — ⁷Isto me mostrou o Senhor Javé: Javé estava sobre um muro e, na mão, tinha um prumo. ⁸E Javé me disse: “O que é que você está vendo, Amós?” Eu respondi: “Um prumo”. E ele me disse: “Vou tirar o nível do meu povo Israel. Não o perdoarei mais. ⁹Serão arrasados os lugares altos de Isaac, os santuários de Israel serão destruídos, e eu empunharei a espada contra a dinastia de Jeroboão”. [7-9]

Amós é acusado de subversão — ¹⁰Amasias, sacerdote de Betel, mandou falar assim a Jeroboão, rei de Israel: “Amós está tramando contra Vossa Majestade, dentro do reino de Israel. O país não pode tolerar mais as suas palavras, ¹¹pois Amós está dizendo que Jeroboão deverá ser morto pela espada e que Israel deverá ir para o exílio, para longe do seu país”.

¹²Então Amasias disse a Amós: “Vidente, vá embora daqui. Retire-se para a terra de Judá. Vá ganhar a sua vida fazendo lá suas profecias. ¹³Não me venha mais fazer profecias em Betel, pois isto aqui é o santuário do rei, e é templo do reino”. ¹⁴Amós respondeu a Amasias: “Eu não sou profeta, nem discípulo de profeta. Eu sou criador de gado e cultivador de sicômoros. ¹⁵Foi Javé quem me tirou de trás do rebanho, e me ordenou: ‘Vá profetizar ao meu povo Israel’. ¹⁶Pois bem, escute agora a palavra de Javé! Você está dizendo: ‘Não profetize contra Israel, não despeje suas palavras contra a casa de Isaac’. ¹⁷Pois bem,

assim diz Javé: ‘A sua mulher vai se tornar a prostituta da cidade; seus filhos e suas filhas vão morrer a golpe de espada; sua terra será repartida na corda, e você mesmo irá morrer em terra estrangeira. E Israel será levado para o exílio, longe de sua terra’ ”. [10-17]

8 Quarta visão: Chegou a hora final — ¹Isto me mostrou o Senhor Javé: Vi uma cesta de frutas maduras. ²E Javé me perguntou: “O que é que você está vendo, Amós?” Eu respondi: “Uma cesta de frutas maduras”. Ele me disse: “Está maduro o fim para o meu povo Israel; não o perdoarei mais. ³Nesse dia, as cantoras do santuário gemerão — oráculo do Senhor Javé. Haverá cadáveres atirados por toda a parte. Silêncio!” [8,1-3]

O lucro é um roubo — ⁴Escutem aqui, exploradores do necessitado, opressores dos pobres do país! ⁵Vocês ficam maquinando: “Quando vai passar a festa da lua nova, para podermos pôr à venda o nosso trigo? Quando vai passar o sábado, para abrirmos o armazém, para diminuir as medidas, aumentar o peso e viciar a balança, ⁶para comprar os fracos por dinheiro, o necessitado por um par de sandálias, e vender o refugio do trigo?” ⁷Javé jura pelo orgulho de Jacó: Não posso jamais me esquecer de tudo o que essa gente faz. ⁸Não é por isso que a terra treme e seus moradores todos se apavoram? Não é por isso que toda ela sobe como o rio Nilo e, como o rio do Egito, baixa novamente? [4-8]

O maior castigo — ⁹Nesse dia — oráculo do Senhor Javé — eu farei o sol se esconder ao meio-dia, e em pleno dia escurecerei a terra; ¹⁰mudarei suas festas em funeral e seus cânticos em gemidos. A todos vestirei com roupas de luto e, no lugar da cabeleira, haverá cabeça raspada. Farei disso como o luto por um filho único, e seu fim será como um dia de amargura. ¹¹Dias virão — oráculo do Senhor Javé — em que vou mandar a fome sobre o país: não será fome de pão, nem sede de água, e sim fome de ouvir a palavra de Javé. ¹²Irão cambaleando de um mar a outro, irão sem rumo do Norte para o Oriente, à procura da palavra de Javé, e não a encontrarão. ¹³Nesse dia, vão desmaiar de sede as jovens mais belas, e também os rapazes ¹⁴que juram por Asima, deusa da Samaria, e que costumam dizer: “Viva o teu ídolo, Dã!” Ou: “Viva o teu Bem-Amado, Bersabeia!” E cairão para nunca mais se levantar! [9-14]

9 Quinta visão: o castigo implacável — ¹Eu vi Javé perto do altar. Ele me dizia: “Bata no alto das colunas para fazer tremer os umbrais. Quebre a

cabeça de todos, que o resto eu matarei pela espada. Ninguém conseguirá fugir, ninguém conseguirá escapar. ²Se eles se esconderem na mansão dos mortos, daí minha mão os arrancará; se subirem ao mais alto do céu, de lá os farei descer; ³se conseguirem esconder-se no pico do Carmelo, aí vou procurá-los e pegá-los; se mergulharem no fundo do mar, lá mandarei o dragão para que os morda; ⁴e se forem caminhando adiante do inimigo, darei ordem à espada para matá-los. Porei neles os meus olhos para o mal e não para o bem”. [9,1-4]

Hino a Javé

⁵Javé, Deus dos exércitos, fere a terra, ela se desmancha
e todos os seus habitantes ficam de luto.

Ela sobe feito o rio Nilo,
de novo baixa como o rio do Egito.

⁶No céu, Deus fez a sua alta morada e, por cima da terra, firmou sua abóbada.
Ele é quem chama as águas do mar para inundar a face da terra.

Javé é o seu nome! [\[5-6\]](#)

Deus castiga com justiça — ⁷Por acaso, israelitas, para mim vocês são diferentes dos cuchitas? Eu não tirei Israel da terra do Egito? Mas, também não tirei os filisteus de Cáftor? E não fiz os arameus saírem de Quir? ⁸Os olhos do Senhor Javé se voltam para a nação pecadora; e eu vou eliminá-la da face da terra. Mas não vou arrasar completamente a casa de Jacó — oráculo de Javé. ⁹Pois eu darei ordem e sacudirei no meio de todos os povos a casa de Israel, como se abana o trigo na peneira, sem deixar que caia no chão um grãozinho sequer. ¹⁰Morrerão pela espada todos os pecadores do meu povo, aqueles que dizem: “A desgraça não se aproximará, nunca chegará até nós”. [\[7-10\]](#)

IV. O TEMPO DA RENOVAÇÃO

¹¹Nesse dia, vou armar de novo a tenda de Davi que caiu. Vou tapar seus buracos, levantar suas ruínas, até reconstruí-la como era antes, ¹²a fim de que possam conquistar o que sobrar de Edom e de todas as nações, sobre as quais o meu nome é invocado — oráculo de Javé, que realiza tudo isso.

¹³Dias virão — oráculo de Javé — nos quais aquele que estiver arando vai encontrar-se com quem estiver colhendo, e quem estiver esmagando a uva com quem estiver semeando. As montanhas vão destilar vinho novo, que escorrerá pelas colinas. ¹⁴Farei voltar os exilados do meu povo Israel. Eles voltarão a construir as cidades que foram destruídas, e nelas vão morar. Plantarão vinhedos e beberão seu vinho; formarão pomares e comerão suas frutas. ¹⁵Eu vou plantá-los na sua própria terra e jamais serão novamente arrancados dessa terra, que eu mesmo lhes dei — diz Javé, o Deus de vocês. [11-15]

NOTAS

[1,3-2,16] Nas reuniões do povo, os profetas frequentemente pronunciavam maldições contra os inimigos de Israel. Eram acusações breves, com ameaças de castigo. Os ouvintes certamente ficavam satisfeitos. Amós, porém, usa esse recurso para chegar ao ponto culminante: acusar e julgar os próprios ouvintes.

[1,1] Estamos em meados do séc. VIII a.C. Embora originário do reino do Sul (Judá), Amós desenvolve sua atividade profética no Reino do Norte (Israel). Sobre o terremoto não temos outras notícias.

[2] Este brevíssimo oráculo introduz toda a atividade de Amós, apresentando-a como manifestação do único Deus vivo, que habita em Jerusalém e está acima de qualquer divisão interna do povo. Sobre Javé que ruge, cf. Introdução e nota em 3,1-8.

[1,3-2,5] Nas maldições proferidas por Amós, Deus julga as nações, não a partir dos interesses de Israel, mas em nome de um direito internacional que se impõe a todos os grupos humanos.

[1,3-5] Damasco arrasou de maneira violenta e cruel o território de Galaad.

[6-8] Os filisteus praticaram o tráfico de escravos.

[9-10] Os fenícios de Tiro violaram o pacto que haviam estabelecido com outra nação irmã.

[11-12] Edom não teve compaixão nem ajudou a nação irmã, quando esta sofreu a invasão de uma grande potência.

[13-15] Para conquistar o território de Galaad, Amon trucidou até mulheres grávidas.

[2,1-3] Moab recusou sepultar um rei inimigo. Para os antigos, isso significava deixar o defunto em situação de maldição, o que era considerado o máximo da imoralidade.

[4-5] Judá é acusado de não obedecer à lei de Javé e de praticar a idolatria (“mentiras”).

[6-16] De maneira imprevista, o profeta chega aonde pretende: denunciar e julgar o que está acontecendo no Reino de Israel, pátria dos ouvintes. Acusa-os de injustiça social, corrupção, idolatria, manipulação ideológica. Os principais atingidos pela profecia são as autoridades: ao invés de promoverem condições de justiça e vida, exploram, oprimem e manipulam ideologicamente o povo, reduzindo-o à fraqueza, miséria e abandono. Enganado, o povo não consegue nem ter acesso às condições libertadoras, apresentadas pelos profetas e por outras pessoas consagradas (nazireus). A essa infidelidade dos governantes, o profeta contrapõe a fidelidade de Javé, que libertou o povo da escravidão e o fez conquistar a terra da vida. O castigo anunciado nos vv. 13-16 refere-se à invasão do Reino do Norte pela Assíria.

[3,1-2] Pelo fato de ser o povo escolhido, Israel se imagina protegido e desculpado por Deus. Contudo, exatamente por ser o povo íntimo de Deus, terá que prestar contas de toda infidelidade e será julgado com mais rigor que as outras nações.

[3-8] Amós salienta que a vocação profética é irresistível: ele mesmo profetiza porque Deus o obriga a profetizar. O texto revela o pastor de Técuá e seu mundo: todas as comparações provêm do ambiente rural, em contato com a natureza.

[9-12] Samaria, capital do Reino do Norte, tornou-se também a capital da corrupção e da injustiça social. O profeta convida, para contemplar o espetáculo, um público entendido na matéria: o Egito e os filisteus, tradicionais opressores de Israel. Na cena, aparecem dois grupos: os oprimidos e os que entesouram; os primeiros são apresentados como sujeitos passivos, sem voz nem vez; e os

segundos agem, acumulando bens a fim de viverem luxuosamente. Para Javé, porém, eles amontoam morte e roubo em seus próprios palácios. Assim como o pastor, que para provar a sua inocência devia apresentar em tribunal alguma parte da ovelha devorada por uma fera, do mesmo modo, os restos de Samaria destruída pelo inimigo comprovarão a inocência de Javé.

[13-15] Com a destruição do poder político (palácios), o profeta anuncia também a destruição do poder religioso (santuário); este trazia uma segurança ideológica que acobertava a injustiça social reinante. O santuário servia de asilo a todo aquele que aí se refugiava, agarrando-se às pontas do altar. O v. 15 comprova os privilégios da classe alta, que possuía casas diferentes, de acordo com a estação do ano.

[4,1-3] As damas da alta sociedade vivem no luxo à custa dos fracos e necessitados. O profeta as compara ao gado de raça criado nas pastagens de Basã. E acrescenta: irão para o exílio conduzidas como animais.

[4-5] O culto não é uma garantia de salvação; pelo contrário, quando não é acompanhado pela prática da justiça, serve apenas para acobertar a opressão e injustiça e, por isso, torna-se motivo de condenação.

[6-12] A história de Israel está cheia de advertências: fome, sede, calamidades de todo tipo, pestes, guerras e inúmeros desastres. Esses flagelos, porém, não levaram à conversão; pelo contrário, continuou-se a prática da injustiça, acobertada por um culto puramente exterior.

[13] É um fragmento de hino, acrescentado aqui para celebrar Javé como Deus do universo.

[5,1-3] As ameaças dão lugar agora a uma lamentação. Certo das calamidades que anuncia, Amós se torna solidário com o povo: apesar de tudo, um pequeno resto se salvará.

[4-6] Quem quiser encontrar o Senhor, não deve procurá-lo nos templos, porque todos serão destruídos. É preciso encontrá-lo no seu verdadeiro santuário, isto é, na prática da justiça.

[8-9] Outro autor inseriu aqui este fragmento de hino. O v. 9 faz-nos lembrar o Magnificat: o Senhor destrona os poderosos (Lc 1,52).

[7.10-13] Em praça pública, Amós anuncia o processo da riqueza: os poderosos se enriquecem graças à exploração do povo, que é assim reduzido à pobreza. A esperança do pobre seria que fosse feita justiça no tribunal, mas também aí os

juízes torcem a justiça em troca de suborno. Diante de tal situação, a única saída para o homem prudente é calar-se, pois não adianta falar num ambiente onde as coisas se interpretam às avessas. Ao mesmo tempo, Amós anuncia a desgraça que vai atingir os grandes: eles não vão usufruir o que estão acumulando: a riqueza construída sobre a injustiça gera a ruína daqueles que a possuem.

[14-15] Amós denuncia a injustiça, não visando a uma condenação, e sim a uma conversão. Note-se que o bem e o mal aqui são claramente identificados com a prática da justiça ou da injustiça.

[16-17] O profeta não crê que seu apelo à conversão será ouvido; desde já, ele anuncia e contempla o tempo da desgraça: acontecerá o inverso do que aconteceu no Egito: lá Deus passou no meio do povo para libertar e dar a vida (cf. Ex 11,1-10; 12,29-34); agora Deus passará, trazendo a desgraça e a morte.

[18-20] O profeta vê no horizonte a potencial invasão do inimigo (a Assíria). A classe dominante de Israel se refugia na falsa segurança de ter Javé como aliado: para ela, quando o inimigo invadir o país, Javé intervirá (“Dia de Javé”) em favor de seu povo, concedendo-lhe a vitória. Amós, porém, destrói essa falsa segurança. O Dia de Javé será de derrota, pois ele assumirá o partido do inimigo, comportando-se até como inimigo ainda maior daqueles que exploram e oprimem o povo.

[21-27] O culto de Israel a Javé tornou-se puramente exterior: ao invés de exprimir a aliança com seu Deus, tornou-se máscara que esconde a violação do direito e a institucionalização da injustiça, fazendo de Deus um cúmplice do pecado. O verdadeiro culto, que testemunha a aliança viva com Deus, consiste em respeitar o direito e promover a justiça. Os vv. 25-27 são um acréscimo posterior, que generaliza a crítica de Amós e a estende ao culto de outras divindades.

[6,1-7] A classe dominante de Israel se mantém numa vida de privilégios, às custas da exploração do povo (da “ruína de José”). Todavia, o profeta assegura que isso tudo terá um fim, pois o dia fatal se aproxima.

[8-14] Graças à conquista de algumas cidades da Transjordânia, os dirigentes de Israel ficam eufóricos e chegam a criar ilusões. Tudo isso, porém, é apenas um disfarce para encobrir a corrupção que atingiu limites incríveis e insustentáveis: o direito foi transformado em veneno, e a justiça em amargor. A Assíria destruirá logo tudo, de Emat até o riacho de Arabá, isto é, de Norte a Sul.

[7,1-9,10] Amós adquire certeza de sua missão e resiste às autoridades: ele as

perturba e elas o procuram calar. A revelação agora se manifesta na forma de cinco visões simbólicas. Outros autores inseriram aqui alguns trechos, como a narração do conflito entre o profeta e as autoridades (7,10-17) e o fragmento de um hino. Também deslocaram para este contexto algumas ameaças que complementam as anteriores.

[7,1-3] Parte do primeiro corte do feno pagava o tributo ao rei; o segundo corte beneficiava diretamente os camponeses. A desgraça é afastada, porque Javé não pretende castigar o povo por causa dos erros das autoridades.

[4-6] Esta visão tem o mesmo sentido que a primeira. Amós contempla uma grande seca. O grande oceano, segundo a concepção que os israelitas tinham do mundo, são as águas subterrâneas, das quais nascem fontes e rios e a água dos poços.

[7-9] Javé vai *nivelar* a situação, destruindo o palácio real (poder político reinante) e os santuários (ideologia religiosa dominante). Amós não pede mais perdão: a condenação da injustiça e da idolatria é irrevogável, para que o povo seja libertado.

[10-17] Ouvindo Amós denunciar o santuário do rei, Amasias, o sacerdote responsável, percebe que o profeta está ameaçando a ordem estabelecida. Pouco lhe importando se a crítica e condenação vêm da parte de Deus ou não, Amasias procura abafar a subversão, mandando que Amós se retire do país. E Amós lhe responde que não pertence aos grupos proféticos que vivem subordinados às autoridades e que profetizam de acordo com o interesse dos grandes. Pelo contrário, ele era um simples criador de gado; se agora está profetizando, é por ordem do próprio Javé e unicamente a ele deve obedecer. A seguir, diz que o próprio sacerdote Amasias será testemunha do castigo anunciado.

[8,1-3] Amós anuncia de novo a ruína do santuário. O profeta faz um jogo de palavras entre “fruta madura” e “fim maduro”, para dizer que chegou o fim. O silêncio, aqui, indica a gravidade do momento que precede a catástrofe.

[4-8] Agora os comerciantes são duramente criticados: também eles se enriquecem graças à fraude e à exploração sistemática contra os pobres. Esses ricos frequentam o santuário e não faltam a festas religiosas; porém, mesmo quando estão rezando, ficam a maquinar o que poderão fazer para ter mais lucro.

[9-14] O fim é iminente: a festa se transformará em luto e a alegria em gemido. Pior que isso, porém, é que Javé recusará falar a essa gente que não quis ouvi-lo. Desse modo, ficarão privados de conhecer o projeto de Deus e, por isso, nem

sequer terão possibilidade de conversão.

[9,1-4] Amós volta de novo ao centro do poder que está alienando as consciências: o santuário. O castigo será implacável e ninguém conseguirá escapar.

[5-6] É o terceiro fragmento de hino introduzido no livro para celebrar Javé como soberano Senhor do universo.

[7-10] Israel não tem nenhum privilégio: por causa da sua conduta moral, está na mesma situação que as outras nações, e até pior. Deus, porém, não julga cegamente: ele vai separar os pecadores daqueles que permaneceram fiéis.

[11-15] Este trecho foi acrescentado ao livro pela comunidade dos israelitas do Sul, exilados na Babilônia quase dois séculos depois. Relendo as profecias de Amós, eles reconhecem que pecaram como seus irmãos do Norte. Agora, porém, tendo pago suas culpas no exílio, retomam de novo a esperança e confiam no perdão de Javé, que reconstruirá o reino de Judá como era antigamente. Os vv. 13-15 falam de uma prosperidade que nunca se verificou: o livro de Amós fica assim à espera de uma futura realização messiânica.

ABDIAS

CONTRA A FALTA DE SOLIDARIEDADE

Introdução

Nos vinte e um versículos que compõem o seu “livro”, Abdias aborda uma questão muito séria e importante: a necessária solidariedade entre os mais fracos diante de um opressor. O país estava sendo pilhado e destruído pelos babilônios. Então Abdias reparou que Edom, país-irmão (cf. Gn 25,19-28; 36,1), ao invés de ajudar o mais fraco, bandeou para o lado do mais forte. E Edom estava gostando do que acontecia: aproveitava para conquistar terras, participar da pilhagem, matava, perseguia e “dedurava” os que estavam escondidos e pediam proteção (vv. 11-14). E fazia tudo isso por vingança: não perdoava as brigas passadas (cf. 2Rs 8,20-22). Como diz Ezequiel: Edom guardou um “ódio eterno” (Ez 35,5).

Além disso, os edomitas eram arrogantes, se consideravam invencíveis (v. 3), se orgulhavam de sua sabedoria e da valentia de seus guerreiros. O profeta mostra que a sabedoria se torna insensatez e a valentia se transforma em covardia, quando aliadas ao opressor contra um país-irmão desprotegido e atacado (vv. 5-9). Abdias reconhece que Judá também não é inocente e, por isso, está sofrendo uma das situações mais trágicas de sua história. No entanto Edom é mais culpado, porque não foi fraterno nesse momento crucial da história.

Podemos estranhar a conclusão do profeta (v. 18). De fato, concordamos que Edom não deve guardar rancor de seu irmão nem tomar parte, com alegria selvagem, da destruição de Jerusalém; mas não concordamos que Israel tire desforra. Outros escritos bíblicos ensinam que devemos esperar o perdão de nossos irmãos, mas também nós devemos perdoá-los.

ABDIAS

Título — ¹Visão de Abdias. Assim o Senhor Javé diz a Edom: Ouvimos uma mensagem de Javé; ele mandou um mensageiro dizer às nações: Levantem-se! Vamos combater contra ela. [1]

Sentença contra Edom — ²Faço de você a menor das nações, e será entre todas a mais desprezada. ³Quem acabou com você foi a soberba do seu próprio coração! Você se esconde nas cavernas dos rochedos e se põe de tocaia nas alturas das montanhas, pensando que ninguém será capaz de fazê-la descer à planície. ⁴Entretanto, mesmo que você voe como águia, ou faça seu ninho entre as estrelas, eu a farei descer de onde você estiver — oráculo de Javé. ⁵Quando os ladrões ou assaltantes da noite vêm até você, eles não roubam apenas o suficiente? E os que colhem, não deixam alguns cachos? ⁶Como Esaú foi devastado! Até seus esconderijos foram revistados! ⁷Os aliados empurraram você até à fronteira, os amigos o enganaram e submeteram; aqueles que comem junto com você lhe armaram ciladas: “Ele perdeu o juízo!”

⁸E não é que nesse dia — oráculo de Javé — eu vou acabar com os sábios de Edom, com a inteligência da montanha de Esaú? ⁹Seus heróis, ó Temã, se acovardarão, de tal modo que todo homem será eliminado da montanha de Esaú. Por causa do morticínio ¹⁰e da violência praticada contra seu irmão Jacó, a vergonha cobrirá você, e você será eliminado para sempre. [2-10]

O motivo da sentença — ¹¹Nesse dia, você estava presente: quando os estrangeiros derrotaram o exército de Judá, quando os inimigos foram entrando pelas portas e repartiram Jerusalém no sorteio. Você estava presente, como um deles.

¹²“Não olhe com alegria para o dia do seu irmão, o dia da desgraça dele. Não se alegre às custas dos filhos de Judá, no dia da ruína deles. Não fale com insolência, no dia da humilhação deles. ¹³Não entre pela porta do meu povo, no dia da sua infelicidade. Não desfrute você também da desgraça dele, no dia da sua ruína. Não ponha a mão nas riquezas dele, no dia da sua derrota. ¹⁴Não se esconda nas esquinas, para matar os fugitivos. Não aprisione seus fugitivos, no dia do desespero”. [11-14]

O castigo de Edom e a vitória de Judá — ¹⁵Pois o Dia de Javé está chegando para todas as nações. Como você fez aos outros, assim será feito a você. Os atos que você praticou cairão sobre a sua cabeça.

¹⁶Como vocês de Judá beberam na minha montanha santa, assim também, por sua vez, beberão todas as nações. Vão beber e sorver até o último gole, e vão desaparecer como se nunca tivessem existido.

¹⁷No monte Sião haverá sobreviventes. Eles serão santificados. E a casa de Jacó se tornará proprietária de seus antigos proprietários. ¹⁸A casa de Jacó será o fogo, a casa de José será a labareda, e a casa de Esaú será a palha. Vão incendiar e acabar com ela. Não vai sobrar ninguém da casa de Esaú, porque assim diz Javé.

¹⁹Os moradores do Negueb serão donos da montanha de Esaú, e os da Planície serão donos da Filisteia. Ocuparão o território de Efraim e da Samaria; Benjamim ocupará o território de Galaad. ²⁰Os exilados da casa de Israel ocuparão o que pertenceu aos cananeus até Sarepta; os exilados de Jerusalém, que estão em Safarad, vão ocupar as cidades do Negueb. ²¹Vitoriosos, eles subirão a montanha de Sião, para daí governar a montanha de Esaú. E o reino pertencerá a Javé. [15-21]

NOTAS

[1] O pequeno país de Edom, dos descendentes de Esaú (cf. Gn 36,1), está situado a sudeste do mar Morto e tem como capital a cidade de Petra. Conforme Gn 25,19-28, Esaú era o irmão mais velho de Jacó. Como de Jacó surgiu o povo de Israel, de Esaú surgiu o povo edomita; são, portanto, povos irmãos.

[2-10] Javé coloca Edom em julgamento: Edom será completamente exterminado embora tenha todo tipo de segurança — localização geográfica entre montanhas inacessíveis; bravura guerreira, sabedoria famosa. O inimigo virá, mais ávido do que um ladrão que só rouba o que lhe interessa, e mais cuidadoso que um vindimador, que sempre deixa algum cacho de uva para trás.

[11-14] Abdias apresenta o motivo da sentença: esquecendo os laços de sangue, Edom traiu seu irmão Judá, no dia em que os exércitos da Babilônia invadiram Jerusalém. Os edomitas tiveram a ousadia de se aproveitarem da situação, violando o pacto em vigor entre duas nações irmãs e também as normas de direito internacional, apresentadas aqui em oito *não*.

[15-21] Também os judeus cometeram faltas graves no passado e, por isso, sofreram a amargura do exílio na Babilônia. Entretanto, Javé não é Senhor apenas de Israel, mas de todas as nações; por isso, julga também Edom por seu crime. E esse castigo foi confirmado quando mais tarde Edom perdeu seus territórios. O livro termina mostrando que Israel continua sendo o povo eleito, pois Javé permitiu que um grupo restaurasse Jerusalém, de onde Javé reinará para sempre.

JONAS

DEUS NÃO CONHECE FRONTEIRAS

Introdução

O livro de Jonas é considerado profético unicamente porque em 2Rs 14,25 se menciona um profeta com o mesmo nome. Mas a data do livro é bem posterior, e seu estilo e tema diferem muito dos livros proféticos, que em geral são escritos em verso. Enquanto os profetas ameaçam as nações pagãs, o livro de Jonas relata a conversão dos ninivitas e anuncia a misericórdia a esse que foi um dos povos mais odiados por Israel. Os profetas estão solidamente enraizados na situação político-social; Jonas parece estar solto no ar.

Na verdade, trata-se de um livro sapiencial. Não pertence ao gênero histórico, mas ao gênero parabólico desenvolvido, uma espécie de “novela” para ilustrar o tema da misericórdia de Javé, que não é um Deus nacional, mas um Deus de toda a humanidade; ele quer que todos se convertam, para que tenham a vida (4,2).

A obra nasceu no pós-exílio, quando o povo judeu estava se fechando num exagerado nacionalismo exclusivista (cf. Esd 4,1-3; Ne 13,3), bem refletido na mesquinhez do “justo” Jonas. Todavia os caminhos de Deus são diferentes dos caminhos dos homens: Deus quer salvar também os inimigos, os pagãos de Nínive, capital da Assíria, modelo de crueldade e opressão contra o povo de Israel. Deus não quer que suas criaturas se percam (cf. Sb 1,12ss) e para ele ninguém está irremediavelmente perdido (cf. Ez 18,23.32; Lc 15).

A história do peixe tornou famoso o livro. De fato, os evangelhos celebrizam a figura e aventura de Jonas como sinal da morte e ressurreição de Jesus: assim como Jonas ficou três dias no ventre do peixe, Jesus vai ficar três dias no ventre da terra; depois ressuscitará, como Jonas voltou à luz do dia (cf. Mt 12,39-41 e paralelos).

JONAS
CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4

JONAS

1 *Com Deus não se brinca...* — ¹A palavra de Javé foi dirigida a Jonas, filho de Amati, ordenando: ²“Levante-se e vá a Nínive, a grande cidade, e anuncie aí que a maldade dela chegou até mim”. ³Jonas partiu, então, com intenção de escapar da presença de Javé, fugindo para Társis. Desceu até Jope e aí encontrou um navio de saída para Társis. Pagou a passagem e embarcou, a fim de ir com eles até Társis, para escapar assim da presença de Javé.

⁴Javé, porém, mandou sobre o mar um vento forte, que provocou uma grande tempestade e ondas violentas. E o navio estava a ponto de naufragar.

⁵Os marinheiros começaram a ficar com medo e a rezar cada um ao seu próprio deus. Jogaram no mar a carga que estava no navio, a fim de diminuir-lhe o peso. Jonas, porém, tinha descido ao porão do navio e, deitado, dormia a sono solto.

⁶O capitão, ao chegar aonde ele estava, disse-lhe: “O que você faz aí dormindo? Levante-se e invoque o seu Deus. Quem sabe ele se lembra de nós e não nos deixa morrer”.

⁷Depois disseram uns aos outros: “Vamos tirar sorte para ver quem é o culpado dessa desgraça que nos está acontecendo”. Tiraram a sorte, e ela caiu em Jonas.

⁸Então lhe perguntaram: “Conte para nós por que é que nos está acontecendo essa desgraça. Qual é a sua profissão? De onde você vem? Qual é a sua terra? De que povo é você?” ⁹Jonas respondeu: “Eu sou hebreu. Eu adoro a Javé, Deus do céu, que fez o mar e a terra”.

¹⁰Os marinheiros ficaram com medo, e lhe perguntaram: “O que foi que você fez?” Eles tinham percebido que Jonas estava fugindo da presença de Javé, pois ele próprio lhes tinha contado tudo. ¹¹E perguntaram: “O que é que vamos fazer com você, para que o mar se acalme?” Pois o mar estava cada vez mais bravo.

¹²Jonas respondeu: “É só vocês me pegarem e me atirarem ao mar, que ele se acalmará em volta de vocês; eu sei que foi por minha causa que lhes veio essa tempestade tão violenta”.

¹³Os homens tentavam remar, a fim de chegar mais perto da terra firme, mas não conseguiam, pois o mar ia ficando cada vez mais agitado, ventando contra eles. ¹⁴Então invocaram a Javé, dizendo: “Ah! Javé! Não queremos morrer por causa deste homem. Não lances contra nós a culpa de um sangue inocente. Tu és Javé e fazes tudo o que desejas”.

¹⁵Pegaram Jonas e o jogaram ao mar. Imediatamente o mar acalmou a sua fúria. ¹⁶Daí para frente aqueles homens começaram a temer muito a Javé, oferecendo-lhe sacrifícios e fazendo votos. [1,1-16]

2...*pois de Deus vem a salvação* — ¹Javé enviou um peixe bem grande para que engolisse Jonas. E Jonas ficou no ventre do peixe três dias e três noites.

²E do ventre do peixe, Jonas dirigiu a Javé, seu Deus, a seguinte oração:

³“Na minha angústia invoquei a Javé,
e ele me atendeu.

Do fundo do abismo pedi tua ajuda,
e ouviste a minha voz.

⁴Jogaste-me nas profundezas,
no coração do mar,
e a torrente me envolveu.

Passaram sobre mim
as tuas ondas e vagas.

⁵Então pensei: ‘Eu fui expulso
para longe dos teus olhos;
nunca mais poderei admirar
a beleza do teu santo Templo?’

⁶Eu estava cercado de água
até o pescoço,
o abismo me rodeava,
um lodo se agarrava à minha cabeça.

⁷Desci até as raízes das montanhas,
a terra se fechava sobre mim para sempre.
Mas tu retiraste da fossa a minha vida,
Javé, meu Deus!

⁸Quando minhas forças se acabavam,
eu me lembrei de Javé.
E minha oração pôde chegar a ti,
no teu santo Templo.

⁹Quem segue os ídolos,
abandona o amor de Javé.

¹⁰Mas eu, entre cânticos de louvor,
é a ti que presto o meu culto

e com ação de graças cumpro
os meus votos.
A salvação pertence a Javé”.

¹¹Então Javé mandou que o peixe vomitasse Jonas em terra firme. [2,1-11]

3 *Conversão contra toda expectativa* — ¹A palavra de Javé foi dirigida a Jonas pela segunda vez, ordenando: ²“Levante-se e vá a Nínive, a grande cidade, e anuncie-lhe o que vou dizer a você”. ³Jonas se levantou e foi a Nínive, conforme Javé lhe tinha ordenado. Nínive era uma cidade fabulosamente grande: tinha o comprimento de uma caminhada de três dias. ⁴Jonas entrou na cidade e começou a percorrê-la, caminhando um dia inteiro. Ele dizia: “Dentro de quarenta dias, Nínive será destruída!”

⁵Os moradores de Nínive começaram a acreditar em Deus, e marcaram um dia de penitência, vestindo-se todos de pano de saco, desde os maiores até os menores. ⁶O fato chegou também ao conhecimento do rei de Nínive. Ele se levantou do trono, tirou o manto, vestiu um pano de saco e sentou-se em cima da cinza. ⁷Mandou também publicar e anunciar aos ninivitas um decreto do rei e de seus ministros, nestes termos: “Homens, animais, gado e ovelhas não poderão comer nada, nem pastar, nem beber água. ⁸Deverão vestir pano de saco, tanto homens como animais; e todos clamarão a Deus com toda a força. Cada um deverá converter-se de sua má conduta e deixar de lado toda espécie de ações violentas. ⁹Quem sabe, assim, Deus volte atrás, fique com pena, apague o ardor de sua ira, e a gente consiga escapar”.

¹⁰Deus viu o que eles fizeram e como se converteram de sua má conduta; então, desistiu do mal com que os tinha ameaçado, e não o executou. [3,1-10]

4 *Deus quer salvar todos os homens* — ¹Jonas ficou muito desgostoso e despeitado. ²E rezou a Javé: “Ah! Javé! Não era justamente isso que eu dizia quando estava na minha terra? Foi por isso que eu corri, tentando fugir para Társis, pois eu sabia que tu és um Deus compassivo e clemente, lento para a ira e cheio de amor, e que voltas atrás nas ameaças feitas. ³Se é assim, Javé, tira a minha vida, pois eu acho melhor morrer do que ficar vivo”.

⁴Javé respondeu-lhe: “Está certo você ficar irritado desse jeito?”

⁵Jonas saiu da cidade e ficou no lado do nascer do sol. Aí fez uma cabana e sentou-se na sombra, esperando para ver o que aconteceria com a cidade. ⁶O Senhor Javé fez nascer uma mamoneira, que cresceu de modo a fazer sombra

sobre a cabeça de Jonas e livrá-lo de uma insolação. E Jonas ficou muito contente com essa mamoneira. ⁷Então, na madrugada seguinte, Deus enviou um verme que prejudicou a mamoneira, e ela secou. ⁸Quando o sol nasceu, Javé mandou um vento quente e sufocante; e o sol abrasava a cabeça de Jonas, a ponto de fazê-lo desmaiar. E Jonas tornou a pedir a morte, dizendo: “Prefiro morrer do que ficar vivo!” ⁹Deus perguntou a Jonas: “Está certo você ficar com tanta raiva por causa da mamoneira?” Ele respondeu: “Sim, está certo eu ficar com raiva, a ponto de pedir a morte”. ¹⁰Javé lhe disse: “Você está com dó de uma mamoneira, que não lhe custou trabalho, que não foi você quem a fez crescer, que brotou numa noite e na outra morreu? ¹¹E eu, será que não vou ter pena de Nínive, esta cidade enorme, onde moram mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem distinguir a direita da esquerda, além de tantos animais?” [4,1-11]

NOTAS

[1,1-16] Jonas recusa obedecer a Javé porque Nínive, capital da Assíria, representa um dos maiores e mais encarniçados inimigos de Israel. Ele foge exatamente para a direção contrária. A tempestade, porém, lhe impede a fuga, e no curso da tumultuada viagem, sem querer, Jonas torna-se instrumento das primeiras conversões: os marinheiros invocam a Javé.

[2,1-11] Jonas não pode fugir. Pelo contrário, é forçado a encontrar-se consigo mesmo e com Deus; a experiência é feita dentro de uma angústia mortal, figurada pelo mar e pelo ventre do peixe. Desse modo, Jonas parece aprender a lição: a salvação pertence a Javé, que a concede a quem ele quiser. A oração de Jonas é uma verdadeira síntese de trechos, cujos paralelos podem ser encontrados em vários Salmos.

[3,1-10] Uma nova ordem de Javé, e dessa vez Jonas obedece. Nínive é o símbolo do mundo pagão; por isso, é apresentada com dimensões incrivelmente vastas. O profeta ainda não mudou de ideia sobre os pagãos: sua pregação só apresenta ameaças. Todavia, vemos em Nínive aquilo que nenhum profeta conseguiu em Israel: os pagãos se arrependem e se convertem, participando da penitência inclusive os animais. Como é que Deus poderia negar o perdão a essa gente mais sensata que o povo de Israel?

[4,1-11] Ao invés de se alegrar, Jonas fica profundamente despeitado com a conversão dos ninivitas e com o perdão concedido a eles por Javé. Jonas parece uma criança mimada, que quer tudo para si, sem ter que repartir nada com ninguém: seu coração está fechado, e ele não consegue aceitar que Deus seja bom para os outros. Com delicadeza e até humorismo, Deus lhe dá uma lição, para que se confronte e se questione diante do seu próprio egoísmo. Todo esse final relembra de perto Lc 15,25-32.

MIQUEIAS

O DIREITO DOS POBRES

Introdução

O profeta Miqueias nasceu em Morasti, uma vila no interior do reino de Judá. Sua origem camponesa se manifesta na linguagem concreta e franca, nas comparações breves e nos jogos de palavras. Ele exerceu sua atividade em fins do século VIII a.C., quando sua região estava sendo devastada pelos assírios.

Miqueias, entretanto, denuncia uma situação mais perversa do que a própria guerra em andamento: a cobiça e injustiças sociais, onde ele vê a causa principal da ira de Deus (2,8). Após descrever os estragos da guerra (1,8-16), o profeta nos conduz à capital, onde ele se defronta com os ricos e com os dirigentes políticos e religiosos. Vindo da roça, Miqueias acusa-os de roubar casas e campos para se tornarem latifundiários (2,1-2) e os condena por mandar matar até mulheres e crianças para se apoderarem das terras (2,9). Com o poder nas mãos, eles dançam ao ritmo do dinheiro, falseando o peso das mercadorias (6,10-12). Miqueias mostra que a riqueza deles se baseia na miséria de muitos e tem como alicerce a carne e o sangue do povo (7,1-4). Eles, porém, insistem, com a Bíblia na mão, em provar que são justos (2,6-7) e que Deus está com eles (3,11); procuram combinar religião com opressão aos fracos. Miqueias denuncia tal perversão como atitude idolátrica (1,5); por isso, é taxativo: eles, juntamente com a luxuosa capital e o próprio Templo, serão destruídos (3,9-12).

No livro atual de Miqueias existem também promessas e esperanças. Entre elas se destaca o anúncio do surgimento do Messias na pequena cidade de Belém (5,1-3). O Novo Testamento retomará esse oráculo e o atribuirá ao nascimento de Jesus Cristo (cf. Mt 2,6).

MIQUEIAS

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7

MIQUEIAS

1 *Título* — ¹Palavra do Javé dirigida a Miqueias de Morasti, no tempo em que Joatão, Acaz e Ezequias eram reis de Judá. Palavra que lhe foi dirigida em visão a respeito de Samaria e Jerusalém. [1,1]

I. PROCESSO DE DEUS CONTRA ISRAEL

Os focos da idolatria serão julgados [1,2-3,12] — ²Escutem, povos todos! Prestem atenção, ó terra e tudo o que a povoa! Do seu Templo santo o Senhor Javé seja testemunha contra vocês. ³Olhem! Javé saiu de seu lugar e desceu, andando pelas alturas dos países. ⁴Debaixo de seus pés as montanhas desmoronam, e os vales se derretem como cera junto ao fogo, como água que corre morro abaixo.

⁵Tudo isso por causa do crime de Jacó, por causa dos pecados da casa de Israel. Qual é o crime de Jacó? Não é Samaria? Quais são os lugares altos de Judá? Não é Jerusalém? ⁶Pois eu vou reduzir Samaria a uma ruína no meio do campo, num lugar para plantação de vinhedos; jogarei suas pedras no vale e porei seus alicerces a descoberto. ⁷Todos os seus ídolos serão destruídos e suas ofertas serão queimadas. Vou reduzir a pó suas imagens: dado que foram ajuntadas como paga de prostituição, em paga de prostituição elas vão se transformar.

Lamentação do profeta [1,2-7] — ⁸É por isso que eu bato no peito e gemo, que ando descalço e nu: uivo como os lobos, gemo como filhotes de ema, ⁹pois a ferida de Judá não tem remédio, e chega até as portas do meu povo, até Jerusalém.

¹⁰Em Gat não contem nada; em Aco, não chorem; em Bet-Leafra, rolem no pó. ¹¹Toque a trombeta, morador de Safir; o habitante de Saanã não sai da cidade; Bet-Esel perde a base, tiram-lhe os apoios. ¹²O habitante de Marot esperava o bem-estar; porque a desgraça desceu de Javé até as portas de Jerusalém. ¹³Atrela o cavalo ao carro, morador de Laquis. (Aqui começou o pecado da filha de Sião, porque em você se encontram os crimes de Israel.) ¹⁴Por isso, você paga um dote para que Morasti-Gat seja devolvida. Bet-Aczib é uma decepção para os reis de Israel! ¹⁵O conquistador procura novamente por você, habitante de Maresa. A glória de Israel irá até Odolam!

¹⁶Corte e raspe o cabelo, por causa dos filhos que eram a sua alegria; aumente a sua calvície como águia, porque eles foram exilados para longe de você. [8-16]

2 *A terra é de todos* — ¹Ai daqueles que, deitados na cama, ficam planejando a injustiça e tramando o mal! É só o dia amanhecer, já o executam, porque têm o poder em suas mãos. ²Cobiçam campos, e os roubam; querem uma casa, e a

tomam. Assim oprimem ao homem e à sua família, ao proprietário e à sua herança.

³É por isso que assim diz Javé: Vejam! Estou planejando contra esta gente uma desgraça, da qual não poderão esconder o pescoço, nem poderão andar de cabeça erguida. Será um tempo de desgraça. ⁴Nesse dia, vão zombar de vocês, cantando esta lamentação: “Fomos completamente saqueados, a herança do meu povo foi dada a outro; quem irá devolvê-la? Os invasores é que sorteiam nossos campos”. ⁵Por isso, você não terá quem sorteie os lotes na assembleia de Javé. [2,1-5]

Não profetizem — ⁶Eles profetizam: “Não profetizem, não profetizem essas coisas! A desgraça não cairá sobre nós. ⁷Por acaso, a casa de Jacó foi amaldiçoada? Acabou a paciência de Javé? É isso que ele costuma fazer? Por acaso, sua promessa não é de bênção para quem vive com retidão?” [6-7]

Vocês são inimigos do povo — ⁸São vocês os inimigos do meu povo: de quem está sem o manto, vocês exigem a veste; a quem vive tranquilo, vocês tratam como se estivesse em guerra; ⁹vocês expulsam da felicidade de seus lares as mulheres do meu povo, e tiram dos seus filhos a liberdade que eu lhes tinha dado para sempre. ¹⁰Vamos! Andem! Porque este não é mais um lugar de repouso. Por um nada, vocês exigem uma hipoteca insuportável. ¹¹Se aparecesse um homem contando estas mentiras: “Eu lhes anuncio vinho e bebida forte”, este sim seria um profeta para esse povo! [8-11]

Javé nos libertará — ¹²Eu reunirei você todo, ó Jacó; recolherei o que sobrou de você, ó Israel! Vou colocá-los juntos, como ovelha num curral, como rebanho reunido no meio do pasto, fazendo barulho longe das pessoas. ¹³Na frente deles sobe aquele que abre uma brecha; eles forçam, atravessam a porta e saem por ela. O seu rei vai à frente, Javé é seu chefe. [12-13]

3 Vocês devoram o povo — ¹Escutem bem, chefes de Jacó, governantes da casa de Israel! Por acaso, não é obrigação de vocês conhecer o direito? ²Inimigos do bem e amantes do mal, vocês esfolam o povo e descarnam os seus ossos; ³vocês são gente que devora a carne do meu povo e o esfolam; quebra seus ossos e os faz em pedaços, como um cozido no caldeirão. ⁴Depois vocês gritarão a Javé, mas ele não responderá. Nesse tempo, ele esconderá a sua face, por causa da maldade que vocês praticaram. [3,1-4]

Vocês extraviam o povo — ⁵Assim diz Javé para os profetas que extraviam o meu povo, que anunciam a paz quando têm algo para mastigar, mas declaram guerra contra os que nada lhes põem na boca: ⁶Por isso, vocês terão noite no lugar de visões; escuridão ao invés de respostas. O sol se esconderá sobre esses profetas, a luz do dia se apagará sobre eles. ⁷Os videntes ficarão envergonhados, os adivinhos ficarão confusos. Todos cobrirão o rosto, porque Deus não responderá.

⁸Eu, porém, estou cheio da força do espírito de Javé, do direito e da fortaleza, para denunciar a Jacó o seu crime e a Israel o seu pecado. [5-8]

Uma cidade alicerçada na injustiça — ⁹Ouçam isto, chefes da casa de Jacó; prestem atenção, governantes de Israel, vocês que têm horror ao direito e entortam tudo o que é reto; ¹⁰constroem Sião com sangue e Jerusalém com perversidade. ¹¹Os chefes de vocês proferem sentença a troco de suborno; seus sacerdotes ensinam a troco de lucro, e seus profetas dão oráculos por dinheiro. E ainda ousam apoiar-se em Javé, dizendo: “Por acaso Javé não está no meio de nós? Nada de mau nos poderá acontecer!” ¹²Por isso, por culpa de vocês, Sião será arada como um campo, Jerusalém se tornará um montão de ruínas, e o monte do Templo será uma colina cheia de mato! [9-12]

II. ESPERANÇA E RENOVAÇÃO [4,1-5,14]

4 *Jerusalém restaurada* — ¹Nos últimos dias, acontecerá que o monte da casa de Javé ficará firme no topo das montanhas e se elevará acima das colinas. Para lá correrão os povos ²e até lá irão numerosas nações, dizendo: “Vamos correndo para o monte de Javé, para o Templo do Deus de Jacó; aí aprenderemos seus caminhos, para seguirmos os seus rumos.” Porque de Sião sairá a lei e de Jerusalém virá a palavra de Javé! ³Ele será o juiz da multidão dos povos, e dará sentença para as nações poderosas, até para as mais distantes. De suas espadas vão fazer enxadas, e de suas lanças farão foices. Um povo não vai mais pegar em armas contra outro, nunca mais aprenderão a fazer guerra. ⁴Cada um poderá sentar-se debaixo de sua parreira ou da sua figueira, sem ser perturbado, pois assim disse a boca de Javé dos exércitos.

⁵Todos os povos caminham, cada qual em nome do seu deus; nós, porém, caminhamos em nome de Javé, nosso Deus para sempre! [1-5]

Deus se serve dos fracos — ⁶Naquele dia — oráculo de Javé — ajuntarei as ovelhas estropiadas, reunirei as que foram dispersas, e aquelas que eu mesmo castiguei. ⁷Farei das estropiadas um resto, e das dispersas uma nação forte; e, no monte Sião, Javé reinará sobre elas, desde agora e para sempre. ⁸E você, Torre do Rebanho, colina de Sião; a você virá, retornará a soberania de antes, a realza da capital, Jerusalém. [6-8]

Um parto doloroso — ⁹Mas agora, por que você grita tanto? Você não tem um rei? Será que seus conselheiros morreram, para que a sua dor seja assim tão forte como a da mulher que dá à luz? ¹⁰Capital de Sião, contorça-se e gema, como a mulher que dá à luz, pois agora você vai sair da sua cidade para morar no campo. Você irá para a Babilônia; é aí que você será libertada! Aí Javé a resgatará da mão dos inimigos de você.

¹¹Agora, numerosas nações reúnem-se contra você, dizendo: “Que Sião seja profanada! Vamos apreciar com os nossos olhos!” ¹²Mas acontece que eles não conhecem os pensamentos de Javé! Não entendem seus planos, pois ele os ajunta como feixes no terreiro! ¹³Levante-se, capital de Sião! Pise o trigo, pois eu lhe dou chifres de ferro e cascos de bronze, para que você possa esmagar povos numerosos! A renda deles você vai consagrar a Javé, e as riquezas deles ao

Senhor de toda a terra! ¹⁴Mas agora eles se juntam em tropas e nos cercam, e com uma vara batem na face do Juiz de Israel! [9-14]

5 *O Messias virá de Belém* — ¹Mas você, Belém de Éfrata, tão pequena entre as principais cidades de Judá! É de você que sairá para mim aquele que há de ser o chefe de Israel! A origem dele é antiga, desde tempos remotos. ²Pois Deus os entrega só até que a mãe dê à luz, e o resto dos irmãos volte aos israelitas. ³De pé, ele governará com a própria força de Javé, com a majestade do nome de Javé, seu Deus. E habitarão tranquilos, pois ele estenderá o seu poder até as extremidades da terra. ⁴Ele próprio será a paz. Se a Assíria invadir o nosso território e quiser pisar o interior de nossos palácios, poremos em luta contra eles sete pastores e oito comandantes. ⁵Eles vão governar a Assíria com espada, a terra de Nemrod com punhal. Ele nos livrará da Assíria, se invadirem o nosso território, se atravessarem nossas fronteiras. [5,1-5]

Esperança e julgamento — ⁶O resto de Jacó estará no meio de povos numerosos, como o orvalho que vem de Javé ou a chuva sobre a grama verde. Eles não colocam sua esperança no ser humano, nem dependem do homem. ⁷O resto de Jacó no meio de povos numerosos será como leão entre as feras selvagens, como leãozinho no meio de um rebanho de ovelhas, o qual, quando ataca, logo esmaga e esfaqueia, e ninguém pode salvar. ⁸Ergue a mão contra seus adversários, e todos os seus inimigos serão destruídos.

⁹Nesse dia, acontecerá — oráculo de Javé — que eu destruirei do seu meio os cavalos e farei desaparecer todos os seus carros de guerra. ¹⁰Destruirei as cidades fortificadas do país e eliminarei todos os quartéis. ¹¹De suas mãos vou tirar os objetos mágicos, e você não terá mais adivinhos. ¹²Destruirei as imagens dos deuses e os monumentos pagãos que existem no meio de você. E você nunca mais vai adorar a obra de suas próprias mãos. ¹³Derrubarei do meio de você os pilares sagrados e destruirei todos os seus bosques sagrados. ¹⁴Com ira e furor eu me vingo das nações que não me obedecem. [6-14]

III. NOVO PROCESSO CONTRA ISRAEL [6,1-7,7]

6 *Javé apresenta a sua lealdade* — ¹Escutem bem o que Javé fala: Levante-se! Abra um processo diante das montanhas, e que as colinas ouçam a sua voz. ²Escutem, montanhas, a acusação de Javé; prestem atenção, alicerces da terra: O processo de Javé é contra o seu povo; é contra Israel que ele apresenta a sua queixa: ³Meu povo, o que é que eu fiz contra você? Em que o maltratei? Responda-me! ⁴Pois eu tirei você da terra do Egito, o resgatei da casa da escravidão e mandei à sua frente Moisés, Aarão e Maria. ⁵Povo meu, lembre-se bem do que planejava Balac, rei de Moab, e o que lhe respondeu Balaão, filho de Beor. Lembre-se do que aconteceu desde Setim até Guilgal, para que você compreenda que Javé tem razão. [6,1-5]

A verdadeira religião — ⁶Como me apresentarei a Javé? Como é que eu vou me ajoelhar diante do Deus das alturas? Irei a ele com holocaustos, levando bezerros de um ano? ⁷Será que milhares de carneiros ou a oferta de rios de azeite agradarão a Javé? Ou devo sacrificar o meu filho mais velho para pagar os meus erros, sacrificar o fruto das minhas entranhas para cobrir o meu pecado?

⁸Ó homem, já foi explicado o que é bom e o que Javé exige de você: praticar o direito, amar a misericórdia, caminhar humildemente com o seu Deus. [6-8]

A classe dominante será desmascarada — ⁹Escute o que Javé grita na cidade; escutem, tribo e suas assembleias: ¹⁰Acaso posso tolerar a casa do ímpio com seus tesouros ganhos injustamente, com suas medidas falsificadas e detestáveis? ¹¹Acaso devo desculpar balanças viciadas, sacolas cheias de pesos adulterados? ¹²Os ricos prosperam com a exploração, os seus habitantes só falam mentiras e têm na boca uma língua mentirosa. ¹³Pois eu comecei a feri-la e arrasá-la por causa dos seus pecados. ¹⁴Você comerá, mas não matará a fome; e a fome será a sua companheira. Você guardará, mas não poderá conservar: a sua reserva, eu a entregarei aos inimigos. ¹⁵Você plantará, mas não colherá; esmagará azeitonas, mas não se ungirá com azeite; pisará uvas, mas não beberá vinho. ¹⁶Você obedece às ordens de Amri e todas as práticas da família de Acab, e vive conforme os princípios dela. Por isso, eu entregarei você à destruição, e seus moradores receberão vaias, suportando a vergonha do meu povo. [9-16]

7 *Não há um só fiel* — ¹Pobre de mim! Estou na situação de alguém que recolhe no verão, que colhe depois de acabada a colheita. Não há nenhum cacho de uva para eu chupar, nem mesmo um figo temporão para me matar a vontade. ²Não há um só fiel em nosso país, não sobrou um único homem correto; está todo mundo de tocaia, cada um caça um irmão para matar! ³Essa gente tem mãos habilidosas para praticar o mal: o príncipe exige, o juiz se deixa comprar, o grande mostra a sua ambição. E assim distorcem tudo. ⁴O melhor deles é como espinheiro, o mais correto deles parece uma cerca de espinhos! O dia anunciado pela sentinela, o dia do castigo chegou: agora é a ruína deles.

⁵E vocês, não acreditem no amigo, não confiem no companheiro; conserve a boca fechada, mesmo ao lado daquela que dorme no seu ombro. ⁶Pois o filho insulta o próprio pai, a filha se revolta contra a mãe, a nora contra a sogra; e os inimigos de uma pessoa são da sua própria casa.

⁷Mas eu, eu me volto para Javé, espero em Deus, meu salvador, e meu Deus me ouvirá. [7,1-7]

IV. CÂNTICOS DE ESPERANÇA [8-20]

Eu me levantarei — ⁸Não se alegre por minha causa, ó minha inimiga; pois eu caí, mas me levantarei; estou morando nas trevas, mas Javé é a minha luz. ⁹Devo suportar a cólera de Javé, porque pequei contra ele, até que ele julgue a minha causa e me faça justiça, até que me leve para a luz e eu contemple a sua justiça. ¹⁰A minha inimiga verá e ficará coberta de vergonha. Pois ela me dizia: “Onde está o seu Deus Javé?” Meus olhos estarão olhando para ela, quando for pisada como a lama da estrada.

¹¹É o dia de reconstruir seus muros! Nesse dia suas fronteiras serão mais amplas. ¹²Nesse dia, virão até você desde a Assíria até o Egito, desde o Nilo até o Eufrates, de mar a mar, de monte a monte. ¹³A terra será um lugar abandonado, por causa de seus moradores, como fruto de suas más ações. [8-13]

Javé nos libertará — ¹⁴Com tua vara de pastor guia o teu povo, o rebanho que é tua propriedade, que está sozinho na floresta, no meio dos jardins. Faz com que eles possam pastar em Basã e Galaad, como nos tempos antigos. ¹⁵Como no dia em que nos tiraste do Egito, mostra-nos agora as tuas maravilhas. ¹⁶Que ao ver as tuas maravilhas, os outros povos se envergonhem, apesar de toda a sua valentia; que ponham a mão na boca e tapem os ouvidos; ¹⁷que fiquem lambendo a poeira como serpentes, que saiam cambaleando de suas trincheiras em direção a Javé, nosso Deus; que fiquem tremendo e cheios de medo diante de ti. [14-17]

Javé nos perdoará — ¹⁸Qual deus é igual a ti? Qual deus, como tu, tira o pecado e absolve a culpa do resto da tua herança? Qual deus que não guarda para sempre a sua ira e dá preferência ao amor?

¹⁹Ele nos perdoará de novo: calcará a seus pés as nossas faltas e jogará no fundo do mar todos os nossos pecados.

²⁰Conservarás a fidelidade para com Jacó e o amor para com Abraão, conforme juraste a nossos pais, desde os tempos antigos. [18-20]

NOTAS

[1,1] A atividade de Miqueias começa depois do ano 740 a.C. No cenário

internacional, o império assírio está em grande ascensão, constituindo grave ameaça para o reino de Israel (Samaria) e o reino de Judá (Jerusalém).

[1,2-3,12] Estamos no fim de um período próspero, devido a grande desenvolvimento econômico, tanto no Reino do Norte, como no do Sul. Miqueias entra em cena para denunciar a injustiça, alicerce desse desenvolvimento, que só favorece a elite privilegiada, que mora em Samaria e Jerusalém. Vindo do campo, Miqueias mostra a situação desesperadora que reina em sua região não só por causa da guerra, mas principalmente por causa da exploração aí exercida pelos grandes de Jerusalém.

[1,2-7] Usando o gênero literário da teofania (= manifestação de Deus), o profeta anuncia que Javé vai julgar Samaria e Jerusalém, respectivamente capitais de Israel e Judá. Elas se tornaram focos de idolatria, paga com prostituição. Na linguagem profética, prostituição é a infidelidade a Javé em troca de outros absolutos, principalmente o dinheiro e o poder, conseguidos à custa de injustiça e opressão. “Lugares altos” é uma expressão que indica os lugares de culto idolátrico, situados geralmente em alguma elevação e onde também se praticava a prostituição sagrada.

[8-16] Miqueias lamenta a devastação da pátria por uma invasão assíria, que passa por toda a região, chega à fronteira do Egito e ameaça Jerusalém, a capital. Trata-se, provavelmente, da invasão de Senaquerib em 701 a.C. Usando o nome das cidades, com jogo de palavras impossível de ser traduzido, o profeta descreve a desgraça de cada uma. Por fim, entrevê o momento em que a “glória de Israel” (= o rei ou a arca da Aliança) terá que ser escondida na gruta de Odolam, como fez Davi quando perseguido por Saul (cf. 1Sm 22,1; 2Sm 23,13).

[2,1-5] Quando as tribos se instalaram na Terra Prometida, os territórios foram sorteados fraternamente, para que cada família tivesse o seu lote. Agora, os ricos e poderosos, pouco a pouco, vão tomando cada vez mais campos e casas. Desse modo, junto aos latifúndios, muitas famílias ficam na miséria, impossibilitadas de ter a sua parte na terra do povo de Deus. Mas o profeta anuncia o julgamento: em breve, o invasor tomará tudo, e não haverá mais um povo, pois a terra pertencerá aos estrangeiros.

[6-7] O grupo atingido pela denúncia de Miqueias replica que as palavras dele não estão de acordo com a teologia oficial, isto é: Javé nunca amaldiçoa o povo eleito, porque este é seu aliado.

[8-11] Miqueias torna a dizer a essas pessoas que elas já não fazem parte do

povo de Deus. De fato, tornaram-se inimigas desse povo, explorando e humilhando homens, mulheres e crianças, deixando-os sem roupa, sem lar e sem liberdade. O profeta adequado para esse grupo, diz Miqueias, é aquele que procura ocultar a verdade, mantendo a alienação.

[12-13] Estes dois versículos são acréscimo posterior. Refletem a confiança dos pobres que liam o profeta depois do exílio da Babilônia. Javé abrirá para eles uma brecha, isto é, os libertará de qualquer tipo de escravidão. O texto nos faz lembrar Jo 10,7-18.

[3,1-4] É uma denúncia e um julgamento severo contra uma estrutura política corrupta. Esta, pouco a pouco, devora o povo, transformando-o em alimento que sustenta o sistema.

[5-8] Estamos no tempo em que os profetas deixaram de ser arautos de Deus e defensores da justiça e da verdade, para servirem aos interesses de quem lhes paga melhor. Por isso, o próprio Deus se afasta, recusando falar e agir através deles. Diferente é a atitude de Miqueias, que denuncia o crime e o pecado instalados no meio do povo.

[9-12] No tempo de Ezequias, Jerusalém se desenvolve, enchendo-se de construções notáveis (cf. 2Rs 20,20); e os donos do poder se sentem seguros porque imaginam contribuir para a glória da cidade de Deus. Miqueias, porém, mostra que esse desenvolvimento se constrói sobre estruturas corruptas e sobre a injustiça institucionalizada. Essa bela cidade está minada nos seus alicerces, e se transformará num monte de ruínas.

[4,1-5,14] O texto mistura partes de Miqueias e acréscimos feitos no pós-exílio. Busca-se aqui dar esperança ao leitor, perturbado por aquilo que o profeta anunciou contra Jerusalém.

[1-5] Este oráculo, cheio de esperança, anuncia um futuro novo, quando Jerusalém se tornará a capital da justiça, e quando cada um viverá feliz e tranquilo na sua terra, sem guerras. O mesmo Deus que castiga e permite a destruição de uma nação injusta, também perdoa e reconstrói o país e a vida daqueles que sofreram o castigo e se arrependeram.

[6-8] Através da comparação do rebanho, o trecho mostra como Deus se serve de alguém para iniciar um novo povo: a restauração não se processa por meio de uma elite de poderosos, mas a partir dos pobres, fracos e indefesos, que se tornam a força escolhida por Deus.

[9-14] Ao invés de assegurar a justiça e a tranquilidade do povo, os chefes de

Jerusalém provocaram a sua dispersão e exílio. Javé, porém, encontrará meios para resgatar o povo, que ainda sofre as dores dos males causados. As dores são do parto, isto é, sinal de vida, e não de agonia, que é sinal de morte.

[5,1-5] O novo Messias virá de Belém, como Davi (cf. 1Sm 16,1-13). Mateus compreendeu este oráculo como anúncio do lugar onde nasceria Jesus (Mt 2,5-6). Deus escolhe os incapazes e os fracos para confundir os poderosos e os fortes. Falando da mãe que está para dar à luz, o trecho alude à promessa feita por Is 7,14, alguns anos antes, na qual a tradição cristã reconheceu o anúncio do nascimento de Jesus (cf. Mt 1,23). Os vv. 4-5 exprimem a esperança que o povo de Deus manifesta de sobreviver às grandes potências opressoras, como a Assíria e a Babilônia (= terra de Nemrod).

[6-14] O resto que permanece fiel será o guardião da esperança e do julgamento entre as nações. Javé revela seu projeto de vida para a humanidade toda, desmascarando tudo o que se opõe à vida. Contudo, para ser guardião dessa esperança e julgamento entre as nações, o povo de Deus precisa purificar-se do poder e auto-suficiência, que as nações consideram como grandezas. O povo deve confiar unicamente em Deus e no seu projeto de vida.

[6,1-7,7] Após os oráculos de esperança num futuro novo, retomam-se as denúncias de Miqueias contra a situação presente, onde o formalismo religioso encobre uma vida social injusta, que transforma a terra da Aliança num verdadeiro inferno. O Deus de Israel não fica indiferente.

[6,1-5] O julgamento divino não é um ato em que Deus aparece como juiz ditando a sentença. Pelo contrário, ele é o parceiro que debate a causa com o outro parceiro da Aliança. Nesse debate, a criação participa como testemunha. O que está em discussão é a relação da Aliança: Javé mostra que sempre foi fiel, pois libertou o povo e sempre o protegeu e guiou em direção à vida. Em que foi que ele prejudicou a Israel? Quem está com a razão?

[6-8] E o que Javé espera do povo, seu parceiro na Aliança? Não um culto separado da vida, que serviria apenas para o homem justificar a si mesmo. Ele quer uma vida nova, movida pela justiça e pelo amor, e que seu povo caminhe unido a ele. O único e verdadeiro culto é aquele que expressa uma prática de justiça e amor e celebra simbolicamente a plenitude dessa prática.

[9-16] Miqueias denuncia o comércio com que se enriquece a classe dominante (= casa do ímpio). Segundo o profeta, Jerusalém segue o mau exemplo dos piores reis da Samaria (Amri e Acab). Ela não deve esquecer o destino que teve

a capital do Reino do Norte, que foi tomada e destruída em 722 a.C. A classe dominante será desmascarada diante do povo, que agora sofre a exploração.

[7,1-7] Desaparecendo a justiça e a verdade, a estrutura corrompida de uma sociedade só produz divisão e desconfiança, atingindo até mesmo as relações familiares mais próximas. Quando se corrompem os fundamentos de uma sociedade, o homem se torna lobo para outro homem.

[8-20] Esta parte foi acrescentada ao livro de Miqueias depois do exílio. Tendo sofrido o castigo da invasão e destruição do seu país, a comunidade judaica agora tenta, a duras penas, reconstruí-lo da melhor maneira possível. Consciente dos erros passados, essa comunidade luta para readquirir a unidade e confiança perdidas. Estes cânticos de esperança serviram de estímulo para vencer o desânimo e a falta de fé. E a mola da esperança está depositada em Javé que, apesar de tudo, continua sendo o parceiro fiel da Aliança.

[8-13] Jerusalém ainda está destruída, e a comunidade judaica sofre o desprezo dos países vizinhos. Contudo, apesar da cólera de Javé, a comunidade repatriada confia que ele irá restaurar sua própria honra e que Jerusalém conhecerá um novo dia, tornando-se o centro de reunião para todos os homens. Então os vizinhos é que ficarão envergonhados.

[14-17] É um hino de confiança na grandeza de Deus. Embora cercado por estrangeiros dentro de sua própria terra, o povo confia e espera que Javé, o Deus do êxodo, se manifeste, libertando-o, para espanto de todos.

[18-20] O livro de Miqueias se encerra com uma recordação do Deus da Aliança, que perdoará o pecado e voltará a ser o parceiro intimamente ligado ao povo.

NAUM

A RUÍNA DO OPRESSOR

Introdução

A atividade profética de Naum se desenvolveu entre 663 e 612 a.C.

Na história antiga, como na moderna, as grandes potências se sucedem e lutam encarniçadamente na ânsia de dominar o mundo e os homens. Este livro profético é a visão da queda de um desses impérios: a Assíria, o leão que enchia a toca de caça (2,13), o opressor de Israel (1,12-13). É um canto em que o oprimido sente próxima a libertação, porque o Império que domina as nações está prestes a vir abaixo.

Um salmo inicial mostra Javé como juiz que age na história (1,2-8). Ele é apresentado como o Deus ciumento e vingador, cheio de furor (1,2) e ao mesmo tempo como o Deus bom, o abrigo para os que são perseguidos (1,7). Já nesse salmo, Javé aparece como o Senhor de tudo e de todos, oprimidos e opressores, mas de maneira diferente.

Nas sentenças seguintes (1,9-2,1), dirigidas alternadamente ao oprimido (Judá) e ao opressor (Assíria), Javé também se apresenta alternadamente, como vingador e bom.

A ruína de Nínive, capital da Assíria (2,2-3,19), é descrita de maneira grandiosa e sem meios-terms, não deixando dúvidas sobre quem destrói a capital sanguinária e idólatra: é o próprio Deus (2,14; 3,5: “eu estou contra você”).

Naum deixa bem claro: os grandes poderes do mundo não são eternos. Por mais que dominem e amontoem, por mais que oprimam e humilhem os pequenos, um dia eles ruirão como Nínive. Aliás, desaparecerão da história justamente porque agem dessa maneira. Sobre todos os opressores obstinados pesa o julgamento implacável de Deus, que toma o partido dos oprimidos.

NAUM
CAPÍTULOS

1 - 2 - 3

NAUM

1 *Título* — ¹Oráculo contra Nínive. Livro da visão de Naum de Elcós. [1,1]

I. JAVÉ É BOM E VINGADOR [1,2-2,3]

Javé, Senhor do universo

²Javé é um Deus ciumento e vingador!

Javé é vingador e sabe enfurecer-se.

Javé se vinga de seus adversários e é rancoroso para com seus inimigos.

³Javé é lento para a ira e muito poderoso, mas não deixa ninguém sem castigo.

Borrasca e tempestade

fazem o caminho dele;

as nuvens são a poeira de seus passos.

⁴Ameaça o mar, e o mar seca; ele enxuga todos os rios.

O Basã e o Carmelo secam,

e murcham as floradas do Líbano.

⁵As montanhas estremecem diante dele e as colinas se derretem.

Frente a ele a terra se levanta, o mundo e todos os seus habitantes.

⁶Quem resistirá à sua cólera e enfrentará o furor da sua ira?

Seu furor se espalha como fogo,

diante dele as rochas arrebentam.

⁷Javé é bom!

Refúgio seguro nas horas de aperto: conhece aqueles que nele confiam, ⁸quando acontece uma inundação.

Extermina quem se levanta contra ele, persegue os inimigos até o escurecer. [1,2-8]

Javé, Senhor da história — ⁹O que vocês tramam contra Javé? Ele reduz tudo a nada: seu adversário não se levantará duas vezes. ¹⁰Aqueles que se embebedam em festas serão consumidos qual monte de espinhos ou montão de palha seca.

¹¹De você saiu o conselheiro iníquo, aquele que trama tudo o que é mau contra Javé.

¹²Assim diz Javé: Apesar de nada terem sofrido e serem numerosos, mesmo assim serão cortados e desaparecerão. E, se um dia eu fiz você sofrer, nunca mais o afligirei. ¹³Agora eu vou quebrar a canga que pesava em seus ombros e arrebentar suas prisões.

¹⁴Mas este é o decreto de Javé contra você: Não haverá mais descendência de

sua raça; vou acabar com os ídolos e as imagens e estátuas do templo do seu deus. Vou fazer da sua sepultura um lugar amaldiçoado. [\[9-14\]](#)

2 *Javé, o libertador* — ¹Vejam sobre os montes os passos de um mensageiro que anuncia a paz: “Judá, celebre suas festas, cumpra seus votos, porque o iníquo nunca mais atravessará você; ele foi totalmente destruído”. ³Javé restaura a vinha de Jacó, e também a vinha de Israel, pois os ladrões a tinham depredado e até os brotos lhe haviam arrancado. [\[2,1.3\]](#)

II. DESTRUIÇÃO DO OPRESSOR [2,2-3,19]

Assalto e conquista de Nínive — ²Contra você avança um destruidor! Guarde o quartel, vigie o caminho, aperte o cinto, reúna todas as suas forças.

⁴O escudo dos guerreiros se avermelha, os valentes se vestem de escarlate; os carros brilham como fogo e, na hora de montar, os cavaleiros tremem. ⁵Pelas ruas correm carros loucamente, passam correndo pelas praças, parecem tochas de fogo, correndo feito coriscos. ⁶São convocados os mais corajosos, que tropeçam na corrida; eles se lançam para a muralha, formando a cobertura de escudos.

⁷Rompem-se as barragens do rio e o palácio desaba. ⁸A deusa foi exilada, foi levada embora, e as suas sacerdotisas gemem como pombas e batem no peito. ⁹Nínive parece uma represa com suas águas vazando. “Parem! Parem!” Mas ninguém volta atrás. ¹⁰“Saqueiem a prata, saqueiem o ouro”. O tesouro não tem fim, um montão de objetos de valor. ¹¹Ruína, vazio, solidão! O coração falha, os joelhos tremem, há um calafrio na espinha de todos, e todas as faces empalidecem. [2,2,4-11]

A toca do opressor — ¹²Onde está a toca dos leões? Onde está a caverna dos leõezinhos, para onde ia o leão com a leoa e seus filhotes, sem que ninguém os incomodasse? ¹³Para alimentar seus filhotes o leão estraçalhava, e para suas leas es-trangulava, enchia a caverna de carnes, enchia a toca de caça.

¹⁴Pois eu agora estou contra você! — oráculo de Javé dos exércitos. Seus carros arderão fumegando e a espada devorará seus filhotes. Farei desaparecer da terra suas caças, e a voz de seus mensageiros nunca mais será ouvida. [12-14]

3 A agonia do opressor — ¹Ai da cidade sanguinária e traidora, cheia de rapina, insaciável de despojos!

²Estalo de relhos, ruído de rodas girando, cavalos a galope, carros que pulam, ³potros que empinam, espadas luzindo, lanças que faíscam! Multidões de feridos, montão de cadáveres, corpos sem conta, tropeça-se nos cadáveres.

⁴Isso por causa das muitas seduições dessa prostituta, formosa e hábil feiticeira, que comprava nações com sua sedução e povos com seus encantamentos.

⁵Por isso, aqui estou eu contra você! — oráculo de Javé dos exércitos. Vou levantar a barra da sua saia até à altura do rosto; vou mostrar às nações a sua

nudez, e aos reis as suas partes vergonhosas. ⁶Jogarei sobre você a desonra, vou fazê-la passar vergonha, farei do seu caso um exemplo. ⁷Então, qualquer um que vir você fugirá dizendo: “Nínive está arrasada! Quem terá compaixão dela? Onde encontrar quem a console?” [3,1-7]

Os opressores se devoram entre si — ⁸Por acaso você é melhor que Tebas, a cidade sentada entre os canais do Nilo, cercada de águas? A trincheira dela era o mar, e a muralha dela era de água. ⁹Sua força era a Etiópia e o Egito, que não tinha limites; Fut e os líbios eram suas tropas auxiliares. ¹⁰Pois eles também foram para o exílio como escravos; também suas crianças foram despedaçadas em cada esquina de rua; rifaram suas autoridades, e todos os seus grandes foram acorrentados. ¹¹Você também vai se embriagar e se esconder, procurando um lugar para onde fugir do inimigo. [8-11]

Não há como escapar — ¹²Suas fortalezas parecem figueiras com figos temporãos: basta sacudi-las, e eles caem na boca de quem quiser comer. ¹³Seu exército não é de homens, mas de mulheres; as portas do seu país estão abertas, escancaradas para seus inimigos, o fogo consumiu suas trancas.

¹⁴Tire água para quando você estiver cercada; reforce suas torres fortificadas; entre no barreiro, amasse o barro, tome a fôrma. ¹⁵Mesmo assim o fogo vai devorá-la e a espada vai liquidá-la. Multiplique-se como os grilos, e torne-se numerosa como os gafanhotos! [12-15]

Terminou a exploração — ¹⁶Você multiplicou, mais do que as estrelas do céu, o número dos seus comerciantes. O grilo pula e voa longe. ¹⁷Seus guardas parecem bandos de gafanhotos, e seus funcionários um enxame de insetos que pousa no muro em dia de frio. Mas, quando sai o sol, vão embora, e ninguém mais sabe para onde foram. [16-17]

Canto fúnebre para o opressor — ¹⁸Ah! Rei da Assíria! Seus pastores cochilaram, seus comandantes dormiram; seu povo se espalhou pela montanha e ninguém consegue reuni-lo novamente. ¹⁹Não há cura para os seus ferimentos, a sua chaga é incurável. Quem ouve notícias suas bate palmas, porque sobre quem não passou continuamente a maldade de você? [18-19]

NOTAS

[1,1] A apresentação do profeta é feita de maneira breve, sem nenhuma conotação cronológica; mostra somente a origem de Naum: Elcós é, provavelmente, uma cidadezinha de Judá. Nínive é a capital da Assíria, uma das grandes potências da época.

[1,2-2,3] O fiel lê os fatos da história diferentemente de um profano: enquanto este fica na casca dos acontecimentos, a fé descortina neles a realização do projeto de Deus. Deus projeta vida e liberdade e, ao mesmo tempo, destrói tudo aquilo que provoca morte e escravidão. É por isso que Naum vê Deus como destruidor de Nínive, capital da Assíria, a grande potência opressora da época. Antes de relatar os fatos, o profeta apresenta Javé como Senhor do mundo e da história, o qual traz novamente o direito e a justiça ao mundo corrompido.

[1,2-8] Este salmo introduz o oráculo que descreverá a destruição de Nínive. Com imagens grandiosas, apresenta o Deus Todo-poderoso, a quem nada pode resistir. Javé é vingador e cheio de ira para seus adversários; e, ao mesmo tempo, um Deus bondoso para com os seus aliados fiéis.

[9-14] Javé, Senhor do universo, também é Senhor da história: é ele quem dirige os acontecimentos, erguendo-se como juiz entre seu povo oprimido (vv. 12-13) e a Assíria, que encara o poder opressor (vv. 9.11-14). Para seu povo fiel, Javé é força de libertação (“é bom”); para o opressor, porém, ele se torna força de aniquilação (“vingador e cheio de ira”). É assim que se realiza a justiça na história.

[2,1.3] Naum descreve o mensageiro que anuncia a derrota do opressor. Começa uma nova era: Javé vai restaurar o Reino do Sul (Judá) e o do Norte (Israel); este fora destruído pela Assíria em 722 a.C. O profeta imagina talvez a reunificação de todo o povo, tendo Jerusalém como capital.

[2,2-3,19] O profeta descreve de modo cinematográfico a queda de Nínive. Para os opressores, tudo é luto, lamentação, ruína; para os oprimidos, a destruição é princípio de libertação e, portanto, de festa, alegria e restauração. O Deus do universo e da história destrói a cidade que era, conforme os critérios de quem domina, símbolo de perenidade, estabilidade e firmeza. Javé realiza a inversão desse modo de conceber a história. O Magnificat exprime, com clareza a brevidade, esse agir de Deus: “Ele derruba do trono os poderosos e eleva os humildes” (Lc 1,5).

[2,2.4-11] Em mural de extraordinária beleza, Naum pinta o assalto, a confusão

e a tomada de Nínive. O fato aconteceu no ano 612 a.C.

[12-14] Nínive é descrita como toca de leões. De fato, os príncipes e exércitos da Assíria tinham como emblema o leão.

[3,1-7] Agora são descritos os últimos instantes de Nínive: ela será castigada como a mulher adúltera. O seu agir entre os povos era de sedução e magia, fazendo com que todos aceitassem a sua corrupção.

[8-11] Nínive, capital da Assíria, terá a mesma sorte que Tebas, capital do Egito, que ela havia saqueado no ano 767 a.C. Assim como Tebas era considerada indestrutível e foi arrasada, o mesmo acontecerá com Nínive. A história dos poderosos é uma longa sucessão de impérios que se devoram entre si.

[12-15] Nínive está em situação desesperadora, sem nenhuma esperança de salvação: quando a corrupção de um país chega ao limite extremo ninguém mais poderá conter sua ruína.

[16-17] A riqueza de Nínive repousava sobre a multidão de funcionários que recolhiam tributos das nações dominadas, e sobre os comerciantes que arrebanhavam para a Assíria tudo o que havia de melhor nos outros países. Com a ruína dela, também desaparece essa longa mão do poder assírio.

[18-19] A ironia deste canto fúnebre mostra como o domínio da Assíria era odiado por todos. A triste sorte do opressor é ver a sua própria derrota ser saudada com grande festa pelos oprimidos.

HABACUC

O JUSTO VIVERÁ POR SUA FIDELIDADE

Introdução

O profeta Habacuc inicia o livro interrogando a Deus e pedindo socorro, pois está cansado de ver o seu país sofrer opressão violenta, onde a lei enfraquece e o direito está distorcido (1,2-4). A resposta de Deus é a intervenção de um grande império, que deveria corrigir os desmandos (1,5-10). Isso, porém, não satisfaz o profeta, pois o invasor não vem para fazer justiça, mas para substituir uma opressão por outra pior (1,12-17).

Habacuc continua esperando uma resposta satisfatória de Deus. A resposta definitiva é dada, agora, com uma proposta diferente, mais difícil, que exige paciência, mas que não falha: “O justo viverá por sua fidelidade” (2,4). Com isso, os que sofrem as consequências da violência são chamados a ser agentes na história, opondo-se firmemente aos que não são corretos. Tal acontecerá somente se esse grupo for fiel ao projeto de Deus; se estiver permanentemente vigilante na realização da justiça.

No momento em que os injustiçados se descobrem não só como vítimas, mas principalmente como agentes de uma transformação na história, surgem a possibilidade e a coragem de desmascarar os opressores. Esse desmascaramento se realiza através da desmistificação de sua potência, até chegar ao cerne de sua fraqueza: são adoradores de ídolos mudos e inertes, que não podem vir socorrê-los no momento crucial.

Descobrendo a fraqueza do opressor, é possível celebrar a sua queda e o surgimento de uma nova era, de um mundo novo. É a celebração do justo, “em tom de lamentação”, cheia de estremecimentos e temores, porém com uma certeza: a justiça um dia se tornará realidade, porque o Deus dos justos é o Deus vivo que age na história (3,1-19).

HABACUC

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3

HABACUC

1 *Título* — ¹Oráculo que o profeta Habacuc recebeu em visão. [\[1,1\]](#)

I. O PROFETA DEBATE COM DEUS [1,2-2,4]

Deus não vê a injustiça? — ²Até quando, Javé, vou pedir socorro, sem que me escutes? Até quando clamarei a ti: “Violência!” sem que tu me tragas a salvação? ³Por que me fazes ver o crime e contemplar a injustiça? Opressão e violência estão à minha frente; surgem processos e levantam-se rixas. ⁴Por isso, a lei perde a força e o direito nunca aparece. O ímpio cerca o justo e o direito aparece distorcido. [1,2-4]

Uma resposta que não satisfaz — ⁵Olhem as nações, observem bem! Vocês ficarão admirados e espantados, pois ainda nestes dias eu vou fazer uma coisa que, se alguém contasse, vocês não iriam acreditar. ⁶Farei com que se levantem os caldeus, povo cruel e impetuoso que percorre a terra inteira, tomando posse de casas que nunca foram deles.

⁷Ele é terrível e temível; com sua sentença, ele impõe seu direito e vontade. ⁸Seus cavalos são mais velozes que panteras, mais ariscos que lobos do deserto. Seus cavalos vêm a galope, os cavaleiros apontam lá longe, voando como águia que mergulha sobre a sua presa. ⁹Eles avançam todos para fazer violência, rosto em frente, amontoando prisioneiros como areia.

¹⁰Ele caçoa dos reis, zomba dos chefes, ri das fortalezas, porque faz um aterro e as toma de assalto. ¹¹Depois, respira e continua; sua força é o seu deus. [5-11]

O ímpio continua devorando o justo — ¹²Não és tu, Javé, desde o princípio, o meu Deus, o meu Santo, aquele que não morre? Javé, tu o escolheste para exercer o direito; ó Rocha, tu o constituíste para castigar. ¹³Teus olhos são puros demais para ver o mal; tu não podes contemplar a injustiça. Então, por que ficas olhando os traidores e te calas quando um ímpio devora alguém mais justo do que ele? ¹⁴Tratas os homens como peixes do mar ou como répteis que não têm chefe?

¹⁵Ele pesca a todos com anzol, apanha-os na sua rede, recolhe-os no samburá, e ri satisfeito. ¹⁶Por isso, oferece um sacrifício à sua rede, incensa o samburá, pois fez com eles uma gorda pescaria e o alimento veio com fartura. ¹⁷E então, ele vai ficar esvaziando sua rede sem parar, massacrando as nações sem dó nem piedade? [12-17]

2 *A resposta definitiva* — ¹Vou ficar de guarda, em pé sobre a muralha; vou ficar espiando para perceber o que Javé vai me falar, para ver como vai responder à queixa que eu fiz.

²Então Javé me respondeu: “Escreva esta visão, grave com clareza em tabuinhas, para que se possa ler facilmente. ³É uma visão sobre um tempo determinado, fala de um prazo e não vai decepcionar. Se demorar, espere-a, pois certamente ela virá e não atrasará. ⁴Quem não é correto vai morrer, enquanto o justo viverá por sua fidelidade”. [2,1-4]

II. MALDIÇÕES CONTRA O OPRESSOR [5-20]

O tirano devorador — ⁵Na verdade, o vinho é falso: o homem arrogante não para em pé, ele que escancara a garganta como o túmulo, como a morte que nunca se sacia. Ajunta para si todas as nações e se apossa de todos os povos. ⁶Por acaso, eles todos não caçoarão dele, dizendo piadas contra ele? [5-6a]

O oprimido contra o opressor — Vão dizer assim: Ai daquele que acumula o que não é seu e se carrega de penhores. ⁷Não se levantarão, de repente, os seus credores e seus cobradores não acordarão, para transformar você em presa deles? ⁸Já que você saqueou numerosas nações, o que resta dos povos saqueará você, por causa do sangue humano derramado, da violência feita ao país, à cidade e aos seus moradores. [6b-8]

Até as pedras gritarão — ⁹Ai de quem ajunta dinheiro injusto em sua casa, para colocar bem alto o seu ninho, tentando fugir das garras da desgraça! ¹⁰Você decretou a vergonha para a sua casa; destruindo muitas nações, você fez o mal contra si mesmo. ¹¹Pois agora, a pedra da parede gritará e as vigas do telhado responderão. [9-11]

Tanto esforço em vão — ¹²Ai de quem constrói com sangue uma cidade, e com o crime funda uma capital! ¹³Não provém de Javé dos exércitos que os povos trabalhem para o fogo e que as nações se afadiguem inutilmente? ¹⁴Pois a terra inteira estará repleta do conhecimento da glória de Javé, tal como as águas enchem o mar. [12-14]

Quem humilha será humilhado — ¹⁵Ai daquele que embriaga seu próximo, misturando drogas no copo, para lhe contemplar a nudez! ¹⁶Você ficou saciado de vergonha, e não de glória. Beba também você e mostre a sua incircuncisão. A taça que está na mão direita de Javé será derramada sobre você, e em você a vergonha há de superar a glória. ¹⁷A matança que você praticou no Líbano vai cobrir você mesmo, a mortandade dos animais o encherá de pavor. Tudo por causa do sangue humano derramado, da violência feita ao país, à cidade e aos seus moradores. [15-17]

A degradação máxima — ¹⁹Ai de quem fala a um pedaço de madeira: “Acorde!” E à pedra muda: “Desperte!” Pode o ídolo ensinar? Veja! Está

coberto de ouro e prata, mas dentro dele não há nenhum sopro de vida. ¹⁸De que serve um ídolo, para que um artista se dê ao trabalho de fazê-lo? De que serve uma imagem, um mestre de mentiras, para que o artista nela confie e continue fabricando ídolos mudos?

²⁰Javé, porém, mora no seu santo Templo: que a terra inteira fique em silêncio diante dele! [\[18-20\]](#)

III. CONFIANÇA NA INTERVENÇÃO DE JAVÉ [3,1-19]

3 *Manifesta-te, Javé* ¹ Oração do profeta Habacuc, em tom de lamentação.

² Javé, ouvi falar da tua fama; aprendi a respeitar tuas obras, Javé.
Ao correr dos anos, faze-as reviver; manifesta-as no curso dos anos.
Na ira, lembra-te de ter compaixão. [1-2]

Como no êxodo

³ Deus vem lá de Temã, o Santo vem do monte Farã.

A majestade dele cobre o céu,
e a terra se enche com o seu louvor.

⁴ Seu brilho é como o sol, e sua mão cintila,
escondendo o seu poder.

⁵ À frente dele vai a peste, e a epidemia segue seu rastro.

⁶ Ele pára, e a terra treme; ele olha, e as nações estremecem.

As montanhas eternas desmoronam
e as colinas antigas se prostram:
sempre foi assim o seu caminho.

⁷ Vejo as tendas de Cusã apavoradas, e agitadas as tendas de Madiã. [3-7]

Javé, liberta o teu povo!

⁸ É contra os rios, Javé, é contra os rios que tua ira se inflama?

É contra o mar que arde o teu furor, quando montas em teus cavalos
e sobes em teus carros vitoriosos?

⁹ Levantas o teu arco e carregas de flechas a sua corda;
rasgas a terra com torrentes.

¹⁰ Ao ver-te, as montanhas estremecem; uma tromba d'água passa.
O mar profundo estronda,
levantando seus braços para o alto.

¹¹ O sol e a lua ficam em casa, ante o faiscar de tuas flechas que cruzam, ao
clarão do relâmpago de tua lança.

¹² Caminhas furioso pela terra, com ira esmagas as nações.

¹³ Tu saís para salvar o teu povo, para libertar o teu ungido.

Destróis desde o telhado a casa do ímpio, descobres seus alicerces até à rocha.

¹⁴Com teus dardos atravessas o chefe, e suas tropas se dispersam,
quando estavam para devorar
uma vítima às escondidas.

¹⁵Pisas o mar com teus cavalos, fazendo ferver as águas imensas. [8-15]

Nós confiamos em ti!

¹⁶Eu escutei. Minhas entranhas tremeram; ao ouvi-lo, meus lábios
estremeceram, um calafrio entrou-me pelos ossos
e minhas pernas vacilaram.
Eu gemo pelo dia de angústia
que há de vir para esse povo
que nos oprime.

¹⁷Ainda que a figueira não brote e não haja fruto na parreira;
ainda que a oliveira negue seu fruto e o campo não produza colheita;
ainda que as ovelhas desapareçam
do curral

e não haja gado nos estábulos

¹⁸eu me alegrarei em Javé e exultarei em Deus, meu salvador.

¹⁹Meu Senhor Javé é a minha força, ele me dá pés de gazela
e me faz caminhar pelas alturas.

Ao mestre de canto. Para instrumentos de corda. [16-19]

NOTAS

[1,1] O título é vago, não dando nenhum indício para datar a atividade de Habacuc. É provável que estejamos em Judá, no tempo do rei Joaquim, entre os anos 609-600 a.C.

[1,2-2,4] Habacuc se defronta com o problema da opressão e da violência: em nível tanto internacional como nacional, os fortes oprimem os fracos, e Deus parece não resolver a questão. Vários profetas explicavam a situação, mostrando que os inimigos exteriores eram instrumentos com que Deus castigava o pecado do povo. Habacuc rejeita essa explicação, mostrando que também os inimigos externos são opressores. Diante disso, em que situação fica o justo?

[1,2-4] O profeta constata o caos social: os fortes oprimem os fracos. Estes

recorrem ao tribunal, mas a justiça está esquecida e o direito é distorcido. E Deus, ignora tudo isso?

[5-11] Conforme alguns profetas anteriores, o invasor é o instrumento de Deus. O texto descreve o exército de Nabucodonosor conquistando um povo, e depois indo embora e deixando ruínas atrás de si. Seria essa uma intervenção de Deus? O profeta nota que o instrumento acaba considerando a si mesmo um deus; e isso é pior do que a injustiça que reinava antes. Essa resposta não satisfaz Habacuc.

[12-17] Habacuc sabe que Javé é o Senhor da história e que um dia fará justiça. Mas o problema continua: o ímpio devora o justo como um pescador que apanha peixes para se alimentar. O ímpio se satisfaz e ainda presta culto a seus instrumentos de opressão. Até quando isso vai acontecer?

[2,1-4] Até quando Deus vai esperar para agir? Agora vem a resposta definitiva de Deus sobre o problema da opressão e da injustiça: Deus agirá no tempo certo. O que importa é que o justo tome consciência e se mantenha fiel, pois é através da fidelidade do justo que Deus agirá, realizando a justiça: libertará os oprimidos e injustiçados e punirá os opressores. Se há um prazo que às vezes parece longo, é porque Deus quer agir com o homem, respeitando-lhe a liberdade.

[5-20] Certo da ação de Deus através dos justos, Habacuc declara a condenação ao opressor: os oprimidos voltarão contra este todos os males que causou. Não se trata de vingança, é o próprio julgamento de Deus que instaura a justiça. E diante do Senhor da história todos devem calar-se.

[5-6a] Habacuc compara o tirano insaciável com o bêbado que não para em pé após ter-se embriagado com vinho de má qualidade. O tirano é como o túmulo que não se cansa de devorar; mas os que foram devorados acabarão voltando-se contra ele.

[6b-8] O opressor insaciável acaba despojado pelas próprias vítimas que ele tinha dominado.

[9-11] A casa construída com bens roubados acaba delatando o próprio roubo: até os materiais usados na construção tornam presente o clamor dos que foram pilhados.

[12-14] Uma política cimentada às custas da vida alheia e da injustiça será aniquilada e, então, todos hão de reconhecer a justiça de Deus.

[15-17] A humilhação que o dominador causou aos dominados volta-se agora contra ele: também isso é justiça de Deus.

[18-20] A idolatria é o máximo da degradação, pois significa adorar aquilo que

não tem vida e confiar naquilo que não tem poder algum. Em contraste, resplandece a glória do Deus vivo, Senhor do universo e da história, sempre pronto para fazer justiça.

[3,1-19] O livro de Habacuc se encerra com este salmo de confiança, onde são recordadas as ações de Deus no passado, que são fundamento da ação e vitória de Deus no futuro. Trata-se de um canto litúrgico: é na liturgia que os justos celebram a esperança, certos de que ela vai se realizar.

[1-2] O salmo relembra as obras que Deus já realizou, pedindo que realize uma nova libertação no presente.

[3-7] A comunidade fundamenta seu pedido na lembrança do êxodo, quando Javé realizou proezas para libertar o seu povo. A vinda de Javé é como furacão que agita o universo criado e abala toda a história.

[8-15] Com imagens grandiosas, o salmo descreve Javé como Senhor do universo e da história. Assim como ele doma e governa as forças da natureza, também dirige a história, intervindo para salvar seu povo oprimido pelos grandes impérios, cuja ambição transforma a história em verdadeiro caos.

[16-19] A comunidade se emociona com a certeza da intervenção com que Javé libertará o seu povo, punindo o opressor. O salmo termina com uma insuperável profissão de confiança: ainda que nos esteja acontecendo o pior, não abriremos mão da confiança em Javé. É pela nossa fidelidade que Javé nos libertará.

SOFONIAS

OS POBRES DA TERRA

Introdução

O profeta Sofonias viveu e exerceu a sua atividade num momento em que Judá, seu país, era disputado pelas grandes potências da época. Dentro do país se formaram dois partidos: um querendo ficar sob a influência do Egito, outro da Assíria. Durante longo período, nos reinados de Manassés e Amon, a Assíria é que dava as cartas. Uma tentativa de mudar a situação a favor do Egito, através de uma revolta de oficiais da corte, não obteve sucesso, porque cidadãos de grande influência econômica reagiram e colocaram no trono Josias, que ainda era menor de idade. Esse rei, mais tarde, promoverá uma grande reforma, mas a situação voltaria a ser a mesma: o que era bom para a Assíria, era bom para Judá, inclusive a maneira de vestir (1,8).

*Aqui entra Sofonias, entre os anos 640-630 a.C. Ele mostra como pesa, sobre toda essa situação, o Julgamento de Deus (1,2-18). O Dia de Javé não é essencialmente o fim do mundo e da história, mas a transformação do povo de Deus e o fim de uma era de idolatria. Para o profeta, são ídolos não somente as divindades estrangeiras, mas também a absolutização das grandes potências, do dinheiro e do poder. Esses ídolos estão presentes, tanto nas outras nações quanto na cidade de Jerusalém, seja no palácio real, seja no Templo e nos bairros da cidade (2,4-3,8). A única possibilidade de salvação que Sofonias vislumbra para escapar à ira divina são os **pobres da terra** (2,3), isto é, os destituídos de poder e riqueza, que depositam sua confiança no verdadeiro Absoluto e clamam por justiça. São eles os únicos que poderão formar um “resto” para conduzir na história o projeto de Deus, e assim fazer com que o Dia de Javé se torne dia de alegria e restauração, e não de destruição (3,9-20).*

SOFONIAS

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3

SOFONIAS

1 *Título* — ¹Palavra de Javé que foi dirigida a Sofonias, filho de Cusi, filho de Godolias, filho de Amarias, filho de Ezequias, no tempo de Josias, filho de Amon, rei de Judá. [\[1,1\]](#)

I. JULGAMENTO SOBRE JUDÁ [1,2-2,3]

O julgamento universal — ²Eu vou acabar com tudo o que existe sobre a face da terra — oráculo de Javé. ³Acabarei com homens e animais, acabarei com as aves do céu e os peixes do mar; destruirei os ímpios. Eliminarei o ser humano da face da terra — oráculo de Javé. [1,2-3]

Perversão religiosa — ⁴Estenderei minha mão contra Judá e contra todos os habitantes de Jerusalém. Eliminarei desse lugar o que sobrou do deus Baal, e o nome dos seus sacerdotes com os seus ajudantes. ⁵Eliminarei aqueles que se ajoelham nos terraços para adorar o exército do céu; aqueles que adoram a Javé, mas juram pelo deus Melcom; ⁶aqueles que se afastam de Javé e que não procuram Javé, nem o consultam. ⁷Silêncio diante do Senhor Javé, pois está próximo o Dia de Javé! Javé marcou um sacrifício e já santificou seus convidados. [4-7]

Corrupção dos poderosos — ⁸No dia do sacrifício de Javé, pedirei contas aos nobres e príncipes e a todos os que se vestem à moda estrangeira. ⁹Nesse dia, pedirei contas a todos os que saltam a soleira da porta do Templo e enchem de violência e trapaça o Templo do seu Senhor. [8-9]

Os alicerces da corrupção — ¹⁰Nesse dia — oráculo de Javé — um clamor se levantará da porta dos Peixes, gemidos da Cidade Nova, e das colinas um grande lamento.

¹¹Gemam, moradores do bairro de Mactes, porque acabaram os mercadores e foram eliminados todos os cambistas. [10-11]

A idolatria do dinheiro — ¹²Nesse tempo, revistarei Jerusalém com lanternas para pedir contas àqueles que, encharcados de vinho, dizem nos seus corações: “Javé não faz o bem nem o mal”. ¹³Suas riquezas serão saqueadas, suas casas serão demolidas. Construíram casas, mas não habitarão nelas; plantaram videiras, mas não beberão seu vinho. [12-13]

Dia de julgamento — ¹⁴Está próximo o grandioso Dia de Javé. Está próximo e avança com grande rapidez.

Ouve-se um grito: “É amargo o Dia de Javé!” Nesse dia, o valente grita de

medo. ¹⁵Será um dia de cólera, esse dia; um dia de angústia e aflição, dia de devastação e ruína, dia de trevas e escuridão, dia nublado e tenebroso, ¹⁶dia da trombeta e do grito de guerra contra os castelos fortificados e contra as torres da muralha. ¹⁷Atormentarei os homens, de tal modo que andem como cegos, porque pecaram contra Javé; o sangue deles se derramará como poeira e suas vísceras como esterco. ¹⁸Nem sua prata nem seu ouro serão capazes de livrá-los. No dia da cólera de Javé, ele incendiará a terra inteira no fogo da sua indignação. Sim, ele acabará exterminando todos os habitantes da terra. [14-18]

2 *Busquem a Javé* — ¹Reúnam-se e recolham-se, nação sem-vergonha, ²antes que vocês se espalhem como palha que desaparece num dia, antes que caia sobre vocês o fogo da ira de Javé, antes que caia sobre vocês o dia da ira de Javé. ³Procurem a Javé, como todos os pobres da terra que obedecem aos seus mandamentos; procurem a justiça, procurem a pobreza. Quem sabe, assim, vocês acharão um refúgio no dia da ira de Javé. [2,1-3]

II. JULGAMENTO SOBRE AS NAÇÕES [4-15]

Contra os filisteus — ⁴Gaza será abandonada, Ascalon devastada, Azoto exilada no Sul e Acaron será arrancada. ⁵Ai dos moradores da beira-mar, a nação dos cereteus! É contra vocês esta palavra de Javé: Canaã, terra dos filisteus, eu vou destruí-la, a ponto de não deixar em você um habitante sequer. ⁶Você será transformada em abrigo de pastores e curral de ovelhas. ⁷Essa região vai pertencer ao resto da casa de Judá. Por aí eles vão pastar e à tarde vão cochilar nas casas de Ascalon, pois Javé, o seu Deus, velará por eles e mudará a sorte deles. [4-7]

Contra Moab e Amon — ⁸Escutei as ofensas dos moabitas, os desafios dos filhos de Amon, quando insultaram o meu povo, contando grandezas de sua terra. ⁹Por isso, eu juro por minha própria vida — oráculo de Javé dos exércitos, Deus de Israel — Moab será outra Sodoma, e os filhos de Amon serão outra Gomorra; serão como campo de urtigas ou poço de sal, um deserto para sempre. O resto do meu povo os há de saquear, e os sobreviventes da minha gente serão os herdeiros. ¹⁰Esse há de ser o castigo deles pela sua soberba, pois insultaram e desprezaram o povo e Javé dos exércitos. ¹¹Javé se mostrará terrível contra eles, quando acabar com todos os deuses da terra. Então, as nações de todos os continentes vão adorá-lo, cada qual no seu próprio lugar. [8-11]

Contra o Egito e a Assíria — ¹²Até vocês, etíopes, serão atravessados pela minha espada.

¹³Javé vai estender a sua mão contra o Norte e exterminará a Assíria. Fará de Nínive um lugar arrasado, árida como o deserto. ¹⁴Bandos de toda espécie de animais passarão a dormir no centro da cidade; até pelicano e ouriço pousarão à noite no topo das colunas. A coruja piará na janela e o corvo na porta. O madeiramento de cedro foi arrancado. ¹⁵Essa é a cidade alegre, que vivia em segurança, que dizia para si mesma: “Eu, e ninguém mais!” Agora se tornou lugar abandonado, esconderijo de animais. Todos os que passam perto dela assobiam e agitam a mão. [12-15]

III. JULGAMENTO SOBRE JERUSALÉM

3 *Corrupção da classe dirigente* — ¹ Ai de Jerusalém, a rebelde, a contaminada, a cidade opressora! ² Cidade que não escutou o chamado, que não aprendeu a lição. Ela não confiou em Javé, nem se aproximou do seu Deus. ³ Seus chefes são leões que rugem; seus juízes são lobos à tarde, que não comeram nada desde a manhã; ⁴ seus profetas são uns fanfarrões, mestres de traição; seus sacerdotes profanam as coisas santas e violentam a lei de Deus. ⁵ Mas no meio dela está Javé, que é o justo, que não pratica a injustiça. Todo dia ele dá a sua sentença; não há uma só manhã em que ele deixe de comparecer. O criminoso, porém, não reconhece a sua culpa. [3,1-5]

Jerusalém não aprendeu a lição — ⁶ Eu destruí nações inteiras: suas torres de vigia foram arrasadas, fiz suas ruas ficarem desertas, sem nenhum transeunte. As cidades ficaram devastadas, sem ninguém, sem nenhum habitante. ⁷ Eu pensava: “Talvez agora ela me tema, aprenda a lição, e sua morada não pereça quando eu lhe pedir contas”. Mas eles madrugavam para perverter suas ações. ⁸ Por isso — oráculo de Javé — esperem pelo dia em que eu me levantarei como testemunha! Pois eu decidi reunir as nações e aliar os reinos para despejar contra vocês o meu furor, todo o ardor da minha ira. A terra inteira será consumida pelo fogo do meu ciúme. [6-8]

IV. PROMESSA DE RESTAURAÇÃO [9-20]

Os pagãos se converterão — ⁹Vou purificar os lábios dos povos, para que todos possam invocar o nome de Javé e servir a ele de comum acordo. ¹⁰A oferta, os meus adoradores vão trazê-la do outro lado dos rios da Etiópia. [9-10]

A verdadeira pobreza — ¹¹Nesse dia, você não precisará mais envergonhar-se das ações com que me ofendeu, porque vou tirar do seu meio seus soberbos fanfarrões, e você não se orgulhará no meu santo monte. ¹²Deixarei em você um povo pobre e fraco, um resto de Israel que se refugiará no nome de Javé. ¹³Não praticarão mais a injustiça, nem contarão mentiras; não se encontrará mais em suas bocas uma língua mentirosa. Eles poderão pastorear e repousar, e ninguém os incomodará. [11-13]

A alegria do perdão — ¹⁴Grite de contentamento, filha de Sião! Alegre-se, Israel! Fique alegre e exulte de todo o coração, ó filha de Jerusalém! ¹⁵Javé mudou a sentença que tinha contra você, eliminou o seu inimigo. Javé, o rei de Israel, está no meio de você. E você nunca mais verá a desgraça. ¹⁶Nesse dia, será dito a Jerusalém: Não tenha medo, Sião! Não se acovarde! ¹⁷Javé, o seu Deus, o valente libertador, está no meio de você. Por causa de você, ele está contente e alegre e renova o seu amor por você; está dançando de alegria por sua causa, ¹⁸como em dias de festa. [14-18a]

A reunião dos dispersos — Afastarei o mal, para que você não carregue mais o peso da vergonha. ¹⁹Nesse tempo, agirei contra todos aqueles que a oprimem; salvarei os coxos e reunirei os dispersos. Darei a eles glória e fama na terra em que agora são desprezados. ²⁰Nesse tempo, eu vou guiar vocês; quando eu os reunir novamente, vou dar-lhes glória e fama entre todos os povos da terra, quando, bem diante dos olhares de vocês, eu trazer de volta os cativos. Javé o disse. [18b-20]

NOTAS

[1,1] Sofonias exerce sua atividade pouco antes de Jeremias. Sobre a situação da época, cf. Introdução.

[1,2-2,3] A perspectiva do Dia de Javé domina todos os oráculos, nos quais Deus denuncia a infidelidade do seu povo. “Dia de Javé” é expressão para indicar uma grandiosa intervenção de Deus em favor do seu povo, talvez por ocasião de alguma dificuldade, como uma invasão estrangeira. Anunciando, porém, que o Dia de Javé não será de vitória e alegria, Sofonias o apresenta como grandiosa liturgia cruenta, em que o próprio Deus será o oficiante.

[1,2-3] Corrompendo-se, o homem arrasta consigo toda a criação. Por isso, o julgamento de Deus é universal, atingindo todas as criaturas.

[4-7] Sofonias denuncia a corrupção existente em Jerusalém: uns adoram divindades da natureza (Baal) e os astros; outros misturam o culto de Javé com o culto a Melcom, deus dos amonitas, ao qual provavelmente se ofereciam sacrifícios humanos; outros ainda são completamente indiferentes. Para o povo que tinha feito uma Aliança exclusiva com Javé, a situação era tão grave que o profeta anuncia a destruição total, um julgamento que se apresenta como grande sacrifício, no qual os próprios idólatras serão as vítimas.

[8-9] Agora os acusados são os detentores do poder religioso e político: a família real e seus altos funcionários vivem no luxo (usam roupa estrangeira) às custas do povo; os sacerdotes observam costumes pagãos supersticiosos (“saltam a soleira da porta do Templo”), mas não têm escrúpulos de introduzir no Templo a exploração e a fraude.

[10-11] No dia do julgamento, Jerusalém será destruída. A lamentação dos habitantes se deve ao fato de que desapareceram os comerciantes e cambistas, dos quais dependiam a riqueza e o luxo da cidade.

[12-13] São denunciados aqueles que se acomodam no bem-estar, baseados na segurança proporcionada pelo dinheiro, que eles cultuam como se fosse um deus. Se o dinheiro “resolve tudo”, que necessidade há do Deus vivo?

[14-18] Esperava-se que o Dia de Javé fosse de intervenção que traria vitória e alegria. Sofonias, porém, mostra que será um dia terrível, pois Javé intervirá, sim, mas para julgar o pecado.

[2,1-3] O julgamento será uma destruição irreversível? Não!, diz o profeta. Será um momento grave de chamada à conversão. Aqueles que oprimem e exploram o povo são intimados a se converterem (vv. 1-2). Os pobres, isto é, os que são oprimidos e explorados por uma estrutura baseada na idolatria do dinheiro, colocam sua confiança em Javé. Conforme o profeta, esses pobres são a

esperança de uma sociedade nova, baseada na fidelidade a Deus, único absoluto. Dessa forma, os pobres se tornam o exemplo de conversão para a classe dirigente. Deus, portanto, inverte a situação: os grandes devem aprender com os pequenos, os poderosos com os fracos e os ricos com os pobres.

[4-15] Sofonias lança o julgamento sobre as nações que oprimiram Judá e se apropriaram de territórios que, por direito, pertencem ao *resto*, isto é, aos pobres, que são os herdeiros da terra prometida.

[4-7] As cidades filisteias são tradicionais inimigas de Judá. Elas serão destruídas em favor do “resto”, como preveem frequentemente os profetas.

[8-11] Amon e Moab, a leste de Judá, foram traidores em momentos difíceis. Por isso, terão o mesmo destino que Sodoma e Gomorra (cf. Gn 19,23-28); seus territórios pertencerão ao “resto” fiel a Javé.

[12-15] Na época de Sofonias, o Egito está sob a dominação dos etíopes. Portanto, é contra o Egito que o profeta está lançando esta ameaça. Nesse tempo, o império assírio ainda é senhor do Oriente Médio; mas a sua decadência está próxima.

[3,1-5] Quem traiu a Aliança foi toda a classe dirigente de Jerusalém (chefes, juízes, profetas e sacerdotes). Consequentemente, não há mais justiça, o direito é motivo de gozação, não há respeito pelo próximo. A infidelidade a Javé se manifesta pela decadência moral e social.

[6-8] A ruína das nações deveria servir de lição para Jerusalém aprender que Javé julga com severidade as injustiças e opressões. Mas aconteceu justamente o contrário: dentro da cidade santa a corrupção aumentou cada vez mais. Por isso, agora, as nações servirão de instrumento para Javé fazer o julgamento contra Jerusalém.

[9-20] Apesar da terrível perspectiva do Dia de Javé, Sofonias anuncia também a esperança: Javé salvará e reunirá novamente o seu povo, a partir de um “resto” pobre e fiel. O projeto de Deus é sempre para a vida.

[9-10] Julgando o seu próprio povo, Javé se torna reconhecido como o Senhor da história. Ao verem isso, as nações pagãs se converterão, serão perdoadas e servirão a Javé como único Deus. Este oráculo universalista é, provavelmente, de origem pós-exílica.

[11-13] O centro do projeto de Deus é a aliança com o povo pobre e fiel, germe de uma nova sociedade. Negativamente, ser pobre e fiel significa deixar a soberba e o orgulho, que levam o homem a cultivar a si próprio e a praticar a

injustiça e a mentira; positivamente, significa abrir-se para Deus, praticando a justiça e a verdade. O ideal de pobreza, de que fala Sofonias, não é a miséria material, mas a abertura para o projeto de Deus, que traz vida e liberdade para o homem.

[14-18a] Este trecho foi acrescentado no pós-exílio. Depois de terem voltado da Babilônia, os judeus iniciaram a reconstrução de Jerusalém. O autor vê nessa obra o perdão dos pecados anteriores e o início de uma nova era para Israel.

[18b-20] O exílio foi para Israel uma punição pelo pecado; punição que o envergonhou perante as outras nações. Javé, porém, o libertará e o reunirá novamente, refazendo a fama do povo.

AGEU

REESTRUTURAR O POVO DE DEUS

Introdução

No ano 538 a.C., quando os judeus voltaram do exílio da Babilônia, a situação de Judá e Jerusalém era deplorável: cada um procurando se defender sozinho, sem nenhum interesse em formar a unidade que lhes desse a característica de povo. Mesmo aqueles que voltaram do exílio estavam preocupados em construir a própria casa, plantar a sua roça, vender as suas mercadorias, mais do que restabelecer a dignidade nacional. Um leigo (Zorobabel) e um sacerdote (Josué) procuram reunir esse pessoal e reconstruir Jerusalém e o Templo, a fim de reestruturar o povo de Deus.

No ano 520 a.C. o profeta Ageu entra em cena para encorajar os compatriotas. Suas exortações têm como eixo o seguinte tema: se o Templo for reconstruído, tudo vai melhorar, pois Deus habitará de novo no meio deles e espalhará as suas bênçãos. Trata-se de um apelo veemente para tornar viva e fraterna a comunidade, que está ameaçada de total desintegração.

Entretanto, Ageu não se contenta em estimular o tempo presente, mas procura fazer com que todos vejam no futuro uma esperança maior para o povo de Deus, que retornará à sua grandeza anterior, tendo como chefe um descendente de Davi.

O Templo ganhará dimensões magníficas no tempo de Herodes, mas será deturpado e se tornará fonte de exploração. Jesus vai criticar essa degradação a que chegou o lugar de encontro com Deus e o símbolo da unidade do povo, e anunciará a substituição desse Templo por outro: o seu próprio corpo (Jo 2,21). Desse modo, torna-se presente um futuro maior do que o sonhado por Ageu: o verdadeiro Templo que dá vida e une o povo é o próprio Filho de Deus, que se fez homem, e que não é apenas descendente de Davi, mas também seu Senhor.

AGEU

CAPÍTULOS

1 - 2

AGEU

1 Título — ¹No primeiro dia do sexto mês do segundo ano do reinado de Dario, a palavra de Deus foi dirigida, por meio do profeta Ageu, ao governador da Judeia, Zorobabel, filho de Salatiel, e ao chefe dos sacerdotes, Josué, filho de Josedec. [1,1]

Novo centro para a comunidade — ²Assim diz Javé dos exércitos: Esse povo anda dizendo que ainda não chegou a hora de reconstruir o Templo de Javé. ³E Javé dirigiu a palavra por meio do profeta Ageu: ⁴Então vocês acham que é tempo de morar tranquilos em casas bem cobertas, enquanto o Templo está em ruínas? ⁵Ora, assim diz Javé dos exércitos: Reflitam bem no comportamento de vocês. ⁶Vocês estão plantando muito e colhendo pouco; comem e não ficam satisfeitos; bebem e não ficam embriagados; vestem roupa, mas não esquentam o corpo; e o trabalhador está guardando o seu salário numa sacola furada. ⁷Assim diz Javé dos exércitos: Reflitam bem no comportamento de vocês. ⁸Subam à montanha para cortar madeira e construir o Templo. Eu vou gostar dele e nele manifestarei a minha glória — diz Javé. ⁹Vocês esperavam muito: era pouco o que vinha, e eu ainda soprava para longe o que vocês estavam recolhendo. Por que isso? — oráculo de Javé dos exércitos. Porque o meu Templo está em ruínas, enquanto cada um de vocês se preocupa com a sua própria casa. ¹⁰É por isso que o céu lhes recusa o orvalho e a terra nega o seu fruto. ¹¹Eu mandei vir uma seca sobre a terra e os montes, sobre o trigo e o vinho, sobre o azeite e tudo o que a terra produz, sobre homens e animais, sobre todo o produto de suas mãos.

¹²Zorobabel, filho de Salatiel, com o chefe dos sacerdotes, Josué, filho de Josedec, e o resto do povo obedeceram à palavra de Javé, seu Deus, porque o povo, ouvindo as palavras do profeta Ageu, teve medo de Javé. ¹³Ageu, mensageiro de Javé, disse ao povo, conforme a mensagem de Javé: Eu estou com vocês — oráculo de Javé.

¹⁴Javé encorajou o governador da Judeia, Zorobabel, filho de Salatiel, o chefe dos sacerdotes, Josué, filho de Josedec, e o resto do povo. Então eles puseram mãos à obra na reconstrução do Templo de Javé dos exércitos, seu Deus. ¹⁵Era o dia vinte e quatro do sexto mês do segundo ano do reinado de Dario. [2-15]

2 “*Eu estou com vocês*” — ¹No dia vinte e um do sétimo mês, a palavra de Javé foi dirigida por meio do profeta Ageu nestes termos: ²Diga ao governador da Judeia, Zorobabel, filho de Salatiel, ao chefe dos sacerdotes, Josué, filho de Josedec, e ao resto do povo: ³Entre vocês há algum sobrevivente que tenha visto esse Templo no seu antigo esplendor? Que acham dele agora? Em comparação com o antigo, não lhes parece que este nem existe? ⁴E agora, coragem, Zorobabel! — oráculo de Javé. Coragem, Josué, filho de Josedec, chefe dos sacerdotes! Coragem, povo todo da terra! É o que Javé diz. Mãos à obra, pois eu estou com vocês — oráculo de Javé dos exércitos — ⁵conforme a palavra da Aliança que estabeleci com vocês, quando saíram do Egito. O meu espírito estará com vocês. Não tenham medo!

⁶Porque assim diz Javé dos exércitos: Daqui a pouco tempo eu estarei balançando os céus e a terra, o mar e a terra firme. ⁷Vou sacudir todas as nações e, então, as riquezas das nações hão de vir para cá, e assim eu encherei este Templo com a minha glória, diz Javé dos exércitos. ⁸Toda a prata é minha, todo o ouro me pertence!, diz Javé dos exércitos. ⁹A glória futura deste Templo será bem maior que a de antes, diz Javé dos exércitos. Neste lugar eu estabelecerei a paz, diz Javé dos exércitos. [2,1-9]

Um cadáver que contamina — ¹⁰No dia vinte e quatro do nono mês do segundo ano do reinado de Dario, a palavra de Javé foi dirigida ao profeta Ageu nestes termos: ¹¹Assim diz Javé dos exércitos: Consulte os sacerdotes sobre o seguinte caso: ¹²Se alguém, com a barra da veste, toca alguma carne consagrada e depois com ela toca o pão, a comida, o vinho, o azeite ou qualquer outro alimento, essas coisas ficam por acaso consagradas? Os sacerdotes responderam que não. ¹³Ageu continuou: Se alguém, estando impuro por contato com cadáver, toca numa dessas coisas, será que elas se tornam impuras? Os sacerdotes responderam que sim.

¹⁴Então Ageu disse: Pois a mesma coisa acontece com este povo e nação em relação a mim — oráculo de Javé. É isso que acontece com o trabalho de suas mãos: tudo o que eles me oferecem é impuro. ¹⁵Agora, pensem no dia de hoje e para o futuro. Antes de vocês colocarem uma pedra em cima da outra para construir o Templo de Javé, ¹⁶qual era a situação de vocês? Uma pessoa ia até um monte de trigo, esperando encontrar vinte medidas, e havia apenas dez; ia a um tonel para buscar cinquenta barris, e achava apenas vinte. ¹⁷Com o carvão e

a ferrugem do trigo e também com a chuva de pedras, eu destruí todo o trabalho das mãos de vocês, mas ninguém voltou para mim — oráculo de Javé. ¹⁸Olhando para trás, prestem atenção daqui em diante, a partir do dia vinte e quatro do nono mês, dia em que foram lançados os alicerces do novo Templo de Javé: ¹⁹Vejam se vai faltar grão na tulha e se a videira, a figueira, a romãzeira e a oliveira não produzirão frutos, pois a partir de hoje eu abençoo vocês. [10-19]

O escolhido de Javé — ²⁰No dia vinte e quatro, pela segunda vez, a palavra de Javé foi dirigida a Ageu nestes termos: ²¹Fale a Zorobabel, governador da Judeia: Eu vou balançar os céus e a terra. ²²Vou derrubar os tronos dos reis, vou acabar com a força dos reinos das nações. Derrubarei o carro de guerra com o seu condutor; cavalos e cavaleiros cairão, cada um ferido pela espada de seu próprio companheiro. ²³Nesse dia — oráculo de Javé dos exércitos — eu tomarei você, Zorobabel, meu servo, filho de Salatiel — oráculo de Javé — e farei de você um selo, pois você é o meu escolhido — oráculo de Javé dos exércitos. [20-23]

NOTAS

[1,1] Trata-se do ano 520 a.C., pois Dario I foi rei da Pérsia entre 521 e 486 a.C. Nesse ano retoma-se a reconstrução do Templo, depois do desentendimento com os samaritanos (cf. Esd 4,1-5.24).

[2-15] Os exilados voltaram para a Judeia e agora enfrentam o perigo do esfacelamento. Cada um busca seus próprios interesses e, como sempre acontece, um pequeno grupo conquista privilégios em detrimento da grande maioria que vive na miséria. Diante disso, Ageu convoca os chefes e o povo a tomar posição: reconstruir o Templo como centro de vida e coesão da comunidade. Não se trata apenas de um projeto material, mas também e sobretudo de um projeto social: reativar o clima da Aliança, de modo que o povo se una solidário e lute corajosamente para reconstruir a vida nesse tempo difícil. Só assim Javé estará novamente no meio do seu povo.

[2,1-9] As pessoas que viam a simplicidade do Templo reconstruído ficavam desapontadas ao compará-lo com a suntuosidade do Templo de Salomão. Ageu, porém, salienta que o importante não é o edifício, mas a Aliança com Javé: “Eu estou com vocês” (v. 4). A seguir anuncia a promessa de um destino glorioso,

em que as nações e suas riquezas se concentrarão nesse Templo. Alguns veem no v. 7 a tentativa de desviar para o Templo o tributo que deveria ser pago ao rei da Pérsia. Nesse caso, o profeta Ageu estaria apoiando um movimento de rebelião contra o domínio persa.

[10-19] A situação histórica deste oráculo não é muito precisa. Uma das tarefas sacerdotais era determinar o que se podia considerar puro ou impuro, consagrado ou profano (cf. Ez 44,23). Provavelmente, Ageu considera o Templo em ruínas como um cadáver, em contato com o qual pessoas e coisas se tornam impuras; é preciso reconstruir o Templo, eliminando esse cadáver, para que Deus abençoe novamente as colheitas. Os vv. 15-19 têm mais sentido se lidos depois de 1,15a.

[20-23] Zorobabel é apresentado como um salvador do povo: Javé está com ele, como esteve com o seu antepassado Davi (cf. 2Sm 7,12-16). Esta sucessão dinástica, porém, desaparecerá, dando lugar ao sacerdócio. Para Ageu, Zorobabel é legítimo representante de Deus. Seria esse o aspecto político, no caso de Ageu estar apoiando um movimento de rebelião contra a Pérsia (cf. 2,1-9).

ZACARIAS

DEUS CONTINUA PRESENTE

Introdução

A primeira parte do livro, composta dos capítulos 1 a 8, contém os oráculos do profeta Zacarias, contemporâneo de Ageu (520 a.C.). É uma época em que a comunidade judaica procura reconstruir as suas bases de fé e vida social. Sofrendo ainda a amarga provação de um domínio estrangeiro, o povo sente-se desencorajado e pergunta: “Deus ainda está presente em nosso meio?” Zacarias, em oráculos e visões, mostra que Deus continua aí para realizar o seu projeto através da comunidade. O profeta reanima a esperança de um povo que passa por grandes dificuldades materiais e dúvidas de fé e que, por isso, é levado à resignação passiva. Zacarias estimula os compatriotas a arregaçarem as mangas para construir o Templo, símbolo da fé e unidade nacional. Ao mesmo tempo, de maneira realista, incentiva a formação de um novo quadro político, centrado no leigo Zorobabel e no sacerdote Josué.

A segunda parte, formada dos capítulos 9 a 14, foi escrita no período em que os gregos dominavam a Palestina, depois da grande campanha de Alexandre Magno (333 a.C.). O autor olha para o futuro do povo de Deus. Anuncia também o aparecimento do Messias com três características: rei (9,9-10), bom pastor (11,4-17 e 13,7-9) e “transpassado” (12,9-14). Ao ler esta segunda parte, é impossível não lembrar Jesus entrando em Jerusalém montado num jumentinho (rei-messias), ou quando afirma: “Eu sou o bom pastor”; ou ainda sofrendo a paixão e morte na cruz.

ZACARIAS

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14

ZACARIAS

1 *Título* — ¹No oitavo mês do segundo ano de Dario, a palavra de Javé foi dirigida ao profeta Zacarias, filho de Baraquias, filho de Ado, com esta mensagem: [\[1,1\]](#)

I. RECONSTRUIR O POVO DE DEUS

Convertam-se — ²Javé irou-se profundamente contra os antepassados de vocês. ³Então você deverá dizer ao povo de hoje: Assim diz Javé dos exércitos: Voltem para mim — oráculo de Javé dos exércitos — e eu voltarei para vocês, diz Javé dos exércitos. ⁴Não façam como seus antepassados. Os profetas antigos chamavam a atenção deles, dizendo: “Assim diz Javé dos exércitos: Convertam-se de seus caminhos e de suas más ações”. Mas eles não escutaram, nem deram atenção — oráculo de Javé. ⁵Onde estão os antepassados de vocês? E os profetas, continuam vivendo para sempre? ⁶Agora, a minha palavra e as ordens que dei a meus servos, os profetas, por acaso não atingiram os antepassados de vocês? Então eles se converteram e disseram: “Javé dos exércitos aplicou-nos o castigo que tinha planejado para nós, conforme nossos caminhos e nossas ações”. [2-6]

1. A reconstrução da cidade

Primeira visão: a verdadeira paz — ⁷No dia vinte e quatro do décimo primeiro mês do segundo ano de Dario, a palavra de Javé foi dirigida ao profeta Zacarias, filho de Baraquias, filho de Ado, na seguinte forma: ⁸Tive uma visão durante a noite. Havia um homem montado num cavalo marrom, parado entre as árvores de murta, no fundo de um abismo. Atrás dele estavam cavalos marrons, alazões e brancos. ⁹Então perguntei: “Quem são eles, meu Senhor?” (O anjo que falava comigo respondeu: “Vou mostrar-lhe quem são eles”). ¹⁰O homem parado no meio das árvores de murta respondeu: “Estes são os que Javé enviou para percorrer a terra”.

¹¹Eles trouxeram a resposta ao anjo de Javé, que estava parado no meio do arvoredor: “Acabamos de percorrer a terra, e ela toda repousa tranquila”. ¹²E o anjo de Javé perguntou: “Javé dos exércitos, até quando ficarás sem mostrar compaixão para com Jerusalém e as outras cidades de Judá, contra as quais estás irado já faz setenta anos?” ¹³Javé respondeu ao anjo que falava comigo com palavras boas e consoladoras. ¹⁴Então o anjo de Javé que falava comigo ordenou: “Proclame: Assim diz Javé dos exércitos: Tenho ciúmes de Jerusalém e de Sião, um ciúme muito grande. ¹⁵E também estou muito irado contra as nações que vivem confiantes, pois quando eu estava apenas um pouco irado elas continuaram a colaborar com o mal. ¹⁶Por isso, assim diz Javé: Eu me volto para Jerusalém cheio de compaixão: meu Templo será construído — oráculo de Javé dos exércitos — e o cordel de medir será estendido sobre Jerusalém. ¹⁷Proclame ainda: Assim diz Javé dos exércitos: Minhas cidades novamente transbordarão de bens, Javé de novo consolará Sião, e mais uma vez ele vai escolher a cidade de Jerusalém”. [7-17]

2 Segunda visão: Deus vence os impérios — ¹Levantei os olhos e vi quatro chifres. ²Perguntei ao anjo que falava comigo: “Que significam esses chifres?” Ele respondeu: “São os chifres que dispersaram Judá, Israel e Jerusalém”.

³Depois Javé me fez ver quatro ferreiros. ⁴Perguntei: “O que eles vão fazer?” Ele respondeu: “(Estes são os chifres que dispersaram Judá, de tal modo que ninguém podia levantar a cabeça). Os ferreiros vieram para aterrorizá-los, para cortar fora os chifres dessas nações que investem contra a terra de Judá,

espalhando sua gente pelo mundo”. [2,1-4]

Terceira visão: Só Javé protege — ⁵Levantei os olhos e vi um homem com o cordel de medir. ⁶Perguntei: “Aonde você vai?” Ele respondeu: “Vou medir Jerusalém, para ver qual é a sua largura e comprimento”. ⁷Então o anjo que falava comigo deu um passo à frente, e outro anjo veio ao encontro dele. ⁸E aquele disse a este: “Corra, vá dizer àquele moço que Jerusalém deve ficar sem muros, por causa da multidão de homens e animais que ela deverá acolher. ⁹Mas eu serei para ela — oráculo de Javé — muralha de fogo ao seu redor e, no meio dela, eu serei a sua glória”. [5-9]

Javé está com seu povo — ¹⁰Vamos, vamos! Fugam da Babilônia — oráculo de Javé — pois eu dispersei vocês pelos quatro ventos — oráculo de Javé. ¹¹Ai, filhos de Sião que moram na Babilônia, fujam! ¹²Porque assim diz Javé dos exércitos, depois que a glória me mandou às nações que roubaram vocês: Quem fere a vocês, fere a pupila dos meus olhos. ¹³Pois eu agito a mão contra eles, e serão despojo para aqueles que eram seus escravos. Assim vocês ficarão sabendo que foi Javé dos exércitos quem me mandou.

¹⁴Festeje e fique alegre, filha de Sião, pois eu estou vindo para morar com você — oráculo de Javé. ¹⁵Nesse dia, numerosas nações vão aderir a Javé e passarão a ser o meu povo. Eu virei morar em seu meio, e você ficará sabendo que foi Javé dos exércitos quem me mandou a você. ¹⁶Javé tomará Judá como sua porção na terra santa e tornará a escolher Jerusalém. ¹⁷Silêncio diante de Javé, criaturas todas, pois ele se levanta em sua morada santa. [10-17]

2. Os chefes da cidade [3-4]

3 *Quarta visão: o chefe religioso* — ¹Depois Javé me fez ver Josué, o chefe dos sacerdotes, parado na frente do anjo de Javé. E Satanás estava em pé, à direita de Josué, para acusá-lo. ²E o anjo falou a Satanás: “Que Javé segure você, Satanás, que Javé o segure, pois ele escolheu Jerusalém. Esse aí não é, por acaso, um tição tirado do fogo?” ³Josué estava vestido com roupas sujas e parado na frente do anjo. ⁴Então, o anjo falou aos que estavam de pé, à sua frente: “Tirem dele as roupas sujas”. E disse a Josué: “Veja, eu afastarei de você a sua culpa e o revestirei com roupas limpas”. ⁵E acrescentou: “Ponham-lhe na cabeça um turbante limpo”. Então lhe puseram na cabeça um turbante limpo e o vestiram com roupas limpas. O anjo de Javé estava de pé ⁶e falou solenemente a Josué: ⁷“Assim diz Javé dos exércitos: Se você andar nos meus caminhos e guardar os meus mandamentos, você governará meu Templo e guardará meus átrios, e eu o deixarei entrar entre estes que estão aqui de pé. ⁸Escute, pois, Josué, chefe dos sacerdotes, você e seus companheiros que estão diante de você, porque eles são homens de presságio: eu estou fazendo vir o meu servo Germe. ⁹Aqui está a pedra que coloquei diante de Josué: sobre esta pedra há sete olhos. Eu mesmo gravarei nela uma inscrição — oráculo de Javé dos exércitos — e num só dia tirarei a maldade desta terra. ¹⁰Nesse dia — oráculo de Javé dos exércitos — cada um de vocês poderá convidar seu vizinho para vir debaixo da sua própria parreira e debaixo da sua própria figueira”. [3,1-10]

4 *Quinta visão: o chefe político* — ¹O anjo que estava conversando comigo voltou e me fez acordar, como se estivesse despertando alguém do sono. ²Ele perguntou: “O que você está vendo?” Respondi: “Vejo um candelabro todo de ouro, tendo na ponta um reservatório de azeite e sete lâmpadas nos sete bicos que há na extremidade. ³E junto dele vejo também duas oliveiras, uma à direita e outra à esquerda”. ⁴Então perguntei ao anjo que falava comigo: “O que significam essas coisas, meu senhor?” ⁵O anjo que falava comigo respondeu: “Você não sabe o que significam essas coisas?” Respondi: “Não, meu senhor”. ^{6a}Então ele me explicou: ^{10b}“As sete lâmpadas são os olhos de Javé, que percorrem toda a terra”. ¹¹Eu lhe perguntei: “O que significam as duas oliveiras, uma à direita e outra à esquerda do candelabro?” ¹²E tornei a perguntar: “O que significam esses dois ramos de oliveira que vertem azeite dourado por dois bicos

de ouro?” ¹³Ele me respondeu: “Você não sabe o que significam essas coisas?” Eu respondi: “Não, meu senhor”. ¹⁴Ele me explicou: “São os dois homens ungidos que estão de pé diante do Senhor de toda a terra”. ^{6b}Esta é a mensagem de Javé para Zorobabel: Não será com o poder nem com a força, será com o meu espírito, diz Javé dos exércitos. ⁷Quem é você, grande montanha? Diante de Zorobabel, você se tornou apenas uma planície, de onde ele tira a primeira pedra aos gritos: “Graças a ela! Graças a ela!” ⁸A palavra de Javé foi dirigida a mim para explicar: ⁹“As mãos de Zorobabel lançaram os fundamentos deste Templo; suas mãos irão terminá-lo. Assim vocês ficarão sabendo que foi Javé dos exércitos quem me mandou a vocês. ^{10a}Pois, quem desprezou o dia de pequenos acontecimentos? Que eles se alegrem vendo a pedra escolhida na mão de Zorobabel”. [4,1-10]

3. O povo da cidade

5 Sexta visão: justiça social — ¹ Levantei novamente os olhos e vi um livro voando. ² O anjo que falava comigo perguntou: “O que você está vendo?” Respondi: “Estou vendo um livro que voa; tem uns dez metros de comprimento por cinco de largura”. ³ E ele me disse: “É a maldição que se espalha sobre a superfície de todo o país. E, assim como o livro, todo ladrão será expulso daqui; e todo aquele que jura falso em meu nome, será expulso daqui, tal como o livro. ⁴ Eu espalharei essa maldição — oráculo de Javé dos exércitos — para que entre na casa do ladrão e na casa daquele que jura falso em meu nome. Ela vai se estabelecer dentro dessas casas e destruirá sua madeira e sua pedra”. [5,1-4]

Sétima visão: a maldade será eliminada — ⁵ O anjo que falava comigo aproximou-se e disse: “Levante os olhos e veja isto que vem vindo”. ⁶ Eu perguntei: “O que é isso?” Ele respondeu: “É uma vasilha que vem vindo”. E acrescentou: “É a maldade que está no país todo”. ⁷ Ergueu-se a tampa de chumbo e havia dentro da vasilha uma mulher sentada. ⁸ O anjo disse: “Ela é a maldade”. Empurrou-a novamente para dentro da vasilha e fechou-a com a tampa de chumbo. ⁹ Olhei de novo e vi: surgiam duas mulheres com asas ao vento. Tinham asas iguais às da cegonha. Elas levantaram a vasilha entre a terra e o céu. ¹⁰ Eu perguntei ao anjo que falava comigo: “Para onde elas vão levar a vasilha?” ¹¹ Ele respondeu: “Para o templo que lhe irão construir na terra de Senaar; vão fazer-lhe um pedestal e colocá-la em cima”. [5-11]

6 Oitava visão: reunião do povo — ¹ Levantei os olhos novamente e vi quatro carros. Vinham saindo do meio de duas montanhas, e as montanhas eram de bronze. ² O primeiro carro tinha cavalos vermelhos; o segundo carro, cavalos pretos; ³ o terceiro carro, cavalos brancos; e o quarto carro, cavalos malhados. Eram cavalos vigorosos.

⁴ Então perguntei ao anjo que falava comigo: “Quem são eles, meu senhor?” ⁵ O anjo respondeu-me: “São os quatro ventos do céu, que saem depois de ter estado diante do Senhor de toda a terra. ⁶ O carro de cavalos pretos vai para o lado do norte, os cavalos brancos vão atrás deles, e os cavalos malhados vão para o sul”. ⁷ Fogosos, eles estavam impacientes para percorrer a terra. E o anjo mandou: “Vão percorrer a terra”. E eles percorreram a terra. ⁸ Ele me chamou e disse:

“Veja: esses que partiram para o norte, farão o meu Espírito chegar ao país do norte”. [6,1-8]

4. O presente em vista do futuro

Uma lembrança para o futuro — ⁹A palavra de Javé foi dirigida a mim, dizendo: ¹⁰“Pegue ouro e prata de alguns exilados que pertencem às famílias de Heldai, de Tobias e de Idaías, e vá até a casa de Josias, filho de Sofonias, que chegou da Babilônia. ¹¹Tome ouro e prata, faça coroas e coloque-as na cabeça de Josué, filho de Josedec, chefe dos sacerdotes. ¹²Depois, diga-lhe o seguinte: Assim diz Javé dos exércitos: Aqui está um homem; o seu nome é Germe, e onde ele está vai germinar. Ele construirá o Templo de Javé. ¹³Sim, ele construirá o Templo de Javé; ele vai receber a glória, se assentará e governará desde o seu trono. Um sacerdote estará ao seu lado e, entre os dois, haverá um conselho de paz. ¹⁴Para Heldai, Tobias, Idaías e para o filho de Sofonias, essas coroas serão uma lembrança no Templo de Javé”. ¹⁵Eles virão de longe e construirão o Templo de Javé; então, vocês vão ficar sabendo que foi Javé dos exércitos quem me mandou a vocês. E isso acontecerá se vocês obedecerem a Javé, o Deus de vocês. [9-15]

7 Justiça em primeiro lugar — ¹No dia quatro do mês de Casleu, o nono mês, no ano quatro do rei Dario, a palavra de Javé foi dirigida a Zacarias. ²Betel enviou o alto funcionário do rei, Sarasar, com seus homens, para suplicar a Javé ³e perguntar aos sacerdotes do Templo de Javé dos exércitos e aos profetas: “Eu devo chorar no quinto mês e fazer jejum, como tenho feito há tantos anos?” ⁴A palavra de Javé dos exércitos foi dirigida a mim, dizendo: ⁵“Diga a todo o povo da terra e também aos sacerdotes: Quando vocês, durante setenta anos, jejuaram e bateram no peito a cada quinto mês e a cada sétimo mês, por acaso foi para mim que vocês jejuaram? ⁶E quando vocês comem e bebem, não é para vocês mesmos que estão comendo e bebendo? ⁷E não foi isso que Javé disse pela boca dos seus profetas antigos, no tempo em que Jerusalém era habitada e vivia tranquila, ela e as outras cidades em volta, quando o Negueb e a Planície eram ainda habitadas?”

⁸A palavra de Javé foi dirigida a Zacarias nestes termos: ⁹“Assim diz Javé dos exércitos: Façam julgamento verdadeiro, e cada qual trate com amor e compaixão o seu irmão. ¹⁰Não oprimam a viúva e o órfão, o estrangeiro e o pobre; e ninguém fique, em seu coração, tramando o mal contra o seu irmão”. ¹¹Eles, porém, não quiseram prestar atenção, deram-me as costas e endureceram

os ouvidos para não ouvir. ¹²Endureceram o coração para não ouvir a Lei e as palavras que Javé dos exércitos enviara pelo seu espírito por intermédio dos profetas antigos. Tudo isso fez com que Javé dos exércitos ficasse com grande ira ¹³e dissesse: “Como eu chamei e eles não escutaram, agora também eles podem gritar que eu não escutarei. ¹⁴Eu os dispersei por todas as nações que não conheciam, e atrás deles a terra ficou vazia, sem transeunte. Eles transformaram num deserto essa terra deliciosa”. [7,1-14]

8 Promessas — ¹A palavra de Javé dos exércitos foi dirigida nos seguintes termos: ²“Assim diz Javé dos exércitos: Tenho muito ciúme de Sião; estou fervendo de ciúmes por sua causa.

³Assim diz Javé dos exércitos: Voltarei a Sião, habitarei em seu meio, Jerusalém. Jerusalém será chamada Cidade Fiel, e a montanha de Javé dos exércitos terá o nome de Montanha Santa.

⁴Assim diz Javé dos exércitos: Velhos e velhas ainda se sentarão nas praças de Jerusalém, todos de bengala na mão por causa da idade. ⁵Mas logo as praças da cidade ficarão cheias de meninos e meninas a brincar pelas ruas.

⁶Assim diz Javé dos exércitos: Se isso parece impossível aos olhos do resto deste povo, seria impossível também para mim naqueles dias? — oráculo de Javé dos exércitos.

⁷Assim diz Javé dos exércitos: Eu estou libertando o meu povo dos países do nascer e do pôr do sol; ⁸eu vou trazê-los de volta para morar na cidade de Jerusalém. Então eles serão o meu povo e eu serei o Deus deles, na fidelidade e na justiça.

⁹Assim diz Javé dos exércitos: Coragem! Vocês que nestes dias ouvem estas palavras da boca dos profetas, no dia em que foram postos os alicerces para a construção do Templo de Javé dos exércitos. ¹⁰Antes desses dias, não havia pagamento nem pelo trabalho do homem nem pelo trabalho do animal; não se podia ir e vir tranquilamente, por causa do inimigo; eu tinha colocado todos uns contra os outros. ¹¹Mas agora eu não vou ser para este resto do povo como fui nos tempos antigos — oráculo de Javé dos exércitos — ¹²porque a sementeira vai ser em paz, a parreira dará o seu fruto, a terra dará o seu produto, o céu dará o seu orvalho. Darei tudo isso como herança ao resto deste povo. ¹³Então, da mesma forma como vocês foram maldição entre as nações, casa de Judá e de Israel, agora eu os salvarei, e vocês serão uma bênção. Não tenham medo. Coragem!

¹⁴Assim diz Javé dos exércitos: Da mesma forma como planejei um castigo contra vocês quando seus antepassados me aborreceram — diz Javé dos exércitos — e eu não me arrependi, ¹⁵assim também, nesses dias, eu planejarei a felicidade para Jerusalém e para a casa de Judá. Não tenham medo! ¹⁶Vocês praticarão isto: digam a verdade a seu próximo, julguem com integridade nos tribunais de vocês, ¹⁷não tramem o mal contra o seu próximo, não amem o falso testemunho, pois eu odeio todas essas coisas — oráculo de Javé”.

¹⁸A palavra de Javé dos exércitos me foi dirigida, dizendo: ¹⁹“Assim diz Javé dos exércitos: Os jejuns do quarto, quinto, sétimo e décimo mês serão para a casa de Judá um contentamento, uma alegria, uma festa muito feliz. Amem a fidelidade e a paz.

²⁰Assim diz Javé dos exércitos: De novo virão povos e moradores das grandes cidades. ²¹Os moradores de uma cidade irão para outra, dizendo: ‘Vamos aplacar a Javé; eu vou com você visitar Javé dos exércitos’. ²²Povos numerosos e nações poderosas virão à procura de Javé em Jerusalém, para aplacar a Javé.

²³Assim diz Javé dos exércitos: Nesses dias, dez homens de todas as línguas faladas pelas nações pegarão um judeu pela barra do manto, dizendo: ‘Nós queremos ir com vocês, pois ouvimos falar que Deus está com vocês’ ”. [\[8,1-23\]](#)

II. O POVO DE DEUS DENTRO DA HUMANIDADE

1. O novo povo de Deus

9 *A marcha da palavra de Javé* — ¹Oráculo. A palavra de Javé está na terra de Hadrac, e Damasco é a sua moradia, porque a Javé pertencem a capital da Síria e todas as tribos de Israel; ²e também Emat, que faz divisa com ela, e (Tiro e) Sidônia, que tem muita sabedoria.

³Tiro construiu para si uma fortaleza e amontoou prata como areia e ouro como lama na rua. ⁴Apesar disso, Javé tomará a cidade, sepultará no mar a sua riqueza, e a cidade será devorada pelo fogo.

⁵Ascalon verá e ficará com medo. Gaza também tremerá bastante, e também Acaron, pois a sua confiança foi confundida. O rei de Gaza desaparecerá, e Ascalon ficará sem morador; ⁶em Azoto habitará um bastardo; e eu destruirei o orgulho dos filisteus. ⁷Tirarei o sangue de sua boca, arrancarei as abominações dentre os seus dentes. E eles também se tornarão um resto para o nosso Deus; e serão uma família em Judá, e Acaron será como um jebuseu. ⁸Armarei a minha tenda na linha de frente da minha casa contra aqueles que vão e vêm; o opressor não passará mais sobre eles, pois agora eu estou vendo com os meus próprios olhos. [9,1-8]

O Messias justo e pobre — ⁹Dance de alegria, cidade de Sião; grite de alegria, cidade de Jerusalém, pois agora o seu rei está chegando, justo e vitorioso. Ele é pobre, vem montado num jumento, num jumentinho, filho de uma jumenta. ¹⁰Ele destruirá os carros de guerra de Efraim e os cavalos de Jerusalém; quebrará o arco de guerra. Anunciará paz a todas as nações, e o seu domínio irá de mar a mar, do rio Eufrates até os confins da terra. [9-10]

O instrumento de Javé — ¹¹Quanto a você, pelo sangue da sua aliança, libertarei os presos do poço sem água. ¹²Prisioneiros cheios de esperança, voltem para a fortaleza, pois hoje lhes anuncio: “Eu retribuirei o dobro a você”. ¹³Esticarei Judá como um arco, a flecha que eu armo é Efraim; atiro os seus filhos, ó Sião, contra os filhos de Javã. Faço de você uma espada valente. ¹⁴Javé aparecerá lutando contra eles: as flechas dele voarão como raios. O Senhor Javé toca a sua trombeta e avança no vendaval que vem do sul. ¹⁵Quem os protege é

Javé dos exércitos. Eles devorarão, pisarão as pedras da funda, beberão o sangue dos inimigos como se fosse vinho; se encherão como as bacias do sacrifício, e ficarão ensopados como os cantos do altar. ¹⁶Nesse dia, Javé, o Deus deles, salvará seu povo como a um rebanho. E eles brilharão em sua própria terra como pedras de uma joia. ¹⁷Que riqueza, que beleza! O trigo trará vigor para os jovens e o vinho para as jovens. [11-17]

10 *Empecilho para a libertação* — ¹Peçam a Javé as chuvas temporãs e tardias, pois Javé envia relâmpagos e chuva forte, dando a erva para cada um no seu campo. ²Pois os instrumentos de adivinhação dizem coisas vãs, os videntes só enxergam mentiras, contam sonhos fantásticos e dão consolo sem valor: por isso, o povo anda vagando, perdido, como ovelhas sem pastor. [10,1-2]

O novo êxodo — ³Contra os pastores se inflama minha ira, e contra os bodes eu vou mandar o castigo. Javé dos exércitos visitará o seu rebanho, a casa de Judá, e dela vai fazer o seu valente cavalo de guerra. ⁴Ela será o seu ponto de apoio, dela vem o gancho que prende a tenda, e o arco de guerra; dela virão os capitães. Juntos, ⁵serão como soldados que na batalha pisam a lama das estradas. Lutarão, porque Javé está com eles, mas aqueles que montam cavalos serão confundidos. ⁶Darei força à casa de Judá, darei vitória ao povo de José. Eu os reconduzirei, porque tenho compaixão deles. E serão como se eu não os tivesse rejeitado, porque eu sou Javé, o Deus deles, e responderei favoravelmente. ⁷Os de Efraim serão como um herói; alegres de coração, como tocados pelo vinho. Seus filhos o verão e ficarão contentes, e o coração deles dançará de alegria em Javé. ⁸Com simples assobio, vou reuni-los de novo, pois eu já os resgatei; e eles serão tão numerosos como antes. ⁹Vou semeá-los entre as nações, e de longe eles se lembrarão de mim. Instruirão os seus filhos que voltarão depois. ¹⁰Vou trazê-los de volta da terra do Egito, vou ajuntá-los novamente da Assíria; vou levá-los para a terra de Galaad e do Líbano, onde não haverá para eles lugar suficiente. ¹¹Eles passarão pelo mar estreito (Javé ferirá as ondas do mar), e o leito do rio Nilo ficará seco. Então será derrubado o orgulho da Assíria e será afastado o cetro do Egito. ¹²Eu os tornarei heróis em Javé, e em nome dele marcharão — oráculo de Javé.

11 ¹Abra, ó Líbano, as suas portas, para que o fogo devore os seus cedros. ²Chore, cipreste, porque o cedro caiu e as árvores majestosas foram abatidas. Chorem, carvalhos de Basã, porque a floresta fechada já tombou no

chão. ³Escutem! Os pastores gemem, porque o esplendor deles foi arrasado. Escutem! Os leõezinhos rugem, porque foi abatido o orgulho do Jordão. [\[10,3-11,3\]](#)

2. O novo pastor do povo de Deus

Ovelhas e pastores — ⁴Assim diz Javé, o meu Deus: Engorde as ovelhas destinadas para a matança. ⁵Aqueles que as compram as matam, e não são punidos; aqueles que as vendem, dizem: “Seja louvado Javé, pois eu fiquei rico”. E nenhum pastor fica com pena das ovelhas. ⁶Eu também já não perdoarei mais os moradores desta terra — oráculo de Javé. Entregarei os homens uns na mão dos outros e na mão do seu rei. Eles acabarão com o país e eu não livrarei ninguém das mãos deles. ⁷Eu me tornei pastor de um rebanho que vai para o matadouro — de fato, os pobres do rebanho — e peguei dois bastões. Dei a um o nome de Favor e a outro chamei de Laços. E continuei sendo pastor do rebanho. ⁸Depois, em um mês, destruí três pastores. Perdi a paciência com eles, e eles foram avaros comigo. ⁹Então eu disse: “Não serei mais pastor de vocês. Quem estiver para morrer, que morra; quem estiver para sumir, que suma; e os que sobrarem, que se devorem uns aos outros”. ¹⁰Depois peguei o bastão chamado Favor e o quebrei, para romper a aliança que eu tinha feito com os povos. ¹¹A aliança foi rompida nesse dia, e assim os pobres do rebanho, que me serviam atentamente, reconheceram que nisso havia uma palavra de Javé. ¹²Então eu disse: “Se estão de acordo, façam o meu pagamento; se não, deixem”. Então eles pesaram o dinheiro do meu pagamento: trinta siclos de prata. ¹³E Javé me disse: “Envie ao fundidor este preço fabuloso com que fui avaliado por eles”. Eu peguei os trinta siclos de prata e os mandei ao fundidor no Templo de Javé. ¹⁴Depois eu peguei o outro bastão, o Laços, e o quebrei também, para acabar com a fraternidade entre Judá e Israel.

¹⁵Javé me disse: Pegue os apetrechos de um pastor insensato, ¹⁶pois eu farei aparecer neste país um pastor que não se preocupa com a ovelha desaparecida nem procura a que se extraviou, não cura a machucada nem sustenta a que está prenhe, come a carne das gordas e arranca até o casco delas. ¹⁷Ai do pastor de coisa nenhuma, que abandona o rebanho! Que a espada lhe fira o braço e fure seu olho direito; que seu braço fique seco de uma vez, e seu olho completamente cego. [11,4-17]

12***A reunificação do povo*** — ¹Oráculo. Palavra de Javé a respeito de Israel — oráculo de Javé, que estende o céu, firma as bases da terra e forma o espírito dentro do homem: ²Estou fazendo de Jerusalém uma taça de vertigem,

para embriagar todos os povos dos arredores; e no cerco contra Jerusalém acontecerá o mesmo também a Judá. ³Então, nesse dia, farei de Jerusalém uma pedra forte contra todos os povos. Quem tentar levantá-la, se machucará gravemente. Contra ela se reunirão todas as nações da terra. ⁴Nesse dia — oráculo de Javé — farei todo cavalo ficar confuso e enlouquecerei os cavaleiros. Mas voltarei meu olhar para a casa de Judá e cegarei toda a cavalaria dos exércitos dos povos. ⁵Então os chefes da casa de Judá pensarão: “A força dos habitantes de Jerusalém está em Javé dos exércitos, o Deus deles”. ⁶Nesse dia, farei que os chefes de Judá sejam como bacia de fogo em cima da madeira ou como tocha na palha do trigo. Eles devorarão à direita e à esquerda todos os povos dos arredores. Jerusalém habitará novamente em seu lugar, isto é, em Jerusalém. ⁷Javé salvará primeiro as tendas de Judá, para que o orgulho da casa de Davi e o orgulho dos habitantes de Jerusalém não sejam maiores do que o orgulho do povo de Judá. ⁸Nesse dia, Javé estenderá seu escudo para proteger os moradores de Jerusalém; nesse dia, o mais vacilante entre eles será como Davi; e a casa de Davi será como Deus, como anjo de Javé diante deles. [12,1-8]

O processo de purificação — ⁹Nesse dia, procurarei destruir todas as nações que vierem lutar contra Jerusalém. ¹⁰Derramarei um espírito de graça e súplica sobre a casa de Davi e sobre os moradores de Jerusalém, e eles olharão para mim. Quanto àquele que transpassaram, chorarão por ele como se chora pelo filho único; vão chorá-lo amargamente, como se chora por um primogênito. ¹¹Nesse dia, a lamentação de Jerusalém será tão grande como a lamentação de Adad-Remon na planície de Meguidon. ¹²O país inteiro vai chorar, cada clã em separado. Assim: o clã da casa de Davi em separado, e em separado as mulheres deles; o clã da casa de Natã em separado, e em separado as mulheres deles; ¹³o clã da casa de Levi em separado, e em separado as mulheres deles; o clã da casa de Semei em separado, e em separado as mulheres deles; ¹⁴todos os outros clãs separadamente, e as mulheres deles em separado.

13 ¹Nesse dia, estará à disposição da casa de Davi e dos habitantes de Jerusalém uma fonte para lavar o pecado e a impureza. [12,9-13,1]

Eliminação dos ídolos — ²Nesse dia — oráculo de Javé dos exércitos — cortarei do país o nome dos ídolos, para que nunca mais sejam lembrados. Também expulsarei do país os profetas e o espírito de impureza. ³Se alguém profetizar novamente, o pai e a mãe que geraram esse indivíduo vão dizer-lhe:

“Você não ficará vivo, porque falou mentiras em nome de Javé”. O pai e a mãe que o geraram o transpassarão, enquanto estiver profetizando. ⁴Nesse dia, os profetas ficarão com vergonha das próprias visões e de suas profecias, e não vestirão mais o manto de pelo para contar mentiras. ⁵Dirão: “Eu não sou profeta; sou um trabalhador da terra, pois esta terra pertence a mim desde a juventude”. ⁶E se lhe perguntarem: “E o que são esses machucados em seu peito?”, ele responderá: “Eu me machuquei na casa de meus amigos!” [13,2-6]

Um processo doloroso — ⁷Espada, desperte contra o meu pastor e contra o homem da minha parentela — oráculo de Javé dos exércitos. Fira o pastor, para que as ovelhas se dispersem, pois vou virar a minha mão contra os pequenos. ⁸E acontecerá em toda a terra — oráculo de Javé — que dois terços serão eliminados e somente um terço restará. ⁹Farei essa terça parte passar pelo fogo, para apurá-la como se apura a prata, para prová-la como se prova o ouro. Ela invocará o meu nome e eu responderei. Eu direi: “Ela é o meu povo!” E ela responderá: “Javé é o meu Deus!” [7-9]

3. O combate final e a nova Jerusalém

14¹Eis que um dia virá para Javé, quando no meio de vocês serão repartidos os seus despojos. ²Eu reunirei todas as nações para uma guerra contra Jerusalém. A cidade será tomada pelo inimigo; as casas serão saqueadas; as mulheres, violentadas; a metade da cidade irá para o exílio, e apenas um resto do povo não será retirado da cidade.

³Então Javé sairá para guerrear contra essas nações, como quando combate no dia da batalha. ⁴Nesse dia, os pés dele estarão no monte das Oliveiras, que fica em frente a Jerusalém, do lado do nascente. O monte das Oliveiras vai rachar-se ao meio, formando um vale enorme no sentido do nascente para o poente. Metade do monte se desviará para o norte e a outra metade para o sul. ⁵Os vales de minhas montanhas serão enchidos, e os vales das montanhas serão fechados até Jasol; ele será enchido como por ocasião daquele terremoto no tempo de Ozias, rei de Judá. Então virá Javé meu Deus e todos os santos com ele.

⁶Nesse dia, não haverá mais luz, nem frio nem gelo. ⁷Será um dia único (Javé o conhece). Não haverá mais dia e noite, mas ao entardecer a luz brilhará. ⁸Nesse dia, águas vivas sairão de Jerusalém. Metade correrá para o mar do lado nascente e metade para o mar do lado poente, tanto no verão como no inverno. ⁹Então Javé será o rei de toda a terra. Nesse dia, Javé será único, e único será o seu nome. ¹⁰Todo o país se transformará numa planície, desde Gaba até Remon do Negueb. Jerusalém permanecerá elevada e será habitada no seu próprio lugar, desde a porta de Benjamim até o lugar da antiga porta, até a porta dos Ângulos, desde a torre de Hananeel até os tanques reais para produção de vinho. ¹¹É aí mesmo que eles vão morar, e a cidade nunca mais será condenada à destruição; e assim, quem morar em Jerusalém estará sempre em segurança.

¹²Esta será a praga que Javé mandará contra os povos que combateram contra Jerusalém: enquanto estiverem vivos, Javé fará apodrecer a carne deles; seus olhos também apodrecerão dentro das órbitas e a língua ficará podre dentro da boca. ¹⁵E essa mesma praga atingirá também os cavalos, potros, camelos, mulas e outros animais que estiverem no acampamento deles. ¹³Nesse dia, os inimigos serão tomados por uma grande confusão provocada por Javé. Cada um vai segurar a mão do outro e a mão de um se levantará contra a mão do outro. ¹⁴Judá, porém, lutará em Jerusalém. Os tesouros de todas as nações serão ajuntados ao redor: ouro, prata, roupas finas, tudo em grande quantidade.

¹⁶O que sobrar dessas nações, que um dia marcharam contra Jerusalém, deverá ir a ela todo ano para adorar o Rei, Javé dos exércitos, e celebrar a festa das Tendas. ¹⁷Qualquer uma das famílias da terra que não fizer romaria a Jerusalém para adorar o Rei, Javé dos exércitos, ficará sem chuva. ¹⁸Por exemplo: se a família do Egito não quiser sair de casa para vir, cairá sobre eles a praga com que Javé vai ferir as nações que não subirem para celebrar a festa das Tendas. ¹⁹Tal será o castigo para o pecado do Egito e o castigo para todas as nações que não subirem para celebrar a festa das Tendas.

²⁰Nesse dia, até nos chocalhos dos cavalos estará escrito: “Consagrado a Javé”. As painéis do Templo de Javé serão como vasos de aspersão. ²¹Mais ainda: as painéis em Jerusalém ou em Judá serão consagradas a Javé dos exércitos; todos os que oferecerem sacrifício virão pegá-las e usá-las para cozinhar. Nesse dia não haverá mais comerciantes dentro do Templo de Javé dos exércitos. [14,1-21]

NOTAS

[1,1] Zacarias (= Javé se lembra) inicia sua atividade em 520 a.C., poucos meses depois da primeira mensagem de Ageu. Nessa época, Dario I, rei da Pérsia, preocupou-se em reorganizar o império, dividindo-o em satrapias ou províncias. A Palestina, junto com a Síria, formaram a quinta satrapia.

[2-6] O livro inicia com um convite à conversão. Esta começa com o reconhecimento dos erros passados, que afastaram o povo de Deus e o tornaram objeto da ira e julgamento divinos; a conversão continua na obediência à palavra de Deus, anunciada agora pelo profeta. A palavra de Deus irá indicar o caminho que o povo deve seguir.

[7-17] Com os cavaleiros, o império persa mantinha a vigilância e a ordem em todas as regiões conquistadas. Eles informam que “a terra toda repousa tranquila”, isto é, o império opressor não tem nada a temer. Então, como fica a situação da comunidade oprimida por essa “paz” que só beneficia o opressor? Javé anuncia que vai subverter essa “paz”: Jerusalém e o Templo serão reconstruídos, e haverá uma verdadeira paz e prosperidade para as cidades de Judá.

[2,1-4] O chifre é o símbolo da força e do poder. Os quatro chifres representam a força dos impérios da terra, que se unem para destruir a nação judaica. O profeta, porém, com a imagem dos ferreiros, encarregados de cortar os chifres,

assegura que a força dos impérios será aniquilada pelo poder de Deus.

[5-9] Medir é ação simbólica que significa reconstruir e proteger. Jerusalém será reconstruída e ficará sempre aberta (sem muros) para acolher todos aqueles que queiram fazer parte do povo da Aliança. E os que foram libertos não precisarão buscar refúgio (muro), pois Javé os protege, como protegeu os hebreus no êxodo (cf. Ex 13, 21-22).

[10-17] O profeta urge que os exilados, ainda habitantes da Babilônia, se reúnam com seus irmãos na Palestina, porque Deus está novamente ligado ao seu povo. Os vv. 14-17 abrem uma perspectiva universal: as nações pagãs farão parte do povo de Deus, que tem Jerusalém como centro.

[3-4] A comunidade pós-exílica centrou suas esperanças de libertação em duas pessoas: Zorobabel e Josué. Zorobabel descendente de Davi, retomaria o poder civil, e Josué daria ao Templo a glória que ele teve na época de Salomão. Entretanto, o império persa viu nessa proposta política uma tentativa de rebelião e impediu que prosseguisse (talvez, por isso, Zorobabel tenha sido morto). Sem outra perspectiva, a comunidade judaica voltou as vistas unicamente para o lado religioso (Josué), com o consentimento dos persas.

[3,1-10] É Josué, o sacerdote, quem vai governar o povo no pós-exílio. Todavia, ele precisa ser purificado de todos os erros do sacerdócio pré-exílico. *Satanás* significa literalmente *acusador*, uma espécie de promotor de acusação; ele personifica o ato de Deus que julga o sacerdócio; aqui, talvez, através da própria crítica da comunidade. Só mais tarde, o termo Satanás vai adquirir o significado que conservamos até hoje. Tirado do exílio (tição tirado do fogo), Josué está pronto para ser purificado (roupas limpas) e servir de mediador entre Javé e o povo. Entretanto, a restauração da dinastia de Davi (Germe) permaneceu como esperança futura. A misteriosa “pedra com sete olhos” representa, provavelmente, o Messias que deveria vir, e cujo conhecimento é perfeito (sete olhos).

[4,1-10] O candelabro com sete lâmpadas representa a presença e a manifestação de Deus no meio do seu povo. As duas oliveiras são Josué, consagrado para o culto, e Zorobabel, que se espera seja consagrado rei, por ser descendente de Davi: é, portanto, a promessa de que os dois poderes (religioso e civil) irão consolidar a situação do povo. Os fatos, porém, logo irão desmentir essa posição de equilíbrio: Zorobabel desaparece de cena e o povo será governado por uma casta sacerdotal.

[5,1-4] Zacarias mostra que a restauração do país não poderá ser realizada se dele não forem retirados dois males que violam a Aliança: o roubo de terras e a injustiça no tribunal (jurar falso como testemunha de acusação).

[5-11] O efá (vasilha) é uma das medidas básicas na Palestina. A maldade é a raiz de todos os pecados. A visão mostra que a maldade será totalmente eliminada do povo de Deus. Senaar é o nome antigo da Babilônia, representando o paganismo, que é oposto a Deus e ao seu projeto.

[6,1-8] Do alto de sua morada (montanhas de bronze), Deus está presente e age em toda a terra (4 carros = 4 cores = 4 cantos do mundo). A ação principal é a de enviar mensageiros ao norte, isto é, para a Babilônia, a fim de chamar os exilados, que ainda aí permanecem, para que voltem e participem da reconstrução do país (cf. 6,15).

[9-15] Através do simbolismo das coroas, o texto transmite a mesma ideia de 4,1-10: a comunidade do pós-exílio deveria ter um governo civil e religioso harmonizados. Entretanto, com o desaparecimento de Zorobabel, o poder ficou todo nas mãos do chefe dos sacerdotes, e a restauração da dinastia davídica se tornou um anseio a ser cumprido no futuro (v. 14: coroa depositada no Templo como lembrança).

[7,1-14] Estão em curso os trabalhos da reconstrução do Templo. Uma comitiva é enviada aos sacerdotes e profetas para perguntar se ainda é necessário continuar fazendo luto e jejum pela destruição de Jerusalém e do Templo. A resposta está em 8,18-19: o jejum e o luto devem ser substituídos pela festa. Um redator, seguindo o espírito de Is 58,1-14, introduziu os vv. 5-14, mostrando que o verdadeiro jejum que Deus espera e exige é a justiça social e o amor ao próximo, a começar pelos marginalizados.

[8,1-23] Temos aqui um conjunto de oráculos de encorajamento. São dez promessas que dão força para enfrentar o futuro. Desse modo, o profeta procura estimular os construtores desencorajados, diante das tarefas que devem realizar. Todavia, os oráculos também anunciam para o futuro a nova Aliança que se estabelecerá entre Deus e os homens (v. 8). Por outro lado, o texto também frisa que o futuro a ser construído depende da prática da justiça no presente (vv. 16-19).

[9,1-8] Em 332 a.C., o exército de Alexandre Magno se apodera de cidades ao norte da Palestina e de toda a região filisteia. O profeta convida a comunidade

judaica a ver nisso a mão de Deus, o qual julgará os povos opressores. A terra prometida, Javé a libertará das cidades rivais que a circundam e reunirá os inimigos; depois de os purificar, os integrará no seu povo. Desse modo, Javé vai refazer o reino prometido a Davi.

[9-10] Alexandre Magno é um instrumento de Deus mas não é o Messias que vai reunir o povo. O projeto não será realizado mediante o poder opressor e a força militar, mas através da ação do Messias, cuja característica fundamental é a justiça e a solidariedade com os pobres. O Messias construirá a paz, isto é, a vida plena para todas as nações, chamadas que são a fazer parte do povo de Deus. Segundo Mt 21,4-9, Jesus é a realização plena deste anúncio.

[11-17] Como Javé irá realizar seu projeto na história? Primeiro, libertará seu povo; em seguida, vai torná-lo instrumento de sua ação na história. Através do seu povo, Javé julgará a nação opressora (nesse tempo, os gregos), a fim de realizar o projeto de liberdade e vida.

[10,1-2] Para ser libertado, o povo precisa sair da alienação: o povo tenta dominar a natureza e prever os acontecimentos da história recorrendo a ídolos e processos de adivinhação. Por isso, acaba iludido e perdido. O profeta mostra que Javé é o único Senhor, que governa a natureza e a história.

[10,3-11,3] O profeta critica os reis estrangeiros e as autoridades nacionais, que se aliam com eles para oprimir o povo de Deus. Entrevê a ruína da força e riqueza deles. A história do povo recomeçará quando Javé o libertar de toda a escravidão. Com esse novo êxodo, o povo reencontrará liberdade e vida, e os impérios humanos serão destruídos.

[11,4-17] Antes do exílio, os governantes de Israel (pastores) não se incomodaram com a miséria e opressão exercidas pelas grandes potências contra o povo (ovelhas vendidas e levadas para a matança). Ao contrário, tiraram proveito disso (fiquei rico). A consequência foi a invasão do país e a destruição de Jerusalém e do Templo, o exílio e a dominação babilônica. Javé, agora, quer ser o bom pastor que reúne as ovelhas (dois bastões), mas o povo mesmo entrou em crise de fé e, embora percebendo que sofreu castigo por sua negligência, não se importa mais com a Aliança, e não retribui a bondade de Javé (pagamento irrisório). De novo, a consequência é desastrosa: a unidade e fraternidade se tornam impossíveis e, portanto, a situação de opressão continua.

[12,1-8] O profeta vê a possibilidade da reunificação de todo o Israel, como nos

tempos de Davi. Entretanto, essa unidade não será algo imposto pelos governantes, como na época salomônica: para que ela surja e adquira solidez, é necessária a participação de todo o povo (v. 7).

[12,9-13,1] O primeiro ato exigido para a reunificação é reconhecer Javé como único Absoluto (olharão para mim). Em seguida, reconhecer os pecados de idolatria cometidos. O “transpassado”, aqui, designa o próprio povo que, por seus pecados, sofreu a punição do exílio. Jo 19,27 aplica a Jesus essa imagem, por ter ele assumido os pecados de todos. O processo de purificação não é simplesmente um ato; é uma atitude, um processo contínuo, que exige a refontização da própria vida em Deus (fonte).

[13,2-6] Esse processo de purificação elimina os ídolos da sociedade e, juntamente com eles, também os falsos profetas que sustentam a idolatria.

[7-9] O processo é doloroso (espada — v. 7 — e fogo — v. 9). *Espada*: os judeus deixaram de ter um rei (pastor) depois da destruição de Jerusalém, e o povo mais pobre, sem um ponto de união, se dispersou pelo país. *Fogo*: é o exílio na Babilônia, onde foi testada a fidelidade de Israel. O grupo que reconheceu a própria culpa e não cedeu aos ídolos é o *resto*, em base ao qual Javé novamente reconstruirá o seu povo.

[14,1-21] Este último capítulo provavelmente é um acréscimo posterior, escrito durante um tempo de opressão, talvez por parte dos selêucidas, na época dos Macabeus. O autor não desanima e, como em visão, entrevê a vitória final do povo de Deus. Os ídolos desaparecerão juntamente com a opressão, à medida que o projeto de Deus for implantado na humanidade. Tudo se tornará sagrado: o povo e as coisas. Surgirá, então, uma nova humanidade, adoradora do verdadeiro e único Deus. Assim, a religião será fonte de vida, e não meio para justificar a exploração e opressão. Quando o projeto de Deus for conhecido e realizado dentro do seu povo, todas as nações se reunirão a este, convertendo-se completamente do seu modo de viver: em vez de explorar e oprimir, vão repartir o que têm e o que sabem.

MALAQUIAS

UMA RELIGIÃO SINCERA

Introdução

Estimulada pelos profetas Ageu e Zacarias, a comunidade judaica, voltando do exílio da Babilônia, reconstruíra o Templo de Jerusalém e retornara a uma vida normal. Entretanto, cinquenta anos depois, o desleixo e apatia tomam conta da comunidade, e a fé não é mais força de vida, mas simples culto formalista. Nessa época, surge o último dos profetas clássicos. Ele mostra que a submissão a um frio código de leis não tem sentido; Deus, que ama como pai, exige uma resposta urgente e espera um comportamento de respeito e amor (1,6). Tal resposta não deve ser dada com palavras, mas na prática: uma liturgia celebrada com vida e coração (1,6-2,9; 3,6-12), uma vida matrimonial responsável (2,10-16) e um relacionamento social baseado na justiça (3,4-5).

Em estilo de perguntas e respostas, Malaquias obriga os ouvintes a rever a própria fé e lutar contra a hipocrisia de uma religião desligada da vida cotidiana e da prática da justiça.

Malaquias anuncia também um misterioso mensageiro (3,1), no qual os evangelistas reconhecem João Batista, o precursor de Jesus (cf. Mt 11,10; Lc 7,27; Mc 1,2).

Por fim, o profeta relembra que Deus não se esquece dos justos, isto é, daqueles que procuram levar adiante o projeto de Deus, fazendo-lhe a vontade. A vitória final caberá a eles, e não aos ímpios (3,13-21).

MALAQUIAS

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3

MALAQUIAS

1 Título — ¹Oráculo. Palavra de Javé a Israel por intermédio de Malaquias. [1,1]

Eu amo vocês — ²Javé diz: “Eu amo vocês”. E vocês perguntam: “De que jeito nos amas?” Esaú, por acaso, não era irmão de Jacó? — oráculo de Javé. Pois eu amei Jacó ³e odiei Esaú. Eu fiz da montanha de Esaú um lugar arrasado e entreguei a herança dele aos lobos do campo. ⁴Se Edom disser: “Fomos destruídos, mas vamos reconstruir o que foi derrubado”, eis o que fala Javé dos exércitos: Eles podem construir, que eu destruo de novo. Edom vai ter o nome de “Lugar condenado, Povo que Javé odiou para sempre”. ⁵Os olhos de vocês hão de ver, e vocês dirão: “Javé é de fato muito grande, muito além das fronteiras de Israel”. [2-5]

Vocês me desprezam — ⁶Um filho honra o pai e um escravo honra o seu senhor. Se eu sou pai, onde está a honra que me é devida? Se eu sou senhor, onde está o respeito que me é devido?

Javé dos exércitos fala a vocês, sacerdotes que desprezam o nome dele. Vocês perguntam: “Como foi que desprezamos o teu nome?” ⁷Vocês colocam no meu altar alimento impuro, e ainda perguntam: “Como foi que te profanamos?” Vocês acham que a mesa de Javé é desprezível, ⁸que trazer um animal cego para oferecer em sacrifício não é um mal, que trazer um animal coxo ou doente também não é um mal? Ofereçam uma coisa dessas ao governador de vocês: acham que ele vai aceitar e ficar agradecido? — diz Javé dos exércitos.

⁹Agora vocês suplicam a Deus para que ele tenha pena de vocês! Se vocês fazem tais coisas, será que ele deveria ter consideração para com vocês? — diz Javé dos exércitos.

¹⁰Ah! Se houvesse alguém de vocês para fechar as portas do Templo, a fim de que o meu altar não fosse aceso em vão! Vocês não me agradam mais — diz Javé dos exércitos. Eu não aceito a oferta de suas mãos. ¹¹Desde o Oriente até o Ocidente, é grande o meu nome entre as nações. E em todo lugar se oferece incenso ao meu nome e uma oferta pura, pois grande é o meu nome entre as nações — diz Javé dos exércitos. ¹²Vocês profanaram o meu nome ao dizerem: “A mesa do Senhor está contaminada e a comida que está em cima dela não tem

valor”. ¹³E ainda dizem: “Que canseira!” Vocês me desprezam — diz Javé dos exércitos — e oferecem animais roubados, coxos e doentes, e ainda querem que eu os receba de suas mãos? — diz Javé dos exércitos. ¹⁴Maldito o trapaceiro que, tendo em seu rebanho um touro, me oferece em sacrifício um animal defeituoso. Pois eu sou o grande rei — diz Javé dos exércitos — e o meu nome é respeitado entre as nações. [6-14]

2 Vocês pervertem o ensinamento — ¹Agora, sacerdotes, é para vocês a seguinte ordem: ²Se vocês não me escutarem e não tiverem no coração o desejo sincero de glorificar o meu nome — diz Javé dos exércitos — eu lhes mandarei a maldição, e em maldição transformarei as bênçãos de vocês. E vou amaldiçoá-los porque nenhum de vocês as leva a sério. ³Vou arrancar o braço de vocês e jogar-lhes estrume na cara, o estrume das vítimas sacrificadas nas festas de vocês; e vou varrer vocês junto com esse estrume. ⁴Assim vocês ficarão sabendo que eu mandei esta ordem, para vocês permanecerem na minha aliança que fiz com Levi — diz Javé dos exércitos. ⁵A minha aliança estava com Levi; significava vida e paz, e era isso o que eu lhe dava; significava também respeito, e ele me respeitava e honrava o meu nome. ⁶Um ensinamento fiel estava em sua boca, e nada de errado se encontrava em seus lábios; Levi caminhava comigo na paz e no direito, e fazia muita gente se converter do pecado. ⁷Porque os lábios do sacerdote guardavam o conhecimento, e de sua boca se procurava o ensinamento, pois ele era um mensageiro de Javé dos exércitos.

⁸Vocês, porém, se desviaram do caminho e fizeram muita gente fugir do ensinamento. Vocês quebraram a aliança de Levi — diz Javé dos exércitos. ⁹Por isso, agora eu os tornei desprezíveis e vis diante de todo o povo, porque vocês não seguiram os meus caminhos e foram parciais ao ensinar. [2,1-9]

Vocês profanam a Aliança — ¹⁰Por acaso, não temos todos nós um único Pai? Por acaso, não foi um só o Deus que nos criou? Então, por que enganamos uns aos outros, profanando assim a Aliança de nossos pais?

¹¹Judá cometeu uma traição, uma coisa horrível aconteceu em Israel e Jerusalém; Judá profanou o santuário que Javé ama e se casou com a filha de um deus estrangeiro. ¹²Que Javé elimine das tendas de Jacó quem assim faz, a testemunha e o defensor, e até mesmo aqueles que trazem ofertas a Javé dos exércitos. [10-12]

Vocês são infiéis à esposa — ¹³Há uma outra coisa que vocês fazem: cobrem o altar de Javé com lágrimas, prantos e lamentos, porque ele não olha a oferta de vocês, nem aceita com agrado a oferta de suas mãos. ¹⁴E vocês ainda perguntam: “Por que isso?” Porque Javé é testemunha entre você e a mulher de sua juventude, à qual você foi infiel, embora ela fosse a sua companheira, a esposa unida a você por uma aliança. ¹⁵Por acaso, Deus não fez dos dois um único ser, dotado de carne e espírito? E o que é que esse único ser procura? Uma descendência da parte de Deus! Portanto, controlem-se para não serem infiéis à esposa de sua juventude. ¹⁶Eu odeio o divórcio — diz Javé, Deus de Israel — e quem cobre sua veste de violência — diz Javé dos exércitos. Controlem-se e não sejam infiéis. [13-16]

¹⁷Vocês cansam a Javé com palavras. E depois dizem: “Como é que nós o cansamos?” É quando vocês dizem coisas assim: “Quem pratica o mal é que é bom aos olhos de Javé. É desses que ele gosta”. Ou ainda: “Onde é que está o Deus que faz justiça?”

3 *O mensageiro da Aliança* — ¹Vejam! Estou mandando o meu mensageiro para preparar o caminho à minha frente. De repente, vai chegar ao seu Templo o Senhor que vocês procuram, o mensageiro da Aliança que vocês desejam. Olhem! Ele vem! — diz Javé dos exércitos. ²Quem poderá suportar o dia de sua vinda? Quem poderá ficar em pé quando ele aparecer? Pois ele é como o fogo do fundidor, é como o sabão das lavadeiras. ³Ele vai sentar-se como aquele que refina a prata: vai refinar e purificar os filhos de Levi, como ouro e prata, para que possam apresentar a Javé uma oferta que seja de acordo com a justiça. ⁴Então, como nos tempos antigos, como nos anos passados, a oferta de Judá e Jerusalém será agradável a Javé. ⁵Eu virei até vocês para fazer um julgamento: serei uma testemunha atenta contra os feiticeiros e contra os adúlteros, contra todos os que juram falso, que roubam o salário do operário, contra os opressores da viúva e do órfão e contra os que violam o direito do estrangeiro. Esses não me temem! — diz Javé dos exércitos. [2,17-3,5]

Voltem para mim — ⁶Eu sou Javé, e não mudo. Vocês, ao contrário, filhos de Jacó, vocês não se definem. ⁷Desde o tempo de seus antepassados, vocês se afastam dos meus estatutos e não guardam os meus decretos. Voltem para mim, que eu também voltarei para vocês! — diz Javé dos exércitos. Mas vocês perguntam: “Em que precisamos voltar? ⁸Pode um homem enganar a Deus?”

Pois vocês me enganaram! Vocês perguntam: “Em que te enganamos?” No dízimo e na contribuição. ⁹Vocês estão ameaçados de maldição, e mesmo assim estão me enganando, vocês e a nação inteira! ¹⁰Tragam o dízimo completo para o cofre do Templo, para que haja alimento em meu Templo. Façam essa experiência comigo — diz Javé dos exércitos. Vocês hão de ver, então, se não abro as comportas do céu, se não derramo sobre vocês as minhas bênçãos de fartura. ¹¹Acabarei com as pragas das plantações, para que elas não destruam os frutos da terra e nem devorem a vinha no campo — diz Javé dos exércitos. ¹²Todas as nações chamarão vocês de felizes, pois vocês hão de ser um país de delícias — diz Javé dos exércitos. [3,6-12]

Os justos verão a justiça — ¹³Vocês usaram palavras duras contra mim — diz Javé. Vocês perguntam: “O que é que foi que falamos contra ti?” ¹⁴Vocês disseram: “É inútil servir a Deus. Que proveito a gente tira em guardar os mandamentos dele ou andar vestindo luto frente a Javé dos exércitos? ¹⁵Vamos, então, felicitar os soberbos; eles progridem praticando o mal, desafiam a Deus e não são castigados”. ¹⁶E assim comentavam os que temem a Javé: “Javé ouviu com atenção, diante dele um livro foi escrito para lembrar todas as coisas que são a favor dos que o temem e honram o seu nome”. ¹⁷Esses, — diz Javé dos exércitos — quando eu resolver agir, serão a minha propriedade particular. Terei compaixão deles como um pai tem compaixão do filho que lhe presta serviço. ¹⁸Então vocês hão de se converter e verão a diferença que existe entre o justo e o ímpio, entre um que serve a Deus, e outro que não lhe serve. ¹⁹Vejam! O Dia está para chegar, ardente como forno. Então os soberbos e todos os que cometem injustiça serão como palha. Quando chegar o Dia, eles serão incendiados — diz Javé dos exércitos. E deles não vão sobrar nem raízes nem ramos. ²⁰Mas para vocês que temem a Javé brilhará o sol da justiça, que cura com seus raios. E vocês todos poderão sair pulando livres, como saem os bezerros do curral. ²¹Vocês pisarão os maus como poeira debaixo da sola de seus pés, no Dia que eu estou preparando — diz Javé dos exércitos. [13-21]

Elias vai voltar — ²²Lembrem-se da Lei do meu servo Moisés, que eu mesmo lhe dei no monte Horeb, estatutos e normas para todo o Israel. ²³Vejam! Eu mandarei a vocês o profeta Elias, antes que venha o grandioso e terrível Dia de Javé. ²⁴Ele há de fazer que o coração dos pais volte para os filhos e o coração dos filhos para os pais; e assim, quando eu vier, não condenarei o país à

destruição total. [22-24]

NOTAS

[1,1] Malaquias talvez permaneça sempre um profeta anônimo para nós, pois o seu nome significa simplesmente “meu mensageiro” (cf. 3,1).

[2-5] Malaquias profetiza num tempo em que Judá luta para se reconstruir. Para sacudir a indiferença, o profeta relembra um fato essencial: Judá é o povo escolhido e amado por Javé. Como se verifica isso? Pelo fato de Deus ter preferido Jacó, o antepassado de Judá, a Esaú, o antepassado de Edom. Para confirmar, Malaquias alude à desgraça de Edom, que há pouco fora invadido pelos árabes.

[6-14] Numa época em que os judeus já não podem ter outros meios que os identifiquem como povo de Deus, o culto torna-se a carteira de identidade. É no culto que Israel exprime, de forma visível, o afeto e o respeito na sua relação com Deus. Malaquias critica os sacerdotes por relaxarem o culto, além de considerarem tedioso o serviço sacerdotal. Desse modo, os sacerdotes não valorizam aquilo que, no momento, é para o povo a única forma de manter a própria identidade. E o que dizer quando Deus é mais respeitado fora do que dentro do seu povo?

[2,1-9] Aos sacerdotes cabiam duas funções: ministrar o culto e ensinar conforme as normas da Aliança. O profeta já havia criticado os abusos cultuais, agora denuncia a perversão do ensinamento com que os sacerdotes afastam o povo das normas da Aliança.

[10-12] Uma das tentativas para manter a identidade religiosa do povo no tempo de Malaquias era a proibição do casamento com mulheres estrangeiras (cf. Esd 9-10; Ne 10,29-31; 13,23-29). A razão não é o matrimônio em si, mas o risco da idolatria que poderia contaminar a comunidade: esta deve pertencer total e exclusivamente a Javé. Bem diferente é a perspectiva do livro de Rute (cf. o livro de Rute).

[13-16] Conforme Dt 24,1-4, em Israel se admitia que um marido se divorciasse da mulher. Malaquias é mais exigente: para ele, o matrimônio é uma união sagrada que ninguém pode desfazer sem ir contra o projeto original do Criador (cf. Gn 2,24). Podemos já reconhecer aqui o ideal que mais tarde será proposto por Jesus (cf. Mc 10,1-12).

[2,17-3,5] Um dos grandes escândalos para o povo fiel é ver que os opressores e exploradores, mesmo prejudicando outros, levam sempre a melhor, e ainda são respeitados. Malaquias responde a esse escândalo, mostrando que Deus intervirá, produzindo uma nova ordem, na qual a justiça será feita e o direito será restabelecido para todos. Então, sim, Javé aceitará o culto. O misterioso mensageiro (3,1) era então uma personagem esperada para os últimos tempos. Jesus aplicará o texto a João Batista (cf. Mc 1,2).

[3,6-12] Oferecer o dízimo para Javé era um modo de reconhecê-lo Senhor da terra, prestando-lhe homenagem e atraindo sua bênção sobre as colheitas ameaçadas pela seca e pelas pragas.

[13-21] De maneira mais dramática, volta o tema já desenvolvido em 2,17-3,5. A resposta é a mesma: Deus fará justiça. O importante é que os justos permaneçam fiéis, porque é através deles que Deus vencerá a injustiça (vv. 20-21).

[22-24] Esta passagem é um acréscimo posterior e destina-se a fortalecer o povo num tempo ainda mais difícil. Lucas aplica o texto a João Batista (cf. Lc 1,17): João é o profeta Elias que prepara o dia da justiça de Javé, realizada em Jesus (cf. nota em Lc 1,5-25).

NOVO TESTAMENTO

Introdução

O Novo Testamento ou Nova Aliança é a parte da Bíblia onde encontramos o anúncio da pessoa de Jesus Cristo. Sua mensagem central é o próprio Filho de Deus, que veio ao mundo para estabelecer a aliança definitiva entre Deus e os homens. Sendo Deus-e-Homem, o próprio Jesus é a expressão total dessa aliança: ele mostra que Deus é Pai para os homens, e como os homens devem viver para se tornarem filhos de Deus.

Através de sua palavra e ação, Jesus inaugurou a nova aliança ou, em outras palavras, o Reino de Deus. Esse Reino não é mais aliança com um povo só. É aberto a todos os homens, todos os povos de todos os tempos e lugares. Em Jesus, Deus quer reunir toda a humanidade como uma família em que todos são chamados a viver como irmãos, repartindo entre si todas as coisas. Essa grande reunião, onde tudo é partilha e fraternidade no amor, é o Reino de Deus que, semeado na história, vai crescendo até que se torne realidade para todos.

Jesus não deixou nada escrito. Ele pregou, ensinou e praticou o projeto de Deus. Isso fez com que ele entrasse em conflito com a estrutura da sociedade, que o perseguiu, prendeu e matou. Mas Jesus ressuscitou, enviou o Espírito aos seus seguidores, chamados apóstolos e discípulos, e eles continuaram sua missão pregando, ensinando e fazendo como Jesus fazia. Foram eles que escreveram o que encontramos no Novo Testamento. Não pretenderam fazer uma biografia de Jesus, nem história ou crônica da ação dos seguidores dele. Quiseram, em primeiro lugar, anunciar Jesus para que os homens tivessem fé e se comprometessem com Jesus. Fé e compromisso que significam continuar sua palavra e ação, constituindo o Reino.

O Novo Testamento agrupa vinte e sete livros, conforme temas e estilos diferentes: Evangelhos, Atos dos Apóstolos, Cartas e Apocalipse.

Os evangelhos são quatro formas de anunciar Jesus, escritas no ambiente de comunidades diferentes. Por isso tratam da pessoa, das palavras e das ações de Jesus de modo ao mesmo tempo semelhante e diferente. Não são biografia ou história, e sim um anúncio para levar à fé em Jesus, isto é, ao compromisso de continuar sua obra, pela palavra e ação.

Os Atos dos Apóstolos são a segunda parte do evangelho de São Lucas. Mostram como o anúncio de Jesus e a formação das comunidades cristãs se

expandiram, chegando a Roma, centro do mundo naquela época. Aí vemos o sentido da missão cristã: levar a boa nova do Evangelho a todos os homens, para que todos possam tomar conhecimento de Jesus e pertencer ao povo de Deus.

As cartas ou epístolas são escritos dirigidos às primeiras comunidades cristãs. Elas não só nos dão uma ideia dos problemas dessas comunidades, mas nos ajudam também a ver e superar os problemas em nossas comunidades atuais.

O Apocalipse de São João é livro escrito em linguagem figurada, porque se dirige aos cristãos em tempo de perseguição. Apresenta Jesus Ressuscitado como Senhor da história, e mostra como os cristãos devem anunciá-lo e testemunhá-lo sem medo, enfrentando até mesmo a própria morte.

A PALESTINA NO TEMPO DE JESUS

Introdução

É difícil tirar todo o proveito da leitura dos Evangelhos, se não conhecermos alguma coisa da terra, ambiente e mecanismos da sociedade em que Jesus viveu, há dois mil anos. Isso porque a encarnação do Filho de Deus aconteceu em tempo e lugar determinados, dentro de circunstâncias precisas e bem concretas. Assim, conhecer o contexto em que Jesus viveu não é apenas questão de cultura, mas também, e principalmente, dado necessário para conhecer e avaliar com mais objetividade o que significaram a vida, palavra e ação de Jesus. Só assim poderemos perceber melhor o que sua vida, palavra e ação podem significar hoje, no contexto em que vivemos.



A. A TERRA DE JESUS

Jesus viveu na Palestina, pequena faixa de terra com área de 20 mil km², com 240 km de comprimento e máximo de 85 km de largura. Corresponderia aproximadamente à área do Estado de Sergipe. Do lado oeste, temos o mar Mediterrâneo. A leste, o rio Jordão.

A Palestina é dividida de alto a baixo por uma cadeia de montanhas que muito influi no seu clima. Com efeito, na parte oeste, o vento frio do mar, ao chocar-se com a parte montanhosa, provoca chuvas frequentes, beneficiando toda a faixa costeira. O lado leste das montanhas, porém, não recebe o vento do mar e, conseqüentemente, apresenta clima quente e região mais árida. As terras cultiváveis estão na parte norte, na região da Galileia e no vale do rio Jordão. A região da Judeia é montanhosa e se presta mais como pasto de rebanhos e cultivo de oliveira.

A cidade de Jerusalém conta com 50 mil habitantes, e está situada no extremo de um planalto, a 760 m acima do nível do mar Mediterrâneo e 1.145 m acima do nível do mar Morto. Por ocasião das grandes festas, chega a receber 180 mil peregrinos.

B. A SOCIEDADE DO TEMPO DE JESUS

Toda sociedade humana é formada por pessoas e grupos de pessoas unidas entre si por uma rede complexa de relações econômicas, políticas e ideológicas. Para situarmos a pessoa e a ação de Jesus, é necessário examinar as relações sociais que existiam na sociedade daquele tempo.

I. Economia

As atividades que formam a base da economia no tempo de Jesus são duas: a agricultura e a pecuária (junto com a pesca) de um lado, e o artesanato, de outro.

*A **agricultura** é desenvolvida principalmente na Galileia. Cultivam-se trigo, cevada, legumes, hortaliças, frutas (figo, uva), oliveiras. Das árvores de Jericó, na Judeia, extrai-se bálsamo para perfumes. A **pecuária** efetua-se principalmente na Judeia: criação de camelos, vacas, ovelhas e cabras. A **pesca** é intensa no mar Mediterrâneo, no lago de Genesaré e no rio Jordão.*

Na agricultura, a maior parte da população é formada por pequenos proprietários. Ao lado desses, existem os grandes proprietários (anciãos) que geralmente vivem na cidade, deixando a direção de suas propriedades a cargo de administrador, e empregando a força de trabalho de diaristas e escravos. Muitas vezes, sucede que os pequenos proprietários em apuros financeiros tomam dinheiro emprestado dos grandes, e veem seus bens hipotecados. Isso favorece cada vez mais o acúmulo de terras nas mãos de algumas famílias ricas. Por fim, existem os camponeses sem propriedades, que arrendam terras e trabalham como meeiros.

O artesanato desenvolve-se nas aldeias e nas cidades, principalmente em Jerusalém. Os ramos principais dessa atividade são: cerâmica (vasilhames e artigos de luxo), trabalho de couro (sapatos, peles curtidas), trabalho de madeira (carpintaria), fiação e tecelagem, aproveitando a lã de carneiros, abundantes na Judeia. O artesanato de luxo se concentra em Jerusalém, e serve para ser vendido como lembrança aos peregrinos.

Esse trabalho é feito por autônomos, estruturados em torno de produção familiar, em que o ofício passa de pai para filho. Há também pequenas unidades artesanais, que reúnem número significativo de operários. Junto com os trabalhadores do campo, esses artesãos formam a mais importante classe trabalhadora da Palestina.

Além desses artesãos, há também padeiros, barbeiros, açougueiros, carregadores de água e escravos que trabalham tanto em atividades produtivas como em outros ofícios.

*A **circulação** de toda mercadoria produzida, tanto na agricultura como no artesanato, forma outra grande atividade econômica: o **comércio**. Este se desenvolve mais nas cidades e está na mão dos grandes proprietários de terras. Nos povoados, o comércio é reduzido e o sistema é mais de troca.*

*Toda a atividade comercial é controlada por um sistema de impostos. Essa política fiscal faz com que tanto o Estado judaico como o Estado romano se tornem monopolizadores da circulação das mercadorias, o que proporciona vultosas arrecadações. Esses impostos são cobrados pelos **publicanos** (cobradores de impostos). Há também taxas para transportar mercadorias de uma cidade para outra e de um país para outro. Esses impostos e taxas se tornam insuportáveis no tempo de Jesus.*

Por essa visão geral da economia da Palestina já podemos perceber: Jesus é artesão (carpinteiro), vários discípulos são pescadores e um deles é cobrador de impostos.

O aparelho de Estado em Jerusalém exerce forte controle sobre a economia de todo o país. Além de polo de atração da capital nacional, o Estado é o maior empregador (restauração do Templo, construção de palácios, monumentos, aquedutos, muralhas etc.). Nisso tudo, o Templo tem papel central:

— Coleta de impostos, através da qual boa parte da produção do país volta para o Estado.

— Comércio: para atender à necessidade dos peregrinos e, principalmente, para manter o sistema de sacrifícios e ofertas do próprio Templo.

— O Tesouro do Templo, administrado pelos sacerdotes, é o tesouro do Estado.

Além de toda essa centralização econômica, o Templo emprega mão de obra qualificada, principalmente artesãos.

Assim, o Templo se torna o grande centro de exploração e dominação do povo.

Mas a exploração e dominação não se restringem à economia interna, pois a Palestina é colônia do império romano. Este também cobra uma série de impostos: o tributo (imposto pessoal e sobre as terras), uma contribuição anual para o sustento dos soldados romanos que ocupam a Palestina, e um imposto sobre a compra e venda de todos os produtos.

II. Política

O poder efetivo sobre a Palestina está nas mãos dos romanos. Mas, em geral, estes respeitam a autonomia interna das suas colônias. A Judeia e a Samaria são dirigidas por um procurador romano, mas o sumo sacerdote tem poder de gerir as questões internas, através da lei judaica. Este, porém, é nomeado e destituído pelo procurador romano.

*O centro do poder político interno da Judeia e Samaria são a cidade de Jerusalém e o Templo. Com efeito, é do Templo que o sumo sacerdote governa, assessorado por um **Sinédrrio** de 71 membros, composto de sacerdotes, anciãos e escribas ou doutores da Lei. O Sinédrio é o Tribunal Supremo (criminal, político e religioso) e sua influência se estende sobre todos os judeus, mesmo os que vivem fora da Palestina.*

Nas cidades também existe pequeno aparato político (conselhos locais), dominado de início pelos grandes proprietários de terras e, mais tarde, pelos escribas ou doutores da Lei. Da mesma forma, nos povoados encontramos um conselho de anciãos, que se reúne tanto para decidir sobre questões comunitárias, como para casos de litígio ou transgressão de lei, funcionando como tribunal. Além disso, no campo, as relações de autoridade permanente são as relações familiares.

III. Grupos político-religiosos

Na sociedade do tempo de Jesus podemos distinguir vários grupos, que se diferenciam no modo de se relacionar com a política, economia e religião, e que têm grande importância no quadro social da época.

1. Saduceus

O grupo dos saduceus é formado pelos grandes proprietários de terras (anciãos) e pelos membros da elite sacerdotal. Têm o poder na mão, e controlam a administração da justiça no Tribunal Supremo (Sinédrio). Embora não se relacionem diretamente com o povo, são intransigentes em relação a ele, e vivem preocupados com a ordem pública. São os principais responsáveis pela morte de Jesus.

Os saduceus são os maiores colaboradores do império romano, e tendem para uma política de conciliação, com medo de perder seus cargos e privilégios. No que se refere à religião, são conservadores: aceitam apenas a lei escrita e rejeitam as novas concepções defendidas pelos doutores da Lei e fariseus (crença nos anjos, demônios, messianismo, ressurreição).

2. Doutores da Lei (escribas)

O grupo dos doutores da Lei vai adquirindo cada vez maior prestígio na sociedade do tempo. Seu grande poder reside no saber. Com efeito, são os intérpretes abalizados das Escrituras, e daí serem especialistas em direito, administração e educação. A influência deles é exercida principalmente em três lugares: Sinédrio, sinagoga e escola. No Sinédrio, eles se apresentam como juristas para aplicar a Lei em assuntos governamentais e em questões judiciais. Na sinagoga, eles são os grandes intérpretes das Escrituras, criando a tradição através da releitura, explicação e aplicação da Lei para os novos tempos. Abrem escolas e fazem novos discípulos.

Embora não pertençam economicamente à classe mais abastada, os doutores da Lei gozam de posição estratégica sem igual. Monopolizando a interpretação das Escrituras, tornam-se guias espirituais do povo, determinando até mesmo as regras que dirigem o culto. Sua grande autoridade repousa sobre uma tradição esotérica: não ensinam tudo o que sabem, e escondem ao máximo a maneira como chegam a determinadas conclusões.

3. Fariseus

Fariseu quer dizer separado. Inicialmente aliados à elite sacerdotal e aos grandes proprietários de terras, os fariseus deles se afastam para dirigir o povo, embora mantenham distância do povo mais simples (que não conhece a Lei). São nacionalistas e hostis ao império romano, mas sua resistência é do tipo passivo. O grupo dos fariseus é formado por leigos provindos de todas as camadas da sociedade, principalmente artesãos e pequenos comerciantes. A maioria do clero pobre, que se opõe à elite sacerdotal, também começa a pertencer a esse grupo.

No terreno religioso, os fariseus se caracterizam pelo rigoroso cumprimento da Lei em todos os campos e situações da vida diária. São conservadores zelosos e também criadores de novas tradições, através da interpretação da Lei para o momento histórico em que vivem. A maior expressão do farisaísmo é a criação da sinagoga, opondo-se ao Templo, dominado pelos saduceus. Desse modo a sinagoga, com a leitura, interpretação dos textos bíblicos e oração, torna-se expressão religiosa oposta ao sistema cultural e sacrificial do Templo.

Os fariseus acreditam na predestinação, na ressurreição e no messianismo. Esperam um messias político-espiritual, cuja função será precipitar o fim dos tempos e a libertação de Israel. Esse messias será alguém da descendência de Davi. E, para os fariseus, a estrita observância da Lei, a oração e o jejum provocarão a vinda do Messias. Os fariseus e os doutores da Lei simpatizam-se, a ponto de muitos doutores da Lei serem também fariseus.

4. Zelotes

Os zelotes se constituíram a partir dos fariseus. Provêm especialmente da classe dos pequenos camponeses e das camadas mais pobres da sociedade, massacrados por um sistema fiscal impiedoso. São muito religiosos e nacionalistas. Desejam expulsar os dominadores pagãos (romanos), e também são contrários ao governo de Herodes na Galileia. Querem restaurar um Estado onde Deus é o único rei, representado por um descendente de Davi (messianismo). Nesse sentido, os zelotes são reformistas, isto é, pretendem restabelecer uma situação passada.

Enquanto os fariseus se mantêm numa atitude de resistência passiva, os zelotes partem para a luta armada. Por isso, as autoridades os consideram criminosos e terroristas, e são perseguidos pelo poder romano.

Entre os apóstolos de Jesus, provavelmente dois eram zelotes: Simão (Mc 3,19) e Judas Iscariotes. Simão Pedro parece adotar certos métodos dos zelotes.

5. Herodianos (*partidários de Herodes*)

Os herodianos são os funcionários da corte de Herodes. Embora não formem um grupo social, concretizam a dependência dos judeus aos romanos. Conservadores por excelência, têm o poder civil da Galileia nas mãos. Fortes opositores dos zelotes, vivem preocupados em capturar agitadores políticos na Galileia. São os responsáveis pela morte de João Batista.

6. Essênios

Os essênios se tornaram mais conhecidos a partir da descoberta de documentos em grutas perto do mar Morto, em 1947. O grupo é resultado de fusão entre sacerdotes dissidentes do clero de Jerusalém e de leigos exilados. Na época de Jesus, vivem em comunidades com estilo de vida bastante severo, caracterizado pelo sacerdócio e hierarquia, legalismo rigoroso, espiritualidade apocalíptica e a pretensão de ser o verdadeiro povo de Deus. Em muitos pontos assemelham-se aos fariseus, mas estão em ruptura radical com o judaísmo oficial. Tendo deixado Jerusalém, dirigem-se para regiões de grutas, para aí viverem ideal “monástico”. Levam vida em comum, onde os bens são divididos entre todos, há obrigação de trabalhar com as próprias mãos, o comércio é proibido, assim como o derramamento de sangue, mesmo em forma de sacrifícios. A organização da comunidade lembra muito a das ordens religiosas cristãs: condições severas para a admissão, tempo de noviciado, governo hierárquico, disciplina severa, rituais de purificação, ceias sagradas comunitárias. Esperam um messias chamado Mestre da Justiça, que organizará a guerra santa para exterminar os ímpios e estabelecer o reino eterno dos justos.

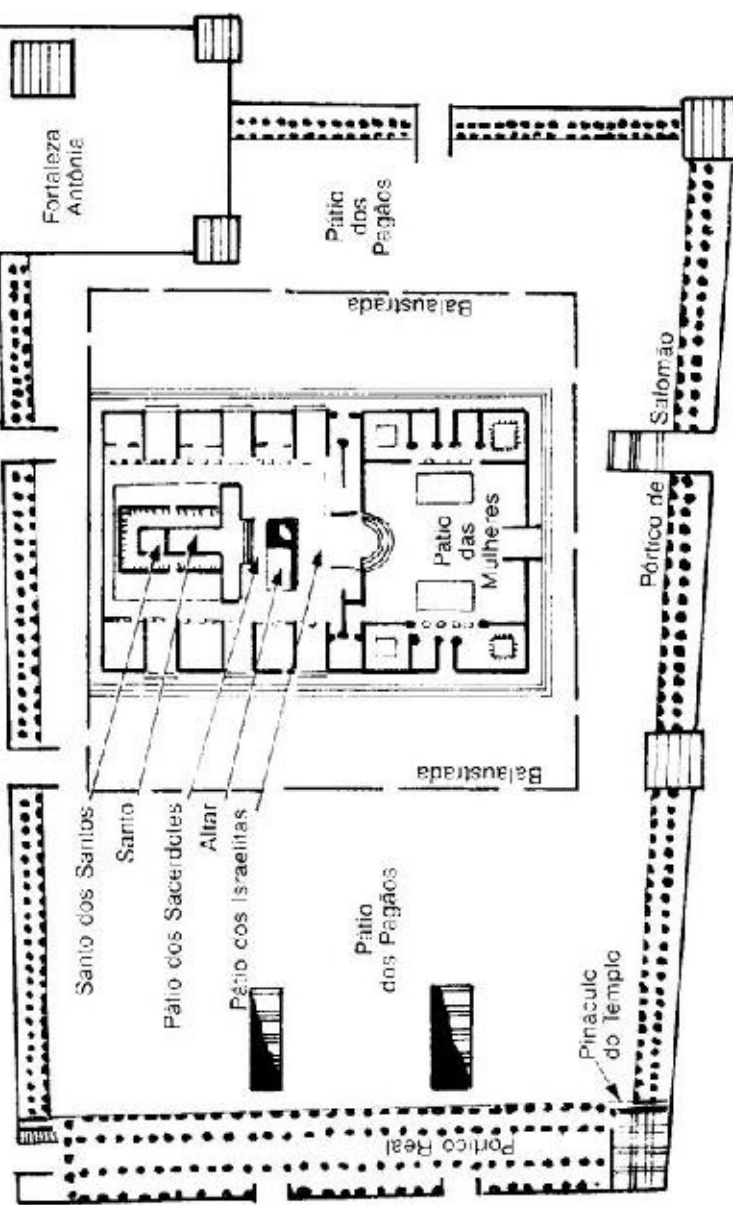
7. Samaritanos

Apesar de não pertencerem ao judaísmo propriamente dito, os samaritanos são um grupo característico do ambiente palestinese. Mais ainda que os judeus, observam escrupulosamente as prescrições do Pentateuco. Mas eles não aceitam os outros escritos do Antigo Testamento, nem frequentam o Templo de Jerusalém. Para eles, o único lugar legítimo de culto é o monte Garizim, que fica perto de Siquém, na Samaria. Esperam o messias chamado Taeb (= aquele que volta). Esse messias não é descendente de Davi, e sim novo Moisés, que vai revelar a verdade e colocar tudo em ordem no final dos tempos.

Os samaritanos são considerados pelos judeus como raça impura por serem descendentes de população misturada com estrangeiros.

TEMPLO DE JERUSALÉM

0 25 50 100 m



IV. Religião

A religião dos judeus no tempo de Jesus está centrada em dois polos fundamentais: o Templo e a sinagoga.

1. O Templo

O Templo é sem dúvida o centro de Israel. É nele que todos os judeus, também os da Dispersão, devem se reunir para prestar culto a Deus. No Templo habita o Deus único, santo, puro, separado, perfeito. Por natureza, os seres humanos e as coisas são profanos, impuros, banais, imperfeitos. A única forma de se purificar é aproximar-se de Deus. O homem se torna mais puro quanto mais perto estiver de Deus; quanto mais distante, mais impuro. Percebe-se, então, o poder dos sacerdotes na sociedade judaica: são eles que estão mais perto de Deus e, conseqüentemente, cabe a eles decidir sobre o que é puro e impuro e também o que fazer para se purificar. Essa autoridade dos sacerdotes sobre o povo acaba legitimando e reforçando o Templo, que se torna não só o centro religioso, mas também o centro econômico e político. É por isso que no tempo de Jesus o Templo possui imensas riquezas (o Tesouro) e toda a cúpula governamental age a partir daí (o Sinédrio). Desse modo, a casa de oração e ofertas a Deus se torna um imenso banco e lugar de poder político. Em outras palavras, a religião se torna instrumento de exploração e opressão do povo.

2. A sinagoga

O Templo é o centro de toda a vida de Israel. É o lugar de culto, e o povo o frequenta principalmente por ocasião das grandes festas. Na vida comum, o centro religioso é constituído pela sinagoga, presente até mesmo nos menores povoados. Sinagoga é lugar onde o povo se reúne para a oração, para ouvir a palavra de Deus e para a pregação.

Qualquer israelita adulto pode fazer a leitura do texto bíblico na sinagoga, e pode escolher o texto que quiser. Depois da leitura, também qualquer adulto pode fazer a pregação, explicando o texto e relacionando-o com outros textos. Em geral, exalta-se a Deus e procura-se dar uma formação para a fé do povo, convidando-o a viver segundo a Lei.

O sacerdote não tem função especial na sinagoga, porque esta não é lugar de culto litúrgico. Embora qualquer adulto possa presidir a uma reunião, nem todos o fazem, por serem analfabetos, ou por não se julgarem preparados para o comentário. As reuniões acabam sendo então sempre animadas pelos doutores da Lei e fariseus, que cada vez mais propagam suas ideias e aumentam sua influência sobre o povo, adquirindo prestígio cada vez maior.

Em geral, a sinagoga pertence à comunidade local. Nos povoados menores, ela serve também como escola para jovens e crianças. Nos centros maiores, constroem-se salas de aula ao lado da sala de reunião. Em Jerusalém, algumas sinagogas tinham até hospedaria e instalações sanitárias para os peregrinos.



Jesus nasceu, viveu e morreu dentro do contexto histórico do séc. I. Quando lemos o texto dos Evangelhos, devemos estar atentos para avaliar corretamente a sua atividade dentro da formação social, econômica, política e religiosa do seu tempo. Só assim a palavra e a ação de Jesus adquirem o relevo concreto para que nós as entendamos melhor e possamos transpor toda a significação que há na pessoa de Jesus para os nossos dias. Não se trata de reduzir toda a mensagem de Jesus ao nível sociopolítico. Mas nem de cair no oposto, reduzindo a mensagem de Jesus ao nível individual e intimista.

“E a Palavra se fez homem e habitou entre nós.

E nós contemplamos a sua glória: glória do Filho único do Pai, cheio de amor e fidelidade.”

(Jo 1,14)

EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS

JESUS, O MESTRE DA JUSTIÇA

Introdução

*Mateus apresenta Jesus com o título de **Emanuel**, que significa: “Deus está conosco” (Mt 1,23). À medida que lemos este Evangelho, vamos descobrindo o significado desse título: Deus está presente em Jesus, comunicando a palavra e ação que libertam os homens e os reúnem como novo povo de Deus. As últimas palavras de Jesus (Mt 28,20) são uma promessa de permanência: “Eis que eu estarei com vocês todos os dias, até o fim do mundo”. Essas palavras, dirigidas ao grupo dos discípulos, mostram que Mateus vê a comunidade cristã como semente do novo povo de Deus, povo que é o lugar onde se manifestam a presença, ação e palavra de Jesus.*

Segundo Mateus, Jesus é o Messias que realiza todas as promessas feitas no Antigo Testamento. Essa realização ultrapassa as expectativas puramente terrenas e materiais dos contemporâneos de Jesus, que esperavam apenas um rei nacionalista para libertá-los da dominação romana. Frustrados em suas expectativas, eles o rejeitam e o entregam à morte. Por isso, a comunidade reunida em torno de Jesus torna-se agora a portadora da Boa Notícia a todos os homens, a fim de que eles pertençam ao Reino do Céu.

Logo de início, Mateus apresenta Jesus como o Mestre que veio realizar a justiça: “devemos cumprir toda a justiça” (3,15). O restante do Evangelho mostra que, através da palavra e ação, Jesus vai educando a comunidade cristã para a prática dessa justiça, isto é, vai ensinando como se deve realizar concretamente a vontade de Deus.

De todos os evangelistas, Mateus é aquele que apresenta didática mais clara. Entre o prólogo (Mt 1-2) e a narrativa da morte e ressurreição de Jesus (26,3-28,20), ele organiza o assunto de todo o seu Evangelho em cinco livrinhos, cada um contendo uma parte narrativa seguida de um discurso. Lendo atentamente, podemos perceber que Mateus escolheu os episódios de cada parte narrativa, de modo a ilustrar o discurso seguinte. E o discurso, por sua vez, resume e explica o que está contido nessa narrativa. Assim a palavra de Jesus é sempre apresentada como resultado de uma ação, e toda ação é sempre ensinamento, anúncio.

A comunidade cristã, lendo Mateus, é convidada a olhar para dentro de si mesma, a fim de descobrir a presença de Jesus, que ensina a prática da justiça. Desse modo, a comunidade aprenderá a dizer a palavra certa e a realizar a ação oportuna, no tempo e lugar em que está vivendo.

EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27 - 28**

EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS

Prólogo: A nova história

1 *Jesus, o Messias, realiza as promessas de Deus* — ¹ Livro da origem de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão. ² Abraão foi o pai de Isaac; Isaac foi o pai de Jacó; ³ Jacó foi o pai de Judá e de seus irmãos. Judá, com Tamar, foi o pai de Farés e Zara; Farés foi o pai de Esrom; Esrom foi o pai de Aram. ⁴ Aram foi o pai de Aminadab; Aminadab foi o pai de Naasson; Naasson foi o pai de Salmon. ⁵ Salmon, com Raab, foi o pai de Booz; Booz, com Rute, foi o pai de Jobed; Jobed foi o pai de Jessé; ⁶ Jessé foi o pai de Davi.

Davi, com aquela que foi mulher de Urias, foi o pai de Salomão. ⁷ Salomão foi o pai de Roboão; Roboão foi o pai de Abias; Abias foi o pai de Asa. ⁸ Asa foi o pai de Josafá; Josafá foi o pai de Jorão; Jorão foi o pai de Ozias. ⁹ Ozias foi o pai de Joatão; Joatão foi o pai de Acaz; Acaz foi o pai de Ezequias. ¹⁰ Ezequias foi o pai de Manassés; Manassés foi o pai de Amon; Amon foi o pai de Josias. ¹¹ Josias foi o pai de Jeconias e de seus irmãos, no tempo do exílio na Babilônia.

¹² Depois do exílio na Babilônia, Jeconias foi o pai de Salatiel; Salatiel foi o pai de Zorobabel. ¹³ Zorobabel foi o pai de Abiud; Abiud foi o pai de Eliaquim; Eliaquim foi o pai de Azor. ¹⁴ Azor foi o pai de Sadoc; Sadoc foi o pai de Aquim; Aquim foi o pai de Eliud. ¹⁵ Eliud foi o pai de Eleazar; Eleazar foi o pai de Matã; Matã foi o pai de Jacó. ¹⁶ Jacó foi o pai de José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado o Messias.

¹⁷ Assim, as gerações desde Abraão até Davi são catorze; de Davi até o exílio na Babilônia, catorze gerações; e do exílio na Babilônia até o Messias, catorze gerações. [1,1-17]

O começo de uma nova história — ¹⁸ A origem de Jesus, o Messias, foi assim: Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José, e, antes de viverem juntos, ela ficou grávida pela ação do Espírito Santo. ¹⁹ José, seu marido, era justo. Não queria denunciar Maria, e pensava em deixá-la, sem ninguém saber. ²⁰ Enquanto José pensava nisso, o Anjo do Senhor lhe apareceu em sonho, e disse: “José, filho de Davi, não tenha medo de receber Maria como esposa, porque ela concebeu pela ação do Espírito Santo. ²¹ Ela dará à luz um filho, e

você lhe dará o nome de Jesus, pois ele vai salvar o seu povo dos seus pecados.”

²²Tudo isso aconteceu para se cumprir o que o Senhor havia dito pelo profeta: ²³“Vejam: a virgem conceberá e dará à luz um filho. Ele será chamado pelo nome de Emanuel, que quer dizer: Deus está conosco.” ²⁴Quando acordou, José fez conforme o Anjo do Senhor havia mandado: levou Maria para casa, ²⁵e, sem ter relações com ela, Maria deu à luz um filho. E José deu a ele o nome de Jesus. [18-25]

2 *Jesus, perigo ou salvação?* — ¹Tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na Judeia, no tempo do rei Herodes, alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém, ²e perguntaram: “Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Nós vimos a sua estrela no Oriente, e viemos para prestar-lhe homenagem.”

³Ao saber disso, o rei Herodes ficou alarmado, assim como toda a cidade de Jerusalém. ⁴Herodes reuniu todos os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei, e lhes perguntou onde o Messias deveria nascer. ⁵Eles responderam: “Em Belém, na Judeia, porque assim está escrito por meio do profeta: ⁶‘E você, Belém, terra de Judá, não é de modo algum a menor entre as principais cidades de Judá, porque de você sairá um Chefe, que vai apascentar Israel, meu povo.’”

⁷Então Herodes chamou secretamente os magos, e investigou junto a eles sobre o tempo exato em que a estrela havia aparecido. ⁸Depois, mandou-os a Belém, dizendo: “Vão, e procurem obter informações exatas sobre o menino. E me avisem quando o encontrarem, para que também eu vá prestar-lhe homenagem.”

⁹Depois que ouviram o rei, eles partiram. E a estrela, que tinham visto no Oriente, ia adiante deles, até que parou sobre o lugar onde estava o menino. ¹⁰Ao verem de novo a estrela, os magos ficaram radiantes de alegria.

¹¹Quando entraram na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Ajoelharam-se diante dele, e lhe prestaram homenagem. Depois, abriram seus cofres, e ofereceram presentes ao menino: ouro, incenso e mirra. ¹²Avisados em sonho para não voltarem a Herodes, partiram para a região deles, seguindo por outro caminho. [2,1-12]

A nova história é um novo êxodo — ¹³Depois que os magos partiram, o Anjo do Senhor apareceu em sonho a José, e lhe disse: “Levante-se, pegue o menino e a mãe dele, e fuja para o Egito! Fique lá até que eu avise. Porque Herodes vai procurar o menino para matá-lo.” ¹⁴José levantou-se de noite, pegou o menino e a mãe dele, e partiu para o Egito. ¹⁵Aí ficou até a morte de Herodes, para se

cumprir o que o Senhor havia dito por meio do profeta: “Do Egito chamei o meu filho.”

¹⁶Quando Herodes percebeu que os magos o haviam enganado, ficou furioso. Mandou matar todos os meninos de Belém e de todo o território ao redor, de dois anos para baixo, calculando a idade pelo que tinha averiguado dos magos.

¹⁷Então se cumpriu o que fora dito pelo profeta Jeremias: ¹⁸“OuvIU-se um grito em Ramá, choro e grande lamento: é Raquel que chora seus filhos, e não quer ser consolada, porque eles não existem mais.”

¹⁹Quando Herodes morreu, o Anjo do Senhor apareceu em sonho a José, no Egito, ²⁰e lhe disse: “Levante-se, pegue o menino e a mãe dele, e volte para a terra de Israel, pois já estão mortos aqueles que procuravam matar o menino.”

²¹José levantou-se, pegou o menino e a mãe dele, e voltou para a terra de Israel.

²²Mas, quando soube que Arquelau reinava na Judeia, como sucessor do seu pai Herodes, teve medo de ir para lá. Por isso, depois de receber aviso em sonho, José partiu para a região da Galileia, ²³e foi morar numa cidade chamada Nazaré. Isso aconteceu para se cumprir o que foi dito pelos profetas: “Ele será chamado Nazareno.” [\[13-23\]](#)

PRIMEIRO LIVRINHO: **A JUSTIÇA DO REINO**

Parte narrativa: A chegada do Reino

3 *Chegou o tempo do julgamento* — ¹Naqueles dias, apareceu João Batista, pregando no deserto da Judeia: ²“Convertam-se, porque o Reino do Céu está próximo.” ³João foi anunciado pelo profeta Isaías, que disse: “Esta é a voz daquele que grita no deserto: Preparem o caminho do Senhor, endireitem suas estradas!” ⁴João usava roupa feita de pelos de camelo, e cinto de couro na cintura; comia gafanhotos e mel silvestre.

⁵Os moradores de Jerusalém, de toda a Judeia, e de todos os lugares em volta do rio Jordão, iam ao encontro de João. ⁶Confessavam os próprios pecados, e João os batizava no rio Jordão.

⁷Quando viu muitos fariseus e saduceus vindo para o batismo, João disse-lhes: “Raça de cobras venenosas, quem lhes ensinou a fugir da ira que vai chegar?”

⁸Façam coisas que provem que vocês se converteram. ⁹Não pensem que basta dizer: ‘Abraão é nosso pai’. Porque eu lhes digo: até destas pedras Deus pode fazer nascer filhos de Abraão. ¹⁰O machado já está posto na raiz das árvores. E toda árvore que não der bom fruto, será cortada e jogada no fogo. ¹¹Eu batizo vocês com água para a conversão. Mas aquele que vem depois de mim é mais forte do que eu. E eu não sou digno nem de tirar-lhe as sandálias. Ele é quem batizará vocês com o Espírito Santo e com fogo. ¹²Ele terá na mão uma pá: vai limpar sua eira e recolher seu trigo no celeiro; mas a palha ele vai queimar no fogo que não se apaga.” [3,1-12]

A justiça vai ser realizada — ¹³Jesus foi da Galileia para o rio Jordão, a fim de se encontrar com João e ser batizado por ele. ¹⁴Mas João procurava impedi-lo, dizendo: “Sou eu que devo ser batizado por ti, e tu vens a mim?” ¹⁵Jesus, porém, lhe respondeu: “Por enquanto deixe como está! Porque devemos cumprir toda a justiça.” E João concordou.

¹⁶Depois de ser batizado, Jesus logo saiu da água. Então o céu se abriu, e Jesus viu o Espírito de Deus, descendo como pomba e pousando sobre ele. ¹⁷E do céu veio uma voz, dizendo: “Este é o meu Filho amado, que muito me agrada.” [13-17]

4 *Jesus supera as tentações* — ¹Então o Espírito conduziu Jesus ao deserto, para ser tentado pelo diabo. ²Jesus jejuou durante quarenta dias e quarenta noites, e, depois disso, sentiu fome. ³Então, o tentador se aproximou e disse a Jesus: “Se tu és Filho de Deus, manda que essas pedras se tornem pães!” ⁴Mas Jesus respondeu: “A Escritura diz: ‘Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus.’ ”

⁵Então o diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o na parte mais alta do Templo. ⁶E lhe disse: “Se tu és Filho de Deus, joga-te para baixo! Porque a Escritura diz: ‘Deus ordenará aos seus anjos a teu respeito, e eles te levarão nas mãos, para que não tropeces em nenhuma pedra.’ ” ⁷Jesus respondeu-lhe: “A Escritura também diz: ‘Não tente o Senhor seu Deus.’ ”

⁸O diabo tornou a levar Jesus, agora para um monte muito alto. Mostrou-lhe todos os reinos do mundo e suas riquezas. ⁹E lhe disse: “Eu te darei tudo isso, se te ajoelhares diante de mim, para me adorar.” ¹⁰Jesus disse-lhe: “Vá embora, Satanás, porque a Escritura diz: ‘Você adorará ao Senhor seu Deus e somente a ele servirá.’ ”

¹¹Então o diabo o deixou. E os anjos de Deus se aproximaram e serviram a Jesus. [4,1-11]

A esperança começa na Galileia — ¹²Ao saber que João tinha sido preso, Jesus voltou para a Galileia. ¹³Deixou Nazaré, e foi morar em Cafarnaum, que fica às margens do mar da Galileia, nos confins de Zabulon e Neftali, ¹⁴para se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías: ¹⁵“Terra de Zabulon, terra de Neftali, caminho do mar, região do outro lado do rio Jordão, Galileia dos que não são judeus! ¹⁶O povo que vivia nas trevas viu uma grande luz; e uma luz brilhou para os que viviam na região escura da morte.”

¹⁷Daí em diante, Jesus começou a pregar, dizendo: “Convertam-se, porque o Reino do Céu está próximo.”

Seguir a Jesus é comprometer-se — ¹⁸Jesus andava à beira do mar da Galileia, quando viu dois irmãos: Simão, também chamado Pedro, e seu irmão André. Estavam jogando a rede no mar, pois eram pescadores. ¹⁹Jesus disse para eles: “Sigam-me, e eu farei de vocês pescadores de homens.” ²⁰Eles deixaram imediatamente as redes e seguiram a Jesus. ²¹Indo mais adiante, Jesus viu outros dois irmãos: Tiago e João, filhos de Zebedeu. Estavam na barca com seu pai Zebedeu, consertando as redes. E Jesus os chamou. ²²Eles deixaram

imediatamente a barca e o pai, e seguiram a Jesus. [18-22]

A atividade de Jesus — ²³Jesus andava por toda a Galileia, ensinando em suas sinagogas, pregando a Boa Notícia do Reino e curando todo tipo de doença e enfermidade do povo. [23-25] ²⁴E a fama de Jesus espalhou-se por toda a Síria. Levaram-lhe todos os doentes atingidos por diversos males e tormentos: endemoninhados, epiléticos e paralíticos. E Jesus os curou. ²⁵Numerosas multidões da Galileia, da Decápole, de Jerusalém, da Judeia e do outro lado do rio Jordão começaram a seguir Jesus. [12-25]

Discurso: O Sermão da Montanha[\[5-7\]](#)

5 ***Bem-aventuranças: anseio por um mundo novo*** — ¹Jesus viu as multidões, subiu à montanha e sentou-se. Os discípulos se aproximaram, ²e Jesus começou a ensiná-los: ³“Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu. ⁴Felizes os aflitos, porque serão consolados. ⁵Felizes os mansos, porque possuirão a terra. ⁶Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. ⁷Felizes os que são misericordiosos, porque encontrarão misericórdia. ⁸Felizes os puros de coração, porque verão a Deus. ⁹Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus. ¹⁰Felizes os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céu. ¹¹Felizes vocês, se forem insultados e perseguidos, e se disserem todo tipo de calúnia contra vocês, por causa de mim. ¹²Fiquem alegres e contentes, porque será grande para vocês a recompensa no céu. Do mesmo modo perseguiram os profetas que vieram antes de vocês.” [\[5,1-12\]](#)

A força do testemunho — ¹³“Vocês são o sal da terra. Ora, se o sal perde o gosto, com que poderemos salgá-lo? Não serve para mais nada; serve só para ser jogado fora e ser pisado pelos homens.

¹⁴Vocês são a luz do mundo. Não pode ficar escondida uma cidade construída sobre um monte. ¹⁵Ninguém acende uma lâmpada para colocá-la debaixo de uma vasilha, e sim para colocá-la no candeeiro, onde ela brilha para todos os que estão em casa. ¹⁶Assim também: que a luz de vocês brilhe diante dos homens, para que eles vejam as boas obras que vocês fazem, e louvem o Pai de vocês que está no céu.” [\[13-16\]](#)

A lei e a justiça — ¹⁷“Não pensem que eu vim abolir a Lei e os Profetas. Não vim abolir, mas dar-lhes pleno cumprimento. ¹⁸Eu garanto a vocês: antes que o céu e a terra deixem de existir, nem sequer uma letra ou vírgula serão tiradas da Lei, sem que tudo aconteça. ¹⁹Portanto, quem desobedecer a um só desses mandamentos, por menor que seja, e ensinar os outros a fazer o mesmo, será considerado o menor no Reino do Céu. Por outro lado, quem os praticar e ensinar, será considerado grande no Reino do Céu. ²⁰Com efeito, eu lhes garanto: se a justiça de vocês não superar a dos doutores da Lei e dos fariseus, vocês não entrarão no Reino do Céu.” [\[17-20\]](#)

Ofensa e reconciliação — ²¹“Vocês ouviram o que foi dito aos antigos: ‘Não mate! Quem matar será condenado pelo tribunal’. ²²Eu, porém, lhes digo: todo aquele que fica com raiva do seu irmão se torna réu perante o tribunal. Quem diz ao seu irmão: ‘imbecil’, se torna réu perante o Sinédrio; quem chama o irmão de ‘idiota’, merece o fogo do inferno. ²³Portanto, se você for até o altar para levar a sua oferta, e aí se lembrar de que o seu irmão tem alguma coisa contra você, ²⁴deixe a oferta aí diante do altar, e vá primeiro fazer as pazes com seu irmão; depois, volte para apresentar a oferta. ²⁵Se alguém fez alguma acusação contra você, procure logo entrar em acordo com ele, enquanto estão a caminho do tribunal; senão o acusador entregará você ao juiz, o juiz o entregará ao guarda, e você irá para a prisão. ²⁶Eu garanto: daí você não sairá, enquanto não pagar até o último centavo.” [21-26]

Adulterio e fidelidade — ²⁷“Vocês ouviram o que foi dito: ‘Não cometa adultério’. ²⁸Eu, porém, lhes digo: todo aquele que olha para uma mulher e deseja possuí-la, já cometeu adultério com ela no coração.

²⁹Se o olho direito leva você a pecar, arranque-o e jogue-o fora! É melhor perder um membro, do que o seu corpo todo ser jogado no inferno. ³⁰Se a mão direita leva você a pecar, corte-a e jogue-a fora! É melhor perder um membro do que o seu corpo todo ir para o inferno.

³¹Também foi dito: ‘Quem se divorciar de sua mulher, lhe dê uma certidão de divórcio’. ³²Eu, porém, lhes digo: todo aquele que se divorcia de sua mulher, a não ser por causa de fornicção, faz com que ela se torne adúltera; e quem se casa com a mulher divorciada, comete adultério.” [27-32]

Juramento e verdade — ³³“Vocês ouviram também o que foi dito aos antigos: ‘Não jure falso’, mas ‘cumpra os seus juramentos para com o Senhor’. ³⁴Eu, porém, lhes digo: não jurem de modo algum: nem pelo Céu, porque é o trono de Deus; ³⁵nem pela terra, porque é o suporte onde ele apoia os pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei. ³⁶Não jure nem mesmo pela sua própria cabeça, porque você não pode fazer um só fio de cabelo ficar branco ou preto. ³⁷Diga apenas ‘sim’, quando é ‘sim’; e ‘não’, quando é ‘não’. O que você disser além disso, vem do Maligno.” [33-37]

Violência e resistência — ³⁸“Vocês ouviram o que foi dito: ‘Olho por olho e dente por dente!’ ³⁹Eu, porém, lhes digo: não se vinguem de quem fez o mal a vocês. Pelo contrário: se alguém lhe dá um tapa na face direita, ofereça também

a esquerda! ⁴⁰Se alguém faz um processo para tomar de você a túnica, deixe também o manto! ⁴¹Se alguém obriga você a andar um quilômetro, caminhe dois quilômetros com ele! ⁴²Dê a quem lhe pedir, e não vire as costas a quem lhe pedir emprestado.” [38-42]

Amar como o Pai ama — ⁴³“Vocês ouviram o que foi dito: ‘Ame o seu próximo, e odeie o seu inimigo!’ ⁴⁴Eu, porém, lhes digo: amem os seus inimigos, e rezem por aqueles que perseguem vocês! ⁴⁵Assim vocês se tornarão filhos do Pai que está no céu, porque ele faz o sol nascer sobre maus e bons, e a chuva cair sobre justos e injustos. ⁴⁶Pois, se vocês amam somente aqueles que os amam, que recompensa vocês terão? Os cobradores de impostos não fazem a mesma coisa? ⁴⁷E se vocês cumprimentam somente seus irmãos, o que é que vocês fazem de extraordinário? Os pagãos não fazem a mesma coisa? ⁴⁸Portanto, sejam perfeitos como é perfeito o Pai de vocês que está no céu.” [43-48]

6 Superar a justiça dos hipócritas — ¹“Prestem atenção! Não pratiquem a justiça de vocês diante dos homens, só para serem elogiados por eles. Fazendo assim, vocês não terão a recompensa do Pai de vocês que está no céu.” [6,1]

Relação com o próximo — ²“Por isso, quando você der esmola, não mande tocar trombeta na frente, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem elogiados pelos homens. Eu garanto a vocês: eles já receberam a recompensa. ³Ao contrário, quando você der esmola, que a sua esquerda não saiba o que a sua direita faz, ⁴para que a sua esmola fique escondida; e seu Pai, que vê o escondido, recompensará você.” [6,1]

Relação com Deus — ⁵“Quando vocês rezarem, não sejam como os hipócritas, que gostam de rezar em pé nas sinagogas e nas esquinas, para serem vistos pelos homens. Eu garanto a vocês: eles já receberam a recompensa. ⁶Ao contrário, quando você rezar, entre no seu quarto, feche a porta, e reze ao seu Pai ocultamente; e o seu Pai, que vê o escondido, recompensará você.” [5-6]

O “Pai nosso” — ⁷“Quando vocês rezarem, não usem muitas palavras, como fazem os pagãos. Eles pensam que serão ouvidos por causa do seu palavreado. ⁸Não sejam como eles, pois o Pai de vocês sabe do que é que vocês precisam, ainda antes que vocês façam o pedido.

⁹Vocês devem rezar assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu

nome; ¹⁰venha o teu reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. ¹¹Dá-nos hoje o pão nosso de cada dia. ¹²Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores. ¹³E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal.

¹⁴De fato, se vocês perdoarem aos homens os males que eles fizeram, o Pai de vocês que está no céu também perdoará a vocês. ¹⁵Mas, se vocês não perdoarem aos homens, o Pai de vocês também não perdoará os males que vocês tiverem feito.” [7-15]

Relação consigo mesmo — ¹⁶“Quando vocês jejuarem, não fiquem de rosto triste, como os hipócritas. Eles desfiguram o rosto para que os homens vejam que estão jejuando. Eu garanto a vocês: eles já receberam a recompensa. ¹⁷Quando você jejuar, perfume a cabeça e lave o rosto, ¹⁸para que os homens não vejam que você está jejuando, mas somente seu Pai, que vê o escondido; e seu Pai, que vê o escondido, recompensará você.” [16-18]

A escolha fundamental — ¹⁹“Não ajuntem riquezas aqui na terra, onde a traça e a ferrugem corroem, e onde os ladrões assaltam e roubam. ²⁰Ajuntem riquezas no céu, onde nem a traça nem a ferrugem corroem, e onde os ladrões não assaltam nem roubam. ²¹De fato, onde está o seu tesouro, aí estará também o seu coração.

²²A lâmpada do corpo é o olho. Se o seu olho é sadio, o corpo inteiro fica iluminado. ²³Se o seu olho está doente, o corpo inteiro fica na escuridão. Assim, se a luz que existe em você é escuridão, como será grande a escuridão!

²⁴Ninguém pode servir a dois senhores. Porque, ou odiará a um e amará o outro, ou será fiel a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e às riquezas.” [19-24]

A busca fundamental — ²⁵“Por isso é que eu lhes digo: não fiquem preocupados com a vida, com o que comer; nem com o corpo, com o que vestir. Afinal, a vida não vale mais do que a comida? E o corpo não vale mais do que a roupa? ²⁶Olhem os pássaros do céu: eles não semeiam, não colhem, nem ajuntam em armazéns. No entanto, o Pai que está no céu os alimenta. Será que vocês não valem mais do que os pássaros? ²⁷Quem de vocês pode crescer um só centímetro, à custa de se preocupar com isso? ²⁸E por que vocês ficam preocupados com a roupa? Olhem como crescem os lírios do campo: eles não trabalham nem fiam. ²⁹Eu, porém, lhes digo: nem o rei Salomão, em toda a sua

glória, jamais se vestiu como um deles. ³⁰Ora, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é queimada no forno, muito mais ele fará por vocês, gente de pouca fé!

³¹Portanto, não fiquem preocupados, dizendo: O que vamos comer? O que vamos beber? O que vamos vestir? ³²Os pagãos é que ficam procurando essas coisas. O Pai de vocês, que está no céu, sabe que vocês precisam de tudo isso. ³³Pelo contrário, em primeiro lugar busquem o Reino de Deus e a sua justiça, e Deus dará a vocês, em acréscimo, todas essas coisas. ³⁴Portanto, não se preocupem com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã terá suas preocupações. Basta a cada dia a própria dificuldade.” [25-34]

7 Ninguém pode julgar — ¹“Não julguem, e vocês não serão julgados. ²De fato, vocês serão julgados com o mesmo julgamento com que vocês julgarem, e serão medidos com a mesma medida com que vocês medirem.

³Por que você fica olhando o cisco no olho do seu irmão, e não presta atenção à trave que está no seu próprio olho? ⁴Ou, como você se atreve a dizer ao irmão: ‘deixe-me tirar o cisco do seu olho’, quando você mesmo tem uma trave no seu? ⁵Hipócrita, tire primeiro a trave do seu próprio olho, e então você enxergará bem para tirar o cisco do olho do seu irmão.” [7,1-5]

Saber discernir — ⁶“Não deem aos cães o que é santo, nem atirem pérolas aos porcos; eles poderiam pisá-las com os pés e, virando-se, despedaçar vocês.” [6]

Confiança no Pai — ⁷“Peçam, e lhes será dado! Procurem, e encontrarão! Batam, e abrirão a porta para vocês! ⁸Pois todo aquele que pede, recebe; quem procura, acha; e a quem bate, a porta será aberta. ⁹Quem de vocês dá ao filho uma pedra, quando ele pede um pão? ¹⁰Ou lhe dá uma cobra, quando ele pede um peixe? ¹¹Se vocês, que são maus, sabem dar coisas boas a seus filhos, quanto mais o Pai de vocês que está no céu dará coisas boas aos que lhe pedirem.” [7-11]

A regra de ouro — ¹²“Tudo o que vocês desejam que os outros façam a vocês, façam vocês também a eles. Pois nisso consistem a Lei e os Profetas.” [12]

O Reino exige esforço — ¹³“Entrem pela porta estreita, porque é larga a porta e espaçoso o caminho que levam para a perdição, e são muitos os que entram por ela! ¹⁴Como é estreita a porta e apertado o caminho que levam para a vida, e são poucos os que o encontram!” [13-14]

Cuidado com as falsas promessas — ¹⁵“Cuidado com os falsos profetas: eles

vêm a vocês vestidos com peles de ovelha, mas por dentro são lobos ferozes. ¹⁶Vocês os conhecerão pelos frutos deles: por acaso se colhem uvas de espinheiros ou figos de urtigas? ¹⁷Assim, toda árvore boa produz bons frutos, e toda árvore má produz maus frutos. ¹⁸Uma árvore boa não pode dar frutos maus, e uma árvore má não pode dar bons frutos. ¹⁹Toda árvore que não der bons frutos será cortada e jogada no fogo. ²⁰Pelos frutos deles é que vocês os conhecerão.” [15-20]

A fé é uma prática — ²¹“Nem todo aquele que me diz ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino do Céu. Só entrará aquele que põe em prática a vontade do meu Pai que está no céu.

²²Naquele dia muitos me dirão: ‘Senhor, Senhor, não foi em teu nome que profetizamos? Não foi em teu nome que expulsamos demônios? E não foi em teu nome que fizemos tantos milagres?’ ²³Então eu vou declarar a eles: Jamais conheci vocês. Afastem-se de mim, malfeitores!” [21-23]

Passar para a ação — ²⁴“Portanto, quem ouve essas minhas palavras e as põe em prática, é como um homem prudente que construiu sua casa sobre a rocha. ²⁵Caiu a chuva, vieram as enxurradas, os ventos sopraram com força contra a casa, mas a casa não caiu, porque fora construída sobre a rocha.

²⁶Por outro lado, quem ouve essas minhas palavras e não as põe em prática, é como um homem sem juízo, que construiu sua casa sobre a areia. ²⁷Caiu a chuva, vieram as enxurradas, os ventos sopraram com força contra a casa, e a casa caiu, e a sua ruína foi completa!” [24-27]

A autoridade de Jesus — ²⁸Quando Jesus acabou de dizer essas palavras, as multidões ficaram admiradas com o seu ensinamento, ²⁹porque Jesus ensinava como alguém que tem autoridade, e não como os doutores da Lei. [28-29]

SEGUNDO LIVRINHO: **A DINÂMICA DO REINO**

Parte narrativa: Os sinais do Reino

8 *Jesus purifica* — ¹Quando Jesus desceu da montanha, grandes multidões começaram a segui-lo. ²Eis que um leproso aproximou-se e ajoelhou-se diante de Jesus, dizendo: “Senhor, se queres, tu tens o poder de me purificar.” ³Jesus estendeu a mão, tocou nele e disse: “Eu quero, fique purificado.” No mesmo instante o homem ficou purificado da lepra. ⁴Então Jesus lhe disse: “Não conte isso a ninguém! Vá pedir ao sacerdote para examinar você, e depois faça a oferta que Moisés mandou, a fim de que seja um testemunho para eles.” [8,1-4]

As fronteiras do Reino — ⁵Jesus estava entrando em Cafarnaum, quando um oficial romano se aproximou dele, suplicando: ⁶“Senhor, meu empregado está em casa, de cama, sofrendo muito com uma paralisia.” ⁷Jesus respondeu: “Eu vou curá-lo.” ⁸O oficial disse: “Senhor, eu não sou digno de que entres em minha casa. Dize uma só palavra e meu empregado ficará curado. ⁹Pois eu também obedeço a ordens e tenho soldados sob minhas ordens. E digo a um: vá, e ele vai; e a outro: venha, e ele vem; e digo ao meu empregado: faça isso, e ele faz.”

¹⁰Quando ouviu isso, Jesus ficou admirado, e disse aos que o seguiam: “Eu garanto a vocês: nunca encontrei uma fé igual a essa em ninguém de Israel! ¹¹Eu digo a vocês: muitos virão do Oriente e do Ocidente, e se sentarão à mesa no Reino do Céu junto com Abraão, Isaac e Jacó. ¹²Enquanto os herdeiros do Reino serão jogados nas trevas exteriores onde haverá choro e ranger de dentes.” ¹³Então Jesus disse ao oficial: “Vá, e seja feito conforme você acreditou.” E nessa mesma hora o empregado do oficial ficou curado. [5-13]

Ser livre para servir — ¹⁴Jesus foi para a casa de Pedro, e viu a sogra de Pedro deitada, com febre. ¹⁵Então Jesus tocou a mão dela, e a febre a deixou. Ela se levantou, e começou a servi-los. [14-15]

Jesus é o Servo de Javé — ¹⁶À tarde, levaram a Jesus muitas pessoas que estavam possuídas pelo demônio. Jesus, com a sua palavra, expulsou os espíritos e curou todos os doentes, ¹⁷para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta

Isaías: “Ele tomou as nossas enfermidades e carregou as nossas doenças.” [16-17]

Exigências para seguir Jesus — ¹⁸Vendo grandes multidões ao seu redor, Jesus mandou passar para a outra margem. ¹⁹Então um doutor da Lei se aproximou e disse: “Mestre, eu te seguirei aonde quer que fores.” ²⁰Mas Jesus lhe respondeu: “As raposas têm tocas e as aves do céu têm ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça.” ²¹Outro, que era discípulo, disse a Jesus: “Senhor, deixa primeiro que eu vá sepultar meu pai.” ²²Mas Jesus lhe respondeu: “Siga-me, e deixe que os mortos sepultem seus próprios mortos.” [18-22]

Jesus é o Senhor das situações — ²³Então Jesus entrou na barca, e seus discípulos o acompanharam. ²⁴E eis que houve grande agitação no mar, de modo que a barca estava sendo coberta pelas ondas. Jesus, porém, estava dormindo. ²⁵Os discípulos se aproximaram e o acordaram, dizendo: “Senhor, salva-nos, porque estamos afundando!” ²⁶Jesus respondeu: “Por que vocês têm medo, homens de pouca fé?” E, levantando-se, ameaçou os ventos e o mar, e tudo ficou calmo. ²⁷Os homens ficaram admirados e disseram: “Quem é esse homem, a quem até o vento e o mar obedecem?” [23-27]

Jesus desaliena os homens — ²⁸Quando Jesus chegou à outra margem, à terra dos gadarenos, foram ao encontro dele dois homens possuídos pelo demônio. Saíam do meio dos túmulos e eram muito selvagens, de modo que ninguém podia passar por esse caminho. ²⁹Então eles gritaram: “Que é que há entre nós, Filho de Deus? Vieste aqui para nos atormentar antes do tempo?”

³⁰Havia, ao longe, uma grande manada de porcos que estavam pastando. ³¹Os demônios suplicavam: “Se nos expulsas, manda-nos para a manada de porcos.”

³²Jesus disse: “Podem ir.” Os demônios saíram e foram para os porcos; e eis que toda a manada se atirou monte abaixo para dentro do mar e morreu afogada.

³³Os homens que guardavam os porcos saíram correndo, foram à cidade e contaram tudo, inclusive o caso dos possuídos pelo demônio. ³⁴Então toda a cidade saiu ao encontro de Jesus. Vendo-o, começaram a suplicar que Jesus se retirasse da região deles. [28-34]

O poder de perdoar — ¹Jesus subiu numa barca, passou para a outra margem e chegou à sua cidade. ²Nisso, levaram a ele um paralítico deitado numa cama. Vendo a fé que eles tinham, Jesus disse ao paralítico: “Coragem, filho! Os seus pecados estão perdoados.”

³Então alguns doutores da Lei pensaram: “Esse homem está blasfemando!”
⁴Mas Jesus, conhecendo os pensamentos deles, disse: “Por que é que vocês pensam coisas más? ⁵O que é mais fácil dizer: ‘Os seus pecados estão perdoados’; ou dizer: ‘Levante-se e ande’? ⁶Pois bem, para que vocês saibam que o Filho do Homem tem poder na terra para perdoar pecados — então disse Jesus ao parálítico: — Levante-se, pegue a sua cama e vá para a sua casa.” ⁷O parálítico então se levantou e foi para a sua casa. ⁸Vendo isso, a multidão ficou com medo e louvou a Deus, por ter dado tal poder aos homens. [9,1-8]

Justiça e misericórdia — ⁹Saindo daí, Jesus viu um homem chamado Mateus, sentado na coletoria de impostos, e lhe disse: “Siga-me!” Ele se levantou e seguiu a Jesus. ¹⁰Estando Jesus à mesa em casa de Mateus, muitos cobradores de impostos e pecadores foram e sentaram-se à mesa com Jesus e seus discípulos. ¹¹Alguns fariseus viram isso, e perguntaram aos discípulos: “Por que o mestre de vocês come com os cobradores de impostos e os pecadores?” ¹²Jesus ouviu a pergunta e respondeu: “As pessoas que têm saúde não precisam de médico, mas só as que estão doentes. ¹³Aprendam, pois, o que significa: ‘Eu quero a misericórdia e não o sacrifício’. Porque eu não vim para chamar justos, e sim pecadores.” [9-13]

Jesus provoca ruptura — ¹⁴Então os discípulos de João se aproximaram de Jesus e perguntaram: “Nós e os fariseus fazemos jejum. Por que os teus discípulos não fazem jejum?” ¹⁵Jesus respondeu: “Vocês acham que os convidados de um casamento podem estar de luto, enquanto o noivo está com eles? Mas chegarão dias em que o noivo será tirado do meio deles. Aí então eles vão jejuar. ¹⁶Ninguém põe remendo de pano novo em roupa velha, porque o remendo repuxa o pano, e o rasgo fica maior ainda. ¹⁷Também não se põe vinho novo em barris velhos, senão os barris se arrebentam, o vinho se derrama e os barris se perdem. Mas vinho novo se põe em barris novos, e assim os dois se conservam.” [14-17]

Jesus é o Senhor da vida — ¹⁸Enquanto Jesus dizia essas coisas para eles, um chefe se aproximou, ajoelhou-se diante de Jesus, e disse: “Minha filha acaba de morrer; mas vem, põe tua mão sobre ela, e ela viverá.” ¹⁹Jesus levantou-se e o seguiu, junto com seus discípulos.

²⁰Nesse momento, chegou uma mulher que fazia doze anos vinha sofrendo de hemorragia. Ela foi por trás, e tocou a barra da roupa de Jesus, ²¹porque

pensava: “Ainda que eu toque só na roupa dele, ficarei curada.” ²² Jesus virou-se, e, ao vê-la, disse: “Coragem, filha! Sua fé curou você.” E, desde esse momento, a mulher ficou curada.

²³ Chegando à casa do chefe, Jesus viu os tocadores de flauta e uma multidão fazendo barulho. Então disse: ²⁴ “Retirem-se, porque a menina não morreu. Ela está apenas dormindo.” As pessoas começaram a caçoar dele. ²⁵ Quando a multidão foi afastada, Jesus entrou e tomou a menina pela mão. Então a menina se levantou. ²⁶ E essa notícia espalhou-se por toda aquela região. [14-17]

Jesus faz ver e falar — ²⁷ Quando Jesus saiu dali, dois cegos o seguiram, gritando: “Tem piedade de nós, filho de Davi.” ²⁸ Jesus chegou em casa, e os cegos se aproximaram dele. Então Jesus perguntou: “Vocês acreditam que eu posso fazer isso?” Eles responderam: “Sim, Senhor.” ²⁹ Então Jesus tocou os olhos deles, dizendo: “Que aconteça conforme vocês acreditaram.” E os olhos deles se abriram. ³⁰ Então Jesus lhes ordenou: “Tomem cuidado para que ninguém fique sabendo.” ³¹ Mas eles saíram e espalharam a notícia por toda aquela região.

³² Quando já tinham saído os dois cegos, levaram a Jesus um mudo que estava possuído pelo demônio. ³³ Quando o demônio foi expulso, o mudo falou, e as multidões ficaram admiradas, e diziam: “Nunca se viu uma coisa assim em Israel.” ³⁴ Mas os fariseus diziam: “É pelo príncipe dos demônios que ele expulsa os demônios.” [14-17]

A origem da missão — ³⁵ Jesus percorria todas as cidades e povoados, ensinando em suas sinagogas, pregando a Boa Notícia do Reino, e curando todo tipo de doença e enfermidade. ³⁶ Vendo as multidões, Jesus teve compaixão, porque estavam cansadas e abatidas, como ovelhas que não têm pastor. ³⁷ Então Jesus disse a seus discípulos: “A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos!” ³⁸ Por isso, peçam ao dono da colheita que mande trabalhadores para a colheita.” [35-38]

Discurso: A missão dos discípulos

10 *O núcleo da nova comunidade* — ¹Então Jesus chamou seus discípulos e deu-lhes poder para expulsar os espíritos impuros, e para curar qualquer tipo de doença e enfermidade. ²São estes os nomes dos Doze Apóstolos: primeiro Simão, chamado Pedro, e seu irmão André; Tiago e seu irmão João, filhos de Zebedeu; ³Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o cobrador de impostos; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; ⁴Simão, o Cananeu, e Judas Iscariotes, que foi o traidor de Jesus. [10,1-4]

A missão dos apóstolos — ⁵Jesus enviou os Doze com estas recomendações: “Não tomem o caminho dos pagãos, e não entrem nas cidades dos samaritanos. ⁶Vão primeiro às ovelhas perdidas da casa de Israel. ⁷Vão e anunciem: ‘O Reino do Céu está próximo’. ⁸Curem os doentes, ressuscitem os mortos, purifiquem os leprosos, expulsem os demônios. Vocês receberam de graça, deem também de graça! ⁹Não levem nos cintos moedas de ouro, de prata ou de cobre; ¹⁰nem sacola para o caminho, nem duas túnicas, nem calçados, nem bastão, porque o operário tem direito ao seu alimento.

¹¹Em qualquer cidade ou povoado onde vocês entrarem, informem-se para saber se há alguém que é digno. E aí permaneçam até vocês se retirarem. ¹²Ao entrarem na casa, façam a saudação. ¹³Se a casa for digna, desça sobre ela a paz de vocês; se ela não for digna, que a paz volte para vocês. ¹⁴Se alguém não os receber bem, e não escutar a palavra de vocês, ao sair dessa casa e dessa cidade, sacudam a poeira dos pés. ¹⁵Eu garanto a vocês: no dia do julgamento as cidades de Sodoma e Gomorra serão tratadas com menos rigor do que essa cidade.” [5-15]

Testemunho e perseguição — ¹⁶“Eis que eu envio vocês como ovelhas no meio de lobos. Portanto, sejam prudentes como as serpentes e simples como as pombas. ¹⁷Tenham cuidado com os homens, porque eles entregarão vocês aos tribunais e açoitarão vocês nas sinagogas deles. ¹⁸Vocês vão ser levados diante de governadores e reis, por minha causa, a fim de serem testemunhas para eles e para as nações. ¹⁹Quando entregarem vocês, não fiquem preocupados como ou com aquilo que vocês vão falar, porque, nessa hora, será sugerido a vocês o que vocês devem dizer. ²⁰Com efeito, não serão vocês que irão falar, e sim o Espírito do Pai de vocês é quem falará através de vocês.

²¹O irmão entregará à morte o próprio irmão; o pai entregará o filho; os filhos

se levantarão contra seus pais, e os matarão. ²²Vocês serão odiados de todos, por causa do meu nome. Mas aquele que perseverar até o fim, esse será salvo. ²³Quando perseguirem vocês numa cidade, fujam para outra. Eu garanto que vocês não acabarão de percorrer as cidades de Israel, antes que venha o Filho do Homem.

²⁴O discípulo não está acima do mestre, nem o servo acima do seu senhor. ²⁵Para o discípulo basta ser como o seu mestre, e para o servo ser como o seu senhor. Se chamaram de Belzebu o dono da casa, quanto mais os que são da casa dele!” [16-25]

Não tenham medo — ²⁶“Não tenham medo deles, pois não há nada de escondido que não venha a ser revelado, e não existe nada de oculto que não venha a ser conhecido. ²⁷O que digo a vocês na escuridão, repitam à luz do dia, e o que vocês escutam em segredo, proclamem sobre os telhados. ²⁸Não tenham medo daqueles que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Pelo contrário, tenham medo daquele que pode arruinar a alma e o corpo no inferno! ²⁹Não se vendem dois pardais por alguns trocados? No entanto, nenhum deles cai no chão sem o consentimento do Pai de vocês. ³⁰Quanto a vocês, até os cabelos da cabeça estão todos contados. ³¹Não tenham medo! Vocês valem mais do que muitos pardais. ³²Portanto, todo aquele que der testemunho de mim diante dos homens, também eu darei testemunho dele diante do meu Pai que está no céu. ³³Aquele, porém, que me renegar diante dos homens, eu também o renegarei diante do meu Pai que está no céu.” [26-33]

Perseverança em meio ao conflito — ³⁴“Não pensem que eu vim trazer paz à terra; eu não vim trazer a paz, e sim a espada. ³⁵De fato, eu vim separar o filho de seu pai, a filha de sua mãe, a nora de sua sogra. ³⁶E os inimigos do homem serão os seus próprios familiares. ³⁷Quem ama seu pai ou mãe mais do que a mim, não é digno de mim. Quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim, não é digno de mim. ³⁸Quem não toma a sua cruz e não me segue, não é digno de mim. ³⁹Quem procura conservar a própria vida, vai perdê-la. E quem perde a sua vida por causa de mim, vai encontrá-la.” [34-39]

Jesus se identifica com os pequeninos — ⁴⁰“Quem recebe a vocês, recebe a mim; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou. ⁴¹Quem recebe um profeta, por ser profeta, receberá a recompensa de profeta. E quem recebe um justo, por ser justo, receberá a recompensa de justo. ⁴²Quem der ainda que seja

apenas um copo de água fria a um desses pequeninos, por ser meu discípulo, eu garanto a vocês: não perderá a sua recompensa.” [\[40-42\]](#)

TERCEIRO LIVRINHO: O MISTÉRIO DO REINO

Parte narrativa: A oposição a Jesus

11 *Jesus é o Messias?* — ¹Quando Jesus terminou de dar essas instruções aos seus doze discípulos, partiu daí, a fim de ensinar e pregar nas cidades deles.

²João estava na prisão. Quando ouviu falar das obras do Messias, enviou a ele alguns discípulos, ³para lhe perguntarem: “És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?” ⁴Jesus respondeu: “Voltem e contem a João o que vocês estão ouvindo e vendo: ⁵os cegos recuperam a vista, os paralíticos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciada a Boa Notícia. ⁶E feliz aquele que não se scandaliza por causa de mim!” [11,1-6]

A missão de João Batista — ⁷Os discípulos de João partiram, e Jesus começou a falar às multidões a respeito de João: “O que é que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? ⁸O que vocês foram ver? Um homem vestido com roupas finas? Mas aqueles que vestem roupas finas moram em palácios de reis. ⁹Então, o que é que vocês foram ver? Um profeta? Eu lhes afirmo que sim: alguém que é mais do que um profeta. ¹⁰É de João que a Escritura diz: ‘Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti’. ¹¹Eu garanto a vocês: de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino do Céu é maior do que ele. ¹²Desde os dias de João Batista até agora, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo. ¹³De fato, todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. ¹⁴E se vocês o quiserem aceitar, João é Elias que devia vir. ¹⁵Quem tem ouvidos, ouça.” [7-15]

A ação testemunha a vontade de Deus — ¹⁶“Com quem eu vou comparar esta geração? São como crianças sentadas nas praças, que se dirigem aos colegas, e dizem: ¹⁷‘Tocamos flauta e vocês não dançaram, cantamos uma música triste e vocês não bateram no peito’. ¹⁸Veio João, que não come nem bebe, e disseram: ‘Ele está com um demônio’. ¹⁹Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizem: ‘Ele é um comilão e bebedor, amigo dos cobradores de impostos e dos

pecadores'. Mas a sabedoria foi justificada por suas obras.” [16-19]

O julgamento da auto-suficiência — ²⁰Então Jesus começou a falar contra as cidades onde havia realizado a maior parte de seus milagres, porque elas não tinham se convertido. ²¹Ele dizia: “Ai de você, Corazin! Ai de você, Betsaida! Porque, se em Tiro e Sidônia tivessem sido realizados os milagres que foram feitos no meio de vocês, há muito tempo elas teriam feito penitência, vestindo-se de cilício e cobrindo-se de cinzas. ²²Pois bem! Eu digo a vocês: no dia do julgamento, Tiro e Sidônia terão uma sentença menos dura que vocês. ²³E você, Cafarnaum! Será erguida até o céu? Será jogada é no inferno, isso sim! Porque, se em Sodoma tivessem acontecido os milagres que foram realizados no meio de você, ela existiria até o dia de hoje! ²⁴Eu lhes digo: no dia do julgamento, Sodoma terá uma sentença menos dura que você!” [20-24]

Os pobres evangelizam — ²⁵Naquele tem-po, Jesus disse: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos. ²⁶Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado. ²⁷Meu Pai entregou tudo a mim. Ninguém conhece o Filho, a não ser o Pai, e ninguém conhece o Pai, a não ser o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelar.

²⁸Venham para mim todos vocês que estão cansados de carregar o peso do seu fardo, e eu lhes darei descanso. ²⁹Carreguem a minha carga e aprendam de mim, porque sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para suas vidas. ³⁰Porque a minha carga é suave e o meu fardo é leve.” [25-30]

12 *Jesus é o senhor do sábado* — ¹Naquele tempo, Jesus passou por uns campos de trigo, num dia de sábado. Seus discípulos ficaram com fome e começaram a apanhar espigas para comer. ²Vendo isso, os fariseus disseram: “Eis que os teus discípulos estão fazendo o que não é permitido fazer em dia de sábado!” ³Jesus perguntou aos fariseus: “Vocês nunca leram o que Davi e seus companheiros fizeram, quando estavam sentindo fome? ⁴Como ele entrou na casa de Deus, e eles comeram os pães oferecidos a Deus? Ora, nem para Davi, nem para os que estavam com ele, era permitido comer os pães reservados apenas aos sacerdotes. ⁵Ou vocês não leram também, na Lei, que em dia de sábado, no Templo, os sacerdotes violam o sábado, sem cometer falta? ⁶Pois eu digo a vocês: aqui está quem é maior do que o Templo. ⁷Se vocês tivessem compreendido o que significa: ‘Quero a misericórdia e não o sacrifício’, vocês não teriam condenado estes homens que não estão em falta. ⁸Portanto, o Filho

do Homem é senhor do sábado.” [12,1-8]

O bem do homem está acima da lei — ⁹Jesus saiu desse lugar e foi para a sinagoga deles. ¹⁰Aí havia um homem com uma das mãos paralisada. E, para poderem acusar Jesus, os fariseus perguntaram: “É permitido fazer cura em dia de sábado?” ¹¹Jesus respondeu: “Suponham que um de vocês tem uma só ovelha, e ela cai num buraco em dia de sábado. Será que ele não a pegaria e não a tiraria de lá? ¹²Ora, um homem vale muito mais do que uma ovelha! Logo, é permitido fazer uma boa ação em dia de sábado.” ¹³Então Jesus disse ao homem: “Estenda a mão.” O homem estendeu a mão, e ela ficou boa e sadia como a outra. ¹⁴Logo depois, os fariseus saíram e fizeram um plano para matar Jesus. [9-14]

A missão do Servo de Javé — ¹⁵Jesus soube disso e foi embora desse lugar. Numerosas multidões o seguiram, e ele curou a todos. ¹⁶Jesus ordenou que não dissessem quem ele era. ¹⁷Isso aconteceu para se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías: ¹⁸“Eis aqui o meu servo, que escolhi; o meu amado, no qual minha alma se compraz. Colocarei sobre ele o meu Espírito, e ele anunciará o julgamento às nações. ¹⁹Não discutirá, nem gritará, e ninguém ouvirá a sua voz nas praças. ²⁰Não esmagará a cana quebrada, nem apagará o pavio que ainda fumeja, até que leve o julgamento à vitória. ²¹E em seu nome as nações depositarão a sua esperança.” [15-21]

O pecado sem perdão — ²²Então levaram a Jesus um endemoninhado cego e mudo. Jesus o curou, de modo que ele falava e enxergava. ²³E todas as multidões ficaram admiradas e perguntavam: “Será que ele não é o filho de Davi?” ²⁴Os fariseus ouviram isso, e disseram: “Ele expulsa os demônios através de Belzebu, o príncipe dos demônios!”

²⁵Sabendo o que eles estavam pensando, Jesus disse: “Todo reino dividido em grupos que lutam entre si, será arruinado. E toda cidade ou família dividida em grupos que brigam entre si, não poderá durar. ²⁶E se Satanás expulsa Satanás, ele está dividido contra si mesmo. Como, então, o seu reino poderá sobreviver? ²⁷Se é através de Belzebu que eu expulso os demônios, através de quem os filhos de vocês expulsam os demônios? Por isso, serão eles mesmos que julgarão vocês. ²⁸Mas se é através do Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus chegou para vocês. ²⁹Ainda: como alguém pode entrar na casa de um homem forte e se apoderar de suas coisas, se antes não amarrar o

homem forte? Só depois poderá roubar a sua casa. ³⁰Quem não está comigo, está contra mim. E quem não recolhe comigo, espalha. ³¹É por isso que eu digo a vocês: todo pecado e blasfêmia será perdoado aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. ³²Quem disser alguma coisa contra o Filho do Homem, será perdoado. Mas quem disser algo contra o Espírito Santo, nunca será perdoado, nem neste mundo, nem no mundo que há de vir.” [22-32]

Cada um julga a si próprio — ³³“Se vocês plantarem uma árvore boa, o fruto dela será bom; mas se vocês plantarem uma árvore má, também o fruto dela será mau, porque é pelo fruto que se conhece a árvore. ³⁴Raça de cobras venenosas! Se vocês são maus, como podem dizer coisas boas? Pois a boca fala aquilo de que o coração está cheio. ³⁵O homem bom tira coisas boas do seu bom tesouro, e o homem mau tira coisas más do seu mau tesouro. ³⁶Eu digo a vocês: no dia do julgamento, todos devem prestar contas de cada palavra inútil que tiverem falado. ³⁷Porque você será justificado por suas próprias palavras, e será condenado por suas próprias palavras.” [33-37]

O sinal que leva para a fé — ³⁸Então alguns doutores da Lei e fariseus disseram a Jesus: “Mestre, queremos ver um sinal realizado por ti.” ³⁹Jesus respondeu: “Uma geração má e adúltera busca um sinal, mas nenhum sinal lhe será dado, a não ser o sinal do profeta Jonas. ⁴⁰De fato, assim como Jonas passou três dias e três noites no ventre da baleia, assim também o Filho do Homem passará três dias e três noites no seio da terra. ⁴¹No dia do julgamento, os homens da cidade de Nínive ficarão de pé contra esta geração, e a condenarão. Porque eles fizeram penitência quando ouviram Jonas pregar. E aqui está quem é maior do que Jonas. ⁴²No dia do julgamento, a rainha do Sul se levantará contra esta geração, e a condenará. Porque ela veio de uma terra distante para ouvir a sabedoria de Salomão. E aqui está quem é maior do que Salomão.” [33-37]

Pior do que antes — ⁴³“Quando um espírito impuro sai de um homem, ele fica vagando em lugares desertos, procurando repouso, e não o encontra. ⁴⁴Então ele diz: ‘Vou já voltar para a casa de onde saí’. Quando ele chega, encontra a casa vazia, varrida e arrumada. ⁴⁵Então ele vai, e traz consigo outros sete espíritos piores do que ele. Eles entram e moram aí; no fim, esse homem fica em condição pior do que antes. É o que vai acontecer com esta geração má.” [43-45]

Uma nova geração — ⁴⁶Jesus ainda estava falando às multidões. Sua mãe e seus irmãos ficaram do lado de fora, procurando falar com ele. ⁴⁷Alguém disse a

Jesus: “Olha! Tua mãe e teus irmãos estão aí fora, e querem falar contigo.”
⁴⁸Jesus perguntou àquele que tinha falado: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?” ⁴⁹E, estendendo a mão para os discípulos, Jesus disse: “Aqui estão minha mãe e meus irmãos, ⁵⁰pois todo aquele que faz a vontade do meu Pai que está no céu, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe.” [\[46-50\]](#)

Discurso: As parábolas do Reino

13 *Uma colheita custosa* — ¹Naquele dia, Jesus saiu de casa e foi sentar-se às margens do mar da Galileia. ²Numerosas multidões se reuniram em volta dele. Por isso, Jesus entrou numa barca e sentou-se, enquanto a multidão ficava de pé na praia. ³E Jesus falou para eles muita coisa com parábolas: “O semeador saiu para semear. ⁴Enquanto semeava, algumas sementes caíram à beira do caminho, e os passarinhos foram e as comeram. ⁵Outras sementes caíram em terreno pedregoso, onde não havia muita terra. As sementes logo brotaram, porque a terra não era profunda. ⁶Porém, o sol saiu, queimou as plantas, e elas secaram, porque não tinham raiz. ⁷Outras sementes caíram no meio dos espinhos, e os espinhos cresceram e sufocaram as plantas. ⁸Outras sementes, porém, caíram em terra boa, e renderam cem, sessenta e trinta frutos por um. ⁹Quem tem ouvidos, ouça!” [13,1-9]

A felicidade de compreender — ¹⁰Os discípulos aproximaram-se e perguntaram a Jesus: “Por que usas parábolas para falar com eles?” ¹¹Jesus respondeu: “Porque a vocês foi dado conhecer os mistérios do Reino do Céu, mas a eles não. ¹²Pois, a quem tem, será dado ainda mais, será dado em abundância; mas daquele que não tem, será tirado até o pouco que tem. ¹³É por isso que eu uso parábolas para falar com eles: assim eles olham e não veem, ouvem e não escutam nem compreendem. ¹⁴Desse modo se cumpre para eles a profecia de Isaías: ‘É certo que vocês ouvirão, porém nada compreenderão. É certo que vocês enxergarão, porém nada verão. ¹⁵Porque o coração desse povo se tornou insensível. Eles são duros de ouvido e fecharam os olhos, para não ver com os olhos, e não ouvir com os ouvidos, não compreender com o coração e não se converter. Assim eles não podem ser curados’. ¹⁶Vocês, porém, são felizes, porque seus olhos veem e seus ouvidos ouvem. ¹⁷Eu garanto a vocês: muitos profetas e justos desejaram ver o que vocês estão vendo, e não puderam ver; desejaram ouvir o que vocês estão ouvindo, e não puderam ouvir.” [10-17]

Compreender a Palavra nos conflitos — ¹⁸“Ouçam, portanto, o que a parábola do semeador quer dizer: ¹⁹Todo aquele que ouve a Palavra do Reino e não a compreende, é como a semente que caiu à beira do caminho: vem o Maligno e rouba o que foi semeado no coração dele. ²⁰A semente que caiu em terreno

pedregoso é aquele que ouve a Palavra, e logo a recebe com alegria. ²¹Mas ele não tem raiz em si mesmo, é inconstante: quando chega uma tribulação ou perseguição por causa da Palavra, ele desiste logo. ²²A semente que caiu no meio dos espinhos é aquele que ouve a Palavra, mas a preocupação do mundo e a ilusão da riqueza sufocam a Palavra, e ela fica sem dar fruto. ²³A semente que caiu em terra boa é aquele que ouve a Palavra e a compreende. Esse com certeza produz fruto. Um dá cem, outro sessenta e outro trinta por um.” [18-23]

O inimigo do Reino — ²⁴Jesus contou outra parábola à multidão: “O Reino do Céu é como um homem que semeou boa semente no seu campo. ²⁵Uma noite, quando todos dormiam, veio o inimigo dele, semeou joio no meio do trigo, e foi embora. ²⁶Quando o trigo cresceu, e as espigas começaram a se formar, apareceu também o joio. ²⁷Os empregados procuraram o dono e lhe disseram: ‘Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Donde veio então o joio?’ ²⁸O dono respondeu: ‘Foi algum inimigo que fez isso’. Os empregados lhe perguntaram: ‘Queres que arranquemos o joio?’ ²⁹O dono respondeu: ‘Não. Pode acontecer que, arrancando o joio, vocês arranquem também o trigo. ³⁰Deixem crescer um e outro até à colheita. E no tempo da colheita direi aos ceifadores: arranquem primeiro o joio e o amarrem em feixes para ser queimado. Depois recolham o trigo no meu celeiro!’ ” [24-30]

A força do Reino — ³¹E Jesus contou outra parábola: “O Reino do Céu é como uma semente de mostarda que um homem pega e semeia no seu campo. ³²Embora ela seja a menor de todas as sementes, quando cresce, fica maior do que as outras plantas. E se torna uma árvore, de modo que os pássaros do céu vêm e fazem ninhos em seus ramos.” [31-32]

O Reino transforma — ³³Jesus contou-lhes ainda outra parábola: “O Reino do Céu é como o fermento que uma mulher pega e mistura com três porções de farinha, até que tudo fique fermentado.” [33]

Jesus revela o mistério escondido — ³⁴Tudo isso Jesus falava em parábolas às multidões. Nada lhes falava sem usar parábolas, ³⁵para se cumprir o que foi dito pelo profeta: “Abrirei a boca para usar parábolas; vou proclamar coisas escondidas desde a criação do mundo.” [34-35]

A dinâmica do Reino na história — ³⁶Então Jesus deixou as multidões e foi para casa. Os discípulos se aproximaram dele, e disseram: “Explica-nos a

parábola do joio.” ³⁷ Jesus respondeu: “Quem semeia a boa semente é o Filho do Homem. ³⁸ O campo é o mundo. A boa semente são os que pertencem ao Reino. O joio são os que pertencem ao Maligno. ³⁹ O inimigo que semeou o joio é o diabo. A colheita é o fim dos tempos. Os ceifadores são os anjos. ⁴⁰ Assim como o joio é recolhido e queimado no fogo, o mesmo também acontecerá no fim dos tempos: ⁴¹ o Filho do Homem enviará os seus anjos, e eles recolherão todos os que levam os outros a pecar e os que praticam o mal, ⁴² e depois os lançarão na fornalha de fogo. Aí eles vão chorar e ranger os dentes. ⁴³ Então os justos brilharão como o sol no Reino de seu Pai. Quem tem ouvidos, ouça.” [36-43]

A decisão pelo Reino — ⁴⁴ “O Reino do Céu é como um tesouro escondido no campo. Um homem o encontra, e o mantém escondido. Cheio de alegria, ele vai, vende todos os seus bens, e compra esse campo.

⁴⁵ O Reino do Céu é também como um comprador que procura pérolas preciosas. ⁴⁶ Quando encontra uma pérola de grande valor, ele vai, vende todos os seus bens, e compra essa pérola.” [44-46]

A consumação do Reino — ⁴⁷ “O Reino do Céu é ainda como uma rede lançada ao mar. Ela apanha peixes de todo tipo. ⁴⁸ Quando está cheia, os pescadores puxam a rede para a praia, sentam-se e escolhem: os peixes bons vão para os cestos, os que não prestam são jogados fora. ⁴⁹ Assim acontecerá no fim dos tempos: os anjos virão para separar os homens maus dos que são bons. ⁵⁰ E lançarão os maus na fornalha de fogo. Aí eles vão chorar e ranger os dentes.” [47-50]

Um novo sentido para tudo — ⁵¹ “Vocês compreenderam tudo isso?” Eles responderam: “Sim.” ⁵² Então Jesus acrescentou: “E assim, todo doutor da Lei que se torna discípulo do Reino do Céu é como pai de família que tira do seu baú coisas novas e velhas.” [51-52]

QUARTO LIVRINHO: **A IGREJA — SEMENTE DO REINO**

Parte narrativa: O seguimento de Jesus

Jesus é rejeitado como os profetas — ⁵³Quando Jesus terminou de contar essas parábolas, saiu desse lugar ⁵⁴e voltou para a sua terra. Ensinava as pessoas na sinagoga, de modo que ficavam admiradas. Diziam: “De onde vêm essa sabedoria e esses milagres? ⁵⁵Esse homem não é o filho do carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria, e seus irmãos não são Tiago, José, Simão e Judas? ⁵⁶E suas irmãs, não moram conosco? Então, de onde vem tudo isso?” ⁵⁷E ficaram escandalizados por causa de Jesus. Mas Jesus disse: “Um profeta só não é estimado em sua própria pátria e em sua família.” ⁵⁸E Jesus não fez muitos milagres aí, por causa da falta de fé deles. [53-58]

14 ***O banquete da morte*** — ¹Naquele tempo, Herodes, governador da Galileia, ouviu falar da fama de Jesus. ²Disse então a seus oficiais: “Ele é João Batista, que ressuscitou dos mortos. É por isso que os poderes agem nesse homem.” ³De fato, Herodes tinha mandado prender João, amarrá-lo e colocá-lo na prisão. Fez isso por causa de Herodíades, a mulher do seu irmão. ⁴Porque João dizia a Herodes: “Não é permitido você se casar com ela.” ⁵Herodes queria matar João, mas tinha medo da multidão, porque esta considerava João um profeta.

⁶Quando chegou o aniversário de Herodes, a filha de Herodíades dançou diante de todos, e agradou a Herodes. ⁷Então Herodes prometeu com juramento que lhe daria tudo o que ela pedisse. ⁸Pressionada pela mãe, ela disse: “Dê-me aqui, num prato, a cabeça de João Batista.” ⁹O rei ficou triste, mas por causa do juramento na frente dos convidados, ordenou que atendessem o pedido dela, ¹⁰e mandou cortar a cabeça de João na prisão. ¹¹Depois a cabeça foi levada num prato, foi entregue à moça, e esta a levou para a sua mãe. ¹²Os discípulos de João foram buscar o cadáver e o enterraram. Depois foram contar a Jesus o que tinha acontecido. [14,1-12]

O banquete da vida — ¹³Quando soube da morte de João Batista, Jesus partiu, e foi de barca para um lugar deserto e afastado. Mas, quando as multidões ficaram

sabendo disso, saíram das cidades, e o seguiram a pé. ¹⁴Ao sair da barca, Jesus viu grande multidão. Teve compaixão deles, e curou os que estavam doentes.

¹⁵Ao entardecer, os discípulos chegaram perto de Jesus e disseram: “Este lugar é deserto, e a hora já vai adiantada. Despede as multidões, para que possam ir aos povoados comprar alguma coisa para comer.” ¹⁶Mas Jesus lhes disse: “Eles não precisam ir embora. Vocês é que têm de lhes dar de comer.” ¹⁷Os discípulos responderam: “Só temos aqui cinco pães e dois peixes.” ¹⁸Jesus disse: “Tragam isso aqui.” ¹⁹Jesus mandou que as multidões se sentassem na grama. Depois pegou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos para o céu, pronunciou a bênção, partiu os pães, e os deu aos discípulos; os discípulos distribuíram às multidões. ²⁰Todos comeram, ficaram satisfeitos, e ainda recolheram doze cestos cheios de pedaços que sobraram. ²¹O número dos que comeram era mais ou menos cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças. [13-21]

A fé nos momentos difíceis — ²²Logo em seguida, Jesus obrigou os discípulos a entrar na barca e ir na frente, para o outro lado do mar, enquanto ele despedia as multidões. ²³Logo depois de despedir as multidões, Jesus subiu sozinho ao monte, para rezar. Ao anoitecer, Jesus continuava aí sozinho. [22-33] ²⁴A barca, porém, já longe da terra, era batida pelas ondas, porque o vento era contrário.

²⁵Entre as três e as seis da madrugada, Jesus foi até os discípulos, andando sobre o mar. ²⁶Quando os discípulos o avistaram, andando sobre o mar, ficaram apavorados, e disseram: “É um fantasma!” E gritaram de medo. ²⁷Jesus, porém, logo lhes disse: “Coragem! Sou eu. Não tenham medo.”

²⁸Então Pedro lhe disse: “Senhor, se és tu, mandame ir ao teu encontro, caminhando sobre a água.” ²⁹Jesus respondeu: “Venha.” Pedro desceu da barca e começou a andar sobre a água, em direção a Jesus. ³⁰Mas ficou com medo quando sentiu o vento e, começando a afundar, gritou: “Senhor, salva-me.” ³¹Jesus logo estendeu a mão, segurou Pedro, e lhe disse: “Homem fraco na fé, por que você duvidou?”

³²Então eles subiram na barca. E o vento parou. ³³Os que estavam na barca se ajoelharam diante de Jesus, dizendo: “De fato, tu és o Filho de Deus.”

Jesus e os doentes — ³⁴Acabando de atravessar, desembarcaram em Genesaré. ³⁵Os homens desse lugar, reconhecendo-o, espalharam a notícia por toda a região. Então levaram a Jesus todos os doentes, ³⁶e pediram que pudessem ao menos tocar a barra da roupa dele. E todos os que tocaram ficaram curados. [34-

15 *Condição para ser verdadeiro guia* — ¹Alguns fariseus e diversos doutores da Lei, de Jerusalém, se aproximaram de Jesus e perguntaram: ²“Por que os teus discípulos desobedecem à tradição dos antigos? De fato, comem pão sem lavar as mãos!” ³Jesus respondeu: “Por que é que vocês também desobedecem ao mandamento de Deus em nome da tradição de vocês? ⁴Pois Deus disse: ‘Honre seu pai e sua mãe’. E ainda: ‘Quem amaldiçoa o pai ou a mãe, deve morrer’. ⁵E no entanto vocês ensinam que alguém pode dizer ao seu pai ou à sua mãe: ‘O sustento que vocês poderiam receber de mim é consagrado a Deus’. ⁶E essa pessoa fica dispensada de honrar seu pai ou sua mãe. Assim vocês esvaziaram a palavra de Deus com a tradição de vocês. ⁷Hipócritas! Isaías profetizou muito bem sobre vocês, quando disse: ⁸‘Esse povo me honra com os lábios, mas o coração deles está longe de mim. ⁹Não adianta nada eles me prestarem culto, porque ensinam preceitos humanos.’ ”

¹⁰Em seguida, Jesus chamou a multidão para perto dele e disse: “Escutem e compreendam. ¹¹Não é o que entra na boca que torna o homem impuro, mas o que sai da boca, isso torna o homem impuro.”

¹²Então os discípulos se aproximaram e disseram a Jesus: “Sabes que os fariseus ficaram escandalizados com o que disseste?” ¹³Jesus respondeu: “Toda planta que não foi plantada pelo meu Pai celeste será arrancada. ¹⁴Não se preocupem com eles. São cegos guiando cegos. Ora, se um cego guia outro cego, os dois cairão num buraco.”

¹⁵Então Pedro disse a Jesus: “Explica-nos a parábola.” ¹⁶Jesus respondeu: “Será que vocês ainda não entendem? ¹⁷Vocês não compreendem que tudo o que entra na boca passa pelo estômago e acaba indo para a privada? ¹⁸Ao contrário, as coisas que saem da boca vêm do coração, e essas é que tornam o homem impuro. ¹⁹Pois é do coração que vêm as más intenções: crimes, adultério, imoralidade, roubos, falsos testemunhos, calúnias. ²⁰Essas coisas é que tornam o homem impuro; mas comer sem lavar as mãos não torna o homem impuro.”

[15,1-20]

Jesus veio para todos — ²¹Jesus saiu daí e foi para a região de Tiro e Sidônia. ²²Nisso, uma mulher cananeia, que morava nessa região, gritou para Jesus: “Senhor, filho de Davi, tem piedade de mim. Minha filha está sendo cruelmente atormentada por um demônio.” ²³Mas Jesus nem lhe deu resposta. Então os

discípulos se aproximaram e pediram: “Manda embora essa mulher, porque ela vem gritando atrás de nós.” ²⁴Jesus respondeu: “Eu fui mandado somente para as ovelhas perdidas do povo de Israel.” ²⁵Mas a mulher, aproximando-se, ajoelhou-se diante de Jesus, e começou a implorar: “Senhor, ajuda-me.” ²⁶Jesus lhe disse: “Não está certo tirar o pão dos filhos e jogá-lo aos cachorrinhos.” ²⁷A mulher disse: “Sim, Senhor, é verdade; mas também os cachorrinhos comem as migalhas que caem da mesa de seus donos.” ²⁸Diante disso, Jesus lhe disse: “Mulher, é grande a sua fé! Seja feito como você quer.” E desde esse momento a filha dela ficou curada. [21-28]

A comunidade que serve — ²⁹Saindo daí, Jesus foi para a margem do mar da Galileia, subiu a montanha e sentou-se. ³⁰Numerosas multidões se aproximaram de Jesus, levando consigo coxos, aleijados, cegos, mudos e muitos outros doentes. Então os colocaram aos pés de Jesus. E ele os curou. ³¹As multidões ficaram admiradas, vendo que os mudos falavam, os aleijados saravam, os coxos andavam e os cegos viam. E glorificaram o Deus de Israel.

³²Jesus chamou seus discípulos, e disse: “Tenho compaixão dessa multidão, porque já faz três dias que está comigo, e não tem nada para comer. Não quero mandá-los embora sem comer, para que não desmaiem pelo caminho.” ³³Os discípulos disseram: “Onde vamos buscar, nesse deserto, tantos pães para matar a fome de tão grande multidão?” ³⁴Jesus perguntou: “Quantos pães vocês têm?” Eles responderam: “Sete, e alguns peixinhos.”

³⁵Jesus mandou que a multidão se sentasse no chão. ³⁶Depois pegou os sete pães e os peixes, agradeceu, partiu-os, e ia dando aos discípulos, e os discípulos para as multidões. ³⁷Todos comeram e ficaram satisfeitos. E encheram sete cestos com os pedaços que sobraram. ³⁸Os que tinham comido eram quatro mil homens, sem contar mulheres e crianças. ³⁹Tendo despedido as multidões, Jesus subiu na barca e foi para o território de Magadã. [29-39]

16 Interpretar os sinais do Reino — ¹Os fariseus e saduceus se aproximaram de Jesus e, para tentá-lo, pediram que mostrasse para eles um sinal do céu. ²Jesus, porém, respondeu: “Ao pôr do sol vocês dizem: ‘Vai fazer bom tempo, porque o céu está vermelho’. ³E de manhã: ‘Hoje vai chover, porque o céu está vermelho-escuro’. Olhando o céu, vocês sabem prever o tempo, mas não são capazes de interpretar os sinais dos tempos. ⁴Uma geração má e adúltera busca um sinal, mas nenhum sinal lhe será dado, a não ser o sinal de Jonas.” Então

Jesus os deixou, e foi embora. [16,1-4]

O fermento que corrompe — ⁵Quando atravessaram para o outro lado do mar, os discípulos se esqueceram de levar pães. ⁶Então Jesus disse: “Prestem atenção, e tomem cuidado com o fermento dos fariseus e dos saduceus.” ⁷Os discípulos pensavam consigo mesmos: “É porque não trouxemos pães.” ⁸Mas Jesus percebeu, e perguntou: “Por que vocês estão pensando na falta de pães, homens de pouca fé? ⁹Vocês ainda não compreendem, nem mesmo se lembram dos cinco pães para cinco mil homens, e de quantos cestos vocês recolheram? ¹⁰Nem dos sete pães para quatro mil homens, e quantos cestos vocês recolheram? ¹¹Como é que não compreendem que eu não estava falando de pão com vocês? Tomem cuidado com o fermento dos fariseus e saduceus.” ¹²Então eles perceberam que Jesus não tinha falado para tomar cuidado com o fermento de pão, mas com o ensinamento dos fariseus e saduceus. [5-12]

Jesus é o Messias — ¹³Jesus chegou à região de Cesareia de Filipe, e perguntou aos seus discípulos: “Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?” ¹⁴Eles responderam: “Alguns dizem que é João Batista; outros, que é Elias; outros ainda, que é Jeremias, ou algum dos profetas.” ¹⁵Então Jesus perguntou-lhes: “E vocês, quem dizem que eu sou?” ¹⁶Simão Pedro respondeu: “Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo.” ¹⁷Jesus disse: “Você é feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foi um ser humano que lhe revelou isso, mas o meu Pai que está no céu. ¹⁸Por isso eu lhe digo: você é Pedro, e sobre essa pedra construirei a minha Igreja, e o poder da morte nunca poderá vencê-la. ¹⁹Eu lhe darei as chaves do Reino do Céu, e o que você ligar na terra será ligado no céu, e o que você desligar na terra será desligado no céu.” ²⁰Jesus, então, ordenou aos discípulos que não dissessem a ninguém que ele era o Messias.

²¹E Jesus começou a mostrar aos seus discípulos que devia ir a Jerusalém e sofrer muito da parte dos anciãos, dos chefes dos sacerdotes e dos doutores da Lei, e que devia ser morto e ressuscitar ao terceiro dia. ²²Então Pedro levou Jesus para um lado e o repreendeu, dizendo: “Deus não permita tal coisa, Senhor! Que isso nunca te aconteça!” ²³Jesus, porém, voltou-se para Pedro e disse: “Fique longe de mim, Satanás! Você é uma pedra de tropeço para mim, porque não pensa as coisas de Deus, mas as coisas dos homens!” [13-23]

O seguimento de Jesus — ²⁴Então Jesus disse aos discípulos: “Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e me siga. ²⁵Pois, quem quiser

salvar a sua vida, vai perdê-la; mas quem perde a sua vida por causa de mim, vai encontrá-la. ²⁶Com efeito, que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, mas perder a sua vida? O que um homem pode dar em troca da sua vida? ²⁷Porque o Filho do Homem virá na glória do seu Pai, com os seus anjos, e então retribuirá a cada um de acordo com a própria conduta. ²⁸Eu garanto a vocês: alguns daqueles que estão aqui, não morrerão sem terem visto o Filho do Homem vindo com o seu Reino.” [24-28]

17 *O sinal da vitória* — ¹Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, os irmãos Tiago e João, e os levou a um lugar à parte, sobre uma alta montanha. ²E se transfigurou diante deles: o seu rosto brilhou como o sol, e as suas roupas ficaram brancas como a luz. ³Nisso lhes apareceram Moisés e Elias, conversando com Jesus. ⁴Então Pedro tomou a palavra e disse a Jesus: “Senhor, é bom ficarmos aqui. Se queres, vou fazer aqui três tendas: uma para ti, outra para Moisés, e outra para Elias.” ⁵Pedro ainda estava falando, quando uma nuvem luminosa os cobriu com sua sombra, e da nuvem saiu uma voz que dizia: “Este é o meu Filho amado, que muito me agrada. Escutem o que ele diz.” ⁶Quando ouviram isso, os discípulos ficaram muito assustados, e caíram com o rosto por terra. ⁷Jesus se aproximou, tocou neles e disse: “Levantem-se, e não tenham medo.” ⁸Os discípulos ergueram os olhos, e não viram mais ninguém, a não ser somente Jesus. ⁹Ao descerem da montanha, Jesus ordenou-lhes: “Não contem a ninguém essa visão, até que o Filho do Homem tenha ressuscitado dos mortos.” [17,1-9]

A morte de João Batista é sinal da morte de Jesus — ¹⁰Os discípulos de Jesus lhe perguntaram: “O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes?” ¹¹Jesus respondeu: “Elias vem para colocar tudo em ordem. ¹²Mas eu digo a vocês: Elias já veio, e eles não o reconheceram. Fizeram com ele tudo o que quiseram. E o Filho do Homem será maltratado por eles do mesmo modo.” ¹³Então os discípulos compreenderam que Jesus falava de João Batista. [10-13]

A força da fé — ¹⁴Eles foram em direção à multidão. Um homem aproximou-se de Jesus, ajoelhou-se ¹⁵e disse: “Senhor, tem piedade do meu filho. Ele é epilético, e tem ataques tão fortes que muitas vezes cai no fogo ou na água. ¹⁶Eu o levei aos teus discípulos, mas eles não conseguiram curá-lo!” ¹⁷Jesus respondeu: “Gente sem fé e perversa! Até quando deverei ficar com vocês? Até

quando terei que suportá-los? Tragam o menino aqui.” ¹⁸Então Jesus ordenou, e o demônio saiu. E na mesma hora o menino ficou curado.

¹⁹Os discípulos se aproximaram de Jesus e lhe perguntaram em particular: “Por que nós não conseguimos expulsar o demônio?” ²⁰Jesus respondeu: “É porque vocês não têm bastante fé. Eu garanto a vocês: se vocês tiverem fé do tamanho de uma semente de mostarda, podem dizer a esta montanha: ‘Vá daqui para lá’, e ela irá. E nada será impossível para vocês. ²¹Somente oração e jejum podem expulsar esse tipo de demônio.” [14-21]

A missão de Jesus é dar a vida — ²²Quando os discípulos estavam reunidos na Galileia, Jesus disse para eles: “O Filho do Homem vai ser entregue na mão dos homens. ²³Eles o matarão, mas no terceiro dia ele ressuscitará.” E os discípulos ficaram muito tristes. [22-23]

Os filhos são livres — ²⁴Quando chegaram a Cafarnaum, os fiscais do imposto do Templo foram a Pedro e perguntaram: “O mestre de vocês não paga o imposto do Templo?” ²⁵Pedro respondeu: “Paga, sim.” Ao entrar em casa, Jesus adiantou-se e perguntou: “O que é que você acha, Simão? De quem os reis da terra recebem taxas ou impostos: dos filhos ou dos estrangeiros?” ²⁶Pedro respondeu: “Dos estrangeiros!” Então Jesus disse: “Isso quer dizer que os filhos não precisam pagar. ²⁷Mas, para não provocar escândalo, vá ao mar e jogue o anzol. Na boca do primeiro peixe que você pegar, vai encontrar o dinheiro para pagar o imposto. Pegue-o, e pague por mim e por você.” [24-27]

Discurso: A vida da Igreja

18 *Quem é o maior na comunidade?* — ¹Naquele momento, os discípulos se aproximaram de Jesus e perguntaram: “Quem é o maior no Reino do Céu?”

²Jesus chamou uma criança, colocou-a no meio deles, ³e disse: “Eu lhes garanto: se vocês não se converterem e não se tornarem como crianças, vocês nunca entrarão no Reino do Céu. ⁴Quem se abaixa e se torna como essa criança, esse é o maior no Reino do Céu. ⁵E quem recebe em meu nome uma criança como esta, é a mim que recebe.” [18,1-5]

Evitar o escândalo — ⁶“Quem escandalizar um desses pequeninos que acreditam em mim, melhor seria para ele pendurar uma pedra de moinho no pescoço, e ser jogado no fundo do mar. ⁷Ai do mundo por causa dos escândalos! É inevitável que aconteçam escândalos, mas ai do homem que causa escândalo! ⁸Se a sua mão ou o seu pé é ocasião de escândalo para você, corte-o e jogue-o para longe de você. É melhor para você entrar para a vida sem uma das mãos, ou sem um dos pés, do que ter as duas mãos ou os dois pés, e ser lançado no fogo eterno. ⁹E se o seu olho é ocasião de escândalo para você, arranque-o e jogue-o para longe de você. É melhor para você entrar para a vida com um olho só, do que ter os dois olhos, e ser jogado no inferno de fogo.” [6-9]

Por que alguém se afasta da comunidade? — ¹⁰“Cuidado para não desprezar nenhum desses pequeninos, pois eu digo a vocês: os anjos deles no céu estão sempre na presença do meu Pai que está no céu. ¹¹O Filho do Homem veio para salvar o que estava perdido.

¹²O que vocês acham? Se um homem tem cem ovelhas, e uma delas se perde, será que ele não vai deixar as noventa e nove nas montanhas, para procurar aquela que se perdeu? ¹³Eu garanto a vocês: quando ele a encontra, fica muito mais feliz com ela do que com as noventa e nove que não se perderam. ¹⁴Do mesmo modo, o Pai que está no céu não quer que nenhum desses pequeninos se perca.” [10-14]

E quando o irmão peca? — ¹⁵“Se o seu irmão pecar, vá e mostre o erro dele, mas em particular, só entre vocês dois. Se ele der ouvidos, você terá ganho seu irmão. ¹⁶Se ele não lhe der ouvidos, tome com você mais uma ou duas pessoas, para que toda a questão seja decidida sob a palavra de duas ou três testemunhas. ¹⁷Caso ele não dê ouvidos, comunique à Igreja. Se nem mesmo à Igreja ele der

ouvidos, seja tratado como se fosse um pagão ou um cobrador de impostos. ¹⁸Eu lhes garanto: tudo o que vocês ligarem na terra, será ligado no céu, e tudo o que vocês desligarem na terra, será desligado no céu. ¹⁹E lhes digo ainda mais: se dois de vocês na terra estiverem de acordo sobre qualquer coisa que queiram pedir, isso lhes será concedido por meu Pai que está no céu. ²⁰Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou aí no meio deles.” [15-20]

Perdoar sem limites — ²¹Pedro aproximou-se de Jesus e perguntou: “Senhor, quantas vezes devo perdoar, se meu irmão pecar contra mim? Até sete vezes?” ²²Jesus respondeu: “Não lhe digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete. ²³Porque o Reino do Céu é como um rei que resolveu acertar as contas com seus empregados. ²⁴Quando começou o acerto, levaram a ele um que devia dez mil talentos. ²⁵Como o empregado não tinha com que pagar, o patrão mandou que fosse vendido como escravo, junto com a mulher e os filhos e tudo o que possuía, para que pagasse a dívida. ²⁶O empregado, porém, caiu aos pés do patrão e, ajoelhado, suplicava: ‘Dê-me um prazo. E eu lhe pagarei tudo’. ²⁷Diante disso, o patrão teve compaixão, soltou o empregado e lhe perdoou a dívida. ²⁸Ao sair daí, esse empregado encontrou um de seus companheiros que lhe devia cem moedas de prata. Ele o agarrou e começou a sufocá-lo, dizendo: ‘Pague logo o que me deve’. ²⁹O companheiro, caindo aos seus pés, suplicava: ‘Dê-me um prazo, e eu pagarei a você’. ³⁰Mas o empregado não quis saber disso. Saiu e mandou jogá-lo na prisão, até que pagasse o que devia. ³¹Vendo o que havia acontecido, os outros empregados ficaram muito tristes, procuraram o patrão e lhe contaram tudo. ³²O patrão mandou chamar o empregado e lhe disse: ‘Empregado miserável! Eu lhe perdoei toda a sua dívida, porque você me suplicou. ³³E você, não devia também ter compaixão do seu companheiro, como eu tive de você?’ ³⁴O patrão indignou-se, e mandou entregar esse empregado aos torturadores, até que pagasse toda a sua dívida. ³⁵É assim que fará com vocês o meu Pai que está no céu, se cada um não perdoar de coração ao seu irmão.” [21-35]

QUINTO LIVRINHO:

A VINDA DEFINITIVA DO REINO

Parte narrativa: O Reino é universal

19 *Matrimônio e celibato* — ¹Quando Jesus acabou de dizer essas palavras, ele partiu da Galileia, e foi para o território da Judeia, no outro lado do rio Jordão. ²Numerosas multidões o seguiram, e Jesus aí as curou.

³Alguns fariseus se aproximaram de Jesus e perguntaram, para o tentar: “É permitido ao homem divorciar-se de sua mulher por qualquer motivo?” ⁴Jesus respondeu: “Vocês nunca leram que o Criador, desde o início, os fez homem e mulher? ⁵E que ele disse: ‘Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe, e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne’? ⁶Assim, eles já não são dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, o homem não deve separar.” ⁷Os fariseus perguntaram: “Então, como é que Moisés mandou dar certidão de divórcio ao despedir a mulher?” ⁸Jesus respondeu: “Moisés permitiu o divórcio porque vocês são duros de coração. Mas não foi assim desde o início. ⁹Eu, por isso, digo a vocês: quem se divorciar de sua mulher, a não ser em caso de fornicção, e casar-se com outra, comete adultério.”

¹⁰Os discípulos disseram a Jesus: “Se a situação do homem com a mulher é assim, então é melhor não se casar.” ¹¹Jesus respondeu: “Nem todos entendem isso, a não ser aqueles a quem é concedido. ¹²De fato, há homens castrados, porque nasceram assim; outros, porque os homens os fizeram assim; outros, ainda, se castraram por causa do Reino do Céu. Quem puder entender, entenda.” [19,1-12]

O Reino pertence aos pobres — ¹³Então levaram crianças para que Jesus pusesse as mãos sobre elas e rezasse. Mas os discípulos as repreendiam. ¹⁴Jesus, porém, disse: “Deixem as crianças, e não lhes proibam de vir a mim, porque o Reino do Céu pertence a elas.” ¹⁵E depois de pôr as mãos sobre as crianças, Jesus partiu daí. [13-15]

O Reino é dom e partilha — ¹⁶Um jovem se aproximou e disse a Jesus: “Mestre, que devo fazer de bom para possuir a vida eterna?” ¹⁷Jesus respondeu: “Por que você me pergunta sobre o que é bom? Um só é o bom. Se você quer entrar para a vida, guarde os mandamentos.” ¹⁸O moço perguntou: “Quais

mandamentos?” Jesus respondeu: “Não mate; não cometa adultério; não roube; não levante falso testemunho; ¹⁹honre seu pai e sua mãe; e ame seu próximo como a si mesmo.” ²⁰O jovem disse a Jesus: “Tenho observado todas essas coisas. O que é que ainda me falta fazer?” ²¹Jesus respondeu: “Se você quer ser perfeito, vá, venda tudo o que tem, dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois venha e siga-me.” ²²Quando ouviu isso, o jovem foi embora cheio de tristeza, porque tinha muitas propriedades.

²³Então Jesus disse aos discípulos: “Eu garanto a vocês: um rico dificilmente entrará no Reino do Céu. ²⁴E digo ainda: é mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha, do que um rico entrar no Reino de Deus.” ²⁵Ouvindo isso, os discípulos ficaram muito espantados e perguntaram: “Então, quem pode ser salvo?” ²⁶Jesus olhou para os discípulos e disse: “Para os homens isso é impossível, mas para Deus tudo é possível.”

²⁷Então Pedro tomou a palavra e disse: Vê! Nós deixamos tudo e te seguimos. O que vamos receber?” ²⁸Jesus respondeu: “Eu garanto a vocês: no mundo novo, quando o Filho do Homem se sentar no trono de sua glória, vocês, que me seguiram, também se sentarão em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel. ²⁹E todo aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos, campos, por causa do meu nome, receberá muitas vezes mais, e terá como herança a vida eterna. ³⁰Muitos que agora são os primeiros, serão os últimos; e muitos que agora são os últimos, serão os primeiros.” [16-30]

20 *O Reino é dom gratuito* — ¹“De fato, o Reino do Céu é como um patrão, que saiu de madrugada para contratar trabalhadores para a sua vinha. ²Combinou com os trabalhadores uma moeda de prata por dia, e os mandou para a vinha. ³Às nove horas da manhã, o patrão saiu de novo. Viu outros que estavam desocupados na praça, ⁴e lhes disse: ‘Vão vocês também para a minha vinha. Eu lhes pagarei o que for justo’. ⁵E eles foram. O patrão saiu de novo ao meio-dia e às três horas da tarde, e fez a mesma coisa. ⁶Saindo outra vez pelas cinco horas da tarde, encontrou outros que estavam na praça, e lhes disse: ‘Por que vocês estão aí o dia inteiro desocupados?’ ⁷Eles responderam: ‘Porque ninguém nos contratou’. O patrão lhes disse: ‘Vão vocês também para a minha vinha’. ⁸Quando chegou a tarde, o patrão disse ao administrador: ‘Chame os trabalhadores e pague uma diária a todos. Comece pelos últimos, e termine pelos primeiros’. ⁹Chegaram aqueles que tinham sido contratados pelas cinco da tarde,

e cada um recebeu uma moeda de prata. ¹⁰Em seguida chegaram os que foram contratados primeiro, e pensavam que iam receber mais. No entanto, cada um deles recebeu também uma moeda de prata. ¹¹Ao receberem o pagamento, começaram a resmungar contra o patrão: ¹²‘Esses últimos trabalharam uma hora só, e tu os igualaste a nós, que suportamos o cansaço e o calor do dia inteiro!’ ¹³E o patrão disse a um deles: ‘Amigo, eu não fui injusto com você. Não combinamos uma moeda de prata?’ ¹⁴Tome o que é seu e volte para casa. Eu quero dar também a esse, que foi contratado por último, o mesmo que dei a você. ¹⁵Por acaso não tenho o direito de fazer o que eu quero com aquilo que me pertence? Ou você está com ciúme porque estou sendo generoso?’ ¹⁶Assim, os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos.” [20,1-16]

Autoridade é serviço — ¹⁷Enquanto subia para Jerusalém, Jesus tomou consigo os doze discípulos em particular e, durante a caminhada, disse para eles: ¹⁸“Eis que estamos subindo para Jerusalém, e o Filho do Homem vai ser entregue aos chefes dos sacerdotes e aos doutores da Lei. Eles o condenarão à morte ¹⁹e o entregarão aos pagãos para zombarem dele, flagelá-lo e crucificá-lo. E no terceiro dia ele ressuscitará.”

²⁰A mãe dos filhos de Zebedeu aproximou-se de Jesus com seus filhos, e ajoelhou-se para pedir alguma coisa. ²¹Jesus perguntou: “O que você quer?” Ela respondeu: “Promete que meus dois filhos se sentem, um à tua direita e o outro à tua esquerda, no teu Reino.” ²²Jesus, então, disse: “Vocês não sabem o que estão pedindo. Por acaso, vocês podem beber o cálice que eu vou beber?” Eles responderam: “Podemos.” ²³Então Jesus disse: “Vocês vão beber do meu cálice. Mas não depende de mim conceder o lugar à minha direita ou esquerda. É meu Pai quem dará esses lugares àqueles para os quais ele mesmo preparou.” ²⁴Quando os outros dez discípulos ouviram isso, ficaram com raiva dos dois irmãos. ²⁵Mas Jesus chamou-os e disse: “Vocês sabem: os governadores das nações têm poder sobre elas, e os grandes têm autoridade sobre elas. ²⁶Entre vocês não deverá ser assim: quem de vocês quiser ser grande, deve tornar-se o servidor de vocês; ²⁷e quem de vocês quiser ser o primeiro, deverá tornar-se servo de vocês. ²⁸Pois o Filho do Homem não veio para ser servido. Ele veio para servir e para dar a sua vida como resgate em favor de muitos.” [17-28]

Fé e seguimento — ²⁹Quando estavam saindo de Jericó, uma grande multidão seguiu Jesus. ³⁰Dois cegos estavam sentados à beira do caminho. Ouvindo dizer

que Jesus estava passando, começaram a gritar: “Senhor, filho de Davi, tem piedade de nós!” ³¹A multidão os repreendeu e mandou que ficassem quietos. Mas eles gritaram mais forte ainda: “Senhor, filho de Davi, tem piedade de nós!” ³²Então Jesus parou, chamou os dois cegos e disse: “O que vocês querem que eu faça por vocês?” ³³Eles responderam: “Senhor, queremos que nossos olhos se abram.” ³⁴Cheio de compaixão, Jesus tocou os olhos deles, e eles imediatamente começaram a ver. E seguiram a Jesus. [29-34]

21 *O Rei-Messias* — ¹Jesus e seus discípulos se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, perto do monte das Oliveiras. Então Jesus enviou dois discípulos, ²dizendo: “Vão até o povoado que está na frente de vocês. E logo vão encontrar uma jumenta amarrada, e um jumentinho com ela. Desamarrem e tragam os dois para mim. ³Se alguém lhes falar alguma coisa, vocês dirão: ‘O Senhor precisa deles, mas logo os mandará de volta.’ ” ⁴Isso aconteceu para se cumprir o que foi dito pelo profeta: ⁵“Digam à filha de Sião: eis que o seu rei está chegando até você. Ele é manso e está montado num jumento, num jumentinho, cria de um animal de carga.” ⁶Os discípulos foram e fizeram como Jesus tinha mandado. ⁷Levaram a jumenta e o jumentinho, estenderam os mantos sobre eles, e Jesus montou. ⁸Uma grande multidão estendeu seus mantos pelo caminho; outros cortaram ramos de árvores e os espalharam pelo caminho. ⁹As multidões, que iam na frente e atrás de Jesus, gritavam: “Hosana ao Filho de Davi! Bendito aquele que vem em nome do Senhor! Hosana no mais alto do céu!” ¹⁰Quando Jesus entrou em Jerusalém, toda a cidade ficou agitada, e perguntavam: “Quem é ele?” ¹¹E as multidões respondiam: “É o profeta Jesus, de Nazaré da Galileia.” [21,1-11]

Jesus, centro da nova aliança — ¹²Jesus entrou no Templo, e expulsou todos os que vendiam e compravam no Templo. Derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos vendedores de pombas. ¹³E disse: “Está nas Escrituras: ‘Minha casa será chamada casa de oração’. No entanto, vocês fizeram dela uma toca de ladrões.”

¹⁴Os cegos e aleijados chegaram perto de Jesus no Templo, e ele os curou. ¹⁵Os chefes dos sacerdotes e doutores da Lei ficaram indignados, quando viram as maravilhas que Jesus fazia, e as crianças gritando no Templo: “Hosana ao filho de Davi!” ¹⁶Então eles disseram a Jesus: “Estás ouvindo o que dizem?” Jesus respondeu: “Estou. Vocês nunca leram na Escritura: ‘Da boca das crianças

e dos que mamam tiraste um louvor’?” ¹⁷ Jesus então os deixou, saiu da cidade e foi para Betânia, onde passou a noite. [12-17]

A sociedade estéril e a comunidade fecunda — ¹⁸ Na manhã seguinte, voltando para a cidade, Jesus ficou com fome. ¹⁹ Viu uma figueira perto do caminho, foi até lá, mas não achou nada, a não ser folhas. Então Jesus disse à figueira: “Que você nunca mais dê frutos.” E, no mesmo instante, a figueira secou. ²⁰ Vendo isso, os discípulos ficaram espantados e disseram: “Como é que secou tão depressa?” ²¹ Jesus respondeu: “Eu lhes garanto: se vocês tiverem fé, e não duvidarem, vocês farão não só o que eu fiz com a figueira, mas também poderão dizer a essa montanha: ‘Levante-se e jogue-se no mar’, e isso acontecerá. ²² E tudo o que vocês na oração pedirem com fé, vocês receberão.” [18-22]

Jesus silencia as autoridades — ²³ Jesus voltou ao Templo. Enquanto ensinava, os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo se aproximaram e perguntaram: “Com que autoridade fazes tais coisas? Quem foi que te deu essa autoridade?” ²⁴ Jesus respondeu: “Eu também vou fazer uma pergunta para vocês. Se responderem, eu também direi a vocês com que autoridade faço isso. ²⁵ De onde era o batismo de João? Do céu ou dos homens?” Mas eles raciocinavam, pensando: “Se respondemos que vinha do céu, ele vai dizer: ‘Então, por que vocês não acreditaram em João?’ ²⁶ Se respondemos que vinha dos homens, temos medo da multidão, pois todos consideram João como um profeta.” ²⁷ Eles então responderam a Jesus: “Não sabemos.” E Jesus disse a eles: “Pois eu também não vou dizer a vocês com que autoridade faço essas coisas.” [23-27]

Os dois filhos — ²⁸ “O que vocês acham disto? Certo homem tinha dois filhos. Ele foi ao primeiro e disse: ‘Filho, vá trabalhar hoje na vinha’. ²⁹ O filho respondeu: ‘Não quero’. Mas depois arrependeu-se e foi. ³⁰ O pai dirigiu-se ao outro filho, e disse a mesma coisa. Esse respondeu: ‘Sim, senhor, eu vou’. Mas não foi. ³¹ Qual dos dois fez a vontade do pai?” Os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo responderam: “O primeiro.” Então Jesus lhes disse: “Pois eu garanto a vocês: os cobradores de impostos e as prostitutas vão entrar antes de vocês no Reino do Céu. ³² Porque João veio até vocês para mostrar o caminho da justiça, e vocês não acreditaram nele. Os cobradores de impostos e as prostitutas acreditaram nele. Vocês, porém, mesmo vendo isso, não se arrependeram para acreditar nele.” [28-32]

Jesus acusa as autoridades — ³³ “Escutem essa outra parábola: Certo

proprietário plantou uma vinha, cercou-a, fez um tanque para pisar a uva e construiu uma torre de guarda. Depois arrendou a vinha para alguns agricultores e viajou para o estrangeiro. ³⁴Quando chegou o tempo da colheita, o proprietário mandou seus empregados aos agricultores para receber os frutos. ³⁵Os agricultores, porém, agarraram os empregados, bateram num, mataram outro, e apedrejaram o terceiro. ³⁶O proprietário mandou de novo outros empregados, em maior número que os primeiros. Mas eles os trataram da mesma forma. ³⁷Finalmente, o proprietário enviou-lhes o seu próprio filho, pensando: ‘Eles vão respeitar o meu filho’. ³⁸Os agricultores, porém, ao verem o filho, pensaram: ‘Esse é o herdeiro. Venham, vamos matá-lo e tomar posse da sua herança’. ³⁹Então agarraram o filho, o jogaram para fora da vinha e o mataram. ⁴⁰Pois bem: quando o dono da vinha voltar, o que irá fazer com esses agricultores?” ⁴¹Os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo responderam: “É claro que mandará matar de modo violento esses perversos, e arrendará a vinha a outros agricultores, que lhe entregarão os frutos no tempo certo.” ⁴²Então Jesus disse a eles: “Vocês nunca leram na Escritura: ‘A pedra que os construtores deixaram de lado tornou-se a pedra mais importante; isso foi feito pelo Senhor, e é admirável aos nossos olhos’?” ⁴³Por isso eu lhes afirmo: o Reino de Deus será tirado de vocês, e será entregue a uma nação que produzirá seus frutos. ⁴⁴Quem cair sobre essa pedra, ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair, será esmagado.”

⁴⁵Os chefes dos sacerdotes e os fariseus ouviram as parábolas de Jesus e compreenderam que estava falando deles. ⁴⁶Procuraram prender Jesus, mas ficaram com medo das multidões, pois elas consideravam Jesus um profeta. [33-46]

22 *O novo povo de Deus* — ¹Jesus voltou a falar em parábolas aos chefes dos sacerdotes e aos anciãos do povo. ²Ele dizia: “O Reino do Céu é como um rei que preparou a festa de casamento do seu filho. ³E mandou seus empregados chamar os convidados para a festa, mas estes não quiseram ir. ⁴O rei mandou outros empregados, dizendo: ‘Falem aos convidados que eu já preparei o banquete, os bois e animais gordos já foram abatidos, e tudo está pronto. Que venham para a festa’. ⁵Mas os convidados não deram a menor atenção; um foi para o seu campo, outro foi fazer os seus negócios, ⁶e outros agarraram os empregados, bateram neles e os mataram. ⁷Indignado, o rei mandou suas tropas, que mataram aqueles assassinos, e puseram fogo na cidade deles.

⁸Em seguida, o rei disse aos empregados: ‘A festa de casamento está pronta, mas os convidados não a mereceram. ⁹Portanto, vão até as encruzilhadas dos caminhos e convidem para a festa todos os que vocês encontrarem’. ¹⁰Então os empregados saíram pelos caminhos e reuniram todos os que encontraram, maus e bons. E a sala da festa ficou cheia de convidados.

¹¹Quando o rei entrou para ver os convidados, observou aí alguém que não estava usando o traje de festa. ¹²E lhe perguntou: ‘Amigo, como foi que você entrou aqui sem o traje de festa?’ Mas o homem nada respondeu. ¹³Então o rei disse aos que serviam: ‘Amarrem os pés e as mãos desse homem, e o joguem fora na escuridão. Aí haverá choro e ranger de dentes’. ¹⁴Porque muitos são chamados, e poucos são escolhidos.” [22,1-14]

O povo pertence a Deus — ¹⁵Então os fariseus se retiraram e fizeram um plano para apanhar Jesus em alguma palavra. ¹⁶Mandaram os seus discípulos, junto com alguns partidários de Herodes, para dizerem a Jesus: “Mestre, sabemos que tu és verdadeiro e que ensinas de fato o caminho de Deus. Tu não dás preferência a ninguém, porque não levas em conta as aparências. ¹⁷Dize-nos, então, o que pensas: É lícito ou não é, pagar imposto a César?” ¹⁸Jesus percebeu a maldade deles e disse: “Hipócritas! Por que vocês me tentam? ¹⁹Mostrem-me a moeda do imposto.” Levaram então a ele a moeda. ²⁰E Jesus perguntou: “De quem é a figura e inscrição nesta moeda?” ²¹Eles responderam: “É de César.” Então Jesus disse: “Pois devolvam a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.” ²²Ouvindo isso, eles ficaram admirados. Deixaram Jesus e foram embora. [15-22]

Deus comprometido com a vida — ²³Os saduceus afirmam que não existe ressurreição. Alguns deles se aproximaram de Jesus e lhe propuseram este caso: ²⁴“Mestre, Moisés disse: ‘Se alguém morrer sem ter filhos, o irmão desse homem deve casar-se com a viúva, a fim de que possam ter filhos em nome do irmão que morreu’. ²⁵Pois bem, havia entre nós sete irmãos. O primeiro casou-se e morreu sem ter filhos, deixando a mulher para seu irmão. ²⁶Do mesmo modo aconteceu com o segundo e o terceiro, e assim com os sete. ²⁷Depois de todos eles, morreu também a mulher. ²⁸Na ressurreição, de qual dos sete ela será mulher? De fato, todos a tiveram.” ²⁹Jesus respondeu: “Vocês estão enganados, porque não conhecem as Escrituras, nem o poder de Deus. ³⁰De fato, na ressurreição, os homens e as mulheres não se casarão, pois serão como os anjos

do céu. ³¹E, quanto à ressurreição, será que não leram o que Deus disse a vocês: ³²‘Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó’? Ora, ele não é Deus dos mortos, mas dos vivos.” ³³Ouvindo isso, as multidões ficaram impressionadas com o ensinamento de Jesus. [23-33]

O centro da vida — ³⁴Os fariseus ouviram dizer que Jesus tinha feito os saduceus se calarem. Então eles se reuniram em grupo, ³⁵e um deles perguntou a Jesus para o tentar: ³⁶“Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?” ³⁷Jesus respondeu: “Ame ao Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma e com todo o seu entendimento. ³⁸Esse é o maior e o primeiro mandamento. ³⁹O segundo é semelhante a esse: Ame ao seu próximo como a si mesmo. ⁴⁰Toda a Lei e os Profetas dependem desses dois mandamentos.” [34-40]

Jesus está acima de Davi — ⁴¹Os fariseus estavam reunidos, e Jesus lhes perguntou: ⁴²“O que é que vocês acham do Messias? Ele é filho de quem?” Os fariseus responderam: “De Davi.” ⁴³Então Jesus disse: “Como é que Davi, pelo Espírito, o chama Senhor, quando afirma: ⁴⁴‘O Senhor disse ao meu Senhor: sente-se à minha direita, até que eu ponha os seus inimigos debaixo dos seus pés’? ⁴⁵Se o próprio Davi o chama de Senhor, como ele pode ser seu filho?” ⁴⁶E ninguém podia responder a Jesus uma só palavra. Desse dia em diante, ninguém mais se arriscou a fazer perguntas a Jesus. [41-46]

23 ***Jesus condena a dominação intelectual*** — ¹Jesus falou às multidões e aos seus discípulos: ²“Os doutores da Lei e os fariseus têm autoridade para interpretar a Lei de Moisés. ³Por isso, vocês devem fazer e observar tudo o que eles dizem. Mas não imitem suas ações, pois eles falam e não praticam. ⁴Amarram pesados fardos e os colocam no ombro dos outros, mas eles mesmos não estão dispostos a movê-los, nem sequer com um dedo. ⁵Fazem todas as suas ações só para serem vistos pelos outros. Vejam como eles usam faixas largas na testa e nos braços, e como põem na roupa longas franjas, com trechos da Escritura. ⁶Gostam dos lugares de honra nos banquetes e dos primeiros lugares nas sinagogas; ⁷gostam de ser cumprimentados nas praças públicas, e de que as pessoas os chamem mestre. ⁸Quanto a vocês, nunca se deixem chamar mestre, pois um só é o Mestre de vocês, e todos vocês são irmãos. ⁹Na terra, não chamem a ninguém Pai, pois um só é o Pai de vocês, aquele que está no céu. ¹⁰Não deixem que os outros chamem vocês líderes, pois um só é o Líder de

vocês: o Messias. ¹¹Pelo contrário, o maior de vocês deve ser aquele que serve a vocês. ¹²Quem se eleva será humilhado, e quem se humilha será elevado.” [23,1-12]

Jesus condena a hipocrisia religiosa — ¹³“Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês fecham o Reino do Céu para os homens. Nem vocês entram, nem deixam entrar aqueles que desejam. ¹⁴Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês exploram as viúvas e roubam suas casas e, para disfarçar, fazem longas orações! Por isso, vocês vão receber uma condenação mais severa. ¹⁵Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês percorrem o mar e a terra para converter alguém, e quando conseguem, o tornam merecedor do inferno duas vezes mais do que vocês. ¹⁶Ai de vocês, guias cegos! Vocês dizem: ‘Se alguém jura pelo Templo, não fica obrigado, mas se alguém jura pelo ouro do Templo, fica obrigado’. ¹⁷Irresponsáveis e cegos! O que vale mais: o ouro ou o Templo que santifica o ouro? ¹⁸Vocês dizem também: ‘Se alguém jura pelo altar, não fica obrigado, mas se alguém jura pela oferta que está sobre o altar, esse fica obrigado’. ¹⁹Cegos! O que vale mais: a oferta ou o altar que santifica a oferta? ²⁰De fato, quem jura pelo altar, jura por ele e por tudo o que está sobre ele. ²¹E quem jura pelo Templo, jura por ele e por Deus que habita no Templo. ²²E quem jura pelo céu, jura pelo trono de Deus e por aquele que nele está sentado. ²³Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês pagam o dízimo da hortelã, da erva-doce e do cominho, e deixam de lado os ensinamentos mais importantes da Lei, como a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Vocês deveriam praticar isso, sem deixar aquilo. ²⁴Guias cegos! Vocês coam um mosquito, mas engolem um camelo. ²⁵Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês limpam o copo e o prato por fora, mas por dentro vocês estão cheios de desejos de roubo e cobiça. ²⁶Fariseu cego! Limpe primeiro o copo por dentro, e assim o lado de fora também ficará limpo. ²⁷Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês são como sepulcros caiados: por fora parecem bonitos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e podridão! ²⁸Assim também vocês: por fora, parecem justos diante dos outros, mas por dentro estão cheios de hipocrisia e injustiça. ²⁹Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês constroem sepulcros para os profetas e enfeitam os túmulos dos justos, ³⁰e dizem: ‘Se tivéssemos vivido no tempo de nossos pais, não teríamos sido cúmplices na morte dos profetas’. ³¹Com isso, vocês

confessam que são filhos daqueles que mataram os profetas. ³²Pois bem: acabem de encher a medida dos pais de vocês! ³³Serpentes, raça de cobras venenosas! Como é que vocês poderiam escapar da condenação do inferno? ³⁴É por isso que eu envio a vocês profetas, sábios e doutores: a uns vocês matarão e crucificarão, a outros torturarão nas sinagogas de vocês, e os perseguirão de cidade em cidade. ³⁵Desse modo, virá sobre vocês todo o sangue inocente derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que vocês assassinaram entre o santuário e o altar. ³⁶Eu garanto a vocês: tudo isso acontecerá a essa geração.” [13-36]

O julgamento sobre Jerusalém — ³⁷“Jerusalém, Jerusalém, que mata os profetas e apedreja os que foram enviados a você! Quantas vezes eu quis reunir seus filhos, como a galinha reúne os pintinhos debaixo das asas, mas você não quis! ³⁸Vejam! a casa de vocês ficará deserta. ³⁹De fato, eu lhes digo que, daqui em diante, vocês não me verão mais, até que digam: Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor!” [37-39]

Discurso: A vinda do Filho do Homem

24 *O fim ainda não chegou* — ¹Jesus saiu do Templo, e ia embora, quando os discípulos se aproximaram dele para lhe mostrar as construções do Templo.

²Jesus respondeu: “Vocês estão vendo tudo isso? Eu garanto a vocês: aqui não ficará pedra sobre pedra; tudo será destruído.”

³Jesus estava sentado no monte das Oliveiras. Seus discípulos se aproximaram dele em particular e disseram: “Dize-nos quando vai acontecer isso, e qual será o sinal da tua vinda e do fim do mundo.” ⁴Jesus respondeu: “Cuidado, para que ninguém engane vocês. ⁵Porque muitos virão em meu nome, dizendo: ‘Eu sou o Messias’. E enganarão muita gente. ⁶Vocês vão ouvir falar de guerras e rumores de guerra. Prestem atenção, e não fiquem assustados, pois essas coisas devem acontecer, mas ainda não é o fim. ⁷De fato, uma nação lutará contra outra, e um reino contra outro reino. Haverá fome e terremotos em vários lugares. ⁸Mas tudo isso é o começo das dores.” [24,1-8]

A coragem do testemunho — ⁹“Então os homens vão entregar vocês à tribulação e matá-los. Vocês serão odiados por todas as nações por causa do meu nome. ¹⁰Muitos ficarão escandalizados, trairão e odiarão uns aos outros. ¹¹Vão surgir muitos falsos profetas, que enganarão muita gente. ¹²A maldade se espalhará tanto, que o amor de muitos se resfriará. ¹³Mas quem perseverar até o fim, será salvo. ¹⁴E esta Boa Notícia sobre o Reino será anunciada pelo mundo inteiro, como um testemunho para todas as nações. Então chegará o fim.” [9-14]

Estejam prevenidos — ¹⁵“Quando vocês virem a abominação da desolação, da qual falou o profeta Daniel, estabelecida no lugar onde não deveria estar, — que o leitor entenda! — ¹⁶então, os que estiverem na Judeia fujam para as montanhas. ¹⁷Quem estiver no terraço, não desça para apanhar os bens de sua casa. ¹⁸Quem estiver no campo, não volte para pegar o manto. ¹⁹Infelizes as mulheres grávidas e aquelas que estiverem amamentando nesses dias!

²⁰Rezem para que a fuga de vocês não aconteça no inverno, nem num dia de sábado. ²¹Pois, nessa hora haverá uma grande tribulação, como nunca houve outra igual. ²²Se esses dias não fossem abreviados, ninguém conseguiria salvar-se. Mas esses dias serão abreviados por causa dos eleitos.

²³Se alguém disser a vocês: ‘Aqui está o Messias’, ou: ‘Ele está ali’, não

acreditem. ²⁴Porque vão aparecer falsos messias e falsos profetas, que farão grandes sinais e prodígios, a ponto de enganar até mesmo os eleitos, se fosse possível. ²⁵Vejam que eu estou falando isso para vocês, antes que aconteça. ²⁶Se disserem a vocês: ‘O Messias está no deserto’, não saiam; ‘Ele está aqui no esconderijo’, não acreditem. ²⁷Porque a vinda do Filho do Homem será como o relâmpago que sai do oriente e brilha até o ocidente. ²⁸Onde estiver o cadáver, aí se reunirão os urubus.” [15-28]

A história e o fim dos tempos — ²⁹“Logo depois da tribulação daqueles dias, o sol vai ficar escuro, a lua não brilhará mais, as estrelas cairão do céu, e os poderes do espaço ficarão abalados. ³⁰Então aparecerá o sinal do Filho do Homem no céu; todas as tribos da terra baterão no peito e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória. ³¹Ele enviará seus anjos que tocarão bem alto a trombeta, e que reunirão os eleitos dele, desde os quatro cantos da terra, de um extremo do céu até o outro.” [29-31]

Fiquem vigiando — ³²“Aprendam, portanto, a parábola da figueira: quando seus ramos ficam verdes, e as folhas começam a brotar, vocês sabem que o verão está perto. ³³Vocês também, quando virem todas essas coisas, fiquem sabendo que ele está perto, já está às portas. ³⁴Eu garanto a vocês: tudo isso vai acontecer antes que morra esta geração que agora vive. ³⁵O céu e a terra desaparecerão, mas as minhas palavras não desaparecerão. ³⁶Quanto a esse dia e essa hora, ninguém sabe nada, nem os anjos do céu, nem o Filho. Somente o Pai é quem sabe.

³⁷A vinda do Filho do Homem será como no tempo de Noé. ³⁸Porque, nos dias antes do dilúvio todos comiam e bebiam, casavam-se e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca. ³⁹E eles nada perceberam, até que veio o dilúvio, e arrastou a todos. Assim acontecerá também na vinda do Filho do Homem. ⁴⁰Dois homens estarão trabalhando no campo: um será levado e o outro será deixado. ⁴¹Duas mulheres estarão moendo no moinho: uma será levada, a outra será deixada. ⁴²Portanto, fiquem vigiando! Porque vocês não sabem em que dia virá o Senhor de vocês. ⁴³Compreendam bem isto: se o dono da casa soubesse a que horas viria o ladrão, certamente ficaria vigiando, e não deixaria que a sua casa fosse arrombada. ⁴⁴Por isso, também vocês estejam preparados. Porque o Filho do Homem virá na hora em que vocês menos esperarem.

⁴⁵Qual é o empregado fiel e prudente? É aquele que o Senhor colocou como

responsável pelos outros empregados, para dar comida a eles na hora certa. ⁴⁶Feliz o empregado cujo senhor o encontrar fazendo assim quando voltar. ⁴⁷Eu garanto a vocês: ele colocará esse empregado à frente de todos os seus bens. ⁴⁸Mas, se for mau empregado, pensará: ‘Meu senhor está demorando’. ⁴⁹Então começará a bater nos companheiros, a comer e a beber com os bêbados. ⁵⁰O senhor desse empregado virá num dia em que ele não espera, e numa hora que ele não conhece. ⁵¹Então o senhor o cortará em pedaços e o fará participar da mesma sorte dos hipócritas. Aí haverá choro e ranger de dentes.” [32-51]

25 *Estejam preparados* — ¹“Naquele dia, o Reino do Céu será como dez virgens que pegaram suas lâmpadas de óleo e saíram ao encontro do noivo. ²Cinco delas não tinham juízo, e as outras cinco eram prudentes. ³Aquelas sem juízo pegaram suas lâmpadas, mas não levaram óleo consigo. ⁴As prudentes, porém, levaram vasilhas com óleo, junto com as lâmpadas. ⁵O noivo estava demorando, e todas elas acabaram cochilando e dormiram. ⁶No meio da noite, ouviu-se um grito: ‘O noivo está chegando. Saiam ao seu encontro’. ⁷Então as dez virgens se levantaram e prepararam as lâmpadas. ⁸Aquelas que eram sem juízo disseram às prudentes: ‘Deem um pouco de óleo para nós, porque nossas lâmpadas estão se apagando’. ⁹As prudentes responderam: ‘De modo nenhum, porque o óleo pode faltar para nós e para vocês. É melhor vocês irem aos vendedores e comprar’. ¹⁰Enquanto elas foram comprar óleo, o noivo chegou, e as que estavam preparadas entraram com ele para a festa de casamento. E a porta se fechou. ¹¹Por fim, chegaram também as outras virgens e disseram: ‘Senhor, Senhor, abre a porta para nós’. ¹²Ele, porém, respondeu: ‘Eu garanto a vocês que não as conheço’. ¹³Portanto, fiquem vigiando, pois vocês não sabem qual será o dia, nem a hora.” [25,1-13]

Esperar, arriscando — ¹⁴“Acontecerá como um homem que ia viajar para o estrangeiro. Chamando seus empregados, entregou seus bens a eles. ¹⁵A um deu cinco talentos, a outro dois, e um ao terceiro: a cada qual de acordo com a própria capacidade. Em seguida, viajou para o estrangeiro.

¹⁶O empregado que havia recebido cinco talentos saiu logo, trabalhou com eles, e lucrou outros cinco. ¹⁷Do mesmo modo o que havia recebido dois lucrou outros dois. ¹⁸Mas aquele que havia recebido um só, saiu, cavou um buraco na terra e escondeu o dinheiro do seu patrão.

¹⁹Depois de muito tempo, o patrão voltou e foi ajustar contas com os

empregados. ²⁰O empregado que havia recebido cinco talentos entregou-lhe mais cinco, dizendo: ‘Senhor, tu me entregaste cinco talentos. Aqui estão mais cinco que lucrei’. ²¹O patrão disse: ‘Muito bem, empregado bom e fiel! Como você foi fiel na administração de tão pouco, eu lhe confiarei muito mais. Venha participar da minha alegria’. ²²Chegou também o que havia recebido dois talentos, e disse: ‘Senhor, tu me entregaste dois talentos. Aqui estão mais dois que lucrei’. ²³O patrão disse: ‘Muito bem, empregado bom e fiel! Como você foi fiel na administração de tão pouco, eu lhe confiarei muito mais. Venha participar da minha alegria’. ²⁴Por fim, chegou aquele que havia recebido um talento, e disse: ‘Senhor, eu sei que tu és um homem severo pois colhes onde não plantaste e recolhes onde não semeaste. ²⁵Por isso, fiquei com medo e escondi o teu talento no chão. Aqui tens o que te pertence’. ²⁶O patrão lhe respondeu: “Empregado mau e preguiçoso! Você sabia que eu colho onde não plantei e que recolho onde não semei. ²⁷Então você devia ter depositado meu dinheiro no banco, para que, na volta, eu recebesse com juros o que me pertence’. ²⁸Em seguida o patrão ordenou: ‘Tirem dele o talento, e deem ao que tem dez. ²⁹Porque, a todo aquele que tem, será dado mais, e terá em abundância. Mas daquele que não tem, até o que tem lhe será tirado. ³⁰Quanto a esse empregado inútil, joguem-no lá fora, na escuridão. Aí haverá choro e ranger de dentes.” [14-30]

O juízo final — ³¹“Quando o Filho do Homem vier na sua glória, acompanhado de todos os anjos, então se assentará em seu trono glorioso. ³²Todos os povos da terra serão reunidos diante dele, e ele separará uns dos outros, assim como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. ³³E colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. ³⁴Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: ‘Venham vocês, que são abençoados por meu Pai. Recebam como herança o Reino que meu Pai lhes preparou desde a criação do mundo. ³⁵Pois eu estava com fome, e vocês me deram de comer; eu estava com sede, e me deram de beber; eu era estrangeiro, e me receberam em sua casa; ³⁶eu estava sem roupa, e me vestiram; eu estava doente, e cuidaram de mim; eu estava na prisão, e vocês foram me visitar’. ³⁷Então os justos lhe perguntarão: ‘Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber? ³⁸Quando foi que te vimos como estrangeiro e te recebemos em casa, e sem roupa e te vestimos? ³⁹Quando foi que te vimos doente ou preso, e fomos te visitar?’

⁴⁰Então o Rei lhes responderá: ‘Eu garanto a vocês: todas as vezes que vocês fizeram isso a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizeram.’

⁴¹Depois o Rei dirá aos que estiverem à sua esquerda: ‘Afastem-se de mim, malditos. Vão para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. ⁴²Porque eu estava com fome, e vocês não me deram de comer; eu estava com sede, e não me deram de beber; ⁴³eu era estrangeiro, e vocês não me receberam em casa; eu estava sem roupa, e não me vestiram; eu estava doente e na prisão, e vocês não me foram visitar’. ⁴⁴Também estes responderão: ‘Senhor, quando foi que te vimos com fome, ou com sede, como estrangeiro, ou sem roupa, doente ou preso, e não te servimos?’ ⁴⁵Então o Rei responderá a esses: ‘Eu garanto a vocês: todas as vezes que vocês não fizeram isso a um desses pequeninos, foi a mim que não o fizeram’. ⁴⁶Portanto, estes irão para o castigo eterno, enquanto os justos irão para a vida eterna.” [\[31-46\]](#)

PAIXÃO E RESSURREIÇÃO DE JESUS

26 *O Messias vai ser morto* — ¹Quando Jesus acabou de dizer todas essas palavras, ele falou a seus discípulos: ²“Vocês sabem que daqui a dois dias vai ser a festa da Páscoa, e o Filho do Homem será entregue para ser crucificado.”

³Então os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram no palácio de Caifás, o sumo sacerdote. ⁴Decidiram juntos que prenderiam Jesus com esperteza, e o matariam. ⁵Mas diziam: “Não vamos fazer isso durante a festa, para que não haja confusão no meio do povo.”

⁶Jesus se encontrava em Betânia, na casa de Simão, o leproso. ⁷Então chegou uma mulher com um vaso de alabastro, cheio de perfume muito precioso. Ela derramou o perfume na cabeça de Jesus, enquanto ele estava à mesa. ⁸Vendo isso, os discípulos ficaram com raiva e disseram: “Por que esse desperdício? ⁹Isso poderia ser vendido bem caro, para dar o dinheiro aos pobres.” ¹⁰Jesus percebeu e disse: “Por que vocês aborrecem essa mulher? Ela está me fazendo uma coisa muito boa. ¹¹Vocês terão sempre os pobres com vocês, mas eu não vou estar sempre com vocês. ¹²Ela derramou esse perfume em meu corpo, preparando-me para a sepultura. ¹³Eu garanto a vocês: por toda a parte onde esta Boa Notícia for pregada, também contarão o que ela fez, e ela será lembrada.”

¹⁴Então um dos Doze, chamado Judas Iscariotes, foi aos chefes dos sacerdotes ¹⁵e disse: “O que é que vocês me darão para eu entregar Jesus a vocês?” Combinaram, então, trinta moedas de prata. ¹⁶E a partir desse momento, Judas procurava uma boa oportunidade para entregar Jesus. [26,1-16]

O novo Cordeiro pascal — ¹⁷No primeiro dia dos ázimos, os discípulos se aproximaram de Jesus e perguntaram: “Onde queres que façamos os preparativos para comermos a Páscoa?” ¹⁸Jesus respondeu: “Vão à cidade, procurem certo homem, e lhe digam: ‘O Mestre manda dizer: O meu tempo está próximo, eu vou celebrar a Páscoa em sua casa, junto com os meus discípulos.’ ” ¹⁹Os discípulos fizeram como Jesus mandou e prepararam a Páscoa. ²⁰Ao cair da tarde, Jesus se pôs à mesa com os doze discípulos. ²¹Enquanto comiam, Jesus disse: “Eu lhes garanto: um de vocês vai me trair.” ²²Eles ficaram muito tristes e, um por um, começaram a lhe perguntar: “Senhor, será que sou eu?” ²³Jesus respondeu: “Quem vai me trair é aquele que comigo põe a mão no prato. ²⁴O

Filho do Homem vai morrer, conforme a Escritura fala a respeito dele. Porém, ai daquele que trair o Filho do Homem. Seria melhor que nunca tivesse nascido!”

²⁵Então Judas, o traidor, perguntou: “Mestre, será que sou eu?” Jesus lhe respondeu: “É como você acaba de dizer.” [17-25]

A instituição da Eucaristia — ²⁶Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo pronunciado a bênção, o partiu, distribuiu aos discípulos e disse: “Tomem e comam, isto é o meu corpo.” ²⁷Em seguida, tomou um cálice, agradeceu e deu a eles, dizendo: “Bebam dele todos, ²⁸pois isto é o meu sangue, o sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos, para remissão dos pecados. ²⁹Eu lhes digo: de hoje em diante não beberei desse fruto da videira, até o dia em que, com vocês, beberei o vinho novo no reino do meu Pai.” [26-29]

A fidelidade de Jesus aos seus — ³⁰Depois de terem cantado salmos, foram para o monte das Oliveiras. ³¹Então Jesus disse aos discípulos: “Esta noite vocês todos vão ficar desorientados por minha causa, porque a Escritura diz: ‘Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho se dispersarão’. ³²Mas depois de ressuscitar, eu irei à frente de vocês para a Galileia.” ³³Pedro disse a Jesus: “Ainda que todos fiquem desorientados por tua causa, eu jamais ficarei.” ³⁴Jesus declarou: “Eu garanto a você: esta noite, antes que o galo cante, você me negará três vezes.” ³⁵Pedro respondeu: “Ainda que eu tenha de morrer contigo, mesmo assim não te negarei.” E todos os discípulos disseram a mesma coisa. [30-35]

A grande tentação — ³⁶Então Jesus foi com eles a um lugar chamado Getsêmani. E disse aos discípulos: “Sentem-se aqui, enquanto eu vou até ali para rezar.” ³⁷Jesus levou consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, e começou a ficar triste e angustiado. ³⁸Então disse a eles: “Minha alma está numa tristeza de morte. Fiquem aqui e vigiem comigo.” ³⁹Jesus foi um pouco mais adiante, prostrou-se com o rosto por terra e rezou: “Meu Pai, se é possível, afaste-se de mim este cálice. Contudo, não seja feito como eu quero, e sim como tu queres.” ⁴⁰Voltando para junto dos discípulos, Jesus encontrou-os dormindo. Disse a Pedro: “Como assim? Vocês não puderam vigiar nem sequer uma hora comigo?” ⁴¹Vigiem e rezem, para não caírem na tentação, porque o espírito está pronto, mas a carne é fraca.”

⁴²Jesus afastou-se pela segunda vez e rezou: “Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que eu o beba, seja feita a tua vontade!” ⁴³Ele voltou de novo e encontrou os discípulos dormindo, porque seus olhos estavam pesados de sono.

⁴⁴Deixando-os, Jesus afastou-se e rezou pela terceira vez, repetindo as mesmas palavras. ⁴⁵Então voltou para junto dos discípulos e disse: “Agora vocês podem dormir e descansar. Olhem, a hora está chegando. Vejam: o Filho do Homem vai ser entregue ao poder dos pecadores. ⁴⁶Levantem-se! Vamos! Aquele que vai me trair já está chegando.” [36-46]

Fidelidade até o fim — ⁴⁷Jesus ainda falava, quando chegou Judas, um dos Doze, com uma grande multidão armada de espadas e paus. Iam da parte dos chefes dos sacerdotes e dos anciãos do povo. ⁴⁸O traidor tinha combinado com eles um sinal, dizendo: “Jesus é aquele que eu beijar; prendam.” ⁴⁹Judas logo se aproximou de Jesus e disse: “Salve, Mestre.” E o beijou. ⁵⁰Jesus lhe disse: “Amigo, faça logo o que tem a fazer.” Então os outros avançaram, lançaram as mãos sobre Jesus e o prenderam. ⁵¹Nesse momento, um dos que estavam com Jesus estendeu a mão, puxou da espada e feriu o empregado do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha. ⁵²Jesus, porém, lhe disse: “Guarde a espada na bainha. Pois todos os que usam a espada, pela espada morrerão. ⁵³Ou você pensa que eu não poderia pedir socorro ao meu Pai? Ele me mandaria logo mais de doze legiões de anjos. ⁵⁴E, então, como se cumpririam as Escrituras, que dizem que isso deve acontecer?”

⁵⁵E nessa hora, Jesus disse às multidões: “Vocês saíram com espadas e paus para me prender, como se eu fosse um bandido. Todos os dias, no Templo, eu me sentava para ensinar, e vocês não me prenderam.” ⁵⁶Porém, tudo isso aconteceu para se cumprir o que os profetas escreveram. Então todos os discípulos, abandonando Jesus, fugiram. [47-56]

Jesus é o juiz — ⁵⁷Aqueles que prenderam Jesus o levaram à casa do sumo sacerdote Caifás, onde os doutores da Lei e os anciãos estavam reunidos. ⁵⁸Pedro seguiu Jesus de longe, até o pátio da casa do sumo sacerdote. Entrou e sentou-se com os guardas, para ver como terminaria tudo isso.

⁵⁹Ora, os chefes dos sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam algum falso testemunho contra Jesus, a fim de o condenarem à morte. ⁶⁰E nada encontraram, embora se apresentassem muitas falsas testemunhas. Por fim, se apresentaram duas testemunhas, ⁶¹e afirmaram: “Esse homem declarou: ‘Posso destruir o Templo de Deus, e construí-lo de novo em três dias.’ ” ⁶²Então o sumo sacerdote levantou-se e perguntou a Jesus: “Nada tens a responder ao que esses testemunham contra ti?” ⁶³Mas Jesus continuou calado. E o sumo sacerdote

disse: “Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Messias, o Filho de Deus.” ⁶⁴Jesus respondeu: “É como você acabou de dizer. Além disso, eu lhes digo: de agora em diante, vocês verão o Filho do Homem sentado à direita do Todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do céu.” ⁶⁵Então o sumo sacerdote rasgou as próprias vestes e disse: “Blasfemou! Que necessidade temos ainda de testemunhas? Pois agora mesmo vocês ouviram a blasfêmia. ⁶⁶O que vocês acham?” Responderam: “É réu de morte!” ⁶⁷Então cuspiram no rosto de Jesus e o esbofetearam. Outros lhe deram bordoadas, ⁶⁸dizendo: “Faze-nos uma profecia, Messias: quem foi que te bateu?” [57-68]

Pedro cai na tentação — ⁶⁹Pedro estava sentado fora, no pátio. Uma criada chegou perto dele e disse: “Você também estava com Jesus, o galileu!” ⁷⁰Mas Pedro negou diante de todos: “Não sei o que você está dizendo.” ⁷¹E saiu para a entrada do pátio. Então outra criada viu Pedro e disse aos que aí estavam: “Esse também estava com Jesus, o Nazareno.” ⁷²Pedro negou outra vez, jurando: “Nem conheço esse homem!” ⁷³Pouco depois, os que aí estavam aproximaram-se de Pedro e disseram: “É claro que você também é um deles, pois o seu modo de falar o denuncia.” ⁷⁴Então Pedro começou a maldizer e a jurar, dizendo: “Nem conheço esse homem!” Nesse instante, o galo cantou. ⁷⁵Pedro se lembrou então do que Jesus tinha dito: “Antes que o galo cante, você me negará três vezes.” E, saindo, chorou amargamente. [69-75]

27 *Jesus é inocente* — ¹De manhã cedo, todos os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo convocaram um conselho contra Jesus, para o condenarem à morte. ²Eles o amarraram e o levaram, e o entregaram a Pilatos, o governador. ³Então Judas, o traidor, ao ver que Jesus fora condenado, sentiu remorso, e foi devolver as trinta moedas de prata aos chefes dos sacerdotes e anciãos, ⁴dizendo: “Pequei, entregando à morte sangue inocente.” Eles responderam: “E o que temos nós com isso? O problema é seu.” ⁵Judas jogou as moedas no santuário, saiu, e foi enforcar-se. ⁶Recolhendo as moedas, os chefes dos sacerdotes disseram: “É contra a Lei colocá-las no tesouro do Templo, porque é preço de sangue.” ⁷Então discutiram em conselho, e as deram em troca pelo Campo do Oleiro, para aí fazer o cemitério dos estrangeiros. ⁸É por isso que esse campo até hoje é chamado de “Campo de Sangue.” ⁹Assim se cumpriu o que tinha dito o profeta Jeremias: “Eles pegaram as trinta moedas de prata — preço com que os israelitas o avaliaram — ¹⁰e as deram em troca pelo Campo do Oleiro, conforme

o Senhor me ordenou.” [27,1-10]

Jesus ou Barrabás? — ¹¹Jesus foi posto diante do governador, e este o interrogou: “Tu és o rei dos judeus?” Jesus declarou: “É você que está dizendo isso.” ¹²E nada respondeu quando foi acusado pelos chefes dos sacerdotes e anciãos. ¹³Então Pilatos perguntou: “Não estás ouvindo de quanta coisa eles te acusam?” ¹⁴Mas Jesus não respondeu uma só palavra, e o governador ficou vivamente impressionado.

¹⁵Na festa da Páscoa, o governador costumava soltar o prisioneiro que a multidão quisesse. ¹⁶Nessa ocasião tinham um prisioneiro famoso, chamado Barrabás. ¹⁷Então Pilatos perguntou à multidão reunida: “Quem vocês querem que eu solte: Barrabás, ou Jesus, que chamam de Messias?” ¹⁸De fato, Pilatos bem sabia que eles haviam entregado Jesus por inveja. ¹⁹Enquanto Pilatos estava sentado no tribunal, sua mulher mandou dizer a ele: “Não se envolva com esse justo, porque esta noite, em sonhos, sofri muito por causa dele.” ²⁰Porém os chefes dos sacerdotes e os anciãos convenceram as multidões para que pedissem Barrabás, e que fizessem Jesus morrer. ²¹O governador tornou a perguntar: “Qual dos dois vocês querem que eu solte?” Eles gritaram: “Barrabás.” ²²Pilatos perguntou: “E o que vou fazer com Jesus, que chamam de Messias?” Todos gritaram: “Seja crucificado!” ²³Pilatos falou: “Mas que mal fez ele?” Eles, porém, gritaram com mais força: “Seja crucificado!” ²⁴Pilatos viu que nada conseguia, e que poderia haver uma revolta. Então mandou trazer água, lavou as mãos diante da multidão, e disse: “Eu não sou responsável pelo sangue desse homem. É um problema de vocês.” ²⁵O povo todo respondeu: “Que o sangue dele caia sobre nós e sobre os nossos filhos.” ²⁶Então Pilatos soltou Barrabás, mandou flagelar Jesus, e o entregou para ser crucificado. [11-26]

O verdadeiro Rei — ²⁷Em seguida, os soldados de Pilatos levaram Jesus ao palácio do governador, e reuniram toda a tropa em volta de Jesus. ²⁸Tiraram a roupa dele e o vestiram com um manto vermelho; ²⁹depois teceram uma coroa de espinhos, puseram a coroa em sua cabeça, e uma vara em sua mão direita. Então se ajoelharam diante de Jesus e zombaram dele, dizendo: “Salve, rei dos judeus!” ³⁰Cuspiram nele e, pegando a vara, bateram na sua cabeça. ³¹Depois de zombarem de Jesus, tiraram-lhe o manto vermelho e o vestiram de novo com as roupas dele; daí o levaram para crucificar. [27-31]

O verdadeiro Messias — ³²Quando saíram, encontraram um homem chamado

Simão, da cidade de Cirene, e o obrigaram a carregar a cruz de Jesus. ³³E chegaram a um lugar chamado Gólgota, que quer dizer “lugar da Caveira.” ³⁴Aí deram vinho misturado com fel para Jesus beber. Ele provou, mas não quis beber. ³⁵Depois de o crucificarem, fizeram um sorteio, repartindo entre si as roupas dele. ³⁶E ficaram aí sentados, montando guarda. ³⁷Acima da cabeça de Jesus puseram o motivo da sua condenação: “Este é Jesus, o Rei dos Judeus.” ³⁸Com Jesus, crucificaram também dois ladrões, um à direita e outro à esquerda. ³⁹As pessoas que passavam por aí o insultavam, balançando a cabeça ⁴⁰e dizendo: “Tu que ias destruir o Templo e construí-lo em três dias, salve-te a ti mesmo! Se és o Filho de Deus, desce da cruz!” ⁴¹Do mesmo modo, os chefes dos sacerdotes, junto com os doutores da Lei e os anciãos, também zombavam de Jesus: ⁴²“A outros ele salvou... A si mesmo não pode salvar! É Rei de Israel... Desça agora da cruz, e acreditaremos nele. ⁴³Confiou em Deus; que Deus o livre agora, se é que o ama! Pois ele disse: Eu sou Filho de Deus.” ⁴⁴Do mesmo modo, também os dois bandidos que foram crucificados com Jesus o insultavam. [32-44]

Jesus é o Filho de Deus — ⁴⁵Desde o meio-dia até às três horas da tarde houve escuridão sobre toda a terra. ⁴⁶Pelas três horas da tarde Jesus deu um forte grito: “Eli, Eli, lamá sabactâni?”, isto é: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” ⁴⁷Alguns dos que aí estavam, ouvindo isso, disseram: “Ele está chamando Elias!” ⁴⁸E logo um deles foi correndo pegar uma esponja, a ensopou em vinagre, colocou-a na ponta de uma vara, e deu para Jesus beber. ⁴⁹Outros, porém, disseram: “Deixe, vamos ver se Elias vem salvá-lo!” ⁵⁰Então Jesus deu outra vez um forte grito e entregou o espírito. ⁵¹Imediatamente a cortina do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo; a terra tremeu e as pedras se partiram. ⁵²Os túmulos se abriram e muitos santos falecidos ressuscitaram. ⁵³Saindo dos túmulos depois da ressurreição de Jesus, apareceram na Cidade Santa e foram vistos por muitas pessoas.

⁵⁴O oficial e o soldados que estavam com ele guardando Jesus, ao notarem o terremoto e tudo o que havia acontecido, ficaram com muito medo e disseram: “De fato, ele era mesmo Filho de Deus!” ⁵⁵Grande número de mulheres estavam aí, olhando de longe. Elas haviam acompanhado Jesus desde a Galileia, prestando-lhe serviços. ⁵⁶Entre elas estavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu. [45-56]

Fim da história? — ⁵⁷Ao entardecer, chegou um homem rico de Arimateia, chamado José, que também se tornara discípulo de Jesus. ⁵⁸Ele foi procurar Pilatos e pediu o corpo de Jesus. Então Pilatos deu ordem para que o cadáver fosse entregue a José. ⁵⁹José, tomando o corpo, o envolveu num lençol limpo, ⁶⁰e o colocou num túmulo novo, que ele mesmo havia mandado escavar na rocha. Em seguida, rolou uma grande pedra para fechar a entrada do túmulo, e retirou-se. ⁶¹Maria Madalena e a outra Maria estavam aí sentadas, em frente ao sepulcro.

⁶²No dia seguinte, um dia depois da Preparação, os chefes dos sacerdotes e os fariseus foram ter com Pilatos ⁶³e disseram: “Senhor, nós lembramos que aquele impostor, quando ainda estava vivo, falou: ‘Depois de três dias eu ressuscitarei’.” ⁶⁴Portanto, mande guardar o sepulcro até o terceiro dia, para não acontecer que os discípulos venham roubar o corpo, e digam ao povo: ‘Ele ressuscitou dos mortos!’ Então essa última mentira seria pior do que a primeira.” ⁶⁵Pilatos respondeu: “Vocês têm uma guarda: vão e guardem o sepulcro o melhor que puderem.” ⁶⁶Então eles foram manter o sepulcro em segurança: lacraram a pedra e montaram guarda. [57-66]

28 ***Jesus está vivo!*** — ¹Depois do sábado, ao amanhecer do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver a sepultura. ²De repente houve um grande tremor de terra: o anjo do Senhor desceu do céu e, aproximando-se, retirou a pedra e sentou-se nela. ³Sua aparência era como a de um relâmpago, e suas vestes eram brancas como a neve. ⁴Os guardas tremeram de medo diante do anjo, e ficaram como mortos. ⁵Então o anjo disse às mulheres: “Não tenham medo. Eu sei que vocês estão procurando Jesus, que foi crucificado. ⁶Ele não está aqui. Ressuscitou, como havia dito! Venham ver o lugar onde ele estava. ⁷E vão depressa contar aos discípulos que ele ressuscitou dos mortos e que vai à frente de vocês para a Galileia. Lá vocês o verão. É o que tenho a lhes dizer.” ⁸As mulheres saíram depressa do túmulo; estavam com medo, mas correram com muita alegria para dar a notícia aos discípulos. ⁹De repente, Jesus foi ao encontro delas e disse: “Alegrem-se!” As mulheres se aproximaram e se ajoelharam diante de Jesus, abraçando seus pés. ¹⁰Então Jesus disse a elas: “Não tenham medo. Vão anunciar aos meus irmãos que se dirijam para a Galileia. Lá eles me verão.” [28,1-10]

Reação dos inimigos — ¹¹Quando as mulheres partiram, alguns guardas do

túmulo foram à cidade, e comunicaram aos chefes dos sacerdotes tudo o que havia acontecido. ¹²Os chefes dos sacerdotes se reuniram com os anciãos e deram uma grande soma de dinheiro aos soldados, ¹³dizendo-lhes: “Digam que os discípulos dele foram durante a noite e roubaram o corpo, enquanto vocês dormiam. ¹⁴Se o governador ficar sabendo disso, nós o convenceremos, e vocês não precisam ficar preocupados.” ¹⁵Os soldados pegaram o dinheiro e agiram de acordo com as instruções recebidas. E assim, tal boato espalhou-se entre os judeus, até o dia de hoje. [11-15]

Jesus é o Senhor da história — ¹⁶Os onze discípulos foram para a Galileia, ao monte que Jesus lhes tinha indicado. ¹⁷Quando viram Jesus, ajoelharam-se diante dele. Ainda assim, alguns duvidaram. ¹⁸Então Jesus se aproximou e falou: “Toda a autoridade foi dada a mim no céu e sobre a terra. ¹⁹Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, ²⁰e ensinando-os a observar tudo o que ordenei a vocês. Eis que eu estou com vocês todos os dias, até o fim do mundo.” [145]

NOTAS

[1,1-17] Em Jesus, continua e chega ao ápice toda a história de Israel. Sua árvore genealógica apresenta-o como descendente direto de Davi e Abraão. Como filho de Davi, Jesus é o Rei-Messias que vai instaurar o Reino prometido. Como filho de Abraão, ele estenderá o Reino a todos os homens, através da presença e ação da Igreja.

[18-25] Jesus não é apenas filho da história dos homens. É o próprio Filho de Deus, o Deus que está conosco. Ele inicia nova história, em que os homens serão salvos (Jesus = Deus salva) de tudo o que diminui ou destrói a vida e a liberdade (os pecados).

[2, 1-12] Jesus é o Rei Salvador prometido pelas Escrituras. Sua vinda, porém, desperta reações diferentes. Aqueles que conhecem as Escrituras, em vez de se alegrarem com a realização das promessas, ficam alarmados, vendo em Jesus uma séria ameaça para o seu próprio modo de viver. Outros, apenas guiados por

um sinal, procuram Jesus e o acolhem como Rei Salvador. Não basta saber quem é o Messias; é preciso seguir os sinais da história que nos encaminham para reconhecê-lo e aceitá-lo. A cena mostra o destino de Jesus: rejeitado e morto pelas autoridades do seu próprio povo, é aceito pelos pagãos.

[13-23] A Terra Prometida tornou-se novo Egito, lugar de opressão. Mateus apresenta o significado da vida e ação de Jesus: ele será o novo Moisés. Vai liderar o processo de libertação das estruturas que oprimem e escravizam, simbolizadas pela Judeia e Jerusalém. A Galileia, terra dos pagãos, será o ponto de partida para esse novo êxodo que Jesus realiza através do seu ensinamento e atividade.

[3,1-12] João Batista convida a uma mudança radical de vida, porque já se aproxima o Reino, que vai transformar radicalmente as relações entre os homens. É o tempo do julgamento, e nada adianta ter fé teórica, pois o julgamento se baseará nas opções e atitudes concretas que cada um assume. Os fariseus, com a falsa segurança de suas observâncias religiosas, e os saduceus, com suas intrigas políticas para conservar o poder, pertencem à estrutura que vai ser superada pelo Reino.

[13-17] Neste Evangelho, as primeiras palavras de Jesus apresentam o programa de toda a sua vida e ação: cumprir toda a justiça, isto é, realizar plenamente a vontade de Deus e seu projeto salvador.

Cf. também nota em Mc 1,9-11.

[4,1-11] Cf. nota em Mc 1,12-13. Mateus pormenoriza, salientando três tentações. Nelas, Jesus é tentado de falsificar a própria missão, realizando uma atividade que só busque satisfazer às necessidades imediatas, buscar o prestígio e ambicionar o poder e as riquezas. Jesus, porém, resiste a essas tentações. Seu projeto de justiça é transformar as estruturas segundo a vontade de Deus (palavra que sai da boca de Deus), não pondo Deus a seu próprio serviço ou interesse (Não tente o Senhor seu Deus), e não absolutizando coisas que geram opressão e exploração sobre os homens, criando ídolos (Você adorará ao Senhor seu Deus...).

[18-22] Cf. nota em Mc 1,16-20.

[23-25] A atividade de Jesus consiste na palavra (ensinar, pregar) e ação (curar). É atividade dirigida aos mais pobres, necessitados e marginalizados. O conteúdo dela é descrito em Mt 5-9.

[12-25] Jesus começa sua atividade na Galileia, região distante do centro

econômico, político e religioso do seu país. A esperança da salvação se inicia justamente numa região da qual nada se espera.

A pregação de Jesus tem a mesma radicalidade que a de João Batista: é preciso total mudança de vida, porque o Reino do Céu está próximo.

[5-7] O Sermão da Montanha é um resumo do ensinamento de Jesus a respeito do Reino e da transformação que esse Reino produz. Moisés tinha recebido a Lei na montanha do Sinai; agora Jesus se apresenta como novo Moisés, proclamando sobre a montanha a vontade de Deus que leva à libertação do homem.

[5,1-12] As bem-aventuranças são o anúncio da felicidade, porque proclamam a libertação, e não o conformismo ou a alienação. Elas anunciam a vinda do Reino através da palavra e ação de Jesus. Estas tornam presente no mundo a justiça do próprio Deus. Justiça para aqueles que são inúteis ou incômodos para uma estrutura de sociedade baseada na riqueza que explora e no poder que oprime.

Os que buscam a justiça do Reino são os “pobres em espírito.” Sufocados no seu anseio pelos valores que a sociedade injusta rejeita, esses pobres estão profundamente convictos de que eles têm necessidade de Deus, pois só com Deus esses valores podem vigorar, surgindo assim uma nova sociedade.

[13-16] Os discípulos de Jesus devem estar conscientes de que se acham unidos com todos aqueles que anseiam por um mundo novo. Eles não podem se subtrair a essa missão, mas precisam dar testemunho através de suas obras. Não se comprometer com isso é deixar de ser discípulo do Reino. Através do testemunho visível dos discípulos é que os homens podem descobrir a presença e a ação do Deus invisível.

[17-20] A lei não deve ser observada simplesmente por ser lei, mas por aquilo que ela realiza de justiça. Cumprir a lei fielmente não significa subdividi-la em observâncias minuciosas, criando uma burocracia escravizante; significa, isto sim, buscar nela inspiração para a justiça e a misericórdia, a fim de que o homem tenha vida e relações mais fraternas. Em 5,21-48, Mateus apresenta cinco exemplos, para mostrar como é que uma lei deve ser entendida.

[21-26] A lei que proíbe matar, proíbe esse ato desde a raiz, isto é, desde a mais simples ofensa ao irmão. Mesmo ofendido e inocente, o discípulo de Jesus deve ter a coragem de dar o primeiro passo para reconciliar-se. Caso se sinta culpado, procure urgentemente a reconciliação, porque sobre a sua culpa pesa um julgamento.

[27-32] Jesus radicaliza até à interioridade a fidelidade matrimonial, apelando ao

amor verdadeiro e leal. O adultério começa com o olhar de desejo, e o mal deve ser cortado pela raiz. A exceção citada no v. 32 pode referir-se ao caso de união ilegítima, por causa do grau de parentesco que trazia impedimento matrimonial segundo a Lei (Lv 18,6-18; At 15,29).

[33-37] A necessidade de juramentos é sinal de que a mentira e a desconfiança pervertem as relações humanas. Jesus exige relacionamento em que as pessoas sejam verdadeiras e responsáveis.

[38-42] Como se pode superar a vingança ou até mesmo a “justa” punição? O Evangelho propõe atitude nova, a fim de eliminar pela raiz o círculo infernal da violência: a resistência ao inimigo não deve ser feita com as mesmas armas usadas por ele, mas através de comportamento que o desarme.

[43-48] O Evangelho abre a perspectiva do relacionamento humano para além das fronteiras que os homens costumam construir. Amar o inimigo é entrar em relação concreta com aquele que também é amado por Deus, mas que se apresenta como problema para mim. Os conflitos também são uma tarefa do amor. O v. 48 é a conclusão e a chave para se compreender todo o conjunto formado por 5,17-47: os discípulos são convidados a um comportamento que os torne filhos testemunhando a justiça do Pai. Sobre os cobradores de impostos, cf. nota em Mc 2,13-17.

[6,1] O termo justiça se refere, aqui, a atitudes práticas em relação ao próximo (esmola), a Deus (oração) e a si mesmo (jejum). Jesus não nega o valor dessas práticas. Ele mostra como devem ser feitas para que se tornem autênticas.

[2-4] A esmola é um gesto de partilha, e deve ser o sinal da compaixão que busca a justiça, relativizando o egoísmo da posse. Dar esmola para ser elogiado é servir a si mesmo e, portanto, falsificá-la.

[5-6] Na oração, o homem se volta para Deus, reconhecendo-o como único absoluto, e reconhecendo a si mesmo como criatura, relativizando a auto-suficiência. Por isso, rezar para ser elogiado é colocar-se como centro, falsificando a oração.

[7-15] Mateus aproveita o tema da oração para inserir aqui o Pai-nosso (cf. Lc 11,1-4), contrapondo a oração cristã à oração dos fariseus e dos pagãos. O Pai-nosso mostra a simplicidade e intimidade do homem com Deus. Na primeira parte, pede-se que Deus manifeste o seu projeto de salvação; na segunda, pede-se o essencial para que o homem possa viver segundo o projeto de Deus: pão para o sustento, bom relacionamento com os irmãos e perseverança até o fim.

[16-18] Jejuar é privar-se de algo imediato e necessário, a fim de ver perspectivas novas e mais amplas para a realização da vida. Trata-se de deixar o egocentrismo, para crescer e dispor-se a realizar novo projeto de justiça. Jejuar para aparecer é perder de uma vez o sentido do jejum.

[19-24] Todo homem, consciente ou inconscientemente, tem na vida um valor fundamental, um absoluto que determina toda a sua forma de ser e viver. Qual é o absoluto: Deus ou as riquezas? Deus leva o homem à liberdade e à vida, através da justiça que gera a partilha e a fraternidade. As riquezas são resultado da opressão e da exploração, levando o homem à escravidão e à morte. É preciso escolher a qual dos dois queremos servir.

[25-34] A aquisição de bens necessários para viver se torna ansiedade contínua e pesada, se não for precedida pela busca da justiça do Reino, isto é, a promoção de relações de partilha e fraternidade. O necessário para a vida virá junto com essa justiça, como fruto natural de árvore boa.

[7,1-5] Deus nos julga com a mesma medida que usamos para os outros. O rigor do nosso julgamento sobre o nosso próximo (cisco) mostra que desconhecemos a nossa própria fragilidade e a nossa condição de pecadores diante de Deus (trave).

[6] Esta sentença provavelmente significa que é desperdício e perigo anunciar o Reino aos que não estão preocupados com ele. Se ligada à sentença sobre os dois senhores (Mt 6,24), poderia significar que é inútil e até perigoso anunciar os princípios evangélicos àqueles cujo deus são as riquezas. O coração deles está em outro lugar; fizeram outra opção fundamental. Em todo caso, a sentença parece fora de contexto, e é de difícil interpretação.

[7-11] A oração é a expressão da nossa relação com Deus como o único absoluto (cf. Mt 6,5-7). Aqui se abre uma nova perspectiva: essa relação deve ser de confiança e intimidade como a de um filho para com o seu pai.

[12] No tempo de Jesus, “Lei e Profetas” indicava todo o Antigo Testamento. Esta “regra de ouro” convida-nos a ter para com os outros a mesma preocupação que temos espontaneamente para com nós mesmos. Não se trata de visão calculista — dar para receber —, mas de uma compreensão do que seja o amor do Pai.

[13-14] Tanto a opção fundamental pelo Reino e sua justiça (entrar pela porta), como continuar nessa busca fundamental (caminho), não são fáceis. A escolha verdadeira nunca será feita pelos indecisos e acomodados. Estes ficam relutando, ou escolhem a estrada mais larga proposta pelos ídolos.

[15-20] “Nada se parece tanto com um verdadeiro profeta, como um falso profeta.” As ideologias que nos afastam da opção fundamental pelo Reino e sua justiça são cheias de fascínio, e sempre trazem a aparência de humanidade e até mesmo de fé. Só poderemos perceber a sua falsidade através daquilo que elas produzem na sociedade: a cobiça e a sede de poder, que levam à exploração e opressão.

[21-23] Nem mesmo o ato de fé mais profundo da comunidade, que é o reconhecimento de Jesus como o Senhor, faz que alguém entre no Reino. Se o ato de fé pela palavra não for acompanhado de ações, é vazio e sem sentido. A expressão “naquele dia” indica o Juízo final e nos remete a Mt 25,31-46, onde são mostradas as ações que qualificam o autêntico reconhecimento de Jesus como Senhor.

[24-27] Construir a casa sobre a rocha é viver e agir de acordo com a justiça do Reino apresentada no Sermão da Montanha. Construir a casa sobre a areia é ficar na teoria, sem passar para a prática.

[28-29] A autoridade de Jesus não se baseia em tradições ou sistemas, e sim na sua própria pessoa. Ele vive e pratica o que ensina aos outros.

[8,1-4] O leproso era um marginalizado da vida social (Lv 13,45-46). Através da cura, Jesus o reintegra na comunidade (Lv 14). O verdadeiro cumprimento da Lei não é declarar quem é puro ou impuro, mas fazer com que a pessoa fique purificada.

[5-13] Atendendo ao pedido de um pagão, Jesus mostra que as fronteiras do Reino vão muito além do mundo estreito da pertença a uma origem privilegiada. A fronteira agora é a fé na palavra libertadora de Jesus. Mesmo pertencendo ao grupo dos que se consideram salvos, se não houver essa fé, também não haverá possibilidade de entrar no Reino de Deus.

[14-15] A presença de Jesus na comunidade liberta as pessoas do mal. Em resposta, as pessoas libertas se põem a serviço da comunidade.

[16-17] Mateus mostra o sentido das curas realizadas por Jesus. Citando Is 53,4, ele apresenta Jesus como o Servo de Javé, que liberta os homens de tudo aquilo que os aliena e oprime (demônios).

[18-22] Para seguir a Jesus, a pessoa precisa estar disposta a duas coisas: correr o risco da insegurança sobre o futuro e estar pronta para não adiar o compromisso.

[23-27] É nos momentos de crise e dificuldades diante do mundo que a

comunidade cristã (discípulos) mostra se confia ou não na presença de Jesus em seu meio. As situações críticas são sempre um termômetro que mede o grau de consciência da maturidade ou infantilidade da fé.

[28-34] Cf. nota em Mc 5,1-20. Para desalienar os homens não existe limite de espaço (“aqui”) e de tempo (“antes do tempo”). Mateus mostra que Jesus realizou sua ação libertadora, mesmo que para isso tivesse que “invadir” áreas pagãs, consideradas propriedade do demônio.

[9,1-8] Cf. nota em Mc 2,1-12. Só Mateus acrescenta na conclusão as palavras “por ter dado tal poder aos homens”. Desse modo, o episódio se torna apresentação do poder de perdoar, que é entregue à comunidade da Igreja (cf. Mt 18,15-18).

[9-13] Cf. nota em Mc 2,13-17. Com a citação de Oseias 6,6, Mateus esclarece o sentido da missão de Jesus: a justiça do Reino é inseparável da misericórdia.

[14-17] Cf. nota em Mc 2,18-22. Jesus veio substituir o sistema da Lei, rigidamente seguido pelos fariseus. A justiça que vem da misericórdia abre as portas do Reino para todos.

[18-26] Cf. nota em Mc 5,21-43.

[27-34] A justiça do Reino liberta os homens para o discernimento (ver) e expulsa a alienação (demônio) que impede de dizer a palavra que transforma a realidade. A justiça libertadora, porém, provoca a oposição daqueles que querem apossar-se da salvação, para restringi-la a pequeno grupo de privilegiados.

[35-38] Mateus apresenta um resumo da atividade de Jesus (cf. 4,23), mostrando a raiz da ação dele: nasce da visão da realidade, que o leva a compadecer-se, isto é, a sentir junto com o povo cansado e abatido. O trabalho é grande, e necessita de pessoas dispostas a continuar a obra de Jesus. A comunidade deve assumir a preocupação de levar a Boa Notícia do Reino ao mundo inteiro, consciente da necessidade de trabalhadores disponíveis para essa missão divina.

[10,1-4] Os discípulos recebem o mesmo poder de Jesus: desalienar os homens (expulsar demônios) e libertá-los de todos os males (curar doenças). Os doze apóstolos formam o núcleo da nova comunidade, chamada a continuar a palavra e ação de Jesus.

[5-15] A missão é reunir o povo para seguir a Jesus, o novo Pastor. Ela se realiza mediante o anúncio do Reino e pela ação que concretiza os sinais da presença do Reino. A missão se desenvolve em clima de gratuidade, pobreza e confiança, e

comunica o bem fundamental da *paz*, isto é, da plena realização de todas as dimensões da vida humana. Os enviados são portadores da libertação; rejeitá-los é rejeitar a salvação e atrair sobre si o julgamento.

[16-25] Os discípulos terão o mesmo destino de Jesus: sofrer as consequências da missão que liberta e dá vida nova. Essa missão atingirá os interesses de muitos e, por isso, provocará a perseguição, a divisão e o ódio, até mesmo dentro das famílias. Muitas vezes poderá levar para a condenação nos tribunais. A missão, porém, é dirigida pelo Espírito de Deus. Por isso, os discípulos perseveram até o fim, sem temor nem aflição, seguros da plena manifestação de Jesus, Senhor e Juiz da história.

[26-33] Os discípulos não devem ter medo, porque a missão se baseia na verdade, que põe a descoberto toda a mentira de um sistema social que não mostra a sua verdadeira face. Os homens podem até matar o corpo dos discípulos, mas não conseguirão tirar-lhes a vida, pois é Deus quem dá e conserva ou tira a vida para sempre. A segurança do discípulo está na promessa: quem é fiel a Jesus, terá Jesus a seu favor diante de Deus.

[34-39] O anúncio da verdade provoca divisão e exige tomada de posição: uns aceitam, outros rejeitam. Os discípulos, porém, devem permanecer firmes no compromisso com Jesus, seguindo-o até o fim. Nem os laços familiares, nem as ameaças à própria vida, nada pode impedir o discípulo de testemunhar a justiça do Reino.

[40-42] Os discípulos enviados para a missão são os “pequeninos”; Jesus se identifica com a pessoa deles, porque eles levam ao mundo a sua palavra e ação.

[11,1-6] Será que Jesus é verdadeiramente o Messias esperado? A resposta não é dada em palavras, porque o messianismo não é simples ideia ou teoria. É uma atividade concreta que realiza o que se espera da era messiânica: a libertação dos pobres e oprimidos.

[7-15] Nenhum homem do Antigo Testamento é maior do que João Batista. Entretanto, João pertence ao Antigo Testamento, onde as profecias são anunciadas, e não ao Novo Testamento, onde elas já se realizaram. O v. 12 é de difícil interpretação. Provavelmente, o evangelista quer mostrar que o Reino é vítima de violência, porque a velha estrutura injusta resiste para não ser destruída e reage violentamente. Essa violência dos que se opõem à vontade de Deus será experimentada pelo próprio Jesus em sua missão.

[16-19] O povo do tempo de Jesus comporta-se de maneira infantil: acusa João

Batista de louco, porque é severo demais; acusa Jesus de boa-vida, porque parece muito condescendente. No entanto, se esquece de examinar as ações de João e de Jesus, que testemunham a realização da vontade de Deus.

[20-24] Corazin, Betsaida e Cafarnaum são exemplos da auto-suficiência e orgulho que não reconhecem a presença do Reino nas ações realizadas por Jesus. Por isso serão julgadas com mais severidade do que as cidades pagãs de Tiro, Sidônia e Sodoma, símbolos da perdição.

[25-30] Com sua palavra e ação, Jesus revela a vontade do Pai, que é instaurar o Reino. Contudo, os sábios e inteligentes não são capazes de perceber a presença do Reino e sua justiça através de Jesus. Ao contrário, os desfavorecidos e os pobres é que conseguem penetrar o sentido dessa atividade de Jesus e continuá-la. Jesus veio tirar a carga pesada que os sábios e inteligentes haviam criado para o povo. Em troca, ele traz novo modo de viver na justiça e na misericórdia: doravante, os pobres serão evangelizados e partirão para evangelizar.

[12,1-8] Cf. nota em Mc 2,23-28. Mateus acrescenta um exemplo para mostrar que a lei do sábado não é absoluta. Jesus, como nova presença de Deus entre os homens, é maior do que o Templo, e é senhor do sábado. Por isso, ele tem poder para relativizar a lei, propondo a misericórdia como atitude fundamental de Deus para com os homens.

[9-14] Cf. nota em Mc 3,1-6. Jesus sabe que os fariseus permitem salvar um animal em dia de sábado. E propõe um caso de consciência: um homem não vale mais do que um animal?

[15-21] Jesus não é um demagogo que exige publicidade para suas ações. Ele é o Servo de Javé, isto é, o novo mediador que traz e garante para todos os homens a salvação misericordiosa de Deus.

[22-32] A cura do endemoninhado mostra que a ação de Jesus é libertar o homem da alienação que impede de ver e de falar. O povo começa a ver nisso um sinal de que Jesus é o Messias. De fato, a ação de Jesus testemunha a chegada do Reino de Deus. Doravante, Jesus é, ao mesmo tempo, a presença da salvação e do julgamento; quem não age com Jesus, torna-se um adversário. Cf. também nota em Mc 3,20-30.

[33-37] Quem condena ou salva o homem é a decisão pró ou contra Jesus, pois isso manifesta a orientação fundamental que cada um imprime à sua própria vida.

[38-42] Jesus recusa dar um sinal para provar a sua missão, porque nenhum

milagre é capaz de despertar a fé naqueles que não querem se comprometer com Jesus. O único sinal que Jesus dá é o da sua morte e ressurreição, consequência e selo da autenticidade de toda a sua missão.

[43-45] Recusando Jesus e o Reino de justiça que ele traz, os homens ficam entregues a uma alienação maior do que aquela em que se encontravam antes da sua vinda.

[46-50] Cf. nota em Mc 3,31-35. Mateus salienta que a família de Jesus são os seus discípulos, isto é, a comunidade que já se dispôs a segui-lo. São eles que aprendem os ensinamentos de Jesus, para levá-los aos outros; são eles que trilham o caminho da vontade do Pai, isto é, a obediência à radicalização da Lei proposta por Jesus. Desse modo, começa nova geração, diferente da geração má dos fariseus.

[13,1-9] Cf. nota em Mc 4,1-9. Se o Reino já está aqui, por que existem fracassos e conflitos? Jesus trouxe as sementes do Reino, e elas se espalharam pelo mundo. Mas, assim como Jesus encontrou resistência no meio do seu próprio povo, do mesmo modo pessoas e estruturas continuam impedindo a justiça do Reino de se estabelecer entre os homens. Sem dúvida, haverá uma colheita, mas à custa de muitas perdas, isto é, muitos procurarão sufocar as sementes do Reino, antes que chegue a vitória final. Querer negar e fugir dessas dificuldades para a implantação do Reino é não compreender o seu mistério.

[10-17] Cf. nota em Mc 4,10-12. Os mistérios do Reino só serão conhecidos por aqueles que já tiverem acolhido Jesus como Messias (os discípulos). Aceitar Jesus como o Messias, mesmo nos seus “fracassos”, faz compreender as contínuas dificuldades que sofre a implantação do Reino do Céu. E isso é uma bem-aventurança.

[18-23] Os obstáculos para compreender a Palavra do Reino (= ensinamento de Jesus) são: a alienação, que tira o poder de decisão humana; as perseguições concretas que causam desânimo; as estruturas políticas e econômicas que fascinam e seduzem. A compreensão da Palavra do Reino se realiza na dramaticidade dos conflitos pessoais e sociais.

[24-30] O Messias já veio. Então, por que o Reino ainda não se instalou definitivamente? Resposta de Jesus: Isso não se deve à imperfeição natural dos homens, mas a uma sabotagem premeditada, feita por aquele que quer usurpar a autoridade de Deus no mundo. Não cabe aos homens fazer a separação entre bons e maus, pois só Deus pode fazer o julgamento.

[31-32] Por que será que o Reino parece não estar se expandindo no mundo? Cf. nota em Mc 4,30-34.

[33] A comunidade dos discípulos parece desaparecer no meio dos homens. Num segundo momento, porém, ela exerce ação transformadora no seio da sociedade.

[34-35] Somente através da pessoa e missão de Jesus é possível compreender o mistério do Reino de Deus, escondido na história desde o início do mundo.

[36-43] A explicação da parábola é alegoria que apresenta a dinâmica do Reino na história. Jesus instaurou o Reino dentro da história, e esta é feita pela ação de bons e maus. A vinda do Reino, porém, entra em luta contra o espírito do mal, e conduz os justos à vitória final. A história é tensão contínua voltada para a manifestação gloriosa do Reino.

[44-46] Para entrar no Reino é necessária decisão total. Apegar-se a seguranças, mesmo religiosas, que são falsas ou puras imitações, em troca da justiça do Reino, é preferir bijuterias a uma pedra preciosa.

[47-50] A consumação do Reino se realiza através do julgamento que separa os bons dos maus. Os que vivem a justiça anunciada por Jesus tomarão parte definitiva no Reino; os que não vivem serão excluídos para sempre. É preciso decidir desde já.

[51-52] As parábolas revelam o segredo de Deus para aqueles que têm fé. Por isso, o doutor da Lei que se torna discípulo de Jesus é capaz de ver a ligação entre o Antigo e o Novo Testamento. Em Jesus tudo se renova e toma novo sentido.

[53-58] Cf. nota em Mc 6,1-6. Os contrarreligiosos de Jesus colocam a questão sobre a origem da autoridade dele, admirados de seu ensinamento e poderes milagrosos. É impossível que Jesus, sendo um deles, tenha a autoridade de Deus. Por isso, eles o rejeitam. Essa rejeição não é acidental: é apenas mais uma prova de que Jesus é o enviado de Deus. De fato, todos os profetas do Antigo Testamento também foram rejeitados.

[14,1-12] A morte brutal de João Batista anuncia a morte de Jesus. Os compromissos que obrigaram Herodes a cortar a cabeça do Precursor vão levar, com muito maior razão, as autoridades a tramar e exigir a execução de Jesus. Isso porque tanto João como Jesus põem em perigo os princípios éticos vigentes.

[13-21] Cf. nota em Mc 6,31-44. Mateus salienta o comportamento de Jesus: ele não é fanático, querendo enfrentar imediatamente Herodes; mas também não é

fatalista, deixando as coisas correr como estão. Ele continua fiel à missão de servir ao seu povo. Reúne e alimenta as multidões sofredoras, realizando os sinais de um novo modo de vida e de anúncio do Reino. A Eucaristia é o sacramento-memória dessa presença de Jesus, lembrando continuamente qual é a missão a que nós, cristãos, fomos chamados.

[22-33] Sobressai aqui a figura de Pedro, protótipo da comunidade que, nas grandes crises, duvida da presença de Jesus em seu meio e, por isso, pede um sinal. E mesmo vendo sinais, continua com medo das ambiguidades da situação e, por isso, a sua fé fica paralisada. Então faz o seu pedido de socorro. Jesus atende ao pedido da comunidade. Mas deixa bem claro que ela precisa crescer na fé e não temer os passos dados dentro das águas agitadas do mundo.

[34-36] Jesus exerce sua missão em benefício de todo o povo, e não de acordo com os critérios e interesses de privilegiados ou especialistas da religião. Estes consideravam um escândalo deixar-se tocar pela multidão doente.

[15,1-20] Através de sua moralidade casuística, os doutores da Lei e os fariseus são condutores cegos do povo. Com suas interpretações desobedecem aos próprios mandamentos de Deus, sob a pretensão de observá-los. Também Pedro e os discípulos não serão verdadeiros guias, enquanto não entenderem que só é impuro aquilo que estraga o relacionamento fraterno entre os homens. Cf. também nota em Mc 7,1-13 e 7,14-23.

[21-28] Cf. nota em Mc 7,24-30. A mulher pagã reconhece que Jesus não é só uma personalidade moral e religiosa, mas alguém que realiza um projeto concreto: constituir o povo de Deus na história. Esse reconhecimento faz que ela participe, com sua filha, desse projeto. Não são os atos de purificação ou as crenças particulares que engajam alguém no povo de Deus, mas o fato de acreditar que Jesus é o guia desse povo.

[29-39] Com os milagres, Jesus responde às necessidades da multidão, mostrando a presença de Deus que salva o seu povo, cuja gratidão se traduz no ato de louvor.

O texto salienta o papel dos discípulos, isto é, da comunidade cristã. Esta é mediadora, respondendo à fome de uma sociedade que corre o risco de desfalecer no caminho da vida.

[16,1-4] Os fariseus e saduceus não sabem ver os sinais dos tempos, isto é, tudo aquilo que indica a presença do Reino de Deus. Essa presença está clara na pessoa e atividade de Jesus, que cura as doenças e sacia a fome das multidões.

Curar e alimentar são sinais já descritos no Antigo Testamento como sinais da chegada do Messias. Quanto ao sinal de Jonas, cf. nota em Mt 12,38-42.

[5-12] Com suas doutrinas, os fariseus e os saduceus manipulavam o povo, a fim de conservar o poder e continuar a exploração. Jesus adverte os discípulos, para que essa opressão, disfarçada em religião, não seja assimilada por eles.

[13-23] Cf. nota em Mc 8,27-33. Pedro é estabelecido como o fundamento da comunidade que Jesus está organizando e que deverá continuar no futuro. Jesus concede a Pedro o exercício da autoridade sobre essa comunidade, autoridade de ensinar e de excluir ou introduzir os homens nela. Para que Pedro possa exercer tal função, a condição fundamental é ele admitir que Jesus não é messias triunfalista e nacionalista, mas o Messias que sofrerá e morrerá na mão das autoridades do seu tempo. Caso contrário, ele deixa de ser Pedro para ser Satanás. Pedro será verdadeiro chefe, se estiver convicto de que os princípios que regem a comunidade de Jesus são totalmente diferentes daqueles em que se baseiam as autoridades religiosas do seu tempo.

[24-28] Cf. nota em Mc 8,34-38.

[17,1-9] Cf. nota em Mc 9,1-13.

[10-13] A missão de João Batista era anunciar os tempos messiânicos, realizando o que se esperava com a vinda de Elias. A missão do Batista, porém, não foi reconhecida pelas autoridades do povo, e a trágica morte dele mostra como se realizará a missão do próprio Jesus.

[14-21] Cf. nota em Mc 9,14-29. Os discípulos, que estão iniciando o trabalho de continuar a obra de Jesus, falham nas primeiras tentativas. O motivo é a falta de fé, ou seja, não acreditam que o poder de Deus se expressa através da ação concreta deles. Considerar impossível a desalienação dos homens é não acreditar no poder de Deus que age na pessoa de Jesus e em nós.

[22-23] Jesus mostra, uma vez mais, qual é a verdadeira missão do Messias: dar a própria vida e ressuscitar. Os discípulos, porém, ainda não compreendem o significado da morte que gera a vida.

[24-27] O problema é pagar o imposto do Templo (v. 24) e o imposto imperial (v. 25). O imposto implica domínio sobre os bens da pessoa. Esses bens, em primeiro lugar, são de Deus. E os homens são filhos de Deus, antes de ser súditos de qualquer poder. Portanto, eles não têm obrigação de pagar impostos. A razão para pagá-lo é livre e secundária: evitar escândalo. O confronto e a ruptura entre Jesus e as instituições se dão nesse nível mais profundo e decisivo,

que supera a própria instituição do Estado e do Templo.

[18,1-5] A comunidade cristã não é a reprodução de uma sociedade que se baseia na riqueza e no poder. Nela, é maior ou mais importante aquele que se converte, deixando todas as pretensões sociais, para pertencer a um grupo que acolhe fraternalmente Jesus na pessoa dos pequenos, fracos e pobres.

[6-9] É preciso evitar a todo custo a busca de poder e prestígio. Tal busca introduziria na comunidade o fermento da competição. E isso escandalizaria e afastaria aqueles que não têm essas pretensões e que, por isso mesmo, são os mais aptos para construir essa nova comunidade de Jesus. O modo de ver (olho), de agir (mão) e de caminhar (pé) deve ser inteiramente mudado, a fim de não prejudicar o irmão.

[10-14] Por que alguém se extravia, isto é, se distancia da comunidade? Certamente por causa do escândalo (vv. 6-9), ou do desprezo daqueles que buscam poder e prestígio. A parábola mostra que a comunidade inteira deve preocupar-se e procurar aquele que se extraviou. A comunidade se alegra quando ele volta para o seu meio, porque a vontade do Pai foi cumprida.

[15-20] Quando um irmão peca, prejudicando o bem comum, a comunidade age com prudência e justiça, procurando corrigir o irmão. Reunida em nome e no espírito de Jesus, a comunidade tem o poder de incluir ou excluir pessoas do seu meio (cf. 16,19). A missão dela, porém, não termina com a exclusão do pecador: ela deve procurá-lo, como o pastor que sai em busca da ovelha perdida (18,11-14).

[21-35] Na comunidade de Jesus não existem limites para o perdão (setenta vezes sete). Ao entrar na comunidade, cada pessoa já recebeu do Pai um perdão sem limites (dez mil talentos). A vida na comunidade precisa, portanto, basear-se no amor e na misericórdia, compartilhando entre todos esse perdão que cada um recebeu.

[19,1-12] Cf. nota em Mc 10,1-12. Diante do matrimônio indissolúvel, os discípulos observam que o celibato é melhor. Jesus mostra que a escolha do celibato é dom de Deus, e que este só adquire todo o seu valor quando é assumido com plena liberdade em vista de serviço ao Reino.

[13-15] Cf. nota em Mc 10,13-16.

[16-30] Cf. nota em Mc 10,17-31. Mateus salienta: quem se engaja completamente no seguimento de Jesus, participará como juiz, quando a história for julgada.

[20,1-16] No Reino não existem marginalizados. Todos têm o mesmo direito de participar da bondade e misericórdia divinas, que superam tudo o que os homens consideram como justiça. No Reino não há lugar para o ciúme. Aqueles que julgam possuir mais méritos do que os outros devem aprender que o Reino é dom gratuito.

[17-28] Cf. nota em Mc 10,32-45.

[29-34] Diante do anúncio da Paixão, os dois filhos de Zebedeu desejam o poder, que está na base dos reinos do mundo. Eles não compreendem que o caminho de Jesus é serviço. A cura dos dois cegos simboliza a visão da fé, que é compromisso com Jesus. Com os olhos abertos para nova maneira de ver e agir, eles seguem a Jesus, que vai dar a vida.

[21,1-11] Cf. nota em Mc 11,1-11.

[12-17] Acusando e atacando o comércio existente no Templo, Jesus retira as bases sobre as quais toda uma sociedade se apoiava. De fato, era com esse comércio que se sustentava grande parte da economia do país. O gesto de Jesus abala não apenas um sistema de vida religiosa, mas toda uma estrutura que usa da religião para estabelecer e assegurar privilégios de uma classe e para sustentar uma visão mesquinha de salvação. Jesus é apresentado como o rei legítimo, centro de nova aliança: ele cura cegos e aleijados (cf. Mt 11,5) e é aclamado pelas crianças como o Messias. Aqueles que são privados de apoio oficial e de poder estão prontos para receber Jesus, ao passo que as autoridades o rejeitam.

[18-22] Cf. nota em Mc 11,12-14 e 11,20-26.

[23-27] As autoridades querem saber com que autoridade Jesus critica e destrói a estrutura que eles defendem. Jesus devolve a provocação, e os chefes não sabem como responder, porque de qualquer maneira ficariam desmoralizados. João Batista era reconhecido como profeta, e seu batismo vinha de Deus. Assim, Jesus dá a entender que também a sua autoridade vem de Deus.

[28-32] O primeiro filho é figura dos pecadores públicos que se convertem à justiça anunciada por João Batista e por Jesus. O segundo filho é figura dos chefes do povo, que se consideram justos e não se convertem.

[33-46] Cf. nota em Mc 12,1-12. Mateus salienta a formação de um novo povo de Deus, formado agora não por uma nação particular, mas por todos aqueles que acreditam, comprometendo-se com Jesus.

[22,1-14] É em Jesus que Deus convoca os homens para uma nova aliança,

simbolizada pela festa de casamento. Os que rejeitam o convite são aqueles que se apegam ao sistema religioso que defende seus interesses e, por isso, não aceitam o chamado de Jesus. Estes serão julgados e destruídos juntamente com o sistema que defendem. O convite é dirigido então aos que não estão comprometidos com tal sistema, mas, ao contrário, são até marginalizados por ele. Começa na história novo povo de Deus, formado de pobres e oprimidos. Os vv. 11-14, porém, mostram que até mesmo estes últimos serão excluídos, se não realizarem a prática da nova justiça (traje de festa).

[15-22] Cf. nota em Mc 12,13-17. O novo povo de Deus pertence unicamente a Deus, e só Deus pode exigir do homem adoração.

[23-33] Cf. nota em Mc 12,18-27.

[34-40] Cf. nota em Mc 12,28-34.

[41-46] Cf. nota em Mc 12,35-37.

[23,1-12] Jesus critica os intelectuais e os líderes da classe dominante, que transformam o saber em poder, agindo hipocritamente e oprimindo o povo. Na nova comunidade de Jesus todos são irmãos, voltados para o serviço mútuo e reunidos em torno de Deus que é Pai, e de Jesus, que é o único líder e que veio para servir.

[13-36] Jesus critica e condena os líderes religiosos que sustentam um sistema formalista e hipócrita: eles não consideram o Reino de Deus como dom, nem respeitam a liberdade dos filhos de Deus. Tal sistema impede de entrar no Reino, pois não leva à conversão, mas à perversão, e destrói o verdadeiro espírito das Escrituras, chegando a matar até mesmo os enviados de Deus. Jesus mostra que a religião formalista e jurídica não é meio de salvação, mas produz prática escravizadora; portanto, é frontalmente oposta àquela que deve ser vivida por qualquer comunidade cristã.

[37-39] Jerusalém personifica o sistema que se fechou em si mesmo, e recusou a novidade trazida por Jesus. Por isso, seu destino já está traçado: em Jerusalém Jesus vai ser morto, e sua morte trará o julgamento definitivo sobre ela.

[24,1-8] Cf. nota em Mc 13,1-8.

[9-14] A relação entre Deus e os homens continuará através dos discípulos, que deverão prosseguir a missão de Jesus dando testemunho e anunciando a Boa Notícia a todas as nações. Contudo, assim como Jesus encontrou resistência, também os discípulos a encontrarão (tribulação, cf. nota em Rm 5,1-11). O

importante é a coragem de permanecer firme até o fim. A Boa Notícia anunciada a todos será o sinal de que o fim estará próximo.

[15-28] Cf. nota em Mc 13,14-23.

[29-31] Cf. nota em Mc 13,24-27.

[32-51] Jesus agora responde à pergunta feita pelos discípulos (v. 3). Cf. nota em Mc 13,28-37. A parábola dos vv. 45-51 ressalta a missão dos responsáveis pela comunidade cristã. Enquanto esperam por Jesus, eles devem continuar fiéis no serviço à comunidade, sem cair na tentação de afrouxar a prática da justiça, diante da demora do Senhor.

[25,1-13] Nesta parábola, o noivo é Jesus, que virá no fim da história. As virgens representam as comunidades cristãs, que devem sempre estar preparadas para o encontro com o Senhor, mediante a prática da justiça (o óleo).

[14-30] Não basta estar preparado, esperando passivamente a manifestação de Jesus. É preciso arriscar e lançar-se à ação, para que os dons recebidos frutifiquem e cresçam. Jesus confiou à comunidade cristã a revelação da vontade de Deus e a chave do Reino. No julgamento, ele pedirá contas por esse dom. A comunidade o repartiu e o fez crescer, ou o escondeu dos homens?

[31-46] Esta é a única cena dos Evangelhos que mostra qual será o conteúdo do juízo final. Os homens vão ser julgados pela fé que tiveram em Jesus. Fé que significa reconhecimento e compromisso com a pessoa concreta de Jesus. Porém, onde está Jesus? Está identificado com os pobres e oprimidos, marginalizados por uma sociedade baseada na riqueza e no poder. Por isso, o julgamento será sobre a realização ou não de uma prática de justiça em favor da libertação dos pobres e oprimidos. Esta é a prática central da fé, desde o início apresentada por Mateus como o cerne de toda a atividade de Jesus: “cumprir toda a justiça” (3,15). É a condição para participar da vida do Reino.

[26,1-16] Cf. nota em Mc 14,1-11.

[17-25] Cf. nota em Mc 14,12-21.

[26-29] Cf. nota em Mc 14,22-25.

[30-35] Cf. nota em Mc 14,26-31.

[36-46] Cf. nota em Mc 14,32-42.

[47-56] Cf. nota em Mc 14,43-52.

[57-68] Cf. nota em Mc 14,53-65.

[69-75] Cf. nota em Mc 14,66-72.

[27,1-10] O quadro é sombrio. Judas se enche de remorso e proclama a inocência de Jesus, diante da indiferença das autoridades. As trinta moedas mostram que Jesus foi traído pelo preço de um escravo.

[11-26] Cf. nota em Mc 15,1-15. A mulher de Pilatos, pagã, reconhece que Jesus é justo (v. 19). Enquanto isso, o povo, enganado pelas autoridades, pede a morte de Jesus, acreditando estar fazendo o bem.

[27-31] Revestido com todos os sinais de poder (púrpura, coroa, cetro e adoração), Jesus é motivo de zombaria. Mas, despojado desse poder, ao retomar as próprias vestes, ele se revela como o verdadeiro Rei: aquele que entrega sua vida para salvar o seu povo.

[32-44] Cf. nota em Mc 15,21-32.

[45-56] Em meio ao aparente fracasso, a fé descobre todo o significado da morte de Jesus. Com ela chega o dia do julgamento e começa a era da ressurreição: todo sistema que gera a morte é desmascarado, e a vida se manifesta em plenitude. A salvação está aberta para todos aqueles que confessam que Jesus é o Filho de Deus.

[57-66] Jesus morre, e seu corpo é encerrado num túmulo. Aparentemente, a história acabou. Todavia, as mulheres estão aí, à espera: alguma coisa vai acontecer. O próprio sistema que condenou Jesus não está tranquilo.

[28,1-10] A manhã desse primeiro dia da semana marca uma transformação radical na compreensão a respeito do homem e da vida. O projeto vivido por Jesus não é caminho para a morte, mas caminho aprovado por Deus, que, através da morte, leva para a vida. Doravante, o encontro com Jesus se realiza no momento em que os homens se dispõem a anunciar o coração da fé cristã (Jesus morreu e ressuscitou), e a continuar em todos os tempos e lugares a atividade que Jesus desenvolveu na Galileia. Só essa fé ativa transformará o medo da morte na alegria da vida.

[11-15] O sistema que gera a morte apela para um último recurso: usa a mentira e o suborno, tentando neutralizar o surgimento da plenitude de vida.

[16-20] Doravante, Jesus é a única autoridade entre Deus e os homens. Ele dá apenas uma ordem àqueles que o seguem: fazer com que todos os povos se tornem discípulos. Todos são chamados a participar de uma nova comunidade (batismo), que se compromete a viver de acordo com o que Jesus ensinou: praticar a justiça (3,15; 5,20) em favor dos pobres e marginalizados (25,31-46).

O Evangelho se encerra com a promessa já feita no início: Jesus está vivo e sempre presente no meio da comunidade, como o Emanuel, o Deus-conosco (1,23).

EVANGELHO SEGUNDO SÃO MARCOS

QUEM É JESUS?

Introdução

*Marcos escreveu o seu Evangelho com a finalidade precisa de responder à pergunta: “Quem é Jesus?”. O evangelista, porém, não responde com doutrinas teóricas ou discursos de Jesus. Ele apenas relata a prática ou atividade de Jesus, deixando que o leitor chegue por si mesmo à conclusão de que **Jesus é o Messias, o Filho de Deus** (1,1; 8,29; 14,61; 15,39). Portanto, na leitura do livro de Marcos, o importante é perceber o significado do que Jesus faz, isto é, estar atento ao quadro completo da sua atividade.*

Através da sua prática, Jesus realiza o projeto messiânico segundo a vontade do Pai, entrando em conflito com uma concepção de Messias ligada aos esquemas de dominação. Nessa época, tinha-se a ideia de que o Messias viria como rei triunfante, que libertaria a nação judaica do poderio romano, e faria Israel retomar o antigo esplendor dos tempos de Davi e Salomão. Mas esse Messias não mudaria em nada, e até mesmo aperfeiçoaria, o esquema interno classista e opressor, sustentado por uma ideologia religiosa. Esse conflito se traduz concretamente no confronto da atividade de Jesus com a sociedade judaica do seu tempo.

Toda a atividade de Jesus é o anúncio e a concretização da vinda do Reino de Deus (Mc 1,15). E isso se manifesta pela transformação radical das relações humanas: o poder é substituído pelo serviço (campo político), o comércio pela partilha (campo econômico), a alienação pela capacidade de ver e ouvir a realidade (campo ideológico). Trata-se de proposta alternativa de sociedade, que leva ao nivelamento fraterno das pessoas. Isso provoca a oposição acirrada das autoridades e dos privilegiados, que fazem de Jerusalém e do Templo a sede do seu poder e riqueza. O resultado do conflito é a paixão e morte de Jesus. Mas Jesus não permanece morto. Ele ressuscita, e sua Ressurreição é a sentença condenatória do sistema que o matou.

*O livro de Marcos é apenas o **começo da Boa Notícia** (1,1). O autor deixa claro, portanto, que sua obra não é completa e que, para chegar ao fim, supõe que o leitor tome uma posição: continuar o livro através de sua própria vida,*

tornando-se discípulo de Jesus. Como discípulo, o leitor deve agora chegar a uma decisão, isto é, reconhecer Jesus como o Messias que leva à plenitude de vida (8,29; 15,39) e aceitar o seu convite, indo ao encontro do Ressuscitado na Galileia (16,7). Não se trata simplesmente de voltar a ler o Evangelho desde 1,14, e sim de continuar no tempo presente a atividade concreta de Jesus, através de prática que faça renascer continuamente a esperança da vinda do Reino.

EVANGELHO SEGUNDO SÃO MARCOS

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16**

EVANGELHO SEGUNDO SÃO MARCOS

1¹Começo da Boa Notícia de Jesus, o Messias, o Filho de Deus. [\[11,1\]](#)

APRESENTAÇÃO DO MESSIAS

O anúncio da chegada do Messias — ²Está escrito no livro do profeta Isaías: “Eis que eu envio o meu mensageiro na tua frente, para preparar o teu caminho.

³Esta é a voz daquele que grita no deserto: Preparem o caminho do Senhor, endireitem suas estradas!” ⁴E foi assim que João Batista apareceu no deserto, pregando um batismo de conversão para o perdão dos pecados. ⁵Toda a região da Judeia e todos os moradores de Jerusalém iam ao encontro de João. Confessavam os seus pecados, e João os batizava no rio Jordão.

⁶João se vestia com uma pele de camelo, usava um cinto de couro e comia gafanhotos e mel silvestre. ⁷E pregava: “Depois de mim, vai chegar alguém mais forte do que eu. E eu não sou digno sequer de me abaixar para desamarrar as suas sandálias. ⁸Eu batizei vocês com água, mas ele batizará vocês com o Espírito Santo.” [2-8]

O Messias é Jesus de Nazaré, o Filho de Deus — ⁹Nesses dias, Jesus chegou de Nazaré da Galileia, e foi batizado por João no rio Jordão. ¹⁰Logo que Jesus saiu da água, viu o céu se rasgando, e o Espírito, como pomba, desceu sobre ele. ¹¹E do céu veio uma voz: “Tu és o meu Filho amado; em ti encontro o meu agrado.” [9-11]

Jesus vai enfrentar o mal — ¹²Em seguida o Espírito impeliu Jesus para o deserto. ¹³E Jesus ficou no deserto durante quarenta dias, e aí era tentado por Satanás. Jesus vivia entre os animais selvagens, e os anjos o serviam. [12-13]

A CEGUEIRA DAS AUTORIDADES

A pregação de Jesus — ¹⁴Depois que João Batista foi preso, Jesus voltou para a Galileia, pregando a Boa Notícia de Deus: ¹⁵“O tempo já se cumpriu e o Reino de Deus está próximo. Convertam-se e acreditem na Boa Notícia.” [14-15]

Seguir a Jesus é comprometer-se — ¹⁶Ao passar pela beira do mar da Galileia, Jesus viu Simão e seu irmão André; estavam jogando a rede ao mar, pois eram pescadores. ¹⁷Jesus disse para eles: “Sigam-me, e eu farei vocês se tornarem pescadores de homens.” ¹⁸Eles imediatamente deixaram as redes e seguiram a Jesus.

¹⁹Caminhando mais um pouco, Jesus viu Tiago e João, filhos de Zebedeu. Estavam na barca, consertando as redes. ²⁰Jesus logo os chamou. E eles deixaram seu pai Zebedeu na barca com os empregados e partiram, seguindo a Jesus. [16-20]

Jesus vence a alienação — ²¹Foram à cidade de Cafarnaum e, no sábado, Jesus entrou na sinagoga e começou a ensinar. ²²As pessoas ficavam admiradas com o seu ensinamento, porque Jesus ensinava como quem tem autoridade e não como os doutores da Lei.

²³Nesse momento, estava na sinagoga um homem possuído por um espírito impuro, que começou a gritar: ²⁴“Que queres de nós, Jesus Nazareno? Vieste para nos destruir? Eu sei quem tu és: tu és o Santo de Deus!” ²⁵Jesus ameaçou o espírito impuro: “Cale-se e saia dele!” ²⁶Então o espírito impuro sacudiu o homem com violência, deu um grande grito e saiu dele. ²⁷Todos ficaram muito espantados e perguntavam uns aos outros: “O que é isso? Um ensinamento novo, dado com autoridade... Ele manda até nos espíritos impuros e eles obedecem!” ²⁸E a fama de Jesus logo se espalhou por toda parte, em toda a redondeza da Galileia. [21-28]

Ser livre para servir — ²⁹Saíram da sinagoga e foram logo para a casa de Simão e André, junto com Tiago e João. ³⁰A sogra de Simão estava de cama, com febre, e logo eles contaram isso a Jesus. ³¹Jesus foi aonde ela estava, segurou sua mão e ajudou-a a se levantar. Então a febre deixou a mulher, e ela começou a servi-los.

³²À tarde, depois do pôr do sol, levavam a Jesus todos os doentes e os que

estavam possuídos pelo demônio. ³³A cidade inteira se reuniu na frente da casa. ³⁴Jesus curou muitas pessoas de vários tipos de doença e expulsou muitos demônios. Os demônios sabiam quem era Jesus, e por isso Jesus não deixava que eles falassem. [29-34]

Jesus rejeita a popularidade fácil — ³⁵De madrugada, quando ainda estava escuro, Jesus se levantou e foi rezar num lugar deserto. ³⁶Simão e seus companheiros foram atrás de Jesus ³⁷e, quando o encontraram, disseram: “Todos estão te procurando.” ³⁸Jesus respondeu: “Vamos para outros lugares, às aldeias da redondeza. Devo pregar também ali, pois foi para isso que eu vim.” ³⁹E Jesus andava por toda a Galileia, pregando nas sinagogas e expulsando os demônios. [35-39]

Jesus e os marginalizados — ⁴⁰Um leproso chegou perto de Jesus e pediu de joelhos: “Se queres, tu tens o poder de me purificar.” ⁴¹Jesus ficou cheio de ira, estendeu a mão, tocou nele e disse: “Eu quero, fique purificado.” ⁴²No mesmo instante a lepra desapareceu e o homem ficou purificado. ⁴³Então Jesus o mandou logo embora, ameaçando-o severamente: ⁴⁴“Não conte nada para ninguém! Vá pedir ao sacerdote para examinar você, e depois ofereça pela sua purificação o sacrifício que Moisés ordenou, para que seja um testemunho para eles.” ⁴⁵Mas o homem foi embora e começou a pregar muito e a espalhar a notícia. Por isso, Jesus não podia mais entrar publicamente numa cidade: ele ficava fora, em lugares desertos. E de toda parte as pessoas iam procurá-lo. [40-45]

2 *Jesus liberta pela raiz* — ¹Alguns dias depois, Jesus entrou de novo na cidade de Cafarnaum. Logo se espalhou a notícia de que Jesus estava em casa. ²E tanta gente se reuniu aí que já não havia lugar nem na frente da casa. E Jesus anunciava a palavra.

³Levaram então um paralítico, carregado por quatro homens. ⁴Mas eles não conseguiam chegar até Jesus, por causa da multidão. Então fizeram um buraco no teto, bem em cima do lugar onde Jesus estava, e pela abertura desceram a cama em que o paralítico estava deitado. ⁵Vendo a fé que eles tinham, Jesus disse ao paralítico: “Filho, os seus pecados estão perdoados.”

⁶Ora, alguns doutores da Lei estavam aí sentados e começaram a pensar: ⁷“Por que este homem fala assim? Ele está blasfemando! Ninguém pode perdoar pecados, porque só Deus tem poder para isso!” ⁸Jesus logo percebeu o que eles

estavam pensando no seu íntimo, e disse: “Por que vocês pensam assim? ⁹O que é mais fácil dizer ao paralítico: ‘Os seus pecados estão perdoados’, ou dizer: ‘Levante-se, pegue a sua cama e ande?’ ¹⁰Pois bem, para que vocês saibam que o Filho do Homem tem poder na terra para perdoar pecados, — disse Jesus ao paralítico — ¹¹eu ordeno a você: Levante-se, pegue a sua cama e vá para casa.” ¹²O paralítico então se levantou e, carregando a sua cama, saiu diante de todos. E todos ficaram muito admirados e louvaram a Deus dizendo: “Nunca vimos uma coisa assim!” [2,1-12]

Jesus rejeita a hipocrisia social — ¹³Jesus saiu de novo para a beira do mar. Toda a multidão ia ao seu encontro. E Jesus os ensinava. ¹⁴Enquanto ia caminhando, Jesus viu Levi, o filho de Alfeu, sentado na coletoria de impostos, e disse para ele: “Siga-me.” Levi se levantou e o seguiu.

¹⁵Mais tarde, Jesus estava comendo na casa de Levi. Havia vários cobradores de impostos e pecadores à mesa com Jesus e seus discípulos; com efeito, eram muitos os que o seguiam. ¹⁶Alguns doutores da Lei, que eram fariseus, viram que Jesus estava comendo com pecadores e cobradores de impostos. Então eles perguntaram aos discípulos: “Por que Jesus come e bebe junto com cobradores de impostos e pecadores?” ¹⁷Jesus ouviu e respondeu: “As pessoas que têm saúde não precisam de médico, mas só as que estão doentes. Eu não vim para chamar justos, e sim pecadores.” [13-17]

Jesus provoca ruptura — ¹⁸Os discípulos de João Batista e os fariseus estavam fazendo jejum. Então alguns perguntaram a Jesus: “Por que os discípulos de João e os discípulos dos fariseus fazem jejum e os teus discípulos não fazem?” ¹⁹Jesus respondeu: “Vocês acham que os convidados de um casamento podem fazer jejum enquanto o noivo está com eles? Enquanto o noivo está presente, os convidados não podem fazer jejum. ²⁰Mas vão chegar dias em que o noivo será tirado do meio deles. Nesse dia eles vão jejuar. ²¹Ninguém põe um remendo de pano novo em roupa velha; porque o remendo novo repuxa o pano e o rasgo fica maior ainda. ²²Ninguém coloca vinho novo em barris velhos; porque o vinho novo arrebenta os barris velhos, e o vinho e os barris se perdem. Por isso, vinho novo deve ser colocado em barris novos.” [18-22]

Jesus liberta da lei — ²³Num dia de sábado, Jesus estava passando por uns campos de trigo. Os discípulos iam abrindo caminho e arrancando as espigas. ²⁴Então os fariseus perguntaram a Jesus: “Vê: por que os teus discípulos estão

fazendo o que não é permitido em dia de sábado?” ²⁵Jesus perguntou aos fariseus: “Vocês nunca leram o que Davi e seus companheiros fizeram quando estavam passando necessidade e sentindo fome? ²⁶Davi entrou na casa de Deus, no tempo em que Abiatar era sumo sacerdote, comeu dos pães oferecidos a Deus e os deu também para os seus companheiros. No entanto só os sacerdotes podem comer desses pães.” ²⁷E Jesus acrescentou: “O sábado foi feito para servir ao homem, e não o homem para servir ao sábado. ²⁸Portanto, o Filho do Homem é senhor até mesmo do sábado.” [23-28]

3 *A lei de Jesus é salvar o homem* — ¹Jesus entrou de novo na sinagoga, onde estava um homem com a mão seca. ²Havia aí algumas pessoas espiando, para verem se Jesus ia curá-lo em dia de sábado, e assim poderem acusá-lo. ³Jesus disse ao homem da mão seca: “Levante-se e fique no meio.” ⁴Depois perguntou aos outros: “O que é que a Lei permite no sábado: fazer o bem ou fazer o mal, salvar uma vida ou matá-la?” Mas eles não disseram nada. ⁵Jesus então olhou ao seu redor, cheio de ira e tristeza, porque eles eram duros de coração. Depois disse ao homem: “Estenda a mão.” O homem estendeu a mão e ela ficou boa. ⁶Logo depois, os fariseus saíram da sinagoga e, junto com alguns do partido de Herodes, faziam um plano para matar Jesus. [3,1-6]

A CEGUEIRA DO MUNDO

Jesus e a multidão — ⁷Jesus se retirou para a beira do mar, junto com seus discípulos. Muita gente da Galileia o seguia. ⁸E também muita gente da Judeia, de Jerusalém, da Idumeia, do outro lado do Jordão, dos territórios de Tiro e da Sidônia, foi até Jesus, porque tinha ouvido falar de tudo o que ele fazia. ⁹Então Jesus pediu aos discípulos que arrumassem uma barca, para ele não ficar espremido no meio da multidão. ¹⁰Com efeito, Jesus tinha curado muitas pessoas, e todos os que sofriam de algum mal se jogavam sobre ele para tocá-lo. ¹¹Vendo Jesus, os espíritos impuros caíam a seus pés gritando: “Tu és o Filho de Deus!” ¹²Mas Jesus ordenava severamente para não dizerem quem ele era. [7-12]

A formação do novo povo de Deus — ¹³Jesus subiu ao monte e chamou os que desejava escolher. E foram até ele. ¹⁴Então Jesus constituiu o grupo dos Doze, para estivessem com ele e para enviá-los a pregar, ¹⁵com autoridade para expulsar os demônios. ¹⁶Constituiu assim os Doze: Simão, a quem deu o nome de Pedro; ¹⁷Tiago e João, filhos de Zebedeu, aos quais deu o nome de Boanerges, que quer dizer “filhos do trovão”; ¹⁸André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o cananeu, ¹⁹e Judas Iscariotes, aquele que depois o traiu. [13-19]

O pecado sem perdão — ²⁰Jesus foi para casa, e de novo se reuniu tanta gente que eles não podiam comer sequer um pedaço de pão. ²¹Quando souberam disso, os parentes de Jesus foram segurá-lo, porque eles mesmos estavam dizendo que Jesus tinha ficado louco. ²²Alguns doutores da Lei, que tinham ido de Jerusalém, diziam: “Ele está possuído por Belzebu”; e também: “É pelo príncipe dos demônios que ele expulsa os demônios.”

²³Então Jesus chamou as pessoas e falou com parábolas: “Como é que Satanás pode expulsar Satanás? ²⁴Se um reino se divide em grupos que lutam entre si, esse reino acabará se destruindo; ²⁵se uma família se divide em grupos que brigam entre si, essa família não poderá durar. ²⁶Portanto, se Satanás se levanta e se divide em grupos que lutam entre si, ele não poderá sobreviver, mas também será destruído. ²⁷Ninguém pode entrar na casa de um homem forte para roubar suas coisas, se antes não amarrar o homem forte. Só depois poderá roubar a sua casa. ²⁸Eu garanto a vocês: tudo será perdoado aos homens, tanto os pecados

como as blasfêmias que tiverem dito. ²⁹Mas quem blasfemar contra o Espírito Santo, nunca será perdoado, pois a culpa desse pecado dura para sempre.” ³⁰Jesus falou isso porque estavam dizendo: “Ele está possuído por um espírito impuro.” [20-30]

A verdadeira família de Jesus — ³¹Nisso chegaram a mãe e os irmãos de Jesus; ficaram do lado de fora e mandaram chamá-lo: ³²Havia uma multidão sentada ao redor de Jesus. Então lhe disseram: “Olha, tua mãe e teus irmãos estão aí fora e te procuram.” ³³Jesus perguntou: “Quem é minha mãe e meus irmãos?” ³⁴Então Jesus olhou para as pessoas que estavam sentadas ao seu redor e disse: “Aqui estão minha mãe e meus irmãos. ³⁵Quem faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe.” [31-35]

4 Jesus terá êxito na sua missão — ¹Jesus começou a ensinar de novo às margens do mar da Galileia. Uma multidão se reuniu em volta dele. Por isso, Jesus entrou numa barca e sentou-se. A barca estava no mar, enquanto a multidão estava junto ao mar, na praia. ²Jesus ensinava-lhes muitas coisas com parábolas. No seu ensinamento dizia para eles: ³“Escutem. Um homem saiu para semear. ⁴Enquanto semeava, uma parte caiu à beira do caminho; os passarinhos foram e comeram tudo. ⁵Outra parte caiu em terreno pedregoso, onde não havia muita terra; brotou logo, porque a terra não era profunda. ⁶Porém, quando saiu o sol, os brotos se queimaram e secaram, porque não tinham raiz. ⁷Outra parte caiu no meio dos espinhos. Os espinhos cresceram, a sufocaram, e ela não deu fruto. ⁸Outra parte caiu em terra boa e deu fruto, brotando e crescendo: rendeu trinta, sessenta e até cem por um.” ⁹E Jesus dizia: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!” [4,1-9]

O mistério da missão de Jesus — ¹⁰Quando Jesus ficou sozinho, os que estavam com ele, junto com os Doze, perguntaram o que significavam as parábolas. ¹¹Jesus disse para eles: “Para vocês foi dado o mistério do Reino de Deus; para os que estão fora tudo acontece em parábolas, ¹²para que olhem, mas não vejam, escutem, mas não compreendam, para que não se convertam e não sejam perdoados.” [10-12]

Os homens diante da missão de Jesus — ¹³Jesus lhes perguntou: “Vocês não compreendem essa parábola? Como então vão compreender todas as outras parábolas?”

¹⁴O semeador semeia a Palavra. ¹⁵Os que estão à beira do caminho são aqueles nos quais a Palavra foi semeada; logo que a ouvem, chega Satanás e tira a Palavra que foi semeada neles. ¹⁶Do mesmo modo, os que recebem a semente em terreno pedregoso são aqueles que ouvem a Palavra e a recebem com alegria; ¹⁷mas eles não têm raiz em si mesmos: são inconstantes, e, quando chega uma tribulação ou perseguição por causa da Palavra, eles logo desistem. ¹⁸Outros recebem a semente entre os espinhos: são aqueles que ouvem a Palavra; ¹⁹mas surgem as preocupações do mundo, a ilusão da riqueza e todos os outros desejos, que sufocam a Palavra, e ela fica sem dar fruto. ²⁰Por fim, aqueles que receberam a semente em terreno bom são os que ouvem a Palavra, a recebem e dão fruto; um dá trinta, outro sessenta e outro cem por um.” [13-20]

Ouvir e agir — ²¹Jesus continuou: “Quem é que traz uma lâmpada para colocá-la debaixo de uma vasilha ou debaixo da cama? Não a coloca no candeeiro? ²²Com efeito, tudo o que está escondido deverá tornar-se manifesto, e tudo o que está em segredo deverá ser descoberto. ²³Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça.”

²⁴E Jesus dizia ainda: “Prestem atenção no que vocês ouvem: com a mesma medida com que vocês medirem, também vocês serão medidos; e será dado ainda mais para vocês. ²⁵Para aquele que tem alguma coisa, será dado ainda mais; para aquele que não tem, será tirado até mesmo o que ele tem.” [21-25]

A missão de Jesus é irresistível — ²⁶E Jesus continuou dizendo: “O Reino de Deus é como um homem que espalha a semente na terra. ²⁷Depois ele dorme e acorda, noite e dia, e a semente vai brotando e crescendo, mas o homem não sabe como isso acontece. ²⁸A terra produz fruto por si mesma: primeiro aparecem as folhas, depois a espiga e, por fim, os grãos enchem a espiga. ²⁹Quando as espigas estão maduras, o homem corta com a foice, porque o tempo da colheita chegou.” [26-29]

A missão atinge o mundo inteiro — ³⁰Jesus dizia ainda: “Com que coisa podemos comparar o Reino de Deus? Que parábola podemos usar? ³¹O Reino é como uma semente de mostarda, que é a menor de todas as sementes da terra. ³²Mas, quando é semeada, a mostarda cresce e torna-se maior que todas as plantas; ela dá ramos grandes, de modo que os pássaros do céu podem fazer ninhos em sua sombra.”

³³Jesus anunciava a Palavra usando muitas outras parábolas como essa,

conforme eles podiam compreender. ³⁴Para a multidão Jesus só falava com parábolas, mas, quando estava sozinho com os discípulos, ele explicava tudo. [30-34]

Jesus é o Senhor da história — ³⁵Nesse dia, quando chegou a tarde, Jesus disse a seus discípulos: “Vamos para o outro lado do mar.” ³⁶Então os discípulos deixaram a multidão e o levaram na barca, onde Jesus já se encontrava. E outras barcas estavam com ele.

³⁷Começou a soprar um vento muito forte, e as ondas se lançavam dentro da barca, de modo que a barca já estava se enchendo de água. ³⁸Jesus estava na parte de trás da barca, dormindo com a cabeça num travesseiro. Os discípulos o acordaram e disseram: “Mestre, não te importa que nós morramos?” ³⁹Então Jesus se levantou e ameaçou o vento e disse ao mar: “Cale-se! Acalme-se!” O vento parou e tudo ficou calmo. ⁴⁰Depois Jesus perguntou aos discípulos: “Por que vocês são tão medrosos? Vocês ainda não têm fé?” ⁴¹Os discípulos ficaram muito cheios de medo e diziam uns aos outros: “Quem é esse homem, a quem até o vento e o mar obedecem?” [35-41]

5 *Libertar o homem ou possuir bens?* — ¹Jesus e seus discípulos chegaram à outra margem do mar, na região dos gerasenos. ²Logo que Jesus saiu da barca, um homem possuído por um espírito impuro saiu de um cemitério e foi ao seu encontro. ³Esse homem morava no meio dos túmulos e ninguém conseguia amarrá-lo, nem mesmo com correntes. ⁴Muitas vezes tinha sido amarrado com algemas e correntes, mas ele arrebatava as correntes e quebrava as algemas. E ninguém era capaz de dominá-lo. ⁵Dia e noite ele vagava entre os túmulos e pelos montes, gritando e ferindo-se com pedras.

⁶Vendo Jesus de longe, o endemoninhado correu, caiu de joelhos diante dele ⁷e gritou bem alto: “Que há entre mim e ti, Jesus, Filho do Deus altíssimo? Eu te peço por Deus, não me atormentes!” ⁸O homem falou assim, porque Jesus tinha dito: “Espírito impuro, saia desse homem!” ⁹Então Jesus perguntou: “Qual é o seu nome?” O homem respondeu: “Meu nome é ‘Legião’, porque somos muitos.” ¹⁰E pedia com insistência para que Jesus não o expulsasse da região.

¹¹Havia aí perto uma grande manada de porcos, pastando na montanha. ¹²Os espíritos impuros suplicaram: “Manda-nos para os porcos, para que entremos neles.” ¹³Jesus deixou. Os espíritos impuros saíram do homem e entraram nos porcos. E a manada — mais ou menos uns dois mil porcos — atirou-se monte

abaixo para dentro do mar, onde se afogou.

¹⁴Os homens que guardavam os porcos saíram correndo e espalharam a notícia na cidade e nos campos. E as pessoas foram ver o que tinha acontecido. ¹⁵Foram até Jesus, viram o endemoninhado sentado, vestido e no seu perfeito juízo, ele que antes estava possuído pela Legião. E ficaram com medo. ¹⁶Os que tinham presenciado o fato explicaram para as pessoas o que tinha acontecido com o endemoninhado e com os porcos. ¹⁷Então começaram a suplicar que Jesus fosse embora da região deles.

¹⁸Enquanto Jesus entrava de novo na barca, o homem que tinha sido endemoninhado pediu-lhe que o deixasse ficar com ele. ¹⁹Jesus, porém, não deixou. E, em troca, lhe disse: “Vá para casa, para junto dos seus, e anuncie para eles tudo o que o Senhor, em sua misericórdia, fez por você.” ²⁰Então o homem foi embora e começou a pregar pela Decápole tudo o que Jesus tinha feito por ele. E todos ficavam admirados. [5,1-20]

Restaurar os homens na vida total — ²¹Jesus atravessou de barca novamente para o outro lado do mar. Uma numerosa multidão se reuniu junto dele, e Jesus ficou na praia. ²²Aproximou-se um dos chefes da sinagoga, chamado Jairo. Quando viu Jesus, caiu a seus pés ²³e pediu com insistência: “Minha filhinha está morrendo. Vem e põe as mãos sobre ela, para que sare e viva.” ²⁴Jesus acompanhou Jairo. E numerosa multidão o seguia e o apertava de todos os lados.

²⁵Aí chegou uma mulher que sofria de hemorragia já há doze anos; ²⁶tinha padecido na mão de muitos médicos, gastou tudo o que tinha e, em vez de melhorar, piorava sempre mais. ²⁷A mulher tinha ouvido falar de Jesus. Então ela foi no meio da multidão, aproximou-se de Jesus por trás e tocou na roupa dele, ²⁸porque pensava: “Ainda que eu toque só na roupa dele, ficarei curada.” ²⁹A hemorragia parou imediatamente. E a mulher sentiu no corpo que estava curada da doença. ³⁰Jesus percebeu imediatamente que uma força tinha saído dele. Então virou-se no meio da multidão e perguntou: “Quem foi que tocou na minha roupa?” ³¹Os discípulos disseram: “Estás vendo a multidão que te aperta e ainda perguntas: ‘quem me tocou?’ ” ³²Mas Jesus ficou olhando em volta para ver quem tinha feito aquilo. ³³A mulher, cheia de medo e tremendo, percebeu o que lhe havia acontecido. Então foi, caiu aos pés de Jesus e contou toda a verdade. ³⁴Jesus disse à mulher: “Minha filha, sua fé curou você. Vá em paz e fique curada dessa doença.”

³⁵Jesus ainda estava falando, quando chegaram algumas pessoas da casa do chefe da sinagoga e disseram a Jairo: “Sua filha morreu. Por que você ainda incomoda o Mestre?” ³⁶Jesus ouviu a notícia e disse ao chefe da sinagoga: “Não tenha medo; apenas tenha fé!” ³⁷E Jesus não deixou que ninguém o acompanhasse, a não ser Pedro, Tiago e seu irmão João. ³⁸Quando chegaram à casa do chefe da sinagoga, Jesus viu a confusão e ouviu as pessoas chorando e gritando. ³⁹Jesus entrou e disse: “Por que essa confusão e esse choro? A criança não morreu. Ela está apenas dormindo.” ⁴⁰As pessoas começaram a zombar dele. Mas Jesus mandou que todos saíssem, menos o pai e a mãe da menina, e os três discípulos que o acompanhavam. Depois entraram no quarto onde a menina estava. ⁴¹Jesus pegou a menina pela mão e disse: “Talita cúmi”, que quer dizer: “Menina, — eu lhe digo — levante-se!” ⁴²A menina levantou-se imediatamente e começou a andar, pois já tinha doze anos. E todos ficaram muito admirados. ⁴³Jesus recomendou com insistência que ninguém ficasse sabendo disso. E mandou dar comida para a menina. [21-43]

6 *O escândalo da encarnação* — ¹Jesus foi para Nazaré, sua terra, e seus discípulos o acompanharam. ²Quando chegou o sábado, Jesus começou a ensinar na sinagoga. Muitos que o escutavam ficavam admirados e diziam: “De onde vem tudo isso? Onde foi que arranjou tanta sabedoria? E esses milagres que são realizados pelas mãos dele?” ³Esse homem não é o carpinteiro, o filho de Maria e irmão de Tiago, de Joset, de Judas e de Simão? E suas irmãs não moram aqui conosco?” E ficaram escandalizados por causa de Jesus. ⁴Então Jesus dizia para eles que um profeta só não é estimado em sua própria pátria, entre seus parentes e em sua família. ⁵E Jesus não pôde fazer milagres em Nazaré. Apenas curou alguns doentes, pondo as mãos sobre eles. ⁶E Jesus ficou admirado com a falta de fé deles. [6,1-6a]

A CEGUEIRA DOS DISCÍPULOS

A missão dos discípulos [6b-13] — Jesus começou a percorrer as redondezas, ensinando nos povoados. ⁷Chamou os doze discípulos, começou a enviá-los dois a dois e dava-lhes poder sobre os espíritos impuros. ⁸Jesus recomendou que não levassem nada pelo caminho, além de um bastão; nem pão, nem sacola, nem dinheiro na cintura. ⁹Mandou que andassem de sandálias e que não levassem duas túnicas. ¹⁰E Jesus disse ainda: “Quando vocês entrarem numa casa, fiquem aí até partir. ¹¹Se vocês forem mal recebidos num lugar e o povo não escutar vocês, quando saírem sacudam a poeira dos pés como protesto contra eles.” ¹²Então os discípulos partiram e pregaram para que as pessoas se convertessem. ¹³Expulsavam muitos demônios e curavam muitos doentes, ungindo-os com óleo.

O banquete da morte — ¹⁴O rei Herodes ouviu falar de Jesus, cujo nome tinha-se tornado famoso. Alguns diziam: “João Batista ressuscitou dos mortos. É por isso que os poderes agem nesse homem.” ¹⁵Outros diziam: “É Elias.” Outros diziam ainda: “É um profeta como os profetas antigos.” ¹⁶Ouvindo essas coisas, Herodes disse: “Ele é João Batista. Eu mandei cortar a cabeça dele, mas ele ressuscitou!”

¹⁷De fato, Herodes tinha mandado prender João, amarrá-lo e colocá-lo na prisão. Fez isso por causa de Herodíades, com quem tinha casado, apesar de ser ela a mulher do seu irmão Filipe. ¹⁸João dizia a Herodes: “Não é permitido você se casar com a mulher do seu irmão.” ¹⁹Por isso, Herodíades ficou com raiva de João e queria matá-lo, mas não podia. ²⁰Com efeito, Herodes tinha medo de João, pois sabia que ele era justo e santo, e por isso o protegia. Gostava de ouvi-lo, embora ficasse embaraçado quando o escutava.

²¹Finalmente chegou o dia oportuno. Era o aniversário de Herodes. E ele fez um banquete para os grandes da corte, os oficiais e os cidadãos importantes da Galileia. ²²A filha de Herodíades entrou e dançou, agradando a Herodes e seus convidados. Então o rei disse à moça: “Peça o que quiser e eu darei a você.” ²³E jurou: “Juro que darei qualquer coisa que você me pedir, mesmo que seja a metade do meu reino.” ²⁴A moça saiu e perguntou à mãe: “O que vou pedir?” A mãe respondeu: “A cabeça de João Batista.” ²⁵A moça correu para a sala e pediu ao rei: “Quero que me dê agora, num prato, a cabeça de João Batista.” ²⁶O rei

ficou muito triste. Mas não pôde recusar, pois tinha feito o juramento na frente dos convidados. ²⁷Imediatamente o rei mandou que um soldado fosse buscar a cabeça de João. O soldado saiu, foi à prisão e cortou a cabeça de João. ²⁸Depois levou a cabeça num prato, deu à moça, e esta a entregou à sua mãe. ²⁹Ao saber disso, os discípulos de João foram, levaram o cadáver e o sepultaram. [14-29]

O banquete da vida — ³⁰Os apóstolos se reuniram com Jesus e contaram tudo o que haviam feito e ensinado. ³¹Havia aí tanta gente que chegava e saía, a tal ponto que Jesus e os discípulos não tinham tempo nem para comer. Então Jesus disse para eles: “Vamos sozinhos para algum lugar deserto, para que vocês descansem um pouco.” ³²Então foram sozinhos, de barca, para um lugar deserto e afastado. ³³Muitas pessoas, porém, os viram partir. Sabendo que eram eles, saíram de todas as cidades, correram na frente, a pé, e chegaram lá antes deles.

³⁴Quando saiu da barca, Jesus viu uma grande multidão e teve compaixão, porque eles estavam como ovelhas sem pastor. Então começou a ensinar muitas coisas para eles. ³⁵Quando estava ficando tarde, os discípulos chegaram perto de Jesus e disseram: “Este lugar é deserto e já é tarde. ³⁶Despede o povo, para que possa ir aos campos e povoados vizinhos comprar alguma coisa para comer.” ³⁷Mas Jesus respondeu: “Vocês é que têm de lhes dar de comer.” Os discípulos perguntaram: “Devemos gastar meio ano de salário e comprar pão para dar-lhes de comer?” ³⁸Jesus perguntou: “Quantos pães vocês têm? Vão ver.” Eles foram e responderam: “Cinco pães e dois peixes.”

³⁹Então Jesus mandou que todos se sentassem na grama verde, formando grupos. ⁴⁰E todos se sentaram, formando grupos de cem e de cinquenta pessoas. ⁴¹Depois Jesus pegou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos para o céu, pronunciou a bênção, partiu os pães e ia dando aos discípulos, para que os distribuíssem. Dividiu entre todos também os dois peixes. ⁴²Todos comeram, ficaram satisfeitos, ⁴³e recolheram doze cestos cheios de pedaços de pão e também dos peixes. ⁴⁴O número dos que comeram os pães era de cinco mil homens. [30-44]

Jesus é a presença de Deus — ⁴⁵Logo em seguida Jesus obrigou os discípulos a entrar na barca e ir na frente para Betsaida, enquanto ele despedia a multidão. ⁴⁶Logo depois de se despedir da multidão subiu ao monte para rezar.

⁴⁷Ao anoitecer, a barca estava no meio do mar e Jesus sozinho em terra. ⁴⁸Viu que os discípulos estavam cansados de remar, porque o vento era contrário.

Então, entre as três e as seis horas da madrugada, Jesus foi até os discípulos andando sobre o mar, e queria passar na frente deles. ⁴⁹Quando os discípulos o avistaram andando sobre o mar, pensaram que era um fantasma e começaram a gritar. ⁵⁰Com efeito, todos o tinham visto e ficaram assustados. Mas Jesus logo falou: “Coragem! Sou eu, não tenham medo!” ⁵¹Então subiu com eles na barca. E o vento parou. Mas os discípulos ficaram ainda mais espantados, ⁵²porque não tinham compreendido o acontecimento dos pães. O coração deles estava endurecido.

⁵³Acabando de atravessar, chegaram a terra, em Genesaré, e amarraram a barca. ⁵⁴Logo que desceram da barca, as pessoas imediatamente reconheceram Jesus. ⁵⁵Iam de toda a região, levando os doentes deitados em suas camas para o lugar onde ouviam falar que Jesus estava. ⁵⁶E aonde ele chegava, tanto nos povoados como nas cidades ou nos campos, colocavam os doentes nas praças e pediam que pudessem ao menos tocar a barra da roupa de Jesus. E todos os que tocaram ficaram curados. [45-56]

7 *Jesus desmascara as falsas tradições* — ¹Os fariseus e alguns doutores da Lei foram de Jerusalém e se reuniram em volta de Jesus. ²Eles viram então que alguns discípulos comiam pão com mãos impuras, isto é, sem lavar as mãos. ³Os fariseus, assim como todos os judeus, seguem a tradição que receberam dos antigos: só comem depois de lavar bem as mãos. ⁴Quando chegam da praça pública, eles se lavam antes de comer. E seguem muitos outros costumes que receberam por tradição: a maneira certa de lavar copos, jarras e vasilhas de cobre.

⁵Os fariseus e os doutores da Lei perguntaram então a Jesus: “Por que os teus discípulos não seguem a tradição dos antigos, pois comem pão sem lavar as mãos?” ⁶Jesus respondeu: “Isaías profetizou bem sobre vocês, hipócritas, como está escrito: ‘Este povo me honra com os lábios, mas o coração deles está longe de mim. ⁷Não adianta nada eles me prestarem culto, porque ensinam preceitos humanos’. ⁸Vocês abandonam o mandamento de Deus para seguir a tradição dos homens.”

⁹E Jesus acrescentou: “Vocês são bastante espertos para deixar de lado o mandamento de Deus a fim de guardar as tradições de vocês. ¹⁰Com efeito, Moisés ordenou: ‘Honre seu pai e sua mãe’. E ainda: ‘Quem amaldiçoa o pai ou a mãe, deve morrer’. ¹¹Mas vocês ensinam que é lícito a alguém dizer a seu pai e

a sua mãe: ‘O sustento que vocês poderiam receber de mim é Corbã, isto é, consagrado a Deus’. ¹²E essa pessoa fica dispensada de ajudar seu pai ou sua mãe. ¹³Assim vocês esvaziam a Palavra de Deus com a tradição que vocês transmitem. E vocês fazem muitas outras coisas como essas.” [7,1-13]

Jesus anuncia uma nova moralidade — ¹⁴Em seguida, Jesus chamou de novo a multidão para perto dele e disse: “Escutem todos e compreendam: ¹⁵o que vem de fora e entra numa pessoa, não a torna impura; as coisas que saem de dentro da pessoa é que a tornam impura. ¹⁶Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.”

¹⁷Quando Jesus entrou em casa, longe da multidão, os discípulos lhe perguntaram sobre essa parábola. ¹⁸Jesus disse: “Será que nem vocês entendem? Vocês não compreendem que nada do que vem de fora e entra numa pessoa pode torná-la impura, ¹⁹porque não entra em seu coração, mas em seu estômago, e vai para a privada?” (Assim Jesus declarava que todos os alimentos eram puros). ²⁰Jesus continuou a dizer: “É o que sai da pessoa que a torna impura. ²¹Pois é de dentro do coração das pessoas que saem as más intenções, como a imoralidade, roubos, ²²crimes, adultérios, ambições sem limite, maldades, malícia, devassidão, inveja, calúnia, orgulho, falta de juízo. ²³Todas essas coisas más saem de dentro da pessoa, e são elas que a tornam impura.” [14-23]

Jesus veio para todos — ²⁴Então Jesus saiu daí e foi para a região de Tiro e Sidônia. Entrou numa casa e não queria que ninguém soubesse onde ele estava. Mas não conseguiu ficar escondido. ²⁵Uma mulher, que tinha uma filha com um espírito impuro, ouviu falar de Jesus. Foi até ele e caiu a seus pés. ²⁶A mulher era pagã, nascida na Fenícia da Síria. Ela suplicou a Jesus que expulsasse de sua filha o demônio. ²⁷Jesus disse: “Deixe que primeiro os filhos fiquem saciados, porque não está certo tirar o pão dos filhos e jogá-lo aos cachorrinhos.” ²⁸A mulher respondeu: “É verdade, Senhor; mas também os cachorrinhos ficam debaixo da mesa e comem as migalhas que as crianças deixam cair.” ²⁹Então Jesus disse: “Por causa disso que você acaba de dizer, pode voltar para casa; o demônio já saiu da sua filha.” ³⁰Ela voltou para casa e encontrou sua filha deitada na cama, pois o demônio já tinha saído dela. [24-30]

Jesus inicia uma nova criação — ³¹Jesus saiu de novo da região de Tiro, passou por Sidônia e continuou até o mar da Galileia, atravessando a região da Decápole. ³²Levaram então a Jesus um homem surdo e que falava com dificuldade, e pediram que Jesus pusesse a mão sobre ele. ³³Jesus se afastou com

o homem para longe da multidão; em seguida pôs os dedos nos ouvidos do homem, cuspiu e com a sua saliva tocou a língua dele. ³⁴Depois olhou para o céu, suspirou e disse: “Efatá!”, que quer dizer: “Abra-se!” ³⁵Imediatamente os ouvidos do homem se abriram, sua língua se soltou e ele começou a falar sem dificuldade. ³⁶Jesus recomendou com insistência que não contassem nada a ninguém. No entanto, quanto mais ele recomendava, mais eles pregavam. ³⁷Estavam muito impressionados e diziam: “Jesus faz bem todas as coisas. Faz os surdos ouvir e os mudos falar.” [31-37]

8 O banquete da vida é para todos — ¹Naqueles dias, havia de novo uma grande multidão e não tinham o que comer. Jesus chamou os discípulos e disse: ²“Tenho compaixão dessa multidão, porque já faz três dias que estão comigo e não têm nada para comer. ³Se eu os mandar para casa sem comer, vão desmaiar pelo caminho, porque muitos deles vieram de longe.” ⁴Os discípulos disseram: “Onde alguém poderia saciar essa gente de pão, aqui no deserto?” ⁵Jesus perguntou: “Quantos pães vocês têm?” Eles responderam: “Sete.”

⁶Jesus mandou que a multidão se sentasse no chão. Depois pegou os sete pães, agradeceu, partiu-os e ia dando aos discípulos, para que os distribuíssem. ⁷Tinham também alguns peixinhos. Depois de pronunciar a bênção sobre eles, mandou que os distribuíssem também. ⁸Comeram e ficaram satisfeitos, e recolheram sete cestos dos pedaços que sobraram. ⁹Eram mais ou menos quatro mil. E Jesus os despediu. [8,1-9]

A ação de Jesus é o sinal — ¹⁰Jesus entrou na barca com seus discípulos e foi para a região de Dalmanuta. ¹¹Foram então os fariseus e começaram a discutir com Jesus. E, para tentá-lo, pediam-lhe um sinal do céu. ¹²Mas Jesus deu um suspiro profundo e disse: “Por que essa geração pede um sinal? Eu garanto a vocês: a essa geração não será dado nenhum sinal.” ¹³E, deixando-os, Jesus entrou de novo na barca e se dirigiu para a outra margem. [10-13]

Confiar na partilha — ¹⁴Os discípulos tinham se esquecido de levar pães. Tinham consigo na barca só um pão. ¹⁵Então Jesus os advertiu: “Prestem atenção e tomem cuidado com o fermento dos fariseus e com o fermento de Herodes.” ¹⁶Os discípulos diziam entre si: “É porque não temos pão.” ¹⁷Mas Jesus percebeu e perguntou: “Por que vocês discutem sobre a falta de pães? Vocês ainda não entendem e nem compreendem? Estão com o coração

endurecido? ¹⁸Vocês têm olhos e não veem, têm ouvidos e não ouvem? Não se lembram ¹⁹de quando repartí cinco pães para cinco mil pessoas? Quantos cestos vocês recolheram cheios de pedaços?” Eles responderam: “Doze.” ²⁰Jesus perguntou: “E quando repartí sete pães para quatro mil pessoas, quantos cestos vocês recolheram cheios de pedaços?” Eles responderam: “Sete.” ²¹Jesus disse: “E vocês ainda não compreendem?” [14-21]

Da cegueira para a visão — ²²Chegaram a Betsaida. Algumas pessoas levaram um cego e pediram que Jesus tocasse nele. ²³Jesus pegou o cego pela mão, levou-o para fora do povoado, cuspiu nos olhos dele, pôs as mãos sobre ele e perguntou: “Você está vendo alguma coisa?” ²⁴O homem levantou os olhos e disse: “Estou vendo homens; parecem árvores que andam.” ²⁵Então Jesus pôs de novo as mãos sobre os olhos dele, e ele enxergou claramente. Ficou curado e enxergava todas as coisas com nitidez, mesmo de longe. ²⁶Jesus mandou o homem ir para casa, dizendo: “Não entre no povoado.” [22-26]

O CAMINHO DE JESUS E DO DISCÍPULO

Jesus é o Messias — ²⁷Jesus partiu com seus discípulos para os povoados de Cesareia de Filipe. No caminho, ele perguntou a seus discípulos: “Quem dizem os homens que eu sou?” ²⁸Eles responderam: “Alguns dizem que tu és João Batista; outros, que és Elias; outros, ainda, que és um dos profetas.” ²⁹Então Jesus perguntou-lhes: “E vocês, quem dizem que eu sou?” Pedro respondeu: “Tu és o Messias.” ³⁰Então Jesus proibiu severamente que eles falassem a alguém a respeito dele.

³¹Em seguida, Jesus começou a ensinar os discípulos, dizendo: “O Filho do Homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e doutores da Lei, deve ser morto e ressuscitar depois de três dias.” ³²E Jesus dizia isso abertamente. Então Pedro levou Jesus para um lado e começou a repreendê-lo. ³³Jesus virou-se, olhou para os discípulos e repreendeu a Pedro, dizendo: “Fique longe de mim, Satanás! Você não pensa as coisas de Deus, mas as coisas dos homens.” [27-33]

O seguimento de Jesus — ³⁴Então Jesus chamou a multidão e os discípulos. E disse: “Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e me siga. ³⁵Pois, quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la; mas quem perde a sua vida por causa de mim e da Boa Notícia, vai salvá-la. ³⁶Com efeito, que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, se perde a própria vida? ³⁷Que é que um homem poderia dar em troca da própria vida? ³⁸Se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras diante dessa geração adúltera e pecadora, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória do seu Pai com seus santos anjos.” [34-38]

O sinal da vitória — ¹E Jesus dizia: “Eu garanto a vocês: alguns dos que estão aqui não morrerão sem ter visto o Reino de Deus chegar com poder.”

²Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e seu irmão João, e os levou sozinhos a um lugar à parte, sobre uma alta montanha.

E se transfigurou diante deles. ³Suas roupas ficaram brilhantes e tão brancas, como nenhuma lavadeira no mundo as poderia alvejar. ⁴Apareceram-lhes Elias e Moisés, que conversavam com Jesus.

⁵Então Pedro tomou a palavra e disse a Jesus: “Mestre, é bom ficarmos aqui. Vamos fazer três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias.”

⁶Pedro não sabia o que dizer, pois eles estavam com muito medo. ⁷Então desceu uma nuvem e os cobriu com sua sombra. E da nuvem saiu uma voz: “Este é o meu Filho amado. Escutem o que ele diz!” ⁸E, de repente, eles olharam em volta e não viram mais ninguém, a não ser somente Jesus com eles.

⁹Ao descerem da montanha, Jesus recomendou-lhes que não contassem a ninguém o que tinham visto, até que o Filho do Homem tivesse ressuscitado dos mortos. ¹⁰Eles observaram a recomendação e se perguntavam o que queria dizer “ressuscitar dos mortos”.

¹¹Os discípulos perguntaram a Jesus: “Por que os doutores da Lei dizem que antes deve vir Elias?” ¹²Jesus respondeu: “Antes vem Elias para colocar tudo em ordem. Mas, como dizem as Escrituras, o Filho do Homem deve sofrer muito e ser rejeitado. ¹³Eu, porém, digo a vocês: Elias já veio e fizeram com ele tudo o que queriam, exatamente como as Escrituras falaram a respeito dele.” [9,1-13]

Orar é unir-se com Deus — ¹⁴Quando Jesus, Pedro, Tiago e João chegaram perto dos outros discípulos, viram que eles estavam rodeados por uma grande multidão. Alguns doutores da Lei estavam discutindo com eles. ¹⁵Logo que a multidão viu Jesus, ficou surpresa e correu para cumprimentá-lo. ¹⁶Jesus perguntou aos discípulos: “O que é que vocês estão discutindo com eles?” ¹⁷Alguém da multidão respondeu: “Mestre, eu trouxe a ti meu filho que tem um espírito mudo. ¹⁸Cada vez que o espírito o ataca, joga-o no chão e ele começa a espumar, range os dentes e fica completamente rijo. Eu pedi aos teus discípulos para expulsarem o espírito, mas eles não conseguiram.” ¹⁹Jesus disse: “Ó gente sem fé! Até quando deverei ficar com vocês? Até quando terei que suportá-los? Tragam o menino aqui.”

²⁰E levaram o menino. Quando o espírito viu Jesus sacudiu violentamente o menino, que caiu no chão e começou a rolar e a espumar pela boca. ²¹Jesus perguntou ao pai: “Desde quando ele está assim?” O pai respondeu: “Desde criança. ²²E muitas vezes já o jogou no fogo e na água para matá-lo. Se podes fazer alguma coisa, tem piedade de nós e ajuda-nos.” ²³Jesus disse: “Se podes!... Tudo é possível para quem tem fé.” ²⁴O pai do menino gritou: “Eu tenho fé, mas ajuda a minha falta de fé.”

²⁵Jesus viu que a multidão corria para junto dele. Então ordenou ao espírito impuro: “Espírito mudo e surdo, eu lhe ordeno que saia do menino e nunca mais entre nele.” ²⁶O espírito sacudiu o menino com violência, deu um grito e saiu. O

menino ficou como morto e por isso todos diziam: “Ele morreu!” ²⁷ Mas Jesus pegou a mão do menino, levantou-o, e o menino ficou de pé.

²⁸ Depois que Jesus entrou em casa, os discípulos lhe perguntaram à parte: “Por que nós não conseguimos expulsar o espírito?” ²⁹ Jesus respondeu: “Essa espécie de demônios não pode ser expulsa de nenhum modo, a não ser pela oração.” [14-29]

Quem é o maior? — ³⁰ Partindo daí Jesus e seus discípulos atravessavam a Galileia. Jesus não queria que ninguém soubesse onde ele estava, ³¹ porque estava ensinando seus discípulos. E dizia-lhes: “O Filho do Homem vai ser entregue na mão dos homens, e eles o matarão. Mas, quando estiver morto, depois de três dias ele ressuscitará.” ³² Mas os discípulos não compreendiam o que Jesus estava dizendo, e tinham medo de fazer perguntas.

³³ Quando chegaram à cidade de Cafarnaum e estavam em casa, Jesus perguntou aos discípulos: “Sobre o que vocês estavam discutindo no caminho?”

³⁴ Os discípulos ficaram calados, pois no caminho tinham discutido sobre qual deles era o maior. ³⁵ Então Jesus se sentou, chamou os Doze e disse: “Se alguém quer ser o primeiro, deverá ser o último, e ser aquele que serve a todos.”

³⁶ Depois Jesus pegou uma criança e colocou-a no meio deles. Abraçou a criança e disse: ³⁷ “Quem receber em meu nome uma destas crianças, estará recebendo a mim. E quem me receber, não estará recebendo a mim, mas àquele que me enviou.” [30-37]

Quem está a favor de Jesus? — ³⁸ João disse a Jesus: “Mestre, vimos um homem que expulsa demônios em teu nome. Mas nós lhe proibimos, porque ele não nos segue.” ³⁹ Jesus disse: “Não lhe proibam, pois ninguém faz um milagre em meu nome e depois pode falar mal de mim. ⁴⁰ Quem não está contra nós, está a nosso favor.

⁴¹ Eu garanto a vocês: quem der para vocês um copo de água porque vocês são de Cristo, não ficará sem receber sua recompensa. [38-41]

Cortar o mal pela raiz — ⁴² E se alguém scandalizar um destes pequeninos que acreditam, seria melhor que ele fosse jogado no mar com uma pedra de moinho amarrada no pescoço. ⁴³ Se a sua mão é ocasião de escândalo para você, corte-a. É melhor você entrar para a vida sem uma das mãos, do que ter as duas mãos e ir para o inferno, onde o fogo nunca se apaga. ⁴⁴ Aí o seu verme nunca morre e o seu fogo nunca se apaga. ⁴⁵ Se o seu pé é ocasião de escândalo para você, corte-

o. É melhor você entrar para a vida sem um dos pés, do que ter os dois pés e ser jogado no inferno. ⁴⁶Aí o seu verme nunca morre e o seu fogo nunca se apaga. ⁴⁷Se o seu olho é ocasião de escândalo para você, arranque-o. É melhor você entrar no Reino de Deus com um olho só, do que ter os dois olhos e ser jogado no inferno, ⁴⁸onde o seu verme nunca morre e o seu fogo nunca se apaga. ⁴⁹Com efeito, todos serão salgados com o fogo. ⁵⁰O sal é bom. Mas se o sal se tornar insosso, com o que vocês lhe darão sabor? Tenham sal em vocês, e estejam em paz uns com os outros.” [42-50]

10 Deus une o homem e a mulher — ¹Jesus partiu daí e foi para o território da Judeia, do outro lado do rio Jordão. As multidões se reuniram de novo em torno de Jesus. E ele, como de costume, as ensinava. ²Alguns fariseus se aproximaram de Jesus. Queriam tentá-lo e lhe perguntaram se a Lei permitia um homem se divorciar da sua mulher. ³Jesus perguntou: “O que é que Moisés mandou vocês fazer?” ⁴Os fariseus responderam: “Moisés permitiu escrever uma certidão de divórcio e depois mandar a mulher embora.” ⁵Jesus então disse: “Foi por causa da dureza do coração de vocês que Moisés escreveu esse mandamento. ⁶Mas desde o início da criação, Deus os fez homem e mulher. ⁷Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe, ⁸e os dois serão uma só carne. Assim, eles já não são dois, mas uma só carne. ⁹Portanto, o que Deus uniu, o homem não deve separar.”

¹⁰Quando chegaram em casa, os discípulos fizeram de novo perguntas sobre o mesmo assunto. ¹¹Jesus respondeu: “O homem que se divorciar de sua mulher e se casar com outra, cometerá adultério contra a primeira mulher. ¹²E se a mulher se divorciar do seu marido e se casar com outro homem, ela cometerá adultério.” [10,1-12]

O Reino pertence aos pobres — ¹³Depois disso, alguns levaram crianças para que Jesus tocasse nelas. Mas os discípulos as repreendiam. ¹⁴Vendo isso, Jesus ficou zangado e disse: “Deixem as crianças vir a mim. Não lhes proibam, porque o Reino de Deus pertence a elas. ¹⁵Eu garanto a vocês: quem não receber como criança o Reino de Deus, nunca entrará nele.” ¹⁶Então Jesus abraçou as crianças e abençoou-as, pondo as mãos sobre elas. [13-16]

O Reino é dom e partilha — ¹⁷Quando Jesus saiu de novo a caminhar, um homem foi correndo, ajoelhou-se diante dele e perguntou: “Bom Mestre, que devo fazer para herdar a vida eterna?” ¹⁸Jesus respondeu: “Por que você me

chama de bom? Só Deus é bom, e ninguém mais. ¹⁹Você conhece os mandamentos: não mate; não cometa adultério; não roube; não levante falso testemunho; não engane; honre seu pai e sua mãe.” ²⁰O homem afirmou: “Mestre, desde jovem tenho observado todas essas coisas.” ²¹Jesus olhou para ele com amor e disse: “Falta só uma coisa para você fazer: vá, venda tudo, dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois venha e siga-me.” ²²Quando ouviu isso, o homem ficou abatido e foi embora cheio de tristeza, porque ele tinha muitas propriedades.

²³Jesus então olhou em volta e disse aos discípulos: “Como é difícil para os ricos entrar no Reino de Deus!” ²⁴Os discípulos se admiraram com o que Jesus disse. Mas ele continuou: “Meus filhos, como é difícil entrar no Reino de Deus! ²⁵É mais fácil passar um camelo pelo buraco de uma agulha, do que um rico entrar no Reino de Deus!” ²⁶Os discípulos ficaram muito espantados quando ouviram isso, e perguntavam uns aos outros: “Então, quem pode ser salvo?” ²⁷Jesus olhou para os discípulos e disse: “Para os homens isso é impossível, mas não para Deus. Para Deus tudo é possível.”

²⁸Pedro começou a dizer a Jesus: “Eis que nós deixamos tudo e te seguimos.” ²⁹Jesus respondeu: “Eu garanto a vocês: quem tiver deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos, campos, por causa de mim e da Boa Notícia, ³⁰vai receber cem vezes mais. Agora, durante esta vida, vai receber casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, junto com perseguições. E, no mundo futuro, vai receber a vida eterna. ³¹Muitos que agora são os primeiros serão os últimos, e muitos que agora são os últimos serão os primeiros.” [17-31]

Autoridade é serviço — ³²Jesus e os discípulos estavam a caminho, subindo para Jerusalém. Jesus ia na frente. Os discípulos estavam espantados, e aqueles que iam atrás estavam com medo. Jesus chamou de novo os Doze à parte e começou a dizer-lhes o que estava para acontecer com ele: ³³“Eis que estamos subindo para Jerusalém, e o Filho do Homem vai ser entregue aos chefes dos sacerdotes e aos doutores da Lei. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos pagãos. ³⁴Vão caçoar dele, cuspir nele, vão torturá-lo e matá-lo. E depois de três dias ele ressuscitará.”

³⁵Tiago e João, filhos de Zebedeu, foram a Jesus e lhe disseram: “Mestre, queremos que faça por nós o que vamos te pedir.” ³⁶Jesus perguntou: “O que vocês querem que eu lhes conceda?” ³⁷Eles responderam: “Quando estiveres na

glória, deixa-nos sentar um à tua direita e outro à tua esquerda.” ³⁸Jesus então lhes disse: “Vocês não sabem o que estão pedindo. Por acaso vocês podem beber o cálice que eu vou beber? Podem ser batizados com o batismo com que eu vou ser batizado?” ³⁹Eles responderam: “Podemos.” Jesus então lhes disse: “Vocês vão beber o cálice que eu vou beber, e vão ser batizados com o batismo com que eu vou ser batizado. ⁴⁰Mas não depende de mim conceder o lugar à minha direita ou esquerda. É Deus quem dará esses lugares àqueles, para os quais ele preparou.” ⁴¹Quando os outros dez discípulos ouviram isso, começaram a ficar com raiva de Tiago e João. ⁴²Jesus chamou-os e disse: “Vocês sabem: aqueles que se dizem governadores das nações têm poder sobre elas, e os seus dirigentes têm autoridade sobre elas. ⁴³Mas entre vocês não deverá ser assim: quem de vocês quiser ser grande, deve tornar-se o servidor de vocês, ⁴⁴e quem de vocês quiser ser o primeiro, deverá tornar-se o servo de todos. ⁴⁵Porque o Filho do Homem não veio para ser servido. Ele veio para servir e para dar a sua vida como resgate em favor de muitos.” [32-45]

O verdadeiro discípulo — ⁴⁶Chegaram a Jericó. Jesus saiu de Jericó, junto com seus discípulos e uma grande multidão. Na beira do caminho havia um cego que se chamava Bartimeu, o filho de Timeu; estava sentado, pedindo esmolas. ⁴⁷Quando ouviu dizer que era Jesus Nazareno que estava passando, o cego começou a gritar: “Jesus, filho de Davi, tem piedade de mim!” ⁴⁸Muitos o repreenderam e mandaram que ficasse quieto. Mas ele gritava mais ainda: “Filho de Davi, tem piedade de mim!” ⁴⁹Então Jesus parou e disse: “Chamem o cego.” Eles chamaram o cego e disseram: “Coragem, levante-se, porque Jesus está chamando você.” ⁵⁰O cego largou o manto, deu um pulo e foi até Jesus. ⁵¹Então Jesus lhe perguntou: “O que você quer que eu faça por você?” O cego respondeu: “Mestre, eu quero ver de novo.” ⁵²Jesus disse: “Pode ir, a sua fé curou você.” No mesmo instante o cego começou a ver de novo e seguia Jesus pelo caminho. [46-52]

O CONFLITO DECISIVO

11 *O Rei-Messias* — ¹Jesus e seus discípulos se aproximaram de Jerusalém, diante de Betfagé e de Betânia, perto do monte das Oliveiras. Então Jesus enviou dois discípulos, ²dizendo: “Vão até o povoado que está na frente de vocês, e logo que vocês entrarem aí, vão encontrar amarrado um jumentinho que nunca foi montado; desamarrem o animal e tragam aqui. ³Se alguém lhes falar: ‘Por que estão fazendo isso?’, digam: ‘O Senhor precisa dele, mas logo o devolverá.’” ⁴Então eles foram e encontraram um jumentinho amarrado, do lado de fora, na rua, junto de uma porta, e o desamarraram. ⁵Algumas pessoas que aí estavam disseram: “O que vocês estão fazendo, desamarrando o jumentinho?” ⁶Os discípulos responderam como Jesus havia dito, e então permitiram que fizessem isso. ⁷Então levaram o jumentinho a Jesus, colocaram os próprios mantos sobre ele, e Jesus montou. ⁸E muitas pessoas estenderam seus mantos pelo caminho; outros puseram ramos que haviam apanhado nos campos. ⁹Os que iam na frente e os que seguiam gritavam: “Hosana! Bendito aquele que vem em nome do Senhor!” ¹⁰Bendito seja o Reino que vem, o reino de nosso pai Davi! Hosana no mais alto do céu!” ¹¹Jesus entrou em Jerusalém, no Templo, e olhou tudo ao redor. Mas, como já era tarde, saiu para Betânia com os Doze. [11,1-11]

Uma sociedade estéril — ¹²No dia seguinte, quando voltavam de Betânia, Jesus sentiu fome. ¹³Viu de longe uma figueira coberta de folhas e foi até lá ver se encontrava algum fruto. Quando chegou perto, encontrou somente folhas, pois não era tempo de figos. ¹⁴Então Jesus disse à figueira: “Que ninguém mais coma de seus figos.” E os discípulos escutaram o que ele disse. [12-14]

O centro da sociedade estéril — ¹⁵Chegaram a Jerusalém. Jesus entrou no Templo e começou a expulsar os que vendiam e os que compravam no Templo. Derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos vendedores de pombas. ¹⁶Ele não deixava ninguém carregar nada através do Templo. ¹⁷E ensinava o povo, dizendo: “Não está nas Escrituras: ‘Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos’? No entanto, vocês fizeram dela uma toca de ladrões.” ¹⁸Os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei ouviram isso e começaram a procurar um modo de matá-lo. Mas tinham medo de Jesus, porque a multidão estava maravilhada com o ensinamento dele. ¹⁹Ao entardecer, Jesus e os discípulos saíram da cidade. [15-19]

Uma comunidade que dá frutos — ²⁰Na manhã seguinte, Jesus e os discípulos, passando, viram a figueira que tinha secado até à raiz. ²¹Pedro lembrou-se e disse a Jesus: “Olha, Mestre: a figueira que amaldiçoaste secou.” ²²Jesus disse para eles: “Tenham fé em Deus. ²³Eu garanto a vocês: se alguém disser a esta montanha: ‘Levante-se e jogue-se no mar, e não duvidar no seu coração, mas acreditar que isso vai acontecer, assim acontecerá’. ²⁴É por isso que eu digo a vocês: tudo o que vocês pedirem na oração, acreditem que já o receberam, e assim será. ²⁵Quando vocês estiverem rezando, perdoem tudo o que tiverem contra alguém, para que o Pai de vocês que está no céu também perdoe os pecados de vocês. ²⁶Mas se vocês não perdoarem, o Pai de vocês que está no céu não perdoará os pecados de vocês.” [20-26]

Jesus silencia as autoridades — ²⁷Jesus e os discípulos foram de novo a Jerusalém. Jesus estava andando no Templo. E os chefes dos sacerdotes, os doutores da Lei e os anciãos se aproximaram dele. ²⁸Perguntaram: “Com que autoridade fazes tais coisas? Quem te deu autoridade para fazer isso?” ²⁹Jesus respondeu: “Vou fazer uma só pergunta. Respondam-me, e eu direi com que autoridade faço isso. ³⁰O batismo de João vinha do céu ou dos homens? Respondam-me.” ³¹Eles comentavam entre si: “Se respondemos que vinha do céu, ele vai dizer: ‘Então, por que vocês não acreditaram em João?’ ³²Devemos então dizer que vinha dos homens?” Mas eles tinham medo da multidão, porque todos consideravam João como verdadeiro profeta. ³³Então eles responderam a Jesus: “Não sabemos.” E Jesus disse: “Pois eu também não vou dizer a vocês com que autoridade faço essas coisas.” [27-33]

12 *Jesus acusa as autoridades* — ¹Jesus começou a falar para eles em parábolas: “Um homem plantou uma vinha, cercou-a, fez um tanque para pisar a uva e construiu uma torre de guarda. Depois arrendou a vinha para alguns agricultores, e viajou para o estrangeiro. ²Na época da colheita, ele mandou um empregado aos agricultores para receber a sua parte dos frutos da vinha. ³Mas os agricultores pegaram o empregado, bateram nele, e o mandaram de volta sem nada. ⁴Então o dono da vinha mandou mais um empregado. Os agricultores bateram na cabeça dele e o insultaram. ⁵Então o dono mandou mais um, e eles o mataram. Trataram da mesma maneira muitos outros, batendo em uns e matando outros. ⁶Sobrou para o dono apenas um: seu filho querido. Por último, ele mandou o filho até aos agricultores, pensando: ‘Eles vão respeitar meu filho’.

⁷Mas os agricultores comentaram: ‘Esse é o herdeiro. Venham, vamos matá-lo, e a herança será nossa’. ⁸Então agarraram o filho, o mataram e o jogaram fora da vinha.

⁹Que fará o dono da vinha? Ele virá, destruirá os agricultores e entregará a vinha a outros. ¹⁰Por acaso, vocês não leram na Escritura: ‘A pedra que os construtores deixaram de lado tornou-se a pedra mais importante; ¹¹isso foi feito pelo Senhor e é admirável aos nossos olhos’?”

¹²Então os chefes dos judeus procuraram prender Jesus. Eles tinham entendido muito bem que Jesus havia contado essa parábola contra eles. Mas ficaram com medo da multidão e, por isso, deixaram Jesus e foram embora. [12,1-12]

Jesus condena qualquer dominação — ¹³Então as autoridades mandaram alguns fariseus e alguns partidários de Herodes, para apanharem Jesus em alguma palavra. ¹⁴Quando chegaram, disseram a Jesus: “Mestre, sabemos que tu és verdadeiro, porque não dás preferência a ninguém. Com efeito, não levas em conta as aparências, e ensinas de verdade o caminho de Deus. Dize-nos: é lícito ou não pagar o imposto a César? Devemos pagar ou não?” ¹⁵Jesus percebeu a hipocrisia deles e respondeu: “Por que vocês me tentam? Tragam uma moeda para eu ver.” ¹⁶Eles levaram a moeda, e Jesus perguntou: “De quem é a figura e a inscrição que está nessa moeda?” Eles responderam: “É de César.” ¹⁷Então Jesus disse: “Pois devolvam a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.” E eles ficaram admirados com Jesus. [13-17]

Deus comprometido com a vida — ¹⁸Os saduceus afirmam que não existe ressurreição. Alguns deles foram até Jesus e lhe propuseram este caso: ¹⁹“Mestre, Moisés escreveu para nós: ‘Se alguém morrer e deixar a esposa sem filho, o irmão desse homem deve casar-se com a viúva, a fim de que possam ter filhos em nome do irmão que morreu’. ²⁰Ora, havia sete irmãos: o primeiro casou-se e morreu sem ter filhos. ²¹O segundo casou-se com a viúva e morreu sem ter filhos. A mesma coisa aconteceu com o terceiro. ²²E nenhum dos sete teve filhos. Por último, morreu também a mulher. ²³Na ressurreição, quando eles ressuscitarem, de quem ela será? Todos os sete se casaram com ela!”

²⁴Jesus respondeu: “Vocês estão enganados, porque não conhecem as Escrituras nem o poder de Deus. ²⁵Com efeito, quando os mortos ressuscitarem, os homens e as mulheres não se casarão, pois serão como os anjos do céu. ²⁶E, quanto ao fato de que os mortos vão ressuscitar, vocês não leram, no livro de

Moisés, a passagem da sarça ardente? Deus falou a Moisés: ‘Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó’. ²⁷Ora, ele não é Deus de mortos, mas de vivos! Vocês estão muito enganados.” [18-27]

O centro da vida — ²⁸Um doutor da Lei estava aí e ouviu a discussão. Vendo que Jesus tinha respondido bem, aproximou-se dele e perguntou: “Qual é o primeiro de todos os mandamentos?” ²⁹Jesus respondeu: “O primeiro mandamento é este: Ouça, ó Israel! O Senhor nosso Deus é o único Senhor! ³⁰E ame ao Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma, com todo o seu entendimento e com toda a sua força. ³¹O segundo mandamento é este: Ame ao seu próximo como a si mesmo. Não existe outro mandamento mais importante do que esses dois.”

³²O doutor da Lei disse a Jesus: “Muito bem, Mestre! Como disseste, ele é, na verdade, o único Deus, e não existe outro além dele. ³³E amá-lo de todo o coração, de toda a mente, e com toda a força, e amar o próximo como a si mesmo, é melhor do que todos os holocaustos e do que todos os sacrifícios.” ³⁴Jesus viu que o doutor da Lei tinha respondido com inteligência e disse: “Você não está longe do Reino de Deus.” E ninguém mais tinha coragem de fazer perguntas a Jesus. [28-34]

Jesus está acima de Davi — ³⁵Jesus ensinava no Templo, dizendo: “Como é que os doutores da Lei falam que o Messias é filho de Davi? ³⁶O próprio Davi, movido pelo Espírito Santo, falou: ‘O Senhor disse ao meu Senhor: sente-se à minha direita, até que eu ponha seus inimigos debaixo de seus pés’. ³⁷Portanto, o próprio Davi chama o Messias de Senhor. Como é que ele pode então ser seu filho?” E uma grande multidão o escutava com gosto. [35-37]

Jesus condena a dominação intelectual — ³⁸E Jesus continuava ensinando: “Tenham cuidado com os doutores da Lei. Eles gostam de andar com roupas compridas, de ser cumprimentados nas praças públicas; ³⁹gostam dos primeiros lugares nas sinagogas e dos lugares de honra nos banquetes. ⁴⁰No entanto, exploram as viúvas e roubam suas casas, e para disfarçar fazem longas orações. Por isso eles vão receber uma condenação mais severa.” [38-40]

A verdadeira atitude religiosa — ⁴¹Jesus estava sentado diante do Tesouro do Templo e olhava a multidão que depositava moedas no Tesouro. Muitos ricos depositavam muito dinheiro. ⁴²Então, chegou uma viúva pobre, e depositou duas pequenas moedas, que valiam uns poucos centavos. ⁴³Então Jesus chamou os

discípulos e disse: “Eu garanto a vocês: essa viúva pobre depositou mais do que todos os outros que depositaram moedas no Tesouro. ⁴⁴Porque todos depositaram do que estava sobrando para eles. Mas a viúva na sua pobreza depositou tudo o que tinha, tudo o que possuía para viver.” [41-44]

13 *O fim ainda não chegou* — ¹Quando Jesus saiu do Templo, um discípulo comentou: “Mestre, olha que pedras e que construções!” ²Jesus respondeu: “Você está vendo essas grandes construções? Não ficará pedra sobre pedra; tudo será destruído.”

³Jesus estava sentado no monte das Oliveiras, de frente para o Templo. Então Pedro, Tiago, João e André lhe disseram em particular: ⁴“Dize-nos, quando vai acontecer isso, e qual será o sinal de que todas essas coisas estarão para acabar?” ⁵Jesus começou a dizer: “Cuidado para que ninguém engane vocês. ⁶Muitos virão em meu nome, dizendo: ‘Sou eu’. E enganarão muita gente. ⁷Quando vocês ouvirem falar de guerras e de rumores de guerra, não fiquem assustados. Essas coisas devem acontecer, mas ainda não é o fim. ⁸Com efeito, uma nação lutará contra outra, e um reino contra outro reino. Haverá terremotos em vários lugares, e também haverá fome. Isso será o começo das dores.” [13,1-8]

A coragem do testemunho — ⁹“Tomem muito cuidado! Entregarão vocês aos tribunais. Vocês serão torturados nas sinagogas, serão levados diante de governadores e reis por minha causa, para vocês darem testemunho diante deles.

¹⁰Mas antes a Boa Notícia deve ser anunciada a todas as nações. ¹¹Quando conduzirem vocês para serem entregues, não se preocupem com aquilo que vocês deverão dizer: digam o que vier na mente de vocês nesse momento, porque não serão vocês que falarão, mas o Espírito Santo.

¹²Um irmão entregará seu próprio irmão à morte, e o pai entregará o filho; os filhos ficarão contra os pais, e os entregarão à morte. ¹³Vocês serão odiados por todos por causa do meu nome. Quem perseverar até o fim será salvo.” [9-13]

Estejam prevenidos! — ¹⁴“Quando vocês virem a abominação da desolação estabelecida no lugar onde não deveria estar, — que o leitor entenda! — então, os que estiverem na Judeia devem fugir para as montanhas. ¹⁵Quem estiver no terraço, não desça para apanhar coisa alguma dentro de casa. ¹⁶Quem estiver no campo, não volte para pegar o manto. ¹⁷Infelizes as mulheres grávidas e aquelas que estiverem amamentando nesses dias!

¹⁸Rezemos para que isso não aconteça no inverno. ¹⁹Porque nesses dias haverá

uma tribulação como nunca houve, desde o início da criação feita por Deus, até agora; e nunca mais haverá outra igual. ²⁰Se o Senhor não abreviasse esses dias, ninguém conseguiria salvar-se. ²¹Mas ele abreviou aqueles dias, por causa dos eleitos que escolheu.

²¹Se alguém disser a vocês: ‘Aqui está o Messias’, ou: ‘Ele está ali’, não acreditem. ²²Porque vão aparecer falsos messias e falsos profetas, que farão sinais e prodígios para enganar até mesmo os eleitos se fosse possível. ²³Prestem atenção! Eu estou falando tudo isso para vocês, antes que aconteça.” [14-23]

A história e o fim dos tempos — ²⁴“Nesses dias, depois da tribulação, o sol vai ficar escuro, a lua não brilhará mais, ²⁵as estrelas começarão a cair do céu, e os poderes do espaço ficarão abalados. ²⁶Então, eles verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens com grande poder e glória. ²⁷Ele enviará os anjos dos quatro cantos da terra, e reunirá as pessoas que Deus escolheu, do extremo da terra ao extremo do céu.” [24-27]

Fiquem vigiando — ²⁸“Aprendam, portanto, a parábola da figueira: quando seus ramos ficam verdes e as folhas começam a brotar, vocês sabem que o verão está perto. ²⁹Vocês também, quando virem acontecer essas coisas, fiquem sabendo que ele está perto, já está às portas. ³⁰Eu garanto a vocês: tudo isso vai acontecer antes que morra esta geração que agora vive. ³¹O céu e a terra desaparecerão, mas as minhas palavras não desaparecerão.

³²Quanto a esse dia e a essa hora, ninguém sabe nada, nem os anjos no céu, nem o Filho. Somente o Pai é quem sabe.

³³Prestem atenção! Não fiquem dormindo, porque vocês não sabem quando vai ser o momento. ³⁴Vai acontecer como a um homem que partiu para o estrangeiro. Ele deixou a casa, distribuiu a tarefa a cada um dos empregados e mandou o porteiro ficar vigiando. ³⁵Vigiem, portanto, porque vocês não sabem quando o dono da casa vai voltar; pode ser à tarde, à meia-noite, de madrugada ou pelo amanhecer. ³⁶Se ele vier de repente, não deve encontrá-los dormindo. ³⁷O que eu digo a vocês, digo a todos: Fiquem vigiando.” [28-37]

O DESFECHO DO CONFLITO: MORTE E RESSURREIÇÃO

14 *O Messias vai ser morto* — ¹Faltavam dois dias para a festa da Páscoa e para a festa dos Ázimos. Os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei procuravam um modo esperto de prender Jesus e depois matá-lo. ²Eles diziam: “A fim de que, durante a festa, não haja confusão no meio do povo.”

³Jesus estava em Betânia, na casa de Simão, o leproso. Enquanto faziam a refeição, chegou uma mulher com um vaso de alabastro, cheio de um perfume de nardo puro, muito caro. Ela quebrou o vaso e derramou o perfume na cabeça de Jesus. ⁴Alguns que aí estavam ficaram com raiva, e comentavam: “Por que desperdiçar esse perfume? ⁵O perfume poderia ser vendido por mais de trezentas moedas de prata, que poderiam ser dadas aos pobres.” E criticavam a mulher. ⁶Mas Jesus disse a eles: “Deixem-na. Por que vocês a aborrecem? Ela está me fazendo uma coisa muito boa. ⁷Vocês terão sempre os pobres com vocês e poderão fazer-lhes o bem quando quiserem. Mas eu não vou estar sempre com vocês. ⁸Ela fez o que podia: derramou perfume em meu corpo, preparando-o para a sepultura. ⁹Eu garanto a vocês: por toda a parte, onde a Boa Notícia for pregada, também contarão o que ela fez, e ela será lembrada.”

¹⁰Judas Iscariotes, um dos doze discípulos, foi ter com os chefes dos sacerdotes, para entregar Jesus. ¹¹Eles ficaram muito contentes quando ouviram isso e prometeram dar dinheiro a Judas. Então Judas começou a procurar uma boa oportunidade para entregar Jesus. [14,1-11]

O novo Cordeiro pascal — ¹²No primeiro dia dos Ázimos, quando matavam os cordeiros para a Páscoa, os discípulos perguntaram a Jesus: “Onde queres que vamos preparar para que comas a Páscoa?” ¹³Jesus mandou então dois de seus discípulos, dizendo: “Vão à cidade. Um homem carregando um jarro de água virá ao encontro de vocês. Sigam-no ¹⁴e digam ao dono da casa onde ele entrar: ‘O Mestre manda dizer: Onde é a sala em que eu e os meus discípulos vamos comer a Páscoa?’ ¹⁵Então ele mostrará para vocês, no andar de cima, uma sala grande, arrumada com almofadas. Preparem aí tudo para nós.” ¹⁶Os discípulos saíram e foram à cidade. Encontraram tudo como Jesus havia dito. E prepararam a Páscoa.

¹⁷Ao cair da tarde, Jesus chegou com os Doze. ¹⁸Enquanto estavam à mesa

comendo, Jesus disse: “Eu garanto a vocês: um de vocês vai me trair. É alguém que come comigo.” ¹⁹Os discípulos começaram a ficar tristes e, um depois do outro, perguntaram a Jesus: “Será que sou eu?” ²⁰Jesus lhes disse: “É um dos Doze. É aquele que põe comigo a mão no prato. ²¹O Filho do Homem vai morrer, conforme diz a Escritura sobre ele. Contudo, ai daquele que trair o Filho do Homem! Seria melhor que nunca tivesse nascido!” [12-21]

A instituição da Eucaristia — ²²Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo pronunciado a bênção, o partiu, distribuiu a eles e disse: “Tomem, isto é o meu corpo.” ²³Em seguida, tomou um cálice, agradeceu e deu a eles. E todos eles beberam. ²⁴E Jesus lhes disse: “Isto é o meu sangue, o sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos. ²⁵Eu garanto a vocês: nunca mais beberei do fruto da videira, até o dia em que beberei o vinho novo no Reino de Deus.” [22-25]

A fidelidade de Jesus aos seus — ²⁶Depois de terem cantado salmos, foram para o monte das Oliveiras. ²⁷Então Jesus disse aos discípulos: “Vocês todos vão ficar desorientados, porque a Escritura diz: ‘Ferirei o pastor, e as ovelhas se dispersarão’. ²⁸Mas depois de ressuscitar, eu irei à frente de vocês para a Galileia.” ²⁹Pedro declarou a Jesus: “Mesmo que todos fiquem desorientados, eu não ficarei.” ³⁰Jesus disse a Pedro: “Eu garanto a você: ainda hoje, esta noite, antes que o galo cante duas vezes, você me negará três vezes.” ³¹Mas Pedro repetiu com mais força: “Ainda que eu tenha de morrer contigo, mesmo assim não te negarei.” E todos disseram a mesma coisa. [26-31]

A grande tentação — ³²Eles chegaram a um lugar chamado Getsêmani. Então Jesus disse aos discípulos: “Sentem-se aqui, enquanto eu vou rezar.” ³³Jesus levou consigo Pedro, Tiago e João, e começou a ficar com medo e angústia. ³⁴Então disse a eles: “Minha alma está numa tristeza de morte. Fiquem aqui e vigiem.” ³⁵Jesus foi um pouco mais adiante, prostrou-se por terra e pedia que, se fosse possível, aquela hora se afastasse dele. ³⁶Ele rezava: “Abba! Pai! Tudo é possível para ti! Afasta de mim este cálice! Contudo, não seja o que eu quero, e sim o que tu queres.”

³⁷Depois Jesus voltou, encontrou os três discípulos dormindo, e disse a Pedro: “Simão, você está dormindo? Você não pôde vigiar nem sequer uma hora? ³⁸Vigiem e rezem, para não cair na tentação! Porque o espírito está pronto para resistir, mas a carne é fraca.”

³⁹Jesus se afastou de novo e rezou, repetindo as mesmas palavras. ⁴⁰Voltou novamente, e encontrou os discípulos dormindo, porque seus olhos estavam pesados de sono. E eles não sabiam o que dizer a Jesus. ⁴¹Então Jesus voltou pela terceira vez e disse: “Agora vocês podem dormir e descansar. Basta! Chegou a hora! Eis que o Filho do Homem vai ser entregue ao poder dos pecadores. ⁴²Levantem-se! Vamos! Aquele que vai me trair já está chegando.” [32-42]

Fidelidade até o fim — ⁴³Logo mais, enquanto Jesus ainda falava, chegou Judas, um dos Doze, com uma multidão armada de espadas e paus. Iam da parte dos chefes dos sacerdotes, dos doutores da Lei e dos anciãos do povo. ⁴⁴O traidor tinha combinado com eles um sinal, dizendo: “Jesus é aquele que eu beijar. Prendam e levem bem guardado.” ⁴⁵Judas logo se aproximou de Jesus, dizendo: “Mestre!” E o beijou. ⁴⁶Então eles lançaram as mãos sobre Jesus e o prenderam. ⁴⁷Mas um dos presentes puxou a espada e feriu o empregado do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha. ⁴⁸Jesus perguntou: “Vocês saíram com espadas e paus para me prender, como se eu fosse um bandido? ⁴⁹Todos os dias eu estava com vocês no Templo, ensinando, e vocês não me prenderam. Mas isso é para se cumprirem as Escrituras.”

⁵⁰Então todos fugiram, abandonando Jesus. ⁵¹Um jovem, vestido só com um lençol, estava seguindo Jesus, e eles o prenderam. ⁵²Mas o jovem largou o lençol e fugiu nu. [43-52]

Jesus é o juiz — ⁵³Então eles levaram Jesus à casa do sumo sacerdote. E se reuniram todos os chefes dos sacerdotes, os anciãos e os doutores da Lei. ⁵⁴Pedro seguiu Jesus de longe, e entrou no pátio da casa do sumo sacerdote. Sentou-se junto com os guardas, e se esquentava junto ao fogo. ⁵⁵Ora, os chefes dos sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam contra Jesus algum testemunho, a fim de o condenar à morte. E nada encontraram, ⁵⁶porque muitos testemunhavam falsamente contra Jesus, mas os testemunhos deles não estavam de acordo. ⁵⁷Alguns se levantaram e testemunharam falsamente contra Jesus, ⁵⁸dizendo: “Nós o ouvimos dizer: ‘Vou destruir esse templo feito por homens, e em três dias construirei um outro, que não será feito pelos homens!’ ” ⁵⁹Mas nem mesmo assim o testemunho deles estava de acordo.

⁶⁰Então o sumo sacerdote levantou-se e, no meio de todos, interrogou a Jesus: “Nada tens a responder aos que testemunham contra ti?” ⁶¹Mas Jesus continuou

calado, e nada respondeu. O sumo sacerdote o interrogou de novo: “És tu o Messias, o Filho do Deus Bendito?” ⁶²Jesus respondeu: “Eu sou. E vocês verão o Filho do Homem sentado à direita do Todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do céu.” ⁶³Então o sumo sacerdote rasgou as próprias vestes e disse: “Que necessidade temos ainda de testemunhas? ⁶⁴Vocês ouviram a blasfêmia! O que parece a vocês?” Então todos eles decretaram que Jesus era réu de morte.

⁶⁵Então alguns começaram a cuspir em Jesus. Cobriram o rosto de Jesus e o esbofeteavam, dizendo: “Faze uma profecia!” E os guardas lhe davam bofetadas. [\[53-65\]](#)

Pedro cai na tentação — ⁶⁶Pedro estava embaixo, no pátio. Chegou então uma criada do sumo sacerdote, ⁶⁷e quando viu Pedro se esquentando, olhou bem para ele e disse: “Você também estava com Jesus Nazareno!” ⁶⁸Mas Pedro negou: “Não sei, nem compreendo o que você diz!” E o galo cantou. ⁶⁹A criada viu Pedro, e começou a dizer novamente aos que estavam perto: “Esse aí é um deles!” ⁷⁰Mas Pedro negou outra vez. Pouco depois, os que estavam junto diziam novamente a Pedro: “É claro que você é um deles, pois você é da Galileia.” ⁷¹Então Pedro começou a maldizer e a jurar, dizendo: “Nem conheço esse homem de quem vocês estão falando!” ⁷²Nesse instante, o galo cantou pela segunda vez. Pedro se lembrou de que Jesus lhe havia dito: “Antes que o galo cante duas vezes, você me negará três vezes.” Então Pedro começou a chorar. [\[66-72\]](#)

15 Jesus ou Barrabás? — ¹De manhã, os chefes dos sacerdotes, com os anciãos, os doutores da Lei e todo o Sinédrio, prepararam um conselho. Amarraram Jesus, o levaram e entregaram a Pilatos. ²Pilatos interrogou a Jesus: “Tu és o rei dos judeus?” Jesus respondeu: “É você que está dizendo isso.” ³E os chefes dos sacerdotes faziam muitas acusações contra Jesus. ⁴Pilatos o interrogou novamente: “Nada tens a responder? Vê de quanta coisa te acusam!” ⁵Mas Jesus não respondeu mais nada, e Pilatos ficou impressionado.

⁶Na festa da Páscoa, Pilatos soltava o prisioneiro que eles pedissem. ⁷Nesse tempo, um homem chamado Barrabás estava preso junto com os rebeldes, que tinham cometido um assassinato na revolta. ⁸A multidão subiu e começou a pedir que Pilatos fizesse como costumava. ⁹Pilatos perguntou: “Vocês querem que eu solte o rei dos judeus?” ¹⁰Pilatos bem sabia que os chefes dos sacerdotes haviam entregado Jesus por inveja. ¹¹Porém os chefes dos sacerdotes atijaram a

multidão para que Pilatos soltasse Barrabás. ¹²Pilatos perguntou de novo: “O que farei então com Jesus que vocês chamam de rei dos judeus?” ¹³Mas eles gritaram de novo: “Crucifique!” ¹⁴Pilatos perguntou: “Mas que mal fez ele?” Eles, porém, gritaram com mais força: “Crucifique!” ¹⁵Pilatos queria agradar à multidão. Soltou Barrabás, mandou flagelar Jesus e o entregou para ser crucificado. [15,1-15]

O verdadeiro Rei — ¹⁶Então os soldados levaram Jesus para o pátio, dentro do palácio do governador, e convocaram toda a tropa. ¹⁷Vestiram Jesus com um manto vermelho, teceram uma coroa de espinhos e lha puseram na cabeça. ¹⁸Depois começaram a cumprimentá-lo: “Salve, rei dos judeus!” ¹⁹E batiam-lhe na cabeça com uma vara. Cuspiam nele e, dobrando os joelhos, prestavam-lhe homenagem. ²⁰Depois de zombarem de Jesus, tiraram-lhe o manto vermelho, o vestiram de novo com as próprias roupas dele, e o levaram para fora, a fim de o crucificarem. [16-20]

O verdadeiro Messias — ²¹Passava por aí um homem, chamado Simão Cireneu, pai de Alexandre e Rufo. Ele voltava do campo para a cidade. Então os soldados obrigaram Simão a carregar a cruz de Jesus.

²²Levaram Jesus para o lugar chamado Gólgota, que quer dizer “lugar da Caveira”. ²³Deram-lhe vinho misturado com mirra, mas Jesus não tomou. ²⁴Eles o crucificaram, e repartiram as roupas dele, fazendo um sorteio, para ver a parte de cada um. ²⁵Eram nove horas da manhã quando crucificaram Jesus. ²⁶E aí estava uma inscrição, com o motivo da condenação: “O Rei dos judeus.” ²⁷Com ele crucificaram dois bandidos, um à direita e outro à esquerda. ²⁸Desse modo cumpriu-se a Escritura que diz: “Ele foi incluído entre os fora-da-lei.”

²⁹As pessoas que passavam por aí o insultavam, balançando a cabeça e dizendo: “Ei! Você que ia destruir o Templo, e construí-lo de novo em três dias, ³⁰salve-se a si mesmo! Desça da cruz!” ³¹Do mesmo modo, os chefes dos sacerdotes, junto com os doutores da Lei, zombavam dele, dizendo: “A outros ele salvou... A si mesmo não pode salvar! ³²O Messias, o rei de Israel... Desça agora da cruz, para que vejamos e acreditemos!” Os que foram crucificados com Jesus também o insultavam. [21-32]

Jesus é Filho de Deus — ³³Ao chegar o meio-dia, até às três horas da tarde, houve escuridão sobre toda a terra. ³⁴Pelas três horas da tarde, Jesus deu um forte grito: “Eloi, Eloi, lamá sabactâni?”, que quer dizer: “Meu Deus, meu Deus,

por que me abandonaste?” ³⁵Alguns dos que estavam aí junto, ouvindo isso, disseram: “Vejam, ele está chamando Elias!” ³⁶Alguém, correndo, encheu de vinagre uma esponja, colocou-a na ponta de uma vara, e deu para Jesus beber, dizendo: “Deixem, vamos ver se Elias vem tirá-lo da cruz!” ³⁷Então Jesus lançou um forte grito e expirou. ³⁸Nesse momento, a cortina do santuário se rasgou de alto a baixo, em duas partes. ³⁹O oficial do exército, que estava bem na frente da cruz, viu como Jesus havia expirado, e disse: “De fato, esse homem era mesmo Filho de Deus!”

⁴⁰Aí estavam também algumas mulheres, olhando de longe. Entre elas estavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o menor, e de Joset, e Salomé. ⁴¹Elas haviam acompanhado e servido a Jesus, desde quando ele estava na Galileia. Muitas outras mulheres estavam aí, pois tinham ido com Jesus a Jerusalém. [33-41]

Fim da história? — ⁴²Ao entardecer, como era o dia da Preparação, isto é, a véspera do sábado, ⁴³chegou José de Arimateia. Ele era membro importante do Sinédrio, e também esperava o Reino de Deus. José encheu-se de coragem, foi a Pilatos e pediu o corpo de Jesus. ⁴⁴Pilatos ficou admirado que Jesus já tivesse morrido. Chamou o oficial do exército e perguntou se Jesus já estava morto. ⁴⁵Depois de informado pelo oficial, Pilatos mandou entregar o cadáver a José. ⁴⁶José comprou um lençol de linho, desceu o corpo da cruz, e o enrolou no lençol. Em seguida, colocou Jesus num túmulo, que tinha sido cavado na rocha, e rolou uma pedra para fechar a entrada do túmulo. ⁴⁷Maria Madalena e Maria, mãe de Joset, ficaram olhando onde Jesus tinha sido colocado. [42-47]

16 ***A história não acabou*** — ¹Quando o sábado passou, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram perfumes para ungir o corpo de Jesus. ²E bem cedo no primeiro dia da semana, ao nascer do sol, elas foram ao túmulo. ³E diziam entre si: “Quem vai tirar para nós a pedra da entrada do túmulo?” ⁴Era uma pedra muito grande. Mas, quando olharam, viram que a pedra já havia sido tirada. ⁵Então entraram no túmulo e viram um jovem, sentado do lado direito, vestido de branco. E ficaram muito assustadas. ⁶Mas o jovem lhes disse: “Não fiquem assustadas. Vocês estão procurando Jesus de Nazaré, que foi crucificado? Ele ressuscitou! Não está aqui! Vejam o lugar onde o puseram. ⁷Agora vocês devem ir e dizer aos discípulos dele e a Pedro que ele vai para a Galileia na frente de vocês. Lá vocês o verão, como ele mesmo disse.”

⁸Então as mulheres saíram do túmulo correndo, porque estavam com medo e assustadas. E não disseram nada a ninguém, porque tinham medo. [\[16,1-8\]](#)

APÊNDICE

Aparições de Jesus ressuscitado — ⁹Depois de ressuscitar na madrugada do primeiro dia após o sábado, Jesus apareceu primeiro a Maria Madalena, da qual havia expulsado sete demônios. ¹⁰Ela foi anunciar isso aos seguidores de Jesus, que estavam de luto e chorando. ¹¹Quando ouviram que ele estava vivo e fora visto por ela, não quiseram acreditar.

¹²Em seguida, Jesus apareceu a dois deles, com outra aparência, enquanto estavam a caminho do campo. ¹³Eles também voltaram e anunciaram isso aos outros, que não acreditaram nem mesmo nestes.

¹⁴Por fim, Jesus apareceu aos onze discípulos enquanto estavam comendo. Jesus os repreendeu por causa da falta de fé e pela dureza de coração, porque não tinham acreditado naqueles que o tinham visto ressuscitado. ¹⁵Então Jesus disse-lhes: “Vão pelo mundo inteiro e anunciem a Boa Notícia para toda a humanidade. ¹⁶Quem acreditar e for batizado será salvo. Quem não acreditar será condenado. ¹⁷Os sinais que acompanharão aqueles que acreditarem são estes: expulsarão demônios em meu nome, falarão novas línguas; ¹⁸se pegarem cobras ou beberem algum veneno, não sofrerão nenhum mal; quando colocarem as mãos sobre os doentes, estes ficarão curados.” ¹⁹Depois de falar com os discípulos, o Senhor Jesus foi levado ao céu e sentou-se à direita de Deus. ²⁰Os discípulos então saíram e pregaram por toda parte. O Senhor os ajudava e, por meio dos sinais que os acompanhavam, provava que o ensinamento deles era verdadeiro. [9-20]

NOTAS

[1,1] Todo o Evangelho de Marcos é o *começo* da Boa Notícia que Deus dirige aos homens. Ela continua, em todos os tempos e lugares, através daqueles que seguem a Jesus.

[2-8] A pregação de João Batista é grande advertência. Ele anuncia a vinda do Messias, que vai provocar uma grande transformação. É preciso estar preparado, purificando-se e mudando o modo de ver a vida e de vivê-la.

[9-11] *O céu se rasgou*: Na pessoa de Jesus, a separação que havia entre Deus e os homens se rompeu. A *voz* apresenta o mistério do homem de Nazaré: ele é o

Filho de Deus, o Messias-Rei (Sl 2,7) que vai estabelecer o Reino de Deus através do serviço, como o Servo de Javé (Is 42,1-2).

[12-13] A tentação no deserto resume os conflitos que Jesus vai experimentar em toda a sua vida. Deverá enfrentar o representante das forças do mal que escravizam os homens. E Deus o sustentará nessa luta.

[14-15] São as primeiras palavras de Jesus: elas apresentam a chave para interpretar toda a sua atividade. *Cumprimento*: em Jesus, Deus se entrega totalmente. Não é mais tempo de esperar. É hora de agir. *O Reino* é o amor de Deus que provoca a transformação radical da situação injusta que domina os homens. *Está próximo*: o Reino é dinâmico e está sempre crescendo. *Conversão*: a ação de Jesus exige mudança radical da orientação de vida. *Acreditar na Boa Notícia*: é aceitar o que Jesus realiza e empenhar-se com ele.

[16-20] O chamado dos primeiros discípulos é um convite aberto a todos os que ouvem as palavras de Jesus. Simão e André deixam a profissão; Tiago e João deixam a família... Seguir a Jesus implica deixar as seguranças que possam impedir o compromisso com uma ação transformadora.

[21-28] A ação demoníaca escraviza e aliena o homem, impedindo-o de pensar e de agir por si mesmo (por exemplo: ideologias, propagandas, estruturas, sistemas etc.): outros pensam e agem através dele. O primeiro milagre de Jesus é fazer o homem voltar à consciência e à liberdade. Só assim o homem pode segui-lo.

Marcos não diz qual era o ensinamento de Jesus; contudo, mencionando-o junto com uma ação de cura, ele sugere que o ensinamento com autoridade repousa numa prática concreta de libertação: com sua ação Jesus interpreta as Escrituras de modo superior a toda a cultura dos doutores da Lei.

[29-34] Para os antigos, a febre era de origem demoníaca. Libertos do demônio, os homens podem levantar-se e pôr-se a serviço. Os demônios reconhecem quem é Jesus, porque sentem que a palavra e ação dele ameaça o domínio que eles têm sobre o homem.

[35-39] O deserto é o ponto de partida para a missão. Aí Jesus encontra o *Pai*, que o envia para salvar os homens. Mas encontra também a *tentação*: Pedro sugere que Jesus aproveite a popularidade conseguida num dia. É o primeiro diálogo com os discípulos, e já se nota tensão.

[40-45] O leproso era marginalizado, devendo viver fora da cidade, longe do convívio social, por motivos higiênicos e religiosos (Lv 13,45-46). Jesus fica irado contra uma sociedade que produz a marginalização. Por isso, o homem

curado deve apresentar-se para dar testemunho contra um sistema que não cura, mas só declara quem pode ou não participar da vida social. O marginalizado agora se torna testemunho vivo, que anuncia Jesus, aquele que purifica. E Jesus está fora da cidade, lugar que se torna o centro de nova relação social: o lugar dos marginalizados é o lugar onde se pode encontrar Jesus.

[2,1-12] Segundo os antigos, a doença era causada pelo pecado. Para libertar o homem, Jesus vai direto à raiz: o *pecado* invisível que causa os *males* externos e visíveis. A oposição a Jesus começa: os doutores da Lei só se preocupam com teorias religiosas, e não em transformar a situação do homem. A ação de Jesus é completa. É um dizer e fazer que cura por dentro e por fora, fazendo o homem reconquistar a capacidade de caminhar por si.

[13-17] Os cobradores de impostos eram desprezados e marginalizados porque colaboravam com a dominação romana, cobrando imposto e, em geral, aproveitando para roubar. Jesus rompe os esquemas sociais que dividem os homens em bons e maus, puros e impuros. Chamando um cobrador de impostos para ser seu discípulo, e comendo com os pecadores, Jesus mostra que sua missão é reunir e salvar aqueles que a sociedade hipócrita rejeita como maus.

[18-22] O jejum caracterizava o tempo de espera. Mas esse tempo já terminou. Chegou a hora da festa do casamento, isto é, da nova e alegre relação entre Deus e os homens. A atividade de Jesus mostra que o amor de Deus vem para salvar o homem concreto e não para manter as estruturas que sugam o homem. A novidade rompe estas estruturas simbolizadas pela roupa e barril velhos. Jesus não veio para reformar; ele exige mudança radical.

[23-28] O centro da obra de Deus é o homem, e cultuar a Deus é fazer o bem ao homem. Não se trata de estreitar ou alargar a lei do sábado, mas de dar sentido totalmente novo a todas as estruturas e leis que regem as relações entre os homens. Porque só é bom aquilo que faz o homem crescer e ter mais vida. Toda lei que oprime o homem é lei contra a própria vontade de Deus, e deve ser abolida.

[3,1-6] Jesus mostra que a lei do sábado deve ser interpretada como libertação e vida para o homem. Ao mesmo tempo, partidos que eram inimigos entre si reúnem-se para planejar a morte desse profeta: afinal, ele está destruindo a ideia de religião e sociedade que eles tinham.

[7-12] Jesus se retira, mas atrai a multidão de todos os lugares. Ele acolhe o povo, mas também toma distância. O projeto de Jesus não pode ser atrapalhado

por um assistencialismo que só atende às necessidades imediatas. É preciso destruir pela raiz as estruturas injustas; estas é que produzem todo tipo de necessidades na vida do povo.

[13-19] Dentre a multidão e os discípulos Jesus escolhe doze. Um pequeno grupo que será o começo de novo povo. A missão desse grupo compreende três atitudes: comprometer-se com Jesus (estar com ele) para anunciar o Reino (pregar), libertando os homens de tudo aquilo que os escraviza e aliena (expulsar os demônios).

[20-30] Em Jesus está presente o Espírito Santo, que o leva à missão de libertar e desalienar os homens. Por isso ele é acusado de estar “possuído por um espírito impuro.” Tal acusação é pecado sem perdão. Para os acusadores, o bem é mal, e o mal é bem. Eles, na verdade, estão comprometidos e tiram proveito do mal; por isso, não reconhecem e não aceitam Jesus.

[31-35] Enquanto a família segundo a carne está “fora”, a família segundo o compromisso da fé está “dentro”, ao redor de Jesus. Sua verdadeira família é formada por aqueles que realizam na própria vida a vontade de Deus, que consiste em continuar a missão de Jesus.

[4,1-9] Apesar de todos os obstáculos, o semeador realiza seu trabalho, confiando na colheita que vai ter. Jesus também: apesar de todas as reações, obstáculos e incompreensões, sua missão chegará ao fim e será bem-sucedida.

[10-12] As parábolas são histórias que ajudam a ler e compreender toda a missão de Jesus. Mas é preciso “estar dentro”, isto é, seguir a Jesus, para perceber que o Reino de Deus está se aproximando através de sua ação. Os que não seguem a Jesus ficam “por fora”, e nada podem compreender.

[13-20] A explicação da parábola focaliza os vários *terrenos*, mostrando o efeito que a missão de Jesus (contada pela palavra do Evangelho) tem sobre os ouvintes ou leitores. Cada pessoa vê e entende a partir do lugar que ocupa na sociedade e das dificuldades que encontra para se comprometer com Jesus e para continuar a ação dele.

[21-25] A libertação iniciada por Jesus não é para ser abafada ou ficar escondida, mas para se tornar conhecida e contagiar a todos. Quem acolhe a Boa Notícia aprende a ver e agir de acordo com a visão e a ação de Jesus. E a compreensão vai aumentando à medida que se age. Quem não age perde até mesmo a pouca compreensão que já tem.

[26-29] A missão de Jesus é portadora do Reino de Deus e da transformação que

ele provoca. Uma vez iniciada, a ação de Jesus cresce e produz fruto de maneira imprevisível e irresistível.

[30-34] Diante das estruturas e ações deste mundo, a atividade de Jesus e daqueles que o seguem parece impotente, e mesmo ridícula. Mas ela crescerá, até atingir o mundo inteiro.

[35-41] Jesus atravessa com os discípulos para a terra dos pagãos. O mar agitado é símbolo das nações pagãs que ameaçam destruir a comunidade cristã. Mas Jesus é o Senhor da história e dos povos. O medo dos discípulos é sinal da falta de fé: eles não conseguem ver que a ação de Jesus transforma as situações.

[5,1-20] A atitude dos que pedem que Jesus vá embora é a mesma de uma sociedade que valoriza mais a posse dos bens do que a libertação dos alienados e escravizados. Em primeiro lugar, Deus quer que o homem viva. A sociedade que põe qualquer coisa acima da vida humana é sociedade que rejeita Jesus.

[21-43] Toda mulher menstruada ou sofrendo corrimento de sangue, era considerada impura (Lv 15,19.25), e impuros ficavam também os que fossem tocados por ela. A fé em Jesus faz que essa mulher viole a Lei e seja curada. A missão de Jesus é restaurar os homens na vida total: não só libertá-los da doença que os diminui e exclui do convívio social, mas também salvá-los da morte, que os exclui da vida antes do tempo.

[6,1-6a] Os contrerrâneos de Jesus se escandalizam: não querem admitir que alguém como eles possa ter sabedoria superior à dos profissionais e realize ações que indiquem uma presença de Deus. Para eles, o empecilho para a fé é a encarnação: Deus feito homem, situado num contexto social.

[6b-13] Os discípulos são enviados para continuar a missão de Jesus: pedir mudança radical da orientação de vida (conversão), desalienar as pessoas (libertar dos demônios), restaurar a vida humana (curas). Os discípulos devem estar livres, ter bom senso e estar conscientes de que a missão vai provocar choque com os que não querem transformações.

[14-29] A narração da morte de João Batista apresenta o destino de Jesus e dos que o seguem. A morte de João acontece dentro de um banquete de poderosos. Assim, o profeta que pregava o início da transformação radical é morto por aqueles que se sentem incomodados com essa transformação.

[30-44] Enquanto Herodes celebra o banquete da morte com os grandes, Jesus celebra o banquete da vida com o povo simples. Marcos não diz o que Jesus ensina, mas o grande ensinamento de toda a cena está no fato de que não é

preciso muito *dinheiro* para *comprar* comida para o povo. É preciso simplesmente *dar* e *repartir* entre todos o pouco que cada um possui. Jesus projeta nova sociedade, onde o comércio é substituído pelo dom, e a posse pela partilha. Mas, para que isso realmente aconteça, é preciso organizar o povo. Dando e repartindo, todos ficam satisfeitos, e ainda sobra muita coisa.

[45-56] O episódio mostra o verdadeiro Deus sendo revelado em Jesus (“Eu Sou” — cf. Ex 3,14). Os discípulos não conseguem ver a presença de Deus em Jesus, porque não entenderam o acontecimento dos pães. Para quem não entende que o comércio e a posse devem ser substituídos pelo dom e pela partilha, Jesus se torna fantasma ou apenas fazedor de milagres que provoca medo, e não a presença do Deus verdadeiro.

[7,1-13] Jesus desmascara o que está por trás de certas práticas apresentadas como religiosas. E toma um exemplo concreto referente ao quarto mandamento. *Corbã* era o voto pelo qual uma pessoa consagrava a Deus os próprios bens, tornando-os intocáveis e reservados ao tesouro do Templo. Aparentemente Deus era louvado, mas na realidade os pais ficavam privados de sustento necessário, enquanto o Templo e os sacerdotes ficavam ainda mais ricos.

[14-23] O que vem de fora não torna o homem pecador, e sim o que sai do coração, isto é, da consciência humana, que cria os projetos e dá uma direção às coisas. Jesus anuncia uma nova forma de moralidade, onde os homens podem relacionar-se entre si na liberdade e na justiça. Com isso, aboliu a lei sobre a pureza e impureza (Lv 11), cuja interpretação era o fundamento de uma sociedade injusta, baseada em tabus que criavam e solidificavam diferenças entre as pessoas, gerando privilegiados e marginalizados, opressores e oprimidos.

[24-30] A salvação trazida por Jesus não é privilégio de um povo determinado, mas é para todos os que acreditam nele e na sua missão, mesmo que sejam considerados como cães, isto é, estrangeiros. Não é mais a raça e o sangue que unem as pessoas a Deus, mas a fé em Jesus e no mundo novo e transformado que ele desperta.

[31-37] A missão de Jesus inicia nova criação (Gn 1,31). Para isso ele abre os ouvidos e a boca dos homens, para que eles sejam capazes de ouvir e falar, isto é, discernir a realidade e dizer a palavra que a transforma.

[8,1-9] A cena é outra versão do mesmo fato já apresentado em 6,30-44. Agora, porém, o banquete é realizado em território pagão: o convite para formar nova

sociedade é dirigido a todos, e não apenas a um grupo ou povo de privilegiados.

[10-13] Jesus aqui não dá nenhuma prova de ser o Messias que veio de Deus e que realiza a vontade de Deus. Quem está disposto pode concluir isso, vendo a pessoa e a atividade de Jesus. Pedir outra prova é querer um messias triunfalista, que provoca admiração, mas não liberta.

[14-21] Os discípulos se preocupam por não terem acumulado pão. Jesus chama a atenção deles para não ficarem presos a um sistema que visa a acumular coisas para ter segurança (fermento dos fariseus e de Herodes). É preciso confiar na partilha: tudo o que se reparte, torna-se até mais do que suficiente.

[22-26] A cura em dois tempos é um símbolo do que acontece com os discípulos. Eles acompanham Jesus e veem tudo o que ele faz, mas ainda não percebem que Jesus é o Messias. Só compreenderão isso claramente a partir da cena seguinte, onde Jesus começa a revelar seu próprio destino (Mc 8,27-10,52).

[27-33] A pergunta de Jesus força os discípulos a fazer uma revisão de tudo o que ele realizou no meio do povo. Esse povo não entendeu quem é Jesus. Os discípulos, porém, que acompanham e veem tudo o que Jesus tem feito, reconhecem agora, através de Pedro, que Jesus é o Messias. A ação messiânica de Jesus consiste em criar um mundo plenamente humano, onde tudo é de todos e repartido entre todos. Esse messianismo destrói a estrutura de uma sociedade injusta, onde há ricos à custa de pobres e poderosos à custa de fracos. Por isso, essa sociedade vai matar Jesus, antes que ele a destrua. Mas os discípulos imaginam um messias glorioso e triunfante.

[34-38] A morte de cruz era reservada a criminosos e subversivos. Quem quer seguir a Jesus esteja disposto a se tornar marginalizado por uma sociedade injusta (perder a vida) e mais, a sofrer o mesmo destino de Jesus: morrer como subversivo (tomar a cruz).

[9,1-13] A vida e ação de Jesus não terminam na sua morte. A transfiguração é sinal da Ressurreição: a sociedade não conseguirá deter a pessoa e a atividade de Jesus, que irão continuar através de seus discípulos. A voz de Deus mostra que, daqui por diante, Jesus é a única autoridade. Todos os que ouvem o convite de Deus e seguem a Jesus até o fim, começam desde já a participar da sua vitória final, quando ressuscitarão com ele.

[14-29] Os discípulos de Jesus só poderão ajudar os homens a discernir a realidade (ouvir) e dizer a palavra transformadora (falar) se estiverem plenamente convictos de que Deus quer realizar uma sociedade justa. A oração

exprime a união íntima com Deus e com o seu plano, porque Deus pode desalienar o homem, vencendo o mal.

[30-37] Os discípulos não compreendem as consequências que a ação de Jesus vai provocar, pois ainda concebem uma sociedade onde existem diferenças de grandeza. Quem é o maior? Jesus mostra que a grandeza da nova sociedade não se baseia na riqueza e no poder, mas no serviço sem pretensões e interesses.

[38-41] Jesus não quer que o grupo daqueles que o seguem se torne seita fechada e monopolizadora da sua missão. Toda e qualquer ação que desaliena o homem é parte integrante da missão de Jesus.

[42-50] Pequenininhos são os pobres e fracos que esperam confiantes uma sociedade fraterna e igualitária. Eles ficariam escandalizados se os seguidores de Jesus andassem à busca de poder e formassem casta privilegiada. Isso seria trair a missão de Jesus, mal que deve ser cortado pela raiz.

[10,1-12] Jesus recusa ver o matrimônio a partir de permissões ou restrições legalistas. Ele reconduz o matrimônio ao seu sentido fundamental: aliança de amor e, como tal, abençoada por Deus e com vocação de eternidade. Diante desse princípio fundamental, marido e mulher são igualmente responsáveis por uma união que deve crescer sempre, e os dois se equiparam quanto aos direitos e deveres.

[13-16] Aqui a criança serve de exemplo não pela inocência ou pela perfeição moral. Ela é o símbolo do ser fraco, sem pretensões sociais: é simples, não tem poder nem ambições. Principalmente na sociedade do tempo de Jesus, a criança não era valorizada, não tinha nenhuma significação social. A criança é, portanto, símbolo do pobre marginalizado, que está vazio de si mesmo, pronto para receber o Reino.

[17-31] Para entrar no Reino (ou vida eterna) é preciso mais do que observar leis ou regras. O Reino é dom de Deus aos homens, e nele tudo deve ser partilhado entre todos. Isso significa repartir as riquezas em vista de uma igualdade, abolindo o sistema classista. É por isso que os ricos ficam tristes e dificilmente entram no Reino. E o que acontece quando a gente deixa tudo para seguir a Jesus e continuar o seu projeto? Encontra nova sociedade, embora em meio à perseguição, e já vive a certeza da plenitude que virá.

[32-45] Jesus anuncia a sua morte como consequência de toda a sua vida. Enquanto isso, Tiago e João sonham com poder e honrarias, suscitando discórdia e competição entre os outros discípulos. Jesus mostra que a única coisa

importante para o discípulo é seguir o exemplo dele: servir e não ser servido. Em a nova sociedade que Jesus projeta, a autoridade não é exercício de poder, mas a qualificação para serviço que se exprime na entrega de si mesmo para o bem comum.

[46-52] O último milagre de Jesus é uma cura significativa. Ele não abre apenas os olhos do cego, mas também o coração. E o cego curado reconhece Jesus como o Messias (filho de Davi). E, com mais coragem do que Pedro (8,32) e do que o homem rico (10,22), segue a Jesus no caminho para a morte. Desse modo, Bartimeu torna-se o modelo do verdadeiro discípulo.

[11,1-11] Jesus é o Rei-Messias que vai confrontar-se com o centro da sociedade judaica, simbolizada por Jerusalém e pelo Templo, sede do poder econômico, político, ideológico e religioso. Ele entra na cidade, não como rei guerreiro, mas como simples homem, humilde e pacífico. Ele traz consigo a inversão de um sistema de sociedade apoiado na violência da força militar, que defende os privilegiados. O povo o aclama como aquele que traz o reino da verdadeira justiça.

[12-14] A figueira simboliza a sociedade que Jesus encontra. Tem folhas, mas não tem frutos, tem aparência de vida, mas não alimenta o povo faminto.

[15-19] Acusando e atacando o comércio existente dentro do Templo, Jesus retira as bases sobre as quais se apoiava toda uma sociedade. Com efeito, era com esse comércio que se sustentava grande parte da economia do país. O gesto de Jesus mexe não só com um modo de vida religiosa, mas com toda uma estrutura que usa a religião para estabelecer e assegurar privilégios de uma classe e sustentar uma visão mesquinha de salvação. Por isso, os que se favorecem desse sistema pensam em matar Jesus, mas temem o povo.

[20-26] A figueira secou: a sociedade que não acolhe a ação transformadora de Jesus morre sem dar frutos. Diante dela Jesus inicia uma comunidade que será o novo templo: comprometida com ele na fé e na confiança em Deus, a comunidade cristã será a semente de nova árvore frutífera para os homens.

[27-33] As autoridades tentam fazer uma armadilha para desmoralizar a autoridade de Jesus diante do povo. Mas Jesus usa o mesmo truque: se as autoridades responderem, elas é que ficarão desmoralizadas.

[12,1-12] Jesus passa ao ataque. A figueira não dá frutos, e o Templo tornou-se lugar de roubo, porque as autoridades (chefes dos sacerdotes, doutores da Lei, anciãos do Sinédrio) exploram e oprimem, apoderando-se daquilo que pertence a

Deus, isto é, o povo da aliança (vinha). Depois de muitos profetas que pregavam a justiça (empregados), Deus envia o próprio Filho com o Reino. A rejeição e morte do Filho trazem a sentença: o povo de Deus, agora congregado em torno de Jesus (pedra), passa a outros chefes, que não devem tomar posse, mas servir.

[13-17] O imposto era o sinal da dominação romana; os fariseus a rejeitavam, mas os partidários de Herodes a aceitavam. Se Jesus responde “sim”, os fariseus o desacreditarão diante do povo; se ele diz “não”, os partidários de Herodes poderão acusá-lo de subversão. Mas Jesus não discute a questão do imposto. Ele se preocupa é com o povo: a moeda é “de César”, mas o povo é “de Deus”. O imposto só é justo quando reverte em benefício do bem comum. Jesus condena a transformação do povo em mercadoria que enriquece e fortalece tanto a dominação interna como a estrangeira.

[18-27] Jesus desmoraliza os saduceus, apresentando o cerne das Escrituras: Deus é o Deus comprometido com a vida. Ele não criou ninguém para a morte, mas para a aliança consigo para sempre. A vida da ressurreição não pode ser imaginada como cópia do modo de vida deste mundo.

[28-34] Jesus resume a essência e o espírito da vida humana num ato único com duas faces inseparáveis: *amar a Deus com entrega total de si mesmo*, porque o Deus verdadeiro e absoluto é um só e, entregando-se a Deus, o homem desabsolutiza a si mesmo, o próximo e as coisas; *amar ao próximo como a si mesmo*, isto é, a relação num espírito de fraternidade e não de opressão ou de submissão. O dinamismo da vida é o amor que tece as relações entre os homens, levando todos aos encontros, confrontos e conflitos que geram uma sociedade cada vez mais justa e mais próxima do Reino de Deus.

[35-37] O título “filho de Davi” indicava a origem e o projeto do Messias: o descendente iria refazer a família real e a glória do reino de Davi. Mas Jesus critica essa concepção do Messias. Ele está acima de Davi e não veio instaurar uma monarquia.

[38-40] Jesus critica os intelectuais da classe dominante, que transformam o saber em poder, aproveitando-se da própria situação para viverem ricamente à custa das camadas mais pobres do povo. Disfarçando tal exploração com orações, isto é, com motivo religioso, tornam-se ainda mais culpados.

[41-44] Enquanto os doutores da Lei “exploram as viúvas e roubam suas casas”, uma viúva pobre deposita no Tesouro do Templo “tudo o que possuía para viver”. É o único fato positivo que Jesus vê em Jerusalém. Por isso proclama solenemente esse gesto (“eu garanto a vocês”), em contraposição à solenidade

ostensiva dos ricos. Mostra, assim, o significado dessa oferta: as relações econômicas que devem vigorar numa sociedade que crê em Deus são as relações de doação total, que deixam as próprias seguranças, e não as relações baseadas no supérfluo.

[13,1-8] Jesus anuncia a destruição do Templo de Jerusalém, acontecida no ano 70, e as batalhas que se verificaram entre os anos 66 e 70. O Templo era o símbolo da relação de Deus com o povo escolhido. Jesus salienta que o fim de uma instituição não significa o fim do mundo e nem o fim da relação entre Deus e os homens.

[9-13] A relação entre Deus e os homens continua através dos discípulos, que deverão prosseguir a missão de Jesus pelo testemunho, anunciando a Boa Notícia a todas as nações. Contudo, assim como Jesus encontrou resistência, também os discípulos a encontrarão: serão perseguidos, presos, torturados, julgados e até mesmo mortos por continuarem a ação de Jesus. Mas os discípulos não devem ficar preocupados com a própria defesa. O importante é a coragem de permanecer firmes até o fim.

[14-23] Aqui se retoma o que já foi dito em 13,1-8. A “abominação da desolação” indica a profanação do Templo pelos romanos. O tempo de crise é terrível: os discípulos devem estar atentos para não desanimar e não se deixar enganar por pessoas que apresentam falsos projetos de salvação.

[24-27] A queda de Jerusalém manifesta e antecipa o julgamento com que Deus acompanha toda a história, e que se consumará no fim dos tempos. O Filho do Homem é Jesus que, pela sua morte e ressurreição, testemunhadas pelos discípulos, irá reunir todo o povo de Deus (cf. Dn 7,13-14).

[28-37] Somente agora Jesus responde à pergunta dos discípulos (v. 4). Mas, em vez de dizer “quando” ou “como” acontecerá o fim, ele indica apenas como o discípulo deve se comportar na história. A tarefa do discípulo é testemunhar sem desanimar, continuando a ação de Jesus. A espera da plena manifestação de Jesus e do mundo novo por ele prometido impede, de um lado, que o discípulo se instale na situação presente; de outro, evita que o discípulo desanime, achando que o projeto de Jesus é difícil, distante e inviável.

[14,1-11] A atividade de Jesus vai levá-lo à morte. Entre a conspiração das autoridades e a decisão que Judas toma de trair Jesus, temos o gesto significativo de uma mulher: reconhecendo o verdadeiro sentido da pessoa de Jesus, ela o unge como Messias (unção na cabeça) que vai morrer. O que ela faz é mais

importante do que dar esmola aos pobres: não é possível realmente fazer o bem a eles a não ser dentro do projeto de Jesus. A ausência física de Jesus será depois ocupada pelos pobres, que se tornarão sacramento da presença dele.

[12-21] A celebração da Páscoa marcava a noite em que o povo de Deus foi libertado da escravidão do Egito. Jesus vai ser morto como o novo cordeiro pascal: sua vida e morte são o início de novo modo de vida, no qual não haverá mais escravidão do dinheiro e do poder.

[22-25] A ceia pascal de Jesus com os discípulos recorda a partilha dos pães. Ela substitui as cerimônias do Templo e torna-se o centro vital da comunidade formada pelos que seguem a Jesus. O gesto e as palavras de Jesus não são apenas afirmação de sua presença sacramental no pão e no vinho. Manifestam também o sentido profundo de sua vida e morte, isto é: Jesus viveu e morreu como dom gratuito, como entrega de si mesmo aos outros, opondo-se a uma sociedade em que as pessoas vivem para si mesmas e para seus próprios interesses. Na ausência de Jesus, os discípulos são convidados a fazer o mesmo (“tomem”): partilhar o pão com os pobres e viver para os outros.

[26-31] Jesus sabe que vai ser traído por um discípulo e abandonado pelos outros. Mostra assim a plena gratuidade do seu dom, sendo fiel aos discípulos até o fim: marca um novo encontro na Galileia (cf. 16,7). Aí Jesus reunirá novamente os discípulos para continuar a sua ação.

[32-42] O que se passa no íntimo de Jesus? Uma luta dramática, em que se confrontam a companhia e a solidão, o medo e a serenidade, a coragem de continuar o projeto até o fim e a vontade de desistir e fugir. A oração é a fonte que reanima o projeto de vida segundo a vontade do Pai; a vigilância impede que o homem se torne inconsciente diante das situações.

[43-52] Um dos discípulos se alia ao poder repressivo das autoridades e trai Jesus com um gesto de amizade. Um dos presentes tenta defender Jesus com as mesmas armas dos opressores. Por fim, todos fogem e Jesus fica sozinho e preso. Aquele que realiza o projeto de Deus e atrai o povo é considerado pelos poderosos como bandido perigoso. Mas eles não têm coragem de prendê-lo à luz do dia.

[53-65] Para as autoridades, Jesus é réu, e elas já tinham decretado a morte dele. Agora, montam um processo teatral e falso para justificar tal decreto. Jesus não se defende, porque as acusações realmente não o culpam de nada. No projeto de Deus, as coisas se invertem: este homem, condenado por uma sociedade injusta, é o Messias, o Filho de Deus, que inaugura a sociedade justa do Reino de Deus.

Por isso, de réu ele passa a ser juiz (o Filho do Homem: cf. Dn 7,13), que condena o sistema causador de sua morte. As duas forças que se chocam são inconciliáveis, e o rompimento é inevitável (rasgar as vestes).

[66-72] Enquanto Jesus fala corajosamente diante das autoridades, Pedro não é capaz de vigiar, e cai na tentação de abandonar o seguimento de Jesus, negando-o covardemente diante de pessoas simples.

[15,1-15] Sob a dominação romana, o Sinédrio podia condenar à morte, mas não podia executar a sentença. Por isso, Jesus é entregue ao governador romano, sob a falsa acusação de ser subversivo político que pretende retomar o reino judaico contra a dominação romana. O processo diante de Pilatos é também uma grande farsa dominada pelos interesses de ambas as autoridades.

Jesus ou Barrabás? Pilatos prefere Jesus, porque não o vê como perigo para a autoridade romana; além disso, desconhece o alcance do projeto de Jesus. As autoridades dos judeus sabem muito bem que Jesus é mais perigoso para a estrutura interna do país do que Barrabás (zelote). A multidão fica do lado das suas autoridades, porque depende delas e porque agora estão enfrentando a autoridade estrangeira. Pressionado, Pilatos defende seu próprio prestígio e entrega Jesus à multidão. Barrabás torna-se uma peça no jogo de interesses entre as duas autoridades; Jesus não participa da farsa e é condenado. Se ele fosse solto estaria negando todo o seu projeto.

[16-20] Os soldados revestem Jesus com todos os sinais do poder (púrpura, coroa, adoração). Mas, somente despojado desse poder (“vestiram-no de novo com as próprias vestes dele”) e fora do sistema defendido por esse poder (“e o levaram para fora”), é que o Rei poderá dar a própria vida para salvar o seu povo.

[21-32] Jesus está completamente só. Seu corpo poderoso é reduzido à fraqueza extrema. Contudo, ele até o fim permanece consciente da sua entrega, e recusa a bebida entorpecente. A inscrição, com o motivo da sentença, inaugura na história o tempo da realeza que não oprime, mas que dá a própria vida. As caçadas revelam a verdadeira identidade de Jesus: ele é o novo Templo e o Messias-Rei que não age em vista de seus próprios interesses.

[33-41] No ápice do abandono, as situações imediatamente se invertem. A cortina do Templo, símbolo de um sistema econômico-político-religioso, se rasga: é a ruptura total entre o projeto de Jesus e a estrutura dos projetos deste mundo. A exclamação do oficial romano marca também outra ruptura: os pagãos

que adoram os poderosos deste mundo começam a reconhecer que Jesus é o Filho de Deus. No momento do aparente fracasso total, o Evangelho de Marcos atinge o seu ponto culminante, desvendando definitivamente a identidade de Jesus. As mulheres que acompanharam Jesus desde a Galileia já podem voltar, pois o serviço a Jesus vai continuar.

[42-47] Jesus morre e seu corpo é encerrado num túmulo. Aparentemente, a história acabou e o sistema que condenou Jesus pode ficar tranquilo. Mas as mulheres estão aí, à espera: alguma coisa vai acontecer...

[16,1-8] Estes versículos são o final primitivo do Evangelho de Marcos. O túmulo vazio é o sinal de que a ação de Deus em Jesus não termina aí, na morte e no medo. Jesus de Nazaré ressuscitou e vai estar de novo no lugar onde havia começado sua atividade: na Galileia (1,14). Os discípulos só poderão encontrar-se de novo com Jesus, se continuarem o projeto por ele iniciado. Jesus ressuscitado não é apenas um corpo redivivo, mas uma presença contínua entre aqueles que continuam o seu caminho. O Evangelho de Marcos é somente o começo (1,1), a introdução de um livro muito maior, que deverá narrar a Boa Notícia de Jesus, o Messias, o Filho de Deus, através dos seus discípulos em todos os tempos e lugares.

[9-20] Este trecho difere muito do livro até aqui; por isso é considerado obra de outro autor. Os cristãos da primeira geração provavelmente quiseram completar o livro de Marcos com um resumo das aparições de Jesus e uma apresentação global da missão da Igreja. Parece que se inspiraram no último capítulo de Mateus (28,18-20), em Lucas (24,10-53), em João (20,11-23) e no início do livro dos Atos dos Apóstolos (1,4-14).

Embora seja acréscimo de retalhos tomados de outros escritos do Novo Testamento, o trecho conserva o pensamento de Marcos, isto é: os discípulos devem continuar a ação de Jesus.

EVANGELHO SEGUNDO SÃO LUCAS

COM JESUS NASCE UMA NOVA HISTÓRIA

Introdução

*O terceiro Evangelho é a primeira parte de uma obra desde o início concebida como um todo; sua continuação é o livro dos Atos dos Apóstolos (Lc 1,1-4; At 1,1ss). No Evangelho, Lucas apresenta o caminho de Jesus; em Atos, temos o caminho da Igreja. Juntos, formam o **caminho da salvação**, com o centro de referência em Jerusalém. Esta cidade é o ponto de chegada do caminho de Jesus. Aí ele vai morrer, ressuscitar e subir ao céu, terminando a sua missão. É também o ponto de partida do caminho da Igreja que prossegue a missão de Jesus até os confins da terra (At 1,8).*

*O Evangelho de Lucas apresenta o **caminho de Jesus** como caminho que se realiza **na história**. Para percorrê-lo, o Filho do Altíssimo (1,32) se faz homem em Jesus de Nazaré (2,1-7), trazendo para dentro da história humana o projeto de salvação que Deus tinha revelado, conforme a promessa feita no Antigo Testamento (1,68-70).*

*O caminho de Jesus inicia o processo de libertação na história, e por isso realiza **nova história**: a história dos pobres e oprimidos que são libertos para usufruírem a vida dentro de novas relações entre os homens. O programa da ação libertadora de Jesus é apresentado no seu discurso na sinagoga de Nazaré (4,16-22). Por essa razão, o caminho provoca confronto, choque com aqueles que julgam a história como já realizada e querem manter o sistema organizado. Tal sistema, porém, mostra apenas a história tal como é contada pelos ricos e poderosos, que exploram e oprimem o povo, reduzindo-o à miséria e fraqueza. O caminho de Jesus força a revisão dessa história, e começa a contar a história a ser construída pelos pobres (1,46-55; 1,67-79). Desse modo, surge entre os homens o caminho da salvação, que é o caminho da paz (1,79).*

O ápice do terceiro Evangelho está nas palavras de Jesus na cruz: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (23,46). A morte de Jesus é a sua libertação nas mãos de Deus. É a consequência da sua vida e atividade voltada para os pobres e oprimidos, provocando toda a violência do sistema baseado na riqueza e no poder. Mas a morte é também a libertação, é o resultado da obediência

*total e confiante a Deus. Por isso Lucas vê a morte de Jesus como “assunção”, o ápice do caminho de Jesus para o mistério de Deus. Jesus faz da sua vida e morte ato de humilde entrega a Deus. E Deus responde com a ressurreição (At 2,22-24; 3,15), que revela e legitima o caminho de Jesus como o **caminho da vida**.*

*O caminho de Jesus é, portanto, a pedagogia **que ensina a fazer a história dos pobres** que buscam um mundo mais justo e mais humano. Com efeito, Jesus traz o projeto para uma ordem nova, a libertação que leva os homens à relação de partilha e fraternidade, substituindo as relações de exploração e dominação. Eis o motivo por que o **caminho-vida** de Jesus e “todos os acontecimentos desta vida” (At 5,20) são importantes para revelar as dimensões de uma vida nova e educar o homem para um novo modo de ser e agir. Tal como Jesus educa seus discípulos durante a longa viagem relatada por Lucas (9,51-19,28). Nesse sentido, encontramos antes da viagem o convite fundamental para a vida: “Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome cada dia a sua cruz, e me siga” (9,23ss). Jesus é o educador que mostra, pela sua palavra e ação, pela sua morte, ressurreição e ascensão, o caminho que leva à salvação e comunhão com o Pai, fonte e fim de toda a vida.*

EVANGELHO SEGUNDO SÃO LUCAS

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24**

EVANGELHO SEGUNDO SÃO LUCAS

Prólogo: Intenção do evangelista

1 ¹Muitas pessoas já tentaram escrever a história dos acontecimentos que se passaram entre nós. ²Elas começaram do que nos foi transmitido por aqueles que, desde o princípio, foram testemunhas oculares e ministros da palavra. ³Assim sendo, após fazer um estudo cuidadoso de tudo o que aconteceu desde o princípio, também eu decidi escrever para você uma narração bem ordenada, excelentíssimo Teófilo. ⁴Desse modo, você poderá verificar a solidez dos ensinamentos que recebeu. [\[1,1-4\]](#)

Introdução: A pessoa e a missão de Jesus

Deus ouve o pedido dos pobres — ⁵No tempo de Herodes, rei da Judeia, havia um sacerdote chamado Zacarias. Era do grupo de Abias. Sua esposa se chamava Isabel, e era descendente de Aarão. ⁶Os dois eram justos diante de Deus: obedeciam fielmente a todos os mandamentos e ordens do Senhor. ⁷Não tinham filhos, porque Isabel era estéril, e os dois já eram de idade avançada.

⁸Certa ocasião, Zacarias fazia o serviço religioso no Templo, pois era a vez do seu grupo realizar as cerimônias. ⁹Conforme o costume do serviço sacerdotal, ele foi sorteado para entrar no Santuário e fazer a oferta do incenso. ¹⁰Na hora do incenso, toda a assembleia do povo estava rezando no lado de fora. ¹¹Então apareceu a Zacarias um anjo do Senhor. Estava de pé, à direita do altar do incenso. ¹²Ao vê-lo, Zacarias ficou perturbado e cheio de medo. ¹³Mas o anjo disse: “Não tenha medo, Zacarias! Deus ouviu o seu pedido, e a sua esposa Isabel vai ter um filho, e você lhe dará o nome de João. ¹⁴Você ficará alegre e feliz, e muita gente se alegrará com o nascimento do menino, ¹⁵porque ele vai ser grande diante do Senhor. Ele não beberá vinho nem bebida fermentada e, desde o ventre materno, ficará cheio do Espírito Santo. ¹⁶Ele reconduzirá muitos do povo de Israel ao Senhor seu Deus. ¹⁷Caminhará à frente deles, com o espírito e o poder de Elias, a fim de converter os corações dos pais aos filhos e os rebeldes à sabedoria dos justos, preparando para o Senhor um povo bem disposto.” ¹⁸Então Zacarias perguntou ao anjo: “Como vou saber se isso é verdade? Sou velho, e minha mulher é de idade avançada.” ¹⁹O anjo respondeu: “Eu sou Gabriel. Estou sempre na presença de Deus, e ele me mandou dar esta boa notícia para você. ²⁰Eis que você vai ficar mudo e não poderá falar, até o dia em que essas coisas acontecerem, porque você não acreditou nas minhas palavras, que se cumprirão no tempo certo.”

²¹O povo ficou esperando Zacarias, e estava admirado com a sua demora no Santuário. ²²Quando saiu, não podia falar, e eles compreenderam que ele tinha tido uma visão no Santuário. Zacarias falava com sinais e continuava mudo.

²³Depois que terminou seus dias de serviço no Santuário, Zacarias voltou para casa. ²⁴Algum tempo depois, sua esposa Isabel ficou grávida, e se escondeu durante cinco meses. ²⁵Ela dizia: “Eis o que o Senhor fez por mim, nos dias em que ele se dignou tirar-me da humilhação pública!” [\[5-25\]](#)

O Messias vai chegar — ²⁶No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré. ²⁷Foi a uma virgem, prometida em casamento a um homem chamado José, que era descendente de Davi. E o nome da virgem era Maria. ²⁸O anjo entrou onde ela estava e disse: “Alegre-se, cheia de graça! O Senhor está com você!” ²⁹Ouvindo isso, Maria ficou preocupada, e perguntava a si mesma o que a saudação queria dizer. ³⁰O anjo disse: “Não tenha medo, Maria, porque você encontrou graça diante de Deus. ³¹Eis que você vai ficar grávida, terá um filho e dará a ele o nome de Jesus. ³²Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo. E o Senhor dará a ele o trono de seu pai Davi, ³³e ele reinará para sempre sobre os descendentes de Jacó. E o seu reino não terá fim.” ³⁴Maria perguntou ao anjo: “Como vai acontecer isso, se não vivo com nenhum homem?” ³⁵O anjo respondeu: “O Espírito Santo virá sobre você, e o poder do Altíssimo a cobrirá com sua sombra. Por isso, o Santo que vai nascer de você será chamado Filho de Deus. ³⁶Olhe a sua parenta Isabel: apesar da sua velhice, ela concebeu um filho. Aquela que era considerada estéril, já faz seis meses que está grávida. ³⁷Para Deus nada é impossível.” ³⁸Maria disse: “Eis a escrava do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra.” E o anjo a deixou. [26-38]

João aponta o Messias — ³⁹Naqueles dias, Maria partiu para a região montanhosa, dirigindo-se, às pressas, a uma cidade da Judeia. ⁴⁰Entrou na casa de Zacarias, e saudou Isabel. ⁴¹Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança se agitou no seu ventre, e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. ⁴²Com um grande grito exclamou: “Você é bendita entre as mulheres, e é bendito o fruto do seu ventre! ⁴³Como posso merecer que a mãe do meu Senhor venha me visitar? ⁴⁴Logo que a sua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança saltou de alegria no meu ventre. ⁴⁵Bem-aventurada aquela que acreditou, porque vai acontecer o que o Senhor lhe prometeu.” [39-45]

O cântico de Maria — ⁴⁶Então Maria disse: “Minha alma proclama a grandeza do Senhor,

⁴⁷meu espírito se alegra em Deus, meu salvador, ⁴⁸porque olhou para a humilhação de sua serva.

Doravante todas as gerações me felicitarão, ⁴⁹porque o Todo-poderoso realizou grandes obras em meu favor: seu nome é santo, ⁵⁰e sua misericórdia chega aos que o temem, de geração em geração.

⁵¹Ele realiza proezas com seu braço: dispersa os soberbos de coração, ⁵²derruba do trono os poderosos e eleva os humildes; ⁵³aos famintos enche de bens e despede os ricos de mãos vazias.

⁵⁴Socorre Israel, seu servo, lembrando-se de sua misericórdia, ⁵⁵— conforme prometera aos nossos pais — em favor de Abraão e de sua descendência, para sempre.”

⁵⁶Maria ficou três meses com Isabel; e depois voltou para casa. [46-56]

Nascimento de João Batista — ⁵⁷Terminou para Isabel o tempo de gravidez, e ela deu à luz um filho. ⁵⁸Os vizinhos e parentes ouviram dizer como o Senhor foi misericordioso para Isabel, e se alegraram com ela. ⁵⁹No oitavo dia, foram circuncidar o menino, e queriam dar-lhe o nome de seu pai, Zacarias. ⁶⁰A mãe, porém, disse: “Não! Ele vai se chamar João.” ⁶¹Os outros disseram: “Você não tem parente com esse nome!” ⁶²Então fizeram sinais ao pai, perguntando como ele queria que o menino se chamasse. ⁶³Zacarias pediu uma tabuinha e escreveu: “O nome dele é João.” E todos ficaram admirados. ⁶⁴No mesmo instante, a boca de Zacarias se abriu, sua língua se soltou e ele começou a louvar a Deus. ⁶⁵Todos os vizinhos ficaram com medo, e a notícia se espalhou por toda a região montanhosa da Judeia. ⁶⁶E todos os que ouviam a notícia, ficavam pensando: “O que será que esse menino vai ser?” De fato, a mão do Senhor estava com ele. [57-66]

O cântico de Zacarias — ⁶⁷O pai Zacarias, cheio do Espírito Santo, profetizou dizendo: ⁶⁸“Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo.

⁶⁹Fez aparecer uma força de salvação na casa de Davi, seu servo; ⁷⁰conforme tinha anunciado desde outrora pela boca de seus santos profetas.

⁷¹É a salvação que nos livra de nossos inimigos
e da mão de todos os que nos odeiam.

⁷²Ele realizou a misericórdia que teve com nossos pais, recordando sua santa aliança ⁷³e o juramento que fez ao nosso pai Abraão.

⁷⁴Para conceder-nos que, livres do medo e arrancados das mãos dos inimigos, ⁷⁵nós o sirvamos com santidade e justiça, em sua presença, todos os nossos dias.

⁷⁶E a você, menino, chamarão profeta do Altíssimo, porque irá à frente do Senhor, para preparar-lhe os caminhos, ⁷⁷anunciando ao seu povo a salvação, o perdão dos pecados.

⁷⁸Graças ao misericordioso coração do nosso Deus, o sol que nasce do alto nos visitará, ⁷⁹para iluminar os que vivem nas trevas e na sombra da morte; para guiar nossos passos no caminho da paz.”

⁸⁰O menino ia crescendo e ficando forte de espírito. João viveu no deserto, até o dia em que se manifestou a Israel. [67-80]

2 *O nascimento de Jesus* — ¹Naqueles dias, o imperador Augusto publicou um decreto, ordenando o recenseamento em todo o império. ²Esse primeiro recenseamento foi feito quando Quirino era governador da Síria. ³Todos iam registrar-se, cada um na sua cidade natal. ⁴José era da família e descendência de Davi. Subiu da cidade de Nazaré, na Galileia, até a cidade de Davi, chamada Belém, na Judeia, ⁵para registrar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida. ⁶Enquanto estavam em Belém, se completaram os dias para o parto, ⁷e Maria deu à luz o seu filho primogênito. Ela o enfaixou e o colocou na manjedoura, pois não havia lugar para eles dentro da casa. [2,1-7]

O Messias veio para os pobres — ⁸Naquela região havia pastores, que passavam a noite nos campos, tomando conta do rebanho. ⁹Um anjo do Senhor apareceu aos pastores; a glória do Senhor os envolveu em luz, e eles ficaram com muito medo. ¹⁰Mas o anjo disse aos pastores: “Não tenham medo! Eu anuncio para vocês a Boa Notícia, que será uma grande alegria para todo o povo: ¹¹hoje, na cidade de Davi, nasceu para vocês um Salvador, que é o Messias, o Senhor. ¹²Isto lhes servirá de sinal: vocês encontrarão um recém-nascido, envolto em faixas e deitado numa manjedoura.” ¹³De repente, juntou-se ao anjo uma grande multidão de anjos. Cantavam louvores a Deus, dizendo: ¹⁴“Glória a Deus no mais alto dos céus, e paz na terra aos homens por ele amados.”

¹⁵Quando os anjos se afastaram, voltando para o céu, os pastores combinaram entre si: “Vamos a Belém, ver esse acontecimento que o Senhor nos revelou.” ¹⁶Foram então, às pressas, e encontraram Maria e José, e o recém-nascido deitado na manjedoura. ¹⁷Tendo-o visto, contaram o que o anjo lhes anunciara sobre o menino. ¹⁸E todos os que ouviam os pastores ficaram maravilhados com aquilo que contavam. ¹⁹Maria, porém, conservava todos esses fatos e meditava sobre eles em seu coração. ²⁰Os pastores voltaram, glorificando e louvando a Deus por tudo o que haviam visto e ouvido, conforme o anjo lhes tinha anunciado. [8-20]

O Messias é pobre — ²¹Quando se completaram os oito dias para a circuncisão do menino, deram-lhe o nome de Jesus, como fora chamado pelo anjo, antes de ser concebido.

²²Terminados os dias da purificação deles, conforme a Lei de Moisés, levaram o menino para Jerusalém, a fim de apresentá-lo ao Senhor, ²³conforme está escrito na Lei do Senhor: “Todo primogênito de sexo masculino será consagrado ao Senhor.” ²⁴Foram também para oferecer em sacrifício um par de rolas ou dois pombinhos, conforme ordena a Lei do Senhor. [21-24]

O Messias, sinal de contradição — ²⁵Havia em Jerusalém um homem chamado Simeão. Era justo e piedoso. Esperava a consolação de Israel, e o Espírito Santo estava com ele. ²⁶O Espírito Santo tinha revelado a Simeão que ele não morreria sem primeiro ver o Messias prometido pelo Senhor. ²⁷Movido pelo Espírito, Simeão foi ao Templo. Quando os pais levaram o menino Jesus, para cumprirem as prescrições da Lei a respeito dele, ²⁸Simeão tomou o menino nos braços, e louvou a Deus, dizendo: ²⁹“Agora, Senhor, conforme a tua promessa, podes deixar o teu servo partir em paz.

³⁰Porque meus olhos viram a tua salvação, ³¹que preparaste diante de todos os povos: ³²luz para iluminar as nações e glória do teu povo, Israel.”

³³O pai e a mãe estavam maravilhados com o que se dizia do menino. ³⁴Simeão os abençoou, e disse a Maria, mãe do menino: “Eis que este menino vai ser causa de queda e elevação de muitos em Israel. Ele será um sinal de contradição. ³⁵Quanto a você, uma espada há de atravessar-lhe a alma. Assim serão revelados os pensamentos de muitos corações.”

³⁶Havia também uma profetisa chamada Ana, de idade muito avançada. Ela era filha de Fanuel, da tribo de Aser. Tinha-se casado bem jovem, e vivera sete anos com o marido. ³⁷Depois ficou viúva, e viveu assim até os oitenta e quatro anos. Nunca deixava o Templo, servindo a Deus noite e dia, com jejuns e orações. ³⁸Ela chegou nesse instante, louvava a Deus e falava do menino a todos os que esperavam a libertação de Jerusalém.

³⁹Quando acabaram de cumprir todas as coisas, conforme a Lei do Senhor, voltaram para Nazaré, sua cidade, que ficava na Galileia. ⁴⁰O menino crescia e ficava forte, cheio de sabedoria. E a graça de Deus estava com ele. [25-40]

O Messias é o Filho de Deus — ⁴¹Os pais de Jesus iam todos os anos a Jerusalém, para a festa da Páscoa. ⁴²Quando o menino completou doze anos,

subiram para a festa, como de costume. ⁴³Passados os dias da Páscoa, voltaram, mas o menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que seus pais o notassem. ⁴⁴Pensando que o menino estivesse na caravana, caminharam um dia inteiro. Depois começaram a procurá-lo entre parentes e conhecidos. ⁴⁵Não o tendo encontrado, voltaram a Jerusalém à procura dele. ⁴⁶Três dias depois, encontraram o menino no Templo. Estava sentado no meio dos doutores, escutando e fazendo perguntas. ⁴⁷Todos os que ouviam o menino estavam maravilhados com a inteligência de suas respostas. ⁴⁸Ao vê-lo, seus pais ficaram emocionados. Sua mãe lhe disse: “Meu filho, por que você fez isso conosco? Olhe que seu pai e eu estávamos angustiados, à sua procura.” ⁴⁹Jesus respondeu: “Por que me procuravam? Não sabiam que eu devo estar na casa do meu Pai?” ⁵⁰Mas eles não compreenderam o que o menino acabava de lhes dizer.

⁵¹Jesus desceu então com seus pais para Nazaré, e permaneceu obediente a eles. E sua mãe conservava no coração todas essas coisas. ⁵²E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e graça, diante de Deus e dos homens. [41-52]

3 João Batista prepara o povo — ¹Fazia quinze anos que Tibério era imperador de Roma. Pôncio Pilatos era governador da Judeia; Herodes governava a Galileia; seu irmão Filipe, a Itureia e a Traconítide; e Lisânias, a Abilene. ²Anás e Caifás eram sumos sacerdotes. Foi nesse tempo que Deus enviou a sua palavra a João, filho de Zacarias, no deserto. ³E João percorria toda a região do rio Jordão, pregando um batismo de conversão para o perdão dos pecados, ⁴conforme está escrito no livro do profeta Isaías: “Esta é a voz daquele que grita no deserto: preparem o caminho do Senhor, endireitem suas estradas. ⁵Todo vale será aterrado, toda montanha e colina serão aplainadas; as estradas curvas ficarão retas, e os caminhos esburacados serão nivelados. ⁶E todo homem verá a salvação de Deus.”

⁷João Batista dizia às multidões que iam para ser batizadas por ele: “Raça de cobras venenosas, quem lhes ensinou a fugir da ira que vai chegar? ⁸Façam coisas para provar que vocês se converteram, e não comecem a pensar: ‘Abraão é nosso pai’. Porque eu lhes digo: até destas pedras Deus pode fazer nascer filhos de Abraão. ⁹O machado já está posto na raiz das árvores. E toda árvore que não der bom fruto, será cortada e jogada no fogo.”

¹⁰As multidões perguntavam a João: “O que é que devemos fazer?” ¹¹Ele respondia: “Quem tiver duas túnicas, dê uma a quem não tem. E quem tiver

comida, faça a mesma coisa.” ¹²Alguns cobradores de impostos também foram para ser batizados, e perguntaram: “Mestre, o que devemos fazer?” ¹³João respondeu: “Não cobrem nada além da taxa estabelecida.” ¹⁴Alguns soldados também perguntaram: “E nós, o que devemos fazer?” Ele respondeu: “Não maltratem ninguém; não façam acusações falsas, e fiquem contentes com o salário de vocês.”

¹⁵O povo estava esperando o Messias. E todos perguntavam a si mesmos se João não seria o Messias. ¹⁶Por isso, João declarou a todos: “Eu batizo vocês com água. Mas vai chegar alguém mais forte do que eu. E eu não sou digno sequer de desamarrar a correia das sandálias dele. Ele é quem batizará vocês com o Espírito Santo e com fogo. ¹⁷Ele terá na mão uma pá; vai limpar sua eira e recolher o trigo no seu celeiro; mas a palha ele vai queimar no fogo que não se apaga.”

¹⁸João anunciava a Boa Notícia ao povo de muitos outros modos. ¹⁹João repreendeu o governador Herodes, porque este se casara com Herodíades, a mulher do irmão, e porque tinha feito muitas outras maldades. ²⁰Herodes ainda fez o pior: mandou prender João. [\[3,1-20\]](#)

O tempo do Espírito — ²¹Todo o povo foi batizado. Jesus, depois de batizado, estava rezando. Então o céu se abriu, ²²e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como pomba. E do céu veio uma voz: “Tu és o meu Filho amado! Em ti encontro o meu agrado.” [\[21-22\]](#)

Jesus é princípio de vida para todos — ²³Jesus tinha cerca de trinta anos quando começou sua atividade pública. E, conforme se pensava, ele era filho de José, filho de Eli, ²⁴filho de Matat, filho de Levi, filho de Melqui, filho de Janai, filho de José, ²⁵filho de Matatias, filho de Amós, filho de Naum, filho de Esli, filho de Nagai, ²⁶filho de Maat, filho de Matatias, filho de Semein, filho de José, filho de Jodá, ²⁷filho de Joanã, filho de Ressa, filho de Zorobabel, filho de Salatiel, filho de Neri, ²⁸filho de Melqui, filho de Adi, filho de Cosã, filho de Almadã, filho de Her, ²⁹filho de Jesus, filho de Eliezer, filho de Jorim, filho de Matat, filho de Levi, ³⁰filho de Simeão, filho de Judá, filho de José, filho de Jonã, filho de Eliacim, ³¹filho de Meleia, filho de Mená, filho de Matatá, filho de Natã, filho de Davi, ³²filho de Jessé, filho de Obed, filho de Booz, filho de Salá, filho de Naasson, ³³filho de Aminadab, filho de Admin, filho de Arni, filho de Esron, filho de Farés, filho de Judá, ³⁴filho de Jacó, filho de Isaac, filho de

Abraão, filho de Taré, filho de Nacor, ³⁵filho de Seruc, filho de Ragau, filho de Faleg, filho de Éber, filho de Salá, ³⁶filho de Cainã, filho de Arfaxad, filho de Sem, filho de Noé, filho de Lamec, ³⁷filho de Matusalém, filho de Henoc, filho de Jared, filho de Malaleel, filho de Cainã, ³⁸filho de Enós, filho de Set, filho de Adão, filho de Deus. [23-38]

4 *Jesus supera as tentações* — ¹Repleto do Espírito Santo, Jesus voltou do rio Jordão, e era conduzido pelo Espírito através do deserto. ²Aí ele foi tentado pelo diabo durante quarenta dias. Não comeu nada nesses dias e, depois disso, sentiu fome. ³Então o diabo disse a Jesus: “Se tu és Filho de Deus, manda que essa pedra se torne pão.” ⁴Jesus respondeu: “A Escritura diz: ‘Não só de pão vive o homem’.” ⁵O diabo levou Jesus para o alto. Mostrou-lhe por um instante todos os reinos do mundo. ⁶E lhe disse: “Eu te darei todo o poder e riqueza desses reinos, porque tudo isso foi entregue a mim, e posso dá-lo a quem eu quiser. ⁷Portanto, se te ajoelhares diante de mim, tudo isso será teu.” ⁸Jesus respondeu: “A Escritura diz: ‘Você adorará o Senhor seu Deus, e somente a ele servirá’.” ⁹Depois o diabo levou Jesus a Jerusalém, colocou-o na parte mais alta do Templo. E lhe disse: “Se tu és Filho de Deus, joga-te daqui para baixo. ¹⁰Porque a Escritura diz: ‘Deus ordenará aos seus anjos a teu respeito, que te guardem com cuidado’. ¹¹E mais ainda: ‘Eles te levarão nas mãos, para que não tropeces em nenhuma pedra’.” ¹²Mas Jesus respondeu: “A Escritura diz: ‘Não tente o Senhor seu Deus’.” ¹³Tendo esgotado todas as formas de tentação, o diabo se afastou de Jesus, para voltar no tempo oportuno. [4,1-13]

O programa da atividade de Jesus — ¹⁴Jesus voltou para a Galileia, com a força do Espírito, e sua fama espalhou-se por toda a redondeza. ¹⁵Ele ensinava nas sinagogas, e todos o elogiavam. ¹⁶Jesus foi à cidade de Nazaré, onde se havia criado. Conforme seu costume, no sábado entrou na sinagoga e levantou-se para fazer a leitura. ¹⁷Deram-lhe o livro do profeta Isaías. Abrindo o livro, Jesus encontrou a passagem onde está escrito: ¹⁸“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos ¹⁹e para proclamar um ano de graça do Senhor.” ²⁰Em seguida Jesus fechou o livro, o entregou na mão do ajudante, e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos

nele. ²¹Então Jesus começou a dizer-lhes: “Hoje se cumpriu essa passagem da Escritura, que vocês acabam de ouvir.” [14-21]

Reação do povo — ²²Todos aprovavam Jesus, admirados com as palavras cheias de encanto que saíam da sua boca. E diziam: “Este não é o filho de José?” ²³Mas Jesus disse: “Sem dúvida vocês vão repetir para mim o provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo. Faze também aqui, em tua terra, tudo o que ouvimos dizer que fizeste em Cafarnaum.” ²⁴E acrescentou: “Eu garanto a vocês: nenhum profeta é bem recebido em sua pátria. ²⁵De fato, eu lhes digo que havia muitas viúvas em Israel, no tempo do profeta Elias, quando não vinha chuva do céu durante três anos e seis meses, e houve grande fome em toda a região. ²⁶No entanto, a nenhuma delas foi enviado Elias, e sim a uma viúva estrangeira, que vivia em Sarepta, na Sidônia. ²⁷Havia também muitos leprosos em Israel no tempo do profeta Eliseu. Apesar disso, nenhum deles foi curado, a não ser o estrangeiro Naamã, que era sírio.” ²⁸Quando ouviram essas palavras de Jesus, todos na sinagoga ficaram furiosos. ²⁹Levantaram-se e expulsaram Jesus da cidade. E o levaram até o alto do monte, sobre o qual a cidade estava construída, com intenção de lançá-lo no precipício. ³⁰Mas Jesus, passando pelo meio deles, continuou o seu caminho. [22-30]

A ATIVIDADE LIBERTADORA DE JESUS

Jesus liberta da alienação — ³¹Jesus foi a Cafarnaum, cidade da Galileia, e aí ensinava aos sábados. ³²As pessoas ficavam admiradas com o seu ensinamento, porque Jesus falava com autoridade. ³³Na sinagoga havia um homem possuído pelo espírito de um demônio impuro, que gritou em alta voz: ³⁴“O que queres de nós, Jesus Nazareno? Vieste para nos destruir? Eu sei quem tu és: tu és o Santo de Deus!” ³⁵Jesus o ameaçou, dizendo: “Cale-se e saia dele!” Então o demônio jogou o homem no chão, saiu dele, e não lhe fez mal nenhum. ³⁶O espanto tomou conta de todos, e eles comentavam entre si: “Que palavra é essa? Ele manda nos espíritos impuros com autoridade e poder, e eles saem.” ³⁷E a fama de Jesus se espalhava em todos os lugares da redondeza. [31-37]

Ser livre para servir — ³⁸Jesus saiu da sinagoga e foi para a casa de Simão. A sogra de Simão estava com febre alta, e pediram a Jesus em favor dela. ³⁹Inclinando-se para ela, Jesus ameaçou a febre, e esta deixou a mulher. Então, no mesmo instante, ela se levantou e começou a servi-los.

⁴⁰Ao pôr do sol, todos os que tinham doentes atingidos por diversos males, os levavam a Jesus. Jesus colocava as mãos em cada um deles e os curava. ⁴¹De muitas pessoas também saíam demônios, gritando: “Tu és o Filho de Deus.” Jesus os ameaçava e não os deixava falar, porque os demônios sabiam que ele era o Messias. [38-41]

Jesus anuncia o Reino — ⁴²Ao raiar do dia, Jesus saiu e foi para um lugar deserto. As multidões o procuravam, e, indo até ele, não queriam deixá-lo ir embora. ⁴³Mas Jesus disse: “Devo anunciar a Boa Notícia do Reino de Deus também para as outras cidades, porque para isso é que fui enviado.” ⁴⁴E Jesus pregava nas sinagogas da Judeia. [42-44]

5 O seguimento de Jesus — ¹Certo dia, Jesus estava na margem do lago de Genesaré. A multidão se apertava ao seu redor para ouvir a palavra de Deus. ²Jesus viu duas barcas paradas na margem do lago; os pescadores haviam desembarcado e lavavam as redes. ³Subindo numa das barcas, que era de Simão, pediu que se afastasse um pouco da margem. Depois sentou-se e, da barca, ensinava as multidões. ⁴Quando acabou de falar, disse a Simão: “Avance para águas mais profundas, e lancem as redes para a pesca.” ⁵Simão respondeu:

“Mestre, tentamos a noite inteira, e não pescamos nada. Mas em atenção à tua palavra, vou lançar as redes.” ⁶ Assim fizeram, e apanharam tamanha quantidade de peixes, que as redes se arrebentavam. ⁷ Então fizeram sinal aos companheiros da outra barca, para que fossem ajudá-los. Eles foram e encheram as duas barcas, a ponto de quase afundarem. ⁸ Ao ver isso, Simão Pedro atirou-se aos pés de Jesus, dizendo: “Senhor, afasta-te de mim, porque sou um pecador!” ⁹ É que o espanto tinha tomado conta de Simão e de todos os seus companheiros, por causa da pesca que acabavam de fazer. ¹⁰ Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram sócios de Simão, também ficaram espantados. Mas Jesus disse a Simão: “Não tenha medo! De hoje em diante você será pescador de homens.” ¹¹ Então levaram as barcas para a margem, deixaram tudo e seguiram a Jesus. [5,1-11]

Jesus reintegra os marginalizados — ¹² Aconteceu que Jesus estava numa cidade, e havia aí um homem leproso. Vendo Jesus, caiu a seus pés e pediu: “Senhor, se queres, tu tens o poder de me purificar.” ¹³ Jesus estendeu a mão, tocou nele e disse: “Eu quero, fique purificado.” No mesmo instante a lepra o deixou. ¹⁴ Jesus lhe ordenou que não dissesse nada a ninguém. E falou: “Vá pedir ao sacerdote para examinar você, e depois ofereça pela sua purificação o sacrifício que Moisés ordenou, para que seja um testemunho para eles.” ¹⁵ No entanto, a fama de Jesus espalhava-se cada vez mais, e numerosas multidões se reuniam para ouvi-lo e serem curadas de suas doenças. ¹⁶ Mas Jesus se retirava para lugares desertos, a fim de rezar. [12-16]

Jesus liberta pela raiz — ¹⁷ Certo dia, Jesus estava ensinando. Estavam aí, sentados, fariseus e doutores da Lei, vindos de todos os povoados da Galileia, da Judeia e até de Jerusalém. E o poder do Senhor estava em Jesus, fazendo-o realizar curas. ¹⁸ Chegaram, então, algumas pessoas levando, numa cama, um homem que estava paralisado; tentavam introduzi-lo e colocá-lo diante de Jesus. ¹⁹ Mas, por causa da multidão, não conseguiam introduzi-lo. Subiram então ao terraço e, através das telhas, desceram o homem com a cama, no meio, diante de Jesus. ²⁰ Vendo a fé que eles tinham, Jesus disse: “Homem, seus pecados estão perdoados.”

²¹ Os doutores da Lei e os fariseus começaram a pensar: “Quem é esse, que está falando blasfêmias? Ninguém pode perdoar pecados, porque só Deus tem poder para isso!” ²² Mas Jesus percebeu o que eles estavam pensando. Tomou então a palavra e disse: “Por que vocês pensam assim? ²³ O que é mais fácil? Dizer:

‘Seus pecados estão perdoados’, ou dizer: ‘Levante-se e ande’? ²⁴Pois bem: para vocês ficarem sabendo que o Filho do Homem tem poder para perdoar pecados, — disse Jesus ao paralítico — eu ordeno a você: Levante-se, pegue a sua cama e volte para casa.” ²⁵No mesmo instante, o homem se levantou diante deles, pegou a cama onde estava deitado e foi para casa, louvando a Deus. ²⁶Todos ficaram admirados e louvavam a Deus. Ficaram cheios de medo e diziam: “Hoje vimos coisas estranhas.” [17-26]

Jesus rejeita a hipocrisia social — ²⁷Depois disso, Jesus saiu e viu um cobrador de impostos chamado Levi, que estava na coletoria. Jesus disse para ele: “Siga-me.” ²⁸Levi deixou tudo, levantou-se e seguiu a Jesus. ²⁹Depois, Levi preparou em casa um grande banquete para Jesus. Estava aí numerosa multidão de cobradores de impostos e outras pessoas sentadas à mesa com eles. ³⁰Os fariseus e seus doutores da Lei murmuravam, e diziam aos discípulos de Jesus: “Por que vocês comem e bebem com os cobradores de impostos e com pecadores?” ³¹Jesus respondeu: “As pessoas que têm saúde não precisam de médico, mas só as que estão doentes. ³²Eu não vim para chamar justos, e sim pecadores para o arrependimento.” [27-32]

Jesus provoca ruptura — ³³Eles disseram a Jesus: “Os discípulos de João, e também os discípulos dos fariseus, jejuam com frequência e fazem orações, mas os teus discípulos comem e bebem.” ³⁴Mas Jesus disse: “Vocês acham que os convidados de um casamento podem fazer jejum enquanto o noivo está com eles? ³⁵Mas vão chegar dias em que o noivo será tirado do meio deles; nesses dias eles vão jejuar.” ³⁶Jesus contou-lhes ainda uma parábola: “Ninguém tira retalho de roupa nova para remendar roupa velha; senão, vai rasgar a roupa nova, e o retalho novo não combina com a roupa velha. ³⁷Ninguém coloca vinho novo em barris velhos; porque, de fato, o vinho novo arrebenta os barris velhos, e se derrama, e os barris se perdem. ³⁸Vinho novo deve ser colocado em barris novos. ³⁹E ninguém, depois de beber vinho velho, deseja vinho novo, porque diz: o velho é melhor.” [33-39]

6 Jesus liberta da lei — ¹Num dia de sábado, Jesus estava passando por uns campos de trigo. Os discípulos arrancavam e comiam as espigas, debulhando-as com as mãos. ²Então alguns fariseus disseram: “Por que vocês estão fazendo o que não é permitido em dia de sábado?” ³Jesus respondeu: “Então vocês não leram o que Davi e seus companheiros fizeram quando estavam sentindo fome?

⁴Davi entrou na casa de Deus, pegou e comeu dos pães oferecidos a Deus, e ainda os deu a seus companheiros. No entanto, só os sacerdotes podem comer desses pães.” ⁵E Jesus acrescentou: “O Filho do Homem é senhor do sábado.” [6,1-5]

A lei de Jesus é salvar o homem — ⁶Em outro sábado, Jesus entrou na sinagoga e começou a ensinar. Aí havia um homem com a mão direita seca. ⁷Os doutores da Lei e os fariseus espiavam, para ver se Jesus iria curá-lo durante o sábado, e assim encontrarem motivo para acusá-lo. ⁸Mas Jesus sabia o que eles estavam pensando, e disse ao homem da mão seca: “Levante-se e fique no meio.” Ele se levantou e ficou de pé. ⁹Jesus disse aos outros: “Eu pergunto a vocês: a Lei permite no sábado fazer o bem ou fazer o mal, salvar uma vida ou deixar que se perca?” ¹⁰Então Jesus olhou para todos os que estavam ao seu redor, e disse ao homem: “Estenda a mão.” O homem assim o fez, e sua mão ficou boa. ¹¹Eles ficaram com muita raiva e começaram a conversar sobre o que poderiam fazer contra Jesus. [6-11]

Os doze apóstolos — ¹²Nesses dias, Jesus foi para a montanha a fim de rezar. E passou toda a noite em oração a Deus. ¹³Ao amanhecer, chamou seus discípulos, e escolheu doze dentre eles, aos quais deu o nome de apóstolos: ¹⁴Simão, a quem também deu o nome de Pedro, e seu irmão André; Tiago e João; Filipe e Bartolomeu; ¹⁵Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado Zelote; ¹⁶Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariotes, aquele que se tornou traidor. [12-16]

Anseio por um mundo novo — ¹⁷Jesus desceu da montanha com os doze apóstolos, e parou num lugar plano. Estava aí numerosa multidão de seus discípulos com muita gente do povo de toda a Judeia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e Sidônia. ¹⁸Foram para ouvir Jesus e serem curados de suas doenças. E aqueles que estavam atormentados por espíritos impuros, foram curados. ¹⁹Toda a multidão procurava tocar em Jesus, porque uma força saía dele, e curava a todos.

²⁰Levantando os olhos para os discípulos, Jesus disse: “Felizes de vocês, os pobres, porque o Reino de Deus lhes pertence. ²¹Felizes de vocês que agora têm fome, porque serão saciados. Felizes de vocês que agora choram, porque hão de rir. ²²Felizes de vocês se os homens os odeiam, se os expulsam, os insultam e amaldiçoam o nome de vocês, por causa do Filho do Homem. ²³Alegrem-se nesse dia, pulem de alegria, pois será grande a recompensa de vocês no céu,

porque era assim que os antepassados deles tratavam os profetas. ²⁴Mas, ai de vocês, os ricos, porque já têm a sua consolação! ²⁵Ai de vocês, que agora têm fartura, porque vão passar fome! Ai de vocês, que agora riem, porque vão ficar aflitos e irão chorar! ²⁶Ai de vocês, se todos os elogiam, porque era assim que os antepassados deles tratavam os falsos profetas.” [17-26]

A gratuidade nas relações — ²⁷“Mas eu digo a vocês que me escutam: amem os seus inimigos e façam o bem aos que odeiam vocês. ²⁸Desejem o bem aos que os amaldiçoam e rezem por aqueles que caluniam vocês. ²⁹Se alguém lhe dá um tapa numa face, ofereça também a outra; se alguém lhe toma o manto, deixe que leve também a túnica. ³⁰Dê a quem lhe pede e, se alguém tira o que é de você, não peça que devolva. ³¹O que vocês desejam que os outros lhes façam, também vocês devem fazer a eles. ³²Se vocês amam somente aqueles que os amam, que gratuidade é essa? Até mesmo os pecadores amam aqueles que os amam. ³³Se vocês fazem o bem somente aos que lhes fazem o bem, que gratuidade é essa? Até mesmo os pecadores fazem assim. ³⁴E se vocês emprestam somente para aqueles de quem esperam receber, que gratuidade é essa? Até mesmo os pecadores emprestam aos pecadores, para receber de volta a mesma quantia. ³⁵Ao contrário, amem os inimigos, façam o bem e emprestem, sem esperar coisa alguma em troca. Então a recompensa de vocês será grande, e vocês serão filhos do Altíssimo, porque Deus é bondoso também para com os ingratos e maus. ³⁶Sejam misericordiosos, como também o Pai de vocês é misericordioso.” [27-36]

Só Deus pode julgar — ³⁷“Não julguem, e vocês não serão julgados; não condenem, e não serão condenados; perdoem, e serão perdoados. ³⁸Deem, e será dado a vocês; colocarão nos braços de vocês uma boa medida, calcada, sacudida, transbordante. Porque a mesma medida que vocês usarem para os outros, será usada para vocês.”

³⁹Jesus contou uma parábola aos discípulos: “Pode um cego guiar outro cego? Não cairão os dois num buraco? ⁴⁰Nenhum discípulo é maior do que o mestre; e todo discípulo bem formado será como o seu mestre. ⁴¹Por que você fica olhando o cisco no olho do seu irmão, e não presta atenção na trave que há no seu próprio olho? ⁴²Como é que você pode dizer ao seu irmão: ‘Irmão, deixe-me tirar o cisco do seu olho’, quando você não vê a trave no seu próprio olho? Hipócrita! Tire primeiro a trave do seu próprio olho, e então você enxergará bem, para tirar o cisco do olho do seu irmão.” [37-42]

Os atos revelam a pessoa — ⁴³“Não existe árvore boa que dê frutos ruins, nem árvore ruim que dê frutos bons; ⁴⁴porque toda árvore é conhecida pelos seus frutos. Não se colhem figos de espinheiros, nem se apanham uvas de plantas espinhosas. ⁴⁵O homem bom tira coisas boas do bom tesouro do seu coração, mas o homem mau tira do seu mal coisas más, porque a boca fala daquilo de que o coração está cheio.” [43-45]

Passar para a ação — ⁴⁶“Por que vocês me chamam: ‘Senhor! Senhor!’, e não fazem o que eu digo? ⁴⁷Vou mostrar a vocês com quem se parece todo aquele que ouve as minhas palavras e as põe em prática. ⁴⁸É semelhante a um homem que construiu uma casa: cavou fundo e colocou o alicerce sobre a rocha. Veio a enchente, a enxurrada bateu contra a casa, mas não conseguiu derrubá-la, porque estava bem construída. ⁴⁹Aquele que ouve e não põe em prática, é semelhante a um homem que construiu uma casa sobre a terra, sem alicerce. A enxurrada bateu contra a casa, e ela imediatamente desabou; e foi grande a ruína dessa casa.” [46-49]

7 A fé não tem fronteiras — ¹Depois que terminou de falar todas essas palavras ao povo que o escutava, Jesus entrou na cidade de Cafarnaum. ²Havia aí um oficial romano que tinha um empregado, a quem estimava muito. O empregado estava doente, a ponto de morrer. ³O oficial ouviu falar de Jesus, e enviou alguns anciãos dos judeus, para pedir a Jesus que fosse salvar o empregado. ⁴Chegando onde Jesus estava, pediram-lhe com insistência: “O oficial merece que lhe faças esse favor, ⁵porque ele estima o nosso povo, e até construiu uma sinagoga para nós.” ⁶Então Jesus pôs-se a caminho com eles. Porém, quando já estava perto da casa, o oficial mandou alguns amigos dizer a Jesus: “Senhor, não te incomodes, pois eu não sou digno de que entres em minha casa; ⁷nem sequer me atrevi a ir pessoalmente ao teu encontro. Mas dize uma palavra, e o meu empregado ficará curado. ⁸Pois eu também estou sob a autoridade de oficiais superiores, e tenho soldados sob minhas ordens. E digo a um: Vá, e ele vai; e a outro: Venha, e ele vem; e ao meu empregado: Faça isso, e ele o faz.” ⁹Ouvindo isso, Jesus ficou admirado. Voltou-se para a multidão que o seguia e disse: “Eu declaro a vocês que nem mesmo em Israel encontrei tamanha fé.” ¹⁰Os mensageiros voltaram para a casa do oficial e encontraram o empregado em perfeita saúde. [7,1-10]

Deus visitou o seu povo — ¹¹Em seguida, Jesus foi para uma cidade chamada

Naim. Com ele iam os discípulos e uma grande multidão. ¹²Quando chegou à porta da cidade, eis que levavam um defunto para enterrar; era filho único, e sua mãe era viúva. Grande multidão da cidade ia com ela. ¹³Ao vê-la, o Senhor teve compaixão dela e lhe disse: “Não chore!” ¹⁴Depois se aproximou, tocou no caixão, e os que o carregavam pararam. Então Jesus disse: “Jovem, eu lhe ordeno, levante-se!” ¹⁵O morto sentou-se e começou a falar. E Jesus o entregou à sua mãe. ¹⁶Todos ficaram com muito medo e glorificavam a Deus, dizendo: “Um grande profeta apareceu entre nós, e Deus veio visitar o seu povo.” ¹⁷E a notícia do fato se espalhou pela Judeia inteira e por toda a redondeza. [11-17]

Jesus é o Messias esperado? — ¹⁸Os discípulos de João o puseram a par de todas essas coisas. Então João chamou dois de seus discípulos ¹⁹e os mandou perguntar ao Senhor: “És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?” ²⁰Eles foram a Jesus e disseram: “João Batista nos mandou a ti para perguntar: ‘És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?’ ” ²¹Nessa mesma hora, Jesus curou muitas pessoas de suas doenças, males e espíritos impuros, e fez muitos cegos recuperar a vista. ²²Depois respondeu: “Voltem e contem a João o que vocês viram e ouviram: os cegos recuperam a vista, os paráliticos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, e a Boa Notícia é anunciada aos pobres. ²³E feliz é aquele que não se escandaliza por causa de mim!” [18-23]

A missão de João Batista — ²⁴Depois que os mensageiros de João partiram, Jesus começou a falar sobre João às multidões: “O que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? ²⁵O que vocês foram ver? Um homem vestido com roupas finas? Ora, os que se vestem com roupas preciosas e vivem no luxo estão nos palácios dos reis. ²⁶Então, o que é que vocês foram ver? Um profeta? Eu lhes garanto que sim: alguém que é mais do que um profeta. ²⁷É de João que a Escritura afirma: ‘Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente: ele vai preparar teu caminho diante de ti’. ²⁸Eu digo a vocês: entre os nascidos de mulher ninguém é maior do que João. No entanto, o menor no Reino de Deus é maior do que ele. ²⁹Todo o povo, e até mesmo os cobradores de impostos deram ouvidos à pregação de João. Reconheceram a justiça de Deus e receberam o batismo de João. ³⁰Mas os fariseus e os doutores da Lei, rejeitando o batismo de João, tornaram inútil para si mesmos o projeto de Deus.” [24-30]

Os filhos da sabedoria — ³¹“Com quem eu vou comparar os homens desta

geração? Com quem se parecem eles? ³²São como crianças que se sentam nas praças e se dirigem aos colegas, dizendo: ‘Tocamos flauta, e vocês não dançaram; cantamos música triste, e vocês não choraram’. ³³Pois veio João Batista, que não comia nem bebia, e vocês disseram: ‘Ele tem um demônio!’ ³⁴Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e vocês dizem: ‘Ele é um comilão e bebereão, amigo dos cobradores de impostos e dos pecadores!’ ³⁵Mas a sabedoria foi justificada por todos os seus filhos.” [31-35]

O perdão gera o amor — ³⁶Certo fariseu convidou Jesus para uma refeição em casa. Jesus entrou na casa do fariseu e se pôs à mesa. ³⁷Apareceu então certa mulher, conhecida na cidade como pecadora. Ela, sabendo que Jesus estava à mesa na casa do fariseu, levou um frasco de alabastro com perfume. ³⁸A mulher se colocou por trás, chorando aos pés de Jesus; com as lágrimas começou a banhar-lhe os pés. Em seguida, os enxugava com os cabelos, cobria-os de beijos e os ungia com perfume. ³⁹Vendo isso, o fariseu que havia convidado Jesus ficou pensando: “Se esse homem fosse mesmo um profeta, saberia que tipo de mulher está tocando nele, porque ela é pecadora.” ⁴⁰Jesus disse então ao fariseu: “Simão, tenho uma coisa para dizer a você.” Simão respondeu: “Fala, mestre.” ⁴¹“Certo credor tinha dois devedores. Um lhe devia quinhentas moedas de prata, e o outro lhe devia cinquenta. ⁴²Como não tivessem com que pagar, o homem perdoou aos dois. Qual deles o amará mais?” ⁴³Simão respondeu: “Acho que é aquele a quem ele perdoou mais.” Jesus lhe disse: “Você julgou certo.” ⁴⁴Então Jesus voltou-se para a mulher e disse a Simão: “Está vendo esta mulher? Quando entrei em sua casa, você não me ofereceu água para lavar os pés; ela, porém, banhou meus pés com lágrimas, e os enxugou com os cabelos. ⁴⁵Você não me deu o beijo de saudação; ela, porém, desde que entrei, não parou de beijar meus pés. ⁴⁶Você não derramou óleo na minha cabeça; ela, porém, ungiu meus pés com perfume. ⁴⁷Por essa razão, eu declaro a você: os muitos pecados que ela cometeu estão perdoados, porque ela demonstrou muito amor. Aquele a quem foi perdoado pouco, demonstra pouco amor.” ⁴⁸E Jesus disse à mulher: “Seus pecados estão perdoados.” ⁴⁹Então os convidados começaram a pensar: “Quem é esse que até perdoa pecados?” ⁵⁰Mas Jesus disse à mulher: “Sua fé salvou você. Vá em paz!” [36-50]

8 ***As mulheres servem a Jesus*** — ¹Depois disso, Jesus andava por cidades e povoados, pregando e anunciando a Boa Notícia do Reino de Deus. Os Doze

iam com ele, ²e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos maus e doenças: Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios; ³Joana, mulher de Cuza, alto funcionário de Herodes; Susana e várias outras mulheres, que ajudavam a Jesus e aos discípulos com os bens que possuíam. [8,1-3]

Uma colheita custosa — ⁴Ajuntou-se uma grande multidão, e de todas as cidades as pessoas iam até Jesus. Então ele contou esta parábola: ⁵“O semeador saiu para semear a sua semente. Enquanto semeava, uma parte caiu à beira do caminho; foi pisada e os passarinhos foram e comeram tudo. ⁶Outra parte caiu sobre pedras; brotou e secou, porque não havia umidade. ⁷Outra parte caiu no meio de espinhos; os espinhos brotaram junto e a sufocaram. ⁸Outra parte caiu em terra boa; brotou e deu fruto, cem por um.” Dizendo isso, Jesus exclamou: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.” [4-8]

O mistério da missão de Jesus — ⁹Os discípulos perguntaram a Jesus o significado dessa parábola. ¹⁰Jesus respondeu: “A vocês foi dado conhecer os mistérios do Reino de Deus. Mas aos outros ele vem por meio de parábolas, para que olhando não vejam e ouvindo não compreendam.” [9-10]

Compreender a Palavra nos conflitos — ¹¹“A parábola quer dizer o seguinte: a semente é a Palavra de Deus. ¹²Os que estão à beira do caminho são aqueles que ouviram; mas depois chega o diabo e tira a Palavra do coração deles, para que não acreditem, nem se salvem. ¹³Os que caíram sobre a pedra são aqueles que, ouvindo, acolheram com alegria a Palavra. Mas eles não têm raiz: por um momento, acreditam; mas na hora da tentação voltam atrás. ¹⁴O que caiu entre os espinhos são aqueles que ouvem, mas, continuando a caminhar, se afogam nas preocupações, na riqueza e nos prazeres da vida, e não chegam a amadurecer. ¹⁵O que caiu em terra boa são aqueles que, ouvindo de coração bom e generoso, conservam a Palavra e dão fruto na perseverança.” [11-15]

Ouvir e agir — ¹⁶“Ninguém acende uma lâmpada para cobri-la com uma vasilha ou colocá-la debaixo da cama. Ele a coloca no candeeiro, a fim de que todos os que entram vejam a luz. ¹⁷De fato, tudo o que está escondido deverá tornar-se manifesto; e tudo o que está em segredo deverá tornar-se conhecido e claramente manifesto. ¹⁸Portanto, prestem atenção como vocês ouvem: para quem tem alguma coisa, será dado ainda mais; para aquele que não tem, será tirado até mesmo o que ele pensa ter.” [16-18]

A verdadeira família de Jesus — ¹⁹A mãe e os irmãos de Jesus se aproximaram, mas não podiam chegar perto dele por causa da multidão. ²⁰Então anunciaram a Jesus: “Tua mãe e teus irmãos estão aí fora e querem te ver.” ²¹Jesus respondeu: “Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática.” [19-21]

Jesus é o Senhor da história — ²²Certo dia, Jesus entrou numa barca com seus discípulos e disse: “Vamos para o outro lado do lago.” E partiram. ²³Enquanto navegavam, Jesus adormeceu. Nisso, um vento forte atingiu o lago: a barca se enchia de água, e eles corriam perigo. ²⁴Os discípulos se aproximaram e acordaram Jesus, dizendo: “Mestre, Mestre, estamos morrendo.” Então Jesus se levantou e ameaçou o vento e o furor das águas. Estes pararam, e a calma voltou. ²⁵Jesus disse aos discípulos: “Onde está a fé que vocês têm?” Tomados de medo, eles ficaram admirados e diziam entre si: “Quem é esse homem que dá ordens até para os ventos e a água, e eles lhe obedecem?” [22-25]

Jesus desaliena os homens — ²⁶Jesus e os discípulos desembarcaram na região dos gerasenos, que está diante da Galileia. ²⁷Ao descer à terra, um homem da cidade foi ao encontro de Jesus. Ele era possuído por demônios, e há muito tempo não se vestia, nem morava em casa, mas nos túmulos. ²⁸Vendo Jesus, o homem começou a gritar, caiu aos pés dele e falou com voz forte: “Que há entre mim e ti, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Eu te peço, não me atormentes!” ²⁹O homem falou assim, porque Jesus tinha mandado que o espírito impuro saísse dele. De fato, muitas vezes o espírito tinha tomado posse dele. Para protegê-lo, o prendiam com correntes e algemas; ele, porém, arrebatava as correntes, e o demônio o levava para lugares desertos. ³⁰Então Jesus lhe perguntou: “Qual é o seu nome?” Ele respondeu: “Meu nome é Legião.” Pois muitos demônios tinham entrado nele. ³¹Os demônios pediam que Jesus não os mandasse para o abismo.

³²Havia aí perto uma numerosa manada de porcos, pastando na montanha. Os demônios pediram a Jesus que os deixasse entrar nos porcos. Jesus deixou. ³³Os demônios saíram do homem e entraram nos porcos. E a manada atirou-se monte abaixo para dentro do lago, onde se afogou.

³⁴Vendo o que havia acontecido, os homens que cuidavam dos porcos saíram correndo e espalharam a notícia na cidade e nos campos. ³⁵E as pessoas foram ver o que tinha acontecido. Foram até Jesus, e encontraram o homem, de quem os demônios tinham saído, sentado aos pés de Jesus; estava vestido e no seu

perfeito juízo. E ficaram com medo. ³⁶Os que tinham presenciado o fato anunciaram a eles como o endemoninhado tinha sido salvo. ³⁷E todo o povo da região dos gerasenos pediu que Jesus fosse embora, para longe deles, porque estavam tomados de grande medo. Jesus entrou na barca e foi embora. ³⁸O homem de quem os demônios tinham saído pedia para ficar com Jesus. Mas Jesus o despediu, dizendo: ³⁹“Volte para sua casa e conte tudo o que Deus fez por você.” E ele foi embora, proclamando pela cidade inteira tudo o que Jesus havia feito em seu favor. [26-39]

Restaurar os homens na vida total — ⁴⁰Ao voltar, Jesus foi recebido pela multidão, pois todos o esperavam. ⁴¹Nesse momento, chegou um homem chamado Jairo, chefe da sinagoga do lugar. Caiu aos pés de Jesus e pediu com insistência que Jesus fosse à sua casa, ⁴²porque ele tinha uma filha única, de doze anos, que estava morrendo. Enquanto Jesus caminhava, as multidões o apertavam.

⁴³Em certo momento chegou uma mulher sofrendo de hemorragia há doze anos, e ninguém tinha conseguido curá-la. ⁴⁴Ela foi por trás e tocou na barra da roupa de Jesus. No mesmo instante a hemorragia parou. ⁴⁵Então Jesus perguntou: “Quem foi que tocou em mim?” Todos negaram, e Pedro disse: “Mestre, as multidões te cercam e te apertam!” ⁴⁶Então Jesus disse: “Alguém me tocou, pois eu senti que uma força saiu de mim.” ⁴⁷A mulher, vendo que tinha sido descoberta, foi tremendo e caiu aos pés de Jesus. Contou diante de todos o motivo por que ela havia tocado em Jesus, e como tinha sido curada no mesmo instante. ⁴⁸Jesus disse à mulher: “Minha filha, sua fé curou você. Vá em paz.”

⁴⁹Jesus ainda estava falando, quando um mensageiro da casa do chefe da sinagoga chegou, dizendo: “Sua filha morreu; não incomode mais o Mestre.” ⁵⁰Jesus ouviu a notícia e disse a Jairo: “Não tenha medo; apenas tenha fé, e ela será salva.” ⁵¹Quando chegou à casa, Jesus não deixou ninguém entrar com ele, a não ser Pedro, João e Tiago, junto com o pai e a mãe da menina. ⁵²Todos choravam e batiam no peito por causa dela. Jesus disse: “Não chorem: ela não morreu. Está apenas dormindo.” ⁵³Os presentes começaram a zombar de Jesus, pois sabiam que a menina já estava morta. ⁵⁴No entanto, Jesus tomou a menina pela mão e a chamou, dizendo: “Menina, levante-se.” ⁵⁵A menina voltou a respirar, levantou-se no mesmo instante, e Jesus mandou que lhe dessem de comer. ⁵⁶Seus pais ficaram muito admirados. E Jesus lhes ordenou que não

dissessem nada a ninguém sobre o que havia acontecido. [40-56]

9A missão dos discípulos — ¹Jesus convocou os Doze e lhes deu poder e autoridade sobre os demônios e para curar as doenças. ²E os enviou a pregar o Reino de Deus e a curar. ³E disse-lhes: “Não levem nada para o caminho: nem bastão, nem sacola, nem pão, nem dinheiro, nem duas túnicas. ⁴Em qualquer casa onde vocês entrarem, fiquem aí, até vocês se retirarem do lugar. ⁵E todos aqueles que não os acolherem, vocês, ao sair da cidade, sacudam a poeira dos pés, como protesto contra eles.” ⁶Os discípulos partiram e percorriam os povoados, anunciando a Boa Notícia e fazendo curas em todos os lugares. [9,1-6]

Jesus começa a inquietar — ⁷O governador Herodes ouviu falar de tudo o que estava acontecendo e ficou sem saber o que pensar, porque alguns diziam que João Batista tinha ressuscitado dos mortos; ⁸outros diziam que Elias tinha aparecido; outros ainda, que um dos antigos profetas tinha ressuscitado. ⁹Então Herodes disse: “Eu mandei degolar João. Quem é esse homem, sobre quem ouço falar essas coisas?” E queria ver Jesus. [7-9]

Saciar a fome do povo — ¹⁰Os apóstolos voltaram e contaram a Jesus tudo o que haviam feito. Jesus os levou consigo e se retirou para um lugar afastado na direção de uma cidade chamada Betsaida. ¹¹No entanto, as multidões souberam disso e o seguiram. Jesus acolheu-as, falava a elas sobre o Reino de Deus, e restituía a saúde a todos os que precisavam de cura.

¹²A tarde vinha chegando. Os doze apóstolos se aproximaram de Jesus e disseram: “Despede a multidão. Assim eles podem ir aos povoados e campos vizinhos para procurar alojamento e comida, porque estamos num lugar deserto.”

¹³Mas Jesus disse: “Vocês é que têm de lhes dar de comer.” Eles responderam: “Só temos cinco pães e dois peixes... A não ser que vamos comprar comida para toda essa gente!” ¹⁴De fato, estavam aí mais ou menos cinco mil homens. Mas Jesus disse aos discípulos: “Mandem o povo sentar-se em grupos de cinquenta.”

¹⁵Os discípulos assim fizeram, e todos se sentaram. ¹⁶Então Jesus pegou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos para o céu, pronunciou sobre eles a bênção e os partiu, e ia dando aos discípulos a fim de que distribuíssem para a multidão. ¹⁷Todos comeram, ficaram satisfeitos e ainda foram recolhidos doze cestos de pedaços que sobraram. [10-17]

Jesus é o Messias — ¹⁸Certo dia, Jesus estava rezando num lugar retirado, e os discípulos estavam com ele. Então Jesus perguntou: “Quem dizem as multidões

que eu sou?” ¹⁹Eles responderam: “Alguns dizem que tu és João Batista; outros, que és Elias; mas outros acham que tu és algum dos antigos profetas que ressuscitou.” ²⁰Jesus perguntou: “E vocês, quem dizem que eu sou?” Pedro respondeu: “O Messias de Deus.” ²¹Então Jesus proibiu severamente que eles contassem isso a alguém. ²²E acrescentou: “O Filho do Homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e doutores da Lei, deve ser morto e ressuscitar no terceiro dia.” ²³Depois Jesus disse a todos: “Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e me siga. ²⁴Pois, quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la; mas quem perde a sua vida por causa de mim, esse a salvará. ²⁵De fato, que adianta um homem ganhar o mundo inteiro, se perde e destrói a si mesmo? ²⁶Se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, o Filho do Homem também se envergonhará dele quando vier na sua glória, na glória do Pai e dos santos anjos. ²⁷Eu garanto a vocês: alguns aqui presentes não morrerão sem ter visto o Reino de Deus.” [18-27]

O novo êxodo — ²⁸Oito dias após dizer essas palavras, Jesus tomou consigo Pedro, João e Tiago, e subiu à montanha para rezar. ²⁹Enquanto rezava, seu rosto mudou de aparência e sua roupa ficou muito branca e brilhante. ³⁰Nisso, dois homens estavam conversando com Jesus: eram Moisés e Elias. ³¹Apareceram na glória, e conversavam sobre o êxodo de Jesus, que iria acontecer em Jerusalém. ³²Pedro e os companheiros dormiam profundamente. Quando acordaram, viram a glória de Jesus e os dois homens que estavam com ele. ³³E quando esses homens já iam se afastando, Pedro disse a Jesus: “Mestre, é bom ficarmos aqui. Vamos fazer três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias.” Pedro não sabia o que estava dizendo. ³⁴Quando ainda estava falando, desceu uma nuvem e os encobriu com sua sombra. Os discípulos ficaram com medo quando entraram na nuvem. ³⁵Mas da nuvem saiu uma voz que dizia: “Este é o meu Filho, o Escolhido. Escutem o que ele diz!” ³⁶Quando a voz falou, Jesus estava sozinho. Os discípulos ficaram calados, e nesses dias não contaram a ninguém nada do que tinham visto. [28-36]

O Filho do Homem vai ser entregue — ³⁷No dia seguinte, quando desceram da montanha, uma grande multidão foi ao encontro deles. ³⁸Um homem gritou do meio da multidão: “Mestre, eu te peço, vem ver o meu filho, pois é o meu único filho. ³⁹Um espírito o ataca e, de repente, solta gritos e o sacode e o faz espumar. ⁴⁰Eu pedi aos teus discípulos para expulsarem o espírito, mas eles não

conseguiram.” ⁴¹Jesus disse: “Ó geração sem fé e perversa! Até quando deverei ficar com vocês e ter que suportá-los? Traga o menino aqui.” ⁴²Quando o menino estava se aproximando, o demônio o jogou no chão e o sacudiu. Então Jesus ordenou ao espírito impuro, e curou o menino. Depois o entregou a seu pai. ⁴³Todos ficaram admirados com a grandeza de Deus.

O povo estava admirado com tudo o que Jesus fazia. Então Jesus disse aos discípulos: ⁴⁴“Prestem atenção ao que eu vou dizer: o Filho do Homem vai ser entregue na mão dos homens.” ⁴⁵Mas os discípulos não compreendiam o que Jesus dizia. Isso estava escondido a eles, para que não entendessem. E tinham medo de fazer perguntas sobre o assunto. [37-45]

Quem é o maior — ⁴⁶Houve entre os discípulos uma discussão, para saber qual deles seria o maior. ⁴⁷Jesus sabia o que estavam pensando. Pegou então uma criança, colocou-a junto de si ⁴⁸e disse a eles: “Quem receber esta criança em meu nome, estará recebendo a mim. E quem me receber, estará recebendo aquele que me enviou. Pois aquele que é o menor entre vocês, esse é o maior.” [46-48]

Quem está a favor de Jesus? — ⁴⁹João disse a Jesus: “Mestre, vimos um homem que expulsa demônios em teu nome. Mas nós lhe proibimos, porque ele não anda conosco”. ⁵⁰Jesus lhe disse: “Não lhe proibam. Pois quem não está contra vocês, está a favor de vocês.” [49-50]

O CAMINHO DA LIBERTAÇÃO

Jesus vai para Jerusalém — ⁵¹Estava chegando o tempo de Jesus ser levado para o céu. Então ele tomou a firme decisão de partir para Jerusalém, ⁵²e enviou mensageiros à sua frente. Estes puseram-se a caminho e entraram num povoado de samaritanos, para conseguir alojamento para Jesus. ⁵³Mas os samaritanos não o receberam, porque Jesus dava a impressão de quem se dirigia para Jerusalém. ⁵⁴Vendo isso, os discípulos Tiago e João disseram: “Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para acabar com eles?” ⁵⁵Jesus, porém, voltou-se e os repreendeu. ⁵⁶E partiram para outro povoado. [51-56]

Os primeiros passos do discípulo — ⁵⁷Enquanto iam andando, alguém no caminho disse a Jesus: “Eu te seguirei para onde quer que fores.” ⁵⁸Mas Jesus lhe respondeu: “As raposas têm tocas e os pássaros têm ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça.” ⁵⁹Jesus disse a outro: “Siga-me.” Esse respondeu: “Deixa primeiro que eu vá sepultar meu pai.” ⁶⁰Jesus respondeu: “Deixe que os mortos sepultem seus próprios mortos; mas você, vá anunciar o Reino de Deus.” ⁶¹Outro ainda lhe disse: “Eu te seguirei, Senhor, mas deixa primeiro que eu vá me despedir do pessoal de minha casa.” ⁶²Mas Jesus lhe respondeu: “Quem põe a mão no arado e olha para trás, não serve para o Reino de Deus.” [57-62]

10 *Os anunciadores do Reino* — ¹O Senhor escolheu outros setenta e dois discípulos e os enviou dois a dois, na sua frente, para toda cidade e lugar aonde ele próprio devia ir. ²E lhes dizia: “A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos. Por isso peçam ao dono da colheita que mande trabalhadores para a colheita. ³Vão! Estou enviando vocês como cordeiros para o meio de lobos. ⁴Não levem bolsa, nem sacola, nem sandálias, e não parem no caminho para cumprimentar ninguém. ⁵Em qualquer casa onde entrarem, digam primeiro: ‘A paz esteja nesta casa!’ ⁶Se aí morar alguém de paz, a paz de vocês irá repousar sobre ele; se não, ela voltará para vocês. ⁷Permaneçam nessa mesma casa, comam e bebam do que tiverem, porque o trabalhador merece o seu salário. Não fiquem passando de casa em casa. ⁸Quando entrarem numa cidade e forem bem recebidos, comam o que servirem a vocês, ⁹curem os doentes que nela houver. E digam ao povo: ‘O Reino de Deus está próximo de vocês!’ ¹⁰Mas

quando vocês entrarem numa cidade e não forem bem recebidos, saiam pelas ruas e digam: ¹¹‘Até a poeira dessa cidade, que se grudou em nossos pés, nós sacudimos contra vocês. Apesar disso, saibam que o Reino de Deus está próximo’. ¹²Eu lhes afirmo: no dia do julgamento, Deus será mais tolerante com Sodoma do que com tal cidade.

¹³Ai de você, Corazin! Ai de você, Betsaida! Porque se em Tiro e Sidônia tivessem sido realizados os milagres que foram feitos no meio de vocês, há muito tempo teriam feito penitência, vestindo-se de cilício e sentando-se sobre cinzas. ¹⁴Pois bem: no dia do julgamento, Tiro e Sidônia terão uma sentença menos dura que vocês. ¹⁵Ai de você, Cafarnaum! Será erguida até o céu? Será jogada no inferno, isso sim! ¹⁶Quem escuta vocês, escuta a mim, e quem rejeita vocês, rejeita a mim; mas quem me rejeita, rejeita aquele que me enviou.” [10,1-16]

A alegria do discípulo — ¹⁷Os setenta e dois voltaram muito alegres, dizendo: “Senhor, até os demônios obedecem a nós por causa do teu nome.” ¹⁸Jesus respondeu: “Eu vi Satanás cair do céu como um relâmpago. ¹⁹Vejam: eu dei a vocês o poder de pisar em cima de cobras e escorpiões e sobre toda a força do inimigo, e nada poderá fazer mal a vocês. ²⁰Contudo, não se alegrem porque os maus espíritos obedecem a vocês; antes, fiquem alegres porque os nomes de vocês estão escritos no céu.” [17-20]

Os pobres evangelizam — ²¹Nessa hora, Jesus se alegrou no Espírito Santo e disse: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado. ²²Meu Pai entregou tudo a mim. Ninguém conhece quem é o Filho, a não ser o Pai, e ninguém conhece quem é o Pai, a não ser o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelar.” ²³E Jesus voltou-se para os discípulos, e lhes disse em particular: “Felizes os olhos que veem o que vocês veem. ²⁴Pois eu digo a vocês que muitos profetas e reis quiseram ver o que vocês estão vendo, e não puderam ver; quiseram ouvir o que vocês estão ouvindo, e não puderam ouvir.” [21-24]

O amor é prática concreta — ²⁵Um especialista em leis se levantou e, para tentar Jesus, perguntou: “Mestre, o que devo fazer para receber em herança a vida eterna?” ²⁶Jesus lhe disse: “O que é que está escrito na Lei? Como você lê?” ²⁷Ele então respondeu: “Ame o Senhor, seu Deus, com todo o seu coração,

com toda a sua alma, com toda a sua força e com toda a sua mente; e ao seu próximo como a si mesmo.” ²⁸Jesus lhe disse: “Você respondeu certo. Faça isso e viverá!” ²⁹Mas o especialista em leis, querendo se justificar, disse a Jesus: “E quem é o meu próximo?” ³⁰Jesus respondeu: “Um homem ia descendo de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos de assaltantes, que lhe arrancaram tudo e o espancaram. Depois foram embora, e o deixaram quase morto. ³¹Por acaso um sacerdote estava descendo por aquele caminho; quando viu o homem, passou adiante, pelo outro lado. ³²O mesmo aconteceu com um levita: chegou ao lugar, viu e passou adiante, pelo outro lado. ³³Mas um samaritano, que estava viajando, chegou perto dele, viu e teve compaixão. ³⁴Aproximou-se dele e fez curativos, derramando óleo e vinho nas feridas. Depois colocou o homem em seu próprio animal, e o levou a uma pensão, onde cuidou dele. ³⁵No dia seguinte, pegou duas moedas de prata e as entregou ao dono da pensão, recomendando: ‘Tome conta dele. Quando eu voltar, vou pagar o que ele tiver gasto a mais’.” E Jesus perguntou: ³⁶“Na sua opinião, qual dos três foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” ³⁷O especialista em leis respondeu: “Aquele que praticou misericórdia para com ele.” Então Jesus lhe disse: “Vá e faça a mesma coisa.” [25-37]

Ouvir a palavra de Jesus — ³⁸Enquanto caminhavam, Jesus entrou num povoado, e certa mulher, de nome Marta, o recebeu em sua casa. ³⁹Sua irmã, chamada Maria, sentou-se aos pés do Senhor e ficou escutando a sua palavra. ⁴⁰Marta estava ocupada com muitos afazeres. Aproximou-se e falou: “Senhor, não te importas que minha irmã me deixe sozinha com todo o serviço? Manda que ela venha ajudar-me!” ⁴¹O Senhor, porém, respondeu: “Marta, Marta! Você se preocupa e anda agitada com muitas coisas; ⁴²porém, uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte, e esta não lhe será tirada.” [38-42]

11 O “Pai Nosso” — ¹Um dia, Jesus estava rezando em certo lugar. Quando terminou, um dos discípulos pediu: “Senhor, ensina-nos a rezar, como também João ensinou os discípulos dele.” ²Jesus respondeu: “Quando vocês rezarem, digam: Pai, santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino. ³Dá-nos a cada dia o pão de amanhã, ⁴e perdoa-nos os nossos pecados, pois nós também perdoamos a todos aqueles que nos devem; e não nos deixes cair em tentação.” [11,1-4]

Pedir com confiança — ⁵Jesus acrescentou: “Se alguém de vocês tivesse um

amigo, e fosse procurá-lo à meia-noite, dizendo: ‘Amigo, me empreste três pães,
⁶porque um amigo meu chegou de viagem, e não tenho nada para oferecer a ele’.
⁷Será que lá de dentro o outro responderia: ‘Não me amole! Já tranquei a porta, meus filhos e eu já nos deitamos; não posso me levantar para lhe dar os pães’?
⁸Eu declaro a vocês: mesmo que o outro não se levante para dar os pães porque é um amigo seu, vai levantar-se ao menos por causa da amolação, e dar tudo aquilo que o amigo necessita. ⁹Portanto, eu lhes digo: peçam e lhes será dado! Procurem e encontrarão! Batam e abrirão a porta para vocês! ¹⁰Pois, todo aquele de que pede, recebe; quem procura, acha; e a quem bate, a porta será aberta.
¹¹Será que alguém de vocês que é pai, se o filho lhe pede um peixe, em lugar do peixe lhe dá uma cobra? ¹²Ou ainda: se pede um ovo, será que vai lhe dar um escorpião? ¹³Se vocês, que são maus, sabem dar coisas boas aos filhos, quanto mais o Pai do céu! Ele dará o Espírito Santo àqueles que o pedirem.” [5-13]

Jesus é mais forte do que Satanás — ¹⁴Jesus estava expulsando um demônio que era mudo. Quando o demônio saiu, o mudo começou a falar, e as multidões ficaram admiradas. ¹⁵Mas alguns disseram: “É por Belzebu, o príncipe dos demônios, que ele expulsa os demônios.” ¹⁶Outros, para tentar Jesus, pediam-lhe um sinal do céu. ¹⁷Mas, conhecendo o pensamento deles, Jesus disse: “Todo reino dividido em grupos que lutam entre si, será destruído; e uma casa cairá sobre outra. ¹⁸Ora, se até Satanás está dividido contra si mesmo, como o seu reino poderá sobreviver? Vocês dizem que é por Belzebu que eu expulso os demônios. ¹⁹Se é através de Belzebu que eu expulso os demônios, através de quem os filhos de vocês expulsam os demônios? Por isso, eles mesmos hão de julgar vocês. ²⁰Mas se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus chegou para vocês. ²¹Quando um homem forte e bem armado guarda a sua casa, os bens dele estão em segurança. ²²Mas quando chega um homem mais forte do que ele e o vence, arranca-lhe a armadura na qual ele confiava e reparte o que roubou. ²³Quem não está comigo, está contra mim. E quem não recolhe comigo, dispersa.” [14-23]

Pior do que antes — ²⁴“Quando um espírito impuro sai de um homem, fica vagando em lugares desertos à procura de repouso, e não encontra. Então diz: ‘Vou voltar para a casa de onde saí’. ²⁵Quando ele chega, encontra a casa varrida e arrumada. ²⁶Então ele vai e traz consigo outros sete espíritos piores do que ele. Eles entram, moram aí e, no fim, esse homem fica em condição pior do

que antes.” [24-26]

A verdadeira felicidade — ²⁷Enquanto Jesus dizia essas coisas, uma mulher levantou a voz no meio da multidão e lhe disse: “Feliz o ventre que te carregou e os seios que te amamentaram.” ²⁸Jesus respondeu: “Mais felizes são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática.” [27-28]

O grande sinal — ²⁹Quando as multidões se reuniram, Jesus começou a dizer: “Esta geração é uma geração má. Ela busca um sinal, mas nenhum sinal lhe será dado, a não ser o sinal de Jonas. ³⁰De fato, assim como Jonas foi um sinal para os ninivitas, assim também será o Filho do Homem para esta geração. ³¹No dia do julgamento, a rainha do Sul se levantará contra os homens desta geração e os condenará. Porque ela veio de uma terra distante para ouvir a sabedoria de Salomão. E aqui está quem é maior do que Salomão. ³²No dia do julgamento, os homens da cidade de Nínive ficarão de pé contra esta geração. Porque eles fizeram penitência quando ouviram Jonas pregar. E aqui está quem é maior do que Jonas.” [29-32]

A fé ilumina a vida — ³³“Ninguém acende uma lâmpada para colocá-la em lugar escondido ou debaixo de uma vasilha, e sim para colocá-la no candeeiro, a fim de que todos os que entram vejam a luz. ³⁴A lâmpada do corpo é o olho. Quando o olho é sadio, o corpo inteiro também fica iluminado. Mas se ele está doente, o corpo também fica na escuridão. ³⁵Portanto, veja bem se a luz que está em você não é escuridão. ³⁶Se o seu corpo inteiro é luminoso, não tendo nenhuma parte escura, ele ficará todo luminoso, como quando a lâmpada com o seu clarão ilumina você.” [33-36]

Jesus desmascara os hipócritas — ³⁷Enquanto Jesus falava, um fariseu o convidou para jantar em casa. Jesus entrou e se pôs à mesa. ³⁸O fariseu ficou admirado ao ver que Jesus não tinha lavado as mãos antes da refeição. ³⁹O Senhor disse ao fariseu: “Vocês, fariseus, limpam o copo e o prato por fora, mas o interior de vocês está cheio de roubo e maldade. ⁴⁰Gente sem juízo! Aquele que fez o exterior, não fez também o interior? ⁴¹Antes, deem em esmola o que vocês possuem, e tudo ficará puro para vocês. ⁴²Mas ai de vocês, fariseus, porque vocês pagam o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as outras ervas, mas deixam de lado a justiça e o amor de Deus. Vocês deveriam praticar isso, sem deixar de lado aquilo. ⁴³Ai de vocês, fariseus, porque gostam do lugar de honra nas sinagogas, e de serem cumprimentados em praças públicas. ⁴⁴Ai de

vocês, porque são como túmulos que não se veem, e os homens pisam sobre eles sem saber.”

⁴⁵Um especialista em leis tomou a palavra e disse: “Mestre, falando assim insultas também a nós!” ⁴⁶Jesus respondeu: “Ai de vocês também, especialistas em leis! Porque vocês impõem sobre os homens cargas insuportáveis, e vocês mesmos não tocam essas cargas nem com um só dedo. ⁴⁷Ai de vocês, porque constroem túmulos para os profetas; no entanto, foram os pais de vocês que os mataram. ⁴⁸Com isso, vocês são testemunhas e aprovam as obras dos pais de vocês, pois eles mataram os profetas, e vocês constroem os túmulos. ⁴⁹É por isso que a sabedoria de Deus disse: ‘Eu lhes enviarei profetas e apóstolos. Eles os matarão e perseguirão, ⁵⁰a fim de que se peçam contas a esta geração do sangue de todos os profetas, derramado desde a criação do mundo, ⁵¹desde o sangue de Abel até o sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar e o santuário’. Sim, eu digo a vocês: pedirão contas disso a esta geração. ⁵²Ai de vocês, especialistas em leis, porque vocês se apoderaram da chave da ciência. Vocês mesmos não entraram, e impediram os que queriam entrar.”

⁵³Quando Jesus saiu daí, os doutores da Lei e os fariseus começaram a tratá-lo mal e a provocá-lo sobre muitos pontos. ⁵⁴Armavam ciladas, para pegá-lo de surpresa em qualquer coisa que saísse de sua boca. [37-54]

12 Autenticidade do discípulo — ¹Enquanto isso, milhares de pessoas se reuniram, de modo que uns pisavam nos outros. Jesus começou a falar, primeiro a seus discípulos: “Tomem cuidado com o fermento dos fariseus, que é a hipocrisia. ²Não há nada de escondido que não venha a ser revelado, e não há nada de oculto que não venha a ser conhecido. ³Pelo contrário, tudo o que vocês tiverem feito na escuridão, será ouvido à luz do dia; e o que vocês tiverem pronunciado em segredo, nos quartos, será proclamado sobre os telhados.” [12,1-3]

Testemunhar sem medo — ⁴“Pois bem, eu digo a vocês, meus amigos: não tenham medo daqueles que matam o corpo, e depois disso nada mais têm a fazer. ⁵Vou mostrar a quem vocês devem temer: tenham medo daquele que, depois de ter matado, tem poder de jogá-los no inferno. Eu lhes digo: é a este que vocês devem temer. ⁶Não se vendem cinco pardais por alguns trocados? No entanto, nenhum deles é esquecido por Deus. ⁷Até mesmo os cabelos da cabeça de vocês estão todos contados. Não tenham medo! Vocês valem mais do que muitos

pardais. ⁸Eu digo a vocês: todo aquele que der testemunho de mim diante dos homens, o Filho do Homem também dará testemunho dele diante dos anjos de Deus. ⁹Mas aquele que me renegar diante dos homens, será renegado diante dos anjos de Deus. ¹⁰Todo aquele que disser alguma coisa contra o Filho do Homem, será perdoado. Mas quem blasfemar contra o Espírito Santo, não será perdoado. ¹¹Quando introduzirem vocês diante das sinagogas, magistrados e autoridades, não fiquem preocupados como ou com que vocês se defenderão, ou o que dirão. ¹²Pois nessa hora o Espírito Santo ensinará o que vocês devem dizer.” [4-12]

A vida é dom de Deus — ¹³Do meio da multidão, alguém disse a Jesus: “Mestre, dize ao meu irmão que reparta a herança comigo.” ¹⁴Jesus respondeu: “Homem, quem foi que me encarregou de julgar ou dividir os bens entre vocês?” ¹⁵Depois Jesus falou a todos: “Atenção! Tenham cuidado com qualquer tipo de ganância. Porque, mesmo que alguém tenha muitas coisas, a sua vida não depende de seus bens.” ¹⁶E contou-lhes uma parábola: “A terra de um homem rico deu uma grande colheita. ¹⁷E o homem pensou: ‘O que vou fazer? Não tenho onde guardar minha colheita’. ¹⁸Então resolveu: ‘Já sei o que fazer! Vou derrubar meus celeiros e construir outros maiores; e neles vou guardar todo o meu trigo, junto com os meus bens. ¹⁹Então poderei dizer a mim mesmo: meu caro, você possui um bom estoque, uma reserva para muitos anos; descanse, coma e beba, alegre-se!’ ²⁰Mas Deus lhe disse: ‘Louco! Nesta mesma noite você vai ter que devolver a sua vida. E as coisas que você preparou, para quem vão ficar?’ ²¹Assim acontece com quem ajunta tesouros para si mesmo, mas não é rico para Deus.” [13-21]

A busca fundamental — ²²Então Jesus falou aos seus discípulos: “Por isso eu lhes digo: não fiquem preocupados com a vida, com o que comer; nem com o corpo, com o que vestir. ²³Pois a vida vale mais do que a comida, e o corpo mais do que a roupa. ²⁴Observem os corvos: eles não semeiam, nem colhem, não possuem celeiros ou armazéns. E, no entanto, Deus os alimenta. Vocês valem muito mais do que as aves. ²⁵Quem de vocês pode crescer um centímetro à custa de se preocupar com isso? ²⁶Portanto, se vocês não podem nem sequer fazer a menor coisa, por que se inquietam com o resto? ²⁷Observem como os lírios crescem: eles não fiam, nem tecem. Porém, eu digo a vocês que nem mesmo o rei Salomão, em toda a sua glória, jamais se vestiu como um deles. ²⁸Se Deus

veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é queimada no forno, quanto mais ele fará por vocês, gente de pouca fé! ²⁹Quanto a vocês, não fiquem procurando o que vão comer e o que vão beber. Não fiquem inquietos. ³⁰Porque são os pagãos deste mundo que procuram tudo isso. O Pai bem sabe que vocês têm necessidade dessas coisas. ³¹Portanto, busquem o Reino dele, e Deus dará a vocês essas coisas em acréscimo. ³²Não tenha medo, pequeno rebanho, porque o Pai de vocês tem prazer em dar-lhes o Reino. ³³Vendam os seus bens e deem o dinheiro em esmola. Façam bolsas que não envelhecem, um tesouro que não perde o seu valor no céu: lá o ladrão não chega, nem a traça rói. ³⁴De fato, onde está o seu tesouro, aí estará também o seu coração.” [13-21]

Vigilância e responsabilidade — ³⁵“Estejam com os rins cingidos e com as lâmpadas acesas. ³⁶Sejam como homens que estão esperando o seu senhor voltar da festa de casamento: tão logo ele chega e bate, eles imediatamente vão abrir a porta. ³⁷Felizes dos empregados que o senhor encontra acordados quando chega. Eu garanto a vocês: ele mesmo se cingirá, os fará sentar à mesa, e, passando, os servirá. ³⁸E caso ele chegue à meia-noite ou às três da madrugada, felizes serão se assim os encontra! ³⁹Mas fiquem certos: se o dono da casa soubesse a hora em que o ladrão iria chegar, não deixaria que lhe arrombasse a casa. ⁴⁰Vocês também estejam preparados! Porque o Filho do Homem vai chegar na hora em que vocês menos esperarem.” ⁴¹Então Pedro disse a Jesus: “Senhor, estás contando essa parábola só para nós, ou para todos?” ⁴²E o Senhor respondeu: “Quem é o administrador fiel e prudente, que o senhor coloca à frente do pessoal de sua casa, para dar a comida a todos na hora certa? ⁴³Feliz o empregado que o senhor, ao chegar, encontra fazendo isso! ⁴⁴Em verdade, eu digo a vocês: o senhor lhe confiará a administração de todos os seus bens. ⁴⁵Mas se esse empregado pensar: ‘Meu patrão está demorando’, e se puser a surrar os criados e criadas, a comer, beber e embriagar-se, ⁴⁶o senhor desse empregado chegará num dia inesperado e numa hora imprevista. O senhor o expulsará de casa e o fará tomar parte do destino dos infiéis. ⁴⁷Todavia, aquele empregado que, mesmo conhecendo a vontade do seu senhor, não ficou preparado, nem agiu conforme a vontade dele, será chicoteado muitas vezes. ⁴⁸Mas o empregado que não sabia e fez coisas que merecem castigo, será chicoteado poucas vezes. A quem muito foi dado, muito será pedido; a quem muito foi confiado, muito mais será exigido.” [35-48]

Jesus é sinal de contradição — ⁴⁹“Eu vim para lançar fogo sobre a terra: e como gostaria que já estivesse aceso! ⁵⁰Devo ser batizado com um batismo, e como estou ansioso até que isso se cumpra! ⁵¹Vocês pensam que eu vim trazer a paz sobre a terra? Pelo contrário, eu lhes digo, vim trazer divisão. ⁵²Pois, daqui em diante, numa família de cinco pessoas, três ficarão divididas contra duas, e duas contra três. ⁵³Ficarão divididos: o pai contra o filho, e o filho contra o pai; a mãe contra a filha, e a filha contra a mãe; a sogra contra a nora, e a nora contra a sogra.” [49-53]

Interpretar o tempo presente — ⁵⁴Jesus também dizia às multidões: “Quando vocês veem uma nuvem vinda do ocidente, vocês logo dizem que vem chuva; e assim acontece. ⁵⁵Quando vocês sentem soprar o vento do sul, vocês dizem que vai fazer calor; e assim acontece. ⁵⁶Hipócritas! Vocês sabem interpretar o aspecto da terra e do céu. Como é que vocês não sabem interpretar o tempo presente? ⁵⁷Por que vocês não julgam por si mesmos o que é justo? ⁵⁸Quando, pois, você está para se apresentar com seu adversário diante do magistrado, procure resolver o caso com o adversário enquanto estão a caminho, senão este o levará ao juiz, e o juiz entregará você ao guarda, e o guarda o jogará na cadeia. ⁵⁹Eu digo: daí você não sairá, enquanto não pagar o último centavo.” [54-59]

13 *Urgência da conversão* — ¹Nesse tempo, chegaram algumas pessoas levando notícias a Jesus sobre os galileus que Pilatos tinha matado, enquanto ofereciam sacrifícios. ²Jesus respondeu-lhes: “Pensam vocês que esses galileus, por terem sofrido tal sorte, eram mais pecadores do que todos os outros galileus? ³De modo algum, lhes digo eu. E se vocês não se converterem, vão morrer todos do mesmo modo. ⁴E aqueles dezoito que morreram quando a torre de Siloé caiu em cima deles? Pensam vocês que eram mais culpados do que todos os outros moradores de Jerusalém? ⁵De modo algum, lhes digo eu. E se vocês não se converterem, vão morrer todos do mesmo modo.” ⁶Então Jesus contou esta parábola: “Certo homem tinha uma figueira plantada no meio da vinha. Foi até ela procurar figos, e não encontrou. ⁷Então disse ao agricultor: ‘Olhe! Hoje faz três anos que venho buscar figos nesta figueira, e não encontro nada! Corte-a. Ela só fica aí esgotando a terra’. ⁸Mas o agricultor respondeu: ‘Senhor, deixa a figueira ainda este ano. Vou cavar em volta dela e pôr adubo. ⁹Quem sabe, no futuro ela dará fruto! Se não der, então a cortarás’.” [13,1-9]

O sábado foi feito para o homem — ¹⁰Jesus estava ensinando numa sinagoga

em dia de sábado. ¹¹Havia aí uma mulher que, fazia dezoito anos, estava com um espírito que a tornava doente. Era encurvada e incapaz de se endireitar. ¹²Vendo-a, Jesus dirigiu-se a ela e disse: “Mulher, você está livre da sua doença.” ¹³Jesus colocou as mãos sobre ela, e imediatamente a mulher se endireitou e começou a louvar a Deus. ¹⁴O chefe da sinagoga ficou furioso, porque Jesus tinha feito uma cura em dia de sábado. E tomando a palavra, começou a dizer à multidão: “Há seis dias para trabalhar. Venham, então, nesses dias e sejam curados, e não em dia de sábado.” ¹⁵O Senhor lhe respondeu: “Hipócritas! Cada um de vocês não solta do curral o boi ou o jumento para dar-lhe de beber, mesmo que seja dia de sábado?” ¹⁶Aqui está uma filha de Abraão que Satanás amarrou durante dezoito anos. Será que não deveria ser libertada dessa prisão em dia de sábado?” ¹⁷Essa resposta deixou confusos todos os inimigos de Jesus. E toda a multidão se alegrava com as maravilhas que Jesus fazia. [10-17]

O Reino atingirá o mundo inteiro — ¹⁸E Jesus dizia: “A que é semelhante o Reino de Deus, e com o que eu poderia compará-lo? ¹⁹Ele é como a semente de mostarda que um homem pega e joga no seu jardim. A semente cresce, torna-se árvore, e as aves do céu fazem seus ninhos nos ramos dela.”

²⁰Jesus disse ainda: “Com o que eu poderia comparar o Reino de Deus? ²¹Ele é como o fermento que uma mulher pega e mistura com três porções de farinha, até que tudo fique fermentado.” [18-21]

A salvação é para todos — ²²Jesus atravessava cidades e povoados, ensinando e prosseguindo caminho para Jerusalém. ²³Alguém lhe perguntou: “Senhor, é verdade que são poucos aqueles que se salvam?” Jesus respondeu: ²⁴“Façam todo o esforço possível para entrar pela porta estreita, porque eu lhes digo: muitos tentarão entrar e não conseguirão. ²⁵Uma vez que o dono da casa se levantar e fechar a porta, vocês vão ficar do lado de fora. E começarão a bater na porta, dizendo: ‘Senhor, abre a porta para nós!’ E ele responderá: ‘Não sei de onde são vocês’. ²⁶E vocês começarão a dizer: ‘Nós comíamos e bebíamos diante de ti, e tu ensinavas em nossas praças!’ ²⁷Mas ele responderá: ‘Não sei de onde são vocês. Afastem-se de mim, todos vocês que praticam injustiça!’ ²⁸Então haverá aí choro e ranger de dentes, quando vocês virem Abraão, Isaac e Jacó junto com todos os profetas no Reino de Deus, e vocês jogados fora. ²⁹Muita gente virá do oriente e do ocidente, do norte e do sul, e tomarão lugar à

mesa no Reino de Deus. ³⁰Vejam: há últimos que serão primeiros, e primeiros que serão últimos.” [22-30]

Jesus vai até o fim — ³¹Nesse momento, alguns fariseus se aproximaram e disseram a Jesus: “Deves ir embora daqui, porque Herodes quer te matar.” ³²Jesus disse: “Vão dizer a essa raposa: eu expulso demônios e faço curas hoje e amanhã; e no terceiro dia terminarei o meu trabalho. ³³Entretanto, preciso caminhar hoje, amanhã e depois de amanhã, porque não convém que um profeta morra fora de Jerusalém.” [31-33]

O julgamento sobre Jerusalém — ³⁴“Jerusalém, Jerusalém, você que mata os profetas e apedreja os que lhe foram enviados! Quantas vezes eu quis reunir seus filhos, como a galinha reúne os pintinhos debaixo das asas, mas você não quis! ³⁵Eis que a casa de vocês ficará abandonada. Eu lhes digo: vocês não me verão mais, até que chegue o tempo em que vocês mesmos dirão: Bendito aquele que vem em nome do Senhor.” [34-35]

14 *Festejar o sábado é dar vida aos homens* — ¹Num dia de sábado aconteceu que Jesus foi comer em casa de um dos chefes dos fariseus, que o observavam. ²Havia um homem hidrópico diante de Jesus. ³Tomando a palavra, Jesus falou aos especialistas em leis e aos fariseus: “A Lei permite ou não permite curar em dia de sábado?” ⁴Mas eles ficaram em silêncio. Então Jesus tomou o homem pela mão, o curou e o despediu. ⁵Depois disse a eles: “Se alguém de vocês tem um filho ou um boi que caiu num poço, não o tiraria logo, mesmo em dia de sábado?” ⁶E eles não foram capazes de responder a isso. [14,1-6]

A verdadeira honra — ⁷Jesus notou como os convidados escolhiam os primeiros lugares. Então contou a eles uma parábola: ⁸“Se alguém convida você para uma festa de casamento, não ocupe o primeiro lugar. Pode ser que tenha sido convidado alguém mais importante do que você; ⁹e o dono da casa, que convidou os dois, venha dizer a você: ‘Dê o lugar para ele’. Então você ficará envergonhado e irá ocupar o último lugar. ¹⁰Pelo contrário, quando você for convidado, vá sentar-se no último lugar. Assim, quando chegar quem o convidou, ele dirá a você: ‘Amigo, venha mais para cima’. E isso vai ser uma honra para você na presença de todos os convidados. ¹¹De fato, quem se eleva será humilhado, e quem se humilha será elevado.”

¹²Jesus disse também ao fariseu que o tinha convidado: “Quando você der um

almoço ou jantar, não convida amigos, nem irmãos, nem parentes, nem vizinhos ricos. Porque esses irão, em troca, convidar você. E isso será para você recompensa. ¹³Pelo contrário, quando você der uma festa, convida pobres, aleijados, mancos e cegos. ¹⁴Então você será feliz! Porque eles não lhe podem retribuir. E você receberá a recompensa na ressurreição dos justos.” [7-14]

O Reino é para todos — ¹⁵Ouvindo isso, um homem que estava à mesa disse a Jesus: “Feliz aquele que come pão no Reino de Deus!” ¹⁶Jesus respondeu: “Um homem deu grande banquete e convidou muitas pessoas. ¹⁷Na hora do banquete, mandou seu empregado dizer aos convidados: ‘Venham, pois tudo está pronto’. ¹⁸Mas todos, um a um, começaram a dar desculpas. O primeiro disse: ‘Comprei um campo e preciso ir vê-lo. Peço-lhe que aceite minhas desculpas’. ¹⁹Outro disse: ‘Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-las. Peço-lhe que aceite minhas desculpas’. ²⁰Um terceiro disse: ‘Acabo de me casar e, por isso, não posso ir’. ²¹O empregado voltou e contou tudo ao patrão. Então o dono da casa ficou muito zangado e disse ao empregado: ‘Saia depressa pelas praças e ruas da cidade. Traga para cá os pobres, os aleijados, os cegos e os mancos’. ²²O empregado disse: ‘Senhor, o que mandaste fazer foi feito, e ainda há lugar’. ²³O patrão disse ao empregado: ‘Saia pelas estradas e caminhos e faça as pessoas virem aqui, para que a casa fique cheia. ²⁴Pois eu digo a vocês: nenhum daqueles que foram convidados vai provar do meu banquete’.” [15-24]

Para ser discípulo de Jesus — ²⁵Grandes multidões acompanhavam Jesus. Voltando-se, ele disse: ²⁶“Se alguém vem a mim, e não dá preferência mais a mim que ao seu pai, à sua mãe, à mulher, aos filhos, aos irmãos, às irmãs, e até mesmo à sua própria vida, esse não pode ser meu discípulo. ²⁷Quem não carrega sua cruz e não caminha atrás de mim, não pode ser meu discípulo. ²⁸De fato, se alguém de vocês quer construir uma torre, será que não vai primeiro sentar-se e calcular os gastos, para ver se tem o suficiente para terminar? ²⁹Caso contrário, lançará o alicerce e não será capaz de acabar. E todos os que virem isso, começarão a caçoar, dizendo: ³⁰‘Esse homem começou a construir e não foi capaz de acabar!’ ³¹Ou ainda: Se um rei pretende sair para guerrear contra outro, será que não vai sentar-se primeiro e examinar bem, se com dez mil homens poderá enfrentar o outro que marcha contra ele com vinte mil? ³²Se ele vê que não pode, envia mensageiros para negociar as condições de paz, enquanto o outro rei ainda está longe. ³³Do mesmo modo, portanto, qualquer de vocês, se

não renunciar a tudo o que tem, não pode ser meu discípulo.

³⁴O sal é bom. Mas se até o sal perde o sabor, com que o salgaremos? ³⁵Não serve mais para nada: nem para a terra, nem para esterco. Por isso, é jogado fora. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.” [25-35]

15 *Jesus provoca escândalo* — ¹Todos os cobradores de impostos e pecadores se aproximavam de Jesus para o escutar. ²Mas os fariseus e os doutores da Lei criticavam Jesus, dizendo: “Esse homem acolhe pecadores e come com eles!” [15,1-2]

A ovelha perdida — ³Então Jesus contou-lhes esta parábola: ⁴“Se um de vocês tem cem ovelhas e perde uma, será que não deixa as noventa e nove no campo para ir atrás da ovelha que se perdeu, até encontrá-la? ⁵E quando a encontra, com muita alegria a coloca nos ombros. ⁶Chegando em casa, reúne amigos e vizinhos, para dizer: ‘Alegrem-se comigo! Eu encontrei a minha ovelha que estava perdida’. ⁷E eu lhes declaro: assim, haverá no céu mais alegria por um só pecador que se converte, do que por noventa e nove justos que não precisam de conversão.” [3-7]

A moeda perdida — ⁸“Se uma mulher tem dez moedas de prata e perde uma, será que não acende uma lâmpada, varre a casa e procura cuidadosamente, até encontrar a moeda? ⁹Quando a encontra, reúne amigas e vizinhas, para dizer: ‘Alegrem-se comigo! Eu encontrei a moeda que tinha perdido’. ¹⁰E eu lhes declaro: os anjos de Deus sentem a mesma alegria por um só pecador que se converte.” [8-10]

Os dois filhos — ¹¹Jesus continuou: “Um homem tinha dois filhos. ¹²O filho mais novo disse ao pai: ‘Pai, me dá a parte da herança que me cabe’. E o pai dividiu os bens entre eles. ¹³Poucos dias depois, o filho mais novo juntou o que era seu e partiu para um lugar distante. E aí esbanjou tudo numa vida desenfreada. ¹⁴Quando tinha gasto tudo o que possuía, houve uma grande fome nessa região, e ele começou a passar necessidade. ¹⁵Então foi pedir trabalho a um homem do lugar, que o mandou para a roça, cuidar dos porcos. ¹⁶O rapaz queria matar a fome com a lavagem que os porcos comiam, mas nem isso lhe davam. ¹⁷Então, caindo em si, disse: ‘Quantos empregados do meu pai têm pão com fartura, e eu aqui, morrendo de fome... ¹⁸Vou me levantar, vou encontrar meu pai e dizer a ele: — Pai, pequei contra Deus e contra ti; ¹⁹já não mereço que

me chamem teu filho. Trata-me como um dos teus empregados'. ²⁰Então se levantou e foi ao encontro do pai.

Quando ainda estava longe, o pai o avistou e teve compaixão. Saiu correndo, o abraçou e o cobriu de beijos. ²¹Então o filho disse: 'Pai, pequei contra Deus e contra ti; já não mereço que me chamem teu filho'. ²²Mas o pai disse aos empregados: 'Depressa, tragam a melhor túnica para vestir meu filho. E coloquem um anel no seu dedo e sandálias nos pés. ²³Peguem o novilho gordo e o matem. Vamos fazer um banquete. ²⁴Porque este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi encontrado'. E começaram a festa.

²⁵O filho mais velho estava na roça. Ao voltar, já perto de casa, ouviu música e barulho de dança. ²⁶Então chamou um dos criados e perguntou o que estava acontecendo. ²⁷O criado respondeu: 'É seu irmão que voltou. E seu pai, porque o recuperou são e salvo, matou o novilho gordo'. ²⁸Então o irmão ficou com raiva, e não queria entrar. O pai, saindo, insistia com ele. ²⁹Mas ele respondeu ao pai: 'Eu te sirvo há tantos anos, jamais desobedeci a qualquer ordem tua; e nunca me deste um cabrito para eu festejar com meus amigos. ³⁰Quando chegou esse teu filho, que devorou teus bens com prostitutas, matas para ele o novilho gordo!' ³¹Então o pai lhe disse: 'Filho, você está sempre comigo, e tudo o que é meu é seu. ³²Mas era preciso festejar e nos alegrar, porque esse seu irmão estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi encontrado'." [11-32]

16 *Tomar uma atitude prudente* — ¹Jesus dizia aos discípulos: "Um homem rico tinha um administrador que foi denunciado por estar esbanjando os bens dele. ²Então o chamou e lhe disse: 'O que é isso que ouço contar de você? Preste contas da sua administração, porque você não pode mais ser o meu administrador'. ³Então o administrador começou a refletir: 'O senhor vai tirar de mim a administração. E o que vou fazer? Para cavar, não tenho forças; de mendigar, tenho vergonha. ⁴Ah! Já sei o que vou fazer para que, quando me afastarem da administração, tenha quem me receba na própria casa'. ⁵E começou a chamar um por um os que estavam devendo ao seu senhor. Perguntou ao primeiro: 'Quanto é que você deve ao patrão?' ⁶Ele respondeu: 'Cem barris de óleo!' O administrador disse: 'Pegue a sua conta, sente-se depressa e escreva cinquenta'. ⁷Depois perguntou a outro: 'E você, quanto está devendo?' Ele respondeu: 'Cem sacas de trigo'. O administrador disse: 'Pegue a sua conta e escreva oitenta' ". ⁸E o Senhor elogiou o administrador desonesto, porque este

agiu com esperteza. De fato, os que pertencem a este mundo são mais espertos, com a sua gente, do que aqueles que pertencem à luz. [16,1-8]

⁹“E eu lhes declaro: Usem o dinheiro injusto para fazer amigos, e assim, quando o dinheiro faltar, os amigos receberão vocês nas moradas eternas. ¹⁰Quem é fiel nas pequenas coisas, também é fiel nas grandes; e quem é injusto nas pequenas, também é injusto nas grandes. ¹¹Por isso, se vocês não são fiéis no uso do dinheiro injusto, quem lhes confiará o verdadeiro bem? ¹²E se não são fiéis no que é dos outros, quem lhes dará aquilo que é de vocês? ¹³Nenhum empregado pode servir a dois senhores, porque, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro.” [9-13]

Jesus e a Lei — ¹⁴Os fariseus, que são amigos do dinheiro, ouviam tudo isso e caçoavam de Jesus. ¹⁵Então Jesus disse para eles: “Vocês gostam de parecer justos diante dos homens, mas Deus conhece os corações de vocês. De fato, o que é importante para os homens, é detestável para Deus. ¹⁶A Lei e os profetas chegaram até João; daí para a frente o Reino de Deus é anunciado, e cada um se esforça para nele entrar, com violência. ¹⁷É mais fácil desaparecerem o céu e a terra do que cair da Lei uma só vírgula. ¹⁸Todo homem que se divorcia da sua mulher, e se casa com outra, comete adultério; e quem se casa com mulher divorciada do seu marido, comete adultério.” [14-18]

O rico e o pobre — ¹⁹“Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino, e dava banquete todos os dias. ²⁰E um pobre, chamado Lázaro, cheio de feridas, que estava caído à porta do rico. ²¹Ele queria matar a fome com as sobras que caíam da mesa do rico. E ainda vinham os cachorros lambe-lhe as feridas. ²²Aconteceu que o pobre morreu, e os anjos o levaram para junto de Abraão. Morreu também o rico, e foi enterrado. ²³No inferno, em meio aos tormentos, o rico levantou os olhos e viu de longe Abraão, com Lázaro a seu lado. ²⁴Então o rico gritou: ‘Pai Abraão, tem piedade de mim! Manda Lázaro molhar a ponta do dedo para me refrescar a língua, porque este fogo me atormenta’. ²⁵Mas Abraão respondeu: ‘Lembre-se, filho: você recebeu seus bens durante a vida, enquanto Lázaro recebeu males. Agora, porém, ele encontra consolo aqui, e você é atormentado. ²⁶Além disso, há um grande abismo entre nós: por mais que alguém desejasse, nunca poderia passar daqui para junto de vocês, nem os daí poderiam atravessar até nós’. ²⁷O rico insistiu: ‘Pai, eu te

suplico, manda Lázaro à casa de meu pai, ²⁸porque eu tenho cinco irmãos. Manda preveni-los, para que não acabem também eles vindo para este lugar de tormento'. ²⁹Mas Abraão respondeu: 'Eles têm Moisés e os profetas: que os escutem!' ³⁰O rico insistiu: 'Não, pai Abraão! Se um dos mortos for até eles, eles vão se converter'. ³¹Mas Abraão lhe disse: 'Se eles não escutam a Moisés e aos profetas, mesmo que um dos mortos ressuscite, eles não ficarão convencidos'." [19-31]

17 *Atitudes do discípulo* — ¹Jesus disse a seus discípulos: "É inevitável que aconteçam escândalos, mas aí daquele que produz escândalos! ²Seria melhor para ele que lhe amarrassem uma pedra de moinho no pescoço e o jogassem no mar, do que escandalizar um desses pequeninos.

³Prestem atenção! Se o seu irmão peca contra você, chame a atenção dele. Se ele se arrepender, perdoe. ⁴Se ele pecar contra você sete vezes num só dia, e sete vezes vier a você, dizendo: 'Estou arrependido', você deve perdoá-lo."

⁵Os apóstolos disseram ao Senhor: "Aumenta a nossa fé!" ⁶O Senhor respondeu: "Se vocês tivessem fé do tamanho de uma semente de mostarda, poderiam dizer a esta amoreira: 'Arranque-se daí e plante-se no mar'. E ela obedeceria a vocês.

⁷Se alguém de vocês tem um empregado que trabalha a terra ou cuida dos animais, por acaso vai dizer-lhe, quando ele volta do campo: 'Venha depressa para a mesa'? ⁸Pelo contrário, não vai dizer ao empregado: 'Prepare-me o jantar, cinja-se e sirva-me, enquanto eu como e bebo; depois disso você vai comer e beber'? ⁹Será que vai agradecer ao empregado, porque este fez o que lhe havia mandado? ¹⁰Assim também vocês: quando tiverem cumprido tudo o que lhes mandarem fazer, digam: 'Somos empregados inúteis; fizemos o que devíamos fazer'." [17,1-10]

Fé e gratidão — ¹¹Caminhando para Jerusalém, aconteceu que Jesus passava entre a Samaria e a Galileia. ¹²Quando estava para entrar num povoado, dez leprosos foram ao encontro dele. Pararam de longe e gritaram: ¹³"Jesus, Mestre, tem compaixão de nós!" ¹⁴Ao vê-los, Jesus disse: "Vão apresentar-se aos sacerdotes." Enquanto caminhavam, aconteceu que ficaram curados. ¹⁵Ao perceber que estava curado, um deles voltou atrás dando glória a Deus em alta voz. ¹⁶Jogou-se no chão, aos pés de Jesus, e lhe agradeceu. E este era um samaritano. ¹⁷Então Jesus lhe perguntou: "Não foram dez os curados? E os

outros nove, onde estão? ¹⁸Não houve quem voltasse para dar glória a Deus, a não ser este estrangeiro?” ¹⁹E disse a ele: “Levante-se e vá. Sua fé o salvou.” [11-19]

A presença do Reino — ²⁰Os fariseus perguntaram a Jesus sobre o momento em que chegaria o Reino de Deus. Jesus respondeu: “O Reino de Deus não vem ostensivamente. ²¹Nem se poderá dizer: ‘Está aqui’ ou: ‘está ali’, porque o Reino de Deus está no meio de vocês.” [20-21]

A vinda do Filho do Homem — ²²Jesus disse aos discípulos: “Chegarão dias em que vocês desejarão ver um só dia do Filho do Homem, e não poderão ver. ²³Dirão a vocês: ‘Ele está ali’ ou: ‘Ele está aqui’. Não saiam para procurá-lo. ²⁴Pois como o relâmpago brilha de um lado a outro do céu, assim também será o Filho do Homem. ²⁵Antes, porém, ele deverá sofrer muito e ser rejeitado por esta geração. ²⁶Como aconteceu nos dias de Noé, assim também acontecerá nos dias do Filho do Homem. ²⁷Eles comiam, bebiam, se casavam e se davam em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca. Então chegou o dilúvio e fez com que todos morressem. ²⁸Acontecerá como nos dias de Ló: comiam e bebiam, compravam, plantavam e construíam. ²⁹Mas, no dia em que Ló saiu de Sodoma, Deus fez chover fogo e enxofre do céu, e fez com que todos morressem. ³⁰O mesmo acontecerá no dia em que o Filho do Homem for revelado. ³¹Nesse dia, quem estiver no terraço, não desça para apanhar os bens que estão em casa, e quem estiver nos campos não volte para trás. ³²Lembrem-se da mulher de Ló. ³³Quem procura ganhar a sua vida, vai perdê-la; e quem a perde, vai conservá-la. ³⁴Eu digo a vocês: nessa noite, dois estarão numa cama. Um será tomado e o outro será deixado. ³⁵Duas mulheres estarão moendo juntas. Uma será tomada e a outra deixada. ³⁶Dois homens estarão no campo. Um será levado e o outro será deixado.” ³⁷Os discípulos perguntaram: “Senhor, onde acontecerá isso?” Jesus respondeu: “Onde estiver o corpo, aí se reunirão os urubus.” [22-37]

18 Perseverança na oração — ¹Jesus contou aos discípulos uma parábola, para mostrar-lhes a necessidade de rezar sempre, sem nunca desistir. Ele dizia: ²“Numa cidade havia um juiz que não temia a Deus e não respeitava homem algum. ³Na mesma cidade havia uma viúva, que ia à procura do juiz, pedindo: ‘Faça-me justiça contra o meu adversário!’ ⁴Durante muito tempo, o

juiz se recusou. Por fim ele pensou: ‘Eu não temo a Deus e não respeito homem algum; ⁵mas essa viúva já está me aborrecendo. Vou fazer-lhe justiça, para que ela não fique me incomodando’.” ⁶E o Senhor acrescentou: “Escutem o que está dizendo esse juiz injusto. ⁷E Deus não faria justiça aos seus escolhidos, que dia e noite gritam por ele? Será que vai fazê-los esperar? ⁸Eu lhes declaro que Deus fará justiça para eles, e bem depressa. Mas, o Filho do Homem, quando vier, será que vai encontrar a fé sobre a terra?” [18,1-8]

A justificação é dom de Deus — ⁹Para alguns que confiavam na sua própria justiça e desprezavam os outros, Jesus contou esta parábola: ¹⁰“Dois homens subiram ao Templo para rezar; um era fariseu, o outro era cobrador de impostos. ¹¹O fariseu, de pé, rezava assim no seu íntimo: ‘Ó Deus, eu te agradeço, porque não sou como os outros homens, que são ladrões, desonestos, adúlteros, nem como esse cobrador de impostos. ¹²Eu faço jejum duas vezes por semana e dou o dízimo de toda a minha renda’. ¹³O cobrador de impostos ficou à distância, e nem se atrevia a levantar os olhos para o céu, mas batia no peito, dizendo: ‘Meu Deus, tem piedade de mim, que sou pecador!’ ¹⁴Eu declaro a vocês: este último voltou para casa justificado, o outro não. Pois quem se eleva será humilhado, e quem se humilha será elevado.” [9-14]

O Reino pertence aos pobres — ¹⁵Alguns levaram criancinhas para que Jesus tocasse nelas. Vendo isso, os discípulos as repreendiam. ¹⁶Jesus, porém, chamou os discípulos e disse: “Deixem as crianças vir a mim. Não lhes proíbam, porque o Reino de Deus pertence a elas. ¹⁷Eu garanto a vocês: Quem não receber como criança o Reino de Deus, nunca entrará nele.” [15-17]

O Reino é dom e partilha — ¹⁸Uma pessoa importante perguntou a Jesus: “Bom Mestre, o que devo fazer para receber em herança a vida eterna?” ¹⁹Jesus respondeu: “Por que você me chama de bom? Só Deus é bom, e ninguém mais. ²⁰Você conhece os mandamentos: não cometa adultério; não mate; não roube; não levante falso testemunho; honre seu pai e sua mãe.” ²¹O homem disse: “Desde jovem tenho observado todas essas coisas.” ²²Ouvindo isso, Jesus disse: “Falta ainda uma coisa para você fazer: venda tudo o que você possui, distribua o dinheiro aos pobres, e terá um tesouro no céu. Depois venha e siga-me.” ²³Quando ouviu isso, o homem ficou triste, porque era muito rico.

²⁴Vendo isso, Jesus disse: “Como é difícil para os ricos entrar no Reino de Deus! ²⁵De fato, é mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha, do

que um rico entrar no Reino de Deus.” ²⁶Os que ouviram isso, disseram: “Então, quem pode ser salvo?” ²⁷Jesus disse: “As coisas impossíveis para os homens são possíveis para Deus”.

²⁸Então Pedro disse: “Vê: nós deixamos os nossos bens e te seguimos.” ²⁹Jesus disse: “Eu garanto a vocês: quem tiver deixado casa, mulher, irmãos, pais, filhos, por causa do Reino de Deus, ³⁰não ficará sem receber muito mais durante esta vida e, no mundo futuro, vai receber a vida eterna.” [18-30]

O Filho do Homem: juiz e salvador — ³¹Jesus chamou à parte os Doze, e disse: “Vejam: estamos subindo para Jerusalém, e vai se cumprir tudo o que foi escrito pelos profetas a respeito do Filho do Homem. ³²Pois ele será entregue aos pagãos, será caçado, ultrajado e coberto de cuspidas. ³³Eles vão torturá-lo e matá-lo, e no terceiro dia ele vai ressuscitar.” ³⁴Mas, eles não compreenderam nada disso. Essa palavra era obscura para eles, e não compreendiam o que Jesus dizia. [31-34]

Fé e seguimento — ³⁵Quando Jesus se aproximava de Jericó, um cego estava sentado à beira do caminho, pedindo esmolas. ³⁶Ouvindo a multidão passar, ele perguntou o que estava acontecendo. ³⁷Disseram-lhe que Jesus Nazareno passava por ali. ³⁸Então o cego gritou: “Jesus, filho de Davi, tem piedade de mim!” ³⁹As pessoas que iam na frente mandavam que ele ficasse quieto. Mas ele gritava mais ainda: “Filho de Davi, tem piedade de mim!” ⁴⁰Jesus parou e mandou que levassem o cego até ele. Quando o cego chegou perto, Jesus perguntou: ⁴¹“O que quer que eu faça por você?” O cego respondeu: “Senhor, eu quero ver de novo.” ⁴²Jesus disse: “Veja. A sua fé curou você.” ⁴³No mesmo instante, o cego começou a ver e seguia Jesus, glorificando a Deus. Vendo isso, todo o povo louvou a Deus. [35-43]

19 Rico também pode salvar-se — ¹Jesus tinha entrado em Jericó, e estava atravessando a cidade. ²Havia aí um homem chamado Zaqueu: era chefe dos cobradores de impostos, e muito rico. ³Zaqueu desejava ver quem era Jesus, mas não o conseguia, por causa da multidão, pois ele era muito baixo. ⁴Então correu na frente e subiu numa figueira para ver, pois Jesus devia passar por aí. ⁵Quando Jesus chegou ao lugar, olhou para cima e disse: “Desça depressa, Zaqueu, porque hoje preciso ficar em sua casa.” ⁶Ele desceu rapidamente e recebeu Jesus com alegria. ⁷Vendo isso, todos começaram a criticar, dizendo:

“Ele foi se hospedar na casa de um pecador!” ⁸Zaqueu ficou de pé e disse ao Senhor: “A metade dos meus bens, Senhor, eu dou aos pobres; e, se roubei alguém, vou devolver quatro vezes mais.” ⁹Jesus lhe disse: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque também este homem é um filho de Abraão. ¹⁰De fato, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido.” [19,1-10]

A espera ativa — ¹¹Tendo eles ouvido isso, Jesus acrescentou uma parábola, porque estava perto de Jerusalém, e eles pensavam que o Reino de Deus ia chegar logo. ¹²Então Jesus disse: “Um homem nobre partiu para um país distante a fim de ser coroado rei e depois voltar. ¹³Chamou então dez dos seus empregados, entregou cem moedas de prata para cada um, e disse: ‘Negociem até que eu volte.’ ¹⁴Seus concidadãos, porém, o odiavam, e enviaram uma embaixada atrás dele, dizendo: ‘Não queremos que esse homem reine sobre nós’. ¹⁵Mas o homem foi coroado rei e voltou. Mandou chamar os empregados, aos quais havia dado o dinheiro, a fim de saber quanto haviam lucrado. ¹⁶O primeiro chegou e disse: ‘Senhor, as cem moedas renderam dez vezes mais’. ¹⁷O homem disse: ‘Muito bem, empregado bom. Como você foi fiel em coisas pequenas, receba o governo de dez cidades’. ¹⁸O segundo chegou e disse: ‘Senhor, as cem moedas renderam cinco vezes mais’. ¹⁹O homem disse também a este: ‘Receba também você o governo de cinco cidades’. ²⁰Chegou o outro empregado e disse: ‘Senhor, aqui estão as cem moedas que guardei num lenço. ²¹Pois eu tinha medo de ti, porque és um homem severo. Tomas o que não deste e colhes o que não semeaste’. ²²O homem disse: ‘Empregado mau, eu julgo você pela sua própria boca. Você sabia que eu sou um homem severo, que tomo o que não dei e colho o que não semeiei. ²³Então, por que você não depositou meu dinheiro no banco? Ao chegar, eu o retiraria com juros’. ²⁴Depois disse aos que estavam aí presentes: ‘Tirem dele as cem moedas e deem para aquele que tem mil’. ²⁵Os presentes disseram: ‘Senhor, esse já tem mil moedas!’ ²⁶Ele respondeu: ‘Eu digo a vocês: a todo aquele que já possui, será dado mais ainda. Mas daquele que nada tem, será tirado até mesmo o que tem. ²⁷E quanto a esses inimigos, que não queriam que eu reinasse sobre eles, tragam aqui e matem na minha frente’.” ²⁸Depois de dizer essas coisas, Jesus partiu na frente deles, subindo para Jerusalém. [11-28]

CONFRONTO COM JERUSALÉM

O Rei-Messias — ²⁹Quando Jesus se aproximou de Betfagé e de Betânia, perto do chamado monte das Oliveiras, enviou dois discípulos, ³⁰dizendo: “Vão até o povoado em frente. Quando vocês entrarem aí, vão encontrar, amarrado, um jumentinho que nunca foi montado. Desamarrem o animal e o tragam. ³¹Se alguém lhes perguntar: ‘Por que vocês o estão desamarrando?’ vocês responderão: ‘Porque o Senhor precisa dele’.” ³²Os discípulos foram e encontraram as coisas como Jesus havia dito. ³³Quando eles estavam desamarrando o jumentinho, os donos perguntaram: “Por que vocês estão desamarrando o jumentinho?” ³⁴Os discípulos responderam: “Porque o Senhor precisa dele.” ³⁵Então levaram o jumentinho a Jesus. Colocaram os próprios mantos sobre o jumentinho e fizeram Jesus montar. ³⁶Enquanto caminhavam, as pessoas estendiam os próprios mantos pelo caminho.

³⁷Quando Jesus estava junto à descida do monte das Oliveiras, toda a multidão de discípulos começaram, alegres, a louvar a Deus em voz alta, por todos os milagres que tinham visto. ³⁸E diziam: “Bendito seja aquele que vem como Rei, em nome do Senhor! Paz no céu e glória no mais alto do céu.” ³⁹No meio da multidão, alguns fariseus disseram a Jesus: “Mestre, manda que teus discípulos se calem.” ⁴⁰Jesus respondeu: “Eu digo a vocês: se eles se calarem, as pedras gritarão.” [29-40]

Jesus chora sobre Jerusalém — ⁴¹Jesus se aproximou, e quando viu a cidade, começou a chorar. ⁴²E disse: “Se também você compreendesse hoje o caminho da paz! Agora, porém, isso está escondido aos seus olhos! ⁴³Vão chegar dias em que os inimigos farão trincheiras contra você, a cercarão e apertarão de todos os lados. ⁴⁴Eles esmagarão você e seus filhos, e não deixarão em você pedra sobre pedra. Porque você não reconheceu o tempo em que Deus veio para visitá-la.” [41-44]

O centro da exploração e opressão — ⁴⁵Jesus entrou no Templo e começou a expulsar os que aí vendiam. ⁴⁶E disse: “Está nas Escrituras: ‘Minha casa será casa de oração’. No entanto, vocês fizeram dela uma toca de ladrões.” ⁴⁷Jesus ensinava todos os dias no Templo. Os chefes dos sacerdotes, os doutores da Lei e os notáveis do povo procuravam jeito de matá-lo. ⁴⁸Mas não sabiam o que fazer, porque o povo todo ficava fascinado, quando ouvia Jesus falar. [45-48]

20 *Jesus silencia as autoridades* — ¹Num desses dias, Jesus estava no Templo, ensinando o povo e anunciando a Boa Notícia. Então os chefes dos sacerdotes, os doutores da Lei e os anciãos apareceram, ²e disseram: “Dize-nos com que autoridade fazes tais coisas. Quem foi que te deu essa autoridade?” ³Jesus respondeu: “Eu também vou fazer uma pergunta para vocês. Digam: ⁴o batismo de João vinha do céu ou dos homens?” ⁵Mas eles comentaram entre si: “Se respondemos que vinha do céu, ele vai dizer: ‘Por que vocês não acreditaram em João?’” ⁶Se dizemos que vinha dos homens, todo o povo nos apedrejará, porque está convencido de que João era um profeta.” ⁷Então eles responderam que não sabiam de onde vinha. ⁸E Jesus disse: “Pois eu também não vou dizer a vocês com que autoridade faço essas coisas.” [20,1-8]

Jesus acusa as autoridades — ⁹Então Jesus começou a contar ao povo esta parábola: “Um homem plantou uma vinha, arrendou-a para alguns agricultores e partiu para uma longa viagem ao estrangeiro. ¹⁰Na época da colheita, mandou um empregado aos agricultores, para que lhe dessem uma parte dos frutos da vinha. Mas os agricultores bateram nele e o mandaram de volta sem nada. ¹¹O dono mandou outro empregado. Os agricultores bateram nele também, o insultaram e o mandaram de volta sem nada. ¹²O dono mandou ainda um terceiro empregado. Os agricultores também o feriram e o jogaram para fora. ¹³Então o dono da vinha disse: ‘O que farei? Vou mandar o meu filho querido. Talvez eles o respeitem’. ¹⁴Mas, ao vê-lo, os agricultores comentaram entre si: ‘Esse é o herdeiro. Vamos matá-lo, para ficarmos com a herança’. ¹⁵Então eles jogaram o filho fora da vinha e o mataram.

Pois bem: o que é que o dono da vinha fará com esses agricultores? ¹⁶Ele virá, destruirá esses agricultores e entregará a vinha a outros.” Ouvindo isso, eles disseram: “Que isso não aconteça!” ¹⁷Jesus olhou atentamente para eles e disse: “Que significa então esta passagem das Escrituras: ‘A pedra que os construtores deixaram de lado tornou-se a pedra mais importante’? ¹⁸Todo homem que cair sobre essa pedra, ficará em pedaços, e aquele sobre quem ela cair, ficará esmagado.”

¹⁹Então, nesse momento, os doutores da Lei e os chefes dos sacerdotes procuraram prender Jesus. Eles tinham entendido muito bem que Jesus havia contado essa parábola contra eles. Mas ficaram com medo da multidão. [9-19]

O povo pertence a Deus — ²⁰Os doutores da Lei e os chefes dos sacerdotes

ficaram à espreita. Mandaram espiões, fingindo que eram justos, a fim de surpreender Jesus em alguma palavra. Desse modo eles poderiam entregá-lo ao poder e autoridade do governador. ²¹Os espiões perguntaram a Jesus: “Mestre, sabemos que falas e ensinas com retidão. Não levas em conta as aparências, mas ensinas de verdade o caminho de Deus. ²²É lícito ou não é pagar o tributo a César?” ²³Jesus, porém, percebeu a astúcia deles e disse: ²⁴“Mostrem-me a moeda. De quem é a figura e a inscrição que está nessa moeda?” Eles responderam: “De César.” ²⁵Então Jesus disse: “Pois devolvam a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.” ²⁶E eles não puderam surpreender Jesus em nenhuma palavra diante do povo. Admirados com a resposta de Jesus, ficaram em silêncio. [20-26]

Deus comprometido com a vida — ²⁷Os saduceus afirmam que não existe ressurreição. Alguns deles se aproximaram de Jesus e lhe propuseram este caso: ²⁸“Mestre, Moisés escreveu para nós: ‘Se alguém morrer e deixar a esposa sem filhos, o irmão desse homem deve casar-se com a viúva, a fim de que possam ter filhos em nome do irmão que morreu’. ²⁹Ora, havia sete irmãos. O primeiro casou e morreu, sem ter filhos. ³⁰Também o segundo ³¹e o terceiro casaram-se com a viúva. E assim os sete. Todos morreram sem deixar filhos. ³²Por fim, morreu também a mulher. ³³E agora? Na ressurreição, de quem a mulher vai ser esposa? Todos os sete se casaram com ela!” ³⁴Jesus respondeu: “Nesta vida, os homens e as mulheres se casam, ³⁵mas os que Deus julgar dignos da ressurreição dos mortos e de participar da vida futura, não se casarão mais, ³⁶porque não podem mais morrer, pois serão como os anjos. E serão filhos de Deus, porque ressuscitaram. ³⁷E que os mortos ressuscitam, já Moisés indica na passagem da sarça, quando chama o Senhor de ‘o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó’. ³⁸Deus não é Deus de mortos, mas de vivos, pois todos vivem para ele.” ³⁹Alguns doutores da Lei disseram a Jesus: “Foi uma boa resposta, Mestre.” ⁴⁰E ninguém mais tinha coragem de perguntar coisa nenhuma a Jesus. [27-40]

Jesus está acima de Davi — ⁴¹Então Jesus disse a eles: “Como podem dizer que o Messias é filho de Davi? ⁴²Pois o próprio Davi diz no livro dos Salmos: ‘O Senhor disse ao meu Senhor: Sente-se à minha direita, ⁴³até que eu ponha seus inimigos como lugar onde você apoia os pés’. ⁴⁴Portanto, Davi o chamou de Senhor. Como pode, então, o Messias ser filho dele?” [41-44]

Jesus condena a dominação intelectual — ⁴⁵Todos estavam escutando Jesus, e ele disse aos discípulos: ⁴⁶“Tenham cuidado com os doutores da Lei. Eles fazem questão de andar com roupas compridas, e gostam de ser cumprimentados nas praças públicas. Gostam dos primeiros lugares nas sinagogas e dos postos de honra nos banquetes. ⁴⁷No entanto, exploram as viúvas e roubam suas casas, e, para disfarçar, fazem longas orações. Por isso, eles vão receber condenação mais severa.” [45-47]

21 ***A verdadeira atitude religiosa*** — ¹Erguendo os olhos, Jesus viu pessoas ricas que depositavam ofertas no Tesouro do Templo. ²Viu também uma viúva pobre que depositou duas pequenas moedas. ³Então disse: “Eu garanto a vocês: essa viúva pobre depositou mais do que todos. ⁴Pois todos os outros depositaram do que estava sobrando para eles. Mas a viúva, na sua pobreza, depositou tudo o que possuía para viver.” [21,1-4]

O fim ainda não chegou — ⁵Algumas pessoas comentavam sobre o Templo, enfeitado com pedras bonitas e com coisas dadas em promessa. Então Jesus disse: ⁶“Vocês estão admirando essas coisas? Dias virão em que não ficará pedra sobre pedra. Tudo será destruído.” ⁷Eles perguntaram: “Mestre, quando vai acontecer isso? Qual será o sinal de que essas coisas estarão para acontecer?” ⁸Jesus respondeu: “Cuidado para que vocês não sejam enganados, porque muitos virão em meu nome, dizendo: ‘Sou eu!’ E ainda: ‘O tempo já chegou’. Não sigam essa gente. ⁹Quando vocês ouvirem falar de guerras e revoluções, não fiquem apavorados. Primeiro essas coisas devem acontecer, mas não será logo o fim.” ¹⁰E Jesus continuou: “Uma nação lutará contra outra, um reino contra outro reino. ¹¹Haverá grandes terremotos, fome e pestes em vários lugares. Vão acontecer coisas pavorosas e grandes sinais vindos do céu.” [5-11]

A coragem do testemunho — ¹²“Mas antes que essas coisas aconteçam, vocês serão presos e perseguidos; entregarão vocês às sinagogas, e serão lançados na prisão; serão levados diante de reis e governadores, por causa do meu nome. ¹³Isso acontecerá para que vocês deem testemunho. ¹⁴Portanto, tirem da cabeça a ideia de que vocês devem planejar com antecedência a própria defesa; ¹⁵porque eu lhes darei palavras de sabedoria, de tal modo que nenhum dos inimigos poderá resistir ou rebater vocês. ¹⁶E vocês serão entregues até mesmo pelos próprios pais, irmãos, parentes e amigos. E eles matarão alguns de vocês. ¹⁷Vocês serão odiados por todos, por causa do meu nome. ¹⁸Mas não perderão

um só fio de cabelo. ¹⁹É permanecendo firmes que vocês irão ganhar a vida!”
[12-19]

Fim da separação — ²⁰“Quando vocês virem Jerusalém cercada de acampamentos, fiquem sabendo que a destruição dela está próxima. ²¹Então, os que estiverem na Judeia, devem fugir para as montanhas; os que estiverem no meio da cidade, devem afastar-se; os que estiverem no campo, não entrem na cidade. ²²Pois esses dias são de vingança, para que se cumpra tudo o que dizem as Escrituras. ²³Infelizes das mulheres grávidas e daquelas que estiverem amamentando nesses dias, pois haverá uma grande desgraça nessa terra e uma ira contra esse povo. ²⁴Serão mortos pela espada e levados presos para todas as nações. Jerusalém será pisada pelos pagãos, até que o tempo dos pagãos se complete.” [20-24]

A história e o fim dos tempos — ²⁵“Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas. E na terra, as nações cairão no desespero, apavoradas com o barulho do mar e das ondas. ²⁶Os homens desmaiarão de medo e ansiedade, pelo que vai acontecer ao universo, porque os poderes do espaço ficarão abalados. ²⁷Então eles verão o Filho do Homem vindo sobre uma nuvem, com poder e grande glória. ²⁸Quando essas coisas começarem a acontecer, levantem-se e ergam a cabeça, porque a libertação de vocês está próxima.” [25-28]

Estejam atentos — ²⁹E Jesus contou uma parábola: “Olhem a figueira e todas as árvores. ³⁰Vendo que elas estão dando brotos, vocês logo sabem que o verão está perto. ³¹Vocês também, quando virem acontecer essas coisas, fiquem sabendo que o Reino de Deus está perto. ³²Eu garanto a vocês: tudo isso vai acontecer, antes que passe esta geração. ³³O céu e a terra desaparecerão, mas as minhas palavras não desaparecerão. ³⁴Tomem cuidado para que os corações de vocês não fiquem insensíveis por causa da gula, da embriaguez e das preocupações da vida, e esse dia não caia de repente sobre vocês. ³⁵Pois esse dia cairá, como armadilha, sobre todos aqueles que habitam a face de toda a terra. ³⁶Fiquem atentos e rezem todo o tempo, a fim de terem força para escapar de tudo o que deve acontecer e para ficarem de pé diante do Filho do Homem.”

³⁷De dia, Jesus ensinava no Templo. Ao anoitecer, ele saía e passava a noite no chamado monte das Oliveiras. ³⁸De manhã cedo, todo o povo ia ao Templo para ouvi-lo. [29-38]

MORTE E VITÓRIA DE JESUS

22 *O confronto com Satanás* — ¹Estava próxima a festa dos Ázimos, que se chama Páscoa. ²Os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei procuravam maneira de acabar com Jesus, pois tinham medo do povo.

³Satanás entrou em Judas, chamado Iscariotes, que era um dos Doze. ⁴Então ele saiu e foi tratar com os chefes dos sacerdotes e com os oficiais da guarda do Templo, sobre a maneira de entregar Jesus. ⁵Eles ficaram alegres e combinaram dar-lhe dinheiro. ⁶Judas concordou e começou a procurar uma boa oportunidade para entregar Jesus, sem que o povo ficasse sabendo. [22,1-6]

A lembrança da libertação — ⁷Chegou o dia dos Ázimos, em que se matavam os cordeiros para a Páscoa. ⁸Jesus mandou Pedro e João, dizendo: “Vão e preparem tudo para comermos a Páscoa.” ⁹Eles perguntaram: “Onde queres que a preparemos?” ¹⁰Jesus respondeu: “Quando vocês entrarem na cidade, um homem carregando um jarro de água virá ao encontro de vocês. Sigam a ele até a casa onde ele entrar, ¹¹e digam ao dono da casa: ‘O Mestre manda dizer: Onde é a sala em que eu e os meus discípulos vamos comer a Páscoa?’ ¹²Então ele mostrará para vocês, no andar de cima, uma sala grande, arrumada com almofadas. Preparem tudo aí.” ¹³Os discípulos foram, e encontraram tudo como Jesus havia dito. E prepararam a Páscoa. [7-13]

A instituição da Eucaristia — ¹⁴Quando chegou a hora, Jesus se pôs à mesa com os apóstolos. ¹⁵E disse: “Desejei muito comer com vocês esta ceia pascal, antes de sofrer. ¹⁶Pois eu lhes digo: nunca mais a comerei, até que ela se realize no Reino de Deus.” ¹⁷Então Jesus pegou o cálice, agradeceu a Deus e disse: “Tomem isto e repartam entre vocês; ¹⁸pois eu lhes digo que nunca mais beberei do fruto da videira, até que venha o Reino de Deus.”

¹⁹A seguir, Jesus tomou um pão, agradeceu a Deus, o partiu e distribuiu a eles, dizendo: “Isto é o meu corpo, que é dado por vocês. Façam isto em memória de mim.” ²⁰Depois da ceia, Jesus fez o mesmo com o cálice, dizendo: “Este cálice é a nova aliança do meu sangue, que é derramado por vocês.

²¹Mas vejam: a mão do homem que me traiçoa está se servindo comigo, nesta mesa. ²²Sim, o Filho do Homem vai morrer, conforme Deus determinou, mas aí daquele homem que o está traindo!” ²³Então os apóstolos começaram a

perguntar uns aos outros qual deles iria fazer tal coisa. [14-23]

Autoridade é serviço — ²⁴Entre eles houve também uma discussão sobre qual deles deveria ser considerado o maior. ²⁵Jesus, porém, disse: “Os reis das nações têm poder sobre elas, e os que sobre elas exercem autoridade são chamados benfeitores. ²⁶Mas entre vocês não deverá ser assim. Pelo contrário, o maior entre vocês seja como o mais novo; e quem governa, seja como aquele que serve. ²⁷Afinal, quem é o maior: aquele que está sentado à mesa, ou aquele que está servindo? Não é aquele que está sentado à mesa? Eu, porém, estou no meio de vocês como quem está servindo. ²⁸Vocês ficaram comigo em minhas provações. ²⁹Por isso, assim como o meu Pai confiou o Reino a mim, eu também confio o Reino a vocês. ³⁰E vocês hão de comer e beber à minha mesa no meu Reino, e sentar-se em tronos para julgar as doze tribos de Israel.” [24-30]

A missão de Pedro — ³¹“Simão, Simão! Olhe que Satanás pediu permissão para peneirar vocês como trigo. ³²Eu, porém, rezei por você, para que a sua fé não desfaleça. E você, quando tiver voltado para mim, fortaleça os seus irmãos.” ³³Mas Simão falou: “Senhor, contigo estou pronto para ir até mesmo para a prisão e para a morte!” ³⁴Jesus, porém, respondeu: “Pedro, eu lhe digo que hoje, antes que o galo cante, três vezes você negará que me conhece.” [31-34]

A hora do combate — ³⁵Jesus perguntou aos apóstolos: “Quando eu envie vocês sem bolsa, sem sacola, sem sandálias, faltou alguma coisa para vocês?” Eles responderam: “Nada.” ³⁶Jesus continuou: “Agora, porém, quem tiver bolsa, deve pegá-la, como também uma sacola; e quem não tiver espada, venda o manto para comprar uma. ³⁷Porque eu lhes declaro: é preciso que se cumpra em mim a palavra da Escritura: ‘Ele foi incluído entre os fora-da-lei’. E o que foi dito a meu respeito, vai realizar-se.” ³⁸Eles disseram: “Senhor, aqui estão duas espadas.” Jesus respondeu: “É o bastante!” [35-38]

Jesus obedece ao Pai — ³⁹Jesus saiu e, como de costume, foi para o monte das Oliveiras. Os discípulos o acompanharam. ⁴⁰Chegando ao lugar, Jesus disse para eles: “Rezem para não caírem na tentação.” ⁴¹Então, afastou-se uns trinta metros e, de joelhos, começou a rezar: ⁴²“Pai, se queres, afasta de mim este cálice. Contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua!” ⁴³Apareceu-lhe um anjo do céu, que o confortava. ⁴⁴Tomado de angústia, Jesus rezava com mais insistência. Seu suor se tornou como gotas de sangue, que caíam no chão. ⁴⁵Levantando-se

da oração, Jesus foi para junto dos discípulos, e os encontrou dormindo, vencidos pela tristeza. ⁴⁶E perguntou-lhes: “Por que vocês estão dormindo? Levantem-se e rezem, para não caírem na tentação.” [39-46]

A hora do poder das trevas — ⁴⁷Enquanto Jesus ainda falava, chegou uma multidão. Na frente vinha o chamado Judas, um dos Doze. Ele se aproximou de Jesus e o saudou com um beijo. ⁴⁸Jesus disse: “Judas, com um beijo você trai o Filho do Homem?” ⁴⁹Vendo o que ia acontecer, os que estavam com Jesus disseram: “Senhor, vamos atacar com a espada?” ⁵⁰E um deles feriu o empregado do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha direita. ⁵¹Mas Jesus ordenou: “Parem com isso!” E tocando a orelha do homem, o curou. ⁵²Depois Jesus disse aos chefes dos sacerdotes, aos oficiais da guarda do Templo e aos anciãos, que tinham ido para prendê-lo: “Vocês saíram com espadas e paus, como se eu fosse um bandido? ⁵³Todos os dias eu estava com vocês no Templo, e nunca puseram a mão em mim. Mas esta é a hora de vocês e do poder das trevas.” [47-53]

Pedro cai na tentação — ⁵⁴Eles prenderam e levaram Jesus, e o conduziram à casa do sumo sacerdote. Pedro seguia Jesus de longe. ⁵⁵Acenderam uma fogueira no meio do pátio, e sentaram-se ao redor. Pedro sentou-se no meio deles. ⁵⁶Ora, uma criada viu Pedro sentado perto do fogo. Encarou-o bem e disse: “Este aqui também estava com Jesus!” ⁵⁷Mas Pedro negou: “Mulher, eu nem o conheço.” ⁵⁸Pouco depois, outro viu Pedro e disse: “Você também é um deles.” Mas Pedro respondeu: “Homem, não sou, não.” ⁵⁹Passou mais ou menos uma hora, e outro insistia: “De fato este aqui também estava com Jesus, porque é galileu.” ⁶⁰Mas Pedro respondeu: “Homem, não sei do que você está falando!” Nesse momento, enquanto Pedro ainda falava, um galo cantou. ⁶¹Então o Senhor se voltou e olhou para Pedro. E Pedro se lembrou de que o Senhor lhe havia dito: “Hoje, antes que o galo cante, você me negará três vezes.” ⁶²Então Pedro saiu para fora e chorou amargamente. ⁶³Os guardas caçoavam de Jesus e o espancavam. ⁶⁴Cobriam-lhe o rosto e diziam: “Faze uma profecia! Quem foi que te bateu?” ⁶⁵E o insultavam de muitos outros modos. [54-65]

Quem é Jesus? — ⁶⁶Ao amanhecer, os anciãos do povo, os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei se reuniram em conselho e levaram Jesus para o Sinédrio. ⁶⁷E disseram: “Se tu és o Messias, dize-nos!” Jesus respondeu: “Se eu

disser, vocês não acreditarão, ⁶⁸e, se eu lhes fizer perguntas, não me responderão. ⁶⁹Mas de agora em diante, o Filho do Homem estará sentado à direita do Deus Todo-poderoso.” ⁷⁰Então todos perguntaram: “Tu és, portanto, o Filho de Deus?” Jesus respondeu: “Vocês estão dizendo que eu sou.” ⁷¹Eles disseram: “Que necessidade temos ainda de testemunho? Nós mesmos ouvimos de sua própria boca!” [66-71]

23 *Acusações contra Jesus* — ¹Em seguida, toda a assembleia se levantou, e levaram Jesus a Pilatos. ²Começaram a acusação, dizendo: “Achamos este homem fazendo subversão entre o nosso povo, proibindo pagar tributo ao imperador e afirmando ser ele mesmo o Messias, o Rei.” ³Pilatos interrogou Jesus: “Tu és o rei dos judeus?” Jesus respondeu, declarando: “É você quem está dizendo isso!” ⁴Então Pilatos disse aos chefes dos sacerdotes e à multidão: “Não encontro nesse homem nenhum motivo de condenação.” ⁵Eles, porém, insistiam: “Ele está provocando revolta entre o povo, com seu ensinamento. Começou na Galileia, passou por toda a Judeia e agora chegou aqui.” [23,1-5]

O silêncio de Jesus — ⁶Quando ouviu isso, Pilatos perguntou se Jesus era galileu. ⁷Ao saber que Jesus estava sob a jurisdição de Herodes, Pilatos o mandou a este, pois também Herodes estava em Jerusalém nesses dias. ⁸Herodes ficou muito contente ao ver Jesus, pois já ouvira falar a respeito dele, e há muito tempo desejava vê-lo. Esperava ver Jesus fazendo algum milagre. ⁹Herodes o interrogou com muitas perguntas. Jesus, porém, não respondeu nada.

¹⁰Entretanto, os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei estavam presentes, e faziam violentas acusações contra Jesus. ¹¹Herodes e seus soldados trataram Jesus com desprezo, caçoaram dele e o vestiram com uma roupa brilhante. E o mandaram de volta a Pilatos. ¹²Nesse dia, Herodes e Pilatos ficaram amigos, pois antes eram inimigos. [6-12]

Jesus é um homem perigoso — ¹³Então Pilatos convocou os chefes dos sacerdotes, os chefes e o povo, e lhes disse: ¹⁴“Vocês trouxeram este homem como se fosse um agitador do povo. Pois bem! Eu já o interroguei diante de vocês, e não encontrei nele nenhum dos crimes de que vocês o estão acusando. ¹⁵Herodes também não encontrou, pois mandou Jesus de volta para nós. Como podem ver, ele não fez nada para merecer a morte. ¹⁶Portanto, vou castigá-lo e depois o soltarei.” ¹⁷Ora, em cada festa de Páscoa, Pilatos devia soltar um

prisioneiro para eles. ¹⁸Toda a multidão começou a gritar: “Mate esse homem! Solte-nos Barrabás!” ¹⁹Barrabás tinha sido preso por causa de uma revolta na cidade, e por homicídio. ²⁰Pilatos queria libertar Jesus, e falou outra vez à multidão. ²¹Mas eles gritavam: “Crucifique! Crucifique!” ²²E Pilatos falou pela terceira vez: “Mas que mal fez esse homem? Não encontrei nele nenhum crime que mereça a morte. Portanto, vou castigá-lo e depois o soltarei.” ²³Mas eles continuaram a gritar com toda a força, pedindo que Jesus fosse crucificado. E a gritaria deles aumentava cada vez mais. ²⁴Então Pilatos pronunciou a sentença: que fosse feito o que eles pediam. ²⁵Soltou o homem que eles queriam, aquele que tinha sido preso por revolta e homicídio, e entregou Jesus à vontade deles. [13-25]

Chorar por Jesus? — ²⁶Enquanto levavam Jesus para ser crucificado, pegaram certo Simão, da cidade de Cirene, que voltava do campo, e o forçaram a carregar a cruz atrás de Jesus. ²⁷Uma grande multidão do povo o seguia. E mulheres batiam no peito e choravam por Jesus. ²⁸Jesus, porém, voltou-se e disse: “Mulheres de Jerusalém, não chorem por mim! Chorem por vocês mesmas e por seus filhos! ²⁹Porque dias virão, em que se dirá: ‘Felizes das mulheres que nunca tiveram filhos, dos ventres que nunca deram à luz e dos seios que nunca amamentaram.’ ³⁰Então começarão a pedir às montanhas: ‘Caíam em cima de nós!’ E às colinas: ‘Escondam-nos!’ ³¹Porque, se assim fazem com a árvore verde, o que não farão com a árvore seca?” ³²Levavam também outros dois criminosos, junto com ele, para serem mortos. [26-32]

A realeza que dá a vida — ³³Quando chegaram ao chamado “lugar da Caveira”, aí crucificaram Jesus e os criminosos, um à sua direita e outro à sua esquerda. ³⁴E Jesus dizia: “Pai, perdoa-lhes! Eles não sabem o que estão fazendo!” Depois repartiram a roupa de Jesus, fazendo sorteio. ³⁵O povo permanecia aí, olhando. Os chefes, porém, zombavam de Jesus, dizendo: “A outros ele salvou. Que salve a si mesmo, se é de fato o Messias de Deus, o Escolhido!” ³⁶Os soldados também caçoavam dele. Aproximavam-se, ofereciam-lhe vinagre ³⁷e diziam: “Se tu és o rei dos judeus, salva a ti mesmo!” ³⁸Acima dele havia um letreiro: “Este é o Rei dos judeus.” [33-38]

Lembra-te de nós! — ³⁹Um dos criminosos crucificados o insultava, dizendo: “Não és tu o Messias? Salva a ti mesmo e a nós também!” ⁴⁰Mas o outro o repreendeu, dizendo: “Nem você teme a Deus, sofrendo a mesma condenação?

⁴¹Para nós é justo, porque estamos recebendo o que merecemos; mas ele não fez nada de mal.” ⁴²E acrescentou: “Jesus, lembra-te de mim, quando vieres em teu Reino.” ⁴³Jesus respondeu: “Eu lhe garanto: hoje mesmo você estará comigo no Paraíso.” [140]

A morte do justo — ⁴⁴Já era mais ou menos meio-dia, e uma escuridão cobriu toda a região até às três horas da tarde, ⁴⁵pois o sol parou de brilhar. A cortina do santuário rasgou-se pelo meio. ⁴⁶Então Jesus deu um forte grito: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito.” Dizendo isso, expirou. ⁴⁷O oficial do exército viu o que tinha acontecido, e glorificou a Deus, dizendo: “De fato! Esse homem era justo!” ⁴⁸E todas as multidões que estavam aí e que tinham vindo para assistir, viram o que havia acontecido, e voltaram para casa, batendo no peito. ⁴⁹Todos os conhecidos de Jesus, assim como as mulheres que o acompanhavam desde a Galileia, ficaram à distância, olhando essas coisas. [44-49]

Fim do caminho? — ⁵⁰Havia um homem bom e justo, chamado José. Era membro do Conselho, ⁵¹mas não tinha aprovado a decisão, nem a ação dos outros membros. Ele era de Arimateia, cidade da Judeia, e esperava a vinda do Reino de Deus. ⁵²José foi a Pilatos, e pediu o corpo de Jesus. ⁵³Desceu o corpo da cruz, o enfaixou com um lençol, e o colocou num túmulo escavado na rocha, onde ninguém ainda tinha sido sepultado. ⁵⁴Era o dia da preparação da Páscoa, e o sábado já estava começando. ⁵⁵As mulheres, que tinham ido com Jesus desde a Galileia, foram com José para ver o túmulo e como o corpo de Jesus tinha sido colocado. ⁵⁶Depois voltaram para casa e prepararam perfumes e bálsamos. E no sábado elas descansaram, conforme ordenava a Lei. [50-56]

24 Jesus está vivo — ¹No primeiro dia da semana, bem de madrugada, as mulheres foram ao túmulo de Jesus, levando os perfumes que haviam preparado. ²Encontraram a pedra do túmulo removida. ³Mas ao entrar, não encontraram o corpo do Senhor Jesus, ⁴e ficaram sem saber o que estava acontecendo. Nisso, dois homens, com roupas brilhantes, pararam perto delas. ⁵Cheias de medo, elas olhavam para o chão. No entanto, os dois homens disseram: “Por que vocês estão procurando entre os mortos aquele que está vivo? ⁶Ele não está aqui! Ressuscitou! Lembrem-se de como ele falou, quando ainda estava na Galileia: ⁷‘O Filho do Homem deve ser entregue nas mãos dos pecadores, ser crucificado e ressuscitar no terceiro dia’.” ⁸Então as mulheres se

lembraram das palavras de Jesus. ⁹Voltaram do túmulo e anunciaram tudo isso aos Onze, bem como a todos os outros. ¹⁰Eram Maria Madalena, Joana, e Maria, mãe de Tiago. Também as outras mulheres que estavam com elas contaram essas coisas aos apóstolos. ¹¹Contudo, os apóstolos acharam que eram tolices o que as mulheres contavam, e não acreditaram nelas. ¹²Pedro, porém, levantou-se e correu para o túmulo. Inclinou-se e viu apenas os lençóis de linho. Então voltou para casa, admirado com o que havia acontecido. [24,1-12]

Jesus caminha com os homens — ¹³Nesse mesmo dia, dois discípulos iam para um povoado, chamado Emaús, distante onze quilômetros de Jerusalém. ¹⁴Conversavam a respeito de tudo o que tinha acontecido. ¹⁵Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles. ¹⁶Os discípulos, porém, estavam como que cegos, e não o reconheceram. ¹⁷Então Jesus perguntou: “O que é que vocês andam conversando pelo caminho?” Eles pararam, com o rosto triste. ¹⁸Um deles, chamado Cléofas, disse: “Tu és o único peregrino em Jerusalém que não sabe o que aí aconteceu nesses últimos dias?” ¹⁹Jesus perguntou: “O que foi?” Os discípulos responderam: “O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em ação e palavras, diante de Deus e de todo o povo. ²⁰Nossos chefes dos sacerdotes e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte, e o crucificaram. ²¹Nós esperávamos que fosse ele o libertador de Israel, mas, apesar de tudo isso, já faz três dias que tudo isso aconteceu! ²²É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deram um susto. Elas foram de madrugada ao túmulo, ²³e não encontraram o corpo de Jesus. Então voltaram, dizendo que tinham visto anjos, e estes afirmaram que Jesus está vivo. ²⁴Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram tudo como as mulheres tinham dito. Mas ninguém viu Jesus.”

²⁵Então Jesus disse a eles: “Como vocês custam para entender e como demoram para acreditar em tudo o que os profetas falaram! ²⁶Será que o Messias não devia sofrer tudo isso, para entrar na sua glória?” ²⁷Então, começando por Moisés e continuando por todos os Profetas, Jesus explicava para os discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito dele.

²⁸Quando chegaram perto do povoado para onde iam, Jesus fez de conta que ia mais adiante. ²⁹Eles, porém, insistiram com Jesus, dizendo: “Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando.” Então Jesus entrou para ficar com eles.

³⁰Sentou-se à mesa com os dois, tomou o pão e abençoou, depois o partiu e deu a eles. ³¹Nisso os olhos dos discípulos se abriram, e eles reconheceram Jesus. Jesus, porém, desapareceu da frente deles.

³²Então um disse ao outro: “Não estava o nosso coração ardendo quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?” ³³Na mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém, onde encontraram os Onze, reunidos com os outros. ³⁴E estes confirmaram: “Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!” ³⁵Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho e como tinham reconhecido Jesus quando ele partiu o pão. [13-35]

A realidade da ressurreição — ³⁶Ainda estavam falando, quando Jesus apareceu no meio deles e disse: “A paz esteja com vocês.” ³⁷Espantados e cheios de medo, pensavam estar vendo um espírito. ³⁸Então Jesus disse: “Por que vocês estão perturbados, e por que o coração de vocês está cheio de dúvidas? ³⁹Vejam minhas mãos e meus pés: sou eu mesmo. Toquem-me e vejam: um espírito não tem carne e ossos, como vocês podem ver que eu tenho.” ⁴⁰E dizendo isso, Jesus mostrou as mãos e os pés. ⁴¹E como eles ainda não estivessem acreditando, por causa da alegria e porque estavam espantados, Jesus disse: “Vocês têm aqui alguma coisa para comer?” ⁴²Eles ofereceram a Jesus um pedaço de peixe grelhado. ⁴³Jesus pegou o peixe e o comeu diante deles. [36-43]

A missão cristã — ⁴⁴Jesus disse: “São estas as palavras que eu lhes falei, quando ainda estava com vocês: é preciso que se cumpra tudo o que está escrito a meu respeito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos.” ⁴⁵Então Jesus abriu a mente deles para entenderem as Escrituras. ⁴⁶E continuou: “Assim está escrito: ‘O Messias sofrerá e ressuscitará dos mortos no terceiro dia, ⁴⁷e no seu nome serão anunciados a conversão e o perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém’. ⁴⁸E vocês são testemunhas disso.

⁴⁹Agora eu lhes enviarei aquele que meu Pai prometeu. Por isso, fiquem esperando na cidade, até que vocês sejam revestidos do poder do alto.”

⁵⁰Então Jesus levou os discípulos para fora da cidade, até Betânia. Aí, ergueu as mãos e os abençoou. ⁵¹Enquanto os abençoava, afastou-se deles, e foi levado para o céu. ⁵²Eles o adoraram, e depois voltaram para Jerusalém, com grande alegria. ⁵³E estavam sempre no Templo, bendizendo a Deus. [44-53]

NOTAS

[1,1-4] O Evangelho de Lucas nasce de uma pesquisa, destinada a escrever ordenadamente o que a Igreja primitiva transmitia através da catequese.

[5-25] A esterilidade e velhice marcam a vida desse casal justo, e o tornam objeto de humilhação pública. Zacarias e Isabel representam a comunidade dos pobres e oprimidos que dependem de Deus. Deus se volta para esses pobres: deles nascerá João, o último profeta da antiga Aliança. João abrirá o caminho para a chegada do Messias, que iniciará a história da libertação dos pobres (cf. nota em Mt 3,22-24).

[26-38] Maria é outra representante da comunidade dos pobres que esperam pela libertação. Dela nasce Jesus Messias, o Filho de Deus. O fato de Maria conceber sem ainda estar morando com José indica que o nascimento do Messias é obra da intervenção de Deus. Aquele que vai iniciar nova história surge dentro da história de maneira totalmente nova.

[39-45] Ainda no seio de sua mãe, João Batista recebe o Espírito prometido (1,15). Reconhece o Messias e o aponta através da exclamação de sua mãe Isabel.

[46-56] O cântico de Maria é o cântico dos pobres que reconhecem a vinda de Deus para libertá-los através de Jesus. Cumprindo a promessa, Deus assume o partido dos pobres, e realiza uma transformação na história, invertendo a ordem social: os ricos e poderosos são depostos e despojados, e os pobres e oprimidos são libertos e assumem a direção dessa nova história.

[57-66] O nome de João (= Deus tem piedade) é o sinal que evidencia o projeto de Deus sobre a criança e sua missão.

[67-80] O cântico de Zacarias é um louvor ao Deus misericordioso que realiza, através de Jesus, a “visita” aos pobres (vv. 68-75). Em Jesus se manifesta a *força* que liberta dos inimigos e do medo, formando um povo santo diante de Deus e justo diante dos homens. Desse modo, manifesta-se a *luz* que ilumina a condição do povo, abrindo uma história nova, que se encaminha para a Paz, isto é, a plenitude da vida.

[2,1-7] O recenseamento ordenado pelo imperador era instrumento de dominação, já que possibilitava saber quantas pessoas deviam pagar o tributo.

Dentro dessa situação de dominação nasce Jesus, o Messias, que desde o primeiro instante de sua vida se identifica com os pobres.

[8-20] Os primeiros a receber a Boa Notícia (Evangelho) são os pobres e marginalizados, aqui representados pelos pastores. Com efeito, na sociedade da época, os pastores eram desprezados, porque não tinham possibilidade de cumprir todas as exigências da Lei. É para eles que nasceu o Salvador, o Messias e o Senhor. E são os primeiros a anunciar a sua chegada. Jesus é o *Salvador*, porque traz a libertação definitiva. É o *Messias*, porque traz o Espírito de Deus, que convoca os homens para uma relação de justiça e amor fraterno (cf. Is 11,1-9). É o *Senhor*, porque vence todos os obstáculos, conduzindo os homens dentro de uma história nova.

[21-24] Todo primogênito pertencia a Deus, e devia ser resgatado por meio de um sacrifício. Nessa ocasião, também se fazia a purificação da mãe, e se oferecia um cordeiro. Quem era pobre podia oferecer duas rolas ou dois pombinhos, em lugar do cordeiro (cf. Lv 5,1-8). O Messias nasce como dominado, em lugar pobre, e vem pobre, para os pobres.

[25-40] Simeão e Ana também representam os pobres que esperam a libertação. E Deus responde à esperança deles. O cântico de Simeão relembra a vida e missão do Messias: Jesus será sinal de contradição, isto é, julgamento para os ricos e poderosos, e libertação para os pobres e oprimidos (cf. Lc 6,20-26).

[41-52] Neste Evangelho, as primeiras palavras de Jesus mostram que toda a sua missão decorre da sua relação filial com o Pai. Isto significa que essa missão provém do próprio mistério de Deus e da realização de sua vontade entre os homens. Contudo, ela se processa dentro do mistério da Encarnação, onde Jesus vai aprendendo a viver a vida humana como qualquer outro homem.

[3,1-20] A datação histórica (vv. 1-2) mostra que Lucas coloca os reis terrestres e as autoridades religiosas em contraste com a soberania e a autoridade de Jesus: o movimento profundo da história não se desenvolve no plano das aparências da história oficial. É Jesus quem realiza o destino do mundo, dando à história o verdadeiro sentido.

João Batista convida todos à mudança radical de vida, porque a nova história vai transformar pela raiz as relações entre os homens. É o tempo do julgamento, e nada vale ter fé teórica, pois o julgamento se baseia sobre as opções e atitudes concretas que cada um assume.

[21-22] Para Lucas, o batismo de Jesus é um episódio em meio ao batismo de

todo o povo. Solidarizando-se com o povo, Jesus começa o tempo do batismo no Espírito, isto é, a formação do povo de Deus que vai construir a nova história. Cf. também nota em Mc 1,9-11.

[23-38] Salientando que Jesus é descendente de Adão, Lucas o apresenta como o princípio de vida para todos os homens. Isso é frisado também pelo número de gerações (setenta e sete), que é número simbólico, indicando a universalidade: a ação de Jesus vai atingir toda a humanidade.

[4,1-13] Cf. nota em Mc 1,12-13 e em Mt 4,1-11. Lucas inverte a ordem das duas últimas tentações, porque em Jerusalém (Templo) é que acontecerá a suprema tentação e a vitória final sobre ela.

[14-21] Colocada no início da vida pública de Jesus, esta passagem constitui, conforme Lucas, o programa de toda a atividade de Jesus. Is 61,1-2 anunciara que o Messias iria realizar a missão libertadora dos pobres e oprimidos. Jesus aplica a passagem a si mesmo, assumindo-a no hoje concreto em que se encontra. No *ano da graça* eram perdoadas todas as dívidas e se redistribuíam fraternalmente todas as terras e propriedades: Jesus encaminha a humanidade para uma situação de reconciliação e partilha, que tornam possíveis a igualdade, a fraternidade e a comunhão.

[22-30] A dúvida e a rejeição de Jesus por parte de seus compatriotas fazem prever a hostilidade e a rejeição de toda a atividade de Jesus por parte de todo o seu povo. No entanto, Jesus prossegue seu caminho, para construir a nova história que engloba toda a humanidade.

[31-37] Cf. nota em Mc 1,21-28.

[38-41] Cf. nota em Mc 1,29-34.

[42-44] A Boa Notícia do Reino é o amor de Deus que provoca a transformação radical das estruturas que escravizam os homens. Para anunciá-la, Jesus vai ao encontro daqueles que ainda não a conhecem.

[5,1-11] A cena é simbólica. Jesus chama seus primeiros discípulos, mostrando-lhes qual a missão reservada a eles: fazer que os homens participem da libertação trazida por Jesus e que só pode realizar-se no seguimento dele, mediante a união com ele e sua missão. O convite ao seguimento é exigente: é preciso “deixar tudo”, para que nada impeça o discípulo de anunciar a Boa Notícia do Reino.

[12-16] Cf. nota em Mt 8,1-4. Enquanto o leproso curado testemunha a ação de

Jesus, este se retira para refortificar a sua missão em Deus Pai, e assim continuar a sua obra.

[17-26] Cf. nota em Mc 2,1-12.

[27-32] Cf. nota em Mc 2,13-17.

[33-39] Cf. nota em Mc 2,18-22. Lucas salienta que quem está habituado às estruturas do velho sistema, e não se predispõe à mudança, jamais aceita a novidade trazida por Jesus (v. 39).

[6,1-5] Sendo senhor do sábado, Jesus está acima das leis, mesmo religiosas, que os homens elaboram. Ele relativiza essas leis, mostrando que elas não têm sentido quando impedem o homem de ter acesso aos bens necessários para a própria sobrevivência.

[6-11] Jesus mostra que a lei do sábado deve ser interpretada como libertação e vida para o homem. Por isso, os que preferem ficar com o velho sistema se reúnem para planejar a morte de Jesus: ele está destruindo as ideias de religião e sociedade que eles tinham.

[12-16] Jesus escolhe os doze apóstolos, que formarão o núcleo da comunidade nova que ele veio criar. A palavra *apóstolo* significa aquele que Jesus *envia* para continuar a sua obra.

[17-26] O povo vem de todas as partes ao encontro de Jesus, porque a ação dele faz nascer a esperança de uma sociedade nova, libertada da alienação e dos males que afligem os homens. Os vv. 20-26 proclamam o cerne de toda a atividade de Jesus: produzir uma sociedade justa e fraterna, aberta para a novidade de Deus. Para isso, é preciso libertar os pobres e famintos, os aflitos e os que são perseguidos por causa da justiça. Isso, porém, só se alcança denunciando aqueles que geram a pobreza e a opressão e depondo-os dos seus privilégios. Não é possível abençoar o pobre sem libertá-lo da pobreza. Não é possível libertar o pobre da pobreza sem denunciar o rico para libertá-lo da riqueza.

[27-36] A vida em sociedade é feita de relacionamentos de interesses e reciprocidade, que geram lucro, poder e prestígio. O Evangelho revoluciona o campo das relações humanas, mostrando que, numa sociedade justa e fraterna, as relações devem ser gratuitas, à semelhança do amor misericordioso do Pai.

[37-42] Cf. nota em Mt 7,1-5. Lucas salienta que as relações numa sociedade nova não devem ser de julgamento e condenação, mas de perdão e dom. Só Deus pode julgar.

[43-45] Assim como as árvores são conhecidas pelos frutos, do mesmo modo os homens são conhecidos pelos seus atos.

[46-49] Quem pratica a mensagem de Jesus constrói a vida pessoal e comunitária sobre alicerce firme, que resiste à alienação, aos conflitos e até mesmo à perseguição. Quem fica somente no ouvir ou no falar, jamais colabora na construção de nova sociedade.

[7,1-10] O oficial era “temente a Deus”, isto é, simpatizante do judaísmo, embora não pertencesse oficialmente aos seus quadros religiosos. Muitas vezes pode-se encontrar mais fé em pessoas que não pertencem a uma instituição religiosa do que entre aquelas que dela fazem parte.

[11-17] A atividade libertadora de Jesus é a grande “visita” de Deus que vem salvar o seu povo. Essa visita é a manifestação do amor compassivo, que atende aos mais pobres e necessitados.

[18-23] Cf. nota em Mt 11,1-6.

[24-30] Nenhum homem do Antigo Testamento é maior do que João Batista. Entretanto, João pertence ao Antigo Testamento, onde as profecias são anunciadas, e não ao Novo Testamento, onde as profecias já se realizaram. O povo e os cobradores de impostos acolheram a pregação de João Batista (3,10-14), acreditando que, com Jesus, iria surgir uma nova sociedade. As autoridades, convencidas de que não precisavam mudar de vida, foram postas fora do plano de Deus.

[31-35] As autoridades religiosas do tempo de Jesus se comportam de maneira infantil: acusam João Batista de louco, porque é severo demais; acusam Jesus de boa-vida, porque parece muito condescendente. O povo e os cobradores de impostos se comportam de maneira sábia: acolhem João Batista e Jesus, reconhecendo neles a revelação da misericordiosa justiça de Deus.

[36-50] O fariseu não se considera pecador; por isso, fica numa atitude de julgamento, e não é capaz de entender e experimentar o perdão e o amor. Jesus mostra que a justiça de Deus se manifesta como amor que perdoa os pecados e transforma as condições das pessoas. O amor é expressão e sinal do perdão recebido.

[8,1-3] Jesus continua sua missão e vai formando uma comunidade nova, a partir daqueles que são marginalizados pela sociedade do seu tempo, como eram as mulheres. Elas também são parte integrante do grupo que acompanha Jesus.

[4-8] Cf. nota em Mt 13,1-9.

[9-10] Cf. nota em Mc 4,10-12.

[11-15] Cf. notas em Mc 4,13-20 e Mt 13, 18-23.

[16-18] Cf. nota em Mc 4,21-25. Quem não age, perde até mesmo a compreensão que pensa ter.

[19-21] Jesus instaura novas relações entre os homens, que começam a existir quando os homens põem em prática a palavra do Evangelho, continuando a missão de Jesus.

[22-25] Cf. notas em Mc 4,35-41 e Mt 8,23-27.

[48] Jesus leva aos pagãos a nova história, que se inicia com a expulsão dos demônios. A novidade provoca o medo naqueles que estão habituados com a alienação. Só quem conseguiu sair dela, por intermédio de Jesus, é que possui coragem para ser proclamador da Boa Notícia. Cf. também notas em Mc 5,1-20 e Mt 8,28-34.

[40-56] Cf. nota em Mc 5,21-43.

[9,1-6],1-6: Cf. nota em Mc 6,7-13.

[7-9] A palavra e ação de Jesus deixam o povo e as autoridades sem saber o que pensar. É que a presença dele força todo mundo a se perguntar: “Quem é esse homem?” O encontro de Jesus e Herodes acontecerá na Paixão (23,6-12).

[10-17] Lucas salienta que o fato aconteceu em lugar deserto. Trata-se do povo de Deus em marcha pelo deserto, saciado pelo alimento que o próprio Deus concede. O alimento é dom de Deus. Mas os apóstolos, que são o núcleo da comunidade que cria a nova história, precisam não só perceber que o povo está desabrigado e passa fome, mas também organizar esse povo e providenciar para que o alimento seja distribuído de tal maneira que todos se sintam saciados. A Eucaristia é o sacramento do dom de Deus repartido entre os homens.

[18-27] Não basta declarar e aceitar que Jesus é o Messias; é preciso rever a ideia a respeito do Messias, o qual, para construir a nova história, enfrenta os que não querem transformações. Por isso, ele vai sofrer, ser rejeitado e morto. Sua ressurreição será a sua vitória. E quem quiser acompanhar Jesus na sua ação messiânica e participar da sua vitória, terá que percorrer caminho semelhante: renunciar a si mesmo e às glórias do poder e da riqueza.

[28-36] Lucas apresenta Jesus rezando continuamente (5,16; 6,12; 9,18). Com isso o evangelista mostra que Jesus, através de sua palavra e ação, está realizando a vontade do Pai. Na transfiguração aparece claramente esse sentido

da oração (v. 35). E a vontade do Pai é que Jesus realize o *êxodo* (v. 31), isto é, que ele realize, mediante sua morte, ressurreição e ascensão, o ato supremo de libertação do povo, acabando com a opressão exercida pelo sistema implantado em Jerusalém.

[37-45] Enquanto os discípulos não mudarem sua ideia sobre o Messias, jamais realizarão atos de libertação, que dão continuidade à missão de Jesus.

[46-48] Para compreender o messianismo de Jesus é preciso mudar a ideia que se tem a respeito do poder. Enquanto persistir entre os discípulos o desejo do poder que domina, não haverá possibilidade alguma de construir o Reino de Deus.

[49-50] Cf. nota em Mc 9,38-41.

[51-56] Jesus inicia o seu *caminho* para Jerusalém (cf. Introdução). Nessa viagem, Lucas mostra a pedagogia de Jesus, que vai indicando o caminho para aqueles que querem unir-se a ele. Tal processo por ele iniciado vai provocar sérios conflitos com aqueles que não querem mudar o rumo da história. Por enquanto, nem os samaritanos entendem que Jesus vai a Jerusalém para salvá-los. E os discípulos não imaginam que a Samaria será um dos primeiros lugares que eles evangelizarão ao saírem de Jerusalém (At 1,8).

[57-62] Os primeiros passos para os que seguem Jesus em seu caminho são: disponibilidade contínua, capacidade de renunciar a seguranças e, iniciado o caminho, não voltar para trás, por motivo nenhum.

[10,1-16] Os discípulos são organizados por Jesus para anunciarem a Boa Notícia no caminho e começarem a realizar os atos que concretizam o Reino. Aqueles que não quiserem aderir à Boa Notícia ficarão fora da nova história.

[17-20] Os milagres realizados são motivo de alegria para os discípulos que retornam. No entanto, Jesus mostra que são apenas sinais de uma libertação muito mais ampla, que ameaça o domínio de Satanás. A verdadeira alegria dos discípulos é saber que a novidade do Reino está surgindo, e que eles estão participando dela.

[21-24] Os sábios e inteligentes não são capazes de perceber em Jesus a presença do Reino. Só os desfavorecidos e pobres conseguem penetrar o sentido da atividade de Jesus e continuá-la.

[25-37] O primeiro a colocar obstáculos no caminho de Jesus é um teólogo. Este sabe que o amor total a Deus e ao próximo é que leva à vida. Mas não basta saber. É preciso amar concretamente. A parábola do samaritano mostra que o

próximo é quem se aproxima do outro para lhe dar uma resposta às necessidades. Nessa tarefa prática, o amor não leva em conta barreiras de raça, religião, nação ou classe social. O próximo é aquele que eu encontro no meu caminho. O legista estabelecia limites para o amor: “Quem é o meu próximo?” Jesus muda a pergunta: “O que você faz para se tornar próximo do outro?”

[38-42] Mais importante do que fazer as coisas, é fazê-las de modo novo. Para isso, é preciso ouvir a palavra de Jesus, que mostra o que fazer e como fazer.

[11,1-4] Os mestres costumavam ensinar os discípulos a rezar, transmitindo o resumo da própria mensagem. O Pai Nosso traz o espírito e o conteúdo fundamental de toda oração cristã. Esta oração se faz na intimidade filial com Deus (Pai), apresentando-lhe os pedidos mais importantes: que o Pai seja reconhecido por todos (nome); que sua justiça e amor se manifestem (Reino); que, na vida de cada dia, ele nos dê vida plena (pão de amanhã); que ele nos perdoe como nós repartimos o perdão; que ele não nos deixe abandonar o caminho de Jesus (tentação).

[5-13] O Evangelho insiste na oração perseverante e confiante. Se os homens são capazes de atender ao pedido de amigos e filhos, quanto mais o Pai! Ele nada recusará. Pelo contrário, dará o Espírito Santo, isto é, a força de Deus que leva o homem a viver conforme a vida de Jesus Cristo.

[14-23] A cura do endemoninhado mostra que a ação de Jesus consiste em libertar o homem da alienação que o impede de falar. A ação de Jesus testemunha a chegada do Reino de Deus, pois para vencer Satanás é preciso ser mais forte do que ele. Mas Jesus é, ao mesmo tempo, a presença da salvação e do julgamento: quem não age com Jesus, torna-se adversário.

[24-26] Cf. nota em Mt 12,43-45.

[27-28] Acolher a palavra de Jesus é dom maior do que o simples fato de ser mãe dele.

[29-32] Não é um sinal maravilhoso que leva os homens à conversão, e sim a adesão ao projeto da nova história, manifestado na palavra de Jesus.

[33-36] Jesus é a lâmpada que o Pai enviou ao mundo para iluminar o caminho dos homens. Contudo, sem a luz da fé não é possível compreender o significado da presença e atos de Jesus.

[37-54] No seu caminho, Jesus desmascara os donos da estrutura antiga. Os fariseus deixam de lado a justiça e o amor de Deus e, para esconder roubos e maldades, se refugiam atrás de todo um aparato de falsa religiosidade. Os

especialistas em leis se apossam da chave da ciência, isto é, interpretam as leis de acordo com seus próprios interesses; exercem assim controle ideológico sobre o povo, impedindo-o de ver as possibilidades de transformação.

[12,1-3] Em contraste com a conduta hipócrita dos fariseus, o Evangelho pede aos discípulos que sejam autênticos, isto é, que a vida e ação deles testemunhem o compromisso deles com Jesus.

[4-12] Cf. nota em Mt 10,26-33.

[13-21] No caminho da vida, o homem depara com o problema das riquezas. Jesus mostra que é idiotice acumular bens para assegurar a própria vida. Só Deus pode dar ao homem a riqueza que é a própria vida.

[13-21] A aquisição de bens necessários para viver se torna ansiedade contínua e pesada, se não é precedida pela busca do Reino, isto é, a promoção de relações de partilha e fraternidade.

[35-48] Esperando continuamente a chegada imprevisível do Senhor que serve, a comunidade cristã permanece atenta, concretizando a busca do Reino através da prontidão para o serviço fraterno. Os vv. 41-46 mostram que isso vale ainda mais para os dirigentes da comunidade, que receberam de Jesus o encargo de servir, provendo às necessidades da comunidade. A responsabilidade é ainda maior quando se sabe o que deve ser feito (vv. 47-48).

[49-53] A missão de Jesus, desde o batismo até a cruz, é anunciar e tornar presente o Reino, entrando em choque com as concepções dominantes na sociedade. Por isso, é preciso tomar uma decisão diante de Jesus, e isso provoca divisões até mesmo no relacionamento familiar.

[54-59] Assim como os homens podem prever o tempo a partir dos sinais da natureza, também é possível reconhecer na atividade de Jesus a manifestação do Reino de Deus. Essa tarefa empenhativa e urgente implica uma decisão a favor ou contra o Reino. É preciso agir enquanto é tempo.

[13,1-9] No caminho da vida há acontecimentos trágicos. Estes não significam que as vítimas são mais pecadoras do que os outros. Ao contrário, são convites abertos para que se pense no imprevisível dos fatos e na urgência da conversão, para se construir a nova história. A parábola (vv. 6-9) salienta que, em Jesus, Deus sempre dá uma última chance.

[10-17] O dia de sábado é expressão máxima daquilo que Jesus realiza ao curar a mulher: a comemoração da pessoa libertada. O povo se enche de alegria ao ver

como o dia santificado é sinal da vida que Deus dá aos homens, e não um dia de simples rituais obrigatórios preestabelecidos.

[18-21] Cf. nota em Mc 4,30-34.

[22-30] Jesus não responde diretamente à pergunta. A salvação é universal, está aberta para todos, e não só para aqueles que conhecem a Jesus. A condição é entrar pela porta estreita, isto é, escolher o caminho de vida que cria a nova história.

[31-33] A atividade de Jesus provoca temor e reação das autoridades. Jesus não as teme, e continua a realizar a missão que liberta as pessoas e ao mesmo tempo vai levá-lo à morte.

[34-35] Cf. nota em Mt 23,37-39.

[14,1-6] A lei do sábado deve ser interpretada como libertação e vida para o homem.

[7-14] Nos vv. 8-11, Jesus critica o conceito de honra baseado no orgulho e ambição, que geram aparências de justiça, mas escondem os maiores contrastes sociais. A honra do homem depende de Deus, o único que conhece a situação real e global do homem; essa honra supera a crença que o homem pode ter nos seus próprios méritos. Nos vv. 12-14, Jesus mostra que o amor verdadeiro não é comércio, mas serviço gratuito, pois o pobre não pode pagar e o inimigo não pode merecer. Só Deus pode retribuir ao amor gratuito.

[15-24] O Reino de Deus é apresentado como banquete em que Deus reúne os seus convidados. Ainda que os representantes oficiais e os habituados à religião recusem o convite, dando mais importância aos seus próprios afazeres, o Reino permanece aberto para aqueles que comumente são julgados como excluídos: os marginalizados da sociedade e da religião.

[25-35] Seguir a Jesus e continuar o seu projeto (= ser discípulo) é viver um clima novo na relação com as pessoas, com as coisas materiais e consigo mesmo. Trata-se de assumir com liberdade e fidelidade a condição humana, sem superficialismo, conveniência ou romantismo. O discípulo de Jesus deve ser realista, a fim de evitar ilusões e covardias vergonhosas.

[15,1-2] O capítulo 15 de Lucas é o coração de todo o Evangelho (= Boa Notícia). Aí vemos que o amor do Pai é o fundamento da atitude de Jesus diante dos homens. Respondendo à crítica daqueles que se consideram justos, cheios de méritos, e se escandalizam da solidariedade para com os pecadores, Jesus narra

três parábolas. A primeira e a segunda mostram a atitude de Deus em Jesus, questionando a hipocrisia dos homens. A terceira tem dois aspectos: o processo de conversão do pecador e o problema do “justo” que resiste ao amor do Pai.

[3-7] A parábola não quer dizer que Deus prefere o pecador ao justo, ou que os justos sejam hipócritas. Ela ressalta o mistério do amor do Pai que se alegra em acolher o pecador arrependido ao lado do justo que persevera.

[8-10] A mulher é pobre e precisa da moeda para sobreviver. O amor de Deus torna-o vitalmente necessitado de encontrar a pessoa perdida, para levá-la à alegria da comunhão no amor.

[11-32] O processo de conversão começa com a tomada de consciência: o filho mais novo sente-se perdido econômica e moralmente. A acolhida do pai e as medidas tomadas mostram não só o perdão, mas também o restabelecimento da dignidade de filho. O filho mais velho é justo e perseverante, mas é incapaz de aceitar a volta do irmão e o amor do pai que o acolheu. Recusa-se a participar da alegria. Com esta parábola, Jesus faz apelo supremo para que os doutores da Lei e os fariseus aceitem partilhar da alegria de Deus pela volta dos pecadores à dignidade da vida.

[16,1-8] Jesus elogia o administrador, que soube tomar atitude prudente. O Reino de Deus já chegou: é preciso tomar uma atitude antes que seja tarde demais; converter-se e viver conforme a mensagem de Jesus.

[9-13] Os vv. 9-13 fazem diversas aplicações da parábola. O v. 9 recomenda o uso da riqueza em favor dos pobres. Os vv. 10-12 mostram que é impossível ser fiel nas grandes coisas, quando somos negligentes nas pequenas. E o v. 13 urge uma decisão: escolher entre o serviço a Deus e o serviço às riquezas (cf. nota em Mt 6,19-24).

[14-18] A lei é o tema destas sentenças. Os fariseus disfarçam a própria ambição com observâncias externas, mas não são justos diante de Deus. Com Jesus chegou a plenitude da Lei e o Reino de Deus, e, para nele entrar, é preciso uma decisão.

[19-31] A parábola é uma crítica à sociedade classista, onde o rico vive na abundância e no luxo, enquanto o pobre morre na miséria. O problema é o isolamento e afastamento em que o rico vive, mantendo um abismo de separação que o pobre não consegue transpor. Para quebrar esse isolamento, o rico precisa se converter. Nada o levará a essa conversão, se ele não for capaz de abrir o coração para a palavra de Deus, o que o leva a voltar-se para o pobre. Assim,

mais do que explicação da vida no além, a parábola é exigência de profunda transformação social, para criar uma sociedade onde haja partilha de bens entre todos.

[17,1-10] Lucas reúne aqui sentenças de Jesus sobre o escândalo, a correção fraterna, o perdão, o poder da fé e a necessidade de estar desinteressadamente a serviço de Deus. São atitudes fundamentais para a vida do discípulo de Jesus.

[11-19] O ponto alto da narrativa é a fé do samaritano. É fé madura: nasce da esperança (vv. 12-13), cresce na obediência à palavra de Jesus (v. 14) e se manifesta na gratidão (v. 16). Com isso, ele não só recebe a cura, mas é salvo. Sua vida chega à plenitude, ao reconhecer que em Jesus o amor de Deus leva os homens a viver na alegria da gratidão. A vida que Deus dá em Jesus Cristo é gratuita, é graça.

[20-21] É inútil procurar sinais misteriosos da vinda do Reino. Ele já está presente em qualquer lugar onde a ação de Jesus é continuada.

[22-37] Juntamente com o Reino de Deus, o julgamento do Filho do Homem se realiza na história: ele vem para manifestar a verdade da vida de todos. Essa manifestação do Filho do Homem é sempre momento grave e decisivo: dele depende a salvação ou a destruição de cada um. Serão salvos somente aqueles que, como Jesus, fazem da própria vida dom para os outros (v. 33).

[18,1-8] Insistência e perseverança só existem naqueles que estão insatisfeitos com a situação presente e, por isso, não desanimam; do contrário, jamais conseguiriam alguma coisa. Deus atende àqueles que, através da oração, testemunham o desejo e a esperança de que se faça justiça.

[9-14] Não basta ser perseverante e insistente. É preciso reconhecer e confessar a própria pequenez, recorrendo à misericórdia de Deus. De nada adianta o homem justificar a si mesmo, pois a justificação é dom de Deus.

[15-17] Cf. nota em Mc 10,13-16.

[18-30] Cf. nota em Mc 10,17-31.

[31-34] A vinda de Jesus como Filho do Homem, isto é, como juiz e salvador, acontece na hora de sua morte e ressurreição.

[35-43] A cura do cego simboliza a fé, que é a visão do compromisso com Jesus. De olhos abertos para nova maneira de ver e agir, ele segue a Jesus que vai dar a vida.

[19,1-10] Zaqueu é o exemplo para qualquer rico que deseja alcançar a

salvação. Sua conversão começa com o desejo de conhecer Jesus de perto. Continua, quando se une ao povo para se encontrar com Jesus e acolhê-lo em sua própria casa. A conversão se completa quando Zaqueu se dispõe a partilhar seus bens e devolver com juros o que roubou.

[11-28] Cf. nota em Mt 25,14-30. Lucas misturou a parábola original com os traços de outra parábola: o pretendente ao trono, que volta como rei e juiz, julgando seus inimigos.

[29-40] De maneira simples e espontânea, Jesus é aclamado como Rei-Messias. Despojado dos tradicionais aparatos dos reis, ele se apresenta de modo humilde e pacífico. Traz consigo a inversão de um sistema que se apoia na violência e na força das armas, e que defende os privilegiados. Por isso, as autoridades tentam calar aqueles que aclamam Jesus como o Rei que traz a verdadeira justiça.

[41-44] A Cidade Santa não sabe qual é o caminho da verdadeira paz. Os olhos dela estão tapados: ela se tornou o centro da exploração e opressão do povo, enveredando por um caminho que é o avesso do caminho da paz. Ela será destruída, porque não quer reconhecer na visita de Jesus a ocasião para mudar as próprias estruturas injustas, abrindo-se ao apelo de Jesus.

[45-48] Cf. nota em Mc 11,15-19.

[20,1-8] Percebendo que estão perdendo o controle, as autoridades tentam fazer uma armadilha que desmoralize a autoridade de Jesus diante do povo. Mas Jesus usa o mesmo truque: se as autoridades responderem, elas é que ficarão desmoralizadas.

[9-19] Jesus passa ao ataque. Acusa as autoridades (chefes dos sacerdotes, doutores da Lei) de se apoderarem daquilo que pertence a Deus, isto é, o povo da aliança (vinha). Depois de muitos profetas que pregavam a justiça (empregados), Deus envia o seu próprio Filho com o Reino. A rejeição e a morte do Filho trazem a sentença: o povo de Deus, agora congregado em torno de Jesus (pedra), passa a outros chefes, que não devem tomar posse dele, mas servi-lo.

[20-26] O pagamento do tributo era o sinal da dominação romana. Jesus não discute a questão do tributo. Ele se preocupa com o povo: a moeda é de César, mas o povo é de Deus. Jesus condena a transformação do povo em mercadoria que enriquece e fortalece tanto a dominação interna como a estrangeira.

[27-40] Cf. nota em Mc 12,18-27.

[41-44] Cf. nota em Mc 12,35-37.

[45-47] Cf. nota em Mc 12,38-40.

[21,1-4] Enquanto os doutores da Lei exploram as viúvas e roubam suas casas, uma viúva pobre deposita no Tesouro do Templo tudo o que possui para viver. Ao elogiá-la, Jesus mostra que numa sociedade que acredita em Deus, vigoram não relações econômicas baseadas no supérfluo, mas relações de doação total, que não se prendem a seguranças pessoais.

[5-11] Cf. nota em Mc 13,1-8.

[12-19] A relação entre Deus e os homens continua através dos discípulos, que devem prosseguir a missão de Jesus pelo testemunho. Contudo, assim como Jesus encontrou resistência, também eles: serão perseguidos, presos, torturados, julgados e até mesmo mortos por continuarem a ação de Jesus. Mas não devem ficar preocupados com a própria defesa. O importante é a coragem de permanecer firmes até o fim.

[20-24] Lucas descreve a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Esse acontecimento marca o final da história do povo da Antiga Aliança. Daí para a frente não há mais separação entre judeus e pagãos: o povo de Deus da Nova Aliança será construído por pessoas vindas de todos os povos da terra.

[25-28] Cf. nota em Mc 13,24-27.

[29-38] Tarefa urgente do discípulo é testemunhar sem esmorecer, continuando a ação de Jesus. A espera da plena manifestação de Jesus e do mundo novo, por ele prometido, impede que o discípulo se instale na situação presente; e por outro lado, evita que o discípulo desanime, achando que o projeto de Jesus é difícil, distante e inviável.

[22,1-6] Em 4,13 Lucas diz que “o diabo se afastou de Jesus, para voltar no tempo oportuno”. Esse tempo chegou. As autoridades e Judas tornam-se instrumentos de Satanás para levar Jesus à morte. É a hora do grande confronto entre Jesus e o mal que domina homens e estruturas.

[7-13] Cf. nota em Mc 14,12-21.

[14-23] A última Páscoa celebrada por Jesus indica o sentido da sua morte: ele se entrega totalmente (corpo, sangue) em favor dos homens. Trata-se de gesto supremo de amor que liberta os homens de uma vida marcada pelo mal do egoísmo; só assim se constrói a Nova Aliança, que produz a sociedade fundada no dom de si para o bem de todos.

[24-30] A Eucaristia torna-se momento de catequese para a comunidade dos que seguem a Jesus. Nessa comunidade, a autoridade não significa poder sobre os

irmãos, mas função de serviço, a exemplo de Jesus. É somente através do serviço fraterno que os seguidores de Jesus participam de sua autoridade como Rei e Juiz.

[31-34] Satanás tenta conquistar inclusive os discípulos de Jesus; e Pedro chegará a negar três vezes o Mestre. Somente a intercessão de Jesus faz com que ele não perca completamente a fé e assuma corajosamente a própria missão.

[35-38] A morte de Jesus inaugura o combate decisivo dentro da história, e os seguidores de Jesus devem estar preparados para enfrentá-lo. Na primeira missão (cf. Lc 10,4-7), nada faltou aos discípulos. Agora, porém, é hora de luta (espada), e cada um deve prover o seu próprio sustento e enfrentar todas as forças que impedem a concretização do Reino.

[39-46] É o momento da grande tentação e da decisão definitiva. Diante das consequências de toda a sua vida e ação, Jesus deve escolher entre obedecer à vontade do Pai ou submeter-se ao poder das trevas (cf. Lc 22,53). A oração é a união com Deus que ajuda o homem a manter-se consciente e fiel ao compromisso até o fim.

[47-53] Um dos discípulos se alia ao poder repressivo das autoridades e trai Jesus com um gesto de amizade. Um dos presentes tenta defender Jesus com a mesma arma dos opressores. Aquele que realiza o projeto de Deus e atrai o povo é considerado pelos poderosos como bandido perigoso. Mas eles não têm coragem de prender Jesus à luz do dia.

[54-65] Enquanto Jesus é preso e conduzido à presença das autoridades, Pedro não tem coragem de confessar que é discípulo de Jesus diante de pessoas simples e inofensivas.

[66-71] O julgamento diante do Sinédrio mostra quem é Jesus. Ele é o Messias, aquele que vem implantar o reino da justiça. É o Filho do Homem, que vem para julgar os projetos do homem na história e reunir o povo para viver o projeto de Deus. Mais ainda: Jesus é o Filho de Deus, que reúne os homens para formar a grande família em torno do Pai. As autoridades, porém, não aceitam Jesus, nem a sua missão, porque aceitá-lo significaria ser julgado por ele.

[23,1-5] As autoridades querem a morte de Jesus, e o apresentam ao governador romano com três acusações que caracterizam toda a atividade de Jesus como uma grande subversão (“subversão entre o povo”): em nível econômico (proíbe pagar o tributo), em nível político (afirma ser rei) e em nível ideológico (ensinamento que provoca revolta). Pilatos, porém, declara a inocência de Jesus.

[6-12] As divergências entre Pilatos e Herodes são sanadas, porque Pilatos resolveu respeitar a jurisdição de Herodes. Percebendo que é mero objeto de curiosidade, Jesus permanece calado.

[13-25] Tanto Herodes como Pilatos parecem desconhecer o alcance e as consequências políticas, econômicas e sociais do projeto de Jesus (23,4.14.15.22), cujo ensinamento religioso representa um perigo para os privilégios das autoridades. Perigo muito maior do que Barrabás, conhecido guerrilheiro subversivo.

[26-32] Simão Cireneu é o símbolo do verdadeiro discípulo de Jesus (cf. Lc 9,23). — Jesus serviu o projeto de Deus até o fim. Não é por sua morte que devemos chorar. É preciso chorar diante das consequências acarretadas pela rejeição do projeto de Deus.

[33-38] Jesus é crucificado como criminoso, entre criminosos. Por entre a curiosidade do povo e a caçada dos chefes e soldados ecoa a palavra de perdão: os responsáveis pela morte de Jesus devem ser perdoados, porque não conhecem a gravidade e as consequências do próprio gesto. O letreiro da cruz, indicando a causa da condenação, proclama para todos a chegada da realeza que dá a vida.

[39-43] No momento em que tudo parece perdido, Jesus se mostra portador da salvação. Ele anunciou a salvação aos pecadores, durante a sua vida; agora, na cruz, a oferece ao criminoso. Jesus não está sozinho na cruz. Acompanham-no todos aqueles que são condenados por uma sociedade que não aceita o projeto de Deus e que clamam: “Lembra-te de nós!”

[44-49] O ponto mais alto do terceiro Evangelho está nestas palavras de Jesus na cruz: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito”. A morte de Jesus é a sua libertação nas mãos de Deus. Ela aparece como consequência da sua vida e atividade, voltadas para os pobres e oprimidos, provocando a violência do sistema baseado na riqueza e no poder. Essa morte é também libertação, consequência da obediência total e confiante a Deus. Além disso provoca a manifestação da verdade: o povo se arrepende e um pagão proclama a inocência de Jesus.

[50-56] O corpo de Jesus é encerrado num túmulo. Aparentemente, a história acabou e o sistema que condenou Jesus pode ficar tranquilo. Mas as mulheres se preparam: alguma coisa vai acontecer...

[24,1-12] A manhã desse primeiro dia da semana marca a transformação radical na compreensão a respeito do homem e da vida. O projeto vivido por Jesus não é

caminho para a morte, mas caminho aprovado por Deus que, através da morte, leva para a vida. Doravante, o encontro com Jesus se realiza no momento em que os homens se dispõem a anunciar o coração da fé cristã.

[13-35] Lucas salienta os “lugares” da presença de Jesus ressuscitado. Primeiro, ele continua a caminhar entre os homens, solidarizando-se com seus problemas e participando de suas lutas. Segundo, Jesus está presente no anúncio da Palavra das Escrituras, que mostra o sentido da sua vida e ação. Terceiro, na celebração eucarística, onde o pão repartido relembra o dom da sua vida e refontiza a partilha e a fraternidade, que estão no cerne do seu projeto.

[36-43] A ressurreição não é fruto da imaginação dos discípulos, nem se reduz a fenômeno puramente espiritual. A ressurreição é fato que atinge o próprio corpo; daí a identidade do ressuscitado com o Jesus terrestre. Qualquer ação humana que traz mais vida para os corpos oprimidos, doentes, torturados, famintos e sedentos, não é apenas obra de misericórdia, mas é sinal concreto do fato central da fé cristã: a ressurreição do próprio Senhor Jesus.

[44-53] A missão cristã nasce da leitura das Escrituras, onde se percebe o testemunho de Jesus (vida-morte-ressurreição) como seu centro e significado. Essa missão continua no anúncio de Jesus a todos os povos, e provoca a transformação da história a partir da atividade de Jesus voltada para os pobres e oprimidos. A conversão e o perdão supõem percorrer o caminho de Jesus na própria vida e nos caminhos da história. A missão é iluminada pelo Espírito do Pai e de Jesus (o “poder do alto”). Cf. 1,35.

O Evangelho de Lucas termina em Jerusalém e no Templo, como havia começado. Daí os apóstolos partirão para a missão “até os extremos da terra” (At 1,8).

EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO

O CAMINHO DA VIDA

Introdução

*O Evangelho de João é diferente dos três primeiros. Em Mateus, Marcos e Lucas há muitos milagres e palavras de Jesus. Em João encontramos apenas **sete** milagres, que são chamados **sinais**, e alguns discursos que se desenvolvem lentamente, repetindo sempre os mesmos temas-chave. Os três primeiros evangelistas reuniram, completaram e editaram os assuntos que formavam a catequese existente em suas comunidades. João seguiu caminho diferente: seu evangelho é uma espécie de meditação, que procura aprofundar e mostrar o conteúdo da catequese existente em sua comunidade. Seu evangelho visa a despertar e a alimentar **a fé em Jesus Cristo**, o Filho de Deus, a fim de que os homens tenham a vida (Jo 20,30-31).*

Para João, Jesus é o enviado de Deus, aquele que revela o Pai aos homens. Deus ama os homens e quer dar-lhes a vida. Jesus revela esse amor e realiza a vontade do Pai, dando sua vida em favor dos homens. João procura mostrar isso através dos sete sinais que ele apresenta na primeira parte do evangelho, salientando aí a importância do compromisso da fé. Na segunda parte, ele mostra a mesma coisa, salientando a importância do amor e narrando o supremo sinal: a volta de Jesus ao Pai, através da morte e ressurreição.

*A revelação de Deus em Jesus põe o mundo em **juízo**. Diante da luz da revelação, a vida dos homens se esclarece. Os que vivem conforme a vontade de Deus, aproximam-se de Jesus e o aceitam. Os que não vivem conforme a vontade de Deus, se afastam dessa luz, rejeitando Jesus. Por isso, João salienta no seu evangelho as reações que os homens têm diante de Jesus. Reações de aceitação, que levam à vida, e de recusa, que levam à morte. Recusa e hostilidade que levam Jesus à morte; aceitação que produz a primeira comunidade reunida em nome de Jesus. Doravante, caberá a essa comunidade continuar a missão de Jesus.*

*Deus Pai testemunhou seu amor, entregando seu Filho único para que os homens tenham a vida. Os homens, por sua vez, respondem ao amor do Pai quando, do mesmo modo, se abrem para o dom do amor, **pondo-se a serviço** da*

vida dos irmãos.

*Somos convidados a ler este evangelho colocando-nos em clima de julgamento, para nos abrirmos à luz de Deus que, mediante Jesus, ilumina a nossa vida e nos leva a tomar uma **decisão**: aceitar e continuar a obra de Jesus para termos definitivamente a **vida**, ou rejeitar Jesus e estarmos definitivamente condenados.*

EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21**

EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO

Prólogo

1 *Jesus é a Palavra que revela Deus aos homens* —¹ No começo a Palavra já existia: a Palavra estava voltada para Deus, e a Palavra era Deus.

² No começo ela estava voltada para Deus.

³ Tudo foi feito por meio dela, e, de tudo o que existe, nada foi feito sem ela.

⁴ Nela estava a vida, e a vida era a luz dos homens.

⁵ Essa luz brilha nas trevas, e as trevas não conseguiram apagá-la.

⁶ Apareceu um homem enviado por Deus, que se chamava João. ⁷ Ele veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos acreditassem por meio dele. ⁸ Ele não era a luz, mas apenas a testemunha da luz. ⁹ A luz verdadeira, aquela que ilumina todo homem, estava chegando ao mundo.

¹⁰ A Palavra estava no mundo, o mundo foi feito por meio dela, mas o mundo não a conheceu.

¹¹ Ela veio para a sua casa, mas os seus não a receberam.

¹² Ela, porém, deu o poder de se tornarem filhos de Deus a todos aqueles que a receberam, isto é, àqueles que acreditam no seu nome.

¹³ Estes não nasceram do sangue, nem do impulso da carne, nem do desejo do homem, mas nasceram de Deus.

¹⁴ E a Palavra se fez homem e habitou entre nós.

E nós contemplamos a sua glória: glória do Filho único do Pai, cheio de amor e fidelidade.

¹⁵ João dá testemunho dele, proclamando: “Este é aquele a respeito de quem eu falei: aquele homem que vem depois de mim passou na minha frente, porque existia antes de mim.”

¹⁶ Porque da sua plenitude todos nós recebemos, e um amor que corresponde ao seu amor.

¹⁷ Porque a Lei foi dada por Moisés, mas o amor e a fidelidade vieram através de Jesus Cristo. ¹⁸ Ninguém jamais viu a Deus; quem nos revelou Deus foi o Filho único, que está junto ao Pai. [\[1,1-18\]](#)

LIVRO DOS SINAIS

OS SINAIS QUE REVELAM JESUS AOS HOMENS

A testemunha não é o Salvador — ¹⁹O testemunho de João foi assim. As autoridades dos judeus enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para perguntarem a João: “Quem é você?” ²⁰João confessou e não negou. Ele confessou: “Eu não sou o Messias.”

²¹Eles perguntaram: “Então, quem é você? Elias?” João disse: “Não sou.” Eles perguntaram: “Você é o Profeta?” Ele respondeu: “Não.” Então perguntaram: ²²“Quem é você? Temos que levar uma resposta para aqueles que nos enviaram. Quem você diz que é?” ²³João declarou: “Eu sou uma voz gritando no deserto: ‘Aplainem o caminho do Senhor’, como disse o profeta Isaías.”

²⁴Os que tinham sido enviados eram da parte dos fariseus. ²⁵E eles continuaram perguntando: “Então, por que é que você batiza, se não é o Messias, nem Elias, nem o Profeta?” ²⁶João respondeu: “Eu batizo com água, mas no meio de vocês existe alguém que vocês não conhecem, ²⁷e que vem depois de mim. Eu não mereço sequer desamarrar a correia das sandálias dele.”

²⁸Isso aconteceu em Betânia, na outra margem do Jordão, onde João estava batizando. [19-28]

A testemunha reconhece o Salvador — ²⁹No dia seguinte, João viu Jesus que se aproximava dele. E disse: “Eis o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo. ³⁰Este é aquele de quem eu falei: ‘Depois de mim vem um homem que passou na minha frente, porque existia antes de mim’. ³¹Eu também não o conhecia. Mas vim batizar com água, a fim de que ele se manifeste a Israel.”

³²E João testemunhou: “Eu vi o Espírito descer do céu, como uma pomba, e pousar sobre ele. ³³Eu também não o conhecia. Aquele que me enviou para batizar com água, foi ele quem me disse: ‘Aquele sobre quem você vir o Espírito descer e pousar, esse é quem batiza com o Espírito Santo’. ³⁴E eu vi e dou testemunho de que este é o Filho de Deus.” [29-34]

As testemunhas apontam o Salvador — ³⁵No dia seguinte, João aí estava de novo, com dois discípulos. ³⁶Vendo Jesus que ia passando, apontou: “Eis aí o Cordeiro de Deus.” ³⁷Ouvindo essas palavras, os dois discípulos seguiram a Jesus. ³⁸Jesus virou-se para trás, e vendo que o seguiam, perguntou: “O que é que vocês estão procurando?” Eles disseram: “Rabi (que quer dizer Mestre),

onde moras?” ³⁹Jesus respondeu: “Venham, e vocês verão.” Então eles foram e viram onde Jesus morava. E começaram a viver com ele naquele mesmo dia. Eram mais ou menos quatro horas da tarde.

⁴⁰André, irmão de Simão Pedro, era um dos dois que ouviram as palavras de João e seguiram a Jesus. ⁴¹Ele encontrou primeiro o seu próprio irmão Simão, e lhe disse: “Nós encontramos o Messias” (que quer dizer Cristo). ⁴²Então André apresentou Simão a Jesus. Jesus olhou bem para Simão e disse: “Você é Simão, o filho de João. Você vai se chamar Cefas” (que quer dizer Pedra).

⁴³No dia seguinte, Jesus decidiu partir para a Galileia. Encontrou Filipe e disse: “Siga-me.” ⁴⁴Filipe era de Betsaida, cidade de André e Pedro. ⁴⁵Filipe se encontrou com Natanael e disse: “Encontramos aquele de quem Moisés escreveu na Lei e também os profetas: é Jesus de Nazaré, o filho de José.” ⁴⁶Natanael disse: “De Nazaré pode sair coisa boa?” Filipe respondeu: “Venha, e você verá.”

⁴⁷Jesus viu Natanael aproximar-se e comentou: “Eis aí um israelita verdadeiro, sem falsidade.” ⁴⁸Natanael perguntou: “De onde me conheces?” Jesus respondeu: “Antes que Filipe chamasse você, eu o vi quando você estava debaixo da figueira.” ⁴⁹Natanael respondeu: “Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o rei de Israel!” ⁵⁰Jesus disse: “Você está acreditando só porque eu lhe disse: ‘Vi você debaixo da figueira’? No entanto, você verá coisas maiores do que essas.” ⁵¹E Jesus continuou: “Eu lhes garanto: vocês verão o céu aberto, e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem.” [\[35-51\]](#)

Primeiro sinal: Jesus muda a água em vinho

2 *Vida nova para os homens* — ¹Três dias depois, houve uma festa de casamento em Caná da Galileia, e a mãe de Jesus estava aí. ²Jesus também tinha sido convidado para essa festa de casamento, junto com seus discípulos.

³Faltou vinho, e a mãe de Jesus lhe disse: “Eles não têm mais vinho!” ⁴Jesus respondeu: “Mulher, que existe entre nós? Minha hora ainda não chegou.” ⁵A mãe de Jesus disse aos que estavam servindo: “Façam o que ele mandar.”

⁶Havia aí seis potes de pedra de uns cem litros cada um, que serviam para os ritos de purificação dos judeus. ⁷Jesus disse aos que serviam: “Enchem de água esses potes.” Eles encheram os potes até a boca. ⁸Depois Jesus disse: “Agora tirem e levem ao mestre-sala.” Então levaram ao mestre-sala.

⁹Este provou a água transformada em vinho, sem saber de onde vinha. Os que serviam estavam sabendo, pois foram eles que tiraram a água. Então o mestre-sala chamou o noivo ¹⁰e disse: “Todos servem primeiro o vinho bom e, quando os convidados estão bêbados, servem o pior. Você, porém, guardou o vinho bom até agora.”

¹¹Foi assim, em Caná da Galileia, que Jesus começou seus sinais. Ele manifestou a sua glória, e seus discípulos acreditaram nele. ¹²Depois disso, Jesus desceu para Cafarnaum com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos. E aí ficaram apenas alguns dias. [\[2,1-12\]](#)

O corpo de Jesus é o novo Templo — ¹³A Páscoa dos judeus estava próxima, e Jesus subiu para Jerusalém.

¹⁴No Templo, Jesus encontrou os vendedores de bois, ovelhas e pombas, e os cambistas sentados. ¹⁵Então fez um chicote de cordas e expulsou todos do Templo junto com as ovelhas e os bois; esparramou as moedas e derrubou as mesas dos cambistas. ¹⁶E disse aos que vendiam pombas: “Tirem isso daqui! Não transformem a casa de meu Pai num mercado.” ¹⁷Seus discípulos se lembraram do que diz a Escritura: “O zelo pela tua casa me consome.”

¹⁸Então os dirigentes dos judeus perguntaram a Jesus: “Que sinal nos mostras para agires assim?” ¹⁹Jesus respondeu: “Destruam esse Templo, e em três dias eu o levantarei.” ²⁰Os dirigentes dos judeus disseram: “A construção desse Templo demorou quarenta e seis anos, e tu o levantarás em três dias?” ²¹Mas o Templo de que Jesus falava era o seu corpo. ²²Quando ele ressuscitou, os

discípulos se lembraram do que Jesus tinha dito e acreditaram na Escritura e na palavra de Jesus. [13-22]

Jesus conhece o homem por dentro — ²³Jesus estava em Jerusalém durante a festa da Páscoa. Vendo os sinais que ele fazia, muitos acreditaram no seu nome. ²⁴Mas Jesus não confiava neles, pois conhecia a todos. ²⁵Ele não precisava de informações a respeito de ninguém, porque conhecia o homem por dentro. [23-25]

3 *A fé é o nascimento para a vida nova* — ¹Entre os fariseus havia um homem chamado Nicodemos. Era um judeu importante. ²Ele foi encontrar-se de noite com Jesus e disse: “Rabi, sabemos que tu és um Mestre vindo da parte de Deus. Realmente, ninguém pode realizar os sinais que tu fazes, se Deus não está com ele.” ³Jesus respondeu: “Eu garanto a você: se alguém não nasce do alto, não poderá ver o Reino de Deus.”

⁴Nicodemos disse: “Como é que um homem pode nascer de novo, se já é velho? Poderá entrar outra vez no ventre de sua mãe e nascer?” ⁵Jesus respondeu: “Eu garanto a você: ninguém pode entrar no Reino de Deus, se não nasce da água e do Espírito. ⁶Quem nasce da carne é carne, quem nasce do Espírito é espírito. ⁷Não se espante se eu digo que é preciso vocês nascerem do alto. ⁸O vento sopra onde quer, você ouve o barulho, mas não sabe de onde ele vem, nem para onde vai. Acontece a mesma coisa com quem nasceu do Espírito.” [3,1-8]

A vida nova vem de Jesus — ⁹Nicodemos perguntou: “Como é que isso pode acontecer?” ¹⁰Jesus respondeu: “Você é o mestre em Israel e não sabe essas coisas? ¹¹Eu garanto a você: nós falamos aquilo que sabemos, e damos testemunho daquilo que vimos, mas, apesar disso, vocês não aceitam o nosso testemunho. ¹²Se vocês não acreditam quando eu falo sobre as coisas da terra, como poderão acreditar quando eu lhes falar das coisas do céu?

¹³Ninguém subiu ao céu, a não ser aquele que desceu do céu: o Filho do Homem. ¹⁴Assim como Moisés levantou a serpente no deserto, do mesmo modo é preciso que o Filho do Homem seja levantado. ¹⁵Assim, todo aquele que acreditar nele terá vida eterna.” [9-15]

Jesus provoca decisão — ¹⁶“Pois Deus amou de tal forma o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele acredita não morra, mas tenha vida eterna. ¹⁷De fato, Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para

condenar o mundo, e sim para que o mundo seja salvo por meio dele. ¹⁸Quem acredita nele, não está condenado; quem não acredita, já está condenado, porque não acreditou no nome do Filho único de Deus.

¹⁹O julgamento é este: a luz veio ao mundo, mas os homens preferiram as trevas à luz, porque suas ações eram más. ²⁰Quem pratica o mal tem ódio da luz, e não se aproxima da luz, para que suas ações não sejam desmascaradas. ²¹Mas quem age conforme à verdade se aproxima da luz, para que suas ações sejam vistas, porque são feitas como Deus quer.” [16-21]

Jesus é maior que a sua testemunha — ²²Depois disso, Jesus foi para a região da Judeia com seus discípulos. Ficou aí com eles e batizava. ²³João também estava batizando em Enon, perto de Salim, onde havia bastante água. As pessoas iam e eram batizadas. ²⁴João ainda não tinha sido preso.

²⁵Então começou uma discussão entre os discípulos de João e um judeu sobre a purificação. ²⁶Eles foram a João e disseram: “Rabi, aquele que estava com você na outra margem do Jordão, e do qual você deu testemunho, agora ele está batizando, e todos correm para ele!”

²⁷E João respondeu: “Ninguém pode receber alguma coisa se esta não lhe for dada do céu. ²⁸Vocês mesmos são testemunhas daquilo que eu disse: ‘Eu não sou o Messias, mas fui enviado na frente dele’. ²⁹É o noivo que recebe a noiva; e o amigo, que está aí esperando, se enche de alegria quando ouve a voz do noivo. Esta é a minha alegria, e ela é muito grande. ³⁰É preciso que ele cresça e eu diminua.” [22-30]

O Pai entregou tudo a Jesus — ³¹“Aquele que vem do alto está acima de todos. Quem é da terra pertence à terra e fala como terrestre. Aquele que vem do céu ³²dá testemunho daquilo que viu e ouviu, mas ninguém aceita o seu testemunho. ³³E quem aceita o seu testemunho comprova que Deus é verdadeiro.

³⁴De fato, aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus, porque Deus lhe dá o Espírito sem medida. ³⁵O Pai ama o Filho e entregou tudo em sua mão. ³⁶Aquele que acredita no Filho possui vida eterna. Quem rejeita o Filho nunca verá a vida, pois a ira de Deus permanece sobre ele.” [31-36]

4 *Jesus sacia a sede do homem* — ¹Os fariseus ficaram sabendo que Jesus atraía discípulos e batizava mais do que João. ²(Na verdade, não era Jesus que batizava, mas os seus discípulos). ³Ao saber disso, Jesus deixou a Judeia e foi de

novo para a Galileia. ⁴Jesus tinha que atravessar a Samaria. ⁵Chegou, então, a uma cidade da Samaria chamada Sicar, perto do campo que Jacó tinha dado ao seu filho José. ⁶Aí ficava a fonte de Jacó. Cansado da viagem, Jesus sentou-se junto à fonte. Era quase meio-dia.

⁷Então chegou uma mulher da Samaria para tirar água. Jesus lhe pediu: “Dê-me de beber.” ⁸(Os discípulos tinham ido à cidade para comprar mantimentos). ⁹A samaritana perguntou: “Como é que tu, sendo judeu, pedes de beber a mim, que sou samaritana?” (De fato, os judeus não se dão bem com os samaritanos). ¹⁰Jesus respondeu: “Se você conhecesse o dom de Deus, e quem lhe está pedindo de beber, você é que lhe pediria. E ele daria a você água viva.”

¹¹A mulher disse a Jesus: “Senhor, não tens um balde, e o poço é fundo. De onde vais tirar a água viva?” ¹²Certamente não pretendes ser maior do que o nosso pai Jacó, que nos deu este poço, e do qual ele bebeu junto com seus filhos e animais!” ¹³Jesus respondeu: “Quem bebe desta água vai ter sede de novo. ¹⁴Mas aquele que beber a água que eu vou dar, esse nunca mais terá sede. E a água que eu lhe darei, vai se tornar dentro dele uma fonte de água que jorra para a vida eterna.” ¹⁵A mulher disse a Jesus: “Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem precise vir aqui para tirar.” [4,1-15]

A verdadeira religião sai de dentro do homem — ¹⁶Jesus disse à samaritana: “Vá chamar o seu marido e volte aqui.” ¹⁷A mulher respondeu: “Eu não tenho marido.” Jesus disse: “Você tem razão ao dizer que não tem marido. ¹⁸De fato, você teve cinco maridos. E o homem que você tem agora não é seu marido. Nisso você falou a verdade.” ¹⁹A mulher então disse a Jesus: “Senhor, vejo que és profeta! ²⁰Os nossos pais adoraram a Deus nesta montanha. E vocês judeus dizem que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar.”

²¹Jesus disse: “Mulher, acredite em mim. Está chegando a hora em que não adorarão o Pai, nem sobre esta montanha nem em Jerusalém. ²²Vocês adoram o que não conhecem, nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. ²³Mas está chegando a hora, e é agora, em que os verdadeiros adoradores vão adorar o Pai em espírito e verdade. Porque são estes os adoradores que o Pai procura. ²⁴Deus é espírito, e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade.” ²⁵A mulher disse a Jesus: “Eu sei que vai chegar um Messias (aquele que se chama Cristo); e quando chegar, ele nos vai mostrar todas as coisas.” ²⁶Jesus disse: “Esse Messias sou eu, que estou falando com você.” [16-26]

Os discípulos continuam a missão de Jesus — ²⁷Nesse momento, os discípulos de Jesus chegaram. E ficaram admirados de ver Jesus falando com uma mulher, mas ninguém perguntou o que ele queria, ou por que ele estava conversando com a mulher. ²⁸Então a mulher deixou o balde, foi para a cidade e disse para as pessoas: ²⁹“Venham ver um homem que me disse tudo o que eu fiz. Será que ele não é o Messias?” ³⁰O pessoal saiu da cidade e foi ao encontro de Jesus.

³¹Enquanto isso, os discípulos insistiam com Jesus, dizendo: “Mestre, come alguma coisa.” ³²Jesus disse: “Eu tenho um alimento para comer, que vocês não conhecem.” ³³Os discípulos comentavam: “Será que alguém trouxe alguma coisa para ele comer?” ³⁴Jesus disse: “O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra. ³⁵Vocês não dizem que faltam quatro meses para a colheita? Pois eu digo a vocês: ergam os olhos e olhem os campos: já estão dourados para a colheita. ³⁶Aquele que colhe recebe desde já o salário, e recolhe fruto para a vida eterna; desse modo, aquele que semeia se alegra junto com aquele que colhe. ³⁷Na verdade é como diz o provérbio: ‘Um semeia e outro colhe’. ³⁸Eu enviei vocês para colher aquilo que vocês não trabalharam. Outros trabalharam, e vocês entraram no trabalho deles.” [27-38]

O encontro com a palavra de Jesus produz a verdadeira fé — ³⁹Muitos samaritanos dessa cidade acreditaram em Jesus, por causa do testemunho que a mulher tinha dado: “Ele me disse tudo o que eu fiz.” ⁴⁰Os samaritanos então foram ao encontro de Jesus e lhe pediram que ficasse com eles. E Jesus ficou aí dois dias. ⁴¹Muitas outras pessoas acreditaram em Jesus ao ouvir sua palavra. ⁴²E diziam à mulher: “Já não acreditamos por causa daquilo que você disse. Agora, nós mesmos ouvimos e sabemos que este é, de fato, o Salvador do mundo.” [39-42]

Muitos acreditam só quando veem milagres — ⁴³Dois dias depois, Jesus foi para a Galileia. ⁴⁴Mas o próprio Jesus tinha declarado: “Um profeta nunca é bem recebido em sua própria terra.” ⁴⁵Entretanto, quando ele chegou à Galileia, os galileus o receberam bem, porque tinham visto tudo o que Jesus havia feito em Jerusalém durante a festa. Pois eles também tinham ido à festa.

Segundo sinal: Jesus cura o filho do funcionário do rei

A fé na palavra de Jesus produz vida — ⁴⁶Jesus voltou para Caná da Galileia, onde havia transformado a água em vinho. Ora, em Cafarnaum havia um funcionário do rei que tinha um filho doente. ⁴⁷Ele ouviu dizer que Jesus tinha ido da Judeia para a Galileia. Saiu ao encontro de Jesus e lhe pediu que fosse a Cafarnaum curar seu filho que estava morrendo. ⁴⁸Jesus disse-lhe: “Se vocês não veem sinais e prodígios, vocês não acreditam.” ⁴⁹O funcionário do rei disse: “Senhor, desce, antes que meu filho morra!” ⁵⁰Jesus disse-lhe: “Pode ir, seu filho está vivo.” O homem acreditou na palavra de Jesus e foi embora. ⁵¹Enquanto descia para Cafarnaum, seus empregados foram ao seu encontro e disseram: “Seu filho está vivo.” ⁵²O funcionário perguntou a que horas o menino tinha melhorado. Eles responderam: “A febre desapareceu ontem pela uma hora da tarde.” ⁵³O pai percebeu que tinha sido exatamente na mesma hora em que Jesus lhe havia dito: “Seu filho está vivo.” Então ele acreditou, juntamente com toda a sua família.

⁵⁴Esse foi o segundo sinal de Jesus. Foi realizado quando ele voltou da Judeia para a Galileia. [\[43-54\]](#)

Terceiro sinal: Jesus cura o parálítico

5 *A vida está acima da lei* — ¹Depois disso, houve uma festa dos judeus, e Jesus foi a Jerusalém.

²Em Jerusalém, perto da porta das Ovelhas, existe uma piscina rodeada por cinco corredores cobertos. Em hebraico a piscina chamava-se Betesda. ³Muitos doentes ficavam aí deitados: eram cegos, coxos e parálíticos, esperando que a água se movesse (⁴porque um anjo descia de vez em quando e movimentava a água da piscina. O primeiro doente que entrasse na piscina, depois que a água fosse movida, ficava curado de qualquer doença que tivesse).

⁵Aí ficava um homem que estava doente havia trinta e oito anos. ⁶Jesus viu o homem deitado e ficou sabendo que estava doente havia muito tempo. Então lhe perguntou: “Você quer ficar curado?” ⁷O doente respondeu: “Senhor, não tenho ninguém que me leve à piscina quando a água está se movendo. Quando vou chegando, outro já entrou na minha frente.” ⁸Jesus disse: “Levante-se, pegue sua cama e ande”. ⁹No mesmo instante, o homem ficou curado, pegou sua cama e começou a andar.

Era um dia de sábado. ¹⁰Por isso, as autoridades dos judeus disseram ao homem que tinha sido curado: “Hoje é dia de sábado. A lei não permite que você carregue a cama.” ¹¹Ele respondeu: “Aquele homem que me curou disse: ‘Pegue sua cama e ande’.” ¹²Então os dirigentes dos judeus lhe perguntaram: “Quem foi que disse a você para pegar a cama e andar?” ¹³O homem que tinha sido curado não sabia quem era, porque Jesus tinha desaparecido no meio das pessoas que estavam reunidas nesse lugar. ¹⁴Mais tarde, Jesus encontrou aquele homem no Templo e lhe disse: “Você ficou curado. Não peque de novo, para que não lhe aconteça alguma coisa pior.”

¹⁵Então o homem saiu e disse às autoridades dos judeus que tinha sido Jesus quem o havia curado. ¹⁶Então as autoridades dos judeus começaram a perseguir Jesus, porque ele havia curado em dia de sábado. ¹⁷Jesus então lhes disse: “Meu Pai continua trabalhando até agora e eu também trabalho.” ¹⁸Por isso, as autoridades dos judeus tinham mais vontade ainda de matar Jesus, porque, além de violar a lei do sábado, chegava até a dizer que Deus era o seu Pai, fazendo-se assim igual a Deus. [5,1-18]

Jesus dá vida a quem está morto — ¹⁹Então Jesus disse às autoridades dos

judeus: “Eu garanto a vocês: o Filho não pode fazer nada por sua própria conta; ele faz apenas o que vê o Pai fazer. O que o Pai faz, o Filho também faz. ²⁰O Pai ama o Filho e lhe mostra tudo o que ele mesmo faz. E lhe mostrará obras ainda maiores, que deixarão vocês admirados.

²¹Assim como o Pai ressuscita os mortos e lhes dá a vida, o Filho também dá a vida a quem ele quer dar. ²²O Pai não julga ninguém. Ele deu ao Filho todo o poder de julgar, ²³para que todos honrem o Filho, da mesma forma que honram o Pai. Quem não honra o Filho, também não honra o Pai que o enviou.

²⁴Eu garanto a vocês: quem ouve a minha palavra e acredita naquele que me enviou, possui vida eterna. Não será condenado, porque já passou da morte para a vida.

²⁵Eu garanto a vocês: está chegando, ou melhor, já chegou a hora em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus: aqueles que ouvirem sua voz, terão a vida. ²⁶Porque assim como o Pai possui a vida em si mesmo, do mesmo modo ele concedeu ao Filho possuir a vida em si mesmo. ²⁷Além disso, ele deu ao Filho o poder de julgar, porque é Filho do Homem.

²⁸Não fiquem admirados com isso, porque vai chegar a hora em que todos os mortos que estão nos túmulos ouvirão a voz do Filho ²⁹e sairão dos túmulos: aqueles que fizeram o bem, vão ressuscitar para a vida; os que praticaram o mal, vão ressuscitar para a condenação.

³⁰Eu não posso fazer nada por mim mesmo. Eu julgo conforme o que escuto, e o meu julgamento é justo, porque não procuro fazer a minha vontade, e sim a vontade daquele que me enviou.” [19-30]

Testemunhas em favor de Jesus — ³¹“Se eu dou testemunho de mim mesmo, meu testemunho não vale. ³²Mas há outro que dá testemunho de mim, e eu sei que o testemunho que ele dá de mim é válido.

³³Vocês mandaram mensageiros a João, e ele deu testemunho da verdade. ³⁴Eu não preciso de testemunho de um homem, mas falo isso para que vocês sejam salvos. ³⁵João era uma lâmpada que estava acesa e iluminava. Vocês quiseram se alegrar com sua luz. ³⁶Mas eu tenho um testemunho maior que o de João: são as obras que o Pai me concedeu realizar. As obras que eu faço dão testemunho de mim, mostrando que o Pai me enviou. ³⁷E o Pai que me enviou deu testemunho a meu favor. Vocês nunca ouviram a voz dele, nem viram a sua face. ³⁸Desse modo, a palavra dele não permanece em vocês, porque vocês não

acreditam naquele que ele enviou.

³⁹Vocês vivem estudando as Escrituras, pensando que vão encontrar nelas vida eterna. No entanto, as Escrituras dão testemunho de mim. ⁴⁰Mas vocês não querem vir a mim para terem vida.

⁴¹Eu não aceito elogios dos homens. ⁴²Quanto a vocês, eu já os conheço muito bem: o amor de Deus não está dentro de vocês. ⁴³Eu vim em nome do meu Pai, e vocês não me receberam. Mas se outro vem em seu próprio nome, vocês o receberão. ⁴⁴Como é que vocês poderão acreditar, se vivem elogiando uns aos outros, e não buscam a glória que vem do Deus único?

⁴⁵Não pensem que eu vou acusar vocês diante do Pai. Já existe alguém que os acusa: é Moisés, no qual vocês põem sua esperança. ⁴⁶Se vocês acreditassem mesmo em Moisés, também acreditariam em mim, porque foi a respeito de mim que Moisés escreveu. ⁴⁷Mas se vocês não acreditam naquilo que ele escreveu, como irão acreditar nas minhas palavras?” [31-47]

Quarto sinal: A partilha dos pães

6 *Jesus sacia a fome do povo* — ¹Depois disso, Jesus foi para a outra margem do mar da Galileia, também chamado Tiberíades. ²Uma grande multidão seguia Jesus porque as pessoas viram os sinais que ele fazia, curando os doentes. ³Jesus subiu a montanha e sentou-se aí com seus discípulos. ⁴Estava próxima a Páscoa, festa dos judeus. ⁵Jesus ergueu os olhos e viu uma grande multidão que vinha ao seu encontro.

Então Jesus disse a Filipe: “Onde vamos comprar pão para eles comerem?” ⁶Jesus falou assim para testar Filipe, pois sabia muito bem o que ia fazer. ⁷Filipe respondeu: “Nem meio ano de salário bastaria para dar um pedaço para cada um.” ⁸Um discípulo de Jesus, André, o irmão de Simão Pedro, disse: ⁹“Aqui há um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixes. Mas o que é isso para tanta gente?”

¹⁰Então Jesus disse: “Falem para o povo sentar.” Havia muita grama nesse lugar e todos sentaram. Estavam aí cinco mil pessoas, mais ou menos. ¹¹Jesus pegou os pães, agradeceu a Deus e distribuiu aos que estavam sentados. Fez a mesma coisa com os peixes. E todos comeram o quanto queriam. ¹²Quando ficaram satisfeitos, Jesus disse aos discípulos: “Recolham os pedaços que sobraram, para não se desperdiçar nada.” ¹³Eles recolheram os pedaços e encheram doze cestos com as sobras dos cinco pães que haviam comido.

¹⁴As pessoas viram o sinal que Jesus tinha realizado e disseram: “Este é mesmo o Profeta que devia vir ao mundo.” ¹⁵Mas Jesus percebeu que iam pegá-lo para fazê-lo rei. Então ele se retirou sozinho, de novo, para a montanha. [\[6,1-15\]](#)

Quinto sinal: Jesus caminha sobre as águas

Não tenham medo! — ¹⁶Ao cair da tarde, os discípulos de Jesus desceram ao mar. ¹⁷Entraram na barca e foram em direção a Cafarnaum, do outro lado do mar. Já era noite, e Jesus ainda não tinha ido ao encontro deles. ¹⁸Soprava vento forte e o mar estava agitado. ¹⁹Os discípulos tinham remado mais ou menos cinco ou seis quilômetros, quando viram Jesus andando sobre as águas e aproximando-se da barca. Então ficaram com medo, ²⁰mas Jesus disse: “Sou eu. Não tenham medo.” ²¹Eles quiseram recolher Jesus na barca, mas nesse instante a barca chegou à margem para onde estavam indo. [16-21]

Deus dá um pão que sustenta para sempre — ²²No dia seguinte, a multidão, que tinha ficado do outro lado do mar, viu que aí havia só uma barca. Viu também que Jesus não tinha subido na barca com os discípulos e que eles tinham ido sozinhos. ²³Então chegaram outras barcas de Tiberíades, perto do lugar onde eles tinham comido o pão, depois que o Senhor agradeceu a Deus. ²⁴Quando a multidão viu que nem Jesus nem os discípulos estavam aí, as pessoas subiram nas barcas e foram procurar Jesus em Cafarnaum.

²⁵Quando encontraram Jesus no outro lado do lago, perguntaram: “Rabi, quando chegaste aqui?” ²⁶Jesus respondeu: “Eu garanto a vocês: vocês estão me procurando, não porque viram sinais, mas porque comeram os pães e ficaram satisfeitos. ²⁷Não trabalhem pelo alimento que se estraga; trabalhem pelo alimento que dura para a vida eterna. É este alimento que o Filho do Homem dará a vocês, porque foi ele quem Deus Pai marcou com seu selo.”

²⁸Então eles perguntaram: “O que é que devemos fazer para realizar as obras de Deus?” ²⁹Jesus respondeu: “A obra de Deus é que vocês acreditem naquele que ele enviou.” ³⁰Eles perguntaram: “Que sinal realizas para que possamos ver e acreditar em ti? Qual é a tua obra? ³¹Nossos pais comeram o maná no deserto, como diz a Escritura: ‘Ele deu-lhes um pão que veio do céu’ ”.

³²Jesus respondeu: “Eu garanto a vocês: Moisés não deu para vocês o pão que veio do céu. É o meu Pai quem dá para vocês o verdadeiro pão que vem do céu, ³³porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo.” ³⁴Então eles pediram: “Senhor, dá-nos sempre desse pão.” [22-34]

Jesus é o pão da vida — ³⁵Jesus disse: “Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim

não terá mais fome, e quem acredita em mim nunca mais terá sede. ³⁶Eu já disse: vocês me viram e não acreditaram. ³⁷Todos aqueles que o Pai me dá virão a mim. E eu nunca rejeitarei aquele que vem a mim, ³⁸pois eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim para fazer a vontade daquele que me enviou. ³⁹E a vontade daquele que me enviou é esta: que eu não perca nenhum daqueles que ele me deu, mas que eu os ressuscite no último dia. ⁴⁰Esta é a vontade do meu Pai: que todo homem que vê o Filho e nele acredita, tenha vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia.”

⁴¹As autoridades dos judeus começaram a criticar, porque Jesus tinha dito: “Eu sou o pão que desceu do céu.” ⁴²E comentavam: “Esse Jesus não é o filho de José? Nós conhecemos o pai e a mãe dele. Como é que ele diz que desceu do céu?” ⁴³Jesus respondeu: “Parem de criticar. ⁴⁴Ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou não o atrai, e eu o ressuscitarei no último dia. ⁴⁵Está escrito nos Profetas: ‘Todos os homens serão instruídos por Deus’. Todo aquele que escuta o Pai e recebe sua instrução vem a mim. ⁴⁶Não que alguém já tenha visto o Pai. O único que viu o Pai é aquele que vem de Deus.

⁴⁷Eu garanto a vocês: quem acredita possui vida eterna. ⁴⁸Eu sou o pão da vida. ⁴⁹Os pais de vocês comeram o maná no deserto e, no entanto, morreram. ⁵⁰Eis aqui o pão que desceu do céu: quem dele comer nunca morrerá.” [35-50]

Jesus é o pão que sustenta para sempre — ⁵¹E Jesus continuou: “Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem come deste pão viverá para sempre. E o pão que eu vou dar é a minha própria carne, para que o mundo tenha vida.”

⁵²As autoridades dos judeus começaram a discutir entre si: “Como pode esse homem dar-nos a sua carne para comer?” ⁵³Jesus respondeu: “Eu garanto a vocês: se vocês não comem a carne do Filho do Homem e não bebem o seu sangue, não terão vida em vocês. ⁵⁴Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. ⁵⁵Porque a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida.

⁵⁶Quem come a minha carne e bebe o meu sangue vive em mim e eu vivo nele. ⁵⁷E como o Pai, que vive, me enviou e eu vivo pelo Pai, assim, aquele que me receber como alimento viverá por mim. ⁵⁸Este é o pão que desceu do céu. Não é como o pão que os pais de vocês comeram e depois morreram. Quem come deste pão viverá para sempre.”

⁵⁹Jesus disse essas coisas quando ensinava na sinagoga de Cafarnaum. [51-59]

A fé em Jesus exige decisão — ⁶⁰Depois que ouviram essas coisas, muitos discípulos de Jesus disseram: “Esse modo de falar é duro demais. Quem pode continuar ouvindo isso?” ⁶¹Jesus sabia que seus discípulos estavam criticando o que ele tinha dito. Então lhes perguntou: “Isso escandaliza vocês? ⁶²Imaginem então se vocês virem o Filho do Homem subir para o lugar onde estava antes! ⁶³O Espírito é que dá a vida, a carne não serve para nada. As palavras que eu disse a vocês são espírito e vida. ⁶⁴Mas entre vocês há alguns que não acreditam.” Jesus sabia desde o começo quais eram aqueles que não acreditavam e quem seria o traidor. ⁶⁵E acrescentou: “É por isso que eu disse: ‘Ninguém pode vir a mim, se isso não lhe é concedido pelo Pai.’ ”

⁶⁶A partir desse momento, muitos discípulos voltaram atrás, e não andavam mais com Jesus. ⁶⁷Então Jesus disse aos Doze: “Vocês também querem ir embora?” ⁶⁸Simão Pedro respondeu: “A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna. ⁶⁹Agora nós acreditamos e sabemos que tu és o Santo de Deus.” ⁷⁰Jesus disse aos Doze: “Vocês não são os doze que eu escolhi? Apesar disso, um de vocês é um diabo.” ⁷¹Jesus estava falando de Judas, filho de Simão Iscariotes, porque Judas iria trair Jesus, apesar de ser um dos Doze apóstolos. [60-71]

7 *Jesus é sinal de contradição* — ¹Depois disso, Jesus começou a andar pela Galileia. Ele evitava andar pela Judeia, porque os judeus queriam matá-lo. ²Entretanto, a festa judaica das Tendas estava próxima. ³Então os irmãos de Jesus lhe disseram: “Tu deves sair daqui e ir para a Judeia, para que também teus discípulos possam ver as obras que fazes. ⁴Quem quer ter fama não faz nada às escondidas. Se fazes essas obras, mostra-te ao mundo.” ⁵Na verdade, nem mesmo os irmãos de Jesus acreditavam nele.

⁶Jesus disse: “O momento certo ainda não chegou para mim. Para vocês, qualquer momento é bom. ⁷O mundo não tem motivo para odiar vocês. Mas o mundo me odeia, porque eu dou testemunho de que suas ações são más. ⁸Vão vocês para a festa. Eu não vou para essa festa, porque o momento certo ainda não chegou para mim.” ⁹Jesus disse isso e ficou na Galileia.

¹⁰Depois que seus irmãos foram para a festa, Jesus também foi; ele não foi publicamente, mas às escondidas. ¹¹As autoridades dos judeus procuravam Jesus durante a festa, perguntando: “Onde está ele?” ¹²Todos falavam de Jesus, mas em voz baixa. Uns diziam: “É uma boa pessoa.” Outros, porém, diziam: “De

jeito nenhum. É um homem que engana o povo.” ¹³Mas em público ninguém falava nada a respeito de Jesus, com medo das autoridades dos judeus. [7,1-13]

Não julgar pelas aparências — ¹⁴Quando a festa já estava pelo meio, Jesus foi ao Templo e começou a ensinar. ¹⁵As autoridades dos judeus ficaram admiradas e diziam: “Como é que esse homem tem tanta instrução, se nunca estudou?” ¹⁶Então Jesus respondeu: “Minha doutrina não vem de mim, mas daquele que me enviou. ¹⁷Se alguém está disposto a fazer a vontade de Deus, ficará sabendo se minha doutrina vem de Deus, ou se falo por mim mesmo. ¹⁸Quem fala por si mesmo busca seu próprio prestígio. Mas quem busca o prestígio daquele que o enviou, é verdadeiro, e nele não há falsidade. ¹⁹Não foi Moisés quem deu a Lei para vocês? No entanto, nenhum de vocês obedece à Lei. Por que é que vocês me querem matar?” ²⁰A multidão respondeu: “Estás louco! Quem é que está querendo te matar?” ²¹Jesus respondeu: “Eu fiz só uma coisa, e todos vocês ficam admirados. ²²Moisés mandou fazer a circuncisão (na verdade, ela não vem de Moisés, mas dos patriarcas) e, no entanto, vocês a fazem em dia de sábado. ²³Assim, uma pessoa pode receber a circuncisão em dia de sábado sem violar a Lei de Moisés. Então, por que é que vocês ficam irritados comigo, porque curei totalmente um homem no sábado? ²⁴Não julguem pelas aparências, mas conforme a verdade.” [14-24]

Jesus é o enviado do Pai — ²⁵Algumas pessoas de Jerusalém comentavam: “Não é este que estão procurando para matar? ²⁶Ele está aí falando em público, e ninguém diz nada! Será que até as autoridades reconheceram que ele é o Messias? ²⁷Entretanto, nós sabemos de onde vem esse Jesus, mas, quando chegar o Messias, ninguém saberá de onde ele vem.” ²⁸Jesus estava ensinando no Templo. Então ele gritou: “Será que de fato vocês me conhecem e sabem de onde eu sou? Eu não vim por mim mesmo. Quem me enviou é verdadeiro, e vocês não o conhecem. ²⁹Mas eu o conheço, porque venho de junto dele, e foi ele quem me enviou.”

³⁰Então tentaram prender Jesus. Mas ninguém pôs a mão em cima dele, porque a hora dele ainda não tinha chegado. ³¹Muitas pessoas do povo acreditaram nele e diziam: “Quando o Messias vier, será que vai fazer mais sinais do que este fez?” ³²Os fariseus escutaram o que a multidão estava cochichando sobre Jesus. Então, os chefes dos sacerdotes e fariseus mandaram guardas para prenderem Jesus. ³³E Jesus disse: “Ainda vou ficar mais um pouco de tempo com vocês.

³⁴Vocês vão me procurar, mas não me encontrarão, porque vocês não podem ir para onde eu vou.”

³⁵Os judeus comentavam: “Para onde ele está querendo ir, de modo que não possamos encontrá-lo? Será que ele vai encontrar aqueles que estão espalhados entre os gregos? Será que ele vai ensinar aos gregos? ³⁶Que quer dizer isso que ele falou: ‘Vocês vão me procurar, mas não me encontrarão’; e também: ‘vocês não podem ir para onde eu vou’?” [25-36]

Jesus é a fonte da vida — ³⁷No último dia da festa, que é o mais solene, Jesus ficou de pé e gritou: “Se alguém tem sede, venha a mim, ³⁸e aquele que acredita em mim, beba. É como diz a Escritura: ‘Do seu seio jorrarão rios de água viva’.” ³⁹Jesus disse isso referindo-se ao Espírito que deveriam receber os que acreditassem nele. De fato, ainda não havia Espírito, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado. [37-39]

A manifestação de Jesus provoca divisão — ⁴⁰Ouvindo essas palavras, alguns diziam no meio da multidão: “De fato, este homem é mesmo o Profeta!” ⁴¹Outros diziam: “Ele é o Messias.” Outros ainda afirmavam: “Mas o Messias virá da Galileia? ⁴²A Escritura não diz que o Messias será da descendência de Davi e que virá de Belém, povoado de onde era Davi?”

⁴³Por isso, houve uma divisão no meio do povo por causa de Jesus. ⁴⁴Alguns queriam prendê-lo, mas ninguém pôs as mãos em cima dele. [40-44]

As autoridades recusam ouvir Jesus — ⁴⁵Os guardas do Templo foram para onde estavam os chefes dos sacerdotes e fariseus. E estes perguntaram: “Por que é que vocês não trouxeram Jesus?” ⁴⁶Os guardas responderam: “Ninguém jamais falou como esse homem.” ⁴⁷Então os fariseus perguntaram: “Será que ele enganou vocês também? ⁴⁸Vocês já viram um só dos nossos chefes ou fariseu que acreditasse nele? ⁴⁹Esse povinho, que não conhece a Lei, é maldito.” ⁵⁰Mas Nicodemos, um dos fariseus, aquele que tinha ido encontrar-se com Jesus, disse: ⁵¹“Será que a nossa Lei julga alguém antes de ouvir e saber o que ele faz?” ⁵²Eles responderam: “Você também é galileu? Estude e verá que da Galileia não sai profeta.” ⁵³E cada um voltou para sua casa. [45-53]

8 *Jesus não veio para condenar* — ¹Jesus foi para o monte das Oliveiras. ²Ao amanhecer, ele voltou ao Templo, e todo o povo ia ao seu encontro. Então Jesus sentou-se e começou a ensinar. ³Chegaram os doutores da Lei e os fariseus

trazendo uma mulher, que tinha sido pega cometendo adultério. Eles colocaram a mulher no meio ⁴e disseram a Jesus: “Mestre, essa mulher foi pega em flagrante cometendo adultério. ⁵A Lei de Moisés manda que mulheres desse tipo devem ser apedrejadas. E tu, o que dizes?” ⁶Eles diziam isso para pôr Jesus à prova e ter um motivo para acusá-lo. Então Jesus inclinou-se e começou a escrever no chão com o dedo. ⁷Os doutores da Lei e os fariseus continuaram insistindo na pergunta. Então Jesus se levantou e disse: “Quem de vocês não tiver pecado, atire nela a primeira pedra.” ⁸E, inclinando-se de novo, continuou a escrever no chão. ⁹Ouvindo isso, eles foram saindo um a um, começando pelos mais velhos. E Jesus ficou sozinho. Ora, a mulher continuava ali no meio. ¹⁰Jesus então se levantou e perguntou: “Mulher, onde estão os outros? Ninguém condenou você?” ¹¹Ela respondeu: “Ninguém, Senhor.” Então Jesus disse: “Eu também não a condeno. Pode ir, e não peque mais.” [8,1-11]

Jesus é a luz do mundo — ¹²Jesus continuou dizendo: “Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas possuirá a luz da vida.” ¹³Então os fariseus disseram: “O teu testemunho não vale, porque estás dando testemunho de ti mesmo.” ¹⁴Jesus respondeu: “Embora eu dê testemunho de mim mesmo, o meu testemunho é válido, porque eu sei de onde venho e para onde vou. ¹⁵Vocês julgam como homens, mas eu não julgo ninguém. ¹⁶Mesmo que eu julgue, o meu julgamento é válido, porque não estou sozinho, mas o Pai que me enviou está comigo. ¹⁷Na Lei de vocês está escrito que o testemunho de duas pessoas é válido. ¹⁸Eu dou testemunho de mim mesmo, e o Pai que me enviou dá testemunho de mim.” ¹⁹Então lhe perguntaram: “Onde está o teu Pai?” Jesus respondeu: “Vocês não conhecem nem a mim nem o meu Pai. Se vocês me conhecessem, também conheceriam o meu Pai.”

²⁰Jesus falou essas coisas enquanto estava ensinando no Templo, perto da sala do Tesouro. E ninguém o prendeu, porque a hora dele ainda não havia chegado. [12-20]

O pecado é rejeitar uma ordem nova — ²¹Jesus continuou dizendo: “Eu vou-me embora e vocês vão me procurar, mas vocês vão morrer no seu pecado. Para onde eu vou, vocês não podem ir.” ²²As autoridades dos judeus comentavam: “Por acaso ele vai se matar? Pois está dizendo: ‘Para onde eu vou, vocês não podem ir’.”

²³Jesus continuou a falar: “Vocês são daqui de baixo, eu sou lá de cima. Vocês

são deste mundo, mas eu não sou deste mundo. ²⁴É por isso que eu digo que vocês vão morrer nos seus pecados. Se vocês não acreditam que Eu Sou, vocês vão morrer nos seus pecados.” ²⁵Então as autoridades dos judeus perguntaram: “Quem és tu?” Jesus respondeu: “O que eu estou dizendo desde o começo. ²⁶Eu poderia dizer muita coisa a respeito de vocês e condená-los. Mas aquele que me enviou é verdadeiro, e eu digo ao mundo as coisas que ouvi dele.” ²⁷Eles não compreenderam que Jesus falava a respeito do Pai.

²⁸Jesus continuou dizendo: “Quando vocês levantarem o Filho do Homem, saberão que Eu Sou e que não faço nada por mim mesmo, pois falo apenas aquilo que o Pai me ensinou. ²⁹Aquele que me enviou está comigo. Ele não me deixou sozinho, porque sempre faço o que agrada a ele.” ³⁰Enquanto Jesus falava essas coisas, muitos acreditaram nele. [21-30]

A verdade liberta — ³¹Então Jesus disse para as autoridades dos judeus que tinham acreditado nele: “Se vocês guardarem a minha palavra, vocês de fato serão meus discípulos; ³²conhecerão a verdade, e a verdade libertará vocês.” ³³Eles disseram: “Nós somos descendentes de Abraão, e nunca fomos escravos de ninguém. Como podes dizer: ‘vocês ficarão livres?’” ³⁴Jesus respondeu: “Eu garanto a vocês: quem comete o pecado é escravo do pecado. ³⁵O escravo não fica para sempre na casa, mas o filho fica aí para sempre. ³⁶Por isso, se o Filho os libertar, vocês realmente ficarão livres. ³⁷Eu sei que vocês são descendentes de Abraão; no entanto, estão procurando me matar, porque minha palavra não entra na cabeça de vocês. ³⁸Eu falo das coisas que vi junto do Pai; vocês também devem fazer aquilo que ouvem do pai de vocês.” [31-38]

A mentira escraviza — ³⁹As autoridades dos judeus disseram a Jesus: “Nosso pai é Abraão.” Jesus disse: “Se vocês são filhos de Abraão, façam as obras de Abraão. ⁴⁰Agora, porém, vocês querem me matar, e o que eu fiz foi dizer a verdade que ouvi junto de Deus. Isso Abraão nunca fez. ⁴¹Vocês fazem a obra do pai de vocês.” Então eles replicaram: “Não somos filhos ilegítimos; só temos um pai, que é Deus.” ⁴²Jesus disse: “Se Deus fosse pai de vocês, vocês me amariam, porque eu saí de Deus e venho dele. Não vim pela minha própria vontade, mas foi ele que me enviou. ⁴³Por que vocês não compreendem o que eu falo? É porque vocês não são capazes de ouvir a minha palavra. ⁴⁴O pai de vocês é o diabo, e vocês querem realizar o desejo do pai de vocês. Desde o começo ele é assassino, e nunca esteve com a verdade, porque nele não existe verdade.

Quando ele fala mentira, fala do que é dele, porque ele é mentiroso e pai da mentira. ⁴⁵Eu falo a verdade, e por isso vocês não acreditam em mim. ⁴⁶Quem de vocês pode me acusar de pecado? Se eu digo a verdade, por que vocês não acreditam em mim? ⁴⁷Quem é de Deus ouve as palavras de Deus. Vocês, porém, não ouvem, porque vocês não são de Deus.” [39-47]

Jesus é maior do que Abraão — ⁴⁸As autoridades dos judeus disseram: “Não temos razão de dizer que és um samaritano e que estás louco?” ⁴⁹Jesus respondeu: “Eu não estou louco. Eu honro meu Pai, e vocês me desonram. ⁵⁰Eu não procuro a minha glória. Existe alguém que a procura e julga. ⁵¹Eu garanto a vocês: se alguém guarda a minha palavra, jamais verá a morte.”

⁵²Os judeus disseram: “Agora sabemos que estás louco. Abraão morreu e os profetas também. E tu dizes: ‘se alguém guarda a minha palavra, nunca vai experimentar a morte’. ⁵³Por acaso, tu és maior que o nosso pai Abraão, que morreu? Os profetas também morreram. Quem é que pretendes ser?” ⁵⁴Jesus respondeu: “Se eu glorifico a mim mesmo, minha glória não vale nada. Quem me glorifica é o meu Pai, aquele que vocês dizem que é o Pai de vocês. ⁵⁵Vocês não o conhecem, mas eu o conheço. Se dissesse que não o conheço, eu seria mentiroso como vocês. Mas eu o conheço e guardo a palavra dele. ⁵⁶Abraão, o pai de vocês, alegrou-se porque viu o meu dia. Ele viu e encheu-se de alegria.” ⁵⁷Então os judeus disseram: “Ainda não tens cinquenta anos, e viste Abraão?” ⁵⁸Jesus respondeu: “Eu garanto a vocês: antes que Abraão existisse, Eu Sou.” ⁵⁹Então eles pegaram pedras para atirar em Jesus. Mas Jesus se escondeu e saiu do Templo. [48-59]

Sexto sinal: O cego de nascença

9 *Jesus cura a cegueira dos homens* — ¹ Ao passar, Jesus viu um cego de nascença. ² Os discípulos perguntaram: “Mestre, quem foi que pecou, para que ele nascesse cego? Foi ele ou seus pais?” ³ Jesus respondeu: “Não foi ele que pecou, nem seus pais, mas ele é cego para que nele se manifestem as obras de Deus. ⁴ Nós temos que realizar as obras daquele que me enviou, enquanto é dia. Está chegando a noite, e ninguém poderá trabalhar. ⁵ Enquanto estou no mundo, eu sou a luz do mundo.” ⁶ Dizendo isso, Jesus cuspiu no chão, fez barro com a saliva e com o barro ungiu os olhos do cego. ⁷ E disse: “Vá se lavar na piscina de Siloé.” (Esta palavra quer dizer “O Enviado”). O cego foi, lavou-se, e voltou enxergando.

⁸ Os vizinhos e os que costumavam ver o cego, pois ele era mendigo, perguntavam: “Não é ele que ficava sentado, pedindo esmola?” ⁹ Uns diziam: “É ele mesmo.” Outros, porém, diziam: “Não é ele não, mas parece com ele.” Ele, no entanto, dizia: “Sou eu mesmo.” ¹⁰ Então lhe perguntaram: “Como é que seus olhos se abriram?” ¹¹ Ele respondeu: “O homem que se chama Jesus fez barro, ungiu meus olhos e me disse: ‘Vá se lavar em Siloé’. Eu fui, me lavei, e comecei a enxergar.” ¹² Perguntaram-lhe: “Onde está esse homem?” Ele disse: “Não sei.” [9,1-12]

Pior cego é aquele que não quer ver — ¹³ Então levaram aos fariseus aquele que tinha sido cego. ¹⁴ Era sábado o dia em que Jesus fez o barro e abriu os olhos do cego. ¹⁵ Então os fariseus lhe perguntaram como é que tinha recuperado a vista. Ele disse: “Alguém colocou barro nos meus olhos, eu me lavei, e estou enxergando.” ¹⁶ Então os fariseus disseram: “Esse homem não pode vir de Deus; ele não guarda o sábado.” Outros diziam: “Mas como pode um pecador realizar esses sinais?” ¹⁷ E havia divisão entre eles. Perguntaram outra vez ao que tinha sido cego: “O que você diz do homem que abriu seus olhos?” Ele respondeu: “É um profeta.”

¹⁸ As autoridades dos judeus não acreditaram que ele tinha sido cego e que tinha recuperado a vista. Até que chamaram os pais dele ¹⁹ e perguntaram: “Este é o filho que vocês dizem ter nascido cego? Como é que ele agora está enxergando?” ²⁰ Os pais disseram: “Sabemos que é o nosso filho e que nasceu cego. ²¹ Como é que ele agora está enxergando, isso não sabemos. Também não

sabemos quem foi que abriu os olhos dele. Perguntem a ele. É maior de idade e pode dar explicação.” ²²Os pais do cego disseram isso porque tinham medo das autoridades dos judeus, que haviam combinado expulsar da sinagoga quem confessasse que Jesus era o Messias. ²³Foi por isso que os pais disseram: “É maior de idade; perguntem a ele.”

²⁴Então as autoridades dos judeus chamaram de novo o homem que tinha sido cego e lhe disseram: “Confesse a verdade. Nós sabemos que esse homem é um pecador.” ²⁵Ele respondeu: “Se ele é pecador, isso eu não sei; só sei que eu era cego e agora estou enxergando.” ²⁶Eles insistiram: “Que é que ele fez? Como foi que abriu seus olhos?” ²⁷Ele respondeu: “Eu já lhes disse, e vocês não me escutaram. Por que vocês querem ouvir de novo? Será que também vocês querem se tornar discípulos dele?” ²⁸Então insultaram o cego curado e disseram: “Você é que é discípulo dele. Nós, porém, somos discípulos de Moisés. ²⁹Sabemos que Deus falou a Moisés, mas quanto a esse homem, nem sabemos de onde ele é.” ³⁰Ele respondeu: “Isso é de admirar! Vocês não sabem de onde ele é. No entanto, ele abriu meus olhos. ³¹Sabemos que Deus não ouve os pecadores, mas ouve aquele que o respeita e faz a sua vontade. ³²Nunca se ouviu falar que alguém tenha aberto os olhos de um cego de nascença. ³³Se esse homem não vem de Deus, não poderia fazer nada.” ³⁴Eles disseram: “Você nasceu inteirinho no pecado e quer nos ensinar?” E o expulsaram. [13-34]

Jesus torna cegos os que pensam ver — ³⁵Jesus, ouvindo dizer que tinham expulsado aquele que fora cego, foi à procura dele e perguntou-lhe: “Você acredita no Filho do Homem?” ³⁶Ele respondeu: “Quem é ele, Senhor, para que eu acredite nele?” ³⁷Jesus disse: “Você o está vendo; é aquele que está falando com você.” ³⁸O cego que tinha sido curado disse: “Eu acredito, Senhor.” E se ajoelhou diante de Jesus. ³⁹Então Jesus disse: “Eu vim a este mundo para um julgamento, a fim de que os que não veem vejam, e os que veem se tornem cegos.” ⁴⁰Alguns fariseus que estavam perto dele ouviram isso e disseram: “Será que também somos cegos?” ⁴¹Jesus respondeu: “Se vocês fossem cegos, não teriam nenhum pecado. Mas como vocês dizem: ‘Nós vemos’, o pecado de vocês permanece.” [35-41]

10 *O povo conhece a voz de Jesus* — ¹“Eu garanto a vocês: aquele que não entra pela porta no curral das ovelhas, mas sobe por outro lugar, é ladrão e assaltante. ²Mas aquele que entra pela porta é o pastor das ovelhas. ³O porteiro

abre a porta para ele, e as ovelhas ouvem a sua voz; ele chama cada uma de suas ovelhas pelo nome e as conduz para fora. ⁴Depois de fazer sair todas as suas ovelhas, ele caminha na frente delas; e as ovelhas o seguem porque conhecem a sua voz. ⁵Elas nunca vão seguir um estranho; ao contrário, vão fugir dele, porque elas não conhecem a voz dos estranhos.” ⁶Jesus contou-lhes essa parábola, mas eles não entenderam o que Jesus queria dizer. [10,1-6]

Jesus é o único caminho — ⁷Jesus continuou dizendo: “Eu garanto a vocês: eu sou a porta das ovelhas. ⁸Todos os que vieram antes de mim são ladrões e assaltantes, mas as ovelhas não os ouviram. ⁹Eu sou a porta. Quem entra por mim será salvo. Entrará e sairá e encontrará pastagem. ¹⁰O ladrão só vem para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância.

¹¹Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida por suas ovelhas. ¹²O mercenário, que não é pastor, e as ovelhas não são suas, quando vê o lobo chegar, abandona as ovelhas e sai correndo. Então o lobo ataca e dispersa as ovelhas. ¹³O mercenário foge porque trabalha só por dinheiro e não se importa com as ovelhas.

¹⁴Eu sou o bom pastor: conheço minhas ovelhas, e elas me conhecem, ¹⁵assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai. Eu dou a vida pelas ovelhas. ¹⁶Tenho também outras ovelhas que não são deste curral. Também a elas eu devo conduzir; elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor. ¹⁷O Pai me ama, porque eu dou a minha vida para retomá-la de novo. ¹⁸Ninguém tira a minha vida; eu a dou livremente. Tenho poder de dar a vida e tenho poder de retomá-la. Esse é o mandamento que recebi do meu Pai.”

¹⁹Essas palavras causaram de novo divisão entre as autoridades dos judeus. ²⁰Muitos diziam: “Ele tem um demônio! Está louco! Por que vocês o escutam?” ²¹Outros diziam: “Essas palavras não são de um possesso, porque um demônio não pode abrir os olhos de um cego.” [7-21]

As credenciais de Jesus são as suas obras — ²²Em Jerusalém estava sendo celebrada a festa da Dedicção. Era inverno. ²³Jesus passeava pelo Templo, andando no pórtico de Salomão. ²⁴Então as autoridades dos judeus o rodearam e disseram: “Até quando nos irás deixar em dúvida? Se tu és o Messias, dize-nos abertamente.”

²⁵Jesus respondeu: “Eu já disse, mas vocês não acreditam em mim. As obras

que eu faço em nome do meu Pai dão testemunho de mim; ²⁶vocês, porém, não querem acreditar, porque vocês não são minhas ovelhas. ²⁷Minhas ovelhas ouvem a minha voz, eu as conheço, e elas me seguem. ²⁸Eu dou a elas vida eterna, e elas nunca morrerão. Ninguém vai arrancá-las da minha mão. ²⁹O Pai, que tudo entregou a mim, é maior do que todos. Ninguém pode arrancar coisa alguma da mão do Pai. ³⁰O Pai e eu somos um.”

³¹As autoridades dos judeus pegaram pedras outra vez para apedrejar Jesus. ³²Então Jesus disse: “Por ordem do meu Pai, tenho feito muitas coisas boas na presença de vocês. Por qual delas vocês me querem apedrejar?” ³³As autoridades dos judeus responderam: “Não queremos te apedrejar por causa de boas obras, e sim por causa de uma blasfêmia: tu és apenas um homem, e te fazes passar por Deus.”

³⁴Jesus disse: “Por acaso, não é na Lei de vocês que está escrito: ‘Eu disse: vocês são deuses’? ³⁵Ninguém pode anular a Escritura. Ora, a Lei chama de deuses as pessoas para as quais a palavra de Deus foi dirigida. ³⁶O Pai me consagrou e me enviou ao mundo. Por que vocês me acusam de blasfêmia, se eu digo que sou Filho de Deus? ³⁷Se não faço as obras do meu Pai, vocês não precisam acreditar em mim. ³⁸Mas se eu as faço, mesmo que vocês não queiram acreditar em mim, acreditem pelo menos em minhas obras. Assim vocês conhecerão, de uma vez por todas, que o Pai está presente em mim, e eu no Pai.”

³⁹Eles tentaram outra vez prender Jesus, mas ele escapou das mãos deles. [\[22-39\]](#)

O testemunho é eficaz — ⁴⁰Jesus atravessou de novo o rio Jordão e foi para o lugar onde antes João ficava batizando. E aí ficou. ⁴¹Muitos foram ao seu encontro. E diziam: “João não realizou nenhum sinal, mas tudo o que ele disse a respeito desse homem é verdade.” ⁴²E aí muitos acreditaram em Jesus. [\[40-42\]](#)

Sétimo sinal: A ressurreição de Lázaro

11 *Jesus ressuscita os homens* — ¹Um tal de Lázaro tinha caído de cama. Ele era natural de Betânia, o povoado de Maria e de sua irmã Marta. ²Maria era aquela que tinha ungido o Senhor com perfume e que tinha enxugado os pés dele com os cabelos. Lázaro, que estava doente, era irmão dela. ³Então as irmãs mandaram a Jesus um recado que dizia: “Senhor, aquele a quem amas está doente.” ⁴Ouvindo o recado, Jesus disse: “Essa doença não é para a morte, mas para a glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por meio dela.” ⁵Jesus amava Marta, a irmã dela e Lázaro. ⁶Quando ouviu que ele estava doente, ficou ainda dois dias no lugar onde estava. ⁷Só então disse aos discípulos: “Vamos outra vez à Judeia.” ⁸Os discípulos contestaram: “Mestre, agora há pouco os judeus queriam te apedrejar, e vais de novo para lá?”

⁹Jesus respondeu: “Não são doze as horas do dia? Se alguém caminha de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo. ¹⁰Mas se alguém caminha de noite, tropeça, porque nele não há luz.” ¹¹Disse isso e acrescentou: “O nosso amigo Lázaro adormeceu. Eu vou acordá-lo.” ¹²Os discípulos disseram: “Senhor, se ele está dormindo, vai se salvar.” ¹³Jesus se referia à morte de Lázaro, mas os discípulos pensaram que ele estivesse falando de sono natural.

¹⁴Então Jesus falou claramente para eles: “Lázaro está morto. ¹⁵E eu me alegro por não termos estado lá, para que vocês acreditem. Agora, vamos para a casa dele.” ¹⁶Então Tomé, chamado Gêmeo, disse aos companheiros: “Vamos nós também para morrermos com ele.” [11,1-16]

Jesus é a ressurreição e a vida — ¹⁷Quando Jesus chegou, já fazia quatro dias que Lázaro estava no túmulo. ¹⁸Betânia ficava perto de Jerusalém; uns três quilômetros apenas. ¹⁹Muitos judeus tinham ido à casa de Marta e Maria para as consolar por causa do irmão. ²⁰Quando Marta ouviu que Jesus estava chegando, foi ao encontro dele. Maria, porém, ficou sentada em casa.

²¹Então Marta disse a Jesus: “Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido. ²²Mas ainda agora eu sei: tudo o que pedires a Deus, ele te dará.” ²³Jesus disse: “Seu irmão vai ressuscitar.” ²⁴Marta disse: “Eu sei que ele vai ressuscitar na ressurreição, no último dia.” ²⁵Jesus disse: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem acredita em mim, mesmo que morra, viverá. ²⁶E todo aquele que

vive e acredita em mim, não morrerá para sempre. Você acredita nisso?” ²⁷Ela respondeu: “Sim, Senhor. Eu acredito que tu és o Messias, o Filho de Deus que devia vir a este mundo.” [17-27]

Jesus e Maria: a dor por causa da morte — ²⁸Dito isso, Marta foi chamar sua irmã Maria. Falou com ela em voz baixa: “O Mestre está aí e está chamando você.” ²⁹Quando Maria ouviu isso, levantou-se depressa e foi ao encontro de Jesus. ³⁰Jesus ainda não tinha entrado no povoado, mas estava no mesmo lugar onde Marta o havia encontrado.

³¹Os judeus estavam com Maria na casa e a procuravam consolar. Quando viram Maria levantar-se depressa e sair, foram atrás dela, pensando que ela iria ao túmulo para aí chorar.

³²Então Maria foi para o lugar onde estava Jesus. Vendo-o, ajoelhou-se a seus pés e disse: “Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido.” ³³Jesus viu que Maria e os judeus que iam com ela estavam chorando. Então ele se conteve e ficou comovido. ³⁴E disse: “Onde vocês colocaram Lázaro?” Disseram: “Senhor, vem e vê.” ³⁵Jesus começou a chorar. ³⁶Então os judeus disseram: “Vejam como ele o amava!” ³⁷Alguns deles, porém, comentaram: “Um que abriu os olhos do cego, não poderia ter impedido que esse homem morresse?”

Jesus e Lázaro: da morte para a vida — ³⁸Jesus, contendo-se de novo, chegou ao túmulo. Era uma gruta, fechada com uma pedra. ³⁹Jesus falou: “Tirem a pedra.” Marta, irmã do falecido, disse: “Senhor, já está cheirando mal. Faz quatro dias.” ⁴⁰Jesus disse: “Eu não lhe disse que, se você acreditar, verá a glória de Deus?” ⁴¹Então tiraram a pedra. Jesus levantou os olhos para o alto e disse: “Pai, eu te dou graças porque me ouviste. ⁴²Eu sei que sempre me ouves. Mas eu falo por causa das pessoas que me rodeiam, para que acreditem que tu me enviaste.” ⁴³Dizendo isso, gritou bem forte: “Lázaro, saia para fora!” ⁴⁴O morto saiu. Tinha os braços e as pernas amarrados com panos e o rosto coberto com um sudário. Jesus disse aos presentes: “Desamarrem e deixem que ele ande.” [28-44]

Os poderosos procuram matar Jesus — ⁴⁵Então muitos judeus, que tinham ido à casa de Maria e que viram o que Jesus fez, acreditaram nele. ⁴⁶Alguns, porém, foram ao encontro dos fariseus e contaram o que Jesus tinha feito. ⁴⁷Então os chefes dos sacerdotes e os fariseus reuniram o Conselho. E disseram: “Que é que vamos fazer? Esse homem está realizando muitos sinais. ⁴⁸Se deixamos que ele

continue assim, todos vão acreditar nele; os romanos virão e destruirão o Templo e toda a nação.” ⁴⁹Um deles, chamado Caifás, sumo sacerdote nesse ano, disse: “Vocês não sabem nada. ⁵⁰Vocês não percebem que é melhor um só homem morrer pelo povo, do que a nação inteira perecer?” ⁵¹Caifás não falou isso por si mesmo. Sendo sumo sacerdote nesse ano, profetizou que Jesus ia morrer pela nação. ⁵²E não só pela nação, mas também para reunir juntos os filhos de Deus que estavam dispersos. ⁵³A partir desse dia, as autoridades dos judeus decidiram matar Jesus. ⁵⁴Por isso, Jesus não andava mais em público entre os judeus. Retirou-se para uma região perto do deserto. Foi para uma cidade chamada Efraim, onde ficou com seus discípulos.

⁵⁵A Páscoa dos judeus estava próxima, e muita gente do campo foi a Jerusalém para purificar-se antes da Páscoa. ⁵⁶Eles procuravam Jesus, e quando se reuniram no Templo, comentavam: “Que é que vocês acham? Será que ele não vem para a festa?” ⁵⁷Os chefes dos sacerdotes e os fariseus tinham baixado uma ordem: quem soubesse onde Jesus estava, devia denunciá-lo, para que eles o pudessem prender. [45-57]

12 *Jesus é ungido para a sepultura* — ¹Seis dias antes da Páscoa, Jesus foi para Betânia, onde morava Lázaro, que ele havia ressuscitado dos mortos. ²Aí ofereceram um jantar para Jesus. Marta servia e Lázaro era um dos que estavam à mesa com Jesus. ³Então Maria levou quase meio litro de perfume de nardo puro e muito caro. Ungiu com ele os pés de Jesus e os enxugou com seus cabelos. A casa inteira se encheu com o perfume. ⁴Judas Iscariotes, um dos discípulos, aquele que ia trair Jesus, disse: ⁵“Por que esse perfume não foi vendido por trezentas moedas de prata, para dar aos pobres?” ⁶Judas disse isso não porque se preocupava com os pobres, mas porque era um ladrão. Ele tomava conta da bolsa comum e roubava do que era depositado nela. ⁷Jesus, porém, disse: “Deixe-a. Ela guardou esse perfume para me ungir no dia do meu sepultamento. ⁸No meio de vocês sempre haverá pobres; ao passo que eu não estarei sempre com vocês.”

⁹Muitos judeus ficaram sabendo que Jesus estava aí em Betânia. Então foram aí não só por causa de Jesus, mas também para verem Lázaro, que Jesus havia ressuscitado dos mortos. ¹⁰Então os chefes dos sacerdotes decidiram matar também Lázaro, ¹¹porque, por causa dele, muitos judeus deixavam seus chefes e acreditavam em Jesus. [12,1-11]

O povo aclama Jesus como rei — ¹²No dia seguinte, a grande multidão que tinha ido para a festa ouviu dizer que Jesus estava chegando a Jerusalém. ¹³Então apanharam ramos de palmeira e saíram ao encontro de Jesus, gritando: “Hosana! Bendito aquele que vem em nome do Senhor, o rei de Israel!” ¹⁴Jesus, encontrando um jumentinho, montou nele, como está dito na Escritura: ¹⁵“Não tenha medo, cidade de Sião. Eis que o seu rei está chegando, montado num jumentinho!”

¹⁶Nesse momento, os discípulos não entenderam o que estava acontecendo. Mas quando Jesus foi glorificado, eles se lembraram que haviam feito com Jesus aquilo que a Escritura dizia. ¹⁷O grupo que estivera presente quando Jesus ressuscitou Lázaro, mandando-o sair do túmulo, dava testemunho do que tinha visto. ¹⁸A multidão ia ao encontro de Jesus, porque sabiam que ele tinha realizado esse sinal. ¹⁹Então os fariseus disseram uns aos outros: “Vejam como vocês não conseguem nada. Todo mundo vai atrás de Jesus!”

A missão do verdadeiro Messias — ²⁰Entre os que tinham ido à festa para adorar a Deus, havia alguns gregos. ²¹Eles se aproximaram de Filipe, que era de Betsaida da Galileia, e disseram: “Senhor, queremos ver Jesus.” ²²Filipe falou com André; e os dois foram falar com Jesus.

²³Jesus respondeu para eles, dizendo: “Chegou a hora em que o Filho do Homem vai ser glorificado. ²⁴Eu garanto a vocês: se o grão de trigo não cai na terra e não morre, fica sozinho. Mas se morre, produz muito fruto. ²⁵Quem tem apego à sua vida, vai perdê-la; quem despreza a sua vida neste mundo, vai conservá-la para a vida eterna. ²⁶Se alguém quer servir a mim, que me siga. E onde eu estiver, aí também estará o meu servo. Se alguém serve a mim, o Pai o honrará. ²⁷Agora estou muito perturbado. E o que vou dizer? Pai, livra-me desta hora? Mas foi precisamente para esta hora que eu vim. ²⁸Pai, manifesta a glória do teu nome!”

Então veio uma voz do céu: “Eu manifestei a glória do meu nome e vou manifestá-la de novo.” ²⁹A multidão que aí estava ouviu a voz e dizia que tinha sido um trovão. Outros diziam: “Foi um anjo que falou com ele.” ³⁰Jesus disse: “Essa voz não falou por causa de mim, mas por causa de vocês. ³¹Agora é o julgamento deste mundo. Agora o príncipe deste mundo vai ser expulso ³²e, quando eu for levantado da terra, atrairei todos a mim.” ³³Jesus assim falava para indicar com que morte ia morrer.

³⁴A multidão disse a Jesus: “A Lei nos diz que o Messias vai permanecer aqui para sempre. Como podes dizer que é preciso que o Filho do Homem seja levantado? Quem é esse Filho do Homem?” ³⁵Jesus respondeu: “A luz ainda estará no meio de vocês por um pouco de tempo. Procurem caminhar enquanto vocês têm a luz, para que as trevas não alcancem vocês. Quem caminha nas trevas não sabe para onde está indo. ³⁶Enquanto vocês têm a luz, acreditem na luz, para que vocês se tornem filhos da luz.” Depois de dizer isso, Jesus foi embora e se escondeu deles. [12-36]

O risco de comprometer-se com Jesus — ³⁷Apesar de Jesus ter realizado na presença deles tantos sinais, não acreditaram nele. ³⁸Assim se cumpriu a palavra dita pelo profeta Isaías: “Senhor, quem acreditou em nossa mensagem? Para quem foi revelada a força do Senhor?” ³⁹O próprio Isaías mostrou a razão pela qual eles não podiam acreditar: ⁴⁰“Deus cegou os olhos deles e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos e não compreendam com o coração, a fim de que não se convertam, e eu tenha que curá-los.” ⁴¹Isaías falou assim porque viu a glória de Jesus e falou a respeito dele. ⁴²Entretanto, até mesmo entre os chefes dos judeus houve quem acreditasse em Jesus. Mas, por causa dos fariseus, não se atreviam a confessar isso em público, para não serem expulsos da sinagoga. ⁴³É que eles preferiam a glória humana à glória que vem de Deus. [37-43]

A palavra de Jesus julga os homens — ⁴⁴Então Jesus disse, gritando: “Quem acredita em mim, não é em mim que acredita, mas naquele que me enviou. ⁴⁵Quem me vê, vê também aquele que me enviou. ⁴⁶Eu vim ao mundo como luz, para que todo aquele que acredita em mim não fique nas trevas. ⁴⁷Eu não condeno quem ouve as minhas palavras e não obedece a elas, porque eu não vim para condenar o mundo, mas para salvar o mundo. ⁴⁸Quem me rejeita e não aceita minhas palavras, já tem o seu juiz: a palavra que eu falei será o seu juiz no último dia. ⁴⁹Porque eu não falei por mim mesmo. O Pai que me enviou, ele é quem me ordenou o que eu devia dizer e falar. ⁵⁰E eu sei que o mandamento dele é vida eterna. Portanto, o que digo, eu o digo conforme o Pai me disse.” [53]

LIVRO DA GLORIFICAÇÃO

O DINAMISMO DA FÉ É O AMOR

13 *Jesus veio para servir* — ¹Antes da festa da Páscoa, Jesus sabia que tinha chegado a sua hora. A hora de passar deste mundo para o Pai. Ele, que tinha amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim. ²Durante a ceia, o diabo já tinha posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, o projeto de trair Jesus. ³Jesus sabia que o Pai tinha colocado tudo em suas mãos. Sabia também que tinha saído de junto de Deus e que estava voltando para Deus.

⁴Então Jesus se levantou da mesa, tirou o manto, pegou uma toalha e amarrou-a na cintura. ⁵Colocou água na bacia e começou a lavar os pés dos discípulos, enxugando com a toalha que tinha na cintura. ⁶Chegou a vez de Simão Pedro. Este disse: “Senhor, tu vais lavar os meus pés?” ⁷Jesus respondeu: “Você agora não sabe o que estou fazendo. Ficarás sabendo mais tarde.” ⁸Pedro disse: “Tu não vais lavar os meus pés nunca!” Jesus respondeu: “Se eu não o lavar, você não terá parte comigo.” ⁹Simão Pedro disse: “Senhor, então podes lavar não só os meus pés, mas até as mãos e a cabeça.” ¹⁰Jesus falou: “Quem já tomou banho, só precisa lavar os pés, porque está todo limpo. Vocês também estão limpos, mas nem todos.” ¹¹Jesus sabia quem o iria trair; por isso é que ele falou: “Nem todos vocês estão limpos.”

Quem segue Jesus deve servir — ¹²Depois de lavar os pés dos discípulos, Jesus vestiu o manto, sentou-se de novo e perguntou: “Vocês compreenderam o que acabei de fazer?” ¹³Vocês dizem que eu sou o Mestre e o Senhor. E vocês têm razão; eu sou mesmo. ¹⁴Pois bem: eu, que sou o Mestre e o Senhor, lavei os seus pés; por isso vocês devem lavar os pés uns dos outros. ¹⁵Eu lhes dei um exemplo: vocês devem fazer a mesma coisa que eu fiz. ¹⁶Eu garanto a vocês: o servo não é maior do que o seu senhor, nem o mensageiro é maior do que aquele que o enviou. ¹⁷Se vocês compreenderam isso, serão felizes se o puserem em prática.” [13,1-17]

Jesus é traído por um discípulo — ¹⁸“Eu não falo de todos vocês. Eu conheço aqueles que escolhi, mas é preciso que se cumpra o que está na Escritura: ‘Aquele que come pão comigo, é o primeiro a me trair!’” ¹⁹Digo isso agora, antes de acontecer, para que, quando acontecer, vocês acreditem que Eu Sou. ²⁰Eu

garanto a vocês: quem recebe aquele que eu envio, está recebendo a mim, e quem me recebe, está recebendo aquele que me enviou.”

²¹Depois de dizer essas coisas, Jesus ficou profundamente comovido e disse com toda a clareza: “Eu garanto que um de vocês vai me trair.”

²²Desconcertados, os discípulos olhavam uns para os outros, pois não sabiam de quem Jesus estava falando. ²³Um deles, aquele que Jesus amava, estava à mesa ao lado de Jesus. ²⁴Simão Pedro fez um sinal para que ele procurasse saber de quem Jesus estava falando. ²⁵Então o discípulo se inclinou sobre o peito de Jesus e perguntou: “Senhor, de quem estás falando?” ²⁶Jesus respondeu: “É aquele a quem vou dar o pedaço de pão que estou umedecendo no molho.” Então Jesus pegou um pedaço de pão, o molhou e o deu para Judas Iscariotes, filho de Simão. ²⁷Nesse momento, depois do pão, Satanás entrou em Judas. Então Jesus lhe disse: “O que você pretende fazer, faça logo.” ²⁸Ninguém aí presente compreendeu por que Jesus disse isso. ²⁹Como Judas era o responsável pela bolsa comum, alguns discípulos pensaram que Jesus o tinha mandado comprar o necessário para a festa ou dar alguma coisa aos pobres. ³⁰Judas pegou o pedaço de pão e saiu imediatamente. Era noite. [18-30]

A expressão de fé em Jesus é o amor — ³¹Quando Judas Iscariotes saiu, Jesus disse: “Agora o Filho do Homem foi glorificado, e também Deus foi glorificado nele. ³²Deus o glorificará em si mesmo e o glorificará logo.

³³Filhinhos: vou ficar com vocês só mais um pouco. Vocês vão me procurar, e eu digo agora a vocês o que eu já disse aos judeus: para onde eu vou, vocês não podem ir. ³⁴Eu dou a vocês um mandamento novo: amem-se uns aos outros. Assim como eu ameí vocês, vocês devem se amar uns aos outros. ³⁵Se vocês tiverem amor uns para com os outros, todos reconhecerão que vocês são meus discípulos.”

³⁶Simão Pedro perguntou: “Senhor, para onde vais?” Jesus respondeu: “Para onde eu vou, você não pode me seguir agora. Você me seguirá mais tarde.”

³⁷Pedro disse: “Senhor, por que não posso seguir-te agora? Eu daria a minha vida por ti.” ³⁸Jesus respondeu: “Você daria a vida por mim? Eu lhe garanto: antes que o galo cante, você me negará três vezes.” [56]

14 ***Jesus é o caminho que leva ao Pai*** — ¹Jesus continuou dizendo: “Não fique perturbado o coração de vocês. Acreditem em Deus e acreditem também em mim. ²Existem muitas moradas na casa de meu Pai. Se não fosse

assim, eu lhes teria dito, porque vou preparar um lugar para vocês. ³E quando eu for e lhes tiver preparado um lugar, voltarei e levarei vocês comigo, para que onde eu estiver, estejam vocês também. ⁴E para onde eu vou, vocês já conhecem o caminho.” ⁵Tomé disse a Jesus: “Senhor, nós não sabemos para onde vais; como podemos conhecer o caminho?” ⁶Jesus respondeu: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim. ⁷Se vocês me conhecem, conhecerão também o meu Pai. Desde agora vocês o conhecem e já o viram.”

⁸Filipe disse a Jesus: “Senhor, mostra-nos o Pai e isso basta para nós.” ⁹Jesus respondeu: “Faz tanto tempo que estou no meio de vocês, e você ainda não me conhece, Filipe? Quem me viu, viu o Pai. Como é que você diz: ‘Mostra-nos o Pai’?” ¹⁰Você não acredita que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que digo a vocês, não as digo por mim mesmo, mas o Pai que permanece em mim, ele é que realiza suas obras. ¹¹Acreditem em mim: eu estou no Pai e o Pai está em mim. Acreditem nisso, ao menos por causa destas obras. ¹²Eu garanto a vocês: quem acredita em mim fará as obras que eu faço e fará maiores do que estas, porque eu vou para o Pai. ¹³O que vocês pedirem em meu nome, eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho. ¹⁴Se vocês pedirem qualquer coisa em meu nome, eu o farei.” [14,1-14]

O Espírito Santo continua a obra de Jesus — ¹⁵“Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos. ¹⁶Então eu pedirei ao Pai, e ele dará a vocês outro Advogado, para que permaneça com vocês para sempre. ¹⁷Ele é o Espírito da Verdade, que o mundo não pode acolher, porque não o vê nem o conhece. Vocês o conhecem, porque ele mora com vocês e estará com vocês.

¹⁸Eu não deixarei vocês órfãos, mas voltarei para vocês. ¹⁹Mais um pouco e o mundo não me verá, mas vocês me verão, porque eu vivo, e também vocês viverão. ²⁰Nesse dia, vocês conhecerão que eu estou em meu Pai, vocês em mim e eu em vocês. ²¹Quem aceita os meus mandamentos e a eles obedece, esse é que me ama. E quem me ama será amado por meu Pai. Eu também o amarei e me manifestarei a ele.”

²²Judas, não o Iscariotes, perguntou: “Senhor, por que vais manifestar-te a nós e não ao mundo?” ²³Jesus respondeu: “Se alguém me ama, guarda a minha palavra, e meu Pai o amará. Eu e meu Pai viremos e faremos nele a nossa morada. ²⁴Quem não me ama não guarda as minhas palavras. E a palavra que vocês ouvem não é minha, mas é a palavra do Pai que me enviou. ²⁵Essas são as

coisas que eu tinha para dizer estando com vocês. ²⁶Mas o Advogado, o Espírito Santo, que o Pai vai enviar em meu nome, ele ensinará a vocês todas as coisas e fará vocês lembrarem tudo o que eu lhes disse.” [15-26]

A paz que só Jesus pode dar — ²⁷“Eu deixo para vocês a paz, eu lhes dou a minha paz. A paz que eu dou para vocês não é a paz que o mundo dá. Não fiquem perturbados, nem tenham medo. ²⁸Vocês ouviram o que eu disse: ‘Eu vou, mas voltarei para vocês’. Se vocês me amassem, ficariam alegres porque eu vou para o Pai, pois o Pai é maior do que eu. ²⁹Eu lhes digo isso agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, vocês acreditem. ³⁰Já não tenho muito tempo para falar com vocês, pois o príncipe deste mundo está chegando. Ele não tem poder sobre mim, ³¹mas vem para que o mundo reconheça que eu amo o Pai, e é por isso que faço tudo o que o Pai me mandou. Levantem-se. Vamos sair daqui.” [27-31]

15 Quem está unido a Jesus produz frutos — ¹“Eu sou a verdadeira videira, e meu Pai é o agricultor. ²Todo ramo que não dá fruto em mim, o Pai o corta. Os ramos que dão fruto, ele os poda para que deem mais fruto ainda. ³Vocês já estão limpos por causa da palavra que eu lhes falei. ⁴Fiquem unidos a mim, e eu ficarei unido a vocês. O ramo que não fica unido à videira não pode dar fruto. Vocês também não poderão dar fruto, se não ficarem unidos a mim. ⁵Eu sou a videira, e vocês são os ramos. Quem fica unido a mim, e eu a ele, dará muito fruto, porque sem mim vocês não podem fazer nada. ⁶Quem não fica unido a mim será jogado fora como um ramo e secará. Esses ramos são ajuntados, jogados no fogo e queimados.” [15,1-6]

O fruto do discípulo é o amor — ⁷“Se vocês ficam unidos a mim e minhas palavras permanecem em vocês, peçam o que quiserem e será concedido a vocês. ⁸A glória de meu Pai se manifesta quando vocês dão muitos frutos e se tornam meus discípulos. ⁹Assim como meu Pai me amou, eu também ameiei vocês: permaneçam no meu amor. ¹⁰Se vocês obedecem aos meus mandamentos, permanecerão no meu amor, assim como eu obedeci aos mandamentos do meu Pai e permaneço no seu amor. ¹¹Eu disse isso a vocês para que minha alegria esteja em vocês, e a alegria de vocês seja completa.

¹²O meu mandamento é este: amem-se uns aos outros, assim como eu ameiei vocês. ¹³Não existe amor maior do que dar a vida pelos amigos. ¹⁴Vocês são meus amigos, se fizerem o que eu estou mandando. ¹⁵Eu já não chamo vocês de

empregados, pois o empregado não sabe o que seu patrão faz; eu chamo vocês de amigos, porque eu comuniquei a vocês tudo o que ouvi de meu Pai. ¹⁶Não foram vocês que me escolheram, mas fui eu que escolhi vocês. Eu os destinei para ir e dar fruto, e para que o fruto de vocês permaneça. O Pai dará a vocês qualquer coisa que vocês pedirem em meu nome. ¹⁷O que eu mando é isto: amem-se uns aos outros.” [7-17]

As testemunhas de Jesus e o ódio do mundo — ¹⁸“Se o mundo odiar vocês, saibam que odiou primeiro a mim. ¹⁹Se vocês fossem do mundo, o mundo amaria o que é dele. Mas o mundo odiará vocês, porque vocês não são do mundo, pois eu escolhi vocês e os tirei do mundo. ²⁰Lembrem-se do que eu disse: nenhum servo é maior do que seu senhor. Se perseguiram a mim, vão perseguir vocês também; se guardaram a minha palavra, vão guardar também a palavra de vocês. ²¹Farão isso a vocês por causa de meu nome, pois não reconhecem aquele que me enviou.

²²Se eu não tivesse vindo e não tivesse falado para eles, eles não seriam culpados de pecado. Mas agora eles não têm nenhuma desculpa do seu próprio pecado. ²³Quem me odeia, odeia também a meu Pai. ²⁴Se eu não tivesse feito no meio deles obras como nenhum outro fez, eles não seriam culpados de pecado. Mas eles viram o que eu fiz, e apesar disso odiaram a mim e a meu Pai. ²⁵Desse modo se realiza o que está escrito na Lei deles: ‘Odiaram-me sem motivo’.

²⁶O Advogado, que eu mandarei para vocês de junto do Pai, é o Espírito da Verdade que procede do Pai. Quando ele vier, dará testemunho de mim. ²⁷Vocês também darão testemunho de mim, porque vocês estão comigo desde o começo.” [18-27]

16 ***Os discípulos não devem se acovardar*** — ¹“Eu disse tudo isso para que vocês não se acovardem. ²Expulsarão vocês das sinagogas. E vai chegar a hora em que alguém, ao matar vocês, pensará que está oferecendo um sacrifício a Deus. ³Eles farão assim porque não conhecem o Pai nem a mim. ⁴Eu disse tudo isso para que, quando chegar a hora, vocês se lembrem do que eu disse.” [16,1-4a]

O Espírito vai desmascarar o mundo — “Eu não lhes disse tudo isso desde o começo, porque eu estava com vocês. ⁵Mas agora eu vou para aquele que me enviou. E ninguém de vocês pergunta para onde eu vou? ⁶Mas porque eu lhes disse essas coisas, a tristeza encheu o coração de vocês. ⁷Entretanto, eu lhes digo

a verdade: é melhor para vocês que eu vá embora, porque, se eu não for, o Advogado não virá para vocês. Mas se eu for, eu o enviarei.

⁸Quando o Advogado vier, ele vai desmascarar o mundo, mostrando quem é pecador, quem é o Justo e quem é o condenado. ⁹Quem é pecador? Aqueles que não acreditaram em mim. ¹⁰Quem é o Justo? Sou eu. Mas vocês não me verão mais, porque eu vou para o Pai. ¹¹Quem é o condenado? É o príncipe deste mundo, que já foi condenado.”

O Espírito vai guiar o testemunho dos discípulos — ¹²“Ainda tenho muitas coisas para dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar. ¹³Quando vier o Espírito da Verdade, ele encaminhará vocês para toda a verdade, porque o Espírito não falará em seu próprio nome, mas dirá o que escutou e anunciará para vocês as coisas que vão acontecer. ¹⁴O Espírito da Verdade manifestará a minha glória, porque ele vai receber daquilo que é meu, e o interpretará para vocês. ¹⁵Tudo o que pertence ao Pai, é meu também. Por isso é que eu disse: o Espírito vai receber daquilo que é meu, e o interpretará para vocês.” [\[4b-15\]](#)

A angústia se transformará em alegria — ¹⁶“Daqui a pouco vocês não me verão mais, porém, mais um pouco, e me tornarão a ver.” ¹⁷Alguns discípulos comentaram: “O que ele quer dizer com isso: ‘daqui a pouco vocês não me verão mais, porém, mais um pouco, e me tornarão a ver’? E ainda: ‘eu vou para o Pai’?” ¹⁸E diziam: “Que significa esse ‘um pouco’? Não compreendemos o que ele quer dizer.”

¹⁹Jesus percebeu que eles queriam fazer perguntas. E disse: “Vocês estão discutindo porque eu falei: ‘Daqui a pouco vocês não me verão mais, porém, mais um pouco, e me tornarão a ver’? ²⁰Eu lhes garanto: vocês vão gemer e se lamentar, enquanto o mundo vai se alegrar. Vocês ficarão angustiados, mas a angústia de vocês se transformará em alegria. ²¹Quando a mulher está para dar à luz, sente angústia, porque chegou a sua hora. Mas quando a criança nasce, ela nem se lembra mais da aflição, porque fica alegre por ter posto um homem no mundo. ²²Agora, vocês também estão angustiados. Mas quando tornarem a me ver, vocês ficarão alegres, e essa alegria ninguém tirará de vocês. ²³Nesse dia, vocês não me farão mais perguntas. Eu garanto a vocês: se pedirem alguma coisa a meu Pai em meu nome, ele a concederá. ²⁴Até agora vocês não pediram nada em meu nome: peçam e receberão, para que a alegria de vocês seja completa.” [\[16-24\]](#)

A vitória sobre o mundo — ²⁵“Até agora falei para vocês através de comparações. Está chegando a hora em que não falarei mais através de comparações, mas falarei a vocês claramente a respeito do Pai. ²⁶Nesse dia vocês pedirão em meu nome e não será necessário que eu os recomende ao Pai, ²⁷pois o próprio Pai ama vocês, porque vocês me amaram e acreditaram que eu saí de junto de Deus. ²⁸Eu saí de junto do Pai e vim ao mundo; agora deixo o mundo e volto para o Pai.” ²⁹Os discípulos disseram: “Agora estás falando claramente e sem comparações. ³⁰Agora sabemos que tu sabes todas as coisas, e que é inútil alguém te fazer perguntas. Agora sim, acreditamos que saíste de junto de Deus.” ³¹Jesus disse: “Agora vocês acreditam? ³²Vem a hora, e já chegou, em que vocês se espalharão, cada um para o seu lado, e me deixarão sozinho. Mas eu não estou sozinho, pois o Pai está comigo. ³³Eu disse essas coisas para que vocês tenham a minha paz. Neste mundo vocês terão aflições, mas tenham coragem; eu venci o mundo.” [25-33]

17 ***O que é a vida eterna?*** — ¹Depois de falar essas coisas, Jesus ergueu os olhos ao céu e disse: “Pai, chegou a hora. Glorifica o teu Filho, para que o Filho glorifique a ti, ²pois lhe deste poder sobre todos os homens, para que ele dê vida eterna a todos aqueles que lhe deste. ³Ora, a vida eterna é esta: que eles conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que tu enviaste, Jesus Cristo.

⁴Eu te glorifiquei na terra, completei a obra que me deste para fazer. ⁵E agora, Pai, glorifica-me junto a ti, com a glória que eu tinha junto de ti antes que o mundo existisse.” [17,1-5]

Os discípulos de Jesus rompem com o mundo — ⁶“Eu manifestei o teu nome aos homens que me deste do meio do mundo. Eles eram teus e tu os deste a mim, e eles guardaram a tua palavra. ⁷Agora eles conhecem que tudo o que me deste provém de ti, ⁸e que as palavras que eu lhes dei são aquelas que tu me deste. Eles as receberam e conheceram verdadeiramente que eu saí de junto de ti, e acreditaram que tu me enviaste. ⁹Eu peço por eles. Não peço pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus. ¹⁰E tudo o que é meu é teu, e tudo o que é teu é meu, e assim sou glorificado neles. ¹¹Eu já não estou no mundo. Eles permanecem no mundo, enquanto eu vou para junto de ti.

Pai santo, guarda-os em teu nome, o nome que tu me deste, para que eles sejam um, assim como nós somos um. ¹²Quando eu estava com eles, eu os guardava em teu nome, o nome que tu me deste. Eu os protegi e nenhum deles se perdeu, a

não ser o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura. ¹³ Agora eu vou para junto de ti. Entretanto, continuo a dizer essas coisas neste mundo, para que eles possuam toda a minha alegria. ¹⁴ Eu dei a eles a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não pertencem ao mundo, como eu não pertenço ao mundo.

¹⁵ Não te peço para tirá-los do mundo, mas para guardá-los do Maligno. ¹⁶ Eles não pertencem ao mundo, como eu não pertenço ao mundo. ¹⁷ Consagra-os com a verdade: a verdade é a tua palavra. ¹⁸ Assim como tu me enviaste ao mundo, eu também os enviei ao mundo. ¹⁹ Em favor deles eu me consagro, a fim de que também eles sejam consagrados com a verdade.” [6-19]

A unidade no amor — ²⁰ “Eu não te peço só por estes, mas também por aqueles que vão acreditar em mim por causa da palavra deles, ²¹ para que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti. E para que também eles estejam em nós, a fim de que o mundo acredite que tu me enviaste. ²² Eu mesmo dei a eles a glória que tu me deste, para que eles sejam um, como nós somos um. ²³ Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade, e para que o mundo reconheça que tu me enviaste e que os amaste, como amaste a mim.

²⁴ Pai, aqueles que tu me deste, eu quero que eles estejam comigo onde eu estiver, para que eles contemplem a minha glória que tu me deste, pois me amaste antes da criação do mundo.

²⁵ Pai justo, o mundo não te reconheceu, mas eu te reconheci. Estes também reconheceram que tu me enviaste. ²⁶ E eu tornei o teu nome conhecido para eles. E continuarei a torná-lo conhecido, para que o amor com que me amaste esteja neles, e eu mesmo esteja neles.” [20-26]

18 Jesus se entrega livremente — ¹ Tendo dito isso, Jesus saiu com seus discípulos e foi para o outro lado do riacho do Cedron, onde havia um jardim. Ele entrou no jardim com os discípulos. ² Jesus já tinha se reunido aí muitas vezes com seus discípulos. Por isso, Judas, que estava traindo Jesus, também conhecia o lugar. ³ Judas arrumou uma tropa e alguns guardas dos chefes dos sacerdotes e fariseus e chegou ao jardim com lanternas, tochas e armas.

⁴ Então Jesus, sabendo tudo o que lhe ia acontecer, saiu e perguntou a eles: “Quem é que vocês estão procurando?” ⁵ Eles responderam: “Jesus de Nazaré.” Jesus disse: “Sou eu.” Judas, que estava traindo Jesus, também estava com eles. ⁶ Quando Jesus disse: “Sou eu”, eles recuaram e caíram no chão. ⁷ Então Jesus

perguntou de novo: “Quem é que vocês estão procurando?” Eles responderam: “Jesus de Nazaré.” ⁸Jesus falou: “Já lhes disse que sou eu. Se vocês estão me procurando, deixem os outros ir embora.” ⁹Era para se cumprir a Escritura que diz: “Não perdi nenhum daqueles que me deste.”

¹⁰Simão Pedro tinha uma espada. Desembainhou a espada e feriu o empregado do sumo sacerdote, decepando-lhe a orelha direita. O nome do empregado era Malco. ¹¹Mas Jesus disse a Pedro: “Guarde a espada na bainha. Por acaso não vou beber o cálice que o Pai me deu?” ¹²Então a tropa, o comandante e os guardas das autoridades dos judeus prenderam e amarraram Jesus. ¹³A primeira coisa que fizeram foi levar Jesus até Anás, que era sogro de Caifás, sumo sacerdote naquele ano. ¹⁴Caifás é aquele que tinha dado um conselho aos judeus: “É preciso que um homem morra pelo povo.” [18,1-14]

Pedro nega ser discípulo — ¹⁵Simão Pedro e o outro discípulo seguiam Jesus. Esse discípulo era conhecido do sumo sacerdote, e entrou com Jesus no pátio do sumo sacerdote. ¹⁶Mas Pedro ficou fora, perto da porta. Então o outro discípulo, que era conhecido do sumo sacerdote, saiu, conversou com a porteira e levou Pedro para dentro. ¹⁷A empregada, que tomava conta da porta, perguntou a Pedro: “Você não é também um dos discípulos desse homem?” Pedro disse: “Eu não.” ¹⁸Os empregados e os guardas estavam fazendo uma fogueira para se esquentar, porque fazia frio. Pedro ficou se esquentando junto com eles.

Testemunho de Jesus diante do poder religioso — ¹⁹Então o sumo sacerdote interrogou Jesus a respeito dos seus discípulos e do seu ensinamento. ²⁰E Jesus respondeu: “Eu falei às claras para o mundo. Eu sempre ensinei nas sinagogas e no Templo, onde todos os judeus se reúnem. Não falei nada escondido. ²¹Por que você me interroga? Pergunte aos que ouviram o que eu lhes falei. Eles sabem o que eu disse.” ²²Quando Jesus falou isso, um dos guardas que estavam aí deu uma bofetada em Jesus e disse: “É assim que respondes ao sumo sacerdote?” ²³Jesus respondeu: “Se falei mal, mostre o que há de mal. Mas se falei bem, por que você bate em mim?” ²⁴Então Anás mandou Jesus amarrado para o sumo sacerdote Caifás.

Pedro confirma sua negação — ²⁵Simão Pedro ainda estava lá fora se esquentando. Perguntaram a ele: “Você também não é um dos discípulos dele?” Pedro negou: “Eu não.” ²⁶Então um dos empregados do sumo sacerdote, parente daquele a quem Pedro tinha decepado a orelha, disse: “Por acaso eu não vi você

no jardim com ele?” ²⁷Pedro negou de novo. E, na mesma hora, o galo cantou. [15-27]

Jesus entregue ao poder romano — ²⁸De Caifás levaram Jesus para o palácio do governador. Era de manhã. Mas eles não entraram no palácio, pois não queriam ficar impuros, para poderem comer a ceia pascal. ²⁹Então Pilatos saiu para fora e conversou com eles: “Que acusação vocês apresentam contra esse homem?” ³⁰Eles responderam: “Se ele não fosse malfeitor, não o teríamos trazido até aqui.” ³¹Pilatos disse: “Encarreguem-se vocês mesmos de julgá-lo, conforme a lei de vocês.” Os judeus responderam: “Não temos permissão de condenar ninguém à morte.” ³²Era para se cumprir o que Jesus tinha dito, significando o tipo de morte com que ele deveria morrer. [28-32]

A realeza de Jesus — ³³Então Pilatos entrou de novo no palácio. Chamou Jesus e perguntou: “Tu és o rei dos judeus?” ³⁴Jesus respondeu: “Você diz isso por si mesmo, ou foram outros que lhe disseram isso a meu respeito?” ³⁵Pilatos falou: “Por acaso eu sou judeu? O teu povo e os chefes dos sacerdotes te entregaram a mim. O que fizeste?” ³⁶Jesus respondeu: “O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus guardas lutariam para que eu não fosse entregue às autoridades dos judeus. Mas agora o meu reino não é daqui.” ³⁷Pilatos disse a Jesus: “Então tu és rei?” Jesus respondeu: “Você está dizendo que eu sou rei. Eu nasci e vim ao mundo para dar testemunho da verdade. Todo aquele que está com a verdade ouve a minha voz.” ³⁸Pilatos disse: “O que é a verdade?” [33-38a]

A opção pela violência — Ao dizer isso, Pilatos saiu ao encontro das autoridades dos judeus, e disselhes: “Eu não encontro nele nenhum motivo de condenação. ³⁹Contudo, existe um costume entre vocês: que eu lhes solte alguém na Páscoa. Vocês querem que eu lhes solte o rei dos judeus?” ⁴⁰Então eles começaram a gritar de novo: “Ele não. Solte Barrabás.” Barrabás era um bandido. [38b-40]

19 *A realeza do mundo é caçada* — ¹Então Pilatos pegou Jesus e o mandou flagelar. ²Os soldados trançaram uma coroa de espinhos e a colocaram na cabeça de Jesus. Vestiram Jesus com um manto vermelho. ³Aproximavam-se dele e diziam: “Salve, rei dos judeus!” E lhe davam bofetadas. [19,1-3]

Jesus é o Homem, Filho de Deus — ⁴Pilatos saiu de novo e disse: “Vejam. Eu

vou mandar trazer aqui fora o homem, para que vocês saibam que não encontro nenhuma culpa nele.” ⁵Então Jesus foi para fora. Levava a coroa de espinhos e o manto vermelho. Pilatos disselhes: “Eis o homem!” ⁶Vendo Jesus, os chefes dos sacerdotes e os guardas começaram a gritar: “Crucifique. Crucifique.” Pilatos disselhes: “Encarreguem-se vocês mesmos de crucificá-lo, pois eu não encontro nenhum crime nele.” ⁷Os judeus responderam: “Nós temos uma lei, e segundo a lei ele deve morrer, porque se fez Filho de Deus.” ⁸Quando ouviu essas palavras, Pilatos ficou com mais medo ainda. [4-8]

Só Deus tem autoridade — ⁹Pilatos entrou outra vez no palácio e perguntou a Jesus: “De onde és tu?” Mas Jesus ficou calado. ¹⁰Então Pilatos perguntou: “Não me respondes? Não sabes que tenho autoridade para te soltar e autoridade para te crucificar?” ¹¹Jesus respondeu: “Você não teria nenhuma autoridade sobre mim, se ela não lhe fosse dada por Deus. Por isso, aquele que me entregou a você, tem pecado maior.” ¹²Por causa disso, Pilatos se esforçava para soltar Jesus. [9-12a]

Jesus é o supremo juiz — Mas os judeus gritavam: “Se você soltar esse homem, você não é amigo de César. Todo aquele que pretende ser rei, se coloca contra César.” ¹³Ouvindo essas palavras, Pilatos levou Jesus para fora. Fez que Jesus se sentasse numa cadeira de juiz, no lugar chamado “Pavimento”, que em hebraico se diz “Gábata.” ¹⁴Era véspera da Páscoa, por volta do meio-dia. Pilatos disse aos judeus: “Aqui está o rei de vocês.” ¹⁵Eles começaram a gritar: “Fora! Fora! Crucifique.” Pilatos perguntou: “Mas eu vou crucificar o rei de vocês?” Os chefes dos sacerdotes responderam: “Não temos outro rei além de César.” ¹⁶Então, finalmente, Pilatos entregou Jesus a eles para que fosse crucificado. [12b-16a]

O crucificado — Eles levaram Jesus. ¹⁷Jesus carregou a cruz nas costas e saiu para um lugar chamado “Lugar da Caveira”, que em hebraico se diz “Gólgota.” ¹⁸E aí crucificaram Jesus com outros dois homens, um de cada lado, e Jesus no meio. [16b-18]

Jesus é o Rei universal — ¹⁹Pilatos mandou também escrever um letreiro e colocou-o na cruz. Estava escrito: JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS. ²⁰Muitos judeus puderam ver o letreiro, porque o lugar em que Jesus foi crucificado ficava perto da cidade. O letreiro estava escrito em hebraico, latim e grego. ²¹Então os chefes dos sacerdotes dos judeus disseram a Pilatos: “Não

deixe escrito: ‘O rei dos judeus’, mas coloque: ‘Este homem disse: Eu sou rei dos judeus.’ ” ²² Mas Pilatos respondeu: “O que escrevi está escrito.” [19-22]

A comunidade de Jesus é universal — ²³ Quando crucificaram Jesus, os soldados repartiram as roupas dele em quatro partes. Uma parte para cada soldado. Deixaram de lado a túnica. Era uma túnica sem costura, feita de uma peça única, de cima até em baixo. ²⁴ Então eles combinaram: “Não vamos repartir a túnica. Vamos tirar a sorte, para ver com quem fica.” Isso era para se cumprir a Escritura que diz: “Repartiram minha roupa e sortearam minha túnica.” E foi assim que os soldados fizeram. [23-24]

A relação entre Israel e a comunidade de Jesus — ²⁵ A mãe de Jesus, a irmã da mãe dele, Maria de Cléofas, e Maria Madalena estavam junto à cruz. ²⁶ Jesus viu a mãe e, ao lado dela, o discípulo que ele amava. Então disse à mãe: “Mulher, eis aí o seu filho.” ²⁷ Depois disse ao discípulo: “Eis aí a sua mãe.” E dessa hora em diante, o discípulo a recebeu em sua casa. [25-27]

Jesus amou até o fim — ²⁸ Depois disso, sabendo que tudo estava realizado, para que se cumprisse a Escritura, Jesus disse: “Tenho sede.” ²⁹ Havia aí uma jarra cheia de vinagre. Amarraram uma esponja ensopada de vinagre numa vara, e aproximaram a esponja da boca de Jesus. ³⁰ Ele tomou o vinagre e disse: “Tudo está realizado.” E, inclinando a cabeça, entregou o espírito. [28-30]

A morte de Jesus é o maior sinal de vida — ³¹ Era dia de preparativos para a Páscoa. Os judeus queriam evitar que os corpos ficassem na cruz durante o sábado, porque esse sábado era muito solene para eles. Então pediram que Pilatos mandasse quebrar as pernas dos crucificados e os tirasse da cruz. ³² Os soldados foram e quebraram as pernas de um e depois do outro, que estavam crucificados com Jesus. ³³ E se aproximaram de Jesus. Vendo que já estava morto, não lhe quebraram as pernas, ³⁴ mas um soldado lhe atravessou o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água.

³⁵ E aquele que viu dá testemunho, e o seu testemunho é verdadeiro. E ele sabe que diz a verdade, para que também vocês acreditem.

³⁶ Aconteceu isso para se cumprir a Escritura que diz: “Não quebraram nenhum osso dele.” ³⁷ E outra passagem que diz: “Olharão para aquele que transpassaram.” [31-37]

O sepultamento de Jesus — ³⁸ José de Arimateia era discípulo de Jesus, mas às

escondidas, porque ele tinha medo das autoridades dos judeus. Depois disso, ele foi pedir a Pilatos para retirar o corpo de Jesus. Pilatos deu a autorização. Então ele foi e retirou o corpo de Jesus. ³⁹Nicodemos também foi. Nicodemos era aquele que antes tinha ido de noite encontrar-se com Jesus. Levou mais de trinta quilos de uma mistura de mirra e resina perfumada. ⁴⁰Então eles pegaram o corpo de Jesus e o enrolaram com panos de linho junto com os perfumes, do jeito que os judeus costumam sepultar.

⁴¹No lugar onde Jesus fora crucificado havia um jardim, onde estava um túmulo, em que ninguém ainda tinha sido sepultado. ⁴²Então, por causa do dia de preparativos para a Páscoa e porque o túmulo estava perto, lá colocaram Jesus. [38-42]

20 *Jesus não está morto* — ¹No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo de Jesus bem de madrugada, quando ainda estava escuro. Ela viu que a pedra tinha sido retirada do túmulo. ²Então saiu correndo e foi encontrar Simão Pedro e o outro discípulo que Jesus amava. E disse para eles: “Tiraram do túmulo o Senhor, e não sabemos onde o colocaram.”

³Então Pedro e o outro discípulo saíram e foram ao túmulo. ⁴Os dois corriam juntos. Mas o outro discípulo correu mais depressa do que Pedro, e chegou primeiro ao túmulo. ⁵Inclinando-se, viu os panos de linho no chão, mas não entrou. ⁶Então Pedro, que vinha correndo atrás, chegou também e entrou no túmulo. Viu os panos de linho estendidos no chão ⁷e o sudário que tinha sido usado para cobrir a cabeça de Jesus. Mas o sudário não estava com os panos de linho no chão; estava enrolado num lugar à parte.

⁸Então o outro discípulo, que tinha chegado primeiro ao túmulo, entrou também. Ele viu e acreditou. ⁹De fato, eles ainda não tinham compreendido a Escritura que diz: “Ele deve ressuscitar dos mortos.” ¹⁰Os discípulos, então, voltaram para casa. [20,1-10]

Jesus ressuscitado é descoberto pela fé — ¹¹Maria tinha ficado fora, chorando junto ao túmulo. Enquanto ainda chorava, inclinou-se e olhou para dentro do túmulo. ¹²Viu então dois anjos vestidos de branco, sentados onde o corpo de Jesus tinha sido colocado, um na cabeceira e outro nos pés. ¹³Então os anjos perguntaram: “Mulher, por que você está chorando?” Ela respondeu: “Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o colocaram.”

¹⁴Depois de dizer isso, Maria virou-se e viu Jesus de pé; mas não sabia que era

Jesus. ¹⁵E Jesus perguntou: “Mulher, por que você está chorando? Quem é que você está procurando?” Maria pensou que fosse o jardineiro, e disse: “Se foi o senhor que levou Jesus, diga-me onde o colocou, e eu irei buscá-lo.” ¹⁶Então Jesus disse: “Maria.” Ela virou-se e exclamou em hebraico: “Rabuni!” (que quer dizer: Mestre). ¹⁷Jesus disse: “Não me segure, porque ainda não voltei para o Pai. Mas vá dizer aos meus irmãos: ‘Subo para junto do meu Pai, que é Pai de vocês, do meu Deus, que é o Deus de vocês.’ ” ¹⁸Então Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos: “Eu vi o Senhor.” E contou o que Jesus tinha dito. [11-18]

Jesus ressuscitado está vivo na comunidade — ¹⁹Era o primeiro dia da semana. Ao anoitecer desse dia, estando fechadas as portas do lugar onde se achavam os discípulos por medo das autoridades dos judeus, Jesus entrou. Ficou no meio deles e disse: “A paz esteja com vocês.” ²⁰Dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Então os discípulos ficaram contentes por ver o Senhor.

²¹Jesus disse de novo para eles: “A paz esteja com vocês. Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês.” ²²Tendo falado isso, Jesus soprou sobre eles, dizendo: “Recebam o Espírito Santo. ²³Os pecados daqueles que vocês perdoarem, serão perdoados. Os pecados daqueles que vocês não perdoarem, não serão perdoados.” [19-23]

A comunidade é testemunha de Jesus ressuscitado — ²⁴Tomé, chamado Gêmeo, que era um dos Doze, não estava com eles quando Jesus veio. ²⁵Os outros discípulos disseram para ele: “Nós vimos o Senhor.” Tomé disse: “Se eu não vir a marca dos pregos nas mãos de Jesus, se eu não colocar o meu dedo na marca dos pregos, e se eu não colocar a minha mão no lado dele, eu não acreditarei.”

²⁶Uma semana depois, os discípulos estavam reunidos de novo. Dessa vez, Tomé estava com eles. Estando fechadas as portas, Jesus entrou. Ficou no meio deles e disse: “A paz esteja com vocês.” ²⁷Depois disse a Tomé: “Estenda aqui o seu dedo e veja as minhas mãos. Estenda a sua mão e toque o meu lado. Não seja incrédulo, mas tenha fé.” ²⁸Tomé respondeu a Jesus: “Meu Senhor e meu Deus!” ²⁹Jesus disse: “Você acreditou porque viu? Felizes os que acreditaram sem ter visto.” [24-29]

Para que João escreveu este evangelho? — ³⁰Jesus realizou diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. ³¹Estes sinais

foram escritos para que vocês acreditem que Jesus é o Messias, o Filho de Deus.
E para que, acreditando, vocês tenham vida em seu nome. [\[30-31\]](#)

APÊNDICE

21 *A missão da comunidade* — ¹Jesus apareceu aos discípulos na margem do mar de Tiberíades. E apareceu deste modo: ²Estavam juntos Simão Pedro, Tomé chamado Gêmeo, Natanael de Caná da Galileia, os filhos de Zebedeu e outros dois discípulos de Jesus. ³Simão Pedro disse: “Eu vou pescar.” Eles disseram: “Nós também vamos.” Saíram e entraram na barca. Mas naquela noite não pescaram nada.

⁴Quando amanheceu, Jesus estava na margem. Mas os discípulos não sabiam que era Jesus. ⁵Então Jesus disse: “Rapazes, vocês têm alguma coisa para comer?” Eles responderam: “Não.” ⁶Então Jesus falou: “Joguem a rede do lado direito da barca, e vocês acharão peixe.” Eles jogaram a rede e não conseguiam puxá-la para fora, de tanto peixe que pegaram. ⁷Então o discípulo que Jesus amava disse a Pedro: “É o Senhor.” Simão Pedro, ouvindo dizer que era o Senhor, vestiu a roupa, pois estava nu, e pulou dentro d’água.

⁸Os outros discípulos foram na barca, que estava a uns cem metros da margem. Eles arrastavam a rede com os peixes. ⁹Logo que pisaram em terra firme, viram um peixe na brasa e pão. ¹⁰Jesus disse: “Tragam alguns peixes que vocês acabaram de pescar.” ¹¹Então Simão Pedro subiu na barca e arrastou a rede para a praia. Estava cheia de cento e cinquenta e três peixes grandes. Apesar de tantos peixes, a rede não arrebentou.

¹²Jesus disse para eles: “Vamos, comam.” Nenhum dos discípulos se atrevia a perguntar quem era ele, pois sabiam que era o Senhor. ¹³Jesus se aproximou, tomou o pão e distribuiu para eles. Fez a mesma coisa com o peixe.

¹⁴Essa foi a terceira vez que Jesus, ressuscitado dos mortos, apareceu aos discípulos. [21,1-14]

Para dirigir a comunidade é preciso amar — ¹⁵Depois de comerem, Jesus perguntou a Simão Pedro: “Simão, filho de João, você me ama mais do que estes outros?” Pedro respondeu: “Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo.” Jesus disse: “Cuide dos meus cordeiros.” ¹⁶Jesus perguntou de novo a Pedro: “Simão, filho de João, você me ama?” Pedro respondeu: “Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo.” Jesus disse: “Tome conta das minhas ovelhas.” ¹⁷Pela terceira vez Jesus perguntou a Pedro: “Simão, filho de João, você me ama?” Então Pedro ficou triste, porque Jesus perguntou três vezes se ele o amava. Disse a Jesus: “Senhor,

tu conheces tudo, e sabes que eu te amo.” Jesus disse: “Cuide das minhas ovelhas. ¹⁸Eu garanto a você: quando você era mais moço, você colocava o cinto e ia para onde queria. Quando você ficar mais velho, estenderá as suas mãos, e outro colocará o cinto em você e o levará para onde você não quer ir.” ¹⁹Jesus falou isso aludindo ao tipo de morte com que Pedro iria glorificar a Deus. E Jesus acrescentou: “Siga-me.”

O testemunho continua sempre — ²⁰Pedro virou-se e viu atrás de si aquele outro discípulo que Jesus amava, o mesmo que estivera bem perto de Jesus durante a ceia e que havia perguntado: “Senhor, quem é que vai trair-te?” ²¹Quando Pedro viu aquele discípulo, perguntou a Jesus: “Senhor, o que vai acontecer a ele?” ²²Jesus respondeu: “Se eu quero que ele viva até que eu venha, o que é que você tem com isso? Quanto a você, siga-me.”

²³Então correu a notícia entre os irmãos de que aquele discípulo não iria morrer. Porém Jesus não disse que ele não ia morrer, mas disse: “Se eu quero que ele viva até que eu venha, o que é que você tem com isso?” [15-23]

O Evangelho é testemunho — ²⁴Este é o discípulo que deu testemunho dessas coisas e que as escreveu. E nós sabemos que o seu testemunho é verdadeiro.

²⁵Jesus fez ainda muitas outras coisas. Se fossem escritas uma por uma, penso que não caberiam no mundo os livros que seriam escritos. [24-25]

NOTAS

[1,1-18] O Prólogo de João lembra a introdução do Gênesis (1,1-31; 2,1-4a). No *começo*, antes da criação, o Filho de Deus já existia em Deus, voltado para o Pai: estava em Deus, como a Expressão de Deus, eterna e invisível. O Filho é a Imagem do Pai, e o Pai se vê totalmente no Filho, ambos num eterno diálogo e mútua comunicação.

A Palavra é a Sabedoria de Deus vislumbrada nas maravilhas do mundo e no desenrolar da história, de modo que, em todos os tempos, os homens sempre tiveram e têm algum conhecimento dela.

Jesus, Palavra de Deus, é a luz que ilumina a consciência de todo homem. Mas para onde nos conduziria essa luz? A Bíblia toda afirma que Deus é *amor e*

fidelidade. Levado pelo seu imenso amor e fiel às suas promessas, Deus quis introduzir os homens onde jamais teriam pensado: partilhar a própria vida e felicidade de Deus. E para isso a Palavra se *fez homem* e veio à *sua própria casa*, neste seu mundo.

A humanidade já não está condenada a caminhar cegamente, guiando-se por pequenas luzes no meio das trevas, por pequenas manifestações de Deus, mas pelo próprio Jesus, Manifestação total de Deus. Com efeito, Jesus Cristo, que é a luz, veio para tornar filhos de Deus todos os homens. Um só é o Filho, porém, todos podem tornar-se bem mais do que filhos adotivos: nasceram de Deus.

Deus tinha dado uma lei por meio de Moisés. E todos os judeus achavam que essa lei era o maior presente de Deus. Na realidade, era bem mais o que Deus tinha reservado para todos. Porque Jesus, o Deus Filho, o verdadeiro e total Dom do Pai, é o único que pode falar de Deus Pai, porque comunica o amor e a fidelidade do Deus que dá a vida aos homens.

[19-28] Quando João Batista começou a pregação, os judeus estavam esperando o Messias, que iria libertá-los da miséria e da dominação estrangeira. João anunciava que a chegada do Messias estava próxima e pedia a adesão do povo, selando-a com o batismo. As autoridades religiosas estavam preocupadas e mandaram investigar se João pretendia ser ele o Messias. João nega ser o Messias, denuncia a culpa das autoridades, e dá uma notícia inquietante: o Messias já está presente a fim de inaugurar uma nova era para o povo.

Messias é o nome que os judeus davam ao Salvador esperado. Também o chamavam o Profeta. E, conforme se acreditava, antes de sua vinda deveria reaparecer o profeta Elias.

João Batista é a testemunha que tem como função preparar o caminho para os homens chegarem até Jesus. Ora, a testemunha deve ser sincera, e não querer o lugar da pessoa que ela está testemunhando.

[29-34] No idioma dos judeus, a mesma palavra pode significar servo e cordeiro. Jesus é o Servo de Deus, anunciado pelos profetas, aquele que devia sacrificar-se pelos seus irmãos. Também é o verdadeiro Cordeiro, que substitui o cordeiro pascal. João Batista, chamando Jesus de Cordeiro, mostra que ele é o Messias que vem tirar a humanidade da escravidão em que se encontra e conduzi-la a uma vida na liberdade.

[35-51] João descreve os sete dias da nova criação. No primeiro dia, João Batista afirma: “No meio de vocês existe alguém que vocês não conhecem.” Nos dias seguintes vemos como João Batista, João, André, Simão, Filipe e Natanael

descobrem a Jesus. É sempre uma testemunha que aponta Jesus para outra. O último dia será o casamento em Caná, onde Jesus manifestará a sua glória.

“O que vocês estão procurando?” São estas as primeiras palavras de Jesus neste evangelho. Essa pergunta, ele a faz a todos os homens. Nós queremos saber quem é Jesus, e ele nos pergunta sobre o que buscamos na vida.

Os homens que encontraram Jesus começaram a conviver com ele. E no decorrer do tempo vão descobrindo que ele é o *Mestre*, o *Messias*, o *Filho de Deus*. O mesmo acontece conosco: enquanto caminhamos com Cristo, vamos progredindo no conhecimento a respeito dele.

João Batista era apenas testemunha de Jesus, a quem tudo se deve dirigir. João sabia disso; por isso convida seus próprios discípulos para que se dirijam a Jesus. E os dois primeiros vão buscar outros. É desse mesmo modo que nós encontramos a Jesus: porque outra pessoa nos falou dele ou nos comprometeu numa tarefa apostólica.

Jesus sempre reconhece aqueles que o Pai coloca em seu caminho. Ele reconhece Natanael debaixo da figueira e também Simão, escolhido para ser a primeira Pedra da Igreja.

Vereis o céu aberto: No sonho de Jacó, os anjos subiam e desciam por uma escada que ligava a terra ao céu (leia Gn 28,10-22). Doravante é Jesus, o Filho do Homem, a nova ligação entre Deus e os homens.

[2,1-12] Segundo João, a primeira semana de Jesus termina com a festa de casamento em Caná. João relata este episódio por causa do seu aspecto simbólico: o casamento é o símbolo da união de Deus com a humanidade, realizada de maneira definitiva na pessoa de Jesus, Deus-e-Homem. Sem Jesus, a humanidade vive uma festa de casamento sem vinho. Maria, aliviando a situação constrangedora, simboliza a comunidade que nasce da fé em Jesus, e as últimas palavras que ela diz neste evangelho são um convite: “Façam o que Jesus mandar.” Jesus diz que a sua hora ainda não chegou, pois só acontecerá na sua morte e ressurreição, quando ele nos reconcilia com Deus.

Jesus utilizou a água que os judeus usavam para as purificações. Os judeus estavam cegos pela preocupação de não se mancharem, e sua religião multiplicava os ritos de purificação. Mas Jesus transformou a água em vinho! É que a religião verdadeira não se baseia no medo do pecado. O importante é receber de Jesus o Espírito. Este, como vinho generoso, faz a gente romper com as normas que aprisionam e com a mesquinhez da nossa própria sabedoria.

O episódio de Caná é uma espécie de resumo daquilo que vai acontecer através de toda a atividade de Jesus: com sua palavra e ação, Jesus *transforma* as relações dos homens com Deus e dos homens entre si.

[13-22] Para os judeus, o Templo era o lugar privilegiado de encontro com Deus. Aí se colocavam as ofertas e sacrifícios levados pelos judeus do mundo inteiro, e formavam verdadeiro tesouro, administrado pelos sacerdotes. A casa de oração se tornara lugar de comércio e poder, disfarçados em culto piedoso.

Expulsando os comerciantes, Jesus denuncia a opressão e a exploração dos pobres pelas autoridades religiosas. Predizendo a ruína do Templo, ele mostra que essa instituição religiosa já caducou. Doravante, o verdadeiro Templo é o corpo de Jesus, que morre e ressuscita. Deus não quer habitar em edifícios, mas no próprio homem.

[23-25] Para acreditar em Jesus, não basta aceitá-lo como Messias nos moldes tradicionais, isto é, como um chefe que exerce função nacionalista através do poder e domínio. Acreditar em Jesus é aceitá-lo como o Messias que realiza o projeto de Deus e que dá sua própria vida, rompendo as muralhas de separação entre os homens. Jesus rejeita qualquer adesão que instrumentalize a sua ação em favor de interesses de grupo. Este trecho serve como introdução a todo o diálogo com Nicodemos (3,1-36).

[3,1-8] Ter fé em Jesus não é só admirar o que ele diz e faz. É entrega para o compromisso total com Jesus, o que exige transformação profunda, um novo nascimento. Isso implica não apegar-se a esquemas e estruturas estabelecidas, mas relativizá-las, a fim de estar sempre aberto para a novidade de Deus. Quem se converte é guiado pelo Espírito de Deus e se torna imprevisível para os homens. Essa liberdade da fé cristã é celebrada eficazmente através de rito significativo: o batismo.

[9-15] A grande novidade que Deus tem para os homens está em Jesus, que vai revelar na cruz a vida nova. Aí ele demonstra o maior ato de amor: a doação de sua própria vida em favor dos homens.

[16-21] Deus não quer que os homens se percam, nem sente prazer em condená-los. Ele manifesta todo o seu amor através de Jesus, para salvar e dar a vida a todos. Mas a presença de Jesus é incômoda, pois coloca o mundo dos homens em julgamento, provocando divisão e conflito, e exigindo decisão. De um lado, os que acreditam em Jesus e vivem o amor, continuando a palavra e a ação dele em favor da vida. De outro lado, os que não acreditam nele e não vivem o amor,

mas permanecem fechados em seus próprios interesses e egoísmo, que geram opressão e exploração; por isso estes sempre escondem suas verdadeiras intenções: não se aproximam da luz.

[22-30] João Batista não é rival de Jesus. Confessa claramente que sua missão é tornar Jesus conhecido e seguido, e não se servir de Jesus como trampolim para angariar seguidores.

[31-36] Jesus veio de junto do Pai, e só ele revela o verdadeiro Deus que dá vida aos homens. Quem não aceita o testemunho de Jesus acaba servindo aos ídolos do mundo e correndo para a morte.

[4,1-15] Conversando com uma mulher que era samaritana, Jesus supera os preconceitos de raça e as discriminações sociais. Como qualquer pessoa, essa mulher tem sede de vida. Todos buscam algo que lhes mate a sede, mas encontram apenas águas paradas. Jesus traz água viva corrente e faz com que a fonte brote de dentro de cada um.

[16-26] Enquanto os judeus adoravam a Deus no templo de Jerusalém, os samaritanos o adoravam no templo do monte Garizim. Jesus supera o nacionalismo religioso, mostrando que Deus quer ser adorado na própria dimensão da vida humana. A própria vida, dedicada ao bem dos outros, como a de Jesus, é o verdadeiro culto a Deus, a adoração em espírito e verdade. Como Pai, Deus está presente na família humana e não quer que os homens separem religião e vida.

[27-38] Com sua palavra e ação, Jesus realiza a obra do semeador. Todos os que fazem a experiência de Jesus partem para anunciá-lo, como a samaritana, provocando a vinda do povo. A vontade do Pai é reunir a humanidade em torno de Jesus, e cabe aos discípulos continuar essa tarefa, iniciada pelo próprio Jesus.

[39-42] Os judeus se consideravam escolhidos por Deus, mas não compreenderam e não aceitaram a mensagem de Jesus, e até o obrigaram a sair da Judeia (4,1-3). Os samaritanos, que eram considerados como povo marginalizado e herege, acolheram Jesus como o Salvador do mundo.

[43-54] O círculo da missão evangelizadora de Jesus se expande, distanciando-se cada vez mais das instituições consideradas salvadoras. Os judeus recusam Jesus, os samaritanos o acolhem. E agora um pagão acredita na palavra dele e se converte com toda a família. Fica assim rompida toda relação de dependência entre salvação e lei, entre fé e instituição. A salvação é dom de Deus para todos aqueles que se abrem e respondem a esse dom.

[5,1-18] O paralítico é figura do povo oprimido e paralisado, à espera de alguém que o liberte. Jesus vai ao encontro do paralítico e lhe ordena que ele próprio se levante e ande, encontrando sua liberdade e decidindo seu próprio caminho.

Para Jesus e para seu Pai, o importante é a vida e a liberdade. Elas estão acima até mesmo das leis religiosas e da opinião de quaisquer autoridades.

[19-30] Em tudo o que faz, Deus procura dar a vida, e sua maior obra é a ressurreição. Ressuscitar não é apenas voltar à vida física, mas levantar-se para começar vida nova e transformada. A fé em Jesus, que é compromisso com sua palavra e ação, leva o povo a começar a vida nova da ressurreição, organizando-se como família dos filhos de Deus e irmãos de Jesus. Assim, a morte já está sendo vencida, e o será definitivamente na ressurreição final.

[31-47] Como distinguir o verdadeiro e o falso, reconhecendo se Jesus realiza ou não a vontade de Deus? Jesus apresenta as três testemunhas que confirmam sua missão divina: primeiro, sua *ação* em favor da vida e da liberdade; segundo, *o testemunho de João Batista*, que o apresenta como salvador; terceiro, *as Escrituras*, que anunciavam o que Jesus agora realiza. Não adianta nada uma comunidade dizer que tem fé e repetir as palavras da Bíblia; é necessário que as ações dessa comunidade sejam continuação da ação de Jesus, confirmando a própria fé.

[6,1-15] Jesus propõe a missão da sua comunidade: ser sinal do amor generoso de Deus, assegurando para todos a possibilidade de subsistência e dignidade. A segurança da subsistência não está no muito que poucos possuem e retêm para si, mas no pouco de cada um que é repartido entre todos. A garantia da dignidade não se encontra no poder de um líder que manda, mas no serviço de cada um que organiza a comunidade para o bem de todos.

[16-21] A proposta de Jesus não é entendida pela multidão e é mal interpretada pelos discípulos. A multidão quer fazê-lo rei, o Messias da abundância. Os discípulos se retiram, talvez pretendendo voltar à vida de antes. Jesus vai ao encontro deles, e a crise é superada, embora não completamente resolvida.

[22-34] A multidão procura Jesus, desejando continuar na situação de abundância, isto é, governada por um líder político que decide e providencia tudo, sem exigir esforço. Jesus mostra que essa não é a solução; é preciso buscar a vida plena, mas isso exige o empenho do homem. Além do alimento que sustenta a vida material, é necessária a adesão pessoal a Jesus para que essa vida se torne definitiva.

Pedindo um milagre como o do maná do deserto, a multidão impõe condições para aceitar Jesus. Mas o desejo da multidão fica sem efeito, se ela não se compromete com Jesus, o pão da vida que dura para sempre.

[35-50] Jesus se apresenta como aquele que veio de Deus para dar a vida definitiva aos homens. Seus adversários não admitem que um homem possa ter origem divina e, portanto, possa dar a vida definitiva.

[51-59] A vida definitiva se encontra justamente na condição humana de Jesus (*carne*): Jesus é o Filho de Deus que se encarnou para dar vida aos homens, isto é, para viver em favor dos homens. A vida definitiva começa quando os homens, comprometendo-se com Jesus, aceitam a própria condição humana e vivem em favor dos outros. E Jesus dá um passo além: ele vai oferecer sua própria vida (*carne e sangue*) em favor dos homens. Por isso, o compromisso com Jesus exige que também o fiel esteja disposto a dar a própria vida em favor dos outros.

A Eucaristia é o sacramento que manifesta eficazmente na comunidade esse compromisso com a encarnação e a morte de Jesus.

[60-71] As palavras de Jesus provocam resistência e desistência até entre os discípulos. Muitos conservam a ideia de um Messias Rei, e não querem seguir Jesus até à morte, entendida por eles como fracasso. E não assumem a fé por medo de se comprometerem. Os Doze apóstolos, porém, aceitam a proposta de Jesus e o reconhecem como Messias, dando-lhe sua adesão e aceitando suas exigências.

[7,1-13] A atividade de Jesus denuncia o agir perverso da sociedade, e por isso provoca ódio. Os parentes de Jesus pensam no sucesso. As autoridades o procuram, vendo nele um perigo. E o povo expressa opiniões diversas a respeito dele: uns o julgam a partir das obras que ele realiza (*Jesus é bom*), e outros a partir de leis e estruturas estabelecidas (*engana o povo*). Assim a presença de Jesus é sinal de contradição que vai revelando a face das pessoas.

[14-24] O que leva Jesus a agir não é a busca de sucesso pessoal, nem a defesa de algumas doutrinas de círculos religiosos oficiais que manipulam a fé. Na sua ação, Jesus busca apenas realizar a vontade do Pai, e esta se apresenta como libertação do homem. Uma doutrina que impede a realização do homem nunca pode ser apresentada como vontade de Deus.

[25-36] Os dirigentes dos judeus tentam prender Jesus, que para eles é uma ameaça. E no meio do povo a divisão continua: o tema da discussão é sobre a origem do Messias. Uns não aceitam Jesus, baseados numa tradição teórica

sobre a origem do Messias. Outros, que já são muitos, acreditam que Jesus é o Messias, porque prestam atenção na sua prática libertadora e veem nisso sinal da presença de Deus. E Jesus então mostra o verdadeiro critério para reconhecer o Messias: não é o lugar de sua origem, mas o fato de ele ser o enviado de Deus, cuja atividade seja reconhecida pelas obras que faz.

[37-39] Jesus veio matar a sede do homem (Jo 4). Mas aqueles que estão bem de vida, satisfeitos com a situação, jamais vão aderir a Jesus porque não buscam ansiosamente uma alternativa, não sentem sede. Só os que estão abertos à novidade de Deus no mundo (Jo 3) conseguem acreditar e dar sua adesão a Jesus.

[40-44] Os dirigentes dos judeus tentam prender Jesus, que para eles é uma ameaça. E no meio do povo a divisão continua: o tema da discussão é sobre a origem do Messias. Uns não aceitam Jesus, baseados numa tradição teórica sobre a origem do Messias. Outros, que já são muitos, acreditam que Jesus é o Messias, porque prestam atenção na sua prática libertadora e veem nisso sinal da presença de Deus. E Jesus então mostra o verdadeiro critério para reconhecer o Messias: não é o lugar de sua origem, mas o fato de ele ser o enviado de Deus, cuja atividade seja reconhecida pelas obras que faz.

[45-53] Aqueles que detêm o poder não toleram a mensagem de Jesus, porque ela acabaria com todos os seus privilégios. Por isso, amaldiçoam o povo simples e procuram prender Jesus, usando a Lei como arma repressiva.

[8,1-11] Mais uma vez Jesus mostra que a pessoa humana está acima de qualquer lei. Os homens não podem julgar e condenar, porque nenhum deles está isento de pecado. O próprio Jesus não veio para julgar, pois o Pai não quer a morte do pecador, e sim que ele se converta e viva (Ez 18,23.32).

[12-20] Jesus discute com os fariseus perto da sala do Tesouro, onde era guardado o dinheiro oferecido ao Templo. Ele se declara a luz do mundo, e convida os homens a segui-lo, renunciando às riquezas para servirem uns aos outros e, assim, testemunharem a presença de Deus. Os fariseus, escravos do dinheiro, não são capazes de reconhecer Deus presente em Jesus, e por isso querem provas.

[21-30] O pecado que leva à morte é permanecer fechado neste mundo de baixo, isto é, dentro de uma ordem sociorreligiosa injusta. Jesus é a presença atuante do Deus do êxodo (“Eu Sou”, cf. Ex 3,14), que liberta o povo da escravidão e o conduz para uma vida nova, desejada por Deus (“mundo de cima”). É através da

sua morte que Jesus realiza esse êxodo.

[31-38] A verdade que liberta é aceitar a vida nova trazida por Jesus, que relativiza tudo aquilo que antes parecia absoluto: riqueza, poder, ideias, estruturas. A liberdade só é possível quando se rompe com uma ordem injusta, que impede a experiência do amor de Deus através do amor ao homem.

[39-47] O diabo é aquele que se opõe à vontade de Deus e se absolutiza, ocupando o lugar de Deus e criando uma sociedade mentirosa e assassina, que adora ídolos opressores e é incapaz de assimilar a mensagem libertadora de Jesus.

[48-59] Abraão se alegrou com a promessa feita por Deus de que o futuro Messias iria sair da sua descendência (Gn 12,7; 15,2ss; Gl 3,16). Jesus vai muito além, e atribui a si mesmo o título do Deus do êxodo: “Eu Sou”.

[9,1-12] O cego de nascença simboliza o povo que nunca tomou consciência de sua própria condição de oprimido, e por isso não chegou a ver a verdadeira condição humana, o objetivo para o qual Deus o criou. A missão de Jesus, e dos que acreditam nele, é mostrar essa possibilidade, a partir de uma prática concreta, mais do que com palavras.

[13-34] A ação de Jesus abala as ideias religiosas dos representantes do poder. Estes, em primeiro lugar, procuram transformar o fato em fraude. Não o conseguindo, recorrem à sua própria autoridade, para definirem o que está ou não de acordo com a vontade de Deus. Apegados a suas ideias, negam o que é evidente e invertem as coisas, defendendo a todo o custo sua posição de privilégio e poder. Para eles, Deus prefere a observância da Lei ao bem do homem. Por fim, recorrem à violência, expulsando o homem da comunidade, marginalizando-o. Pretendendo possuir a luz, eles se tornam cegos e querem cegar os outros.

[35-41] Curado por Jesus, o homem enfrenta a luta com os dirigentes de uma sociedade cega que o afasta. Como consequência, ele passa então para uma nova comunidade e começa seu novo culto. Por outro lado, os dirigentes não querem aceitar essa realidade e por isso permanecem intransigentes dentro da instituição opressora. Este é o julgamento de Jesus.

[10,1-6] Nesta comparação, o curral representa a instituição que explora e domina o povo. Os ladrões e assaltantes são os dirigentes. Jesus mostra que sua mensagem é incompatível com qualquer instituição opressora e que sua missão é conduzir para fora da influência dela os que nele acreditam, a fim de formar uma

comunidade que possa ter vida plena e liberdade.

[7-21] O único meio de libertar-se de opressores ou de uma instituição opressora é comprometer-se com Jesus, pois ele é a única alternativa (*a porta*). Jesus é o modelo de pastor: ele não busca seus próprios interesses; ao contrário, ele dá a sua própria vida a todos aqueles que aceitam sua proposta. Jesus provoca divisão: para uns, suas palavras são loucura; para outros, sua ação é sinal de libertação.

[22-39] Jesus define sua condição de Messias, apresentando-se como o Filho de Deus. As provas de seu messianismo não são teorias jurídicas, mas fatos concretos: suas ações comprovam que é Deus quem age nele.

[40-42] O testemunho revela Jesus aos homens, levando-os a compreender que Jesus realiza o projeto de Deus (cf. 1,26-34).

[11,1-16] Numa comunidade marcada por relações de afeto e amor ativo, ninguém tem medo de perigo ou de se comprometer quando se trata de ajudar o irmão necessitado. O receio de enfrentar obstáculos nasce da falta de fé que não compreende a qualidade de vida que Jesus comunica.

[17-27] Jesus se apresenta como a ressurreição e a vida, mostrando que a morte é apenas uma necessidade física. Para a fé cristã a vida não é interrompida com a morte, mas caminha para a sua plenitude. A vida plena da ressurreição já está presente naqueles que pertencem à comunidade de Jesus.

[28-44] A morte é o resumo e o ponto máximo de todas as fraquezas humanas. O medo da morte acovarda o homem diante da opressão, e o impede de testemunhar. O medo fortalece o poder dos opressores. Libertando o homem desse medo, Jesus torna-o radicalmente livre e capaz de dar até o fim o testemunho da própria fé.

[45-57] A comunicação da vida e liberdade é intolerável para um sistema opressor que gera a morte. As autoridades disfarçam sua hostilidade com a desculpa de que o bem da nação está em jogo. Apela para a segurança nacional. Caifás apresenta a solução que, ironicamente, se tornou o coração da fé cristã: Jesus morrerá por todos. Matando a Jesus, o sistema opressor se denuncia e se destrói a si mesmo, abrindo a possibilidade da vida e liberdade para todos.

[12,1-11] O gesto de Maria prepara o corpo de Jesus para a morte, isto é, o ato final com que ele entregará sua vida em favor dos homens. Desperdício inútil? Judas desculpa sua própria avareza, disfarçando-a com uma preocupação paternalista pelos pobres. A comunidade que vive o espírito de Jesus será

eminentemente uma comunidade de pobres e sempre aberta fraternalmente para os pobres.

[12-36] Temos aqui duas concepções sobre o Messias. Seguindo a tradição transmitida pelos dirigentes, o povo aclama Jesus como um *rei político*. Mais tarde, essa ideia será transformada em motivo da condenação de Jesus. Por outro lado, Jesus se apresenta como o *Messias predito pelas Escrituras*, mostrando porém sua verdadeira missão: dar a vida para salvar e reunir o povo.

[37-43] Quem está comprometido com algum sistema opressor dificilmente compreende e aceita a dimensão libertadora dos atos de Jesus. E os que compreendem e aceitam precisam estar dispostos a correr o risco de serem marginalizados pelo ambiente social e religioso em que vivem.

[44-50] Toda ideia ou teoria sobre Deus que não esteja de acordo com a palavra e ação de Jesus é falsa. Porque Jesus é a revelação do próprio Deus. E a missão de Jesus se estende a todos, mas cada um permanece livre de aceitar a sua oferta. A recusa da vida, porém, traz consigo a escolha da própria morte.

[13,1-17] A morte de Jesus abre a passagem para o Pai, e testemunha o amor supremo que mostra o sentido de toda a sua vida. O gesto de Jesus é ensinamento: a autoridade só pode ser entendida como função de serviço aos outros. Pedro resiste, porque ainda acredita que a desigualdade é legítima e necessária, e não entende que o amor produz igualdade e fraternidade. Na comunidade cristã existe diferença de funções, mas todas elas devem concorrer para que o amor mútuo seja eficaz. Já não se justifica nenhum tipo de superioridade, mas somente a relação pessoal de irmãos e amigos.

[18-30] A longa noite da paixão começa com a traição de Judas, símbolo da traição que pode estar presente dentro da própria comunidade cristã.

[31-38] O mandamento novo supera todos os outros mandamentos. Deus e o homem são inseparáveis. E é somente amando ao homem que amamos a Deus. Em Jesus, Deus se fez presente no homem, tornando-o intocável. Tal mandamento novo gera uma comunidade que oferece uma alternativa de vida digna e liberdade perante a morte e a opressão.

[14,1-14] Jesus é o verdadeiro caminho para a vida. Através da encarnação, Deus, doador da vida, se manifesta inteiramente na pessoa e ação de Jesus. A comunidade que segue Jesus não caminha para o fracasso, pois a meta é a vida. Jesus não apresenta apenas uma utopia, mas convida a percorrer um caminho historicamente concreto. Inspirada nos sinais que Jesus realizou, a comunidade

criará novos sinais dentro do mundo, abrindo espaços de esperança e vida fraterna.

[15-26] Advogado é alguém que defende uma causa. Jesus envia o Espírito Santo como advogado da comunidade cristã. O Espírito é a memória de Jesus que continua sempre viva e presente na comunidade. Ele ajuda a comunidade a manter e a interpretar a ação de Jesus em qualquer tempo e lugar. O Espírito também leva a comunidade a discernir os acontecimentos para continuar o processo de libertação, distinguindo o que é vida e o que é morte, e realizando novos atos de Jesus na história.

[27-31] Jesus fala de paz e alegria no momento em que sua morte está para acontecer. Paz é a plena realização humana. Ela só é possível se aquele que rege uma sociedade desumana for destituído de poder. A morte de Jesus realiza a paz. Todo martírio é participação nessa luta vitoriosa de Jesus e, portanto, causa de paz e alegria.

[15,1-6] A comunidade cristã não é uma instituição, mas uma participação na vida de Jesus. Unido a Jesus, cada membro é chamado a testemunhá-lo, colocando a comunidade em contínua expansão e crescimento.

[7-17] O fruto que a comunidade é chamada a produzir é o amor. Ora, Jesus não quer uma adesão de servos que obedeçam a um senhor, mas uma adesão livre, de amigos. E a amizade é dom: Jesus é o amigo que dá a vida pelos amigos. A missão da comunidade não nasce da obediência a uma lei, mas do dom livre que participa com alegria da tarefa comum, que é testemunhar o amor de Deus que quer dar vida.

[18-27] O sinal concreto da comunidade de Jesus é o amor. O sistema de poder que organiza a sociedade e seus adeptos (o mundo) reage com o ódio, pois não aceita os valores do Evangelho. Não existe possibilidade de conciliação entre o “mundo” e a comunidade de Jesus. A comunidade vive debaixo de suspeita e pressão, e basta um passo para sofrer a perseguição aberta. O confronto cresce, porque o “mundo” não aceita o Deus de Jesus, que denuncia a perversidade da sociedade injusta e liberta o povo oprimido.

[16,1-4a] A palavra de Jesus se dirige agora aos discípulos, preparando-os para a missão futura. A mesma perseguição e marginalização que eles agora sofrem se repetirá mais tarde em relação a qualquer sociedade e sistema religioso que acoberta a injustiça, porque o cristianismo é radicalmente diferente e contrário ao “mundo”.

[4b-15] Através do testemunho dos discípulos, o testemunho de Jesus continua na história. Guiados pelo Espírito, os discípulos se tornam capazes de interpretar o mundo a partir da palavra e ação de Jesus. Em qualquer lugar e época, eles irão testemunhar, mostrando que: o *pecador* é aquele que rejeita a obra de Deus realizada em Jesus e em seus seguidores; o *justo* é Jesus, presente e atuante naqueles que o testemunham; o *condenado* é príncipe ou chefe do sistema que condenou Jesus e continua perseguindo seus seguidores. Desse modo, o julgamento de Deus inverte o julgamento dos homens: a morte de Jesus transforma-se em vida, e aqueles que o condenaram, agora são condenados.

[16-24] A morte de Jesus significará ausência e tristeza. Mas é morte fecunda, pois dará lugar à alegria, uma vez que será o princípio de uma presença nova, a presença do Ressuscitado, que age mediante o Espírito Santo. O que acontece com Jesus acontece com todos: para dar fruto, o grão de trigo deve morrer. Também a comunidade é chamada ao testemunho que pode ir até à morte, como entrega em favor do homem, morrendo para dar a vida.

[25-33] Jesus não engana seus seguidores: o futuro é tempo de testemunho em meio a lutas e perseguições. Mas é também tempo de confiança e paz, pois os cristãos podem contar com o amor do Pai. E desde já podem estar certos da vitória: Jesus já venceu todos os adversários. Para quem acredita em Jesus, a ordem social injusta, que condena o justo inocente, está condenada ao fracasso para sempre.

[17,1-5] A vida eterna consiste em comprometer-se com o verdadeiro Deus e o verdadeiro homem, que se manifestaram na vida e ação de Jesus. O Deus verdadeiro é o Pai que ama os homens, a ponto de entregar seu Filho até à morte, para dar vida. Todo deus que não dá vida ao homem é falso, é ídolo. O homem verdadeiro é aquele que se abre para se tornar filho do Deus que dá vida e para ser irmão dos outros homens, dando a vida por eles, como Jesus fez. Todo homem que se fecha para Deus e para os irmãos é um falso homem.

[6-19] Os discípulos vão continuar a missão de Jesus. Como Jesus, eles romperam com a mentalidade perversa do sistema que rege a sociedade. A missão deles, porém, não é sair do “mundo”, e sim permanecerem unidos, presentes no meio da sociedade, dando testemunho de Jesus. O Pai os protegerá de se contaminarem com o espírito do “mundo”, a cujas ameaças e seduições eles não cederão.

[20-26] Graças ao testemunho dos discípulos, as comunidades cristãs do futuro vão acreditar e se comprometer com Jesus. Na unidade do amor, as comunidades

serão o sacramento ou expressão da presença atuante de Jesus, lembrando continuamente o próprio Jesus, que é o dom que o Pai concedeu aos homens.

[18,1-14] O jardim recorda o paraíso do Gênesis, de onde o homem tinha sido expulso. Jesus entra no jardim para enfrentar e derrotar a serpente, símbolo do mal que oprime e mata os homens. Ninguém tem poder para prender Jesus ou defendê-lo. Ele é preso porque entrega livremente a própria vida, cumprindo até o fim a missão que o Pai lhe confiou.

[15-27] O testemunho dado por Jesus está entre as negações de Pedro. Há um contraste de atitudes. Antes Pedro usara a violência e Jesus se entregara livremente. Agora Jesus corajosamente dá testemunho diante das autoridades, sem nada negar de sua atividade anterior; Pedro, ao contrário, nega covardemente sua condição de discípulo e seu passado de adesão a Jesus. Jesus terminou o tempo da sua atividade terrestre. Agora seu testemunho deve ser continuado pelos seus seguidores.

[28-32] Os representantes do poder religioso e do poder político se encontram para resolver o caso Jesus de Nazaré. É a véspera da Páscoa, a festa da libertação, transformada agora em mero rito. As autoridades dos judeus já decidiram a morte de Jesus: querem apenas a aprovação de Pilatos.

[33-38a] Jesus confirma que é rei. Sua realeza, porém, não é semelhante à dos poderosos deste mundo. Estes exploram e oprimem o povo, enganando-o com um sistema de ideias, para esconder sua ação. É o mundo da mentira. Jesus, ao contrário, é o Rei que dá a vida, trazendo aos homens o conhecimento do verdadeiro Deus e do verdadeiro homem. Seu reino é o reino da verdade, onde a exploração dá lugar à partilha, e a opressão dá lugar à fraternidade.

[38b-40] O bandido Barrabás é símbolo da violência que busca o poder, que perpetua o modo de ser dos reinos deste mundo. As autoridades preferem Barrabás, porque a pessoa de Jesus põe em risco os reinos deste mundo.

[19,1-3] Jesus é caricaturado como rei (coroa e manto vermelho). Caçoando de Jesus assim fantasiado, os soldados na verdade ridicularizam o ideal de realeza dos poderosos deste mundo.

[4-8] Manifesta-se agora a verdadeira realeza, a do Homem que entrega sua própria vida pelos outros homens. Os opressores o rejeitam e pedem sua morte, acusando-o do crime que é justamente a verdade mais profunda do Homem: ser Filho de Deus. Como instrumento do poder, a lei torna-se inimiga do homem.

[9-12a] Jesus não se aproveita do medo supersticioso de Pilatos para conseguir

sua liberdade. Os chefes dos judeus veem Jesus como perigoso para seus interesses e aliam-se ao opressor, exigindo a sentença de morte. O dilema de Pilatos é o dilema do homem dependente do sistema injusto de poder: ou arrisca a própria posição ou sacrifica o inocente. Deus, o único que tem autoridade absoluta, permite que Pilatos e os chefes judeus tomem a decisão e assumam a responsabilidade.

[12b-16a] Ao meio-dia, os sacerdotes do Templo começavam a matança dos cordeiros para a Páscoa, festa que celebrava o fim da escravidão no Egito. No mesmo instante, os chefes dos sacerdotes fazem sua profissão de ateísmo, declarando-se súditos do opressor romano. Sentado na cadeira de juiz, Jesus ratifica em silêncio a condenação que os chefes escolhem para si próprios.

[16b-18] A cruz é o trono de onde Jesus exerce a sua realeza. Ele não está só, mas é o centro daqueles que o acompanham, dando a vida como ele.

[19-22] O letreiro apresenta Jesus crucificado como a Escritura da nova aliança de Deus com a humanidade: Jesus é o Rei que entrega sua vida por todos. Doravante, a cruz será o símbolo do amor de Deus, que vai até o fim. A nova Escritura é compreensível a todos, porque a linguagem do amor é universal e permanece escrita para sempre.

[23-24] A roupa de Jesus é a sua herança, espalhada pelos quatro cantos da terra. Deverá ser vestida por todos os que querem seguir a Jesus, tornando-se seus herdeiros na prática do serviço ao homem, dando até mesmo a própria vida. Apesar de espalhadas por todos os tempos e lugares, as comunidades cristãs participarão de um só e mesmo Espírito, o Espírito que guiou toda a atividade de Jesus.

[25-27] A mãe de Jesus representa aqui o povo da antiga aliança que se conservou fiel às promessas e espera pelo salvador. E o discípulo amado representa o novo povo de Deus, formado por todos os que dão sua adesão a Jesus. Na relação mãe-filho, o evangelista mostra a unidade e continuação do povo de Deus, fiel à promessa e herdeiro da sua realização.

[28-30] O projeto de Deus a respeito do homem se completa na morte de Jesus, sinal do seu dom de amor até o fim. O Espírito que Jesus entrega é o mesmo que o conduziu em toda a sua atividade. Ele realiza o reino universal e constitui o novo povo de Deus, que continuará a obra de Jesus.

[31-37] Morto na cruz, Jesus é o grande sinal, o ápice de todos os sinais narrados pelo evangelista. O sangue simboliza a morte; a água simboliza o Espírito que dá a vida: com sua morte Jesus trouxe a vida. Captar e testemunhar este sinal é

questão decisiva, pois só através dele a história do homem vai encontrar a possibilidade de chegar à sua plenitude, dando lugar à sociedade livre e fraterna. É acreditando na vida de Jesus que o cristão continua a obra libertadora por ele iniciada.

[38-42] O drama da paixão termina da mesma forma que havia começado: Jesus está dentro do jardim do paraíso. Tendo vencido a serpente, Jesus abre de novo para o homem a possibilidade de se realizar plenamente na comunhão com Deus. Temos aqui uma questão crucial para o cristão: ou ele acredita em Jesus vivo hoje e dá testemunho, ou vê Jesus como vítima derrotada e sepultada no passado. Então fica paralisado diante da violência dos poderosos, e não é capaz de dar o testemunho de Jesus.

[20,1-10] A fé na ressurreição tem dois aspectos. O primeiro é negativo: *Jesus não está morto*. Ele não é falecido ilustre, ao qual se deve construir um monumento. O sepulcro vazio mostra que Jesus não ficou prisioneiro da morte. O segundo aspecto da ressurreição é positivo: *Jesus está vivo*, e o discípulo que o ama intui essa realidade.

[11-18] Jesus está vivo, mas já não se manifesta de modo físico, como o Mestre durante a sua vida na história. Doravante, ele está presente no mistério da vida de Deus, e torna-se presente e atuante através do anúncio feito por aqueles que nele acreditam. Chegou o tempo das relações da nova aliança: Deus é Pai, e os homens são filhos de Deus e irmãos de Jesus.

[19-23] O medo impede o anúncio e o testemunho. Jesus liberta do medo, mostrando que o amor doado até à morte é sinal de vitória e alegria. Depois, convoca seus seguidores para a missão no meio do mundo, infunde neles o Espírito da vida nova e mostra-lhes o objetivo da missão: continuar a atividade dele, provocando o julgamento. De fato, a aceitação ou recusa do amor de Deus, trazido por Jesus, é o critério de discernimento que leva o homem a tomar consciência da sentença que cada um atrai para si próprio: sentença de libertação ou de condenação.

[24-29] Tomé simboliza aqueles que não acreditam no testemunho da comunidade e exigem uma experiência particular para acreditar. Jesus, porém, se revela a Tomé dentro da comunidade. Todas as gerações do futuro acreditarão em Jesus vivo e ressuscitado através do testemunho da comunidade cristã.

[30-31] O autor conclui o relato da vida de Jesus, chamando a atenção para o conteúdo e a finalidade do seu evangelho, que contém apenas alguns dos muitos

sinais realizados por Jesus. E estes aqui foram narrados para despertar o compromisso da fé que leva a experimentar a vida trazida por Jesus.

[21,1-14] A comunidade cristã que age sem estar unida à pessoa e missão de Jesus continua nas trevas e não produz fruto, pois trabalha sem perceber a presença do ressuscitado e sem conhecer o modo correto de realizar a ação. No momento em que ela segue a palavra de Jesus, o fruto surge abundante. A missão termina sempre na Eucaristia, onde se realiza a comunhão com Jesus.

[15-23] A ideia de superioridade e domínio no exercício do pastoreio é absolutamente contrária ao ensino e atitude de Jesus, que considera todos os seus discípulos como amigos e irmãos. O verdadeiro pastor é aquele que segue a Jesus, colocando-se a serviço da comunidade e sendo capaz de amá-la até o fim, dando por ela até a própria vida.

[24-25] A segunda conclusão do evangelho salienta novamente o tema do testemunho. O Evangelho não é ensinamento de doutrina, nem exposição de verdades ou sistemas, nem conjunto de fórmulas jurídicas, às quais todos deveriam se ajustar. Evangelho é o testemunho de uma comunidade que se transforma cada vez mais ao seguir Jesus na experiência do amor.

ATOS DOS APÓSTOLOS

O CAMINHO DA MISSÃO

Introdução

O livro dos Atos dos Apóstolos foi escrito provavelmente entre 80 e 90 d.C. Seu autor é o mesmo do terceiro Evangelho; desde o séc. II, a tradição o identifica com Lucas, o médico que acompanhou Paulo (cf. Cl 4,14; Fm 24).

*De fato, é continuação do Evangelho de Lucas. Ambos formam, segundo o autor, o **caminho da salvação**: o Evangelho apresenta o caminho de Jesus; o livro dos Atos apresenta o caminho da Igreja, que prolonga o caminho de Jesus “até os extremos da terra”. O relato que une as duas obras é a ascensão, que coroa a vida de Jesus (Lc 24,51) e funda a missão universal da Igreja (At 1,8). A atividade missionária da Igreja é apresentada como a grande viagem de Jerusalém até Roma, centro do mundo na época. Por isso, a evangelização é vista como caminhada e a vida cristã recebe o nome de Caminho (9,2; 19,9.23; 24,22).*

Podemos dizer que o livro dos Atos é o Evangelho do Espírito. Aí se conta que o Espírito Santo prometido faz nascer a comunidade cristã e a impulsiona para o testemunho aberto e corajoso do nome de Jesus, isto é, para anunciar a palavra e ação libertadora de Jesus.

Esse testemunho provoca o surgimento da grande novidade que tende a transformar pessoas, relações e estruturas da sociedade, provocando alternativas que se chocam frontalmente com os interesses sociais vigentes. A novidade desperta conflitos dentro da Igreja e no relacionamento desta com a sociedade. Dentro surge o conflito de tendências (6,1-6) entre convertidos de origens diversas (15,1-35) e entre o centro e a periferia (15,1-2). Na relação da Igreja com a sociedade surge o conflito frente ao poder político romano, conflito que perpassa o livro todo, de modo velado e como que prolongando o conflito de Jesus com as estruturas políticas do seu tempo; finalmente, um dos conflitos básicos é o econômico (5,1-11; 13,4-12.50-51; 16,16-24; 19,23-40). Pode-se dizer que Atos é o livro da novidade e, portanto, também dos conflitos. Numa sociedade corroída pelo interesse e egoísmo, qualquer proposta de alternativa mais fraterna e igualitária provoca oposições e confrontos.

Em Atos, a Igreja aparece como dinamismo polarizado no testemunho e na

missão. Livre do jurisdicismo, sua estruturação é ainda bastante carismática e suas instituições só vão sendo criadas à medida que se tornam meios eficazes para atender às necessidades internas e exigências da missão (cf. 6,1-6). Tanto pela vida comunitária, como pelo empenho apostólico, a Igreja apresentada nos Atos é o modelo utópico; frente a ele as comunidades de todos os tempos e lugares podem fazer uma revisão, a fim de redescobrir sua própria identidade.

ATOS DOS APÓSTOLOS

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27 - 28**

ATOS DOS APÓSTOLOS

1 *Introdução: a tarefa apostólica* — ¹No meu primeiro livro, ó Teófilo, já tratei de tudo o que Jesus começou a fazer e ensinar, desde o princípio, ²até o dia em que foi levado para o céu. Antes disso, ele deu instruções aos apóstolos que escolhera, movido pelo Espírito Santo.

³Foi aos apóstolos que Jesus, com numerosas provas, se mostrou vivo depois da sua paixão: durante quarenta dias apareceu a eles e falou-lhes do Reino de Deus. ⁴Estando com os apóstolos numa refeição, Jesus deu-lhes esta ordem: “Não se afastem de Jerusalém. Esperem que se realize a promessa do Pai, da qual vocês ouviram falar: ⁵‘João batizou com água; vocês, porém, dentro de poucos dias, serão batizados com o Espírito Santo’.”

⁶Então, os que estavam reunidos perguntaram a Jesus: “Senhor, é agora que vais restaurar o Reino para Israel?” ⁷Jesus respondeu: “Não cabe a vocês saber os tempos e as datas que o Pai reservou à sua própria autoridade. ⁸Mas o Espírito Santo descera sobre vocês, e dele receberão força para serem as minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os extremos da terra.”

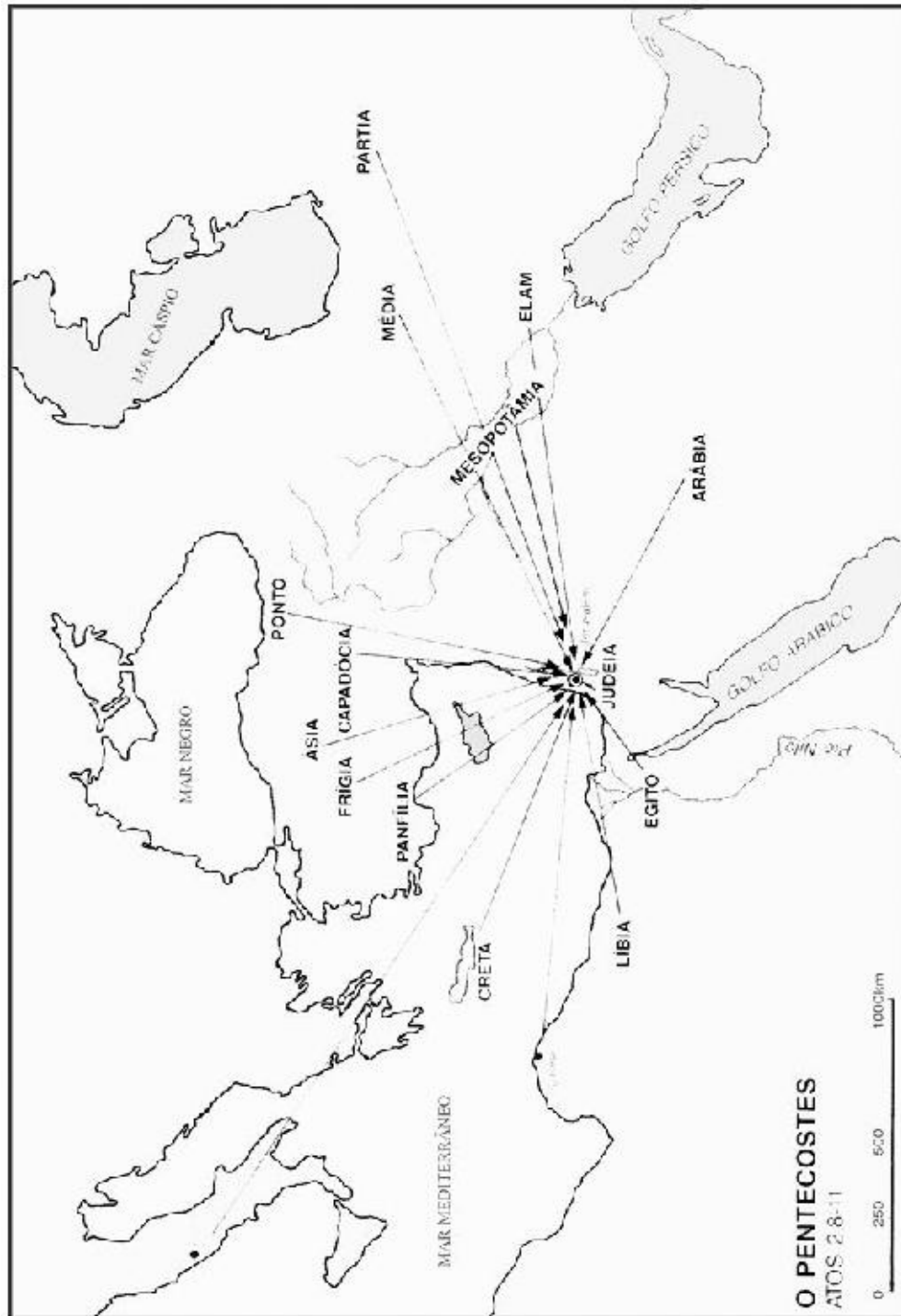
⁹Depois de dizer isso, Jesus foi levado ao céu à vista deles. E quando uma nuvem o cobriu, eles não puderam vê-lo mais. ¹⁰Os apóstolos continuavam a olhar para o céu, enquanto Jesus ia embora. Mas, de repente, dois homens vestidos de branco ¹¹apareceram a eles e disseram: “Homens da Galileia, por que vocês estão aí parados, olhando para o céu? Esse Jesus que foi tirado de vocês e levado para o céu, virá do mesmo modo com que vocês o viram partir para o céu.” [\[1,1-11\]](#)

A IGREJA DE JERUSALÉM

A primeira comunidade — ¹²Os apóstolos voltaram para Jerusalém, pois se encontravam no chamado monte das Oliveiras, não muito longe de Jerusalém: uma caminhada de sábado. ¹³Entraram na cidade e subiram para a sala de cima, onde costumavam hospedar-se. Aí estavam Pedro e João, Tiago e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão Zelote e Judas, filho de Tiago. ¹⁴Todos eles tinham os mesmos sentimentos e eram assíduos na oração, junto com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos de Jesus. [12-14]

Conhecer o Evangelho para dar testemunho dele — ¹⁵Nesses dias, aí estava reunido um grupo de mais ou menos cento e vinte pessoas. Pedro levantou-se no meio dos irmãos e falou: ¹⁶“Irmãos, era preciso que se cumprisse aquilo que o Espírito Santo, por meio de Davi, tinha anunciado na Escritura a respeito de Judas, que se tornou o guia daqueles que prenderam Jesus. ¹⁷Judas era um do nosso grupo e participava do nosso serviço. ¹⁸Ele comprou um terreno com o salário da sua iniquidade; depois caiu de ponta-cabeça, arrebentou-se e suas entranhas se esparramaram. ¹⁹A notícia chegou a todos os habitantes de Jerusalém que deram àquele terreno o nome de Hacéldama, que quer dizer campo de sangue, conforme a sua língua. ²⁰Pois no livro dos Salmos está escrito: ‘Que sua moradia fique deserta e ninguém habite nela.’ E ainda: ‘Que outro ocupe o seu cargo.’ ²¹Há outros homens que nos acompanharam durante todo o tempo em que o Senhor vivia no meio de nós, ²²desde o batismo de João até o dia em que foi levado ao céu. Agora, é preciso que um deles se junte a nós para testemunhar a ressurreição.”

²³Então eles apresentaram dois homens: José, chamado Bársabas e apelidado o Justo, e também Matias. ²⁴Em seguida fizeram esta oração: “Senhor, tu conheces o coração de todos. Mostra-nos qual destes dois tu escolheste ²⁵para ocupar, no serviço do apostolado, o lugar que Judas abandonou para seguir o seu destino.” ²⁶Então tiraram a sorte entre os dois. E a sorte caiu em Matias, que foi juntado ao número dos onze apóstolos. [15-26]



2 O Espírito gera a Igreja — ¹Quando chegou o dia de Pentecostes, todos eles estavam reunidos no mesmo lugar. ²De repente, veio do céu um barulho como o sopro de um forte vendaval, e encheu a casa onde eles se encontravam. ³Apareceram então umas como línguas de fogo, que se espalharam e foram pousar sobre cada um deles. ⁴Todos ficaram repletos do Espírito Santo e

começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem.

⁵Acontece que em Jerusalém moravam judeus devotos de todas as nações do mundo. ⁶Quando ouviram o barulho, todos se reuniram e ficaram confusos, pois cada um ouvia, na sua própria língua, os discípulos falarem. ⁷Espantados e surpresos, diziam: “Esses homens que estão falando, não são todos galileus? ⁸Como é que cada um de nós os ouve em sua própria língua materna? ⁹Entre nós há partos, medos e elamitas; gente da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, ¹⁰da Frígia e da Panfília, do Egito e da região da Líbia vizinha de Cirene; alguns de nós vieram de Roma, ¹¹outros são judeus ou pagãos convertidos; também há cretenses e árabes. E cada um de nós em sua própria língua os ouve anunciar as maravilhas de Deus!” ¹²Todos estavam admirados e perplexos, e cada um perguntava a outro: “O que quer dizer isso?” ¹³Outros caçoavam e diziam: “Eles estão embriagados com vinho doce.” [2,1-13]

O anúncio fundamental — ¹⁴Então Pedro, que aí estava com os outros onze apóstolos, levantou-se e falou em voz alta: “Homens da Judeia e todos vocês que se encontram em Jerusalém! Compreendam o que está acontecendo e prestem atenção nas minhas palavras: ¹⁵estes homens não estão embriagados como vocês pensam, pois são apenas nove horas da manhã. ¹⁶Pelo contrário, está acontecendo aquilo que o profeta Joel anunciou: ¹⁷‘Nos últimos dias, diz o Senhor, eu derramarei o meu Espírito sobre todas as pessoas. Os filhos e filhas de vocês vão profetizar, os jovens terão visões e os anciãos terão sonhos. ¹⁸E, naqueles dias, derramarei o meu Espírito também sobre meus servos e servas, e eles profetizarão. ¹⁹Farei prodígios no alto do céu e sinais embaixo na terra: sangue, fogo e nuvens de fumaça. ²⁰O sol se transformará em trevas, e a lua em sangue, antes que chegue o dia do Senhor, dia grande e glorioso. ²¹E todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.’

²²Homens de Israel, escutem estas palavras: Jesus de Nazaré foi um homem que Deus confirmou entre vocês, realizando por meio dele os milagres, prodígios e sinais que vocês bem conhecem. ²³E Deus, com sua vontade e presciência, permitiu que Jesus lhes fosse entregue, e vocês, através de ímpios, o mataram, pregando-o numa cruz. ²⁴Deus, porém, ressuscitou Jesus, libertando-o das cadeias da morte, porque não era possível que ela o dominasse. ²⁵De fato, Davi assim falou a respeito de Jesus: ‘Eu via sempre o Senhor diante de mim, porque

ele está à minha direita, para que eu não vacile. ²⁶Por isso, meu coração se alegra, minha língua exulta e minha carne repousa com esperança. ²⁷Porque não me abandonarás na região dos mortos, nem permitirás que o teu santo conheça a corrupção. ²⁸Tu me ensinaste os caminhos da vida e me encherás de alegria na tua presença.’

²⁹Irmãos, quanto ao patriarca Davi, permitam que eu lhes diga com franqueza: ele morreu, foi sepultado e seu túmulo está entre nós até hoje. ³⁰Mas ele era profeta, e sabia que Deus lhe havia jurado solenemente fazer com que um descendente seu lhe sucedesse no trono. ³¹Por isso, previu a ressurreição de Cristo e falou: ‘ele não foi abandonado na região dos mortos, e a sua carne não conheceu a corrupção.’

³²Deus ressuscitou a este Jesus. E nós todos somos testemunhas disso. ³³Ele foi exaltado à direita de Deus, recebeu do Pai o Espírito prometido e o derramou: é o que vocês estão vendo e ouvindo. ³⁴De fato, Davi não subiu ao céu, mas falou: ‘O Senhor disse ao meu Senhor: sente-se à minha direita, ³⁵até que eu faça de seus inimigos um lugar para apoiar seus pés.’

³⁶Que todo o povo de Israel fique sabendo com certeza que Deus tornou Senhor e Cristo aquele Jesus que vocês crucificaram.” [14-36]

O anúncio suscita conversão — ³⁷Quando ouviram isso, todos ficaram de coração aflito e perguntaram a Pedro e aos outros discípulos: “Irmãos, o que devemos fazer?” ³⁸Pedro respondeu: “Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo, para o perdão dos pecados; depois vocês receberão do Pai o dom do Espírito Santo. ³⁹Pois a promessa é em favor de vocês e de seus filhos, e para todos aqueles que estão longe, todos aqueles que o Senhor nosso Deus chamar.” ⁴⁰Com muitas outras palavras, Pedro lhes dava testemunho e exortava, dizendo: “Salvem-se dessa gente corrompida.” ⁴¹Os que acolheram a palavra de Pedro receberam o batismo. E nesse dia uniram-se a eles cerca de três mil pessoas. [37-41]

Primeiro retrato da comunidade — ⁴²Eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, no partir do pão e nas orações. ⁴³Em todos eles havia temor, por causa dos numerosos prodígios e sinais que os apóstolos realizavam. ⁴⁴Todos os que abraçaram a fé eram unidos e colocavam em comum todas as coisas; ⁴⁵vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um.

⁴⁶Diariamente, todos juntos frequentavam o Templo e nas casas partiam o pão, tomando alimento com alegria e simplicidade de coração. ⁴⁷Louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo. E a cada dia o Senhor acrescentava à comunidade outras pessoas que iam aceitando a salvação. [\[42-47\]](#)

CONFRONTO COM AS AUTORIDADES DE ISRAEL

3 *O nome de Jesus liberta* — ¹Pedro e João iam subindo ao Templo para a oração das três horas da tarde, ²quando viram trazer um homem, coxo de nascença. Costumavam colocá-lo todos os dias na porta do Templo chamada Formosa, para pedir esmola aos que entravam no Templo. ³Quando viu Pedro e João entrando no Templo, o homem pediu uma esmola. ⁴Pedro e João olharam bem para o homem. E Pedro disse: “Olhe para nós.” ⁵O homem olhou os dois com atenção, esperando receber alguma coisa. ⁶Então Pedro disse: “Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho eu lhe dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareu, levante-se e comece a andar!” ⁷Depois Pedro pegou a mão direita do homem e o ajudou a se levantar. Na mesma hora, os pés e tornozelos do homem ficaram firmes. ⁸Então ele deu um pulo, ficou de pé e começou a andar. E entrou no Templo junto com Pedro e João, andando, pulando e louvando a Deus.

⁹O povo todo viu o homem andando e louvando a Deus. ¹⁰Reconheceram que era ele quem ficava pedindo esmolas na porta Formosa do Templo. E ficaram admirados e espantados com o que havia acontecido a ele. [3,1-10]

Deus age através do nome de Jesus — ¹¹O homem curado não deixava mais Pedro e João. E todo o povo, assombrado, foi correndo ao chamado “Pórtico de Salomão.”

¹²Ao ver isso, Pedro se dirigiu ao povo: “Israelitas, por que vocês se espantam com o que aconteceu? Por que ficam olhando para nós, como se tivéssemos feito esse homem andar com o nosso próprio poder ou piedade? ¹³O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, o Deus de nossos antepassados glorificou o seu servo Jesus. Vocês o entregaram e o rejeitaram diante de Pilatos, que estava decidido a soltá-lo. ¹⁴Vocês, porém, renegaram o Santo e o Justo, e pediram clemência para um assassino. ¹⁵Vocês mataram o Autor da vida, mas Deus o ressuscitou dos mortos. E disso nós somos testemunhas. ¹⁶Graças à fé no nome de Jesus, esse Nome acaba de fortalecer este homem que vocês veem e reconhecem. A fé em Jesus deu saúde perfeita a esse homem que está na presença de todos vocês.

¹⁷Apesar disso, meus irmãos, eu sei que vocês agiram por ignorância, assim como os chefes de vocês. ¹⁸Deus, porém, cumpriu desse modo o que havia anunciado através de todos os profetas: que o seu Messias haveria de sofrer. ¹⁹Portanto, arrependam-se e convertam-se para que os pecados de vocês sejam

perdoados. ²⁰Assim vocês poderão alcançar o tempo do repouso que vem do Senhor. E ele enviará Jesus, o Messias que havia destinado para vocês. ²¹No entanto, é necessário que o céu o receba, até que se cumpra o tempo da restauração de todas as coisas, conforme disse Deus nos tempos passados pela boca de seus santos profetas. ²²De fato, Moisés afirmou: ‘O Senhor Deus fará surgir, entre os irmãos de vocês, um profeta como eu. Escutem tudo o que ele disser a vocês. ²³Quem não der ouvidos a esse profeta será eliminado do meio do povo.’ ²⁴E todos os profetas que falaram desde Samuel e seus sucessores, também eles anunciaram estes dias.

²⁵Vocês são filhos dos profetas e dos homens com quem Deus fez a Aliança, quando disse a Abraão: ‘Através da sua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra.’ ²⁶Após ter ressuscitado o seu servo, Deus o enviou em primeiro lugar a vocês, para os abençoar e para que cada um se converta de suas maldades.” [11-26]

4 *As autoridades procuram reprimir o testemunho* — ¹Pedro e João ainda estavam falando ao povo, quando chegaram os sacerdotes, o chefe da guarda do Templo e os saduceus. ²Estavam irritados porque os apóstolos ensinavam o povo e anunciavam que a ressurreição dos mortos tinha acontecido em Jesus. ³Prenderam Pedro e João e os colocaram na prisão até o dia seguinte, porque já estava anoitecendo. ⁴Todavia, muitos daqueles que tinham ouvido o discurso acreditaram. E o número dos homens chegou a uns cinco mil.

⁵No dia seguinte se reuniram em Jerusalém os chefes, os anciãos e os doutores da Lei. ⁶Aí estava o sumo sacerdote Anás e também Caifás, João Alexandre e todos os que pertenciam às famílias dos chefes dos sacerdotes. ⁷Fizeram Pedro e João comparecer diante deles e os interrogavam: “Com que poder, ou em nome de quem vocês fizeram isso?”

⁸Então Pedro, cheio do Espírito Santo, falou para eles: “Chefes do povo e anciãos! ⁹Hoje estamos sendo interrogados em julgamento porque fizemos o bem a um enfermo e pelo modo com que ele foi curado. ¹⁰Pois fiquem sabendo todos vocês, e também todo o povo de Israel: é pelo nome de Jesus Cristo, de Nazaré, — aquele que vocês crucificaram e que Deus ressuscitou dos mortos, — é pelo seu nome, e por nenhum outro, que este homem está curado diante de vocês. ¹¹Jesus é a pedra que vocês, construtores, rejeitaram, que se tornou a pedra angular. ¹²Não existe salvação em nenhum outro, pois debaixo do céu não

existe outro nome dado aos homens, pelo qual possamos ser salvos.”

¹³Eles ficaram admirados ao ver a segurança com que Pedro e João falavam, pois eram pessoas simples e sem instrução. Reconheceram que eles eram companheiros de Jesus. ¹⁴No entanto, viam em pé, junto a eles, o homem que tinha sido curado. E não podiam dizer nada em contrário.

¹⁵Mandaram que saíssem para fora do Sinédrio e começaram a discutir entre si: ¹⁶“O que vamos fazer com esses homens? Eles realizaram um milagre claríssimo, e o fato se tornou de tal modo conhecido por todos os habitantes de Jerusalém, que não podemos negar. ¹⁷Contudo, a fim de que a coisa não se espalhe ainda mais entre o povo, vamos ameaçá-los, para que não falem mais a ninguém a respeito do nome de Jesus.”

¹⁸Chamaram de novo Pedro e João e lhes ordenaram que de modo algum falassem ou ensinassem em nome de Jesus. ¹⁹Pedro e João responderam: “Julguem vocês mesmos se é justo diante de Deus que obedeçamos a vocês e não a ele! ²⁰Quanto a nós, não podemos nos calar sobre o que vimos e ouvimos.”

²¹Então, insistindo em suas ameaças, deixaram Pedro e João em liberdade, já que não tinham meio de castigá-los, por causa do povo. Pois todos glorificavam a Deus pelo que tinha acontecido. ²²De fato, o homem que tinha sido milagrosamente curado tinha mais de quarenta anos. [4,1-22]

Força para o testemunho — ²³Logo que foram postos em liberdade, Pedro e João voltaram para junto dos irmãos e contaram tudo o que os chefes dos sacerdotes e os anciãos haviam dito. ²⁴Ao ouvir o relato, todos elevaram a voz a Deus, dizendo: “Senhor, tu criaste o céu, a terra, o mar e tudo que existe neles. ²⁵Por meio do Espírito Santo disseste através do teu servo Davi, nosso pai: ‘Por que se amotinam as nações e os povos planejam em vão? ²⁶Os reis da terra se insurgem e os príncipes conspiram unidos contra o Senhor e contra o seu Messias.’ ²⁷Foi o que aconteceu nesta cidade: Herodes e Pôncio Pilatos se uniram com os pagãos e os povos de Israel contra Jesus, teu santo servo, a quem ungiste, ²⁸a fim de executarem tudo o que a tua mão e a tua vontade tinham predeterminado que sucedesse. ²⁹Agora, Senhor, olha as ameaças que fazem e concede que os teus servos anunciem corajosamente a tua palavra. ³⁰Estende a mão para que se realizem curas, sinais e prodígios por meio do nome do teu santo servo Jesus.”

³¹Quando terminaram a oração, estremeceu o lugar em que estavam reunidos. Todos, então, ficaram cheios do Espírito Santo e, com coragem, anunciavam a palavra de Deus. [23-31]

Segundo retrato da comunidade — ³²A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava propriedade particular as coisas que possuía, mas tudo era posto em comum entre eles. ³³Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus. E todos eles gozavam de grande aceitação. ³⁴Entre eles ninguém passava necessidade, pois aqueles que possuíam terras ou casas as vendiam, traziam o dinheiro ³⁵e o colocavam aos pés dos apóstolos; depois, ele era distribuído a cada um conforme a sua necessidade. ³⁶Foi assim que procedeu José, levita nascido em Chipre, apelidado pelos apóstolos com o nome de Barnabé, que significa “filho da exortação”. ³⁷Ele vendeu o campo que possuía, trouxe o dinheiro e o colocou aos pés dos apóstolos. [32-37]

5 ***A comunidade é sacramento do Espírito*** — ¹Um homem chamado Ananias fez um acordo com sua esposa Safira: vendeu uma propriedade que possuía, ²reteve uma parte do dinheiro para si e entregou a outra parte, colocando-a aos pés dos apóstolos. ³E Pedro lhe perguntou: “Ananias, por que você deixou Satanás tomar posse do seu coração? Por que você está mentindo para o Espírito Santo, conservando uma parte do preço do terreno? ⁴Você não podia conservá-lo para si sem vendê-lo? E mesmo que o vendesse, você não podia ficar com todo o dinheiro? Então, por que fez isso? Você não mentiu para os homens, mas para Deus”. ⁵Ao ouvir isso, Ananias caiu no chão e morreu. E grande temor se apoderou de todos os que estavam ouvindo. ⁶Os mais jovens se levantaram, enrolaram o corpo de Ananias num lençol e o levaram para enterrar.

⁷Umas três horas mais tarde, chegou a esposa de Ananias, sem saber o que havia acontecido. ⁸Pedro lhe perguntou: “É verdade que vocês venderam o terreno por esse preço?” Ela respondeu: “Sim, foi por esse preço”. ⁹Então Pedro disse: “Por que vocês fizeram acordo para tentar o Espírito do Senhor? Veja! Os que foram enterrar seu marido estão chegando. Eles vão levar você também!” ¹⁰No mesmo instante, Safira caiu aos pés de Pedro e morreu. Quando os jovens entraram, a encontraram morta e a levaram para enterrar junto do marido. ¹¹E grande temor se espalhou por toda a Igreja e entre todos aqueles que ouviram falar do que havia acontecido. [5,1-11]

Terceiro retrato da comunidade — ¹²Muitos sinais e prodígios eram realizados entre o povo pelas mãos dos apóstolos. E todos os fiéis se reuniam em grupo no Pórtico de Salomão. ¹³Os outros não se atreviam a juntar-se a eles, mas o povo os elogiava muito. ¹⁴Uma multidão cada vez maior de homens e mulheres aderiu ao Senhor, pela fé. ¹⁵Chegaram a ponto de transportar doentes para as praças, em esteiras e camas, para que Pedro, ao passar, pelo menos a sua sombra cobrisse alguns deles. ¹⁶A multidão vinha até das cidades vizinhas de Jerusalém, trazendo doentes e pessoas tomadas por espíritos impuros. E todos eram curados. [\[12-16\]](#)

Ninguém aprisiona a mensagem de vida — ¹⁷Então o sumo sacerdote, com todo o seu partido — isto é, o partido dos saduceus, — ficaram cheios de raiva, ¹⁸e mandaram prender os apóstolos e jogá-los na cadeia pública.

¹⁹Durante a noite, porém, o anjo do Senhor abriu as portas da prisão e os fez sair, dizendo: ²⁰“Vão ao Templo e lá continuem a anunciar ao povo toda a mensagem da vida.” ²¹Eles obedeceram e, ao amanhecer, entraram no Templo e começaram a ensinar. [\[17-21a\]](#)

Obedecer a Deus e não aos homens — O sumo sacerdote chegou com os seus partidários e convocou o Sinédrio, isto é, o Conselho das pessoas importantes do povo de Israel. Então mandaram buscar os apóstolos na prisão. ²²Os servos, ao chegarem à prisão, não os encontraram, e voltaram dizendo: ²³“Encontramos a prisão cuidadosamente fechada e os guardas estavam a postos na frente da porta. Mas quando abrimos a porta, não encontramos ninguém lá dentro.”

²⁴Ao ouvir essa notícia, o chefe da guarda do Templo e os chefes dos sacerdotes não sabiam o que pensar e se perguntavam o que poderia ter acontecido. ²⁵Chegou alguém que disse para eles: “Os homens que vocês colocaram na prisão estão no Templo ensinando o povo!” ²⁶Então o chefe da guarda do Templo saiu com os guardas e trouxe os apóstolos, mas sem violência, porque eles tinham medo que o povo os atacasse com pedras.

²⁷Levaram os apóstolos e os apresentaram ao Sinédrio. O sumo sacerdote disse: ²⁸“Nós tínhamos proibido expressamente ensinar em nome de Jesus e, no entanto, vocês encheram Jerusalém com a doutrina de vocês. E querem nos tornar responsáveis pela morte desse homem!” ²⁹Então Pedro e os outros apóstolos responderam: “É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens. ³⁰O Deus de nossos antepassados ressuscitou a Jesus, que vocês mataram,

suspendendo-o numa cruz. ³¹Mas Deus com a sua direita o exaltou, tornando-o Chefe supremo e Salvador, para dar ao povo a oportunidade de se arrepender e receber o perdão dos pecados. ³²E nós somos testemunhas dessas coisas, nós e o Espírito Santo, que Deus concedeu àqueles que lhe obedecem.” ³³Enfurecidos por essas palavras, os conselheiros estavam decididos a matar os apóstolos. [21b-33]

De onde vem esse projeto? — ³⁴Levantou-se, então, no Sinédrio, um fariseu chamado Gamaliel. Era doutor da Lei, e todo o povo o estimava. Gamaliel mandou que os acusados saíssem por um instante. ³⁵Depois disse: “Homens de Israel, vejam bem o que estão para fazer contra esses homens. ³⁶Algum tempo atrás apareceu Teudas, que se fazia passar por uma pessoa importante, e a ele se juntaram cerca de quatrocentos homens. Depois ele foi morto e todos os que o seguiam debandaram e nada mais restou. ³⁷Depois dele, no tempo do recenseamento, apareceu Judas, o galileu, que arrastou o povo atrás de si. Contudo, também ele acabou mal, e todos os seus seguidores se dispersaram. ³⁸Quanto ao que está acontecendo agora, dou-lhes um conselho: não se preocupem com esses homens, e os soltem. Porque, se o projeto ou atividade deles é de origem humana, será destruído; ³⁹mas se vem de Deus, vocês não conseguirão aniquilá-los. Cuidado para não se meterem contra Deus!” Os participantes do Sinédrio aceitaram o parecer de Gamaliel.

⁴⁰Chamaram os apóstolos, mandaram açoitá-los, proibiram que eles falassem em nome de Jesus, e depois os soltaram. ⁴¹Os apóstolos saíram do Conselho muito contentes por terem merecido sofrer insultos por causa do nome de Jesus. ⁴²E cada dia, no Templo e pelas casas, não paravam de ensinar e anunciar a Boa Notícia de Jesus Messias. [34-42]

PERSEGUIÇÃO E DIFUSÃO

6 *Novos ministérios* — ¹Naqueles dias, o número dos discípulos tinha aumentado, e os fiéis de origem grega começaram a queixar-se contra os fiéis de origem hebraica. Os de origem grega diziam que suas viúvas eram deixadas de lado no atendimento diário. ²Então os Doze convocaram uma assembleia geral dos discípulos, e disseram: “Não está certo que nós deixemos a pregação da palavra de Deus para servir às mesas. ³Irmãos, é melhor que escolham entre vocês sete homens de boa fama, repletos do Espírito e de sabedoria, e nós os encarregaremos dessa tarefa. ⁴Desse modo, nós poderemos dedicar-nos inteiramente à oração e ao serviço da Palavra.” ⁵A proposta agradou a toda a assembleia. Então escolheram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo; e também Filipe, Prócoro, Nicanor, Timon, Pármenas e Nicolau de Antioquia, um pagão que seguia a religião dos judeus. ⁶Todos estes foram apresentados aos apóstolos, que oraram e impuseram as mãos sobre eles.

⁷Entretanto, a Palavra do Senhor se espalhava. O número dos discípulos crescia muito em Jerusalém, e um grande número de sacerdotes judeus obedecia à fé cristã. [6,1-7]

Audácia do testemunho — ⁸Cheio de graça e poder, Estêvão fazia grandes prodígios e sinais entre o povo. ⁹No entanto, alguns membros da sinagoga dos Libertos, junto com cirenenses e alexandrinos, e alguns da Cilícia e da Ásia começaram a discutir com Estêvão. ¹⁰Mas não conseguiam resistir à sabedoria e ao Espírito com que Estêvão falava. ¹¹Então subornaram alguns indivíduos que disseram: “Ouvimos este homem dizendo coisas blasfemas contra Moisés e contra Deus.” ¹²Desse modo, incitaram o povo e os anciãos. Os doutores da Lei prenderam Estêvão e o conduziram ao Sinédrio. ¹³Aí apresentaram falsas testemunhas que diziam: “Este homem não para de falar contra este lugar santo e contra a Lei. ¹⁴De fato, nós o ouvimos afirmar que Jesus, o Nazareu, destruirá este lugar e subverterá os costumes que Moisés nos transmitiu.” ¹⁵Todos os que estavam sentados no Sinédrio tinham os olhos fixos sobre Estêvão e viram o seu rosto como o rosto de um anjo. [8-15]

7 *Deus caminha com o povo* — ¹Então o sumo sacerdote perguntou a Estêvão: “É verdade o que estão falando?” ²Estêvão respondeu: “Irmãos e pais, escutem. O Deus da glória apareceu ao nosso pai Abraão quando ele ainda

estava na Mesopotâmia, antes que ele habitasse em Harã. ³E lhe disse: ‘Saia da sua terra e da sua família e vá para a terra que eu vou lhe mostrar.’ ⁴Abraão saiu, então, da terra dos caldeus e se estabeleceu em Harã. E depois da morte do pai, Deus o fez emigrar daí para esta terra onde agora vocês moram. ⁵Deus não deu a ele nenhuma propriedade nesta terra, nem mesmo o espaço para ele pousar o pé. Mas prometeu dá-la como posse para ele e para a sua descendência, embora Abraão não tivesse filhos. ⁶Deus falou assim: ‘A descendência de Abraão será forasteira em terra estrangeira, será escravizada e maltratada durante quatrocentos anos. ⁷Mas eu pedirei contas à nação da qual eles serão escravos. Depois disso, sairão livres e me prestarão culto neste lugar.’ ⁸Depois Deus concedeu a Abraão a aliança da circuncisão. Desse modo, Abraão gerou Isaac e o circuncidou no oitavo dia; Isaac gerou Jacó; e Jacó gerou os doze patriarcas.

⁹Os patriarcas, porém, por inveja venderam José como escravo para o Egito. Mas Deus estava com ele ¹⁰e o libertou de todas as aflições, e lhe concedeu graça e sabedoria diante do Faraó, rei do Egito. Este o nomeou administrador do Egito e de toda a sua casa. ¹¹Sobreveio então uma carestia em todo o Egito e em Canaã; a miséria era grande e nossos pais não encontravam o que comer. ¹²Sabendo que no Egito havia mantimentos, Jacó enviou para lá nossos pais uma primeira vez. ¹³Na segunda vez, José deu-se a conhecer aos seus irmãos. E o Faraó ficou sabendo de que raça era José. ¹⁴Então José mandou chamar seu pai Jacó e toda a sua família, ao todo setenta e cinco pessoas. ¹⁵Jacó desceu para o Egito e aí morreu, como também nossos pais. ¹⁶E eles foram transportados para Siquém e colocados no sepulcro que Abraão tinha comprado em Siquém, a preço de prata, dos filhos de Hemor.

¹⁷Quando se aproximava o tempo de se realizar a promessa que Deus tinha feito a Abraão, o povo cresceu e se multiplicou no Egito, ¹⁸até que no Egito surgiu outro rei que não tinha conhecido José. ¹⁹Esse rei, agindo com astúcia contra a nossa raça, perseguiu nossos pais e os obrigou a abandonar os filhos recém-nascidos, para que não sobrevivessem. ²⁰Nesse tempo, nasceu Moisés, que era belo aos olhos de Deus. Durante três meses Moisés foi criado na casa de seu pai. ²¹Depois, quando foi abandonado, a filha do Faraó o recolheu e o criou como seu próprio filho. ²²Assim Moisés foi iniciado em toda a sabedoria dos egípcios e era poderoso no falar e no agir.

²³Quando completou quarenta anos, Moisés desejou visitar seus irmãos

israelitas. ²⁴Vendo que um deles era maltratado, tomou sua defesa, e para vingá-lo matou o egípcio. ²⁵Ele acreditava que seus irmãos iriam compreender que Deus, por meio dele, os libertaria; mas não compreenderam. ²⁶No dia seguinte, Moisés se apresentou entre seus irmãos que brigavam e procurava reconciliá-los, dizendo: ‘Vocês são irmãos. Por que estão prejudicando um ao outro?’ ²⁷Nesse momento, aquele que estava maltratando o companheiro contestou: ‘Quem o nomeou chefe ou juiz sobre nós?’ ²⁸Por acaso você quer me matar como fez ontem com o egípcio?’ ²⁹Ouvindo isso, Moisés fugiu e foi morar na região de Madiã, onde teve dois filhos.

³⁰Quarenta anos depois, apareceu-lhe no deserto do monte Sinai um anjo na chama de uma sarça que ardia. ³¹Moisés ficou admirado ao ver a aparição. Queria aproximar-se para ver melhor, quando então se ouviu a voz do Senhor: ³²‘Eu sou o Deus de seus pais, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó’. Moisés tremia e não ousava levantar os olhos. ³³Então o Senhor lhe disse: ‘Tire as sandálias dos pés, porque o lugar onde você está é terra santa. ³⁴Eu vi a miséria do meu povo no Egito. Ouvi o gemido deles e descí para o libertar. Agora venha, pois eu quero mandar você ao Egito.’ ³⁵Assim, aquele Moisés que os israelitas haviam renegado, dizendo: ‘Quem o nomeou chefe e juiz?’, Deus o enviou como chefe e libertador, por meio do anjo que tinha aparecido a ele na sarça. ³⁶Foi ele que os fez sair do Egito, realizando sinais e prodígios no Egito, no mar Vermelho e durante quarenta anos no deserto. ³⁷Esse é o Moisés que disse aos israelitas: ‘Deus suscitará entre os irmãos de vocês um profeta como eu.’ ³⁸Foi ele, na assembleia do deserto, quem serviu de intermediário entre o anjo que lhe falava no monte Sinai e os nossos pais. Ele recebeu as palavras de vida, para transmiti-las a nós. ³⁹Nossos pais, porém, não quiseram dar-lhe ouvidos. Ao contrário, o rejeitaram e, no seu desejo, voltaram ao Egito, ⁴⁰dizendo a Aarão: ‘Faça para nós deuses que nos guiem, porque não sabemos o que aconteceu com esse Moisés que nos tirou do Egito.’ ⁴¹Naqueles dias, construíram um bezerro, ofereceram um sacrifício ao ídolo e celebraram a obra de suas próprias mãos. ⁴²Então Deus se afastou deles e deixou que adorassem os astros do céu, como está escrito no livro dos profetas: ‘Por acaso, vocês me ofereceram vítimas e sacrifícios durante quarenta anos no deserto, ó casa de Israel?’ ⁴³Pelo contrário, vocês carregaram a tenda de Moloc e a estrela do deus Refã, imagens que vocês mesmos fabricaram para adorar. Por isso eu os deportarei para além de Babilônia’.

⁴⁴Nossos pais no deserto tinham a Tenda da presença de Deus. E Deus, que falava com Moisés, mandou que ele a construísse de acordo com o modelo que tinha visto. ⁴⁵Nossos pais receberam a Tenda e, sob a direção de Josué, a levaram para a terra das nações que Deus expulsou diante de nossos pais. E a Tenda ficou ali até o tempo de Davi. ⁴⁶E Davi encontrou graça diante de Deus e lhe pediu permissão para construir uma casa para o Deus de Jacó. ⁴⁷No entanto, foi Salomão quem construiu a casa. ⁴⁸O Altíssimo, porém, não mora em casa feita por mãos humanas, conforme diz o profeta: ⁴⁹‘O céu é o meu trono, e a terra é o lugar onde apoio os meus pés. Que casa vocês construirão para mim?, diz o Senhor; e qual será o lugar do meu descanso? ⁵⁰Não foi minha mão que fez todas essas coisas?’

⁵¹Homens teimosos, insensíveis e fechados à vontade de Deus! Vocês sempre resistiram ao Espírito Santo. Vocês são como foram seus pais! ⁵²A qual dos profetas os pais de vocês não perseguiram? Eles mataram aqueles que anunciavam a vinda do Justo, do qual agora vocês se tornaram traidores e assassinos. ⁵³Vocês receberam a Lei, promulgada através dos anjos, e não a observaram!” [7,1-53]

O discípulo não está acima do Mestre — ⁵⁴Ao ouvir essas palavras, eles ficaram enfurecidos e rangeram os dentes contra Estêvão. ⁵⁵Repleto do Espírito Santo, Estêvão olhou para o céu e viu a glória de Deus, e Jesus, de pé, à direita de Deus. ⁵⁶Então disse: “Estou vendo o céu aberto e o Filho do Homem, de pé à direita de Deus.” ⁵⁷Então eles deram fortes gritos, taparam os ouvidos e avançaram todos juntos contra Estêvão. ⁵⁸Arrastaram-no para fora da cidade e começaram a apedrejá-lo. As testemunhas deixaram seus mantos aos pés de um jovem chamado Saulo. ⁵⁹Atiravam pedras em Estêvão, que repetia esta invocação: “Senhor Jesus, recebe o meu espírito.” ⁶⁰Depois dobrou os joelhos e gritou forte: “Senhor, não os condenes por este pecado.” E, ao dizer isso, adormeceu. [54-60]

8 *A perseguição* — ¹Saulo era um daqueles que aprovavam a morte de Estêvão. Naquele dia, desencadeou-se uma grande perseguição contra a igreja de Jerusalém. E todos, fora os apóstolos, se espalharam pelas regiões da Judeia e da Samaria. ²Algumas pessoas piedosas sepultaram Estêvão e fizeram um grande luto por causa dele. ³Saulo, porém, devastava a Igreja: entrava nas casas e arrastava para fora homens e mulheres, para colocá-los na prisão. ⁴E aqueles que

se dispersaram iam de um lugar para outro, anunciando a Palavra. [8,1-4]

Alegria pela Boa Notícia — ⁵Filipe desceu a uma cidade da região de Samaria e aí começou a anunciar Cristo. ⁶As multidões seguiam com atenção tudo o que Filipe dizia, e todos em peso o escutavam, pois viam os milagres que ele fazia. ⁷Dando grandes gritos, os espíritos impuros saíam de muitos endemoninhados. Numerosos parálíticos e aleijados também foram curados. ⁸E a cidade se encheu de alegria. [5-8]

Não comercializar o dom de Deus — ⁹Na mesma cidade, havia um homem chamado Simão, que desde algum tempo praticava a magia. Ele impressionava o povo da Samaria, fazendo-se passar como uma pessoa importante. ¹⁰Todos, pequenos e grandes, aderiam a Simão, dizendo: “Este homem é o poder de Deus, que é chamado Grande.” ¹¹Aderiam a ele, porque há longo tempo Simão os deixava impressionados com suas artes mágicas. ¹²Quando começaram a acreditar em Filipe, que anunciava a Boa Notícia do Reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, tanto os homens como as mulheres se apresentavam para o batismo. ¹³Simão também aderiu à fé e, depois de batizado, não se separava de Filipe. Simão ficou muito impressionado ao ver os sinais e os grandes prodígios que aconteciam.

¹⁴Os apóstolos, que estavam em Jerusalém, souberam que a Samaria acolhera a Palavra de Deus, e enviaram para lá Pedro e João. ¹⁵Ao chegarem, Pedro e João rezaram pelos samaritanos, a fim de que eles recebessem o Espírito Santo. ¹⁶De fato, o Espírito ainda não viera sobre nenhum deles; e os samaritanos tinham apenas recebido o batismo em nome do Senhor Jesus. ¹⁷Então Pedro e João impuseram as mãos sobre os samaritanos, e eles receberam o Espírito Santo.

¹⁸Simão viu que o Espírito Santo era comunicado através da imposição das mãos. Então ofereceu dinheiro a Pedro e João, dizendo: ¹⁹“Deem para mim também esse poder, a fim de que receba o Espírito todo aquele sobre o qual eu impuser as mãos.” ²⁰Mas Pedro respondeu: “Pereça você junto com o seu dinheiro, pois você pensou que podia comprar com dinheiro aquilo que é dom de Deus. ²¹De nenhum modo você pode participar dessa realidade espiritual, porque a sua consciência não é correta diante de Deus. ²²Arrependa-se dessa maldade e suplique que o Senhor perdoe essa má intenção que você teve, ²³pois vejo que você está envolvido pela injustiça, como de fel amargo.” ²⁴Simão respondeu: “Supliquem por mim ao Senhor, para que não me aconteça nada do

que vocês falaram.”

²⁵Depois de ter testemunhado e anunciado a palavra do Senhor, Pedro e João voltaram para Jerusalém, levando a Boa Notícia a muitos povoados da Samaria. [9-25]

A iniciação cristã — ²⁶Um anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: “Prepare-se e vá para o sul, pelo caminho que desce de Jerusalém para Gaza; é o caminho que se acha no deserto.” Filipe levantou-se e foi. ²⁷Nisso apareceu um eunuco etíope, ministro de Candace, rainha da Etiópia. Ele era administrador geral do tesouro dela. Tinha ido a Jerusalém em peregrinação, ²⁸e estava voltando para casa. Ia sentado em seu carro, lendo o profeta Isaías. ²⁹Então o Espírito disse a Filipe: “Aproxime-se desse carro e o acompanhe.” ³⁰Filipe correu, ouviu o eunuco ler o profeta Isaías, e perguntou: “Você entende o que está lendo?” ³¹O eunuco respondeu: “Como posso entender, se ninguém me explica?” Então convidou Filipe a subir e a sentar-se junto a ele.

³²A passagem da Escritura que o eunuco estava lendo era esta: “Ele foi levado como ovelha ao matadouro. E como um cordeiro perante o seu tosquiador, ele ficava mudo e não abria a boca. ³³Eles o humilharam e lhe negaram a justiça. Quem poderá contar seus seguidores? Porque eles o arrancaram da terra dos vivos.” ³⁴Então o eunuco disse a Filipe: “Por favor, me explique: de quem o profeta está dizendo isso? Ele fala de si mesmo, ou se refere a outra pessoa?” ³⁵Então Filipe foi explicando. E, tomando essa passagem da Escritura como ponto de partida, anunciou Jesus ao eunuco. ³⁶Continuando o caminho, chegaram a um lugar onde havia água. Então o eunuco disse a Filipe: “Aqui existe água. O que impede que eu seja batizado?” ³⁷Filipe lhe disse: “É possível, se você acredita de todo o coração.” O eunuco respondeu: “Eu acredito que Jesus Cristo é o Filho de Deus!” ³⁸Então o eunuco mandou parar o carro. Os dois desceram junto às águas, e Filipe batizou o eunuco. ³⁹Quando saíram da água, o Espírito arrebatou Filipe, e o eunuco não o viu mais. Então prosseguiu sua viagem, cheio de alegria. ⁴⁰E Filipe foi parar em Azoto; e, passando adiante, evangelizava todas as cidades, até chegar a Cesareia. [26-40]

9 De perseguidor a apóstolo — ¹Saulo só respirava ameaças e morte contra os discípulos do Senhor. Ele apresentou-se ao sumo sacerdote ²e lhe pediu cartas de recomendação para as sinagogas de Damasco, a fim de levar presos para Jerusalém todos os homens e mulheres que encontrasse seguindo o Caminho.

³Durante a viagem, quando já estava perto de Damasco, Saulo se viu repentinamente cercado por uma luz que vinha do céu. ⁴Caiu por terra e ouviu uma voz que lhe dizia: “Saulo, Saulo, por que você me persegue?” ⁵Saulo perguntou: “Quem és tu, Senhor?” A voz respondeu: “Eu sou Jesus, a quem você está perseguindo. ⁶Agora, levante-se, entre na cidade, e aí dirão o que você deve fazer.” ⁷Os homens que acompanhavam Saulo ficaram cheios de espanto, porque ouviam a voz, mas não viam ninguém. ⁸Saulo se levantou do chão e abriu os olhos, mas não conseguia ver nada. Então o pegaram pela mão e o levaram para Damasco. ⁹E Saulo ficou três dias sem poder ver, e não comeu nem bebeu nada.

¹⁰Em Damasco havia um discípulo chamado Ananias. O Senhor o chamou numa visão: “Ananias!” E Ananias respondeu: “Aqui estou, Senhor!” ¹¹E o Senhor disse: “Prepare-se e vá até a rua que se chama rua Direita e procure, na casa de Judas, um homem chamado Saulo, apelidado Saulo de Tarso. Ele está rezando ¹²e acaba de ter uma visão. De fato, ele viu um homem chamado Ananias impondo-lhe as mãos para que recuperasse a vista.” ¹³Ananias respondeu: “Senhor, já ouvi muita gente falar desse homem e do mal que ele fez aos teus fiéis em Jerusalém. ¹⁴E aqui em Damasco ele tem plenos poderes, que recebeu dos chefes dos sacerdotes, para prender todos os que invocam o teu nome.” ¹⁵Mas o Senhor disse a Ananias: “Vá, porque esse homem é um instrumento que eu escolhi para anunciar o meu nome aos pagãos, aos reis e ao povo de Israel. ¹⁶Eu vou mostrar a Saulo quanto ele deve sofrer por causa do meu nome.” ¹⁷Então Ananias saiu, entrou na casa e impôs as mãos sobre Saulo, dizendo: “Saulo, meu irmão, o Senhor Jesus, que lhe apareceu quando você vinha pelo caminho, me mandou aqui para que você recupere a vista e fique cheio do Espírito Santo.” ¹⁸Imediatamente caiu dos olhos de Saulo alguma coisa parecida com escamas, e ele recuperou a vista. Em seguida Saulo se levantou e foi batizado. ¹⁹Logo depois comeu e ficou forte como antes. [9,1-19a]

De perseguidor a perseguido — Saulo passou então alguns dias com os discípulos em Damasco. ²⁰E logo começou a pregar nas sinagogas, afirmando que Jesus é o Filho de Deus. ²¹Os ouvintes ficavam impressionados e comentavam: “Não é este o homem que descarregava em Jerusalém a sua fúria contra os que invocam o nome de Jesus? E não é ele que veio aqui justamente para os prender e levar aos chefes dos sacerdotes?” ²²No entanto, Saulo se fortalecia cada vez mais e deixava confusos os judeus que moravam em

Damasco, demonstrando que Jesus é o Messias.

²³Passado algum tempo, os judeus fizeram uma trama para matar Saulo, ²⁴mas seus planos chegaram ao conhecimento de Saulo. Os judeus montavam guarda dia e noite também junto às portas da cidade, a fim de o eliminar. ²⁵Os discípulos dele, porém, o tomaram de noite e o fizeram descer pela muralha, dentro de um cesto. [19b-25]

O testemunho provoca solidariedade — ²⁶Saulo chegou a Jerusalém e procurava juntar-se aos discípulos. Mas todos tinham medo dele, pois não acreditavam que ele fosse discípulo. ²⁷Então Barnabé tomou Saulo consigo, o apresentou aos apóstolos e lhes contou como Saulo no caminho tinha visto o Senhor, como o Senhor lhe havia falado, e como ele havia pregado corajosamente em nome de Jesus na cidade de Damasco.

²⁸Daí em diante Saulo ficou em Jerusalém com eles, e pregava corajosamente em nome do Senhor. ²⁹Saulo também falava e discutia com os judeus de língua grega, mas eles procuravam um jeito de o matar. ³⁰Quando souberam disso, os irmãos levaram Saulo para a cidade de Cesareia, e daí o mandaram para a cidade de Tarso. [26-30]

Novo retrato da Igreja — ³¹E a Igreja vivia em paz em toda a Judeia, Galileia e Samaria. Ela se edificava e progredia no temor do Senhor, e crescia em número com a ajuda do Espírito Santo. [31]

A ação libertadora da Igreja — ³²Pedro, que percorria todos os lugares, visitou também os fiéis que moravam em Lida. ³³Aí encontrou um homem chamado Eneias, que estava paralítico e há oito anos jazia na cama. ³⁴Pedro lhe disse: “Eneias, Jesus Cristo está curando você! Levante-se e arrume a sua cama!” Imediatamente Eneias se levantou. ³⁵Todos os habitantes de Lida e da região do Saron viram isso e se converteram ao Senhor.

³⁶Em Jope havia uma discípula chamada Tabita, nome que quer dizer Gazela. Ela praticava muitas obras boas e dava grandes esmolas. ³⁷Nesses dias, ela ficou doente e morreu. Então lavaram seu corpo e o colocaram no piso superior da casa. ³⁸Como Lida ficava perto de Jope, os discípulos, ouvindo dizer que Pedro estava lá, mandaram dois homens com um recado: “Venha sem demora até nós!” ³⁹Pedro partiu imediatamente com eles. Logo que chegou, os presentes o levaram ao piso superior, onde as viúvas foram ao seu encontro. Chorando, todas mostravam a Pedro as túnicas e mantos que Tabita havia feito quando vivia com

elas. ⁴⁰Pedro mandou que todas saíssem; em seguida se pôs de joelhos e rezou. Depois, voltou-se para o corpo e disse: “Tabita, levante-se!” Ela então abriu os olhos, viu Pedro e sentou-se. ⁴¹Pedro lhe deu a mão e ajudou para ela se levantar. Depois chamou os fiéis e as viúvas, e apresentou-lhes Tabita viva. ⁴²O fato ficou conhecido em toda a cidade de Jope, e muitos acreditaram no Senhor. ⁴³Pedro ficou vários dias em Jope, hospedado na casa de um curtidor de peles chamado Simão. [\[32-43\]](#)

A IGREJA E OS PAGÃOS: O CONFLITO GERA O CONCÍLIO [10-14]

10 *Quebrando barreiras* — ¹Na cidade de Cesareia morava um homem chamado Cornélio, centurião da coorte chamada Itálica. ²Era piedoso e, junto com todos os da sua família, pertencia ao grupo dos tementes a Deus; dava muitas esmolas ao povo e orava sempre a Deus.

³Certo dia, pelas três horas da tarde, Cornélio teve uma visão. Viu claramente que um anjo de Deus vinha ao seu encontro, chamando: “Cornélio!” ⁴E Cornélio olhou para ele; cheio de medo, perguntou: “O que há, Senhor?” O anjo respondeu: “As orações e esmolas que você fez foram aceitas por Deus em seu favor. ⁵Agora, mande alguns homens a Jope para que tragam certo Simão, também chamado Pedro. ⁶Ele está hospedado na casa de um curtidor chamado Simão, que vive perto do mar.” ⁷Quando o anjo que lhe falava desapareceu, Cornélio chamou dois empregados e um soldado piedoso que estava a seu serviço. ⁸Explicou-lhes tudo e os mandou a Jope.

⁹No dia seguinte, enquanto eles estavam a caminho e se aproximavam da cidade, ao meio-dia Pedro subiu ao terraço para rezar. ¹⁰Sentiu fome e quis comer; mas enquanto preparavam a comida, Pedro entrou em êxtase. ¹¹Viu o céu aberto e uma coisa que descia para a terra; parecia uma grande toalha sustentada pelas quatro pontas. ¹²Dentro dela havia todo tipo de quadrúpedes e também répteis da terra e aves do céu. ¹³E uma voz lhe disse: “Levante-se, Pedro, mate e coma!” ¹⁴Mas Pedro respondeu: “De modo nenhum, Senhor! Porque eu jamais comi coisa profana e impura!” ¹⁵A voz lhe disse pela segunda vez: “Não chame de impuro o que Deus purificou.” ¹⁶Isso repetiu-se por três vezes. Depois a coisa foi recolhida ao céu.

¹⁷Pedro ficou muito perplexo e interrogava a si mesmo o que podia significar a visão que acabava de ter. Nesse momento, os homens enviados por Cornélio perguntaram pela casa de Simão e se apresentaram à porta. ¹⁸Eles chamaram e perguntaram se estava hospedado aí certo Simão, chamado Pedro. ¹⁹E Pedro ainda estava pensando sobre a visão, quando o Espírito lhe disse: “Aí estão três homens que procuram por você. ²⁰Levante-se, desça e vá com eles sem hesitar, porque fui eu que os mandei.” ²¹Pedro desceu ao encontro dos homens e disse: “Sou eu mesmo que vocês estão procurando. Qual é o motivo que os traz aqui?”

²²Eles responderam: “O centurião Cornélio, homem justo e temente a Deus, estimado por todo o povo judeu, recebeu de um anjo santo a ordem de convidar você para ir à casa dele, a fim de escutar o que você tem a lhe dizer.” ²³Pedro então os fez entrar e lhes deu hospedagem.

No dia seguinte, Pedro partiu com eles, e alguns irmãos de Jope o acompanharam. ²⁴E no outro dia chegou a Cesareia. ²⁵Quando Pedro estava para entrar, Cornélio saiu-lhe ao encontro, caiu a seus pés e se ajoelhou diante dele. ²⁶Mas Pedro o levantou, dizendo: “Levante-se. Eu também sou apenas um homem.” ²⁷Depois, continuando a conversar com Cornélio, entrou em casa. Encontrou muitas pessoas reunidas e disse: ²⁸“Vocês sabem que é proibido para um judeu relacionar-se com um estrangeiro ou entrar na casa dele. Deus, porém, mostrou-me que não se deve dizer que algum homem é profano ou impuro. ²⁹Por isso, sem hesitar eu vim logo que vocês me mandaram chamar. Agora pergunto: por qual motivo vocês me fizeram vir?”

³⁰Cornélio então respondeu: “Há quatro dias, nesta mesma hora, eu estava em casa recitando a oração das três horas da tarde, quando se apresentou diante de mim um homem com vestes resplandecentes ³¹e me disse: ‘Cornélio, sua oração foi ouvida e suas esmolas foram lembradas diante de Deus. ³²Por isso, mande procurar em Jope certo Simão, chamado Pedro. Ele está hospedado na casa do curtidor Simão, à beira-mar!’ ³³Imediatamente mandei chamá-lo, e foi bom você vir. Agora, portanto, estamos todos aqui, na presença de Deus, prontos para ouvir o que o Senhor o encarregou de nos dizer.” [10,1-33]

A essência da catequese de Pedro — ³⁴Pedro então começou a falar: “De fato, estou compreendendo que Deus não faz diferença entre as pessoas. ³⁵Pelo contrário, ele aceita quem o teme e pratica a justiça, seja qual for a nação a que pertença. ³⁶Deus enviou sua palavra aos israelitas e lhes anunciou a Boa Notícia da paz por meio de Jesus Cristo, que é o Senhor de todos. ³⁷Vocês sabem o que aconteceu em toda a Judeia, a começar pela Galileia, depois do batismo pregado por João. ³⁸Eu me refiro a Jesus de Nazaré: Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder. E Jesus andou por toda parte, fazendo o bem e curando todos os que estavam dominados pelo diabo; porque Deus estava com Jesus. ³⁹E nós somos testemunhas de tudo o que Jesus fez na terra dos judeus e em Jerusalém. Eles mataram Jesus, suspendendo-o numa cruz. ⁴⁰Deus, porém, o ressuscitou no terceiro dia e lhe concedeu manifestar a sua presença, ⁴¹não para todo o povo,

mas para as testemunhas que Deus já havia escolhido: para nós, que comemos e bebemos com Jesus, depois que ele ressuscitou dos mortos. ⁴²E Jesus nos mandou pregar ao povo e testemunhar que Deus o constituiu Juiz dos vivos e dos mortos. ⁴³Sobre ele todos os profetas dão o seguinte testemunho: todo aquele que acredita em Jesus recebe, em seu nome, o perdão dos pecados.” [34-43]

O Pentecostes dos pagãos — ⁴⁴Pedro ainda estava falando, quando o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a Palavra. ⁴⁵Os fiéis de origem judaica, que tinham ido com Pedro, ficaram admirados de que o dom do Espírito Santo também fosse derramado sobre os pagãos. ⁴⁶De fato, eles os ouviam falar em línguas estranhas e louvar a grandeza de Deus. Então Pedro falou: ⁴⁷“Será que podemos negar a água do batismo a estas pessoas que receberam o Espírito Santo, da mesma forma que nós recebemos?” ⁴⁸Então Pedro mandou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo. Depois pediram que Pedro ficasse alguns dias com eles. [44-48]

11 *Quem pode se opor a Deus?* — ¹Os apóstolos e os irmãos que viviam na Judeia souberam que também os pagãos haviam acolhido a Palavra de Deus. ²Quando Pedro subiu a Jerusalém, os fiéis de origem judaica começaram a discutir com ele, dizendo: ³“Você entrou na casa de incircuncisos e comeu com eles!” ⁴Então Pedro começou a relatar-lhes, passo a passo, o que havia acontecido: ⁵“Eu estava na cidade de Jope e, ao fazer oração, entrei em êxtase e tive a seguinte visão: vi uma coisa parecida com uma grande toalha que, sustentada pelas quatro pontas, descia do céu e chegava até mim. ⁶Olhei atentamente e vi dentro dela quadrúpedes, animais selvagens, répteis da terra e aves do céu. ⁷Depois ouvi uma voz que me dizia: ‘Levante-se, Pedro, mate e coma’. ⁸Eu respondi: ‘De modo nenhum, Senhor! Porque jamais coisa profana e impura entrou na minha boca’. ⁹A voz me disse pela segunda vez: ‘Não chame de impuro o que Deus purificou’. ¹⁰Isso repetiu-se por três vezes. Depois a coisa foi novamente levantada para o céu. ¹¹Nesse momento, três homens se apresentaram na casa em que nos encontrávamos. Tinham sido enviados de Cesareia, à minha procura. ¹²O Espírito me disse que eu fosse com eles sem hesitar. Os seis irmãos que estão aqui me acompanharam, e nós entramos na casa daquele homem. ¹³Ele nos contou que tinha visto um anjo apresentar-se em sua casa e dizer: ‘Mande alguém a Jope para fazer com que Simão, também chamado Pedro, venha até aqui. ¹⁴Ele fará uma apresentação dos acontecimentos

que vão trazer a salvação para você e para toda a sua família’. ¹⁵Logo que comecei a falar, o Espírito Santo desceu sobre eles, da mesma forma que desceu sobre nós no princípio. ¹⁶Então eu me lembrei do que o Senhor havia dito: ‘João batizou com água, mas vocês serão batizados no Espírito Santo’. ¹⁷Deus concedeu a eles o mesmo dom que deu a nós por termos acreditado no Senhor Jesus Cristo. Quem seria eu para me opor à ação de Deus?”

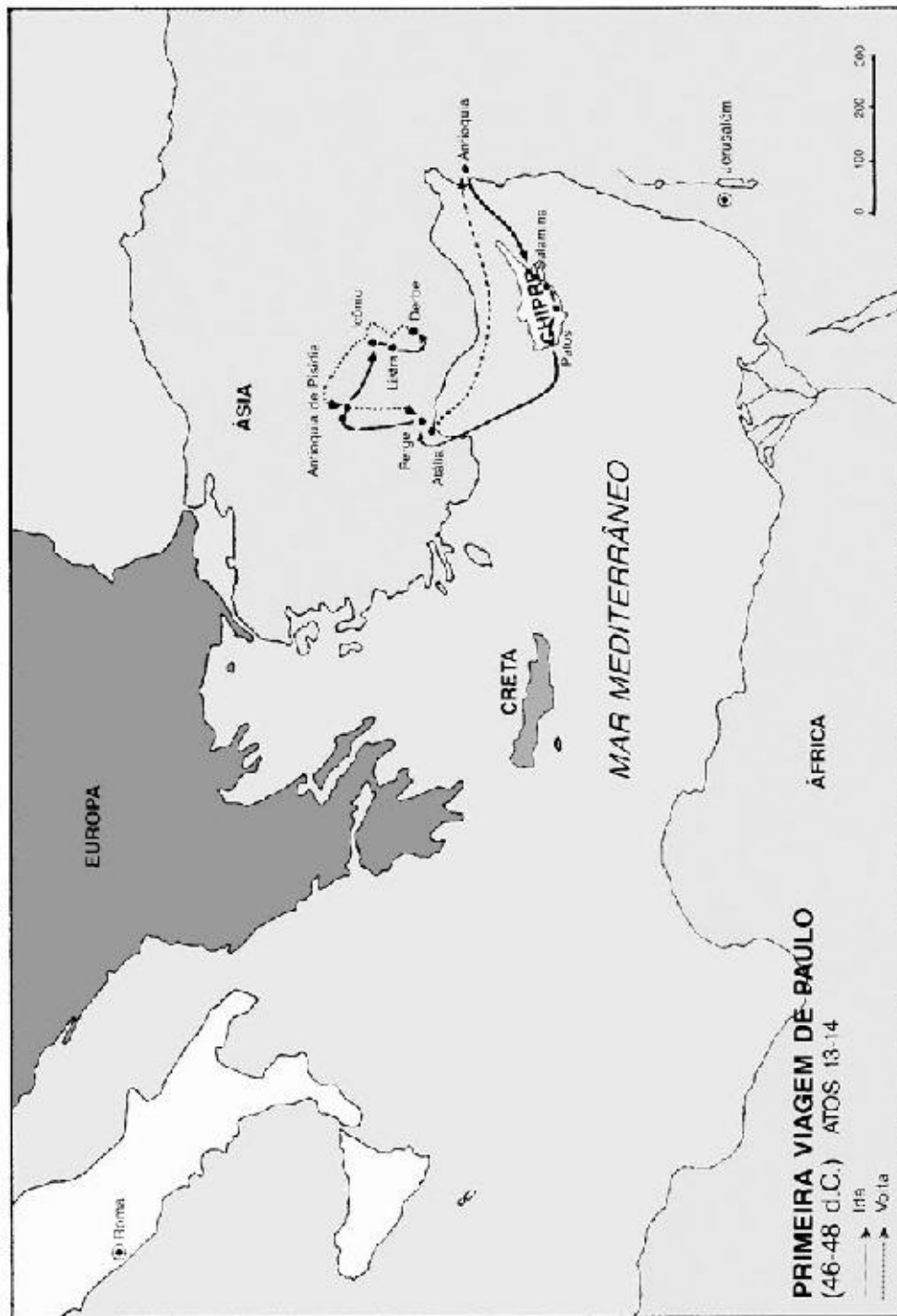
¹⁸Ao ouvir isso, os fiéis de origem judaica se acalmaram e glorificaram a Deus, dizendo: “Também aos pagãos Deus concedeu a conversão que leva para a vida!” [11,1-18]

Uma nova Igreja em Antioquia — ¹⁹Aqueles que se haviam espalhado por causa da tribulação que se seguiu à morte de Estêvão, chegaram à Fenícia, à ilha de Chipre e à cidade de Antioquia, embora não pregassem a Palavra a ninguém que não fosse judeu. ²⁰Contudo, alguns deles, habitantes de Chipre e da cidade de Cirene, chegaram a Antioquia e começaram a pregar também para os gregos, anunciando-lhes a Boa Notícia do Senhor Jesus. ²¹A mão do Senhor estava com eles, de modo que foi grande o número dos que acreditaram e se converteram ao Senhor. ²²A notícia chegou aos ouvidos da igreja de Jerusalém, e esta enviou Barnabé para Antioquia.

²³Quando Barnabé chegou e viu a graça de Deus, ficou muito contente e os animou a permanecerem de todo o coração ligados ao Senhor. ²⁴Barnabé era homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé. E uma considerável multidão se uniu ao Senhor.

²⁵Barnabé foi, então, para Tarso em busca de Saulo. ²⁶E o encontrou e levou para Antioquia. Passaram um ano inteiro trabalhando juntos nessa igreja, e instruíram muita gente. Foi em Antioquia que os discípulos receberam, pela primeira vez, o nome de “cristãos.” [19-26]

Solidariedade entre as comunidades — ²⁷Nesse tempo, alguns profetas desceram de Jerusalém para Antioquia. ²⁸Um deles, chamado Ágabo, iluminado pelo Espírito, anunciou que uma grande fome viria sobre a terra. De fato, essa fome sobreveio no tempo do imperador Cláudio. ²⁹Os discípulos decidiram, então, mandar uma ajuda, cada qual segundo suas possibilidades, aos irmãos que viviam na Judeia. ³⁰Assim o fizeram. E enviaram a ajuda aos anciãos por meio de Saulo e Barnabé. [27-30]



12 *Deus é solidário com seus fiéis* — ¹Nesse tempo, o rei Herodes começou a perseguir alguns membros da Igreja, ²e mandou matar à espada Tiago, irmão de João. ³Vendo que isso agradava aos judeus, decidiu prender também Pedro. Eram os dias da festa dos pães sem fermento. ⁴Depois de o prender, colocou-o na prisão e o confiou à guarda de quatro grupos de quatro soldados

cada um. Herodes tinha a intenção de apresentar Pedro ao povo logo depois da festa da Páscoa. ⁵Pedro era vigiado na prisão, mas a oração fervorosa da Igreja subia continuamente até Deus, intercedendo em favor dele.

⁶Herodes estava para apresentar Pedro. Nessa mesma noite, Pedro dormia entre dois soldados. Estava preso com duas correntes, e os guardas vigiavam a porta da prisão. ⁷De repente, apareceu o anjo do Senhor, e a cela ficou toda iluminada. O anjo tocou o ombro de Pedro, o acordou, e lhe disse: “Levante-se depressa.” As correntes caíram das mãos de Pedro. ⁸E o anjo continuou: “Aperte o cinto e calce as sandálias.” Pedro obedeceu, e o anjo lhe disse: “Ponha a capa e venha comigo.” ⁹Pedro acompanhou o anjo, sem saber se era mesmo realidade o que o anjo estava fazendo, pois achava que tudo isso era uma visão. ¹⁰Depois de passarem pela primeira e segunda guarda, chegaram ao portão de ferro que dava para a cidade. O portão se abriu sozinho. Eles saíram, entraram numa rua, e logo depois o anjo o deixou. ¹¹Então Pedro caiu em si e disse: “Agora sei que o Senhor de fato enviou o seu anjo para me libertar do poder de Herodes e de tudo o que o povo judeu queria me fazer.”

¹²Pedro então refletiu e foi para a casa de Maria, mãe de João, também chamado Marcos, onde muitos se haviam reunido para rezar. ¹³Bateu à porta, e uma empregada, chamada Rosa, foi abrir. ¹⁴A empregada reconheceu a voz de Pedro, mas sua alegria foi tanta que, em vez de abrir a porta, entrou correndo para contar que Pedro estava ali, junto à porta. ¹⁵Os presentes disseram: “Você está ficando louca!” Mas ela insistia. Eles disseram: “Então deve ser o seu anjo!” ¹⁶Pedro, entretanto, continuava a bater. Por fim, eles abriram a porta: era Pedro mesmo. E eles ficaram sem palavras. ¹⁷Com a mão Pedro fez sinal para que ficassem calados. E lhes contou como o Senhor o fizera sair da prisão. E acrescentou: “Contem isso a Tiago e aos irmãos.” Depois, Pedro saiu e se pôs a caminho para outro lugar.

¹⁸Ao amanhecer, houve grande confusão entre os soldados: o que teria acontecido com Pedro? ¹⁹Herodes mandou procurá-lo. Como não o encontrassem, procedeu ao interrogatório dos guardas e deu ordens para que fossem executados. Depois desceu da Judeia para Cesareia, onde permaneceu algum tempo.

²⁰Herodes estava enfurecido com os habitantes de Tiro e Sidônia. Estes fizeram um acordo entre si e se apresentaram diante de Herodes, depois de conquistarem as graças de Blasto, o camareiro real. Eles pediam a paz, já que seu país recebia

mantimentos do território do rei. ²¹No dia marcado, Herodes vestiu-se com os trajes reais, tomou seu lugar na tribuna e lhes dirigiu a palavra oficial. ²²O povo começou a clamar: “É a voz de um deus e não de um homem!” ²³Mas, imediatamente, o anjo do Senhor feriu Herodes, porque ele não tinha dado glória a Deus. E Herodes expirou, carcomido por vermes.

²⁴A Palavra de Deus, entretanto, crescia e se multiplicava. ²⁵Barnabé e Saulo terminaram seu serviço em favor de Jerusalém e voltaram, levando consigo João, também chamado Marcos. [12,1-25]

13 Comunidade e missão — ¹Havia profetas e mestres na igreja de Antioquia. Eram eles: Barnabé, Simeão, chamado o Negro, Lúcio, da cidade de Cirene, Manaém, companheiro de infância do governador Herodes, e Saulo.

²Certo dia, eles estavam fazendo uma reunião litúrgica com jejum, e o Espírito Santo disse: “Separem para mim Barnabé e Saulo, a fim de fazerem o trabalho para o qual eu os chamei.” ³Então eles jejuaram e rezaram; depois impuseram as mãos sobre Barnabé e Saulo e se despediram deles. [13,1-3]

O Evangelho vence a magia — ⁴Enviados pelo Espírito Santo, Barnabé e Saulo desceram a Selêucia e daí navegaram para Chipre. ⁵Quando chegaram a Salamina, começaram a anunciar a Palavra de Deus nas sinagogas dos judeus, tendo João como ajudante.

⁶Atravessaram toda a ilha até Pafos e aí encontraram um judeu, mago e falso profeta, que se chamava Bar-Jesus. ⁷Este se encontrava na casa do procônsul Sérgio Paulo, homem de bom critério, que mandou chamar Barnabé e Saulo, pois desejava escutar a Palavra de Deus. ⁸Porém, o mago Elimas — assim se traduz o seu nome — se opôs, procurando afastar da fé o procônsul. ⁹Então Saulo, também chamado Paulo, cheio de Espírito Santo, fixou os olhos em Elimas ¹⁰e disse: “Filho do diabo, cheio de falsidade e malícia, inimigo de toda justiça, quando é que você vai parar de torcer os caminhos do Senhor, que são retos? ¹¹Eis que a mão do Senhor vai cair agora sobre você. Você ficará cego e, por algum tempo, não verá mais o sol.” No mesmo instante escuridão e trevas envolveram Elimas, e ele começou a andar às cegas, procurando alguém que lhe desse a mão. ¹²Ao ver o que acontecera, o procônsul abraçou a fé, pois ficara impressionado com a doutrina do Senhor. [4-12]

A essência da catequese de Paulo — ¹³Paulo e seus companheiros embarcaram em Pafos e chegaram a Perge da Panfília. João, porém, separou-se do grupo e

voltou para Jerusalém. ¹⁴Barnabé e Paulo partiram de Perge e chegaram a Antioquia da Pisídia. No sábado, entraram na sinagoga e sentaram-se. ¹⁵Depois da leitura da Lei e dos Profetas, os chefes da sinagoga mandaram dizer a eles: “Irmãos, se vocês têm alguma palavra de encorajamento para o povo, podem falar.” ¹⁶Paulo então levantou-se, fez sinal com a mão e disse: “Homens de Israel, e vocês que temem a Deus, escutem! ¹⁷O Deus deste povo, o Deus de Israel, escolheu nossos antepassados e multiplicou o povo durante seu exílio na terra do Egito. Depois, ele os tirou daí, com braço poderoso. ¹⁸E, durante mais ou menos quarenta anos, cercou-os de cuidados no deserto. ¹⁹Destruuiu sete nações na terra de Canaã e deu a eles a posse do território delas, ²⁰por quatrocentos e cinquenta anos aproximadamente. Depois disso lhes concedeu juízes, até o profeta Samuel. ²¹Em seguida, eles pediram um rei, e Deus concedeu-lhes Saul, filho de Cis, da tribo de Benjamim, que reinou durante quarenta anos. ²²Após depor Saul da realeza, Deus suscitou para eles o rei Davi, do qual prestou o seguinte testemunho: ‘Encontrei Davi, filho de Jessé, homem segundo o meu coração; ele cumprirá todas as minhas vontades’. ²³Conforme havia prometido, Deus fez surgir da descendência de Davi um Salvador para Israel, que é Jesus. ²⁴E João, o precursor, havia preparado a chegada de Jesus, pregando a todo o povo de Israel um batismo de arrependimento. ²⁵Estando para terminar a sua missão, João declarou: ‘Não sou aquele que vocês pensam que eu seja! Vejam: depois de mim é que vem aquele do qual não mereço sequer desamarrar as sandálias!’

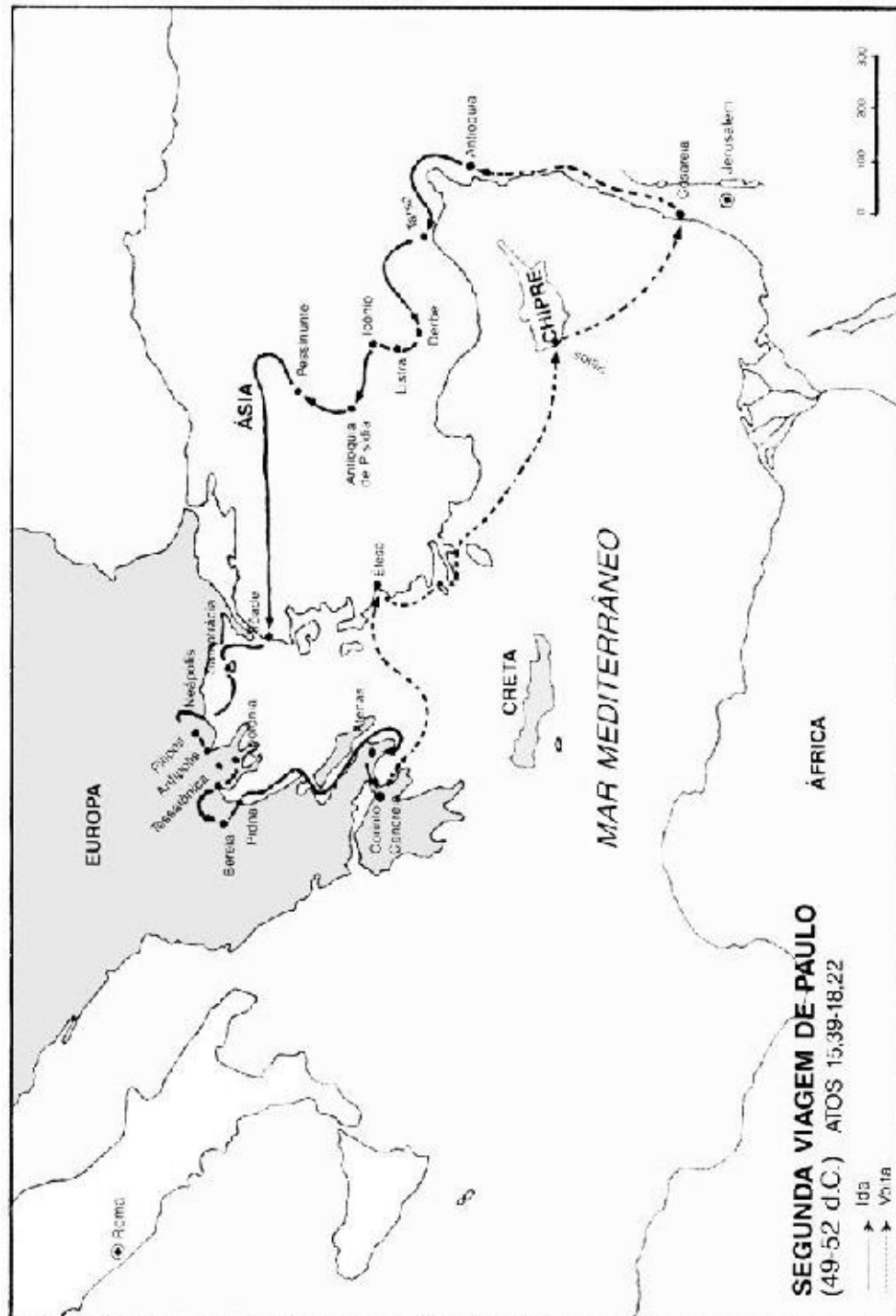
²⁶Irmãos, descendentes de Abraão e não-judeus que adoram a Deus, esta mensagem de salvação foi enviada para nós. ²⁷Porque os habitantes de Jerusalém e seus chefes não reconheceram a Jesus e, ao condená-lo, cumpriram as profecias que são lidas aos sábados. ²⁸Embora não encontrassem nenhum motivo para condenar Jesus à morte, pediram a Pilatos que ele fosse morto. ²⁹Depois de fazerem tudo o que a Escritura diz a respeito de Jesus, eles o tiraram da cruz e o puseram num túmulo. ³⁰Mas Deus o ressuscitou dos mortos, ³¹e durante muitos dias ele apareceu àqueles que o acompanharam da Galileia para Jerusalém. Agora eles são testemunhas de Jesus diante do povo. ³²Nós anunciamos a vocês este Evangelho: a promessa que Deus fez aos antepassados, ³³ele a cumpriu plenamente para nós, seus filhos, quando ressuscitou Jesus, como está escrito no segundo Salmo: ‘Você é o meu filho, eu hoje o gerei’. ³⁴Deus ressuscitou Jesus dos mortos, para que nunca voltasse à corrupção. Isso

ele o disse desta maneira: ‘Cumprirei para vocês a promessa fiel que fiz a Davi’. ³⁵Por isso diz também em outro lugar: ‘Não permitirás que teu fiel conheça a corrupção’. ³⁶Ora, tendo cumprido a missão que Deus lhe dera para sua época, Davi morreu, foi para junto de seus pais e conheceu a corrupção. ³⁷Mas aquele que Deus ressuscitou não conheceu a corrupção. ³⁸Portanto, fiquem sabendo bem, irmãos, que por meio dele é anunciado a vocês o perdão dos pecados. ³⁹E, por meio dele, todo aquele que acredita é justificado de todas as coisas de que vocês não puderam ser justificados pela Lei de Moisés. ⁴⁰Portanto, tenham cuidado para que não aconteça a vocês o que os profetas disseram: ⁴¹‘Olhem, desprezadores, se admirem e desapareçam! Porque nos dias de vocês vou realizar uma coisa que vocês não acreditariam se lhes fosse contada!’”

⁴²Ao saírem, Paulo e Barnabé foram convidados a continuar falando sobre o mesmo assunto no sábado seguinte. ⁴³Depois que terminou a reunião, muitos judeus e outras pessoas convertidas ao judaísmo seguiram Paulo e Barnabé. Os dois conversavam com essas pessoas e insistiam para que continuassem fiéis à graça de Deus. [13-43]

Palavra e conversão — ⁴⁴No sábado seguinte, quase toda a cidade se reuniu para ouvir a Palavra de Deus. ⁴⁵Quando os judeus viram aquela multidão, ficaram cheios de inveja e com blasfêmias se opunham ao que Paulo dizia. ⁴⁶Então, com mais coragem ainda, Paulo e Barnabé declararam: “Era preciso anunciar a palavra de Deus, em primeiro lugar para vocês, que são judeus. Porém, como vocês a rejeitam e não se julgam dignos da vida eterna, saibam que nós vamos dedicar-nos aos pagãos. ⁴⁷Porque é esta a ordem que o Senhor nos deu: ‘Eu coloquei você como luz para as nações, para que leve a salvação até aos extremos da terra’.”

⁴⁸Os pagãos ficaram muito contentes quando ouviram isso, e começaram a elogiar a palavra do Senhor. E todos os que estavam destinados à vida eterna abraçaram a fé. ⁴⁹Desse modo, a palavra do Senhor se espalhava por toda a região. ⁵⁰No entanto, os judeus instigaram algumas senhoras ricas e piedosas, e também os líderes da cidade; e provocaram uma perseguição contra Paulo e Barnabé, e os expulsaram do seu território. ⁵¹Então os apóstolos sacudiram contra eles a poeira dos pés e foram para a cidade de Icônio. ⁵²Os discípulos, porém, estavam cheios de alegria e do Espírito Santo. [44-52]



14 *Evangelização e perseguição* — ¹Em Icônio também Paulo e Barnabé entraram na sinagoga dos judeus e falaram, de tal modo que uma grande multidão de judeus e gregos abraçou a fé. ²Contudo, os judeus que se negaram a acreditar incitaram os pagãos e os indispuseram contra os irmãos. ³Apesar disso, Paulo e Barnabé permaneceram longo tempo em Icônio. Estavam cheios de

coragem no Senhor, que através deles operava sinais e prodígios, e confirmava assim a pregação sobre a sua graça.

⁴A população da cidade se dividiu. Uns estavam do lado dos judeus, outros do lado dos apóstolos. ⁵Pagãos e judeus, com seus chefes à frente, estavam dispostos a ultrajá-los e apedrejá-los. ⁶Ao saber disso, Paulo e Barnabé fugiram para Listra e Derbe, cidades da Licaônia, e arredores, ⁷onde começaram a anunciar a Boa Notícia. [14,1-7]

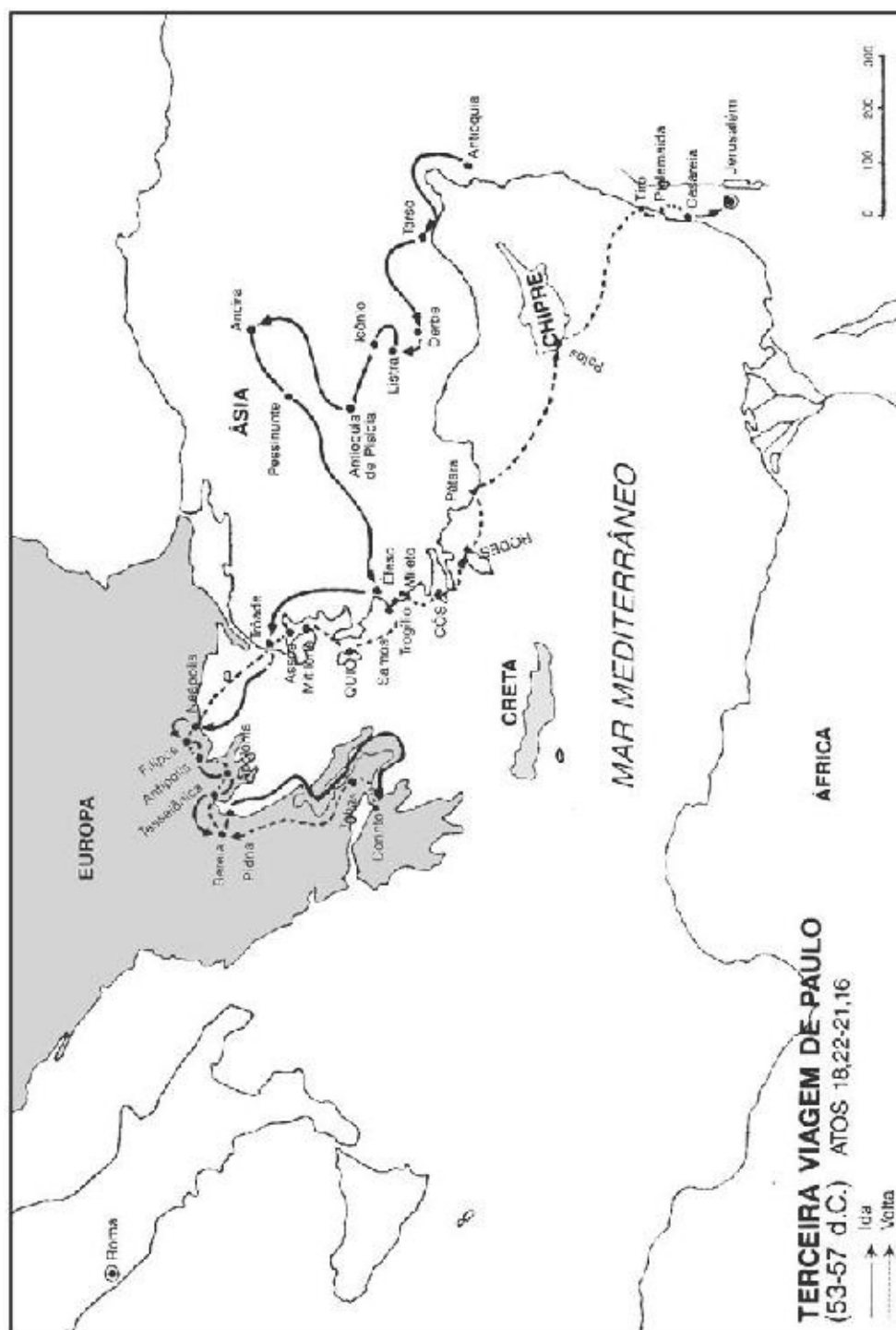
Da idolatria ao Deus vivo — ⁸Em Listra havia um homem paralítico das pernas; era coxo de nascença e nunca tinha conseguido andar. ⁹Ele escutava o discurso de Paulo. E este, fixando nele o olhar e notando que tinha fé para ser curado, ¹⁰disse em alta voz: “Levante-se direito sobre os seus pés.” O homem deu um salto e começou a andar.

¹¹Vendo o que Paulo acabara de fazer, a multidão exclamou em dialeto licaônico: “Os deuses desceram entre nós em forma humana!” ¹²Chamaram Barnabé de Júpiter e Paulo de Mercúrio, porque era Paulo quem falava. ¹³Os sacerdotes de Júpiter, cujo templo ficava na entrada da cidade, levaram à porta touros ornados de grinaldas e queriam oferecer um sacrifício; com isso concordava toda a multidão. ¹⁴Ao saber disso, os apóstolos Barnabé e Paulo rasgaram as vestes e foram para o meio da multidão, gritando: ¹⁵“Homens, o que vocês estão fazendo? Nós também somos homens mortais como vocês. Estamos anunciando que vocês precisam deixar esses ídolos vazios e se converter ao Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que neles existe. ¹⁶Nas gerações passadas, Deus permitiu que todas as nações seguissem o próprio caminho. ¹⁷No entanto, ele não deixou de dar testemunho de si mesmo através de seus benefícios. Do céu ele manda chuvas e colheitas, dando alimento e alegrando o coração de vocês.” ¹⁸E assim falando, com muito custo conseguiram que a multidão desistisse de lhes oferecer um sacrifício. [8-18]

Por que a perseguição? — ¹⁹De Antioquia e Icônio chegaram judeus que convenceram as multidões. Então apedrejaram Paulo e o arrastaram para fora da cidade, pensando que ele estivesse morto. ²⁰Mas, enquanto os discípulos o rodeavam, Paulo se levantou e entrou na cidade. No dia seguinte, partiu para Derbe com Barnabé.

²¹Depois de anunciar o Evangelho nessa cidade e ganhar aí numerosos discípulos, Paulo e Barnabé voltaram para Listra, Icônio e Antioquia. ²²Eles

fortaleciam o ânimo dos discípulos, exortando-os a perseverarem na fé e dizendo-lhes que é preciso passar por muitas tribulações para entrar no Reino de Deus. ²³Os apóstolos designaram anciãos para cada comunidade; rezavam, jejuavam e os confiavam ao Senhor, no qual haviam acreditado. ²⁴Depois, Paulo e Barnabé atravessaram a região da Pisídia e chegaram à região da Panfília. ²⁵Anunciaram a Palavra em Perge e depois desceram para o porto de Atália. ²⁶Daí embarcaram para Antioquia da Síria, seu ponto de partida, onde tinham sido entregues à graça de Deus para o trabalho que acabavam de realizar. ²⁷Quando chegaram a Antioquia, reuniram a comunidade e contaram tudo o que Deus havia feito por meio deles: o modo como Deus tinha aberto a porta da fé para os pagãos. ²⁸E passaram então algum tempo com os discípulos. [19-28]



15A Igreja em conflito — ¹Chegaram alguns homens da Judeia e doutrinavam os irmãos de Antioquia, dizendo: “Se não forem circuncidados, como ordena a Lei de Moisés, vocês não poderão salvar-se.” ²Isso provocou alvoroço e uma discussão muito séria deles com Paulo e Barnabé. Então ficou decidido que Paulo, Barnabé e mais alguns iriam a

Jerusalém para tratar dessa questão com os apóstolos e anciãos. ³Com o apoio e solidariedade da igreja de Antioquia, eles atravessaram a Fenícia e a Samaria. Contaram sobre a conversão dos pagãos, e deram uma grande alegria a todos os irmãos. ⁴Quando chegaram a Jerusalém, foram acolhidos pela igreja, pelos apóstolos e anciãos, e contaram as maravilhas que Deus tinha realizado por meio deles. ⁵Alguns daqueles que tinham pertencido ao partido dos fariseus e que haviam abraçado a fé intervieram, declarando que era preciso circuncidar os pagãos e mandar que eles observassem a Lei de Moisés. [15,1-5]

O Concílio de Jerusalém: posição de Pedro — ⁶Então os apóstolos e os anciãos se reuniram para tratar desse assunto. ⁷Depois de longa discussão, Pedro levantou-se e falou: “Irmãos, vocês sabem que, desde os primeiros dias, Deus me escolheu no meio de vocês, para que os pagãos ouvissem de minha boca a palavra da Boa Notícia e acreditassem. ⁸Ora, Deus, que conhece os corações, testemunhou a favor deles, dando-lhes o Espírito Santo como deu a nós. ⁹E não fez nenhuma distinção entre nós e eles, purificando o coração deles mediante a fé. ¹⁰Então, por que vocês agora tentam a Deus, querendo impor aos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós mesmos tivemos força para suportar? ¹¹Ao contrário, é pela graça do Senhor Jesus que cremos ser salvos, exatamente como eles.”

¹²Houve então um silêncio em toda a assembleia. Depois disso, ouviram Barnabé e Paulo contar todos os sinais e prodígios que Deus havia realizado por meio deles entre os pagãos. [6-12]

O Concílio de Jerusalém: a proposta de Tiago — ¹³Quando Barnabé e Paulo terminaram de falar, Tiago tomou a palavra e disse: “Irmãos, ouçam-me: ¹⁴Simeão acaba de nos lembrar como desde o começo Deus cuidou de tomar homens das nações pagãs para formar um povo dedicado ao seu Nome. ¹⁵Isso concorda com as palavras dos profetas, pois está escrito: ¹⁶‘Depois disso, eu voltarei e reconstruirei a tenda de Davi que havia caído; reconstruirei as ruínas que ficaram e a reerguerei, ¹⁷a fim de que o resto dos homens procure o Senhor com todas as nações que foram consagradas ao meu Nome. É o que diz o Senhor, ¹⁸que tornou essas coisas conhecidas desde há séculos’. ¹⁹Por isso, eu sou de parecer que não devemos importunar os pagãos que se convertem a Deus. ²⁰Vamos somente prescrever que eles evitem o que está contaminado pelos ídolos, as uniões ilegítimas, comer carne sufocada e o sangue. ²¹De fato, desde

os tempos antigos, em cada cidade Moisés tem os seus pregadores, que o leem todos os sábados nas sinagogas.” [13-21]

A carta conciliar — ²²Então os apóstolos e os anciãos, de acordo com toda a comunidade de Jerusalém, resolveram escolher alguns da comunidade para mandá-los com Paulo e Barnabé para Antioquia. Escolheram Judas, chamado Bársabas, e Silas, que eram muito respeitados pelos irmãos. ²³Através deles enviaram a seguinte carta: “Nós, os apóstolos e os anciãos, irmãos de vocês, saudamos os irmãos que vêm do paganismo e que estão em Antioquia e nas regiões da Síria e da Cilícia. ²⁴Ficamos sabendo que alguns dos nossos provocaram perturbações com palavras que transtornaram o espírito de vocês. Eles não foram enviados por nós. ²⁵Então decidimos, de comum acordo, escolher alguns representantes e mandá-los até vocês, junto com nossos queridos irmãos Barnabé e Paulo, ²⁶homens que arriscaram a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo. ²⁷Por isso, estamos enviando Judas e Silas, que pessoalmente transmitirão a vocês a mesma mensagem. ²⁸Porque decidimos, o Espírito Santo e nós, não impor sobre vocês nenhum fardo, além destas coisas indispensáveis: ²⁹abster-se de carnes sacrificadas aos ídolos, do sangue, das carnes sufocadas e das uniões ilegítimas. Vocês farão bem se evitarem essas coisas. Saudações!” [22-29]

Alegria e estímulo — ³⁰Depois da despedida, Judas e Silas foram para Antioquia, reuniram a assembleia e entregaram a carta. ³¹Sua leitura causou alegria por causa do estímulo que ela continha. ³²Judas e Silas, que também eram profetas, falaram muito, para encorajar e fortificar os irmãos. ³³Depois de algum tempo, foram despedidos em paz pelos irmãos e voltaram para aqueles que os tinham enviado. ³⁴/. ³⁵Quanto a Paulo e Barnabé, permaneceram em Antioquia. E junto com muitos outros ensinavam e anunciavam a Boa Notícia da Palavra do Senhor. [30-35]

AS MISSÕES DE PAULO

Conflito na liderança — ³⁶Depois de alguns dias, Paulo disse a Barnabé: “Vamos voltar para fazer uma visita a todas as cidades onde anunciamos a Palavra do Senhor, para ver como estão passando.” ³⁷Barnabé queria levar junto também João, chamado Marcos. ³⁸Paulo, porém, era de opinião que não deviam levar consigo uma pessoa que se havia separado deles na Panfília e não os acompanhara no trabalho. ³⁹Houve desacordo entre eles, a tal ponto que tiveram de separar-se um do outro. Barnabé levou Marcos consigo e embarcou para Chipre. ⁴⁰Paulo, por sua vez, escolheu Silas, e partiu, recomendado pelos irmãos à graça do Senhor. ⁴¹Atravessaram então a Síria e a Cilícia, dando nova força às igrejas. [36-41]

16 A fonte do ministério — ¹Paulo se dirigiu a Derbe e a Listra. Havia em Listra um discípulo chamado Timóteo, filho de uma judia que se tornara cristã e de pai grego. ²Os irmãos de Listra e Icônio davam bom testemunho de Timóteo. ³Paulo quis então que Timóteo partisse com ele. Tomou-o e o circuncidou, por causa dos judeus que se encontravam nessas regiões, pois todos sabiam que o pai de Timóteo era grego. ⁴Percorrendo as cidades, Paulo e Timóteo transmitiam as decisões que os apóstolos e anciãos de Jerusalém haviam tomado e recomendavam que fossem observadas. ⁵As igrejas se fortaleciam na fé, e a cada dia cresciam em número. [16,1-5]

O Espírito dirige a missão — ⁶Paulo e Timóteo atravessaram a Frígia e a região da Galácia, uma vez que o Espírito Santo os proibira de pregar a Palavra de Deus na Ásia. ⁷Chegando perto da Mísia, eles tentaram entrar na Bitínia, mas o Espírito de Jesus os impediu. ⁸Então atravessaram a Mísia e desceram para Trôade. ⁹Durante a noite, Paulo teve uma visão: na sua frente estava de pé um macedônio que lhe suplicava: “Venha à Macedônia e ajude-nos!” ¹⁰Depois dessa visão, procuramos imediatamente partir para a Macedônia, pois estávamos convencidos de que Deus acabava de nos chamar para anunciar aí a Boa Notícia. [6-10]

O gérmen de uma comunidade — ¹¹Embarcamos em Trôade e navegamos diretamente para a ilha de Samotrácia. No dia seguinte, ancoramos em Neápolis, ¹²de onde passamos para Filipos, que é uma das principais cidades da Macedônia, e que tem direitos de colônia romana. Passamos alguns dias nessa

cidade. ¹³No sábado, saímos além da porta da cidade para um lugar junto ao rio, onde nos parecia haver oração. Sentamo-nos e começamos a falar com as mulheres que estavam aí reunidas. ¹⁴Uma delas se chamava Lídia; era comerciante de púrpura, da cidade de Tiatira. Lídia acreditava em Deus e escutava com atenção. O Senhor abriu o seu coração para que aderisse às palavras de Paulo. ¹⁵Após ter sido batizada, assim como toda a sua família, ela nos convidou: “Se vocês me consideram fiel ao Senhor, permaneçam em minha casa.” E nos forçou a aceitar. [11-15]

O testemunho desmascara a opressão — ¹⁶Estávamos indo para a oração, quando veio ao nosso encontro uma jovem escrava, que estava possuída por um espírito de adivinhação; fazia oráculos e obtinha muito lucro para seus patrões. ¹⁷Ela começou a seguir Paulo e a nós, gritando: “Esses homens são servos do Deus Altíssimo e anunciam o caminho da salvação para vocês.” ¹⁸Isso aconteceu durante muitos dias. Por fim, não suportando mais a situação, Paulo voltou-se e disse ao espírito: “Eu lhe ordeno em nome de Jesus Cristo: saia dessa mulher!” E o espírito saiu no mesmo instante.

¹⁹Os patrões da jovem, vendo que tinham perdido a esperança de lucros, agarraram Paulo e Silas e os arrastaram à praça principal, diante dos chefes da cidade. ²⁰Apresentaram os dois aos magistrados, e disseram: “Estes homens estão provocando desordem em nossa cidade; são judeus ²¹e pregam costumes que a nós, romanos, não é permitido aceitar nem seguir.” ²²A multidão se amotinou contra Paulo e Silas, e os magistrados rasgaram as vestes deles e mandaram açoitá-los com varas. ²³Depois de os açoitar bastante, os lançaram na prisão, ordenando ao carcereiro que os guardasse com toda a segurança. ²⁴Ao receber essa ordem, o carcereiro os levou para o fundo da prisão e prendeu os pés deles no tronco.

²⁵À meia noite, Paulo e Silas estavam rezando e cantando hinos a Deus; os outros companheiros de prisão escutavam. ²⁶De repente, houve um terremoto tão violento que sacudiu os alicerces da prisão. Todas as portas se abriram e as correntes de todos se soltaram. ²⁷O carcereiro acordou e viu as portas da prisão abertas. Pensando que os prisioneiros tivessem fugido, puxou da espada e estava para suicidar-se. ²⁸Mas Paulo gritou: “Não faça isso! Nós estamos todos aqui.” ²⁹Então o carcereiro pediu tochas, correu para dentro e, tremendo, caiu aos pés de Paulo e Silas. ³⁰Conduzindo-os para fora, perguntou: “Senhores, que devo

fazer para ser salvo?” ³¹Paulo e Silas responderam: “Acredite no Senhor Jesus, e serão salvos você e todos os da sua casa.” ³²Então Paulo e Silas anunciaram a Palavra do Senhor ao carcereiro e a todos os da sua casa. ³³Na mesma hora da noite, o carcereiro os levou consigo para lavar as feridas causadas pelos açoites. A seguir, foi batizado junto com todos os seus. ³⁴Depois, fez Paulo e Silas subir até sua casa, preparou-lhes um jantar e alegrou-se com todos os seus familiares por ter crido em Deus.

³⁵Quando amanheceu, os magistrados enviaram à prisão os oficiais de justiça, ordenando ao carcereiro: “Solte esses homens.” ³⁶O carcereiro anunciou a Paulo: “Os magistrados mandaram soltar vocês. Portanto, podem sair e ir embora em paz.” ³⁷Mas Paulo mandou dizer: “Fomos açoitados em público sem nenhum processo, e fomos lançados na prisão sem levar em conta que somos cidadãos romanos; e agora querem que vamos embora às escondidas? De jeito nenhum! Que eles venham soltar-nos pessoalmente.” ³⁸Os oficiais de justiça comunicaram as palavras de Paulo aos magistrados. Ao saberem que se tratava de cidadãos romanos, ficaram alarmados, ³⁹e foram conversar com eles. E os soltaram, pedindo que deixassem a cidade. ⁴⁰Ao sair da prisão, Paulo e Silas foram para a casa de Lídia. Aí encontraram os irmãos, os encorajaram e depois partiram. [16-40]

17 *O Evangelho ameaça o sistema* — ¹Passando por Anfípolis e Apolônia, Paulo e Silas chegaram a Tessalônica, onde os judeus tinham uma sinagoga. ²Conforme seu costume, Paulo foi procurá-los e, por três sábados seguidos, discutiu com eles. Partindo das Escrituras, ³explicava e demonstrava para eles que o Messias devia morrer e ressuscitar dos mortos. E acrescentava: “O Messias é este Jesus que eu anuncio a vocês.” ⁴Alguns judeus se convenceram disso e se uniram a Paulo e Silas, assim como bom número de gregos que adoravam o Deus único, e não poucas mulheres da alta sociedade. ⁵Os judeus ficaram com inveja e reuniram alguns indivíduos maus e vagabundos; e provocaram um tumulto, alvoroçando a cidade. Alguns se apresentaram na casa de Jasão em busca de Paulo e Silas, a fim de os levar à presença da assembleia do povo. ⁶Não encontrando Paulo e Silas, arrastaram Jasão e alguns irmãos diante das autoridades; e gritavam: “Estes homens que estão transtornando o mundo inteiro, chegaram agora aqui também,” ⁷e Jasão deu hospedagem para eles. Todos eles vão contra a lei do Imperador, afirmando que

existe outro rei chamado Jesus.” ⁸Ouvindo isso, a multidão e as autoridades ficaram agitadas. ⁹E exigiram uma fiança por parte de Jasão e dos outros irmãos. Depois os soltaram.

¹⁰Imediatamente, os irmãos fizeram Paulo e Silas partir de noite para Bereia. Logo que aí chegaram, entraram na sinagoga dos judeus. ¹¹Estes eram mais abertos que os de Tessalônica, e acolheram a Palavra com toda disponibilidade. Cada dia examinavam as Escrituras para ver se tudo era mesmo assim. ¹²Muitos deles abraçaram a fé e também um número considerável de gregos, tanto mulheres de condição elevada como muitos homens.

¹³Mas quando os judeus de Tessalônica ficaram sabendo que Paulo anunciava a Palavra de Deus também em Bereia, foram lá para agitar e confundir o povo.

¹⁴Imediatamente os irmãos fizeram Paulo partir para a costa, enquanto Silas e Timóteo permaneceram aí. ¹⁵Os que acompanhavam Paulo o conduziram até Atenas. Depois, voltaram com ordens para que Silas e Timóteo fossem encontrá-lo o mais depressa possível. [17,1-15]

A dinâmica da evangelização — ¹⁶Enquanto Paulo os esperava em Atenas, ficou revoltado ao ver a cidade cheia de ídolos. ¹⁷Por isso, discutia na sinagoga com os judeus e pagãos que adoravam o Deus único. E todos os dias discutia em praça pública com aqueles que ia encontrando. ¹⁸Também alguns filósofos epicureus e estoicos começaram a conversar com ele. Alguns diziam: “O que estará querendo dizer esse charlatão?” Outros diziam: “Deve ser um pregador de divindades estrangeiras.” Porque Paulo anunciava Jesus e a Ressurreição. ¹⁹Tomando Paulo consigo, o levaram ao Areópago, dizendo: “Podemos saber qual é a nova doutrina que você está expondo? ²⁰De fato, as coisas que você diz soam estranhas para nós; queremos, portanto, saber do que se trata.” ²¹Com efeito, todos os atenienses e os estrangeiros residentes passavam o tempo a contar ou a ouvir as últimas novidades.

²²De pé, no meio do Areópago, Paulo disse: “Senhores de Atenas, em tudo eu vejo que vocês são extremamente religiosos. ²³De fato, passando e observando os monumentos sagrados de vocês, encontrei também um altar com esta inscrição: ‘Ao Deus desconhecido’. Pois bem, esse Deus que vocês adoram sem conhecer, é exatamente aquele que eu lhes anuncio. ²⁴O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe. Sendo Senhor do céu e da terra, ele não habita em santuários feitos por mãos humanas. ²⁵Também não é servido por mãos

humanas, como se precisasse de alguma coisa; pois é ele que dá a todos vida, respiração e tudo o mais. ²⁶De um só homem, ele fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, tendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites de sua habitação. ²⁷Assim fez para que buscassem a Deus e para ver se o descobririam, ainda que fosse às apalpadelas. Ele não está longe de cada um de nós, ²⁸pois nele vivemos, nos movemos e existimos, como alguns dentre os poetas de vocês disseram: ‘Somos da raça do próprio Deus’. ²⁹Sendo, portanto, da raça de Deus, não devemos pensar que a divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, trabalhados pela arte e imaginação do homem. ³⁰Mas Deus, sem levar em conta os tempos da ignorância, agora anuncia aos homens que todos e em todo lugar se arrependam, ³¹pois ele estabeleceu um dia em que irá julgar o mundo com justiça, por meio do homem que designou e creditou diante de todos, ressuscitando-o dos mortos.”

³²Quando ouviram falar de ressurreição dos mortos, alguns caçoavam e outros diziam: “Nós ouviremos você falar disso em outra ocasião.” ³³A essa altura, Paulo saiu do meio deles. ³⁴Alguns, porém, se uniram a ele e abraçaram a fé. Entre esses estava também Dionísio, o areopagita, uma mulher chamada Dâmaris e outros com eles. [16-34]

18 *Nascimento da comunidade de Corinto* — ¹A seguir, Paulo deixou Atenas e foi para Corinto. ²Encontrou aí um judeu chamado Áquila, natural do Ponto, que acabara de chegar da Itália com sua esposa Priscila, pois o imperador Cláudio tinha decretado que todos os judeus saíssem de Roma. Paulo entrou em contato com eles. ³E como eram da mesma profissão — fabricantes de tendas, — Paulo passou a morar com eles e trabalhavam juntos. ⁴Todos os sábados, Paulo discutia na sinagoga, procurando convencer judeus e gregos.

⁵Quando Silas e Timóteo chegaram da Macedônia, Paulo se dedicou inteiramente à Palavra, testemunhando diante dos judeus que Jesus era o Messias. ⁶Mas, por causa da resistência e blasfêmias deles, Paulo sacudiu as vestes e disse: “Vocês são responsáveis pelo que acontecer. Não tenho nada a ver com isso. De agora em diante, vou me dirigir aos pagãos.” ⁷Então Paulo foi para a casa de um pagão adorador do Deus único, certo Tício Justo, que morava ao lado da sinagoga. ⁸Crispo, o chefe da sinagoga, acreditou no Senhor com toda a sua família; e muitos coríntios, que escutavam Paulo, acreditavam e recebiam o batismo. ⁹Uma noite o Senhor em visão disse a Paulo: “Não tenha medo,

continue a falar, não se cale, ¹⁰porque eu estou com você. Ninguém porá a mão em você para lhe fazer mal. Nesta cidade há um povo numeroso que me pertence.” ¹¹Assim, Paulo ficou um ano e meio entre eles, ensinando a Palavra de Deus. [18,1-11]

Cristianismo: subversão política? — ¹²Na época em que Galião era procônsul na Acaia, os judeus se insurgiram em massa contra Paulo e o levaram diante do tribunal, ¹³dizendo: “Este homem induz o povo a adorar a Deus de modo contrário à Lei.” ¹⁴Paulo ia tomar a palavra, quando Galião respondeu aos judeus: “Judeus, se fosse por causa de um delito ou de uma ação criminosa, seria justo que eu atendesse a queixa de vocês. ¹⁵Mas como é questão de palavras, de nomes e da Lei de vocês, tratem disso vocês mesmos. Eu não quero ser juiz nessas coisas.” ¹⁶E Galião os mandou sair do tribunal. ¹⁷Então todos agarraram Sóstenes, o chefe da sinagoga, e o espancaram diante do tribunal. E Galião nem se incomodou com isso. [12-17]

Visita às comunidades — ¹⁸Paulo permaneceu ainda vários dias em Corinto. Depois despediu-se dos irmãos e embarcou para a Síria, em companhia de Priscila e Áquila. Em Cenchrea, Paulo raspou a cabeça, pois tinha feito uma promessa. ¹⁹Quando chegaram a Éfeso, Paulo os deixou e entrou sozinho na sinagoga, onde começou a discutir com os judeus. ²⁰Estes pediam que ele permanecesse mais tempo, mas Paulo recusou. ²¹Todavia, ao despedir-se, falou: “Voltarei de novo para junto de vocês, se Deus quiser.” E partiu de Éfeso. ²²Desembarcando em Cesareia, foi saudar a igreja, e depois desceu para Antioquia, ²³onde permaneceu por algum tempo. Em seguida partiu de novo, percorrendo sucessivamente as regiões da Galácia e da Frígia, fortalecendo todos os discípulos. [18-23]

A comunidade instrui um líder — ²⁴Chegou a Éfeso um judeu chamado Apolo, natural de Alexandria. Era homem eloquente, instruído nas Escrituras. ²⁵Fora instruído no Caminho do Senhor e, com muito entusiasmo, falava e ensinava com exatidão a respeito de Jesus, embora só conhecesse o batismo de João. ²⁶Ele começou, então, a falar com muita convicção na sinagoga. Ao escutá-lo, Priscila e Áquila o tomaram consigo e, com mais precisão, lhe expuseram o Caminho de Deus. ²⁷Como ele estava querendo passar pela Acaia, os irmãos o apoiaram e escreveram aos discípulos que o acolhessem bem. Graças à iniciativa divina, a presença de Apolo foi muito útil aos fiéis. ²⁸De fato, ele rebatia

vigorosamente os judeus em público, demonstrando pelas Escrituras que Jesus é o Messias. [24-28]

19 *O Espírito dá a maturidade na fé* — ¹Enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo atravessou as regiões mais altas e chegou a Éfeso. Encontrou aí alguns discípulos ²e perguntou-lhes: “Quando vocês abraçaram a fé receberam o Espírito Santo?” Eles responderam: “Nós sequer ouvimos falar que existe um Espírito Santo.” ³Paulo perguntou: “Que batismo vocês receberam?” Eles responderam: “O batismo de João.” ⁴Então Paulo explicou: “João batizava como sinal de arrependimento e pedia que o povo acreditasse naquele que devia vir depois dele, isto é, em Jesus.” ⁵Ao ouvir isso, eles se fizeram batizar em nome do Senhor Jesus. ⁶Logo que Paulo lhes impôs as mãos, o Espírito Santo desceu sobre eles, e começaram a falar em línguas e a profetizar. ⁷Eram, ao todo, doze homens.

⁸Em seguida, Paulo foi à sinagoga e, durante três meses, falava com toda convicção, discutindo e procurando convencer os ouvintes sobre o Reino de Deus. ⁹Todavia, como alguns se obstinavam na incredulidade e falavam mal do Caminho diante da multidão, Paulo rompeu com eles, separou os discípulos e, diariamente, os ensinava na escola de um homem chamado Tiranos. ¹⁰Isso durou dois anos, de modo que todos os habitantes da Ásia, judeus e gregos, puderam ouvir a Palavra do Senhor. [19,1-10]

A fé liberta — ¹¹Deus realizava milagres extraordinários pelas mãos de Paulo, ¹²a tal ponto que pegavam lenços e aventais usados por Paulo para colocá-los sobre os doentes, e estes eram libertados de suas doenças e os espíritos maus eram afastados.

¹³Alguns exorcistas judeus itinerantes começaram a invocar o nome do Senhor Jesus sobre aqueles que tinham espíritos maus. E diziam: “Eu conjuro vocês por este Jesus que Paulo está pregando.” ¹⁴Os que faziam isso eram os sete filhos de Ceva, um sumo sacerdote judeu. ¹⁵Mas o espírito mau reagiu, dizendo: “Eu conheço Jesus e sei quem é Paulo; mas quem são vocês?” ¹⁶E o homem que estava possesso do espírito mau pulou sobre eles com tanta violência, que tiveram de fugir daquela casa, sem roupas e cobertos de ferimentos. ¹⁷E toda a população de Éfeso, judeus e gregos, ficou sabendo do fato. O temor se apossou de todos. E a grandeza do nome de Jesus era exaltada. ¹⁸Muitos fiéis acorriam para acusar-se em voz alta de suas práticas mágicas, ¹⁹e um bom número dos

que praticavam magia amontoaram seus livros e os queimaram em praça pública. O valor desses livros foi calculado em cinquenta mil moedas de prata. ²⁰ Assim, a Palavra do Senhor crescia e se firmava com grande poder. [\[11-20\]](#)

FIM DA MISSÃO: PRISIONEIRO DE CRISTO

O discípulo no seguimento do Mestre — ²¹Depois desses acontecimentos, Paulo resolveu ir a Jerusalém, passando pela Macedônia e pela Acaia. Ele dizia: “Depois de ir até lá, eu devo ir também a Roma.” ²²Paulo enviou à Macedônia dois de seus ajudantes, Timóteo e Erasto, e ficou ainda por algum tempo na Ásia. [21-22]

A vida cristã tumultua a sociedade — ²³Foi nessa época que estourou um grave tumulto a respeito do Caminho. ²⁴Havia um sujeito chamado Demétrio, que era ourives e fabricava nichos de prata da deusa Ártemis. E isso dava muito lucro aos artesãos. ²⁵Ele reuniu esses artesãos, juntamente com outros que trabalhavam no ramo, e lhes disse: “Amigos, vocês sabem que o nosso bem-estar provém dessa nossa atividade. ²⁶Ora, vocês mesmos podem constatar e ouvir por aí que esse tal de Paulo, com a sua propaganda, está desencaminhando muita gente, não só em Éfeso, mas em quase toda a Ásia. Ele afirma que os deuses fabricados pelas nossas mãos não são deuses. ²⁷Não é só a nossa profissão que corre o risco de cair em descrédito, mas também o santuário da grande deusa Ártemis acabará sendo desacreditado e, assim, ficará despojada de majestade aquela que toda a Ásia e o mundo inteiro adoram.” ²⁸Ao ouvir isso, ficaram furiosos e não paravam de gritar: “Grande é a Ártemis dos efésios!” ²⁹O tumulto se espalhou pela cidade toda. A multidão se dirigiu em massa ao teatro, arrastando os macedônios Gaio e Aristarco, companheiros de Paulo na viagem.

³⁰Paulo queria ir até a assembleia, mas os discípulos não deixaram. ³¹Também algumas pessoas importantes da província, que eram seus amigos, mandaram pedir que ele não se arriscasse a comparecer ao teatro.

³²Enquanto isso, um gritava uma coisa, outro gritava o contrário, e a confusão era geral na assembleia. A maioria nem mesmo sabia por que estava aí. ³³E no meio da multidão, algumas pessoas convenceram certo Alexandre a falar. Ele tinha sido colocado na frente pelos judeus. Fez sinal com a mão, mostrando que queria dar explicações para a assembleia. ³⁴Mas quando perceberam que era judeu, todos se puseram a gritar numa só voz, por quase duas horas: “Grande é a Ártemis dos efésios!” ³⁵Por fim, o secretário conseguiu acalmar a multidão, e disse: “Cidadãos de Éfeso, quem dentre os homens não sabe que a cidade de Éfeso guarda o templo da grande Ártemis e a sua estátua que caiu do céu? ³⁶Quanto a isso, não resta dúvida. Portanto, fiquem calmos e não cometam

nenhuma loucura. ³⁷Estes homens que vocês trouxeram até aqui não profanaram o templo, nem blasfemaram contra a nossa deusa. ³⁸Portanto, se Demétrio e os artesãos que estão com ele têm acusações para fazer contra alguém, sejam feitas audiências, e os procônsules estão à disposição. Que as partes apresentem acusações recíprocas. ³⁹E se houver qualquer outra questão, será resolvida em assembleia legal. ⁴⁰Do contrário, corremos o risco de sermos acusados de revolta por causa do que aconteceu hoje, pois não existe nenhum motivo para justificarmos esta reunião.” ⁴¹Com essa declaração, ele dissolveu a assembleia. [23-41]

20 *Paulo deixa Éfeso* — ¹Quando o tumulto acabou, Paulo mandou chamar os discípulos de Éfeso. Depois de encorajá-los, despediu-se deles e viajou para a Macedônia. ²Percorreu essas regiões, falando com frequência aos fiéis para encorajá-los. E assim chegou à Grécia, ³onde permaneceu três meses. Quando estava para embarcar rumo à Síria, decidiu fazer a viagem através da Macedônia, porque os judeus tinham organizado uma conspiração contra ele. ⁴Os companheiros de Paulo eram: Sópatros, filho de Pirro, de Bereia; Aristarco e Segundo, de Tessalônica; Gaio, de Derbe; Timóteo, Tíquico e Trófimo, da província da Ásia. ⁵Esses, porém, partiram antes de nós e nos esperavam em Trôade. ⁶Nós zarpamos de Filipos, logo após os dias dos pães sem fermento, e os alcançamos cinco dias depois em Trôade, onde permanecemos uma semana. [20,1-6]

Eucaristia é vida — ⁷No primeiro dia da semana, estávamos reunidos para a fração do pão. Paulo, que devia partir no dia seguinte, dirigia a palavra aos fiéis, e prolongou o discurso até meia-noite. ⁸Havia muitas lâmpadas na sala superior, onde estávamos reunidos. ⁹Um jovem, chamado Êutico, que estava sentado na beira de uma janela, acabou adormecendo durante o prolongado discurso de Paulo; vencido finalmente pelo sono, caiu do terceiro andar para baixo. Quando o levantaram, estava morto. ¹⁰Então Paulo desceu, inclinou-se sobre o jovem e, abraçando-o, disse: “Não se preocupem, porque ele está vivo.” ¹¹Depois subiu novamente, partiu o pão e comeu. Ficou conversando com eles até de madrugada, e depois partiu. ¹²Quanto ao jovem, o levaram vivo, e sentiram-se muito confortados. [7-12]

Fidelidade de Paulo — ¹³Nós, porém, continuamos a viagem e embarcamos num navio para Assos, onde iríamos recolher Paulo. Assim Paulo havia

determinado, ao passo que ele iria por terra. ¹⁴Quando nos alcançou em Assos, nós o recolhemos a bordo e prosseguimos para Mitilene. ¹⁵Daí zarpamos no dia seguinte e chegamos à altura de Quio; um dia depois, aportamos em Samos. Tivemos outro dia de viagem e, depois de pararmos em Trogílio, chegamos a Mileto. ¹⁶Paulo tinha decidido não passar por Éfeso, a fim de não prolongar demais sua permanência na Ásia. Tinha pressa de estar em Jerusalém, se possível para o dia de Pentecostes. [13-16]

O testemunho de Paulo — ¹⁷De Mileto, Paulo mandou emissários a Éfeso para chamar os anciãos dessa igreja. ¹⁸Quando os anciãos chegaram, Paulo lhes falou: “Vocês bem sabem de que maneira me comportei em relação a vocês durante todo o tempo, desde o primeiro dia em que cheguei à Ásia. ¹⁹Servi ao Senhor com toda humildade, com lágrimas e no meio das provações que sofri por causa das ciladas dos judeus. ²⁰Nunca deixei de anunciar aquilo que pudesse ser de proveito para vocês, nem de anunciar publicamente e também de casa em casa. ²¹Com insistência, convidei judeus e gregos a se arrependerem diante de Deus e a acreditarem em Jesus nosso Senhor.

²²E agora, prisioneiro do Espírito, vou para Jerusalém, sem saber o que aí me acontecerá. ²³Só sei que, de cidade em cidade, o Espírito Santo me adverte, dizendo que me aguardam cadeias e tribulações. ²⁴Mas de modo nenhum considero minha vida preciosa para mim mesmo, contanto que eu leve a bom termo a minha carreira e o serviço que recebi do Senhor Jesus, ou seja, testemunhar o Evangelho da graça de Deus.

²⁵Agora, porém, tenho certeza de que vocês não verão mais o meu rosto, todos vocês entre os quais passei pregando o Reino. ²⁶Portanto, hoje dou testemunho diante de vocês: se alguém de vocês se perder, eu não sou responsável, ²⁷pois não deixei de lhes anunciar todo o projeto de Deus sobre vocês.

²⁸Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho, pois o Espírito Santo os constituiu como guardiães, para apascentarem a Igreja de Deus, que ele adquiriu para si com o sangue do seu próprio Filho.

²⁹Eu sei: depois da minha partida, aparecerão lobos vorazes no meio de vocês, e não terão pena do rebanho. ³⁰E do meio de vocês mesmos surgirão alguns falando coisas pervertidas, para arrastar os discípulos atrás deles. ³¹Portanto, fiquem vigiando e se lembrem de que durante três anos, dia e noite, não parei de admoestar com lágrimas a cada um de vocês.

³²Agora, pois, eu os entrego ao Senhor e à palavra de sua graça, que tem o poder de edificar e de dar a vocês a herança entre todos os santificados.

³³Ademais, não cobicei prata, nem ouro, nem vestes de ninguém. ³⁴Vocês mesmos sabem que estas minhas mãos providenciaram o que era necessário para mim e para os que estavam comigo. ³⁵Em tudo mostrei a vocês que é trabalhando assim que devemos ajudar os fracos, recordando as palavras do próprio Senhor Jesus, que disse: ‘Há mais felicidade em dar do que em receber’.”

³⁶Após essas palavras, Paulo ajoelhou-se e rezou com todos eles. ³⁷Então todos começaram a chorar muito; e, lançando-se ao pescoço de Paulo, o beijavam.

³⁸Estavam muito tristes, principalmente porque havia dito que eles nunca mais veriam o seu rosto. E foram com ele até o navio. [17-38]

21 *Seja feita a vontade do Senhor* — ¹Quando chegou o momento de partir, fomos como que arrancados dos braços deles e navegamos diretamente para a ilha de Cós. No dia seguinte, chegamos a Rodes, e daí fomos até Pátara, ²onde encontramos um navio que fazia a travessia para a Fenícia; embarcamos e seguimos viagem. ³Chegando à vista de Chipre, a deixamos pela esquerda e continuamos a nossa viagem em direção à Síria. Desembarcamos em Tiro, onde o navio devia descarregar. ⁴Encontramos os discípulos e ficamos aí sete dias. Movidos pelo Espírito, os discípulos diziam a Paulo que não subisse a Jerusalém. ⁵Quando chegou o dia de ir embora, partimos. Todos quiseram acompanhar-nos, com suas mulheres e crianças, até fora da cidade. Na praia, nos ajoelhamos para rezar. ⁶Depois da despedida, embarcamos; e eles voltaram para casa.

⁷Continuando a nossa viagem por mar, de Tiro chegamos a Ptolemaida. Aí cumprimentamos os irmãos e ficamos um dia com eles. ⁸No dia seguinte, partimos e chegamos a Cesareia. Aí fomos à casa de Filipe, o Evangelista, que era um dos sete, e nos hospedamos na sua casa. ⁹Filipe tinha quatro filhas solteiras que profetizavam. ¹⁰Enquanto passávamos vários dias aí, desceu da Judeia um profeta chamado Ágabo. ¹¹Ele veio ao nosso encontro, pegou o cinto de Paulo e, amarrando os próprios pés e mãos, declarou: “Isto é o que diz o Espírito Santo: o homem a quem pertence este cinto será amarrado deste modo pelos judeus em Jerusalém e será entregue em mãos dos pagãos.” ¹²Quando ouvimos isso, nós e os irmãos da cidade, insistimos que Paulo não subisse a

Jerusalém. ¹³Mas Paulo respondeu: “O que estão fazendo vocês, chorando e afligindo o meu coração? Eu estou pronto, não somente para ser preso, mas até para morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus.” ¹⁴Não conseguimos convencê-lo. Então desistimos, dizendo: “Seja feita a vontade do Senhor.” [21,1-14]

Uma Igreja realista — ¹⁵Depois de alguns dias, terminamos os nossos preparativos e subimos a Jerusalém. ¹⁶Alguns discípulos de Cesareia nos acompanharam e nos levaram para nos hospedar na casa de certo Menásson, que era antigo discípulo, natural de Chipre.

¹⁷Quando chegamos a Jerusalém, os irmãos nos receberam com alegria. ¹⁸No dia seguinte, Paulo foi conosco à casa de Tiago, onde todos os anciãos estavam reunidos. ¹⁹Depois de cumprimentá-los, Paulo expôs minuciosamente o que Deus fizera aos pagãos através do seu serviço. ²⁰Ouvindo Paulo, eles glorificavam a Deus. Mas a seguir lhe disseram: “Como você vê, irmão, há milhares de judeus que abraçaram a fé, e todos são fiéis observantes da Lei. ²¹Eles estão a par de coisas que dizem a respeito de você, isto é, que você anda ensinando a todos os judeus que vivem no meio dos pagãos para abandonarem Moisés e dizendo-lhes que não circuncidassem seus filhos e não continuassem a seguir as tradições. ²²Que vamos fazer? Certamente ficarão sabendo que você está aqui. ²³Portanto, faça o que vamos lhe dizer. Estão aqui quatro homens que têm uma promessa para cumprir. ²⁴Leve-os com você, purifique-se com eles, pague as despesas para que possam mandar raspar a cabeça. Assim, todos saberão que os boatos a seu respeito não têm fundamento e que você também é fiel na observância da Lei. ²⁵Quanto aos pagãos que abraçaram a fé, já escrevemos a eles sobre nossas decisões: abster-se de carnes imoladas aos ídolos, de carnes sufocadas e de uniões ilegítimas.”

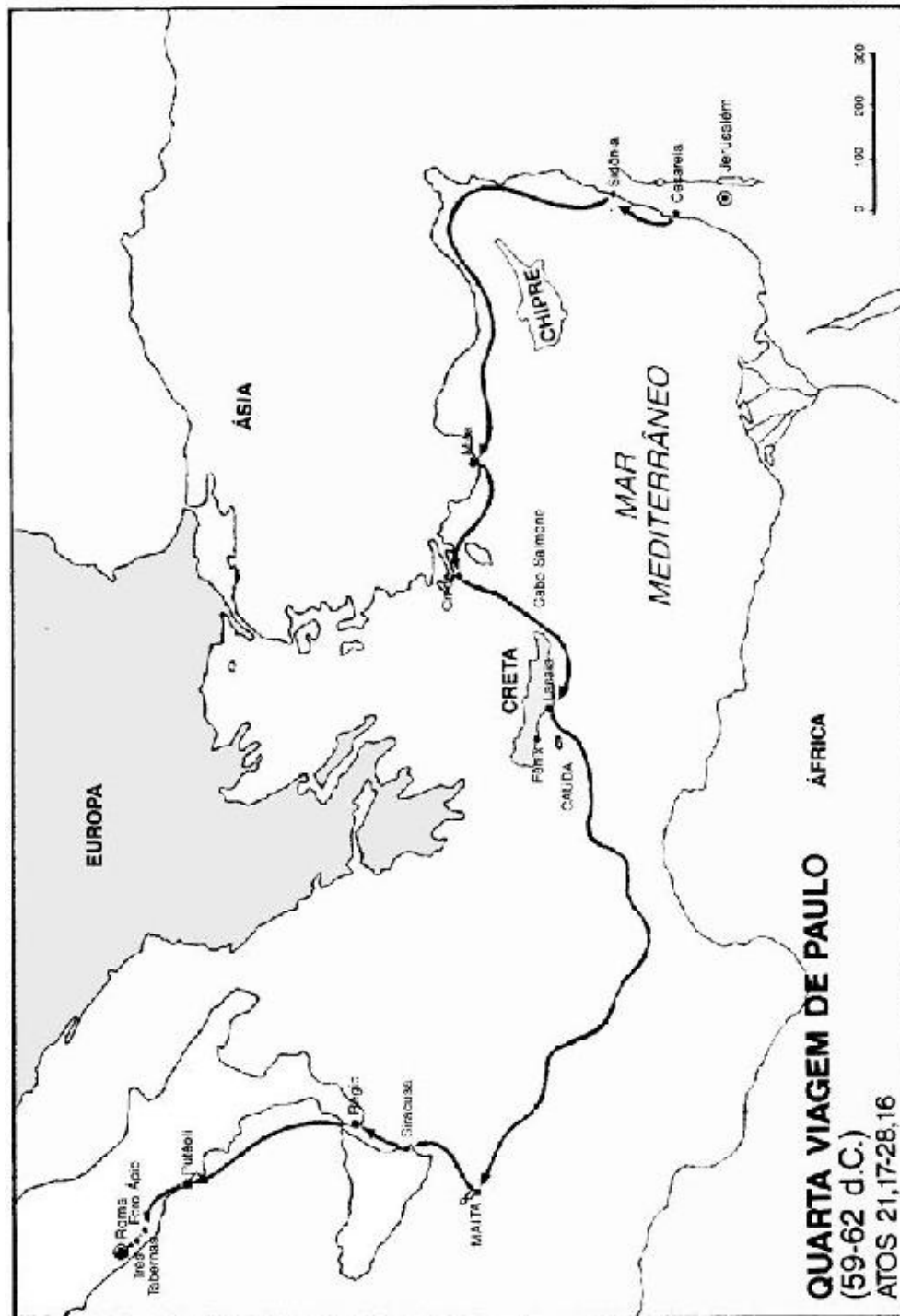
²⁶Então Paulo levou os homens consigo. No dia seguinte, purificou-se com eles e entrou no Templo, comunicando o prazo em que devia ser oferecido o sacrifício na intenção de cada um deles, logo após os dias da purificação. [15-26]

Prisão de Paulo — ²⁷Os sete dias estavam chegando ao fim, quando os judeus da Ásia, percebendo que Paulo estava no Templo, amotinaram toda a multidão e o agarraram, ²⁸gritando: “Israelitas, socorro! Este é o homem que anda ensinando a todos e por toda a parte contra o nosso povo, contra a Lei e contra este Lugar. Além disso, ele trouxe gregos para dentro do Templo, profanando este santo Lugar.” ²⁹De fato, antes eles tinham visto Trófimo, o efésio, junto

com Paulo na cidade, e julgavam que Paulo o tivesse introduzido no Templo.

³⁰A cidade toda ficou agitada e houve ajuntamento do povo. Apoderaram-se de Paulo e o arrastaram para fora do Templo, e imediatamente as portas foram fechadas. ³¹Já estavam prontos para matá-lo, quando chegou ao tribuno da coorte esta notícia: “Jerusalém inteira está amotinada.” ³²O tribuno destacou imediatamente soldados e oficiais e atacou os manifestantes. Estes, vendo o tribuno e os soldados, pararam de bater em Paulo. ³³Então o tribuno aproximou-se, deteve Paulo e mandou que o prendessem com duas correntes; depois perguntou quem ele era e o que havia feito. ³⁴Na multidão, uns gritavam uma coisa e outros, outra. Não podendo obter informação segura por causa do tumulto, o tribuno ordenou que conduzissem Paulo para a fortaleza. ³⁵Quando chegou junto aos degraus, Paulo teve que ser carregado pelos soldados, por causa da violência da multidão. ³⁶Com efeito, o povo em massa o seguia, gritando: “Mata! Mata!”

³⁷Paulo estava para ser recolhido à fortaleza. Então disse ao tribuno: “Posso falar com você?” O tribuno perguntou: “Você fala grego? ³⁸Por acaso você não é o egípcio que, dias atrás, subverteu e arrastou ao deserto quatro mil sicários?” ³⁹Paulo respondeu: “Eu sou judeu, cidadão de Tarso, uma cidade importante da Cilícia. E agora, lhe peço que me deixe falar com o povo.” ⁴⁰O tribuno deu permissão. E Paulo, de pé sobre os degraus, fez sinal com a mão ao povo. Houve grande silêncio, e Paulo dirigiu-lhes a palavra em língua hebraica. [27-40]



22 *Paulo justifica sua missão* — ¹Paulo disse: “Irmãos e pais, escutem a defesa que eu agora apresento a vocês.” ²Vendo que Paulo lhes falava em língua hebraica, fizeram mais silêncio ainda. E Paulo continuou: ³“Eu sou judeu. Nasci em Tarso da Cilícia, mas fui educado nesta cidade, formado na escola de Gamaliel, seguindo a linha mais escrupulosa dos nossos antepassados,

cheio de zelo por Deus, como todos vocês o são agora. ⁴Persegui mortalmente este Caminho, prendendo e lançando à prisão homens e mulheres, ⁵como o sumo sacerdote e todos os anciãos podem testemunhar. Eles até me deram carta de recomendação para os irmãos de Damasco, e para lá me dirigi, a fim de trazer algemados os que lá estivessem, a fim de serem punidos aqui em Jerusalém. ⁶No entanto, aconteceu que na viagem, estando já perto de Damasco, aí pelo meio-dia, de repente uma grande luz que vinha do céu brilhou ao redor de mim. ⁷Então caí por terra e ouvi uma voz que me dizia: ‘Saulo, Saulo, por que você me persegue?’ ⁸Eu perguntei: ‘Quem és tu, Senhor?’ Ele me respondeu: ‘Eu sou Jesus, o Nazareu, a quem você está perseguindo!’ ⁹Meus companheiros viram a luz, mas não ouviram a voz que me falava. ¹⁰Então perguntei: ‘Senhor, o que devo fazer?’ E o Senhor me respondeu: ‘Levante-se e vá para Damasco. Aí vão explicar tudo o que Deus quer que você faça.’ ¹¹Como eu não podia enxergar por causa do brilho daquela luz, cheguei a Damasco guiado pela mão dos meus companheiros. ¹²Havia na cidade certo Ananias, homem piedoso e fiel à Lei, com boa reputação junto a todos os judeus que aí moravam. ¹³Ele veio ao meu encontro e me disse: ‘Saulo, meu irmão, recupere a vista!’ No mesmo instante recuperei a vista e pude vê-lo. ¹⁴Então ele me disse: ‘O Deus de nossos antepassados o destinou a conhecer a sua vontade, a ver o Justo e a ouvir a sua própria voz. ¹⁵Porque você vai ser a sua testemunha de todas as coisas que viu e ouviu, diante de todos os homens. ¹⁶Agora, não perca tempo: levante-se, receba o batismo e lave os seus pecados, invocando o nome dele’.

¹⁷Depois eu voltei a Jerusalém, e quando estava rezando no Templo, entrei em êxtase. ¹⁸Vi o Senhor que me dizia: ‘Depressa, saia logo de Jerusalém, porque não aceitarão o testemunho que você dá a meu respeito’. ¹⁹Então respondi: ‘Mas, Senhor, eles sabem que era eu que, nas sinagogas, andava prendendo e batendo nos que acreditavam em ti. ²⁰E quando o sangue de Estêvão, tua testemunha, foi derramado, eu mesmo estava lá, apoiando aqueles que o matavam e guardando as roupas deles’. ²¹Então o Senhor me disse: ‘Vá! É para longe, é para os pagãos que eu vou enviar você’.” [22,1-21]

Paulo defende seus direitos — ²²Os judeus escutaram Paulo até esse ponto. Mas, quando ele disse essas palavras, começaram a gritar: “Tire da terra esse indivíduo! Ele não merece viver!” ²³E xingavam, e jogavam os mantos, e lançavam poeira para o alto. ²⁴Então o tribuno mandou recolher Paulo na

fortaleza, ordenando que o interrogassem debaixo de açoites, para saber o motivo por que gritavam tanto contra ele.

²⁵Enquanto estavam amarrando Paulo com correias, ele disse ao centurião aí presente: “É permitido a vocês açoitar um cidadão romano sem ter sido julgado?” ²⁶Diante dessas palavras, o centurião foi prevenir o tribuno: “Veja bem o que vai fazer! Esse homem é cidadão romano!” ²⁷Então o tribuno foi e perguntou a Paulo: “Diga-me, você é cidadão romano?” Ele respondeu: “Sou sim.” ²⁸O tribuno disse: “Eu precisei de muito dinheiro para adquirir essa cidadania!” ²⁹Paulo falou: “Pois eu tenho essa cidadania de nascença.” Os que estavam aí para torturá-lo, imediatamente se afastaram. Até o tribuno ficou com medo ao saber que Paulo era cidadão romano, e que mesmo assim o havia acorrentado.

³⁰No dia seguinte, querendo saber com certeza por que Paulo estava sendo acusado pelos judeus, o tribuno o soltou e mandou reunir os chefes dos sacerdotes e todo o Sinédrio. Depois, fez Paulo descer e o apresentou perante eles. [22-30]

23 *De réu a juiz* — ¹Com o olhar fixo no Sinédrio, Paulo assim falou: “Irmãos, até hoje eu me comportei diante de Deus em perfeita boa consciência.” ²Mas o sumo sacerdote Ananias ordenou aos que estavam perto que batessem na boca de Paulo. ³Então Paulo lhe disse: “Deus vai ferir a você, parede caiada! Você se senta para julgar-me segundo a Lei e, violando a Lei, ordena que me batam?” ⁴Os que estavam ao seu lado lhe disseram: “Você está insultando o sumo sacerdote de Deus!” ⁵Paulo respondeu: “Irmãos, eu não sabia que este é o sumo sacerdote. Pois está escrito: ‘Não amaldiçoe o chefe do seu povo’.”

⁶A seguir, sabendo que uma parte dos presentes eram saduceus e a outra parte eram fariseus, Paulo exclamou no Sinédrio: “Irmãos, eu sou fariseu e filho de fariseus. É por nossa esperança, a ressurreição dos mortos, que estou sendo julgado.” ⁷Apenas falou isso, armou-se um conflito entre fariseus e saduceus, e a assembleia se dividiu. ⁸De fato, os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo, nem espírito, ao passo que os fariseus sustentam uma coisa e outra. ⁹Levantou-se um vozerio enorme. Então, alguns doutores da Lei, do partido dos fariseus, começaram a protestar, dizendo: “Não encontramos nenhum mal neste homem. E se um espírito ou anjo tivesse falado com ele?” ¹⁰E o conflito crescia cada vez mais. Receando que Paulo fosse estraçalhado por eles, o tribuno

ordenou que o destacamento descesse e o tirasse do meio deles, levando-o de novo para a fortaleza.

¹¹Na noite seguinte, o Senhor aproximou-se de Paulo e lhe disse: “Tenha confiança. Assim como você deu testemunho de mim em Jerusalém, é preciso que também dê testemunho em Roma.” [23,1-11]

Trama frustrada — ¹²No dia seguinte, os judeus fizeram uma conspiração e se comprometeram, sob juramento, a não comer nem beber enquanto não matassem Paulo. ¹³Os que fizeram essa conjuração eram mais de quarenta homens. ¹⁴Foram, então, procurar os chefes dos sacerdotes e os anciãos, dizendo: “Acabamos de jurar solenemente, sob anátema, que nada vamos comer enquanto não matarmos Paulo. ¹⁵Vocês, portanto, de acordo com o Sinédrio, proponham que o tribuno o traga, sob pretexto de vocês examinarem mais minuciosamente o caso. Quanto a nós, estamos prontos para matá-lo antes que chegue aqui.” ¹⁶Entretanto, o filho da irmã de Paulo soube da trama, foi à fortaleza, entrou e preveniu Paulo. ¹⁷Então Paulo chamou um dos centuriões e disse: “Leve este rapaz ao tribuno, porque ele tem algo a comunicar.” ¹⁸O centurião conduziu o rapaz ao tribuno e disse a ele: “O prisioneiro Paulo me chamou e pediu que lhe trouxesse este rapaz, que tem algo a lhe dizer.” ¹⁹Tomando o rapaz pela mão, o tribuno o levou à parte e lhe perguntou: “O que é que você tem para me comunicar?” ²⁰O rapaz respondeu: “Os judeus combinaram pedir que o senhor faça Paulo descer amanhã ao Sinédrio, sob pretexto de examinarem mais minuciosamente a sua causa. ²¹Não acredite neles. Mais de quarenta homens estão de emboscada contra Paulo. Eles juraram, sob anátema, não comer nem beber enquanto não o matarem. Agora estão de prontidão e esperam que o Senhor dê o consentimento.” ²²O tribuno despediu o rapaz, recomendando: “Não diga a ninguém que você me trouxe essas informações.”

²³Então o tribuno chamou dois centuriões e ordenou: “Coloquem de prontidão, desde as nove horas da noite, duzentos soldados, setenta cavaleiros e duzentos lanceiros para irem até Cesareia. ²⁴E também cavalos, para que Paulo possa viajar e ser conduzido são e salvo ao governador Félix.”

²⁵Depois, o tribuno escreveu a seguinte carta: ²⁶“Cláudio Lísias ao excelentíssimo governador Félix, saudações! ²⁷Este homem caiu em poder dos judeus e estava para ser morto por eles. Então cheguei com a tropa e o arranquei das mãos deles, porque fiquei sabendo que era cidadão romano. ²⁸Querendo averiguar o motivo por que o acusavam, eu mandei levá-lo ao Sinédrio deles.

²⁹Verifiquei que ele era incriminado por questões referentes à lei que os rege, não havendo nenhum crime que justificasse morte ou prisão. ³⁰Informado que existia, por parte dos judeus, um atentado contra este homem, tratei de enviá-lo ao senhor. Comuniquei aos acusadores que devem expor na presença do senhor o que eles têm contra este homem.”

³¹Conforme lhes fora ordenado, os soldados tomaram Paulo e o levaram de noite até Antipátrida. ³²No dia seguinte, os soldados voltaram à fortaleza e deixaram os cavaleiros seguir viagem com Paulo. ³³Chegando a Cesareia, os cavaleiros entregaram a carta ao governador e lhe apresentaram Paulo. ³⁴Depois de ler a carta, o governador quis saber qual era a província de origem de Paulo. Informado que era da Cilícia, disse-lhe: ³⁵“Quando os seus acusadores chegarem, eu ouvirei você.” E mandou que Paulo ficasse preso no palácio de Herodes. [12-35]

24 *Cristianismo é caminho* — ¹Cinco dias depois, o sumo sacerdote Ananias foi a Cesareia com alguns anciãos e um advogado chamado Tertulo. Eles se apresentaram ao governador como acusadores de Paulo. ²Quando Paulo foi chamado, Tertulo começou a acusação dizendo: “Excelentíssimo governador Félix. Gozamos de paz profunda graças à sua direção e às reformas feitas em favor deste povo. ³Reconhecemos e agradecemos todos esses benefícios realizados sempre e em toda parte. ⁴Mas, para não detê-lo muito tempo, peço sua atenção por um instante, pois conhecemos a sua benevolência. ⁵Verificamos que este homem é uma peste: ele promove conflitos entre os judeus do mundo inteiro e é também um dos líderes da seita dos nazareus. ⁶Ele tentou inclusive profanar o Templo, por isso o prendemos. Pretendíamos julgá-lo segundo a nossa Lei, ⁷mas o tribuno Lísias interveio, arrancou-o das nossas mãos com muita violência e ordenou a seus acusadores que comparecessem diante da sua presença. ⁸Interrogando-o, Vossa Excelência poderá certificar-se de todas as coisas de que nós o estamos acusando.” ⁹Os judeus também apoiavam Tertulo, sustentando que as coisas eram assim mesmo.

¹⁰Então o governador fez sinal para que Paulo falasse. E este começou: “Eu sei que há muitos anos Vossa Excelência é juiz desta nação e, por isso, me sinto à vontade para defender a minha causa. ¹¹Como Vossa Excelência mesmo pode comprovar, faz apenas doze dias que subi em peregrinação a Jerusalém. ¹²Ora, nem no Templo, nem nas sinagogas, nem pela cidade, jamais alguém me viu

discutindo com outra pessoa ou provocando desordem na multidão. ¹³Eles não podem provar aquilo de que agora me acusam.

¹⁴Confesso-lhe, porém, uma coisa: eu estou a serviço do Deus de nossos pais, segundo o Caminho, que eles chamam de seita. Acredito em tudo o que está conforme a Lei e em tudo o que se encontra escrito nos Profetas. ¹⁵Tenho em Deus a mesma esperança que eles têm, ou seja: que todos vão ressuscitar, tanto os justos como os injustos. ¹⁶Por isso, eu também me esforço para manter sempre a consciência limpa diante de Deus e dos homens.

¹⁷Depois de muitos anos, vim trazer esmolas para o meu povo e também apresentar ofertas. ¹⁸Quando eu estava fazendo isso, depois de ter feito a cerimônia da purificação, eles me encontraram no Templo. Não havia ajuntamento nem tumulto. ¹⁹Alguns judeus da Ásia, porém... São eles que deveriam apresentar-se à Vossa Excelência e acusar-me, caso tivessem algo contra mim. ²⁰Ou então, que estes homens aqui digam se encontraram em mim algum crime quando compareci diante do Sinédrio. ²¹A não ser que se trate desta única frase que gritei no meio deles: ‘É por causa da ressurreição dos mortos que estou sendo julgado hoje diante de vocês’.” [24,1-21]

Testemunho diante da corrupção — ²²Félix estava bem informado a respeito do Caminho e adiou a causa, dizendo: “Quando o tribuno Lísias chegar, eu resolverei o caso de vocês.” ²³E ordenou que o centurião mantivesse Paulo preso, mas que lhe desse bom tratamento e não impedisse que seus amigos o visitassem.

²⁴Alguns dias mais tarde, Félix veio com sua esposa Drusila, que era judia. Mandou chamar Paulo e o ouviu falar da fé em Jesus Cristo. ²⁵Mas quando Paulo começou a comentar sobre a justiça, a continência e o julgamento futuro, Félix ficou com medo e disse: “Por agora você pode ir. Quando eu tiver mais tempo, mandarei chamá-lo.” ²⁶Além disso, Félix esperava que Paulo lhe desse dinheiro. Por isso, mandava chamá-lo frequentemente e conversava com ele.

²⁷Dois anos depois, Pórcio Festo ocupou o lugar de Félix. Entretanto, querendo agradar aos judeus, Félix havia deixado Paulo na prisão. [22-27]

25 Os poderosos temem fazer justiça — ¹Três dias depois de chegar à província, Festo subiu de Cesareia para Jerusalém. ²Os chefes dos sacerdotes e os mais notáveis dentre os judeus se apresentaram para acusar Paulo. Pediam com insistência, ³movidos contra Paulo, o especial favor de

transferi-lo para Jerusalém. É que preparavam uma emboscada para matar Paulo durante a viagem. ⁴Festo, porém, respondeu que o lugar da prisão de Paulo era Cesareia e que ele mesmo partiria muito em breve para lá. ⁵E completou: “Aqueles que dentre vocês estiverem habilitados, desçam comigo a Cesareia. E se alguma coisa existe de irregular nesse homem, apresentem acusação contra ele.”

⁶Festo ficou com eles não mais de oito ou dez dias e foi para Cesareia. No dia seguinte, sentou-se no tribunal e mandou trazer Paulo. ⁷Quando Paulo chegou, os judeus que tinham ido de Jerusalém o rodearam, apresentando muitas e graves acusações, que no entanto não conseguiam provar. ⁸Paulo se defendeu, dizendo: “Eu não fiz nada contra a Lei dos judeus, nem contra o Templo, nem contra o Imperador.” ⁹Querendo agradar aos judeus, Festo disse a Paulo: “Você quer subir a Jerusalém para ser julgado lá, em minha presença, a respeito dessas coisas?” ¹⁰Paulo respondeu: “Estou diante do tribunal de César, e é aqui que devo ser julgado. Não pratiquei nenhum crime contra os judeus, como Vossa Excelência perfeitamente reconhece. ¹¹Se cometi uma injustiça ou alguma coisa que mereça a morte, não recuso morrer. Mas se não há nada daquilo de que me acusam, ninguém pode entregar-me a eles. Apelo para César.” ¹²Então Festo conferenciou com o seu conselho e disse: “Você apelou para César; então irá a César.” [25,1-12]

Afinal, acusar de quê? — ¹³Alguns dias depois, o rei Agripa e Berenice chegaram a Cesareia e foram cumprimentar Festo. ¹⁴Como ficassem alguns dias aí, Festo expôs ao rei o caso de Paulo, dizendo: “Está aqui um homem que Félix deixou prisioneiro. ¹⁵Quando eu estive em Jerusalém, os chefes dos sacerdotes e os anciãos dos judeus trouxeram acusações contra ele e me pediram que o condenasse. ¹⁶Mas eu respondi a eles que os romanos não costumam entregar um homem antes que o acusado tenha sido confrontado com os acusadores e possa defender-se da acusação. ¹⁷Eles vieram para cá e, no dia seguinte, sem demora, sentei-me no tribunal e mandei trazer o homem. ¹⁸Seus acusadores compareceram diante dele, mas não trouxeram nenhuma acusação de crimes de que eu pudesse suspeitar. ¹⁹Tinham somente certas questões sobre sua própria religião e a respeito de certo Jesus que já morreu, mas que Paulo afirma estar vivo. ²⁰Eu não sabia o que fazer para averiguar o assunto. Perguntei então a Paulo se ele preferia ir a Jerusalém, para ser julgado lá. ²¹Mas Paulo fez uma

apelação para que a sua causa fosse reservada ao juízo do Augusto Imperador. Ordenei, então, que ficasse preso até que eu pudesse enviá-lo a César.” ²² Agripa disse então a Festo: “Eu também gostaria de ouvir esse homem.”

²³No dia seguinte, Agripa e Berenice chegaram com grande pompa e foram à sala de audiências, junto com os tribunos e as pessoas importantes da cidade. Festo deu uma ordem, e Paulo foi introduzido. ²⁴Então Festo disse: “Rei Agripa e cidadãos aqui presentes: vocês estão vendo aqui o homem por causa de quem toda a comunidade dos judeus recorreu a mim, tanto em Jerusalém como aqui, exigindo que ele não deve continuar vivo. ²⁵No entanto, eu verifiquei que ele não fez nada que mereça a morte; mas, como ele mesmo apelou para César, decidi enviá-lo. ²⁶Acontece que nada tenho de concreto sobre ele para escrever ao soberano. Por isso, eu o faço comparecer diante de vocês, principalmente diante de Vossa Excelência, rei Agripa, a fim de que, após o interrogatório, eu tenha o que escrever. ²⁷Com efeito, pareceu-me absurdo enviar um prisioneiro sem indicar as acusações movidas contra ele.” [13-27]

26 Autodefesa de Paulo — ¹Agripa dirigiu-se a Paulo: “Você tem a permissão de falar em sua defesa.” Então Paulo estendeu a mão e começou a sua defesa: ²“Rei Agripa, considero-me feliz de poder, em sua presença, defender-me de todas as coisas de que os judeus me acusam. ³Ainda mais que o senhor está a par dos costumes e controvérsias dos judeus. Portanto, peço-lhe que me escute com paciência.

⁴Todos os judeus sabem como foi a minha vida desde a minha juventude, no meio do meu povo e em Jerusalém, desde o início. ⁵Eles me conhecem de longa data e, se quiserem, podem testemunhar que vivi como fariseu, conforme a seita mais rígida de nossa religião. ⁶E hoje estou sendo julgado por causa da esperança prometida por Deus aos nossos pais ⁷e que as nossas doze tribos esperam conseguir, servindo a Deus dia e noite, com perseverança. É por causa dessa esperança, ó rei, que estou sendo acusado pelos judeus. ⁸Por que é que vocês acham tão incrível que Deus ressuscite os mortos?

⁹Eu também antes acreditava ser meu dever combater com todas as forças o nome de Jesus, o Nazareu. ¹⁰E foi isso que eu fiz em Jerusalém: prendi muitos cristãos com autorização dos chefes dos sacerdotes, e dei o meu voto para que fossem condenados à morte. ¹¹Em todas as sinagogas eu procurava obrigá-los a blasfemar por meio de torturas e, no auge do furor, eu os caçava até em cidades estrangeiras.

¹²Com essa intenção, eu estava indo a Damasco, com autorização e a mando dos chefes dos sacerdotes. ¹³Ó rei, eu estava a caminho, quando aí pelo meio-dia vi uma luz vinda do céu, mais brilhante que o sol. Essa luz me envolveu, a mim e aos que me acompanhavam. ¹⁴Todos nós caímos por terra. Então ouvi uma voz que me dizia em hebraico: ‘Saulo, Saulo, por que você me persegue? É difícil você teimar contra o ferrão!’ ¹⁵Eu respondi: ‘Quem és tu, Senhor?’ E o Senhor me respondeu: ‘Eu sou Jesus, aquele que você está perseguindo. ¹⁶Mas agora levante-se e fique de pé. O motivo pelo qual apareci a você é este: eu o constituí para ser servo e testemunha desta visão, na qual você me viu, e também de outras visões, nas quais eu aparecerei a você. ¹⁷Eu vou livrá-lo deste povo e dos pagãos, aos quais eu o envio, ¹⁸para que você abra os olhos deles e assim se convertam das trevas para a luz, da autoridade de Satanás para Deus. Desse modo, pela fé em mim, eles receberão o perdão dos pecados e a herança entre os santificados’.

¹⁹E eu, rei Agripa, não me rebelei contra essa visão celeste. ²⁰Ao contrário: vivendo da maneira que corresponde a essa conversão, eu anunciei o arrependimento e a conversão a Deus, primeiro aos habitantes de Damasco, aos de Jerusalém e de toda a Judeia, e depois aos pagãos. ²¹É por isso que os judeus me agarraram e tentaram matar-me. ²²Mas, com a proteção de Deus, eu continuo até hoje dando testemunho diante de pequenos e grandes. Não prego nada mais do que os Profetas e Moisés disseram que havia de acontecer, ²³isto é, que o Messias devia sofrer e que, ressuscitado por primeiro dentre os mortos, ele devia anunciar a luz ao povo e aos pagãos.” [26,1-23]

Ocasão de testemunho — ²⁴Paulo estava assim falando em sua defesa, quando Festo o interrompeu em alta voz: “Você está ficando louco, Paulo. Todo esse seu saber o está levando à loucura!” ²⁵Mas Paulo respondeu: “Não estou ficando louco, excelentíssimo Festo, mas estou falando palavras verdadeiras e sensatas. ²⁶O próprio rei, a quem estou me dirigindo com toda a coragem, certamente está a par dessas coisas. Acredito que nada disso lhe é desconhecido, porque essas coisas não aconteceram num lugar distante. ²⁷Rei Agripa, o senhor acredita nos Profetas? Eu sei que acredita.” ²⁸Então Agripa disse a Paulo: “Ainda um pouco, e você vai me convencer a tornar-me cristão!” ²⁹Paulo respondeu: “Ainda um pouco ou ainda muito, tomara que Deus fizesse não somente o senhor, mas todos os que me escutam hoje, tornar-se como eu, mas sem essas correntes!”

³⁰O rei se levantou, e com ele o governador, Berenice e todos os que tomavam parte na sessão. ³¹Enquanto saíam, conversavam e diziam: “Um homem como esse não pode ter feito nada que mereça a morte ou a prisão.” ³²E Agripa disse a Festo: “Esse homem bem que podia ser posto em liberdade, se não tivesse apelado para César.” [24-32]

27 *Viagem para Roma* — ¹Quando foi decidido que embarcaríamos para a Itália, Paulo e alguns outros prisioneiros foram entregues a um centurião chamado Júlio, da coorte Augusta. ²Embarcamos num navio de Adramítio, que ia partir para as costas da Ásia, e começamos a viagem. Estava conosco Aristarco, macedônio de Tessalônica. ³No dia seguinte, fizemos escala em Sidônia. Tratando Paulo com humanidade, Júlio permitiu que ele fosse encontrar seus amigos para receber assistência deles. ⁴Partindo daí, navegamos rente à ilha de Chipre, pois os ventos eram contrários. ⁵Tendo atravessado o mar ao longo da Cilícia e da Panfília, depois de quinze dias desembarcamos em Mira, na Lícia. ⁶O centurião encontrou aí um navio de Alexandria que estava de partida para a Itália, e nos transferiu para ele.

⁷Durante vários dias, navegamos lentamente e chegamos com dificuldade à altura de Cnido. Como o vento era contrário, navegamos rente à ilha de Creta, junto ao cabo Salmone. ⁸Costeando a ilha com dificuldade, chegamos a um lugar chamado Bons Portos, perto da cidade de Lasaia.

⁹Transcorrido muito tempo, a viagem estava se tornando perigosa, porque o Jejum já havia passado. Então Paulo advertiu: ¹⁰“Amigos, vejo que a viagem está a ponto de acabar, com muito dano e prejuízo, não só da carga e do navio, mas também de nossas vidas.” ¹¹Mas o centurião acreditou mais no piloto e no armador do que em Paulo. ¹²Aliás, o porto não era propício para passar o inverno. A maioria foi de opinião que se devia partir daí e tentar chegar até Fênix. Este é um porto de Creta, ao abrigo dos ventos noroeste e sudoeste. Aí poderiam passar o inverno.

¹³Quando o vento sul começou a soprar levemente, eles pensaram que poderiam realizar o que haviam projetado. Levantaram âncoras e foram costeando Creta mais de perto. ¹⁴Pouco depois, desencadeou-se do lado da ilha um furacão chamado Euroaquilão. ¹⁵Incapaz de resistir ao vento, o navio foi arrastado violentamente e ficamos sem direção. ¹⁶Passando rente a uma pequena ilha chamada Cauda, com dificuldade conseguimos recolher o bote. ¹⁷Após tê-lo

iado, os tripulantes usaram os recursos de emergência, amarrando o navio com cordas de segurança. Contudo, temendo encalhar em Sirte, soltaram a âncora e continuaram sem direção. ¹⁸No dia seguinte, batidos furiosamente pela tempestade, começaram a jogar a carga no mar. ¹⁹No terceiro dia, com as próprias mãos lançaram ao mar até o equipamento do navio. ²⁰Por vários dias, não vimos nem o sol nem as estrelas, e a tempestade continuava a bater fortemente. Por fim perdemos toda a esperança de salvação.

²¹Estávamos muito tempo sem comer nada. Então Paulo se pôs de pé no meio deles e disse: “Amigos, se vocês tivessem me escutado e não tivessem saído de Creta, teríamos evitado este perigo e este prejuízo. ²²Apesar disso, aconselho que vocês sejam corajosos, porque ninguém de vocês vai morrer: só perderão o navio. ²³Esta noite me apareceu um anjo do Deus ao qual pertenço e a quem adoro. ²⁴O anjo me disse: ‘Não tenha medo, Paulo. Você deve comparecer diante de César. E Deus concede a você a vida de todos os seus companheiros de viagem’. ²⁵Portanto, coragem, amigos! Confio em Deus que as coisas acontecerão como me foi dito. ²⁶Entretanto, devemos ser arremessados em alguma ilha.”

²⁷Já fazia catorze noites que éramos jogados de um lado para outro no mar Adriático, quando, aí pela meia-noite, os marinheiros viram sinal de terra. ²⁸Então lançaram a sonda e deu trinta e seis metros de profundidade; um pouco mais adiante, lançaram de novo a sonda e deu vinte e sete metros. ²⁹Com medo de que o navio batesse em rochas, eles desceram quatro âncoras do lado de trás do navio e esperavam ansiosamente que o dia surgisse. ³⁰Entretanto, os marinheiros tentavam fugir do navio. Com o pretexto de jogar âncoras do lado dianteiro, já estavam descendo o bote ao mar. ³¹Então Paulo disse ao centurião e aos soldados: “Se eles não ficarem no navio, vocês não poderão salvar-se.” ³²Então os soldados cortaram as cordas do bote e deixaram que ele caísse no mar.

³³Esperando que amanhecesse, Paulo insistia que todos comessem. E dizia: “Já faz catorze dias que vocês estão esperando, em jejum, sem comer nada. ³⁴Aconselho que se alimentem, porque é necessário para a saúde. Pois não vai se perder nenhum cabelo da cabeça de vocês.” ³⁵Dizendo isso, Paulo tomou o pão, deu graças a Deus diante de todos, o partiu e começou a comer. ³⁶Então eles se reanimaram e também se alimentaram. ³⁷No navio éramos ao todo duzentas e

setenta e seis pessoas. ³⁸Depois de comerem com fartura, jogaram o trigo ao mar, aliviando assim o navio.

³⁹Quando amanheceu, os marinheiros não reconheceram a terra. Vendo uma enseada com uma praia, conversaram para ver se poderiam conduzir o navio até lá. ⁴⁰Soltaram as âncoras, deixando o navio ao movimento do mar. Ao mesmo tempo, desamarraram as cordas dos lemes, levantaram a vela da frente e dirigiram o navio para a praia. ⁴¹Mas o navio foi de encontro a um banco de areia e encalhou. A parte dianteira, atolada, ficou imóvel, mas a parte traseira começou a desconjuntar-se pela violência das ondas.

⁴²Então os soldados decidiram matar os prisioneiros, para evitar que alguns deles escapassem a nado. ⁴³Mas o oficial romano, querendo salvar Paulo, não aceitou a ideia. Mandou aos que sabiam nadar que saltassem primeiro e alcançassem a terra. ⁴⁴Depois mandou que os outros fossem atrás, agarrados em pranchas ou em qualquer pedaço do navio. Assim todos chegaram à terra, são e salvos. [27,1-44]

28 *O poder da testemunha* — ¹Estando já a salvo, soubemos que a ilha se chamava Malta. ²Os nativos nos trataram com extraordinária bondade. Eles acolheram a todos nós ao redor de uma grande fogueira que tinham aceso, pois estava chovendo e fazia frio. ³Paulo recolhera um feixe de lenha seca e a jogava na fogueira. Então uma cobra, fugindo do calor, saiu e se prendeu na mão de Paulo. ⁴Vendo a cobra dependurada em sua mão, os nativos disseram: “Este homem certamente é um assassino: escapou do naufrágio, mas a justiça divina não o deixa viver.” ⁵Paulo, porém, sacudiu a cobra para dentro do fogo, e não sentiu nada. ⁶Os nativos ficaram na expectativa de que ele inchasse e caísse morto de repente. Depois de esperarem por um bom tempo e, vendo que nada acontecia, mudaram de ideia e começaram a dizer que ele era um deus.

⁷Perto desse lugar ficava a propriedade do Chefe da ilha, que se chamava Públio. Ele nos recebeu com gentileza e nos hospedou por três dias. ⁸O pai dele estava com febre e disenteria. Paulo foi visitá-lo, rezou, impôs as mãos sobre ele e o curou. ⁹Depois disso, os doentes da ilha começaram a ir ao encontro de Paulo e eram curados. ¹⁰Demonstraram, então, muitos sinais de estima e, quando estávamos de partida, levaram para o navio tudo o que precisávamos. [28,1-10]

Chegada a Roma — ¹¹Depois de três meses, embarcamos num navio alexandrino, que passara o inverno na ilha e que tinha os Dióscuros como

emblema. ¹²Fizemos escala em Siracusa e aí permanecemos três dias. ¹³Em seguida, costeando, chegamos a Régio. No dia seguinte, levantou-se o vento sul e em dois dias chegamos a Putéoli. ¹⁴Aí encontramos alguns irmãos que nos pediram para ficar com eles sete dias. Em seguida fomos para Roma.

¹⁵Os irmãos de Roma, que tiveram notícia de nossas peripécias, foram receber-nos no Foro Ápio e nas Três Tabernas. Ao vê-los, Paulo deu graças a Deus e sentiu-se encorajado. ¹⁶Quando entramos em Roma, Paulo recebeu permissão para morar em casa particular, sob a vigilância de um soldado. [11-16]

“...até aos extremos da terra” — ¹⁷Três dias depois, Paulo convocou os líderes dos judeus. Quando estavam reunidos, falou: “Irmãos, eu não fiz nada contra o nosso povo, nem contra as tradições de nossos antepassados. No entanto, vim de Jerusalém como prisioneiro, e assim fui entregue nas mãos dos romanos. ¹⁸Interrogado por eles no tribunal e, não havendo nada em mim que merecesse a morte, eles queriam me soltar. ¹⁹Mas os judeus se opuseram e eu fui obrigado a apelar para César, sem nenhuma intenção de acusar minha nação. ²⁰É por isso que eu pedi para ver vocês e para lhes falar, pois estou carregando esta corrente justamente por causa da esperança de Israel.”

²¹Então eles disseram a Paulo: “Nós não recebemos nenhuma carta da Judeia falando sobre você, e nenhum dos irmãos que aqui chegaram relatou qualquer coisa de mal contra você. ²²No entanto, gostaríamos de ouvir de sua própria boca o que você pensa, pois sabemos que essa sua seita está encontrando oposição em toda parte.”

²³Então marcaram um dia e foram com mais gente para se encontrar com ele no seu alojamento. Desde o amanhecer até à tarde, Paulo fez uma exposição baseada na Lei de Moisés e nos Profetas, dando testemunho do Reino de Deus e procurando convencê-los a respeito de Jesus. ²⁴Alguns aceitaram o que ele dizia, mas outros não quiseram acreditar. ²⁵Houve, assim, discordância entre eles. Enquanto iam saindo, Paulo só disse uma coisa: “Bem que o Espírito Santo falou aos antepassados de vocês por meio do profeta Isaías: ²⁶‘Vá ter com esse povo e diga-lhe: vocês vão escutar bem, mas não compreenderão; vocês vão olhar bem, mas não verão. ²⁷O coração desse povo está embotado; ouviram mal com os ouvidos e taparam os olhos, para que não vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, e não entendam com o coração, nem se convertam e eu não os cure!’

²⁸Pois então, fiquem sabendo vocês: esta salvação de Deus é enviada aos pagãos, e eles a escutarão”./²⁹/

³⁰Paulo morou dois anos numa casa alugada, vivendo às custas do seu próprio trabalho. Recebia a todos os que o procuravam, ³¹pregando o Reino de Deus. Com toda a coragem e sem obstáculos, ele ensinava as coisas que se referiam ao Senhor Jesus Cristo. [\[17-31\]](#)

NOTAS

[1,1-11] O “primeiro livro” é o Evangelho de Lucas.

Recebendo o mesmo Espírito que guiou toda a missão de Jesus, os apóstolos estarão preparados para testemunhar Jesus, continuando o que ele começou a fazer e ensinar. Essa é a tarefa apostólica de todos os cristãos, que formam a comunidade de Jesus. Através do testemunho deles, Jesus ressuscitado continua presente e atuante dentro da história.

O Reino não vai surgir de um momento para outro na história, como por toque de magia ou milagre. Ele será fruto do testemunho dado pelos discípulos no mundo inteiro. E só o Pai sabe o momento em que a história da humanidade estará completamente madura, para então se manifestar a plenitude do Reino.

A ascensão de Jesus é um modo de falar sobre a sua volta para o mistério da vida de Deus. Aliás, Deus está presente em todos os tempos e lugares. E o fato de os cristãos esperarem por Jesus não deve deixá-los passivos, mas levá-los à missão, pois a vinda gloriosa de Jesus se realizará através do testemunho.

[12-14] Lucas apresenta a primeiríssima comunidade de Jesus. O *monte das Oliveiras* é o lugar onde começou a paixão (Lc 22,39ss) e, na *sala de cima*, Jesus havia celebrado a última Ceia (Lc 22,12). A comunidade cristã sempre tem como fonte o ato supremo em que Jesus deu a sua própria vida para confirmar o testemunho dado. A presença da mãe de Jesus mostra que a Igreja está em gestação a partir da primeira comunidade, onde todos têm os mesmos sentimentos e buscam continuamente o sentido da sua missão (oração).

[15-26] A primeira comunidade começa a expandir-se (cento e vinte irmãos). O número dos Doze deve ser completado: assim como o povo de Israel se formou a partir dos doze filhos de Jacó, o novo povo de Deus forma-se a partir dos doze apóstolos. A testemunha de Jesus é aquela que conhece o que ele fez e ensinou, desde o seu batismo até sua morte e ressurreição. O v. 22 mostra o conteúdo da catequese primitiva, o qual formou depois a estrutura dos evangelhos; por isso, é preciso conhecer os evangelhos para dar testemunho de Jesus.

[2,1-13] O relato é simbólico. De fato, quando o autor escreveu, as comunidades cristãs já se haviam espalhado por todas as regiões aqui mencionadas. Lucas quer mostrar o que está na base de qualquer comunidade cristã: o Espírito Santo faz lembrar, compreender e continuar o testemunho de Jesus (cf. Jo 14,26; 16,12-15). Pentecostes, celebrado cinquenta dias depois da Páscoa, comemorava

a Aliança e o dom da Lei. No novo Pentecostes, Deus entrega o seu Espírito, realizando a nova Aliança, dessa vez com toda a humanidade (doze nações). A “língua” da comunidade da nova Aliança é o testemunho de Jesus, ou seja, o Evangelho, cujo centro é o amor de Deus que reúne os homens, provocando relação e entendimento (o contrário de Babel: cf. Gn 11,1-9). Mas o testemunho provoca conflitos (v. 13).

[14-36] Pedro apresenta o anúncio fundamental da Igreja. Mantendo a memória do testemunho de Jesus, a Igreja relê o Antigo Testamento e percebe o mistério central da vida, morte e ressurreição de Jesus: Jesus de Nazaré realizou entre os homens a ação de Deus voltada para a justiça e a vida, e foi morto pela estrutura injusta de uma sociedade que gera a morte. Deus, porém, condena essa estrutura, pois ressuscita Jesus e o torna Senhor do universo e da história. Recebendo o Espírito que dirigiu toda a missão de Jesus, a Igreja se torna testemunha da sua ressurreição. O anúncio é ao mesmo tempo a denúncia e o julgamento de toda estrutura injusta, sempre causadora de morte.

[37-41] O anúncio da Igreja faz com que as pessoas tomem consciência do seu próprio pecado, já que elas percebem estar comprometidas com uma estrutura social que gera injustiça e morte. O que fazer? É preciso morrer para esse tipo de sociedade e ressuscitar para pertencer ao povo de Deus; povo comprometido com o testemunho de Jesus Cristo. O batismo, onde a pessoa recebe o Espírito, é a expressão concreta dessa conversão.

[42-47] Lucas apresenta o primeiro retrato da comunidade cristã. Ela nasce do anúncio fundamental que provoca a conversão; cresce graças à catequese evangélica (ensinamento dos apóstolos) e se espalha através do testemunho. Internamente, a comunidade se mantém pela união com Deus (oração no Templo) e pela participação na Páscoa de Jesus (fração do pão = Eucaristia). Na vida prática, a conversão se exprime por um novo modelo de relações: a fraternidade substitui a opressão do poder, e a partilha dos bens supera a exploração do comércio. A única autoridade é a de Deus, e se exprime através de prodígios e sinais que acompanham o testemunho dos apóstolos (temor). Para Lucas, a vida dessa comunidade mostra o ideal da Igreja e o projeto de nova sociedade.

[3,1-10] O episódio, com suas consequências, lembra a cura do cego de nascença (cf. Jo 9). Pedro e João personificam a Igreja, através da qual Jesus continua presente e atuante. O aleijado encarna a situação do povo fraco e dependente. A riqueza (ouro e prata) não liberta; ao contrário, produz sempre

novas formas de submissão e opressão. Só o nome de Jesus é capaz de libertar o povo, fazendo-o levantar-se e caminhar.

[11-26] O povo estranha o fato novo que a comunidade cristã realiza em nome de Jesus. O fato se transforma em anúncio fundamental, convidando à conversão. O centro do texto é *o nome de Jesus*. Quem é Jesus? A releitura do Antigo Testamento leva a comunidade a reconhecer e anunciar Jesus como o Santo, o Justo, o Profeta definitivo e o Servo-Messias, que vai transformar radicalmente a condição humana, realizando o projeto de Deus e restaurando todas as coisas. Doravante, a ação de Deus em favor dos homens se realiza mediante o nome de Jesus.

[4,1-22] O fato novo provoca uma nova consciência no povo e, ao mesmo tempo, a reação negativa do Sinédrio, autoridade suprema na sociedade judaica. A ressurreição de Jesus é apresentada como fato a partir de outro fato: a cura do aleijado. O Sinédrio não pode negar aquilo que todos conhecem. Também não pode aceitar que a cura foi realizada em nome de Jesus, que tinha sido condenado e morto por iniciativa do próprio Sinédrio; este não pode aceitar que Jesus esteja vivo e continue fazendo o bem. Mas, como não há outro modo de explicar a cura e se teme a opinião pública, resta apenas uma atitude: reprimir os apóstolos, proibindo-os de continuar uma prática ligada ao nome de Jesus.

[23-31] A comunidade cristã compreende os fatos presentes à luz da Palavra de Deus. A perseguição que se desencadeou contra Jesus atinge agora seus seguidores que são, como ele, servos de Deus. A comunidade reconhece que a perseguição é prova de que o seu próprio testemunho é autêntico. Por isso, não pede que a perseguição termine, mas que Deus lhe dê forças para continuar o anúncio e a prática de Jesus (curas, sinais e prodígios). A resposta de Deus é o novo Pentecostes.

[32-37] Lucas vai salientando o crescimento da comunidade (cf. 1,13.15; 2,41.48; 4,4). Agora já é uma grande multidão, pois o fermento cristão penetra e transforma a sociedade. O centro do retrato é o espírito de comunhão que gera concórdia fraterna e partilha dos bens. Não se decreta uma lei para fazer uma “caixa comum”, uma espécie de “capital” de sociedade anônima. Pelo contrário, trata-se de partilha livre e consciente, exigida pela necessidade de cada um e voltada para os mais necessitados, de modo a destruir o contraste e a distância entre ricos e pobres. O exemplo de Barnabé mostra que a comunidade primitiva rompe com o espírito de posse e propriedade privada: os bens são destinados ao uso de todos.

[5,1-11] A sôvinice e ostentação, típicas de uma sociedade pag  baseada no espírito de posse, ameaçam infiltrar-se na comunidade e falsificar o senso de comunhão que gera fraternidade e partilha. A comunidade   sacramento da presença do Espírito: mentir para ela é mentir para o Espírito; falsificá-la   falsificar o próprio testemunho cristão. Para transformar a sociedade, a comunidade precisa ser coerente e viver a fraternidade e a partilha. Ser cristão n o admite mediocridade. Pela primeira vez aparece nos Atos o termo Igreja (v. 11).

[12-16] O terceiro retrato mostra como a ação de Jesus ressuscitado continua na prática da comunidade cristã. Esta realiza a ação que liberta da alienação a consci ncia (“espíritos impuros”). Consequentemente, liberta os corpos oprimidos (doenças). A sombra de Pedro relembra a própria ação de Deus protegendo o povo no tempo do  xodo. Favorecido, o povo acolhe e adere   ação da comunidade; “outros” (v. 13) temem o poder das autoridades e não se atrevem a pertencer a esse grupo inovador.

[17-21a] Os dominadores sentem que a prática da comunidade ameaça o poder deles, e, por isso, tentam abafar-lhe o testemunho. Mas a mensagem de vida não pode ficar presa. O anjo do Senhor, personificando a ação libertadora do Espírito, liberta e impulsiona as testemunhas a lutar exatamente no Templo, terreno dos dominadores.

[21b-33] As autoridades se reúnem para decidir sobre a sorte dos apóstolos. Enquanto isso, estes ensinam o povo, que já está disposto a tomar uma atitude contra os poderosos. Apesar da proibição (cf. 4,18), os apóstolos continuam ensinando em nome de Jesus. Interrogado, Pedro mostra a razão da desobediência: Ressuscitando a Jesus, Deus julga e desautoriza a autoridade do Sinédrio, que o condenou e matou. A ressurreição é o fundamento da liberdade de testemunhar.

[34-42] Para as autoridades, o fenômeno cristão é movimento de insurreição política, como qualquer outro. Gamaliel apresenta o significado profundo do confronto com o movimento cristão. Por tr s do princípio de tolerância e também de liberdade, mais acima afirmada por Pedro (4,19s), está em jogo uma opção radical: obedecer a Deus ou aos homens; adotar a lógica de Deus na liberdade que prov m da vitória sobre a morte, ou obedecer   lógica humana, que tem como fundamento o medo da morte e que se firma no poder repressivo que provoca tortura e morte. Mas o cristianismo vem de Deus, ninguém poderá det -lo...

[6,1-7] Surge o primeiro conflito na organização interna. A comunidade inteira é convocada para examinar a questão e chegar a uma decisão. Note-se que o poder é participado, e o problema é como tornar eficiente a partilha dos bens em favor dos necessitados (viúvas). O episódio mostra como os ministérios vão surgindo na Igreja em resposta a necessidades concretas: é a necessidade que leva a formar estruturas de serviço, e não o contrário.

[8-15] Estêvão personifica o ideal do mártir cristão e confirma a promessa de Jesus para os seus discípulos (cf. Lc 21,15). Lucas apresenta Estêvão como modelo para os cristãos, que devem escolher o caminho da liberdade corajosa e da fidelidade ao Espírito; a liberdade não se intimida nem mesmo diante da repressão violenta. Note-se que as acusações contra Estêvão foram as mesmas dirigidas contra Jesus: subversão da Lei e dos costumes e audácia de criticar as instituições e as estruturas consideradas sagradas (Templo). Desse modo, desde Jesus, e passando por Estêvão, abre-se uma cadeia de solidariedade que atinge os perseguidos de todos os tempos.

[7,1-53] Estêvão resume a história de Israel, mostrando o projeto de Deus, que se alia com o povo para construir a história em direção à vida e à liberdade. Estêvão interrompe o relato ao chegar a Davi (construtor do Estado) e a Salomão (construtor do Templo). Mostra, assim, que Deus *quer um povo* em contínua marcha histórica em direção à vida plena, e *não um estado* preso por um aparelho que explora, oprime e paralisa o povo. Por outro lado, Deus não está localizado e fechado num templo, nem é manipulado como ídolo para legitimar uma ordem social injusta. Deus está presente na vida e na história, caminhando com o povo (a Tenda).

A Lei de Moisés era palavra de vida, mas se transformou em palavra de morte, quando Israel deixou de ser povo aberto e se transformou em estado nacional fechado. Deus não quer ser confinado dentro das barreiras de uma nação.

Estêvão transforma sua defesa em acusação contra seus próprios juizes: estes não passam de autoridades que manipulam o Templo para legitimar um Estado que oprime o povo. Se fossem fiéis à Lei, eles teriam reconhecido Jesus como o Justo e o Profeta como Moisés, e não o teriam assassinado.

[54-60] A morte de Estêvão, o primeiro mártir, relembra a morte de Jesus (cf. Lc 23,34.46), pois o discípulo não está acima do Mestre (Lc 6,40). Através da morte de suas testemunhas, Jesus continua exercendo o julgamento como Filho do Homem (cf. Mt 26,64; Dn 7,13). Dizendo que Estêvão “adormeceu”, o autor insinua a ressurreição.

[8,1-4] A morte de Estêvão é o estopim da perseguição, que agora se torna acirrada, penetrando nas casas, que era o lugar de reunião da comunidade primitiva. Mas, ao invés de abafar o Evangelho, a perseguição acaba fazendo com que ele se difunda cada vez mais.

[5-8] O autor apresenta Filipe como exemplo da evangelização que se propaga a partir de Jerusalém. A missão cristã é mostrada nos mesmos moldes previstos pelo Evangelho: anúncio do caminho de Jesus Cristo e ação que desaliena os homens (expulsão dos demônios), possibilitando que eles se tornem responsáveis pela própria caminhada (cura da paralisia). O resultado é a alegria trazida pela Boa Notícia. (Cf. 1,8).

[9-25] Simão é alguém que busca prestígio a todo custo, recorrendo à venda de ilusões que fascinam e alienam o povo. Enquanto outros buscam o batismo para selar a conversão, Simão está interessado em milagres e em comercializar o dom de Deus. Reprovando-o, Pedro lembra a cena de Jesus expulsando os comerciantes do Templo (cf. Lc 19,45ss). O texto é verdadeira condenação de qualquer comércio do sagrado. O que Deus dá gratuitamente deve ser distribuído gratuitamente.

A missão de Pedro e João na Samaria é reconhecer a nova comunidade como parte integrante da Igreja. A imposição das mãos com o dom do Espírito Santo mostra que as comunidades cristãs nascem sob o impulso do Espírito Santo.

[26-40] A conversão de um eunuco etíope mostra que a fé cristã quebra todas as barreiras, tanto raciais (o etíope é negro) como nacionais (ele é estrangeiro), tanto sociais (trata-se de escravo) como religiosas (o judaísmo não permitia que uma pessoa mutilada pertencesse à comunidade, cf. Dt 23,2). Além disso, o episódio mostra como se realizava uma iniciação na Igreja primitiva: encontro, anúncio, catequese, batismo. De um lado, as pessoas que buscam algo ou alguém que lhes dê sentido para a vida; de outro, o missionário obedece ao Espírito, que lhe indica o momento e o lugar oportuno para esclarecer quem as pessoas buscam e para fazer o grande anúncio. Não basta ler e estudar a Sagrada Escritura. É necessário que alguém abra a perspectiva da fé para mostrar que a Bíblia, espelho da experiência humana, é o anúncio de Jesus Cristo (cf. Lc 4,16-21; 24,25-27). O rito do batismo é o sinal que exprime a aceitação de que Jesus é o novo sentido para a vida do batizado.

[9,1-19a] O relato apresenta o foco de um contraste: de perseguidor ferrenho, Paulo é chamado para ser apóstolo destemido. Na sua conversão, a iniciativa é

do próprio Jesus. Note-se que o texto identifica a pessoa de Jesus morto e ressuscitado com a vida e o testemunho das comunidades que Paulo persegue (“por que você *me* persegue?”): Paulo é chamado à conversão e à missão pelo Jesus que está vivo na comunidade. Essa conversão é um processo de morte e ressurreição (v. 9: “três dias”); morte que o desestrutura da visão antiga (queda e cegueira), e o contato com a comunidade (Ananias), que o ressuscita, dando-lhe o Espírito, para que possa testemunhar o Cristo vivo. A palavra do Senhor mostra o programa da missão: Paulo vai ser apóstolo entre os pagãos, e seu testemunho lhe provocará muito sofrimento. A respeito do termo *Caminho*, cf. nota em 24,1-21.

[19b-25] A primeira atividade do recém-convertido se caracteriza por um testemunho apaixonado e corajoso sobre Jesus como Filho de Deus. Esse testemunho, porém, provoca confusão entre os ex-colegas e uma reação violenta. De perseguidor, Paulo torna-se perseguido; e isso é sinal da autenticidade do seu testemunho.

[26-30] O convertido enfrenta, além disso, a desconfiança da comunidade, à qual começa a pertencer. Mas alguém da comunidade apresenta um argumento irrefutável e que cria a solidariedade para com o recém-convertido: o testemunho corajoso.

[31] Mais um dos costumeiros sumários de Lucas, com uma retrospectiva de todas as comunidades cristãs. Mencionando as três regiões da Palestina, Lucas salienta que a Igreja se estabelece em todos os lugares do antigo Israel. A Igreja é o conjunto das comunidades. A fé em Jesus e a força do Espírito são as duas fontes da vida da Igreja.

[32-43] Pedro personifica a atividade da Igreja, através da qual Jesus continua vivo e atuante no meio dos homens (cf. Lc 5,17-26; 8,40-56). A Igreja realiza uma ação que liberta os homens da paralisia e da morte: isso faz com que eles se convertam e acreditem no Senhor, expandindo cada vez mais o círculo da vida e do testemunho cristão. Dizendo que Pedro está hospedado na casa de um curtidor, Lucas prepara o relato de At 10, pois curtir peles era profissão desprezível e reservada aos pagãos.

[10-14] Até aqui, a Igreja cresce e se espalha em ambiente judaico, ainda ligada às observâncias e práticas judaicas. Daqui por diante, o fermento cristão começa a espalhar-se em ambiente pagão. Surge agora a questão: Até onde os costumes judaicos são parte essencial da fé cristã? Até que ponto os elementos culturais podem criar obstáculos à evangelização? Pouco a pouco, avoluma-se a

controvérsia, que vai provocar em Jerusalém o primeiro Concílio da Igreja (At 15).

[10,1-33] Cesareia está na fronteira da terra judaica com o mundo pagão. Fronteira que, na verdade, separa mundos e mentalidades. O judeu era limitado por dois grandes tabus culturais: a lei da pureza, que impedia comer certos alimentos (cf. Lv 11), como também a lei que proibia misturar-se com pagãos, igualmente considerados profanos e impuros (v. 28). Temos aqui a queda desses tabus; se fossem conservados, impediriam a Igreja, nascida em ambiente judaico, de se expandir pelo mundo pagão. O próprio Deus destrói a barreira entre os homens, porque ele quer unir todos no único povo de seu Filho (vv. 34-35). A Igreja, portanto, deve distinguir entre o que é essência do Evangelho e o que pertence a determinado tempo ou cultura. Uma ação missionária que confundisse o Evangelho com particularismos culturais não seria evangelização libertadora, mas colonização dominadora.

[34-43] O texto reflete a essência da catequese primitiva. Na estrutura dessa catequese podemos ver a estrutura dos atuais evangelhos escritos; estes não são mais do que a cristalização da catequese realizada em comunidades particulares.

O ponto de partida da evangelização e da catequese é o reconhecimento de que o povo de Deus é formado por todos aqueles que o respeitam e praticam a sua vontade, ainda que de forma inconsciente e anônima. É essa prática da justiça que a evangelização visa a descobrir, fazer crescer e educar, mostrando tudo o que Deus realizou em favor dos homens através de Jesus Cristo. Note-se que toda a atividade de Jesus está resumida numa frase que define o programa da ação cristã: fazer o bem e curar todos os que estão dominados pelo diabo. Em outras palavras, trata-se de despertar relações justas entre os homens, a fim de que eles vençam a alienação e construam uma sociedade voltada para a vida que Deus quer.

[44-48] Este é o Pentecostes dos pagãos (cf. At 2,1-12). Note-se que os pagãos recebem o Espírito ao ouvir a Palavra; isso comprova que eles já a aceitaram e se comprometeram com o Evangelho. A ação de Deus precede o próprio rito do batismo, que é sinal visível da pertença ao povo de Jesus Cristo.

[11,1-18] A Igreja de Jerusalém estranha e critica a atitude de Pedro. Este relata o que fizera e presenciara, terminando com o desafio: “Quem seria eu para me opor à ação de Deus?” A Igreja também deve ser evangelizada, para abrir-se e aceitar que grupos de origens e costumes diferentes passem a pertencer ao povo

de Deus.

[19-26] Antioquia, uma das cidades mais importantes do império romano, tinha 500.000 habitantes. A evangelização se dirigiu primeiro aos judeus e, com a vinda de alguns cristãos de Chipre e de Cirene, se estende também aos gregos. A nova Igreja nasce ligada à igreja-mãe de Jerusalém, graças ao envio de Barnabé. Ao lado de Jerusalém, Antioquia será centro importante. E Lucas frisa isso, lembrando que aí apareceu pela primeira vez o nome “cristãos.”

[27-30] Os gregos de Antioquia pertenciam à classe alta e média; muitos deles se converteram à fé cristã. Catequizados por Barnabé, que desde o início vivera o espírito de partilha (cf. At 4,36-37), eles também vão partilhar suas posses com as comunidades carentes da Judeia. Note-se também: não só dentro de uma comunidade, mas entre as várias comunidades se estabelece solidariedade e comunhão em nível profético e econômico.

[12,1-25] O episódio apresenta o ápice e final da missão de Pedro no livro dos Atos. Marca também o fim da primeira etapa da história da Igreja centralizada em Jerusalém e no mundo judaico. A intenção de Herodes é matar Pedro, como fez com Tiago. O relato lembra de perto a morte e ressurreição de Jesus. A incredulidade dos irmãos (v. 15) lembra Lc 24,9-11. Os guardas sofrem a pena reservada ao prisioneiro que deixaram escapar; e a morte de Herodes aparece como punição divina, pelo fato de ele se absolutizar, colocando-se no lugar de Deus. O relato mostra, portanto, que Deus se solidariza com os pobres que lhe são fiéis, e se coloca contra o perseguidor. É nesse clima de solidariedade divina que as comunidades crescem e se multiplicam (v. 24).

[13,1-3] Começa uma nova etapa na história da Igreja: a difusão do Evangelho em ambiente pagão. A igreja de Antioquia já se apresenta organizada: funções partilhadas e decisões tomadas pela assembleia, em clima de oração e discernimento, clima referendado pelo Espírito Santo. A missão não nasce por iniciativa de indivíduos, mas a partir de uma comunidade cheia de vida, que escolhe e designa indivíduos para a missão.

[4-12] A magia é um artifício que o homem usa para manipular espiritualmente a realidade. Elimas é chamado filho do diabo (aquele que divide), porque ele quer impedir a força do Evangelho e cria obstáculos para a conversão do procônsul. Mas o Evangelho é força de Deus: vence a magia alienadora e liberta o homem, para este viver o caminho de Jesus Cristo.

[13-43] O primeiro discurso de Paulo reflete a estrutura da sua catequese

(comparar com a catequese de Pedro em At 10,34-43). A ideia-chave é a *salvação*, fruto da ressurreição de Cristo. A história de Israel, conduzida por Deus, é um passado de promessas em tensão para o seu cumprimento. É em Jesus que Deus as cumpre, transformando a história passada num presente que antecipa todo o futuro. Embora conhecendo as promessas, as autoridades de Israel rejeitaram Jesus e o mataram. Deus, porém, o ressuscitou, tornando-o salvador de todos os homens. É o que as Escrituras anunciam e os apóstolos testemunham. A profissão de fé expressa nessa catequese não é teoria abstrata; é experiência profundamente ligada à história, na qual se revela o acontecimento salvífico e na qual Deus nos chama para construirmos o futuro libertador antecipado em Jesus ressuscitado.

[44-52] Os missionários cristãos estão entre dois grupos: os *pagãos*, que os acolhem com entusiasmo e alegria, e os *judeus*, que têm ciúmes, os recusam e reagem com violência. É um momento histórico para o cristianismo: a passagem do mundo judaico para o mundo dos pagãos. E a espada de dois gumes que divide os grupos não é mais a Lei, mas a Palavra de Deus, isto é, o anúncio da salvação; este exige ser acolhido para que possa introduzir os homens na vida inaugurada por Jesus ressuscitado. A experiência cristã não é apenas uma variante reformista do judaísmo.

[14,1-7] Os missionários agora estão entre outros dois grupos: *os que acreditam* e *os que não acreditam*, tanto judeus como pagãos. Acolhimento e recusa da Palavra acontecem nos dois grupos. A proposta cristã feita em termos claros e acompanhada de uma prática (sinais e prodígios) provoca situações de crise e divisão, pois o anúncio não suporta neutralidade e exige decisão semelhante à dos apóstolos que não cedem, mesmo com risco de vida: eles continuam anunciando corajosamente, com franqueza e com a liberdade que provém do Espírito. Por isso, são perseguidos por aqueles que recusam a mensagem cristã.

[8-18] O anúncio do Evangelho tem como finalidade fazer que o homem se levante e caminhe (cura da paralisia). Mas os pagãos não entendem o prodígio como sinal e tomam os evangelizadores como se fossem divindades. O episódio é ocasião para o anúncio fundamental em meio a uma sociedade pagã: deixar a idolatria, a absolutização de coisas e pessoas, e reconhecer o Deus vivo e criador que, embora único absoluto, está próximo e beneficia a todos.

[19-28] Por que as comunidades cristãs são perseguidas? Porque o Evangelho por elas vivido e testemunhado é o anúncio do Reino, e este propõe uma libertação da idolatria que escraviza e sacrifica o povo, e assim instaurar uma

sociedade baseada na justiça, na liberdade e na vida. A sociedade injusta, alicerçada nos ídolos da riqueza e do poder, sente-se desmascarada por esse testemunho e reage de todos os modos, tentando reprimir e anular a novidade que ameaça destruí-la. Os cristãos devem *perseverar na fé*, isto é, manter a autenticidade do testemunho, vigiando para que o fermento evangélico não seja deturpado nem falsamente assimilado pela estrutura da sociedade injusta. Cf. ainda nota em Rm 5,1-11.

[15,1-5] Enraizada no ambiente judaico e pagão, a Igreja enfrenta o primeiro grande conflito. Os cristãos provenientes do judaísmo continuavam praticando a circuncisão e observando as prescrições da Lei. A evangelização não obrigava os pagãos convertidos a esses costumes judaicos. Contudo, alguns de Jerusalém (fariseus convertidos — cf. v. 5) começaram a ensinar que também os pagãos, para se salvarem, deviam observar as mesmas coisas que os judeus convertidos. Em outras palavras, primeiro deviam ser “judaizados” e depois cristianizados. A questão era muito séria: os costumes judaicos pertencem à essência da mensagem cristã? Até que ponto a ação missionária da Igreja transmite o Evangelho, ou confunde o Evangelho com determinado contexto sociocultural, impondo a um povo a cosmovisão de outro? O Evangelho é fermento libertador, e não super-estrutura que aprisiona e perverte a alma de um povo.

[6-12] O discurso de Pedro é fundamental e contém a orientação conciliar. Pedro parte de fatos concretos: ele foi o primeiro evangelizador dos pagãos e compreendeu que Deus não faz distinção entre pagão e judeu (cf. At 10,34.44-47), mas concede a ambos o mesmo Espírito Santo que leva o homem a seguir Jesus. Depois, Pedro salienta que os costumes judaicos são um jugo, isto é, um elemento cultural que não deve ser imposto aos pagãos, pois o que salva a todos é a graça que leva à fé em Jesus Cristo. Barnabé e Paulo reforçam o testemunho de Pedro.

[13-21] Tiago é a maior autoridade na igreja de Jerusalém. Falando aos judeu-cristãos ele reforça a afirmação de Pedro e a fundamenta no Antigo Testamento. Os vv. 20-21 (e igualmente o v. 29) faltam em textos antigos; alguns estudiosos acham que foram acrescentados posteriormente ao livro ou modificados. Parece que Lucas juntou duas reuniões diferentes num só relato. Primeiro, houve uma, onde não se fizeram restrições e na qual se dava plena liberdade às igrejas dos pagãos convertidos (cf. Gl 2,1-10). Depois apareceram dificuldades pastorais em comunidades onde havia judeus e pagãos. Os judeus aceitavam os outros como irmãos em Cristo, mas não comiam com eles para não ficarem impuros (cf. Gl

2,11ss). Então Tiago decretou essas restrições para tais igrejas de judeus e pagãos.

[22-29] A carta conciliar não tem caráter dogmático; é apenas uma orientação pastoral. Quanto às restrições do v. 29, cf. nota anterior.

[30-35] Lucas salienta o clima de alegria na assembleia ao tomar conhecimento da decisão conciliar. Doravante, não existe mais obstáculo para a expansão da Igreja em ambiente pagão. O v. 34 falta nos melhores manuscritos.

[36-41] Os conflitos se fazem sentir também entre as lideranças da Igreja. Todavia, não chegam a paralisar; limitam-se a diversificar campos e estilos de pastoral. A característica básica da ação pastoral consiste em dar assistência às comunidades, a fim de confirmá-las, estimulando-as a perseverar na fé (vv. 36.41; cf. 14,22).

[16,1-5] O testemunho da comunidade foi decisivo para que Timóteo pertencesse ao grupo missionário. Sem a circuncisão, ele não poderia exercer o ministério entre os judeus, pois os primeiros contatos do programa missionário ainda se prendiam às sinagogas.

[6-10] Segundo o livro dos Atos, a ação missionária é dirigida pelo Espírito Santo, que está presente e age através da comunidade. A visão de Paulo contém o pedido dos europeus para serem evangelizados (a Macedônia fica na Europa).

[11-15] Filipos é a primeira cidade da Europa a receber o Evangelho (cf. Introdução à carta aos Filipenses). Em Filipos não havia sinagoga, tanto que os judeus faziam suas reuniões perto do rio.

[16-40] A jovem era oprimida (escrava) e explorada pelos seus patrões (lucro). Paulo a liberta. E os patrões, para vingar-se, o entregam à justiça, alegando motivos políticos. O episódio lembra a prática libertadora de Jesus, que o levou à paixão (açoites), morte (prisão) e ressurreição (libertação da prisão). O terremoto é sinal da intervenção de Deus que liberta os oprimidos (presos) e aquele que serve ao opressor (carcereiro). O que interessa a Paulo é a justiça, e não apenas ser solto. Em geral os opressores não assumem a responsabilidade por seus atos de repressão.

[17,1-15] Além de exercer considerável influência sobre o povo, os judeus gozavam de tolerância por parte do poder romano. Eles atacam por inveja, pois sentem que estão perdendo o prestígio entre o povo. De outro lado, querem a todo custo diferenciar-se do fenômeno cristão, com medo de atraírem sobre si a antipatia do poder romano (cf. Jo 11,47-50). Até o momento, os cristãos não

tenham manifestado claramente as implicações políticas do anúncio do Evangelho e, principalmente, a crítica contra o absolutismo romano. Os judeus, a fim de reprimir os cristãos, mostram essa incompatibilidade radical entre a proposta do Evangelho e o sistema político dominante (v. 7; cf. Lc 23,2). Enquanto isso, a comunidade relê o Antigo Testamento à luz do anúncio de Jesus e se organiza para defender seus líderes.

[16-34] A permanência de Paulo em Atenas serve de ocasião para Lucas mostrar a dinâmica do anúncio evangélico dentro de uma sociedade idolátrica e intelectualista. Primeiro, o missionário observa o ambiente, entrando em contato com o povo simples (praças públicas) e com as pessoas mais influentes (filósofos), e fazendo uma provocação. Interpelado, o missionário começa a explicitar o seu anúncio. É importante partir da observação da realidade: Paulo menciona a inscrição de um altar que ele viu (v. 23) e mostra que o Deus desconhecido é o Deus verdadeiro que dá a vida (vv. 23-28); depois cita um poeta conhecido (v. 28) para criticar a idolatria que aliena o homem (v. 29). O ápice do anúncio é o julgamento, isto é, a manifestação da verdade. O Deus vivo se manifestou em Jesus Cristo. Para ser da raça do Deus verdadeiro o homem deve confrontar-se com Jesus Cristo, reconhecendo o Deus verdadeiro (libertação da idolatria) e, assim, tornando-se homem verdadeiro (libertação da auto-suficiência e da alienação). O julgamento então se realiza: alguns rejeitam e se enrijecem na própria auto-suficiência (v. 32); outros aceitam e se convertem (v. 34).

[18,1-11] A fundação da comunidade de Corinto foi uma das obras mais importantes de Paulo, e marcou o caminho do cristianismo para o ocidente (cf. Introdução à primeira carta aos Coríntios). Trata-se de uma nova etapa: o Apóstolo rompe com os judeus e se dirige aos pagãos; a comunidade nasce na casa de um pagão, e não na sinagoga. A visão mostra que a infidelidade do povo judeu dá lugar a “um povo numeroso” formado de pagãos convertidos, e que nenhuma oposição poderá anular o projeto de Deus. De Corinto, Paulo escreveu as duas cartas aos Tessalonicenses, que são os escritos mais antigos do Novo Testamento.

[12-17] Os judeus investem novamente (cf. nota em At 17,1-15). Para jogar os cristãos contra o poder romano, fazem uma acusação ambígua, que lembra o processo contra Jesus: Roma reconhecia a lei judaica como lícita: a subversão contra a lei judaica seria, portanto, subversão política.

[18-23] Enquanto os judeus o acusam de ir contra a Lei, Paulo faz uma promessa

que terminará de cumprir exatamente em Jerusalém (cf. Nm 6,13-21). O Apóstolo observa fielmente a Lei e a religião judaicas para defender a liberdade dos pagãos em relação a elas (cf. At 21,15-26). Áquila e Priscila formam o núcleo da futura comunidade de Éfeso.

[24-28] Apolo é orador persuasivo e realiza bom trabalho, demonstrando que Jesus é o Messias. Embora seja muito culto e tenha muito a dar, sua base cristã é incompleta, e ele precisa ser instruído por membros da comunidade. De Éfeso, ele vai para Corinto, onde futuramente haverá problemas (cf. 1Cor 3,5-10).

[19,1-10] Éfeso é o terceiro centro de difusão do cristianismo, depois de Jerusalém e Antioquia. Lucas, narrando o episódio dos “discípulos” que só haviam recebido o batismo de João, deixa bem claro um ponto fundamental: a maturidade da fé cristã só se realiza por meio da ação do Espírito Santo, que se faz presente pelo batismo conferido em nome do Senhor Jesus. A sinagoga deixa de ser o *espaço* da pregação; essa independência é necessária para maior liberdade e tranquilidade do anúncio do Reino. Note-se ainda que *Reino de Deus* e *Caminho* se identificam.

[11-20] Lucas mostra que a força salvífica (v. 20) do Evangelho que liberta os homens não é a magia. Ao contrário, o Evangelho desmascara a arte mágica, que faz justamente o inverso: aliena o homem, inclusive aqueles que a praticam (vv. 15-16), especialmente porque nela há interesses econômicos (v. 19). O que provoca a verdadeira libertação é a fé, e não atos mágicos.

[21-22] Estes versículos se caracterizam por uma grande semelhança com a decisão de Jesus em subir para Jerusalém, onde se concretizaria a sua paixão (cf. Lc 9,51). Começa a paixão de Paulo, no seu seguimento de Jesus Cristo.

[23-41] Por que o Caminho, isto é, a vida cristã, provoca tumulto? (v. 23). O livro dos Atos indica, de modo implícito, as implicações políticas da mensagem cristã, mas acentua o relacionamento do Evangelho com a questão econômica. As comunidades cristãs procuram viver um espírito de partilha, que se concretiza na socialização dos bens (cf. 2,44-45; 4,32-37). Como consequência, torna-se cada vez mais claro que os interesses econômicos baseados no lucro são idolatria e se contrapõem ao Evangelho (cf. 8,18-23; 16,16-24; 19,13-19). De fato o lucro tira do povo os bens necessários e os acumula para formar o ídolo do capital, manejado por uma minoria privilegiada. Nesse contexto teológico, se coloca o tumulto causado pelos fabricantes de lembranças da deusa Ártemis.

[20,1-6] Paulo permaneceu dois anos e meio em Éfeso. Aí esteve preso e, em

meio ao sofrimento, escreveu diversas cartas: aos Gálatas, aos Filipenses, a primeira aos Coríntios, aos Colossenses, a Filemon e aos Efésios (cf. Introdução à carta aos Efésios). Os companheiros de Paulo, provenientes de diversos lugares, são testemunho da expansão e da vitalidade do Evangelho.

[7-12] O episódio é semelhante a Lc 8,40-56. O “primeiro dia da semana”, a “fração do pão” e a ressurreição lembram Lc 24. A celebração da Eucaristia está relacionada com a ressurreição realizada por Paulo: o Senhor Jesus, do qual se celebra a memória e se anuncia a vinda, está presente na Eucaristia, que dá vida e reconforta a comunidade.

[13-16] O fato de ir a Jerusalém para a festa de Pentecostes mostra que Paulo continua fiel observante das tradições do judaísmo (cf. nota em 18,18-23).

[17-38] O texto soa como testamento espiritual de Paulo, lembrando de perto Jo 14-17. As palavras do Apóstolo e os gestos da comunidade são testemunho da vida fraterna que cimenta a comunidade no espírito de família. Os “anciãos” convocados são chamados em grego “presbíteros”, termo que ainda hoje designa os nossos padres. Mais adiante, Paulo os chama de “guardiães”, em grego “épiscopos”, palavra que está na origem dos nossos bispos.

[21,1-14] No fim da vida, Paulo é marcado pela presença do Espírito, que lhe vai mostrando seu caminho, e cuja presença se manifesta através dos profetas que anunciam a hora, da qual todos desejariam livrar o Apóstolo. A comunidade repete a palavra do Pai-nosso e do jardim das Oliveiras: “Seja feita a vontade do Senhor”. A Igreja toda participa da paixão de Paulo.

[15-26] O trabalho de Paulo entre os pagãos corria o risco de provocar sérias divisões no meio dos cristãos. Muitos judeus convertidos ao cristianismo viam na pregação de Paulo um desprezo às tradições judaicas e, por isso, queriam impedir a todo custo a sua atividade. A sugestão de Tiago e dos anciãos parece uma tática para enganar os judeu-cristãos. Na verdade, não é uma astúcia, mas um realismo que tenciona preservar a unidade entre as igrejas provindas do judaísmo e as novas igrejas que estão surgindo no meio pagão. Cf. notas em 18,18-23 e 20,13-16.

[27-40] A acusação dos judeus contra Paulo esclarece mais uma vez as implicações práticas da doutrina cristã: substitui o Templo pela fé em Cristo, a observância da Lei por uma vida guiada pelo Espírito, e o nacionalismo judaico por uma fraternidade universal. Cf. notas em 17,1-15 e 18,12-27. A intervenção da autoridade romana e a reação da multidão realizam a profecia de Ágabo

(21,11) e lembram o cenário da paixão de Jesus, muito mais que o da morte de Estêvão (cf. Lc 23,18-23).

[22,1-21] Com pequenas diferenças de pormenor, encontramos em Atos três relatos da conversão de Paulo (aqui, em 9,1-19 e em 26,12-23). A insistência no fato se deve a três razões: mostrar que um judeu fiel, instruído e até fanático, descobriu Jesus como o Messias prometido, e se converteu; mostrar que Paulo é apóstolo como os Doze, pois também ele teve experiência direta do Senhor ressuscitado; justificar a missão de Paulo junto aos pagãos. O que há de especial no presente relato é a menção de que a missão de Paulo entre os pagãos foi recebida no próprio Templo. Paulo responde assim aos judeus que o acusam de profanar o Templo, introduzindo aí um pagão.

[22-30] Diante dos judeus, Paulo se defende com argumentos de judeu, criticando o nacionalismo religioso fechado para o mundo. Diante do poder romano, ele apresenta suas credenciais de cidadão romano, criticando a força repressora de um Estado que age arbitrariamente, torturando sem antes verificar a culpa do acusado.

[23,1-11] Entregue ao Sinédrio para apuração dos fatos, Paulo começa desmascarando a hipocrisia do sumo sacerdote, chefe político e religioso. A seguir, testemunha a ressurreição, provocando uma velha polêmica que estava no cerne da própria teologia judaica. Ironicamente o réu demonstra a incompetência do tribunal que o deveria julgar. O v. 11 abre o último horizonte para o testemunho de Paulo: Roma.

[12-35] O relato antevê o processo seguinte. O grupo judaico se empenha num atentado contra Paulo, sob pena de anátema, isto é, de maldição divina. Ao fanatismo desse grupo, Lucas opõe o comportamento das autoridades romanas, que desde o início pensam tratar-se apenas de conflito de opiniões dentro do judaísmo.

[24,1-21] No seu discurso, o advogado dos judeus chama o cristianismo de seita. Paulo rejeita essa denominação, e fala de *Caminho*. O cristianismo não é um amontoado de leis rígidas, costumes e ritos que identificam um grupo fechado e estático; é um processo, um caminho que se realiza na história e constrói uma história nova. Para entrar nesse processo a única norma é seguir o caminho de Jesus Cristo, cuja vida e atividade culminou com a ressurreição (v. 21). A característica do cristão, portanto, é gerar ressurreição, fazendo com que todos os homens tenham vida plena em todas as dimensões. Esse Caminho vai

formando um povo novo, enquanto livra os homens de qualquer tipo de morte. Cristianismo não se identifica nem mesmo com alguma instituição, que é sempre relativa e só tem sentido enquanto instrumento para esse processo de vida.

[22-27] Paulo é inocente. Continua preso ilegalmente durante dois anos, por causa dos interesses de um poder corrupto. Com efeito, Félix, prevendo o fim do mandato, adia o processo, querendo com isso ganhar dinheiro de Paulo e agradar aos judeus. Além de não se subornar, Paulo age profeticamente, criticando a ganância e o comportamento conjugal de Félix (Drusila deixara o marido para viver com Félix). A cena lembra Mc 6,17-20.

[25,1-12] Os governadores continuam a “lavar as mãos”; como Pilatos no processo de Jesus, preferem omitir-se em questões de justiça, a fim de conservar a “paz submissa” de um povo dominado. Ciente de que os judeus preparavam uma cilada, Paulo prefere que sua causa seja julgada diretamente pelo imperador Nero! Na verdade, Paulo personifica todo o fenômeno cristão que, embora apontado como réu pela sociedade injusta, acaba sempre manifestando a verdade e condenando a injustiça dos poderosos.

[13-27] A conversa de Festo com o rei Agripa demonstra mais uma vez a inocência de Paulo. As autoridades ainda não percebem o alcance da questão que envolve judeus e cristãos: Jesus morreu e ressuscitou (v. 19). Festo se acha em dificuldades: como encontrar uma acusação que justifique a prisão prolongada de Paulo e o envio a Roma? É difícil voltar atrás, quando já se deram vários passos na arbitrariedade.

[26,1-23] Na autodefesa de Paulo encontramos o terceiro relato da sua conversão. Ele está diante de um rei judeu; por isso argumenta de forma aceitável aos judeus: recorre mais ao Antigo Testamento, apresenta a ressurreição de Jesus como cumprimento das promessas e como resposta à fé defendida pelos fariseus; por fim fundamenta a própria missão e futuro em citações bíblicas. Perante o rei judeu, Paulo mostra, ironicamente, que está sendo acusado por algo que enaltece o povo judeu: é dos judeus que vem a salvação para todos, pois em Jesus é que Deus cumpriu todas as promessas.

[24-32] O auditório é simpático, pois não se trata de um julgamento, mas de um interrogatório em busca de uma acusação. Paulo é inocente, e não perde tempo: transforma a ocasião de autodefesa em anúncio persuasivo que convida à conversão. O cristão transforma todas as ocasiões em momentos de anúncio (cf. Lc 21,12-15).

[27,1-44] Naquele tempo, a navegação era perigosa em qualquer estação, sobretudo a partir do outono (o dia do Jejum caía no início do outono: v. 9) e praticamente impossível no inverno. A viagem talvez seja empreendida por razões econômicas: transporte de uma carga de trigo (v. 38). Essa viagem lembra a aventura de Jonas, e é uma espécie de relato de ressurreição. Paulo e seus companheiros escapam à morte. A refeição lembra o rito da Eucaristia e seus efeitos salvíficos. Notem-se as palavras sobre a esperança, tema dominante na parte final do livro.

[28,1-10] o episódio da ilha de Malta faz pensar na promessa de Jesus (cf. Mc 16,18; Lc 10,19). A reação dos nativos lembra o episódio de Listra (cf. nota em At 14,8-18).

[11-16] Em Roma, Paulo se beneficia de um regime especial, a “custódia militar”: pode morar numa casa, mas com o braço direito preso sempre por uma corrente ao braço esquerdo de um soldado que o vigia.

[17-31] O programa do livro dos Atos era mostrar o testemunho apostólico expandindo-se de Jerusalém “até os extremos da terra” (1,8). Com a chegada de Paulo a Roma, Lucas encerra seu livro. Sendo a metrópole-capital do mundo pagão, Roma se estende em todas as direções da terra. Mais uma vez, Paulo prega aos judeus e, diante da resistência de muitos, anuncia qque o Evangelho se dirige aos pagãos (v. 28). O cristianismo não é, portanto, uma seita fechada, como pensavam alguns. Pelo contrário, é fermento que provoca oposição, pois traz em si o testemunho de Jesus que desmascara e critica a sociedade montada sobre ídolos que exploram, oprimem e alienam os homens (v. 22). As testemunhas podem até ser acorrentadas, mas nem por isso deixam de testemunhar.

O v. 29 falta nos melhores manuscritos.

CARTAS DE SÃO PAULO

Introdução geral

Paulo é uma das figuras mais importantes do Novo Testamento. As informações sobre sua vida estão nos Atos dos Apóstolos e nas Cartas que ele escreveu. Nasceu por volta do ano 10 da nossa era, na cidade de Tarso da Cilícia (At 9,11). Filho de judeus, da tribo de Benjamim, cresceu à sombra da mais perfeita tradição judaica (Fl 3,5). Jovem ainda, foi para Jerusalém, onde se especializou no conhecimento da sua religião. Tornou-se mestre e fariseu, ou seja, especialista rigoroso e escrupuloso no cumprimento de toda a Lei judaica e seus pormenores (At 22,3).

Cheio de zelo pela religião, começou a perseguir os cristãos (Fl 3,6), até que se encontrou com o Senhor na estrada de Damasco (At 9,1-19). A experiência de Jesus mudou completamente sua vida até a morte, situada por volta do ano 67.

Paulo é homem bem preparado. Além de conhecer a fundo a religião de seus pais, possui boas noções das filosofias e religiões gregas do seu tempo. Escreve e fala em grego. Enquanto judeu, tem mentalidade completamente diferente da dos gregos. Mas se esforça para assimilar a maneira de pensar dessa gente. Além disso, é cidadão romano (At 16,37). Ele soube tirar partido desse título, bem como de toda a bagagem cultural que adquiriu, para conduzir todos a Jesus (1Cor 9,19-22).

Lendo o que ele escreveu, podemos ter uma ideia de como era seu caráter: às vezes, muito meigo e carinhoso; outras vezes, severo. Não abre mão e ameaça com castigos. Escrevendo às comunidades, compara-se à mãe que acaricia os filhinhos e é capaz de dar a vida por eles (1Ts 2,7-8). Sente pelos fiéis novamente as dores do parto (Gl 4,19). Ama-os, e por isso se sacrifica ao máximo por eles (2Cor 12,15). Mas é também pai que educa (1Ts 2,11), que gera as pessoas, por meio do Evangelho, à vida nova (1Cor 4,15). Sente, pelas comunidades que fundou, o ciúme de Deus (2Cor 11,2), temendo que elas percam a fé. Quando se faz necessário, é severo e ameaça, exigindo obediência (1Cor 4,21).

*Paulo é capaz de amar **todos** os membros de **todas** as comunidades, sem distinções. Constantemente os chama “caríssimos” e “amados”. Quer que todos sejam fiéis a Deus. É assim que se tornarão seus filhos, como, por exemplo, o é*

*Timóteo (1Cor 4,17). É interessante ler as Cartas de Paulo e anotar com quanta frequência ele usa expressões tais como: **tudo, todo, sempre, continuamente, sem cessar**, etc., para com elas expressar sua constante preocupação para com todos.*

Atividade apostólica

Jesus, durante sua vida, se movimentou quase que exclusivamente dentro de uma pequena região, a Palestina. Poucas vezes ele esteve em terras que não pertenciam aos judeus. Falou do Reino semelhante ao grão de mostarda que cresce e abriga os pássaros (Lc 13,18-19). E pediu que os discípulos percorressem o mundo e anunciassem o Evangelho a todos (Mc 16,15).

*Depois que se converteu, Paulo começou a anunciar o Evangelho aos judeus. Mas eles o perseguiam e lhe criavam uma série de obstáculos. Diante da rejeição do Evangelho por parte dos seus conacionais, ele se volta para os pagãos (At 13,44-49). Até o fim da vida, Paulo tem consciência de ter sido destinado a levar a Palavra de Deus aos pagãos, pois, em Cristo, o Pai chama todos à salvação. A esse projeto Paulo dá o nome de **mistério**, e ele é seu principal executor.*

Mas não é fácil pôr em prática esse plano quando se trata de aplicá-lo a realidades diferentes daquelas que Jesus de Nazaré viveu. O próprio Paulo não conheceu pessoalmente Jesus. O que ele fez foi a experiência do Cristo ressuscitado. Portanto, ao anunciar o Evangelho aos pagãos, foi preciso adaptá-lo à mentalidade dos ouvintes, respondendo às preocupações que eles tinham, conservando o que era essencial e deixando de lado o que não era importante.

Pelo fato de não ter vivido com Jesus como os demais apóstolos, ele enfrentou sérias dificuldades. Alguns afirmavam: “Ele não é apóstolo, pois não viu o Senhor.” Paulo se defende, contando sua experiência com Cristo (Gl 1,12; 2Cor 12,1-4). Outros diziam: “Só quem andou com Jesus de Nazaré é que pode fundar comunidades.” A essa crítica ele responde, por exemplo, em 1Cor 9,2-3. Outros, ainda, afirmavam: “Ele realmente não é apóstolo. Pois, se fosse, teria a coragem de viver à custa da comunidade. Ele não é livre.” Paulo responde que, para ele, anunciar o Evangelho é uma obrigação (1Cor 9,15-17). Ele cumpre uma ordem. Por isso, não tem direito de ser sustentado por outros. Ele considerava muito perigoso unir pregação do Evangelho com dinheiro. Por isso, preferia ganhar o pão com o suor do rosto, e anunciar o Evangelho gratuitamente (cf. Fl 4,15-17), apesar de Jesus ter dito que o operário é digno do seu sustento (Mt 10,10).

*Além disso, ele teve que lutar contra os falsos missionários (cf. 2Cor 10-12), que anunciavam um evangelho fácil, que fugiam da humilhação e da **tribulação**. Paulo não tem em mãos o Evangelho escrito. Ele o traz impresso na sua carne,*

marcada por toda sorte de sofrimento (1Cor 11,21-29), a ponto de estar crucificado com Cristo (Gl 2,19), trazendo em seu corpo as marcas da paixão de Jesus (2Cor 4,10; Gl 6,17), e completando, no seu corpo, o que falta das tribulações de Cristo (Cl 1,24). Assim ele pode dizer que já não é ele que vive, mas é Cristo que vive nele (Gl 2,20). É assim que ele anuncia o Evangelho.

As Cartas

Paulo foi quem criou a comunicação escrita para o Novo Testamento e foi aquele que mais escreveu. Suas Cartas são anteriores aos textos dos Evangelhos. Quais os motivos que o levaram a escrever? Sem dúvida, suas Cartas são pastorais. Procuram iluminar, com o Evangelho, os problemas enfrentados pelas comunidades cristãs. Ele não inventa teorias, mas tenta, a partir das dificuldades, mostrar o que significa ser cristão, naquele momento e naquele lugar determinado. Por isso é que certas soluções por ele apresentadas devem ser entendidas à luz dos problemas e da realidade que tal comunidade viveu (cf. 1Cor 11,2-16).

Paulo escreveu em grego, mas seu modo de pensar é, na maioria das vezes, o de mestre judeu. Para nós não é fácil acompanhar seu raciocínio. O Antigo Testamento passa necessariamente por Jesus Cristo. Este, com sua vida e pregação, ilumina o ser e o agir do cristão. É por isso que, em suas cartas, encontramos muitas citações do Antigo Testamento. Mas os ensinamentos aí contidos não chegam ao cristão sem serem iluminados, refeitos ou anulados pela pregação e vida de Jesus Cristo, a quem o cristão aderiu pela fé.

Como ler as Cartas

A ordem que as Bíblias utilizam para apresentar as Cartas de Paulo é a do tamanho: da maior à menor. Para quem começa a ler Paulo, essa ordem pode não ser a melhor. De fato, a primeira Carta que aparece — aos Romanos — é uma das mais difíceis e um tanto teórica, e não foi a primeira a ser escrita. Ela pressupõe o amadurecimento do pensamento de Paulo, e foi escrita a uma comunidade que ele não fundou nem conhecia.

Portanto, em vez de seguir a ordem de tamanho, sugere-se outro caminho: ler as Cartas segundo a ordem cronológica, ou seja, segundo as datas aproximadas em que foram escritas. Ora, a ordem cronológica não é uma questão pacífica. Os estudiosos discutem ainda hoje qual a época em que apareceram. Mas pode-se traçar um roteiro: começa-se com 1 e 2 Tessalonicenses e, depois, Filipenses. Daí podem-se ler 1 e 2 Coríntios (cf., para isso, a Introdução a 2Cor), prosseguindo nesta ordem: Gálatas, Romanos, Efésios, Colossenses, Filemon, 1 Timóteo, Tito, 2 Timóteo.

Antes de ler uma Carta, seria bom perguntar: Quais os problemas que estão por detrás desse texto? A quais questionamentos Paulo responde? Por que ele precisou escrever? Para entender essas questões, as Introduções serão uma ajuda indispensável, bem como as notas.

Finalmente, lendo as Cartas em ordem cronológica, será possível acompanhar os temas que mais interessam, por exemplo: como deve ser a comunidade?, o que significa ser cristão?, qual a tarefa do agente de pastoral?, qual o projeto de Deus?, como levar à frente a evangelização? etc. Esses e outros temas aparecem com bastante frequência ao longo das Cartas, e será mais fácil fazer o confronto entre o que Paulo disse a cada comunidade, em tempos e circunstâncias diferentes.

CARTA AOS ROMANOS

A SALVAÇÃO VEM PELA FÉ

Introdução

Nada sabemos sobre a origem da comunidade cristã de Roma, nem sobre suas condições na época de Paulo. As únicas informações são as que se podem tirar desta carta.

Formada talvez por cristãos vindos da Palestina e da Síria, essa comunidade logo se tornou conhecida no mundo todo. Um edito do imperador Cláudio, no ano 49, expulsou de Roma os judeus e, provavelmente, também cristãos. Prisca e Áquila, um casal judeu-cristão, vítimas dessa expulsão, foram para Corinto, onde se encontraram com Paulo (At 18,1-3), que realizava a segunda viagem missionária (50-52 d.C.). É através deles que Paulo é informado sobre a situação dos cristãos em Roma. A partir dessa época, o Apóstolo começa a fazer planos para visitá-los pessoalmente. Por ocasião da terceira viagem (57-58 d.C.), ele se encontra novamente em Corinto (At 20,1-3), e projeta ir até a Espanha. Escreve, então, a fim de preparar os cristãos de Roma para a sua tão desejada visita (Rm 15,14-29).

A carta aos Romanos parece ter uma finalidade bem precisa: os temas teológicos tratados e o debate com o judaísmo mostram que Paulo está preocupado em corrigir falsas interpretações a respeito de sua pregação entre os pagãos, provavelmente levadas a Roma por judeus e por cristãos judaizantes (Rm 16,17-18).

O Apóstolo expõe de maneira serena, ordenada e aprofundada, a doutrina que já havia exposto de modo polêmico na carta aos Gálatas: a gratuidade da salvação pela fé. Ele mostra que só Deus pode salvar e que ele salva não apenas os judeus, mas toda a humanidade destruída pelo pecado. E Deus salva por meio de Jesus Cristo. Ora, para que a humanidade seja salva, Deus lhe dá uma anistia geral sob uma condição: que o homem acredite em Jesus Cristo, manifestação suprema do amor de Deus aos homens, e se torne discípulo dele. A seguir, o Espírito age dentro do homem, assim anistiado, e constrói nele uma vida nova, que destrói o pecado. Solidarizando-se com Jesus Cristo, princípio da nova humanidade (novo Adão), a humanidade pode recomeçar seu caminho e salvar-se.

Paulo quer mostrar aos judeu-cristãos de Roma e a nós que nenhuma lei pode salvar, por melhor que seja, nem mesmo a judaica, pois não consegue destruir o pecado; ao contrário, ela até alimenta o pecado. Somente a fé que temos em Jesus Cristo é que nos insere no âmbito da graça e nos possibilita construir, no Espírito, a humanidade nova.

CARTA AOS ROMANOS

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16**

CARTA AOS ROMANOS

1 *Endereço e saudação* — ¹Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo e escolhido para anunciar o Evangelho de Deus, ²que por Deus foi prometido através dos seus profetas nas Santas Escrituras. ³Esse Evangelho se refere ao Filho dele que, como homem, foi descendente de Davi, ⁴e, segundo o Espírito Santo, foi constituído Filho de Deus com poder, através da ressurreição dos mortos: Jesus Cristo nosso Senhor. ⁵Através de Jesus, recebemos a graça de ser apóstolo, a fim de conduzir todos os povos pagãos à obediência da fé, para a glória do seu nome. ⁶Entre eles, estão também vocês, chamados por Jesus Cristo.

⁷Escrevo a todos vocês que estão em Roma e que são amados por Deus e chamados à santidade. Que a graça e a paz da parte de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo estejam com vocês. [1,1-7]

Compartilhar a fé — ⁸Antes de tudo, dou graças ao meu Deus por meio de Jesus Cristo por causa de vocês, pois a fama da fé que vocês têm se espalhou pelo mundo inteiro. ⁹Deus, a quem sirvo em meu espírito anunciando o Evangelho do seu Filho, é testemunha de que sem cessar me lembro de vocês, ¹⁰e nas minhas orações peço sempre que, por vontade de Deus, eu tenha ocasião de poder visitá-los. ¹¹De fato, tenho muita vontade de vê-los, a fim de lhes comunicar algum dom espiritual para fortalecê-los, ¹²ou melhor, para ser reconfortado com vocês e entre vocês, através da fé que eu e vocês temos em comum. ¹³Por outro lado, irmãos, quero que vocês saibam que muitas vezes pensei em visitá-los, mas até agora fui impedido de ir; esperava recolher algum fruto entre vocês, como entre outras nações. ¹⁴Estou em dívida com gregos e bárbaros, com sábios e ignorantes. ¹⁵Desse modo, naquilo que depende de mim, estou pronto para anunciar o Evangelho também para vocês que estão em Roma. [8-15]

O EVANGELHO É FORÇA DE DEUS QUE SALVA

Tema geral — ¹⁶Não me envergonho do Evangelho, pois ele é força de Deus para a salvação de todo aquele que acredita, do judeu em primeiro lugar, mas também do grego. ¹⁷De fato, no Evangelho a justiça se revela única e exclusivamente através da fé, conforme diz a Escritura: “o justo vive pela fé.” [16-17]

A condição dos pagãos — ¹⁸A ira de Deus se manifesta do céu contra toda impiedade e injustiça dos homens, que com a injustiça sufocam a verdade. ¹⁹Pois aquilo que é possível conhecer de Deus foi manifestado aos homens; e foi o próprio Deus quem o manifestou. ²⁰De fato, desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus, tais como o seu poder eterno e sua divindade, podem ser contempladas, através da inteligência, nas obras que ele realizou. Os homens, portanto, não têm desculpa, ²¹porque, embora conhecendo a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças. Pelo contrário, perderam-se em raciocínios vazios, e sua mente ficou obscurecida. ²²Pretendendo ser sábios, tornaram-se tolos, ²³trocando a glória do Deus imortal por estátuas de homem mortal, de pássaros, animais e répteis.

²⁴Foi por isso que Deus os entregou, conforme os desejos do coração deles, à impureza com que desonram seus próprios corpos. ²⁵Eles trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram à criatura em lugar do Criador, que é bendito para sempre. Amém. ²⁶Por isso, Deus entregou os homens a paixões vergonhosas: suas mulheres mudaram a relação natural em relação contra a natureza. ²⁷Os homens fizeram o mesmo: deixaram a relação natural com a mulher e arderam de paixão uns com os outros, cometendo atos torpes entre si, recebendo dessa maneira em si próprios a paga pela sua aberração.

²⁸Os homens desprezaram o conhecimento de Deus; por isso, Deus os abandonou ao sabor de uma mente incapaz de julgar. Desse modo, eles fazem o que não deveriam fazer: ²⁹estão cheios de todo tipo de injustiça, perversidade, avidez e malícia; cheios de inveja, homicídio, rixas, fraudes e malvadezas; são difamadores, ³⁰caluniadores, inimigos de Deus, insolentes, soberbos, fanfarrões, engenhosos no mal, rebeldes para com os pais, ³¹insensatos, desleais, gente sem coração e sem misericórdia.

³²E apesar de conhecerem o julgamento de Deus, que considera digno de morte quem pratica tais coisas, eles não só as cometem, mas também aprovam quem se

comporta assim. [18-32]

2 *A condição do povo judeu não é melhor* — ¹Homem, você julga os outros? Seja quem for, você não tem desculpa. Pois, se julga os outros e faz o mesmo que eles fazem, você está condenando a si próprio. ²Sabemos, porém, que Deus é justo quando condena os que praticam tais coisas. ³Mas você, que faz as mesmas coisas que condena nos outros, pensa que escapará do julgamento de Deus? ⁴Ou será que você despreza a riqueza da bondade de Deus, da sua paciência e generosidade, desconhecendo que a bondade dele convida você à conversão? ⁵Pela teimosia e dureza de coração, você está amontoando ira contra si mesmo para o dia da ira, quando o justo julgamento de Deus vai se revelar, ⁶retribuindo a cada um conforme as suas próprias ações: ⁷a vida eterna para aqueles que perseveram na prática do bem, buscando a glória, a honra e a imortalidade; ⁸pelo contrário, ira e indignação para aqueles que se revoltam e rejeitam a verdade, para obedecerem à injustiça. ⁹Haverá tribulação e angústia para todo aquele que pratica o mal, primeiro para o judeu, depois para o grego. ¹⁰Mas haverá glória, honra e paz para todo aquele que pratica o bem, primeiro para o judeu, depois para o grego. ¹¹Pois Deus não faz distinção de pessoas. [2,1-11]

A Lei não melhora a situação — ¹²Todos os que pecaram sem a Lei, sem a Lei também perecerão. Todos os que pecaram sob o regime da Lei, pela Lei serão julgados. ¹³Pois não são aqueles que ouvem a Lei que são justos diante de Deus, e sim aqueles que praticam o que a Lei manda. ¹⁴Os pagãos não têm a Lei. Mas, embora não a tenham, se eles fazem espontaneamente o que a Lei manda, eles próprios são Lei para si mesmos. ¹⁵Eles assim mostram que os preceitos da Lei estão escritos em seus corações; a consciência deles também testemunha isso, assim como os julgamentos interiores, que ora os condenam, ora os aprovam. ¹⁶É o que vai acontecer no dia em que Deus, segundo o meu Evangelho, for julgar, por meio de Jesus Cristo, o comportamento secreto dos homens.

¹⁷Você, que se diz judeu, que se apoia sobre a Lei e que coloca seu orgulho em Deus; ¹⁸você, que conhece a vontade de Deus e que, instruído pela Lei, sabe distinguir o que é melhor; ¹⁹você, que está convencido de ser o guia dos cegos, a luz daqueles que estão nas trevas, ²⁰o educador dos ignorantes, o mestre das pessoas simples, porque você possui na Lei a própria expressão do conhecimento e da verdade... ²¹Muito bem! Você ensina aos outros e não ensina a si próprio!

Você prega que não se deve roubar, e você mesmo rouba! ²²Você proíbe o adultério, e você mesmo o comete! Você odeia os ídolos, mas rouba os objetos dos templos! ²³Você se gloria da Lei, mas desonra a Deus, transgredindo a Lei! ²⁴Assim diz a Escritura: “Por causa de vocês, o nome de Deus é blasfemado entre os pagãos.” [12-24]

Nem a circuncisão pode salvar — ²⁵A circuncisão é útil quando você pratica a Lei; mas, se você desobedece à Lei, é como se não estivesse circuncidado. ²⁶Se um pagão não circuncidado observa os preceitos da Lei, não será tido como circuncidado, ainda que não o seja? ²⁷E o pagão que cumpre a Lei, embora não circuncidado fisicamente, julgará você que desobedece à Lei, embora você tenha a Lei escrita e a circuncisão. ²⁸De fato, aquilo que faz o judeu não é o que se vê, nem é a marca visível na carne que faz a circuncisão. ²⁹Pelo contrário, o que faz o judeu é aquilo que está escondido, e circuncisão é a do coração; e isso vem do espírito e não da letra da Lei. Tal homem recebe aprovação, não dos homens, mas de Deus. [25-29]

3 *Privilégio e responsabilidade dos judeus* — ¹Então, qual é a superioridade do judeu? Qual é a utilidade da circuncisão? ²Muita, sob todos os aspectos. Em primeiro lugar, porque as revelações de Deus foram confiadas aos judeus. ³E daí? Alguns deles negaram a fé. A incredulidade deles não anula a fidelidade de Deus? ⁴De jeito nenhum! Antes, fica confirmado que Deus é verdadeiro, enquanto todo homem é mentiroso, conforme diz a Escritura: “Para que sejas reconhecido como justo nas tuas palavras e triunfes quando fores julgado.”

⁵Se a nossa injustiça realça a justiça de Deus, o que é que podemos dizer? Que Deus é injusto, quando descarrega sobre nós a sua ira? Estou falando como os homens costumam falar. ⁶De jeito nenhum! Se fosse assim, como poderia Deus julgar o mundo? ⁷Mas se através da minha mentira resplandece mais a verdade de Deus para a sua glória, então por que sou julgado como pecador? ⁸Por que não haveríamos de fazer o mal, para que venha o bem? Aliás, alguns caluniadores afirmam que nós ensinamos isso. Essas pessoas merecem condenação. [3,1-8]

Todos são pecadores — ⁹E então? Nós, judeus, somos por acaso superiores? De forma nenhuma! Pois acabamos de provar: todos estão debaixo do império do pecado, tanto os judeus como os gregos, ¹⁰como diz a Escritura: ¹¹Não há homem justo, não há um sequer.

Não há homem sensato, não há quem busque a Deus.

¹²Todos se desviaram, e juntos se corromperam; não há quem faça o bem, não há um sequer.

¹³A garganta deles é um túmulo aberto, com a língua planejam trapaças; em seus lábios há veneno de cobra.

¹⁴Sua boca está cheia de maldições e de amargor.

¹⁵Seus pés são velozes para derramar sangue; ¹⁶ruína e desgraça enchem seus caminhos.

¹⁷Não conhecem o caminho da paz ¹⁸e não aprenderam a temer a Deus.

¹⁹Sabemos que tudo o que a Lei diz aplica-se aos que vivem debaixo da Lei. Isso para que todos calemb a boca, e o mundo inteiro se reconheça culpado diante de Deus. ²⁰Porque ninguém se tornará justo diante de Deus através da observância da Lei, pois a função da Lei é dar consciência do pecado. [9-20]

A justiça pela fé — ²¹Agora, porém, independentemente da Lei, manifestou-se a justiça de Deus, testemunhada pela Lei e pelos Profetas. ²²É a justiça de Deus que se realiza através da fé em Jesus Cristo, para todos aqueles que acreditam. E não há distinção: ²³todos pecaram e estão privados da glória de Deus, ²⁴mas se tornam justos gratuitamente pela sua graça, mediante a libertação realizada por meio de Jesus Cristo. ²⁵Deus o destinou a ser vítima que, mediante seu próprio sangue, nos consegue o perdão, contanto que nós acreditemos. Assim Deus manifestou sua justiça, pois antes deixava pecar sem intervir: ²⁶eram os tempos da paciência de Deus. Mas, no tempo presente, ele manifesta a sua justiça para ser justo e para tornar justo quem tem fé em Jesus. [21-26]

Só a fé nos torna justos — ²⁷Então, onde está o motivo de se gloriar? Foi eliminado. Por qual lei? Pela lei das obras? Não, pela lei da fé. ²⁸Pois, esta é a nossa tese: o homem se torna justo através da fé, independentemente da observância da Lei. ²⁹Então, será que Deus é Deus somente dos judeus? Não será também Deus dos pagãos? Sim, ele é Deus também dos pagãos. ³⁰De fato, há um só Deus que justifica, pela fé, tanto os circuncidados como os não circuncidados. ³¹Então, pela fé anulamos a Lei? De forma nenhuma! Pelo contrário, nós a confirmamos. [27-31]

4 *Abraão, pai dos que têm fé* — ¹Em vista disso, qual vantagem podemos dizer que obteve Abraão, pai da nossa raça? ²Se Abraão se tornou justo por suas obras, ele tem algo de que se gloriar, mas não diante de Deus. ³De fato, o que diz a Escritura? “Abraão teve fé em Deus, e isso lhe foi creditado como justiça.” ⁴Para quem trabalha, o salário não é considerado como gratificação, mas como dívida; ⁵para quem não trabalha, mas crê naquele que torna justo o ímpio, sua fé lhe é creditada como justiça. ⁶É desse modo que Davi proclama feliz o homem a quem Deus credita a justiça, independente das obras: ⁷“Felizes aqueles cujas ofensas foram perdoadas e cujos pecados foram cobertos. ⁸Feliz o homem a quem o Senhor não leva em conta o pecado.”

⁹Essa felicidade é só para os circuncidados, ou é também para os não circuncidados? Nós dizemos que a fé foi creditada a Abraão como justiça. ¹⁰Mas, quando é que lhe foi creditada? Quando já era circuncidado ou quando ainda não era? Certamente não depois da circuncisão, mas antes. ¹¹De fato, ele recebeu o sinal da circuncisão como selo da justiça que vem da fé, que ele já tinha obtido quando ainda não era circuncidado. Assim é que ele se tornou pai de todos os não circuncidados que acreditam, para que a justiça fosse creditada também para estes; ¹²e se tornou pai também dos circuncidados, daqueles que não só receberam a circuncisão, mas que também seguem a trilha da fé que teve Abraão, nosso pai, antes de ter sido circuncidado. [4,1-12]

Os herdeiros de Abraão — ¹³Não por causa da Lei, mas por causa da justiça da fé, que a promessa de receber o mundo em herança foi feita a Abraão ou à sua descendência. ¹⁴Se os herdeiros recebem a herança por causa da Lei, a fé não tem mais sentido e a promessa fica anulada. ¹⁵De fato, a Lei provoca a ira; mas, onde não há lei, também não há transgressão. ¹⁶A herança, portanto, vem através da fé, para que seja gratuita e para que a promessa seja garantida a toda a descendência, não só à descendência segundo a Lei, mas também à descendência segundo a fé de Abraão, que é o pai de todos nós. ¹⁷De fato, a Escritura diz: “Eu constituí você pai de muitas nações.” Abraão é o nosso pai diante daquele no qual ele acreditou, o Deus que faz os mortos viverem e que chama à existência aquilo que não existe. [13-17]

O que é ter fé — ¹⁸Esperando contra toda esperança, Abraão acreditou e tornou-se o pai de muitas nações, conforme foi dito a ele: “Assim será a sua descendência.” ¹⁹Ele não fraquejou na fé, embora já estivesse vendo o próprio

corpo sem vigor — ele tinha quase cem anos — e o ventre de Sara já estivesse amortecido. ²⁰Diante da promessa divina, ele não duvidou, mas foi fortalecido pela fé e deu glória a Deus. ²¹Ele estava plenamente convencido de que Deus podia realizar o que havia prometido. ²²Eis o motivo pelo qual isso lhe foi creditado como justiça. ²³Ora, não é para um só que está escrito: “Isso lhe foi creditado”, ²⁴mas também para nós. Será igualmente creditado para nós, pois acreditamos naquele que ressuscitou dos mortos, Jesus nosso Senhor, ²⁵o qual foi entregue à morte pelos nossos pecados e foi ressuscitado para nos tornar justos. [18-25]

5 *O motivo da nossa esperança* — ¹Assim, justificados pela fé, estamos em paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. ²Por meio dele e através da fé, nós temos acesso à graça, na qual nos mantemos e nos gloriamos, na esperança da glória de Deus. ³E não só isso. Nós nos gloriamos também nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a perseverança, ⁴a perseverança produz a fidelidade comprovada, e a fidelidade comprovada produz a esperança. ⁵E a esperança não engana, pois o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado. ⁶De fato, quando ainda éramos fracos, Cristo, no momento oportuno, morreu pelos ímpios. ⁷Difícilmente se encontra alguém disposto a morrer em favor de um justo; talvez haja alguém que tenha coragem de morrer por um homem de bem. ⁸Mas Deus demonstra seu amor para conosco porque Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores.

⁹Assim, tornados justos pelo sangue de Cristo, com maior razão seremos salvos da ira por meio dele. ¹⁰Se quando éramos inimigos fomos reconciliados com Deus por meio da morte do seu Filho, muito mais agora, já reconciliados, seremos salvos por sua vida. ¹¹E não só isso. Também nos gloriamos em Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, do qual obtivemos agora a reconciliação. [5,1-11]

A vida supera a morte — ¹²Assim como o pecado entrou no mundo através de um só homem e com o pecado veio a morte, assim também a morte atingiu todos os homens, porque todos pecaram. ¹³De fato, já antes da Lei existia pecado no mundo, embora o pecado não possa ser levado em conta quando não existe Lei. ¹⁴Ora, a morte reinou de Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não haviam pecado, cometendo uma transgressão igual à de Adão, o qual é figura daquele

que devia vir.

¹⁵O dom da graça, porém, não é como a falta. Se todos morreram devido à falta de um só, muito mais abundantemente se derramou sobre todos a graça de Deus e o dom gratuito de um só homem, Jesus Cristo. ¹⁶Também não acontece com o dom da graça, como aconteceu com o pecado de um só que pecou: a partir do pecado de um só, o julgamento levou à condenação, ao passo que a partir de numerosas faltas, o dom da graça levou à justificação. ¹⁷Porque se através de um só homem reinou a morte por causa da falta de um só, com muito mais razão reinarão na vida aqueles que recebem a abundância da graça e do dom da justiça, por meio de um só: Jesus Cristo. ¹⁸Portanto, assim como pela falta de um só resultou a condenação para todos os homens, do mesmo modo foi pela justiça de um só que resultou para todos os homens a justificação que dá a vida. ¹⁹Assim como, pela desobediência de um só homem, todos se tornaram pecadores, do mesmo modo, pela obediência de um só, todos se tornarão justos.

²⁰A Lei sobreveio para dar plena consciência da falta; mas, onde foi grande o pecado, foi bem maior a graça, ²¹para que, assim como o pecado havia reinado através da morte, do mesmo modo a graça reine através da justiça para a vida eterna, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. [12-21]

6 *Morte e vida com Jesus Cristo* — ¹Que diremos então? Devemos permanecer no pecado para que haja abundância da graça? ²De forma nenhuma! Uma vez que já morremos para o pecado, como poderíamos ainda viver no pecado? ³Ou vocês não sabem que todos nós, que fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na sua morte? ⁴Pelo batismo fomos sepultados com ele na morte, para que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos por meio da glória do Pai, assim também nós possamos caminhar numa vida nova. ⁵Se permanecermos completamente unidos a Cristo com morte semelhante à dele, também permaneceremos com ressurreição semelhante à dele. ⁶Sabemos muito bem que o nosso homem velho foi crucificado com Cristo, para que o corpo de pecado fosse destruído e assim não sejamos mais escravos do pecado. ⁷De fato, quem está morto, está livre do pecado. ⁸Mas, se estamos mortos com Cristo, acreditamos que também viveremos com ele, ⁹pois sabemos que Cristo, ressuscitado dos mortos, não morre mais; a morte já não tem poder sobre ele. ¹⁰Porque morrendo, Cristo morreu de uma vez por todas para o pecado; vivendo, ele vive para Deus. ¹¹Assim também vocês: considerem-se mortos para o pecado

e vivos para Deus, em Jesus Cristo. [6,1-11]

Instrumentos da justiça e da vida — ¹²Que o pecado não reine mais no corpo mortal de vocês, submetendo-os às suas paixões. ¹³Não ofereçam os membros como instrumento de injustiça para o pecado. Pelo contrário, ofereçam-se a Deus como pessoas vivas, que voltaram dos mortos; e ofereçam os membros como instrumento da justiça para Deus. ¹⁴Pois o pecado não os dominará nunca mais, porque vocês já não estão debaixo da Lei, mas sob a graça. [12-14]

Escravos de Deus e da justiça — ¹⁵E daí? Devemos cometer pecados, porque já não estamos debaixo da Lei, mas sob a graça? De forma nenhuma! ¹⁶Vocês não sabem que, oferecendo-se a alguém como escravos para obedecer, vocês se tornam escravos daquele a quem obedecem, seja do pecado que leva à morte, seja da obediência que conduz à justiça?

¹⁷Damos graças a Deus, porque vocês eram escravos do pecado, mas obedeceram de coração ao ensinamento básico que lhes foi transmitido.

¹⁸Assim, livres do pecado, vocês se tornaram escravos da justiça. ¹⁹Falo com palavras simples por causa da fraqueza de vocês. Assim como antes vocês puseram seus membros a serviço da imoralidade e da desordem que conduzem à revolta contra Deus, agora ponham seus membros a serviço da justiça para a santificação de vocês.

²⁰Quando eram escravos do pecado, vocês eram livres em relação à justiça.

²¹Que frutos colheram então? Frutos de que agora se envergonham, pois o fim deles é a morte. ²²Mas agora, livres do pecado e tornados escravos de Deus, vocês dão frutos que conduzem à santificação e o fim deles é a vida eterna.

²³Pois a morte é o salário do pecado, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Jesus Cristo, nosso Senhor. [15-23]

7 O cristão liberto da lei — ¹Ou vocês não sabem, irmãos — falo a pessoas competentes em matéria de lei —, que a lei tem domínio sobre alguém só enquanto ele vive? ²Por exemplo: a mulher casada está ligada por lei ao marido enquanto este vive; mas, se ele morre, ela fica livre da lei conjugal. ³Por isso, enquanto o marido está vivo, se ela se tornar mulher de outro homem, será chamada adúltera. Mas se o marido morre, ela está livre em relação à lei, de modo que não será adúltera se ela se casar com outro homem. ⁴Meus irmãos, o mesmo acontece com vocês: pelo corpo de Cristo, vocês morreram para a Lei, a fim de pertencerem a outro, que ressuscitou dos mortos, e assim produzirem

frutos para Deus. ⁵De fato, quando vivíamos submetidos a instintos egoístas, as paixões pecaminosas serviam-se da Lei para agir em nossos membros, a fim de que produzíssemos frutos para a morte. ⁶Mas agora, morrendo para aquilo que nos aprisionava, fomos libertos da Lei, a fim de servirmos sob o regime novo do Espírito, e não mais sob o velho regime da letra. [7,1-6]

A lei e o pecado — ⁷Que diremos então? Que a Lei é pecado? De jeito nenhum! Mas eu não teria conhecido o pecado se não existisse a Lei, nem teria conhecido a cobiça se a Lei não tivesse dito: “Não cobice”. ⁸Mas o pecado aproveitou a ocasião desse mandamento e despertou em mim todo tipo de cobiça, porque, sem a Lei, o pecado está morto.

⁹Antes eu vivia sem a Lei; mas, quando veio o mandamento, o pecado reviveu, ¹⁰e eu morri. O mandamento que devia dar a vida tornou-se para mim motivo de morte. ¹¹Porque o pecado aproveitou a ocasião do mandamento, me seduziu e, através dele, me matou.

¹²A Lei é santa e o mandamento é santo, justo e bom. ¹³Então uma coisa boa se transformou em morte para mim? De jeito nenhum! Foi o pecado que fez isso. Pois o pecado, através do que é bom, produziu em mim a morte, a fim de que o pecado, por meio do mandamento aparecesse em toda a sua gravidade. [7-13]

A força do pecado — ¹⁴Sabemos que a Lei é espiritual, mas eu sou humano e fraco, vendido como escravo ao pecado. ¹⁵Não consigo entender nem mesmo o que eu faço; pois não faço aquilo que eu quero, mas aquilo que mais detesto. ¹⁶Ora, se eu faço o que não quero, reconheço que a Lei é boa; ¹⁷portanto, não sou eu que faço, mas é o pecado que mora em mim. ¹⁸Sei que o bem não mora em mim, isto é, em meus instintos egoístas. O querer o bem está em mim, mas não sou capaz de fazê-lo. ¹⁹Não faço o bem que quero, e sim o mal que não quero. ²⁰Ora, se faço aquilo que não quero, não sou eu que o faço, mas é o pecado que mora em mim.

²¹Assim, encontro em mim esta lei: quando quero fazer o bem, acabo encontrando o mal. ²²No meu íntimo, eu amo a lei de Deus; ²³mas percebo em meus membros outra lei que luta contra a lei da minha razão e que me torna escravo da lei do pecado que está nos meus membros.

²⁴Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte? ²⁵Sejam dadas graças a Deus, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Assim, pela razão eu sirvo à lei de Deus, mas pelos instintos egoístas sirvo à lei do pecado. [14-25]

8 *A vida no Espírito* — ¹ Agora, porém, já não existe nenhuma condenação para aqueles que estão em Jesus Cristo. ² A lei do Espírito, que dá a vida em Jesus Cristo, nos libertou da lei do pecado e da morte. ³ Deus tornou possível aquilo que para a Lei era impossível, porque os instintos egoístas a tornaram impotente. Ele enviou seu próprio Filho numa condição semelhante à do pecado, em vista do pecado, e assim condenou o pecado na sua carne mortal. ⁴ Deus fez isso para que a justiça exigida pela Lei se realizasse em nós, que vivemos segundo o Espírito e não sob o domínio dos instintos egoístas.

⁵ Os que vivem segundo os instintos egoístas inclinam-se para os instintos egoístas; mas os que vivem segundo o Espírito inclinam-se para aquilo que é próprio do Espírito. ⁶ Os desejos dos instintos egoístas levam à morte, ao passo que os desejos do Espírito levam para a vida e a paz.

⁷ De fato, os desejos dos instintos egoístas estão em revolta contra Deus, porque não se submetem à lei de Deus; e nem mesmo o podem, ⁸ porque os que vivem segundo os instintos egoístas não podem agradar a Deus.

⁹ Uma vez que o Espírito de Deus habita em vocês, vocês já não estão sob o domínio dos instintos egoístas, mas sob o Espírito, pois quem não tem o Espírito de Cristo não pertence a ele. ¹⁰ Se Cristo está em vocês, o corpo está morto por causa do pecado, e o Espírito é vida por causa da justiça. ¹¹ Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos habita em vocês, aquele que ressuscitou Cristo dos mortos dará a vida também para os corpos mortais de vocês, por meio do seu Espírito que habita em vocês.

¹² Portanto, irmãos, nós somos devedores, mas não dos instintos egoístas para vivermos de acordo com eles. ¹³ Se vocês vivem segundo os instintos egoístas, vocês morrerão; mas se com a ajuda do Espírito fazem morrer as obras do corpo, vocês viverão. [8,1-13]

Filhos e herdeiros — ¹⁴ Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. ¹⁵ E vocês não receberam um Espírito de escravos para recair no medo, mas receberam um Espírito de filhos adotivos, por meio do qual clamamos: Abba! Pai! ¹⁶ O próprio Espírito assegura ao nosso espírito que somos filhos de Deus. ¹⁷ E se somos filhos, somos também herdeiros: herdeiros de Deus, herdeiros junto com Cristo, uma vez que, tendo participado dos seus sofrimentos, também participaremos da sua glória. [14-17]

Esperando um mundo novo — ¹⁸ Penso que os sofrimentos do momento

presente não se comparam com a glória futura que deverá ser revelada em nós.

¹⁹A própria criação espera com impaciência a manifestação dos filhos de Deus.

²⁰Entregue ao poder do nada — não por sua própria vontade, mas por vontade daquele que a submeteu —, a criação abriga a esperança, ²¹pois ela também será liberta da escravidão da corrupção, para participar da liberdade e da glória dos filhos de Deus.

²²Sabemos que a criação toda geme e sofre dores de parto até agora. ²³E não somente ela, mas também nós, que possuímos os primeiros frutos do Espírito, gememos no íntimo, esperando a adoção, a libertação para o nosso corpo. ²⁴Na esperança, nós já fomos salvos. Ver o que se espera já não é esperar: como se pode esperar o que já se vê? ²⁵Mas, se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos.

²⁶Do mesmo modo, também o Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza, pois nem sabemos o que convém pedir; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis. ²⁷E aquele que sonda os corações sabe quais são os desejos do Espírito, pois o Espírito intercede pelos cristãos de acordo com a vontade de Deus. [18-27]

O projeto de Deus — ²⁸Sabemos que todas as coisas concorrem para o bem dos que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o projeto dele.

²⁹Aqueles que Deus antecipadamente conheceu, também os destinou a serem conformes à imagem do seu Filho, para que este seja o primogênito entre muitos irmãos. ³⁰E aqueles que Deus destinou, também os chamou. E aos que chamou, também os tornou justos. E aos que tornou justos, também os glorificou. [28-30]

Ninguém pode impedir o projeto de Deus — ³¹O que nos resta dizer? Se Deus está a nosso favor, quem estará contra nós? ³²Ele não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós. Como não nos dará também todas as coisas junto com o seu Filho? ³³Quem acusará os escolhidos de Deus? É Deus quem torna justo! ³⁴Quem condenará? Jesus Cristo? Ele que morreu, ou melhor, que ressuscitou, que está à direita de Deus e intercede por nós?

³⁵Quem nos poderá separar do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? ³⁶Como diz a Escritura: “Por tua causa somos postos à morte o dia todo, somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro.” ³⁷Mas em todas essas coisas somos mais do que

vencedores por meio daquele que nos amou. ³⁸Estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem os poderes, ³⁹nem as forças das alturas ou das profundidades, nem qualquer outra criatura, nada nos poderá separar do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo, nosso Senhor. [\[31-39\]](#)

FIDELIDADE DE DEUS E INCREDULIDADE DE ISRAEL

9 *Os privilégios de Israel* — ¹Digo a verdade em Cristo, não minto, e disso me dá testemunho a minha consciência pelo Espírito Santo: ²tenho uma grande dor e um contínuo sofrimento no coração. ³Sim, eu gostaria de ser amaldiçoado e separado de Cristo em favor dos meus irmãos de raça e sangue. ⁴Eles são israelitas e possuem a adoção filial, a glória, as alianças, a legislação, o culto e as promessas; ⁵deles são os patriarcas e deles nasceu Cristo segundo a condição humana, que está acima de tudo. Deus seja bendito para sempre. Amém. [9,1-5]

O verdadeiro Israel — ⁶A palavra de Deus, porém, não falhou, pois nem todos os nascidos de Israel são Israel, ⁷e nem todos os descendentes de Abraão são filhos de Abraão. Não: “É de Isaac que sairá a descendência de Abraão.” ⁸Isto é, não é a geração natural que torna filhos de Deus, mas os filhos da promessa é que são considerados descendentes. ⁹De fato, as palavras da promessa são estas: “Por essa época voltarei, e Sara terá um filho.” ¹⁰E isso não é tudo. Também Rebeca concebeu de um só homem, de Isaac, nosso pai. ¹¹Quando os filhos dela ainda não haviam nascido e nada tinham feito de bem ou de mal — isso para que ficasse confirmada a liberdade da escolha de Deus, ¹²dependendo não das obras, mas daquele que chama — então foi dito a Rebeca: “O mais velho será servo do mais novo”, ¹³como diz a Escritura: “Amei a Jacó mais do que a Esaú.” [6-13]

A soberana liberdade de Deus — ¹⁴Que diremos então? Que Deus é injusto? De jeito nenhum! ¹⁵Ele mesmo disse a Moisés: “Farei misericórdia a quem eu fizer misericórdia, e terei piedade de quem eu tiver piedade.” ¹⁶Portanto, a escolha não depende da vontade ou do esforço do homem, mas da misericórdia de Deus. ¹⁷Por isso a Escritura diz ao Faraó: “Eu fiz você nascer precisamente para mostrar em você o meu poder e para que o meu nome seja celebrado em toda a terra.” ¹⁸Portanto, Deus usa de misericórdia com quem ele quer, e endurece a quem ele quer.

¹⁹Você me dirá então: “Por que Deus ainda se queixa? Quem pode resistir à vontade dele?” ²⁰Mas, quem é você, homem, para discutir com Deus? Por acaso, o vaso de barro diz ao oleiro: “Por que você me fez assim?” ²¹Por acaso o oleiro não é dono da argila, para fazer com a mesma massa dois vasos, uma para uso

nobre e outro para uso comum? ²²Ora, Deus quis manifestar a sua ira e mostrar o seu poder, suportando com muita paciência os vasos da ira, já prontos para a perdição. ²³Deus assim fez para mostrar a riqueza da sua glória para com os vasos de misericórdia, que ele havia preparado para a glória, ²⁴isto é, para conosco, a quem Deus chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os pagãos...

²⁵Como ele diz em Oseias: “Chamarei Meu-povo àquele que não é meu povo, e Amada àquela que não é amada. ²⁶E acontecerá que, no mesmo lugar onde foi dito a eles: ‘você não são meu povo’, aí mesmo serão chamados filhos do Deus vivo.” ²⁷E quanto a Israel, Isaías proclama: “Mesmo que o número dos israelitas seja como a areia do mar, o resto é que será salvo; ²⁸porque Deus cumprirá sua palavra sobre a terra com plenitude e rapidez.” ²⁹E ainda como Isaías havia predito: “Se o Senhor dos Exércitos não nos tivesse deixado uma descendência, ficaríamos como Sodoma e nos tornaríamos como Gomorra.” [14-29]

O erro de Israel — ³⁰O que diremos então? Os pagãos, que não procuravam a justiça, alcançaram a justiça, mas a justiça que vem da fé; ³¹ao passo que Israel procurava uma lei que lhe trouxesse a justiça, mas não conseguiu essa lei. ³²Por quê? Porque não a procurou através da fé, mas através das obras. Esbarraram na pedra de tropeço, ³³conforme diz a Escritura: “Eis que eu ponho em Sião uma pedra de tropeço, uma rocha de escândalo; mas quem acreditar nela não será confundido.”

10 *Um zelo pouco esclarecido* — ¹Irmãos, o desejo do meu coração e a súplica que faço a Deus em favor deles, é que se salvem. ²Pois eu dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, mas um zelo pouco esclarecido. ³Eles desconhecem a justiça de Deus e procuram afirmar a sua própria justiça e, assim, não se submetem à justiça de Deus. ⁴Pois o fim da Lei é Cristo, para que todo aquele que acredita se torne justo. [9,30-10,4]

O Evangelho é acessível a todos — ⁵Moisés assim descreve a justiça que vem da Lei: “Quem praticar os preceitos da Lei, viverá por meio deles.” ⁶Mas a justiça que vem da fé diz o seguinte: “Não pergunte a si mesmo: ‘Quem subirá ao céu?’ Isto é: para fazer Cristo descer. ⁷Ou: ‘Quem descerá ao abismo?’ Isto é: para fazer Cristo subir dos mortos.” ⁸Mas, afinal, o que diz a Escritura? “A palavra está perto de você, em sua boca e em seu coração.” Isto é: a palavra da fé

que nós pregamos. ⁹Pois se você confessa com a sua boca que Jesus é o Senhor, e acredita com seu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, você será salvo. ¹⁰É acreditando de coração que se obtém a justiça, e é confessando com a boca que se chega à salvação. ¹¹De fato, a Escritura diz: “Todo aquele que acredita nele, não será confundido.” ¹²Não há distinção entre judeu e grego, pois ele é o Senhor de todos, rico para com todos aqueles que o invocam. ¹³Porque todo aquele que invoca o nome do Senhor, será salvo. [10,5-13]

Israel não acolheu o Evangelho — ¹⁴Ora, como poderão invocar aquele no qual não acreditaram? Como poderão acreditar, se não ouvirem falar dele? E como poderão ouvir, se não houver quem o anuncie? ¹⁵Como poderão anunciar se ninguém for enviado? Como diz a Escritura: “Como são belos os pés daqueles que anunciam boas notícias!” ¹⁶Mas nem todos obedeceram ao Evangelho. Isaías diz: “Senhor, quem acreditou em nossa pregação?” ¹⁷A fé depende, portanto, da pregação, e a pregação é o anúncio da palavra de Cristo. ¹⁸Agora, eu pergunto: Será que eles não ouviram? Ao contrário: pela terra inteira correu a voz deles e suas palavras foram até os confins do mundo. ¹⁹Pergunto ainda: Será que Israel não entendeu? Moisés já dizia: “Farei com que vocês tenham ciúmes de um povo que não é povo; provocarei a ira de vocês contra um povo insensato.” ²⁰Isaías até ousa dizer: “Fui encontrado por aqueles que não me procuravam; manifestei-me para aqueles que não perguntavam por mim.” ²¹Ao passo que sobre Israel, Isaías diz: “O dia todo estendi as mãos a um povo desobediente e rebelde.” [14-21]

11 Deus não rejeitou Israel — ¹Pergunto então: Será que Deus rejeitou o seu povo? De jeito nenhum! Eu também sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim. ²Deus não rejeitou o seu povo, que ele tinha conhecido desde o princípio. Ou vocês não sabem o que a Escritura diz na passagem em que Elias acusa Israel diante de Deus? ³“Senhor, eles mataram os teus profetas, arrasaram os teus altares; fiquei apenas eu, e ainda procuram tirar minha vida.” ⁴O que foi que a voz divina respondeu para ele? “Reservei para mim sete mil homens que não dobraram o joelho diante de Baal.”

⁵É o que continua acontecendo hoje: sobrou um resto, conforme a livre escolha da graça. ⁶E isso acontece pela graça, e não pelas obras; do contrário, a graça já não seria graça.

⁷O que dizer então? Israel não conseguiu aquilo que procurava, mas os

escolhidos conseguiram. Os demais ficaram endurecidos, ⁸como diz a Escritura: “Deus deu a eles um espírito de torpor, olhos para não verem e ouvidos para não ouvirem, até o dia de hoje.” ⁹E Davi diz: “Que a mesa deles se transforme em cilada, em armadilha, em motivo de tropeço e justo castigo. ¹⁰Que seus olhos fiquem escuros para não verem, e faça com que suas costas fiquem sempre encurvadas.” [11,1-10]

Israel e a salvação dos pagãos — ¹¹Agora eu pergunto: Será que eles tropeçaram para ficarem caídos? De jeito nenhum! Mas assim aconteceu para que a queda de Israel tornasse possível a salvação para os pagãos, e para que Israel ficasse com ciúme. ¹²Ora, se a queda de Israel se tornou riqueza para o mundo e se sua decadência se tornou riqueza para os pagãos, o que não será a total participação de Israel na salvação!

¹³Portanto, digo a vocês, pagãos: como apóstolo dos pagãos, eu honro o meu ministério, ¹⁴para ver se provoco o ciúme dos que pertencem à minha raça, e se consigo salvar alguns deles. ¹⁵Pois se o fato de eles serem rejeitados trouxe a reconciliação do mundo, o efeito da reintegração deles será a ressurreição dos mortos. [11-15]

A raiz sustenta a árvore — ¹⁶Se os primeiros frutos são santos, toda a massa também será santa; se a raiz é santa, os ramos também serão santos. ¹⁷Se alguns ramos foram cortados, e você, oliveira selvagem, foi enxertada no lugar deles e agora recebe a seiva das raízes, ¹⁸não se envaideça nem despreze os ramos. Se você se orgulha, saiba que não é você que sustenta a raiz, mas é a raiz quem sustenta você. ¹⁹Você poderá dizer: “Os ramos foram cortados para que eu fosse enxertada”. ²⁰Certo! Mas eles foram cortados por causa da falta de fé deles, ao passo que você permanece firme pela fé. Não fique cheia de soberba, mas de temor, ²¹porque, se Deus não poupou os ramos naturais, também não poupará você.

²²Considere, portanto, a bondade e severidade de Deus: severidade para com aqueles que caíram, mas bondade de Deus para com você, sob a condição, porém, de que seja fiel a essa bondade. Do contrário, você também será cortada. ²³Quanto a eles, se não permanecerem na falta de fé, serão enxertados, pois Deus é capaz de enxertá-los de novo. ²⁴Pois, se você foi cortada de uma oliveira selvagem e contra a natureza foi enxertada na oliveira boa, tanto mais eles poderão ser enxertados na própria oliveira boa à qual pertencem. [16-24]

Deus não volta atrás — ²⁵Irmãos, não quero que vocês ignorem este mistério, para que vocês não se tornem convencidos: o endurecimento de uma parte de Israel vai durar até que chegue a plenitude das nações. ²⁶Então, todo o Israel será salvo, como diz a Escritura: “De Sião sairá o libertador, ele vai tirar as impiedades de Jacó; ²⁷essa será a minha aliança com eles, quando eu perdoar os seus pecados”.

²⁸Quanto ao Evangelho, eles são inimigos, para vantagem de vocês; mas, quanto à eleição, eles são amados, por causa dos patriarcas, ²⁹porque os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis. ³⁰Vocês foram desobedientes a Deus, e agora, pela desobediência deles, vocês conseguiram misericórdia. ³¹Do mesmo modo, também eles agora desobedeceram, a fim de que, pela misericórdia feita a vocês, eles consigam então a misericórdia para eles. ³²Deus encerrou todos na desobediência, para ser misericordioso com todos. [25-32]

As decisões de Deus são insondáveis — ³³Como é profunda a riqueza, a sabedoria e a ciência de Deus! Como são insondáveis as suas decisões, e como são impenetráveis seus caminhos! ³⁴Quem poderá compreender o pensamento do Senhor? Quem foi o seu conselheiro? ³⁵Quem lhe emprestou alguma coisa, para que ele tenha algo a devolver? ³⁶Porque todas as coisas vêm dele, por meio dele e vão para ele. A ele pertence a glória para sempre. Amém. [33-36]

A VIDA CRISTÃ

12 *O culto autêntico* — ¹Irmãos, pela misericórdia de Deus, peço que vocês ofereçam os próprios corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. Esse é o culto autêntico de vocês. ²Não se amoldem às estruturas deste mundo, mas transformem-se pela renovação da mente, a fim de distinguir qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que é agradável a ele, o que é perfeito. [12,1-2]

A comunidade é um corpo vivo — ³Em nome da graça que me foi concedida, eu digo a cada um de vocês: não tenham de si mesmos conceito maior do que convém, mas um conceito justo, de acordo com a fé, na medida que Deus concedeu a cada um. ⁴Num só corpo há muitos membros, e esses membros não têm todos a mesma função. ⁵O mesmo acontece conosco: embora sendo muitos, formamos um só corpo em Cristo, e, cada um por sua vez, é membro dos outros. ⁶Mas temos dons diferentes, conforme a graça concedida a cada um de nós. Quem tem o dom da profecia, deve exercê-lo de acordo com a fé; ⁷se tem o dom do serviço, que o exerça servindo; se do ensino, que ensine; ⁸se é de aconselhar, aconselhe; se é de distribuir donativos, faça-o com simplicidade; se é de presidir à comunidade, faça-o com zelo; se é de exercer misericórdia, faça-o com alegria. [3-8]

As relações dentro e fora da comunidade — ⁹Que o amor de vocês seja sem hipocrisia: detestem o mal e apeguem-se ao bem; ¹⁰no amor fraterno, sejam carinhosos uns com os outros, rivalizando na mútua estima. ¹¹Quanto ao zelo, não sejam preguiçosos; sejam fervorosos de espírito, servindo ao Senhor. ¹²Sejam alegres na esperança, pacientes na tribulação e perseverantes na oração. ¹³Sejam solidários com os cristãos em suas necessidades e se aperfeiçoem na prática da hospitalidade.

¹⁴Abençoem os que perseguem vocês; abençoem e não amaldiçoem. ¹⁵Alegrem-se com os que se alegram, e chorem com os que choram. ¹⁶Vivam em harmonia uns com os outros. Não se deixem levar pela mania de grandeza, mas se afeiçoem às coisas modestas. Não se considerem sábios. ¹⁷Não paguem a ninguém o mal com o mal; a preocupação de vocês seja fazer o bem a todos os homens. ¹⁸Se for possível, no que depende de vocês, vivam em paz com todos. ¹⁹Amados, não façam justiça por própria conta, mas deixem a ira de Deus agir, pois o Senhor diz na Escritura: “A mim pertence a vingança; eu mesmo vou

retribuir.” ²⁰Mas, se o seu inimigo tiver fome, dê-lhe de comer; se tiver sede, dê-lhe de beber; desse modo, você fará o outro corar de vergonha. ²¹Não se deixe vencer pelo mal, mas vença o mal com o bem. [9-21]

13 *A comunidade e a autoridade política* — ¹Submetam-se todos às autoridades constituídas, pois não há autoridade que não venha de Deus, e as que existem foram instituídas por Deus. ²Quem se opõe à autoridade, se opõe à ordem estabelecida por Deus. Aqueles que se opõem, atraem sobre si a condenação. ³Na verdade, os que governam não devem ser temidos quando se faz o bem, mas quando se faz o mal. Se você não quer ter medo da autoridade, faça o bem, e ela o elogiará. ⁴A autoridade é o instrumento de Deus para o bem de você, mas, se você pratica o mal, tema, pois não é à toa que a autoridade usa a espada: quando castiga, ela está a serviço de Deus, para manifestar a ira dele contra o malfeitor. ⁵Por isso, é preciso submeter-se, não só por medo do castigo, mas também por dever de consciência.

⁶É também por isso que vocês pagam impostos, pois os que têm esse encargo são funcionários de Deus. ⁷Deem a cada um o que lhe é devido: o imposto e a taxa, a quem vocês devem imposto e taxa; o temor, a quem vocês devem temor; a honra, a quem vocês devem honra. [13,1-7]

O amor é o pleno cumprimento da Lei — ⁸Não fiquem devendo nada a ninguém, a não ser o amor mútuo. Pois quem ama o próximo cumpriu plenamente a Lei. ⁹De fato, os mandamentos: não cometa adultério, não mate, não roube, não cobice, e todos os outros se resumem nesta sentença: “Ame o seu próximo como a si mesmo.” ¹⁰O amor não pratica o mal contra o próximo, pois o amor é o pleno cumprimento da Lei. [8-10]

A madrugada de um tempo novo — ¹¹Comportem-se dessa maneira, principalmente porque vocês conhecem o tempo, e já é hora de vocês acordarem: a nossa salvação está agora mais próxima do que quando começamos a acreditar. ¹²A noite vai avançada, e o dia está próximo. Deixemos, portanto, as obras das trevas e vistamos as armas da luz. ¹³Vivamos honestamente, como em pleno dia: não em orgias e bebedeiras, prostituição e libertinagem, brigas e ciúmes. ¹⁴Mas vistam-se do Senhor Jesus Cristo, e não sigam os desejos dos instintos egoístas. [11-14]

14 *Não brigar por coisas secundárias* — ¹Acolham o fraco na fé, sem lhe criticar os escrúpulos. ²Um acredita que pode comer de tudo; outro, sendo

fraco, só come legumes. ³Quem come de tudo, não despreze quem não come. E quem não come, não julgue aquele que come, porque Deus o acolhe assim mesmo. ⁴Quem é você para julgar um servo alheio? Se ele fica de pé ou cai, isso é lá com o patrão dele; mas ele ficará de pé, pois o Senhor é poderoso para o sustentar. ⁵Há quem faça diferença entre um dia e outro, enquanto outro acha que todos os dias são iguais. Cada qual siga a sua convicção. ⁶Quem distingue o dia, faz isso em honra do Senhor. Quem come de tudo, o faz em honra do Senhor, porque agradece a Deus. E quem não come, não come em honra do Senhor, e também agradece a Deus. ⁷Porque nenhum de vocês vive para si mesmo, e ninguém morre para si mesmo. ⁸Se vivemos, é para o Senhor que vivemos; se morremos, é para o Senhor que morremos. Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor. ⁹Cristo morreu e voltou à vida para ser o Senhor dos mortos e dos vivos. [14,1-9]

Só Deus pode julgar — ¹⁰Quanto a você, por que julga o seu irmão? E você, por que despreza o seu irmão? Todos nós devemos comparecer diante do tribunal de Deus. ¹¹Porque a Escritura diz: “Por minha vida, diz o Senhor, diante de mim se dobrará todo joelho, e toda língua dará glória a Deus.” ¹²Portanto, cada um de nós prestará contas de si mesmo a Deus.

¹³Paremos, portanto, de julgar uns aos outros. Ao contrário, preocupem-se em não ser causa de tropeço ou escândalo para o irmão. ¹⁴Sei e estou convencido no Senhor Jesus: nada é impuro por si mesmo. Mas, se alguém acha que alguma coisa é impura, essa coisa se torna impura para ele. [10-14]

Não escandalizar o irmão — ¹⁵Se, por questão de alimento, você deixa seu irmão triste, você não está agindo com amor. Portanto, o alimento que você come não seja causa de perdição para aquele por quem Cristo morreu. ¹⁶Não deem motivo para outros falarem mal daquilo que é bom para vocês. ¹⁷O Reino de Deus não é questão de comida ou bebida; é justiça, paz e alegria no Espírito Santo. ¹⁸Quem serve a Cristo nessas coisas, agrada a Deus e é estimado pelos homens. ¹⁹Portanto, busquemos sempre as coisas que trazem paz e edificação mútua. ²⁰Não destrua a obra de Deus por uma questão de comida! Todas as coisas são puras. Mas é mau para um homem comer provocando escândalo. ²¹É melhor não comer carne, nem beber vinho ou qualquer outra coisa, quando isso é ocasião de tropeço, escândalo e queda para o irmão. ²²Guarde para você, diante de Deus, a convicção que você tem. Feliz aquele que não condena a si mesmo na

decisão que toma. ²³Mas quem duvida e assim mesmo toma o alimento é condenado, pois seu comportamento não provém de uma convicção. E tudo o que não provém de uma convicção é pecado. [15-23]

15 *Colocar-se a serviço do outro* — ¹Nós, que somos os fortes, devemos suportar a fraqueza dos fracos, e não procurarmos o que nos agrada. ²Cada um de nós procure agradar a seu próximo em vista do bem, para edificar. ³Cristo não procurou agradar a si mesmo; ao contrário, como diz a Escritura: “Os insultos daqueles que te insultam caíram sobre mim.” ⁴Ora, tudo isso que foi escrito antes de nós foi escrito para a nossa instrução, para que, em virtude da perseverança e consolação que as Escrituras nos dão, conservemos a esperança.

⁵O Deus da perseverança e da consolação conceda que vocês tenham os mesmos sentimentos uns com os outros, a exemplo de Jesus Cristo. ⁶E assim vocês, juntos e a uma só voz, deem glória ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. [15,1-6]

Acolhimento mútuo — ⁷Acolham-se uns aos outros, como Cristo acolheu vocês, para a glória de Deus. ⁸Digo a vocês que Cristo se tornou servidor dos judeus em vista da fidelidade de Deus, a fim de cumprir as promessas feitas aos patriarcas. ⁹As nações pagãs, porém, dão glória a Deus por causa da misericórdia dele, conforme diz a Escritura: “Por isso eu te celebrarei entre as nações pagãs e cantarei hinos ao teu nome.” ¹⁰A Escritura também diz: “Nações pagãs, alegrem-se com o povo de Deus.” ¹¹E diz ainda: “Nações pagãs todas, louvem ao Senhor, e todos os povos o celebrem.” ¹²E Isaías também diz: “Aparecerá o broto de Jessé, aquele que se levanta para governar as nações pagãs. Nele as nações pagãs colocarão a sua esperança.”

¹³Que o Deus da esperança encha vocês de completa alegria e paz na fé, para que vocês transbordem de esperança, pela força do Espírito Santo. [7-13]

CONCLUSÃO

O sacerdócio de Paulo — ¹⁴Meus irmãos, também eu estou pessoalmente convencido de que vocês estão cheios de bondade e repletos de todo conhecimento, para se corrigirem uns aos outros. ¹⁵Todavia, escrevi a vocês, em parte com certa ousadia, para lhes reavivar a memória, em vista da graça que me foi concedida por Deus. ¹⁶Sou ministro de Jesus Cristo entre os pagãos, e a minha função sagrada é anunciar o Evangelho de Deus, a fim de que os pagãos se tornem oferta aceita e santificada pelo Espírito Santo.

¹⁷Tenho, portanto, motivo para me orgulhar em Jesus Cristo a propósito da obra de Deus. ¹⁸Eu não ousaria mencionar nada, a não ser o que Cristo fez, através de mim, para levar os pagãos à obediência pela palavra e pela ação, ¹⁹mediante o poder dos sinais e prodígios, pelo poder do Espírito de Deus. Assim, desde Jerusalém e seus arredores até a Ilíria, levei a cabo o anúncio do Evangelho de Cristo. ²⁰Fiz questão de anunciar o Evangelho onde o nome de Cristo ainda não havia sido anunciado, a fim de não construir sobre alicerces que outro havia colocado. ²¹Desse modo, estou fazendo o que a Escritura diz: “Aqueles, aos quais não tinha sido anunciado, verão; e os que não tinham ouvido, compreenderão.” [14-21]

Planos de Paulo — ²²Foi esse o motivo que muitas vezes me impediu de visitar vocês. ²³Mas agora já não tenho tanto campo de ação nessas regiões. E porque há muitos anos tenho grande desejo de visitá-los, ²⁴quando eu for para a Espanha, espero vê-los por ocasião da minha passagem. Espero também receber ajuda de vocês para ir até lá, depois de ter desfrutado um pouco a companhia de vocês. ²⁵Agora vou a Jerusalém prestar um serviço aos cristãos. ²⁶A Macedônia e Acaia resolveram fazer uma coleta em favor dos cristãos pobres da comunidade de Jerusalém. ²⁷Resolveram fazer isso, porque são devedores a eles. De fato, se os pagãos participaram nos bens espirituais dos judeus, eles têm obrigação de ajudá-los em suas necessidades materiais. ²⁸Quando eu tiver concluído essa tarefa e tiver entregue oficialmente o fruto da coleta, irei para a Espanha, passando por aí. ²⁹Sei que, indo até vocês, irei com a plenitude da bênção de Cristo.

³⁰Irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, peço que lutem comigo nas orações que vocês dirigem a Deus em meu favor. ³¹Rezem

para que eu escape dos infiéis que estão na Judeia, e para que o meu serviço a favor de Jerusalém seja bem-aceito por aquela comunidade. ³²Assim, se Deus quiser, poderei visitá-los com alegria e descansar um pouco aí entre vocês. ³³Que o Deus da paz esteja com todos vocês. Amém. [22-33]

16 *Saudações finais* — ¹Recomendo a vocês nossa irmã Febe, diaconisa da igreja de Cencreia. ²Recebam-na no Senhor, como convém a cristãos. Deem a ela toda a ajuda que precisar, pois ela tem ajudado muita gente e a mim também. ³Saudações a Prisca e Áquila, meus colaboradores em Jesus Cristo, ⁴que arriscaram a própria cabeça para salvar a minha vida. A eles não somente eu sou grato, mas também todas as igrejas dos pagãos. ⁵Saúdem também a igreja que se reúne na casa deles. Saudações ao meu caro Epêneto, o primeiro fruto da Ásia para Cristo. ⁶Saudações a Maria, que trabalhou muito por vocês. ⁷Saúdem Andrônico e Júnio, meus parentes e companheiros de prisão; eles são apóstolos importantes e se converteram a Cristo antes de mim. ⁸Saúdem Ampliato, meu caro amigo no Senhor. ⁹Saúdem Urbano, nosso colaborador em Cristo, e também o meu caro Estáquis. ¹⁰Saúdem Apeles, que provou ser bom cristão.

Saúdem os familiares de Aristóbulo. ¹¹Saúdem Herodião, meu parente. Saúdem os cristãos da família de Narciso. ¹²Saúdem Trifena e Trifosa, que trabalharam pelo Senhor. Saúdem a querida Pérside, que trabalhou muito pelo Senhor. ¹³Saúdem Rufo, o eleito do Senhor, e sua mãe, que é minha também. ¹⁴Saúdem Asíncrito, Flegonte, Hermes, Pátrobas, Hermas e os irmãos que vivem com eles. ¹⁵Saúdem Filólogo e Júlia, Nereu e sua irmã, Olimpas e todos os cristãos que vivem com eles. ¹⁶Saúdem-se uns aos outros com o beijo santo. Todas as igrejas de Cristo saúdam vocês.

¹⁷Irmãos, peço que vocês tomem cuidado com aqueles que provocam divisões e obstáculos contra a doutrina que vocês aprenderam. ¹⁸Fiquem longe deles, porque não servem a Cristo nosso Senhor, mas ao próprio estômago; com palavras doces e bajuladoras, eles enganam o coração das pessoas simples.

¹⁹A obediência de vocês é conhecida de todos. Vocês, para mim, são um motivo de alegria, mas desejo que sejam sábios para o bem e sem compromissos com o mal. ²⁰O Deus da paz não tardará em esmagar Satanás debaixo dos pés de vocês.

Que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com vocês.

²¹Meu colaborador Timóteo e os meus parentes Lúcio, Jasão e Sosípatro

mandam saudações. ²²Eu, Tércio, que escrevi esta carta, mando saudações no Senhor. ²³Saudações de Gaio, que está hospedando a mim e a toda a comunidade. Erasto, que é o administrador da cidade, e o irmão Quarto também mandam saudações./²⁴/ [16,1-24]

Glória a Deus por meio de Jesus — ²⁵Seja dada glória a Deus, que tem o poder de conservar vocês firmes, de acordo com o meu Evangelho e a mensagem de Jesus Cristo. Essa é a revelação de um mistério que estava envolvido no silêncio desde os tempos eternos. ²⁶Agora, esse mistério foi manifestado pelos escritos proféticos e por disposição do Deus eterno, e foi anunciado a todos os pagãos, para conduzi-los à obediência da fé.

²⁷A Deus, o único sábio, por meio de Jesus Cristo, seja dada a glória para sempre. Amém! [25-27]

NOTAS

[1,1-7] Paulo ainda não conhece os cristãos de Roma. Por isso, apresenta-se com todos os seus títulos: servo, apóstolo e escolhido. Sua missão é anunciar o Evangelho, isto é, a Boa Notícia que Deus revela ao mundo, enviando Jesus Cristo para libertar os homens e instaurar o seu Reino. O centro desse Evangelho é, portanto, a pessoa de Jesus na sua vida terrena, morte e ressurreição, que o constituem Senhor do mundo e da história. A originalidade da missão de Paulo é conduzir os pagãos à obediência da fé, ou seja, a uma submissão livre, que os faz viver de acordo com a vontade de Deus, manifestada em Jesus Cristo.

[8-15] A intenção de Paulo é ir a Roma para trocar ideias e experiências sobre o Evangelho, compartilhando assim a fé comum. Deseja também “recolher algum fruto”, isto é, talvez fazer uma coleta em favor dos cristãos necessitados de Jerusalém (15,26-27).

[16-17] Paulo enuncia o tema central da carta, que será desenvolvido até 8,39, e que constitui o resumo de toda a sua pregação: o Evangelho é a força de Deus que salva. Condição única para isso é o homem entregar-se a Deus mediante a fé. Pois o homem não tem outro meio para se libertar da condição de pecador: nem a Lei de Moisés, nem ritos, nem sistemas filosóficos, nem poderes cósmicos ou humanos. A fé, porém, não é atitude passiva; é a certeza firme e contínua de que o projeto de Deus se realizou em Jesus Cristo e continua realizando-se no meio dos homens. A fé leva o fiel a viver uma nova dinâmica de vida; o homem

deixa de ser receptor passivo e se torna, junto com Deus, agente ativo de salvação dentro da história.

[18-32] Paulo analisa o sistema de vida dos pagãos. Deus se manifesta a todos os homens; estes, porém, se tornam cegos e surdos, para viverem de acordo com seus próprios instintos egoístas: “sufocam a verdade com a injustiça” (vv. 18-20). O alicerce de uma sociedade pagã é a idolatria: a absolutização de coisas, pessoas e valores (dinheiro, poder, ideias), colocando-os no lugar do Deus verdadeiro (vv. 21-23.25). A idolatria gera a perversão das relações pessoais (vv. 24.26-27) e sociais (vv. 28-31). Numa sociedade idólatra, a injustiça se transforma em bem, a mentira ocupa o lugar da verdade, e o erro é louvado como virtude (v. 32).

[2,1-11] Paulo analisa agora o sistema de vida dos judeus. Ele é mais severo ainda, e mostra que o judeu não tem força moral para julgar o pagão. De fato, os judeus receberam a revelação e conhecem a vontade de Deus. Apesar disso, vivem praticamente como os pagãos. Por isso, o julgamento se torna para eles ainda mais rigoroso (vv. 1-5). Nada adianta professar a fé com palavras e ideias, porque Deus, ao julgar, leva em conta aquilo que o homem pratica, as suas ações concretas (vv. 6-10), sem fazer diferença entre as pessoas.

[12-24] Os judeus orgulhosamente se consideram superiores aos pagãos, por terem a Lei de Moisés, revelada pelo próprio Deus. No entanto, Paulo mostra que a situação de judeus e pagãos é igual: os judeus serão julgados pela Lei, porque a conhecem; os pagãos serão julgados de acordo com a própria consciência. Não basta conhecer a Lei. O importante é fazer o que a Lei manda. Por isso, diz Paulo, muitos pagãos não conhecem a Lei, mas, na vida prática, fazem o que a Lei pede; por isso, são melhores que os judeus, que conhecem a Lei, mas não a praticam. Além do mais, com sua hipocrisia, os judeus acabam desmoralizando o próprio Deus (v. 24).

[25-29] A circuncisão, uma espécie de operação de fimose, era um sinal externo de pertença ao povo de Deus. Os judeus se orgulhavam dessa marca física e desprezavam os pagãos, chamando-os de “incircuncisos”. Paulo mostra que a circuncisão, por si mesma, nada vale; pois um pagão não circuncidado que faz o que a Lei manda é melhor do que o judeu, e até se torna juiz de um circuncidado que não observa a Lei. A circuncisão e a Lei só têm valor quando são de fato sinal de justiça e retidão. O que importa é o senso de justiça e de fidelidade a Deus; e isso se exprime numa prática de vida.

[3,1-8] Judeus e pagãos estão sob o domínio do pecado. Apesar disso, os judeus são privilegiados em relação aos pagãos, pois eles são portadores e guardiães da revelação do Deus verdadeiro e participam da aliança com ele. A infidelidade deles revela mais ainda a fidelidade de Deus (vv. 1-4). Contudo, os judeus são responsáveis pelos próprios pecados, e Deus tem direito de julgá-los (vv. 5-8).

[9-20] Apesar de privilegiados, os judeus não podem orgulhar-se em relação aos pagãos, porque segundo a Escritura todos os homens são pecadores (vv. 9-19). Paulo afirma que a observância da Lei não torna ninguém justo, pois a função da Lei é apenas tornar o homem consciente do seu próprio pecado. De fato, as leis aparecem quando há exageros ou desvios; elas apresentam uma norma a ser observada, mas não dão nenhuma força nova para se superar a origem dos exageros e desvios (v. 20).

[21-26] A força nova para superar a origem dos exageros e desvios é o projeto de Deus, testemunhado pelo Antigo Testamento (Lei e Profetas) e realizado em Jesus Cristo. Pela sua misericórdia e fidelidade, Deus liberta do pecado a todos os homens. E isso é dom gratuito, é anistia geral, que para se concretizar na vida dos homens espera apenas a resposta de fé.

[27-31] Paulo nega a auto-suficiência do homem, que tem a pretensão de salvar a si próprio. A salvação é dom de Deus realizado por Jesus, e não fruto do esforço humano. A Lei agora se revela em sua verdadeira função: mostrar que todos são pecadores e necessitam da salvação gratuita, que só se realiza através da fé em Jesus.

[4,1-12] Abraão, antepassado dos judeus, é o exemplo da gratuidade da fé. Ele foi considerado justo, não por ter realizado obras, mas porque acreditou em Deus, como diz Davi no Salmo 32. Abraão foi justificado antes de ser circuncidado, e a circuncisão se tornou um sinal externo da justiça que ele já tinha recebido através da fé. Portanto Abraão é pai de todos os que têm fé, tanto judeus como pagãos.

[13-17] Em vista da justiça que vem da fé, Abraão recebeu gratuitamente de Deus a promessa de se tornar herdeiro do mundo. Ora, a promessa feita a Abraão permanece e é transmitida como herança aos seus descendentes. Todavia, os autênticos descendentes e herdeiros são aqueles que Deus justifica através da fé, como fez com Abraão, e não os que se limitam a observar a Lei.

[18-25] Ter fé e entregar a própria vida a Deus é esperar contra toda esperança. Abraão acreditou que ia ser pai quando sua velhice e a esterilidade de Sara

diziam o contrário. A justiça de Abraão é a fé confiante de que Deus pode realizar tudo o que promete. Nós também somos justificados por Deus quando acreditamos que ele ressuscitou Jesus Cristo dentre os mortos, para nos livrar da morte do pecado e nos dar a vida nova.

[5,1-11] Justificados pela fé em Jesus Cristo, estamos em paz com Deus; por isso, começamos a viver a esperança da salvação. Essa esperança é vivida em meio a uma luta perseverante, ancorada na certeza, garantida pelo Espírito Santo que nos foi dado (vv. 1-5). Deus manifestou seu amor em Jesus Cristo, que morreu por nós quando ainda éramos pecadores (vv. 6-8). Agora que já fomos reconciliados podemos crer com maior razão e esperar que seremos salvos pela vida-ressurreição de Jesus (vv. 9-11).

O termo “tribulação”, que aparece muitas vezes no Novo Testamento, se refere às opressões e repressões de que é vítima o povo de Deus. Opressões e repressões por parte dos poderes humanos, que procuram reduzir o alcance do testemunho cristão para que este não abale a estrutura vigente na sociedade.

[12-21] Paulo contrapõe duas figuras, dois reinos e duas consequências: Adão-Cristo, pecado-graça, morte-vida. Adão é o início e a personificação da humanidade mergulhada no reino do pecado e caminhando para a morte; Cristo, o novo Adão, é início e personificação da humanidade introduzida no reino da graça e caminhando para a vida. Paulo não está interessado nas semelhanças entre Cristo e Adão. Ele os contrapõe apenas para mostrar a supremacia de Cristo e do reino da graça sobre Adão e o reino do pecado; pois o dom de Deus supera de longe o pecado dos homens.

[6,1-11] Jesus foi morto por um sistema social injusto, pecaminoso e mortal. Mas Deus o ressuscitou para sempre, condenando assim o sistema que matou Jesus. Pela fé e o batismo, o cristão participa da morte e ressurreição de Jesus. Em outras palavras, cristão é aquele que passa por uma transformação radical: rompe com o sistema pecaminoso, gerador de injustiça e morte, e ressuscita para viver vida nova, a fim de construir uma sociedade nova, que promova a justiça e a vida.

[12-14] Ressuscitando para viver sob o regime da graça concedida por Deus através de Jesus Cristo, os cristãos devem viver em clima de conversão, de contínua passagem da morte para a vida. Trata-se de não mais se prestarem como instrumentos de uma sociedade que produz injustiça e morte, mas de se entregarem ao serviço de Deus, oferecendo-se a si mesmos como instrumentos

que realizem o projeto de Deus na história (justiça). Em outras palavras, entregar-se de corpo e alma à luta para implantar um sistema social em que a vida seja o centro e o fundamento. Sobre os cristãos o pecado não terá mais voz nem vez.

[15-23] Paulo radicaliza o que disse antes: o cristão não deve ser apenas instrumento, mas escravo de Deus e da justiça; deve ser alguém que se empenha total e exclusivamente na realização do projeto de Deus. E nesse serviço não existe relação *comercial*, como no pecado: a recompensa é dom gratuito de Deus, que é a própria vida.

[7,1-6] Paulo repete seu pensamento, usando agora uma comparação. Quando morre o marido, a mulher fica livre da lei que a unia a ele. Com o cristão sucede a mesma coisa: pelo batismo ele fica livre da lei, pois morreu com Cristo para o pecado e ressuscitou para uma vida nova.

Os “instintos egoístas” (literalmente “carne”) são os desejos e projetos do homem fechado no seu egoísmo, fonte de todos os pecados: é a vida do homem voltado para si mesmo, colocando tudo a serviço dos próprios caprichos e interesses. Daí nascem a corrupção das relações humanas e a promoção de um sistema social que institucionaliza as relações injustas, nas quais um homem explora e oprime o outro. O regime novo do Espírito é bem o contrário: a exemplo de Jesus Cristo, o homem não vive mais para si, mas para Deus e para o bem do outro. O projeto de Deus, que é justiça e fraternidade entre os homens, torna-se o projeto de uma nova ordem social, e esta supera o sistema injusto.

[7-13] A Lei de Moisés é santa, justa e boa, porque a sua finalidade é corrigir os erros de uma sociedade injusta e, assim, produzir sociedade nova. Como lei, porém, ela só pode prescrever isso e proibir aquilo, sem eliminar o egoísmo, o pecado que é a raiz da estrutura social injusta. Pelo contrário, ordenando e proibindo, a Lei dá consciência dos erros e provoca ainda mais o egoísmo, fazendo com que o homem desobedeça conscientemente à lei que deveria obedecer.

[14-25] Usando o artifício de falar em primeira pessoa, Paulo convida cada um de nós a olhar para si mesmo e para a sociedade, a fim de descobrir o drama que se desenrola dentro da condição humana. O homem está dividido entre o egoísmo e o amor, entre servir a si mesmo e servir aos outros. Mas o egoísmo predomina e, através da presença e da ação de cada um, acaba se alastrando e pervertendo as relações sociais. A sociedade torna-se então desumana, injusta e perversa. Quem poderá nos libertar desse “corpo de morte”?

[8,1-13] A libertação do homem foi realizada por Cristo não como ato vindo de fora, mas como obra que se realiza a partir de dentro. Cristo se encarnou, trazendo o Espírito de Deus para dentro da própria condição humana, que é dominada pelo egoísmo. Desse modo, o homem pode seguir a Cristo que passou da morte para a ressurreição, passando do egoísmo para a doação de si aos outros. A entrada do Espírito de Deus no homem, mediante Cristo, determina uma renovação pela qual o homem sente, pensa e age conforme a vontade de Deus. Em lugar da lei dos instintos egoístas, surge a “lei do Espírito que dá a vida”. Trata-se de um novo dinamismo interior que, com a própria força de Deus, liberta o homem da tirânica “lei do pecado e da morte”. Em lugar do pecado ou egoísmo, que determina o ser e ação do homem, existe agora o Espírito ou Amor; em lugar da morte, existe a vida. A unidade entre querer o bem e realizá-lo é recomposta. A situação desesperadora do homem é superada. Com isso, as relações sociais podem ser refeitas e a estrutura social injusta e opressora pode ser superada.

[14-17] Contrapondo-se ao egoísmo, a ação do Espírito cria um novo tipo de relacionamento dos homens entre si e com Deus: a relação de família. Agora podemos chamar Deus de Pai, pois somos seus filhos. E isso é a base para as relações sociais recompostas: o clima de família se alastra, porque todos são irmãos. A herança prometida por Deus aos “que são guiados pelo Espírito” consiste em participar do Reino. Mas isso implica a seriedade de um testemunho, como o de Jesus Cristo.

[18-27] A luta contra o egoísmo é possível para aqueles que entraram no âmbito do Espírito. Essa luta não terminou, mas está em contínuo processo: vivemos na esperança de conseguir a vitória final. Esse anseio é universal e se expressa nos clamores da natureza e do homem. A natureza espera ser libertada do uso egoísta, para ser partilhada e colocada a serviço de todos. Os homens esperam ser libertos de toda exploração e opressão que escravizam seus corpos, a fim de sempre mais se projetarem gratuitamente a serviço dos irmãos. Entretanto, a salvação plena é uma realidade futura e inimaginável. Cegos pelo sistema egoísta, muitas vezes não conseguimos enxergar o caminho. É o clamor do Espírito que nos dirige, então, orientando-nos conforme a vontade de Deus.

[28-30] O projeto eterno de Deus é predestinar, chamar, tornar justo e glorificar a cada um e a todos os homens, fazendo com que todos se tornem imagem do seu Filho e se reúnam como a grande família de Deus. O projeto não exclui ninguém. Mas o homem é livre: pode aceitar ou recusar tal projeto, pode

escolher a vida ou a morte, salvar-se ou condenar-se.

[31-39] Com o amor de Deus, manifestado em seu Filho, nada mais temos a temer: nem dificuldades, nem perseguições, nem martírio, nem qualquer forma de dominação. Nada poderá desfazer o que Deus já realizou. Nada poderá impedir o testemunho dos cristãos. E nada poderá opor-se à plena realização do projeto de Deus.

[9,1-5] Nos capítulos 9-11, Paulo analisa a situação do povo de Israel, procurando responder à difícil questão: “Não é uma contradição o fato de que o próprio povo escolhido, portador da história da salvação, tenha rejeitado Jesus e se tenha excluído da salvação?” Esse problema escandalizava judeus e pagãos e comprometia o êxito do Evangelho.

[6-13] Os privilégios ou promessas de Deus a Israel não falharam. O verdadeiro Israel, herdeiro das promessas, não são os filhos carnis de Abraão, mas aqueles que têm fé, como ele teve. Além disso, Deus escolhe quem ele quer para colocar a seu serviço, a fim de assegurar a realização do seu projeto na história.

[14-29] Neste texto não devemos procurar uma doutrina fatalista sobre a predestinação. Paulo apenas salienta os imprevisíveis chamados de Deus, que age soberanamente, escolhendo homens e povos como instrumentos do seu projeto. Ao escolher, Deus é soberanamente livre; não é obrigado nem a ter misericórdia nem a punir. Isso não quer dizer que Deus seja injusto. Um vaso reclama contra o oleiro? Pode o homem pedir contas a Deus? Os profetas anunciaram tanto a salvação dos pagãos como a eleição de Israel.

[9,30-10,4] Ao procurar a salvação numa lei, os judeus esbarraram num beco sem saída: não foram capazes de observar, nem de compreender que a finalidade e realização dessa lei era Jesus Cristo. Os pagãos, sem o instrumento da Lei, passaram direto para a fé em Jesus Cristo; é ele a finalidade e realização da Lei: é ele o único apoio seguro para se atingir a salvação.

[10,5-13] Não é preciso fazer grandes esforços (subir ao céu ou descer aos abismos) para conhecer a vontade de Deus, porque Deus veio ao nosso encontro em Jesus Cristo. O Evangelho da salvação é acessível a todos sem distinção, e está pronto para ser acolhido, a fim de libertar o homem e conduzi-lo para uma vida nova. Seu conteúdo fundamental é este: Jesus é o Senhor da vida, porque Deus o ressuscitou dos mortos. E esse anúncio supõe apenas que o homem acredite em Jesus, dê sua adesão a ele e o testemunhe na vida prática.

[14-21] Deus preparou tudo o que podia para conduzir Israel à salvação. Faltou apenas o último elo da corrente, justamente aquele que dependia da disposição de Israel: a fé. Esse povo, preparado para o encontro com Deus, não compreendeu sua palavra. Deus, então, foi encontrado por aqueles que não o procuravam, os pagãos.

[11,1-10] Ao contrário do que se poderia crer, Deus não rejeitou Israel. Assim como um “resto” permaneceu fiel no tempo de Elias, agora também há israelitas que acreditam no Evangelho, garantindo desse modo a continuidade do projeto de Deus na história.

[11-15] Mal acolhido por grande parte de Israel, o Evangelho pode ser anunciado aos pagãos, e assim a Igreja se liberta do regime judaico. Esse fato deveria provocar o ciúme de Israel e chamar a sua atenção para Cristo. Paulo espera e entrevê a conversão de Israel como uma ressurreição.

[16-24] Os pagãos convertidos seriam tentados a desprezar os judeus. Paulo, então, lembra que o cristianismo nasceu do povo judaico e que os pagãos convertidos são como enxerto no povo de Deus. E ainda mostra, pela mesma comparação, que os judeus podem aderir ao Evangelho e produzir frutos com maior facilidade, pois pertencem à raiz original. Por outro lado, também os pagãos convertidos correm o perigo de perder a fé e ser cortados do tronco onde foram enxertados.

[25-32] O povo de Israel não foi rejeitado para sempre, porque Deus não volta atrás em sua escolha. O futuro da salvação permanece aberto ao povo da promessa. Através de uma história misteriosa, o Senhor continua a guiá-lo, para mostrar a todos que ele salva porque ama, pois a sua misericórdia é dirigida a todos.

[33-36] Contemplando o final da história, quando a humanidade toda se reúne, salva por Deus, Paulo tem exclamações de admiração e de adoração.

[12,1-2] A vida cristã é resposta à misericórdia de Deus e abrange toda a existência concreta do homem, representada pelo *corpo* como centro de vida e ação e de relação com Deus, com os homens e com o mundo. Cada cristão oferece a si mesmo, sendo ele próprio o sacerdote e o sacrifício vivo. Tal sacerdócio é exercido de modo prático através do não-conformismo, que critica as estruturas corrompidas pela injustiça, e através de discernimento novo, que sabe distinguir a vontade de Deus que leva à justiça e à vida.

[3-8] A vida na comunidade cristã tem como exigência básica o abandono da

pretensão de ser o maior ou o mais importante, para colocar-se com simplicidade a serviço dos outros. Todos precisam de cada um, e cada um precisa de todos. A graça que Deus concede a cada um é o próprio modo de ser de cada pessoa. E esse modo de ser, que é iluminado pela fé, se coloca à disposição das necessidades dos outros, a fim de que todos possam crescer, mediante a contribuição de cada um (cf. nota em 1Cor 12,12-31).

[9-21] Paulo expõe as linhas-mestras do comportamento cristão, principalmente no que se refere à vida comunitária. A vida cristã deve ser inteiramente penetrada de sincero amor fraterno que, sem fraquezas ou simulações, enfrente todas as situações, sem excluir ninguém, nem os inimigos. Os vv. 9-13.15-16 se referem ao amor entre os irmãos da comunidade; os vv. 14.17-21 falam do amor para com os que não pertencem à comunidade.

[13,1-7] Paulo escreve a uma comunidade perseguida pelo poder político, tentada por isso a negar radicalmente a função da autoridade política. O que Paulo diz não deve ser tomado como legitimação de qualquer autoridade política ou forma de sociedade; ele apenas mostra o *fundamento*, a *função* e, ao mesmo tempo, o *limite* de uma autoridade política. A autoridade, por direito, só pertence à natureza de Deus. Só ele é Senhor e juiz absoluto sobre os homens. A autoridade política encontra seu *fundamento* numa participação funcional na autoridade de Deus, em vista do bem comum. Sua *função* é servir ao povo, promovendo a justiça, zelando pelo direito e impedindo os abusos. Seus *limites* dependem do seu próprio fundamento e função: a autoridade não pode usurpar o lugar de Deus, pretendendo-se absoluta ou divina; nem pode servir a si mesma, oprimindo e explorando o povo.

[8-10] Na vida cristã a única tarefa que não tem limites é o amor, pois ele não só resume tudo o que deve ser feito, mas é também o espírito com que tudo deve ser feito. Como nos evangelhos, Paulo também vê o amor como a expressão perfeita de toda a Lei.

[11-14] Libertado do egoísmo que corrompe a pessoa e a sociedade, o cristão já vive a madrugada de um tempo novo. A vinda de Jesus Cristo dissipa a longa noite da injustiça e do pecado. O cristão deve acordar, preparado para viver e testemunhar o dia da libertação inaugurado por Jesus.

[14,1-9] A comunidade cristã, que verdadeiramente possui objetivo e procura realizá-lo com convicção, não se perde em questões secundárias; estas podem provocar desunião e dispersar as forças necessárias para se atingir a meta

proposta. E o principal na vida cristã é viver para Deus, dando testemunho de Jesus Cristo. Nas coisas secundárias, cada um deve agir segundo a sua própria convicção.

[10-14] O julgamento humano é parcial e corre sempre o risco de ser injusto. Só Deus pode julgar objetivamente, porque só ele conhece o íntimo do homem e seus atos. Diante de Deus, cada um deverá responder por si mesmo. Cada um, portanto, deve aprofundar e esclarecer a própria consciência, vivendo segundo as convicções que tem.

[15-23] Cada um deve viver a fé com autenticidade, seguindo a própria consciência e agindo conforme as próprias convicções. O cristão, porém, está inserido no contexto maior da convivência fraterna, onde o amor preside a todos os relacionamentos e impede que um irmão seja motivo de escândalo ou ofensa para o outro. Até as coisas mais lícitas devem ser deixadas de lado, quando entra em jogo o crescimento mútuo em vista do Reino de Deus, Reino que é “justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (cf. nota em 1Cor 10,23-11,1).

[15,1-6] Os cristãos mais conscientes não devem usar sua força e prestígio para impor aos outros a própria opinião e conseguir poderes sobre a comunidade. Não foi esse o modo de proceder de Jesus Cristo, que veio para servir e dar a vida. O respeito e o bem do outro são o maior sinal do cristão consciente.

[7-13] O acolhimento mútuo no amor é o caminho para que as mentalidades diferentes não quebrem a união da comunidade. Assim fez Cristo, que acolheu judeus e pagãos num só povo. Além disso, a comunidade não deve julgar que o fato de pertencer ao povo de Deus seja privilégio que a separa dos outros; antes, é fonte de responsabilidade, pois a vocação da comunidade é acolher todos como irmãos, testemunhando assim o projeto divino de reunir todos os homens.

[14-21] Paulo fala de seu ministério em termos de sacerdócio. Não um sacerdócio que se realiza sobre o altar, e sim através da evangelização, que reúne os homens na fé e na solidariedade com o mistério da morte e ressurreição de Cristo.

[22-33] A comunidade de Jerusalém era formada por cristãos provenientes do judaísmo. Para Paulo, a coleta material feita pelos pagãos em favor dessa comunidade pobre é sinal visível da unidade da Igreja que reúne, ao mesmo tempo, cristãos vindos do judaísmo e cristãos vindos do paganismo. Além disso, a coleta é resposta à obrigação assumida anteriormente (cf. Gl 2,10; notas em 2Cor 8-9).

[16,1-24] As igrejas estão unidas entre si, não por laços jurídicos, mas pelas relações entre pessoas que partilham a mesma fé. Há nomes gregos, romanos e judaicos, e até se percebem diferenças de condição social. Desse modo, a lista testemunha a diversidade interna das pessoas reunidas na comunidade cristã de Roma. Ao mesmo tempo, pode-se perceber a diversidade de trabalhos e funções que mantêm viva a comunidade. Note-se a menção de Febe, mulher que é diaconisa.

[25-27] O louvor exprime a alegria da Igreja que já vive o tempo em que se realiza o mistério da salvação (cf. nota em Ef 3,1-13).

PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS

COMO SUPERAR OS CONFLITOS NA COMUNIDADE

Introdução

Corinto era uma rica cidade comercial, com mais de 500.000 habitantes, na maioria escravos. Nesse porto marítimo se acotovelava gente de todas as raças e religiões à procura de vida fácil e luxuosa, criando ambiente de imoralidade e ganância. A riqueza escandalosa de uma minoria estava ao lado da miséria de muitos. Surgiu, inclusive, uma expressão: “Viver à moda de Corinto”, que significava viver no luxo e na orgia.

Paulo, entre os anos 50 e 52, permaneceu aí durante dezoito meses (At 18,1-18) e fundou uma comunidade cristã formada por pessoas da camada mais modesta da população (1Cor 1,26-28).

A primeira carta aos Coríntios foi escrita em Éfeso, provavelmente no ano 56. A comunidade já estava reproduzindo, de certa maneira, o ambiente vivido na cidade toda. Ela também estava dividida: os grupos brigavam entre si, cada um se apoiando na autoridade de algum pregador do Evangelho. Por isso, o primeiro objetivo de Paulo na carta é restabelecer a unidade, advertindo que o único líder é Cristo, e este não está dividido. Paulo aproveita da situação para traçar um retrato do verdadeiro agente de pastoral (1Cor 1-4). Depois, passa a denunciar os escândalos que pervadem a comunidade: incesto, julgamento em tribunais pagãos e a imoralidade, e vai elaborando uma teologia do corpo: este é o templo do Espírito Santo (1Cor 5-6).

*Em seguida, responde a diversas perguntas formuladas pelos coríntios. Na primeira série, procura orientar os cristãos sobre os **estados de vida** (1Cor 7): matrimônio ou celibato? divórcio ou indissolubilidade? o que pensar da virgindade? como devem comportar-se os noivos? as viúvas podem se casar de novo? Em tudo isso, onde está a originalidade cristã? Ao responder sobre a questão da carne sacrificada aos ídolos (1Cor 8-10), ele coloca o fundamento da verdadeira liberdade cristã: o respeito aos outros.*

A carta também apresenta normas para que haja ordem e autêntico culto cristão nas assembleias litúrgicas (1Cor 11-14): entra na debatida questão do véu das mulheres; denuncia as diferenças de classe nas celebrações eucarísticas, e aí é taxativo: Eucaristia sem amor fraterno é impossível. Salienta

igualmente que os carismas que fervilham na comunidade só têm sentido quando estão a serviço dos irmãos e se estão subordinados ao dom maior, que é o amor.

Por fim (1Cor 15), citando exemplos da natureza e da ressurreição de Cristo, demonstra que a ressurreição dos corpos é inquestionável: o cerne da fé é a certeza de que a vida vence a morte.

PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16**

PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS

Prólogo

1 *Endereço e saudação* — ¹Paulo, apóstolo de Jesus Cristo por vontade e chamado de Deus, e o irmão Sóstenes, ²à igreja de Deus que está em Corinto. Dirigimo-nos àqueles que foram santificados em Jesus Cristo e chamados a ser santos, juntamente com todos os que invocam em todo lugar o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso. ³Graça e paz a vocês da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo. [1,1-3]

Agradecimento — ⁴Sem cessar, agradeço a Deus por causa de vocês, em vista da graça de Deus que lhes foi concedida em Jesus Cristo. ⁵Pois em Jesus é que vocês receberam todas as riquezas, tanto da palavra quanto do conhecimento. ⁶Na verdade, o testemunho de Cristo tornou-se firme em vocês, ⁷a tal ponto que não lhes falta nenhum dom, que esperam a Revelação de nosso Senhor Jesus Cristo. ⁸É ele que também os fortalecerá até o fim, para que vocês não sejam acusados no Dia de nosso Senhor Jesus Cristo. ⁹O Deus que chamou vocês para a comunhão com o seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor, ele é fiel. [4-9]

I. DIVISÕES NA COMUNIDADE

Cristo está dividido? — ¹⁰Eu lhes peço, irmãos: em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, mantenham-se de acordo uns com os outros, para que não haja divisões. Sejam estreitamente unidos no mesmo espírito e no mesmo modo de pensar. ¹¹Meus irmãos, alguns da casa de Cloé me informaram que entre vocês existem brigas. ¹²Eu me explico. É que uns dizem: “Eu sou de Paulo!” E outros: “Eu sou de Apolo!” E outros mais: “Eu sou de Pedro!” Outros ainda: “Eu sou de Cristo!” ¹³Será que Cristo está dividido? Será que Paulo foi crucificado em favor de vocês? Ou será que vocês foram batizados em nome de Paulo? ¹⁴Agradeço a Deus o fato de eu não ter batizado ninguém de vocês, a não ser Crispo e Caio. ¹⁵Portanto, ninguém pode dizer que foi batizado em meu nome. ¹⁶Ah! Sim. Batizei também a família de Estéfanos. Além deles, não me lembro de ter batizado nenhum outro de vocês. [10-16]

Deus subverte os projetos humanos — ¹⁷De fato, Cristo não me enviou para batizar, mas para anunciar o Evangelho, sem recorrer à sabedoria da linguagem, a fim de que não se torne inútil a cruz de Cristo. ¹⁸Pois a linguagem da cruz é loucura para aqueles que se perdem. Mas, para aqueles que se salvam, para nós, é poder de Deus. ¹⁹Pois a Escritura diz: “Destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei a inteligência dos inteligentes.” ²⁰Onde está o sábio? Onde está o homem culto? Onde está o argumentador deste mundo? Por acaso, Deus não tornou louca a sabedoria deste mundo? ²¹De fato, quando Deus mostrou a sua sabedoria, o mundo não reconheceu a Deus através da sabedoria. Por isso, através da loucura que pregamos, Deus quis salvar os que acreditam. ²²Os judeus pedem sinais e os gregos procuram a sabedoria; ²³nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos. ²⁴Mas, para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, ele é o Messias, poder de Deus e sabedoria de Deus. ²⁵A loucura de Deus é mais sábia do que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.

²⁶Portanto, irmãos, vocês que receberam o chamado de Deus, vejam bem quem são vocês: entre vocês não há muitos intelectuais, nem muitos poderosos, nem muitos de alta sociedade. ²⁷Mas Deus escolheu o que é loucura no mundo, para confundir os sábios; e Deus escolheu o que é fraqueza no mundo, para confundir o que é forte. ²⁸E aquilo que o mundo despreza, acha vil e diz que não tem valor,

isso Deus escolheu para destruir o que o mundo pensa que é importante. ²⁹Desse modo, nenhuma criatura pode se orgulhar na presença de Deus. ³⁰Ora, é por iniciativa de Deus que vocês existem em Jesus Cristo, o qual se tornou para nós sabedoria que vem de Deus, justiça, santificação e libertação, ³¹a fim de que, como diz a Escritura: “Aquele que se gloria, que se glorie no Senhor”. [17-31]

2 *A sabedoria de Deus* — ¹Irmãos, eu mesmo, quando fui ao encontro de vocês, não me apresentei com o prestígio da oratória ou da sabedoria, para anunciar-lhes o mistério de Deus. ²Entre vocês, eu não quis saber outra coisa a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado. ³Estive no meio de vocês cheio de fraqueza, receio e tremor; ⁴minha palavra e minha pregação não tinham brilho nem artifícios para seduzir os ouvintes, mas a demonstração residia no poder do Espírito, ⁵para que vocês acreditassem, não por causa da sabedoria dos homens, mas por causa do poder de Deus.

⁶Na realidade, é aos maduros na fé que falamos de uma sabedoria que não foi dada por este mundo, nem pelas autoridades passageiras deste mundo. ⁷Ensinamos uma coisa misteriosa e escondida: a sabedoria de Deus, aquela que ele projetou desde o princípio do mundo para nos levar à sua glória. ⁸Nenhuma autoridade do mundo conheceu tal sabedoria, pois se a tivessem conhecido não teriam crucificado o Senhor da glória. ⁹Mas, como diz a Escritura: “o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu, foi isso que Deus preparou para aqueles que o amam.” Deus, porém, o revelou a nós pelo Espírito.

¹⁰Pois o Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as profundidades de Deus. ¹¹Quem conhece a fundo a vida íntima do homem é o espírito do homem que está dentro dele. Da mesma forma, só o Espírito de Deus conhece o que está em Deus. ¹²Quanto a nós, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus, para conhecermos os dons da graça de Deus.

¹³Para falar desses dons, não usamos a linguagem ensinada pela sabedoria humana, mas a linguagem que o Espírito ensina, falando de realidades espirituais em termos espirituais. ¹⁴Fechado em si mesmo, o homem não aceita o que vem do Espírito de Deus. É uma loucura para ele, e não pode compreender, porque são coisas que devem ser avaliadas espiritualmente. ¹⁵Ao contrário, o homem espiritual julga a respeito de tudo, e por ninguém é julgado. ¹⁶Pois, quem conhece o pensamento do Senhor para lhe dar lições? Nós, porém, temos o

pensamento de Cristo. [2,1-16]

3 Imaturidade na fé — ¹Quanto a mim, irmãos, não pude falar a vocês como a homens maduros na fé, mas apenas a uma gente fraca, como a crianças em Cristo. ²Dei leite para vocês beberem, não alimento sólido, pois vocês não o podiam suportar. Nem mesmo agora o podem, ³pois ainda se deixam levar por instintos egoístas. De fato, se entre vocês há invejas e brigas, não será pelo fato de serem guiados por instintos egoístas e por se comportarem como qualquer um? ⁴Quando alguém declara: “Eu sou de Paulo”, e outro diz: “Eu sou de Apolo”, não estarão vocês se comportando como qualquer um? [3,1-4]

Retrato do agente de pastoral — ⁵Quem é Apolo? Quem é Paulo? Apenas servidores, através dos quais vocês foram levados à fé; cada um deles agiu conforme os dons que o Senhor lhe concedeu. ⁶Eu plantei, Apolo regou, mas era Deus que fazia crescer. ⁷Assim, aquele que planta não é nada, e aquele que rega também não é nada: só Deus é que conta, pois é ele quem faz crescer. ⁸Aquele que planta e aquele que rega são iguais; e cada um vai receber o seu próprio salário, segundo a medida do seu trabalho. ⁹Nós trabalhamos juntos na obra de Deus, mas o campo e a construção de Deus são vocês.

¹⁰Eu, como bom arquiteto, lancei os alicerces conforme o dom que Deus me concedeu; outro constrói por cima do alicerce. Mas cada um veja como constrói! ¹¹Ninguém pode colocar um alicerce diferente daquele que já foi posto: Jesus Cristo. ¹²Se alguém constrói sobre o alicerce com ouro, prata, pedras preciosas, madeira, capim ou palha, ¹³a obra de cada um ficará em evidência. No dia do julgamento, a obra ficará conhecida, pois o julgamento vai ser através do fogo, e o fogo provará o que vale a obra de cada um. ¹⁴Se a obra construída sobre o alicerce resistir, o operário receberá uma recompensa. ¹⁵Aquele, porém, que tiver sua obra queimada, perderá a recompensa. Entretanto, o operário se salvará, mas como alguém que escapa de incêndio.

¹⁶Vocês não sabem que são templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês? ¹⁷Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá. Pois o templo de Deus é santo, e esse templo são vocês. [5-17]

Vocês são de Cristo — ¹⁸Ninguém se iluda. Se alguém de vocês pensa que é sábio segundo os critérios deste mundo, torne-se louco para chegar a ser sábio; ¹⁹pois a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus. De fato, a Escritura diz: “Deus apanha os sábios na própria esperteza deles.” ²⁰E ainda: “O Senhor

conhece os pensamentos dos sábios, e ele sabe que são um sopro.” ²¹Portanto, ninguém coloque seu orgulho nos homens, pois tudo pertence a vocês: ²²Paulo, Apolo, Pedro, o mundo, a vida, a morte, as coisas presentes e as futuras. Tudo é de vocês; ²³mas vocês são de Cristo e Cristo é de Deus. [18-23]

4 *Só Deus pode julgar* — ¹Que os homens nos considerem como servidores de Cristo e administradores dos mistérios de Deus. ²Ora, o que se espera dos administradores é que eles sejam dignos de confiança. ³Quanto a mim, pouco me importa ser julgado por vocês ou por qualquer tribunal humano. Nem eu julgo a mim mesmo. ⁴É verdade que a minha consciência de nada me acusa, mas isso não significa que eu seja inocente: quem me julga é o Senhor. ⁵Por isso, não julguem nada antes do tempo; esperem que chegue o Senhor. Ele porá às claras tudo o que se esconde nas trevas, e manifestará as intenções dos corações. Então, cada um vai receber de Deus o louvor que lhe corresponde. [4,1-5]

Cristãos acomodados e apóstolos perseguidos — ⁶Irmãos, vocês me obrigaram a aplicar essas verdades a Apolo e a mim. Aprendam nessa oportunidade a não se sentirem superiores por serem partidários de um contra o outro. ⁷Vejam: em que voce é mais do que os outros? O que é que você possui que não tenha recebido? ⁸Vocês já estão ricos e satisfeitos e se sentem reis sem nós! Tomara mesmo que se tivessem tornado reis; assim nós também poderíamos reinar com vocês!

⁹Pelo que vejo, Deus reservou o último lugar para nós que somos apóstolos, como se estivéssemos condenados à morte, porque nos tornamos espetáculo para o mundo, para os anjos e para os homens! ¹⁰Nós somos loucos por causa de Cristo; e vocês, como são prudentes em Cristo! Nós somos fracos, vocês são fortes! Vocês são bem considerados, nós somos desprezados! ¹¹Até agora passamos fome, sede, frio e maus tratos; não temos lugar certo para morar; ¹²e nos esgotamos, trabalhando com nossas próprias mãos. Somos amaldiçoados, e abençoamos; perseguidos, e suportamos; ¹³caluniados, e consolamos. Até hoje somos considerados como o lixo do mundo, o esterco do universo. [6-13]

Testemunho que educa — ¹⁴Não escrevo essas coisas para envergonhar vocês, mas para chamá-los à atenção, como se faz com filhos queridos. ¹⁵De fato, ainda que vocês tivessem dez mil pedagogos em Cristo, não teriam muitos pais, porque fui eu quem gerou vocês em Jesus Cristo, através do Evangelho. ¹⁶Portanto, eu lhes dou um conselho: sejam meus imitadores. ¹⁷Foi para isso que lhes envie

Timóteo, meu filho amado e fiel no Senhor; ele fará com que vocês se lembrem de minhas normas de vida em Jesus Cristo, aquelas mesmas que eu ensino por toda parte, em todas as igrejas.

¹⁸Alguns se encheram de orgulho, como se eu não fosse mais visitá-los.

¹⁹Contudo, se o Senhor quiser, irei logo, e então verei não o que esses orgulhosos dizem, mas o que fazem. ²⁰Pois o Reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder. ²¹O que vocês preferem: que eu os visite com vara, ou com amor e suavidade? [\[14-21\]](#)

II. ESCÂNDALOS CONTRA O TESTEMUNHO

5 *1. Incesto* — ¹Todos dizem que entre vocês existe imoralidade, e tal imoralidade que não se encontra nem mesmo entre os pagãos, a ponto de uma pessoa conviver com a mulher do seu pai. ²E vocês se enchem de orgulho, ao invés de ficarem tristes, para que o autor desse mal seja eliminado do meio de vocês. ³Pois bem! Ausente de corpo, mas presente de espírito, como se estivesse presente, eu já fiz o julgamento daquele que fez isso. ⁴Em nome de nosso Senhor Jesus, vocês e o meu espírito reunidos em assembleia com o poder de nosso Senhor Jesus, ⁵vamos entregar esse homem a Satanás; humanamente ele ficará arrasado, mas o seu espírito será salvo no dia do Senhor.

⁶O motivo do orgulho que vocês têm não é coisa digna! Vocês não sabem que um pouco de fermento leveda a massa toda? ⁷Purifiquem-se do velho fermento, para serem massa nova, já que vocês são sem fermento. De fato, Cristo, nossa páscoa, foi imolado. ⁸Portanto, celebremos a festa, não com o velho fermento, nem com fermento de malícia e perversidade, mas com pães sem fermento, isto é, na sinceridade e na verdade.

⁹Em minha carta, escrevi para vocês não se relacionarem com gente imoral. ¹⁰Não quis dizer que vocês devem separar-se dos imorais deste mundo, ou dos avaros, ladrões e idólatras; se assim fosse vocês teriam que sair deste mundo! ¹¹Não! Escrevi que vocês não devem associar-se com alguém que traz o nome de irmão, e no entanto é imoral, avaro, idólatra, caluniador, bebedor ou ladrão. Com pessoas assim, vocês não devem nem sentar-se à mesa. ¹²Por acaso, compete a mim julgar aqueles que estão fora? Não são os de dentro que vocês devem julgar? ¹³Deus é quem vai julgar os que estão fora. Afastem do meio de vocês o homem mau. [5,1-13]

6 *2. Julgamento em tribunais pagãos* — ¹Quando alguém de vocês tem uma questão com outro, como ousam levar o caso para ser julgado pelos pagãos e não pelos membros da comunidade? ²Então vocês não sabem que os cristãos é que vão julgar o mundo? E se é por vocês que o mundo vai ser julgado, seriam vocês indignos de julgar coisas menos importantes? ³Vocês não sabem que nós haveremos de julgar os anjos? Quanto mais as coisas da vida cotidiana! ⁴No entanto, quando vocês têm processos desta vida para serem julgados, vocês tomam como juízes pessoas que não têm autoridade na Igreja. ⁵Digo isso para

que vocês se envergonhem. Será que entre vocês não existe ninguém suficientemente sábio para servir de juiz entre os irmãos? ⁶No entanto, um irmão é intimado em juízo por outro irmão, e isso diante de infiéis! ⁷Só o fato de existirem questões entre vocês já mostra que vocês falharam completamente. Não seria melhor sofrer uma injustiça? Não seria melhor ser roubado? ⁸Ao contrário, são vocês que roubam e cometem injustiça; e isso com os próprios irmãos!

⁹Vocês não sabem que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não se iludam! Nem os imorais, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os depravados, ¹⁰nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os caluniadores irão herdar o Reino de Deus. ¹¹Alguns de vocês eram assim. Mas vocês se lavaram, foram santificados e reabilitados pelo nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito do nosso Deus. [6,1-11]

3. A imoralidade — ¹²“Posso fazer tudo o que quero.” Sim, mas nem tudo me convém. “Posso fazer tudo o que quero”, mas não deixarei que nada me escravize. ¹³“Os alimentos são para o estômago e o estômago para os alimentos.” Sim, mas Deus destruirá os dois. Ora, o corpo não é para a imoralidade e sim para o Senhor; e o Senhor é para o corpo. ¹⁴Deus, que ressuscitou o Senhor, ressuscitará também a nós pelo seu poder.

¹⁵Vocês não sabem que seus corpos são membros de Cristo? Tomarei, então, os membros de Cristo para fazê-los membros de uma prostituta? Claro que não! ¹⁶E vocês não sabem que aquele que se une a uma prostituta forma com ela um só corpo? Pois assim está na Escritura: “Os dois serão uma só carne.” ¹⁷Ao contrário, aquele que se une ao Senhor, forma com ele um só espírito.

¹⁸Fujam da imoralidade. Qualquer outro pecado que o homem comete, é exterior ao seu corpo; mas quem se entrega à imoralidade peca contra o seu próprio corpo. ¹⁹Ou vocês não sabem que o seu corpo é templo do Espírito Santo, que está em vocês e lhes foi dado por Deus? Vocês já não pertencem a si mesmos. ²⁰Alguém pagou alto preço pelo resgate de vocês. Portanto, glorifiquem a Deus no corpo de vocês. [12-20]

III. RESPOSTA PARA DIVERSOS PROBLEMAS

1. Estados de vida

7 *Matrimônio ou celibato?*— ¹ Passemos agora ao que vocês escreveram: “É bom que o homem se abstenha de mulher.” ² Todavia, para evitar a imoralidade, cada homem tenha a sua esposa, e cada mulher o seu marido. ³ O marido cumpra o dever conjugal para com a esposa, e a esposa faça o mesmo com o marido. ⁴ A esposa não é dona do seu próprio corpo, e sim o marido. Do mesmo modo, o marido não é dono do seu próprio corpo, e sim a esposa. ⁵ Não se recusem um ao outro, a não ser que estejam de comum acordo e por algum tempo, para se entregarem à oração; depois disso, voltem a unir-se, a fim de que Satanás não os tente por não poderem dominar-se. ⁶ Digo isso como concessão, e não como ordem. ⁷ Eu gostaria que todos os homens fossem como eu. Mas cada um recebe de Deus o seu dom particular; um tem este dom, e outro tem aquele.

⁸ Aos solteiros e às viúvas, digo que seria melhor que ficassem como eu. ⁹ Mas, se não são capazes de dominar seus desejos, então se casem, pois é melhor casar-se do que ficar fervendo.

¹⁰ Aos que estão casados, tenho uma ordem. Aliás, não eu, mas o Senhor: a esposa não se separe do marido; ¹¹ e caso venha a separar-se, não se case de novo, ou então se reconcilie com o marido. E o marido não se divorcie de sua esposa. [7,1-11]

Viver unido ou separar-se? — ¹² Aos outros, sou eu que digo, não o Senhor: Se algum irmão tem esposa que não é cristã, e ela concorda em viverem juntos, não se divorcie dela. ¹³ E se alguma mulher tem marido que não é cristão, e ele concorda em viverem juntos, não se divorcie dele. ¹⁴ Pois o marido não cristão é santificado pela esposa cristã; e a esposa não cristã é santificada pelo marido cristão. Se assim não fosse, seus filhos seriam impuros, quando na realidade são consagrados a Deus. ¹⁵ Se o não cristão quiser separar-se, que se separe. Nesse caso, o irmão ou irmã não estão vinculados, pois foi para viver em paz que Deus nos chamou. ¹⁶ Na verdade, ó mulher, como pode você ter certeza de que salvará o seu marido? E você, marido, como pode saber que salvará a sua mulher? [12-16]

Qual a novidade de ser cristão? — ¹⁷ De resto, cada um continue vivendo na condição em que o Senhor o colocou, tal como vivia quando foi chamado. É o

que ordeno em todas as igrejas. ¹⁸Alguém foi chamado à fé quando já era circuncidado? Não procure disfarçar a sua circuncisão. Alguém não era circuncidado quando foi chamado à fé? Não se faça circuncidar. ¹⁹Não tem nenhuma importância estar ou não estar circuncidado. O que importa é observar os mandamentos de Deus. ²⁰Cada um permaneça na condição em que se encontrava quando foi chamado. ²¹Você era escravo quando foi chamado? Não se preocupe com isso. Mas, se você pode se tornar livre, não deixe passar a oportunidade. ²²Porque o escravo, que foi chamado no Senhor, é liberto no Senhor. Da mesma forma, aquele que era livre quando foi chamado é escravo de Cristo. ²³Alguém pagou alto preço pelo resgate de vocês: não se tornem escravos de homens. ²⁴Irmãos, cada um permaneça diante de Deus na condição em que se encontrava quando foi chamado. [17-24]

E a virgindade? — ²⁵Quanto às pessoas virgens, não tenho nenhum preceito do Senhor. Porém, como homem que pela misericórdia do Senhor é digno de confiança, dou apenas um conselho: ²⁶considero boa a condição das pessoas virgens, por causa das angústias presentes. Claro, é bom que o homem continue assim. ²⁷Você está ligado a uma mulher? Não se separe. Você não está ligado a uma mulher? Não procure mulher. ²⁸Contudo, se você se casar, não estará cometendo pecado; e se uma virgem se casar, não estará cometendo pecado. No entanto, essas pessoas terão que suportar fardos pesados, e eu desejaria poupar vocês.

²⁹Uma coisa eu digo a vocês, irmãos: o tempo se tornou breve. De agora em diante, aqueles que têm esposa, comportem-se como se não a tivessem; ³⁰aqueles que choram, como se não chorassem; aqueles que se alegram, como se não se alegrassem; aqueles que compram, como se não possuíssem; ³¹os que tiram partido deste mundo, como se não desfrutassem. Porque a aparência deste mundo é passageira.

³²Eu gostaria que vocês estivessem livres de preocupações. Quem não tem esposa, cuida das coisas do Senhor e do modo de agradar ao Senhor. ³³Quem tem esposa, cuida das coisas do mundo e de como agradar à esposa, ³⁴e fica dividido. Assim também, a mulher solteira e a virgem cuidam das coisas do Senhor, a fim de serem santas de corpo e espírito. Mas a mulher casada cuida das coisas do mundo e de como possa agradar ao marido. ³⁵Digo isso para o bem de vocês, não para armar uma cilada; somente para que vocês façam o que é

mais nobre e possam permanecer sem distração junto ao Senhor. [25-35]

Como decidir? — ³⁶Se alguém, transbordando de paixão, acha que não conseguirá respeitar a noiva, e que as coisas devem seguir o seu curso, faça o que quiser. Não peca; que se case. ³⁷Ao contrário, se alguém, por firme convicção, sem constrangimento e no pleno uso de sua vontade, resolve respeitar a sua noiva, está agindo bem. ³⁸Portanto, quem se casa com sua noiva faz bem; e quem não se casa, procede melhor ainda. [36-38]

Viúva pode casar-se de novo? — ³⁹A esposa está ligada ao marido durante todo o tempo em que ele viver. Se o marido morrer, ela ficará livre para casar-se com quem quiser; mas apenas no Senhor. ⁴⁰A meu ver, porém, ela será mais feliz se ficar como está. Penso que eu também possuo o Espírito de Deus. [39-40]

2. As carnes sacrificadas aos ídolos

8 *Só o amor sabe discernir* — ¹Quanto às carnes sacrificadas aos ídolos, “sabemos que todos nós temos conhecimento.” Mas o conhecimento envaidece; é o amor que constrói. ²Quando alguém julga ter alcançado o saber, é porque ainda não sabe onde está o verdadeiro conhecimento. ³Ao contrário, se alguém ama a Deus, é conhecido por Deus. ⁴Portanto, quanto ao consumo de carnes imoladas aos ídolos, “sabemos que um ídolo não é nada no mundo, e não existe outro deus a não ser o Deus único”. ⁵É verdade que existem aqueles que são chamados deuses, tanto no céu como na terra, e neste sentido há muitos deuses e muitos senhores. ⁶Contudo para nós existe um só Deus: o Pai. Dele tudo procede, e para ele é que existimos. E há um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e por meio do qual também nós existimos.

⁷Mas nem todos têm esse conhecimento. Alguns, até há pouco acostumados ao culto dos ídolos, comem a carne dos sacrifícios como se fosse realmente oferecida aos ídolos. E a consciência deles, que é fraca, fica manchada. ⁸Não são os alimentos que nos aproximam de Deus: se deixamos de comer, nada perdemos; e se comemos, nada lucramos. ⁹Cuidem, porém, que a liberdade de vocês não se torne ocasião de queda para os fracos. ¹⁰Você tem consciência esclarecida: mas alguém o vê sentado à mesa num templo de ídolo; será que esse alguém, tendo consciência fraca, não se verá arrastado a comer carne sacrificada aos ídolos? ¹¹Desse modo, por causa do conhecimento que vocês têm, perecerá o fraco, esse irmão pelo qual Cristo morreu. ¹²Se vocês pecam assim contra os próprios irmãos e ferem a consciência deles, que é fraca, é contra Cristo que vocês estão pecando. ¹³Ora, se um alimento for motivo de queda para meu irmão, para sempre eu deixarei de comer carne, a fim de não causar a queda do meu irmão. [8,1-13]

9 *Renunciar por amor* — ¹Por acaso não sou livre? Não sou apóstolo? Não vi Jesus nosso Senhor? E vocês não são obra minha no Senhor? ²Ainda que para outros eu não seja apóstolo, ao menos para vocês eu sou; porque o selo do meu apostolado no Senhor são vocês. ³Essa é a minha resposta para aqueles que me acusam.

⁴Será que não temos direito de comer e beber? ⁵Ou não temos direito de levar conosco nas viagens uma mulher cristã, como fazem os outros apóstolos e os

irmãos do Senhor, e Pedro? ⁶Ou somente eu e Barnabé não temos o direito de ser dispensados de trabalhar? ⁷Alguém vai à guerra alguma vez, com seus próprios recursos? Quem é que planta uma vinha, e não come do seu fruto? Quem apascenta um rebanho, e não se alimenta do leite do rebanho?

⁸Será que estou dizendo isso apenas como considerações humanas? E a Lei, não diz a mesma coisa? ⁹De fato, na Lei de Moisés está escrito: “Não amordace o boi que debulha o grão.” Por acaso, é com os bois que Deus se preocupa? ¹⁰Não será por causa de nós que ele fala assim? Claro que é por causa de nós que isso foi escrito. De fato, aquele que trabalha deve trabalhar com esperança de receber a sua parte. ¹¹Se semeamos bens espirituais em vocês, será muito colher bens materiais de vocês? ¹²Se outros exercem sobre vocês tal direito, por que não o poderíamos nós, e com maior razão? Todavia, não usamos esse direito. Pelo contrário, tudo suportamos para não criar obstáculo ao Evangelho de Cristo. ¹³Vocês não sabem: aqueles que desempenham funções sagradas vivem dos rendimentos do templo? E aqueles que servem ao altar têm parte no que é oferecido sobre o altar? ¹⁴Da mesma forma, o Senhor ordenou que aqueles que anunciam o Evangelho vivam do Evangelho. [9,1-14]

Tornar-se disponível e solidário — ¹⁵Contudo, não tirei vantagem dos meus direitos. E agora não estou escrevendo para reclamar coisa alguma. Antes morrer que... Não! Ninguém me tirará esse título de glória. ¹⁶Anunciar o Evangelho não é título de glória para mim; pelo contrário, é uma necessidade que me foi imposta. Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho! ¹⁷Se eu o anunciasse de própria iniciativa, teria direito a um salário; no entanto, já que o faço por obrigação, desempenho um cargo que me foi confiado. ¹⁸Qual é então o meu salário? É que, pregando o Evangelho, eu o prego gratuitamente, sem usar dos direitos que a pregação do Evangelho me confere.

¹⁹Embora eu seja livre em relação a todos, tornei-me o servo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. ²⁰Com os judeus, comportei-me como judeu, a fim de ganhar os judeus; com os que estão sujeitos à Lei, comportei-me como se estivesse sujeito à Lei — embora eu não esteja sujeito à Lei —, a fim de ganhar aqueles que estão sujeitos à Lei. ²¹Com aqueles que vivem sem a Lei, comportei-me como se vivesse sem a Lei — embora eu não viva sem a lei de Deus, pois estou sob a lei de Cristo —, para ganhar aqueles que vivem sem a Lei. ²²Com os fracos, tornei-me fraco, a fim de ganhar os fracos. Tornei-me tudo

para todos, a fim de salvar alguns a qualquer custo. ²³Tudo isso eu o faço por causa do Evangelho, para me tornar participante dele.

²⁴Vocês não sabem que no estádio todos os atletas correm, mas só um ganha o prêmio? Portanto, corram, para conseguir o prêmio. ²⁵Os atletas se absterem de tudo; eles, para ganhar uma coroa perecível; e nós, para ganharmos uma coroa imperecível. ²⁶Quanto a mim, também eu corro, mas não como quem vai sem rumo. Pratico o pugilato, mas não como quem luta contra o ar. ²⁷Trato com dureza o meu corpo e o submeto, para não acontecer que eu proclame a mensagem aos outros, e eu mesmo venha a ser reprovado. [15-27]

10 *Aprender da história* — ¹Irmãos, não quero que vocês ignorem uma coisa: todos os nossos antepassados estiveram sob a nuvem; todos atravessaram o mar ²e, na nuvem e no mar, todos receberam um batismo que os ligava a Moisés. ³Todos comeram o mesmo alimento espiritual, ⁴e todos beberam a mesma bebida espiritual, pois bebiam de uma rocha espiritual que os acompanhava; e essa rocha era Cristo. ⁵Apesar disso, a maioria deles não agradou a Deus, e caíram mortos no deserto.

⁶Ora, esses fatos aconteceram como exemplo para nós, para que não cobicemos coisas más, como eles cobiçaram. ⁷Não se tornem idólatras, como alguns deles, conforme está na Escritura: “O povo sentou-se para comer e beber; depois se levantaram para se divertir”. ⁸Nem nos entreguemos à imoralidade, como alguns deles se entregaram, de modo que num só dia morreram vinte e três mil. ⁹Não tentemos ao Senhor, como alguns deles tentaram, e morreram vitimados pelas serpentes. ¹⁰Não murmurem, como alguns deles murmuraram, e pereceram em mãos do anjo exterminador.

¹¹Tais coisas aconteceram a eles como exemplo, e foram escritas para nossa instrução, a nós que vivemos no fim dos tempos. ¹²Portanto, aquele que julga estar em pé, tome cuidado para não cair. ¹³Vocês não foram tentados além do que podiam suportar, porque Deus é fiel e não permitirá que sejam tentados acima das forças que vocês têm. Mas, junto com a tentação, ele dará a vocês os meios de sair dela e a força para suportá-la. [10,1-13]

Não pactuar com a idolatria — ¹⁴Por isso, amados, fujam da idolatria. ¹⁵Falo a vocês como a pessoas sensatas; julguem vocês mesmos o que estou dizendo. ¹⁶O cálice da bênção que nós abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos, não é comunhão com o corpo de Cristo? ¹⁷E como há um

único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, pois participamos todos desse único pão. ¹⁸Considerem o povo de Israel: quando comem as vítimas sacrificadas, não estão eles em comunhão com o altar? ¹⁹E o que quero eu dizer com isso? Que a carne sacrificada aos ídolos seja alguma coisa? Ou que os próprios ídolos sejam alguma coisa? ²⁰Não! O que digo é o seguinte: aquilo que os pagãos sacrificam, eles o sacrificam aos demônios, e não a Deus. Ora, eu não quero que vocês entrem em comunhão com os demônios. ²¹Vocês não podem beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios. Não podem participar da mesa do Senhor e da mesa dos demônios. ²²Ou queremos provocar o ciúme do Senhor? Seríamos nós mais fortes do que ele? [14-22]

Liberdade e discernimento cristão — ²³“Tudo é permitido.” Mas nem tudo convém. “Tudo é permitido.” Mas nem tudo edifica. ²⁴Ninguém procure satisfazer aos seus próprios interesses, mas os do próximo. ²⁵Comam de tudo o que se vende no mercado, sem levantar dúvidas por motivo de consciência, ²⁶pois a terra e tudo o que ela contém pertence ao Senhor. ²⁷Se algum pagão convidar e vocês aceitarem o convite, comam de tudo o que lhes for oferecido, sem levantar dúvidas por motivo de consciência. ²⁸Mas se alguém diz a vocês: “Isso é carne sacrificada aos ídolos”, não comam, por causa daquele que os avisou e por motivo de consciência. ²⁹Falo da consciência dele, não de vocês. Por que a minha liberdade deveria ser julgada por outra consciência? ³⁰Se eu como alimento dando graças, por que seria eu censurado por alguma coisa, pela qual dou graças?

³¹Portanto, quer vocês comam, quer bebam, quer façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus. ³²Não se tornem ocasião de escândalo, nem para judeus, nem para gregos, nem para a Igreja de Deus. ³³Façam como eu, que me esforço para agradar a todos em todas as coisas, não procurando os meus interesses pessoais, mas o interesse do maior número de pessoas, a fim de que sejam salvas.

11 — ¹Sejam meus imitadores, como também eu o sou de Cristo. [10,23-11,1]

3. Assembleias litúrgicas

O véu das mulheres — ²Eu elogio vocês, porque em todas as ocasiões se lembram de mim, e porque conservam as tradições conforme eu transmiti. ³Todavia, quero que vocês saibam que a cabeça de todo homem é Cristo, que a cabeça da mulher é o homem, e a cabeça de Cristo é Deus. ⁴Todo homem que reza ou profetiza de cabeça coberta, desonra a sua cabeça. ⁵Mas toda mulher que reza ou profetiza de cabeça descoberta, desonra a sua cabeça; é como se estivesse com a cabeça raspada. ⁶Se a mulher não se cobre com o véu, mande cortar os cabelos. Mas, se é vergonhoso para uma mulher ter os cabelos cortados ou raspados, então cubra a cabeça.

⁷O homem não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e a glória de Deus; mas a mulher é a glória do homem. ⁸Pois o homem não foi tirado da mulher, mas a mulher foi tirada do homem. ⁹E o homem não foi criado para a mulher, mas a mulher foi criada para o homem. ¹⁰Sendo assim, a mulher deve trazer sobre a cabeça o sinal da sua dependência, por causa dos anjos. ¹¹Portanto, diante do Senhor, a mulher é inseparável do homem, e o homem da mulher. ¹²Pois, se a mulher foi tirada do homem, o homem nasce da mulher, e tudo vem de Deus.

¹³Julguem por vocês mesmos: será conveniente que uma mulher reze a Deus sem estar coberta com o véu? ¹⁴A própria natureza ensina que é desonroso para o homem ter cabelos compridos; ¹⁵no entanto, para a mulher é glória ter longa cabeleira, porque os cabelos lhe foram dados como véu. ¹⁶Contudo, se alguém quiser contestar, não temos esse costume, e nem as igrejas de Deus. [\[11,2-16\]](#)

Eucaristia e coerência — ¹⁷Dito isso, não posso elogiar vocês, porque as suas assembleias, em vez de ajudá-los a progredir, os prejudicam. ¹⁸Antes de tudo, ouço dizer que, quando estão reunidos em assembleia, há divisões entre vocês. E, em parte, eu acredito nisso. ¹⁹É preciso mesmo que haja divisões entre vocês, a fim de que se veja quem dentre vocês resiste a essa prova. ²⁰De fato, quando se reúnem, o que vocês fazem não é comer a Ceia do Senhor, ²¹porque cada um se apressa em comer a sua própria ceia. E, enquanto um passa fome, outro fica embriagado. ²²Será que vocês não têm suas casas onde comer e beber? Ou desprezam a Igreja de Deus e querem envergonhar aqueles que nada têm? O que vou dizer para vocês? Devo elogiá-los? Não! Nesse ponto não os elogio.

²³De fato, eu recebi pessoalmente do Senhor aquilo que transmiti para vocês. Na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão ²⁴e, depois de dar graças, o partiu e disse: “Isto é o meu corpo que é para vocês; façam isto em memória de mim.” ²⁵Do mesmo modo, após a Ceia, tomou também o cálice, dizendo: “Este cálice é a Nova Aliança no meu sangue; todas as vezes que vocês beberem dele, façam isso em memória de mim.” ²⁶Portanto, todas as vezes que vocês comem deste pão e bebem deste cálice, estão anunciando a morte do Senhor, até que ele venha.

²⁷Por isso, todo aquele que comer do pão ou beber do cálice do Senhor indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor. ²⁸Portanto, cada um examine a si mesmo antes de comer deste pão e beber deste cálice, ²⁹pois aquele que come e bebe sem discernir o Corpo, come e bebe a própria condenação. ³⁰É por isso que entre vocês há tantos fracos e enfermos, e muitos morreram. ³¹Se nós examinássemos a nós mesmos, não seríamos julgados; ³²mas o Senhor nos corrige por meio de seus julgamentos, para que não sejamos condenados com o mundo.

³³Em resumo, irmãos, quando vocês se reúnem para a Ceia, esperem uns pelos outros. ³⁴Se alguém tem fome, coma em sua casa. Assim vocês não estarão se reunindo para a própria condenação. Quanto ao resto, darei instruções quando aí chegar. [17-34]

12 *Jesus é o Senhor* — ¹Sobre os dons do Espírito, irmãos, não quero que vocês fiquem na ignorância. ²Vocês sabem que, quando eram pagãos, se sentiam irresistivelmente arrastados para os ídolos mudos. ³Por isso, eu declaro a vocês que ninguém, falando sob a ação do Espírito de Deus, jamais poderá dizer: “Maldito Jesus!” E ninguém poderá dizer: “Jesus é o Senhor!” a não ser sob a ação do Espírito Santo. [12,1-3]

A Trindade gera a comunidade — ⁴Existem dons diferentes, mas o Espírito é o mesmo; ⁵diferentes serviços, mas o Senhor é o mesmo; ⁶diferentes modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos.

⁷Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos. ⁸A um, o Espírito dá a palavra de sabedoria; a outro, a palavra de ciência segundo o mesmo Espírito; ⁹a outro, o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; ¹⁰a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o dom de falar

em línguas; a outro ainda, o dom de as interpretar. ¹¹Mas é o único e mesmo Espírito quem realiza tudo isso, distribuindo os seus dons a cada um, conforme ele quer. [4-11]

A comunidade é o Corpo de Cristo — ¹²De fato, o corpo é um só, mas tem muitos membros; e no entanto, apesar de serem muitos, todos os membros do corpo formam um só corpo. Assim acontece também com Cristo. ¹³Pois todos fomos batizados num só Espírito para sermos um só corpo, quer sejamos judeus ou gregos, quer escravos ou livres. E todos bebemos de um só Espírito.

¹⁴O corpo não é feito de um só membro, mas de muitos. ¹⁵Se o pé diz: “Eu não sou mão; logo, não pertenço ao corpo”, nem por isso deixa de fazer parte do corpo. ¹⁶E se o ouvido diz: “Eu não sou olho; logo, não pertenço ao corpo”, nem por isso deixa de fazer parte do corpo. ¹⁷Se o corpo inteiro fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo ele fosse ouvido, onde estaria o olfato? ¹⁸Deus é quem dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade. ¹⁹Se o conjunto fosse um só membro, onde estaria o corpo? ²⁰Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo. ²¹O olho não pode dizer à mão: “Não preciso de você”; e a cabeça não pode dizer aos pés: “Não preciso de vocês.”

²²Os membros do corpo que parecem mais fracos são os mais necessários; ²³e aqueles membros do corpo que parecem menos dignos de honra são os que cercamos de maior honra; e os nossos membros que são menos decentes, nós os tratamos com maior decência; ²⁴os que são decentes não precisam desses cuidados. Deus dispôs o corpo de modo a conceder maior honra ao que é menos nobre, ²⁵a fim de que não haja divisão no corpo, mas os membros tenham igual cuidado uns para com os outros. ²⁶Se um membro sofre, todos os membros participam do seu sofrimento; se um membro é honrado, todos os membros participam de sua alegria.

²⁷Ora, vocês são o corpo de Cristo e são membros dele, cada um no seu lugar. ²⁸Aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres... A seguir vêm os dons dos milagres, das curas, da assistência, da direção e o dom de falar em línguas. ²⁹Por acaso, são todos apóstolos? Todos profetas? Todos mestres? Todos realizam milagres? ³⁰Têm todos o dom de curar? Todos falam línguas? Todos as interpretam? ³¹Aspirem aos dons mais altos. Aliás, vou indicar para vocês um caminho que ultrapassa a todos. [12-31]

13 *Acima de tudo o amor* ¹ Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e dos anjos, se eu não tivesse o amor, seria como sino ruidoso ou como címbalo estridente.

² Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência; ainda que eu tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse o amor, eu não seria nada.

³ Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse o amor, nada disso me adiantaria.

⁴ O amor é paciente, o amor é prestativo; não é invejoso, não se ostenta, não se incha de orgulho.

⁵ Nada faz de inconveniente, não procura seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor.

⁶ Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade.

⁷ Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

⁸ O amor jamais passará.

As profecias desaparecerão, as línguas cessarão, a ciência também desaparecerá.

⁹ Pois o nosso conhecimento é limitado; limitada é também a nossa profecia.

¹⁰ Mas, quando vier a perfeição, desaparecerá o que é limitado.

¹¹ Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança.

Depois que me tornei adulto, deixei o que era próprio de criança.

¹² Agora vemos como em espelho e de maneira confusa; mas depois veremos face a face.

Agora o meu conhecimento é limitado, mas depois conhecerei como sou conhecido.

¹³ Agora, portanto, permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor.

A maior delas, porém, é o amor. [\[13,1-13\]](#)

14 *Carismas e bem comum* — ¹ Procurem o amor. Entretanto, aspirem aos dons do Espírito, principalmente à profecia. ² Pois aquele que fala em línguas não fala aos homens, mas a Deus. Ninguém o entende, pois ele, em

espírito, diz coisas incompreensíveis. ³Mas aquele que profetiza fala aos homens: edifica, exorta, consola. ⁴Aquele que fala em línguas edifica a si mesmo, ao passo que aquele que profetiza edifica a assembleia. ⁵Eu desejo que vocês todos falem em línguas, mas prefiro que profetizem. Aquele que profetiza é maior do que aquele que fala em línguas, a menos que este mesmo as interprete, para que a assembleia seja edificada.

⁶Suponham, irmãos, que eu vá encontrá-los falando em línguas: como serei útil, se minha palavra não levar para vocês nem revelação, nem ciência, nem profecia, nem ensinamento? ⁷O mesmo acontece com os instrumentos musicais, como a flauta ou a cítara: se não produzirem sons distintos, como reconhecer quem toca a flauta ou quem toca a cítara? ⁸E se a trombeta produzir um som confuso, quem se preparará para a guerra? ⁹Assim também vocês: se a sua linguagem não se exprime em palavras inteligíveis, como se poderá compreender o que vocês dizem? Estarão falando ao vento. ¹⁰No mundo existem não sei quantas espécies de linguagem, e não existe nada sem linguagem. ¹¹Ora, se eu não conheço a força da linguagem, serei como estrangeiro para aquele que fala, e aquele que fala será um estrangeiro para mim. ¹²Assim também vocês: já que aspiram aos dons do Espírito, procurem tê-los em abundância para edificarem a Igreja.

¹³Por isso, aquele que fala em línguas deve rezar para que ele mesmo possa interpretá-las. ¹⁴Se rezo em línguas, o meu espírito está em oração, mas a minha inteligência não colhe fruto nenhum. ¹⁵O que fazer então? Rezarei com meu espírito, mas rezarei também com a minha inteligência; cantarei com o meu espírito, mas cantarei também com a minha inteligência. ¹⁶De fato, se é apenas com o seu espírito que você bendiz, como poderá o ouvinte não iniciado dizer “Amém” ao agradecimento que você faz, uma vez que ele não sabe o que você está dizendo? ¹⁷A ação de graças que você faz é sem dúvida valiosa, mas o outro não se edifica. ¹⁸Agradeço a Deus por falar em línguas mais do que todos vocês. ¹⁹Numa assembleia, porém, prefiro dizer cinco palavras com a minha inteligência para instruir também os outros, a dizer dez mil palavras em línguas.

²⁰Irmãos, não sejam como crianças no modo de julgar; sejam crianças quanto à malícia, mas quanto ao modo de julgar sejam adultos. ²¹Está escrito na Lei: “Falarei a este povo por meio de homens de outra língua e por meio de lábios estrangeiros, e mesmo assim eles não me escutarão, diz o Senhor.” ²²Portanto, as línguas são um sinal, não para os que acreditam, mas para os que não acreditam.

A profecia, ao contrário, não é para os incrédulos, mas para os que acreditam. ²³Por exemplo: se a igreja se reunir e todos falarem em línguas, será que os simples ouvintes e os incrédulos que entrarem não vão dizer que vocês estão loucos? ²⁴Ao contrário, se todos profetizarem, o incrédulo ou o simples ouvinte que entrar se sentirá persuadido de seu erro por todos, julgado por todos; ²⁵e os segredos de seu coração serão desvendados; ele se prostrará com o rosto por terra, adorará a Deus e proclamará que Deus está realmente no meio de vocês. [14,1-25]

A ordem nas reuniões — ²⁶Que fazer, então, irmãos? Quando vocês estão reunidos, cada um pode entoar um canto, dar um ensinamento ou revelação, falar em línguas ou interpretá-las. Mas que tudo seja para edificação! ²⁷Se existe alguém que fale em línguas, falem dois ou no máximo três, um após o outro. E que alguém as interprete. ²⁸Se não há intérprete, que o irmão se cale na assembleia; fale a si mesmo e a Deus. ²⁹Quanto aos profetas, que dois ou três falem, e os outros profetas deem o seu parecer. ³⁰Se alguém que está sentado recebe uma revelação, cale-se aquele que está falando. ³¹Vocês todos podem profetizar, mas um por vez, para que todos sejam instruídos e encorajados. ³²Os espíritos dos profetas estão submissos aos profetas. ³³Pois Deus não é um Deus de desordem, mas de paz.

³⁴Que as mulheres fiquem caladas nas assembleias, como se faz em todas as igrejas dos cristãos, pois não lhes é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas, como diz também a Lei. ³⁵Se desejam instruir-se sobre algum ponto, perguntem aos maridos em casa; não é conveniente que a mulher fale nas assembleias. ³⁶Por acaso, a palavra de Deus tem seu ponto de partida em vocês? Ou foram vocês os únicos que a receberam? ³⁷Se alguém julga ser profeta ou inspirado pelo Espírito, reconheça um mandamento do Senhor nas coisas que estou escrevendo para vocês. ³⁸Todavia, se alguém não reconhecer isso, é que também Deus não é reconhecido.

³⁹Portanto, irmãos, aspirem ao dom da profecia e não impeçam que alguém fale em línguas. ⁴⁰Mas que tudo seja feito de modo conveniente e com ordem. [26-40]

4. A ressurreição dos mortos

15 *Cristo ressuscitado, fundamento da nossa fé* — ¹Irmãos, lembro a vocês o Evangelho que lhes anunciei, que vocês receberam e no qual permanecem firmes. ²É pelo Evangelho que vocês serão salvos, contanto que o guardem do modo como eu lhes anunciei; do contrário, vocês terão acreditado em vão. ³Por primeiro, eu lhes transmiti aquilo que eu mesmo recebi, isto é: Cristo morreu por nossos pecados, conforme as Escrituras; ⁴ele foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras; ⁵apareceu a Pedro e depois aos Doze. ⁶Em seguida, apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez; a maioria deles ainda vive, e alguns já morreram. ⁷Depois apareceu a Tiago e, em seguida, a todos os apóstolos. ⁸Em último lugar apareceu a mim, que sou um aborto. ⁹De fato eu sou o menor dos apóstolos e não mereço ser chamado apóstolo, pois persegui a Igreja de Deus. ¹⁰Mas aquilo que sou, eu o devo à graça de Deus; e sua graça dada a mim não foi estéril. Ao contrário: trabalhei mais do que todos eles; não eu, mas a graça de Deus que está comigo. ¹¹Portanto, aí está o que nós pregamos, tanto eu como eles; aí está aquilo no qual vocês acreditaram. [\[15,1-11\]](#)

Se os mortos não ressuscitam... — ¹²Ora, se nós pregamos que Cristo ressuscitou dos mortos, como é que alguns de vocês dizem que não há ressurreição dos mortos? ¹³Se não há ressurreição dos mortos, então Cristo também não ressuscitou; ¹⁴e se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é vazia e também é vazia a fé que vocês têm. ¹⁵Se os mortos não ressuscitam, então somos testemunhas falsas de Deus, pois estamos testemunhando contra Deus, ao dizermos que Deus ressuscitou a Cristo. ¹⁶Pois, se os mortos não ressuscitam, Cristo também não ressuscitou. ¹⁷E se Cristo não ressuscitou, a fé que vocês têm é ilusória e vocês ainda estão nos seus pecados. ¹⁸E desse modo, aqueles que morreram em Cristo estão perdidos. ¹⁹Se a nossa esperança em Cristo é somente para esta vida, nós somos os mais infelizes de todos os homens. [\[12-19\]](#)

Deus será tudo em todos — ²⁰Mas não! Cristo ressuscitou dos mortos como primeiro fruto dos que morreram. ²¹De fato, já que a morte veio através de um homem, também por um homem vem a ressurreição dos mortos. ²²Como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos receberão a vida. ²³Cada um, porém, na sua própria ordem: Cristo como primeiro fruto; depois, aqueles que

pertencem a Cristo, por ocasião da sua vinda. ²⁴A seguir, chegará o fim, quando Cristo entregar o Reino a Deus Pai, depois de ter destruído todo principado, toda autoridade, todo poder. ²⁵Pois é preciso que ele reine, até que tenha posto todos os seus inimigos debaixo dos seus pés. ²⁶O último inimigo a ser destruído será a morte, ²⁷pois Deus tudo colocou debaixo dos pés de Cristo. Mas, quando se diz que tudo lhe será submetido, é claro que se deve excluir Deus, que tudo submeteu a Cristo. ²⁸E quando todas as coisas lhe tiverem sido submetidas, então o próprio Filho se submeterá àquele que tudo lhe submeteu, para que Deus seja tudo em todos. [20-28]

O testemunho é prova da ressurreição — ²⁹Se não fosse assim, o que ganhariam aqueles que se fazem batizar em favor dos mortos? Se os mortos realmente não ressuscitam, por que se fazer batizar em favor deles? ³⁰E nós mesmos, por que nos expomos ao perigo a todo momento? ³¹Diariamente estou correndo perigo de morte, tão certo, irmãos, quanto são vocês a minha glória em Jesus Cristo nosso Senhor. ³²Para mim, de que teria adiantado lutar contra as feras em Éfeso, se eu tivesse apenas interesses humanos? Se os mortos não ressuscitam, comamos e bebamos, pois amanhã morreremos. ³³Não se deixem iludir: as más companhias corrompem os bons costumes. ³⁴Voltem a viver a vida séria e correta; e não pequem. Pois alguns de vocês ignoram tudo a respeito de Deus. Digo isso para que vocês sintam vergonha. [29-34]

Seremos semelhantes a Cristo ressuscitado — ³⁵Todavia, alguém dirá: “Como é que os mortos ressuscitam? Com que corpo voltarão?” ³⁶Insensato! Aquilo que você semeia não volta à vida, a não ser que morra. ³⁷E o que você semeia não é o corpo da futura planta que deve nascer, mas simples grão de trigo ou de qualquer outra espécie. ³⁸A seguir, Deus lhe dá corpo como quer: ele dá a cada uma das sementes o corpo que lhe é próprio. ³⁹Nenhuma carne é igual às outras: a carne dos homens é de um tipo, a dos animais é de outro, e de outro a dos pássaros e de outro ainda a dos peixes. ⁴⁰Há corpos celestes e há corpos terrestres. O brilho dos celestes, porém, é diferente do brilho dos terrestres. ⁴¹Uma coisa é o brilho do sol, outra o brilho da lua, e outra o brilho das estrelas. E até de estrela para estrela há diferença de brilho.

⁴²O mesmo acontece com a ressurreição dos mortos: o corpo é semeado corruptível, mas ressuscita incorruptível; ⁴³é semeado desprezível, mas ressuscita glorioso; é semeado na fraqueza, mas ressuscita cheio de força; ⁴⁴é

semeado corpo animal, mas ressuscita corpo espiritual. Se existe um corpo animal, também existe um corpo espiritual, pois a Escritura diz que ⁴⁵Adão, o primeiro homem, tornou-se um ser vivo, mas o último Adão tornou-se espírito que dá a vida. ⁴⁶Primeiro, não foi feito o corpo espiritual, mas o animal, e depois o espiritual. ⁴⁷O primeiro homem foi tirado da terra e é terrestre; o segundo homem vem do céu. ⁴⁸O homem feito da terra foi o modelo dos homens terrestres; o homem do céu é o modelo dos homens celestes. ⁴⁹E assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim também traremos a imagem do homem celeste. [35-49]

Seremos transformados — ⁵⁰Eu lhes digo, irmãos, que a carne e o sangue não podem receber em herança o Reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorruptibilidade. ⁵¹Vou dar a conhecer a vocês um mistério: nem todos morreremos, mas todos seremos transformados, ⁵²num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final. Sim, a trombeta tocará e os mortos ressurgirão incorruptíveis; e nós seremos transformados. ⁵³De fato, é necessário que este ser corruptível seja revestido da incorruptibilidade, e que este ser mortal seja revestido da imortalidade. [50-53]

O triunfo da vida — ⁵⁴Portanto, quando este ser corruptível for revestido da incorruptibilidade e este ser mortal for revestido da imortalidade, então se cumprirá a palavra da Escritura: “A morte foi engolida pela vitória. ⁵⁵Morte, onde está a sua vitória? Morte, onde está o seu ferrão?” ⁵⁶O ferrão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei.

⁵⁷Graças sejam dadas a Deus, que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. ⁵⁸Assim, queridos irmãos, sejam firmes, inabaláveis; façam continuamente progressos na obra do Senhor, sabendo que a fadiga de vocês não é inútil no Senhor. [54-58]

CONCLUSÃO

16 *Solidariedade entre as igrejas* — ¹Quanto à coleta em favor dos ir-mãos, façam como eu ordenei às igrejas da Galácia. ²Todo primeiro dia da semana, cada um coloque de lado aquilo que conseguiu economizar; desse modo, vocês não precisarão esperar que eu chegue para fazer a coleta. ³Quando eu chegar, mandarei com uma carta minha aqueles que vocês tiverem escolhido para levar suas ofertas a Jerusalém. ⁴Se for conveniente que eu mesmo vá, eles farão a viagem comigo. [16,1-4]

Projetos e notícias — ⁵Irei até vocês depois de passar pela Macedônia, pois pretendo apenas atravessar a Macedônia. ⁶Mas talvez eu fique com vocês ou até passe o inverno, para que vocês me deem os meios de prosseguir viagem. ⁷Não quero vê-los apenas de passagem; se o Senhor permitir, espero ficar algum tempo com vocês. ⁸Vou permanecer em Éfeso até Pentecostes, ⁹pois aqui se abriu uma porta larga e cheia de perspectivas para mim, e os adversários são muitos. ¹⁰Quando Timóteo for encontrar vocês, cuidem que esteja sem receios no meio de vocês, pois ele trabalha como eu na obra do Senhor. ¹¹Portanto, que ninguém o despreze. Deem a ele os meios de voltar em paz para junto de mim, pois eu com os irmãos o esperamos. ¹²Quanto ao nosso irmão Apolo, insisti que ele fosse com os irmãos visitar vocês, mas ele não quis de jeito nenhum ir agora. Irá quando tiver oportunidade.

¹³Sejam vigilantes, permaneçam firmes na fé, sejam homens, sejam fortes. ¹⁴Façam tudo com amor. ¹⁵Mais uma recomendação, irmãos: vocês conhecem a família de Estéfanos, que é o primeiro fruto da Acaia; eles se dedicaram ao serviço dos irmãos. ¹⁶Sejam atenciosos para com pessoas de tal valor e para com todos os que colaboram e se afadigam na mesma obra. ¹⁷Eu me alegro com a visita de Estéfanos, Fortunato e Acaico, pois eles compensaram a ausência de vocês ¹⁸e tranquilizaram o meu espírito e o de vocês. Saibam apreciar pessoas de tal valor. [5-18]

Saudações finais — ¹⁹As igrejas da Ásia mandam saudações. Áquila e Prisca, com a igreja que se reúne na casa deles, mandam efusivas saudações no Senhor. ²⁰Todos os irmãos mandam saudações. Saúdem-se uns aos outros com o beijo santo.

²¹A saudação é do meu próprio punho: Paulo. ²²Se alguém não ama o Senhor

seja anátema. Marana-tá. ²³Que a graça do Senhor Jesus esteja com vocês. ²⁴Eu amo a todos vocês em Jesus Cristo. [19-24]

NOTAS

[1,1-3] Desde o início, Paulo já salienta o aspecto da unidade, que é um dos temas fundamentais da carta: o único Senhor das igrejas é Jesus Cristo.

[4-9] A evangelização da comunidade de Corinto foi completa: ela recebeu a riqueza do Evangelho e da sabedoria da vida cristã. Este é outro tema importante da carta. Resta à comunidade perseverar no testemunho de Jesus Cristo até o fim.

[10-16] O que faz a unidade da comunidade cristã é o batismo em nome de Jesus e a submissão a ele como único Senhor. Os evangelizadores e líderes são apenas instrumentos para levar a comunidade a Jesus Cristo. Absolutizando as pessoas, ela se divide, submetendo-se a outros senhores e falsificando a função dos líderes.

[17-31] O projeto de Deus é contrário aos projetos dos homens. Os homens valorizam e dão lugar aos ricos, aos poderosos, aos intelectuais, aos que têm “status”, beleza física, facilidade de expressão *etc.* Consequentemente, desprezam e não dão importância àqueles que não se encaixam nesses padrões. Deus, porém, subverte a sociedade e os projetos humanos: para estabelecer e realizar os seus projetos, ele se alia aos pobres, fracos e simples, porque estes não são auto-suficientes e se abrem para Deus. É na pobreza e fraqueza destes que Deus manifesta a sua força (cf. 2Cor 12,9). E a manifestação máxima do poder e da graça de Deus é Jesus crucificado, pois a cruz é o símbolo da fraqueza, do fracasso e da vergonha, porque nela eram executados os criminosos. A verdadeira comunidade cristã é a dos pobres: ela está aliada à sabedoria do projeto de Deus; por isso, é portadora da novidade que provoca transformações radicais.

[2,1-16] Paulo não se serviu de artifícios humanos para anunciar o Evangelho aos coríntios. Pelo contrário, foi através da sua fraqueza que ele anunciou o cerne do projeto de Deus: Jesus crucificado. Se os coríntios chegaram à fé foi pelo Espírito que agiu neles através de Paulo. Os cristãos que aprofundaram a fé possuem a verdadeira sabedoria, que consiste no seguinte: Deus salva o mundo por meio de Jesus Cristo. Esta compreensão da fé é obra do Espírito; o homem

que só confia em sua própria capacidade não consegue atingir essa compreensão.

[3,1-4] Enquanto os cristãos condicionarem a própria fé à preferência por um pregador ou líder, demonstram fé imatura. Agindo assim, estão sendo levados por princípios que dividem e que são contrários ao princípio básico que provém do Espírito: a unidade em Jesus Cristo.

[5-17] Paulo se serve de duas imagens (campo e edifício) para apresentar o verdadeiro *agente de pastoral*. Este é um *servidor* do projeto de Deus concretizado em Jesus Cristo e que consiste em reunir os homens no compromisso de fé com Jesus, cuja ação devem continuar. Se os agentes de fato servem a Cristo, nunca se contradizem. O sucesso não deve levar o agente à vanglória, pois o projeto não é seu; a eficácia vem de Deus, que também dá as aptidões e capacidades. A responsabilidade é grande, pois o agente deverá prestar contas ao próprio Deus, que provará quanto vale a obra de cada um.

[18-23] A sabedoria do projeto de Deus critica e põe abaixo todos os projetos da sociedade. Conhecendo e vivendo o projeto de Deus, a comunidade cristã é radicalmente livre e não deve dobrar-se diante de pessoas ou coisas, pois ela pertence unicamente a Cristo e a Deus.

[4,1-5] Os agentes de pastoral são servidores de Cristo e trabalham para que o projeto de Deus seja conhecido e vivido. O que deles se espera é que sejam fiéis. Quem poderá julgá-los? O julgamento humano, que se baseia em códigos e opiniões socialmente estabelecidos, é sempre parcial e injusto, pois se apoia em aparências e reflete os conflitos de interesse dos grupos sociais. Só Deus pode fazer verdadeira justiça, pois só ele conhece a totalidade e profundidade do homem, para além das aparências e interesses.

[6-13] Paulo ironiza a comunidade que imagina ter conseguido a maturidade cristã. Ao orgulho, ele contrapõe a condição dos apóstolos perseguidos, para lembrar à comunidade que o Reino ainda não está realizado e que a Igreja vive sob o signo da cruz.

[14-21] A comunidade pode ter muitos pedagogos (cf. nota em Gl 3,19-24), mas Paulo é o único pai: foi ele quem, através do Evangelho, fundou a comunidade. Nesse tempo, o Evangelho ainda não era um documento escrito, mas o seu conteúdo vivo era anunciado e testemunhado concretamente pela pessoa do Apóstolo. Assim como o filho obedece ao pai que o educa e lhe transmite a herança, Paulo pede que a comunidade lhe obedeça, a fim de que ele possa educá-la e transmitir a herança do Evangelho. Timóteo é enviado à comunidade

como filho fiel: na pessoa deste, a comunidade poderá reconhecer o verdadeiro Evangelho como herança de Paulo. Sobre o *pedagogo*, cf. nota em Gl 3,19-24.

[5,1-13] Paulo recrimina um comportamento que nem mesmo a lei judaica e o direito romano tolerariam. “Entregar a Satanás” significa expulsar da comunidade. Desse modo, o imoral tomará consciência de sua culpa e poderá arrepender-se; assim a comunidade se livrará do mau exemplo que provocaria contágios. Paulo usa a imagem do fermento em sentido oposto ao dos Evangelhos (cf. Mt 13,33). Ele não deseja que a comunidade seja uma espécie de gueto no mundo; trata-se de viver no mundo sem estar comprometido com o mundo (cf. Jo 17,14-15).

[6,1-11] Pelo batismo, os cristãos se tornaram irmãos em Cristo e participam da mesma esperança do Reino. Como podem esses irmãos brigar entre si? Pior ainda, como podem recorrer a tribunais pagãos para dirimir conflitos? Estamos longe do espírito do Evangelho (cf. Mt 5,38-48). Paulo não condena os tribunais do seu tempo, mas critica o espírito de competição e a ausência de discernimento na comunidade.

[12-20] Paulo enfrenta uma falsa concepção de liberdade, extremamente permissiva em questões de vida sexual. Como princípio, ele salienta que *nem tudo convém* à condição cristã. Em outras palavras: o cristão deve saber discernir o que leva ao crescimento e à realização da pessoa humana. Uma vez que foi resgatado por Cristo para viver a liberdade, ele não deve deixar-se escravizar de novo, nem mesmo pelo próprio corpo, muitas vezes injuriando o próprio corpo.

[7,1-11] Alguns convertidos de Corinto pensam que o matrimônio esteja ultrapassado: uns pregam a liberdade sexual, outros veem o celibato como condição única de viver o Evangelho. Diante de tais exageros, a orientação de Paulo é extremamente realista: consciente das necessidades e da fragilidade humana, ele coloca no devido lugar tanto o celibato como o matrimônio. O celibato goza das preferências de Paulo; no entanto, mostra que se trata de um dom, uma vocação, que para o celibatário não significa nenhum mérito. O matrimônio é lugar por excelência da união e da vida sexual; união indissolúvel, feita de dom e disponibilidade recíproca (cf. Ef 5,4-33). Quanto ao divórcio, Paulo ensina a mesma coisa que os Evangelhos (cf. Mt 19,9 e paralelos).

[12-16] Uma questão típica das primeiras gerações cristãs: o que fazer quando um dos cônjuges não se converte à fé cristã? Paulo quer a todo custo preservar a união matrimonial e confia na boa influência do cônjuge cristão. Contudo, se a

relação se torna impossível, o cônjuge não cristão, e só ele, pode tomar a decisão de separar-se. Isso mostra que Paulo entende a indissolubilidade como algo estritamente ligado à fé cristã.

[17-24] O Evangelho não se dirige a determinada raça, grupo ou casta social; ele é aberto a todos. Na visão de Paulo, o convertido não deve estar preocupado em mudar de posição na escala social. O que importa é compreender que a condição cristã implica uma novidade radical: o único Senhor que está sobre todos é Jesus Cristo; nele todos são livres, e só a ele devem submeter-se. Desse modo, Paulo vê a comunidade cristã como semente de uma sociedade igualitária, onde todos os homens são chamados a ser livres e a encontrarem a própria dignidade.

[25-35] Para a Igreja primitiva eram iminentes o fim do mundo e a manifestação final e gloriosa de Jesus (vv. 29.31). É nessa perspectiva que podemos compreender muitos conselhos referentes ao matrimônio, ao celibato e à virgindade: se o fim está próximo, para que se casar e ter filhos? Na visão de Paulo, a virgindade é vista como dom total da própria vida ao Senhor, como maneira de empenhar-se totalmente no testemunho do Evangelho. Jesus já destacava a grandeza do celibato na consagração radical a Deus e ao Reino, mas sem o impor (cf. Mt 19,10-12).

[36-38] Trata-se talvez de um noivo que sente forte o estímulo do desejo sexual, mas se vê premido pelo ideal celibatário, apresentado por alguns da comunidade como única maneira de realização cristã. Paulo dá ao noivo ansioso plena liberdade para decidir-se.

[39-40] Paulo deixa total liberdade para as viúvas se casarem de novo, mas apenas com parceiro cristão (“no Senhor”). Sobre o conselho de “ficar como está”, cf. nota em 7,25-35.

[8,1-13] As carnes sacrificadas aos ídolos eram carnes de animais oferecidas nos templos pagãos. Uma parte, não utilizada nos banquetes sagrados, era vendida no mercado (10,25) ou consumida nas dependências do templo pagão (8,10). Pode-se comer dessas carnes? Os cristãos mais esclarecidos dizem que sim; os mais escrupulosos dizem que é idolatria. Paulo se dirige aos “esclarecidos” e afirma que eles são sábios somente pela metade. De fato, há um só Deus vivo, e os ídolos não são nada. Por isso, pode-se comer das carnes sacrificadas; entretanto, os “esclarecidos” esquecem o princípio supremo da sabedoria: *o amor*.

[9,1-14] Paulo se apresenta como exemplo para os que têm consciência

“esclarecida”. O missionário tem o direito de ser sustentado pela comunidade nas necessidades materiais. Paulo, contudo, renunciou a isso, para não criar obstáculos à evangelização. A vida cristã é sempre comunitária, e cada um é responsável pelos outros; por isso, deve ser capaz de renunciar aos direitos da própria liberdade para testemunhar o primado do amor.

[15-27] Paulo não reivindica nenhum direito. Não considera seu ministério como profissão, da qual poderia tirar proveito e prestígio, mas como missão, na qual o Senhor o empenhou pessoalmente. Paulo vive a liberdade radical, que o leva a tornar-se disponível e solidário para com todos.

Usando as imagens do atletismo e do pugilato, Paulo incentiva os cristãos a lutarem pela fé; e isso não pode ser feito sem séria disciplina.

[10,1-13] Paulo faz uma releitura do AT, mostrando que a história é um exemplo e instrução para a comunidade cristã, que vive a etapa final dessa mesma história (v. 11). Segundo tradições dos rabinos, a rocha golpeada por Moisés (cf. Nm 20,1-13) seguia os hebreus para providenciar-lhes água. Essa interpretação é aqui usada para dizer que Cristo conduz o povo desde os tempos do Êxodo. O comportamento dos hebreus daquele tempo torna-se advertência para que os cristãos se mantenham fiéis, confiando no apoio de Deus.

[14-22] Participar do culto é entrar em comunhão com a divindade cultuada. Paulo opõe radicalmente a Eucaristia aos banquetes sagrados dos cultos pagãos, dizendo que é urgente a opção e coerência dos cristãos. Ao mesmo tempo salienta o lugar central da celebração eucarística: a Eucaristia expressa e cria a unidade do Corpo de Cristo, que é a Igreja.

[10,23-11,1] A interpretação individualista da liberdade não é cristã. O livre agir do cristão está submetido a valores maiores: a solidariedade comunitária e a responsabilidade pelo crescimento e amadurecimento comum de todos. Para atingir esses valores é que existe a liberdade.

A auto-suficiência e o fechamento egoísta criam uma falsa liberdade. E a liberdade cristã consiste em viver como filho de Deus e irmão dos outros. Dar glória a Deus é reconhecer que só Deus é absoluto. Ser irmão dos outros é viver a solidariedade para crescer junto. Paulo se apresenta como modelo a imitar, pois tem consciência de ser o “Evangelho vivo”, isto é, de viver na sua vida o próprio comportamento de Jesus.

[11,2-16] Para falar da dependência da mulher, aqui são usados os mesmos

argumentos machistas dos mestres judeus. De repente, porém, Paulo nota que está negando a igualdade de direitos entre os sexos e volta atrás (vv. 11-12), dando a entender que os argumentos aduzidos têm pouco valor.

[17-34] O texto é o mais antigo testemunho sobre a Eucaristia: foi escrito no ano 56, dez anos antes dos Evangelhos. No início, a celebração eucarística se fazia depois de uma ceia, onde todos repartiam os alimentos que cada um levava. Em Corinto surge um problema: nas celebrações está havendo divisão de classes sociais e de mentalidades diferentes. Muitos chegam atrasados, provavelmente porque estavam trabalhando, e não encontram mais nada. Resultado: em vez de ser um testemunho de partilha, a celebração está se tornando lugar de ostentação, foco de discriminação e contrastes gritantes. A situação oferece oportunidade para um discernimento: quem é cristão de fato?

Nesse contexto, Paulo relembra a instituição da Eucaristia. Ela é a memória permanente da morte de Jesus como dom de vida para todos (corpo e sangue). A Eucaristia é a celebração da Nova Aliança, isto é, da nova humanidade que nasce da participação no ato de Jesus, não só no culto, mas na vida prática. Por isso, a comunidade que celebra a Eucaristia anuncia o futuro de uma reunião de toda a humanidade.

Voltando ao problema, Paulo interpela a comunidade a examinar-se: Não será uma incoerência celebrar a Eucaristia quando na própria celebração se fazem distinções e se marginalizam os mais pobres? Anteriormente (10,17), Paulo salientara que, ao participar da Eucaristia, a comunidade forma um só corpo. Se a comunidade não entender isso (“sem discernir o Corpo”, v. 29), estará celebrando a sua própria condenação, pois desligará a Eucaristia do seu antecedente e de suas consequências práticas: solidariedade e partilha.

O julgamento do Senhor se manifesta de dois modos: a própria Eucaristia se torna testemunho contra a comunidade; ao mesmo tempo, a fraqueza, doença e morte de muitos membros testemunham a falta de partilha e solidariedade.

Paulo termina com duas orientações práticas: esperar que todos cheguem para começar juntos a reunião (v. 33), e não transformá-la em ocasião de ostentação e gula (vv. 21 e 34).

[12,1-3] Na efervescência carismática dos coríntios existem traços pagãos. Eles se reúnem para cultivar o espetacular e o fascínio pelo sobrenatural impregnado de mística pagã; isso acaba tornando-se verdadeiro ópio. Paulo adverte: nem todas as manifestações de entusiasmo religioso provêm de Deus. Na mística

cristã, o primeiro critério para discernir os verdadeiros dons do Espírito é reconhecer Jesus como Senhor.

[4-11] A Trindade é a base sobre a qual a comunidade se constrói: nesta, toda ação provém do Pai, todo serviço provém de Jesus e todos os dons (= carismas) provém do Espírito. Cada pessoa na comunidade recebe um dom, ou melhor, é um dom para o bem de todos. Por isso, cada um, sendo o que é e fazendo o que pode, *age* para o bem da comunidade, colocando-se a *serviço* de todos como *dom* gratuito. Desse modo, cada um e todos se tornam testemunho e sacramento da ação, serviço e dom do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Paulo enumera apenas os carismas de direção e ensino. A lista não é completa, pois cada pessoa é um carisma para a comunidade toda.

[12-31] A imagem do corpo é usada para falar da unidade, diversidade e solidariedade que caracterizam a comunidade cristã. Esta é *una*, porque forma o corpo de Cristo, dado que todos receberam o mesmo batismo e o mesmo Espírito, que produzem a comunhão e igualdade fundamental. Contudo, as pessoas são *diferentes* entre si; cada uma com sua originalidade contribui, de maneira indispensável, para a construção e crescimento de todos; portanto, não há lugar para complexos de superioridade ou inferioridade. O cimento da vida comunitária é a *solidariedade*, que faz todos voltar-se para cada um, principalmente para os mais fracos e necessitados, partilhando os sofrimentos e alegrias.

[13,1-13] O caminho que ultrapassa a todos os dons e ao qual todos os membros da comunidade devem aspirar é o *amor*. “Deus é amor” (1Jo 4,8), Jesus é o enviado do amor (Jo 3,16), e o centro do Evangelho é o mandamento do amor (Mc 12,28-34), que sintetiza toda a vontade de Deus (Rm 13,8-10). O amor é a fonte de qualquer comportamento verdadeiramente humano, pois leva a pessoa a discernir as situações e a criar gestos oportunos, capazes de responder adequadamente aos problemas. Os outros dons dependem do amor, não podem substituí-lo, e sem ele nada significam. O amor é a força de Deus e também a força da pessoa aliada a Deus. É a fortaleza inexpugnável que sustenta o testemunho cristão, pois “tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”. O amor é eterno e transcende tempo e espaço, porque é a vida do próprio Deus, da qual o cristão já participa. É maior do que a fé e a esperança, que nele estão contidas.

[14,1-25] Os carismas são úteis quando colaboram para o crescimento da

comunidade, e não quando servem para a ostentação de quem os recebeu. Paulo recomenda vivamente a profecia e é restritivo quanto ao dom das línguas. A profecia é o dom pelo qual alguém, sob a inspiração do Espírito Santo, mostra a vontade de Deus dentro da situação presente, levando a comunidade à conversão e ao esclarecimento da fé. O dom das línguas é uma espécie de oração realizada em clima de êxtase religioso: a pessoa fala na reunião da comunidade com palavras incompreensíveis, ou repetindo sons desordenados e louvando a Deus em línguas desconhecidas, que um intérprete traduz. Paulo não condena o fenômeno de “falar em línguas”; mostra apenas sua limitação e o ridículo em que a comunidade pode cair (v. 23).

[26-40] Parece que as reuniões da comunidade de Corinto eram muito desordenadas. Ninguém pedia a palavra, vários falavam ao mesmo tempo, e em tudo isso talvez sobressaíssem as mulheres. Por essa razão, Paulo as convida a calar-se. Os que tinham dons especiais se julgavam superiores aos outros e não respeitavam a ordem mais elementar.

[15,1-11] A certeza da fé cristã se baseia num fato: a ressurreição de Cristo. Paulo recorda o ensinamento tradicional da Igreja, e o confirma enumerando as testemunhas que viram Cristo ressuscitado. Encontramos aqui os traços principais do Credo e, ao mesmo tempo, o mais antigo testemunho escrito sobre o ensinamento primitivo da Igreja a respeito das aparições de Jesus Cristo.

[12-19] Em Corinto, alguns pensam que, depois da morte, a alma imortal continua vivendo sozinha, abandonando a matéria e o corpo, que são considerados coisas más e inferiores. Outros pensam que tudo termina com a morte e que é melhor aproveitar o momento presente. Paulo mostra que ambas as opiniões são contrárias ao núcleo da fé cristã, porque se os mortos não ressuscitam verdadeiramente, nem Cristo ressuscitou.

[20-28] Dois estados da humanidade se opõem: o pecado e a morte, dos quais Adão é o símbolo; a graça e a vida, realizadas em Cristo (cf. Rm 5,17-21). A partir do pecado, existem na sociedade forças e estruturas que invertem o destino humano, desagregando, pervertendo e até mesmo levando os homens à morte. Cristo foi morto por essas estruturas, mas Deus o ressuscitou e lhe deu poder de destruí-las. Após vencer essas forças, também a morte será vencida; então, o triunfo será definitivo. Unida a Cristo, a humanidade estará de novo submetida a Deus e o Reino de Deus se manifestará completamente.

[29-34] Dois argumentos apoiam a fé na ressurreição: o batismo pelos mortos e o testemunho cristão que não teme a morte. Quanto ao batismo pelos mortos,

trata-se de um rito desconhecido com que os cristãos procuravam assegurar a salvação de seus parentes falecidos.

[35-49] Não se pode imaginar a ressurreição como simples reviver, ou simples volta às condições da vida terrestre. O ser humano passará para uma condição inteiramente nova: este corpo “animal”, mortal, que nos foi transmitido pelos nossos pais, torna-se “espiritual”, isto é, recebe vida nova do Espírito que Cristo nos dá. Paulo usa diversas imagens para nos dar a ideia da transfiguração pela qual passaremos. Nenhuma delas, porém, é capaz de dar uma ideia completa da misteriosa e real transformação que nos tornará semelhantes ao próprio Cristo ressuscitado.

[50-53] Paulo imagina que Cristo há de voltar antes que a sua geração morra; os mortos ressuscitarão e os que estiverem vivos serão transformados. Desse modo, ele salienta que a ressurreição não é apenas retorno à vida.

[54-58] Depois que Cristo ressuscitou, nenhum tipo de morte terá a vitória final. Essa vitória de Cristo sobre a morte é também vitória contra o pecado, que introduz e alimenta a morte no mundo, e contra a lei, que mostra o que é pecado, mas não dá forças para vencê-lo. Quem acredita em Jesus ressuscitado pode cantar desde já o triunfo da vida.

[16,1-4] Cf. notas em 2Cor 8-9.

[5-18] Timóteo teve papel importante nas relações entre Paulo e a comunidade de Corinto (4,17; At 15,41-16,5; 19,21-22). Apolo não quer voltar logo a Corinto, para não reagrupar um partido em torno do seu nome e do seu prestígio (1,12; 3,5-6; 4,6; At 18,24-19,1).

[19-24] *Marana-tá* é expressão aramaica e significa “Vem, Senhor!” Entrou em uso na liturgia e exprime a espera da comunidade pela vinda gloriosa de Jesus.

SEGUNDA CARTA AOS CORÍNTIOS

A FORÇA SE MANIFESTA NA FRAQUEZA

Introdução

É difícil dar uma visão ordenada da segunda carta aos Coríntios. Isso porque esta carta é composta, provavelmente, de vários escritos que Paulo enviou aos coríntios em ocasiões diferentes. Um fato é certo: o Apóstolo remeteu mais de duas cartas aos coríntios; pelo menos quatro e um bilhete.

Alguns dados ajudam a descobrir isso. Em 1Cor 5,9, Paulo diz que tinha escrito uma carta anterior, admoestando os coríntios para que não tivessem relações com gente imoral. Em 2Cor 2,4, fala de uma carta severa e que, ao escrevê-la, “estava tão preocupado e aflito que até chorava”. Essas duas cartas, terão desaparecido ou podemos encontrá-las em algum lugar? Vamos por partes:

1. *O trecho 2Cor 6,14-7,1 interrompe de certa maneira o contexto; se retirado, não faria falta e até a leitura correria melhor. Nesses versículos Paulo trata dos ídolos e da impiedade; por isso, alguns estudiosos pensam que se trata de um pedaço da carta mencionada em 1Cor 5,9.*

2. *Os capítulos 10-13 da segunda carta aos Coríntios têm tonalidade diferente dos capítulos anteriores. Paulo se mostra severo e se nota grande envolvimento emocional. Pode ser a carta de que ele fala em 2Cor 2,4.*

3. *No início de 2Cor 9, Paulo diz que é inútil escrever sobre o “serviço prestado aos irmãos”, isto é, sobre a coleta. No entanto, o cap. 8 já tratara longamente sobre essa questão. Este cap. 9 seria, então, um bilhete escrito posteriormente, que retoma o assunto da coleta.*

Assim, temos em ordem cronológica:

A — 2Cor 6,14-7,1: *fragmento da carta escrita antes da 1Cor.*

B — Primeira carta aos Coríntos.

C — 2Cor 10-13: *carta severa escrita entre lágrimas. Paulo defende ardorosamente a autenticidade do seu ministério, fazendo uma espécie de diário apaixonado de sua vida de apóstolo. Os coríntios o haviam pressionado, exigindo contas quanto à origem de sua vocação, à autenticidade do seu evangelho e à sinceridade do seu comportamento. Paulo reage magoado; mas,*

com firmeza e de coração aberto, expõe a sua vida. Deixa vir à tona sua personalidade exuberante e contraditória: ele é forte e fraco, audaz e reservado, impetuoso e terno, mas sempre fiel à missão apostólica e plenamente convicto do evangelho que prega.

D — 2Cor 1-8: *carta escrita depois da anterior (c). Recorda os incidentes entre o Apóstolo e a comunidade de Corinto, em particular o caso de alguém que o teria injuriado pessoalmente. Tito fora enviado para resolver essa questão e voltara trazendo boas notícias sobre a reconciliação. No final (cap. 8), dá instruções sobre uma coleta para ajudar a igreja de Jerusalém, que se encontrava em sérios apuros financeiros.*

E — 2Cor 9: *bilhete escrito pelo próprio Paulo, retomando o assunto da coleta, talvez endereçado às igrejas da região de Corinto.*

A sequência pode parecer complicada, mas permite compreender melhor os acontecimentos e o modo como Paulo reagiu diante das dificuldades suscitadas pela turbulenta comunidade de Corinto.

SEGUNDA CARTA AOS CORÍNTIOS

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13

SEGUNDA CARTA AOS CORÍNTIOS

Prólogo

1 *Endereço e saudação* — ¹Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, e o irmão Timóteo, à igreja de Deus que está em Corinto, e também a todos os cristãos que se encontram por toda a Acaia. ²A graça e a paz a vocês da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo. [1,1-2]

Solidariedade na perseguição — ³Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda consolação! ⁴Ele nos consola em todas as nossas tribulações, para que possamos consolar os que estão em qualquer tribulação, através da consolação que nós mesmos recebemos de Deus. ⁵Na verdade, assim como os sofrimentos de Cristo são numerosos para nós, assim também é grande a nossa consolação por meio de Cristo. ⁶Se somos atribulados, nós o somos para a consolação e salvação de vocês. Se somos consolados, é para a consolação de vocês, para que possam suportar os mesmos sofrimentos que também nós padecemos. ⁷E a nossa esperança a respeito de vocês é firme, pois sabemos que se vocês participam dos nossos sofrimentos, também participarão da nossa consolação.

⁸Irmãos, não queremos que vocês ignorem isto: a tribulação que sofremos na Ásia nos fez sofrer muito, além de nossas forças, a ponto de perdermos a esperança de sobreviver. ⁹Sim, nós nos sentíamos como condenados à morte: a nossa confiança já não podia estar apoiada em nós, mas em Deus que ressuscita os mortos. ¹⁰Foi Deus quem nos libertou dessa morte, e dela nos libertará; nele colocamos a esperança de que ainda nos libertará da morte. ¹¹Para isso, vocês vão colaborar por meio da oração. Desse modo, a graça que obteremos pela intercessão de muitas pessoas provocará a ação de graças de muitos em nosso favor. [3-11]

I. A VISITA ADIADA

Consciência limpa — ¹²Este é o nosso motivo de orgulho: o testemunho da consciência de que nos comportamos no mundo, e mais particularmente em relação a vocês, com a santidade e sinceridade que vêm de Deus. Não foram razões humanas que nos moveram, mas a graça de Deus. ¹³De fato não há nada em nossas cartas além daquilo que vocês leem e compreendem. E espero que vocês compreendam plenamente, ¹⁴assim como em parte já nos compreenderam que somos para vocês motivo de glória, assim como vocês o serão para nós, no Dia do Senhor Jesus. [12-14]

Firme e fiel — ¹⁵Animado por essa certeza, eu pretendia em primeiro lugar ir ao encontro de vocês, para que recebessem uma segunda graça; ¹⁶depois seguiria para a Macedônia; e finalmente, da Macedônia retornaria até vocês, a fim de que me preparassem a viagem para a Judeia. ¹⁷Será que fui leviano ao fazer esse projeto? Será que meus planos foram inspirados por objetivos puramente humanos, de tal modo que em mim existe “sim e não” ao mesmo tempo? ¹⁸Deus é testemunha fiel de que a palavra que dirigimos a vocês não é “sim e não.” ¹⁹De fato, Jesus Cristo, o Filho de Deus, que eu, Silvano e Timóteo anunciamos a vocês, não foi “sim e não”, mas unicamente “sim.” ²⁰Todas as promessas de Deus encontraram nele o seu sim; por isso, é por meio dele que dizemos “Amém” a Deus, para a glória de Deus. ²¹Quem nos fortalece juntamente com vocês em Cristo e nos dá a unção é Deus. ²²Deus nos marcou com um selo e colocou em nossos corações a garantia do Espírito. [15-22]

Não dominar a fé — ²³Quanto a mim, invoco a Deus como testemunha da minha vida: foi para poupar vocês que eu não voltei a Corinto. ²⁴Não é nossa intenção dominar a fé que vocês têm, mas colaborar para que vocês tenham alegria. Quanto à fé, vocês estão firmes.

2 ¹Por isso, preferi não visitá-los, para não provocar tristeza. ²De fato, se cau so tristeza para vocês, quem me dará alegria? Somente vocês, a quem entristeci. ³A finalidade da minha carta era evitar que, ao chegar, eu experimentasse tristeza daqueles que me deveriam proporcionar alegria. Quanto a vocês, estou convencido de que a minha alegria é também a alegria de todos vocês. ⁴De fato, quando escrevi, eu estava tão preocupado e aflito que até chorava; não pretendia entristecê-los, mas escrevi para que compreendam o imenso amor que tenho por

vocês.

⁵Se alguém causou tristeza, não foi a mim, mas de certo modo (não vamos exagerar) a todos vocês. ⁶Para tal pessoa, basta o castigo que a comunidade resolveu impor-lhe. ⁷Mas agora é melhor que o perdoem e o consolem, para que ele não fique sob o peso de tristeza excessiva. ⁸Peço-lhes, portanto, que deem provas de amor a essa pessoa. ⁹Realmente, ao escrever-lhes, eu queria pôr à prova a obediência de vocês e verificar se era uma obediência total. ¹⁰A quem vocês perdoam, eu também perdoo. Se perdoei — na medida que tinha de perdoar — eu o fiz diante de Cristo em favor de vocês. ¹¹Desse modo, não seremos enganados por Satanás, cujas intenções não ignoramos.

¹²Cheguei então a Trôade para aí pregar o Evangelho de Cristo. Embora o Senhor me tivesse aberto uma grande porta, ¹³não tive paz de espírito, pois não encontrei o meu irmão Tito. Por isso despedi-me deles e parti para a Macedônia. [\[1,23-2,13\]](#)

II. GRANDEZA E FRAQUEZA DOS APÓSTOLOS

Quem está à altura? — ¹⁴Graças sejam dadas a Deus, que nos faz participar do seu triunfo em Cristo e que, através de nós, espalha o perfume do seu conhecimento no mundo inteiro. ¹⁵De fato, diante de Deus nós somos o bom perfume de Cristo entre aqueles que se salvam e entre aqueles que se perdem: ¹⁶para uns, perfume de morte para a morte; para outros, perfume de vida para a vida. E quem estaria à altura de tal missão? ¹⁷Nós não somos como tantos daqueles que falsificam a Palavra de Deus; pelo contrário, é com sinceridade e como enviados de Deus que falamos a respeito de Cristo na presença de vocês. [2,14-17]

3 *A comunidade testemunha a autenticidade do apóstolo* — ¹Vamos começar de novo a fazer recomendação de nós mesmos? Ou precisamos apresentar cartas de recomendação para vocês, como fazem alguns? Ou, então, pedir essa carta a vocês? ²Nossa carta de recomendação são vocês mesmos, carta escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos os homens. ³De fato, é evidente que vocês são uma carta de Cristo, da qual nós fomos o instrumento; carta escrita, não com tinta, mas nas tábuas de carne do coração de vocês.

⁴Essa é a convicção que temos diante de Deus, graças a Cristo. ⁵Não nos atreveríamos a pensar que essa obra é devida a algum mérito nosso; pelo contrário, é de Deus que vem a nossa capacidade. ⁶Foi ele que nos tornou capazes de sermos ministros de uma aliança nova, não aliança da letra, mas do Espírito; pois a letra mata, e o Espírito é que dá a vida. [3,1-6]

A nova aliança liberta e transfigura — ⁷O ministério da morte, gravado com letras sobre a pedra, ficou tão marcado pela glória, que os israelitas não podiam fixar os olhos no rosto de Moisés, por causa do fulgor que nele havia — fulgor, aliás, passageiro. ⁸Quanto mais glorioso não será o ministério do Espírito! ⁹Na verdade, se o ministério da condenação foi glorioso, muito mais glorioso será o ministério da justiça. ¹⁰Mesmo a glória que aí se verificou, já não pode ser considerada glória, em comparação com a glória atual, que lhe é muito superior. ¹¹De fato, se foi marcado pela glória o que é passageiro, com maior razão há de ser glorioso o que é permanente.

¹²Fortalecidos por tal esperança, estamos plenamente confiantes: ¹³nós não fazemos como Moisés que colocava um véu sobre a face para que os filhos de

Israel não percebessem o fim daquilo que era passageiro... ¹⁴No entanto, os espíritos deles se tornaram obscurecidos. Sim, até hoje, quando eles leem o Antigo Testamento, esse mesmo véu permanece; não é retirado, porque é em Cristo que ele desaparece. ¹⁵Sim, até hoje, todas as vezes que leem Moisés, há um véu sobre o coração deles. ¹⁶Somente pela conversão ao Senhor é que o véu cai, ¹⁷pois o Senhor é o Espírito; e onde se acha o Espírito do Senhor aí existe a liberdade. ¹⁸E nós que, com a face descoberta, refletimos como num espelho a glória do Senhor, somos transfigurados nessa mesma imagem, cada vez mais resplandecente pela ação do Senhor, que é Espírito. [7-18]

4 O apóstolo é testemunha de Cristo — ¹Esse é o nosso ministério. Nós o temos pela misericórdia de Deus; por isso, não perdemos a coragem. ²Dissemos “não” aos procedimentos secretos e vergonhosos, não agimos com astúcia, nem falsificamos a palavra de Deus. Ao contrário, manifestando a verdade, nos recomendamos diante de Deus à consciência de cada homem. ³Portanto, se o nosso Evangelho continua obscuro, está obscuro para aqueles que se perdem, ⁴para os incrédulos, cuja inteligência o deus deste mundo obscureceu a fim de que não vejam brilhar a luz do Evangelho da glória de Cristo, de Cristo que é a imagem de Deus. ⁵Não pregamos a nós mesmos, mas Cristo Jesus, Senhor. Quanto a nós mesmos, é como servos de vocês que nos apresentamos, por causa de Jesus. ⁶Pois o Deus que disse: “Do meio das trevas brilhe a luz!” foi ele mesmo que reluziu em nossos corações para fazer brilhar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face de Cristo. [4,1-6]

Fraqueza do apóstolo e força de Deus — ⁷Todavia, esse tesouro nós o levamos em vasos de barro, para que todos reconheçam que esse incomparável poder pertence a Deus e não é propriedade nossa. ⁸Somos atribulados por todos os lados, mas não desanimamos; somos postos em extrema dificuldade, mas não somos vencidos por nenhum obstáculo; ⁹somos perseguidos, mas não abandonados; prostrados por terra, mas não aniquilados. ¹⁰Sem cessar e por toda parte levamos em nosso corpo a morte de Jesus, a fim de que também a vida de Jesus se manifeste em nosso corpo. ¹¹De fato, embora estejamos vivos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, a fim de que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal. ¹²Desse modo, em nós trabalha a morte; e em vocês, a vida.

¹³Animados pelo mesmo espírito de fé, sobre o qual está escrito: “Acreditei,

por isso falei”, também nós acreditamos e por isso falamos. ¹⁴Pois sabemos que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus, também nos ressuscitará com Jesus e nos colocará ao lado dele juntamente com vocês. ¹⁵E tudo isso se realiza em favor de vocês, para que a graça, multiplicando-se entre muitos, faça transbordar a ação de graças para a glória de Deus. [7-15]

A morte é passagem para a vida definitiva — ¹⁶É por isso que nós não perdemos a coragem. Pelo contrário: embora o nosso físico vá se desfazendo, o nosso homem interior vai se renovando a cada dia. ¹⁷Pois a nossa tribulação momentânea é leve, em relação ao peso extraordinário da glória eterna que ela nos prepara. ¹⁸Não procuramos as coisas visíveis, mas as invisíveis; porque as coisas visíveis duram apenas um momento, enquanto as invisíveis duram para sempre.

5¹Nós sabemos: quando a nossa morada terrestre, a nossa tenda, for desfeita, receberemos de Deus uma habitação no céu, uma casa eterna não construída por mãos humanas. ²Por isso, suspiramos neste nosso estado, desejosos de revestir o nosso corpo celeste; ³e isso será possível se formos encontrados vestidos, e não nus. ⁴Pois nós, que estamos nesta tenda, gememos acabrunhados, porque não queremos ser despojados da nossa veste, mas revestir a outra por cima desta, e assim, aquilo que é mortal seja absorvido pela vida. ⁵E quem para isso nos preparou foi Deus, o qual nos deu a garantia do Espírito.

⁶Por essa razão, estamos sempre confiantes, sabendo que, enquanto habitamos neste corpo, estamos fora de casa, isto é, longe do Senhor, ⁷pois caminhamos pela fé e não pela visão... ⁸Sim, estamos cheios de confiança e preferimos deixar a mansão deste corpo, para irmos morar junto do Senhor. ⁹Em todo caso, quer fiquemos em nossa morada, quer a deixemos, nos esforçamos por agradar ao Senhor. ¹⁰De fato, todos deveremos comparecer diante do tribunal de Cristo, a fim de que cada um receba a recompensa daquilo que tiver feito durante a sua vida no corpo, tanto para o bem, como para o mal. [4,16-5,10]

A serviço do Evangelho — ¹¹Portanto, compenetrados do temor do Senhor, procuramos convencer os homens. Somos plenamente conhecidos por Deus; espero que também sejamos plenamente conhecidos pela consciência de vocês. ¹²Não nos recomendamos novamente a vocês, mas queremos apenas dar-lhes ocasião de se orgulharem de nós, a fim de que vocês possam dar uma resposta para aqueles que se gloriam somente pelas aparências e não pelo que está no

coração. ¹³Se perdemos o bom senso, foi por causa de Deus; se nos comportamos com sensatez, foi por causa de vocês. [5,11-13]

O ministério da reconciliação — ¹⁴O amor de Cristo é que nos impulsiona, quando consideramos que um só morreu por todos, e consequentemente todos morreram. ¹⁵Ora, Cristo morreu por todos, e assim, aqueles que vivem, já não vivem para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou. ¹⁶Por isso, doravante não conhecemos mais ninguém pelas aparências. Mesmo que tenhamos conhecido Cristo segundo as aparências, agora já não o conhecemos assim. ¹⁷Se alguém está em Cristo, é nova criatura. As coisas antigas passaram; eis que uma realidade nova apareceu. ¹⁸Tudo isso vem de Deus, que nos reconciliou consigo por meio de Cristo, e nos confiou o ministério da reconciliação. ¹⁹Pois era Deus quem reconciliava com ele mesmo o mundo por meio de Cristo, não levando em conta os pecados dos homens e colocando em nós a palavra da reconciliação. ²⁰Sendo assim, exercemos a função de embaixadores em nome de Cristo, e é por meio de nós que o próprio Deus exorta vocês. Em nome de Cristo, suplicamos: reconciliem-se com Deus. ²¹Aquele que nada tinha a ver com o pecado, Deus o fez pecado por causa de nós, a fim de que por meio dele sejamos reabilitados por Deus.

6¹Visto que somos colaboradores de Deus, nós exortamos vocês para que não recebam a graça de Deus em vão. ²Pois Deus diz na Escritura: “Eu escutei você no tempo favorável, e no dia da salvação vim em seu auxílio.” É agora o momento favorável. É agora o dia da salvação. [5,14-6,2]

Sustentado pela força de Deus — ³De nossa parte, evitamos dar qualquer motivo de escândalo, para que o nosso ministério não seja criticado. ⁴Pelo contrário, em tudo nos recomendamos como ministros de Deus: pela grande perseverança nas tribulações, necessidades, angústias, ⁵açóites, prisões, desordens, fadigas, vigílias e jejuns; ⁶pela pureza, ciência, paciência e bondade, pela atuação do Espírito Santo, pelo amor sem fingimento, ⁷pela palavra da verdade, pelo poder de Deus, pelas armas ofensivas e defensivas da justiça; ⁸na glória e no desprezo, na boa e na má fama; tidos como impostores e, no entanto, dizendo a verdade; ⁹como desconhecidos e, no entanto, conhecidos; como agonizantes e, no entanto, estamos vivos; como castigados e, no entanto, livres da morte; ¹⁰como tristes e, no entanto, sempre alegres; como indigentes e, no entanto, enriquecendo a muitos; nada tendo, mas tudo possuindo. [6,3-10]

III. RESTABELECIMENTO DAS RELAÇÕES

De coração aberto — ¹¹Coríntios, eu lhes falo com franqueza: meu coração está aberto para vocês. ¹²Em mim, não falta lugar para os acolher, mas em troca vocês têm o coração estreito. ¹³Paguem a nós com a mesma moeda. Eu lhes falo como a filhos; abram também o coração de vocês! [11-13]

Não voltem atrás — ¹⁴Não se submetam ao mesmo jugo com os infiéis. Que relação pode haver entre justiça e iniquidade? Que união pode haver entre luz e trevas? ¹⁵Que harmonia pode haver entre Cristo e Beliar? Que relação entre quem acredita e quem não acredita? ¹⁶Que há de comum entre o templo de Deus e os ídolos? Ora, nós somos o templo do Deus vivo, como disse o próprio Deus: “Habitarei no meio deles, e com eles caminharei. Serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. ¹⁷Portanto, saiam do meio dessa gente e afastem-se dela, diz o Senhor. Não toquem naquilo que é impuro, e eu acolherei vocês. ¹⁸Serei pai para vocês, e vocês serão para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-poderoso.”

7¹Caríssimos, já que temos tais promessas, vamos purificar-nos de toda mancha do corpo e do espírito. E levemos a cabo a nossa santificação no temor de Deus. [6,14-7,1]

A tristeza que produz transformação — ²Acolham-nos no coração de vocês. Não fizemos injustiça a ninguém, a ninguém causamos dano, a ninguém exploramos. ³Não é para os condenar que falo assim, porque eu já disse: “Vocês estão em nossos corações para a vida e para a morte.” ⁴Minha confiança em vocês é grande; e eu me orgulho muito de vocês. Estou cheio de consolo, transbordando de alegria em toda a nossa tribulação.

⁵Na verdade, quando chegamos à Macedônia, nossa pobre pessoa não teve um momento de sossego; sofremos toda espécie de tribulação: por fora, lutas; por dentro, temores. ⁶Deus, porém, que consola os humildes, confortou-nos com a chegada de Tito. ⁷E não somente com a chegada dele, mas também pelo conforto que ele tinha recebido de vocês. Contou-nos que vocês tinham profundo carinho, que estavam sentidos com o que acontecera e que se preocupavam comigo. E eu fiquei muito contente.

⁸Se lhes causei tristeza com a minha carta, não me arrependo. E se a princípio me arrependi — pois vejo que essa carta entristeceu vocês, embora por pouco tempo — ⁹agora me alegre, não por haver entristecido vocês, mas porque a

tristeza fez que vocês se arrependessem. Vocês se entristeceram segundo Deus, e assim não sofreram nenhum dano da nossa parte. ¹⁰De fato, a tristeza que vem de Deus produz arrependimento que leva para a salvação e que não volta atrás; a tristeza segundo este mundo produz a morte. ¹¹Vejam antes o que produziu em vocês a tristeza que vem de Deus: quantas desculpas, quanta indignação, que temor, que desejo ardente, que afeto, que punição! Vocês demonstraram, de todos os modos, que estavam inocentes naquela questão. ¹²Numa palavra: se eu escrevi a vocês, não foi por causa daquele que me injuriou, nem por causa daquele que sofreu o insulto, mas para que ficasse bem claro entre vocês, diante de Deus, o quanto vocês se sentem preocupados por nós. ¹³Foi por isso que nos sentimos confortados.

Mas, além desse conforto pessoal, eu me alegrei muito ao ver que Tito estava contente devido à maneira como vocês o receberam e o tranquilizaram. ¹⁴Se diante dele eu me havia gabado um pouco de vocês, não tive do que me envergonhar. Assim como sempre dissemos para vocês a verdade, ficou igualmente comprovado que era verdadeiro o elogio que tínhamos feito de vocês para Tito. ¹⁵Ele sente por vocês afeto ainda maior, ao lembrar-se da obediência de vocês e de como o acolheram com temor e tremor. ¹⁶Eu me alegro, portanto, de poder confiar em vocês, aconteça o que acontecer. [7,2-16]

IV. COLETA PARA OS CRISTÃOS DE JERUSALÉM

8 *O exemplo dos cristãos da Macedônia* — ¹Irmãos, agora damos a conhecer a vocês a graça que Deus concedeu às igrejas da Macedônia. ²Em meio às muitas tribulações que puseram à prova essas igrejas, a grande alegria e a extrema pobreza delas transbordaram em riquezas de generosidade. ³Eu sou testemunha de que eles, conforme seus meios e até além de seus meios, com toda a espontaneidade ⁴e com muita insistência, nos rogaram a graça de tomarem parte nesse serviço em favor dos cristãos. ⁵Ultrapassando qualquer de nossas expectativas, eles se entregaram primeiramente ao Senhor e, pela vontade de Deus, também a nós. ⁶Por isso, insistimos junto a Tito para que termine essa obra de generosidade, que ele já havia começado entre vocês.

O exemplo de Cristo — ⁷Em tudo vocês sobressaem: na fé, no dom da palavra, no conhecimento e entusiasmo, além do amor que vocês têm por nós. Pois então, procurem também distinguir-se nessa obra de generosidade. ⁸Não digo isso para lhes impor uma ordem. Cito para vocês o exemplo de outros, para lhes dar ocasião de provar a sinceridade do amor que vocês têm. ⁹De fato, vocês conhecem a generosidade de nosso Senhor Jesus Cristo; ele, embora fosse rico, se tornou pobre por causa de vocês, para com a sua pobreza enriquecer a vocês. ¹⁰A propósito, vou dar-lhes uma sugestão, e é o que convém a vocês, já que foram os primeiros, desde o ano passado, não só a realizar, mas também a querer realizar essa obra. ¹¹Agora, portanto, a executem até o fim, de modo que a essa boa disposição da vontade corresponda a realização, na medida dos meios que vocês têm. ¹²Quando existe boa vontade, somos bem aceitos com os recursos que temos; pouco importa o que não temos. ¹³Não queremos que o alívio para os outros seja causa de aflição para vocês; mas que haja igualdade. ¹⁴Neste momento, o que está sobrando para vocês vai compensar a carência deles, a fim de que o supérfluo deles venha um dia compensar a carência de vocês. Assim haverá igualdade, ¹⁵como está na Escritura: “A quem recolhia muito, nada lhe sobrava; e a quem recolhia pouco, nada lhe faltava.”

Recomendações — ¹⁶Graças sejam dadas a Deus, que colocou no coração de Tito o mesmo zelo por vocês. ¹⁷Ele acolheu o meu pedido e, mais apressado que nunca, vai espontaneamente ao encontro de vocês. ¹⁸Com ele estamos enviando o irmão que é elogiado em todas as igrejas, por causa da pregação do Evangelho.

¹⁹Mais ainda: foi escolhido pelas igrejas para ser nosso companheiro de viagem nesta obra de generosidade, serviço que empreendemos para dar glória ao Senhor e realizar as nossas boas intenções. ²⁰Tomamos essa precaução para evitar qualquer crítica na administração da grande quantia que nos confiaram. ²¹De fato, estamos preocupados com o bem, não somente aos olhos de Deus, mas também diante dos homens. ²²Junto com os representantes, enviamos também o nosso irmão, cuja dedicação muitas vezes e de muitos modos temos experimentado, e que agora se mostra muito mais disposto, já que deposita plena confiança em vocês. ²³Quanto a Tito, ele é meu companheiro e colaborador junto a vocês, ao passo que os nossos irmãos são os enviados das igrejas, as quais são a glória de Cristo. ²⁴Portanto, diante das igrejas, deem a eles provas do amor de vocês, e façam que eles vejam como é justo o motivo do nosso orgulho a respeito de vocês. [8,1-24]

9 Deus ama quem dá com alegria — ¹Quanto ao serviço a ser prestado aos cristãos, é inútil que eu escreva a vocês. ²Conheço a boa vontade de vocês e por causa dela me orgulho de vocês junto aos macedônios, dizendo-lhes: “A Acaia está preparada desde o ano passado.” E o zelo de vocês tem servido de estímulo para a maioria das igrejas. ³Entretanto, estou mandando os irmãos até vocês, a fim de que o elogio que fiz de vocês não seja desmentido nesse ponto e para que vocês — como eu dizia antes — estejam realmente preparados. ⁴Se alguns macedônios fossem comigo e não os encontrassem preparados, essa plena confiança seria motivo de nos envergonharmos, para não dizer que seria motivo de vocês se envergonharem. ⁵Julguei, portanto, necessário pedir aos irmãos que fossem até vocês à nossa frente e organizassem as ofertas já prometidas; uma vez recolhidas, tais ofertas seriam sinal de autêntica generosidade, e não demonstração de avareza.

⁶Saibam de uma coisa: quem semeia com mesquinhez, com mesquinhez há de colher; quem semeia com generosidade, com generosidade há de colher. ⁷Cada um dê conforme decidir em seu coração, sem pena ou constrangimento, porque Deus ama quem dá com alegria. ⁸Deus pode enriquecer vocês com toda espécie de graças, para que tenham sempre o necessário em tudo e ainda fique sobrando alguma coisa para poderem colaborar em qualquer boa obra, ⁹conforme diz a Escritura: “Ele distribuiu e deu aos pobres; a sua justiça permanece para sempre.”

¹⁰Deus, que dá semente ao semeador, também dará o pão em alimento; para

vocês multiplicará a semente, e ainda fará crescer o fruto da justiça que vocês têm. ¹¹E vocês ficarão enriquecidos de todos os modos para praticar toda espécie de generosidade, que provocará a ação de graças a Deus por meio de nós. ¹²De fato, o serviço desta coleta não deve apenas satisfazer às necessidades dos cristãos, mas há de ser ocasião de dar efusivas ações de graças a Deus. ¹³Tal serviço será para eles uma prova; e eles agradecerão a Deus a obediência que vocês professam ao Evangelho de Cristo e a generosidade com que vocês repartem os bens com eles e com todos. ¹⁴Eles manifestarão a sua ternura, rezando por vocês por causa da graça extraordinária que Deus concedeu a vocês. ¹⁵Graças sejam dadas a Deus por seu dom extraordinário. [9,1-15]

V. DEFESA DE PAULO

10 *Recomendado pelos homens ou por Deus?* [10-13] — ¹Sou eu mesmo, Paulo, quem suplica a vocês com a mansidão e a bondade de Cristo. Eu que sou “tão humilde quando estou entre vocês e tão prepotente quando estou longe.” ²Rogo que vocês não me obriguem, quando eu estiver aí em pessoa, a mostrar-me prepotente, recorrendo à audácia com que pretendo agir contra aqueles que nos julgam, como se nos comportássemos com interesses humanos. ³Embora seja homem, não luto por interesses humanos. ⁴De fato, as armas da nossa luta não são humanas; o seu poder vem de Deus e são capazes de destruir fortalezas. Nós destruímos os raciocínios presunçosos ⁵e qualquer poder altivo que se levante contra o conhecimento de Deus. Obrigamos toda inteligência a obedecer a Cristo, ⁶e estamos dispostos a punir qualquer desobediência, desde que a obediência de vocês seja perfeita.

⁷Olhem as coisas frente a frente. Se alguém está convencido de pertencer a Cristo, tome consciência, de uma vez por todas, de que assim como ele pertence a Cristo, também nós pertencemos a Cristo. ⁸E ainda que eu me orgulhasse um pouco mais do poder que Deus nos deu para edificar e não destruir vocês, eu não me envergonharia disso. ⁹Não quero dar a impressão de estar ameaçando vocês com minhas cartas, ¹⁰pois, como dizem alguns, “as cartas são duras e fortes, mas a presença dele é fraca e sua palavra é desprezível.” ¹¹Aquele que diz isso fique sabendo que, assim como somos pela linguagem e por carta quando estamos ausentes, tais seremos por nossos atos quando estivermos presentes. ¹²É verdade que não temos a ousadia de nos igualar ou de nos comparar a alguns que fazem recomendação de si mesmos, que se tornam insensatos, porque se medem de acordo com a sua própria medida e se comparam a si mesmos. ¹³Quanto a nós, não nos orgulharemos além da justa medida; ao contrário, tomaremos como medida a própria regra que Deus nos assinalou: a de termos chegado até vocês. ¹⁴Não nos estendemos indevidamente, como seria o caso se não tivéssemos chegado até vocês, pois na verdade fomos ao encontro de vocês anunciando o Evangelho de Cristo. ¹⁵Não nos orgulhamos desmedidamente, apoiados em trabalhos alheios. E temos a esperança de que, com o progresso da fé que vocês têm, cresceremos mais e mais segundo a nossa regra. ¹⁶Desse modo, levaremos o Evangelho para além das fronteiras da região de vocês, sem contudo entrarmos em campo alheio, para não nos orgulharmos de trabalhos realizados por outros,

como se fossem feitos por nós. ¹⁷Quem se orgulha, que se orgulhe no Senhor. ¹⁸Pois é aprovado não aquele que faz recomendação de si próprio, mas aquele que Deus recomenda. [10,1-18]

11 Fidelidade ao único Senhor — ¹Tomara que vocês pudessem suportar um pouco da minha loucura! É claro que vocês vão me suportar! ²Sinto por vocês um ciúme semelhante ao ciúme de Deus. Eu os entreguei a um único esposo, a Cristo, a quem devo apresentar vocês como virgem pura. ³Receio, porém, que assim como a serpente, com sua astúcia, seduziu Eva, os pensamentos de vocês se corrompam, desviando-se da simplicidade devida a Cristo. ⁴De fato, se chega alguém e prega a vocês um Jesus diferente daquele que lhes pregamos, ou se vocês acolhem um espírito diferente daquele que receberam, ou um evangelho diverso daquele que vocês abraçaram, vocês o suportam de bom grado. ⁵Todavia, não me considero inferior em coisa alguma a esses “superapóstolos!” ⁶Ainda que eu não seja hábil no falar, eu o sou no saber. Em tudo e de todos os modos, nós já mostramos isso a vocês. [11,1-6]

Ação pastoral desinteressada — ⁷Será que foi um erro meu humilhar-me para exaltar vocês, porque lhes anunciei gratuitamente o Evangelho de Deus? ⁸Despojei outras igrejas, recebendo delas o necessário para viver, a fim de servir a vocês. ⁹E quando passei necessidade entre vocês, não fui pesado a ninguém, porque os irmãos que vieram da Macedônia supriram às minhas necessidades. Em tudo evitei ser pesado a vocês e continuarei a evitá-lo. ¹⁰Pela verdade de Cristo que está em mim, declaro que esse título de glória não me será tirado nas regiões da Acaia. ¹¹E por quê? Será porque não amo vocês? Deus o sabe!

¹²O que faço, continuarei fazendo, a fim de tirar qualquer pretexto daqueles que procuram algum para se gabarem dos mesmos títulos que nós temos. ¹³Esses tais são falsos apóstolos, operários fraudulentos, disfarçados de apóstolos de Cristo. ¹⁴E não é de estranhar! O próprio Satanás se disfarça em anjo de luz! ¹⁵Por isso, não me surpreendo de que os ministros de Satanás se disfarcem como servidores da justiça. Mas o fim deles corresponderá às suas obras. [7-15]

Títulos que testemunham — ¹⁶Repito: que ninguém me considere louco, ou então: que me suportem como louco, a fim de que também eu possa me gabar um pouco. ¹⁷O que vou dizer, não o direi conforme o Senhor, mas como louco, certo de que tenho motivos para me gabar. ¹⁸Visto que muitos se gabam de seus títulos humanos, também eu vou me gabar. ¹⁹Vocês, assim tão sensatos,

suportam de boa vontade os loucos. ²⁰E suportam que os escravizem, que os devorem, que os despojem, que os tratem com soberba, que os esbofeteiem.

²¹Digo isto para a vergonha de vocês: até parece que nós é que somos fracos...

Aquilo que outros têm a ousadia de apresentar — falo como louco — eu também tenho. ²²São hebreus? Eu também. São israelitas? Eu também. São descendentes de Abraão? Eu também. ²³São ministros de Cristo? Falo como louco: eu o sou muito mais. Muito mais pelas fadigas; muito mais pelas prisões; infinitamente mais pelos açoites; frequentemente em perigo de morte; ²⁴dos judeus recebi cinco vezes os quarenta golpes menos um. ²⁵Fui flagelado três vezes; uma vez fui apedrejado; três vezes naufraguei; passei um dia e uma noite em alto mar. ²⁶Fiz muitas viagens. Sofri perigos nos rios, perigos por parte dos ladrões, perigos por parte dos meus irmãos de raça, perigos por parte dos pagãos, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos por parte dos falsos irmãos. ²⁷Mais ainda: morto de cansaço, muitas noites sem dormir, fome e sede, muitos jejuns, com frio e sem agasalho. ²⁸E isso para não contar o resto: a minha preocupação cotidiana, a atenção que tenho por todas as igrejas. ²⁹Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco? Quem cai, sem que eu me sinta com febre?

³⁰Se é preciso gabar-se, é de minha fraqueza que vou me gabar. ³¹O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é bendito para sempre, sabe que não minto. ³²Em Damasco, o governador do rei Aretas guardava a cidade dos damascenos com a intenção de me prender; ³³mas fizeram-me descer de uma janela, ao longo da muralha, dentro de um cesto; e assim eu escapei das mãos dele. [16-33]

12 *Uma experiência extraordinária* — ¹É preciso gabar-se? Embora não convenha, vou mencionar as visões e revelações do Senhor. ²Conheço um homem em Cristo, que há catorze anos foi arrebatado ao terceiro céu. Se estava em seu corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe. ³Sei apenas que esse homem — se no corpo ou fora do corpo não sei; Deus o sabe! — ⁴foi arrebatado até o paraíso e ouviu palavras inefáveis, que não são permitidas ao homem repetir. ⁵Quanto a esse homem, eu me gabarei; mas quanto a mim, só vou me gabar das minhas fraquezas. ⁶Se eu quisesse me gabar, não seria louco, pois só estaria dizendo a verdade. Mas isso eu não faço, a fim de que ninguém tenha de mim conceito superior àquilo que vê em mim ou me ouve dizer. [12,1-6]

Na fraqueza se manifesta a força — ⁷Para que eu não me inchasse de soberba

por causa dessas revelações extraordinárias, foi-me dado um espinho na carne, um anjo de Satanás para me espancar, a fim de que eu não me encha de soberba. ⁸Por esse motivo, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. ⁹Ele, porém, me respondeu: “Para você basta a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder.” Portanto, com muito gosto, prefiro gabar-me de minhas fraquezas, para que a força de Cristo habite em mim. ¹⁰E é por isso que eu me alegro nas fraquezas, humilhações, necessidades, perseguições e angústias, por causa de Cristo. Pois quando sou fraco, então é que sou forte. [7-10]

Características de um apóstolo — ¹¹Procedi como louco! Mas foram vocês que me forçaram. Eram vocês que deviam me recomendar. Pois, embora eu não seja coisa alguma, em nada esses “superapóstolos” ganham de mim. ¹²De fato, no meio de vocês se realizaram os sinais do verdadeiro apóstolo: paciência a toda prova, sinais, milagres e prodígios. ¹³O que é que vocês tiveram menos do que as outras igrejas, senão o fato de que eu não fui pesado para vocês? Perdoem-me essa injustiça! ¹⁴Estou pronto para ir ao encontro de vocês pela terceira vez. E não lhes serei pesado, pois o que procuro não são os bens que vocês possuem, mas vocês mesmos. Não são os filhos que devem acumular bens para os pais, mas sim os pais para os filhos. ¹⁵Quanto a mim, de boa vontade me gastarei e me desgastarei totalmente em favor de vocês. Será que dedicando-lhes mais amor, serei por causa disso menos amado?

¹⁶“Tudo bem”, dirão alguns. Eu não fui pesado a vocês, mas, esperto como sou, eu os conquistei com fraude! ¹⁷Por acaso, eu os explorei através de algum daqueles que enviei a vocês? ¹⁸Pedi a Tito que fosse encontrar vocês e com ele enviei o irmão. Será que Tito explorou vocês? Será que não caminhamos no mesmo espírito? E não seguimos os mesmos passos? [11-18]

Última advertência — ¹⁹Já faz tempo que vocês pensam que nós estamos querendo nos justificar diante de vocês. Não! É diante de Deus, em Cristo, que falamos. E tudo, caríssimos, para edificação de vocês. ²⁰De fato, receio que, quando aí chegar, eu não os encontre do jeito que eu gostaria de encontrá-los, e que vocês, por conseguinte, me encontrem do jeito como não gostariam. Tenho receio de que entre vocês haja discórdia, inveja, animosidade, rivalidade, maledicências, falsas acusações, arrogância, desordens. ²¹Tenho receio de que, quando eu voltar a encontrá-los, o meu Deus me humilhe em relação a vocês, e que eu tenha de chorar por muitos que pecaram no passado e ainda não se

tenham convertido da impureza, da fornicação e dos vícios que antes praticavam.

13¹Esta é a terceira vez que vou encontrá-los. “Qualquer questão será resolvida pela palavra de duas ou três testemunhas.” ²Eu já disse isso antes e, hoje, estando ausente, torno a dizer, como por ocasião da minha segunda visita, àqueles que pecaram no passado e a todos os outros: quando eu voltar, não usarei de meias medidas, ³pois vocês estão procurando uma prova de que é Cristo quem fala em mim. Ele não é fraco com vocês; ao contrário, ele mostra o seu poder no meio de vocês. ⁴De fato, ele foi crucificado pela sua fraqueza, mas está vivo pelo poder de Deus. Também nós somos fracos nele, mas com ele viveremos pelo poder de Deus em relação a vocês. [12,19-13,4]

Revejam a própria vida — ⁵Examinem-se a si próprios e vejam se estão firmes na fé. Façam uma revisão de si mesmos. Será que vocês não reconhecem que Jesus Cristo está em vocês? A não ser que não passem na prova! ⁶Espero que reconheçam que nós somos aprovados. ⁷Pedimos a Deus que vocês não cometam mal nenhum. O nosso desejo não é aparecer como aprovados, mas sim que vocês pratiquem o bem, ainda que devamos passar como não aprovados. ⁸Nada podemos contra a verdade; só temos poder em favor da verdade. ⁹E nos alegramos todas as vezes que nos sentimos fracos, enquanto vocês se sentem fortes. E o que pedimos em nossas orações é que vocês se tornem sempre mais perfeitos. ¹⁰Escrevo essas coisas estando ausente; assim, quando aí chegar, não terei que recorrer à severidade, conforme o poder que o Senhor me deu para construir, e não para destruir. [13,5-10]

CONCLUSÃO

Saudações finais — ¹¹Ademais, irmãos, fiquem alegres. Procurem a perfeição e animem-se. Tenham os mesmos sentimentos, vivam na paz, e o Deus do amor e da paz estará com vocês.

¹²Saúdem-se uns aos outros com o beijo santo. Todos os cristãos enviam saudações.

¹³Que a graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vocês.

NOTAS

[1,1-2] Timóteo acompanha Paulo na segunda e na terceira viagens, participando na fundação da comunidade em Corinto (1,19; cf. At 18,5). É Timóteo quem mantém a ligação entre Paulo e essa comunidade (1Cor 4,17; 16,10-11).

[3-11] Paulo conheceu a perseguição e sentiu o medo da morte próxima; teve a experiência da incompreensão e rejeição, até mesmo por parte das comunidades por ele fundadas. Nisso tudo, ele descobre aspectos da *tribulação*, que caracteriza a condição cristã (cf. nota em Rm 5,1-11). Todavia, ele se firma numa convicção profunda: a alegria de estar nas mãos do Senhor e participar da própria condição de Jesus. A palavra *consolação* é repetida nove vezes, para significar a libertação interior, a força reencontrada, a mudança de situação, a experiência de ser sustentado por Deus. Nos momentos difíceis, se confirma a solidariedade dos cristãos, porque todos pertencem ao mesmo corpo de Cristo.

[12-14] Já houve muitos mal-entendidos entre a comunidade e Paulo. Este pede que ninguém busque subentendidos em suas cartas, nem segundas intenções em seus atos.

[15-22] Paulo prometera voltar a Corinto, mas não fora possível, e por isso foi mal interpretado. Ele mostra, porém, que é firme e fiel, como verdadeiro discípulo de Jesus (cf. Mt 5,36). Se estivesse enganando os coríntios, estaria traindo a sua própria fidelidade a Jesus, que foi sempre fiel à vontade de Deus. A seguir, lembra o rito do batismo, que incorpora os fiéis a Cristo, tornando-os participantes do mistério da Trindade.

[1,23-2,13] Paulo explica por que escreveu uma carta, ao invés de realizar a visita prometida. Nada sabemos sobre os pormenores do incidente. O Apóstolo

foi contestado por alguém que se opôs aos colaboradores dele. Na sua opinião, uma visita poderia aumentar a problemática, enquanto uma carta levaria à reflexão e reconciliação. Foi o que aconteceu: a comunidade puniu o culpado e este reconheceu o próprio erro. Agora, deve prevalecer o amor. A referida carta (2,3) perdeu-se ou se encontra nos caps. 10-13 da presente carta (cf. Introdução). A sequência dos acontecimentos será retomada em 7,5.

[2,14-17] O Apóstolo relembra o triunfo do Evangelho que se espalha através do testemunho vivo dos missionários. Esse Evangelho apresenta o testemunho de Jesus Cristo, para provocar uma opção decisiva: para a vida ou para a morte, para o verdadeiro sentido da vida ou para uma alienação completa. Quem poderia arrogar-se o direito de exercer tal missão, sem ser chamado por Deus?

[3,1-6] O que confirma a autenticidade da missão de um apóstolo não é uma simples carta de recomendação dada por autoridades externas, mas o testemunho vivo da comunidade, que foi reunida e evangelizada pelo apóstolo. É assim que se constitui a nova aliança anunciada pelos profetas e escrita pelo Espírito na vida dos homens e dos povos (cf. Jr 31,31-33; Ez 11,19).

[7-18] Paulo contrapõe a antiga e a nova aliança. A primeira, que foi concluída por Moisés, tinha valor passageiro e era aliança de morte; de fato, a lei denuncia o pecado, mas não dá forças para vencê-lo. Comentando o véu de Moisés (cf. Ex 34,29-35), Paulo afirma que o mesmo véu cobre agora o rosto dos judeus, que absolutizam a aliança antiga e não compreendem ser Cristo a aliança nova e definitiva, que conduz à vida como força de libertação e fonte de liberdade. A luz do Ressuscitado se reflete na vida dos fiéis e a transfigura de forma cada vez mais profunda.

[4,1-6] Escolhido para o ministério da nova aliança, o apóstolo não pode falsificar o Evangelho em busca de uma glória pessoal. Iluminado por Cristo, ele se torna, pelo testemunho, luz para iluminar toda consciência que não se deixa seduzir pelos deuses deste mundo, isto é, pelas forças que pervertem a vida humana.

[7-15] A vida de Paulo parece frustração e fracasso diante do êxito que os novos mestres da doutrina conseguem. O prestígio fácil, porém, não é sinal de Evangelho autêntico. Este provoca sempre conflitos e perseguições, fazendo que a testemunha participe do caminho de Jesus em direção à morte e à ressurreição. E um primeiro aspecto dessa ressurreição já se manifesta no testemunho vivo da comunidade, que foi gerada pelo testemunho do apóstolo, cuja fraqueza humana

se torna instrumento da força de Deus.

[4,16-5,10] Para quem não tem fé, a morte é o fim de tudo. Mas para quem está comprometido na fé e segue a Jesus, a morte é passagem para a dimensão definitiva da vida. Nosso corpo mortal se desgasta e desfaz na vida terrestre; mas, através da ressurreição, Deus leva o nosso ser à vida plena. Paulo emprega uma imagem muito familiar no Oriente: quando continuam a caminhada, os nômades do deserto desmontam a tenda do acampamento porque o deserto não é sua moradia estável. O mesmo acontece conosco: este mundo é o lugar onde vivemos e construímos a nossa história, cujo fim é a comunhão e participação na própria vida divina.

[5,11-13] Os coríntios estão divididos: uns reprovam os excessos de Paulo; outros o acham prudente demais. De fato, ele sabe tomar propositadamente atitudes contraditórias: entrega-se totalmente ao serviço do Evangelho; e ao mesmo tempo sabe agir com moderação em favor dos coríntios. Na realidade, ele é guiado por uma só convicção: anunciar e testemunhar o Evangelho.

[5,14-6,2] Os inimigos de Paulo dizem que ele não é apóstolo porque não foi testemunha ocular da vida terrestre de Jesus, nem lhe conheceu as palavras e atos. Por isso, não pode ser testemunha do Evangelho. No entanto, o Apóstolo mostra que o Evangelho não é simples história de Jesus, e sim o anúncio de sua morte e ressurreição, que restaura a condição humana, vence a alienação causada pelo pecado e inaugura nova era. A cruz de Jesus anuncia o fim da inimizade com Deus e inaugura a era da reconciliação universal. Enquanto esperamos o dia da ressurreição, Deus escolheu apóstolos para exercer o ministério da reconciliação. Por meio deles, o Senhor Jesus continua sua atividade na terra e convoca todos os homens: “reconciliem-se com Deus”.

[6,3-10] A veracidade de um apóstolo está no seu empenho total pela obra de Deus. Aquilo que o distingue é o contraste entre as riquezas de sua alma apaixonada e os modestos recursos humanos de que dispõe. É por isso que o apóstolo se apresenta sempre como sinal de contradição dentro da sociedade.

[11-13] Após o longo parêntese formado por 2,14-6,10, Paulo volta a refletir sobre a situação da comunidade.

[6,14-7,1] O trecho seria mais compreensível em 1Cor 5,9, onde Paulo fala de recado anterior: os fiéis não se misturem com aqueles que se comportam mal, isto é, com os irmãos que voltaram aos costumes pagãos (cf. Introdução).

[7,2-16] Paulo recorda o problema que havia surgido e a carta anterior e que deve ter sido bastante enérgica (cf. 2,1-11), tanto que fez os coríntios se arrependem, aderirem a Paulo e se indignarem contra os inimigos dele. Aqui se revela a profunda afetividade desse missionário, que se entrega de corpo e alma à evangelização.

[8,1-24] No ano 48, houve grande fome na Judeia e em Jerusalém (At 11,28), por causa da colheita fraca do ano precedente, que tinha sido sabático, no qual os judeus não semeiam, para que a terra possa descansar. Para atender à situação, organizou-se uma ajuda econômica em favor dos cristãos de Jerusalém. Depois, no primeiro concílio de Jerusalém, Paulo prometeu que, em suas missões entre os pagãos, daria atenção aos irmãos de Jerusalém (cf. Gl 2,10). Aqui ele aconselha as igrejas de Corinto e de sua província a realizarem a coleta que já haviam decidido fazer (cf. 1Cor 16,1). E salienta que essa ajuda material é graça de Deus, muito maior para quem oferece do que para quem recebe. Além disso, como se tratava de somas elevadas, Paulo se preocupa em que a coleta seja administrada por pessoas de confiança.

[9,1-15] Volta o tema da coleta, como se nada tivesse sido falado no capítulo anterior. Na opinião de alguns estudiosos, Paulo escreveu também um bilhete dirigido às igrejas da região da Acaia. É possível que 2Cor 9 seja esse bilhete, colocado aqui por tratar o mesmo assunto do cap. 8 (cf. Introdução).

A preocupação pela coleta em favor dos necessitados de Jerusalém demonstra que, desde o início, o econômico também fazia parte do testemunho cristão. A partilha e a solidariedade em favor dos mais pobres não se manifestavam só na própria comunidade, mas eram sinal de unidade entre as comunidades. O intercâmbio não era questão periférica da fé, mas autêntico veículo de comunicação do “dom extraordinário” de Deus (v. 15) e obediência ao Evangelho de Cristo (v. 13).

[10-13] Nestes capítulos o tom se torna severo e violento. Como a vida cristã e a autenticidade do Evangelho se acham ameaçadas, Paulo enfrenta alguns missionários que procuram desacreditá-lo e repreende os cristãos que deram ouvidos a calúnias. É provável que estes capítulos pertençam à carta severa, da qual se fala em 2Cor 2,3 (cf. Introdução).

[10,1-18] Paulo conhece a imagem que dele fazem os novos e pretensos missionários: de longe, cheio de severidade; de perto, fraco e tímido; numa

palavra, alguém que não possui qualificações para ser apóstolo. Contudo, ele vive uma convicção diferente: sua missão não é dominar os homens, mas ganhá-los para Cristo unicamente com a força da palavra de Deus, que é capaz de “destruir fortalezas”. Paulo mostra que esses “superapóstolos” se aproveitam do trabalho que ele realiza; ao mesmo tempo, critica os coríntios por darem atenção a eles, preocupando-o e impedindo de evangelizar outros lugares. Com isso, os coríntios acabam se tornando um obstáculo e não um auxílio para a propagação do Evangelho. A comunidade precisa saber distinguir entre o verdadeiro e o falso evangelizador.

[11,1-6] Como um pai conduz a filha ao noivo para o casamento, Paulo conduziu a comunidade de Corinto a Cristo. Agora ele teme que essa igreja se deixe seduzir por falsos apóstolos, que apresentam evangelhos diferentes. A imagem do matrimônio exprime intimidade e pertença. Para o Apóstolo, cada comunidade está profundamente ligada a Jesus, seu Senhor único e exclusivo; e ninguém tem direito de apoderar-se de uma comunidade cristã.

[7-15] O auxílio financeiro que Paulo recebe destina-se à evangelização e não a ele próprio. Além disso, frequentemente ele prefere exercer o ministério de maneira gratuita, para que não haja críticas ou objeções ao seu único interesse: servir as comunidades sob sua coordenação. Em Corinto, ele se sustentava fabricando tendas (cf. At 18,3).

[16-33] Paulo não abusa de sua autoridade de apóstolo para se impor às comunidades. Os títulos que ele apresenta de si próprio, mais do que diplomas que possam dar prestígio pessoal, são as suas lutas, sofrimentos, preocupações e perseguições, pelas quais passou no incansável trabalho de evangelização. A sua compaixão pelos mais fracos o recomenda acima de todos os “superapóstolos” que usam de seus títulos para explorar as comunidades por onde passam.

[12,1-6] Essa experiência talvez seja a base de toda a vida missionária de Paulo. Deve ter acontecido no ano 42, na Síria ou na Cilícia (cf. At 11,25), cinco anos depois da conversão. Trata-se de experiência espiritual, em que o Apóstolo contemplou a transcendência divina, que nenhuma palavra humana jamais poderá descrever.

[7-10] Não se sabe ao certo ao que Paulo se refere quando fala de “espinho na carne.” Trata-se talvez de alguma doença que multiplica as dificuldades de sua vida apostólica. Ele experimenta um paradoxo: é na sua fraqueza que se manifesta a força de Deus.

[11-18] As características do verdadeiro apóstolo são: paciência a toda prova, testemunho dado pela palavra que se traduz em testemunho prático, ação desinteressada e gratuita, sinceridade e veracidade, dedicação total.

[12,19-13,4] As agitações na comunidade agravaram o relaxamento que Paulo já lamentara na primeira carta. Agora ele está resolvido a punir os culpados teimosos aplicando as medidas que são comuns em outras igrejas (cf. Mt 18,16).

[13,5-10] O essencial é que os coríntios se convertam. Depois disso, a ameaça de intervenção com autoridade será apenas uma vaga lembrança. Se eles se converterem, Paulo não terá como usar o seu poder. Os coríntios parecerão fortes, e Paulo fraco e derrotado, porque os adversários continuarão a dizer que as ameaças dele são puramente verbais. No entanto, ele não busca vitória nem sucesso pessoal; prefere a última hipótese, humilhante para ele, mas gloriosa para os fiéis.

CARTA AOS GÁLATAS

DA ESCRAVIDÃO PARA A LIBERDADE

Introdução

A Galácia não era uma cidade, mas uma região da Ásia Menor. Na segunda viagem missionária, Paulo atravessou “a Frígia e a região da Galácia” (At 16,6), e aí fundou comunidades, depois visitadas (At 18,23) durante a terceira viagem (53-57 d.C.). O livro dos Atos mostra que Paulo permaneceu longo tempo em Éfeso (At 19,1-21,1). Foi aí, provavelmente, que o Apóstolo teve notícias de um ataque contra ele e sua doutrina em meio às comunidades da Galácia. Alguns judeu-cristãos, ligados a certos círculos de Jerusalém, queriam impor aos pagãos convertidos a circuncisão e a observância da Lei mosaica. Além disso, ridicularizavam Paulo, negando a sua autoridade de apóstolo, porque ele não pertencia ao grupo dos Doze. Diziam também que a doutrina sobre a caducidade da Lei era invenção de Paulo, e não correspondia ao pensamento da igreja de Jerusalém.

A carta aos Gálatas foi escrita no fim da estada de Paulo em Éfeso, provavelmente no inverno de 56-57. É a única carta de Paulo que não começa com ação de graças e não termina com bênção, fato que testemunha a sua indignação. De fato, em tom agressivo, ele defende o seu apostolado e doutrina, reafirmando que o Evangelho nada tem a ver com a Lei mosaica nem com qualquer outro tipo de espiritualidade legalista.

*A carta aos Gálatas foi definida como o manifesto da liberdade cristã e universalidade da Igreja. Daí a sua importância. Contudo, libertação de quê e para quê? Libertação **de** uma vida programada externamente por um minucioso código de regras e leis, que conservam o homem numa atitude infantil diante da vida. Libertação **para** uma vida adulta e consciente, graças ao uso responsável da liberdade. A vida do homem não deve ser determinada por um código de leis, mas por compromisso pessoal e íntimo com Cristo, que está presente no profundo do ser humano (2,20). A liberdade é conduzida pelo amor a si mesmo e aos outros, amor que é compromisso ativo com o crescimento do outro (5,6.13-14).*

Ao ler a carta aos Gálatas, nós, cristãos de hoje, somos convidados a uma séria revisão: onde está a motivação fundamental que dirige a nossa vida cristã:

numa série de observâncias mecânicas de leis e ritos? Ou no compromisso com Jesus Cristo, que se realiza através de amor responsável e criativo?

A Igreja também é convidada a essa revisão de vida: ela realmente educa os filhos de Deus para a liberdade e a fé? Ou estabelece leis que escravizam e esterilizam a vida cristã? As instituições eclesiais visam a colocar fronteiras de salvação? Ou procuram formar comunidades comprometidas com Jesus Cristo e abertas para servir a todos?

CARTA AOS GÁLATAS

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6

CARTA AOS GÁLATAS

1 *Endereço e saudação* — ¹Paulo, apóstolo não da parte dos homens, nem por meio de um homem, mas da parte de Jesus Cristo e de Deus Pai, que o ressuscitou dos mortos. ²Eu e todos os irmãos que estão comigo, às igrejas da Galácia. ³Que a graça e a paz de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo estejam com vocês. ⁴Cristo entregou-se pelos nossos pecados para nos arrancar deste mundo mau, segundo a vontade de nosso Deus e Pai. ⁵A Deus seja dada a glória para sempre. Amém. [1,1-5]

Não existe outro evangelho — ⁶Estou admirado de vocês estarem abandonando tão depressa aquele que os chamou por meio da graça de Cristo, para aceitarem outro evangelho. ⁷Na realidade, porém, não existe outro evangelho. Há somente pessoas que estão semeando confusão entre vocês, e querem deturpar o Evangelho de Cristo. ⁸Maldito aquele que anunciar a vocês um evangelho diferente daquele que anunciamos, ainda que sejamos nós mesmos ou algum anjo do céu. ⁹Já dissemos antes e agora repetimos: Maldito seja quem anunciar um evangelho diferente daquele que vocês receberam. ¹⁰Por acaso é aprovação dos homens que estou procurando, ou é aprovação de Deus? Ou estou procurando agradar aos homens? Se estivesse procurando agradar aos homens, eu já não seria servo de Cristo. [6-10]

Paulo ensina o que recebeu de Deus — ¹¹Irmãos, eu declaro a vocês: o Evangelho por mim anunciado não é invenção humana. ¹²E, além disso, não o recebi nem aprendi através de um homem, mas por revelação de Jesus Cristo. ¹³Certamente vocês ouviram falar do que eu fazia quando estava no judaísmo. Sabem como eu perseguia com violência a Igreja de Deus e fazia de tudo para arrasá-la. ¹⁴Eu superava no judaísmo a maior parte dos compatriotas da minha idade, e procurava seguir com todo o zelo as tradições dos meus antepassados.

¹⁵Deus, porém, me escolheu antes de eu nascer e me chamou por sua graça. Quando ele resolveu ¹⁶revelar em mim o seu Filho, para que eu o anunciasse entre os pagãos, não consultei a ninguém, ¹⁷nem subi a Jerusalém para me encontrar com aqueles que eram apóstolos antes de mim. Pelo contrário, fui para a Arábia, e depois voltei para Damasco. ¹⁸Três anos mais tarde, fui a Jerusalém para conhecer Pedro, e fiquei com ele quinze dias. ¹⁹Entretanto, não vi nenhum

outro apóstolo, a não ser Tiago, o irmão do Senhor. ²⁰Deus é testemunha: o que estou escrevendo a vocês não é mentira. ²¹Depois fui para as regiões da Síria e da Cilícia, ²²de modo que as igrejas de Cristo na Judeia não me conheciam pessoalmente. ²³Elas apenas ouviam dizer: “Aquele que nos perseguia, agora está anunciando a fé que antes procurava destruir.” ²⁴E louvavam a Deus por minha causa. [11-24]

2 *Unidade da Igreja e liberdade cristã* — ¹Catorze anos depois, voltei a Jerusalém com Barnabé e levei também Tito comigo. ²Fui lá seguindo uma revelação. Expus a eles o Evangelho que anuncio aos pagãos, mas o expus reservadamente às pessoas mais notáveis, para não me arriscar a correr ou ter corrido em vão. ³Nem Tito, meu companheiro, que é grego, foi obrigado a circuncidar-se. ⁴Nem mesmo por causa dos falsos irmãos, os intrusos que se infiltraram para espionar a liberdade que temos em Jesus Cristo, a fim de nos tornar escravos. ⁵Mas para que a verdade do Evangelho continuasse firme entre vocês, em nenhum momento nos submetemos a essas pessoas.

⁶No que se refere àqueles mais notáveis — pouco me importa o que eles eram então, porque Deus não faz diferença entre as pessoas — esses mesmos notáveis nada mais me impuseram. ⁷Pelo contrário, viram que a mim fora confiada a evangelização dos não circuncidados, assim como a Pedro fora confiada a evangelização dos circuncidados. ⁸De fato, aquele que tinha agido em Pedro para o apostolado entre os circuncidados, também tinha agido em mim a favor dos pagãos. ⁹Por isso, Tiago, Pedro e João, considerados como colunas, reconheceram a graça que me fora concedida, estenderam a mão a mim e a Barnabé em sinal de comunhão: nós trabalharíamos com os pagãos, e eles com os circuncidados. ¹⁰Eles pediram apenas que nos lembrássemos dos pobres, e isso eu tenho procurado fazer com muito cuidado. [2,1-10]

O perigo da hipocrisia — ¹¹Quando Pedro foi a Antioquia, eu o enfrentei em público, porque ele estava claramente errado. ¹²De fato, antes de chegarem algumas pessoas da parte de Tiago, ele comia com os pagãos; mas, depois que chegaram, Pedro começou a evitar os pagãos e já não se misturava com eles, pois tinha medo dos circuncidados. ¹³Os outros judeus também começaram a fingir com ele, de modo que até Barnabé se deixou levar pela hipocrisia dele. ¹⁴Quando vi que eles não estavam agindo direito, conforme a verdade do Evangelho, eu disse a Pedro, na frente de todos: “Você é judeu, mas está

vivendo como os pagãos e não como os judeus. Como pode, então, obrigar os pagãos a viverem como judeus?” [11-14]

Jesus Cristo é o centro da vida — ¹⁵Nós somos judeus de nascimento, e não pagãos pecadores. ¹⁶Sabemos, entretanto, que o homem não se torna justo pelas obras da Lei, mas somente pela fé em Jesus Cristo. Nós também acreditamos em Jesus Cristo, a fim de nos tornarmos justos pela fé em Cristo e não pela observância da Lei, pois com a observância da Lei ninguém se tornará justo. ¹⁷Nós procuramos tornar-nos justos em Cristo; mas também somos pecadores como os outros. Então, será que Cristo estaria a serviço do pecado? Claro que não! ¹⁸De fato, se eu reconstruo o que destruí, eu próprio me torno culpável.

¹⁹Quanto a mim, foi através da Lei que eu morri para a Lei, a fim de viver para Deus. Fui morto na cruz com Cristo. ²⁰Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim. E esta vida que agora vivo, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim. ²¹Portanto, não torno inútil a graça de Deus, porque, se a justiça vem através da Lei, então Cristo morreu em vão. [15-21]

3 ***A experiência dos gálatas*** — ¹Gálatas insensatos! Quem foi que os enfeitiçou? Vocês que tiveram diante dos próprios olhos uma descrição clara de Jesus Cristo crucificado! ²Respondam-me somente uma coisa: foi por causa da observância da Lei que vocês receberam o Espírito, ou foi porque vocês ouviram a mensagem da fé? ³Vocês são tão insensatos a ponto de ter começado com o Espírito e agora terminar na carne? ⁴Foi em vão que fizeram tantas experiências? Se é que foi em vão! ⁵Aquele que dá a vocês o Espírito e realiza milagres entre vocês, será que ele o faz por causa da observância da Lei, ou é porque vocês ouviram a mensagem da fé? [3,1-5]

Os verdadeiros filhos de Abraão — ⁶Foi assim que Abraão teve fé em Deus, e isso lhe foi creditado como justiça. ⁷Saibam, portanto, que somente aqueles que têm fé são filhos de Abraão. ⁸É por isso que a Escritura, prevendo que Deus tornaria justos os pagãos através da fé, predisse a Abraão esta boa notícia: “Todas as nações serão abençoadas em você.” ⁹Portanto, aqueles que têm fé são os abençoados junto com Abraão, que acreditou.

¹⁰Os que observam a Lei, porém, estão todos debaixo do peso da maldição, pois a Escritura diz: “Maldito seja todo aquele que não é fiel a todas as coisas que estão escritas no livro da Lei para serem praticadas.” ¹¹Além disso, é

evidente que ninguém pode tornar-se justo diante de Deus através da Lei, pois o justo viverá pela fé. ¹²Ora, a Lei não se baseia sobre a fé, pois diz: “Quem praticar os preceitos da Lei, viverá por meio deles.” ¹³Cristo nos resgatou da maldição da Lei, tornando-se ele próprio maldição por nós, como diz a Escritura: “Maldito seja todo aquele que for suspenso no madeiro.” ¹⁴Isso aconteceu para que, em Jesus Cristo, a bênção de Abraão se estendesse aos pagãos e para que nós recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido. [6-14]

A promessa e a Lei — ¹⁵Irmãos, vou fazer uma comparação: ninguém pode invalidar ou modificar um testamento legitimamente feito. ¹⁶Ora, as promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente. A Escritura não diz no plural: “e aos descendentes”; mas no singular: “e ao seu descendente”, isto é, a Cristo. ¹⁷O que eu quero dizer é o seguinte: Deus firmou um testamento de modo legítimo. A Lei, que veio quatrocentos e trinta anos mais tarde, não pode invalidar esse testamento, anulando assim a promessa. ¹⁸De fato, se é através da Lei que se recebe a herança, já não é mediante a promessa. Ora, foi por meio de uma promessa que Deus concedeu sua graça a Abraão. [15-18]

O papel da Lei — ¹⁹Então, por que é que foi dada a Lei? Ela foi acrescentada para mostrar as transgressões, até a chegada do descendente, em vista do qual foi feita a promessa. A Lei foi promulgada pelos anjos, e um homem serviu de intermediário. ²⁰Ora, esse intermediário não representa uma pessoa só, e Deus é um só.

²¹Então, a Lei estará contra as promessas de Deus? Claro que não! Se tivesse sido dada uma lei capaz de comunicar a vida, então sim, realmente a justiça viria da Lei. ²²A Escritura, porém, colocou tudo sob o domínio do pecado, a fim de que a promessa fosse concedida aos que acreditam, mediante a fé em Jesus Cristo.

²³Antes que chegasse a fé, a Lei tomava conta de nós, à espera da fé que devia ser revelada. ²⁴A Lei, portanto, é para nós como um pedagogo que nos conduziu a Cristo, para que nos tornássemos justos mediante a fé. [19-24]

A chegada da fé — ²⁵Chegada a fé, já não estamos sob os cuidados de um pedagogo. ²⁶De fato, vocês todos são filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo, ²⁷pois todos vocês, que foram batizados em Cristo, se revestiram de Cristo. ²⁸Não há mais diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos vocês são um só em Jesus Cristo. ²⁹E se vocês

pertencem a Cristo, então vocês são de fato a descendência de Abraão e herdeiros conforme a promessa. [25-29]

4 Adultos em Cristo — ¹Vou dar outro exemplo: durante todo o tempo em que o herdeiro é criança, embora seja dono de tudo, é como se fosse um escravo.

²Até chegar a data fixada por seu pai, ele fica sob tutores e pessoas que administram seus negócios. ³O mesmo aconteceu conosco: éramos como crianças e andávamos como escravos, submetidos aos elementos do mundo.

⁴Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho. Ele nasceu de uma mulher, submetido à Lei ⁵para resgatar aqueles que estavam submetidos à Lei, a fim de que fôssemos adotados como filhos. ⁶A prova de que vocês são filhos é o fato de que Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho que clama: Abba, Pai! ⁷Portanto, você já não é escravo, mas filho; e se é filho, é também herdeiro por vontade de Deus.

⁸No passado, quando vocês não conheciam a Deus, eram escravos de deuses, que na realidade não são deuses. ⁹Agora, porém, vocês conhecem a Deus, ou melhor, agora Deus conhece vocês. Então, como é que vocês querem voltar de novo àqueles elementos fracos e sem valor? Por que vocês querem novamente ficar escravos deles? ¹⁰Vocês observam cuidadosamente dias, meses, estações e anos! ¹¹Receio que me cansei inutilmente por vocês. [4,1-11]

Apelo pessoal de Paulo — ¹²Irmãos, peço que sejam como eu, porque eu também me tornei como vocês. Vocês não me ofenderam em nada. ¹³E sabem que foi por causa de uma doença física que eu os evangelizei na primeira vez. ¹⁴E vocês não me desprezaram nem me rejeitaram, apesar do meu físico ser para vocês uma provação. Pelo contrário, me acolheram como a um anjo de Deus ou até como a Jesus Cristo.

¹⁵Onde está a alegria que vocês experimentaram então? Pois eu dou testemunho de que, se fosse possível, vocês teriam arrancado os próprios olhos para me dar. ¹⁶E agora, será que me tornei inimigo, só porque lhes disse a verdade?

¹⁷Esses homens mostram grande interesse por vocês, mas a intenção deles não é boa; o que eles querem é separar vocês de mim, para que se interessem por eles. ¹⁸Seria bom que vocês se interessassem sempre pelo bem, e não só quando estou presente entre vocês. ¹⁹Meus filhos, sofro novamente como dores de parto, até que Cristo esteja formado em vocês. ²⁰Gostaria de estar junto de vocês neste

momento, e de mudar o tom da minha voz, porque não sei mais que atitude tomar com vocês. [12-20]

Escravidão e liberdade — ²¹Vocês que querem ficar submetidos à Lei, me digam uma coisa: será que não ouvem o que diz a Lei? ²²De fato, aí está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava e outro da mulher livre. ²³O filho da escrava nasceu de modo natural, enquanto o filho da mulher livre nasceu por causa da promessa. ²⁴Simbolicamente isso quer dizer o seguinte: as duas mulheres representam as duas alianças. Uma, a do monte Sinai, gera para a escravidão e é representada por Agar ²⁵(pois o monte Sinai está na Arábia, que é o país de Agar). E Agar corresponde à Jerusalém atual, que é escrava junto com seus filhos. ²⁶Mas a Jerusalém do alto é livre, e ela é a nossa mãe. ²⁷Porque está na Escritura: “Alegre-se, estéril, você que não dava à luz! Grite de alegria, você que não conheceu as dores do parto, porque os filhos da abandonada são mais numerosos do que os filhos daquela que tem marido”.

²⁸Vocês, irmãos, são filhos da promessa, como Isaac. ²⁹Acontece agora como acontecia naquele tempo: o que nasceu de modo natural persegue aquele que nasceu segundo o Espírito. ³⁰Mas o que é que diz a Escritura? “Expulse a escrava e o filho dela, porque o filho da escrava não receberá a herança junto com o filho da mulher livre”. ³¹Portanto, irmãos, nós não somos filhos da escrava, mas da mulher livre. [21-31]

5 *A liberdade cristã* — ¹Cristo nos libertou para que sejamos verdadeiramente livres. Portanto, sejam firmes e não se submetam de novo ao jugo da escravidão.

²Eu, Paulo, declaro: se vocês se fazem circuncidar, Cristo de nada adiantará para vocês. ³E a todo homem que se faz circuncidar, eu declaro: agora está obrigado a observar toda a Lei. ⁴Vocês que buscam a justiça na Lei se desligaram de Cristo e se separaram da graça. ⁵Nós, de fato, aguardamos no Espírito a esperança de nos tornarmos justos mediante a fé, ⁶porque, em Jesus Cristo, o que conta não é a circuncisão ou a não-circuncisão, mas a fé que age por meio do amor.

⁷Vocês estavam correndo bem. Quem foi que colocou obstáculo para que vocês não obedeçam mais à verdade? ⁸Tal influência não vem daquele que chama vocês. ⁹Um pouco de fermento basta para levedar toda a massa! ¹⁰Confio no Senhor que vocês estão de acordo com isso. Aquele, porém, que os perturba

sofrerá condenação, seja quem for. ¹¹Quanto a mim, irmãos, se é verdade que ainda prego a circuncisão, por que sou perseguido? Nesse caso, o escândalo da cruz estaria anulado! ¹²Tomara que aqueles que estão perturbando vocês se mutilem de uma vez por todas! [5,1-12]

A vida segundo o Espírito — ¹³Irmãos, vocês foram chamados para serem livres. Que essa liberdade, porém, não se torne desculpa para vocês viverem satisfazendo os instintos egoístas. Pelo contrário, disponham-se a serviço uns dos outros através do amor. ¹⁴Pois toda a Lei encontra a sua plenitude num só mandamento: “Ame o seu próximo como a si mesmo”. ¹⁵Mas, se vocês se mordem e se devoram uns aos outros, tomem cuidado! Vocês vão acabar destruindo-se mutuamente. [13-15]

¹⁶Por isso é que lhes digo: vivam segundo o Espírito, e assim não farão mais o que os instintos egoístas desejam. ¹⁷Porque os instintos egoístas têm desejos que estão contra o Espírito, e o Espírito contra os instintos egoístas; os dois estão em conflito, de modo que vocês não fazem o que querem. ¹⁸Mas, se forem conduzidos pelo Espírito, vocês não estarão mais submetidos à Lei. [16-18] ¹⁹Além disso, as obras dos instintos egoístas são bem conhecidas: fornicação, impureza, libertinagem, ²⁰idolatria, feitiçaria, ódio, discórdia, ciúme, ira, rivalidade, divisão, sectarismo, ²¹inveja, bebedeira, orgias e outras coisas semelhantes. Repito o que já disse: os que fazem tais coisas não herdarão o Reino de Deus. [19-21] ²²Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, bondade, benevolência, fé, ²³mansidão e domínio de si. Contra essas coisas não existe lei. ²⁴Os que pertencem a Cristo crucificaram os instintos egoístas junto com suas paixões e desejos. ²⁵Se vivemos pelo Espírito, caminhemos também sob o impulso do Espírito. ²⁶Não sejamos ambiciosos de glória, provocando-nos mutuamente e tendo inveja uns dos outros. [22-26]

6 A lei de Cristo — ¹Irmãos, se alguém for apanhado em alguma falta, cabe a vocês, que são espirituais, corrigir com mansidão a essa pessoa. E cada um que se cuide, para não ser tentado também.

²Carreguem os fardos uns dos outros, e assim vocês estarão cumprindo a lei de Cristo. ³Se alguém pensa que é importante, quando de fato não o é, está enganando a si mesmo. ⁴Cada um examine a sua conduta, e então achará motivo de satisfação em sua própria pessoa, e não por comparação com outros, ⁵porque cada um deve levar a sua própria carga.

⁶Aquele que recebe o ensinamento da palavra deve repartir todos os bens com o catequista. [6,1-6]

⁷Não se iludam, pois com Deus não se brinca: cada um colherá aquilo que tiver semeado. ⁸Quem semeia nos instintos egoístas, dos instintos egoístas colherá corrupção; quem semeia no Espírito, do Espírito colherá vida eterna. ⁹Não nos cansemos de fazer o bem; se não desanimarmos, quando chegar o tempo, colheremos. ¹⁰Portanto, enquanto temos tempo, façamos o bem a todos, especialmente aos que pertencem à nossa família na fé. [7-10]

Gloriar-se na cruz de Cristo — ¹¹Vejam com que letras grandes estou escrevendo a vocês de meu próprio punho. ¹²Os que querem impor-lhes a circuncisão são aqueles que estão preocupados em aparecer. Fazem isso para não serem perseguidos por causa da cruz de Cristo. ¹³De fato, nem mesmo os próprios circuncidados observam a Lei. Eles querem que vocês se circuncidem, apenas para eles se gloriarem de ter marcado o corpo de vocês. ¹⁴Quanto a mim, que eu não me glorie, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por meio do qual o mundo foi crucificado para mim, e eu para o mundo. ¹⁵O que importa não é a circuncisão ou a não-circuncisão, e sim a nova criação. ¹⁶Que a paz e a misericórdia estejam sobre todos os que seguirem esta norma, assim como sobre todo o Israel de Deus.

¹⁷De agora em diante ninguém mais me moleste, pois trago em meu corpo as marcas de Jesus.

Saudações finais — ¹⁸Irmãos, que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com o espírito de vocês. Amém. [11-18]

NOTAS

[1,1-5] Dizendo-se *apóstolo*, Paulo reivindica para si a mesma autoridade que os Doze. O Evangelho que ele prega é o Evangelho da salvação, obtida pela fé em Jesus Cristo, e não pela observância da Lei.

[6-10] Os gálatas convertidos à fé cristã eram de origem pagã e nunca haviam praticado a religião judaica. Paulo anunciara a eles que o Evangelho é, antes de tudo, a própria pessoa de Jesus Cristo, que morreu e ressuscitou para nos libertar do pecado e nos trazer a salvação através da fé. Todavia, alguns judeus convertidos anunciavam “outro evangelho”. Segundo eles, para a salvação era

também necessário ser circuncidado e observar a Lei judaica.

[11-24] Os judeu-cristãos criticam a autoridade de Paulo, dizendo que ele não é apóstolo como aqueles que Jesus tinha escolhido. E Paulo se defende, contando a história da sua vocação (cf. At 9), nascida de uma experiência direta de Jesus Cristo morto e ressuscitado. Tal experiência o transformou profundamente: de perseguidor, ele se tornou apóstolo. Na origem da sua missão, portanto, não há nenhuma interferência humana. Quando Paulo vai a Jerusalém, é simplesmente para conhecer Pedro e Tiago (cf. At 9,23-30).

[2,1-10] Na segunda vez que vai a Jerusalém (cf. At 15), Paulo tem duas preocupações: fazer um acordo com Pedro, Tiago e João, para manter a unidade das igrejas; e ao mesmo tempo, assegurar que os pagãos convertidos não precisem observar a religião judaica. A viagem tem dois resultados importantes: as autoridades da igreja de Jerusalém reconhecem o Evangelho, tal como Paulo e Barnabé o pregam aos pagãos; é feito um acordo prático, delimitando os campos de apostolado de Pedro e de Paulo. O sinal visível desse acordo é a preocupação e o auxílio aos pobres (cf. 2Cor 8-9).

[11-14] Um judeu não podia comer ao lado de um pagão, pois ficaria impuro, violando a Lei. Contudo, no encontro em Jerusalém, ficara resolvido que os pagãos convertidos ao cristianismo não precisavam observar a Lei judaica. A atitude de Pedro é hipócrita: por medo de ser criticado pelos judeu-cristãos, ele evita comer com os pagãos convertidos. O fato é grave, pois o comportamento hipócrita de um chefe da Igreja causa divisões, esvazia o trabalho da evangelização, chegando até mesmo a desviar a comunidade do verdadeiro Evangelho.

[15-21] Para Paulo, nenhuma força humana, nem mesmo a Lei dos judeus, tem o poder de arrancar o homem da situação de pecado em que vive. Só um ato de Deus pode realizar isso, concedendo gratuitamente anistia. E Deus a concedeu através de Jesus Cristo, que morreu por nossos pecados. Essa anistia proclamada na cruz chega até mim no momento em que eu acredito que, em Jesus Cristo, Deus realizou esse dom. Acreditar em Jesus Cristo é colocá-lo no centro da vida, a ponto de poder dizer: “Já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim.”

[3,1-5] Os gálatas ouviram a pregação do Evangelho, converteram-se a Jesus Cristo e foram batizados. A partir da fé, puderam experimentar na sua vida o dom do Espírito, que reúne os homens e os faz colaborar entre si para o crescimento de todos. Até esse momento, os gálatas não conheciam a Lei

judaica. Para que serve agora circuncidar-se e observar tal Lei? O que poderiam dela receber a mais? A atitude deles mostra apenas que estão voltando para trás.

[6-14] Os pregadores judeu-cristãos certamente diziam aos gálatas que Jesus era judeu e filho de Abraão; por isso os gálatas deviam ser circuncidados e observar a Lei judaica, para serem filhos de Abraão e fiéis a Jesus. Contudo, Paulo salienta que, desde Abraão, a fé nas promessas é que dá a vida. Quem tem fé se torna filho e herdeiro de Abraão. Quanto à Lei, ao invés de tornar justo o homem, ela traz a maldição para os que não a cumprem. A Cristo se dirigia a promessa (v. 16): submetendo-se à maldição da Lei pela morte na cruz, ele resgatou-nos pela fé e estendeu a todos os povos a bênção prometida a Abraão.

[15-18] O testamento ou aliança de Deus, no qual estão contidas as promessas feitas a Abraão e ao seu descendente, não pode ser anulado pela Lei, pois esta veio depois das promessas. O “descendente” de que fala a Escritura é uma só pessoa e, para Paulo, essa pessoa só pode ser Cristo. Em Cristo, portanto, nós somos herdeiros de uma promessa que foi feita diretamente a Abraão, e não através da Lei.

[19-24] No mundo greco-romano, o *pedagogo* era um escravo severo, que tinha como tarefa vigiar, admoestar e castigar o comportamento das crianças de uma família. Esse foi o papel da Lei: mostrar a incapacidade do homem de salvar-se, dar-lhe consciência de seus pecados e mantê-lo na expectativa da realização da promessa, a fim de ser liberto da própria Lei.

[25-29] O papel da Lei terminou com a chegada de Cristo. Pela fé nele e pelo batismo, os homens se revestem de Cristo, isto é, são transformados para se tornarem imagem dele (cf. Cl 3,11). Em Cristo, portanto, os homens ficam libertos de qualquer lei e de qualquer diferença que possa privilegiar uns e marginalizar outros.

[4,1-11] Paulo coloca no mesmo plano os ritos religiosos pagãos e os ritos judaicos. Se os gálatas se submeterem aos costumes judaicos, estarão vivendo a mesma vida pagã de outrora, submissos e escravos de outras criaturas. O homem de fé deve depender unicamente do seu Criador, de quem se tornou filho, graças a Cristo. Cf. nota em Rm 8,14-17.

[12-20] Paulo interrompe o raciocínio e, emocionado, relembra o entusiasmo inicial dos gálatas, que o trataram com carinho e como enviado de Deus, apesar de sua enfermidade. Fala com ironia dos intrusos que querem escravizá-los com suas concepções. Por fim, mostra que está gerando os gálatas em novo parto. O

primeiro foi quando os gerou para a fé; agora, sofre até que Cristo esteja de tal forma presente na vida deles, a ponto de não precisarem recorrer a qualquer outra coisa.

[21-31] Paulo se serve das histórias de Agar e Sara (cf. Gn 16,1-16; 21,8-21) para fazer a comparação entre a antiga e a nova Aliança. O filho que Abraão teve com Agar, “de modo natural”, é escravo e simboliza os que estão sob a Lei. O filho que Abraão teve com Sara, “por causa da promessa”, é livre como aqueles que nasceram do Espírito através da fé em Jesus.

[5,1-12] Cristo nos libertou, mas podemos nos tornar escravos outra vez. Precisamos permanecer vigilantes, a fim de mantermos a liberdade e nela crescer. Os vv. 5-6 apresentam a estrutura da vida cristã: o cristão é aquele que, pela fé, acolhe a ação do Espírito e a comunica através do amor; e é do Espírito que ele espera a ressurreição, a vida no Reino de Deus. A fé, o amor e a esperança são, portanto, as atitudes características do cristão, a estrutura da vida nova.

[13-15] A vida cristã é um chamado para a liberdade. Esta, porém, não deve ser confundida com libertinagem, que é buscar e colocar tudo a serviço de si mesmo. A verdadeira liberdade leva o homem a crescer no amor e no dom de si, para colocar-se a serviço dos outros. Como os sinóticos (cf. Mc 12,31), Paulo resume a Lei no mandamento de Lv 19,18: quem ama o próximo realiza a vontade de Deus.

[16-18] As expressões “segundo o Espírito” e “segundo os instintos egoístas” (lit.: carne) não designam duas partes do homem, e sim duas orientações diferentes de comportamento: “segundo o Espírito” é a orientação do amor, que leva o homem a servir o outro; “segundo os instintos egoístas” é a orientação do egoísmo, que leva o homem a servir a si mesmo.

[19-21] Paulo certamente não pretende fazer uma lista completa dos vícios do homem egoísta. Os que são enumerados aqui podem ser divididos em quatro categorias: a *impureza*, que perverte o amor humano; a *idolatria e a feitiçaria*, que pervertem a relação com Deus, único absoluto; as *divisões*, que pervertem as relações sociais; os *excessos da mesa*, que revelam a perda da dignidade humana.

[22-26] Os cristãos são chamados a viver de acordo com Jesus Cristo, isto é, deixando-se guiar pelo Espírito de Cristo, vivendo o amor. Como no caso dos vícios, aqui também não há pretensão de fazer uma lista completa das virtudes.

O que Paulo enumera são as condições em que nasce e se desenvolve o amor (fé, mansidão, domínio de si), os sinais da presença do amor (alegria e paz) e as manifestações ativas do amor (paciência, bondade, benevolência).

[6,1-6] *A lei de Cristo* não é um legalismo cristão que substitui o judaico. Ela equivale à “lei do Espírito, que dá a vida em Jesus Cristo” (Rm 8,2). A única lei que Jesus Cristo deixou para os cristãos, e que ele próprio viveu, é a lei do amor (5,14). Obedecer à lei de Cristo é viver o amor como Jesus o viveu. O amor ativo nasce da liberdade e empenha a totalidade do homem em tarefas concretas diante das situações da vida, levando-o a realizar muito mais do que qualquer lei poderia exigir.

[7-10] O juízo final nada mais é do que a conclusão natural de uma escolha de vida. Porque viver segundo os instintos egoístas leva à corrupção, à morte; e viver segundo o Espírito ou segundo o amor conduz à vida eterna.

[11-18] Paulo acusa os pregadores judaizantes de orgulho, covardia e falsidade. De fato, eles visam à glória pessoal, fogem à perseguição e, embora preguem a Lei, eles próprios não a praticam. Paulo, porém, mesmo perseguido, se gloria apenas na cruz de Cristo, porque é dela que nasceu a nova criação, diante da qual ser ou não ser circuncidado é algo que já não tem importância.

CARTA AOS EFÉSIOS

VIDA PLENA EM CRISTO

Introdução

*As quatro cartas aos Filipenses, a Filemon, aos Colossenses e aos Efésios formam o grupo das **cartas do cativoiro**. As três primeiras foram muito provavelmente escritas em Éfeso, entre os anos 55-57. Efésios e Colossenses talvez tenham sido escritas na mesma ocasião; é o que se deduz da semelhança entre elas e pelo fato de mencionarem Tíquico como portador de ambas (Ef 6,21; Cl 4,7). O Apóstolo parece não conhecer pessoalmente os destinatários dessas duas cartas. Isso nos leva a pensar que a carta aos Efésios, na origem, não teve destinatário preciso; talvez fosse uma circular destinada às comunidades da região próxima a Éfeso; e alguns chegam a pensar que seria a mesma carta dirigida à igreja de Laodiceia, citada em Cl 4,16. Note-se que a expressão “em Éfeso” (Ef 1,1) falta em diversos manuscritos antigos.*

A carta aos Efésios é fruto de longa e amadurecida meditação teológica. Contemplando o projeto de Deus para a salvação da humanidade, o olhar de Paulo se concentra em Jesus Cristo no céu. É a ideia central da carta. Cristo, porém, não está longe do mundo nem dos homens. De fato, sua soberania engloba toda a criação e com ela toda a humanidade, que assim constituem o seu Corpo, a Igreja, na qual se manifesta o grande mistério agora revelado, ou seja: em Cristo, Deus reúne todos os homens na paz e na unidade, excluindo quaisquer separações de raça ou de origem religiosa. Cristo é o centro e ápice do eterno projeto de Deus, é o caminho da reconciliação e reunião de todos os homens no único povo de Deus. A Igreja abarca a humanidade inteira, e Paulo a contempla nas dimensões do universo. Ela é descrita sob três imagens: esposa (5,22-23), corpo (1,23; 4,16) e edifício (2,19-22). Desse modo, o Apóstolo relembra os laços íntimos e orgânicos que unem os homens a Cristo e entre si na comunidade, para levá-la ao pleno desenvolvimento. A carta aos Efésios é a carta do mistério da Igreja.

CARTA AOS EFÉSIOS

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6

CARTA AOS EFÉSIOS

1 *Endereço e saudação* — ¹Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, aos cristãos que estão em Éfeso e fiéis em Jesus Cristo. ²Que a graça e a paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo estejam com vocês. [\[1,1-2\]](#)

A graça não tem limites ³Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo: Ele nos abençoou com toda bênção espiritual, no céu, em Cristo.

⁴Ele nos escolheu em Cristo antes de criar o mundo para que sejamos santos e sem defeito diante dele, no amor.

⁵Ele nos predestinou para sermos seus filhos adotivos por meio de Jesus Cristo, conforme a benevolência de sua vontade,

⁶para o louvor da sua glória [\[6\]](#) e da graça que ele derramou abundantemente sobre nós por meio de seu Filho querido.

⁷Por meio do sangue de Cristo é que fomos libertos e nele nossas faltas foram perdoadas, conforme a riqueza da sua graça.

⁸Deus derramou sobre nós essa graça, abrindo-nos para toda sabedoria e inteligência.

⁹Ele nos fez conhecer o mistério [\[9-10\]](#) da sua vontade, a livre decisão que havia tomado outrora

¹⁰de levar a história à sua plenitude, reunindo o universo inteiro, tanto as coisas celestes como as terrestres, sob uma só Cabeça, Cristo.

¹¹Em Cristo recebemos nossa parte na herança, conforme o projeto daquele que tudo conduz segundo a sua vontade: fomos predestinados ¹²a ser o louvor da sua glória, nós, que já antes esperávamos em Cristo.

¹³Em Cristo, também vocês ouviram a Palavra da verdade, o Evangelho que os salva.

Em Cristo, ainda, vocês creram, e foram marcados com o selo do Espírito

prometido, o Espírito Santo, ¹⁴que é a garantia da nossa herança, enquanto esperamos a completa libertação

do povo que Deus adquiriu para o louvor da sua glória. [3-14]

Agradecimento e pedido — ¹⁵Fiquei sabendo da fé que vocês têm no Senhor Jesus e do amor de vocês para com todos os cristãos. ¹⁶Por isso, não cesso de dar graças a respeito de vocês, quando os menciono em minhas orações. ¹⁷Que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai a quem pertence a glória, lhes dê um espírito de sabedoria que lhes revele Deus, e faça que vocês o conheçam profundamente. ¹⁸Que lhes ilumine os olhos da mente, para que compreendam a esperança para a qual ele os chamou; para que entendam como é rica e gloriosa a herança destinada ao seu povo; ¹⁹e compreendam o grandioso poder com que ele age em favor de nós que acreditamos, conforme a sua força poderosa e eficaz. ²⁰Ele a manifestou em Cristo, quando o ressuscitou dos mortos e o fez sentar-se à sua direita no céu, ²¹muito acima de qualquer principado, autoridade, poder e soberania, e de qualquer outro nome que se possa nomear, não só no presente, mas também no futuro. ²²De fato, Deus colocou tudo debaixo dos pés de Cristo e o colocou acima de todas as coisas, como Cabeça da Igreja, ²³a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que plenifica tudo em todas as coisas. [15-23]

2 Salvos pela graça — ¹Vocês estavam mortos por causa das faltas e pecados que cometiam. ²Outrora vocês viviam nessas faltas e pecados, seguindo o modo de pensar deste mundo, seguindo o príncipe do poder do ar, o espírito que agora age nos homens desobedientes. ³Antigamente também nós andávamos como eles, submetidos aos desejos da carne, obedecendo aos caprichos do instinto e da imaginação; como os outros, éramos, por natureza, mercedores da ira de Deus.

⁴Mas Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, ⁵deu-nos a vida juntamente com Cristo, quando estávamos mortos por causa de nossas faltas. Vocês foram salvos pela graça! ⁶Na pessoa de Jesus Cristo, Deus nos ressuscitou e nos fez sentar no céu. ⁷Assim, com sua bondade para conosco em Jesus Cristo, ele quis mostrar para os tempos futuros a incomparável riqueza da sua graça.

⁸De fato, vocês foram salvos pela graça, por meio da fé; e isso não vem de vocês, mas é dom de Deus. ⁹Isso não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho. ¹⁰Porque foi Deus quem nos fez, e em Jesus Cristo fomos criados

para as boas obras que Deus já havia preparado, a fim de que nos ocupássemos com elas. [2,1-10]

Todos reunidos em Cristo — ¹¹Lembrem-se de que vocês, pagãos de nascimento, eram chamados incircuncisos por aqueles que se dizem circuncidados, devido à circuncisão que se faz na carne com mão humana. ¹²Lembrem-se de que nesse tempo vocês estavam sem Cristo, afastados da cidadania de Israel, estranhos para as alianças da promessa, sem esperança e sem Deus neste mundo. ¹³Mas agora, em Jesus Cristo, vocês que estavam longe foram trazidos para perto, graças ao sangue de Cristo. ¹⁴Cristo é a nossa paz. De dois povos, ele fez um só. Na sua carne derrubou o muro da separação: o ódio. ¹⁵Aboliu a Lei dos mandamentos e preceitos. Ele quis, a partir do judeu e do pagão, criar em si mesmo um homem novo, estabelecendo a paz. ¹⁶Quis reconciliá-los com Deus num só corpo, por meio da cruz; foi nela que Cristo matou o ódio. ¹⁷Ele veio anunciar a paz a vocês que estavam longe, e a paz para aqueles que estavam perto. ¹⁸Por meio de Cristo, podemos, uns e outros, apresentar-nos diante do Pai, num só Espírito.

¹⁹Vocês, portanto, já não são estrangeiros nem hóspedes, mas concidadãos do povo de Deus e membros da família de Deus. ²⁰Vocês pertencem ao edifício que tem como alicerce os apóstolos e profetas; e o próprio Jesus Cristo é a pedra principal dessa construção. ²¹Em Cristo, toda construção se ergue, bem ajustada, para formar um templo santo no Senhor. ²²Em Cristo, vocês também são integrados nessa construção, para se tornarem morada de Deus, por meio do Espírito. [11-22]

3 *Paulo e o mistério de Cristo* — ¹Por isso, eu, Paulo, prisioneiro de Cristo em favor de vocês, os pagãos... ²Certamente ouviram falar do modo como a graça de Deus me foi confiada em benefício de vocês. ³Foi por revelação que Deus me fez conhecer o mistério que acabo de expor brevemente. ⁴Lendo esta carta, vocês poderão entender a percepção que eu tenho do mistério de Cristo. ⁵Deus não manifestou esse mistério para as gerações passadas da mesma forma com que o revelou agora, pelo Espírito, aos seus santos apóstolos e profetas: ⁶em Jesus Cristo, por meio do Evangelho, os pagãos são chamados a participar da mesma herança, a formar o mesmo corpo e a participar da mesma promessa. ⁷Eu fui feito ministro desse Evangelho pelo dom da graça que Deus me concedeu através do seu poder eficaz. ⁸A mim, o menor de todos os cristãos, foi dada a

graça de anunciar aos pagãos a incalculável riqueza de Cristo,⁹ e de esclarecer a todos como se realiza o mistério que esteve sempre escondido em Deus, o criador do universo.¹⁰ Desse modo, os principados e as autoridades no céu doravante conhecem, graças à Igreja, a multiforme sabedoria de Deus,¹¹ conforme o projeto eterno que ele executou em Jesus Cristo nosso Senhor.¹² Nele ousamos aproximar-nos de Deus com aquela confiança que a fé em Cristo nos dá.¹³ Eu lhes peço: não fiquem abatidos com as tribulações que eu enfrento por causa de vocês, pois elas são para vocês motivo de glória. [\[3,1-13\]](#)

Enraizados e alicerçados no amor — ¹⁴É por isso que eu dobro os joelhos diante do Pai, ¹⁵de quem recebe o nome toda família, no céu e na terra. ¹⁶Que ele se digne, segundo a riqueza da sua glória, fortalecer a todos vocês no seu Espírito, para que o homem interior de cada um se fortifique. ¹⁷Que ele faça Cristo habitar no coração de vocês pela fé. Enraizados e alicerçados no amor, ¹⁸vocês se tornarão capazes de compreender, com todos os cristãos, qual é a largura e o comprimento, a altura e a profundidade, ¹⁹de conhecer o amor de Cristo, que supera qualquer conhecimento, para que vocês fiquem repletos de toda plenitude de Deus.

²⁰Deus, por meio do seu poder que age em nós, pode realizar muito mais do que pedimos ou imaginamos; ²¹a ele seja dada a glória na Igreja e em Jesus Cristo por todas as gerações, para sempre. Amém! [\[14-21\]](#)

4 ***Unidade na diversidade*** [\[4,1-16\]](#) — ¹Por isso, eu, prisioneiro no Senhor, peço que vocês se comportem de modo digno da vocação que receberam. ²Sejam humildes, amáveis, pacientes e suportem-se uns aos outros no amor. ³Mantenham entre vocês laços de paz, para conservar a unidade do Espírito. ⁴Há um só corpo e um só Espírito, assim como a vocação de vocês os chamou a uma só esperança: ⁵há um só Senhor, uma só fé, um só batismo. ⁶Há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, que age por meio de todos e está presente em todos. [\[1-6\]](#)

⁷Cada um de nós, entretanto, recebeu a graça na medida que Cristo a concedeu. ⁸Por isso, diz a Escritura: “Subiu às alturas levando prisioneiros; distribuiu dons aos homens.” ⁹Que quer dizer “subiu”? Quer dizer que primeiro desceu aos lugares mais baixos da terra. ¹⁰Aquele que desceu, é o mesmo que subiu acima de todos os céus, para plenificar o universo. ¹¹Foi ele quem estabeleceu alguns como apóstolos, outros como profetas, outros como evangelistas e outros como

pastores e mestres. ¹²Assim, ele preparou os cristãos para o trabalho do ministério que constrói o Corpo de Cristo. ¹³A meta é que todos juntos nos encontremos unidos na mesma fé e no conhecimento do Filho de Deus, para chegarmos a ser o homem perfeito que, na maturidade do seu desenvolvimento, é a plenitude de Cristo. [7-13] ¹⁴Então, já não seremos crianças, jogados pelas ondas e levados para cá e para lá por qualquer vento de doutrina, presos pela artimanha dos homens e pela astúcia com que eles nos induzem ao erro. ¹⁵Ao contrário, vivendo amor autêntico, cresceremos sob todos os aspectos em direção a Cristo, que é a Cabeça. ¹⁶Ele organiza e dá coesão ao corpo inteiro, através de uma rede de articulações, que são os membros, cada um com sua atividade própria, para que o corpo cresça e construa a si próprio no amor. [14-16]

Do homem velho para o homem novo — ¹⁷Portanto, em nome do Senhor, digo e recomendo a vocês: não vivam como os pagãos, cuja mente é vazia. ¹⁸A inteligência deles se tornou cega, e eles vivem muito longe da vida de Deus, porque o endurecimento do coração deles é que os mantém na ignorância. ¹⁹Eles perderam a sensibilidade e se deixaram levar pela libertinagem, entregando-se com avidez a todo tipo de imoralidade.

²⁰Não foi assim que vocês aprenderam a conhecer Cristo, ²¹se é que de fato vocês lhe deram ouvidos e se foram mesmo instruídos segundo a verdade que há em Jesus. ²²Vocês devem deixar de viver como viviam antes, como homem velho que se corrompe com paixões enganadoras. ²³É preciso que vocês se renovem pela transformação espiritual da inteligência, ²⁴e se revistam do homem novo, criado segundo Deus na justiça e na santidade que vem da verdade.

²⁵Por isso, abandonem a mentira: cada um diga a verdade ao seu próximo, pois somos membros uns dos outros. ²⁶Vocês estão com raiva? Não pequem; o sol não se ponha sobre o ressentimento de vocês. ²⁷Não deem ocasião ao diabo. ²⁸Quem roubava, não roube mais; ao contrário, ocupe-se trabalhando com as próprias mãos em algo útil, e tenha assim o que repartir com os pobres. ²⁹Que nenhuma palavra inconveniente saia da boca de vocês; ao contrário, se for necessário, digam boa palavra, que seja capaz de edificar e fazer o bem aos que ouvem.

³⁰Não entristeçam o Espírito Santo, com que Deus marcou vocês para o dia da libertação. ³¹Afastem de vocês qualquer aspereza, desdém, raiva, gritaria,

insulto, e todo tipo de maldade. ³²Sejam bons e compreensivos uns com os outros, perdendo-se mutuamente, assim como Deus perdoou a vocês em Cristo. [17-32]

5 *Imitar a Deus* — ¹Sejam imitadores de Deus, como filhos queridos. ²Vivam no amor, assim como Cristo nos amou e se entregou a Deus por nós, como oferta e vítima, como perfume agradável. ³Fornicação, impureza e avareza não sejam nem assunto de conversa entre vocês, pois isso não convém a cristão. ⁴O mesmo se diga a respeito de piadas indecentes, picantes ou maliciosas. São coisas inconvenientes. Em vez disso, deem graças a Deus. ⁵Estejam certos de uma coisa: nenhuma pessoa imoral, impura ou avarenta — pois a avareza é uma idolatria — jamais terá herança no reino de Cristo e de Deus. ⁶Ninguém engane vocês com argumentos vazios, porque essas coisas atraem a ira de Deus sobre os desobedientes. ⁷Não sejam cúmplices deles! ⁸Outrora vocês eram trevas, mas agora são luz no Senhor. Por isso, comportem-se como filhos da luz. ⁹O fruto da luz consiste em toda bondade, justiça e verdade. ¹⁰Saibam discernir o que é agradável ao Senhor. ¹¹Não participem das obras estéreis das trevas; pelo contrário, denunciem tais obras. ¹²Dá até vergonha dizer o que eles fazem às escondidas. ¹³Porém, tudo o que é denunciado torna-se manifesto pela luz, ¹⁴pois tudo o que se torna manifesto é luz. É por isso que se diz: “Desperte, você que está dormindo. Levante-se dentre os mortos, e Cristo o iluminará.”

¹⁵Estejam atentos para a maneira como vocês vivem: não vivam como tolos, mas como homens sensatos, ¹⁶aproveitando o tempo presente, porque os dias são maus. ¹⁷Não sejam insensatos; ao contrário, procurem compreender a vontade do Senhor. ¹⁸Não se embriaguem com vinho, que leva para a libertinagem, mas busquem a plenitude do Espírito. ¹⁹Juntos recitem salmos, hinos e cânticos inspirados, cantando e louvando ao Senhor de todo o coração. ²⁰Agradeçam sempre a Deus Pai por todas as coisas, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo. [5,1-20]

Submissos uns aos outros [5,21-6,9] — ²¹Sejam submissos uns aos outros no temor a Cristo. [5,21]

²²Mulheres, sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor. ²³De fato, o marido é a cabeça da esposa, assim como Cristo, salvador do Corpo, é a cabeça da Igreja. ²⁴E assim como a Igreja está submissa a Cristo, assim também as mulheres sejam submissas em tudo aos maridos.

²⁵Maridos, amem suas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela; ²⁶assim, ele a purificou com o banho de água e a santificou pela Palavra, ²⁷para apresentar a si mesmo uma Igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou qualquer outro defeito, mas santa e imaculada. ²⁸Portanto, os maridos devem amar suas mulheres como a seus próprios corpos. Quem ama sua mulher, está amando a si mesmo. ²⁹Ninguém odeia a sua própria carne; pelo contrário, a nutre e dela cuida, como Cristo faz com a Igreja, ³⁰porque somos membros do corpo dele. ³¹Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne. ³²Esse mistério é grande: eu me refiro a Cristo e à Igreja. ³³Portanto, cada um de vocês ame a sua mulher como a si mesmo, e a mulher respeite o seu marido. [22-33]

6¹Filhos, obedeçam a seus pais no Senhor, pois isso é justo. ²“Honre seu pai e sua mãe” é o primeiro mandamento, e vem acompanhado de uma promessa: ³“para que você seja feliz e tenha vida longa sobre a terra.”

⁴Pais, não deem aos filhos motivo de revolta contra vocês; criem os filhos, educando-os e corrigindo-os como quer o Senhor.

⁵Escravos, obedeçam aos seus senhores nesta vida, com temor e tremor, com simplicidade de coração, como a Cristo. ⁶Não sirvam somente quando vigiados ou para que os homens os elogiem, mas sejam como servos de Cristo, que cumprem de todo o coração a vontade de Deus. ⁷Sirvam de bom grado, como se servissem ao Senhor, e não a homens. ⁸Vocês sabem que cada um, escravo ou livre, receberá do Senhor o bem que tiver feito.

⁹Senhores, tratem seus servos do mesmo modo. Deixem de lado as ameaças: vocês sabem que tanto eles como vocês têm o mesmo Senhor, que está no céu e não faz distinção de pessoas. [6,1-9]

A vida cristã é luta — ¹⁰Ademais, fortaleçam-se no Senhor e na força do seu poder. ¹¹Vistam a armadura de Deus para poderem resistir às manobras do diabo. ¹²A nossa luta, de fato, não é contra homens de carne e osso, mas contra os principados e as autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra os espíritos do mal, que habitam as regiões celestes.

¹³Por isso, vistam a armadura de Deus para que, no dia mau, vocês possam resistir e permanecer firmes, superando todas as provas. ¹⁴Estejam, portanto, bem firmes: cingidos com o cinturão da verdade, vestidos com a couraça da

justiça, ¹⁵os pés calçados com o zelo para propagar o evangelho da paz; ¹⁶tenham sempre na mão o escudo da fé, e assim poderão apagar as flechas inflamadas do Maligno. ¹⁷Coloquem o capacete da salvação e peguem a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus.

¹⁸Rezem incessantemente no Espírito, com orações e súplicas de todo tipo, e façam vigílias, intercedendo, sem cansaço, por todos os cristãos. ¹⁹Rezem também por mim: que a Palavra seja colocada na minha boca, para anunciar ousadamente o mistério do Evangelho, ²⁰do qual sou embaixador aprisionado. Que eu possa anunciá-lo com ousadia, como é meu dever. [10-20]

Saudações finais — ²¹Desejo que também vocês fiquem sabendo qual é a minha situação e o que estou fazendo. Tíquico, o irmão querido e fiel ministro no Senhor, dará todas as notícias. ²²Eu o envio, para que vocês fiquem sabendo notícias nossas, e sejam reconfortados.

²³Aos irmãos, a paz, o amor e a fé, da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo.

²⁴A graça esteja com todos aqueles que amam nosso Senhor Jesus Cristo com amor perene. [21-24]

NOTAS

[1,1-2] Quanto à indicação “em Éfeso”, cf. Introdução.

[6] A expressão “para o louvor da sua glória” (cf. vv. 12 e 14) mostra que o sentido último da vida humana é louvar a Deus. O louvor é, portanto, ato de consciência: declarando Deus como o único absoluto, o homem reconhece que as criaturas são relativas. O louvor cabe somente a Deus.

[9-10] O *mistério* é o projeto com que Deus se propõe levar a história à sua plena realização, reunindo em Cristo tudo o que existe.

[3-14] Paulo desenvolve um hino de louvor em forma de “bênção”, frequente no Antigo Testamento. O louvor é uma resposta do homem ao Deus que se manifesta através de um *ato de salvação* ou mediante a *revelação de um mistério*.

Deus Pai é o sujeito e a fonte de toda a ação criadora e salvadora. E tudo o que Deus Pai realiza no homem e no mundo, ele o faz mediante o seu Filho Jesus Cristo: escolhe (vv. 4-5), liberta (vv. 6-7), reúne tudo em Cristo (vv. 8-10),

entrega a herança prometida (vv. 11-12) e concede o dom do Espírito Santo (vv. 13-14).

[15-23] Pela fé, os cristãos possuem uma sabedoria que supera qualquer outro conhecimento: sabem que Deus manifestou em Jesus Cristo a sua força, destronizando todos os poderes que até agora aprisionam a vida, e libertando os homens para uma esperança nova diante do futuro.

Nesta carta, a Igreja ideal se identifica praticamente com o Reino e, portanto, ultrapassa meras concretizações históricas. Como corpo e plenitude de Cristo, ela se torna a meta para a qual caminhamos. Paulo se refere a uma Igreja santa, a um modelo ideal que exige conversão contínua da Igreja real que vive na história.

[2,1-10] Paulo opõe duas épocas e dois modos de viver: sem Cristo e com Cristo. Sem Cristo é o mundo pagão, cuja mentalidade, modo de pensar e de agir manifestam a presença ativa do mal, que é o egoísmo que assume formas individuais e coletivas, dividindo os homens. Com Cristo surge a nova forma de viver: o amor que gera doação e comunhão, através das obras que continuam a ação de Jesus Cristo, realizando o projeto de Deus. A nova forma de viver, porém, é graça de Deus que já foi dada aos homens mediante o testemunho de Jesus Cristo. A vida cristã é a passagem contínua de um modo de viver para o outro.

[11-22] A participação de judeus e pagãos no único povo de Deus é sinal concreto do homem novo. A morte de Cristo derrubou o muro de separação que a Lei colocava entre judeus e pagãos; surgiu assim o novo Israel, a Igreja, que se abre para todos os homens e os coloca sob uma cabeça única, Cristo. O Evangelho fará cair todas as diferenças. Por mais que surjam sociedades classistas, suas leis e instituições injustas virão abaixo pela força do Evangelho, desprestigiadas por sacrificarem seus povos, em lugar de ajudá-los.

[3,1-13] O *mistério* é o centro do anúncio de Paulo, e está inseparavelmente ligado à sua vocação de missionário entre os pagãos. Esse mistério é o projeto de Deus, que se realizou em Jesus Cristo e que manifesta toda a sua grandeza na Igreja, mediante o ministério de Paulo: os pagãos são chamados a pertencer ao povo de Deus.

[14-21] O Apóstolo quer que os cristãos conheçam profundamente a Deus e experimentem todas as dimensões do amor de Cristo por nós, para que o próprio Cristo possa habitar no coração de cada um. E isso acontecerá se os cristãos

viverem autêntica vida comunitária que tenha o amor como raiz e alicerce. A realidade nova trazida por Cristo vai além de todo conhecimento e só pode ser experimentada na vivência do amor.

[4,1-16] O alicerce e raiz do amor tem como finalidade conservar a unidade do Corpo de Cristo (4,1-6). Mas unidade não significa uniformização, pois Deus concede dons diferentes a cada pessoa (4,7-13). Essa unidade na diversidade dá coesão à comunidade para que ela não seja dominada por doutrinas que a esfaquelem (4,14-16).

[1-6] O aspecto central da vida cristã é a unidade. Com efeito, a ação de Deus em Jesus Cristo unifica toda a realidade. Os cristãos devem ser exemplo vivo dessa unidade, que supera as divisões humanas.

[7-13] A diversidade dos dons que cada um recebeu de Cristo não pode ser fonte de divisão, inveja e competição na comunidade. Paulo relembra que a variedade de dons é desejada por Cristo, para que cada um se coloque a serviço de todos. Os dons lembrados no v. 11 são os carismas de governo e ensino, importantes para a comunidade permanecer unida no conhecimento e no compromisso da fé.

[14-16] Vivendo o amor autêntico que preserva a unidade e respeita a diversidade, a comunidade se torna capaz de discernir as falsas doutrinas e manter sempre vivos o esforço e a tensão que a levam a crescer sempre mais, tornando-se a verdadeira Igreja de Cristo.

[17-32] Paulo convida os cristãos à conversão contínua. Essa conversão começa no batismo, onde o cristão deixa o homem velho (modo de vida pagão) para revestir-se do homem novo (a justiça que vem pela vida segundo o Espírito). Nos vv. 25-32, Paulo dá exemplos concretos do que significa essa passagem: da mentira para a verdade; do roubo para o trabalho honesto, que leve a partilhar com os que nada têm; da palavra inconveniente para a palavra construtiva; do comportamento egoísta para a generosidade recíproca.

[5,1-20] Paulo traz uma série de exortações e conselhos para que os cristãos vivam autenticamente a sua fé. Os vv. 1-2 apresentam o princípio que rege a vida nova: imitar a Deus, vivendo o amor, como viveu Jesus Cristo. Em outras palavras, os cristãos são e devem viver como filhos de Deus, tendo como modelo supremo o ato de amor de Cristo na cruz, onde ele entregou sua vida por todos. A vida nova compreende a renovação de todas as atitudes do homem: essa é a resposta livre ao dom de Deus.

[5,21-6,9] Paulo analisa as três relações fundamentais da família antiga: mulher-marido, filhos-pais, escravos-patrões. Não busca modificar o aspecto externo e jurídico dessas relações, mas quer que elas se renovem a partir de dentro, para serem vividas com mentalidade nova, em coerência com tudo aquilo que se aprendeu e se recebeu de Cristo. Para o sentido geral das exortações, cf. nota em Cl 3,18-4,1.

[5,21] Este versículo apresenta uma espécie de princípio fundamental que terá três diferentes aplicações nos versículos seguintes. A *submissão* de que fala pode ser compreendida como forma de amor, caracterizado pela humildade e doação. O *temor de Cristo* apresenta a motivação: assim como Cristo é o Salvador de todos, ele será também o juiz de todos. Esse princípio fundamental atinge a todos indistintamente.

[22-33] Paulo compara a relação entre Jesus Cristo e a Igreja com a visão do matrimônio na sociedade antiga, onde a mulher devia submeter-se inteiramente ao marido. De fato, Cristo é chefe e salvador da Igreja, e esta deve submeter-se a ele como seu Senhor. Numa concepção atual de relação marido-mulher, onde existe igualdade de direitos e deveres, Paulo certamente faria outro tipo de aplicação.

[6,1-9] A vida é uma renovação total das relações, onde o respeito é devido a todos: os pais também devem respeitar os filhos. Quanto ao relacionamento entre senhores e escravos, Paulo não faz uma crítica à estrutura social do seu tempo; porém, salientando que todos são iguais perante Deus, ele anuncia uma transformação radical das relações, sejam quais forem os papéis e os deveres sociais (cf. carta a Filemon e notas correspondentes).

[10-20] A vida cristã é luta contínua contra o mal, e as armas para o combate são: verdade, justiça, testemunho do Evangelho, fé, Palavra de Deus. Para os antigos, o mal era personificado por demônios e forças invisíveis que dominam os homens (Principados, Autoridades, Poderes, Soberanias). Traduzindo o mítico para o histórico, poderíamos falar de estruturas que geram egoísmo, injustiça, ódio, opressão e morte.

[21-24] Sobre Tíquico, cf. Introdução e a nota a Cl 4,7-9.

CARTA AOS FILIPENSES

O VERDADEIRO EVANGELHO

Introdução

Filipos foi a primeira cidade europeia que recebeu a mensagem cristã (At 16,6-40). Paulo aí chegou na primavera do ano 50, durante a segunda viagem missionária.

O primeiro núcleo da comunidade por ele fundada formou-se através de reuniões na casa de Lídia, uma negociante de púrpura, que acolhera Paulo por ocasião de sua visita. O Apóstolo voltou a Filipos outras vezes, durante suas várias passagens pela Macedônia.

Os cristãos de Filipos foram sempre os mais ligados ao Apóstolo e diversas vezes o socorreram com auxílio material (Fl 4,16; 2Cor 11,9).

A carta aos Filipenses foi escrita na prisão, provavelmente em Éfeso, entre os anos 55-57 (At 19). Paulo está incerto sobre o rumo que sua situação tornará: poderá ser morto ou posto em liberdade. Mas ele tem grande confiança de que será solto e que poderá visitar de novo, pessoalmente, a comunidade de Filipos.

Vários motivos levam Paulo a escrever esta carta:

*— deseja agradecer o auxílio enviado pela comunidade (2,25; 4,10-20);
— anuncia a visita de Timóteo a Filipos e explica a razão da volta imprevista de Epafrodito (2,19-30); — adverte a comunidade sobre a divisão causada pelo espírito de competição e egoísmo de alguns (2,1-4); — previne a comunidade contra os pregadores judaizantes, que põem a salvação na circuncisão e na observância da Lei (3,2-11); — relembra aos cristãos de Filipos que a autenticidade do Evangelho, anunciado e vivido, está na cruz de Cristo (2,5-11).*

Paulo demonstra afeto e gratidão pela comunidade de Filipos e, por isso, quer vê-la sempre fiel ao Evangelho. Alguns pregadores insistem que a salvação depende da Lei. O Apóstolo mostra com vigor que a salvação só depende de Jesus Cristo. É Jesus que, feito homem e morto numa cruz, recebeu do Pai o poder de dar aos homens a salvação. E todo aquele que não transmite isso pelo testemunho de vida e pela palavra será sempre falso transmissor do Evangelho. Esta carta, portanto, fornece o critério para que uma comunidade cristã saiba reconhecer o verdadeiro Evangelho e quais são os pregadores autênticos.

CARTA AOS FILIPENSES

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4

CARTA AOS FILIPENSES

1 *Endereço e saudação* — ¹Eu, Paulo, e Timóteo, servos de Jesus Cristo, enviamos esta carta a todos os cristãos que moram na cidade de Filipos, junto com seus dirigentes e diáconos. ²Que a graça e a paz de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo estejam com vocês. [1,1-2]

Agradecimento e pedido — ³Agradeço ao meu Deus todas as vezes que me lembro de vocês. ⁴E sempre, em minhas orações, rezo por todos com alegria, ⁵porque vocês cooperaram no anúncio do Evangelho, desde o primeiro dia até agora. ⁶Tenho certeza de que Deus, que começou em vocês esse bom trabalho, vai continuá-lo até que seja concluído no dia de Jesus Cristo. ⁷É justo que eu pense assim de todos vocês, porque vocês estão no meu coração. De fato, participam comigo da graça que recebi, seja nas prisões, seja na defesa e confirmação do Evangelho. ⁸Deus é testemunha de que eu quero bem a todos vocês com a ternura de Jesus Cristo.

⁹Este é o meu pedido: que o amor de vocês cresça cada vez mais em perspicácia e sensibilidade em todas as coisas. ¹⁰Desse modo, poderão distinguir o que é melhor, e assim chegar íntegros e inocentes ao dia de Cristo. ¹¹Estarão repletos então dos frutos de justiça obtidos por meio de Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus. [3-11]

Prisão e anúncio do Evangelho — ¹²Irmãos, quero que vocês saibam: o que me aconteceu ajudou o Evangelho a progredir. ¹³Tanto no pretório como em outros lugares, todos ficaram sabendo que estou na prisão por causa de Cristo. ¹⁴E a maioria dos irmãos, vendo que estou na prisão, têm mais confiança no Senhor, e mais ousadia para anunciar sem medo a Palavra. ¹⁵É verdade que alguns proclamam Cristo por inveja e espírito de competição; outros, porém, anunciam com boa intenção. ¹⁶Estes proclamam a Cristo por amor, sabendo que a minha missão é defender o Evangelho. ¹⁷Os outros não anunciam com sinceridade, mas por competição, pensando que vão aumentar os meus sofrimentos enquanto estou na prisão. ¹⁸Mas que importância tem isso? Com boas ou más intenções, o que interessa é que Cristo está sendo anunciado, e eu fico contente com isso e continuarei a alegrar-me. [12-18]

Viver para Cristo — ¹⁹De fato, sei que tudo isso há de servir para a minha salvação, através das orações de vocês e do Espírito de Jesus Cristo, que me socorre. ²⁰O que desejo e espero é não fracassar, mas, agora como sempre, manifestar com toda a coragem a glória de Cristo em meu corpo, tanto na vida, como na morte. ²¹Pois para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro. ²²Mas se eu ainda continuar vivendo, poderei fazer algum trabalho útil. Por isso é que não sei bem o que escolher. ²³Fico na indecisão: meu desejo é partir dessa vida e estar com Cristo, e isso é muito melhor. ²⁴No entanto, por causa de vocês, é mais necessário que eu continue a viver. ²⁵Convencido disso, sei que vou ficar com vocês. Sim, vou ficar com todos vocês, para ajudá-los a progredir e a ter alegria na fé. ²⁶Assim, quando eu voltar para junto de vocês, o orgulho de vocês em Jesus Cristo irá aumentar por causa de mim. [19-26]

Lutar pela fé — ²⁷Uma só coisa: comportem-se como pessoas dignas do Evangelho de Cristo. Desse modo, indo vê-los ou estando longe, eu ouça dizer que vocês estão firmes num só espírito, lutando juntos numa só alma pela fé do Evangelho, ²⁸e que vocês não têm medo de seus adversários. Para eles, isso é sinal de perdição, mas para vocês é sinal de salvação, e isso vem de Deus. ²⁹Pois Deus concedeu a vocês não só a graça de acreditar em Cristo, mas também de sofrer por ele, ³⁰empenhados na mesma luta em que vocês me viram empenhado, e na qual, como vocês sabem, ainda agora me empenho. [27-30]

2º Evangelho autêntico — ¹Portanto, se há um conforto em Cristo, uma consolação no amor, se existe uma comunhão de espírito, se existe ternura e compaixão, ²completem a minha alegria: tenham uma só aspiração, um só amor, uma só alma e um só pensamento. ³Não façam nada por competição e por desejo de receber elogios, mas por humildade, cada um considerando os outros superiores a si mesmo. ⁴Que cada um procure, não o próprio interesse, mas o interesse dos outros. [2,1-4] ⁵Tenham em vocês os mesmos sentimentos que havia em Jesus Cristo: ⁶Ele tinha a condição divina, mas não se apegou a sua igualdade com Deus.

⁷Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens.

Assim, apresentando-se como simples homem, ⁸humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz!

⁹Por isso, Deus o exaltou grandemente, e lhe deu o Nome que está acima de qualquer outro nome; ¹⁰para que, ao nome de Jesus, se dobre todo joelho no céu, na terra e sob a terra; ¹¹e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai. [5-11]

A tarefa da comunidade cristã — ¹²Portanto, meus amados, obedecendo como sempre, não só como no tempo em que eu estava aí presente, mas muito mais agora que estou longe, continuem trabalhando com temor e tremor, para a salvação de vocês. ¹³De fato, é Deus que desperta em vocês a vontade e a ação, conforme a sua benevolência.

¹⁴Façam tudo sem murmurações e sem críticas, ¹⁵para serem inocentes e íntegros, como perfeitos filhos de Deus que vivem no meio de gente pecadora e corrompida, onde vocês brilham como astros no mundo, ¹⁶apegando-se firmemente à Palavra da vida. Desse modo, no Dia de Cristo, eu me orgulharei de não ter corrido ou me esforçado em vão. ¹⁷E mesmo que o meu sangue seja derramado sobre o sacrifício e sobre a oferta da fé que vocês têm, eu fico contente e me alegro com todos vocês. ¹⁸Assim, também vocês fiquem contentes e se alegrem comigo. [12-18]

Timóteo e Epafrodito: companheiros na luta — ¹⁹Espero no Senhor Jesus enviar-lhes logo Timóteo, para que também eu me anime com as notícias de vocês. ²⁰De fato, ele é o único que sente como eu, e se preocupa sinceramente com os problemas de vocês. ²¹Porque todos os outros buscam os próprios interesses, e não os de Jesus Cristo. ²²Vocês mesmos sabem como Timóteo deu provas do seu valor: como filho junto do pai, ele se colocou ao meu lado a serviço do Evangelho. ²³Espero, portanto, enviá-lo a vocês logo que eu veja claro como vai ficar a minha situação. ²⁴Além disso, tenho fé no Senhor de que eu mesmo possa logo ir até aí.

²⁵No momento, achei necessário enviar a vocês Epafrodito, este irmão que é também meu companheiro de trabalho e de luta, que vocês mesmos mandaram para atender às minhas necessidades. ²⁶Ele estava com muita saudade de todos vocês, e ficou muito preocupado, porque vocês souberam que ele estava doente. ²⁷De fato, ele esteve muito doente, e quase morreu. Deus, porém, teve pena dele, e não só dele, mas também de mim, para que eu não ficasse numa tristeza ainda maior. ²⁸Por isso, apressei-me em mandá-lo: assim vocês poderão vê-lo de novo, ficarão contentes, e eu já não ficarei preocupado. ²⁹Recebam Epafrodito no

Senhor, com grande alegria. Tenham grande estima por pessoas como ele, ³⁰pois quase morreu pela causa de Cristo, arriscando a sua vida para atender às minhas necessidades, em nome de vocês. [19-30]

3 O caminho da salvação — ¹Quanto ao resto, meus irmãos, fiquem alegres no Senhor. Escrever as mesmas coisas para vocês não é penoso para mim, e é útil para vocês. ²Cuidado com os cães, cuidado com os maus operários, cuidado com os falsos circuncidados. ³Os verdadeiros circuncidados somos nós, que prestamos culto movidos pelo Espírito de Deus. Nós colocamos a nossa glória em Jesus Cristo e não confiamos na carne. ⁴Eu, aliás, até poderia confiar na carne. Se alguém acha que pode confiar na carne, eu o posso mais ainda: ⁵fui circuncidado no oitavo dia, sou israelita de nascimento, da tribo de Benjamim, hebreu filho de hebreus. Quanto à lei judaica, fariseu; ⁶quanto ao zelo, perseguidor da Igreja; quanto à justiça que se alcança pela observância da Lei, sem reprovação.

⁷Por causa de Cristo, porém, tudo o que eu considerava como lucro, agora considero como perda. ⁸E mais ainda: considero tudo uma perda, diante do bem superior que é o conhecimento do meu Senhor Jesus Cristo. Por causa dele perdi tudo, e considero tudo como lixo, a fim de ganhar Cristo, ⁹e estar com ele. E isso, não mais mediante uma justiça minha, vinda da Lei, mas com a justiça que vem através da fé em Cristo, aquela justiça que vem de Deus e se apoia sobre a fé. ¹⁰Quero, assim, conhecer a Cristo, o poder da sua ressurreição e a comunhão em seus sofrimentos, para tornar-me semelhante a ele em sua morte, ¹¹a fim de alcançar, se possível, a ressurreição dos mortos. ¹²Não que eu já tenha conquistado o prêmio ou que já tenha chegado à perfeição; apenas continuo correndo para conquistá-lo, porque eu também fui conquistado por Jesus Cristo. ¹³Irmãos, não acho que eu já tenha alcançado o prêmio, mas uma coisa eu faço: esqueço-me do que fica para trás e avanço para o que está na frente. ¹⁴Lanço-me em direção à meta, em vista do prêmio do alto, que Deus nos chama a receber em Jesus Cristo. [3,1-14]

A maturidade cristã — ¹⁵Portanto, todos nós que somos perfeitos devemos ter esse sentimento. E, se em alguma coisa vocês pensam de maneira diferente, Deus os esclarecerá. ¹⁶Entretanto, qualquer que seja o ponto a que chegamos, caminhemos na mesma direção.

¹⁷Irmãos, sejam meus imitadores e observem os que vivem de acordo com o

modelo que vocês têm em nós. ¹⁸Uma coisa eu já disse muitas vezes, e agora repito com lágrimas: há muitos que são inimigos da cruz de Cristo. ¹⁹O fim deles é a perdição; o deus deles é o ventre, sua glória está no que é vergonhoso, e seus pensamentos em coisas da terra.

²⁰A nossa cidadania, porém, está lá no céu, de onde esperamos ansiosamente o Senhor Jesus Cristo como Salvador. ²¹Ele vai transformar nosso corpo miserável, tornando-o semelhante ao seu corpo glorioso, graças ao poder que ele possui de submeter a si todas as coisas. [15-21]

4 *Recomendações* — ¹Assim, meus queridos e saudosos irmãos, minha alegria e minha coroa, continuem firmes no Senhor, ó amados.

²Peço a Evódia e a Síntique que façam as pazes no Senhor. ³E a você, Sízigo, meu fiel companheiro, peço que as ajude, porque elas me ajudaram na luta pelo Evangelho, junto com Clemente e os meus outros colaboradores. Seus nomes estão no livro da vida.

⁴Fiquem sempre alegres no Senhor! Repito: fiquem alegres! ⁵Que a bondade de vocês seja notada por todos. O Senhor está próximo. ⁶Não se inquietem com nada. Apresentem a Deus todas as necessidades de vocês através da oração e da súplica, em ação de graças. ⁷Então a paz de Deus, que ultrapassa toda compreensão, guardará em Jesus Cristo os corações e pensamentos de vocês.

⁸Finalmente, irmãos, ocupem-se com tudo o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, honroso, virtuoso, ou que de algum modo mereça louvor. ⁹Pratiquem tudo o que vocês aprenderam e receberam como herança, o que ouviram e observaram em mim. Então o Deus da paz estará com vocês. [4,1-9]

Gratidão pela oferta da comunidade — ¹⁰Foi grande a minha alegria no Senhor, porque finalmente vi florescer de novo o interesse de vocês por mim. Na verdade, vocês já tinham esse interesse antes, mas faltava oportunidade para demonstrá-lo. ¹¹Não digo isso por estar passando necessidade, pois aprendi a arranjar-me em qualquer situação. ¹²Aprendi a viver na necessidade e aprendi a viver na abundância; estou acostumado a toda e qualquer situação: viver saciado e passar fome, ter abundância e passar necessidade. ¹³Tudo posso naquele que me fortalece. ¹⁴Entretanto, vocês fizeram bem, tomando parte na minha aflição.

¹⁵Vocês mesmos sabem, filipenses, que no início da pregação do Evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma outra Igreja, fora vocês, teve contato comigo em questão de dar e receber. ¹⁶Já em Tessalônica, vocês me enviaram

ajuda por mais de uma vez, para aliviar as minhas necessidades. ¹⁷Não que eu esteja querendo presentes. Pelo contrário, quero ver mais lucro na conta de vocês. ¹⁸No momento, tenho tudo em abundância; tenho até de sobra, especialmente agora que Epafrodito me trouxe aquilo que vocês mandaram. É como um perfume de suave odor, sacrifício agradável que Deus aceita. ¹⁹O meu Deus, por sua vez, atenderá com grandeza a todas as necessidades de vocês, conforme a riqueza dele em Jesus Cristo. ²⁰Ao nosso Deus e Pai seja dada a glória para sempre. Amém. [10-20]

Saudações finais — ²¹Saúdem todos os cristãos. Os irmãos que estão comigo saúdam vocês. ²²Todos os cristãos saúdam vocês, especialmente os da casa de César.

²³A graça do Senhor Jesus Cristo esteja com vocês. [21-23]

NOTAS

[1,1-2] A carta é dirigida a toda a comunidade. Os *dirigentes* (em grego: *episcopos*) não são exatamente os bispos; trata-se de um grupo, cuja função é zelar pelo bom andamento da comunidade. Os *diáconos* são os encarregados de atender às necessidades materiais da comunidade e, talvez, também de pregar.

[3-11] A oração de Paulo mostra o seu afeto particular pela comunidade de Filipos. De fato, essa comunidade desde o início coopera e participa ativamente no trabalho da evangelização, seja colaborando no anúncio, defesa e confirmação do Evangelho, seja pela ajuda material oferecida ao Apóstolo. Paulo só pede uma coisa: o crescimento no amor. Vivendo o amor, a comunidade será sempre capaz de distinguir o que mais favorece a prática da justiça.

[12-18] Paulo está no *pretório* ou caserna dos guardas do governador da província. Sua prisão trouxe vantagem para o Evangelho, pois todos ficaram sabendo que ele está preso por causa de Cristo. Com isso, muitos cristãos se sentem fortalecidos para anunciar o Evangelho com amor e espírito de colaboração. Outros se aproveitam da prisão de Paulo e, com espírito de competição e inveja, querem assumir a liderança.

[19-26] Paulo provavelmente tem meios para ser solto da prisão e escapar à morte. Mas encontra-se num dilema: viver ou morrer? No contexto da sua fé, as duas coisas se equivalem: viver é estar em função de Cristo, ou seja, da

evangelização; e morrer é lucro, pois leva a estar com Cristo. Paulo resolve o dilema, não levando em conta seu próprio interesse, mas o que é melhor para a comunidade: continuar vivo, para ajudar os filipenses a crescer e se realizar plenamente na fé.

[27-30] Os adversários são talvez os pregadores judaizantes, que anunciam um evangelho sem cruz e sem necessidade da graça de Deus. Paulo espera que a comunidade se mantenha firme e unida, testemunhando o Evangelho autêntico. Não se trata apenas de acreditar em Cristo, mas de empenhar-se de fato com Cristo numa luta que pode trazer perseguição e sofrimento, assim como levou Paulo à prisão.

[2,1-4] Paulo convida a comunidade a evitar as divisões causadas pelo espírito de competição, pelo desejo de receber elogios e pela busca dos próprios interesses. Tais vícios denotam o fechamento egoísta e a autopromoção à custa dos outros. A comunidade deve zelar pela harmonia interna e, para isso, é necessário que haja humildade, cada um considerando os outros superiores a si, e que o empenho tenha sempre em vista o bem comum.

[5-11] Com esse hino, Paulo mostra qual é o Evangelho da cruz, o Evangelho autêntico, e apresenta em Cristo o modelo da humildade. Embora tivesse a mesma condição de Deus, Jesus se apresentou entre os homens como simples homem. E mais: abriu mão de qualquer privilégio, tornando-se apenas homem que obedece a Deus e serve aos homens. Não bastasse isso, Jesus serviu até o fim, perdendo a honra ao morrer na cruz, como se fosse criminoso. Por isso Deus o ressuscitou e o colocou no posto mais elevado que possa existir, como Senhor do universo e da história. Os cristãos são convidados a fazer o mesmo: abrir mão de todo e qualquer privilégio, até mesmo da boa fama, para pôr-se a serviço dos outros, até o fim.

[12-18] A vida da comunidade não deve depender da presença dos seus dirigentes e líderes, e sim da obediência a Deus, a exemplo de Cristo (2,8). Inserida na sociedade, a tarefa da comunidade cristã é ser a família de Deus que se torna luz do mundo, por meio do testemunho do Evangelho, “Palavra de vida”.

[19-30] Paulo não se preocupa apenas em doutrinar a comunidade. Ele também é sensível às necessidades humanas: amizade, afeto, gratidão, auxílio mútuo, problemas pessoais, boa acolhida. Timóteo, cujo nome aparece vinte e quatro vezes no NT, é o maior colaborador do Apóstolo. Epafrodito, talvez jovem, fora enviado pela comunidade para atender às necessidades de Paulo na prisão.

[3,1-14] Paulo adverte a comunidade contra os pregadores judaizantes, chamando-os “cães”, apelido que os judeus davam aos pagãos. Para os judaizantes, a salvação e a justiça dependem da circuncisão (carne) e da observância da Lei: a circuncisão permite entrar para o povo de Deus; a Lei leva o homem a ser justo. Paulo frisa que nenhum ritual ou lei pode salvar ou justificar o homem. Pois a salvação e a justiça são dons de Deus e dependem da fé em Jesus e de uma vida movida pelo Espírito. A fé leva o cristão a participar da morte e ressurreição de Jesus. Essa participação, porém, não é automática; supõe que o cristão se deixe guiar pelo Espírito, dando o testemunho que provoca perseguições, sofrimentos, e até mesmo a morte.

[15-21] A perfeição é a maturidade cristã que propõe a cruz e a ressurreição como centro da vida. Paulo, que deixou tudo em troca da fé em Cristo, se apresenta como modelo para a comunidade, alertando-a de novo quanto aos “inimigos da cruz de Cristo”, isto é, aos judaizantes do v. 2. Em vez de fazer consistir a salvação em ritos, observâncias legais e estruturas, a vida cristã se orienta pelo testemunho, na esperança de um mundo radicalmente novo. Este só se realiza através da vinda de Jesus, como Salvador e Senhor que renova todas as coisas.

[4,1-9] Nada sabemos sobre as pessoas nomeadas nos vv. 2-3, a não ser que devem estar profundamente comprometidas com o trabalho de evangelização. Paulo parece jogar com o significado dos nomes (Evódia = “caminho fácil”; Síntique = “encontro”; Sízigo = “companheiro de canga”). A alegria cristã se baseia na salvação obtida por Cristo, e é testemunhada sobretudo pela bondade que se irradia para todos e pela tranquila confiança em Deus. Os cristãos devem ser fiéis ao que aprenderam dos seus evangelizadores, mas também precisam estar abertos a todas as coisas sadias que encontram na sociedade.

[10-20] Paulo agradece o auxílio que os filipenses lhe enviaram mediante Epafrodito. Ele se alegra, não tanto pelo auxílio material recebido, mas pelo afeto e crescimento espiritual que a comunidade demonstra mediante a oferta.

[21-23] “Os da casa de César” são todos aqueles que trabalham para o imperador e se encontram nas diversas cidades. A saudação final tem forma litúrgica, pois Paulo sabe que a carta vai ser lida numa reunião da comunidade.

CARTA AOS COLOSSENSES

CRISTO, IMAGEM DO DEUS INVISÍVEL

Introdução

Colossas era uma pequena cidade da Ásia Menor, distante 200 km de Éfeso, e próxima de Hierápolis e Laodiceia (4,13.16). Paulo não a visitou pessoalmente (2,1). As comunidades cristãs de Colossas, Hierápolis e Laodiceia foram fundadas por Epafras, discípulo de Paulo (1,7; 4,13), enquanto este se encontrava em Éfeso (At 19).

Os cristãos de Colossas eram provenientes do paganismo (1,21.27) e costumavam reunir-se nas casas de família como na de Ninfas (4,15) e na de Arquipo (4,17; Fm 2).

A carta aos Colossenses foi escrita na prisão, provavelmente em Éfeso, entre os anos 55 e 57 (At 19), talvez na mesma ocasião em que foi escrita a carta aos Filipenses.

Epafras informou Paulo sobre a situação dos cristãos em Colossas (1,8). Os cristãos estavam ameaçados por uma heresia que misturava elementos pagãos, judaicos e cristãos. Seus seguidores davam muita importância aos poderes angélicos, às forças cósmicas e a outros seres intermediários entre Deus e o homem, que teriam papel importante no destino de cada pessoa. Essas ideias traziam, como consequência, a busca de um conhecimento do mundo fascinante e misterioso que dominava os homens. Ao lado disso, depositava-se confiança numa série de observâncias religiosas que garantiriam a benevolência desses poderes superiores: observância de festas anuais, mensais e sábados, leis alimentares (2,16.21) e ascéticas (2,23), culto aos anjos (2,18) e às forças cósmicas (2,8) etc. Tudo isso comprometia seriamente a pureza da fé cristã.

Paulo então mostra que Cristo é o mediador único e universal entre Deus e o mundo criado; tudo se realiza por meio dele, desde a criação até a salvação e reconciliação de todas as coisas. Deus colocou Jesus Cristo como Cabeça do universo, e os cristãos, que com ele morreram e ressuscitaram e a ele permanecem unidos, não devem temer nada e a ninguém: nada mais, tanto na terra como no céu, pode aliená-los e escravizá-los. Doravante, o empenho na fé em Cristo é o caminho único para a verdadeira sabedoria e liberdade. Só a renovação em Cristo pode derrubar as barreiras entre os homens, dando origem

a novas relações humanas, radicalmente diferentes daquelas que costumam existir na sociedade (3,11).

O problema que Paulo enfrenta em Colossas não é a contraposição entre fé e incredulidade. Trata-se de uma questão que surge dentro da própria Igreja: distinguir entre o verdadeiro e o falso na interpretação da própria fé. E isso não é problema meramente teórico, pois a concepção que se tem da base da fé determina toda a prática da vida cristã.

CARTA AOS COLOSSENSES

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4

CARTA AOS COLOSSENSES

1 *Endereço e saudação* — ¹Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, juntamente com o irmão Timóteo, ²aos cristãos de Colossas, fiéis irmãos em Cristo. Que a graça e a paz de Deus, nosso Pai, estejam com vocês. [\[1,1-2\]](#)

Agradecimento: a vida cristã — ³Damos graças a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, sempre que rezamos por vocês. ⁴De fato, ouvimos falar da fé que vocês têm em Jesus Cristo, e do amor de vocês por todos os cristãos, ⁵por causa da esperança daquilo que para vocês está reservado no céu. Tal esperança já lhes foi anunciada pela Palavra da Verdade, o Evangelho, ⁶que chegou até vocês. Assim como o Evangelho dá fruto e cresce no mundo inteiro, o mesmo acontece entre vocês, desde o dia em que ouviram e conheceram na verdade a graça de Deus. ⁷Isso vocês aprenderam de Epafras, nosso querido companheiro de serviço, que nos substituiu fielmente como ministro de Cristo. ⁸Foi ele quem nos contou sobre o amor com que o Espírito anima vocês. [\[3-8\]](#)

Pedido: discernimento — ⁹Por essa razão, desde que ficamos sabendo disso, rezamos continuamente por vocês. Pedimos que Deus lhes conceda pleno conhecimento de sua vontade, com toda a sabedoria e discernimento que vêm do Espírito. ¹⁰Desse modo, vocês viverão uma vida digna do Senhor, fazendo tudo o que ele aprova: darão fruto em toda atividade boa e crescerão no conhecimento de Deus, ¹¹fortalecidos em todos os sentidos pelo poder de sua glória. Assim vocês terão perseverança e paciência a toda prova. ¹²Com alegria, deem graças ao Pai, que permitiu a vocês participarem da herança dos cristãos, na luz. [\[9-12\]](#)

Cristo é o único mediador [\[13-20\]](#) — ¹³Deus Pai nos arrancou do poder das trevas e nos transferiu para o Reino do seu Filho amado, ¹⁴no qual temos a redenção, a remissão dos pecados. [\[13-14\]](#)

¹⁵Ele é a imagem do Deus invisível,
o Primogênito,

anterior a qualquer criatura;

¹⁶porque nele foram criadas
todas as coisas,

tanto as celestes como as terrestres,

as visíveis como as invisíveis:
tronos, soberanias, principados
e autoridades.

Tudo foi criado por meio dele
e para ele.

¹⁷ Ele existe antes de todas as coisas,
e tudo nele subsiste.

¹⁸ Ele é também a Cabeça do corpo,
que é a Igreja.

Ele é o Princípio,
o primeiro daqueles
que ressuscitam dos mortos,
para em tudo ter a primazia. [15-18]

¹⁹ Porque Deus, a Plenitude total,
quis nele habitar,

²⁰ para, por meio dele,
reconciliar consigo todas as coisas,
tanto as terrestres como as celestes,
estabelecendo a paz
pelo seu sangue derramado na cruz. [18-20]

Fidelidade ao Evangelho de Cristo — ²¹ Antigamente vocês eram estrangeiros e inimigos de Deus, por causa das obras más que praticavam e pensavam. ²² Agora, porém, com a morte que Cristo sofreu em seu corpo mortal, Deus reconciliou vocês, para torná-los santos, sem mancha e sem reprovação diante dele. ²³ Isso tudo, sob a condição de que vocês permaneçam alicerçados e firmes na fé, sem se deixarem afastar da esperança no Evangelho que vocês ouviram, e que foi anunciado a toda criatura que vive debaixo do céu. Eu, Paulo, me tornei ministro desse Evangelho. [21-23]

O mistério do projeto de Deus — ²⁴ Agora eu me alegro de sofrer por vocês, pois vou completando em minha carne o que falta nas tribulações de Cristo, a favor do seu corpo, que é a Igreja. ²⁵ Eu me tornei ministro da Igreja, quando Deus me confiou este encargo junto a vocês: anunciar a realização da Palavra de Deus, ²⁶ o mistério escondido desde o começo dos tempos e gerações, e que agora é revelado aos cristãos. ²⁷ Deus quis manifestar aos cristãos a riqueza

gloriosa que este mistério representa para os pagãos, isto é, o fato de que Cristo, a glória esperada, está em vocês. ²⁸E é esse Cristo que anunciamos, aconselhando e ensinando a todos com plena sabedoria, para que todos sejam cristãos perfeitos. ²⁹É para isso que me esforço e luto, sustentado pela força de Cristo que age de forma poderosa em mim. [24-29]

2 Firmeza na fé — ¹Quero que vocês saibam da difícil luta que enfrento por vocês, pelos de Laodiceia e por todos aqueles que nunca me viram pessoalmente. ²Sofro para que eles sejam confortados em seus corações e assim, estreitamente unidos no amor, se enriqueçam com a plenitude da compreensão, a fim de conhecerem o mistério de Deus: Cristo, ³no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e ciência. ⁴Digo isso para que ninguém engane vocês com belos discursos. ⁵Pois, embora eu esteja fisicamente ausente, estou com vocês em espírito, alegrando-me de vê-los vivendo em ordem e firmes na fé em Cristo. [2,1-5]

Enraizados em Cristo — ⁶Já que vocês aceitaram Jesus Cristo como Senhor, vivam como cristãos: ⁷enraizados nele, vocês se edificam sobre ele e se apoiam na fé que lhes foi ensinada, transbordando em ações de graças. ⁸Cuidado para que ninguém escravize vocês através de filosofias enganosas e vãs, de acordo com tradições humanas, que se baseiam nos elementos do mundo, e não em Cristo. [6-8]

Vida plena em Cristo — ⁹É em Cristo que habita, em forma corporal, toda a plenitude da divindade. ¹⁰Em Cristo vocês têm tudo de modo pleno. Ele é a cabeça de todo principado e de toda autoridade. ¹¹Em Cristo vocês foram circuncidados com uma circuncisão não feita por mãos humanas, mas com a circuncisão de Cristo, a qual consiste em despojar-se do corpo carnal. ¹²Com ele, vocês foram sepultados no batismo, e nele vocês foram também ressuscitados mediante a fé no poder de Deus, que ressuscitou Cristo dos mortos. ¹³Vocês estavam mortos por causa das faltas e da incircuncisão da carne, mas Deus concedeu a vocês a vida juntamente com Cristo:

Ele perdoou todas as nossas faltas,
¹⁴anulou o título de dívida
que havia contra nós,
deixando de lado as exigências legais;
fez o título desaparecer,

pregando-o na cruz;
¹⁵destituíu os principados e autoridades,
oferecendo-os em espetáculo público,
após triunfar sobre eles por meio
de Cristo. [9-15]

Livres em Cristo — ¹⁶Ninguém, pois, julgue vocês pelo que comem ou bebem, ou por causa de festas anuais, mensais ou de sábados. ¹⁷Tudo isso é apenas sombra daquilo que devia vir. A realidade é Cristo. ¹⁸Que ninguém, com humildade afetada ou culto aos anjos, impeça vocês de conseguir a vitória; essas pessoas se fecham em suas visões e se incham de orgulho com o seu modo de pensar. ¹⁹Eles não estão unidos à Cabeça, a qual, através de juntas e nervos, dá alimento e coesão ao corpo inteiro, fazendo-o crescer como Deus quer.

²⁰Se vocês morreram com Cristo para os elementos do mundo, por que se submetem a normas, como se ainda estivessem sujeitos ao mundo, ²¹normas como estas: “Não pegue, não prove, não toque”? ²²Todas essas coisas se desgastam pelo uso. E essas proibições são preceitos e doutrinas de homens. ²³Tais regras de piedade, humildade e severidade com o corpo têm ares de sabedoria, mas na verdade não têm nenhum valor, a não ser a satisfação da carne. [16-23]

3 ***Procurar as coisas do alto*** — ¹Se vocês foram ressuscitados com Cristo, procurem as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. ²Pensem nas coisas do alto, e não nas coisas da terra. ³Vocês estão mortos, e a vida de vocês está escondida com Cristo em Deus. ⁴Quando Cristo se manifestar, ele que é a nossa vida, então vocês também se manifestarão com ele na glória. [3,1-4]

Vida nova em Cristo — ⁵Façam morrer aquilo que em vocês pertence à terra: fornicação, impureza, paixão, desejos maus e a cobiça de possuir, que é uma idolatria. ⁶Isso é o que atrai a ira de Deus sobre os rebeldes. ⁷Outrora, também vocês eram assim, quando viviam entre eles. ⁸Agora, porém, abandonem tudo isso: ira, raiva, maldade, maledicência e palavras obscenas, que saem da boca de vocês. ⁹Não mintam uns aos outros. De fato, vocês foram despojados do homem velho e de suas ações, ¹⁰e se revestiram do homem novo que, através do conhecimento, vai se renovando à imagem do seu Criador. ¹¹E aí já não há grego nem judeu, circunciso ou incircunciso, estrangeiro ou bárbaro, escravo ou livre,

mas apenas Cristo, que é tudo em todos.

¹²Como escolhidos de Deus, santos e amados, vistam-se de sentimentos de compaixão, bondade, humildade, mansidão, paciência. ¹³Suportem-se uns aos outros e se perdoem mutuamente, sempre que tiverem queixa contra alguém. Cada um perdoe o outro, do mesmo modo que o Senhor perdoou vocês. ¹⁴E acima de tudo, vistam-se com o amor, que é o laço da perfeição. ¹⁵Que a paz de Cristo reine no coração de vocês. Para essa paz vocês foram chamados, como membros de um mesmo corpo. Sejam também agradecidos. ¹⁶Que a palavra de Cristo permaneça em vocês com toda a sua riqueza, de modo que possam instruir-se e aconselhar-se mutuamente com toda a sabedoria. Inspirados pela graça, cantem a Deus, de todo o coração, salmos, hinos e cânticos espirituais. ¹⁷E tudo o que vocês fizerem através de palavras ou ações, o façam em nome do Senhor Jesus, dando graças a Deus Pai por meio dele. [5-17]

Cristo é Senhor de todos — ¹⁸Mulheres, sejam submissas a seus maridos, pois assim convém a mulheres cristãs. ¹⁹Maridos, amem suas mulheres e não sejam grosseiros com elas. ²⁰Filhos, obedeçam em tudo a seus pais, porque isso agrada ao Senhor. ²¹Pais, não irrite seus filhos, para que eles não fiquem desanimados. ²²Escravos, obedeçam em tudo aos seus senhores humanos, não só quando vigiados, para agradar aos homens, mas com simplicidade de coração, por temor ao Senhor. ²³Tudo o que vocês fizerem façam de coração, como quem obedece ao Senhor, e não aos homens. ²⁴Fiquem certos de que receberão do Senhor a herança como recompensa. O Senhor, a quem vocês servem, é Cristo. ²⁵Quem comete injustiça, receberá de volta a injustiça, pois não há distinção de pessoas.

4¹Senhores, tratem seus escravos com justiça e igualdade, sabendo que vocês também têm um Senhor no céu. [3,18-4,1]

Oração e sabedoria — ²Sejam constantes na oração; que ela os mantenha vigilantes, dando graças a Deus. ³Ao mesmo tempo, peçam por nós, para que Deus nos abra uma porta para a pregação, a fim de anunciarmos o mistério de Cristo, por quem estou preso. ⁴Peçam para que eu anuncie esse mistério com linguagem conveniente. ⁵Usem de sabedoria com os que não são cristãos, aproveitando bem as ocasiões. ⁶Que a conversa de vocês seja sempre agradável, temperada com sal, sabendo responder a cada um como convém. [4,2-6]

Tíquico e Onésimo — ⁷O querido irmão Tíquico, ministro fiel e companheiro no Senhor, dará a vocês todas as informações a meu respeito. ⁸É com essa finalidade que eu o envio, para animá-los e para que vocês saibam de tudo a nosso respeito. ⁹Com ele vai Onésimo, nosso querido e fiel irmão, e que pertence ao grupo de vocês. Eles contarão tudo o que está acontecendo por aqui. [7-9]

Saudações finais — ¹⁰Aristarco, meu companheiro de prisão, e Marcos, primo de Barnabé, mandam saudações. Sobre Marcos já mandei recomendações; se ele for visitá-los, o acolham bem. ¹¹Jesus, apelidado Justo, também manda saudações. Estes são os únicos judeus que trabalham comigo pelo Reino de Deus, e eles são de grande consolação para mim. ¹²Epafras, do grupo de vocês e servo de Jesus Cristo, manda saudações. Com suas orações, ele não cessa de lutar em favor de vocês, para que se mantenham perfeitos, observando plenamente a vontade de Deus. ¹³Eu sou testemunha de que ele se empenha muito por vocês e por aqueles que estão em Laodiceia e Hierápolis. ¹⁴Lucas, o querido médico, e Demas mandam saudações.

¹⁵Saúdem os irmãos de Laodiceia, como também Ninfas e a igreja que se reúne na casa dele. ¹⁶Depois que vocês lerem esta carta, façam que seja lida também na igreja de Laodiceia. E vocês, leiam a de Laodiceia. ¹⁷Por fim, digam a Arquipo: “Procure realizar bem o ministério que você recebeu do Senhor.”

¹⁸A saudação é de minha própria mão: Paulo. Lembrem-se de que estou preso! A graça esteja com vocês. [10-18]

NOTAS

[1,1-2] O clima da vida cristã deve ser o de uma família, onde todos são irmãos junto com Cristo, tendo Deus como Pai.

[3-8] A trilogia *fé-amor-esperança* define a vida cristã na sua base, na sua concretização prática e no seu dinamismo histórico. A vida cristã nasce do compromisso de *fé* em Jesus Cristo, que significa aceitar a vida e ação de Jesus e continuá-las entre os homens. O *amor* é a realização prática desse testemunho, através da partilha dos bens e da fraternidade, que concretizam o Reino de Deus no dia-a-dia da história. A *esperança* é o dinamismo que nasce do amor, alimentando a vida cristã, voltada para o futuro do Reino de Deus, isto é, para a realização plena da vida.

[9-12] Paulo pede o que é mais necessário para a situação em que os colossenses estão vivendo. A vontade de Deus se manifestou na vida e ação de Jesus Cristo, e o conhecimento dessa vontade é a sabedoria que leva os cristãos a viver com discernimento crítico diante das situações. Esse discernimento capacita-os, fortalecendo-os para resistir ativamente ao que é possível enfrentar e, passivamente, ao que é inevitável suportar.

[13-20] Para animar os colossenses a permanecerem firmes na fé, Paulo cita um hino cristão, provavelmente usado na cerimônia batismal, que canta a grandeza de Cristo. Paulo se serve desse hino para criticar qualquer doutrina que apresente como necessárias outras mediações salvíficas, além da de Cristo. Cristo é o único mediador entre Deus e a criação, e só ele, mediante a cruz, é capaz de reconciliar Deus com as criaturas submetidas ao pecado.

[13-14] A introdução ao hino mostra como o pecado interferiu na criação, fazendo com que a obra de Cristo se tornasse redentora mediante uma nova criação.

[15-18] O Deus invisível e inatingível se torna visível e acessível em Jesus, o Filho que se encarnou no mundo e na história. Jesus é, portanto, o verdadeiro Adão (Gn 1,26s). Existindo antes de qualquer criatura, ele se torna modelo, cabeça e único mediador do universo criado. No hino primitivo, o termo “corpo” (v. 18) significava “universo”; com o acréscimo da expressão “que é a Igreja”, passou a indicar a comunidade da nova criação, da qual Cristo é a Cabeça.

[18-20] Primeiro a ressuscitar dos mortos, Cristo é o novo Adão, pois na nova criação ele é o Primogênito. Assim, o poder vital de Deus se torna acessível aos homens por meio de Cristo, reconduzindo a criação à paz. A pacificação do universo está na remissão dos pecados realizada por Cristo na cruz.

[21-23] Paulo começa a aplicar o hino à situação dos colossenses: eles eram pagãos e, remidos por Cristo, passaram a pertencer à nova criação. Sob a condição, porém, de permanecerem fiéis ao Evangelho de Cristo, do qual o Apóstolo é ministro.

[24-29] Paulo se alegra porque o seu sofrimento confirma que ele está anunciando o verdadeiro Evangelho (cf. Mc 13,5-10). O cerne da missão do Apóstolo é o mistério do projeto de Deus: Deus quer que também os pagãos participem da redenção realizada mediante Cristo. A conversão dos colossenses, que antes eram pagãos, manifesta visivelmente esse projeto de Deus.

[2,1-5] Paulo se esforça para que os cristãos intensifiquem a vivência do amor e cheguem a conhecer toda a sabedoria e ciência que há em Cristo. Desse modo, eles permanecerão firmes na fé e se tornarão capazes de discernir e resistir a qualquer coisa que possa desviá-los do Cristo anunciado pelo Evangelho.

[6-8] Assim como a árvore depende da raiz e a casa depende do alicerce, os cristãos dependem da fé em Cristo, transmitida pelo anúncio do Evangelho. O cristão deve estar vigilante para não ser influenciado por ideias que não sirvam para conhecer e viver com mais profundidade a pessoa de Cristo.

[9-15] Paulo continua aplicando o hino à vida dos colossenses. Se Cristo é a Plenitude de Deus (1,19), nele se encontra tudo o que é preciso para nos relacionarmos com Deus. Cristo está acima de qualquer poder visível ou invisível. O batismo, que substituiu a circuncisão, leva o cristão a participar da morte e ressurreição de Cristo, isto é, a passar da morte para vida em Cristo. Os vv. 13-15 retomam outro hino que celebra a vitória: através da morte de Cristo na cruz, Deus anulou o registro dos pecados e venceu todas as potências que poderiam escravizar os homens. Portanto, os cristãos agora são livres e não devem se submeter a nada ou a ninguém que não seja Cristo.

[16-23] Paulo dá sentido concreto à liberdade do cristão. A salvação já foi concedida em Cristo e, por isso, as coisas e alimentos existem para serem usados com liberdade, e não para serem estudados ou honrados como mediadores de salvação ou perdição. Do mesmo modo, as festas, que dependem do ciclo dos astros, não têm nenhum poder de dar ou tirar a salvação.

“Morrer para os elementos do mundo” significa fazer que o mundo volte a ser simplesmente mundo: que o mundo não seja um sagrado opressor, uma norma de salvação. Aceitar Cristo como o único sacramento faz com que o mundo se torne relativo. Desse modo, o cristão pode mover-se nele com plena liberdade.

[3,1-4] Paulo não despreza as realidades terrestres. “Procurar as coisas do alto” significa descobrir a vida nova revelada em Jesus Cristo. O cristão já participa da vida que Jesus vive no mistério de Deus. Essa participação deve crescer e concretizar-se cada vez mais na história; quando Jesus estiver plenamente manifesto através do testemunho dos cristãos, então essa participação também se tornará completamente manifesta. Estes, conhecendo a vida de Cristo, são capazes de discernir e criticar tudo o que não conduz à plena realização humana.

[5-17] Através do batismo, os cristãos passam por uma transformação radical: deixam de pertencer à velha humanidade corrompida (homem velho) e começam

a pertencer à nova humanidade (homem novo), que é a criação realizada em Cristo, o novo Adão, imagem de Deus (1,15). Na comunidade cristã, semente da nova humanidade, não se admitem distinções de raça, religião, cultura ou classe social: todos são iguais e participam igualmente da vida de Cristo. A transformação é coisa prática: deixar as ações que visam egoisticamente aos próprios interesses, em troca de ações a serviço da reconciliação mútua e do bem comum.

[3,18-4,1] Paulo aplica às relações humanas o princípio enunciado no v. 17: fazer tudo “em nome do Senhor Jesus”. Note-se que ele prega uma única moral a todos (homem, mulher, crianças, adultos, senhores e escravos): todos devem ser leais e respeitosos com os outros. Embora Paulo não se afaste do modo de pensar da sua época, sua proposta é um passo para que se reconheça a igualdade de direitos entre os homens e para que aconteçam importantes transformações sociais.

[4,2-6] Paulo convida os cristãos a rezarem e a tratarem os não-cristãos com amabilidade e sabedoria (sal). No contexto polêmico da carta, essa atitude significa testemunhar e defender a fé cristã, ameaçada por doutrinas e práticas que a podem desfigurar.

[7-9] Tíquico é provavelmente o portador desta carta e também da carta aos Efésios (Ef 6,21s). Onésimo é o escravo fugitivo que volta a Colossas, depois que Paulo o converteu à fé (cf. carta a Filemon).

[10-18] Aristarco, natural de Tessalônica (At 20,4), foi companheiro de Paulo na prisão. Marcos é o autor do segundo Evangelho. Sobre Jesus, o Justo, nada sabemos. Epafras, discípulo de Paulo, foi o fundador da comunidade de Colossas. Lucas é provavelmente o mesmo que escreveu o terceiro Evangelho e o livro dos Atos dos Apóstolos. Sobre Demas cf. 2Tm 4,10. Sobre Ninfas nada sabemos. Arquipo é filho de Filemon (Fm 2).

As cartas de Paulo eram lidas também nas comunidades vizinhas. A carta aos Laodicenses perdeu-se; alguns a identificam com a carta aos Efésios. Apesar de pequenas e distantes entre si, as primeiras comunidades mantinham constante comunicação, testemunhando que a unidade da Igreja se deve mais a um espírito de comunhão do que a uma rígida organização institucional.

PRIMEIRA CARTA AOS TESSALONICENSES

FÉ, AMOR E ESPERANÇA

Introdução

Redigida em Corinto no inverno de 50-51, esta carta é o primeiro documento escrito do Novo Testamento e do cristianismo.

Atingido pela perseguição, Paulo teve que deixar às pressas a cidade de Filipos. Dirigiu-se a Tessalônica (At 16,19-40), grande cidade comercial e ponto de encontro para muitos pensadores e pregadores das mais diversas filosofias e religiões.

Paulo anuncia o Evangelho e forma aí um pequeno grupo. Mas, perseguido, tem que fugir (cf. At 17,1-10) e seu trabalho corre o risco de se esvaziar diante das inúmeras propostas dessa grande cidade. Então, de Atenas, ele envia seu colaborador Timóteo para visitar e trazer notícias dessa comunidade perseguida. Timóteo encontra Paulo em Corinto. Ao receber dele a notícia de que a comunidade de Tessalônica continuava fervorosa e ativa, ele escreve esta carta para comunicar a sua alegria e estimular a perseverança da comunidade.

Nesta carta, Paulo também procura responder a algumas questões que preocupam a comunidade de Tessalônica. Uma é o problema da vinda gloriosa de Cristo. Os tessalonicenses pensavam que essa vinda se realizaria logo, e se perguntavam: Os que já morreram, será que não vão participar desse grande acontecimento? Paulo mostra que no fim da história, tanto os mortos como os vivos estarão reunidos para viverem sempre com Cristo ressuscitado. A esperança é para todos, e todos participarão da vitória de Cristo sobre o mal e sobre a morte.

O Apóstolo relembra que a vida cristã é espera ativa do Senhor. A espera, formada de fé e perseverança, leva a construir a comunidade no amor. Ela faz olhar para o alto e para o fim da história, mas também leva os fiéis a se empenharem com todos os outros homens nas realidades terrestres, como o respeito ao corpo e o trabalho. Uma espera que não deixa de reforçar a fidelidade ao Senhor, porque o céu nada mais será do que a plena manifestação da realidade que os cristãos já começam a viver no presente da história: a união

com o Senhor para sempre.

PRIMEIRA CARTA AOS TESSALONICENSES

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4 - 5

PRIMEIRA CARTA AOS TESSALONICENSES

1 *Endereço e saudação* — ¹Paulo, Silvano e Timóteo à igreja dos tessalonicenses, que está em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo. A vocês, graça e paz. [1,1]

Agradecimento: a vida cristã — ²Agradecemos continuamente a Deus por todos vocês, sempre que nos lembramos de vocês em nossas orações. ³Com efeito, diante de Deus nosso Pai nos lembramos sempre da fé ativa, do amor capaz de sacrifícios e da firme esperança que vocês depositam em nosso Senhor Jesus Cristo. [2-3]

O anúncio provoca conversão — ⁴Irmãos amados por Deus, sabemos que vocês foram escolhidos por ele. ⁵De fato, o Evangelho que pregamos não foi apresentado somente com palavras, mas com poder, com o Espírito Santo e com plena convicção. Vocês sabem o que fizemos entre vocês, para o bem de vocês mesmos. ⁶E vocês imitaram o nosso exemplo e o exemplo do Senhor, acolhendo a Palavra com a alegria do Espírito Santo, apesar de tantas tribulações. ⁷Assim vocês se tornaram modelo para todos os fiéis da Macedônia e da Acaia. ⁸Partindo de vocês, a Palavra do Senhor se propagou, não apenas pela Macedônia e Acaia, mas também por toda parte se espalhou a fé que vocês têm em Deus, de modo que sobre isso nada precisamos dizer. ⁹Eles mesmos falam da acolhida que tivemos entre vocês, e de como vocês se converteram, deixando os ídolos e voltando-se para Deus, a fim de servir ao Deus vivo e verdadeiro. ¹⁰Falam também de como vocês esperam que Jesus venha do céu, o Filho de Deus, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos. É ele que nos liberta da ira futura. [4-10]

2 *O comportamento do agente de pastoral* — ¹Irmãos, vocês nos acolheram e bem sabem que não foi em vão. ²Apesar de maltratados e insultados em Filipos, como sabem, encontramos em nosso Deus a coragem de anunciar a vocês o Evangelho de Deus em meio a forte oposição. ³É que a nossa pregação não nasce do erro, nem de segundas intenções, nem de esperteza. ⁴Pelo contrário: Deus nos achou dignos de confiar-nos o Evangelho, e assim o pregamos, não para agradar aos homens, mas a Deus, que sonda os nossos corações. ⁵Como vocês sabem, nós nunca usamos de bajulações, nem fomos

levados por motivos interesseiros: Deus é testemunha. ⁶Nem estávamos à procura de elogio dos homens, seja de vocês, seja de outros, ⁷embora, como apóstolos de Cristo, pudéssemos recorrer à nossa autoridade. Ao contrário, tratamos vocês com bondade, qual mãe aquecendo os filhos que amamenta. ⁸Queríamos tanto bem a vocês, que estávamos prontos a dar-lhes não somente o Evangelho de Deus, mas até a nossa própria vida, de tanto que gostávamos de vocês.

⁹Irmãos, vocês ainda se lembram dos nossos trabalhos e fadigas. Pregamos o Evangelho a vocês trabalhando de noite e de dia, a fim de não sermos de peso para ninguém. ¹⁰Vocês são testemunhas, e o próprio Deus também, de como foi santo, justo e irrepreensível o nosso comportamento em relação a vocês que acreditam. ¹¹Vocês sabem muito bem que tratamos a cada um de vocês como um pai trata os seus filhos. ¹²Nós exortamos, encorajamos e admoestamos vocês a viverem de modo digno de Deus, que os chama para o seu Reino e glória. [2,1-12]

Autenticidade da comunidade cristã — ¹³O motivo do nosso contínuo agradecimento a Deus é este: quando ouviram a Palavra de Deus que anunciamos, vocês a acolheram não como palavra humana, mas como ela realmente é, como Palavra de Deus, que age com eficácia em vocês que acreditam. ¹⁴Irmãos, vocês imitaram as igrejas de Deus que estão na Judeia, as igrejas de Jesus Cristo, pois vocês sofreram da parte de seus compatriotas, assim como também elas sofreram por causa dos judeus. ¹⁵Estes mataram o Senhor Jesus e os profetas, e agora nos perseguem. Desagradam a Deus e são inimigos de todo mundo. ¹⁶Eles querem impedir-nos de pregar a salvação aos pagãos. E com isso vão enchendo sempre mais a medida dos seus pecados, até que a ira de Deus acabe por cair sobre eles. [13-16]

Glória e alegria do agente de pastoral — ¹⁷Irmãos, já faz algum tempo que estamos separados de vocês, longe dos olhos, mas não do coração, e por isso temos o mais vivo e ardente desejo de tornar a vê-los. ¹⁸Quisemos visitá-los. Eu mesmo, Paulo, mais de uma vez quis fazer isso. Satanás, porém, nos impediu. ¹⁹De fato, quem, senão vocês, será a nossa esperança, a nossa alegria e a nossa coroa diante de nosso Senhor Jesus, no dia de sua vinda? ²⁰Sim, nossa glória e alegria são vocês!

3 ***Evangelização é tarefa contínua*** — ¹Assim, não podendo mais aguentar,

resolvemos ficar sozinhos em Atenas, ²e enviamos a vocês Timóteo, nosso irmão e colaborador na pregação do Evangelho de Cristo. Nós o enviamos para fortalecê-los e encorajá-los na fé, ³para que ninguém fique abalado com as presentes tribulações. Vocês bem sabem que este é o nosso destino. ⁴Quando estávamos com vocês, prevenimos que havíamos de sofrer tribulações. Foi o que aconteceu, como vocês sabem. ⁵É por isso que, não podendo mais suportar, mandei pedir informações sobre a fé que vocês têm. Eu temia que o tentador os tivesse seduzido e o nosso trabalho acabasse em nada.

⁶Agora Timóteo acaba de chegar da visita que fez a vocês, trazendo boas notícias sobre a fé e o amor de vocês. Ele disse que vocês sempre se lembram de nós com afeto, e que desejam rever-nos, como também nós gostaríamos de vê-los. ⁷Assim, irmãos, a fé que vocês têm é um consolo para nós em meio a todas as nossas angústias e tribulações. ⁸Agora já nos sentimos reanimados, pois sabemos que vocês estão firmes no Senhor. ⁹Como poderíamos agradecer a Deus por causa de vocês, pela alegria que nos deram diante do nosso Deus? ¹⁰Noite e dia rezamos com insistência para que possamos revê-los, a fim de completar o que ainda está faltando à fé que vocês têm. [2,17-3,10]

A vivência do amor — ¹¹Que Deus, nosso Pai, e nosso Senhor Jesus dirijam nosso caminho até vocês. ¹²Que o Senhor os faça crescer e aumentar no amor mútuo e para com todos, assim como é o nosso amor para com vocês, ¹³a fim de que o coração de vocês permaneça firme e irrepreensível na santidade diante de Deus, nosso Pai, por ocasião da vinda de nosso Senhor Jesus com todos os seus santos. [3,11-13]

4 Respeitar o corpo humano — ¹De resto, irmãos, pedimos e suplicamos no Senhor Jesus: vocês aprenderam de nós como comportar-se para agradar a Deus. Vocês já se comportam assim. Continuem progredindo!

²Vocês conhecem as instruções que lhes demos em nome do Senhor Jesus. ³A vontade de Deus é que vivam consagrados a ele, que se afastem da libertinagem, ⁴que cada um saiba usar o próprio corpo na santidade e no respeito, ⁵sem deixar-se arrastar por paixões libidinosas, como os pagãos que não conhecem a Deus. ⁶Quanto a isso, que ninguém ofenda ou prejudique o irmão, porque o Senhor se vinga de todas essas coisas, como já dissemos e demos provas. ⁷Deus não nos chamou para a imoralidade, mas para a santidade. ⁸Portanto, quem despreza essas normas não despreza um homem, mas o próprio Deus, que dá o Espírito

Santo para vocês. [4,1-8]

Uma questão de honra — ⁹Não precisamos escrever-lhes a respeito do amor fraterno, pois vocês aprenderam do próprio Deus a se amarem uns aos outros.

¹⁰E é isso que vocês estão fazendo com todos os irmãos da Macedônia. Mas aconselhamos, irmãos, que vocês progridam cada vez mais. ¹¹Que seja para vocês uma questão de honra viver em paz, ocupando-se com as coisas que lhes pertencem e trabalhando com as próprias mãos, conforme recomendamos.

¹²Assim vocês levarão uma vida honrada aos olhos dos estranhos e não precisarão da ajuda de ninguém. [9-12]

Todos reunidos na vinda do Senhor — ¹³Irmãos, não queremos que vocês ignorem coisa alguma a respeito dos mortos, para não ficarem tristes como os outros que não têm esperança. ¹⁴Se acreditamos que Jesus morreu e ressuscitou, acreditamos também que aqueles que morreram em Jesus serão levados por Deus em sua companhia.

¹⁵Eis o que declaramos a vocês, baseando-nos na palavra do Senhor: nós, que ainda estaremos vivos por ocasião da vinda do Senhor, não teremos nenhuma vantagem sobre aqueles que já tiverem morrido. ¹⁶De fato, a uma ordem, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, o próprio Senhor descera do céu. Então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; ¹⁷depois nós, os vivos, que estivermos ainda na terra, seremos arrebatados junto com eles para as nuvens, ao encontro do Senhor nos ares. E então estaremos para sempre com o Senhor.

¹⁸Consolem-se, pois, uns aos outros com essas palavras. [13-18]

5 Quando será o fim do mundo? — ¹No que diz respeito ao tempo e circunstâncias, não preciso escrever nada para vocês, irmãos. ²Vocês já sabem que o dia do Senhor chegará como ladrão à noite. ³Quando as pessoas disserem: “Estamos em paz e segurança”, então de repente a ruína cairá sobre elas, como dores do parto para a mulher grávida, e não conseguirão escapar. [5,1-3]

As armas da vida — ⁴Mas vocês, irmãos, não vivem em trevas, de tal modo que esse dia possa surpreendê-los como um ladrão. ⁵Porque todos vocês são filhos da luz e filhos do dia. Não somos da noite nem das trevas. ⁶Portanto, não fiquemos dormindo como os outros. Estejamos acordados e sóbrios. ⁷Pois os que dormem, dormem de noite, e os que se embriagam, embriagam-se de noite. ⁸Nós, porém, que somos do dia, sejamos sóbrios, revestidos com a couraça da fé

e do amor e com o capacete da esperança da salvação. ⁹Pois Deus não nos destinou à sua ira, e sim para a salvação através de nosso Senhor Jesus Cristo, ¹⁰o qual morreu por nós a fim de que, acordados ou dormindo, fiquemos unidos a ele. ¹¹Portanto, consolem-se mutuamente e ajudem-se uns aos outros a crescer, como aliás vocês já estão fazendo. [4-11]

Conselhos diversos — ¹²Irmãos, pedimos que tenham consideração para com aqueles que se afadigam em dirigi-los no Senhor e admoestá-los. ¹³Vocês devem tratá-los com muito respeito e amor, por causa do trabalho que eles realizam. Vivam em paz entre vocês. ¹⁴Por favor, irmãos: corrijam os que não fazem nada, encorajem os tímidos, sustentem os fracos e sejam pacientes com todos. ¹⁵Cuidem que ninguém retribua o mal com o mal, mas procurem sempre o bem uns dos outros e de todos.

¹⁶Estejam sempre alegres, ¹⁷rezem sem cessar. ¹⁸Deem graças em todas as circunstâncias, porque esta é a vontade de Deus a respeito de vocês em Jesus Cristo. ¹⁹Não extingam o Espírito, ²⁰não desprezem as profecias; ²¹examinem tudo e fiquem com o que é bom. ²²Fiquem longe de toda espécie de mal. [12-22]

Saudações finais — ²³Que o próprio Deus da paz conceda a vocês a plena santidade. Que o espírito, alma e corpo de vocês sejam conservados de modo irrepreensível para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. ²⁴Quem chamou vocês é fiel e realizará tudo isso.

²⁵Irmãos, rezem também por nós. ²⁶Saúdem todos os irmãos com o beijo santo. ²⁷Peço-lhes encarecidamente que esta carta seja lida a todos os irmãos.

²⁸Que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com vocês. [23-28]

NOTAS

[1,1] A igreja é a comunidade cristã local formada pelas pessoas que acreditam em Deus e se comprometem com o testemunho de Jesus Cristo.

[2-3] Cf. nota em Cl 1,3-8.

[4-10] Sobre a *tribulação*, cf. nota em Rm 5,1-11. Paulo relembra o primeiro anúncio (querigma) que provocou a conversão dos tessalonicenses. Conforme os vv. 9-10, esse primeiro anúncio do Evangelho era um convite à mudança radical: deixar os *ídolos* para servir unicamente ao *Deus vivo*. Os ídolos são valores

considerados absolutos mas que, na realidade, sustentam uma estrutura de sociedade baseada na opressão e exploração do corpo e da consciência do homem. Servir ao Deus vivo é comprometer-se com Jesus Cristo, que manifesta na história a presença e ação do Deus verdadeiro, o qual está comprometido com a libertação e a vida do homem. A conversão é um processo contínuo na história. O cristão dá o seu testemunho, animado sempre pela espera da plena manifestação de Jesus Ressuscitado.

[2,1-12] Descrevendo sua ação missionária entre os tessalonicenses, Paulo propõe as atitudes fundamentais de um agente de pastoral: coragem de anunciar o Evangelho, mesmo que precise enfrentar fortes oposições de grupos interesseiros; não agir com segundas intenções, à moda de espertalhões que aproveitam de sua função para se promoverem à custa de bajulações; não abusar da própria autoridade, mas ter profundo amor pela comunidade, mesmo com perigo de vida; não colocar o dinheiro como motivação do apostolado. Por fim, a regra suprema: fazer com que a vida da comunidade seja testemunho da presença do Reino de Deus. O agente de pastoral tem a coragem de invocar a comunidade e até o próprio Deus como testemunhas de sua retidão (v. 10).

[13-16] Paulo apresenta os critérios de autenticidade da comunidade cristã: *o acolhimento da Palavra de Deus*, que leva as pessoas a se converterem e formarem comunidade; *o testemunho* que, por meio da presença e da ação, atualiza a presença e ação de Jesus Cristo. O testemunho leva a comunidade a romper com a estrutura injusta na qual ela vive. Tal rompimento é que provoca oposições e perseguições, e é sinal de que a comunidade está “imitando” a primeira comunidade de Jerusalém e o próprio Cristo: “Se perseguiram a mim, vão perseguir vocês também” (Jo 15,20).

[2,17-3,10] A verdadeira alegria e orgulho de um autêntico agente de pastoral não é o trabalho que ele realiza pessoalmente, e sim o resultado desse trabalho: uma comunidade viva que cresce e persevera no testemunho. O trabalho pastoral não consiste apenas em dar o impulso inicial em vista da formação de uma comunidade. É preciso que haja dedicação e acompanhamento contínuos, para a comunidade não desanimar diante das dificuldades internas e externas, que podem ameaçar a fé, a unidade e a ação. Sobre a *tribulação*, cf. nota em Rm 5,1-11.

[3,11-13] A vivência do amor é o critério último para discernir se é autêntica ou não a vida da comunidade cristã. Trata-se de amor recíproco que faz a

comunidade crescer por dentro e, ao mesmo tempo, impulsiona a comunidade para fora de si mesma, a fim de testemunhar o Evangelho a todos. É esse amor que constitui a santidade da comunidade, fazendo-a enfrentar sem temor o julgamento de Deus.

[4,1-8] A carta se dirige a cristãos que vivem numa cidade pagã, em ambiente relaxado e tolerante do ponto de vista moral, especialmente no que se refere à vida sexual. Paulo frisa que o cristão é chamado à santificação, e isso significa compreender de maneira nova a si mesmo, os outros e as relações humanas. Na vida sexual, quem comanda o comportamento do cristão é o respeito ao próprio corpo e ao corpo do outro; o cristão é convidado a descobrir o valor do corpo, que foi criado por Deus e é chamado a participar da ressurreição.

[99-12] Sobre o amor fraterno, cf. nota em 3,11-13. A exortação ao amor fraterno se concretiza num convite a trabalhar. Paulo está provocando mudança de concepção vigente nas cidades gregas. Aí o ideal era trabalhar apenas duas horas por dia, o que supunha viver na dependência do trabalho dos outros. Assim, trabalhar para o próprio sustento torna-se questão de honra para o cristão. É também a sua possibilidade de contribuir para o bem comum e de repartir os bens com os menos favorecidos.

[13-18] Paulo tenta resolver dificuldades certamente relatadas por Timóteo. Parece que os tessalonicenses receavam que os cristãos já falecidos não iriam participar da parusia ou manifestação final de Jesus. O Apóstolo afirma que não será importante estar entre os mortos ou entre os vivos. A ressurreição de Cristo é promessa e garantia da ressurreição dos mortos. Os mortos, portanto, ressuscitarão e se unirão aos que ainda estiverem vivos, a fim de formarem um só cortejo ao encontro do Cristo glorioso. Todos os fiéis estarão com o Senhor, para sempre. Cf. também a introdução a esta carta.

[5,1-3] Saber com precisão a data da parusia de Cristo é desejo muito humano, porém fadado à frustração. Conforme a tradição cristã, só Deus Pai conhece o momento preciso: “Quanto a esse dia e hora, ninguém sabe nada, nem os anjos do céu, nem o Filho. Somente o Pai é quem sabe” (Mc 13,32). Aos cristãos cabe esperar com espírito vigilante.

[4-11] A luz é símbolo da vida, enquanto as trevas são símbolo do mal e da morte. Para Paulo, o cristão é aquele que acredita na vida e luta por ela, sem aceitar nenhum compromisso com as estruturas que produzem a morte. A imagem militar do v. 8 sugere que o testemunho cristão é verdadeiro combate

com as armas da fé, do amor e da esperança: a fé leva ao conhecimento da verdade e da justiça; o amor produz novas relações entre os homens; a esperança abre o futuro para a liberdade e a vida (cf. nota em Cl 1,3-8).

[12-22] Paulo termina a carta com diversos conselhos para a construção e crescimento da comunidade: respeitar os que têm o encargo de dirigir, ajudar os irmãos que estão em dificuldade, viver em clima de alegria e oração. Os vv. 19-21 convidam os cristãos a exercitar o discernimento e espírito crítico, para se tornarem capazes de reconhecer e assimilar o bem, onde quer que este se encontre.

[23-28] *Espírito, alma e corpo* (v. 23) significam aqui o homem inteiro na sua vida concreta, participando do Espírito de Deus.

SEGUNDA CARTA AOS TESSALONICENSES

RESISTÊNCIA EM MEIO AOS CONFLITOS

Introdução

*A segunda carta aos Tessalonicenses foi escrita pouco depois da primeira. Aqui, a preocupação não é **quando** vai acontecer o fim do mundo, mas **como** devemos comportar-nos na espera de que isso aconteça. Algumas pessoas da comunidade de Tessalônica, ouvindo falar que Jesus Cristo glorioso deveria vir em breve, se refugiavam numa falsa ideia de que as perseguições não mais aconteceriam. E com isso estavam perdendo a garra cristã de lutar pela construção do Reino. A carta retoma um dado importante: a fé cristã se expressa neste mundo concreto e, por isso, jamais foge da luta ou teme o conflito. A atitude de quem espera a vinda gloriosa de Cristo não é acomodar-se ou cruzar os braços, como se não houvesse mais nada que fazer neste mundo, senão olhar para o alto à espera de que tudo caia de repente lá do céu.*

Ao falar sobre a proximidade da vinda de Cristo, a carta não se refere a uma urgência de tempo (2,2), mas à urgência do comportamento vigilante e ativo nas situações de perseguição e de opressão: fé ativa (1,11), perseverança (2,5), firmeza no testemunho (2,14), ânimo e coragem (2,17). A carta toma como base de seu ensinamento a apocalíptica, isto é, as coisas que falam sobre o fim do mundo. A etapa da história em que vivemos é a última. Por isso, a luta deve ser mais corajosa e cheia de esperança, pois a característica daqueles que esperam a chegada gloriosa do Reino de Deus é a resistência contra as forças do mal. É o que a carta procura incutir. A comunidade de Tessalônica estava ameaçada de perder o impulso que torna o cristianismo dinâmico e causador de profundas transformações históricas na sociedade. Ao se tornarem passivos e ao não admitirem a situação de conflito, ameaçavam fazer do cristianismo uma religião estática, que mantém a situação, e não uma fé ativa que transforma o mundo e provoca a vinda definitiva de Cristo e do seu Reino.

SEGUNDA CARTA AOS TESSALONICENSES

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3

SEGUNDA CARTA AOS TESSALONICENSES

1 *Endereço e saudação* — ¹Paulo, Silvano e Timóteo à igreja dos tessalonicenses que está em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo. ²A vocês, graça e paz da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo. [1,1-2]

Agradecimento: vida cristã e perseguição — ³Irmãos, devemos agradecer sempre a Deus por vocês! É justo que o façamos, pois a fé que vocês têm está crescendo cada vez mais, e o amor que vocês têm uns pelos outros está se tornando cada vez maior. ⁴Desse modo, podemos gloriar-nos de vocês entre as igrejas de Deus, por causa da firmeza e da fé que vocês mostram em meio a todas as perseguições e tribulações que suportam. [3-4]

O julgamento de Deus — ⁵Essas provas são o sinal do justo julgamento de Deus: elas existem para que vocês se tornem dignos do Reino de Deus, pelo qual estão sofrendo.

⁶Deus fará o que é justo: vai mandar tribulações para aqueles que os oprimem, ⁷e a vocês, que são agora oprimidos, como também a nós, ele dará descanso, quando o Senhor Jesus se manifestar. Ele virá do céu com seus anjos poderosos, ⁸em meio a uma chama ardente. Virá para vingar-se daqueles que não conhecem a Deus e não obedecem ao Evangelho do Senhor Jesus. ⁹O castigo deles será a ruína eterna, longe da face do Senhor e longe do esplendor da sua majestade. ¹⁰Nesse dia, o Senhor virá para ser glorificado na pessoa de seus santos e para ser admirado em todos aqueles que acreditaram. E vocês acreditaram em nosso testemunho! ¹¹É também por isso que rezamos continuamente por vocês, a fim de que o nosso Deus os torne dignos do chamado que lhes dirigiu. Rezamos também para que Deus, com seu poder, os faça realizar todo bem que desejam e dinamize o trabalho da fé que vocês têm. ¹²Desse modo, o nome do Senhor Jesus será glorificado em vocês e vocês também serão glorificados nele, conforme a graça do nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo. [5-12]

2 *A vinda do Senhor e o combate final* — ¹Agora, irmãos, quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e ao nosso encontro com ele, pedimos a vocês o seguinte: ²não se deixem perturbar tão facilmente! Nem se assustem, como se o Dia do Senhor estivesse para chegar logo, mesmo que isso esteja sendo veiculado por alguma suposta inspiração, palavra, ou carta atribuída a nós. ³Não

se deixem enganar de nenhum modo! Primeiro deverá chegar a apostasia. Depois aparecerá o homem ímpio, o filho da perdição: ⁴ele é o adversário que se opõe e se levanta contra todo ser que se chama Deus ou é adorado, chegando até mesmo a sentar-se no templo de Deus e a proclamar-se Deus.

⁵Não se lembram de que eu já dizia essas coisas quando estava com vocês? ⁶E agora vocês já sabem o que está impedindo a manifestação do adversário, que acontecerá no tempo certo. ⁷O mistério da impiedade já está agindo. Falta apenas desaparecer aquele que o segura até agora. [2,1-7]

⁸Só então se manifestará o ímpio. O Senhor Jesus o destruirá com o sopro de sua boca e o aniquilará com o esplendor da sua vinda. ⁹A vinda do ímpio vai acontecer graças ao poder de Satanás, com todo tipo de falsos milagres, sinais e prodígios, ¹⁰e com toda a sedução que a injustiça exerce sobre os que se perdem, por não se terem aberto ao amor da verdade, amor que os teria salvo. ¹¹Por isso Deus manda o poder da sedução agir neles, para que acreditem na mentira. ¹²Desse modo serão condenados todos os que não acreditaram na verdade, mas preferiram permanecer na injustiça. [8-12]

A comunidade não deve temer — ¹³Nós, porém, devemos sempre agradecer a Deus por vocês, irmãos amados do Senhor, porque, desde o início, Deus os escolheu para serem salvos pelo Espírito que santifica e pela fé na verdade. ¹⁴Para isso chamou vocês por meio do nosso Evangelho, a fim de que possuam a glória de nosso Senhor Jesus Cristo. ¹⁵Por isso, irmãos, fiquem firmes e mantenham as tradições que lhes ensinamos de viva voz ou por meio da nossa carta. ¹⁶O próprio nosso Senhor Jesus Cristo e Deus, nosso Pai, que nos amou e por sua graça nos dá consolo eterno e esperança feliz, ¹⁷concedam-lhes ânimo ao coração e os fortaleçam para que façam e falem tudo o que é bom. [13-17]

3 *Solidariedade através da oração* — ¹De resto, irmãos, rezem por nós, a fim de que a palavra do Senhor se espalhe rapidamente e seja bem recebida, como acontece entre vocês. ²Rezem também para que Deus nos livre dos homens ímpios e maus, porque nem todos têm fé. ³O Senhor, porém, é fiel. Ele manterá vocês firmes e os guardará do Maligno. ⁴Temos plena confiança no Senhor de que vocês fazem e continuarão a fazer o que mandamos. ⁵Que o Senhor lhes dirija o coração para o amor a Deus e a perseverança de Cristo. [3,1-5]

Quem não quer trabalhar, não coma — ⁶Irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo ordenamos: fiquem longe de qualquer irmão que vive sem fazer

nada e não segue a tradição que recebeu de nós. ⁷Vocês sabem como devem imitar-nos: nós não ficamos sem fazer nada quando estivemos entre vocês, ⁸nem pedimos a ninguém o pão que comemos; pelo contrário, trabalhamos com fadiga e esforço, noite e dia, para não sermos um peso para nenhum de vocês. ⁹Não porque não tivéssemos direito a isso, mas porque nós quisemos ser um exemplo para vocês imitarem. ¹⁰De fato, quando estávamos entre vocês, demos esta norma: quem não quer trabalhar, também não coma. ¹¹Ouvimos dizer que entre vocês existem alguns que vivem à toa, sem fazer nada e em contínua agitação. ¹²A essas pessoas mandamos e pedimos, no Senhor Jesus Cristo, que comam o próprio pão, trabalhando em paz.

¹³Quanto a vocês, irmãos, não se cansem de fazer o bem. ¹⁴Se alguém não obedecer ao que dizemos nesta carta, tomem nota e interrompam as relações com ele, para que crie vergonha; ¹⁵mas não o tratem como um inimigo; ao contrário, corrijam-no como irmão. [6-15]

Saudações finais — ¹⁶Que o próprio Senhor da paz lhes conceda a paz, sempre e de todos os modos. O Senhor esteja com todos vocês.

¹⁷A saudação é de meu próprio punho: Paulo. Este é o sinal que distingue minhas cartas. É a minha letra.

¹⁸Que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com todos vocês! [16-18]

NOTAS

[1,1-2] Cf. nota em 1Ts 1,1.

[3-4] Também nesta carta Paulo inicia com os fundamentos da vida cristã: o crescimento na fé e no amor. Não fala explicitamente da esperança, mas ressalta a firmeza que os cristãos precisam ter diante das perseguições. A esperança é que dá a tônica de toda a carta, e é apresentada como a virtude que desacomoda e que incentiva o espírito de luta, na certeza da vitória. Sobre a *tribulação*, cf. nota em Rm 5,1-11.

[5-12] Julgamento é o ato que Deus realizou em Jesus Cristo e continua a realizar através de todos aqueles que dão o testemunho de Jesus, manifestando a justiça e a vida queridas por Deus. Esse julgamento desmascara a verdade de cada um e produz separação, fazendo que cada um sofra as consequências da escolha que dirigiu sua vida e ação: os que viveram, lutaram e sofreram pela

justiça e pela vida serão declarados dignos de possuir o Reino de Deus; aqueles que resistiram a Deus e ao Evangelho, preferindo a injustiça e a morte e perseguindo Jesus e suas testemunhas, serão excluídos do Reino para sempre.

[2,1-7] Em tempos de dificuldade e perseguição há sempre boatos que perturbam e assustam a comunidade cristã, afirmando que a vinda gloriosa de Jesus (parusia) está próxima, marcando o fim do mundo. Usando a mesma linguagem dos profetas e dos autores de apocalipse, Paulo desmente esses boatos, apresentando dois motivos: ainda não chegou o tempo da *apostasia*, isto é, da crise geral causada pelas perseguições e tribulações que levam muitos a abandonarem a fé (cf. Mt 24,12-13); e ainda não se manifestou o *homem ímpio*, isto é, o grande adversário de Deus e do povo fiel; esse adversário se absolutizará a ponto de se apresentar como Deus, oprimindo o povo e perseguindo os cristãos. Tais coisas já são conhecidas pelos destinatários, pois eles sabem inclusive que existe um obstáculo para a plena manifestação do adversário (vv. 6-7). Talvez Paulo esteja aludindo ao testemunho dos cristãos que lutam pelo Reino de Deus, impedindo a absolutização e divinização de pessoas, coisas e estruturas.

[8-12] Paulo apresenta a etapa final da história como um grande combate. O *homem ímpio* se manifestará com todo o poder do mal, da mentira e da injustiça, fazendo coisas que seduzirão e convencerão os que não acreditam na verdade e preferem a injustiça. Ao mesmo tempo se manifestará também o *Senhor Jesus*, para destruir e aniquilar o homem ímpio e todos os que o seguem. A arma do combate é o *sopro da boca de Jesus*, isto é, o Evangelho anunciado e testemunhado pelos fiéis, que tornam presente o testemunho de Jesus, vencendo assim tudo o que aliena, aprisiona e oprime os homens.

[13-17] A comunidade cristã não precisa temer o final dos tempos. Ao contrário, deve agradecer a Deus, pois, ouvindo o Evangelho, abraçando o compromisso da fé e abrindo-se para dar o testemunho de Jesus Cristo, ela já se encontra no caminho da salvação. O importante é continuar fiel à tradição apostólica e dar testemunho da fé através do anúncio e da prática do bem.

[3,1-5] Ao lado da prática da fé, a oração em favor dos evangelizadores exprime a solidariedade no testemunho e na difusão do Evangelho.

[6-15] Com seu exemplo, Paulo mostra que um pregador ou agente de pastoral em casos excepcionais pode ser liberado pela comunidade e ser sustentado por ela. Mas insiste: em situações normais, os responsáveis devem viver do próprio

trabalho, para se dedicarem gratuitamente ao serviço do Evangelho. O Apóstolo também caracteriza os “beatos” da comunidade: vivem à custa dela e são perigosos em perturbar os outros. As tensões normais que poderiam facilmente ser superadas se agravam por causa desses “fofoqueiros espirituais”.

[16-18] Pensando talvez nos perigos a que se referiu em 2,2, Paulo salienta que estas últimas palavras, escritas de próprio punho, são uma assinatura e garantia de que a carta é autêntica.

PRIMEIRA CARTA A TIMÓTEO

APELO AO DISCERNIMENTO

Introdução

*Junto com a carta a **Tito**, as cartas a **Timóteo** formam um conjunto à parte na literatura que é comumente atribuída a São Paulo. Não se dirigem a uma comunidade, mas a pessoas individuais que possuem uma responsabilidade no governo, no ensino e no comportamento das comunidades cristãs. Porque apresentam diretrizes para os pastores, desde o séc. XVIII elas são chamadas **Cartas Pastorais**.*

Timóteo foi discípulo e colaborador de Paulo, e é mencionado ou está sempre junto com o Apóstolo quando este escreve suas cartas.

Conforme Atos, Timóteo nasceu em Listra, na Licaônia. Filho de pai grego e mãe judeu-cristã, Paulo permitiu que ele fosse circuncidado (At 16,1-3). Ao passar por Listra, na sua segunda viagem missionária, Paulo tomou Timóteo consigo como companheiro de viagem. Timóteo ficou em Bereia quando Paulo teve que fugir (At 17,14s) e depois se juntou a Paulo em Corinto. Foi mandado para a Macedônia antes da terceira viagem de Paulo (At 19,22) e estava no grupo de Paulo no fim da terceira viagem (At 20,4). A 1Tm deve ter sido escrita em 64-65 e apresenta Timóteo como responsável pela igreja de Éfeso.

A importância da 1Tm está no seu testemunho histórico sobre a organização eclesiástica. Paulo insiste para que Timóteo desempenhe com firmeza e coragem a função que recebeu de Cristo mediante a imposição das mãos (“ordenação”). Exorta-o a tornar-se anunciador e defensor da verdade (1,3-20), a organizar o culto (2,1-15) e a ser pastor, dirigindo a comunidade na diversidade dos grupos (3,1-6,2). Estamos ainda longe de uma rígida organização jurídica, mas podemos dizer que temos aqui um verdadeiro ponto de partida para a reflexão teológica sobre o ministério na Igreja.

PRIMEIRA CARTA A TIMÓTEO

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6

PRIMEIRA CARTA A TIMÓTEO

1 *Endereço e saudação* — ¹Paulo, apóstolo de Jesus Cristo por ordem de Deus nosso Salvador e de Jesus Cristo nos-sa esperança, ²a Timóteo, meu verdadeiro filho na fé: graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo nosso Senhor. [1,1-2]

Vida cristã não é teoria — ³Ao partir para a Macedônia, recomendei que você ficasse em Éfeso, a fim de impedir que alguns continuassem ensinando doutrinas diferentes, ⁴e para que não se ocupassem com fábulas e genealogias sem fim; estas favorecem mais as discussões do que o projeto de Deus, que se realiza na fé. ⁵A finalidade desta ordem é o amor que procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sem hipocrisia. ⁶Alguns se desviaram desta linha e se perderam num palavreado inútil; ⁷pretendem passar por doutores da lei, mas não sabem nem o que dizem nem o que dogmatizam. [3-7]

O papel da lei — ⁸Sabemos que a Lei é boa, contanto que a tomemos como uma lei. ⁹Ela não é destinada ao justo, mas aos iníquos e rebeldes, ímpios e pecadores, sacrílegos e profanadores, parricidas e matricidas, homicidas, ¹⁰impudicos, pederastas, mercadores de escravos, mentirosos, para os que juram falso, e para tudo o que se oponha à sã doutrina, ¹¹de acordo com o Evangelho glorioso do Deus bendito, que me foi confiado. [8-11]

O papel da graça — ¹²Agradeço àquele que me deu força, a Jesus Cristo nosso Senhor, que me considerou digno de confiança, tomando-me para o seu serviço, ¹³apesar de eu ter sido um blasfemo, perseguidor e insolente. Mas eu obtive misericórdia porque eu agia sem saber, longe da fé. ¹⁴Sim, ele me concedeu com maior abundância a sua graça, junto com a fé e o amor que estão em Jesus Cristo.

¹⁵Esta palavra é segura e digna de ser acolhida por todos: Jesus Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro. ¹⁶Mas exatamente por causa disto eu obtive misericórdia: Jesus Cristo quis demonstrar toda a sua generosidade primeiramente em mim, como exemplo para os que depois iriam acreditar nele, a fim de terem a vida eterna.

¹⁷Ao rei dos séculos, ao Deus incorruptível, invisível e único, honra e glória para sempre. Amém! [12-17]

Fé e boa consciência — ¹⁸Timóteo, meu filho, esta é a instrução que lhe confio, conforme as profecias que foram outrora pronunciadas a respeito de você. Esteja firme nelas e combata o bom combate, ¹⁹com fé e boa consciência. Alguns rejeitaram a boa consciência e acabaram naufragando na fé. ²⁰Entre esses encontram-se Himeneu e Alexandre, os quais eu entreguei a Satanás, a fim de que aprendam a não mais blasfemar. [18-20]

2 *Deus quer salvar a todos* — ¹Antes de tudo, recomendo que façam pedidos, orações, súplicas e ações de graças em favor de todos os homens, ²pelos reis e por todos os que têm autoridade, a fim de que levemos uma vida calma e serena, com toda a piedade e dignidade. ³Isso é bom e agradável diante de Deus nosso Salvador. ⁴Ele quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. ⁵Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: Jesus Cristo, homem ⁶que se entregou para resgatar a todos. Esse é o testemunho dado nos tempos estabelecidos por Deus, ⁷e para o qual eu fui designado pregador e apóstolo — digo a verdade, não minto —, doutor das nações na fé e na verdade. ⁸Quero, portanto, que os homens orem em todo lugar, erguendo mãos limpas, sem ira e sem discussões. [2,1-8]

Comportamento das mulheres — ⁹Quanto às mulheres, que elas tenham roupas decentes e se enfeitem com pudor e modéstia. Não usem tranças, nem objetos de ouro, pérolas ou vestuário suntuoso; ¹⁰pelo contrário, enfeitem-se com boas obras, como convém a mulheres que dizem ser piedosas. ¹¹Durante a instrução, a mulher deve ficar em silêncio, com toda a submissão. ¹²Eu não permito que a mulher ensine ou domine o homem. Portanto, que ela conserve o silêncio. ¹³Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. ¹⁴E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, pecou. ¹⁵Entretanto, ela será salva pela sua maternidade, desde que permaneça com modéstia na fé, no amor e na santidade. [9-15]

3 *Organização da comunidade* — ¹É certo que se alguém aspira a um cargo de direção está aspirando a uma coisa nobre. ²É preciso, porém, que o dirigente seja irrepreensível, esposo de uma única mulher, ajuizado, equilibrado, educado, hospitaleiro, capaz de ensinar, ³não dado à bebida, nem briguento, mas indulgente, pacífico e sem interesse por dinheiro. ⁴Ele deve ser homem que saiba dirigir bem a própria casa, e cujos filhos lhe obedeçam e o respeitem. ⁵Pois, se

alguém não sabe dirigir bem a própria casa, como poderá dirigir bem a igreja de Deus? ⁶Que ele não seja recém-convertido, a fim de que não fique cheio de soberba e seja condenado como o foi o diabo. ⁷Exige-se ainda que ele tenha boa fama entre os de fora, para não cair no descrédito e nos laços do diabo.

⁸Os diáconos igualmente devem ser dignos de respeito, homens de palavra, não inclinados à bebida, nem ávidos de lucros vergonhosos. ⁹Conservem o mistério da fé com a consciência limpa. ¹⁰Também eles devem ser primeiramente experimentados e, em seguida, se forem irrepreensíveis, sejam admitidos na função de diáconos. ¹¹Também as mulheres devem ser dignas de respeito, não maldizentes, ajuizadas, fiéis em todas as coisas. ¹²Que os diáconos sejam esposos de uma única mulher, dirigindo bem seus filhos e sua própria casa. ¹³Pois aqueles que exercem bem o diaconato conquistam lugar de honra, e também muita coragem na fé em Cristo Jesus.

¹⁴Escrevo-lhe essas coisas esperando encontrá-lo em breve. ¹⁵Se eu me atrasar, você saberá como proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e sustentáculo da verdade. ¹⁶De fato, como é grande o mistério da piedade: ele se manifestou na carne, foi justificado no espírito, apareceu aos anjos, foi anunciado aos pagãos, foi acreditado no mundo e exaltado na glória. [\[3,1-16\]](#)

4 *Tudo o que Deus criou é bom* — ¹O Espírito diz claramente que nos últimos tempos alguns renegarão a fé, para dar atenção a espíritos sedutores e a doutrinas demoníacas. ²Serão seduzidos por homens hipócritas e mentirosos, que têm ^{2a} própria consciência como que marcada a ferro quente. ³Eles proibirão o casamento, exigirão abstinência de certos alimentos, embora Deus tenha criado essas coisas para serem recebidas com ação de graças por aqueles que têm fé e conhecem a verdade. ⁴De fato, tudo o que Deus criou é bom, e nada é desprezível se tomado com ação de graças, ⁵porque é santificado pela palavra de Deus e pela oração.

O bom servidor de Cristo — ⁶Ensinando essas coisas aos irmãos, você se comportará como bom servidor de Jesus Cristo, alimentado com as palavras da fé e da boa doutrina que você tem seguido. ⁷Rejeite, porém, as fábulas ímpias, coisas de pessoas caducas. Exercite-se na piedade. ⁸Vale pouco o exercício corporal, ao passo que a piedade é proveitosa para tudo, pois contém a promessa da vida presente e futura. ⁹Essa palavra é fiel e digna de toda aceitação. ¹⁰De fato, se nós trabalhamos e lutamos, é porque depositamos a nossa esperança no

Deus vivo, salvador de todos os homens, principalmente dos que têm fé.
¹¹Proclame e ensine essas coisas.

¹²Que ninguém o despreze por ser jovem. Quanto a você mesmo, seja para os fiéis um modelo na palavra, na conduta, no amor, na fé, na pureza. ¹³Esperando pela minha chegada, dedique-se à leitura, animação e ensinamento. ¹⁴Não descuide o dom da graça que há em você e que lhe foi dado através da profecia, juntamente com a imposição das mãos do grupo dos presbíteros. ¹⁵Cuide bem dessas coisas e persevere nelas, a fim de que o seu progresso fique manifesto diante de todos. ¹⁶Vigie a si mesmo e ao ensinamento, e seja perseverante. Desse modo você salvará a si mesmo e aos seus ouvintes. [4,1-16]

5 Respeito e solidariedade — ¹Não repreenda duramente um ancião, mas exorte-o como se fosse um pai. Aos rapazes, como a irmãos. ²Às senhoras, como a mães. Às moças, como a irmãs, com toda a pureza. [5,1-2]

As viúvas — ³Honre as viúvas que são realmente viúvas. ⁴Porém, se alguma viúva tiver filhos ou netos, estes aprendam primeiramente a cumprir seus deveres para com a própria família e a recompensar os seus pais, pois isso é agradável diante de Deus. ⁵Aquela que é verdadeiramente viúva, que ficou sozinha, deposita a sua confiança em Deus e persevera dia e noite em súplicas e orações. ⁶Mas a viúva que só busca prazer, mesmo se vive, já está morta. ⁷Portanto, ordene tudo isso, a fim de que elas sejam irrepreensíveis. ⁸Se alguém não cuida dos seus e principalmente dos que são de sua própria casa, esse renegou a fé e é pior que um incrédulo.

⁹A mulher só será inscrita no grupo das viúvas com sessenta anos e não menos, se tiver sido esposa de um só marido, ¹⁰se tiver em seu favor o testemunho de suas boas obras, criado filhos, sido hospitaleira, lavado os pés dos fiéis, socorrido os atribulados, aplicada a toda boa obra. ¹¹Rejeite as viúvas mais jovens; pois, quando seus desejos se afastam de Cristo, elas querem se casar, ¹²tornando-se censuráveis por terem rompido o seu primeiro compromisso. ¹³Além disso, elas aprendem a viver ociosas, correndo de casa em casa; elas não são apenas desocupadas, mas também fofoqueiras e indiscretas, falando o que não devem. ¹⁴Desejo, pois, que as viúvas jovens se casem, criem filhos e dirijam a sua casa para não darem ao adversário nenhuma ocasião de maledicência. ¹⁵Porque já existem algumas que se desviaram, seguindo a Satanás. ¹⁶Se um fiel tem viúvas em sua família, preste socorro a elas; não se onere a igreja, a fim de

que esta possa ajudar aquelas que são verdadeiramente viúvas. [3-16]

Os presbíteros — ¹⁷Os presbíteros que exercem bem a presidência são dignos de dupla remuneração, sobretudo os que trabalham no ministério da palavra e da instrução. ¹⁸De fato, assim diz a Escritura: “Não amordace o boi que debulha.” E ainda: “O operário é digno do seu salário.” ¹⁹Não aceite denúncia contra um presbítero, a não ser sob depoimento de duas ou três testemunhas. ²⁰Repreenda diante de todos aos presbíteros que pecam, a fim de que os demais temam. ²¹Eu conjuro você diante de Deus, de Jesus Cristo e dos anjos eleitos: observe essas regras sem preconceito, nada fazendo por favoritismo. ²²Não tenha pressa de impor as mãos em alguém, para não ser cúmplice dos pecados de outrem. Conserve-se puro. ²³Não continue a beber somente água; tome um pouco de vinho, por causa do estômago e das frequentes fraquezas que você tem.

²⁴Os pecados de alguns homens se manifestam antes do julgamento, os de outros se manifestam depois. ²⁵Do mesmo modo, as boas obras são evidentes; e as outras não conseguem ficar ocultas. [17-25]

6 Os escravos — ¹Aqueles que se encontram sob o jugo da escravidão de vem tratar seus patrões com todo o respeito, para que o nome de Deus e o ensinamento não sejam blasfemados. [6,1-2a] ²Os que têm patrões que acreditam, não os desrespeitem, porque são irmãos. Pelo contrário: sirvam a eles melhor ainda, pois aqueles que se beneficiam de seus trabalhos são fiéis e irmãos amados.

O falso doutor — Isto é o que você deve ensinar e recomendar. ³Pois, quem ensina coisas diferentes, que não concordam com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensinamento conforme a piedade, ⁴é cego, não entende nada, é doente à procura de discussões e brigas de palavras. É daí que nascem invejas, brigas, blasfêmias, suspeitas, ⁵polêmicas intermináveis, coisas típicas de homens de espírito corrupto e desprovidos da verdade. ⁶Eles supõem que a piedade é fonte de lucro. De fato, a piedade é grande fonte de lucro, mas para quem sabe se contentar. ⁷Pois não trouxemos nada para o mundo, e dele nada podemos levar. ⁸Se temos o que comer e com que nos vestir, fiquemos contentes com isso. ⁹Aqueles, porém, que querem tornar-se ricos, caem na armadilha da tentação e em muitos desejos insensatos e perniciosos, que fazem os homens afundarem na ruína e perdição. ¹⁰Porque a raiz de todos os males é o amor ao dinheiro. Por causa dessa ânsia de dinheiro, alguns se afastaram da fé e

afligem a si mesmos com muitos tormentos. [2b-10]

O verdadeiro doutor — ¹¹Você, porém, homem de Deus, fuja dessas coisas. Procure a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança, a mansidão. ¹²Combata o bom combate da fé, conquiste a vida eterna, para a qual você foi chamado. Isso você o reconheceu numa bela profissão de fé diante de muitas testemunhas. ¹³Diante de Deus, que dá a vida a todas as coisas, e de Jesus Cristo, que deu testemunho diante de Pôncio Pilatos numa bela profissão de fé, eu ordeno a você: ¹⁴guarde o mandamento puro, de modo irrepreensível, até a Aparição de nosso Senhor Jesus Cristo. ¹⁵Essa Aparição mostrará, nos tempos estabelecidos, o Bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, ¹⁶o único que possui a imortalidade, que habita uma luz inacessível, que nenhum homem viu, nem pode ver. A ele, honra e poder eterno. Amém! [11-16]

Os ricos e a conversão — ¹⁷Admoeste os ricos deste mundo, para que não sejam orgulhosos e não coloquem sua esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus, que nos dá tudo com abundância para que nos alegremos. ¹⁸Que eles façam o bem, se enriqueçam de boas obras, sejam prontos a distribuir, capazes de partilhar. ¹⁹Desse modo, estão acumulando para si mesmos um belo tesouro para o futuro, a fim de obterem a verdadeira vida. [17-19]

Saudações finais — ²⁰Timóteo, guarde o depósito. Evite o palavreado irreverente e as objeções dessa falsa ciência, ²¹pois alguns a professaram e se desviaram da fé.

A graça esteja com vocês. [20-21]

NOTAS

[1,1-2] A respeito de Timóteo, cf. At 16,1-5 e a nota correspondente.

[3-7] A vida cristã não é mera teoria baseada em mil especulações e sistemas teológicos, que muitas vezes parecem não ter outra coisa em mira além de deleitar o pensamento. A vida cristã se inspira no caminho e prática de Jesus, que se resumem na vivência do amor, isto é, na capacidade de se relacionar, respondendo a situações concretas.

[8-11] Em Éfeso, alguns se apresentam como doutores da Lei, mas transformam a Lei em especulações dogmáticas, esquecendo-se do verdadeiro papel da Lei. De fato, a lei existe para mostrar o erro e evitar que os conflitos de interesse

cheguem a níveis de destruição, causando exploração, opressão e morte. Para os que vivem do amor evangélico, a Lei não tem mais sentido, pois o amor é muito mais exigente do que a Lei. A *sã doutrina* é a tradição apostólica, isto é, o testemunho do apóstolo, que orienta todo o pensamento e prática dos cristãos, de acordo com o testemunho de Jesus Cristo.

[12-17] Em meio à confusão de ideias e interpretações, é importante voltar sempre ao sentido profundo e primeiro do Evangelho: Deus enviou Jesus ao mundo, não para condenar, mas para salvar os homens. A salvação, portanto, é ato de graça e se confirma como graça abundante porque é oferecida gratuitamente aos pecadores, isto é, a todos aqueles que jamais poderiam merecê-la. Paulo é exemplo vivo do Evangelho da graça. O povo de Deus não é formado por pessoas que nunca erraram, mas por pecadores que se convertem e são salvos por pura graça.

[18-20] As profecias pronunciadas sobre Timóteo lembram a intervenção dos “profetas” no momento da ordenação apostólica (cf. At 13,1-3).

“Entregar a Satanás” quer dizer exclusão da comunidade; essa pena é uma medida para que o culpado se arrependa e se emende (cf. 1Cor 5,5).

[2,1-8] O autor recomenda que os cristãos incluam na sua oração todos os homens. É a oração litúrgica universal, impulsionada pela convicção de que Deus enviou seu Filho para salvar o mundo inteiro. Ser Igreja no mundo é testemunhar que o projeto de Deus está aberto para todos.

[9-15] Nos conselhos dados às mulheres é preciso ter em mente o contexto social da época, que via a mulher como inferior ao homem, o ensinamento patriarcal dos mestres judeus e as preocupações imediatas da carta. Afirmando que a mulher será salva pela maternidade, a carta se opõe aos falsos doutores que proibiam o matrimônio (4,3). A recomendação sobre o silêncio quer evitar os excessos de boatos e indiscrições. E procura impedir que a emancipação da mulher, fruto da liberdade evangélica, acarrete exageros.

[3,1-16] Com a multiplicação e desenvolvimento das comunidades, surgem os primeiros esboços de uma organização eclesial. A respeito dos “dirigentes” (em grego = *epíscopos*) e dos diáconos, cf. nota em Fl 1,1-2. É provável que algumas mulheres tenham ocupado o cargo de diaconisas (cf. Rm 16,1). Aqui não se pensa numa lei do celibato, mas exige-se que os candidatos a cargos eclesiais tenham sólidas qualidades humanas.

[4,1-16] Nos últimos tempos, isto é, entre a ressurreição e a segunda vinda de Cristo, multiplicam-se os mestres e doutrinas que adulteram a fé. Alguns desprezam tudo o que se refere ao corpo, condenando o matrimônio, proibindo alimentos e pregando exageradas práticas ascéticas. O cristão, porém, sabe acolher tudo o que Deus criou e se apega somente a Deus e ao cumprimento de sua vontade. Aquele que tem cargo de direção na comunidade cuide para se tornar modelo, tanto no comportamento como na ação, perseverando na graça que recebeu pela imposição das mãos (cf. 2Tm 1,6).

[5,1-2] Numa comunidade cristã, o exercício de um cargo de direção não dá a ninguém o direito de agir com aspereza e prepotência. Pelo contrário, o exercício do cargo é um serviço que se realiza no respeito e na solidariedade com as pessoas.

[3-16] O texto deve ser entendido na época e nas condições concretas da comunidade. Há três espécies de viúvas: as que têm família e não necessitam de auxílios; aquelas que a igreja deve assistir porque são “verdadeiras viúvas”, sozinhas no mundo; aquelas que, assistidas ou não pela igreja, por esta são chamadas para realizar certas funções oficiais, contanto que satisfaçam a sérias exigências. A reticência sobre viúvas jovens talvez se deva a uma experiência negativa de consagração feita e depois abandonada.

[17-25] *Presbítero* é uma palavra grega que significa “ancião”. Os presbíteros não se distinguem dos dirigentes (= *episcopos*) citados acima (3,1-7); sua função é animar a liturgia e ensinar a Sagrada Escritura. Aqui são dadas algumas orientações a respeito de pessoas que exercem cargos de autoridade dentro da igreja; essa função é conferida através do rito da imposição das mãos. Quem a exerce tem direito de receber da comunidade o necessário para viver; devem ser protegidos contra qualquer calúnia; e não é qualquer um que pode ser escolhido. Por outro lado, a comunidade tem direito de exigir que seus dirigentes sejam fiéis aos compromissos assumidos.

[6,1-2a] Esta passagem não trata da estrutura social na época, mas da lealdade de vida e das relações humanas dentro de uma determinada estrutura. Sobre o tema, ver notas da carta a Filemon.

[2b-10] Piedade é a maneira prática de viver que testemunha o verdadeiro seguimento do Evangelho e a “sã doutrina” que dele procede. O texto mostra como perceber claramente quando uma doutrina é “doentia”: o desejo desenfreado de lucro, o amor ao dinheiro. Qualquer doutrina que aceite essa

prática, percorre infalivelmente o caminho contrário ao Evangelho, à fé e à salvação, pois se fundamenta numa idolatria, que é geradora de inveja, brigas, blasfêmias, corrupção e mentira.

[11-16] O verdadeiro doutor é aquele que foge

da ambição e vive com sobriedade. Seu compromisso primeiro é com a verdade, a qual se manifesta no ministério de Cristo, lembrado nos vv. 15-16.

[17-19] O seguimento de Cristo está aberto também aos ricos, desde que estejam dispostos a converter-se: deixar a idolatria da riqueza para adorar o Deus vivo, o qual cria os bens para todos. Assim, os ricos são chamados a imitar o próprio Deus, tornando-se capazes de distribuir o que possuem, repartindo seus bens com aqueles que nada têm (cf. Mc 10,17-22).

[20-21] No começo do capítulo (6,3ss) e no fim (6,20s) se insiste na fidelidade à *tradição* (“depósito”). O núcleo fundamental da fé é o compromisso dos cristãos com Deus e principalmente com o seguimento de Jesus Cristo. É neste seguimento que se manifesta totalmente o Deus vivo. Esse compromisso, porém, encarna-se em épocas e lugares diferentes; as doutrinas, por sua vez, exprimem essas diversas encarnações. A verdadeira Tradição procura garantir que o núcleo fundamental da fé se concretize através dessas encarnações históricas. As encarnações são sempre relativas a determinado tempo e lugar. O conhecimento delas é grande estímulo para que também nós nos abramos aos desafios e apelos do nosso contexto, dando uma resposta baseados no núcleo fundamental da fé, conservado e transmitido pela Tradição viva.

SEGUNDA CARTA A TIMÓTEO

COMBATER O BOM COMBATE

Introdução

Embora trate dos mesmos temas da 1ª carta a Timóteo e da carta a Tito, a 2ª carta a Timóteo é um escrito bem mais pessoal. O interesse central se desloca da comunidade cristã (1Tm e Tt) para a relação pessoal entre Paulo e Timóteo, tornando esta carta muito semelhante à carta a Filemon.

Paulo está de novo na prisão em Roma, provavelmente pelo ano 67. As condições são duras, bem diferentes da prisão domiciliar, quando ainda podia pregar livremente (At 28,16). O Apóstolo se sente só, ninguém o defendeu no tribunal, seus dias estão contados, e ele se prepara para o martírio. Diante do abandono, incompreensão, torturas e próxima execução, Paulo continua firme e dá graças. Antes da morte, deseja rever seu “amado filho Timóteo” e confirmá-lo na missão. Este é apresentado com traços mais precisos: uma pessoa sensível (1,4), às vezes indecisa e sem coragem (1,8). Ficamos também sabendo de sua avó Lóide e de sua mãe Eunice (1,5), exemplos de fé para Timóteo.

O tema central da carta são as considerações sobre os “últimos dias”. Trata-se dos últimos tempos de Paulo, prisioneiro, doravante próximo a partir, e também dos últimos tempos da Igreja. Assim, o Apóstolo deseja rever Timóteo. Relembra os próprios sofrimentos e experimenta o conforto de ter “combatido o bom combate”, e a certeza de receber a coroa da justiça. De outra parte, recomenda a Timóteo: não envergonhar-se do Evangelho, mas proclamá-lo com integridade; tomar cuidado com as “palavras vãs” de falsos pregadores que aparecerão nos últimos tempos, apresentando falsas doutrinas; vigiar a si mesmo e manter-se perseverante, mesmo que deva sofrer junto com Paulo por causa do Evangelho.

COMBATER O BOM COMBATE

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4

COMBATER O BOM COMBATE

1 *Endereço e saudação* — ¹Paulo, apóstolo de Jesus Cristo por vontade de Deus, para anunciar a promessa da vida em Jesus Cristo, ²ao amado filho Timóteo: graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo nosso Senhor.

Agradecimento — ³Agradeço a Deus, a quem sirvo com consciência limpa como os meus antepassados, enquanto me recordo sempre de você em minhas orações, noite e dia. ⁴Quando me lembro das lágrimas que você derramou, sinto grande desejo de revê-lo e, assim, transbordar de alegria. ⁵Lembro-me da fé sincera que há em você, a mesma que havia antes na sua avó Lóide, depois em sua mãe Eunice e que agora, estou convencido, também há em você. [1,1-5]

Não se envergonhar do Evangelho — ⁶Por esse motivo, o convido a reavivar o dom de Deus que está em você pela imposição de minhas mãos. ⁷De fato, Deus não nos deu um espírito de medo, mas um espírito de força, de amor e de sabedoria. ⁸Não se envergonhe, portanto, de dar testemunho de nosso Senhor, nem de mim, seu prisioneiro; pelo contrário, participe do meu sofrimento pelo Evangelho, confiando no poder de Deus. ⁹Ele nos salvou e nos chamou com uma vocação santa, não por causa de nossas obras, mas conforme seu próprio projeto e graça. Esta graça nos foi concedida em Jesus Cristo desde a eternidade, ¹⁰mas somente agora foi revelada pela aparição de nosso Salvador Jesus Cristo. Ele não só venceu a morte, mas também fez brilhar a vida e a imortalidade por meio do Evangelho, ¹¹do qual eu fui constituído anunciador, apóstolo e mestre. ¹²Esta é a causa dos males que estou sofrendo. Todavia, não me envergonho, porque sei em quem depusitei a minha fé, e estou certo de que ele tem poder para guardar o meu depósito até aquele Dia. ¹³Tome por modelo as sãs palavras que você ouviu de mim, com a fé e o amor que estão em Jesus Cristo. ¹⁴Guarde o bom depósito com o auxílio do Espírito Santo que habita em nós. [6-14]

Não se envergonhar da testemunha do Evangelho — ¹⁵Você sabe que todos os da Ásia me abandonaram, e entre eles Figelo e Hermógenes. ¹⁶Que o Senhor conceda misericórdia à família de Onesíforo, porque ele muitas vezes me confortou e não se envergonhou de eu estar preso; ¹⁷ao contrário, quando

chegou a Roma, ele me procurou com insistência, até me encontrar. ¹⁸Que o Senhor lhe conceda misericórdia junto a Deus naquele Dia. E quanto aos serviços que ele me prestou em Éfeso, você sabe melhor do que eu. [15-18]

2 O bom soldado de Cristo — ¹Você, porém, fortifique-se sempre na graça que está em Jesus Cristo. ²O que você ouviu de mim na presença de muitas testemunhas, transmita-o a homens de confiança que, por sua vez, estejam em grau de ensiná-lo a outros.

³Participe dos sofrimentos como bom soldado de Jesus Cristo. ⁴Ao se alistar no exército, ninguém se deixará envolver pelas questões da vida civil, se quiser satisfazer a quem o alistou no regimento. ⁵Do mesmo modo, um atleta não receberá a coroa se não tiver lutado conforme as regras. ⁶O agricultor que trabalha deve ser o primeiro a participar dos frutos. ⁷Procure compreender o que estou tentando dizer, e o Senhor certamente lhe dará inteligência em todas as coisas. [2,1-7]

Louvor ao mártir — ⁸Lembre-se de que Jesus Cristo, descendente de Davi, ressuscitou dos mortos. Esse é o meu Evangelho, ⁹e por causa do qual eu sofro, a ponto de estar acorrentado como um malfeitor. Mas a palavra de Deus não está algemada. ¹⁰É por isso que tudo suporto por causa dos escolhidos, para que também eles alcancem a salvação que está em Jesus Cristo, com a glória eterna. ¹¹Estas palavras são certas: Se com ele morremos, com ele viveremos; ¹²se com ele sofremos, com ele reinaremos.

Se nós o renegamos, também ele nos renegará.

¹³Se lhe formos infiéis, ele permanece fiel, pois não pode renegar a si mesmo. [8-13]

Um servo provado no Senhor — ¹⁴Lembre-se dessas coisas, testemunhando diante de Deus que é preciso evitar as discussões inúteis, que não servem para nada, a não ser para a perdição dos que as ouvem. ¹⁵Procure apresentar-se a Deus como homem digno de aprovação, como trabalhador que não tem do que se envergonhar e que distribui com retidão a palavra da verdade. ¹⁶Evite o palavreado inútil dessa gente que se vai tornando cada vez mais ímpia; ¹⁷a palavra deles é como gangrena que se alastra. Entre eles se acham Himeneu e Fileto. ¹⁸Estes se desviaram da verdade, dizendo que a ressurreição já aconteceu e estão pervertendo a fé em várias pessoas.

¹⁹Apesar disso, o sólido alicerce colocado por Deus permanece, marcado pelo

selo desta palavra: “O Senhor conhece os que são seus”. E ainda: “Afastese da injustiça todo aquele que pronuncia o nome do Senhor.” ²⁰Numa casa grande, não há somente vasos de ouro e prata; há também de madeira e barro. Alguns são para uso nobre, outros para uso comum. ²¹Aquele que se purificar desses erros será vaso nobre, santificado, útil para o seu dono e preparado para toda boa obra.

²²Fuja das paixões da juventude; siga a justiça e a fé, o amor e a paz com aqueles que invocam de coração puro o nome do Senhor. ²³Evite questões bobas e não educativas. Você sabe que elas provocam brigas. ²⁴Um servo do Senhor não deve ser briguento, mas manso para com todos, competente no ensino, paciente nas ofensas sofridas. ²⁵É com suavidade que você deve educar os opositores, esperando que Deus dará a eles não só a conversão, para conhecerem a verdade, ²⁶mas também o retorno ao bom senso, libertando-os do laço do diabo, que os conservava presos para lhe fazerem a vontade. [14-26]

3 *A Sagrada Escritura é o alimento da fé* — ¹Saiba, porém, que nos últimos dias haverá momentos difíceis. ²Os homens serão egoístas, gananciosos, soberbos, blasfemos, rebeldes com os pais, ingratos, iníquos, ³sem afeto, implacáveis, mentirosos, incontinentes, cruéis, inimigos do bem, ⁴traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres do que de Deus; ⁵manterão aparências de piedade, mas negarão a sua força interior. Evite essas pessoas!

⁶Entre esses encontram-se os que entram nas casas e cativam mulherzinhas cheias de pecados e possuídas por todo tipo de desejos, ⁷que estão sempre aprendendo, mas não conseguem chegar ao conhecimento da verdade. ⁸E assim como Janes e Jambres se opuseram a Moisés, também esses se opõem à verdade; são homens de espírito corrupto e fé inconsistente. ⁹Mas eles não irão longe, pois sua loucura será desmascarada diante de todos, como aconteceu com aqueles dois.

¹⁰Você, porém, me seguiu de perto no ensino e no comportamento, nos projetos, na fé, na paciência, no amor e na perseverança, ¹¹nas perseguições e sofrimentos que tive em Antioquia, em Icônio e Listra. Que perseguições sofri! Mas de todas elas o Senhor me livrou. ¹²Ademais, todos os que querem viver com piedade em Jesus Cristo serão perseguidos. ¹³Quanto aos maus e impostores, eles progredirão no mal, enganando e sendo enganados.

¹⁴Quanto a você, permaneça firme naquilo que aprendeu e aceitou como certo;

você sabe de quem o aprendeu. ¹⁵Desde a infância você conhece as Sagradas Escrituras; elas têm o poder de lhe comunicar a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Jesus Cristo. ¹⁶Toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, ¹⁷a fim de que o homem de Deus seja perfeito, preparado para toda boa obra. [3,1-17]

4 *Proclame a Palavra* — ¹Rogo a você diante de Deus e de Jesus Cristo, que há de vir para julgar os vivos e os mortos, pela sua manifestação e por seu Reino: ²proclame a Palavra, insista no tempo oportuno e inoportuno, advertindo, reprovando e aconselhando com toda paciência e doutrina. ³Pois vai chegar o tempo em que não se suportará mais a doutrina; pelo contrário, com a comichão de ouvir alguma coisa, os homens se rodearão de mestres a seu bel-prazer. ⁴Desviarão seus ouvidos da verdade e os orientarão para as fábulas. ⁵Quanto a você, seja sóbrio em tudo, suporte o sofrimento, faça o trabalho de um anunciador do Evangelho, realize plenamente o seu ministério. [4,1-5]

Combati o bom combate — ⁶Quanto a mim, meu sangue está para ser derramado em libação, e chegou o tempo da minha partida. ⁷Combati o bom combate, terminei a minha corrida, conservei a fé. ⁸Agora só me resta a coroa da justiça que o Senhor, justo Juiz, me entregará naquele Dia; e não somente para mim, mas para todos os que tiverem esperado com amor a sua manifestação. [6-8]

O Senhor me deu forças — ⁹Procure vir logo ao meu encontro, ¹⁰pois Demas me abandonou, preferindo o mundo presente. Ele partiu para Tessalônica, Crescente para a Galácia, Tito para a Dalmácia. ¹¹Somente Lucas está comigo. Procure Marcos e traga-o com você, porque ele pode ajudar-me no ministério. ¹²Mandei Tíquico para Éfeso. ¹³Quando você vier, traga-me o manto que deixei em Trôade, na casa de Carpo. Traga também os livros, principalmente os pergaminhos. ¹⁴Alexandre, o ferreiro, me causou muitos males. O Senhor o recompensará conforme as suas obras. ¹⁵Você também, tome cuidado com ele, pois ele foi muito contrário à nossa pregação.

¹⁶Na minha primeira defesa no tribunal, ninguém ficou ao meu lado; todos me abandonaram. Que Deus não ponha isso na conta deles! ¹⁷Mas o Senhor ficou comigo e me encheu de força, a fim de que eu pudesse anunciar toda a mensagem, e ela chegasse aos ouvidos de todas as nações. E assim eu fui liberto da boca do leão. ¹⁸O Senhor me libertará de todo mal e me levará para o seu Reino eterno. Ao Senhor, glória para sempre. Amém! [9-18]

Saudações finais — ¹⁹Saudações a Prisca e Áquila e à família de Onesíforo.

²⁰Erasto ficou em Corinto. Deixei Trófimo doente em Mileto. ²¹Procure vir antes do inverno. Êubulo, Pudente, Lino, Cláudia e todos os irmãos enviam-lhe saudações.

²²O Senhor esteja com o seu espírito. A graça esteja com todos vocês. [19-22]

NOTAS

[1,1-5] Um belo testemunho sobre a relação que cresceu dentro de uma solidariedade na missão. O v. 5 é uma rara notícia sobre os benefícios da educação da fé no seio de uma família cristã.

[6-14] Preso e prestes a enfrentar o martírio, Paulo procura estimular seu companheiro Timóteo, convidando-o a reavivar o dom que este recebeu em sua “ordenação” para a missão. Esta consiste fundamentalmente em testemunhar o Evangelho, e isso pode levar a testemunha ao mesmo destino de Jesus: o sofrimento e a morte. “Envergonhar-se” é renegar o testemunho por causa da perseguição social que ele provoca (cf. Mc 8,38). A vocação cristã é dom gratuito de participação no projeto de Deus: projeto de salvação feito desde a eternidade, manifesto em Jesus Cristo e entregue a todos pelo anúncio do Evangelho. Sobre o “depósito da fé” (vv. 12.14), cf. nota em 1Tm 6,20-21. O Espírito garante o discernimento que faz compreender o núcleo fundamental da fé, isto é, o testemunho de Jesus Cristo, e como concretizá-lo em novas situações históricas.

[15-18] A situação de perseguição provocada pelo testemunho do Evangelho conduz à verdadeira triagem das relações: como aconteceu com Jesus, a maioria se afasta da testemunha perseguida (“se envergonham”); outros se aproximam ainda mais, confirmando o próprio testemunho.

[2,1-7] Os vv. 1-2 nos colocam em contato com a *tradição viva*, que transmite o “depósito da fé” (cf. nota em 1Tm 6,20-21). A seguir, temos três comparações para mostrar que o seguidor de Jesus Cristo é alguém que faz uma opção (v. 4), participa do destino doloroso de Jesus (v. 5) e também de sua ressurreição gloriosa (v. 6).

[8-13] Timóteo é convidado a viver como testemunha da ressurreição. A seguir, é recordado um hino batismal (vv. 11-13): neste se afirma o compromisso com uma prática que seja coerente com a fé recebida.

[14-26] No dirigente deve haver retidão, respeito e acolhimento para com todos, firmeza na perseguição, seriedade na palavra e fuga de conversas ociosas. O autor condena uma vez mais os erros que se propagam na região de Éfeso: são apenas agitação feita de palavras vazias. Os gregos tinham dificuldade para admitir a ressurreição dos corpos (cf. At 17,32; 1Cor 15,22); por isso, alguns cristãos evitavam o problema, dizendo que a ressurreição já acontecera no batismo, e aqui se tratava apenas de uma ressurreição espiritual.

[3,1-17] Jesus anunciara perspectivas sombrias para os últimos tempos: os falsos messias se multiplicam, desviando as pessoas com doutrinas perversas (cf. Mt 24,4-5.24). Paulo relembra esse aumento do mal que antecede o fim da história (cf. 2Ts 2,3-12). Segundo a lenda judaica, Janes e Jambres foram os chefes dos magos que se opuseram a Moisés na presença do Faraó (cf. Ex 7,8ss). Quem anuncia o Evangelho deve contar com a perseguição (cf. Mt 10,22; At 13,1-14,28), permanecendo fiel à palavra de Deus contida na Sagrada Escritura: nela se encontra o alimento da fé e a força para o testemunho.

[4,1-5] A missão dos apóstolos e pastores é, em primeiro lugar, anunciar o Evangelho, a fim de que os homens deixem a idolatria e sirvam ao único Deus vivo.

[6-8] Diante da certeza do martírio, Paulo se compara a um atleta que recebe o prêmio da vitória: ele sabe que sua vida foi inteiramente dedicada a propagar e sustentar a fé.

[9-18] Os últimos tempos de Paulo são tristes e solitários. Embora abandonado e traído pelos companheiros mais próximos, seu olhar continua firme no Senhor, para anunciar o Evangelho e finalmente participar plenamente do Reino. Lucas já estava com Paulo no tempo da primeira prisão (cf. Cl 4,14); talvez seja este Lucas o autor do 3º Evangelho e do livro dos Atos dos Apóstolos. Marcos ou João Marcos foi companheiro circunstancial (cf. At 12,12) e teve uma divergência com Paulo (cf. At 15,37-39). Mas o encontramos como companheiro fiel no tempo da perseguição (cf. Cl 4,10).

[19-22] Paulo se lembra de Prisca (ou Priscila) e Áquila, o casal cristão que o hospedou e se tornou missionário em pleno mundo pagão (cf. At 18,2.18.26; Rm 16,3; 1Cor 16,19).

CARTA A TITO

EXPRESSAR A FÉ NA VIDA

Introdução

A carta a Tito e a primeira carta a Timóteo tratam de problemas idênticos. O Evangelho foi anunciado, as comunidades foram fundadas e, algumas dezenas de anos mais tarde, aparecem os verdadeiros problemas. Alguns cristãos, provavelmente de origem judaica, misturam o Evangelho com teorias propagadas por grupos judaicos que se arrogam o direito de regulamentar o uso de alimentos e proibir o matrimônio. Por outro lado, também os costumes relevados do paganismo se infiltram na comunidade, falseando a moral. É preciso recordar aos cristãos que a salvação foi trazida por Cristo, e também traçar as grandes linhas do comportamento para a vida particular e social, e ainda prover à organização das igrejas.

A carta foi escrita provavelmente pelos anos 64-65. Tito, seu destinatário, é o delegado pessoal de Paulo na ilha de Creta.

Segundo Gl 2,1ss, ele era grego, acompanhou Paulo e Barnabé a Antioquia e, apesar de sua origem pagã, não foi circuncidado; isso para demonstrar a liberdade evangélica perante a Lei. Agora Paulo conta com ele para organizar a comunidade de Creta e lutar contra os que falseiam a palavra de Deus.

O centro da carta é a “sã doutrina”, isto é, a vontade salvadora de Deus e a salvação gratuita trazida por Cristo. Ao redor desse núcleo giram as várias partes da carta, numa organização temática bem mais feliz que na primeira a Timóteo. Tito deve instituir presbíteros, a fim de que exortem à “sã doutrina” e refutem todos os que a contradizem; além do mais, o próprio Tito deverá “fechar a boca” dessa gente, ensinando, praticando e fazendo praticar a “sã doutrina”.

CARTA A TITO

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3

CARTA A TITO

1 *Endereço e saudação* — ¹Paulo, servo de Deus, apóstolo de Jesus Cristo para levar os escolhidos de Deus à fé e ao conhecimento daquela verdade que conduz à piedade ²e se fundamenta sobre a esperança da vida eterna. Deus, que não mente, nos prometeu essa vida antes dos tempos eternos, ³e no tempo certo a manifestou com sua palavra, através da pregação que foi confiada a mim por ordem de Deus, nosso Salvador. ⁴A você, Tito, meu verdadeiro filho na fé comum, graça e paz da parte de Deus e de Jesus Cristo, nosso Salvador. [1,1-4]

Organização da comunidade — ⁵Eu o deixei em Creta para que você cuidasse de organizar o que ainda restava para fazer, e para que nomeasse em cada cidade os presbíteros das igrejas, conforme as instruções que lhe deixei: ⁶o candidato deve ser irrepreensível, esposo de uma única mulher, e seus filhos devem ter fé e não ser acusados de maus costumes nem de desobediência. ⁷De fato, sendo administrador de Deus, o dirigente deve ser irrepreensível, não arrogante, nem beerrão ou violento, nem ávido de lucro desonesto. ⁸Pelo contrário, deve ser hospitaleiro, bondoso, ponderado, justo, piedoso, disciplinado, ⁹e de tal modo fiel à fé verdadeira, conforme o ensinamento transmitido, que seja capaz de aconselhar segundo a sã doutrina e também de refutar quando a contradizem. [5-9]

Tudo é puro para os puros — ¹⁰De fato, há muitos rebeldes, faladores e enganadores, principalmente entre os que vieram do judaísmo. ¹¹É preciso fazer com que eles se cale, pois estão pervertendo famílias inteiras, ensinando o que não devem, com a intenção vergonhosa de ganhar dinheiro. ¹²Um dos próprios profetas deles disse: “Os habitantes da ilha de Creta são sempre mentirosos, animais ferozes, comilões preguiçosos.” ¹³E o que ele disse é verdade. Por isso, repreenda-os com firmeza, para que sejam sadios na fé, ¹⁴e não fiquem dando ouvidos a fábulas judaicas ou a mandamentos de homens desviados da verdade. ¹⁵Tudo é puro para os puros; mas nada é puro para os impuros e descrentes, porque a mente e a consciência deles estão corrompidas. ¹⁶Eles dizem que conhecem a Deus, mas negam isso com os próprios atos, pois são cheios de ódio, desobedientes e incapazes de fazer qualquer obra boa. [10-16]

2 *Expressar a fé na vida* — ¹Quanto a você, ensine o que é conforme à sua doutrina. ²Que os velhos sejam sóbrios, respeitáveis, sensatos, fortes na fé, no amor e na paciência. ³As mulheres idosas também devem comportar-se como convém a pessoas sensatas: não sejam caluniadoras, nem escravas de bebida excessiva; ⁴pelo contrário, sejam capazes de dar bons conselhos, de modo que as recém-casadas aprendam com elas a amar seus maridos e filhos, ⁵a ser ajuizadas, castas, boas donas-de-casa, submissas a seus esposos, amáveis, a fim de que a palavra de Deus não seja difamada.

⁶Aconselhe igualmente os jovens, para que em tudo tenham bom senso. ⁷E você mesmo seja exemplo de boa conduta, sincero e sério em seu ensino, ⁸expressando-se numa linguagem digna e irrepreensível, para que o adversário nada tenha a dizer contra nós e fique envergonhado. ⁹Os servos devem ser em tudo obedientes a seus senhores, dando-lhes motivo de alegria; não devem ser teimosos, ¹⁰nem roubar; pelo contrário, devem dar provas de inteira fidelidade, para em tudo honrar a doutrina de Deus, nosso Salvador. [2,1-10]

Aguardando a realização da esperança — ¹¹A graça de Deus se manifestou para a salvação de todos os homens. ¹²Essa graça nos ensina a abandonar a impiedade e as paixões mundanas, para vivermos neste mundo com autodomínio, justiça e piedade, ¹³aguardando a bendita esperança, isto é, a manifestação da glória de Jesus Cristo, nosso grande Deus e Salvador. ¹⁴Ele se entregou a si mesmo por nós, para nos resgatar de toda iniquidade e para purificar um povo que lhe pertence, e que seja zeloso nas boas obras. ¹⁵Diga-lhes todas essas coisas. Exorte-os e repreenda-os com toda a autoridade. Que ninguém o despreze. [11-15]

3 *O mistério cristão* — ¹Lembre a eles que devem ser submissos aos magistrados e autoridades, que devem obedecer e estar prontos para toda boa obra; ²não devem difamar a ninguém, nem andar brigando, mas sejam pacíficos e atenciosos no trato com todos.

³Também nós, antigamente, éramos insensatos, desobedientes, extraviados, escravos de todo tipo de paixões e prazeres, vivendo na perversidade e na inveja, dignos de ódio e odiando-nos uns aos outros. ⁴Mas a bondade e o amor de Deus, nosso Salvador, se manifestaram. Ele nos salvou, ⁵não por causa dos atos justos que tivéssemos praticado, mas porque fomos lavados por sua misericórdia através do poder regenerador e renovador do Espírito Santo. ⁶Deus derramou

abundantemente o Espírito sobre nós, por meio de Jesus Cristo nosso Salvador, ⁷para que, justificados por sua graça, nós nos tornássemos herdeiros da esperança da vida eterna. [3,1-7]

Viver a fé — ⁸Essa é uma palavra digna de fé. Por isso quero que você insista nessas coisas, a fim de que aqueles que acreditam em Deus sejam os primeiros a praticar o bem. Essas coisas são boas e úteis para os homens.

⁹Evite controvérsias inúteis, genealogias, discussões e debates sobre a Lei, porque para nada servem e são vazias. ¹⁰Depois de um primeiro e um segundo conselho, você nada mais tem a fazer com um herege, ¹¹pois sabemos que um homem desse tipo se perverteu e se entregou ao pecado, condenando-se a si mesmo. [8-11]

Saudações finais — ¹²Mandarei Ártemas ou Tíquico encontrar-se com você. Quando eu chegar aí, faça o possível para se encontrar comigo em Nicópolis, onde resolvi passar o inverno. ¹³E se esforce para ajudar Zenas, o jurista, e Apolo, de modo que nada lhes falte. ¹⁴Todos os da nossa gente precisam aprender a praticar o que é bom, de modo que sejam capazes de atender às necessidades urgentes e assim não vivam uma vida inútil.

¹⁵Todos os que estão comigo lhe mandam saudações.

Saudações a todos os que nos amam na fé.

Que a graça esteja com todos vocês. [12-15]

NOTAS

[1,1-4] A tarefa do apóstolo é anunciar aos homens o projeto de Deus, que quer conduzi-los à vida eterna.

[5-9] As primeiras comunidades cristãs permaneciam sob a dependência direta do apóstolo ou de um delegado seu. Este era encarregado de organizar um grupo de pessoas que presidiam ao ensinamento e ao funcionamento da comunidade. Surgiram, então, os presbíteros, os dirigentes (= *episcopos*), os presidentes, os pastores. Quanto ao desempenho dos cargos, pouco sabemos: governavam simultaneamente, ou cada um por sua vez, ou cada um como responsável por um determinado grupo. Com o desaparecimento dos apóstolos e dos delegados a situação se desenvolveu: a comunidade é animada por um bispo, que preside o colégio dos sacerdotes e o grupo dos diáconos. A função ministerial na Igreja

exige vida digna, em vista do dever fundamental de anunciar a palavra de Deus.

[10-16] O texto relembra Mc 7,1-23, mostrando que o importante é entregar-se a Deus de coração sincero, e não o ritual de purificação, ou a proibição de alimentos. O autor recorda a fama dos habitantes de Creta, citando uma frase do poeta cretense Epimênides de Cnossos.

[2,1-10] Estas normas não criticam o quadro social do tempo, mas representam o desejo de que as comunidades cristãs se tornem focos de justiça e dignidade. Há, porém, uma novidade tipicamente cristã: o amor. Os cristãos de todas as idades e condições devem mostrar, com a vida prática, que se converteram e vivem para Deus e para o irmão.

[11-15] A manifestação de Deus muda o modo de compreender e viver a vida. O cristão passa a viver voltado para a realização final, isto é, para a manifestação gloriosa de Jesus. O v. 14 testemunha a fé dos primeiros cristãos na divindade de Jesus.

[3,1-7] O autor relembra o acontecimento marcante, a conversão que provocou uma radical mudança no seu modo de viver. Em poucas palavras, todo o mistério cristão é lembrado: o amor de Deus, a salvação pela graça, o batismo, o dom do Espírito, a esperança da realização final.

[8-11] Ter fé não significa aceitar apenas mentalmente um quadro de verdades, mas viver na vida prática o compromisso com o projeto de Deus. *Herege* é aquele que escolhe na fé somente o que lhe convém, esquecendo o essencial e dividindo a comunidade.

[12-15] Despedindo-se, o autor relembra uma regra de ouro: praticar o bem, ajudando concretamente quem está na necessidade.

CARTA A FILEMON

EM CRISTO TODOS SÃO IRMÃOS

Introdução

De todas as cartas de Paulo, esta a Filemon é a mais breve e pessoal, a única escrita inteiramente de próprio punho. Paulo está na prisão, provavelmente em Éfeso, acompanhado das mesmas pessoas. O fato de Onésimo voltar com Tíquico para Colossas (Cl 4,7-9) faz supor que esta carta foi escrita na mesma data que a carta aos Colossenses. Filemon parece ser membro importante da igreja de Colossas, talvez o líder do grupo que se reúne em sua casa (vv. 1-2).

É uma carta de recomendação em favor de Onésimo, um escravo que fugiu do seu patrão Filemon, provavelmente após ter cometido roubo (v. 18). Onésimo procurou o apoio de Paulo, que estava na prisão, e acabou convertendo-se ao cristianismo (v. 10). Paulo manda-o de volta a Filemon, pedindo a este que o trate como irmão (v. 16).

Paulo não pensava certamente em criticar o estatuto da escravidão, comum em seu tempo, provocando assim uma revolução social. Os cristãos ainda não tinham força para exigir transformações estruturais da sociedade. Mas o Apóstolo implicitamente declara que a estrutura vigente não é legítima. De fato, mostrando que as relações dentro da comunidade cristã devem ser fraternas, Paulo esvazia completamente o estatuto da escravidão e a desigualdade entre as classes. Em Cristo todos são irmãos, com os mesmos direitos e deveres. E só Cristo é o Senhor.

CARTA A FILEMON

Endereço e saudação — ¹Paulo, prisioneiro de Jesus Cristo, e o irmão Timóteo, a Filemon, nosso amigo e colaborador, ²e também à irmã Ápia, a Arquipo, nosso companheiro de luta, e à igreja que se reúne na casa de Filemon. ³Que a graça e a paz da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo estejam com vocês. [1-3]

Agradecimento e pedido — ⁴Dou graças a meu Deus sempre que me lembro de você em minhas orações. ⁵De fato, ouço falar do amor e da fé que você tem para com o Senhor Jesus e em favor de todos os cristãos. ⁶Peço a Deus que a participação que você tem na fé seja eficaz para compreender que todos os bens que temos são para Cristo. [4-6]

Uma nova relação entre os homens — ⁷Caro irmão: seu amor me tem dado muita alegria e coragem, pois graças a você os cristãos se sentem tranquilos. ⁸Tenho toda a liberdade em Cristo para ordenar o que você deve fazer, ⁹mas prefiro pedir por amor. Quem faz este pedido sou eu, o velho Paulo, agora também prisioneiro de Jesus Cristo. ¹⁰Peço-lhe em favor de Onésimo, o filho que eu gerei na prisão. ¹¹Antes ele era inútil para você, mas agora ele é útil, tanto para você, como para mim. ¹²Eu o mando de volta para você; ele é como se fosse meu próprio coração. [7-12]

¹³Gostaria que ele tivesse ficado comigo para me servir substituindo você, enquanto estou preso por causa do Evangelho. ¹⁴Eu, porém, não quis fazer nada sem que você desse o seu consentimento. Não quero que a sua bondade seja forçada, mas espontânea. ¹⁵Talvez Onésimo tenha sido afastado de você por algum tempo, para que você o tenha de volta para sempre. ¹⁶Agora você o terá, não mais como escravo, mas muito mais do que escravo: você o terá como irmão querido; ele é querido para mim, e o será muito mais para você, seja como homem, seja como cristão. [13-16]

¹⁷Assim, se você me considera como irmão na fé, receba Onésimo como se fosse eu mesmo. ¹⁸Se ele deu algum prejuízo ou deve a você alguma coisa, ponha isso na minha conta. ¹⁹Eu, Paulo, escrevo com minha própria mão: eu pagarei... É claro que não preciso fazer você se lembrar que também você me deve a sua própria vida. ²⁰Sim, irmão, deixe que eu abuse de sua bondade no

Senhor. Conforte, em Cristo, meu coração. [17-20]

²¹Escrevo na certeza de que você vai me obedecer, e sei que fará mais ainda do que estou pedindo. ²²Peço também que prepare um quarto para mim, porque espero ser devolvido a vocês, graças às orações que estão fazendo. [21-22]

Saudações finais — ²³Saudações de Epafras, meu companheiro de prisão em Jesus Cristo, ²⁴como também de Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, meus colaboradores.

²⁵A graça do Senhor Jesus Cristo esteja com vocês. [23-25]

NOTAS

[1-3] Embora a carta interesse particularmente a Filemon, é dirigida a toda a comunidade que se reúne na casa dele. Poderíamos suspeitar de que Paulo tem intenção de fazer uma catequese para a comunidade, a partir de um caso particular: a atitude do líder da comunidade para com o escravo fugitivo teria sérias consequências para o testemunho cristão.

[4-6] O comportamento em relação aos irmãos demonstra a fé e o amor que se tem por Jesus. Paulo convida Filemon a dar um testemunho prático e eficaz da própria fé: mostrar que tudo o que ele tem, inclusive Onésimo, pertence a Cristo.

[7-12] Paulo considera Onésimo como filho, porque foi graças a ele que Onésimo se converteu. O nome Onésimo significa “útil”.

[13-16] Pedindo que Filemon trate Onésimo como irmão, Paulo mostra que o Evangelho põe fim às diferenças entre os homens e esvazia completamente o estatuto da escravidão.

[17-20] Paulo assume inteira responsabilidade, propondo-se a pagar pessoalmente o dano causado pela fuga de Onésimo. Mas lembra também que Filemon foi convertido por Paulo, a quem deve, por isso, a própria vida. Desse modo, o Apóstolo mostra que há valores muito mais importantes do que qualquer dívida material.

[21-22] Embora Paulo não queira recorrer à própria autoridade (v. 8), ele espera que Filemon seja obediente às suas sugestões, e faça *mais* do que lhe é pedido. Talvez esteja veladamente sugerindo que Filemon liberte Onésimo.

[23-25] Sobre as pessoas citadas cf. a nota em Cl 4,10-18.

CARTA AOS HEBREUS

CRISTO É O ÚNICO SACERDOTE VERDADEIRO

Introdução

A assim chamada carta aos Hebreus é comumente atribuída a São Paulo. Entretanto, seu estilo não tem nada parecido com o de Paulo, e até o séc. IV a Igreja do Ocidente recusou-se a atribuí-la ao Apóstolo. Seu autor é desconhecido, da segunda geração cristã (2,3), e escreveu-a por volta do ano 80. Nada indica também que o texto seja uma carta: faltam endereço e saudação, e o estilo é impessoal, sem nenhuma referência a destinatários. O gênero literário é mais o de sermão ou homilia. Só no final (13,20-25) aparecem elementos típicos de um bilhete, talvez enviado juntamente com o discurso e recomendando a sua leitura.

Os destinatários são um grupo de leitores que se acham em grande perigo de rejeitar a fé em Jesus como revelador e portador da salvação. Eles sentem dificuldade em aceitar, tanto a forma humilhante e dolorosa da aparição terrestre de Jesus (Hb 2), como os próprios sofrimentos que estão tendo que suportar por serem cristãos (10,32ss; 12,3ss) e ainda a desilusão de não verem realizada a salvação final (10,36s; 3,14; 6,12). Por outro lado, parece que a religião do Antigo Testamento exerce forte influência nesse grupo. Pode-se supor que sejam judeus convertidos da comunidade cristã de Roma.

O escrito é de grande importância no quadro geral do Novo Testamento, pelo fato de apresentar Jesus como aquele que supera a instituição cultural do Antigo Testamento. Paulo havia mostrado a caducidade da Lei, anunciando que não é a piedade legalista que salva. Agora, o autor de Hebreus mostra que a piedade cultural ligada ao Templo e aos sacrifícios não assegura o perdão e a comunhão com Deus.

O único ato salvador a obter de uma vez por todas o perdão é o sacrifício de Jesus, que derramou seu sangue e entregou sua vida por nós. Ora, Jesus não realiza nada parecido com uma oferenda religiosa nos moldes culturais judaicos: em lugar de uma ação sagrada realizada no recinto do Templo e com rituais precisos, ele morreu fora do Templo e da cidade santa, como criminoso eliminado da sociedade (13,12).

*Jesus é, portanto, o **único mediador** entre Deus e os homens. Doravante, é ele o único santuário e sacerdote, e o sacrifício por ele realizado é, daqui por*

diante, o único agradável a Deus (9,11-14). As consequências são radicais:

— Exceto Jesus, nada mais é absoluto: nenhuma instituição ou estrutura, tanto civil como religiosa, tem caráter absoluto e intocável. Sendo único mediador, Jesus abre completamente a comunicação entre Deus e os homens, e dos homens entre si.

— O povo está livre para participar inteiramente da realidade de Jesus e, portanto, ter acesso à intimidade com o próprio Deus.

— Perante a pessoa e vida de Jesus, todas e quaisquer instituições, estruturas religiosas ou civis têm caráter relativo e provisório, sendo passíveis de revisão crítica, reformulação e renovação.

— O verdadeiro culto a Deus se realiza através da própria vida. O modo de servir a Deus não são ritos religiosos, mas obediência à sua vontade, que se manifestou radicalmente na doação vivida por Jesus até à morte (10,1-10). O único valor do culto consiste em expressar, concreta ou simbolicamente, o culto que os homens prestam a Deus através da própria vida.

CARTA AOS HEBREUS

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13

CARTA AOS HEBREUS

1 *Introdução: o mistério de Cristo* — ¹Nos tempos antigos, muitas vezes e de muitos modos Deus falou aos antepassados por meio dos profetas. ²No período final em que estamos, falou a nós por meio do Filho. Deus o constituiu herdeiro de todas as coisas e, por meio dele, também criou os mundos. ³O Filho é a irradiação da sua glória e nele Deus se expressou tal como é em si mesmo. O Filho, por sua palavra poderosa, é aquele que mantém o universo. Depois de realizar a purificação dos pecados, sentou-se à direita da Majestade de Deus nas alturas. ⁴Ele está acima dos anjos, da mesma forma que herdou um nome muito superior ao deles. [1,1-4]

JESUS CRISTO ESTÁ ACIMA DOS ANJOS [1,5-2,18]

Jesus é o Filho, os anjos são ministros — ⁵De fato, a qual dos anjos Deus disse alguma vez: “Você é o meu Filho, eu hoje o gerei”? Ou ainda: “Eu serei seu Pai, e ele será meu Filho”? ⁶E de novo, quando introduz seu Filho primogênito no mundo, ele diz: “Que todos os anjos o adorem.” ⁷Por outro lado, a respeito dos anjos Deus diz: “É ele que faz seus anjos como ventos, e seus ministros como chamas de fogo.” ⁸Sobre o Filho, porém, afirma: “O teu trono, ó Deus, permanece para sempre, e o cetro da retidão é o cetro do teu reino. ⁹Amaste a justiça e odiaste a iniquidade. Por isso, Deus, o teu Deus te ungiu com perfume de festa, preferindo-te aos teus companheiros.” ¹⁰E ainda: “Tu, Senhor, nas origens fundaste a terra, e os céus são obra de tuas mãos. ¹¹Eles desaparecerão, mas tu permaneces; envelhecerão todos como veste, ¹²e tu os dobrarás como a um manto, e serão como veste que se muda; mas tu permanecerás o mesmo, e teus anos jamais terminarão.” ¹³A qual dos anjos Deus disse alguma vez: “Sente-se à minha direita, até que eu coloque seus inimigos como estrado para seus pés”? ¹⁴Não são todos eles espíritos encarregados para um serviço, enviados para servir àqueles que deverão herdar a salvação? [1,5-14]

2º perigo da negligência — ¹Por isso, devemos levar mais a sério a mensagem que ouvimos, se não quisermos perder o rumo. ²De fato, se a palavra transmitida por meio dos anjos se mostrou válida, e toda transgressão e desobediência recebeu um justo castigo, ³como poderemos nós escapar do castigo, se não dermos atenção a uma salvação tão grande? De fato, depois de ter sido promulgada no início pelo Senhor, essa mesma salvação foi confirmada no meio de nós por aqueles que a tinham ouvido; ⁴e Deus apoiava o testemunho deles, mediante sinais, prodígios e milagres de todo tipo e dons do Espírito Santo, distribuídos conforme a sua própria vontade. [2,1-4]

Jesus, irmão solidário dos homens — ⁵Não foi a anjos que Deus submeteu o mundo futuro, do qual estamos falando. ⁶Alguém atestou numa passagem da Escritura: “O que é o homem para dele te lembrares, ou o ser humano para que dele cuides? ⁷Tu o fizeste pouco menor do que os anjos; de glória e honra o coroaste, ⁸e puseste todas as coisas sob seus pés.” Submetendo todas as coisas ao homem, Deus não deixou nada que não estivesse submetido ao homem. Agora, ainda não vemos que tudo esteja submetido ao homem. ⁹Mas aquele

Jesus, que foi feito pouco menor do que os anjos, nós o vemos agora coroadado de glória e honra, por causa da morte que sofreu. Desse modo, pela graça de Deus, ele experimentou a morte em favor de todos.

¹⁰De fato, Deus, por quem e para quem todas as coisas existem, queria conduzir para a glória um grande número de filhos. Em vista disso, pareceu-lhe conveniente levar à consumação, por meio do sofrimento, o Iniciador da salvação de todos eles. ¹¹Pois, tanto aquele que santifica, como aqueles que são santificados, todos têm a mesma origem. Por isso, ele não se envergonha de chamá-los irmãos, ¹²dizendo: “Anunciarei o teu nome aos meus irmãos, e no meio da assembleia cantarei os teus louvores”. ¹³E ainda: “Nele depositarei a minha confiança.” E também: “Eis-me aqui, junto com os filhos que Deus me deu.”

¹⁴Uma vez que os filhos têm todos em comum a carne e o sangue, Jesus também assumiu uma carne como a deles. Assim pôde, por sua própria morte, tirar o poder do diabo, que reina por meio da morte. ¹⁵Desse modo, Jesus libertou os homens que ficavam paralisados a vida inteira por medo da morte. ¹⁶Ele não veio para ajudar os anjos, e sim para ajudar a descendência de Abraão. ¹⁷Por isso, teve que ser semelhante em tudo a seus irmãos, para se tornar sumo sacerdote misericordioso e fiel em relação às coisas de Deus, a fim de expiar os pecados do povo. ¹⁸De fato, justamente porque foi colocado à prova e porque sofreu pessoalmente, ele é capaz de vir em auxílio daqueles que estão sendo provados. [5-18]

JESUS, SUMO SACERDOTE FIEL E MISERICORDIOSO [3,1-5,10]

3 *Jesus é fiel a Deus* — ¹Por isso, irmãos santos, vocês participam de um chamado que vem do céu; por isso, fixem bem a mente em Jesus, o apóstolo e sumo sacerdote da fé que nós professamos. ²Ele foi fiel a Deus, que lhe confiou esse cargo, como também Moisés estava encarregado de toda a casa de Deus. ³Na verdade, a glória que corresponde a Jesus é muito maior que a glória de Moisés, pois não há comparação entre a casa e aquele que a constrói. ⁴Cada casa tem o seu construtor; mas é Deus quem constrói tudo. ⁵Sabemos que Moisés foi fiel em tudo o que se refere à casa de Deus, mas agiu como servidor, para testemunhar aquilo que devia ser anunciado mais tarde. ⁶Mas o caso de Cristo é diferente: ele veio como filho, e a ele pertence a casa. E a casa de Cristo somos nós, se conservamos a firmeza da esperança, que é o nosso orgulho. [3,1-6]

Fidelidade e fé em Jesus — ⁷Por isso, escutemos o que diz o Espírito Santo: “Hoje, se vocês ouvem a voz dele, ⁸não fiquem de coração endurecido como no dia da revolta, no dia da tentação no deserto. ⁹Ali os pais de vocês me tentaram, pondo-me à prova, ¹⁰embora já tivessem visto as minhas obras durante quarenta anos. Por isso, aquela geração me desgostou, e eu disse: ‘Eles têm sempre o coração transviado, não conheceram os meus caminhos. ¹¹Por isso, eu jurei na minha ira: Jamais entrarão no meu descanso.’ ”

¹²Portanto, irmãos, tenham cuidado para que não haja entre vocês nenhum homem de coração perverso e sem fé, que se afaste do Deus vivo. ¹³Animem-se uns aos outros a cada dia, enquanto dura a proclamação desse *hoje*, a fim de que ninguém de vocês se endureça, enganado pelo pecado. ¹⁴De fato, nós nos tornamos participantes de Cristo, contanto que mantenhamos firme até o fim a confiança que tivemos desde o início. ¹⁵Quando se diz: “Hoje, se vocês ouvem a voz dele, não fiquem de coração endurecido como no dia da revolta”, ¹⁶quais foram aqueles que se revoltaram depois de ter ouvido a sua voz? Não foram todos aqueles que tinham saído do Egito graças a Moisés? ¹⁷E quais foram aqueles de quem Deus se desgostou por quarenta anos? Não foram aqueles que tinham pecado, e cujos cadáveres caíram no deserto? ¹⁸E para quem foi que Deus jurou que não entrariam no seu descanso? Para aqueles que não tinham acreditado. ¹⁹Vemos assim que eles não puderam entrar aí, por causa da sua falta

de fé.

4¹Por isso, tenhamos cuidado enquanto nos é oferecida a oportunidade para entrar no descanso de Deus. Não aconteça que alguém de vocês fique para trás! ²Nós também recebemos como eles uma boa notícia. Mas a mensagem que eles ouviram, de nada lhes adiantou, pois não permaneceram unidos na fé com aqueles que tinham ouvido. ³Nós, porque acreditamos, podemos entrar nesse descanso, conforme Deus disse: “Por isso, eu jurei na minha ira: jamais entrarão no meu descanso”. Aqui se trata do descanso de Deus, depois que realizou as suas obras no princípio do mundo. ⁴Em algum lugar, a Escritura diz a respeito do sétimo dia: “E no sétimo dia Deus descansou de todas as suas obras”. ⁵E, de novo, em nosso texto: “Jamais entrarão no meu descanso”.

⁶Sabemos, portanto, que alguns entrarão no descanso. E os que receberam em primeiro lugar a boa notícia não entraram por causa da desobediência deles. ⁷Por isso, Deus fixa novamente um dia que ele chama *hoje*, dizendo por meio de Davi, depois de muito tempo, o que lembramos mais acima: “Hoje, se vocês ouvem a voz dele, não fiquem de coração endurecido.” ⁸Se Josué os tivesse de fato introduzido nesse descanso, Deus não teria falado novamente de outro dia. ⁹Portanto, ainda está reservado um descanso sabático para o povo de Deus. ¹⁰Quem de fato já entrou no descanso de Deus, descansa de todas as suas obras, assim como Deus descansa das suas. ¹¹Apressemo-nos, pois, para entrar nesse descanso, para que ninguém caia no mesmo tipo de desobediência.

¹²A palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; ela penetra até o ponto onde a alma e o espírito se encontram, e até onde as juntas e medulas se tocam; ela sonda os sentimentos e pensamentos mais íntimos. ¹³Não existe criatura que possa esconder-se de Deus; tudo fica nu e descoberto aos olhos dele; e a ele devemos prestar contas.

¹⁴Nós temos um sumo sacerdote eminente, que atravessou os céus: Jesus, o Filho de Deus. Por isso, mantenhamos firme a fé que professamos. [3,7-4,14]

Jesus é misericordioso com os homens — ¹⁵De fato, não temos um sumo sacerdote incapaz de se compadecer de nossas fraquezas, pois ele mesmo foi provado como nós, em todas as coisas, menos no pecado. ¹⁶Portanto, aproximemo-nos do trono da graça com plena confiança, a fim de alcançarmos misericórdia, encontrarmos graça e sermos ajudados no momento oportuno.

5¹ Todo sumo sacerdote, escolhido entre os homens, é constituído para o bem dos homens nas coisas que se referem a Deus. Sua função é oferecer dons e sacrifícios pelos pecados. ²Desse modo, ele é capaz de sentir justa compaixão por aqueles que ignoram e erram, porque também ele próprio está cercado de fraqueza; ³e, por causa disso, ele deve oferecer sacrifícios, tanto pelos próprios pecados como pelos pecados do povo.

⁴Ninguém pode atribuir a si mesmo essa honra, se não for chamado por Deus, como o foi Aarão. ⁵Da mesma forma, Cristo não atribuiu a si mesmo a glória de ser sumo sacerdote; esta lhe foi conferida por aquele que lhe disse: “Você é o meu Filho, eu hoje o gerei.” ⁶E, noutra passagem da Escritura, ele diz: “Você é sacerdote para sempre, segundo a ordem do sacerdócio de Melquisedec.”

⁷Durante a sua vida na terra, Cristo fez orações e súplicas a Deus, em alta voz e com lágrimas, ao Deus que o podia salvar da morte. E Deus o escutou, porque ele foi submisso. ⁸Embora sendo Filho de Deus, aprendeu a ser obediente através de seus sofrimentos. ⁹E, depois de perfeito, tornou-se a fonte da salvação eterna para todos aqueles que lhe obedecem. ¹⁰De fato, ele foi proclamado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem do sacerdócio de Melquisedec. [\[4,15-5,10\]](#)

VALOR INCOMPARÁVEL DO SACERDÓCIO DE CRISTO [5,11-10,39]

Aprofundar a fé — ¹¹Temos muito a dizer sobre este assunto, mas é difícil explicar, porque vocês se tornaram lentos para compreender. ¹²Depois de tanto tempo, vocês já deviam ser mestres; no entanto, ainda estão precisando de alguém que lhes ensine as coisas mais elementares das palavras de Deus. Em vez de alimento sólido, vocês ainda estão precisando de leite. ¹³Ora, quem precisa de leite ainda é criança, e não tem experiência para distinguir o certo do errado. ¹⁴E o alimento sólido é para os adultos que, pela prática, estão preparados para distinguir o que é bom e o que é mau.

6¹ Assim, deixando de lado as instruções elementares sobre Cristo, vamos tratar de assuntos de adultos. Não trataremos de coisas elementares, tais como: conversão das obras mortas e fé em Deus, ²doutrina dos batismos, imposição das mãos, ressurreição dos mortos e julgamento eterno. ³E assim tentaremos fazer, se Deus quiser.

⁴Há pessoas que foram iluminadas uma vez, saborearam o dom do céu, participaram do Espírito Santo ⁵e experimentaram a boa palavra de Deus e as maravilhas do mundo futuro; ⁶no entanto, caíram. É impossível que eles sejam renovados outra vez e sejam trazidos à conversão, pois crucificaram novamente o Filho de Deus e o expuseram a injúrias. ⁷De fato, quando uma terra embebida de chuva abundante produz plantas úteis para quem a cultiva, essa terra tem a bênção de Deus. ⁸Mas, se ela produz espinhos e ervas daninhas, não tem nenhum valor, está a um passo da maldição e acabará sendo queimada.

⁹Mesmo que falemos desse modo, estamos certos de que vocês, caríssimos, estão do lado bom e da salvação. ¹⁰Deus não é injusto para esquecer o trabalho de vocês e o amor que vocês demonstram pelo nome dele, já que vocês prestaram serviço aos santos e ainda estão servindo. ¹¹Gostaríamos somente que cada um de vocês demonstrasse o mesmo empenho em levar a esperança ao seu cumprimento até o fim, ¹²para que vocês não sejam lentos na compreensão, mas imitadores daqueles que, com a fé e a perseverança, se tornam herdeiros das promessas. [5,11-6,12]

Esperança na promessa de Deus — ¹³Quando Deus fez a promessa a Abraão,

não podendo jurar por alguém superior a ele, jurou por si mesmo, ¹⁴dizendo: “Eu concederei a você copiosas bênçãos e o multiplicarei em grande número.” ¹⁵Abraão perseverou e alcançou a promessa. ¹⁶Na verdade, os homens juram por alguém superior a eles; assim, o juramento é uma garantia para eles e põe fim a qualquer discussão. ¹⁷Por isso, querendo mostrar mais claramente aos herdeiros da promessa que a sua decisão era irrevogável, Deus interveio através de juramento. ¹⁸E assim, dois atos irrevogáveis, nos quais é impossível Deus mentir, trazem poderoso encorajamento para nós que tudo deixamos para nos agarrar firmemente à esperança que nos foi oferecida. ¹⁹A esperança é como âncora para a nossa vida. Ela é segura e firme, é penetrante até o outro lado da cortina do santuário, ²⁰onde Jesus entrou por nós como precursor, tendo-se tornado sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem do sacerdócio de Melquisedec. [6,13-20]

1. Um sumo sacerdote novo [7,1-28]

7 *A figura de Melquisedec* — ¹Melquisedec era rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo. Ele foi ao encontro de Abraão, quando este voltava vitorioso da batalha contra os reis. Ele abençoou Abraão, ²e Abraão lhe deu a décima parte de tudo. Traduzido, o nome Melquisedec significa “rei de justiça”; além disso, ele é rei de Salém, isto é, “rei de paz”. ³Sem pai, sem mãe, sem genealogia, sem começo nem fim de vida como o Filho de Deus, Melquisedec permanece sacerdote para sempre.

⁴Vejam como Melquisedec era grande: Abraão, o patriarca, lhe deu a décima parte daquilo que havia de melhor nos despojos. ⁵Segundo a lei de Moisés, os descendentes de Levi, que se tornam sacerdotes, devem cobrar o dízimo do povo, isto é, dos seus irmãos, embora estes também sejam descendentes de Abraão. ⁶Melquisedec, porém, que não era descendente de Levi, cobrou de Abraão a décima parte e abençoou aquele que havia recebido as promessas de Deus. ⁷Ora, sem dúvida, quem é abençoado é inferior àquele que o abençoa.

⁸Além disso, os filhos de Levi, que cobram o dízimo, são homens que morrem; lá, porém, o dízimo foi cobrado por uma pessoa, da qual se declara que está viva. ⁹Por outro lado, podemos dizer que o próprio Levi, que recebe o dízimo, também entregou a sua décima parte na pessoa de Abraão. ¹⁰De fato, Levi ainda se encontrava no corpo do seu antepassado, quando aconteceu o encontro com Melquisedec. [1-10]

Jesus, sacerdote à maneira de Melquisedec — ¹¹A perfeição não chegou com os sacerdotes filhos de Levi, embora se baseasse neles a lei dada ao povo judaico. Caso contrário, que necessidade havia de se apresentar outro sacerdote? E por que se diz que ele seria sacerdote segundo a ordem do sacerdócio de Melquisedec, em vez de dizer: segundo a ordem do sacerdócio de Aarão? ¹²Portanto, existe mudança de sacerdócio, e isso supõe que também haja mudança de lei. ¹³Ora, a pessoa da qual se dizem essas coisas é de uma tribo diferente, da qual nenhum membro jamais esteve a serviço do altar. ¹⁴De fato, sabe-se que nosso Senhor é descendente da tribo de Judá, da qual Moisés não diz nada ao falar de sacerdotes.

¹⁵Isso fica ainda mais claro no momento em que surge, à semelhança de Melquisedec, um sacerdote diferente, ¹⁶que não se tornou sacerdote por causa de

uma filiação humana, mas pelo poder de uma vida indestrutível. ¹⁷De fato, a Escritura testemunha sobre ele: “Você é sacerdote para sempre, segundo a ordem do sacerdócio de Melquisedec.” ¹⁸Assim, fica abolida a lei anterior, por ser fraca e inútil; ¹⁹de fato, a Lei não levou nada à perfeição. Por outro lado, introduziu-se uma esperança melhor, graças à qual nos aproximamos de Deus.

²⁰Além do mais, isso não aconteceu sem juramento. Os outros se tornavam sacerdotes sem juramento; ²¹Jesus, porém, recebeu um juramento de Deus, que lhe disse: “O Senhor jurou, e não voltará atrás: você é sacerdote para sempre.”

²²Por essa razão, Jesus se tornou a garantia de uma aliança melhor.

²³Ainda mais: os filhos de Levi se tornaram sacerdotes em grande número, porque a morte os impedia de permanecer no cargo. ²⁴Jesus, porém, não deixará de ser sacerdote, porque permanece vivo para sempre. ²⁵Por essa razão, Jesus é capaz de salvar definitivamente aqueles que se dirigem a Deus por meio dele. De fato, Jesus está sempre vivo para interceder em favor deles. [\[11-25\]](#)

Jesus é o mediador perfeito — ²⁶Por isso, Jesus é o sumo sacerdote de quem tínhamos necessidade: santo, inocente, sem mancha, diferente dos pecadores e elevado acima dos céus. ²⁷Ele não precisa, como precisam os outros sumos sacerdotes, oferecer diariamente sacrifícios, antes pelos próprios pecados e depois pelos pecados do povo; porque ele, oferecendo-se a si mesmo, fez isso uma vez por todas. ²⁸A Lei constitui como sumos sacerdotes homens sujeitos à fraqueza humana; mas a palavra do juramento, que veio depois da Lei, constitui o Filho, que é perfeito para sempre. [\[26-28\]](#)

2. *Um sacerdócio novo* [8,1-9,28]

8 *O verdadeiro santuário* — ¹O ponto central de nossas explicações é este: nós temos um sumo sacerdote tão grande, que se assentou à direita do trono da Majestade de Deus no céu. ²Ele é ministro do santuário e da verdadeira Tenda, que foi construída pelo Senhor, e não por um homem.

³De fato, todo sumo sacerdote é constituído para oferecer dons e sacrifícios. Daí ser necessário que também ele tenha alguma coisa para oferecer. ⁴Se Jesus estivesse na terra, ele nem sequer seria sacerdote, pois já existem aqueles que oferecem dons segundo a Lei. ⁵Estes, porém, realizam um serviço que é imitação e sombra das realidades celestes, conforme aquilo que Deus disse a Moisés, quando este ia construir a Tenda: “Procure fazer tudo de acordo com o modelo que foi mostrado a você sobre a montanha.” [8,1-5]

A nova aliança — ⁶Jesus, porém, foi encarregado para um serviço sacerdotal superior, pois é mediador de uma aliança melhor, que promete melhores benefícios. ⁷De fato, se a primeira aliança não tivesse defeito, nem haveria lugar para segunda aliança. ⁸Mas Deus, queixando-se contra o seu povo, diz: “Eis que virão dias, fala o Senhor, nos quais concluirei uma aliança nova com a casa de Israel e com a casa de Judá. ⁹Não será como a aliança que fiz com seus antepassados, no dia em que os tomei pela mão para fazê-los sair da terra do Egito. Uma vez que eles não foram fiéis à minha aliança, eu também não me preocupei mais com eles, diz o Senhor. ¹⁰Esta é a aliança que vou concluir com a casa de Israel, depois daqueles dias, fala o Senhor: Porei minhas leis na mente deles e as imprimirei em seus corações; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. ¹¹Nenhum deles terá mais o que ensinar ao seu compatriota nem ao seu próprio irmão, dizendo: ‘Conheça o Senhor!’ Pois todos me conhecerão, desde o menor até o maior. ¹²Porque eu vou perdoar as faltas deles e não me lembrarei mais dos seus pecados.”

¹³Dizendo “aliança nova”, Deus declara que a primeira ficou antiquada; e aquilo que se torna antigo e envelhece, vai desaparecer logo. [6-13]

9 *O culto antigo* — ¹A primeira aliança tinha normas para o culto e um santuário terrestre. ²De fato, foi construída uma tenda: trata-se da primeira tenda, chamada “Santo”; e nela estavam o candelabro, a mesa e os pães da oferta. ³Atrás do segundo véu havia outra tenda, chamada “Santo dos Santos”.

⁴Estavam aí o altar de ouro para o incenso, e a arca da aliança toda recoberta de ouro, na qual se encontrava uma urna de ouro que continha o maná, o bastão de Aarão, que tinha brotado, e as tábuas da aliança. ⁵Sobre a arca estavam os querubins da Glória, que com sua sombra cobriam o lugar do perdão. Agora, porém, não é o momento de nos perdermos em pormenores.

⁶Estando tudo assim disposto, os sacerdotes a todo momento entram na primeira tenda para celebrar o culto. ⁷Na segunda tenda, porém, entra somente o sumo sacerdote uma vez por ano, levando o sangue que ele oferece por si mesmo e pelos pecados que o povo cometeu por ignorância. ⁸Desse modo, o Espírito Santo pretendia mostrar que, enquanto existisse a primeira tenda, o caminho para o santuário ainda não estava aberto. ⁹Trata-se de um símbolo do tempo presente. Nessa tenda são oferecidos dons e sacrifícios, que não podem tornar perfeita a consciência de quem os oferece. ¹⁰Esses alimentos, bebidas e diferentes tipos de purificação com água, são apenas prescrições humanas, válidas até o tempo em que seriam corrigidas. [9,1-10]

O culto novo e definitivo — ¹¹Cristo, porém, veio como sumo sacerdote dos bens futuros. Ele atravessou uma tenda muito maior e mais perfeita, não construída por mãos humanas, isto é, ele atravessou uma tenda que não pertence a esta criação. ¹²Ele entrou uma vez por todas no santuário, e não com sangue de bodes e novilhos, mas com o seu próprio sangue, depois de conseguir para nós uma libertação definitiva. ¹³Sangue de bodes e de touros e cinzas de novilha, espalhadas sobre pessoas impuras, as santificam, concedendo-lhes uma pureza externa. ¹⁴Muito mais o sangue de Cristo que, com um Espírito eterno, se ofereceu a Deus como vítima sem mancha! Ele purificará das obras da morte a nossa consciência, para que possamos servir ao Deus vivo. [11-14]

O sangue da nova aliança — ¹⁵Desse modo, ele é o mediador de uma nova aliança. Morrendo, nos livrou das faltas cometidas durante a primeira aliança, para que os chamados recebam a herança definitiva que foi prometida.

¹⁶Onde existe testamento, é preciso que seja constatada a morte de quem fez o testamento. ¹⁷Pois um testamento só tem valor depois da morte, e não tem efeito nenhum enquanto ainda vive aquele que fez o testamento. ¹⁸É por isso que nem mesmo a primeira aliança foi inaugurada sem sangue. ¹⁹Quando anunciou a todo o povo cada um dos mandamentos da Lei, Moisés pegou sangue de novilhos e bodes junto com água, lã vermelha e hissopo. Em seguida, borrifou primeiro o

próprio livro e todo o povo. ²⁰E disse: “Este é o sangue da aliança que Deus faz com vocês.” ²¹Do mesmo modo, borrifou com sangue também a tenda e todos os objetos que serviam para fazer o culto. ²²E, segundo a Lei, quase todas as coisas são purificadas com sangue; e sem derramamento de sangue não existe perdão.

²³Portanto, as cópias das realidades celestes são purificadas dessa maneira; mas as próprias realidades celestes devem ser purificadas com sacrifícios maiores do que esses. [15-23]

Uma vez por todas — ²⁴De fato, Cristo não entrou num santuário feito por mãos humanas, figura do verdadeiro santuário; ele entrou no próprio céu, a fim de apresentar-se agora diante de Deus em nosso favor. ²⁵Ele não teve que se oferecer muitas vezes, como o sumo sacerdote que todos os anos entra no santuário com sangue que não é seu. ²⁶Se assim fosse, ele deveria ter sofrido muitas vezes desde a criação do mundo. Entretanto, ele se manifestou uma vez por todas no fim dos tempos, abolindo o pecado pelo sacrifício de si mesmo. ²⁷E dado que os homens morrem uma só vez e depois disso vem o julgamento, ²⁸assim, também Cristo se ofereceu uma vez por todas, para tirar o pecado de muitos. Ele aparecerá uma segunda vez, sem nenhuma relação com o pecado, para aqueles que o esperam para a salvação. [24-28]

10 *Um sacrifício único* — ¹A Lei possui apenas uma sombra dos bens futuros, e não a realidade concreta das coisas. Por isso, mesmo oferecendo sacrifícios continuamente, ano após ano, a Lei não tem poder de conduzir à perfeição aqueles que participam de tais sacrifícios. ²Caso contrário, será que não se teria parado de oferecer esses sacrifícios? De fato, os fiéis, purificados uma vez por todas, doravante não teriam mais nenhuma consciência dos pecados. ³Contudo, por meio desses sacrifícios, a lembrança dos pecados é renovada ano após ano, ⁴uma vez que é impossível eliminar os pecados com o sangue de touros e bodes.

⁵Por esse motivo, ao entrar no mundo, Cristo disse: “Tu não quiseste sacrifício e oferta. Em vez disso, tu me deste um corpo. ⁶Holocaustos e sacrifícios não são do teu agrado. ⁷Por isso eu disse: Eis-me aqui, ó Deus — no rolo do livro está escrito a meu respeito — para fazer a tua vontade.”

⁸Primeiro diz: “Não queres e não te agradam sacrifícios e ofertas, holocaustos e sacrifícios pelo pecado.” Trata-se de coisas que são oferecidas segundo a Lei.

⁹Depois acrescenta: “Eis-me aqui para fazer a tua vontade”. Desse modo, Cristo suprime o primeiro culto para estabelecer o segundo. ¹⁰É por causa dessa vontade que nós fomos santificados pela oferta do corpo de Jesus Cristo, realizada uma vez por todas.

¹¹Cada sumo sacerdote se apresenta diariamente para celebrar o culto e oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios, que são incapazes de eliminar os pecados. ¹²Jesus, porém, ofereceu um só sacrifício pelos pecados e se assentou à direita de Deus. ¹³Doravante, ele espera apenas que seus inimigos sejam colocados debaixo de seus pés. ¹⁴De fato, com uma só oferta ele tornou perfeitos para sempre os que ele santifica. ¹⁵E é isso que o Espírito Santo atesta; de fato, após ter dito: ¹⁶“Esta é a aliança que vou concluir com eles, depois daqueles dias, — diz o Senhor: Eu colocarei minhas leis em seus corações e as imprimirei na sua mente, ¹⁷e não me lembrarei mais dos seus pecados e de suas faltas.” ¹⁸Ora, quando os pecados já foram perdoados, não é mais preciso fazer ofertas pelos pecados. [10,1-18]

Unidos em Jesus — ¹⁹Irmãos, com toda segurança podemos entrar no santuário, por meio do sangue de Jesus. ²⁰Ele inaugurou para nós esse caminho novo e vivo, através da cortina, isto é, da sua própria carne. ²¹Temos um sacerdote eminente à frente da casa de Deus. ²²Aproximemo-nos, pois, de coração sincero, cheios de fé, com o coração purificado da má consciência e o corpo lavado com água pura. ²³Sem vacilar, mantenhamos a profissão da nossa esperança, pois aquele que fez a promessa é fiel. ²⁴Tenhamos consideração uns com os outros, para nos estimular no amor e nas boas obras. ²⁵Não deixemos de frequentar as nossas reuniões, como alguns costumam deixar. Ao contrário, procuremos animar-nos sempre mais, principalmente agora que vocês estão vendo como se aproxima o Dia do Senhor. [19-25]

O perigo da apostasia — ²⁶De fato, se continuarmos pecando, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não há sacrifícios que possam tirar nossos pecados. ²⁷Fica apenas uma terrível espera do julgamento e o ardor de um fogo para devorar os rebeldes. ²⁸Quem desobedece à Lei de Moisés é condenado à morte sem piedade, tendo como base o testemunho de duas ou três pessoas. ²⁹Vocês então podem imaginar o castigo bem mais severo, que merecerá aquele que pisou o Filho de Deus, que profanou o sangue da aliança, pelo qual foi santificado, e que insultou o Espírito da graça! ³⁰Conhecemos

aquele que disse: “A mim pertence a vingança, eu é que retribuirei.” E ainda: “O Senhor julgará o seu povo.” ³¹É terrível cair nas mãos do Deus vivo! [\[26-31\]](#)

Não percam a coragem! — ³²Lembrem-se dos primeiros dias, depois que vocês foram iluminados: vocês tiveram que suportar uma grande e penosa luta, ³³ora expostos publicamente a insultos e tribulações, ora tornando-se solidários com aqueles que assim eram tratados. ³⁴De fato, vocês participaram do sofrimento dos prisioneiros e aceitaram com alegria ser despojados dos próprios bens, sabendo que possuíam bens, que são melhores e mais duráveis. ³⁵Portanto, não percam agora a coragem, para a qual está reservada uma grande recompensa. ³⁶Vocês necessitam apenas de perseverança, a fim de cumprirem a vontade de Deus, e assim alcançarem o que ele prometeu. ³⁷Porque, falta apenas um pouco, e aquele que deve vir vai chegar e não tardará. ³⁸O meu justo vive pela fé; mas, se ele volta atrás, nele eu não encontro mais nenhuma satisfação. ³⁹Nós, porém, não somos como aqueles que voltam atrás para se perder, mas somos homens de fé, para salvar a nossa vida. [\[32-39\]](#)

FÉ E PERSEVERANÇA [11,1-12,13]

1. Fé e testemunho

11 *O que é a fé* — ¹A fé é um modo de já possuir aquilo que se espera, é um meio de conhecer realidades que não se veem. [11,1]

Um povo que viveu da fé — ²Foi por causa da fé que os antigos foram aprovados por Deus.

³Pela fé, sabemos que a Palavra de Deus formou os mundos; foi assim que aquilo que vemos originou-se de coisas invisíveis. ⁴Pela fé, Abel ofereceu a Deus um sacrifício melhor que o de Caim. E por causa da fé, ele foi declarado justo, e o próprio Deus afirmou que aceitava os seus dons. Embora estando morto, Abel continua falando pela sua fé. ⁵Pela fé, Henoc foi levado embora, para que não experimentasse a morte. E não foi mais encontrado, porque Deus o levou; e antes de ser levado, foi dito que ele agradava a Deus. ⁶Mas é impossível agradar a Deus sem a fé. De fato, quem se aproxima de Deus, deve acreditar que ele existe e que recompensa aqueles que o procuram. ⁷Pela fé, ao ser avisado divinamente sobre coisas que ainda não via, Noé levou isso a sério, e construiu uma arca para salvar a sua família. Por essa fé, ele condenou o mundo e se tornou herdeiro da justiça que provém da fé.

⁸Pela fé, Abraão, chamado por Deus, obedeceu e partiu para um lugar que deveria receber como herança. E partiu sem saber para onde. ⁹Pela fé, ele foi residir como estrangeiro na terra prometida. Morou em tendas juntamente com Isaac e Jacó, que também eram herdeiros da mesma promessa. ¹⁰Abraão esperava a cidade bem alicerçada, cujo arquiteto e construtor é o próprio Deus.

¹¹Foi pela fé que também Sara, embora sendo velha, se tornou capaz de ter uma descendência, pois ela acreditou em Deus, que lhe havia prometido isso.

¹²Assim, de um só homem, que estava praticamente morto, nasceu uma descendência tão numerosa como as estrelas do céu e tão numerosa como os grãos de areia da praia do mar.

¹³Todos eles morreram na fé. Não conseguiram a realização das promessas, mas só as viram e saudaram de longe; e confessaram que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra. ¹⁴Falando assim, eles demonstraram que estavam em busca de uma pátria. ¹⁵Se eles estivessem pensando que essa pátria era aquela de

onde tinham saído, teriam a possibilidade de voltar para lá. ¹⁶Mas não; eles aspiravam por uma pátria melhor, isto é, a pátria celeste. Por isso, Deus não se envergonha de ser chamado de Deus deles; na verdade, Deus preparou uma cidade para eles.

¹⁷Pela fé, Abraão, submetido à prova, ofereceu Isaac; e justamente ele, que havia recebido as promessas, ofereceu seu único filho, ¹⁸do qual fora dito: “Em Isaac você terá uma descendência que levará o nome de você mesmo.” ¹⁹De fato, Abraão pensava que Deus é capaz de ressuscitar os mortos. Por isso, Abraão recuperou o seu filho. E isso se tornou um símbolo.

²⁰Pela fé, Isaac abençoou Jacó e Esaú, também a respeito de coisas futuras. ²¹Pela fé, Jacó, agonizante, abençoou cada um dos filhos de José, e se prostrou, apoiando-se na extremidade do bastão. ²²Pela fé, José mencionou, já no fim da vida, o êxodo dos filhos de Israel, e deu ordens sobre o que deveria ser feito com o seu cadáver.

²³Pela fé, Moisés recém-nascido foi escondido pelos seus pais durante três meses, porque viram que o menino era bonito. Eles não temeram o decreto do rei. ²⁴Pela fé, quando já era adulto, Moisés recusou ser chamado filho da filha do Faraó; ²⁵preferiu ser maltratado com o povo de Deus, a gozar por pouco tempo os prazeres do pecado. ²⁶Fez isso porque considerava a humilhação de Cristo uma riqueza maior do que os tesouros do Egito; de fato, ele olhava para a recompensa.

²⁷Pela fé, Moisés deixou o Egito, sem temer a ira do rei; permaneceu firme, como se visse o invisível. ²⁸Pela fé, ele celebrou a Páscoa e marcou as portas com sangue, para que o exterminador não matasse os primogênitos de Israel.

²⁹Pela fé, atravessaram o mar Vermelho como se fosse terra seca, enquanto os egípcios, tentando fazer o mesmo, se afogaram. ³⁰Pela fé, caíram os muros de Jericó, após as voltas ao seu redor durante sete dias. ³¹Pela fé, a prostituta Raab não morreu com os incrédulos, porque ela acolheu bem os espiões israelitas.

³²O que mais posso dizer? Eu não teria tempo, se quisesse falar de Gedeão, de Barac, de Sansão, de Jefté, de Davi, de Samuel e dos profetas. ³³Graças à fé, eles conquistaram reinos, implantaram a justiça, alcançaram as promessas, taparam a goela dos leões, ³⁴apagaram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, extraíram força da sua própria fraqueza, mostraram-se valentes na guerra e expulsaram invasores estrangeiros. ³⁵E algumas mulheres recuperaram seus mortos, por meio da ressurreição.

Outros foram esquartejados, recusando a libertação que lhes era oferecida, a fim de alcançarem uma ressurreição mais valiosa. ³⁶Outros, enfim, foram humilhados e surrados, amarrados e jogados na prisão. ³⁷Foram apedrejados, serrados ao meio, mortos a fio de espada. Andaram errantes, vestidos de pele de ovelha e de cabra, necessitados, atribulados, maltratados. ³⁸Esses homens tinham que vagar por desertos e montanhas, e refugiar-se em grutas e buracos. O mundo não era digno deles!

³⁹Todos eles foram aprovados por Deus por causa da fé que tinham. Mas nenhum deles alcançou a promessa. ⁴⁰Deus preparou para nós algo melhor, a fim de que, sem nós, eles não obtivessem a perfeição. [2-40]

2. Perseverança

12 *Olhos fixos em Jesus* — ¹Portanto, estamos rodeados dessa grande nuvem de testemunhas. Deixemos de lado tudo o que nos atrapalha e o pecado que se agarra em nós. Corramos com perseverança na corrida, ²mantendo os olhos fixos em Jesus, autor e consumador da fé. Em troca da alegria que lhe era proposta, ele se submeteu à cruz, desprezando a vergonha, e se assentou à direita do trono de Deus. ³Para que vocês não se cansem e não percam o ânimo, pensem atentamente em Jesus, que suportou contra si tão grande hostilidade por parte dos pecadores. [12,1-3]

Deus nos trata como filhos — ⁴Vocês ainda não resistiram até o derramamento do sangue na luta contra o pecado, ⁵e já se esqueceram da exortação que lhes foi dirigida como a filhos: “Meu filho, não despreze a correção do Senhor e não perca o ânimo quando for repreendido por ele; ⁶pois o Senhor corrige a quem ele ama e castiga a quem aceita como filho.” ⁷Em vista da educação é que vocês sofrem. Deus trata-os como filhos. E qual é o filho que não é corrigido pelo pai? ⁸Pelo contrário, se vocês não são corrigidos como acontece com todos, então vocês são bastardos e não filhos. ⁹Ademais, tivemos nossos pais humanos como educadores, e os respeitamos. Será que não devemos submeter-nos muito mais ao Pai dos espíritos para termos a vida? ¹⁰Nossos pais humanos, por pouco tempo, nos corrigiam, como melhor lhes parecia; Deus, porém, nos corrige para o nosso bem, a fim de que sejamos participantes da sua própria santidade. ¹¹Na hora, qualquer correção parece não ser motivo de alegria, mas de tristeza; porém, mais tarde, ela produz um fruto de paz e de justiça naqueles que foram corrigidos.

¹²Por isso, levantem as mãos cansadas e fortaleçam os joelhos enfraquecidos.

¹³Endireitem os caminhos por onde terão que passar, a fim de que o aleijado não manche, mas seja curado. [4-13]

ENDIREITAR OS CAMINHOS

Não voltem atrás — ¹⁴Procurem estar em paz com todos. Progridam na santidade, porque sem ela ninguém verá o Senhor. ¹⁵Vigiem para que ninguém abandone a graça de Deus. Que nenhuma raiz venenosa cresça no meio de vocês, provocando perturbação e contaminando a comunidade. ¹⁶Não haja nenhum fornicador ou profanador, como Esaú que vendeu seus direitos de filho primogênito em troca de um prato de comida. ¹⁷E vocês bem sabem que a seguir ele foi rejeitado, quando quis obter a bênção como herança, porque não encontrou a possibilidade de seu pai mudar a decisão, embora ele pedisse isso com lágrimas. [14-17]

Não rejeitem o dom de Deus — ¹⁸Vocês não se aproximaram de uma realidade palpável. Ali havia fogo ardente, escuridão, trevas, tempestade, ¹⁹som de trombeta e ruído de palavras. E as pessoas que ouviram isso, suplicaram que Deus não dissesse mais nada, ²⁰pois eles não suportavam o que fora ordenado: “Até um animal será apedrejado se tocar a montanha.” ²¹Eles ficaram tão espantados com esse espetáculo, que Moisés disse: “Estou apavorado e com medo.”

²²Entretanto, vocês se aproximaram do monte Sião e da Jerusalém celeste, a cidade do Deus vivo. Vocês se aproximaram de milhares de anjos reunidos em festa, ²³e da assembleia dos primogênitos, que têm o nome inscrito no céu. Vocês se aproximaram de Deus, que é juiz de todos. Vocês se aproximaram dos espíritos justos que chegaram à meta final, ²⁴e de Jesus, o mediador de uma nova aliança. Vocês se aproximaram do sangue da aspersão, que fala muito mais alto que o sangue de Abel.

²⁵Cuidado! Não deixem de escutar aquele que fala a vocês. As pessoas que recusaram escutar aquele que as advertia na terra, não escaparam do castigo. E menos ainda escaparemos nós do castigo, se nos afastarmos de quem nos fala do alto do céu. ²⁶Aquele, cuja voz um dia abalou a terra, agora diz: “Mais uma vez farei estremecer, não somente a terra, mas também o céu”. ²⁷A expressão “mais uma vez” anuncia o desaparecimento de tudo aquilo que participa da instabilidade do mundo criado, para que permaneça só o que é inabalável. ²⁸Já que recebemos um reino inabalável, conservemos bem essa graça. Por meio dela, sirvamos a Deus de tal modo que o agrademos, isto é, com respeito e temor.

²⁹Pois o nosso Deus é um fogo devorador. [18-29]

13 *Amar de modo concreto* — ¹Perseverem no amor fraterno. ²Não se esqueçam da hospitalidade, pois algumas pessoas, graças a ela, sem saber acolheram anjos. ³Lembrem-se dos presos, como se vocês estivessem na prisão com eles. Lembrem-se dos que são torturados, pois vocês também têm um corpo. ⁴Que todos respeitem o matrimônio e não desonrem o leito nupcial, pois Deus julgará os libertinos e adúlteros. ⁵Que a conduta de vocês não seja inspirada pelo amor ao dinheiro. Cada um fique satisfeito com o que tem, pois Deus disse: “Eu nunca deixarei você, nunca o abandonarei.” ⁶Assim, podemos dizer com ânimo: “O Senhor está comigo, eu não temo. O que é que me poderá fazer um homem?” ⁷Lembrem-se dos dirigentes, que ensinaram a vocês a Palavra de Deus. Imitem a fé que eles tinham, tendo presente como eles morreram. [13,1-7]

O verdadeiro culto — ⁸Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje, e será sempre o mesmo. ⁹Não se deixem levar por nenhum tipo de doutrinas estranhas. O bom mesmo é fortalecer o coração pela graça, e não com regras alimentares, que de nada serviam para quem as observava. ¹⁰Nós temos um altar, do qual não têm direito de comer aqueles que ainda servem na Tenda. ¹¹De fato, depois que o sumo sacerdote oferece o sangue no santuário pelos pecados do povo, os corpos dos animais oferecidos em sacrifício são queimados fora do recinto sagrado. ¹²Por esse motivo, também Jesus sofreu sua paixão fora de Jerusalém, quando purificou o povo com o seu próprio sangue. ¹³Portanto, saiamos também do recinto sagrado para ir ao encontro de Jesus, carregando a humilhação dele. ¹⁴Pois nós não temos aqui a nossa pátria definitiva, mas buscamos a pátria futura.

¹⁵Portanto, ofereçamos continuamente, por meio de Jesus, um sacrifício de louvor a Deus, isto é, o fruto de lábios que confessam o seu nome. ¹⁶Não se esqueçam de ser generosos, e saibam repartir com os outros, porque tais são os sacrifícios que agradam a Deus. [8-16]

Dedicar-se ao bem de todos — ¹⁷Respeitem os dirigentes e sejam dóceis a eles, pois eles se dedicam pelo bem de vocês e terão que prestar contas disso. Assim, eles poderão fazê-lo com alegria e não gemendo, o que não seria vantajoso para vocês. ¹⁸Rezemos por nós, pois acreditamos que nossas intenções são puras e só queremos agir bem em tudo. ¹⁹Rezemos com insistência ainda maior para que eu

possa voltar até vocês o quanto antes. [17-19]

Conclusão — ²⁰O Deus da paz, que ressuscitou dos mortos a Jesus nosso Senhor, que é o pastor supremo das ovelhas por ter derramado o sangue da aliança eterna, ²¹que Deus torne vocês perfeitos em todo bem. Assim poderão cumprir a vontade dele, realizando em vocês aquilo que agrada a Deus, por meio de Jesus Cristo. A ele seja dada a glória para sempre. Amém. [20-21]

Saudações — ²²Irmãos, peço que vocês acolham esta palavra de exortação. Foi por causa disso que lhes escrevi poucas palavras. ²³Quero informar-lhes que nosso irmão Timóteo foi posto em liberdade. Se ele vier logo, eu o levarei comigo quando for aí para ver vocês. ²⁴Saudações a todos os dirigentes e a todos os cristãos. Os da Itália mandam saudações para vocês.

²⁵Que a graça esteja com todos vocês. [22-25]

NOTAS

[1,1-4] Cristo é o centro do sermão. O trecho é o mais denso de todo o Novo Testamento: Deus falou definitivamente em Jesus Cristo, o qual é a palavra viva e concreta de Deus. Tudo o que podemos falar sobre o projeto de Deus — criação, revelação e redenção — tudo encontra sua expressão definitiva em Cristo. Este é quem faz existir e salva toda criatura. Ele é igual em tudo ao Pai; e, glorificado, é muito superior ao mundo dos anjos.

[1,5-2,18] Muitas vezes imaginamos um Deus distante: para se comunicar com os homens, Deus se serve dos anjos; e os homens, para se comunicarem com Deus, se servem dos santos. O autor mostra que não há mais necessidade de outros intermediários: Jesus está intimamente unido a Deus (1,5-14) e, ao mesmo tempo, está próximo aos homens e solidário com eles (2,5-18). Os santos, mais do que intercessores, são *testemunhas* que procuraram ser fiéis no seguimento de Cristo, tornando-se exemplos concretos que nos estimulam a construir a história em direção a Cristo e com ele.

[1,5-14] Não há comparação entre Cristo e os anjos. Estes são mediadores subordinados, mensageiros que obedecem continuamente às ordens de Deus. Jesus, porém, é o Filho primogênito, e esse título de honra, reservado a ele, mostra a sua superioridade em relação às criaturas. Ele está entronizado, recebe adoração e participa da condição de Deus por toda a eternidade.

[2,1-4] A Lei do Sinai, transmitida por anjos conforme a tradição dos mestres judeus, empenhava a vida e acarretava punição, caso não fosse obedecida. Jesus, porém, é o Filho, a própria palavra de Deus dirigida aos homens. O Evangelho nos compromete muito mais radicalmente, pois contém a revelação de Deus em Jesus, revelação que foi testemunhada pelos apóstolos e confirmada pelo Espírito Santo, através de muitos sinais.

[5-18] A Lei transmitida pelos anjos não é capaz de abrir o mundo novo da salvação. A alienação produzida pelo mal, pelo pecado e pelo medo da morte exigem transformação radical da condição humana. Encarnando-se, Jesus se torna irmão solidário dos homens e assume totalmente os problemas deles, chegando a entregar-se à morte para introduzir os homens no reino da vida. A cruz é o seu sinal de glória e honra: o Filho de Deus feito homem e crucificado foi glorificado e agora domina o universo (cf. Fl 2,6-11). A humanidade encontra em Jesus um seu semelhante, capaz de ser sua garantia junto de Deus, como verdadeiro sumo sacerdote (v. 17). Os vv. 17-18 apresentam o tema central do sermão, que vai ser desenvolvido nos capítulos seguintes, a saber: Jesus é o sumo sacerdote, fiel a Deus e solidário com os homens.

[3,1-5,10] A aliança no deserto sempre foi o ponto de referência para os judeus. Aí se concentrava toda a vida do povo: a Lei e a autoridade (Moisés), o sacrifício e o culto (Aarão). Mas isso era provisório, e ficou superado em vista da obra realizada por Jesus (3,1-4,14). De fato, plenamente fiel a Deus e misericordioso para com os homens (4,15-5,8), Jesus estabelece uma nova aliança, da qual ele é a única autoridade e o sumo sacerdote. O autor insere aqui uma longa exortação sobre a seriedade do compromisso cristão.

[3,1-6] Na sua missão de *apóstolo* ou enviado de Deus junto aos homens e de *sacerdote* ou representante do povo junto a Deus, Jesus foi fiel como Moisés. Mas, enquanto Moisés era fiel como servidor na casa de Deus, Jesus é fiel como Filho, isto é, como dono da própria casa de Deus.

[3,7-4,14] Após uma exposição sobre a fidelidade de Jesus, o autor faz longa exortação, mostrando que os cristãos devem ser fiéis, professando a fé em Jesus. Moisés e Josué não conseguiram introduzir o povo no descanso de Deus, porque o povo se revoltou e foi infiel a Deus tanto no deserto como em Canaã. Jesus é o novo Josué, é o guia do novo povo de Deus. Ele alcançou a verdadeira terra prometida, o verdadeiro descanso. Os cristãos não devem ser infiéis, como o povo israelita no deserto, mas acreditar em Jesus e segui-lo, para também eles

chegarem ao descanso prometido.

[4,15-5,10] Os cristãos não devem temer a Jesus, mas aproximar-se dele confiantes, certos de sua acolhida misericordiosa. A figura do sumo sacerdote se realiza plenamente em Jesus, de modo superior ao sacerdócio de Aarão e de qualquer liturgia terrena. Cristo atravessou o céu (4,14) e, ressuscitado, vive para sempre aquela “justa compaixão” que testemunhou aos homens no momento da Paixão. Como Filho, e do mesmo modo que o misterioso Melquisedec, Jesus se empenha para sempre, com toda a sua pessoa, na súplica e no sacrifício. A Paixão é vista aqui como a mais solene prece de intercessão e o mais sublime ato de obediência.

Os vv. 9-10 anunciam o tema da próxima parte: levado à perfeição, Jesus tornou-se o princípio de salvação eterna, pois recebeu de Deus o título de sumo sacerdote.

[5,11-10,39] É a parte central do sermão. Os temas se reúnem em torno de uma grande ideia: Cristo é o “sumo sacerdote dos bens futuros” (9,11). O autor parte do passado e da consideração sobre todas as situações religiosas anteriores, destacando-se delas para fixar-se no seu cumprimento, ou seja, no futuro da humanidade junto a Deus em Cristo e com Cristo. Acumulam-se provas para salientar que esse novo sacerdócio supera e preenche todas as instituições antigas, tornando-as sem valor. Todos os sacerdócios e liturgias não são mais que esboço e prefiguração: caducam diante da realidade que chegou com Cristo.

[5,11-6,12] Antes de expor o cerne do assunto, o autor faz à comunidade uma exortação cheia de ironia e crítica. Embora reconheça o trabalho e testemunho da comunidade, ele adverte que não basta aprender o catecismo. É preciso aprofundar a fé, a fim de vivenciá-la de forma cada vez mais madura, consciente e consequente. Também é preciso manter vigilância, para não trair a causa de Cristo, abandonando a fé.

[6,13-20] Antes de qualquer lei e instituição cultural, encontramos “dois atos irrevogáveis”: a promessa e o juramento de Deus. Encontramos também duas figuras: Abraão e Melquisedec. O autor quer salientar um ponto bem determinado: Deus se empenhou radicalmente com o futuro e a salvação dos homens, e esse futuro e salvação tornam-se realidades em Cristo. Essas ideias serão desenvolvidas nos capítulos seguintes.

[7,1-28] Melquisedec é figura misteriosa que entra na história de Abraão (cf. Gn

14,17-20). E o Salmo 110,4 fala de um sacerdócio misterioso segundo a ordem sacerdotal de Melquisedec. São textos que anunciam o sacerdócio de Cristo, que é diferente do sacerdócio judaico, porque o torna superado.

[1-10] Na Bíblia, as grandes personagens são sempre mostradas com sua origem e genealogia. De Melquisedec, porém, não se fala nada a respeito de seus pais ou de seus descendentes. O autor serve-se disso para comparar Melquisedec com Cristo, o Filho de Deus. E vai mais adiante: Melquisedec não pertence a nenhuma família sacerdotal, mas oferece sacrifícios e recebe dízimos do grande patriarca Abraão. Isso leva à seguinte conclusão: Melquisedec é sacerdote, mas de modo muito maior que os sacerdotes judeus: não está ligado à classe sacerdotal dos descendentes de Levi, nem à descendência de Abraão. Por isso, seu sacerdócio é muito mais amplo. É universal.

[11-25] A própria Sagrada Escritura atesta a substituição do sacerdócio judaico, fundado na Lei de Moisés. Um texto posterior à Lei (Sl 110,4) afirma que Deus estabeleceu um sacerdócio conforme o de Melquisedec. Com isso, não só o sacerdócio anterior está ultrapassado, mas também o próprio regime da Lei, que lhe serve de fundamento. O sacerdócio de Jesus Cristo, prefigurado em Melquisedec, não se fundamenta na descendência de Levi, mas no juramento do próprio Deus. Jesus Cristo torna-se, assim, o mediador definitivo entre Deus e os homens.

[26-28] Jesus Cristo é o mediador perfeito, pois ele é o próprio Filho de Deus; não tem pecado nenhum e por isso não está sujeito às fraquezas que os outros sacerdotes têm. E como sacerdote, representante dos homens junto a Deus, ele ofereceu não oferta externa, mas a sua própria pessoa.

[8,1-9,28] Esta é a seção central de todo o sermão. Repassando ponto por ponto as instituições do regime do culto judaico, o autor salienta a grande novidade de Cristo. Ele supera em dignidade os sacerdotes levitas e também realiza o verdadeiro culto que desclassifica o culto religioso judaico, como também qualquer outro tipo de culto. De fato, o culto realizado por Jesus é o próprio ato de pessoa que se empenha com a totalidade de si mesma e para sempre.

[8,1-5] Cristo não tem função nos santuários terrestres, que são apenas imagens do verdadeiro santuário celeste, onde Jesus realiza o seu sacerdócio. O autor relembra alguns textos bíblicos (Sl 110,4; Nm 24,6; Ex 25,40) para mostrar que os santuários são apenas sinais do verdadeiro culto, que consiste em ter acesso junto a Deus. É nessa realidade que Jesus age como sacerdote.

[6-13] Israel é o povo da aliança manifestada na lei e no culto. Desde os tempos de Jeremias, porém, temos a profecia sobre a nova aliança, profecia que critica o passado e dá esperanças para o futuro (Jr 31,31-34). A Sagrada Escritura, portanto, anuncia uma nova situação religiosa: a relação entre Deus e os homens não se realizará mais em base a leis ou instituições, mas se fundará na própria pessoa de Jesus Cristo, mediador das relações vitais com Deus (cf. 1Tm 2,5).

[9,1-10] A liturgia dos judeus para o perdão dos pecados (cf. Lv 16,2-19) era grandiosa na sua intenção e esperança, mas trazia o sinal dramático de seus limites: realizava-se uma só vez por ano, e somente o sumo sacerdote podia entrar no íntimo do santuário. O acesso definitivo não era permitido ao povo, as consciências não ficavam realmente libertas do pecado, os meios e as ofertas eram meras prescrições rituais. Enfim, o ato mais importante do culto judaico não abria o caminho do verdadeiro santuário, isto é, do acesso a Deus.

[11-14] Aquilo que os judeus esperavam da liturgia para o perdão dos pecados realizou-se concreta e definitivamente na Páscoa de Cristo. Nele está presente o santuário, o sacerdote e o sacrifício. Ele derrama o próprio sangue, isto é, oferece conscientemente sua vida a Deus em benefício dos homens, seus irmãos. Desse modo, ele é o homem que, com a sua obediência, purifica a partir de dentro a consciência humana. Desta vez, um homem tem acesso junto ao próprio Deus. Ressuscitado e vivo para sempre, Cristo permanece nessa relação de presença diante de Deus e de dom em favor dos homens; é relação assumida uma vez por todas, definitiva e eternamente. Não existe outro sacrifício a ser realizado. Chegou o tempo final, “os bens futuros”.

[15-23] Para os judeus, sangue e sacrifício estão ligados com perdão e aliança (cf. Ex 24). A nova aliança foi estabelecida pela morte e ressurreição de Cristo. O autor joga com os dois sentidos da mesma palavra que, em grego, significa “aliança”, mostrando que Jesus, com sua morte, deixou-nos a nova aliança como testamento. Cristo é ao mesmo tempo redentor e mediador: nele encontramos o perdão e nele nos relacionamos com Deus.

[24-28] O que o sacerdócio, o culto e os ritos buscavam sem obter, torna-se realidade na morte e ressurreição de Cristo: o pecado é perdoado, abre-se o acesso a Deus e a reconciliação se realiza. O acontecimento pascal é vivo, eficaz e eterno. Jesus se ofereceu e agora está continuamente junto a Deus, intercedendo em favor dos homens. Ele voltará, não para um novo sacrifício, mas para dar aos fiéis a plenitude da salvação.

[10,1-18] O que São Paulo diz sobre a Lei, o autor repete sobre a liturgia judaica. Esta faz reviver a experiência do pecado, mas não consegue libertar dele. O sacrifício de Cristo, a existência inteira de Jesus, todo o movimento de sua consciência é o verdadeiro ato sacerdotal, o grande e perene ato de oferta. Ele tira o pecado, restabelece a ligação com Deus mediante a sua própria pessoa e experiência viva. Funda a nova aliança, o povo novo que pode ter acesso a Deus. E o caminho para esse acesso é o compromisso de fé com Cristo, compromisso que nenhuma liturgia pode substituir.

[19-25] Doravante, o caminho que leva os homens para Deus é a pessoa de Jesus, através de sua atividade e sacrifício. No batismo, os cristãos se unem à pessoa de Jesus Cristo. E essa união se manifesta concretamente pelo testemunho ativo que transforma a sociedade e pela partilha e vida fraterna em clima de comunidade. Aliás, essa partilha é que sustenta o testemunho. E a união com Jesus e com os irmãos manifesta a comunhão com Deus, que se completará quando formos introduzidos no descanso definitivo (Dia do Senhor).

[26-31] O autor repete a advertência feita em 6,1-8: Quem rejeita Jesus ou se revolta voluntária e livremente contra ele, exclui-se do perdão, da vida e da graça de Deus.

[32-39] Iluminados pelo batismo, os fiéis optaram por Cristo; por isso enfrentam muitas dificuldades, mas o momento não é de perder a coragem. O encontro com o Senhor que vem é a recompensa para todos aqueles que perseveram.

[11,1-12,13] A morte e ressurreição de Cristo são o acontecimento de valor definitivo e absoluto. Da mesma forma, a fé em Cristo é passo decisivo na vida do homem. Doravante, o fiel está empenhado num caminho que vai até o pleno encontro com o Senhor. Em meio a tentações e provas, a perseverança cristã não é simples fidelidade ao passado, mas impulso corajoso em direção ao futuro, para Deus.

[11,1] A fé é o dinamismo que impulsiona o homem a fazer história. Possuindo a firme convicção da realidade de um mundo futuro melhor, o homem jamais se conforma com as estruturas pessoais e sociais existentes; nunca as toma por definitivas e absolutas. Essa inconformidade o leva a romper as cadeias da falsa segurança no já-pronto, para ser agente de novas formas de sociedade, e o impele a fazer de sua vida um processo sempre inacabado em busca da maturidade plena.

[2-40] A fé cristã afunda suas raízes no povo do Antigo Testamento. Escrevendo

a cristãos temerosos diante das perseguições, o autor mostra que eles são os herdeiros da história do povo eleito. Lendo-a, os cristãos poderão descobrir modelos de fé viva, que levou o povo de Deus a construir a história em direção a Cristo.

[12,1-3] Após o exemplo de fé dos antigos, apresenta-se agora um modelo muito maior para nos estimular à perseverança: o próprio Jesus. Ele sofreu até à morte de cruz e, no entanto, agora está junto de Deus, glorificado pela ressurreição.

[4-13] Os cristãos vão sofrer por causa do testemunho que deverão dar; muitas vezes, terão até que enfrentar o martírio. Num primeiro momento, podemos achar que se trata de castigo. Mas, à luz do destino de Jesus, podemos descobrir que o sofrimento e a perseguição por causa do testemunho é a maneira pela qual o Pai nos educa para percorrermos o mesmo caminho do seu Filho.

[14-17] O autor chama a atenção dos leitores, certamente judeus convertidos, e mostra a responsabilidade deles: não devem retornar à prática judaica de outrora; isso esvaziaria o dom da salvação que Deus realizou em Jesus Cristo.

[18-29] A aliança do Sinai realizou-se dentro de um clima terrível e fascinante (cf. Ex 19-20; Dt 4,11; 9,19). A nova aliança, porém, é uma realidade de paz e confiança: chegou o tempo da presença de Deus no Cristo ressuscitado. O modo de viver de Israel é apenas uma pista para a conduta da Igreja; e voltar para a religião insuficiente de ontem seria desprezar o dom de Deus, que é justo e julga continuamente a humanidade, exigindo verdade e justiça.

[13,1-7] O amor fraterno não é puramente sentimento interior; é comportamento expresso por atitudes concretas, dentro e fora da comunidade: hospitalidade, solidariedade com os presos e os torturados, respeito na vida matrimonial, espírito de partilha. O v. 7 mostra que os dirigentes cristãos ensinavam a Palavra de Deus, e a confirmavam com o testemunho que muitas vezes lhes trouxe a morte, e assim eles se tornaram exemplo e estímulo para a comunidade.

[8-16] Por seu testemunho na vida e na morte, Jesus Cristo tornou-se o modelo para a realização definitiva do mundo humano. A tarefa dos cristãos é continuamente redescobrir Jesus e apresentá-lo como ideal concreto para a própria geração. Fora de Jesus, nada é absoluto e definitivo. O mundo humano precisa ter os olhos fixos em Jesus, a fim de criticar o presente e o passado e assim criar novos momentos históricos.

O verdadeiro culto dos cristãos a Deus é o louvor que o reconhece como Deus, e ao mesmo tempo relativiza tudo o mais. Em relação ao próximo, esse culto consiste na partilha e na solidariedade.

[17-19] Na comunidade, a função dos dirigentes é dedicar-se ao bem de todos. Disso eles terão que prestar contas. Nesse sentido, deve haver colaboração de todos.

[20-21] O autor resume as ideias e preocupações fundamentais do seu escrito, apresentando um desejo em relação aos leitores e um louvor a Jesus Cristo.

[22-25] Estes versículos constituem provavelmente um bilhete anexo, recomendando a leitura do mesmo pela comunidade.

CARTA DE SÃO TIAGO

A FÉ É PRÁTICA DA JUSTIÇA

Introdução

A Carta de Tiago é um escrito de caráter sapiencial, isto é, mostra a sabedoria do discernimento cristão diante das situações. Dirige-se a todas as comunidades cristãs, simbolizadas pelas “doze tribos” do novo povo de Deus. O autor se apresenta como Tiago, o irmão do Senhor (cf. Mc 6,3), que dirigiu a igreja de Jerusalém (cf. At 15,13) e morreu mártir no ano 62. Diversas razões, porém, fazem pensar que o verdadeiro autor da carta é judeu de origem grega do final do século I, e que escreveu a carta entre os anos 80 e 100.

Esta carta é mensagem tipicamente cristã, como os Evangelhos; reduz toda a Lei judaica ao mandamento do amor ao próximo (1,25; 2,8.12). Pode-se dizer que é explicação das exigências desse mandamento em diversas circunstâncias: igualdade cristã (2,1-4), preferência pelos pobres (2,5-7), amor ativo (2,14-17). Esse amor exclui a exploração, e nesta carta encontramos a mais violenta passagem do Novo Testamento contra os ricos (5,1-6). A fé aqui é vista como dinamismo que produz ação e que só é madura quando se expressa em atos concretos (2,20-26); é fé que rejeita qualquer espiritualidade ou religiosidade individualista e intimista (1,26-27). Da mesma forma, a verdadeira sabedoria se expressa pela conduta (3,13-16).

Tiago rejeita a consagrada separação entre “dimensão vertical” e “dimensão horizontal” da vida cristã: “do mesmo modo que o corpo sem o espírito é cadáver, assim também a fé: sem as obras ela é cadáver” (2,26). E são estas as obras citadas no contexto: dar de comer ao faminto e vestir o nu (2,15-16; cf. Mt 25,35-36).

CARTA DE SÃO TIAGO
CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4 - 5

CARTA DE SÃO TIAGO

1 *Endereço e saudação* — ¹Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo, às doze tribos espalhadas pelo mundo: saudações! [1,1]

A provação amadurece a fé — ²Meus irmãos, fiquem muito alegres por terem que passar por todo tipo de provações, ³pois vocês sabem que aprendem a perseverar quando sua fé é posta à prova. ⁴Mas é preciso que a perseverança complete a sua obra em vocês, para que sejam homens completos e autênticos, sem nenhuma deficiência. [2-4]

Sabedoria para testemunhar — ⁵Se alguém de vocês tem falta de sabedoria, que peça a Deus, e ele a dará, porque é generoso e dá sem impor condições. ⁶Todavia é preciso pedir com fé, sem duvidar, porque aquele que duvida é como a onda do mar, que o vento leva de um lado para outro. ⁷Quem é assim, não pense que vai receber alguma coisa do Senhor, ⁸pois é indeciso e instável em tudo o que faz. [5-8]

O pobre e o rico — ⁹Que o irmão pobre se orgulhe de sua alta dignidade, ¹⁰e o rico se orgulhe de perder sua posição social, porque o rico desaparecerá como a flor da erva. ¹¹O sol se levanta, vem o calor e seca a erva, e lá se foi a beleza do seu viço! É assim que o rico vai perecer no meio dos seus negócios! [9-11]

Deus não tenta ninguém — ¹²Feliz o homem que suporta com paciência a provação! Porque, uma vez provado, receberá a coroa da vida, que o Senhor prometeu àqueles que o amam. ¹³Quando tentado, que ninguém diga: “Deus está me tentando.” Porque Deus não é tentado a fazer o mal nem tenta a ninguém. ¹⁴Cada um é tentado pelo seu próprio desejo, que o atrai e seduz; ¹⁵a seguir, o desejo concebe e dá à luz o pecado, e o pecado, uma vez consumado, gera a morte. [12-15]

Deus só faz o bem — ¹⁶Não se enganem, meus queridos irmãos: ¹⁷qualquer dom precioso e qualquer dádiva perfeita vêm do alto, descendo do Pai das luzes, no qual não há fases ou períodos de mudança. ¹⁸Por sua própria iniciativa, ele nos gerou por meio da Palavra da verdade, para que nos tornássemos as primeiras dentre as suas criaturas. [16-18]

A lei da liberdade — ¹⁹Vocês já sabem, meus queridos irmãos: cada um seja

pronto para ouvir, mas lento para falar, e lento para ficar com raiva, ²⁰porque a raiva do homem não produz a justiça que Deus quer. ²¹Por isso, deixem de lado qualquer imundície e sinal de malícia, e recebam com docilidade a Palavra que lhes foi plantada no coração e que pode salvá-los.

²²Sejam praticantes da Palavra, e não apenas ouvintes, iludindo a si mesmos. ²³Quem ouve a Palavra e não a pratica, é como alguém que observa no espelho o rosto que tem desde o nascimento; ²⁴observa a si mesmo e depois vai embora, esquecendo a própria aparência. ²⁵Mas quem se concentra numa lei perfeita, a lei da liberdade, e nela continua firme, não como ouvinte distraído, mas praticando o que ela manda, esse encontrará a felicidade no que faz. [19-25]

A verdadeira religião — ²⁶Se alguém pensa que é religioso e não sabe controlar a língua, está enganando a si mesmo, e sua religião não vale nada. ²⁷Religião pura e sem mancha diante de Deus, nosso Pai, é esta: socorrer os órfãos e as viúvas em aflição, e manter-se livre da corrupção do mundo. [26-27]

2 Deus prefere os pobres — ¹Queridos irmãos, não misturem com certos favoritismos pessoais a fé que vocês têm em nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória. ²Por exemplo: entra na reunião de vocês uma pessoa com anéis de ouro e vestida com elegância; e entra também uma pessoa pobre, vestida com roupas velhas. ³Suponhamos que vocês deem atenção à pessoa que está vestida com elegância e lhe dizem: “sente-se aqui, neste lugar confortável”; mas dizem à pessoa pobre: “fique aí em pé”; ou então: “sente-se aí no chão, perto do estrado dos meus pés.” ⁴Nesse caso, vocês estão fazendo diferença entre vocês mesmos e julgando os outros com péssimos critérios. [2,1-4]

⁵Ouçam, meus queridos irmãos: não foi Deus quem escolheu os que são pobres aos olhos do mundo, para torná-los ricos na fé e herdeiros do Reino que ele prometeu àqueles que o amam? ⁶E, no entanto, vocês desprezaram o pobre! Ora, não são os ricos que oprimem a vocês e os arrastam perante os tribunais? ⁷Não são eles que difamam o nome sublime que foi invocado sobre vocês?

⁸Se cumprirem a lei mais importante da Escritura: “Ame o seu próximo como a si mesmo”, vocês estarão agindo bem. ⁹Mas se vocês fazem diferença entre as pessoas, estão cometendo pecado, e a Lei os condena como culpados. ¹⁰Aquele que observa a Lei toda, mas falha num só ponto, torna-se culpado de violar a Lei inteira. ¹¹De fato, aquele que disse: “Não cometa adultério”, também disse: “Não mate.” Portanto, se você não comete adultério, mas mata, será condenado

como violador da Lei.

¹²Falem e ajam como pessoas que vão ser julgadas pela lei da liberdade, ¹³porque o julgamento será sem misericórdia para quem não tiver agido com misericórdia. Os misericordiosos não têm motivo de temer o julgamento. [5-13]

A fé se manifesta em atos concretos — ¹⁴Meus irmãos, se alguém diz que tem fé, mas não tem obras, que adianta isso? Por acaso a fé poderá salvá-lo? ¹⁵Por exemplo: um irmão ou irmã não têm o que vestir e lhes falta o pão de cada dia. ¹⁶Então alguém de vocês diz para eles: “Vão em paz, se aqueçam e comam bastante”; no entanto, não lhes dá o necessário para o corpo. Que adianta isso? ¹⁷Assim também é a fé: sem as obras, ela está completamente morta.

¹⁸Alguém poderia dizer ainda: “Você tem a fé, e eu tenho as obras.” Pois bem! Mostre-me a sua fé sem as obras, e eu, com as minhas obras, lhe mostrarei a minha fé. ¹⁹Você acredita que existe um só Deus? Muito bem! Só que os demônios também acreditam, e tremem! ²⁰Insensato, quer ver como a fé sem as obras não tem valor? ²¹Quando nosso pai Abraão ofereceu o filho Isaac sobre o altar, não foi pelas obras que ele se tornou justo? ²²Vocês podem perceber que a fé cooperou com as obras dele, e que pelas obras essa fé se tornou perfeita. ²³E assim se cumpriu a Escritura que diz: “Abraão acreditou em Deus, e isso lhe foi creditado como justiça.” E Abraão foi chamado amigo de Deus.

²⁴Como vocês estão vendo, o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé. ²⁵Do mesmo modo, a prostituta Raab: ao dar hospitalidade aos mensageiros e ao fazê-los voltar por outro caminho, não foi ela justificada pelas suas obras?

²⁶De fato, do mesmo modo que o corpo sem o espírito é cadáver, assim também a fé: sem as obras ela é cadáver. [14-26]

3 *Força e perigo da língua* — ¹Meus irmãos, não se façam todos de mestres. Vocês bem sabem que seremos julgados com maior severidade, ²pois todos nós estamos sujeitos a muitos erros.

Aquele que não comete falta no falar é homem perfeito, capaz de pôr freio ao corpo todo. ³Quando colocamos freio na boca dos cavalos para que nos obedeçam, nós dirigimos todo o corpo deles. ⁴Vejam também os navios: são tão grandes e empurrados por fortes ventos! Entretanto, por um pequenino leme são conduzidos para onde o piloto quer levá-los. ⁵A mesma coisa acontece com a língua: é um pequeno membro e, no entanto, se gaba de grandes coisas.

Observem uma fagulha, como acaba incendiando uma floresta imensa! ⁶A língua é um fogo, o mundo da maldade. A língua, colocada entre os nossos membros, contamina o corpo inteiro, incendeia o curso da vida, tirando a sua chama da geena. ⁷Qualquer espécie de animais ou de aves, de répteis ou de seres marinhos são e foram domados pela raça humana; ⁸mas nenhum homem consegue domar a língua. Ela não tem freio e está cheia de veneno mortal. ⁹Com ela bendizemos o Senhor e Pai, e com ela amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus. ¹⁰Da mesma boca sai bênção e maldição. Meus irmãos, isso não pode acontecer! ¹¹Por acaso, a fonte pode fazer jorrar da mesma mina água doce e água salobra? ¹²Meus irmãos, por acaso uma figueira pode dar azeitonas, e uma videira pode dar figos? Assim também uma fonte salgada não pode produzir água doce. [3,1-12]

A verdadeira sabedoria — ¹³Quem é sábio e inteligente entre vocês? Pois então, mostre com a boa conduta que suas ações são de uma sabedoria humilde. ¹⁴Mas se vocês têm no coração ciúme amargo e espírito de rivalidade, não fiquem se gabando e não mintam contra a verdade. ¹⁵Esse tipo de sabedoria não vem do alto; é sabedoria terrena, animal, demoníaca. ¹⁶De fato, onde há ciúme e espírito de rivalidade, existe também desordem e todo tipo de ações más. ¹⁷Ao contrário, a sabedoria que vem do alto é, antes de tudo, pura, pacífica, humilde, compreensiva, cheia de misericórdia e bons frutos, sem discriminações e sem hipocrisia. ¹⁸Na verdade, um fruto de justiça é semeado na paz para aqueles que trabalham pela paz. [13-18]

4 A busca da realização humana — ¹De onde surgem os conflitos e competições que existem entre vocês? Não vêm exatamente dos prazeres que guerreiam nos seus membros? ²Vocês cobiçam, e não possuem; então matam. Vocês têm inveja, e não conseguem nada; então lutam e fazem guerra. Vocês não recebem, porque não pedem; ³e vocês pedem, mas não recebem, porque pedem mal, com intenção de gastarem em seus prazeres. ⁴Idólatras! Vocês não sabem que a amizade com o mundo é inimizade com Deus? Quem quer ser amigo do mundo é inimigo de Deus. ⁵Ou vocês acham que é à toa que a Escritura diz: “Deus reclama com ciúme o espírito que ele fez habitar em nós”? ⁶Mas ele dá uma graça maior. É por isso que a Escritura diz: “Deus resiste aos soberbos, e aos humildes dá a sua graça.” ⁷Portanto, sejam submissos a Deus; resistam ao diabo, e este fugirá de vocês. ⁸Aproximem-se de Deus, e ele se

aproximará de vocês. Pecadores, purifiquem as mãos! Indecisos, purifiquem o coração! ⁹Reconheçam a própria miséria, cubram-se de luto e chorem! Que o riso de vocês se transforme em luto, e a alegria em tristeza! ¹⁰Humilhem-se diante do Senhor, e ele os elevará. [4,1-10]

Só Deus pode julgar — ¹¹Irmãos, não fiquem criticando uns aos outros! Quem critica o irmão ou julga seu irmão, está criticando uma lei e julgando uma lei. E se você julga uma lei, você não é alguém que obedece a uma lei, mas alguém que a julga. ¹²Ora, só um é o legislador e juiz: aquele que pode salvar e destruir. Quem é você para julgar o próximo? [11-12]

Só Deus é o Senhor da vida — ¹³Agora vamos aos que dizem: “Hoje ou amanhã iremos a tal cidade, passaremos aí um ano negociando e ganhando dinheiro.” ¹⁴E, no entanto, nem sabem o que vai acontecer amanhã! O que é a vida de vocês? Uma neblina que aparece um pouco e logo desaparece! ¹⁵Vocês deveriam dizer: “Se o Senhor quiser, nós viveremos e faremos isto ou aquilo.” ¹⁶Em vez disso, vocês se gabam da própria arrogância. Todo orgulho desse tipo é mau. ¹⁷Portanto, quem sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado. [13-17]

5 Ai de vocês, ricos! — ¹E agora vocês, ricos: comecem a chorar e gritar por causa das desgraças que estão para cair sobre vocês. ²Suas riquezas estão podres, suas roupas foram roídas pela traça; ³o ouro e a prata de vocês estão enferrujados; e a ferrugem deles será testemunha contra vocês, e como fogo lhes devorará a carne. Vocês amontoaram tesouros para o fim dos tempos. ⁴Vejam o salário dos trabalhadores que fizeram a colheita nos campos de vocês: retido por vocês, esse salário clama, e os protestos dos cortadores chegaram aos ouvidos do Senhor dos exércitos. ⁵Vocês tiveram na terra uma vida de conforto e luxo; vocês estão ficando gordos para o dia da matança! ⁶Vocês condenaram e mataram o justo, e ele não conseguiu defender-se. [5,1-6]

Perseverança e paciência cristã — ⁷Irmãos, sejam pacientes até a vinda do Senhor. Olhem o agricultor: ele espera pacientemente o fruto precioso da terra, até receber a chuva do outono e da primavera. ⁸Sejam pacientes vocês também; fortaleçam os corações, pois a vinda do Senhor está próxima. ⁹Irmãos, não se queixem uns dos outros, para não serem julgados. Vejam: o juiz está às portas.

¹⁰Irmãos, tomem como exemplo de sofrimento e paciência os profetas que falam em nome do Senhor. ¹¹Nós consideramos felizes os que foram

perseverantes. Vocês ouviram falar da constância de Jó e conhecem o fim que o Senhor reservou para ele, porque o Senhor é rico em compaixão e misericórdia. [7-11]

Juramento e verdade — ¹²Sobretudo, irmãos, não jurem: nem pelo céu, nem pela terra, nem por qualquer outra coisa; que o “sim” de vocês seja sim, e que o “não” seja não, para não se exporem ao julgamento. [12]

A unção dos enfermos — ¹³Alguém de vocês está sofrendo? Reze. [13-18] Está alegre? Cante. ¹⁴Alguém de vocês está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja para que rezem por ele, ungindo-o com óleo, em nome do Senhor. ¹⁵A oração feita com fé salvará o doente: o Senhor o levantará e, se ele tiver pecados, será perdoado. [14-15]

Confissão e oração — ¹⁶Confessem mutuamente os próprios pecados e rezem uns pelos outros, para serem curados. A oração do justo, feita com insistência, tem muita força. [16] ¹⁷Elias era homem fraco como nós. No entanto, ele rezou bastante para que não chovesse, e não choveu sobre a terra durante três anos e meio. ¹⁸Depois ele rezou de novo, e o céu mandou chuva, e a terra produziu seu fruto.

Valor do auxílio fraterno — ¹⁹Meus irmãos, se alguém de vocês se afasta da verdade e outro o faz voltar, ²⁰fique este sabendo que a pessoa que reconduz um pecador do caminho errado, salvará a si mesma da morte e cobrirá uma multidão de pecados. [19-20]

NOTAS

[1,1] A expressão “doze tribos” mostra que os cristãos formam a Igreja, o povo da nova Aliança. Eles estão espalhados em meio aos pagãos que, em geral, são hostis. A carta procura animá-los e sustentá-los no testemunho.

[2-4] O cristão se alegra, não por ter provações, mas porque elas o ajudam a descobrir o sentido e o valor do testemunho de sua fidelidade a Deus e a Jesus Cristo. A provação abala o entusiasmo infantil, romântico e descompromissado, fazendo o cristão perceber que a fé é compromisso que exige sérias transformações na pessoa e no contexto social em que ela vive.

[5-8] A sabedoria é o exercício do discernimento, a capacidade de perceber o que é mais importante fazer dentro das situações.

[9-11] A comunidade cristã é formada de pobres e ricos convertidos. Os pobres devem orgulhar-se de sua condição modesta, que os deixa em melhores condições para compreender o Evangelho (cf. Mt 5,3; 11,25-27). Ao entrar na comunidade, os ricos perdem seu “status” social e prestígio junto aos outros ricos, pois abrem mão de suas riquezas para dividir seus bens com os pobres (cf. Lc 18,18-30; At 4,32-35).

[12-15] Para Tiago, é blasfêmia dizer que Deus tenta o homem, pois Deus não quer levar ninguém a cometer pecado. A tentação nasce dentro do próprio homem, continuamente fascinado pelo desejo de auto-suficiência, que lhe promete poder, riqueza e prazeres. Levado à prática, esse desejo contraria o projeto de vida de Deus na história e por isso se torna pecado, acarretando todas as formas de morte.

[16-18] Deus é autor apenas do bem e daquilo que leva ao bem. Jamais conduzirá alguém à morte, pois o seu projeto é dar vida, e vida em plenitude. O supremo bem realizado por Deus é gerar os homens para a vida nova, comunicada pelo Evangelho (= Palavra da verdade).

[19-25] Tiago chama a atenção para a essência da vida cristã: ouvir a palavra do Evangelho e colocá-la em prática. A fé não se resume em afirmações que podem ser ouvidas e decoradas; ela é compromisso que leva a tomar atitudes concretas e cheias de consequências. Centrado no mandamento do amor, o Evangelho é a lei da liberdade, pois o amor não se restringe a exigir a obediência a uma lista de obrigações; ele é comportamento criativo, que sabe dar resposta libertadora e construtiva em qualquer situação.

[26-27] Temos aqui um dos pontos centrais do Novo Testamento: o culto que se pede aos cristãos não se resume em cerimônias ou em saber fórmulas de cor. O verdadeiro culto é a entrega de si mesmo a Deus para viver a justiça na prática: não difamar o próximo (língua); socorrer e defender os pobres e marginalizados (órfão e viúva) não comprometer-se com a estrutura injusta da sociedade (corrupção do mundo).

[2,1-4] O favoritismo, que faz diferença entre as pessoas, opõe-se à fé no Senhor Jesus Cristo. De fato, para o cristão existe uma só glória: é a glória do Senhor. Os vv. 2-4 apresentam exemplo concreto do favoritismo que deforma a comunidade cristã.

[5-13] Deus prefere os pobres e, portanto, essa é a única preferência que se justifica na sociedade humana. A dignidade dos pobres repousa no fato de que

eles são ricos na fé e herdeiros do Reino (cf. Mt 5,3; 11,25-27). Os ricos são indignos porque difamam o nome, isto é, a própria pessoa de Jesus (cf. At 9,5) oprimindo, perseguindo e distorcendo a justiça contra aqueles que se comprometem com o projeto de Deus. O favoritismo em prol dos ricos não se concilia com a fé cristã, porque se choca com o mais importante dos mandamentos. Segundo o contexto, próximo, aqui, significa o pobre e oprimido. Qualquer tipo de favoritismo em favor do rico não é simplesmente desobediência a um dos pontos da lei de Deus, mas à lei inteira, que se resume no amor ao pobre. O cristão se rege pelo Evangelho, que tem como centro o mandamento do amor (= lei da liberdade, cf. nota em 1,19-25). E este mandamento se realiza na prática da misericórdia, concretizada na preferência pelos pobres e marginalizados, tornando-se a matéria única do julgamento (cf. Mt 25,31-46).

[14-26] O único meio de salvação é a fé, a adesão a Jesus Cristo. Essa fé, porém, não é coisa teórica ou mero sentimento interior; é o compromisso que se manifesta concretamente em atos e fatos visíveis (cf. Mt 7,21). Tiago toma dois exemplos do Antigo Testamento, que podem ser comparados com Hb 11,31 e, principalmente, com Rm 4 e Gl 3. Aparentemente, Tiago e Paulo tiram conclusões opostas, ao usar o mesmo exemplo. Notemos, porém: Paulo diz que Abraão se tornou justo por meio da fé, e não mediante a prática da *Lei*. Tiago diz mais: a fé que justificou Abraão é uma realidade que se traduz na prática de atos concretos. Ao falar de prática da Lei, Paulo afirma que nenhuma observância de regras pode levar à salvação, e que a fé é o princípio de toda a vida cristã. Tiago, por sua vez, salienta que a fé se traduz no amor, e este realiza atos concretos. Paulo diz a mesma coisa: “a fé age por meio do amor” (Gl 5,6).

[3,1-12] Retoma-se aqui o tema já acenado em 1,19. A riqueza de particulares deste texto faz com que ele possa ser definido como o “código da disciplina da língua”. A linguagem é um dos meios mais importantes para a comunicação entre os homens; mas é meio ambíguo: pode construir e pode destruir. Para Tiago, a palavra que o cristão dirige ao próximo deve ser coerente com a palavra que dirige a Deus.

[13-18] Muitas pessoas se apresentam como “aquelas que sabem tudo”. A sabedoria verdadeira, porém, não é a cultura teórica que se aprende em livros, mas é a experiência da vida que se manifesta no discernimento que leva a um comportamento justo e pacífico. Sábio é aquele que nunca para de aprender. Mais do que ensinar, ele é alguém que está sempre disposto a buscar a verdade

junto com os outros.

[4,1-10] O homem é ser inacabado e, por isso, sua vida é busca permanente de realização. Frequentemente ele a pede a Deus. Por que não é atendido? Porque muitas vezes imagina a sua própria realização dentro dos esquemas de uma sociedade idolátrica, que adora os deuses da riqueza e do poder. Ao invés de realizar-se, a pessoa encontra-se presa da cobiça e da inveja, que produzem todo tipo de conflitos e competições e levam até mesmo à morte. Este é o mundo que se absolutiza e se coloca no lugar de Deus (cf. Mt 6,24). Para chegar à sua própria realização, o homem precisa descobrir-se como criatura e reconhecer que Deus é o único Senhor absoluto, e só a ele se deve adorar e servir. Aí nasce o processo de conversão, pela qual o homem rompe com o espírito do mundo, abandonando o orgulho e a ambição, para tornar-se pequeno e submisso a Deus. E Deus, o único que pode conceder a realização, responde ao anseio do homem, manifestando-lhe a vida e a ação do seu Filho como o sentido e a meta da vida humana.

[11-12] A lei de que Tiago fala aqui é o mandamento do amor (cf. 2,8). No relacionamento humano não cabe a nós julgar o outro, pois acabaríamos cometendo injustiças. Só Deus pode julgar, pois só ele conhece inteiramente o que é o homem.

[13-17] Tiago critica os negociantes que, na sua auto-suficiência, imaginam ter domínio total sobre as situações e até sobre a própria vida, fazendo projetos para enriquecer e assegurar uma existência tranquila (cf. Lc 12,18-20). No entanto, só Deus é o Senhor da vida e destino humanos, só ele conhece o amanhã. Cabe ao homem entregar-se a Deus e fazer o bem.

[5,1-6] Tiago critica agora os proprietários que se enriquecem à custa dos trabalhadores. Visando unicamente ao lucro, esses latifundiários cometem graves injustiças sociais: retenção do salário devido aos operários (cf. Dt 24,14); acumulação de riquezas que não revertem para o bem comum, mas servem unicamente para uma vida regalada e luxuosa; opressão jurídica e condenações conseguidas graças ao suborno contra os pobres inocentes que não têm meios de defesa. Fruto do roubo e da injustiça, o tesouro amontoado pelos ricos será testemunho que os condenará na hora do julgamento.

[7-11] A fé cristã está permeada de esperança de grandes transformações. Muitas vezes, depois de uma ação prolongada e constante, o cristão pode sentir-se desanimado, ao ver que essas transformações não acontecem como se esperava.

Tiago traz o exemplo do agricultor: o grão, depois de plantado, não dá nenhum sinal de vida. Mas o agricultor sabe que surgirá a planta e depois os frutos. A atitude cristã deve ser a mesma: perseverante e cheia de confiança, na certeza de que tais transformações, passo a passo, se realizarão, manifestando a vinda do Senhor.

[12] Cf. nota em Mt 5,33-37.

[13-18] O texto salienta a eficácia da oração, que é mencionada sete vezes.

[14-15] No caso de doença, Tiago exorta para que a comunidade intervenha através dos responsáveis, aqui chamados de *presbíteros*. A unção do doente com óleo, juntamente com a invocação do poder do Senhor, assegura para o doente a salvação, isto é, o bem-estar físico (recuperação) e espiritual (o perdão dos pecados). A fórmula “em nome do Senhor” lembra a do batismo (cf. At 2,38). Mencionando a fé e o gesto dos presbíteros, que impunham as mãos, Tiago mostra que a unção dos enfermos é ato sacramental, que simboliza e transmite dom de salvação.

[16] O perdão dos pecados é um gesto que Jesus confiou à comunidade cristã (cf. Mt 18,18; Jo 20,23). É a comunidade unida, e de comum acordo, que pode libertar o fiel de tudo aquilo que o separa de Deus e dos irmãos (cf. Mt 18,19-20). A forma que o sacramento da confissão foi adquirindo através da história depende da disciplina da Igreja.

[19-20] O irmão se afasta da verdade quando perde a fé em Jesus e se afasta da comunidade. O amor fraterno e o perdão podem reconduzir os que se afastaram (cf. Mt 18,15.21-22), e também são proveitosos para quem os reconduziu (cf. 1Pd 4,8).

PRIMEIRA CARTA DE SÃO PEDRO

UM LAR PARA QUEM NÃO TEM CASA

Introdução

Esta carta foi escrita “aos que vivem dispersos como estrangeiros” por todas as regiões da Ásia Menor. São, portanto, migrantes que vivem fora da pátria (1,17), seja porque partiram em busca de trabalho para sobreviverem, seja porque eram escravos comprados que permaneciam na casa de seus senhores, longe do local de origem. Esses cristãos tinham deixado suas raízes, os parentes e amigos e se encontravam em situação de isolamento em regiões que não lhes davam o aconchego e acolhida que tinham na própria terra. Sofriam humilhações, injúrias, perseguições por serem estrangeiros e cristãos. Pedro escreve, mostrando que a união entre eles, seja na família, seja na comunidade, há de ser tão fraterna e acolhedora, que formem juntos a “casa de Deus”. Por isso, a carta respira clima de alegria, fraternidade e esperança. Essa união e enraizamento na fé, através de um testemunho de vida, será a retaguarda sólida diante de uma situação hostil (3,13-17; 4,4-5).

Por isso, no texto a vida cristã aparece como algo simples e imediato. Não há diretivas complicadas de vida; unicamente o senso fundamental do amor e da lealdade. Ameaçados pela perseguição e na expectativa de um próximo fim do mundo, esses cristãos não pensam em mudanças estruturais para a construção de nova sociedade; aceitam as estruturas e condições de sua época, procurando dentro desse contexto testemunhar a justiça, a lealdade e o sentido da responsabilidade humana. É nesse ambiente que devemos ler as passagens sobre os escravos, as mulheres e o poder público (2,13-3,7).

A carta foi escrita de “Babilônia”, que provavelmente designa a cidade de Roma (cf. Ap 18,2.10.21). A data provável é o período imediatamente anterior à perseguição desencadeada por Nero no ano 64 d.C.

PRIMEIRA CARTA DE SÃO PEDRO

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4 - 5

PRIMEIRA CARTA DE SÃO PEDRO

1 *Endereço e saudação* — ¹Pedro, após -tolo de Jesus Cristo, aos que vivem dispersos como estrangeiros no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia. Vocês foram escolhidos ²de acordo com a presciência de Deus Pai e através da santificação do Espírito, para obedecerem a Jesus Cristo e serem purificados pelo seu sangue. Que a graça e a paz sejam abundantes para vocês. [1,1-2]

A obra do Pai — ³Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo por sua grande misericórdia. Ressuscitando a Jesus Cristo dos mortos, ele nos fez renascer para uma esperança viva, ⁴para uma herança que não se corrompe, não se mancha e não murcha. Essa herança está reservada no céu para vocês ⁵que, graças à fé, estão guardados pela força de Deus para a salvação que está prestes a revelar-se no final dos tempos. [3-5]

O papel do Filho — ⁶Por isso, vocês de vem alegrar-se, mesmo que agora, se necessário, fiquem tristes por um pouco de tempo, devido às várias provações. ⁷Desse modo, a fé que vocês têm será provada como o ouro que passa pelo fogo. O ouro vai desaparecer, mas a fé que vocês têm, e que vale muito mais, não se perderá, até o dia da revelação de Jesus Cristo. Então, por essa fé, vocês receberão louvor, glória e honra. ⁸Vocês nunca viram Jesus e, apesar disso, o amam; não o veem, mas acreditam. E por isso sentem alegria extraordinária e gloriosa, ⁹porque alcançam a meta da fé, que é a salvação de vocês. [6-9]

A ação do Espírito — ¹⁰Essa salvação já foi objeto de busca e investigação dos profetas, quando de antemão anunciavam a graça que Deus tinha reservado para nós. ¹¹Eles procuravam descobrir em que tempo e circunstâncias se verificariam as indicações por eles próprios recebidas do Espírito de Cristo, que estava presente neles. Foi assim que eles falaram dos sofrimentos de Cristo e das glórias que viriam depois. ¹²E foi-lhes revelado que eles mesmos não veriam essas coisas, mas que, anunciando-as, estavam trabalhando para vocês. Agora, porém, os pregadores do Evangelho as manifestaram, guiados pelo Espírito Santo enviado do céu: são coisas que até os anjos gostariam de contemplar. [10-12]

Libertos para a vida nova — ¹³Por isso, estejam de espírito pronto para agir, sejam sóbrios e ponham toda a esperança na graça que será trazida a vocês

quando Jesus Cristo se manifestar. ¹⁴Como filhos obedientes, não devem mais viver como antes, quando ainda eram ignorantes e se deixavam guiar pelas paixões. ¹⁵Pelo contrário, assim como é santo o Deus que os chamou, também vocês tornem-se santos em todo o comportamento, ¹⁶porque a Escritura diz: “sejam santos, porque eu sou santo.”

¹⁷Vocês chamam Pai àquele que não faz distinção entre as pessoas, mas que julga cada um segundo as próprias obras. Portanto, comportem-se com temor durante esse tempo em que se acham fora da pátria. ¹⁸Pois vocês sabem que não foi com coisas perecíveis, isto é, com prata nem ouro, que vocês foram resgatados da vida inútil que herdaram dos seus antepassados. ¹⁹Vocês foram resgatados pelo precioso sangue de Cristo, como o de um cordeiro sem defeito e sem mancha. ²⁰Ele era conhecido antes da fundação do mundo, mas foi manifestado no fim dos tempos por causa de vocês. ²¹Por meio dele é que vocês acreditam em Deus, que o ressuscitou dos mortos e lhe deu a glória, de modo que a fé e a esperança de vocês estão em Deus. [13-21]

A fonte da vida nova — ²²Pela obediência à verdade vocês se purificaram, a fim de praticar um amor fraterno sem hipocrisia. Com ardor e de coração sincero amem-se uns aos outros. ²³Vocês nasceram de novo, não de uma semente mortal, mas imortal, por meio da palavra de Deus, que é viva e que permanece. ²⁴De fato, toda carne é como erva e toda a sua glória é como flor da erva: a erva seca e a flor cai; ²⁵mas a palavra do Senhor permanece para sempre. E essa é a palavra que foi anunciada a vocês.

2 ¹Portanto, rejeitem qualquer maldade, toda mentira, todas as formas de hipocrisia e inveja e toda maledicência. ² Como crianças recém-nascidas, desejem o leite puro da Palavra, a fim de que vocês, com esse leite, cresçam para a salvação, ³ pois já provaram que o Senhor é bom. [1,22-2,3]

Cristãos: o povo sacerdotal — ⁴Aproximem-se do Senhor, a pedra viva rejeitada pelos homens, mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus. ⁵Do mesmo modo, vocês também, como pedras vivas, vão entrando na construção do templo espiritual, e formando um sacerdócio santo, destinado a oferecer sacrifícios espirituais que Deus aceita por meio de Jesus Cristo. ⁶De fato, nas Escrituras se lê: “Eis que ponho em Sião uma pedra angular, escolhida e preciosa. Quem nela acreditar não ficará confundido.” ⁷Isto é: para vocês que acreditam, ela será tesouro precioso; mas, para os que não acreditam, a pedra que os edificadores

rejeitaram tornou-se a pedra angular, ⁸uma pedra de tropeço e uma rocha que faz cair. Eles tropeçam porque não acreditam na Palavra, pois foram para isso destinados.

⁹Vocês, porém, são raça eleita, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido por Deus, para proclamar as obras maravilhosas daquele que chamou vocês das trevas para a sua luz maravilhosa. ¹⁰Vocês que antes não eram povo, agora são povo de Deus; vocês que não tinham alcançado misericórdia, mas agora alcançaram misericórdia. [2,4-10]

O testemunho provoca conversão — ¹¹Amados, vocês são peregrinos e forasteiros. Por isso, recomendo que fiquem longe dos desejos baixos que provocam guerra contra vocês. ¹²Comportem-se de modo exemplar entre os pagãos, a fim de que eles, mesmo falando mal de vocês como se fossem malfeitores, ao verem as boas obras que vocês fazem, glorifiquem a Deus no dia do julgamento. [11-12]

Só Deus é absoluto [2,13-3,12] — ¹³Submetam-se a toda criatura humana por causa do Senhor, seja ao rei como soberano, ¹⁴seja aos governadores como enviados dele para punir os malfeitores e para louvar os que fazem o bem. ¹⁵Pois esta é a vontade de Deus: praticar o bem, fazendo calar a ignorância dos insensatos. ¹⁶Comportem-se como homens livres, não usando a liberdade como desculpa para o mal, mas como servos de Deus. ¹⁷Respeitem a todos, amem os irmãos, temam a Deus e respeitem o rei. [2,13-17]

Só Deus é Senhor — ¹⁸Criados, com todo o temor submetam-se aos seus patrões, não só aos bons e compreensivos, mas também aos que são duros. ¹⁹É louvável alguém suportar maus-tratos, sofrendo injustamente por amor a Deus. ²⁰Que mérito haveria em suportar com paciência, se vocês fossem esbofeteados por terem agido errado? Pelo contrário, se vocês são pacientes no sofrimento quando fazem o bem, isto sim é ação louvável diante de Deus.

²¹De fato, para isso é que vocês
foram chamados,
pois Cristo também sofreu por vocês,
deixando-lhes exemplo
para que sigam os passos dele.

²²Ele não cometeu nenhum pecado
e mentira nenhuma foi encontrada

em sua boca.

²³Quando insultado, não revidava;
ao sofrer, não ameaçava.
Antes, depositava sua causa nas mãos
daquele que julga com justiça.

²⁴Sobre o madeiro levou
os nossos pecados
em seu próprio corpo,
a fim de que nós, mortos
para nossos pecados,
vivêssemos para a justiça.
Através dos ferimentos dele
é que vocês foram curados,

²⁵pois estavam desgarrados como ovelhas,
mas agora retornaram ao seu Pastor
e Guardião. [18-25]

3 *Homem e mulher são iguais* — ¹Do mesmo modo, vocês, mulheres, submetam-se aos seus maridos. Assim, se alguns são rebeldes à Palavra, a conduta de suas mulheres poderá ganhá-los sem palavras, ²ao notarem o recato cuidadoso da conduta de vocês. ³Que o enfeite de vocês não seja de coisas exteriores, como penteado, uso de joias de ouro ou roupas finas, ⁴mas de qualidades internas, isto é, o enfeite inalterável de caráter suave e sereno. Isso sim é coisa preciosa diante de Deus. ⁵De fato, era assim que se enfeitavam as santas mulheres de outrora, que punham sua esperança em Deus, submissas a seus maridos. ⁶É o que vemos em Sara: ela foi obediente a Abraão, chamando-o de senhor. Vocês se tornarão filhas de Sara se praticarem o bem e não se deixarem dominar pelo medo.

⁷Do mesmo modo, vocês, maridos, sejam compreensivos na vida conjugal, mostrando consideração para com as esposas, por serem de constituição mais delicada e também por serem herdeiras como vocês do dom da vida. Assim, a oração de vocês não ficará sem resposta. [3,1-7]

Portadores da bênção e do julgamento — ⁸Finalmente, tenham todos a mesma atitude, sejam compassivos, cheios de amor fraterno, misericordiosos e de espírito humilde. ⁹Não paguem o mal com o mal, nem o insulto com outro

insulto; pelo contrário, abençoem, porque para isso vocês foram chamados, isto é, para serem herdeiros da bênção. ¹⁰De fato,

aquele que ama a vida
e deseja ver dias felizes
guarde sua língua do mal
e seus lábios de proferir mentiras;
¹¹afaste-se do mal e pratique o bem,
busque a paz e procure segui-la.

¹²Porque os olhos do Senhor
estão sobre os justos
e seus ouvidos estão atentos
à prece deles.

Mas o rosto do Senhor se volta
contra os que praticam o mal. [8-12]

Quem lhes fará mal? — ¹³E quem lhes fará mal, se vocês se empenham em fazer o bem? ¹⁴Se sofrem por causa da justiça, felizes de vocês! Não tenham medo deles, nem fiquem assustados. ¹⁵Ao contrário, reconheçam de coração o Cristo como Senhor, estando sempre prontos a dar a razão de sua esperança a todo aquele que a pede a vocês, ¹⁶mas com bons modos, com respeito e mantendo a consciência limpa. Assim, quando vocês forem difamados em alguma coisa, aqueles que criticam o bom comportamento que vocês têm em Cristo ficarão confundidos. ¹⁷Pois, se é da vontade de Deus que vocês sofram, é melhor que seja por praticarem o bem, e não o mal. [13-17]

Solene compromisso com Deus — ¹⁸De fato, o próprio Cristo morreu uma vez por todas pelos pecados, o justo pelos injustos, a fim de os conduzir a Deus. Ele sofreu a morte em seu corpo, mas recebeu vida pelo Espírito. ¹⁹Foi então que ele proclamou a vitória, inclusive para os espíritos aprisionados; ²⁰falo das pessoas que foram rebeldes outrora, nos tempos de Noé, quando Deus demorava para castigar o mundo. Enquanto isso, Noé construía a arca, na qual somente oito pessoas foram salvas por meio da água. ²¹Aquela água representava o batismo que agora salva vocês; não se trata de limpeza da sujeira corporal, mas do compromisso solene de uma boa consciência diante de Deus, mediante a ressurreição de Jesus Cristo. ²²Ele subiu ao céu e está sentado à direita de Deus, após ter submetido os anjos, as dominações e os poderes. [18-22]

4 Ruptura com o pecado [4,1-19] — ¹Uma vez que Cristo sofreu na carne, vocês também devem estar armados com esta convicção: aquele que sofreu na carne, rompeu com o pecado, ²a fim de viver o resto de seus dias guiado pela vontade de Deus e não por paixões humanas. ³Vocês passaram muito tempo vivendo conforme o estilo pagão, entregues a uma vida de dissolução, cobiça, embriaguez, comilanças, bebedeiras e idolatrias abomináveis. ⁴Agora, os outros estranham que vocês não se entreguem à mesma torrente de perdição e por isso os cobrem de insultos; ⁵mas eles terão de prestar contas disso àquele que em breve há de julgar os vivos e os mortos. ⁶Por que o Evangelho foi anunciado também aos mortos? A fim de que eles vivam pelo Espírito a vida de Deus, depois de receberem, na sua carne mortal, a sentença comum a todos os homens. [1-6]

Espera ativa — ⁷O fim de todas as coisas está próximo. Sejam, portanto, moderados e sóbrios, para se dedicarem à oração. ⁸Sobretudo, conservem entre vocês um grande amor, porque o amor cobre uma multidão de pecados. ⁹Pratiquem a hospitalidade uns com os outros, sem murmurar. ¹⁰Cada um viva de acordo com a graça recebida e coloquem-se a serviço dos outros, como bons administradores das muitas formas da graça que Deus concedeu a vocês. ¹¹Quem fala, seja porta-voz de Deus; quem se dedica ao serviço, faça com as forças que Deus lhe dá, a fim de que em tudo Deus seja glorificado por meio de Jesus Cristo, ao qual pertencem a glória e o poder para sempre. Amém! [7-11]

Fiéis ao caminho de Jesus — ¹²Amados, não fiquem alarmados com o incêndio que se espalha entre vocês para prová-los, como se estivesse acontecendo algo estranho no meio de vocês. ¹³Ao contrário, alegrem-se por estarem participando dos sofrimentos de Cristo, para que vocês também se alegrem e exultem ao se revelar a glória dele. ¹⁴Felizes de vocês, quando forem insultados por causa do nome de Cristo; isso significa que o Espírito da glória, o Espírito de Deus, repousa sobre vocês. ¹⁵Que ninguém de vocês sofra por ser assassino ou ladrão, malfeitor ou delator. ¹⁶Todavia, se alguém sofre como cristão, não se sinta envergonhado; ao contrário, glorifique a Deus por levar o nome de cristão. ¹⁷De fato, chegou a hora do julgamento, e está começando pela casa de Deus. Se o nosso julgamento é o começo, qual será o fim daqueles que não obedecem ao Evangelho de Deus? ¹⁸Se com dificuldade o justo consegue salvar-se, em que situação ficam o ímpio e o pecador? ¹⁹Portanto, aqueles que sofrem de acordo

com o projeto de Deus, põem sua confiança no Deus criador, praticando o bem. [12-19]

5 Função dos presbíteros — ¹Faço uma admoestação aos presbíteros que estão entre vocês, eu que sou presbítero como eles, testemunha dos sofrimentos de Cristo e participante da glória que vai ser revelada: ²cuidem do rebanho de Deus que lhes foi confiado, não por imposição, mas de livre e espontânea vontade, como Deus o quer; não por causa de lucro sujo, mas com generosidade; ³não como donos daqueles que lhes foram confiados, mas como modelos para o rebanho. ⁴Desse modo, quando aparecer o supremo Pastor, vocês receberão a coroa de glória que não murcha. [5,1-4]

Perseverança da fé — ⁵Igualmente, vocês jovens, obedecem aos mais velhos. E todos vocês revistam-se de humildade no relacionamento mútuo, porque Deus resiste aos soberbos, mas dá a graça aos humildes. ⁶Abaixem-se diante da poderosa mão de Deus, a fim de que no momento certo ele os levante. ⁷Coloquem nas mãos de Deus qualquer preocupação, pois é ele quem cuida de vocês. ⁸Sejam sóbrios e fiquem de prontidão! Pois o diabo, que é o inimigo de vocês, os rodeia como um leão que ruge, procurando a quem devorar. ⁹Resistam ao diabo, permanecendo firmes na fé, pois vocês sabem que essa mesma espécie de sofrimento atinge os seus irmãos que estão espalhados pelo mundo. ¹⁰Depois de sofrerem um pouco, o Deus de toda graça, aquele que os chamou em Cristo para a sua glória eterna, ele os restabelecerá, firmará e fortalecerá, e fará com que vocês sejam inabaláveis. ¹¹A Deus pertence todo o poder para sempre. Amém! [5-11]

Saudações finais — ¹²Por meio de Silvano, que eu considero irmão fiel, escrevi a vocês essas poucas palavras, para admoestá-los e dar testemunho de que esta é a verdadeira graça de Deus. Permaneçam firmes nela.

¹³A comunidade que vive em Babilônia, escolhida como vocês, manda saudações. Marcos, meu filho, também manda saudações.

¹⁴Saúdem-se uns aos outros com o beijo da caridade. Que a paz esteja com todos vocês que estão em Cristo. [12-14]

NOTAS

[1,1-2] Pedro se dirige a cristãos que vivem longe da pátria em terras

estrangeiras. Por escolha de Deus, eles formam o povo da nova aliança, graças ao sangue de Jesus Cristo. A menção das três pessoas divinas mostra que a comunidade cristã tem a sua origem na Trindade.

[3-5] O novo nascimento pelo batismo é participação na vida de Jesus ressuscitado. Trata-se de nascimento para outra vida e outra história, dando aos cristãos esperança incomparavelmente superior a qualquer outro ideal humano. Assim como Deus havia concedido a herança da terra ao povo da antiga aliança, também o povo da nova aliança recebe como herança a própria vida de Deus (cf. 2Pd 1,4). O cristão vive impulsionado para a vida plena que está sempre em via de se manifestar.

[6-9] A fé é compromisso permanente com Cristo, até a morte. Cristo chegou à glória da ressurreição e da vida através de perseguições e sofrimentos. O cristão segue o mesmo caminho: mediante o testemunho de vida em meio às provas, pouco a pouco nele se manifesta o próprio Cristo, que comunica a alegria da ressurreição.

[10-12] Aquilo que estava escondido aos profetas e anjos foi revelado aos cristãos: Deus realizou seu plano salvador através de Jesus Cristo, que culminou seu testemunho na morte e ressurreição. Este é o grande mistério anunciado por aqueles que pregam o Evangelho, impulsionados pelo Espírito. E o Espírito provoca o discernimento que nos leva a compreender o projeto de Deus realizado em Jesus.

[13-21] O texto apresenta o código cristão da santidade. Pela conversão e batismo, o cristão começa uma vida nova que, por uma série de motivos, exige constante empenho de santificação: imitação da santidade de Deus que o chamou à fé; perspectiva do julgamento conforme as obras de cada um; o caro resgate realizado por Jesus Cristo. O clima da vida cristã é apresentado aqui como permanente conversão: de escravos do mundo e das paixões, os cristãos foram libertos por Cristo para serem filhos de Deus, que se reúnem formando nova família. Para os que vivem num ambiente onde são discriminados, humilhados e até perseguidos, essa é a base fundamental para que eles se sintam em casa e possam enfrentar o clima hostil.

[1,22-2,3] A palavra viva de Deus é a fonte da vida nova. Essa palavra engloba tanto a revelação do Antigo Testamento que culminou em Jesus, como o anúncio do Evangelho, que sintetiza toda a revelação. O cerne do Evangelho é a revelação do amor com que o Pai se manifesta, doando totalmente a vida de Jesus em favor dos homens. Diante disso, ser santo é entregar-se totalmente à

vivência do amor mútuo.

[2,4-10] A situação dos cristãos imigrantes em terras estrangeiras é a mesma de Jesus, que foi descartado pelos homens como pedra inútil. Mas, como Jesus ressuscitou e se tornou a pedra viva, do mesmo modo os cristãos menosprezados se tornam pedras vivas que, unidas a Cristo, formam o templo vivo, onde todos são sacerdotes, oferecendo os sacrifícios que são agradáveis a Deus, através da própria vida. Agora, já não há outros entre Deus e seu povo: todos participam da única mediação sacerdotal de Cristo. Os cristãos não só têm uma casa, mas eles mesmos são essa casa; são o verdadeiro povo que dá testemunho das obras maravilhosas de Deus.

[11-12] A dimensão fundamental e primeira da missão evangelizadora da comunidade cristã é a *vida prática*; é o que Pedro destaca logo a seguir. Esse testemunho prático é uma crítica manifesta às estruturas pagãs de uma sociedade que rejeita a comunidade cristã, tachando-a de malfeitora e subversiva. O julgamento de Deus, porém, manifesta a verdade: vendo o testemunho da comunidade, os pagãos começam a converter-se ao Deus verdadeiro.

[2,13-3,12] As exortações deste trecho têm fio condutor bem claro: no relacionamento com as autoridades e os patrões, como também no matrimônio, os cristãos se comportam sempre na condição de pessoas livres, sem medo e jamais com subordinação e temor servil. Nessa liberdade de filhos de Deus, formam uma comunidade onde estão presentes a compaixão, o amor fraterno, a misericórdia e a humildade, e onde o mal é retribuído com o bem. A comunidade torna-se, então, portadora de bênção.

[2,13-17] O texto exclui qualquer subordinação servil e acrítica: a obediência só tem sentido quando é expressão da liberdade de filhos de Deus, “por causa do Senhor”. As autoridades também são criaturas (v. 13), e têm a *função* de servir, zelando pelo bem comum; para isso devem punir os malfeitores e louvar os que fazem o bem. A obediência cristã não é servilismo, pois na comunidade deve existir a relação de amor; a relação para com todos, inclusive para com a autoridade, é de respeito, mas só a relação com Deus é definida como temor, isto é, só Deus é absoluto e só ele deve ser temido e adorado pelo homem.

[18-25] O ponto importante é que os cristãos devem *sempre fazer o bem* (v. 20), em qualquer condição, mesmo que para isso tenham de suportar sofrimentos. Quando nem se pensava em abolição da escravidão, esta exortação mostra que Deus não quer a escravidão. De fato, Pedro considera os sofrimentos como

injustos (v. 19). Se na época era impensável deixar de ser escravo, torna-se claro que essa submissão é feita por temor a Deus a exemplo de Jesus Cristo e não como submissão servil aos patrões (no v. 18 “com todo temor” se refere a Deus). A resistência cristã numa situação sem saída consiste em fazer o bem. Se aqui não há nenhuma referência ao comportamento dos patrões é porque estes, provavelmente, não fazem parte dos destinatários da carta. Já vimos (cf. Introdução) que se trata de gente fora da pátria e em situação de oprimidos.

[3,1-7] Começam a romper-se as cadeias com que a sociedade patriarcal prendia a mulher. As esposas são anunciadoras de conversão, missionárias em relação a alguns maridos rebeldes ao Evangelho. Elas realizam essa evangelização pela *prática*: caráter firme e não enfeites; estes apenas indicariam sujeição ao gosto do marido. Elas também não devem temer, isto é, comportar-se como escravas.

O v. 7 revoluciona a concepção da família patriarcal: os maridos cristãos devem ter compreensão e consideração com suas esposas, e isto é condição para relacionamento íntimo com Deus na oração. A motivação é fortemente igualitária: “por serem herdeiras *como vocês* do dom da vida.”

[8-12] Pedro se dirige agora à comunidade toda. Para que ela se torne um lar, ele apresenta os elementos mais importantes: *compaixão*, que consiste em participar da situação do outro; *amor fraterno*, que tem como ponto central o serviço; *misericórdia*, que torna possível a convivência entre irmãos que erram; *espírito humilde*, que não ambiciona o poder e não leva à rivalidade e opressão.

E como comportar-se com aqueles que hostilizam a comunidade? O princípio fundamental é *pagar o mal com o bem*. Isso não significa ser passivo ou omissivo. Ao contrário, agindo assim, os cristãos se tornam abençoados e portadores da bênção; ao mesmo tempo, tornam-se instrumentos de julgamento que desmascara e desarma os que praticam o mal.

[13-17] Os sofrimentos, de que fala a carta, não são aqueles provindos de alguma doença ou de uma perseguição programada pelo Estado. São os sofrimentos originados da situação em que se encontram os destinatários: imigrantes sem direitos e, além disso, cristãos com projeto de vida diverso do ambiente em que vivem. Com certeza eles já eram vistos como subversivos e conspiradores (cf. Is 8,12, onde Pedro se inspira). Por outro lado, tais sofrimentos não devem ser suportados pelo sofrimento em si, mas com finalidade bem precisa: “por causa da justiça” (v. 13; cf. também v. 17). Esse sofrimento é uma bem-aventurança (“felizes de vocês”), pois é consequência do

testemunho cristão (v. 15).

[18-22] Diante dos sofrimentos, o modelo sempre é a morte de Jesus, através do qual se realizou o ato definitivo da salvação. Pedro compara duas situações: o tempo de Noé e o tempo dos cristãos. No tempo de Noé, foi salvo um pequeno grupo de justos, ao passo que a maioria pereceu. Com a descida de Jesus à mansão dos mortos, também eles tiveram que se confrontar com o Evangelho. No tempo dos cristãos, igualmente existe um grupo menor de batizados (“salvos pela água”), e a maioria ainda não se converteu. Agora, o testemunho dos batizados deve fazer com que os não-convertidos se confrontem com o Evangelho.

[4,1-19] Em todo o capítulo 4 transpõe a mentalidade apocalíptica, isto é, a convicção de que se aproxima o fim dos tempos (v. 7), quando se dará a luta final entre o bem e o mal, a vitória definitiva do bem e o julgamento de Deus sobre os homens. Essa expectativa provoca a firme resistência daqueles que são perseguidos por não quererem se deixar levar pelo mal. Eles se engajam na luta pelo bem, para poderem participar da vitória final e se apresentar como testemunhas fiéis no julgamento. Para o cristão, essa última etapa da história se iniciou com a ressurreição de Jesus Cristo.

[1-6] O exemplo para a resistência contra o mal é Jesus, que sofreu na carne e por isso, ressuscitado, já participa da glória do Pai. Aquele que se mantém na prática do bem rompe com os projetos de morte e se engaja no projeto de Deus. Por isso, como Jesus, sofre na carne: não é aceito por aqueles que insistem em manter o jogo da morte nas relações humanas. Mas a resistência continua motivada pela esperança de que o tempo é breve e o julgamento está próximo tanto para os vivos como para os mortos. E os justos que deram o testemunho e já morreram? Também eles serão confrontados com o Evangelho e terão a vida de Deus.

[7-11] Diante da iminência do fim dos tempos, Pedro ressalta a sobriedade, pela qual o cristão reconhece que tudo aqui é passageiro. Em seguida, mostra que essa espera não deve levar à passividade, mas à prática do bem, ao amor constante e intenso. A hospitalidade se apresenta como prática importante, principalmente para quem vive em terra estrangeira. Por fim, fala dos carismas, destacando o anúncio da palavra de Deus e o serviço.

[12-19] As primeiras comunidades cristãs têm que manter sérias lutas para testemunhar o Evangelho. Nas repressões e perseguições, deve-se ter em vista a fidelidade ao caminho de Jesus que, embora inocente, também foi perseguido e

morto pelas estruturas de uma sociedade injusta. O tempo de provações é visto como julgamento de Deus, pois aí se manifesta a verdade, tanto dos justos como dos injustos. Em meio à luta, os cristãos permanecem firmes, porque confiam na justiça de Deus, que é o Senhor da história.

[5,1-4] O presbítero é apresentado como pastor, à imagem de Jesus, o supremo pastor. A serviço da comunidade, o presbítero deve atender livre e espontaneamente e não coagido, com generosidade e não como explorador, como modelo e não como proprietário. Assim, ele não é alguém que exerce poder sobre a comunidade, mas alguém que testemunha o Cristo que serve (cf. Lc 22,27).

[5-11] Após retomar alguns conselhos anteriores (humildade, sobriedade, prontidão), Pedro insiste que é necessário resistir ao mal (diabo). Este procura de todos os modos provocar o desânimo e desistência na fé. A solidariedade com outras comunidades que enfrentam as mesmas dificuldades torna-se apoio e estímulo à perseverança na fé.

[12-14] Na linguagem dos cristãos desse tempo, Babilônia indica a grande cidade de Roma, centro das religiões pagãs (cf. Ap 17).

Silvano ou Silas foi também companheiro de viagem de Paulo (cf. At 15,40-18,5). Marcos é provavelmente o autor do 2º Evangelho.

SEGUNDA CARTA DE SÃO PEDRO

PERSEVERAR NA ESPERANÇA

Introdução

Embora se apresente como sendo de Simão Pedro (1,1; 3,1), esta segunda carta é o último escrito do Novo Testamento, e foi provavelmente escrita no fim do séc. I ou mesmo em meados do séc. II. Seu autor imita o gênero literário do “testamento dos antepassados”, comum naquela época: pôr conselhos e advertências na boca dos patriarcas que estão próximos à morte.

Estamos no tempo em que a Igreja está passando da época primitiva para a chamada era pós-apostólica. Até aí o cristianismo fora vivido como novidade entusiasmante e esperava-se ardente e continuamente pela volta gloriosa de Jesus. Nesse momento, porém, o tempo do Jesus terrestre começava a perder-se no passado, e o futuro da parusia torna-se cada vez mais distante. A comunidade cristã vai aos poucos sofrendo influências de pensamentos e religiões diversas que ameaçam deturpar o mistério cristão e até mesmo a consciência moral das comunidades com uma série de ideias sem ligação com a vida.

A carta responde à situação, estimulando os desencorajados e denunciando com veemência as doutrinas estranhas à fé. Ao mesmo tempo que anuncia a catástrofe final do mundo, ensina também a paciência e a perseverança, o senso da vida sob o julgamento de Deus, o progresso na fé e na graça. Por outro lado, defende o essencial da fé e insiste na Palavra de Deus, referindo-se às cartas de Paulo como a um conjunto literário bem conhecido de toda a Igreja. Em poucas palavras, a carta é uma lição importante para o cristianismo, que deve aceitar ser fermento dentro de uma longa história, embora deva recusar um estabelecimento triunfal num momento da história.

SEGUNDA CARTA DE SÃO PEDRO

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3

SEGUNDA CARTA DE SÃO PEDRO

1 *Endereço e saudação* — ¹Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que receberam, pela justiça de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo, uma fé preciosa como a nossa. ²Que haja abundância de graça e paz, mediante o conhecimento de Deus e de Jesus Cristo nosso Senhor. [1,1-2]

Participantes da natureza divina — ³Com seu divino poder, Deus nos concedeu todas as condições necessárias para a vida e a piedade, através do conhecimento de Jesus que nos chamou por sua própria glória e virtude. ⁴Por meio delas é que ele nos deu os bens extraordinários e preciosos que tinham sido prometidos, e com esses vocês se tornassem participantes da natureza divina, depois de escaparem da corrupção que o egoísmo provoca neste mundo.

⁵Por isso, façam esforço para pôr mais virtude na fé, mais conhecimento na virtude, ⁶mais autodomínio no conhecimento, mais perseverança no autodomínio, mais piedade na perseverança, ⁷mais fraternidade na piedade e mais amor na fraternidade. ⁸De fato, se vocês tiverem essas virtudes em abundância, elas não permitirão que vocês se tornem inúteis ou infrutíferos no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. ⁹Mas aquele que não tem essas virtudes é cego e míope, pois se esqueceu da purificação de seus pecados antigos. ¹⁰Por isso mesmo, irmãos, procurem com mais cuidado firmar o chamado que escolheu vocês. Agindo desse modo, nunca tropeçarão. ¹¹De fato, é assim que será amplamente aberta para vocês a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. [3-11]

Testemunhas oculares — ¹²Por isso, procurarei sempre relembrar essas coisas para vocês, embora já as conheçam e estejam firmes na verdade que alcançaram. ¹³Considero meu dever mantê-los despertos com minhas admoestações, enquanto estiver nesta tenda, ¹⁴pois sei que em breve devo despojar-me dela, conforme Jesus Cristo me revelou. ¹⁵Portanto, vou fazer de tudo para que vocês se lembrem sempre delas depois de minha partida.

¹⁶De fato, não tiramos de fábulas complicadas o que lhes ensinamos sobre o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Pelo contrário, falamos porque fomos testemunhas oculares da majestade dele. ¹⁷Pois ele recebeu de Deus Pai a honra e a glória, quando uma voz vinda da sua Glória lhe disse: “Este é o meu

Filho amado: nele encontro o meu agrado.” ¹⁸Esta voz veio do céu, e nós próprios a ouvimos quando estávamos com ele no monte santo. [12-18]

Movidos pelo Espírito — ¹⁹Por isso, acreditamos com mais firmeza na palavra dos profetas. E vocês fazem bem considerando-a como luz que brilha em lugar escuro, até que raie o dia quando a estrela da manhã brilhar em seus corações.

²⁰Antes de mais nada, saibam disto: nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação particular, ²¹pois a profecia jamais veio por vontade humana. Pelo contrário, impelidos pelo Espírito Santo, os homens falaram como porta-vozes de Deus. [19-21]

2 Os falsos mestres — ¹Houve falsos profetas no povo de Israel, e entre vocês também irão aparecer falsos mestres que trarão heresias perniciosas; negarão o Senhor que os resgatou e atrairão sobre si repentina destruição. ²Muitos seguirão suas doutrinas dissolutas e, por causa deles, o caminho da verdade cairá em descrédito. ³Levados pelo amor ao dinheiro, procurarão, com palavras enganosas, fazer de vocês objeto de negócios. Mas o julgamento contra eles há muito já começou, e a sua destruição não vai tardar.

⁴De fato, Deus não poupou os anjos que haviam pecado, mas lançou-os nos tenebrosos abismos do inferno, onde estão guardados, à espera do dia do julgamento. ⁵Também não poupou o mundo antigo, mas salvou Noé, o mensageiro da justiça, junto com outras sete pessoas, enquanto fazia cair o dilúvio sobre o mundo dos ímpios. ⁶E também condenou à destruição as cidades de Sodoma e Gomorra, reduzindo-as a cinzas, como exemplo do que havia de acontecer aos ímpios. ⁷No entanto, salvou o justo Ló, que se entristecia diante do comportamento dissoluto daqueles perversos. ⁸Porque o justo Ló, que morava entre eles, sofria diariamente em seu coração com as obras iníquas que via e ouvia. ⁹Isso tudo mostra que o Senhor sabe libertar da prova aqueles que o servem, e reserva os ímpios para o castigo no dia do julgamento, ¹⁰principalmente aqueles que seguem a carne, entregando-se a paixões imundas, e que desprezam a autoridade do Senhor.

Atrevidos e auto-suficientes, esses homens não hesitam em blasfemar contra os seres gloriosos; ¹¹ao passo que os anjos, embora superiores em força e poder, não pronunciam contra eles nenhum julgamento blasfemo na presença do Senhor. ¹²Esses homens, porém, como animais irracionais destinados por natureza à prisão e à morte, insultam o que não conhecem e vão perecer com a

mesma morte, ¹³recebendo a injustiça como salário da sua injustiça. Eles sentem prazer em fazer orgias em pleno dia. Que nojo e que vergonha quando se banqueteam com vocês, divertindo-se com seus prazeres! ¹⁴Não podem ver mulher sem desejá-la e não se cansam de pecar. Seduzem as pessoas inseguras. Seu coração está treinado para a ambição. Eles são uns malditos! ¹⁵Deixaram o bom caminho e se desviaram, seguindo o caminho de Balaão, filho de Bosor, que se deixou levar por uma recompensa injusta, ¹⁶mas foi repreendido por sua maldade: uma besta muda, falando com voz humana, refreou a loucura do profeta.

¹⁷Esses homens são como fontes sem água e nuvens arrastadas por vento tempestuoso; para eles está reservada a escuridão das trevas. ¹⁸Com seus discursos pomposos e vazios, excitam as paixões e desejos impuros de seus ouvintes e conseguem seduzir aqueles que tinham acabado de se afastar dos que vivem no erro. ¹⁹Prometem a esses liberdade, mas eles próprios são escravos da corrupção, pois cada um é escravo daquele que o vence. ²⁰De fato, depois de escapar às imundícies do mundo mediante o conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo, se eles de novo são seduzidos e se deixam vencer por elas, seu último estado se torna pior do que o primeiro. ²¹Assim, melhor seria que não tivessem conhecido o caminho da justiça do que, depois de tê-lo conhecido, desviarem-se do santo mandamento que lhes fora confiado. ²²Aconteceu com eles o que diz o provérbio: “O cão volta ao seu próprio vômito”; e ainda: “A porca lavada torna a revolver-se na lama.” [2,1-22]

3 Deus espera a conversão — ¹Amados, esta já é a segunda carta que lhes escrevo. Nas duas procurei despertar com alguns conselhos o pensamento sadio de vocês, ²a fim de que lembrem as palavras dos santos profetas de outrora e o mandamento que o Senhor e Salvador confiou aos seus apóstolos.

³Em primeiro lugar, vocês devem saber que nos últimos dias aparecerão pessoas que zombarão de tudo e se comportarão ao sabor de seus próprios desejos. ⁴E dirão: “Não deu em nada a promessa de sua vinda? De fato, desde que os pais morreram, tudo continua como desde o princípio da criação!” ⁵No entanto, eles fingem não perceber que no começo existiam os céus e a terra, e que a terra foi tirada da água e firmada no meio da água pela Palavra de Deus. ⁶E pela mesma Palavra de Deus este mundo pereceu inundado pela água. ⁷Ora, os céus e a terra de agora estão reservados ao fogo pela mesma Palavra, aguardando o dia do julgamento e da destruição dos homens ímpios.

⁸Há, porém, uma coisa que vocês, amados, não deveriam esquecer: para o Senhor, um dia é como mil anos e mil anos são como um dia. ⁹O Senhor não demora para cumprir o que prometeu, como alguns pensam, achando que há demora; é que Deus tem paciência com vocês, porque não quer que ninguém se perca, mas que todos cheguem a se converter. ¹⁰O Dia do Senhor chegará como um ladrão, e então os céus se dissolverão com estrondo, os elementos se derreterão, devorados pelas chamas, e a terra desaparecerá com tudo o que nela se faz. [3,1-10]

Novos céus e nova terra [11-16] — ¹¹Em vista dessa desintegração universal, qual não deve ser a santidade de vida e piedade de vocês, ¹²enquanto esperam e apressam a vinda do Dia de Deus? Nesse dia, ardendo em chamas, os céus se dissolverão, e os elementos se fundirão consumidos pelo fogo. ¹³O que nós esperamos, conforme a promessa dele, são novos céus e nova terra, onde habitará a justiça.

Conclusão — ¹⁴Por isso, queridos irmãos, durante este tempo de espera, esforcem-se para que Deus os encontre sem mancha e sem culpa, vivendo em paz. ¹⁵Considerem que a paciência de Deus para conosco tem em vista a nossa salvação, conforme escreveu para vocês o nosso amado irmão Paulo, segundo a sabedoria que lhe foi dada. ¹⁶Em todas as suas cartas ele fala disso. É verdade que nelas há alguns pontos difíceis de entender, que os ignorantes e vacilantes distorcem, como fazem com as demais Escrituras, para a sua própria perdição. [15-16]

¹⁷Assim, queridos irmãos, avisados como estão, tomem cuidado para que esses ímpios não os enganem, arrastando-os para que vocês percam a firmeza e caiam. ¹⁸Cresçam na graça e no conhecimento de Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador. A ele pertence a glória, desde agora e até o dia da eternidade. Amém!

NOTAS

[1,1-2] A graça e a paz chegam até o cristão através do *conhecimento de Jesus Cristo*; este é um dos temas centrais da carta (1,2.3.8; 2,20; 3,18; cf. 1,16). Trata-se da fé em Jesus Cristo, tal como foi transmitida pelos apóstolos e que exige ao mesmo tempo comportamento coerente com ela. A insistência do autor sobre esse “conhecimento” se deve ao fato de que, na época, surgem doutrinas que deterioram o núcleo fundamental da fé cristã e que desligam da vida prática o

conhecimento religioso.

[3-11] Conhecer o testemunho de Jesus abre para a humanidade a possibilidade de conversão ou mudança radical: de um lado, a ruptura com as estruturas idolátricas da sociedade; de outro, o início de uma nova caminhada que leva de modo crescente à participação na própria natureza de Deus, princípio e fim da vocação humana (cf. Gn 1,26-27). Esse conhecimento fornece também os meios para a caminhada cristã, as oito virtudes enumeradas nos vv. 5-7, que têm como início a fé e como fim último o amor.

[12-18] Para falar sobre a vinda gloriosa de Jesus Cristo, os falsos mestres da época arquitetavam teorias complicadas e sem fundamento. Os apóstolos, ao contrário, transmitem fatos que viram com os próprios olhos. O v. 17 alude à transfiguração de Jesus (cf. Mt 17,5).

[19-21] Os profetas do Antigo Testamento, que anunciavam a glória do Messias, não se fundamentavam numa visão pessoal e subjetiva; o testemunho deles era expressão do que Deus queria comunicar aos homens através do Espírito. A Bíblia inteira é inspirada pelo Espírito Santo, o qual não ditou os livros ou fez revelação particular a seus autores. Estes apenas escreveram movidos pelo Espírito, e o fizeram com seu estilo próprio e conforme a cultura do seu tempo. Tinham consciência de expressar a fé genuína do seu povo, mas não necessariamente se davam conta de que estivessem obedecendo ao Espírito Santo.

[2,1-22] O autor apresenta um retrato dos falsos mestres, que se dizem cristãos, mas negam o valor salvífico dos atos de Jesus. Por amor ao dinheiro, eles falseiam os grandes princípios do Evangelho, manipulando a fé dos ouvintes; para eles, a salvação está no conhecimento ou “gnose”, que não tem ligação nenhuma com a vida prática. O autor os compara a Balaão, apresentado como modelo do profeta venal e corrupto: o que eles anunciam é uma falsa liberdade, escravidão e degeneração. A advertência dirigida a eles é severa. O autor quer, sobretudo, advertir os fiéis a se manterem firmes numa fé comprometida, a fim de serem preservados no dia do julgamento, como aconteceu com Noé e Ló.

[3,1-10] Duas gerações de cristãos haviam esperado a vinda iminente de Jesus, e isso os ajudava a serem mais comprometidos na própria fé. Diante da demora, os falsos mestres semeiam a dúvida, dizendo que tudo continua como antes. A isso o autor responde, mostrando que Deus não mede o tempo como nós; e, de outro lado, que o tempo se torna longo para ser como sinal de que Deus está dando a

todos oportunidade de conversão. Quanto ao fim do mundo, ninguém sabe quando acontecerá. É preciso vigiar, pois “esse dia chegará como um ladrão”.

[11-16] Assim como Deus espera pacientemente que os pecadores se convertam antes do julgamento final, do mesmo modo os que se convertem aceleram a vinda da plenitude do Reino. Não se fala propriamente de fim do mundo, mas de uma transformação em “novos céus e nova terra”: a humanidade renovada, onde se realizará nova ordem com justiça.

[15-16] A menção às cartas de Paulo mostra que, nessa época, elas já possuíam na Igreja a mesma autoridade que os outros livros considerados partes da Sagrada Escritura.

PRIMEIRA CARTA DE SÃO JOÃO

O DINAMISMO DA FÉ É O AMOR

Introdução

*O autor da primeira carta de João é o mesmo do quarto Evangelho, ou talvez um discípulo dele. Escrita provavelmente no fim do séc. I, era dirigida às comunidades cristãs da Ásia Menor, que passavam por séria crise, provocada por um grupo de dissidentes carismáticos. Estes propunham uma **doutrina gnóstica**, que afirmava que o homem se salva graças a um conhecimento religioso especial e pessoal. Eles negavam que Jesus era o Messias e se gloriavam de conhecer a Deus, de amá-lo e de estar em íntima união com ele; afirmavam-se iluminados, livres do pecado e da baixeza do mundo; não davam importância ao amor ao próximo e talvez até odiassem e hostilizassem a comunidade. O grupo fora rejeitado, mas algumas comunidades ficaram inseguras e confusas.*

A carta mostra que é vazio e sem valor qualquer espiritualismo que não se traduz em comportamento prático. Não é possível amar a Deus sem amar ao próximo e sem formar comunidade: se Deus é Pai, os homens são filhos e família de Deus, e conseqüentemente todos devem amar-se como irmãos. Deus manifestou o seu amor por meio de Jesus, que tornou possível o amor entre os homens. Daí o perigo de negar que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, que viveu e deu sua vida pelos homens. Por outro lado, somente pela fidelidade ao exemplo e mandamento de Jesus é que o homem tem vida plenamente humana.

O centro da carta é o amor, que traduz a fé em vida concreta. Amar ao próximo significa conhecer a Deus, viver na luz, estar unido a Deus e aos irmãos, não pertencer ao mundo e cumprir os mandamentos. Portanto, amar a Deus é praticar a justiça, é ser filho de Deus, obter o perdão dos pecados e libertar-se do medo.

PRIMEIRA CARTA DE SÃO JOÃO

CAPÍTULOS

1 - 2 - 3 - 4 - 5

PRIMEIRA CARTA DE SÃO JOÃO

Prólogo

1 *A comunhão que gera a vida* ¹Aquilo que existia desde o princípio, o que ouvimos,

o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos
e o que nossas mãos apalparam: — falamos da Palavra, que é a Vida.

²Porque a Vida se manifestou, nós a vimos, dela damos testemunho, e lhes anunciamos a Vida Eterna.

Ela estava voltada para o Pai e se manifestou a nós.

³Isso que vimos e ouvimos, nós agora o anunciamos a vocês, para que vocês estejam

em comunhão conosco.

E a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo.

⁴Essas coisas, escrevemos para vocês, a fim de que a nossa alegria seja completa. [\[1,1-4\]](#)

I. CAMINHAR NA LUZ

Deus é luz — ⁵Esta é a mensagem que dele ouvimos e que agora lhes anunciamos: Deus é luz e nele não há trevas. ⁶Se dizemos que estamos em comunhão com Deus e no entanto andamos em trevas, somos mentirosos e não pomos em prática a Verdade. ⁷Mas se caminhamos na luz, como Deus está na luz, estamos em comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, o Filho de Deus, nos purifica de todo pecado. [5-7]

Reconhecer-se pecador — ⁸Se dizemos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos, e a Verdade não está em nós. ⁹Se reconhecemos os nossos pecados, Deus, que é fiel e justo, perdoará nossos pecados e nos purificará de toda injustiça. ¹⁰Se dizemos que nunca pecamos, estaremos afirmando que Deus é mentiroso, e a sua palavra não estará em nós.

2¹Meus filhinhos, eu lhes escrevo tais coisas para que vocês não pequem. Entretanto, se alguém pecou, temos um advogado junto do Pai: Jesus Cristo, o justo. ²Ele é a vítima de expiação pelos nossos pecados; e não só os nossos, mas também os pecados do mundo inteiro. [1,8-2,2]

Fazer a vontade de Deus — ³Para sabermos se conhecemos a Deus, basta ver se cumprimos os seus mandamentos. ⁴Quem diz que conhece a Deus, mas não cumpre os seus mandamentos, é mentiroso, e a Verdade não está nele. ⁵Por outro lado, o amor de Deus se realiza de fato em quem observa a Palavra de Deus. É assim que reconhecemos que estamos com ele: ⁶quem diz que está com Deus deve comportar-se como Jesus se comportou.

⁷Caríssimos, não lhes comunico um mandamento novo, mas o mandamento antigo, esse mesmo que vocês receberam desde o princípio. O mandamento antigo é a palavra que vocês ouviram. ⁸E, no entanto, o mandamento que lhes comunico é novo — pois ele é verdadeiro em Jesus e em vocês — porque as trevas já estão se afastando, e a verdadeira luz já está brilhando. ⁹Quem afirma que está na luz, mas odeia o seu irmão, ainda está nas trevas. ¹⁰Quem ama o seu irmão permanece na luz, e nele não há ocasião de tropeço. ¹¹Ao contrário, quem odeia o seu irmão está nas trevas: caminha nas trevas e não sabe aonde vai, porque as trevas lhe cegaram os olhos. [2,3-11]

Escolher a Vida — ¹²Eu lhes escrevo, filhinhos, porque os pecados de vocês

foram perdoados pelo poder do nome de Jesus. ¹³Eu lhes escrevo, pais, porque vocês conhecem aquele que existia desde o princípio. Eu lhes escrevo, jovens, porque vocês venceram o Maligno. ¹⁴Eu lhes escrevi, filhinhos, porque vocês conheceram o Pai. Eu lhes escrevi, pais, porque vocês conhecem aquele que existia desde o princípio. Eu lhes escrevi, jovens, porque vocês são fortes, e a palavra de Deus permanece em vocês e vocês venceram o Maligno.

¹⁵Não amem o mundo e nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. ¹⁶Pois tudo o que há no mundo — os apetites baixos, os olhos insaciáveis, a arrogância do dinheiro — são coisas que não vêm do Pai, mas do mundo. ¹⁷E o mundo passa com seus desejos insaciáveis. Mas quem faz a vontade de Deus permanece para sempre. [12-17]

Cuidado com os anticristos — ¹⁸Filhinhos, já chegou a última hora. Vocês não ouviram dizer que o Anticristo devia chegar? Pois vejam quantos anticristos já vieram! Daí reconhecemos que a última hora já chegou. ¹⁹Esses anticristos saíram do meio de nós, mas não eram dos nossos. Se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco. Mas era preciso que ficasse claro que nem todos eram dos nossos.

²⁰Vocês, porém, receberam a unção que vem do Santo, de modo que todos vocês possuem a sabedoria. ²¹Eu lhes escrevi, não porque vocês ignoram a Verdade, mas porque a conhecem e sabem que da Verdade não saem mentiras. ²²Quem é o mentiroso? É quem nega que Jesus é o Messias. Esse tal é o Anticristo, aquele que nega o Pai e o Filho. ²³Todo aquele que nega o Filho, também nega o Pai. Quem reconhece o Filho, também reconhece o Pai. ²⁴Quanto a vocês, tudo o que ouviram desde o princípio permaneça em vocês. Se permanecer em vocês tudo aquilo que ouviram desde o princípio, vocês também permanecerão no Filho e no Pai. ²⁵Esta é a promessa que ele nos fez: a Vida eterna. ²⁶Escrevi isso a vocês, por causa daqueles que procuram desencaminhá-los. ²⁷Vocês receberam de Jesus a unção que permanece em vocês, e já não têm necessidade que alguém os ensine; pelo contrário, como a unção dele, que é verdadeira e não mentirosa, lhes ensina tudo aquilo que Jesus lhes tinha ensinado, permaneçam com ele.

²⁸Agora, portanto, filhinhos, permaneçam com Jesus; assim, quando ele se manifestar, nos sentiremos seguros, e não fracassados por estarmos longe dele no dia da sua Vinda. [18-28]

II. VIVER COMO FILHOS DE DEUS

Deus é justo — ²⁹Vocês sabem que Jesus é justo; reconheçam, pois, que todo aquele que pratica a justiça nasceu de Deus.

3¹Vejam que prova de amor o Pai nos deu: sermos chamados filhos de Deus. E nós de fato o somos! Se o mundo não nos reconhece, é porque também não reconheceu a Deus. ²Amados, desde agora já somos filhos de Deus, embora ainda não se tenha tornado claro o que vamos ser. Sabemos que quando Jesus se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque nós o veremos como ele é. [2,29-3,2]

Romper com o pecado — ³Todo aquele que deposita essa esperança em Jesus se purifica, para ser puro como Jesus é puro. ⁴Todo aquele que comete pecado, comete também violação da lei, porque o pecado é violação da lei. ⁵Mas vocês sabem que Jesus se manifestou para tirar os pecados, e que nele não existe pecado. ⁶Todo aquele que nele permanece, não peca. Todo aquele que peca, não o viu nem o conheceu.

⁷Filhinhos, que ninguém desencaminhe vocês. Quem pratica a justiça é justo, assim como Jesus é justo. ⁸Quem comete o pecado pertence ao Diabo, porque o Diabo é pecador desde o princípio. Foi para isto que o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do Diabo. ⁹Todo aquele que nasceu de Deus não comete pecado, porque leva dentro de si a semente de Deus: não pode pecar, porque nasceu de Deus. ¹⁰Desse modo, torna-se claro quais são os filhos de Deus e quais são os filhos do Diabo: todo aquele que não pratica a justiça, isto é, que não ama ao seu irmão, não é de Deus. [3,3-10]

Praticar o amor — ¹¹Porque esta é a mensagem que vocês ouviram desde o princípio: que nos amemos uns aos outros. ¹²Não como Caim: pertencendo ao Maligno, ele matou o seu próprio irmão. E por que o matou? Porque as obras de Caim eram más, e as do seu irmão eram justas.

¹³Não estranhem, irmãos, se o mundo odeia vocês. ¹⁴Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos aos irmãos. Quem não ama permanece na morte. ¹⁵Todo aquele que odeia o seu irmão é assassino, e vocês sabem que nenhum assassino tem dentro de si a vida eterna.

¹⁶Compreendemos o que é o amor, porque Jesus deu a sua vida por nós; portanto, nós também devemos dar a vida pelos irmãos. ¹⁷Se alguém possui os

bens deste mundo e, vendo o seu irmão em necessidade, fecha-lhe o coração, como pode o amor de Deus permanecer nele? ¹⁸Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com obras e de verdade. ¹⁹Desse modo saberemos que estamos do lado da verdade; e diante de Deus poderemos tranquilizar nossa consciência; ²⁰e isso, mesmo que a nossa consciência nos condene, porque Deus é maior do que a nossa consciência, e ele conhece todas as coisas.

²¹Amados, quando a consciência não nos condena, sentimos confiança para nos dirigirmos a Deus, ²²e recebemos tudo o que lhe pedimos, porque cumprimos os seus mandamentos e fazemos o que agrada a ele. ²³E o seu mandamento é este: que tenhamos fé no nome do seu Filho Jesus Cristo e nos amemos uns aos outros, conforme ele nos mandou. ²⁴Quem cumpre os mandamentos dele está com Deus, e Deus está com ele. Assim, graças ao Espírito que ele nos deu, reconhecemos que Deus está conosco. [11-24]

4 *Saber discernir* — ¹Amados, não deem crédito a todos os que se dizem inspirados; antes, examinem os espíritos, para saber se vêm de Deus, pois no mundo já apareceram muitos falsos profetas. ²Para saber se alguém é inspirado por Deus, sigam esta norma: fala da parte de Deus todo aquele que reconhece que Jesus Cristo se encarnou. ³Todo aquele que não reconhece a Jesus, não fala da parte de Deus. Esse tal é o espírito do Anticristo; vocês ouviram dizer que ele vinha, mas ele já está no mundo.

⁴Filhinhos, vocês são de Deus e já venceram os Anticristos, pois aquele que está com vocês é maior do que aquele que está com o mundo. ⁵Eles pertencem ao mundo; por isso falam a linguagem do mundo e o mundo os ouve. ⁶Nós, porém, somos de Deus. Por isso, quem conhece a Deus, nos ouve; e quem não é de Deus, não nos ouve. Com isso podemos distinguir o espírito da Verdade do espírito do erro. [4,1-6]

III. O AMOR E A FÉ

Deus é amor — ⁷Amados, amemo-nos uns aos outros, pois o amor vem de Deus. E todo aquele que ama, nasceu de Deus e conhece a Deus. ⁸Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. ⁹Nisto se tornou visível o amor de Deus entre nós: Deus enviou o seu Filho único a este mundo, para dar-nos a vida por meio dele. ¹⁰E o amor consiste no seguinte: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele que nos amou, e nos enviou o seu Filho como vítima expiatória por nossos pecados.

¹¹Amados, se Deus nos amou a tal ponto, também nós devemos amar-nos uns aos outros. ¹²Ninguém jamais viu Deus. Se nos amamos uns aos outros, Deus está conosco, e o seu amor se realiza completamente entre nós. ¹³Nisto reconhecemos que permanecemos com Deus, e ele conosco: ele nos deu o seu Espírito. ¹⁴E nós vimos e testemunhamos que o Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo. ¹⁵Quando alguém confessa que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece com ele, e ele com Deus. ¹⁶E nós reconhecemos o amor que Deus tem por nós e acreditamos nesse amor. Deus é amor: quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele.

¹⁷Nisto se realizou completamente o amor entre nós: o fato de termos plena confiança no dia do julgamento, porque tal como Jesus é, assim somos nós neste mundo. ¹⁸No amor não existe medo; pelo contrário, o amor perfeito lança fora o medo, porque o medo supõe castigo. Por conseguinte, quem sente medo ainda não está realizado no amor. ¹⁹Quanto a nós, amemos, porque ele nos amou primeiro. ²⁰Se alguém diz: “Eu amo a Deus”, e no entanto odeia o seu irmão, esse tal é mentiroso; pois quem não ama o seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a quem não vê. ²¹E este é justamente o mandamento que dele recebemos: quem ama a Deus, ame também o seu irmão. [7-21]

5 *A fé que vence o mundo* — ¹Quem acredita que Jesus é o Messias, nasceu de Deus; e quem ama aquele que gerou, ama também aquele que por este foi gerado. ²Nisto reconhecemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e cumprimos os seus mandamentos. ³Porque amar a Deus significa observar os seus mandamentos. E os seus mandamentos não são pesados, ⁴porque todo aquele que nasceu de Deus venceu o mundo. E esta é a vitória que venceu o mundo: a nossa fé. ⁵De fato, quem pode vencer o mundo, senão aquele

que acredita que Jesus é o Filho de Deus?

⁶Este é aquele que veio pela água e pelo sangue: Jesus Cristo. (Ele não veio apenas pela água, mas pela água e pelo sangue.) E é o Espírito quem dá testemunho, porque o Espírito é a Verdade. ⁷Portanto, são três que dão testemunho: ⁸o Espírito, a água e o sangue, e os três estão de acordo entre si. ⁹Se aceitamos o testemunho dos homens, com maior razão aceitamos o testemunho de Deus. E o testemunho de que falamos é de Deus: ele deixou um testemunho do seu Filho.

¹⁰Quem acredita no Filho de Deus, tem esse testemunho dentro de si mesmo. Quem não acredita em Deus, faz dele um mentiroso, porque não acredita no testemunho que ele deu em favor do seu Filho. ¹¹E o testemunho é este: Deus nos deu a Vida eterna, e esta Vida está em seu Filho. ¹²Quem tem o Filho, tem a Vida; quem não tem o Filho de Deus, não tem a Vida. [5,1-12]

O segredo da oração — ¹³Escrevo tudo isso para que vocês, que acreditam no nome do Filho de Deus, estejam certos de que têm Vida eterna. ¹⁴Ao nos dirigirmos a Deus, podemos ter esta confiança: quando pedimos alguma coisa conforme o seu projeto, ele nos ouve. ¹⁵E, se sabemos que ele nos ouve em tudo o que lhe pedimos, estamos certos de que já obtivemos o que lhe havíamos pedido.

¹⁶Se alguém vê o seu irmão cometer um pecado que não leva à morte, que ele reze, e Deus dará a vida a esse irmão. Isso quando o pecado cometido não leva para a morte. Existe um pecado que leva para a morte, mas não é a respeito desse que eu digo para se rezar. ¹⁷Toda injustiça é pecado, mas existe pecado que não leva para a morte. [13-17]

Cuidado com os ídolos — ¹⁸Nós sabemos que todo aquele que nasceu de Deus não peca; Jesus, que foi gerado por Deus, o guarda, e por isso o Maligno não o pode atingir. ¹⁹Nós sabemos que somos de Deus, ao passo que o mundo inteiro está sob o poder do Maligno. ²⁰Sabemos que o Filho de Deus veio e nos deu inteligência para conhecermos o Deus verdadeiro. E nós estamos com o Verdadeiro, graças a seu Filho Jesus Cristo. Este é o Deus verdadeiro e a Vida eterna.

²¹Filhinhos, cuidado com os ídolos... [18-21]

NOTAS

[1,1-4] Desde o início, João destaca o centro de toda a revelação de Deus: *a vida*. Do Pai para o Filho, do Filho para suas testemunhas, das testemunhas para os fiéis, ela se transmite e vai se ampliando como participação, comunhão e alegria. A revelação, portanto, não é uma ideia abstrata; é a manifestação de Deus no seio da história, comunicando a vida concreta, presente em Jesus Cristo. E a verdadeira Igreja é uma comunhão voltada para a vida; por isso, ela gera alegria e comprova a união íntima com o Pai e com o Filho.

[5-7] A luz de Deus é o seu amor pelos homens (cf. Jo 3,16). A Igreja está em comunhão com Deus quando a própria realidade do Deus revelado — seu amor pelos homens — se expressa na vida da Igreja como amor fraterno que gera comunhão (cf. Jo 13,34-35). Estar nas trevas é estar longe de Deus. Isso, na prática, significa estar afastado do irmão; em outras palavras, odiá-lo (2,11). O grande pecado é a incoerência de uma Igreja que pretendesse estar em comunhão com Deus, mas não gerasse a comunhão entre seus membros e grupos.

[1,8-2,2] A Igreja que não se reconhece pecadora vive em farisaísmo, e consequentemente faz de Deus um mentiroso, tornando-o cúmplice dos pecados dela. Com efeito, a revelação mostra que Deus perdoa o pecado. E mais: Cristo entregou a sua própria vida para que os homens sejam libertados da injustiça e tenham a vida. É confessando os próprios pecados que a Igreja declara ao mundo a inocência e a justiça do Deus vivo.

[2,3-11] O conhecimento de Deus se demonstra por uma prática concreta, isto é, quando a pessoa faz a vontade de Deus. Essa vontade foi revelada e concretizada em Jesus e consiste no mandamento novo, como é expresso em Jo 13,34-35. E é a prática do mandamento do amor que faz as pessoas e os grupos sociais saírem do próprio egoísmo e do isolamento, que geram a morte, para viverem as relações fraternas que geram a vida.

[12-17] João dá as linhas gerais que compõem o retrato do cristão: este foi perdoado (passou da morte para a vida); é alguém que conserva a memória da salvação mediante o anúncio do Evangelho; conhece o Pai e vive a fraternidade; e é alguém que tem força para vencer continuamente o mal personificado pelo diabo (Maligno).

Nos vv. 15-17 João caracteriza as duas ofertas de vida: a *vida que vem do mundo* (desejos desenfreados, ambição de possuir e auto-suficiência da riqueza) e a *vida que vem de Deus* e que é possuída pelo homem quando este põe em prática a vontade de Deus. A vida que o mundo oferece é falsa e, por isso, frágil e

passageira; a vida que Deus oferece é a sua própria vida e, por isso, preenche o desejo do homem e permanece para sempre. Cabe ao homem escolher definitivamente um desses tipos de vida.

[18-28] A revelação cristã mostra que a salvação é o dom da vida que o Pai concede aos homens através de Jesus. Anticristos são aqueles que rejeitam Jesus como Cristo, isto é, como Messias e Salvador; desse modo, rejeitam também o Pai e, portanto, a própria vida. Cristãos verdadeiros são aqueles que aceitam Jesus como Salvador, e assim recebem a vida que vem do Pai. Jesus tinha anunciado que no fim dos tempos (período que vai da ressurreição de Jesus até o final da história) apareceriam anticristos, que procurariam desviar os fiéis (cf. Mc 13,22). Os cristãos, porém, não devem temer, porque receberam a unção do Espírito que mantém sempre viva neles a memória de Jesus e ensina os cristãos a encarnar Jesus Cristo em qualquer tempo e lugar (cf. Jo 14,14-17). A comunidade cristã, portanto, é carismática: seus membros receberam o Espírito que lhes ensina tudo sobre Jesus, e por isso eles não precisam depender de mediadores externos.

[2,29-3,2] João começa novo tema: *Deus é justo*. Jesus Cristo manifestou inteiramente a Deus porque, através de sua vida, mostrou concretamente o que é a justiça divina. Do mesmo modo, quem pratica a justiça mostra que é filho do Deus justo, à semelhança de Jesus. Não basta ser batizado para ser filho de Deus: é preciso praticar a justiça. Essa realidade, porém, ainda está em crescimento, e só se realizará totalmente quando puderem contemplar toda a glória de Jesus Cristo. O mundo não reconhece o Deus justo, porque o princípio que rege a vida do mundo é a injustiça. Desse modo, o mundo considera como inimigos perigosos o Deus justo e seus filhos que revelam a justiça.

[3,3-10] *Praticar a justiça é amar o irmão*: esta é a vida na graça de quem conheceu a justiça de Deus — seu amor pelos homens — revelada em Jesus Cristo. Quem não ama o irmão pratica a injustiça, isto é, está do lado do Diabo e vive no pecado, que é odiar o irmão. Esse ódio, porém, não é apenas sentimento interior; é princípio de vida que rege todo pensamento e ação, e se manifesta através de preconceitos, separatismo, exploração e opressão. Com Jesus começou a era da justiça: o amor ao irmão leva à relação, à comunhão, à partilha e fraternidade.

[11-24] O dom do Espírito produz nas pessoas a contínua memória e compreensão sobre a pessoa de Jesus (cf. Jo 14,26). É o Espírito, portanto, que

gera a fé em Jesus e fé é compromisso que produz vida nova. Essa vida, porém, não se traduz apenas por um conhecimento intelectual, mas pela prática do mandamento do amor, que não significa apenas amar com sentimento e com afeto, mas através de ações concretas que promovam a vida e a liberdade dos irmãos. A prática do amor não tem limites, pois devemos amar como Jesus amou: assim como ele foi até o fim dando sua vida por nós, também nós devemos dar a vida pelos irmãos. O Evangelho não pede que sejamos perfeitos para depois amar; pede-nos, sim, que amemos concretamente, certos de que Deus é maior do que a nossa consciência e compreende e perdoa todas as nossas imperfeições.

[4,1-6] Os cristãos deparam continuamente com religiões, projetos políticos, propostas sociais, sistemas de pensamento, e todos eles se apresentam como salvadores. Como discernir o que vem de Deus e o que é tapeação que vem do mundo? Como distinguir a verdade do erro? João nos mostra que o critério está no projeto que Deus manifestou através de Jesus encarnado: ele realizou uma prática que promovia a vida e a liberdade dos homens. Todo projeto (religião, pensamento, sistema ou proposta) que não coincida com a prática de Jesus não vem de Deus.

[7-21] O centro da vida é a prática do amor. Esse amor testemunha concreta e visivelmente o conhecimento e a união que temos com Deus, com seu Filho e com o Espírito. De fato, Deus Pai torna-se conhecido pelos homens no ato de dar, por amor, o seu Filho ao mundo (Jo 3,16). O Filho é conhecido pela entrega de si mesmo, no amor, até o fim (Jo 13,1). O Espírito gera a memória do Pai e do Filho nos cristãos, isto é, a própria vida no amor. A fé na Trindade é a teoria de uma prática que se expressa no amor concreto aos irmãos, a quem Deus ama. A incoerência fundamental seria afirmar uma fé na Trindade que não correspondesse à prática do amor. João deixa claro que o julgamento de Deus será feito sobre a prática do amor vivida ou não (cf. Mt 25,31-46). Por isso, quem ama não teme o julgamento.

[5,1-12] Todos nós buscamos a plenitude da vida; mas, onde ela se encontra? A Bíblia nos responde: Deus é vida plena e, graças ao seu amor por nós, ele deu sua própria vida através de seu Filho encarnado. Os homens têm acesso à vida através da fé. E é a fé que acolhe o dom que Deus realiza em Jesus. É esta fé que faz experimentar desde já a vida eterna. Mas, o que é a fé? É o compromisso com o testemunho que Jesus deu desde o batismo (água) até a sua morte (sangue). E quem desperta esse compromisso é o Espírito, que nos faz recordar,

compreender e viver esse testemunho de Jesus, que dissipa todo egoísmo, mentira e morte (vence o mundo).

[13-17] Por que às vezes rezamos, e Deus não nos responde? João nos mostra que a oração não é meio para satisfazer nossos caprichos egoístas, e sim meio de nos colocarmos dentro do projeto de Deus e pedirmos a realização da sua vontade amorosa, que gera vida e liberdade. Por isso, o pedido fundamental para nós e para os outros é sempre: “Venha a nós o teu Reino”.

Os cristãos pecam porque continuam sujeitos à fraqueza humana. O “pecado que leva à morte” é a rejeição do projeto que Deus realizou através de Jesus Cristo, pois fora desse projeto o homem caminha para a morte.

[18-21] Após um resumo da carta, João recomenda que os cristãos tenham cuidado com os ídolos. Para ele, ídolos são as pessoas, coisas, estruturas e projetos que produzem escravidão e morte e se apresentam como absolutos, pretendendo substituir o projeto de vida e liberdade que Deus realizou em Jesus Cristo.

SEGUNDA CARTA DE SÃO JOÃO

VIVER NA VERDADE

Introdução

Esta carta se dirige a uma comunidade personificada como “Senhora eleita”, repetindo frases da primeira carta de João. Trata-se de comunidade exposta à ameaça de perder o próprio coração da fé e da vida cristã. Alguns pregadores “avançados” negam que o homem Jesus seja o Messias enviado por Deus e deixam de lado o mandamento do amor mútuo, rompendo conseqüentemente sua relação com Deus. Em poucas palavras, pregam um conhecimento elevado que não necessita da fé em Jesus nem do seu evangelho de amor. O Ancião é radical: proíbe que a comunidade mantenha qualquer relacionamento com esses impostores. Trata-se sem dúvida de pessoas que pertencem ao grupo combatido pela primeira carta de João.

O remetente assina “Ancião” (= presbítero) e os destinatários se encontram na Ásia Menor. O autor e a época são os mesmos da primeira carta de João.

SEGUNDA CARTA DE SÃO JOÃO

Endereço e saudação — ¹O Ancião à Senhora eleita e a seus filhos, a quem amo sinceramente — não apenas eu, mas todos os que conheceram a Verdade — ²por causa da verdade que permanece em nós e estará conosco para sempre. ³Conosco estarão a graça, a misericórdia e a paz da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo, o Filho do Pai, na verdade e no amor.

O centro da vida cristã — ⁴Fiquei muito alegre por ter encontrado alguns filhos seus que vivem na verdade, segundo o mandamento que recebemos do Pai. ⁵E agora eu lhe peço, Senhora, não como se estivesse escrevendo para você um novo mandamento, mas o mesmo que temos desde o princípio: amemo-nos uns aos outros. ⁶O amor consiste nisto: em viver conforme os mandamentos dele. E o primeiro mandamento, como aprenderam desde o princípio, é que vocês vivam no amor.

Os anticristos — ⁷Porque muitos sedutores, que não reconhecem Jesus como Messias encarnado, espalharam-se pelo mundo. Eles são o Sedutor, o Anticristo. ⁸Tomem cuidado, para não perderem o fruto dos nossos trabalhos; mas, ao contrário, para receberem plena recompensa. ⁹Todo aquele que avança e não permanece no ensinamento de Cristo não possui a Deus. Aquele que permanece no ensinamento é o que possui o Pai e o Filho. ¹⁰Se alguém chega até vocês, sem ser o portador deste ensinamento, não o recebam na casa de vocês, nem o cumprimentem. ¹¹Aquele que o cumprimentar estará participando de suas obras más.

Saudações finais — ¹²Eu teria ainda muitas coisas para lhes escrever, mas não quis fazê-lo com papel e tinta. Contudo, espero ir visitá-los e falar com vocês de viva voz, para que a nossa alegria seja completa. ¹³Os filhos de sua irmã Eleita a saúdam.

TERCEIRA CARTA DE SÃO JOÃO

COOPERADORES DA VERDADE

Introdução

Esta é uma carta de encorajamento, que apresenta situação e pessoas bem concretas. O “Ancião” é certamente responsável por um grupo de comunidades, e está encontrando a oposição de Diótrefes, o dirigente de uma igreja local, a quem acusa de ser dominador e de ter uma língua ferina. O Ancião enviou alguns missionários que se hospedaram na casa de Gaio, mas Diótrefes não permitiu que eles tivessem acesso à comunidade local; agora torna a enviá-los e pede a ajuda de Gaio. Demétrio, portador da carta, talvez seja um desses missionários. Note-se que a crítica ao dirigente Diótrefes não é a respeito de uma doutrina errada, mas de um espírito autoritário, que toma decisões sem consultar a comunidade.

TERCEIRA CARTA DE SÃO JOÃO

Endereço e saudação —¹O Ancião ao caríssimo Gaio, a quem amo sinceramente. ²Caro amigo: desejo que você prospere em tudo e que a saúde do seu corpo esteja tão bem quanto a de sua alma.

Viver na verdade — ³Fiquei muito contente com a chegada dos irmãos e com o testemunho que deram a respeito da sua verdade, isto é, do modo como você vive na verdade. [1-3] ⁴Para mim, não há maior alegria do que saber que meus filhos vivem na verdade.

⁵Caríssimo, você procede fielmente em tudo o que faz com seus irmãos, ainda que estrangeiros. ⁶Diante da Igreja reunida, eles testemunharam o amor que você tem. E você fará bem provendo-os do necessário para a viagem, de modo digno de Deus. [4-6] ⁷É pelo Nome que eles se puseram a caminho, sem nada receber dos pagãos. ⁸Devemos, portanto, acolher a esses homens, para que sejamos cooperadores da Verdade.

Não imitar o mal — ⁹Escrevi algumas palavras à igreja. Mas Diótrefes, que ambiciona dominar, não nos aceita. ¹⁰Por isso, quando eu for aí, não deixarei de reprovar o modo com que ele age, pois nos difama com palavras mal-intencionadas. Não contente com isso, ele se recusa a receber os irmãos e impede aqueles que desejariam fazê-lo, expulsando-os da Igreja. ¹¹Caríssimo, não imite o mal, mas o bem. Quem faz o bem, é de Deus. Quem faz o mal, não viu a Deus. [7-11]

Elogio de Demétrio — ¹²Quanto a Demétrio, todos dão testemunho dele, inclusive a própria Verdade. Nós também testemunhamos em favor dele, e você sabe que o nosso testemunho é verdadeiro.

Saudações finais — ¹³Teria muitas coisas a escrever para você, mas não quero fazê-lo com tinta e pena. ¹⁴Espero vê-lo em breve, e então conversaremos pessoalmente. ¹⁵Que a paz esteja com você. Os amigos mandam saudações. Saúde nossos amigos um por um.

NOTAS

[1-3] A Verdade é a revelação de Deus em Jesus Cristo.

[4-6] 4-6: O centro da vida cristã é a prática do amor, tal como é apresentado pelo mandamento evangélico (cf. Jo 13,34-35; 1Jo 2,7-11).

[7-11] O nome Anticristo é usado aqui para designar aqueles que negam o projeto de Deus em Jesus Cristo e pretendem “avançar” no caminho da espiritualidade.

CARTA DE SÃO JUDAS

NÃO DESANIME NA FÉ

Introdução

Esta pequena carta atribuída a Judas, irmão de Tiago e parente de Jesus, provavelmente foi escrita no fim do séc. I. Seja quem for o autor, ele conhece bem a literatura judaica do seu tempo, os textos chamados apócrifos, que ele cita, e dos quais está muito próximo pelo estilo.

É um discurso violento, mas, ao mesmo tempo, estranho e surpreendente; muitos particulares aí acenados são desconhecidos totalmente por nós. Entretanto, o cerne de sua preocupação é bastante claro: a necessidade de defender o essencial da fé com unhas e dentes e de denunciar com coragem as aberrações de um misticismo imoral. Parece que o autor ataca alguns grupos que pretendiam possuir uma forma particular de conhecimento. Estes provocavam a desunião da comunidade, até mesmo nas reuniões. A essas pessoas que se consideravam “espirituais”, e que chegavam a negar que Jesus Cristo é o Senhor, o autor os acusa de estarem dominados por seus interesses e instintos e não pelo Espírito.

Essa violenta intervenção deve ter tido certo êxito, pois é retomada na segunda carta de Pedro, embora com alguns retoques. Não devemos ficar admirados com a sua violência, que não tem medo de usar formas injuriosas. Trata-se, frequentemente, de fórmulas fixas na literatura religiosa da época. Mais digna de nota é a preocupação profunda da carta: não permitir que o mistério cristão se enfraqueça.

Nessa acusação contra os que pervertem a fé em Cristo e a fé cristã, o autor cita os ímpios mais famosos da Bíblia: o povo revoltado no deserto (Nm 14,26-35), os misteriosos seres celestes de Gn 6,1-3, Sodoma e Gomorra (Gn 19,1-29), Caim (Gn 4,1-24), Coré (Nm 16,1-35).

CARTA DE SÃO JUDAS

Endereço e saudação — ¹Judas, servo de Jesus Cristo, irmão de Tiago, aos eleitos que são amados por Deus Pai e guardados por Jesus Cristo. ²Que a misericórdia, a paz e o amor sejam concedidos em abundância a vocês. [1-2]

Conservar fé autêntica — ³Amados, tendo um grande desejo de escrever-lhes a respeito da nossa salvação comum, fui obrigado a fazê-lo, a fim de encorajá-los a lutar pela fé que foi transmitida aos fiéis uma vez por todas. ⁴De fato, infiltraram-se no meio de vocês alguns indivíduos que, desde há muito, estão inscritos para o julgamento. Eles são uns ímpios, que convertem a graça de nosso Deus em pretexto para a libertinagem e negam Jesus Cristo, o nosso único soberano e Senhor. [3-4]

Os falsos mestres — ⁵A vocês, que já conhecem definitivamente todas essas coisas, quero lembrar-lhes que o Senhor, depois de ter salvo o povo da terra do Egito, destruiu em seguida aqueles que não queriam acreditar. ⁶Quero lembrar-lhes também que os anjos que não conservaram a sua dignidade, mas abandonaram a própria moradia, o Senhor os mantém presos eternamente nas trevas, para o julgamento do grande Dia. ⁷De igual modo, Sodoma e Gomorra e as cidades vizinhas, que igualmente se entregaram à libertinagem e correram atrás de vícios contra a natureza; elas servem de exemplo, sofrendo as penas de um fogo eterno. ⁸O mesmo acontece com esses indivíduos: levados por seus devaneios, contaminam o próprio corpo, desprezando o senhorio de Cristo e insultando os seres gloriosos. ⁹Na luta com o diabo para disputar o corpo de Moisés, o arcanjo Miguel não teve a ousadia de acusá-lo com palavras ofensivas; apenas disse: “Que o Senhor castigue você!” ¹⁰Esses indivíduos, porém, dizem blasfêmias contra tudo o que eles não conhecem; e o que conhecem instintivamente, à maneira de animais, é que os conduz à ruína.

¹¹Ai deles, porque enveredaram pela estrada de Caim; por causa do lucro se entregaram às aberrações de Balaão e foram destruídos na rebelião de Coré. ¹²São eles que participam descaradamente das refeições fraternas de vocês, apascentando a si mesmos com irreverência. Eles são como nuvens sem água, levadas pelo vento, ou como árvores no fim do outono que não dão fruto, duas vezes mortas e arrancadas pela raiz. ¹³São como as ondas bravias do mar,

espumando a própria indecência. São como astros errantes, para os quais está reservada a escuridão das trevas eternas.

¹⁴Também Henoc, o sétimo depois de Adão, profetizou sobre esses indivíduos, quando disse: “Eis que o Senhor veio com seus exércitos de anjos ¹⁵para fazer o julgamento universal e convencer todos os ímpios de todas as suas impiedades criminosas e de todas as palavras insolentes que os pecadores ímpios proferiram contra ele.” ¹⁶São uns murmuradores que renegam a própria sorte e agem de acordo com suas próprias paixões; sua boca profere palavras orgulhosas e bajulam as pessoas por motivos interesseiros. [5-16]

Apelo aos fiéis — ¹⁷Vocês, porém, amados, lembrem-se das coisas que foram ditas anteriormente pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo. ¹⁸Eles diziam a vocês: “No fim dos tempos aparecerão impostores que se comportarão conforme as suas paixões.” ¹⁹São esses indivíduos! Eles causam divisões, são materiais e não possuem o Espírito. [17-19]

Um programa de vida — ²⁰Vocês, porém, amados, construam sobre o alicerce da santíssima fé que vocês têm; rezem movidos pelo Espírito Santo; ²¹mantenham-se no amor de Deus, esperando que a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo lhes dê a vida eterna. ²²Procurem convencer os vacilantes: ²³salvem a uns, arrancando-os do fogo; tenham compaixão de outros, mas com temor. Detestem até a roupa contaminada pelos instintos egoístas dos ímpios. [20-23]

Hino de louvor — ²⁴Para aquele que pode preservar vocês de qualquer falta e pode fazer que vocês compareçam sem defeitos e na alegria diante da glória dele, ²⁵ao Deus único, nosso Salvador, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, seja dada a glória e a majestade, a força e o poder, antes de todos os tempos, agora e para sempre. Amém! [24-25]

NOTAS

[1-2] Os destinatários da carta são apresentados através de uma definição do que seja o verdadeiro cristão: é alguém *chamado* a fazer parte do novo povo de Deus; *amado* permanentemente por Deus Pai; *guardado* por Jesus Cristo, que o preserva do mal e o mantém na sua vocação.

[3-4] A motivação imediata da carta é alertar as comunidades contra certos

indivíduos, que nelas se infiltraram para divulgar ideias erradas e conquistar seguidores. Eles procuram transformar a liberdade cristã em libertinagem e o amor em licenciosidade. Provavelmente se trata de gnósticos, para quem o homem é salvo pelo conhecimento e não pelo comportamento moral.

[5-16] Cf. nota em 2Pd 2.

[17-19] Os cristãos não devem ficar espantados com a aparição de pessoas que procuram enganar. A catequese dos apóstolos já havia anunciado isso (cf. At 20,29-30).

[20-23] Numa recomendação final, o autor relembra os pontos fundamentais de um programa da vida cristã: fé, oração, amor, auxílio mútuo, confiança na misericórdia de Jesus Cristo e distância daqueles que procuram perverter os outros.

[24-25] Em vez das saudações finais, o autor termina com um hino de louvor a Deus, reconhecendo sua majestade, força e poder.

APOCALIPSE DE SÃO JOÃO

A CORAGEM DO TESTEMUNHO

Introdução

*Apocalipse quer dizer **revelação** (1,1). Este livro, portanto, é uma mensagem reveladora. O autor procura revelar o mistério (10,7) do que está acontecendo e do que vai acontecer: Deus vai agir na história, julgando e destruindo o mal, para implantar definitivamente o seu Reino entre os homens (11,15).*

O Apocalipse é de compreensão difícil, porque o autor faz largo uso de imagens, símbolos, figuras e números misteriosos. Isso pode ser facilmente entendido, quando vemos que o livro nasce dentro de uma situação difícil: o povo de Deus está sendo oprimido, perseguido e vigiado pelas estruturas de poder. Em tais circunstâncias não se pode falar claro principalmente porque o autor pretende mostrar a situação real e traçar uma estratégia de resistência e ação. As comunidades a que ele se dirige entendem essa linguagem, pois estão familiarizadas com o Antigo Testamento, onde o autor vai buscar os símbolos.

Dois grandes motivos levaram o autor a dirigir sua mensagem às comunidades cristãs (igrejas) da Ásia Menor:

1. O sincretismo religioso. *As conquistas de Alexandre Magno e, mais tarde, a dominação romana, unificaram numerosas nações, misturando culturas, costumes e religiões. Para o cristianismo nascente, isso podia significar o desvirtuamento interno, a perda da identidade, a desagregação das comunidades e, conseqüentemente, a ausência de testemunho corajoso contra a idolatria, principalmente a idolatria de um poder político absoluto e tirânico.*

2. A dominação romana e a religião imperial. *No tempo do imperador Nero (54-68 d.C.), os cristãos foram perseguidos pela primeira vez, mas só em Roma, e não por causa da fé. Era tempo de decadência, e a autoridade do imperador estava seriamente abalada. Para reafirmar-se, o imperador Vespasiano (69-79 d.C.) criou a religião imperial, isto é, o culto aos imperadores mortos, além de atribuir a si mesmo títulos divinos, como “salvador”, “benfeitor”, “senhor”. Domiciano (81-96 d.C.) foi imperador tirano e, para manter o império unido, impôs essa religião imperial a todos os povos dominados, exigindo inclusive o culto ao imperador vivo. Quem recusasse tal culto era considerado inimigo, e por isso perseguido e morto.*

João queria advertir os cristãos quanto aos perigos internos e externos e

fortalecer as comunidades para os momentos difíceis que iriam passar por causa da fé. Era necessário que as comunidades se convertessem, voltando à opção original pelo seguimento e testemunho de Jesus. Desse modo, elas estariam preparadas para testemunhar corajosamente a fé, resistindo às perseguições e desenvolvendo ação libertadora, que manifestasse ao mesmo tempo decidida crítica à situação de opressão e firme esperança de uma sociedade nova.

O livro de João é alimento para a fé e fortalecimento para a esperança do povo oprimido. Para esse povo, a salvação não consiste simplesmente em melhorar a situação, mas em transformá-la radicalmente, fazendo nascer um novo mundo de justiça, fraternidade e partilha, isto é, o julgamento definitivo do mundo presente e a vinda do Reino de Deus. João mostra, porém, que esse julgamento e Reino se realizam através do seguimento e testemunho de Jesus.

APOCALIPSE DE SÃO JOÃO

CAPÍTULOS

**1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11 - 12 - 13 - 14 - 15 -
16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21 - 22**

APOCALIPSE DE SÃO JOÃO

Prólogo

1 *O tempo está próximo* — ¹Esta é a revelação de Jesus Cristo: Deus a concedeu a Jesus, para ele mostrar aos seus servos as coisas que devem acontecer muito em breve. Deus enviou ao seu servo João o Anjo, que lhe mostrou estas coisas através de sinais. ²João testemunha que tudo quanto viu é Palavra de Deus e Testemunho de Jesus Cristo. ³Feliz aquele que lê e aqueles que escutam as palavras desta profecia, se praticarem o que nela está escrito. Pois o tempo está próximo. [1,1-3]

Jesus é o centro da fé cristã — ⁴João às sete igrejas que estão na região da Ásia. Desejo a vocês a graça e a paz da parte daquele-que-é, que-era e que-vem; da parte dos sete Espíritos que estão diante do trono de Deus; ⁵e da parte de Jesus Cristo, a Testemunha fiel, o Primeiro a ressuscitar dos mortos, o Chefe dos reis da terra.

A Jesus, que nos ama e nos libertou de nossos pecados por meio do seu sangue, ⁶e que fez de nós um reino, sacerdotes para Deus, seu Pai — a Jesus, a glória e o poder para sempre. Amém.

⁷Ele vem com as nuvens, e o mundo todo o verá, até mesmo aqueles que o transpassaram.

E todos os povos do mundo baterão no peito por causa dele.

É isso mesmo! Assim seja!

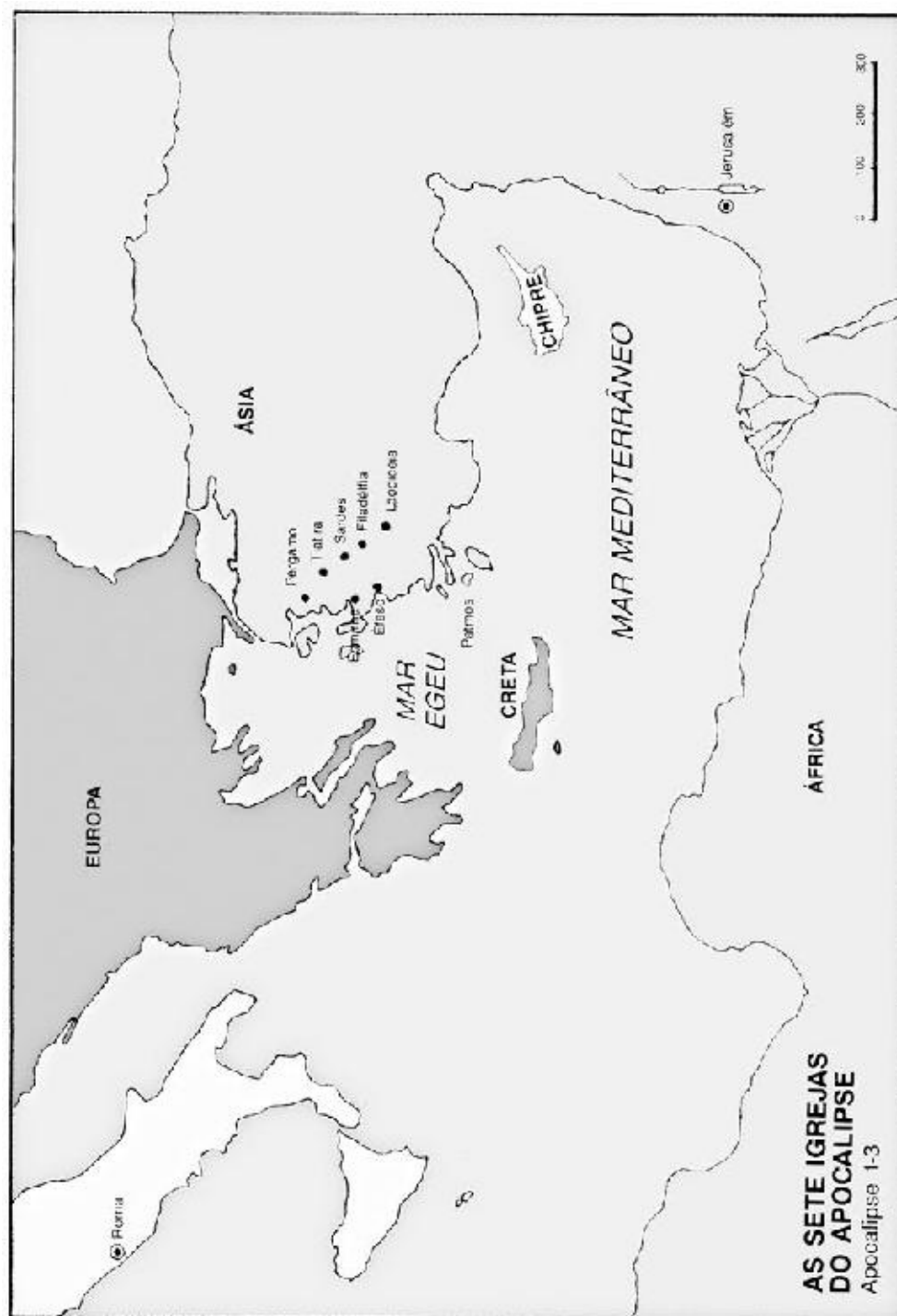
⁸Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, Aquele-que-é, que-era e que-vem, o Deus Todo-poderoso. [4-8]

Jesus está vivo e presente — ⁹Eu, João, irmão e companheiro de vocês neste tempo de tribulação, na realeza e na perseverança em Jesus, eu estava exilado na ilha de Patmos, por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus. ¹⁰No dia do Senhor, o Espírito tomou conta de mim. E atrás de mim ouvi uma voz forte como trombeta, que dizia: ¹¹“Escreva num livro tudo o que você está vendo. Depois mande para as sete igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia.” [9-11]

¹²Virei-me para ver a voz que me falava. E vi sete candelabros de ouro. ¹³No

meio dos candelabros estava alguém: parecia um filho de Homem, vestido de longa túnica; no peito, um cinto de ouro; ¹⁴cabelos brancos como lã, como neve; os olhos pareciam uma chama de fogo; ¹⁵os pés eram como bronze no forno, cor de brasa; a voz era como o estrondo de águas torrenciais; ¹⁶na mão direita ele tinha sete estrelas; de sua boca saía uma espada afiada, de dois cortes; seu rosto era como o sol brilhante do meio-dia. [12-16]

¹⁷Quando o vi, caí como morto a seus pés. Ele colocou a mão direita sobre mim e me encorajou: “Não tenha medo. Eu sou o Primeiro e o Último. ¹⁸Sou o Vivente. Estive morto, mas estou vivo para sempre. Tenho as chaves da morte e da morada dos mortos. ¹⁹Escreva o que você viu: tanto as coisas presentes como as que devem acontecer depois delas. ²⁰Quer saber o mistério das sete estrelas que você viu na minha mão direita? E dos sete candelabros de ouro? As sete estrelas são os Anjos das sete igrejas; e os sete candelabros são as sete igrejas.” [17-20]



I. AS COISAS PRESENTES: CONVERSÃO DA IGREJA [2-3]

2 *Éfeso* — ¹“Escreva ao Anjo da igreja de Éfeso. Assim diz aquele que tem na mão direita as sete estrelas, aquele que está andando no meio dos sete candelabros de ouro: ²Conheço a conduta de você, seu esforço e sua perseverança. Sei que você não suporta os maus. Apareceram alguns dizendo que eram apóstolos. Você os provou e descobriu que não eram. Eram mentirosos. ³Você é perseverante. Sofreu por causa do meu nome, e não desanimou. ⁴Mas há uma coisa que eu reprovo: você abandonou seu primeiro amor. ⁵Preste atenção: repare onde você caiu, converta-se e retome o caminho de antes. Caso contrário, se não se converter, eu chego e arranco da posição em que está o candelabro que você tem. ⁶Ainda uma coisa boa você tem: detesta a conduta dos nicolaítas. Também eu detesto. ⁷Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao vencedor eu darei como prêmio comer da árvore da vida que está no paraíso de Deus.” [2,1-7]

Esmirna — ⁸“Escreva ao Anjo da igreja de Esmirna. Assim diz o Primeiro e o Último, aquele que esteve morto, mas voltou à vida: ⁹Conheço sua tribulação e sua pobreza. Mas você é rico. Alguns que se dizem judeus andaram blasfemando. Mas eles de fato não são judeus. Eles formam, sim, uma sinagoga de Satanás. ¹⁰Não tenha medo do sofrimento que vai chegar. O diabo vai levar alguns de vocês para a cadeia. Será para vocês uma provação. Mas a tribulação não vai durar mais que dez dias. Seja fiel até à morte. Eu lhe darei em prêmio a coroa da vida. ¹¹Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. O vencedor ficará livre da segunda morte.” [8-11]

Pérgamo — ¹²“Escreva ao Anjo da igreja de Pérgamo. Assim diz aquele que tem a espada afiada, de dois cortes: ¹³Conheço o lugar onde você mora: é aí onde fica o trono de Satanás. Mas você mantém firme o meu nome. Você não renegou a fé, nem mesmo no tempo de Antipas. Ele era minha testemunha fiel, e foi morto no meio de vocês, aí onde mora Satanás. ¹⁴Mas você tem umas coisas que eu reprovo: muita gente por aí segue a doutrina de Balaão, aquele que ensinava Balac a colocar pedra de tropeço no caminho do povo de Israel. Ele queria que os filhos de Israel comessem da carne oferecida aos ídolos. Queria que se prostituíssem. ¹⁵Muita gente por aí também vai atrás da doutrina dos

nicolaítas. ¹⁶Vamos! Converta-se! Caso contrário, logo, eu venho combater vocês com a espada da minha boca. ¹⁷Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao vencedor darei um prêmio: o maná escondido. Darei também uma pedrinha branca a cada um. Nela está escrito um nome novo, que ninguém conhece; só quem recebeu.” [12-17]

Tiatira — ¹⁸“Escreva ao Anjo da igreja de Tiatira. Assim diz o Filho de Deus, que tem os olhos como chamas de fogo e os pés como bronze: ¹⁹Conheço sua conduta: o amor, a fé, a dedicação, a perseverança e as suas obras mais recentes, ainda mais numerosas que as primeiras. ²⁰Mas há uma coisa que eu reprovó: você nem sequer se incomoda com Jezabel, essa mulher que se diz profetisa. Ela ensina e seduz meus servos a se prostituírem, comendo carne oferecida aos ídolos. ²¹Já dei um prazo para ela se converter. Mas ela não quer largar a sua prostituição. ²²Vou lançá-la num leito de doença, e os que cometem adultério com ela vou lançá-los numa grande tribulação, a menos que se convertam de sua conduta. ²³Farei também morrer os filhos dela, para que as igrejas fiquem sabendo quem eu sou: conheço bem dentro de cada um, os rins e o coração; vou retribuir de acordo com a conduta de cada um. ²⁴Sei que muitos de vocês em Tiatira não seguem essa doutrina, não conhecem as ‘profundezas de Satanás’, como dizem eles. Sobre vocês eu não coloco outro peso. ²⁵Mas fiquem firmes naquilo que já têm, até que eu venha. ²⁶Ao vencedor, ao que praticar a minha conduta até o fim, eu lhe darei autoridade sobre as nações; ²⁷o vencedor governará com cetro de ferro, podendo quebrar as nações como vasos de barro. ²⁸Pois também eu recebi do Pai esse poder. Vou dar ao vencedor também a Estrela da manhã. ²⁹Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.” [18-29]

3 Sardes — ¹“Escreva ao Anjo da igreja de Sardes. Assim diz aquele que tem os sete Espíritos de Deus e as sete estrelas: Conheço sua conduta: você tem fama de estar vivo, mas está morto. ²Preste muita atenção para não deixar morrer o resto que ainda está vivo, pois acho que sua conduta não é perfeita diante do meu Deus. ³Lembre-se de como você recebeu e ouviu. Pratique e se converta! Se você não vigiar, eu venho como ladrão. E você vai se surpreender, porque não sabe a hora. ⁴Sei que aí em Sardes existem algumas pessoas que não sujaram a roupa. Estas vão andar comigo, vestidas de branco, pois são pessoas dignas. ⁵O vencedor vestirá roupa branca. E o nome dele não será apagado do

livro da vida. Faço questão de dizer o nome dele diante de meu Pai e dos seus anjos. ⁶Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.” [3,1-6]

Filadélfia — ⁷“Escreva ao Anjo da igreja de Filadélfia. Assim diz o Santo, o Verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, aquele que abre e ninguém fecha, aquele que fecha e ninguém mais abre: ⁸Conheço sua conduta; coloquei à sua frente uma porta aberta, que ninguém mais poderá fechar. Pois você tem pouca força, mas guardou minha palavra e não renegou meu nome. ⁹Sei que existem por aí alguns que se dizem judeus; são mentirosos, da sinagoga de Satanás. Vou entregá-los a você. Eles vão ter que ajoelhar aos seus pés e reconhecer que eu amo você. ¹⁰Uma vez que você guardou a minha ordem para perseverar, eu também guardarei você da hora da tentação. Essa hora virá sobre o mundo inteiro, para pôr à prova os habitantes da terra. ¹¹Eu venho logo! Segure firme o que você tem, para ninguém tomar a sua coroa. ¹²Farei do vencedor uma coluna no templo do meu Deus; e aí ficará firme para sempre. Gravarei nele o nome do meu Deus; gravarei o nome da Cidade do meu Deus: ‘A Nova Jerusalém, que desce do céu, de junto do meu Deus’. Gravarei no vencedor o meu novo nome. ¹³Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.” [7-13]

Laodiceia — ¹⁴“Escreva ao Anjo da igreja de Laodiceia. Assim diz o Amém, a Testemunha fiel e verdadeira, o Princípio da criação de Deus: ¹⁵Conheço sua conduta: você não é frio nem quente. Quem dera que fosse frio ou quente! ¹⁶Porque é morno, nem frio nem quente, estou para vomitar você da minha boca. ¹⁷Você diz: ‘Sou rico! E agora que sou rico, não preciso de mais nada’. Pois então escute: Você é infeliz, miserável, pobre, cego e nu. E nem sabe disso. ¹⁸Quer um conselho? Quer mesmo ficar rico? Então compre o meu ouro, ouro puro, derretido no fogo. Quer se vestir bem? Compre minhas roupas brancas, para cobrir a vergonha da sua nudez. Está querendo enxergar? Pois eu tenho o colírio para seus olhos. ¹⁹Quanto a mim, repreendo e educo todos aqueles que amo. Portanto, seja fervoroso e mude de vida! ²⁰Já estou chegando e batendo à porta. Quem ouvir minha voz e abrir a porta, eu entro em sua casa e janto com ele, e ele comigo. ²¹Ao vencedor darei um prêmio: vai sentar-se comigo no meu trono, como também eu venci, e estou sentado com meu Pai no trono dele. ²²Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.” [14-22]

II. AS COISAS FUTURAS: HISTÓRIA, JULGAMENTO E REINO

1. O Senhor da história

4 *Deus governa a história* — ¹Depois de escrever as cartas às igrejas, eu, João, tive uma visão. Havia uma porta aberta no céu, e a primeira voz, que eu tinha ouvido falar-me como trombeta, disse: “Suba até aqui, para que eu lhe mostre as coisas que devem acontecer depois dessas.” [4,1] ²Imediatamente o Espírito tomou conta de mim. Havia no céu um trono e, no trono, alguém sentado. ³Aquele que estava sentado parecia uma pedra de jaspe e cornalina; um arco-íris envolvia o trono com reflexos de esmeralda. ⁴Ao redor desse trono havia outros vinte e quatro; e neles vinte e quatro Anciãos estavam sentados, todos eles vestidos de branco e com uma coroa de ouro na cabeça. [2-4] ⁵Do trono saíam relâmpagos, vozes e trovões. Diante do trono estavam acesas sete lâmpadas de fogo, que são os sete Espíritos de Deus. ⁶Na frente do trono havia como que um mar de vidro, como cristal. No meio do trono e ao redor estavam quatro Seres vivos, cheios de olhos pela frente e por detrás. [5-6] ⁷O primeiro Ser vivo parece um leão; o segundo parece um touro; o terceiro tem rosto de homem; o quarto parece uma águia em pleno voo. ⁸Cada um dos quatro Seres vivos tem seis asas e são cheios de olhos ao redor e por dentro. Dia e noite sem parar, eles proclamam: [6-8]

“Santo! Santo! Santo!

Senhor Deus Todo-poderoso!

Aquele-que-é, que-era e que-vem!”

⁹Os Seres vivos dão glória, honra e ação de graças ao que está sentado no trono, e que vive para sempre. ¹⁰E a cada vez que os Seres vivos fazem isso, os vinte e quatro Anciãos se ajoelham diante daquele que está sentado no trono, para adorar aquele que vive para sempre. Cada Ancião tira a coroa da cabeça e a coloca diante do trono de Deus. E todos eles proclamam: ¹¹“Senhor, nosso Deus, tu és digno de receber a glória, a honra e o poder.

Porque tu criaste todas as coisas.

Pela tua vontade elas começaram a existir e foram criadas.” [8-11]

5 *Jesus ressuscitado revela e realiza o projeto de Deus* — ¹Vi depois um livro na mão direita daquele que estava sentado no trono. Era um livro escrito por dentro e por fora, e estava lacrado com sete selos. ²Vi então um Anjo forte que proclamava em alta voz: “Quem é capaz de romper os selos e abrir o livro?” ³Ninguém, nem no céu, nem na terra, nem no mundo dos mortos, era capaz de abrir o livro ou de ler o que nele estava escrito. ⁴Eu chorava muito, porque ninguém foi considerado capaz de abrir ou de ler o livro. [5,1-4] ⁵Um dos Anciãos me consolou: “Pare de chorar! O Leão da tribo de Judá, o Rebento de Davi venceu! Ele é capaz de romper os selos e abrir o livro.” [5-7]

⁶De fato, vi um Cordeiro. Estava entre o trono com os quatro Seres vivos e os Anciãos. Estava de pé, como que imolado. O Cordeiro tinha sete chifres e sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados por toda a terra. ⁷Então o Cordeiro veio receber o livro da mão direita daquele que está sentado no trono. ⁸Quando ele recebeu o livro, os quatro Seres vivos e os vinte e quatro Anciãos ajoelharam-se diante do Cordeiro. Cada um tinha uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos. ⁹E entoaram um canto novo: “Tu és digno de receber o livro e abrir seus selos, porque foste imolado, e com teu sangue adquiriste para Deus homens de toda tribo, língua, povo e nação.

¹⁰Deles fizeste para o nosso Deus um reino de sacerdotes. E eles reinarão sobre a terra.”

¹¹Em minha visão, ouvi ainda o clamor de uma multidão de anjos em volta do trono, dos Seres vivos e dos Anciãos. Eram milhões de milhões e milhares de milhares, ¹²que proclamavam em alta voz: “O Cordeiro imolado é digno de receber o poder, a riqueza, a sabedoria, a força, a honra, a glória e o louvor.”

¹³Nessa hora, todas as criaturas do céu, da terra, de debaixo da terra, e do mar, todos os seres vivos proclamaram: “O louvor, a honra, a glória e o poder pertencem àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro pelos séculos dos séculos.”

¹⁴Os quatro Seres vivos diziam: “Amém!” E os Anciãos se ajoelharam e adoraram. [8-14]

2. O projeto de Deus na história [6-7]

6 *A história do homem* — ¹Vi quando o Cordeiro abriu o primeiro dos sete selos. E ouvi o primeiro dos quatro Seres vivos falar como estrondo de trovão: “Venha!” ²Vi então quando apareceu um cavalo branco. O cavaleiro tinha um arco, e deram para ele uma coroa. Ele partiu, vitorioso e para vencer ainda mais.

³Vi quando o Cordeiro abriu o segundo selo. E ouvi o segundo Ser vivo dizer: “Venha!” ⁴Apareceu então outro cavalo, vermelho. Seu cavaleiro recebeu poder para tirar da terra a paz, a fim de os homens se matarem uns aos outros. E entregaram para ele uma grande espada.

⁵Vi quando o Cordeiro abriu o terceiro selo. E ouvi o terceiro Ser vivo dizer: “Venha!” Apareceu então um cavalo preto. O cavaleiro tinha na mão uma balança. ⁶Ouvi uma voz que vinha do meio dos quatro Seres vivos, e dizia: “Um quilo de trigo por um dia de trabalho! Três quilos de cevada por um dia de trabalho! Não danifiquem o óleo e o vinho.”

⁷Vi quando o Cordeiro abriu o quarto selo. E ouvi o quarto Ser vivo dizer: “Venha!” ⁸Vi aparecer um cavalo esverdeado. Seu cavaleiro era a Morte. E vinha acompanhado com o mundo dos mortos. Deram para ele poder sobre a quarta parte da terra, para que matasse pela espada, pela fome, pela peste e pelas feras da terra. [6,1-8]

Os mártires pedem justiça — ⁹Quando o Cordeiro abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as vidas daqueles que tinham sido imolados por causa da Palavra de Deus e por causa do testemunho que dela tinham dado. ¹⁰Eles gritaram em alta voz:

“Senhor santo e verdadeiro,
até quando tardarás em fazer justiça,
vingando o nosso sangue
contra os habitantes da terra?”

¹¹Então foi dada a cada um deles uma veste branca. Também foi dito a eles que descansassem mais um pouco de tempo, até que ficasse completo o número de seus companheiros e irmãos, que iriam ser mortos como eles. [9-11]

Deus realiza o julgamento — ¹²Vi quando o Cordeiro abriu o sexto selo. Houve, então, um grande terremoto. O sol ficou preto como saco de carvão. A lua inteira, cor de sangue. ¹³As estrelas do céu despencaram sobre a terra, como

pé de figo soltando figos verdes quando bate vento forte. ¹⁴O céu se enrolou, feito folha de pergaminho. As montanhas todas e as ilhas foram arrancadas do lugar. ¹⁵Os reis da terra, os magnatas, os capitães, os ricos e os poderosos, todos, escravos e homens livres, esconderam-se nas cavernas e rochedos das montanhas, ¹⁶clamando aos montes e pedras: “Desmoronem por cima de nós e nos escondam da Face daquele que está no trono, e da ira do Cordeiro. ¹⁷Pois chegou o grande Dia da sua ira. E quem poderá ficar de pé?” [12-17]

7 Deus realiza a salvação — ¹Depois disso vi quatro Anjos, um em cada canto da terra. Eles seguravam os quatro ventos da terra. Assim, o vento não podia soprar na terra, nem no mar, nem nas árvores. ²Vi também outro Anjo que vinha do Oriente, trazendo o selo do Deus vivo. Ele gritou em alta voz aos quatro Anjos, que tinham sido encarregados de fazer mal à terra e ao mar: ³“Não prejudiquem a terra, nem o mar, nem as árvores! Primeiro vamos marcar a fronte dos servos do nosso Deus.” ⁴Ouvi então o número dos que receberam a marca: cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos do povo de Israel. ⁵Foram marcados doze mil da tribo de Judá; doze mil da tribo de Rúben; doze mil da tribo de Gad; ⁶doze mil da tribo de Aser; doze mil da tribo de Neftali; doze mil da tribo de Manassés; ⁷doze mil da tribo de Simeão; doze mil da tribo de Levi; doze mil da tribo de Issacar; ⁸doze mil da tribo de Zabulon; doze mil da tribo de José; doze mil da tribo de Benjamim.

⁹Depois disso eu vi uma grande multidão, que ninguém podia contar: gente de todas as nações, tribos, povos e línguas. Estavam todos de pé diante do trono e diante do Cordeiro. Vestiam vestes brancas e traziam palmas na mão. [7,1-9]

¹⁰Em alta voz, a multidão proclamava:

“A salvação pertence ao nosso Deus,
que está sentado no trono,
e ao Cordeiro.”

¹¹Nessa hora, todos os Anjos que estavam ao redor do trono, dos Anciãos e dos quatro Seres vivos, ajoelharam-se diante do trono para adorar a Deus. ¹²E diziam:

“Amém! O louvor, a glória, a sabedoria,
a ação de graças, a honra,
o poder e a força
pertencem ao nosso Deus,

para sempre. Amém!” [9-12]

¹³Um dos Anciãos tomou a palavra e me perguntou: “Você sabe quem são e de onde vieram esses que estão vestidos com roupas brancas?” ¹⁴Eu respondi: “Não sei não, senhor! O senhor é quem sabe!” Ele então me explicou: “São os que vêm chegando da grande tribulação. Eles lavaram e alvejaram suas roupas no sangue do Cordeiro. ¹⁵É por isso que ficam diante do trono de Deus, servindo a ele dia e noite em seu Templo. Aquele que está sentado no trono estenderá sua tenda sobre eles. ¹⁶Nunca mais terão fome, nem sede; nunca mais serão queimados pelo sol, nem pelo calor ardente. ¹⁷Pois o Cordeiro que está no meio do trono será o pastor deles; vai conduzi-los até às fontes de água da vida. E Deus lhes enxugará toda lágrima dos olhos.” [13-17]

3. O julgamento, a missão do povo de Deus e o Reino

[8,1-11,19]

8 *Deus atende ao pedido dos mártires* — ¹Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo, houve no céu um silêncio de meia hora...

²Vi então os sete Anjos que estão diante de Deus. Eles receberam sete trombetas. ³E outro Anjo se colocou perto do altar: tinha nas mãos um turíbulo de ouro. Ele recebeu uma grande quantidade de incenso para ser oferecido, juntamente com as orações de todos os santos, sobre o altar de ouro, que está diante do trono. ⁴Da mão do Anjo subia até Deus a fumaça do incenso com as orações dos santos. ⁵Depois, o Anjo pegou o turíbulo e o encheu com o fogo do altar; e atirou o turíbulo sobre a terra. Houve então trovões, clamores, relâmpagos e grande terremoto. ⁶E os sete Anjos com as sete trombetas se prepararam para tocar. [8,1-6]

O julgamento é universal — ⁷O primeiro Anjo tocou. Caiu então sobre a terra uma chuva de pedra e fogo, misturados com sangue. A terça parte da terra se queimou. A terça parte das árvores se queimou. O que existia de verde se queimou. ⁸O segundo Anjo tocou. Foi jogada no mar uma coisa parecida com uma grande montanha em brasa. A terça parte do mar virou sangue. ⁹A terça parte das criaturas do mar morreu. A terça parte dos navios foi destruída. ¹⁰O terceiro Anjo tocou. Caiu do céu uma grande estrela, ardendo como tocha acesa. Caiu sobre a terça parte dos rios e sobre as fontes. ¹¹O nome dessa estrela é “Amargura.” A terça parte da água ficou amarga. Muita gente morreu por causa da água, porque ficou amarga. ¹²O quarto Anjo tocou. Atingiu um terço do sol, um terço da lua e um terço das estrelas, de modo que ofuscou a terça parte deles. O dia perdeu a terça parte da claridade. E a noite também.

¹³Nessa hora vi e ouvi uma Águia voando no meio do céu e gritando em alta voz: “Ai! Ai! Ai dos habitantes da terra! Ainda faltam três toques de trombeta. E os Anjos estão prontos para tocar.” [7-13]

9 *O julgamento destrói o mal* — ¹O quinto Anjo tocou. Vi então uma estrela que tinha caído do céu sobre a terra. Ela recebeu a chave do poço do Abismo. ²E abriu o poço do Abismo. E daí subiu uma fumaça como fumaça de uma grande fornalha. O sol e o ar escureceram de tanta fumaça do poço. ³Da fumaça saíram gafanhotos voando sobre a terra. Tinham poder de matar como

escorpiões. ⁴Eles receberam ordem de não estragar a vegetação da terra, nem o verde, nem as árvores. Só podiam ferir os homens que não tivessem na fronte a marca de Deus. ⁵Os gafanhotos não tinham permissão de matar. Mas podiam atormentar os homens durante cinco meses, com dores fortes, como picadas de escorpião. ⁶Naqueles dias, os homens vão correr em busca da morte, mas não saberão onde ela está. Vão querer a morte, mas a morte fugirá deles.

⁷Os gafanhotos pareciam como bando de cavalos preparados para a guerra; parecia que tinham na cabeça coroas de ouro, e o rosto deles parecia rosto de gente. ⁸Tinham cabelos compridos como de mulheres, e dentes de leão. ⁹Tinham couraças que pareciam de ferro, e o barulho de suas asas parecia o barulho de carros com muitos cavalos, correndo para a batalha. ¹⁰Tinham ferrão na cauda, como escorpião. E era na cauda que estava o poder de atormentar os homens durante cinco meses. ¹¹O rei deles era o Anjo do Abismo. O nome desse Anjo é Abadôn, na língua hebraica; em grego é Apoliôn.

¹²O primeiro Ai passou. Mas depois dessas coisas ainda vêm outros dois Ais. [\[9,1-12\]](#)

O julgamento é apelo à conversão — ¹³O sexto Anjo tocou. Ouvi então uma voz que vinha dos quatro chifres do altar de ouro, que estava colocado diante de Deus. ¹⁴A voz dizia ao sexto Anjo, que estava com a trombeta: “Liberte os quatro Anjos que estão presos no grande rio Eufrates.” ¹⁵E os quatro Anjos que estavam prontos para a hora, o dia, o mês e o ano foram então libertados para matar a terça parte dos homens. ¹⁶O número dos cavaleiros do exército dos quatro Anjos era de duzentos milhões. Ouvi bem o número. ¹⁷Na minha visão, os cavalos e cavaleiros eram assim: vestiam couraça cor de fogo, jacinto e enxofre. A cabeça dos cavalos parecia de leão, e da sua boca saía fogo, fumaça e enxofre. ¹⁸A terça parte dos homens morreu por causa destas pragas: o fogo, a fumaça e o enxofre que saíam da boca dos cavalos. ¹⁹De fato, o poder desses cavalos está na boca e na cauda. Suas caudas parecem cobras: têm cabeças com as quais causam dano.

²⁰Os outros homens que não foram mortos por essas pragas, nem mesmo assim renunciaram às obras de suas mãos. Não deixaram de adorar os demônios, os ídolos de ouro, prata, bronze, pedra e madeira, que não podem ver, nem ouvir, nem andar. ²¹Também não se converteram de seus homicídios, magias, fornicações e roubos. [\[13-21\]](#)

10 *A missão do povo de Deus é profetizar* — ¹Depois disso, vi outro Anjo. Era forte e vinha descendo do céu. Sua roupa era uma nuvem, e sobre a sua cabeça estava o arco-íris. O rosto era como sol; as pernas pareciam colunas de fogo. ²Ele segurava na mão um livrinho aberto. Colocou o pé direito no mar e o esquerdo na terra, ³e soltou um forte grito como leão quando ruge. Quando ele gritou, os sete trovões ribombaram. [10,1-3] ⁴E quando os sete trovões fizeram esse ribombo, eu estava pronto para escrever. Mas ouvi uma voz do céu que me dizia: “Guarde em segredo o que os sete trovões falaram. Não escreva nada.” ⁵Então o Anjo forte, que estava de pé sobre o mar e a terra, levantou a mão direita para o céu. ⁶E jurou por Aquele que vive para sempre, que criou o céu e tudo o que nele existe, a terra e tudo o que nela existe, o mar e tudo o que nele existe: “Não há mais tempo. ⁷Quando o sétimo Anjo tocar a trombeta, então vai realizar-se o mistério de Deus, conforme ele anunciou aos seus servos, os profetas!”

⁸Aquela mesma voz do céu, que eu já tinha ouvido, tornou a falar comigo: “Vá. Pegue o livrinho aberto da mão do Anjo que está de pé sobre o mar e sobre a terra.” ⁹Eu fui, e pedi ao Anjo que me entregasse o livrinho. Ele falou comigo: “Pegue e coma. Será amargo no estômago, mas na boca será doce como mel.” ¹⁰Peguei da mão do Anjo o livrinho e o comi. Na boca era doce como mel, mas quando o engoli, meu estômago virou puro amargor. [4-10] ¹¹Então me disseram: “Você tem ainda que profetizar contra muitos povos, nações, línguas e reis.” [11]

11 *O que é profetizar?* — ¹Depois disso, deram-me um bastão parecido com vara, e me disseram: “Levante-se e tire as medidas do Templo de Deus, do altar e dos que estão lá em adoração. ²Deixe de lado o pátio externo do Templo; não precisa medi-lo; pois o pátio foi entregue ao poder das nações; elas vão pisar a Cidade Santa durante quarenta e dois meses. [11,1-2] ³Mas eu vou permitir que minhas duas testemunhas possam profetizar, vestidas de pano de saco, durante mil, duzentos e sessenta dias.”

⁴Essas duas testemunhas são as duas oliveiras e os dois candelabros que estão diante do Senhor da terra. ⁵Se alguém quiser prejudicá-las, um fogo sairá de sua boca e devorará seus inimigos. Sim, se alguém quiser prejudicá-las, é assim que vai morrer. ⁶Elas têm o poder de fechar o céu, para que não caia nenhuma chuva enquanto durar sua missão profética. Elas têm também o poder de transformar as águas em sangue. E quantas vezes elas quiserem, podem ferir a terra com todo

tipo de praga. [3-6] ⁷Quando elas terminarem o seu testemunho, a Besta que sobe do Abismo vai combater contra elas, vai vencê-las e matá-las. ⁸E os cadáveres das duas testemunhas vão ficar expostos na praça da Grande Cidade. Esta cidade se chama simbolicamente Sodoma e Egito, onde foi crucificado também o Senhor delas. ⁹Gente de todos os povos, raças, línguas e nações veem seus cadáveres durante três dias e meio. E não deixam que os corpos sejam sepultados. ¹⁰Os habitantes da terra fazem festa pela morte das testemunhas, ficam alegres e trocam presentes, porque estes dois profetas haviam incomodado os habitantes da terra. [7-10]

¹¹Depois dos três dias e meio, um sopro de vida veio de Deus e penetrou nos dois profetas. E eles ficaram de pé. Todos aqueles que os contemplavam ficaram com muito medo. ¹²Ouvi então uma voz forte vinda do céu e chamando os dois: “Subam para cá!” Eles subiram ao céu na nuvem, enquanto os inimigos ficaram aí olhando. ¹³Na mesma hora aconteceu um grande terremoto. A décima parte da cidade desmoronou, e sete mil pessoas morreram no desastre. Os sobreviventes ficaram apavorados e deram glória ao Deus do céu.

¹⁴Isso que se passou foi o segundo Ai. E o terceiro já vem chegando bem depressa. [11-14]

A vinda do Reino de Deus — ¹⁵O sétimo Anjo tocou a trombeta. E vozes bem fortes começaram a gritar no céu:

“A realeza do mundo
passou agora para Nosso Senhor
e para o seu Cristo.
E Cristo vai reinar para sempre.”

¹⁶Os vinte e quatro Anciãos que estão sentados em seus tronos diante de Deus ajoelharam-se e adoraram a Deus. Eles diziam:

¹⁷“Nós te damos graças,
Senhor Deus Todo-poderoso,
Aquele-que-é e Aquele-que-era.
Porque assumiste o teu grande poder
e passaste a reinar.

¹⁸As nações tinham se enfurecido,
mas chegou a tua ira
e o tempo de julgar os mortos,

de dar recompensa aos teus servos,
os profetas,
aos santos e aos que temem o teu nome,
pequenos e grandes,
e o tempo de destruir os que destroem
a terra.”

¹⁹Abriu-se então o Templo de Deus que está no céu, e apareceu no Templo a arca da aliança. Houve relâmpagos, vozes, trovões, terremotos e uma grande tempestade de pedra. [\[15-19\]](#)

4. Confronto entre o Reino de Deus e o reino do mal

[12,1-16,20]

12 *Jesus Messias vence o mal* — ¹Apareceu no céu um grande sinal: uma Mulher vestida com o sol, tendo a lua debaixo dos pés, e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas. ²Estava grávida e gritava, entre as dores do parto, atormentada para dar à luz. **[12,1-2]** ³Apareceu, então, outro sinal no céu: um grande Dragão, cor de fogo. Tinha sete cabeças e dez chifres. Sobre as cabeças sete diademas. ⁴Com a cauda ele varria a terça parte das estrelas do céu, jogando-as sobre a terra. O Dragão colocou-se diante da Mulher que estava para dar à luz, pronto para lhe devorar o Filho, logo que ele nascesse. **[3-4]** ⁵Nasceu o Filho da Mulher. Era menino homem. Nasceu para governar todas as nações com cetro de ferro. Mas o Filho foi levado para junto de Deus e de seu trono. ⁶A Mulher fugiu para o deserto. Deus lhe tinha preparado aí um lugar onde fosse alimentada por mil, duzentos e sessenta dias. **[5-6]**

⁷Aconteceu então uma batalha no céu: Miguel e seus Anjos guerrearam contra o Dragão. ⁸O Dragão batalhou juntamente com os seus Anjos, mas foi derrotado, e no céu não houve mais lugar para eles. ⁹Esse grande Dragão é a antiga Serpente, é o chamado Diabo ou Satanás. É aquele que seduz todos os habitantes da terra. O Dragão foi expulso para a terra, e os Anjos do Dragão foram expulsos com ele. ¹⁰Ouvi, então, uma voz forte no céu, proclamando:

“Agora realizou-se a salvação,
o poder e a realeza do nosso Deus
e a autoridade do seu Cristo.
Porque foi expulso o acusador
dos nossos irmãos,
aquele que os acusava dia
e noite diante do nosso Deus.

¹¹Eles, porém, venceram o Dragão
pelo sangue do Cordeiro
e pela palavra do testemunho que deram,
pois diante da morte desprezaram
a própria vida.

¹²Por isso, faça festa, ó céu.
Alegrem-se os que aí vivem.

Mas ai da terra e do mar,
porque o Diabo desceu para o meio
de vocês.
Ele está cheio de grande furor,
sabendo que lhe resta pouco tempo.” [7-12]

¹³Quando viu que tinha sido expulso para a terra, o Dragão começou a perseguir a Mulher, aquela que tinha dado à luz um menino homem. ¹⁴Mas a Mulher recebeu as duas asas da grande águia, e voou para o deserto, para um lugar bem longe da Serpente. Aí, a Mulher é alimentada por um tempo, dois tempos e meio tempo. ¹⁵A Serpente não desistiu: vomitou um rio de água atrás da Mulher, para que ela se afogasse. ¹⁶Mas a terra socorreu a Mulher: abriu a boca e engoliu o rio que o Dragão tinha vomitado. ¹⁷Cheio de raiva por causa da Mulher, o Dragão começou então a atacar o resto dos filhos dela, os que obedecem aos mandamentos de Deus e mantêm o testemunho de Jesus.

¹⁸Depois o Dragão ficou em pé na praia do mar. [13-18]

13 *O poder político absolutizado é o Anticristo* [13,1-18] — ¹Vi, então, uma Besta que subia do mar. Tinha dez chifres e sete cabeças. Em cima dos chifres havia dez diademas, e nomes blasfemos sobre as cabeças. ²A Besta que eu vi parecia uma pantera. Os pés eram de urso, e a boca era de leão. O Dragão entregou para a Besta o seu poder, o seu trono e uma grande autoridade. ³Uma das cabeças da Besta parecia ferida de morte, mas a ferida mortal foi curada. A terra inteira se encheu de admiração e seguiu a Besta, ⁴e adorou o Dragão por ter entregue a autoridade à Besta. E adoraram também a Besta, dizendo: “Quem é como a Besta? E quem pode lutar contra ela?” [1-4] ⁵A Besta recebeu uma boca para dizer insolências e blasfêmias. Recebeu também poder para agir durante quarenta e dois meses. ⁶Então a Besta abriu a boca em blasfêmias contra Deus, blasfemando contra seu Nome e sua morada santa e contra os que moram no céu. ⁷Foi permitido a ela guerrear contra os santos e vencer. Recebeu autoridade sobre toda tribo, povo, língua e nação. ⁸Então todos os habitantes da terra adoraram a Besta. Mas o nome deles não está escrito desde a criação do mundo no livro da vida do Cordeiro imolado. [5-8]

Os cristãos devem estar atentos

⁹Se alguém tem ouvidos, ouça:

¹⁰Se alguém está destinado à prisão,

irá para a prisão.

Se alguém deve morrer pela espada,
é pela espada que deve morrer.

Aqui se fundamenta a perseverança e a fé dos santos. [9-10]

A ideologia a serviço do poder — ¹¹Depois disso, vi outra Besta sair da terra. Tinha dois chifres como cordeiro, mas falava como dragão. ¹²Esta segunda Besta exerce toda a autoridade na presença da primeira Besta. Ela faz com que a terra e seus habitantes adorem a primeira Besta, cuja ferida mortal tinha sido curada. [11-12] ¹³A segunda Besta opera grandes maravilhas: faz cair fogo do céu sobre a terra, à vista dos homens. ¹⁴Por causa do poder de fazer essas maravilhas, sempre na presença da primeira Besta, a segunda Besta acaba seduzindo os habitantes da terra. Ela seduz a humanidade a fazer uma imagem em honra da Besta que tinha sido ferida pela espada, mas que voltou à vida. ¹⁵Foi-lhe permitido até mesmo infundir espírito na imagem da primeira Besta, de modo que esta pudesse falar e fazer com que morressem todos os que não adorassem a imagem da primeira Besta. ¹⁶A segunda Besta faz também com que todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, recebam uma marca na mão direita ou na fronte. ¹⁷E ninguém pode comprar nem vender se não tiver a marca, o nome da Besta ou o número do seu nome. [13-17] ¹⁸Aqui é preciso entender: quem é esperto, calcule o número da Besta; é um número de homem; o número é seiscentos e sessenta e seis. [18]

14 ***O povo do Cordeiro*** [14,1-20] — ¹Depois disso, tive esta visão: o Cordeiro estava de pé sobre o monte Sião. Com ele, os cento e quarenta e quatro mil que traziam a fronte marcada com o nome dele e o nome do seu Pai. ²Ouvi uma voz que vinha do céu; parecia o barulho de águas torrenciais e o estrondo de um forte trovão. O barulho que ouvi era como o som de músicos tocando harpa. ³Estavam diante do trono, dos quatro Seres vivos e dos Anciãos e cantavam um cântico novo. Era um cântico que ninguém podia aprender; só os cento e quarenta e quatro mil marcados que foram resgatados da terra. ⁴São os que não se contaminaram com mulheres; são virgens. Eles seguem o Cordeiro aonde quer que ele vá. Foram resgatados do meio dos homens e foram os primeiros a serem oferecidos a Deus e ao Cordeiro. ⁵Na sua boca nunca foi encontrada a mentira. São íntegros! [1-5]

O anúncio do Evangelho — ⁶Depois dis so, vi outro Anjo que voava no meio

do céu, com um evangelho eterno, para anunciá-lo aos habitantes da terra, a toda nação, tribo, língua e povo. ⁷O Anjo dizia em alta voz:

“Temam a Deus e deem glória a ele,
porque chegou a hora
do seu julgamento.
Adorem aquele que fez
o céu e a terra, o mar e as fontes.” [6-7]

O Evangelho destrói a cidade idólatra

⁸Apareceu um segundo Anjo
e continuou:
“Caiu, caiu Babilônia, a Grande.
Aquele que embebedou todas as nações
com o vinho do furor
da sua prostituição.” [8]

Destino dos que adoram a Besta — ⁹Apareceu um terceiro Anjo e continuou em alta voz: “Se alguém adora a Besta e a imagem dela, e recebe sua marca na frente ou na mão, ¹⁰esse também vai beber o vinho do furor de Deus, derramado sem mistura na taça da sua ira. Será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos Anjos e diante do Cordeiro. ¹¹A fumaça do seu tormento subirá para sempre: os que adoram a Besta e a imagem dela, e quem quer que receba a marca do seu nome, nunca têm descanso, nem de dia, nem de noite...” [9-11]

Mensagem aos cristãos — ¹²Aqui está a perseverança dos santos, daqueles que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus. ¹³Ouvi, então, uma voz que vinha do céu, dizendo: “Escreva: Felizes os mortos, aqueles que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, descansam de suas fadigas, pois suas obras os acompanham.” [12-13]

O julgamento — ¹⁴Depois disso olhei: havia uma nuvem branca, e sobre a nuvem alguém estava sentado. Parecia um Filho de Homem. Tinha na cabeça uma coroa de ouro, e nas mãos uma foice afiada. ¹⁵Nessa hora, outro Anjo saiu do Templo, gritando em alta voz para aquele que estava sentado na nuvem: “Lance sua foice e ceife. Chegou a hora da colheita, pois a lavoura da terra está madura.” ¹⁶Aquele que estava sentado na nuvem lançou a foice na terra, e a terra foi ceifada. ¹⁷Nessa hora, saiu do Templo do céu outro Anjo. Também ele tinha nas mãos uma foice afiada. ¹⁸Do altar saiu outro Anjo, o Anjo que tem poder

sobre o fogo. Ele gritou em alta voz para o outro que segurava a foice afiada: “Lance a foice e colha os cachos da videira da terra, porque as uvas já estão maduras.” ¹⁹O Anjo lançou a foice afiada na terra e colheu as uvas da videira da terra. Depois despejou as uvas no grande lagar do furor de Deus. ²⁰O lagar foi pisado fora da cidade, e dele saiu sangue que subiu até a altura do freio dos cavalos, numa extensão de trezentos quilômetros. [14-20]

15 *Preparação do julgamento definitivo* — ¹Eu vi no céu outro sinal grande e maravilhoso: havia sete Anjos prontos com sete pragas. Estas eram as últimas pragas, pois com elas o furor de Deus ficará consumado. ²Vi também como que um mar de vidro misturado com fogo. Sobre esse mar, estavam de pé todos aqueles que venceram a Besta, a imagem dela e o número do nome da Besta. Os vencedores seguravam as harpas de Deus ³e entoavam o cântico de Moisés, o servo de Deus, e o cântico do Cordeiro:

“Grandes e maravilhosas
são as tuas obras,
Senhor Deus Todo-poderoso!
Teus caminhos são justos
e verdadeiros,
Rei das nações!

⁴Quem não temeria, Senhor,
e não glorificaria o teu nome?
Sim! Só tu és santo!
Todas as nações virão ajoelhar-se
diante de ti,
porque tuas justas decisões
se tornaram manifestas!” [15,1-4]

⁵Depois disso vi abrir-se o Templo da Tenda do Testemunho que está no céu. ⁶Saíram do Templo os sete Anjos com as sete pragas. Os Anjos estavam vestidos de linho puro e brilhante, e cingidos à altura do peito com cintos de ouro. ⁷Um dos quatro Seres vivos entregou aos sete Anjos sete taças de ouro, cheias do furor do Deus que vive para sempre. ⁸O Templo se encheu de fumaça, por causa da glória e do poder de Deus. Ninguém podia entrar no Templo, enquanto não estivessem consumadas as sete pragas dos sete Anjos.

16 *O julgamento definitivo* [6,1-21] — ¹Depois ouvi: do Templo vinha uma voz forte, que dizia aos sete Anjos: “Vão! Despejem pela terra as sete taças do furor de Deus!” ²Saiu o primeiro Anjo, e despejou sua taça na terra. E todas as pessoas que tinham a marca da Besta e todas as que adoravam a imagem da Besta ficaram com o corpo cheio de úlceras malignas e dolorosas.

³O segundo Anjo despejou sua taça no mar. E o mar virou sangue, como sangue de um morto. E todos os seres vivos do mar morreram.

⁴O terceiro Anjo despejou sua taça nos rios e nas fontes. E os rios e fontes viraram sangue. ⁵Ouvi, então, o Anjo das águas dizer:

“Justo és tu, Aquele-que-é e que-era,
ó Santo,
porque julgaste essas coisas.

⁶Essa gente derramou o sangue
de santos e profetas,
e tu deste a eles sangue para beber!
Eles merecem isso!”

⁷Ouvi, então, a voz do altar:

“Sim, Senhor Deus Todo-poderoso,
teus julgamentos são verdadeiros
e justos.”

⁸O quarto Anjo despejou sua taça no sol. E o sol recebeu permissão de queimar os homens com fogo. [5-8] ⁹E os homens ficaram tão abrasados com esse calor intenso, que começaram a blasfemar contra o nome do Deus que tem poder sobre essas pragas. Mas não se converteram para dar glória a Deus. [9.11.21]

¹⁰O quinto Anjo despejou sua taça sobre o trono da Besta, e o reino dela ficou em trevas. Os homens mordiam a língua de dor. ¹¹Blasfemaram contra o Deus do céu por causa da dor e das feridas, mas não se converteram de sua conduta.

¹²O sexto Anjo despejou sua taça sobre o grande rio Eufrates. A água do rio secou, e os reis do Oriente ficaram de caminho livre para atacar. ¹³Nessa hora eu vi: da boca do Dragão, da boca da Besta e da boca do falso profeta saíram três espíritos impuros que pareciam sapos. ¹⁴São espíritos de demônios. Fazem maravilhas, e vão até os reis de toda a terra, a fim de reuni-los para a guerra no Grande Dia do Deus Todo-poderoso. ¹⁵(Eis que venho como um ladrão: feliz aquele que vigia e conserva suas vestes, para não andar nu e não deixar que

vejam sua vergonha!). [\[15\]](#) ¹⁶Então os espíritos reuniram os reis no lugar que, em hebraico, se chama Harmagedôn. [\[13-16\]](#)

¹⁷O sétimo Anjo despejou sua taça no ar. Nisso, saiu uma forte voz do Templo, dizendo: “Está realizado!” ¹⁸Houve, então, relâmpagos, vozes, trovões e um forte terremoto. Desde que o homem apareceu na terra, nunca tinha acontecido terremoto assim tão violento. ¹⁹A Grande Cidade se partiu em três pedaços, e as cidades das nações caíram. Deus se lembrou então de Babilônia, a Grande, para lhe dar o cálice do vinho do furor da sua ira. [\[17-19\]](#) ²⁰As ilhas fugiram, as montanhas desapareceram. ²¹Caiu do céu sobre os homens uma grande chuva de pedra, pedras com mais de trinta quilos. E os homens blasfemaram contra Deus por causa dessa praga de granizo, pois o seu flagelo é muito grande. [\[17-21\]](#)

5. O grande Dia da consumação final

17*O mistério do mal* — ¹Um dos Anjos das sete taças veio me convidar: “Venha! Vou lhe mostrar como será julgada a grande prostituta, que está sentada à beira de muitas águas. ²Os reis da terra se prostituíram com ela. Os habitantes da terra ficaram bêbados com o vinho da sua prostituição”. ³E o Anjo me levou em espírito até o deserto. Aí eu vi uma mulher sentada sobre uma Besta de cor escarlate, cheia de títulos blasfemos. A Besta tinha sete cabeças e dez chifres. ⁴A mulher usava vestido cor de púrpura e escarlate. Estava toda enfeitada de ouro, pedras preciosas e pérolas. Tinha na mão um cálice de ouro cheio de abominações, que são as impurezas de sua prostituição. ⁵Na frente da mulher estava escrito um nome misterioso: “Babilônia, a Grande, a mãe das prostitutas e das abominações da terra.” ⁶Reparei que a mulher estava embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus. [17,1-6]

Explicação do mistério do mal — Vendo a mulher, fiquei profundamente admirado. ⁷O Anjo, porém, me disse: “Por que você está admirado? Vou explicar-lhe o mistério da mulher e da Besta com sete cabeças e dez chifres que carrega a mulher. ⁸A Besta que você viu, existia, mas não existe mais. Ela está para subir do Abismo, porém caminha para a perdição. Os habitantes da terra vão ficar admirados ao verem a Besta. São esses que desde a fundação do mundo não têm seu nome escrito no livro da vida. Ficarão admirados porque a Besta existia, não existe mais, mas vai aparecer de novo. [6-8]

⁹Aqui é preciso ter inteligência para entender: as sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada. São também sete reis. ¹⁰Cinco já caíram, um existe, e o outro ainda não veio; mas, quando vier, ficará por pouco tempo. ¹¹A Besta que existia e não existe mais, ela mesma é o oitavo rei, e é também um dos sete, mas caminha para a perdição. [9-11] ¹²Os dez chifres que você viu são dez reis, que ainda não receberam um reino. Estes, porém, receberão autoridade como reis por uma hora apenas, juntamente com a Besta. ¹³Esses reis pensam a mesma coisa: entregar o poder e a autoridade para a Besta. ¹⁴Todos juntos farão guerra contra o Cordeiro. Mas o Cordeiro os vencerá, porque o Cordeiro é Senhor dos senhores e Rei dos reis. E com ele vencerão também os chamados, os escolhidos e os fiéis.”

¹⁵O Anjo continuou a me explicar: “Você viu aquela prostituta que está sentada

perto de muitas águas. Essas águas são povos, multidões, nações e línguas diversas. [12-15] ¹⁶Os dez chifres que você viu, juntamente com a Besta, começarão a odiar aquela prostituta, a despojarão e a deixarão nua. Comerão suas carnes e a queimarão. ¹⁷Pois Deus colocou no coração deles o desejo de realizarem o seu próprio plano: vão entregar sua realeza à Besta, até que as palavras de Deus estejam cumpridas. ¹⁸Essa mulher que você viu é a Grande Cidade que está reinando sobre os reis da terra”. [16-18]

18 *A destruição da cidade idôlatrica* —¹Depois de tudo isso, vi outro Anjo descendo do céu. Tinha grande poder, e a terra ficou toda iluminada com a sua glória. ²Ele gritou com voz forte:

“Caiu! Caiu Babilônia, a Grande!
Tornou-se morada de demônios,
abrigo de todos os espíritos impuros,
abrigo de aves impuras e nojentas.

³Porque ela embriagou as nações
com o vinho do furor da sua prostituição.
Com ela se prostituíram os reis da terra.
Os mercadores da terra ficaram ricos
graças ao seu luxo desenfreado.” [18,1-3]

O povo de Deus é salvo

⁴Ouvi outra voz que dizia:

“Saia dela, meu povo.
Não seja cúmplice dos pecados dela,
nem atingido por suas pragas.

⁵Seus pecados se amontoaram até o céu,
e Deus se lembrou das iniquidades dela.

⁶Devolvam a ela com a mesma moeda.
Paguem a ela em dobro,
conforme as obras que ela fez.
No cálice que ela misturou,
misturem para ela o dobro.

⁷O tanto que se enchia de glória e luxo,
devolvam a ela agora em dor e luto.
Toda cheia de si ela pensava:

‘Estou sentada como rainha.
Não sou viúva
nem jamais vestirei luto...’

⁸Por isso, as pragas dela virão num só dia:
morte, luto e fome.
Ela será devorada pelo fogo,
porque o Senhor Deus que a julgou
é forte.” [4-8]

Os poderosos se lamentam — ⁹Os reis da terra, que se prostituíram com ela, aqueles que participavam do seu luxo, ao enxergar a fumaça do incêndio, vão chorar e bater no peito. ¹⁰Ficarão de longe, com medo dos sofrimentos. E dirão:

“Ai, ai, a Grande Cidade!
Ó Babilônia, cidade poderosa,
uma hora apenas bastou
para o seu julgamento!”

¹¹Os mercadores de toda a terra também choram e ficam de luto por causa da ruína de Babilônia, porque ninguém mais vai comprar as mercadorias deles: ¹²carregamentos de ouro e prata, pedras preciosas e pérolas, linho e púrpura, seda e escarlate, madeiras perfumadas de todo tipo, objetos de marfim e de madeira preciosa, de cobre, de ferro e de mármore, ¹³cravo e especiarias, perfumes, mirra e incenso, vinho e óleo, flor de farinha e trigo, bois e ovelhas, cavalos e carros, escravos e vidas humanas...

¹⁴As riquezas que você desejava
foram para longe de você!
Tudo o que é grandeza e esplendor
está perdido para você,
e nunca, nunca mais será encontrado!

¹⁵Os mercadores que vendiam seus produtos à Grande Cidade e que se enriqueceram às custas dela, vão ficar ao longe, com medo dos sofrimentos, vão chorar e vestir luto. ¹⁶E dirão:

“Ai, ai, ó Grande Cidade!
Você vestia linho puro,
roupas de púrpura e escarlate.
Você se enfeitava com ouro,

pedras preciosas e pérolas!

¹⁷Bastou uma hora para a sua riqueza
virar nada!”

Todos os pilotos e navegadores, marinheiros e quantos trabalham no mar ficaram ao longe. ¹⁸Viram a fumaça do incêndio e gritaram: “Quem era igual à Grande Cidade?” ¹⁹Esses homens do mar jogaram cinza na cabeça, choraram, ficaram de luto, e gritavam:

“Ai, ai, ó Grande Cidade!

Com sua grandeza
todos os que tinham navios no mar
acabaram se enriquecendo.

Bastou uma hora para você se acabar! [9-19]

O povo de Deus exulta

²⁰Alegre-se, ó céu, por causa dela,
e vocês também, santos,
apóstolos e profetas,
pois Deus a julgou com justiça!” [20]

²¹Nessa hora, um Anjo forte levantou uma pedra, do tamanho de uma pedra de moinho, e a jogou no mar, dizendo:

“Com esta força será jogada
Babilônia, a Grande Cidade.
E nunca mais será encontrada.

²²E o canto de harpistas e músicos,
de flautistas e tocadores de trombeta,
em você nunca mais se ouvirá;
e nenhum artista de arte alguma
em você jamais se encontrará;
e o canto do moinho
em você nunca mais se ouvirá;

²³e a luz da lâmpada
nunca mais em você brilhará;
e a voz do esposo e da esposa
em você nunca mais se ouvirá.
Porque os seus mercadores

eram os magnatas da terra,
e com magia você enfeitiçou
todas as nações.

²⁴Nela foi encontrado o sangue
de profetas e santos,
e de todos os que foram imolados
sobre a terra.” [21-24]

19 *A celebração da vitória* — ¹Depois disso, ouvi um forte barulho de uma
grande multidão no céu, aclamando:

“Aleluia!

A salvação, a glória e o poder
pertencem ao nosso Deus,

²porque seus julgamentos
são verdadeiros e justos.

Sim! Deus julgou a grande Prostituta,
que corrompeu a terra
com a sua prostituição,
e vingou nela o sangue dos seus servos.”

³A multidão continuou o canto:

“Aleluia!

Dela sobe a fumaça para sempre!”

⁴Os vinte e quatro Anciãos e os quatro Seres vivos se ajoelharam diante do
Deus que está sentado no trono, e disseram: “Amém! Aleluia!”

⁵Nessa hora, saiu do trono uma voz convidando:

“Louvem o nosso Deus,
todos os seus servos,
todos os que o temem,
pequenos e grandes!” [19,1-5]

A promessa da Aliança — ⁶Depois, ouvi o rumor de uma grande multidão.
Parecia o estrondo de águas torrenciais e o ribombar de fortes trovões. A
multidão aclamava:

“Aleluia!

O Senhor, o Deus Todo-poderoso
passou a reinar.

⁷Vamos ficar alegres e contentes,
vamos dar glória a Deus,
porque chegou o tempo do casamento
do Cordeiro,
e sua esposa já está pronta:

⁸concederam que ela se vestisse
de linho puro e brilhante”,
— pois o linho representa
o comportamento justo dos santos.

⁹Logo em seguida, o Anjo me disse: “Escreva: Felizes os convidados para o banquete do casamento do Cordeiro.” E disse ainda: “Estas são as verdadeiras palavras de Deus.” [6-9] ¹⁰Eu caí de joelhos para adorar o Anjo, mas ele me disse: “Não! Não faça isso! Eu sou um servo como você e como os seus irmãos que mantêm o testemunho de Jesus. É a Deus que você deve adorar!” Com efeito, o espírito da profecia é o testemunho de Jesus. [10]

Cristo vence as forças do mal — ¹¹Vi, então, o céu aberto: apareceu um cavalo branco, e o seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro. Ele julga e combate com justiça. ¹²Seus olhos são chama de fogo. Sobre sua cabeça há muitos diademas. E ele traz escrito um nome que ninguém conhece, a não ser ele mesmo. ¹³Está vestido de um manto embebido em sangue, e é chamado pelo nome de Palavra de Deus. ¹⁴Os exércitos do céu o acompanham montados em cavalos brancos, com roupas de linho branco e brilhante. ¹⁵Da sua boca sai uma espada afiada para com ela ferir as nações. Ele é quem apascentará as nações com cetro de ferro. Ele é quem pisa o lagar do vinho do furor da ira de Deus, o Todo-poderoso. ¹⁶No manto e na coxa ele tem um nome escrito: “Rei dos reis e Senhor dos senhores.” [11-16]

¹⁷Vi depois um Anjo em pé no sol. Ele gritou com voz forte a todas as aves que voavam no meio do céu: “Venham! Reúnam-se para o grande banquete de Deus, ¹⁸para comer carnes de reis, carnes de chefes militares, carnes de poderosos, carnes de cavalos e cavaleiros, carnes de todos os homens, livres e escravos, pequenos e grandes.”

¹⁹Vi, então, a Besta reunida com os reis da terra e com seus exércitos, para guerrear contra o Cavaleiro e seu exército. ²⁰A Besta, porém, foi pega junto com o falso profeta, que operava maravilhas na presença da Besta. Foi assim que ela

seduziu todos os que haviam recebido a marca da Besta e adorado sua imagem. Tanto a Besta como o falso profeta foram jogados vivos no lago de fogo, que ardia com enxofre. ²¹Os outros foram mortos pela espada que saía da boca do Cavaleiro. E as aves se fartaram com as carnes deles. [17-21]

20 *O fim dos tempos já começou* [20,1-15] — ¹Depois disso vi um Anjo descer do céu. Nas mãos tinha a chave do Abismo e uma grande corrente. ²Ele agarrou o Dragão, a antiga Serpente, que é o Diabo, Satanás. Acorrentou o Dragão por mil anos, ³e o jogou dentro do Abismo. Depois trancou e lacrou o Abismo, para que o Dragão não seduzisse mais as nações da terra, até que terminassem os mil anos. Depois disso, o Dragão vai ser solto, mas por pouco tempo.

⁴Vi então tronos, e os que se sentaram nos tronos receberam o poder de julgar. Vi também as vidas daqueles que foram decapitados por causa do Testemunho e da Palavra de Deus. Vi também as vidas daqueles que não tinham adorado a Besta, nem a imagem dela, nem tinham recebido na fronte ou na mão a marca da Besta. Eles voltaram a viver e reinaram com Cristo durante mil anos. ⁵Os outros mortos, porém, não voltaram a viver enquanto não terminaram os mil anos. Essa é a primeira ressurreição. ⁶Feliz e santo aquele que participa da primeira ressurreição! A segunda morte não tem poder sobre eles e eles serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e com Cristo reinarão durante mil anos. [1-6]

O processo da história — ⁷Quando se completarem os mil anos, Satanás será solto da prisão do Abismo. ⁸Ele vai sair e seduzir as nações dos quatro cantos da terra, Gog e Magog, reunindo-os para o combate. O número deles é como a areia do mar. ⁹Eles se espalharam por toda a terra e cercaram o acampamento dos santos e a Cidade amada. Mas desceu fogo do céu, e eles foram devorados. ¹⁰O Diabo, que tinha seduzido a todos eles, foi jogado no lago de fogo e enxofre, onde já se achavam a Besta e o falso profeta. Lá eles serão atormentados noite e dia para sempre. [7-10]

A consumação final — ¹¹Depois eu vi um grande trono branco e Alguém sentado nele. O céu e a terra fugiram de sua presença e não deixaram rastro. ¹²Vi então os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono. E foram abertos livros. Foi também aberto outro livro, o livro da vida. Então os mortos foram julgados de acordo com sua conduta, conforme o que estava escrito nos livros. ¹³O mar devolveu os mortos que nele estavam. A morte e a morada dos mortos

entregaram de volta os seus mortos. E cada um foi julgado conforme sua conduta. ¹⁴A morte e a morada dos mortos foram, então, jogadas no lago de fogo. O lago de fogo é a segunda morte. ¹⁵Quem não tinha o nome escrito no livro da vida foi também jogado no lago de fogo. [11-15]

21 *Jerusalém-Esposa* [21,1-22,5] — ¹Vi, então, um novo céu e uma nova terra. O primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. ²Vi também descer do céu, de junto de Deus, a Cidade Santa, uma Jerusalém nova, pronta como esposa que se enfeitou para o seu marido. ³Nisso, saiu do trono uma voz forte. E ouvi:

“Esta é a tenda de Deus
com os homens.
Ele vai morar com eles.
Eles serão o seu povo
e ele, o Deus-com-eles, será o seu Deus.

⁴Ele vai enxugar toda lágrima
dos olhos deles,
pois nunca mais haverá morte,
nem luto, nem grito, nem dor.
Sim! As coisas antigas desapareceram!” [21,1-4]

⁵Aquele que está sentado no trono declarou: “Eis que faço novas todas as coisas.” E continuou: “Escreva, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras”.

⁶E me disse ainda:

“Elas se realizaram.
Eu sou o Alfa e o Ômega,
o Princípio e o Fim.
Para quem tiver sede,
eu darei de graça da fonte de água viva.

⁷O vencedor receberá esta herança:
eu serei o Deus dele,
e ele será meu filho.

⁸Quanto aos covardes, infiéis, corruptos, assassinos, imorais, feiticeiros, idólatras, e todos os mentirosos, o lugar deles é o lago ardente de fogo e enxofre, que é a segunda morte.” [5-8]

Jerusalém-Cidade — ⁹Depois disso, um dos sete Anjos das sete taças cheias

com as últimas pragas, veio até mim e disse-me: “Venha! Vou lhe mostrar a esposa, a mulher do Cordeiro.” ¹⁰E me levou em espírito até um grande e alto monte. E mostrou para mim a Cidade Santa, Jerusalém que descia do céu, de junto de Deus, ¹¹com a glória de Deus. Seu esplendor é como de uma pedra preciosíssima, pedra de jaspe cristalino. [9-11] ¹²Ela está cercada por alta e grossa muralha, com doze portas. Sobre as portas há doze Anjos. Cada porta tem um nome escrito: os nomes das doze tribos de Israel. ¹³São três portas no lado do oriente, três portas ao norte, três portas ao sul e três portas no lado do poente. ¹⁴A muralha da cidade tem doze pilares. E nos pilares está escrito o nome dos doze apóstolos do Cordeiro.

¹⁵Aquele que estava falando comigo usava uma vara de ouro para medir a cidade, os portões e a muralha. ¹⁶A cidade é quadrada: o comprimento é igual à largura. O Anjo mediu a cidade com a vara: doze mil estádios. O comprimento, largura e altura são iguais. ¹⁷O Anjo mediu a muralha: cento e quarenta e quatro côvados. Ele media com medidas humanas. [12-17] ¹⁸A muralha é de jaspe. A cidade é de ouro puro, tão puro que parece vidro transparente. ¹⁹Os pilares da muralha da cidade são recamados com todo tipo de pedras preciosas: o primeiro pilar é de jaspe, o segundo de safira, o terceiro de calcedônia, o quarto de esmeralda, ²⁰o quinto de sardônica, o sexto de cornalina, o sétimo de crisólito, o oitavo de berilo, o nono de topázio, o décimo de crisópraso, o décimo primeiro de jacinto e o décimo segundo de ametista. ²¹As doze portas são doze pérolas. Cada uma das portas é feita de uma só pérola. A praça da cidade é de ouro puro, como vidro transparente. [11.18-21]

²²Não vi na Cidade nenhum Templo, pois o seu Templo é o Senhor, o Deus Todo-poderoso, e o Cordeiro. ²³A Cidade não precisa do sol nem da lua para ficar iluminada, pois a glória de Deus a ilumina e sua lâmpada é o Cordeiro. [22-23]

²⁴As nações caminharão à sua luz,
e os reis da terra trarão a sua glória
para ela.

²⁵Suas portas nunca se fecharão de dia,
— pois aí jamais haverá noite —

²⁶e a ela trarão a glória e o tesouro
das nações.

²⁷Nela jamais entrará qualquer imundície,

nem os que praticam abominação
e mentira.
Vão entrar somente aqueles que têm
o nome escrito
no livro da vida do Cordeiro. [24-27]

22¹O Anjo mostrou para mim um rio de água viva; era brilhante como cristal;
o rio brotava do trono de Deus e do Cordeiro. ²No meio da praça, de cada
lado do rio, estão plantadas árvores da vida; elas dão fruto doze vezes por ano;
todo mês elas frutificam; suas folhas servem para curar as nações.

³Nunca mais haverá maldições.
Nela estará sempre o trono de Deus
e do Cordeiro,
e seus servos lhe prestarão culto.

⁴Verão sua face,
e seu nome estará sobre suas fronteiras.

⁵Não haverá mais noite:
ninguém mais vai precisar da luz
da lâmpada,
nem da luz do sol.
Porque o Senhor Deus vai brilhar
sobre eles,
e eles reinarão para sempre. [22,1-5]

Epílogo: Jesus vem logo [6-21] — ⁶Então o Anjo me disse: “Estas palavras são
fiéis e verdadeiras, pois o Senhor, o Deus que inspira os profetas, enviou o seu
Anjo para mostrar aos seus servos o que deve acontecer muito em breve. ⁷Eis
que eu venho em breve. Feliz aquele que observa as palavras da profecia deste
livro.” ⁸Eu, João, fui ouvinte e testemunha ocular dessas coisas. Tendo-as visto e
ouvido, ajoelhei-me para adorar o Anjo, aquele que me havia mostrado essas
coisas. ⁹Mas ele não deixou: “Não! Não faça isso! Eu sou servo como você,
como os seus irmãos, os profetas, e como aqueles que praticam as palavras deste
livro. É a Deus que você deve adorar.” [9]

¹⁰O Anjo falou ainda: “Não guarde em segredo as palavras da profecia deste
livro, pois o tempo está próximo. ¹¹O injusto, que continue com sua injustiça; o
sujo, que continue com suas sujeiras; o justo, pratique ainda a justiça; o santo,

continue a se santificar! [10-11] ¹²Eis que venho em breve, e comigo trago o salário para retribuir a cada um conforme o seu trabalho. ¹³Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim. ¹⁴Felizes aqueles que lavam suas roupas para terem poder sobre a árvore da Vida, e para entrarem na Cidade pelas portas. ¹⁵Vão ficar de fora os cães, os feiticeiros, os imorais, os assassinos, os idólatras e todos os que amam ou praticam a mentira.”

¹⁶Eu, Jesus, enviei o meu Anjo. Ele atestou para vocês todas essas coisas a respeito das igrejas. Eu sou o Rebento da família de Davi, a brilhante estrela da manhã.

¹⁷O Espírito e a Esposa dizem: “Vem!” Aquele que escuta isso, também diga: “Vem!” Quem estiver com sede, venha! E quem quiser, receba de graça a água da vida.

¹⁸A quem está escutando as palavras da profecia deste livro, eu declaro: “Se alguém acrescentar qualquer coisa a este livro, Deus vai acrescentar a essa pessoa as pragas que aqui estão descritas. ¹⁹E se alguém tirar alguma coisa das palavras do livro desta profecia, Deus vai retirar dessa pessoa a sua parte na árvore da Vida e na Cidade Santa, que estão descritas neste livro.”

²⁰Aquele que atesta essas coisas diz: “Sim! Venho muito em breve.” Amém! Vem, Senhor Jesus!

²¹A graça do Senhor Jesus esteja com todos. Amém!

NOTAS

[1,1-3] O Apocalipse é um livro lido e explicado nas reuniões das comunidades cristãs. Seu conteúdo é *urgente*, porque com a morte e ressurreição de Jesus a história está chegando ao fim e Deus vai julgar e implantar o seu Reino. A missão de João é a de todos os cristãos: profetizar, anunciando a Palavra de Deus e continuando o testemunho de Jesus Cristo.

[4-8] O número *sete* é simbólico e indica totalidade, plenitude. João se dirige a *toda* a Igreja, representada pelas comunidades da Ásia.

Deus Pai é o Senhor da história: assim como agiu no passado, age no presente e agirá no futuro. Sete Espíritos, isto é, a plenitude do Espírito de Deus.

Jesus é o centro do projeto e ação de Deus. A glória e o poder lhe pertencem, porque: — ele é a *Testemunha fiel*, que revelou e realizou o projeto do Pai até o fim, dando a vida por amor aos homens; — ele é o *Primeiro a ressuscitar dos mortos*, vencendo assim a morte e o pecado, e tornou-se início de uma nova humanidade; — ele é o *Chefe dos reis da terra*, pois está acima de todos os poderosos e reúne os homens, para fazer deles um Reino, onde todos são sacerdotes da aliança com Deus Pai. O v. 7 mostra que Jesus vem para julgar e implantar o Reino.

[9-11] Esta primeira visão é o motor de tudo o que virá a seguir.

A situação de João mostra que os cristãos, por darem testemunho, sofrem perseguição (tribulação), mas já participam da vitória do Ressuscitado (realeza) e, por isso, perseveram na fé e no testemunho.

No domingo (dia do Senhor), as comunidades celebram a ressurreição de Jesus, com a qual se iniciam na história o julgamento e a instauração do Reino, que trazem justiça e vida para os homens.

[12-16] João vê Jesus presente e agindo dentro da vida das comunidades (candelabros, cf. v. 20), que irradiam para todo o mundo a presença de Cristo ressuscitado. Ele é o Filho do Homem, o enviado de Deus para realizar o julgamento e instaurar o Reino (cf. Dn 7,13). Jesus é o único mediador entre Deus e as comunidades: é sacerdote (túnica), rei (cinto de ouro), divino (cabelos brancos), tem a ciência de Deus para penetrar tudo (olhos de fogo), é firme (pés de bronze) e poderoso (voz como as águas torrenciais). As sete estrelas são os chefes (anjos) das comunidades, a espada com dois cortes é o Evangelho que julga a Igreja e o mundo. O rosto brilhante como sol relembra a transfiguração (cf. Mt 17,2).

[17-20] João personifica as comunidades com medo das perseguições (como morto). Mas o Ressuscitado, presente na Igreja, traz tranquilidade e segurança, porque é o Senhor da história (Primeiro e Último) e o Senhor da vida (tem as chaves da morte e da morada dos mortos).

A missão de João é escrever o livro do Apocalipse para toda a Igreja. As *coisas presentes* são as sete cartas para as igrejas, convidando-as à conversão (caps. 2-3); as *coisas que devem acontecer depois delas* estão na segunda parte do livro, mostrando o testemunho da Igreja no mundo (caps. 4-22).

[2-3]: As sete cartas apresentam a Igreja toda “por dentro”: Jesus está presente nela e, pela palavra do Evangelho, faz com que ela se converta sempre,

identificando-se cada vez mais com a pessoa e o testemunho dele.

[2,1-7] A comunidade de Éfeso é ativa e faz muita coisa boa. Mas deixou de obedecer ao mandamento do amor, correndo o risco de perder a sua identidade como comunidade cristã (cf. Jo 13,35).

7: Esta exortação para ouvir o Espírito aparece no fim das sete cartas. Quando a Igreja se encontra em processo de conversão para seguir a Jesus, ela se torna capaz de perceber, pelo Espírito de Jesus, qual é a palavra a ser dita e a ação oportuna a ser realizada no momento que ela está vivendo.

[8-11] A comunidade de Esmirna é pobre. Sua riqueza consiste no testemunho e no seguimento de Jesus. Por isso, ela não deve temer as perseguições: assim como Jesus morreu e ressuscitou, do mesmo modo também ela terá sempre a vida.

[12-17] A comunidade de Pérgamo sabe resistir à religião imperial (trono de Satanás) que efetua perseguições e martírios, mas sucumbe à sedução do sincretismo religioso (doutrina de Balaão e dos nicolaítas). A comunidade cristã precisa discernir e combater a idolatria do poder político totalitário e a idolatria das ideias que ameaçam a vida cristã autêntica.

[18-29] A comunidade de Tiatira é exemplar em tudo, menos no combate às falsas doutrinas que ameaçam desvirtuar a vida cristã.

[3,1-6] Com poucas exceções, a comunidade de Sardes se apoia na hipocrisia. Sua vida como comunidade cristã é apenas aparência que não corresponde à realidade.

[7-13] A comunidade de Filadélfia é fraca, mas permanece fiel à sua fé, e por isso recebe proteção especial de Jesus na hora da perseguição. É na fraqueza do homem que se manifesta o amor de Jesus, dando-lhe força e coragem.

[14-22] A comunidade de Laodiceia é rica e auto-suficiente: confia em si mesma e não quer depender de ninguém. Contudo, a verdadeira riqueza de uma comunidade é ouvir a palavra de Jesus e ficar unida a ele.

[4,1] Num processo de conversão, a Igreja se torna capaz de discernir o projeto de Deus que está em realização na história. E João agora vai “subir”, isto é, vai descrever o mistério que está por dentro da história, e que dirige todo o seu desenvolvimento.

[2-4] João apresenta Deus como rei e juiz que governa a história (trono), mas seu governo é dirigido pelo amor e misericórdia (arco-íris: Gn 9,13ss), pois Deus

só quer a vida: ele é santo e transcendente (brilho das pedras preciosas).

O povo de Deus (vinte e quatro Anciãos) participa do governo da história (tronos), da vida do Ressuscitado (veste branca) e da sua vitória (coroa).

[5-6] Deus age continuamente na história, intervindo em favor do homem (relâmpagos, vozes, trovões: Ex 19,16), dando vida a todos os seres (sete Espíritos) e governando todos os povos (mar de vidro: Sl 65,8).

[6-8] Os quatro Seres vivos simbolizam toda a criação (quatro também indica totalidade). As criaturas testemunham que Deus age sem cessar, de modo vigilante (olhos) e rápido (asas).

[8-11] A criação louva a Deus, reconhecendo-o como Todo-poderoso e Senhor da história. O povo de Deus continua o louvor da criação reconhecendo que a glória, a honra e o poder pertencem a Deus, porque só ele criou todas as coisas. Numa situação de perseguição, os cristãos não se desesperam, pois sabem que Deus Criador sustenta e dirige toda a história.

[5,1-4] O livro completamente fechado (sete selos ou lacres) e inteiramente escrito (por dentro e por fora) está na mão de Deus, porque contém o projeto de Deus sobre a vida e a história. Podemos dizer que o Antigo Testamento é esse livro fechado, que se torna plenamente compreendido na pessoa de Jesus (cf. Lc 24,25-27). João chora: é grande o desespero da comunidade diante da impossibilidade de conhecer o projeto de Deus na história.

[5-7] Cristo morto e ressuscitado é o Cordeiro pascal (cf. Ex 12), imolado pelos pecados do mundo. Está de pé porque ressuscitou. Ele é o Messias (Leão e Rebento) que tem a plenitude do poder (sete chifres) e a plenitude do Espírito de Deus, pois ele vê tudo o que acontece na história (sete olhos e sete espíritos). Ele pode receber e abrir o livro, porque, na sua morte e ressurreição, já realizou o projeto de Deus, que é a salvação. Doravante, a história dos homens está nas mãos de Cristo; e o projeto de Deus vai ser cumprido por todos.

[8-14] Quando o Cordeiro recebe o livro, ouvem-se três grandes louvores. O *primeiro* é da criação e do povo de Deus, mostrando por que o Cordeiro pode receber o livro. O *segundo* é dos anjos, atribuindo a Jesus todas as qualidades possíveis; pois o Senhor da história é somente Jesus, e não os poderes que se absolutizam. O *terceiro* é de todas as criaturas, que reconhecem Deus e o Cordeiro no mesmo plano. O povo de Deus adora somente a Deus e a Jesus Cristo, e não os homens nem as coisas.

[6-7] Os capítulos 6 e 7 são simbólicos, pois o livro ainda não está aberto.

Temos aqui um resumo de todo o Apocalipse. João mostra o que é a história do homem, e como ela está em poder do Ressuscitado e a caminho para o julgamento e a salvação.

[6,1-8] Os primeiros quatro selos apresentam a história do homem dominada pelo mal. A fonte do mal é a ambição de poder e conquista (primeiro selo), que geram a *guerra* e a competição (segundo selo), o racionamento e a *fome* (terceiro selo) e, por fim, a doença e a *morte* (quarto selo).

[9-11] Em meio ao mal, os cristãos são perseguidos e mortos como Jesus. Eles pedem que Deus faça justiça, julgando o mal e salvando. Deus, porém, espera que todo o seu povo esteja reunido. A veste branca mostra que os mártires já participam da vitória do Ressuscitado.

[12-17] Respondendo ao pedido dos mártires, Deus realiza o grande Dia do julgamento. O julgamento, apresentado sob a figura dos fenômenos catastróficos na natureza, é a consequência do poder do mal que domina a história, sendo esse mal simbolizado pelos quatro cavaleiros. O julgamento atinge a todos (sete categorias sociais). Reconhecendo-se culpados, os homens temem mais a Deus do que a própria morte.

[7,1-9] O aspecto positivo do grande Dia é a salvação. O povo de Deus (doze tribos) é protegido no julgamento (os Anjos seguram os quatro ventos). A marca na fronte é o sinal da salvação e da pertença a Deus. O povo de Deus é apresentado como o Israel total e perfeito ($12 \times 12 \times 1.000 = 144.000$). É um povo incontável (v. 9), porque a salvação está aberta para todos os homens (gente de todas as nações, tribos, povos e línguas).

[9-12] O povo de Deus reconhece que a salvação vem de Deus e do Cordeiro. Não são as coisas e nem os homens absolutizados que salvam. Unido aos anjos e à criação, o povo de Deus adora a Deus e reconhece que a plenitude do louvor pertence somente a Deus.

[13-17] João enfatiza a salvação do povo de Deus. A grande tribulação são as perseguições. A veste branca significa a participação no testemunho de Jesus. Os vv. 15-17 lembram a festa das Tendas, que era um sinal da Aliança. A salvação é a realização da Aliança: a morada de Deus com os homens. Com a realização futura da Aliança não haverá mais limitações nem sofrimentos: Jesus será o pastor que leva o povo a viver em plenitude.

[8,1-11,19] Com a abertura do sétimo selo, o livro do projeto de Deus está

aberto, e agora vai ser realizado. Esse projeto é o mistério (10,7) que vai ser cumprido: a vinda do Reino (11,15).

[8,1-6] O silêncio por meia hora indica a gravidade do que vai acontecer. Com o julgamento (trombetas) e o Reino começa na história o tempo final. O incenso oferecido juntamente com as orações dos santos indica que o pedido dos mártires (6,9-11) vai ser atendido: Deus intervém na história fazendo justiça e salvando.

[7-13] O julgamento é universal (terra, mar, rios, fontes e astros), mas se realiza aos poucos ao longo da história (um terço). Assim como Deus agiu no passado (pragas do Egito), ele age no presente e vai agir no futuro (temas dos profetas) para julgar o mal e instaurar o bem. A Águia adverte sobre os três últimos toques de trombeta.

[9,1-12] A intervenção de Deus atinge e destrói o mal. Os gafanhotos lembram a oitava praga do Egito (Ex 10,11-15), mas são descritos como um exército (cf. Jl 1-2) que vai atacar os que não têm a marca de Deus, isto é, os perseguidores do povo de Deus. João parece aludir às grandes potências em luta constante pela supremacia. Os perseguidores são destruídos pelo seu próprio mal.

[13-21] No Antigo Testamento a região do rio Eufrates era de onde vinham os exércitos inimigos.

A sexta trombeta mostra que o julgamento é *apelo à conversão*: abandonar os ídolos e aceitar o único absoluto que é Deus. Mas, assim como o Faraó do Egito, os homens não deixam de adorar os ídolos, coisas e pessoas absolutizadas. Como consequência, não deixam de praticar o mal, pois o homem é sempre a imagem do deus que ele adora e serve.

[10,1-3] O Anjo forte indica uma grande intervenção de Deus. Intervenção de misericórdia (arco-íris), que interessa a todos (mar e terra). O *livrinho* aberto é o Evangelho, com esta mensagem clara e universal: Deus quer salvar todos os homens, chamando-os à conversão.

[4-10] O Evangelho não deve ser escrito, porque o seu conteúdo é urgente (“não há mais tempo”), pois com a sétima trombeta, o mistério de Deus vai se realizar: a instauração do Reino (11,15). O fim da história, com o julgamento e a salvação, chega pelo anúncio do Evangelho. Por isso, ele deve ser comido, isto é, assimilado, para ser vivido e testemunhado. Ele é doce porque anuncia a salvação, mas é também amargo, porque provoca perseguições.

[11] A missão do povo de Deus é continuar profetizando a muitos povos,

nações, línguas e reis. Profetizar é anunciar o Evangelho, ou seja, continuar o testemunho dado por Jesus. O anúncio é para todos, porque o Evangelho julga e salva: ou continuar com os ídolos e caminhar para a morte, ou aceitar o Deus revelado por Jesus, convertendo-se para viver.

[11,1-2] O Templo, o altar e os adoradores são símbolos do povo de Deus. A medição é um sinal de proteção e preservação. O resto do mundo é dominado pelos pagãos até o fim da história.

Quarenta e dois meses (mil, duzentos e sessenta dias = três anos e meio = três tempos e meio) foi o tempo que durou a perseguição de Antíoco IV aos judeus; tornou-se o tempo simbólico da era escatológica, isto é, o tempo que vai da ressurreição de Jesus até o fim da história.

[3-6] As duas testemunhas personificam o povo de Deus, que realiza a missão profética. É tempo de perseguição e penitência (vestidos de pano de saco). Em Zc 4,3.14, as duas oliveiras simbolizavam os dois chefes, político e religioso, que iriam restaurar o povo de Deus. João mostra que o novo povo de Deus é formado pelos cristãos que anunciam o Evangelho. Os membros do povo de Deus são luz de Deus para a terra (candelabro) e são profetas como Moisés (poder sobre a água) e como Elias (poder sobre o fogo e a chuva).

[7-10] Profetizar é dizer a verdade, e isso leva à perseguição e até à morte. É assim que os cristãos continuam o testemunho de Jesus. A Besta é a idolatria do poder político absolutizado, como o do imperador romano. A Grande Cidade é a sede desse poder, que nela reproduz a vida desregrada de Sodoma, a opressão do Egito e a injustiça de Jerusalém que crucificou Jesus. As pessoas se alegram com a morte das testemunhas; de fato, os profetas incomodam a sociedade que não quer abandonar seus ídolos.

[11-14] A vitória da Besta é curta (três dias e meio), pois o Espírito de Deus ressuscita as testemunhas (cf. Ez 37,10), que vão para junto de Deus. O resultado da missão profética é a intervenção divina (terremoto). Deus age através do testemunho dos cristãos, realizando o julgamento que provoca a conversão: os sobreviventes dão glória ao Deus do céu.

[15-19] Com a sétima trombeta realiza-se o mistério de Deus (10,7): a vinda do Reino através do testemunho profético do povo de Deus (11,1-13). O povo de Deus (vinte e quatro Anciãos) proclama o Deus Todo-poderoso, que reina e realiza a justiça. Não se fala mais do Deus “que-vem”, porque ele já veio no testemunho de Jesus e dos seus seguidores.

A *arca* é o sinal da aliança e indica a presença de Deus no meio do povo. A aliança se realiza através do testemunho profético do povo de Deus.

[12,1-16,20] É a parte mais importante do livro. Mostra que o tempo do povo de Deus é o tempo de confronto com o mal, até chegar a consumação da história. João analisa agora a vitória sobre o mal (Ap 12), o ambiente onde os cristãos vão profetizar (Ap 13) e a consequência do testemunho profético, isto é, o julgamento (Ap 14,1-16,20). Os capítulos 12-14 interrompem o desenvolvimento linear do livro.

[12,1-2] A Mulher é um símbolo cheio de significados: é Eva, a mãe da humanidade (cf. Gn 3,15-20); também o povo de Israel (doze estrelas = doze tribos) assim como Sião, o resto do povo de Deus que espera o Messias (Is 66,7). É também Maria enquanto mãe de Jesus e mãe dos discípulos de Jesus (Jo 19,25-27), e o povo de Deus da nova Aliança (doze estrelas = doze apóstolos).

[3-4] O Dragão personifica o mal, inimigo de Deus. Trata-se do egoísmo, orgulho e auto-suficiência que deformam os indivíduos e os grupos sociais. Ele é sanguinário (vermelho), tem pleno poder sobre os impérios do mundo (sete cabeças e sete diademas), mas sua força é relativa e imperfeita (dez chifres). Ele tem a pretensão de lutar contra Deus (estrelas do céu). Quer devorar o Filho da Mulher, o Messias que veio para destruí-lo.

[5-6] O Filho é Jesus, que nasce (ressurreição) para a glória e para dominar as nações, destruindo o poder do Dragão. O mal foi derrotado. Agora a situação do povo de Deus é como a dos hebreus no deserto, libertados da escravidão: viverá no deserto até o fim da história (mil, duzentos e sessenta dias), em meio a perseguições e na intimidade com Deus.

[7-12] O mal foi cortado pela raiz. Miguel (= Quem é como Deus?) vence e expulsa o Dragão, o mal que sempre ameaçou a humanidade (Serpente, Diabo, Satanás). Mas os cristãos não podem ficar acomodados, porque o mal continua agindo no mundo e, agonizante, ainda vai perseguir os homens de todos os modos.

[13-18] O mal não conseguiu vencer Jesus; por isso agora persegue os cristãos seguidores de Jesus. Mas estes são continuamente protegidos por Deus, até o final da história (três tempos e meio = mil, duzentos e sessenta dias). É tempo de perseguição (rio) mas, como no Êxodo, o povo de Deus não sucumbe.

[13,1-18] O povo de Deus profetiza na Grande Cidade (11,8), onde estão os

poderes que se tornam maus quando se absolutizam, tomando o lugar de Deus e escravizando os homens.

[1-4] A Besta é o poder político absolutizado, isto é, os poderes totalitários, ditatoriais e opressores. Na época de João, trata-se de Roma, às margens do mar Mediterrâneo. A Besta encarna o mal (Dragão) na história (sete cabeças e dez chifres, que serão explicados em Ap 17). Blasfemar é tomar coisas ou pessoas humanas como divinas; usurpando títulos honoríficos e divinos é que os poderosos afirmam sua autoridade e oprimem os homens. A Besta é uma superpotência (pantera, urso, leão: Dn 7,4-7). Ela é agente do mal (Dragão), que lhe dá todo o poder. O Dragão e a Besta são uma paródia do Deus que entrega o domínio da história a Jesus ressuscitado (Ap 4-5). A Besta é também uma paródia de Cristo morto e ressuscitado (cabeça ferida e curada). O império romano parecia ter decaído com Nero, mas depois volta ao seu esplendor: é o mal que vai e vem na história através dos poderes absolutizados. As multidões se maravilham com isso e adoram a Besta como se ela fosse Deus: “Quem é como a Besta?”

[5-8] A Besta age até o fim da história (quarenta e dois meses). Aqui as blasfêmias são valores que o poder absoluto propõe como valores divinos, violentando as consciências. A Besta é adorada por todos aqueles que não conhecem e não vivem o testemunho de Jesus. Mas os discípulos de Jesus são perseguidos e mortos por não aceitarem a idolatria.

[9-10] Para serem fiéis e perseverarem, os cristãos devem manter o espírito crítico, pois Deus vai realizar o que projetou.

[11-12] A segunda Besta, depois chamada *falso profeta* (16,13), é a propaganda ideológica, que sustenta os poderes absolutos, e cuja essência é a falsidade: apresenta o mal com aparências de bem (cordeiro e dragão), para levar as pessoas a aceitarem um sistema político desumano, como se este viesse de Deus. É uma caricatura do Espírito Santo (cf. Jo 14,26).

[13-17] Como os profetas, a propaganda promete grandes milagres e mudanças, mas falsamente. Para sustentar os poderes e impor respeito e até mesmo adoração, a propaganda multiplica a imagem dos poderosos, fazendo crer que são onipresentes e vigilantes. Graças à manipulação, a segunda Besta controla a ação (mão direita) e o pensamento (fronte) de toda a sociedade (todas as categorias sociais). Para poder participar da economia (comprar e vender), todo mundo deve pensar e agir de acordo com a primeira Besta. Esse nivelamento de todas as classes sociais com o mesmo pensamento e ação é uma paródia do

Reino de Deus.

[18] O autor identifica a primeira Besta com o imperador romano da época. O número seiscentos e sessenta e seis, conforme o valor numérico das letras em hebraico, corresponde ao nome de César Nero. O imperador Domiciano é visto como a ressurreição de Nero e da sua crueldade. O número seiscentos e sessenta e seis, contudo, pode também significar o máximo de imperfeição, pois seis não atinge sete e é metade de doze. Indicaria, assim, a relatividade e fraqueza dos poderes totalitários.

[14,1-20] O capítulo apresenta uma visão que antecipa o que vai acontecer: os cristãos testemunham o Evangelho no ambiente dominado pelo Dragão e pela Besta, e o resultado final é o julgamento.

[1-5] O povo de Deus está com o Cordeiro vitorioso. Eles pertencem a Deus e ao Cordeiro (a marca na fronte). O cântico novo é o anúncio do julgamento e da salvação. Só o povo de Deus pode aprender esse cântico, porque só ele conhece o projeto de Deus: Não se prostitui, nem mente, porque não se submete aos falsos absolutos. São fiéis a Deus (virgens) e seguem o Cordeiro, dando testemunho de Jesus até o fim.

[6-7] O Evangelho eterno é o livrinho de 10,2. Seu conteúdo é a palavra definitiva de Deus dirigida a todos: temer o único Deus vivo e verdadeiro e só a ele dar glória. O Evangelho é julgamento, porque denuncia os falsos absolutos e convida todos à conversão.

[8] O anúncio do Evangelho desmascara os ídolos e, como consequência, faz desmoronar a cidade construída sobre ídolos (prostituição).

[9-11] Os que seguem e adoram a Besta serão destruídos com a cidade idolátrica. Quem não se converte ao verdadeiro Deus, perece com os ídolos (taça da ira).

[12-13] Em meio ao julgamento, o povo de Deus persevera no testemunho e na confiança, sabendo que o testemunho o acompanha diante de Deus.

[14-20] O anúncio do Evangelho produz o julgamento, presidido por Jesus, o Filho do Homem (Dn 7,13-14). Ele é o Senhor da história (sentado), é divino (nuvem branca), é rei (coroa) e tem o instrumento para julgar (foice). A ceifa é o julgamento que separa os bons dos maus (cf. Mt 13,24-30). A vindima é o julgamento que condena os maus em resposta ao pedido dos mártires (6,10).

[15,1-4] O autor prepara o setenário das taças. Depois de atravessar o mar

Vermelho, Moisés cantou o hino que celebrava a libertação (Ex 15). Aqui, os que venceram a Besta cantam o cântico de Moisés e do Cordeiro, o novo Moisés, que liberta e conduz o povo à terra prometida, a nova Jerusalém (Ap 21). O cântico celebra a justiça divina que provocará a conversão dos pagãos.

[6,1-21] As sete taças apresentam o julgamento definitivo, operado pelo anúncio e testemunho do Evangelho. Antes do fim, todos têm a chance de se converter para o Deus vivo, e ter a vida. O julgamento atinge todo o universo (terra, mar, rios, fontes, sol, trono da Besta, ar).

5-7: A pregação do Evangelho transforma o mundo no espelho do pecado humano. A voz do altar é a voz dos mártires (6,10), reconhecendo que Deus é fiel e faz justiça.

[5-8] O autor retoma a descrição interrompida em 11,19, pois a arca da Aliança ficava no santuário da Tenda do Testemunho (Ex 25,22). O projeto de Deus vai ser executado (os Anjos saem do Templo).

A taça é símbolo do destino (17,4; 18,6). Cada um sofre as consequências dos próprios atos e escolhas. O julgamento, que é a ira de Deus (Sl 75,9), é escolhido livremente pelo próprio homem quando não aceita o convite do Evangelho.

[9.11.21] O Evangelho é convite à conversão, mas os homens podem se fechar, sofrendo as consequências da própria idolatria.

[15] Os cristãos devem vigiar para não serem enganados pelas ideias do mal e de seus agentes. Devem manter-se fiéis para não serem pegos de surpresa.

[13-16] Quando o mal e seus agentes são atingidos pelo anúncio do Evangelho, eles se unem com os aliados num supremo esforço para fazer frente a Deus e a seu povo. Harmagedôn significa montanha de Meguido, lugar de derrotas famosas no Antigo Testamento, tornando-se o símbolo da derrota para quem aí guerreia.

[17-19] João mostra que o julgamento realizado pelo anúncio do Evangelho faz aparecer a verdade; e esse julgamento tem dois aspectos: — *negativo*: desvenda o mistério do mal que domina as cidades, e apresenta a destruição dele (17-18); — *positivo*: mostra que a história caminha para a vitória do Ressuscitado. Cristo realiza a comunhão dos homens com Deus: nisto consiste o Reino (casamento do Cordeiro: Ap 19).

[17-21] Com a sétima taça, o julgamento de Deus se realiza inteiramente. A presença de Deus se manifesta totalmente pelo anúncio do Evangelho. Então é destruído o mundo dominado pelas Bestas (Babilônia e cidades das nações). A

intervenção de Deus pelo Evangelho é grandiosa, mas os homens continuam blasfemando, isto é, servindo aos ídolos.

[17,1-6] A prostituta é símbolo de uma cidade idolátrica. Na época, trata-se de Roma, aqui apresentada como Babilônia, a capital da idolatria e do vício. Ela está sentada sobre a Besta escarlate, a cor do triunfo para os romanos. Os nomes blasfematórios são títulos divinos com que o imperador assegura o próprio poder. A aparência da prostituta é suntuosa (vestes, joias), e o que ela tem a oferecer é a idolatria (prostituição) e os vícios (degradação humana, valores relativos apresentados como absolutos). Seu crime supremo é perseguir e matar todos aqueles que não aceitam adorar o poder político absoluto, nem se enganam com as propagandas ideológicas.

[6-8] A visão das cidades, com sua aparência de riqueza e poder, é maravilhosa e hipnotiza, provocando a alienação que faz adorar a Besta. Por isso, é preciso ter senso crítico diante da realidade. A descrição da Besta lembra o título de Deus, mas ela vem do nada e caminha para o nada. O autor se refere à decadência do império romano sob Nero, e o seu ressurgimento com Vespasiano, e também a maldade de Nero que revive em Domiciano.

[9-11] As sete cabeças são as sete colinas de Roma. São também sete reis, isto é, imperadores do séc. I. Deles já caíram cinco: Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero. Um existe (Vespasiano), e o outro durará pouco (Tito, que reinou só dois anos). A Besta é o oitavo (Domiciano) e, ao mesmo tempo, é um dos sete, ou seja, o imperador Domiciano que agora persegue os cristãos, reencarnando a crueldade de Nero.

[12-15] Os dez chifres são os países dominados por Roma, unidos a ela para lutarem contra Cristo, que os vencerá juntamente com seus discípulos. As águas são as multidões seduzidas pelo absolutismo romano.

[16-18] O julgamento se realiza através da luta entre as nações que buscam o poder. Os dominados se revoltam e destroem o dominador.

[18,1-3] O Evangelho desmascara e desfaz a confusão da cidade idolátrica, que no tempo era Roma, símbolo do paganismo e da tirania. A causa da ruína é a idolatria (prostituição).

[4-8] O povo de Deus não é destruído porque não segue os ídolos. A lei do talião (tal culpa, tal pena) mostra que o mal é autodestruidor (vv. 6-7).

[9-19] A queda da cidade provoca a lamentação daqueles que usufruíam do materialismo da cidade idolátrica. A primeira lamentação é a dos reis da terra

(poder político); a segunda é a dos mercadores (poder econômico); a terceira é a dos navegadores (comunicações). Os três representam as forças que dominam a cidade a serviço dos ricos e poderosos.

[20] O povo de Deus exulta, porque Deus atendeu o pedido dos mártires e fez justiça.

[21-24] Assim como a pedra desaparece na água, também a cidade idolátrica desaparece frente ao anúncio do Evangelho. A vitória de Deus é radical.

[19,1-5] Deus manifesta sua glória, poder e salvação, ao destruir aquela que destruía a terra: ele faz justiça, reabilitando a honra dos perseguidos e mártires.

[6-9] Deus reina através do testemunho de Jesus, dado pelos cristãos. A realeza de Deus consiste em dirigir a história, para que se realize a Aliança, simbolizada no casamento. Ela é prometida agora, e será concluída no fim dos tempos (Ap 21). Jesus ressuscitado se une com a nova humanidade na Aliança de justiça (linho branco) e de amor. O casamento é o sinal da Aliança consumada: a união dos homens com Deus e entre si.

[10] A profecia cristã consiste em dar o testemunho de Jesus, adorando só a Deus. Não se deve adorar os transmissores da fé (pregadores, teólogos, ministros).

[11-16] João apresenta Jesus como o Senhor absoluto da história (cavaleiro). O branco é a cor da vitória. Ele é o Messias, a encarnação da justiça de Deus. Tem a ciência divina (olhar de fogo) e poder universal (muitos diademas). “Conhecer o nome” significa ter poder sobre alguém; ora, ninguém tem poder sobre Jesus. O sangue é o dos inimigos destruídos pela justiça de Deus. Jesus é a Palavra de Deus, anunciada e vivida pela multidão dos cristãos. A espada é o Evangelho que julga, condenando ou salvando.

[17-21] O Anjo anuncia a vitória sobre a Besta e o falso profeta, agentes do mal. A carnificina mostra que a justiça de Deus é implacável e atinge a todos, derrotando as forças idolátricas e suas ideologias. A vitória vem através do anúncio do Evangelho, que derrota a mentira e conduz ao Deus vivo e à verdadeira vida, que é comunhão entre os homens na justiça e no amor. O lago de fogo é o lugar do castigo eterno.

[20,1-15] João apresenta agora a dinâmica do fim dos tempos: com a morte e ressurreição de Jesus, o fim da história já começou, e se vai processando ao longo da história, até chegar à consumação final, quando a Aliança entre Deus e os homens se tornar plenamente manifesta.

[1-6] Pela morte e ressurreição, Jesus conquistou a vitória sobre o mal (Dragão), que já não tem plena liberdade para agir. *Mil anos* é o tempo que vai da morte de Jesus até a consumação final (equivale a três anos e meio, ou quarenta e dois meses, ou mil, duzentos e sessenta dias). A ação do Dragão é passageira e fraca (pouco tempo). Entre a ressurreição de Jesus e a consumação final, o povo de Deus participa da realeza de Jesus e do seu julgamento. A *primeira ressurreição* é a conversão e o batismo, é a passagem da morte do pecado para a vida em Cristo. Para os convertidos não acontece a morte definitiva (segunda morte).

[7-10] Durante a história, o povo de Deus (acampamento dos santos e a Cidade amada) continua em luta contra as forças do mal (Satanás), mas é protegido por Deus (fogo do céu). Gog e Magog são nomes simbólicos que representam os poderes da idolatria, inimigos de Deus e do seu povo. Mas o poder do mal será completamente destruído (lago de fogo).

[11-15] O fim da história é o julgamento, no qual se manifesta a vida. A morte e o mal vão ser destruídos, e os homens serão julgados conforme viveram. O trono evoca a presença do juiz. Este céu e terra desaparecem, porque tudo se renovará. O julgamento de Deus não é arbitrário: quem pronuncia a sentença é a própria vida de cada um. O livro da vida é o livro do Cordeiro (13,8); nele está o nome dos que deram o testemunho de Jesus. A morte e a morada dos mortos personificam os poderes do mal. São destruídos, porque doravante tudo será vida.

[21,1-22,5] João mostra que a meta da história, para além do tempo, é a plena realização da Aliança de Deus com a humanidade, numa vida inteiramente imortal. O fim da história é a vida. A humanidade nova é apresentada como Nova Jerusalém-Esposa e Nova Jerusalém-Cidade.

[21,1-4] A nova relação que existe entre Deus e os homens é apresentada como céu novo e terra nova. O mar já não existe, porque os antigos o consideravam moradia dos poderes do mal. A Nova Jerusalém é a cidade que Deus vai construir como dom (vem do céu) para os homens. É a Esposa do Cordeiro, o novo Adão que esposa a nova Eva. Realiza-se a Aliança de Deus com toda a humanidade. Ela se tornou a Tenda (Ex 25,8), na qual Deus está presente. Doravante tudo é vida e realização plena.

[5-8] Deus promete a renovação de tudo, pois ele é o Senhor da história, a fonte e o fim da vida. Ele dá a vida a quem a desejar. Quem for perseverante entrará para a realidade da Aliança: tornar-se-á filho, participando da realidade do

próprio Cristo. O fato de conhecer o fim, porém, não dispensa a conversão.

[9-11] João apresenta agora a nova humanidade como cidade perfeita e deslumbrante. Esta imagem mostra a beleza e santidade da Aliança com Deus. A humanidade é a esposa, o reverso da prostituta. João a apresenta com traços da antiga Babilônia histórica: quadrada, atravessada por uma avenida ao longo do rio, e com jardins. Sugere, assim, que a Jerusalém celeste é a Babilônia, prostituta purificada e transformada pelo Evangelho. Agora, ela reflete a glória de Deus, que nela está presente.

[12-17] As formas e medidas são perfeitas: muralhas com cento e quarenta e quatro côvados (doze x doze), doze portas com os nomes das doze tribos, doze alicerces com os nomes dos doze apóstolos. Ela é quadrada e cúbica, como o Santo dos santos no Templo. Sua perfeição é inimaginável (doze mil). Ela é uma cidade universal, aberta para toda a humanidade (portas voltadas para os quatro pontos cardeais).

[11.18-21] O brilho do ouro e das pedras preciosas mostra que a cidade é imagem do brilho de Deus (4,3). É a humanidade plenamente realizada, à imagem e semelhança do Criador.

[22-23] Deus está presente nessa humanidade. Não é preciso mais nenhum meio para ligá-la com Deus: nem Templo, nem liturgia, nem sacerdócio. É o momento do face-a-face. Consequentemente, também não existem outras mediações: política, economia, propaganda, comércio *etc.* A comunhão total com Deus leva à comunhão total dos homens entre si.

[24-27] A nova humanidade é lugar de partilha e de reunião fraterna. As nações repartem suas riquezas para o bem comum. Mas a realização da nova humanidade supõe uma conversão agora, no presente da história: deixar os ídolos para ser inscrito no livro do Cordeiro. A noite não existe, porque os antigos a consideravam moradia do mal.

[22,1-5:] A cidade por dentro é um novo paraíso. Ela é governada por Deus e por Jesus, em aliança com os homens. A nova humanidade recebe a vida de Deus, o Espírito (rio de água viva). Todos têm acesso à plena realização (árvores da vida que dão fruto sempre), pois já não há proibição (maldição: Gn 3,22-24). Doravante, há um só culto dos homens a Deus e a Jesus Cristo: todos pertencem definitivamente a Deus, e com ele reinarão para sempre.

[6-21] O final do Apocalipse é um diálogo entre João, o Anjo e Jesus com a assembleia cristã, onde se faz a leitura do livro: uma reunião litúrgica, onde se

explica, se medita e se aplica a mensagem.

7: A vinda de Jesus é progressiva e se manifesta através do testemunho daqueles que continuam o que ele fez: manifestar a verdade, revelar o amor do Pai e provocar a conversão. É assim que a constante vinda de Jesus destrói o mundo injusto, para construir o mundo novo.

[9] Cf. nota em Ap 19,10.

[10-11] O conteúdo do livro é urgente, e os cristãos não devem permanecer passivos, pois o testemunho deles leva os homens a uma decisão. O projeto de Deus vai realizar-se, e já não é possível viver uma vida dupla.

MAPAS

ANTIGO TESTAMENTO

ORIENTE MÉDIO ANTIGO

IMPÉRIO EGÍPCIO

AS DOZE TRIBOS DE ISRAEL

IMPÉRIO DE DAVI E SALOMÃO

OS REINOS DE JUDÁ E ISRAEL

NOVO TESTAMENTO

TEMPLO DE JERUSALÉM

O PENTECOSTES

PRIMEIRA VIAGEM DE PAULO

SEGUNDA VIAGEM DE PAULO

TERCEIRA VIAGEM DE PAULO

QUARTA VIAGEM DE PAULO

AS SETE IGREJAS DO APOCALIPSE

DATAS IMPORTANTES

Antes de Cristo

1800-1300	Abraão e histórias patriarcais
1300-1050	Formação do povo de Israel
1040-931	Monarquia unida em Israel Saul – Davi – Salomão
931	Divisão da monarquia, formando o Reino de Israel (Norte) e o Reino de Judá (Sul)
722	Fim do Reino do Norte – domínio assírio
586	Fim do Reino de Judá – domínio babilônio
586-538	Exílio na Babilônia
538-332	Judeia: colônia persa
332-141	Judeia: colônia grega
167-164	Revolta dos Macabeus
140-63	Independência: governo dos Asmoneus
63	Palestina sob o império romano
±6	Nascimento de Jesus

Depois de Cristo

- ±30 Morte de Jesus
- 36 Conversão de São Paulo
- 49 Concílio de Jerusalém
- 60 Prisão de São Paulo
- 70 Destruição de Jerusalém pelos romanos

TEXTOS BÍBLICOS PARA O ANO LITÚRGICO

(**Ano A:** 2017, 2020... **Ano B:** 2018, 2021... **Ano C:** 2019, 2022...) Advento 1º domingo **Ano A:** Isaías 2,1-5; Salmo 122; Romanos 13,11-14; Mateus 24,37-44.

Ano B: Isaías 63,16-17; 64,1.3.8; Salmo 80; 1 Coríntios 1,3-9; Marcos 13,33-37.

Ano C: Jeremias 33,14-16; Salmo 25; 1 Tessalonicenses 3,12-4,2; Lucas 21,25-28. 34-36.

2º domingo **Ano A:** Isaías 11,1-10; Salmo 72; Romanos 15,4-9; Mateus 3,1-12.

Ano B: Isaías 40,1-5.9-11; Salmo 85; 2 Pedro 3,8-14; Marcos 1,1-8.

Ano C: Baruc 5,1-9; Salmo 126; Filipenses 1,4-6.8-11; Lucas 3,1-6.

3º domingo **Ano A:** Isaías 35,1-6a.10; Salmo 146; Tiago 5,7-10; Mateus 11,2-11.

Ano B: Isaías 61,1-2a.10-11; Salmo (Lucas 1,46-54); 1 Tessalonicenses 5,16-24; João 1,6-8.19-28.

Ano C: Sofonias 3,14-18a; Salmo (Isaías 12,2-6); Filipenses 4,4-7; Lucas 3,10-18.

4º domingo **Ano A:** Isaías 7,10-14; Salmo 24; Romanos 1,1-7; Mateus 1,18-24.

Ano B: 2 Samuel 7,1-16; Salmo 89; Romanos 16,25-27; Lucas 1,26-38.

Ano C: Miqueias 5,1-4a; Salmo 80; Hebreus 10,5-10; Lucas 1,39-45

NATAL VIGÍLIA: ISAÍAS 62,1-5; SALMO 89; ATOS DOS APÓSTOLOS 13,14-25; MATEUS 1,1-25.

Noite: Isaías 9,1-6; Salmo 96; Tito 2,11-14; Lucas 2,1-14.

Aurora: Isaías 62,1-12; Salmo 97; Tito 3,4-7; Lucas 2,15-20.

Dia: Isaías 52,7-10; Salmo 98; Hebreus 1,1-6; João 1,1-18.

Sagrada Família: Eclesiástico 3,2-6.12-14; Salmo 128; Colossenses 3,12-21;

Evangelho: **Ano A:** Mateus 2,13-15.19-23; **Ano B:** Lucas 2,22-40; **Ano C:** Lucas 2,41-52.

2º domingo do Natal: Eclesiástico 24,1-4.8-12; Salmo 147; Efésios 1,3-6.15-18;

João 1,1-18. *Epifania:* Isaías 60,1-6; Salmo 72; Efésios 3,2-6; Mateus 2,1-12.

Batismo de Jesus: Isaías 42,1-7; Salmo 29; Atos dos Apóstolos 10,34-38;

Evangelho: **Ano A:** Mateus 3,13-17; **Ano B:** Marcos 1,6-11; **Ano C:** Lucas 3,15-16.21-22.

QUARESMA 1º DOMINGO ANO A: GÊNESIS 2,7-9; 3,1-7;

SALMO 51; ROMANOS 5,12-19; MATEUS 4,1-11.

Ano B: Gênesis 9,8-15; Salmo 25; 1 Pedro 3,18-22; Marcos 1,12-15.

Ano C: Deuteronômio 26,4-10; Salmo 91; Romanos 10,8-13; Lucas 4,1-13.

2º domingo **Ano A:** *Gênesis 12,1-4a; Salmo 33; 2 Timóteo 1,8b-10; Mateus 17,1-9.*

Ano B: Gênesis 22,2-18; Salmo 116; Romanos 8,31b-34; Marcos 9,2-10.

Ano C: Gênesis 15,5-12.17-18; Salmo 27; Filipenses 3,17-4,1; Lucas 9,28b-36.

3º domingo **Ano A:** *Êxodo 17,3-7; Salmo 95; Romanos 5,1-2.5-8; João 4,5-42.*

Ano B: Êxodo 20,1-17; Salmo 19; 1 Coríntios 1,22-25; João 2,13-25.

Ano C: Êxodo 3,1-8a.13-15; Salmo 103; 1 Coríntios 10,1-6.10-12; Lucas 13,1-9.

4º domingo **Ano A:** *1 Samuel 16,1-13; Salmo 23; Efésios 5,8-14; João 9,1-41.*

Ano B: 2 Crônicas 36,14-16.19-23; Salmo 137; Efésios 2,4-10; João 3,14-21.

Ano C: Josué 5,9-12; Salmo 34; 2 Coríntios 5,17-21; Lucas 15,1-3.11-32.

5º domingo **Ano A:** *Ezequiel 37,12-14; Salmo 130; Romanos 8,8-11; João 11,1-45.*

Ano B: Jeremias 31,31-34; Salmo 51; Hebreus 5,7-9; João 12,20-33.

Ano C: Isaías 43,16-21; Salmo 126; Filipenses 3,8-14; João 8,1-11.

Domingo de Ramos: Isaías 50,4-7; Salmo 22; Filipenses 2,6-11; Evangelho: **Ano A:** Mateus 26,14-27,66; **Ano B:** Marcos 14,1-15,47; **Ano C:** Lucas 22,14-23,56.

5ª feira santa: Êxodo 12,1-8.11-14; Salmo 116; 1 Coríntios 11,23-26; João 13,1-15.

6ª feira santa: Isaías 52,13-53,12; Salmo 31; Hebreus 4,14-16; 5,7-9; João 18,1-19,42.

Vigília pascal: Gênesis 1,1-2,2; Salmo 104; Gênesis 22,1-18; Salmo 16; Êxodo 14,15-15,1; Salmo (Êxodo 15,1-18); Isaías 54,5-14; Salmo 30; Isaías 55,1-11; Salmo (Josué 12,2-6); Baruc 3,9-15.32; 4,4; Salmo 19; Ezequiel 36,16-28; Salmo 42; Romanos 6,3-11; Salmo 118; Evangelho: **Ano A:** Mateus 28,1-10; **Ano B:** Marcos 16,1-8; **Ano C:** Lucas 24,1-12.

PÁSCOA ATOS DOS APÓSTOLOS 10,34A.37-43; SALMO 118; COLOSSENSES 3,1-4; JOÃO 20,1-9.

2º domingo **Ano A:** *Atos dos Apóstolos 2,42-47; Salmo 118; 1 Pedro 1,3-9; João 20,19-31.*

Ano B: Atos dos Apóstolos 4,32-35; Salmo 118; 1 João 5,1-6; João 20,19-31.

Ano C: Atos dos Apóstolos 5,12-16; Salmo 118; Apocalipse 1,9-13.17-19; João 20,19-31.

3º domingo **Ano A:** Atos dos Apóstolos 2,14.22-33; Salmo 16; 1 Pedro 1,17-21; Lucas 24,13-35.

Ano B: Atos dos Apóstolos 3,13-15.17-19; Salmo 4; 1 João 2,1-5a; Lucas 24,35-48.

Ano C: Atos dos Apóstolos 5,27b-32.40-41; Salmo 30; Apocalipse 5,11-14; João 21,1-19.

4º domingo **Ano A:** Atos dos Apóstolos 2,14.36-41; Salmo 23; 1 Pedro 2,20-25; João 10,1-10.

Ano B: Atos dos Apóstolos 4,8-12; Salmo 118; 1 João 3,1-2; João 10,11-18.

Ano C: Atos dos Apóstolos 13,14.43-52; Salmo 100; Apocalipse 7,9.14b-17; João 10,27-30.

5º domingo **Ano A:** Atos dos Apóstolos 6,1-7; Salmo 33; 1 Pedro 2,4-9; João 14,1-12.

Ano B: Atos dos Apóstolos 9,26-31; Salmo 22; 1 João 3,18-24; João 15,1-8.

Ano C: Atos dos Apóstolos 14,21b-27; Salmo 145; Apocalipse 21,1-5a; João 13,31-35.

6º domingo **Ano A:** Atos dos Apóstolos 8,5-8.14-17; Salmo 66; 1 Pedro 3,15-18; João 14,15-21.

Ano B: Atos dos Apóstolos 10,25-26.34-35. 44-48; Salmo 98; 1 João 4,7-10; João 15,9-17.

Ano C: Atos dos Apóstolos 15,1-2.22-29; Salmo 67; Apocalipse 21,10-14.22-23; João 14,23-29.

Ascensão: Atos dos Apóstolos 1,1-11; Salmo 47; Efésios 1,17-23; Evangelho: **Ano A:** Mateus 28,16-20; **Ano B:** Marcos 16,15-20; **Ano C:** Lucas 24,46-53.

7º domingo **Ano A:** Atos dos Apóstolos 1,12-14; Salmo 27; 1 Pedro 4,13-16; João 17,1-11.

Ano B: Atos dos Apóstolos 1,15-17.20-26; Salmo 103; 1 João 4,11-16; João 17,11-19.

Ano C: Atos dos Apóstolos 7,55-60; Salmo 97; Apocalipse 22,12-17.20; João 17,20-26.

PENTECOSTES: Atos dos Apóstolos 2,1-11; Salmo 104; 1 Coríntios 12,3-7.12-13; João 20,19-23.

SSMA. TRINDADE

Ano A: Êxodo 34,4-6.8-9; Salmo (Daniel 3,52-56); 2 Coríntios 13,11-13; João 3,16-18.

Ano B: Deuteronômio 4,32-34.39-40; Salmo 33; Romanos 8,14-17; Mateus 28,16-20.

Ano C: Provérbios 8,22-31; Salmo 8; Romanos 5,1-5; João 16,12-15.

TEMPO COMUM 2º DOMINGO ANO A: ISAÍAS 49,3.5-6; SALMO 40; 1 CORÍNTIOS 1,1-3; JOÃO 1,29-34.

Ano B: 1 Samuel 3,3-10.19; Salmo 40; 1 Coríntios 6,13-20; João 1,35-42.

Ano C: Isaías 62,1-5; Salmo 96; 1 Coríntios 12,4-11; João 2,1-11.

3º domingo Ano A: Isaías 8,23-9,3; Salmo 27; 1 Coríntios 1,10-13.17; Mateus 4,12-23.

Ano B: Jonas 3,1-5.10; Salmo 25; 1 Coríntios 7,29-31; Marcos 1,14-20.

Ano C: Neemias 8,2-10; Salmo 19; 1 Coríntios 12,12-30; Lucas 1,1-4; 4,14-21.

4º domingo Ano A: Sofonias 2,3; 3,12-13; Salmo 146; 1 Coríntios 1,26-31; Mateus 5,1-12a.

Ano B: Deuteronômio 18,15-20; Salmo 95; 1 Coríntios 7,32-35; Marcos 1,21-28.

Ano C: Jeremias 1,4-5.17-19; Salmo 71; 1 Coríntios 12,31-13,13; Lucas 4,21-30.

5º domingo Ano A: Isaías 58,7-10; Salmo 112; 1 Coríntios 2,1-5; Mateus 5,13-16.

Ano B: Jó 7,1-7; Salmo 147; 1 Coríntios 9,16-19.22-23; Marcos 1,29-39.

Ano C: Isaías 6,1-8; Salmo 138; 1 Coríntios 15,1-11; Lucas 5,1-11.

6º domingo Ano A: Eclesiástico 15,15-20; Salmo 119,1-34; 1 Coríntios 2,6-10; Mateus 5,17-37.

Ano B: Levítico 13,1-2.44-46; Salmo 32; 1 Coríntios 10,31-11,1; Marcos 1,40-45.

Ano C: Jeremias 17,5-8; Salmo 1; 1 Coríntios 15,12.16-20; Lucas 6,17.20-26.

7º domingo Ano A: Levítico 19,1-2.17-18; Salmo 103; 1 Coríntios 3,16-24;

Mateus 5,38-48.

Ano B: Isaías 43,18-25; Salmo 41; 2 Coríntios 1,18-22; Marcos 2,1-12.

Ano C: 1 Samuel 26,2.7-9.12-13.22-23; Salmo 103; 1 Coríntios 15,45-49; Lucas 6,27-38.

8º domingo Ano A: Isaías 49,14-15; Salmo 62; 1 Coríntios 4,1-5; Mateus 6,24-34.

Ano B: Oseias 2,6-17.21-22; Salmo 103; 2 Coríntios 3,1-6; Marcos 2,18-22.

Ano C: Eclesiástico 27,4-7; Salmo 92; 1 Coríntios 15,54-58; Lucas 6,39-45.

9º domingo Ano A: Deuteronômio 11,18.26-28.32; Salmo 31; Romanos 3,21-28; Mateus 7,21-27.

Ano B: Deuteronômio 5,12-15; Salmo 81; 2 Coríntios 4,6-11; Marcos 2,23-3,6.

Ano C: 1 Reis 8,41-43; Salmo 117; Gálatas 1,1-2.6-10; Lucas 7,1-10.

10º domingo Ano A: Oseias 6,3-6; Salmo 50; Romanos 4,18-25; Mateus 9,9-13.

Ano B: Gênesis 3,9-15; Salmo 130; 2 Coríntios 4,13-5,1; Marcos 3,20-35.

Ano C: 1 Reis 17,17-24; Salmo 30; Gálatas 1,11-19; Lucas 7,11-17.

11º domingo Ano A: Êxodo 19,2-6; Salmo 100; Romanos 5,6-11; Mateus 9,36-10,8.

Ano B: Ezequiel 17,22-24; Salmo 92; 2 Coríntios 5,6-10; Marcos 4,26-34.

Ano C: 2 Samuel 12,7-10.13; Salmo 32; Gálatas 2,16.19-21; Lucas 7,36-8,3.

12º domingo Ano A: Jeremias 20,10-13; Salmo 69; Romanos 5,12-15; Mateus 10,26-33.

Ano B: Jó 38,1.8-11; Salmo 107; 2 Coríntios 5,14-17; Marcos 4,35-41.

Ano C: Zacarias 12,10-11; 13,1; Salmo 63; Gálatas 3,26-29; Lucas 9,18-24.

13º domingo Ano A: 2 Reis 4,8-11.14-16; Salmo 89; Romanos 6,3-4.8-11; Mateus 10,37-42.

Ano B: Sabedoria 1,13-15; 2,23-24; Salmo 30; 2 Coríntios 8,7-15; Marcos 5,21-43.

Ano C: 1 Reis 19,16.19-21; Salmo 16; Gálatas 5,1.13-18; Lucas 9,51-62.

14º domingo Ano A: Zacarias 9,9-10; Salmo 145; Romanos 8,9.11-13; Mateus 11,25-30.

Ano B: Ezequiel 2,2-5; Salmo 123; 2 Coríntios 12,7-10; Marcos 6,1-6.

Ano C: Isaías 66,10-14; Salmo 66; Gálatas 6,14-18; Lucas 10,1-12.17-20.

15º domingo Ano A: Isaías 55,10-11; Salmo 65; Romanos 8,18-23; Mateus 13,1-23.

Ano B: Amós 7,12-15; Salmo 85; Efésios 1,3-14; Marcos 6,7-13.

Ano C: Deuteronômio 30,10-14; Salmo 69; Colossenses 1,15-20; Lucas 10,25-37.

16º domingo Ano A: Sabedoria 12,13.16-19; Salmo 86; Romanos 8,26-27; Mateus 13,24-43.

Ano B: Jeremias 23,1-6; Salmo 23; Efésios 2,13-18; Marcos 6,30-34.

Ano C: Gênesis 18,1-10a; Salmo 15; Colossenses 1,24-28; Lucas 10,38-42.

17º domingo Ano A: 1 Reis 3,5-12; Salmo 119,72-77.127-130; Romanos 8,28-30; Mateus 13,44-52.

Ano B: 2 Reis 4,42-44; Salmo 145; Efésios 4,1-6; João 6,1-15.

Ano C: Gênesis 18,20-32; Salmo 138; Colossenses 2,12-14; Lucas 11,1-13.

18º domingo Ano A: Isaías 55,1-3; Salmo 145; Romanos 8,35.37-39; Mateus 14,13-21.

Ano B: Êxodo 16,2-4.12-15; Salmo 78; Efésios 4,17.20-24; João 6,24-35.

Ano C: Eclesiastes 1,2; 2,21-23; Salmo 90; Colossenses 3,1-5.9-11; Lucas 12,13-21.

19º domingo Ano A: 1 Reis 19,9-13; Salmo 85; Romanos 9,1-5; Mateus 14,22-31.

Ano B: 1 Reis 19,4-8; Salmo 34; Efésios 4,30-5,2; João 6,41-51.

Ano C: Sabedoria 18,3.6-9; Salmo 33; Hebreus 11,1-2.8-19; Lucas 12,32-48.

20º domingo Ano A: Isaías 56,1.6-7; Salmo 67; Romanos 11,13-15.29-32; Mateus 15,21-28.

Ano B: Provérbios 9,1-6; Salmo 34; Efésios 5,15-20; João 6,51-58.

Ano C: Jeremias 38,4-6.8-10; Salmo 40; Hebreus 12,1-4; Lucas 12,49-53.

21º domingo Ano A: Isaías 22,19-23; Salmo 138; Romanos 11,33-36; Mateus 16,13-20.

Ano B: Josué 24,1-2.15-18; Salmo 34; Efésios 5,21-32; João 6,60-69.

Ano C: Isaías 66,18-21; Salmo 117; Hebreus 12,5-7.11-13; Lucas 13,22-30.

22º domingo Ano A: Jeremias 20,7-9; Salmo 63; Romanos 12,1-2; Mateus 16,21-27.

Ano B: Deuteronômio 4,1-2.6-9; Salmo 15; Tiago 1,17-27; Marcos 7,1-8.14-15.21-23.

Ano C: Eclesiástico 3,17-20.27-28; Salmo 68; Hebreus 12,18-19.22-24; Lucas 14,1.7-14.

23º domingo Ano A: Ezequiel 33,7-9; Salmo 95; Romanos 13,8-10; Mateus 18,15-20.

Ano B: Isaías 35,4-7; Salmo 146; Tiago 2,1-5; Marcos 7,31-37.

Ano C: Sabedoria 9,13-18; Salmo 90; Filemon 9-17; Lucas 14,25-33.

24º domingo Ano A: Eclesiástico 27,30-28,7; Salmo 103; Romanos 14,7-9; Mateus 18,21-35.

Ano B: Isaías 50,5-9a; Salmo 116; Tiago 2,14-18; Marcos 8,27-35.

Ano C: Êxodo 32,7-14; Salmo 51; 1 Timóteo 1,12-17; Lucas 15,1-32.

25º domingo Ano A: Isaías 55,6-9; Salmo 145; Filipenses 1,20-27; Mateus 20,1-16a.

Ano B: Sabedoria 2,12a.17-20; Salmo 54; Tiago 3,16-4,3; Marcos 9,30-37.

Ano C: Amós 8,4-7; Salmo 113; 1 Timóteo 2,1-8; Lucas 16,1-13.

26º domingo Ano A: Ezequiel 18,25-28; Salmo 25; Filipenses 2,1-11; Mateus 21,28-32.

Ano B: Números 11,25-29; Salmo 19; Tiago 5,1-6; Marcos 9,38-48.

Ano C: Amós 6,1.4-7; Salmo 146; 1 Timóteo 6,11-16; Lucas 16,19-31.

27º domingo Ano A: Isaías 5,1-7; Salmo 80; Filipenses 4,6-9; Mateus 21,33-43.

Ano B: Gênesis 2,18-24; Salmo 128; Hebreus 2,9-11; Marcos 10,2-16.

Ano C: Habacuc 1,2-3; 2,2-4; Salmo 95; 2 Timóteo 1,6-8.13-14; Lucas 17,5-10.

28º domingo Ano A: Isaías 25,6-10a; Salmo 23; Filipenses 4,12-14.19-20; Mateus 22,1-14.

Ano B: Sabedoria 7,7-11; Salmo 90; Hebreus 4,12-13; Marcos 10,17-30.

Ano C: 2 Reis 5,14-17; Salmo 98; 2 Timóteo 2,8-13; Lucas 17,11-19.

29º domingo Ano A: Isaías 45,1.4-6; Salmo 96; 1 Tessalonicenses 1,1-5; Mateus 22,15-21.

Ano B: Isaías 53,10-11; Salmo 33; Hebreus 4,14-16; Marcos 10,35-45.

Ano C: Êxodo 17,8-13; Salmo 121; 2 Timóteo 3,14-4,2; Lucas 18,1-8.

30º domingo Ano A: Êxodo 22,20-26; Salmo 18; 1 Tessalonicenses 1,5-10;

Mateus 22,34-40.

Ano B: Jeremias 31,7-9; Salmo 126; Hebreus 5,1-6; Marcos 10,46-52.

Ano C: Eclesiástico 35,12-14.16-18; Salmo 34; 2 Timóteo 4,6-8.16-18; Lucas 18,9-14.

31º domingo Ano A: Malaquias 1,14-2,2.8-10; Salmo 131; 1 Tessalonicenses 2,7-13; Mateus 23,1-12.

Ano B: Deuteronômio 6,2-6; Salmo 18; Hebreus 7,23-28; Marcos 12,28-34.

Ano C: Sabedoria 11,22-12,2; Salmo 145; 2 Tessalonicenses 1,11-2,2; Lucas 19,1-10.

32º domingo Ano A: Sabedoria 6,12-16; Salmo 63; 1 Tessalonicenses 4,13-18; Mateus 25,1-13.

Ano B: 1 Reis 17,10-16; Salmo 146; Hebreus 9,24-28; Marcos 12,38-44.

Ano C: 2 Macabeus 7,1-2.9-14; Salmo 17; 2 Tessalonicenses 2,16-3,5; Lucas 20,27-38.

33º domingo Ano A: Provérbios 31,10-13.19-20.30-31; Salmo 128; 1 Tessalonicenses 5,1-6; Mateus 25,14-30.

Ano B: Daniel 12,1-3; Salmo 16; Hebreus 10,11-14.18; Marcos 13,24-32.

Ano C: Malaquias 3,19-20; Salmo 98; 2 Tessalonicenses 3,7-12; Lucas 21,5-19.

34º domingo: Cristo Rei Ano A: Ezequiel 34,11-12.15-17; Salmo 23; 1 Coríntios 15,20-26.28; Mateus 25,31-46.

Ano B: Daniel 7,13-14; Salmo 93; Apocalipse 1,5-8; João 18,33-37.

Ano C: 2 Samuel 5,1-3; Salmo 122; Colossenses 1,12-20; Lucas 23,35-43.

LEITURAS DURANTE A SEMANA 1ª SEMANA DO ADVENTO 2ª

FEIRA: ISAÍAS 2,1-5; SALMO 122; MATEUS 8,5-11; 3ª FEIRA:

ISAÍAS 11,1-9; SALMO 72; LUCAS 10,21-24; 4ª FEIRA:

ISAÍAS 25,6-L0A; SALMO 23; MATEUS 15,29-37; 5ª FEIRA:

ISAÍAS 26,1-6; SALMO 118; MATEUS 7,21.24-27; 6ª FEIRA:

ISAÍAS 29,17-24; SALMO 27; MATEUS 9,27-31; SÁBADO:

ISAÍAS 30,19-21.23-26; SALMO 147; MATEUS 9,35-10,1.5-

8.

2ª semana do Advento 2ª feira: Isaías 35,1-10; Salmo 85; Lucas 5,17-26; 3ª feira: Isaías 40,1-11; Salmo 96; Mateus 18, 12-14; 4ª feira: Isaías 40,25-31; Salmo 103; Mateus 11,28-30; 5ª feira: Isaías 41,13-20; Salmo 145; Mateus 11,11-15; 6ª feira: Isaías 48,17-19; Salmo 1; Mateus 11,16-19; Sábado: Eclesiástico 48,1-4.9-11; Salmo 80; Mateus 17,10-13.

3ª semana do Advento 2ª feira: Números 24,2-7.15-17a; Salmo 25; Mateus 21,23-27; 3ª feira: Sofonias 3,1-2.9-13; Salmo 34; Mateus 21,28-32; 4ª feira: Isaías 45,6-8.18-25; Salmo 85; Lucas 7,19-23; 5ª feira: Isaías 54,1-10; Salmo 30; Lucas 7,24-30; 6ª feira: Isaías 56,1-3a.6-8; Salmo 67; João 5,33-36.

17 de dezembro: Gênesis 49,2.8-10; Salmo 72; Mateus 1,1-17.

18 de dezembro: Jeremias 23,5-8; Salmo 72; Mateus 1,18-24.

19 de dezembro: Juizes 13,2-7.24-25; Salmo 71; Lucas 1,5-25.

20 de dezembro: Isaías 7,10-14; Salmo 24; Lucas 1,26-38.

21 de dezembro: Cântico dos Cânticos 2,8-14; Salmo 33; Lucas 1,39-45.

22 de dezembro: 1 Samuel 1,24-28; Salmo (1 Samuel 2,1.4-8); Lucas 1,46-56.

23 de dezembro: Malaquias 3,1-4.23-24; Salmo 25; Lucas 1,57-66.

24 de dezembro: 2 Samuel 7,1-16; Salmo 89; Lucas 1,67-79.

29 de dezembro: 1 João 2,3-11; Salmo 96; Lucas 2,22-35.

30 de dezembro: 1 João 2,12-17; Salmo 96; Lucas 2,36-40.

31 de dezembro: 1 João 2,18-21; Salmo 96; João 1,1-18.

2 de janeiro: 1 João 2,22-28; Salmo 98; João 1,19-28.

3 de janeiro: 1 João 2,29-3,6; Salmo 98; João 1,29-34.

4 de janeiro: 1 João 3,7-10; Salmo 98; João 1,35-42.

5 de janeiro: 1 João 3,11-21; Salmo 100; João 1,43-51.

6 de janeiro: 1 João 5,5-13; Salmo 147; Marcos 1,7-11.

7 de janeiro: 1 João 5,14-21; Salmo 149; João 2,1-12.

Quarta-feira de Cinzas: Joel 2,12-18; Salmo 51; 2 Coríntios 5,20-6,2; Mateus 6,1-6.16-18.

5ª feira depois das Cinzas: Deuteronômio 30,15-20; Salmo 1; Lucas 9,22-25.

6ª feira depois das Cinzas: Isaías 58,1-9a; Salmo 51; Mateus 9,14-15.

Sábado depois das Cinzas: Isaías 58,9b-14; Salmo 86; Lucas 5,27-32.

1ª semana da Quaresma 2ª feira: Levítico 19,1-2.11-18; Salmo 19; Mateus 25,31-46; 3ª feira: Isaías 55,10-11; Salmo 34; Mateus 6,7-15; 4ª feira: Jonas 3,1-10; Salmo 51; Lucas 11,29-32; 5ª feira: Ester 4,17j-l,r,s,t,u; Salmo 138; Mateus 7,7-12; 6ª feira: Ezequiel 18,21-28; Salmo 130; Mateus 5,20-26; Sábado: Deuteronômio 26,16-19; Salmo 119,1-8; Mateus 5,43-48.

2ª semana da Quaresma 2ª feira: Daniel 9,4b-10; Salmo 79; Lucas 6,36-38; 3ª feira: Isaías 1,10.16-20; Salmo 50; Mateus 23,1-12; 4ª feira: Jeremias 18,18-20; Salmo 31; Mateus 20,17-28; 5ª feira: Jeremias 17,5-10; Salmo 1; Lucas 16,19-31; 6ª feira: Gênesis 37,3-4.12-13a.17b-28; Salmo 105,16-21; Mateus 21,33-46; Sábado: Miqueias 7,14-20; Salmo 103; Lucas 15,1-3.11-32.

3ª semana da Quaresma 2ª feira: 2 Reis 5,1-15a; Salmos 42-43; Lucas 4,24-30; 3ª feira: Daniel 3,25.34-43; Salmo 25; Mateus 18,21-35; 4ª feira: Deuteronômio 4,1.5-9; Salmo 147; Mateus 5,17-19; 5ª feira: Jeremias 7,23-28; Salmo 95; Lucas 11,14-23; 6ª feira: Oseias 14,2-10; Salmo 81; Marcos 12,28-34; Sábado: Oseias 6,1-6; Salmo 51; Lucas 18,9-14.

4ª semana da Quaresma 2ª feira: Isaías 65,17-21; Salmo 30; João 4,43-54; 3ª feira: Ezequiel 47,1-12; Salmo 46; João 5,1-16; 4ª feira: Isaías 49,8-15; Salmo 145; João 5,17-30; 5ª feira: Êxodo 32,7-14; Salmo 106; João 5,31-47; 6ª feira: Sabedoria 2,1a.12-22; Salmo 34; João 7,1-2.10.25-30; Sábado: Jeremias 11,18-20; Salmo 7; João 7,40-53.

5ª semana da Quaresma 2ª feira: Daniel 13,1-9.15-17.19-30.33-62; Salmo 23; João 8,1-11; 3ª feira: Números 21,4-9; Salmo 102; João 8,21-30; 4ª feira: Daniel 3,14-20.46-50.91-92.95; Salmo (Daniel 3,52-57); João 8,31-42; 5ª feira: Gênesis 17,3-9; Salmo 105,1-9; João 8,51-59; 6ª feira: Jeremias 20,10-13; Salmo 18,1-7; João 10,31-42; Sábado: Ezequiel 37,21-28; Salmo (Jeremias 31,10-13); João 11,45-56.

Semana Santa 2ª feira: Isaías 42,1-7; Salmo 27; João 12,1-11; 3ª feira: Isaías 49,1-6; Salmo 71; João 13,21-33.36-38; 4ª feira: Isaías 50,4-9a; Salmo 69; Mateus 26,14-25.

1ª semana da Páscoa (oitava da Páscoa) 2ª feira: Atos dos Apóstolos 2,14-32; Salmo 16; Mateus 28,8-15; 3ª feira: Atos dos Apóstolos 2,36-41; Salmo 33; João 20,11-18; 4ª feira: Atos dos Apóstolos 3,1-10; Salmo 105; 1-11; Lucas 24,13-35; 5ª feira: Atos dos Apóstolos 3,11-26; Salmo 8; Lucas 24,35-48; 6ª feira: Atos dos Apóstolos 4,1-12; Salmo 118; João 21,1-14; Sábado: Atos dos Apóstolos 4,13-21; Salmo 118; Marcos 16,9-15.

2ª semana da Páscoa 2ª feira: Atos dos Apóstolos 4,23-31; Salmo 2; João 3,1-8; 3ª feira: Atos dos Apóstolos 4,32-37; Salmo 93; João 3,7-15; 4ª feira: Atos dos Apóstolos 5,17-26; Salmo 34; João 3,16-21; 5ª feira: Atos dos Apóstolos 5,27-33; Salmo 34; João 3,31-36; 6ª feira: Atos dos Apóstolos 5,34-42; Salmo 27; João 6,1-15; Sábado: Atos dos Apóstolos 6,1-7; Salmo 33; João 6,16-21.

3ª semana da Páscoa 2ª feira: Atos dos Apóstolos 6,8-15; Salmo 119; 23-30; João 6,22-29; 3ª feira: Atos dos Apóstolos 7,51-8,1a; Salmo 31; João 6,30-35; 4ª feira: Atos dos Apóstolos 8,1b-8; Salmo 66; João 6,35-40; 5ª feira: Atos dos Apóstolos 8,26-40; Salmo 66; João 6,44-51; 6ª feira: Atos dos Apóstolos 9,1-20; Salmo 117; João 6,52-59; Sábado: Atos dos Apóstolos 9,31-42; Salmo 116,10-19; João 6,60-69.

4ª semana da Páscoa 2ª feira: Atos dos Apóstolos 11,1-18; Salmos 42-43; João 10,1-10 (Ano A: 10,11-18); 3ª feira: Atos dos Apóstolos 11,19-26; Salmo 87; João 10,22-30; 4ª feira: Atos dos Apóstolos 12,24-13,5a; Salmo 67; João 12,44-50; 5ª feira: Atos dos Apóstolos 13,13-25; Salmo 89,1-27; João 13,16-20; 6ª feira: Atos dos Apóstolos 13,26-33; Salmo 2; João 14,1-6; Sábado: Atos dos Apóstolos 13,44-52; Salmo 98; João 14,7-14.

5ª semana da Páscoa 2ª feira: Atos dos Apóstolos 14,5-18; Salmo 115; João 14,21-26; 3ª feira: Atos dos Apóstolos 14,19-28; Salmo 145; João 14,27-31a; 4ª feira: Atos dos Apóstolos 15,1-6; Salmo 122; João 15,1-8; 5ª feira: Atos dos Apóstolos 15,7-21; Salmo 96; João 15,9-11; 6ª feira: Atos dos Apóstolos 15,22-31; Salmo 57; João 15,12-17; Sábado: Atos dos Apóstolos 16,1-10; Salmo 100; João 15,18-21.

6ª semana da Páscoa 2ª feira: Atos dos Apóstolos 16,11-15; Salmo 149; João 15,26-16,4a; 3ª feira: Atos dos Apóstolos 16,22-34; Salmo 138; João 16,5-11; 4ª feira: Atos dos Apóstolos 17,15.22-18,1; Salmo 148; João 16,12-15; 5ª feira: Atos dos Apóstolos 18,1-8; Salmo 98; João 16,16-20; 6ª feira: Atos dos Apóstolos 18,9-18; Salmo 47; João 16,20-23a; Sábado: Atos dos Apóstolos 18,23-28; Salmo 47; João 16,23b-28.

7ª semana da Páscoa 2ª feira: Atos dos Apóstolos 19,1-8; Salmo 68,1-7; João 16,29-33; 3ª feira: Atos dos Apóstolos 20,17-27; Salmo 68,10-22; João 17,1-11a; 4ª feira: Atos dos Apóstolos 20,28-38; Salmo 68,29-36; João 17,11b-19; 5ª feira: Atos dos Apóstolos 22,30; 23,6-11; Salmo 16; João 17,20-26; 6ª feira: Atos dos Apóstolos 25,13-21; Salmo 103; João 21,15-19; Sábado: Atos dos Apóstolos 28,16-20.30-31; Salmo 11; João 21,20-25.

*1ª semana comum 2ª feira: **Ano ímpar:** Hebreus 1,1-6; Salmo 97; **Ano par:** 1 Samuel 1,1-8; Salmo 116,10-19; Marcos 1,14-20; 3ª feira: **Ano ímpar:** Hebreus 2,5-12; Salmo 8; **Ano par:** 1 Samuel 1,9-20; Salmo (1 Samuel 2,1-8); Marcos 1,21-28; 4ª feira: **Ano ímpar:** Hebreus 2,14-18; Salmo 105,1-9; **Ano par:** 1 Samuel 3,1-10.19-20; Salmo 40; Marcos 1,29-39; 5ª feira: **Ano ímpar:** Hebreus*

3,7-14; Salmo 95; **Ano par:** 1 Samuel 4,1-11; Salmo 44; Marcos 1,40-45; 6^a feira: **Ano ímpar:** Hebreus 4,1-5.11; Salmo 78,1-8; **Ano par:** 1 Samuel 8,4-7.10-22a; Salmo 89,1-19; Marcos 2,1-12; Sábado: **Ano ímpar:** Hebreus 4,12-16; Salmo 19; **Ano par:** 1 Samuel 9,1-4.17-19; 10,1a; Salmo 21; Marcos 2,13-17.

2^a semana comum 2^a feira: **Ano ímpar:** Hebreus 5,1-10; Salmo 110; **Ano par:** 1 Samuel 15,16-23; Salmo 50; Marcos 2,18-22; 3^a feira: **Ano ímpar:** Hebreus 6,10-20; Salmo 111; **Ano par:** 1 Samuel 16,1-13; Salmo 89, 20-28; Marcos 2,23-28; 4^a feira: **Ano ímpar:** Hebreus 7,1-3.15-17; Salmo 110; **Ano par:** 1 Samuel 17,32-33.37.40-51; Salmo 144; Marcos 3,1-6; 5^a feira: **Ano ímpar:** Hebreus 7,25-8,6; Salmo 40; **Ano par:** 1 Samuel 18,6-9; 19,1-7; Salmo 56; Marcos 3,7-12; 6^a feira: **Ano ímpar:** Hebreus 8,6-13; Salmo 85; **Ano par:** 1 Samuel 24,3-21; Salmo 57; Marcos 3,13-19; Sábado: **Ano ímpar:** Hebreus 9,2-3.11-14; Salmo 47; **Ano par:** 2 Samuel 1,1-4.11-12.19.23-27; Salmo 80; Marcos 3,20-21.

3^a semana comum 2^a feira: **Ano ímpar:** Hebreus 9,15.24-28; Salmo 98; **Ano par:** 2 Samuel 5,1-7.10; Salmo 89,20-26; Marcos 3,22-30; 3^a feira: **Ano ímpar:** Hebreus 10,1-10; Salmo 40,1-11; **Ano par:** 2 Samuel 6,12-15.17-19; Salmo 24; Marcos 3,31-35; 4^a feira: **Ano ímpar:** Hebreus 10,11-18; Salmo 110; **Ano par:** 2 Samuel 7,4-17; Salmo 89,1-30; Marcos 4,1-20; 5^a feira: **Ano ímpar:** Hebreus 10,19-25; Salmo 24; **Ano par:** 2 Samuel 7,18-19.24-29; Salmo 132; Marcos 4,21-25; 6^a feira: **Ano ímpar:** Hebreus 10,32-39; Salmo 37; **Ano par:** 2 Samuel 11,1-17; Salmo 51; Marcos 4,26-34; Sábado: **Ano ímpar:** Hebreus 11,1-2.8-19; Salmo (Lucas 1,69-75); **Ano par:** 2 Samuel 12,1-7a.10-17; Salmo 51; Marcos 4,35-41.

4^a semana comum 2^a feira: **Ano ímpar:** Hebreus 11,32-40; Salmo 31; **Ano par:** 2 Samuel 15,13-14.30; 16,5-13a; Salmo 3; Marcos 5,1-20; 3^a feira: **Ano ímpar:** Hebreus 12,1-4; Salmo 22; **Ano par:** 2 Samuel 18,9-10.14b.24-25a.30-19,3; Salmo 86; Marcos 5,21-43; 4^a feira: **Ano ímpar:** Hebreus 12,4-7.11-15; Salmo 103; **Ano par:** 2 Samuel 24,2.9-17; Salmo 32; Marcos 6,1-6; 5^a feira: **Ano ímpar:** Hebreus 12,18-24; Salmo 48; **Ano par:** 1 Reis 2,1-4.10-12; Salmo (1 Crônicas 29,10-12); Marcos 6,7-13; 6^a feira: **Ano ímpar:** Hebreus 13,1-8; Salmo 27; **Ano par:** Eclesiástico 47,2-11; Salmo 18,31-51; Marcos 6,14-29; Sábado: **Ano ímpar:** Hebreus 13,15-21; Salmo 23; **Ano par:** 1 Reis 3,4-13; Salmo 119,1-14; Marcos 6,30-34.

5^a semana comum 2^a feira: **Ano ímpar:** Gênesis 1,1-19; Salmo 104; **Ano par:** 1

Reis 8,1-13; Salmo 132; Marcos 6,53-56; 3ª feira: Ano ímpar: Gênesis 1,20-2,4a; Salmo 8; Ano par: 1 Reis 8,22-30; Salmo 84; Marcos 7,1-13; 4ª feira: Ano ímpar: Gênesis 2,4b-17; Salmo 104; Ano par: 1 Reis 10,1-10; Salmo 37; Marcos 7,14-23; 5ª feira: Ano ímpar: Gênesis 2,18-25; Salmo 128; Ano par: 1 Reis 11,4-13; Salmo 106,1-40; Marcos 7,24-30; 6ª feira: Ano ímpar: Gênesis 3,1-8; Salmo 32; Ano par: 1 Reis 11,29-32; 12,19; Salmo 81; Marcos 7,31-37; Sábado: Ano ímpar: Gênesis 3,9-24; Salmo 90; Ano par: 1 Reis 12,26-32; 13,33-34; Salmo 106,1-22; Marcos 8,1-10.

6ª semana comum 2ª feira: Ano ímpar: Gênesis 4,1-15.25; Salmo 50; Ano par: Tiago 1,1-11; Salmo 119,67-76; Marcos 8,11-13; 3ª feira: Ano ímpar: Gênesis 6,5-8; 7,1-5.10; Salmo 29; Ano par: Tiago 1,12-18; Salmo 94; Marcos 8,14-21; 4ª feira: Ano ímpar: Gênesis 8,6-13.20-22; Salmo 116,10-19; Ano par: Tiago 1,19-27; Salmo 15; Marcos 8,22-26; 5ª feira: Ano ímpar: Gênesis 9,1-13; Salmo 102; Ano par: Tiago 2,1-9; Salmo 34; Marcos 8,27-33; 6ª feira: Ano ímpar: Gênesis 11,1-9; Salmo 33; Ano par: Tiago 2,14-26; Salmo 112; Marcos 8,34-9,1; Sábado: Ano ímpar: Hebreus 11,1-7; Salmo 145; Ano par: Tiago 3,1-10; Salmo 12; Marcos 9,2-13.

7ª semana comum 2ª feira: Ano ímpar: Eclesiástico 1,1-8; Salmo 93; Ano par: Tiago 3,13-18; Salmo 19; Marcos 9,14-29; 3ª feira: Ano ímpar: Eclesiástico 2,1-11; Salmo 37; Ano par: Tiago 4,1-10; Salmo 55; Marcos 9,30-37; 4ª feira: Ano ímpar: Eclesiástico 4,11-19; Salmo 119,165-175; Ano par: Tiago 4,13-17; Salmo 49; Marcos 9,38-40; 5ª feira: Ano ímpar: Eclesiástico 5,1-8; Salmo 1; Ano par: Tiago 5,1-6; Salmo 49; Marcos 9,41-50; 6ª feira: Ano ímpar: Eclesiástico 6,5-17; Salmo 119,12-35; Ano par: Tiago 5,9-12; Salmo 103; Marcos 10,1-12; Sábado: Ano ímpar: Eclesiástico 17,1-13; Salmo 103; Ano par: Tiago 5,13-20; Salmo 141; Marcos 10,13-16.

8ª semana comum 2ª feira: Ano ímpar: Eclesiástico 17,19-27; Salmo 32; Ano par: 1 Pedro 1,3-9; Salmo 111; Marcos 10,17-27; 3ª feira: Ano ímpar: Eclesiástico 35,1-12; Salmo 50; Ano par: 1 Pedro 1,10-16; Salmo 98; Marcos 10,28-31; 4ª feira: Ano ímpar: Eclesiástico 36,1.4-5a. 10-17; Salmo 89; Ano par: 1 Pedro 1,18-25; Salmo 147,12-20; Marcos 10,32-45; 5ª feira: Ano ímpar: Eclesiástico 42,15-25; Salmo 33; Ano par: 1 Pedro 2,2-12; Salmo 100; Marcos 10,46-52; 6ª feira: Ano ímpar: Eclesiástico 44,1.9-13; Salmo 149; Ano par: 1 Pedro 4,7-13; Salmo 96; Marcos 11,11-26; Sábado: Ano ímpar: Eclesiástico 51,12-20; Salmo 19; Ano par: Judite 17,20-25; Salmo 63; Marcos 11,27-33.

9ª semana comum 2ª feira: Ano ímpar: Tobias 1,1-2; 2,1-9; Salmo 112; Ano par: 2 Pedro 1,1-7; Salmo 91; Marcos 12,1-12; 3ª feira: Ano ímpar: Tobias 2,9-14; Salmo 112; Ano par: 2 Pedro 3,12-18; Salmo 90; Marcos 12,13-17; 4ª feira: Ano ímpar: Tobias 3,1-11.16-17; Salmo 25; Ano par: 2 Timóteo 1,1-3.6-12; Salmo 123; Marcos 12,18-27; 5ª feira: Ano ímpar: Tobias 6,10-11a; 7,1.9-17; 8,1-8; Salmo 128; Ano par: 2 Timóteo 2,8-15; Salmo 25; Marcos 12,28b-34; 6ª feira: Ano ímpar: Tobias 11,5-14; Salmo 146; Ano par: 2 Timóteo 3,10-17; Salmo 119,157-168; Marcos 12,35-37; Sábado: Ano ímpar: Tobias 12,1.5-18; Salmo (Tobias 13,1-9); Ano par: 2 Timóteo 4,1-8; Salmo 71; Marcos 12,38-44.

10ª semana comum 2ª feira: Ano ímpar: 2 Coríntios 1,1-7; Salmo 34; Ano par: 1 Reis 17,1-6; Salmo 121; Mateus 5,1-12; 3ª feira: Ano ímpar: 2 Coríntios 1,18-22; Salmo 119,129-135; Ano par: 1 Reis 17,7-16; Salmo 4; Mateus 5,13-16; 4ª feira: Ano ímpar: 2 Coríntios 3,4-11; Salmo 99; Ano par: 1 Reis 18,20-39; Salmo 16; Mateus 5,17-19; 5ª feira: Ano ímpar: 2 Coríntios 3,15-4,6; Salmo 85; Ano par: 1 Reis 18,41-46; Salmo 65; Mateus 5,20-26; 6ª feira: Ano ímpar: 2 Coríntios 4,7-15; Salmo 116,10-19; Ano par: 1 Reis 19,9a.11-16; Salmo 27; Mateus 5,27-32; Sábado: Ano ímpar: 2 Coríntios 5,14-21; Salmo 103; Ano par: 1 Reis 19,19-21; Salmo 16; Mateus 5,33-37.

11ª semana comum 2ª feira: Ano ímpar: 2 Coríntios 6,1-10; Salmo 98; Ano par: 1 Reis 21,1-16; Salmo 5; Mateus 5,38-42; 3ª feira: Ano ímpar: 2 Coríntios 8,1-9; Salmo 146; Ano par: 1 Reis 21,17-29; Salmo 51; Mateus 5,43-48; 4ª feira: Ano ímpar: 2 Coríntios 9,6-11; Salmo 112; Ano par: 2 Reis 2,1.6-14; Salmo 31; Mateus 6,1-6.16-18; 5ª feira: Ano ímpar: 2 Coríntios 11,1-11; Salmo 111; Ano par: Eclesiástico 48,1-14; Salmo 97; Mateus 6,7-15; 6ª feira: Ano ímpar: 2 Coríntios 11,18-30; Salmo 34; Ano par: 2 Reis 11,1-4.9-20; Salmo 132; Mateus 6,19-23; Sábado: Ano ímpar: 2 Coríntios 12,1-10; Salmo 34; Ano par: 2 Crônicas 24,17-25; Salmo 89; Mateus 6,24-34.

12ª semana comum 2ª feira: Ano ímpar: Gênesis 12,1-9; Salmo 33; Ano par: 2 Reis 17,5-8.13-15a.18; Salmo 60; Mateus 7,1-5; 3ª feira: Ano ímpar: Gênesis 13,2.5-18; Salmo 15; Ano par: 2 Reis 19,9b-11.14-21.31-35a.36; Salmo 48; Mateus 7,6.12-14; 4ª feira: Ano ímpar: Gênesis 15,1-12.17-18; Salmo 105,1-9; Ano par: 2 Reis 22,8-13; 23,1-3; Salmo 118; Mateus 7,15-20; 5ª feira: Ano ímpar: Gênesis 16,1-12.15-16; Salmo 106,1-5; Ano par: 2 Reis 24,8-17; Salmo 79; Mateus 7,21-29; 6ª feira: Ano ímpar: Gênesis 17,1.4-5.9-10.15-22; Salmo 128; Ano par: 2 Reis 25,1-12; Salmo 137; Mateus 8,1-4; Sábado: Ano ímpar:

Gênesis 18,1-15; Salmo (Lucas 1,46-55); Ano par: Lamentações 2,2.10-14.18-19; Salmo 74; Mateus 8,5-17.

13ª semana comum 2ª feira: Ano ímpar: Gênesis 18,16-33; Salmo 103; Ano par: Amós 2,6-10.13-16; Salmo 50; Mateus 8,18-22; 3ª feira: Ano ímpar: Gênesis 19,15-29; Salmo 26; Ano par: Amós 3,1-8; 4,11-12; Salmo 5; Mateus 8,23-27; 4ª feira: Ano ímpar: Gênesis 21,5.8-20; Salmo 34; Ano par: Amós 5,14-15.21-24; Salmo 50; Mateus 8,28-34; 5ª feira: Ano ímpar: Gênesis 22,1-19; Salmo 116,1-9; Ano par: Amós 7,10-17; Salmo 19; Mateus 9,1-8; 6ª feira: Ano ímpar: Gênesis 23,1-4.19; 24,1-8.62-67; Salmo 106,1-5; Ano par: Amós 8,4-6.9-12; Salmo 119,1-47; Mateus 9,9-13; Sábado: Ano ímpar: Gênesis 27,1-5.15-29; Salmo 135; Ano par: Amós 9,11-15; Salmo 85; Mateus 9,14-17.

14ª semana comum 2ª feira: Ano ímpar: Gênesis 28,10-22a; Salmo 91; Ano par: Oseias 2,16.17b-18.21-22; Salmo 145; Mateus 9,18-26; 3ª feira: Ano ímpar: Gênesis 32,23-33; Salmo 17; Ano par: Oseias 8,4-7.11-13; Salmo 115; Mateus 9,32-38; 4ª feira: Ano ímpar: Gênesis 41,55-57; 42,5-7a.17-24a; Salmo 33; Ano par: Oseias 10,1-3.7-8.12; Salmo 105,1-7; Mateus 10,1-7; 5ª feira: Ano ímpar: Gênesis 44,18-21.23-29; 45,1-5; Salmo 105,16-21; Ano par: Oseias 11,1-9; Salmo 80; Mateus 10,7-15; 6ª feira: Ano ímpar: Gênesis 46,1-7.28-30; Salmo 37; Ano par: Oseias 14,2-10; Salmo 51; Mateus 10,16-23; Sábado: Ano ímpar: Gênesis 49,29-33; 50,15-24; Salmo 105,1-7; Ano par: Isaías 6,1-8; Salmo 93; Mateus 10,24-33.

15ª semana comum 2ª feira: Ano ímpar: Êxodo 1,8-14.22; Salmo 124; Ano par: Isaías 1,10-17; Salmo 50; Mateus 10,34-11,1; 3ª feira: Ano ímpar: Êxodo 2,1-15; Salmo 69; Ano par: Isaías 7,1-9; Salmo 48; Mateus 11,20-24; 4ª feira: Ano ímpar: Êxodo 3,1-6.9-12; Salmo 103; Ano par: Isaías 10,5-7.13-16; Salmo 94; Mateus 11,25-27; 5ª feira: Ano ímpar: Êxodo 3,13-20; Salmo 105,1-27; Ano par: Isaías 26,7-9.12.16-19; Salmo 102; Mateus 11,28-30; 6ª feira: Ano ímpar: Êxodo 11,10-12,14; Salmo 116,10-19; Ano par: Isaías 38,1-6.21-22.7-8; Salmo (Isaías 38,10-17); Mateus 12,1-8; Sábado: Ano ímpar: Êxodo 12,37-42; Salmo 136; Ano par: Miqueias 2,1-5; Salmo 10; Mateus 12,14-21.

16ª semana comum 2ª feira: Ano ímpar: Êxodo 14,5-18; Salmo (Êxodo 15,1-6); Ano par: Miqueias 6,1-4.6-8; Salmo 50; Mateus 12,38-42; 3ª feira: Ano ímpar: Êxodo 14,21-15,1; Salmo (Êxodo 15,8-17); Ano par: Miqueias 7,14-15.18-20; Salmo 85; Mateus 12,46-50; 4ª feira: Ano ímpar: Êxodo 16,1-5.9-15; Salmo 78,18-28; Ano par: Jeremias 1,1.4-10; Salmo 71; Mateus 13,1-9; 5ª feira: Ano ímpar: Êxodo 19,1-2.9-11.16-20; Salmo (Daniel 3,52-56); Ano par: Jeremias

2,1-3.7-8.12-13; Salmo 36; Mateus 13,10-17; 6ª feira: **Ano ímpar:** Êxodo 20,1-17; Salmo 19; **Ano par:** Jeremias 3,14-17; Salmo (Jeremias 31,10-13); Mateus 13,18-23; Sábado: **Ano ímpar:** Êxodo 24,3-8; Salmo 50; **Ano par:** Jeremias 7,1-11; Salmo 84; Mateus 13,24-30.

17ª semana comum 2ª feira: **Ano ímpar:** Êxodo 32,15-24.30-34; Salmo 106,19-23; **Ano par:** Jeremias 13,1-11; Salmo (Deuteronômio 32,18-21); Mateus 13,31-35; 3ª feira: **Ano ímpar:** Êxodo 33,7-11; 34,5-9.28; Salmo 103; **Ano par:** Jeremias 14,17-22; Salmo 79; Mateus 13,36-43; 4ª feira: **Ano ímpar:** Êxodo 34,29-35; Salmo 99; **Ano par:** Jeremias 15,10.16-21; Salmo 59; Mateus 13,44-46; 5ª feira: **Ano ímpar:** Êxodo 40,16-21.34-38; Salmo 84; **Ano par:** Jeremias 18,1-6; Salmo 146; Mateus 13,47-52; 6ª feira: **Ano ímpar:** Levítico 23,1.4-11.15-16.27.34b-37; Salmo 81; **Ano par:** Jeremias 26,1-9; Salmo 69,1-17; Mateus 13,54-58; Sábado: **Ano ímpar:** Levítico 25,1.8-17; Salmo 67; **Ano par:** Jeremias 26,11-16.24; Salmo 69,15-34; Mateus 14,1-12.

18ª semana comum 2ª feira: **Ano ímpar:** Números 11,4b-15; Salmo 81; **Ano par:** Jeremias 28,1-17; Salmo 119,29-102; Mateus 14,13-21; 3ª feira: **Ano ímpar:** Números 12,1-13; Salmo 51; **Ano par:** Jeremias 30,1-2.12-15.18-22; Salmo 102; Mateus 14,22-36; 4ª feira: **Ano ímpar:** Números 13,1-3a.25-14,1.26-30.34-35; Salmo 106,6-23; **Ano par:** Jeremias 31,1-7; Salmo (Jeremias 31,10-13); Mateus 15,21-28; 5ª feira: **Ano ímpar:** Números 20,1-13; Salmo 95; **Ano par:** Jeremias 31,31-34; Salmo 51; Mateus 16,13-23; 6ª feira: **Ano ímpar:** Deuteronômio 4,32-40; Salmo 77; **Ano par:** Naum 2,1.3; 3,1-3.6-7; Salmo (Deuteronômio 32,35-41); Mateus 16,24-28; Sábado: **Ano ímpar:** Deuteronômio 6,4-13; Salmo 18; **Ano par:** Habacuc 1,12-2,4; Salmo 9; Mateus 17,14-20.

19ª semana comum 2ª feira: **Ano ímpar:** Deuteronômio 10,12-22; Salmo 147,12-20; **Ano par:** Ezequiel 1,2-5.24-28a; Salmo 148; Mateus 17,22-27; 3ª feira: **Ano ímpar:** Deuteronômio 31,1-8; Salmo (Deuteronômio 32,3-12); **Ano par:** Ezequiel 2,8-3,4; Salmo 119,14-131; Mateus 18,1-5.10.12-14; 4ª feira: **Ano ímpar:** Deuteronômio 34,1-12; Salmo 66; **Ano par:** Ezequiel 9,1-7; 10,18-22; Salmo 113; Mateus 18,15-20; 5ª feira: **Ano ímpar:** Josué 3,7-17; Salmo 114; **Ano par:** Ezequiel 12,1-12; Salmo 78,56-62; Mateus 18,21-19,1; 6ª feira: **Ano ímpar:** Josué 24,1-13; Salmo 136; **Ano par:** Ezequiel 16,1-15.60.63; Salmo (Isaías 12,2-6); Mateus 19,3-12; Sábado: **Ano ímpar:** Josué 24,14-29; Salmo 16; **Ano par:** Ezequiel 18,1-13.30-32; Salmo 51; Mateus 19,13-15.

20ª semana comum 2ª feira: **Ano ímpar:** Juízes 2,11-19; Salmo 106,34-44; **Ano**

par: Ezequiel 24,15-24; Salmo (Deuteronômio 32,18-21); Mateus 19,16-22; 3^a feira: **Ano ímpar:** Juízes 6,11-24a; Salmo 85; **Ano par:** Ezequiel 28,1-10; Salmo (Deuteronômio 32,26-36); Mateus 19,23-30; 4^a feira: **Ano ímpar:** Juízes 9,6-15; Salmo 21; **Ano par:** Ezequiel 34,1-11; Salmo 23; Mateus 20,1-16; 5^a feira: **Ano ímpar:** Juízes 11,29-39a; Salmo 40; **Ano par:** Ezequiel 36,23-28; Salmo 51; Mateus 22,1-14; 6^a feira: **Ano ímpar:** Rute 1,1-8a.14b-16.22; Salmo 146; **Ano par:** Ezequiel 37,1-14; Salmo 107,1-9; Mateus 22,34-40; Sábado: **Ano ímpar:** Rute 2,1-3.8-11; 4,13-17; Salmo 128; **Ano par:** Ezequiel 43,1-7a; Salmo 85; Mateus 23,1-12.

21^a semana comum 2^a feira: **Ano ímpar:** 1 Tessalonicenses 1,2-5.8b-10; Salmo 149; **Ano par:** 2 Tessalonicenses 1,1-5.11-12; Salmo 96; Mateus 23, 13-22; 3^a feira: **Ano ímpar:** 1 Tessalonicenses 2,1-8; Salmo 139; **Ano par:** 2 Tessalonicenses 2,1-3a.14-17; Salmo 96; Mateus 23,23-26; 4^a feira: **Ano ímpar:** 1 Tessalonicenses 2,9-13; Salmo 139; **Ano par:** 2 Tessalonicenses 3,6-10.16-18; Salmo 128; Mateus 23,27-32; 5^a feira: **Ano ímpar:** 1 Tessalonicenses 3,7-13; Salmo 90; **Ano par:** 1 Coríntios 1,1-9; Salmo 145; Mateus 24,42-51; 6^a feira: **Ano ímpar:** 1 Tessalonicenses 4,1-8; Salmo 97; **Ano par:** 1 Coríntios 1,17-25; Salmo 33; Mateus 25,1-13; Sábado: **Ano ímpar:** 1 Tessalonicenses 4,9-12; Salmo 98; **Ano par:** 1 Coríntios 1,26-31; Salmo 33; Mateus 25,14-30.

22^a semana comum 2^a feira: **Ano ímpar:** 1 Tessalonicenses 4,13-18; Salmo 96; **Ano par:** 1 Coríntios 2,1-5; Salmo 119,97-102; Lucas 4,16-30; 3^a feira: **Ano ímpar:** 1 Tessalonicenses 5,1-6. 9-11; Salmo 27; **Ano par:** 1 Coríntios 2,10b-16; Salmo 145; Lucas 4,31-37; 4^a feira: **Ano ímpar:** Colossenses 1,1-8; Salmo 52; **Ano par:** 1 Coríntios 3,1 9; Salmo 33; Lucas 4,38-44; 5^a feira: **Ano ímpar:** Colossenses 1,9-14; Salmo 98; **Ano par:** 1 Coríntios 3,18-23; Salmo 24; Lucas 5,1-11; 6^a feira: **Ano ímpar:** Colossenses 1,15-20; Salmo 100; **Ano par:** 1 Coríntios 4,1-5; Salmo 37; Lucas 5,33-39; Sábado: **Ano ímpar:** Colossenses 1,21-23; Salmo 54; **Ano par:** 1 Coríntios 4,6-15; Salmo 145; Lucas 6,1-5.

23^a semana comum 2^a feira: **Ano ímpar:** Colossenses 1,24-2,3; Salmo 62; **Ano par:** 1 Coríntios 5,1-8; Salmo 5; Lucas 6,6-11; 3^a feira: **Ano ímpar:** Colossenses 2,6-15; Salmo 145; **Ano par:** 1 Coríntios 6,1-11; Salmo 149; Lucas 6,12-19; 4^a feira: **Ano ímpar:** Colossenses 3,1-11; Salmo 145; **Ano par:** 1 Coríntios 7,25-31; Salmo 45; Lucas 6,20-26; 5^a feira: **Ano ímpar:** Colossenses 3,12-17; Salmo 150; **Ano par:** 1 Coríntios 8,1b-7.10-13; Salmo 139; Lucas 6,27-38; 6^a feira: **Ano ímpar:** 1 Timóteo 1,1-2.12-14; Salmo 16; **Ano par:** 1 Coríntios 9,16-19.22-27; Salmo 84; Lucas 6,39-42; Sábado: **Ano ímpar:** 1

Timóteo 1,15-17; Salmo 113; Ano par: 1 Coríntios 10,14-23; Salmo 116,10-19; Lucas 6,43-49.

24ª semana comum 2ª feira: Ano ímpar: 1 Timóteo 2,1-8; Salmo 28; Ano par: 1 Coríntios 11,17-26.33; Salmo 40; Lucas 7,1-10; 3ª feira: Ano ímpar: 1 Timóteo 3,1-13; Salmo 101; Ano par: 1 Coríntios 12,12-14.27-31a; Salmo 100; Lucas 7,11-17; 4ª feira: Ano ímpar: 1 Timóteo 3,14-16; Salmo 111; Ano par: 1 Coríntios 12,31-13,13; Salmo 33; Lucas 7,31-35; 5ª feira: Ano ímpar: 1 Timóteo 4,12-16; Salmo 111; Ano par: 1 Coríntios 15,1-11; Salmo 118; Lucas 7,36-50; 6ª feira: Ano ímpar: 1 Timóteo 6,2-12; Salmo 49; Ano par: 1 Coríntios 15,12-20; Salmo 17; Lucas 8,1-3; Sábado: Ano ímpar: 1 Timóteo 6,13-16; Salmo 100; Ano par: 1 Coríntios 15,35-37.42-49; Salmo 56; Lucas 8,4-15.

25ª semana comum 2ª feira: Ano ímpar: Esdras 1,1-6; Salmo 126; Ano par: Provérbios 3,27-34; Salmo 15; Lucas 8,16-18; 3ª feira: Ano ímpar: Esdras 6,7-8.12b.14-20; Salmo 122; Ano par: Provérbios 21,1-6.10-13; Salmo 119,1-44; Lucas 8,19-21; 4ª feira: Ano ímpar: Esdras 9,5-9; Salmo (Tobias 13,1-8); Ano par: Provérbios 30,5-9; Salmo 119,29-163; Lucas 9,1-6; 5ª feira: Ano ímpar: Ageu 1,1-8; Salmo 149; Ano par: Eclesiastes 1,2-11; Salmo 90; Lucas 9,7-9; 6ª feira: Ano ímpar: Ageu 1,15b-2,9; Salmo 43; Ano par: Eclesiastes 3,1-11; Salmo 144; Lucas 9,18-22; Sábado: Ano ímpar: Zacarias 2,5-9a.14-15a; Salmo (Jeremias 31,10-13); Ano par Eclesiastes 11,9-12,8; Salmo 90; Lucas 9,43b-45.

26ª semana comum 2ª feira: Ano ímpar: Zacarias 8,1-8; Salmo 102; Ano par: Jó 1,6-22; Salmo 17; Lucas 9,46-50; 3ª feira: Ano ímpar: Zacarias 8,20-23; Salmo 87; Ano par: Jó 3,1-3.11-17.20-23; Salmo 88; Lucas 9,51-56; 4ª feira: Ano ímpar: Neemias 2,1-8; Salmo 137; Ano par: Jó 9,1-12.14-16; Salmo 88; Lucas 9,57-62; 5ª feira: Ano ímpar: Neemias 8,1-4a.5-6.7b-12; Salmo 19; Ano par: Jó 19,21-27; Salmo 27; Lucas 10,1-12; 6ª feira: Ano ímpar: Baruc 1,15-22; Salmo 79; Ano par: Jó 38,1.12-21; 40,3-5; Salmo 139; Lucas 10,13-16; Sábado: Ano ímpar: Baruc 4,5-12.27-29; Salmo 69; Ano par: Jó 42,1-3.5-6.12-17; Salmo 119,66-130; Lucas 10,17-24.

27ª semana comum 2ª feira: Ano ímpar: Jonas 1,1-2,1.11; Salmo (Jonas 2,2-8); Ano par: Gálatas 1,6-12; Salmo 111; Lucas 10,25-37; 3ª feira: Ano ímpar: Jonas 3,1-10; Salmo 130; Ano par: Gálatas 1,13-24; Salmo 139; Lucas 10,38-42; 4ª feira: Ano ímpar: Jonas 4,1-11; Salmo 86; Ano par: Gálatas 2,1-2.7-14; Salmo 117; Lucas 11,1-4; 5ª feira: Ano ímpar: Malaquias 3,13-20a; Salmo 1; Ano par: Gálatas 3,1-5; Salmo (Lucas 1,69-75); Lucas 11,5-13; 6ª feira: Ano

ímpar: Joel 1,13-15; 2,1-2; Salmo 9; **Ano par:** Gálatas 3,7-14; Salmo 111; Lucas 11,15-26; **Sábado:** **Ano ímpar:** Joel 4,12-21; Salmo 97; **Ano par:** Gálatas 3,22-29; Salmo 105,1-7; Lucas 11,27-28.

28ª semana comum 2ª feira: **Ano ímpar:** Romanos 1,1-7; Salmo 98; **Ano par:** Gálatas 4,22-24.26-27.31-5,1; Salmo 113; Lucas 11,29-32; 3ª feira: **Ano ímpar:** Romanos 1,16-25; Salmo 19; **Ano par:** Gálatas 5,1-6; Salmo 119, 41-48; Lucas 11,37-41; 4ª feira: **Ano ímpar:** Romanos 2,1-11; Salmo 62; **Ano par:** Gálatas 5,18-25; Salmo 1; Lucas 11,42-46; 5ª feira: **Ano ímpar:** Romanos 3,21-30a; Salmo 130; **Ano par:** Efésios 1,1-10; Salmo 98; Lucas 11,47-54; 6ª feira: **Ano ímpar:** Romanos 4,1-8; Salmo 32; **Ano par:** Efésios 1,11-14, Salmo 33; Lucas 12,1-7; **Sábado:** **Ano ímpar:** Romanos 4,13.16-18; Salmo 105,6-43; **Ano par:** Efésios 1,15-23; Salmo 8; Lucas 12,8-12.

29ª semana comum 2ª feira: **Ano ímpar:** Romanos 4,20-25; Salmo (Lucas 1,69-75); **Ano par:** Efésios 2,1-10; Salmo 100; Lucas 12,13-21; 3ª feira: **Ano ímpar:** Romanos 5,12-21; Salmo 40; **Ano par:** Efésios 2,12-22; Salmo 85; Lucas 12,35-38; 4ª feira: **Ano ímpar:** Romanos 6,12-18; Salmo 124; **Ano par:** Efésios 3,2-12; Salmo (Isaías 12,2-6); Lucas 12,39-48; 5ª feira: **Ano ímpar:** Romanos 6,19-23; Salmo 1; **Ano par:** Efésios 3,14-21; Salmo 33; Lucas 12,49-53; 6ª feira: **Ano ímpar:** Romanos 7,18-25a; Salmo 119,66-94; **Ano par:** Efésios 4,1-6; Salmo 24; Lucas 12,54-59; **Sábado:** **Ano ímpar:** Romanos 8,1-11; Salmo 24; **Ano par:** Efésios 4,7-16; Salmo 122; Lucas 13,1-9.

30ª semana comum 2ª feira: **Ano ímpar:** Romanos 8,12-17; Salmo 68; **Ano par:** Efésios 4,32-5,8; Salmo 1; Lucas 13,10-17; 3ª feira: **Ano ímpar:** Romanos 8,18-25; Salmo 126; **Ano par:** Efésios 5,21-33; Salmo 128; Lucas 13,18-21; 4ª feira: **Ano ímpar:** Romanos 8,26-30; Salmo 13; **Ano par:** Efésios 6,1-9; Salmo 145; Lucas 13,22-30; 5ª feira: **Ano ímpar:** Romanos 8,31b-39; Salmo 109,21-31; **Ano par:** Efésios 6,10-20; Salmo 144; Lucas 13,31-35; 6ª feira: **Ano ímpar:** Romanos 9,1-5; Salmo 147,12-20; **Ano par:** Filipenses 1,1-11; Salmo 111; Lucas 14,1-6; **Sábado:** **Ano ímpar:** Romanos 11,1-2a.11-12.25-29; Salmo 94; **Ano par:** Filipenses 1,18b-26; Salmo 42; Lucas 14,1.7-11.

31ª semana comum 2ª feira: **Ano ímpar:** Romanos 11,30-36; Salmo 69; **Ano par:** Filipenses 2,1-4; Salmo 131; Lucas 14,12-14; 3ª feira: **Ano ímpar:** Romanos 12,5-16a; Salmo 131; **Ano par:** Filipenses 2,5-11; Salmo 22; Lucas 14,15-24; 4ª feira: **Ano ímpar:** Romanos 13,8-10; Salmo 112; **Ano par:** Filipenses 2,12-18; Salmo 27; Lucas 14,25-33; 5ª feira: **Ano ímpar:** Romanos 14,7-12; Salmo 27; **Ano par:** Filipenses 3,3-8a; Salmo 105,1-7; Lucas 15,1-10;

6ª feira: Ano ímpar: Romanos 15,14-21; Salmo 98; Ano par: Filipenses 3,17-4,1; Salmo 122; Lucas 16,1-8; Sábado: Ano ímpar: Romanos 16,3-9.16.22-27; Salmo 145; Ano par: Filipenses 4,10-19; Salmo 112; Lucas 16,9-15.

32ª semana comum 2ª feira: Ano ímpar: Sabedoria 1,1-7; Salmo 139; Ano par: Tito 1,1-9; Salmo 24; Lucas 17,1-6; 3ª feira: Ano ímpar: Sabedoria 2,23-3,9; Salmo 34; Ano par: Tito 2,1-8.11-14; Salmo 37; Lucas 17,7-10; 4ª feira: Ano ímpar: Sabedoria 6,1-11; Salmo 82; Ano par: Tito 3,1-7; Salmo 23; Lucas 17,11-19; 5ª feira: Ano ímpar: Sabedoria 7,22-8,1; Salmo 119,89-91.130-135; Ano par: Filemon 7-20; Salmo 146; Lucas 17,20-25; 6ª feira: Ano ímpar: Sabedoria 13,1-9; Salmo 19; Ano par: 2 João 4-9; Salmo 119,1-18; Lucas 17,26-37; Sábado: Ano ímpar: Sabedoria 18,14-16; 19,6-9; Salmo 105,1-43; Ano par: 3 João 5-8; Salmo 112; Lucas 18,1-8.

33ª semana comum 2ª feira: Ano ímpar: 1 Macabeus 1,10-15.41-43.54-57.62-64; Salmo 119,53-61.150-158; Ano par: Apocalipse 1,1-4; 2,1-5a; Salmo 1; Lucas 18,35-43; 3ª feira: Ano ímpar: 2 Macabeus 6,18-31; Salmo 3; Ano par: Apocalipse 3,1-6.14-22; Salmo 15; Lucas 19,1-10; 4ª feira: Ano ímpar: 2 Macabeus 7,1.20-31; Salmo 17; Ano par: Apocalipse 4,1-11; Salmo 150; Lucas 19,11-28; 5ª feira: Ano ímpar: 1 Macabeus 2,15-29; Salmo 50; Ano par: Apocalipse 5,1-10; Salmo 149; Lucas 19,41-44; 6ª feira: Ano ímpar: 1 Macabeus 4,36-37.52-59; Salmo (1 Crônicas 29,10-12); Ano par: Apocalipse 10,8-11; Salmo 119,14-131; Lucas 19,45-48; Sábado: Ano ímpar: 1 Macabeus 6,1-13; Salmo 9; Ano par: Apocalipse 11,4-12; Salmo 144; Lucas 20,27-40.

34ª semana comum 2ª feira: Ano ímpar: Daniel 1,1-6.8-21; Salmo (Daniel 3,52-56); Ano par: Apocalipse 14,1-3.4b-5; Salmo 24; Lucas 21,1-4; 3ª feira: Ano ímpar: Daniel 2,31-45; Salmo (Daniel 3,57-61); Ano par: Apocalipse 14,14-19; Salmo 96; Lucas 21,5-11; 4ª feira: Ano ímpar: Daniel 5,1-6.13-17.23-28; Salmo (Daniel 3,62-67); Ano par: Apocalipse 15,1-4; Salmo 98; Lucas 21,12-19; 5ª feira: Ano ímpar: Daniel 6,12-28; Salmo (Daniel 3,68-74); Ano par: Apocalipse 18,1-2.21-23; 19,1-3.9a; Salmo 100; Lucas 21,20-28; 6ª feira: Ano ímpar: Daniel 7,2-14; Salmo (Daniel 3,57-81); Ano par: Apocalipse 20,1-4.11-21,2; Salmo 84; Lucas 21,29-33; Sábado: Ano ímpar: Daniel 7,15-27; Salmo (Daniel 3,82-88); Ano par: Apocalipse 22,1-7; Salmo 95; Lucas 21,34-36.

FESTAS E SOLENIDADES JANEIRO 1º DIA: SANTA MÃE DE DEUS, MARIA NÚMEROS 6,22-27; SALMO 67; GÁLATAS 4,4-

7; LUCAS 2,16-21

Dia 25: Conversão de São Paulo Atos dos Apóstolos 22,3-16 (ou 9,1-22); Salmo 117; Marcos 16,15-18

Fevereiro Dia 2: Apresentação do Senhor Malaquias 3,1-4 (ou Hebreus 2,14-18); Salmo 24; Lucas 2,22-40

Dia 22: Cátedra de São Pedro 1 Pedro 5,1-4; Salmo 23; Mateus 16,13-19

Março Dia 19: São José 2 Samuel 7,4-5a.12-16; Salmo 89; Romanos 4,13.16-18.22; Mateus 1,16.18-21.24a (ou Lucas 2,41-51a) Dia 25: Anunciação do Senhor Isaías 7,10-14; 8,10; Salmo 40; Hebreus 10,4-10; Lucas 1,26-38

Abril Dia 25: São Marcos, Evangelista 1 Pedro 5,5b-14; Salmo 89,2-17; Marcos 16,15-20

Maio

Dia 3: São Filipe e São Tiago, Apóstolos 1 Coríntios 15,1-8; Salmo 19; João 14,6-14

Dia 14: São Matias, Apóstolo Atos dos Apóstolos 1,15-17.20-26; Salmo 113; João 15,9-17

Dia 31: Visitação de Nossa Senhora Sofonias 3,14-18a (ou Romanos 12,9-16); Salmo (Cântico dos Cânticos 2,8.10-14); Lucas 1,39-56

Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo (Corpus Christi) **Ano A:** Deuteronômio 8,2-3.14-16; Salmo 147; 1 Coríntios 10,16-17; João 6,51-58

Ano B: Êxodo 24,3-8; Salmo 116; Hebreus 9,11-15; Marcos 14,12-16.22-26

Ano C: Gênesis 14,18-20; Salmo 110; 1 Coríntios 11,23-26; Lucas 9,11-17

Junho Sagrado Coração de Jesus Deuteronômio 7,6-11; Salmo 23; 1 João 4,7-16; Mateus 11,25-30

Dia 11: São Barnabé Atos dos Apóstolos 11,21b-26; 13,1-3; Salmo 98; Mateus 10,7-13

Dia 24: Natividade de São João Batista Isaías 49,1-6; Salmo 139; Atos dos Apóstolos 13,22-26; Lucas 1,57-66.80

Dia 29 (ou domingo seguinte): São Pedro e São Paulo, Apóstolos Atos dos Apóstolos 12,1-11; Salmo 34; 2 Timóteo 4,6-8.17-18; Mateus 16,13-19

Julho Dia 3: São Tomé, Apóstolo Efésios 2,19-22; Salmo 117; João 20,24-29

Dia 25: São Tiago, Apóstolo 2 Coríntios 4,7-15; Salmo 126; Mateus 20,20-28

Agosto Dia 6: Transfiguração do Senhor Daniel 7,9-10.13-14 (ou 2 Pedro 1,16-19); Salmo 97; **Ano A:** Mateus 17,1-9; **Ano B:** Marcos 9,2-20; **Ano C:** Lucas 9,28b-36

Dia 10: São Lourenço 2 Coríntios 9,6-10; Salmo 112; João 12,24-26

3º domingo: Assunção de Nossa Senhora Apocalipse 11,19a; 12,1-6a.10; Salmo 45; 1 Coríntios 15,20-26; Lucas 1,39-56

Dia 23: Santa Rosa de Lima 2 Coríntios 10,17-11,2; Salmo 15; Mateus 13,44-46

Dia 24: São Bartolomeu, Apóstolo Apocalipse 21,9b-14; Salmo 145; João 1,45-51

Dia 29: Martírio de São João Batista Jeremias 1,17-19; Salmo 71; Marcos 6,17-29

Setembro Dia 8: Natividade de Nossa Senhora Miqueias 5,1-4a (ou Romanos

8,28-30); *Salmo 87; Mateus 1,1-23*

Dia 14: Exaltação da Santa Cruz Números 21,4-9 (ou Filipenses 2,6-11); *Salmo 78,1-8.34-38; João 3,13-17*

Dia 21: São Mateus, Apóstolo e Evangelista Efésios 4,1-7.11-13; *Salmo 19; Mateus 9,9-13*

Dia 29: Santos Miguel, Gabriel e Rafael, Arcanjos Daniel 7,9-14 (ou Apocalipse 12,7-12); *Salmo 138; João 1,47-51*

Outubro Dia 2: Santos Anjos da Guarda Êxodo 23,20-23; *Salmo 91,1-11; Mateus 18,1-5.10*

Dia 12: Nossa Senhora Aparecida Ester 5,1; 7,2-3; *Salmo 45; Apocalipse 12,1-16; João 2,1-11*

Dia 18: São Lucas, Evangelista 2 Timóteo 4,10-17; *Salmo 145; Lucas 10,1-9*

Dia 28: São Simão e São Judas Tadeu, Apóstolos Efésios 2,19-22; *Salmo 19; Lucas 6,12-16*

Novembro 1º domingo: Todos os Santos Apocalipse 7,2-4.9-14; *Salmo 24; 1 João 3,1-3; Mateus 5,1-12*

Dia 2: Finados Jó 19,1.23-27; *Salmo 27; Romanos 5,5-11; João 6,37-40*

Dia 9: Dedicção da Basílica do Latrão Ezequiel 47,1-12 (ou 1 Coríntios 3,9-17); *Salmo 46; João 2,13-22*

Dia 30: Santo André, Apóstolo Romanos 10,9-18; *Salmo 19; Mateus 4,18-22*

Dezembro Dia 8: Imaculada Conceição Gênesis 3,9-15.20; *Salmo 98; Efésios 1,3-12; Lucas 1,26-38*

Dia 12: Nossa Senhora de Guadalupe Gálatas 4,4-7; *Salmo 96; Lucas 1,39-47*

Dia 26: Santo Estêvão Atos 6,8-10; 7,54-60; *Salmo 31,1-9; Mateus 10,17-22*

Dia 27: São João, Apóstolo e Evangelista 1 João 1,1-4; *Salmo 97; João 20,2-8*

Dia 28: Santos Inocentes 1 João 1,5-2,2; *Salmo 124; Mateus 2,13-18*

Direção editorial José Bortolini

Tradução, introduções e notas Ivo Storniolo

Euclides Martins Balancin Tradução de 1-2 Crônicas, Esdras, Neemias, Tobias, 1-2 Macabeus e Profetas José Luiz Gonzaga do Prado Revisão exegética José Bortolini

Revisão literária José Dias Goulart

Capa

Caminhada para Jerusalém Cláudio Pastro

Coordenação de desenvolvimento digital Guilherme César da Silva

Desenvolvimento digital Daniela Kovacs

Conversão EPUB

PAULUS

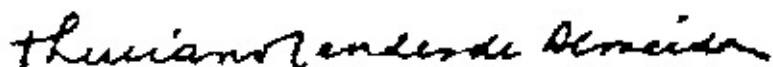
Bíblia Sagrada - Edição Pastoral [livro digital]; Vv. Aa. - São Paulo: Paulus, 2017.

7,9Mb; ePUB

De acordo com o Cân. 825 e a respectiva Legislação Complementar, compete à Presidência e Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB, ouvida a Comissão Episcopal de Doutrina, "dar aprovação para publicação de livros da Sagrada Escritura e suas versões".

IMPRIMATUR

Brasília, 26 de novembro de 1991



† Luciano Mendes de Almeida

Presidente da CNBB

© PAULUS – 2017

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil) Fax (11) 5579-3627

• Tel. (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

[\[Facebook\]](#) • [\[Twitter\]](#) • [\[Youtube\]](#) • [\[Instagram\]](#)

eISBN 978-85-349-4674-2

Reservam-se todos os direitos de reprodução.

Seja um leitor preferencial PAULUS.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro



Hildegarda de Bingen

Scivias

(Scito Vias Domini)
Conhece os caminhos do Senhor



Scivias

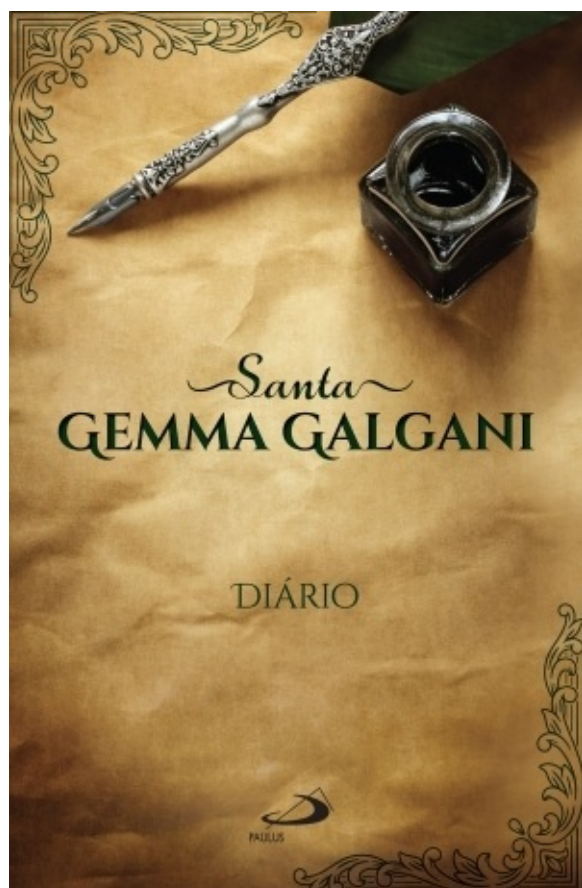
de Bingen, Hildegarda 9788534946025

776 páginas [Compre agora e leia](#)

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santificação e o fim do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No final de Scivias, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de Ordo virtutum, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão

com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

[Compre agora e leia](#)



Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma 9788534945714

248 páginas [Compre agora e leia](#)

Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...]

Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente: 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes

quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

[Compre agora e leia](#)



DOCAT

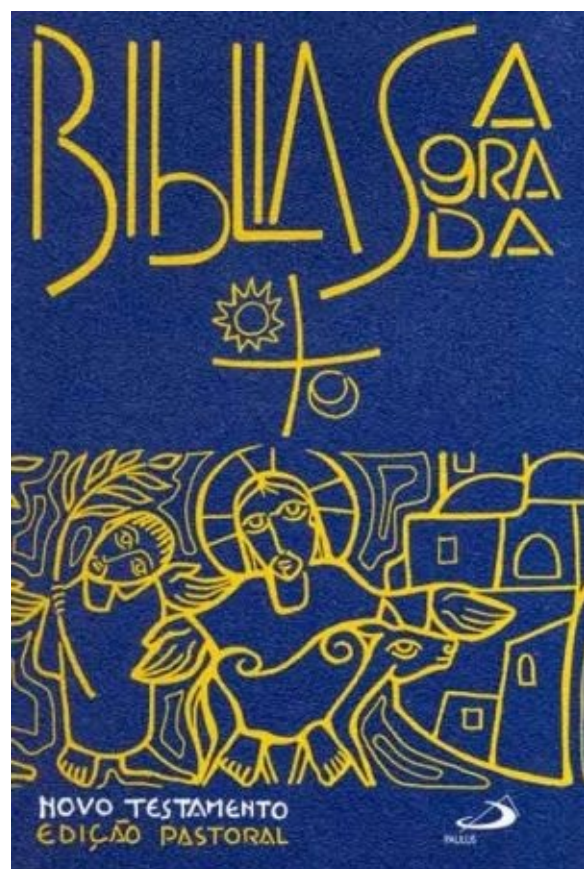
Vv.Aa.

9788534945059

320 páginas [Compre agora e leia](#)

Dando continuidade ao projeto do YOUCAT, o presente livro apresenta a Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem. Esta obra conta ainda com prefácio do Papa Francisco, que manifesta o sonho de ter um milhão de jovens leitores da Doutrina Social da Igreja, convidando-os a ser Doutrina Social em movimento.

[Compre agora e leia](#)



Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.

9788534945226

576 páginas [Compre agora e leia](#)

A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

[Compre agora e leia](#)

LEE MARTIN McDONALD

A origem da Bíblia

Um guia para os perplexos



A origem da Bíblia

McDonald, Lee Martin 9788534936583

264 páginas [Compre agora e leia](#)

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

[Compre agora e leia](#)